ELSEVIER

MARCELO ROSENTHAL

Gramática para Concursos

Teoria e mais de 1000 questões

6ª Edição

SÉRIE PROVAS & CONCURSOS

- Livro em duas cores para facilitar o aprendizado

Inclui:

- Questões recentes de concursos para fixação

CAMPUS CONCURSOS

Cadastre-se em **www.elsevier.com.br** para conhecer nosso catálogo completo, ter acesso a serviços exclusivos no site e receber informações sobre nossos lançamentos e promoções.

MARCELO ROSENTHAL

Gramática para Concursos

Teoria e mais de 1000 questões

6ª Edição

SÉRIE PROVAS & CONCURSOS

ELSEVIER

CAMPUS CONCURSOS

© 2013, Elsevier Editora Ltda.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Revisão: Irênio Silveira Chaves
Editoração Eletrônica: SBNigri Artes e Textos Ltda.
Epub: SBNigri Artes e Textos Ltda.

Coordenador da Série: Sylvio Motta

Elsevier Editora Ltda.
Conhecimento sem Fronteiras
Rua Sete de Setembro, 111 – 16º andar
20050-006 – Centro – Rio de Janeiro – RJ – Brasil

Rua Quintana, 753 – 8º andar
04569-011 – Brooklin – São Paulo – SP – Brasil

Serviço de Atendimento ao Cliente
0800-0265340
atendimento1@elsevier.com

ISBN 978-85-352-7045-7
ISBN (versão eletrônica) 978-85-352-7046-4

Nota: Muito zelo e técnica foram empregados na edição desta obra. No entanto, podem ocorrer erros de digitação, impressão ou dúvida conceitual. Em qualquer das hipóteses, solicitamos a comunicação ao nosso Serviço de Atendimento ao Cliente, para que possamos esclarecer ou encaminhar a questão.
Nem a editora nem o autor assumem qualquer responsabilidade por eventuais danos ou perdas a pessoas ou bens, originados do uso desta publicação.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R727g Rosenthal, Marcelo
Gramática para concursos / Marcelo Rosenthal. – 6. ed. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.
584 p. – (Provas e concursos)

ISBN 978-85-352-7045-7

1. Língua portuguesa – Gramática. 2. Língua portuguesa – Problemas, questões, exercícios. 3. Serviço público – Brasil – Concursos. I. Título.

13-2116. CDD: 469.5
CDU: 811.134.3'36

Dedicatórias

À minha mulher Vânia, à minha filha Júlia, aos meus pais Cláudio (in memoriam) *e Edwiges* (in memoriam), *à minha irmã Edwiges Maria e família, a todos os meus grandes amigos, sobretudo Maurício Bueno. Também não posso deixar de lembrar-me de três amigos tão importantes na minha vida: Mauro Lasmar, Maria Suely da Silva e José Ricardo Pereira Ribeiro – os quais me deram a flor mais bela do meu pequeno jardim.*

À memória do meu grande amigo Marco Aurélio Ribeiro de Brito, companheiro da pelada à Copa do Mundo.

Agradecimentos

Ao amigo e professor Paulo Paranhos, que não fez somente um trabalho de revisão, como também emitiu opiniões sobre a teoria, ofereceu-me soluções para problemas que se apresentaram, além de muito gentilmente fazer o prefácio deste livro.

À minha amiga e assistente Lilian Furtado, que colaborou bastante com pesquisa de questões de provas, digitação, revisão e formatação do texto.

Por fim, ao meu grande amigo Fernando Figueiredo, por quem nunca neguei nutrir grande admiração e de quem, em conversas informais, "arranquei" importantíssimas informações sobre a nossa língua. A objetividade de seu trabalho aliada a um grande conhecimento teórico é, para mim, um norte.

O Autor

Marcelo Rosenthal

- Formado em Letras (Português-Alemão) pela UFRJ.
- Ex-professor de Língua Portuguesa do União Concursos.
- Ex-professor de Língua Portuguesa do Pré-Concursos.
- Ex-professor de Língua Portuguesa da Degrau Cultural.
- Ex-professor de Língua Portuguesa do Curso Gabarito.
- Ex-professor de Língua Portuguesa do Curso Metta.
- Ex-professor de Língua Portuguesa do Curso Decisum.
- Professor de Língua Portuguesa da Academia do Concurso Público.
- Professor de Língua Portuguesa da Companhia dos Módulos.
- Técnico Judiciário do Tribunal Regional do Trabalho da Primeira Região.
- Professor em aulas telepresenciais disponíveis pela internet do curso Concurso Virtual – www.concursovirtual.com.br

Apresentação

O meu maior objetivo, ao escrever este material, foi ser objetivo. Sou funcionário público e passei no concurso estudando apenas em apostilas e livros especializados. Então, veio-me o seguinte raciocínio: se hoje eu fosse candidato, que informações me seriam necessárias para ter verdadeira possibilidade de aprovação?

Com esta preocupação de mostrar efetivamente o que cai em provas, comecei a trabalhar. Expus as divergências entre os principais autores e o que as bancas seguem, procurei aprofundar-me em temas comumente explorados nos concursos, porém pouco desenvolvidos nas gramáticas. Além disso, comentei gabaritos de questões, que se revelaram, pela minha experiência profissional, de extrema dificuldade para o candidato.

Por fim, volto a ressaltar a finalidade deste livro: transformar-se em uma literatura prática e específica na área de concursos, onde todos poderão dirimir suas dúvidas e esclarecer pontos de nossa língua que não constam – ou são analisados apenas superficialmente – nas obras tradicionais.

ENTRE O SONO e o sonho,
Entre mim e o que em mim
É o quem eu me suponho,
Corre um rio sem fim.
(Fernando Pessoa)

Prefácio

Até que enfim apareceu uma verdadeira gramática para o concursando. Teoria na medida certa, exercícios retirados das provas das principais bancas, abordagem de temas polêmicos exigidos pelas bancas.

Sim, porque gramáticas – e algumas muito boas – existem várias. Algumas bastante completas e complexas, que, como um dicionário e um catálogo telefônico, todos devem ter uma para consultas. Não são dirigidas a concursos, abordam assuntos que não são importantes para o concursando e, geralmente, não têm exercícios.

Há também as gramáticas escolares, que podem servir para o estudo de alguns pontos, mas são dirigidas ao ensino médio, que têm características muito diferentes. Além de não terem gabarito para os exercícios.

E os livros voltados para concursos? Teoria mínima, exercícios muitos. Mais parecem coletâneas de provas – algumas bastante defasadas – com gabarito. Raramente comentado.

O Professor Rosenthal conseguiu atingir o ponto de equilíbrio entre teoria e prática. Abordagem teórica de todos os principais conteúdos exigidos em concursos públicos na medida certa para o estudo do concursando. Exercícios em boa quantidade, sem exageros, de todos os conteúdos. Interessantes os gabaritos comentados letra a letra em questões dos conteúdos mais complexos.

A correta utilização da gramática como ferramenta para a interpretação de textos. Afinal, a Língua existe para comunicar e não para

"gramaticar". Exemplo disso é a utilização de funções agentes e pacientes para o entendimento de frases com alteração semântica.

Importante também a abordagem de pontos complexos – de que muitos autores fogem – como a concordância do adjetivo adjunto e do adjetivo predicativo. A semântica dos tempos verbais. Os valores relacionais e semânticos das preposições. Paralelismo sintático.

Enfim, um livro que pode ser honestamente chamado de GRAMÁTICA PARA CONCURSOS.

Prof. Paulo Paranhos

Sumário

Capa

Cadastro

Folha de Rosto

Créditos

Dedicatórias

Agradecimentos

O Autor

Apresentação

Prefácio

Capítulo 1 – Fonologia

1.1. Letra e Fonema

1.2. Ditongo

1.2.1. Ditongo decrescente

1.2.2. Ditongo crescente

1.2.3. Ditongo oral

1.2.4. Ditongo nasal

1.2.5. Ditongo fonético

1.3. Tritongo

1.4. Hiato

1.5. Glide

1.6. Dígrafo

1.7. Letra diacrítica

1.8. Encontro consonantal

1.9. Exercícios

Capítulo 2 – Ortografia

2.1. Palavras que se escrevem com “ESA”

2.2. Palavras que se escrevem com “EZA”

2.3. Palavras que se escrevem com “ÊS”

2.4. Palavras que se escrevem com “EZ”

2.5. Palavras que se escrevem com “OSO”, “OSA”

2.6. Palavras que se escrevem com “ISAR”

2.7. Palavras que se escrevem com “IZAR”

2.8. Palavras que se escrevem com “S”

2.9. Palavras que se escrevem com “Z”

2.10. Palavras que se escrevem com “X”

2.11. Palavras que se escrevem com “CH”

2.12. Palavras que se escrevem com “Ç” ou “C”

2.13. Palavras que se escrevem com “SS”

2.14. Palavras que se escrevem com “SC”

2.15. Palavras que se escrevem com “G”

2.16. Palavras que se escrevem com “J”

2.17. Palavras especiais

2.18. uso do porquê

2.18.1. Porque

2.18.2. Porquê

2.18.3. Por que

2.18.4. Por quê

2.19. Uso do “mal”

2.19.1. Mal (antônimo de bem)

2.19.2. Mal (conjução subordinativa temporal)

2.19.3. Mau (antônimo de bom)

2.20. Uso do hífen em prefixos – regra geral

2.21. Parônimos

2.22. Homônimos

2.23. Casos especiais

2.23.1. Abaixo / a baixo

2.23.2. Acerca de/ cerca de/ a cerca de/ há cerca de

2.23.3. Acima / a cima

2.23.4. Afim / a fim de

2.23.5. Afora / a fora

2.23.6. Ao encontro de / de encontro a

2.23.7. Aparte / à parte

2.23.8. Apedido ou a-pedido / a pedido

2.23.9. Bem-posto / bem posto

2.23.10. Conquanto / com quanto

2.23.11. Contudo / com tudo

2.23.12. Dantes / de antes

2.23.13. Debaixo / de baixo

2.23.14. Demais / de mais

2.23.15. Desapercebido / despercebido

2.23.16. Detrás / de trás

2.23.17. Devagar / de vagar

2.23.18. Dia-a-dia / dia a dia

2.23.19. Em vez de / ao invés de

2.23.20. Enfim / em fim

2.23.21. Enquanto / em quanto

2.23.22. Malgrado / mau grado

2.23.23. Nenhum / nem um

2.23.24. Porventura / por ventura

2.23.25. Porquanto / por quanto

2.23.26. Portanto / por tanto

2.23.27. Sem-cerimônia / sem cerimônia

2.23.28. Sem-fim / sem fim

2.23.29. Sem-número / sem número

2.23.30. Se não / senão

2.23.31. Sobretudo / sobre tudo

2.23.32. Tampouco / tão pouco

2.24. Formas variantes

2.25. Exercícios

Capítulo 3 – Regras de Acentuação

3.1. Monossílabos tônicos

3.2. Oxítonas

3.3. Paroxítonas

3.4. Proparoxítonas

3.5. Ditongos abertos ÉI(S), ÉU(S), ÓI(S)

3.6. “I” e “U”, quando isolados numa sílaba

3.7. “OO” ou “EE”

3.8. Acento diferencial

3.8.1. Intensidade

3.8.2. Timbre

3.8.3. Número / pessoa

3.9. Trema

3.10. Exercícios

Capítulo 4 – Estrutura dos Nomes

4.1. Radical

4.2. Afixos

4.3. Vogal temática

4.4. Desinências

4.4.1. De gênero

4.4.2. De número

4.4.3. De grau

4.5. Vogais e consoantes de ligação

4.6. Formação dos nomes

4.6.1. Composição

4.6.1.1. Justaposição

4.6.1.2. Aglutinação

4.6.2. Derivação

4.6.2.1. Sufixal

4.6.2.2. Prefixal

4.6.2.3. Prefixal e sufixal (derivação sucessiva)

4.6.2.4. Parassintética

4.6.2.5. Regressiva

4.6.3. Conversão

4.6.4. Hibridismo

4.6.5. Reduplicação

4.6.6. Abreviação

4.6.7. Sigla

4.6.8. Neologismo

4.7. Prefixos latinos

4.8. Prefixos gregos

4.9. Relação de sufixos

4.10. Correspondência entre prefixos gregos e latinos

4.11. Latinismos

4.12. Exercícios

Capítulo 5 – Substantivo

5.1. Substantivo concreto

5.2. Substantivo abstrato

5.3. Substantivo simples

5.4. Substantivo composto

5.5. Substantivo primitivo

5.6. Substantivo derivado

5.7. Substantivo comum

5.8. Substantivo próprio

5.9. Coletivo

5.10. Flexão nominal

5.10.1. Gênero

5.10.1.1. Comum de dois gêneros

5.10.1.2. Sobrecomum

5.10.1.3. Epiceno ou promíscuo

5.10.1.4. Heterônimo ou desconexo

5.10.1.5. Lista especial de femininos

5.10.1.6. Casos especiais de gênero dos substantivos

5.10.1.7. Substantivos que mudam de sentido com a mudança do gênero

5.10.2. Número

5.10.2.1. Plural de alguns substantivos

5.10.2.2. Regras do plural de substantivos simples

5.10.2.3. Plural dos substantivos compostos

5.10.2.4. Relação de substantivos compostos no plural

5.10.2.5. Plural com metafonia

5.10.3. Grau

5.10.3.1. Aumentativos

5.10.3.2. Diminutivos

5.11. Exercícios

Capítulo 6 – Adjetivo

6.1. Adjetivo restritivo

6.2. Adjetivo explicativo

6.3. Grau dos adjetivos

6.3.1. Comparativo

6.3.2. Superlativo

6.4. Formação dos superlativos absolutos sintéticos

6.5. Relação de superlativos absolutos sintéticos

6.6. Locuções adjetivas

6.6.1. Lista de locuções adjetivas

6.7. Adjetivo com valor subjetivo ou indicativo de “qualidade”

6.8. Adjetivo com valor objetivo ou indicativo de “característica”

6.9. Exercícios

Capítulo 7 – Artigo

7.1. Artigo definido

7.2. Artigo indefinido

7.3. Exercícios

Capítulo 8 – Advérbio

8.1. Graus do advérbio

8.1.1. Comparativo

8.1.2. Superlativo

8.2. Locução adverbial

8.3. Palavras denotativas ou partículas expletivas

8.4. Exercícios

Capítulo 9 – Pronome

9.1. Pronomes pessoais retos

9.2. Pronomes pessoais oblíquos

9.3. Pronomes possessivos

9.4. Pronomes demonstrativos

9.4.1. Usos especiais de pronomes demonstrativos

9.4.2. Casos especiais de pronome demonstrativo

9.5. Pronomes indefinidos

9.6. Pronomes relativos

9.7. Pronomes interrogativos

9.8. Pronomes de tratamento

9.9. Pronome reflexivo

9.10. Pronome recíproco

9.11. Pronome parte integrante do verbo

9.12. Estudo da colocação dos pronomes

9.13. Contração dos pronomes oblíquos átonos em verbos transitivos diretos e indiretos

9.14. Exercícios

Capítulo 10 – Conjunções

10.1. Conjunções coordenativas

10.1.1. Aditivas

10.1.2. Adversativas

10.1.3. Alternativas

10.1.4. Conclusivas

10.1.5. Explicativas

10.2. Conjunções subordinativas

10.2.1. Causais

10.2.2. Concessivas

10.2.3. Condicionais

10.2.4. Temporais

10.2.5. Consecutivas

10.2.6. Finais

10.2.7. Proporcionais

10.2.8. Conformativas

10.2.9. Comparativas

10.2.10. Integrantes

10.3. Exercícios

Capítulo 11 – Preposição

11.1. Essenciais

11.2. Acidentais

11.3. Locuções prepositivas

11.4. Combinação

11.5. Contração

11.6. Valores semânticos das preposições

11.7. Exercícios

Capítulo 12 – Interjeição

Capítulo 13 – Numeral

13.1. Numeral substantivo

13.2. Numeral adjetivo

13.3. Classificação

13.3.1. Multiplicativo

13.3.2. Fracionário

13.3.3. Ordinais

13.3.4. Cardinais

13.4. Exercícios

Capítulo 14 – Verbo

14.1. Verbos regulares

14.2. Verbos irregulares

14.3. Verbos anômalos

14.4. Os valores semânticos dos verbos e as ideais correlações

14.4.1. Modo indicativo

14.4.2. Modo subjuntivo

14.4.3. Modo imperativo

14.4.3.1. Correlação de Tempos

14.5. Estrutura dos verbos

14.5.1. Radical

14.5.2. Vogal temática

14.5.3. Tema

14.5.4. Desinência modo-temporal

14.5.5. Desinência número-pessoal

14.5.5.1. Exercícios

14.6. Formação de imperativo

14.6.1. Exercícios

14.7. Formas nominais

14.7.1. Gerúndio

14.7.1.1. Exercícios

14.7.2. Particípio

14.7.2.1. Particípios Duplos

14.7.2.2. Exercícios

14.7.3. Infinitivo

14.7.3.1. Exercícios

14.8. Falsos derivados

14.8.1. Exercícios

14.9. Verbos impessoais

14.9.1. Exercícios

14.10. Verbos defectivos

14.10.1. Exercícios

14.11. Formas rizotônicas e arrizotônicas verbais

14.11.1. Rizotônicas

14.11.2. Arrizotônicas

14.12. Verbos terminados em IAR

14.13. Verbos terminados em EAR

14.14. Verbos terminados em GUAR

14.14.1. Exercícios

14.15. Verbos terminados em Uir

14.15.1. Exercício

14.16. Verbos prazer, aprazer e desprazer

14.16.1. Exercícios

14.17. Vozes verbais

14.17.1. Voz ativa

14.17.2. Voz passiva

14.17.3. Voz reflexiva

14.17.4. Voz reflexiva com valor recíproco

14.17.4.1. Exercícios

14.18. Tempos compostos

14.18.1. Exercícios

14.19. Exercícios de revisão

Capítulo 15 – Sujeito

15.1. Sujeito simples

15.2. Sujeito composto

15.3. Sujeito inexistente ou oração sem sujeito

15.4. Sujeito indeterminado

15.5. Exercícios

Capítulo 16 – Predicado

16.1. Predicado nominal

16.2. Predicado verbal

16.3. Predicado verbo-nominal

16.4. Exercícios

Capítulo 17 – Predicativo

17.1. Do sujeito

17.2. Do objeto

17.3. Exercícios

Capítulo 18 – Objeto

18.1. Direto

18.2. Indireto

18.3. Direto preposicionado

18.4. Pleonástico

18.5. Objeto direto interno ou cognato

18.6. Exercícios

Capítulo 19 – Complemento Nominal e Adjunto Adnominal

19.1. Complemento nominal

19.1.1. Exercícios

19.2. Adjunto adnominal

19.3. Complemento nominal X adjunto adnominal

19.4. Exercícios

19.5. Exercícios com gabarito comentado acerca de complemento nominal e adjunto adnominal

Capítulo 20 – Adjunto Adverbial

20.1. Classificação

20.2. Exercícios

Capítulo 21 – Agente da Passiva, Aposto e Vocativo

21.1. Agente da Passiva

21.2. Aposto

21.2.1. Aposto denominativo

21.2.2. Aposto explicativo

21.2.3. Aposto enumerativo

21.2.4. Aposto resumitivo

21.2.5. Aposto distributivo

21.3. Vocativo

21.3.1. Exercícios

21.3.2. Análise sintática do pronome oblíquo

21.3.2.1. Exercícios

21.3.3. Análise sintática do pronome relativo

21.3.3.1. Exercícios

21.3.4. Análise sintática de pronome demonstrativo e pronome relativo juntos

21.3.4.1. Exercícios

21.3.5. Exercícios

Capítulo 22 – Classificação de Orações

22.1. Orações coordenadas

22.1.1. Assindéticas

22.1.2. Sindéticas

22.1.2.1. Aditivas

22.1.2.2. Adversativas

22.1.2.3. Alternativas

22.1.2.4. Conclusivas

22.1.2.5. Explicativas

22.2. Exercícios

22.3. Orações subordinadas

22.3.1. Substantivas

22.3.1.1. Subjetivas

22.3.1.2. Objetivas diretas

22.3.1.3. Objetivas indiretas

22.3.1.4. Completivas nominais

22.3.1.5. Predicativas

22.3.1.6. Apositivas

22.3.1.7. Agentes da passiva

22.4. Exercícios

22.5. Orações subordinadas adjetivas

22.6. Exercícios

22.7. Orações subordinadas adverbiais

22.7.1. Causais

22.7.2. Concessivas

22.7.3. Condicionais

22.7.4. Temporais

22.7.5. Consecutivas

22.7.6. Finais

22.7.7. Proporcionais

22.7.8. Conformativas

22.7.9. Comparativas

22.7.10. Modais

22.8. Orações reduzidas

22.9. Exercícios

Capítulo 23 – Paralelismo Sintático

23.1. Exercícios com gabarito comentado sobre paralelismo

Capítulo 24 – Pontuação

24.1. Uso de vírgula

24.2. Uso de ponto e vírgula

24.3. Uso do ponto

24.4. Uso de dois-pontos

24.5. Uso de exclamação

24.6. Uso de interrogação

24.7. Uso de reticências

24.8. Uso de aspas

24.9. Uso de parênteses

24.10. Uso de travessão

24.11. Exercícios

Capítulo 25 – Crase

25.1. Primeira regra básica

25.2. Segunda regra básica

25.3. Terceira regra básica

25.4. Casos Especiais

25.5. Exercícios

Capítulo 26 – Regência

26.1. Regência verbal

26.2. Regência nominal

26.3. Exercícios

Capítulo 27 – Concordância

27.1. Concordância verbal

27.2. Exercícios

27.3. Concordância nominal

27.4. Exercícios

Capítulo 28 – Estilística

28.1. Figuras de som

28.1.1. Aliteração

28.1.2. Onomatopeia

28.2. Figuras de construção ou sintaxe

28.2.1. Anacoluto

28.2.2. Anáfora

28.2.3. Anástrofe ou inversão

28.2.4. Assíndeto

28.2.5. Elipse

28.2.6. Hipálage

28.2.7. Hipérbato

28.2.8. Pleonasmo ou redundância

28.2.9. Polissíndeto

28.2.10. Silepse

28.2.11. Zeugma

28.2.12. Repetição ou reduplicação

28.3. Figuras de pensamento

28.3.1. Antítese

28.3.2. Eufemismo

28.3.3. Hipérbole

28.3.4. Ironia

28.3.5. Paradoxo ou oxímoro

28.3.6. Prosopopeia, personificação ou animismo

28.4. Figuras de palavras

28.4.1. Antonomásia

28.4.2. Catacrese

28.4.3. Comparação ou símile

28.4.4. Metáfora

28.4.5. Metonímia

28.4.6. Sinestesia

28.5. Vícios de linguagem

28.5.1. Ambiguidade

28.5.2. Barbarismo

28.5.3. Cacófato

28.5.4. Solecismo

28.6. Exercícios

Capítulo 29 – Coesão e Coerência Textual

29.1. Coesão sequencial

29.2. Coesão referencial

29.3. Coerência textual

29.4. Exercícios com gabarito comentado

Capítulo 20 – Teoria Argumentativa

30.1. Denotação

30.2. Conotação

30.3. Descrição

30.4. Narração

30.5. Dissertação

30.6. Tese

30.7. Argumento

30.8. Recorrência textual

30.9. Inferência textual

30.10. Exercícios com gabarito comentado sobre teoria argumentativa

30.11. Alteração de funções sintáticas em questões de interpretação

30.12. Exercícios com gabarito comentado sobre alteração de funções sintáticas

Capítulo 31 – Questões Comentadas de Concursos

Apêndice: exercícios de provas com gabarito comentado

Esaf

NCE

Gabarito

Bibliografia

Capítulo 1

Fonologia

Fonologia é o estudo dos sons.

1.1. Letra e Fonema

Letra – É uma representação gráfica do fonema, que é uma formação sonora.

Fonema – É uma formação sonora.

Obs.: Cabe ressaltar que nem sempre uma letra corresponde a um fonema. Por exemplo, a letra "X" pode representar vários sons diferentes, como em TÁXI, EXATO, MUXOXO.

É também interessante observar que existem vocábulos com mais letras do que fonemas, mas também podem existir outros com mais fonemas do que letras.

Ex.: TÁXI – 4 letras e 5 fonemas.

HOJE – 4 letras e 3 fonemas.

1.2. Ditongo

Encontro de uma VOGAL com uma SEMIVOGAL. Ex.: pai, dói, réu, quanto.

1.2.1. Ditongo decrescente

É quando a sequência específica é VOGAL + SEMIVOGAL. Ex.: seis, meu.

1.2.2. Ditongo crescente

É quando a sequência específica é SEMIVOGAL + VOGAL. Ex.: quanto, silêncio.

BIZU

Facilita ao candidato observar que a semivogal terá sempre o som de "i" ou "u", mesmo que não estejam representados por estas letras. Ex.: caos – a letra "o" aqui é uma representação gráfica do fonema "u", por isso não é uma vogal, e sim uma semivogal, formando, portanto, um ditongo decrescente.

1.2.3. Ditongo oral

É o ditongo pronunciado pela boca sem que o som passe pela narina.

Ex.: viu, boi.

1.2.4. Ditongo nasal

É o ditongo cujo som passa pela narina.

Ex.: não, muito.

1.2.5. Ditongo fonético

É o caso dos ditongos perceptíveis pela pronúncia.

Ex.: Ele tem – A pronúncia desta palavra inclui o fonema "I" apesar de não estar escrito, diferentemente do que ocorre

em tempo, onde não há o som deste "I". É sutil a diferença: "TEIM" e "TEMPO". O mesmo fenômeno ocorre com "estavam", que se pronuncia com o acréscimo do fonema "U", o mesmo não sucedendo com "vantagem". Nós pronunciamos "ESTAVÃU" e "VANTAGEM".

1.3. Tritongo

É o encontro sequencial de uma semivogal + uma vogal + uma semivogal.

Ex.: Paraguai, apazigueis.

1.4. Hiato

É o encontro de duas vogais.

Ex.: hiato, uísque.

1.5. Glide

É a sequência de um ditongo + hiato.

Ex.: boia, seio.

Obs.: É sempre importante perceber que em uma sílaba só pode haver uma vogal – nunca mais do que uma, nunca menos do que uma. Então, em um ditongo, o que ocorre é o encontro de uma vogal com uma semivogal e, no tritongo, de uma vogal com duas semivogais.

1.6. Dígrafo

O nome já explica do que se trata: dupla grafia, formando, contudo, apenas um fonema. Os casos são: RR, SS, CH, LH, NH, GU, QU, SC, XC, SÇ e as NASALIZAÇÕES representadas pelas letras M e N.

Ex.: carro, osso, enchova, molho, unha, jogue, querido, oscilação, exceder, nasço, campo, tonto.

Obs.: As letras ocorrentes nos dígrafos RR, SS, SC, XC, SÇ não podem ficar na mesma sílaba.

Ex.: ex-ce-len-te; guer-ra; as-sas-si-no; nas-cer.

Obs.: "AM" e "EM", em fim de palavra, não formam dígrafos, mas sim ditongos.

Ex.: compravam (vãu), também (beim).

Obs.: Os dígrafos consonantais são aqueles em que a consoante se pronuncia: RR, SS, CH, LH, NH, SC, XC, SÇ, GU e QU – repare que, nesses dois últimos casos, pronunciam-se as consoantes G (GUE) e Q (QUE).

Todos os casos de nasalização formam os dígrafos vocálicos, pois são as vogais nasalizadas que são pronunciadas.

1.7. Letra diacrítica

É a letra não pronunciada nos dígrafos. Nos dígrafos SC, XC, e SÇ, a primeira letra é a diacrítica. As letras M e N nas nasalizações são as diacríticas. Nos demais dígrafos, a segunda letra será a diacrítica.

1.8. Encontro consonantal

É o encontro de consoantes pronunciadas, podendo estar na mesma sílaba ou não. É importante destacar que os dígrafos não constituem encontros consonantais.

Ex.: cratera, corte.

Obs.: A palavra MARCHA possui um dígrafo (CH) e um encontro consonantal (formada pelo R e pelo X que está representado pelo dígrafo CH).

1.9. Exercícios

1. (Analista de Sistemas – Furnas – Funrio) Qual dos provérbios abaixo está acompanhado da correta identificação de dígrafos e encontros consonantais?

a) Quem semeia vento colhe tempestade – quatro dígrafos e dois encontros consonantais.

b) Mais vale um pássaro na mão do que dois voando – quatro dígrafos e nenhum encontro consonantal.

c) Em terra de sapo, mosquito não dá rasante – três dígrafos e dois encontros consonantais.

d) Farinha pouca, meu pirão primeiro – dois dígrafos e um encontro consonantal.

e) Quanto mais eu rezo, mais assombração me aparece – quatro dígrafos e dois encontros consonantais.

2. (Analista MPOG – Funrio) A única opção em que todas as palavras contêm hiato é:

a) aguardente – historiador – impõem – realidade;

b) desmiolado – incoerente – proibido – seriedade;

c) açaí – alaúde – caraminguás – destruímos;

d) lambari – minhoca – numeroso – polidez;

e) enxaguei – paraguaio – piauiense – saguão.

3. Assinale a opção em que aparece uma letra diacrítica:

a) móvel

b) táxi

c) animais

d) nunca

e) qualidade

4. Assinale a opção em que há mais fonemas do que letras:

a) nexo

b) silêncio

c) máximo

d) ninguém

e) guerra

5. Assinale a opção em que ocorre um ditongo fonético:

a) cueca

b) vadio

c) ninguém
d) biônico
e) hediondo

6. (PUC-SP) Nas palavras ANJINHO, CARROCINHAS, NOSSA e RECOLHENDO, podemos detectar oralmente a seguinte quantidade de fonemas:
a) três, quatro, dois, quatro;
b) cinco, nove, quatro, oito;
c) seis, dez, cinco nove;
d) três, seis, dois, cinco;
e) sete, onze, cinco, dez.

7. (DEPEN – Funrio) Qual a única série de palavras que contém dígrafos consonantais?
a) através – problemas – crateras – caboclos.
b) ternura – caspa – resultado – êxtase.
c) farrista – aquecido – exceto – milharal.
d) tampas – ventania – sintoma – fundação.
e) hálito – hélice – hino – humilde.

8. (TRE-MG) Ambas as palavras contêm exemplo de hiato em:
a) árduo / mãe
b) área / chapéu
c) diário / quota
d) pavio / moer
e) luar / anzóis

9. (Uni-Rio) Assinale a opção em que o vocábulo apresenta ao mesmo tempo um encontro consonantal, um dígrafo consonantal e um ditongo fonético:
a) ninguém
b) coalhou
c) iam
d) nenhum
e) murcham

10. (PUC) Um mesmo fonema pode ser grafado de diferentes maneiras. Qual a lista de palavras que exemplifica essa afirmação?
a) paciente – centro – existência.

b) existência – meses – batizaram.
c) projeto – prejudicando – propõe.
d) quem – quando – psiquiatra.
e) coisa – incomoda – continuidade.

11. (NCE) "... uma vacina experimental atingiu as condições exigidas..."
A letra em destaque no trecho acima transcrito representa o mesmo som da letra destacada em:
a) tó**x**ico;
b) en**x**ame;
c) má**x**imo;
d) ino**x**idável;
e) ine**x**orável.

12. (NCE) "Nas noites de Nova Lima, quando buscava repouso..." Quantos fonemas e letras existem na palavra destacada?
a) 4 fonemas / 5 letras / 1 dígrafo
b) 6 fonemas / 4 letras / 1 dígrafo
c) 5 fonemas / 6 letras
d) 6 fonemas / 6 letras
e) 4 fonemas / 6 letras / 1 dígrafo

Capítulo 2

Ortografia

2.1. Palavras que se escrevem com "ESA"

burguesa, chinesa, despesa, escocesa, francesa, inglesa, japonesa, holandesa, mesa, pequinesa, portuguesa etc.

BIZU

Se conseguirmos completar a frase "ELA É", a palavra será sempre com **"S"**.

Ex.: Ela é chinesa. Ela é pequinesa.

2.2. Palavras que se escrevem com "EZA"

alteza, avareza, beleza, crueza, fineza, firmeza, lerdeza, proeza, pureza, singeleza, tristeza etc.

2.3. Palavras que se escrevem com "ÊS"

burguês, chinês, cortês, escocês, francês, inglês, irlandês, montanhês, pedrês, português etc.

BIZU

Se conseguirmos completar a frase "ELE É", a palavra será com "S".

Ex.: Ele é cortês. Ele é burguês. Ele é francês.

2.4. Palavras que se escrevem com "EZ"

altivez, embriaguez, estupidez, intrepidez, palidez, morbidez, pequenez, talvez, vez, viuvez etc.

2.5. Palavras que se escrevem com "OSO", "OSA"

audacioso(a), brioso(a), cauteloso(a), criterioso(a), delicioso(a), formoso(a), gostoso(a), perigoso(a), pomposo(a), teimoso(a), valioso(a) etc.

2.6. Palavras que se escrevem com "ISAR"

alisar, analisar, avisar, bisar, paralisar, pesquisar, pisar etc.

BIZU

Para que estes vocábulos se escrevam com **"S"**, é necessário que no próprio radical já haja a letra **"S"**.

Ex.: AVISAR-AVISO, ANALISAR-ANÁLISE, BISAR-BIS, PARALISAR-PARALISIA.

2.7. Palavras que se escrevem com "IZAR"

amenizar, avalizar, catequizar, desmobilizar, despersonalizar, esterilizar, estigmatizar, finalizar, generalizar, harmonizar, poetizar, profetizar, racionalizar, sensacionalizar, urbanizar etc.

BIZUS

Apesar de CATEQUIZAR se derivar de CATEQUESE, aquele termo se escreve com **Z** e este, com **S**.
As palavras POETIZAR e PROFETIZAR não se derivam de POETISA e PROFETISA, mas sim de POETA e PROFETA. Por isso as primeiras se escrevem com **Z** e as últimas, com **S**.

2.8. Palavras que se escrevem com "S"

anis, atrás, brasa, compreensão, conversível, coser (costurar), esôfago, esotérico, esoterismo, espectador, esplêndido, estender, esterco, estéril, estorvo, extravasar, fusível, gás, gasolina, guisado, heresia, hesitar, hipnose, hipocrisia, imersão, misto, revés, sesta, asilo, isolar, isquemia, oscular, querosene, quis, quiser, puser, siso, poetisa, profetisa, sacerdotisa, submerso, usina, usufruir, usura, usurpar, versátil, inserto (inserido), consertar (reparar), servo (servente), serração (ato de serrar), intensão (intensidade).

2.9. Palavras que se escrevem com "Z"

azar, azougue, azenha, azeitona, azeite, azinhavre, balizar, bizantino, bizarro, buzina, cozer (cozinhar), dezena, dizimar, fuzil, aprazível, deslize, falaz, fezes, fugaz, gazeta, giz, gozar, hipnotizar, tez, algazarra, foz, prazerosamente, ojeriza, perspicaz, proeza, desprezar, vazar, revezar, xadrez, azia, aziago.

2.10. Palavras que se escrevem com "X"

bexiga, coxo, engraxar, sintaxe, caxumba, faxina, maxixe, muxoxo, paxá, praxe, xale, xícara, excitante, xavante, xereta, baixo, trouxe, enxada, enxaguar, enxame, enxaqueca, enxerto, enxotar, enxoval, enxugar, enxurrada, enxuto, seixo, faixa, exacerbar, exotérmico, exorcismo, expletivo, expirar, expelir, expectativa, expor, explicar, extasiar, exterminar, extensão, extenso, extorsivo, exuberante, exalar, exaltar, exame, exarar, exaustão, exéquias, exílio, exímio, êxito, êxodo, exonerar, exótico, exumação, broxa (pincel), buxo (arbusto ornamental), xá (título de soberano do Oriente), xeque (incidente no xadrez), coxa (parte da perna), taxa (tributo), quixotesco.

2.11. Palavras que se escrevem com "CH"

enchova, encharcar, encher, enchiqueirar, enchoçar, enchente, enchouriçar, chave, chuchu, chicote, chifre, chispar, chimpanzé, choupana, chorumela, chulo, chumaço, chusma, chavão, charuto, champanha, chacina, chantagem, chaminé, chicana, chibata, chiar, brocha (prego), bucho (estômago de animais), chá (arbusto), cheque (ordem de pagamento), cocha (gamela), tacha (prego).

2.12. Palavras que se escrevem com "Ç" ou "C"

à beça, almaço, terçol, ressurreição, exceção, cessação, açucena, joça, camurça, mormaço, presunção, torção, trança, soçobrar, troço, pança, maçarico, maciço, ruço (grisalho), aguçar, caçula, seção (departamento), retenção, abstenção, disfarçar, alcançar, cetim, incentivo, acento (sinal gráfico), caçar, céticos, cela (aposento), cerração (nevoeiro), cervo (veado), decertar (lutar), empoçar (formar poça), intenção (propósito), paço (palácio), sucinto, silêncio.

2.13. Palavras que se escrevem com "SS"

admissão, demissionário, transmissão, emissor, expressão, expresso, impressionismo, compressor, assado, passar, ingressar, progresso, sucesso, discussão, repercussão, promessa, remessa, agressivo, transgressão, antiquíssimo, tenacíssimo, excesso, dissensão, sossego, pêssego, massagem, secessão, necessário, escasso, escassez, sessão (reunião), cessão (ceder), sessar (peneirar), russo (natural da Rússia), passo (passada), empossar (dar posse), cassar (anular), dissertar (discorrer).

2.14. Palavras que se escrevem com "SC"

abscissa, abscesso, adolescente, ascensão, ascensorista, consciência, cônscio, descendente, descensão, descentralizar, descente (vazante), discente, disciplina, discípulo, isósceles, nascer, obsceno, oscilação, piscina, rescindir, rescisão, ressuscitar, suscitar.

2.15. Palavras que se escrevem com "G"

angelical, gíria, tigela, rigidez, monge, ogiva, agiota, herege, genuíno, algemas, gergelim, gesso, egípcio, gironda, infringir, bugiganga, viagem (substantivo), vagem, estiagem, folhagem, geringonça, ginete, gengiva, sargento, agir, coragem, ferrugem, tragédia, gesto.

2.16. Palavras que se escrevem com "J"

igrejinha, laje, lajeado, varejista, sarjeta, gorjeta, anjinho, canjica, viajem (verbo), encorajem (verbo), enferrujem (verbo), cafajeste, cerejeira, injeção, enrijecer, berinjela, jejuar, jérsei, interjeição, jesuíta, jiboia, lambujem, majestade, jirau, ultraje, traje, ojeriza, jenipapo, pajé, pajem, jeito, jiló.

2.17. Palavras especiais

aborígine, sesta, empecilho, disenteria, digladiar, dilapidar, discrepância, terebintina, cabeleireiro, manteigueira, manteiga, bandeja, nódoa, botequim, poleiro, tábua, polir, impingir, incesto, incólume, inconteste, incontinenti, corpóreo, indelével, empório, desperdício, desprezo, dessecar, despensa (armário de cozinha), dispensa (licença), discernir, privilégio, dissecar, aterrissar, amerissar, hilaridade, descortino, beneficência, beneficente, prazerosamente, destilação, abóboda, caranguejo, impigem, mendigo, mortadela, óbolo, octogésimo, dignitário, meritíssimo, focinho, destilar, sequer, discrição (discreto), descrição (descrever), bulir, bueiro, ureter, mocambo, sortir (abastecer), surtir (dar resultado), lombriga, ansiar, arriar, lampião, discriminar (isolar), descriminar (inocentar), dentifrício, paletó, periquito, creolina, bodega, soar (som), suar (transpirar), peão (pessoa), pião (brinquedo), espontâneo, uísque, goela, zoada, pexote, encarnação, rédea, descortinar.

2.18. uso do porquê

2.18.1. Porque

Escrevemos **PORQUE** (junto e sem acento): – quando for conjunção e puder ser substituído por: **visto que, uma vez que.** Dará a ideia de resposta.

Ex.: "Albernaz, também, porque via na sua festa, com um número de folclore, meio de chamar a atenção sobre sua casa, atrair gente..." (Lima Barreto)

"Fi-lo, porque qui-lo" (Jânio Quadros).

2.18.2. Porquê

Escrevemos **PORQUÊ** (junto e com acento):

– quando for **substantivo** e, neste caso, poderá ser substituído por **o motivo, a razão...**

Ex.: Não sei o porquê (motivo) de sua presença aqui.
Explicaram-me o porquê (a razão) de tudo isto ter acontecido.

– quando for uma conjunção em final de frase interrompida.
Ex.: Ele faltou, porquê...
Maria está triste, porquê...

2.18.3. Por que

Escrevemos **POR QUE** (separado e sem acento):
– quando houver uma interrogativa direta
Ex.: Por que ele não veio?
Por que chove tanto no Rio de Janeiro?

– quando houver uma interrogativa indireta, e, neste caso, o termo poderá ser substituído por **POR QUE RAZÃO**, **POR QUE MOTIVO**.
Ex.: Perguntei por que estava de castigo. (Raul Pompéia)
Não explicaram por que (por que motivo) esta tragédia ocorreu.

– quando o **que** for pronome relativo e puder ser substituído por **qual**.
Ex.: Não conheço o caminho por que (pelo qual) vocês vieram.
As dificuldades por que (pelas quais) passei jamais serão esquecidas.

2.18.4. Por quê

Escrevemos **POR QUÊ** (separado e com acento) quando estiver no fim de uma oração interrogativa direta ou indireta.
Ex.: Ele não veio por quê?
Ele não veio nem disse por quê.

2.19. Uso do "mal"

2.19.1. Mal (antônimo de bem)

Escrevemos **MAL** quando este termo for **substantivo** ou **advérbio**, e, nos dois casos, puder ser substituído pelo antônimo **BEM.**

Ex.: Não devemos praticar o mal (bem).
Eles falam muito mal (bem) de você.
Perivaldo foi mal (bem) utilizado nesta partida.
Ele foi mal (bem) criado pelos pais.
Ele foi mal (bem) educado pelos pais.

2.19.2. Mal (conjução subordinativa temporal)

Escrevemos **MAL** quando este termo for conjunção subordinativa temporal e puder ser substituído por **LOGO QUE**, **ASSIM QUE.**

Ex.: Mal (assim que) ele chegou, todos saíram.
Mal (logo que) o Flamengo fez o gol, o Bangu empatou.

2.19.3. Mau (antônimo de bom)

Escrevemos **MAU** quando este termo for adjetivo e puder ser substituído pelo seu antônimo **BOM.**

Ex.: Ele é um mau (bom) menino.
Hoje foi um mau (bom) dia.

Obs.: **MAL** (podendo ser substituído por **BEM**) poderá fazer parte de um adjetivo composto, estando ligado a um segundo termo (adjetivo). Haverá hífen se este segundo termo começar por **H** ou por **vogal.**

Ex.: Ele é muito mal-educado.
Ele é mal-humorado.
Houve um mal-entendido.
Ele é malcriado.

Quando **MAU** (podendo ser substituído por **BOM**) estiver ligado a um substantivo, funcionará como adjetivo. A sua forma feminina é: **MÁ.**

Ex.: Ela praticou uma má-educação.
Ele recebeu uma má educação dos pais.
Mariazinha fez uma má-criação.
A má criação dos jovens é reflexo dos problemas econômicos dos pais.
Ele tem um grande mau humor.
As más-criações serão punidas.

ATENÇÃO:

Preste atenção ao fato de que, no primeiro, no terceiro e no sexto exemplos, má-educação, má-criação e más-criações formam apenas uma palavra, pois são atitudes, diferentemente do que ocorre nos exemplos da segunda e quarta frases. Portanto, quando for uma atitude, caracteriza-se a composição.

2.20. Uso do hífen em prefixos – regra geral

– emprega-se o hífen, quando, após o prefixo, aparecer a mesma letra ou H.

Ex.: Arqui-inimigo, arqui-inteligente, micro-ondas, auto-ônibus, infra-hepático, anti-inflamatório, contra-almirante, sobre-humano, sobre-estimar, ad-digital, sub-biblioteca, sub-humano, inter-regional, super-revista, super-homem

Acrescentem-se os seguintes casos:

a) Nos prefixos terminados em D ou B (ab, ad, ob, sob, sub), além da situação prevista na regra geral (mesma letra ou H), vindo R, usa-se o hífen.

Ex.: ad-referendar, sub-reitor, sob-roda

b) No prefixo CIRCUM, além da situação prevista na regra geral (mesma letra ou H), vindo B, N, P ou VOGAL, também se usa o hífen.
Ex.: circum-escolar, circum-hospitalar, circum-navageção

c) No prefixo PAN, além da situação prevista na regra geral (mesma letra ou H), vindo B, M, P ou VOGAL, também se usa o hífen.
Ex.: pan-harmônico, pan-brasileiro, pan-mágico, pan-americano

d) Emprega-se o hífen, quando o primeiro termo for acentuado (pré, pró, pós).
Ex.: pós-graduação, pré-história, pró-europeu

e) Emprega-se o hífen com os prefixos ex (anterioridade), sota, soto, vice, vizo.
Ex.: ex-presidente, sota-capitão, soto-almirante, vice-governador, vizo-rei

Obs.: Segundo Evanildo Bechara, "nos casos em que não houver perda do som da vogal final do 1º elemento, e o elemento seguinte começar com "h", serão usadas as duas formas gráficas: *bi-hebdomadário* e *biebdomadário; carbo-hidrato* e *carboidrato; zoo-hematina* e *zooematina*." Tal possibilidade foi explorada pela Fundação Getúlio Vargas, em questões de ortografia, mencionando a correção da ortografia em "megaipótese" e "socioistórico".

NÃO SE USA O HÍFEN NOS PREFIXOS

a) Nas aglutinações dos prefixos co, pro, pre e re com vocábulos iniciados por O ou E:
Ex.: cooperar, coedição, preeleito, preeminência, reelaborar, reedição, proeminente

Obs.: Há alternância entre PRE e PRÉ – que permite as duas ortografias – nos seguintes casos: preembrião / pré-embrião; preesclerótico / pré-esclerótico; preeleito / pré-eleito.

b) Quando, após os prefixos DES e IN, se o segundo elemento perder o H inicial.
Ex.: desumano, inábil

c) Quando a situação não se enquadrar nos itens iniciais A a E deste capítulo.
Ex.: infraestrutura, extraoficial, intrauterino, contraespião, semiárido, adjunto, sublinha, supermercado, antiaéreo, neoimperialismo, pseudoepígrafe, extraescolar, autoaprendizado, contraindicado, autoestima

Obs.: Sendo o prefixo concluído em vogal, e o elemento seguinte iniciado por R ou S, tais consoantes deverão ocorrer dobradas.
Ex.: antirreligioso, contrarrazões, microssistema, minissaia, contrarregra, extrarregular, antissemita, semisselvagem, extrassolar, ultrassecreto

EMPREGO DE HÍFEN NOS COMPOSTOS

a) Emprega-se hífen nas palavras compostas por justaposição, em que os elementos mantêm uma unidade semântica, mas constituem uma tonicidade própria. O primeiro elemento será representado por uma forma substantiva, adjetiva, numeral ou verbal:

Afro-brasileiro, Amor-perfeito, Ano-luz, Arco-íris, Boa-fé, Conta-gotas, Decreto-lei, Guarda-noturno, Luso-brasileiro, Má-fé, Médico-cirurgião, Mesa-redonda, Norte-americano, Porta-aviões,

Porta-retrato, Primeiro-ministro, Quebra-mar, Segunda-feira, Sul-africano, Tenente-coronel, Tio-avô, Vaga-lume, Verbo-nominal

Obs.: Não se usa hífen em palavras compostas cuja noção de composição se perdeu:

Paraquedas, Mandachuva, Girassol, Pontapé

Obs.: Outros compostos com a forma verbal "PARA" e "MANDA" continuarão sendo separados por hífen: para-brisa, para-lama, para-choque, manda-tudo.

b) Emprega-se hífen nas formas compostas por grã- ou grão- quando formarem nomes geográficos, ou nas formas verbais e nos compostos ligados por artigo:

Grã-Bretanha, Grão-Pará, Passa-Quatro, Trás-os-Montes, Baía de Todos-os-Santos

c) Emprega-se hífen em compostos que designam espécies botânicas e zoológicas:

Andorinha-do-mar, Cobra-capelo, João-de-barro, Erva-doce

Obs.: Quando os compostos acima tiverem aplicação diferente, não se usará hífen:

Bico de papagaio (nariz adunco), Bola de neve (aquilo que toma vulto rapidamente), Não me toques (melindres)

d) Emprega-se hífen quando o primeiro elemento estiver representado pelas formas além, aquém, recém, bem e sem:

Além-mar, Aquém-mar, Recém-casado, Bem-humorado, Sem-vergonha

Obs.: O advérbio BEM, em muitas situações, ocorre aglutinado ao termo seguinte. Tal situação se dá, quando o significado primitivo dos termos é alterado.

Ex.: bendito (= abençoado), benfeito (= benefício), benfeitor

e) Emprega-se hífen nas palavras terminadas por sufixos de origem tupi-guarani que representam formas adjetivas (-açu = grande; -guaçu = grande; -mirim = pequeno):

Capim-açu, Ceará-mirim, Amoré-guaçu

f) Emprega-se hífen quando o primeiro elemento for "mal" e o segundo elemento começar por vogal, h ou l:

Mal-entendido, Mal-humorado, Mal-limpo

Obs.: Malcriado, malgrado, malvisto etc. Quando mal significar doença, empregar-se-á o hífen: mal-caduco.

NÃO SE EMPREGA O HÍFEN NAS SEGUINTES COMPOSIÇÕES

a) Nas formas empregadas adjetivamente com afro-; anglo-; franco-; indo-; luso-; sino- e semelhantes. Estas continuarão a ser grafadas sem hífen em:

Afrodescendente, Anglomania, Eurocêntrico, Eurodeputado

Obs.: Torna-se necessário, como já o era, o emprego do hífen, quando houver mais de uma etnia. Afro-brasileiro, anglo-saxão, euro-asiático.

b) Nas locuções

– substantivas – cão de guarda, fim de semana, mão de obra, sala de jantar

– adjetivas – cor de café com lei, cor de vinho

– pronominais – eu próprio, ninguém mesmo
– adverbiais – à parte, à vontade, depois de amanhã
– prepositivas – a fim de, ao encontro de, apesar de, com objetivo de, de encontro a
– conjuntivas – a fim de que, à medida que

Obs.: Em face de serem termos consagrados pelo uso, conservou-se o hífen em: água-de-colônia, mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao deus-dará, à queima-roupa.

2.21. Parônimos

Palavras com sons parecidos.

absolver	perdoar
absorver	aspirar, sorver
arrear	pôr arreios
arriar	descer
cavaleiro	que cavalga
cavalheiro	cortês
comprimento	extensão
cumprimento	saudação
cumprimento	ato de cumprir
conjectura	suposição, hipótese
conjuntura	oportunidade, situação

deferir	atender
diferir	retardar, divergir
descrição	ato de descrever
discrição	qualidade de discreto
descriminar	inocentar
discriminar	distinguir
despensa	onde se guardam mantimentos
dispensa	ato de dispensar
docente	relativo a professores
discente	relativo a alunos
emigrar	deixar uma região
imigrar	entrar numa região
eminência	excelência
iminência	qualidade de iminente
eminente	elevado
iminente	prestes a ocorrer
estada	permanência de pessoas
estadia	permanência de veículos
flagrante	evidente

fragrante	perfumado
fluir	correr
fruir	desfrutar
imergir	afundar
emergir	vir à tona
inflação	alta de preços
infração	violação
infligir	aplicar pena
infringir	violar
mandado	ordem judicial
mandato	procuração
peão	amansador de cavalgadura
pião	tipo de brinquedo
precedente	que vem antes
procedente	proveniente, que tem fundamento
prescrever	determinar
proscrever	banir, abolir
ratificar	confirmar
retificar	corrigir

soar	produzir som
suar	transpirar
sortir	abastecer
surtir	produzir efeito
sustar	suspender
suster	sustentar
tráfico	negociação
tráfego	trânsito
vultoso	volumoso
vultuoso	congestão na face

2.22. Homônimos

Palavras com a mesma pronúncia.

acender	pôr fogo
ascender	subir
acento	sinal gráfico
assento	onde se senta, lugar
acerto	ato de acertar
asserto	afirmação

caçar	capturar animais
cassar	tornar sem efeito
cela	quarto pequeno
sela	arreio
censo	recenseamento
senso	juízo
cerração	nevoeiro
serração	ato de serrar
cerrar	fechar
serrar	cortar
cervo	veado
servo	criado
chá	bebida
xá	soberano do irã
cheque	ordem de pagamento
xeque	lance no jogo de xadrez
cito	do verbo citar
sito	situado
concertar	ajustar,combinar

consertar	reparar, corrigir
concerto	sessão musical
conserto	reparo
coser	costurar
cozer	cozinhar
esperto	perspicaz
experto	perito
espiar	observar
expiar	pagar pena
espirar	soprar, exalar
expirar	terminar
estrato	camada
extrato	o que se extrai de
incerto	não certo
inserto	inserido
incipiente	principiante
insipiente	ignorante
laço	nó
lasso	frouxo

ruço	grisalho
russo	natural da Rússia
tacha	prego
taxa	imposto, tributo

2.23. Casos especiais

2.23.1. Abaixo / a baixo

Abaixo: Interjeição

Ex.: Abaixo o presidente!

Advérbio (embaixo, em categoria inferior, depois)

Ex.: Abaixo de Deus, as mães.

A baixo: contrário a “de alto”

Ex.: Rasgou os lençóis de alto a baixo.

2.23.2. Acerca de/ cerca de/ a cerca de/ há cerca de

Acerca de: a respeito de.

Ex.: Falamos acerca do filme.

Cerca de: durante, aproximadamente.

Ex.: Falamos cerca de dez minutos.

A cerca de: ideia de distância.

Ex.: Fiquei a cerca de 15 metros da porta.

Há cerca de: existe aproximadamente, aproximadamente no passado.

Ex.: Há cerca de cem pessoas no estádio.

2.23.3. Acima / a cima

Acima: anterior, em grau de categoria superior.

Ex.: De dezoito anos acima.

Em graduação superior.

Ex.: Muito acima do general.

De preferência, em lugar superior, em cima.

Ex.: Buscamos, acima de tudo, a paz.

De cima (interjeição).

Ex.: Acima coração!

A cima: contrário a "de baixo".

Ex.: Costurou a saia de baixo a cima.

2.23.4. Afim / a fim de

Afim: semelhança, parentesco, afinidade.

Ex.: São duas mães afins.

A fim de: com o propósito de, com o objetivo de, com a finalidade de.

Ex.: Estudou a fim de passar no concurso.

2.23.5. Afora / a fora

Afora: o mesmo que "fora", à exceção de, exceto.

Ex.: Todos farão o concurso, afora eles.

A fora: com a ideia de "para fora".

Ex.: Pela rua a fora.

2.23.6. Ao encontro de / de encontro a

Ao encontro de: a favor de, encontrar-se, concordar.

Ex.: Nós não discutimos, visto que minhas ideias foram ao encontro das dele.

De encontro a: Meu carro foi de encontro a um poste.

2.23.7. Aparte / à parte

Aparte: verbo = separar.

Ex.: Não aparte as provas.

substantivo: interrupção.

Ex.: O padre recebeu um aparte.

À parte: locução adverbial = de lado.

Ex.: O resultado será mostrado à parte.

2.23.8. Apedido ou a-pedido / a pedido

Apedido ou a-pedido: substantivo = publicação especial em jornal.

Ex.: Lemos no jornal o apedido do condomínio.

A pedido: locução adverbial = solicitação.

Ex.: Viemos aqui a pedido do diretor.

2.23.9. Bem-posto / bem posto

Bem-posto: elegante.

Ex.: O noivo estava extremamente bem-posto.

Bem posto: posto corretamente.

Ex.: O livro está bem posto na estante.

2.23.10. Conquanto / com quanto

Conquanto: embora; mesmo que.

Ex.: Conquanto João estivesse cansado, ainda saiu de casa.

Com quanto: com que quantitativo.

Ex.: Com quanto dinheiro eles saíram de casa?

2.23.11. Contudo / com tudo

Contudo: entretanto, porém.

Ex.: Maria estava cansada, contudo foi ao teatro.

Com tudo: preposição + pronome = total.

Ex.: Ela saiu de casa com tudo.

2.23.12. Dantes / de antes

Dantes: advérbio = antigamente.

Ex.: Dantes se comia melhor.

De antes: preposição + advérbio = em tempo anterior.

Ex.: Os problemas já vêm de antes de você chegar.

2.23.13. Debaixo / de baixo

Debaixo: em situação inferior.

Ex.: Tomara que não caia quando alguém estiver debaixo.

Na dependência, em decadência.

Ex.: Ficamos debaixo e tivemos que nos render.

Sob:

Ex.: Jaz agora debaixo da terra.

No tempo de; por ocasião de.

Ex.: O sucesso dessas músicas caiu debaixo desse cantor.

Em situação inferior a.

Ex.: Escondam-se debaixo da escada.

De baixo: a parte inferior.

Ex.: Comprei roupa de baixo.

Contrário a “a cima”.

Ex.: Examinamos de baixo a cima.

2.23.14. Demais / de mais

Demais: pronome indefinido = outros.

Ex.: Chame os demais candidatos.

Advérbio de intensidade = excessivamente.

Ex.: A mulher fala demais.

Palavra continuativa = além disso.

Ex.: Demais quem trabalha aqui é ela.

De mais: locução adjetiva = muito.

Ex.: Comi doce de mais.

2.23.15. Desapercebido / despercebido

Desapercebido: desavisado.

Ex.: Eu fui ao local errado por estar desapercebido.

Despercebido: sem ser notado, sem perceber a presença.

Ex.: Passei despercebido pela frente do prédio.

2.23.16. Detrás / de trás

Detrás: pela retaguarda.

Ex.: Um atleta não pode cometer uma falta por detrás.

De trás: atrás.

Ex.: Esse som vem lá de trás.

2.23.17. Devagar / de vagar

Devagar: lentamente; sem pressa.

Ex.: Devagar se vai ao longe.

De vagar: de descanso.

Ex.: Escrevo nos momentos de vagar.

2.23.18. Dia-a-dia / dia a dia

Dia-a-dia: substantivo.

Ex.: O dia-a-dia de um casal pode criar problemas.

Dia a dia: locução adverbial = dia por dia.

Ex.: Estudamos dia a dia.

2.23.19. Em vez de / ao invés de

Em vez de: em lugar de.

Ex.: Em vez de fazer Direito, fez Letras.

Ao invés de: ao contrário de.

Ex.: Ao invés de descansar, pôs-se a trabalhar a madrugada inteira.

2.23.20. Enfim / em fim

Enfim: afinal, finalmente.

Ex.: Enfim todos chegaram.

Em fim: no fim.

Ex.: Eles estão em fim de carreira.

2.23.21. Enquanto / em quanto

Enquanto: conjunção = ao mesmo tempo que, em concomitância com.

Ex.: “Enquanto jantava, falei em voz baixa a Casimiro Lopes. (Graciliano Ramos)

Em quanto: preposição + pronome = qual, por quanto.

Ex.: Em quanto tempo se faz a viagem de Rio a São Pedro?

2.23.22. Malgrado / mau grado

Malgrado: embora, ainda que (se não estiver seguido de preposição).

Ex.: Malgrado João quase não tenha estudado, fez excelente teste.

Mau grado: contra a vontade.

Ex.: Paulo cuida do filho de mau grado.

Apesar de (se estiver seguido de preposição).

Ex.: Mau grado ao tempo, sairei.

2.23.23. Nenhum / nem um

Nenhum: ninguém, nada.

Ex.: Nenhum tem razão naquele discurso.

Nem um: um só que fosse.

Ex.: Não bebemos nem uma cerveja.

2.23.24. Porventura / por ventura

Porventura: por acaso.

Ex.: Se porventura não chover, irei à praia.

Por ventura: por sorte.

Ex.: Como não estudei, só passarei por ventura.

2.23.25. Porquanto / por quanto

Porquanto: conjunção = visto que.

Ex.: Apresso-me, porquanto o tempo voa.

Por quanto: designa quantidade, preço.

Ex.: Por quanto venderam o carro?

2.23.26. Portanto / por tanto

Portanto: então, logo.

Ex.: Eles se preparam à beça para o concurso, portanto passarão.

Por tanto: por muita quantidade.

Ex.: "Por tanto amor, por tanta emoção, a vida me fez assim." (Milton Nascimento)

2.23.27. Sem-cerimônia / sem cerimônia

Sem-cerimônia: descortesia.

Ex.: A sem-cerimônia fez com que todos se retirassem.

Sem cerimônia: à vontade.

Ex.: Beba sua cervejinha sem cerimônias.

2.23.28. Sem-fim / sem fim

Sem-fim: número ou quantidade indeterminada.

Ex.: Foi um sem-fim de livros e alunos.

Sem fim: sem término.

Ex.: É uma curva sem fim.

2.23.29. Sem-número / sem número

Sem-número: grande quantidade.

Ex.: Há um sem-número de recados para você.

Sem número: ausência de numeração.

Ex.: A turma ainda está sem número.

2.23.30. Se não / senão

BIZU

Se a palavra "não" puder ser extraída da frase, alterando o seu sentido, porém não gerando erro, o termo "se não" é separado.

Ex.: Se não chover, iremos à praia.

– Observe que o advérbio "não" pode ser extraído, que o período continua correto gramaticalmente.

Ex.: Se chover, iremos à praia.

Por outro lado, se o termo "não" não puder ser suprimido, "senão" é junto.

Ex.: É bom você estudar, senão será reprovado.

– Observe que o termo "não" não pode ser suprimido, pois a frase ficará sem sentido:

Ex.: É bom você estudar, se será reprovado.

2.23.31. Sobretudo / sobre tudo

Sobretudo: especialmente, principalmente.

Ex.: Deves estudar todas as matérias, sobretudo conjunções.

Casacão, capa:

Ex.: O meu sobretudo está molhado.

Sobre tudo: a respeito de tudo, acerca de tudo.

Ex.: Eles conversaram sobre tudo.

2.23.32. Tampouco / tão pouco

Tampouco: também não, nem.

Ex.: Eles não bebem tampouco fumam.

Tão pouco: muito pouco.

Ex.: Ele comeu tão pouco, que logo sentirá fome.

2.24. Formas variantes

cociente	quociente
cotidiano	quotidiano
líquido	líquido
secção	seção
intato	intacto
esperdício	desperdício
antiguidade	antiguidade
sanguíneo	sanguíneo
liquidação	liquidação
líquido	líquido

2.25. Exercícios

Do exercício 1 ao 20, marque a opção em que aparece uma palavra escrita erradamente.

1. a) acensorista
b) decente
c) descente
d) docente
e) discente

2. a) paisinho
b) paisezinhos
c) paizinho
d) paizinhos
e) florzinhas

3. a) espectativa
b) esterco
c) espectador
d) estender
e) extenso

4. a) aneizinhos
b) anãozinhos
c) coraçõezinhos
d) projeteizinhos
e) projetinhos

5. a) êxito
b) exílio
c) exímio
d) exitar
e) esotérico

6. a) pagé
b) ojeriza
c) jirau
d) berinjela
e) tigela

7. a) esôfago

b) azar

c) vazar

d) extravazar

e) avisar

8. a) cafajeste

b) jenipapo

c) anginho

d) angelical

e) gergelim

9. a) embriaguez

b) burguez

c) pedrês

d) cortês

e) montanhês

10. a) gengibre

b) jeito

c) sargeta

d) encorajei

e) monge

11. a) realeza

b) beleza

c) pequineza

d) marquesa

e) princesa

12. a) majestade

b) jesto

c) gorjeta

d) jiló

e) laje

13. a) realizar

b) bisar

14. a) chícara

b) chuchu

c) catequisar

d) poetizar

e) poetisa

c) enchova

d) enxoval

e) xampu

15. a) pesquisar

b) paralizar

c) visar

d) simbolizar

e) analisar

16. a) lampião

b) poleiro

c) tábua

d) goela

e) boeiro

17. a) ascensão

b) excessão

c) descensão

d) contenção

e) admissão

18. a) disenteria

b) degladiar

c) dilapidar

d) empecilho

e) privilégio

19. a) cessação

b) sensação

c) cessão

d) ressucitar

20. a) manteigueira

b) bandeija

c) cabeleireiro

d) rédea

e) ressurreição e) uísque

21. (Petrobrás – Administrador – Cesgranrio) Um professor de gramática tradicional, ao corrigir uma redação, leu o trecho a seguir e percebeu algumas inadequações gramaticais em sua estrutura.
Os grevistas sabiam o porque da greve, mas não entendiam porque havia tanta repressão.
O professor corrigirá essas inadequações, produzindo o seguinte texto:
a) Os grevistas sabiam o por quê da greve, mas não entendiam porque havia tanta repressão.
b) Os grevistas sabiam o porque da greve, mas não entendiam porquê havia tanta repressão.
c) Os grevistas sabiam o porquê da greve, mas não entendiam por que havia tanta repressão.
d) Os grevistas sabiam o por que da greve, mas não entendiam porque havia tanta repressão.
e) Os grevistas sabiam o porquê da greve, mas não entendiam porquê havia tanta repressão.

22. (Uni-Rio) Assinale o item em que uma das palavras não é variante da outra, como as demais:
a) exceção – excessão
b) cousa – coisa
c) secção – seção
d) catorze – quatorze
e) quotidiano – cotidiano

23. (Transpreto – Administrador – Cesgranrio) O elemento em destaque está grafado de acordo com a norma-padrão em:
a) O marciano desintegrou-se **por que** era necessário.
b) O marciano desintegrou-se **porquê**?
c) Não se sabe **por que** o marciano se desintegrou.
d) O marciano desintegrou-se, e não se sabe o **porque**.
e) **Por quê** o marciano se desintegrou?

24. (Transpetro – Administrador – Cesgranrio) Ao escrever frases, que deveriam estar de acordo com a norma-padrão, um funcionário se equivocou constantemente na ortografia. Ele só NÃO se enganou em:

a) O homem foi acusado de estuprar várias vítimas.

b) A belesa da duquesa era realmente de se admirar.

c) Porque o sapato deslisou na lama, a mulher foi ao chão.

d) Sem exitar, as crianças correram para os brinquedos do parque.

e) Sem maiores pretenções, o time venceu o jogo e se classificou para a final.

25. (Técnico Judiciário – TRF – 1ª Região – FCC) As palavras estão corretamente grafadas na seguinte frase:

a) Que eles viajem sempre é muito bom, mas não é boa a ansiedade com que enfrentam o excesso de passageiros nos aeroportos.

b) Comete muitos deslises, talvez por sua espontaneidade, mas nada que ponha em cheque sua reputação de pessoa cortês.

c) Ele era rabugento e tinha ojeriza ao hábito do sócio de descançar após o almoço sob a frondoza árvore do pátio.

d) Não sei se isso influe, mas a persistência dessa mágoa pode estar sendo o grande impecilho na superação dessa sua crise.

e) O diretor exitou ao aprovar a retenção dessa alta quantia, mas não quiz ser taxado de conivente na concessão de privilégios ilegítimos.

26. (PUC) Assinale o grupo de palavras que completa corretamente as frases abaixo.
Aquela tinha por objetivo descobrir a melhor maneira de o processo de vacinação no país.
Não sei você vai e, portanto, não saberei o encontrar.

a) pesquiza – modernizar – aonde – onde

b) pesquisa – modernizar – aonde – onde

c) pesquisa – modernisar – aonde – aonde

d) pesquiza – modernizar – onde – aonde

e) pesquisa – modernizar – onde – onde

27. Em consonância com o novo acordo ortográfico, que vocábulo a seguir perdeu o hífen?

a) anti-higiênico;

b) ex-almirante;

c) auto-sugestão

d) sub-reino

e) semicírculo

28. Em consonância com o novo acordo ortográfico, que vocábulo passou a ter hífen?
a) antiinflacionário
b) antiético
c) supracitado
d) sobreloja
e) hipermercado

29. (Técnico Judiciário – TRF-1ª Região – FCC) A palavra destacada está empregada corretamente em:
a) Ele é o guardião dos reptis que estão sendo estudados.
b) Com esse cálculo financeiro, o banco aleja os clientes.
c) Se eu me abster, haverá empate na votação.
d) Os guarda-noturnos serão postos na formalidade.
e) Essa máquina mói todos os detritos.

30. Analista Legislativo Senado Federal – FGV – A palavra *megadiversidade* foi grafada corretamente no texto. Assinale a alternativa em que, compondo-se palavra com o elemento *mega*-, obedeceu-se às regras de ortografia.
a) mega-homenagem
b) megaipótese
c) mega sucesso
d) megaritual
e) mega-evento

31. (TRE-MG) "A das atividades industriais provocou frequentes entre os operários. A solução foi a do governo nas negociações".
a) paralisação – discussões – intercessão
b) paralisação – discursões – intersessão
c) paralisação – discussões – interseção
d) paralização – discursões – intercessão
e) paralização – discussões – interseção

32. (TRE-MG) A palavra nos parênteses não preenche adequadamente a lacuna do enunciado em:
a) O crime foi bárbaro. Somente após a do assunto é que foi possível prendê-lo. (descrição)

b) Só seria possível o acusado, se conseguíssemos mais provas que o inocentassem. (descriminar)
c) As negociações só vão os resultados esperados, caso todos compareçam. (sortir)
d) O corpo estava , apenas a cabeça estava fora da água, que subia cada vez mais. (imerso)
e) Como a mercadoria estava muito pesada, o recurso foi o cofre ali mesmo, na escada. (arriar)

33. (TRE-RJ) A alternativa em que a segunda palavra se escreve com a mesma letra ou dígrafo sublinhado na primeira é:
a) "tensão" / absten ão
b) "exterior " / e tender
c) "sucessiva" / exce ão
d) "florescimento" / su inta
e) "empiricismo" / mpecilho

34. (TRE-RJ) "Comprida" tem significado distinto de seu parônimo "cumprida". Das sentenças abaixo, aquela em que houve troca na escolha dos parônimos entre parênteses é:
a) O acúmulo de vultosas quantias era sinal de bênção divina. (vultosas / vultuosas)
b) Muda-se a ética antes que se consuma a generalização do pecado. (consuma / consume)
c) A expressão "dar um jeito" traz sempre subentendida a intenção de burlar a lei. (subentendida / subtendida)
d) O descumprimento da lei dificilmente passa despercebido na "Common Law" anglo-saxônica. (desapercebido / despercebido)
e) Antes de mais nada, faz-se necessário discriminar que leis favorecem a institucionalização do jeito. (descriminar / discriminar)

35. Qual vocábulo denuncia já estar sendo empregado o novo acordo ortográfico?
a) pan-americano
b) sub-base
c) subsolo
d) arqui-inimigo
e) extra-orçamentário

36. (Técnico Judiciário – TRE-PE – FCC) O par grifado que constitui exemplo de parônimos está em:
a) No espaço de uma noite, o rio havia transbordado e inundado o quintal da casa.
Pela manhã, foi possível constatar a força destrutiva das águas.

b) O rio se convertera em um caudaloso fluxo de águas sujas.
O menino se assustou com a violência barrenta das águas.
c) Famílias eminentes podiam ir para o campo, fugindo do bulício da cidade.
Eram iminentes os riscos causados pela inundação das águas barrentas do rio.
d) Era urgente a necessidade de obras para a contenção do rio.
Havia heroísmo na concentração dos homens que lutavam contra a corrente.
e) No pomar atrás da casa havia frutas, entre elas, mangas e cajus.
Em mangas de camisa, homens tentavam salvar o que as águas levavam.

37. (TRE-RO) extin...ão; conce...ão; suspen...ão; ob...ecar; can...ado. Para completar corretamente as palavras acima usam-se, respectivamente:
a) c – ç – s – sc – s
b) ç – ss – s – c – s
c) s – ss – s – sc – s
d) s – c – s – sc – ç
e) s – c – ç – s – ç

38. (TFC) Indique a alternativa em que não há erro de grafia.
a) Porque chegou atrazado perdeu grande parte do explêndido espetáculo.
b) Pediu-lhe que ascendesse a luz, pois a claridade não era impecilho a seu repouso.
c) Ele não é uma exceção, também é muito ambicioso.
d) Quizera eu que todas as espécies animais estivessem livres de extinção.
e) Não poderia advinhar que sua música viesse a ter tanto hêsito.

39. (TFC) Indique o segmento totalmente correto quanto à grafia.
a) Há intensão de se alcançar um consenso para evitar as divergências entre os parlamentares.
b) É preciso cessarem as disensões para se obter a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases na Educação.
c) Um aquário pode ser tido como um ecossistema, no qual os escrementos dos peixes, depois de decompostos, fornecerão elementos essenciais à vida das plantas.
d) O Sol é o responsável pela emissão de luz, indispensável para a fotossíntese, processo pelo qual as plantas produzem o alimento orgânico primário, assim como praticamente todo o oxigênio na atmosfera.
e) Pesquizas recentes têm atribuído a choques meteóricos a súbita extinção dos dinossauros da face da Terra.

40. (Inspetor da PC-RJ – FGV) Em inospitaleiras (L.82), ao se juntar o prefixo à palavra hospitaleiras, houve perda da letra h.
Assinale a alternativa em que a junção dos dois elementos se deu de forma incorreta, provocando erroneamente a perda da letra h.
a) subumano
b) megaomenagem
c) socioistórico
d) multiabilidoso
e) panispânico

41. (Esaf) Considerando a diversidade de grafia da forma PORQUE, pode-se afirmar que está incorreta a frase:
a) Assino esta revista especializada há muitos anos, mas este mês ela chamou minha atenção de modo especial, e vocês vão logo entender por quê.
b) A decisão final sobre os reajustes das prestações do SFH sairá ainda este mês. Persistem algumas dúvidas porque a indexação voltou só para a parcela do salário até três mínimos.
c) Conforme informação da Caixa Econômica Federal, os mutuários desejam saber porque aqueles que têm data-base em setembro e repasse em sessenta dias terão, em novembro, correção mais elevada.
d) Muitos desconhecem também os motivos por que se aplicarão a todos os mutuários com contratos de equivalência salarial plena as antecipações bimestrais e quadrimestrais pelo INPC.
e) Por que se aplica o índice da poupança de setembro/90 a agosto/91 mais 3% de ganho real, descontando-se as antecipações?

42. (FCMPA-MG) Assinale o item em que a palavra destacada está incorretamente aplicada.
a) Trouxeram-me um ramalhete de flores fragrantes.
b) A justiça infligiu a pena merecida aos desordeiros.
c) Promoveram uma festa beneficiente para a creche.
d) Devemos ser fiéis ao cumprimento do dever.
e) A cessão de terras compete ao Estado.

43. (Técnico Judiciário – 14ª R – FCC) Das frases abaixo só NÃO há erros de ortografia em:
a) Carbohidratos ricos em fibras são importantes aliados para manter estável o nivel de energia do organismo.

b) Sabe-se que uma substancia encontrada no guaraná pode estimular a função cerebral e auxiliar na concentrasão.
c) Consumir alimentos ricos em vitaminas e minerais pode ajudar a reduzir os efeitos negativos do estresse.
d) O consumo de proteínas e gorduras em exceço pode ser nossivo para o processo digestivo.
e) Manter o organismo mau hidratado pode prejudicar a eliminação de toxínas e provocar sérios problemas de saúde.

44. (TRT) você brinca? ? Ora, me agrada. A experiência passei, foi desagradável. Depois você saberá o .
a) Porque – porquê – porque – porque – por que
b) Por que – porquê – porque – porque – porque
c) Por que – porquê – porque – porque – por quê
d) Porque – porque – por quê – porque – por que
e) Por que – por quê – porque – por que – porquê

45. (Esaf) Marque a alternativa cujas palavras preenchem corretamente as respectivas lacunas, na frase seguinte: "Necessitando o número do cartão do PIS, a data de meu nascimento."
a) ratificar – proscrevi
b) prescrever – discriminei
c) descriminar – retifiquei
d) proscrever – prescrevi
e) retificar – ratifiquei

46. (Unisinos) A frase onde os homônimos e/ou parônimos em destaque estão com significação invertida é:
a) Era iminente a queda do eminente deputado.
b) A justiça infringe uma pena a quem inflige a lei.
c) Vultosa quantia foi gasta para curar sua vultuosa face.
d) O mandado de segurança impediu a cassação do mandato.
e) O nosso censo depende exclusivamente do senso de responsabilidade do IBGE.

47. (Mack) Na oração "Em sua vida, nunca teve muito , apresentava-se sempre no de tarefas " as palavras adequadas para preenchimento das lacunas são:
a) censo – lasso – cumprimento – eminentes

b) senso – lasso – cumprimento – iminentes
c) senso – laço – comprimento – iminentes
d) senso – laço – cumprimento – eminentes
e) censo – lasso – comprimento – iminentes

48. (TFC) Indique a letra na qual as palavras complementam, corretamente, os espaços das frases abaixo.
1. Quem possui deficiência auditiva não consegue os sons com nitidez.
2. Hoje são muitos os governos que passaram a combater o de entorpecentes com rigor.
3. O diretor do presídio pesado castigo aos prisioneiros revoltosos.
a) discriminar – tráfico – infligiu
b) discriminar – tráfico – infringiu
c) descriminar – tráfego – infringiu
d) descriminar – tráfego – infligiu
e) descriminar – tráfico – infringiu

49. (Fuvest) No último da orquestra sinfônica, houve entre os convidados, apesar de ser uma festa .
a) conserto – flagrantes descriminações – beneficente
b) concerto – fragrantes discriminações – beneficiente
c) conserto – flagrantes descriminações – beneficiente
d) concerto – fragrantes discriminações – beneficente
e) concerto – flagrantes discriminações – beneficente

50. (TRE-RJ) A grafia da palavra sublinhada está incorreta em:
a) O deputado defendeu a <u>descriminação</u> da maconha.
b) Sua <u>ascensão</u> à presidência da firma surpreendeu a todos.
c) Todos o julgavam, com razão, demasiadamente <u>pretensioso</u>.
d) Os deputados não queriam acabar com os próprios <u>previlégios</u>.
e) A disputa entre os <u>cônjuges</u> só poderia ser resolvida nos tribunais.

51. (TRE-MG) "Por diversas vezes em prosseguir as investigações. Só conseguiu
a situação com a colaboração de seus assessores". As lacunas do período dado ficam corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) hesitou – amenizar
b) hesitou – amenisar
c) hezitou – amenizar

d) exitou – amenizar
e) exitou – amenisar

52. (TRE-MG) A palavra sublinhada está empregada inadequadamente em:
a) Os moradores sempre o consideraram, pelas suas atitudes, um homem sério e descente.
b) Sempre foi muito místico, por isso não se cansavam de lhe chamar de ascético.
c) Comentava-se que o príncipe só poderia ascender ao trono após a maioridade.
d) Na última publicação do jornalista, a seção de esportes estava ótima.
e) Sabe apreciar uma pintura. Não há dúvida de que possui senso artístico.

53. (Técnico Judiciário – Tribunal Regional Eleitoral – NCE) Pesquisa é vocábulo grafado com S, como se pode ver no texto. O item em que há um vocábulo erradamente grafado com essa letra é.
a) paralisia / análise / atraso;
b) gasoso / baronesa / arrasar;
c) besouro / adeusinho / bis;
d) brasão / freguês / guloseima;
e) marquês / pesadelo / anõesinhos.

54. (Analista Judiciário – Tribunal Regional Eleitoral – NCE) Como se pode ver no texto, obscenamente é um vocábulo grafado com SC. O item abaixo em que um dos vocábulos está erroneamente grafado é:
a) ressuscitar / ascensão / piscina;
b) adolescente / discente / indescente;
c) convalescer / crescer / rescindir;
d) abscesso / florescente / transcender;
e) renascença / piscicultura / miscelânea.

55. (Analista Judiciário – Tribunal Regional do Trabalho) "... Cônscio de sua insignificância como indivíduo...". O item em que uma das palavras indicadas não deve ser escrita com SC é:
a) suscitar, ascender, ascessório;
b) rescindir, transcendência, renascer;
c) discente, descendência, enflorescer;
d) seiscentos, prescindir, acrescentar;
e) discernir, remanescer, fascismo.

56. (Técnico Judiciário – TJ – NCE) "A Carta proíbe a discriminação entre o homem e a mulher...". O vocábulo sublinhado era denominado parônimo (de descriminação). O item abaixo em que houve erro porque houve troca entre parônimos é:

a) Os assertos do discurso presidencial necessitam de confirmação.
b) As conjeturas do economista português foram importantes para nossa reflexão.
c) O ministro pretendia proscrever, para o presidente, uma certa cautela nos discursos.
d) Na iminente situação de perigo, o ministro preferiu adotar uma solução mais drástica.
e) O corrupto pretendia rapar todas as contribuições da campanha eleitoral.

57. (NCE) "E, em vez das simples anotações que seriam preciosas como documento...". A frase abaixo em que em lugar de em vez de seria mais adequado dizer ao invés de é:

a) Em vez de ler, preferiu dormir.
b) Em vez de churrasco, quis feijoada.
c) Em vez de sair, entrou.
d) Em vez de um caderno, encontrou um livro.
e) Em vez de anotações, encontrou um diário completo.

58. (Inspetor da Polícia Civil-RJ/FGV) "Mas porque na verdade não me queres mais" (verso 35). No verso acima, utilizou-se a forma correta *porque*. Assinale a alternativa em que não se tenha utilizado corretamente uma das quatro formas do porquê.

a) É necessário avaliar por quê, ontem, fomos derrotados.
b) Depois de entender por quê, prosseguiu.
c) Não sei por quê nem como.
d) Não entendemos as privações por que passamos.
e) Deve haver um porquê para nossa derrota.

Capítulo 3

Regras de Acentuação

3.1. Monossílabos tônicos

Os monossílabos tônicos terminados em A(S), E(S), O(S) são acentuados.

Ex.: pá, pé, pó, sós.

Obs.: Monossílabos terminados em outras letras não receberão acento, exceto "têm", "vêm" e "pôr".

3.2. Oxítonas

As palavras oxítonas terminadas em A(S), E(S), O(S), EM, ENS são acentuadas.

Ex.: sofá, rapé, cipó, avô, vocês, também, parabéns.

3.3. Paroxítonas

As palavras paroxítonas terminadas em I(S), L, R, X, PS, N, UM, UNS, US, Ã(S), DITONGO(S) são acentuadas.

Para memorizar esta regra: UM ROUXINOL FOI AO (ditongo) INAM (ã)PS. Nesta frase, estão contidas todas as terminações dos paroxítonos acentuados.

Ex.: táxi, biquíni, biquínis, júri, júris, móvel, inflamável, revólver, fêmur, tórax, fênix, bíceps, fórceps, hífen, pólen, abdômen, álbum, fórum, álbuns, bônus, ânus, ímã, órfã, órfãs, móveis, inflamáveis...

Obs.: Atenção para o fato de "hífen" possuir acento, mas "item" não. O primeiro é paroxítono terminado em ***N***, o segundo é paroxítono terminado em ***M***. Hifens, polens e abdomens não levam acento, pois não há regra dizendo que paroxítono terminado em ***ENS*** leva acento. No entanto, estas palavras possuem outra forma de plural, com ***ES:*** pólenes, hífenes e abdômenes. Esta forma alternativa de plural se acentua, pois os vocábulos tornam-se proparoxítonos (observe a regra a seguir).

3.4. Proparoxítonas

Todas as palavras proparoxítonas são acentuadas.

Ex.: Matemática, tóxico, cantaríamos, buscávamos.

Obs.: As palavras paroxítonas terminadas em ditongos crescentes podem ser consideradas também proparoxítonas, e os ditongos crescentes também podem ser interpretados como hiatos.

Ex.: armário, tênue, séries, glória, rádio, oxigênio, sódio, óleo, paciência.

Portanto, estas palavras podem tanto fazer parte da regra das palavras paroxítonas como das proparoxítonas.

Obs.: Era comum, em antigas épocas, a indicação de que alibi, deficit e habitat não seriam acentuados em função do latinismo. Hoje, os dicionários já registram esses vocábulos com acento. Ultimamente, tal questionamento não se tem feito presente nos concursos.

3.5. Ditongos abertos ÉI(S), ÉU(S), ÓI(S)

Serão acentuados os ditongos abertos e tônicos ÉI(S), ÉU(S) e ÓI(S), quando se localizarem na última sílaba ou for a única sílaba.

Ex.: céu, réis, anéis, herói

Obs.: De acordo com a nova ortografia, boia, heroica, geleia etc. perderam o acento, pois o ditongo não ocorre na última sílaba.

3.6. "I" e "U", quando isolados numa sílaba

Acentuam-se "i" e "u", quando isolados numa sílaba, que não a primeira, sendo, no máximo, seguidos de "S".

Ex.: saída, baú, saúva, país, paúra, raízes

Obs.: Se, depois da vogal "i", ocorrer o dígrafo "NH", não haverá acento.

Ex.: rainha, moinho, tainha, sainha

Obs.: De acordo com a nova ortografia, perdeu o acento o I e o U se precedidos de ditongo.

Ex.: feiura, pauis, boiuna

3.7. "OO" ou "EE"

Pelo novo acordo ortográfico, não mais se acentuam os vocábulos que apresentem "OO" ou "EE".

Ex.: voo, enjoo, coo, moo, veem, leem, creem, deem.

3.8. Acento diferencial

3.8.1. Intensidade

pôr (verbo) – por (preposição)

3.8.2. Timbre

pôde (verbo no pretérito perfeito) – pode (verbo no presente)

3.8.3. Número / pessoa

Obs.: Haverá nos verbos "ter" e "vir" acento diferencial nos seguintes casos:

ele tem – eles têm
ele vem – eles vêm

Quando um verbo se derivar de "ter" e "vir", a terceira pessoa do singular somente se distinguirá da terceira pessoa do plural no Presente do Indicativo através do acento. Aquela terá acento agudo e esta terá acento circunflexo.

ele contém – eles contêm
ele convém – eles convêm

Obs.: Perderam o acento diferencial de intensidade os seguintes vocábulos

para (verbo) – pera (fruta) – polo (substantivo) – pelo (substantivo) – pelo (verbo) – coa (verbo)

3.9. Trema

Pelo novo acordo ortográfico, não mais se emprega o trema.
Ex.: eloquente, tranquilo, aguentar, linguiça.

3.10. Exercícios

Do exercício 1 ao 8, marque a opção em que a ortografia correta do vocábulo é sem acento.

1. a) biquini
b) bau
c) urubu
d) sauva
e) balaustre

2. a) raizes
b) biceps
c) rainha
d) poluido
e) analitico

3. a) polens
b) polen
c) abdomen
d) polenes
e) abdomenes

4. a) hifen
b) hifenes
c) item
d) album
e) albuns

5. a) climax
b) xerox
c) latex
d) cortex
e) ônix

6. a) revel
b) consul
c) estencil
d) dificil
e) têxtil

7. a) faceis

b) jogueis

c) estencis

d) repteis

e) texteis

8. a) rubrica

b) ve

c) ves

d) o porque

e) fenix

9. Na frase "Ele mantem, ou melhor, eles mantem a esperança de pegar este onibus e sair deste pais para so voltar quando a violencia estiver totalmente erradicada e as aguas despoluidas", temos:

a) 4 acentos agudos e 3 circunflexos
b) 4 acentos agudos e 4 circunflexos
c) 5 acentos agudos e 2 circunflexos
d) 4 acentos agudos e 3 circunflexos
e) 5 acentos agudos e 3 circunflexos

10. (Uni-Rio) Assinale a única palavra corretamente acentuada na lista abaixo:

a) gratuíto
b) nóvel
c) décano
d) récem
e) ínterim

11. (Uni-Rio) A palavra que é acentuada de acordo com a mesma regra observada em PARVOÍCE é:

a) constituíram
b) lunático
c) estréia
d) consórcio
e) troféus

12. (UFF) Assinale a opção em que se justifique erroneamente o emprego do acento gráfico.

a) Pôde – acento diferencial para distinguir a forma do pretérito perfeito do presente do indicativo.
b) Ninguém – palavra oxítona terminada em em.
c) Idéia – palavra paroxítona terminada em ditongo oral.
d) Massapê – palavra oxítona terminada em e.
e) Só – monossílabo tônico terminado em o.

13. (Cesgranrio) Assinale a opção em que se erra quanto à explicação do uso do acento gráfico nas palavras destacadas:
a) Porém – também – os vocábulos terminados em – recebem acento agudo, que os marca como oxítonos.
b) Chapéu – idéia – o acento recai sobre a primeira vogal do hiato para indicar a sílaba tônica.
c) Três – chá – só – os monossílabos tônicos terminados em A, E, O são acentuados. Leva-se em conta nesta regra a tonicidade dos monossílabos na frase.
d) Título – hábitos – acentuam-se em português as palavras proparoxítonas.
e) Renânia – dicionário – as palavras paroxítonas terminadas em ditongo oral são acentuadas.

14. (Técnico Judiciário – TRE-SP – FCC) É preciso corrigir deslizes relativos à ortografia oficial e à acentuação gráfica da frase:
a) As obras modernistas não se distinguem apenas pela temática inovadora, mas igualmente pela apreensão do ritmo alucinante da existência moderna.
b) Ainda que celebrassem as máquinas e os aparelhos da civilização moderna, a ficção e a poesia modernista também valorizavam as coisas mais quotidianas e prosaicas.
c) Longe de ser uma excessão, a pintura modernista foi responsável, antes mesmo da literatura, por intensas polêmicas entre artistas e críticos concervadores.
d) No que se refere à poesia modernista, nada parece caracterizar melhor essa extraordinária produção poética do que a opção quase incondicional pelo verso livre.
e) O escândalo não era apenas uma consequência da produção modernista: parecia mesmo um dos objetivos precípuos de artistas dispostos a surpreender e a chocar.

15. (TRT-RJ – CESPE-UnB) Com referência à ortografia oficial e às regras de acentuação de palavras, assinale a opção incorreta.
a) Os vocábulos lágrima e Gênesis seguem a mesma regra de acentuação.
b) As palavras oásis e lápis são acentuadas pelo mesmo motivo.
c) A grafia correta do verbo correspondente a ressurreição é ressucitar.

d) Apesar de a grafia correta do verbo poetizar exigir o emprego da letra "z", o feminino de poeta é grafado com s.
e) O vocábulo traz corresponde apenas a uma das formas do verbo trazer; a forma trás é empregada na indicação de lugar (equivale a parte posterior).

16. (Petrobrás – Técnico Ambiental – Cesgranrio)
O conjunto de palavras paroxítonas que deve receber acentuação é o seguinte:
a) amavel – docil – fossil
b) ideia – heroi – jiboia
c) onix – xerox – tambem
d) levedo – outrem – sinonimo
e) acrobata – alea – recém

17. Auxiliar Portuário – FGV – Assinale a palavra que NÃO tenha sido acentuada pela mesma regra que as demais:
a) sensíveis
b) países
c) consequência
d) comércio
e) seminário

18. (Eletronorte – NCE) Duas palavras que são acentuadas em função da mesma regra são:
a) sanduíche / rápido
b) água / família
c) pátria / saída
d) você / três
e) cafeína / café

19. (NCE) A forma verbal "há" leva acento ortográfico porque:
a) é um monossílabo átono;
b) é forma verbal;
c) é palavra sem valor semântico;
d) é monossílabo tônico terminado em "a";
e) a vogal "a" tem timbre aberto.

20. (CM-Redator / Revisor) Todas as palavras estão acentuadas de acordo com as normas do sistema ortográfico vigente em:
a) ínterim – rúbrica – item
b) arguíste – guarani – fluido
c) delinquência – ambíguo – quinquenal
d) constituía – gratuíto – iníquo
e) prototipo – ímã – raízes

21. (CM – 1º Grau) Apesar de todas as palavras abaixo rimarem com chinês, a opção em que há erro ortográfico, porque uma das palavras é grafada com sufixo distinto dos demais é:
a) burguês – japonês
b) marquês – embriaguês
c) dinamarquês – pequinês
d) pedrês – português
e) holandês – escocês

22. (CM – 1º Grau) Os acentos das palavras subúrbio e revólver explicam-se, respectivamente, porque se têm de acentuar os:
a) paroxítonos terminados em ditongo e os terminados em "r";
b) paroxítonos terminados em ditongo oral e os terminados em "r";
c) proparoxítonos terminados em ditongo oral e os paroxítonos terminados em "r";
d) proparoxítonos terminados em ditongo e os paroxítonos terminados em "r";
e) paroxítonos terminados em ditongo oral e os oxítonos terminados em "r".

23. (AFA) Observe a acentuação destas palavras: além, artística, botânica, cadavérica, é, está, fácil, gênio, há, imutável, já, Luís, ponderável, só, também, vocabulário.
Assinale a opção em que a acentuação de cada palavra se explica por uma regra específica, distinta das regras das demais palavras da alternativa:
a) Há – já – é – só
b) Botânica – além – fácil – Luís
c) Imutável – está – cadavérica – artística
d) Também – gênio – ponderável – vocabulário

24. (NCE) A alternativa em que as duas palavras destacadas recebem acento gráfico pela mesma razão é:
a) público – órgãos

b) também – vêem
c) é – à
d) polêmicas – difícil
e) língua – controvérsias

25. (TJ) Em que item a seguir os vocábulos não têm sua acentuação gráfica justificada pela mesma regra?
a) silêncio – escritórios
b) próxima – trânsito
c) pôr – é
d) fácil – impossível
e) vários – pátio

26. (NCE) Que par de palavras abaixo não tem sua acentuação gráfica justificada com base na mesma regra?
a) súditos – fábrica
b) denúncia – consciência
c) está – já
d) útil – agradável
e) país – saúde

27. (UFRJ) O vocábulo "pôs" leva acento gráfico pelo mesmo motivo de uma das palavras a seguir. Qual?
a) pôr
b) está
c) três
d) compôs
e) têm

28. (NCE) Violência é palavra que recebe acento gráfico pela mesma razão de uma das palavras a seguir. Qual?
a) aí
b) é
c) válidos
d) idéia
e) vácuo

29. Que vocábulo, de acordo com as novas regras ortográficas, perdeu o acento?
a) saída
b) saúva
c) baú
d) bocaiúva
e) saí

30. (UFRJ-Magistério) O vocábulo abaixo que possui acento diferencial por razão distinta dos demais é:
a) pára
b) pôr
c) têm
d) pêra
e) pólo

31. Que vocábulo, de acordo com as novas regras ortográficas, não perdeu o acento.
a) pêlo (substantivo)
b) pélo (verbo)
c) pôr (verbo)
d) pára (verbo)
e) pólo (substantivo)

32. (Advogado – Senado Federal – FGV) Assinale a alternativa em que a palavra indicada tenha sido acentuada por regra distinta das demais.
a) instituídas
b) transparência
c) remuneratório
d) Judiciário
e) Ministério

33. (Técnico Legislativo – Senado Federal – FGV) Assinale a alternativa em que a palavra tenha sido acentuada seguindo a mesma regra que *saúde*.
a) indústria
b) licitatória
c) aí
d) até
e) têm

34. (Analista de Informática Legislativa – Senado Federal – FGV) A palavra *êxito* recebeu acento por se tratar de proparoxítona. Nas alternativas a seguir, em que todas as palavras estão propositalmente grafadas sem acento, uma naturalmente não receberia acento por não se tratar de proparoxítona. Assinale-a.

a) interim
b) rubrica
c) recondito
d) arquetipo
e) lugubre

35. (FNDE-FGV) Assinale a alternativa em que a palavra indicada tenha sido acentuada seguindo a mesma regra que *suíço*.

a) níveis
b) possuíam
c) família
d) cenário
e) diálogo

36. (Administrador – Docas – FGV) Assinale a palavra que tenha sido acentuada por regra DISTINTA das demais.

a) relógio
b) deficiências
c) distância
d) nível
e) níveis

37. (Administrador – Docas – BA – FGV) Assinale a palavra que foi acentuada seguindo a mesma regra que *três* (L.23).

a) prevê (L.32)
b) até (L.40)
c) além (L.34)
d) é (L.16)
e) país (L.17)

38. (Inspetor PC – RJ – FGV) Assinale a alternativa em que o termo tenha sido acentuado seguindo regra distinta dos demais.

a) difíceis (L.55)
b) próprio (L.3)
c) concluída (L.49)
d) consequências (L.37)
e) solidários (L.85)

39. (UEG) Indique o par em que o acento gráfico não tem a mesma função:
a) círculo – líquido
b) notícia – proprietário
c) pôr – pára
d) água – pára
e) difíceis – amáveis

40. (BNDES – Administração – Cesgranrio – adaptada) As palavras que se acentuam pela mesma regra de "prévia" e "até", respectivamente, são:
a) raízes e só
b) inútil e baú
c) infindáveis e você
d) menestréis e sofá
e) hífen e saída

41. (TRE-MT) Segue a mesma regra de acentuação de país a palavra:
a) saúde
b) aliás
c) táxi
d) grêmios
e) heróis

42. (TRE-ES) "Aí" é acentuada pelo mesmo motivo de:
a) aquí
b) dá
c) é
d) baú
e) porém

43. (NCE) A palavra <u>países</u> leva acento porque:
a) é proparoxítona

b) é paroxítona com hiato
c) o "i" é tônico como segunda vogal do hiato
d) apresenta ditongo aberto
e) é paroxítona terminada em "s"

44. (TRE-RJ) A alternativa que apresenta erro quanto à acentuação em um dos vocábulos é:
a) lápis – júri
b) bônus – hífen
c) ânsia – série
d) raízes – amável
e) Anhangabaú – bambú

45. (Analista Judiciário – TRT) No primeiro parágrafo do texto, há uma série de palavras acentuadas graficamente; se agruparmos essas palavras segundo a regra que justifica seus acentos, teríamos os seguintes grupos:
a) (1) é; (2) típico, século, jurídica, características; (3) possível; (4) ciência, própria, doutrinária;
b) (1) é; (2) típico, século, possível; (3) jurídica, características; (4) ciência, própria, doutrinária;
c) (1) é, século; (2) típica, jurídica, características, ciência, próprias, doutrinária; (3) possível;
d) (1) é, século, ciência; (2) típico, jurídico, características, possível; (3) próprias; (4) doutrinárias;
e) (1) é, possível.

46. Que alternativa apresenta vocábulos grafados em consonância com o novo acordo ortográfico.
a) polo, coa, vêem
b) idéias, réis, véu
c) herói, heróico, céu
d) pôr, tranquilo, sóis
e) dêem, enjôo, para

47. (TTN) Assinale o trecho que apresenta erro de acentuação gráfica.
a) Inequivocamente, estudos sociológicos mostram que, para ser eficaz, o chicote, anátema da sociedade colonial, não precisava bater sobre as costas de todos os escravos.

b) A diferença de ótica entre os díspares movimentos que reivindicam um mesmo amor à natureza se enraízam para além das firulas das discussões político-partidárias.
c) No âmago do famoso santuário, erguido sob a égide dos conquistadores, repousam enormes caixas cilíndricas de oração em forma de mantras, onde o novel na fé se purifica.
d) O alvo da diatribe, o fenômeno da reprovação escolar, é uma tolice inaceitável, mesmo em um paradígma de educação deficitária em relação aos menos favorecidos.
e) Assustada por antigas endemias rurais, a, até então, álacre sociedade brasileira tem, enfim, consciência do horror que seria pôr filhos em um mundo tão inóspito.

48. Que alternativa apresenta vocábulos grafados em consonância com o novo acordo ortográfico.
a) doem, peras, boléia
b) Apazigue, apazígue, apazígua
c) averíguem, averiguem, averiguam
d) crêem, vôo, menestréis
e) pôde, pôr, intervêm

49. (Inspetor de Polícia – Polícia Civil – NCE) O item em que aparece um par de vocábulos acentuados graficamente por motivos distintos é:
a) há – pôr
b) universitários – raciocínio
c) cocaína – heroína
d) lógica – hábito
e) demonstrá-la – aliás

50. (Tribunal Regional do Trabalho) Duas palavras do texto que recebem acento gráfico em razão de regras ortográficas diferentes são:
a) salário – importância
b) é – mês
c) difícil – hábil
d) inexistência – médio
e) diminuído – jurídicos

Capítulo 4

Estrutura dos Nomes

4.1. Radical

Indica o significado dos termos.

Ex.: ferrugem, ferreiro, ferrinho – O radical é FERR, o que faz compreender ser algo relativo a ferro.

4.2. Afixos

Dividem-se em dois tipos: Prefixos que se localizam antes do radical e Sufixos, após.

INFELIZ – Prefixo IN; REELEITO – Prefixo RE.

PENSAMENTO – Sufixo MENTO; ROTAÇÃO – Sufixo – ÇÃO.

4.3. Vogal temática

Localiza-se após o radical nos nomes que não sejam oxítonos ou terminados em consoantes .

Ex.: carro, planta, vida, espaço.

Obs.: São atemáticos os nomes oxítonos ou terminados em consoantes.

Ex.: café, urubu, fêmur, lápis.

4.4. Desinências

4.4.1. De gênero

Indica a contrapartida de gênero masculino/feminino.

Ex.: menino, menina; gato, gata.

Obs.: Há autores que só reconhecem desinência de gênero nos substantivos femininos em contrapartida aos substantivos masculinos, pois a desinência de gênero serviria – na concepção deles – para diferençar o feminino do masculino e não o masculino do feminino.

4.4.2. De número

Indica o plural.

Ex.: casas, meninos.

4.4.3. De grau

Indica o aumentativo ou o diminutivo dos nomes.

Ex.: garotão, garotinho.

4.5. Vogais e consoantes de ligação

Fazem a ligação entre o radical e o sufixo, desinência ou outro radical.

Ex.: cafezinho, gasômetro.

4.6. Formação dos nomes

4.6.1. Composição

Há mais de um radical.

4.6.1.1. Justaposição

Não há perda de fonemas.

Ex.: minissaia, pé de moleque.

4.6.1.2. Aglutinação

Há perda de fonemas.

Ex.: planalto, aguardente.

4.6.2. Derivação

Há apenas um radical.

4.6.2.1. Sufixal

Radical + sufixo.

Ex.: cafeteira, livraria.

4.6.2.2. Prefixal

Prefixo + radical.

Ex.: prefixo, dissílabo.

4.6.2.3. Prefixal e sufixal (derivação sucessiva)

Prefixo + radical + sufixo. Ocorre quando uma palavra possui prefixo e sufixo, sem que um exija a presença do outro.

Ex.: deslealdade, infelizmente.

Observe que estas palavras possuem prefixo e sufixo, porém também existiriam sem a presença de um deles: desleal e lealdade, infeliz e felizmente.

4.6.2.4. Parassintética

Prefixo + radical + sufixo. Acontece quando uma palavra possui prefixo e sufixo obrigatoriamente ao mesmo tempo, ou seja, um exige a presença do outro. A derivação parassintética é formadora de verbo.

Ex.: anoitecer, enlouquecer.

Observe que estas palavras não podem existir somente com prefixo e radical ou radical e sufixo: anoite e noitecer, enlouco e louquecer.

4.6.2.5. Regressiva

Substantivo que se forma de verbo, perdendo fonema.

Ex.: jogo (derivado de jogar), toque (derivado de tocar).

4.6.3. Conversão

Palavra utilizada em classe gramatical diferente da de origem.

Ex.: gilete (substantivo simples), Gillette (substantivo próprio); o falar (substantivo), falar (verbo).

Obs.: Necessário se faz informar que a efetivação deste caso só pode ser observada no contexto.

4.6.4. Hibridismo

Palavra formada por morfemas de origens diferentes.

Ex.: burocracia (francês e grego); sociologia (latim e grego).

4.6.5. Reduplicação

Repetição de parte da palavra.

Ex.: tico-tico, reco-reco.

4.6.6. Abreviação

Parte da palavra pelo todo.

Ex.: moto (motocicleta), pneu (pneumático).

4.6.7. Sigla

Iniciais das palavras.

Ex.: CRF (Clube de Regatas do Flamengo), PT (Partido dos Trabalhadores).

4.6.8. Neologismo

Formação de novas palavras.

Ex.: Nhenhenhém, imexível.

Obs.: Quando um vocábulo já passou por vários processos de formação, deve-se levar em consideração apenas a última fase. Por exemplo: a palavra ENTERRAR, por parassíntese, formou-se de TERRA e, por sua vez, por regressão, forma ENTERRO. Sendo assim, para a palavra ENTERRO, deve-se avaliar somente o último passo: a regressão. Já a palavra EMPOBRECER, por parassíntese, deriva-se de POBRE. Acrescendo-se o sufixo, forma EMPOBRECIMENTO. Para este vocábulo, leva-se em conta só o último processo: sufixal.

4.7. Prefixos latinos

PREFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
Ab, abs	afastamento, separação	abusar, abster-se
Ad, a	aproximação	adjunto, abeirar
Ambi	duplicidade	ambidestro

PREFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
Ante	anterioridade	antevéspera
Bene, ben	bem, muito bom	benevolência
Bis, bi	duas vezes	bisavó
Circun	movimento em torno	circunferência
Cis	posição aquém	cisalpino
Com, co	companhia	compartilhar
Contra	oposição	contradição
De	movimento para baixo	decomposição
De, dês	ação contrária, privação	defeito
Di, dis	movimento para vários lados	digerir, discordar
Ex, e, es	movimento para fora	extração, expor
Extra	fora de	extraordinário
In, i	movimento para dentro	ingerir
In, i	negação	inativo
Inter, entre	posição intermediária	intervir
Intro, intra	movimento para dentro	introdução
Per	movimento através	perfeito

PREFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
Pro	movimento para a frente	progredir
Re	movimento para trás, repetição	reabrir
Retro	movimento para trás	retroceder
Semi	metade	semideus
Sub, sus, su	posição de inferioridade	submeter, subalterno
Super, supra, sobre	posição em cima, excesso	superpor, sobrepor
Trans, tras	através de, além de	transposição
Tres, tras	mudança	tresnoitar
Ultra	posição além do limite	ultrarromântico
Vice, vis	substituição	vice-presidente
Soto, sota	posição inferior	soto-mestre

4.8. Prefixos gregos

PREFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
A, na	negação, privação	ateu, anarquia
Ana	repetição	anagrama

PREFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
Anfi	duplicidade	anfíbio
Anti	oposição	antiaéreo
Apo	afastamento	apogeu
Arqui, arce	superioridade	arcebispo
Cata	movimento para baixo	catarata
Di	duas vezes	ditongo
Dia	movimento através de	diálogo
Dis	dificuldade	disenteria
Ec, ex	movimento para fora	eczema, êxodo
Endo	movimento para dentro	endovenoso
Epi	posição superior	epiderme
Eu, ev	perfeição, excelência	eufônico
Hemi	metade	hemisfério
Hiper	posição superior, excesso	hipertenso
Hipo	posição inferior	hipotético
Meta	posterioridade, mudança	metátese
Para	proximidade, ao lado de	paradigma
Peri	posição em torno de	perímetro

PREFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
Pro	anterioridade	profecia
Sim, sin	simultaneidade, companhia	simpático, sinônimo

4.9. Relação de sufixos

SUFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
-ada, -agem, -al	coleção	boiada, ramagem, laranjal
-ame, -edo, -io	agrupamento	vasilhame, arvoredo, mulherio
-aço, -aça, -ão, -arra	aumentativo	ricaço, barcaça, bocarra
-orra, -aréu, -ázio	aumentativo	cabeçorra, povaréu, copázio
-acho, -ejo, -ela, -eta	diminutivo	riacho, lugarejo, ruela, saleta
-ete, -eto, -ico, -iço	diminutivo	artiguete, poemeto, burrico
-isco, -(z)inho	diminutivo	chuvisco, animalzinho
-ota, -ote, -(c)ula	diminutivo	flâmula, gotícula

SUFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
-(c)ulo, -ucho	diminutivo	papelucho
-dade, -dão	qualidade	paulada, maldade, escuridão
-ação	ação	esperança, oração, detenção
-ência, -ez, -eza	estado	imponência, altivez, beleza
-ície, -mento, -(t)ude	estado, qualidade	calvície, ferimento, quietude
-ume	quantidade, coletivo	negrume, cardume
-ario, -eiro, -dor	profissão	bibliotecário, pedreiro
-nte	agente	vendedor, ajudante
-douro	lugar	bebedouro, dormitório
-al, -ar, -eo	referência, relação	imperial, escolar, férreo
-ano, -ão, -eiro	naturalidade, origem	curitibano, alemão
-ense, -eu, -ino		paraense, europeu, florentino
-ês, -esa		chinês, chinesa

SUFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
-oso, -udo, -ia, -ismo	abundância, ciência, escola, sistema político	gorduroso, narigudo, astronomia, romantismo, comunismo
ança (ância), ença (ência)	ação ou resultado da ação	Esperança, lembrança, importância, obediência, crença, regência
ura	qualidade	brancura, feiúra
-esa, -isa, -essa	título	baronesa, sacerdotisa, condessa
-ar, -ear, -entar	ação	cantar, guerrear, afugentar
-ficar, -izar	factitivo	dignificar, civilizar
-ecer, -escer	início de ação	amanhecer, amadurecer, florescer
-icar, -itar	ação pouco intensa	bebericar, adocicar
-iscar, -inhar	frequência	chuviscar, escrevinhar
-ear, -ejar	ação repetitiva	espernear, apedrejar

4.10. Correspondência entre prefixos gregos e latinos

PREFIXO LATINO	SIGNIFICADO	PREFIXO GREGO

Ab	afastamento	apo
Ad	proximidade, ao lado	para
Ambi	duplicidade	anfi
Bene	bem, bom	eu
Bi	dois	di
Circum	em torno de	peri
Contra	ação contrária	anti
Cum	simultaneidade	sin
De	movimento de cima para baixo	cata
Des, in	privação, negação	a, na
Ex	movimento para fora	ec, ex
In	interioridade	em
Intra	posição interior	endo
Semi	metade	hemi
Sub	sob, inferior	hipo
Super	sobre, excesso	epi
Trans	através de	dia

4.11. Latinismos

A fortiori	com tanto mais razão
Ab absurdo	por absurdo
Ab initio	desde o princípio
Ad hoc	para isso
Ad instar	à semelhança, à maneira de
Ad honores	pela honra
Ad libitum	à vontade, a seu bel-prazer
Ad referendum	sujeito à aprovação
Ad usum	segundo o costume
Alibi	meio de defesa que o réu apresenta, provando estar em outro local no momento do crime
A priori	antes de qualquer momento
A posteriori	após argumentação
Apud	junto de
Alter ego	outro eu
Curriculum vitae	correr da vida, conjunto de informações pessoais
Data venia	com a devida permissão

De facto	de fato
Errata	especificação dos erros expressos
Et alii	e outros
Ex aequo	com igualdade
Ex autorit-ate legis	por força da lei
Ex abrupto	de súbito
Ex cathedra	em virtude de autoridade decorrente do título
Ex consensu	com o consentimento
Ex jure	segundo o direito
Ex more	conforme o costume
Ex officio	por obrigação da lei, por dever do cargo
Exempli gratia	por exemplo
Ex lege	de acordo com a lei
Ex nunc	de agora em diante
Ex tunc	desde então, com efeito retroativo
Ex-vi	por força, por efeito
Fac simile	cópia

Habeas corpus	liberdade de locomoção
Hic et nunc	aqui e agora
Honoris causa	por motivo de honra
Ibidem	no mesmo lugar
Idem	igualmente, também
In fine	no fim
In limine	preliminarmente
In albis	sem noção daquilo que deveria saber
In extenso	na íntegra
In limine	desde logo, no início
In loco	no lugar
In sito	no lugar
In totum	totalmente
Ipsis literis	pelas mesmas letras
Ipsis verbis	pelas mesmas palavras – textualmente
Ipso facto	por isso mesmo, pelo próprio fato
Ipso jure	de acordo com o direito
Lato sensu	em sentido amplo

Mutatis mutandis	mudando o que deve ser mudado
Opus	obra musical classificada e numerada
Pari passu	simultaneamente
Passim	aqui e ali, em toda parte
Prima facie	à primeira vista
Pro labore	o pagamento por serviço prestado
Quorum	número mínimo de pessoas presentes exigido por lei ou estatuto para que um órgão funcione
Res non verba	fatos, não palavras
Sic	assim mesmo, escrito desta maneira
Sine die	sem data fixa
Sine jure	sem direito
Sine qua non	indispensável
Sub judice	sob a apreciação judicial
Sui generis	peculiar, sem igual
Status quo	estado em que se encontrava certa questão
Stricto sensu	em sentido restrito

Urbi et orbi	em toda parte
Ut infra	conforme abaixo
Ut retro	conforme atrás
Ut supra	conforme acima
Verbi gratia	por exemplo
Verbo ad verbum	palavra por palavra

4.12. Exercícios

1. (Fiscal – Sefaz – RJ – FGV) Assinale a alternativa em que o elemento *in-* tenha valor idêntico ao de *insuflados*.

a) influxos
b) intermediação
c) inaplicável
d) inúmeras
e) inferir

2. (UFF) A alternativa em que todos os sufixos têm, fundamentalmente, o mesmo valor que o sufixo presente no substantivo percursionista é:

a) barbeiro, bancário, cantor
b) estudante, formigueiro, vestiário
c) jogador, noticiário, pedinte
d) cinzeiro, poetastro, colaborador
e) operário, fazendeiro, budismo

3. (Cesgranrio) Assinale a série de vocábulos em que todos os sufixos exprimem noção de qualidade:

a) sensibilidade – delicadeza – docemente
b) decoração – bronzeado – selvagem
c) franqueza – doçura – ferocidade

d) sentimento – rapidamente – majestosa
e) dourado – vegetação – beleza

4. (PUC) Assinale o vocábulo cujo prefixo é semanticamente diferente do de "intocável":
a) afônico
b) ilegal
c) desconfortável
d) anônimo
e) imigrante

5. (Fiscal – ICMS-RJ – FGV) Com relação aos processos de formação de palavras, analise as afirmativas a seguir:
I. *estruturador*, *civilizacional* **e** *renováveis* **são adjetivos formados por derivação sufixal.**
II. *hominização*, *dilapidação* **e** *autodestruição* **são substantivos formados por composição e derivação.**
III. *autodestruição*, *contrapartida* **e** *responsabilidade* **são substantivos formados por composição.**
Assinale:
a) se somente a afirmativa I estiver correta;
b) se somente a afirmativa II estiver correta;
c) se somente a afirmativa III estiver correta;
d) se somente as afirmativas I e II estiverem corretas;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

6. (Uni-Rio) Numere a coluna da direita, relacionando-a com a da esquerda, pelo significado do prefixo. A seguir, assinale a resposta correta:

1) desesperança	( ) repetição
2) contramarcha	( ) oposição
3) redobra	( ) privação, negação
4) influir	( ) passar além de
5) translúcido	( ) movimento para dentro

a) 3-5-2-1-4
b) 2-3-4-5-1
c) 3-2-1-5-4
d) 4-3-2-1-5
e) 5-4-3-1-2

7. (Uni-Rio) Assinale a opção em que os prefixos têm o mesmo significado:
a) contradizer – antídoto
b) desfolhar – epiderme
c) decapitar – homicídio
d) supercílio – acéfalo
e) semimorto – perianto

8. (Analista de Controle Interno – Sefaz-RJ – FGV) Assinale a palavra formada pelo mesmo processo que corresponsabilidade.
a) necessidades
b) qualificação
c) imprescindível
d) irrestrita
e) governamental

9. (Cesgranrio) Considerando o valor dos sufixos, assinale o par de vocábulos que guardam entre si a mesma relação semântica existente entre "elaborar" / "elaboração".
a) criar / criativo.
b) navegar / navegante.
c) lavar / lavatório.
d) cobrar / cobrança.
e) quebrar / quebradiço.

10. (Fiscal ICMS-RJ – FGV) Assinale a alternativa em que a palavra indicada não seja formada pelo mesmo processo que <u>injustiça</u>.
a) tecnologias
b) auto-organização
c) antielisão
d) ilícito
e) internacional

11. (UGF) Assinale o vocábulo cujo elemento mórfico destacado não corresponde à classificação do "a" de "pequena".

a) perfumadas
b) violenta
c) louca
d) criança
e) formosa

12. (PUC) Na palavra "espantoso", o sufixo OSO acrescenta ao radical o valor semântico de aquilo que provoca ou produz. Assinale a palavra cujo sufixo tem este mesmo significado:

a) apetitoso
b) medroso
c) venenoso
d) vaidoso
e) gostoso

13. (Fuvest) Assinalar a alternativa que registra a palavra que tem sufixo formador de advérbio:

a) Desesperança
b) Pessimismo
c) Empobrecimento
d) Extremamente
e) Sociedade

14. (Fuvest) Assinalar a alternativa em que a primeira palavra apresenta sufixo formador de advérbio e, a segunda, sufixo formador de substantivo:

a) Perfeitamente – varrendo
b) Provavelmente – erro
c) Lentamente – explicação
d) Atrevimento – ignorância
e) Proveniente – furtado

15. (Gama Filho) Assinale a opção em que há erro na identificação do processo de formação de palavra em destaque:

a) semeador – derivação sufixal
b) inimiga – derivação prefixal

c) funerária – hibridismo
d) enterro – derivação regressiva
e) tumba – moenda – composição por justaposição

16. (Uni-Rio) Dentre as palavras abaixo, assinale a única que destoa das demais quanto ao seu processo de formação:
a) dose
b) força
c) marca
d) alegria
e) sonho

17. (Unificado) As palavras "esquartejar", "desculpa" e "irreconhecível" foram formadas, respectivamente, pelos processos de:
a) sufixação, prefixação, parassíntese
b) sufixação, derivação regressiva, prefixação
c) composição por aglutinação, prefixação, sufixação
d) parassíntese, derivação regressiva, prefixação
e) parassíntese, derivação imprópria, parassíntese

18. (NCE) Currículo é a forma portuguesa correspondente ao latinismo *curriculum*; o item abaixo que apresenta um latinismo de significação incorreta é:
a) *a priori* – antecipadamente
b) *alibi* – declaração
c) *sine die* – sem data certa
d) *quantum* – quantidade
e) *et alii* – e outros

19. (UFF) Assinale a opção em que as duas palavras sublinhadas são formadas por um mesmo processo e apresentam a mesma estrutura.
a) "Jamais a Receita vai me pegar por má-fé ou sonegação" (PC Farias/*Exame*, 10/6/1992).
b) "Um deles, peça-chave na cena política nacional, engoliu em seco. 'A nação traumatizada', afirma" (*Exame*, 10/6/1992).
c) " É mais barato investir num superprojeto que se adapte às exigências futuras do que refazer o produto para atender as especificações localizadas" (*Exame*, 10/6/1992).
d) "Verdadeiro tratado sobre o desencanto nacional bruto, o documento que me foi passado pela agência é de tirar o fôlego" (J. Betting / *O Globo*, 6/9/1992).

e) "O leitor de jornais sente que a página policial esfria, se comparada ao noticiário econômico e político em matéria de teor escandaloso" (*Jornal do Brasil*, 9/9/1993).

20. (PUC) Qual a única das opções abaixo que apresenta uma explicação incorreta na análise dos elementos mórficos e/ou na identificação do significado?

a) "Tudo passa a estar condenado a fracassar redondissimamente".

Sufixo -íssimo, com valor de superlativo, e sufixo -mente, formador de advérbio; significado: completamente, inteiramente.

b) "Sociedade como um todo essa alienadona de si mesma".

Sufixo -ona, formador de adjetivo e substantivo atribuindo valor intensivo; significado: muito alienada.

c) "E façamos uma goiabada".

Sufixo -ada, formador de substantivo; significado: o doce feito de goiaba.

d) "Goiabada bem palatável".

Sufixo -vel, formador de adjetivo; significado: do tipo próprio ao palato, comestível, comível.

e) "16 milhões de desempregados sabem disso".

Vocábulo formado por parassintetismo; significado: desocupados, pessoas sem profissão.

21. (Uni-Rio) Assinale a opção em que o vocábulo destacado é formado por derivação regressiva:

a) Opressão

b) Deficiente (adj.)

c) Tribo

d) Adestrar (verbo)

e) Manejo (substantivo)

22. (Unificado) Assinale a opção em que o processo de formação de palavras está indevidamente caracterizado.

a) Pai-nosso: composição por justaposição.

b) Aventuroso: derivação sufixal.

c) Embonecar: composição por aglutinação.

d) Descanso: derivação regressiva.

e) Incerto: derivação prefixal.

23. As palavras "sinceramente", "florzinha" e "homenzarrão" são formadas por derivação:

a) parassintética
b) prefixal
c) imprópria
d) regressiva
e) sufixal

24. (PUC) Considerando o processo de formação de palavras, relacione a coluna da direita com a da esquerda.

(1) Derivação imprópria	( ) Desenredo
(2) Prefixação	( ) Narrador
(3) Prefixação e sufixação	( ) Infinitamente
(4) Sufixação	( ) O voar
(5) Composição por justaposição	( ) Pão-de-mel

a) 3-4-2-5-1
b) 2-4-3-5-1
c) 2-4-3-1-5
d) 4-1-5-2-3
e) 4-1-5-3-2

25. (Cesgranrio) Assinale a opção em que nem todas as palavras provêm de um mesmo radical.
a) Noite, anoitecer, noitada
b) Terra, terreno, aterrorizado
c) Incrível, crente, crer
d) Festa, festeiro, festejar
e) Riqueza, ricaço, enriquecer

26. (UFSC) Assinale a alternativa em que o elemento mórfico em destaque está corretamente analisado.
a) Menina –A: desinência nominal de gênero.
b) Vendeste –E: vogal de ligação.

c) Gasômetro –O: Vogal temática de 2ª conjugação.
d) Amassem –SSE: desinência de 2ª pessoa do plural.
e) Cantaríeis –IS: desinência do imperfeito do subjuntivo.

27. (FCMSCSP) Em qual dos exemplos abaixo está presente um caso de derivação parassintética?
a) Lá vem ele, vitorioso do COMBATE.
b) Ora, vá PLANTAR batatas!
c) Começou o ATAQUE.
d) Assustado, continuou a se DISTANCIAR do animal.
e) Não vou mais me ENTRISTECER, vou é cantar.

28. (Unesp) As palavras "perda", "corredor" e "saca-rolha" são formadas, respectivamente, por:
a) derivação regressiva, derivação sufixal, composição por justaposição;
b) derivação regressiva, derivação sufixal, derivação parassintética;
c) composição por aglutinação, derivação parassintética, derivação regressiva;
d) derivação parassintética, composição por justaposição, composição por aglutinação;
e) derivação por justaposição, composição por aglutinação, derivação prefixal.

29. (Unisinos-RS) A palavra "incorruptível" é formada pelo seguinte processo:
a) derivação prefixal;
b) derivação parassintética;
c) derivação sufixal;
d) derivação prefixal e sufixal;
e) aglutinação.

30. (Inspetor de Polícia – Polícia Civil – NCE) "Inúmeros", "ilícita", "impropriedade" têm em comum:
a) o prefixo negativo;
b) a classe gramatical;
c) o gênero;
d) o número;
e) a forma gráfica.

31. (Ministério Público do Rio de Janeiro – NCE) <u>Fertilização</u> se relaciona a <u>fertilizar</u> como:

a) feliz a infeliz;
b) casamento a casar;
c) fértil a fertilidade;
d) tribo a índios;
e) contente a contentamento.

32. (Ministério Público do Rio de Janeiro – NCE) Pedestres, como sabemos, são os que andam a pé; o vocábulo abaixo que não pertence à mesma família de palavras é:
a) pedestal;
b) pedicure;
c) pedal;
d) pedalinho;
e) pedante.

33. (Ministério Público do Rio de Janeiro – NCE) Assim como "engrandecimento", derivado de "engrandecer", outros verbos possuem substantivos derivados de verbos com o sufixo – mento. O item em que todos os verbos citados possuem substantivos desse tipo é:
a) esmagar – coroar – desenvolver
b) descobrir – prover – entregar
c) receber – pagar – publicar
d) preparar – envolver – reter
e) deslocar – colocar – alocar

34. (Ministério Público do Rio de Janeiro – NCE) A relação entre verbo e substantivo inadequada é:
a) pretender – pretensão
b) adquirir – aquisição
c) agredir – agressão
d) perder – perdida
e) recusar – recusa

35. (INPI – NCE) "Passageiros" é uma palavra formada por:
a) derivação prefixal;
b) derivação sufixal;
c) derivação regressiva;
d) derivação parassintética;

e) composição.

36. (INPI – NCE) A palavra que não é formada por derivação sufixal é:
a) compadrismo
b) camaradagem
c) nacional
d) aproximação
e) vantagens

37. (INPI – NCE) Agrário se refere a campo; o vocábulo abaixo em que esse radical tem significado diferente é:
a) agricultor
b) agridoce
c) agrimensor
d) agreste
e) agrícola

38. (Auxiliar de Almoxarifado – NCE) A alternativa que mostra adjetivo e substantivo cognato (da mesma família de palavras) de forma correta é:
a) frágil / fragilidade
b) pureza / apuro
c) constante / continuidade
d) permanente / pertences
e) predador / pedra

39. (Técnico Judiciário Juramentado – TJ – NCE) Os vocábulos "apagão" e "caladão", presentes no texto, aparecem grafados entre aspas porque são:
a) termos de cunho popular;
b) neologismos;
c) vocábulos que perderam velhos sentidos;
d) de presença comum na mídia;
e) referentes a acontecimentos recentes.

40. (Técnico Judiciário Juramentado – TJ – NCE) O vocábulo abaixo cujo prefixo apresenta o mesmo valor semântico do prefixo presente no vocábulo "erradicar" é:
a) discriminação
b) admissão

c) incapacidade
d) redistribuição
e) exportar

41. (Auxiliar de Cartório – NCE) Hibernação está para inverno, considerados os vários aspectos de sua formação, como:
a) crescimento está para crescer;
b) diminuição está para diminuir;
c) mensal está para mês;
d) liberdade está para livre;
e) animação está para alma.

42. (Auxiliar de Cartório – NCE) Os vocábulos que não possuem formação completamente idêntica são:
a) hibernação / entorpecimento
b) parcial / letárgico
c) explicação / diminuição
d) intensidade / completamente
e) sanguínea / normais

43. (Auxilar de Cartório – NCE) O radical de origem grega "fobia" significa "medo, aversão"; o vocábulo abaixo que tem sua significação corretamente indicada é:
a) agorafobia – medo dos tempos atuais
b) acrofobia – medo de lugares altos
c) claustrofobia – medo de lugares religiosos
d) hidrofobia – medo de chuva
e) fotofobia – medo de aparecer em público

44. (BB) A palavra "aguardente" formou-se por:
a) hibridismo;
b) aglutinação;
c) justaposição;
d) parassíntese;
e) derivação regressiva.

45. (ETF-SP) Assinalar a alternativa que indique corretamente o processo de formação das palavras sem-terra, sertanista e desconhecido.

a) Composição por justaposição, derivação por sufixação, derivação por prefixação e sufixação.
b) Composição por aglutinação, derivação por sufixação e derivação por parassíntese.
c) Composição por aglutinação, derivação por sufixação e derivação por sufixação.
d) Composição por justaposição, derivação por sufixação e composição por aglutinação.
e) Composição por aglutinação, derivação por sufixação e derivação por prefixação.

46. (NCE) Tevê é uma forma abreviada de televisão; qual das palavras destacadas a seguir também é uma abreviação?
a) Bom
b) Pneu
c) Só
d) Um
e) Caso

47. (NCE) A palavra "milionarismo" não aparece em nenhum dicionário e, por isso mesmo, como deve ser designada?
a) Idiotismo
b) Neologismo
c) Regionalismo
d) Dialeto
e) Popularismo

48. (Ministério Público – RJ – NCE) Corporativismo, populismo, capitalismo mostram que o sufixo "-ismo" tem valor de:
a) coletivo ou grupo;
b) qualidade ou característica;
c) doutrina ou sistema;
d) quantidade ou intensidade;
e) aspecto pejorativo ou negativo.

49. (Ministério Público – RJ – NCE) Subtributação só pode significar:
a) sonegação de impostos;
b) ausência de fiscalização no pagamento dos impostos;
c) taxação injusta, por exagerada;
d) impostos reduzidos;
e) dispensa de pagamento de impostos.

50. (IBGE – NCE) A sigla CPI, presente no texto, significa:
a) Centro de Proteção ao Investidor;
b) Comissão Parlamentar de Inquérito;
c) Cooperativa Parlamentar de Investigação;
d) Casa do Pequeno Investidor;
e) Comissão Privada de Investigação.

51. (CPBS – NCE) Nos vocábulos "imperceptível" e "subterrâneo", os prefixos IM e SUB indicam, respectivamente:
a) dentro de – sobre
b) negação – abaixo de
c) proximidade – sob
d) movimento para dentro – acima de
e) oposição – dentro de

52. (Fiscal – ICMS – RJ – FGV) Assinale a alternativa em que o elemento *in* tenha valor idêntico ao de *insuflados*.
a) Influxos.
b) Intermediação.
c) Insuflados.
d) Inúmeros.
e) Inferir.

53. (Técnico Judiciário Juramentado – TJ – NCE) "... que substituem o Estado em certas regiões (*vide* o PCC) e com a parte corrupta da polícia ..." *Vide* é forma latina correspondente ao verbo "ver". O latinismo a seguir que tem seu significado corretamente indicado é:
a) *sic* – nunca
b) *et allii* – e assim
c) *ad hoc* – isto é
d) *latu sensu* – em sentido restrito
e) *verbi gratia* – por exemplo

54. (TJ – NCE) Etc. é uma expressão latina. O livro *Não perca o seu latim*, de Paulo Rónai, indica vocábulos e expressões latinas bastante comuns em textos jurídicos. O item cujo latinismo tem seu significado incorretamente indicado é:

a) *Alibi* – ausência do acusado no lugar do crime, provada pela sua presença noutro lugar.
b) *Habeas corpus* – garantia constitucional outorgada em favor de quem sofre ou está na iminência de sofrer coação ou violência.
c) *Quorum* – número máximo de pessoas presentes para que um órgão funcione.
d) *Ad hoc* – designado para executar determinada tarefa.
e) *A priori* – anteriormente à experiência.

55. (NCE) O vocábulo "pesquisa" é formado por derivação regressiva. Em que item a seguir a palavra destacada é formada por esse mesmo processo?
a) Houve erros de previsão grosseiros.
b) O motivo é evidente.
c) O eleitor poderia ir à urna.
d) O estudo dos resultados mostrou falhas.
e) O feriado das eleições foi aproveitado.

56. (NCE) No vocábulo "lentamente", como se classifica morfologicamente o elemento "a" em termos diacrônicos?
a) Desinência de gênero
b) Sufixo
c) Desinência número-pessoal
d) Desinência modo-temporal
e) Vogal de ligação

57. (NCE) Assinale o item que o sufixo – mente não apresenta o mesmo valor semântico presente na palavra "lentamente".
a) Rapidamente
b) Finalmente
c) Sutilmente
d) Infelizmente
e) Corajosamente

58. (NCE) Silicose é um vocábulo que apresenta o sufixo OSE indicativo de doença. Em que palavra abaixo esse mesmo sufixo tem valor diferente?
a) Trombose
b) Tuberculose
c) Dermatose
d) Diagnose

e) Psicose

59. (NCE) A palavra "entoação" foi formada por:
a) derivação sufixal
b) derivação prefixal e sufixal
c) parassínteses
d) aglutinação
e) justaposição

60. (NCE) "Omissão" e "intromissão" são vocábulos que diferem pelo prefixo que se junta ao mesmo radical. O mesmo ocorre em:
a) querer / requerer
b) deter / conter
c) haver / reaver
d) contratempo / passatempo
e) finalizar / finalidade

61. (NCE) Há evidente equívoco na indicação do valor semântico do sufixo formador das palavras em:
a) dimensionamento, questionamento (ato ou efeito de)
b) estritamente, explicitamente (modo)
c) autoritarismo; corporativismo (instrumento de ação)
d) responsabilidade, hostilidade (qualidade ou estado)
e) pesquisador, professor (agente)

62. (Coppe) A opção em que os prefixos guardam entre si o mesmo tipo de relação semântica que o observado entre os prefixos de ''imobilismo" e "desagregador" é:
a) hemisfério / semimorto
b) antítese / antebraço
c) emergente / importação
d) afonia / eufonia
e) cisandino / translado

63. (NCE) O vocábulo televisão é um hibridismo, já que contém elementos de línguas diversas. Assinale o item em que o vocábulo dado também pode ser visto como hibridismo.
a) perfume
b) catálogo

c) burocracia
d) hipopótamo
e) antropófago

Capítulo 5

Substantivo

Substantivo é o termo que dá nome aos seres.

Ex.: flor, palavra, amor.

5.1. Substantivo concreto

É aquele que, depois da sua existência estar consumada ou deduzida, torna-se independente.

Ex.: bola, Deus, alma, demônio, Saci Pererê, caminho, luz.

5.2. Substantivo abstrato

É aquele que depende e sempre dependerá de um substantivo concreto para existir. Em suma, refere-se a sentimentos, ações ou acontecimentos.

Ex.: crença, felicidade, futebol, caminhada, casamento.

5.3. Substantivo simples

É aquele que contém apenas um radical.

Ex.: saia, flor.

5.4. Substantivo composto

É aquele que contém mais de um radical.

Ex.: minissaia, flor-de-lis.

5.5. Substantivo primitivo

É o substantivo possuindo somente radical, sem afixos.

Ex.: menino, livro.

5.6. Substantivo derivado

É o substantivo possuindo afixos.

Ex.: meninice, livraria.

5.7. Substantivo comum

É o que generaliza, ou seja, não individualiza os seres dentro de um agrupamento específico.

Ex.: país, clube, matéria.

5.8. Substantivo próprio

É o que individualiza os seres dentro de um agrupamento.

Ex.: Brasil, Flamengo, Português.

5.9. Coletivo

Ideia de agrupamento

academia	sábios, artistas
alcateia	lobos

acervo	bens, livros...
armento	bois, vacas, ovelhas

arquipélago	ilhas
atlas	cartas geográficas
biblioteca	livros
cáfila	camelos
cardume	peixes
colmeia, enxame	abelhas
concílio	prelados, deuses
congresso	sábios
discoteca	discos
esquadra	navios
fato	cabras
feixe	luzes, capim
horda	nômades
júri	jurados
manada	animais pesados
mó	pessoas

assembleia	deputados
bandeira	garimpeiros
cabido	cônegos
caravana	viajantes
clero	eclesiáticos
comboio	caminhões
confraria	religiosos
constelação	estrelas
elenco	atores
esquadrilha	aviões
fauna	animais
girândola	foguetes
junta	bois, médicos salteadores
legião	soldados, anjos
matilha	cães
molho	chaves

ninhada	pintos
panapaná	borboletas
quadrilha	ladrões
repertório	peças teatrais
réstia	cebolas
tropel	cavalos

nuvem	gafanhotos
pelotão	soldados
ramalhete	flores
resma	papéis
revoada	pássaros
turba	desordeiros

5.10. Flexão nominal

5.10.1. Gênero

5.10.1.1. Comum de dois gêneros

Designa os indivíduos dos dois sexos mantendo a mesma forma, e o gênero é indicado pelo artigo, adjetivo etc.

Ex.: o acrobata, a acrobata;
o artista, a artista;
o amante, a amante;
o intérprete, a intérprete.

5.10.1.2. Sobrecomum

Possui a mesma forma para o masculino ou feminino e, diferentemente do COMUM-DE-DOIS-GÊNEROS, não varia de gênero.

Ex.: a criança (pode ser um menino ou uma menina);
a testemunha;
o algoz;
o monstro;
a vítima.

5.10.1.3. Epiceno ou promíscuo

Designa animais que possuem apenas uma forma para o masculino e para o feminino.

Ex.: girafa (pode ser girafa macho ou fêmea);
tainha;
avestruz;
barata;
águia.

5.10.1.4. Heterônimo ou desconexo

Designa substantivos cujos femininos se formam com um radical completamente diferente do masculino.

Ex.: homem – mulher
boi – vaca
carneiro – ovelha

5.10.1.5. Lista especial de femininos

abade	abadessa
afegão	afegã
alcaide	alcaidessa, alcaidina
aldeão	aldeã
anfitrião	anfitriã, anfitrioa
ateu	ateia
bispo	episcopisa

bode	cabra
bretão	bretã, bretoa
búfalo	búfala
cação	caçonete
capitari	tartaruga
castelão	castelã
cavaleiro	amazona
cavalheiro	dama
caxaréu, caxarelo	baleia
cônego	cônega, canonisa
confrade	confreira
corujão, bufo	coruja
corvo	corvacha
cupim	arará
czar	czarina
deus	deusa, deia, diva
elefante	aliá, elefanta
embaixador	embaixadora (profissão)
ermitão	ermitoa, ermitã

esquimó	esquimoa
etíope	etiopisa
faisão	faisoa
formigão	formiga
frade	freira
frei	sóror
general	generala
hortelão	horteloa
ilhéu	ilhoa
jacaré	jacaroa
javali	javalina, gironda
jogral	jogralesa
landgrave	landgravina
lebrão	lebre
macharrão	onça
macho, mu, mulo	mula
maestro	maestrina
marajá	marani
marechal	marechala

melro	mélroa, melra
mestre	mestra
monge	monja
papa	papisa
pardal	pardaleja, pardoca, pardaloca
parente	parenta
pavão	pavoa
perdigão	perdiz
pierrô	pierrete
píton	pitonisa
rinoceronte	abada
semideus	semideusa
sultão	sultana
tabaréu	tabaroa
tabelião	tabelioa, tabeliã
tecelão	tecelã, teceloa
temporão	temporã
tigre	tigresa
tubarão	tintureira

varão	varoa, virago
veado	veada, cerva, corça
visconde	viscondessa
zangão ou zângão	abelha

5.10.1.6. Casos especiais de gênero dos substantivos

o ágape	a aluvião
o aneurisma	o apêndice
a áspide	o avestruz
o diabetes	o epítome
o estratagema	a faringe
o gambá	o ou a hélice
a laringe	o lança-perfume
a omoplata	o radical
a ordenança	o ou a personagem
a sentinela	o soprano
o saca-rolhas	o telefonema
a tíbia	a tormenta
a alface	o champanha

5.10.1.7. Substantivos que mudam de sentido com a mudança do gênero

O cabeça (o líder, o chefe)	a cabeça (parte do corpo)
O caixa (trabalhador)	a caixa (objeto)
O capital (dinheiro)	a capital (cidade principal)
O cura (vigário de aldeia)	a cura (restabelecimento de doença)
O guarda (policial)	a guarda (posse)
O guia (pessoa que orienta)	a guia (ato de guiar)
O lente (o professor)	a lente (objeto de vidro)
O língua (o intérprete)	a língua (parte do corpo, idioma)
O moral (ânimo, caráter)	a moral (moral de um fato, conclusão)
O voga (o remador)	a voga (moda, popularidade)

5.10.2. Número

5.10.2.1. Plural de alguns substantivos

abdômen	abdomens, abdômenes
ancião	anciãos, anciães, anciões
anil	anis
ás	ases
atlas	os atlas

aval	avales, avais
cal	cales, cais
capitão	capitães
caráter	caracteres
charlatão	charlatões, charlatãos
cirurgião	cirurgiães, cirurgiões
cônsul	cônsules
corrimão	corrimãos, corrimões
cós	coses, os cós
cútis	as cútis
ermitão	ermitãos, ermitães, ermitões
escrivão	escrivães
éter	éteres
fel	feles, féis
fênix	os fênix, fênices
fóssil	fósseis
fuzil	fuzis
giz	gizes
gravidez	gravidezes

guardião	guardiães, guardiões
hangar	hangares
hífen	hifens, hífenes
hortelão	hortelões, hortelães
lápis	os lápis
látex	os látex
oásis	os oásis
obus	obuses
ônix	os ônix
paiol	paióis
peão	peões, peães
pires	os pires
projetil	projetis
projétil	projéteis
sacristão	sacristães, sacristãos
sílex	os sílex
sultão	sultãos, sultães, sultões
tecelão	tecelões
tênis	os tênis

til	tis
tórax	os tórax
vilão	vilãos, vilães, vilões
vintém	vinténs
vulcão	vulcãos, vulcões

5.10.2.2. Regras do plural de substantivos simples

1) Aos substantivos terminados em vogal ou ditongo oral acrescenta-se ***S***.

Ex.: pé – pés
palavra – palavras
lei – leis
troféu – troféus

2) Aos substantivos terminados nos ditongos nasais ***átonos*** ou na vogal nasal ***ã*** acrescenta-se ***S***.

Ex.: órfão – órfãos
bênção – bênçãos
ímã – ímãs
órfã – órfãs

3) Ocorre com os substantivos terminados em ***EM*** a retirada da última letra e a colocação de ***NS***.

Ex.: homem – homens
vintém – vinténs

4) Aos substantivos terminados em ***S (na sílaba tônica), Z (na sílaba tônica) e R***, acrescenta-se ***ES***.

Ex.: francês – franceses
ás – ases

luz – luzes
rapaz – rapazes
algoz – algozes
dor – dores
caráter – caracteres
júnior – juniores

Obs.: ***Cós*** pode ter duas formas para o plural: ***coses*** ou ***cós***.

5) Os substantivos terminados em ***EN*** normalmente terão duas formas de plural. Poder-se-á acrescentar somente ***S***, como também ***ES***.

ATENÇÃO:

Os paroxítonos terminados em EN, sofrendo o acréscimo de S, perderão o acento. Acrescendo ES, o acento será mantido.

Ex.: abdômen – abdomens, abdômenes
hífen – hifens, hífenes
pólen – polens, pólenes

6) Os substantivos terminados em ***AL, OL, UL*** perderão a última letra e receberão ***IS***.

Ex.: jornal – jornais
paiol – paióis
anzol – anzóis
azul – azuis

Obs.: cônsul – cônsules
mal – males
cal – cales, cais
aval – avales, avais
real – réis (moeda), reais

7) Os substantivos terminados em ***IL (tônico)*** perderão a última letra e receberão ***IS***.

Ex.: anil – anis
fuzil – fuzis
projetil – projetis

8) Os substantivos terminados em ***IL (átono)*** perderão a última letra e receberão ***EIS***.

Ex.: fóssil – fósseis
projétil – projéteis

9) Os substantivos terminados em ***EL*** perderão a última letra e receberão ***EIS***.

Ex.: anel – anéis
nível – níveis
móvel – móveis
papel – papéis

Obs.: mel – meles, méis
fel – feles, féis

10) Os substantivos terminados em ***S (na sílaba átona)*** e ***X*** não variam no plural.

Ex.: lápis – os lápis
tênis – os tênis
pires – os pires
tórax – os tórax
sílex – os sílex

5.10.2.3. Plural dos substantivos compostos

1) Quando houver **preposição**, somente o primeiro termo irá para o plural.

Ex.: pão de ló; pães de ló

mula sem cabeça; mulas sem cabeça

2) Quando houver ***substantivo + substantivo (ou adjetivo)***, os dois termos irão para o plural.

Ex.: baixo-relevo; baixos-relevos
obra-prima; obras-primas
cirurgião-dentista; cirurgiões-dentistas
pronto-socorro; prontos-socorros
couve-flor; couves-flores
boa-noite; boas-noites

Obs.: Quando o segundo termo indicar uma **finalidade**, **formato**, **cor** ou **especificação** qualquer do primeiro termo, somente este varia.

Ex.: navio-escola; navios-escola
bomba-relógio; bombas-relógio
pombo-correio; pombos-correio
manga-rosa; mangas-rosa
banana-prata; bananas-prata
decreto-lei; decretos-lei ou decretos-leis

3) Os ***verbos*** e ***advérbios*** serão invariáveis.

Ex.: para-queda; para-quedas
caça-níquel; caça-níqueis
vira-lata; vira-latas
todo-poderoso; todo-poderosos
abaixo-assinado; abaixo-assinados
bota-fora; bota-fora
alto-falantes

Obs.: ***GUARDA*** significando ***POLICIAL*** é substantivo; portanto, se flexiona no plural. Quando ***GUARDA*** significar ***PROTEGER***, será verbo; por conseguinte não possui forma pluralizada.

Ex.: guarda-chuva; guarda-chuvas

guarda-noturno; guardas-noturnos
guarda-mor; guardas-mores
guarda-municipal; guardas-municipais
guarda-roupa; guarda-roupas
guarda-sol; guarda-sóis

Obs.: Segundo Rocha Lima e Evanildo Bechara, quando os ***verbos*** forem ***iguais***, ambos podem variar. Este ainda aceita também que apenas o último termo seja flexionado. Já o Professor Celso Cunha, na *Gramática da Língua Portuguesa,* não se pronuncia a respeito de tal situação, donde se conclui que o NCE interpretou que este gramático já o inserira nos casos de verbos, formando substantivos compostos, ou seja, sendo invariáveis.

Enfim, segundo Rocha Lima, somente "os piscas-piscas", "os quebras-quebras"; segundo Evanildo Bechara, "os piscas-piscas", "os pisca-piscas", "os quebras-quebras", "os quebra-quebras"; segundo o NCE, "os pisca-pisca", "os quebra-quebra".

4) Quando houver ***numeral***, os dois termos irão para o plural.

Ex.: meio-dia; meios-dias
meia-noite; meias-noites
segunda-feira; segundas-feiras
quinta-feira; quintas-feiras.

5) Quando houver ***onomatopeia***, somente o segundo termo irá para o plural.

Ex.: tique-taque; tique-taques
reco-reco; reco-recos
tico-tico; tico-ticos.

6) Os termos ***VICE, PSEUDO, SUPER, GRÃO (significando grande)*** serão invariáveis.

Ex.: vice-presidente; vice-presidentes
vice-reitor; vice-reitores
pseudorrepresentação; pseudorrepresentações
super-homem; super-homens
grão-duque; grão-duques
grã-duquesa; grã-duquesas
grã-fino; grã-finos
grão-mestre; grão-mestres.

Obs.: grão-de-bico; grãos-de-bico. GRÃO, neste caso, significa, semente, e, como há preposição, somente o primeiro elemento irá para o plural.

5.10.2.4. Relação de substantivos compostos no plural

1)	abaixo-assinado	abaixo-assinados
2)	água-furtada	águas-furtadas
3)	água-marinha	águas-marinhas
4)	alto-relevo	altos-relevos
5)	amor-perfeito	amores-perfeitos
6)	arranha-céu	arranha-céus
7)	assistente-técnico	assistentes-técnicos
8)	auxiliar-judiciário	auxiliares-judiciários
9)	ave-maria	ave-marias
10)	banana-maçã	bananas-maçã

11)	banana-ouro	bananas-ouro
12)	bem-estar	bem-estares
13)	bomba-relógio	bombas-relógio
14)	bom-dia	bons-dias
15)	caça-níquel	caça-níqueis
16)	cavalo-vapor	cavalos-vapor
17)	cirurgião-dentista	cirurgiões-dentistas
18)	conta-gota	conta-gotas
19)	dona-de-casa	donas-de-casa
20)	erva-doce	ervas-doces
21)	ganha-perde	ganha-perde
22)	grã-duquesa	grã-duquesas
23)	grão-de-bico	grãos-de-bico
24)	grão-mestre	grão-mestres
25)	guarda-chuva	guarda-chuvas
26)	guarda-civil	guardas-civis
27)	guarda-sol	guarda-sóis
28)	guarda-volante	guarda-volantes
29)	joão-de-barro	joões-de-barro

30)	lesa-pátria	lesas-pátrias
31)	leva-e-traz	leva-e-traz
32)	livro-caixa	livros-caixa
33)	manga-rosa	mangas-rosa
34)	mata-pasto	mata-pastos
35)	mau-humor	maus-humores
36)	meia-noite	meias-noites
37)	meio-dia	meios-dias
38)	mestre-sala	mestres-sala
39)	mula-sem-cabeça	mulas-sem-cabeça
40)	navio-escola	navios-escola
41)	obra-prima	obras-primas
42)	pai-nosso	pais-nossos
43)	papel-moeda	papéis-moeda
44)	paraqueda	paraquedas
45)	pé de moleque	pés de moleque
46)	pombo-correio	pombos-correio
47)	pôr-do-sol	pores-do-sol
48)	porta-bandeira	porta-bandeiras

49)	pseudorrepresentação	pseudorrepresentações
50)	reco-reco	reco-recos
51)	segunda-feira	segundas-feiras
52)	sempre-viva	sempre-vivas
53)	super-homem	super-homens
54)	tenente-coronel	tenentes-coronéis
55)	tico-tico	tico-ticos
56)	tique-taque	tique-taques
57)	vice-presidente	vice-presidentes
58)	vira-lata	vira-latas

5.10.2.5. Plural com metafonia

Existem substantivos e adjetivos cujas formas de plural se fazem com alteração na vogal tônica, transformando-a de fechada em aberta.

1)	aposto (ô)	apostos (ó)
2)	caroço	caroços
3)	coro	coros
4)	corno	cornos
5)	corpo	corpos

6)	corvo	corvos
7)	despojo	despojos
8)	destroço	destroços
9)	esforço	esforços
10)	estorvo	estorvos
11)	fogo	fogos
12)	forno	fornos
13)	forro	forros
14)	fosso	fossos
15)	imposto	impostos
16)	miolo	miolos
17)	olho	olhos
18)	osso	ossos
19)	ovo	ovos
20)	poço	poços
21)	porco	porcos
22)	porto	portos
23)	posto	postos
24)	povo	povos

25)	socorro	socorros
26)	tijolo	tijolos
27)	torno	tornos
28)	troco	trocos
29)	troço	troços

Obs.: Os adjetivos terminados em OSO também sofrerão a alteração citada acima.

Ex.: nervoso – nervosos

Não sofrem alteração fonética as formas plurais dos seguintes substantivos:

1)	adorno	adornos
2)	almoço	almoços
3)	bojo	bojos
4)	bolso	bolsos
5)	esposo	esposos
6)	estojo	estojos
7)	globo	globos
8)	gosto	gostos
9)	moço	moços

10)	pescoço	pescoços
11)	polvo	polvos
12)	reboco	rebocos
13)	sogro	sogros
14)	soro	soros

5.10.3. Grau

5.10.3.1. Aumentativos

bala	balázio, balaço
beiço	beiçorra
boca	bocarra, boqueirão
cabeça	cabeçorra, cabeçalho
cão	canzarrão
copo	copázio
corpo	corpanzil
cruz	cruzeiro
espanto	espantalho
faca	facalhaz, facalhão, facão
fatia	fatacaz

forno	fornalha
fumo	fumaça
galé	galera, galeão
ladrão	ladravaz
lenço	lençalho
macho	machacaz, machão
mão	manzorra, manopla
navio	naviarra
pedinte	pedinchão, pidão
penha	penhasco
povo	povaréu
prato	pratarraz, pratalho
ramo	ramalho
roedor	roaz
sapato	sapatorra, sapatão
truão	truanaz
vaga	vagalhão
verga	vergalhão
voz	vozeirão

5.10.3.2. Diminutivos

asa	aselha
banco	banqueta
barraca	barraquim
barril	barrilete
cabra	capréola
cal	caliça
capa	capuz
carro	carreta
cavalo	cavalete, cavalicoque
cela	célula
cinto	cintilho
corda	cordel
corpo	corpúsculo
febre	febrícula
flauta	flautim
flor	flósculo, florículo
fogo	fogacho
forma	fórmula

galé	galeota, galeote
globo	glóbulo
grão	grânulo
homem	homúnculo
lobo	lobato
moça	moçoila
mole	molécula
núcleo	nucléolo
ópus	opúsculo
palácio	palacete
pele	película
porção	porciúncula
questão	questiúncula
rabo	rabicho
rei	régulo
riso	risota
sela	selim
verão	veranico
verme	vermículo

verso	versículo
via	viela
vidro	vidrilho

5.11. Exercícios

1. (Cesgranrio) Há um "quer que seja de satânico na pupila da onça" funciona como:
a) substantivo;
b) adjetivo;
c) advérbio;
d) pronome;
e) verbo.

2. (Cesgranrio) Assinale a palavra que pode ser empregada nos dois gêneros, como "motorista":
a) indivíduo;
b) criança;
c) testemunho;
d) intérprete;
e) vítima.

3. (Cesgranrio) Assinale a opção cujo substantivo não tem o plural em "ãos" como "artesãos":
a) cidadão;
b) pagão;
c) cristão;
d) charlatão;
e) irmão.

4. (Cesgranrio) Assinale a opção em que todos os substantivos, quando no plural, apresentam mudança de timbre da vogal tônica, conforme acontece com "povo (ô) / povos (ó)":
a) tijolo, piloto, adorno;
b) ovo, pescoço, olho;

c) globo, posto, bolo;
d) esforço, imposto, jogo;
e) osso, cachorro, transtorno.

5. (Uni-Rio) Fogem a galope os "anjos-aviões".
A flexão no plural de ambos os elementos da composição ocorre no seguinte vocábulo:
a) pé de moleque;
b) guarda-chuva;
c) sempre-viva;
d) verde-amarelo;
e) pai-nosso.

6. (Uni-Rio) Assinale a palavra que difere em gênero (masculino ou feminino) das demais do grupo:
a) análise;
b) cal;
c) libido;
d) milhar;
e) síndrome.

7. (Cesgranrio) Assinale a palavra que só pode ser empregada em um gênero:
a) eletricista;
b) colega;
c) chefe;
d) testemunha;
e) servente.

8. (Uni-Rio) Nas palavras abaixo, há uma com erro de flexão. Assinale-a:
a) irmãozinhos;
b) exportaçõezinhas;
c) lençoizinhos;
d) papelzinhos;
e) heroizinhos.

9. (Fesp) Assinale a alternativa que contenha substantivos, respectivamente, abstrato, concreto e concreto:
a) fada, fé, menino;

b) fé, fada, beijo;
c) beijo, fada, menino;
d) amor, pulo, menino;
e) menino, amor, pulo.

10. (FMU/Fiam – SP) Indique a alternativa em que só aparecem substantivos abstratos:
a) tempo, angústia, saudade, ausência, esperança.
b) angústia, sorriso, luz, ausência, esperança, inimizade.
c) inimigo, luto, luz, esperança, espaço, tempo.
d) angústia, saudade, ausência, esperança, inimizade.
e) espaço, olhos, luz, lábios, ausência, esperança, angústia.

11. (Cesgranrio) Assinale o par de vocábulos que formam o plural como "órfão" e "mata-burro", respectivamente.
a) cristão / guarda-roupa
b) questão / abaixo-assinado
c) alemão / beija-flor
d) tabelião / sexta-feira
e) cidadão / salário-família

12. (Carlos Chagas) Assinale a alternativa em que as formas do plural de todos os substantivos se apresentam de maneira correta:
a) alto-falantes, coraçãozinhos, afazeres, víveres;
b) espadas, frutas-pão, pé de moleques, peixe-bois;
c) vaivéns, animaizinhos, beija-flores, águas-de-colônia;
d) animalzinhos, vaivéns, salários-família, pastelzinhos;
e) guardas-chuvas, guarda-costas, guardas-civis, couves-flores.

13. (TRE-RJ) Segue a mesma regra de formação do plural de "cidadão" o seguinte substantivo:
a) botão;
b) vulcão;
c) cristão;
d) tabelião;
e) escrivão.

14. (TTN) Há <u>erro</u> de flexão no item:

a) "A pessoa humana é vivência das condições espaço-temporais". (L.M. de Almeida)
b) A família Caymmi encontra paralelo com dois clãs do cinema mundial.
c) Hábeis artesãos utilizam técnicas sofisticadíssimas no trabalho com metais.
d) Nos revés da vida precisa-se de coragem para manter a vontade de ser feliz.
e) Ainda hoje alguns cânones da Igreja são discutidos por muitos fiéis.

15. (TRE-SP) As crianças colhiam e no jardim.
a) amor-perfeitos – sempres-vivas
b) amor-perfeitos – sempre-vivas
c) amores-perfeitos – sempre-vivas
d) amores-perfeitos – sempres-vivas
e) amor-perfeitos – sempres-viva

16. (TRE-SP) Os requereram aumento dos .
a) escrivãos – salários-família
b) escrivães – salários-famílias
c) escrivães – salário-famílias
d) escrivães – salários-família
e) escrivãos – salários-famílias

17. (TRE-SP) Será que esses precisam ter as firmas reconhecidas por ?
a) abaixo-assinados – tabeliães
b) abaixos-assinados – tabeliães
c) abaixos-assinado – tabeliões
d) abaixos-assinados – tabeliões
e) abaixo-assinados – tabelião s

18. (TRE-SP) Sua carreira foi sempre muito desigual e cheia de .
a) vaisvéns
b) vaisvém
c) vaivéns
d) vais-e-vens
e) vai-vens

19. (NCE) No termo <u>o bem</u> ocorre uma:
a) adverbialização;
b) adjetivação;

c) pronominalização;
d) substantivação;
e) quatificação

20. (TRE-MT) O termo que faz o plural como "cidadão" é:
a) limão
b) órgão
c) guardião
d) espertalhão
e) balão

21. (Oficial de Cartório da Polícia Civil – NCE) Em muitos casos, as formas nominais dos verbos podem ser substituídas por substantivos cognatos; o segmento abaixo em que a substituição foi feita de forma <u>inadequada</u> é:
a) "... a resultante possibilidade de se planejar, com dados concretos, as medidas..." – a resultante possibilidade de planejamento, com dados concretos, das medidas;
b) "... as medidas destinadas a superar as deficiências existentes"– as medidas destinadas à superioridade das medidas existentes;
c) "... oportunidades para intervir, e tudo o mais" – oportunidades para intervenção, e tudo o mais;
d) "Ninguém procura pesquisar a verdade..." – Ninguém procura a pesquisa da verdade;
e) "Ainda não se procurou verificar a realidade..." – Ainda não se procurou a verificação da realidade.

22. (Técnico Judiciário – TRT) O plural de "café-concerto" é "cafés-concerto". A palavra a seguir que faz o plural do mesmo modo é:
a) segunda-feira;
b) tenente-coronel;
c) quebra-cabeça;
d) caneta-tinteiro;
e) sempre-viva.

23. (Inpi – NCE) O plural correto de "porta-voz" é:
a) os porta-voz;
b) porta-vozes;
c) portas-vozes;
d) portam-vozes;

e) portas-voz.

24. (Inpi – NCE) Gatos, aves e cães no diminutivo plural teriam como formas corretas:
a) gatinhos, avesinhas, cãesinhos;
b) gatinhos, avezinhas, cãezinhos;
c) gatosinhos, avesinhas, cãeszinhos;
d) gatitos, avesitas, cãozitos;
e) gatinhos, avezinhas, cãeszinhos.

25. (Inpi – NCE) "Matérias-primas" faz plural da mesma forma que:
a) porta-voz;
b) guarda-comida;
c) bem-te-vi;
d) aluno-mestre;
e) pisca-pisca.

26. (IBGE – NCE) Consideração tem por plural "considerações"; o vocábulo abaixo que faz o plural da mesma forma é:
a) cidadão;
b) escrivão;
c) irmão;
d) chapelão;
e) ademão.

27. (Auxiliar de Almoxarifado – NCE) "Revoada" é um substantivo de ideia coletiva, como:
a) bananada;
b) colherada;
c) pincelada;
d) mesada;
e) boiada.

28. (Eletronorte – NCE) "Alface", como mostra o texto, é uma palavra do gênero feminino, assim como:
a) mármore;
b) guaraná;
c) champanha;
d) clã;

e) hélice.

29. (Técnico Judiciário Juramentado – TJ – NCE) "Eclipse" é palavra masculina; o vocábulo feminino entre os que estão abaixo é:
a) mármore;
b) alface;
c) telefonema;
d) prisma;
e) cataclisma.

30. (Eletrobrás – NCE) A forma de infinitivo que aparece substantivada nos segmentos abaixo é:
a) "como entender a resistência da miséria...";
b) "no decorrer das últimas décadas...";
c) "... desde que se passou a registrá-las...";
d) "... começa a exercitar seus músculos";
e) "... por ter se tornado um forte oponente...".

31. (CBMERJ – NCE) O vocábulo "televisão" tem por plural "televisões". Entre os itens abaixo, aquele que apresenta uma forma de plural em –ões errada é:
a) apagões;
b) corrimões;
c) cidadões;
d) vulcões;
e) anões.

32. (CBMERJ – NCE) Já os substantivos "meias-verdades" e "asas-delta" fazem o plural da mesma forma, respectivamente de:
a) guarda-noturno; caneta-tinteiro;
b) segunda-feira; boa-vida;
c) pão-de-ló; navio-escola;
d) guarda-pó; tenente-coronel;
e) abaixo-assinado; banana-maçã.

33. (SUS) O plural metafônico ocorre em morto / mortos.
O par de palavras que também apresenta plural metafônico é:
a) forno e imposto;

b) bolso e ansioso;
c) primoroso e piolho;
d) porco e trono.

34. (NCE) O vocábulo cachorro, no plural, mantém a mesma pronuncia de "o" fechado na segunda sílaba; o vocábulo que muda o timbre da vogal "o" para aberto no plural é:
a) contorno;
b) bolso;
c) bolo;
d) rolo;
e) fofo.

Capítulo 6

Adjetivo

Adjetivo é o termo variável que indica qualidade aos seres.

Ex.: inteligente, possível, feio.

6.1. Adjetivo restritivo

Confere qualidade mutável do ser.

Ex.: água fria, pedra bonita.

6.2. Adjetivo explicativo

Confere qualidade óbvia do ser.

Ex.: fogo quente, pedra dura.

6.3. Grau dos adjetivos

6.3.1. Comparativo

Superioridade – ANALÍTICO: mais ... (do) que.

Ex.: Ele é mais feio (do) que eu.

SINTÉTICO: MAIOR, MENOR, MELHOR, PIOR

Ex.: Maria é menor (do) que João.

Igualdade – tão ... quanto.

Ex.: Ele é tão inteligente quanto eu.

Inferioridade – menos ... (do) que.

Ex.: Ela é menos problemática do que Perivaldo.

Obs.: Há uma situação em que se podem usar MAIS GRANDE, MAIS PEQUENO, MAIS BOM, MAIS RUIM. Tal ocorre quando houver comparação de duas qualidades do mesmo ser.

Ex.: Joana é mais grande do que forte. Luiz é mais bom que inteligente.

6.3.2. Superlativo

Relativo: indica a comparação de alguém com o todo.

– SUPERIODADE:

Ex.: Ele é o aluno mais inteligente de todos.

– INFERIORIDADE:

Ex.: Maria é a menos feia da turma.

Absoluto: exprime uma qualidade exagerada do ser.

– ANALÍTICO (com mais de uma palavra)

Ex.: muito pobre, extremamente feio, estudioso à beça.

– SINTÉTICO (com apenas uma palavra)

Ex.: paupérrimo, feiíssimo.

6.4. Formação dos superlativos absolutos sintéticos

1) Quando o adjetivo terminar em **RE** ou **RO**, o superlativo absoluto sintético se findará em **ÉRRIMO**.

Ex.: pobre – paupérrimo
magro – macérrimo
acre – acérrimo
negro – nigérrimo.

Exceção: nobre – nobilíssimo

2) Quando o adjetivo terminar em **IO**, o superlativo absoluto sintético se findará em **IÍSSIMO**.

Ex.: macio – maciíssimo
feio – feiíssimo.

Exceções: sábio – sapientíssimo
frio – frigidíssimo.

Obs.: Está consagrada na linguagem jurídica a expressão "sumaríssimo", apesar de a gramática prever "sumariíssimo".

3) Quando o adjetivo terminar em **Z**, o superlativo absoluto sintético se findará em **CÍSSIMO**.

Ex.: loquaz – loquacíssimo
atroz – atrocíssimo
feliz – felicíssimo
feroz – ferocíssimo.

4) Quando o adjetivo terminar em **VEL**, o superlativo absoluto sintético se findará em **BILÍSSIMO**.

Ex.: amável – amabilíssimo
terrível – terribilíssimo
imóvel – imobilíssimo.

5) Quando o adjetivo terminar em **SOM NASAL**, o superlativo absoluto sintético se findará em **NÍSSIMO**.

Ex.: pagão – paganíssimo
cristão – cristianíssimo
são – saníssimo
comum – comuníssimo.

6.5. Relação de superlativos absolutos sintéticos

acre	acérrimo
afável	afabilíssimo
ágil	agílimo
agudo	acutíssimo
alto	sumo, supremo, altíssimo
amargo	amaríssimo
antigo	antiquíssimo
áspero	aspérrimo
atroz	atrocíssimo
benéfico	beneficentíssimo
benévolo	benevolentíssimo
bom	ótimo, boníssimo
célebre	celebérrimo
célere	celérrimo, celeríssimo
chão	chaníssimo
comum	comuníssimo
cortês	cortesíssimo
cristão	cristianíssimo

cruel	crudelíssimo
doce	dulcíssimo
dócil	docílimo
eficaz	eficacíssimo
fácil	facílimo
fiel	fidelíssimo
frágil	fragílimo
frio	frigidíssimo
geral	generalíssimo
grande	máximo, grandessíssimo
hábil	habilíssimo
humilde	humílimo
incrível	incredibilíssimo
íntegro	integérrimo
jovem	juveníssimo
livre	libérrimo
loquaz	loquacíssimo
macio	maciíssimo
magnífico	magnificentíssimo

magro	macérrimo
maléfico	maleficentíssimo
malévolo	malevolentíssimo
mau	péssimo
mísero	misérrimo
miúdo	minutíssimo
negro	nigérrimo
nobre	nobilíssimo
pagão	paganíssimo
pequeno	mínimo
perspicaz	perspicacíssimo
pessoal	personalíssimo
pródigo	prodigalíssimo
próprio	propriíssimo
provável	probabilíssimo
pulcro	pulquérrimo
ruim	péssimo
sábio	sapientíssimo
sagrado	sacratíssimo

símil, semelhante	simílimo
senil	senílimo
sério	seriíssimo
simples	simplicíssimo
soberbo	superbíssimo
terrível	terribilíssimo
vadio	vadiíssimo
vão	vaníssimo

6.6. Locuções adjetivas

Conjunto de palavras que equivalem a um adjetivo.

6.6.1. Lista de locuções adjetivas

de abelha	apícola
de águia	aquilino
de chumbo	plúmbeo
de cidade	citadino
de cobra	viperino
de fogo	ígneo
de garganta	gutural

de gelo	glacial
de homem	humano
de inverno	hibernal
de lebre	leporino
de macaco	simiesco
de morte	mortal
de nádegas	glúteo
de paixão	passional
de veias	venoso

Obs.: Os adjetivos compostos, por regra, possuem flexão apenas no último elemento.

Ex.: luso-brasileiros, ítalo-americanos, socioeconômicos, azul-claros.

Exceções: – surdo-mudo // surdos-mudos; claro-escuro // claros-escuros – quando nas cores o segundo elemento for substantivo, nenhum se flexiona.

Ex.: camisas azul-petróleo, uniformes verde-oliva.

6.7. Adjetivo com valor subjetivo ou indicativo de "qualidade"

Ocorre quando a qualificação expressa a opinião de quem o utilizou, ou seja, possui nítido valor opinativo.

Ex.: boa compra, cerveja gostosa, bem valioso.

6.8. Adjetivo com valor objetivo ou indicativo de "característica"

Ocorre quando o adjetivo não expõe a opinião de quem o usou. É uma qualidade inerente ao ser.

Ex.: problemas gástricos, indicadores sociais, povo brasileiro.

Obs.: O adjetivo pode se formar através do particípio dos verbos.

Ex.: O aluno preparado passa nos concursos.

6.9. Exercícios

1. (Técnico Judiciário – TRE-PA – FGV) Assinale a palavra que, no texto, NÃO tenha valor adjetivo.

a) melhor – Aliás, o melhor para a democracia seria separar os fundos partidários dos destinados às campanhas eleitorais.

b) muitas – Enfim, as máquinas partidárias muitas vezes se tornam aparelhos ou feudos controlados por poucos e financiados por todos nós.

c) extraordinária – qual a razão para se aumentar de forma tão extraordinária a dotação dos partidos?

d) minhas – Obviamente, minhas propostas são românticas.

e) nove – Isso porque foi aprovado a nove dias do fim do ano o reforço de R$ 100 milhões.

2. (Perito da Polícia Civil – RJ – FGV) Assinale a alternativa em que o segundo termo não funciona como adjetivo do primeiro.

a) Preservação ambiental.

b) Código Florestal.

c) Interesses divergentes.

d) Base aliada.

e) Diversas regiões.

3. (NCE) Em que item a seguir o adjetivo tem valor claramente subjetivo?

a) Próxima sexta-feira.

b) Bom espaço.

c) Líderes comunitários.

d) Panos brancos.

e) Oração silenciosa.

4. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a locução grifada tem valor adjetivo.
a) "Via aos pés o lado adormecido".
b) "O menino de propósito afrontou a vertigem".
c) "Enquanto o Barão de pé, na margem sorria com orgulho".
d) "Conhecendo a força de atração do abismo".
e) "A ideia de vingança agora o enchia de horror".

5. (Cesgranrio) Assinale a opção em que o termo grifado, quando posposto ao substantivo, muda de significação e passa a pertencer a outra classe de palavras:
a) complicada solução;
b) certos lugares;
c) inapreciável valor;
d) engenhosos métodos;
e) extraordinária capacidade.

6. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a locução grifada tem valor adjetivo.
a) "Comprou o papel de seda".
b) "Cortou-o com amor".
c) "Mudava de cor".
d) "Gritava com maldade".
e) "Salteou-o com atiradeiras".

7. (Univ. Fed. de Juiz de Fora-MG) A respeito da frase: "eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor..." (Machado de Assis), são feitas as seguintes afirmações:
I. No primeiro caso, AUTOR é substantivo; DEFUNTO é adjetivo.
II. No segundo caso, DEFUNTO é substantivo; AUTOR é adjetivo.
III. Em ambos os casos, tem-se um substantivo composto.
Assinale:
a) Se I e II forem verdadeiras.
b) Se I e III forem verdadeiras.
c) Se II e III forem verdadeiras.
d) Se todas forem verdadeiras.
e) Se todas forem falsas.

8. (Cesgranrio) Assinale a opção em que ambos os termos não admitem flexão de gênero:
a) inglesa pálida;

b) jovem leitor;
c) alguns mestres;
d) semelhante criatura;
e) moça ideal.

9. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a mudança na ordem dos termos pode alterar o sentido fundamental da expressão:
a) própria usina / usina própria;
b) eminentes físicos / físicos eminentes;
c) rápido desfecho / desfecho rápido;
d) parcelas ponderáveis / ponderáveis parcelas;
e) separação rígida / rígida separação.

10. (Analista de Controle Interno – Sefaz-RJ – FGV) Assinale a palavra que, no texto, NÃO desempenhe papel adjetivo.
a) suficiente – participação cidadã pode representar um alerta, mas não é o suficiente.
b) alguns – Apresentar alguns fatores.
c) sua – Entre a sociedade, a empresa e o Estado, está o profissional contábil, que, por sua vez, é o elo entre Fisco e contribuinte.
d) própria – contribuir de forma direta e irrestrita para a própria sustentação.
e) diversos – Entende-se que a arrecadação incidente sobre os diversos setores produtivos é necessária.

11. (Perito da Polícia Civil – NCE) "Qualquer assaltante" apresenta sentido diferente de "um assaltante qualquer". O par abaixo que não apresenta diferença significativa de sentido é:
a) pobre homem/homem pobre;
b) funcionário competente/competente funcionário;
c) grande mulher/mulher grande;
d) folha branca/branca folha;
e) bom menino/menino bom.

12. (Perito da Polícia Civil – NCE) "... bem <u>da humanidade</u>...", "... obra <u>de destruição</u>...", "... novos meios <u>de matar</u>..."; as expressões sublinhadas são, respectivamente, correspondentes a:
a) humano, destrutiva, mortíferos;
b) humanitário, destruidora, homicidas;

c) humanista, destrutiva, assassinos;
d) humano, destruidora, violentos;
e) humanitário, destruidora, mortais.

13. (Inspetor da Polícia Civil – NCE) O adjetivo cuja expressão correspondente é indicada erradamente é:
a) debates universitários – debates de universidades;
b) professor brilhante – professor de brilho;
c) comentário marginal – comentário à margem;
d) atitudes humanas – atitudes do homem;
e) substâncias ilícitas – substâncias fora da lei.

14. (Ministério Público RJ – NCE) Ao designar como hindus os nascidos na Índia, o autor do texto:
a) preferiu esta designação à de indianos;
b) errou, pois hindu se aplica somente aos adeptos do hinduísmo;
c) quer referir-se somente a uma parte dos habitantes da Índia;
d) designa somente os que adoram a vaca como símbolo religioso;
e) errou, visto que o vocábulo é grafado sem a letra H.

15. (Ministério Público RJ – NCE) Em "O homem <u>urbano</u> do Ocidente...", o vocábulo sublinhado se aplica ao homem:
a) civilizado;
b) culto;
c) não-rural;
d) adulto;
e) contemporâneo.

16. (Ministério Público RJ – NCE) O adjetivo abaixo de valor nitidamente subjetivo é:
a) imprensa brasileira;
b) proposta milionária;
c) incitamento racista;
d) jovem negro;
e) brilhante futuro.

17. (IBGE – NCE) "... me parece <u>infundada</u> a acusação." O adjetivo sublinhado corresponde semanticamente a:

a) sem fundos;
b) sem fundações;
c) sem fundamento;
d) sem finalidade;
e) sem fingimento.

18. (Auxiliar de Cartório – TJ – NCE) Em "... entorpecimento completo ou parcial...", a relação semântica existente entre os adjetivos "completo" e "parcial", repete-se em:
a) inverno e verão;
b) tranquilo e agitado;
c) paralisados e imóveis;
d) branco e claro;
e) amarelo e amarelado.

19. (Auxiliar de Cartório – TJ – NCE) O item em que a correspondência entre adjetivo e substantivo está incorreta, levando-se em conta os valores semânticos dos adjetivos no texto, é:
a) completo / completude;
b) letárgico / letargia;
c) imóveis / imobilismo;
d) sanguínea / sangue;
e) normais / normatividade.

20. (NCE) Nos segmentos "torres gêmeas", "manchete ruim", "jornal brasileiro" e "filme açucarado", os adjetivos de caráter claramente objetivo são:
a) gêmeas / ruim;
b) gêmeas / brasileiro;
c) ruim / brasileiro;
d) brasileiro / açucarado;
e) ruim / açucarado.

21. (Eletrobrás – NCE) O item em que o adjetivo sublinhado, quando deslocado para antes ou depois do substantivo por ele determinado, não apresenta possibilidade de qualquer modificação de sentido é:
a) fato novo;
b) mal velho;
c) poupanças populares;

d) antigas realizações;
e) espantosas propostas.

22. (Cepel – NCE) Em "... com folhas de um verde limpo.", caso houvesse o adjetivo "verde-limpo", esse segmento do texto seria corretamente escrito:
a) folhas verdes-limpo;
b) folhas verdes-limpas;
c) folhas verde-limpas;
d) folhas verde-limpo;
e) folhas verdes-limpos.

23. (Corregedoria da Justiça – RJ – NCE) Em "... exposto ao frio da noite..." e "... de sua incômoda presença...", os dois segmentos sublinhados possuem substantivos e adjetivos, mas com estruturações diferentes (substantivo + locução; adjetivo + substantivo). Se reescrevermos os dois segmentos, trocando as estruturas adotadas, teremos:
a) frio noturno / presença incômoda;
b) frieza da noite / presente incômodo;
c) fria noite / o incômoda da presença;
d) frieza noturna / o incômodo presente;
e) noturno frio / presença da incomodidade.

24. (Engepron – NCE) Entre os itens abaixo, o adjetivo sublinhado que mostra um caráter subjetivo, ou seja, uma opinião do autor, é:
a) multidão imensa;
b) espetáculo emocionante;
c) sentido elevatório;
d) imprensa política;
e) aeronauta brasileiro.

25. (ANTT – NCE) A frase que não apresenta qualquer exemplo de comparativo ou superlativo é:
a) "atender rapidamente os feridos";
b) "registram-se os mais elevados índices";
c) "para salvar o maior número de vítimas";
d) "dirigir nas estradas não é tarefa das mais fáceis";
e) "exigiu a maior concentração de máquinas rodoviárias".

26. (Administrador – MEC – FGV) "Trata-se da construção de uma alternativa à lógica dominante, ao ajustamento de todas as sociedades..."

No trecho acima há:

a) quatro adjetivos;

b) três adjetivos;

c) dois adjetivos;

d) um adjetivo;

e) nenhum adjetivo.

Capítulo 7

Artigo

Artigo é a palavra variável que fica anteposta ao substantivo, indicando seu gênero e número.

7.1. Artigo definido

Indica os seres dentro de uma espécie, individualizando-os: O, A, OS, AS.

7.2. Artigo indefinido

Indica seres quaisquer numa espécie, generalizando-os. UM, UMA, UNS, UMAS

BIZU

O artigo anteposto a qualquer palavra tem o poder de substantivá-la.

Ex.: O azul é a cor mais bonita.

7.3. Exercícios

1. (Univ. Fed. Pará) Observe o uso do artigo nas seguintes frases:

I. "... perdia a sua musculatura estudando em Belém".
II. "... até invejou o fumar do vaqueiro".
III. "... dela a escola era um lombo de búfalo".
IV. "De repente foi ouvido que andava pelo Por Enquanto uma pequena..."
Em quais delas foi usado o recurso da substantivação?
a) Em I e II.
b) Em I e III.
c) Em II e III.
d) Em II e IV.
e) Em III e IV.

2. (Analista de Controle Interno – Sefaz-RJ – FGV) "Ah, filho! Basta ser uma boa pessoa, fazer o bem ao próximo, não mentir e comer os legumes!"
Na fala da mãe, há:
a) um artigo;
b) dois artigos;
c) três artigos;
d) cinco artigos;
e) quatro artigos.

3. (Esan-SP) Em qual dos casos o artigo denota familiaridade?
a) O Amazonas é um rio imenso.
b) D. Manoel, o Venturoso, era bastante esperto.
c) O Antônio comunicou-se com o João.
d) O professor João Ribeiro está doente.
e) Os Lusíadas são um poema épico.

4. (ITA) Determine o caso em que o artigo tem valor de qualificativo.
a) Estes são os candidatos de que lhe falei.
b) Procure-o, ele é o médico.
c) Certeza e exatidão, estas qualidades não as tenho.
d) Os problemas que o afligem não me deixam descuidado.
e) Muita é a procura; pouca a oferta.

5. (Técnico Legislativo – Senado Federal – FGV) "...existe a percepção de que algo tem que ser feito a mais para de fato levar a saúde a toda a população."
A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:

I. *Em levar a saúde a toda a população*, **há uma preposição e dois artigos.**
II. *Em levar a saúde a toda a população*, **a última ocorrência da palavra** *a* **poderia ser suprimida sem provocar grave alteração de sentido.**
III. *Em levar a saúde a toda a população*, **a primeira ocorrência da palavra** *a* **poderia ser suprimida sem provocar grave alteração de sentido.**
Assinale:
a) se somente os itens II e III estiverem corretos;
b) se todos os itens estiverem corretos;
c) se nenhum item estiver correto;
d) se somente os itens I e II estiverem corretos;
e) se somente os itens I e III estiverem corretos.

6. (Inspetor de Polícia Civil – FGV) "Ora, as mazelas da imigração só podem ser resolvidas com a integração dos estrangeiros às sociedades, associada a uma enfática cooperação internacional, a fim de extrair da miséria e da desesperança a larga franja demográfica em que nascerá o futuro ser humano a expulsar."
No trecho acima, há:
a) 7 artigos definidos e 3 ocorrências da preposição *a;*
b) 8 artigos definidos e 4 ocorrências da preposição *a;*
c) 9 artigos definidos e 4 ocorrências da preposição *a;*
d) 9 artigos definidos e 3 ocorrências da preposição *a;*
e) 8 artigos definidos e 2 ocorrências da preposição *a.*

7. (Perito da Polícia Civil-RJ/FGV) "Atinge toda a região e a si mesmo, pois o Equador é credor no âmbito do CCR, e a efetiva realização da ameaça de não honrar compromisso assumido o impedirá de receber aquilo que lhe é devido" (L.50-53).
No trecho acima há:
a) sete artigos;
b) seis artigos;
c) cinco artigos;
d) quatro artigos;
e) três artigos.

Capítulo 8

Advérbio

Advérbio é a palavra geralmente invariável que modifica a ideia do verbo. Os advérbios de intensidade, além de modificarem a ideia do verbo, também podem modificar a ideia de um adjetivo ou de outro advérbio.

Ex.: Xuxa canta bem.

Observe que "bem" é advérbio porque está modificando a ideia do verbo "cantar". É também importante ressaltar o fato de o advérbio ser invariável, e, ao passar toda a frase para o plural, somente o advérbio não acompanhará.

Ex.: Xuxa e Angélica cantam bem.

O sujeito foi para o plural, o verbo também, mas o advérbio não se modificou.

Ex.: Xuxa e Angélica cantam muito bem.

Nessa frase, há dois advérbios: BEM é advérbio de modo, modificando a ideia do verbo "cantar", e MUITO é advérbio, modificando a ideia do outro advérbio "bem", acrescendo valor de intensidade.

Ex.: Elas são muito bonitas.

"Muito" é advérbio, pois intensifica a ideia do adjetivo "bonitas".

O advérbio pode passar uma série de ideias a serem observadas a seguir:

– de modo

Ex.: Estou bem.

Agi erradamente.

– de lugar

Ex.: Ele ficou aqui.

– de tempo

Ex.: Cheguei ontem.

– de intensidade

Ex.: "Que rica que era a Titi" (Eça de Queirós).

– de negação

Ex.: Ele não virá.

– de afirmação

Ex.: Certamente ele virá.

– de dúvida

Ex.: Talvez ele venha.

Advérbio Interrogativo – COMO, ONDE, QUANDO, POR QUE.

Como este fato aconteceu?

Onde ele estava?

Quando ele morreu?

Por que ninguém me contou nada?

8.1. Graus do advérbio

8.1.1. Comparativo

De superioridade

Ex.: Eu falo mais do que você.

De igualdade

Ex.: Eu falo tanto quanto você.

De inferioridade

Ex.: Eu falo menos do que você.

8.1.2. Superlativo

Absoluto sintético

Ex.: Cheguei tardíssimo.

Absoluto analítico

Ex.: Cheguei tarde à beça.

8.2. Locução adverbial

Conjunto de duas ou mais palavras que funcionam como advérbio. Normalmente se forma através da associação de preposição com substantivo, verbo ou advérbio.

Ex.: Eu te vi cara a cara.
Ele veio de longe.
Ele fez o trabalho às pressas.

Obs.: Os advérbios terminados em MENTE se originam de formas adjetivas femininas, pois o sufixo em questão se derivou do substantivo MENTE significando "cérebro".

Ex.: Positivamente – mente positiva
Contrariamente – mente contrária

8.3. Palavras denotativas ou partículas expletivas

Palavras ou locuções invariáveis – o que pode levar o usuário da língua à classificação errônea de advérbio – que não modificam o verbo, nem o adjetivo, nem o advérbio.

1 – **De exclusão** – apenas, exceto, só, somente...

Ex.: Todos foram à praia, exceto João.

2 – **De inclusão** – até, até mesmo, mesmo, inclusive...

Ex.: Todos sambaram, inclusive Fritz.

3 – **De explicação** – por exemplo, ou seja, isto é...

Ex.: A situação estava complicada. Por exemplo, ninguém quis se comprometer.

4 – **De realce** – se, é que...

Ex.: "Foi-se a noite" (Castro Alves).

Ex.: "A cor é que tem cor nas asas de borboleta" (Fernando Pessoa).

5 – **De retificação** – isto é, ou seja, ou melhor, aliás...

Ex.: Ninguém veio, aliás Manoel veio.

8.4. Exercícios

1. (Unificado) "Duma feita os canhamboras perceberam que não tinham mais escravos..." A locução sublinhada denota nesse contexto:

a) tempo;
b) oposição;
c) conclusão;
d) comparação;
e) consequência.

2. (Auditor – Sefaz-RJ – FGV) Assinale a palavra que, no texto, NÃO tenha valor adverbial.

a) mais – ganhem cada vez mais espaço no Brasil.
b) bastante – dessa possibilidade vem se dando de forma bastante tímida.
c) penal – sob pena de serem responsabilizadas penal e administrativamente.
d) só – ... não só das empresas estrangeiras situadas no Brasil, mas também...
e) antes – que pretendem implementar, o quanto antes, práticas administrativas.

3. (UFF) A expressão assinalada tem valor adverbial em:

a) "A história do casamento de Maria Benedita é curta".
b) "Se não fosse a epidemia das Alagoas talvez não chegasse a haver casamento".

c) "... não contendo o respeito que aquele bêbado tinha ao princípio da propriedade".
d) "... não é preciso estar embriagado para acender um charuto nas misérias alheias".
e) "Sem pedir licença à dona das ruínas".

4. (Uni-Rio) Assinale a opção em que a expressão sublinhada não tem o mesmo valor gramatical identificado em:
"Nunca mais andarei de bicicleta".
a) Ela percorreu a estrada a pé.
b) Encontrei meu inimigo cara a cara.
c) Nosso tio vagava pelas ruas com fome.
d) Enfrentamos sempre o perigo de frente.
e) João terminou a pesquisa às pressas.

5. (Uni-Rio) Assinale a frase em que as palavras destacadas correspondem, pela ordem, a substantivo, adjetivo, advérbio.
a) FELIZ a NAÇÃO que emprega BASTANTES recursos na educação.
b) As ESCOLAS organizadas fazem um EXTRAORDINÁRIO BEM à educação.
c) O GOVERNO que acultura SEU povo passa à HISTÓRIA.
d) Educação e CULTURA fazem FORTE um país BEM promissor.
e) A PREPARAÇÃO da JUVENTUDE forja o AMANHÃ de um país.

6. (CBMERJ – NCE) Os advérbios terminados em –mente são formados pela junção desse sufixo à forma feminina de adjetivo. Os dois exemplos abaixo em que não é possível indicar formalmente o gênero do adjetivo são:
a) simplesmente / aproximadamente
b) aproximadamente / diariamente
c) diariamente / normalmente
d) normalmente / simplesmente
e) simplesmente / diariamente

7. (NCE) Nos quatro segmentos a seguir, há advérbios terminados pelo sufixo – mente.
1) "... extirpou definitivamente o sebastianismo da vida nacional"
2) "Finalmente, a superexposição das mazelas..."
3) "... que ajudou simbolicamente a desfraldar..."
4) "... que os recursos públicos se destinem majoritariamente..."
Assinale o item em que o comentário sobre seu emprego ou formação não esteja correto:
a) Todos os advérbios apresentados foram formados a partir de adjetivos.

b) Os advérbios se distribuem em advérbios de tempo e de modo.
c) Todos os advérbios são formados a partir da forma feminina dos adjetivos primitivos.
d) Nem todos os adjetivos primitivos mostram distinção formal de gênero de substantivo.
e) Todos os advérbios se referem aos verbos das orações em que estão inseridos.

8. (NCE) "Devagar se vai ao longe, mas quando se chega lá não se encontra mais ninguém" (Millôr Fernandes).
Indique a circunstância apontada corretamente.
a) Devagar – circunstância de modo.
b) Lá – circunstância de finalidade.
c) Mais – circunstância de intensidade.
d) Longe – circunstância de tempo.
e) Quando – circunstância de lugar.

9. (NCE) Na palavra "ansiosamente", o adjetivo que serve de base para a formação do advérbio está no gênero feminino. A que se deve esse fato?
a) Porque todos os advérbios são formados com a forma feminina dos adjetivos.
b) Porque, historicamente, corresponde a uma concordância com o substantivo "mente".
c) Porque mantém o gênero da palavra "ânsia".
d) Porque, desse modo, se evita a repetição desagradável do som da vogal "o".
e) Porque a forma feminina facilita a pronúncia pela inclusão de uma vogal entre duas consoantes.

10. (NCE) <u>De repente</u> foi assaltada por um adolescente". A expressão destacada tem valor de:
a) substantivo;
b) adjetivo;
c) adverbial;
d) pronominal;
e) verbal.

Capítulo 9

Pronome

Pronome é o termo que substitui o nome. Como NOME engloba substantivos e adjetivos, evidentemente o pronome funciona como substantivo ou adjetivo.

O pronome será substantivo quando substituir um substantivo.

Ex.: Sinfronésia morreu. Alguém morreu.

? O pronome ALGUÉM substitui o substantivo SINFRONÉSIA; portanto, é um pronome substantivo.

O pronome será adjetivo quando acompanhar um substantivo.

Ex.: Minha cadela é bonita.

? MINHA é um pronome adjetivo porque acompanha o substantivo CADELA.

9.1. Pronomes pessoais retos

Trata-se do pronome pessoal que funciona como sujeito ou predicativo do sujeito. EU e TU são sempre pronomes retos, enquanto ELE, ELA, NÓS, VÓS, ELES e ELAS são pronomes retos se funcionarem como sujeito ou predicativo ou são pronomes oblíquos caso possuam outra função sintática.

Ex.: Eles fizeram o trabalho.

? ELES é pronome reto porque funciona como sujeito.

Entreguei a eles o trabalho.

? ELES é pronome oblíquo porque funciona como objeto indireto.

9.2. Pronomes pessoais oblíquos

ME, MIM, COMIGO, TE, TI, CONTIGO, LHE, O, A, SE, SI, CONSIGO, NOS, CONOSCO, VOS, CONVOSCO, LHES, OS, AS.

BIZU

Como já se advertira, os pronomes pessoais EU e TU só podem ser retos, visto que inevitavelmente funcionam como sujeito ou predicativo do sujeito. Cabe ressaltar que, ao contrário do que aprendemos nas escolas, é possível usar "MIM" ou "TI" antes de verbos no infinitivo. Tal ocorre quando se puder separar o pronome do verbo, evidenciando-se que aquele não será sujeito deste.

Ex.: É importante para mim fazer esse trabalho.

? Observe que é exequível separar o pronome MIM do verbo FAZER, como podemos constatar a seguir:

Fazer esse trabalho é importante para mim.

Sendo assim, o uso de MIM, e não de EU, torna-se obrigatório. Em contrapartida, se não for admissível separar o pronome pessoal do verbo, torna-se patente que o pronome funciona como sujeito, então só pode ser utilizado o pronome pessoal reto (EU).

Ex.: Ele trouxe o material para eu fazer o trabalho.

? Observe que a frase não possui sentido, separando-se o pronome pessoal do verbo FAZER; portanto este pronome pessoal há de ser reto, e a utilização de EU faz-se "imperiosa".

Obs.: As formas COMIGO, CONTIGO, CONSIGO, CONOSCO e CONVOSCO, regidas de preposição COM, apresentam-se com as preposições aglutinadas aos pronomes.

Ex.: Ele brincou conosco ontem.

? Observe, contudo, que se torna equivocada a contração das preposições com os pronomes oblíquos átonos quando após aparecer MESMOS, PRÓPRIOS, OUTROS, AMBOS, TODOS ou NUMERAIS.

Ex.: Eles viajarão com nós todos. Manoel e Joaquim foram injustos com eles próprios.

Obs.: Os pronomes oblíquos tônicos obrigatoriamente vêm após preposição, mesmo que o verbo seja transitivo direto.

Ex.: Ele viu a nós ontem. Eu ouvirei a ti sempre.

Obs.: Com a preposição ATÉ, usam-se as formas oblíquas tônicas MIM, TI etc.

Ex.: Ele veio até mim.

Observe, porém, que, se o termo ATÉ indicar valor de inclusão, usa-se a forma reta EU, TU, ELE...

Ex.: Todos foram à praia, até eu.

9.3. Pronomes possessivos

Dão ideia de posse.

MEU, MINHA, MEUS, MINHAS, TEU, TUA, TEUS, TUAS, SEU, SUA, SEUS, SUAS, NOSSO, NOSSA, NOSSOS, NOSSAS, VOSSO, VOSSAS.

Obs.: Há casos em que um pronome oblíquo tem valor possessivo.

Ex.: "O beijo de Capitu fechava-me os lábios" (Machado de Assis).

? fechava os meus lábios

"Ainda hei de tirar-te a vergonha" (Raul Pompéia).

? Ainda hei de tirar a tua vergonha.

9.4. Pronomes demonstrativos

Situam a pessoa ou a coisa designada em relação ao espaço.

Os casos mais comuns são ISTO, ISSO, AQUILO, ESTE(S), ESSE(S), AQUELE(S), ESTA(S), ESSA(S), AQUELA(S).

Ex.: Aquele cachorro é meu.
Não gosto desta situação.

9.4.1. Usos especiais de pronomes demonstrativos

Quando há três termos já citados, para evitarmos a repetição destes termos, usam-se os pronomes demonstrativos AQUELE(S), AQUELA(S), AQUILO, referentes ao primeiro; ESSE(S), ESSA(S), ISSO, ao segundo; ESTE(S), ESTA(S), ISTO, ao último.

Ex.: Ayrton Senna, Xuxa e Pelé são os brasileiros mais conhecidos no mundo. Este (Pelé) é o atleta do século, aquele (Ayrton Senna) foi o maior piloto de todos os tempos e essa (Xuxa) é a apresentadora mais requisitada da América do Sul.

Obs.: Havendo apenas dois seres, AQUELE se referirá ao mais longínquo e ESTE, ao mais próximo.

Ex.: Fernanda Montenegro e Paulo Gracindo foram os maiores atores brasileiros. Este foi o protagonista de *O Bem Amado* e aquela, de *Central do Brasil*.

É também interessante ressaltar que devem ser usados ESTE(S), ESTA(S), ISTO para algo que esteja próximo de quem esteja falando; ESSE(S), ESSA(S), ISSO para algo que esteja próximo da pessoa com quem se está falando; e AQUELE(S), AQUELA(S), AQUILO, para algo que esteja próximo de uma terceira pessoa sobre a qual se está falando.

Ex.: Este (próximo de quem está falando) lápis é meu.

Esse (próximo da pessoa com quem se está falando) lápis é seu.

Aquele (próximo de uma terceira pessoa sobre a qual se está falando) lápis é do Manoel.

9.4.2. Casos especiais de pronome demonstrativo

1) O, A, OS, AS serão pronomes demonstrativos quando antecederem o pronome relativo "QUE" ou a preposição "de" e puderem ser substituídos por AQUILO, AQUELE(S), AQUELA(S).

Ex.: "O (aquilo) que estragou tudo foi esse ciúme, Paulo" (Graciliano Ramos).

Vi bem a (aquela) que saiu.

"Mas que melhor metafísica que a (aquela) delas" (Fernando Pessoa).

Obs.: Vale observar que, confirmando serem O, A, OS, AS pronomes demonstrativos, também se ratifica ser o "que" pronome relativo. Aproveitando o penúltimo exemplo, conclui-se que A é pronome demonstrativo e QUE, pronome relativo.

BIZU

Muito raramente "o" poderá ser pronome demonstrativo, não precedendo a preposição "de" ou o pronome relativo "que". Tal se dá quando for remissivo a uma ação ou a uma oração.

Ex.: – João, eu soube que você brigou com a sua namorada.

– Paulo, eu não <u>o</u> fiz.

? Perceba que, nessa situação, o pronome demonstrativo "o" refere-se ao ato de brigar com a namorada, podendo ser substituído, inclusive, pela palavra "isso" – Eu não fiz isso.

Ex.: – João, você viu o Carlos?
– Paulo, eu não **o** vi.

Já, neste caso, o pronome oblíquo é referente a Carlos, e não a uma ação – Eu não vi Carlos.

TAL é pronome demonstrativo quando significar "ESTE", "ESSE", "AQUELE".

Ex.: Tal (esta) foi a decisão, mas não a aguardávamos.
Você me veio com tal (aquele) cansaço.
Mesmo quando significar "IDÊNTICO", "IGUAL".

Ex.: Na mesma (IGUAL, IDÊNTICA) hora em que eu a vi ontem, eu a vi hoje.

PRÓPRIO, quando fizer referência a algo já mencionado.
Ex.: Ele fez mal aos outros e a si próprio (ele).

SEMELHANTE, quando for sinônimo de TAL.
Ex.: Nunca diria semelhantes (tais) palavras.

9.5. Pronomes indefinidos

Referem-se, de forma vaga, à 3ª pessoa:

TODO, TODOS, TODA, TODAS, TUDO, ALGUM, ALGUNS, ALGUMA, ALGUMAS, ALGUÉM, ALGO, NENHUM, NENHUNS, NENHUMA, NENHUMAS, NINGUÉM, NADA, OUTRO, OUTRA, OUTROS, OUTRAS, OUTREM, MUITO, MUITA, MUITOS, MUITAS, POUCO, POUCA, POUCOS, POUCAS, QUANTO, QUANTA, QUANTOS, QUANTAS, MAIS, MENOS, BASTANTE, BASTANTES, CADA, QUALQUER, QUAISQUER, TANTO, TANTA, TANTOS, TANTAS, DEMAIS, VÁRIOS, VÁRIAS, QUE (QUAL), QUEM, UM, UMA, UNS, UMAS.

Ex.: Já não tenho mais tempo.

Eu vi que (qual) aluno fugiu de sala.

Obs.: É importante não confundir o pronome indefinido QUE com o pronome relativo QUE. Aquele ocorrerá quando puder ser substituído por QUAL ou QUAIS; já este, por O QUAL, A QUAL, OS QUAIS, AS QUAIS.

É também essencial não misturar pronome indefinido com advérbio. Aquele é variável e se liga a um substantivo. Já o advérbio é invariável e relaciona-se com verbo, adjetivo ou outro advérbio. Convém ressaltar que o vocábulo "certo" será pronome indefinido, quando equivaler a "qualquer" ou "algum" e **não** for antônimo de "errado".

Ex.: Estamos bastante confiantes.

? Observe que "bastante" é invariável e intensifica o adjetivo "confiantes".

Possuímos bastantes alunos em sala.

? O termo "bastantes" liga-se ao substantivo "alunos" e é variável, portanto classificando-se como pronome indefinido.

Ela possui menos preocupação do que nós.

? Como o vocábulo "menos" determina o substantivo "preocupação", classifica-se pronome indefinido.

Ela está menos preocupada do que nós.

? Como o termo "menos" está ligado ao adjetivo "preocupada", evidencia-se ser advérbio.

Certos trabalhos não deveriam ser feitos.

? "Certos", nessa frase, aproxima-se semanticamente de "alguns" e não é antônimo de "errado", portanto é pronome indefinido.

Foram feitos os trabalhos certos.

? "Certos" nessa frase é antônimo de errado, classificando-se como adjetivo.

9.6. Pronomes relativos

São pronomes relativos “o qual”, “a qual”, “os quais”, “as quais”, ou quaisquer outros termos que possam ser substituídos por estes mencionados. A finalidade do pronome relativo é evitar a repetição do termo antecedente na oração em que ocorre.

Ex.: Não conheço o lugar onde ele mora.

? “Onde” é pronome relativo porque pode ser substituído por “no qual” e refere-se ao antecedente “lugar”.

Falei as palavras que você queria ouvir.

? “Que” é pronome relativo porque pode ser substituído por “as quais” e refere-se ao termo “as palavras”.

Nas estruturas em que O, A, OS, AS aparecerem antes de “que” – e puderem ser substituídos por AQUILO, AQUELE(S), AQUELA(S) –, O, A, OS, AS serão pronomes demonstrativos e o QUE será relativo. Nessa situação o antecedente do relativo será sempre o demonstrativo.

Obs.: Ainda será o antecedente do pronome relativo somente o demonstrativo, mesmo quando este estiver combinado a uma preposição.

Ex.: “Fora de mim, alheio ao que penso” (Fernando Pessoa) – ao que penso (àquilo que penso).

Necessitamos daquelas (de + aquelas) que chegaram geladas.

Também são pronomes relativos CUJO, CUJA, CUJOS, CUJAS.

Ex.: É bonita a cidade por cujas ruas passei.

Conheci um escritor de cujos livros gosto muito.

Obs.: Existem alguns pronomes relativos que ocorrem sem antecedentes. Alguns gramáticos, no caso, interpretam que existe um antecedente implícito. A esses pronomes cabe a denominação de “relativos indefinidos”.

Ex.: “Quem com ferro fere com ferro será ferido”.

? O pronome relativo indefinido QUEM poderia ser substituído por "aquele que", havendo então um antecedente implícito para o relativo "que" ou "quem" que seria "aquele".

"O único mistério é haver quem pense no mistério" (Fernando Pessoa).

? ... haver aquele que pense...

Esta interpretação causou uma dúvida quanto à classificação da oração. Ao fim das orações adjetivas, esse assunto será retomado e aprofundado.

9.7. Pronomes interrogativos

Aparecem em interrogações diretas ou indiretas: QUE, QUEM, O QUE.

Ex.: Que fazes aqui?

Não sei quem faltou à aula.

9.8. Pronomes de tratamento

Locuções que valem pelo PRONOME PESSOAL, designando especificamente a pessoa com quem se fala.

VOSSA ALTEZA – V.A. – príncipes, arquiduques, duques

VOSSA EMINÊNCIA – V. Emª. – cardeais

VOSSA EXCELÊNCIA – V. Exª. – altas autoridades do governo e das classes armadas

VOSSA MAGNIFICÊNCIA – V. Magª. – reitores das universidades

VOSSA MAJESTADE – V. M. – reis, imperadores

VOSSA EXCELÊNCIA REVERENDÍSSIMA – V. Exª. Revmª. – bispos e arcebispos

VOSSA PATERNIDADE – V.P. – abades, superiores de conventos

VOSSA REVERENDÍSSIMA – V. Revmª. – sacerdotes em geral

VOSSA SANTIDADE – V.S. – papas

VOSSA SENHORIA – V. Sª. – funcionários públicos graduados, oficiais até coronel, pessoas de cerimônia.

VOCÊ – qualquer pessoa.

9.9. Pronome reflexivo

Quando o objeto direto (ou indireto) é a mesma pessoa do sujeito.

Ex.: "Fez-se de desentendido" (Fernando Sabino).

Obs.: O reflexivo relativo à terceira pessoa – tanto do singular quanto do plural. – se apresenta de três formas diferentes: SE, SI, CONSIGO.

Ex.: Eles se inscreveram no concurso.

Ele só gosta de si mesmo.

Eles só se preocupam com eles mesmos.

9.10. Pronome recíproco

Quando sujeitos e objetos trocam atos recíprocos.

Ex.: "Olharam-se e morreram dando um grito" (Castro Alves). – (Um olhou para o outro que olhou para um)

Vocês se amam. (Você ama Maria, Maria ama você.)

9.11. Pronome parte integrante do verbo

Existem alguns verbos que são denominados como pronominais. Esta situação implica que necessariamente verbo e pronome oblíquo estejam sempre na mesma pessoa. Ressalte-se, contudo, que não se trata de voz reflexiva, pois neste caso há uma efetiva coincidência entre o ser agente e o ser paciente. A parte integrante do verbo não representa semanticamente um ser, portanto não possui função sintática.

Ex.: Ele se referiu ao trabalho. Nós nos referimos à partida de futebol. Nós nos interessamos por música. Tu te lembras do fato?

9.12. Estudo da colocação dos pronomes

1) Nunca se pode começar uma oração por pronomes oblíquos.

Ex.: "Me come, me cospe, me beija..." (Raul Seixas).

Esta frase está errada, pois ela está se iniciando por pronome oblíquo. O certo seria: "Come-me, cospe-me, beija-me...".

É óbvio que o autor aí fez valer a licença poética. Certamente o texto não teria o mesmo valor se o rigor gramatical fosse obedecido. Inclusive é interessante lembrar que até já há autores compreendendo que o uso do pronome oblíquo átono poderia iniciar orações, já que, no Brasil, o pronome átono não é tão átono. No entanto, o que vale ainda é a forma tradicional. O NCE, no concurso da CVM-2005, admitiu não ser grave o pronome oblíquo iniciar orações.

2) Os pronomes oblíquos são atraídos por conjunções subordinativas, advérbios, pronomes interrogativos, relativos e indefinidos, expressões exclamativas (Deus os ajude!) e preposição EM com verbo no gerúndio.

Ex.: Ela sempre ajudou-te.

? Esta frase está errada, pois o pronome oblíquo deveria vir antes do verbo uma vez que o advérbio SEMPRE o está atraindo.

Obs.: Ressalte-se que o único obstáculo para um pronome oblíquo posicionar-se antes de verbo é se estiver iniciando oração. Preste atenção aos exemplos a seguir:

Ex.: "E quando ele punha-se a contar histórias de castidade..." (Raul Pompeia).

? O pronome pessoal reto "ELE" não atrai o pronome oblíquo "se", no entanto não há nada que obste esse posicionamento. Poderia também localizar-se antes do verbo, ou seja, também estaria escorreito "ele se punha".

Ex.: "Pernambuco! Um dia eu vi-te" (Castro Alves).

? Também a construção poderia se dar assim: “Um dia eu te vi”.

Alguém nos viu.

? Já neste exemplo, “ALGUÉM” é pronome indefinido, por conseguinte atrai o pronome oblíquo, não admitindo outro posicionamento para o pronome.

Outros exemplos:

Em se tratando de político, nunca poderemos confiar neles.
Quem te viu lá?
Não viajei, pois me cansei muito no dia anterior.

3) Colocação pronominal em locuções verbais.

A tradição gramatical orienta que, estando o último verbo no infinitivo ou gerúndio, o pronome tanto poderá aparecer antes como depois da locução.

Ex.: Não te posso ver daqui. / Não posso ver-te daqui.
Não te estou vendo. / Não estou vendo-te.

Obs.: Neste caso, mesmo que haja termo atraindo o pronome oblíquo, a gramática não faz qualquer oposição ao uso do pronome após a locução verbal.

Contudo, o uso do dia a dia gera uma situação peculiar. O único lugar onde não deveria estar o pronome é o que todos usam, ou seja, entre os verbos. Por isso, os gramáticos mais modernos já aceitam tal posicionamento com duas ressalvas:

1ª – Se houver termo que atraia o pronome oblíquo, este não poderá estar ligado ao primeiro verbo com hífen.

Ex.: Não estou te vendo daqui. (certo)
Não estou-te vendo daqui. (errado)
Ele está nos vendo daqui. (certo)
Ele está-nos vendo daqui. (certo)

2ª – O que ocorre aqui é a influência da Linguística, isso é, a gramática se amoldando ao uso popular. Então, cabe vislumbrar mais um caso interessante: com os pronomes oblíquos O, A, OS, AS, a forma tradicional (antes ou depois da locução) se torna a única. Tal ocorre em razão de a orientação gramatical coincidir com o uso diário da população.

Ex.: Não o pude ver. (certo)
Não pude vê-lo. (certo)
Não pude o ver. (errado)

Obs.: O NCE, em algumas provas, solicitou ao candidato a análise de questões em que poderia haver mais de uma opção correta. Sendo assim, o candidato deveria ter o discernimento para escolher a alternativa mais adequada. O estudo da colocação pronominal em locuções verbais (com último verbo no infinitivo ou gerúndio) foi abordado na prova para o Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro em 2004, e a banca fez valer a visão tradicional, ou seja, apesar de o uso do pronome oblíquo entre os verbos já estar deveras difundida, a forma conservadora – com o pronome oblíquo átono antes ou depois da locução – acabou por prevalecer.

Quando o último verbo encontrar-se no particípio, o pronome deverá vir antes ou no meio da locução.

Ele nos tem visto diariamente. / Ele tem-nos visto diariamente.

4) O verbo no infinitivo admite a colocação de pronome átono ao seu fim, mesmo havendo termo que o atraia.

Ex.: Não encontrar-te amanhã será triste.

5) O objeto direto e o predicativo de 3ª pessoa são substituídos pelos pronomes oblíquos **O, A, OS** e ***AS.***

Ex.: Eu comprei o carro. – Eu o comprei.
"Nada somos que valha

Somo-lo mais que em vão" (Fernando Pessoa).

6) O objeto indireto, o complemento nominal e o adjunto adnominal (com ideia de posse), ou seja, os termos preposicionados de 3ª pessoa – representando pessoa ou termo no campo semântico de pessoa – são substituídos pelos pronomes oblíquos ***LHE*** e ***LHES***.

Ex.: Eu entreguei o material aos alunos. Eu lhes entreguei o material. Roubei o fruto da árvore. Roubei-lhe o fruto.

7) Os verbos, terminados em **R, S** ou **Z,** ligados aos pronomes oblíquos **O, A, OS, AS,** perderão sua última letra, e ao pronome oblíquo será acrescentada a letra ***L***. Encontramos as pessoas. O termo AS PESSOAS é objeto direto, por isso é substituído por AS.

Ex.: Encontramos + AS = Encontramo-las.

8) Aos pronomes oblíquos **O, A, OS** e **AS,** ligados a verbos que terminem em som nasal, será acrescentada a letra ***N***.

Ex: Põe as cartas. Põe-nas. Encontraram os meninos. Encontraram-nos.

9) Quando o verbo estiver na 1ª pessoa do plural e o pronome oblíquo também na 1ª pessoa do plural, o verbo perde o ***S*** final.

Ex.: Ajoelhamos + nos = ajoelhamo-nos, encontramos + nos = encontramo-nos.

REGRAS

1) Ocorre **próclise** quando o pronome oblíquo aparece antes do verbo.

Ex.: Eu te explico tudo.

Observe que o pronome oblíquo TE vem antes do verbo EXPLICAR.

2) Ocorre **ênclise** quando o pronome oblíquo aparece depois do verbo.

Ex.: Explico-te tudo.

Observe que o pronome oblíquo TE aparece depois do verbo EXPLICAR.

3) Ocorre **apossínclise** quando há a intercalação de vocábulo entre o pronome átono e o verbo.

Ex.: "... se me não enganou é gente da polícia" (Bernardo Guimarães).

"Se me ainda amas, por amor não ames:
Traíras-me comigo" (Fernando Pessoa).

4) Poderá ocorrer a **mesóclise** somente no futuro do presente do indicativo e no futuro do pretérito, onde exatamente nunca poderá haver a ênclise.

Ex.: Obedecerei ao paciente.

? AO PACIENTE é objeto indireto; portanto, pode ser substituído pelo pronome oblíquo LHE. Como o verbo está no futuro do presente do indicativo, não pode ser usada a ênclise; no entanto a próclise também está descartada pelo fato de se iniciar a oração por pronome oblíquo; portanto não se pode usar o pronome oblíquo nem antes nem depois do verbo, apenas restando o interior do verbo. Ao dividir o verbo para se proceder à mesóclise, vai-se até a letra R do infinitivo, coloca-se o pronome oblíquo e, por fim, o restante do verbo.

Ex.: Obedecer-lhe-ei.

Compraríamos o carro. Comprá-lo-íamos.

? Observe que O CARRO é objeto direto, portanto o substituímos pelo pronome oblíquo O; e, na divisão do verbo, este pronome oblíquo caiu exatamente depois da letra R, ocorrendo o mesmo fenômeno da regra 7, ou seja, extrai-se esta última letra do verbo e ao pronome oblíquo acrescenta-se a letra L.

BIZU

É fundamental o candidato atentar-se à presença do pronome apassivador SE, transformando objeto direto em sujeito.

Ex.: Admitiu-se a falha.

? Se não houvesse o pronome SE, o termo A FALHA seria objeto direto; contudo, como há a partícula apassivadora, o objeto direto transforma-se em sujeito, exigindo que a substituição se faça não por um pronome oblíquo, e sim por um pronome reto.

Admitiu-se ela.

Obs.: Às vezes, também ocorre a presença do pronome apassivador com outro pronome átono, ambos ligados ao mesmo verbo.

Ex.: "Afigurou-se-lhe estar nos braços..." (Aluísio de Azevedo).

"Fez-se-me desesperada necessidade a companhia da boa senhora" (Raul Pompeia).

9.13. Contração dos pronomes oblíquos átonos em verbos transitivos diretos e indiretos

OD OI

Ex.: Pediram um favor a mim.

ME + O, A, OS, AS = MO, MA, MOS, MAS

Pediram-mo.

Ex.: "O que me dás. Dás-mo" (Fernando Pessoa).

OD OI

Entregarei os documentos a ti.

TE + O, A, OS, AS = TO, TA, TOS, TAS

Entregar-tos-ei.

OD OI

Indico a saída a todos.

LHE(S) + O, A, OS, AS = LHO, LHA, LHOS, LHAS

Indico-lha.

OD OI

Avisaram a notícia a nós.

NOS + O, A, OS, AS = NO-LO, NO-LA, NO-LOS, NO-LAS

Avisaram-no-la.

OD OI

Explicarei as matérias a vós.

VOS + O, A, OS, AS = VO-LO, VO-LA, VO-LOS, VO-LAS

Explicar-vo-las-ei.

BIZU

Os pronomes podem ter valor **anafórico (anáfora)** ou **dêitico (dêixis).**

Anafórico será o termo que fizer referência a termos anteriores. Todo pronome relativo é por natureza anafórico, pois sempre será remissivo a termos antecedentes.

Ex.: O candidato **que** estuda passa.

O pronome relativo "que" é remissivo a "o candidato".

O livro, não **o** li ontem.

O pronome oblíquo "o" refere-se a "o livro".

João e Paulo não compareceram à aula. Este, por se encontrar doente; e aquele, em razão de não ter acordado.

? Os pronomes demonstrativos “este” (referindo-se a Paulo) e “aquele” (referindo-se a João) possuem valor anafórico, já que são alusivos a termos anteriores.

Dêitico será o elemento que tem por objetivo localizar o fato no tempo ou no espaço, mas não defini-lo. Enfim, é qualquer referência de lugar ou de tempo. Interessante torna-se observar que o NCE foi a banca que explorou tal tema e, nas questões de concursos até então, só utilizou situação de valor espacial. É essencial informar que o advérbio também poderá ter valor dêitico.

Serão dêiticas expressões como cá, aqui, lá, onde, os pronomes demonstrativos quando localizam o bem em referência ao emissor, receptor ou terceiros.

Ex.: Este material é muito bom.

? O pronome demonstrativo “este” indica que o material está mais próximo do emissor da mensagem ou é de sua posse.

Esse material é muito bom.

? O pronome demonstrativo “esse” indica que o material está mais próximo do receptor da mensagem ou é de sua posse.

9.14. Exercícios

1. (Corregedoria geral da Justiça – RJ – NCE) Em “... para SE defender contra o frio da noite”, o valor morfossintático da palavra em maiúsculas neste segmento está repetido em:

a) Vou contar um fato: quero saber SE o conheces.
b) Os meninos SE ajudam uns aos outros.
c) Todas as pessoas passam por ele, sem saber do que SE trata.
d) Cada um deles SE incumbe de sua tarefa.
e) Quando SE olha para ele, a cena é triste.

2. Assinale a opção em que o termo sublinhado tem a sua classe gramatical incorretamente indicada.

a) Ele estava muito nervoso. – advérbio

b) Muito político deveria ser expulso do Congresso. – pronome indefinido

c) Maria possui menos calma do que nós. – pronome indefinido

d) Ela é menos calma do que nós. – advérbio

e) Ele está todo preocupado com a situação política do país. – pronome indefinido

3. (TCU-Esaf) A alternativa em que há erro na substituição do termo sublinhado por pronome pessoal reto ou oblíquo é:

a) Ouvira o pastor advertir o povo =
Ouvira-o advertir o povo.

b) Carregamos cargas pesadas em caminhões =
Carregamo-las em caminhões.

c) Integrando-se a ferrovia nos sistemas =
Integrando-se ela nos sistemas.

d) Contemplavam melancólicos o êxodo da mão de obra =
Contemplavam-na melancólicos.

e) Nos aterros de Tabatinga, por onde rodavam as rodas de carretel dos comboios =
Nos aterros de Tabatinga, por onde rodavam elas.

4. (TCU) Assinale a alternativa incorreta quanto à colocação dos termos na oração.

a) Está prevista a possibilidade de o chefe do setor tomar decisões a este respeito, sem prévia consulta a superiores.

b) Encaminhar-se-á a decisão do grupo, após a reunião da próxima semana.

c) Não estabelecer-se-á qualquer norma, sem consulta ao órgão superior.

d) Quanto aos programas de treinamento, há necessidade de promovê-los periodicamente.

5. (Banco do Brasil) "O funcionário que se inscrever, fará a prova amanhã". Com relação à colocação do pronome "SE":

1 – Ocorre próclise em função do pronome relativo.

2 – Deveria ocorrer ênclise.

3 – A mesóclise é impraticável.

4 – Tanto a ênclise quanto a próclise são aceitáveis.

a) Está correta apenas a primeira afirmativa.

b) Apenas a terceira afirmativa está correta.

c) Somente a segunda afirmativa está correta.

d) São corretas a primeira e a terceira afirmativas.
e) A quarta afirmativa é a única correta.

6. (TCEMG – Eng. Perito – FCC) As estrelas brilham no céu, e quem fica a observar <u>as estrelas</u>, sentindo a magia <u>das estrelas</u>, considera <u>as estrelas</u> signos de um grande mistério.
Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, respectivamente, por:
a) lhes observar – sentindo a magia delas – considera-as
b) as observar – sentindo sua magia – lhes considera
c) observá-las – sentindo-as a magia – as considera
d) observá-las – sentindo-lhes a magia – considera-as
e) lhes observar – sentindo-lhes a magia – considera-lhes

7. (Cesgranrio) Assinale a opção em que o pronome LHE apresenta o mesmo valor significativo que possui em "assanhando-lhe os desejos".
a) O resultado do jogo lhe era indiferente.
b) Sobreveio-lhe uma desgraça.
c) Não lhe disse que viajaria hoje.
d) Chamavam-lhe carinhosamente de Mané.
e) O médico teve de engessar-lhe a perna.

8. (Técnico Judiciário – TRE-RN – FCC) A reconstrução de um segmento do texto, com um diferente emprego pronominal, que mantém a correção e o sentido originais é:
a) *não havia meio de alcançá-la* = não havia como alcançar-lhe.
b) *o jarro era pesado demais para ele* = o jarro lhe era por demais pesado.
c) *atirando-as dentro do jarro* = atirando-lhes para dentro do jarro.
d) *O corvo, então, tentou virá-lo* = O corvo, então, lhe tentou virar.
e) *pegando-as uma a uma* = pegando-lhes uma a uma.

9. (Técnico Judiciário – TRE-PE – FCC)
... nem por isso deixa de cultuar <u>Delacroix</u> ...
Cézanne admira a <u>maestria plástica de Rubens</u> ...
... já encontramos <u>a chave do enigma cézanneano</u>.
A substituição dos elementos grifados nas frases acima pelos pronomes correspondentes, com os necessários ajustes, terá como resultado, respectivamente:
a) nem por isso deixa de cultuar-lhe / Cézanne a admira / já a encontramos;

b) nem por isso deixa de cultuá-lo / Cézanne lhe admira / já lhe encontramos;
c) nem por isso deixa de lhe cultuar / Cézanne a admira / já encontramos-na;
d) nem por isso deixa de a cultuar / Cézanne lhe admira / já lhe encontramos;
e) nem por isso deixa de cultuá-lo / Cézanne a admira / já a encontramos.

10. (Fiscal da Receita Estadual – AP – FGV) Em termos antropológicos, o jeitinho *pode ser atribuído a um suposto caráter emocional do brasileiro / o que favorecia boas relações de comércio e tráfico de influência*.
Quanto ao emprego de pronomes pessoais, os trechos sublinhados foram corretamente reescritos em:
a) pode ser-lhes atribuído / as favorecia;
b) pode ser a ele atribuído / lhes favorecia;
c) pode ser atribuído a ele / as favorecia;
d) pode-o ser atribuído / as favorecia;
e) pode sê-lo atribuído / lhes favorecia.

11. (NCE) O pronome "LHES" tem com o verbo que se prende na frase "tampouco deve, como os políticos, se amoldar aos desejos de seus eleitores para ganhar-lhes os votos" as mesmas relações sintáticas e de sentido que se encontram no exemplo da opção:
a) Se seus irmão quiserem, posso emprestar-lhes meu carro.
b) Os uniformes das crianças já estão desbotados, mas só lhes posso comprar outro no mês que vem.
c) Eles são nossos amigos; não lhes podemos negar ajuda num momento tão difícil.
d) Os romanos, crendo-se superiores aos povos germânicos, chamavam-lhes bárbaros.
e) O policial ameaçava os detidos a fim de arrancar-lhes uma confissão.

12. (Cesgranrio) Assinale a opção em que houve erro, ao se substituir a expressão grifada pelo pronome oblíquo.
a) "Estimam seu torrão" / estimam-no.
b) Fazer conhecidos seus costumes / fazê-los conhecidos.
c) "Viu os partidos de cana" / viu-os.
d) "Sorver o ar ácido" / sorver-lhe.
e) "O homem tirava tudo da terra". / o homem tirava-lhe tudo.

13. (TRT) Se substituirmos as palavras sublinhadas em: 1 – com a aprovação dos que presenciaram a cena e 2 – a violência começa a gerar expectativas por pronomes

pessoais, as substituições corretas, de acordo com a norma culta, estarão na seguinte alternativa:

a) 1– com a aprovação dos que presenciaram-na.
2– a violência começa a as gerar.
b) 1– com a aprovação dos que a presenciaram.
2– a violência começa a gerar-lhes.
c) 1– com a aprovação dos que presenciaram ela.
2– a violência começa a gerar a elas.
d) 1– com a aprovação dos que a presenciaram.
2– a violência começa a gerá-las.
e) 1– com a aprovação dos que a presenciaram.
2– a violência começa a gerar-las.

14. (Cesgranrio) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da frase abaixo:
Dialeto social popular não se confunde com linguagem especial, pois , ao contrário _____, é de uso restrito e pode funcionar como signo de grupo.

a) esse/daquela;
b) essa/desse;
c) aquele/dessa;
d) esta/daquele;
e) este/desta.

15. (Analista Judiciário – TJ – FCC) ***constituindo [...] um índice de uma época; indiciam os fatos históricos; portam a marca do homem;***
Substituindo-se os elementos grifados acima por um pronome, fazendo-se as alterações necessárias, o resultado correto será, respectivamente:

a) constituindo-o – indiciam-nos – portam-na
b) constituindo-lhe – indiciam-nos – portam-lhe
c) lhe constituindo – lhe indiciam – portam-no
d) constituindo-o – o indiciam – portam-lhe
e) constituindo-a – os indiciam – portam-na

16. Assinale a opção em que o pronome oblíquo possui nítido valor possessivo.

a) Chegaram ao ônibus, sentaram-se e iniciaram a viagem.
b) Compreendo-te e considero que te será desagradável tal excursão.
c) Escutaram-nos atentamente as últimas palavras.
d) Avisar-vos-emos todas as notícias.

e) Consideramos-te pronto para a execução deste serviço.

17. (TRT) A substituição do termo sublinhado por um pronome pessoal só está correta, de acordo com a norma culta, na seguinte alternativa.

a) O movimento visa a encontrar soluções.

O movimento visa a encontrar elas.

b) A campanha apresentou vários desdobramentos.

A campanha apresentou-lhes.

c) Esses momentos históricos apresentam facetas negativas.

Esses momentos históricos apresentam-as.

d) Assistimos ao desfile de corruptos.

Assistimo-lo.

e) O movimento busca reverter a deterioração.

O movimento busca revertê-la.

18. (NCE) "A descoberta da América pelos europeus, nos fins do século quinze, deu lugar a uma transplantação da cultura europeia para este Continente. Tal empreendimento constitui, porém, uma aventura impregnada de duplicidade".

"Proclamavam os europeus ao aqui chegarem para expandir nestas plagas o cristianismo..."

"... movia-os o propósito de exploração e fortuna. A história do período colonial é a história desses dois objetivos a se ajudarem mutuamente na tarefa real e não confessada da espoliação continental".

"Nascemos, assim, divididos entre propósitos reais e propósitos proclamados. A essa duplicidade da própria sociedade nascente, dividida entre senhores e escravos..."

A seguir, cada um deles é classificado quanto à função textual, na ordem em que ocorrem. Assinale a opção correta:

a) dêitico; dêitico; anafórico; anafórico, anafórico;

b) dêitico; anafórico; anafórico; anafórico, dêitico;

c) anafórico; dêitico; dêitico, anafórico; dêitico;

d) dêitico; dêitico; dêitico; anafórico; dêitico;

e) anafórico; dêitico; dêitico; anafórico; anafórico.

19. (Suesc) "Quaresma, comparando outras terras com o Brasil, não podia deixar de valorizar as belezas naturais em detrimento ".

Assinale a opção que completa corretamente as lacunas na frase acima:

a) deste – daquela

b) destes – deste
c) deste – daquelas
d) desses – daquelas
e) desse – dessas

20. (Esaf) Substituindo o segmento sublinhado pelo pronome correspondente, houve erro em um item. Assinale-o.
a) Não vimos sair os grevistas.
Não os vimos sair.
b) Conduz a noiva ao altar.
Conduze-a ao altar.
c) Mantém-se sempre ótima posição.
Mantém-se ela sempre.
d) Propusemos essa medida ao diretor.
Propusemos-lhe essa medida.
e) Visamos a um emprego melhor.
Visamos a ele.

21. (Esaf) Indique a letra que corresponde a erro de natureza ortográfica ou gramatical ou a alguma impropriedade vocabular.
A Amazônia ainda sob o aspecto estritamente físico, conhecê-mo-la (A) aos fragmentos. Mais de um século de perseverantes pesquisas e uma literatura inestimável, de numerosas monografias, mostram-no-la (B) sob incontáveis aspectos parcelados. O espírito humano, deparando-o (C) maior dos problemas fisiográficos, e versando-o, tem-se atido (D) a um processo obrigatoriamente analítico, que se, por um lado, é o único apto a facultar elementos seguros determinantes de uma síntese ulterior, por outro, impossibilita o descortino (E) desafogado do conjunto.
a) A
b) B
c) C
d) D
e) E

22. (CM-2º Grau) Observando as recomendações quanto à colocação dos pronomes oblíquos átonos, pode-se afirmar que está correta a frase:
a) O dinheiro que entreguei-lhe era meu.
b) No curso de Pedagogia estudaria-se provavelmente História da Educação.

c) Nunca enganamo-nos a esse respeito.
d) Em tempos de vacas magras, compra-se o indispensável.
e) Caso procurem-me, diga que viajei.

23. (CM-3º Grau) A colocação proclítica ou enclítica do pronome oblíquo é facultativa na frase:
a) Essa medida nos proporcionou uma qualidade de vida melhor.
b) Abrigamos nessa casa as pessoas que se encontrarem em apuros.
c) Não se poupariam esforços nesse sentido.
d) Atravessaram por entre as árvores, sem que ninguém se desse conta.
e) "... certa auréola que te faz divina!" (Cruz e Souza).

24. (CM-redator/revisor) Consoante as normas da língua vigente, o pronome está colocado com erro em:
a) As reuniões tornavam-se eventos de grande repercussão.
b) As reuniões se tornavam eventos de grande repercussão.
c) As reuniões se tornariam eventos de grande repercussão.
d) As reuniões tornariam-se eventos de grande repercussão.
e) As reuniões tornar-se-ão eventos de grande repercussão.

25. (TTN) Assinale a frase em que a colocação do pronome pessoal oblíquo não obedece às normas do português padrão.
a) Essas vitórias pouco importam; alcançaram-nas os que tinham mais dinheiro.
b) Entregaram-me a encomenda ontem, resta agora a vocês oferecerem-na ao chefe.
c) Ele me evitava constantemente!... Ter-lhe-iam falado a meu respeito?
d) Estamos nos sentindo desolados: temos prevenido-o várias vezes e ele não nos escuta.
e) O Presidente cumprimentou o Vice dizendo: – Fostes incumbidos de difícil missão, mas cumpriste-la com denodo e eficiência.

26. Assinale a opção em que não ocorre falha de natureza morfossintática.
a) Nunca haverá problemas entre tu e eles.
b) Será interessante para tu a leitura de jornais.
c) É necessário para eu estudar sempre.
d) Será bom para ti fazer essa viagem.
e) Já comprei as passagens para mim fazer essa viagem.

27. (Coope) O pronome lhe está empregado em desacordo com as normas da língua culta em:

a) O irmão do capitão pôs-lhe a mão no peito.
b) Tudo quanto o amigo lhe relatara não passava de ficção.
c) Pediu ao irmão que lhe visitasse na fazenda.
d) De repente veio-lhe uma vontade imensa de chorar.
e) Não era possível proibi-lo de fazer o que lhe era necessário.

28. (Pref. Santos – ADV – FCC) Meus olhos estão bastante usados, mas não considero meus olhos inaptos para ver as miragens que seduzem meus olhos, e não atribuo a meus olhos o poder de alguma autêntica revelação.
Evitam-se as repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados por, respectivamente:

a) não lhes considero – que seduzem-os – não lhes atribuo
b) não considero-os – que seduzem-nos – não os atribuo
c) não os considero – que lhes seduzem – não atribuo-lhes
d) não os considero – que os seduzem – lhes atribuo
e) não lhes considero – que os seduzem – não lhes atribuo

29. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC). A substituição do elemento grifado pelo pronome correspondente, com os necessários ajustes no segmento, foi realizada de modo INCORRETO em:

a) *virão apenas aguçar antigos dilemas* = virão apenas aguçá-los
b) *que passou pelos eventos da abolição e da República* = que passou por eles
c) Como esperar *transformações sociais profundas* = Como esperá-las
d) *percorre o país* = percorre-o
e) *que atinge a intelectualidade brasileira* = que lhe atinge

30. (DNOCS-FCC) O e-mail veio para ficar, ainda que alguns considerem o e-mail uma invasão de privacidade, ou mesmo atribuam ao e-mail os desleixos linguísticos que costumam caracterizar o e-mail.
Evitam-se as viciosas repetições do trecho acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) lhe considerem – lhe atribuam – caracterizá-lo.
b) o considerem – lhe atribuam – caracterizá-lo.
c) considerem-no – o atribuam – caracterizar-lhe.
d) considerem-lhe – atribuam-no – o caracterizar.

e) o considerem – atribuam-no – lhe caracterizar.

31. (Sefaz-SP-FCC) A informalidade é instável, mas como muitos consideram a informalidade o único meio de sobreviver, tendem a atribuir à informalidade um caráter permanente, receando substituir a informalidade pelo risco de uma outra situação desconhecida. Evitam-se as viciosas repetições do texto acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) a consideram – atribuir-lhe – substituí-la
b) a consideram – atribuí-la – a substituir
c) lhe consideram – atribuir-lhe – substituir-lhe
d) consideram-na – atribuir a ela – lhe substituir
e) consideram-lhe – atribuí-la – substituí-la

32. (Mack) "Este inferno de amar – como eu amo! – / Quem mo pôs aqui n'alma ... quem foi? / Esta chama que alenta e consome, / Que é a vida – e que a vida destrói – / Como é que se veio a atear, / Quando – ai quando se há-de apagar?" (Almeida Garret).
No texto, os pronomes eu – quem – este, são, respectivamente:

a) indefinido – pessoal – indefinido
b) pessoal – interrogativo – demonstrativo
c) pessoal – indefinido – demonstrativo
d) interrogativo – pessoal – indefinido
e) indefinido – pessoal – interrogativo

33. (UF-MA) Identifique a oração em que a palavra "certo" é pronome indefinido.

a) Certo, perdeste o juízo.
b) Certo rapaz te procurou.
c) Escolheste o rapaz certo.
d) Marque o conceito certo.
e) Não deixe o certo pelo errado.

34. (UnB) Assinale a melhor resposta. O resultado das combinações: "põe + o", "reténs + as", "deduz + a", é:

a) pões-lo, reténs-la, dedu-la
b) põe-no, retém-nas, dedu-la
c) pões-lo, retém-las, deduz-la
d) põe-no, retém-las, dedu-la
e) põe-lo, retém-las, dedu-la

35. (UM-SP) "Ninguém atinge a perfeição alicerçado na busca de valores materiais, nem mesmo os que consideram tal atitude um privilégio dado pela existência." Os pronomes destacados no período acima classificam-se, respectivamente, como:
a) indefinido – demonstrativo – relativo – demonstrativo;
b) indefinido – pessoal oblíquo – relativo – indefinido;
c) de tratamento – demonstrativo – indefinido – demonstrativo;
d) de tratamento – pessoal oblíquo – indefinido – demonstrativo;
e) demonstrativo – demonstrativo – relativo – demonstrativo.

36. (Agente Fiscal-PR) Distinga o item no qual a colocação dos pronomes está exata.
a) Vender-no-la-íamos por quê? Devolvida-me a carta, partirei. Eles e elas se desculparam. Deram-nos. O que não deve dizer-me?
b) Tenho queixado-me com razão. Deram-nos. Depois de devolvido-lhe o recibo, ficarei sossegado. O que não se deve dizer? Tens a obrigação de me pagares tudo.
c) Deus te abençoe! Será proveitoso estudando a lição, e não decorando-a. O que não deve-se dizer? Irei quando convidar-me-ão. Se se quiser, tudo irá bem.
d) Valha-me Jesus! Ó João, se levante! Tenho alcançado-te nas provas. Não se as procuram. O que me preocupa, é esta prova.
e) Peça e dar-se-lhe-á. Por que vo-las venderíamos? O livro, meus amigos, hei de devolver-lho. A carta e o dinheiro não os remeterei logo. O que se não deve dizer?

37. (TRF-4R-FCC-2010) Houve muitas discussões sobre medidas para se minimizar o aquecimento global, já que todos consideram <u>o aquecimento global</u> uma questão crucial para a humanidade, embora poucos tomem medidas concretas para reduzir <u>o aquecimento global</u>, não havendo sequer consenso quanto às verbas necessárias para mitigar os efeitos <u>do aquecimento global</u>.
Evitam-se as viciosas repetições do período acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:
a) lhe consideram – reduzi-lo – mitigá-los aos efeitos
b) o consideram – reduzi-lo – mitigar-lhe os efeitos
c) consideram-no – reduzir-lhe – mitigar-lhes os efeitos
d) o consideram – reduzir-lhe – mitigar-lhe os efeitos
e) consideram-lhe – o reduzir – mitigar-lhe seus efeitos

38. (Fiscal – ICMS – FGV) Em "exauri-los" e "poder-se-á", construiu-se corretamente a junção do pronome à forma verbal. Assinale a alternativa em que isso não ocorreu.

a) cancelaríamos + as = cancelá-las-íamos
b) permitireis + os = permiti-los-eis
c) fizestes + lhes = fizeste-lhes
d) encontraram + os = encontraram-nos
e) aprenderás + as = aprendê-las-ás

39. (TRT) Indique a opção incorreta.
a) Receba Vossa Excelência os cumprimentos de seus subordinados.
b) Sua Excelência, o Ministro da Justiça, chegou acompanhado de outras autoridades.
c) Reiteramos nosso apreço a Vossa Senhoria e vossos subordinados.
d) Solicitamos a Sua Senhoria que encaminhasse suas sugestões por escrito.
e) Concordamos com Vossa Excelência e com seus subordinados.

40. Assinale a opção em que o pronome oblíquo possui nítido valor possessivo.
a) Pegamos-lhe as mãos e sentimos toda a sua preocupação.
b) Encontramo-lo desacordado e demos-lhe todo socorro.
c) Enviar-lhe-emos as cartas para sua análise.
d) Admitamos nossas falhas e todos as perdoarão.
e) Perdoar-lhe-ei ainda que não admita seus erros.

41. (Esaf) O pronome pessoal está empregado incorretamente em:
a) Não consegui entendê-lo naquela confusão.
b) É para mim fiscalizar aqueles volumes.
c) Tudo ficou esclarecido entre mim e ti.
d) Por favor, mande-o entrar e sentar-se.
e) Fizeram-no esperar demais hoje.

42. (Esaf) Assinale a frase em que o pronome oblíquo átono está colocado incorretamente.
a) O guarda chamou-nos a atenção para os pivetes.
b) Quantas lágrimas se derramaram pelo jovem casal!
c) Ninguém nos convencerá de que esta notícia seja verdade.
d) As pessoas afastaram-se daquele pacote suspeito.
e) O vizinho cumprimentou o casal, se retirando imediatamente.

43. (TRE-MT) Segundo a norma culta, há erro (de uso ou de colocação) na substituição do termo sublinhado por um pronome, em:

a) O ministro não teve muitos escrúpulos naquela hora. / O ministro não teve-os naquela hora.
b) Ele estava pronto para salvar a Itália. / Ele estava pronto para salvá-la.
c) Eles terminaram as provas hoje. / Eles terminaram-nas hoje.
d) Todos queriam que o professor entregasse o livro ao melhor aluno. / Todos queriam que o professor lhe entregasse o livro.
e) Ele nunca perdoaria ao irmão aquela omissão. / Ele nunca lhe perdoaria aquela omissão.

44. (TRE-MG) Assinale a opção em que a colocação do pronome sublinhado esteja correta, segundo o registro escrito culto.
a) Os vizinhos haviam pedido-me muita atenção ao atravessar a rua.
b) Mesmo considerando que éramos famosos, ninguém veio receber-nos.
c) Faria-me um grande favor não contando as novidades a meus pais.
d) Pelo que pudemos entender, ninguém vai-nos denunciar ao delegado.
e) O aluno logo interessou-se pelo assunto, assim que a arguição começou.

45. (TRE-RO) Observe as frases.
I. "Política só se ganha com muito dinheiro".
II. "Acaba logo esquecendo-se do pouco que aprendeu".
III. "Que a mão não me para mais quieta".
IV. "Pé-de-Meia prefere carregar-lhe a mão durante o serviço todo".
A colocação do pronome oblíquo átono não está de acordo com a preferência da norma culta da língua:
a) somente na I;
b) somente na II;
c) somente na III;
d) somente na II e na IV;
e) somente na III e na IV.

46. (Fuvest) "Ensinar-me-lo-ias, se o soubesses, mas não sabes-o." A frase acima estaria de acordo com a norma gramatical, usando-se, onde estão as formas sublinhadas:
a) Ensinar-mo-ias – o soubesses – o sabes;
b) Ensinarias-mo – soubesse-lo – sabe-lo;
c) Ensinarias-mo – soubesses-lo – o sabes;
d) Ensinar-mo-ias – soubesses-o – sabe-lo;
e) Ensinarias-mo – soubesse-lo – o sabes.

47. (TRE-MT) A substituição do termo sublinhado por um pronome pessoal está correta em todas as alternativas, exceto em:

a) O governo deu ênfase às questões econômicas. O governo deu ênfase a elas.

b) Os ministros defenderam o plano de estabilização. Os ministros defenderam-no.

c) A companhia recebeu os avisos. A companhia recebeu-os.

d) Ele diz as frases em tom bem baixo. Ele diz-las em tom baixo.

e) Ele recusou a dar maiores explicações. Ele recusou a dá-las.

48. (TRE-RJ) A frase em que há erro quanto ao emprego do pronome "lhe" é:

a) Nunca lhe diria mentira.

b) Ter-lhe-iam falado a meu respeito?

c) Louvemos-lhe, porque ele o merece.

d) De Fernando só lhe conhecia a fama.

e) Sei que não lhe agrada essa conversa.

49. (TRE-MG) Assinale a opção em que a colocação do pronome oblíquo está incorreta quanto à norma culta da língua.

a) Não pude dar-lhe os cumprimentos, por estar fora da cidade.

b) Agora tem-se dado muito apoio técnico ao pequeno empresário.

c) Ter-lhe-íamos pedido ajuda, se o víssemos antes do resultado.

d) Como me propiciou momentos agradáveis, fui bastante paciente.

e) Quem o levará a tomar decisões tão importantes para o País?

50. Assinale a opção em que há um termo sublinhado com classificação gramatical errônea:

a) Entregou-me as folhas. – pronome substantivo pessoal oblíquo

b) Roubaram-me os documentos. – pronome adjetivo pessoal oblíquo

c) Os materiais serão úteis a nós. – pronome substantivo pessoal oblíquo

d) Eles voltarão mais tarde. – pronome substantivo pessoal reto

e) A ele daremos as dicas. – pronome substantivo pessoal reto

51. Assinale a opção em que há um pronome inadequadamente utilizado.

a) Custou a mim acordar cedo.

b) Convém a mim dizer a verdade.

c) Será conveniente para mim estudar.

d) Foi fundamental para eu ter hábito de estudo.

e) Sempre haverá livros para eu ler.

52. (Cespe-UnB) Quanto à correção da substituição do trecho sublinhado pela forma apresentada em negrito, julgue os itens abaixo.

a) "Já fez sua declaração de imposto de renda?" / Já a fez?

b) "Os decretos-leis (...) abanam o rabo negativamente". / Os decretos-leis abanam-lhe negativamente.

c) "Mas se tiveres alguma dúvida" / Mas se tiveres ela.

d) "Os decretos-leis tentam barrar um senhor distinto". / Os decretos leis tentam barrá-lo.

e) "Agora é só (...) encheres este formulário-sanfona". / Agora é só (...) o encheres.

53. (NCE) "Os pronomes demonstrativos situam a pessoa ou a coisa designada relativamente às pessoas gramaticais. [...] A capacidade de mostrar um objeto sem nomeá-lo chama-se função dêitica [...], é a que caracteriza fundamentalmente esta classe de pronomes".

(CUNHA. Celso F. da; CINTRA, L. F. Lindley, *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 319.)

Os demonstrativos empregam-se também como elemento de coesão textual e têm, neste caso, em geral, função anafórica.

Assinale o item em que a função exercida pelo demonstrativo está incorretamente identificada.

a) "[...] a habitação conjugal, e a esta se recusa a voltar" (art. 234 – Código Civil) – função anafórica.

b) "Salvo disposição especial deste código e não tendo sido ajustado da época para o pagamento, o credor pode exigi-lo imediatamente" (art. 952 – Código Civil) – função dêitica.

c) A cessão de crédito não vale em relação ao devedor, senão quando a este notificada [...] – função anafórica.

d) "Cabe ao juiz suprir a outorga da mulher, quando esta a denegue sem motivo justo, ou lhe seja impossível dá-la (arts. 235, 238 e 239)" (art. 237 – Código Civil) – função dêitica.

e) "As terras de que trata este artigo tradicionalmente são inalienáveis e indisponíveis, e os direitos sobre elas, imprescritíveis" (§ 4º – Constituição da República Federativa do Brasil – texto 1) – função dêitica.

54. (NCE) O trecho "Então, incapazes de trazê-lo para a nossa domesticidade, consideramo-lo um elemento da paisagem, e pintamo-lo" vem reescrito abaixo com alterações no emprego dos pronomes pessoais. A frase que continua gramaticalmente correta no uso culto após essas alterações é:

a) Então, incapazes de o trazer para a nossa domesticidade, o consideramos um elemento da paisagem, e lhe pintamos.
b) Então, incapazes de trazer-lhe para a nossa domesticidade, consideramo-lo um elemento da paisagem, e o pintamos.
c) Então, incapazes de o trazer para a nossa domesticidade, lhe consideramos um elemento da paisagem, e pintamo-lo.
d) Então, incapazes de o trazer para a nossa domesticidade, o consideramo-lo um elemento da paisagem e pintamos-lhe.
e) Então, incapazes de o trazer para a nossa domesticidade, consideramo-lo um elemento da paisagem e o pintamos.

55. (Analista Judiciário – TRE-PE – FCC) Os mais fortes empreendiam a conquista colonial, legitimavam a conquista colonial, atribuindo à conquista colonial o mérito de uma transformação civilizadora que tornava a conquista colonial uma espécie de benemerência.
Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:
a) legitimavam-na – atribuindo-lhe – a tornava
b) a legitimavam – atribuindo-na – tornava-lhe
c) legitimavam-na – lhe atribuindo – lhe tornava
d) legitimavam-lhe – a atribuindo – a tornava
e) legitimavam-a – lhe atribuindo – tornava-a

56. (TRF-2ª Região – FCC) Amemos as ilhas, mas não emprestemos às ilhas o condão mágico da felicidade, pois quando fantasiamos as ilhas esquecemo-nos de que, ao habitar ilhas, leva-se para elas tudo o que já nos habita.
Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:
a) lhes emprestemos – lhes fantasiamos – habitá-las
b) emprestemos-lhes – as fantasiamos – habitar-lhes
c) as emprestemos – fantasiamo-las – as habitar
d) lhes emprestemos – as fantasiamos – habitá-las
e) as emprestemos – lhes fantasiamos – habitar-lhes

Capítulo 10
Conjunções

A conjunção é o principal elemento de coesão textual. É muito importante observar que a nomenclatura das conjunções possui o sufixo "ativo" – contendo valor agente –, ou seja, é ela – conjunção – quem coordena ou subordina, e a oração, por consequência, ficará coordenada ou subordinada. Enfim, faz a ligação entre termos independentes ou orações.

Quando o termo é formado por mais de uma palavra, denomina-se locução conjuntiva ou conjuncional.

10.1. Conjunções coordenativas

10.1.1. Aditivas

Estabelecem ideia de adição. As conjunções mais comuns são E, NEM, TAMPOUCO.

Ex.: "... deixou a parede como estava e só respirou aliviado..." (Luis Fernando Veríssimo).

? A conjunção E estabelece uma relação de soma, pois o sujeito pratica as duas ações (deixar e respirar).

"Não há justiça nem há religião" (Graciliano Ramos).

? A conjunção NEM – sinônima de TAMPOUCO – estabelece uma relação de adição – adição negativa –, pois, neste caso, ocorre a soma de

elementos negados. Então, segundo o texto, não existem os dois elementos.

10.1.2. Adversativas

Estabelecem uma relação de adversidade, contrariedade, oposição, ressalva. A ideia de adversidade normalmente cria uma expectativa que não se concretiza. As conjunções mais comuns são: MAS, PORÉM, CONTUDO, TODAVIA, ENTRETANTO, NO ENTANTO, NÃO OBSTANTE.

Ex.: Ela foi ao cinema, contudo não se divertiu.

"Quis despedir; receei, porém, que o momento fosse impróprio..." (Graciliano Ramos).

? Observe que as conjunções CONTUDO e PORÉM introduzem uma oposição à expectativa criada na oração anterior.

BIZU

É também deveras aconselhável perceber as ideias que passam as orações, pois pode haver situações nas quais as conjunções introduzam ideias inesperadas.

Ex.: Ela não estudou e passou.

? Observe que a conjunção E, que normalmente é aditiva, aqui introduz uma ideia que estabelece uma relação de contrariedade, afinal foi criada uma expectativa na primeira oração (que ela não passe, pois ela não estudou) não confirmada na segunda. É também interessante observar que aí a conjunção E é sinônima de MAS, PORÉM, CONTUDO.

Obs.: Ele não só estuda, mas também trabalha.

? Analise que, se houver um condicionamento de que, ao observar a existência da conjunção MAS, já considerá-la adversativa, o candidato estará incorrendo em um erro grave nesta frase, pois o MAS, no caso,

não é sinônimo de PORÉM, CONTUDO, TODAVIA. Muito pelo contrário, MAS TAMBÉM introduz uma ideia que estabelece uma relação de soma, afinal o sujeito (ele) estuda e trabalha (faz as duas ações). As estruturas iniciadas por "não só", "não somente" e "não apenas" inevitavelmente conduzirão a expressões aditivas. Volvendo ao exemplo, quando se diz "Ele não só estuda", o advérbio NÃO exerce a função de um elemento de negação, isto é, está negando... Mas não nega a ação de estudar, e sim o termo de restrição "só". Se o "não" fosse extraído do período, "ele só estudaria e não teria mais nenhuma outra atividade". Outros sinônimos de "mas também" são "como também" e "outrossim". Nas locuções MAS TAMBÉM e COMO TAMBÉM, o termo TAMBÉM pode ficar implícito.

Ex.: Ele não apenas nada, mas corre.

10.1.3. Alternativas

Introduzem uma ideia de opção, alternância. As conjunções mais comuns são OU...OU, ORA...ORA, QUER...QUER, SEJA...SEJA.

Ex.: "Ou paga ou eu mando sangrá-lo devagarinho" (Graciliano Ramos).

? Observe que a conjunção OU estabelece uma opção, escolha. Se a pessoa pagar, o outro não mandará sangrá-lo; caso não pague, o outro mandará sangrá-lo.

Ora estudo ora trabalho.

? Observe que, nesta frase, o sujeito EU possui duas atividades: estudar e trabalhar. Contudo é interessante perceber que os fatos não acontecem simultaneamente, ou seja, eles se alternam.

"Quer no prazer, quer na dor" (Castro Alves).

Obs.: Importa salientar que às vezes a conjunção OU pode ter valor aditivo.

Ex.: Gostava de encher o apartamento de amigos, ou sair com a turma...” (Luis Fernando Veríssimo).

? A conjunção OU no exemplo introduz mais uma atividade que dá prazer ao sujeito tácito.

10.1.4. Conclusivas

Introduzem uma ideia de conclusão, dedução. As conjunções mais comuns são LOGO, PORTANTO, ENTÃO, POR CONSEGUINTE.

Ex.: “Penso, logo existo” (Descartes).

? Observe que, nesta frase, a conjunção LOGO introduz uma ideia de conclusão, pois o que está dito nesta frase é uma dedução, uma filosofia, algo que não pode ser comprovado.

Estudei muito, portanto vou passar no concurso.

? Observe que a conjunção PORTANTO introduz uma dedução, algo que só estará comprovado quando da publicação da lista dos aprovados.

Obs.: Outros conectores que também exprimem ideia de conclusão são DESTARTE e DESSARTE. Esses vocábulos se originaram das formas aglutinadas “desta parte” e “dessa parte”, significando “sendo assim”, “dessa forma”. Normalmente introduzem parágrafos ou períodos que estejam fechando uma ideia.

Ex.: Está chovendo à beça. Destarte, não irei à praia.

10.1.5. Explicativas

Introduzem uma ideia de EXPLICAÇÃO relacionada normalmente a uma ordem, advertência, sugestão ou solicitação. Dessarte, para que haja uma oração explicativa, há a necessidade quase sempre de um verbo no imperativo. As conjunções mais comuns são: QUE, PORQUE, POIS, JÁ QUE, VISTO QUE, UMA VEZ QUE, DADO QUE, PORQUANTO, COMO.

Ex.: “Ouvi, que não vereis com vãs façanhas...” (Camões).

"E não tenha medo, que eles não são de nada" (Fernando Sabino).

? Observe que as conjunções PORQUE e QUE iniciam explicações para ordens indicadas na oração anterior (foi efetuada a ordem OUVI, pois o sujeito VÓS não poderá ver vãs façanhas; foi dada a ordem para o sujeito não ter medo, com a justificativa de que eles não são de nada).

Obs.: É muito comum haver a confusão entre este caso que estamos analisando e o seguinte (conjunção subordinativa causal). No próximo caso, começaremos a analisar a relação causa-efeito. Na explicação, não pode haver tal relação. Só é admissível uma conjunção ser explicativa, mesmo sem verbo no imperativo, se o fato por ela introduzido não gerar um efeito.

Ex.: Choveu, porque as ruas estão alagadas.

? Não se pode analisar o "porque" como causal, porquanto haveria a indicação de que "as ruas estarem alagadas" seria causa e "chover", consequência. Esta interpretação não faz sentido. Cabe aí apenas a ideia de explicação.

Ele vai viajar, já que vi suas malas prontas.

? Não se pode dizer que "ver as malas estarem prontas" seja causa e "ele viajar", efeito. Então, a função da segunda oração é apenas de explicar, ou seja, o que me esclarece que ele vai viajar é o fato de suas malas estarem prontas.

10.2. Conjunções subordinativas

10.2.1. Causais

Introduzem uma ideia de CAUSA. É fundamental relatar que aqui se inicia a relação causa-efeito. Toda causa representa o fato anterior. Já o efeito, o fato posterior. Aí é onde se difere da ideia de explicação. Lá não há relação causa-efeito, e sim apenas uma justificativa para uma ordem,

solicitação ou conselho. Também se torna importante frisar que os conectores são os mesmos, daí a dificuldade de observar a diferença.

Ex.: "Alegres vinham todos, porque creem..." (Camões).

"E como a barba me vinha, basta e negra, aceitei com orgulho a alcunha de Raposão" (Machado de Assis).

Não cheguei atrasado, porquanto não queria ser demitido.

? As conjunções PORQUE, COMO e PORQUANTO conferem à oração em que ocorrem uma ideia de causa, já a outra oração encerrará valor de consequência.

Obs.: Como já foi dito anteriormente, é de extrema importância o candidato não se condicionar a que uma conjunção possuirá sempre a mesma classificação. Analise o conector POIS nas três frases a seguir.

Ex.: Ele ainda não fez os quadros; não devem, pois, ter chegado as tintas.

Ele ainda não fez os quadros, pois ainda não chegaram as tintas.

Faça os quadros, pois já chegaram as tintas.

? Observe que o primeiro POIS está numa oração que contém ideia de dedução, podendo ser substituído por PORTANTO, LOGO, ENTÃO. Não se possui a informação de as tintas não terem chegado, então o que se fez foi uma dedução, uma conclusão. Sendo assim, o primeiro POIS é uma CONJUNÇÃO COORDENATIVA CONCLUSIVA.

? Observe que o segundo POIS introduz uma ideia de causa na primeira oração, podendo ser permutado por PORQUE, JÁ QUE, PORQUANTO, e a outra oração representa o efeito. Além disso, não há nenhum verbo no imperativo, só restando a hipótese de ser SUBORDINATIVA CAUSAL.

? Já o terceiro POIS, mesmo sendo substituído pelas mesmas conjunções do exemplo anterior, apenas indica uma justificativa, uma explicação para a ordem citada na primeira oração, não estabelecendo entre as duas a relação causa-efeito.

10.2.2. Concessivas

Introduzem uma oração cujo fato ocorrente não altera o fato da outra oração. As conjunções são: EMBORA, MESMO QUE, AINDA QUE, CONQUANTO, MALGRADO, SE BEM QUE, POR MAIS QUE, POR MENOS QUE, POSTO QUE.

Ex.: "Nem mesmo a afilhada a tirava dessa reserva, embora a estimasse mais que a todos" (Lima Barreto).

? A conjunção EMBORA introduz uma oração contendo um fato incapaz de modificar o fato da outra. O fato de "estimá-la mais que a todos" não o impede de "continuar reservado".

Ex.: Conquanto fosse tarde, ainda saí de casa.

? Observe que a conjunção CONQUANTO introduz uma oração que não muda o fato da outra oração. O fato de ser tarde não cerceia o fato de eu sair.

Obs.: Ocorre uma situação curiosa com a conjunção POSTO QUE: Vinícius de Moraes, na última estrofe do "Soneto de Orfeu", utilizou esta conjunção com valor causal (licença poética). Este uso influenciou tanto a cultura, que se tornou muito mais utilizado do que no próprio sentido original e exigido pela norma culta.

"Eu possa dizer do meu amor (que tive)
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure".

BIZU

É importante também chamar a atenção do candidato para o fato de que as conjunções concessivas podem indicar um fato concreto ou hipotético.

Ex.: Ainda que eu volte cansado do trabalho, irei à boate.

? A primeira oração indica um fato hipotético (não sei se estarei cansado ou não) que não altera o desfecho.

Embora eu esteja cansado, irei à boate.

? A primeira oração indica um fato concreto (eu estou cansado) que não altera o desfecho.

10.2.3. Condicionais

Introduzem uma ideia de condição. Esta ideia é exatamente oposta à da concessão. Um fato sempre vai depender do outro. As conjunções são SE, CASO, A NÃO SER QUE, A MENOS QUE, DESDE QUE, CONTANTO QUE.

BIZU

Caro candidato, ultimamente têm caído bastantes questões em concursos em que é solicitada a relação causa-efeito. E, em muitas dessas situações, a causa é representada por conectores condicionais. Tal é possível, pois há uma proximidade significativa entre as duas ideias. Ambas representam os fatos anteriores e geram uma consequência, distinguindo-se apenas pelo fato de a causa ser fato prévio concreto, e a condição, fato prévio hipotético.

Ex.: Contanto que não chova, vou à praia.

? Observe que a conjunção CONTANTO QUE introduz uma condição (não chover) para eu ir à praia. Observe que aí reside a oposição à concessão, pois, enquanto a condição prevê uma suposição para a realização da consequência, a concessão demonstra a anulação da hipótese (MESMO QUE CHOVA, VOU À PRAIA – vou à praia independentemente de chover ou não). Lembremos também que a condição não chover gera a consequência de ir ou não à praia.

Caso haja uma solução, tentarei até o fim.

? A conjunção CASO sugere a condição que poderá gerar o efeito de eu tentar até o fim; se não houver solução, não tentarei até o fim.

10.2.4. Temporais

Indicam uma marcação de tempo. As conjunções mais comuns são: QUANDO, MAL, LOGO QUE, APENAS (sinônimo de quando), DESDE QUE, NO MOMENTO QUE, ENQUANTO.

Ex.: "Quando você foi embora, fez-se noite em meu viver..." (Milton Nascimento).

? A conjunção QUANDO indica apenas o momento em que o fato da segunda oração teve início, não estabelecendo entre eles uma necessária relação causa-efeito.

Apenas ele chegou, todos saíram.

? A conjunção APENAS designa somente a hora em que todos saíram, não sendo necessariamente a causa de todos saírem.

"Mal o pai colocou o papel na máquina, o menino começou a empurrar uma cadeira pela sala" (Fernando Sabino).

? A conjunção MAL explicita que, logo após a ação do pai, ocorreu a ação do menino.

"Enquanto jantava, falei em voz baixa a Casimiro Lopes" (Graciliano Ramos).

? Conjunção ENQUANTO sugere que as duas ações ocorreram (***jantar*** e ***falar baixo a Casimiro Lopes***) simultaneamente.

Obs.: Vale a pena analisar a conjunção DESDE QUE nas frases a seguir.

Ex.: Desde que economizemos, compraremos tudo.

? A locução conjuncional DESDE QUE introduz uma condição para que possamos comprar tudo, portanto a locução conjuncional é subordinativa condicional.

Desde que voltou, nossos problemas começaram.

? A locução conjuncional DESDE QUE indica apenas o momento em que se iniciaram os problemas, não sendo a volta da pessoa necessariamente a causa.

10.2.5. Consecutivas

Introduzem uma ideia de consequência. Normalmente na oração principal aparecerá um elemento que dê intensificação (tão, tal, tamanho, tanto). A conjunção mais comum é QUE.

Ex.: "Abraçou-me com tal ímpeto, que não pude evitá-lo" (Machado de Assis).

Ex.: "... e era tão linda, morena e dourada pelo sol, que eu ia, no silêncio do ar, atirar-lhe um beijo..." (Eça de Queirós).

? Observe, nas duas frases, que apareceu a expressão de intensidade (TAL, TÃO) na oração principal e a conjunção QUE introduzindo valor de consequência, na primeira frase (não pude evitá-lo) e na segunda (eu ia, no silêncio do ar, atirar-lhe um beijo...).

10.2.6. Finais

Introduzem uma ideia de finalidade, objetivo.

Todas as conjunções finais podem ser substituídas pela palavra OBJETIVO. É interessante citar que a conjunção PORQUE pode significar PARA QUE, A FIM DE QUE, COM OBJETIVO DE QUE, DE TAL SORTE QUE...

BIZU

Você deve ficar atento ao fato de que as bancas têm relacionado, principalmente em questões de interpretação de textos, a ideia de finalidade à de consequência. Tal é efetivamente cabível visto que ambas representam fatos posteriores. Tome cuidado, pois, no primeiro momento, a finalidade passa a sensação de que se trata de fato anterior, mas é justamente o oposto, como ficará esclarecido nos exemplos a seguir.

Ex.: Vim aqui para que (com o objetivo de que) pudesse analisar o problema.

? Atenção: o primeiro fato a acontecer é "vir aqui" e o segundo fato "poder analisar o problema", então "poder analisar o problema" não faz com que "eu venha aqui, e sim "vir aqui" é que faz com que "eu possa analisar o problema".

João deve estudar a fim de que (com o objetivo de que) tenha a sua vaga assegurada no concurso.

? Atenção: o fato anterior é "João dever estudar", o posterior é "ter a vaga assegurada". O posterior não leva à ocorrência do anterior; o anterior é que leva à ocorrência do posterior.

10.2.7. Proporcionais

Introduzem uma ideia de proporção. As conjunções mais comuns são: À MEDIDA QUE, À PROPORÇÃO QUE, AO PASSO QUE, QUANTO.

Ex.: Quanto mais como, mais engordo.

? A conjunção QUANTO introduz a proporção entre comer e engordar. Se comer pouco, engorda-se pouco; se comer muito, engorda-se muito.

> "À medida, porém, que as horas se passavam, sentiam-me cair num estado de perplexidade e covardia" (Graciliano Ramos).

? A conjunção À MEDIDA QUE introduz a proporção entre as horas se passarem e a pessoa sentir-se cair num estado de perplexidade e covardia. Quanto mais as horas foram se passando, mais ele se sentia perplexo.

> "O trovador, à proporção que lia, ia mudando de fisionomia" (Lima Barreto).

? A conjunção À PROPORÇÃO QUE indica que dois fatos aconteciam simultânea e proporcionalmente.

10.2.8. Conformativas

Introduzem uma ideia de conformidade, de estar de acordo. As conjunções mais comuns são: DE ACORDO COM QUE, CONFORME, COMO, SEGUNDO, CONSOANTE, EM CONSONÂNCIA COM QUE.

Ex.: Agi conforme me foi ordenado.

? A conjunção CONFORME introduz a conformidade da ação com o que foi ordenado.

> Fez a obra como manda a lei.

? A conjunção COMO introduz a conformidade da realização da obra com o que manda a lei.

10.2.9. Comparativas

Introduzem uma ideia de comparação. Esta comparação pode ser de superioridade, igualdade ou inferioridade. As conjunções mais comuns são (DO) QUE, COMO, CONFORME.

Ex.: Agi conforme você agiu.

? A conjunção CONFORME estabelece uma comparação de igualdade entre a ação do sujeito da primeira oração (eu) e o sujeito da segunda (você).

"D. Glória vê máquinas e homens que funcionam como as máquinas" (Graciliano Ramos).

? A conjunção COMO introduz uma comparação de igualdade da forma como são vistos o homem e a máquina.

Obs.: O conector TAL QUAL, de valor comparativo, registra uma situação peculiar. TAL concorda com o primeiro elemento e QUAL com o segundo.

Ex.: Ela é tal qual a mãe.
Elas são tais qual a mãe.
Ela é tal quais as amigas.
Elas são tais quais as amigas.
"E as raízes se torcem quais serpentes" (Castro Alves).

Ex.: "Mais do que palavra
Diarreia é arma que fere e mata" (Ferreira Goulart).

Observe que o texto demonstra a importância maior da diarreia como arma do que como mera palavra.

Ex.: "Mostra ser mais velho do que seus comparsas uma boa dezena de anos" (Bernardo Guimarães).

? A conjunção DO QUE denuncia que a idade do cidadão citado é superior à de seus comparsas.

João bebe menos do que Maria.

? A conjunção DO QUE indica que João bebe uma quantidade inferior à Maria.

Nestes dois exemplos, o leitor deve observar que a conjunção pode ser QUE ou DO QUE. O termo DO é totalmente dispensável tanto semântica

como sintaticamente. A Esaf e a UnB cobram bastante essa informação em concursos.

10.2.10. Integrantes

Introduzem orações que podem ser substituídas pela palavra ISSO.

Ex.: Ele dizia que não adiantava pegar cor na praia...” (Luis Fernando Veríssimo).

? Observe que a segunda oração é introduzida por uma conjunção subordinativa integrante, podendo (a segunda oração) ser substituída inteiramente pela palavra ISSO: ELE DIZIA ISSO.

Ex.: Ele não disse se vem.

? SE é conjunção integrante, pois a oração que ela introduz pode ser substituída pela palavra ISSO: Ele não disse isso.

10.3. Exercícios

1. Dê a classificação completa das CONJUNÇÕES e LOCUÇÕES CONJUNTIVAS sublinhadas nas frases a seguir.

1) Malgrado estivesse triste, recebeu os amigos com sorrisos.

2) A não ser que ele esteja doente, sua ausência torna-se inexplicável.

3) Como a criança dormiu, os pais puderam ver televisão.

4) Ele não somente esteve aqui, como cumprimentou todos.

5) Ele esteve aqui, mas não cumprimentou ninguém.

6) A direção do curso não nos participou se haverá aula.

7) A direção nos lembrou o horário das aulas porque não nos atrasássemos.

8) Ele bebeu, que passou mal.

9) Segundo informou a direção, no próximo sábado haverá aula.

10) Eles já tomaram todas as precauções, portanto não haverá mais problemas.

11) Ficaremos aqui ou voltaremos para casa.

12) Estudem bastante, porquanto o edital será publicado na próxima semana.

13) Os candidatos devem estudar como os já aprovados.

14) Mal a criança começou a ver o desenho, dormiu.

15) Quanto mais estudamos, mais possibilidades temos de passar.

16) À medida que os políticos enriquecem, o povo empobrece.

17) Fizemos muito mais do que efetivamente deveríamos fazer.

18) Ora estudamos ora trabalhamos.

19) Os alunos do simulado vêm estudando bastante, logo os primeiros lugares serão conquistados por eles.

20) Não necessitamos de que nos falem o óbvio.

21) Posto que o traficante diga a verdade, ninguém acreditará nele.

22) Desde que ele se sinta bem aqui, poderá ficar.

23) Desde que ele chegou aqui, começou a passar mal.

24) João quase não estudou e fez excelente prova.

25) Maria não lavou as roupas tampouco as passou.

26) Uma vez que o material ainda não chegou, a aula será adiada.

27) Não percas a paciência, visto que Maria é apenas uma criança.

28) Consoante as regras estabeleciam, não poderá haver mais faltas.

29) As crianças tanto fizeram, que ficaram de castigo.

30) Estarei presente em todas as reuniões do condomínio para que não falem mal de mim.

2. (Fecap) Classifique as palavras como nas construções seguintes, numerando, convenientemente, os parênteses.

1) preposição
2) conj. subord. causal
3) conj. subord. conformativa
4) conj. coord. aditiva
5) adv. interrogativo de modo

( ) Perguntamos como chegaste aqui.
( ) Percorrera as salas como eu mandara.
( ) Tinha-o como amigo.
( ) Como estivesse frio, fiquei em casa.
( ) Tanto ele como o irmão são meus amigos.

a) 2 – 4 – 5 – 3 – 1
b) 4 – 5 – 3 – 1 – 2
c) 5 – 3 – 1 – 2 – 4
d) 3 – 1 – 2 – 4 – 5
e) 1 – 2 – 4 – 5 – 3

3. (AFC – CGU – Esaf) Assinale a opção em que o preenchimento da lacuna com o conectivo abaixo resulta em erro gramatical ou incoerência textual no seguinte fragmento.

A dívida pública brasileira é uma velha herança. _____(A)_____aumentou consideravelmente nos anos 80, _____(B)_____ os juros internacionais subiram muito. Mais de 40 países foram arrastados pela crise da dívida, a partir de 1982. _____(C)_____ seus governos foram capazes de reorganizar as contas públicas e de reduzir o peso da dívida. _____(D)_____o Brasil continuou prisioneiro do endividamento inflado naquele período e, além disso, permitiu o aumento de seu peso nos anos seguintes. _____(E)_____, a carga tributária brasileira é maior que a de todos ou quase todos os países emergentes e até

mais pesada que a de algumas economias avançadas, como os EUA e o Japão. ***(Adaptado de O Estado de São Paulo, Notas & Informações. 21 de abril de 2012)***

a) Portanto
b) quando
c) Porém
d) Mas
e) No entanto

4. (UM-SP) Assinale a alternativa em que a palavra "como" assume valor de conjunção subordinativa conformativa.

a) Como ele mesmo afirmou, viveu sempre tropeçando nos embrulhos da vida.
b) Como não tivesse condições necessárias para competir, participou com muita insegurança das atividades esportivas.
c) As frustrações caminham rápidas como as tempestades das matas devastadoras.
d) Indaguei-me apreensiva como papai tinha assumido aquela contínua postura de contemplação.
e) Como as leis eram tentativas naquele vilarejo, todos os moradores tentavam um meio de obediência às normas morais.

5. (Analista de Controle Interno – Sefaz-RJ – FGV) ***Entre a sociedade, a empresa e o Estado, está o profissional contábil, que, por sua vez, é o elo entre Fisco e contribuinte. É de fundamental importância que esse profissional aprimore seu entendimento tributário, percebendo sua necessidade. Ratifica-se, assim, o conceito de que a conscientização tributária pode representar um ponto de partida para a formação cidadã como uma das formas eficazes de atender às demandas sociais, com maior controle sobre a coisa pública.***

As ocorrências do QUE no período acima classificam-se, respectivamente, como

a) pronome relativo – pronome relativo – pronome relativo
b) pronome relativo – conjunção – conjunção
c) conjunção – conjunção – conjunção
d) conjunção – pronome relativo – pronome relativo
e) pronome relativo – pronome relativo – conjunção

6. (Analista de Controle Interno – Sefaz-RJ – FGV) ***Ao analisar o progresso da humanidade, percebe-se que o desenvolvimento social e econômico foi*** **possível porque o homem sistema-tizou formas de organização entre os povos.**

Assinale a alternativa em que a alteração da estrutura destacada no período acima tenha provocado alteração sintática e semântica.

a) porquanto o homem tenha sistematizado formas de organização entre os povos
b) pois o homem sistematizou formas de organização entre os povos
c) conquanto o homem tenha sistematizado formas de organização entre os povos
d) já que o homem sistematizou formas de organização entre os povos
e) uma vez que o homem sistematizou formas de organização entre os povos

7. (Analista de Controle Interno – Sefaz-RJ – FGV) ***Nesse sentido, se a evasão tributária é uma doença social, seu combate ou tratamento não pode ficar restrito aos seus agentes; é necessário o envolvimento de toda a sociedade*****.**

Assinale o termo que NÃO poderia ser colocado após o ponto-e-vírgula sob pena de provocar grave alteração de sentido.

a) portanto,
b) não obstante,
c) logo,
d) nesse sentido,
e) assim,

8. (TRE-RJ) O conectivo sublinhado estabelece uma ligação malfeita (coesão inadequada), quanto ao sentido, em:

a) Li este livro, *mas* não o entendi.
b) Como chegou atrasado, proibiram-no de entrar.
c) Ainda que ele queira, ninguém o ajudará em suas tarefas.
d) Estudou muito pouco para o concurso, pois conseguiu passar.
e) Tudo terminará bem, desde que o chefe permita a saída de todos.

9. (TRE-MT) Na frase "De um ano que, afinal, também não teve muitos escrúpulos, pois só se contradisse", a palavra pois pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:

a) portanto;
b) por conseguinte;
c) visto que;
d) caso;
e) ainda que.

10. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a conjunção "e" está empregada com valor adversativo.

a) "Deixou viúva e órfãos miúdos".
b) "Para diminuir a mortalidade e aumentar a produção, proibi a aguardente".
c) "Tenho visto criaturas que trabalham demais e não progridem".
d) "Iniciei a pomicultura e a avicultura".
e) "Perdi dois caboclos e levei um tiro de emboscada".

11. (Fiscal – Sefaz-RJ – FGV)
Diga que você me adora
Que você lamenta e chora
A nossa separação
Às pessoas que eu detesto
Diga sempre que eu não presto
No trecho acima há quantas ocorrências, respectivamente, de pronomes e conjunções?
a) Sete e cinco.
b) Cinco e cinco.
c) Seis e cinco.
d) Sete e quatro.
e) Seis e quatro.

12. (Técnico Judiciário – TRE-PA – FGV) *Ficam hibernando à espera do momento eleitoral <u>quando</u> deveriam estar em praça pública em busca de militantes e se expondo ao debate.*
A conjunção quando, no período acima, tem valor:
a) proporciona;
b) comparativo;
c) consecutivo;
d) temporal;
e) concessivo.

13. (TFC) Assinale a única opção que provoca mudança de sentido, se colocada no lugar da palavra destacada no texto abaixo.
"<u>Malgrado</u> fosse muito inteligente, não obteve bons resultados nas provas do concurso".
a) Embora.
b) Se bem que.
c) Dado que.
d) Ainda que.
e) Não obstante.

14. (Piloto Policial – Polícia Civil-RJ – FGV) Leia o seguinte texto, início do romance *Olhai os lírios do campo*, de Érico Veríssimo:

O médico sai do quarto n. 122.(*) A enfermeira vem ao seu encontro.

— Irmã Isolda – diz ele em voz baixa –, avise o Dr. Eugênio(*). É um caso perdido. Questão de horas, talvez de minutos. E ela sabe que vai morrer...

Os conectores que poderiam ser empregados de forma adequada ao sentido do texto no lugar dos asteriscos são:

a) enquanto, e;
b) quando, mas;
c) visto que, logo;
d) e, pois;
e) assim que, porque.

15. (Técnico Judiciário – TRE-AP – FCC) *A própria legislação admite que a identidade seja confirmada em recinto policial. A imposição de multa, porém, parece abusiva.*

Propõe-se a organização das frases acima num só bloco, iniciado por "A imposição de multa parece abusiva". Para que o sentido original se mantenha, as frases terão de ser conectadas por meio de:

a) ainda que;
b) mas;
c) dado que;
d) contanto que;
e) visto que.

16. (Analista – Fiocruz – FGV) "Caso a pessoa esteja dirigindo, no entanto, falar ao telefone pode se tornar uma tragédia"; a conjunção sublinhada pode ser substituída por todos os conectivos abaixo, mantendo-se o sentido original, exceto em:

a) porém
b) todavia
c) apesar de
d) entretanto
e) contudo

17. (Fiscal da Receita Estadual – AP – FGV) *Deve-se isso ao fato de as instituições brasileiras terem sido concebidas de forma coercitiva e unilateral, não havendo diálogo entre governantes e governados, mas apenas a imposição de uma lei e de uma ordem*

consideradas artificiais, quando não inconvenientes aos interesses das elites políticas e econômicas de então.

A respeito do uso do vocábulo quando no fragmento acima, pode-se afirmar que se trata de uma conjunção:

a) subordinativa com valor semântico de condição;
b) coordenativa com valor semântico de tempo;
c) coordenativa com valor semântico de finalidade;
d) subordinativa com valor semântico de concessão;
e) coordenativa com valor semântico de explicação.

18. (NCE) "Como os dados se referem a um único país e apenas às adoções legais, pode-se constatar que este país vive hoje dramaticamente uma verdadeira diáspora da infância abandonada". O segmento destacado dá ideia de:

a) causa;
b) comparação;
c) conformidade;
d) condição;
e) concessão.

19. (NCE) "A língua é um bem que percorre as gerações, passando de uma à outra, e será tão mais bem transmitida quanto mais estável for, ou, pelo menos, quanto menos interferências arbitrárias sofrer". As duas últimas orações subordinadas do período estabelecem com a sua principal uma relação de:

a) proporcionalidade;
b) temporalidade;
c) consequência;
d) comparação;
e) causalidade.

20. (NCE – TJ) Vocábulos que iniciam parágrafos como "mas" (3º §), "para que" (6º§) colaboram para que se mantenha no texto:

a) a coerência argumentativa;
b) a coesão formal;
c) a argumentação lógica;
d) a organização narrativa;
e) a estruturação enunciativa.

21. (NCE – TJ) Em "Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material....", a presença do segmento "não são apenas de ordem material" indica que, na continuidade do texto, haverá:

a) um termo de valor aditivo e pertencente a uma outra ordem;
b) um termo de valor adversativo e pertencente a uma ordem diferente da citada;
c) um termo de valor explicativo e pertencente à mesma ordem já referida;
d) um termo de valor concessivo e pertencente a uma ordem diversa;
e) um termo de valor conclusivo e pertencente à ordem citada anteriormente.

22. (AFTN – Esaf) Escreva diante de cada texto, adaptado de Aliomar Baleeiro, o número do operador lógico que preenche corretamente a lacuna.

( ) É característica da taxa a especialização do serviço em proveito direto ou por ato do contribuinte, , na aplicação do imposto, não se procura apurar se há qualquer interesse, direto ou indireto, por parte de quem o paga.
( ) Em 1896, Amaro Cavalcânti ponderava que a palavra "taxa", sem embargo de ser igualmente usada como sinônimo geral de impostos, não devia ser assim entendida ou empregada; , na sua acepção própria, designa o gênero de contribuição que os indivíduos pagam por um serviço diretamente recebido.
( ) O pagamento das taxas é facultativo; é, por assim dizer, o preço do serviço obtido e em que cada um o exige ou dele tira proveito.
( ) As taxas se devem revestir sempre do caráter de contraprestação inerente a essa espécie de tributos. Ao adotar-se interpretação outra, malograr-se-ão todas as cautelas da Constituição, que estabeleceu e quer uma rígida discriminação de competência, , prevendo a reedição de velhos abusos fiscais mascarados com o nome de taxas, preceituou proibição inequívoca.
( ) As despesas de administração da justiça poderiam ser pagas convenientemente por uma contribuição particular, que a ocasião o exigisse.
( ) Enquanto pelas taxas, o indivíduo procura obter um serviço que lhe é útil pessoalmente, o Estado, , procura, pelo imposto, os meios de satisfazer as despesas necessárias da administração.
( ) Os clássicos, assim como os contemporâneos, não divergem sobre a noção básica de taxa, se separem acerca de outros pontos acessórios.

(1) embora
(2) ao passo que
(3) à medida
(4) tanto assim que
(5) na medida

(6) visto como
(7) ao contrário
A sequência numérica correta é:
a) 6, 5, 1, 3, 4, 7, 2;
b) 1, 7, 5, 4, 2, 3, 6;
c) 2, 6, 5, 4, 3, 7, 1;
d) 1, 3, 2, 6, 5, 7, 4;
e) 2, 5, 6, 7, 4, 3, 1.

23. (NCE-TJ) "... ficaria louca se continuasse sozinha". A relação entre essas duas orações mostra que:
a) a segunda só se realiza se a primeira não se realizar;
b) a primeira se realiza contanto que a segunda não se realize;
c) a segunda é consequência da primeira;
d) a primeira é motivada pela segunda;
e) a primeira é uma hipótese para a realização da segunda.

24. (UCMG) Em "Orai porque não entreis em tentação", o valor da conjunção do período é de:
a) causa;
b) condição;
c) conformidade;
d) explicação;
e) finalidade.

25. (Oficial de Justiça – NCE) Nos itens abaixo, o emprego da conjunção OU (em maiúsculas) só tem nítido valor alternativo em:
a) "Quantos foram presos OU espancados pela liberdade de dizer o que pensam?"
b) "BMW OU bicicleta, o que conta é a sensação de poder sentar-se ao veículo e resolver em que direção partir."
c) "É a liberdade de escolher os canais (restritos em países totalitários), de ver um programa imbecil ou um jogo, OU estar tão perto das notícias quanto um presidente da República..."
d) "... só nos preocupamos com o que não temos OU com o que está ameaçado."
e) "É estar próximo de reis, heróis, criminosos, superatletas OU cafajestes..."

26. (TRF – Esaf) O globalismo é uma configuração histórico social abrangente, convivendo com as mais diversas formas sociais de vida e trabalho, mas também assinalando condições e possibilidades, impasses e perspectivas, dilemas e horizontes. no âmbito do globalismo emergem ou ressurgem localismos, provincianismos, nacionalismos, regionalismos, colonialismos, imperialismos, etnicismos, racismos e fundamentalismos; se reavivam os debates, as pesquisas e as aflições sobre a identidade e a diversidade, a integração e a fragmentação. Mas o que se desenvolve e predomina, recobrindo e impregnando as mais diferentes situações, é o globalismo. A despeito de tudo o que preexiste e subsiste, em todas as suas peculiaridades, generalizam-se as relações, os processos e as estruturas que constituem o globalismo (*A Era do Globalismo*, Octávio Ianni).
Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas, assegurando a coerência da informação.
a) Tanto é assim que / assim como
b) A fim de que / desde que
c) Contanto que / ainda que
d) Contudo / mas não
e) Por pouco que / sempre que

27. (TFC – Esaf) Indique a sequência que preenche corretamente as lacunas.
A Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco) estima que há 880 milhões de analfabetos adultos e 115 milhões de jovens em idade escolar fora da escola, entre a população mundial. A Unesco, , não divulgou os números para cada país pesquisado. Em setembro do ano passado, o Ministério da Educação divulgou os dados mais recentes sobre o Brasil, 14,7% da população entre 14 e 49 anos de idade continua analfabeta. Houve uma grande redução do problema, , há 20 anos, mais de 30% da população naquela faixa etária não sabia ler e escrever.
O Ministério relacionou a queda dos índices de analfabetismo com o aumento da escolaridade: em 1980, apenas 49% das crianças entre 7 e 14 anos estavam na escola, percentual que subiu para 96% no ano passado. O Brasil reduziu pela metade o percentual de analfabetos na população, dobrou o número de crianças em idade escolar nas salas de aula. Esse avanço é relevante, a simples alfabetização já não é mais suficiente para a conquista de emprego num mercado de trabalho competitivo. (*O Estado de S. Paulo* – Notas e Informações, 22/4/2000, p. A3)
a) porém – onde – pois – porque – contudo.
b) entretanto – apesar de – já que – por que – mas.
c) apesar de – entretanto – pois – por que – mas.
d) no entanto – onde – apesar de – já que – por que.

e) pois – porque – apesar de – já que – entretanto.

28. (AFRF – Esaf) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.
A economia lida com o problema usar de maneira mais eficiente possível todos os recursos disponíveis de um país, alcançar o nível mais alto possível de satisfação da procura ilimitada da sociedade por bens e serviços. O objetivo máximo da economia é satisfazer as necessidades humanas de produtos. A questão é que, as necessidades sejam praticamente ilimitadas, os recursos (naturais, mão de obra, capital e tecnologia) são escassos. (Adaptado de *Enciclopédia Compacta de Conhecimentos Gerais – Isto É*, p. 204 e 205)
a) como / para / assim.
b) de / de qual / desta forma.
c) de como / de modo a / embora.
d) de que / em que / para que.
e) por que / porque / enquanto.

29. (TRT-RJ) "... o Brasil é um país onde há leis que pegam e leis que não pegam, como se isso fosse uma originalidade brasileira como a jabuticaba". A alternativa em que se expressa a mesma ideia contida nesse segmento do texto é:
a) Como a jabuticaba, é uma originalidade brasileira o fato de haver leis que pegam e leis que não pegam.
b) Apesar de não ser uma originalidade brasileira, como a jabuticaba, há no país leis que pegam e leis que não pegam.
c) No Brasil há leis que pegam e leis que não pegam, como a jabuticaba, mas isso não é uma originalidade brasileira.
d) Como a jabuticaba, há no Brasil leis que pegam e leis que não pegam, embora isso não seja uma originalidade brasileira.
e) O Brasil é um país onde há leis que pegam e leis que não pegam e isso é marca da originalidade brasileira, como a jabuticaba.

30. (Eletrobrás – NCE) "Se você disser ao cidadão desprevenido que o leite, por ser essencial, deve sair das mãos dos particulares para cooperativas ou entidades estatais, se você disser que os bancos, vivendo exclusivamente das poupanças populares, não têm nenhuma razão de estar em mãos privadas, o cidadão o olhará com olhos perplexos de quem vê alguém propondo algo muito perigoso." O comentário correto a respeito deste segmento do texto é:

a) os dois segmentos iniciados pela conjunção SE indicam condições para que se realize a consequência citada;
b) o cidadão só olhará com espanto o autor das ideias citadas se elas já estiverem transformadas em realidade;
c) os adjetivos estatais e privadas são sinônimos no contexto em que estão inseridos;
d) o segmento poupanças populares equivale semanticamente a popularidade das poupanças;
e) o "algo muito perigoso" a que alude o texto se localiza no terreno cultural.

31. (MPOG-Esaf) Assinale a opção que preenche as lacunas do texto, tornando-o coeso e coerente.
Apesar de diferenças ideológicas ou acadêmicas a respeito da natureza das atividades que o Estado deve desempenhar, parece haver um consenso formado a respeito de como o Estado deve desempenhar essas atividades.
1 vigora o ideal de um governo representativo, em que os cidadãos elegem seus representantes, sob o regime de um mandato imperativo.
2 , há diversos exemplos de disfunções dos arranjos institucionais do Estado, que o tornam muito mais identificado com os interesses das elites.
3 , ao longo do século XX, o desenvolvimento de um Estado social democrático de direito resultou num processo de consolidação de estruturas voltadas também à prestação de serviços e implementação de políticas sociais.

	1	2	3
a)	Não mais	Mesmo assim	Portanto
b)	Entretanto	Diante disso	Mesmo assim
c)	Para sempre	Sendo assim	Nesse sentido
d)	Ainda	Entretanto	Não obstante
e)	Embora	Portanto	Entretanto

32. (Aud. Tesouro Mun. Fortaleza – Esaf) Assinale a opção que completa de forma coesa e coerente as lacunas do texto abaixo.

Sendo a síntese de fatores objetivos e subjetivos que não se esgotam no processo de trabalho propriamente dito, os elementos constitutivos da cultura do trabalho precisam ser considerados em sua historicidade, não apenas condicionada pela realidade externa, 1 pelas diferentes motivações que orientam a ação coletiva. 2 a cultura do trabalho resulta da dinâmica interna de um determinado sistema cultural, temos que considerar que, também nos empreendimentos populares, ela é o resultado de suas inter-relações com os outros sistemas.

a)	já como	Haja visto que
b)	mas também	Se
c)	mas não	Apesar de
d)	mas também	Embora
e)	entretanto	Se

33. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) ***Não direi mal dos tradutores, e Godofredo Rangel era dos bons.***

O tipo de articulação lógica que se estabelece entre os dois segmentos é equivalente ao que se estabelece entre os segmentos destacados em:

a) Ele não é mau tradutor, // mesmo assim a editora o dispensou.
b) Seu texto não chegou a ser criticado, // até porque não lhe faltavam altas virtudes.
c) Foi muito elogiado como tradutor, // no entanto lhe faltavam dotes de criador.
d) Há muito rigor na crítica aos tradutores, // não importa quanto venham a esforçar-se.
e) Vem colhendo os frutos de sua tradução, // razão pela qual pensa em fazer uma nova carreira.

34. (MP – NCE) "O homem contemporâneo não é onívoro como seu antepassado pré-histórico". Esse segmento traz uma ambiguidade que desapareceria se fosse reescrito, mantendo-se o sentido pretendido no texto, da seguinte forma:

a) O homem contemporâneo não é onívoro como era seu antepassado pré-histórico.
b) Como seu antepassado pré-histórico, o homem contemporâneo não é onívoro.
c) O homem contemporâneo, como seu antepassado pré-histórico, não é onívoro.
d) O homem contemporâneo e seu antepassado pré-histórico não são onívoros.

e) O antepassado pré-histórico do homem contemporâneo não é onívoro como ele.

35. (Auxiliar de Cartório – NCE) O segmento "Quando hibernam..." mostra:
a) um tempo que se realizam os fatos citados a seguir;
b) uma condição para que os fatos seguintes se realizem;
c) um lugar em que se realizam os fatos apontados na continuidade do texto;
d) uma situação concessiva, quando relacionada aos fatos seguintes;
e) uma explicação causadora dos fatos citados a seguir.

36. (BNDES-NCE) Na frase "Ou vai ou racha!", a conjunção OU tem o mesmo valor significativo que apresenta na seguinte frase:
a) O turista compreendia inglês ou francês com facilidade.
b) As vaias ou aplausos não perturbaram o presidente.
c) O empregado faz o que deve ou perde o emprego.
d) Na hora da premiação, chorava ou ria.
e) Morávamos no segundo ou no terceiro andar.

37. (NCE) No último parágrafo do texto, o autor declara chegar a uma conclusão e, para isso, utiliza a conjunção conclusiva portanto; a relação entre conectivo e valor semântico corretamente colocada entre os abaixo, é:
a) tal qual = comparação;
b) mesmo que = adversidade;
c) onde = tempo;
d) para que = direção;
e) à proporção que = lugar.

38. (Secretaria de Fazenda – PI – Esaf) O secretário da Receita Federal, na audiência pública na comissão especial da Câmara, <u>disse apreciar</u>(1) a proposta de emenda constitucional que prorroga a CPMF, <u>uma vez que</u>(2) 4.516 pessoas físicas isentas de tributação ou omissas movimentaram, juntas, mais de R$ 25 bilhões no ano passado com operações individuais <u>que</u>(3) ultrapassaram R$ 10 milhões. Afirmou também que outras 2.449 pessoas jurídicas imunes, inativas, isentas, omissas ou optantes do imposto Simples movimentaram, juntas, R$ 147 bilhões. A movimentação desses "contribuintes" é desproporcional e ofende o senso comum. Desse total, 857 contribuintes já foram fiscalizados, <u>que</u>(4) resultou num lançamento tributário da ordem de R$ 400 milhões, além de outras iniciativas de ordem judicial. Qualquer tipo de imposto está sujeito à sonegação,

mas a CPMF é mais resistente que qualquer outro, tanto à sonegação quanto à(5) elisão fiscal (Adaptado de Nelson Breve, www.estadao.com.br – 6/11/2001).

Para que o texto fique correto, é necessário substituir:

a) "disse apreciar"(1) por disse que apreciava;

b) "uma vez que"(2) por já que;

c) "que"(3) por as quais;

d) "que"(4) por o que;

e) "quanto à"(5) por como à.

39. (NCE) A substituição da locução grifada pelo elemento à direita altera sensivelmente o sentido do enunciado em:

a) "Por enquanto, para ver-se o que deve ser visto, será útil entender latim" / Por ora.

b) "O que faria o governo em face de mais uma estremeção no circuito financeiro internacional" / frente a.

c) "Nada mudaria na política econômica, afirmou, desde que mantida a condição *ceteris paribus*" / posto que.

d) "Tarefa gigantesca, ainda mais porque precisamos tomar iniciativas agora / especialmente.

e) "o que menos se tem é alguma coisa parecida com a placidez do *ceteris paribus* – a não ser que se use a expressão, retorcendo-a para referência ao próprio quadro de incertezas" / a menos que.

40. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – FCC) ***Mais brasileira, mais tradicional, mais poética, incomparavelmente, é a festa de Nossa Senhora da Glória. O pequeno oiteiro da Glória, com a sua capelinha duas vezes secular, é um dos sítios mais aprazíveis, mais ingenuamente pitorescos da cidade. As velhas casas da encosta cederam lugar a construções modernas. Entretanto a igrejinha tem tanto caráter na sua simplicidade que ela só e mais uma meia dúzia de palmeiras bastam a guardar a fisionomia tradicional da colina.***

(Manuel Bandeira. Fragmento de Crônicas da Província do Brasil. In: Poesia completa e prosa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, v. único, 1993. p. 449)

A articulação sintático-semântica entre as orações do período grifado acima denota relação de

a) condição e ressalva.

b) consequência e temporalidade.

c) causa e consequência.

d) fato real e temporalidade.

e) constatação e sua causa imediata.

41. (NCE) Em "Numa pólis bem constituída, todos correm para as assembleias; sob um mau governo...", que conjunção poderia substituir adequadamente o ponto e vírgula entre os dois termos destacados?

a) mesmo que
b) visto que
c) sem que
d) embora
e) todavia

42. (NCE) O sentido de "As reuniões cresceram, assumiram fortes dimensões políticas e tornaram-se eventos de grande repercussão, <u>ainda que</u> prejudicadas pela censura vigente" fica sensivelmente alterado com a substituição da locução sublinhada por:

a) conquanto;
b) posto que;
c) visto como;
d) não obstante;
e) malgrado.

43. (Técnico Judiciário – TRE-SP – FCC) ***Mas, <u>embora ele não tivesse sido nomeado</u>, todos sabiam quem era o comandante*.**

Em relação à frase em que está inserido, o segmento grifado acima possui um sentido:

a) condicional;
b) causal;
c) concessivo;
d) comparativo;
e) conclusivo.

44. (NCE) Em "tampouco deve (...) se amoldar aos desejos de seus eleitores...", "tampouco" é substituível, sem prejuízo do sentido, por:

a) sobretudo não;
b) ainda assim não;
c) também não;
d) apesar disso não;
e) particularmente não.

45. (Coppe) Na frase "As crendices variam, a matemática é a mesma para toda a humanidade, sendo, , confiável e útil, a crendices estão envoltas nas trevas da vaguidade e da superstição", as lacunas podem ser preenchidas, respectivamente, por:

a) embora, por conseguinte, enquanto;

b) no entanto, logo, ao passo que;

c) mas, portanto, ao passo que;

d) ainda que, portanto, à medida que;

e) porém, logo, ao passo que.

Capítulo 11

Preposição

Preposição é a palavra invariável que relaciona dois termos, subordinando o segundo ao primeiro.

11.1. Essenciais

Funcionam apenas como preposição.

A, ANTE, APÓS, ATÉ, COM, CONTRA, DE, DESDE, EM, ENTRE, PARA, PER, PERANTE, POR, SEM, SOB, SOBRE, TRÁS.

11.2. Acidentais

Palavras que, excepcionalmente, podem funcionar como preposição.

CONFORME, SEGUNDO, CONSOANTE, MEDIANTE, FORA, EXCETO, SALVO, DURANTE, TIRANTE, FEITO, QUE (sinônimo de DE).

> Ex.: "Já em 1876, segundo o testemunho de um sacerdote, que ali fora..." (Euclides da Cunha).
>
> Ex.: Tenho que estudar.

QUE acidentalmente funciona como sinônimo da preposição DE: Tenho de estudar. Esse, inclusive, é o entendimento da FGV. Já o Cespe, na prova de Escrivão – PF 2002, classificou o QUE como conjunção.

Obs.: Somente com preposições essenciais, utilizam-se pronomes oblíquos tônicos.

Ex.: Sem ti, não iremos à praia.

Já com preposições acidentais, utilizam-se os pronomes retos.

Ex.: Todos foram à praia, exceto tu.

11.3. Locuções prepositivas

Mais de uma palavra com função de preposição (a última palavra deve ser uma preposição essencial).

ABAIXO DE, JUNTO DE, COM OBJETIVO DE, CERCA DE, ACERCA DE, AO ENCONTRO DE (a favor de), DE ENCONTRO A (contra).

Obs.: A gramática admite a ocorrência de duas preposições em sequência em apenas dois casos: "para com" e "até a".

Ex.: "E me fiz todo gratidão para com ele..." (Raul Pompeia).

"Desde a porta até ao fundo do quintal" (Machado de Assis).

11.4. Combinação

Junção de preposição com outra classe gramatical sem alteração fonética.

AO, AONDE.

11.5. Contração

Junção de preposição com outra classe gramatical com alteração fonética.

ÀS, DA, DOS, NO, DAQUELE.

Obs.: É importantíssimo ressaltar que, quando o termo posterior à preposição funcionar como sujeito, não poderá haver a combinação ou a contração.

Ex.: Não houve possibilidade de o professor resolver o problema.

Observe que "o professor" é sujeito do verbo "resolver", sendo assim não se pode unir a preposição DE ao artigo O.

Não gostamos do problema criado.

"Do problema criado" é objeto indireto, portanto a combinação da preposição com artigo será obrigatória.

BIZU

Chamo a atenção para o fato de a Esaf explorar casos de combinação ou contração facultativas. Isso ocorre quando o elemento seguinte à preposição não funcionar como sujeito e a sonoridade da combinação for desagradável. Tal situação já levou ao quase desuso as contrações COM + O, A, OS, AS – COO, COA, COOS, COAS. Também serão facultativas

contrações de preposição com artigos indefinidos (um, uma, uns, umas – quando não participarem do sujeito) e pronomes indefinidos (outro, outra, outros, outras – quando não participarem do sujeito), e da preposição DE com o termo ONDE.

Ex: "No cimo dum outeiro" (Fernando Pessoa) – DUM ou DE UM

"Não há certeza doutra, mas suspeita" (Camões) – DOUTRA ou DE OUTRA

"Quem eram? Donde vinham? – Pouco importa?" (Castro Alves) – DONDE ou DE ONDE

11.6. Valores semânticos das preposições

A

Condição – A continuarem os sintomas, procure um médico!

Concessão – Ela nada comia a não ser sanduíche.

Direção – "Levaram-no à Capital da Bahia" (Euclides da Cunha).

Tempo – "Ao voltar, bem escovado, bem perfumado, achei a lancha atulhada" (Eça de Queirós).

Fim – "Ela despedaçou o lacre a ler a Seixas o papel" (José de Alencar).

Instrumento – Fizemos a prova a lápis.

Meio – Andar a cavalo.

Modo – Falar aos gritos.

Lugar – "Dormindo imenso ao luar" (Castro Alves).

Semelhança, conformidade – Maria saiu aos avós.

ANTE

Posição anterior ou frontal – Quedou-se ante o quadro, admirando-o.

Causa – Ante o desfecho inevitável, todos se prepararam para o pior.

APÓS

Tempo posterior – As aulas terão início após as festas de fim de ano.

Lugar posterior – João está após Pedro.

ATÉ

Limite de lugar – Iremos até Copacabana.

Limite de tempo – As aulas começarão até às duas horas.

COM

Companhia – "Dom Casmurro, domingo vou jantar com você" (Machado de Assis).

Soma – Quando unimos o conhecimento de Paulo com a esperteza de João, teremos o ser humano ideal.

Modo – "Puxei, com a mão a tremer, a minha chávena de chá..." (Eça de Queirós).

Instrumento – Fizemos o trabalho com o computador.
Condição – Com sorte, não pegaremos engarrafamento.
Causa – Ele empobreceu com o Plano Collor.

DE

Posse – Lápis de João.
Finalidade – "E o coração... é instrumento de sopro ou de percussão?" (Fernando Sabino).
Origem – "Afirmava-se que o fogo começara de uma sala" (Raul Pompeia).
Matéria – "A *urbs* monstruosa, de barro..." (Euclides da Cunha).
Causa – "A filha, pode ser que pálida de medo, dissimulava..." (Machado de Assis).
Modo – Ele vive de pequenos furtos.
Assunto – "Falamos dos colegas..." (Raul Pompeia).
Lugar – Estávamos de longe analisando o problema.
Tempo – "Acordo de noite, subitamente" (Fernando Pessoa).
Meio – "... coça a cabeça, irresoluto: de ônibus ou de táxi?" (Fernando Sabino).

DESDE

Afastamento de um lugar – Estou correndo desde o início da rua.
Início de um tempo – Desde a chegada dele, tivemos problemas.

EM

Lugar – "Os navios no mar apodreciam" (Castro Alves).
Modo – É bom viver uns tempos em paz.
Tempo – Em duas horas, ele estará presente.
Causa – Ele estava triste em não poder viajar.
Finalidade – Ela veio aqui em auxílio.
Matéria – A estátua é feita em ouro.

ENTRE

Posição intermediária no espaço – Moramos entre Copacabana e Ipanema.

Posição intermediária no tempo – Entre duas e três horas, estaremos lá.

PARA

Direção – "Foi assim que me encaminhei para o *undiscovered country* de Hamlet..." (Machado de Assis).

Finalidade – "... escrava rebelde e insensata, não terás mãos nem pés para pôr em prática teus sinistros intentos" (Bernardo Guimarães).

Conformidade – Para João, Flamengo é o melhor time do campeonato.

Restrição – Proibido para menores.

PER (DESUSO) / **POR**

Lugar – Viajamos por estradas inóspitas.

Causa – "O parasita, feliz por ver quanto o amigo aviltava a mulher..." (Aluísio de Azevedo).

Tempo – "Eu sei que vou te amar / por toda a minha vida" (Vinicius de Moraes).

Agente – O trabalho foi feito por João.

Meio – Nós nos falamos por telefone.

Comparação – "Sabe que o tomam por outro" (Fernando Sabino).

PERANTE

Diante de – Ficamos perante o professor durante duas horas.

SEM

Ausência (falta) – "Sem ela o que é a vida?" (Castro Alves).

Condição – Sem passaporte, não poderão viajar.

SOB

Posição inferior – Conversamos sob a ponte.

Proteção – Estávamos sob o amparo da lei.

Sujeição – "Fazia-se a crítica dos novos sob um ponto de vista inteiramente deles" (Raul Pompeia).

SOBRE

Posição superior – "O pé direito sobre um monte enorme de carvões..." (Raul Pompeia).

Assunto – "Documento iniludível permitindo o corpo de delito sobre os desmando de um povo" (Euclides da Cunha).

Preferência (acima de) – Amar a Deus sobre todas as coisas.

TRÁS

(DESUSO) – atrás de, depois de...

ATENÇÃO: As preposições podem ter valor nocional ou relacional. Este assunto, que é uma das preferências do NCE, será desenvolvido no capítulo de sintaxe, mais particularmente na comparação entre complemento nominal e adjunto adnominal.

11.7. Exercícios

1. (Analista Judiciário – TRE-PE – FCC) A oração sublinhada exprime uma finalidade em:

a) Ele trabalha por trabalhar, e não por qualquer razão mais nobre.

b) Kucinski escreveu um livro por sentir-se indignado com as atitudes de seus colegas.

c) Há jornalistas que perseguem valores éticos para orientá-los no exercício de sua profissão.

d) A ideia de trabalhar para a comunidade não está comovendo os jovens profissionais.

e) Ele dedicou parte de sua vida ao jornalismo enquanto acreditava na alta relevância de sua profissão.

2. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a preposição COM exprime a mesma ideia que possui em "Surge a lua cheia para chorar com os poetas".

a) O menino machucou-se com a faca.
b) Ela se afastou com um súbito choro.
c) Tinha empobrecido com as secas.
d) Deve-se rir com alguém, não de alguém.
e) Ele se confundiu com a minha resposta.

3. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a preposição DE exprime a mesma ideia que possui em "a cair de fome".
a) De tanto chorar, os seus olhos ficaram inchados.
b) De noite, todos os gatos são pardos.
c) Chegaram hoje cedo de Pernambuco.
d) Devemos nutrir o espírito de boas leituras.
e) Carregava no bolso um relógio de ouro.

4. (UFF) A opção em que a preposição destacada tem valor indicado entre parênteses é:
a) "Vou-me embora de Pasárgada" (movimento de afastamento de um ponto).
b) "Tem prostitutas para a gente namorar" (direção).
c) Já comprei ida sem volta" (posição de inferioridade).
d) "Andarei de bicicleta" (posse).
e) Em Pasárgada tem tudo" (posição no interior de dois limites indicados).

5. (Fiscal – SEFAZ-RJ – FGV) ***É certo que a mudança do enfoque sobre o tema, no âmbito das empresas – principalmente, as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos de postura administrativa decorrentes da adoção de critérios de responsabilização penal da pessoa jurídica em seus países de origem. Tais mudanças, inevitavelmente, terão que abranger as práticas administrativas de suas congêneres espalhadas pelo mundo, a fim de evitar respingos de responsabilização em sua matriz.***
No trecho acima, as ocorrências da palavra QUE classificam-se, respectivamente, como:
a) pronome relativo e preposição;
b) conjunção integrante e preposição;
c) conjunção integrante e conjunção integrante;
d) pronome relativo e conjunção integrante;
e) preposição e pronome relativo.

6. (Perito da Polícia Civil – RJ – FGV) "*Por* precaução, a maioria dos médicos recomenda evitar a combinação de bebida e remédios".
A preposição "*por*", no fragmento acima, tem valor de:

a) meio;
b) modo;
c) condição;
d) consequência;
e) causa.

7. (UFF) Em "Ela despedaçou o lacre a ler a Seixas o papel", a preposição assinalada introduz uma ideia de:
a) consequência;
b) causa;
c) condição;
d) fim;
e) modo.

8. (Técnico Judiciário – TRE-PA – FGV) ***Aliás, o melhor para a democracia seria separar os fundos partidários dos destinados às campanhas eleitorais*****. A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:**
I. Há três preposições.
II. Há quatro artigos.
III. Há um pronome demonstrativo.
Assinale:
a) se todas as afirmativas estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se nenhuma afirmativa estiver correta;
d) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
e) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

9. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) ***A despeito do sucesso, o ganha-pão do escritor seria obtido...***
O elemento grifado acima pode ser corretamente substituído, sem alteração do sentido original, por:
a) Em razão do
b) Conquanto o
c) Em que pese o
d) Em vista do
e) A partir do

10. (Técnico Judiciário – TRT-14ªRegião – FCC)
Logo, são eles que veem,
não eu que, mesmo cônscio
do logro, lhes sou grato
por anteciparem em mim
o Édipo curioso
de suas próprias trevas.
(José Paulo Paes)
"por anteciparem em mim"
O segmento acima introduz no contexto noção de:
a) condição;
b) consequência;
c) ressalva;
d) causa;
e) temporalidade.

11. (Fiscal – ICMS – RJ – FGV) ***É certo que a mudança do enfoque sobre o tema, no âmbito das empresas – principalmente, as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos de postura administrativa decorrentes da adoção de critérios de responsabilização penal da pessoa jurídica em seus países de origem. Tais mudanças, inevitavelmente, terão que abranger as práticas administrativas de suas congêneres espalhadas pelo mundo, a fim de evitar respingos de responsabilização em sua matriz.***
No trecho acima, as ocorrências da palavra QUE classificam-se, respectivamente, como:
a) Pronome relativo e preposição;
b) Conjunção integrante e preposição;
c) Conjunção integrante e conjunção integrante;
d) Pronome relativo e conjunção integrante;
e) Preposição e pronome relativo.

12. (TJ) "Nas empresas, que saiam para a rua."
"... definam um bom espaço para se encontrar..."
Qual a noção indicada pela preposição PARA, respectivamente, nos dois casos acima?
a) lugar / finalidade
b) finalidade / tempo
c) condição / modo
d) tempo / lugar
e) direção / finalidade

13. (Fundec) Observe o valor das preposições empregadas e, depois de enumerar de acordo, aponte a alternativa correta.

1 – Morrer a três passos do cemitério	**( ) Proximidade**
2 – Escrever a lápis	**( ) Instrumento**
3 – Falar aos gritos	**( ) Modo**
4 – Estar ao telefone	**( ) Distância**
5 – Voltar a pé	**( ) Meio**

a) 2 – 1 – 4 – 5 – 3
b) 2 – 3 – 5 – 4 – 1
c) 4 – 2 – 3 – 1 – 5
d) 4 – 1 – 5 – 3 – 2

14. O segmento do texto cujo elemento destacado tem seu valor semântico incorretamente indicado é:
a) "EM oito anos..." = tempo;
b) "... visitantes DE outros estados..." = origem;
c) "... da economia DA cidade..." = propriedade;
d) "... não sabe lidar, POR falta de ação integrada..." = causa;
e) "... falar EM dinheiro mal aplicado..." = oposição.

15. (TRT) A alternativa abaixo em que o conectivo em destaque tem seu valor semântico erradamente indicado é:
a) "... não há polícia suficiente para fazê-la ser cumprida" = finalidade;
b) "... uma originalidade brasileira como a jabuticaba." = comparação;
c) "... muita lei que não pega por falta dessa sintonia" = causa;
d) "... existe uma lei óbvia segundo a qual..." = ordenação;
e) "... mas raramente usam capacete" = adversidade.

16. (NCE) "De uma colina, onde se descortinava toda a cidade, dois homens mantinham silêncio olhando os dois corpos que balançavam lado a lado no patíbulo da praça". O item

em que a preposição sublinhada (sozinha ou combinada) tem o mesmo valor semântico da preposição de (no segmento do texto) é:

a) "... era o juiz mais sábio e justo de todo o país".

b) "... que perdoou ao frio assassino do filho?"

c) "Qual a razão desta sentença, senhor juiz?"

d) "E o juiz, do fundo de sua sabedoria, disse..."

e) "... no patíbulo da praça".

17. (ANA – NCE) "Morrerão de doenças", o valor semântico da preposição sublinhada repete-se em:

a) As águas ficarão contaminadas de bactérias.

b) Os estudos mostraram a contaminação das águas.

c) As águas contaminadas são a causa de doenças.

d) A água dos rios é mais contaminada que a marinha.

e) Os habitantes do Sul padecem de frio.

18. (Radiobrás – NCE) O item em que o valor do vocábulo em maiúsculas está erradamente indicado é:

a) "... quando se trata de carta PARA namorada..." – destinação;

b) "... e ATÉ entre os ambulantes" – inclusão;

c) "... seguem na letra à mão DE Paulo" – posse;

d) "... há meses NA cidade, ... – lugar;

e) "Eles confiam em mim PORQUE sou mais velho" – explicação.

19. (Engepron – NCE) O item em que o valor da preposição está incorretamente identificado é:

a) "Foi a 23 de outubro de 1906" = tempo;

b) "reservada a essas tentativas" = finalidade;

c) "nas margens do Sena, em Neuilly" = lugar;

d) "tomava um valor suficiente para erguê-lo" = direção;

e) "foi calculada em 35 quilômetros" = aproximação.

20. (TCES – NCE) Em que frase a seguir, o valor semântico da preposição de é idêntico àquele com que aparece no título (Dos Deputados ou Representantes)?

a) Os deputados são representantes do povo.

b) Os políticos falavam de política.

c) Os interesses do Estado são discutidos na assembleia.

d) Toda a legitimidade provém das eleições.
e) A eleição de deputados é essencial à democracia.

21. (Cor. Geral – RJ – NCE) "Na realidade, o fenômeno do quarto de Lucila se reproduz com velocidade em outras casas de todo o país, em resposta a um apelo irresistível..." Qual das preposições a seguir poderia substituir a preposição em nessa frase, conservando-se o seu significado?
a) para
b) de
c) por
d) com
e) como

22. (TJ – RJ – NCE) Indique o item em que o valor nocional da preposição destacada não está corretamente indicado:
a) "Para quem mora na favela..." – lugar.
b) "... para ele, "a rua" também é familiar." – direção.
c) "... condição para obter crédito..." – finalidade.
d) "... para não ser olhado com medo..." – modo.
e) "... identificada apenas por seu estereótipo..." – meio.

23. (UnB / Cespe – SMF / Maceió – AL – Fiscal de Tributos Municipais) Para o presidente da OAB, pesou na decisão de mudança do decreto o parecer elaborado por dois advogados, que contém o seguinte trecho: "O decreto pune os bons contribuintes, deles retirando qualquer garantia, visto que sempre dependerão de humores da fiscalização, pródiga em ofertar à lei distorcida interpretação. É que o fisco, até por dever de ofício, sempre tem por 'suspeitos' todos os cidadãos."
Silvana de Freitas. *In: Internet:* <http://www.folha.com.br>. Acesso em 28/12/2002 (com adaptações).
1) A expressão "visto que" (l. 4) pode ser corretamente substituída por "porquanto", mantendo-se a correção sintática e semântica do período.
2) As preposições "Para" (l. 1) e "por" (l. 6) podem ser substituídas por "segundo" e "como", respectivamente, sem prejuízo à correção gramatical das orações em que ocorrem.

Capítulo 12

Interjeição

Expressão que traduz os sentimentos e as reações das pessoas.

INTERJEIÇÕES MAIS COMUNS:

De exclamação – Viva!

De admiração – Oh!

De alívio – Ah!

De aplauso – Bravo!

De desejo – Oxalá!

De dor – Ai! Ui!

De chamamento – Psiu!

De satisfação – Oba!

De solicitação de silêncio – Chi!

Capítulo 13
Numeral

São palavras que dão ideia de quantidade ou ordem dos seres.

13.1. Numeral substantivo

Não funciona ao lado de um substantivo.

Ex.: Os primeiros já chegaram.

13.2. Numeral adjetivo

Funciona ao lado de um substantivo.

Ex.: Os primeiros concorrentes já chegaram.

13.3. Classificação

13.3.1. Multiplicativo

Indica multiplicação.

Ex.: dobro, triplo, quádruplo...

13.3.2. Fracionário

Indica a ideia de divisão.

Ex.: metade, um terço, quinze avos...

13.3.3. Ordinais	13.3.4. Cardinais
primeiro	um
segundo	dois
terceiro	três
quarto	quatro
quinto	cinco
sexto	seis
sétimo	sete
oitavo	oito
nono	nove
décimo	dez
décimo primeiro ou undécimo	onze
décimo segundo ou duodécimo	doze
décimo terceiro	treze
décimo quarto	quatorze ou catorze
vigésimo	vinte
vigésimo primeiro	vinte e um
trigésimo	trinta

quadragésimo	quarenta
quinquagésimo	cinquenta
sexagésimo	sessenta
septuagésimo ou setuagésimo	setenta
octogésimo	oitenta
nonagésimo	noventa
centésimo	cem
ducentésimo	duzentos
trecentésimo	trezentos
quadringentésimo	quatrocentos
quingentésimo	quinhentos
seiscentésimo, sexcentésimo	seiscentos
septingentésimo, setingentésimo	setecentos
octingentésimo	oitocentos
nongentésimo, noningentésimo	novecentos
milésimo	mil
dez milésimos	dez mil
cem milésimos	cem mil
milionésimo	um milhão

bilionésimo	um bilhão

Observações

1– Para designar séculos, reis, papas, capítulos, contos, devem ser empregados os ordinais até décimo e os cardinais para os demais. Também é interessante ressaltar que, nestes casos, a escrita deve ser em algarismos romanos.

Ex.: D. Pedro I (primeiro)
Século XX (vinte)

2– Com a preposição EM, as palavras "página", "folha" e "capítulo" ficarão no singular e, consequentemente, o numeral será invariável.

Ex.: Na página vinte e dois...; na folha trinta e um...

Já com a preposição A, tanto se podem usar os vocábulos "página", "folha" e "capítulo" no singular ou no plural. Usando-se no singular, a consequência é a mesma da ocorrida com a preposição EM. No entanto, com o termo no plural, o numeral o acompanha.

Ex.: à pagina dois, a páginas duas, à folha vinte e um, a folhas vinte e uma...

13.4. Exercícios

1. (Uni-Rio) Para CEM, a língua só tem uma forma de ordinal, CENTÉSIMO, usado pelo autor. Assinale o item, em que o ordinal correspondente ao cardinal admite duas formas:

a) 100
b) 90
c) 13
d) 7
e) 600

2. (Puccamp-SP) Os ordinais referentes aos números 80, 300, 700 e 90 são, respectivamente:

a) octagésimo, trecentésimo, septingentésimo, nongentésimo;
b) octogésimo, trecentésimo, septingentésimo, nonagésimo;
c) octingentésimo, tricentésimo, septuagésimo, nonagésimo;
d) octogésimo, tricentésimo, septuagésimo, nongentésimo;
e) nenhuma das respostas anteriores.

3. (Univ. Fed. de Juiz de Fora – MG) Marque o emprego incorreto do numeral.
a) século III (três)
b) página 102 (cento e dois)
c) 80o (octogésimo)
d) capítulo XI (onze)
e) X tomo (décimo)

4. (Fupe) Indique o item em que os numerais estão corretamente empregados:
a) Ao Papa Paulo Seis sucedeu João Paulo Primeiro.
b) Após o parágrafo nono, virá o parágrafo décimo.
c) Depois do capítulo sexto, li o capítulo décimo primeiro.
d) Antes do artigo dez vem o artigo nono.
e) O artigo vigésimo segundo foi revogado.

5. (FMU) Sabendo-se que os numerais podem ser cardinais, ordinais, multiplicativos e fracionários, podemos dar os seguintes exemplos:
a) um (cardinal), primeiro (ordinal), Leão onze (multiplicativo) e meio (fracionário);
b) um (cardinal), milésimo (ordinal), undécuplo (multiplicativo) e meio fracionário);
c) um (ordinal), primeiro (cardinal), Leão onze (multiplicativo) e meio (fracionário);
d) um (ordinal), primeiro (cardinal), cêntuplo (multiplicativo) e centésimo (fracionário);
e) um (cardinal), primeiro (ordinal), duplo (multiplicativo), não existindo numeral denominado fracionário.

6. (Unesp) Assinale o caso em que não haja expressão numérica de sentido indefinido.
a) Ele é o duodécimo colocado.
b) Quer que veja este filme pela milésima vez?
c) "Na guerra os meus dedos dispararam mil mortes".
d) "A vida tem uma só entrada; a saída é por cem portas".
e) n.d.a.

7. (Corregedoria Geral da justiça – RJ – NCE) "Mas estamos em pleno século XX..." O item abaixo em que devemos ler o algarismo romano como ordinal é:

a) no século XI antes de Cristo;

b) o papa recebeu o nome de João XXIII;

c) no século XII da nossa era;

d) Inocêncio X foi papa;

e) Luís XVI foi rei da França.

8. (Infraero – NCE) O algarismo romano XIX é lido como numeral cardinal; o item em que o algarismo romano deve ser lido como ordinal é:

a) Luís XVI;

b) João XXIII;

c) Pio X;

d) século XXI;

e) casa II.

Capítulo 14

Verbo

Verbo é o termo variável de número e pessoa que pode expressar ideia de estado, qualidade, ação, acontecimento etc., localizando seu tempo.

14.1. Verbos regulares

São aqueles que não sofrem alterações fonéticas no radical e seguem o modelo de desinências dos verbos de 1ª, 2ª e 3ª conjugação, elencados a seguir.

1ª Conjugação – Cantar –

Indicativo

Presente				Pretérito Perfeito				Pretérito
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD
Cant	-	-	o	Cant	e	-	i	Cant
Cant	a	-	s	Cant	a	-	ste	Cant
Cant	a	-	-	Cant	o	-	u	Cant
Cant	a	-	mos	Cant	a	-	mos	Cant

Cant	a	-	is	Cant	a	-	stes	Cant
Cant	a	-	m	Cant	a	-	ram	Cant
Pretérito Mais-que-Perfeito				Futuro do Presente				Futuro d
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD
Cant	a	ra	-	Cant	a	re	i	Cant
Cant	a	ra	s	Cant	a	rá	s	Cant
Cant	a	ra	-	Cant	a	rá	-	Cant
Cant	á	ra	mos	Cant	a	re	mos	Cant
Cant	á	re	is	Cant	a	re	is	Cant
Cant	a	ra	m	Cant	a	rã	o	Cant

Subjuntivo

Presente				Pretérito Imperfeito				Futuro
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD
Cant	-	e	-	Cant	a	sse	-	Cant
Cant	-	e	s	Cant	a	sse	s	Cant
Cant	-	e	-	Cant	a	sse	-	Cant

Cant	-	e	mos	Cant	á	sse	mos	Cant
Cant	-	e	is	Cant	á	sse	is	Cant
Cant	-	e	m	Cant	a	sse	m	Cant

Imperativo

Afirmativo				Negativo				
RAD	VT	DMT	DNP		RAD	VT	DMT	DNP
Cant	a	-	-	não	Cant	-	e	s
Cant	-	e	-	não	Cant	-	e	-
Cant	-	e	mos	não	Cant	-	e	mos
Cant	a	-	i	não	Cant	-	e	is
Cant	-	e	m	não	Cant	-	e	m

2ª Conjugação – Vender –

Indicativo

Presente				Pretérito Perfeito				Pretéri
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD
Vend	-	-	o	Vend	-	-	i	Vend

Vend	e	-	s	Vend	e	-	ste	Vend
Vend	e	-	-	Vend	e	-	u	Vend
Vend	e	-	mos	Vend	e	-	mos	Vend
Vend	e	-	is	Vend	e	-	stes	Vend
Vend	e	-	m	Vend	e	-	ram	Vend

Pretérito Mais-que-Perfeito				Futuro do Presente				Futuro
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD
Vend	e	ra	-	Vend	e	re	i	Vend
Vend	e	ra	s	Vend	e	rá	s	Vend
Vend	e	ra	-	Vend	e	rá	-	Vend
Vend	ê	ra	mos	Vend	e	re	mos	Vend
Vend	ê	re	is	Vend	e	re	is	Vend
Vend	e	ra	m	Vend	e	rã	o	Vend

Subjuntivo

Presente				Pretérito Imperfeito				Futuro
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD

Vend	-	a	-	Vend	e	sse	-	Vend
Vend	-	a	s	Vend	e	sse	s	Vend
Vend	-	a	-	Vend	e	sse	-	Vend
Vend	-	a	mos	Vend	ê	sse	mos	Vend
Vend	-	a	is	Vend	ê	sse	is	Vend
Vend	-	a	m	Vend	e	sse	m	Vend

Imperativo

Afirmativo				Negativo				
RAD	VT	DMT	DNP		RAD	VT	DMT	DNP
Vend	e	-	-	não	Vend	-	a	s
Vend	-	a	-	não	Vend	-	a	-
Vend	-	a	mos	não	Vend	-	a	mos
Vend	e	-	i	não	Vend	-	a	is
Vend	-	a	m	não	Vend	-	a	m

3ª Conjugação – Partir –

Indicativo

Presente				Pretérito Perfeito				Pretérito
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD
Part	-	-	o	Part	-	-	i	Part
Part	e	-	s	Part	i	-	ste	Part
Part	e	-	-	Part	i	-	u	Part
Part	i	-	mos	Part	i	-	mos	Part
Part	-	-	is	Part	i	-	stes	Part
Part	e	-	m	Part	i	-	ram	Part

Pretérito Mais-que-Perfeito				Futuro do Presente				Futuro
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD
Part	i	ra	-	Part	i	re	i	Part
Part	i	ra	s	Part	i	rá	s	Part
Part	i	ra	-	Part	i	rá	-	Part
Part	í	ra	mos	Part	i	re	mos	Part
Part	í	re	is	Part	i	re	is	Part
Part	i	ra	m	Part	i	rã	o	Part

Subjuntivo

Presente				Pretérito Imperfeito				Futuro
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD
Part	-	a	-	Part	i	sse	-	Part
Part	-	a	s	Part	i	sse	s	Part
Part	-	a	-	Part	i	sse	-	Part
Part	-	a	mos	Part	í	sse	mos	Part
Part	-	a	is	Part	í	sse	is	Part
Part	-	a	m	Part	i	sse	m	Part

Imperativo

Afirmativo				Negativo				
RAD	VT	DMT	DNP		RAD	VT	DMT	DNP
Part	e	-	-	não	Part	-	a	s
Part	-	a	-	não	Part	-	a	-
Part	-	a	mos	não	Part	-	a	mos
Part	-	-	i	não	Part	-	a	is

Part	-	a	m	não	Part	-	a	m

14.2. Verbos irregulares

São verbos que sofrem alterações nos radicais ou nas desinências, contudo ainda guardam alguma característica das formas infinitivas.

Estar

Indicativo

Presente: estou, estás, está, estamos, estais, estão

Pretérito Perfeito: estive, estiveste, esteve, estivemos, estivestes, estiveram

Pretérito Imperfeito: estava, estavas, estava, estávamos, estáveis, estavam

Pretérito Mais-que-Perfeito: estivera, estiveras, estivera, estivéramos, estivéreis, estiveram

Futuro do Presente: estarei, estarás, estará, estaremos, estareis, estarão

Futuro do Pretérito: estaria, estarias, estaria, estaríamos, estaríeis, estariam

Subjuntivo

Presente: esteja, estejas, esteja, estejamos, estejais, estejam

Pretérito Imperfeito: estivesse, estivesses, estivesse, estivéssemos, estivésseis, estivessem

Futuro: estiver, estiveres, estiver, estivermos, estiverdes, estiverem

Imperativo

Afirmativo: está, esteja, estejamos, estai, estejam

Negativo: estejas, esteja, estejamos, estejais, estejam

Haver

Indicativo

Presente: hei, hás, há, havemos (ou hemos), haveis (ou heis), hão

Pretérito Perfeito: houve, houveste, houve, houvemos, houvestes, houveram

Pretérito Imperfeito: havia, havias, havia, havíamos, havíeis, haviam

Pretérito Mais-que-Perfeito: houvera, houveras, houvera, houvéramos, houvéreis, houveram

Futuro do Presente: haverei, haverás, haverá, haveremos, havereis, haverão

Futuro do Pretérito: haveria, haverias, haveria, haveríamos, haveríeis, haveriam

Subjuntivo

Presente: haja, hajas, haja, hajamos, hajais, hajam

Pretérito Imperfeito: houvesse, houvesses, houvesse, houvéssemos, houvésseis, houvessem

Futuro: houver, houveres, houver, houvermos, houverdes, houverem

Imperativo

Afirmativo: há, haja, hajamos, havei, hajam

Negativo: hajas, haja, hajamos, hajais, hajam

Ver

Indicativo

Presente: vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem

Pretérito Perfeito: vi, viste, viu, vimos, vistes, viram

Pretérito Imperfeito: via, vias, via, víamos, víeis, viam

Pretérito Mais-que-Perfeito: vira, viras, vira, víramos, víreis, viram

Futuro do Presente: verei, verás, verá, veremos, vereis, verão

Futuro do pretérito: veria, verias, veria, veríamos, veríeis, veriam

Subjuntivo

Presente: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam
Pretérito Imperfeito: visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem
Futuro: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem

Imperativo
Afirmativo: vê, veja, vejamos, vede, vejam
Negativo: vejas, veja, vejamos, vejais, vejam

Obs.: Por este verbo se conjugam os verbos ANTEVER, ENTREVER, PREVER e REVER.

Vir

Indicativo:
Presente: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm
Pretérito Perfeito: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram
Pretérito Imperfeito: vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham
Pretérito Mais-que-Perfeito: viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram
Futuro do Presente: virei, virás, virá, viremos, vireis, virão
Futuro do Pretérito: viria, virias, viria, viríamos, viríeis, viriam

Subjuntivo:
Presente: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham
Pretérito Imperfeito: viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem
Futuro: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem

Imperativo:
Afirmativo: vem, venha, venhamos, vinde, venham
Negativo: venhas, venha, venhamos, venhais, venham

Obs.: Por este verbo se conjugam ADVIR, CONVIR, INTERVIR, PROVIR, RECONVIR, SOBREVIR, AVIR-SE, DESAVIR-SE e DESCONVIR.

Ter

Indicativo

Presente: tenho, tens, tem, temos, tendes, têm

Pretérito Perfeito: tive, tiveste, teve, tivemos, tivestes, tiveram

Pretérito Imperfeito: tinha, tinhas, tinha, tínhamos, tínheis, tinham

Pretérito Mais-que-Perfeito: tivera, tiveras, tivera, tivéramos, tivéreis, tiveram

Futuro do Presente: terei, terás, terá, teremos, tereis, terão

Futuro do Pretérito: teria, terias, teria, teríamos, teríeis, teriam

Subjuntivo

Presente: tenha, tenhas, tenha, tenhamos, tenhais, tenham

Pretérito Imperfeito: tivesse, tivesses, tivesse, tivéssemos, tivésseis, tivessem

Futuro: tiver, tiveres, tiver, tivermos, tiverdes, tiverem

Imperativo

Afirmativo: tem, tenha, tenhamos, tende, tenham

Negativo: tenhas, tenha, tenhamos, tenhais, tenham

Obs.: Por este verbo se conjugam ABSTER-SE, CONTER, ENTRETER, MANTER, OBTER, RETER e SUSTER.

Pôr

Indicativo

Presente: ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem

Pretérito Perfeito: pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram

Pretérito Imperfeito: punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham

Pretérito Mais-que-perfeito: pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram

Futuro do Presente: porei, porás, porá, poremos, poreis, porão
Futuro do Pretérito: poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poriam

Subjuntivo
Presente: ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham
Pretérito Imperfeito: pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, puséssеis, pusessem
Futuro: puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem

Imperativo
Afirmativo: põe, ponha, ponhamos, ponde, ponham
Negativo: ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham

Obs.: Por este verbo se conjugam ANTEPOR, APOR, COMPOR, CONTRAPOR, DECOMPOR, DEPOR, DESCOMPOR, DISPOR, ENTREPOR, EXPOR, IMPOR, INDISPOR, INTERPOR, JUSTAPOR, OPOR, POSPOR, PREPOR, PROPOR, PREDISPOR, PRESSUPOR, RECOMPOR, REPOR, SOBREPOR, SOTOPOR, SUPERPOR, SUPOR, TRANSPOR.

Crer

Indicativo
Presente: creio, crês, crê, cremos, credes, creem
Pretérito Perfeito: cri, creste, creu, cremos, crestes, creram
Pretérito Imperfeito: cria, crias, cria, críamos, críeis, criam
Pretérito Mais-que-Perfeito: crera, creras, crera, crêramos, crêreis, creram
Futuro do Presente: crerei, crerás, crerá, creremos, crereis, crerão
Futuro do Pretérito: creria, crerias, creria, creríamos, creríeis, creriam

Subjuntivo
Presente: creia, creias, creia, creiamos, creiais, creiam

Pretérito Imperfeito: cresse, cresses, cresse, crêssemos, crêsseis, cressem

Futuro: crer, creres, crer, crermos, crerdes, crerem

Imperativo

Afirmativo: crê, creia, creiamos, crede, creiam

Negativo: creias, creia, creiamos, creiais, creiam

Obs.: Conforme este verbo, também se conjugarão LER, RELER, TRESLER e DESCRER.

Rir

Indicativo

Presente: rio, ris, ri, rimos, rides, riem

Pretérito Perfeito: ri, riste, riu, rimos, ristes, riram

Pretérito Imperfeito: ria, rias, ria, ríamos, ríeis, riam

Pretérito Mais-que-Perfeito: rira, riras, rira, ríramos, ríreis, riram

Futuro do Presente: rirei, rirás, rirá, riremos, rireis, rirão

Futuro do Pretérito: riria, ririas, riria, riríamos, riríeis, ririam

Subjuntivo

Presente: ria, rias, ria, riamos, riais, riam

Pretérito Imperfeito: risse, risses, risse, ríssemos, rísseis, rissem

Futuro: rir, rires, rir, rirmos, rirdes, rirem

Imperativo:

Afirmativo: ri, ria, riamos, ride, riam

Negativo: rias, ria, riamos, riais, riam

Obs.: O verbo SORRIR se conjuga tal qual RIR.

Medir

Indicativo

Presente: meço, medes, mede, medimos, medis, medem

Pretérito Perfeito: medi, mediste, mediu, medimos, medistes, mediram

Pretérito Imperfeito: media, medias, media, medíamos, medíeis, mediam

Pretérito Mais-que-Perfeito: medira, mediras, medira, medíramos, medíreis, mediram

Futuro do Presente: medirei, medirás, medirá, mediremos, medireis, medirão

Futuro do Pretérito: mediria, medirias, mediria, mediríamos, mediríeis, mediriam

Subjuntivo

Presente: meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam

Pretérito Imperfeito: medisse, medisses, medisse, medíssemos, medísseis, medissem

Futuro: medir, medires, medir, medirmos, medirdes, medirem

Imperativo

Afirmativo: mede, meça, meçamos, medi, meçam

Negativo: meças, meça, meçamos, meçais, meçam

Obs.: Tal qual o verbo MEDIR, conjugamos os verbos PEDIR, DESPEDIR, EXPEDIR, IMPEDIR, DESIMPEDIR, DESMEDIR-SE, COMEDIR-SE e DESCOMEDIR-SE.

Caber

Indicativo

Presente: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem

Pretérito Perfeito: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam

Pretérito Imperfeito: cabia, cabias, cabia, cabíamos, cabíeis, cabiam

Pretérito Mais-que-Perfeito: coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam

Futuro do Presente: caberei, caberás, caberá, caberemos, cabereis, caberão

Futuro do Pretérito: caberia, caberias, caberia, caberíamos, caberíeis, caberiam

Subjuntivo

Presente: caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam

Pretérito Imperfeito: coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem

Futuro: couber, couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem

Obs.: Este verbo, em razão de seu significado, não possui imperativo.
O verbo DESCABER se conjuga tal qual CABER.

Fazer

Indicativo

Presente: faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem

Pretérito Perfeito: fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram

Pretérito Imperfeito: fazia, fazias, fazia, fazíamos, fazíeis, faziam

Pretérito Mais-que-Perfeito: fizera, fizeras, fizera, fizéramos, fizéreis, fizeram

Futuro do Presente: farei, farás, fará, faremos, fareis, farão

Futuro do Pretérito: faria, farias, faria, faríamos, faríeis, fariam

Subjuntivo

Presente: faça, faças, faça, façamos, façais, façam

Pretérito Imperfeito: fizesse, fizesses, fizesse, fizéssemos, fizésseis, fizessem

Futuro: fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem

Imperativo

Afirmativo: faze (ou faz), faça, façamos, fazei, façam

Negativo: faças, faça, façamos, façais, façam

Obs.: Conforme FAZER também se conjugam DESFAZER, REFAZER, AFAZER, CONTRAFAZER, LIQUEFAZER, PERFAZER, RAREFAZER e SATISFAZER.

Dizer

Indicativo

Presente: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem

Pretérito Perfeito: disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram

Pretérito Imperfeito: dizia, dizias, dizia, dizíamos, dizíeis, diziam

Pretérito Mais-que-Perfeito: dissera, disseras, dissera, disséramos, dissé-reis, disseram

Futuro do Presente: direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão

Futuro do Pretérito: diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam

Subjuntivo

Presente: diga, digas, diga, digamos, digais, digam

Pretérito Imperfeito: dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissés-seis, dissessem

Futuro: disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem

Imperativo

Afirmativo: dize (ou diz), diga, digamos, dizei, digam

Negativo: digas, diga, digamos, digais, digam

Obs.: Conforme este verbo também se conjugam BENDIZER, CONDIZER, CONTRADIZER, DESDIZER, ENTREDIZER, INTERDIZER, MALDIZER, PREDIZER, REDIZER e TRESDIZER.

Trazer

Indicativo

Presente: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem

Pretérito Perfeito: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram

Pretérito Imperfeito: trazia, trazias, trazia, trazíamos, trazíeis, traziam

Pretérito Mais-que-Perfeito: trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram

Futuro do Presente: trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão

Futuro do Pretérito: traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam

Subjuntivo

Presente: traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam

Pretérito Imperfeito: trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem

Futuro: trouxer, trouxeres, trouxer, trouxermos, trouxerdes, trouxerem

Imperativo

Afirmativo: traze (ou traz), traga, tragamos, trazei, tragam

Negativo: tragas, traga, tragamos, tragais, tragam

Saber

Indicativo

Presente: sei, sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem

Pretérito Perfeito: soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, souberam

Pretérito Imperfeito: sabia, sabias, sabia, sabíamos, sabíeis, sabiam

Pretérito Mais-que-Perfeito: soubera, souberas, soubera, soubéramos, soubéreis, souberam

Futuro do Presente: saberei, saberás, saberá, saberemos, sabereis, saberão

Futuro do Pretérito: saberia, saberias, saberia, saberíamos, saberíeis, saberiam

Subjuntivo

Presente: saiba, saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam

Pretérito Imperfeito: soubesse, soubesses, soubesse, soubéssemos, soubésseis, soubessem

Futuro: souber, souberes, souber, soubermos, souberdes, souberem

Imperativo

Afirmativo: sabe, saiba, saibamos, sabei, saibam

Negativo: saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam

Valer

Indicativo

Presente: valho, vales, vale, valemos, valeis, valem

Pretérito Perfeito: vali, valeste, valeu, valemos, valestes, valeram

Pretérito Imperfeito: valia, valias, valia, valíamos, valíeis, valiam

Pretérito Mais-que-Perfeito: valera, valeras, valera, valêramos, valêreis, valeram

Futuro do Presente: valerei, valerás, valerá, valeremos, valereis, valerão

Futuro do Pretérito: valeria, valerias, valeria, valeríamos, valeríeis, valeriam

Subjuntivo

Presente: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham

Pretérito Imperfeito: valesse, valesses, valesse, valêssemos, valêsseis, valessem

Futuro: valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valerem

Imperativo

Afirmativo: vale, valha, valhamos, valei, valham

Negativo: valhas, valha, valhamos, valhais, valham

Obs.: Conforme VALER, são conjugados DESVALER e EQUIVALER.

Poder

Indicativo

Presente: posso, podes, pode, podemos, podeis, podem

Pretérito Perfeito: pude, pudeste, pôde, pudemos, pudestes, puderam

Pretérito Imperfeito: podia, podias, podia, podíamos, podíeis, podiam

Pretérito Mais-que-Perfeito: pudera, puderas, pudera, pudéramos, pudéreis, puderam

Futuro do Presente: poderei, poderás, poderá, poderemos, podereis, poderão

Futuro do Pretérito: poderia, poderias, poderia, poderíamos, poderíeis, poderiam

Subjuntivo

Presente: possa, possas, possa, possamos, possais, possam

Pretérito Imperfeito: pudesse, pudesses, pudesse, pudéssemos, pudésseis, pudessem

Futuro: puder, puderes, puder, pudermos, puderdes, puderem

Imperativo

Afirmativo: pode, possa, possamos, podei, possam

Negativo: possas, possa, possamos, possais, possam

Obs.: Há autores que defendem, por motivos semânticos, não existir o imperativo deste verbo.

14.3. Verbos anômalos

São verbos que possuem pessoas e, às vezes, tempos inteiros não guardando elementos da estrutura infinitiva dos verbos. Por exemplo, o presente do subjuntivo do verbo IR é VÁ. Nesta forma verbal (vá), não há sequer uma letra da forma infinitiva (IR).

Ser

Indicativo

Presente: sou, és, é, somos, sois, são
Pretérito Perfeito: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram
Pretérito Imperfeito: era, eras, era, éramos, éreis, eram
Pretérito Mais-que-Perfeito: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram
Futuro do Presente: serei, serás, será, seremos, sereis, serão
Futuro do Pretérito: seria, serias, seria, seríamos, seríeis, seriam

Subjuntivo

Presente: seja, sejas, seja, sejamos, sejais, sejam
Pretérito Imperfeito: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem
Futuro: for, fores, for, formos, fordes, forem

Imperativo

Afirmativo: sê, seja, sejamos, sede, sejam
Negativo: sejas, seja, sejamos, sejais, sejam

Ir

Indicativo

Presente: vou, vais, vai, vamos, ides, vão
Pretérito Perfeito: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram
Pretérito Imperfeito: ia, ias, ia, íamos, íeis, iam
Pretérito Mais-que-Perfeito: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram
Futuro do Presente: irei, irás, irá, iremos, ireis, irão

Futuro do Pretérito: iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam

Subjuntivo
Presente: vá, vás, vá, vamos, vades, vão
Pretérito imperfeito: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem
Futuro: for, fores, for, formos, fordes, forem

Imperativo
Afirmativo: vai, vá, vamos, ide, vão
Negativo: vás, vá, vamos, vades, vão

14.4. Os valores semânticos dos verbos e as ideais correlações

1º PASSO. O usuário da língua deve compreender que a ideia de presente não é o momento em que se vive, ou o do recebimento da mensagem. Toda referência de tempo presente é o momento em que o texto é confeccionado, ou seja, o momento quando o autor produz o texto.

14.4.1. Modo indicativo

Indica um evento real, não hipotético.

Presente – Indica um hábito presente. Não há necessidade efetiva de o fato estar ocorrendo. Para a sua conjugação, é recomendável o uso de "atualmente".

Ex.: Leio jornal todos os dias.

Pretérito perfeito – Indica um evento passado isolado, pontual. Pode-se usar o termo "ontem" para efetuar a sua conjugação.

Ex.: Você leu o jornal do último sábado?

Pretérito imperfeito – Denota um evento habitual, costumeiro no passado. Para a sua conjugação, é interessante o uso de "antigamente".

Ex.: Nós nos encontrávamos diariamente.

Pretérito mais-que-perfeito – Denota uma ação passada anterior a outro fato também passado. É importante frisar que, para o seu uso ser perfeito, é fundamental já haver outro elemento também com ideia de passado.

Ex.: Quando eu entrei na sala, ela já desligara a televisão.

? Observe que a ação de desligar a televisão é pretérita e ainda anterior a outra ação passada: a de entrar na sala.

Futuro do presente – Indica uma ação futura em relação ao momento em que o texto foi confeccionado ou em relação a uma condição futura. Por consequência, acabará coligado ao futuro do subjuntivo. Para a sua conjugação, pode ser utilizado "amanhã".

Ex.: Na próxima semana, faremos a prova.

Se você estudar, aprenderá a matéria.

Futuro do pretérito – Indica uma consequência futura de um fato passado. É importante compreender que, nesta situação, a referência não é o momento em que o autor confeccionou o texto. Diferentemente do futuro do presente (futuro em relação ao momento presente – momento da criação do texto), o evento é um efeito futuro de um fato que não ocorreu. Sendo assim, a consequência poderia ser certa, provável ou duvidosa, em conformidade com os elementos que o texto oferecer. Torna-se, por fim, fundamental concluir que, por este tempo representar uma consequência futura de fato passado, é natural que fique coligado ao pretérito imperfeito do subjuntivo.

Ex.: Se você trouxesse uma cerveja, eu a beberia.

? Preste atenção a esta explicação: a condição não ocorreu, portanto o efeito também não. Imagine a seguinte situação: o autor da frase gosta de todas as marcas de cerveja, portanto se o outro trouxesse a cerveja, ele com

certeza beberia. Digamos que ele goste apenas de 50% das marcas, então, se o outro trouxesse a cerveja, possivelmente (dúvida) o autor da frase beberia. Por fim, imaginemos que o texto indique que há a aprovação de quase todas as cervejas, portanto, se o outro trouxesse a cerveja, o autor provavelmente a beberia. Destarte, torna-se fundamental o contexto para se concluir se a consequência é certa, provável ou duvidosa.

Obs.: O futuro do pretérito também pode indicar uma ideia de polidez. É muito comum a resposta GOSTARIA quando alguém nos oferece algo. Este uso indica uma forma mais educada de expressão.

Os verbos no pretérito imperfeito do indicativo, mormente de segunda e terceira conjugação, tornam-se parecidos com os do futuro do pretérito. Então em várias ocasiões, percebe-se que o pretérito imperfeito acaba substituindo o futuro do pretérito. Nas questões de correlação, tal fato parece ser admitido pelo NCE, o mesmo já não ocorrendo com a Esaf.

Ex.: A consequência de tal fato é que, até mesmo quando o verbo indicar ideia de polidez, faz-se possível o verbo no pretérito imperfeito, substituindo o futuro do pretérito. Leitor, imagine a seguinte situação: se alguém perguntar se você deseja água (e você está com sede), o que você responderia? Provavelmente, "eu aceitaria" ou "eu aceitava", ambos com valor de polidez.

Obs.: Mais raro é o uso do futuro do presente do indicativo com valor de polidez. Caro candidato a um cargo público, pense na seguinte situação. Você está assistindo a uma aula e percebe que o professor equivocou-se. Como chamar a atenção dele? Você poderia dizer: – Professor, o senhor está enganado! Você também poderia dizer o mesmo de forma mais polida: – Professor, o senhor não estará (estaria) enganado?

14.4.2. Modo subjuntivo

Indica evento hipotético, possível, duvidoso.

Presente – Fato atual expressando possibilidade, dúvida. Pode-se utilizar MARIA QUER QUE para a sua conjugação neste tempo.

Ex.: Talvez ele venha.

Pretérito imperfeito – Mostra uma situação hipotética no passado que geraria um efeito futuro. É recomendável utilizar "se ontem" para a conjugação verbal neste tempo.

Ex.: Se ele estudasse, aprenderia a matéria.

Futuro – Indica uma condição futura anterior a uma consequência também futura. Podem-se utilizar as estruturas "se amanhã" ou o consagrado "quando" para conjugação verbal neste tempo.

Ex.: Se ele voltar aqui, todos ficarão felizes.

14.4.3. Modo imperativo

Indica ideia de ordem (quem recebe é obrigado a cumpri-la), solicitação (quem recebe o pedido não é o beneficiado), conselho (quem recebe a sugestão é o beneficiado).

Ex.: Por favor, pega um copo de cerveja.

? Pedido, solicitação (quem pediu é o beneficiado)

Ex.: Soldado, venha aqui!

? Ordem (o soldado é obrigado a cumprir a ordem)

Ex.: Não te atrases, que serás demitido.

? Conselho, sugestão (quem recebe o conselho é o beneficiado pelo próprio conselho)

BIZU

Torna-se fundamental lembrar ao leitor que a língua não é uma ciência exata. Verbos podem ser usados em um determinado tempo – mormente o presente – com valor semântico de outro.

Ex.: "Se, até amanhã à tarde, você não tiver devolvido a cadeira, a mesa e a máquina de escrever, mando um caminhão buscar em sua casa e conto para os jornais, faço um barulho louco" (Fernando Sabino). – "Mando", "conto" e "faço" estão no presente do indicativo com valor de futuro do presente.

Ex.: No dia primeiro de maio de 1994, morre o piloto Ayrton Senna.

Observe que o verbo no presente do indicativo tem ideia de pretérito perfeito. Esta situação também foi registrada como presente histórico.

Ex.: Se eu te vejo amanhã, eu te entregarei o material.

? VEJO no presente do indicativo possui gritante valor de futuro do subjuntivo.

Obs.: As questões relativas a esse assunto aparecerão no final do capítulo, quando você já estiver bem familiarizado com a conjugação verbal.

14.4.3.1. Correlação de Tempos

1. (TRT-14ª Região – FCC) Está adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase:

a) Um fim talvez justificaria os meios caso estes implicarem sacrifícios que não se distribuam desigualmente.

b) Ele acredita que haverão de justificar-se todos os meios quando os fins representarem um ganho de alcance coletivo.

c) Tão logo fossem denunciados os horrores do stalinismo, os comunistas devem ter revisto suas antigas convicções.
d) Será que alguém acreditou que uma sociedade sem classes e sem preconceitos possa ter-se formado num regime autoritário?
e) Se a catequese pudesse propagar a fé religiosa sem recorrer à intimidação, talvez os convertidos tenham sido mais numerosos.

2. (TRT-24ª Região – FCC) Está plenamente adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase:
a) As leis de perfeição teriam por objeto mais a bondade do homem que as seguisse do que a da sociedade na qual fossem observadas.
b) As leis de perfeição tinham por objeto mais a bondade dos homens que as seguir do que a da sociedade na qual serão observadas.
c) As leis de perfeição terão por objeto mais a bondade dos homens que as tivessem seguido do que a da sociedade na qual terão sido observadas.
d) As leis de perfeição teriam por objeto mais a bondade do homem que as siga do que a da sociedade na qual têm sido observadas.
e) As leis de perfeição terão tido por objeto mais a bondade do homem que viesse a segui-las do que a da sociedade na qual fossem observadas.

3. (TRT-23ª Região – FCC) Está adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase:
a) Os criminosos que tenham ultrajado a pátria seriam forçados a servi-la pelo tempo que se julgava necessário.
b) Os que vierem a ultrajar a pátria deveriam ser submetidos a um castigo que trouxera consigo uma clara lição.
c) Ninguém seria indiferente a uma vultosa soma que venha a receber como indenização ao delito que o prejudique.
d) O próprio criminoso, se mantivesse alguma dose de decência, possa tirar proveito da lição a que seja submetido.
e) Sempre houve povos que, por forte convicção, evitaram a guerra, ainda quando fossem provocados.

4. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) Está adequada a correlação entre tempos e modos verbais em:
a) Os cientistas devem, a partir de agora, tratar de mudar o ser humano, mesmo que até hoje não revelariam mais do que um pálido esforço ao buscar compreendê-lo.

b) O que for de esquerda ou de direita teria sido agora relativizado pelas descobertas do DNA, cujas projeções têm esvaziado essa clássica divisão.
c) Se os cientistas vierem a se preocupar com as questões ideológicas de que as futuras descobertas se revestissem, terão corrido o risco de partidarizar a ciência.
d) Felizes são as moscas, que nem precisavam saber nada de política ou de DNA para irem levando sua vida em conformidade com o que a natureza lhes determinasse como destino.
e) A esquerda já chegou a glorificar a ação de líderes personalistas, cujo autoritarismo obviamente excedia os limites de uma sociedade que se queria justa e igualitária

5. (Analista Judiciário – TRE-SP – FCC) Está inadequada a correlação entre tempos e modos verbais no seguinte caso:
a) Muitos se lembrariam da alegria voraz com que eram disputadas as toneladas da vítima.
b) Foi salva graças à religião ecológica que andava na moda e que por um momento estabelecera uma trégua entre todos.
c) Um malvado sugere que se dê por perdida a batalha e comecemos logo a repartir os bifes.
d) Depois de se haver debatido por três dias na areia da praia a jubarte acabara sendo salva por uma traineira que vinha socorrê-la.
e) Já informado do salvamento da baleia, o cronista teve um sonho em que o animal lhe surgiu com a força de um símbolo.

6. (Analista Infraero – FCC) Está adequada a correlação entre os tempos e os modos verbais na seguinte frase:
a) Seria mesmo possível que alguém tome o bilhete como cartão de embarque, ou não reconhecesse as mensagens dos monitores?
b) A quantos não terá ocorrido confundir o bilhete com o cartão de embarque, ou se embaralhando com as mensagens dos monitores?
c) É possível que um novato venha a confundir o bilhete com o cartão de embarque, ou que ignorasse as siglas que desfilem nos monitores.
d) Não estranha que um novato confunda o bilhete com o cartão de embarque, ou demonstre ignorar as siglas que desfilam nos monitores.
e) Não deveria estranhar que um novato confundira o bilhete com o cartão de embarque, ou que ignora as siglas que desfilam nos monitores.

7. (Área Juridica – TRF-4ª Região – FCC) Está correta a articulação entre os tempos e modos verbais na frase:

a) Embora a leitura nos faça conhecer a particularidade do Afeganistão, o que tornaria o romance irresistível será a história singular de Amir, o protagonista.
b) Mesmo que a leitura nos fazia conhecer a particularidade do Afeganistão, o que torna o romance irresistível teria sido a história singular de Amir, o protagonista.
c) Tanto mais a leitura nos fazia conhecer a particularidade do Afeganistão, tanto mais a história singular de Amir, o protagonista, tornou o romance irresistível.
d) Se a leitura nos fazia conhecer a particularidade do Afeganistão, o que tornava o romance irresistível era a história singular de Amir, o protagonista.
e) A leitura nos faria conhecer a particularidade do Afeganistão, mas fora a história singular de Amir, o protagonista, que tornasse o romance irresistível.

8. (Analista Judiciário – TRT-11ª Região – FCC). ***Estamos vivendo uma época em que a bandeira da discriminação se apresenta em seu sentido mais positivo: trata-se de aplicar políticas afirmativas para promover aqueles que vêm sofrendo discriminações históricas*****.**
Mantém-se adequada correlação entre tempos e modos verbais com a substituição das formas sublinhadas no trecho acima, na ordem dada, por:
a) Estávamos – apresentava – tratava-se – vinham
b) Estaríamos – apresentara – tratava-se – viessem
c) Estaremos – apresente – tratar-se-ia – venham
d) Estávamos – apresentou – tratar-se-á – venham
e) Estaremos – apresentara – tratava-se – viessem

9. (Técnico Judiciário – TRE-SP – FCC) Se eu perder esse trem, que sai agora às onze horas, só ..... pegar outro trem amanhã de manhã.
A forma verbal que preenche corretamente a lacuna da frase acima, em que foram reescritos em prosa alguns versos de Adoniran, é:
a) conseguiria.
b) conseguirei.
c) conseguia.
d) consegui.
e) consiga.

10. (Fiscal – ISS-SP – Esaf) Está bem observada a correlação entre os tempos e modos verbais na construção do período:
a) Se não variassem de cultura para cultura, as regras de convívio terão alcançado, efetivamente, a chamada validade universal.

b) Tendo cabido ao homo sapiens discriminar critérios de convívio, conseguiu ele criar uma organização social que, até hoje, não abdica de punir quem os desrespeite.
c) A relação de equilíbrio entre direitos e deveres comuns estava sendo prejudicada caso se viesse a permitir a existência de privilégios.
d) Para que não se consagrasse o péssimo exemplo da impunidade, faz-se necessária a sanção dos que vierem a cometer delitos.
e) Enquanto os animais continuam regulando-se pela "lei da selva", os homens estariam sempre se esforçando para tê-la superado.

14.5. Estrutura dos verbos

14.5.1. Radical

Onde está contido o significado dos verbos. Posiciona-se até a última letra antes da vogal temática.

Ex.: Cantar – radical CANT, Vender – radical VEND.

14.5.2. Vogal temática

Vogal que se posta logo após o radical. Serve para indicar a conjugação dos verbos.

Ex.: Cantar é de 1ª conjugação porque, depois do radical, ocorre "A"; vender é de 2ª, porque depois vem "E"; e partir é de 3ª, porque depois vem "I".

BIZU

Nunca haverá vogal temática no presente do subjuntivo. Observe que, neste tempo, depois do radical, jamais virá a letra corresponde à conjugação.

Ex.: CANTE (verbo cantar – 1ª conjugação, vogal temática A)
VENDA (verbo vender – 2ª conjugação, vogal temática E)
PARTA (verbo partir – 3ª conjugação, vogal temática I).

Observações:

Os verbos de 1ª conjugação (VOGAL TEMÁTICA – A) apresentarão, excepcionalmente, "E" e "O" como vogais temáticas alomórficas (forma diferente) na primeira e na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo.

Ex.: Cantei – E – vogal temática alomórfica; cantou – O – vogal temática alomórfica.

Os verbos de 2ª conjugação (VOGAL TEMÁTICA – E) apresentarão, excepcionalmente, "I" como vogal temática alomórfica em todo o pretérito imperfeito do indicativo.

Ex.: Vendia, vendias, vendia, vendíamos, vendíeis, vendiam. Também no particípio apresentarão "I" como vogal temática alomórfica.

Ex.: Vendido, bebido.

Os verbos de 3ª conjugação (VOGAL TEMÁTICA – I) apresentarão, excepcionalmente, "I" como desinência número-pessoal na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo.

Ex.: PARTI – "I" – desinência número-pessoal.

Também apresentarão E como vogal temática alomórfica na 2ª e 3ª singular e 3ª do plural do presente do indicativo. Ex.: partes, parte, partem, abres, abre, abrem.

O verbo PÔR e seus derivados são de 2ª conjugação, porque se originam do latim *POER*.

14.5.3. Tema

É a soma do radical com a vogal temática.

Ex.: Em cantar, o radical é CANT e a vogal temática é A, portanto o tema é CANTA; em vender, o radical é VEND e a vogal temática é E, portanto o tema é VENDE.

14.5.4. Desinência modo-temporal

Como o próprio nome diz, serve para designar tempo e modo dos verbos. Observe, por exemplo, que, no pretérito imperfeito do subjuntivo, logo após o tema, aparecerá em todas as pessoas SSE (cantasse, cantasses, cantasse, cantássemos, cantásseis, cantassem). É importante que o candidato perceba que este fato não é uma mera coincidência e sim que o SSE faz com que o verbo esteja no pretérito imperfeito (tempo) do subjuntivo (modo). O mesmo ocorre com "A" no presente do subjuntivo dos verbos de 2ª e 3ª conjugações (parta, partas, parta, partamos, partais, partam), "R" no futuro do subjuntivo (vender, venderes, vender, vendermos, venderdes, venderem).

Observações:

O presente e o pretérito perfeito do indicativo nunca possuirão desinência modo-temporal.

É comum, na 2ª pessoa do plural, haver a alteração de "A" em "E" na desinência modo-temporal.

Ex.: canta**va**, canta**vas**, canta**va**, cantá**va**mos, cantá**ve**is, canta**vam** (pretérito imperfeito do indicativo); canta**ra**, canta**ras**, canta**ra**, cantá**ra**mos, cantá**re**is, canta**ram** (pretérito mais-que-perfeito do indicativo); canta**ria**, canta**rias**, canta**ria**, canta**ría**mos, canta**ríe**is, canta**riam** (futuro do pretérito do indicativo); vendi**a**, vendi**as**, vendi**a**, vendí**a**mos, vendí**e**is, vendi**am** (pretérito imperfeito do indicativo).

No futuro do indicativo, RE e RA revezar-se-ão na DMT (canta**re**i, canta**rá**s, canta**rá**, canta**re**mos, canta**re**is, canta**rã**o).

14.5.5. Desinência número-pessoal

Serve para designar pessoa (1ª, 2ª ou 3ª) e número (singular ou plural) dos verbos.

Ex.: MOS – observe que independentemente do verbo e do tempo, MOS é sempre desinência número-pessoal, pois demarca a 1ª pessoa do plural (cantaremos, fizemos, estávamos, queremos, fomos).

14.5.5.1. Exercícios

1. Destaque todos os elementos das formas verbais abaixo, conforme o exemplo.

a) COMPRÁSSEMOS – COMPR (RADICAL), A (VOGAL TEMÁTICA), COMPRA (TEMA), SSE (DMT) e MOS (DNP).

b) ENCONTREI

c) VENCIDO

d) GARANTI

e) GARANTEM

f) GARANTE

g) ENTENDIA

h) AGUENTOU

i) PASSASSEM

j) PASSEM

k) QUERO

l) VENCÍEIS

m) PEDIU

n) ENTENDAMOS

o) ADMITIA

p) ADMITI

q) COMEU

r) COMIAS

2. (Facha) Assinale o item em que houve erro ao se destacar e/ou classificar elemento mórfico do vocábulo ABOTOAM.

a) radical – abot.

b) vogal temática – a.

c) desinência número-pessoal – m.
d) desinência modo-temporal – zero.
e) tema – abotoa.

3. (Facha) Aponte o tópico onde se erra na caracterização do elemento mórfico.
a) Em "sabemos", a desinência número-pessoal é MOS.
b) Em "identifica", a desinência número-pessoal é ZERO.
c) Em "encontrou", a vogal temática está modificada.
d) Em "pensou", a desinência número-pessoal é U.
e) Em "põe", a vogal temática é ZERO.

4. (UFPB) Os elementos mórficos sublinhados são, respectivamente, vogal temática, desinência modo-temporal e desinência número-pessoal, em:
a) compr<u>e</u>m – sent<u>i</u>rão – sopr<u>a</u>m
b) prometeu – compra<u>va</u> – sentire<u>m</u>
c) sent<u>i</u>am – sopra<u>mos</u> – prometer<u>a</u>
d) prometamos – compra<u>ría</u>mos – senti<u>ra</u>
e) compr<u>a</u>reis – senti<u>sse</u> – prometes<u>te</u>

5. (UFPB) Os elementos mórficos sublinhados são, respectivamente, vogal temática, desinência número-pessoal e desinência modo-temporal, em:
a) cant<u>a</u>ste – mandara<u>m</u> – ench<u>a</u>
b) importa<u>va</u> – redij<u>o</u> – vencer<u>a</u>
c) class<u>e</u> – aprend<u>e</u>r – arrum<u>e</u>
d) ficav<u>a</u>m – saí<u>sse</u> – preferi<u>ste</u>
e) judia<u>ção</u> – corr<u>i</u> – desafiara<u>s</u>

6. (UFPB) Os elementos estruturais sublinhados nas formas verbais FICA<u>RA</u> – <u>TOM</u>ANDO – PEDISSE<u>M</u> – <u>CONHECE</u>SSE são, respectivamente:
a) desinência número-pessoal; tema; desinência modo-temporal; radical;
b) desinência modo-temporal; radical; desinência número-pessoal; tema;
c) radical; desinência modo-temporal; tema; desinência número-pessoal;
d) desinência modo-temporal; tema; desinência número-pessoal; radical;
e) tema; radical; desinência modo-temporal; desinência número-pessoal.

14.6. Formação de imperativo

Inicialmente, é prudente compreender que, por motivos semânticos, não há a primeira pessoa do singular. Não faz sentido ordenar, advertir, aconselhar ou suplicar a si mesmo.

O imperativo negativo é uma réplica do presente do subjuntivo, excluindo-se a 1ª pessoa do singular.

Ex.: presente do subjuntivo do verbo DIZER – Maria quer que eu diga; Maria quer que tu digas; Maria quer que ele diga; Maria quer que nós digamos; Maria quer que vós digais; Maria quer que eles digam. Portanto, o imperativo negativo é: não digas tu, não diga você, não digamos nós, não digais vós, não digam vocês.

O imperativo afirmativo possui a seguinte formação: as duas segundas pessoas advêm do presente do indicativo sem "s"; e as outras pessoas, do presente do subjuntivo.

Ex.: mede tu (origina-se de tu medes – presente do indicativo sem "s")

meça você ou ele (origina-se de Maria quer que ele meça – presente do subjuntivo)

meçamos nós (origina-se de Maria quer que nós meçamos – presente do subjuntivo)

medi vós (origina-se de vós medis – presente do indicativo sem "s")

meçam vocês ou eles (origina-se de Maria quer que eles meçam – presente do subjuntivo)

Obs.: 1– O verbo "ser" é exceção na formação das duas segundas pessoas do imperativo afirmativo. As formas são "sê" tu e "sede" vós.

Obs.: 2– Alguns autores têm admitido para os verbos "dizer", "fazer", "trazer", "querer" e os terminados em "uzir" duas formas de imperativo afirmativo na 2ª pessoa do singular. São elas: dize e diz,

faze e faz, traze e traz, quere e quer, e produze e produz. Tal se justifica em função de as formas oficiais DIZE, FAZE, TRAZE, QUERE e PRODUZE estarem em desuso na variante brasileira da Língua Portuguesa. É conveniente esclarecer que, numa prova, a forma preferencial, mesmo em desuso, é a tradicional (DIZE, FAZE, TRAZE, QUERE, PRODUZE).

14.6.1. Exercícios

1. (EPCar) Observe: "Procura curtir sem queixa o mal que te crucia".
Se convertêssemos a afirmação em negação e o singular em plural, a opção correta seria a letra:
a) Não procura curtir sem queixa o mal que os crucia.
b) Não procurai curtir sem queixa o mal que vos crucia.
c) Não procureis curtir sem queixa o mal que vos cruciais.
d) Não procurai curtir sem queixa o mal que vos cruciais.
e) Não procureis curtir sem queixa o mal que vos crucia.

2. (MEC – FGV) *"Pense num bairro de periferia, (...) mas imagine uma vizinhança de gente simpática, (...) e você localiza em Rio Branco (...)"* **(L.1-5)**
Assinale a alternativa em que, passando-se a forma você para vós, as alterações foram efetuadas seguindo a norma culta.
a) Pensais num bairro de periferia, (...) mas imaginais uma vizinhança de gente simpática, (...) e vós localizais em Rio Branco (...)
b) Pensai num bairro de periferia, (...) mas imaginai uma vizinhança de gente simpática, (...) e vós localizai em Rio Branco (...)
c) Penseis num bairro de periferia, (...) mas imagineis uma vizinhança de gente simpática, (...) e vós localizais em Rio Branco (...)
d) Penseis num bairro de periferia, (...) mas imagineis uma vizinhança de gente simpática, (...) e vós localizeis em Rio Branco (...)
e) Pensai num bairro de periferia, (...) mas imaginai uma vizinhança de gente simpática, (...) e vós localizais em Rio Branco (...)

3. (Fiscal – Sefaz-RJ – FGV) Assinale a alternativa em que a alteração da fala do homem do quadrinho NÃO tenha sido feita com adequação à norma culta. Não leve em conta possível alteração de sentido.

a) Quando tu voltares, traz um copo de água bem gelada para mim!
b) Quando vós voltardes, trazei um copo de água bem gelada para mim!
c) Quando tu voltares, não tragas um copo de água bem gelada para mim!
d) Quando vós voltardes, não tragais um copo de água bem gelada para mim!
e) Quando vós voltardes, não trazeis um copo de água bem gelada para mim!

4. (Fiscal – ICMS – RJ – FGV) Assinale a alternativa em que a alteração da fala do homem do quadrinho NÃO tenha sido feita com adequação à norma culta. Não leve em conta possível alteração de sentido.
a) Quando tu voltares, traz um copo de água bem gelada para mim.
b) Quando vós voltardes, trazei um copo de água bem gelada para mim.
c) Quando tu voltares, não tragas um copo de água bem gelada para mim.
d) Quando vós voltardes, não tragais um copo de água bem gelada para mim.
e) Quando vós voltardes, não trazeis um copo de água bem gelada para mim.

5. Assinale a opção escorreita.
a) Sê estudioso e passará no concurso!
b) Diz a verdade e não será castigado!
c) Produza bastante e terás o reconhecimento de todos!
d) Faz os exercícios e aprenderá a matéria!
e) Traze a cerveja e serás bem recebido!

6. Assinale a opção incorreta.
a) Sede flamenguistas e sereis mais felizes!
b) Quere a sorte e tu a terás!
c) Vem logo e não te atrases!
d) Impõe-te e conquistarás o respeito de todos!
e) Veja o jornal, mas não vejas a novela!

7. Assinale a opção que completa adequadamente as lacunas.
bastante, os obstáculos e nunca !
a) Estuda – vence – desistas
b) Estude – vence – desista
c) Estuda – vença – desistas
d) Estude – vence – desiste
e) Estude – vença – desistas

8. Assinale a opção que completa inadequadamente as lacunas.
os ingressos cedo ao estádio e não com ninguém!
a) Garante – chega – brigues
b) Garanta – chegue – brigue
c) Garantam – cheguem – briguem
d) Garanti – chegai – brigueis
e) Garantes – chegues – brigues

9. Estando os verbos no imperativo, assinale a opção que completa inadequadamente as lacunas.
a janela, mas não a porta!
a) Abre – abras
b) Abra – abra
c) Abramos – abramos
d) Abri – abri
e) Abram – abram

10. (Auxiliar de Necropsia – NCE) Se colocarmos a forma verbal do título – saiba – na segunda pessoa do singular do imperativo negativo, a forma correta será:
a) não sabe;
b) não sabes;
c) não saiba;
d) não saibas;
e) não soubeste.

11. (Papiloscopista – NCE) Se a forma verbal "tenha" estivesse na forma negativa da mesma pessoa do imperativo, sua forma correta seria:
a) não tem;
b) não tenhas;
c) não tende;
d) não tenha;
e) não tens.

12. (MP – NCE) "Recuse o convite e não troque o Brasil pela Itália". Se, em lugar da terceira pessoa, o autor do texto empregasse a segunda pessoa do singular, as formas convenientes dos verbos seriam:
a) recusa / não troca

b) recusas / não trocas
c) recusa / não troques
d) recuse / não troca
e) recuses / não trocas

13. (NCE) Em qual das seguintes alternativas procedeu-se corretamente à mudança do tratamento VÓS para TU, ao se reescrever o enunciado "Disponde de mim e crede-me / amigo muito agradecido"?
a) Dispõe de mim, e crê-me amigo...
b) Disponha de mim, e creia-me amigo...
c) Dispõe de mim, e creia-me amigo...
d) Disponha de mim, e crês-me amigo...
e) Disponha de mim, e crê-me amigo...

14. (Inspetor da Polícia Civil – RJ – FGV) "Então despes a luva para eu ler-te a mão" (verso 6) Assinale a alternativa em que, passando-se o primeiro verbo do verso acima para o imperativo e alterando-se a pessoa do discurso, manteve-se adequação à norma culta.
a) Então dispais a luva para eu ler-vos a mão.
b) Então despe a luva para eu ler-vos a mão.
c) Então despi a luva para eu ler-vos a mão.
d) Então despis a luva para eu ler-vos a mão.
e) Então dispai a luva para eu ler-vos a mão.

15. (NCE) Assinale a alternativa gramaticalmente correta.
a) Não chores, cala, suporta a tua dor.
b) Não chore, cala, suporta a tua dor.
c) Não chora, cale, suporte a sua dor.
d) Não chores, cales, suportes a sua dor.
e) Não chores, cale, suporte a tua dor

16. (TTN) Assinale a sentença que contém erro na forma verbal.
a) "Examinai todas as coisas e retende o que for melhor" (extraído de um marcador de páginas).
b) Detenhamo-nos nos aspectos centrais do pensamento marxista para que saibamos extrair dele o que melhor se aproveita para os dias atuais.
c) Para que elaboremos propostas inovadoras, é preciso que ponhamos nossa criatividade a serviço da geração de ideias inusitadas.

d) Mas não caiamos na tentação de julgar todos os dirigentes políticos como se fossem uns aproveitadores, que usam os cargos apenas para se locupletarem.
e) Se almejardes o saber, vades aos livros e conviveis com os sábios.

14.7. Formas nominais

As formas nominais têm essa nomenclatura, pois, apesar de continuarem a ser verbos, possuem valor de substantivo, adjetivo ou de advérbio.

Ex.: Exercícios resolvidos (resolvidos – valor adjetivo); ler (a leitura – valor substantivo) jornais é sempre conveniente; estudando (Se estudares – valor adverbial), passarás.

14.7.1. Gerúndio

Indica, na maioria das vezes, uma ação simultânea à outra oração exposta no período. São formas de gerúndio: cantando, vendendo, partindo, sendo, estando, havendo, vendo, vindo, tendo, pondo, indo...

Ex.: Ele recebeu João, dando-lhe um abraço.

Observe que há uma ideia de concomitância entre o ato de "receber" e o ato de "dar o abraço".

14.7.1.1. Exercícios

1. (PC-NCE) "Ele se saía muito bem tecendo considerações críticas sobre o provão..." O gerúndio "tecendo" mostra uma ação:
a) que antecede a do verbo da oração anterior;
b) posterior à do verbo da oração anterior;
c) que é a consequência da ação da oração anterior;
d) simultânea à do verbo da oração anterior;
e) que mostra oposição à ação da oração anterior.

2. (NCE) "... que a roubou, ameaçando cortar a garganta do garoto". O bom uso do gerúndio requer que sua ação seja simultânea à do verbo principal, como ocorre nesse segmento do texto. Assim, é exemplo de mau uso do gerúndio a frase:
a) O assaltante gritou, abrindo a porta.

b) O motorista acovardou-se, abaixando o vidro.
c) O assaltante entrou, sentando-se no banco traseiro.
d) O marginal ameaçou-o, mostrando a arma.
e) O motorista obedeceu, acelerando o carro.

3. (NCE – MPE – RJ) Uma das regras do emprego do gerúndio recomenda que ele seja empregado quando indicar "contemporaneidade entre a ação expressa pelo verbo principal e o gerúndio". Observe as seguintes frases:
I. "Quero registrar a triste situação por que passam milhões de crianças brasileiras, em sua maioria desassistidas, desnutridas, sem educação básica, CAMINHANDO rumo a um futuro incerto e infeliz".
II. "Os menores de Brasil desassistidos em seus lares ganham as ruas em busca de uma forma de vida, CAINDO nas malhas da prostituição..."
III. Mesmo assim, tal atividade deve ser reconhecidamente leve, EXCLUINDO-SE, por exemplo, o trabalho exercido nas indústrias, nas oficinas e na agricultura".
A(s) frase(s) em que essa norma foi desrespeitada é(são):
a) I – III
b) I – II
c) II – III
d) I
e) II

14.7.2. Particípio

Cantado, vendido, partido, sido, estado, havido, visto, vindo, tido, posto, ido... Existem verbos com formas abundantes de particípio. Eis uma relação deles.

14.7.2.1. Particípios Duplos

	REGULAR	IRREGULAR
acender	acendido	aceso
aceitar	aceitado	aceito

	REGULAR	IRREGULAR
assentar	assentado	assento, assente
benzer	benzido	bento
concluir	concluído	concluso
desenvolver	desenvolvido	desenvolto
eleger	elegido	eleito
entregar	entregado	entregue
enxugar	enxugado	enxuto
erigir	erigido	ereto
expressar	expressado	expresso
exprimir	exprimido	expresso
expulsar	expulsado	expulso
extinguir	extinguido	extinto
findar	findado	findo
frigir	frigido	frito
ganhar	ganhado	ganho
gastar	gastado	gasto
imergir	imergido	imerso
imprimir	imprimido	impresso

	REGULAR	IRREGULAR
inserir	inserido	inserto
isentar	isentado	isento
juntar	juntado	junto
limpar	limpado	limpo
matar	matado	morto
morrer	morrido	morto
omitir	omitido	omisso
pagar	pagado	pago
pegar	pegado	pego
prender	prendido	preso
romper	rompido	roto
submergir	submergido	submerso
suspender	suspendido	suspenso
tingir	tingido	tinto

1) É preferencial o uso do particípio regular quando o auxiliar for "ter" ou "haver". Em contrapartida, a utilização do irregular torna-se mais interessante, sendo o auxiliar "ser" ou "estar".
2) Para se chegar ao gerúndio, basta usar o verbo ESTAR como auxiliar.
   Ex.: Estou cantando; estás fazendo...
3) Para se chegar ao particípio, basta usar o verbo TER como auxiliar.
   Ex.: Tenho feito; tivesse dito...
4) Os verbos VIR e derivados possuem formas coincidentes no particípio e no gerúndio. Caso haja dificuldades para reconhecer o tempo do verbo, substitua pelo verbo IR; se aparecer INDO, é gerúndio; se aparecer IDO, é particípio.
   Ex.: Quando ela saiu, eu já tinha vindo (ido – portanto, o verbo está no particípio).
   Eu já estou vindo (indo – portanto, o verbo está no gerúndio).

14.7.2.2. Exercícios

1. (MP-NCE) "Noticiando" é forma do gerúndio do verbo noticiar. A frase em que a forma verbal destacada pode não estar no gerúndio é:

a) As notícias estão chegando da Itália cada vez mais rapidamente.
b) Transformando-se o ódio em amor, acabam-se as guerras.
c) Vindo o resultado, os clientes começaram a protestar.
d) Os jogadores italianos estão reclamando dos estrangeiros.
e) O atleta viajou, completando sua missão.

2. (Administrador – Transpetro) A forma verbal em destaque está empregada de acordo com a norma-padrão em:

a) O diretor foi **trago** ao auditório para uma reunião.
b) O aluno foi **suspendido** por três dias pela direção da escola.
c) O réu tinha sido **isento** da culpa, quando nova prova incriminatória o condenou.
d) A autoridade havia **extinto** a lei, quando novo crime tornou a justificar o seu uso.

e) Pedro já tinha **pegado** os ingressos na recepção, quando soube que o espetáculo fora cancelado.

14.7.3. Infinitivo

Forma nominal que só posiciona o tempo do fato em combinação com outro verbo exposto no contexto.

Infinitivo impessoal – cantar, vender, partir, ser, estar, haver, ver, vir, ter, pôr, ir...

Infinitivo pessoal – cantar (eu), cantares (tu), cantar (ele), cantarmos (nós), cantardes (vós), cantarem (eles)

BIZUS

1) Todos os verbos no infinitivo pessoal são regulares, inclusive os irregulares e os anômalos. Para conjugarmos os verbos neste tempo, basta acrescentar à forma infinitiva as seguintes desinências: 0 (nada), es, 0 (nada), mos, des, em.
2) Dificilmente cai em prova a distinção entre o infinitivo pessoal e impessoal. Tal se deve ao fato de os principais autores informarem não haver regras, e sim tendências. Contudo, dois tópicos são óbvios: quando o sujeito estiver explícito, e imediatamente anterior ao verbo, este estará no infinitivo pessoal, ou seja, flexionar-se-á; quando houver locução verbal, o verbo principal (no infinitivo) nunca se flexiona.
3) Atenção à distinção entre o futuro do subjuntivo e o infinitivo pessoal. A terminação desses dois tempos é idêntica, ficando, inclusive, todos os verbos regulares iguais nesses tempos. Existem dois caminhos para diferençar um tempo do outro.
   a) Se o verbo estiver ligado a uma preposição ou a uma locução prepositiva, o verbo estará no infinitivo pessoal. Se o verbo

estiver ligado a uma conjunção ou a uma locução conjuntiva, o verbo estará no futuro do subjuntivo.

b) Observe que as terminações, como já fora esclarecido, são coincidentes (R – RES – R – RMOS – RDES – REM). Portanto, aparecendo uma forma verbal com uma dessas terminações, basta substituí-la pela expressão FAZER O TRABALHO. Caso apareça FAZER O TRABALHO, o verbo estará no infinitivo pessoal; caso apareça FIZER O TRABALHO, o verbo estará no futuro do subjuntivo.

Ex.: Se saíres (FIZER O TRABALHO) agora, perderás o último capítulo da novela.

– A forma verbal "saíres" encontra-se no futuro do subjuntivo.

Para saíres (fazer o trabalho) agora, é necessário que tenhas terminado os exercícios.

– Observe que ao substituir SAÍRES por FAZER (sem a preocupação com a concordância), fica fácil concluir que o verbo está no infinitivo pessoal.

Assim que terminarmos (FIZER O EXERCÍCIO) o exercício, voltaremos para casa.

? A forma verbal "terminarmos", por ser substituída por FIZER, está no futuro do subjuntivo.

Convém terminarmos (FAZERMOS O TRABALHO) o exercício.

? Quando substituímos "TERMINARMOS" por "FAZER", logo se deduz que o verbo está no infinitivo.

Obs.: Muita atenção com os verbos irregulares, principalmente os derivados do TER, PÔR, VIR e VER.

É muito comum cair em prova questão com frases contendo a seguinte estrutura:

Assim que exporem a opinião, todos ouvirão.

? Nesta situação, o caminho que considero mais fácil para o candidato é, ao observar a terminação do verbo (REM), substituí-lo pelo FAZER, resultando em FIZER O TRABALHO. Então, logo se detecta que o verbo está no futuro do subjuntivo. Sendo assim, não se deve trabalhar com EXPOR, mas com o verbo PÔR, conjugando como se aprende nas escolas, ou seja, usando o QUANDO. Quando eu puser, quando tu puseres, quando ele puser, quando nós pusermos, quando vós puserdes, quando eles puserem. Se a forma correta é "quando eles puserem", o certo é "Assim que expuserem".

Ex.: Depois de exporem suas opiniões, todos ouvirão.

? Ao observar a terminação REM, automaticamente deve ser feita a substituição por FAZER. O resultado será "Depois de fazer o trabalho...", logo a forma verbal encontra-se no infinitivo pessoal. Como todos os verbos no infinitivo pessoal são regulares, basta acrescentar as desinências já mencionadas à forma infinitiva: EXPOR, EXPORES, EXPOR, EXPORMOS, EXPORDES, EXPOREM.

Se ele manter a calma, fará boa prova.

? A terminação "R" denuncia que o verbo está no futuro do subjuntivo ou no infinitivo pessoal. Dessa forma, torna-se interessante substituí-lo pelo verbo FAZER, resultando "Se ela fizer o trabalho..." Então, o verbo MANTER deveria estar no futuro do subjuntivo. Com a exceção do infinitivo, em que todos os verbos são regulares, convém ao usuário da língua o emprego do verbo (TER) no futuro do subjuntivo: quando eu tiver, quando tu tiveres, quando ele tiver... Então, a forma verbal correta é MANTIVER.

Antes de se abster na votação, o eleitor deve analisar as duas propostas de administração.

? Novamente temos a terminação R, já implicando a ocorrência do futuro do subjuntivo ou do infinitivo pessoal. Nosso passo prévio é substituir por FAZER OU FIZER. Na frase, a substituição resulta em ANTES DE FAZER O TRABALHO, logo o verbo está no infinitivo pessoal. Neste tempo, todos os verbos são regulares, portanto só nos resta acrescer à forma infinitiva ABSTER aquelas terminações já aludidas. O infinitivo pessoal do verbo "abster" é ABSTER, ABSTERES, ABSTER, ABSTERMOS, ABSTERDES, ABSTEREM. Fica claro, então, que a frase está perfeita.

BIZU

Também é deveras conveniente chamar a atenção para a conjugação do futuro do subjuntivo do verbo VER: o correto é VIR, VIRES, VIR, VIRMOS, VIRDES, VIREM.

Ex.: Se eu te vir amanhã, entregar-te-ei o material.

Será muito bom se nós nos virmos.

Já no infinitivo pessoal, todos os verbos são regulares, e o verbo VER não será exceção: VER, VERES, VER, VERMOS, VERDES, VEREM.

Também é interessante observar a conjugação do verbo VIR no futuro do subjuntivo: VIER, VIERES, VIER, VIERMOS, VIERDES, VIEREM.

Se eles vierem ao Rio, nós os encontraremos.

No infinitivo pessoal, todos os verbos são regulares: VIR, VIRES, VIR, VIRMOS, VIRDES, VIREM.

Se você é bom observador, percebeu que o futuro do subjuntivo do verbo VER é idêntico ao infinitivo pessoal do verbo VIR. De vez em quando, as bancas fazem comentário a respeito dessa coincidência.

14.7.3.1. Exercícios

1. Assinale a opção em que o verbo PÔR ou um de seus derivados esteja incorretamente flexionado.

a) Para expormos nossos trabalhos, torna-se mister que os entreguemos com antecedência.

b) Não haverá consequências, se repusermos os bens que foram extraviados.

c) Uma das missões do setor de recursos humanos é pôr as pessoas certas em lugares certos.

d) João da Silva foi contratado para compor o elenco da peça *Uma missão nas estrelas*.

e) Sentir-te-ás deveras melhor assim que expores toda a tua frustração.

2. Assinale a opção em que o verbo TER ou um de seus derivados esteja indevidamente flexionado.

a) Os atletas se houveram aquém do esperado em virtude de não manterem a calma nos momentos decisivos.

b) Os deputados foram elogiados por não se absterem na votação do *Impeachment* do Presidente.

c) As obras serão retomadas se o setor responsável obtiver os recursos para tal.

d) As crianças somente sairão depois que se entreterem.

e) A revolta atingirá proporções inimagináveis, se a polícia não contiver a força da população.

3. Assinale a alternativa em que haja uma forma verbal inadequadamente conjugada.

a) Não ocorrerão outros desenlaces se a equipe econômica sustiver o atual índice de inflação.

b) Sempre que retem a documentação dos funcionários, a empresa transgride as normas da legislação trabalhista.

c) Sempre que retiver a documentação dos funcionários, a empresa transgredirá as normas da legislação trabalhista.

d) A população e o governo mantêm-se atentos aos focos de desestabilização política.

e) Quando a sociedade realmente detém o poder, não ocorrem as distorções significativas quanto à distribuição de renda.

4. Há uma opção contendo uma falha quanto à flexão verbal. Assinale-a.

a) Se propuseres um contrato para uma grande estrela da televisão, espera um "não" como resposta.

b) Para te opores a nossas reivindicações, expõe teus argumentos.
c) Se os advogados interpuserem recurso à decisão do Colegiado, cometerão um equívoco substancioso.
d) O estudo de legislação ambiental pressupõe conhecimentos em outros áreas do conhecimento.
e) Se o usuário da língua compuser um período com um sujeito composto que se pospõem ao verbo, poderá este ser flexionado em concordância com a soma dos núcleos ou só com o mais próximo.

5. Indique a alternativa que possua uma inadequação de uma forma verbal.
a) Se você se predispuser a fazer este trabalho, faça-o com esmero.
b) Para transpordes todos os obstáculos, sede sempre otimistas e nunca desistais de vossos sonhos!
c) Devolvam tudo aquilo que obterem de forma ilícita.
d) Mantém-te calmo sempre que estiveres em situação conflituosa.
e) Depois de estarem há um mês em um hospital do município, os traficantes serão transferidos para o presídio da Frei Caneca.

6. Nos períodos abaixo, ocorre um verbo indevidamente conjugado. Indique-o.
a) Para ires de avião a São Paulo, é necessário que adquiras a passagem com antecedência.
b) Se fores a Minas, traze uma boa cachaça caseira!
c) Se intervires no tumulto, faze-o com decisão!
d) Não foste convidado, por não convires ao sistema.
e) Assim que os documentos provierem da direção geral, remetê-los-emos para a presidência.

7. Há uma alternativa contendo uma falha quanto à flexão verbal. Assinale-a.
a) Mesmo que expusessem seus motivos, não obteriam êxito em suas reivindicações.
b) Eles sairiam ainda que muito se entretivessem.
c) Se prevíssemos que haveria tão poucos inscritos no concurso, não desistiríamos.
d) Se João se houvesse bem na prova, conquistaria a vaga.
e) Os pais não se oporiam se as escolas intervissem na relação de seus alunos com a própria família.

8. Assinale a opção que completa adequadamente as lacunas.
Sempre que a São Paulo e que o tempo está nublado, rapidamente para o Rio de Janeiro.

a) fores – veres – vem
b) fores – vires – venha
c) ires – vires – vem
d) fordes – virdes – vinde
e) ires – veres – venha

9. (TRT) As lacunas das frases: 1 – "Não sem teus pais" e 2 – "Se eles te , te chamarão", são completadas, corretamente, pelas formas verbais:
a) vás – virem
b) vá – verem
c) ide – vir
d) vás – verem

10. (TRT) As lacunas da frase "se tu aqui e nos , não saberás o que fazer" são preenchidas, corretamente, por:
a) vieres – vires
b) vieres – vir
c) vieres – vireis
d) vires – veres
e) vires – vires

11. (Cesgranrio) Assinale o período em que aparece forma verbal incorretamente empregada em relação à norma culta da língua.
a) Se o compadre trouxesse a rabeca, a gente do ofício ficaria exultante.
b) Quando verem o Leonardo, ficarão surpresos com os trajes que usava.
c) Leonardo propusera que se dançasse o minuete da corte.
d) Se o Leonardo quiser, a festa terá ares aristocráticos.
e) O Leonardo não interveio na decisão da escolha do padrinho do filho.

12. (UF de São Carlos) Indique a alternativa que completa corretamente as lacunas das frases:
I – Se nos a fazer um esforço conjunto, teremos um país sério.
II – o televisor ligado, para te informares dos últimos acontecimentos.
III – Não havia programa que o povo, após o último noticiário.
a) propormos – Mantenha – entretesse
b) propusermos – Mantém – entretesse

c) propormos – Mantém – entretivesse
d) propormos – Mantém – entretesse
e) propusermos – Mantém – entretivesse

13. (Faap) Assinale a resposta correspondente à alternativa que completa corretamente os espaços em branco: Se você o , por favor -lhe que para apressar o processo.
a) ver – peça – intervenha
b) vir – peça – intervém
c) vir – peça – intervenha
d) ver – pede – intervenha
e) vir – peças – interviesse

14. (BB-UnB) Flexão verbal incorreta:
a) Se vir o tal colega, falar-lhe-ei.
b) Se eu pôr o verbo no plural, erro de novo.
c) Se eu vier cedo, aguardo-o.
d) Se a duplicata estiver certa, paguem-na.
e) Se eu for tarde, esperem-me.

15. (FGV) Assinale o item em que há erro quanto à flexão verbal.
a) Quando eu vir o resultado, ficarei tranquilo.
b) Aceito o lugar para o qual me proporem.
c) Quando estudar o problema, ficará sabendo a verdade.
d) Sairás assim que te convier.
e) O fato está patente a quem se detiver a observá-lo.

16. (Dasp) Assinale a única alternativa em que há erro de flexão verbal.
a) Quando eu o vir, acertarei as contas.
b) Se ele propor um aumento de verba, direi que não teremos recursos.
c) O governo interveio na região.
d) Os funcionários vêm aqui hoje.
e) Na tentativa de solucionar o problema, eles se desavieram.

17. (Med-Santos) Assinale a letra correspondente à frase inteiramente correta para tratamento "o senhor": "Quando nos debates, ser moderado nas expressões e bem nas suas ideias".
a) intervier – procure – suas – coloque

b) intervier – procure – suas – coloca
c) intervir – procura – tuas – coloques
d) intervieres – procure – suas – coloque
e) intervier – procures – suas – coloque

18. (NCE) Assinale a opção que preencha as lacunas corretamente.
I – Ficareis maravilhados, se o resultado. (ver)
II – Sereis perdoados, se o que tirastes. (repor)
III – Não dê atenção a quem lhe negócios ilícitos. (propor)
IV – Nós lhe daremos o recado assim que o . (ver)
a) virdes – repuserdes – propuser – virmos
b) vires – repordes – propor – vermos
c) veres – repuserdes – propuserdes – virmos
d) vês – repordes – propordes – vermos
e) ver – repuseres – propor – vemos

19. (TRT – 23ª Região – FCC) O verbo corretamente empregado e flexionado está grifado em:
a) É de se imaginar que, se os viajantes setecentistas antevessem as dificuldades que iriam deparar, muitos deles desistiriam da aventura antes mesmo de embarcar.
b) O que quer que os compelisse, cabe admirar a coragem desses homens que partiam para o desconhecido sem saber o que os aguardava a cada volta do rio.
c) Caso não se surtisse com os mantimentos necessários para o longo percurso, o viajante corria o risco de literalmente morrer de fome antes de chegar ao destino.
d) Se não maldiziam os santos, é bastante provável que muitos dos viajantes maldizessem ao menos o destino diante das terríveis tribulações que deviam enfrentar.
e) Na história da humanidade, desbravadores foram não raro aqueles que sobreporam o desejo de enriquecer à relativa segurança de uma vida sedentária.

20. (Administrador – Petrobras – Cesgranrio) O seguinte verbo em destaque NÃO está conjugado de acordo com a norma-padrão:
a) Se essa tarefa não **couber** a ele, pedimos a outro.
b) **Baniram** os exercícios que não ajudavam a escrever bem.
c) Assim que **dispormos** do gabarito, saberemos o resultado.
d) **Cremos** em nossa capacidade para a realização da prova.
e) Todos **líamos** muito durante a época de escola.

21. (TRE-SP) Ele que a sensatez dos convidados a euforia geral e as dúvidas.
a) supusera – freasse – desfizesse
b) supora – freasse – desfizesse
c) supusera – freiasse – desfazesse
d) supora – freiasse – desfizesse
e) supora – freiasse – desfazesse

22. (TRE-SP) Tendo na operação, os funcionários se a serviços essenciais e executaram as tarefas que lhes .
a) intervido – ativeram – caberam
b) intervido – ateram – couberam
c) intervindo – ateram – caberam
d) intervindo – ativeram – couberam
e) intervido – ativeram – couberam

23. (TRE-MT)
I – Os leitores de jornal não os artigos mais longos.
II – Se eles a programação, já será ótimo.
III – Quando ele , receba-o com delicadeza.
As formas que preenchem, corretamente, as lacunas das frases acima são:
a) leem – obtiverem – vir
b) lêem – obtiverem – vier
c) leem – obterem – vier
d) lêem – obterem – ver
e) lêm – obtiverem – vir

24. (TRE-MT) Só está correta a forma verbal grifada na frase:
a) Embora ele esteje indicado, o Senado ainda não o aprovou.
b) Ele passeiava diariamente no parque.
c) Quando eles trouxerem a permissão, poderão entrar.
d) Se mantermos as posições, o inimigo não avançará.
e) Os deputados se entretiam com esses discursos.

25. (Fiscal – Sefaz-RJ – FGV) Na frase do 4o parágrafo do texto "*A liberdade supõe a operação sobre alternativas;*", o verbo irregular foi flexionado corretamente.
Assinale a alternativa em que se apresenta flexão incorreta da forma verbal.
a) Eles impunham condições para que o acordo fosse assinado.

b) O julgador interveio na polêmica sobre os critérios de seleção.
c) Não foi confirmado se a banca quereria dar à redação caráter eliminatório.
d) Se os autores se disporem a ratear o valor, a publicação da revista será certa.
e) É necessário que atentemos para a questão da mudança de paradigma científico.

26. (NCE) "Saibam quantos esta virem que, no ano (...), aos (...)..."
No texto, a forma verbal VIREM:
a) Corresponde à forma correta e atual do verbo VER, que, no futuro do subjuntivo, é homônimo do verbo VIR.
b) Corresponde a uma forma arcaica do verbo VER, que ficou fixada na linguagem jurídica, e a flexão correta atual, no futuro do subjuntivo, é VEREM.
c) Corresponde à forma correta e atual do infinitivo flexionado do verbo VIR.
d) Corresponde à forma correta e atual do verbo VER, que se encontra flexionado no futuro do subjuntivo.
e) Corresponde a uma forma que pertence única e exclusivamente à linguagem jurídica, uma vez que a flexão do verbo VER, no futuro do subjuntivo, na terceira pessoa do plural é VEREM.

27. (UFRJ-NCE) Se nós FIZERMOS. A forma verbal sublinhada pertence ao futuro do subjuntivo do verbo FAZER; a alternativa em que há erro na conjugação desse mesmo tempo é:
a) Quando os políticos intervierem no processo, tudo ficará melhor.
b) Quando vocês o verem, digam-lhe que estive aqui.
c) Só sairei quando houver bom tempo.
d) Quando forem aprovados, serão empregados.
e) Se couber recurso, eu o farei.

14.8. Falsos derivados

Existem dois verbos bastante perigosos para o candidato a um concurso público: REQUERER e PROVER.

O verbo REQUERER não se deriva integralmente do verbo QUERER, então você deve ficar atento às diferenças entre os dois verbos.

Querer e Requerer

Indicativo

Presente	Presente	Pretérito Perfeito	Pretérito Perfeito
quero	requeiro	quis	requeri
queres	requeres	quiseste	requereste
quer	requere (ou requer)	quis	requereu
queremos	requeremos	quisemos	requeremos
quereis	requereis	quisestes	requerestes
querem	requerem	quiseram	requereram

Pretérito Imperfeito	Pretérito Imperfeito	Pretérito Mais-que-Perfeito	Pretérito Mais-que-Perfeito
queria	requeria	quisera	requerera
querias	requerias	quiseras	requereras
queria	requeria	quisera	requerera
queríamos	requeríamos	quiséramos	requerêramos
queríeis	requeríeis	quiséreis	requerêreis
queriam	requeriam	quiseram	requereram

Futuro do Presente	Futuro do Presente	Futuro do Pretérito	Futuro do Pretérito
quererei	requererei	quereria	requereria
quererás	requererás	quererias	requererias
quererá	requererá	quereria	requereria
quereremos	requereremos	quereríamos	requereríamos
querereis	requerereis	quereríeis	requereríeis
quererão	requererão	quereriam	requereriam

Subjuntivo

Presente	Presente
queira	requeira
queiras	requeiras
queira	requeira
queiramos	requeiramos
queirais	requeirais
queiram	requeiram

Pretérito Imperfeito	Pretérito Imperfeito
quisesse	requeresse
quisesses	requeresses
quisesse	requeresse
quiséssemos	requerêssemos
quisésseis	requerêsseis
quisessem	requeressem

Futuro	Futuro
quiser	requerer
quiseres	requereres
quiser	requerer
quisermos	requerermos
quiserdes	requererdes
quiserem	requererem

Imperativo

Afirmativo	Afirmativo	Negativo	Negativo

quere (ou quer)	requere	não queiras	não requeiras
queira	requeira	não queira	não requeira
queiramos	requeiramos	não queiramos	não requeiramos
querei	requerei	não queirais	não requeirais
queiram	requeiram	não queiram	não requeiram

Obs.: Os verbos BENQUERER, DESQUERER e MALQUERER são conjugados como o verbo QUERER.

Prover

Indicativo

Presente: provejo, provês, provê, provemos, provedes, proveem

Pretérito Perfeito: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram

Pretérito Imperfeito: provia, provias, provia, províamos, províeis, proviam

Pretérito Mais-que-Perfeito: provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram

Futuro do Presente: proverei, proverás, proverá, proveremos, provereis, proverão

Futuro do Pretérito: proveria, proverias, proveria, proveríamos, proveríeis, proveriam

Subjuntivo

Presente: proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam

Pretérito Imperfeito: provesse, provesses, provesse, provêssemos, provêsseis, provessem

Futuro: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, preverem

Imperativo

Afirmativo: provê, proveja, provejamos, provede, provejam

Negativo: provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam

BIZU

Sempre é importante lembrar que o caso do verbo PROVER é uma exceção. Os verbos REVER, ANTEVER, PREVER derivam-se integralmente do VER. É muito bom não confundir PROVER (abastecer) com PREVER (antever – fazer uma previsão) e PROVIR (vir de), que se deriva totalmente do verbo VIR.

14.8.1. Exercícios

1. (TRF) Assinale a opção que completa adequadamente as lacunas.
Se eles de recursos o setor e se aos inconvenientes de um período de transição, a reforma se viabilizará.

a) proverem – dispuserem;
b) provirem – dispuserem;
c) provierem – dispuserem;
d) proverem – disporem;
e) provirem – disporem.

2. (NCE) Requerimento é substantivo derivado do verbo REQUERER; a alternativa em que a forma deste verbo está conjugada corretamente é:

a) eu requero;
b) ela requis;
c) se eles requizessem;
d) ele requereu;

e) eles requiseram.

3. (Técnico Judiciário – TJ – FCC) Está adequada a flexão de todos os verbos da frase:
a) É possível que ele requera imediatamente sua aposentadoria;
otimista, espera que o pedido não lhe seja denegado.
b) O autor estaria disposto a trabalhar no que lhe conviesse,
depois de aposentado, para assim imunizar-se contra os males do ócio.
c) Se o autor manter com disciplina o cômputo diário do que resta para aposentar-se, fará contas pelos próximos seis meses e 28 dias.
d) Se nos propormos a trabalhar depois de aposentados, evitaremos os males que costumam acometer os ociosos.
e) Os que haverem de se aposentar proximamente serão submissos a uma averiguação, a fim de serem saldadas as dívidas pendentes.

4. (Técnico Judiciário – TRE-AP – FCC) Está corretamente empregada a palavra destacada na frase
a) Constitue uma grande tarefa transportar todo aquele material.
b) As pessoas mais conscientes requereram anulação daquele privilégio.
c) Os fiscais reteram o material dos artistas.
d) Quando ele vir até aqui, trataremos do assunto.
e) Se eles porem as pastas na caixa ainda hoje, pode despachá-la imediatamente.

5. (Fuvest) Ele a seca e a casa de mantimentos.
a) preveu – proveu
b) provera – provira
c) previra – previera
d) preveu – provera
e) previu – proveu

6. (TTN) Assinale a alternativa que apresenta incorreção verbal.
a) Observa-se que muitos boatos provêm de algumas pessoas insensatas.
b) Se você quiser reaver os objetos roubados, tome as providências com urgência.
c) Prevendo novos aumentos de preços, muitos consumidores proveram suas casas.
d) O Ministro da Fazenda previu as despesas com o funcionalismo público, em 1989.
e) No jogo de domingo, quando o juiz interviu numa cobrança de falta, foi inábil.

7. (AJ-TRT-UFRJ-NCE) "... vieram a significar, no plano social,..." O item a seguir em que o verbo destacado está conjugado erradamente é:

a) Se o virmos por lá, daremos o recado.
b) Os advogados interviram na discussão.
c) A empregada proveu a despensa com o necessário.
d) Quando vimos para cá, sentimo-nos contentes.
e) Os aparelhos provieram dos Estados Unidos.

8. (TRT-Fundec) Das frases abaixo, a única correta quanto à flexão verbal, de acordo com a norma culta da língua, é:

a) Se proporem uma outra crônica, argumente que não há mais espaço nesta edição.
b) Com a cooperação de todos, o jornalista creu que havia condição de escrever a reportagem.
c) Os candidatos só poderão se inscrever no concurso de crônicas, se o requiserem.
d) Os alunos de minha escola jamais obteram incentivo para redigir textos em crônicas.

9. (Oficial de Justiça) Tendo em conta a flexão verbal, é correto afirmar que as formas PROVÉM, PROVEM, PROVEEM e PROVÊM, referem-se, respectivamente, aos seguintes verbos:

a) prover, provir,provar e provir;
b) provir, provar, prover e provir;
c) provar, prover, provir e prover;
d) provir, provar, provir e prover.

10. (TRE-RJ) "E quando os mórmons se viram frente ao problema de povoar um deserto, não hesitaram em sancionar a poligamia". Das sentenças abaixo, construídas com verbos derivados de ver, aquela cuja lacuna se completa corretamente com a forma entre parênteses é:

a) Os mórmons as dificuldades a serem enfrentadas. (anteveram)
b) Quando os mórmons as dificuldades a enfrentar, agem corajosamente. (entrevêm)
c) Os mórmons já se tinham dos recursos necessários para seguir para o deserto. (provisto)
d) Se os mórmons as dificuldades que enfrentariam, talvez tivessem desistido. (prevessem)
e) Sempre que os mórmons a história da colonização do deserto, sentir-se-ão honrados. (revirem)

11. (Analista Judiciário – TST – FCC) A flexão de todas as formas verbais está plenamente adequada na frase:

a) Os que virem a desrespeitar quem não tem fé deverão merecer o repúdio público de todos os homens de bem.

b) Deixar de professar uma fé não constitue delito algum, ao contrário do que julgam os fanáticos de sempre.

c) Ninguém quererá condenar um ateu que se imbui do valor da ética e da moral no convívio com seus semelhantes.

d) Se não nos dispormos a praticar a tolerância, que razão teremos para nos vangloriarmos de nossa fé religiosa?

e) Quem requiser respeito para a fé que professa deve dispor-se a respeitar quem não adotou uma religião.

12.

a) Ela requereu que eu intervisse na questão.

b) Ela requis que eu intervisse na questão.

c) Ela requis que eu interviesse na questão.

d) Ela requereu que eu intervisse na questão.

e) Ela requereu que eu interviesse na questão.

13.

a) A polícia deteve a carga dos milhões de caixas de remédio.

b) A polícia deteu a carga dos milhões de caixas de remédio.

c) A polícia deteu a carga das milhões de caixas de remédios.

d) A polícia deteve a carga das milhões de caixas de remédio.

e) A polícia deteve a carga dos milhões das caixas de remédio.

14.

a) Não venha agora com os teus problemas de desinteria e astigmatismo.

b) Não venhas agora com os teus problemas de desinteria e estigmatismo.

c) Não venha agora com os seus problemas de disenteria e astigmatismo.

d) Não venha agora com os seus problemas de desinteria e astigmatismo.

e) Não venhas agora com os teus problemas de disenteria e estigmatismo.

14.9. Verbos impessoais

São verbos impessoais aqueles que não possuem pessoa (sujeito). Sendo assim, o sujeito é inexistente – oração sem sujeito –, obrigando o verbo a se restringir à terceira pessoa do singular.

a) Verbos, no sentido denotativo, que indicam fenômenos da natureza.

Ex: chover, trovejar, nevar, ventar...

Esses verbos só podem ser conjugados na 3ª pessoa do singular e também são chamados de verbos impessoais.

Obs.: Às vezes, um desses verbos pode estar no sentido conotativo, cabendo a sua flexão.

Ex.: Choveram laranjas na feira.

? Nesse caso, a forma verbal "choveram" não é impessoal, o sujeito é LARANJAS, por isso a concordância entre eles.

b) Verbo HAVER, nos sentidos de EXISTIR e de tempo decorrido, e verbo FAZER, também no sentido de tempo decorrido, só podem ser conjugados na 3ª pessoa do singular e também são verbos impessoais.

Ex.: Havia 20 alunos em sala.

Deve haver 30 anos da chegada do homem à Lua.

Faz 20 dias que ela chegou...

Obs.: É relevante saber que os verbos auxiliares pegam as características dos verbos principais.

Ex.: Pode (no singular devido à presença do verbo principal HAVER no sentido de existir) haver problemas.

Deve (no singular devido à presença do verbo principal FAZER no sentido de tempo passado) fazer três semanas que João viajou.

"... houve templos, houve cultos, houve leis" (Raul Pompeia).

c) O verbo TRATAR, acompanhado do pronome SE, quando semanticamente não puder ter sujeito.

Ex.: Trata-se de uma discussão descabida.

? Observe que NINGUÉM PODE TRATAR DA DISCUSSÃO, sendo assim, como semanticamente o verbo não pode ter referente, o verbo se torna impessoal.

d) Os verbos BASTAR e CHEGAR, no sentido de PARAR.

Ex.: Chega de confusão.

Basta de briga.

Obs.: O verbo TER, no sentido de EXISTIR, HAVER, OCORRER, em tese, não poderia ser empregado. Contudo, não há como se negar que seu uso já se encontra consagrado, inclusive se registrando exemplos de textos de Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade: "Em Pasárgada tem tudo", "Tem uma pedra no meio do caminho". A maioria das bancas ainda não admite tal uso, mas o NCE, no concurso da Polícia Civil de 2001, indicou que o verbo TER estaria sendo utilizado como impessoal, não entrando no mérito se o uso estaria correto ou não. O Professor Celso Cunha, na página 142 da *Gramática da Língua Portuguesa*, classifica o uso do verbo TER, na acepção de EXISTIR, como coloquial.

14.9.1. Exercícios

1. (Administrador – Petrobras – Cesgranrio) De acordo com a norma-padrão, a frase que não precisa ser corrigida pelo Professor Carlos Góis, mencionado pelo Texto II, é:

a) Houveram muitos acertos naquela prova.

b) Existia poucos alunos com dúvidas na sala.

c) Ocorreram poucas dúvidas sobre a matéria.

d) Devem haver muitos aprovados este ano.

e) Vão fazer dois anos que estudei a matéria.

2. (Administrador – Transpreto – Cesgranrio) Os alunos, em uma aula de Português, receberam como tarefa passar a frase abaixo para o plural e para o passado (pretérito perfeito e imperfeito), levando-se em conta a norma-padrão da língua.
Há opinião contrária à do diretor.
Acertaram a tarefa aqueles que escreveram:
a) Houve opiniões contrárias às dos diretores / Havia opiniões contrárias às dos diretores.
b) Houve opiniões contrárias à dos diretores / Haviam opiniões contrárias à dos diretores.
c) Houveram opiniões contrárias à dos diretores / Haviam opiniões contrárias à dos diretores.
d) Houveram opiniões contrárias às dos diretores / Haviam opiniões contrárias às dos diretores.
e) Houveram opiniões contrárias às dos diretores / Havia opiniões contrárias às dos diretores.

3. (NCE) "... mas não havia infraestrutura para recrutar os cerca de 20 mil voluntários necessários".
O verbo HAVER presente nesse trecho do texto é impessoal. A alternativa em que o verbo HAVER foi mal utilizado é:
a) Não me haviam alertado para o perigo os técnicos do laboratório.
b) Refaria esses trabalhos e quantos mais houvessem para fazer.
c) Pouco mais de mil pessoas havia nas salas de aula.
d) Houveram por bem sair mais cedo os professores.
e) É provável que haja falhas graves nesse projeto.

4. (Magistério-NCE) "... de há muito acomete o frágil organismo social no qual vivemos".
O item abaixo em que a forma do verbo "haver" está <u>erradamente</u> empregada no lugar da preposição a é:
a) Os jornais brasileiros, há vários meses, só falam de corrupção.
b) Há bastante gente a quem se pode acusar de corrupção.
c) O Brasil está há algumas semanas de começar a economia de luz.
d) De há meses para cá o frio tem aumentado.
e) O país sofre de corrupção há várias décadas.

5. O verbo sublinhado <u>não</u> é impessoal na frase:
a) <u>Houve</u> momentos de indecisão.
b) A criança <u>amanheceu</u> gripada.
c) No inverno, <u>anoitece</u> mais cedo.

d) Faz muito tempo que não o vejo.
e) Basta de tolices.

6. (Senado Federal – FGV) "...há outras formas de garantir a transparência..." Assinale a alternativa em que, alterando-se o trecho acima, manteve-se adequação à norma culta.
a) ...há de existir outras formas de garantir a transparência...
b) ...hão de haver outras formas de garantir a transparência...
c) ...devem existir outras formas de garantir a transparência...
d) ...devem haver outras formas de garantir a transparência...
e) ...podem haver outras formas de garantir a transparência...

7. (Fiscal – Sefaz-RJ – FGV) No Brasil, por exemplo, existem regras de criminal compliance... Assinale a alternativa em que a alteração do trecho acima tenha provocado INADEQUAÇÃO quanto à norma culta. Não leve em conta a alteração de sentido.
a) No Brasil, por exemplo, haverá regras de *criminal compliance*...
b) No Brasil, por exemplo, deve haver regras de *criminal compliance*...
c) No Brasil, por exemplo, há de existir regras de *criminal compliance*...
d) No Brasil, por exemplo, devem existir regras de *criminal compliance*...
e) No Brasil, por exemplo, poderão existir regras de *criminal compliance*...

8. (UFRJ-NCE) "... há três décadas ele mantém sua fama em ascendência". Nesta frase o verbo HAVER não varia, pois se trata de uma oração sem sujeito. Assinale a opção que completar corretamente a frase? "Quantos dias que não o vemos? bem uns dez".
a) faz – hão de haver
b) fazem – há de haver
c) fazem – hão de haver
d) faz – há de haver
e) fazem – hão de haverem

14.10. Verbos defectivos

São os que, por algum tipo de anomalia, não apresentam todas as pessoas em sua conjugação.

1) São defectivos abolir, banir, colorir, demolir, exaurir, explodir, extorquir, falir, acontecer, suceder, ocorrer, doer.

2) Há verbos que nossos ouvidos nos induzem a considerar que sejam defectivos, mão não o são: ADERIR, COMPETIR e POLIR. Existem as formas verbais ***EU COMPITO***, Maria quer que ***EU COMPITA... EU ADIRO***, Maria quer que ***TU ADIRAS, EU PULO, TU PULES...***

3) Caro candidato, se você fizer prova para a área fiscal, sobretudo se o concurso for organizado pela Esaf, fique atento aos verbos EMERGIR e IMERGIR. Há uma divergência entre o que ensina Celso Cunha e o que informa Evanildo Bechara. Este indica serem os dois verbos apenas irregulares, conjugando-se tais quais SUBMERGIR e ASPERGIR (EMERJO, MARIA QUER QUE EU EMERJA, TU EMERJAS...). Já aquele entende que SUBMERGIR e ASPERGIR possuem conjugação completa, mas EMERGIR e IMERGIR, não. Estes dois verbos não poderiam ser conjugados quando, após o radical, aparecessem as letras A ou O. Este assunto caiu na prova de Analista de Finanças e Controle (Esaf), com a banca demonstrando claramente a opção por considerar os verbos defectivos, conforme Celso Cunha.

4) O verbo ADEQUAR ou (ADEQUAR-SE como mais utilizado) não pode ser conjugado em todo o presente do subjuntivo, e no presente do indicativo só existem as formas de 1ª pessoa do plural e de 2ª pessoa do plural. Por consequência, o imperativo também só conterá a forma de 2ª pessoa do plural do afirmativo. É bom esclarecer que nas pessoas existentes o verbo ADEQUAR-SE segue o modelo dos verbos regulares de 1ª conjugação.

5) Precaver e reaver só existem onde, na conjugação do verbo HAVER, houver a letra **V.**

– O verbo REAVER só existe onde no verbo HAVER aparecer a letra V, ficando exatamente igual ao HAVER.

– O verbo PRECAVER também só existe onde no verbo HAVER aparecer a letra V. Contudo onde este verbo existir, funcionará como um verbo regular de segunda conjugação, seguindo o modelo do verbo VENDER.

Ex: HAVER REAVER

Presente do Indicativo

hei	não há forma	não há forma
hás	não há forma	não há forma
há	não há forma	não há forma
havemos	reavemos	precavemos
haveis	reaveis	precaveis
hão	não há forma	não há forma

Pretérito Perfeito do Indicativo

houve	reouve	precavi
houveste	reouveste	precaveste
houve	reouve	precaveu
houvemos	reouvemos	precavemos

houvestes	reouvestes	precavestes
houveram	reouveram	precaveram

14.10.1. Exercícios

1. (Escriturário – BB – Cesgranrio) O verbo entre parênteses está conjugado de acordo com a norma-padrão em:

a) Desse jeito, ele fale a loja do pai. (falir)
b) O príncipe branda a sua espada às margens do rio. (brandir)
c) Os jardins florem na primavera. (florir)
d) Eu me precavejo dos resfriados com boa alimentação. (precaver)
e) Nós reouvemos os objetos roubados na rua. (reaver).

2. (CEE – Tecnológica-SP) Aponte a frase correta.

a) Avançaram sobre ele, não se conteram.
b) Não repilais quem de vós se aproxima.
c) Se você não prever a ocasião, como agarrá-la?
d) Requiseram inutilmente, não lhe deferiram o pedido.
e) Busquei por muito tempo, mas não reavi o que perdera.

3. (UnB-DF) Assinale o item que contém as formas verbais corretas.

a) reouve – intervi
b) reouve – intervim
c) rehouve – intervim
d) reavi – intervi
e) rehavi – intervim

4. (ITA) Assinale o caso em que o verbo destacado estiver correto.

a) **Eu me precavo** deve ser substituído por **eu me precavejo**.
b) **Eu me precavenho** contra os dias de chuva.
c) **Eu reavi** o que perdera há dois anos.
d) Problemas graves **me reteram** no escritório.
e) Nenhuma das frases acima.

5. (ITA) Vi, mas não ; o policial viu, e também não , dois agentes secretos viram, e não . Se todos nós , talvez tantas mortes.

a) intervir – interviu – intervieram – tivéssemos intervido – teríamos evitado

b) me precavi – se precaveio – se precaveram – nos precavíssemos – não teria havido

c) me contive – se conteve – contiveram – houvéssemos contido – tivéssemos impedido

d) me precavi – se precaveu – precaviram – precavêssemo-nos – não houvesse

e) intervim – interveio – intervieram – tivéssemos intervindo – houvéssemos evitado

6. (ANS – Analista – FCC) Tendo como parâmetro a norma culta da língua, assinale a alternativa que contém forma verbal corretamente empregada.

a) Portugal proveu o Brasil de uma estrutura encontrada apenas em metrópoles.

b) A Inglaterra conviu em que seria mais prudente ajudar na vinda de D. João VI para o Brasil.

c) As grandes nações se precavêem de infortúnios com planejamento.

d) Algumas ex-colônias requiseram a emancipação política antes que nosso país o fizesse.

e) Quando os historiadores reverem o episódio, certamente encontrarão passagens difíceis de interpretar

7. (DNOCS – FCC) É preciso corrigir uma forma verbal flexionada na frase:

a) O e-mail interveio de tal forma em nossa vida que ninguém imagina viver sem se valer dele a todo momento.

b) Se uma mensagem eletrônica contiver algum vírus, o usuário incauto será prejudicado, ao abri-la.

c) Caso não nos disponhamos a receber todo e qualquer e-mail, será preciso que nos munamos de algum filtro oferecido pela Internet.

d) Se uma mensagem provier de um desconhecido, será preciso submetê-la a um antivírus específico.

e) Ele se precaveio e instalou em seu computador um poderoso antivírus, para evitar que algum e-mail o contaminasse.

8. (AFTN) Indique o período correto.

a) Se você reaver seus cruzados retidos, empreste-me algum dinheiro.

b) Se tu reaveres teus cruzados retidos, poderás me emprestar uma parte?

c) Caso você reaveja seus cruzados retidos, pode emprestar-me uns cem mil?

d) Se eu reavesse meus cruzados retidos, emprestar-te-ia uma parte.

e) Todos neste país reaveremos os cruzados bloqueados, nos prazos estipulados pela lei.

9. (Esaf) Assinale a alternativa que apresenta um verbo incorretamente flexionado.
a) O enxoval conviria às noivas dos bairros mais pobres.
b) Não despeças os carregadores antes do desembarque.
c) Os policiais interviram nos protestos dos grevistas.
d) A noiva precaveu-se contra os prejuízos da mudança.
e) Eu expeço, primeiramente, as malas dos estudantes

10. (TRF) Das opções que se seguem, a que está correta quanto à flexão verbal é:
a) Se o governo se precavisse, evitaria acidentes como esse.
b) Com um pouco de sorte, talvez o senhor reaveja os documentos extraviados.
c) Meus filhos só vêm televisão depois que terminam os deveres escolares.
d) As autoridades interviram no rumo dos acontecimentos.
e) A empresa que projetou a usina não se precaveu como deveria.

11. (FCC) Marque a opção cujo verbo apresenta correta flexão.
a) "Se eu reavesse meu dinheiro retido, emprestar-te-ia uma parte".
b) "Toda dúvida que sobrevir deverá ser imediatamente esclarecida. Isso, sim, é transparência".
c) "A impunidade só terá fim quando se desfazer da cobertura política e todos forem iguais perante a lei..."
d) "Se alguém se deter em olhar na tevê, detalhadamente, o rosto do presidente, vai verificar que estão aparecendo alguns fios de cabelos brancos em sua cabeça".
e) Chefonildo interveio imediatamente, pois esses servidores não parecia serem culpados. Quando reouveram o material perdido, desavieram-se na sua distribuição.

12. (Esaf) Assinale a opção em que a mudança de pessoa verbal provoca erro.
a) Requeremos a pavimentação da rua Vicente de Carvalho.
Requeiro a pavimentação da rua Vicente de Carvalho.
b) Apesar do espaço pequeno, temos certeza de que cabemos aí.
Apesar do espaço pequeno, tenho certeza de que caibo aí.
c) Se não nos precavemos a tempo, seremos ludibriados.
Se não me precavenho a tempo, serei ludibriado.
d) Graças ao seu auxílio, reaveremos os documentos.
Graças ao seu auxílio, reaverei os documentos.
e) Nós valemos tanto quanto acreditamos ser nosso valor.
Eu valho tanto quanto acredito ser meu valor.

13. Leia com atenção as frases a seguir, tendo em vista o verbo destacado.
I. Eles adequam suas necessidades ao material disponível.
II. Finalmente reavi meus documentos.
III. Assim que eles proporem o acordo, aceitaremos.
IV. Ele se precaveu para não ter problemas mais tarde.
V. Sempre que proveres a despensa, poderás viajar com tranquilidade.
Estão corretas as formas verbais empregadas em:
a) I e II;
b) II e IV;
c) III e V;
d) IV e V;
e) I e V.

14.11. Formas rizotônicas e arrizotônicas verbais

14.11.1. Rizotônicas

São as formas verbais em que a sílaba tônica recai totalmente sobre o radical.

Ex.: fales, brigo, parte, faze, indica, olho.

A sílaba tônica dessas formas verbais é respectivamente: ***fa, bri, par, fa, di, o*** e recaem sobre os radicais ***fal, brig, part, faz, indic, olh.***

14.11.2. Arrizotônicas

São as formas verbais em que a sílaba tônica não recai sobre o radical.

Ex.: falei, brigamos, parti, fazia, indicou, olharei.

A sílaba tônica dessas formas verbais é respectivamente: ***lei, ga, ti, zi, cou, rei*** e não recai sobre os radicais ***fal, brig, part, faz, indic, olh.***

14.12. Verbos terminados em IAR

Os verbos terminados em ***IAR*** são REGULARES, com **exceção** de: **MEDIAR, ANSIAR, REMEDIAR, INCENDIAR, ODIAR** e **INTERMEDIAR,** que terão o acréscimo da letra **E** nas formas rizotônicas.

Ex.: REMEDIAR (PRESENTE DO INDICATIVO)

remedeio	remediamos
remedeias	remediais
remedeia	remedeiam

REMEDIAR (PRESENTE DO SUBJUNTIVO)

remedeie	remediemos
remedeies	remedieis
remedeie	remedeiem

Analisando este verbo, podemos observar que o radical é **REMEDI,** portanto é justamente quando a sílaba tônica recai sobre **DI,** que se torna necessário o acréscimo da letra **E** entre as letras **D** e **I.**

Obs.: Já o verbo **MOBILIAR** conjuga-se incidindo-se sílaba tônica em BI nas formas rizotônicas.

Presente do Indicativo: mobílio, mobílias, mobília, mobiliamos, mobiliais, mobíliam

Presente do Subjuntivo: mobílie, mobílies, mobílie, mobiliemos, mobilieis, mobíliem

Imperativo Afirmativo: mobília, mobílie, mobiliemos, mobiliai, mobíliem

Imperativo Negativo: mobílies, mobílie, mobiliemos, mobilieis, mobíliem

14.13. Verbos terminados em EAR

Os verbos terminados em **EAR** terão o acréscimo da letra **I** nas formas rizotônicas.

Ex.: NOMEAR (PRESENTE DO INDICATIVO)

nomeio	nomeamos
nomeias	nomeais
nomeia	nomeiam

NOMEAR (PRESENTE DO SUBJUNTIVO)

nomeie	nomeemos
nomeies	nomeeis
nomeie	nomeiem

Analisando este verbo, podemos observar que seu radical é **NOME**, portanto é justamente quando a sílaba tônica recai sobre **ME**, que se torna fundamental a inserção da letra I nesta sílaba.

14.14. Verbos terminados em GUAR

1) AGUAR, APANIGUAR, APAZIGUAR, APROPINQUAR, AVERIGUAR, DESAGUAR, ENXAGUAR, OBLIQUAR, DELINQUIR e afins poderão ou não ser acentuados nas formas rizotônicas.

Obs.: Com a reforma ortográfica, a flexão passsa a admitir as seguintes formas:

AVERIGUAR

PRESENTE DO INDICATIVO	PRESENTE DO INDICATIVO
eu averiguo	eu averíguo
tu averiguas	tu averíguas
ele averigua	ele averígua
nós averiguamos	nós averiguamos
vós averiguais	vós averiguais
eles averiguam	eles averíguam

AVERIGUAR

PRESENTE DO SUBJUNTIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO
eu averigue	eu averígue
tu averigues	tu averígues
ele averigue	ele averígue
nós averiguemos	nós averiguemos
vós averigueis	vós averigueis

eles averiguem	eles averíguem

14.14.1. Exercícios

1. (Cesgranrio) Assinale a forma errada do verbo pontear.
a) ponteias
b) ponteiamos
c) pontearei
d) ponteiam
e) ponteie

2. (ITA) Examinando as afirmações de que a terceira pessoa do singular do presente do indicativo é:
Progredir é progrede.
Ansiar é ansia.
Remediar é remedia.
Transgredir é transgride.
Verifica-se que:
a) apenas uma está correta;
b) apenas duas estão corretas;
c) todas estão corretas;
d) três estão corretas;
e) nenhuma está correta.

3. (Analista – TCE-CE – FCC) Estão corretamente grafadas e flexionadas todas formas verbais da frase:
a) Por vezes, é a intuição de um juiz que intermedia o que está no processo e o espírito da lei.
b) Se não se dispuser a examinar bem o caso e não se prover da melhor intuição, poderá proceder injustamente.
c) A intuição costuma acessorar os juízes, nos casos mais complexos que se lhes apresentam.
d) É frequente que um juiz remedie uma omissão da lei valendo-se do que lhe diz sua intuição.
e) Caso a intuição do juiz não intervisse naquele caso, o réu seria injustamente condenado.

4. (Analista Judiciário – TRE-PE – FCC) Numa carta em que um velho jornalista se dirigisse a um recém-contratado do jornal, seria plenamente aceitável a redação da seguinte frase:

a) Não temais, meu caro, a concorrência de teus colegas: confia em teus próprios valores, aferre-se a eles e segue em frente.

b) Os valores que nortearão suas decisões profissionais não devem, meu caro, desmerecer os valores pessoais de que você se orgulha.

c) Se te vierem ameaçar as piores tentações, fuja delas, amigo, não as dê qualquer atenção, e não terás motivo de arrependimento.

d) Aprenderás com o tempo, meu jovem, que mesmo nas pequenas decisões que adotar, devem inspirá-lo os valores maiores da ética.

e) Bem-vindo seja, colega, e atenta para que a ansiedade da competição não lhe desvie da missão que a comunidade nos confiou.

5. (TRF – 2ª Região – FCC) O emprego, a grafia e a flexão dos verbos estão corretos em:

a) A revalorização e a nova proeminência de Paraty não prescindiram e não requiseram mais do que o esquecimento e a passagem do tempo.

b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre renegada a um segundo plano, eis que ela imerge do esquecimento, em 1974.

c) A cada novo ciclo econômico retificava-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, sobreviram longos anos de esquecimento.

d) A Casa Azul envidará todos os esforços, refreando as ações predatórias, para que a cidade não sucumba aos atropelos do turismo selvagem.

e) Paraty imbuiu da sorte e do destino os meios para que obtesse, agora em definitivo, o prestígio de um polo turístico de inegável valor histórico.

6. (TRE-MT) Só está correta a forma verbal grifada na frase:

a) Embora ele <u>esteje</u> indicado, o Senado ainda não o aprovou.

b) Ele <u>passeiava</u> diariamente no parque.

c) Quando eles <u>trouxerem</u> a permissão, poderão entrar.

d) Se <u>mantermos</u> as posições, o inimigo não avançará.

e) Os deputados se <u>entretiam</u> com esses discursos.

7. Observe e analise as formas verbais das frases a seguir:

1 – Eu me precavi na época do pacote econômico.

2 – Ele já proveu a geladeira com muitas frutas.

3 – Os inspetores intermedeiam na discussão dos alunos.

4 – Desejamos que eles floreiem os ambientes.
5 – Eles desejam que nós vamos ao teatro.
Estão corretas as frases:
a) todas;
b) 1, 2, 4, 5;
c) 1, 2, 3, 4;
d) 1, 2, 3, 5;
e) 3, 4, 5.

8. (CM) A flexão do verbo "macaquear" está em desacordo com a norma culta na opção:
a) Nós macaqueiamos a visão do Português.
b) O brasileiro macaqueia a visão do Português.
c) Talvez macaqueemos a visão do Português.
d) É possível que os brasileiros macaqueiem a visão do Português.
e) Os brasileiros macaqueiam a visão do Português.

9. (TJ-NCE) "Para outras, é apenas o prazer de saber que a distância não mais cerceia a comunicação, por boba que seja." A frase abaixo em que há uma forma, ligada aos verbos terminados em – ear, grafada erradamente é:
a) É perigoso que passeiemos à noite.
b) A civilização sofre freadas em seu progresso.
c) O homem receoso não luta pela liberdade.
d) Todos nós ceamos no Natal.
e) É injusto que os países totalitários cerceiem a comunicação.

10. (Epcar) Em apenas uma das frases a forma verbal está incorreta. Assinale-a.
a) Desejo que me ouçais com atenção.
b) Se eles se precavessem, não sofreriam o acidente.
c) Se intervissem, o conflito cessaria.
d) Não odieis vosso irmão.
e) Trá-lo-ei assim que me pedires.

11. (UFRJ) "... que aqui viveram e ainda vivem..." Este mesmo fragmento, com o verbo "ansiar" nos mesmos tempos e pessoas do verbo VIVER, ficaria:
a) ... que aqui ansiaram e ainda anseiam...
b) ... que aqui ansiavam a ainda anseiam...
c) ... que aqui ansiaram e ainda ansiam...

d) ... que aqui ansiarão e ainda anseiem...
e) ... que aqui anseiaram e ainda ansiam...

12. (PM – Bahia – Técnico – FCC) Está correta a flexão do verbo sublinhado na frase:
a) Se alguém ver o outro como um aliado, só terá a ganhar.
b) Quando convir, adotar-se-ão medidas repressivas.
c) Quando o caso requiser, adotam-se medidas mais duras.
d) O tolo acha melhor que se remedeie uma situação em vez de a prever.
e) Aquelas ações repressivas não proviram da vontade da população.

13. (Escrivão de Policia Civil do Estado do Maranhão – FCC) O verbo corretamente flexionado está grifado na frase:
a) As tropas americanas não conteram os ataques da população enfurecida à Biblioteca Nacional.
b) Saqueadores de museus contrabandeiam obras de raro valor arqueológico no mercado internacional.
c) Nazistas se proporam a destruir, em enormes fogueiras, livros considerados perigosos na Alemanha.
d) O problema que sobreviu à invasão americana no Iraque foi a destruição de peças arqueológicas raríssimas.
e) Os invasores do Iraque não antevieram as funestas consequências dos saques, como o contrabando de obras valiosas.

14. (MPE – Pernambuco – Técnico ministerial – Área Administrativa – FCC) O verbo grifado está corretamente flexionado na frase:
a) Veem sendo adotadas medidas para a reprodução de músicas sem o pagamento dos respectivos direitos autorais.
b) Na disputa jurídica, as artistas reaveram o direito de receber os valores decorrentes da divulgação de sua obra.
c) Grandes indústrias intermediam os interesses dos compositores, firmando-se no mercado com extraordinários lucros.
d) Alguns amigos do cantor proporam-se a financiar a gravação de suas músicas, na certeza de sucesso imediato.
e) O disco manteve-se em primeiro lugar nas vendas durante semanas, garantindo a recuperação dos gastos da produção.

15. (TRE-Amapá – Téc. Judiciário – FCC) Está corretamente flexionada a forma verbal sublinhada na frase:

a) Se alguém propor medidas para a economia de energia, que seja ouvido com atenção.
b) Caso uma represa contenhe pouco volume de água, as turbinas da usina desligam-se.
c) Seria preciso que refizéssemos os cálculos da energia que estamos gastando.
d) Só damos valor às coisas quando elas já escasseiaram.
e) Se não determos os desperdícios, pagaremos cada vez mais caros por eles.

Nas questões de 16 e 17, marque a opção em que há forma verbal incorreta.

16. (NCE – UFRJ)

a) Se nos **convirem** as respostas, não o processaremos.
b) Para que eles **reouvessem** o que perderam, era necessário calma.
c) Os policiais que **intervieram** na proposta, serão afastados.
d) Quando **propusermos** medidas eficazes, seremos contratados.
e) Para **preverem** as falhas, deverão estudar muito mais.

17. (NCE – UFRJ)

a) Só **previram** as questões referentes ao orçamento dos novos estados.
b) Os cidadãos que **supuseram** tal medida, abandonarão a cidade.
c) Se **requiséssemos** a documentação necessária, haveria desordem.
d) Talvez nós **nomeemos** pessoas mais interessadas no projeto.
e) Não **magoem** aqueles amigos que sempre estiveram com vocês.

14.15. Verbos terminados em Uir

Não apresentam alterações vocálicas no radical, havendo apenas a substituição do "e" pelo "i" na 2ª e na 3ª do singular.

Ex.: Presente do Indicativo – obstruo, obstruis, obstrui, obstruímos, obstruís, obstruem

Obs.: Nos verbos "arguir" e "redarguir", se o "u" for tônico seguido de "e" ou "i" , possuirá acento agudo; caso seja átono, possuirá trema.

Ex.: Presente do Indicativo – Arguo, argúis, argúi, arguimos, arguis, argúem

Pretérito Imperfeito do Subjuntivo – arguisse, arguisses, arguisse, arguíssemos, arguísseis, arguissem

Obs.: ARGUIR e REDARGUIR perdem o acento agudo nas formas rizotônicas.

ARGUIR	REDARGUIR
PRESENTE DO INDICATIVO	**PRESENTE DO INDICATIVO**
eu arguo	eu redarguo
tu arguis	tu redarguis
ele argui	ele redargui
nós arguímos	nós redarguímos
vós arguís	vós redarguís
eles arguem	eles redarguem

ARGUIR	REDARGUIR
PRESENTE DO SUBJUNTIVO	**PRESENTE DO SUBJUNTIVO**
eu argua	eu redargua
tu arguas	tu redarguas
ele argua	ele redargua
nós arguamos	nós redarguamos
vós arguais	vós redarguais

eles arguam	eles redarguam

Obs.: O verbo DELINQUIR, antes defectivo, agora passa a ter todas as suas formas conjugadas.

Obs.: Já em conformidade com a reforma ortográfica.

Obs.: Os verbos CONTRUIR, DESTRUIR, RECONSTRUIR, bem como ENTUPIR (e cognatos) admitem O ou U na segunda pessoa do singular, na terceira pessoa do singular e na terceira pessoa do plural do presente do indicativo.

Ex.: tu constróis (construis), ele constrói (construi), eles constroem (construem)

14.15.1. Exercício

1. (NCE) "A sociedade mantém as Forças Armadas inoperantes no caso".
"Devem as Forças Armadas intervir no processo..."
"... construir e conservar estradas..."
Que item a seguir mostra as formas correspondentes dos verbos das frases acima – MANTER, INTERVIR e CONSTRUIR – na terceira pessoa do plural do presente do indicativo?

a) mantêm – intervêm – construem
b) mantém – intervêm – constroem
c) mantêem – intervêem – constroem
d) mantêm – intervêem – constroem
e) mantém – intervém – constroem

14.16. Verbos prazer, aprazer e desprazer

Têm uma característica peculiar. No pretérito perfeito do indicativo, no pretérito mais-que-perfeito do indicativo, no pretérito imperfeito do subjuntivo e no futuro do subjuntivo, seguem o modelo do verbo HAVER.

Ex.: Pretérito perfeito do indicativo – Eu houve (aprouve), tu houveste (aprouveste), ele houve (aprouve), nós houvemos (aprouvemos), vós houvestes (aprouvestes), eles houveram (aprouveram)

Pretérito mais-que-perfeito – Eu houvera (aprouvera), tu houveras (aprouveras), ele houvera (aprouvera), nós houvéramos (aprouvéramos), vós houvéreis (aprouvéreis), eles houveram (aprouveram)

Pretérito imperfeito do subjuntivo – Se ontem eu houvesse (aprouvesse), tu houvesses (aprouvesses), ele houvesse (aprouvesse), houvéssemos (aprouvéssemos), houvésseis (aprouvésseis), houvessem (aprouvessem)

Futuro do subjuntivo – Quando eu houver (aprouver), tu houveres (aprouveres), ele houver (aprouver), houvermos (aprouvermos), houverdes (aprouverdes), houverem (aprouverem).

Obs.: Nos demais tempos, estes verbos seguirão o modelo dos verbos regulares de 2ª conjugação.

O verbo PRAZER só é conjugado na 3ª pessoa do singular e na 3ª pessoa do plural em todos os tempos.

O verbo comprazer denuncia uma divergência entre os gramáticos Celso Ferreira da Cunha e Evanildo Bechara. Segundo Cunha, este verbo seria regular em todos os tempos e pessoas; já Bechara considera que o verbo também guarda a mesma irregularidade apresentada pelos verbos PRAZER, APRAZER e DESPRAZER.

14.16.1. Exercícios

1. (MPU – Técnico – Área Adm. – FCC) Todas as formas verbais estão corretamente flexionadas na frase:

a) O cronista dá a entender que jamais interveio para libertar um inseto.
b) Se não convisse matar para comer, a natureza não o determinaria.
c) Nunca me aprouveu matar para comer; aguardo que matem por mim.
d) Se a natureza revesse sua principal lei, que tipo de vida haveria?
e) Se a vida não se compor com a morte, romper-se-á todo o equilíbrio.

2. (TCEMG – Eng. Perito – FCC) Todos os verbos estão corretamente empregados e flexionados na frase:
a) Se eu voltar à mesma escola e os alunos proporem as mesmas perguntas, os debates não deixarão de ter o mesmo calor da primeira vez.
b) Se o autor do texto não retesse o mesmo entusiasmo de menino pelas perguntas, não haveria todo aquele magnetismo durante o colóquio.
c) Ao autor aprouve suspender a palestra convencional e deter-se nas perguntas fundamentais que as crianças lhe propuseram.
d) Imergia das questões formuladas aquela vitalidade própria das crianças que não se resiguinam à passividade diante dos mistérios do mundo.
e) Seria interessante que os cientistas convissem em que é fundamental não perder o contato com a curiosidade que se constitue ainda na infância.

3. (CM) Considerando-se a norma culta da língua, há <u>erro</u> quanto à escolha da forma verbal empregada em:
a) Se o país reouver o clima natural dos anos 60.
b) Se o governo revir a atual apolítica econômica.
c) Se lhe aprouver reunir o grupo para discutir.
d) Se a emenda não convier ao governo.
e) Se os jovens se absterem de votar.

4. (TRT-20 R. – FCC) Estão corretamente flexionadas as formas verbais da frase:
a) Temos a impressão de que um bêbado, andando na rua, somente executará os movimentos que lhe aprazer.
b) As teorias do acaso não granjeam muitos adeptos numa época em que imperam os determinismos de todo tipo.
c) Pode-se considerar aleatório todo fenômeno ou comportamento que não provir, aparentemente, de um padrão já definido.
d) Os exemplos que o leitor se propor a acompanhar no livro convencê-lo-ão do importante papel do acaso em nossa vida.

e) Se não conviesse aos físicos estudar a aleatoriedade, esta ficaria adstrita ao campo das crendices e superstições.

14.17. Vozes verbais

A nomenclatura das vozes se baseia nos sujeitos, isto é, se o verbo concordar com o ser que pratica a ação, a voz é ativa; se o verbo concordar com o sujeito que sofre a ação, a voz é passiva. Se o sujeito pratica e recebe a mesma ação verbal, a voz é reflexiva.

14.17.1. Voz ativa

Ex.: "Eles andam de bicicleta." Observe que a forma verbal ANDAM está na 3ª pessoa do plural porque o sujeito ELES está na 3ª pessoa do plural. O verbo é obrigado a concordar com o sujeito, e como neste caso o sujeito é ativo, a voz é ativa.

14.17.2. Voz passiva

Ex.: "O trabalho foi feito por mim." Observe que a forma verbal **FOI FEITO** está na 3ª pessoa do singular, porque o sujeito **O TRABALHO** também está na 3ª pessoa do singular. Como, neste caso, o sujeito é passivo, a voz é passiva.

Obs.: Só existe voz passiva com verbo transitivo direto (ou transitivo direto e indireto), pois só o objeto direto da voz ativa pode transformar-se em sujeito da passiva. A frase dada como exemplo nasceu desta: "Eu fiz o trabalho." **O TRABALHO,** que era o objeto direto da voz ativa, passa a ser o sujeito da passiva.

A voz passiva pode ser analítica ou sintética.
Será ***Analítica*** – também chamada de "com auxiliar" –, quando houver VERBO SER + VERBO TRANSITIVO DIRETO (no particípio).

Ex.: O carro será (verbo SER) comprado (VTD – particípio) por Manoel (agente da passiva).

Obs.: Podem também ser utilizados outros verbos auxiliares, como ESTAR, FICAR, ANDAR, IR, VIR, VIVER...

Ex.: Ele vai acompanhado dos amigos.

A dúvida ficou esclarecida.

Será ***Sintética*** – também chamada de "pronominal" –, quando houver VERBO TRANSITIVO DIRETO + PRONOME "SE".

Ex.: Vendem-se (VTD + PRONOME "SE") carros (SUJEITO).

Aluga-se (VTD + PRONOME "SE") vaga (SUJEITO).

BIZUS

1) Preste atenção ao fato de que só o objeto direto da voz ativa pode transformar-se em sujeito da passiva.

Ex.: Assistimos ao filme (objeto indireto). Não devemos dizer "O filme foi assistido por nós".

Esta frase está errada, porque não se pode passar o objeto indireto da voz ativa para sujeito da passiva.

Ex.: Pagamos o salário (objeto direto) ao empregado (objeto indireto).

Está perfeita a seguinte frase: "O salário foi pago ao empregado por nós", pois o objeto direto da voz ativa pode transformar-se em sujeito da passiva; no entanto não se deve dizer "O empregado foi pago por nós", pois o que era objeto indireto da voz ativa não pode ser alterado para sujeito da passiva. Tal se dá pelo fato de o objeto indireto ser termo preposicionado, fator impeditivo de transformá-lo em sujeito.

Obs.: São admitidos como exceções os verbos OBEDECER e DESOBEDECER. Estes verbos são os únicos transitivos indiretos que admitem voz passiva.

Ex.: Obedeço ao regulamento. – O regulamento é obedecido por mim.

Não desobedecerás à lei. – A lei não será desobedecida por ti.

Esta situação se justifica pelo histórico desses verbos. OBEDECER e DESOBEDECER eram transitivos diretos, sem uso de preposição. Contudo, começaram a ser utilizados com a preposição A e a gramática registrou essa alteração. O verbo passou a ser transitivo indireto, entretanto manteve a antiga possibilidade de reescritura na voz passiva.

2) Fundamental se faz observar que, na transcrição da voz ativa para a passiva ou vice-versa, o tempo verbal da frase original há de ser mantido. Tal se justifica pelo fato de, caso ocorra a mudança no tempo do verbo, obviamente será alterado o sentido da frase. Então, não se trata meramente de uma vaidade gramatical, mas sim de uma exigência semântica.

Ex.: João fazia exercícios diariamente. – Observe que, na frase origi-nal, a forma verbal "fazia" encontra-se no pretérito imperfeito, logo a sua reescritura há de se dar com o verbo auxiliar "ser" também no pretérito imperfeito do indicativo, objetivando, assim, respeitar o sentido do período. – Exercícios eram (pretérito imperfeito do indicativo) feitos por João diariamente.

3) É importante o usuário da língua aprender a distinguir o índice de indeterminação do sujeito do pronome apassivador. Este se relaciona com verbos transitivos diretos e resultará na formação da voz passiva. Já aquele estará ligado

a verbos que não sejam transitivos diretos e não implicará a formação de voz passiva. As principais consequências são que, sendo o pronome SE apassivador, o termo que funcionaria como objeto direto se transforma em sujeito, portanto o verbo se torna obrigado a concordar com ele. Já o pronome SE, sendo índice de indeterminação do sujeito, indica que evidentemente o sujeito é indeterminado e, por consequência, o verbo necessariamente flexiona-se apenas na terceira pessoa do singular.

Ex.: Fez-se o trabalho.

– Se não houvesse o pronome SE, o termo "o trabalho" seria objeto direto. Então o verbo é transitivo direto que, ligado ao pronome SE, forma a voz passiva sintética, alterando a função sintática de "o trabalho" para sujeito. Dessa forma, se o termo for flexionado para o plural, o verbo vai acompanhá-lo. – Fizeram-se os trabalhos.

Precisa-se de cerveja.

– Se não ocorresse o pronome SE, o termo "de cerveja" funcionaria como objeto indireto. Portanto, o verbo é transitivo indireto que, relacionado ao pronome "se", NÃO forma a voz passiva. Aquele termo que seria objeto indireto continua sendo objeto indireto, então o verbo não se flexiona. – Precisa-se de cervejas.

Ouve-se bem daqui.

– BEM funciona como adjunto adverbial de modo, DAQUI, como adjunto adverbial de lugar. Não há nessa frase nenhum termo que complemente a ideia do verbo, o qual, por conseguinte é intransitivo. Verbo intransitivo ligado ao pronome SE não caracteriza a voz passiva. O SE é

índice de indeterminação do sujeito e, dessa forma, o verbo só se conjuga na terceira pessoa do singular.
Daqui se ouve bem a música.
– BEM continua funcionando como adjunto adverbial de modo, DAQUI, como adjunto adverbial de lugar. Porém, nessa frase, há a ocorrência de "a música", que, sem a presença do "SE", funcionaria como objeto direto. Portanto, se haveria objeto direto é porque o verbo é transitivo direto que, ligado ao pronome SE, forma a voz passiva. Aquele termo que seria objeto direto é alterado para sujeito, obrigando o verbo a acompanhá-lo.
Daqui se ouvem bem as músicas.

Obs.: Há a ideia passiva em estruturas como: Só me batizei com dez anos. / Como tu te chamas?

14.17.3. Voz reflexiva

É quando há coincidência entre o ser que pratica a ação e o que sofre a ação.

Ex.: O rapaz se entregou à polícia.

? Observe que a pessoa que pratica a ação é a mesma que a sofre. O rapaz entregou e o rapaz foi entregue.

Eu me vi numa situação complicada.

? Observe que quem vê e quem é visto é o mesmo ser.

14.17.4. Voz reflexiva com valor recíproco

Expressa um tipo de reflexividade, em que um ser pratica a ação em outrem e dele sofre a mesma ação.

Ex.: Eles se beijaram.

? A ação indica que um beijou o outro.

14.17.4.1. Exercícios

1. (Carlos Chagas-BA) Transpondo para a voz passiva a frase: "Haveriam de comprar, ainda, um trator maior", obtém-se a forma verbal:
a) comprariam
b) comprar-se-ia
c) teria sido comprado
d) ter-se-ia comprado
e) haveria de ser comprado

2. (FMU) Leia a seguinte passagem na voz passiva: "O receio é substituído pelo pavor, pelo respeito, pela emoção ..." Se passarmos para a voz ativa, teremos:
a) O pavor e o respeito substituíram-se pela emoção e o receio.
b) O pavor e o receio substituem a emoção e o respeito.
c) O pavor, o respeito e a emoção são substituídos pelo receio.
d) O pavor, o respeito e a emoção substituem-se.
e) O pavor, o respeito e a emoção substituem o receio.

3. (TRT-RJ – Cespe-UnB) O texto apresenta uma oração na voz passiva no trecho
a) "A série de dados do CAGED tem início em 1992"
b) "o crescimento no número de empregos formais criados foi de 38,7%".
c) "'Pode haver uma diminuição na escalada de compra de bens duráveis'".
d) 'Os preços dos bens duráveis (...) não estão aumentando'.
e) "No caso da indústria de transformação, por exemplo, foram criadas 146 mil vagas".

4. (Administrador – Petrobras – Cesgranrio) No Texto I, a frase "os alunos desfizeram o equívoco antes que ele se criasse" apresenta voz passiva pronominal no trecho em destaque.
A seguinte frase apresenta idêntico fenômeno:
a) Necessita-se de muito estudo para a realização das provas.
b) É-se bastante exigente com Língua portuguesa nesta escola.
c) Vive-se sempre em busca de melhores oportunidades.
d) Acredita-se na possibilidade de superação do aluno.
e) Criou-se um método de estudo diferente no curso.

5. (Analista Judiciário – Informática – TJ – FCC) A frase que admite transposição para a voz PASSIVA é:

a) *Quando a Bem-amada vier com seus olhos tristes...*
b) *O chapéu dele está aí...*
c) *... chegou à conclusão de que o funcionário...*
d) *Leio a reclamação de um repórter irritado...*
e) *... precisava falar com um delegado...*

6. (Analista Judiciário — TJ-RJ – FCC) ***... antiga Selinunte, que foi fundada no século VI a.C. por colonos gregos e arrasada por Haníbal em 409 a.C.***
Reescrevendo-se a frase acima na voz ativa, as formas verbais resultantes serão, respectivamente:
a) fundou – arrasou
b) fundaram – arrasou
c) fundou – arrasaram
d) fundam – arrasa
e) fundariam – arrasaria

7. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) Transpondo-se para a voz passiva a frase "O estilo e o assunto do artigo viriam a sensibilizar a leitora", obtém-se a forma verbal:
a) vinha sendo sensibilizada.
b) veio a ser sensibilizada.
c) viria a ser sensibilizada.
d) vêm sensibilizando-a.
e) viriam a ser sensibilizados.

8. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – FCC) O verbo que NÃO admite transposição para a voz passiva está em:
a) *... a República aterrou aquela zona ...*
b) *O Cais do Valongo ficava longe da vista dos cariocas ...*
c) *... a prefeitura pôs em execução uma ampla reforma...*
d) *... uma equipe de pesquisadores do Museu Nacional encontrou o piso do Cais do Valongo.*
e) *... e a cobriu com ruas e praças.*

9. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – FCC) ***As ruas estavam ocupadas pela multidão...***
A forma verbal resultante da transposição da frase acima para a voz ativa é:
a) ocupava-se;
b) ocupavam;

c) ocupou;
d) ocupa;
e) ocupava.

10. (Técnico Judiciário – TRE-SP – FCC) ... ***ao fazer isto, ele exprimiu a realidade tão paulista do italiano recoberto pela terra e do brasileiro das raízes europeias*****.**
Transpondo-se a frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante será:
a) foi expressa;
b) exprimia-se;
c) é exprimida;
d) vem sendo exprimida;
e) era expressa.

11. (TRE-SP) Transpondo para a voz passiva a frase "O auxiliar judiciário estava organizando os arquivos", obtém-se a forma verbal:
a) foram sendo organizados;
b) estavam sendo organizados;
c) foram organizados;
d) tinham sido organizados;
e) eram organizados.

12. (TRE-SP) Transpondo para a voz ativa a frase "Os pretendentes ao cargo teriam sido cadastrados pelo coordenador", obtém-se a forma:
a) cadastraria;
b) terá cadastrado;
c) seriam cadastrados;
d) teria cadastrado;
e) tinha cadastrado.

13. (Técnico Judiciário – TRE-RN – FCC) ... ***viu pedrinhas ali perto*****. (3º parágrafo)**
A passagem para a voz passiva da frase acima resulta na seguinte forma verbal:
a) são vistas;
b) tinha visto;
c) foram vistas;
d) viu-se;
e) é visto.

14. (NCE) "O Governo de nosso Estado combate e denuncia todas as formas de violência". Qual seria a forma adequada dessa mesma frase se a começássemos de outra forma: "O Governo de nosso Estado pretende que..." e se o restante do período fosse colocado na voz passiva pronominal?

a) Que se combata e se denuncie todas as formas de violência.
b) Que todas as formas de violência sejam denunciadas e combatidas.
c) Que todas as formas de violência se combatam e se denuncie.
d) Que se combatam e se denunciem todas as formas de violência.
e) Que se combate e se denuncia todas as formas de violência.

15. (TJ-NCE) A frase "desliguem o motor" corresponde, na voz passiva com auxiliar, a "que o motor seja desligado".
Qual a correspondência do mesmo tipo inadequadamente realizada?

a) abram as portas – as portas sejam abertas.
b) se afastem das mesas – as mesas sejam afastadas.
c) interrompam a refeição – a refeição seja interrompida.
d) definam um bom espaço – um bom espaço seja definido.
e) ritualizem o ato de parar – o ato de parar seja ritualizado.

16. (NCE) A única frase que está na voz passiva é:

a) Muitos cidadãos estão buscando novas soluções para velhos problemas.
b) A luta contra a corrupção é de todos nós.
c) Os depoimentos na CPI foram acompanhados por grande público.
d) Estamos vivendo um momento de incertezas.
e) Toda a população vai colaborar com o Viva Rio.

17. (NCE) Qual a forma de voz ativa da frase "... para não ser olhado com medo"?

a) Para que não o olhem com medo.
b) Para que não o olhassem com medo.
c) Para não o olharem com medo.
d) Para que não fosse olhado com medo.
e) Para que alguém não o olhe com medo.

18. (NCE) Em que item a seguir <u>não</u> ocorre um verbo na forma de voz passiva?

a) Das fendas de uma rocha se desprendiam emanações...
b) ... que eram tidas como profecias, oráculos.
c) E precisavam ser interpretadas.

d) Tinham duplo sentido, eram ambíguos.
e) E lhes foi dito que a profecia estava certa.

19. (NCE) A eletricidade era empregada para acender lâmpadas. Redigiu-se, de outra forma, a frase acima. Assinale a alternativa em que se verifica uma perfeita correspondência entre as duas formas de redação.
a) Empregou-se a eletricidade para acender lâmpadas.
b) A eletricidade poderia ser empregada para acender lâmpadas.
c) Empregava-se a eletricidade para acender lâmpadas.
d) Para acender lâmpadas, emprega-se a eletricidade.
e) A eletricidade será empregada para acender lâmpadas.

20. (Analista Judiciário – TST – FCC) Transpondo-se para a voz passiva a construção Os ateus despertariam a ira de qualquer fanático, a forma verbal obtida será:
a) seria despertada.
b) teria sido despertada.
c) despertar-se-á.
d) fora despertada.
e) teriam despertado.

21. (NCE) "O controle de várias formas de energia deu ao homem um enorme poder..." No trecho acima, o verbo "dar" pode causar a impressão de que o homem é um ser passivo. Na realidade, porém, sabe-se que o homem procura ser agente. Que alternativa mostra mais claramente o caráter ativo do homem?
a) O controle de várias formas de energia concedeu ao homem um enorme poder.
b) Ao homem foi dado poder pelo controle de várias formas de energia.
c) O homem conquistou um enorme poder com o controle de várias formas de energia.
d) Deu-se ao homem um enorme poder de controlar várias formas de energia.
e) O homem herdou o controle de várias formas de energia.

22. (Magistério-NCE) "... que é discutido em todos os lugares". Esta frase está na voz passiva analítica e sua forma correspondente na voz ativa é:
a) que se discutiu em todos os lugares;
b) que discutem em todos os lugares;
c) que foi discutido em todos os lugares;
d) que se discute em todos os lugares;
e) que discutiram em todos os lugares.

23. (Magistério-NCE) "Trata-se de um mal endêmico na sociedade brasileira..." Se colocarmos "mal endêmico" no plural, a forma correta do verbo "tratar-se" será:
a) trata-se;
b) tratam-se;
c) são tratados;
d) trataram-se;
e) tratou-se.

24. (Técnico de Necropsia) "O projeto foi recebido com ceticismo pela comunidade científica".Colocando-se esse segmento do texto na voz ativa, tem-se como forma correta:
a) Recebeu-se o projeto com ceticismo.
b) Receberam o projeto com ceticismo.
c) A comunidade científica recebeu o projeto com ceticismo.
d) A comunidade científica foi recebida com ceticismo pelo projeto.
e) Receberam-se com ceticismo o projeto pela comunidade científica.

25. (NCE) "... todos procurem conhecer seus direitos e exijam que eles sejam respeitados..." Se reescrevermos as orações sublinhadas, conservando-se as vozes verbais, teríamos como resposta adequada:
a) todos procurem conhecer seus direitos e exijam serem respeitados;
b) todos procurem conhecer seus direitos e exigir ser respeitados;
c) todos procuram conhecer seus direitos e exijam respeitá-los;
d) todos procurem que se conheçam os direitos e exijam que eles sejam respeitados;
e) todos procurem que conheçam seus direitos e exijam que eles se respeitem.

26. (PF) A Língua Portuguesa possibilita diferentes maneiras de se dizer a mesma coisa, com pequenas alterações morfossintáticas. Uma delas diz respeito à mudança da voz verbal, da ativa para a passiva ou vice-versa. Julgue se as reescrituras que se seguem, mudando-se a voz, mantêm o mesmo sentido das respectivas passagens no texto.
1. "Por ser uma palavra de entendimento eminentemente técnico, não encontramos significado para toxicologia nos dicionários da língua portuguesa". / Para a palavra toxicologia, não foi encontrado por nós significado nos dicionários da língua portuguesa, por ser de entendimento eminentemente técnico.
2. "Pelo entendimento, concluímos que toxicologia é o estudo analítico dos riscos oferecidos por produtos químicos ao ser humano". / Foi concluído por nós, pelo entendimento,

que toxicologia é o estudo analítico dos riscos que produtos químicos oferecem ao ser humano.
3. "A análise toxicológica de produtos químicos está relacionada, em medicina do Trabalho, ao trabalho realizado por profissionais da saúde ocupacional". / O trabalho que profissionais de saúde ocupacional realizam relaciona a análise toxicológica de produtos químicos pela Medicina do Trabalho.
4. "Estando elas, ou não, dentro dos limites de tolerância fixados pela legislação pertinente". / A legislação pertinente fixará limites de tolerância onde elas podem estar, ou não.
5. "No Brasil, poucos são os produtos químicos cujos limites de tolerância são fixados". / Fixa-se poucos limites de tolerância para os produtos químicos, no Brasil.

27. (PF) A língua possibilita diferentes maneiras de se dizer a mesma coisa, com pequenas alterações morfossintáticas. Uma delas diz respeito à mudança da voz verbal, da ativa para a passiva, ou vice-versa. Julgue se as reescrituras que se seguem, feitas em voz passiva, mantêm o mesmo sentido das respectivas passagens no texto.
1. "As crianças não recebem números ao nascer". / *Números não são atribuídos às crianças ao nascer*.
2. "A numeração pura e simples viria garantir identidade insofismável". / *Identidade insofismável viria ser garantida pela numeração pura e simples*.
3. "Fruir a graça das coisas naturais e o que lhes acrescentou a imaginação humana. / *A fruição da graça pelas coisas naturais foi acrescentada ao prazer pela vida por conta da imaginação humana*.
4. "Território quase só mistério que aos poucos se foi desbravando, mantendo ainda bolsões de sombra". / *Território quase só mistério, aos poucos foi sendo desbravado, mantendo ainda bolsões de sombra*.
5. "Meu querido e desconhecido irmão no 100.000.000, onde quer que estejas nascendo, fica de olho no futuro, presta atenção nas coisas para que não façam de ti subproduto de consumo, e boa viagem pelo século XXI adentro". / *Onde quer que estejas por nascer, meu querido e desconhecido irmão no 100.000.000, olha bem o futuro, presta atenção nas coisas, para que não sejas feito um subproduto de consumo e viajes bem pelo século XXI adentro*.

28. (BC – Esaf) Analise os itens a respeito das formas verbais no texto.
Uma profunda transformação tecnológica será promovida nos bancos brasileiros neste primeiro semestre para que eles se adaptem às normas determinadas pelo Banco Central (BC), que preveem a reestruturação do Sistema de Pagamentos Brasileiro (SPB). O novo modelo entra em vigor no dia 1o de outubro, quando já deve estar em funcionamento

a transferência de grandes valores com liquidação bruta em tempo real e o monitoramento on line da conta reservas bancárias mantida no BC, que se livrará da obrigação de cobrir os saldos negativos deixados pelos bancos nas operações dia-a-dia. Se, de um lado, as cerca de 170 instituiçõs financeiras movimentam-se para modernizar seu aparato tecnológico, de outro as indústrias de software travam uma batalha para conquistar uma fatia dos investimentos que serão feitos (*Gazeta Mercantil*, 20/2/2001, com adaptações).

I. Mantém-se a correção gramática e a ideia de voz passiva ao se substituir a expressão verbal "será promovida" (l. 1) por promover-se-á.

II. O emprego do modo verbal de "adaptem" (l. 2) é exigência da estrutura sintática iniciada por "para que".

III. O emprego de "preveem" (l. 3) segue as regras de conjugação de outros verbos do mesmo paradigma, como prevenir e vir.

IV. O emprego do tempo presente em "entra em vigor" (l. 3/4) desrespeita as regras da conjugação verbal e da coerência textual porque o texto pede que aí se empregue o futuro entrará.

Estão corretos apenas os itens:

a) I e II;
b) I, II e IV;
c) II e III;
d) II, III e IV;
e) III e IV.

14.18. Tempos compostos

Os tempos compostos serão formados através do verbo auxiliar TER ou HAVER acompanhado do verbo principal no particípio. Para o candidato, torna-se deveras importante saber o tempo do verbo auxiliar, mas não como fim, e sim como meio. Utilize a tabela e os exemplos a seguir para esclarecimentos sobre o assunto.

TEMPOS COMPOSTOS	**VERBOS AUXILIARES**	
	INDICATIVO	SUBJUNTIVO

PRETÉRITO PERFEITO	PRESENTE tenho / hei	PRESENTE tenha / haja
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO	PRETÉRITO IMPERFEITO tinha / havia	PRETÉRITO IMPERFEITO tivesse / houvesse
FUTURO	FUTURO terei / haverei	FUTURO tiver / houver
FUTURO DO PRETÉRITO	FUTURO DO PRETÉRITO teria / haveria	_____

Ex.: Na forma verbal TENHO DITO, você deve atentar-se para o tempo do verbo auxiliar "tenho" (presente do indicativo). Aplique essa informação na tabela acima e poderá concluir que a locução está no pretérito perfeito composto do indicativo.

Já na forma verbal sublinhada na frase "Eu desejo que eles já tenham feito o exercício.", como o verbo auxiliar "tenham" encontra-se no presente do subjuntivo, a composição estará no pretérito perfeito do subjuntivo – tempo este que não existe nas formas verbais simples.

Na frase "Quando eu recebi o dinheiro, elas já tinham vendido o apartamento.", como o verbo auxiliar "tinham" está no pretérito imperfeito do indicativo, a composição está no pretérito mais-que-perfeito do indicativo.

No fragmento "se eles houvessem estudado...", o verbo auxiliar "houvessem" está no pretérito imperfeito do subjuntivo, levando-nos a concluir que a forma verbal composta encontra-se no pretérito mais-que-perfeito composto do

subjuntivo – outra forma verbal que não contém correspondência nos tempos simples.

No período "Quando o professor chegar, eu já terei feito todos os exercícios.", o verbo auxiliar "terei" encontra-se no futuro do presente do indicativo, levando a composição ao futuro composto do indicativo.

Na frase "Se ele tiver feito os exercícios, haverá aprendido a matéria", o verbo auxiliar "tiver" está no futuro do subjuntivo, portanto a composição está no futuro composto do subjuntivo.

No período "Se você houvesse trazido água, eu a teria bebido", o verbo auxiliar "teria" encontra-se no futuro do pretérito do indicativo, portanto a forma verbal composta está no futuro do pretérito composto do indicativo.

Obs.:

1) É importante frisar que verbos auxiliares em um determinado modo (indicativo ou subjuntivo) só podem formar tempos compostos no mesmo modo verbal.

2) É fundamental compreender que, entre as formas verbais simples e compostas, há uma correspondência de nomenclatura; no entanto, inexiste correspondência semântica. O pretérito perfeito simples do indicativo e o pretérito perfeito composto do indicativo possuem valores diferentes.

Ex.: O pretérito perfeito simples do indicativo, como já foi dito no início do capítulo, indica uma ideia de evento passado já realizado, finalizado, não costumeiro (Li jornal ontem.). Já o pretérito perfeito composto do indicativo demonstra um fato que tem seu início em um ponto passado, mas que se estende, pelo menos, até o momento presente – momento da confecção do texto (Tenho lido jornal).

O futuro do presente simples do indicativo demonstra um evento que se inicia em um ponto futuro em relação ao momento em que o texto foi escrito (Farei o trabalho amanhã).

Já o futuro composto do indicativo explicita um evento futuro em relação ao momento do texto, porém necessariamente anterior a um outro evento exposto (Quando você chegar, eu já terei feito o trabalho).

Dentre os tempos simples e compostos, o único que possui sempre o mesmo valor semântico é o pretérito mais-que-perfeito do indicativo – evento passado anterior a outro evento passado (Quando Maria me indicou a rua certa, eu já entrara na errada). Neste caso, a substituição de "entrara" por "tinha entrado" (pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo) não gera prejuízo semântico para o período.

3) Além dos tempos já mencionados na tabela, há mais dois outros: o infinitivo composto – com o verbo auxiliar no infinitivo (ter/haver feito) – e o gerúndio composto – com o verbo auxiliar no gerúndio (tendo/havendo feito).

14.18.1. Exercícios

1. Dê os tempos, respectivamente, em que se encontram as seguintes formas verbais compostas:

1 – HOUVÉSSEMOS FEITO

2 – TENHAMOS EXPLICADO

3 – TENS LEMBRADO

4 – HAVIAM TRAZIDO

a) Pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo – pretérito perfeito do subjuntivo – pretérito perfeito do indicativo – pretérito mais-que-perfeito do indicativo.

b) Pretérito mais-que-perfeito do indicativo – pretérito perfeito do indicativo – pretérito perfeito do subjuntivo – pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo.

c) Pretérito imperfeito do subjuntivo – presente do subjuntivo – presente do indicativo-pretérito imperfeito do indicativo.

d) Pretérito mais-que-perfeito do indicativo – presente do indicativo – presente do subjuntivo, pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo.
e) Pretérito perfeito do indicativo – pretérito mais-que-perfeito do indicativo – pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo – pretérito perfeito do subjuntivo.

2. (Uni-Rio) Em "Basta que ele tenha existido", a forma verbal está no:
a) perfeito composto do indicativo;
b) mais-que-perfeito composto do subjuntivo;
c) presente composto do subjuntivo;
d) mais-que-perfeito composto do indicativo;
e) perfeito composto do subjuntivo.

3. (Professor Superior/Fesp) Nas orações apresentadas abaixo, os tempos verbais destacados classificam-se, respectivamente, como:
I – Se dependesse de mim, teria vetado.
II – Nunca ouvi dizer que uma dessas trocas tenha tido resultado aproveitável.
a) particípio composto e pretérito perfeito composto do indicativo;
b) pretérito perfeito composto do indicativo e pretérito imperfeito do subjuntivo;
c) futuro do pretérito composto do indicativo e presente composto do indicativo;
d) futuro do pretérito composto do indicativo e pretérito perfeito composto do subjuntivo;
e) futuro do presente composto do indicativo e pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo.

4. (Técnico Judiciário – TRE-SP – FCC) ***Já tenho lido que ele usa uma língua misturada de italiano e português*.**
No segmento grifado acima, Antonio Candido usou determinada forma verbal que poderia ser substituída, sem prejuízo para correção e a lógica, por:
a) li;
b) lia;
c) lera;
d) leria;
e) leio.

5. (Fuvest) Passando-se o verbo do trecho: "aquilo que o auditório já sabe" para o futuro composto do subjuntivo, obtém-se a forma verbal:
a) terá sabido;
b) ter sabido;

c) tiver sabido;
d) tenha sabido;
e) souber.

6. Marque a opção em que a forma verbal do tempo composto corresponde à forma verbal do tempo simples, modificando o modo, na frase abaixo:
"Quando eu cheguei, ela já saíra".
a) tinha saído
b) tenha saído
c) tem saído
d) tivesse saído
e) teria saído

7. (Faap) "Os infantes não chegariam lá, ou, se chegassem, seria a duras penas ..." As formas verbais compostas correspondentes às formas simples destacadas são, respectivamente:
a) tinha chegado – tivessem chegado
b) não há – tinha chegado
c) teriam chegado – têm chegado
d) terão chegado – tivessem chegado
e) teriam chegado – não há

8. (NCE) "Cidadezinha que não coube no mapa..."
Assinale o item que apresenta o tempo composto correspondente à forma verbal sublinhada:
a) tivesse cabido
b) tinha cabido
c) têm cabido
d) tenha cabido
e) tem cabido

9. (UFRJ) A forma verbal "expôs" corresponde à terceira pessoa do singular do pretérito perfeito simples do indicativo. Como seria a forma dessa mesma pessoa no pretérito perfeito composto do indicativo?
a) havia exposto
b) tinha exposto
c) tem exposto

d) teve exposto
e) foi exposto

10. (Analista – TRE-TO – FCC) ***Minha outra mulher teve uma educação rigorosa, mas mesmo assim mamãe nunca entendeu por que eu escolhera justamente aquela, entre tantas meninas de uma família distinta*.**
O verbo grifado na frase acima pode ser substituído, sem que se altere o sentido e a correção originais, e o modo verbal, por:
a) escolheria;
b) havia escolhido;
c) houvera escolhido;
d) escolhesse;
e) teria escolhido.

14.19. Exercícios de revisão

1. (Analista Judiciário – Informática – TJ-RJ – FCC) ... ***dia em que a circulação duplicava*.**
O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está em:
a) ... *e já fez muitas moçoilas e rapazes barbados chorarem*.
b) ... *editaria a obra às próprias custas* ...
c) ... *a produção jornalística é pouco divulgada*.
d) *Macedo era mesmo um agitador.*
e) *Nosso escritor usaria de suas boas relações* ...

2. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) Ambos os segmentos do texto têm o verbo empregado nos mesmos tempo e modo:
a) *O humor que perdura na* Belle Époque *brasileira... // ... embora nem sempre esta imagem corresponda à realidade*.
b) ... *transformações sociais que elas traziam. // ... esta mesma ansiedade expressava-se*...
c) *Abre-se um espaço para a representação humorística... //... que seriam a própria negação do progresso*...
d) ... *embora nem sempre esta imagem corresponda à realidade. // ... uma atmosfera que ansiava por cosmopolitismo*...
e) ... *transformações sociais que elas traziam. // ... que seriam a própria negação do progresso*...

3. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – FCC) Fomos uma geração de bons meninos.
O verbo empregado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:
a) Nos anos de 1970 e 80 ainda surgiram heróis interessantes...
b) Os heróis eram o exemplo máximo de bravura, doação pessoal e virtude.
c) Atualmente não sei.
d) Gibis abasteciam de ética o vasto campo da fantasia infantil...
e) ... mas alguns parecem cheios de rancor...

4. (AFC – Esaf) Assinale a opção que foi transcrita com problemas na correlação dos tempos verbais.
a) Em setembro de 1998, pesquisa realizada com o apoio do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) procurou medir a capacidade do trabalhador brasileiro de entender o que lê e estabelecer relações entre quantidades expressas em números, com critérios semelhantes aos usados nos países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), que reúne os 29 principais países industrializados.
b) Seria assustador que 82% dos entrevistados não entenderam a conta de juros reais que incidam, por exemplo, na prestação de um eletrodoméstico. Na era da informática, que tipo de oportunidade profissional pode ter uma pessoa com tais carências de qualificação?
c) A pesquisa, realizada em várias cidades brasileiras, entre a população de baixa escolaridade, entre 15 e 55 anos, mostrou que, entre 69% e 81% (conforme a região) dos 2 mil entrevistados, quando solicitados a analisar texto informativo simples, apenas reconheciam o tema, sem assimilar o sentido do texto.
d) A oferta de escolaridade combate o analfabetismo absoluto, como prova o caso brasileiro, mas não garante capacidade de apreensão, compreensão e concentração que os empregos modernos exigem.
e) Por isso a Unesco insiste em que é preciso "educação de qualidade". Alfabetizar custa pouco – o Comunidade Solidária gasta US$ 34 *per capita*. Educar para o moderno mercado de trabalho tem custo bem mais elevado, mas são poucos os países dispostos a pagá-lo.
(*O Estado de S. Paulo* – Notas e Informações, 22/4/2000, p. A3, com adaptações).

5. (AFC – Esaf) Assinale a opção em que a correlação entre tempos e modos verbais constitui erro de sintaxe.
a) Há pelo menos dois séculos, desde que Adam Smith inaugurou a profissão, os economistas consomem boa parte de seu tempo, enaltecendo os benefícios do livre comércio e pregando a liberdade econômica.

b) O mundo perfeito, garantem, é aquele em que não há nenhum tipo de obstáculo ao fluxo de mercadorias, pessoas e ideias.
c) Deixada sem amarras, a economia funcionaria de maneira harmoniosa, regida por uma mão invisível que a fazia viver sempre em equilíbrio.
d) Presa, seria como uma máquina com areia nas engrenagens, cujo atrito traria desperdício de energia e empobreceria os cidadãos.
e) A virada do milênio reservou um paradoxo e tanto para os seguidores do economista escocês. Nunca como agora o mundo aderiu com tanta garra a suas teses.
(Adaptado de *Exame*, 1/11/2000, p.135)

6. (AFC – Esaf) Assinale a opção em que a flexão verbal constitui erro de construção sintática:
a) A luz elétrica aumentou o número de horas de trabalho, e as estradas de ferro permitiram que os produtos e as pessoas circularem muito mais fácil e rapidamente.
b) As invenções de maior impacto científico e social não são as que promovem necessariamente os maiores ganhos econômicos.
c) A prensa tipográfica, para alguns a invenção mais importante do milênio, teve pouco efeito mensurável sobre o crescimento da produção per capita.
d) Cientificamente falando, talvez a *Internet* não seja tão significativa quanto a prensa, o telégrafo ou a eletricidade, mas seu impacto econômico é provavelmente muito maior.
e) Um dos motivos disso seria o fato de que o custo das comunicações nas tecnologias anteriores nunca caiu tanto como agora.
(Adaptado de *Negócios Exame*, p. 94.)

Leia o texto seguinte para responder à questão 7 (TFC – Esaf).

1 **O saber produzido pelo Iluminismo não conduzia à emancipação e sim à técnica e ciência moderna que mantêm com seu objeto uma relação ditatorial. Se Kant ainda podia acreditar que a razão humana permitiria emancipar os homens de seus entraves, auxiliando-os a dominar e controlar a natureza externa e interna, temos de reconhecer**

5 **hoje que essa razão iluminista foi abortada. A razão que hoje se manifesta na ciência e na técnica é uma razão instrumental, repressiva. Enquanto o mito original se transformava em Iluminismo, a natureza se convertia em cega objetividade.**

Inicialmente a razão instrumental da ciência e técnica positivista tinha sido parte integrante da razão iluminista, mas no decorrer do tempo ela se autonomizou,

10 voltando-se inclusive contra as suas tendências emancipatórias.

(B. Freitag, *A Teoria Crítica Ontem e Hoje*, p. 35, com adaptações).

7. Indique a afirmação <u>incorreta</u> a respeito do emprego das formas verbais no texto:
a) O verbo "mantêm" (l. 2) refere-se tanto a "técnica" quanto a "ciência moderna".
b) O emprego do futuro do pretérito em "permitiria" (l. 3) ressalta a possibilidade de ocorrer a ação expressa pelo verbo seguinte, "emancipar" (l. 3), não sua ocorrência real.
c) Conserva-se a correção gramatical da oração retirando-se a vírgula e substituindo-se a forma de gerúndio "auxiliando-os" (l. 3) por e *auxiliá-los*.
d) Conserva-se a correção gramatical ao substituir "foi abortada" (l.5) por *abortou-se*.
e) A locução verbal "tinha sido" (l.8) está no singular para concordar com "técnica positivista" (l.8).

8. (Sefaz – Pará – Esaf) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas.
Pela primeira vez na história, uma dúzia de países – sem guerra nem violência, somente com negociações e entendimento democrático – parte essencial de sua soberania para uma moeda única ao bem-estar
coletivo. problemas no horizonte. Mas esse empreendimento admirável do Velho Mundo já está servindo aos interesses dos brasileiros.
(Luiz Felipe de Alencastro, *Veja*, 16/1/2002, p. 22.)
a) abandonam – criarem – com o visto – A
b) abandona – criar – visando – Há
c) abandonaram – criarem – com vistas – A
d) abandona – criarem – com vista – Haverão
e) abandonam – criar – para visar – Haverão

9. (Sefaz – Pará – Esaf) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas.
Se a Espanha – a segunda maior investidora na Argentina (25,7% dos investimentos estrangeiros) e no Brasil (15,6% dos investimentos) – não escorada pelo euro, a peseta e a economia espanhola rolado ladeira abaixo. No contexto pós-Guerra Fria, em que a hegemonia americana que as nações se esborrachem, a crise argentina uma dimensão muito mais ampla, atingindo o Brasil em cheio.

(Luiz Felipe de Alencastro, *Veja*, 16/1/2002, p. 22.)
a) está – terão – deixava – tomava
b) esteve – terão – deixa – tomava
c) estava – teriam – deixava – tomou
d) estivesse – teriam – deixa – tomaria
e) estivessem – teria – deixou – tomaria

10. (Sefaz – Pará – Esaf) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas.
No primeiro mundo, as taxas de crescimento para a metade em relação ao que foram nos primeiros 20 anos após a Segunda Guerra Mundial, enquanto as taxas de desemprego , principalmente na Europa, e o milagre japonês
que aos anos 80, afinal nos anos 90. Na América Latina e no Leste Europeu, que se recusam a realizar o ajustamento fiscal nos anos 70, a crise se desencadeia nos anos 80 com muito mais violência.
a) reduzem – aumenta – sobreviveria – soçobraria
b) reduzem-se – aumenta – sobrevive – soçobra
c) reduziram – aumentam – sobrevivera – soçobram
d) reduziam – aumentaram – sobrevivera – soçobra
e) reduzem-se – aumentam – sobrevivera – soçobra

11. (AFC – Esaf) Indique a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.
É preciso que a discussão da reforma tributária norteada pela mesma premissa básica que inspirou várias propostas de reforma, defendidas tanto pelo Executivo como pelo Congresso, a partir do final de 1997. Por divergentes que , tais propostas partiram todas do mesmo diagnóstico. De que a reforma que necessária a eliminação dos tributos cumulativos, bem como do IPI, ICMS e ISS, e a introdução de uma forma de taxação indireta, centrada em esquema amplo e coerente de impostos sobre valor adicionado. A grande questão – e é nisso que as propostas é como fazer essa mudança.
(Adaptado de Rogério L. F. Werneck, *Estado de S. Paulo*, 27/10/2000.)
a) volta a ser – tenham sido – fazia-se – requer – divergem
b) volte a serem – fossem – se fez – requeresse – divergiram
c) volte a ser – tenham sido – se fazia – requeria – divergem
d) volte sendo – eram – se faria – requeriam – divergirão
e) voltem a ser – tivessem sido – fazia – requerem – diverge

12. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – FCC) ... *justamente onde funcionavam as principais repartições públicas da Colônia*.

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está em:

a) *O tráfico negreiro, por si só, era um dos setores mais dinâmicos da economia.*

b) *O Valongo deixou de ser porto negreiro em 1831...*

c) *Os historiadores estimam...*

d) ... *a prefeitura pôs em execução uma ampla reforma da decadente zona portuária.*

e) ... *os burocratas começaram a ficar perturbados...*

TEXTO (MP) – RACISMO

O Globo, 13/7/2001

A imprensa brasileira vem noticiando uma proposta milionária do Lazio da Itália, que pretende adquirir o passe do zagueiro Juan por 10 milhões de dólares. Este é o time cuja torcida já agrediu o jogador brasileiro Antonio Carlos, do Roma, e perdeu o mando de campo por incitamento racista em pleno estádio.

Aqui fica uma sugestão a este jovem negro, atleta brasileiro de 22 anos, com um brilhante futuro profissional: recuse o convite e não troque o Brasil pela Itália, pois moedas não resgatam a dignidade. Diga não aos xenófobos e racistas.

13. (MP) "A imprensa brasileira vem noticiando..." Com a utilização do tempo verbal destacado, o autor do texto quer referir-se a uma ação que:

a) acaba de terminar;

b) acaba de começar;

c) se iniciou antes de outra ação passada;

d) se iniciou há pouco tempo e permanece no presente;

e) se repete no passado e no presente.

14. (MP) Considerando que a ação de agredir o jogador brasileiro Antonio Carlos ocorreu antes de o Lazio perder o mando do campo, ação também passada, o verbo "agredir" deveria estar no:

a) mais-que-perfeito do indicativo;

b) imperfeito do indicativo;

c) futuro do pretérito;

d) imperfeito do subjuntivo;

e) presente do subjuntivo.

15. (TRT) "... porque o trabalhador não tem interesse no resultado". A frase a seguir em que o verbo ter ou derivado é conjugado e grafado de forma correta é:

a) A lei não contem exceções.
b) Os advogados têem cópias das leis.
c) A leitura dos documentos entreteu os advogados.
d) Quando deter o marginal, o policial ficará satisfeito.
e) Quando retém os documentos, a escola contraria as leis.

16. (TRT) "... vieram a significar, no plano social..." O item a seguir em que o verbo destacado está conjugado erradamente é:
a) Se o virmos por lá, daremos o recado.
b) Os advogados interviram na discussão.
c) A empregada proveu a despensa com o necessário.
d) Quando vimos para cá, sentimo-nos contentes.
e) Os aparelhos provieram dos Estados Unidos.

17. (Fiscal de Rendas – SP)
Um dia ele chegou tão diferente do seu jeito de sempre chegar
Olhou-a de um jeito muito mais quente do que sempre costuma olhar
E não maldisse a vida quanto era o seu jeito de sempre falar.
(Trecho de Valsinha, de Chico Buarque de Holanda e Vinícius de Moraes).
Quanto ao tempo verbal, "maldisse" está para "maldizer" assim como:
a) previsse está prever;
b) proviu está para prover;
c) interveio está para intervir;
d) reouvesse está para reaver;
e) precavesse está para precaver.

18. (Bacen) Assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, as lacunas da frase abaixo.
Se que não pode mais amar-me, -me então.
Suas palavras amenas -me; nosso amor.
a) vir – esqueça – detiveram – protejamos
b) vires – esqueça – deteram – protejamos
c) veres – esquece – detiveram – protejamos
d) ver – esqueça – deteram – protejamos
e) vir – esquece – deteram – protejemos

19. (TRF) Das frases abaixo, a que contém erro de flexão verbal é:

a) Aqui se hastia a bandeira todo dia.
b) Nosso esforço será no sentido de obter outras propostas orçamentárias e aprovar a que melhor convier à Instituição.
c) Tais espetáculos incendeiam os espíritos e acirram os conflitos.
d) Se os municípios da região não se provessem do indispensável, grandes tragédias adviriam na época da seca.
e) Esperamos que eles vão até lá e que investiguem por eles mesmos.

20. (TRF) A respeito da frase "As negociações deverão ser concluídas até outubro", pode-se dizer que:
a) Está na voz passiva analítica, e na voz ativa ficaria "As negociações deverão concluir-se até outubro".
b) Está na voz passiva sintética, e na voz passiva analítica ficaria "Deverão concluir as negociações até outubro".
c) Está na voz passiva sintética, e na passiva analítica ficaria "As negociações deverão concluir-se até outubro".
d) Está na voz passiva analítica, e na voz passiva sintética ficaria "Dever-se-ão concluir as negociações até outubro".
e) Está na voz passiva analítica, e na voz reflexiva ficaria "As negociações deverão concluir-se até outubro".

21. (Fiscal de Rendas – SP) As lacunas dos trechos abaixo estão preenchidos, correta e respectivamente em:
É esperto: recorreria ao governo, se lhe . Com as reformas que virão, é bom que o contribuinte a ideia de sonegar impostos. dele quando afirma que os recursos não do Estado.
a) convesse – repele – Diverjo – provém
b) convisse – repile – Divirjo – provem
c) convisse – repila – Diverjo – provém
d) conviesse – repila – Divirjo – provêm
e) conviesse – repele – Divirjo – provém

22. (TRF) Das frases abaixo, a que contém erro na flexão verbal é:
a) O acidente ocorreu porque o Rui não conseguir freiar o carro.
b) Se a comunidade nos provesse do equipamento de que necessitamos para prestar a ela mesma esse serviço, todos sairíamos ganhando.
c) Os espíritos se incendeiam toda vez que se fala em fazer justiça.

d) Se a associação se mantivesse coerente com sua própria doutrina, cresceria sua credibilidade.
e) Quem se interpuser entre o Ricardo e a Cristina não contará com o meu apoio.

23. (TRF) A opção em que a explicação dada para o sentido da forma verbal grifada está incorreta é:
a) No século III a. C. chega o latim à Península Ibérica: presente histórico.
b) Furacão mata 20 adultos e 3 crianças na Califórnia (manchete de jornal): presente com valor de pretérito.
c) Eu aceitaria um cafezinho: futuro do pretérito indicando momento posterior a um tempo passado.
d) Eu aceitava um cafezinho: pretérito imperfeito para indicar polidez.
e) Eu aceito um cafezinho: presente simultâneo ao momento da fala.

24. (PUC) Uma das alternativas abaixo está errada quando à correspondência no emprego dos tempos verbais. Assinale qual é esta alternativa.
a) Porque arrumara carona, chegou cedo à cidade.
b) Se tivesse arrumado carona, chegaria cedo à cidade.
c) Embora arrume carona, chegará tarde.
d) Embora tenha arrumado carona, chegou tarde.
e) Se arrumar carona, chegaria cedo à cidade.

25. (Cesgranrio) Não há devida correlação temporal das formas verbais em:
a) Seria conveniente que o leitor ficasse sem saber quem era Miss Dollar.
b) É conveniente que o leitor ficaria sem saber quem é Miss Dollar.
c) Era conveniente que o leitor ficasse sem saber quem é Miss Dollar.
d) Será conveniente que o leitor fique sem saber quem era Miss Dollar.
e) Foi conveniente que o leitor ficasse sem saber quem era Miss Dollar.

26. (NCE) Qual o valor do futuro do pretérito na frase seguinte: "Quando chegamos ao colégio em 1916, a cidade teria apenas uns cinquenta mil habitantes"?
a) Fato futuro, anterior a outro fato futuro.
b) Fato futuro, relacionado com o passado.
c) Suposição, relativamente a um momento futuro.
d) Suposição, relativamente a um momento passado.
e) Configuração de um fato já passado.

27. (Técnico Judiciário – TRE-SP – FCC) ... ***em que as melhores cadências do samba e da canção se aliaram com naturalidade às deformações normais de português brasileiro*****...**
O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:
a) *São Paulo muda muito...*
b) ... *para nos porem no Alto da Mooca...*
c) *Talvez João Rubinato não exista...*
d) ... *Adoniran não a deixará acabar...*
e) *Mas a cidade que nossa geração conheceu...*

28. (TRT – Fundec) Das frases abaixo, a única correta quanto à flexão verbal, de acordo com a norma culta da língua, é:
a) Se proporem uma outra crônica, argumente que não há mais espaço nesta edição.
b) Com a cooperação de todos, o jornalista creu que havia condição de escrever a reportagem.
c) Os candidatos só poderão se inscrever no concurso de crônicas, se o requiserem.
d) Os alunos de minha escola jamais obteram incentivo para redigir textos em crônicas.
e) Se o autor da crônica intervir na questão, não ocorrerão outras críticas ferinas.

29. (TRT – Fundec) Das alterações feitas na frase "Os pais não têm onde deixar suas crianças quando vão para a lavoura", aquela que está <u>incorreta</u> quanto à flexão verbal, de acordo com as normas da língua culta, é:
a) Os pais só entretêm as crianças quando se dispõem a brincar com elas.
b) Os pais só reveem as crianças quando refazem o caminho de volta para casa.
c) Os pais reouveram as crianças depois que se dispuseram a voltar para casa.
d) Os pais não se dispunham a ficar com as crianças quando estas lhes contradiziam as ordens.
e) Os pais desdisseram as crianças quando interviram em seus maus costumes.

30. (TRT – Fundec) Onde <u>se adotam</u> novos métodos.
A forma verbal que tem o mesmo sentido da grifada na frase acima é:
a) tinham adotado;
b) tem sido adotado;
c) se adotou;
d) é adotado;
e) são adotados.

31. (TRT – Fundec) de alguns estudos sobre o stress no trabalho, com resultados semelhantes, não os países.

a) Acabam – ser concluídos – importam.
b) Acaba – ser concluído – importam.
c) Acaba – ser concluído – importa.
d) Acabam – ser concluído – importam.
e) Acaba – ser concluídos – importa.

32. (TRT – Fundec) A reciclagem do lixo inorgânico também poderia gerar lucros.
Transpondo a frase acima para a voz passiva, a forma verbal passa a ser:

a) poderia ser gerado;
b) teriam podido gerar;
c) tinham gerado;
d) poderiam ser gerados;
e) pode ser gerado.

33. (Fundec – Proderj) Na correlação entre os dois verbos sublinhados no trecho "Do décimo andar à rua, <u>seria</u> a vertigem, se <u>chegássemos</u> muito à janela...", o enunciador manifesta uma atitude de:

a) Certeza, pois sabe que o fato não pode acontecer.
b) Subjetividade, pois não sabe se o fato tem possibilidade de acontecer.
c) Dúvida quanto à possibilidade de um fato acontecer, pois não há hipótese de o outro também acontecer.
d) Certeza quanto à possibilidade de um fato acontecer, na condição de também o outro acontecer.
e) Descrença sobre a realização do fato, pois está condicionado à realização de outro fato.

A CIÊNCIA

A ciência permanecerá sempre a satisfação do desejo mais alto da nossa natureza, a curioidade; ela fornecerá sempre ao homem o único meio que ele possui para melhorar a própria sorte (Renan).

34. (PC – NCE) O emprego do futuro do presente do indicativo no segmento significa:

a) certeza dos fatos futuros;
b) possibilidade de fatos futuros;
c) incerteza dos fatos futuros;
d) dúvida sobre os fatos futuros;

e) desejo do autor sobre os fatos futuros.

35. (Administrador – Petrobras – Cesgranrio) No poema, o verso "O português são dois" está de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa. A frase em que também se respeita a norma-padrão, com relação à concordância, é:
a) Na reunião, houveram muitos imprevistos.
b) Estranhou-se as mudanças na empresa.
c) Devem fazer cinco meses que não o vejo.
d) Precisam-se de vendedores nesta loja.
e) Pensou-se muito nas sugestões dos funcionários.

36. (Administrador – Transpetro – Cesgranrio) Num anúncio que contenha a frase "Vende-se filhotes de *pedigree*.", para adequá-lo à norma-padrão, será necessário redigi-lo da seguinte forma:
a) Vende-se filhotes que têm *pedigree*.
b) Vende-se filhotes os quais tem *pedigree*.
c) Vendem-se filhotes que tem *pedigree*.
d) Vendem-se filhotes que têm *pedigree*.
e) Vendem-se filhotes os quais tem *pedigree*.

37. (Técnico Ambiental – Petrobras – Cesgranrio) Na frase "Os brasileiros encaram o futuro com otimismo", que forma verbal substitui encaram, mantendo-se grafada corretamente?
a) Vem
b) Vêm
c) Veem
d) Vede
e) Venhem

38. (CNEN – NCE) "Um programa de educação infantil encontra a sua essência na proposta da vida regida pela castidade". O uso do presente do indicativo neste segmento do texto se justifica porque:
a) enuncia um fato atual;
b) indica estados permanentes;
c) expressa uma ação habitual;
d) dá vivacidade a fatos ocorridos;
e) marca um fato futuro, mas próximo.

39. (MP – NCE) "... uma liberdade até agora desconhecidas". O advérbio agora se refere a(o):
a) momento em que o texto é lido;
b) momento em que a lei exista;
c) momento em que o texto foi escrito;
d) momento futuro de liberdade e segurança;
e) qualquer momento.

40. (INPI – NCE) "As aeromoças ainda teriam tentado prendê-lo num compartimento na traseira, mas estava bloqueado". O emprego da forma verbal teriam tentado indica que a ação:
a) é uma possibilidade e não uma certeza;
b) ocorreu após largo espaço de tempo;
c) vai ocorrer num futuro próximo;
d) vai ocorrer num futuro distante;
e) ocorreu várias vezes no passado.

41. (INPI – NCE) "... desses mesmos sentimentos que têm levado o Brasil à beira do abismo..." A forma verbal têm levado indica uma ação:
a) que já terminou;
b) anterior a outra ação passada;
c) habitual no passado;
d) iniciada no passado que continua no presente;
e) iniciada no presente que continua no futuro.

42. (IBGE – NCE) "... que realmente havia levado a máquina para casa..." A forma verbal sublinhada equivale a:
a) levava;
b) levou;
c) leva;
d) levara;
e) levasse.

43. (NCE) "De repente foi assaltada por um adolescente..." Esta frase, na voz passiva analítica, tem como correspondente na voz ativa a frase:
a) De repente assaltou-se um adolescente.

b) Um adolescente, de repente, assaltou (a senhora)..."
c) De repente, uma senhora foi assaltada..."
d) De repente, um adolescente assalta (uma senhora)..."
e) Um adolescente foi assaltado por uma senhora, de repente.

44. (Técnico Judiciário – TRE-PE – FCC) Nos meses de verão, saíamos para um arrabalde mais afastado do bulício da Cidade, quase sempre Monteiro ou Caxangá.
A frase em que ambos os verbos grifados estão flexionados nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima é:
a) Atrás de casa, na funda ribanceira, corria o rio, à cuja beira se especava o banheiro de palha.
b) Talvez tivéssemos que voltar para o Recife, as águas tinham subido muito durante a noite...
c) Enquanto esperávamos o trem na Estação de Caxangá, fomos dar uma espiada ao rio à entrada da ponte.
d) ... que o riozinho manso onde eu me banhava sem medo todos os dias se pudesse converter naquele caudal furioso de águas sujas.
e) No dia seguinte, soubemos que tínhamos saído a tempo.

45. (Engepron – NCE) "Os aperfeiçoamentos do aparelho, com o tempo viriam, certamente, como depois vieram..." O emprego do futuro do pretérito, no caso, se justifica porque se trata de:
a) uma ação provável;
b) uma ação futura em relação ao tempo passado;
c) uma ação completamente passada;
d) um fato hipotético;
e) um fato que é fruto da imaginação humana.

46. (Técnico Judiciário – TRE-RN – FCC)
I. Nos versos *Agora eu era o herói e A gente agora já não tinha medo*, o uso do advérbio *agora* mostra-se inadequado, pois os verbos conjugados no pretérito imperfeito designam fatos transcorridos no tempo passado.
II. Em *Finja que agora eu era o seu brinquedo e Sim, me dê a mão*, os verbos grifados estão flexionados no mesmo modo.
III. Substituindo-se a expressão a *gente* pelo pronome *nós* nos versos *A gente agora já não tinha medo e Acho que a gente nem tinha nascido*, a forma verbal resultante, sem alterar o contexto, será *teríamos*.

Está correto o que se afirma em:
a) I, apenas;
b) II, apenas;
c) III, apenas;
d) I e II, apenas;
e) I, II e III.

47. (CBMERJ – NCE) "Mais uma vez vindos das casas e das fábricas". A forma VINDO corresponde ao particípio e ao gerúndio do verbo VIR. Assinale a frase abaixo em que a forma corresponde ao particípio.
a) Vindo em crescimento, a poluição preocupa.
b) O lixo estava vindo para o aterro sanitário.
c) O lixo é recolhido, vindo, em seguida, para o aterro.
d) O lixo tem vindo todos os dias para o aterro.
e) Os caminhões estão vindo para o trabalho.

48. (Eletronorte – NCE) "Rodeados" é um adjetivo pertencente à mesma família do verbo "rodear". O item que apresenta uma forma equivocada desse verbo é:
a) Espero que vocês se rodeiem de pessoas capazes.
b) Não duvido de que nós nos rodeemos de espíritos fraternos.
c) O novo Papa se rodeará de líderes competentes.
d) Todos os presidentes se rodiavam de ministros inteligentes.
e) Nós nos rodeamos de coisas boas e caras.

49. (Eletronorte – NCE) "Quem foi neste verão..." A identificação do verão a que se refere o texto só é possível se soubermos:
a) a data da publicação do artigo;
b) quem é o autor do texto;
c) que estação predominava nessa época;
d) em que mês foi escrito o texto;
e) em que jornal ou revista o texto foi publicado.

50. (Esaf) Assinale a opção que resulta correta após a mudança dos tempos verbais do trecho a seguir.
"Se analisarmos o que aconteceu ao longo deste século, vamos perceber que aquelas características sofreram uma reversão".

a) Se analisamos o que aconteceu ao longo deste século, perceberíamos que aquelas características sofreram uma reversão.
b) Se analisássemos o que aconteceu ao longo deste século, perceberíamos que aquelas características sofreram uma reversão.
c) Se analisarmos o que aconteceu ao longo deste século, iríamos perceber que aquelas características sofreram uma reversão.
d) Se analisássemos o que aconteceu ao longo deste século, perceberemos que aquelas características sofreram uma reversão.
e) Se analisarmos o que aconteceu ao longo deste século, íamos perceber que aquelas características sofreram uma reversão.

51. (Esaf) Assinale a opção com erro.
a) O exército foi ao sítio de Canudos – no alto sertão baiano, a 400 km de Salvador – há quase cem anos, para caçar o maior de todos os subversivos de começo da República, líder de um movimento que provocou 20 mil mortes.
b) Fazem cem anos que Antônio Conselheiro, acossado pelas forças políticas da Bahia, encerrou sua longa peregrinação pelo sertão e instalou-se no povoado de Canudos, às margens do rio Vasa-Barris, de onde jamais sairia.
c) Começou a escrever-se, aí, um dos capítulos mais amargos e sangrentos da história do país.
d) A Guerra dos Canudos, ocorrida entre 1896 e 1897, é apontada por historiadores como o grande genocídio da história do Brasil.
e) Foram necessárias quatro expedições do governo federal para acabar com o arraial – tido como foco de sediciosos monarquistas.

Capítulo 15

Sujeito

Sujeito é o termo com o qual o verbo é obrigado a concordar. Caso o sujeito se flexione, o verbo deverá acompanhá-lo em número e pessoa.

"O mar sem fim é portuguez" (*sic*) (Fernando Pessoa).

? "O mar sem fim" é sujeito, pois, se passarmos este termo para o plural, o verbo será obrigado a acompanhá-lo: "Os mares sem fim são portugueses."

15.1. Sujeito simples

Há apenas um núcleo.

Ex.: "Começou a circular o expresso 2222..." (Gilberto Gil).

? O sujeito desta oração absoluta é O EXPRESSO 2222, contudo o seu núcleo é apenas EXPRESSO.

15.2. Sujeito composto

Há mais de um núcleo.

Ex.: "João e Maria se entreolharam" (Luis Fernando Veríssimo).

? JOÃO e MARIA são os núcleos do sujeito.

15.3. Sujeito inexistente ou oração sem sujeito

Ocorre com os verbos impessoais, ou seja, verbos que não possuem pessoa (sujeito).

– Verbos que indicam fenômenos da natureza em seu sentido denotativo.

Ex.: Ventou.

Choverá bastante amanhã.

Não nevou ontem.

Obs.: Na frase "Choverá laranja na feira amanhã", o verbo CHOVER está no sentido conotativo e possui um sujeito simples (laranja), inclusive podendo se perceber que, caso LARANJA seja flexionado para o plural, o verbo o acompanhará (CHOVERAM LARANJAS).

– Verbo HAVER no sentido de EXISTIR e de TEMPO PASSADO.

Ex.: "Onde há músculos em fúria em cada galho" (Castro Alves).

Deve haver muitos carros no estacionamento.

Havia muitos problemas. Tem que haver soluções.

Ele esteve aqui há cinco dias.

Eu voltei há três anos.

? Observe que, nestas frases, o verbo é obrigado a permanecer na 3ª pessoa do singular.

– Verbo FAZER no sentido de TEMPO PASSADO.

Ex.: Faz vinte anos que a tragédia ocorreu.

Deve fazer quinze dias que João voltou de São Pedro.

? Observe que, nestas frases, o verbo é obrigado a permanecer na 3ª pessoa do singular.

– o Verbo TRATAR, quando acompanhado do pronome SE não tendo referente.

Ex.: Trata-se de uma discussão descabida.

? Repare que no exemplo não pode haver um elemento agente para o verbo TRATAR. A Esaf já utilizou este caso em prova.

– O verbo TER no sentido de EXISTIR, embora ainda seja considerado errado pela gramática – mesmo já ocorrendo tantos registros de seu uso na literatura –, já foi citado pelo NCE no concurso da Polícia Civil de 2001. É importante frisar que a banca não questionou o mérito de a frase estar certa ou errada, apenas indicou que, na frase "Nesta rua tem um bosque.", o verbo "TER" estaria sendo utilizado como impessoal. O gramático Celso Cunha o cita como linguagem coloquial.

– Verbos CHEGAR e BASTAR no sentido de PARAR.

Ex.: Chega de confusão! Basta de brigas!

15.4. Sujeito indeterminado

O sujeito existe, contudo não se torna possível identificá-lo.

– Verbos na 3ª pessoa do plural que não possuam determinante.

Ex.: "Ali pelas nove bateram na porta" (Luis Fernando Veríssimo). Roubaram meu carro.

Picharam o muro.

? Observe que alguém praticou essas ações, todavia inexiste a possibilidade de identificá-lo. Além disso, os três verbos na 3ª pessoa do plural (BATERAM, ROUBARAM e PICHARAM), não havendo qualquer elemento no contexto com quem estejam concordando, indicam que seus sujeitos são indeterminados.

Ex.: Eles aprontaram, quebraram a vidraça, roubaram meu carro, picharam o muro.

? Observe que as quatro formas verbais que aí aparecem (APRONTARAM, QUEBRARAM, ROUBARAM e PICHARAM) estão na terceira do plural, concordando com o termo ELES que aparece explícito na 1ª oração, portanto em todas as orações o sujeito é simples (eles).

Não pode haver sujeito indeterminado com outras pessoas do discurso, porque já ficaria óbvia ao menos uma das pessoas do sujeito.

Ex.: Fizemos o trabalho.

? O sujeito é simples NÓS e nunca poderia ser considerado indeterminado, pois ao menos uma pessoa fica reconhecida nesta frase (EU – inserido semanticamente no pronome NÓS).

Ex.: Fizeste todo o trabalho.

? TU é sujeito simples – identificável –, porquanto é a própria pessoa com quem se está falando.

– Verbos que não sejam transitivos diretos na 3ª pessoa do singular, ligados ao pronome SE.

Ex.: Precisa-se de muitas cervejas.

Assistiu-se a vários filmes.

? Observe que os verbos são transitivos indiretos (PRECISAR e ASSISTIR) e ficam obrigatoriamente na 3ª pessoa do singular quando relacionados com o pronome SE.

Obs.: Se o verbo for TRANSITIVO DIRETO relacionado com o pronome SE, o assunto recairá sobre VOZ PASSIVA e o sujeito será o termo paciente. Ex.: Fez-se o trabalho. Fizeram-se os trabalhos.

? Observe que o verbo FAZER é transitivo direto ligado ao pronome SE, fazendo com que o termo paciente se transforme em sujeito, portanto obrigando o próprio verbo a concordar com O TRABALHO – FEZ (SINGULAR) e OS TRABALHOS – FIZERAM (PLURAL).

– Verbos no infinitivo (3ª pessoa do singular) sem que haja a determinação explícita do sujeito.

Ex.: Convém estudar bastante. É fundamental ler jornal diariamente.

Obs.: A NGB não prevê a denominação SUJEITO OCULTO, apesar de Celso Cunha registrá-la. O NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO

indica quatro acepções para a palavra OCULTO: 1) escondido, encoberto; 2) não devassado, inexplorado, desconhecido; 3) não manifesto, recôndito, secreto; 4) misterioso, sobrenatural.

Ex.: Na frase "Compramos um carro.", não se pode dizer que o sujeito é oculto – segundo os sentidos apontados no dicionário –, pois, apesar de o sujeito não ocorrer explícito, torna-se evidente, através da desinência número-pessoal, que se trata da pessoa "nós". É cabível, por outro lado, denominar este sujeito de desinencial.

15.5. Exercícios

1. Correlacione.

(1) SUJEITO SIMPLES

(2) SUJEITO COMPOSTO

(3) SUJEITO INDETERMINADO

(4) SUJEITO INEXISTENTE

( ) Admitiu-se o erro.

( ) Chegou-se a uma triste conclusão.

( ) Faz três meses da volta de Manoel.

( ) Choveram pedras nesta briga terrível.

( ) Ventava todos os dias em Granada.

( ) Derrubaram mais um governo na América Central.

( ) Tim Maia e sua banda não compareceram a outro espetáculo.

( ) Não se pedem favores nesta firma.

( ) Não se acreditou em nenhuma de suas palavras.

( ) Não voltarão mais para o Brasil meu irmão e sua esposa.

( ) Aqui se trata de doenças incuráveis.

( ) Trata-se de uma interpretação da lei.

2. (IME) Nas seguintes orações:

"Pede-se silêncio"; "A caverna anoitecia aos poucos"; "Fazia um calor tremendo naquela tarde"; o sujeito se classifica, respectivamente, como:

a) indeterminado, inexistente, simples;

b) oculto, simples, inexistente;

c) inexistente, inexistente, inexistente;
d) oculto, inexistente, simples;
e) simples, simples, inexistente.

3. (Analista Judiciário – TRE-PE – FCC)
O termo sublinhado em Sabe-se quão barbaramente os ingleses subjugaram os hindus exerce a função de ....., a mesma função sintática que é exercida por ..... na frase Cometeram-se incontáveis violências contra os hindus.
Preenchem corretamente as lacunas do enunciado acima, respectivamente:
a) objeto direto – **os hindus**.
b) sujeito – **os hindus**
c) sujeito – **violências**
d) agente da passiva – **os hindus**
e) agente da passiva – **violências**

4. (Unificado) Entre as frases abaixo, somente uma apresenta sujeito indeterminado. Assinale-a.
a) Há a marca da vida nas pessoas.
b) Não se necessita de lavadeira.
c) Vai um sujeito pela rua.
d) Não se engomou seu paletó.
e) Pede-se um pouco de paciência.

5. (FMU)
"Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heroico brado retumbante..."
O sujeito da afirmação com que se inicia o Hino Nacional é:
a) indeterminado;
b) um povo heroico;
c) as margens plácidas do Ipiranga;
d) do Ipiranga;
e) o brado retumbante.

6. (Técnico Judiciário – TRE-PA – FGV) ***Mas, afinal, qual a razão para se aumentar de forma tão extraordinária a dotação dos partidos?***
Assinale a alternativa que desempenhe, no texto, função sintática idêntica ao do termo grifado no período acima.

a) as dívidas de campanha- Muito simples: a necessidade de eles pagarem as dívidas de campanha.
b) meros instrumentos de tomada do poder – E não ser meros instrumentos de tomada do poder.
c) um agravante – No caso dos partidos políticos brasileiros, existe um agravante.
d) aparelhos ou feudos – Enfim, as máquinas partidárias muitas vezes se tornam aparelhos ou feudos controlados por poucos e financiados por todos nós.
e) suas propostas – Ambas as propostas visam trazer partidos e candidatos para as ruas, oferecendo suas propostas e buscando recursos para a sua existência e para as campanhas eleitorais.

7. (FMU) Há crianças sem carinho / Disseram-me a verdade / Construíram-se represas. Os sujeitos das orações acima são, respectivamente:
a) inexistente, indeterminado, simples;
b) indeterminado, implícito, indeterminado;
c) simples, indeterminado, indeterminado;
d) inexistente, inexistente, simples;
e) indeterminado, simples, inexistente;

8. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – FCC) ... ***das varandas pendiam colchas, toalhas bordadas e outros adereços*****.**
O segmento grifado exerce na frase acima a função de:
a) sujeito;
b) objeto direto;
c) objeto indireto;
d) adjunto adverbial;
e) adjunto adnominal

9. (UM-SP) O sujeito é simples e determinado em:
a) Há somente um candidato ao novo cargo, doutor?
b) Vive-se bem ao ar livre.
c) Na reunião de alunos, só havia pais.
d) Que calor, filho!
e) Viam-se eleitores indecisos durante a pesquisa.

10. (UM – SP) Preencha a segunda coluna conforme o código estabelecido na primeira e assinale a alternativa correta de acordo com essa relação.

(1) sujeito determinado simples
(2) sujeito indeterminado
(3) sujeito desinencial (implícito na terminação verbal)
(4) sujeito paciente
(5) sujeito inexistente
( ) Era um mistério curioso aquela vida.
( ) No auge da rebelião, houve um tiroteio de quinze minutos entre policiais e bandidos.
( ) Quando se dispõe de força interna, vive-se melhor.
( ) Corrigiram-se os artigos após a última emenda do jornalista.
( ) Nem quererá despejá-lo imediatamente.
a) 5 – 3 – 2 – 1 – 4
b) 5 – 3 – 2 – 4 – 1
c) 1 – 5 – 2 – 4 – 3
d) 1 – 3 – 5 – 2 – 4
e) 1 – 5 – 3 – 2 – 4

11. (Proc. Geral da Justiça – RJ – NCE) "O Brasil não conseguirá resolver os problemas da miséria e da infância abandonada em 1994..."
Se transformarmos esta oração do texto numa oração de sujeito indeterminado, qual seria uma de sua possíveis formas?
a) Não conseguiremos resolver os problemas da miséria e da infância abandonada em 1994.
b) Não se conseguirá resolver os problemas da miséria e da infância abandonada em 1994.
c) Não se conseguirão resolver os problemas da miséria e da infância abandonada em 1994.
d) Os problemas da miséria e da infância abandonada não conseguirão ser resolvidos em 1994.
e) Não conseguirão resolver os problemas da miséria e da infância em 1994.

12. (An. Jud. – TRE – RJ – NCE) O segmento do texto que apresenta um sujeito posposto ao verbo é:
a) "Anestesiada e derrotada, a sociedade nem está percebendo a enorme inversão de valores em curso."
b) "Parece aceitar como normal que um grupo de criminosos estenda faixas pela cidade e nelas fale de paz."
c) "Há um coro, embora surdo, que tenta retratar criminosos como coitadinhos..."

d) “Coitadinhos e vítimas de um sistema ineficiente, aqui, são os parentes dos abatidos pela violência...”
e) “Mas não merecem um micrograma que seja de privilégios...”

13. (INPI – NCE) O segmento do texto em que o sujeito está posposto ao verbo é:
a) Isto não acontecerá de novo...
b) Segundo os relatos, o animal foi embarcado no dia 17 de outubro...
c) E mais, nele viajou por seis horas.
d) ... garante um representante da empresa.
e) Há coisas que só acontecem nos Estados Unidos.

Capítulo 16

Predicado

O predicado representa a soma de todos os elementos da oração, exceto o sujeito e o vocativo.

Ex.: Sinfronésia morreu. SINFRONÉSIA é sujeito; MORREU, predicado.

16.1. Predicado nominal

Ocorre quando o núcleo é o predicativo. Há a necessidade de um verbo de ligação relacional, ou seja, verbos que expressem apenas a relação de estado ou qualidade entre o sujeito e o elemento que o adjetiva. São verbos de ligação SER, ESTAR ou qualquer outro que contenha o mesmo valor semântico. Contudo, ainda há uma outra condição para o verbo ser de ligação: a necessidade da existência do predicativo. Aí ocorre uma outra exigência: como muito bem esclarece Celso Cunha, somente o substantivo, o adjetivo, o pronome, o numeral e a oração (como veremos em orações substantivas) podem funcionar como predicativo. Normalmente o predicativo varia em gênero e número consoante o termo que qualifica.

Ex.: Maria está cansada.

? ESTÁ é verbo de ligação, pois há um termo variável (CANSADO – CANSADA – CANSADOS – CANSADAS) qualificando o sujeito. Como há, então, o verbo de ligação, o predicado é nominal. CANSADA é o predicativo do sujeito, portanto é o núcleo do predicado nominal.

"Eu sou uma escrava" (Bernardo Guimarães).

? O verbo SER é de ligação, pois o termo UMA ESCRAVA é variável e funciona como predicativo do sujeito.

"Os meses de verão em Lisboa eram depois dolorosos" (Eça de Queirós).

? Observe que o adjetivo "dolorosos" já está flexionado no plural, concordando com o núcleo do sujeito "meses".

? "O resto está no escritório, na minha banca" (Graciliano Ramos).

ESTÁ não é verbo de ligação, uma vez que inexiste o predicativo (NO ESCRITÓRIO é adjunto adverbial de lugar, ou seja, não funciona como predicativo). "ESTÁ" é verbo intransitivo e o predicado é verbal.

Obs.: O Professor Evanildo Bechara aduz que outras classes gramaticais também poderiam funcionar como predicativo, dentre eles o advérbio, expondo os seguintes exemplos: "Os vizinhos estão bem"; "Os jovens são assim".

16.2. Predicado verbal

Ocorre quando o núcleo é um verbo que não seja de ligação, ou seja, um verbo transitivo direto, verbo transitivo indireto, verbo transitivo direto e indireto ou verbo intransitivo (verbos nocionais que expressam ação, fenômeno ou movimento).

Ex.: "Tenho cá meus motivos..." (Bernardo Guimarães).

? TENHO é verbo transitivo direto, funcionando como núcleo do predicado verbal.

16.3. Predicado verbo-nominal

Ocorre quando há dois núcleos: um verbal (que não seja verbo de ligação) e outro nominal (predicativo).

Ex.: "Uma das religiosas apanhou-o ligeira e cheia de misericórdia" (Eça de Queirós).

? APANHOU é verbo transitivo direto, formalizando o predicado verbal e LIGEIRA E CHEIA (termos variáveis que qualificam UMA DAS RELIGIOSAS), predicativos do sujeito, formalizando o predicado nominal. Temos, portanto, três núcleos, um verbal (COMPREI) e dois nominais (LIGEIRA e CHEIA); sendo assim, o predicado é verbo-nominal.

"Quaresma vinha desanimado" (Lima Barreto).

? VINHA é verbo intransitivo, já caracterizando, portanto, o núcleo do predicado verbal e DESANIMADO é predicativo do sujeito, núcleo do predicado nominal. Logo o predicado é verbo-nominal.

Obs.: O predicado verbo-nominal também pode ser caracterizado com a ocorrência do predicativo do objeto. O predicativo, no caso, em vez de qualificar o sujeito, qualifica o objeto – mais adiante veremos a diferença entre predicativo do objeto e adjunto adnominal.

Ex.: Considero este assunto interessante.

? Observe que "interessante" está qualificando o objeto direto "este assunto".

Chamei ao aluno de amigo.

? O predicativo do objeto "de amigo" que se encontra preposicionado qualifica o objeto indireto "ao aluno".

16.4. Exercícios

1. Correlacione.

(1) PREDICADO NOMINAL

(2) PREDICADO VERBAL

(3) PREDICADO VERBO-NOMINAL

( ) Ficarei aqui.

( ) Ficarei extremamente assustado.

( ) Ela anda muito perturbada ultimamente.

( ) Ela anda muito bem.
( ) Ela anda todos os dias em volta do Maracanã.
( ) Ela anda todos os dias apressada em volta do Maracanã.
( ) Ele sempre chega atrasado ao trabalho.
( ) Permaneceu calado diante do problema.
( ) Permaneceu no Rio de Janeiro por motivos particulares.
( ) Ele pedirá este favor a você extremamente envergonhado.
( ) Achamos o livro muito bom.

2. (Rural) Assinale a passagem onde se indica erroneamente a predicação do verbo em destaque.
a) "Também não cantarei o mundo futuro" (transitivo direto).
b) "Estou preso à vida" (de ligação).
c) "Vamos de mãos dadas" (transitivo indireto).
d) "Não direi os suspiros ao anoitecer" (transitivo direto).
e) "Não fugirei para as ilhas" (intransitivo).

3. (IME) Numa oração do tipo: "As meninas assistiram alegres ao espetáculo", temos:
a) predicado verbal;
b) predicado verbo-nominal;
c) predicado nominal.

4. (Unificado) Em relação à predicação verbal, marque a opção em que a classificação apresentada corresponde ao verbo do respectivo exemplo.
a) Verbo transitivo direto – "entrava a polícia".
b) Verbo transitivo direto – "Quer entregar-ma?..."
c) Verbo de ligação – "Onde está ela?"
d) Verbo intransitivo – "ia atrás, pálido, com as mãos cruzadas nas costas".
e) Verbo transitivo direto e indireto – "parava à porta da rua uma carruagem".

5. Correlacione corretamente a 1a coluna de acordo com a 2a e assinale a opção que corresponde à sequência correta.
( ) Ele anda muito bem, principalmente depois que recebeu as notícias alegres.
( ) Ele andou ontem pela cidade inteira.
( ) Ele anda extremamente desgastado porque está trabalhando demasiadamente.
( ) O prefeito andou ontem pela cidade muito preocupado com os engarrafamentos.
(1) Predicado nominal

(2) Predicado verbal
(3) Predicado verbo-nominal
a) 2 – 2 – 1 – 3
b) 1 – 2 – 1 – 3
c) 1 – 2 – 3 – 2
d) 2 – 2 – 3 – 2

6. (Cespe-UnB) "Mas hoje ele fez um negócio que me deixou 'encucado'..."
No trecho, a oração sublinhada contém um predicado:
a) Verbal com adjunto adverbial de modo;
b) Nominal com predicativo do sujeito;
c) Verbo-nominal com predicativo do objeto indireto;
d) Verbal com adjunto adnominal do objeto direto;
e) Verbo-nominal com predicativo do objeto direto.

7. (PUC) Na oração: "A inspiração é fugaz, violenta", podemos afirmar que o predicado é:
a) Verbo-nominal, porque o verbo é de ligação e vem seguido de dois predicativos.
b) Nominal, porque o verbo é de ligação.
c) Verbal, porque o verbo é de ligação e são atribuídas duas caracterizações ao sujeito.
d) Verbo-nominal, porque o verbo é de ligação e vem seguido de dois advérbios de modo.
e) Nominal, porque o verbo tem sua significação completada por dois nomes que funcionam como adjuntos adnominais.

8. (TTN) Observe as duas orações abaixo:
I – Os fiscais ficaram preocupados com o alto índice de sonegação fiscal.
II – Houve uma sensível queda na arrecadação do ICM em alguns Estados.
Quanto ao predicado, elas classificam-se, respectivamente, como:
a) nominal e verbo-nominal;
b) verbo-nominal e verbal;
c) nominal e verbal;
d) verbal e verbo-nominal;
e) verbal e nominal.

9. (Unimep-SP)
I. Pedro está adoentado.
II. Pedro está no hospital.
a) O predicado é verbal em I e II.

b) O predicado é nominal em I e II.
c) O predicado é verbo-nominal em I e II.
d) O predicado é verbal em I e nominal em II.
e) O predicado é nominal em I e verbal em II.

Capítulo 17

Predicativo

Predicativo é o vocábulo variável que possui como função qualificar um ser.

17.1. Do sujeito

Palavra variável que dá qualidade ao sujeito, estando afastado deste por verbo. Somente o substantivo, o adjetivo, o numeral, o pronome e uma oração podem funcionar como predicativo.

Ex.: Maria devia ser bonita.

? BONITA é um termo variável que dá qualidade ao sujeito MARIA, estando afastado deste termo por verbo (DEVE SER).

17.2. Do objeto

Palavra variável que dá qualidade ao OBJETO.

Ex.: "... e acabou alcunhando-me Dom Casmurro" (Machado de Assis).

? DOM CASMURRO qualifica o objeto direto ME.

Para diferençar PREDICATIVO DO OBJETO do ADJUNTO ADNOMINAL: passar para a voz passiva e observar a função sintática que passa a ter o termo que dava qualidade ao núcleo do objeto direto. Caso passe a ser predicativo do sujeito, o termo era predicativo do objeto. Caso, na transformação da ativa para a passiva, fique certificado que o termo é adjunto adnominal, é porque ele já o era na voz ativa.

Ex.: Considerei a criança bonita.

? BONITA é predicativo do objeto, pois dá qualidade ao objeto direto CRIANÇA e, ao passarmos esta frase para a voz passiva (A criança foi considerada bonita por mim.), o termo BONITA passa a ser predicativo do sujeito.

Vi uma criança bonita.

? BONITA é adjunto adnominal, pois, ao ser passada esta frase da voz ativa para a voz passiva (Uma criança bonita foi vista por mim.), BONITA continua adjunto adnominal.

– **Predicativo preposicionado do sujeito** – Ele foi apelidado de enrolado por João.

? DE ENROLADO é predicativo preposicionado do sujeito ELE.

– **Predicativo preposicionado do objeto** – Chamei Paulo de servidor público.

? DE SERVIDOR PÚBLICO é predicativo preposicionado do objeto, pois dá qualidade ao objeto direto PAULO.

17.3. Exercícios

1. Correlacione.

(1) Predicativo do sujeito

(2) Predicativo do objeto

(3) Predicativo preposicionado do sujeito
(4) Predicativo preposicionado do objeto
(5) Adjunto adnominal
( ) Li um livro bastante interessante.
( ) Achei o livro bastante interessante.
( ) Ele sempre foi muito mal-humorado.
( ) Chamei-os de diferentes.
( ) Eles eram chamados de diferentes por todos.
( ) Encontrei-os mortos.
( ) Bebi uma cerveja geladíssima.

2. (Técnico Judiciário – TRE-SP – FCC) ***Este conceito é relativo, pois em arte não há originalidade absoluta.***
... a sua contribuição maior foi a liberdade de criação e expressão.
Ambos os elementos acima grifados exercem nas respectivas frases a função de:
a) adjunto adverbial;
b) objeto direto;
c) complemento nominal;
d) predicativo;
e) objeto indireto.

3. (Auditor – Sefaz-RJ – FGV) Porém, sofrendo o Brasil os influxos de modelos legislativos estrangeiros, assim como estando as matrizes das empresas transnacionais que aqui operam sujeitas às normas de seus países de origem, não tardará para que as práticas que envolvem o criminal compliance sejam estendidas a diversos outros segmentos da economia.
A palavra sujeitas exerce, no texto, função sintática de:
a) complemento nominal;
b) objeto direto;
c) predicativo do objeto;
d) predicativo do sujeito;
e) adjunto adverbial de modo.

4. (Inspetor da Polícia Civil – RJ/FGV) "...o Estado pode considerar *desnecessária* a tradução dos documentos..." (L.37-38)
No trecho acima, o termo destacado exerce função sintática de:
a) adjunto adnominal;

b) adjunto adverbial;
c) complemento nominal;
d) predicativo do objeto;
e) predicativo do sujeito.

Capítulo 18

Objeto

O objeto é o complemento de verbo.

18.1. Direto

Complemento de verbo transitivo direto.

Ex.: "... fomos para o Hotel de Josafat firmar o nosso contrato, bebendo vasta cerveja" (Eça de Queirós).

? Observe que os termos O NOSSO CONTRATO e VASTA CERVEJA complementam, respectivamente, a ideia dos verbos FIRMAR e BEBENDO sem preposição.

18.2. Indireto

Complemento de verbo transitivo indireto.

Ex.: Assistirei a um bom filme. "De nada mais necessitava aquela gente" (Euclides da Cunha).

Os termos A UM BOM FILME e DE NADA MAIS complementam, respectivamente, a ideia das formas verbais ASSISTIREI e NECESSITAVA com as preposições A e DE.

18.3. Direto preposicionado

Complemento de verbo transitivo direto, todavia contendo, excepcionalmente, preposição. Ocorre em duas ocasiões.

a) Com valor enfático.

Ex.: "... Preciso usar da linguagem dos homens..." (Fernando Pessoa).

? O verbo USAR é transitivo direto, contudo a preposição DE é utilizada para dar ênfase à frase e poderia ser retirada (usar a linguagem).

Amo a meus familiares acima de tudo.

? O verbo AMAR é transitivo direto, entretanto está sendo usada a preposição A, dando mais estilo à frase.

b) A segunda possibilidade de seu uso é motivado pela necessidade de se reconhecerem as funções sintáticas dos termos, quando não estão na ordem natural da frase (SUJEITO-VERBO-OBJETO).

Ex.: O Flamengo vencerá o Fluminense.

? A interpretação desta frase é bastante simples e não causa problemas, pois está redigida em sua ordem natural. Logo, o sujeito é O FLAMENGO; em seguida aparece o verbo transitivo direto VENCERÁ; e, por fim, o objeto direto FLUMINENSE. FLAMENGO, por ser sujeito, pratica a ação de VENCER, e FLUMINENSE, por ser objeto direto, sofre a ação verbal de ser vencido.

No entanto, se a frase fosse "Venceu o Flamengo o Fluminense", com a ordem natural desfeita, torna-se impossível determinar o que exatamente ocorreu. Não se sabe quem é quem, ou seja, se FLAMENGO é sujeito ou objeto direto, e FLUMINENSE, também. A língua, então, para esclarecer esta dúvida, recorre ao uso da preposição para distinguir sujeito e objeto. Como o sujeito nunca poderá ser preposicionado, caberá ao objeto a companhia da preposição. "Venceu o Flamengo ao Fluminense" ou "Venceu ao Fluminense o Flamengo". Em ambas as frases, FLAMENGO é

sujeito, pois não aparece preposicionado e, por outro lado, FLUMINENSE, nas duas frases, é o objeto, mesmo com a inversão dos termos.

18.4. Pleonástico

Como o próprio nome diz, é quando o objeto aparece repetido na oração.

Ex.: Ao amigo, dar-lhe-ei a camisa.

? LHE repete o objeto indireto AO AMIGO.

O dinheiro, entrego-o amanhã ao João.

? O pronome oblíquo O repete o objeto direto O DINHEIRO.

18.5. Objeto direto interno ou cognato

Ocorre com verbos que normalmente seriam intransitivos, mas que excepcionalmente possuem complemento. Este tem o mesmo radical do verbo, daí as nomenclaturas COGNATO (mesma natureza – radical) ou INTERNO (partes internas do verbo e do complemento são idênticas).

Ex.: Sonhei sonhos terríveis.

Morreu uma morte gloriosa.

? Observe que os verbos SONHAR e MORRER, normalmente, são intransitivos; contudo nessas frases funcionam como transitivos diretos e seus complementos (SONHOS e MORTE) têm o mesmo radical dos verbos.

> "Acresce que chovia – peneirava – uma chuvinha miúda, triste e constante..." (Machado de Assis).

Obs.: Rocha Lima faz distinção entre objeto indireto e complemento relativo. Ambos seriam preposicionados, complementando a ideia de verbo. No entanto, o primeiro diria respeito à pessoa ou à coisa a que se destina a ação, regendo com as preposições A ou PARA e podendo ser substituído pelos pronomes átonos LHE ou LHES.

Já o segundo não representa a pessoa ou a coisa a quem se destina a ação ou que tira proveito da situação, e sim o ser sobre o qual recai a ação.

Ex.: Entregarei o material para os alunos.

? A expressão "para os alunos" indica a quem se destina a ação de entregar o material, portanto funcionando como objeto indireto.

Necessito de água.

? O termo "de água" representa o ser sobre o qual recai a ação verbal.

Nos concursos públicos, não é feita tal distinção, sendo os dois casos absorvidos pelo objeto indireto

18.6. Exercícios

1. Correlacione.

(1) OBJETO DIRETO
(2) OBJETO INDIRETO
(3) OBJETO DIRETO PREPOSICIONADO
(4) OBJETO DIRETO PLEONÁSTICO
(5) OBJETO INDIRETO PLEONÁSTICO
(6) OBJETO DIRETO COGNATO

( ) A meus pais, dei-lhes um belo presente.
( ) Não queríamos uma solução tão complicada.
( ) Não concordo com esta posição do Governo.
( ) Nós deveríamos viver uma vida mais livre.
( ) Nunca mais beberei desta água.
( ) Não deves admitir o erro.
( ) As manchas, devemos retirá-las por precaução.
( ) Chorei um choro compulsivo com a morte de Ayrton Senna.
( ) Interessei-me pela resposta que você me daria.
( ) Todos deveriam amar ao próximo como a si mesmo.

2. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) Os verbos que exigem o mesmo tipo de complemento estão empregados nos segmentos transcritos em:

a) *A vida é triste e complicada. // ... mergulhemos de corpo e alma no cafezinho.*
b) *... alguém dará o nosso recado sem endereço. // A vida é triste e complicada.*
c) *Tinha razão o rapaz... // Depois de esperar duas ou três horas...*
d) *Para quem espera nervosamente... // Depois de esperar duas ou três horas...*
e) *Tinha razão o rapaz... // ... mergulhemos de corpo e alma no cafezinho.*

3. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) ... *embora nem sempre esta imagem corresponda à realidade*.
O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está empregado em:
a) *... uma atmosfera* [...] *percorre o país numa ânsia sôfrega pela europeização e pela modernização.*
b) *Há, em princípio, a produção humorística...*
c) *... um humor* [...] *que vê a si próprio como civilizador e cultor de gestos nobres...*
d) *... seu efeito desconcertante foi, por isso mesmo, maior e mais profundo.*
e) *... intelectualidade brasileira, que passou pelos eventos da abolição e da República.*

4. (Técnico Judiciário – TRE-SP – FCC) ... *João Rubinato, que adotou o nome de um amigo funcionário do Correio*...
O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está empregado em:
a) *... que já acabou com a garoa...*
b) *... e produziu uma obra radicalmente brasileira...*
c) *... a que se sobrepôs à velha cidadezinha provinciana...*
d) *Adoniran Barbosa é um paulista de cerne...*
e) *... e depois fugir, com ela e conosco, para a terra da poesia...*

5. (MPU) ... *para aprovar, até o final de 2009, um texto... (2o parágrafo do Texto II)*
O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o do grifado acima está na frase:
a) *De fato, o resultado é modesto.*
b) *... como fugir aos temas...*
c) *... já respondem por 20% do total das emissões globais.*
d) *... que já estão na atmosfera...*
e) *... só prejudica formas insustentáveis de desenvolvimento.*

6. (Analista Judiciário – TRT – 1ª R- FCC) ... *em diversos pontos controversos, desempatou controvérsias*...

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está em:

a) *Os milhares de africanos que morreram por conta da viagem ou de padecimentos posteriores...*

b) *Entre 1758 e 1851, por aquelas pedras passaram pelo menos 600 mil escravos trazidos d'África.*

c) *A própria construção do cais teve o propósito de...*

d) *... mas as melhores descrições* [...] *saíram todas da pena de viajantes estrangeiros.*

e) *Os negros ficavam expostos no térreo de sobrados...*

7. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) Atentando-se para a sintaxe, é INCORRETO afirmar que, em:

a) ... *vê a si próprio como civilizador e cultor de gestos nobres, embora nem sempre esta imagem corresponda à realidade*, o elemento grifado introduz uma oração subordinada adverbial concessiva.

b) *Há, em princípio, a produção humorística*, o verbo grifado é impessoal e o sujeito da oração, inexistente.

c) ... *desilusão republicana que atinge a intelectualidade brasileira*, o segmento grifado exerce a função de objeto direto.

d) *Abre-se um espaço para a representação humorística*, o segmento grifado exerce a função de sujeito.

e) *O advento da República viria proclamar, inicialmente, uma atitude de repúdio*, o segmento grifado desempenha o papel de predicativo do sujeito.

8. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – FCC) Atentando-se para a sintaxe, é correto afirmar:

a) Em *A lei e a ordem eram a regra*, o segmento grifado é complemento verbal de eram.

b) Na frase *Na televisão, os heróis urram, gritam, destroem, torturam, tão estridentes quanto os arqui-inimigos maléficos*, o segmento grifado é complemento verbal dos verbos destroem e torturam.

c) Na frase *Éramos viciados em gibis*, estamos diante de um sujeito indeterminado.

d) Em *Gibis abasteciam de ética o vasto campo da fantasia infantil*, o segmento grifado exerce a função de objeto indireto.

e) Na frase *Eles eram o lado certo que combatia o lado errado*, o segmento grifado exerce a função de predicativo do sujeito.

Capítulo 19

Complemento Nominal e Adjunto Adnominal

19.1. Complemento nominal

Complemento nominal é o termo preposicionado que complementa a ideia de substantivo abstrato, adjetivo e advérbio.

Ex.: Não tenho interesse por bebidas alcoólicas.

POR BEBIDAS ALCOÓLICAS é complemento nominal, pois complementa a ideia do substantivo abstrato INTERESSE.

Obs.: É bom perceber que o complemento nominal se parece bastante com o objeto indireto, contudo o complemento nominal completa com preposição a ideia de UM NOME e o objeto indireto completa com preposição a ideia de um verbo.

Ex.: Sou contrário a suas opiniões.

A SUAS OPINIÕES é complemento nominal, pois completa com preposição a ideia do adjetivo CONTRÁRIO.

Agi favoravelmente a seu interesse.

A SEU INTERESSE é complemento nominal, pois completa a ideia de um advérbio (FAVORAVELMENTE).

Moro perto de você.

DE VOCÊ é complemento nominal, pois completa a ideia de um advérbio (PERTO).

19.1.1. Exercícios

1. Correlacione.

(1) Complemento nominal

(2) Objeto indireto

( ) Sinto necessidade de uma água gelada.

( ) Necessito de uma água gelada.

( ) Não confio em você.

( ) Não tenho confiança em você.

( ) Ele não se interessou pelos documentos.

( ) Ele não manifestou interesse pelos documentos.

19.2. Adjunto adnominal

Termo acessório que tem função adjetiva e está sempre ligado a um substantivo.

Funcionam como adjuntos adnominais:

– os artigos. Os homens devem estar preparados para a guerra.

– os adjetivos. Bons homens estão acompanhados de maus amigos.

– os numerais adjetivos. O primeiro quadro era desejado por três compradores.

– os pronomes adjetivos. Aqueles ladrões levaram meu relógio.

– as locuções adjetivas. A torcida do Flamengo (flamenguista) cantou músicas de provocação (provocativas).

19.3. Complemento nominal X adjunto adnominal

Tal estudo restringe-se a elementos preposicionados, portanto torna-se fundamental observar a que termo o elemento preposicionado está atrelado. Este assunto cai reiteradamente nos concursos organizados pelo NCE.

– Quando o termo preposicionado está ligado a um substantivo concreto, geralmente, é adjunto adnominal.

Ex.: "Se a modernidade alterou a face do mundo..." (Luiz Paulo da Moita Lopes).

"O que o colono do Maranhão pretendia..." (Carlos de Laet).

? Os termos sublinhados estão atrelados aos vocábulos FACE e COLONO (substantivos concretos), funcionando como adjuntos adnominais.

Obs.: Quando o elemento preposicionado está atrelado a um substantivo concreto, estabelecendo um nome oficial para o termo, é aposto.

Ex.: A Praia de Copacabana anda bastante poluída.

? O termo "de Copacabana" está atrelado à palavra "Praia", sendo oficialmente o nome da praia. Neste caso, o termo é aposto.

– Quando o termo preposicionado está ligado a um advérbio, é complemento nominal.

Ex.: "... era atirado dentro da caverna..." (Luis Fernando Veríssimo).

Agi contrariamente aos interesses dos empresários.

? Os termos sublinhados estão complementando a ideia iniciada por advérbios (DENTRO e CONTRARIAMENTE), funcionando como complemento nominal. A regência de DENTRO e CONTRARIAMENTE exige respectivamente a ocorrência das preposições DE e A.

– Quando o termo preposicionado complementa a ideia de um adjetivo, normalmente será complemento nominal.

Ex.: Ele é útil à empresa.

Somos adeptos da generosidade.

? Os adjetivos ÚTIL e ADEPTOS exigem as preposições A e DE, respectivamente, indicando que os termos a eles ligados funcionem como complementos nominais.

Obs.: Se o termo preposicionado (com preposição PARA), complementando a ideia de adjetivo ou de verbo, acrescentar ao período um

valor de fim, será classificado como adjunto adverbial de finalidade.

Ex.: "... necessária para trabalhar com aplicações..." (André Gurgel).

"O cavaleiro estava pronto para entrar na caverna..." (Luis Fernando Veríssimo)

? Nestes exemplos, a preposição PARA introduz termos complementando adjetivos (NECESSÁRIA e PRONTO), acrescentando ao período valor de finalidade. "... necessária para (a fim de / com o objetivo de) trabalhar com aplicações..."

– Quando o termo preposicionado (exceto DE) complementa substantivo abstrato é complemento nominal.

Ex.: Sentimos confiança em você.

"O direito à educação, ao trabalho, ao salário justo..." (Jaime Pinsky).

"Tenho interesse por música".

Obs.: Neste caso, o complemento nominal parece-se demasiadamente com o objeto indireto.

Ex.: Confiamos em você.

Interesso-me por música.

? Atente-se ao fator que distingue as duas funções sintáticas: O termo "em você", na primeira ocasião, conclui a ideia iniciada por "confiança" (substantivo abstrato – nome), portanto sendo complemento nominal; já na segunda ocasião, complementa "Confiamos" (verbo), classificando-se, pois, como objeto indireto.

? Quando o termo preposicionado (preposição DE) relaciona-se com um substantivo abstrato, torna-se necessário analisar se tal elemento possui valor agente ou paciente em relação ao nome. O valor "agente" ocorre ao se interpretar o elemento como o praticante da ação ou como o

possuidor da ideia constante no substantivo. Tal se concretizando, o termo preposicionado é classificado como adjunto adnominal. Contudo, se o termo preposicionado sofrer a ação exposta no substantivo, será complemento nominal.

Ex.: "As necessidades do povo não são satisfeitas pelo professor."

? Observe que, neste caso, o termo "do povo" acrescenta ao período um valor de posse (as necessidades são do povo; o povo necessita), funcionando, então, como adjunto adnominal.

"Sentimos necessidade de tempo para o exercício."

? O termo "de tempo" é paciente de "necessidade" (o tempo não necessita; alguém necessita de tempo), trabalhando como complemento nominal.

"A explicação da matéria foi interessante."

? A matéria não explicou e sim foi explicada, funcionando, assim, como complemento nominal.

"A explicação do professor foi interessante."

? O professor explicou, a explicação é do professor, logo o termo sublinhado possui nítido valor agente, sendo adjunto adnominal.

"... que têm afetado a compreensão da classe social, do gênero, da sexualidade..." (Luiz Paulo da Moita Lopes).

? Os termos sublinhados complementam o substantivo abstrato "compreensão", informando o que deveria ser compreendido (valor paciente), funcionando, por conseguinte, como complemento nominal.

"... vermos a multiplicidade da vida humana..."

? É nítido o valor agente (a multiplicidade é da vida humana, a vida humana é múltipla, a vida humana possui multiplicidade), funcionando, logo, como adjunto adnominal.

Há situações em que o termo preposicionado tanto pode ter valor agente como valor paciente, precisando, portanto, de contexto para a

definição de sua função sintática. Numa questão de vestibular da Fuvest, tal foi retratado do seguinte modo:

"A matança dos marginais escandalizou a população". Explique os dois sentidos que podem ser atribuídos à frase e uma possível mudança de função sintática decorrente desta mudança de interpretação do período".

? O candidato teria que explicar que "os marginais" tanto poderiam matar como poderiam ser mortos. Na primeira interpretação, seria adjunto adnominal; na segunda, complemento nominal.

"O julgamento do professor ocorrerá amanhã".

? Esta frase dá margem à dupla interpretação, podendo "o professor" julgar ou ser julgado, justificando-se, assim, a necessidade de contexto para dirimir a dúvida quanto à função sintática do elemento sublinhado.

O NCE da UFRJ, banca organizadora de concursos, costuma confeccionar questões referentes a este assunto. Contudo, nem sempre são utilizadas as nomenclaturas complemento nominal e adjunto adnominal. Em muitas oportunidades, é solicitado ao candidato a opção em que o termo preposicionado possui valor agente ou paciente. Sendo assim, é aconselhável ao concursando observar que o termo, tendo a função sintática de adjunto adnominal ou aposto (nomenclaturas oficiais), possuirá valor agente. Por outro lado, caso o termo preposicionado funcione como complemento nominal ou objeto indireto, possuirá valor paciente.

Ex.: "Trata-se de um fenômeno..." (M. Lúcia de Arruda & Martins Aranha).

? O termo sublinhado complementa com preposição a ideia de um verbo, compondo um objeto indireto, possuindo, portanto, valor paciente.

"Antes o lazer era privilégio dos nobres..." (M. Lúcia de Arruda & Martins Aranha).

? O termo sublinhado tem valor possessivo, constituindo um adjunto adnominal, contendo, pois, valor agente.

"A mecanização, a divisão e organização das tarefas..." (M. Lúcia de Arruda & Martins Aranha).

? Interpretando-se o período, depreende-se que "as tarefas" são mecanizadas, divididas e organizadas. Destarte, classifica-se o termo como complemento nominal, possuindo, então, valor paciente.

Outras nomenclaturas também bastante citadas pela aludida banca são preposição nocional e preposição relacional.

A preposição nocional acrescenta ao período um valor semântico, introduzindo o adjunto adnominal, o aposto (nomenclatura oficial) e o adjunto adverbial.

Ex.: "... não para de atormentá-lo com pergunta de todo jaez" (Dom Lucas Moreira Neves).

? A preposição COM introduz um adjunto adverbial de modo, sendo, portanto, nocional.

"Controlava a vida do lugar" (Luiz Fernando Veríssimo).

? O termo sublinhado indica valor de posse (o lugar tem vida), funcionando como adjunto adnominal e consequentemente a preposição é nocional.

"Morre-se mais na violência do Rio e de São Paulo" (João Ubaldo Ribeiro).

? Perceba que o termo grifado possui valor agente (posse – Rio e São Paulo possuem a violência), funcionando como adjunto adnominal. Desta forma, as ocorrências da preposição DE têm valor nocional.

"... isso foi bom para amenizar o ideologismo que nos cegava" (Arnaldo Jabor).

? Observe que o termo preposicionado acrescenta ao período valor de FINALIDADE, podendo, inclusive, substituir-se a preposição PARA por A FIM DE, COM O OBJETIVO DE, COM A FINALIDADE DE. Destarte, neste caso, a preposição é nocional.

A preposição relacional é uma exigência do termo antecedente, não acrescentando ao período qualquer valor semântico. Somente a regência nominal ou verbal pode exigir a presença de uma preposição, portanto a preposição relacional introduzirá o objeto indireto ou o complemento nominal.

Ele é essencial para o grupo.

? O termo sublinhado funciona como complemento nominal, pois a preposição PARA ocorre tão somente em função da exigência feita pelo adjetivo "essencial", classificando-se, pois, como relacional.

"Há categorias de pessoas que, lá com suas razões, têm raiva ou ressentimento da imprensa" (João Ubaldo Ribeiro).

? O termo sublinhado funciona como complemento nominal (a imprensa é paciente de ressentimento), portanto a preposição que o introduz é relacional.

"... já escrevi em defesa de policiais..." (João Ubaldo Ribeiro).

? Observe que neste período o termo sublinhado possui nítido valor paciente (os policiais não se defendem, eles são defendidos), funcionando como complemento nominal. Destarte, a preposição é relacional.

"O Senhor deu esta autoridade à Igreja..." (Dom Eugenio Sales).

? O termo sublinhado funciona como objeto indireto, pois complementa a ideia do verbo DAR. Como é uma exigência gramatical do verbo, a preposição não acrescenta ao período qualquer valor semântico, classificando-se como relacional.

19.4. Exercícios

1. Correlacione.

(1) Complemento nominal

(2) Adjunto adnominal

( ) A construção da ponte foi benéfica a todos.

( ) A construção do engenheiro foi elogiada por todos.

( ) A invenção da vacina demonstra os avanços da medicina.
( ) A invenção de Sabin resolveu o problema da poliomielite.
( ) Ninguém entendeu a resolução do problema.
( ) Ninguém entendeu a resolução do professor.

2. (NCE) Indique o item em que os dois elementos precedidos da preposição DE desempenham a mesma função sintática.
a) "... os problemas da miséria..." / "A tomada de consciência..."
b) "Assaltos e sequestros de parentes..." / "... a superexposição das mazelas brasileiras..."
c) "... deu-se conta da existência..." / "... sequência inédita de presidentes desastrados..."
d) "O escândalo do Orçamento..." / "... extirpou definitivamente o sebastianismo da vida nacional."
e) "... Brasil do Primeiro Mundo..." / "... com a transferência de tarefas e recursos..."

Leia o texto a seguir e responda às questões 3 e 4.
"Se é para o bem de todos e felicidade geral da Nação, diga ao povo que fico!" (D. Pedro I).

3. (ICMS-RJ/FGV) "No Brasil, o debate sobre ética tributária só recentemente ganhou vulto em decorrência do aumento da carga tributária, da expansão da 'indústria de liminares', do visível aperfeiçoamento da administração fiscal, da estabilidade econômica e da crescente inserção do país na economia globalizada."
No trecho grifado do excerto acima, em relação às ocorrências e complemento nominal, é correto afirmar que há:
a) Quatro casos.
b) Cinco casos.
c) Oito casos.
d) Seis casos.
e) Dois casos.

4. (AFRM – Angra dos Reis – FGV) Já há evidências de que mudanças climáticas introduziram epidemias em regiões anteriormente livres delas.
Em relação à estrutura sintática do período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. Há, em todo o período, dois casos de complemento nominal.
II. Há, em todo o período, dois casos de objeto direto.
III. Há, em todo o período, dois casos de adjunto adnominal.
Assinale:
a) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;

b) se todas as afirmativas estiverem corretas;
c) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
d) se nenhuma afirmativa estiver correta;
e) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.

5. (CM – RJ – NCE) Algumas preposições são empregadas de forma obrigatória devido à presença de termos anteriores que as exigem; o item abaixo em que a preposição destacada está nesse caso é:
a) um conjunto DE pessoas;
b) necessidade DE se ajudarem;
c) os meios DE transportes;
d) a base DE suas esperanças;
e) grande quantidade DE alimentos.

6. (Perito da Polícia Civil – RJ – FGV) Na expressão "votação *do Código Florestal*", o termo sublinhado é paciente do termo anterior, ou seja, o Código Florestal é votado. Assinale a alternativa em que o termo destacado exerce essa mesma função.
a) Exploração *de terras*.
b) Competitividade *do setor*.
c) Tamanho *de interesses divergentes*.
d) Funcionamento *da base aliada*.
e) Leque *de simpatizantes*.

7. (CBPS – NCS) O termo que funciona como complemento do termo anterior é:
a) "Soube de tudo isso..."
b) "Amanhece na ilha de Heron"
c) "Sobre a imensa faixa de areia..."
d) "... os tufos de algas..."
e) "Alguns grãos de areia..."

8. (Magistério – NCE) O item em que a preposição de (do, da, dos, das) tem valor predominantemente gramatical, e não semântico, é:
a) ... a nova geração de intelectuais...
b) ... porta-voz da frustração...
c) ... encontrar um nome de cientista...
d) ... o filho direto do protesto...
e) ... resgatar o homem de seus males...

9. (Técnico Judiciário – TRE-PA – FGV) ***Partidos são fundamentais para a consolidação da democracia e o permanente desenvolvimento da cidadania e devem existir – de verdade – em bases cotidianas*.**

Os termos sublinhados no período acima classificam-se, respectivamente, como:

a) adjunto adnominal e adjunto adnominal;

b) complemento nominal e complemento nominal;

c) adjunto adnominal e complemento nominal;

d) complemento nominal e adjunto adnominal;

e) objeto indireto e objeto indireto.

10. (Auditor – Sefaz-RJ – FGV) No Brasil, por exemplo, existem regras de *criminal compliance* previstas na Lei dos Crimes de Lavagem de Dinheiro – Lei 9.613, de 3 de março de 1998 – que sujeitam as pessoas físicas e jurídicas que tenham como atividade principal ou acessória a captação, intermediação e aplicação de recursos financeiros, compra e venda de moeda estrangeira ou ouro ou títulos ou valores mobiliários, à obrigação de comunicar aos órgãos oficiais sobre as operações tidas como "suspeitas", sob pena de serem responsabilizadas penal e administrativamente.

Assinale o termo que, no texto, desempenhe função sintática idêntica à de *à obrigação*.

a) às normas – que aqui operam sujeitas às normas de seus países de origem.

b) de ajustamentos – É certo que a mudança do enfoque sobre o tema, no âmbito das empresas – principalmente, as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos.

c) a diversas obrigações – Tem-se, *grosso modo*, por *compliance* a submissão ou a obediência a diversas obrigações impostas às empresas privadas.

d) da adoção – decorrerá também de ajustamentos de postura administrativa decorrentes da adoção de critérios.

e) dessa possibilidade – é certo que a adoção, na prática, dessa possibilidade vem se dando de forma bastante tímida.

11. (Polícia Civil – DF – NCE)

I – "agências DE TURISMO"

II – "grau crescente DE INSEGURANÇA"

III – "trabalho DE INVESTIGAÇÃO POLICIAL"

IV – "por falta DE AÇÃO INTEGRADA"

Entre os segmentos acima, em maiúsculas, aquele que apresenta função distinta da função dos demais é:

a) I;

b) II;
c) III;
d) IV;
e) nenhum deles.

12. (Analista de Informática Legislativa – Senado Federal – FGV) "Entretanto, após algumas décadas de excessivo crescimento dos gastos governamentais e da crise financeira que se abateu sobre inúmeros governos..." (L.7-9)
Assinale a alternativa que indique corretamente a quantidade de complementos nominais no trecho acima.
a) Nenhum.
b) Dois.
c) Um.
d) Três.
e) Quatro.

13. (Proc. Geral da Just. – RJ – NCE) Em que item abaixo a preposição destacada, isolada ou em combinação com artigo, tem valor puramente gramatical e não nocional, como nos demais casos?
a) "... como o ano em que o Brasil do Primeiro Mundo deu-se conta da existência..."
b) ... constituir um lembrete muito eficaz para as elites de que o Haiti é aqui".
c) "... fortaleceu a tese da necessidade de descentralização e despolitização das políticas sociais, com a transferência de tarefas e recursos aos municípios".
d) "... passou a duvidar até da existência de Deus".
e) "... os vícios do modelo centralista..."

14. (NCE-UFRJ) O caso em que o segmento precedido da preposição DE tem valor paciente e não de agente do termo anterior é:
a) ... gastar rios de dinheiro com regozijo.
b) O festival de autocongratulação consumia boa parte...
c) ... o cotidiano brasileiro está cheio de dores de problemática das agências.
d) É melhor que a imaginação das agências.
e) ... estamos no país da solucionática.

Obs.: Em virtude da complexidade deste assunto, expomos mais 12 exercícios com gabarito comentado para você poder tirar todas as dúvidas.

19.5. Exercícios com gabarito comentado acerca de complemento nominal e adjunto adnominal

1. (U-Bauru) Assinale a alternativa em que a expressão grifada tem a função de complemento nominal.

a) A curiosidade do homem incentiva-o à pesquisa.

b) A cidade de Londres merece ser conhecida por todos.

c) O respeito ao próximo é dever de todos.

d) O coitado do velho mendigava pela cidade.

e) O receio de errar dificulta o aprendizado das línguas.

Resposta: Alternativa E.

Na opção A, a curiosidade é do homem (posse – valor agente – adjunto adnominal).

Na letra B, o termo sublinhado está atrelado ao termo CIDADE que é substantivo concreto, já impossibilitando o fato de o termo ser complemento nominal. Porém é interessante observar que Londres é o nome da cidade, funcionando, portanto, como aposto.

Na opção C, TODOS possuem o dever (o dever é de todos – posse – adjunto adnominal) de respeitar o próximo.

Na opção D, o termo DO VELHO está atrelado ao substantivo concreto COITADO (adjetivo substantivado representando uma pessoa, por isso, concreto), funcionando como adjunto adnominal.

A opção E, que é a resposta, apresenta um termo que possui nítido valor paciente em relação ao termo receio, afinal ERRAR não possui receio, não receia. Se a frase fosse "O receio do professor é o adiamento das provas.", o termo DO PROFESSOR estaria ligado a RECEIO, contudo estabelecendo valor de posse, pois indicaria que o receio seria do professor, ou seja, o professor é quem receia, funcionando, assim, como adjunto adnominal.

2. (NCE-UFRJ) "O eleitor deu pouquíssima importância às eleições para governador". O termo destacado exerce a função de complemento nominal de "eleições". Que termo destacado a seguir exerce essa mesma função?

a) Votos **em branco**.

b) Manchetes **dos jornais**.

c) Institutos **de pesquisa**.

d) Interrupção **para o dever cívico**.
e) Comportamento **do grupo**.
Resposta: Alternativa D.
As opções A, B e C podem ser excluídas rapidamente, em virtude de os termos destacados estarem atrelados a substantivos concretos, sendo, então, adjuntos adnominais. Na opção E, o termo DO GRUPO possui nítido valor agente (o comportamento é do grupo, o grupo se comporta), também funcionando como adjunto adnominal. A opção D apresenta um termo que complementa a ideia de INTERRUPÇÃO de forma passiva, funcionando como complemento nominal.

3. (NCE-UFRJ) As preposições podem ser usadas com valor relacional (uma exigência gramatical) ou valor nocional (contribuição de sentido). Em que frase a seguir o uso da preposição é uma exigência do termo anterior?
a) Eleições para governador.
b) Os votos de cabrestos.
c) Caixas de fósforo.
d) Folha em branco.
e) Dia sem trabalho
Resposta: Alternativa A.
Nas opções B, C, D e E, os termos preposicionados estão atrelados a substantivos concretos, funcionando como adjunto adnominal. Sendo assim, a preposição é nocional. Já na opção A, o termo preposicionado complementa de forma passiva a ideia do substantivo abstrato "eleições", funcionando, assim, como complemento nominal. Neste caso, a preposição que introduz o complemento nominal possui valor apenas gramatical (relacional).

4. (NCE-UFRJ) Em quantas frases abaixo o termo destacado não é agente, mas paciente do termo anterior?
1) "No campo <u>da educação</u>...
2) "... como instrumento <u>de manutenção</u>..."
3) "... manutenção <u>de</u> <u>*status*</u>..."
4) "... pântano <u>de pobreza</u>..."
a) Quatro.
b) Três.
c) Duas.
d) Uma.
e) Nenhuma.
Resposta: Alternativa D.

Nos itens 1, 2 e 4, os termos sublinhados estão atrelados a substantivos concretos, funcionando como adjunto adnominal (valor agente). No item 3, o termo sublinhado está atrelado ao termo MANUTENÇÃO que é substantivo abstrato. Observe que semanticamente "O *STATUS* NÃO MANTÉM E SIM É MANTIDO", então o termo sublinhado funciona como complemento nominal (valor paciente).

5. (NCE-UFRJ) Em que item a seguir a preposição destacada, em lugar de valor nocional, tem valor puramente gramatical?

a) "... a questão das Forças Armadas de um país..."
b) "As Forças Armadas são insuficientes para combater a desordem".
c) "As tentativas de comprometê-las..."
d) "... nem mantém uma indústria de armamento..."
e) "... oferece condições de topografia e miséria..."

Resposta: Alternativa C.

As opções A e D logo são eliminadas, pois os termos preposicionados estão atrelados a substantivos concretos, funcionando como adjunto adnominal. A opção B apresenta uma oração reduzida com valor de finalidade – sendo a preposição PARA nocional – atrelada a um adjetivo (insuficientes). A opção E apresenta termos com valor de posse (adjunto adnominal – preposição nocional), afinal TOPOGRAFIA E MISÉRIA possuem suas próprias condições. Na opção C, COMPROMETER não faz TENTATIVAS, e sim alguém faz TENTATIVAS DE COMPROMETER. Portanto, COMPROMETÊ-LAS é passivo em relação à ação contida no substantivo abstrato, sendo complemento nominal, portanto a preposição é relacional.

6. (NCE-UFRJ) "A diminuição do amor à pátria, a ação do interesse particular, a imensidão dos Estados, as conquistas, os abusos do Governo fizeram..." Assinale o item em que se classificam corretamente as funções sintáticas dos termos destacados:

a) Todos os elementos são complementos nominais.
b) Todos os elementos são adjuntos adnominais.
c) Só dois elementos são adjuntos adnominais.
d) Só um elemento é complemento nominal.
e) Só um elemento é adjunto adnominal.

Resposta: Alternativa D.

O termo À PÁTRIA complementa a ideia do substantivo abstrato com valor paciente, sendo, portanto, complemento nominal. Os demais termos preposicionados possuem nítido valor agente (O INTERESSE PARTICULAR AGE, A IMENSIDÃO É DOS ESTADOS, O GOVERNO ABUSA), classificando-se, assim, como adjuntos adnominais.

7. (NCE-UFRJ) As salas de aula estão cheias de crianças e jovens... Em que item a seguir o elemento destacado desempenha a mesma função sintática do termo sublinhado na frase dada?

a) Os meios de comunicação e nas tecnologias...
b) ... mudaram a vida das pessoas nos séculos...
c) Interferindo na organização de seus afazeres diários...
d) Determinando o ritmo de trabalho...
e) ... os modernos instrumentos da comunicação...

Resposta: Alternativa C.

Na frase do enunciado, o termo sublinhado funciona como complemento nominal, dado que é preposicionado e está completando a ideia de um adjetivo. Sendo assim, o que se deseja na questão é a alternativa em que o termo sublinhado possua a função de complemento nominal. As opções A e E podem ser imediatamente descartadas, pois os substantivos MEIOS e INSTRUMENTOS são substantivos concretos, sendo os termos destacados adjuntos adnominais. Já as opções B e E também podem ser eliminadas, porquanto os termos DAS PESSOAS (a vida é das pessoas) e DE TRABALHO (o trabalho possui seu próprio ritmo) têm valor de posse, funcionando como adjunto adnominal. Por fim, na opção C, o termo AFAZERES DIÁRIOS não ORGANIZAM, e sim SÃO ORGANIZADOS, possuindo valor paciente, classificando-se como complemento nominal.

8. (UFRJ-NCE) Algumas preposições são empregadas de forma obrigatória devido à presença de termos anteriores que as exigem. O item abaixo em que a preposição destacada está nesse caso é:

a) Um conjunto DE pessoas.
b) Necessidade DE se ajudarem.
c) Os meios DE transportes.
d) A base DE suas esperanças.
e) Grande quantidade DE alimentos.

Resposta: Alternativa B.

As opções A, C e D apresentam termos que estão atrelados a substantivos concretos, funcionando, portanto, como adjunto adnominal, e a preposição, por consequência, será nocional. Na opção E, a preposição DE introduz um termo (adjunto adnominal) que tem valor de posse em relação ao termo QUANTIDADE (os alimentos possuem quantidade), classificando-se como nocional. Já na opção B, a preposição DE introduz um elemento passivo (complemento nominal) em relação ao substantivo abstrato NECESSIDADE, classificando-se como relacional.

9. (NCE-UFRJ) O termo que funciona como adjunto adnominal, entre os sublinhados abaixo, é:

a) "... trazer o cigarro para mais perto do adolescente, mas..."
b) "Penso que o cigarro é atraente para o adolescente..."
c) "... como sugerem as propagandas de cigarro..."
d) "... e abre um canal de comunicação numa linguagem comum..."
e) "... é uma fase carregada de situações estressantes."

Resposta: Alternativa D.

Na opção A, o termo sublinhado complementa a ideia do advérbio PERTO, funcionando como complemento nominal.
Nas opções B e E, os termos destacados complementam a ideia dos adjetivos ATRAENTE e CARREGADA, funcionando como complemento nominal.
Na opção C, CIGARRO não propaga e sim é propagado, tendo valor paciente, funcionando como complemento nominal.
Na opção D, o termo destacado está atrelado ao substantivo concreto CANAIS, funcionando como adjunto adnominal.

10. (NCE-UFRJ) O item em que a preposição DE (combinada ou não) é uma exigência da estruturação gramatical da frase e não da necessidade de acrescentar-se um novo dado semântico ao texto é:

a) "Corrupção é a grande questão do país".
b) "Trata-se de um mal endêmico na sociedade brasileira..."
c) "... é outra razão para a amargura de nossa gente".
d) "... pode abrir a porta desse futuro..."
e) "... se elegeram com a bandeira da luta anticorrupção".

Resposta: Alternativa B.

As opções D e E podem ser descartadas de imediato, pois as preposições introduzem termos que estão atrelados a substantivos concretos (mesmo sendo utilizados com valor conotativo, os substantivos PORTA e BANDEIRA continuam nesses contextos sendo concretos). Na opção A, a preposição DE introduz elemento com valor agente, pois é o país quem questiona. Na opção C, a preposição DE introduz termo que possui nítido valor de posse (a amargura é de nossa gente). Na opção B, a preposição DE introduz um objeto indireto, ou seja, a preposição é fruto da regência verbal, podendo ser classificada como relacional.

11. (NCE-UFRJ) O item a seguir em que o termo destacado representa um agente e não um paciente do termo anterior é:

a) Código de trânsito.

b) Educação para o trânsito.

c) Formação do magistério.

d) Treinamento de professores.

e) Atender a mais esta nova exigência.

Resposta: Alternativa A.

A opção B apresenta termo introduzido por preposição PARA que complementa substantivo abstrato, funcionando como complemento nominal, tendo, consequentemente, valor paciente.

As opções C e D apresentam termos que complementam substantivo abstrato com preposição DE. Neste caso, torna-se necessário interpretar o sentido: O MAGISTÉRIO É FORMADO, OS PROFESSORES SÃO TREINADOS. Portanto, os termos destacados possuem valor paciente, funcionando como complementos nominais.

A opção E apresenta um mero objeto indireto, portanto o termo destacado tem valor paciente.

A opção A apresenta um termo atrelado a um substantivo concreto, funcionando como adjunto adnominal, possuindo, portanto, valor agente.

12. (NCE-UFRJ) Que elemento do texto, precedido da preposição DE exerce função sintática de adjunto adnominal e não de complemento nominal?

a) "... tom da voz..."

b) "... pertinho do céu..."

c) "... percepção de uma cidade..."

d) "... cuidado de não ser reconhecido..."

e) "... distinto do que é utilizado..."

Resposta: Alternativa A.

Na opção B, o termo DO CÉU complementa a regência do advérbio PERTINHO.

Na opção C, seria necessário o contexto, para a compreensão de que A CIDADE PERCEBE ou A CIDADE É PERCEBIDA

Na opção D, a oração reduzida complementa a ideia de CUIDADO.

Na opção E, o pronome demonstrativo O combinado à preposição DE complementa a ideia do adjetivo DISTINTO.

A opção A apresenta um termo que contém valor de posse em relação ao vocábulo TOM: a voz possui tom.

Capítulo 20

Adjunto Adverbial

Adjunto adverbial é o termo que modifica a ideia de verbo, adjetivo e de outro advérbio. O trabalho aqui se baseia na semântica, pois o mais importante é a percepção da ideia que passa o adjunto adverbial.

20.1. Classificação

1) LUGAR – "Corre o rio e entra no mar" (Fernando Pessoa) "Aqui – os filhos que vos pedem pão..." (Castro Alves).
2) TEMPO – "Canto nest'hora, como o bardo antigo" (Castro Alves). Às duas horas acordarei.
3) MODO – Fez o trabalho apressadamente. Ele passa bem.
4) INTENSIDADE – "Das priscas eras, que bem longe vão" (Castro Alves). Ele estuda à beça.
5) AFIRMAÇÃO – Sim, ele virá. Com certeza ele virá.
6) NEGAÇÃO – Jamais isto será feito. "Vi que não há natureza" (Fernando Pessoa).
7) DÚVIDA – Possivelmente ele virá. "Talvez por isso entraram os objetos..." (Machado de Assis).
8) IRONIA – Certamente a noite virará dia. Dida nunca "engolirá um frango".
9) CONCESSÃO – Embora cansado, fiz todo o trabalho. "Não obstante a defesa do escudeiro, Pery conseguiu amarrá-lo..." (José de Alencar).

10) CONDIÇÃO – Sem você, não farei o trabalho. Com sorte, chegarei à solução.
11) FINALIDADE – Pedir-te-ei em casamento. Visitou o estabelecimento para fiscalização.
12) ASSUNTO – "Falai-lhe dos cabelos" (Castro Alves). "Não falo de amor quase nada..." (Raul Seixas).
13) MEIO – Vim de ônibus. Mandei notícias por um bilhete.
14) INSTRUMENTO – Ele assassinou o inimigo com uma faca. Fiz a prova à caneta.
15) CAUSA – Eu, de enternecido, esquecera a merenda (Eça de Queirós). Empobreceu com as secas.
16) DE COMPANHIA – Irei ao cinema com minha mulher. Somente saio em companhia de meus irmãos.
17) PREÇO – O passe de Robinho custa R$ 50.000.000,00.

20.2. Exercícios

1. Correlacione.

1) LUGAR
2) TEMPO
3) MODO
4) INTENSIDADE
5) AFIRMAÇÃO
6) NEGAÇÃO
7) DÚVIDA
8) IRONIA
9) CONCESSÃO
10) CONDIÇÃO
11) FINALIDADE
12) ASSUNTO
13) MEIO
14) INSTRUMENTO
15) CAUSA
16) DE COMPANHIA
17) PREÇO

I. ( )( ) Iremos à praia de ônibus.
II. ( )( )( ) Mesmo com dor de cabeça, foi ao teatro comigo.
III. ( )( )( ) Conversamos sobre o problema por telefone para resolver o problema.
IV. ( )( ) Na faculdade eu era mais feliz.
V. ( )( ) Na faculdade eu estudava bastante.
VI. ( )( ) Sem o material, não poderás acompanhar a aula.
VII. ( ) Ele empobreceu com o plano econômico.
VIII. ( )( )( ) Certamente, no próximo ano, o salário mínimo valerá mil dólares.
IX. ( )( )( ) No Nordeste, o povo ainda morre de fome.
X. ( )( ) "Apesar de você, amanhã há de ser novo dia..." (Chico Buarque)
XI. ( )( ) Fizemos a prova a lápis para não sermos eliminados do concurso.
XII. ( )( ) Agiu rapidamente para a solução do problema.
XIII.( )( )( ) De forma alguma, voltarás de São Paulo de ônibus.
XIV.( )( )( ) Embora com dificuldades, certamente o povo brasileiro lutará por uma vida melhor.
XV. ( )( ) Eles agiram violentamente por medo.

2. (UFF) A expressão destacada tem valor adverbial em:
a) "A história *do casamento* de Maria Benedita é curta".
b) "Se não fosse a epidemia *das Alagoas*, talvez não chegasse a haver esse casamento".
c) "... não contando a respeito que aquele bêbado tinha ao princípio *da propriedade*".
d) "... não é preciso estar embriagado para acender um charuto *nas misérias alheias*".
e) "Sem pedir licença à dona *das ruínas*".

3. (Unificado)
V.7 – "No povo meu poema está maduro..."
V.13 – "Ao povo seu poema aqui devolvo..."
Os termos "NO POVO" (v.7) e AO POVO (v.13) exercem, respectivamente, as funções sintáticas de:
a) objeto indireto e adjunto adverbial;
b) objeto indireto e complemento nominal;
c) complemento nominal e objeto indireto;
d) adjunto adverbial e adjunto adverbial;
a) adjunto adverbial e objeto indireto.

4. (FTM-Aracaju) Das expressões destacadas abaixo, com as ideias de tempo ou lugar, a única que tem a função sintática do adjunto adverbial é:

a) "Já ouvi os poetas de Aracaju".
b) "... atravessar os subúrbios escuros e sujos".
c) "... passar a noite de inverno debaixo da ponte".
d) "Queria agora caminhar com os ladrões pela noite".
e) "... sentindo no coração as pancadas dos pés das mulheres da noite".

5. (Agência Saúde Pública – NCE) O item em que o termo sublinhado não está devidamente classificado segundo o seu valor semântico é:
a) "... falam sobre a existência de Atlântida,..." = assunto.
b) Na época, muito estudiosos chegaram..." = tempo.
c) "Nessa ilha, segundo descrição feita ao filósofo Platão..." = conformidade.
d) "... ninguém se preocupou muito..." = intensidade.
e) "... tratou de passar a notícia adiante..." = lugar.

6. (Secretaria de Saúde do Piauí – NCE) O segmento que apresenta o correto valor do elemento sublinhado é:
a) "... carregando em seu bico..." = instrumento.
b) "... água do rio..." = tempo.
c) "... se alastrava na floresta..." = lugar.
d) "... apagar aquele incêndio com essas gotinhas d'água?" = companhia.
e) "Estou apenas fazendo a minha parte" = oposição.

Capítulo 21

Agente da Passiva, Aposto e Vocativo

21.1. Agente da Passiva

Agente da passiva é o termo que pratica a ação na VOZ PASSIVA.

O agente da passiva é introduzido pela preposição POR. Excepcionalmente a preposição DE, sendo sinônima de POR, também pode iniciar o agente da passiva.

Ex.: O trabalho foi feito por todos.

"O João da Costa, moço do comércio, estimado do patrão e dos colegas..." (Aluísio de Azevedo).

21.2. Aposto

Aposto é o termo de natureza substantiva que repete algo já designado com fins de algum tipo de esclarecimento.

Ex.: Pelé, Rei do Futebol, fez o milésimo gol num jogo contra o Vasco. REI DO FUTEBOL é aposto de Pelé.

21.2.1. Aposto denominativo

Ex.: Praia de Copacabana, Presidente Lula.

21.2.2. Aposto explicativo

Ex.: Xuxa, a rainha dos baixinhos, está extremamente famosa também na Argentina.

21.2.3. Aposto enumerativo

Ex.: Comprei frutas: laranja, maçã, pêra.

21.2.4. Aposto resumitivo

Ex.: Na festa havia Ferrari, BMW, Peugeot, enfim só carros estrangeiros.

21.2.5. Aposto distributivo

Ex.: Eles, cada um de seu jeito, resolveram os problemas. Vieram dois rapazes; este, de calças compridas e aquele, de bermudas.

21.3. Vocativo

Vocativo é o termo que indica um chamamento (pessoa com quem se fala).

Ex.: Pressentimentos de que, Isaura? (Bernardo Guimarães).

21.3.1. Exercícios

1. Correlacione.

(1) AGENTE DA PASSIVA

(2) APOSTO

(3) VOCATIVO

( ) "Jesus Cristo, Jesus Cristo, eu estou aqui" (Roberto Carlos).

( ) Jesus Cristo, o ser mais sábio de todos os tempos, deu-nos grandes ensinamentos.

( ) Eu fui ensinado pela vida.

( ) Manoel já era conhecido de todos.

( ) Tu moras na rua Barata Ribeiro?
( ) Que fazes aqui, Manoel?

21.3.2. Análise sintática do pronome oblíquo

BIZU

Substitui-se o pronome oblíquo pela palavra MENINO. A função sintática que tiver a palavra MENINO será a mesma função sintática do pronome oblíquo.

Ex.: "Nós queríamos que você nos ensinasse umas cantigas" (Lima Barreto).

? Substituindo-se NOS por AO MENINO (... ensinasse umas cantigas AO MENINO), chega-se à conclusão de que AO MENINO é objeto indireto, portanto NOS é OBJETO INDIRETO.

Ex.: "Então a Adélia, ..., puxou-me a face" (Eça de Queirós).

? Puxou a face DO MENINO – adjunto adnominal, NOS – adjunto adnominal.

Ex.: "... envolvendo-a na sua cama de prata..." (Aluísio de Azevedo).

? Envolvendo O MENINO – objeto direto, A – objeto direto.

Ex.: "... pode a sorte não te ser favorável..." (José de Alencar).

? Não ser favorável AO MENINO – complemento nominal, TE – complemento nominal.

É importante citar que, nos casos dos verbos causativos (verbos que indicam a causa da outra ação – mandar, deixar, fazer...) e sensitivos (verbos que sugerem os sentidos – ver, ouvir, observar, escutar), o pronome

oblíquo átono funcionará como sujeito do verbo seguinte no infinitivo. A situação é tão atípica, que nem o verbo será obrigado a concordar com o sujeito – o estudo da flexão do verbo seguinte receberá uma análise mais aprofundada no capítulo de concordância.

Ex.: "Marcela... mandou-o a uma loja na vizinhança, comprar o vidro" (Machado de Assis).

"A vista de uma sota faz-me às vezes estremecer o coração em emoções mais vivas..." (Bernardo Guimarães).

"É o meu maior prazer vê-lo brilhar" (Lamartine Babo).

"Deixou-se ficar espiando..." (Aluísio de Azevedo).

Obs.: Há alguns pronomes oblíquos átonos que não possuem função sintática. São aqueles que não representam um ser: o pronome apassivador, o índice de indeterminação do sujeito e a parte integrante dos verbos (nos verbos pronominais).

Ex.: Fez-se o trabalho.

– O pronome apassivador SE não representa uma pessoa, não podendo, portanto, possuir função sintática.

Ex.: Precisa-se de mais operários.

– O índice de indeterminação do sujeito SE, demarcando o sujeito (agente) indeterminado e sendo o elemento paciente "de mais operários", não representa um ser, não possuindo função sintática.

Ex.: Eu me referi a seu trabalho.

? Observe que o termo agente da ação é o pronome reto EU (mesmo que não aparecesse explícito), já o elemento paciente é "a seu trabalho". Então o pronome oblíquo ME só tem valor estrutural, não substituindo uma pessoa. Sendo assim, não possui função sintática.

21.3.2.1. Exercícios

1. Dê a função sintática dos termos sublinhados.

a) Viram-me ontem.
b) Entregaram-me os documentos.
c) Roubaram-me os documentos.
d) Roubaram-me.
e) Ele me é extremamente útil.
f) Maria sempre nos será extremamente agradável.
g) Desculpe por pisar-te o pé.
h) Dar-vos-ei todos os jornais.
i) Deixar-nos-ão ficar aqui.
j) Ele te viu estudar ontem.

21.3.3. Análise sintática do pronome relativo

BIZU

1º passo – isolar a oração em que aparece o pronome relativo.
2º passo – formar uma nova frase somente com aquela oração já isolada, substituindo o pronome relativo pelo termo antecedente.
3º passo – ao reconhecer a função sintática que terá este termo substitutivo do pronome relativo, estará também sendo reconhecida a função sintática do próprio pronome relativo.

Ex.: Roubaram as canetas que comprei ontem.

? A oração em que aparece o pronome relativo é QUE COMPREI ONTEM. Forma-se uma nova frase somente com esta oração, mas deve ser substituído o pronome relativo pelo termo antecedente (AS CANETAS).

A frase fica: COMPREI ONTEM AS CANETAS. A função sintática de AS CANETAS é objeto direto, portanto QUE também será objeto direto.

As crianças a quem entreguei as provas já estão mais aliviadas.

? Isole a oração em que aparece o pronome relativo – A QUEM ENTREGUEI AS PROVAS. Forma-se uma nova frase com esta oração,

substituindo-se o pronome relativo QUEM pelo termo antecedente AS CRIANÇAS – ENTREGUEI AS PROVAS ÀS CRIANÇAS. ÀS CRIANÇAS é objeto indireto, portanto A QUEM é objeto indireto.

Obs.: Os pronomes relativos CUJO, CUJA, CUJOS, CUJAS quase sempre funcionam como adjuntos adnominais, até porque encerram valor de posse. Muito raramente podem também funcionar como complemento nominal, desde que possuam valor paciente.

Ex.: O réu de cujo julgamento participei foi condenado a dez anos de prisão.

? Observe que o pronome relativo "cujo" refere-se ao termo o réu. Substituindo-se o termo pelo antecedente, resultaria "Participei do julgamento do réu". "O réu" não julgou e, sim, foi julgado, possuindo nítido valor paciente, funcionando, então, como complemento nominal.

21.3.3.1. Exercícios

1. Dê a função sintática do pronome relativo:

a) Falei as palavras que você queria ouvir.
b) Falei as palavras que deveriam ser faladas.
c) As cervejas de que sinto necessidade já estão geladas.
d) As cervejas de que necessito já estão geladas.
e) É linda a cidade em que moro.
f) Meu pai é a única pessoa em quem confio.
g) Meu pai é a única pessoa em quem tenho confiança.
h) As crianças que estavam desaparecidas foram encontradas.
i) As soluções que eu dei não te agradaram.
j) As soluções a que sempre fui favorável finalmente foram tomadas.
k) Futebol é o único assunto por que efetivamente me interesso.
l) Futebol é o único assunto por que efetivamente tenho interesse.
m) É muito bonito o local para onde vou.

21.3.4. Análise sintática de pronome demonstrativo e pronome relativo juntos

BIZU

1º passo – Relembrar que, quando O, A, OS, AS – combinados ou não com preposição – aparecerem antes de QUE e puderem ser substituídos por AQUILO, AQUELE(S), AQUELA(S), serão pronomes demonstrativos e QUE será relativo.
2º passo – É fundamental o candidato ficar ciente de que pronome demonstrativo e pronome relativo não podem ficar na mesma oração, até porque o antecedente do pronome relativo será o demonstrativo – e só o demonstrativo, mesmo que combinado a uma preposição –, portanto os dois pronomes representam o mesmo ser.
3º passo – Isolar a oração principal e substituir O, A, OS, AS por AQUILO, AQUELE(S), AQUELA(S) para determinar a função do demonstrativo.
4º passo – Isolar a oração subordinada e substituir o pronome relativo pelo antecedente – o pronome demonstrativo O, A, OS, AS. No fim, substitua O, A, OS, AS por AQUILO, AQUELE(S), AQUELA(S).

Ex.: "O que eu não quero perder é a sua missão nova" (Machado de Assis).

? Na frase, o pronome demonstrativo O aparece antes do relativo QUE. Pronome demonstrativo e pronome relativo não podem ficar na mesma oração, logo a primeira oração é: "O é a sua missão nova". Substituindo o pronome demonstrativo O por AQUILO teremos "Aquilo é a sua missão nova". AQUILO funciona como sujeito, função esta do

demonstrativo O. Isolando a oração subordinada "que eu não quero perder", substituir o relativo "que" pelo antecedente, o demonstrativo O. Por fim, substituir O por AQUILO, ficando a frase "eu não quero perder aquilo". AQUILO funciona como objeto direto, função esta do pronome relativo QUE.

Ex.: "Não sabeis que ele é protegido e amado pelos que pouco se importam se morremos ou vivemos" (José de Alencar).

? ... amado POR AQUELES – agente da passiva, PELOS – agente da passiva; AQUELES pouco se importam... – sujeito, QUE – sujeito.

Ex.: Não gostei do que eles disseram.

? Na frase, o pronome demonstrativo O aparece combinado com a preposição DE. Para determinar a função do demonstrativo, basta isolar a oração principal e substituir O por AQUILO, não se esquecendo de combinar com a preposição ocorrente na primeira oração: "Não gostei daquilo". DAQUILO funciona como objeto indireto, função sintática de DO. Agora vamos passar para a função do relativo: isolemos a segunda oração e substituamos o pronome relativo QUE pelo antecedente O (FUNDAMENTAL ficar atento ao fato de que o antecedente do pronome relativo é só o demonstrativo e não o demonstrativo combinado com a preposição. Sendo assim, o antecedente não é o "do" – de + o – e sim somente "o". Este caso de reconhecimento do antecedente do relativo já foi utilizado em várias oportunidades em concursos públicos). Depois troquemos O por AQUILO, ficando a frase "Eles disseram aquilo". AQUILO é objeto direto, função do relativo.

Ex.: As que estudam passam.

? Na frase, o pronome demonstrativo AS aparece antes do relativo QUE. É sempre muito importante lembrar que demonstrativo e relativo não podem ficar na mesma oração, portanto a primeira oração é "As passam". Substituamos o demonstrativo AS por AQUELAS, ficando o período "Aquelas passam". AQUELAS funciona como sujeito, função do

demonstrativo AS. Vejamos agora a função do relativo: isolemos a oração intercalada "que estudam" e substituamos o QUE pelo antecedente, o demonstrativo AS. Por fim, alteremos AS por AQUELAS, resultando: "Aquelas estudam". AQUELAS funciona como sujeito, então é a função do relativo.

21.3.4.1. Exercícios

1. Dê a função sintática tanto do pronome relativo quanto do pronome demonstrativo nas frases a seguir.

I. Tens certeza do que se disse?

II. Confiamos no que os professores ensinam.

III. Não sabemos o que ele será na empresa.

IV. Aos que sempre fazem o que querem eu dou atenção.

21.3.5. Exercícios

1. (AFTN) Leia o trecho abaixo e identifique a opção que faz correspondência incorreta entre as duas colunas: "Ainda quando a vida mais não fosse que a urna da saudade, o sacrário da memória dos bons, isso bastava para a reputarmos um benefício celeste, e cobrirmos de reconhecimento a generosidade de quem no-la doou" (Ruy Barbosa).

	Termos destacados:	Função sintática da oração:
a)	a	objeto direto
b)	um benefício celeste	predicativo do objeto direto
c)	a generosidade	objeto direto
d)	quem	objeto indireto
e)	no	objeto indireto

2. (TFC) Assinale a letra em que a função sintática indicada pelo termo do texto NÃO está correta.

Com franqueza, estava arrependido de ter vindo. Agora que ficava preso, ardia por andar lá fora, e recapitulava o campo e o morro, pensava nos outros meninos vadios, o Chico Telha, o Américo, o Carlos das Escadinhas, a fina flor do bairro e do gênero humano. Para cúmulo de desespero, vi através das vidraças da escola, no claro azul do céu, por cima do morro do Livramento, um papagaio de papel, alto e largo, preso de uma corda imensa, que bojava no ar, uma cousa soberba. E eu na escola, sentado, pernas unidas, com o livro de leitura e a gramática nos joelhos.

a)	com franqueza (l. 1)	adjunto adverbial
b)	o campo e o morro (l. 2)	objetos diretos
c)	um papagaio de papel (l. 5)	sujeito
d)	alto e largo (l. 5)	adjuntos adnominais
e)	a fina flor do bairro (l. 3)	aposto

3. (UF-MG) Em todas as alternativas, o termo destacado está corretamente classificado, exceto em:

a) Ele sabia o **que** ignorava e não se atrevia a julgar tudo. (sujeito)

b) O padeiro ofereceu-lhe alguma coisa e perguntou amavelmente o **que** havia de novo. (objeto direto)

c) Eu não sei **que** mal me faz essa mulher com seu rosto à Botticelli. (adjunto adnominal)

d) É um sentimento perfeitamente imbecil, **de que** até hoje não me pude libertar. (objeto indireto)

e) Era um galope para a riqueza, **em que** se atropelava a todos, os amigos e inimigos. (adjunto adverbial)

4. (PUC) Não revelou o que descobrira a ninguém. Assinale a alternativa em que se analisa a classe gramatical e a função sintática das palavras destacadas, respeitando a ordem em que elas ocorrem:

a) artigo, adjunto adnominal, conjunção integrante, conectivo;

b) pronome demonstrativo, sujeito, conjunção integrante, conectivo;

c) artigo, adjunto adnominal, pronome relativo, sujeito;
d) pronome demonstrativo, objeto direto, pronome relativo, objeto direto;
e) artigo, adjunto adnominal, pronome relativo, objeto direto.

5. (UF-Uberlândia) Todos os itens abaixo apresentam o pronome relativo com função de objeto direto, exceto:
a) "Aurélia não se deixava inebriar pelo culto que lhe rendiam".
b) "Está fadigada de ontem? perguntou a viúva com a expressão de afetada ternura que exigia o seu cargo".
c) "... com a riqueza que lhe deixou seu avô, sozinha no mundo, por força que havia de ser enganada".
d) "... O Lemos não estava de todo restabelecido do atordoamento que sofrera".
e) "Não o entendiam assim aquelas três criaturas, que se desviviam pelo ente querido".

6. (FEI-SP) Em: "Usando do direito <u>que</u> <u>lhe</u> confere a Constituição", as palavras grifadas exercem a função respectivamente de:
a) objeto direto e objeto direto;
b) sujeito e objeto direto;
c) objeto indireto e sujeito;
d) sujeito e sujeito;
e) objeto direto e objeto indireto.

7. (UFF) Numa das alternativas abaixo, a função sintática do pronome relativo é a mesma que seu antecedente exerce na oração principal. Assinale-a.
a) Depois disso, entrou-se na era do vale-tudo, que desembocou nos aniquilamentos de Hiroshima e Nagasaki.
b) Hiroshima desapareceu sob o clarão de uma explosão que provocou, quase instantaneamente, a morte de cem mil pessoas.
c) Como não houve qualquer ataque, muitos japoneses que estavam em terra imaginaram tratar-se de uma provocação.
d) As bombas que os EUA jogaram sobre o Japão tinham como alvo a URSS.
e) A bordo do navio Augusta, que retornava para os EUA, Truman autorizou o bombardeio.

8. (UFF) Assinale a opção em que um <u>pronome relativo</u> apresenta <u>a mesma função sintática</u> do *<u>que</u>* no fragmento "e em vez de nos guardarem as fazendas, são os que maior estrago nos fazem nelas".
a) "O primeiro réu que condenei era um moço limpo".

b) "Contestou que lhe coubesse a iniciativa ou inspiração do crime".
c) "Alguém foi que lembrou esse modo de sacudir".
d) "Mas Deus, que via os corações, diria ao criminoso verdadeiro o merecido castigo".
e) "Ao contrário, o defensor mostrou que o abatimento e a palidez significavam a lástima da inocência caluniada.

9. (Rural) Em "Descobririas o menino que sustenta esse homem", a análise correta é:
a) TU – sujeito de "descobririas"; O MENINO – sujeito de "sustenta".
b) O MENINO – objeto direto; ESSE HOMEM – sujeito.
c) QUE – sujeito; ESSE HOMEM – objeto direto.
d) O MENINO – sujeito; ESSE HOMEM – objeto direto.
e) QUE – objeto direto; O MENINO – sujeito.

10. (Mack) Nas frases abaixo, o pronome oblíquo está corretamente classificado, exceto em:
a) "Fugia-lhe é certo, metia o papel no bolso ..." (objeto indireto).
b) "... ou pedir-me à noite a bênção do costume" (objeto indireto).
c) "Todas essas ações eram repulsivas: eu tolerava-as ..." (objeto direto).
d) "... que vivia mais perto de mim que ninguém" (objeto indireto).
e) "... eu jurava matá-los a ambos ..." (objeto direto).

11. (NCE) "... pois ninguém se interessa pelo que nelas acontece..." Assinale o comentário incorreto sobre os elementos participantes desse trecho:
a) a segunda oração depende semanticamente da primeira;
b) o antecedente do relativo QUE é o pronome demonstrativo O;
c) o uso da preposição EM (nelas) indica semanticamente lugar;
d) o pronome indefinido NINGUÉM indetermina o sujeito da oração;
e) o uso do pronome pessoal ELAS evita a repetição de termos idênticos.

12. (NCE) "O exemplo de Los Angeles, onde grupos sociais se organizaram para buscar soluções para seus problemas..." Assinale o comentário incorreto sobre o segmento destacado:
a) ONDE é um advérbio de lugar.
b) ONDE se refere a Los Angeles.
c) GRUPOS SOCIAIS exerce a função de sujeito.
d) O pronome SE se refere a "GRUPOS SOCIAIS".
e) O pronome SE exerce a função de objeto direto.

13. Nas frases "Não tememos o que o deputado vai dizer na CPI" e "Gostamos do que se disse na CPI", o termo QUE exerce, respectivamente, a função de:
a) objeto direto – sujeito;
b) objeto direto – objeto direto;
c) sujeito – sujeito;
d) sujeito – objeto direto;
e) complemento nominal – complemento nominal.

14. (NCE) Assinale o comentário inadequado sobre a oração daquele lugar onde se matam pobres de fome e crianças à bala.
a) A frase se encontra na voz passiva sintética ou pronominal.
b) O uso do demonstrativo AQUELE tem valor pejorativo.
c) A conjunção coordenada une de fome e à bala.
d) ONDE tem sentido dêitico.
e) De fome e à bala têm função de adjuntos adverbiais.

15. (Farias Brito) "Um prólogo a um livro de versos é cousa que se não lê, e quase sempre com razão" (Silvio Romero). O verbo "lê":
a) está na voz passiva e seu sujeito é "que";
b) está na voz ativa, seu sujeito é "cousa" e seu objeto direto é "versos";
c) está na voz reflexiva, e o sujeito "versos" pratica e recebe a ação, ao mesmo tempo;
d) sugere reciprocidade de ação, pois há troca de ações entre os "versos" e quem os lê;
e) funciona acidentalmente como verbo de ligação, com predicativo oculto.

16. "Não tenho confiança no que você diz". Em relação a este período só não podemos afirmar:
a) a segunda oração é subordinada adjetiva restritiva;
b) a função sintática de "no" é complemento nominal;
c) "que" funciona como objeto direto;
d) "no" é a contração da preposição EM com o artigo o;
e) "confiança" é objeto direto da primeira oração.

17. (NCE) A única alternativa em que a palavra SE exerce função sintática é:
a) "Ao se debruçar sobre ela..."
b) "... experimenta-se o sabor do infinito..."
c) "... destrancam-se as portas..."

d) "... a pessoa se inscreve no enredo do mundo".
e) "Num momento em que se percebe que a passagem pela escola..."

18. (Cespe – UnB)
Ninguém fica indiferente à publicidade televisiva.
Não deixe seus pulmões correrem o risco de uma golfada de livre.
A publicidade é usada com a finalidade de iludir as pessoas.
Considerando os trechos acima, assinale o item que contém, respectivamente, a função sintática dos termos sublinhados:
a) complemento nominal / objeto direto / predicativo do sujeito
b) complemento nominal / sujeito / objeto direto
c) objeto indireto / objeto direto / adjunto adverbial
d) complemento nominal / objeto direto / adjunto adnominal
e) adjunto adnominal / sujeito / complemento nominal

19. (Bacen – Esaf) Assinale a opção incorreta a respeito das estruturas linguísticas do texto abaixo.
Temos uma legislação processual com dispositivos que permitem ao devedor, a pretexto de questionar uma cláusula contratual ou uma garantia dada em uma operação, deixar de pagar o principal. O que isso traz de consequência? Traz um aumento muito grande de inadimplência, que se traduz em um aumento de custo para o tomador. O prejuízo operacional sofrido pela instituição financeira, em decorrência dessa inadimplência, faz com que os bons pagadores acabem arcando com parte dessa conta, suportando uma taxa de juro maior e até desestimulando outros tomadores, que gostariam de expandir ou crescer seus empreendimentos com apoio no crédito.
(Gabriel Jorge Ferreira, em entrevista à *Resenha BM&F*, com adaptações.)
a) A forma verbal "Temos", ao iniciar o texto, indica que autor e leitores partilham a situação que vem descrita a seguir.
b) A oração "deixar de pagar o principal" (l. 2 e 3), apesar de não ter sujeito gramatical, refere-se semanticamente a "devedor"(l. 1).
c) O pronome "que" (l. 4) refere-se a "inadimplência" (l. 3) e constitui o sujeito da oração em que ocorre.
d) A oração reduzida "sofrido pela instituição financeira" (l. 4 e 5) corresponde à ideia que também pode ser expressa pela oração que a instituição financeira sofreu.
e) "Dessa inadimplência" (l. 5) constitui o sujeito da oração que tem como predicado "faz" (l. 5).

20. (Cespe-UnB) Considerando-se o trecho "Havia os que tinham medo, havia os que falavam de castigo", marque o item em que a afirmação está correta.

a) Ambas as palavras sublinhadas são pronomes pessoais retos e funcionam como sujeito do verbo "haver".

b) Ambas as palavras sublinhadas são pronomes pessoais oblíquos e funcionam como sujeito do verbo "haver".

c) Apenas a primeira palavra sublinhada é pronome demonstrativo e funciona como sujeito do verbo "haver".

d) Ambas as palavras sublinhadas são pronomes demonstrativos e funcionam como objeto direto.

e) Apenas a segunda palavra sublinhada é pronome demonstrativo e funciona como sujeito da oração seguinte.

21. Assinale a opção em que o pronome oblíquo possui função sintática.

a) Eu já me esqueci de tudo.

b) Eles se recordaram do passado.

c) Tu te lembras do ocorrido?

d) Lembraram-me que haverá expediente.

e) Vive-se bem no Rio de Janeiro.

22. Assinale a opção em que o pronome oblíquo possui função sintática.

a) Ele se referia simplesmente ao ócio.

b) Ajoelhamo-nos e rezamos por nossos pecados.

c) Entendeu-se finalmente que aquela seria a melhor opção.

d) Já não se assiste a filmes tão bons como antigamente.

e) Eles se amaram como dois animais (Alceu Valença).

23. (NCE – TRT) No segmento "... surgiram as condições sociais que tornaram possível o aparecimento do Direito do Trabalho...", o pronome relativo "que" retoma um termo anterior que passa a ser sujeito da oração seguinte. Em quantos segmentos a seguir essa mesma estrutura se repete?

1º – "... representam a base que possibilitou o desenvolvimento da nova economia".

2º – "... igual ao patrão que o contratava".

3º – "... era muito inferior ao que se exigia do artesão qualificado na época precedente".

4º – "... para efetuar as simples tarefas que as máquinas ainda eram incapazes de fazer".

a) 1

b) 2

c) 3
d) 4
e) nenhum

24. (TJ – NCE) "... com hábitos que tornam necessários muitos bens produzidos pela indústria,..." O comentário adequado à estrutura desse segmento do texto é:
a) A forma "necessários" poderia ser substituída, de modo correto, por "necessário".
b) O pronome "que" refere-se a "hábitos" e é sujeito do verbo seguinte.
c) "Pela indústria" representa o paciente da ação verbal.
d) O pronome indefinido "muitos" concorda com "produzidos".
e) O verbo "tornar" está no plural porque concorda com o sujeito "bens".

Capítulo 22

Classificação de Orações

Amigo leitor, as orações coordenadas e as subordinadas adverbiais já foram analisadas no estudo de conjunções. Faremos aqui uma revisão. É bom lembrar que as conjunções são o principal elemento de coesão textual – daí inclusive se justificam as nomenclaturas "coordenativa" ou "subordinativa". O sufixo "ativo" possui valor agente, indicando que a conjunção coordena ou subordina; por consequência, a oração ficará coordenada ou subordinada. Cabe, neste momento, a análise também de orações sem conjunções, sobretudo as reduzidas.

22.1. Orações coordenadas

Principal característica: são independentes.

22.1.1. Assindéticas

Sem uso de conectivos.

Ex.: Maria lava, passa, prepara a comida...

A frase é composta por três orações e não há conectivo ligando-as, portanto as três orações são coordenadas assindéticas.

22.1.2. Sindéticas

Com uso de conectivos. A seguir, veremos uma relação de orações coordenadas sindéticas.

22.1.2.1. Aditivas

Dão ideia de adição, soma, acréscimo. As conjunções e locuções conjuntivas mais comuns são: E, NEM, MAS TAMBÉM, COMO TAMBÉM, OUTROSSIM, TAMPOUCO.

Ex.: "... ainda há tempo de salvar o Brasil e já conseguiu a adesão de todos os Homens..." (Luis Fernando Verissimo).

"O outro homem não o saudamos, nem ele nos viu" (Eça de Queirós).

22.1.2.2. Adversativas

Expõem ideia de contrariedade, adversidade, oposição à expectativa criada na outra oração. As conjunções mais comuns são:

MAS, PORÉM, CONTUDO, TODAVIA, ENTRETANTO, NO ENTANTO e NÃO OBSTANTE.

Ex.: Maria não estava triste, contudo chorou copiosamente.

"Não me queixo, mas sofro" (José de Alencar).

Obs.: É mais importante o candidato preocupar-se com a ideia que passa a oração do que decorar conjunções. Observe os exemplos seguintes:

Foi à praia e não tomou banho de mar.

Não só foi à praia mas também tomou banho de mar.

? Na primeira frase, apesar de aparecer a conjunção E, a ideia que ocorre é de adversidade, pois é criada uma expectativa na primeira oração, contudo a segunda não concretiza a expectativa criada. Quando se fala FOI

À PRAIA, espera-se que a pessoa TOME BANHO DE MAR, no entanto tal não ocorre.

Já na segunda frase, apesar de aparecer a palavra MAS, a ideia é de soma, pois o indivíduo foi à praia e tomou banho de mar, ou seja, praticou as duas ações. É sempre interessante não esquecer que estruturas iniciadas por "não apenas", "não só" ou "não somente", inevitavelmente, vão desembocar em orações aditivas. Isso acontece, pois, como o termo "não" tem a função de negar os elementos restritivos "somente", "só" e "apenas", além de a ação exposta naquela oração se efetivar, também a ação exposta na oração seguinte se realizará. Voltando ao exemplo "Ele não só foi à praia", se não houvesse o "não", ele somente teria ido à praia e não haveria feito mais nada. Mas como o "não" negou o "só", "Ele não só foi à praia", como também realizou outra ação.

22.1.2.3. Alternativas

Relatam ideia de opção, escolha, alternância. As conjunções mais comuns são: OU...OU, ORA...ORA, QUER...QUER.

Ex.: "Ser ou não ser..." (W. Shakespeare).

"Ou porque o amor antigo o obrigava,
ou porque a gente forte o merecia" (Camões).

Ora eu vejo um bom filme ora eu ouço música.

"É o meu maior prazer vê-lo brilhar seja na terra seja no mar" (Lamartine Babo).

? Nas duas primeiras frases, a conjunção OU introduz uma ideia de opção, escolha que se contrapõe à oração anterior.

Na duas últimas frases, as conjunções ORA e SEJA introduzem nas orações a ideia de fatos que se alternam.

Obs.: Às vezes, a conjunção "ou" pode possuir valor aditivo, como na frase:

"Estamos preparados para dormir ou para ficar acordados."

? Observe que, na realidade, nós estamos preparados para as duas ações: dormir e ficar acordados.

22.1.2.4. Conclusivas

Expressam ideia de CONCLUSÃO, DEDUÇÃO, SUPOSIÇÃO. As conjunções mais comuns são: ENTÃO, LOGO, PORTANTO.

"Penso, logo existo" (R. Descartes).

Minha mulher preparou o almoço, logo a comida está insuportável.

? Nas duas frases, observe que a ideia que fica mais clara é a de dedução; no primeiro caso, uma dedução filosófica e, no segundo caso, uma dedução baseada provavelmente em experiências anteriores que levam o sujeito (EU – IMPLÍCITO) a chegar a esta conclusão.

22.1.2.5. Explicativas

Designam valor de EXPLICAÇÃO. As conjunções mais comuns são QUE, PORQUE, JÁ QUE, VISTO QUE, PORQUANTO...

Obs.: Normalmente o verbo da outra oração se encontra no **IMPERATIVO.**

Ex.: Vem logo, que já está tarde.

Não fales mais nada, porque tuas palavras podem ser prejudiciais a ti.

? Nas duas frases, QUE e PORQUE introduzem uma explicação para a ordem (daí o uso do IMPERATIVO) que ocorre na oração anterior.

Obs.: Ocorre mais raramente o fato de uma oração coordenada explicativa aparecer numa situação em que o verbo da outra oração não esteja no imperativo. Tal acontece quando não houver uma relação causa-efeito.

Manoel esteve aqui, uma vez que eu vi a chave dele.

? Não se pode dizer que “eu ver a chave dele” é a causa de “Manoel ter estado aqui”. Então o fato de a chave de Manoel estar ali, no máximo, esclarece ou explica que ele esteve ali.

João bebeu cerveja, visto que deixou o copo sujo na pia.

? É inviável compreender que “João ter deixado o copo sujo na pia” seja a causa de “ele ter bebido cerveja”. No entanto, o fato de haver o copo sujo na pia esclarece ou explica que João bebeu cerveja.

22.2. Exercícios

1. Correlacione:

(1) O. C. S. ADITIVA

(2) O. C. S. ADVERSATIVA

(3) O. C. S. ALTERNATIVA

(4) O. C. S. CONCLUSIVA

(5) O. C. S. EXPLICATIVA

( ) Não falem muito, porque já estão atrapalhando a concentração do professor.

( ) Não veio à escola, portanto deve estar muito doente.

( ) Ou ele estuda ou sai do colégio.

( ) O professor não só come muito, mas também bebe demasiadamente.

( ) Sinfrô colocou o seu melhor vestido e não foi à festa.

( ) Não sei nem quero saber dos seus problemas.

( ) Falei a verdade, entretanto ninguém acredita em mim.

( ) Ora ele diz uma coisa ora ele diz outra.

( ) Ele não assistiu às aulas, portanto não tem condições de fazer a prova.

( ) Fale a verdade, que não será castigado.

2. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a conjunção E está empregada com valor adversativo:

a) “Deixou viúva e órfãos miúdos”.

b) “Para diminuir a mortalidade e aumentar a produção, proibi a aguardente”.

c) “Tenho visto criaturas que trabalham demais e não progridem”.

d) “Iniciei a pomicultura e a avicultura”.

e) “Perdi dois caboclos e levei um tiro de emboscada”.

3. (NCE) "Na verdade, a palavra escrita não apenas permanece..." O segmento sublinhado indica que, na progressão do texto, vai aparecer um segmento com valor de:
a) comparação;
b) retificação;
c) condição;
d) adição;
e) alternância.

22.3. Orações subordinadas

A oração subordinada é apenas uma função sintática da oração principal.

22.3.1. Substantivas

Podem ser substituídas pela palavra "ISSO". Funcionam como substantivos. O termo que normalmente introduz as orações subordinadas substantivas é a conjunção integrante.

22.3.1.1. Subjetivas

Funcionam como sujeito da oração principal.

Ex.: Convém que você volte logo (isso).

? Isso convém.

ISSO é sujeito, portanto a oração QUE VOCÊ VOLTE LOGO é sujeito da oração principal. A oração é subordinada substantiva subjetiva.

Obs.: A única diferença entre a oração subordinada substantiva subjetiva e um sujeito não oracional é que o primeiro contém verbo, por isso forma uma oração. Cada oração possui seu sujeito, seu predicado... Então, se uma oração for subjetiva, inevitavelmente (mesmo ela tendo o seu próprio sujeito) funcionará como sujeito da outra. Sendo assim, caso seja determinado identificar o sujeito das duas orações na frase dada como exemplo, a resposta seria:

QUE VOCÊ VOLTE LOGO – sujeito da oração principal e VOCÊ, sujeito da oração subordinada.

Outros exemplos: É importante que tudo se resolva.

Dir-se-ia que estava debaixo do império de algum terrível pressentimento (Bernardo Guimarães).

Será fundamental resolver o trabalho.

BIZU

Não é coincidência o fato de, em todos os exemplos, o verbo da oração principal estar sempre na terceira pessoa do singular. Tal se justifica em virtude de o verbo ser obrigado a concordar com o sujeito – que no caso é oracional (a pessoa da oração é a terceira pessoa do singular, ainda que todos os vocábulos nela presentes estejam no plural).

22.3.1.2. Objetivas diretas

Funcionam como objeto direto da oração principal.

Ex.: "Eu disse que havia muitos herdeiros à coroa de Portugal" (Carlos Olavo).

? A oração sublinhada pode ser substituída pela palavra ISSO ("Eu disse isso"). ISSO é objeto direto, portanto a oração é subordinada substantiva objetiva direta.

Obs.: Se a banca pedir, na frase utilizada como exemplo, todos os complementos verbais, o candidato deve lembrar-se de que complemento de verbo é objeto e, se a oração subordinada substantiva é objetiva direta, é porque ela funciona como objeto direto da oração principal. Portanto, a resposta completa seria: "que havia

muitos herdeiros à coroa de Portugal" – objeto direto da oração principal; MUITOS HERDEIROS – objeto direto da oração subordinada.

Outros exemplos: Garanto que tudo será resolvido.
Peço que tenham calma.
Permiti que todos saíssem.
Ele perguntou se estava tudo bem.

22.3.1.3. Objetivas indiretas

Funcionam como objeto indireto da oração principal.

Ex.: Necessito de que tenham calma (disso).

? DISSO é objeto indireto, pois está completando a ideia do verbo NECESSITO com a preposição DE, portanto a oração é subordinada substantiva objetiva indireta.

Outros exemplos: Não devo concordar com que faças isso.
Pedi um favor a quem estava presente.
Lembrei-me de que ainda não descansei.
Interessei-me por que viesses logo.

22.3.1.4. Completivas nominais

Funcionam como complemento nominal da oração principal.

Ex.: Tenho certeza de que tudo se resolverá (disso).

? DISSO é complemento nominal, pois completa a ideia do nome CERTEZA com a preposição DE, portanto a oração é subordinada substantiva completiva nominal.

Outros exemplos: Manifestei interesse por que viesses logo.
Sinto necessidade de que me deem uma cerveja.
ou contrário a que tomes uma posição intransigente.

22.3.1.5. Predicativas

Funcionam como predicativo do sujeito da oração principal.

Ex.: "O certo é que ele ... esbarrou com um velho amigo" (Fernando Sabino).

? A oração QUE ELE ... ESBARROU COM UM VELHO AMIGO pode ser substituída pela palavra ISSO e funciona como predicativo do sujeito da oração principal, portanto a oração é subordinada substantiva predicativa.

Outros exemplos: Meus votos são que você se restabeleça logo.
O meu pedido é que não perturbem.
O provável é que tudo acabe bem.

22.3.1.6. Apositivas

Funcionam como aposto da oração principal. Neste caso, a substituição da oração pela palavra ISSO torna-se inviável, contudo a percepção de que a oração é apositiva não é das mais difíceis, até porque normalmente esta oração aparecerá depois de dois-pontos. É também importante lembrar que a oração apositiva é apenas um aposto que possui um verbo, formando uma oração.

Ex.: Só digo cinco palavras: que o Flamengo será campeão.

QUE O FLA SERÁ CAMPEÃO é um aposto que forma uma oração, pois possui verbo. Logo, a oração é subordinada substantiva apositiva.

Obs.: Os DOIS-PONTOS serão substituídos por uma vírgula quando a oração apositiva estiver anteposta à oração principal.

Ex.: Que tragam cerveja, só peço esse favor.

? Observe que, se invertermos o posicionamento das duas orações, os DOIS-PONTOS aparecem na frase – Só peço este favor: QUE TRAGAM CERVEJA.

Outros exemplos: Só tenho certeza de um fato: que todos nós, um dia, morreremos.

Que a Princesa morreu, foi essa a única notícia de que tivemos conhecimento.

Só entendi uma coisa: que ele não virá.

22.3.1.7. Agentes da passiva

Funcionam como agente da passiva da oração principal. Aqui também se torna inviável a substituição da oração pela palavra ISSO. É bastante fácil identificar esta oração, pois apresentará sempre a mesma estrutura. Para que haja um agente da passiva oracional, é necessário haver uma voz passiva analítica (verbo SER + VTD no particípio) e depois POR QUEM.

Ex.: O exercício foi resolvido por quem estudou.

? POR QUEM ESTUDOU funciona como agente da passiva, da mesma forma que PELO ALUNO. Distinguem-se os dois pelo fato de o primeiro possuir um verbo, formando, assim, uma oração, que terá a função de agente da passiva.

Outros exemplos: O campeonato será vencido por quem acumular mais pontos.

A resposta é dada por quem pesquisa.

O pedido foi feito por quem tinha interesse.

Obs.: A Nomenclatura Gramatical Brasileira não prevê esta oração. Contudo, vários gramáticos – dentre eles, Celso Cunha – reconhecem a sua existência.

BIZU

É fundamental explicar que as bancas não têm solicitado ao candidato a classificação das orações como se fazia tradicionalmente.

Isso não quer dizer que o assunto não caia em prova. Neste momento, aqui será esclarecido como o assunto se faz presente nos concursos. Como já fora informado, a oração subordinada é apenas uma função sintática da oração principal. Logo se uma oração é subjetiva, funciona como sujeito... então a oração subordinada é sujeito da oração principal, exigindo, inclusive, que o verbo da oração principal esteja na terceira pessoa do singular, para que se faça a perfeita concordância (é bom realçar o fato de que a pessoa de qualquer oração é a terceira do singular – corresponde a um fato –, mesmo que todos os termos nela presentes estejam no plural. Então, sendo a oração subjetiva, o verbo da oração principal estará sempre na terceira pessoa do singular). Na frase "Convém que vocês estudem bastante", a forma verbal "Convém" encontra-se na terceira pessoa do singular para concordar com o seu sujeito – a oração subordinada – "que vocês estudem".

Às vezes, é solicitado ao candidato o reconhecimento de termos que contenham a mesma função sintática. Na frase "Garanto que eles farão o trabalho", os termos "que eles farão o trabalho" e "o trabalho" possuem a mesma função. Explica-se: a oração "que eles farão o trabalho" é objetiva direta, logo funciona como objeto direto da oração principal e o termo "o trabalho" também é objeto direto, só que da oração subordinada.

É também um caso ocorrente em concursos o pedido de substituição de uma oração por uma forma nominal correspondente. Se a oração for substantiva, torna-se necessário transformar o verbo – a fim de excluir a oração – em substantivo.

Ex.: É certo que ele vem.

? Para que se proceda à substituição da oração subordinada por uma forma nominal correspondente, é necessário que se transforme o verbo VIR em substantivo, resultando "vinda". Portanto, o resultado é: "É certa a vinda dele".

Obs.: Os autores Rocha Lima e Evanildo Bechara registram ainda a denominação oração subordinada substantiva completiva relativa – funcionaria como a objetiva indireta, contudo o complemento não seria a pessoa ou a coisa a que se destina a ação, mas a coisa sobre a qual recai a ação. Nas provas, esta classificação é absorvida pela oração subordinada substantiva objetiva indireta.

Convém informar que, o complemento sendo oracional, é comum a preposição ser suprimida.

Ex.: Acredito (em) que haverá aula.

Gostariamos (de) que ele viesse.

Importantíssimo é o leitor, desde já, possuir o conceito de oração reduzida. Trata-se de oração sem conjunção ou pronome relativo – a preposição é mantida quando houver –, e o verbo estará numa das formas nominais: infinitivo, gerúndio ou particípio. No caso das orações subordinadas substantivas, só há a redução com verbos no infinitivo.

Ex.:

ORAÇÃO DESENVOLVIDA	ORAÇÃO REDUZIDA
Convém que estudemos bastante.	Convém estudarmos bastante.
Não há necessidade de que ele venha.	Não há necessidade de ele vir.
Garanto que João fará o trabalho.	Garanto João fazer o trabalho.
O certo é que vocês não parem.	O certo é vocês não pararem.

? No primeiro par, as orações subordinadas substantivas são subjetivas. No segundo, as orações são completivas nominais, no terceiro, são objetivas diretas. No quarto, são predicativas.

Obs.: É possível em alguns casos a omissão da conjunção integrante. Normalmente, tal ocorre quando o verbo exprimir uma solicitação ou ordem.

Ex.: Solicito a V. Sª. (que) indique o endereço.

Determinamos (que) seja convocada a testemunha.

Pode-se, nestes períodos, extrair a conjunção integrante sem prejuízo semântico ou sintático.

Obs.: As orações interrogativas indiretas se unem às principais através de pronomes ou advérbios interrogativos, sem a presença da conjunção integrante. Tal ocorre quase sempre com orações subordinadas substantivas objetivas diretas.

Ex.: Perguntei para onde eles iriam.

? Substituindo a segunda oração "para onde eles iriam" pela palavra "isso", percebe-se que a oração funciona como objeto direto, mesmo havendo a preposição PARA. Esta preposição é decorrente da interrogação (Para onde eles vão?) e não da regência do verbo "perguntar".

Ex.: "Às vezes você me pergunta por que eu sou tão calado..." (Raul Seixas).

A oração "por que eu sou tão calado" funciona como objeto direto do verbo "pergunta". A preposição POR não é decorrente da regência do verbo "perguntar" e sim do questionamento (Por que eu sou tão calado?).

Ex.: "Agora eu lhes mostro com quantos paus se faz uma canoa" (Graciliano Ramos).

? A preposição COM não é decorrente da regência do verbo da oração anterior e sim do questionamento (Com quantos paus se faz uma

canoa?). A oração "com quantos paus se faz uma canoa funciona como objeto direto da forma verbal "mostra".

Obs.: Há também a ocorrência de orações justapostas, sem a presença da conjunção integrante. Basta, no caso, apenas a sua natural sequência. Normalmente, essas situações acontecem em orações objetivas diretas ou apositivas e funcionam de forma quase independente.

Ex.: Fiz apenas este pedido: tragam o material.

? Observe que as duas orações são praticamente independentes, não havendo necessidade da conjunção integrante. A segunda oração é subordinada substantiva apositiva.

Ele disse aos parentes: não demorem muito!

? As duas orações são praticamente independentes, sendo que a segunda funciona como objeto direto da primeira.

22.4. Exercícios

1. Correlacione.

(1) ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA SUBJETIVA
(2) ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA OBJETIVA DIRETA
(3) ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA OBJETIVA INDIRETA
(4) ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA COMPLETIVA NOMINAL
(5) ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA PREDICATIVA
(6) ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA APOSITIVA
(7) ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA AGENTE DA PASSIVA

( ) Não concordo com que falem palavrões aqui.
( ) Ele não informou se haverá aula.
( ) O esperado é que ele ainda chegue.
( ) Compreendeu-se que amanhã haverá aula.
( ) A matéria foi entendida por quem a estudou.
( ) Convém que todos estudem bastante.
( ) Avisamos a seguinte notícia: que no feriado não haverá aula.
( ) Tínhamos esperança de que houvesse aula.
( ) Somos favoráveis a que se mantenha o corpo docente.

( ) Precisamos de que tudo se resolva rapidamente.
( ) Pedi que chegassem logo.
( ) O fundamental é que todos estejam presentes.
( ) É fundamental que todos estejam presentes.
( ) O assunto foi mencionado por quem o pesquisou.
( ) As minhas intenções são que tudo se resolva.
( ) Tens certeza de que ele ainda virá?
( ) Ele não esclareceu sobre o que fala o livro.

2. (Analista de Controle Interno – Sefaz-RJ – FGV) Ao analisar o progresso da humanidade, percebe-se que o desenvolvimento social e econômico foi possível porque o homem sistematizou formas de organização entre os povos.
Assinale a alternativa em que a oração desempenhe função sintática DISTINTA da de *que o desenvolvimento social e econômico foi possível*.
a) Entende-se que a arrecadação incidente sobre os diversos setores produtivos é necessária para a manutenção da máquina governamental, para a sustentação do Estado em suas atribuições sociais e para aplicação na melhoria da qualidade de vida da população.
b) É imprescindível que a tributação seja suportável.
c) É dever do Estado manter as necessidades básicas da população.
d) É de fundamental importância que esse profissional aprimore seu entendimento tributário.
e) Entretanto, interesses diversos sempre deixaram a sociedade à margem do processo, como se ela não precisasse participar de forma efetiva das decisões econômicas e, em contrapartida, contribuir de forma direta e irrestrita para a própria sustentação.

3. (PUC-Rio)
"Espia se ele está na esquina".
Qual das opções abaixo não analisa corretamente esse período?
a) Período composto por subordinação.
b) Conjunção integrante iniciando a 2ª oração.
c) Verbo da 1ª oração: transitivo direto.
d) Verbo da 2ª oração: de ligação.
e) Frase em discurso direto.

4. (Técnico Judiciário – TJ – FCC) *Os historiadores estimam que 4 milhões de africanos foram trazidos à força para o Brasil*.

A função sintática do segmento grifado acima é a mesma do segmento também grifado em:

a) *Os negros vindos da África trabalharam nas lavouras de cana-de-açúcar e café...*

b) *O Valongo deixou de ser porto negreiro em 1831...*

c) *Sobre ele, o Império construiu o Cais da Imperatriz...*

d) *... justamente onde funcionavam as principais repartições públicas da Colônia.*

e) *... os burocratas começaram a ficar perturbados com as cenas degradantes do mercado de escravos.*

5. Se suprimirmos o pronome indefindo "Ninguém" e acrescentarmos "se" à forma verbal "informou", na frase "Ninguém informou que haverá aula", o sujeito da oração principal é:

a) ninguém;

b) aula;

c) indeterminado;

d) que haverá aula;

e) inexistente.

6. (NCE) "... Quer sempre que alguém lhe dê atenção e que todos a respeitem". Transformando a última oração em forma nominal, temos como forma adequada:

a) (quer) que seja respeitada por todos;

b) (quer) que haja respeito por parte de todos;

c) (quer) respeito de todos;

d) (quer) que se respeite a todos;

e) (quer) que todos sejam respeitados.

7. (NCE – Oficial de Justiça – TJ) "Causa certo desconforto intelectual ver substituídas por objetos de consumo as discussões sobre liberdade e o heroísmo dos atos que levaram à sua preservação em múltiplos domínios da existência humana." O comentário correto a respeito desse segmento do texto é:

a) Os sujeitos de "causa" e "levaram" estão pospostos.

b "Substituídas" é adjetivo que só se refere semanticamente ao substantivo "discussões".

c) O pronome "sua" se refere semanticamente a "heroísmo".

d) "Substituídas" e "heroísmo" são vocábulos acentuados pela mesma razão.

e) O pronome relativo "que" tem por antecedente "heroísmo".

8. (NCE – Técnico Judiciário Juramentado – TJ) "... é necessário diminuir as distâncias sociais..." Se reescrevermos esse segmento do texto com a transformação da oração reduzida em forma nominal, teremos:

a) É necessária a diminuição das distâncias sociais.
b) É necessário que diminuamos as distâncias sociais.
c) É necessário que as distâncias sociais sejam diminuídas.
d) Há necessidade de se diminuírem as distâncias sociais.
e) Há necessidade da diminuição das distâncias sociais.

9. Em relação ao texto abaixo, assinale a opção em que dois termos não possuam a mesma função sintática.

Houve um tempo em que a interpretação dos militares brasileiros sobre Lei e Ordem era rasgar as leis e ferir a ordem. Hoje em dia, eles demonstram com convicção terem aprendido o que não podem fazer. Acompanham com atenção os índices de popularidade das Forças Armadas, que vem aumentando ano após ano desde 94.

Numa pesquisa feita em maio, registrou-se que 75% dos brasileiros confiam nas Forças Armadas, e só 20% não confiam.

a) "um tempo" (l. 1) – "rasgar as leis e ferir a ordem" (l. 2)
b) "terem aprendido o" (l. 3) – "que" (l. 2/3)
c) "em que" (l. 1) – "Hoje em dia" (l. 2)
d) "o" (l. 3) – os índices de popularidade das Forças Armadas (l. 3/4)
e) "que 75% dos brasileiros confiam nas Forças Armadas" (l. 5/6) – "75% dos brasileiros" (l. 5)

22.5. Orações subordinadas adjetivas

O pronome relativo sempre introduz uma oração subordinada adjetiva. São pronomes relativos O QUAL, A QUAL, OS QUAIS, AS QUAIS ou quaisquer outros termos que possam ser substituídos por estes já mencionados. São também pronomes relativos CUJO, CUJA, CUJOS e CUJAS.

Ex.: Roubaram o relógio que (O QUAL) comprei ontem.

? A oração sublinhada introduzida pelo pronome relativo QUE é subordinada adjetiva.

O bairro onde (NO QUAL) moro é muito bonito.

? ONDE MORO é uma oração subordinada adjetiva, pois ONDE é pronome relativo, fato que é constatado pela possibilidade de substituição por NO QUAL.

A oração subordinada adjetiva pode ser restritiva ou explicativa. Será restritiva quando não estiver isolada através de vírgula, travessão ou parênteses, e será explicativa se as pontuações aludidas procederem ao seu isolamento.

Ex.: Os operários que (os quais) fizeram greve foram demitidos.
Os operários – que (os quais) fizeram greve – foram demitidos.

Obs.: É fundamental lembrar que, nos atuais concursos públicos, é muito difícil as bancas solicitarem ao candidato a classificação de uma oração, o que não significa o assunto quedar-se ausente nas provas. A exigência hoje é a percepção de que a pontuação altera muito mais do que uma mera classificação de oração, modificando também o seu valor semântico. Então, retornando às duas frases, utilizadas no exemplo, tem-se: em ambas, o QUE é pronome relativo; contudo, na primeira frase, o pronome relativo não é precedido de pontuação, portanto a oração é subordinada adjetiva restritiva. Sendo assim, a ideia é de restrição. As palavras que melhor expressam essa ideia são SOMENTE, SÓ, APENAS. A ideia contida na primeira frase é "somente os operários que fizeram greve serão demitidos"; já na segunda frase, a oração adjetiva é isolada através de travessões, por conseguinte a oração é subordinada adjetiva explicativa. Portanto, o candidato deve condicionar-se à ideia de explicação, à ideia de "porquê". A frase deve ser interpretada como: "Os operários foram demitidos porque fizeram greve".

Ex.: Os professores cujos alunos são bagunceiros ficam glabros mais cedo.

? Nem todos os professores ficam glabros mais cedo, somente aquele que tem seus alunos bagunceiros. Portanto a oração CUJOS ALUNOS SÃO BAGUNCEIROS é subordinada adjetiva restritiva.

> Os professores, cujos alunos são bagunceiros, ficam glabros mais cedo.

? A interpretação desta frase é que "os professores ficam glabros mais cedo, pois seus alunos são bagunceiros".

> "O Capitão, que a tudo estava atento,
> Tanto com estas se alegrou..." (Camões).

? O sentido dos dois versos é "O Capitão, visto que a tudo estava atento, tanto com estas se alegrou..."

Obs.: As orações, contendo pronomes indefinidos relativos – pronomes relativos sem antecedentes –, segundo Evanildo Bechara, tanto podem ser classificadas como subordinadas substantivas quanto subordinadas adjetivas. Para Rocha Lima, só cabe a classificação de oração adjetiva. O NCE já a interpretou como oração substantiva.
Ex.: Quem fuma muito morre cedo.

? Para esta frase, caberiam duas interpretações, sendo a primeira: "AQUELE QUE FUMA MUITO MORRE CEDO". A oração "que fuma muito" seria subordinada adjetiva restritiva. Então o pronome relativo indefinido QUEM englobaria os dois termos: o antecedente implícito AQUELE e o relativo QUE. A outra interpretação cabível é a de que, como ocorre com adjetivos que, com a presença de artigo, são substantivados, a oração adjetiva, nessa estrutura, fica substantivada, já que se substitui um ser. Então, a oração QUEM FUMA MUITO representa um ser que funciona como sujeito da oração seguinte. Segundo esta visão, a oração é subordinada substantiva subjetiva – tese esta adotada pelo NCE.

Obs.: Não podemos esquecer que, como já se informou nas orações subordinadas substantivas, toda oração subordinada é apenas uma

função sintática da oração principal. Toda oração subordinada adjetiva é adjunto adnominal da principal.

22.6. Exercícios

1. (Uni-Rio) Assinale o item em que há uma oração, quanto à classificação, idêntica à segunda do período: "Pernoitamos depois junto a um açude lamacento, onde patos nadavam".

a) "As virilhas suadas ardiam-me, o chouto do animal sacolejava-me..".

b) "De onde vinham as figuras desconhecidas para encontrar-nos?"

c) "Fiz o resto da viagem com um moço alegre, que tentou explicar-me as chaminés dos banguês..."

d) "Os mais graúdos percebiam que a viagem era alegre".

e) "Surgiam regatos, cresceram tanto que se transformaram em rios..."

2. (UE-BA) Meu pai, <u>que havia arrancado três dentes</u>, não pôde viajar naquele dia.

A oração grifada classifica-se como subordinada:

a) adverbial temporal;

b) substantiva predicativa;

c) adjetiva restritiva;

d) substantiva apositiva;

e) adjetiva explicativa.

3. (EU-Ponta Grossa-PR)

"Quando o enterro passou

Os homens que se achavam no café

Tiraram o chapéu maquinalmente"

(Manuel Bandeira)

A oração <u>que se achavam no café</u> é:

a) subordinada adverbial condicional;

b) coordenada sindética adversativa;

c) subordinada substantiva subjetiva;

d) subordinada substantiva objetiva direta;

e) subordinada adjetiva restritiva.

4. Maria disse que não virá.

Maria disse o que todos deveriam dizer.

Em relação às frases acima, o único comentário falso é:

a) A segunda oração da primeira frase é subordinada substantiva objetiva direta.

b) O QUE que introduz a segunda oração do primeiro período é conjunção subordinativa integrante.

c) O termo O que surge na segunda oração é pronome demonstrativo.

d) O termo QUE ocorrente na segunda frase é pronome relativo.

e) A primeira oração da segunda frase é MARIA DISSE.

5. Os viajantes, que possuírem passaporte, poderão viajar.

Em relação a esta frase, o único comentário falso é que:

a) Somente os viajantes que possuírem passaporte poderão viajar.

b) Os viajantes poderão viajar porque possuem passaporte.

c) QUE é pronome relativo como classe gramatical e sujeito como função sintática.

d) A segunda oração é QUE POSSUÍREM PASSAPORTE.

e) A oração subordinada é adjetiva explicativa.

6. (PUC) Assinale o período em que há uma oração adjetiva restritiva.

a) A casa onde estou é ótima.

b) Brasília, que é capital do Brasil, é linda.

c) Penso que você é de bom coração.

d) Vê-se que você é de bom coração.

e) Nada obsta a que você se empregue.

7. (Faap) "Não compreendíamos a razão por que o ladrão não montava a cavalo". A oração em destaque é:

a) subordinada adjetiva restritiva;

b) subordinada adjetiva explicativa;

c) subordinada adverbial causal;

d) substantiva objetiva direta;

e) substantiva completiva nominal.

8. (UFPA) Assinale a opção que apresenta um período com oração subordinada adjetiva.

a) Ele falou que compraria a casa.

b) Não fale alto, que ele pode ouvir.

c) Vamos embora, que o dia está amanhecendo.

d) Em time que ganha não se mexe.

e) Parece que a prova não está difícil.

9. (Farias Brito) "O homem que cala e ouve não dissipa o que sabe e aprende o que ignora" (Marquês de Maricá: Máximas). Separando por barras (/) as orações desse período, teremos:

a) O homem que cala / e ouve / não dissipa o que sabe / e aprende o que ignora.
b) O homem / que cala e ouve / não dissipa / o que sabe e aprende / o que ignora.
c) O homem que / cala e ouve / não dissipa o que sabe / e aprende o que ignora.
d) O homem que cala e ouve / não dissipa o que sabe / e aprende o que ignora.
e) O homem / que cala / e ouve / não dissipa o / que sabe / e aprende o / que ignora.

10. (PC-NCE) "Há poucos dias, assistindo a um desses debates universitários que a gente pensa que não vão dar em nada, ouvi um raciocínio que não me saiu mais da cabeça". O comentário correto sobre esse segmento do texto é:

a) Os três quês do texto pertencem à idêntica classe gramatical.
b) A expressão a gente, por dar ideia de quantidade, deve levar o verbo para o plural.
c) A forma verbal vão deveria ser substituída pela forma vai.
d) A forma verbal vão dar transmite ideia de possibilidade.
e) A última oração do texto restringe o sentido do substantivo raciocínio.

11. (PC-NCE) "O que me interessou foi um comentário marginal que ele fez – e o exemplo que escolheu para ilustrar seu comentário". A forma menos adequada de reescrevermos o texto acima, respeitando-se o sentido original, é:

a) Interessou-me um comentário marginal que ele fez – e o exemplo escolhido para ilustrar seu comentário.
b) Interessaram-me não só um comentário marginal que ele fez, como também o exemplo que escolheu para a ilustração de seu comentário.
c) O que me interessou foram um comentário marginal (que ele fez) e o exemplo (que escolheu para ilustrar seu comentário).
d) Um comentário marginal que ele fez e o exemplo que escolheu para ilustrar seu comentário foi o que me interessou.
e) Um comentário marginal feito por ele e o exemplo escolhido para a ilustração de seu comentário foi o que me interessou.

12. (NCE) "Quem fala em flor não diz tudo". Assinale o comentário correto sobre o verso destacado.

a) O sujeito da segunda oração é a oração anterior.
b) O sujeito da primeira oração é a segunda da oração.

c) O objeto direto da primeira oração é a segunda oração.
d) O objeto direto da segunda é a primeira oração.
e) O período formado pelo verso é composto de uma oração absoluta.

22.7. Orações subordinadas adverbiais

Relembrando o que já se informou nas orações substantivas e nas adjetivas, a oração subordinada é apenas uma função sintática da oração principal, cabendo à subordinada adverbial a função de adjunto adverbial. Então, se uma oração é subordinada adverbial causal, conclui-se que funciona como adjunto adverbial de causa; se uma oração é subordinada adverbial temporal, é um adjunto adverbial de tempo...

22.7.1. Causais

Possuem uma ideia de CAUSA, RAZÃO, MOTIVO. São diferentes das ORAÇÕES COORDENADAS EXPLICATIVAS, pois estabelecem a relação causa-efeito. As conjunções mais comuns são: POIS, PORQUE, COMO, JÁ QUE, VISTO QUE, PORQUANTO...

Ex.: Trabalho muito porque preciso de dinheiro.
Como estava frio, saí de casaco.
Já que ele foi embora, vou também.

? As conjunções PORQUE, COMO e JÁ QUE introduzem uma ideia de causa para o fato que ocorre na outra oração.

Relembremos a diferença semântica que sugere a conjunção POIS nas frases a seguir.

Ele ainda não chegou; está, pois, preso no trânsito.
Ele ainda não chegou, pois está preso no trânsito.
Volte logo, pois está tarde.

? Observe que o primeiro POIS está numa oração que tem ideia de dedução. Não se tem a informação de que ELE ESTÁ PRESO NO

TRÂNSITO, então se procede a esta dedução. Sendo assim, o primeiro POIS é uma CONJUNÇÃO COORDENATIVA CONCLUSIVA.

? Observe que o segundo POIS introduz uma ideia de causa para a primeira oração, tendo a segunda oração o valor de consequência.

? Já o terceiro POIS também introduz uma ideia de EXPLICAÇÃO para a ordem inserida na primeira oração.

22.7.2. Concessivas

Possuem uma oração cujo fato não modifica o evento da outra oração. As conjunções mais comuns são: EMBORA, MESMO QUE, AINDA QUE, CONQUANTO (sinônimo de embora), MALGRADO...

Ex.: "Ainda que não haja brisa nenhuma, parece
Que passa, um momento, uma leve brisa" (Fernando Pessoa).

? A conjunção AINDA QUE introduz uma oração incapaz de modificar o evento da outra oração, ou seja, o fato de não haver brisa acaba por não alterar o efeito: parecer que passa uma leve brisa.

Malgrado ele admitisse o erro, não o reparou.

? Observe que a conjunção MALGRADO introduz uma oração que não muda o evento da outra oração. O fato de ser tarde não me impede de sair.

Mesmo que ele venha, não resolverá o problema.

? Observe que o fato de ele vir (ou não) não altera a consequência: o problema não será resolvido.

É bom não olvidar que algumas conjunções concessivas introduzem fatos concretos e outras fatos hipotéticos que não alteram o efeito. Revendo o terceiro exemplo, observe que a conjunção MESMO QUE introduz uma situação hipotética (não se sabe se ele virá ou não) que não altera o outro fato (o problema não será resolvido). Já no segundo exemplo, o fato concreto de a pessoa já admitir o erro não altera o fato de não repará-lo.

22.7.3. Condicionais

Possuem uma ideia de condição, hipótese. Esta ideia é exatamente oposta à da concessão. Um fato sempre vai depender do outro. As conjunções mais comuns são SE, CASO, CONTANTO QUE, A NÃO SER QUE, A MENOS QUE...

Obs.: É fundamental relembrar que a ideia de condição está intimamente ligada à ideia de causa. Tal se justifica por ambas representarem fatos anteriores que gerarão efeitos. Diferem-se apenas quanto ao fato de a condição designar uma situação incerta e a causa indicar uma certeza.

Ex.: "Eu teria um desgosto profundo, se faltasse o Flamengo no mundo" (Lamartine Babo).

? Observe que a conjunção SE introduz uma condição (se faltasse o Flamengo no mundo) para que eu tivesse um desgosto profundo. Cumpre observar a proximidade dos valores de causa e condição. A segunda oração (se faltasse o Flamengo no mundo) gera uma consequência (Eu teria um desgosto profundo).

Caso você melhore, volte logo para casa.

? A conjunção CASO introduz a condição para que ele volte para casa. A pessoa melhorando (não é sabido se vai melhorar ou não) gera a consequência de poder voltar para casa. Observe como a condição expressa uma ideia oposta à concessão. Na frase "Mesmo que você melhore, não

voltará para casa.", o fato de a pessoa melhorar – ou não – não altera o efeito: não poderá voltar para casa.

22.7.4. Temporais

Possuem uma ideia de marcação de tempo. É como se uma oração possuísse a função de marcar o tempo do outro fato. As conjunções mais comuns são: QUANDO, MAL, LOGO QUE, APENAS (sinônimo de quando).

Ex.: "Assim que resolveu estudar, seu rendimento melhorou."

? Observe que a conjunção ASSIM QUE introduz uma marcação temporal, funcionando como "A partir do dia em que".

Ex.: Apenas ele limpou a casa, as moscas sumiram.

? Antes de o sujeito ELE limpar a casa, as moscas existiam; depois que a casa foi limpa, as moscas sumiram.

Obs.: Vale a pena analisar a conjunção DESDE QUE nas frases a seguir.

Ex.: Desde que economizemos, compraremos tudo.

? A locução conjuncional DESDE QUE introduz uma condição para que possamos comprar tudo, portanto a locução conjuncional é subordinativa condicional.

Ex.: Desde que ele chegou, nunca mais houve problemas.

? Observe que a conjunção DESDE QUE marca o início da época em que os problemas se findaram, significando "A partir do dia em que ele chegou..."

Obs.: Há casos de orações temporais sem conectores.

Ex.: Ele chegou há (faz) duas semanas.

22.7.5. Consecutivas

Possuem uma ideia de consequência. Normalmente na oração principal aparecerá um destes elementos de intensidade (tão, tal, tamanho, tanto). A conjunção mais comum é QUE.

Ex.: "Amo tanto e de tanto amar, acho que ela é bonita" (Chico Buarque).

"... e com tamanho empenho a lamentou, que a boa mulher o escolheu para confidente das suas desventuras" (Aluísio de Azevedo).

? Observe, nas duas frases, que apareceu o advérbio de intensidade (TANTO, TÃO) na oração principal e as consequências introduzidas pela conjunção QUE – implícita no primeiro exemplo, antes de "acho" – são na primeira frase (acho que ela é bonita) e na segunda frase (a boa mulher o escolheu para confidente das suas desventuras).

22.7.6. Finais

Possuem uma ideia de finalidade, objetivo. Todas as conjunções finais podem ser substituídas pela palavra OBJETIVO.

BIZU

É imperioso relembrar que a ideia de finalidade está relacionada à ideia de consequência, pois ambas representam os fatos posteriores. Diferem quanto ao fato de que a consequência é fato certo e o objetivo é fato esperado, expectativa.

Ex.: "Dai vós fervor ao nosso atrevimento,
Para que estes meus versos vossos sejam" (Camões).

? Nos versos, o fato anterior é "Dai vós fervor ao nosso atrevimento" (representa a causa), e o fato posterior é "para que estes meus versos vossos sejam" (representa a expectativa de consequência que pode se efetivar ou não).

Ex.: Venha logo a fim de que (com o objetivo de que) possa encontrar-nos.

? Na frase, o fato anterior é a pessoa vir e o posterior, poder encontrar-nos. Logo "vir aqui" leva à possibilidade de "encontrar-nos" e não "encontrar-nos" que levaria à possibilidade de "a pessoa vir logo".

22.7.7. Proporcionais

Possuem uma ideia de proporção. As conjunções mais comuns são: À MEDIDA QUE, À PROPORÇÃO QUE, QUANTO.

Ex.: Quanto menos ele reclama, mais ele conquista a simpatia de todos.

? A conjunção QUANTO introduz a proporção entre ELE MENOS RECLAMAR e ELE CONQUISTAR A SIMPATIA DE TODOS. Se reclamar pouco, conquista mais a simpatia de todos; se ele reclamar muito, ele conquista menos a simpatia de todos.

Ex.: À medida que engolia uma troça, uma pilhéria, vinha-lhe meditar sobre a sua lembrança" (Lima Barreto).

? A conjunção À MEDIDA QUE introduz a proporção entre ENGOLIR E VIR-LHE MEDITAR.

22.7.8. Conformativas

Possuem uma ideia de conformidade, de estar de acordo. As conjunções mais comuns são: DE ACORDO COM QUE, CONFORME, COMO.

Ex.: Agi conforme me foi ordenado.

? A conjunção CONFORME introduz a conformidade da ação com o que foi ordenado.

Bebi apenas dois copos de cerveja, como manda a lei.

? A conjunção COMO introduz a conformidade de BEBER DOIS COPOS DE CERVEJA com o que manda a lei.

22.7.9. Comparativas

Possuem uma ideia de comparação. Esta comparação pode ser de superioridade, igualdade ou inferioridade. As conjunções mais comuns são (DO) QUE, COMO, CONFORME.

Ex.: Agi conforme você agiu.

? A conjunção CONFORME estabelece uma comparação de igualdade entre a ação do sujeito da primeira oração (eu) e o sujeito da segunda (você).

"Viver contigo qual Jacó vivera" (Castro Alves).

? A conjunção QUAL introduz uma comparação de igualdade da forma como alguém e Jacó viveram com a outra pessoa.

"... às vezes mais fétidos do que a evaporação de um lameiro" (Aluísio de Azevedo).

? A conjunção DO QUE introduz uma ideia de que algo mencionado anteriormente seja mais fétido que o lameiro, estando o verbo da segunda oração subentendido.

"Interdizia-o menos por debelar um vício que para previnir desordens" (Euclides da Cunha).

? A conjunção QUE indica ter ocorrido a ação menos por um motivo do que pelo outro.

Obs.: Convém lembrar que o termo "do", nas expressões comparativas de superioridade ou de inferioridade "do que", pode ser extraído sem prejuízo semântico ou gramatical.

22.7.10. Modais

Acrescentam ao período valor de modo. É interessante esclarecer que esta oração não está prevista na NGB, contudo os principais gramáticos a citam, como Evanildo Bechara e Rocha Lima.

Ex.: Não estudava sem que reclamasse.

? Observe que a oração "sem que reclamasse" indica o modo como estudava (reclamando).

22.8. Orações reduzidas

As orações podem ser reduzidas de infinitivo, gerúndio e particípio. A oração reduzida funciona como a desenvolvida, contudo não possui conectivo (conjunção, pronome relativo etc.) e seu verbo tem que estar reduzido, ou seja, no infinitivo, gerúndio ou particípio.

Ex.: É importante responder as perguntas (isso).

? Esta oração funciona como QUE RESPONDAM AS QUESTÕES. As únicas diferenças são que, em RESPONDER AS QUESTÕES, não há o conectivo QUE, e o verbo RESPONDER está na forma reduzida (infinitivo). ISSO é importante. ISSO é sujeito, portanto a oração é subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo.

> "Não sou digna de ouvir de sua boca essa palavra doce" (Bernardo Guimarães).

? Esta oração funciona como DE QUE OUÇA DE SUA BOCA ESSA PALAVRA DOCE. A diferença é que não há o conectivo (QUE) e o verbo está no infinitivo (OUVIR). DISSO funciona como complemento nominal, a oração é subordinada substantiva completiva nominal reduzida de infinitivo.

> As crianças vindas de São Paulo já estão abrigadas.

? VINDAS DE SÃO PAULO = QUE (as quais) VIERAM DE SÃO PAULO. QUE seria pronome relativo, portanto a oração é subordinada adjetiva restritiva reduzida de particípio.

Chegando o inverno, comprarei um casaco.

? CHEGANDO O INVERNO = QUANDO O INVERNO CHEGAR. Antes de o inverno chegar, não comprarei um casaco; assim que o inverno chegar, comprarei um casaco. A oração é subordinada adverbial temporal reduzida de gerúndio.

Ele veio aqui para me ver.

? PARA ME VER = PARA QUE (com o objetivo de que) ME VISSE. A oração é subordinada adverbial final reduzida de infinitivo.

Desaparecida a causa, cessará o efeito.

? DESAPARECIDA A CAUSA (SE A CAUSA ESTIVER DESAPARECIDA). A oração é subordinada adverbial condicional reduzida de particípio. Também se pode interpretar a oração reduzida como temporal, pois é cabivel desenvolvê-la assim: "Quando desaparecer a causa, cessará o efeito."

Não sendo professor, deu aulas maravilhosas.

? NÃO SENDO PROFESSOR = EMBORA NÃO FOSSE PROFESSOR. A oração é subordinada adverbial concessiva reduzida de gerúndio.

Fazendo os exercícios, poderão sair.

? A oração reduzida de gerúndio FAZENDO OS EXERCÍCIOS pode indicar ideia de condição ou tempo. Pode-se interpretá-la como "Se fizerem os exercícios", possuindo valor de condição; também se pode interpretá-la como "Depois que fizerem os exercícios", caracterizando-se o valor de tempo.

Ele bebe cerveja sorrindo.

? A oração reduzida de gerúndio "sorrindo" indica o modo como ele bebe cerveja. Esta oração não está prevista na NGB.

Feitos os trabalhos, puderam sair.

? A oração reduzida de particípio pode indicar duas ideias: "depois que os trabalhos foram feitos", sugerindo valor de tempo; contudo também

cabe a interpretação "Visto que fizeram os trabalhos", encerrando valor de causa.

22.9. Exercícios

1. (Fiscal – ICMS-RJ – FGV) ***Esposamos a ideia de que os sofrimentos atuais possuem uma significação que transcende a crise civilizacional*.**

Com relação à frase transcrita, analise as afirmativas a seguir:

I. O primeiro *que* é uma conjunção integrante e serve para articular um complemento oracional ao substantivo abstrato *ideia*.

II. O segundo *que* é um pronome interrogativo cujo uso se justifica em razão da seguinte pergunta: que significação transcende a crise civilizacional?

III. As duas ocorrências de *que* promovem a estruturação do período composto, já que introduzem a oração subordinada substantiva e a subordinada adjetiva, respectivamente.

Assinale:

a) se somente a afirmativa I estiver correta;

b) se somente a afirmativa II estiver correta;

c) se somente a afirmativa III estiver correta;

d) se somente as afirmativas I e III estiverem corretas;

e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

2. (Analista de Controle – TCE-PR – FCC) A oração sublinhada exerce a função de sujeito dentro do seguinte período:

a) Montesquieu preferiu guiar-se pelos valores civis, em vez de se deixar levar pelo finalismo religioso.

b) A um espírito sensível e religioso não convém ler um filósofo como Montesquieu buscando apoio espiritual.

c) Um estudo sério da história das ciências jurídicas não pode prescindir dos métodos de que se vale Montesquieu em **O espírito das leis**.

d) As ciências humanas deveriam libertar-se da religião, assim como ocorreu com as ciências naturais.

e) O método de Montesquieu valorizou as instituições humanas e solapou o finalismo teológico e moral.

3. (Unimep)

I. Mário estudou muito e foi reprovado!

II. Mário estudou muito e foi aprovado!

Em I e II, a conjunção E tem, respectivamente, valor:
a) aditivo e conclusivo;
b) adversativo e aditivo;
c) aditivo e aditivo;
d) adversativo e conclusivo;
e) concessivo e causal.

4. (UC-MG) A classificação da oração grifada está correta em todas as opções, exceto em:
a) Ela sabia que ele estava fazendo o certo – subordinada substantiva objetiva indireta.
b) Era a primeira vez que ficava assim tão perto de uma mulher – subordinada substantiva subjetiva.
c) Mas não estava neles modificar um namoro que nascera difícil, cercado, travado – subordinada adjetiva.
d) O momento foi tão intenso que ela teve medo – subordinada adverbial consecutiva.
e) Solta que você está me machucando – coordenada sindética explicativa.

5. (Analista de Controle Interno – Sefaz-RJ – FGV) Ah, filho! Basta ser uma boa pessoa, fazer o bem ao próximo, não mentir e comer os legumes!
Em relação à fala da mãe, analise as afirmativas a seguir:
I. Há quatro orações.
II. Todas as orações da fala são coordenadas.
III. Todas as orações são desenvolvidas.
Assinale:
a) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas I e III estiverem correta;
c) se nenhuma afirmativa estiver correta;
d) se todas as afirmativas estiverem corretas;
e) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.

6. (Esansp) Na frase "Como anoitecesse, recolhi-me pouco depois e deitei-me" (Monteiro Lobato), a oração destacada é:
a) coordenada sindética explicativa;
b) subordinada adverbial causal;
c) subordinada adverbial conformativa;
d) subordinada adjetiva explicativa;
e) subordinada adverbial final.

7. (Auditor – Sefaz-RJ – FGV) *Na Espanha, por exemplo, a recentíssima reforma do Código Penal – que atende diretivas da União Europeia sobre o tema – trouxe, no artigo 31 bis, não só a possibilidade de responsabilização penal da pessoa jurídica (por delitos que sejam cometidos no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização será aferida nos casos concretos (ela será aplicável [...], em função da inoperância de controles empresariais, sobre atividades desempenhadas pelas pessoas físicas que as dirigem ou que agem em seu nome).*

A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:

I. Há uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração coordenada sindética alternativa.

II. Há três orações na voz passiva, mas somente uma com agente da passiva explícito.

III. Há quatro orações subordinadas adjetivas desenvolvidas e uma oração subordinada adjetiva reduzida.

Assinale:

a) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;

b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;

c) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;

d) se nenhuma afirmativa estiver correta;

e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

8. (Técnico Judiciário – TRE-PA – FGV) *Minha proposta é a de que o fundo partidário seja composto por uma quantia mínima para o partido manter uma estrutura básica.*

A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:

I. O período poderia ser redigido, sem incorrer em inadequação gramatical ou semântica, da seguinte maneira: *Minha proposta é que o fundo partidário seja composto por uma quantia mínima para o partido manter uma estrutura básica.*

II. O período é composto por três orações.

III. No período há uma oração reduzida de particípio.

Assinale:

a) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;

b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;

c) se nenhuma afirmativa estiver correta;

d) se todas as afirmativas estiverem corretas;

e) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.

9. (Analista – Fiocruz – FGV) "Qualquer dúvida, por mais banal que seja, torna-se umaurgência inadiável"; a oração sublinhada não equivale a:

a) embora seja muito banal

b) apesar de ser muito banal

c) contanto que seja muito banal

d) mesmo sendo muito banal

e) ainda que seja muito banal

10. (Senado Federal – FGV) "*Mas o fato é que transparência deixou de ser um processo de observação cristalina* para assumir um discurso de políticas de averiguação de custos engessadas que pouco ou quase nada retratam as necessidades de populações distintas."

A oração grifada no trecho acima classifica-se como:

a) subordinada substantiva predicativa;

b) subordinada adjetiva restritiva;

c) subordinada substantiva subjetiva;

d) subordinada substantiva objetiva direta;

e) subordinada adjetiva explicativa.

11. (Analista de Controle Interno – Sefaz-RJ – FGV) *Ao analisar o progresso da humanidade, percebe-se que o desenvolvimento social e econômico foi possível porque o homem sistematizou formas de organização entre os povos*.

A oração sublinhada no período acima tem valor:

a) causal;

b) concessivo;

c) comparativo;

d) temporal;

e) consecutivo.

12. (Perito da Polícia Civil-RJ – FGV) "Na dúvida, deve-se optar pela segurança de não consumir álcool usando medicamentos". A oração reduzida de gerúndio – *usando medicamentos* – pode ser adequadamente substituída por:

a) depois de usar medicamentos;

b) quando se usam medicamentos;

c) antes de usar medicamentos;

d) apesar de usar medicamentos;

e) logo que se usam medicamentos.

13. "Aqueles com aptidão a ajudá-los, se não estimulados por cenários competitivos, estarão fadados a não encontrar motivação para o exercício de suas funções."
A respeito do período acima, analise os itens a seguir:
I. O período é composto por quatro orações.
II. Há três orações reduzidas.
III. Há uma oração coordenada.
Assinale:
a) se todos os itens estiverem corretos;
b) se somente o item II estiver correto;
c) se somente o item III estiver correto;
d) se somente o item I estiver correto;
e) se nenhum item estiver correto.

14. *Vê-se, pois, que o plano ético permeia todas as ações humanas*.
Com relação à frase transcrita e a análise sintática tradicional, considere as afirmativas a seguir.
I. O vocábulo *que* é uma conjunção integrante e presta-se a articular a oração subjetiva ao núcleo verbal que a subordina.
II. A forma verbal *vê-se* está na voz ativa e seu sujeito recebe a classificação de sujeito indeterminado.
III. O período estrutura-se por coordenação, sendo a segunda oração coordenada sindética conclusiva introduzida pela conjunção *pois*.
Assinale:
a) se somente a afirmativa I estiver correta;
b) se somente a afirmativa II estiver correta;
c) se somente a afirmativa III estiver correta;
d) se somente as afirmativas I e III estiverem corretas;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

Leia o texto a seguir para responder às questões 15 a 19 (NCE – TRT).

Texto 1 – A amamentação do filho
Délio Maranhão e Luiz Inácio B. Carvalho
Para amamentar o próprio filho, até que este complete seis meses de idade, terá a mulher direito, durante a jornada, a dois descansos especiais, de meia hora cada um. Quando o exigir a saúde da criança, tais descansos poderão continuar, além dos seis meses, a critério da autoridade competente (art. 396 da Consolidação)

Tratando-se de descansos especiais, serão concedidos sem prejuízo do intervalo normal para o repouso e alimentação, dentro da jornada, e nesta computados.

15. No desenvolvimento do texto acima, muitos termos referem-se a termos anteriores; o item em que a referência a um termo anterior não está correta é:
a) "... até que este complete seis meses de idade,..." – o próprio filho.
b) "... durante a jornada..." – de amamentação do filho.
c) "... de meia hora cada um." – descanso especial.
d) "... tais descansos poderão continuar..." – os descansos especiais.
e) "... além dos seis meses..." – seis meses de idade do filho.

16. O item em que o elemento destacado não tem sua significação corretamente indicada é:
a) "Para amamentar" – finalidade.
b) "... até que este complete..." – tempo.
c) "... durante a jornada..." – tempo.
d) "... a critério da autoridade competente" – conformidade.
e) "... sem prejuízo do intervalo normal..." – condição.

17. "Para amamentar o próprio filho, até que este complete seis meses de idade, terá a mulher direito, durante a jornada, a dois descansos especiais, de meia hora cada um". O comentário correto a respeito da estrutura sintática desse período é:
a) O sujeito do verbo da oração principal está proposto.
b) A oração subordinada do período indica finalidade.
c) O complemento nominal de "direito" é "durante a jornada".
d) "Para amamentar o próprio filho" é adjunto ligado à oração subordinada.
e) "Especiais" é predicativo do sujeito.

18. "Quando o exigir a saúde da criança..." Colocando-se a oração em ordem direta e substituindo-se o pronome oblíquo por seu correspondente semântico, teremos a seguinte oração:
a) Quando exigir o amamentar a saúde da criança...
b) Quando a saúde da criança exigir tais medidas...
c) Quando o amamentar for exigido pela saúde da criança...
d) Quando a saúde da criança o exigir...
e) Quando a saúde da criança exigi-lo...

19. "Tratando-se de descansos especiais..." O item em que se inclui adequadamente uma conjunção à oração reduzida desse segmento é:

a) Mesmo que se trate de descansos especiais...
b) Já que se trata de descansos especiais...
c) Ainda que se trate de descansos especiais...
d) Quando se trate de descansos especiais...
e) No momento em que se trate de descansos especiais...

20. (MP – NCE – com adaptações) A oração "usando os recursos naturais de seu meio ambiente" no período "Os índios brasileiros proveem sua subsistência usando os recursos naturais de seu meio ambiente" transmite ideia de:

a) modo;
b) finalidade;
c) meio;
d) tempo;
e) condição.

21. (MP – NCE) "Sempre que se reúnem para lamuriar, os empresários falam no Custo Brasil, no preço que pagam para fazer negócios num país com regras obsoletas e vícios incrustados". O comentário <u>incorreto</u> feito sobre os conectores desse segmento do texto é:

a) A expressão sempre que tem valor de tempo.
b) O conectivo para tem ideia de finalidade.
c) A preposição em no termo no Custo Brasil tem valor de assunto.
d) A preposição em no termo num país tem valor de lugar.
e) A preposição com tem valor de companhia.

22. (MP – NCE) "... no preço que pagam para fazer negócios..." A forma desenvolvida da oração reduzida iniciada por para fazer é:

a) ... para que se façam negócios...
b) ... para que fizessem negócios...
c) ... para que façam negócios...
d) ... para fazerem negócios...
e) ... para que sejam feitos negócios...

23. (IBGE – NCE) "Tendo sido designado por Vossa Senhoria para apurar as denúncias de irregularidades ocorridas no aeroporto de Marília, submeto à apreciação de Vossa Senhoria o relatório das diligências que nesse sentido efetuei."
"Tendo sido designado por Vossa Senhoria..." Esta oração inicial do texto tem valor:
a) concessivo;
b) temporal;
c) conclusivo;
d) causal;
e) consecutivo.

24. (NCE) "Como controlamos a produção de nosso próprio alimento, somos a primeira espécie na história ..." A oração sublinhada apresenta, em relação à seguinte, o valor de:
a) condição;
b) modo;
c) comparação;
d) conclusão;
e) causa.

25. (Eletrobrás – NCE) "... que o leite, por ser essencial, deve sair das mãos dos particulares..." O item abaixo que não substitui de forma adequada o termo sublinhado é:
a) visto;
b) em razão de;
c) devido a;
d) em virtude de;
e) apesar de.

26. (ANTT – NCE) "Com a duplicação, o movimento diário da estrada elevou-se a duzentos mil veículos". O conector "com" só não pode ser substituído de forma adequada por:
a) a partir de;
b) por causa de;
c) em razão de;
d) apesar de;
e) depois de.

27. (ANTT – NCE) "... onde, nas suas magníficas estradas, registram-se os maiores índices (de acidentes)". A relação entre os dois segmentos desse fragmento é bem expressa em:

a) ... embora as suas magníficas estradas, registram...
b) ... por causa de sua magníficas estradas, registram...
c) ... em vista de suas magníficas estradas, registram...
d) ... depois de suas magníficas estradas, registram...
e) ... a partir de suas magníficas estradas, registram...

28. (CBMERJ – NCE) "Para escapar dos escorchantes tributos, os donos de minas e os grandes senhores de terra colocavam ouro em pó..." O conectivo PARA só não pode ser substituído por:
a) a fim de;
b) com o intuito de;
c) com o fim de;
d) à vista de;
e) na intenção de.

29. (CBMERJ – NCE) "As imagens maiores, devidamente recheadas, eram enviadas a parentes distantes, inclusive de além-mar, como se fossem presentes". Neste segmento do texto, o conectivo COMO dá ideia de:
a) modo;
b) finalidade;
c) conformidade;
d) meio;
e) comparação.

30. (NCE) "POR maior que tenha sido a indignação..."; "... não sabe lidar, POR falta de ação integrada..." As duas ocorrências do vocábulo em maiúsculas correspondem semanticamente às ideias de, respectivamente:
a) meio – modo;
b) causa – meio;
c) concessão – causa;
d) modo – explicação;
e) explicação – concessão.

31. (NCE) Leia atentamente o trecho abaixo:
"... serão feitos, a cada seis meses, exames laboratoriais para detectar a presença do HIV e de outros vírus causadores de doenças sexualmente transmissíveis no sangue dos voluntários".

A alternativa em que a substituição do trecho em destaque implica alteração do significado do texto é:

a) ... a fim de que se detecte a presença do HIV e de outros vírus causadores de doenças sexualmente transmissíveis no sangue dos voluntários.

b) ... para que se detecte a presença do HIV e de outros vírus causadores de doenças sexualmente transmissíveis no sangue dos voluntários.

c) ... porque se detecte a presença do HIV e de outros vírus causadores de doenças sexualmente transmissíveis no sangue dos voluntários.

d) ... conquanto se detecte a presença do HIV e de outros vírus causadores de doenças sexualmente transmissíveis no sangue dos voluntários.

e) ... de tal sorte que se detecte a presença do HIV e de outros vírus causadores de doenças sexualmente transmissíveis no sangue dos voluntários.

32. (BNDES – NCE) Na frase "Ou vai ou racha!", a conjunção OU tem o mesmo valor significativo que apresenta na seguinte frase:

a) O turista compreendia inglês ou francês com facilidade.

b) As vaias ou os aplausos não perturbaram o presidente.

c) O empregado faz o que deve ou perde o emprego.

d) Na hora da premiação, chorava ou ria.

e) Morávamos no segundo ou no terceiro andar.

33. (PF – Cespe-UnB) Julgue se os itens seguintes apresentam relações de sentido que correspondem à estrutura semântica dada pela fórmula genérica abaixo, em que X é uma estrutura linguística que expressa condição ou concessão, e Y é uma estrutura linguística afirmativa.

X, não Y.

1) Apesar da proteção da justiça e do Estado, não parece que a resolução dos conflitos se desvie do âmbito privado.

2) Embora a nossa concepção de violência tenha sido ampliada, não é possível afirmar que nossa sensibilidade e tolerância em relação a ela estejam igualmente distribuídas.

3) Se alguns autores propõem que estamos vivendo um movimento de pacificação progressiva da vida em sociedade, não estão afirmando que esse processo seja fácil.

4) Não devemos pensar na pacificação da sociedade de forma isolada, mas sim dentro de um conceito mais geral das transformações econômicas que afetam o mundo.

5) Violência, direitos, justiça e o papel do Estado, se analisados como problemas fundamentais, estão dentro do quadro das transformações ocorridas, não só econômicas como também políticas.

Leia o texto abaixo para responder às questões 33 e 34.

A economia brasileira, há alguns anos, apresentava fortes barreiras protecionistas, e controles cambiais provocavam a valorização artificial do câmbio comercial, havendo ágio expressivo no mercado livre. A realidade hoje é outra. As barreiras tarifárias foram muito reduzidas, a taxa de câmbio é flutuante e não há diferença significativa entre o mercado oficial e o paralelo. Os modelos econométricos disponíveis, por menos precisos que sejam, são unânimes em apontar para uma desvalorização do real acima do seu equilíbrio de longo prazo, e não o contrário. Logo, onde está o problema? Por que gastar escassos recursos públicos – pois não se faz política industrial sem eles – para poupar divisas quando o mercado já está bem sinalizado nesta direção? Pode até haver outras razões para justificar a política proposta. Mas economia de divisas não é uma delas.

34. (AFC – Esaf) Assinale a opção em que as duas expressões exercem a mesma função sintática no texto.

a) "controles cambiais" (l. 2) = "fortes barreiras protecionistas" (l. 1)
b) "a valorização artificial do câmbio comercial" (l. 2) = "A economia brasileira" (l. 1)
c) "há alguns anos" (l. 1) = "hoje" (l. 3)
d) "a taxa de câmbio" (l. 4) = "diferença significativa" (l. 4)
e) "escassos recursos públicos" (l. 7/8) = "o mercado" (l. 9)

35. (AFC – Esaf) Julgue as asserções abaixo e marque a opção correspondente.

I. Caso a expressão "diferença significativa" (l. 4) seja colocada no plural a forma verbal que a antecede deve ser obrigatoriamente flexionada.
II. Se o artigo em "o paralelo" (l. 5) for eliminado, prejudica-se a compreensão de que existe, antes de "paralelo" elipse da palavra "mercado" (l. 4).
III. A expressão "por menos precisos que sejam" (l. 5) permite a inferência de que o leitor pode considerar "Os modelos econométricos" (l. 5) pouco precisos.
IV. A grafia de "Por que" (l. 7) justifica-se por se tratar de conjunção explicativa.
V. O termo "delas" (l. 10) refere-se ao antecedente "outras razões" (l. 9).

A quantidade de item(ns) <u>incorreto(s)</u> é:

a) 1;
b) 2;
c) 3;
d) 4;
e) 5.

Capítulo 23

Paralelismo Sintático

Quando dois ou mais termos estão ligados a uma mesma expressão e são equivalentes sintaticamente, ocorre o paralelismo sintático. Nas situações de paralelismo, o termo repetido pode ser extraído do período.

Ex.: "A das Dores, sim, afirmavam que fora casada e que largara o marido para meter-se com um homem do comércio" (Aluísio de Azevedo).

? As duas orações objetivas diretas (que fora casada) e (e que largara o marido...) complementam a ideia do verbo "afirmavam", podendo a segunda conjunção integrante (que) ser suprimida do período.

Ex.: Gosto de ler, de ouvir música ou de ver um bom filme.

? As orações reduzidas "de ler", "de ouvir música", e "ou de ver um bom filme" funcionam como objeto indireto do verbo gostar. Essas três orações são equivalentes sintaticamente e só é obrigatória a presença da primeira preposição DE, podendo as demais ser suprimidas do período.

Ex.: "Não sabe se é bom ou ruim" (Raul Seixas).

? As orações "se é bom" e "ou ruim" completam a ideia do verbo "saber", funcionando como objeto direto. Perceba que o autor da frase fez a opção por não repetir a expressão "se é", que poderia ser inserida sem prejuízo gramatical ou semântico.

Ex.: O candidato que estuda e que faz exercícios passa.

? As orações “que estuda” e “e que faz exercícios” são subordinadas adjetivas, com os pronomes relativos “QUE” tendo como antecedente o termo “O candidato”. O segundo pronome relativo poderia ser extraído da frase sem alterar o sentido, tampouco prejudicar a correção.

Ex.: “... mostraria a Isabel como eu a estimo e quanto a desejo feliz” (José de Alencar).

? As orações “como eu a estimo” e “e quanto a desejo feliz” são equivalentes sintaticamente e complementam de forma direta a ideia da forma verbal “mostraria”.

Obs.: Nos exemplos mencionados, as orações em paralelismo, além de serem subordinadas, como explicado, são também coordenadas entre si.

23.1. Exercícios com gabarito comentado sobre paralelismo

1. (MP – NCE) “Para os pedestres... / Para os comerciantes... / Para os que moram ou trabalham no centro da cidade... Para o próprio automobilista...” Os segmentos do texto são um exemplo de:

a) redundância;
b) construção paralela;
c) exemplificação;
d) repetição desnecessária;
e) pleonasmo.

Resposta: Alternativa B.

Observe que, mesmo o período não estando completo, as três estruturas iniciadas pela preposição PARA são equivalentes sintaticamente e estão em paralelismo.

2. (AFRF – Esaf) Considere o seguinte período do texto para analisar os esquemas propostos abaixo: “Descumprir a lei gera o risco da punição prevista pelo Código Penal ou de sofrer sanções civis”.

A = descumprir a lei
B = gera o risco
C = da punição prevista pelo Código Penal
D = de sofrer sanções civis

Considerando que as setas representam relações sintáticas entre as expressões linguísticas, assinale a opção que corresponde à estrutura do período.

a) 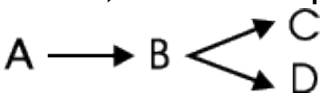

b)

c) 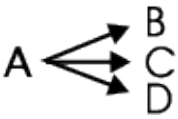

d) 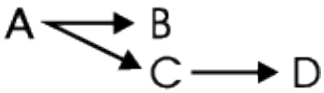

e) 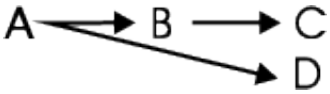

Resposta: Alternativa A.

As estruturas C e D são paralelas e complementam o sentido do vocábulo "risco" (B). Descumprir a lei gera dois riscos: o risco da punição prevista pelo Código Penal e o risco de sofrer sanções civis. Portanto C e D estão ligados a B, denunciando que a resposta seja a alternativa A.

3. (PF – UnB) Lembremos que a modernidade se caracteriza não apenas por um novo modo de produção e de vida, mas também por uma nova forma de relacionamento entre os homens na sociedade, o que influi até mesmo no julgamento que fazemos uns dos outros. Essa forma de relacionamento, que vem desde a Revolução Industrial, é intermediada pelo trabalho, e os parâmetros para julgar as pessoas são o dinheiro e a propriedade.

Entretanto, trabalho e dinheiro não estão disponíveis para todos. Em cidades superpopulosas, em meio às crises das indústrias, frequentemente os trabalhadores se veem sem meios de sobreviver. Essa relação entre os homens é, portanto, uma relação desigual, em que geralmente os trabalhadores estão em desvantagem, já que não possuem meios estáveis de sobrevivência e dependem de empregadores.

Andréa Buoro *et al. Violência urbana – dilemas e desafios*. São Paulo: Atual, 1999, p. 26.

Com respeito às ideias do texto, julgue os itens a seguir.

1) A argumentação do texto reforça a ideia de que os parâmetros do dinheiro e da propriedade são justos e igualitários.

2) O segundo parágrafo é um comentário que apresenta ideias desfavoráveis à situação apresentada no primeiro.
3) O emprego do tempo e modo verbais de "Lembremos" (l. 1) indica uma sugestão para o raciocínio que se segue.
4) A expressão "mas também" (l. 2) introduz a complementação da ideia iniciada pela expressão antecedente "não apenas" (l. 1).
5) Pelas relações semânticas, a estrutura linguística localizada após a última vírgula do texto corresponde ao seguinte esquema:

já que → **não possuem meios estáveis de sobrevivência**
já que → **dependem de empregadores**

Resposta: E – C – C – C – C
O item 1 contraria totalmente a argumentação do texto, visto que nele se expôs que "Essa relação entre os homens é, portanto, uma relação desigual, em que geralmente os trabalhadores estão em desvantagem". ERRADO
Já o item 2 indica uma constatação adequada ao verbete, uma vez que, ao iniciar o segundo parágrafo através da conjunção coordenativa adversativa ENTRETANTO, torna-se evidente que algo presente no segundo parágrafo está em oposição ao primeiro. CERTO
O item 3 refere-se à semântica de verbos. O verbo no imperativo pode passar uma ideia de ordem, sugestão ou pedido. Como as pessoas não são obrigadas a realizar o que autor orienta, não se trata de uma ordem. O que distingue o conselho (sugestão) do pedido é quem se beneficia da orientação. Como os beneficiados são as próprias pessoas que receberam a orientação, o imperativo indica uma sugestão ou conselho. CERTO
O item 4 apresenta a estrutura "não apenas", em que o elemento de negação "não" nega a restrição "apenas", obrigando o uso de conector aditivo. CERTO
O item 5 demonstra o paralelismo ocorrente entre duas orações subordinadas adverbiais causais e coordenadas entre si. A conjunção JÁ QUE introduz a ideia de causa para as duas orações, podendo, inclusive, ser inserida antes da última oração. CERTO

4. (Auditor do Tesouro Municipal – Prefeitura de Fortaleza – Esaf) Em relação ao texto, assinale a opção incorreta.
A concentração do capital, que se encontra na origem do capitalismo, permitiu a invenção de meios automáticos de produção e distribuição, ou seja, em que o trabalho humano é substituído por "forças naturais" de animais domesticados, da água corrente, do vento etc. Em seguida, foram inventadas formas mais complexas de captação e governo da energia do vapor, da eletricidade, de derivados do petróleo etc.

a) A expressão "que se encontra na origem do capitalismo" (l. 1 e 2) está entre vírgulas por se tratar de oração de natureza explicativa.
b) Pode-se, sem prejuízo para o período, inserir a preposição de antes da palavra "distribuição" (l. 2).
c) De acordo com a norma escrita culta, "em que" (l. 2) pode ser substituído por nos quais, e a coesão textual é mantida.
d) A expressão "foram inventadas" (l. 4) pode ser substituída, sem prejuízo para a correção do período, pela estrutura inventaram-se.
e) A palavra "governo" (l. 5) está sendo empregada com o sentido de propriedade oficial.
Resposta: Alternativa E.
A opção A trabalha a oração subordinada adjetiva, isolada através de vírgulas, classificada, então, como explicativa.
A opção B abrange o conhecimento de paralelismo, mostrando que os termos "de produção" e "distribuição" estão ligados a "meios automáticos" e a preposição DE poderia ser repetido antes do último componente.
A opção C sugere a substituição do pronome relativo "em que" por "nos quais", que pode ser feita, em virtude de o antecedente do pronome ser o termo "meios automáticos".
A opção D apresenta uma perfeita proposta de substituição da voz passiva analítica pela voz passiva sintética, principalmente, levando-se em conta que o tempo do verbo foi mantido.
A resposta é a opção E, porquanto o termo "governo" está sendo utilizado no valor de "administração".

5. (TRF – Esaf) Assinale o segmento do texto em que há erro de paralelismo sintático.
a) Estão participando da operação em Barretos cerca de 18 auditores da Receita. Ainda fazem parte da equipe especialistas em programas de computadores para acessar arquivos que possam conter dados importantes nas empresas.
b) Quanto aos documentos que forem recolhidos pelos agentes, todos serão analisados. Caso haja indício de sonegação, será instaurado processo no Ministério Público.
c) Além da ação judicial, poderão ser feitas autuações nos estabelecimentos em que as irregularidades se comprovarem. O valor das autuações ainda não foi divulgado pelo delegado, mas ele garantiu que a cobrança pode ser retroativa.
d) O presidente do clube Os Independentes afirma não ter receio quanto à arrecadação de impostos e que achando normal a atitude dos auditores da Receita Federal. "Sabemos que eles estão fazendo isso com todas as entidades sem fins lucrativos".

e) Disse, ainda, que o escritório que cuida da contabilidade do clube Os Independentes está acompanhando o caso ao lado da Receita Federal. Ele não acredita que a fiscalização da Receita Federal possa causar algum dano à imagem do clube.
(Rogério Pagnan, *Folha de S. Paulo*, 15/8/2000, p. F2, com adaptações.)

Resposta: Alternativa D.

A alternativa apresenta uma situação de incoerência no paralelismo sintático. O verbo AFIRMA possui dois complementos: NÃO TER RECEIO QUANTO À ARRECADAÇÃO FEDERAL e QUE ACHANDO NORMAL. Observe que não houve o mesmo critério nas duas complementações: a primeira apresenta uma estrutura reduzida de infinitivo e a segunda é introduzida por conjunção integrante, indicando que a última oração estaria desenvolvida e com verbo no gerúndio, não proporcionando sentido ao período.

6. (AFRF – 2005) Leia o texto para responder à questão.

Olhamos e não vemos. Não conseguimos olhar nada pela primeira vez. Já o primeiro olhar é preconceituoso – dá informação falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada, anterior ao ato de olhar. O economista cheio de teorias pensa que sabe o remédio para a inflação, a origem da miséria, o segredo da estabilidade e quanto desaforo a democracia aguenta. Erra como o médico, o astrônomo ou o caixa que aceita o cheque do homem elegante, de terno e cabelo com brilhantina que parece ser rico, mas é estelionatário.

Só que no caso do economista, não é apenas o paciente que fica com dor de cabeça, ou mais um cheque sem fundo. São 10% de desempregados. Um deles acaba apontando um revólver para a sua cabeça. Nada é visto pela primeira vez. Ninguém olha atentamente como as corujas, antes de propor ou piar.

(João Sayad. A primeira vez. *Revista TAM*, julho de 2005, com adaptações.)

Assinale o esquema que representa corretamente a estrutura sintático-semântica do período sintático do texto (desconsidere a pontuação e as letras maiúsculas).

a) (l. 1 e 2) o primeiro olhar → é preconceituoso
dá informação → falsa
ou verdadeira
mas sempre pré-fabricada

b) (l. 3 e 4) O economista → cheio de teorias
pensa que sabe
o remédio para → a inflação
a origem da miséria
o segredo da estabilidade
e quanto desaforo

c) (l. 4 e 5) Erra como → o medido
o astrônomo
ou o caixa
que aceita o cheque do homem elegante

d) (l. 7 e 8) não é apenas o paciente → com dor de cabeça
ou mais um cheque sem fundo

e) (l. 8, 9 e 10) são 10% de desempregados → um deles apontando → um revólver para sua cabeça
Nada é visto pela primeira vez
Ninguém olha atentamente como...

Resposta: Alternativa A.

Nesta questão de paralelismo sintático, a única alternativa que respeita a equivalência sintática é a A. Isso se justifica pelo fato de as formas verbais "é" e "dá", ambas na linha 2, possuírem um mesmo referente – o sujeito "o primeiro olhar" (l. 1). Posteriormente, o objeto direto "informação" (l. 2) é qualificado por três adjuntos adnominais: "falsa", "verdadeira" e "mas sempre pré-fabricada".

A alternativa B não apresenta equivalência sintática entre as expressões "cheio de teorias" (l. 3) e "pensa que sabe o remédio para" (l. 3), visto que o primeiro apenas qualifica seu referente e o segundo indica a ação realizada pelo sujeito.

Na alternativa C, os termos "o médico" (l. 5), "o astrônomo" (l. 5) e "ou o caixa" (l. 5) estão, de forma paralela, comparados ao "economista" quanto ao fato de errar. Contudo, o último termo citado "que aceita o cheque do homem elegante" (l. 5/6) não é mais um ser comparado ao economista, mas sim uma qualificação para o termo "o caixa".

Na alternativa D, a perfeita equivalência sintática seria relacionar os termos "o paciente que fica com dor de cabeça" (l. 7/8) e "ou mais um cheque sem fundo" (l. 8) a "não é apenas" (l. 7).

Na alternativa E, ocorrem várias falhas de designação de paralelismo. As duas últimas frases guardam grande independência, não se relacionando com elementos anteriores.

Também não são equivalentes "um revólver" (l. 9) e "para sua cabeça" (l. 9), que possuem funções distintas.

7. (Depen – Funrio) Chama-se adequação sintática a construção coerente de períodos e orações, observadas as relações existentes entre seus termos e a sua organização. Qual o parágrafo dentre os abaixo transcritos que preserva o princípio do paralelismo sintático, segundo o qual quaisquer elementos da frase coordenados entre si devem apresentar estrutura gramatical similar?

a) Aqui não pretendemos defender a ideia de mais intervenção do Estado na economia ou que ele volte a produzir aço em grande quantidade.

b) Aqui não pretendemos defender a ideia de que o Estado intervenha mais na economia ou que volte a produzir aço em grande quantidade.

c) Aqui não pretendemos defender a ideia de que o Estado intervenha mais na economia ou a volta de uma produção de aço em grande quantidade.

d) Aqui não pretendemos defender a ideia de que a intervenção do Estado deva ser maior na economia ou uma produção de aço voltando a ter quantidade.

e) Aqui não pretendemos defender a ideia de um Estado intervindo mais na economia ou que ele volte à produção de aço em grande quantidade.

Resposta: Alternativa B.

Existem dois termos complementando sintaticamente o sentido do vocábulo IDEIA. Em face da lógica, tais complementos devem manter estrutura o mais semelhante possível. Na alternativa A, o primeiro complemento tem como núcleo INTERVENÇÃO; já o segundo complemento é oracional, sendo o núcleo o verbo VOLTE A PRODUZIR. Na alternativa B, os dois complementos são oracionais, tendo como núcleos, respectivamente, as formas verbais INTERVENHA e VOLTE A PRODUZIR. Na alternativa C, o primeiro complemento é oracional (verbo INTERVENHA); o segundo é não oracional, sendo o núcleo o substantivo VOLTA. Na D, embora os complementos sejam oracionais, o primeiro complemento se dá com o verbo no presente do subjuntivo, formando uma oração desenvolvida, o segundo se realiza com a forma verbal VOLTANDO no gerúndio, o que caracteriza a oração reduzida. Na E, o primeiro complemento é oracional, porém reduzido de gerúndio INTERVINDO; já o segundo é desenvolvido, com a presença da conjunção integrante e o verbo no presente do subjuntivo – VOLTE.

8. (TRT-SC/Cetro) Na famosa obra *Comunicação em prosa moderna*, Othon M. Garcia afirma que "quaisquer elementos da frase – sejam orações sejam termos dela –, coordenados entre si devam, em princípio pelo menos, apresentar estrutura gramatical idêntica, pois não se podem coordenar frases que não comportem constituintes do mesmo tipo".

Assinale a alternativa em que a reescritura do terceiro parágrafo respeita a recomendação do famoso estudioso:

a) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório não só por seu modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo, mas também por oferecer na rede pública de saúde terapias de interrupção do tabagismo.

b) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório não só por ter um modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo, mas também pelo oferecimento, na rede pública de saúde, de terapias de interrupção do tabagismo.

c) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório por seu modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo e pelo oferecimento, na rede pública de saúde, de terapias de interrupção do tabagismo.

d) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório por ter um modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo e pelo oferecimento na rede pública de saúde, de terapias de interrupção do tabagismo.

e) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório não apenas por seu modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo como também por oferecer na rede pública de saúde terapias de interrupção do tabagismo.

Resposta: Alternativa C.

Elementos em paralelismo devem guardar estrutura gramatical bem similar. Repare que a preposição POR introduz duas causas para o Brasil receber a menção elogiosa. Essas duas causas estão conectadas ou pelo par NÃO SÓ ... MAS (COMO) (TAMBÉM) ou pela conjunção E. Na alternativa A, a primeira causa possui como núcleo MODELO (não oracional); a segunda causa, OFERECER (oracional). Na B, a primeira causa tem como núcleo TER (oracional); a segunda causa tem como núcleo OFERECIMENTO (não oracional). Na alternativa C, as duas causas somadas têm como núcleos elementos não oracionais (MODELO e OFERECIMENTO). Na alternativa D, a primeira causa é baseada em termo oracional (TER); a segunda causa tem como núcleo o substantivo OFERECIMENTO. Na E, a primeira causa possui como núcleo o substantivo MODELO; a segunda, o verbo OFERECER.

9. (Petrobras – Cesgranrio) Observe as sentenças abaixo, retiradas de uma reclamação, feita por uma secretária, sobre um móvel enviado com defeitos. Qual delas não tem erro de paralelismo?

a) O produto logo no início mostrou má-qualidade no acabamento e que tinha as gavetas emperradas.

b) O novo móvel deve estar dentro dos critérios previamente combinados, e que seja enviado o mais rapidamente possível.

c) Além disso, o manual de instalação tem mais de 150 páginas e pouca clareza.
d) Assim, gostaríamos de pedir a troca do móvel enviado, que não foi aprovado pela gerência e por outros interessados.
e) Recomendamos a V.S. retirar o móvel inadequado e que envie outro, de melhor qualidade, para substituí-lo.

Resposta: Alternativa D.

Na alternativa A, há dois objetos diretos complementando o verbo MOSTROU. O primeiro objeto é não oracional (má-qualidade no acabamento); o segundo complemento é oracional (que tinha as gavetas emperradas). Na alternativa B, nem há coerência textual. Como há o verbo auxiliar DEVE, formando no primeiro termo a locução DEVE ESTAR, o segundo termo também deveria formar a locução (DEVE SER). Na alternativa C, o primeiro complemento para TEM é um substantivo concreto (PÁGINAS) apresentado com elemento numérico preciso (150); o segundo complemento é um substantivo abstrato (CLAREZA), apresentado com inexatidão (POUCA CLAREZA). Na alternativa D, os dois agentes da passiva são apresentados com substantivos concretos (GERÊNCIA e INTERESSADOS). Na alternativa E, os dois objetos diretos de RECOMENDAMOS são oracionais, contudo o primeiro é reduzido de infinitivo (RETIRAR) e o segundo é desenvolvido (QUE ENVIE OUTRO).

Capítulo 24

Pontuação

A pontuação serve para marcar a pausa e a entoação. Aqui ficará explicado em que momentos deverão ser utilizados estes sinais gráficos.

24.1. Uso de vírgula

A vírgula deve ser utilizada para:

a) isolar o vocativo;

Ex.: Manoel, venha cá!

Venha cá, Manoel!

Diga, Manoel, a verdade!

b) separar as orações coordenadas assindéticas;

Ex.: Ele bebeu, bebeu, bebeu e dormiu.

Maria lava, passa, prepara a comida, arruma a casa e é uma boa mãe.

c) separar orações ligadas pela conjunção E com sujeitos diferentes;

Ex.: Maria lava, e Joana passa.

"Insisti no oferecimento da madeira, e ele estremeceu" (Graciliano Ramos).

"Abriu-lhe logo uma conta corrente, e a quitandeira,..., dava um pulo até à venda..." (Aluísio de Azevedo).

Obs.: Esta vírgula já foi obrigatória, agora é considerada facultativa.

Se o sujeito das duas orações fosse o mesmo, não haveria vírgula.

Ex.: Maria lava e passa.

Ele já chegou e já foi embora.

d) separar termos com a mesma função sintática ou elementos de uma enumeração;

Ex.: Maria, Manoel, Pedro, Paulo e Renato saíram.

Comprei banana, maçã, pera, abacaxi, abacate e laranja.

e) indicar a supressão do verbo;

Ex.: Ele foi à praia, e eu, também.

Ele disse a verdade: contudo ela, não.

f) é importantíssimo esclarecer que entre sujeito e verbo não pode haver vírgula, da mesma forma que entre verbo e complemento. Todavia, caso haja um termo intercalando aquelas funções, a orientação gramatical indica o seu isolamento;

– conjunção: Ex.: Ele disse, todavia, a verdade.

– aposto: Ex.: Pelé, Rei do Futebol, foi demitido do Santos.

Obs.: Os adjuntos adverbiais intercalando uma sequência lógica (sujeito-verbo ou verbo-complemento) ou mesmo no início de orações poderão aparecer isolados, ou seja, a(s) vírgula(s) é(são) facultativa(s):

Ex.: Ele, com toda certeza, virá. OU Ele com toda certeza virá.

O NCE tem exigido ultimamente dos candidatos a escolha pela opção mais adequada. Há a assunção de que pode haver opções corretas, e o candidato é obrigado a discernir qual é a melhor. No exemplo anterior, as duas formas estão corretas; contudo, se você tiver que optar por uma das duas, escolha a

estrutura com vírgula, já que o adjunto adverbial interrompeu uma sequência lógica.

Caso o adjunto adverbial ocorra após o complemento, ou seja, no lugar previsto pela gramática, não deverá estar isolado.

Ex.: Ele virá com toda certeza.

g) separar as orações subordinadas antepostas às principais;

Ex.: Se chover, não vou à praia.

"Quando você foi embora, fez-se noite em meu viver..." (Milton Nascimento).

Embora estivesse triste, não chorou.

Que João não virá, nós já sabemos.

Obs.: Agostinho Dias Carneiro, em seu livro *Redação em Construção*, alega, tal qual Celso Cunha, que a vírgula é obrigatória para separar orações adverbiais, principalmente se antepostas à principal. No concurso para Técnico Judiciário do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, em 2004, houve uma questão com duas opções extremamente parecidas: 1) "Os juízes intervieram quando viram os réus frente a frente"; 2) "Os juízes intervieram, quando viram os réus frente a frente". Portanto, a diferença entre as alternativas se deu tão somente quanto ao uso da vírgula. Seguindo-se Celso Cunha e Agostinho Dias Carneiro, a resposta deveria ser a que contém a vírgula, pois, relembrando o que asseveram, tal pontuação é obrigatória, principalmente se a oração adverbial vier anteposta à principal. Como a oração subordinada está posposta à principal, chega-se à conclusão, através da redação dos brilhantes autores, de que a vírgula é opcional, sendo a construção preferencial com a vírgula. No entanto, a banca optou pela alternativa sem a vírgula, fato que me fez concluir que o critério utilizado foi o respeito à ordem das orações (principal – subordinada adverbial).

Ex.: Não vou à praia(,) se chover.
"Deus fala, quando a turba está quieta" (Castro Alves).

h) separar as orações coordenadas adversativas, conclusivas e explicativas;

Ex.: Choveu à beça ontem, no entanto fui à praia.
Ele estudou bastante, portanto passará no concurso.
Volta logo, pois está tarde.

i) isolar conjunção coordenativa adversativa ou conclusiva deslocada;

Ex.: A chuva, no entanto, não atrapalhou a festa.
João deve, portanto, chegar mais tarde.

Obs.: Se a conjunção coordenativa adversativa ou conclusiva iniciar período, a vírgula será facultativa.

Ex.: Entretanto(,) todos retornaram cedo para casa.
Então(,) ele fará o trabalho.

j) isolar os termos **DIGO, DIGO MELHOR, OU SEJA, ISTO É;**

Ex.: A vida é triste, ou melhor, muito triste.
Comprei uma caneta, isto é, um lápis.

k) separar as orações subordinadas adjetivas explicativas;

Ex.: Os alunos, que fizeram bagunça, foram expulsos.

BIZU

As orações subordinadas adjetivas, quando isoladas por vírgula, serão explicativas; quando não, serão restritivas. A frase acima significa que os alunos foram expulsos porque fizeram bagunça. Se a frase fosse "Os alunos que fizeram bagunça foram expulsos", significaria que somente aqueles alunos que fizeram bagunça foram expulsos. O melhor, portanto, neste caso, é o leitor se condicionar a perceber a presença da vírgula. Havendo a vírgula, há a ideia de

explicação, de por quê. Não havendo, a ideia é de restrição. Portanto, as vírgulas modificam completamente o sentido das orações subordinadas adjetivas. É importante também esclarecer que a oração explicativa também pode encontrar-se isolada através de travessões ou parênteses.

l) separar, nas datas, o nome do local;

Ex.: Rio de Janeiro, 19 de agosto de 1994.

m) separar as orações reduzidas quando iniciarem uma frase;

Ex.: Dadas as explicações, todos o desculparam.

Ao analisar a situação do país, quase se suicidou.

Percebendo os erros, corrigiu-os.

n) Uso de vírgula antes de **ETC**.

Em tese, não deveria ser aceito, pois é coerente a ausência da vírgula em função de "*et*" em "*et coetera*" significar "e". Como é óbvio que, em "Ele comprou camisa, bermuda, gravata e outros", não há vírgula antes de "e", também não deve haver vírgula antes de "**et**". No entanto, como este uso se encontra deveras difundido, Evanildo Bechara o admite, e na *Gramática da Língua Portuguesa*, Celso Cunha, conquanto não tenha realizado análise sobre seu uso no livro, empregou a vírgula antes de "etc." em várias oportunidades.

Ex.: Ele comprou camisa, bermuda, gravata (,) etc.

24.2. Uso de ponto e vírgula

O ponto e vírgula deve ser utilizado para:

a) separar os itens de uma enumeração;

Ex.: Zico, jogador do Flamengo, foi vendido para a Udinese; Falcão, jogador do Internacional, para o Roma; Sócrates, do Corinthians, para a Fiorentina.

b) separar orações coordenadas assindéticas ou sindéticas adversativas e conclusivas. Normalmente aparecem em frases em que já tenha aparecido a vírgula.

Ex.: Comprei laranja, maçã, pera e banana; no entanto, não comprei nenhum legume.

Falei, falei, falei, e ele ficou calado; logo, ele compreendeu tudo.

"Pensei em prometer algumas dezenas de padre-nossos; tinha, porém, outra promessa em aberto e outro favor pendente" (Machado de Assis).

Obs.: É importante esclarecer que todas as ocorrências de ponto e vírgula podem ser substituídas pelo ponto.

24.3. Uso do ponto

O ponto deve ser utilizado para:

a) indicar o fim de uma frase;

Ex.: Falei e disse.

b) marcar uma abreviação.

Ex.: V. Ex.ª

24.4. Uso de dois-pontos

Os dois-pontos devem ser utilizados para:

a) indicar a introdução de uma fala;

Ex.: Descartes disse: "Penso, logo existo".

b) introduzir um aposto ou uma oração subordinada substantiva apositiva;

Ex.: Comprei frutas: laranja, maçã, pera e manga.

Só disse algumas palavras: que não voltes mais.

c) introduzir um exemplo ou observação.

Ex.: Exemplo: Observação:

24.5. Uso de exclamação

O ponto de exclamação deve ser utilizado para:

a) indicar surpresa, espanto, dor, alegria e ordem.

Ex.: Que espetáculo!

Vá agora!

24.6. Uso de interrogação

O ponto de interrogação deve ser utilizado para:

a) indicar uma interrogativa ***direta***.

Ex.: Por que ele não veio?

Quando Maricota falará contigo?

24.7. Uso de reticências

As reticências devem ser utilizadas para:

a) indicar uma interrupção de um pensamento;

Ex.: Ele não veio, porque...

b) indicar uma ideia de continuidade;

Ex.: Talvez os filhos dos filhos... dos nossos filhos tenham um mundo melhor.

c) pode também indicar uma ideia de ironia.

Ex.: Os políticos são certamente cidadãos muito honestos...

24.8. Uso de aspas

As aspas devem ser utilizadas para:

a) indicar uma citação;

Ex.: "Jogo é jogo, treino é treino", dizia Didi.

b) indicar neologismos, estrangeirismos, gírias etc.

Ex.: Dario dizia que havia sempre uma "solucionática" para toda problemática.

Magri disse que a economia é "imexível".

Os políticos gastam uma fortuna com "outdoor".

– "Bicho", foi sensacional.

c) citar obras artísticas ou científicas.

Ex.: Li "Dom Casmurro" três vezes.

24.9. Uso de parênteses

Os parênteses devem ser utilizados para:

a) acrescentar ao texto comentários ou explicações acessórias.

Ex.: Ayrton Senna (1960-1994) foi o maior ídolo do automobilismo nacional.

As imagens tácitas (implícitas), às vezes, são mais bonitas.

24.10. Uso de travessão

O travessão deve ser utilizado para:

a) ligar palavras que formam uma cadeia na frase;

Ex.: A estrada Rio – São Paulo não está muito bem cuidada.

b) indicar a mudança de interlocutor nos diálogos;

Ex.: – Manoel, porque você faltou?

– João, faltei porque estava doente.

c) acrescentar ideia de explicação ao texto.

Ex.: O candidato – que estuda – passa.

Ronaldo Gaúcho, melhor atleta de 2004 e 2005, é o expoente da seleção brasileira na Copa de 2006.

Obs.: Os parênteses, o(s) travessão(ões) e a(s) vírgulas podem ser utilizados para acrescentar valor de explicação ao período indistintamente.

Ex.: Lula – um ex-operário – chegou à presidência.
Lula (um ex-operário) chegou à presidência.
Lula, um ex-operário, chegou à presidência.

24.11. Exercícios

1. (Analista de Planejamento e Orçamento – MPOG – Esaf) Em relação ao emprego dos sinais de pontuação no texto, assinale a opção correta.

O modo solidário de produção e distribuição parece à primeira vista um híbrido entre o capitalismo e a pequena produção de mercadorias. Mas, na realidade, ele constitui uma síntese que supera ambos. A unidade típica da economia solidária é a cooperativa de produção, cujos princípios organizativos são: posse coletiva dos meios de produção pelas pessoas que as utilizam para produzir; gestão democrática da empresa ou por participação direta (quando o número de cooperadores não é demasiado) ou por representação; repartição da receita líquida entre os cooperadores por critérios aprovados após discussões e negociações entre todos; destinação do excedente anual (denominado sobras) também por critérios acertados entre todos os cooperadores. A cota básica do capital de cada cooperador não é remunerada, somas adicionais emprestadas à cooperativa proporcionam a menor taxa de juros do mercado.

(*Paul Singer*)

a) Se a expressão "à primeira vista" (l.1) estivesse entre vírgulas, o período ficaria gramaticalmente prejudicado.

b) O sinal de dois-pontos (l.4) justifica-se por anteceder citação de depoimento alheio ao autor do texto.

c) As três ocorrências de sinal de ponto e vírgula (l.5, 7 e 9) têm justificativas gramaticais diferentes.

d) Se o emprego de parênteses (l.6, 7 e 9) for substituído por vírgulas, a coerência do texto fica prejudicada.

e) Os parênteses que isolam a expressão "denominado sobras" (l.9) podem, sem prejuízo para o texto, ser substituídos por travessões ou por vírgulas.

2. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) *O caso Montaigne na tradição literária da amizade não é propriamente uma exceção. Como os povos felizes, que – já se disse – não têm história: os sentimentos vitais, contentes e continentes, poucas vezes, enquanto vigem, dublam-se em reflexão e discurso. Por isso, certamente, a clave da perda marca tanto essa literatura e a tinge tão estranhamente de melancolia. (É que talvez os relevos dos grandes sentimentos humanos só se deixem mesmo apalpar pelo avesso: a falta permite, mais facilmente, sondar a profundidade do pleno, a dor, do contentamento.)*

Atente para as afirmações seguintes sobre a pontuação empregada na frase acima, transcrita do 1o parágrafo do texto.

I. O uso dos parênteses para isolar a frase justifica-se por se tratar de uma digressão que, embora relacionada à reflexão feita no parágrafo, interrompe momentaneamente o fluxo do pensamento.

II. Os dois-pontos introduzem um segmento que constitui, de certo modo, uma ressalva ao que se afirma no segmento imediatamente anterior.

III. As vírgulas que isolam o segmento *mais facilmente* poderiam ser retiradas sem prejuízo para a correção e a lógica.

Está correto o que se afirma em:

a) I, apenas;
b) I e II, apenas;
c) I e III, apenas;
d) II e III, apenas;
e) I, II e III.

3. (AFTE – Esaf) Marque a assertiva errada em relação ao texto seguinte:

O ano de 2003 é marcado pela recessão econômica no Brasil e em vários países do mundo. Aqui, o clima foi de expectativa em relação a um novo governo que assumiu o País diante de um grave quadro de desigualdade social. O Brasil assistiu, estarrecido, no outro lado do mundo, a uma invasão no Oriente Médio promovida pela dupla Bush/Blair. E o terrorismo só recrudesceu. De que forma todos esses acontecimentos podem ter influído no imaginário do executivo brasileiro?

(*Carta Capital*, no 307)

a) A substituição de "é marcado" (l.1) por marca-se mantém a informação original e a correção gramatical do período.
b) A vírgula depois de "Aqui" (l.2) pode ser dispensada sem prejuízo da correção por tratar-se de pontuação facultativa.

c) "Expectador" é uma palavra cognata de "Expectativa", mas ao contrário dessa pode também ser grafada com "s" na primeira sílaba, sem alteração de sentido.
d) Se as vírgulas que estão isolando "estarrecido" (l.3) forem substituídas por travessões, o período permanece correto.
e) A preposição "a" em "a uma invasão" (l.4) caracteriza a escrita formal, culta e, geralmente, é dispensada se usado um estilo menos formal.

Leia o texto a seguir para responder à questão 4.

Enquanto o patrimônio tradicional continua sendo responsabilidade dos Estados, a promoção da cultura moderna é cada vez mais tarefa de empresas e órgãos privados. Dessa diferença derivam dois estilos de ação cultural. Enquanto os governos pensam sua política em termos de proteção e preservação do patrimônio histórico, as iniciativas inovadoras ficam nas mãos da sociedade civil, especialmente daqueles que dispõem de poder econômico para financiar arriscando. Uns e outros buscam na arte dois tipos de ganho simbólico: os Estados, legitimidade e consenso ao aparecer como representantes da história nacional; as empresas, obter lucro e construir através da cultura de ponta, renovadora, uma imagem "não interessada" de sua expansão econômica.
(Nestor Garcia Canclini. *Culturas Híbridas*, p. 33, com adaptações)

4. (AFRF – Esaf) Assinale a alteração na pontuação que provoca incoerência textual ou erro gramatical no texto.
a) A substituição do ponto final depois de "cultural" (l.3) por **dois-pontos**.
b) A substituição dos dois-pontos depois de "simbólico" (l.7) pelo sinal de **ponto e vírgula**.
c) A substituição do sinal de ponto-e-vírgula depois de "nacional" (l.8) pela conjunção **e**.
d) A inserção de uma vírgula depois de "construir" (l.8).
e) A retirada da vírgula depois de "ponta" (l.8).

5. (AFRF – Esaf) No texto abaixo foram substituídos sinais de pontuação por números. Assinale a sequência de sinais de pontuação que devem ser inseridos nos espaços indicados para que o texto se torne coerente e gramaticalmente correto. Desconsidere a necessidade de transformar letras minúsculas em maiúsculas.
Os seres humanos sofrem sempre conflitos de interesse com os ressentimentos, facções, coalizões e instáveis alianças que os acompanham (1) no entanto, o que mais interessa nesses fenômenos conflituosos não é o quanto eles nos separam, mas quão frequentemente eles são neutralizados, perdoados e desculpados. Nos seres humanos (2) com seu extraordinário dom narrativo, uma das principais formas de manutenção da paz é o dom

humano de apresentar (3) dramatizar e explicar as circunstâncias atenuantes em torno de violações que ameaçam introduzir conflito na habitualidade da vida (4) o objetivo de tal narrativa não é reconciliar, não é legitimar, nem mesmo desculpar, mas antes (5) explicar.
(Jerome Bruner. *Atos de significação*, com adaptações)

a) ; , . : .

b) ; - ; . ;

c) , ; - ; :

d) , . : ; :

e) . , , . ,

6. (Susep – Esaf) Os trechos abaixo constituem um texto. Assinale a opção em que o emprego dos sinais de pontuação está correto.
a) A preservação do crescimento da China, por suas particularidades se faz com redução dos efeitos irradiadores sobre as demais economias.
b) Isto porque a estabilidade do crescimento do PIB chinês, mascara um fato crucial, qual seja, a forte redução do investimento nessa economia.
c) Um longo período de aumento do investimento, durante o qual chegou-se a incrementos acima de 40% ao ano termina por engendrar um excesso de capacidade de produção em vários segmentos, cuja digestão demandará algum tempo.
d) Isto obviamente, não significa desaceleração no sentido tradicional, ou seja, do produto corrente, mas implica menor efeito irradiador sobre as economias das quais a China importa máquinas e equipamentos.
e) Outro aspecto do desenvolvimento recente na China é a redução do coeficiente importado em razão da entrada em operação de plantas produtoras de *commodities* industriais.

7. (TRF) Considere os períodos I, II e III, pontuados de duas maneiras diferentes.
I. Entregues os documentos pelo correio, seguirão outras informações relativas ao processo.

Entregues os documentos, pelo correio seguirão outras informações, relativas ao processo.
II. A audiência será marcada de imediato pelo advogado e o promotor conjuntamente.
A audiência será marcada, de imediato, pelo advogado e o promotor conjuntamente.
III. É bom que se arquivem os processos que estão com o prazo vencido.
É bom que se arquivem os processos, que estão com o prazo vencido.
Com a pontuação diferente, ocorreu alteração de significado em:
a) I, somente;
b) II, somente;
c) I e II;
d) I e III;
e) II e III.

8. (ANA – Esaf) Em relação à pontuação do texto, assinale a opção correta.
A água pode ter diversas finalidades, como: abastecimento humano, dessedentação animal, irrigação, indústria, geração de energia elétrica, lazer, navegação etc. Muitas vezes, esses usos podem ser concorrentes, o que gera conflitos entre setores usuários ou mesmo impactos ambientais.
Nesse sentido, é necessário gerir e regular os recursos hídricos, acomodando as demandas econômicas, sociais e ambientais por água em níveis sustentáveis, para permitir a convivência dos usos atuais e futuros da água sem conflitos. Por isso, a outorga é fundamental, pois, ordenando e regularizando o uso da água, é possível assegurar ao usuário o efetivo acesso a ela, bem como realizar o controle quantitativo e qualitativo dos usos desse precioso recurso.
(*José Machado* *http://www.ana.gov.br/SalaImprensa/artigos/set.2008.pdf*)
a) As vírgulas da linha dois justificam-se porque isolam elementos de mesma função gramatical componentes de uma enumeração.
b) O emprego do sinal de dois-pontos (l.1) justifica-se por anteceder oração subordinada adjetiva restritiva.
c) A vírgula após "Muitas vezes" (l.4) justifica-se para isolar conjunção temporal.
d) O emprego de vírgula após "hídricos" (l.8) justifica-se para isolar oração subordinada adverbial comparativa.
e) O emprego de vírgula após "fundamental" (l.11) justifica-se por isolar oração subordinada adverbial condicional.

9. (ARF – Esaf) Assinale o trecho do texto adaptado de Boris Fausto (Memória e História) em que, na transcrição, foram plenamente atendidas as regras de pontuação.

a) Em uma fila no banco, na época em que, no Brasil, houve congelamento dos depósitos bancários, uma jovem, de traços orientais, permanecia calada e, aparentemente, atenta aos movimentos de todos, como se a qualquer momento, alguém pudesse passar à sua frente.
b) Pensei, ainda, em lembrá-la de que, por outro lado, a experiência dos japoneses no Brasil estava longe de representar um desastre. No entanto, bastou olhar para a neta do sol nascente e, logo, perceber que ela se transportara para outras esferas, alheia à fila e a tudo o mais que a rodeava.
c) Não era nada disso. A jovem decifrou o enigma, em tom suspiroso, explicando que, no começo dos anos de 1930, grande parte da família decidira emigrar para a Califórnia, mas seu avô meio aventureiro, optara infelizmente, pelo Brasil.
d) Tentei esboçar um discurso sociológico, ponderando, que os imigrantes japoneses localizados na costa do Pacífico, tinham atravessado momentos adversos, especialmente, no curso da Segunda Guerra Mundial, quando muitos deles foram transferidos para campos de confinamento no meio-oeste americano.
e) De repente, sua voz se ergueu enigmática: "A culpa de tudo isso é do meu avô." Nos segundos seguintes, a melhor hipótese que me passou pela cabeça, foi a de um avô conservador, aconselhando a neta a poupar, em vez de gastar, apoiado em uma versão japonesa da fábula da cigarra e da formiga.

10. (ARF – Esaf) Assinale a justificativa correta para o emprego de vírgula.
A economia real nos Estados Unidos e na Europa segue em compasso de espera. Isso significa que o produto e o emprego seguem em declínio, (1) mas a uma velocidade menor. Seja como for, as injeções de liquidez, os programas de compra de ativos podres, (2) as garantias oferecidas pelas autoridades e a capitalização das instituições financeiras não fizeram pouco. Além de construir um piso para a deflação de ativos, as intervenções de provimento de liquidez suscitaram, (3) diriam os keynesianos, (3) um movimento global no interior da circulação financeira. O inchaço da circulação financeira teve efeitos mesquinhos sobre a circulação industrial, (4) ou seja, (4) sobre a movimentação do crédito e da moeda destinada a impulsionar a produção e o emprego. Observa-se, (5) no entanto, (5) um rearranjo dentro do estoque de riqueza que responde aos preços esperados dos ativos "especulativos" por parte dos investidores que sobreviveram ao colapso da liquidez. Agarrados aos salva-vidas lançados com generosidade pelo gestor em última instância do dinheiro – esse bem público objeto da cobiça privada – os senhores da finança tratam de restaurar as práticas e operações de "normalização dos mercados", isto é, aquelas que levaram à crise.
(Luiz Gonzaga Beluzzo, adaptado do *Valor Econômico* de 14 de outubro de 2009)

a) (1) A vírgula separa oração coordenada assindética.
b) (2) A vírgula separa elementos de mesma função sintática componentes de uma enumeração.
c) (3) As vírgulas isolam uma expressão apositiva.
d) (4) As vírgulas isolam conjunção coordenativa conclusiva.
e) (5) As vírgulas isolam conjunção subordinativa concessiva intercalada na oração principal.

11. (DNOCS – FCC) A pontuação desta frase está inteiramente correta:
a) A dialética sendo uma verdade mais séria, do que se costuma crer, manifesta-se no processo de resistência, da cultura popular.
b) De fato a cultura de massa com a enorme força de que dispõe, costuma apropriar-se das formas da cultura popular, inapelavelmente.
c) A socialização, proveniente das boas relações comunitárias constitui, sem dúvida, uma bela forma de autopreservação, na cultura popular.
d) As escolas de samba, nas festas promovidas para turistas, constituem matéria-prima e *mão de obra*, simultaneamente, para o capital.
e) Costumam, as diferentes manifestações de cultura popular, descaracterizar-se de vez que não resistem, às pressões da cultura de massa.

12. (TCM – CE) Está plenamente adequada a pontuação da seguinte frase:
a) A rotina, afirmam alguns, é inimiga da criatividade, mas essa tese, segundo o cronista, é uma falácia: basta ver o que já ocorreu em nossa literatura.
b) A rotina, afirmam alguns: é inimiga da criatividade; mas essa tese segundo o cronista é uma falácia, basta ver o que já ocorreu em nossa literatura.
c) A rotina – afirmam alguns – é inimiga da criatividade: mas essa tese, segundo o cronista, é uma falácia, basta ver o que já ocorreu, em nossa literatura.
d) A rotina, afirmam alguns, é inimiga da criatividade; mas essa tese segundo o cronista, é uma falácia, basta ver, o que já ocorreu em nossa literatura.
e) A rotina, afirmam alguns, é inimiga da criatividade mas, essa tese, segundo o cronista, é uma falácia: basta ver o que já ocorreu, em nossa literatura.

13. (MPE – RN – FCC) É preciso corrigir a pontuação da frase:
a) Não obstante a imagem de candura, as crianças podem ser perversas por conta dos instintos, manifestação que, aliás, nos comandam a todos.
b) Não apenas as crianças, também os adultos cedem aos instintos primitivos, de cuja manifestação, muitas vezes, tendemos a nos envergonhar.

c) O autor não se mostra nada simpático à tese da bondade natural, proposta e defendida por Rousseau, embora admita o grande prestígio de que goza esse filósofo.
d) No século 18, marcado pela ação dos pensadores iluministas, pedagogos como Rousseau, desejosos de mudanças, propuseram teses revolucionárias.
e) Deve-se à aparência meiga das crianças, boa parte da crença de que elas são seres angelicais, e por isso, incapazes de cometer crueldades.

14. (MPE – SE – FCC) A pontuação está inteiramente correta na frase:
a) Nosso admirável poeta Carlos Drummond de Andrade, em um poema antológico, foi capaz de definir em um único verso um atributo do tédio: esse sentimento mortal que, se descuidarmos, pode tomar conta de nós.
b) Nosso admirável poeta, Carlos Drummond de Andrade, em um poema antológico foi capaz de definir em um único verso: um atributo do tédio; esse sentimento mortal que se descuidarmos, pode tomar conta de nós.
c) Nosso admirável poeta Carlos Drummond de Andrade em um poema antológico, foi capaz de definir em um único verso, um atributo do tédio, esse sentimento mortal, que se descuidarmos pode tomar conta de nós.
d) Nosso admirável poeta, Carlos Drummond de Andrade em um poema antológico foi capaz de definir em um único verso, um atributo do tédio; esse sentimento mortal, que se descuidarmos pode tomar conta de nós.
e) Nosso admirável poeta Carlos Drummond de Andrade, em um poema antológico foi capaz, de definir em um único verso, um atributo do tédio, esse sentimento mortal que, se descuidarmos pode tomar conta de nós.

15. (AFTN) Indique o trecho que apresenta <u>erro</u> quanto ao emprego dos sinais de pontuação.
a) "Interferências demagógicas de governos, levaram o Sistema Brasileiro de Habitação à falência em que hoje se encontra". (*Folha de São Paulo*, 05/10/1989, p. A-4.)
b) "Mas a disputa pelos direitos do livro – a ser editado no Brasil, evidentemente, pela Marco Zero, da qual Márcio de Souza é diretor – apenas começou". (*Leia*, agosto / 1989, p. 14.)
c) "O convite veio de Jofre Rodrigues, sócio principal da produtora J. N. Filmes. Assim que a notícia foi divulgada na Europa, editoras alemãs, francesas e americanas começaram a assediar o agente literário Thomas Colchio, que responde pelo escritor brasileiro na França". (*Leia*, agosto / 1994, p. 14.)

d) "Ao lado da disputa pelos direitos de filmagem da vida do líder seringueiro Chico Mendes, arma-se uma outra briga: o alvo, agora, é o argumento do filme, que será escrito pelo romancista amazonense Márcio de Souza". (*Leia*, agosto / 1994, p. 14.)
e) "O bom humor voltou à vida de Arraes depois do encontro com Brizola na semana passada. Exatamente o que conversaram os dois políticos ninguém sabe". (*Folha de São Paulo*, 5/10/1989, p. A-4.)

16. (TRF-2ª Região – FCC) A pontuação está plenamente adequada na frase:
a) O cronista, diante da possibilidade de habitar uma ilha, enumera uma série de argumentos que, a princípio, desqualificariam as supostas vantagens de um insulamento, mas, ao fim e ao cabo, convence-se de que está na ilha a última chance de desfrutarmos nossa liberdade.
b) O cronista diante da possibilidade, de habitar uma ilha, enumera uma série de argumentos, que a princípio desqualificariam as supostas vantagens de um insulamento, mas ao fim e ao cabo, convence-se de que está na ilha a última chance de desfrutarmos nossa liberdade.
c) O cronista diante da possibilidade de habitar uma ilha enumera uma série de argumentos, que a princípio, desqualificariam as supostas vantagens de um insulamento; mas ao fim e ao cabo convence-se, de que está na ilha a última chance de desfrutarmos nossa liberdade.
d) O cronista, diante da possibilidade de habitar uma ilha enumera uma série de argumentos, que a princípio, desqualificariam as supostas vantagens de um insulamento mas, ao fim e ao cabo convence-se de que está na ilha, a última chance de desfrutarmos nossa liberdade.
e) O cronista, diante da possibilidade de habitar uma ilha enumera uma série de argumentos que a princípio, desqualificariam as supostas vantagens de um insulamento; mas ao fim e ao cabo, convence-se de que, está na ilha, a última chance de desfrutarmos nossa liberdade.

17. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) A supressão das vírgulas altera o sentido da seguinte frase:
a) Meninos de rua são, quase sempre, vistos como párias sociais, e não como vítimas.
b) Saber que, felizmente, há instituições como o SAID é motivo para alento e renovação de esperanças.
c) Não há, hoje em dia, quem possa alegar desconhecimento da situação dos jovens viciados.

d) Aqui e ali, podemos nos deparar com o trágico quadro de menores entregues ao destino das ruas.
e) Os menores de rua, que o vício das drogas arrebatou, demandam com urgência que os resgatemos desse inferno.

18. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – FCC) Está plenamente adequada a pontuação da seguinte frase:
a) Embora ansioso, por aposentar-se, o autor não parece convicto de que, o ócio lhe fará bem; tanto assim que vez ou outra imagina atividades, que passará a exercer.
b) Embora ansioso por aposentar-se o autor, não parece convicto, de que o ócio lhe fará bem, tanto assim que vez ou outra, imagina atividades que passará a exercer.
c) Embora ansioso por aposentar-se, o autor, não parece convicto de que o ócio lhe fará bem, tanto assim que, vez ou outra, imagina atividades, que passará a exercer.
d) Embora ansioso por aposentar-se, o autor não parece convicto de que o ócio lhe fará bem, tanto assim que, vez ou outra, imagina atividades que passará a exercer.
e) Embora ansioso, por aposentar-se, o autor não parece convicto de que o ócio lhe fará bem: tanto assim, que vez ou outra, imagina atividades que passará a exercer.

(AFTN) Nas questões 19 e 20, marque o texto em que os sinais de pontuação não foram usados corretamente.
19.
a) Denis de Rougemont tornou o Romance de Tristão e Isolda, datado do século XVII, como o "nascimento da paixão" no Ocidente.
b) Contra o casamento de interesse e contra a concepção cristã do casamento feliz por amor, a paixão é um estado amoroso que parece se alimentar da sua própria impossibilidade, encontrando a sua máxima realização no seu obstáculo supremo, que é a morte.
c) Rastreando os enigmas da paixão, contidos em Tristão e Isolda, Rougemont aponta as fontes do mito nas heresias de fundo maniqueístas, para as quais a morte, representa a passagem da Noite da matéria para o Dia luminoso do espírito.
d) Vivendo, no seu transporte febril, a promessa vigente de uma libertação dos limites da existência e da infelicidade do viver, os amantes, que se buscam e que se afastam, mais fiéis à própria paixão do que ao desejo da presença do outro, buscam transfigurar a morte em triunfo.
e) Implícito no código cortês da poesia trovadoresca, recorrente numa longa tradição literária, alimentado na ficção de massas (e dissipado do seu fundamento místico), o amor-paixão vigora em contradição com as normas sociais e a ortodoxia religiosa. (José Miguel Winsk; com adaptações)

20.

a) Uma das articulações clássicas da tradição marxista, a que junta a pobreza à dominação, se desfez nas sociedades desenvolvidas: cada vez mais se torna possível a satisfação das necessidades econômicas sem que as exigências políticas sejam atendidas.

b) Neste sentido, faz-se problemática a conceituação de progresso.

c) Mais complexas ainda, se tornam as definições sobre o conceito se pensarmos em um outro elemento, dificilmente presente nas reflexões tradicionais da filosofia política – a questão da felicidade.

d) Esta, juntamente com o tema da paixão, foi reduzida, na nossa tradição, ao domínio da subjetividade, do psicológico.

e) Propomo-nos a pensar a dimensão da paixão na política e tomamos, como ponto de partida, alguns artigos de Walter Benjamin (Kátia Muricy; com adaptações).

21. (Sefaz – SP – FCC) A pontuação está plenamente adequada na frase:

a) Aos que condenam a nostalgia argumentando, contra o passadismo, pode-se responder com a frase de um pensador: segundo o qual a saudade de tempos melhores, longe de ser reacionária, instiga-nos a esperar mais do presente.

b) Aos que condenam a nostalgia, argumentando contra o passadismo, pode-se responder, com a frase de um pensador, segundo o qual a saudade de tempos melhores longe de ser reacionária, instiga-nos a esperar mais do presente.

c) Aos que condenam a nostalgia argumentando contra o passadismo, pode-se responder com a frase, de um pensador, segundo o qual: a saudade de tempos melhores, longe de ser reacionária, instiga-nos a esperar mais do presente.

d) Aos que condenam a nostalgia argumentando contra o passadismo, pode-se responder com a frase de um pensador, segundo o qual a saudade de tempos melhores, longe de ser reacionária, instiga-nos a esperar mais do presente.

e) Aos que condenam a nostalgia, argumentando contra o passadismo pode-se responder com a frase de um pensador, segundo o qual, a saudade de tempos melhores, longe de ser reacionária instiga-nos a esperar mais do presente.

22. (TFC) Assinale o período corretamente pontuado.

a) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis, que, num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.

b) Os carros modernos, são feitos com chapas bastante flexíveis que, num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.

c) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis, que num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.
d) Os carros modernos são feitos, com chapas bastante flexíveis, que, num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.
e) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis que num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.

23. (TRT – 8R – FCC) Desconsiderada a sua organização em versos, a primeira estrofe da canção está corretamente pontuada em:
a) Quando eu me encontrava preso na cela de uma cadeia, foi que vi, pela primeira vez, as tais fotografias em que apareces: inteira. Porém, lá não estavas, nua e sim coberta de nuvens...
b) Quando eu me encontrava preso, na cela de uma cadeia foi que vi pela primeira vez, as tais fotografias, em que apareces inteira: porém, lá não estavas nua, e sim coberta de nuvens...
c) Quando eu me encontrava preso na cela de uma cadeia, foi que vi pela primeira vez as tais fotografias em que apareces inteira. Porém, lá não estavas nua e, sim, coberta de nuvens...
d) Quando eu me encontrava, preso na cela de uma cadeia, foi que vi pela primeira vez as tais fotografias em que apareces inteira, porém: lá não estavas nua e sim coberta de nuvens...
e) Quando eu me encontrava preso na cela, de uma cadeia, foi que vi pela primeira vez as tais fotografias em que apareces, inteira. Porém, lá, não estavas nua e sim, coberta de nuvens...

24. (Analista Judiciário – TRE-SP – FCC) Está inteiramente adequada a pontuação do seguinte período:
a) Em qualquer escalão do governo costuma haver mais cedo, ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado, por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança que ficam ao sabor, das conveniências políticas.
b) Em qualquer escalão, do governo, costuma haver mais cedo ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.
c) Em qualquer escalão do governo, costuma haver, mais cedo ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

d) Em qualquer escalão do governo costuma haver, mais cedo ou mais tarde, atritos, entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso e o pessoal, indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.
e) Em qualquer escalão do governo costuma haver mais cedo, ou mais tarde atritos, entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado, por concurso, e o pessoal indicado, para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

25. (Técnico Judiciário – TRE-SP – FCC) Está inteiramente correta e adequada a pontuação da seguinte frase:
a) Mesmo nas obras modernistas que, por um motivo ou outro, parecem hoje datadas, pode-se reconhecer a importância que tiveram, na época, para a busca da liberdade de criação e expressão, conquista que Mário de Andrade não se cansou de acentuar.
b) Mesmo nas obras modernistas, que por um motivo, ou outro, parecem hoje datadas pode-se reconhecer a importância que tiveram na época, para a busca da liberdade de criação e expressão, conquista que Mário de Andrade não se cansou, de acentuar.
c) Mesmo nas obras modernistas, que por um motivo ou outro, parecem hoje datadas, pode-se reconhecer a importância que tiveram, na época, para a busca da liberdade de criação e expressão: conquista, que Mário de Andrade não se cansou de acentuar.
d) Mesmo nas obras modernistas que, por um motivo ou outro, parecem hoje datadas pode-se reconhecer, a importância que tiveram na época, para a busca da liberdade de criação e expressão, conquista que, Mário de Andrade, não se cansou de acentuar.
e) Mesmo nas obras modernistas que por um motivo ou outro, parecem hoje datadas, pode-se reconhecer a importância que tiveram, na época para a busca da liberdade de criação e expressão; conquista que Mário de Andrade não se cansou de acentuar.

26. (TTN) Assinale a alternativa que apresenta o emprego correto dos sinais de pontuação.
a) Na Suíça, delegados de 103 países, grande parte deles com as vestes africanas, determinaram a proibição total da caça aos elefantes. (Trechos da *Isto é / Senhor*, 25/10/1989.)
b) Na Suíça, delegados de 103 países, grande parte deles com suas vestes africanas, determinaram a proibição total, da caça aos elefantes.
c) Na Suíça delegados de 103 países, grande parte deles com suas vestes africanas determinaram a proibição total, da caça aos elefantes.
d) Na Suíça, delegados de 103 países, grande parte deles com suas vestes africanas determinaram a proibição, total da caça aos elefantes.
e) Na Suíça, delegados de 103 países grande parte deles com suas vestes africanas determinaram, a proibição total da caça aos elefantes.

27. (Técnico Judiciário – TRE-SP – FCC) ***Esta cidade que está acabando, que já acabou com a garoa, os bondes, o trem da Cantareira, as cantigas do Bexiga, Adoniran não a deixará acabar...***

Mantendo-se, em linhas gerais, o sentido original, uma redação alternativa para a frase acima, em que se respeitam as regras de pontuação, é:

a) Adoniran não deixará acabar, a cidade que está acabando, e que já acabou com a garoa, os bondes, o trem da Cantareira, as cantigas do Bexiga...

b) Adoniran não deixará acabar a cidade, que está acabando e que já acabou, com a garoa, os bondes, o trem da Cantareira, as cantigas do Bexiga...

c) Adoniran, não deixará acabar a cidade, que está acabando – e que já acabou – com a garoa, os bondes, o trem da Cantareira, as cantigas do Bexiga...

d) Adoniran não deixará acabar a cidade que está acabando e que já acabou com a garoa, os bondes, o trem da Cantareira, as cantigas do Bexiga...

e) Adoniran, não deixará acabar a cidade que está acabando e que, já acabou, com a garoa, os bondes, o trem da Cantareira, as cantigas do Bexiga...

28. (TRE – AL – FCC) A pontuação está inteiramente adequada na frase:

a) Será preciso, talvez, redefinir a infância já que as crianças de hoje, ao que tudo indica nada mais têm a ver com as de ontem.

b) Será preciso, talvez redefinir a infância: já que as crianças, de hoje, ao que tudo indica nada têm a ver, com as de ontem.

c) Será preciso, talvez: redefinir a infância, já que as crianças de hoje ao que tudo indica, nada têm a ver com as de ontem.

d) Será preciso, talvez redefinir a infância? – já que as crianças de hoje ao que tudo indica, nada têm a ver com as de ontem.

e) Será preciso, talvez, redefinir a infância, já que as crianças de hoje, ao que tudo indica, nada têm a ver com as de ontem.

29. (TTN) Marque o texto onde ocorre <u>erro</u> de pontuação.

a) Os estabelecimentos fundados por portugueses, lá pelos anos de 1618, começavam no Pará, quase sob o Equador, e terminavam em Cananeia, além do trópico.

b) Entre uma e outra capitania havia longos espaços desertos, de dezenas de léguas de extensão. A população de língua europeia, cabia folgadamente em cinco algarismos.

c) A camada ínfima da população era formada por escravos, filhos da terra, africanos ou seus descendentes.

d) Os filhos da terra eram menos numerosos pela pouca densidade originária da população indígena, pelos grandes êxodos que os afastaram da costa, pelas constantes epidemias que os dizimaram, pelos embaraços, nem sempre inúteis, opostos ao seu escravizamento.
e) Acima desta população, sem terra e sem liberdade, seguiam-se os portugueses de nascimento ou origem, sem terra, porém livres: feitores, mestres de açúcar, oficiais mecânicos, vivendo dos seus salários ou do feitio de obras encomendadas. (Capistrano de Abreu, com adaptações.)

30. (TTN) Indique o trecho em que os sinais de pontuação estão bem empregados.
a) O principal dado da pesquisa do DataFolha sobre a sucessão presidencial, publicada ontem, é o fato de que, pela primeira vez desde abril, os números indicam que haverá um segundo turno.
b) O principal dado, da pesquisa do DataFolha, sobre a sucessão presidencial, publicada ontem, é o fato de que pela primeira vez, desde abril, os números indicam que haverá um segundo turno.
c) O principal dado da pesquisa do DataFolha sobre a sucessão presidencial publicada ontem, é o fato de, que pela primeira vez, desde abril, os números indicam que haverá um segundo turno.
d) O principal dado da pesquisa do DataFolha, sobre a sucessão presidencial, publicada ontem é o fato de, que pela primeira vez, desde abril, os números indicam que haverá um segundo turno.
e) O principal dado da pesquisa do DataFolha sobre a sucessão presidencial publicada, ontem, é o fato de que pela primeira vez, desde abril os números indicam que haverá um segundo turno.

(AFTN) Nos textos apresentados nas questões 31 e 32, marque o período em que ocorre <u>erro</u> de pontuação.

31.
a) Em todas as culturas, o processo pelo qual a lei geral suplanta a lei particular, faz-se acompanhar de crises mais ou menos graves e prolongadas, que podem afetar, profundamente, a estrutura da sociedade. (Sérgio Buarque de Holanda, com adaptações.)
b) Ninguém exprimiu, com mais intensidade, a oposição e mesmo a incompatibilidade fundamental entre o Estado e a família do que Sófocles.
c) Creonte encarna a noção abstrata, impessoal da Cidade em luta contra essa realidade concreta e tangível que é a família.

d) Antígona, sepultando Polinice contra as ordenações do Estado, atrai sobre si a cólera do irmão, que não age em nome de sua vontade pessoal, mas da suposta vontade geral dos cidadãos.
e) O conflito entre Antígona e Creonte é de todas as épocas, e preserva-se sua veemência ainda em nossos dias.

32.
a) No período colonial, haverá forçosamente de ocupar-se de sujeitos e obras de escasso ou até nenhum valor literário, como são quase todas as dessa época. (José Veríssimo, com adaptações.)
b) Por um mau patriotismo, sentimento funesto a toda a história, que necessariamente vicia, e também por vaidade da erudição, presumiram os nossos historiadores literários avultar e valorizar o seu assunto, ou o seu próprio conhecimento dele, com fartos róis de autores e obras, acompanhados de elogios desmarcados e impertinentes qualificativos.
c) Não obstante o pregão patriótico, tais nomes e obras continuaram desconhecidos, eles e elas não lidos.
d) Igualmente não desejo continuar a fazer da história da nossa literatura um cemitério, enchendo-o de autores de todo mortos, alguns ao nascer.
e) Não quero cair no mesmo engano e supor que a crítica ou história literária, têm faculdades para dar vida e mérito ao que de si não tem.

33. (AFTE – RN – Esaf) Marque a versão do fragmento de texto de Delfim Netto (em *Carta Capital*) que está em desacordo com as normas de emprego dos sinais de pontuação.
a) É um pesadelo a Ata da última reunião do Conselho de Política Monetária (Copom)! O parágrafo 26 lembra que as metas inflacionárias são fixadas pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) e que, ao BC, resta cumpri-las. Estabelecido esse *hedge*, o "ambiente" da ata é de um radicalismo absoluto: obedecê-las, custe o que custar!
b) É um pesadelo a Ata da última reunião do Conselho de Política Monetária (Copom): o parágrafo 26 lembra que as metas inflacionárias são fixadas pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) e que, ao BC, resta cumpri-las. Estabelecido esse *hedge*, o "ambiente" da ata é de um radicalismo absoluto: obedecê-las, custe o que custar!
c) É um pesadelo a Ata da última reunião do Conselho de Política Monetária (Copom). O parágrafo 26 lembra que as metas inflacionárias são fixadas pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) e que, ao BC, resta cumpri-las. Estabelecido esse *hedge*, o "ambiente" da ata é de um radicalismo absoluto: obedecê-las, custe o que custar!
d) É um pesadelo a Ata da última reunião do Conselho de Política Monetária (Copom)! O parágrafo 26 lembra que, as metas inflacionárias são fixadas pelo Conselho Monetário

Nacional (CMN) e que, ao BC, resta cumpri-las. Estabelecido esse *hedge*, o "ambiente" da ata é de um radicalismo absoluto: obedecê-las, custe o que custar!
e) É um pesadelo a Ata da última reunião do Conselho de Política Monetária (Copom)! O parágrafo 26 lembra que as metas inflacionárias são fixadas pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) e que, ao BC, resta cumpri-las. Estabelecido esse *hedge*, o "ambiente" da ata é de um radicalismo absoluto. Obedecê-las, custe o que custar!

34. (Fiscal ICMS-RJ – FGV) ***O risco não vem de alguma ameaça cósmica – o choque de algum meteoro ou asteroide rasante – nem de algum cataclismo natural produzido pela própria Terra – um terremoto sem proporções ou algum deslocamento fenomenal de placas tectônicas*****.**
Assinale a alternativa que apresente a função correta dos travessões empregados no fragmento acima:
a) Destacar o argumento que constitui a informação mais relevante do período.
b) Introduzir discurso direto, indicando a mudança de interlocutor.
c) Isolar informação aposta que exemplifica o enunciado anterior.
d) Marcar a aceleração da voz na melodia típica das orações restritivas.
e) Assinalar a pausa máxima da voz numa entoação ascendente.

35. (Comissário da Justiça da Criança e da Juventude – NCE)
Governo
Creio no governo pelo povo; creio, porém, que o governo do povo tem uma base de sua legitimidade na cultura da inteligência nacional pelo desenvolvimento nacional do ensino, no qual as maiores liberalidades do Tesouro substituirão sempre o mais reprodutivo emprego da riqueza pública...
(Rui Barbosa)
As vírgulas que separam a conjunção porém se devem:
a) ao deslocamento da conjunção para o meio da frase;
b) à necessidade de destacar uma ideia essencial ao texto;
c) ao fato de uma conjunção adversativa vir sempre entre vírgulas;
d) à presença de um sujeito posposto;
e) a uma característica estilística de Rui Barbosa.

36. (TRT – 9ª Região – NCE) Observe o uso das vírgulas em "Sabe-se que o governo, para enfrentar a crise, adotará uma pluralidade de medidas". A justificativa para o emprego de vírgulas neste exemplo é a mesma válida para a opção:

a) "... com a qual se pretende conferir a tais medidas, por maldosas que sejam, um atestado de bom comportamento".
b) "Nos últimos anos, substituiu-se o 'em desenvolvimento' por 'emergente', palavra que igualmente se opõe ao 'sub'."
c) "O terceiro, 'conjunto de medidas' em lugar de 'pacote', fala exclusivamente à sensibilidade brasileira (...)".
d) "O que isso tudo quer dizer é que quando é difícil modificar a sociedade, ou o governo, modifica-se a linguagem".
e) "'Excluído', dirá o leitor, tem um sentido diverso".

37. (Auditor – Sefaz-RJ – FGV) ***Porém, sofrendo o Brasil os influxos de modelos legislativos estrangeiros, assim como estando as matrizes das empresas transnacionais que aqui operam sujeitas às normas de seus países de origem, não tardará para que as práticas que envolvem o criminal compliance sejam estendidas a diversos outros segmentos da economia.***
Assinale a alternativa em que a alteração do período acima tenha mantido adequação quanto ao seu sentido original e correção quanto à pontuação.
a) Sofrendo o Brasil, no entanto, os influxos de modelos legislativos estrangeiros – assim como estando as matrizes das empresas transnacionais que aqui operam sujeitas às normas de seus países de origem –, não tardará para que as práticas que envolvem o *criminal compliance* sejam estendidas a diversos outros segmentos da economia.
b) Entretanto, sofrendo o Brasil os influxos de modelos legislativos estrangeiros, – assim como estando as matrizes das empresas transnacionais que aqui operam sujeitas às normas de seus países de origem – não tardará para que as práticas que envolvem o *criminal compliance* sejam estendidas a diversos outros segmentos da economia.
c) Sofrendo, contudo, o Brasil os influxos de modelos legislativos estrangeiros – assim como estando as matrizes das empresas transnacionais que aqui operam sujeitas às normas de seus países de origem – não tardará para que as práticas que envolvem o *criminal compliance* sejam estendidas a diversos outros segmentos da economia.
d) Todavia, sofrendo o Brasil os influxos de modelos legislativos estrangeiros, – assim como estando as atrizes das empresas transnacionais que aqui operam sujeitas às normas de seus países de origem –, não tardará para que as práticas que envolvem o *criminal compliance* sejam estendidas a diversos outros segmentos da economia.
e) Contudo, sofrendo o Brasil os influxos de modelos legislativos estrangeiros – assim como estando as matrizes das empresas transnacionais que aqui operam sujeitas às normas de seus países de origem, não tardará para que as práticas que envolvem o *criminal compliance* sejam estendidas a diversos outros segmentos da economia.

38. (AFC – Esaf) Assinale o diagnóstico correto acerca do emprego das vírgulas no trecho seguinte.

A nova disciplina das sociedades limitadas, está presente no Código Civil de 2002, que inovou em relação ao diploma anterior e tratou de matéria de cunho eminentemente comercial, revogando, assim, neste aspecto, o vetusto Código Comercial que datava do século passado.

a) O trecho está corretamente pontuado: não sobram nem faltam vírgulas.

b) O erro de pontuação está no mau emprego da vírgula colocada após a palavra "limitadas". Sendo ela eliminada, o trecho torna-se gramaticalmente correto.

c) Para o trecho ficar corretamente pontuado, é preciso eliminar a vírgula colocada após a palavra "limitadas" e inserir uma vírgula após a palavra "comercial".

d) Há três erros de pontuação: ausência de vírgula após a palavra "presente", presença da vírgula depois de "2002" e presença da vírgula depois da palavra "revogando".

e) Basta uma vírgula isolando a oração adjetiva explicativa "que datava do século passado" para o trecho ficar corretamente pontuado.

39. (TRF – 4ª Região – FCC) Há <u>incorreções</u> na pontuação da seguinte frase:

a) A tarefa tem de ser levada a termo, apesar da dimensão dela; caso contrário, as crianças e os adolescentes infratores poderão tornar-se criminosos reincidentes.

b) Por mais precária que seja, a estrutura familiar, afastar dela um jovem, não é melhor do que interná-lo, no sistema atual da Febem.

c) Restituir o sistema da Febem a um estado operacional é medida emergencial a ser tomada pelo Estado, numa primeira linha de atuação.

d) As ações adotadas pelo governador, a partir da rebelião de outubro de 1999, não surtiram o efeito pretendido, em vista da que acaba de ocorrer.

e) Apesar de a construção de unidades mais funcionais ser uma boa medida, o prazo estipulado para a realização das obras não atende, de modo algum, à emergência da situação.

40. (TRT – 24ª Região – FCC) Modificando-se a ordem interna de frases do texto, a pontuação estará correta em:

a) Poderíamos lembrar recuando no tempo, que na África do Sul, o regime do *apartheid* representou um manifesto escárnio contra a Declaração dos Direitos Humanos.

b) Que tal informação não é improcedente por sua própria experiência, qualquer cidadão pode verificar.

c) No Brasil, costuma-se dizer, que há leis que "pegam" e leis que "não pegam".

d) Como deixar de reconhecer, a partir de então, que já "não pega" a arbitragem da própria Organização das Nações Unidas?
e) A contrapelo das decisões da ONU se deu a invasão do Iraque: mas confiná-la, aos limites do território nacional, talvez seja injusto.

41. (Analista Judiciário – TRE-PE – FCC) Está plenamente adequada a pontuação da frase:
a) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo tentar justificar, suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
b) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho; pois os velhos jornalistas igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
c) Não cabe aos jovens, ao menos, os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois, os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
d) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
e) Não cabe aos jovens, ao menos, os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados não costumavam abdicar, dos princípios éticos.

42. (Técnico Judiciário – TRE-RN – FCC)
Eu enfrentava os batalhões
Os alemães e seus canhões
Guardava o meu bodoque
E ensaiava um rock
Para as matinês
Os versos acima estão corretamente pontuados em:
a) Eu enfrentava, os batalhões – os alemães e seus canhões –, guardava o meu bodoque e ensaiava um rock: para as matinês.
b) Eu enfrentava, os batalhões, os alemães e seus canhões. Guardava o meu bodoque e ensaiava um rock, para as matinês.
c) Eu enfrentava: os batalhões, os alemães e seus canhões – guardava o meu bodoque e ensaiava, um rock para as matinês.
d) Eu enfrentava os batalhões; os alemães e seus canhões: guardava o meu bodoque e ensaiava um rock – para as matinês.

e) Eu enfrentava os batalhões, os alemães e seus canhões; guardava o meu bodoque e ensaiava um rock para as matinês.

43. (TRF – 5ª Região – Fundec) Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:

a) De acordo com Marilena Chauí – a autora do texto –, é preciso desconfiar das afirmações que, aparentemente óbvias, não resistem a uma análise mais concreta e mais rigorosa.

b) De acordo com Marilena Chauí, a autora do texto: é preciso desconfiar das afirmações que aparentemente óbvias, não resistem a uma análise, mais concreta e mais rigorosa.

c) De acordo com Marilena Chauí, a autora do texto; é preciso: desconfiar das afirmações que, aparentemente óbvias não resistem, a uma análise mais concreta, e mais rigorosa.

d) De acordo com Marilena Chauí, a autora do texto, é preciso desconfiar, das afirmações, que aparentemente óbvias não resistem a uma análise, mais concreta e mais rigorosa.

e) De acordo com Marilena Chauí, – a autora do texto – é preciso desconfiar das afirmações, que, aparentemente óbvias não resistem a uma análise mais concreta e, mais rigorosa.

44. (AFRF – Esaf) Marque o trecho com pontuação correta.

a) Com efeito pareceu, a Nabuco, que carecendo o Brasil, como os demais países do continente, de um desenho institucional capaz de lhe conferir a consistência que ele, ainda, não podia extrair de sua invertebrada sociedade havia sido a Monarquia, que permitira a construção do Estado de direito no Brasil.

b) Com efeito pareceu a Nabuco que carecendo o Brasil (como os demais países do continente), de um desenho institucional capaz de lhe conferir a consistência, que ele ainda não podia extrair de sua invertebrada sociedade, havia sido a Monarquia que permitira a construção do Estado de direito no Brasil.

c) Com efeito, pareceu a Nabuco que, carecendo o Brasil, como os demais países do continente, de um desenho institucional capaz de lhe conferir a consistência que ele ainda não podia extrair de sua invertebrada sociedade, havia sido a Monarquia que permitira a construção do Estado de direito no Brasil.

d) Com efeito, pareceu a Nabuco, que carecendo o Brasil, como os demais países do continente, de um desenho institucional, capaz de lhe conferir a consistência, que ele ainda não podia extrair de sua invertebrada sociedade, havia sido a Monarquia, que permitira a construção do Estado de direito no Brasil.

e) Com efeito: pareceu a Nabuco que, carecendo o Brasil – como os demais países do continente – de um desenho institucional, capaz de lhe conferir a consistência, que ele ainda

não podia extrair de sua invertebrada sociedade havia sido a Monarquia, que permitira a construção do Estado de direito no Brasil. *(Christian Edward Cyril Lynch, "O Império é que era a República: a monarquia republicana de Joaquim Nabuco". Lua Nova: Revista de Cultura e Política, nº 85, 2012)*

45. (TRT – 5ª Região – Fundec) Está inteiramente adequada a pontuação do seguinte período:

a) Poucos imaginam entre os turistas estrangeiros: que assistindo ao desfile carnavalesco estão presenciando um espetáculo – cuja euforia se assenta, sobre regras bem estabelecidas.

b) Poucos imaginam, entre os turistas estrangeiros, que, assistindo ao desfile carnavalesco, estão presenciando um espetáculo cuja euforia se assenta sobre regras bem estabelecidas.

c) Poucos imaginam, entre os turistas estrangeiros, que assistindo ao desfile carnavalesco, estão presenciando um espetáculo cuja euforia, se assenta sobre regras bem estabelecidas.

d) Poucos imaginam – entre os turistas estrangeiros – que assistindo ao desfile carnavalesco estão presenciando um espetáculo cuja euforia, se assenta sobre regras bem estabelecidas.

e) Poucos imaginam entre os turistas estrangeiros que, assistindo ao desfile carnavalesco estão, presenciando, um espetáculo cuja euforia se assenta: sobre regras bem estabelecidas.

46. (INSS – Esaf) Assinale a opção incorreta quanto ao emprego dos sinais de pontuação.

a) O governo conseguiu uma vitória importante na área dos acidentes de trabalho: o Programa Nacional de Redução dos Acidentes Fatais do Trabalho reduziu em 34,27% o número de mortes entre 1999 e 2001.

b) Os ministros comemoraram a redução que só foi possível, devido à ação integrada desenvolvida pelo governo, e amparada no engajamento de toda a sociedade.

c) O governo continuará agindo para reduzir ainda mais o número de acidentes e de mortes. Um decreto já encaminhado para exame do Presidente da República, por exemplo, reclassifica os 593 setores da economia de acordo com o grau de risco que oferecem aos trabalhadores.

d) Hoje as empresas contribuem com alíquotas de 1% a 3% sobre a folha de salários para o custeio do acidente de trabalho, de acordo com a atividade que desenvolvem.

e) Ao analisar os dados dos últimos quatro anos, a Previdência constatou que muitos segmentos estão classificados erradamente, ou seja, são responsáveis por um grande

número de acidentes, mas estão listados, por exemplo, na área de menor risco, com alíquota mínima.
(*O Estado de S. Paulo*.)

Nas questões 47 e 48 (MPU – Esaf), baseadas em Machado de Assis, assinale o item em que uma das sentenças não foi pontuada corretamente.

47.

a) Longa foi a agonia, longa e cruel, de uma crueldade minuciosa, fria, repisada, que me encheu de dor e estupefação. / Longa foi a agonia, longa e cruel, de uma crueldade minuciosa e fria, repisada, que me encheu de dor e estupefação.

b) Conhecia a morte de oitiva; quando muito, tinha-a visto já petrificada no rosto de algum cadáver, que acompanhei ao cemitério. / Conhecia a morte de oitiva, quando muito; tinha-a visto já petrificada no rosto de algum cadáver, que acompanhei ao cemitério.

c) Às vezes caçava, outras dormia, outras lia, lia muito, outras enfim não fazia nada. / Às vezes caçava; outras dormia, outras lia, lia muito, outras, enfim, não fazia nada.

d) Fiquei prostrado. E contudo era eu, nesse tempo, um fiel compêndio de trivialidade e presunção. / Fiquei prostrado. E, contudo, era eu, nesse tempo, um fiel compêndio de trivialidade e presunção.

e) Talvez espante ao leitor, a franqueza com que lhe exponho e realço a minha mediocridade; advirta que a franqueza é a primeira virtude de um defunto. / Talvez espante ao leitor a franqueza com que lhe exponho e realço a minha mediocridade; advirta que a franqueza é a primeira virtude de um defunto.

48.

a) Assim eu, Brás Cubas, descobri uma lei sublime, a lei da equivalência das janelas, e estabeleci que o modo de compensar uma janela fechada, é abrir outra. / Assim eu, Brás Cubas, descobri uma lei sublime, a lei da equivalência das janelas, e estabeleci que o modo de compensar uma janela fechada é abrir outra.

b) Este ar não é só puro. É balsâmico; é uma transpiração dos eternos jardins. / Este ar não é só puro. É balsâmico, é uma transpiração dos eternos jardins.

c) Vi, claramente vista, a meia dobra da véspera, redonda, brilhante, multiplicando-se por si mesma por dez. / Vi, claramente vista, a meia dobra da véspera, redonda, brilhante, multiplicando-se, por si mesma, por dez.

d) Fizeste bem, Cubas; andaste perfeitamente. / Fizeste bem, Cubas. Andaste perfeitamente.

e) E eu espraiava todo o meu ser na contemplação daquele ato, revia-me nele, achava-me bom, talvez, grande. / E eu espraiava todo o meu ser na contemplação daquele ato, revia-me nele, achava-me bom, talvez grande.

49. (IRB – Esaf) Os trechos abaixo constituem um texto. Assinale a opção que apresenta erro no emprego dos sinais de pontuação.

a) No Brasil, mesmo depois da Proclamação da República, o Estado continuou sendo um organização nacional frágil, com baixa capacidade de incorporação social e mobilização política interna, e sem vontade ou pretensões expansivas.

b) Do ponto de vista estritamente econômico, foi uma economia "primário-exportadora", até a crise mundial de 1930, seguindo uma trajetória de crescimento e modernização restrita a suas atividades ligadas à exportação e submetendo-se quase que inteiramente, às regras e políticas liberais impostas pelo padrão-ouro.

c) Essa forma de inserção econômica internacional permitiu que o Brasil crescesse até os anos 30, graças à complementaridade entre a sua economia e a economia mundial.

d) Cresceu, sobretudo, devido à integração do País com as finanças inglesas, o que permitiu que o país obtivesse o financiamento externo indispensável para evitar crises mais agudas no balanço de pagamentos.

e) Essa primeira experiência liberal de desenvolvimento demonstrou ter um limite crônico de "restrição externa", que era trazido pelos seus problemas de balanço de pagamentos e pela fragilidade da sua moeda.

(Adaptado de José Luís Fiori, *Brasil: Inserção Mundial e Desenvolvimento*.)

50. (TRF) Assinale a opção em que o texto foi transcrito com erro no emprego dos sinais de pontuação.

a) Em célebre artigo, Keynes ironizou a ideia de que a busca do interesse privado levaria necessariamente ao bem-estar coletivo: "Não é uma dedução correta dos princípios da teoria econômica afirmar que o egoísmo esclarecido leva sempre ao interesse público. Nem é verdade que o autointeresse é, em geral, esclarecido".

b) O "amor ao dinheiro" é o sentimento que domina o indivíduo na economia mercantil-capitalista. Objeto do desejo, o dinheiro é também o refúgio para conter a incontornável incerteza quanto ao futuro.

c) Nos momentos em que o medo do futuro é superado pelo otimismo quanto aos resultados dos novos empreendimentos, os espíritos animais atropelam qualquer cálculo racional e produzem nova riqueza e novas fontes de trabalho.

d) Mas o sucesso não aplaca senão, excita o desejo suscitando a febre de investimentos excessivos e mal dirigidos – bolhas especulativas nos mercados de ações; tudo isso, apoiado no endividamento imprudente.
e) Na reversão da exuberância irracional, o medo do futuro vai predominar. A busca obsessiva e irracional pela riqueza concentra-se, então, na posse do dinheiro em si (ou substitutos próximos, como os títulos da dívida pública) como riqueza inerte.
(Luiz Gonzaga Belluzzo, com modificações.)

Capítulo 25
Crase

A crase indica a união de sons idênticos. Um tipo de crase é demarcado pelo acento grave: a junção de ***A*** (preposição) + ***A*** (quase sempre artigo). Logo, se temos um artigo ***A*** ou ***AS,*** evidencia-se a ocorrência de um termo que admite a presença deles. Por este motivo, nunca poderá haver crase antes de verbo, pronomes pessoais ou quaisquer outras palavras que impossibilitem a utilização do artigo.

Há três regras básicas que precisam ser compreendidas por todos aqueles que queiram utilizar corretamente o acento grave.

25.1. Primeira regra básica

Se substituirmos o substantivo feminino por um substantivo masculino e o termo que preceder este substantivo alterar-se de A para AO , fica clara a ocorrência da crase.

Ex.: Entregamos a carta a professora.
Entregamos o dinheiro ao professor.

? Percebemos que antes do primeiro substantivo (carta-dinheiro) só há o artigo, pois passamos de A para O, então não devendo haver crase neste caso. No entanto, antes do segundo substantivo (professora-professor), o termo passou de A para AO, o que caracteriza a existência tanto da preposição quanto do artigo, consequentemente formalizando a crase. Portanto, a frase correta seria:

"Entregamos a carta à professora".

25.2. Segunda regra básica

Quando houver verbos que derem ideia de locomoção, não se deve aplicar aquela primeira regra básica. O procedimento mais adequado para este caso é o de transformar a frase "ir a", "locomover-se a", "dirigir-se a", por "volto". Aparecendo depois deste verbo a palavra "de", não há crase; aparecendo "da", há crase.

Ex.: Fui a Copacabana.
Fui à Urca.

? Em "Fui a Copacabana", não há crase porque eu substituo por "volto de Copacabana"; no entanto, em "fui a Urca", substituo por "volto da Urca", caracterizando o uso da crase. Portanto, o correto seria "Vou à Urca".

"Vamos à missa?" (Fernando Sabino). // Eu volto da missa.
"Já o leitor compreendeu que era a Razão que voltava a casa" (Machado de Assis). // Voltava de casa.
"Antes de ir à casa do Conselheiro Dutra..." (Machado de Assis). // Volta da casa do Conselheiro Dutra.

25.3. Terceira regra básica

Pode haver também a utilização do acento grave, quando se junta a preposição A aos pronomes demonstrativos AQUILO, AQUELE, AQUELES, AQUELA e AQUELAS.

A dica para discernir se há crase ou não antes destes pronomes demonstrativos é substituí-los por outros pronomes demonstrativos (isto, este, estes, esta, estas, isso, esse, esses, essa, essas). Caso apareça a preposição A, revela-se a necessidade da crase; caso contrário, a crase não existirá.

Ex.: Eu me referi aquilo. (Eu me referi a isso)

? Na substituição, apareceu a preposição, Logo, há a crase. O certo é: "Eu me referi àquilo".

Vendi aqueles biscoitos. (Vendi estes biscoitos)

? Na substituição não apareceu a preposição. Então não há a crase e a frase já está correta.

Aquele lugar eu não vou. (*A* este lugar não vou)

? Na substituição apareceu a preposição. Portanto, há a crase. O certo é: "Àquele lugar eu não vou".

Aquele livro eu não li. (Este livro eu não li)

? Na substituição não apareceu a preposição, portanto não há a crase e a frase já está correta.

"Que importa àquele a quem já nada importa" (Fernando Pessoa).

25.4. Casos Especiais

1) Nunca haverá crase antes da palavra terra, quando esta significar terra firme, solo, chão.

Ex.: Depois de dois meses no mar, voltei a terra.

? Não houve crase nesta frase, pois a palavra terra aí significa terra firme.

2) As locuções adverbiais, prepositivas e conjuntivas centradas em elementos femininos possuem acento grave: à toda, à tona, à janela, à beça, à direita (ou à esquerda), à solta, à vontade, às claras, às vezes, às custas de, à força, à uma, à procura, à cata, à mesa, às segundas, à medida que, à proporção que, à beira de, à mercê de, à toa, às escondidas...

Ex.: "E esta palavra não vinha à toa" (Machado de Assis).

"Já viste às vezes, quando o sol de Maio" (Castro Alves).

Obs.: Evanildo Bechara aduz que locuções adverbiais femininas regidas de preposição A, por motivo de clareza, devem ocorrer com acento grave.

Ex.: Fiz o teste a caneta.

Segundo Bechara, o A possui acento grave, mesmo inexistindo a crase.

No concurso do Banco de Brasil de São Paulo (Cespe-UnB-2002), tal questionamento foi feito – preencher à máquina – e, por fim, o item acabou anulado.

Obs.: A expressão "à luz" em "dar à luz" possui acento grave, pois se trata de um mero objeto indireto.

Ex.: Dar um bebê à luz (ao mundo).

3) Utilização de crase com palavra implícita.

Ex.: Ele se veste à (moda de) Luís XV.

Ele foi à (indústria) Fiat.

4) Antes de hora:

a) hora do relógio – usa-se a crase;

Ex.: Ele chegou às duas e quinze. Ele chegou à uma. Ele virá às três.

Ex.: "... às oito horas, o diretor aparecia a uma porta..." (Raul Pompeia).

b) tempo passado – usa-se o verbo "haver";

Ex.: Ele chegou há uma hora atrás. Ele já chegou há quinze minutos.

c) tempo futuro – usa-se a preposição *A*.

Ex.: Ele chegará daqui a dez minutos.

5) O verbo PREFERIR pressupõe a ideia de que, numa comparação, um elemento é o escolhido e outro, preterido. Sendo assim, este verbo não admite a presença de MAIS ou MENOS. Outro aspecto

interessante a ser observado é a impossibilidade de reger com a expressão DO QUE, tornando-se obrigatório o uso da preposição A. Por fim, como já se informara, dois seres são comparados, então a coerência gramatical exige a utilização do mesmo critério. Se o primeiro estiver acompanhado de artigo, o segundo também o será. Caso contrário, nenhum deles estará precedido de artigo.

Ex.: Prefiro televisão a rádio.

Prefiro a televisão ao rádio.

Prefiro rádio a televisão.

Prefiro o rádio à televisão.

6) Este caso é deveras parecido com o anterior, diferençando-se apenas pelo fato de não mais tratar-se de comparação, mas sim de designar o limite mínimo e o máximo da duração de um tempo. Destarte, se no limite mínimo ocorrer o artigo, no máximo também existirá; caso contrário, ambos não serão precedidos de artigo.

Observe: "Trabalho de domingo a sábado".

? Antes do termo DOMINGO há apenas a ocorrência da preposição DE, por isso apenas a ocorrência da preposição A antes do termo sábado.

"Trabalho do domingo ao sábado".

? Antes do termo DOMINGO há a ocorrência da contração da preposição DE com o artigo O, sendo assim antes do termo sábado a ocorrência do artigo se faz necessária.

"Trabalho de segunda a sexta".

? Não há artigo antes de SEGUNDA e SEXTA, somente as preposições DE e A.

"Trabalho da segunda à sexta".

? Há o artigo antes de ambos os termos, daí a explicação da existência da crase.

"Trabalho de duas a oito horas".

? Não há artigo antes de duas nem antes de oito.

"Trabalho das duas às oito horas".

Há artigo contraído com a preposição antes de duas e antes de oito, justificando assim a ocorrência do acento grave.

Obs.: É importante também esclarecer que estes dois últimos exemplos aludidos possuem valores semânticos diferentes. Em "Trabalho de duas a oito horas", o significado da frase indica que o período mínimo de trabalho é de duas horas e o máximo de oito. Já em "Trabalho das duas às oito horas", o valor do período é de que o meu trabalho tem início impreterivelmente às duas e finaliza-se também impreterivelmente às oito horas.

7) O uso do artigo antes de pronome possessivo é facultativo.

Ex.: Pedi um favor a (ou ao) meu tio.

Pedi um favor a (ou à minha tia).

Pedi um favor a (ou às) minhas primas.

"Tu voltas à tua tribo" (José de Alencar).

Fui a (ou às) suas casas.

"... o susto que causaria a minha mãe fez rejeitá-la..." (Machado de Assis).

Obs.: Antes de pronome substantivo possessivo, o artigo torna-se obrigatório.

Ex.: Irei a(à) sua casa e você virá à minha.

? O primeiro pronome possessivo tem valor adjetivo (determina o substantivo), por isso a crase é facultativa. Já o segundo é substantivo (substitui o substantivo), obrigando a presença do artigo, o que acaba por exigir a presença do acento grave.

8) Normalmente é facultativo o uso do artigo antes de substantivos no plural.

Ex.: Sou contrário a atos grosseiros.

Sou contrário aos atos grosseiros.

Sou contrário a ações grosseiras.
Sou contrário às ações grosseiras.

9) Não há crase antes de Nossa Senhora e nomes de santos (não podem possuir artigos).

Ex.: Fui a Santa Maria.
Pedi ajuda a Santa Edwiges.
Referi-me a Nossa Senhora.
Pedi um favor à santa.

10) Antes de Virgem Santíssima, pode haver crase.

Ex.: Sempre orei à Virgem Santíssima.

11) Não haverá crase entre termos idênticos.

Ex.: Cara a cara.
Olho a olho.
Boca a boca.

12) Utilização de crase antes de qual. Para que haja crase antes desta palavra é fundamental que a regência peça a preposição A e o termo antecedente seja um substantivo feminino.

Ex.: Esta foi a notícia à qual fiz referência.

? Observe que "fazer referência" exige a preposição A e o termo antecedente do pronome relativo é um substantivo feminino.

Ex.: É linda a cidade à qual fui ontem.

Obs.: É importante esclarecer que neste caso não há ocorrência da contração de preposição com pronome relativo, mas sim da preposição A com a parte integrante do pronome relativo A (A QUAL).

13) Somente pode haver crase antes do ***que*** quando houver uma palavra implícita feminina e a regência exigir a preposição A.

Aludi a essa novela e à (novela) que acabou nesta semana.
Fui à Cidade Maravilhosa e à (cidade) que tu me recomendaste.

Obs.: Gramaticalmente, a existência deste caso de crase demarca a ocorrência do encontro da preposição A com o pronome demonstrativo A. A leitura dos exemplos acima também se poderia proceder da seguinte forma: "Aludi a essa novela e à (àquela) que acabou nesta semana". Fui à Cidade Maravilhosa e à (àquela) que tu recomendaste.

14) O artigo é facultativo antes de África, Europa, Espanha, França, Holanda, Escócia etc.

Ex.: Fui à (ou a) França.

– Volta da (ou de) França.

Quero ir à (ou a) Espanha.

– Volta da (ou de) Espanha.

Obs.: A forma sem artigo está em desuso.

15) Depois da preposição ATÉ, o uso da preposição A é facultativo.

Ex.: Fui até o (ou ao) Leblon. Fui até a (ou à) Urca.

"Desde a porta até ao fundo do quintal..." (Machado de Assis).

"Cambaleei até à pedra" (Raul Pompeia).

16) Antes de pronome de tratamento, não há artigo.

Ex.: Peço ajuda a Vossa Excelência.

Obs.: Os pronomes de tratamento SENHORA, SENHORITA, DAMA, DONA e MADAME admitem a presença de artigo. Haverá a crase se a regência exigir a preposição A.

Ex.: Eu vi a senhora (o senhor) ontem.

Peço um favor à senhora (ao senhor).

17) Em situações de paralelismo sintático, em que dois ou mais elementos estão complementando com preposição a ideia de um termo, há várias possibilidades de construção do período:

– pode utilizar-se somente a primeira preposição;

– pode utilizar-se somente a preposição antes de cada elemento;

– pode utilizar-se a preposição e o artigo antes apenas do primeiro elemento;
– pode utilizar-se a preposição e o artigo antes do todos os elementos.

Então são possíveis as seguintes construções:

Ex.: Estes materiais são destinados a alunos, professores e direção.

Estes materiais são destinados a alunos, a professores e a direção.

Estes materiais são destinados aos alunos, professores e direção.

Estes materiais são destinados aos alunos, aos professores e à direção.

"Esse encerramento em si mesmo deu-lhe não sei que ar de estranho a tudo, às competições, às ambições..." (Lima Barreto).

"... geralmente estranho à indústria pouco abstrata dos tecelões e à trama concreta das lançadeiras" (Raul Pompeia).

18) Antes de nome próprio, o uso do artigo é facultativo.

Ex.: Entreguei o material a (ao) João. // Entreguei o material a (à) Maria. // "Pery pediu, então, a (à) Cecy que escrevesse para Álvaro..." (José de Alencar).

25.5. Exercícios

1. (AFC – CGU – Esaf) No que diz respeito ao uso do sinal de crase, assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto abaixo.

Uma mera observação __(1)__olho nu já basta para constatar que parcela relevante do spread está ligada direta ou indiretamente, __(2)__ políticas públicas, sejam tributárias regulatórias ou de outra natureza. Parece, pois, difícil avançar na questão dos *spreads*, sem que tais políticas sejam, no mínimo, reavaliadas, obviamente não perdendo de vista os legítimos objetivos de cada uma delas. Por outro lado, o aumento da eficiência do sistema bancário é igualmente relevante para __(3)__ queda dos *spreads*. Isso sugere que

"parte da bola", pelo menos, está com os bancos, públicos e privados, que devem se tornar cada vez mais eficientes nas funções de intermediários financeiros. Em suma, é necessário um permanente diálogo entre o setor bancário e o governo, com vistas __(4)__ implementação de medidas sustentáveis para redução de *spread*, objetivo que deve ser atingido sem ameaças __(5)__ estabilidade financeira. (Adaptado de Gustavo Loyola, Baixar "*spreads*" exige medidas sustentáveis. O Estado de São Paulo, 21 de abril de 2012)

	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
a)	à	às	a	à	à
b)	a	as	a	à	a
c)	a	às	a	à	à
d)	a	a	à	a	a
e)	à	a	à	a	à

2. (Administrador – Petrobras – Cesgranrio) A palavra a, na língua portuguesa, pode ser grafada de três formas distintas entre si, sem que a pronúncia se altere: a, à, há. No entanto, significado e classe gramatical dessas palavras variam.
A frase abaixo deverá sofrer algumas alterações nas palavras em destaque para adequar-se à norma-padrão.
A muito tempo não vejo a parte da minha família a qual foi deixada de herança a fazenda a que todos devotavam grande afeto.
De acordo com a norma-padrão, a correção implicaria, respectivamente, esta sequência de palavras:
a) A – a – à – há – à
b) À – à – a – a – a
c) Há – a – à – a – a
d) Há – à – à – a – a
e) Há – a – a – à – à

3. (Administrador – Casa da Moeda – Cesgranrio)Observa-se o uso adequado do acento grave no trecho "estamos nos referindo à não ativação de elementos" .
Verifica-se um DESRESPEITO à norma-padrão quanto ao emprego desse acento em:

a) O professor se reportou àquele texto de Machado de Assis.
b) Sonhamos em viajar à terra de Gonçalves Dias.
c) Ele sempre fazia alusão à palavras de seu poeta favorito.
d) Os alunos compreenderam o poema à custa de muito empenho.
e) Prefiro as poesias de Drummond às de Olavo Bilac.

4. (Analista de Controle Interno – Sefaz-RJ – FGV) ***Ratifica-se, assim, o conceito de que a conscientização tributária pode representar um ponto de partida para a formação cidadã como uma das formas eficazes de atender às demandas sociais, com maior controle sobre a coisa pública*.**
No período acima, empregou-se corretamente o acento grave para indicar o fenômeno da crase. Assinale a alternativa em que o acento grave tenha sido empregado corretamente.
a) Em visita ao Rio, fomos à Copacabana da Bossa Nova.
b) Esta prova vai de 13h às 18h.
c) Finalmente fiquei face à face com a tão esperada prova.
d) Os candidatos somente podem deixar o local de prova à partir das 15h.
e) Pedimos um bife à cavalo.

5. (Técnico Judiciário – TRE-RN – FCC) Graças ..... resistência de portugueses e espanhóis, a Inglaterra furou o bloqueio imposto por Napoleão e deu início ..... campanha vitoriosa que causaria ..... queda do imperador francês.
Preenchem as lacunas da frase acima, na ordem dada,
a) a – à – a
b) à – a – a
c) à – à – a
d) a – a – à
e) à – a – à

6. (AFRF – Esaf) Indique a opção que corresponde a erro gramatical na transcrição do texto.
A(1) seca nos Estados Unidos prenuncia mais uma fase de preços altos para os alimentos, com perspectivas de bons ganhos para os exportadores e de graves dificuldades para as(2) economias pobres e dependentes da importação de comida. Um dia depois de anunciada no Brasil a maior safra de grãos e oleaginosas de todos os tempos, o governo americano confirmou grandes perdas nas lavouras de soja e milho. A(3) longa estiagem, excepcionalmente severa, afeta mais de 60% do país e a maior parte das regiões agrícolas. O mercado reagiu imediatamente às(4) novas estimativas, divulgadas pelo Departamento

de Agricultura dos Estados Unidos, com indicações de redução dos estoques na temporada 2012-2013. O Brasil será um dos países em condições de aproveitar às(5) oportunidades abertas pela quebra da safra americana.
(*O Brasil e a seca nos EUA*, *Editorial*, *O Estado de S. Paulo*, *12/8/2012*)
a) A (1)
b) as (2)
c) A (3)
d) às (4)
e) às (5)

7. (TRF – Auxiliar Judiciário) A alternativa com erro no emprego do acento indicativo da crase é:
a) A maioria dos homens passa de uma condição à outra.
b) Explicava sua experiência à sua filha.
c) Deveria explicar sua experiência à essa gente.
d) Esperou do meio-dia às quatro horas.
e) Vivenciou desde os projetos ambiciosos às experiências sem importância.

8. (UFRJ-Corregedoria Geral da Justiça) "... necessidade de se ajudarem umas às outras..." O acento grave indicativo da crase, neste caso, é resultante da:
a) presença simultânea de uma preposição e de um artigo definido feminino;
b) necessidade de se indicar a presença de um complemento diferente do anterior;
c) combinação de uma preposição com um pronome indefinido;
d) contração de uma preposição com um pronome demonstrativo;
e) obrigação de evitar-se a ambiguidade.

9. (TTN) Preencha as lacunas da frase abaixo e assinale a alternativa correta.
"Comunicamos Vossa Senhoria que encaminhamos petição anexa Divisão de Fiscalização que está apta prestar informações solicitadas".
a) a – a – à – a – as
b) à – a – à – a – às
c) a – à – a – à – as
d) à – à – a – à – às
e) à – a – à – à – as

10. (Analista Tributário – Esaf) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto adaptado do *Jornal do Brasil*, Editorial, 7/10/2009.

Vários, e de distintos naipes, foram os questionamentos __1__ construção do IDH como tal. Por que não mortalidade infantil de crianças abaixo de 5 anos de idade em vez de expectativa de vida? Por que não incluir outros indicadores, tais como nível de pobreza, déficit habitacional, acesso __2__ água potável e saneamento básico? Por que não acrescentar outras dimensões relacionadas __3__ meio ambiente (que afeta o padrão de vida desta e das próximas gerações), aos direitos civis e políticos, __4__ segurança pessoal e no trabalho, __5__ facilidade de locomoção? Qual a confiabilidade dos dados fornecidos por quase duas centenas de países? Há uma escassez de informação em relação __6__ maioria das dimensões sugeridas para uma comparação internacional, sem contar __7__ confiabilidade dos dados.

a) na – da – no – na – de – a – uma
b) da – à – com o – com a – da – com a – da
c) a – na – pelo – da – na – da – à
d) pela – de – a – em – com a – pela – com a
e) à – a – ao – à – à – à – a

11. (TRF 4a Região – Técnico Judiciário – Espec. Informática – FCC) A presença de núcleos habitacionais próximos ..... regiões costeiras oferece riscos ..... manutenção do ecossistema marinho, com prejuízos incalculáveis ..... diversas espécies.
As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:

a) as – à – à
b) as – a – a
c) às – à – à
d) às – a – a
e) às – à – a

12. (TCE-MG – Auxi. Cont. externo – FCC) A reação ..... sensação de medo é essencial para nossa segurança física e o temor ..... medidas de controle social impede-nos de fazer o mal ..... outras pessoas.
As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:

a) à – a – a
b) à – à – a
c) à – à – à
d) a – a – à
e) a – a – a

13. (SEP) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto abaixo.

Ao acabar a Segunda Guerra Mundial, o mundo esperava nunca mais assistir __1__ tragédias humanitárias como a que dizimou a vida de seis milhões de pessoas entre 1939 e 1945. __2__ esperanças, porém, mostraram-se vãs.
Gaza serve de exemplo. Encurralada, __3__ população da faixa de 362km² (1,5 milhão de pessoas) protagoniza o horror que escandaliza __4__ consciências civilizadas dos cinco continentes e mobiliza protestos nas principais cidades da Terra. O cenário assusta. Homens, mulheres e crianças que se concentram numa das regiões de maior densidade populacional do planeta são as vítimas de uma guerra na qual não são soldados. Submetidos __5__ uma chuva de mísseis __6__ onze dias, tiveram o território invadido também por terra. Tanques, armas e os militares mais bem treinados do mundo abrem caminho no terreno em que cada centímetro é disputado por milhares de pessoas. O apagão, aliado ao frio e __7__ falta de água potável, acrescenta desespero ao ambiente digno do inferno de Dante.
(*Correio Braziliense, Editorial, 6/1/2009.*)
a) à – Às – a – umas – à – a – à
b) a – Essas – uma – às – a – há – a
c) a – As – a – as – a – há – à
d) à – Umas – à – à – a – a – uma
e) às – Tais – essa – essas – à – a – a

14. (Administrador – MEC – FGV) "O movimento altermundialista deverá também responder à nova situação mundial nascida da crise escancarada da fase neoliberal da globalização capitalista." No trecho acima, empregou-se corretamente o acento grave indicativo de crase. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.
a) Eles visaram à premiação no concurso.
b) Sempre nos referimos à Florianópolis dos açorianos.
c) Nossos cursos vão de 8h às 18h.
d) A solução foi sair à francesa.
e) Fizemos uma longa visita à casa nova dos nossos amigos.

15. (Analista Legislativo – Senado Federal – FGV) "É sabido que a terra não pertence aos índios; antes, são eles que pertencem à terra."
No período acima, utilizou-se corretamente o acento indicativo de crase antes da palavra *terra*. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.
a) Voltarei à terra natal.
b) A sonda espacial retornará em breve à Terra.
c) Quando chegamos à terra, ainda sentíamos em nosso corpo o balanço do mar.

d) Eu me referia à terra dos meus antepassados.
e) Havendo descuido, a areia será misturada à terra.

16. (Polícia Legislativa – Senado Federal – FGV) Assinale a alternativa em que se tenha optado corretamente por utilizar ou não o acento grave indicativo de crase.
a) Vou à Brasília dos meus sonhos.
b) Nosso expediente é de segunda à sexta.
c) Pretendo viajar a Paraíba.
d) Ele gosta de bife à cavalo.
e) Ele tem dinheiro à valer.

17. (Técnico Legislativo – Senado Federal – FGV) "É um atentado às liberdades constitucionais!"
Na frase acima, utilizou-se corretamente o acento grave para indicar a crase. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.
a) O evento vai da segunda à sexta.
b) Fomos à Bahia.
c) Ela sempre sai às pressas.
d) Sempre pedimos filé à Osvaldo Aranha.
e) Nós nos enfrentamos cara à cara.

18. (FGV) Em *à tarde*, *à Grécia* e *às quatro horas da tarde*, utilizou-se corretamente o acento indicativo da crase.
Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.
a) Dirigimo-nos a Fortaleza dos nossos antepassados.
b) Eles se referiram às horas que passamos juntos.
c) Sempre nos falamos à noite.
d) Eles se encontraram à uma hora da manhã.
e) A ida à Itália fez bem aos noivos.

19. (Ass. Leg. – FCC) Orientação espiritual ..... todas as pessoas é um dos propósitos ..... que escritores e pensadores vêm se dedicando, porque a perplexidade e a dúvida são inevitáveis ..... condição humana.
As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) à – a – à
b) à – à – a
c) a – a – à

d) a – à – à
e) a – a – a

20. (Def. Púb.-SP – FCC) O grau de emoção em torno de uma situação qualquer determina o tempo de armazenamento e as características relacionadas ..... ela, permitindo sua associação ..... outros fatos ocorridos durante ..... vida.
As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) à – a – a
b) a – a – a
c) a – à – à
d) a – a – à
e) à – à – a

21. (Técnico Judiciário – TRE-PE – FCC)
Ainda que riqueza [...] à custa do trabalho escravo ...
A sociedade colonial no Brasil [...] desenvolveu-se [...] à sombra das grandes plantações de açúcar ...
Do mesmo modo que nas frases acima, está correto o emprego da crase em:
a) combate à fome.
b) vendas à prazo.
c) escrito à lápis.
d) avião à jato.
e) defender à unhas e dentes.

22. (TFC) Marque o item que se completa de forma correta com a sequência seguinte – há; à(s).
a) algum tempo, a tecnologia revolucionária em áreas que vão da cirurgia plástica armas nucleares.
b) O raio *laser* se revela altura de um bisturi de alta precisão anos.
c) quem afirme que áreas da medicina em que o uso do raio *laser* é imprescindível.
d) A novidade surgiu na França onde o *laser* está sendo usado na restauração da Catedral de Amiens, recuperando vestígios das cores aplicadas sete séculos.
e) Debaixo da fuligem que conferiu um tom acinzentalado igreja, o *laser* revelou uma gama de dourados, azuis e vermelhos existentes épocas da feitura de obras góticas.
(Adap. de *Veja*, 10/3/1993).

23. (TRE-MT) O uso do acento grave (indicativo de crase ou não) está <u>incorreto</u> em:

a) Primeiro vou à feira, depois é que vou trabalhar.
b) Às vezes não podemos fazer o que nos foi ordenado.
c) Não devemos fazer referências àqueles casos.
d) Sairemos às cinco da manhã.
e) Isto não seria útil à ela.

24. (TRE-MG) O acento grave, indicador de crase, está empregado incorretamente em:
a) Tal lei se aplica, necessariamente, à mulheres de índole violenta.
b) As novelas, às quais assisti, problematizam a questão da droga.
c) Entregou as chaves da loja àquele senhor que nos desacatou na praça.
d) O delegado disse ao prefeito e aos vereadores que estava à procura dos foragidos.
e) O bom atendimento às pessoas pobres deve ser prioridade da nova administração.

25. (TRE-RJ) "A tensão social poderia levar-nos a duas extremas posições". Das expressões que substituem a sublinhada na passagem acima, aquela cujo a pode ter o acento grave indicativo de crase é:
a) a mesma posição;
b) a certa posição;
c) a alguma posição;
d) a qualquer posição;
e) a posições distintas.

26. (TRE-RO)
I. O povo da região vai votar à pé ou à cavalo.
II. Pedimos à V. Excelência que não se esqueça do povão, que não o elegeu à toa.
III. O cabo eleitoral dirigiu-se à ela e ensinou-lhe a copiar o nome.
IV. Permaneceram reunidos à noite, face a face, a conversar.
A ocorrência de crase está corretamente indicada:
a) somente na I;
b) somente na II;
c) somente na III;
d) somente na IV;
e) somente na II e na IV.

27. (ATRFB – Esaf) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical na transcrição do texto abaixo.

A pequena reação da indústria em junho (crescimento de 0,2% em relação a maio) não foi suficiente para compensar a (1) queda da produção no primeiro semestre, da ordem de 3,8%, quando comparada à (2) produção do mesmo período de 2011. Segundo o IBGE, responsável por essa estatística, a indústria brasileira hoje produz o mesmo que há (3) três anos. Mesmo que o setor tenha passado por um ponto de inflexão, como acredita o ministro da Fazenda, Guido Mantega, é pouco provável que a (4) produção chegue à (5) registrar crescimento em 2012. Os especialistas projetam uma queda de até 2%, o que contribuirá para o fraco desempenho do Produto Interno Bruto (PIB) este ano.
(Editorial, O Globo, 3/8/2012)

a) (1) a
b) (2) à
c) (3) há
d) (4) a
e) (5) à

28. (TRE-RJ) O "a" (sublinhado) que deverá levar o acento grave indicativo de crase está na seguinte alternativa:

a) Eles entregam pizza a domicílio.
b) O menino não quis ir a casa dos tios.
c) A encomenda foi entregue a uma pessoa estranha.
d) As moças começaram a gritar logo no início do filme.
e) O fiscal não se referia a candidatas, mas a candidatos.

29. (TRE-MG) O uso da crase está incorreto em:

a) Chegaram a argumentar cara à cara que não aceitariam sugestões.
b) Já demos nossa contribuição à associação beneficente do bairro.
c) À custa de sacrifício, os estudantes conseguiram ser aprovados.
d) Transmita àqueles jovens nossa mensagem de esperança no futuro.
e) Esta construção é igual à que meu primo construiu na periferia.

30. (TTN) Assinale o item que preenche corretamente as lacunas da frase: "Em virtude de investigações psicológicas que me referi, nota-se crescente aceitação de que é preciso pôr termo indulgência e inação com que temos assistido escalada da pornoviolência." (S. Pfrom)

a) à – a – à – a
b) a – à – à – à
c) a – a – a – à

d) à – à – a – a
e) a – à – a – à

31. (TTN) Marque a letra cuja sequência preenche corretamente, pela ordem de aparecimento, as lacunas abaixo: "O exame das propostas da reforma fiscal, primeira abordagem, leva conclusão de que carga tributária continuará incidir mais sobre salários e menos sobre lucros e grandes fortunas".
a) à – à – a – a
b) à – a – à – a
c) a – a – a – à
d) a – à – a – a
e) a – a – à – a

32. (AFTN) Assinale a frase na qual a palavra não deve receber o acento indicativo de crase.
a) Os apelos a internacionalização da Amazônia ganham contornos de avalanche.
b) Toda manhã a esta hora, depois de ler o jornal do dia, fico deprimida.
c) Aquela hora morta da madrugada todos estavam recolhidos ao leito.
d) Muitas das reivindicações dos sindicatos trabalhistas, são semelhantes as da classe patronal.
e) Os petroleiros apresentaram ao Ministro uma pauta de reivindicações igual a que haviam divulgado no ano anterior.

33. (TRF – 4R – Técnico Judiciário – FCC) Os elefantes apresentam necessidades parecidas com ..... dos seres humanos e, para oferecer ..... eles os cuidados exigidos, os especialistas têm recorrido até mesmo ..... táticas inovadoras.
As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) as – a – à
b) as – a – a
c) as – à – à
d) às – à – a
e) às – a – a

34. (Gov. BA – Soldado da PM – FCC) O uso do sinal da crase é injustificável em:
a) Lembrem-se às autoridades de terem sempre em mente o valor da prevenção.
b) Não cabe às pessoas de boa-fé repudiar medidas de prevenção ao crime.
c) É penoso assistir às cenas de violência que se multiplicam nas metrópoles.

d) Atribui-se às medidas preventivas uma eficácia maior que a da repressão.
e) À inteligência da prevenção opõem-se aqueles que preferem a força da repressão.

35. (Fiscal da Receita Estadual – AP – FGV) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas do fragmento a seguir:
O texto refere-se _____ teses antropológicas, cujos temas interessam _____ todos que se dispuserem _____ investigar a história do jeitinho brasileiro.
a) as – à – à.
b) às– a – à.
c) às – a – a.
d) as – à – a.
e) às – à – a.

36. (Analista Judiciário – TRT-RJ – FCC) ... pessoas de fora, estranhas ..... cidade, a vida urbana exerce uma constante atração, apesar dos congestionamentos e dos altos índices de violência, inevitáveis sob... condições urbanas de alta densidade demográfica.
Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:
a) Às – à – as
b) As – à – às
c) As – a – às
d) Às – a – às
e) As – à – as

37. (TRT) No trecho "Do décimo andar à rua", foi usado adequadamente o acento indicativo da crase. O mesmo <u>não</u> ocorre na frase:
a) Há muito não se assistia à peças com tanto senso crítico com estas.
b) Chegando-se à varanda, era possível admirar a paisagem.
c) Do Leblon a Ipanema e de Jacarepaguá à Barra, todas as vias expressa estavam engarrafadas.
d) O povo referia-se às nossas praias como redutos de esgoto e mau cheiro.
e) As ondas dirigiam-se à direita e à esquerda do palanque sobre a areia.

38. (TRF) Atente para as seguintes frases:
I. À qualquer hora estamos dispostos a assistir à cenas de guerra.
II. Àquela hora da noite, ainda estávamos atentos à transmissão das cenas da guerra.
III. Daqui a uma hora esse canal passará a transmitir a comunicação que o Presidente fará à Nação.

Quanto à necessidade de usar-se o sinal de crase, está inteiramente correto o que se lê em:

a) I, II e III;

b) I e II, somente;

c) I e III, somente;

d) II, somente;

e) II e III, somente.

39. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) ... ***e chegou à conclusão de que o funcionário passou o dia inteiro tomando café*****.**

Do mesmo modo que se justifica o sinal indicativo de crase em destaque na frase acima, está correto o seu emprego em:

a) e chegou à uma conclusão totalmente inesperada.

b) e chegou então à tirar conclusões precipitadas.

c) e chegou à tempo de ouvir as conclusões finais.

d) e chegou finalmente à inevitável conclusão.

e) e chegou à conclusões as mais disparatadas.

40. (AFC – Esaf) Assinale a opção que preenche de forma correta as lacunas do texto.

João Paulo II, com a acuidade de sua inteligência e a abrangência e profundidade de sua vivência, cultura e saber, clamou com forte carisma, como verdadeiro herdeiro dos profetas bíblicos, 1 perenidade e atualidade dos valores que nos foram transmitidos pelo povo da Aliança e levados 2 perfeição por Jesus Cristo, que revelou a vocação 3 transcendência da humanidade, seu sentido maior e definitivo. O hedonismo e o utilitarismo induzem 4 relativização do

respeito 5 vida humana, em especial 6 dos mais frágeis e indefesos.

(Paulo Leão, "A fé não teme a razão", *Folha de S. Paulo*, 9/4/2005, com adaptações.)

	1	2	3	4	5	6
a)	a	à	à	a	à	à
b)	a	à	à	à	à	a
c)	à	à	a	a	a	à
d)	à	a	a	a	a	à

e) à a à a à à

41. (AFPS – Esaf) Assinale a opção que preenche de forma correta as lacunas do texto.
Está em exame na Casa Civil anteprojeto de lei que instituirá um sistema de incentivo (1) redução dos acidentes e de punição das empresas que submetem seus trabalhadores (2) risco. (3) intenção é reduzir pela metade ou dobrar (4) alíquotas de contribuição para cobertura de acidentes trabalhistas, dependendo do caso. Uma empresa que esteja abaixo da média nacional de acidentes, por exemplo, pode vir (5) pagar menos. O contrário acontecerá (6) empresa que tiver registrado número de acidentes muito acima da média do seu setor. Ela poderá ter (7) alíquota duplicada.
(*O Estado de S.Paulo*.)

	1	2	3	4	5	6	7
a)	a	à	À	às	à	a	à
b)	à	a	A	às	à	a	a
c)	a	à	A	as	a	a	à
d)	à	a	A	as	a	à	a
e)	a	à	À	às	à	à	à

42. (Bacen – Esaf) Para que o fragmento de texto abaixo respeite as regras de regência da norma culta, assinale a opção que preenche corretamente as lacunas na ordem indicada.
Desde julho de 2000 a revista *Banco Hoje* vem estimulando debate em torno das transformações que envolvem implementação do SPD. O esforço empreendido é muito inferior vantagens no que diz respeito evolução do sistema financeiro nacional e oportunidades de integração com o mercado global.
(*Banco Hoje*, março de 2001, com adaptações)
a) à – as – à – às
b) a – às – a – às
c) à – às – à – as
d) a – às – à – às

e) a – às – a – as

43. (TRF – FCC) A necessidade ou não do sinal de crase está inteiramente observada na frase:

a) Deve-se à luta das feministas o respeito aos direitos que cabem também às outras parcelas de injustiçados que integram a nossa sociedade.

b) Encontra-se a disposição dos interessados a nova edição do Código Civil, à qual, aliás, já se fizeram objeções à torto e à direito.

c) À vista do que dispõe o novo código, não caberá à ninguém a condição "natural" de cabeça de casal, à qual, até então, se reservava para o homem.

d) Pode ser que à curto prazo o novo código esteja obsoleto em vários pontos, à exemplo do que ocorreu com o antigo.

e) Não se impute à uma mulher a culpa de não ter lutado por seus direitos; todas as pressões sociais sempre a conduziram àquela "virtuosa" resignação.

44. (TRE / SP – AJ – FCC) Há falta ou ocorrência indevida do sinal de crase no período:

a) Não se estenderam os benefícios da tecnologia àqueles que sempre viveram à margem do progresso.

b) Ao pensamento do autor opõem-se àqueles que preferem a exclusividade à universalização dos benefícios trazidos pela tecnologia.

c) É sobretudo à luz da ética e da política que se revela claramente a exclusão que tem sido imposta à grande maioria da população do planeta.

d) Não se devem levar àqueles que estão excluídos informações falsas, como a de que os avanços tecnológicos servem a todas as pessoas.

e) Quando se atribui a não importa quem seja algum direito exclusivo, a essa exclusividade corresponderão muitas exclusões.

45. (TRT – FCC) Quanto à necessidade ou não de utilização do sinal de crase, está inteiramente correta a frase:

a) Quem está à alguma distância de Campo Grande não pode avaliar à contento o mérito da polêmica à que se refere o texto.

b) Não é aqueles que se instalam nos gabinetes oficiais que cabe a interdição do uso de uma língua à cuja preservação estejam devotados milhares de falantes.

c) Quem visa à restringir a utilização de uma língua das minorias deveria também se ater à toda e qualquer má utilização das chamadas línguas oficiais.

d) As decisões que se tomam à revelia do interesse das populações são semelhantes àquelas tomadas na vigência dos atos institucionais da ditadura militar.

e) Quem se manifeste contrário à uma única manifestação de arbitrariedade está manifestando sua hostilidade à todas as medidas arbitrárias.

46. (TRF – 4ª Região – Auxiliar Judiciário – FCC) Gostaria de ter ido ..... ruazinha, onde encontraria amigos reunidos ..... sombra das árvores, ... conversar alegremente.
As lacunas da frase acima estão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) àquela – à – a
b) àquela – à – à
c) àquela – a – a
d) aquela – à – a
e) aquela – a – à

47. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – FCC) Diz o autor que ..... pelo menos cinco anos vem contando os dias para sua aposentadoria (daqui ..... seis meses, segundo seus cálculos), ... partir da qual pensa em dedicar-se ..... jardinagem.
Completam adequadamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:
a) há – a – a – à
b) a – há – a – à
c) há – a – à – a
d) a – há – à – à
e) há – há – a – a

48. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC)
Você é ..... favor da alegria?
Nenhum bem é superior ..... alegria de viver aqui e agora.
Não há bem preferível ..... felicidade da pessoa que está diante de nós, aqui e agora.
(Reflexões de Pierre Levy. O fogo liberador. São Paulo: Iluminuras, 2001)
Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:
a) à – à – à
b) a – à – a
c) à – a – à
d) à – à – a
e) a – à – à

49. (NCE-Corregedoria Geral da Justiça) "... necessidade de se ajudarem umas às outras..." O acento grave indicativo da crase, neste caso, é resultante da:
a) Presença simultânea de uma preposição e de um artigo definido feminino.

b) Necessidade de se indicar a presença de um complemento diferente do anterior.
c) Combinação de uma preposição com um pronome indefinido.
d) Contração de uma preposição com um pronome demonstrativo.
e) Obrigação de evitar-se a ambiguidade.

50. (AFTE – RN) Marque o item que preenche de forma correta as lacunas do texto seguinte.
Institucionalizada partir das lutas antiabsolutistas, no século 18, e da expansão dos movimentos constitucionalistas, no século 19, democracia representativa foi consolidada ao longo de um processo histórico marcado pelo reconhecimento de três gerações de direitos humanos: os relativos cidadania civil e política, os relativos cidadania social e econômica e os relativos cidadania "pós-material", que se caracterizam pelo direito qualidade de vida, um meio ambiente saudável, tutela dos interesses difusos e ao reconhecimento da diferença e da subjetividade.
(Baseado em Mário Antônio Lobato de Paiva, em www.ambitojurídico.com.br)
a) a – à – à – a – à – à – a – a
b) a – a – à – à – à – à – a – à
c) à – a – a – à – à – a – a – à
d) à – a – a – à – à – à – a – à
e) a – à – à – a – à – à – a – à

Capítulo 26

Regência

26.1. Regência verbal

1) **ACEDER, ALUDIR** e **ANUIR** – verbos transitivos indiretos – exigem sempre a preposição *A*.

Ex.: Ninguém anuiu ao meu pedido.

Ele acedeu à chamada.

2) **AGRADAR**

a) no sentido de satisfazer – verbo transitivo indireto (a);

Ex.: O professor agrada a todos os alunos.

b) no sentido de acariciar – verbo transitivo direto.

Ex.: O rapaz agradou os cabelos da namorada.

3) **AJUDAR** – no sentido de assistir, atender, prestar ajuda – verbo transitivo direto.

Ex.: Ajudaremos os desabrigados.

Devemos ajudar todos.

Obs.: Já há autores aceitando a construção com preposição A. No entanto, tal possibilidade ainda não se verificou nas provas.

4) **ASPIRAR**

a) no sentido de respirar, puxar o ar, sorver – o verbo será transitivo direto;

Ex.: Aspiro o ar.
Aspiro a fumaça.

b) no sentido de desejar, querer – o verbo será transitivo indireto, regendo a preposição A.
Ex.: Aspiro ao cargo.
Aspiro à chefia.

5) **ASSISTIR**

a) no sentido de ver, presenciar – verbo transitivo indireto, exigindo a preposição **A;**
Ex.: Assisto ao filme.
Assisto à novela.

Obs.: Celso Cunha classifica como coloquial o uso do verbo "assistir" nesta acepção sem preposição, ou seja, como transitivo direto.

b) no sentido de dar assistência, ajudar, atender – pode tanto ser considerado verbo transitivo direto como verbo transitivo indireto;
Ex.: O médico assiste ao paciente.
O médico assiste o paciente.
O médico assiste a paciente.
O médico assiste à paciente.

Substituindo pelos pronomes oblíquos correspondentes, tanto estaria correto dizermos "O médico o assistiu"; "O médico a assistiu" e também "O médico lhe assistiu".

c) no sentido de caber, pertencer, ser pertinente – o verbo será transitivo indireto (a);
Ex.: Esse direito não assiste ao grupo.

d) no sentido de morar – o verbo será intransitivo, contudo exige a ocorrência da preposição ***EM*** (no adjunto adverbial de lugar).
Ex.: Assisto em Copacabana.

6) **ATENDER**

a) no sentido de deferir – verbo transitivo direto;

Ex.: Atendemos o teu pedido.

b) no sentido de dar atenção – verbo transitivo direto ou indireto.

Ex.: Não atenderemos a (à) turma.

7) **AVISAR, INFORMAR, PARTICIPAR, ALERTAR, ALARMAR, ADVERTIR, LEMBRAR...**

Estes verbos são duplamente bitransitivos, pois tanto podemos dizer "Quem informa, informa alguma coisa a alguém" como também poderíamos dizer "Quem informa, informa alguém de alguma coisa".

Ex.: Informei o fato ao povo. Informei o povo do fato.

Avisei a notícia a todos. Avisei todos da notícia.

"Maria lembrou a João que naquela noite eles tinham ficado de jantar na casa de Pedro e Luíza" (Luis Fernando Veríssimo).

8) **CHAMAR**

a) Será transitivo direto no sentido de mandar vir;

Ex.: Chamei o menino.

Chamei-o.

"... certa influência política o chamou" (Euclides da Cunha).

b) Poderá ser transitivo direto ou indireto no sentido de apelidar/qualificar.

Ex.: Chamei o rapaz de mestre.

Chamei ao rapaz de mestre.

Chamei-o de mestre.

Chamei-lhe de mestre.

Obs.: Nestes casos, é possível suprimir a preposição DE, pois a gramática permite que o predicativo do objeto "de mestre" ocorra preposicionado ou não.

Ex.: "Chamavam-lhe Pombinha" (Aluísio de Azevedo).

9) **CHEGAR**

Não se pode dizer na língua culta "chegar em", pois o correto é "**chegar a**".

Ex.: "... em chegando a casa, ficarei boa" (Bernardo Guimarães).

"Ao chegar à Santa Cruz, no alto..." (Euclides da Cunha).

Nunca se poderá dizer "Cheguei em casa".

10) **CUSTAR**

a) no sentido de ter valor – verbo intransitivo (adjunto adverbial de preço);

Ex.: Romário custa U$ 6.000.000,00. A casa custou trezentos milhões de cruzeiros reais.

b) no sentido de ser difícil, demorar – verbo transitivo indireto, regendo a preposição A.

Obs.: Neste caso, o verbo só pode ser conjugado na terceira pessoa do singular, tendo como sujeito a coisa que é difícil (expressa por um verbo no infinito) e a pessoa para a qual a coisa é difícil é objeto indireto.

Ex.: Custa-me ver a verdade. Custou-nos solucionar este caso. "... pouco me custa fazer-lhe a vontade" (Bernardo Guimarães).

Portanto, seria totalmente errado dizer: "Eu custo a ver a verdade". "Nós custamos a solucionar este caso".

11) **GOSTAR**

a) no sentido de ter afeição, aprovar, adorar. – verbo transitivo indireto exigindo a preposição de.

Ex.: Gostamos muito de você. Gostavas muito de futebol.

b) no sentido de **provar** – verbo transitivo direto.

Ex.: Gostei a cerveja, mas não a aprovei. Gostamos a sensação da paz e aprovamos.

12) **IMPLICAR**

a) no sentido de ter implicância – verbo transitivo indireto, regendo a preposição com;

Ex.: Todos implicam com o topete do Itamar.

b) no sentido de resultar, acarretar – a gramática tradicional classifica-o como transitivo direto, contudo a forma transitiva indireta, regendo a preposição EM, está totalmente difundida no Brasil, e algumas bancas – como Esaf e NCE – já admitem também esta construção.

Ex.: A conquista da Copa do Mundo implicou a (na) felicidade de todos os brasileiros por aproximadamente cinco minutos, porém infelizmente logo após a vida voltou ao normal.

Obs.: Apesar de muitos gramáticos assegurarem que este verbo – na acepção de resultar, importar – seja apenas transitivo direto (Evanildo Bechara cita apenas esta construção), bancas já realizaram questões admitindo "gritantemente" as duas possibilidades de regência. Isso talvez aconteça em virtude de Rocha Lima admitir o uso da preposição, esclarecendo: "Está ganhando foros de cidade na língua culta a sintaxe 'implicar em'. Tal procedimento implica desdouro (ou: em desdouro) para você".

Os sinônimos de IMPLICAR não sofrem o mesmo fenômeno. RESULTAR é transitivo indireto, exigindo a preposição EM; ACARRETAR somente pode ser transitivo direto.

13) **INSURGIR**

a) no sentido de rebelar-se, revoltar-se – verbo pronominal transitivo indireto, exigindo a presença da preposição contra;

Ex.: "Insurge-se contra a Igreja Romana" (Euclides da Cunha).

b) no sentido de sair, emergir – verbo transitivo indireto, exigindo a ocorrência da preposição de.

Ex.: Ele insurgiu do fundo do mar.

14) **LEMBRAR** e **ESQUECER**

a) Utilizando-se o pronome oblíquo, será obrigatório o uso da preposição DE. Neste caso, o verbo é transitivo indireto.

Ex.: Lembro-me de você. Esquecemo-nos do mundo. "João Nogueira lembrou-se de que era homem de responsabilidade" (Graciliano Ramos). "Cala-te, Isaura... até quando pretendes lembrar-te desse maldito incidente?" (Bernardo Guimarães).

"Lembrava-se das pesadas chuteiras" (Fernando Sabino).

b) Não se utilizando o pronome oblíquo também não se poderá usar a preposição. Neste caso, o verbo é transitivo direto.

Ex.: Lembro o fato. Esquecemos o mundo.

"E os filhos d'águias o Poder esquece" (Castro Alves).

Obs.: O que não se pode fazer é utilizar a preposição sem utilizar o pronome oblíquo e vice-versa.

Ex.: Lembro do fato. Esquecemos do mundo.

Estas duas últimas frases estão, por este motivo, totalmente erradas.

O verbo LEMBRAR também pode ser utilizado no sentido de INFORMAR, AVISAR, ALERTAR... A regência de LEMBRAR se fará tal quais estes verbos.

Ex.: Lembramos (avisamos) o encontro aos amigos. / Lembramos (informamos) os amigos do encontro.

O verbo ESQUECER também pode ser utilizado na acepção de "cair no esquecimento", tornando-se o elemento olvidado sujeito do verbo e a pessoa que efetivamente não se recorda objeto.

Ex.: "Nunca me esqueceu o seminário, creia" (Machado de Assis).

15) **NAMORAR**

Exige complemento sem preposição. Portanto, é errado dizer "João namora com Maria". A forma correta é: "João namora Maria".

16) **OBEDECER** e **DESOBEDECER**

Serão sempre transitivos indiretos, regendo a preposição A.

Ex.: "Até hoje lhe desobedecemos" (José de Alencar).

"Obedecia à finalidade irresistível de velhos impulsos ancestrais" (Euclides da Cunha).

Desobedeço aos pais.

Desobedeço-lhes.

Obs.: Torna-se sempre conveniente lembrar que estes dois verbos são os únicos transitivos indiretos que admitem construção na voz passiva.

Ex.: O regulamento é obedecido por mim. – As leis são desobedecidas por nós.

17) **PAGAR** e **PERDOAR** Ambos são bitransitivos, pedindo objeto direto para a coisa que se paga ou perdoa e objeto indireto para a pessoa a quem se paga ou perdoa.

Ex.: Paguei o salário ao empregado. Perdoei o pecado ao pecador.

Obs.: É mister relembrar o fato de que só existe voz passiva com verbo transitivo direto, pois somente o objeto direto da voz ativa pode passar a ser sujeito da voz passiva. Quando o verbo é transitivo direto e indireto, somente seu objeto direto pode passar a ser sujeito da voz passiva. Portanto, pode-se dizer: "O salário foi pago"; "O pecado foi perdoado"; mas nunca poderá ser dito: "O empregado foi pago". "O pecador foi perdoado". Nestas duas últimas frases, os objetos indiretos da voz ativa se transformaram

em sujeitos da voz passiva, o que é proibido na Língua Portuguesa.

18) **PENSAR**

a) no sentido de **raciocinar** – verbo transitivo indireto, regendo a preposição em;

Ex.: "Pensar no sentido das cousas" (Fernando Pessoa).

b) vale a pena observar este verbo em um sentido especial: "Cuidar, aplicar curativos". Neste sentido, é transitivo direto.

Ex.: Pensamos as nossas feridas.

O médico pensou meus machucados.

19) **PREFERIR**

Nunca se poderá utilizar a palavra MAIS, e a preposição obrigatória é A. A construção correta é: "preferir uma coisa a outra" e NUNCA "preferir mais uma coisa do que outra"

Ex.: Prefiro cerveja a refrigerante.

Prefiro a cerveja ao refrigerante.

Prefiro refrigerante a cerveja.

Prefiro o refrigerante à cerveja.

"Capitu preferia tudo ao seminário" (Machado de Assis).

Obs.: Vale a pena observar que, na comparação dos termos, se utilizamos artigo antes de um dos termos, temos que utilizar artigo antes do outro; se não utilizarmos artigo antes de um dos termos, não podemos utilizar artigo antes do outro. Não se esqueça de que a **PREPOSICÃO A É OBRIGATÓRIA.**

20) **PRESIDIR**

a) no sentido de administrar – verbo transitivo direto;

Ex.: Lula preside o Brasil.

b) no sentido de coordenar, organizar – verbo transitivo direto ou indireto (com preposição A).

Ex.: O professor preside o (ao) encontro dos mestres no fim de ano.

21) **PROCEDER**

a) no sentido de agir – verbo intransitivo;
Ex.: Ele procedeu bem.

b) no sentido de realizar – verbo transitivo indireto, regendo a preposição a;
Ex.: O Governo procedeu a eleições gerais.

c) no sentido de ser pertinente – verbo intransitivo;
Ex.: Esse argumento não procede.

d) no sentido de ser oriundo – verbo intransitivo, com adjunto adverbial de lugar exigindo a preposição DE.
Ex.: Ele procedeu de São Paulo.

22) **QUERER**

a) no sentido de desejar será verbo transitivo direto;
Ex.: Eu quero dinheiro. Eu o quero.

b) no sentido de amar, gostar de será verbo transitivo indireto e exigirá a preposição **A**.
Ex.: A mãe quer ao filho. A mãe lhe quer.

23) **RESPONDER**

a) no sentido de dar a resposta em referência ao questionamento – verbo transitivo indireto;
Ex.: Ele respondeu a todas as perguntas.

b) no sentido de expressar efetivamente qual é a resposta – verbo transitivo direto;
Ex.: Ele não respondeu se haverá aula.

c) no sentido de responder algo a alguém – verbo transitivo direto e indireto;

Ex.: Ele respondeu a pergunta ao professor.

"Não soube responder a um amigo" (Fernando Sabino).

d) no sentido de ser responsável, responsabilizar-se – complemento com preposição POR.

Ex.: Ele respondeu pela turma.

24) **SERVIR**

a) no sentido de ser útil – verbo transitivo indireto;

Ex.: Ele serve para o trabalho a ser executado.

b) no sentido de pôr a mesa – verbo intransitivo ou transitivo direto ou transitivo direto e indireto;

Ex.: Ela servirá às sete da manhã. Ele servirá o jantar às dezenove horas. O empregado serviu jantar ao patrão.

c) no sentido de prestar serviços militares – verbo intransitivo;

Ex.: Ele serviu no exército.

d) no sentido de prestar serviços, ajudar – verbo transitivo direto ou indireto com preposição A;

Ex.: Ele servirá ao Flamengo nos próximos dois anos. Ele sempre servirá os pobres.

e) no sentido de atender a necessidade – verbo transitivo indireto.

Ex.: Esse posicionamento serve ao grupo.

25) **SIMPATIZAR**

O verbo é transitivo indireto (preposição COM), mas não admite a ocorrência do pronome parte integrante.

Portanto é errado "Simpatizo-me contigo". O correto é "Simpatizo contigo".

26) **SITUAR** – verbo intransitivo que exige a presença da preposição EM. É usado principalmente nas formas de particípio (sito / situado).

Ex.: O banco, sito na rua Barata Ribeiro, já sofreu vários assaltos.

Obs.: Não se pode dizer "sito à rua".

27) **USUFRUIR** – no sentido de utilizar-se, gozar de – verbo transitivo direto

Ex.: Não há tempo para usufruirmos nossa casa de praia.

Obs.: Este verbo vem sendo utilizado com muita frequência com preposição DE.

Ex.: Não há tempo para usufruirmos de nossa casa de praia.

28) **VISAR**

a) no sentido de mirar – o verbo será transitivo direto;

Ex.: O arqueiro visou o alvo. O arqueiro visou a maçã.

b) no sentido de desejar – a maioria das gramáticas considera o verbo neste valor como transitivo indireto. O professor Celso Cunha admite a dupla possibilidade (indireto ou direto), inclusive relatando que a transitividade direta é dominante na linguagem coloquial, tendendo também a sê-lo na linguagem literária. A Coppe, no concurso para o Tribunal Regional Federal, fez uma questão mencionando esta dupla possibilidade de regência;

Ex.: Visei ao cargo (o cargo).

Visei à posição (a posição).

"Todos os seus atos, todos, fosse o mais simples, visavam um interesse primário" (Aluísio de Azevedo).

"Visava uma delinquência especial" (Euclides da Cunha).

c) no sentido de dar visto – o verbo será transitivo direto.

Ex.: O gerente visou o cheque. O chefe visou toda a documentação.

BIZU

A construção com dois ou mais verbos e apenas um complemento estará correta se os dois verbos possuírem a mesma regência.

Ex.: Quero e beberei uma cerveja.
Gosto e preciso de trabalho.

? Observe que, nos dois exemplos, os verbos contêm a mesma transitividade (QUERER e BEBER são transitivos diretos e GOSTAR e PRECISAR são transitivos indiretos, exigindo a preposição DE).

"Isaura estava com o ouvido aguçado e do interior da casa ouvira e compreendera tudo" (Bernardo Guimarães). TUDO é objeto direto tanto do verbo OUVIRA quanto do "COMPREENDERA".

26.2. Regência nominal

1) Adjetivos que pedem a preposição **A**:

acessível, adequado, alheio, análogo, anterior, apto, atento, avesso, compreensível, desagradável, desatento, desfavorável, desleal, equivalente, estranho, favorável, fiel, grato, habituado, hostil, idêntico, imediato, indiferente, inerente, inferior, insensível, leal, necessário, nocivo, obediente, oneroso, oposto, paralelo, peculiar, posterior, prejudicial, prestes, propício, próximo, sensível, semelhante, superior, útil, visível.

2) Substantivos que pedem a preposição **A**:

adesão, agradecimento, alusão, ameaça, amizade, apelo, aplicação, aspiração, semelhante, adaptação, aviso, amor, confissão, convite, declaração, descida, obediência, exposição, gratidão, horror, humilhação, lamentação, pagamento, perdão, redução, referência, renúncia, submissão, temor.

3) Adjetivos que pedem preposição **DE**:

acusado, afastado, amante, ameaçado, ávido, carente, ciente, cheio, curioso, desconfiado, descendente, desgostoso, despojado, destituído, diferente, difícil, digno, indigno, excluído, exonerado, fugido, isento,

merecedor, natural, passível, preservado, proibido, revestido, sedento, sujo, suspeito, tachado, vazio.

4) Substantivos que pedem preposição **DE**:

absolvição, abundância, afastamento, aparência, ascensão, aprendizagem, busca, carência, certeza, ciência, compreensão, contenção, conspiração, continuação, cessão, decoração, desperdício, despedida, eleição, encomenda, embelezamento, necessidade, urgência, vinda.

5) Adjetivos que pedem outras preposições:

aborrecido com, afável com (para com), ansioso de (por), apaixonado de (por), apoiado em, apto a (para), assustado com, atento a (em), capaz de (para), comparado a (com), conforme a (com), cruel com (para com), eleito a (por, em, como), último a (de, em), responsável por, rico de (em).

6) Alguns substantivos que pedem outras preposições:

aborrecimento com, abundância de (em), cautela com, acordo com, admiração por, ânsia por, paixão por, apoio em, atestado contra (a favor), batalha com (contra), briga com, casamento com, coincidência com, combate com (contra), concordância com (em), conspiração contra (com, para), crueldade com (para com), vício em (com, de), vinculação com, união com.

26.3. Exercícios

1. (Técnico Judiciário – TRE-RN – FCC)

O clima pouco favorável ao cultivo da cana levou a atividade econômica para a pecuária.

O mesmo tipo de regência nominal que se observa acima ocorre no segmento também grifado em:

a) *O litoral oriental compõe o Polo Costa das Dunas – com belas praias, falésias, dunas e o maior cajueiro do mundo...*

b) *Os 410 quilômetros de praias garantem um lugar especial para o turismo na economia estadual.*

c) *A ocupação portuguesa só se efetivou no final do século, com a fundação do Forte dos Reis Magos e da Vila de Natal.*
d) *Em Caicó há vários açudes e formações rochosas naturais que desafiam a imaginação do homem.*
e) *Em Santa Cruz, a subida ao Monte Carmelo desvenda toda a beleza do sertão potiguar ...*

2. (TRE-MG) A preposição nos parênteses não preenche corretamente a lacuna do período em:
a) O perigo o qual informaram a mulher era conhecido de quase todos. (sobre)
b) A menina que ele deparou trouxe-lhe muita esperança. (com)
c) O triste acontecimento que lembramos esclareceu a verdade. (de)
d) O jovem que chamamos de imprudente saiu às pressas. (a)
e) A verdade que ansiávamos surgiria a qualquer momento. (por)

3. (TTN) Marque a alternativa incorreta quanto à regência verbal.
a) Na verdade, não simpatizo com suas ideias inovadoras.
b) Para trabalhar, muitos preferem a empresa privada ao serviço público.
c) Lamentavelmente, não conheço a lei que te referes.
d) Existem muitos meios a que podemos recorrer neste caso.
e) Se todos chegam à mesma conclusão, devem estar certos.

4. (AFC – CGU) Assinale o trecho do texto adaptado do *Jornal do Commercio* (PE), de 12/01/2008, que apresenta erro de regência.
a) Depois de um longo período em que apresentou taxas de crescimento econômico que não iam além dos 3%, o Brasil fecha o ano de 2007 com uma expansão de 5,3%, certamente a maior taxa registrada na última década.
b) Os dados ainda não são definitivos, mas tudo sugere que serão confirmados. A entidade responsável pelo estudo foi a conhecida Comissão Econômica para a América Latina (Cepal).
c) Não há dúvida de que os números são bons, num momento em que atingimos um bom superávit em conta-corrente, em que se revela queda no desemprego e até se anuncia a ampliação de nossas reservas monetárias, além da descoberta de novas fontes de petróleo.
d) Mesmo assim, olhando-se para os vizinhos de continente, percebe-se que nossa performance é inferior a que foi atribuída a Argentina (8,6%) e a alguns outros países com participação menor no conjunto dos bens produzidos pela América Latina.

e) Nem é preciso olhar os exemplos da China, Índia e Rússia, com crescimento acima desses patamares. Ao conjunto inteiro da América Latina, o organismo internacional está atribuindo um crescimento médio, em 2007, de 5,6%, um pouco maior do que o do Brasil.

5. (Técnico Judiciário – TRE-PE – FCC) ... *as casas de Portugal enviaram ramos para o ultramar...*

O verbo que também é empregado com a mesma regência do grifado acima está em:

a) *Observa Oliveira Martins que a população colonial no Brasil...*

b) *... iniciaram os portugueses a colonização em larga escala dos trópicos...*

c) *... importou numa nova fase e num novo tipo de colonização...*

d) *... perversão de instinto econômico que cedo desviou o português da atividade...*

e) *O colonizador português do Brasil foi o primeiro, dentre...*

6. (TRE-RJ) "porque implica em cobrar o tempo" / porque implica cobrar o tempo. A construção do verbo implicar com a preposição em resulta, provavelmente, de um cruzamento sintático com verbo sinônimo (importar), sendo considerada errônea por alguns gramáticos. A alternativa em que há erro de regência na segunda das sentenças é:

a) Preferimos pagar juros a ficar sem o produto. / Preferimos pagar juros do que ficar sem o produto.

b) Esquecemos facilmente o belo arrazoado aquiniano. / Esquecemo-nos facilmente do belo arrazoado aquiniano.

c) Queremos informar-lhes que nossos juros são baixos. / Queremos informá-los de que nossos juros são baixos.

d) Ainda nos lembramos da belíssima aula de filosofia tomista. / Ainda nos lembra a belíssima aula de filosofia tomista.

e) Se cobrar juros é pecado, chamamos de pecadores todos os banqueiros. / Se cobrar juros é pecado, chamamos pecadores a todos os banqueiros.

7. (TRE-RJ) A desigualdade jurídica do feudalismo alude o autor se faz presente ainda hoje nos países terras existe visível descompasso entre a riqueza e a pobreza. Tendo em vista o emprego dos pronomes relativos, completam-se corretamente as lacunas da sentença acima com:

a) a qual / cujas

b) a que / em cujas

c) à qual / em cuja as

d) o qual / por cujas

e) ao qual / cuja as

8. (Cesgranrio) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da seguinte frase: Toda comunidade, aspirações e necessidades devem vincular-se os temas da pesquisa científica, possui uma cultura própria, precisa ser preservada.
a) cujas / de que
b) a cujas / que
c) cujas / pela qual
d) cuja / que
e) a cujas / de que

9. (TTN) Há erro de regência no item:
a) Algumas ideias vinham ao encontro das reivindicações dos funcionários, contentando-os, outras não.
b) Todos aspiravam a uma promoção funcional, entretanto poucos se dedicavam àquele trabalho, por ser desgastante.
c) Continuaram em silêncio, enquanto o relator procedia à leitura do texto final.
d) No momento este Departamento não pode prescindir de seus serviços devido ao grande volume de trabalho.
e) Informamos a V. Senhoria sobre os prazos de entrega das novas propostas, às quais devem ser respondidas com urgência.

10. (TTN) Considere o texto abaixo.
– "Eu queria saber é quem está no aparelho.
– Ah, sim. No aparelho não está ninguém.
– Como não está, se você está me respondendo?
– Eu estou fora do aparelho. Dentro do aparelho não cabe ninguém.
– Engraçadinho! Então, quem está ao aparelho?
– Agora melhorou. Estou eu, para servi-lo".
(C. Drummond de Andrade)
Marque o par de verbos com problema de regência idêntico ao do texto.
a) Meditar um assunto – meditar sobre um assunto.
b) Sentar à mesa – sentar na mesa.
c) Estar em casa – estar na casa.
d) Assistir o doente – assistir ao doente.
e) Chamar o padre – chamar pelo padre.

11. (TTN) Assinale a alternativa incorreta quanto à regência.

a) Creio que os trabalhadores estão muito conscientes de suas obrigações para com a Pátria.

b) O filme a que me refiro aborda corajosamente a problemática dos direitos humanos.

c) Esta nova adaptação teatral do grande romance não está agradando ao público; eu, porém, prefiro esta àquela.

d) O trabalho inovador de Gláuber Rocha que lhe falei chama-se *Deus e o Diabo na Terra do Sol*.

e) José crê que a classe operária está em condições de desempenhar um papel importante na condução dos problemas nacionais.

12. (TRT) Assinale a alternativa que completa convenientemente as lacunas abaixo.

I. Certifiquei de que o prazo esgotara-se.

II. Recebi em meu escritório.

III. Informo que as notas fiscais estão rasuradas.

IV. Avisei de que tudo fora resolvido.

a) o – o – lhe – o

b) o – o – o – o

c) lhe – lhe – lhe – o

d) o – lhe – lhe – o

e) lhe – lhe – o – o

13. (TTN) Assinale o trecho que apresenta sintaxe de regência correta.

a) A rigorosa seca que assola os estados do Nordeste impede que essa região desenvolva e atinja os níveis de crescimento socioeconômicos desejados.

b) Se o Brasil tornasse independente dos empréstimos externos, poderia voltar a crescer no mesmo ritmo de desenvolvimento das décadas anteriores.

c) Surpreende-nos o fato de o Estado de São Paulo, que muito se difere do sul do país, ter engrossado as estatísticas favoráveis à criação de um Brasil do sul.

d) É reducionista atribuirmos apenas à seca a razão que leva a população do norte e nordeste a se migrar para o sul.

e) A pretendida separação que pleiteiam os estados do sul acarretará, se vier a se concretizar, a perda da identidade nacional.

14. (Administrador – Petrobras – Cesgranrio) Segundo diria o Professor Carlos Góis, mencionado no Texto II, a frase cuja regência do verbo respeita a norma-padrão é:

a) Esquecemo-nos daquelas regras gramaticais.

b) Os professores avisaram aos alunos da prova.
c) Deve-se obedecer o português padrão.
d) Assistimos uma aula brilhante.
e) Todos aspiram o término do curso.

15. (Administrador – Transpetro – Cesgranrio) A frase Compramos apostilas que nos serão úteis nos estudos está reescrita de acordo com a norma-padrão em:
a) Compramos apostilas cujas nos serão úteis nos estudos.
b) Compramos apostilas as cujas nos serão úteis nos estudos.
c) Compramos apostilas a qual nos serão úteis nos estudos.
d) Compramos apostilas as quais nos serão úteis nos estudos.
e) Compramos apostilas às quais nos serão úteis nos estudos.

16. (Escriturário – BB – Cesgranrio) A frase em que a presença ou ausência da preposição está de acordo com a norma-padrão é:
a) A certeza que a sorte chegará para mim é grande.
b) Preciso de que me arranjem um emprego.
c) Convidei à Maria para vir ao escritório.
d) A necessidade que ele viesse me ajudar me fez chamá-lo.
e) Às dez horas em ponto, estarei à sua casa.

17. (Esaf) Observe as palavras sublinhadas e indique a frase que apresenta regência nominal correta.
a) Por ser muito estudioso, ele tinha grande <u>amor</u> a seus livros.
b) Havia muitos anos que não via o filho, por isso estava <u>ansioso</u> em vê-lo.
c) <u>Alheio</u> para com o julgamento, o réu permanecia calado.
d) Coitado! Foi preso porque era <u>suspeito</u> por um crime que não cometeu.
e) Tínhamos o <u>propósito</u> em dizer toda a verdade, mas nos impediram de fazê-lo.

18. (Esaf) A frase que apresenta <u>erro</u> de regência do verbo ASSISTIR é:
a) Não fui ver o filme, embora quisesse assistir-lhe.
b) Não lhe assiste o direito de humilhar ninguém.
c) Ele assiste às aulas sempre com muita serenidade.
d) Aqueles médicos assistem os doentes com dedicação.
e) Assistiu aos jogos da Seleção sem nenhum entusiasmo.

19. (Esaf) Observe, nos períodos abaixo, a regência dos verbos e dos nomes.

I. As constantes faltas ao trabalho implicaram a sua demissão.
II. Procederemos à abertura do inquérito.
III. O cargo a que aspiramos é disputado por todos.
IV. Prefiro mais estudar do que trabalhar.
V. Sua atitude é incompatível ao ambiente.
Assinale a sequência que corresponde aos períodos corretos.
a) I, II e IV.
b) II, III e IV.
c) II, IV e V.
d) I, II e III.
e) I, III e IV.

20. (AFT) Avalie as afirmações abaixo, a respeito do emprego das estruturas linguísticas no texto, para assinalar a opção correta.
Quando se ouve a palavra "preço", as primeiras imagens que invadem nossa mente são as de cartazes de liquidação, máquinas registradoras, cheques e cartões de crédito. Mesmo nas sociedades orientais, menos capitalistas que a nossa, a ideia de preço é sempre ligada à noção de objeto de valor.
Porém, diferentemente do que a mídia informa, nem tudo pode ser comprado e parcelado em três vezes no cartão. As coisas realmente importantes da vida têm seu preço, isso é certo, mas a forma de pagamento é bem diversa das praticadas nos *shopping centers*.
Na infinita negociação que é viver, se sairá melhor aquele que possuir uma sólida corrente de reservas emocionais e de bom-senso do que aquele que confia apenas em sua coleção de cartões de plástico. Lucrará mais aquele que souber responder com sabedoria a pergunta: vale a pena pagar o preço?
I. Para a coerência textual, o vocábulo "as" (l.1) tanto pode ser interpretado como um pronome, substituindo o substantivo "imagens" (l.1), quanto como um artigo definido que deixa implícita a concordância com "imagens".
II. O acento indicativo de crase em "à noção" (l.3) decorre da presença da preposição a, exigida por "ligada" (l.6) e do artigo determinante de "noção".
III. Por ser expressa a comparação em estrutura oracional, o termo "do que" (l.5) por ser escrito apenas como "que", sem prejuízo da correção gramatical do texto.
IV. A retirada do pronome em "isso é certo" (l.6) resulta em erro gramatical, por que a oração fica sem sujeito; o que prejudica a coesão textual.
V. Devido ao emprego da vírgula, mantém-se a coerência textual e a correção gramatical ao empregar o pronome átono depois do verbo em "se sairá" (l. 8).

VI. As regras gramaticais possibilitam também o emprego do acento indicador de crase em "a pergunta" (l. 10): à pergunta.

Estão corretos apenas os itens:

a) I, II e VI;

b) I, II, III e V;

c) I, IV e VI;

d) II, III, V e VI;

e) III, IV e V.

21. (Susep) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical inserido no texto.

O etanol ainda está longe de ter um mercado global. Apresentado desde o(1) início da década como a grande solução energética para o mundo, para substituir uma fonte não renovável (o petróleo) e reduzir a emissão (2) de poluentes, o etanol ainda não conquistou os fabricantes de veículos e os consumidores do mundo inteiro. Falta uma padronização internacional para transformar-lhe (3) em uma *commodity* facilmente comercializável nos diferentes mercados e ainda persistem barreiras protecionistas em muitos países. Nos EUA, por exemplo, há uma tarifa de importação de US$ 0,54 por galão. Para entrar na União Europeia, o etanol brasileiro paga 19 centavos de euro por litro. É grande o potencial de mercado para o etanol brasileiro nos EUA. Na União Europeia, o potencial é menor, pois lá (4) o programa energético prevê a utilização de 10% de combustíveis renováveis no consumo total em 2020. Cálculos da União da Indústria da Cana-de-Açúcar – Única indicam que isso resultaria na demanda de 14 bilhões de litros de etanol por ano (outra parte seria atendida (5) por biodiesel).

(*O Estado de S. Paulo*, Editorial, 18/02/2010, com adaptações)

a) 1

b) 2

c) 3

d) 4

e) 5

22. (AFTN) Assinale a única frase cuja lacuna não deve ser preenchida por um pronome relativo preposicionado.

a) O relator da emenda constitucional apresentou proposições todos simpatizavam.

b) Recordaram com carinho a ponte trocaram o primeiro beijo.

c) Fui ver hoje o filme mais gosto.

d) Guimarães Rosa é o escritor brasileiro mais gosto.

e) Esta é a região fronteira agrícola deve ser aplicada.

23. (TRE-MT) Há erro de regência verbal, de acordo com a norma culta, em:
a) O informante não precisou do dinheiro ganho.
b) Eles se referiram sobre o outro governo.
c) Todos preferiram o elogio à censura.
d) Eis o ponto de que discordo.
e) Seu telefone não atende às chamadas.

24. (TRE-MT)
I. O livro me refiro não está traduzido.
II. Os candidatos cartões foram extraviados, poderão fazer a prova.
Os termos que completam, respectivamente, as lacunas das frases acima são:
a) que – cujos os
b) ao qual – dos quais
c) onde – cujos
d) a que – cujos
e) que – dos quais

25. (TRE-MG) Observe a regência dos verbos das frases reescritas nos itens a seguir:
I. Chamaremos os inimigos de hipócritas. Chamaremos aos inimigos de hipócritas;
II. Informei-lhe o meu desprezo por tudo. Informei-lhe do meu desprezo por tudo;
III. O funcionário esqueceu o importante acontecimento. O funcionário esqueceu-se o importante acontecimento.
A frase reescrita está com a regência correta em:
a) I apenas;
b) II apenas;
c) III apenas;
d) I e III apenas;
e) I, II e III.

26. (Técnico Judiciário – TRE-AP – FCC) O segmento grifado está empregado corretamente em:
a) A incompatibilidade da encomenda e a prestação de serviços gerou o conflito.
b) A curiosidade é inata do ser humano.
c) Foi sempre devotado pela ciência.
d) A sua declaração o indispôs com os colegas.
e) Compenetrou-se sobre a necessidade de estudar.

27. (Bacen – Esaf) Os trechos a seguir constituem um texto. Assinale a opção que apresenta erro de regência.

a) Desde abril, já é possível perceber algum decréscimo da atividade econômica, com queda da produção de bens de consumo duráveis, especialmente eletrodomésticos, e do faturamento real do comércio varejista.

b) Apesar da queda da inflação em maio, espera-se aceleração no terceiro trimestre, fenômeno igual ao observado nos dois últimos anos, em decorrência da concentração de aumentos dos preços administrados.

c) Os principais focos de incerteza em relação às perspectivas para a taxa de inflação nos próximos anos referem-se a evolução do preço internacional do petróleo, o comportamento dos preços administrados domésticos e o ambiente econômico externo.

d) Desde maio, porém, entraram em foco outros fatores: o racionamento de energia elétrica, a intensificação da instabilidade política interna e a depreciação acentuada da taxa de câmbio.

e) A mais nova fonte de incerteza é o choque derivado da limitação de oferta de energia elétrica no País, pois há grande dificuldade em se avaliar seus efeitos com o grau de precisão desejável.

(Trechos adaptados do *Relatório de Inflação* – Banco Central do Brasil, junho de 2001– volume 3, nº 2, p. 7 e 8.)

28. (Bacen – Esaf) Assinale a opção em que a regência está de acordo com as regras da norma culta.

a) As funções de autoridade monetária foram sendo transferidas progressivamente do Banco do Brasil para o BC, enquanto as atividades atípicas exercidas por esse último, como as relacionadas ao fomento e à administração da dívida pública federal, foram transferidas para o Tesouro Nacional.

b) A Constituição de 1988 consagra dispositivos importantes para a atuação do BC, como ao do exercício exclusivo da competência da União para emitir moeda e o da necessidade de aprovação prévia pelo Senado Federal, em votação secreta, após arguição pública, dos designados pelo Presidente da República para os cargos de presidente e diretores.

c) A Constituição vedou o BC a concessão direta ou indireta de empréstimos ao Tesouro Nacional. A Constituição de 1988 prevê ainda, em seu artigo 192, a elaboração de Lei Complementar do Sistema Financeiro Nacional, que deverá substituir a Lei nº 4.595, abrangendo vários e importantes aspectos da estruturação e atuação do Banco Central.

d) Em 1998 o Banco Central retomou o processo de Planejamento Institucional, com à realização de um encontro de planejamento ao nível estratégico, contando pela

participação do Presidente e diretores, e de encontros de planejamento no nível tático, que contaram com a participação do corpo gerencial das unidades especial, centrais e regionais.
e) No encontro ao nível estratégico foram definidos a missão do Banco, seus macroprocessos e os objetivos estratégicos para o horizonte de três anos, além das diretrizes balizadoras das ações para assegurar à estabilidade do poder de compra da moeda nacional.

29. (Ass. Leg. – FCC) ***... que faz com que em certas ocasiões...*** **(último parágrafo)**
A lacuna que deverá ser corretamente preenchida pela expressão grifada acima está em:
a) O mercado editorial de autoajuda, ... abrange várias categorias, cresce a olhos vistos em todo o mundo.
b) O conteúdo dos livros de autoajuda, ... os leitores acreditam, serve de inspiração para o sucesso na vida e na carreira profissional.
c) Os leitores estão convictos ..... essas publicações serão a inspiração para uma vida mais harmônica e feliz.
d) Os livros de autoajuda procuram conduzir as pessoas a obterem com tenacidade tudo aquilo ..... sonham.
e) A literatura de autoajuda constitui, no momento, os meios ..... as pessoas recorrem para viver melhor.

30. (TRT – Fundec) Sobre a regência do verbo assistir na oração "a Região Metropolitana finalmente assistia ao início de um capítulo bom da novela protagonizada por mais de 3 milhões de pessoas", pode-se afirmar que:
a) Está correta, porque o verbo foi empregado como transitivo indireto, no sentido de ser do direito.
b) É semelhante à regência do verbo amar em frases como "Deve-se amar ao próximo".
c) Admite a construção passiva, que seria: "O início de um capítulo bom da novela protagonizada por mais de 3 milhões de pessoas era assistido finalmente pela Região Metropolitana.
d) Está consoante com a língua escrita padrão, mas divergente dos hábitos da língua falada no Brasil.
e) É a recomendada pela norma culta da língua, mas não é a habitualmente praticada pelos escritores contemporâneos.

31. (Proderj – FEC) No trecho "... asseguramos que as comunidades locais devem usufruir de benefícios decorrentes da exploração de recursos naturais encontrados em suas terras", observa-se que o verbo em destaque está regido pela preposição de, numa

variante "de" regência da língua contemporânea. Das frases abaixo, aquela em que foi usada uma regência que contraria as normas da língua culta, pois não admite variante, é:

a) Poucos países abstiveram-se de participar da conferência.

b) Muitas vezes é difícil resistir as tentações da riqueza fácil e imediata.

c) Os mais jovens têm de suceder aos mais velhos nas lutas pelo meio ambiente.

d) Devemos prezar as ideias favoráveis às fontes renováveis de energia.

e) A plateia gostaria de que todos os países abraçassem a proposta brasileira.

32. (Proderj – FEC) De acordo com as normas de regência verbal do português contemporâneo, a oração "... que visam o bem público" também poderia estar expressa na forma "... que visam ao bem público", caracterizando-se como um caso de dupla regência. Dos casos abaixo relacionados, o que apresenta erro, por não se caracterizar como um caso de dupla regência, é o que está na opção:

a) Os companheiros o abraçaram num gesto de fraternidade. / Os companheiros lhe abraçaram num gesto de fraternidade.

b) A decisão implica uma reformulação dos planos. / A decisão implica numa reformulação dos planos.

c) Todos estão usufruindo as garantias oferecidas pela empresa. / Todos estão usufruindo das garantias oferecidas pela empresa.

d) Os interessados assistiram à palestra com toda a atenção. / Os interessados assistiram a palestra com toda a atenção.

e) Os colegas o chamavam de benfeitor da humanidade. / Os colegas lhe chamavam de benfeitor da humanidade.

33. (Esaf) Aponte o trecho correto quanto à regência.

a) Quando se desativa uma linha de trem, estão-se isolando muitas localidades que perderão o único meio de transporte que dispõem.

b) Em muitas cidades pequenas, no interior do País, prevalece a ideia, a qual se desconfia o próprio Prefeito seja adepto, de que o trem é meio de transporte obsoleto.

c) Como é interesse do País de que o preço do frete diminua, são urgentes e imprescindíveis investimentos em nosso sistema ferroviário.

d) A partir dos anos 50, o baixo custo do petróleo justificou a opção do transporte de carga por rodovias, às quais foram ganhando cada vez mais preferência.

e) No Brasil, dadas suas dimensões continentais, deve-se dar preferência às ferrovias para a movimentação de cargas.

34. (TRF-12ª – FCC) Está correto o emprego do elemento sublinhado em:

a) A obra de ficção **A guerra dos mundos**, em cuja Orson Welles se baseou, ganhou dramática adaptação radiofônica.
b) A tecnologia de ponta, sobre a qual por vezes pairam desconfianças, leva-nos apenas aonde queremos ir.
c) O cotidiano contemporâneo deixa-se afetar pelas conquistas técnicas, de cujas muita gente alimenta sérias desconfianças.
d) A segunda metade da década de 90, aonde se consolidou a multimídia, foi um marco na vida contemporânea.
e) O homem do nosso tempo, diante dos admiráveis recursos nos quais jamais sonhou alcançar, é por vezes um deslumbrado.

35. (TRE – SP – AJ – FCC) Está correto o emprego de ambas as expressões sublinhadas na frase:
a) O autor do texto, de cuja convicção é que estamos longe do desenvolvimento social, desconfia dos avanços tecnológicos com os quais muita gente demonstra plena admiração.
b) A modernidade técnica, na qual o autor faz suas restrições, não trouxe consigo o desenvolvimento social pelo qual tantos aspiram.
c) Muita gente acredita de que a tecnologia serve a todos, quando o que os fatos têm demonstrado é de que ela acaba servindo aos mesmos privilegiados de sempre.
d) O escritor a cujo nome se faz referência no texto foi um dos expoentes do movimento abolicionista brasileiro, ao qual aderiram muitos outros homens ilustres do século XIX.
e) É tal a velocidade em cuja vêm ocorrendo os avanços tecnológicos que os homens nem têm tempo para pensar nos excluídos, naqueles para quem essa velocidade não beneficia.

36. (Fiscal da Receita Estadual – AP – FGV) De acordo com a norma padrão, o pronome relativo está corretamente empregado apenas na seguinte alternativa:
a) Essas são algumas ideias por cujos os ensinamentos procuro me guiar.
b) Aquelas são as mais antigas histórias de comércio as quais se tem memória.
c) Apresentou um projeto que a principal filosofia dele é a democratização do saber.
d) O comportamento ético por que um povo se orienta define seu caráter.
e) O filósofo onde me refiro defendeu tese recentemente.

37. (TRF-4ª Região – FCC) Está correto o emprego do elemento sublinhado em:
a) A obra de ficção **A guerra dos mundos**, em cuja Orson Welles se baseou, ganhou dramática adaptação radiofônica.
b) A tecnologia de ponta, sobre a qual por vezes pairam desconfianças, leva-nos apenas aonde queremos ir.

c) O cotidiano contemporâneo deixa-se afetar pelas conquistas técnicas, de cujas muita gente alimenta sérias desconfianças.
d) A segunda metade da década de 90, aonde se consolidou a multimídia, foi um marco na vida contemporânea.
e) O homem do nosso tempo, diante dos admiráveis recursos nos quais jamais sonhou alcançar, é por vezes um deslumbrado.

38. (Analista Judiciário – TRT-1R – FCC) ... *condição da qual os habitantes das cidades consideram difícil, talvez impossível, fugir*. (último parágrafo) Mantendo-se a correção e a lógica, o verbo grifado acima pode ser substituído, sem qualquer outra alteração na frase em que se encontra, APENAS por:
a) escapar;
b) afastar;
c) evadir;
d) evitar;
e) prevenir.

39. (Analista Judiciário – TRT-24ª Região) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:
a) Os recursos da internet, dos quais podemos nos valer a qualquer momento, permitem veicular mensagens por cujo conteúdo seremos responsáveis.
b) Artistas plásticos, que suas obras lhes interessa divulgar, frequentam os espaços da internet, mediante aos quais promovem a divulgação de seu trabalho.
c) Jornalistas veteranos, de cujas colunas tantos leitores já frequentaram, passaram a criar seus próprios blogs, pelos quais acrescentam uma dose de subjetivismo.
d) É comum que, num blog, os assuntos públicos, a cujo interesse social ninguém duvida, coabitem aos assuntos particulares, que a poucos interessará.
e) As múltiplas formas de linguagem com que o autor de um blog pode lançar mão obrigam-no a se familiarizar com técnicas de que jamais cogitou dominar.

40. (Fiscal – ICMS – FGV) *O leitor já viu onde quero chegar*. (L. 40)
Assinale a alternativa cuja estrutura seja equivalente semanticamente à apresentada acima, mas que dela se diferencie quanto à adequação da linguagem ao padrão normativo.
a) Já observou o leitor onde quero chegar.
b) O leitor já viu aonde quero chegar.
c) Quero chegar onde o leitor já viu.

d) Em que ponto quero chegar o leitor já viu.
e) O leitor já viu em cujo local quero chegar.

41. (Fiscal – ICMS – FGV) Assinale a alternativa em que, alterando-se o trecho "a fim de que o estado realize as funções a que constitucionalmente está vinculado", não se obedeceu à norma culta. Despreze as alterações de sentido.
a) A fim de que o Estado realize as funções às quais constantemente se refere.
b) A fim de que o Estado realize as funções às quais prefere à instabilidade.
c) A fim de que o Estado realize as funções de cujos objetivos constantemente nos lembramos.
d) A fim de que o Estado realize as funções cujas implicações quase sempre esquecemos.
e) A fim de que o Estado realize as funções as quais se dispôs a efetivar.

42. (FNDE – FGV) Assinale a alternativa em que, alterando-se o trecho *construção de um diálogo (...) que as novas tecnologias permitem* (L.89-92), não se obedeceu às regras gramaticais de regência verbal. Ignore as alterações de sentido em relação ao texto original.
a) Construção de um diálogo (...) a que as novas tecnologias aludem.
b) Construção de um diálogo (...) que as novas tecnologias carecem.
c) Construção de um diálogo (...) a que as novas tecnologias procedem.
d) Construção de um diálogo (...) a que as novas tecnologias se referem.
e) Construção de um diálogo (...) que as novas tecnologias atingem.

43. (TRT-20ª – FCC) ... *além do que lhes permitem os recursos <u>de que</u> dispõem...* A expressão pronominal grifada acima deverá preencher corretamente a lacuna da frase:
a) A nova classe média desenvolveu padrões de consumo ..... só serão sustentáveis se houver salários dignos.
b) Os novos valores sociais, ... se deparam os autores do estudo incluem a valorização da educação.
c) As oscilações de renda familiar, ... o estudo se refere, oferecem riscos à manutenção dos padrões de consumo.
d) Foi realizado um estudo recente, ... se encontram informações importantes sobre a mobilidade social brasileira.
e) A amplitude da ascensão social ..... se fala é condizente com a redução das desigualdades de renda da população.

44. (Analista Judiciário – TRT – 23ª Região) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

a) Os argumentos de que devemos nos agarrar devem se pautar nos limites da racionalidade e da justiça.
b) Os casos históricos em que Voltaire recorre em seu texto ajudam-no a demonstrar de que a pena de morte é ineficaz.
c) A pena de talião é um recurso de cuja eficácia muitos defendem, ninguém se abale em tentar demonstrá-la.
d) Os castigos a que se submetem os criminosos devem corresponder à gravidade de que se reveste o crime.
e) As ideias liberais, de cuja propagação Voltaire se lançou, estimulam legisladores em quem não falte o senso de justiça.

45. (Técnico Judiciário – TRT-23ª Região – FCC) ... *e com o tempo em que você pode trabalhar*.
O segmento grifado na frase acima preenche corretamente a lacuna da frase:
a) Muitos escritores afirmam não saber lidar com a fama ..... almejam em determinado momento de suas carreiras.
b) Alguns escritores menores tentam demonstrar em suas obras uma erudição ..... não possuem de fato.
c) Não por coincidência, o jornalismo é uma profissão ..... vários escritores recorrem em determinado momento de suas vidas.
d) O mercado cinematográfico internacional .... muitos roteiristas iniciantes tentam se inserir é por demais competitivo e estressante.
e) Dizem que o trabalho árduo e diário e uma disciplina tenaz são as principais armas ..... um jovem escritor deve se valer.

46. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) ... *e que vem de certa harmonia misteriosa a que tendem o branco, o preto, o roxo e o moreno*...
O segmento grifado preenche corretamente a lacuna da frase:
a) As autoridades contavam ..... se fizessem consultas à população para definir os projetos de melhoria de toda a área.
b) As transformações ..... se refere o historiador descaracterizaram toda a área destinada, de início, a pesquisas.
c) A necessidade de inovações foi o argumento ..... se valeram os urbanistas para defender o projeto apresentado.
d) A ninguém ocorreu demonstrar ..... não seria possível impedir a derrubada de algumas antigas construções.

e) Seriam necessários novos e diferentes projetos urbanísticos, ... permanecessem intocadas as construções originais.

47. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) Está INADEQUADO o emprego do elemento sublinhado na frase:

a) A traição a que por vezes está sujeita nossa audição pode ter resultados divertidos.

b) Os sons das palavras, a cujos poucas vezes dedicamos plena atenção, podem ser bastante enganosos.

c) A melodia e o ritmo de uma frase, em cujo embalo podemos nos equivocar, valem pelo efeito poético.

d) E afinal, por onde andará dona Ondirá, senhora misteriosa de quem o leitor foi fã cativo, quando menino?

e) E dona Quiçás, a quem Nat King Cole jamais teve a honra de ser apresentado, morará ainda em Madri?

48. (Analista Judiciário – TRE-SP – FCC) Está correto o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

a) A argumentação na qual se valeu o ministro baseava-se numa analogia em cuja pretendia confundir função técnica com função política.

b) As funções para cujo desempenho exige-se alta habilitação jamais caberão a quem se promova apenas pela aclamação do voto.

c) Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto do que a promoção pelo mérito onde nem todos confiam.

d) A má reputação de que se imputa ao "assembleísmo" é análoga àquela em que se reveste a "meritocracia".

e) A convicção de cuja não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo à natureza do caso.

49. (Técnico Judiciário – TRE-SP – FCC) ... *procurava incorporar à escrita o ritmo da fala*... O verbo empregado no texto com a mesma regência do grifado acima está em:

a) *... consagrar literariamente o vocabulário usual.*

b) ... *dar estado de literatura aos fatos da civilização moderna.*

c) *No Brasil, ele significou principalmente libertação dos modelos acadêmicos...*

d) ... *que a sua contribuição maior foi a liberdade de criação e expressão.*

e) ... *os modernistas promoveram uma valorização diferente do léxico...*

50. (AFRF – Esaf) Marque a opção em que ambos os períodos estão gramaticalmente corretos.

a) O racismo no sentido de prática discriminatória em razão da etinia de uma pessoa ou grupo, atenta, primeiro, contra a própria organização política brasileira. / O racismo, no sentido de prática discriminatória, em razão da etnia de uma pessoa ou grupo, atenta, primeiro, contra a própria organização política brasileira.

b) A prática do racismo é definida como crime na Lei nº 7.716/1989, isto é, nessa lei estão definidas várias condutas que implicam tratamento discriminatório, motivado pelo preconceito racial. / A prática do racismo é definida como crime na lei nº 7.716/1989, isto é, nessa Lei estão definidas várias condutas que implicam em tratamento discriminatório, motivado pelo preconceito racial.

c) O racismo é crime de ação múltipla ou de conteúdo variado, de maneira que a prática, no mesmo contexto de ação, de mais de um núcleo acarreta uma única incriminação. / O racismo é crime de ação múltipla ou de conteúdo variado, de maneira que a prática no mesmo contexto de ação, de mais de um núcleo, acarreta em uma única incriminação.

d) O incitamento à discriminação não afasta a possibilidade de cometimento também de injúria, motivada pela discriminação ou qualquer outro crime contra a honra, previsto no CPB ou mesmo na Lei de Imprensa. / O incitamento à descriminação não afasta a possibilidade de cometimento também de injúria, motivado pela descriminação ou quaisquer outro crime contra a honra, previsto no CPB ou mesmo na Lei de Imprensa.

e) A prática de tortura motivada pelo racismo, crime que tem por sujeito passivo o indivíduo, não afasta a incriminação de eventual crime de racismo previsto na legislação brasileira, que tem por sujeito passivo primário a coletividade, com lesões jurídicas da mesma forma diferenciadas: o primeiro, a integridade física, saúde e liberdade individual, e os demais, a paz pública. / A prática de tortura motivada pelo racismo, crime que tem por sujeito passivo o indivíduo, não afasta a incriminação de eventual crime de racismo previsto na legislação brasileira, que tem por sujeito passivo primário a coletividade, com lesões jurídicas da mesma forma diferenciadas, o primeiro a integridade física, saúde e liberdade individual, e os demais a paz pública.

(Baseado em Carlos Frederico de Oliveira Pereira)

Capítulo 27

Concordância

27.1. Concordância verbal

O conceito geral é o verbo ser obrigado a concordar com o sujeito. Aqui serão analisadas situações especiais de concordância.

1) **DOIS OU MAIS NÚCLEOS DE SUJEITO E UM VERBO**

a) SUJEITO COMPOSTO ANTEPOSTO AO VERBO – concordância por soma.

Ex.: Eu e tu (NÓS) fomos ao cinema.
Ele e tu (VÓS) fostes ao cinema.
Ela e eu (NÓS) iremos ao Maracanã.

b) SUJEITO COMPOSTO POSPOSTO AO VERBO – concordância pode ser por soma ou atrativa.

Ex.: Fomos (ou FUI) eu e tu ao cinema.
Fostes (ou FOSTE) tu e ele ao cinema.
Iremos (ou IRÁ) ele e eu o cinema.
"e veio a guerra, a violência, a invasão..." (Raul Pompéia).

– A forma verbal "veio" poderia ser substituída por VIERAM.

Obs.: A soma se dará pela hierarquia das pessoas. A primeira pessoa se sobrepõe às demais, e a segunda, à terceira. No entanto, como a segunda pessoa do plural está em desuso na língua corrente no

Brasil, a forma coloquial VOCÊS (3ª pessoa do plural) a tem substituído.

Ex.: Tu e João fareis (ou farão – forma que vem sendo aceita) o trabalho.

2) **QUEM** – o verbo tanto poderá concordar com o pronome relativo QUEM (terceira pessoa do singular) como também poderá fazê-lo com o antecedente do QUEM.

Ex.: Fui eu quem fez (ou FIZ) o trabalho.

Fomos nós quem fez (ou FIZEMOS) o trabalho.

Fostes vós quem fez (ou FIZESTES) o trabalho.

Obs.: O Professor Celso Cunha indica que a concordância com a 3ª pessoa do singular é a construção prevista pela regra, mas sendo também aceita a concordância com o antecedente do QUEM.

3) **QUE** – o verbo concordará com o termo antecedente do pronome relativo QUE (quando este for o sujeito da oração).

Ex.: Fui eu que fiz o trabalho.

Fomos nós que fizemos o trabalho.

Fostes vós que fizestes o trabalho.

Obs.: Se o antecedente do pronome relativo QUE funcionar como predicativo do sujeito, o verbo tanto poderá concordar com o predicativo como poderá concordar com o sujeito da oração anterior.

Ex.: Eu fui o primeiro que chegou – concordância com o predicativo "o primeiro".

Eu fui o primeiro que cheguei – concordância com o sujeito da oração anterior.

4) **UM E OUTRO** – o verbo tanto poderá estar na terceira pessoa do singular como na terceira pessoa do plural, mas o substantivo ficará sempre no singular.

Ex.: Um e outro aluno fez (ou FIZERAM) o trabalho.

Obs.: O usuário da língua incorrerá em erro se flexionar o substantivo no plural.

BIZU

A utilização da expressão NEM UM NEM OUTRO como sujeito causa uma divergência entre os professores Celso Cunha e Evanildo Bechara. Este indica que o verbo somente poderá flexionar-se no singular (Nem um nem outro compareceu ao trabalho); já aquele informa que, funcionando como pronome substantivo, poderá levar o verbo para o singular ou plural (Nem um nem outro compareceu – ou compareceram – ao trabalho). Ainda segundo Cunha, se a expressão funcionar como pronome adjetivo – determinando um substantivo –, o verbo apenas poderá ocorrer no singular (Nem um nem outro funcionário compareceu ao trabalho).

5) **UNS DE NÓS, ALGUNS DE NÓS, POUCOS DE NÓS, MUITOS DE NÓS, QUAISQUER DE NÓS** – o verbo tanto poderá estar na primeira pessoa do plural como na terceira pessoa do plural.

Ex.: Uns de nós trabalhamos (ou TRABALHARAM) aqui.
Muitos de nós estamos (ou ESTÃO) insatisfeitos.
Quaisquer de nós podemos (ou PODEM) fazer este trabalho.

6) **UNS DE VÓS, ALGUNS DE VÓS, POUCOS DE VÓS, MUITOS DE VÓS, QUAISQUER DE VÓS** – o verbo tanto poderá estar na segunda pessoa do plural como na terceira pessoa do plural.

Ex.: Uns de vós trabalhastes (ou TRABALHARAM) aqui.
Muitos de vós estais (ou ESTÃO) insatisfeitos.

Quaisquer de vós podeis (ou PODEM) fazer este trabalho.

Obs.: Em relação aos casos 5 e 6, se o primeiro termo estiver no singular, o verbo só poderá estar no singular.

Ex.: Um de nós poderá fazer este trabalho. Algum de vós esteve aqui?

? Esta única possibilidade de concordância ocorre por motivos semânticos. Quando dizemos "Uns de nós poderão (poderemos) fazer o trabalho, interpreta-se que "uns poderão fazer o trabalho" ou "nós poderemos fazer o trabalho; no entanto, quando se diz "Um de nós poderá fazer o trabalho", é importante ressaltar que só esse "um" poderá fazer o trabalho, os outros elementos (participantes do NÓS), não.

O NCE já questionou qual das duas construções possíveis (ESCRIVÃO – PC – 2001) seria a mais adequada e indicou como resposta a que fazia a concordância com o verbo na terceira pessoa do plural. Interpretei a opção feita pela banca como uma preferência pela concordância com o núcleo do sujeito (UNS, ALGUNS, MUITOS, POUCOS, QUAISQUER) e não com o adjunto adnominal (DE NÓS, DE VÓS). É também possível que a escolha pela terceira pessoa do plural, em detrimento da segunda pessoa do plural, tenha ocorrido em virtude de "vós" estar em desuso na variante brasileira da língua portuguesa.

7) **COLETIVO** – apesar de o coletivo dar uma ideia pluralizada, o verbo deverá estar na terceira pessoa do singular, a não ser que o próprio coletivo esteja no plural.

Ex.: O cardume viajou por todo o oceano.

Os cardumes viajaram por todo o oceano.

Obs.: Se o termo **coletivo** possuir um adjunto adnominal, o verbo tanto poderá concordar com o coletivo como também poderá concordar com o adjunto adnominal.

Ex.: A manada de elefantes destruiu (ou DESTRUÍRAM) toda a floresta.

O cardume de tainhas está chegando à costa brasileira (ou estão).

Se houver distanciamento entre o coletivo e o verbo, torna-se opcional a flexão do verbo no singular ou no plural.

Ex.: O grupo invadiu a minha residência à meia-noite. Roubaram tudo.

8) **UM TERÇO, 30%, A METADE, A MAIOR PARTE, A MENOR PARTE, UMA PARTE, A MAIORIA DE, A MINORIA DE... –** estes termos ou quaisquer outros que indicarem ideia partitiva ou fracionária, quando possuírem um adjunto adnominal, admitirão que o verbo tanto concorde com estes termos em negrito, como também com o adjunto adnominal.

Ex.: A maior parte dos alunos fez (ou FIZERAM) o trabalho.

Um terço dos fumantes tem (ou TÊM) problemas respiratórios.

9) **PRONOME DE TRATAMENTO –** o verbo deverá estar na terceira pessoa.

Ex.: V. Sª. está se sentindo bem?

V. Exª. deveria obedecer às vontades do povo da mesma forma que o povo lhe obedece.

Obs.: O pronome de tratamento V. Exª., como já se disse, é de terceira pessoa. Logo, quando outro pronome for referente ao ser V. Exª., deverá estar flexionado também na terceira pessoa, não cabendo o uso do oblíquo "vos" ou do possessivo "vosso".

10) **UM DOS QUE –** o verbo tanto poderá estar na terceira pessoa do singular como na terceira pessoa do plural.

Ex.: Ele é um dos que mais estuda (ou ESTUDAM).

Manoel foi um dos que fez (ou FIZERAM) o trabalho.

Obs.: O motivo de haver a dupla possibilidade de concordância se dá em virtude de o pronome relativo QUE poder ter como antecedente UM ou OS (combinado à preposição DE).

– SEM QUE –

Já a estrutura UM DOS só admite a construção com o verbo na terceira pessoa do singular. Isso se justifica através da semântica. Quando se diz "Manoel foi um dos que fez o trabalho", não só Manoel fez o trabalho, como outros também o fizeram. No entanto, quando se informa "Um dos alunos fez o trabalho", só cabe a interpretação de que "um" fez o trabalho, não os demais.

11) **MAIS DE UM –** apesar de a ideia ser pluralizada, o verbo estará na terceira pessoa do singular.

Ex.: Mais de um atleta brasileiro recebeu cartão amarelo.
Mais de uma moça viajou para Paris.

12) **MENOS DE DOIS –** apesar de a ideia ser de singular, o verbo estará na terceira pessoa do plural.

Ex.: Menos de dois homens ainda se encontram presos.
Menos de duas pessoas tentaram fugir.

13) **CERCA DE, PERTO DE –** o verbo concordará sempre com o numeral.

Ex.: Cerca de 70 alunos estavam presentes.

14) **OU –** se houver nítida ideia de exclusão, a concordância do verbo se dará atrativamente. Se ocorrer a possibilidade de soma dos núcleos, o verbo pode concordar com o termo mais próximo ou com a adição.

Ex.: Ele ou tu serás eleito para representante da turma. Ele ou tu farás (fareis) o trabalho.

15) **GRADAÇÃO –** quando houver dois ou mais termos no mesmo campo semântico, o verbo poderá concordar com a soma deles ou com o mais próximo.

Ex.: A tristeza, a angústia, o sofrimento tomou (tomaram) conta dos vascaínos depois que o Pet acertou aquele belíssimo chute no último minuto do jogo.

16) **VERBOS PARECER e COSTUMAR –** estes verbos poderão ou não formar uma locução com a forma verbal seguinte. Se não formarem, os verbos PARECER e COSTUMAR deverão ocorrer na terceira pessoa do singular, caso contrário, eles concordarão com o sujeito.

Ex.: Eles parecem fazer o trabalho.

? O verbo PARECEM concordou com o sujeito ELES, formando assim uma locução verbal com o FAZER.

Eles parece fazerem o trabalho.

? Nesta estrutura, o verbo PARECE forma sozinho uma oração, por isso o verbo FAZEREM é obrigado a concordar com ELES.

Os alunos pareciam estar cansados.

? O verbo PARECIAM concorda com OS ALUNOS, formando assim com o ESTAR uma locução verbal.

Os alunos parecia estarem cansados.

? Nesta estrutura, o verbo PARECIA forma sozinho uma oração principal, e o verbo ESTAREM, por consequência, é obrigado a concordar com OS ALUNOS.

Obs.: Na frase "Os alunos parece que estudam bastante", a forma verbal "parece" somente poderá ocorrer no singular. Tal ocorre em função de haver duas orações: 1ª – que os alunos estudam bastante; 2ª – Parece. A primeira oração é sujeito da segunda (Isso parece), portanto o verbo "parecer" deve ficar na terceira pessoa do singular para concordar com o sujeito oracional.

17) **TÍTULOS NO PLURAL**

a) quando o título estiver precedido de artigo, o verbo concordará com ele;

Ex.: Os Estados Unidos são sempre contrários a qualquer movimento ambientalista.

O *Os Lusíadas* é uma das maiores obras literárias de todos os tempos.

b) não havendo artigo ou outro determinante – segundo Celso Cunha –, o verbo deverá vir no singular.

Ex.: Estados Unidos contraria o interesse do resto do mundo.

Obs.: O Professor Evanildo Bechara considera que o verbo deverá estar no plural, exceto com o verbo SER, situação que torna a flexão em número facultativa.

Ex.: Estados Unidos contrariam o interesse do restante do mundo.

Estados Unidos são (é) a maior potência bélica do planeta.

18) **VERBOS CAUSATIVOS E SENSITIVOS COM SUJEITO NO PLURAL**

a) quando o sujeito (substantivo no plural) estiver postado entre os dois verbos, sendo o primeiro causativo ou sensitivo, deverá o segundo (no infinitivo) estar no plural;

Ex.: Ele mandou os alunos fazerem os exercícios.

b) quando o sujeito (substantivo no plural) estiver postado após os dois verbos, preferencialmente o segundo deverá estar no singular, podendo, também, ocorrer no plural;

Ex.: Ele viu entrar (ou entrarem) as crianças.

"Vi sair daquelas folhas muitos perfis de seminaristas" (Machado de Assis).

"Manda sair os dois!" (José de Alencar).

c) quando o sujeito for pronome oblíquo, a concordância normalmente se faz com singular, admitindo-se o plural, forma mais rara.

Ex.: Nós deixamo-los partir (ou partirem).

19) **VERBO SER**

a) predominância da pessoa sobre a coisa;

Ex.: A vida são os homens.

A criança é as minhas esperanças.

b) predominância do pronome pessoal sobre o nome;

Ex.: O errado aqui sou eu.

Loucos somos nós.

c) predominância do pronome pessoal ou nome sobre pronomes interrogativos;

Ex.: Quem és tu?

Que são tristezas?

d) predominância do plural sobre singular ou palavra invariável;

Ex.: Tudo são flores.

A vida eram uns problemas.

Obs.: Já também são aceitas as formas deste item concordando com o outro termo. Ou seja, também poderíamos dizer:

Ex.: Tudo é flores

A vida era uns problemas.

O NCE indicou na prova de CNEN em 2002 a preferência pela forma singular na seguinte estrutura "Greves é algo..."

e) predomina o singular quando houver **é muito, é pouco, é mais de**;

Ex.: Três mil reais é mais do que preciso.

Cinco mil reais é muito pouco.

f) predomina a concordância do verbo com o numeral indicado pela **distância, hora** ou **data**;

Ex.: De Copacabana ao Centro são 10 quilômetros.

Eram duas horas.

Hoje são 28 de abril.

Obs.: Também podemos utilizar neste último exemplo a palavra dia. Neste caso, o verbo concordará com este termo.

Ex.: Hoje é dia 28 de abril.

Já há autores mais modernos que também aceitam "Hoje é 28 de abril", baseando-se no fato de a palavra dia estar implícita na frase.

g) A expressão **ERA UMA VEZ** é invariável.

Ex.: Era uma vez cinco milhões de eleitores.

20) **SUJEITOS LIGADOS PELA PREPOSIÇÃO COM** – poderá vir o verbo no singular – caso se queira realçar somente o primeiro núcleo – ou no plural, concordando com a soma.

Ex.: João com Maria foi (foram) ao teatro.

21) **SUJEITOS LIGADOS POR CONJUNÇÃO COMPARATIVA OU POR PRONOME INDEFINIDO MAIS** – este caso é bastante parecido com o anterior. Destacando-se apenas o primeiro sujeito, o verbo deverá ocorrer no singular. Sendo a intenção realçar o sujeito composto, o verbo estará no plural.

Ex.: O professor, como o aluno, deve (devem) atentar-se sempre aos novos materiais publicados.

Ex.: "... e à noite lá estava ele rente, mais a Bertoleza, a removerem tábuas, tijolos..." (Aluísio de Azevedo).

22) **SUJEITOS LIGADOS PELA CONJUNÇÃO NEM** – poderá o verbo ocorrer no singular, destacando-se apenas um dos núcleos, ou no plural, em concordância com a soma.

Ex.: Nem o professor nem o diretor compreendeu (compreenderam) a reivindicação dos alunos.

23) **SUJEITOS RESUMIDOS POR PRONOME INDEFINIDO** – a concordância se dá com o pronome indefinido.

Ex.: A chuva, os ventos, o cansaço, a pouca visibilidade, nada o fazia desistir.

24) **SUJEITO ORACIONAL** – o verbo da oração principal ocorrerá na terceira pessoa do singular.

Ex.: Convém estudarmos bastante. / É importante que todos leiam este livro.

Obs.: Este caso já fora amplamente analisado em orações substantivas.

25) **SOAR, BATER, DAR** – concorda com o numeral indicador de hora.

Ex.: Soaram cinco horas da tarde. / Bateu meio-dia no meu relógio.

Obs.: Se a palavra "relógio" for transformada em sujeito, o verbo o acompanha.

Ex.: O relógio deu quatro horas.

26) **SILEPSE** – concordância ideológica.

Ex.: Todos (3ª pessoa do plural) estamos (1ª pessoa do plural, o emissor da mensagem está se incluindo) muito insatisfeitos com as denúncias de corrupção no governo.

O povo (3ª do singular) iremos (o autor da frase se inclui) às urnas no próximo ano.

27) **HAVER** – no sentido de EXISTIR ou de TEMPO DECORRIDO, é impessoal, portanto só poderá ocorrer na terceira pessoa do singular.

Ex.: Há muitos alunos em sala. Deve haver soluções. Ele já chegou há muitos dias.

Obs.: O verbo EXISTIR, mesmo sendo sinônimo de HAVER, é pessoal, contendo sujeito e sendo obrigado a concordar com ele.

Ex.: Existem problemas a serem resolvidos. Devem existir soluções. Hão de existir soluções.

É importante relembrar que o termo "soluções" na frase "Deve haver soluções" funciona como objeto direto; já na frase "Devem existir soluções", funciona como sujeito.

28) **FAZER** – no sentido de TEMPO DECORRIDO ou METEOROLÓGICO, é impessoal, só podendo ocorrer na terceira pessoa do singular.

Ex.: Faz vinte anos que não o vejo. Vai fazer quatro semanas que iniciamos o trabalho. Tudo nos leva a crer que nos próximos anos fará invernos muito frios.

29) **VERBO + SE** – neste assunto, é importante o candidato relembrar a distinção entre pronome apassivador e índice de indeterminação do sujeito. Caso o pronome SE esteja relacionado a um verbo transitivo direto, fica caracterizada a voz passiva sintética, obrigando o verbo a concordar com o sujeito (antigo objeto direto da voz ativa). Caso o pronome SE esteja relacionado a um verbo que não seja transitivo direto, funciona como índice de indeterminação do sujeito, limitando o verbo a flexionar-se tão somente na terceira pessoa do singular.

Ex.: Aspira-se bom ar em São Pedro. Aspiram-se bons ares em São Pedro.

Aspira-se a bom cargo nesta empresa. Aspira-se a bons cargos nesta empresa.

27.2. Exercícios

1. (Auditor – Sefaz-RJ – FGV) ***Que você pagou pra mim.***

Assinale a alternativa em que a alteração do verso acima tenha sido feita de acordo com a norma culta. Não leve em conta possível alteração de sentido.

a) Que Vossa Excelência pagou pra mim.

b) Que vós pagaste pra mim.

c) Que Vossa Senhoria pagastes pra mim.

d) Que tu pagastes pra mim.
e) Que tu pagáreis pra mim.

2. (Pref. SP – FCC) As normas de concordância verbal estão plenamente observadas na frase:
a) Não deveriam caber aos jovens estudantes o peso das responsabilidades políticas que o autor a eles pretende atribuir.
b) É fatal que venham a decepcionar-se com os jovens todo aquele que os vê como sujeitos políticos já inteiramente constituídos.
c) O embate a que se costumam lançar os jovens estudantes são quase sempre marcados por uma natural imaturidade política.
d) Não se devem confiar a um jovem os atributos políticos que mesmo ao político mais experiente costumam faltar.
e) Creio que nenhuma referência a autores como Nelson Rodrigues ou Maquiavel poderão trazer alento aos jovens idealistas.

3. (AFTN) Indique o único segmento que apresenta concordância verbal condizente com as normas do português padrão.
a) O funcionamento dos dois hemisférios cerebrais são necessários tanto para as atividades artísticas como para as científicas.
b) As diferentes divisões e subdivisões a que se submetem a área de ciências humanas provocam uma indesejável pulverização de domínios do conhecimento.
c) Normalmente, a aplicação de métodos quantitativos e exatos acabam por distorcer as linhas de raciocínio em ciências humanas.
d) Uma das premissas básicas do conjunto de assunções teóricas e epistemológicas do trabalho que ora vem a lume é a concepção da Arte como uma entre as muitas formas por meio das quais o conhecimento humano se expressa.
e) Não existem fórmulas precisas ou exatas para avaliar uma obra de arte, não existe um padrão de medida ou quantificação, tampouco podem haver modelos rígidos pré-estabelecidos.

4. (Def. Pública-SP – FCC) A concordância verbal e nominal está inteiramente correta na frase:
a) As mais recentes descobertas da ciência pode levar ao desenvolvimento de tratamentos que controlem a perda de memória, melhorando a capacidade cerebral.
b) Os pesquisadores descobriram que existe situações que favorece a memorização mais duradoura, possibilitando a realização das tarefas cotidianas no trabalho, por exemplo.

c) Está sendo feito estudos sobre a capacidade do cérebro humano de reter informações e processá-las, o que torna possível as lembranças do que aconteceu.
d) A visão de uma obra de arte dispara a comunicação entre neurônios, e o tamanho do impacto causado pela imagem é o que define como será guardada na memória.
e) Memória implícita é aquela que se refere aos conhecimentos, hábitos e habilidades, como andar de bicicleta, que é evocado de maneira automática.

5. (TRT-9R – FCC) As normas de concordância verbal estão plenamente acatadas na frase:
a) Não devem os leitores de hoje imaginar que cabiam aos filósofos antigos preocupar-se com questões que já não fazem sentido.
b) Leitores de hoje, não devemos imaginar que a um filósofo clássico ocorressem tão somente questões específicas de sua época histórica.
c) Nenhum de nossos desejos, de acordo com Sêneca, deveriam transpor nossos limites, fronteiras que se deve sempre determinar.
d) A cada um dos princípios do estoicismo devem corresponder, como se postulavam entre os estoicos, lúcida e consequente iniciativa nossa.
e) Àqueles que não temem refletir sobre a morte reserva-se as recompensas de uma vida mais lúcida e mais intensa.

6. (Fiscal – ICMS – FGV) "... mostram que um terço dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição...".
Assinale a alternativa em que, ao se alterar o termo "um terço", não se tenha mantido a concordância em conformidade com a norma culta. Desconsidere a possibilidade de concordância atrativa.
a) Mostram que 0,27% dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.
b) Mostram que menos de 2% dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foram tributados apenas por aquela contribuição.
c) Mostram que grande parte dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.
d) Mostram que três quartos dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foram tributados apenas por aquela contribuição.
e) Mostram que 1,6 milhão dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.

7. (Alesp – FCC) A concordância verbal e nominal está inteiramente correta em:

a) Presume-se que já tenha sido extinto muitas espécies da fauna e da flora com a destruição de enormes extensões de florestas.
b) Os desequilíbrios no ecossistema de uma floresta pode pôr em risco a sobrevivência de certas espécie de plantas.
c) Deve valer para todos os países as medidas de segurança a ser tomada em relação à preservação de florestas.
d) Para a restauração de áreas ocupadas por atividades agrícolas, é observado os tipos de uso do solo e as características do entorno para traçar o projeto de ação.
e) Projetos desenvolvidos por especialistas mostram que é possível conciliar restauração de florestas nativas com o manejo sustentável de seus recursos naturais.

8. (MPE – SE – FCC) Há uma transgressão das normas de concordância verbal na frase:
a) Não é à variação dos esquemas táticos que se deve imputar o fato de conviverem, em uma Copa do Mundo, a tristeza e a exaltação.
b) Entre paixões opostas costumam movimentar-se, nos dramáticos jogos da Copa, o sentimento dos torcedores mais fanáticos.
c) Sempre haverá nos versos de Carlos Drummond de Andrade reflexões poéticas que se enraízam nas experiências da vida.
d) Não coube aos brasileiros, na Copa de 2010, vivenciar os dramas que caracterizam as partidas a que leva o emparelhamento final.
e) A alternância entre paixões intensas e opostas, como ocorre ao longo da Copa do Mundo, não faz bem aos cardíacos.

9. (Sefaz – SP – FCC) As normas de concordância verbal encontram-se plenamente observadas na frase:
a) Apenas se submetem às condições de baixa remuneração e falta de garantias trabalhistas quem não tem acesso às vantagens de um emprego formal.
b) Incluem-se entre as tantas vantagens que proporcionam o trabalho assalariado a pensão para os que se acidentam e o seguro para os que perdem o emprego.
c) Não deveria causar espanto a ninguém, com um crescimento econômico anual em torno de 7%, os índices de redução da informalidade, no ciclo da industrialização nacional.
d) Acredita-se serem possíveis que as atividades laborais do mercado informal possam, num certo momento, propiciar a transição para o emprego assalariado formal.
e) Caso não os afetasse a redução do desenvolvimento econômico, nos últimos anos, seriam outros os índices de ocupação de postos do trabalho formal no Brasil.

10. (AFTN) Indique a única frase que passaria a apresentar erro de concordância verbal, se tivesse o verbo sublinhado no singular:

a) "Um dos soldadinhos que me acompanhavam chorava como um desgraçado" (G. Ramos).

b) "Os sentenciados houveram do poder público a comutação da pena" (G. Góis).

c) "E quanto enfim cuidava e quanto via, eram tudo memórias de alegria" (Camões).

d) "O conselho se reuniu, e decidiram recomeçar a guerra" (B. Guimarães).

e) "Um turbilhão de sentimentos nos acodem" (L. Coelho).

11. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) Com as alterações propostas entre parênteses para o segmento grifado nas frases abaixo, o verbo que se mantém corretamente no singular é:

a) a modernização do Rio se teria feito **(as obras de modernização)**

b) Mas nunca se esquece ele de que **(esses autores)**

c) por que vem passando a mais bela das cidades do Brasil **(as mais belas cidades do Brasil)**

d) continua a haver um Rio de Janeiro do tempo dos Franceses **(tradições no Rio de Janeiro)**

e) do que a cidade parece ter de eterno **(as belezas da cidade)**

12. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do singular para preencher adequadamente a lacuna da frase:

a) Não ..... (**corresponder**) aos surpreendentes desdobramentos da descoberta do DNA análoga evolução no plano das questões éticas.

b) Mesmo a um pesquisador de ponta não ..... (**haver**) de convir as disputas éticas, pois ele ainda engatinha nessa nova descoberta.

c) De todas as projeções que se ..... (**fazer**) a partir da manipulação do DNA, a mais assustadora é a programação de tipos pessoais.

d) A um direitista não ..... (**deixar**) de assustar, quando isso não lhe convém, iniciativas econômicas que o Estado reivindica para si.

e) Não ..... (**parecer**) uma incongruência, para os esquerdistas, os excessos personalistas do líder de um movimento socialista.

13. (TRF – Esaf) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

A história política e econômica do planeta, desde meados da década de 70, vêm registrando (1) – na contramão da proposta keynesiana – uma intensificação das pressões para a liberalização das contas de capital e para a desregulamentação financeira. E ainda pior,

a utopia do Estado racional transfigurou-se (2) no pesadelo do Estado plutocrático (3), arena onde as gangues privadas se engalfinham (4) para impor (5) seus interesses.
(Luiz Gonzaga Belluzzo, com modificações.)
a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

14. (TTN) Assinale o período que apresenta erro de concordância verbal.
a) As relações dos ecologistas com uma grande empresa que desrespeitava as normas de preservação ambiental, começa a melhorar, para o benefício da humanidade.
b) Até 1995, 50% de recursos energéticos e de matéria-prima serão economizados por uma empresa que pretende investir 160 milhões de dólares no projeto.
c) Hoje não só o grupo dos ecologistas carrega a bandeira ambientalista, mas também aqueles empresários que centram seus objetivos no uso racional dos recursos naturais.
d) Os Estados Unidos são o país mais rico e poluidor do mundo, entretanto não defendem a tese do "desenvolvimento sustentável", a exemplo de muitas nações ricas.
e) É preciso ver que águas contaminadas, ar carregado de poluentes e florestas devastadas exigem o manejo correto da natureza, num país povoado de miseráveis.

15. (TTN) Marque o trecho que contém erro quanto à sintaxe de concordância.
a) O projeto de integração que vêm realizando as frágeis democracia uruguaia, argentina e brasileira é um esforço inegavelmente significativo para o cone sul.
b) Há registros de um sistema de exames competitivos elaborado por chineses, há mais de 2.000 anos antes de Cristo, para selecionar crianças superdotadas.
c) Grande número de programas têm sido direcionados, nos EUA, para áreas consideradas prioritárias pelo Estado, como matemática e ciências.
d) Ignorância, preconceito e tradição mantêm vivas uma série de ideias que dificultam a implementação de programas direcionados às crianças superdotadas.
e) São extremamente importantes, para se criar um ambiente favorável ao desenvolvimento dos superdotados, a criação de uma variedade de experiências de aprendizagem enriquecedoras e estimulantes.

16. (Analista Judiciário – TRF-2ª Região – FCC) As normas de concordância verbal estão plenamente observadas na frase:

a) Evitem-se, sempre que possível, qualquer excesso no convívio humano: nem proximidade por demais estreita, nem distância exagerada.
b) Os vários atrativos de que dispõem a vida nas ilhas não são, segundo o cronista, exclusividade delas.
c) Cabem aos poetas imaginar espaços mágicos nos quais realizemos nossos desejos, como a Pasárgada de Manuel Bandeira.
d) Muita gente haveriam de levar para uma ilha os mesmos vícios a que se houvesse rendido nos atropelos da vida urbana.
e) A poucas pessoas conviria trocar a rotina dos *shoppings* pela serenidade absoluta de uma pequena ilha.

17. (TTN) Indique o trecho em que ocorre erro de concordância verbal, segundo o padrão culto da Língua Portuguesa.
a) O momento é grave. Cabe aos políticos a obrigação de manter a serenidade e o equilíbrio nos debates; que certamente passarão para o plenário da Câmara e do Senado. (*Jornal de Brasília*, 27/8/1992.)
b) A outra das terras por elas exploradas, pela mesma época, os portugueses deram o nome de Brasil, porque havia ali muito do pau conhecido por esse nome. Foi sorte. Havia também muitos macacos, nessa mesma terra, e muitos papagaios. (*Veja*, nº 134, 6/7/1994.)
c) Os cheques pré-datados, que permite aos lojistas financiar seus clientes nas compras a prazo, em alguns casos representam até a metade dos cheques recebidos pelo comércio. (*O Globo*, 15/1/1994.)
d) Os desarranjos na economia se expressam na ordem social por desequilíbrios calamitosos. São o desemprego generalizado, as pressões inflacionárias, a queda do produto, a depressão das massas e, síntese dialética, a violência (*Correio Brasiliense*, 8/7/1994.)
e) Mas, se, para além das palavras, se considerarem os atos do Executivo e as atuais negociações, parece que as pressões já começam a ter efeito. Há dez dias o país foi surpreendido com a nova versão do Orçamento que prevê uma elevação de mais de U$ 10 bilhões nos gastos do governo e igual aumento na estimativa das receitas. (*Folha de São Paulo*, 13/5/1994.)

18. (AFTN) Está correta a concordância verbal na sentença:
a) As discussões que se trata sobre a questão do endividamento externo serão o tema central do encontro.
b) Durante o seminário, apresentou-se três propostas diferentes de revisão da lei salarial.
c) Incluir-se no parecer do relator as alterações aceitas de comum acordo para todos os partidos.

d) Seria ingênuo pensar que as restrições palacianas ao projeto decorre apenas de idiossincrasias pessoais.
e) Positivamente falta clareza e seriedade na condução dos negócios públicos.

19. (AFRF – Esaf) Assinale a opção que apresenta erro de concordância verbal.
a) A Internet não é um acontecimento sem paralelo na História da humanidade.
b) Ela tem muito em comum com o telégrafo, inventado na década de 1830, que acarretou também uma redução brutal nos custos de comunicação e aumentou o fluxo de informações na economia.
c) Mas em hipótese alguma a Internet virou totalmente de cabeça para baixo os pressupostos econômicos tradicionais.
d) O valor da tecnologia da informação e da Internet residem em sua capacidade de armazenar, analisar e transmitir informações instantaneamente, seja para onde for, a um custo ínfimo.
e) A tecnologia da informação e a Internet amplificam o poder da mente da mesma forma que as tecnologias da Revolução Industrial amplificaram o poder dos músculos.

20. (Técnico Ambiental – Petrobras – Cesgranrio) A concordância está de acordo com a norma-padrão em:
a) Vai acontecer muitas inovações no século XXI.
b) Existe cientistas que investigam produtos para 2050.
c) A maioria dos brasileiros acredita que o mundo vai melhorar.
d) O passeio aos planetas e às estações espaciais vão ser normais no futuro.
e) Daqui a alguns anos, provavelmente haverão lojas com robôs vendedores.

21. (Técnico Judiciário – TRE-PA – FGV) ***Desse valor, R$ 265 milhões são oriundos do Orçamento da União*****...**
Assinale a alternativa em que se tenha mantido correção gramatical ao se alterar o trecho acima.
a) Desse valor, R$ 1,9 milhões são oriundos do Orçamento da União...
b) Desse valor, R$ 0,25 milhões são oriundos do Orçamento da União...
c) Desse valor, R$ 1,3 milhões é oriundo do Orçamento da União...
d) Desse valor, R$ 0,98 milhão são oriundos do Orçamento da União...
e) Desse valor, R$ 1,25 milhão é oriundo do Orçamento da União...

22. (Técnico Judiciário – TRE-RN – FCC) Com a substituição dos segmentos grifados pela expressão entre parênteses ao final da transcrição, o verbo que deverá ser colocado no plural está em:

a) *... em breve, o local vai abrigar um complexo voltado principalmente para o turismo religioso. (a região do Agreste/Trairi).*

b) *A ocupação portuguesa só se efetivou no final do século, com a fundação do Forte dos Reis Magos e da Vila de Natal. (A ocupação pelos portugueses).*

c) *A região é grande produtora de sal, petróleo e frutas... (A região de dunas, falésias e praias desertas).*

d) *O turismo de aventura encontra seu espaço no Polo Serrano ... (O turismo voltado para atividades de aventura).*

e) *... e começou a ganhar importância a extração do sal ... (os recursos obtidos com a extração do sal).*

23. (Analista de Gestão em Saúde – Fiocruz – FGV) "A maioria dessas pesquisas aponta para um aumento..."; no caso desse segmento do texto, há uma dupla possibilidade de concordância, como no seguinte trecho:

a) As pesquisas sobre o tema privilegiaram a estética.

b) Um milhão de pesquisas já mostrou essa verdade.

c) Bandos de pesquisadores trabalhavam sobre o tema.

d) Os telefones celulares são um problema para a segurança.

e) Milhares de telefones celulares são empregados no Brasil.

24. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) Quanto às normas de concordância verbal, está plenamente correta a frase:

a) Há desculpas que a ninguém compete pedir, mas Godofredo Rangel parecia pedi-las, quando se lhe reconheciam qualidades de escritor.

b) O isolamento em que vivem os artistas nas pequenas cidades do interior acabam por torná-los uns melancólicos.

c) Por que não se reconhece os atributos de um bom tradutor, que bem poderia lhe propiciar o mesmo prestígio devido a um ficcionista?

d) Os sociólogos costumam condenar os estereótipos, mas Drummond vale-se deles para admitirem os laços singulares de sua amizade.

e) Não faltam aos mineiros de grande sensibilidade, afirma Drummond, ainda quando distantes, o calor dos grandes afetos.

25. (Técnico judiciário – TJ-RJ – FCC) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do plural para preencher de modo adequado a lacuna desta frase:

a) Será que um dia se ..... (**atingir**) a cifra de inimagináveis vinte bilhões de habitantes?

b) Infelizmente não ..... (**caber**) aos homens, desde a sua criação, escolher a solidariedade como seu atributo natural.

c) Não é difícil imaginar o que nos ..... (**reservar**) o adensamento das aglomerações urbanas.

d) Aos jornais se ..... (**impor**) reduzir as páginas, o mesmo ocorrendo com o palavreado de seus articulistas.

e) Até mesmo a regime de emagrecimento ..... (**dever**) submeter-se os homens do futuro.

26. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – FCC) Com as alterações propostas entre parênteses para o segmento grifado nas frases abaixo, o verbo que poderá permanecer corretamente empregado no singular está em:

a) *1 milhão entrou no país pelo Valongo* **(1 milhão de escravos).**

b) *Quando foi proibida a importação de escravos* **(as atividades escravocratas).**

c) *O Império construiu o Cais da Imperatriz* **(os representantes do Império).**

d) *O maior porto de chegada de escravos desapareceu* **(Os portos).**

e) *O Valongo deixou de ser porto negreiro em 1831* **(As adjacências do Valongo).**

27. (Analista Judiciário – TRE-SP – FCC) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do plural para preencher de modo adequado a lacuna da seguinte frase:

a) As acusações que ..... (**promover**) quem defende o "assembleísmo" baseiam-se na decantada "soberania" das assembleias.

b) Não ..... (**convir**) aos radicais da meritocracia admitir que pode haver boas resoluções obtidas pelo critério do voto.

c) Por que ..... (**haver**) de caber a um simples passageiro as responsabilidades do comando de uma aeronave?

d) O que aos bons políticos não ..... (**poder**) faltar, sobretudo nos momentos de decisão, é o espírito público.

e) Não ..... (**caber**) às associações de classe, em assembleias, avaliar o mérito técnico, julgar a qualificação profissional de alguém.

28. (Analista Judiciário – TRT-1ª Região – FCC) O verbo que pode ser empregado corretamente também no singular, sem outra alteração na frase, está grifado em:

a) *... por aquelas pedras passaram pelo menos 600 mil escravos trazidos d'África.*

b) *Metade deles tinham entre 10 e 19 anos.*
c) *Em 1817, contaram-se 50 salas...*
d) *Os milhares de africanos que morreram por conta da viagem [...] foram jogados numa área...*
e) *... os dois pesados volumes da obra estão criteriosamente ilustrados.*

29. (AFC – Esaf) Assinale a opção sem erro de concordância.
a) O peso do reajuste de 10% da tabela de Imposto de Renda das pessoas físicas nas contas públicas – inserido em medida provisória que tem provocado tantas dissensões no Congresso – poderia ser amortecido com folga se não tivesse sido criado, há dez anos, dois mecanismos para aliviar o bolso de grandes empresas.
b) No campo dos benefícios dos transgênicos está a maior produtividade e o menor uso de defensivos agrícolas. Por outro lado, passível de discussão e pendente de provas científicas estão os malefícios ao meio ambiente e à saúde do homem.
c) Estudo comprovou que fatores hormonais podem aumentar a susceptibilidade de meninas à infestação por piolhos. A incidência discriminada por grau de intensidade de infestação e idade mostram que, entre os seis e oito anos, a parasitose alcança o nível máximo.
d) Em áreas de integração econômica que já alcançaram a fase de mercado comum (definida na União Europeia como fusão de mercados nacionais), o processo de eliminação de barreiras alfandegárias impede o uso de instrumentos fiscais que possam dificultar a livre circulação de mercadorias, ou seja, exclui-se o uso do tributo com fins de controle fiscal.
e) Os intercâmbios econômicos entre os Estados, no cenário mundial, quando não inseridos em blocos de integração (como, por exemplo, as trocas comerciais entre Brasil e Espanha), também se veem afetados por novas perspectivas da fiscalidade e pela exigência de se excluir esses controles.

30. (Bacen – Esaf) Assinale a opção em que o trecho foi transcrito com erro de concordância verbal.
a) Antes da criação do Banco Central, as autoridades monetárias brasileiras eram a Superintendência da Moeda e do Crédito – Sumoc, o Banco do Brasil – BB e o Tesouro Nacional que, em conjunto, exerciam funções típicas de um banco central, paralelamente ao desempenho de suas atribuições próprias.
b) A Sumoc, criada com a finalidade de exercer o controle monetário e preparar a organização de um banco central, fixava os percentuais de reservas obrigatórias dos bancos, as taxas do redesconto e da assistência financeira de liquidez, bem como os juros sobre depósitos bancários.

c) Além de receberem os depósitos compulsórios e voluntários dos bancos comerciais, o Banco do Brasil, por sua vez, desempenhava as funções de controlador das operações de comércio exterior, executor de operações cambiais em nome de empresas públicas e do Tesouro Nacional, executor das normas estabelecidas pela Sumoc e pelo Banco de Crédito Agrícola, Comercial e Industrial.
d) O Tesouro Nacional era o órgão emissor de papel-moeda, cujo processamento, por ser complexo, acabava envolvendo diversos órgãos do governo. No ato da criação do Banco Central, no entanto, não ocorreu o seu completo aprimoramento institucional.
e) Embora o Tesouro Nacional fosse o banco emissor, realizava as emissões em função das necessidades do Banco do Brasil e não detinha com exclusividade os depósitos das instituições financeiras, que recolhiam suas reservas voluntárias ao Banco do Brasil, além de diversas outras disfunções.
(Trechos adaptados de http://www.bcb.gov.br – Histórico.)

31. (TRF – 1ª Região – FCC) As normas de concordância verbal estão inteiramente respeitadas somente na frase:
a) Quando se fatigam os corpos, as almas restam mais sossegadas e limpas.
b) O que aflige o autor é os compromissos e os ofícios vãos, com os quais se envolvem permanentemente.
c) Não dura senão um rápido instante os vislumbres de uma vida mais simples.
d) Todas as coisas que se sonha nascem de carências reais.
e) Se houvessem mais coisas simples em nossa vida, não sonharíamos tanto com elas.

32. (TRF – 1ª Região – FCC) Para preencher de modo correto a lacuna da frase, o verbo indicado entre parênteses deverá adotar uma forma do plural em:
a) As normas que num código legal se (estipular) devem acompanhar a prática das ações sociais.
b) As recentes alterações que (haver) no Código Civil brasileiro são elogiáveis em muitos aspectos.
c) Não nos (dizer) respeito definir o que é ou não é legítimo, se não distinguimos entre o que é e o que não é um fato social.
d) Se dos postulados dos códigos (nascer) todo direito, a justiça humana seria uma simples convenção.
e) Ao longo das lutas feministas tanta coisa se (conquistar) que muitos dispositivos legais se tornaram imediatamente obsoletos.

33. (TTN) Indique o texto que contém defeito na estrutura sintática.

a) O culto dos deuses africanos no Brasil abrangem diferentes ritos, aos quais se convencionara denominar "nações".
b) As culturas negras que mais contribuíram para a consolidação das religiões africanas no Brasil vieram de diferentes regiões, cada uma com deuses, rituais e línguas próprias.
c) As nações, são portanto, organizações originárias de diferentes etnias, troncos linguísticos e regiões africanas, que se constituíram no Brasil através de agrupamentos de escravos de diversas origens, em processos de sincretismo às vezes originados na África.
d) Hoje, em São Paulo, podem ser encontradas casas de três vertentes básicas. As matrizes culturais predominantes são banto, iorubá e fon. Há também variações angolas do tipo congo.
e) Num terreiro pode ser encontrado mais de um rito, além da umbanda e do candomblé, este em geral incorporado como rito paralelo.
(Reginaldo Prandi e Vagner Gonçalves, com adaptações.)

34. (TRF – 5ª Região – FCC) Para preencher corretamente a lacuna, o verbo indicado entre parênteses deverá ser flexionado numa forma do plural na seguinte frase:
a) A menos que se (perder) no tempo, essas imagens "higienizadas" testemunharão para sempre a insensibilidade de nossa época.
b) Uma das marcas dessas transmissões jornalísticas (estar) nas semelhanças que guardam com as imagens de um jogo eletrônico.
c) Mesmo que não (criar) outros efeitos, esse tipo de transmissão já seria nocivo por implicar a banalização da violência.
d) Se tudo o que as câmeras captassem (chegar) até nós, sem uma edição maliciosa, nossas reações seriam bem outras.
e) As pessoas a quem se (dirigir) esse tipo de telejornalismo são vistas mais como consumidores de entretenimento do que como cidadãos.

35. (Analista Judiciário – TRT-14ª Região – FCC) Estão plenamente observadas as normas de concordância verbal na frase:
a) Destinam-se aos homens-placa um lugar visível nas ruas e nas praças, ao passo que lhes é suprimida a visibilidade social.
b) As duas tábuas em que se comprimem o famigerado homem-placa carregam ditos que soam irônicos, como "compro ouro".
c) Não se compara aos vexames dos homens-placa a exposição pública a que se submetem os guardadores de carros.
d) Ao se revogarem o emprego de carros-placa na propaganda imobiliária, poupou-se a todos uma demonstração de mau gosto.

e) Não sensibilizavam aos possíveis interessados em apartamentos de luxo a visão grotesca daqueles velhos carros-placa.

36. (Sefaz-SP – FCC) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do plural para preencher corretamente a lacuna da frase:

a) Sempre ..... (**poder**) caber a quem tenha escrito um belo poema os aplausos de um leitor que se disporá a parodiá-lo.

b) Não ..... (**costumar**) haver, nas viagens de trem, passageiros vociferando por causa de um contratempo.

c) O ritmo dos trens, que ao dos negócios e ao dos amores ..... (**chegar**) a se associar, era uma medida do tempo e da vida.

d) Eram inesquecíveis os momentos que uma parada do trem, nos confins do mundo, nos ..... (**permitir**) desfrutar.

e) A nenhum dos passageiros ..... (**perturbar**), de fato, a vagarosidade daqueles trens cheios de poesia.

37. (TRT – 24ª Região – FCC) Na reconstrução de uma frase do texto, desrespeitou-se a concordância verbal em:

a) Às economias nacionais não se permite, modernamente, que se desenvolvam de modo autônomo e competente.

b) Ainda não se encontraram, para essas duas tendências contraditórias, quaisquer possibilidades de harmonização.

c) Quando não se está ligado ao progresso da vida moderna, como ocorre com boa parte dos brasileiros, paga-se com as consequências do atraso.

d) Devem-se às oscilações dos líderes da economia mundial boa parcela do desequilíbrio da nossa própria economia.

e) Devido à dificuldade de se ajustarem ao ritmo variável da economia mundial, há medidas que, mesmo necessárias, deixamos de tomar.

38. (TRT – 24ª Região – FCC) Para se atender às normas de concordância, é preciso <u>corrigir</u> a forma verbal sublinhada na frase:

a) Não nos <u>parece</u> que sejam irrelevantes quaisquer medidas que visem à preservação de línguas utilizadas pelas minorias.

b) Que não se <u>meça</u> esforços para se preservar ou resgatar um fato cultural que ajude a compreender o nosso passado histórico.

c) <u>Tem havido</u> muitas pressões para garantir os direitos das minorias, tais como a utilização e a veiculação de línguas que resistem ao desaparecimento.

d) As populações a quem interessa preservar seus direitos históricos devem unir-se e mobilizar-se contra medidas autoritárias.
e) Caso politicamente não convenha às autoridades do Ministério das Comunicações proibir o programa "Nheengatu", este será mantido em sua forma original.

39. (Analista Judiciário – TST – FCC) As normas de concordância verbal estão plenamente acatadas em:
a) Aos ateus não se devem dispensar o mesmo tratamento de que foram vítimas os primeiros adeptos do cristianismo.
b) Nunca faltaram aos homens de todas as épocas o recurso das crenças no sobrenatural e a empolgação pelas artes da magia.
c) Não se deixam levar pelas crenças transcendentes quem só costuma atender as exigências do pensamento racional.
d) Poupem-se da ira dos fanáticos de sempre aquele tipo de pesquisador que se baseia tão somente nos fenômenos que se podem avaliar.
e) Nunca se abrandaram nos homens e mulheres que não se valem da fé religiosa a reação hostil dos que se proclamam filhos de Deus.

40. (TRF – 1ª Região – FCC) O verbo indicado entre parênteses adotará obrigatoriamente uma forma do plural para preencher de modo correto a lacuna da frase:
a) Foi nos anos 80 que (ocorrer) a pesquisa dos estudiosos americanos.
b) (resultar) do excesso de exercícios algumas complicações para a nossa vida.
c) Mesmo quando (prejudicar-se) com os excessos, o atleta compulsivo os comete.
d) (acarretar) uma série de malefícios essa ginástica feita de modo compulsivo.
e) Quando (praticar) tantos exercícios, o atleta compulsivo não avalia os efeitos.

41. (TRT – 20ª Região – FCC) A concordância está feita corretamente em:
a) Os poucos anos de escolaridade do trabalhador são insuficientes para um bom uso das inovações tecnológicas.
b) O número de postos de trabalho geralmente aumentam quando as empresas elevam a produtividade.
c) Os trabalhadores que perdem o emprego pode ser admitido em novos postos, dependendo do nível de escolaridade.
d) Existe vários efeitos que é resultante da aplicação da tecnologia, capazes de gerar novos empregos.
e) A recuperação de novos postos de trabalho nas empresas são possíveis para candidatos com formação adequada a eles.

42. (TRT – 21ª Região – FCC) As formas verbais sublinhadas respeitam as normas de concordância na frase:

a) Não caberiam aos caboclos ter consciência de todas as coisas que o progresso lhes trariam.

b) Entre os diversos fatores que determinam o estresse, um dos mais importantes está nos hábitos alimentares.

c) Toda a comunidade de Aracampinas acabaram por se envolver em tanta melhoria que passaram a ficar ao seu alcance.

d) Tão logo surgiu, as primeiras manifestações de estresse deixou bem claro que se deviam às novidades do cotidiano.

e) Fogão a gás, televisão, luz elétrica, tudo fascinavam os caboclos, a quem ninguém advertiram da outra face da moeda.

43. (TRT – 21ª Região – FCC) O verbo indicado entre parêntenses deverá se flexionar numa forma do plural para completar corretamente a lacuna da frase.

a) Por mais que se (haver) beneficiado com o progresso, os caboclos não deixaram de sofrer algumas de suas desvantagens.

b) Em todas as vezes que se (falar) dos benefícios do progresso, costuma-se omitir o quanto ele pode ser prejudicial.

c) Até mesmo às fraldas descartáveis (ter) acesso, agora, a mulher que vive em Aracampinas.

d) Entre as novidades com que se (entusiasmar) o morador de Aracampinas estão a televisão e o telefone.

e) Pouca gente (poder) censurar a atração que têm os moradores pelas novidades que chegaram a Aracampinas.

44. (TRT – 24ª Região – FCC) As normas de concordância estão inteiramente respeitadas na frase:

a) Muitos julgam imprescindíveis que se consulte os especialistas para que se avalie com precisão os livros de uma velha biblioteca.

b) Qualquer um dos que entram desprevenidos numa velha biblioteca podem se defrontar com surpresas de que jamais se esquecerá.

c) Mesmo que hajam passado cem anos, as fotos revelam instantâneos de um presente perdido, no qual não se contava com os efeitos do tempo.

d) Nada do que se lê nos grandes livros, mesmo quando extinta a época em que foram escritos, parecem envelhecidos para quem os compreende.

e) Lá estão, como se fosse hoje, a imagem das jovens e sorridentes senhorinhas daqueles tempos, inteiramente alheias ao passar do tempo.

45. (TRT – 24ª Região – FCC) O verbo indicado entre parênteses adotará, obrigatoriamente, uma forma no plural, ao se flexionar na seguinte frase:
a) À grande maioria dos livros de uma biblioteca (caber) um destino dos mais melancólicos.
b) É comum que livros antigos, na perspectiva de um herdeiro pouco afeito às letras, (representar) mais um incômodo do que uma dádiva.
c) (costumar) haver muitas surpresas para quem se propõe a vasculhar uma antiga biblioteca.
d) Pouca gente, tendo o compromisso de avaliar uma biblioteca, (saber) separar com rigor os livros valiosos dos que não o são.
e) (ocorrer) a muitos imaginar que uma velha biblioteca valerá mais pela quantidade do que pela qualidade dos livros.

46. (TRT – 24ª Região – FCC) O verbo indicado entre parênteses deverá ser flexionado numa forma do singular para preencher corretamente a lacuna da seguinte frase:
I. Ninguém, entre nós, (habilitar-se) a tempo de se inscrever no próximo concurso.
II. A quitação de todas as prestações restantes só se (dar) se ganharmos a causa.
III. Por mais que nos (ameaçar) de recorrer à justiça, nossos fiadores sabem que não nos é possível quitar essa dívida.
Atende ao enunciado da questão somente o que está em:
a) I e II;
b) I e III;
c) II e III;
d) II;
e) III.

47. (AFC – Esaf) Assinale a norma gramatical que justifica, com correção e propriedade, a flexão plural do verbo ser no período abaixo:
"Já é mais do que conhecido que o principal problema do sistema tributário nacional são justamente as contribuições, e não os impostos propriamente ditos".
(Revista CNT, "Lixo tributário".)
a) "Com os verbos ser e parecer a concordância se faz de preferência com o predicativo, se este é plural" (Luiz Antonio Sacconi).

b) "Nas frases em que ocorre a locução invariável é que, o verbo concorda com o substantivo ou pronome que a precede, pois são eles efetivamente o seu sujeito" (Celso Cunha & Lindley Cintra).
c) "Se tanto o sujeito como o predicativo forem personativos e nenhum dos dois for pronome pessoal, a concordância será facultativa (pode-se concordar com o sujeito ou o predicativo)" (Dileta S. Martins & Lúbia S. Zilberknop).
d) "Expressões de sentido quantitativo (...) acompanhadas de complemento no plural admitem concordância verbal no singular ou no plural" (*Manual de Redação da Presidência da República*).
e) "Se o sujeito composto tem os seus núcleos ligados por série aditiva enfática (...), o verbo concorda com o mais próximo ou vai ao plural (o que é mais comum quando o verbo vem antes do sujeito)" (Evanildo Bechara).

48. (TRT – 7ª Região – Esaf) Para cada verbo sublinhado no texto, fez-se corresponder uma regra gramatical (com letra idêntica). Indique a regra que não explica nem se aplica à concordância verbal empregada.
Pelo menos 90% dos brasileiros são(a) pobres. O que não quer dizer que os 10% restantes sejam(b) ricos. No século vinte, o Brasil foi um entre os cinco países que mais cresceram(c) no mundo. Junto com nossas mazelas, cresceram(d) também o número de brasileiros e a expectativa de vida. Somos, na América Latina, um dos dois países que menos acreditam(e) na democracia. (Octaciano Nogueira, "A tentação de sonhar", *Folha de S. Paulo*, 23/11/2003, p. 21.)
a) Quando o predicado é constituído de verbo de ligação, o verbo e o predicativo deixam-se influenciar pelo número e pelo gênero do partitivo (Napoleão Mendes de Almeida).
b) Se o número percentual vem determinado por artigo ou por pronome adjetivo, faz-se com eles a concordância (Luiz Antonio Sacconi).
c) A expressão mais de um pede o verbo no singular, a não ser que esteja repetida ou haja ideia de reciprocidade (Hileta Martins & Lubia Zilberknop).
d) Se o sujeito for composto, o verbo irá, normalmente, para o plural, qualquer que seja a sua posição em relação ao sujeito (Evanildo Bechara).
e) Quando o relativo que vem antecedido das expressões um dos, uma das (+ substantivo), o verbo de que ele é sujeito vai para a 3a pessoa do plural (Celso Cunha & Lindley Cintra).

49. (AFRF – Esaf) Assinale a opção em que o trecho do texto foi transcrito com erro de concordância.
a) A Superintendência da Receita Federal em Minas Gerais montou equipe de auditores para fiscalizar os integrantes da "máfia" de adulteração de combustíveis. Foram

concluídas nos dois últimos meses as primeiras sete ações fiscais, com lançamentos de crédito tributário no valor aproximado de 2 milhões de reais. Outras duas ações fiscais estarão sendo encerradas em breve e vão gerar créditos tributários da ordem de 6 milhões de reais.

b) As fiscalizações já concluídas se referem a empresas, abrangendo também os seus respectivos sócios, sobre os quais pesa a acusação da prática de adulteração de combustíveis, fato este que envolveu até mesmo o assassinato do Promotor que investigava o caso.

c) No decorrer dos trabalhos já encerrados, foram constatados fortes indícios da prática de crime contra a ordem tributária, e, ainda, fraude, sonegação e conluio, tendo em vista a utilização de "laranjas" na constituição das empresas, além da prática do uso de "notas calçadas" e de "livros paralelos".

d) De acordo com as investigações realizadas, a sistemática utilizada para a distribuição irregular dos solventes adquiridos pelas empresas, assim como de combustíveis já adulterados, envolvem a emissão de notas fiscais calçadas e paralelas, além da utilização de empresas "fantasmas" ou inabilitadas, como destinatárias fictícias das mercadorias nas notas fiscais.

e) O trabalho continua e se estende por todo o Estado. Já estão em andamento dezoito outras ações fiscais em pessoas físicas e jurídicas, podendo, após o término do trabalho de pesquisa da equipe, outras ações serem incluídas. Estes programas fazem parte de um esforço coordenado da Receita Federal com outros órgãos, no combate às atividades ilícitas.

(Adaptado de www.receita.fazenda.gov.br, 9/9/2003.)

50. (IRB – Esaf) Assinale o período inteiramente correto quanto às regras gramaticais de concordância.

a) Tornar as regras entre os países que aderirem à Alca – Área de Livre Comércio das Américas – mais eficiente, para permitir, entre outros pontos, que as empresas de seguro consigam, mais facilmente, autorização para operarem nos países que fizerem parte do acordo.

b) Essa é uma das metas do grupo que se reuniu no início desse mês em Miami, nos Estados Unidos, para discutirem a importância de os Governos envolvidos nesse processo iniciarem, o mais breve possível, as negociações visando harmonizar seus sistemas de seguro.

c) Constava também, na pauta de discussão, questões relacionadas com as dificuldades enfrentadas pelo mercado segurador, como a falta de um ambiente regulatório em que predominem a clareza e a estabilidade, o acesso aos mercados e a transparência das negociações.

d) Formado por executivos de várias associações, o grupo determinou ainda que se deve enfatizar as operações de resseguro, mas sempre de acordo com os padrões internacionais de regulamentação da atividade.
e) Os executivos acreditam que o sucesso das negociações, que devem continuar ao longo desse ano, poderão aumentar significativamente as opções de novos produtos disponíveis nos mercados que fizerem parte da Alca, o que, consequentemente, contribuirá para fortalecer o mercado segurador nesses países.
(Baseado em "Brasil e Estados Unidos discutem seguro na Alca", Fenaseg *On-line*.)

27.3. Concordância nominal

O conceito básico é que o adjetivo (ou qualquer outro termo com valor adjetivo) concorde com o termo determinado.

1) **DOIS OU MAIS SUBSTANTIVOS E UM ADJETIVO**

a) **SUBSTANTIVOS ANTEPOSTOS AO ADJETIVO –** poderá haver dois tipos de concordância. A concordância poderá ser por proximidade ou por soma. Na concordância por soma, se um dos substantivos for masculino, este gênero prevalecerá.

Ex.: Aluno e aluna bonita (concordância por proximidade).
Aluno e aluna bonitos (concordância por soma).
Aluna e aluno bonito (concordância por proximidade).
Aluna e aluno bonitos (concordância por soma).

Obs.: Na soma, o termo masculino sempre prevalecerá. Para que haja a forma feminina e plural, na adição dos núcleos, é necessário que todos os elementos, sem exceção, sejam femininos.

b) **SUBSTANTIVOS POSPOSTOS AO ADJETIVO –** há duas visões deveras divergentes.

1 – O Professor Evanildo Bechara assevera que tanto o adjetivo poderá concordar com o mais próximo dos substantivos como poderá concordar com a ideia somada

Ex.: Lerei interessante (interessantes) jornal e livro.

2 – O Professor Celso Cunha indica que, se o adjetivo possuir função predicativa, poderá ocorrer no singular ou no plural em coerência com a concordância verbal.

Ex.: É simpática a aluna e o aluno. / São simpáticos a aluna e o aluno.

? Observe que, no primeiro exemplo, "simpática" está no singular concordando com o mais próximo dos núcleos (aluna), tal qual o verbo SER; já, no segundo exemplo, "simpáticos" está no plural, pois concorda com a soma dos núcleos, como também acontece com o verbo SER.

Ex.: Considerei interessante (interessantes) o livro e o jornal.

? Como interessante(s) funciona nesta frase como predicativo do objeto, tanto poderá ocorrer no singular, concordando com "o livro" ou no plural, com "o livro e o jornal". É interessante, neste momento, você rever a diferença entre predicativo do objeto e adjunto adnominal.

Celso Cunha, ao citar o adjunto adnominal antecedendo dois ou mais substantivos, assegura que a concordância dele se fará apenas com o mais próximo dos núcleos.

Ex.: Lerei interessante livro e jornal.

? É justamente neste ponto a divergência entre os dois autores. Enquanto Bechara admite a dupla possibilidade de concordância – "interessante" ou "interessantes", independentemente da função sintática do adjetivo –, Celso Cunha aceita somente a concordância atrativa quando o adjunto adnominal – "interessante" – preceder dois ou mais substantivos. Apesar de, particularmente, eu considerar a visão de Evanildo Bechara mais prática e objetiva, não posso omitir que o NCE segue gritantemente a visão de Celso Cunha.

Além disso, o Professor Celso Cunha cita exceções para a regra de adjetivo (adjunto adnominal) precedendo substantivos: sendo os substantivos nomes próprios ou indicadores de parentesco, o adjetivo deverá estar flexionado no plural.

Ex.: Vi, na semana passada, os simpáticos mãe e pai do Aníbal. / Os insuperáveis Carlos e João estarão presentes em nossa festa.

2) **VERBO SER**

Quando o sujeito do verbo "ser" possuir um adjunto adnominal, o predicativo do sujeito terá o mesmo gênero desse adjunto adnominal. Quando o verbo "ser" não possuir nenhum determinante, o predicativo ficará no masculino (neutro).

Ex.: Cerveja é bom.
A cerveja é boa.
Entrada é proibido.
A entrada é proibida.

3) **ALERTA** – é advérbio e, consequentemente, invariável.

Ex.: Devemos estar sempre alerta.
Os bombeiros ficarão alerta.

4) **QUITE** – é adjetivo, portanto variável.

Ex.: Estou quite.
Estamos quites.

5) **BASTANTE** – quando advérbio, é invariável; quando pronome indefinido, variável.

Ex.: Ele está bastante cansado. Eles estão bastante cansados.
Bastante dia neste ano fez frio. Bastantes dias neste ano fez frio.

BIZU

BASTANTE funciona exatamente como MUITO. Se MUITO puder ser flexionado, BASTANTE também poderá sê-lo.

6) **MEIO** – quando numeral, é variável; quando advérbio, é invariável.

Ex.: Comi meia batata e meio tomate.

Meio-dia; meios-dias; meia-noite; meias-noites.

Ela está meio cansada. Elas estão meio cansadas.

"Agora era um moço de meia-idade" (Fernando Sabino).

7) **HAJA(M) VISTA** – o termo serve para exemplificação. Caso o exemplificado esteja no singular, o verbo somente poderá estar no singular; caso o elemento exemplificado esteja no plural, o verbo tanto poderá vir no singular como no plural.

Ex.: Os últimos fatos foram alegres, haja vista o nascimento de João.

A literatura brasileira é muito rica, haja(m) vista os maravilhosos livros de Machado de Assis.

8) **SÓ** – quando significar sozinho, será variável e, quando significar somente, será invariável.

Ex.: Ele fez o trabalho só. Eles fizeram o trabalho sós. SÓ – SOZINHO

Só ele fez o trabalho. Só eles fizeram o trabalho. SÓ – SOMENTE

"Estávamos a um canto mal iluminado do pátio, quase sós" (Raul Pompéia).

"Só os relógios do céu terão marcado esse tempo" (Machado de Assis).

Obs.: A locução adjetiva "a sós" é invariável.

Ex.: "Ficando a sós com um de cada vez..." (Aluísio de Azevedo).

9) **MUITO OBRIGADA** – As mulheres devem dizer.

MUITO OBRIGADO – Os homens devem dizer.

Ex.: Disse a moça muito obrigada. Ele disse à moça muito obrigado.

10) **ANEXO, INCLUSO, APENSO** são variáveis.

Ex.: A lista de preços inclusa foi aprovada pela diretoria.

As fotografias estavam anexas à carta.

A petição segue apensa ao processo.

11) **EM ANEXO, EM INCLUSO, EM APENSO –** são invariáveis.

Ex.: A lista de preços em incluso foi aprovada pela diretoria.

As fotografias estavam em anexo à carta.

A petição segue em apenso ao processo.

12) **SALVO –** quando significar exceto, será invariável. Quando for o particípio verbal, será variável.

Ex.: Salvo Maria, todos acreditavam em você. Salvo Maria e João, todos acreditavam em você.

Salva Maria, passei a me preocupar com os outros doentes. Salvas Maria e Joana, passei a me preocupar com os outros doentes.

13) **LESO –** é adjetivo, por isso, variável.

Ex.: Foi um crime de lesa-pátria. Foi um crime de leso-patriotismo.

14) **PSEUDO –** é prefixo, por isso, é invariável.

Ex.: Pseudopatriotas. Pseudorrepresentações.

15) **MESMO –** Quando significar "próprio" é variável. Porém quando significar até mesmo é invariável.

Ex.: Ela mesma (própria) fez o almoço. / Mesmo (até mesmo) ela fez o almoço.

16) **POSSÍVEL**

a) nas estruturas com **o mais, o menos, o melhor, o pior, quanto,** o adjetivo possível estará no singular;

Ex.: Fiz todos os esforços quanto possível. / São alunos o mais estudiosos possível.

b) já nas estruturas com **os mais, os menos, os melhores, os piores**, possível virá no plural.

Ex.: São alunos os mais possíveis estudiosos.

17) **TODO**

a) quando for pronome indefinido é variável;

Ex.: Toda pessoa deve investir em ações.

b) quando for advérbio é invariável.

Ex.: Ela está todo preocupada.

Obs.: A população vem adotando a variação, com o respaldo de vários autores, para o advérbio TODO há longa data "Ela está toda preocupada." No adjetivo composto "todo-poderosa", TODO não se pode flexionar.

18) **DADO, VISTO –** Formas adjetivadas variáveis.

Ex.: Dadas as dificuldades, não viajaremos amanhã.

19) **CONCORDÂNCIA COM NUMERAIS**

a) os cardinais aparecendo como ordinais, não há flexão;

Ex.: A camisa dez de Pelé é histórica. / Foi arrancada a página dois do livro

b) na linguagem jurídica é utilizada a seguinte expressão:

Ex.: O documento está a folhas trinta e um do processo.

20) **SILEPSE –** concordância ideológica.

Ex.: V. Exª. é deveras simpático (o adjetivo está na forma masculina, pois o ser a que se refere é homem).

21) **MONSTRO –** funcionando como adjetivo é invariável.

Ex.: Estou com uma dor de cabeça monstro.

27.4. Exercícios

1. (CVM – Esaf) Os períodos seguintes compõem um texto. Marque o que contém erro de estruturação sintática.

a) O filósofo alemão Jügen Habermas vem insistindo: o fim do Estado Nacional como instância reguladora do mercado também torna obsoleta as formas tradicionais do exercício de cidadania.

b) Sofrendo o impacto direto do movimento de globalização econômica, os cidadãos, os tribunais, os parlamentos continuam ilhados nos territórios nacionais.

c) Caso não apareçam instâncias supranacionais de exercício de cidadania, afirma Habermas, haverá uma regressão política no Ocidente.

d) O filósofo alemão fez essas declarações em Paris, pensando sobretudo na Europa, onde medrou e estendeu-se o conceito moderno de democracia.

e) Mas os brasileiros, envolvidos no Mercosul, deveriam ficar atentos ao problema. Convenhamos, a tradição e a prática democrática não são o forte de nossos países. (Luiz Felipe de Alencastro, *Veja*)

2. (Sefaz – APOFP-SP) Os trechos abaixo constituem sequencialmente um texto adaptado do Editorial do *Correio Braziliense* de 6/1/2009.

Assinale a opção em que o segmento está gramaticalmente correto.

a) Antes dos conflitos, Gaza estava estrangulada. Sitiada entre o mar e o muro construído por Israel (que controlam entradas e saídas de pessoas e produtos), a estreita faixa depende totalmente de Telavive.

b) Representantes do Hamas aceitaram ir ao Egito para negociar uma solução. Até agora as iniciativas foram inútil.

c) A resposta desproporcional já fez centenas de mortos e milhares de feridos entre os civis. No vácuo da transição de governo nos Estados Unidos e dos feriados de fim de ano, os países da Europa faz tentativas de obter trégua afim de abrir espaço para a diplomacia.

d) O bloqueio de dezoito meses escasseou alimentos, agasalhos, remédios. O cessar-fogo, que previa o levantamento do cerco, não obteve êxito. Essa a razão, segundo o Hamas, grupo que controla Gaza, de romper a trégua com lançamento de foguetes contra o país vizinho.

e) Também inútil foram às resoluções da ONU, sistematicamente desrespeitadas ao longo de sessenta anos. No meio do tiroteio, milhões de inocentes. Eles pagam a conta de outros.

3. (Sefaz – APOFP-SP) Os trechos abaixo constituem sequencialmente um texto adaptado do Editorial do *Estado de Minas* de 6/1/2009. Assinale a opção em que o segmento está gramaticalmente correto.

a) Como um rotundo e vergonhoso fracasso – é assim que as autoridades e a própria sociedade deveria encarar os números que provam, mais uma vez, a incontrolável capacidade do motorista brasileiro e das estradas que corta o país de transformar o descanso, o lazer e a viagem em tragédias.

b) Até parece que nunca divulgou-se qualquer coisa à respeito do perigo que se esconde nas curvas mal feitas e no excesso de velocidade nas rodovias, ou sobre a carona para a morte que representa o efeito da bebida sob o motorista.

c) Foi 124 mortes, no período de 20 de dezembro até 4 de janeiro, somente nas estradas que corta o território mineiro. Nas rodovias estaduais, morreram 35 pessoas e 475 ficaram feridas. Na malha rodoviária federal mineira, a tragédia teve dimensão alarmante: 89 mortes, representando aumento de 53% em relação ao ano passado.

d) Afinal, tão inaceitável quanto o tamanho da tragédia é o conformismo com a sua macabra repetição. Se os números deste fim e começo de ano não servirem de combustível para uma reação firme e produtiva, então é por que já se perderam até mesmo o compromisso com a vida.

e) As estatísticas estão aí a desafiar o bom senso e, sobretudo, a honestidade que todos temos de ter para reconhecer que têm faltado indignação e atitude suficientes para se exigir e para se construir o fim dessa barbárie.

4. (Susep) Os trechos a seguir constituem um texto adaptado de *O Estado de S. Paulo*, Editorial, 18/02/2010. Assinale a opção gramaticalmente correta.

a) A decisão da Agência de Proteção Ambiental (EPA) dos Estados Unidos de considerar o etanol produzido à partir da cana-de-açúcar um biocombustível avançado, que reduz a emissão de dióxido de carbono em pelo menos 40% na comparação com a gasolina, derruba uma das principais barreiras à entrada do álcool brasileiro no mercado americano e, desse modo, pode representar a abertura do mercado global para o produto nacional.

b) Para entrar no mercado americano, no entanto o etanol brasileiro precisa vencer outros obstáculos, alguns criados pela política externa do Brasil, como a aproximação ao Irã, que causou a perda do apoio ao produto brasileiro até agora dada pelo Congresso Americano.

c) A certificação do etanol de cana como biocombustível avançado pela EPA é importante para o Brasil. O Ato de Segurança e Independência Energética, de 2007, que define regras para os EUA alcançarem as metas de segurança energética e redução da emissão de gases de efeito estufa, estabelecem um consumo mínimo de biocombustíveis de 45 bilhões de litros em 2010 e de 136 bilhões de litros daqui a 12 anos.

d) Do total de biocombustíveis a ser consumido em 2022, 80 bilhões de litros está reservado para os avançados, que são o celulósico (ainda em fase experimental) e o diesel de biomassa, entre outros. A EPA incluiu o etanol de cana-de-açúcar entre os biocombustíveis avançados, ao reconhecerem que, em relação à gasolina, ele reduz a emissão de dióxido de carbono em 61%, bem mais que o mínimo exigido de 40%.
e) Por isso, do total de 80 bilhões que serão consumidos anualmente daqui a 12 anos, o etanol responderá por 15 bilhões de litros. Esse volume corresponde a três vezes o total exportado pelo Brasil em 2008. Em decisão anterior, a EPA contabilizara os efeitos de emissões associadas ao desmatamento provocado pela expansão das áreas plantadas com cana, e considerara que a redução da emissão de dióxido de carbono em relação à gasolina seria de apenas 26%.

5. (Analista Tributário da Receita Federal) Assinale o trecho do texto adaptado de Maria Rita Kehl (*O tempo e o cão: a atualidade das depressões*. São Paulo: Boitempo, 2009) em que, na transcrição, foram plenamente atendidas as regras de concordância e regência da norma escrita formal da Língua Portuguesa.
a) Paradoxalmente, as mesmas inovações tecnológicas destinadas a nos poupar o tempo de certas tarefas manuais e aumentar o tempo ocioso vem produzindo um sentimento crescente de encurtamento à temporalidade. Tal sentimento talvez esteja relacionado com o encolhimento da duração.
b) A vivência contemporânea da temporalidade é dominada por um subproduto das ideologias da produtividade, às quais reza que se devem aproveitar, ao máximo, cada momento da vida.
c) Desligado do frágil fio que ata o presente à experiência passada, voltado, sofregamente, para o futuro, o indivíduo sofre com o encurtamento da duração. Assim, desvalorizam-se o tempo vivido e o saber que sustenta os atos significativos da existência.
d) Segundo Bergson, a duração se mede pela sensação de continuidade entre o instante presente, o passado imediato e o futuro próximos; no entanto, nada indica que o registro psíquico dessas duas formas do tempo que alongam o presente devam limitar-se em curtos períodos antes e depois do brevíssimo instante.
e) Talvez a medida do transcorrer do tempo não individual não se assemelhe com o desenrolar de um fio, mas do tecer de uma rede que abriga e embala um grande número de pessoas ligado entre si pela experiência.

6. (Analista Tributário da Receita Federal) Assinale a opção em que o trecho do texto de Emir Sader (*A nova toupeira: os caminhos da esquerda latino-americana*) foi transcrito com correção gramatical.

a) Atualmente, as alternativas de contraposição a hegemonia enfrentam os dois pilares centrais do sistema dominante: o modelo neoliberal e a hegemonia imperial estadunidense. É no confronto com aqueles que se tem de medir o processo de construção de "outro mundo possível", para se analisar seus avanços, revezes, obstáculos e perspectivas.
b) De certa maneira, pode-se resumir os eixos que articulam o poder atual no mundo à partir de três grandes monopólios: o das armas, o do dinheiro e o da palavra. O primeiro reflete a política de militarização dos conflitos, em que os Estados Unidos acreditam dispor de superioridade inquestionável.
c) A região tem-se mostrado refratária a política de guerra infinita promovida pelos Estados Unidos. Internamente, a Colômbia, epicentro regional da política estadunidense, permanece isolada. No entanto, em seu conjunto, a América Latina produziu espaços de autonomia relativa no tocante a hegemonia econômica e política dos Estados Unidos, o que a torna o elo mais frágil da cadeia neoliberal no século XXI.
d) O terceiro trata-se do monopólio da mídia privada no processo – profundamente seletivo e antidemocrático – de formação da opinião pública. Palco inicial da implantação do modelo neoliberal e sua vítima privilegiada, a América Latina passa por uma espécie de ressaca do neoliberalismo, com governos que rompem com o modelo e com outros que buscam readequações que lhe permitam não sucumbir com ele.
e) O segundo retrata a política neoliberal de mercantilização de todas as relações sociais e dos recursos naturais, que tem buscado produzir um mundo em que tudo tem preço, tudo se vende, tudo se compra e cuja utopia são os grandes centros de compras.

7. (Aneel – Esaf) Assinale a opção gramaticalmente correta.
a) A liberação dos recursos abre uma nova fase do programa "Luz para Todos", que é coordenado pelo Ministério de Minas e Energia e foi lançado em novembro de 2003.
b) Durante esse período, foram instalados comitês gestores estaduais, assinados os termos de compromisso com os estados e finalizados as negociações com as concessionárias para definição das condições contratuais e do valor das obras.
c) A próxima etapa será a assinatura dos contratos entre as concessionárias e os governos estaduais, também parceiro do programa.
d) O acesso à energia elétrica será gratuita para todos os consumidores. As famílias de baixa renda cadastradas nos programas sociais do Governo Federal receberão gratuitamente as ligações internas de suas residências.
e) Hoje, mais de 12 milhões de brasileiros não tem acesso à energia elétrica, o equivalente à soma da população dos Estados do Piauí, Mato Grosso do Sul, Amazonas e Distrito Federal.

8. (Maranhão – Sepog – Agente de Polícia – Biólogo – FCC) A concordância está inteiramente correta na frase:

a) Ao longo da História, líderes religiosos e políticos, de vastíssimo conhecimento, ordenaram a destruição de livros.

b) Paixões humanas podem serem destrutivas, como documenta diversas obras históricas em épocas e lugares diferentes.

c) Conta a História que teria sido destruído obras importantes e significativas para o desenvolvimento cultural da humanidade.

d) É assustador os relatos de danos causados a instituições culturais no Iraque, após a invasão do exército americano.

e) A queima de livros em diferentes épocas históricas atestam a força destruidora do fanatismo, tanto político quanto religioso.

9. (TRE MS – TJ – Área Adm. – FCC) A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:

a) Observa-se, na Amazônia, algumas clareiras de desmatamento, que parece surgir sem ligação com a presença humana, embora possam ser avistadas áreas de pastagens.

b) Imagens de satélites indica a existência de enormes áreas de pastagens em locais onde era antes apenas matas de transição, entre a floresta fechada e o cerrado.

c) Pequenos animais da floresta, assim como os pássaros, é vetor que disseminam sementes, indispensável para a permanência da mata principal.

d) Parques indígenas da Amazônia oferece vasta extensão de mata preservada, que se tornam de grande interesse para a conservação da biodiversidade.

e) Nas áreas desmatadas para a abertura de pastos e depois abandonadas, arbustos formam uma variada mata secundária, à medida que as invadem.

10. (MPU /An. – Área Arq. – FCC) A concordância está totalmente de acordo com a norma-padrão da língua em:

a) Acredito que as orientações dele, porque parecem pouco claro, não terão de serem seguidas antes de um esclarecimento maior.

b) Considerou digna de ser encaminhada a julgamento dos avaliadores a última versão do projeto-piloto, pois, se podem existir fragilidades, elas certamente hão de ser mínimas.

c) Elas se consideraram responsável pelo erro e julgaram legítimo as cobranças que lhe serão feitas de agora em diante.

d) Dado as contingências do momento, os diretores houveram por bem atender aos prazos, e prometeram reavaliar, tanto quanto fossem, as demais exigências do contrato.

e) Devem fazer mais de três meses que não os vejo; tantos dias de afastamento poderia ser entendido como descaso, mas quero dizer que lhes dedico muito afeto.

11. (TCE – MG/Eng. Perito – FCC) Quanto à concordância verbal, a frase inteiramente correta é:

a) Entre as questões essenciais, que a todo cientista deve importar, estão as que se prendem à origem e ao destino do ser humano.

b) Não houvesse outras razões, bastaria a propriedade das perguntas que lhe dirigiu o público para fazê-lo sentir-se um professor privilegiado.

c) Só é dado alimentarem a curiosidade e a insatisfação ao cientista que não abdica de fazer as perguntas fundamentais.

d) Diante do interesse que representavam cada uma das perguntas que lhe cabiam responder, o professor sentiu-se um privilegiado.

e) O autor considerou um privilégio o fato de o interrogarem, com perguntas tão instigantes, aquele público curioso que encontrou na escola.

12. (Administrador – Casa da Moeda – Cesgranrio) No que se refere ao fenômeno da concordância nominal, no subtítulo do texto, o termo textuais também admite a forma singular.

O período em que, conforme a norma-padrão, o termo destacado pode assumir tanto a forma singular quanto a plural é:

a) **Bastantes** poemas foram lidos na aula.

b) Custam **caro** os jornais de domingo.

c) Vendem-se quadros e esculturas **usados**.

d) Compramos livro e jornal **velhos**.

e) Na estante, dicionário e livros **jogados**.

13. (Fiscal – ISS – RJ) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado de *O Estado de S. Paulo*, Editorial, de 1/6/2010.

Assinale a opção em que não foram inseridos erros gramaticais e o trecho foi transcrito de forma gramaticalmente correta.

a) Os consumidores pagam juros maiores porque obtém crédito com prazos maiores e prestações menores. Alguns fatos recentes estão contribuindo para um aumento da demanda, assim como, das pressões inflacionárias.

b) A economia brasileira vive um processo de aquecimento que as últimas modificações da conjuntura estão agravando. O aquecimento tem sua origem no inchaço cada vez maior da demanda doméstica, que até agora não foi afetada pelo aumento da taxa Selic.

c) À política de "bondades" do governo, em vigor nos últimos meses, veio se acrescentar à do Legislativo, que se aproveita do período eleitoral para propor medidas mais condescendentes. Isso aumenta perigosamente o poder aquisitivo da população.
d) Chegamos, agora, a uma situação de quase pleno emprego, em que os salários não são mais determinados pela qualificação da mão de obra, mas pela dificuldade de contratar os trabalhadores necessários. O resultado é um aumento salarial duradouro, cujo peso na formação de preços.
e) É claro que a indústria tem dificuldades em acompanhar o ritmo de crescimento da demanda doméstica, recorrendo para isso à importações, que nem sempre têm preços menores do que os apresentados pela produção nacional.

14. (Analista de Controle Interno – Sefaz-RJ – FGV) ***Nesse sentido, se a evasão tributária é uma doença social, seu combate ou tratamento não pode ficar restrito aos seus agentes; é necessário o envolvimento de toda a sociedade*****. Assinale a alternativa em que a alteração do trecho destacado no período acima NÃO tenha sido feita de acordo com a norma culta. Não leve em conta alteração de sentido.**
a) é necessária a discussão aberta entre todos os membros da sociedade
b) é necessário debate com toda a sociedade
c) é necessário abertura política para se discutir a questão
d) é necessária participação de toda a sociedade
e) é necessária a organização de um debate público a respeito da questão.

15. (Fiscal da Receita Estadual – AP – FGV) Assinale a alternativa que apresenta uma concordância nominal incorreta.
a) Persistência é necessário à obtenção de resultados positivos na carreira profissional.
b) As questões definidas serão bastantes para a arguição do doutorando.
c) Vão incluídos na pasta do congressista a programação e o mapa dos locais dos eventos.
d) Consideraram-se satisfatórios os resumos encaminhados à organização do simpósio.
e) Anexo à tese vão as cópias dos documentos históricos referidos no artigo.

16. (Técnico Judiciário – 23ª Região – FCC) A concordância verbal e nominal está inteiramente correta em:
a) O interesse pelos acontecimentos que envolveram os cangaceiros e seus hábitos peculiares levam sempre a novas interpretações desse fenômeno do sertão brasileiro.
b) A roupa com proteção de couro e o chapéu de abas viradas, que facilitavam a visão de emboscadas, traziam adereços que buscava resguardar os integrantes do bando.

c) Consta que os cangaceiros, num gesto de grandeza, quando pretendia invadir uma determinada fazenda, informava ao dono o dia e a hora desse ataque.
d) A vestimenta adotada pelos cangaceiros eram uma adaptação da roupa dos vaqueiros sertanejos, adequado ao ambiente, com o calor do dia e o frio da noite.
e) Para esses guerreiros surgidos com o cangaço, os elementos que compunham seu traje criavam uma espécie de blindagem contra os perigos que corriam.

17. (Oficial de Defensoria Pública – Defensoria Pública-SP – FCC) A concordância verbal e nominal está inteiramente correta na frase:
a) As mais recentes descobertas da ciência pode levar ao desenvolvimento de tratamentos que controlem a perda de memória, melhorando a capacidade cerebral.
b) Os pesquisadores descobriram que existe situações que favorece a memorização mais duradoura, possibilitando a realização das tarefas cotidianas no trabalho, por exemplo.
c) Está sendo feito estudos sobre a capacidade do cérebro humano de reter informações e processá-las, o que torna possível as lembranças do que aconteceu.
d) A visão de uma obra de arte dispara a comunicação entre neurônios, e o tamanho do impacto causado pela imagem é o que define como será guardada na memória.
e) Memória implícita é aquela que se refere aos conhecimentos, hábitos e habilidades, como andar de bicicleta, que é evocado de maneira automática.

18. (Esaf) Levando em consideração as regras de concordância nominal, escreva (1) para as frases corretas e (2) para as incorretas.
( ) Quando a senhora terminou de abrir as malas, já era meio-dia e meia.
( ) A própria sogra presenciou a abertura das malas; sim, ela mesmo.
( ) Anexo àquela carta destinada ao pai da moça, foram remetidas as joias.
( ) Ao final da tarde, a senhora mostrava-se meio apreensiva.
( ) Naquelas bagagens havia joias muito preciosas.
A sequência correta é:
a) 1, 1, 2, 2, 1;
b) 2, 1, 1, 2, 2;
c) 1, 2, 1, 2, 1;
d) 2, 2, 1, 1, 2;
e) 1, 2, 2, 1, 1.

19. (Esaf) Aponte o trecho correto, no tocante à concordância.
a) Muitos com certeza ficaram surpresos com a quantidade de cartazes que, de uma hora para outra, foi espalhado pelos quatro cantos da universidade.

b) Mais uma vez as chapas se formaram às escondidas dos estudantes, sem que se tivessem qualquer acesso às informações.
c) Nossa postura sempre foi a de procurar ampliar as possibilidades da participação do maior número possíveis de estudantes neste processo.
d) O caminho mais correto seria a formação de uma chapa ampla que englobasse todas as posições e correntes de pensamento, e que estas representassem o fruto das discussões que foi levado nas reuniões de cada departamento.
e) Obedecendo ao prazo legal, a discussão será restrita e o espaço destinado às campanhas eleitorais será expressamente curto; não concordamos em limitações ou restrições às discussões necessariamente sérias.

20. (AFTN – Esaf) Marque o conjunto que apresenta uma concordância não compatível com a norma padrão:
a) Atitudes e gestos belicosos / belicosas atitudes e gestos.
b) Amor e ira eternos / eterna ira e vingança.
c) Os preocupados pai e mãe / os famosos Machado e Alencar.
d) Seguem em anexo as fotos / Seguem anexas as fotos.
e) Os candidatos não eram nenhum bobocas / Não votaram em candidato nenhum.

21. (Área Administrativa – TRF- 4ª Região – FCC) A concordância verbo-nominal está Inteiramente correta na frase:
a) Em todas as épocas, ocorreram ataques de elefantes em várias regiões, porém a média de pessoas expostas a eles era quase insignificante.
b) O sentimento familiar entre manadas de elefantes são intensos, e muitas vezes os ataques de um animal constitui reação a uma iniciativa humana.
c) Elefantes que desenvolvem comportamento agressivo acaba abatidos a tiro para que se evite os ataques a pessoas e a propriedades.
d) Imagens do cérebro de elefantes apresentadas em estudo recente apontou a importância do convívio com animais mais velhos durante a infância.
e) Nos últimos anos, na Índia, foi morta mais de 500 pessoas, atacadas por elefantes em fúria, aparentemente explicáveis por stress pós-traumático.

22. (TFC – Esaf) Assinale a opção em que não há erro.
a) Seguem anexo os formulários pedidos.
b) Não vou comprar esta camisa. Ela está muito caro!
c) Estas questões são bastantes difíceis.
d) Eu lhes peço que as deixem sós.

e) Estando pronto os preparativos para o início da corrida, foi dada a largada.

23. (TRE – MT) De acordo com a norma culta, só está incorreta a concordância do termo grifado em:
a) Remeto-lhe anexo as certidões.
b) No shopping ela comprou vestidos e roupas caras.
c) Na reunião foi discutida a política latino-americana.
d) É meio-dia e meia.
e) Bons argumentos foram apresentados na exposição do conferencista.

24. (TRE – RO) Marque a opção em que está correta a concordância.
a) Informatizou-se algumas juntas apuradoras.
b) Ler o quê? Escrever o quê? Aí as coisas ficaram bastantes esquisitas.
c) Fazem alguns anos que a fraude eleitoral se instalou em alguns Estados.
d) Seria necessário os computadores para se evitar as fraudes das eleições passadas.
e) Deveriam existir, em todos os Estados, eleições informatizadas.

25. (TRE – RJ) Com relação ao adjetivo sublinhado, há erro de concordância nominal em:
a) Estavam atrasados a irmã e o irmão.
b) A loja vendera carros e moto usadas.
c) Ele comprou mamões e mangas maduras.
d) As listas de preço seguiam anexas a esta carta.
e) Os trabalhadores não quiseram fazer horas extras.

26. (Fiscal – ISS – RJ) Assinale a opção em que, ao ser transcrito, o fragmento do editorial adaptado da Revista *Veja*, de 4 de agosto, 2010, desrespeitou a gramática da norma culta.
a) Assim, resistiu as intempéries desencadeadas pela crise internacional e continua no rumo certo. Os indicadores são tão bons que uma bravata se espalhou pelos cinco continentes como se for realidade.
b) O Brasil vai muito bem graças ao permanente compromisso com a estabilidade, o dinamismo da iniciativa privada, a racionalidade e a regulação avançada do eficiente sistema bancário.
c) Um dos resultados é que entidades filantrópicas dos países de fato ricos estão desistindo de investir em projetos sociais brasileiros, enquanto aumentam suas verbas para aqueles em andamento na África.
d) Segundo ela, o Brasil se tornou uma nação rica, de Primeiro Mundo, que não precisa da ajuda de ninguém e ainda empresta dinheiro aos países ricos.

e) Certos clichês comportam verdades. Um deles é o de que o Brasil é um país de contrastes. Pegue-se o caso dos indicadores gerais de economia.

27. (TTN – Esaf) A concordância nominal está incorreta no item:
a) "É um filme para aquelas pessoas que têm uma certa curiosidade sobre si mesmas" (Spielberg).
b) "Salvo alguns desastres, obtêm-se bons resultados, desde que não se tente filosofar no palco de maneira confusa" (T. Guimarães).
c) Ficavam bastantes contrariados com a negligência de algum companheiro durante o treinamento.
d) A folhas vinte e uma do processo, encontra-se o comprovante de pagamento.
e) Estando o carnê e a procuração anexos ao processo, faltavam-lhe dados para explicar o caso.

28. (TRE – RJ) "A aplicação das máquinas agrícolas tornará também a batata mais barata".
Na função de predicativo, "barato" e "caro" são adjetivos e concordam em gênero e número com o substantivo a que se referem; na função de adjunto adverbial de intensidade (ou preço), são advérbios que admitem facultativamente a concordância atrativa.
Das frases abaixo, aquela em que há erro de concordância nominal, por não se observar uma das normas acima, é:
a) Com o uso de certas máquinas os legumes estão ficando muito mais caro.
b) A batata está sendo vendida mais barata com o uso de certas máquinas.
c) O uso de certas máquinas faz com que custem mais barato as batatas.
d) A batata está custando mais cara com o uso de certas máquinas.
e) O uso de certas máquinas deixa muito mais baratos os legumes.

29. (Of. Just. – TJ – NCE) "Parece possível distinguir duas tendências fundamentais..." A frase a seguir em que o adjetivo "possível" apresenta gênero de modelo idêntico ao da frase destacada do texto é:
a) É possível a admiração ou a recusa diante de um grupo estranho.
b) Torna-se possível a observação dos fatos destacados no texto.
c) Parece possível a desconfiança diante do que é novo.
d) É possível que ninguém seja profeta em sua terra.
e) Continua possível a existência das duas tendências citadas no texto.

30. (TRE) Julgamos ao espírito humano as indagações constantes sobre o que é verdade. Ocorre porém que, em nosso presente estágio evolutivo, as verdades são variadas .
As palavras ou expressões que completam corretamente as lacunas da passagem acima são:
a) natural / o mais / possível
b) naturais / o mais / possível
c) natural / as mais / possíveis
d) natural / o mais / possíveis
e) naturais / as mais / possível

31. (Agente de Documentação – TCE-PB – FCC) A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:
a) No século XX, a produção em massa permitiu que objetos, antes de posse restrita a reis, fossem acessíveis a toda a população.
b) Sempre existiu colecionadores de objetos, que exerce maior poder de atração sobre pessoas quanto mais estranho ele é.
c) No século XIX, foi dividido as áreas temáticas da ciência, surgindo então os colecionadores especializados em reunir um único tipo de objetos.
d) Permaneceu imutável por séculos as razões que levam algumas pessoas a colecionar objetos, algumas delas de gosto duvidoso.
e) O costume de enviar marinheiros pelo mundo para encontrar objetos exóticos mudaram a paisagem de alguns países e modernizaram a Europa.

32. (Of. Just. – TJ – NCE) O caso a seguir em que a concordância do vocábulo "possível" é equivocada, segundo a norma culta da língua portuguesa, é:
a) Dentro do possível, observaram-se duas tendências na reação ao grupo estranho.
b) As observações do autor do texto foram a mais pertinentes possíveis.
c) É possível que duas tendências existam.
d) Os estrangeiros tornaram possível a admiração por suas obras.
e) Foi possível observar os fatos descritos.

33. (Analista Judiciário – TRT 4ª Região – FCC) As normas de concordância verbal e nominal estão plenamente atendidas na frase:
a) Reservam-se os artistas o direito (ou privilégio?) de escolherem o gênero e a forma que lhes pareçam os mais adequados ao seu intento de expressão.
b) Não se reconhecia na crônica, antes de Rubem Braga, quaisquer méritos que pudessem alçá-la à altura dos chamados grandes gêneros literários.

c) Não cabem aos críticos ou aos historiadores da literatura estipular se o gênero de uma ou outra obra é maior ou menor em si mesmos.
d) Uma vez submetido ao poder de sedução de seu estilo admirável, é possível que custassem aos leitores de Rubem Braga ficar aguardando a crônica seguinte.
e) Não lhe bastassem, além do estilo límpido, ter os olhos de um grande fotógrafo, Rubem Braga ainda frequentava as alturas da poesia lírica.

34. (Aux. Cart. TJ – NCE) "... seja promovida nas escolas de Primeiro, Segundo e Terceiro Grau". O item a seguir em que ocorre um caso de concordância nominal idêntico ao que está destacado nessa frase do texto é:
a) Procedimento, trabalho e amor cristão.
b) A lei mostrava um novo objetivo e tática.
c) O governo merece eterno agradecimento e elogio.
d) O ministro mostrou bela cultura e talento.
e) Esta e aquela motivação da lei são justas.

35. (CBMERJ – NCE) "Mulheres e homens bonitos". A única forma <u>errada</u> entre as que estão abaixo, mantendo-se o sentido original é:
a) bonitas mulheres e homens;
b) bonitos homens e mulheres;
c) homens e mulheres bonitas;
d) homens e mulheres bonitos;
e) bonitos mulheres e homens.

36. (Técnico em Regulação de Saúde Suplementar – ANS – FCC) A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:
a) O desenvolvimento de técnicas de produção e de distribuição de alimentos permitiu a expansão da espécie humana em todo o planeta.
b) Ocorreu mudanças expressivas, ao longo dos tempos, na relação do homem com os alimentos, que foi se tornando mais variados e disponíveis.
c) Os hábitos alimentares, parte significativa da cultura de cada país, tornou-se uma das principais atividades econômicas do homem.
d) Com o início da agricultura, a tarefa de conseguir alimentos passaram a exigir menos esforço e os períodos de escassez de comida foi menos frequente.
e) A visão de uma cesta repleta de pães quentinhos são tão apetitosos que fica difícil resistir à tentação de comer mais que o necessário.

37. (Analista Judiciário – TRE-PB – FCC) A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:

a) Segundo alguns cientistas, as mais brilhantes fórmulas da física ou da biologia é comparável ao que de melhor foi feito na literatura do século XX.

b) O princípio da economia aproxima a poesia, com seu inigualável poder de síntese, das equações matemáticas, que resumem grande quantidade de informações.

c) Nem sempre as informações que se encontra disponível para um cientista pode orientá-lo na busca de soluções para o problema que tentam resolver.

d) Cientistas, em toda a História, defende a ideia de que tanto a estética científica quanto a artística se caracteriza pela busca da ordem em seu mais alto grau.

e) A emoção é um dos ingredientes mais importantes da estética científica, embora se pensem que deve estar distantes dos objetivos dos pesquisadores.

38. (Secretário de Procuradoria e Promotoria – NCE) "... caminhando rumo a um <u>futuro incerto e infeliz</u>". Se trocarmos as classes dos vocábulos sublinhados, escrevendo substantivos em lugar de adjetivos e vice-versa, teremos como forma correta desse mesmo segmento:

a) Caminhando rumo à incerteza e à infelicidade futuras.

b) Caminhando rumo a incerteza e a infelicidade futura.

c) Caminhando incerta e infelizmente para o futuro.

d) Caminhando rumo à incerteza do futuro e à infelicidade.

e) Caminhando rumo às futuras incerteza e infelicidade.

39. (Secretário de Procuradoria – NCE) "O Brasil tem hoje grande força e grande fraqueza".

Observe a seguir diversas formas de se reescrever a frase inicial do texto, sem a repetição do adjetivo grande.

I. O Brasil tem hoje força e fraqueza grandes.

II. O Brasil tem hoje força e fraqueza grande.

III. O Brasil tem hoje grande força e fraqueza.

IV. O Brasil tem hoje grandes força e fraqueza.

As frases que têm forma adequada são somente:

a) I – II – III – IV;

b) I – II – III;

c) I – IV;

d) II – III;

e) I – III.

40. (Auxiliar de Cartório – NCE) "... respiração e circulação sanguínea". Na *Nova gramática do português contemporâneo*, p. 265, o Prof. Celso Cunha diz: "(Quando o adjetivo vem depois dos substantivos), se os substantivos são do mesmo gênero e do singular, o adjetivo toma o gênero dos substantivos e, quanto ao número, vai: para o singular (concordância mais comum) ou para o plural (concordância mais rara)". Assim sendo:
a) O adjetivo sanguínea poderia também aparecer com a forma sanguíneas.
b) O autor preferiu a concordância mais rara à comum.
c) O autor do texto cometeu um erro de concordância.
d) Razões semânticas fazem que a única forma possível do adjetivo seja sanguínea.
e) A única forma correta do adjetivo é sanguíneas.

41. (Técnico Jud. Juramentado – NCE) "O terceiro e o quarto objetivos..." O caso de concordância nominal presente neste segmento do texto encontra-se referido no item:
a) O adjetivo, quer em função de adjunto adnominal, quer em função de predicativo, desde que se refira a um único substantivo, com ele concorda em gênero e número.
b) quando o adjetivo se associa a mais de um substantivo, o adjetivo concorda em gênero e número com o substantivo mais próximo.
c) se os substantivos são de gêneros diferentes e do singular, o adjetivo pode concordar com o substantivo mas próximo.
d) É possível que o adjetivo predicativo concorde com o sujeito mais próximo se estiver anteposto aos substantivos.
e) no caso de uma só palavra determinada e mais de uma determinante, a palavra determinada irá para o plural ou ficará no singular.

42. (TJ – SP – Vunesp) De acordo com a norma culta, a concordância nominal e verbal está correta em:
a) As características do solo são as mais variadas possível.
b) A olhos vistos Lúcia envelhecia mais do que rapidamente.
c) Envio-lhe, em anexos, a declaração de bens solicitada.
d) Ela parecia meia confusa ao dar aquelas explicações.
e) Qualquer que sejam as dúvidas, procure saná-las logo.

43. (Técnico Judiciário – Espec. Informática – TRF 4ª Região – FCC) A concordância verbonominal está inteiramente correta na frase:
a) Sistemas integrados de arrecadação e controle da visitação pública deve ser instalada em todos os parques nacionais.

b) Nações, mesmo de extensão menor que a do Brasil, está se tornando um dos destinos preferidos de turismo internacional.
c) O Brasil exibe um enorme potencial turístico, com suas belezas naturais, que não se encontra devidamente explorado.
d) A presença de turistas em áreas protegidas pelo Ibama, que permanece sem planos de conservação, são irregulares.
e) O Brasil tem vários parques nacionais, mas é poucos os que estão oficialmente abertos à visitação de turistas, nacional ou internacional.

44. (Assistente Administrativo – FGV) Assinale a alternativa em que não ocorra erro de concordância verbal ou nominal.
a) Elas mesmo decidiram resolver o problema que afligia a todos.
b) Quando ela disse "obrigado", todos aplaudiram.
c) Os coordenadores do projeto decidiram ficar só.
d) Ganharam bastantes elogios da diretoria.
e) Havia pedido emprestado cinco pares de meia.

45. (An. Jud. – Fundec) Está incorreta a forma como se fez a concordância nominal na frase:
a) Os trens e as estações foram reformadas.
b) Os engenheiros construíram um viaduto e uma passarela nova.
c) Pela ferrovia trafegavam vagões e locomotivas refrigerados.
d) Os planos previam projetos e estruturas recém idealizadas.
e) Os índices social e econômico de desenvolvimento da Região Metropolitana são baixíssimos.

46. (TRE – NCE) "... pelos governos federal, estadual e municipal." O item abaixo que exemplifica o mesmo tipo de concordância nominal do segmento retirado do texto é:
a) Vivia em tranquilos bosques e montanhas.
b) A professora estava com um vestido e um chapéu escuro.
c) Passou quarta, quinta e sexta trabalhosas no Rio.
d) Viu as bandeiras brasileira e francesa.
e) Era novo o livro e a caneta.

47. (TRT – 7ª Região – Esaf) Julgue os itens como certos ou errados quanto à concordância nominal ou verbal, colocando C ou E nos parênteses. Assinale, a seguir, a opção que contém a sequência correta. O artigo 1.725 do novo Código Civil informa que, não havendo

estipulação em contrato escrito, os bens móveis e imóveis onerosamente adquiridos por um ou por ambos os companheiros, no período em que durar a união estável, são considerados fruto do trabalho e da colaboração comum. Mesmo que se equivoque os companheiros na aquisição de quaisquer bens, as regras para transação por contrato escrito entre os adquirentes, encontrados nesse artigo, podem ser alteradas, modificando, por exemplo, os percentuais ou cotas condominiais entre eles existente.
(Baseado em "A união estável no novo Código Civil", Álvaro Villaça Azevedo, *Correio Braziliense*, 17/11/2003.)
( ) ambos os companheiros
( ) fruto
( ) equivoque
( ) encontrados
( ) existente
a) E – C – C – E – C
b) C – C – E – C – C
c) C – E – E – E – E
d) E – C – E – C – C
e) C – E – C – C – E

48. (TRT-20ª Região – FCC) A concordância está feita corretamente em:
a) Os poucos anos de escolaridade do trabalhador são insuficientes para um bom uso das inovações tecnológicas.
b) O número de postos de trabalho geralmente aumentam quando as empresas elevam a produtividade.
c) Os trabalhadores que perdem o emprego pode ser admitido em novos postos, dependendo do nível de escolaridade.
d) Existe vários efeitos que é resultante da aplicação da tecnologia, capazes de gerar novos empregos.
e) A recuperação de novos postos de trabalho nas empresas são possíveis para candidatos com formação adequada a eles.

49. (TRT – An. Jud.) "Crianças de dez, oito e até seis anos de idade tinham inteligência bastante para serem treinadas..." A frase a seguir em que a palavra bastante está <u>incorretamente</u> empregada é:
a) Não houve chuvas bastante para resolver o problema da agricultura.
b) Tinha bastantes chances de conseguir o emprego.
c) Não trabalhou nesses dias o bastante para repor o tempo perdido.

d) Não possuía amigos bastante competentes para o trabalho.
e) As novas tecnologias eram bastante prejudiciais aos trabalhadores.

50. (NCE) "... as revistas e os jornais brasileiros..." Com o deslocamento dos termos da frase, a única forma incorreta é:
a) as brasileiras revistas e jornais;
b) os brasileiros jornais e revistas;
c) os brasileiros revistas e jornais;
d) os jornais e as revistas brasileiras;
e) os jornais e as revistas brasileiros.

Capítulo 28

Estilística

28.1. Figuras de som

28.1.1. Aliteração

Indica a repetição de fonemas (consoantes) idênticos ou semelhantes no início de palavras de uma frase ou de versos de uma poesia.

Ex.: "O rato roeu a roupa do rei de Roma".

28.1.2. Onomatopeia

Figura que procura representar graficamente sons.

Ex.: Zum-zum, trim, atchhhim...

28.2. Figuras de construção ou sintaxe

28.2.1. Anacoluto

Consiste no aparecimento de um termo no início de um período que não terá ligação sintática com o restante dos termos posteriores.

Ex.: "Eles, o seu único desejo é exterminar-nos" (Garret).

"O Presidente, estes cidadãos não quiseram ouvir-nos".

28.2.2. Anáfora

Consiste na repetição de uma ou mais palavras no início de diferentes versos ou frases.

Ex.: "Depois eu dou. Depois eu deixo. Depois eu levo. Depois eu conto" (F. Sabino).

"É pau... É pedra... É o fim do caminho... É um pedaço de toco..." (Tom Jobim).

Não sei, não vi, não quero saber.

Alguém falou, alguém gritou, alguém brigou.

28.2.3. Anástrofe ou inversão

Consiste na inversão da ordem direta da frase.

Ex.: Ao Flu o Fla vencerá (a ordem natural seria "O Fla vencerá o Flu").

"Sabe mortos enterrar?" (J.C. Melo Neto) (Sabe enterrar mortos?)

Obs.: É um tipo de inversão mais brando que o HIPÉRBATO.

28.2.4. Assíndeto

Consiste na construção de sequência de orações coordenadas aditivas; não apresentando, contudo, conjunção.

Ex.: "Vim, vi, venci" (Julio César).

Ele lava, passa, prepara a comida, massageia os pés do marido.

28.2.5. Elipse

Consiste na omissão de um termo facilmente subentendido.

Ex.: "Na terra, tanta guerra, tanto engano" (Camões).

Na terra há tanta guerra, há tanto engano.

"Uma de suas funções, como membro da presidência da Câmara, era a de zelar pelos móveis e demais pertences" (Fernando Sabino).

? ... era a (função) de zelar...

28.2.6. Hipálage

Consiste em atribuir a um ser ou coisa uma qualidade ou ação que logicamente pertence a outro ser que também está expresso na mesma frase.

Ex.: "O voo negro dos urubus fazia..." (G. Ramos) (Negro, na verdade, é qualificativo para "urubus").

O movimento pesado dos elefantes... (o movimento não é pesado, e sim os elefantes).

28.2.7. Hipérbato

Indica inversão de termos dentro de orações ou versos. Esta inversão é mais significativa do que a anástrofe.

Ex.: "Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
de um povo heroico brado retumbante..."

– As margens plácidas do Ipiranga ouviram o brado retumbante de um povo heroico.

"É esta de teu querido pai a mesma barba
a mesma boca e testa (T. A. Gonzaga).

– É esta a mesma barba, a mesma boca e testa de teu querido pai.

28.2.8. Pleonasmo ou redundância

Emprego de palavras ou expressões de significado equivalente, com a finalidade de reforçar uma ideia.

Ex.: Vi com meus próprios olhos a terrível cena.

Perdoe-me pelo amor divino de Deus.

28.2.9. Polissíndeto

Consiste na repetição intencional de conjunções, ligando palavras ou orações de período.

Ex.: Ele fala, e reclama, e bebe, e xinga...

Maria não lava, nem passa, nem trabalha, nem faz a comida.

28.2.10. Silepse

Também conhecida como concordância ideológica, esta figura ocorre quando a concordância se faz não com a palavra expressa na frase, mas com a ideia que esta palavra sugere.

a) de gênero

Ex.: Vossa Majestade é muito bondoso.

Sua Santidade estava abatido.

b) de número

Ex.: Coisa curiosa é aquela gente. Divertem-se com tão pouco.

A banda Flor chegou ao sucesso depois de cinco anos. Já gravaram oito discos.

c) de pessoa

Ex.: Os brasileiros somos muito desconfiados.

28.2.11. Zeugma

É a omissão de uma palavra já expressa anteriormente na oração. Trata-se de um caso especial de elipse.

Ex.: Na França há tanta riqueza, no Brasil tanta pobreza. (... no Brasil há tanta pobreza.)

Eu fiz os salgados, Maria os doces. (... Maria fez os doces.)

28.2.12. Repetição ou reduplicação

Consiste na repetição proposital de palavras ou expressões, tanto na poesia quanto na prosa.

Ex.: "Cantei, Cantei, Cantei,
Como é cruel cantar assim..." (Chico Buarque).

28.3. Figuras de pensamento

28.3.1. Antítese

Consiste na colocação, lado a lado, de termos opostos, mas que não causam ideias sem nexo.

Ex.: "Cabelos longos, ideias curtas".
Uma exposição clara para uma ideia tão complicada.

28.3.2. Eufemismo

Indica a atenuação ou suavização de ideias consideradas desagradáveis, cruéis ou ofensivas.

Ex.: Ele entregou a alma a Deus (em vez de: Ele morreu).
Ela sofre de doença ruim (em vez de: câncer).

28.3.3. Hipérbole

Consiste no exagero proposital das coisas.

Ex.: Ele morreu de medo quando me viu.
Nós chegamos aqui há um século.

28.3.4. Ironia

Consiste em expressar o contrário do que se pensa, mas dando a entender o real pensamento. Normalmente, a ironia adquire traços humorísticos.

Ex.: Aqueles amorosos bandidos mataram a família inteira.

Os confiáveis deputados precisam receber o "mensalão", pois seus salários são muitos baixos.

28.3.5. Paradoxo ou oxímoro

Trata-se de uma figura que relaciona duas palavras antônimas, dando conceitos contraditórios. "Aparentemente" a frase fica sem sentido.

Ex.: "Amor é fogo que não se vê
É ferida que dói e não se sente
É um contentamento descontente
É dor que desatina sem doer" (Camões).
Sinto-me solitário nesta multidão...

28.3.6. Prosopopeia, personificação ou animismo

Consiste em atribuir vida ou qualidades humanas a seres inanimados, irracionais, mortos ou abstratos.

Ex.: "As rosas não falam..." (Cartola).
Uma talhada de melancia com seus alegres caroços (C. Lispector).

28.4. Figuras de palavras

28.4.1. Antonomásia

Indica a substituição de nome próprio por nome comum ou por expressão ligada ao termo substituído.

Ex.: Rei do Futebol (em lugar de Pelé).
Cidade Maravilhosa (em vez de Rio de Janeiro).

28.4.2. Catacrese

É uma figura que consiste no uso impróprio de vocábulo por falta de outro mais específico para a designação de um ser ou de uma ação.

Ex.: O pé do vaso está quebrado (pé – parte que serve para sustentar o corpo humano).

Embarcou naquele avião gigantesco (embarcar significa entrar num navio).

28.4.3. Comparação ou símile

Como o próprio nome indica, formaliza-se uma ideia de comparação. Contudo, é fundamental ressaltar que há a necessidade de um conectivo explicitando a comparação.

Ex.: "Beijou sua mulher como se fosse a única" (Chico Buarque).

Ele agiu feito os santos.

28.4.4. Metáfora

Atribuição a uma pessoa ou coisa de uma qualidade que não lhe cabe logicamente. Essa transferência de significado de um termo para outro baseia-se na semelhança de características que o emissor da mensagem encontra entre os dois termos comparados. É uma comparação de ordem subjetiva, sem o conectivo que indica esta comparação.

Ex.: Maria é uma flor.

Vê-se que Carlos é uma fera enjaulada.

28.4.5. Metonímia

É a substituição de sentido de um termo por outro que com ele apresenta relação lógica e constante.

a) autor – obra

Ex.: Ele nunca leu Machado de Assis (os livros de Machado de Assis).

b) conteúdo – continente

Ex.: Comi dois pratos (não se comem os pratos; come-se o conteúdo dos pratos).

c) inventor – invento

Ex.: Graham Bell permitiu que a humanidade se comunicasse melhor (na realidade, o invento de Graham Bell, o telefone).

d) símbolo – coisa simbolizada

Ex.: Nunca abandones a cruz (cruz – símbolo da religião).

e) instrumento – pessoa que o utiliza

Ex.: Ele é um grande raquete (ele é um grande jogador de tênis).

Obs.: Existe um tipo especial de metonímia chamado sinédoque, que se baseia em outras relações.

a) parte – todo

Ex.: Os seus olhos espertos indicavam a porta de entrada.

b) matéria – objeto

Ex.: O cristal tinia sobre a mesa de jantar.

c) marca do produto substitui o produto.

Ex.: O Ford quase nos atropelou.

28.4.6. Sinestesia

Consiste na fusão de sensações percebidas por diferentes órgãos do sentido.

Ex.: Comia o sabor (gosto) vermelho (visão) da fruta.
Claro (visão) perfume (olfato) vagava pelo ar.

28.5. Vícios de linguagem

28.5.1. Ambiguidade

Ocorre sempre que uma palavra admite duas ou mais interpretações.

Ex.: "O julgamento do professor ocorrerá amanhã" (não se sabe se o professor julgou ou foi julgado).

"Flamengo venceu o Palmeiras jogando em casa" (não fica evidenciado quem jogou em casa).

28.5.2. Barbarismo

Consiste em grafia ou pronúncia inadequada ao padrão culto da língua.

Ex.: "degladiar", "previlégio", "necrópsia", "rúbrica".

28.5.3. Cacófato

Indica uma formação sonora desagradável. Tal se dá por formação de palavrões ou repetição excessiva de uma estrutura fonética.

Ex.: Já está pronto o álbum da Maria. Não percebemos como estava a boca dela.

Devemos depreender a devida demanda de um delicado momento político.

28.5.4. Solecismo

Falha de ordem sintática.

Ex.: Haviam muitas pessoas no auditório. Procederemos as aulas de apoio à partir de julho.

28.6. Exercícios

1. (PUC-SP)

"O pavão é um arco-íris de plumas".

"... de tudo que ele suscita e esplende e estremece e delira..."
Enquanto procedimento estilístico, temos, respectivamente:
a) metáfora e polissíndeto;
b) comparação e repetição;
c) metonímia e aliteração;
d) hipérbole e anacoluto;
e) anáfora e metáfora.

2. (Fuvest-SP) Identifique a figura de linguagem presente no verso em destaque.
"Quando a indesejada das gentes chegar
(Não sei se dura ou coroável),
Talvez eu tenha medo.
Talvez eu sorria e diga:
– Alô, iniludível".
a) Clímax.
b) Eufemismo.
c) Sínquise.
d) Catacrese.
e) Pleonasmo.

3. (UM-SP) Aponte a figura: "Naquela terrível luta, muitos adormeceram para sempre".
a) Antítese.
b) Eufemismo.
c) Anacoluto.
d) Prosopopeia.
e) Pleonasmo.

4. (FMU-SP) Em "Dizem que os cariocas somos pouco dados aos jardins públicos", há:
a) pleonasmo;
b) hipérbato de pessoa;
c) silepse de gênero;
d) silepse de pessoa;
e) silepse de número.

5. Qual é a figura de linguagem presente no seguinte fragmento: "Uma pessoa de cabeça desarrumada é assim: defende a pena de morte e o ensino gratuito nas universidades

públicas. É a favor do aborto e se diz católico. Votou Lula em 2002 e José Serra em 2004. È contra as cotas nas universidades e milita numa ONG de defesa da Mata Atlântica"?

a) Antítese.

b) Metáfora.

c) Paradoxo.

d) Metonímia.

e) Hipérbole.

6. (TRE – NCE) "Que paz? Não foram esses mesmos adoráveis senhores que decapitaram ou mandaram decapitar seus próprios companheiros de comunidade durante as recentes rebeliões?" – "Não foram esses mesmos adoráveis senhores..." Neste segmento, ocorre um exemplo de uma figura denominada:

a) metáfora;

b) metonímia;

c) ironia;

d) eufemismo;

e) hipérbole.

7. (INPI – NCE) Embarcar, na sua origem, era empregado com referência a barco, mas no texto aparece com referência a avião. O item abaixo em que a palavra sublinhada também mostra desvio do sentido original é:

a) O avião vai <u>decolar</u> com o porco a bordo.

b) O porco chegou a <u>enterrar</u> as patas na comida.

c) Os passageiros "<u>humanos</u>" estranharam o fato.

d) A <u>poltrona</u> ficou estragada por causa do peso do porco.

e) A investigação do <u>incidente</u> vai demorar.

8. (IBGE – NCE) Em "Vossa Senhoria parece preocupado com o furto da máquina de escrever", há uma figura conhecida por:

a) metáfora;

b) silepse de gênero;

c) silepse de número;

d) silepse de pessoa;

e) catacrese.

A expressão surgiu em Minas Gerais, nos tempos do Brasil colonial e designa o sujeito sonso, fingido. Naquela época, auge da mineração, eram elevadíssimos os impostos cobrados pelo rei de Portugal, nosso avozinho, tão bonzinho...

9. (CFC – NCE) "nosso avozinho, tão bonzinho"; no contexto em que aparecem, esses segmentos são exemplos de:

a) metáfora;
b) ironia;
c) hipérbole;
d) eufemismo;
e) comparação.

10. (TJ-NCE) "Como pode ver na entrevista, ganhar dinheiro no Brasil é sopa". Nesta frase, aparece uma figura sintática e uma figura de palavra. Assinale a alternativa que identifique essas figuras.

a) Hipérbato e metáfora.
b) Silepse e metonímia.
c) Elipse e metonínia.
d) Elipse e metáfora.
e) Anacoluto e catacrese.

11. (Oficial de Justiça Avaliador – TJ – NCE) "E acoplado a ele vem a web, com sua cacofonia de informações, excessivas e desencontradas..." Cacofonia (neste segmento usado figuradamente) é "qualquer efeito desagradável ao ouvido em uma sequência de palavras" (Michaelis – *Moderno dicionário da língua portuguesa*, SP, Melhoramentos, 1998). O item abaixo que pode ser exemplo de cacofonia é:

a) A liberdade, como a concebo, não se confunde com o consumismo.
b) Uma das liberdades modernas é a de ir e vir.
c) A natureza humana se preocupa quando aparece algum perigo.
d) Quando não se pode desfrutar o luxo, começa-se a desdenhar dele.
e) A liberdade foi corrompida pela sociedade de consumo.

(ANTT – NCE)

O Professor Desfontaines está longe de desprezar as coisas efêmeras. E por isso me trouxe a frase de quatro pétalas, que guardei como flor ressequida em velho livro, e que o chofer lhe entregara.

12. "... e que o chofer lhe entregara". Esse segmento mostra uma ambiguidade que é sanada pela reescritura abaixo desse mesmo segmento:

a) E que lhe fora entregue pelo chofer.

b) E que lhe entregara o chofer.

c) Frase essa que o chofer lhe entregara.

d) Livro esse que o chofer lhe entregara.

e) Cujo chofer lhe entregara.

13. (PC – NCE) "... e o exemplo que escolheu para ilustrar SEU comentário". O item abaixo em que o uso do possessivo SEU gera ambiguidade é:

a) O publicitário fez comentários sobre SEU *outdoor*.

b) O cronista levou o cachorro em SEU automóvel.

c) O jornalista transportou as mercadorias em SEU horário de trabalho.

d) O secretário viu o professor do debate em SEU escritório.

e) O jornalista nada dizia sobre SEU texto.

Capítulo 29

Coesão e Coerência Textual

Ao observar um texto bem construído, bem definido, quando não há possibilidade de o leitor perder a sequência dos fatos, tampouco a relação entre os conjuntos, constata-se que há coesão. Qualquer elemento que faça a ligação entre os vários fragmentos do texto possui função coesiva. Enfim, essa conexão interna entre os vários enunciados do texto denomina-se coesão.

29.1. Coesão sequencial

É a coesão normalmente feita por conjunções, ligando termos, orações ou períodos, estabelecendo entre eles uma relação de sentido. Quando uma oração é introduzida pela conjunção TODAVIA, já se sabe que o fragmento está em oposição a algo citado anteriormente. Ao observar a presença da conjunção ENQUANTO, já se imagina que dois fatos estão acontecendo simultaneamente. A ocorrência do conector PORQUE sugere que a ideia introduzida indicará uma causa para um fato anteriormente relatado. Já o conector ENTÃO indica que a oração em que ocorre é uma conclusão para algo citado anteriormente.

Ex.: Chovia muito, todavia fui à praia.

Enquanto eu falava, ela dormia.

Voltei cedo para casa, porque estava cansado.

Ele não chegou, então deve estar parado no trânsito.

29.2. Coesão referencial

É a conexão feita através de termos (normalmente os pronomes) que fazem referência a elementos anteriormente citados no texto.

Ex.: Lula, Pelé e Xuxa são extremamente famosos. Esse foi o principal jogador de futebol de todos os tempos, aquele é o atual Presidente do Brasil e esta, apresentadora de programas infantis.

Observe que os pronomes demonstrativos Esse (referente a Pelé), aquele (a Lula) e esta (a Xuxa) ligam o segundo período ao anterior.

Adeus, nepotes (Luiz Garcia, *O Globo*, 25/10/2005)

De vez em quando, uma boa notícia: a sentença de morte para o nepotismo no Judiciário, por exemplo. A decisão do Conselho Nacional de Justiça, anunciada terça-feira, não abre exceções: é proibido a juízes de todas as instâncias e a chefes de seções e departamentos a nomeação de parentes até terceiro grau.

Também está vedado o velho golpe do nepotismo cruzado: você nomeia o meu e eu nomeio o seu.

O Ministério Público vai pelo mesmo caminho. Enquanto isso, aqui no Estado do Rio já está em vigor emenda constitucional que proíbe dar um jeito na vida de cônjuge, companheiro e parente até terceiro grau: pai, mãe, avós, filhos, netos, bisnetos, tios, sobrinhos, primos e até sogros e cunhados. E vale para Executivo, Legislativo e Judiciário, sem esquecer Ministério Público e Tribunal de Contas.

Não acabou: o projeto de lei que corre no Congresso, também rigoroso e abrangente, tem chances de ser aprovado até o fim do ano. Pelo menos foi o que previu outro dia, quase prometendo, o deputado Aldo Rebelo.

> Portanto, há sinais suficientes de que pode ir longe a *blitz* contra os nepotes. Assim se chamavam sobrinhos de papas, nomeados conselheiros do Vaticano, num tempo, muito antigo, lá onde o Renascimento fazia a curva, em que — diziam pessoas de má-fé (ou de nenhuma fé) — papas tinham sobrinhos que muitas vezes eram a cara dos tios.

Comentários sobre o texto: na linha 2, o termo "a decisão" refere-se ao fim do nepotismo (l. 1/2); no início do segundo parágrafo, o termo "também" indica que o fato a ser anunciado é acrescido ao evento anterior já anunciado. Repare que os pronomes "você", "meu", "eu" e "seu", além de denunciarem a coesão efetiva entre os seres, designam a relação eu-meu e você-seu invertida. No início do terceiro parágrafo, a expressão "mesmo caminho" é referente também ao fim do nepotismo. Depois o elemento "E vale" sugere que Executivo, Legislativo e Judiciário, sem esquecer Ministério Público e Tribunal de Contas, também serão enquadrados na emenda constitucional. O quarto parágrafo, ao iniciar-se com "Não acabou", já sugere que o fato anterior abrangerá outros órgãos. O último parágrafo é iniciado através da conjunção conclusiva PORTANTO, indicando que o texto já ofereceu elementos suficientes para iniciar-se a conclusão. O termo "Assim" refere-se a "nepotes". Por fim, o termo "tios" está relacionado, ironicamente, aos "papas". Vê-se, então, que o texto possui vários elementos que têm como função ligar unidades, encadeando-as, criando uma sequência lógica.

29.3. Coerência textual

É a ocorrência de um texto que, além de apresentar-se coeso, há de fazer sentido. Um texto pode ser coeso sem ser coerente, mas nunca poderá ser coerente sem ser coeso. O autor de um texto pode fazer uso de elementos coesivos, contudo o texto pode não possuir sentido. O estudo de coerência prevê a ocorrência de uma linha de raciocínio, lógica no

pensamento, harmonia entre fatos e, principalmente, não pode haver contradição.

Ex.: Lula, Pelé e Xuxa são extremamente famosos. Esse foi jogador de futebol, aquele é o atual Presidente do Brasil e esta é muito bonita.

? Observe que o texto é coeso, pois, tal qual no exemplo anterior, utilizam-se pronomes demonstrativos para ligar a segunda frase à primeira. No entanto, o texto não é coerente, porquanto não houve a manutenção de uma linha de raciocínio. Enquanto os dois primeiros foram apresentados pela profissão, a referência à última diz respeito não à sua profissão, mas à beleza física.

BIZU

A Esaf já fez muitas provas em que era exigido do candidato a montagem ou a continuação do texto. É recomendável no caso usar primeiramente a coesão e depois a coerência. Nas questões de montagem de textos, o passo prévio é observar se há, nos tópicos, elementos remissivos (termos que façam referência a expressões anteriores). Caso isso ocorra, o tópico não pode iniciar o texto. Por exemplo: se você se deparar com o tópico "Entretanto, não houve tempo para resolver o problema", já se pode ter a certeza de que não pode estar no início do texto, já que a conjunção ENTRETANTO indica uma oposição a algo outrora aludido. Caso se posicione no princípio, vai opor-se a quê? Também o tópico "Eles não indicaram a saída" não pode postar-se no início do verbete, uma vez que o pronome pessoal ELES refere-se a pessoas já mencionadas. Outra estrutura que não pode localizar-se no início é: "Não conseguiram demonstrá-la". Aí ocorrem dois fatos que obstam o posicionamento inicial: o verbo na terceira plural

referindo-se a pessoas já apresentadas no texto, e o pronome oblíquo A em DEMONSTRÁ-LA, que indica a ocorrência de elemento feminino e singular antecedente. A partir de então, você deve partir para as alternativas. Há questões que, ao se vislumbrar o primeiro tópico, já se chega à resposta.

29.4. Exercícios com gabarito comentado

1. (Auditor do Tribunal de Contas do Estado do Paraná) Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os de forma a comporem um texto coeso e coerente e assinale a opção correta.

( ) Cada um desses casos analisados tem suas peculiaridades próprias dentro de um Brasil que se configura como um continente, com realidades bastante distintas entre si.

( ) Anteviu o grande jurista o importante papel a ser reservado a esses tribunais, aliadas que estariam a seus integrantes, a competência técnica, a imparcialidade profissional e a sensibilidade social, no trabalho de cunho educativo, orientado em seminários.

( ) Surgiram as Cortes de Contas do Brasil pela inspiração de Rui Barbosa, cujo sesquicentenário comemorou-se em 1999.

( ) O exame exaustivo de processos, que consome horas de leitura, análise e reflexão sobre o caso, é tantas vezes incomodado pela celeridade com que se cobra o seu pronunciamento – uma exigência que muitas vezes não se justifica, já que os pareceres emitidos pelas Cortes de Contas não se amoldam a modelos estereótipos que obedeçam ao resultado do sempre-igual de equações matemáticas.

( ) Atuam eles de maneira construtiva, sem se eximirem, quando pertinente, de indicar as irregularidades que encontram no exercício de sua atividade de fiscalização.

(Itens adaptados de Ubiratan Aguiar, XX Congresso dos Tribunais de Contas do Brasil, Sessão Solene de Abertura, 12/10/1999 – www.tcu.gov.br)

a) 4 – 5 – 3 – 2 – 1

b) 5 – 2 – 1 – 4 – 3

c) 3 – 1 – 2 – 5 – 4

d) 3 – 4 – 5 – 1 – 2

e) 1 – 4 – 5 – 3 – 2

Resposta: Alternativa B.

Observe que o primeiro tópico não pode dar início ao texto, já que a expressão "Cada um desses casos analisados" indica que já foram mencionados anteriormente "esses casos analisados".
O segundo tópico também não poderá iniciá-lo, pois a expressão "Anteviu o grande jurista" sugere que este jurista já fora citado.
O terceiro não possui elementos remissivos, podendo iniciar o texto.
O quarto tópico não pode introduzir o texto, porquanto a expressão "análise e reflexão sobre o caso" indica que um caso já fora relatado.
O último tópico também não pode dar início, visto que o pronome "eles" refere-se a seres já aludidos.
Então, somente o terceiro tópico poderá iniciar o texto. Dentre as opções, só há uma indicando esse posicionamento: a alternativa B.

2. (TRF – 2003) Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e, em seguida, assinale a sequência correspondente.
( ) As operações de compra de imóveis pelas *off shores* também estão sendo monitoradas pela Receita. Os dados serão comparados com as declarações de Imposto de Renda dos residentes no Brasil e até com o cadastro de imóveis das prefeituras.
( ) Sem identificação dos donos, cujos nomes são mantidos em sigilo pela legislação dos países onde estão registradas, muitas dessas empresas fazem negócios no Brasil, como a participação em empreendimentos comerciais ou industriais, compra e aluguel de imóveis.
( ) Além de não saber quem são os proprietários dessas *off shores*, pois não há mecanismos legais que permitem acesso aos verdadeiros donos, o governo também não tem conhecimento da origem desse dinheiro aplicado no País, sem o recolhimento dos impostos devidos.
( ) A Receita Federal está fechando o cerco contra as empresas estrangeiras sediadas em paraísos fiscais que atuam no Brasil, conhecidas como *off shores*.
( ) Para reduzir essa evasão fiscal, a Receita está identificando as pessoas físicas que alugam imóveis de luxo pertencentes a pessoas jurídicas ou mesmo físicas que atuam em paraísos fiscais. Toda remessa de aluguel é tributada.
(Adaptado de Ana D'Angelo, Andrea Cordeiro e Vicente Nunes, *Correio Braziliense*, 8/9/2003.)
a) 1, 2, 4, 3, 5
b) 2, 3, 5, 4, 1
c) 5, 2, 3, 1, 4
d) 1, 5, 4, 3, 2

e) 3, 2, 1, 5, 4

O primeiro tópico não pode dar início ao texto, pois o elemento "também" indica que esse fato está sendo acrescido a eventos anteriores.

O segundo tópico também não poderá iniciá-lo, pois a expressão "Sem identificação dos donos" indica que esses seres são donos de algo já citado.

O terceiro tópico também não pode dar início ao texto, pois a oração "Além de não saber quem são os proprietários dessas ***off shores***" sugere que as ***off shores*** já foram anteriormente mencionadas.

O quarto tópico pode iniciar o texto, já que não há qualquer elemento que faça a remissão a termos anteriores.

A oração "Para reduzir essa evasão fiscal" indica que a ocorrência fiscal já fora relatada em fragmento anterior do texto, não podendo, portanto, iniciá-lo.

Então, como somente o quarto tópico pode iniciar o texto, e só há uma opção (C) indicando isso, será a resposta.

(Técnico da Receita Federal – TRF – Esaf)

3. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e, em seguida, assinale a sequência correspondente.

( ) Em geral, esta firma é constituída apenas para atuar como subsidiária da estrangeira, intermediando seus negócios. Caso a empresa compre imóvel no Brasil, tem que haver registro, tem que existir um responsável, com CPF, o que permite o controle.

( ) O investidor estrangeiro entra no Brasil via Bolsa de Valores, fundos de investimentos ou como sócio de uma empresa brasileira.

( ) O secretário da Receita admite, no entanto, que não há mecanismos para controlar a atuação de brasileiros que mandam dinheiro ilícito para os paraísos fiscais e o repatriam por meio de negócios realizados em nome das *off shores*.

( ) E também a contabilidade da empresa, em tais países, não precisa ser auditada. Os donos dos recursos podem movimentar dinheiro ou constituir empresas por vários meios que omitem seus nomes, como o sistema de ações ao portador.

( ) Esses países conhecidos como paraísos fiscais têm como principais atrativos a legislação tributária branda, com direito até a isenção de impostos, e garantia de sigilo bancário, comercial e societário.

(Adaptado de Ana D'Angelo, Andrea Cordeiro e Vicente Nunes, *Correio Braziliense*, 8/9/2003.)

a) 1, 2, 4, 3, 5

b) 2, 1, 3, 5, 4

c) 3, 2, 1, 5, 4

d) 1, 5, 4, 3, 2
e) 5, 2, 3, 1, 4
O primeiro tópico inicia-se com "esta firma", o que já denuncia que a firma já fora citada; portanto não poderá iniciar o texto.
O segundo tópico não tem elemento que mencione passagens anteriores, portanto pode iniciar o texto.
A conjunção NO ENTANTO sugere que o terceiro tópico se opõe a algo já aludido.
O fragmento "E também a contabilidade da empresa, em tais países" possui vários elementos que denunciam ser este tópico uma continuidade, como a conjunção E que indica que a ideia introduzida está sendo adicionada a algo já relatado. Depois o pronome demonstrativo "tais" denunciando que os países já foram mencionados.
O último tópico é iniciado por "Esses países", o que já deixa claro que os países já foram anteriormente relatados.
Como somente o segundo tópico pode iniciar o texto, já se chega à resposta. (B)

4. (AFRF – Esaf) Os trechos a seguir foram adaptados de um texto de Gilson Schwartz, mas estão desordenados. Numere-os de forma que constituam um texto coeso e coerente e assinale a opção correta correspondente.
( ) No caso do Brasil, que já tem fundos setoriais em apoio ao desenvolvimento tecnológico, resta saber como será a distribuição desses recursos e que impacto terão no sistema econômico.
( ) Entretanto, criar a cultura organizacional necessária nessas redes para que os recursos e as políticas públicas tenham mais eficácia não é algo trivial.
( ) As pesquisas que se fazem internacionalmente sugerem que o segredo do desenvolvimento com base na inovação tecnológica está menos no volume de recursos e mais na qualidade das redes que se formam para recebê-los.
( ) Claro que a existência desses recursos para investir é condição necessária, mas não é suficiente. As políticas públicas brasileiras teriam, provavelmente, mais chance de êxito se incluíssem entre os seus objetivos a própria mudança cultural e comportamental das suas organizações.
( ) Exige, por exemplo, a formação de grupos articulados de cooperação para produção de conhecimento, ou seja, sistemas incompatíveis com as práticas institucionais e empresariais.
a) 3, 4, 1, 5, 2
b) 2, 5, 4, 3, 1
c) 4, 2, 1, 5, 3
d) 3, 4, 2, 1, 5

e) 5, 1, 3, 2, 4

O primeiro tópico não pode estar iniciando o texto, porque a expressão "No caso do Brasil" indica que o caso já foi citado em outros lugares ou de forma generalizada.

A conjunção ENTRETANTO no início do segundo tópico já descarta qualquer possibilidade de iniciar o texto.

O terceiro tópico não possui elementos remissivos, podendo iniciar o texto.

Como no princípio do quarto tópico aparece o termo "desses recursos", já ocorre a indicação de que os recursos já foram citadas em passagens anteriores.

A expressão "Exige, por exemplo," indica que algo anteriormente citado servirá de elemento a ser exemplificado.

Sendo assim, há duas possibilidades de resposta: A e C. A sequência da opção C (3º tópico – 2º tópico) é melhor do que da A (3º tópico – 5º tópico), visto que o fragmento "Entretanto criar a cultura organizacional nessas redes", citado no segundo tópico, indica que as redes já deveriam ter sidos citadas, o que efetivamente ocorre no terceiro tópico (menos no volume de recursos e mais na qualidade das redes que se formam para recebê-los).

5. (Auditor Fiscal da Receita Estadual – RN – Esaf) Os fragmentos abaixo compõem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os para que constituam um texto coeso e coerente e indique a opção que apresenta a sequência correta.

A – Mas é necessário ressaltar que juízes e tribunais com essa configuração, ou seja, real e efetivamente independentes, somente existem nos países em que vigora o Estado Democrático de Direito.

B – O Judiciário tem a função de promover a paz social, restabelecendo a ordem e até mesmo punindo os infratores, independentemente da camada social a que pertençam.

C – Essas prerrogativas, isso é, as garantias da magistratura, não constituem privilégio pessoal do magistrado, mas direito do cidadão.

D – E é exatamente por isto que os órgãos do Judiciário, os tribunais e os magistrados devem gozar de prerrogativas para o exercício dessa missão, sob pena de somente poderem exercê-la em relação aos pobres e às pessoas que não tenham qualquer influência político-social.

E – Evidentemente esse cidadão, que eventualmente tenha um direito violado, somente terá proclamada a justiça a seu favor se houver juízes e tribunais independentes, isentos da possibilidade de interferências e pressões indevidas de quem quer que seja.

a) A, C, D, E, B

b) B, D, C, E, A

c) C, B, E, A, D

d) D, A, B, C, E

e) B, E, C, D, A

O primeiro tópico não pode iniciar o texto, em virtude de a conjunção MAS sugerir adversidade a algo já ocorrido.

O segundo tópico, não possuindo elementos citados, remissivos a passagens anteriores, pode dar início ao texto.

A expressão "Essas prerrogativas" no início do terceiro tópico já indica que as expressões já foram mencionadas.

O fragmento "E é exatamente por isto", no início do quarto tópico, possui dois elementos coesivos: a conjunção "E", denunciando haver uma adição entre a ideia que está sendo introduzida e ideias anteriores e o termo "por isto", indicando que um evento anterior é causa para o que se propõe no tópico.

No último tópico, o termo "Esse cidadão" sugere que o cidadão já fora citado.

Então somente o segundo tópico poderá dar início ao texto, excluindo, por conseguinte, as opções A, C e D. Na opção E, a sequência dos tópicos é B-E. No início do tópico E, o termo ESSE CIDADÃO sugere que o cidadão já deveria ter sido citado, o que não ocorre no tópico B. Então a opção E está excluída. Já a sequência B-D é perfeita. Observe que "por isto" (tópico D) faz referência à função de promover a paz social que o Judiciário possui (tópico B). Depois o termo "dessa missão" (tópico D) também é referente à função (tópico B). Por isso, a resposta é a opção B.

6. (Analista de Finanças e Controle – Esaf) Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão fora da sequência correta. Ordene-os de forma a comporem um texto que respeita a progressão das ideias, a coesão e a coerência do texto. Assinale, a seguir, a opção correta.

( ) O Ministro da Fazenda argumentou que não há como abrir mão da atual carga de tributos enquanto o país tiver de investir em projetos sociais e manter em ordem seus compromissos fiscais.

( ) Além disso, é preciso que o governo federal demonstre capacidade política para levar adiante uma verdadeira reforma tributária, que simplifique e racionalize o atual sistema.

( ) Podem ser adotadas medidas, no entanto, que auxiliem na redução da carga tributária e no aumento de eficiência das políticas públicas, tais como cortes de despesas correntes e melhora na qualidade dos gastos sociais.

( ) A despeito das crescentes críticas de diversos setores da sociedade à elevação da carga tributária, o governo reafirmou que não irá diminuir o peso dos impostos no curto prazo.

( ) É preciso que os recursos empregados pelo governo em saúde, educação, auxílio-desemprego e outros benefícios sociais cheguem aos destinatários sem as perdas que a burocracia estatal hoje impõe.

(Adaptado do editorial "Cortar despesas", *Folha de S. Paulo*, 13/3/2005.)

a) 4 – 5 – 3 – 2 – 1

b) 5 – 4 – 3 – 1 – 2

c) 2 – 5 – 3 – 1 – 4

d) 1 – 3 – 2 – 4 – 5

e) 3 – 5 – 1 – 4 – 2

O primeiro tópico não pode iniciar o texto, visto que a estrutura "O Ministro da Fazenda argumentou" indica que a tese já fora mencionada anteriormente.

O segundo tópico também não poderá iniciar o texto, pois o termo "Além disso" sugere que este fragmento estará sendo acrescido a algo anteriormente aludido.

No terceiro tópico, a presença de "No entanto" denuncia a adversidade a algo já relatado.

O quarto tópico não faz referência a elementos citados em outros fragmentos textuais, portanto pode dar início ao texto.

O quinto tópico também pode dar início ao texto, pois não possui elementos remissivos.

Ficam excluídas as opções D e E.

A opção A indica a sequência último-penúltimo recortes. Observe que o texto não fica coeso tampouco coerente. "É preciso que os recursos empregados pelo governo em saúde, educação, auxílio-desemprego e outros benefícios sociais cheguem aos destinatários sem as perdas que a burocracia estatal hoje impõe. A despeito das crescentes críticas de diversos setores da sociedade à elevação da carga tributária, o governo reafirmou que não irá diminuir o peso dos impostos no curto prazo". O primeiro período fala sobre as necessidades de se fazer chegarem ao destinatário recursos sem perdas burocráticas. O segundo período, sem qualquer ligação com o primeiro, já muda o enfoque completamente, expressando as críticas que a sociedade faz à elevação da carga tributária. A opção B inverte a relação dos dois tópicos anteriormente citados na opção A, ou seja, indica a sequência penúltimo-último. "A despeito das crescentes críticas de diversos setores da sociedade à elevação da carga tributária, o governo reafirmou que não irá diminuir o peso dos impostos no curto prazo. É preciso que os recursos empregados pelo governo em saúde, educação, auxílio-desemprego e outros benefícios sociais cheguem aos destinatários sem as perdas que a burocracia estatal hoje impõe". O texto continua incoerente, pois o primeiro tópico somente indica a crítica da sociedade à alta carga tributária e o segundo, sem coesão com o primeiro, já fala sobre a necessidade de os recursos chegarem a seus destinatários. A resposta é a opção C. A opção C indica a sequência penúltimo-primeiro tópicos, constituindo-se assim: "A despeito das crescentes críticas de diversos setores da

sociedade à elevação da carga tributária, o governo reafirmou que não irá diminuir o peso dos impostos no curto prazo. O Ministro da Fazenda argumentou que não há como abrir mão da atual carga de tributos enquanto o país tiver de investir em projetos sociais e manter em ordem seus compromissos fiscais". Observe como o texto fica coeso e coerente. O quarto tópico indica que a sociedade critica a alta carga tributária e que o governo não irá diminuir o peso dos impostos no curto prazo. O primeiro tópico esclarece o porquê de não diminuir o valor dos impostos. A resposta é a opção C.

7. (AFRF – Esaf) Marque, em cada item, o período que inicia o respectivo texto de forma coesa e coerente. Depois, escolha a sequência correta.

(Itens baseados em Emir Sader)

I

O abandono da tematização do capitalismo, do imperialismo, das relações centro-periferia, de conceitos como exploração, alienação, dominação, abriu caminho para o triunfo do liberalismo.

(X) O socialismo, em consequência desses fatores, desapareceu do horizonte histórico, em virtude de ter ganho atualidade política com a vitória da Revolução Soviética de 1917.

(Y) O triunfo do neoliberalismo se consolidou quando o pensamento social passou a ser dominado por teses conservadoras.

II

Compravam um passaporte para o camarote dos vencedores. Mas, como "há uma dignidade que o vencedor não pode alcançar", como dizia Borges, o que ganharam em prestígio perderam em capacidade de análise.

(X) Os que abandonaram Marx com soltura de corpo e com alívio, como se se desvencilhassem de um peso, na verdade não trocavam um autor por outro, mas uma classe por outra.

(Y) Eles substituíram a exploração de classes e de países pela temática do totalitarismo, aperfeiçoando suas análises políticas ao vinculá-las à dimensão social.

III

No mundo contemporâneo, tais modos nos permitem compreender a etapa atual do capitalismo, em sua fase de hegemonia política norte-americana.

(X) Para atender a atualidade, são necessários modos de compreensão férteis, capazes de dar conta das relações entre a objetividade e a subjetividade, entre os homens como produtores e como produtos da história.

(Y) Trata-se de uma compreensão míope, que ignora componentes essenciais ao fenômeno do capitalismo que estamos vivendo.

IV

Quem pode entender a política militarista dos EUA e do seu complexo militar-industrial sem a atualização da noção de imperialismo?

(X) Quem pode entender hoje a crise econômica internacional fora dos esquemas da superprodução, essencial ao capitalismo?

(Y) Portanto, é a unipolaridade vigente há uma década que busca impor a dicotomia livre mercado/protecionismo.

V

Nunca as relações mercantis tiveram tanta universalidade, seja dentro de cada país, seja nas novas fronteiras do capitalismo.

(X) O capitalismo dá mostras de enfrentar forte declínio, que leva os especialistas a preverem profunda fragmentação na ordem econômica interna de cada nação.

(Y) Assiste-se ao capitalismo em plena fase imperialista consolidada, em que as formas de dominação se multiplicam.

a) X,X,Y,Y,X

b) Y,X,X,X,Y

c) Y,Y,X,X,Y

d) X,Y,Y,X,Y

e) X,Y,Y,X,X

Esta questão exige que o candidato leia o enunciado com bastante calma e perceba haver a solicitação tão somente do início do texto em cada item, ou seja, não pode haver em X ou Y elementos remissivos. Por exemplo, no item 1, o fragmento "Em consequência desses fatores" indica que os fatores já deveriam ter sido citadas anteriormente. Então, o item 1 só pode ser iniciado por Y. Sobraram apenas as opções B e C. No item 2, X não apresenta elementos remissivos, podendo iniciar o texto. Já Y é introduzido "Eles substituíram", indicando que o pronome ELES refere-se a elementos que teoricamente já deveriam ter sido mencionados. O segundo item é X. Portanto, já se chega à resposta. Opção B.

Capítulo 30

Teoria Argumentativa

Amigo leitor, é inegável que o trabalho de interpretação requer um pouco de intuição e de experiência pessoal, mormente o hábito da leitura. Se não o tens, que passes a tê-lo. No entanto, além do aspecto instintivo e da bagagem cultural, há algumas técnicas de interpretação fundamentais para quem deseja fazer uma boa prova de concurso público. Este capítulo trabalhará, de forma resumida e objetiva, as técnicas cabíveis para que o candidato chegue à resposta correta nas questões de concursos públicos. Deixo bem claro aqui que não pretendo me alongar em demasia quanto aos elementos teóricos, mas passar somente as informações mais importantes para o candidato acertar questões deste assunto (considerado verdadeiro tabu, com respostas que às vezes os mais despreparados acham ininteligíveis) em concursos públicos. O primeiro passo é retornar ao capítulo de conjunções e lê-lo com todo carinho, refazer os exercícios etc. Depois, dar uma passada pelas preposições, observar as relações causa-efeito em conjunções e preposições. Após é interessante rever a semântica de verbos, os valores de prefixos e sufixos, os homônimos e parônimos, latinismos, restrição e explicação nas orações adjetivas... Não há mais hoje em dia como se falar em interpretação sem falar em gramática, tal qual não há como se falar em gramática sem falar em interpretação. As questões de gramática são contextualizadas.

30.1. Denotação

Vocabulário utilizado no sentido oficial – valor que se encontra registrado nos dicionários.

30.2. Conotação

Vocabulário utilizado no sentido figurado, contextual – valor que não se encontra registrado nos dicionários.

Obs.: Os dicionários registram várias acepções que as palavras denotam. Porém, quando os vocábulos carregam valores outros que recebem das estruturas textuais, indica-se a ocorrência da conotação.

Ex.: Estou com fome e degustarei um abacaxi.

? O vocábulo "abacaxi" está no sentido denotativo, oficial, representando a fruta.

Ex.: A denúncia de corrupção é um abacaxi para o governo.

? O termo "abacaxi" está sendo utilizado no sentido figurado, significando "problema".

Ex.: A medicina aos poucos está superando o câncer.

? "Câncer" está no sentido denotativo e oficial que se encontra registrado nos dicionários.

Ex.: A classe política é um câncer para o nosso país.

? "Câncer está no sentido conotativo, não significando oficialmente a doença.

30.3. Descrição

Texto ou fragmento de texto que tem por fim formar a imagem de um ser, de um objeto, de um lugar ou uma ambiente em um determinado momento. É fundamental perceber que a descrição não indica uma sequência temporal. Pelo contrário, na descrição de uma situação, os fatos ocorrem

simultaneamente, podendo-se, inclusive, inverter a ordem dos eventos. Compara-se a descrição à fotografia.

Ex: O professor tem aproximadamente quarenta anos, um metro e oitenta, noventa quilos, cabelos castanhos e ralos, barba espessa e usa óculos.

Enquanto o professor explicava a matéria, os alunos das primeiras fileiras prestavam atenção. Já os das fileiras intermediárias dormiam e os das fileiras do fundo jogavam bolinhas de papel uns nos outros.

? Observe que, nos dois exemplos, procurou-se fazer uma descrição. No primeiro caso, de uma pessoa; no segundo, de um ambiente. Repare que, neste, a ordem dos fatos poderia ser invertida, pois os eventos são concomitantes. "Enquanto o professor explicava a matéria, os alunos das fileiras do fundo jogavam bolinhas de papel uns nos outros. Já os das fileiras intermediárias dormiam e os das primeiras fileiras prestavam atenção."

"A sala era pequena e de telha vã. Pelas paredes, velhos cromos de folhinhas, registros de santos, recortes de ilustrações de jornais baralhavam-se e subiam por elas até dous terços da altura. Ao lado de uma Nossa Senhora da Penha, havia um retrato de Vitor Emanuel – uma cabeça de mulher em posição de sonho – parecia olhar um São João Batista ao lado. No alto da porta que levava ao interior da casa, uma lamparina, numa cantoneira, enchia de fuligem a Conceição de louça" (Lima Barreto).

? A intenção deste fragmento de texto é formar a imagem da sala, desde o seu tamanho até os elementos que a compõem.

30.4. Narração

Texto ou fragmento de texto que tem por fim relatar uma sequência de fatos ou ações. Ao contrário da descrição – onde os fatos ocorrem simultaneamente –, a narração sugere eventos acontecendo em sucessão. Compara-se a um filme.

Ex.: "Os aimorés haviam reiniciado a luta, cada vez mais sequiosos de vingança. Os selvagens, não querendo que ninguém se salvasse, principalmente Pery, abateram uma árvore que era um ponto de comunicação praticável entre a residência de D. Antônio de Mariz e a cabana do índio.

Ao primeiro golpe do machado de pedra sobre o tronco, Pery estremeceu e ia despedaçar a cabeça do inimigo com a clavina; conteve-se, porém, e acabou de torcer uma corda com os filamentos de uma das palmeiras que serviam de esteio à sua cabana. A árvore, afinal, caiu e os aimorés, mais tranquilos, continuavam os preparativos para o combate final que contavam dar durante a madrugada" (José de Alencar).

Este fragmento de texto narra sequencialmente os fatos que se sucederam. Uma fotografia não indicaria todo o ocorrido. Haveria a necessidade de um filme para demonstrar a sucessão de acontecimentos: Pery estremeceu; depois foi despedaçar a cabeça do inimigo; posteriormente se conteve; finalmente, torceu uma corda.

Obs.: Também é importante esclarecer que o texto é considerado narrativo quando o autor mencionar dizeres de terceiros. O dizer é também uma ação. Da mesma maneira que se entende como narração o fato de acordar, levantar, escovar os dentes, beber um café, vestir-se e sair para trabalhar, também se compreende como narração o fato de um autor informar o que terceiros dizem, informam, esclarecem, citam etc.

Um pouco de bom-senso sempre ajuda

(Augusto Nunes – 28/10/2005 – com adaptações.)

Em Mato Grosso, a febre aftosa provoca o extermínio de milhares de cabeças de gado. Em Portugal, ao lado de Marisa Letícia, o Presidente Lula diz que está tudo dominado. Na fronteira com o Paraguai, técnicos do Ministério da Agricultura confirmam o aparecimento de novos focos da doença.

> Na Espanha, Lula declara que o problema, restrito a um único rebanho, já foi resolvido.
> De volta ao Brasil, esbanjou felicidade. "Nós precisamos viajar o mundo e ir conhecendo as pessoas", ensinou em lulês na quinta-feira. Qualificou de "excepcionais" os resultados do giro europeu.
> "Nada é mais prazeroso para um ser humano do que deitar todo santo dia com a cabeça no travesseiro e dizer: hoje valeu a pena governar este país", aplaudiu-se. Contratempos sempre haverá. "Não acredito em nenhum país que não tenha problema", disse em Moscou. "Se não tivesse problema, não tinha política, tudo se resolvia num convento."

Observe que o autor do texto narra, de forma irônica, os dizeres do Presidente Lula. Este fragmento é predominantemente narrativo.

30.5. Dissertação

Texto que se caracteriza pela interpretação e análise da realidade por meio de conceitos abstratos. Difere-se aí da descrição e da narração, visto que nestes há a predominância de elementos concretos. Na dissertação, não há a preocupação com a formação da imagem de um objeto, de um ser ou de uma situação, tampouco indica-se a sequência de ações. Neste tipo de verbete, o esperado é uma tomada de posição do autor em relação a um assunto e os meios utilizados para a defesa dessa posição. Enfim, a dissertação pressupõe a indicação de uma opinião (tese) acerca do tema proposto e os recursos (argumentos) para apoiar a opinião.

30.6. Tese

É a opinião do autor do texto sobre um determinado assunto. Existem as teses abrangentes e as específicas. As teses abrangentes normalmente – é fundamental o leitor compreender o uso do vocabulário "normalmente" e

não "sempre"; trata-se aqui de estudo de língua, e não de ciência exata – posicionam-se no parágrafo introdutório (onde se expõe a opinião geral – tópico frasal – do autor e a subdivisão dos tópicos apresentados) e no último parágrafo (quando se retoma a introdução e faz-se o fechamento) dos textos dissertativos. Como o texto há de ser coeso, os parágrafos do desenvolvimento devem se remeter ao introdutório e reapresentar os tópicos expostos. Então, por exemplo, no segundo parágrafo, o primeiro tópico exibido na introdução deverá ser reapresentado e após será iniciada a argumentação. Como cada parágrafo do desenvolvimento deve ser uma análise de cada tópico apresentado, pode-se entender que os tópicos indicarão as subdivisões da introdução abrangente. Daí denominá-la de específica, cabendo também outros nomes: individual, pequena, desdobramento de tese etc.

30.7. Argumento

É o meio utilizado para a defesa da tese. O argumento funciona como um meio de convencimento de que a opinião é cabível, consistente e coerente. Existem vários recursos de argumentação:

- **exemplos** – normalmente são fatos narrados que exemplificam, justificam ou esclarecem a tese apresentada. Tem-se uma opinião sobre determinado tema e apresenta-se um exemplo que comprove tal posicionamento;
- **dados estatísticos** – informações colhidas junto a órgãos de pesquisa capazes de dar fundamento a uma tese apresentada. O autor do texto demonstra seu posicionamento acerca de um assunto e, ao defendê-lo, utiliza-se de dados e elementos numéricos para o apoio a seu parecer;
- **analogias** – a tese é defendida através de comparações. Obviamente, para haver a coerência textual, a comparação terá de ser sempre favorável à opinião exposta pelo autor;

- **evidências –** a tese é defendida por uma certeza manifesta, por uma unidade cuja expressão não apresenta dúvida quanto à sua verdade ou quanto à sua falsidade;
- **informações de terceiros –** a tese é apoiada por informações de terceiros (normalmente algum especialista no assunto). É sempre importante lembrar que "informações de terceiros" são recursos narrativos de argumentação. Normalmente quando há no texto a referência a dizeres de autoridades no objeto tratado, as bancas questionam o motivo de tal. Dentre as opções, indicam que se sucede para dar importância ao assunto em voga. Essa explicação não é correta, pois a justificativa de esclarecer a procedência da informação é dar-lhe valor, autoridade, importância. Destarte, no caso, a importância é da informação que funciona como recurso de argumentação e não do tema desenvolvido.

O Brasil das cabeças desarrumadas

Elio Gaspari (*O Globo*)

O resultado do referendo fez um bem ao país. Instaurou o império das cabeças desarrumadas, e o Brasil precisa delas.

Uma pessoa de cabeça desarrumada é assim: defende a pena de morte e o ensino gratuito nas universidades públicas. É a favor do aborto e se diz católico. Votou Lula em 2002 e José Serra em 2004. É contra as cotas nas universidades e milita numa ONG de defesa da Mata Atlântica. Por desarrumada, essa cabeça pode pensar tudo ao contrário e não faz a menor diferença. A desarrumação determina e incentiva o debate. Opõe-se a um mundo de ideias ordenadas no qual a pessoa deve se preocupar em "pensar direito", entendendo-se que sempre haverá alguém explicando o que vem a ser "pensar direito".

Houve uma época em que a expressão "raciocinar em bloco" designava, com alguma ironia, inteligências ou culturas privilegiadas, sacerdotes do bem-pensar. Aceitando-se as virtudes do mestre, esperava-se sua opinião e ia-se atrás. Essa atitude tanto pode colocar uma pessoa na condição de

discípulo de um grande pensador como pode embalá-la na treva da ignorância. O segundo caso ocorre com maior frequência.

As cabeças arrumadas brasileiras, atraídas pela construção de modelos intelectuais harmônicos, dão pouca atenção ao funcionamento da sociedade. Preferem evitar o assunto. Alguns exemplos.

O bem-pensar urbano do Rio de Janeiro legislou que é proibido construir apartamentos com menos de 30 metros quadrados. Coisa de gente muito bem educada. Faltou dizer onde vai morar uma família que não tem dinheiro para essa metragem. Na favela, por certo. A discussão dessa lei de incentivo à favelização está fora do debate urbano carioca.

O bem-pensar tributário estabeleceu que os serviços de telefonia devem ser taxados com mão de ferro, pois vai-se tomar dinheiro do andar de cima para custear investimentos que atenderão ao de baixo. Deu no seguinte: o patrão fala com Paris de graça pelo *Skype* e a empregada paga R$ 5 por um telefonema de dez minutos para Bangu. Um imposto destinado a buscar justiça produz injustiça, mas o tema está fora da agenda dos teletecas.

O bem-pensar diplomático levou Lula a propor uma cruzada mundial contra a fome. Fez isso em Genebra, Paris e Nova York. Passados dois anos, contou que gostaria de arrumar recursos para combater a desnutrição da África, aumentando as taxas de embarque nos aeroportos brasileiros. Falta dizer aos usuários do Galeão que eles pagam uma das taxas mais altas do mundo, o dobro do que se cobra no Aeroporto Kennedy.

Num caso mais farisaico, tome-se o exemplo da legislação penal brasileira. Bem pensada, faz inveja a um advogado sueco. São muitos os doutores que fazem palestras pelo mundo descrevendo essa joia de modernidade. Jamais um ministro da Justiça contará que as maravilhas são parolas. O que vale mesmo é a lei da massa. O bandido que entra na prisão passa a uma nova instância judicial, a de seus pares. Maltratou a mãe? Morre. Estupro? Se não morrer, sofre o que fez. Respeito, só para os estelionatários.

No Brasil das cabeças desarrumadas cada tema poderá ser discutido e avaliado isoladamente. Muitas opiniões resultarão contraditórias, mas é esse exercício do juízo individual que enriquece o debate público.

Harmonia e nexo podem ser desejáveis, mas é preferível conviver com pessoas de cabeça desarrumada cujas opiniões não formam um nexo final do que aturar gente que tem muito nexo mas não se responsabiliza pelas opiniões que dá.

? Observe: o tópico frasal apresenta dois elementos a serem desenvolvidos: "Instaurou o império das cabeças desarrumadas, e o Brasil precisa delas". O segundo parágrafo reapresenta apenas o primeiro tópico da tese abrangente (a tese particular): "Uma pessoa de cabeça desarrumada é assim". A partir daí, o autor começa a utilizar o recurso da exemplificação para a defesa da pequena tese: "defende a pena de morte e o ensino gratuito nas universidades públicas. É a favor do aborto e se diz católico. Votou Lula em 2002 e José Serra em 2004. É contra as cotas nas universidades e milita numa Ong de defesa da Mata Atlântica".

? O sexto parágrafo retoma a segunda parte do tópico frasal da introdução "e o Brasil precisa delas."): "As cabeças arrumadas brasileiras, atraídas pela construção de modelos intelectuais harmônicos, dão pouca atenção ao funcionamento da sociedade. Preferem evitar o assunto". Observe que o próprio autor do texto indica que a tese está se findando, pois ao fim deste parágrafo, ele escreve "alguns exemplos:". Então, a partir daí até o antepenúltimo parágrafo, ocorrerão apenas exemplos para defender o fato de o Brasil precisar de cabeças desarrumadas. Os dois últimos parágrafos retomam o parágrafo introdutório sem a preocupação de oferecer outros argumentos, indicando tão somente a conclusão de tudo o que se defendeu.

A nova política (*Merval Pereira*)

O referendo sobre o desarmamento revelou, além da intensidade do sentimento negativo do eleitorado em relação à atuação do Poder Público, a vitalidade da chamada "sociedade global", fenômeno que caracteriza as sociedades modernas que, com os meios tecnológicos de que dispõem hoje, podem existir independentemente das instituições políticas e do sistema de comunicação de massa, segundo análise do sociólogo Manuel Castells, da Universidade Southern Califórnia, nos Estados Unidos, um dos seus principais teóricos.

Segundo ele, a crise de legitimidade política, caracterizada por um distanciamento crescente entre os cidadãos e seus representantes, faz com que a sociedade civil tente preencher o "vazio de representação", através de "mobilizações espontâneas usando sistemas autônomos de comunicação".

Internet e comunicação sem fio, como os telefones celulares, "proveem um espaço público como instrumento de organização e meio de debate, diálogo e decisões coletivas", ressalta Castells. A sociedade civil representada nesses debates, como aconteceu no referendo especialmente através da *Internet*, seria "um canal para a transformação do Estado".

Miguel Darcy de Oliveira, fundador da Comunitas, uma organização da sociedade civil de interesse público para o fortalecimento da sociedade civil e a promoção do desenvolvimento social no Brasil, acha que o debate sobre desarmamento revelou dois fenômenos convergentes: o poder da *Internet* como ambiente para a formação de opiniões, e a capacidade do cidadão de pensar pela própria cabeça, confrontar pontos de vista, deliberar e tomar posição.

Para Miguel Darcy, a importância da *Internet* está em ser "o espaço por excelência para a livre expressão e debate. Cada um expõe seu ponto de vista, muitas vezes numa linguagem bem mais simples e direta do que a usada em textos escritos. Abre-se assim fórum de ideias aberto à contribuição de múltiplos participantes. Uma opinião não tem mais peso ou autoridade do que uma outra. Não há instância de controle do que pode ou não ser dito, do que é ou não politicamente correto. O que conta é o debate que se instala e se irradia com grande velocidade". Ele ressalta que,

durante a campanha do referendo, o movimento na *Internet* cresceu de maneira espontânea e inesperada.

"Amigos e colegas trocaram *e-mails* sobre os pontos de vista em discussão. Idéias foram confrontadas numa grande conversação que começou no ambiente virtual e se prolongou nos espaços de trabalho, na família, na escola. Gente que habitualmente pensava do mesmo modo se via agora defendendo posições conflitantes. Apelos emocionais e argumentos simplistas foram questionados. Cada um se viu diante do desafio de elaborar, sustentar e, eventualmente, modificar sua opinião."

Apesar de a penetração da *Internet* ainda ser pequena no Brasil, sua capacidade de formação de opinião foi demonstrada durante a campanha do referendo, tornando-se um exemplo eloquente da emergência de um espaço público de debate e deliberação "que ninguém controla e que é altamente democrático". Assim como Castells, Miguel Darcy de Oliveira classifica a participação de muitos neste campo argumentativo como "a melhor resposta dos cidadãos à crise da velha política e sua contribuição à invenção de uma democracia que se alicerça numa sociedade civil e numa opinião pública participante".

O secretário municipal de Urbanismo do Rio, Alfredo Sirkis, diz que a vitória do "Não" no referendo não deve ser vista como da direita ou do conservadorismo. Ele diz que votou nulo, e classificou o referendo de "inócuo, demagógico, meramente midiático, um faz-de-conta, bem à moda brasileira, onde a vitória eventual do 'Sim' em nada mudaria a situação de violência fora do controle, nem contribuiria para o desarmamento em nada minimamente efetivo".

Um dos maiores desafios da esquerda é a questão da segurança e da violência, admite Sirkis. "Se não soubermos tratar disso, não teremos futuro. Foi a lição aprendida por Clinton e Blair, que protagonizaram as duas únicas experiências bem-sucedidas à esquerda (nos respectivos contextos) que garantiram seu sucesso e reeleição." Sem uma política clara em relação à segurança, Sirkis diz que a esquerda conseguirá "dentro de algum tempo,

aí sim, empurrar para a direita todo esse imenso contingente que votou 'Não'".

Já o cientista político Bolívar Lamounier acha que o resultado do plebiscito certamente vai deixar muitas almas boas chocadas e quiçá desiludidas com o recurso à chamada "democracia direta", muito usada principalmente por governos populistas, como o de Chávez, na Venezuela. Não é à toa que o Presidente Lula chegou a pensar em colocar seu governo a julgamento público junto com o referendo das armas. Seria um erro político grosseiro, mas revela o espírito de sua política. Em seu livro recentemente lançado, *Da independência a Lula: dois séculos de política brasileira*, Bolívar Lamounier critica a "democracia direta".

Ele lembra que a utopia da democracia "direta" nutre-se de práticas vigentes num pequeno grupo de países, como nos Estados Unidos. Segundo Lamounier, de "direta" ela tem muito pouco: "no mais das vezes, trata-se de uma guerra entre *lobbies*, dissidências dos partidos e, não raro, de grupos racistas em geral muito bem financiados; ou então, visa amplificar a ressonância de propostas ou campanhas promovidas ao mesmo tempo através dos canais políticos normais". Segundo ele, "a possibilidade de manipulação é inerente ao instrumento, pois a autoridade incumbida de propor os quesitos pode ficar muito aquém da neutralidade".

O cientista político lembra que "desde que começaram a ser realizados, há cerca de dois séculos, plebiscitos e referendos foram quase sempre um jogo de cartas marcadas, com o objetivo de legitimar decisões autoritárias, ratificar ocupações de território alheio, e assim por diante".

Observe que este texto é dissertativo, pois revela a opinião do autor do texto logo em seu início: "O referendo sobre o desarmamento revelou, além da intensidade do sentimento negativo do eleitorado em relação à atuação do poder público, a vitalidade da chamada 'sociedade global'." A partir daí, são utilizados depoimentos de terceiros como recurso de argumentação. Logo após a vírgula em que se encerra a tese do autor, inicia-se sua defesa: "fenômeno que caracteriza as sociedades modernas que, com os

meios tecnológicos de que dispõem hoje, podem existir independentemente das instituições políticas e do sistema de comunicação de massa, segundo análise do sociólogo Manuel Castells, da Universidade Southern Califórnia, nos Estados Unidos, um dos seus principais teóricos".

Até o fim do texto, o autor não volta a emitir opiniões nem para concluir o texto. A partir da análise de Manuel Castells, o texto segue com uma longa narração em que são utilizados apenas depoimentos de peritos acerca do tema tratado. Deduz-se, portanto, que o recurso argumentativo utilizado foi a informação de terceiros. É fundamental chamar a atenção do leitor que o autor do texto apresenta cada um de seus depoentes. Tal identificação se faz necessária visto que confere credibilidade às informações. Então, ao dizer que Manuel Castells é sociólogo da Universidade Southern Califórnia, nos Estados Unidos, e um dos seus principais teóricos, a informação ganha peso, a argumentação se torna válida, a defesa da opinião ganha autoridade. Enfim, a identificação do depoente se torna necessária não para produzir credibilidade para o tema e sim para o argumento.

É importante não esquecer que as questões de interpretação são confeccionadas com a intenção de deixar o candidato em dúvida entre duas opções. São, normalmente, estas opções coerentes com texto, porém, às vezes, não o são com as perguntas formuladas. Você terá que aprender a responder exatamente o que está sendo perguntado. O estudo a seguir é referente aos enunciados das questões.

30.8. Recorrência textual

Ocorre quando a banca exige algo que esteja claro no texto. Enunciados que se apresentam como "Segundo o texto", "De acordo com o texto", "O autor diz que" impõem que as respostas estejam explícitas no texto. Sendo assim, é possível que uma opção esteja efetivamente em conformidade com as ideias expostas no texto, e a outra seja uma dedução, às vezes

até coerente, decorrente dos elementos do texto. Se o enunciado foi um daqueles mencionados, a resposta haverá de ser a primeira opção.

É importante observar que toda questão relativa a valor semântico dos vocábulos (sinonímia) é de recorrência textual, pois não se deseja saber o sinônimo da palavra isoladamente, mas sim no contexto. Por exemplo, as palavras "participar" e "informar" são sinônimas? A resposta certa é "talvez", "dependendo do contexto". Na frase "Participei de uma festa ontem", o verbo PARTICIPAR não é sinônimo de "INFORMAR". No entanto, na frase "Participei a todos que o deputado foi processado", o verbo PARTICIPAR já se torna sinônimo de INFORMAR.

30.9. Inferência textual

Ocorre quando a banca exige do candidato algo que esteja além do texto. Enunciados que se apresentam como "Deduz-se...", "Depreende-se...", "Conclui-se", "Infere-se", "O que o autor quis dizer com..." impõem que a resposta correta não seja algo que esteja explícito, mas sim subentendido. É uma dedução. Perceba a diferença entre "O que o autor informou...?" e "O que o autor pretendeu dizer com...?" No primeiro caso, a banca exige algo que o autor informou, ou seja, algo explícito no texto; já, no segundo caso, o candidato deve imaginar o que o autor pretendeu dizer.

BIZU

Como já se mencionara, o fundamental é o candidato aprender a responder ao que está sendo perguntado. Portanto, se no enunciado da questão houver a proposição "Segundo o fragmento X", você irá se restringir a responder sobre o fragmento X, mesmo que este fragmento se oponha ao restante do texto. Se a banca expuser um fragmento finalizado com reticências (XXXX...), você

deverá retornar ao texto e observar onde aquela ideia acabará. Se for proposta uma inferência acerca da totalidade do texto, e não de um fragmento, o candidato deverá procurar a resposta no tópico frasal (normalmente no início do texto), onde estará presente a tese abrangente.

30.10. Exercícios com gabarito comentado sobre teoria argumentativa

A FOME

Cerca de vinte milhões de crianças e mais de vinte milhões de adultos morrem anualmente de fome e subnutrição. A informação é do diretor-geral da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO), Edouard Sadema, segundo o qual, se observássemos um minuto de silêncio por cada pessoa que morreu no ano passado por causas relacionadas com a fome, estaríamos em pé, calados, ainda depois de acabado o século... Ele citou, entre a lista de paradoxos que o panorama econômico mundial oferece, o ato de que os gastos militares de todo o mundo aumentaram em proporções colossais, e sua quantia foi superior vinte vezes ao total de assistência oficial ao desenvolvimento. O custo de um só porta-aviões nuclear, disse ele, é superior ao Produto Nacional Bruto (PNB) de 53 países. Os países em desenvolvimento gastam anualmente com importação de armas o equivalente a suas importações totais de alimentos. (Caderno econômico do jornal *A Tarde*, Salvador.)

1. Por que o jornalista dá, no primeiro texto, a fonte de sua informação?

a) Porque quer demonstrar a importância do tema tratado.
b) Porque é obrigado a declarar como chegou a essa informação.
c) Porque quer dar autoridade ao que informa.
d) Porque todo texto jornalístico faz isso.
e) Porque quer provocar sensacionalismo.

Resposta: Alternativa C.

Não se pode dizer que o texto seja dissertativo, pois a opinião do autor do texto não aparece de forma explícita. Aqui só há narração (o autor está narrando todos os dizeres do diretor-geral da ONU) e argumentação (O recurso utilizado foi o conjunto de informações fornecido pelo diretor-geral da ONU). Como já se informara, ao identificar o fornecedor da informação, não se expõe a importância do tema, mas sim da informação. Quando se diz

que a informação é prestada pelo diretor-geral da ONU, ganha peso, credibilidade, autoridade e se torna um significativo recurso de argumentação.

(Técnico Judiciário Juramentado – TJ – RJ – NCE)
TEXTO – VIVER EM SOCIEDADE
Dalmo de Abreu Dallari

A sociedade humana é um conjunto de pessoas ligadas pela necessidade de se ajudarem umas às outras, a fim de que possam garantir a continuidade da vida e satisfazer seus interesses e desejos.
Sem vida em sociedade, as pessoas não conseguiriam sobreviver, pois o ser humano, durante muito tempo, necessita de outros para conseguir alimentação e abrigo. E no mundo moderno, com a grande maioria das pessoas morando na cidade, com hábitos que tornam necessários muitos bens produzidos pela indústria, não há quem não necessite dos outros muitas vezes por dia.
Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material, como os alimentos, a roupa, a moradia, os meios de transporte e os cuidados de saúde. Elas são também de ordem espiritual e psicológica. Toda pessoa humana necessita de afeto, precisa amar e sentir-se amada, quer sempre que alguém lhe dê atenção e que todos a respeitem. Além disso, todo ser humano tem suas crenças, tem sua fé em alguma coisa, que é a base de suas esperanças.
Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos. Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitada de dar e receber afeto. E muito provavelmente ficaria louca se continuasse sozinha por muito tempo.
Mas, justamente porque vivendo em sociedade é que a pessoa humana pode satisfazer suas necessidades, é preciso que a sociedade seja organizada de tal modo que sirva, realmente, para esse fim. E não basta que a vida social permita apenas a satisfação de algumas necessidades da pessoa humana ou de todas as necessidades de apenas algumas pessoas. A sociedade organizada com justiça é aquela em que se procura fazer com que todas as pessoas possam satisfazer todas as suas necessidades, é aquela em que todos, desde o momento em que nascem, têm as mesmas oportunidades, aquela em que os benefícios e encargos são repartidos igualmente entre todos.

Para que essa repartição se faça com justiça, é preciso que todos procurem conhecer seus direitos e exijam que eles sejam respeitados, como também devem conhecer e cumprir seus deveres e suas responsabilidades sociais.

2. Segundo o primeiro parágrafo do texto:
a) As pessoas se ajudam mutuamente a fim de formar uma sociedade.
b) A garantia da continuidade da vida é dada pela satisfação dos desejos das pessoas.
c) A satisfação dos interesses e desejos das pessoas leva à vida em sociedade.
d) Não seria possível a sobrevivência se não existisse sociedade.
e) Sem a ajuda mútua, as pessoas levariam uma vida isenta de desejos.
Resposta: Alternativa D.
Normalmente o candidato fica em dúvida entre as opções C e D. A tendência é marcar a alternativa C. No entanto, esta opção possui uma falha técnica: houve a inversão da relação causa-efeito. Lembre-se do que foi exposto em conjunções. O conector "a fim de que" acrescenta ao período valor de finalidade (a ideia de finalidade está relacionada à de consequência). O que ocorre anteriormente é "a existência da sociedade" e depois "a satisfação de interesses e desejos", portanto não se pode dizer que a satisfação dos interesses leva à vida em sociedade, mas sim que a sociedade é que leva à satisfação de interesses e desejos. Já se ouviu muito que a opção D não poderia ser a resposta, já que o enunciado (de recorrência) exige uma resposta presente no primeiro parágrafo e a resposta estaria no segundo. Todavia, este argumento se torna insuficiente à medida que se observa a ideia já presente no primeiro parágrafo (sociedade existe para garantir a continuidade da vida). Enfim, é fundamental perceber a organização do texto. O primeiro parágrafo apresenta dois tópicos a serem desenvolvidos (tese abrangente): a sociedade existe para garantir a continuidade da vida e a sociedade existe para satisfazer interesses e desejos. O segundo parágrafo retoma apenas o primeiro tópico (tese particular) da tese abrangente, modificando as palavras, e somente a partir da conjunção "pois" inicia-se a argumentação.

3. "... pois o ser humano, durante muito tempo, necessita de outros para conseguir alimentação e abrigo". A expressão "durante muito tempo" se refere certamente ao período:
a) da velhice;
b) da gravidez;
c) de doenças;
d) da infância;
e) do trabalho.
Resposta: Alternativa D.

Observe que a questão é de inferência textual. Na pergunta, não está mencionado que a resposta estaria no texto, além de a expressão "certamente" indicar que se trata de uma dedução. Então, façamos a dedução... Em que período de nossas vidas, certamente, precisaríamos de alguém para conseguir alimentação e moradia. Com certeza, o período em que todos são dependentes é a infância, pois na velhice (caso cheguemos a ela) há a possibilidade de mantermo-nos independentes. Mas quando crianças, não.

4. "Elas são também de ordem espiritual e psicológica". As palavras que exemplificam, respectivamente, na continuidade do texto as necessidades espiritual e psicológica, são:

a) afeto / atenção;
b) crenças / afeto;
c) fé / crenças;
d) amar / ser amada;
e) atenção / esperanças.

Resposta: Alternativa B.

Observe que, nesta questão, estão sendo solicitadas ao candidato palavras que sirvam de exemplo para uma tese específica. O terceiro parágrafo representa o segundo tópico apresentado na introdução (satisfazer interesses e desejos), mudando-se apenas os vocábulos: "Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material, como os alimentos, a roupa, a moradia, os meios de transporte e os cuidados de saúde. Elas são também de ordem espiritual e psicológica". Então a tese específica é que há interesses de ordem espiritual e psicológica. Os exemplos, que servem de argumentos, não respeitam a ordem da tese, vindo primeiro os de ordem psicológica (toda pessoa humana necessita de afeto, precisa amar e sentir-se amada, quer sempre que alguém lhe dê atenção e que todos a respeitem) e depois os de ordem espiritual (além disso, todo ser humano tem suas crenças, tem sua fé em alguma coisa, que é a base de suas esperanças).

5. "Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida..." Este segmento do texto teria redação mais clara se:

a) Substituíssemos a primeira vírgula pela conjunção aditiva E.
b) Repetíssemos o sujeito na segunda oração.
c) Deslocássemos as ocorrências do advérbio "não" para antes de "apenas".
d) Mudássemos a ordem das orações, de modo a colocar a última como primeira.
e) Omitíssemos o substantivo "seres".

Resposta: Alternativa C.

Primeiramente, observe a presença de reticências. Já é um indício de que se deve retornar àquele fragmento do texto. Além disso, você já leu o texto e, no primeiro parágrafo, o autor

já manifestou que a sociedade existe para garantir a continuidade da vida. No início do segundo parágrafo, ele assevera que "Sem vida em sociedade, as pessoas não conseguiriam sobreviver". Então, como as pessoas vivem juntas, vivem em sociedade, fica evidenciado que a intenção do autor não era negar o verbo VIVER. O objetivo dele era negar o elemento de restrição "apenas", pois o advérbio "não", ao negar o apenas, na realidade estaria negando o fato de haver apenas um motivo para os seres humanos viverem em sociedade – porque escolhem esse modo de vida –, indicando haver outro motivo – mas (mas também, indicando ideia de soma) porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana.

6. "Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia..." O uso do futuro do pretérito, nesse segmento, tem valor de:

a) probabilidade;
b) certeza;
c) dúvida;
d) conclusão;
e) condição.

Resposta: Alternativa A.

É fundamental perceber que o enunciado da questão já demonstra que o futuro do pretérito pode passar várias ideias. A expressão "O uso do futuro do pretérito, nesse segmento, tem valor de" indica que este mesmo tempo, em outros fragmentos, pode ter valores diferentes. O futuro do pretérito designa uma consequência futura (que pode ser certa, provável ou duvidosa) de um fato passado. Portanto, o contexto tem que oferecer algum elemento que denuncie de forma precisa esta ideia. O segmento apontado é extraído com reticências já convocando o candidato a retornar ao texto e observar onde a ideia é finalizada. No fim do mesmo parágrafo, ocorre outro verbo no futuro do pretérito (ficaria) antecedido do adjunto adverbial "provavelmente". A palavra-chave "provavelmente" esclarece que a visão do autor do texto é que muito provavelmente a pessoa ficaria louca se continuasse sozinha. Se não chega a ser uma certeza que a pessoa ficaria louca, também não é uma dúvida o fato de ela estar em pouco tempo sentido falta de companhia, mas sim uma situação extremamente provável.

7. "... ficaria louca se continuasse sozinha". A relação entre essas duas orações mostra que:

a) A segunda só se realiza se a primeira não realizar-se.
b) A primeira se realiza contanto que a segunda não se realize.
c) A segunda é consequência da primeira.

d) A primeira é motivada pela segunda.
e) A primeira é uma hipótese para a realização da segunda.

Resposta Alternativa D.

É fundamental lembrar que a ideia de condição está extremamente relacionada à ideia de causa. Há duas orações: "ficaria louca" e "se continuasse sozinha". Primeiro a pessoa tem que continuar sozinha para depois ficar louca. Então a segunda oração é uma condição (hipótese) para a realização da primeira, oposto do que indica a opção E. As duas primeiras opções são absurdas. Por fim, o candidato fica em dúvida entre as opções C e D. Conforme já se esclarecera, o fato anterior é "se continuasse sozinha", o posterior é "ficaria louca", logo o fato de "continuar sozinha" motiva o fato de a pessoa enlouquecer.

(PC – RJ – NCE)
TEXTO – DROGAS: A MÍDIA ESTÁ DENTRO
Eugênio Bucci

Há poucos dias, assistindo a um desses debates universitários que a gente pensa que não vão dar em nada, ouvi um raciocínio que não me saiu mais da cabeça. Ouvi-o de um professor – um professor brilhante, é bom que se diga. Ele se saía muito bem, tecendo considerações críticas sobre o provão. Aliás, o debate era sobre o provão, mas isso não vem ao caso. O que me interessou foi um comentário marginal que ele fez – e o exemplo que escolheu para ilustrar seu comentário. Primeiro, ele disse que a publicidade não pode tudo, ou melhor, que nem todas as atitudes humanas são ditadas pela propaganda. Sim, a tese é óbvia, ninguém discorda disso, mas o mais interessante veio depois. Para corroborar sua constatação, o professor lembrou que muita gente cheira cocaína e, no entanto, não há propaganda de cocaína na TV. Qual a conclusão lógica? Isso mesmo: nem todo hábito de consumo é ditado pela publicidade.

A favor da mesma tese, poderíamos dizer que, muitas vezes, a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público. Inúmeros esforços publicitários não resultam em nada. Continuemos no campo das substâncias ilícitas. Existem insistentes campanhas antidrogas nos meios de comunicação, algumas um tanto soporíferas, outras mais terroristas, e todas fracassam. Moral da história? Nem que seja para consumir produtos químicos ilegais, ainda somos minimamente livres diante do poder da mídia. Temos alguma autonomia para formar nossas decisões.

Tudo certo? Creio que não. Concordo que a mídia não pode tudo, concordo que as pessoas conseguem guardar alguma independência em sua relação com a publicidade, mas acho que o professor cometeu duas impropriedades: anunciou uma tese fácil demais e, para demonstrá-la, escolheu um exemplo ingênuo demais. Embora não vejamos um comercial

promovendo explicitamente o consumo de cocaína, ou de maconha, ou de heroína, ou de crack, a verdade é que os meios de comunicação nos bombardeiam, durante 24 horas por dia, com a propaganda não de drogas, mas do efeito das drogas. A publicidade, nesse sentido, não refreia, mas reforça o desejo pelo efeito das drogas. Por favor, não se pode culpar os publicitários por isso – eles, assim como todo mundo, não sabem o que fazem.

8. DROGAS: A MÍDIA ESTÁ DENTRO. Com esse título o autor:
a) Condena a mídia por sua participação na difusão do consumo de drogas.
b) Mostra que a mídia se envolve, de algum modo, com o tema das drogas.
c) Faz um jogo de palavras, denunciando o incentivo ao consumo de drogas pela mídia.
d) Demonstra a utilidade da mídia em campanhas antidrogas.
e) Indica que a mídia é bastante conhecedora do tema das drogas.
Resposta: Alternativa B.
A opção A é negada pelo fragmento "Não se pode culpar os publicitários por isso". A opção C expõe uma inverdade: a mídia incentiva o consumo de drogas (muito pelo contrário, a mídia propaga, segundo o texto, de forma equivocada, os malefícios da droga). As opções D e E contradizem o texto (eles, assim como todo mundo, não sabem o que fazem). Sobrou apenas a opção B.

9. A expressão destacada que tem seu significado corretamente expresso é:
a) "... que a gente pensa que <u>não vão dar em nada</u>"– que não vão chegar a ser publicados.
b) "... ouvi um raciocínio que <u>não me saiu mais da cabeça</u>"– que me deixou com dor de cabeça.
c) "... o debate era sobre o provão, mas <u>isso não vem ao caso</u>"– tem pouca importância.
d) "... um professor brilhante, <u>é bom que se diga</u>" – é importante destacar isso.
e) "Ele <u>se saía muito bem</u>..." – ele desviava do assunto principal.
Resposta: Alternativa D.
As questões de significado são de recorrência, portanto o candidato deverá buscar a mais fiel à ideia contida no texto. As opções A, B e E são absurdas, logo restando as alternativas C e D. A opção C possui uma falha, quando se diz que o assunto possui pouca importância... não foi isso que o autor quis dizer. A expressão "isso não vem ao caso" sugere apenas que, neste momento, o assunto "provão" não será analisado, podendo sê-lo em outra hora. A opção D é bastante fidedigna, pois indica ser essencial informar que o professor era brilhante, tal qual o texto original esclarecera.

10. "O que me interessou foi um comentário <u>marginal</u>..." O vocábulo destacado significa:
a) subliminar;

b) maldoso;
c) anormal;
d) desprezível;
e) paralelo.

Resposta: Alternativa E.

Outra questão de sinonímia. O termo "marginal" no contexto (a questão é de recorrência) tem valor de "à margem", ou seja, o que não é o principal. Portanto, a resposta é a opção E.

11. "Primeiro, ele disse que a publicidade não pode tudo, ou melhor, que nem todas as atitudes humanas são ditadas pela propaganda". A expressão "ou melhor" indica:

a) retificação;
b) esclarecimento;
c) alternância;
d) incerteza;
e) ratificação.

Resposta: Alternativa B.

A expressão OU MELHOR indica que a informação anterior será apenas melhorada, não corrigida. Portanto não é uma retificação. Também não se pode dizer que a informação será confirmada, pois, mesmo não sendo corrigida, ela sofrerá alterações. Então, a resposta não pode ser a opção E. As opções C e D são absurdas. A que melhor responde a questão é a opção B, pois OU MELHOR sugere que ocorrerá algum tipo de esclarecimento para a informação prestada anteriormente.

12. "Sim a tese é óbvia..."; "Para corroborar sua constatação, o professor lembrou que muita gente cheira cocaína e, no entanto, não há propaganda de cocaína na TV". Em termos argumentativos, podemos dizer, com base nestes dois segmentos, que:

a) A tese é acompanhada de argumento que a defende.
b) A tese leva a uma conclusão explícita.
c) A tese parte de uma premissa falsa.
d) A tese não é acompanhada de dados que a comprovem.
e) A tese é falaciosa e não pode ser provada.

Resposta: Alternativa A.

Neste momento da prova, haverá uma sequência de questões envolvendo TESE e ARGUMENTO. O professor apresentado no texto aduz a seguinte tese: "ele disse que a publicidade não pode tudo, ou melhor, que nem todas as atitudes humanas são ditadas pela propaganda". Quando assevera que "muita gente cheira cocaína e, no entanto, não há

propaganda de cocaína na TV", ele está indicando o argumento que defende a sua tese. É fundamental esclarecer que a tese não leva a uma conclusão, e sim, a tese é baseada em argumentos. A resposta é a opção A.

13. "Para corroborar sua constatação..." No caso do professor citado no texto, seu pensamento é apoiado por:

a) opinião própria;
b) estatística;
c) testemunho de autoridade;
d) evidência;
e) analogia.

Resposta: Alternativa D.

O pensamento do professor é apoiado por um exemplo: "muita gente cheira cocaína e, no entanto, não há propaganda de cocaína na TV". A melhor resposta seria "exemplo". Contudo, não há esta opção. A opção A é excluída em virtude da tese não poder ser apoiada em opinião, já que ambas indicam a mesma ideia. Não há elementos numéricos, comparações ou informações prestadas ao professor por terceiros, eliminando-se, por conseguinte, as alternativas B, C e E. Portanto, sobra a opção D. Dentre os recursos de argumentação, a evidência é apresentada como uma certeza manifesta, da qual não há como se discordar. E realmente, não há como negar que "muita gente cheira cocaína e, no entanto, não há propaganda de cocaína na TV".

14. Muitas vezes a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público; esta afirmação:

a) Funciona como mais um argumento para a tese emitida pelo professor.
b) Desmoraliza o falso argumento citado pelo professor no debate.
c) Confirma a tese de que a publicidade pode tudo.
d) É mais um argumento do professor em defesa do que pensa.
e) Representa mais uma dúvida do jornalista sobre o tema debatido.

Resposta: Alternativa A.

Nesta questão, normalmente o candidato fica em dúvida entre as opções A e D. Apesar de serem extremamente parecidas, ocorre uma diferença sutil, porém fundamental. A opção D possui uma falha técnica: o professor expõe uma tese (a publicidade não pode tudo, ou melhor, nem todas as atitudes humanas são ditadas pela propaganda. Depois indica um argumento: "muita gente cheira cocaína e, no entanto, não há propaganda de cocaína na TV". Já o fragmento "Muitas vezes a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público" não é afirmado pelo professor, mas sim pelo autor do texto. Portanto, não é mais

um argumento do professor – é do autor do texto – para a tese emitida pelo professor. A opção A é a resposta, pois não há a indicação de quem é o argumento (então, errado não está) para a tese emitida pelo professor. É interessante observar que o autor do texto não se opõe à tese do professor – tanto é que ele diz: a tese é óbvia, ninguém discute –, discordando, sim, do exemplo utilizado para apoiar seu pensamento: o fato de muita gente cheirar cocaína e não haver propaganda de cocaína na TV.

15. Toda publicidade muda hábitos / X é publicidade contrária ao consumo de cocaína / X vai mudar o hábito de consumo da cocaína. Este silogismo, considerando-se o que é dito no texto, não é verdadeiro porque:

a) A premissa não é verdadeira.
b) Um dos termos do silogismo possui ambiguidade.
c) A conclusão não é uma decorrência lógica da premissa.
d) A premissa não é suficiente para a conclusão.
e) A organização dos termos está fora da disposição padrão.

Resposta: Alternativa A.

O estudo de lógica indica que silogismo pressupõe a ocorrência de duas premissas (uma geral e outra específica) para se chegar a uma conclusão. Por exemplo: premissa geral (todo gordo come muito); premissa específica (João é gordo); conclusão (logo, João come muito). O silogismo proposto é equivocado, pois a primeira premissa contradiz o texto: "Muitas vezes a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público".

(MP – RJ – NCE)
TEXTO: RECURSOS HUMANOS

Li que a espécie humana é um sucesso sem precedentes. Nenhuma outra com uma proporção parecida de peso e volume se iguala à nossa em termos de sobrevivência e proliferação. E tudo se deve à agricultura. Como controlamos a produção do nosso próprio alimento, somos a primeira espécie na história do planeta a poder viver fora de seu ecossistema de nascença. Isso nos deu mobilidade e a sociabilidade que nos salvaram do processo de seleção, que limitou outros bichos de tamanho equivalente e que acontece quando uma linhagem genética dependente de um ecossistema restrito fica geograficamente isolada e só evolui como outra espécie. É por isso que não temos mudado muito, mas também não nos extinguimos.
Luís Fernando Veríssimo

16. Segundo o texto, o sucesso da espécie humana é medido:

a) Por sua capacidade de viver fora de seu ecossistema.
b) Por sua sobrevivência e proliferação.
c) Por possibilidade de produzir seu próprio alimento.
d) Por sua inalterabilidade e resistência à extinção.
e) Por sua agricultura.

Resposta: Alternativa B.

Nesta questão é fundamental o candidato atentar-se ao que está sendo perguntado. Se a pergunta fosse "Segundo o texto, o sucesso da espécie humana é devido", a banca intencionaria que o candidato esclarecesse o motivo do sucesso da espécie humana, e a resposta seria "à agricultura". Contudo, o que se interroga é o meio de medição do sucesso da espécie, ou seja, em que critérios comparativos o homem supera outros animais de acordo com o texto. O fragmento que denuncia a resposta é: "Nenhuma outra com uma proporção parecida de peso e volume se iguala à nossa em termos de sobrevivência e proliferação". Portanto a resposta é a opção B.

17. Dizer que a espécie humana "é um sucesso sem precedentes" equivale a dizer que:

a) Não há explicações possíveis para esse sucesso.
b) Poucas espécies tiveram sucesso semelhante.
c) Nada ocorreu antes que pudesse explicar esse fato.
d) Nenhuma outra espécie já atingiu tal sucesso.
e) Nosso sucesso é independente de nossos antepassados.

Resposta: Alternativa D.

O significado de "sem precedentes" indica que nunca houve anteriormente algo igual ao citado, sendo assim como o texto sugere que a espécie humana é um sucesso sem precedentes, é porque nenhuma outra espécie chegara a tal sucesso.

18. "Nenhuma outra com uma proporção parecida de peso e volume se iguala à nossa em termos de sobrevivência e proliferação". Pode-se inferir desse segmento que:

a) Não há outras espécies com a mesma proporção de peso e volume que a espécie humana.
b) Só a espécie humana vai sobreviver.
c) Só a espécie humana proliferou de forma tão rápida e ampla.
d) Sobrevivência e proliferação são valores que medem o sucesso de uma espécie.
e) Nossa proporção de peso e volume ajudou a nossa espécie a ter sucesso.

Resposta: Alternativa D.

É determinado ao candidato que proceda à inferência tão-somente deste fragmento. Portanto, torna-se fundamental ater-se apenas a este trecho. A opção A é inadequada,

pois o fragmento não sugere que inexistam outras espécies com a mesma proporção e volume, esclarecendo, sim, que não há espécies de mesma proporção e volume que tenham atingido tamanho sucesso em termos de sobrevivência e proliferação. A opção B é absurda, porquanto, em momento algum, o fragmento indica que as outras espécies não sobreviverão (apenas não tiveram o mesmo sucesso que a humana). O sucesso da proliferação não necessariamente está relacionada à velocidade com que isso ocorrera, excluindo-se, assim, a alternativa C. A opção E também acaba eliminada, em virtude de o trecho jamais sugerir que a proporção de peso e volume ajudou a espécie humana a ter o sucesso mencionado, até mesmo porque nele é admitida a possibilidade de ocorrência de outras espécies com a mesma proporção de peso e volume e, no entanto, não atingiram o mesmo sucesso da humana. Enfim, se o que difere a espécie humana das demais é o sucesso quanto à proliferação e sobrevivência, é porque esses dois elementos são utilizados como critérios de comparações entre as espécies.

(Auditor Fiscal da Receita Federal – AFRF)
Leia o texto abaixo para responder às questões 19 e 20.

Em artigo publicado na década de 90, o Professor Paul Krugman explicava que todos aqueles países que falavam inglês haviam tido um desempenho econômico acima da média de seus vizinhos e que o inglês estava se tornando rapidamente a língua franca dos negócios, do turismo e da *internet*. Assim, os processos de fusão de empresas, tão comuns naquele tempo, só teriam sucesso se utilizassem o inglês como língua de integração das corporações.
Essa visão nos preocupou quando resolvemos integrar todas as áreas de consultoria espalhadas pela América Latina em uma única divisão de consultoria. Mas ficou uma pergunta no ar: "que língua oficial adotar"? O espanhol ou o português acirraria a rivalidade que já era bastante grande no campo dos esportes. Adotar o inglês teria a vantagem da neutralidade e da facilidade de interação com nossos colegas de outras regiões, mas com perda significativa na agilidade da comunicação e no andamento das reuniões. Foi adotada então uma postura única: haveria três línguas oficiais. Essa pequena sutileza significava, na verdade, que todos eram obrigados a entender as três línguas, mas poderiam se expressar no idioma em que se sentissem mais à vontade. Hoje, cinco anos depois, sentimos que essa decisão foi fundamental para o nosso processo de integração, e a lição aprendida é que muitas vezes a criatividade local pode ser mais efetiva que verdades importadas.
(José Luiz Rossi, "Integração cultural na América Latina", *Classe Especial*, 89/2001, com adaptações.)

19. Marque a opção incorreta a respeito do emprego das estruturas linguísticas do texto.

a) As duas ocorrências da conjunção "que" (l.2/3) têm a função de demarcar o início das duas orações ligadas por "e" (l.3), mas, sintaticamente, o terceiro que pode ser omitido.

b) A preposição "em" (l.7), exigida pelas regras de regência do verbo "integrar" (l.6), pode sofrer contração com o artigo que a segue, sem prejudicar a correção e as ideias do texto.

c) Para preservar a correção gramatical, se fosse usada a expressão Ao se adotar, em lugar de somente "Adotar" (l.9), seria obrigatória a mudança de "teria" (l.9) para haveria.

d) Preserva-se a correção gramatical do texto e o sentido do adjetivo da estrutura "com perda significativa" (l.10) ao substituí-la por significaria perder.

e) Mantém-se a estrutura sintática de voz passiva e a ideia de passividade ao empregar Adotou-se em lugar de "Foi adotada" (l.11).

Resposta: Questão Anulada

O gabarito provisório indicou como resposta a alternativa D. Realmente, a opção D indica um comentário, tanto no aspecto semântico como no aspecto sintático, absurdo em relação ao texto. O adjetivo "significativa" tem valor de "substanciosa", "grande" e alterando-se para "significaria perder", o adjetivo perde tal sentido. Além disso, há mudança na regência, visto que a estrutura "perda significativa" exige a preposição EM e "significaria perder" não trabalha com preposição.

A opção E está perfeita, uma vez que há tão somente a proposta de substituição da voz passiva analítica pela voz passiva sintética, havendo ainda o cuidado de manter-se o tempo do verbo.

Na opção C, quando a banca propõe a substituição de "ADOTAR" por "AO SE ADOTAR", torna-se essencial o candidato atentar-se à alteração do sentido do verbo TERIA. Na frase, "Adotar o Inglês teria a vantagem da neutralidade", "teria" significa "possuiria; Já em "Ao se adotar o Inglês, teria a vantagem da neutralidade", "teria" passa a significar "haveria", "ocorreria", o que a gramática normativa ainda não admite.

Na opção B, a análise recai sobre a combinação facultativa de preposição com artigo indefinido. Como o termo "em uma única divisão de consultoria" não funciona como sujeito, a contração da preposição com o artigo indefinido é opcional.

A opção A foi o motivo de a questão ser anulada. A opção A foi muito bem imaginada, contudo infelizmente houve um engano quanto à designação da linha do primeiro "que". O "que" que deveria ser citado é o primeiro, não o segundo do período. A alternativa trabalhou o paralelismo sintático, em que duas orações subordinadas substantivas objetivas diretas estão ligadas ao mesmo verbo, repetindo-se a conjunção integrante. A segunda conjunção poderia ser omitida. A alternativa acabou sendo a justificativa da anulação, visto

que, em vez de a conjunção ser citada, foi mencionado, por engano, o pronome relativo "que".

20. Marque a opção em que, de acordo com as ideias do texto, existe uma relação de condição do tipo Se X então Y.

a) X = falássemos inglês
Y = teríamos desempenho econômico acima da média
b) X = adotássemos inglês como língua oficial
Y = agilizaríamos a comunicação
c) X = empregássemos espanhol ou português
Y = exarcebaríamos a rivalidade
d) X = houvesse três línguas oficiais
Y = teríamos facilidade de interação com outras regiões
e) X = entendêssemos as três línguas
Y = deveríamos nos expressar nas três línguas

Resposta: Alternativa C.

As alternativas B, D e E estão em oposição ao texto, ficando o candidato em dúvida entre as opções A e C. O enunciado da questão "de acordo com as ideias do texto" indica que está sendo solicitado ao candidato uma alternativa de recorrência textual. A opção A, apesar de ser coerente com o texto, é uma inferência, porquanto o texto apenas assevera que todos os países que falavam inglês tiveram desempenho econômico acima da média, não sugerindo que, se outros também o falassem, também obteriam desempenho acima da média dos vizinhos. A opção C não é uma inferência, é algo que está efetivamente em consonância com as ideias do texto, alterando-se tão somente os vocábulos. O texto informa que "o Espanhol ou o Português acirraria a rivalidade, que já era bastante grande no campo dos esportes." Ou seja, a rivalidade já existia, apenas aumentaria (ou exacerbaria, conforme apontado na opção C).

(Sefa – Pará – esaf) Leia o texto abaixo para responder às questões 21 e 22.

1 **Não é preciso ser adepto da tradição intelectual para reconhecer os inconvenientes da praxe de preterição do influxo interno, a que falta a convicção não só das teorias, mas também das suas implicações menos próximas, de sua relação com o movimento social**

3 **conjunto, e da relevância do próprio trabalho e dos assuntos estudados. Percepções e teses notáveis a respeito da cultura do país são decapitadas periodicamente, e problemas a muito custo identificados e assumidos ficam sem o desdobramento que lhes**

6 **poderia corresponder. O prejuízo acarretado pode se comprovar pela via contrária, lembrando a estatura isolada de uns poucos escritores como Machado de Assis, Mário de Andrade e, hoje, Antônio Cândido, cuja qualidade se prende a este ponto.**

(SCHWARZ, Roberto, *Cultura e política*, p. 110.)

21. Em relação às estruturas do texto, assinale a opção <u>incorreta</u>.

a) A substituição de "a que" (l. 2) por à qual não acarreta prejuízo à correção gramatical do período.

b) O emprego de "mas também" (l. 2) é exigência decorrente do emprego de "não só" (l. 4).

c) A estrutura sintática do período em que ocorrem estabelece as seguintes relações de dependência entre os termos:

falta a convicção

- das teorias (l. 2)
- das suas implicações menos próximas (l. 2 e 3)
- de sua relação com o movimento social conjunto (l. 3)
- da relevância (l. 3)
- do próprio trabalho e (l. 3 e 4)
- dos assuntos estudados (l. 4).

d) Em "a muito custo" (l. 5) o "a" funciona como uma preposição.

e) O emprego do pronome "lhes", em "lhes poderia" (l. 6), está empregado de forma proclítica em virtude da presença do "que" (l. 6).

Resposta: Alternativa C.

A opção A está perfeita, já que o pronome relativo "que" precedido da preposição "a" é referente ao termo "praxe de preterição do influxo interno", cujo o núcleo é "praxe", admitindo, portanto, a substituição pelo pronome relativo "a qual" que, somado à preposição "a", resulta em "à qual". A estrutura iniciada por "não só" (o elemento de negação "não" negando o termo restrição "só") desemboca inevitavelmente no conector aditivo, logo a opção B está certa. A opção D assevera corretamente que "a" é preposição, em virtude de os termos seguintes serem masculinos. Como o pronome relativo sempre atrai o pronome oblíquo átono, o comentário proferido na opção E se dá com extrema correção. A

alternativa C é de paralelismo, estabelecendo relações inadequadas entre os termos. Observe que os quatro primeiros elementos realmente estão relacionados ao vocábulo "convicção", contudo os dois últimos "do próprio trabalho" e "dos assuntos estudados" estão ligados ao termo "relevância".

22. Assinale a opção que continua o texto de forma coesa e coerente.

a) Com aquela praxe de conciliar o estrangeiro com o autóctone, a convivência familiar e estabilizada entre concepções em princípio incompatíveis esteve no centro da inquietação ideológico-moral do Brasil desde sempre.

b) A certos intelectuais tal herança colonial de preocupar-se apenas com o que vem do próprio país parecia um resíduo que logo seria superado pela marcha desse progresso.

c) Outros intelectuais viam naquele movimento o país autêntico, o Brasil genuíno, original, o berço a ser protegido e preservado contra imitações absurdas.

d) A nenhum deles faltou informação nem abertura para a atualidade. Entretanto, souberam retomar criticamente o trabalho dos predecessores, entendido não como peso morto, mas como elemento dinâmico, subjacente às contradições contemporâneas.

e) Outros ainda desejavam harmonizar esse progresso com trabalho escravo, para não abrir mão de nenhum dos dois, e outros mais consideravam que esta conciliação já existia e era desmoralizante.

(Adaptado de SCHWARZ, Roberto, *Cultura e política*.)

Resposta: Alternativa D.

O texto fala sobre a incoveniência de preterir o movimento cultural do Brasil Esclarece que falta convicção a essa prática e afirma que percepções e teses acerca da cultura do país são decapitadas e acabam não tendo as consequências que deveriam ter. A partir daí, é dado um exemplo em oposição a essa tese, mostrando a atitude isolada de alguns autores que possuíam o grande mérito justamente de rever percepções e teses, dando-lhes o adequado desdobramento. Como a questão solicita uma continuidade do texto, é óbvio que haverá de se dar de forma coesa. O texto, sendo encerrado na citação dos três autores, só poderá ter sequência, citando algo relativo a eles. A opção D é iniciada por "A nenhum deles" – o pronome deles refere-se aos três autores –, demonstrando a coesão textual, e termina dizendo que retomaram criticamente a obra de outros autores (não decapitaram a tese deles), também demonstrando coerência.

23. (AFC – Esaf) Julgue como verdadeiras (V) ou falsas (F) as assertivas que comparam os dois parágrafos abaixo. Indique, a seguir, a sequência correta.

A despeito do bom desempenho da economia brasileira em 2004, em torno de 37% dos consumidores reduziram gastos em bens e serviços, segundo pesquisa do instituto

ACNielsen, enquanto outros 24% optaram por excluir integralmente determinados produtos de seu consumo.

Embora a pesquisa identifique um quadro melhor do que o de 2003, os resultados parecem sinalizar que a renda média dos brasileiros continua relativamente deprimida, o que inibe o dinamismo do consumo doméstico, sobretudo nas camadas de baixa renda.

(Editorial "Evolução do consumo", da *Folha de S. Paulo*, 11/4/2005.)

( ) Ambos iniciam com frase ou oração que têm valor adverbial de concessão.

( ) O tópico em torno do qual gira o primeiro parágrafo é o bom desempenho da economia; no segundo parágrafo, o assunto central é o dinamismo da economia brasileira.

( ) Ambos avaliam positivamente o desempenho da economia brasileira no ano de 2004.

( ) As informações contidas no primeiro parágrafo exibem resultados de pesquisa sobre o consumo doméstico no ano de 2004; no segundo parágrafo, é fornecida uma interpretação dos dados revelados pela pesquisa.

A sequência correta é:

a) V – F – V – V

b) V – V – V – F

c) F – V – F – F

d) F – F – V – V

e) V – V – F – F

Resposta: Alternativa A.

Os dois primeiros itens são suficientes para se chegar à resposta. O primeiro item está correto, visto que os conectores "A despeito de" e "Embora" possuem efetivamente valor concessivo. Já o segundo item apresenta uma falha: o primeiro tópico tem como paráfrase o fato de os consumidores reduzirem gastos em bens e serviços, mesmo ocorrendo o bom desempenho da economia brasileira em 2004.

24. (AFC – Esaf)

Em novembro do ano passado, a Revolta da Vacina fez cem anos. A obrigatoriedade da vacinação obrigatória antivariólica foi estabelecida por lei em 31 de outubro de 1904, e cercava o cidadão por todos os lados. Exigia atestado de vacinação para matrícula em escola, emprego, hospedagem, viagem, casamento, e previa multas para os recalcitrantes. A reação começara desde a aprovação do projeto. Oradores operários argumentavam que era grave ofensa à honra do chefe de família ter seu lar, em sua ausência, invadido por médicos, perante os quais sua mulher e filhas seriam obrigadas a se desvendarem para receberem a vacina no braço. Finda a resistência, a polícia varreu a área conflagrada, prendendo os suspeitos de sempre. O saldo final de vítimas foi de 30 mortos, 110 feridos e 945 presos.

Analisando essa revolta popular, José Murilo de Carvalho afirma que ela "é emblemática da dificuldade de relacionamento entre governo e povo no Brasil. Seu aspecto mais interessante é que não teve um lado errado e um lado certo, bons e maus".
Assinale a opção que analisa a revolta da vacina com a mesma interpretação que lhe dá José Murilo de Carvalho.
a) Quando o drástico, posto que necessário, projeto de regulamentação da lei de obrigatoriedade da vacina contra a varíola vazou para a imprensa, os políticos da oposição cerraram fileira contra a vacina, na ânsia de enfraquecer o Presidente Rodrigues Alves.
b) A revolta foi um trágico desencontro entre a política bem intencionada e esclarecida de Oswaldo Cruz, Diretor-Geral da Saúde Pública, e valores populares que tinham a ver com a dignidade pessoal e a inviolabilidade do lar.
c) A assim chamada "Revolta da Vacina" colocou em confronto, cada qual em sua trincheira, militares e políticos da oposição que queriam derrubar o governo, de um lado; de outro, jornais governistas e autoridades que apoiavam Rodrigues Alves.
d) Os positivistas tratavam a obrigatoriedade da vacina como despotismo sanitário e estigmatizavam a vacina como sendo o túmulo da liberdade.
e) A revolta foi consequência do obscurantismo popular, da ação ensandecida de uma "turba-multa irresponsável de analfabetos", segundo palavras de Olavo Bilac.
Resposta: Alternativa B.
A opção A indica que a lei da obrigatoriedade da vacina vazou para a imprensa, fato não ocorrido no texto.
A opção C torna-se absurda ao sugerir que a revolta tinha cunho político.
A opção D cita os positivistas, que, em momento algum, foram mencionados no texto.
A opção E sugere que a revolta se deu com os analfabetos, fato que contradiz o texto.

(AFC – Esaf) Leia o texto para responder às questões 25 e 26.
O que leva um compositor popular consagrado, uma glória da MPB, a escrever romances? Para responder a essa pergunta, convém lembrarmos algumas características da personalidade de Chico Buarque de Holanda. Primeiro, a forte presença de um pai que, além de ser um historiador notável, era um fino crítico literário. Depois, o fato de Chico ter se dado conta de que sua genial produção musical não bastava para dizer tudo que ele tinha a nos dizer.
Não se pode dizer que o que o Chico nos diz nos romances não tem nada a ver com o que ele passa aos seus ouvintes através das suas canções. No recém-lançado *Budapeste*, por exemplo, eu, pessoalmente, vejo um clima de bem-humorada resignação do personagem com suas limitações, um clima que me parece que encontrei, em alguns momentos, na sua obra musical. Uma coisa, porém, são as imagens sugestivas das canções; outra é a

complexa construção de um romance. A distância entre ambas talvez pudesse ser comparada àquela que vai das delicadas e rústicas capelas românicas às imponentes catedrais góticas.
Chico Buarque percorreu esse caminho com toda a humildade de quem queria aprender a fazer melhor, mas também com a autoconfiança de quem sabia que podia se tornar um mestre romancista.
Valeu a pena. A autodisciplina lhe permitiu mergulhar mais fundo na confusão da nossa realidade, nas ambiguidades do nosso tempo. A ficção, às vezes, possibilita uma percepção mais aguda das questões em que estamos todos tropeçando. No caso deste romance mais recente de Chico Buarque, temos um rico material para repensarmos, sorrindo, o problema da nossa identidade: quem somos nós, afinal?
(Leandro Konder, *Jornal do Brasil*, 18/10/2003.)

25. Em relação às ideias do texto, assinale a opção que apresenta inferência incorreta.
a) Um compositor consagrado pode considerar sua produção musical insuficiente para expressar suas ideias.
b) A convivência com pessoas que produzem obras importantes na história e na crítica literária pode contribuir para estimular a escrita de romances.
c) Chico Buarque não precisou aprender a escrever romances, pois isso já fazia parte de sua vida como compositor e como herdeiro de um talento familiar.
d) Algumas características da obra musical de Chico Buarque permanecem em sua obra romanesca.
e) A construção romanesca é muito mais complexa que a elaboração de canções da música popular.
Resposta: Alternativa C.
Há contradição entre o fragmento "Uma coisa, porém, são as imagens sugestivas das canções; outra é a complexa construção de um romance. A distância entre ambas talvez pudesse ser comparada àquela que vai das delicadas e rústicas capelas românicas às imponentes catedrais góticas. Chico Buarque percorreu esse caminho com toda a humildade de quem queria aprender a fazer melhor". Perceba que o texto assevera que a mesma distância existente entre fazer canções e romances ocorre entre delicadas e rústicas capelas com imponentes catedrais góticas. Destarte, compor canções fazia parte de sua rotina, o mesmo não se pode dizer de escrever romances.

26. Em relação ao texto, assinale a opção correta.
a) A pergunta inicial contém o pressuposto de que, para o senso comum, uma pessoa consagrada como compositor deve sempre se aventurar a escrever romances.

b) Da expressão "seus ouvintes" (l.8) no segundo parágrafo, infere-se que o autor do texto lê os romances, mas não ouve as músicas de Chico Buarque.
c) O sinal indicativo de crase em "àquela que vai das delicadas..." (l.13) é opcional.
d) Em "autodisciplina lhe" (l.17) o pronome é fator de coesão textual que se refere a "tempo" (l.18).
e) A literatura pode desvelar de forma mais esclarecedora algumas questões complexas da nossa realidade.

Resposta: Alternativa E.

A opção A é incorreta, visto que o texto sugere apenas que existem características na personalidade de Chico Buarque – sem mencionar outros compositores – que o levaram a escrever romances.
A opção B é absurda, pois, se o autor compara as composições com o livro, obviamente conhece os dois tipos de obra de Chico Buarque.
A opção C não pode ser a resposta, uma vez que a crase é obrigatória, pois é resultado da soma da preposição A, regida por "comparada", com o pronome demonstrativo "aquela".
A opção D é inadequada, porquanto o pronome oblíquo "lhe" refere-se ao próprio Chico Buarque.

(AFRF – Esaf) Leia o texto seguinte para responder às questões de 27 a 29.

Vinte e quatro séculos atrás, Sócrates, Platão e Aristóteles lançaram as bases do estudo científico da sociedade e da política. Muito se aprendeu depois disso, mas os princípios que eles formularam conservam toda a sua força de exigências incontornáveis. O mais importante é a distinção entre o discurso dos agentes e o discurso do cientista que o analisa.

Doxa (opinião) e episteme (ciência) são os termos que os designam respectivamente, mas estas palavras tanto se desgastaram pelo uso que, para torná-las novamente úteis, é preciso explicar o seu sentido em termos atualizados. Foi o que fez Edmund Husserl com a distinção entre discurso "pré-analítico" e o discurso tornado consciente pela análise de seus significados embutidos. Por exemplo, na linguagem corrente, podemos opor o comunismo ao anticomunismo como duas ideologias. No entanto, comunismo é uma ideologia, mas o anticomunismo não é uma ideologia, é a simples rejeição de uma ideologia.

É analisando e decompondo compactados verbais como esse e comparando-os com os dados disponíveis que o estudioso pode chegar a compreender a situação em termos bem diferentes daqueles do agente político. Mas também é certo que os próprios conceitos científicos daí obtidos podem incorporar-se depois no discurso político, tornando-se expressões da doxa. É isso, precisamente, o que se denomina uma ideologia: um discurso de ação política composto de conceitos científicos esvaziados de seu conteúdo analítico e

imantados de carga simbólica. Então, é preciso novas e novas análises para neutralizar a mutação da ciência em ideologia. (Olavo de Carvalho, com cortes.)

27. Indique o item que está de acordo com as ideias desenvolvidas no texto.

a) É no conhecimento produzido pelos filósofos da Grécia Antiga que se encontram as mais consistentes análises científicas a respeito de política e sociedade.

b) Boa parte da produção científica do mundo contemporâneo distancia-se dos axiomas formulados por Sócrates, Platão e Aristóteles, devido à incompatibilidade entre princípios filosóficos e rigor formal da ciência.

c) Os discursos dos agentes políticos devem ser rechaçados porque se fundamentam na "doxa", não contemplando, portanto, os conceitos científicos vigentes.

d) O discurso "pré-analítico" prescinde de análise da realidade concreta e caracteriza-se por abordar os significados implícitos dos enunciados produzidos na instância pública.

e) O esvaziamento de significado a que os conceitos científicos estão sujeitos pelo seu uso em instâncias sociais não exclusivamente científicas gera a necessidade de renovação de terminologia na ciência.

Resposta: Alternativa E.

A opção A é inadequada, dado que o texto indica que os filósofos lançaram as bases do estudo da sociedade e da política e não as mais consistentes análises científicas.

A opção B torna-se errada, já que o motivo indicado no item "devido à incompatibilidade entre princípios filosóficos e rigor formal da ciência" não é o mesmo apontado no texto (essas palavras se desgastaram tanto pelo uso).

Em momento algum, o texto sugere que os discursos dos agentes políticos devem ser rechaçados, por isso a opção C deve ser descartada.

A opção D deve ser excluída em virtude de o discurso pré-analítico não fazer abordagem aos significados implícitos dos enunciados produzidos na instância pública.

28. Assinale o item que expressa uma ideia depreendida dos sentidos explícitos e implícitos que compõem a rede temática do texto.

a) Apesar de os princípios filosóficos carregarem em si uma regulação e se basearem exclusivamente na "doxa", eles sobrevivem às contingências históricas, como bem o demonstra a atualidade dos princípios formulados na Grécia Antiga.

b) Por meio do conhecimento científico, as sociedades buscam interpretações da realidade que não se orientem na ideologia, cabendo, portanto, à "episteme" a análise crítica dos discursos que circulam na sociedade.

c) A formação da corrente de pensamento anticomunista exemplifica a supremacia do discurso epistemológico e representa a reação da sociedade a análises subjetivas dos fatos históricos.
d) A ciência tende a tornar-se cada vez mais dogmática e menos neutra, intensificando, portanto, seus procedimentos persecutórios perante os discursos dos agentes políticos que banalizam conceitos científicos.
e) Os filósofos gregos previram a mutação da ciência em ideologia, ao analisarem a força simbólica que esta assume nos discursos hegemônicos dos agentes políticos.
Resposta: Alternativa B.
Em momento algum, o texto indica que os filósofos se baseiam "exclusivamente" na doxa, por isso a opção A deve ser descartada.
A opção C contradiz totalmente o texto, pois a corrente de pensamento anticomunista é exemplo da doxa, não do discurso epistemológico.
Em momento algum, o texto sugere que a ciência vai tornar-se persecutória, portanto sendo excluída a alternativa D.
A opção E vai de encontro às ideias do verbete, em virtude de o autor, não os filósofos gregos, esclarecer que deve haver novas análises para neutralizar a mutação da ciência em ideologia.

29. Marque com (V) as afirmações verdadeiras e com (F) as falsas. Indique, em seguida, a sequência correta.
( ) Mantém-se a correção gramatical substituindo-se a expressão "Vinte e quatro séculos atrás" (l. 1) por "Há vinte e quatro séculos" ou por "Fazem vinte e quatro séculos".
( ) A oração "Muito se aprendeu depois disso" (l. 3) poderia ser substituída por "Aprenderam-se muitas coisas depois", preservando-se o sentido e a correção gramatical do texto.
( ) Compromete-se a clareza do texto e há prejuízo para a correção gramatical do período se o pronome da expressão "estas palavras" (l. 7) for substituído por "essas".
( ) A oração "que é preciso explicar o seu sentido em termos atualizados" (l. 6 e 7) expressa consequência, sendo correto, portanto, substituir "que" pelo conector "porquanto".
( ) No segundo parágrafo, predomina a articulação semântica e sintática de oposição na produção de sentido dos enunciados.
a) F, V, F, F, V
b) F, F, F, F, V
c) V, V, V, F, F
d) F, F, V, V, V

e) V, F, F, V, V

Resposta: Alternativa A.

Os dois primeiros itens já são suficientes para se chegar à resposta. O primeiro tópico é indevido, já que são propostas duas substituições, estando a primeira correta e a segunda, errada. O verbo "fazer" no sentido de tempo passado é impessoal, não podendo ser conjugado no plural. Sendo assim, o certo é "faz vinte e quatro séculos..."

O segundo tópico é perfeito, porquanto, caso se substitua "Muito" por "muitas coisas", não há alteração semântica. Além disso, o pronome SE é apassivador, transformando "muitas coisas" em sujeito, então o verbo deve ser flexionado no plural.

(AFRF – Esaf) Questões 30, 31 e 32.

Falar em direitos humanos pressupõe localizar a realidade que os faz emergir no contexto sociopolítico e histórico-estrutural do processo contraditório de criação das sociedades. Implica, em suma, desvendar, a cada momento deste processo, o que venha a resultar como direitos novos até então escondidos sob a lógica perversa de regimes políticos, sociais e econômicos, injustos e comprometedores da liberdade humana.

Este ponto de vista referencial determina a dimensão do problema dos direitos humanos na América Latina. Neste contexto, a fiel abordagem acerca das condições presentes e dos caminhos futuros dos direitos humanos passa, necessariamente, pela reflexão em torno das relações econômicas internacionais entre países periféricos e países centrais.

As desarticulações que desta situação resultam não chegam a modificar a base estrutural destas relações: a extrema dependência a que estão submetidos os países periféricos, tanto no que concerne ao agravamento das condições de trabalho e de vida (degradação dos salários e dos benefícios sociais), quanto na dependência tecnológica, cultural e ideológica.

(Núcleo de Estudos para a Paz e Direitos Humanos, UnB. *In: Introdução Crítica ao Direito*, com adaptações.)

30. Assinale a opção que não estabelece uma continuidade coerente e gramaticalmente correta para o texto.

a) Nesta parte do mundo, imensas parcelas da população não têm minimamente garantida sua sobrevivência material. Como, pois, reivindicar direitos fundamentais se a estrutura da sociedade não permite o desenvolvimento da consciência em sua razão plena?

b) Por conseguinte, a questão dos Direitos tem significado político, enquanto realização histórica de uma sociedade de plena superação das desigualdades, como organização social da liberdade.

c) Assim, pois, a opressão substitui a liberdade. A percepção da complexidade da realidade latino-americana remete diretamente a uma compreensão da questão do homem ao substitui-lo pela questão da tecnologia.
d) Na América Latina, por isso, a luta pelos direitos humanos engloba e unifica em um mesmo momento histórico, atual, a reivindicação dos direitos pessoais.
e) Não nos esqueçamos que a construção do autoritarismo, que marcou profundamente nossas estruturas sociais, configurou o sistema político imprescindível para a manutenção e reprodução dessa dependência.
Resposta: Alternativa C.
O candidato deve atentar-se ao enunciado. Lá está solicitada a opção que não estabelece uma continuidade coerente e "gramaticalmente correta". Você deve partir direto para as opções e observar se há alguma com erro. Se houver, marque-a. Caso contrário, retorne ao texto e veja a que não é coerente a ele. Nesta questão, nem haveria a necessidade de tal, visto que a opção C contém gritante falha de ortografia (substituí-lo).

31. Assinale a opção em que, no texto, a expressão que antecede a barra não retoma a ideia da segunda expressão que sucede a barra.
a) "Realidade" (l. 1) / "contexto sociopolítico e histórico-estrutural do processo" (l. 1 e 2).
b) "Deste processo" (l. 3) / "processo contraditório de criação das sociedades" (l. 2).
c) "Este ponto de vista referencial" (l. 7) / ideias expressas no primeiro parágrafo.
d) "Neste contexto" (l. 8) / discussão sobre os direitos humanos na América Latina.
e) "Desta situação" (l. 12) / relações econômicas internacionais entre países periféricos e países centrais.
Resposta: Alternativa A.
O enunciado da questão determina ao candidato que encontre a opção em que a primeira expressão "retome a ideia já citada anteriormente". A opção A indica um termo que faria menção a algo localizado posteriormente. É óbvio que um elemento anterior não pode retomar o posterior.

32. Analise os seguintes itens a respeito do emprego das estruturas linguísticas do texto, para, em seguida, assinalar a opção correta.
I. O paralelismo sintático e semântico entre "pressupõe" (l. 1) e "Implica" (l. 3) evidencia que remetem ao mesmo sujeito oracional.
II. O tempo e modo verbal em que "venha" (l. 4) está empregado indicam incerteza, dúvida a respeito do que pode vir a ser resultante em termos de "direitos novos" (l. 4).

III. As regras de regência nominal permitem que "dependência" (l. 13) também seja empregada com a preposição com; por isso está igualmente correto: a extrema dependência com que estão submetidos...
IV. "Concerne" (l. 14) apresenta dois complementos sintáticos: (a) "agravamento das condições de trabalho e de vida" (l. 14/15), e (b) "dependência tecnológica, cultural e ideológica" (l. 16/17).
Estão corretos apenas:
a) I e II.
b) I, II e III.
c) I e III.
d) II, III e IV.
e) II e IV.
Resposta: Alternativa A.
A análise dos três primeiros tópicos já é suficiente para se chegar à resposta.
O tópico I está correto, visto que "Falar em direitos humanos" é sujeito tanto do verbo "pressupõe" como do verbo "implica".
O tópico II também está correto, já que a forma verbal "venha", estando no modo subjuntivo, indica uma situação hipotética, não uma certeza, podendo no contexto, inclusive, ser acrescentada a palavra "porventura" (Implica, em suma, desvendar, a cada momento deste processo, o que, porventura, venha a resultar como direitos novos).
O tópico III possui uma grave falha, pois o termo que exige a presença da preposição "a" não é dependência, e sim "submetidos".

O texto abaixo serve de base para as questões 33 e 34.
Santo Agostinho (354-430), um dos grandes formuladores do catolicismo, uniu a teologia à filosofia. Sua contribuição para o estudo das taxas de juros, ainda que involuntária, foi tremenda. Em suas *Confissões*, o bispo de Hipona, filho de Santa Mônica, conta que, ainda adolescente, clamou a Deus que lhe concedesse a castidade e a continência e fez uma ressalva – ansiava por essa graça, mas não de imediato. Ele admitiu que receava perder a concupiscência natural da puberdade. A atitude de Santo Agostinho traduz impecavelmente a urgência do ser humano em viver o aqui e agora. Essa atitude alia-se ao desejo de adiar quanto puder a dor e arcar com as consequências do desfrute presente – sejam elas de ordem financeira ou de saúde. É justamente essa urgência que explica a predisposição das pessoas, empresas e países a pagar altas taxas de juros para usufruir o mais rápido possível seu objeto de desejo.
("Viver agora, pagar depois" (Fragmento). *In*: Economia e Negócios, *Revista Veja*, 30/3/2005, p. 90.)

33. (AFRE – MG) Assinale a opção correta com base no que se depreende do texto.

a) Na adolescência, o bispo de Hipona foi concupiscente.

b) O clamor de Santo Agostinho a Deus incluía o adiamento dos prazeres libidinosos.

c) A predisposição para o pagamento de altas taxas de juros é causa da urgência de se querer viver intensamente o momento presente.

d) A atitude tomada pelo filósofo católico, na adolescência, diferenciava-o dos demais homens e prenunciava a santificação futura.

e) O teólogo e filósofo do catolicismo contribuiu significativamente para a formulação do conceito das taxas de juros, ainda que fosse contrário à matéria.

Resposta: Alternativa A.

Observe que você não precisará saber o significado da palavra "concupiscente" para acertar a questão. No enunciado, é exigido do candidato uma inferência (dedução). No texto, está indicado que Santo Agostinho tinha medo de perder a concupiscência natural da puberdade. Então, podemos depreender que, se ele tinha medo de perder a concupiscência, é porque ele a possuía no período da puberdade (adolescência).

34. Julgue as afirmações a respeito do texto como verdadeiras (V) ou falsas (F), para marcar, a seguir, a opção correta.

( ) Em virtude do paralelismo sintático, o acento grave, em "à filosofia" (l.2), poderia ser eliminado.

( ) Estaria garantida a correção gramatical do texto se o pronome possessivo que inicia um período, na linha 2, fosse substituído, nessa mesma posição, pelo pronome "cujo", flexionado no feminino (cuja), e o ponto fosse substituído por uma vírgula.

( ) Haveria alteração do sentido original do texto se a expressão "ainda adolescente" (l.4) fosse deslocada para a posição imediatamente posterior à forma verbal "conta" (l.4).

( ) Dada a relação de sentido que se estabelece no período, a conjunção "e" (l.5 – 2ª ocorrência) poderia ser substituída, mantendo-se a coerência textual, pela conjunção "mas" precedida de vírgula.

( ) O complemento verbal "seu objeto de desejo" (l. 12) poderia vir precedido da preposição "de", atendendo-se à regência do verbo "usufruir".

A sequência correta obtida é:

a) V, F, F, V, V;

b) F, V, V, V, F;

c) V, V, F, F, V;

d) V, F, V, F, F;

e) F, F, V, V, V.

Resposta: Alternativa E.

A análise das duas primeiras afirmações já é suficiente para se chegar à resposta.

A primeira afirmação é falsa, visto que os termos não se encontram em paralelismo sintático. Um termo é objeto direto e o outro, indireto. O verbo "unir" exige um elemento sem preposição e outro, com.

A segunda afirmação também é falsa, porquanto o período quedar-se-ia totalmente incoerente com a substituição proposta. O pronome relativo "cujo" liga o termo seguinte ao antecedente, estabelecendo a ideia de posse, fato que não pode ocorrer com os termos "contribuição" e "filosofia".

30.11. Alteração de funções sintáticas em questões de interpretação

Muitas questões de interpretação de textos são resolvidas através do conhecimento gramatical. Por exemplo, existem funções sintáticas que possuem o mesmo valor semântico, como o sujeito ativo, o agente da passiva e o adjunto adnominal. Estas três funções sintáticas possuem valor ativo (agente, de quem pratica a ação), e as bancas tão somente reescrevem as frases alterando as funções sintáticas, sem modificar, contudo, a ideia contida. Em contrapartida, há também as funções sintáticas com valor paciente: os objetos, o sujeito passivo e o complemento nominal.

Ex.: **O professor** errou e causou estranheza a todos.
O erro **do professor** causou estranheza a todos.
O erro cometido **pelo professor** causou estranheza a todos.

? Observe que o termo "professor", acompanhado ou não de preposição, funciona, na primeira frase, como sujeito ativo; na segunda, como adjunto adnominal; na terceira, como agente da passiva. Mesmo este termo tendo funções sintáticas distintas, mantém o mesmo valor semântico. Nas três frases, é o professor que erra.

Ex.: Ler **jornais** é importante.
Jornais serem lidos é importante.
A leitura **de jornais** é importante.

? Observe que o termo "jornais", acompanhado ou não de preposição, funciona, na primeira frase, como objeto direto; na segunda, como sujeito passivo; na terceira, como complemento nominal. Apesar de o termo possuir funções sintáticas diferentes, a ideia dos três períodos é a mesma: jornais devem ser lidos.

30.12. Exercícios com gabarito comentado sobre alteração de funções sintáticas

1. (Of. Just. – TJ – NCE) "Como conciliar a liberdade com a inevitável ação restritiva do Estado?" Nesse segmento do texto, o articulista afirma que:

a) o Estado age obrigatoriamente contra a liberdade;
b) é impossível haver liberdade e governo ditatorial;
c) ainda não se chegou a unir os cidadãos e o governo;
d) cidadãos e governo devem trabalhar juntos pela liberdade;
e) o Estado é o responsável pela liberdade da população.

Resposta: Alternativa A.

Observe que o termo "do Estado" possui valor agente, funcionando como adjunto adnominal. Se você transformá-lo em sujeito ativo, o resultado será: "O Estado age inevitavelmente restringindo a liberdade". A alternativa A apenas substituiu "inevitavelmente" por um sinônimo: "obrigatoriamente".

2. (Of. Just. – TJ – NCE) "O primeiro templo da liberdade burguesa é o supermercado. Em <u>que pesem as angustiantes restrições do contracheque</u>, são as prateleiras abundantemente supridas que satisfazem a liberdade do consumo..." O segmento sublinhado corresponde semanticamente a:

a) As despesas do supermercado são muito pesadas no orçamento doméstico.
b) Os salários não permitem que se compre tudo o que se deseja.
c) As limitações de crédito impedem que se compre o necessário.
d) A inflação prejudica o acesso da população aos bens de consumo.
e) A satisfação de comprar só é permitida após o recebimento do salário.

Resposta: Alternativa B.

O termo "do contracheque" possui valor agente, funcionando como adjunto adnominal. Reescrevendo-se o período, transformando o adjunto adnominal em sujeito ativo, o resultado será: "o contracheque restringe o consumo". No texto, "contracheque" está sendo

utilizado como sinônimo de "salário", "restringir" e "não permitir" são equivalentes, "consumir" e "comprar" possuem o mesmo valor.

3. (Of. Just. – TJ – NCE) "Não houve ideal comunista que resistisse às tentações do supermercado". Com esse segmento do texto, o autor quer dizer que:

a) Todo ideal comunista se opõe aos ideais capitalistas.
b) A ideologia comunista sofre pressões por parte dos consumidores.
c) Os supermercados socialistas são menos variados que os do mundo capitalista.
d) O ideal comunista ainda resiste à procura desenfreada por bens de consumo.
e) As tentações do supermercado abalaram as estruturas capitalistas.

Resposta: Alternativa B.

É uma questão de inferência textual, pois você terá que deduzir o que o autor quis dizer neste segmento. Observe que o termo "do supermercado" tem valor agente, funcionando como adjunto adnominal. Transformando-o em sujeito de voz ativa, o resultado será: "O supermercado tentou (os consumidores) e não houve ideal comunista que resistisse a essa tentação (criada pelos supermercados)". Depreende-se, então, que a tentação criada aos consumidores pelos supermercados fez com que a ideologia comunista sofresse pressões até não mais resistir.

4. (MP – NCE) "... pois moedas não resgatam a dignidade". Reescrevendo-se este segmento do texto, mantendo-se o seu sentido original, a única forma inadequada é:

a) Visto que a dignidade não é resgatada por moedas.
b) Porque moedas não são o resgate da dignidade.
c) Porquanto a dignidade não se resgata com moedas.
d) Já que por moedas não é resgatada a dignidade.
e) Pela razão de que a dignidade não é resgatada por moedas.

Resposta: Alternativa C.

Questão muito bem imaginada, levando o candidato a pensar que a resposta sairia pela conector. As conjunções VISTO QUE, PORQUE, PORQUANTO, JÁ QUE e PELA RAZÃO DE QUE têm valor explicativo. Portanto, não se atinge a resposta por este caminho. O termo "dignidade", por possuir valor paciente, é objeto direto, podendo alterar sua função sintática para complemento nominal ou sujeito passivo. Nas opções A, D e E, "dignidade" se transforma em sujeito de voz passiva analítica; na C, em sujeito de voz passiva sintética; na B, em complemento nominal. Mais uma vez não chegamos à resposta. Partamos agora para uma última análise: "Moedas" funciona como sujeito ativo, podendo transformar-se em agente da passiva ou adjunto adnominal. Nas alternativas A, D e E, o termo se transformou em agente da passiva. Na opção B, continuou sendo sujeito da voz ativa. Na

alternativa C, o sujeito ativo (termo que praticava a ação) foi transformado em adjunto adverbial de instrumento, ou seja, o termo perdeu sua carga semântica – de praticar a ação – e passou a ter o valor de ser um instrumento utilizado para se praticar a ação.

5. (Técnico Judiciário Juramentado – TJ – NCE) "... a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana". Reescrevendo-se este segmento do texto com a manutenção de seu sentido original, temos como forma adequada:

a) A natureza humana necessita da vida em sociedade.

b) A vida em sociedade necessita da natureza humana.

c) A necessidade da natureza humana é uma vida em sociedade.

d) Uma necessidade da natureza humana é a vida em sociedade.

e) A natureza humana é necessária à vida em sociedade.

Resposta: Alternativa A.

As alternativas B e E são absurdas, contradizendo totalmente a ideia do segmento, não merecendo grandes análises. Normalmente, o candidato fica em dúvida entre as opções A, D e E. Quando o texto diz "... a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana", fica claro que "uma necessidade da natureza humana" está apenas qualificando "a vida em sociedade", não entrando no mérito se existem outras necessidades ou não. A simples inversão proposta na alternativa D sugere uma situação sutilmente diferente do texto, pois quando se informa que "uma necessidade da natureza humana é a vida em sociedade", torna-se evidente a existência de várias necessidades, uma delas é a vida em sociedade. Na opção C, por sua vez, sendo redigido que "a necessidade da natureza humana é uma vida em sociedade", há a sugestão de que a única necessidade da natureza é uma vida em sociedade, distanciando-se semanticamente da ideia exposta no texto. A alternativa A não altera o sentido original, modificando tão somente a função sintática de alguns elementos. O termo "da natureza humana", possuindo valor agente, funciona como adjunto adnominal e é transformado em sujeito ativo – se é uma necessidade da natureza humana, obviamente a natureza humana necessita. Por fim, fica evidente que, tal qual ocorre no segmento original, diz-se apenas que a natureza humana necessita da vida em sociedade, não sugerindo se necessita também de mais alguma coisa ou não.

Capítulo 31

Questões Comentadas de Concursos

A intenção, neste capítulo, é mostrar a você questões polêmicas, interessantes ou que possuam diversos assuntos cobrados simultaneamente. Essa é a nova "cara" das provas de Língua Portuguesa nos concursos, onde, em apenas uma questão, são exigidas do candidato, por exemplo, noções de regência, concordância, topologia pronominal, classificação de orações, funções sintáticas e, até mesmo, interpretação de textos. Sendo assim, foi feita essa seleção abaixo, com gabarito comentado item a item, enriquecendo mais ainda seu conhecimento e aumentando suas possibilidades de aprovação.

Leia o texto para responder à questão 1.

O advento da moderna indústria tecnológica fez com que o contexto em que passa a dispor-se a máquina mudasse completamente de configuração. Entretanto, tal mudança obedece a certas coordenadas que começam a ser pensadas já na antiga Grécia, que novamente se relacionam com a questão da verdade. É que a verdade, a partir de Platão e Aristóteles, passa a ser determinada de um modo novo, verificando-se uma transmutação em sua própria essência. Desde então, entende-se usualmente a verdade como sendo o resultado de uma adequação, ou seja, a verdade pode ser constatada sempre que a ideia que o sujeito forma de determinado objeto coincida com esse objeto.

(Gerd Bornheim. *Racionalidade e acaso*. fragmento)

1. (AFRF – Esaf) Assinale a opção correta a respeito do uso das estruturas linguísticas do texto.

a) Mantém-se a coerência da argumentação ao substituir "fez" (l. 1) por **faz**; mas para que a correção gramatical seja mantida, torna-se obrigatória então a substituição de "mudasse" (l. 2) para **mude**.
b) Preservam-se as relações de sentido entre "contexto" (l. 1) e "máquina" (l. 2) com a substituição do pronome relativo "que" (l. 1) por **qual**, mantendo-se obrigatória a presença de "em".
c) Tanto a supressão da preposição no termo "a certas coordenadas" (l. 3) como sua substituição por **às** preservam as relações de sentido e respeitam as regras de regência verbal.
d) A construção da textualidade mostra que o advérbio "então" (l. 6) refere-se ao tempo de "Platão e Aristóteles" (l. 5); por isso, preservam-se a coerência e a correção do texto ao substituir "Desde então" (l. 6) por **Adiante desses filósofos**.
e) A expressão "ou seja" (l. 7) permite a troca de lugar entre os termos "adequação" (l. 7) e "verdade pode ser constatada sempre que a ideia que o sujeito forma de determinado objeto coincida com esse objeto" (l. 7, 8 e 9), sem prejudicar a correção gramatical do texto.
Gabarito: Alternativa A.
A substituição de "fez" por "faz" acarretou a mudança na estrutura temporal, passando todo o contexto do passado para o presente, exigindo, consequentemente, a correlação presente do indicativo – presente do subjuntivo.
Na alternativa B, o pronome relativo "que" deveria ser substituído por "o qual" e não por somente "qual", resultando "no qual".
Na alternativa C, apesar de a regência do verbo "obedecer" exigir a presença da preposição A e normalmente o artigo ser facultativo antes de substantivos no plural, a ocorrência do pronome indefinido "certas" proíbe o uso do artigo, não sendo possível "às".
A proposta de reescritura feita na alternativa D é absurda, pois "Adiante" significa "em frente", "frente a".
A reescritura proposta na alternativa E é descabida, pois observe o resultado: "Desde então, entende-se usualmente a verdade como sendo o resultado de a verdade pode ser constatada sempre que a ideia que o sujeito forma de determinado objeto coincida com esse objeto, ou seja, uma adequação. A estrutura "de a verdade" exige que o verbo seguinte esteja no infinitivo, reduzindo a oração.

Leia o fragmento de texto abaixo para responder à questão 2.
O enquadramento pós-estruturalista da teoria da comunicação analisa o modo como a comunicação eletronicamente mediada (o que eu chamo modo de informação) desafia, e ao mesmo tempo reforça, os sistemas de dominação emergentes na sociedade e cultura pós-moderna. A minha tese é que o modo de informação decreta uma reconfiguração

radical da linguagem, que constitui sujeitos fora do padrão do indivíduo racional e autônomo. Esse sujeito familiar moderno é deslocado pelo "modo de informação" em favor de um que seja múltiplo, disseminado e descentrado, interpelado continuamente como uma identidade instável. Na cultura, essa instabilidade coloca tanto perigos como desafios que se tornam parte de um movimento político – ou se estão relacionados com as políticas feministas, minorias étnicas/raciais, posições gays e lésbicas, podem conduzir a um desafio fundamental às instituições e estruturas sociais modernas.
(Haik Poster. *A segunda era dos mídia*)

2. (AFRF – Esaf) Julgue como falsos (F) ou verdadeiros (V) os seguintes itens a respeito das estruturas linguísticas do texto.
( ) Preservam-se as relações semânticas e a correção gramatical do texto ao deslocar "pós-estruturalista" (l. 1) para depois de " teoria da comunicação" (l. 1).
( ) Preserva-se a correção gramatical e a coerência, mas alteram-se as relações semânticas do texto ao substituir "o que" (l. 2) por a que.
( ) "Esse sujeito familiar" (l. 6) corresponde ao "indivíduo racional e autônomo" (l. 6).
( ) Preservam-se as relações semânticas e a correção gramatical do texto ao substituir "como" (l. 8) pela preposição por.
( ) O desenvolvimento da textualidade mostra que, na linha 9, se o termo "desafios" fosse substituído por o desafio, a flexão de plural em "que se tornam" deveria ser substituída pela flexão de singular.
A sequência obtida é:
a) V-F-V-V-F
b) V-V-F-F-V
c) F-V-V-F-F
d) F-F-V-V-V
e) F-V-V-F-V
Gabarito: Alternativa C.
O primeiro item é errado, pois o deslocamento de "pós-estruturalista" altera o sentido do texto, tendo em vista que o termo qualificava "enquadramento", passando a adjetivar "teoria da comunicação." (l. 1)
A análise apresentada no segundo item é adequada, visto que, alterando-se "o que" por "a que", apesar de haver pequena alteração no sentido do texto, ainda assim é conservada sua coerência: "o" em "o que" funciona como pronome demonstrativo, sendo referente à "comunicação eletronicamente mediada" (l. 2). Já em "a que" é o pronome relativo "que" que possui como antecedente "comunicação eletronicamente mediada". Também é importante frisar que ocorre alteração de ordem sintática, porquanto a regência do verbo

"chamar", no sentido de qualificar, tanto pode ser transitivo direto como transitivo indireto, regendo a preposição "a". Sendo assim, no primeiro caso, o verbo era transitivo direto e no segundo, transitivo indireto.

O terceiro item apresenta uma informação verdadeira, uma vez que o texto procura demonstrar a transformação que o "sujeito familiar" acaba sofrendo por imposição da comunicação eletronicamente mediada. Ele sofre uma reconfiguração, saindo do padrão racional e autônomo, constituindo-se em um múltiplo, descentrado, disseminado e instável, formando, por fim, o que o texto denomina de sujeito familiar moderno.

O quarto item possui um erro, pois, ao substituir-se "como" por "por", a ideia de comparação se desfaz, e o valor agente é inserido: O sentido "Ele é interpelado tal qual uma identidade instável" é substituído por "Uma identidade instável o interpela.

O último item contém um comentário falso, dado que o pronome relativo "que" poderia ter como antecedente "desafio" ou a composição "tanto perigos como desafio", podendo o verbo ocorrer no singular ou no plural.

Leia o texto para responder à questão 3.

Boa parte de nossa infelicidade ou aflição nasce do fato de vivermos rodeados (por vezes esmagados ou algemados) por mitos. Nem falo dos belos, grandiosos ou enigmáticos mitos da Antiguidade Grega. Falo, sim, dos mitinhos bobos que inventou nosso inconsciente medroso, sempre beirando precipícios com olhos míopes e passo temeroso. Inventam-se os mitos, ou deixamos que aflorem, e construímos em cima deles a nossa desgraça.

(Lya Luft, "Faxina nos mitos". *Veja*, 20 de abril, 2005, com adaptações)

3. (Técnico da Receita Federal – Esaf) Julgue os seguintes itens a respeito das estruturas linguísticas do texto:

I. De acordo com as regras gramaticais, o verbo da primeira oração do texto poderia ser empregado tanto no singular quanto no plural.

II. É pela flexão de número no verbo da oração subordinada, "que inventou nosso inconsciente medroso"(l. 3/4), que são identificados o sujeito e o objeto dessa oração.

III. A ideia de "sempre beirando precipícios com olhos míopes e passo temeroso"(l. 4 e 5) constitui uma forma figurativa para explicar "mitinhos"(l. 3).

IV. O desenvolvimento do texto mostra que inventar e deixar aflorar são empregados para indicar a passividade dos mitos na sua criação.

Estão corretos apenas:

a) I e II;

b) I e III;

c) II e III;

d) III e IV;
e) II e IV.

Gabarito: Alternativa E.

O primeiro comentário é inadequado, visto que a forma verbal "nasce" concorda com "Boa parte". A concordância atrativa, no plural, seria cabível, se o termo mais próximo estivesse no plural.

O segundo comentário é perfeito, porquanto só há a certeza de que "nosso inconsciente medroso" funciona como sujeito, em virtude de a forma verbal "inventou" estar no singular. Se o verbo estivesse no plural, haveria a indicação de que o pronome relativo "que", referente a "os mitinhos bobos", seria sujeito. Contudo, também não há como negar que esta possibilidade gramatical geraria incoerência textual.

O termo "sempre beirando precipícios com olhos míopes e passo temeroso", constante no terceiro item, qualifica "nosso inconsciente medroso", não possuindo qualquer relação com "mitinhos".

O último período apresenta uma assertiva verdadeira, porquanto o termo "os mitos" funciona como sujeito paciente de "inventaram-se". Também há a ideia passiva na segunda estrutura, já que a ideia é de "deixar" aflorar os mitos.

4. (Técnico da Receita Federal – Esaf) No trecho abaixo, foram inseridos erros no que respeita ao emprego da norma gramatical padrão. Para eliminá-los do trecho, foram propostas seis alterações. Analise-as e responda ao que se pede.

O ministro da Controladoria Geral da União, Waldir Pires, escreveu uma longa carta a Oded Grajew, na qual reconhece que o Brasil ainda carece de ações preventivas no combate à corrupção. Diante de uma máquina estatal pouco transparente e que reage as tentativas de publicidade das suas ações, o País surpreende-se com os casos de corrupção, e só os descobre quando já são esquemas consolidados e milionários.

Waldir Pires afirma que vem mudando essa realidade. Criou o Portal da Transparência e o sistema de auditoria por sorteio, estabeleceu convênio para troca de informações com o Ministério Público, articulou-se com a Polícia Federal em diversas operações que a PF realizou nos últimos anos.

A carta do ministro para Oded, tornada pública, gerou uma segunda carta, dessa vez do presidente da União Nacional dos Analistas e Técnicos de Finanças e Controle (Unacon), Fernando Antunes, que reconhece o desejo real da CGU de tornar o Estado brasileiro mais transparente. Consequentemente admite a existência de uma queda-de-braço entre setores do governo. Nem a todos interessa a publicidade dos atos governamentais.

(Adaptado de Rudolfo Lago, *Correio Braziliense*, 24/10/2005)

Alterações propostas:

I. Usar o acento grave para indicar ocorrência de crase na expressão "reage as tentativas" (l. 4).
II. Alterar a configuração morfossintática do final do primeiro parágrafo para: só descobrindo-os quando já são esquemas consolidados e milionários.
III. Desenvolver a oração reduzida da linha 11 na seguinte oração adverbial: quando se tornou pública.
IV. Substituir "Consequentemente" (l. 14) por Mas.
V. Reescrever a última oração do terceiro parágrafo assim: Não são todos que se interessam pela publicidade dos atos governamentais.
Indique a opção que relaciona apenas as alterações necessárias para eliminar os erros gramaticais do trecho.
a) I, IV e V.
b) I, II, III, e IV.
c) I e IV.
d) II e IV.
e) III, IV e V.
Gabarito: Alternativa C.
O primeiro comentário é adequado, visto que a preposição "a" é exigência do verbo "reagir". A frase tanto ficaria correta com "a" como com "às", lembrando ser o artigo facultativo antes de substantivo no plural.
O segundo comentário não é correto, uma vez que o termo invariável "só" atrai o pronome oblíquo, exigindo a próclise. Além disso, a questão exige que a reescritura se faça necessária, ou seja, a frase original teria que estar errada, o que não ocorre neste caso.
No terceiro comentário, a proposta de reescritura é adequada, contudo a estrutura original também era. Sendo assim, não é necessária a alteração.
O quarto item apresenta uma alteração efetivamente necessária, já que é claro não ocorrer uma relação de causa-efeito, mas sim a oposição entre a ideia exposta anteriormente – o desejo real da CGU de tornar o Estado brasileiro mais transparente – e o fato de a publicidade dos atos governamentais não ser de interesse de todos os setores do governo. Sendo assim, faz-se necessária a substituição de "consequentemente" por um conector de caráter adversativo.
No último item, apesar de a reescritura proposta no último item estar perfeita, ela se torna desnecessária, dado que o texto original também já se encontrava escorreito.

5. (Tribunal de Justiça da Bahia – 2005 – Cespe – UnB)
Não há dúvida de que, no início do século XXI, os Estados Unidos da América chegaram mais perto do que nunca da possibilidade de constituição de um "império mundial". Mas,

se o mundo chegasse a esse ponto e constituísse um império global, isso significaria – ao mesmo tempo e por definição – o fim do sistema político interestatal. E o mais provável, do ponto de vista econômico, é que tal transformação viesse a significar também o fim do capitalismo. Em uma linguagem mais próxima da física e da termodinâmica do que da dialética hegeliana, pode-se dizer que a expansão do poder global na direção do império mundial é, ao mesmo tempo, uma força que levaria o sistema mundial à entropia, ao provocar sua homogeneização interna e o desaparecimento das hierarquias e conflitos responsáveis pelo dinamismo e pela ordem do próprio sistema.
(José Luís Fiori. *Correio Braziliense*, 25/12/2004 – com adaptações).
Em relação ao texto acima, julgue os itens que se seguem.

1 O emprego da preposição "de" em "Não há dúvida de que" (l. 1) justifica-se pela regência da forma verbal "há".

2 Como na sequência há um complemento oracional, a omissão da preposição "de" em "Não há dúvida de que" (l. 1) também estaria de acordo com as exigências da norma escrita culta.

3 Como o primeiro período do texto apresenta ideia relativa a um único país, o emprego do verbo chegar no singular — chegou — estaria de acordo com as exigências de concordância da norma escrita culta, sem necessidade de outras alterações no texto.

4 Mantêm-se a correção gramatical do período e as informações originais do texto ao se eliminar a palavra sublinhada em "mais perto do que nunca" (l. 2).

5 O emprego do futuro do pretérito em "significaria" (l. 4) é decorrente do emprego de estrutura antecedente que tem valor condicional, formada por verbo no imperfeito do subjuntivo.

6 Pelos sentidos do texto, é correto inferir que a palavra "entropia" (l. 9) está sendo empregada com o significado de equilíbrio, organização.

7 Para o trecho "que levaria (...) à entropia" (l. 8-9), estaria também de acordo com as exigências da norma escrita culta qualquer uma das seguintes reescrituras: que levaria a entropia ao sistema mundial, que levaria à entropia o sistema mundial, que iria levar o sistema mundial à entropia.

8 **Infere-se das informações e dos sentidos do texto que o dinamismo e a ordem do sistema político interestatal em vigor atualmente no mundo podem prescindir de hierarquias e conflitos.**

Gabarito 1: Errado. O uso da preposição "de" é decorrente da regência de "dúvida".
Gabarito 2: Certo. Nas orações subordinadas substantivas objetivas indiretas e nas orações subordinadas substantivas completivas nominais, é comum a preposição ser suprimida, vide comentário realizado no ***bizu*** do item 24.3.1.7.
Gabarito 3: Errado. Quando o título é precedido de determinante, no caso o artigo, o verbo é obrigado a concordar com o determinante, só cabendo o verbo no plural.
Gabarito 4: Certo. Neste livro, há o esclarecimento de que, nas conjunções comparativas, a palavra "do" em "do que" é totalmente dispensável, sem gerar problemas tanto no aspecto semântico quanto no sintático.
Gabarito 5: Certo. O uso do futuro do pretérito em consequência da ocorrência do pretérito imperfeito do subjuntivo é correto. Cabe lembrar o capítulo de aspectos verbais, onde há a informação de que, quando se cria uma condição passada – pretérito imperfeito do subjuntivo –, a consequência deve ocorrer posteriormente (a essa condição passada), daí o emprego do futuro do pretérito.
Gabarito 6: Errado. O significado de "entropia" é medida de quantidade de desordem de um sistema", pois a argumentação do texto justamente sugere que a homogeneização do sistema, o desaparecimento das hierarquias e conflitos são responsáveis pelo dinamismo e pela ordem do próprio sistema. Ou seja, caso não haja heterogeneidade, hierarquia e conflitos, o sistema entrará em desordem.
Gabarito 7: Anulado. Todas as propostas de reescritura estão de acordo com a norma culta. No entanto, a primeira redação altera o sentido do texto, invertendo os objetos. Em virtude disso, o item foi anulado, pois, pela visão meramente gramatical, o item satisfaz a exigência; contudo, pelo aspecto semântico, a ideia original, na primeira estrutura, é alterada.
Gabarito 8: Errado. A interpretação do item encontra-se em desacordo com o texto, visto que o texto adverte que o dinamismo e a ordem do sistema são frutos das hierarquias e dos conflitos, não podendo, portanto, prescindir deles.

Leia o texto abaixo para responder às questões 6 a 9.
O QUE É... DECISÃO

1 No mundo corporativo, há algo vagamente conhecido como "processo decisório", que são aqueles insondáveis critérios adotados pela alta direção da empresa para chegar a decisões que o funcionário não consegue entender. Tudo começa com a própria origem da palavra "decisão", que se formou a partir do verbo latino *caedere* (cortar). Dependendo do prefixo que se utiliza, a palavra assume um significado diferente: "incisão" é cortar para dentro, "rescisão" é cortar de novo, "concisão" é o que já foi cortado, e assim por diante. E *dis caedere*, de onde veio "decisão", significa "cortar fora". Decidir é, portanto, extirpar de uma situação tudo o que está atrapalhando e ficar só com o que interessa.

10 E, por falar em cortar, todo mundo já deve ter ouvido a célebre história do não menos célebre rei Salomão, mas permitam-me recontá-la, transportando os acontecimentos para uma empresa moderna. Então, está um dia o rei Salomão em seu palácio, quando duas mulheres são introduzidas na sala do trono. Aos berros e puxões de cabelo, as duas disputam a maternidade de uma criança recém-nascida. Ambas possuem argumentos sólidos: testemunhos da gravidez recente, depoimentos das parteiras, certidões de nascimento. Mas, obviamente, uma das duas está mentindo: havia perdido o seu bebê e, para compensar a dor, surrupiara o filho da outra. Como os testes de DNA só seriam inventados dali a milênios, nenhuma das autoridades imperiais consultadas pelas litigantes havia conseguido dar uma solução satisfatória ao impasse.

21 Então Salomão, em sua sabedoria, chama um guarda, manda-o cortar a criança ao meio e dar metade para cada uma das reclamantes. Diante da catástrofe iminente, a verdadeira mãe suplica: "Não! Se for assim, ó meu Senhor, dê a criança inteira e viva à outra!", enquanto a falsa mãe faz aquela cara de "tudo bem, corta aí". Pronto. Salomão manda entregar o bebê à mãe em pânico, e a história se encerra com essa salomônica demonstração de conhecimento da natureza humana.

27 Mas isso aconteceu antigamente. Se fosse hoje, com certeza as duas mulheres optariam pela primeira alternativa (porque ambas teriam feito um curso de Tomada de Decisões). Aí é que entram os processos decisórios dos salomões corporativos. Um gerente salomão perguntaria à mãe putativa A: "Se eu lhe der esse menino, ó mulher, o que dele esperas no futuro?" E ela diria: "Quero que ele cresça com liberdade, que aprenda a cantar com os pássaros e que possa viver 100 anos de felicidade". E a mesma pergunta seria feita à mãe putativa B, que de pronto responderia: "Que o menino cresça forte e obediente e que possa um dia, por Vossa glória e pela glória

de Vosso reino, morrer no campo de batalha". Então, sem piscar, o gerente salomão ordenaria que o bebê fosse entregue à mãe putativa B.

38 Por quê? Porque na salomônica lógica das empresas, a decisão dificilmente favorece o funcionário que tem o argumento mais racional, mais sensato, mais justo ou mais humano. A balança sempre pende para os putativos que trazem mais benefício para o sistema.

(GEHRINGER, Max. *Você* S/A, jan. 2002)
(Transpetro – Petrobras – Cesgranrio)

6. Indique a opção na qual as frases "Se fosse hoje, com certeza as duas mulheres optariam pela primeira alternativa..." (l. 27-28) e "Aí é que entram os processos decisórios dos salomões corporativos." (l. 29-30) aparecem reescritas em um único período, sem alteração do sentido original.
a) Caso isso acontecesse nos dias atuais, as duas mulheres fariam a mesma escolha influenciadas pelas decisões de seu gerente salomão.
b) No mundo de hoje, as duas mulheres levariam em consideração para decidir os critérios do rei Salomão e escolheriam a primeira opção.
c) Atualmente, as duas mulheres poderiam escolher a primeira possibilidade levando em conta os interesses do sistema empresarial.
d) Com a nova mentalidade, a escolha das duas mulheres seria por não dividir a criança, já que conheceriam as regras empresariais.
e) Uma vez que hoje as duas mulheres optariam pela mesma alternativa, os "salomões corporativos" recorreriam a processos de decisão.
Gabarito: Alternativa E.
Normalmente, nesta questão, o candidato teria dúvida entre as alternativas A e E. No entanto, a opção A possui uma falha: retornando ao texto, torna-se evidente que as mulheres fariam a mesma escolha em virtude de terem realizado um curso de Tomada de Decisões. A resposta (alternativa E) denuncia um fato já bastante comentado no capítulo de conjunções: a relação entre condição e causa. No texto original, a conjunção "Se" possui valor de condição. Na reescritura, o conector "Uma vez que" acrescenta ao período um valor de causa. As duas conjunções introduzem situações anteriores, gerando grande proximidade de ideias. Também é mister informar que, no contexto, o termo "Aí" possui a ideia de "neste caso". Sendo assim, os processos decisórios seriam utilizados no caso de as duas mulheres fazerem a mesma opção.

7. Com base no período "Como os testes de DNA só seriam inventados dali a milênios, nenhuma das autoridades imperiais consultadas pelas litigantes havia conseguido dar uma solução satisfatória ao impasse." (l. 18-20), pode-se inferir que:

a) os testes de DNA poderiam contribuir para a solução do problema;

b) as soluções encontradas pelas autoridades não satisfizeram às litigantes;

c) as supostas mães das crianças consultaram as autoridades para resolver o impasse;

d) só dali a muitos anos os cientistas inventariam os testes de DNA;

e) não havia autoridade imperial capaz de resolver o impasse.

Gabarito: Alternativa A.

Esta questão foi muito bem imaginada, possuindo quatro alternativas coerentes com o texto. A solução é observar o enunciado: lá a banca solicita ao candidato uma inferência textual (pode-se inferir que), não servindo como resposta algo explícito no texto. A alternativa B está explícita, visto que está presente no texto que as autoridades imperiais consultadas não deram uma solução satisfatória. A opção C também está explícita, dado que o texto fornece a informação de que houve autoridades imperiais consultadas pelas mães-litigantes. A alternativa D também é recorrente ao texto, porquanto está exposto que os testes de DNA somente seriam inventados dali a milênios. A alternativa E é a única incoerente, dado que no texto fica evidente que nenhuma das autoridades imperiais "consultadas" conseguiu dar uma solução para o impasse, o que não quer dizer que obrigatoriamente nenhuma autoridade imperial conseguiria dá-la, havendo a possibilidade de autoridades não consultadas fazerem-no. A alternativa A é a resposta, em conformidade com a exigência feita no enunciado, ou seja, uma inferência (dedução) a partir dos elementos do texto. Pode-se deduzir que o impasse, nos dias atuais, poderia ser solucionado através dos testes de DNA. É fundamental frisar que o texto não informa que os testes de DNA poderiam contribuir para a solução do problema, no entanto é uma conclusão que o leitor poderia extrair do fragmento.

8. Por meio de uma carta, os funcionários aos superiores.

Com respeito à regência, a forma verbal que preenche adequadamente a lacuna acima é:

a) chamaram;

b) convidaram;

c) cumprimentaram;

d) pressionaram;

e) responderam.

Gabarito: Alternativa E.

Questão de regência em que os verbos apresentados nas alternativas B, C e D somente poderiam funcionar sem preposição. O verbo "chamar", no sentido de mandar vir, convocar, é transitivo direto, regendo, portanto, sem preposição. No entanto, também é cabível o uso da preposição "por" (chamar pelos superiores). Se este verbo estivesse no sentido de "qualificar", tanto poderia ser transitivo direto como indireto, regendo a preposição A. A alternativa E é a única que contém um verbo que, neste contexto, rege a preposição, sendo, portanto, a resposta.

9. Assinale a opção em que o sinal de dois-pontos tem a mesma função apresentada em "Mas, obviamente, uma das duas está mentindo: havia perdido o seu bebê e, para compensar a dor, surrupiara o filho da outra." (l. 16-18)

a) O diretor apresentou dados convincentes: a pesquisa de opinião, o último balanço da empresa e cartas de clientes.

b) Os critérios adotados para admissão de funcionários são sempre os mesmos: organização, competência e capacidade de trabalhar em equipe.

c) Tomar decisões em momentos de crise pode ser danoso: muitas vezes um impulso substitui o bom-senso.

d) Dois motivos o levaram a pedir demissão: uma nova oferta de trabalho e a possibilidade de trabalhar no exterior.

e) Quando soube que não seria promovido, ele fez o seguinte: mandou uma carta para a vice-presidência e marcou uma reunião com a equipe.

Gabarito: Alternativa C.

O sinal de dois-pontos no texto original tem como função introduzir uma causa para a ideia exposta na oração anterior, podendo inclusive ser substituído por uma conjunção subordinativa causal: "Mas, obviamente, uma das duas está mentindo, porque havia perdido o seu bebê e, para compensar a dor, surrupiara o filho da outra." Nas alternativas A, B, D e E, o sinal de dois-pontos está sendo utilizado tão somente para introduzir apostos. Na alternativa C, o sinal de dois-pontos efetivamente possui o mesmo caráter da frase do enunciado: Tomar decisões em momentos de crise pode ser danoso, porque muitas vezes um impulso substitui o bom-senso.

10. (Técnico Judiciário – Concurso TRE-AL – Cespe – UnB) Na cidade de Atenas, considerava-se cidadão (thetes) qualquer ateniense maior de 18 anos que tivesse prestado serviço militar e que fosse homem livre. Da reforma de Clistenes em diante, os homens da cidade não usariam mais o nome da família, mas, sim, o do demos a que pertenciam. Manifestariam sua fidelidade não mais à família (gens) em que haviam nascido, mas à comunidade (demói) – em que viviam, transferindo sua afeição de uma instância

menor para uma maior. O objetivo do sistema era a participação de todos nos assuntos públicos, determinando que a representação popular se fizesse não por eleição, mas por sorteio.
(Internet: http://www.educaterra.terra.com.br/voltaire/politica/democracia2.htm.
Acesso em 16/7/2004 (com adaptações).)
Considerando o texto acima, julgue os itens a seguir.

1. **A estrutura em voz passiva "considerava-se" (l. 1) poderia ser substituída por outra forma de passiva, era considerado, sem comprometer a coerência do texto.**

2. **A correção gramatical e a coerência textual seriam mantidas ao se retirar o pronome "que" (l. 2).**

3. **O emprego de futuro do pretérito em "usariam" (l. 3) e "Manifestariam" (l. 4) indica que as ações expressas por essas formas verbais devem ser consideradas a partir da "reforma de Clistenes" (l. 2-3).**

4. **Por se tratar de uso opcional, a retirada da preposição em "a que" (l. 4) preservaria a correção gramatical e a coerência do texto.**

5. **Mantém-se o respeito às regras de regência da forma verbal "transferindo" (l. 6) e à correção gramatical do período ao se substituir a preposição "para" (l. 6) por à.**

6. **De acordo com a argumentação do texto, a expressão "instância menor" (l. 6) deve ser compreendida como a comunidade do cidadão.**

7. **Depreende-se do texto que a representação popular por meio de sorteio era considerada mais adequada do que a eleição, para propiciar a participação de todos os cidadãos nos assuntos públicos de Atenas.**

Gabarito 1: Certo. O comentário é adequado, uma vez que o verbo "considerar" é transitivo direto que, com a presença do pronome apassivador "se", forma a voz passiva sintética. É feita a proposta de alteração para a voz passiva analítica, acrescentando-se o verbo auxiliar "ser" no mesmo tempo da estrutura original, o pretérito imperfeito do indicativo. Sendo assim, está havendo apenas a substituição de uma forma passiva por outra e a coerência textual não fica prejudicada, visto que os tempos verbais são respeitados.
Gabarito 2: Certo. Questão de paralelismo sintático, em que há duas orações subordinadas adjetivas, introduzidas por pronomes relativos, relacionadas a apenas uma oração

principal. Como os dois pronomes relativos QUE, na linha 2, são referentes a "qualquer ateniense maior de 18 anos" (linhas 1-2), basta usar apenas o primeiro, ficando o segundo subentendido. É sempre importante lembrar que, em situações de paralelismo, o elemento repetido pode ser suprimido.

Gabarito 3: Certo. O tempo futuro do pretérito, como a própria nomenclatura sugere, indica uma consequência futura de um fato passado. Fica claro que o fato passado é a "reforma de Clistenes que gera dois efeitos:

"Os homens da cidade não usariam mais o nome da família, mas, sim, o do demos a que pertenciam"; e "manifestariam sua fidelidade não mais à família (*gens*) em que haviam nascido, mas à comunidade (*demói*) em que viviam".

Gabarito 4: Errado. A preposição "a" não pode ser extraída, pois sua ocorrência é exigida pela regência do verbo "pertencer": algo pertencer **a** alguém.

Gabarito 5: Errado. Este comentário nunca poderia ser adequado, visto que não se pode usar "a" com acento grave antecedendo artigo indefinido.

Gabarito 6: Errado. A instância menor, citada no texto, é a família, a que anteriormente o cidadão era fiel e cujo nome usava. Da reforma de Clistenes em diante, o homem passa a usar o nome da comunidade a que pertenciam (demói), sendo fiel a ela.

Gabarito 7: Certo. É cabível inferir do último período "O objetivo do sistema era a participação de todos nos assuntos públicos, determinando que a representação popular se fizesse não por eleição, mas por sorteio." que o sorteio propiciaria participação mais efetiva da comunidade nos assuntos públicos, se comparado ao sistema de eleições.

11. (Administrador – BNDES – NCE) Em texto da *Folha de São Paulo*, um morador das margens de uma grande rodovia declarava o seguinte:

Hoje já passaram por aqui milhares de caminhões e automóveis, mas eu e minha família já estamos habituados com isso; os garotos até brincam, jogando pedra nos pneus.

Há, nesse texto, um conjunto de palavras cujo significado depende da enunciação, ou seja, da situação em que o texto foi produzido. Entre as alternativas abaixo, aquela que indica um termo que não está nesse caso é:

a) hoje;
b) aqui;
c) eu;
d) minha família;
e) isso.

Gabarito: Alternativa E.

Questão que trabalha o plano da enunciação – segundo o **dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**, o significado de *enunciado* é: "Ato individual de utilização da língua pelo

falante ao produzir um enunciado num dado contexto comunicativo". A situação referida teve um narrador, ocorreu num determinado tempo e lugar. Se essa mesma estória fosse contada por outro narrador, em lugar diferente e no dia seguinte, por exemplo, várias palavras necessariamente sofreriam alteração: "**Ontem** já passaram por **lá** milhares de caminhões e automóveis, mas **João** e **sua família** já estavam habituados com **isso**; os garotos até brincavam, jogando pedra nos pneus." Pode-se, portanto, observar que o único vocábulo que não sofreu alteração foi "isso".

12. (Administrador – BNDES – NCE) Uma indicação de como tomar-se determinado medicamento registrava: "tomar dois comprimidos, de dois tipos diferentes a cada duas horas". A frase, por ser ambígua, pode gerar confusão: tomar um ou dois comprimidos de cada tipo? A frase abaixo que não traz qualquer possibilidade de ambiguidade é:

a) Pedro e José encontraram-se com João.
b) A perturbação do chefe prejudicou o projeto.
c) O gerente falou com o cliente que mora perto do banco.
d) O funcionário, em sua sala, falou com o chefe.
e) Pedro encontrou o irmão entrando na loja.

Gabarito: Alternativa D.

A alternativa A gera uma dúvida: não se sabe se Pedro e José juntos encontraram-se com João, ou se cada um separadamente encontrou-se com João.

A alternativa B também possui uma ambiguidade: sem contexto, não há como se determinar se o chefe estava perturbando ou sendo perturbado. Inclusive tal situação cria dúvida quanto à função sintática de "do chefe": com valor agente (o chefe perturbando os outros e, por isso, prejudicando o projeto) – adjunto adnominal; com valor paciente (o chefe sendo perturbado e, por isso, prejudicando o projeto) – complemento nominal. Na alternativa C, não fica determinado quem mora perto do banco: o gerente ou o cliente. A opção E apresenta também uma ambiguidade, pois não se sabe quem entrou na loja: Pedro ou o irmão.

Leia o texto abaixo para responder às questões 13 e 14.

Falei de esquisitices. Aqui está uma, que prova ao mesmo tempo a capacidade política deste povo e a grande observação de seus legisladores. Refiro-me ao processo eleitoral. Assisti a uma eleição que aqui se fez em fins de novembro. Como em toda a parte, este povo andou em busca da verdade eleitoral. Reformou muito e sempre; esbarrava-se, porém, diante de vícios e paixões, que as leis não podem eliminar. Vários processos foram experimentados, todos deixados ao cabo de alguns anos. É curioso que alguns deles

coincidissem com os nossos de um e de outro mundo. Os males não eram gerais, mas eram grandes. Havia eleições boas e pacíficas, mas a violência, a corrupção e a fraude inutilizavam em algumas partes as leis e os esforços leais dos governos. Votos vendidos, votos inventados, votos destruídos, era difícil que todas as eleições fossem puras e seguras. Para a violência havia aqui uma classe de homens, felizmente extinta, a que chamam pela língua do país, *Kapangas* ou *kapengas*. Eram esbirros particulares, assalariados para amedrontar os eleitores e, quando fosse preciso, quebrar as urnas e as cabeças. Às vezes quebravam só as cabeças e metiam nas urnas maços de cédulas. Estas cédulas eram depois apuradas com as outras, pela razão especiosa de que mais valia atribuir a um candidato algum pequeno saldo de votos que tirar-lhe os que deveras lhe foram dados pela vontade soberana do país. A corrupção era menor que a fraude; mas a fraude tinha todas as formas. Enfim, muitos eleitores, tomados de susto ou de descrença, não acudiam às urnas.

(Machado de Assis. *A semana.* In: *Obra completa*. VIII. Rio de Janeiro: Aguilar. 1973. p. 757)

13. (Analista Judiciário – TRE – RJ – Cespe/UnB) Em relação ao texto, assinale a opção incorreta.

a) Após o termo "uma" (l. 1), subentende-se a elipse da palavra **esquisitice**.

b) Caso a expressão "aqui se faz" (l. 3) seja substituída por **aqui foi feita**, prejudica-se a correção gramatical do período.

c) Em "esbarrava-se" (l. 5), o termo "se" indica indeterminação do sujeito.

d) O emprego da vírgula após "paixões" (l. 5) justifica-se porque a oração subsequente é explicativa.

Gabarito: Alternativa B.

A alternativa A apresenta um comentário correto, visto que o artigo indefinido "uma" realmente sugere a ocorrência do termo presente no período anterior: "Falei de esquisitices. Aqui está uma **esquisitice**". A alternativa B é a resposta. Analisemo-la. O enunciado da questão solicita a opção errada. A substituição "aqui se fez" por "aqui foi feita" é perfeita, uma vez que houve tão-somente a reconstrução da frase com a voz passiva sintética no lugar da analítica, inclusive havendo o cuidado de se conservar o tempo verbal: o pretérito perfeito do indicativo (FEZ – FOI). Como nesta alternativa, está afirmado que a alteração prejudica a correção gramatical, fato que não ocorre, acaba por ser a resposta para o enunciado. A alternativa C apresenta uma assertiva adequada, porquanto o pronome "se", ligado a um verbo intransitivo, na terceira pessoa do singular, com a indefinição (não a inexistência) do autor da ação de "esbarrar", funciona como índice de indeterminação do sujeito. O assunto presente na alternativa D vem sendo bastante explorado pelas bancas. O

candidato deve estar sempre atento à ocorrência de pontuação antes de pronome relativo. A palavra seguinte a "paixões" é o relativo "que", o qual, por sua vez, é precedido de vírgula. Não podemos esquecer que pronomes relativos, precedidos de vírgula, travessão ou parênteses, introduzem orações subordinadas adjetivas explicativas. Caso contrário, a oração será subordinada adjetiva restritiva.

14. (Analista Judiciário – TRE – RJ – Cespe/UnB) De acordo com o texto, julgue os itens a seguir.
I. A reiteração da palavra "votos" (l. 10-11) confere ênfase à ideia apresentada no período.
II. Pelos sentidos do texto, conclui-se que a palavras "esbirros" (l. 13) está sendo empregada com o mesmo significado que tem atualmente a palavra capanga.
III. A expressão "lhe foram dados" (l. 18) pode, sem prejuízo para a correção gramatical do período, ser substituída por foram dados a ele.
IV. A palavra "corrupção" (l. 19) está sendo empregada como sinônima de "fraude" (l. 19).
A quantidade de itens certos é igual a:
a) 1;
b) 2;
c) 3;
d) 4.
Gabarito: Alternativa C.
Há três itens corretos.
Item I – correto. Não era necessário o autor do texto escrever três vezes a palavra **votos**. Bastava a primeira. Como o autor reiterou o uso, torna-se evidente sua intenção de enfatizar, destacar a ideia presente naquele período.
Item II – correto. Mesmo que o candidato desconheça o significado da palavra "esbirros", torna-se bastante fácil deduzi-lo. A frase "Eram esbirros particulares, assalariados para amedrontar os eleitores e, quando fosse preciso, quebrar as urnas e as cabeças." possui o objetivo de definir o sentido de "*kapangas*" ou "*kapengas*", ocorrentes no sentido anterior.
Item III – correto. Como o pronome oblíquo é remissivo a "candidato", e o verbo "dar" rege, em referência à pessoa, a preposição "a", não há qualquer inconveniência gramatical ou semântica a substituição proposta.
Item IV – incorreto. A frase "A corrupção era menor que a fraude; mas a fraude tinha todas as formas." apresenta uma comparação entre "corrupção" e "fraude", ou seja, se um elemento é maior ou menor do que o outro, obviamente eles não podem funcionar como o mesmo ser.

Leia o texto abaixo para responder às questões 15 e 16.

Uma das condições principais da pós-modernidade é o fato de ninguém poder ou dever discuti-la como condição histórico-geográfica. Com efeito, nunca é fácil elaborar uma avaliação crítica de uma situação avassaladoramente presente. Os termos do debate, da descrição e da representação são, com frequência, tão circunscritos que parece não haver como escapar de interpretações que não sejam tão autorreferenciais. É convencional nestes dias, por exemplo, descartar toda sugestão de que a "economia" (como quer que se entenda essa palavra vaga) possa ser determinante da vida cultural, mesmo "em última instância". O estranho na produção cultural pós-moderna é o ponto até o qual a mera procura de lucros é determinante em primeira instância.
(David Harvey. *Condição pós-moderna*, p. 301, com adaptações)

15. (AFC – Esaf) Assinale a relação lógica que não se depreende do texto.
a) Ser uma situação presente é causa de não se poder discutir a pós-modernidade.
b) Elaborar uma avaliação crítica implica debater, descrever e representar.
c) Se há produção cultural, há a busca de lucros.
d) Se a pós-modernidade fosse uma condição histórico-geográfica, a economia seria determinante na vida cultural.
e) Interpretações autorreferenciais são frequentes como resultado de avaliações de uma situação presente.
Gabarito: Alternativa D.
A alternativa A apresenta uma dedução correta, visto que a relação causa-efeito se evidencia nos dois primeiros períodos. Infere-se do verbete que é muito mais fácil proceder a uma avaliação efetivamente crítica dos fatos pretéritos do que dos fatos presentes, então se torna espinhoso discutir a pós-modernidade, pois é justamente a época em que vivemos e, por isso, acabamos não sendo isentos.
A alternativa B é uma inferência do segundo e do terceiro período. "Os termos do debate, da descrição e da representação", que estruturam a elaboração da avaliação crítica, acabam se tornando prejudicados, em virtude de a análise ser relativa a tempo presente.
A alternativa C é uma conclusão do último período. Lá se informa que a mera procura de lucros é determinante em primeira instância na produção cultural pós-moderna.
A alternativa D é a resposta, pois expõe uma inferência inadequada ao texto. Inicialmente não se pode afirmar que a pós-modernidade é uma condição histórico-geográfica, e sim o fato de ninguém poder ou dever discutir a pós-modernidade. Também é indevido concluir do texto que a economia não é determinante na vida cultural, pois a visão não é dele e sim de terceiros (verbo "descartar" no infinitivo impessoal, indeterminando o sujeito da oração): "É convencional nestes dias, por exemplo, descartar toda sugestão de que a

"economia" (como quer que se entenda essa palavra vaga) possa ser determinante da vida cultural, mesmo "em última instância". E depreende-se que essa visão errônea de terceiros ocorre justamente pela dificuldade de se ter uma visão crítica dos fatos, quando eles ainda são presentes.

A alternativa E apresenta uma inferência perfeita do verbete, porquanto fica implícito que justamente a dificuldade de se fazer uma análise crítica da pós-modernidade provém do fato de estarmos vivendo esse período, fato que acaba por comprometer o estudo devido justamente ao nosso envolvimento que acaba por excluir a isenção do exame, gerando interpretações autorreferenciais.

16. (AFC – Esaf) Avalie as seguintes afirmações a respeito das estruturas linguísticas do texto para assinalar a opção correta.

I. O singular do verbo da primeira oração do texto deve-se à expressão "Uma das" (l. 1); se, em seu lugar, fossem empregados termos que mantivessem o sujeito no plural, como por exemplo, Entre as, o verbo deveria ser flexionado necessariamente no plural.

II. Na linha 4, a opção pelo verbo "parece", iniciando a oração, exige o emprego de uma forma impessoal de verbo no seu desenvolvimento: daí o uso de singular em "não haver como escapar" (l. 4/5).

III. O emprego da preposição da preposição de é obrigatória antes do pronome relativo "que" (l. 6), pois aí se inicia uma oração subordinada que completa a ideia de "sugestão" (l. 7).

IV. A palavra "mesmo" (l. 7), empregada com valor adverbial de ainda que, sugere que o autor antecipa uma rejeição ao argumento que explicita na oração anterior.

A quantidade de itens corretos é:

a) 0;
b) 1;
c) 2;
d) 3;
e) 4.

Gabarito: Alternativa B (Atenção: gabarito alterado no recurso de C para B)

Item I – Errado. O comentário não é procedente, uma vez que a substituição proposta causa, até mesmo, incoerência. Além disso, o verbo poderia concordar com o termo "o fato".

Item II – Errado – A ocorrência do verbo "parecer" não exige necessariamente a presença de um verbo impessoal, por exemplo: Parece estarem presentes mais pessoas hoje do que ontem.

Item III – Errado. A banca considerou, inicialmente, este item correto, alterando-o após a análise dos recursos. Há alguns problemas importantes a serem examinados: o "que" citado não é pronome relativo, mas sim conjunção integrante; também é interessante observar que, na visão inicial com o item correto, fica indicado que o uso da preposição nas orações completivas nominais seria obrigatória, contrariando, até mesmo, a visão do Cespe-UnB, conforme se evidencia no item 2 da questão 5 deste capítulo.
Item IV – Certo. A assertiva é pertinente, pois é característica da concessão sugerir uma oposição – ou rejeição – ao outro fato exposto.

Leia o seguinte texto para responder à questão 17.

A entrada dos anos 2000 têm trazido a reversão das expectativas de que haveria a inauguração de tempos de fraternidade, harmonia e entendimento da humanidade. Os resultados das cúpulas mundiais alimentaram esperanças que novos tempos trariam novas perspectivas referentes a qualidade de vida e relacionamento humano em todos os níveis. Contudo, o movimento que se observa em nível mundial sinaliza perdas que ainda não podemos avaliar. O recrudescimento do conservadorismo e de práticas autoritárias, efetivadas à sombra do medo, tem representado fonte de frustração dos ideais historicamente buscados.
(Roseli Fischmann, *Correio Braziliense*. 26/8/2002, com adaptações)
17. (Auditor Fiscal da Previdência Social – Esaf) Para que o texto fique gramaticalmente correto é obrigatória:
I. A retirada do acento de "têm" (l. 1).
II. A retirada da preposição antes de "que haveria (l. 1).
III. A inserção da preposição de diante de "que novos tempos" (l. 3).
IV. A inserção do sinal indicativo de crase em "a qualidade" (l. 4).
V. A substituição da expressão "em nível mundial" (l. 5) por mundialmente.
VI. A substituição de "efetivadas" (l. 7) por efetivados.
VII. A inserção do acento circunflexo em "tem" (l. 7).
a) Apenas I e III estão corretos.
b) Apenas I, IV e V estão corretos.
c) Apenas II, III, IV e V estão corretos.
d) Apenas III, IV, V, VI e VII estão corretos.
e) Todos os itens estão corretos.
Gabarito: Alternativa A.

A alteração proposta no item I é obrigatória, visto que o sujeito de "têm trazido" é "A entrada dos anos 2000", cujo núcleo é "entrada", impossibilitando o verbo de flexionar-se no plural.
A alteração proposta no item II não é necessária, visto que "expectativas" rege a preposição DE, EXPECTATIVAS DE...
A alteração proposta no item III é obrigatória na visão da Esaf, contradizendo o Cespe-UnB. Realmente o nome "expectativas" rege a preposição "de"; contudo a sua complementação se dá com uma oração, não com termo não oracional. É normal nas orações subordinadas substantivas objetivas indiretas e completivas nominais, a preposição ser suprimida, como foi mostrado no item 2 da questão 5 deste capítulo. No entanto, a Esaf considera, pelo menos na completiva nominal, obrigatória a inserção da preposição. Observe também o item III da questão 16 deste capítulo.
A alteração proposta no item IV não se faz necessária, porquanto a frase original já está escorreita. Há aqui uma estrutura paralela, em que o autor preteriu o artigo, utilizando, apenas em uma oportunidade, a preposição "A" – exigência de "referentes" – regendo "qualidade de vida" e "relacionamento humano" (observar o item 17 do capítulo 25.4).
A alteração proposta no item V também não é necessária, visto que a estrutura original está correta, e a proposição de reescritura também o está; sendo assim, não é obrigatória a alteração.
A alteração proposta no item VI também não é necessária, já que a construção original está correta.
O adjetivo "efetivadas" concorda atrativamente com "práticas autoritárias", e "efetivados" concorda por soma com "conservadorismo" e "práticas autoritárias".
A alteração proposta no item VII é inadequada, uma vez que o verbo "tem representado" concorda com "recrudescimento", devendo, portanto, flexionar-se no singular, ou seja, sem acento.

18. (Auditor Fiscal do Trabalho – Esaf) Julgue como verdadeiros (V) ou falsos (F) os itens a respeito do texto abaixo.
Uma única inovação ocorrida no século XV teve enorme influência para o progresso, a inclusão social e a redução da pobreza. Foi a invenção do conceito de capital social pelo frei Luca Paccioli, o criador da contabilidade. Antes de Luca Paccioli, um comerciante ou produtor que não pagasse suas dívidas poderia ter todas os bens pessoais, como casa, móveis e poupança, arrestados por um juiz ou credor.
Muitos cientistas políticos e sociólogos usam o termo capital social de forma equivocada, numa tentativa deliberada de confundir o leitor.
(Adaptado de Stephen Kanitz, "O Capital social". *Veja*. 12 de abril, 2006)

( ) Depreende-se da expressão "Uma única inovação" (l. 1) que as demais inovações ocorridas no século XV não resistem até hoje.
( ) Preservam-se a coerência textual e a correção gramatical ao trocar "invenção (l. 2) por criação e "criador" (l. 3) por inventor, respectivamente.
( ) Apesar de se classificar como artigo indefinido, o artigo "um" (l. 3) tem a função de determinar, no texto, "comerciante" (l. 4) e "produtor" (l. 4).
( ) Por integrar uma enumeração, a vírgula depois de "poupança" (l. 5) é facultativa e pode ser suprimida sem que se prejudique a correção gramatical do texto.
( ) Por constituir um valor oposto às informações do primeiro parágrafo, o período final do texto admite ser iniciado pelo conectivo. No entanto, seguido de vírgula, fazendo-se os ajustes nas iniciais maiúsculas.
A sequência correta é:
a) V V F V F
b) F V F F V
c) V F F F V
d) F V V F F
e) F F V V F
Gabarito: Alternativa B.
O primeiro comentário é absurdo, haja vista o descabimento de tal inferência. No início do texto, houve tão somente o destaque ao fato de a invenção do conceito de capital social possuir substanciosa importância para o progresso, a inclusão social e a redução da pobreza, não induzindo à compreensão de inexistirem outras invenções ocorridas no século passado que resistissem até hoje.
O segundo comentário é perfeito, até porque, no contexto, há a sinonímia entre os vocábulos.
O terceiro comentário é incorreto, visto que, como a própria nomenclatura sugere, o artigo indefinido não define, não determina. Observando-se o contexto, fica constatado que qualquer (não um específico ou determinado) comerciante ou produtor que não pagasse suas dívidas poderia ter todos os bens pessoais arrestados.
A afirmação contida no quarto item não se coaduna com a norma gramatical, uma vez que, havendo uma vírgula a finalizar o fragmento intercalado "como casa, móveis e poupança", não pode ser extraída aquela que o inicia.
O último item expõe uma assertiva correta, dado que há uma oposição entre o efetivo significado de capital social, criado por Luca Paccioli, e o sentido errôneo utilizado por muitos cientistas políticos e sociólogos. Sendo assim, é escorreito o uso da conjunção adversativa introduzindo o parágrafo conclusivo.

19. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – NCE) A VERDADE E A FANTASIA – Presidente do TJ/RJ

Um espectro ronda a Justiça brasileira neste final de ano: a Reforma do Judiciário. Espectro porque a realidade do Judiciário e a necessidade da sua reforma foram, nos últimos meses, deformados pelo "manto diáfano da fantasia".

Comemoramos o nosso dia (8 de dezembro) sob o fogo cruzado da má-vontade e da desinformação. O Judiciário não pode ser culpabilizado pelo que a mídia chama com exagero de impunidade. A polícia não prende, não investiga e nós, presos à aplicação da lei, pagamos o pato. Além disso, há um cipoal de leis, medidas provisórias que acabam por atravancar nossos corredores.

Temos oferecido à sociedade ideias e propostas de melhoria da prestação de Justiça. Um exemplo: o julgamento virtual, que acelera a tramitação, elimina papel e dispensa deslocamentos de advogados...

Entre o segundo e o terceiro parágrafos do texto, em função dos significados por eles veiculados, poderíamos inserir o conectivo:

a) apesar de;

b) porque;

c) ainda que;

d) contanto que;

e) nem.

Gabarito: Alternativa A.

Fica claro que a relação existente entre os parágrafos é de concessão: o fato de o Judiciário oferecer à sociedade ideias e propostas de melhorias do seu próprio trabalho não impede que a Justiça seja culpabilizada pelo que a mídia chama de impunidade. Sendo assim, haveria duas alternativas com conectores concessivos: A e C. No entanto, há uma pequena diferença entre os conectores: A locução prepositiva APESAR DE introduz um **fato concreto** que não altera o desfecho; já a locução conjuntiva AINDA QUE introduz um **fato hipotético** que não altera o desfecho. Se o terceiro parágrafo se iniciasse com AINDA QUE, haveria uma pequena alteração do sentido original, visto que não há hipótese, e sim, situação concreta. Não há dúvidas de que o Judiciário tem oferecido ideias e propostas (Apesar de o Judiciário oferecer à sociedade ideias e propostas de melhorias do seu próprio trabalho, a Justiça acaba sendo culpabilizada pelo que a mídia chama de impunidade). Se a resposta fosse "Ainda que o Judiciário ofereça à sociedade ideias e propostas de melhorias do seu próprio trabalho, a Justiça acabará sendo culpabilizada pelo que a mídia chama de impunidade", não haveria a certeza de a Justiça ter oferecido ou não à sociedade ideias e propostas). Caro candidato, nos Capítulos 10.2.2 e 22.7.2, este assunto foi abordado.

20. (AGU – NCE) Os adjetivos são uma classe de palavra que determina palavras em função substantiva e indicam características ou qualidades desses substantivos; o item com um adjetivo sublinhado com valor de característica é:

a) "Há um caminho **simples**: proibir";

b) "Pois cidadãos **responsáveis** e consumidores **conscientes** se forjam com informação";

c) "Não poderia haver reivindicação mais **justa**...";

d) "Sejam elas **ilegais**, **perigosas** ou socialmente condenáveis;

e) Para todo problema **complicado** há uma solução...".

Gabarito: Alternativa D.

O adjetivo com valor de característica é o que possui um atributo objetivo, ou seja, independe da opinião de seu usuário. Perceba que os adjetivos "simples" **(A)**, "responsáveis" **(B),** "conscientes" **(B),** "justa" **(C),** "perigosas" **(D)** e "complicado" **(E)** possuem valor subjetivo, ou seja, é uma adjetivação que sugere a opinião de quem o utiliza; portanto, o que pode ser simples, responsável, consciente, justo, perigoso e complicado para uns, pode não ser necessariamente para outros. Já o adjetivo "ilegais" **(opção D)** é uma adjetivação indiscutível, isto é, não há possibilidade de uma atitude ser considerada legal por uns e ilegal por outros.

21. (Agente de Polícia Federal – Cespe – UnB) A vida humana como valor jurídico

Vivemos sob a égide de uma Constituição que orienta o Estado no sentido da dignidade da pessoa humana, tendo como normas a promoção do bem comum, a garantia da integridade física e moral do cidadão e a proteção incondicional do direito à vida. Essa proteção é de tal forma solene que o atentado a essa integridade eleva-se à condição de ato de lesa-humanidade: um atentado contra todos os homens.

Afirma-se que a Constituição do Brasil protege a vida e que tudo aquilo que soa diferente é contrário ao Direito e por isso não pode realizar-se. Todavia, dizer que a vida depende da proteção da Carta Maior é superfetação porque a vida está acima das normas e compõe todos os artigos, parágrafos, incisos e alíneas de todas as constituintes.

A cada dia que passa, a consciência atual, despertada e aturdida pela insensibilidade e pela indiferença do mundo tecnicista, começa a se reencontrar com a mais lógica de suas normas: a tutela da vida. Essa consciência de que a vida humana necessita de uma imperiosa proteção vai criando uma série de regras que se ajustam mais e mais com cada agressão sofrida, não apenas no sentido de se criar dispositivos legais, mas como maneira de estabelecer formas mais fraternas de convivência. Este, sim, seria o melhor caminho.

Tudo isso vai sedimentando a ideia de que a vida de todo ser humano é ornada de especial dignidade, o que deve ser colocado de forma clara em defesa da proteção das

necessidades e da sobrevivência de cada um. Esses direitos fundamentais e irrecusáveis da pessoa humana devem ser definidos por um conjunto de normas que possibilitem que cada um tenha condições de desenvolver suas aptidões e suas possibilidades.
(Internet: http://www.dhnet.org.br/denuncia/tortura/textos/pericia.htm. Acesso em ago./2004 – com adaptações.)
Considerando as ideias e a estrutura do texto acima, julgue os itens de 1 a 5.

1 **O texto defende que a sociedade brasileira, apesar de vítima da violência do contexto tecnológico atual, tem por valor superafetado a proteção do direito à vida, garantido constitucionalmente.**

2 **Entre os pilares que sustentam a Carta Magna brasileira — a dignidade da pessoa, o respeito ao cidadão, a garantia da sua integridade, o fortalecimento do bem comum e o resguardo do direito à vida —, sobreleva-se este último, pela qualidade de incondicional.**

3 **É redundante afirmar que a Constituição do Brasil dá especial ênfase à defesa à existência no país, uma vez que a vida sobreleva-se a constituições sociais e está pressuposta em vários dispositivos legais.**

4 **O texto argumenta que é universal e incontestável a consciência de que urge o estabelecimento de formas mais fraternas de convivência no mundo atual.**

5 **O texto estrutura-se de forma dissertativa, com léxico predominantemente denotativo, apesar de haver palavras empregadas em sentido conotativo, a exemplo de "soa" e "ornada".**

Gabarito 1: Errado. O texto informa justamente o contrário, como esclarece o seguinte fragmento: "dizer que a vida depende da proteção da Carta Maior é superfetação (redundância) porque a vida está acima das normas e compõe todos os artigos, parágrafos, incisos e alíneas de todas as constituintes". Observe que no texto original, a palavra é "superfetação" que significa redundância, pleonasmo. No item, já aparece "superafetado", alterando completamente o sentido do texto. Portanto, a vida encontra-se sobre as normas.
Gabarito 2: Certo. Em conformidade com o texto, observa-se que a proteção incondicional do direito à vida é de tal forma solene que o atentado a essa integridade eleva-se à condição de ato de lesa-humanidade: um atentado contra todos os homens.

Gabarito 3: Errado. Realmente há redundância em tal atitude, no entanto a causa apontada é errada. "A vida sobreleva-se **às normas (não a constituições sociais)** e compõe todos os artigos, parágrafos, incisos e alíneas de todas as constituintes".
Gabarito 4: Errado. Não há no texto qualquer referência à necessidade de se ter percepção de que urge o estabelecimento de formas mais fraternas de convivência no mundo atual, mas sim de que é fundamental a concepção de que a vida humana precisa ser efetivamente protegida, sobretudo em virtude da consciência atual, que se encontra despertada e aturdida pela insensibilidade e pela indiferença do mundo tecnicista.
Gabarito 5: Certo. O texto é dissertativo, dado que nele está exposta a opinião do autor, seguida de argumentação que a defende. O vocabulário utilizado é predominantemente dissertativo, ou seja, as palavras não são utilizadas no sentido figurado, exceto "soa" e "ornada", cujos significados oficiais são respectivamente: ornamentar, enfeitar, adornar; emitir ou produzir som. No entanto, os vocábulos foram utilizados nos seguintes sentidos: que se fala, que se diz; é baseada, é fundamentada.

O Presidente da República, no uso da atribuição que lhe confere o art. 55, item I, da Constituição Federal, DECRETA:
Art. 1º. A Carreira Policial Federal far-se-á nas categorias funcionais de Delegado de Polícia Federal, Perito Criminal Federal, Censor Federal, Escrivão de Polícia Federal, Agente de Polícia Federal e Papiloscopista Policial Federal, mediante progressão funcional, de conformidade com as normas estabelecidas pelo Poder Executivo.
Art. 2º. A hierarquia na Carreira Policial Federal se estabelece primordialmente das classes mais elevadas para as menores e, na mesma classe, pelo padrão superior.
Art. 3º. O ingresso nas categorias funcionais da Carreira Policial Federal ocorrerá sempre no padrão I das classes iniciais, mediante nomeação ou progressão funcional.
(Internet: http://www.apcf.org.br. Acesso em ago./2004 – com adaptações.)
Quanto ao texto acima, julgue os itens a seguir.

6 **A colocação e a grafia de "DECRETA:" e a repetição de "Art." nos parágrafos, alterando o padrão regular, indica que se trata de um tipo específico de redação: é um texto legal, oficial.**

7 **No "Art. 1º.", a expressão verbal "far-se-á" equivale, sintática e semanticamente, ao desdobramento é feita.**

8 **No texto, as expressões grafadas com inicial maiúscula constituem unidades de sentido, classificadas como substantivos compostos, em que o recorrente adjetivo "Federal" faz parte do nome próprio.**

9 **A palavra "mediante", nos arts. 1º e 3º, está empregada com o sentido de por intermédio de.**

10 **Confrontando a redação dos dois últimos períodos, constata-se não haver paralelismo sintático com referência ao tempo verbal, uma vez que em um está sendo empregado o presente e no outro, o futuro do presente do modo indicativo.**

Gabarito 6: Certo. Trata-se efetivamente de redação oficial, em que o texto é caracterizado pela impessoalidade – os verbos são empregados na pessoa neutra, ou seja, a terceira pessoa do singular – e segue o padrão das normas da ABNT.
Gabarito 7: Errado. A equivalência sintática ocorre, visto que apenas está havendo alteração da voz passiva sintética para analítica. Contudo, semanticamente os sentidos diferem-se porquanto, na frase original, está sendo utilizado o futuro do presente do indicativo e, na reescritura, o presente do indicativo.
Gabarito 8: Certo. A Polícia Federal é um órgão, portanto o substantivo **Polícia** e o adjetivo **Federal** juntos formam apenas uma unidade significativa, caracterizando a composição. Tal ocorre também em todos os outros exemplos.
Gabarito 9: Certo. A ideia de meio se faz presente, também sendo cabível a substituição por "através de".
Gabarito 10: Certo. O paralelismo prevê equivalência sintática, portanto as estrutura devem ser similares e, consequentemente, os verbos deveriam ocorrer no mesmo tempo.

Ben Hur, um senhor de aspecto venerando, prepara-se para comemorar os seus 86 anos de vida. Homem grande e de olhar calmo, perito aposentado da Polícia Federal, é um perito à moda antiga: entrou para a Polícia Federal em 1955, após um curso ministrado pelo PCF Villanova (hoje, uma referência para os profissionais da área).
Foram 71 anos dedicados ao serviço público, pois antes trabalhou como guarda civil patrulhando o trânsito em uma motocicleta. Uma de suas memórias mais queridas foi ter participado da inauguração de um dos maiores estádios de futebol do mundo – o Maracanã –, em 1950.
A Polícia Federal foi minha casa, minha vida, orgulha-se o perito aposentado. Ele diz ainda que gostava muito do trabalho que realizava: "Fazia com muito amor e respeito".

Das 1.260 perícias realizadas, nenhum laudo cancelado. "Apenas um foi contestado, mas fui ao juiz e expliquei tudo. Deu tudo certo", afirmou. Ben Hur lembra que as técnicas periciais eram outras.

"A perícia no meu tempo era feita à mão. Também não tínhamos máquina fotográfica para auxiliar no trabalho", disse ele. Entre uma lembrança e outra, não esquece de elogiar seus atuais colegas. "Os peritos sempre foram muito respeitados".

Depois de tantos anos servindo a sociedade, hoje o perito aposentado aproveita seu descanso curtindo os netos, sem nunca deixar de reverenciar a querida esposa, falecida no início da década de 90, a quem ele, até hoje, dedica muito amor e carinho.

(*Idem*, *ibidem* – com adaptações.)

Os fragmentos seguintes, na ordem em que são apresentados, correspondem a reescrituras sucessivas dos parágrafos do texto acima. Julgue-os quanto à correção gramatical e à manutenção das ideias originais.

11 Ben Hur, um senhor de olhar calmo e venerável aparência, perito aposentado, ingressou na Polícia Federal à maneira de antigamente: depois de um curso ministrado por um profissional mais experiente que hoje é considerado uma referência na área da perícia.

12 Ben Hur trabalhou, inicialmente como guarda-civil, patrulhando o trânsito de motocicleta. Desta época, uma de suas recordações mais queridas foi ter tomado parte da inauguração do Maracanã, em 1950.

13 O perito aposentado afirmou, vaidosamente, que a Polícia Federal era a sua casa, a sua vida, e que apreciava muito da atividade que realizava com amor e respeito. Não teve cancelado sequer um dos mil, duzentos e sessenta laudos periciais realizados; apenas uma vez foi contestado, mas ele foi ao juiz e explicou tudo, saindo vitorioso ao final.

14 As técnicas periciais antigamente eram outras: a perícia era feita à mão, não existiam máquina fotográfica para auxiliar o trabalho; mesmo assim, os peritos sempre eram muito elogiados.

15 Por ser uma pessoa muito afetuosa, Ben Hur serviu à sociedade brasileira muitos anos, e agora, aposentado, aproveita o descanso, para cuidar dos netos e lembrar da querida esposa, falecida no início dos anos 90, cujo carinho e amor, até hoje, ele dedica.

Gabarito 11: Certo. Os vocábulos "venerando" e "venerável" são sinônimos tais quais "aspecto" e "aparência". Ben Hur é um perito à moda antiga, visto que ingressou no órgão à moda antiga, isto é, fazendo um curso com o perito Villanova – donde é cabível inferir que se para ingressar na função de perícia da Polícia Federal era necessário fazer um curso com Villanova, é porque este obviamente era mais experiente do que aquele. Por fim, também ficou explícito no período que Villanova é ainda hoje uma referência para os peritos.
Gabarito 12: Errado. Não é necessário proceder a grandes análises. Logo no início do período há uma falha de pontuação: já que foi utilizada uma vírgula antes do adjunto adverbial "inicialmente", que se encontra intercalado, deveria haver outra após.
Gabarito 13: Errado. Há falha de regência, pois o verbo "apreciar" é transitivo direto, não admitindo, pois, a presença da preposição DE.
Gabarito 14: Errado. Há falha de concordância verbal, pois, sendo o sujeito de "existiam" "máquina fotográfica", o verbo deveria encontrar-se no singular.
Gabarito 15: Errado. Há falha de regência verbal e de uso de pronome relativo. Os verbos "lembrar", "recordar" e "esquecer" regem a preposição "de" quando forem pronominais. Portanto, haveria duas formas de escrever o período: "lembrar-se da querida esposa" ou "lembrar a querida esposa". A utilização de "cujo" não é cabível, até por não haver a ideia de posse, devendo ser substituído por "a quem" ou "à qual". A preposição A é exigida pela regência do verbo "dedicar": dedicar carinho e amor **à** esposa.

22. (Delegado de Polícia Federal – Cespe – UnB) A análise que a sociedade costuma fazer da violência urbana é fundamentada em fatores emocionais, quase sempre gerados por um crime chocante, pela falta de segurança nas ruas do bairro, por preconceito social ou por discriminação. As conclusões dos estudos científicos não são levadas em conta na definição de políticas públicas. Como reflexo dessa atitude, o tratamento da violência evoluiu pouco no decorrer do século XX, ao contrário do que ocorreu com o tratamento das infecções, do câncer ou da Aids. Nos últimos anos, entretanto, estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais precisos para avaliar a influência dos fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes sociais da violência urbana: pobreza, impunidade, acesso a armamento, narcotráfico, intolerância social, ruptura de laços familiares, imigração, corrupção de autoridades ou descrédito na justiça.
(Dráuzio Varella. Internet: http://www.drauziovarella.com.br – com adaptações.)
Em relação ao texto acima, julgue os itens que se seguem.

1 **As informações do texto indicam que, além da consideração de "fatores emocionais" (l. 2) que geram violência, as políticas públicas voltadas para a segurança dos**

cidadãos baseiam-se frequentemente nas "conclusões dos estudos científicos" (l. 4) que focalizam esse tema.

2 A expressão "Como reflexo dessa atitude" (l. 5) introduz uma ideia que é uma consequência em relação à informação antecedente. Portanto poderia, sem prejuízo da correção e do sentido do texto, ser substituída pela palavra Consequentemente.

3 A substituição do termo "estão sendo desenvolvidos" (l. 7-8) por estavam se desenvolvendo provoca alterações estruturais sem alterar semanticamente a informação original nem transgredir as normas da escrita culta.

4 Na linha 9, o emprego do sinal indicativo de crase em "às raízes" justifica-se pela regência de "associados" e pela presença de artigo; o sinal deveria ser eliminado caso o artigo fosse suprimido.

5 Na linha 10, estaria gramaticalmente correta a inserção, entre a palavra "urbana" e o sinal de dois-pontos, de qualquer uma das seguintes expressões, antecedidas de vírgula: como, tais como, quais sejam, entre as quais se destacam.

6 É correto inferir do texto que houve evolução no tratamento de certas doenças porque estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais exatos para avaliar seus fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes da violência.

Gabarito 1: Errado. Na definição de políticas públicas, somente são levados em conta fatores emocionais que geram violência, não se dando importância às conclusões dos estudos científicos.

Gabarito 2: Certo. Reflexo, nesse contexto, é sinônimo de efeito, consequência. O termo "dessa atitude" é remissivo ao fato exposto no período antecedente. Destarte, "As conclusões dos estudos científicos não são levadas em conta na definição de políticas públicas" são as causas de "o tratamento da violência evoluir pouco no decorrer do século XX".

Gabarito 3: Errado. Não há alterações estruturais, uma vez que apenas ocorreu a transposição da voz passiva analítica para voz passiva sintética. No item, também é informado que não ocorreu alteração de ordem semântica, o que é uma inverdade: "estão sendo desenvolvidas" indica um fato presente; "estavam se desenvolvendo" indica um fato pretérito.

Gabarito 4: Certo. A regência do adjetivo "associados" exige a preposição "a" e, como o artigo é geralmente facultativo antes de substantivo no plural, pode-se construir a estrutura das seguintes formas: "associados às" e "associados a".

Gabarito 5: Certo. Observe que as inserções mantêm a correção gramatical e o sentido do texto: "Nos últimos anos, entretanto, estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais precisos para avaliar a influência dos fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes sociais da violência urbana**, como**: pobreza, impunidade, acesso a armamento, narcotráfico, intolerância social, ruptura de laços familiares, imigração, corrupção de autoridades ou descrédito na justiça."; "Nos últimos anos, entretanto, estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais precisos para avaliar a influência dos fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes sociais da violência urbana**, tais como**: pobreza, impunidade, acesso a armamento, narcotráfico, intolerância social, ruptura de laços familiares, imigração, corrupção de autoridades ou descrédito na justiça."; "Nos últimos anos, entretanto, estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais precisos para avaliar a influência dos fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes sociais da violência urbana**, quais sejam**: pobreza, impunidade, acesso a armamento, narcotráfico, intolerância social, ruptura de laços familiares, imigração, corrupção de autoridades ou descrédito na justiça."; "Nos últimos anos, entretanto, estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais precisos para avaliar a influência dos fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes sociais da violência urbana**, entre as quais se destacam**: pobreza, impunidade, acesso a armamento, narcotráfico, intolerância social, ruptura de laços familiares, imigração, corrupção de autoridades ou descrédito na justiça.".

Gabarito 6: Errado. A evolução de que trata esse item é referente à evolução do tratamento da violência nos últimos tempos, passando a levar em consideração as análises científicas mais precisas capazes de avaliar a influência dos fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes sociais da violência urbana.

Diversos municípios brasileiros, especialmente aqueles que se urbanizaram de forma muito rápida, não oferecem à população espaços públicos para a prática de atividades culturais, esportivas e de lazer. A ausência desses espaços limita a criação e o fortalecimento de redes de relações sociais. Em um tecido social esgarçado, a violência é cada vez maior, ameaçando a vida e enclausurando ainda mais as pessoas nos espaços domésticos.

(Internet: http://www.polis.org.br – com adaptações.)

Considerando o texto I, julgue os seguintes itens.

7 **A expressão "tecido social esgarçado" (l. 4) está empregada em sentido figurado e representa a ideia de que as estruturas sociais estão fortalecidas em suas instituições oficiais.**

8 **A inserção da palavra consequentemente, entre vírgulas, antes de "cada vez" (l. 5) torna explícita a relação entre ideias desse período e aquelas apresentadas anteriormente no texto.**

9 **A expressão "ainda mais" (l. 5) reforça a ideia implícita de que há dois motivos para o enclausuramento das pessoas: a falta de espaços públicos que favoreçam as relações sociais com atividades culturais, esportivas e de lazer e o aumento da ameaça de violência.**

Gabarito 7: Errado. É fato que "tecido social esgarçado" está sendo utilizado conotativamente, no entanto o sentido contextual indicado não está correto. O termo, no texto, significa estrutura social rompida, desgastada.
Gabarito 8: Certo. Existe a relação causa-efeito entre haver "um tecido social esgarçado" e consequentemente "a violência ser cada vez maior".
Gabarito 9: Certo. Realmente a falta de espaços públicos que favoreçam as relações sociais com atividades culturais, por si só, já geraria o enclausuramento das pessoas. Além disso, ainda ocorre o aumento da violência, criando mais um motivo para as pessoas não saírem de suas casas.

Entre os primatas, o aumento da densidade populacional não conduz necessariamente à violência desenfreada. Diante da redução do espaço físico, criamos leis mais fortes para controlar os impulsos individuais e impedir a barbárie. Tal estratégia de sobrevivência tem lógica evolucionista: descendemos de ancestrais que tiveram sucesso na defesa da integridade de seus grupos; os incapazes de fazê-lo não deixaram descendentes. Definitivamente, não somos como os ratos.
(Dráuzio Varella. Internet: http://www.drauziovarella.com.br – com adaptações.)

Acerca dos textos I e II, julgue os itens a seguir.

10 **Tanto no texto I como no II, a questão do espaço físico como um dos fatores intervenientes no processo de intensificação da violência é vista sob o prisma da densidade populacional excessiva.**

11 **Como a escolha de estruturas gramaticais pode evidenciar informações pressupostas e significações implícitas, no texto II, o emprego da forma verbal em primeira pessoa — "criamos"— autoriza a inferência de que os seres humanos pertencem à ordem dos primatas.**

12 **Por funcionar como um recurso coesivo de substituição de ideias já apresentadas, no texto II, a expressão "Tal estratégia de sobrevivência" retoma o termo antecedente "violência desenfreada".**

Gabarito 10: Errado. A ideia indicada no item vai ao encontro da exposta no texto I, no entanto o texto II a contradiz: "Entre os primatas, o aumento da densidade populacional não conduz necessariamente à violência desenfreada.". E como os homens descendem desses primatas, obtiveram sucesso na defesa da integridade de seus grupos.
Gabarito 11: Certo. É possível inferir tal informação, já que o aumento da densidade populacional, entre os primatas, não conduz necessariamente à violência desenfreada e, por isso, criamos (inclui autor, leitores e todos os seres humanos – primatas são os macacos, os antropóides e os homens) leis mais fortes para controlar os impulsos individuais e impedir a barbárie.
Gabarito 12: Errado. "Tal estratégia de sobrevivência" é remissivo à criação de leis mais fortes para controlar os impulsos individuais e impedir a barbárie.

Os fragmentos contidos nos itens subsequentes foram adaptados de um texto escrito por Ângela Lacerda para a Agência Estado. Julgue-os quanto à correção gramatical.

13 **O programa Escola Aberta, que usa as escolas nos fins de semana para atividades culturais, sociais e esportivas de alunos e jovens da comunidade reduziu os índices de violência registrados nos estabelecimentos e melhorou o aproveitamento escolar.**

14 **Em Pernambuco e no Rio de Janeiro, primeiros estados a adotarem o programa recomendado pela Unesco, o índice de redução de criminalidade para as escolas que implantaram o Escola Aberta desde o ano 2000 foi de 60% em relação às escolas que não o adotaram.**

15 **A maior redução da violência observada nos locais onde o programa tem mais tempo de existência mostram, segundo a Unesco, que os resultados vão se**

tornando melhores a longo prazo, ou seja, a proporção que a comunidade se apropiaria do programa.

Gabarito 13: Errado. A oração subordinada adjetiva explicativa está intercalada e é iniciada com vírgula no início, contudo não é concluída com o mesmo sinal de pontuação.
Gabarito 14: Certo. Não há qualquer falha de ordem gramatical.
Gabarito 15: Errado. Há três falhas: a forma verbal "mostram" deveria estar no singular, concordando com "a maior redução da violência"; "a proporção que" deveria estar com acento grave: À PROPORÇÃO QUE; e a ortografia de "apropiaria", sendo APROPRIARIA a forma correta.

23. (MPOG) Assinale a opção correta a respeito do uso das estruturas linguísticas no texto.
Os economistas brasileiros se concentram, no exame das causas da crise, na proposta de meios e modos de contorná-la. Com isso, não levam em conta dois pontos. O primeiro é que as medidas contra a crise, que vêm sendo adotadas tanto em países subdesenvolvidos como desenvolvidos, são fundamentalmente corretas. O segundo ponto é que a crise atual, como todas as anteriores, acabará, mais cedo ou mais tarde, por ser corrigida. E, quando isso ocorrer, se voltará às fórmulas neoliberais apenas com regulamentação mais estrita da atividade bancária.
(Adaptado de João Paulo Magalhães, *O que fazer depois da crise*. Correio Braziliense, 12 de setembro, 2009)
a) Seriam preservadas a correção gramatical e a coerência do texto ao usar o pronome em "contorná-la"(l.2) antes do verbo, escrevendo: **modos de a contornar**.
b) Para evitar as três ocorrências consecutivas de "que" (l.3 e 5), a retirada dessa conjunção antes de "a crise atual"(l .5) manteria a correção gramatical e a coerência do texto.
c) Na linha 3, o acento circunflexo em "vêm" indica que a concordância se faz com "medidas", mas estaria igualmente correto e coerente com a argumentação escrever o verbo sem acento, optando, então, pela concordância com "crise".
d) O pronome em "quando isso"(l.6) resume e retoma, em relações de coesão, o mesmo referente do pronome em "Com isso"(l.2), ou seja, o exame da crise feito pelos economistas.
e) Seriam respeitadas as regras gramaticais e as relações entre os argumentos ao empregar o verbo em "se voltará"(l.6) no plural, escrevendo **voltarão-se**.
Gabarito: Alternativa A

O único impedimento para o emprego da próclise é se o pronome oblíquo iniciar oração, o que não é o caso. Portanto, tanto se pode trabalhar com a próclise como com a ênclise, estando as construções MODOS DE CONTORNÁ-LA ou MODOS DE A CONTORNAR corretas.
Na alternativa B, para que seja suprimida a conjunção integrante, seria necessário reduzir a oração e transpor a forma verbal SÃO para o infinitivo: O primeiro é as medidas ... serem fundamentalmente corretas.
O início do comentário na alternativa C está correto. No entanto, a sequência apresenta comentário errado, pois se VEM estiver no singular, haveria incoerência e falha de concordância nominal, pois "adotadas" também deveria ocorrer no singular. Além disso, a intelecção do período seria absurda: A CRISE VEM SENDO ADOTADAS.
A alternativa D apresenta falha de coesão, pois o termo ISSO, nas duas ocorrências, é remissivo a termos distintos: No primeiro caso, refere-se a "Os economistas brasileiros se concentram, no exame das causas da crise, na proposta de meios e modos de contorná-la."; Já, no segundo caso, refere-se a "O segundo ponto é que a crise atual, como todas as anteriores, acabará, mais cedo ou mais tarde, por ser corrigida.".
Na alternativa E, há falha grosseira: verbos no futuro do presente do indicativo nunca admitem ênclise.

24. (APOFP) Em relação ao texto abaixo, assinale a opção correta.
A invasão israelense intensifica o ambiente de privações e ameaças à integridade física em que vivem os habitantes de Gaza. Além dos intensos bombardeios aéreos, que mataram centenas de palestinos – entre eles várias mulheres e crianças –, faltam víveres e medicamentos, e os cortes no fornecimento de água e luz são constantes. Ao que consta, pois Israel impede a entrada da imprensa no território invadido, o objetivo inicial da ação terrestre é isolar o norte da faixa litorânea, de onde parte a maioria dos ataques com foguetes contra o sul israelense, do restante do território palestino. A cidade de Gaza, com mais de 400 mil habitantes, foi sitiada. Além dos intoleráveis danos, humanos e materiais, que impõe aos palestinos, o estrangulamento militar desfechado por Israel está repleto de incertezas quanto à sua eficácia.
(*Folha de S. Paulo*, Editorial, 5/1/2009)
a) O sinal indicativo de crase em "à integridade"(l.1) justifica-se pela regência de "intensifica"(l.1) e pela presença de artigo definido feminino singular.
b) O segmento "de onde parte a maioria dos ataques com foguetes contra o sul israelense"(l.6 e 7) está entre vírgulas por tratar-se de oração subordinada adjetiva explicativa.
c) O emprego de vírgula após "aéreos"(l.2) justifica-se para isolar a oração de natureza restritiva subsequente.

d) A expressão "Ao que consta"(l.5) indica que os autores têm certeza absoluta da informação apresentada.
e) O pronome relativo "que"(l.2) retoma o sentido do termo antecedente: "integridade física".
Gabarito : Alternativa B.
Na alternativa A, há comentário incorreto visto que a presença da preposição A é decorrente da regência de AMEAÇAS.
O comentário da alternativa B é perfeito, pois ONDE – por poder ser substituído por O QUAL, formando DO QUAL – é pronome relativo antecedido de vírgula, caracterizando a oração subordinada adjetiva explicativa.
Já o comentário da alternativa C é absurdo, uma vez que a presença da vírgula nunca poderá indicar a presença de uma restrição. É justamente o oposto: a ausência da pontuação é que poderá caracterizar a restrição.
A alternativa D apresenta comentário inadequado, porquanto o autor, ao empregar a expressão "ao que consta" sugere ser uma informação de terceiros pela qual ele não se responsabiliza. Sendo assim, fica no campo da possibilidade, da hipótese, e não da certeza.
A alternativa E também apresenta comentário errado, pois o pronome relativo refere-se a "ambiente", inclusive podendo ser substituído por O QUAL, formando NO QUAL.

25. (AFTE-RN – Esaf) Marque a assertiva errada em relação ao seguinte texto:
O momento é de resgatar a essências, guiar-se pelo bom-senso e praticar a ética junto a consumidores, fornecedores, acionistas e comunidade. Num mundo estarrecido pelas guerras, pelo terrorismo e pelo imperialismo a qualquer preço, ganham admiração o diálogo, a transparência e a contribuição para uma sociedade melhor. Fora e dentro do meio empresarial.
a) Seria também correto escrever-se: o momento é de se resgatarem as essências.
b) Em "praticar a ética" seria correto empregar-se um índice de indeterminação do sujeito.
c) A preposição em "a consumidores" poderia ser contraída ao artigo definido masculino plural.
d) A forma "num" como em "num mundo" só poderia ser empregada em linguagem oral.
e) A forma verbal "ganham" poderia estar corretamente flexionada no singular.
Gabarito: Alternativa D.
Alternativa A. O comentário é correto, uma vez que, ao se acrescentar o pronome "se" à forma verbal "resgatarem", o termo "as essências", que funcionava como objeto direto, passa a ser sujeito, fazendo com que o verbo também se flexione.
Alternativa B. Alternativa polêmica, porquanto, havendo o acréscimo do pronome "SE", não ocorre a indeterminação do sujeito, e sim a voz passiva sintética: "praticar-se a ética".

Sob o ponto de vista semântico, o agente da ação de "praticar" está indeterminado, contudo o sujeito sintático passa a ser "a ética", tal qual aconteceu na alternativa A. Inclusive, passando-se o termo "a ética" para o plural, a forma verbal "praticar" deve acompanhar: "praticarem-se as éticas". Caro candidato, esta situação já foi explorada em outras provas realizadas pela Esaf, portanto você deve ter cuidado sempre que o verbo transitivo direto (na terceira pessoa do singular) estiver acompanhado do pronome SE. É possível que a Esaf classifique o SE como pronome apassivador, sendo o termo paciente sujeito; como também é possível que o classifique como índice de indeterminação do sujeito, tornando-se, por conseguinte, o sujeito indeterminado.

Alternativa C. Questão de paralelismo sintático, em que tanto se pode usar apenas a preposição "a" antes do bloco de termos que complementam a ideia de "junto" como também se pode empregar a preposição "a" combinada ao "os" (aos) antes do bloco: "aos consumidores, fornecedores, acionistas e comunidade". Ocorrem duas outras possibilidades de reescritura; pode haver a utilização apenas da preposição antes de cada termo: "a consumidores, a fornecedores, a acionistas e a comunidade"; pode haver a combinação de preposição e artigo antes de cada termo: "aos consumidores, aos fornecedores, aos acionistas e à comunidade".

Alternativa D: A combinação da preposição com artigo indefinido, não funcionando como sujeito, é de caráter facultativo. Destarte, tal emprego é correto não apenas na linguagem oral, mas também na escrita.

Alternativa E: Quando o verbo encontra-se antes de sujeito composto, tanto poderá concordar com a soma dos núcleos, conforme se observa no texto original, como poderá concordar com o mais próximo, consoante se propõe na alternativa.

26. (Auditor-Fiscal do Trabalho – Esaf) Assinale a opção de proposta de alteração para o texto que resulta em erro gramatical e/ou incoerência textual.

No atual estágio da sociedade brasileira, se se deseja um regime democrático, não basta abolir a necessidade de bens básicos. É necessário que o processo produtivo seja capaz de continuar, com eficiência, a produção e a oferta de bens considerados supérfluos. Em se tratando de um compromisso democrático, uma hierarquia de prioridades deve colocar o básico sobre o supérfluo. O que deve servir como incentivo para a proposta de casar democracia, fim da apartação e eficiência econômica em geral é o fato de que o potencial econômico do país permite otimismo quanto à possibilidade de atender todas essas necessidades, dentro de uma estratégia em que o tempo não será muito longo.

(Adaptado de Cristovam Buarque. *Da modernidade técnica à modernidade ética*, p. 29)

a) Substituir a relação expressa por "em que o tempo" (l. 18 e 19) pela relação expressa por **cujo tempo**.

b) Inserir o pronome indicativo de indeterminação de sujeito depois de "abolir"(l. 3), resultando em: **abolir-se**.
c) Retirar a preposição da expressão "Em se tratando" (l. 8), deslocando-se o pronome para depois do verbo e fazendo-se os ajustes nas iniciais maiúsculas; o que resulta em **Tratando-se**.
d) Inserir a preposição **a** antes de "todas essas necessidades"(l. 17).
e) Substituir o conectivo de valor condicional "se" (l. 2) por **caso**, resultando em: **caso se**.
Gabarito: Alternativa E.
A substituição de **se** por caso, levando à estrutura **caso se**, exigiria a alteração do tempo verbal do presente do indicativo – deseja – para o presente do subjuntivo – deseje.
As demais opções.
a) A substituição de **em que o** por **cujo** mantém a correção gramatical.
b) Inserir a partícula **se** após **abolir**, resultando em **abolir-se**, não provoca erro gramatical; mas, de acordo com as melhores gramáticas, essa partícula é **um pronome apassivador** e não "pronome indicativo de indeterminação do sujeito". O pronome indica a indeterminação do agente da ação verbal. Ainda segundo o entendimento gramatical predominante, com verbos que não admitem voz passiva, indicará a indeterminação do sujeito da voz ativa; com verbos que admitem voz passiva, indicará a indeterminação do agente da passiva. Essa divergência entre o entendimento da Esaf e o das gramáticas normalmente indicadas como modelo – Celso Cunha, Rocha Lima, Evanildo Bechara, Domingos Paschoal Cegalla etc. – pode também ser verificada na prova **da Enap**, a seguir.
c) A preposição "em" antes de gerúndio força a próclise; se a retirarmos, o verbo "tratando" iniciará o período, tornando a ênclise obrigatória, pois não é admitido pela norma culta que pronome oblíquo inicie frase ou período .
d) O verbo atender admite duas regências: transitivo direto ou transitivo indireto regendo a preposição a.

Leia o texto abaixo para responder à questão 27
As pesquisas desenvolvidas nos vários centros nacionais e internacionais, tanto em animais quanto em seres humanos, têm demonstrado que o tratamento regenerativo com células-tronco está deixando de ser uma utopia, podendo tornar-se importante recurso para o tratamento de diversas doenças. As pesquisas mostram que essas células têm potencial capaz de reparar as alterações determinadas pelas doenças que provocam perda ou diminuição da capacidade funcional de determinados órgãos do nosso corpo. Assim, especula-se que os transplantes de células-tronco possam vir a beneficiar doenças do coração, doenças neurovegetativas, degeneração celular ligada ao envelhecimento e a tratar certas formas de câncer, como as leucemias.

(*O Globo*, 11/3/2006. José Barbosa Filho e Roberto Benchimol Barbosa)

27. (Enap – Esaf) Assinale a opção correta em relação às formas verbais do texto.

a) "Têm"(l. 4) está no plural para concordar com "seres humanos".

b) "Está deixando de ser" (l. 5 e 6) concorda com "células-tronco".

c) "Provocam" (l. 12) está no plural para concordar com "pesquisas"(l. 9).

d) "Especula-se"(l. 14/15) apresenta sujeito explícito.

e) "A tratar" (l. 19) forma locução verbal com "possam vir"(l. 16).

Gabarito: Alternativa E.

Alternativa A: "Têm" (l. 3) está no plural para concordar com o núcleo do sujeito "pesquisas" (l. 1).

Alternativa B: O comentário realizado não poderia estar correto jamais, visto que um verbo não pode estar flexionado no singular (está deixando de ser) com objetivo de concordar com um termo no plural (células-tronco). Nem há necessidade de retornar ao texto.

Alternativa C: O sujeito de provocam (l. 9) é o pronome relativo "que", cujo antecedente é "doenças".

Alternativa D: Alternativa polêmica. Mais uma vez a Esaf classifica o pronome apassivador SE como índice de indeterminação do sujeito. O verbo "especular" é transitivo direto que, atrelado ao pronome SE, caracteriza a voz passiva sintética, fazendo com que a oração seguinte, que se classificaria como objetiva direta, se transforme em subjetiva. Sendo assim, a oração iniciada através da conjunção integrante "que" (l. 11) funciona como sujeito da oração anterior. No entanto, é sempre bom lembrar, como já ocorrera em outras provas, que a construção de verbo na terceira pessoa do singular, mesmo sendo transitivo direto, atrelado ao pronome SE, e estando o agente da ação indeterminado, é considerada, por vezes, pela Esaf não como formadora de voz passiva sintética, mas sim de voz ativa, classificando-se o SE como índice de indeterminação do sujeito e, consequentemente, o sujeito passa a ser indeterminado.

Alternativa E: O termo "a tratar" (l. 14), assim como "a beneficiar", forma com os auxiliares "possam vir" uma locução.

28. (Sefaz-MG – NCE – 2007) O item cuja reformulação ALTERA o sentido original do segmento é:

a) "Os tempos mudam" – mudam os tempos.

b) "... os astrônomos descobrem novos objetos" – novos objetos são descobertos pelos astrônomos.

c) "... de que se suspeitava" – do que era suspeitado.

d) "... ele é apenas um dentre inúmeros universos" – dentre inúmeros universos ele é somente um.
e) "... como uma bolha em um enorme tanque borbulhante de cerveja" – como uma bolha de cerveja em um enorme tanque borbulhante.
Gabarito: Alternativa E.
É fundamental você atentar-se ao comando da questão. Exige-se uma alternativa em que haja alteração do sentido original. O candidato é induzido a marcar a opção C, visto que o erro gramatical é crasso. Contudo, é imperioso repetir, não se pede erro gramatical. Apesar de a alternativa C apresentar falha grosseira, não se pode aduzir que a ideia original foi alterada. Já na alternativa E, tal ocorre. Na frase original, "o tanque é que é de cerveja"; já na reescritura, "a bolha é que passa a ser de cerveja".

29. (Eletronuclear – NCE) "A febre é um sinal de alerta de que algo vai mal no organismo." Uma maneira ERRADA de reescrever-se essa mesma frase porque altera o seu sentido original é:
a) A febre alerta para o fato de que algo vai mal no organismo.
b) A febre sinaliza de que, no organismo, algo vai mal.
c) Quando algo vai mal no organismo, a febre nos alerta para esse fato.
d) Se algo vai mal no organismo, a febre aparece como um sinal de alerta.
e) Algo que vai mal no organismo alerta para o sinal da febre.
Gabarito: Alternativa E.
Outra questão que exige do candidato grande atenção ao que se exige no comando da questão. Repito: o grande segredo está na interpretação do enunciado. O candidato é totalmente induzido a marcar a alternativa B, visto que o verbo sinalizar é transitivo direto, sendo o emprego da preposição da preposição DE absurdo. Essa alternativa contém falha gramatical que, entretanto, não compromete o sentido original. Já alternativa E apresenta informação que vai de encontro ao período, senão vejamos: ideia original – A febre alerta para a existência de algo errado no organismo; reescritura – algo errado no organismo alerta para a existência da febre.

30. (Analista Legislativo – Senado Federal – FGV) "... *aspirava-se*, antes de tudo, à restauração plena das liberdades e garantias individuais e à edificação de uma democracia sem adjetivos."
Assinale a alternativa em que a substituição da forma verbal no trecho acima não tenha provocado inadequação à norma culta. Despreze as alterações de sentido.
a) ... implicava-se, antes de tudo, na restauração plena das liberdades e garantias individuais e na edificação de uma democracia sem adjetivos.

b) ... visava-se, antes de tudo, à restauração plena das liberdades e garantias individuais e à edificação de uma democracia sem adjetivos.
c) ... almejava-se, antes de tudo, a restauração plena das liberdades e garantias individuais e à edificação de uma democracia sem adjetivos.
d) ... procedia-se, antes de tudo, a restauração plena das liberdades e garantias individuais e a edificação de uma democracia sem adjetivos.
e) ... buscava-se, antes de tudo, à restauração plena das liberdades e garantias individuais e à edificação de uma democracia sem adjetivos.
Gabarito: Alternativa B.
É interessante comentar essa questão, porquanto fica denunciada a visão da Fundação Getúlio Vargas quanto à regência do verbo IMPLICAR. Como a alternativa A, segundo a banca, apresenta inadequação gramatical, conclui-se que ela não admite o emprego da preposição EM, em consonância com a visão de Evanildo Bechara, mas em oposição à de Rocha Lima e Celso Pedro Luft. Também é fundamental ressaltar que esse posicionamento é divergente de outras bancas, como a Esaf (AFRF-2002).

31. (Perito Criminal da Polícia Civil – RJ – FGV) "O público brasileiro tem ouvido, com alguma frequência, notícias a respeito de possível rebelião de países vizinhos contra aquilo que seus governantes chamam de dívidas ilegítimas."
A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:
I. Seria igualmente correto redigir o trecho da seguinte forma: O público brasileiro tem ouvido, com alguma frequência, notícias a respeito de possível rebelião de países vizinhos contra o que seus governantes chamam de dívidas ilegítimas.
II. Seria igualmente correto redigir o trecho da seguinte forma: O público brasileiro tem ouvido, com alguma frequência, notícias a respeito de possível rebelião de países vizinhos contra aquilo que seus governantes chamam dívidas ilegítimas.
III. No trecho, há uma palavra com grafia incorreta.
Assinale:
a) Se apenas os itens I e II estiverem corretos.
b) Se apenas os itens I e III estiverem corretos.
c) Se apenas os itens II e III estiverem corretos.
d) Se nenhum item estiver correto.
e) Se todos os itens estiverem corretos.
Gabarito: Alternativa A.
É imperioso chamar a atenção do candidato para o fato de que esta questão já aborda as novas regras de ortografia – item III. Mas antes de chegar a esse item, façamos uma análise dos dois primeiros:

Item I – O comentário se faz com correção, porquanto "o" pode funcionar como pronome demonstrativo, capacitado a substituir "aquilo".

Item II – A análise também é perfeita, pois o predicativo do objeto "de dívidas ilegítimas" pode ocorrer tanto com preposição como sem. Também é interessante ressaltar que o verbo "chamar" na acepção de "qualificar" pode ser transitivo direto ou indireto, sendo, por conseguinte a preposição "a" – a ser inserida antes de "que" – opcional. Sendo assim, haveria quatro formas diferentes de redigir o fragmento: contra aquilo **que** seus governantes chamam de **dívidas ilegítimas**; contra aquilo **que** seus governantes chamam **dívidas ilegítimas**; contra aquilo a **que** seus governantes chamam **de dívidas ilegítimas**; contra aquilo **a que** seus governantes chamam **dívidas ilegítimas**.

Item III – Consoante o novo acordo ortográfico, o trema torna-se desnecessário. Destarte, a partir de 1º de janeiro de 2009 – a prova foi realizada em 2009 –, não há desacerto em grafar "frequência" sem trema. É importante frisar que, se "frequência" estivesse redigido com trema, também não se poderia considerar incorreto, uma vez que a antiga ortografia ainda é válida até o fim de 2012. Sendo assim, como não há nenhum vocábulo no trecho com grafia errônea, o item III apresenta comentário inadequado.

Apêndice: exercícios de provas com gabarito comentado

Esaf

1. (AFTE – RN – Esaf) Marque o item em que um dos trechos apresenta erro gramatical:

a) Não se pretende aqui negar o óbvio: que, em termos de línguas, passado histórico, tradições culturais, problemas comuns, os povos da América Latina são menos diferentes entre si do que em outros continentes. / Não se pretende aqui negar o óbvio: em termos de línguas, passado histórico, tradições culturais, problemas comuns, os povos da América Latina são menos diferentes entre si do que em outros continentes.

b) Na Europa, Ásia e África, às vezes, um só país abriga cem idiomas e etnias distintas. / Na Europa, Ásia e África, por vezes, um só país abriga cem idiomas e etnias distintas.

c) A unidade básica na América Latina não tem impedido, contudo, que se venha acentuando, nos últimos tempos, tendência à crescente diversificação entre o México, a América Central e o Caribe, de um lado, e a América do Sul, do outro. / Não obstante a unidade básica a América Latina não tem impedido, contudo, que se acentuem, nos últimos tempos, tendência à crescente diversificação entre o México, a América Central e o Caribe, de um lado, e a América do Sul, do outro.

d) A diferenciação vem-se fazendo mais nítida em dois setores fundamentais: o grau de instabilidade política e a dependência econômica e comercial em relação aos Estados Unidos. / As diferenças vêm-se configurando mais nítidas em dois setores fundamentais: o grau de instabilidade política e a dependência econômica e comercial em relação aos Estados Unidos.

e) Até os anos 80, a América Central era o "homem doente" do continente, com o sandinismo no poder na Nicarágua, a guerrilha fortemente organizada em El Salvador e a guerra

civil com tinturas de genocídio na Guatemala. / Até os anos 80, a América Central era o "homem doente" do continente: o sandinismo no poder na Nicarágua, a guerrilha fortemente organizada em El Salvador e a guerra civil com tinturas de genocídio na Guatemala.
Resposta: Opção C, há duas falhas gramaticais na segunda frase. Inicialmente, após o vocábulo "básica", deveria haver uma vírgula, pois ocorre um adjunto adverbial com corpo extenso antecipado. Outro erro é flexionar "acentuem" no plural, visto que seu sujeito é "crescente diversificação" no singular.

Nas questões 2 e 3 (AFTE – RN), marque a sequência do texto com erro gramatical.
2.
a) Em 1946, visando impulsionar a liberalização comercial e combater práticas protecionistas adotadas desde a década de 30, 23 países, posteriormente denominados fundadores, iniciaram negociações tarifárias.
b) A primeira rodada de negociações resultou em 45.000 concessões, e o conjunto de normas e concessões tarifárias estabelecido passou a ser denominado Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio – Gatt.
c) Os membros fundadores, juntamente com outros países, formaram um grupo em que elaborou o projeto de criação da Organização Internacional do Comércio – OIC, sendo os Estados Unidos um dos países mais atuantes no convencimento da ideia do liberalismo comercial regulamentado em bases multilaterais.
d) O foro de discussões, que se estendeu de novembro de 1947 a março de 1948, ocorreu em Havana, Cuba, e culminou com a assinatura da Carta de Havana, na qual constava a criação da OIC.
e) O projeto de criação da OIC era ambicioso, pois, além de estabelecer disciplinas para o comércio de bens, continha normas sobre emprego, práticas comerciais restritivas, investimentos estrangeiros e serviços.
Resposta: A opção C apresenta um erro de regência, uma vez que o pronome relativo "que", ao funcionar como sujeito do verbo elaborou", não permitiria a presença da preposição "em".

3.
a) A geografia ainda conta, e muito, apesar de tudo o que se diz sobre a globalização e seu suposto efeito de anular a distância.
b) Não é novidade que, desde os primórdios coloniais, os ianques sempre dispensaram, para o bem e para o mal, atenção prioritária ao seu entorno físico imediato, boa parte dos quais – da Flórida e Porto Rico a Louisiana, Texas, Califórnia – compraram, anexaram ou associaram.

c) A Doutrina Monroe, a política do *big stick*, as guerras contra o México e a Espanha, as repetidas intervenções e ocupações na Nicarágua, no Haiti, em Cuba e no Panamá tiveram basicamente por cenário essas extensões terrestres e marítimas do norte.
d) Nesse sentido, existe uma linha de continuidade histórica do passado com o padrão recente. O *big stick* e as intervenções sobreviveram no apoio aos "contras", nas operações clandestinas de financiamento e orientação ao combate musculoso da guerrilha, chegando diretamente ao uso da força em Granada e no Panamá.
e) Mais ao sul, exceto em episódios como a queda de Allende e, em razão das drogas e da guerrilha colombiana, os métodos são mais sutis.
(Baseado em Rubens Ricupero)
Resposta: A opção B indica a presença do pronome relativo "dos quais" no plural, devendo ser remissivo a algo que deveria estar no plural. Não há antecedente no plural prejudicando inclusive a coerência do texto.

4. (An. Compras – Pref. Recife – Esaf) Marque o item sublinhado cujo emprego fere as normas da gramática normativa.
Em 1994, quando o Real nasceu, os bancos estimavam de que(A) a população "bancarizável" (os que têm(B) rendimento para ter uma conta em banco) somava(C) 44 milhões de brasileiros. Com a estabilidade da moeda, muitos analistas previram(D) a ampliação desse(E) número. Hoje, o setor aponta para os mesmos 44 milhões.
a) A
b) B
c) C
d) D
e) E
Resposta: A opção A apresenta uma falha de regência verbal, porquanto o verbo "estimar" é transitivo direto, não permitindo a ocorrência da preposição DE.

5. (MPOG – Esaf) Assinale a opção em que o trecho do texto foi transcrito com erro gramatical.
a) Tornou-se indispensável a profissionalização do corpo de funcionários, para que submetidos aos deveres objetivos de seus cargos, com competências claras e vinculação hierárquica, sejam merecedores de remuneração e benefícios condignos.
b) A organização do corpo de funcionários em carreiras, com as inerentes perspectivas de ascensão por meio de promoções, permitiria aferir, simultaneamente, o mérito e o direito para que os melhores galgassem as posições mais importantes.

c) No entanto, os burocratas inclinam-se a desempenhar suas tarefas administrativas seguindo critérios utilitários e materiais, distanciando-se eventualmente dos interesses da sociedade.
d) A autorreprodução da burocracia é um exemplo de disfunção, assim como a subordinação dos burocratas ao Governo, e não ao Estado, que dá origem à tecnocracia.
e) A elevação da conscientização e do controle social, o papel da imprensa e a mobilização dos servidores em defesa de uma gestão pública comprometida com a transparência são de grande valia para o aperfeiçoamento do Estado.
Resposta: A opção A apresenta uma falha de pontuação, já que a conjunção "para que" introduz uma ideia de finalidade cuja sequência é "sejam merecedores..." Como há uma intercalação entre o conector e a continuação, deveria haver uma vírgula antes de "submetidos", até porque já ocorre entra antes de "sejam".

6. (MPOG – Esaf) Assinale a opção em que uma das duas versões do texto apresenta erro gramatical.
a) A economia deveria ocupar-se em garantir sustentavelmente a sobrevivência para todos os indivíduos e todas as sociedades, libertando assim o tempo, a energia e a criatividade dos seres humanos para as tarefas superiores do seu desenvolvimento. / A economia deveria ocupar-se da garantia sustentável da sobrevivência para todos os indivíduos e todas as sociedades, e libertar, assim, o tempo, a energia e a criatividade dos seres humanos para as tarefas superiores do seu desenvolvimento.
b) O conhecimento e a criatividade criam valor nos produtos que geram, e geram produtos que vão muito além daqueles que garantem a sobrevivência física do trabalhador. / Produtos com valor e que vão muito além daqueles que garantem a sobrevivência física do trabalhador são criados pelo conhecimento e criatividade.
c) É preciso esforço para que o trabalho, conhecimento e criatividade humanos se libertem dos grilhões que hoje os amarram e subordinam à simples necessidade de sobreviver. / Para que o trabalho, conhecimento e criatividade, hoje amarrados e subordinados por grilhões à simples necessidade de sobreviver, sejam libertados, é preciso esforço.
d) O trabalho, o conhecimento e a criatividade são meios para o ser humano estabelecer relações consigo próprio, com o mundo e com as outras pessoas. / Alguns dos meios pelos quais o ser humano estabeleça relações consigo próprio, com o mundo e com as outras pessoas são o trabalho, o conhecimento e a criatividade.
e) A única política de desenvolvimento que faz sentido é aquela que tenha como referencial as necessidades, aspirações e recursos de cada povo e nação. / A política de desenvolvimento que tenha como referencial as necessidades, aspirações e recursos de cada povo e nação é a única que faz sentido.

Resposta: Na opção D, segunda frase, a estrutura frasal não permite que a forma verbal "estabeleça" se conjugue no presente do subjuntivo, devendo ocorrer no presente do indicativo: "estabelece".

7. (Aneel – Esaf) Entre as diferentes versões do trecho, assinale a gramaticalmente incorreta.

a) Há milhões de pneus descartados em nosso País que podem se tornar uma grande fonte alternativa de combustível para as cimenteiras. O processo de trituração é caro, mas compensa, pois, enquanto o pneu gera 8.200 kcal, o carvão gera 6.280 kcal.

b) Podem se tornar uma grande fonte alternativa de combustível para as cimenteiras os milhões de pneus descartados em nosso País. O processo de trituração, embora seja caro, compensa. O pneu gera 8.200 kcal, enquanto o carvão gera 6.280 kcal.

c) Em nosso País, os milhões de pneus descartados podem se tornarem uma grande fonte alternativa de combustível para as cimenteiras. O processo de trituração é caro, mas compensa, pois, enquanto o pneu gera 8.200 kcal, o carvão gera 6.280 kcal.

d) Uma grande fonte alternativa de combustível para as cimenteiras pode vir dos milhões de pneus descartados em nosso País. Embora o processo de trituração seja caro, compensa: o pneu gera 8.200 kcal, enquanto o carvão gera 6.280 kcal.

e) Há milhões de pneus descartados em nosso País. Eles podem se tornar uma grande fonte alternativa de combustível para as cimenteiras. O processo de trituração compensa, embora seja caro, já que o pneu gera 8.200 kcal, enquanto o carvão gera 6.280 kcal.

Resposta: Na opção C ocorre uma locução verbal, estando o último verbo também flexionado, formalizando uma das falhas mais condenadas pela gramática.

8. (Aneel – Esaf) Assinale a opção em que uma das versões do trecho está gramaticalmente incorreta.

a) O acesso à energia elétrica também contribuirá para a integração das políticas sociais do Governo Federal, ao possibilitar que as regiões atendidas se beneficiem de serviços básicos de saúde, educação, abastecimento de água e comunicação. / Ao possibilitar que as regiões atendidas se beneficiem de serviços básicos de saúde, educação, abastecimento de água e comunicação, o acesso à energia elétrica também contribuirá para a integração das políticas sociais do Governo Federal.

b) A comunidade de Nazaré, em Novo Santo Antônio (PI), foi a primeira localidade atendida pelo projeto "Luz para Todos" por estar localizada no município com menor índice de atendimento no País (8%). / A primeira localidade atendida pelo projeto "Luz para Todos" foi a comunidade de Nazaré, por estar localizada no município com menor índice de atendimento no país (8%): Novo Santo Antônio (PI).

c) O acesso à energia elétrica permitiu a instalação de um centro comunitário para produção de farinha, bombeamento de água para abastecimento da localidade, instalação de computadores na escola e de antena parabólica para transmissão de programas educativos. / A instalação de um centro comunitário para produção de farinha, bombeamento de água para abastecimento da localidade, instalação de computadores na escola e de antena parabólica para transmissão de programas educativos foi possível pelo acesso à energia elétrica.
d) Com a universalização do acesso à energia elétrica, o Governo Federal pode utilizar-lhe como instrumento para o desenvolvimento econômico das comunidades e para a redução da pobreza e da fome. / O Governo Federal pode utilizar a universalização do acesso à energia elétrica como instrumento para o desenvolvimento econômico das comunidades e para a redução da pobreza e da fome.
e) O uso de recursos públicos reduzirá significativamente os impactos tarifários nas contas de luz, já que a implantação do programa resulta de uma parceria com as concessionárias de energia elétrica e os governos estaduais. / A implantação do programa resulta de uma parceria entre as concessionárias de energia elétrica e os governos estaduais, de modo que o uso de recursos públicos reduzirá significativamente os impactos tarifários nas contas de luz.
Resposta: A opção D possui uma falha de regência verbal logo na primeira frase. Como o verbo "utilizar" é transitivo direto, o pronome oblíquo não poderia ser "lhe". O correto seria "pode utilizá-lo".

9. (Aneel – Esaf) Assinale a opção gramaticalmente correta.
a) A liberação dos recursos abre uma nova fase do programa "Luz para Todos", que é coordenado pelo Ministério de Minas e Energia e foi lançado em novembro de 2003.
b) Durante esse período, foram instalados comitês gestores estaduais, assinados os termos de compromisso com os estados e finalizados as negociações com as concessionárias para definição das condições contratuais e do valor das obras.
c) A próxima etapa será a assinatura dos contratos entre as concessionárias e os governos estaduais, também parceiro do programa.
d) O acesso à energia elétrica será gratuita para todos os consumidores. As famílias de baixa renda cadastradas nos programas sociais do Governo Federal receberão gratuitamente as ligações internas de suas residências.
e) Hoje, mais de 12 milhões de brasileiros não tem acesso à energia elétrica, o equivalente à soma da população dos Estados do Piauí, Mato Grosso do Sul, Amazonas e Distrito Federal.

Resposta: A única opção que não contém erro gramatical é a opção A. A opção B possui falha de concordância nominal, pois "finalizados" deveria estar na forma feminina, visto que está qualificando o substantivo "negociações". A opção C também apresenta duas falhas de concordância nominal, pois o termo "parceiro" no singular é referente a "governos estaduais", devendo ocorrer no plural: "parceiros"; e "será gratuita" é inadequado (deveria ser "será gratuito"), pois se refere a "acesso". Na opção D, o erro é de regência, uma vez que "as famílias receberam as ligações" na residência, devendo aparecer a preposição "em", e não a preposição "de". Na opção E, a falha é de concordância verbal, pois sendo o sujeito "mais de 12 milhões", a forma verbal "tem" deveria estar no plural "têm".

10. (Aneel – Esaf) Assinale o trecho que apresenta erro gramatical.

a) A energia elétrica pode ser obtida de várias maneiras, mas aquela obtida por meio da usina hidrelétrica é a mais conhecida e explorada no Brasil.

b) Pode-se obter energia das marés: constrói-se uma barragem para represar a água das marés quando essas estiverem altas; ao entrarem em queda geram energia, como nas usinas hidrelétricas.

c) A energia eólica é proveniente dos ventos, que possibilitam a movimentação de uma turbina ligada a um gerador que produz energia elétrica. O grande potencial eólico brasileiro encontra-se no Norte e Nordeste, parte da Bahia e de Minas Gerais e no Sul.

d) A energia nuclear é gerada pela radiação do elemento urânio, que é colocado em um recipiente próprio para gerar calor, que por sua vez aquecerá uma serpentina com água, produzindo vapor. As turbinas, ligadas a um gerador elétrico, produzem eletricidade por meio do vapor.

e) As usinas de biomassa utilizam resíduos orgânicos como carburantes. Há dois tipos: por vapor d'água e por gaseificação. As usinas por vapor d'água, que é mais utilizada e mais baratas, queimam material carburante em uma caldeira.

Resposta: A opção E apresenta grave falha de concordância, dado que "é mais utilizada" é referente ao antecedente do pronome relativo "que", ou seja, "as usinas por vapor d'água", devendo, pois, ocorrer no plural: "são mais utilizadas".

11. (MPU – Esaf) Os trechos abaixo compõem um texto. Assinale o fragmento que apresenta incorreção gramatical.

a) Um filme não é apenas um filme, mas também a maneira como ele se comunica com o público. O título do novo documentário de Maria Augusta Ramos vem todo escrito em letras minúsculas: justiça.

b) A primeira informação que recebemos é a de que o filme talvez não se refira ao sistema judiciário, comumente grafado como Justiça, mas a uma acepção mais genérica da palavra.
c) O filme parece ver a justiça como categoria abstrata, ou então como substantivo que designa não só a justiça criminal, mas também a justiça social. A grafia pode sugerir, ainda, uma crítica ao sistema judiciário.
d) Como se o título afirmasse: "do jeito que é feita no Brasil, a chamada justiça não merece uma maiúscula". De fato, não é alheia às intenções da realizadora o desejo de que o filme contribua para as discussões em torno da reforma judiciária brasileira.
e) O filme, vencedor do Festival Vision du Réel (Nyon, Suíça, 2004), mostra o horror das cadeias apinhadas de homens, o drama das visitas familiares sem o menor espaço para privacidade, o coro assustador dos simpatizantes do Comando Vermelho.
Resposta: A opção D apresenta erro de concordância, visto que o adjetivo "alheia" qualifica o substantivo "desejo", devendo ocorrer na forma masculina: "alheio".

12. (MPU – Esaf) Indique a opção em que o trecho está incorreto gramaticalmente.
a) As transformações tecnológicas, já que não existe sociedade civilizada sem lei, apenas tornam mais complexas as regras que, muitas vezes, incomodam e atrapalham, mas que continuarão sendo uma garantia fundamental de desenvolvimento com justiça.
b) Não existe sociedade civilizada sem lei e as transformações tecnológicas apenas tornam mais complexas as regras que, muitas vezes, incomodam e atrapalham, mas que continuarão sendo uma garantia fundamental de desenvolvimento com justiça.
c) Não existe sociedade civilizada sem lei, por isso as transformações tecnológicas apenas tornam mais complexas as regras que, muitas vezes, incomodam e atrapalham, mas que, no entanto, continuarão sendo uma garantia fundamental de desenvolvimento com justiça.
d) Não existe sociedade civilizada sem lei. As transformações tecnológicas apenas tornam mais complexas as regras que, muitas vezes incomodam e atrapalham, mas que, continuarão sendo garantias fundamentais de desenvolvimento com justiça.
e) As transformações tecnológicas apenas tornam mais complexas as regras que, muitas vezes, incomodam e atrapalham, mas que continuarão sendo uma garantia fundamental de desenvolvimento com justiça. Não existe sociedade civilizada sem lei.
Resposta: A opção D apresenta uma falha de pontuação, porquanto o adjunto adverbial "muitas vezes" interrompe uma sequência lógica. A gramática até admite que o adjunto adverbial deslocado, contendo corpo pequeno, não esteja isolado por vírgula, contudo se ao fim dele a pontuação aparecer, o mesmo deveria ocorrer em seu início. Enfim, ou se coloca a vírgula antes e depois de "muitas vezes", ou nenhuma vírgula.

13. (TRF – Esaf) Assinale o trecho do texto que foi transcrito com erro.

a) Os direitos humanos, a grande conquista moderna, procedem da ideia de que o governo está a serviço dos cidadãos, e não o contrário. Cada indivíduo, antes mesmo de fazer parte do poder político, já detêm direitos que são seus, pelo simples ato de nascer.

b) É esse vínculo dos direitos humanos ao nascimento que permite dizer que eles são direitos naturais. Já o Estado é um instrumento para realizar fins comuns às pessoas.

c) Vários teóricos da política, ao longo dos séculos XVII e XVIII, afirmaram que o Estado nasceria de um contrato. Eles foram indevidamente contestados depois que os avanços da história mostraram que seria impossível a pessoas isoladas entre si desenvolverem a sofisticação necessária para adotar o conjunto de regras e leis que forma um Estado.

d) O que os contratualistas pretendiam não era tanto afirmar uma verdade histórica, ou sequer uma hipótese, mas expressar uma ideia filosófica forte, revolucionária: o indivíduo tem prioridade sobre o Estado.

e) Mesmo que cada um de nós, em sua vida, nasça dentro de um Estado — e, portanto, depois dele –, este último somente tem validade como ferramenta ou meio para promover fins que são os nossos.

Resposta: A opção A apresenta contém grande falha de concordância verbal, pois a forma verbal "detêm" deveria estar no singular (detém", concordando com o seu sujeito "cada indivíduo").

Nas questões 14 e 15, assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia das palavras.

14. (TRF – Esaf) O Tribunal de Contas da União, por meio do (1) Acórdão (2) nº 1.137, de 13 de agosto de 2003, apresentou o resultado de trabalhos de inspeção realizados junto aos Órgãos Centrais, à (3) Delegacia da Receita Federal em Brasília e à Delegacia Especial de Instituições Financeiras em São Paulo, tendo por objeto avaliar o controle exercido pela Superintendência da Receita Federal sobre à (4) rede arrecadadora de receitas federais. Em diversos trechos de seu relatório, aquele Tribunal reconhece os benefícios advindos (5) do Projeto de Reestruturação do Controle da Rede Arrecadadora de Receitas Federais – Projeto Nova Rarf.

a) 1

b) 2

c) 3

d) 4

e) 5

Resposta: A opção D contém falha gritante de regência, já que a preposição "sobre" não admite a ocorrência de outra preposição. Sendo assim, o "à" não poderia estar com acento grave.

15. (TRF – Esaf) A sociedade humana, desde os seus primórdios, soube desenvolver as dimensões essenciais de sua atividade prática — e já por isso o homem pôde (1)ser definido como tendo sido, desde a sua origem, um animal técnico, ou seja, uma criatura afeita à fainas (2) da transformação da natureza. Foi a filosofia grega, no entanto, e apenas ela, que conseguiu estabelecer aquelas categorias fundamentais para o desdobramento da tecnologia. Não que esse desdobramento estivesse desde sempre (3) na mira daqueles primeiros pensadores gregos. Em verdade (4), a ligação entre esse pensamento das categorias de base e a sua subserviência ao desenvolvimento da tecnologia só viria a manifestar-se (5) dois milênios mais tarde.

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

Resposta: Na opção B, o substantivo "fainas", estando no plural, só poderia admitir o artigo no plural. Portanto, pode-se omitir o artigo, ficando a estrutura "Afeita a fainas" ou utilizar o artigo, ficando "afeito às fainas".

16. (TRF – Esaf) Assinale a opção em que o trecho do texto foi transcrito com erro de sintaxe.

a) As empresas do setor imobiliário que deixaram de prestar contas das transações realizadas em 2002 vão ser alvo de investigação da Receita Federal. Imobiliárias, construtoras e incorporadoras tinham prazo limitado para entregar a Declaração de Informação sobre Atividades Imobiliárias – Dimob.
b) A estimativa é de que metade das empresas não declarou, mas o coordenador geral de Fiscalização da Receita acredita que muitas delas ainda vão cumprir a exigência. Até o prazo foram entregues 21.395 declarações, mas nos registros da Receita constam em cerca de 40 mil empresas que estariam obrigadas a declarar.
c) O coordenador diz que os dados da Dimob serão confrontados com as informações da declaração das empresas e das pessoas físicas. O coordenador afirma ainda que as informações serão cruzadas com os dados da CPMF, que têm sido instrumento indispensável ao trabalho de fiscalização do órgão.

d) Na declaração, as imobiliárias só devem informar as operações realizadas no ano passado. As empresas que não tiveram atividades em 2002 estão desobrigadas de prestar contas. Quem deixou de entregar a declaração no prazo pagará multa mínima de R$ 5 mil por mês-calendário. Em caso de omissão ou informação de dados incorretos ou incompletos, a multa será de 5% sobre o valor da transação.
e) Essa declaração foi criada em fevereiro de 2003 para identificar as operações de venda e aluguel de imóveis. A Receita quer saber, por exemplo, a data, o valor da transação e a comissão paga ao corretor. No ano passado, foram fiscalizadas 495 empresas do setor, cujas autuações somaram R$ 1,2 bilhão.
Resposta: A opção B contém erro de regência, visto que o termo "cerca de 40 mil empresas" funciona como sujeito, portanto não admitindo a ocorrência da preposição "em".

Nas questões 17 e 18, marque o item sublinhado que represente impropriedade vocabular, erro gramatical ou ortográfico.
17. (An. Com. Ext. – Esaf) A democracia, segundo Aristóteles, é forma de governo. Esse entendimento milenar (A) assim se conservou entre os publicistas (B) romanos e os teólogos da Idade Média. Não discreparam (C) também do juízo aristotélico pensadores políticos do tomo (D) de Montesquieu e Rousseau, presos as heranças (E) clássicas.
a) A
b) B
c) C
d) D
e) E
Resposta: A opção E apresenta erro de regência, uma vez que o adjetivo "presos" exige a ocorrência da preposição "a", portanto poderiam existir duas formas corretas de redigir: somente a preposição "a" ou somando a preposição A com o artigo AS, formando "ÀS".

18. (An. Com. Ext. – Esaf) Há (A) tempos está em tramitação no Congresso proposta para reforma do sistema financeiro que concede independência plena ao Banco Central. São fortes as pressões para que a matéria seja aprovada ainda sob (B) o atual governo. A iniciativa contempla contradição insanável (C). Não existe fórmula política capaz de aumentar a independência do BC. Nenhuma agência governamental superaria-o (D) em matéria de liberdade. Atua independentemente (E) de qualquer controle externo.
a) A
b) B
c) C
d) D

e) E

Resposta: A opção D possui uma terrível falha de topologia pronominal. Verbos no futuro do pretérito não admitem ênclise. Como o adjetivo "governamental" não atrai o pronome oblíquo, tanto poderia ser usada a próclise "o superaria" como a mesóclise "superá-lo-ia".

19. (AFRF – Esaf) Assinale a opção em que uma das duas formas de redação do texto, independentemente de alteração semântica, apresenta erro gramatical ou problema de sintaxe.

a) A globalização é a manifestação hodierna das ambiguidades que marcaram os primórdios dos tempos modernos. / Das ambiguidades que foram marcas dos primórdios dos tempos modernos, a globalização é a manifestação contemporânea.

b) De forma semelhante ao que aconteceu no passado, o mundo atravessa um período de transição que parece completar a "grande transformação" iniciada no século XVI. / O mundo atravessa um período de transição – de forma semelhante ao acontecido no passado – que parece ser complemento da "grande transformação" iniciada no século XVI.

c) Com a navegação em rede, estreitando os laços entre os povos e reunindo-os numa única sociedade, o processo de internacionalização econômico-político tende a fechar o ciclo que começou com a circunavegação. / O processo de internacionalização econômico-político que começou com a circunavegação tende a fechar o ciclo com a navegação em rede, estreitando os laços entre os povos, reunindo-os numa única sociedade.

d) Conquanto intensas modificações tenham ocorrido ao longo desses quinhentos anos, a história volta a se repetir. / Volta-se a ser repetida a história, apesar das intensas modificações ocorridas ao longo desses quinhentos anos.

e) A globalização não se dá nos mesmos níveis para todos os países e todas as pessoas, e tem beneficiado os países centrais em detrimento da grande maioria das regiões mais carentes. / Beneficiando os países centrais em prejuízo da grande maioria das regiões mais carentes, a globalização não ocorre nos mesmos níveis para todos os países e todas as pessoas.

Resposta: A opção D contém erro na reescritura. A estrutura "volta a ser repetida" já está na voz passiva, não admitindo, pois, a presença do pronome apassivador "se".

20. (AFRF – Esaf) O texto adaptado de Hindenburgo Pereira Diniz, "Advertência importante", (*Correio Braziliense*, 17/3/2003) foi fragmentado para compor as opções abaixo. Assinale o trecho que foi transcrito desrespeitando as regras gramaticais:

a) Tendo em vista as limitações da estrutura empresarial brasileira e a conveniência de resguardarem-se certos segmentos sob controle nativo, jamais acreditei que o progresso floresça beneficamente entre nós sem a presença ativa do Estado nas áreas da segurança

(interna e externa), educação, saúde, infraestrutura, tecnologia e promoção de fomento financeiro de longo prazo às atividades produtivas conduzidas pela iniciativa privada.
b) Por certo, a mesma conclusão não é necessariamente válida nas economias ricas, animadas por atores e coadjuvantes sadios e preparados, dotadas de condições estruturais avançadas e eficazes, centros de iniciativas privadas importantes e florescentes.
c) Da mesma forma, é preciso considerar-se a situação do equilíbrio monetário interno. Sem dinheiro relativamente estável, fica difícil, mesmo para leigos conscientes, imaginar solução respeitável preocupada apenas com a importância maior do crescimento material.
d) Desequilibrando-se monetariamente demais, as proporções dos valores relativos desaparecem as condições de utilizar a moeda como meio eficiente de promover à expansão econômica. Contudo, não cabe deixar de priorizar melhor destino a metas permanentes.
e) Portanto, nesta etapa ainda inicial da história da humanidade (do *homo economicus*), tudo recomenda cuidado com a sanidade desse instrumento essencial à realização completa de nossas necessidades materiais e dos sonhos que estimulam a ação dos empreendedores.
Resposta: A opção D, além de apresentar uma estrutura de péssima qualidade, por isso comprometendo o sentido do texto, contém algumas falhas gramaticais: não se sabe quem é o sujeito do verbo "desaparecem" e a regência do verbo "promover" não admite a ocorrência da preposição "a", portanto o uso da crase é equivocado.

NCE

(ANP – NCE)
As questões de 1 a 6 mostram uma mesma ideia escrita de cinco formas distintas. Você deve assinalar a forma mais adequada, levando em consideração sua correção, precisão, clareza e elegância.
1.
a) Os guardas-civis intervieram na discussão dos espectadores.
b) Os guarda-civis interviram na discursão dos expectadores.
c) Os guardas-civis interviram na discussão dos expectadores.
d) Os guarda-civis intervieram na discursão dos espectadores.
e) Os guarda-civil interviram na discussão dos expectadores.
Resposta: Opção A. A ortografia correta dos termos é guardas-civis (guarda quando for sinônimo" de "policial" faz com que os dois termos se flexionem), discussão e espectadores (expectador é sinônimo de aquele que aguarda com expectativa). O verbo "intervir"

deriva-se do verbo "vir". No pretérito perfeito, a forma correta é "eles vieram", portanto "eles intervieram".

2.

a) Os policiais averíguam onde querem trabalhar os escrivãos.
b) Os policiais averíguam aonde querem trabalhar os escrivãos.
c) Os policiais averiguam onde querem trabalhar os escrivães.
d) Os policiais averiguam aonde querem trabalhar os escrivães.
e) Os policiais averiguam onde querem trabalhar os escrivões.

Resposta: Opção C. O verbo AVERIGUAR possui obrigatoriamente o "u" tônico nas formas rizotônicas. Portanto, "averiguam" com acento não existe. Quando a regência exige a preposição A, utiliza-se "aonde"; quando a regência exige a preposição EM, usa-se "onde". O sentido na frase é: "eles vão trabalhar em (ONDE) um lugar". Por fim, o plural de "escrivão" é "escrivães".

3.

a) Quando nos vermos de novo, eu te cumprimentarei.
b) Quando nos vermos de novo, eu cumprimentar-te-ei.
c) Quando virmo-nos de novo, eu te comprimentarei.
d) Quando nos virmos de novo, eu te cumprimentarei.
e) Eu te cumprimentarei quando nos vermos de novo.

Resposta: Opção D. "Quando" é uma conjunção subordinativa, portanto atrai o pronome oblíquo NOS, excluindo a opção C. Ocorre a dúvida "virmos" ou "vermos". Observe que os dois verbos terminam em RMOS. Dessa forma, há a necessidade de se identificar se o verbo está no futuro do subjuntivo ou no infinitivo pessoal. No capítulo de verbos, ficou esclarecido que o melhor caminho é substituir pelo verbo "fazer". Caso apareça "fazer", o verbo está no infinitivo pessoal; caso apareça "fizer, o verbo está no futuro do subjuntivo. A frase alterada assim fica: "Quando fizer de novo...", o que nos indica estar o verbo "ver" no futuro do subjuntivo. Futuro do subjuntivo do verbo VER: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem. Sendo assim, eliminam-se as alternativas A, B e E.

4.

a) Vossa Excelência, o Presidente, vem com os ministros a reunião?
b) Sua Excelência, o Presidente, vem com os ministros à reunião?
c) Vossa Excelência, o Presidente, vêm com os ministros para a reunião?
d) Vossa Excelência, o Presidente, vem com os ministros na reunião?
e) Sua Excelência, o Presidente, vêm com os ministros para a reunião?

Resposta: Opção B. A ocorrência do aposto explicativo, o Presidente, denuncia que não se está falando diretamente com o Presidente, mas algo a respeito dele. Dessa forma, não se pode utilizar Vossa Excelência (pronome de tratamento usado para se dirigir à própria autoridade) e sim "Sua Excelência". Além disso, o pronome de tratamento está no singular, e o verbo presente na opção E (vêm) encontra-se no plural.

5.

a) Se liga aos teus amigos para sobreviveres.
b) Ligue-se aos teus amigos para sobreviver.
c) Liga-te aos teus amigos para sobreviver.
d) Liga-se aos seus amigos para sobreviveres.
e) Se ligue a teus amigos para sobreviver.

Resposta: Opção C. Nunca se pode iniciar oração através de pronome oblíquo átono, portanto excluem-se as opções A e E. A opção D possui uma falha de concordância: o verbo "liga" está na segunda pessoa do singular do imperativo afirmativo e o pronome reflexivo "se" encontra-se na terceira. A opção B até teve um início escorreito, contudo a sequência se deu de forma desastrosa. A expressão "Ligue-se" está perfeita, pois verbo no imperativo e pronome reflexivo estão na terceira pessoa do singular, porém o pronome possessivo "teus" em seguida, referente ao mesmo ser, encontra-se na segunda pessoa do singular.

6.

a) Prefiro isso que fazer aquilo.
b) Prefiro isso a fazer aquilo.
c) Prefiro isso do que fazer aquilo.
d) Prefiro isso do que a fazer aquilo.
e) Prefiro isso a que fazer aquilo.

Resposta: Opção B. A regência do verbo PREFERIR não admite a preposição DE, e sim somente a preposição A. Também é incorreto o uso de "que".

(TJ – Técnico Judiciário – NCE)

Da questão 7 à questão 12, você terá cinco formas da mesma frase. Você deve indicar a de forma mais adequada e correta, segundo a norma culta.

7.

a) O Tribunal funciona, aos sábados, das 7 as 12 horas.
b) O Tribunal funciona aos sábados de 7 à 12 horas.

c) O Tribunal funciona, aos sábados, de 7 às 12 horas.
d) O Tribunal funciona, aos sábados, das 7 às 12 horas.
e) O Tribunal, aos sábados, funciona, de 7 à 12 horas.
Resposta: Opção D. A gramática exige o uso do artigo antes de hora(s), no sentido de hora exata. Portanto, a única opção em que há o artigo antes de sete (combinado com a preposição "de") e de 12 (combinado com a preposição "a") é a resposta.

8.
a) Se alguém vir o processo, retire-o do pacote em que está.
b) Se alguém ver o processo, retira-o do pacote em que está.
c) Se alguém ver o processo, retire ele do pacote em que está.
d) Se alguém vir o processo, retira-o do pacote em que está.
e) Se alguém ver o processo, retire-o do pacote em que está.
Resposta: Opção A. Questão bastante polêmica, visto que duas opções estão corretas gramaticalmente. Inicialmente, eliminemos as alternativas incorretas. A dúvida "ver" ou "vir" se esclarece, com a substituição pelo verbo FAZER (se alguém fizer). Portanto está o verbo no futuro do subjuntivo. O futuro do subjuntivo do verbo VER é "vir, vires, vir, virmos, virdes, virem". Estão excluídas as opções B, C e E. As opções A e D estão corretas, visto que não necessariamente a mesma pessoa que verá o pacote será aquela que deverá retirá-lo. Então, o outro verbo, que está no imperativo, tanto poderia aparecer na segunda pessoa do singular como na terceira. Sendo assim, o candidato será a obrigado a escolher qual das duas corretas é a mais adequada. A banca optou pela opção A, por fazer a concordância com o sujeito da oração anterior.

9.
a) O promotor esqueceu vários papeizinhos na gaveta.
b) O promotor se esqueceu de vários papeiszinhos na gaveta.
c) O promotor esqueceu-se de vários papeiszinhos na gaveta.
d) O promotor esqueceu vários papeiszinhos na gaveta.
e) O promotor se esqueceu vários papeizinhos na gaveta.
Resposta: Opção A. A regência do verbo ESQUECER admite duas possibilidades: com pronome oblíquo, o verbo é transitivo indireto, exigindo a presença da preposição DE; sem pronome oblíquo, o verbo é transitivo direto, não admitindo o uso de preposições. Portanto, a opção E já está excluída. Quando se flexiona um substantivo no plural e diminutivo concomitantemente, deve-se inicialmente passá-lo para o plural (papéis). Após, insere-se "ZINHO" entre PAPÉI e o S. Como a sílaba tônica passa a ser "zi", o vocábulo acaba por perder o acento.

10.

a) Parecem ter havido bastantes erros no processo.

b) Parece ter havido bastante erros no processo.

c) Parecem ter havido bastante erros no processo.

d) Parece ter havido bastantes erros no processo.

e) Parece terem havido bastante erros no processo.

Resposta: Opção D. O verbo HAVER ocorre no sentido de EXISTIR. Nesse caso, ele é impessoal. Esta característica dele é passada para os auxiliares, portanto estes não podem ser flexionados. Destarte, as opções A, C e D já estão eliminadas. A opção B acaba também excluída, visto que BASTANTE, nesta frase, funciona como pronome indefinido, concordando com o substantivo ERROS, tornando-se, portanto, variável.

11.

a) Os juízes interviram quando viram os réus frente a frente.

b) Os juízes intervieram quando viram os réus frente à frente.

c) Os juízes intervieram, quando viram os réus frente a frente.

d) Os juízes interviram, quando viram os réus frente à frente.

e) Os juízes intervieram quando viram os réus frente a frente.

Resposta: Opção E. Trata-se de outra questão extremamente polêmica, visto que duas alternativas estão corretas gramaticalmente. Inicialmente, vamos excluir as erradas. O verbo INTERVIR deriva-se do verbo VIR, cuja forma na terceira pessoa do plural do pretérito perfeito é VIERAM. Logo, a forma correta é INTERVIERAM. Sendo assim, as alternativas A e D estão eliminadas. A opção B também deve ser excluída, já que não se justifica o uso de crase em "frente à frente" (no interior de termos repetidos, não há acento grave). Portanto, estão corretas as opções C e E. A única diferença existente entre as opções é o uso da vírgula. O critério utilizado para indicar que a alternativa A é a mais adequada provavelmente é a ordem das orações. Toda oração subordinada adverbial é um adjunto adverbial. Logo, se o adjunto adverbial oracional posiciona-se ao fim da oração principal, não há motivo para o emprego de pontuação a fim de isolar as orações.

12.

a) Espero que lhes tenha prevenido de que quero apartes durante a sessão.

b) Espero que os tenha prevenido que quero apartes durante a seção.

c) Espero que os tenha prevenido de que quero apartes durante a sessão.

d) Espero que lhes tenha prevenido que quero apartes durante a seção.

e) Espero que os tenha prevenido de que quero apartes durante a seção.

Resposta: Opção C. As opções A e B são excluídas por erros de regência verbal. Na opção A, há dois objetos indiretos ligados ao verbo PREVENIR (lhes / de que quero apartes durante a sessão) e a opção B possui dois objetos diretos atrelados ao verbo PREVENIR (os / que quero apartes durante a seção). As opções D e E são excluídas em função de falha de ortografia. É cabível somente o vocábulo "sessão", em virtude de o período indicar que os apartes ocorrerão durante a reunião.

(Papiloscopista – NCE)

Nas questões 13 a 15, há uma forma da frase considerada como correta, levando-se em conta a norma culta da língua. Assinale-a em cada questão.

13.

a) Não houve mais brigas entre eu e ela.
b) Não houveram mais brigas entre eu e ela.
c) Não houve mais brigas entre ela e eu.
d) Não houve mais brigas entre mim e ela.
e) Não houveram mais brigas entre ela e mim.

Resposta: Opção D. Podemos logo excluir as alternativas B e D, uma vez que o verbo HAVER, no sentido de EXISTIR, é impessoal, podendo ser conjugado apenas na terceira pessoa do singular. O termo, sendo preposicionado, fato que já serve para indicar que não funciona como sujeito, sugere que o pronome não seja reto, mas sim oblíquo. Sendo assim, todas as opções em que o pronome EU foi utilizado devem ser excluídas.

14.

a) Ela requereu que eu intervisse na questão.
b) Ela requis que eu intervisse na questão.
c) Ela requis que eu interviesse na questão.
d) Ela requereu que eu intervisse na questão.
e) Ela requereu que eu interviesse na questão.

Resposta: Opção E. É fundamental recordar que o verbo REQUERER não se deriva integralmente do verbo QUERER. No pretérito perfeito, este verbo funciona como regular de segunda conjugação, podendo-se utilizar o verbo VENDER como paradigma (VENDEU – REQUEREU). Já o verbo INTERVIR deriva-se integralmente do verbo VIR. A terminação SSE – denuncia estar o verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo (SE ELE VIESSE – SE ELE INTERVIESSE).

15.

a) Não devem haver respostas à perguntas maleducadas.

b) Não deve haver respostas à perguntas maueducadas.
c) Não deve haver respostas a perguntas mal-educadas.
d) Não devem haver respostas às perguntas maleducadas.
e) Não devem haver respostas a perguntas maueducadas.
Resposta: Opção C. As alternativas A, D e E devem ser excluídas, visto que o verbo HAVER, no sentido de EXISTIR, é impessoal. Essa característica é transferida para o auxiliar que, obrigatoriamente, deve ocorrer na terceira pessoa do singular. Como "mal", no caso, faz parte de um adjetivo composto, deve ser redigido com hífen; como é antônimo de BEM, deve ser escrito com "L".

(CNEN – NCE) As questões 16 a 18 apresentam a mesma formulação, ou seja, deve-se marcar o item cuja frase se apresenta redigida da forma mais adequada, considerando-se clareza, elegância, precisão e correção.
16.
a) Em anexo, seguem os documentos comprovadores de que o imóvel referido estava situado na Rua Santa Clara.
b) Anexo, seguem os documentos comprovadores de que o imóvel referido estava situado à Rua Santa Clara.
c) Anexos seguem os documentos comprovadores de que o imóvel referido estava situado à Rua Santa Clara.
d) Em anexos, seguem os documentos comprovadores de que o imóvel referido estava situado na Rua Santa Clara.
e) Anexo seguem os documentos comprovadores de que o imóvel referido estava situado na Rua Santa Clara.
Resposta: Opção A. Com a preposição EM, ANEXO é invariável; já sem a preposição, ANEXO deve concordar com o elemento que determina, ou seja, EM ANEXO ou ANEXOS SEGUEM OS DOCUMENTOS. Excluem-se as alternativas B, D e E. SITUADO e SITO são formas de particípio do verbo SITUAR. Este verbo sugere um valor de algo estático, parado, portanto, não admitindo o uso da preposição A, devendo-se usar em seu lugar a preposição EM.

17.
a) Ao se ouvir os primeiros votos, iniciou-se os quebras-quebras.
b) Ao se ouvirem os primeiros votos, iniciaram-se os quebra-quebra.
c) Ao se ouvir os primeiros votos, iniciaram-se os quebra-quebras.
d) Ao se ouvir os primeiros votos, iniciou-se os quebra-quebra.
e) Ao se ouvirem os primeiros votos, iniciou-se os quebra-quebra.

Resposta: Opção B. Mais uma questão polêmica. Nas duas orações, o pronome SE é apassivador, pois está ligado a verbos transitivos diretos. Então, os termos "os primeiros votos" e "os quebra-quebra(s)", que eram objetos diretos sem o pronome SE, transformam-se em sujeitos de voz passiva, exigindo que os verbos também se flexionem no plural. Aí, já se chega à resposta (opção B). O problema está em "os quebra-quebra". Não há autores que defendam o uso invariável de substantivos compostos no plural formados por verbos idênticos.

18.

a) Eram espetáculos de artistas famosos e todos tinham desejo de assisti-los pela TV.

b) Eram espetáculos de artistas famosos e todos tinham desejo de assistir a eles pela TV.

c) Eram espetáculos de artistas famosos e todos tinham desejo de assistir-lhes pela tevê.

d) Era espetáculos de artistas famosos e todos tinham desejos de assisti-los pela televisão.

e) Eram espetáculos de artistas famosos e todos tinham desejos de assistir-los pela TV.

Resposta: Opção B. O verbo ASSISTIR no sentido de VER é transitivo indireto, não admitindo o uso do pronome oblíquo O. Sendo assim, as alternativas A, D e E ficam excluídas. A opção C também se elimina, visto que o verbo ASSISTIR, em tal acepção, não tem como complemento pessoa, portanto não aceitando o uso do pronome oblíquo LHES.

(Inspetor da Polícia Civil – NCE) As questões 19 e 20 apresentam a mesma formulação, ou seja, deve-se marcar o item cuja frase se apresenta redigida da forma mais adequada, considerando-se clareza, elegância, precisão e correção.

19.

a) Quais de vós pretendem fazer da exceção uma regra a fim de melhorarem nossa imagem?

b) Quais de vós pretendeis fazer da exceção uma regra afim de melhorarem nossa imagem?

c) Quais de vós pretendem fazer da excessão uma regra a fim de melhorar nossa imagem?

d) Quais de vós pretendeis fazer da exceção uma regra a fim de melhorardes nossa imagem?

e) Quais de vós pretendem fazer da excessão uma regra afim de melhorarem nossa imagem?

Resposta: Opção A. Questão polêmica, havendo duas alternativas corretas: A e D. As opções C e E são, de imediato, excluídas em função da ortografia de "exceção". A alternativa B contém uma falha de concordância, visto que o primeiro verbo se encontra na segunda pessoa do plural e o segundo verbo encontra-se na terceira pessoa do plural,

estando ambos a referir-se aos mesmos seres. A estrutura QUAIS DE VÓS admite tanto o uso do verbo na terceira pessoa do plural, como na segunda pessoa do plural, estando, pois, as alternativas A e E escorreitas. O critério usado para dizer-se que a opção A é a mais adequada se deu, provavelmente, pela escolha da concordância com o núcleo do sujeito e não com o adjunto adnominal. Outra interpretação cabível é o fato de a segunda pessoa do plural estar em desuso na variante brasileira da língua portuguesa, devendo privilegiar-se a terceira pessoa do plural.

20.

a) O juiz chegou antes deles decidirem sobre o custo dos telefonemas e cartas enviadas.
b) O juíz chegou antes de eles decidirem sobre o custo das telefonemas e cartas enviadas.
c) O juiz chegou antes de eles decidirem sobre o custo dos telefonemas e cartas enviadas.
d) O juíz chegou antes deles decidirem sobre o custo das telefonemas e cartas enviados.
e) O juíz chegou antes deles decidirem sobre o custo dos telefonemas e cartas enviados.

Resposta: Opção C. Como o pronome "eles" funciona como sujeito do verbo "decidirem", não poderá estar contraído com a preposição DE. TELEFONEMA é substantivo masculino, só podendo ser precedido do artigo "o". Além disso, "enviadas" teria que estar na forma feminina, visto que, por motivos semânticos, somente poderia referir-se ao termo "cartas".

Gabarito

CAPÍTULO 1

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
B	B	D	A	C	B	C	D	E	B	E	C

CAPÍTULO 2

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
A	E	A	B	D	A	D	C	B	C	C	B
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
C	A	B	E	B	B	D	B	C	A	C	A
25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36

A	B	C	A	E	B	A	C	E	B	D	C
37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
B	C	D	E	C	C	C	E	E	B	B	A
49	50	51	52	53	54	55	56	57	58		
E	D	A	A	E	B	A	C	C	C		

CAPÍTULO 3

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
C	C	A	C	B	A	B	A	E	E	A	C
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
B	C	C	A	B	B	D	C	B	B	B	E
25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
C	C	C	E	D	C	C	A	C	B	B	D
37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48

D	C	D	C	A	D	C	E	A	D	D	E
49	50	49	50	49	50	49	50	49	50	49	50
A	E	A	E	A	E	A	E	A	E	A	E

CAPÍTULO 4

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
A	A	C	E	A	C	A	C	D	A	D	A
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
D	C	C	D	D	B	E	E	E	C	E	C
25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
B	A	E	A	D	A	B	E	A	D	B	E
37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
B	A	B	E	E	D	B	B	A	B	B	C
49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60

D	B	B	A	E	C	D	A	B	D	A	B
61	62	63	61	62	63	61	62	63	61	62	63
C	A	C	C	A	C	C	A	C	C	A	C

CAPÍTULO 5

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
A	D	B	D	E	D	D	D	C	D	A	C
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
C	D	C	D	A	C	D	B	B	D	B	B
25	26	27	28	29	30	31	32	33	34		
D	D	E	E	B	B	C	A	A	A		

CAPÍTULO 6

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
A	E	B	D	B	A	A	D	A	A	D	A

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
A	A	C	E	C	B	E	B	E	C	C	B
25	26	25	26	25	26	25	26	25	26	25	26
A	D	A	D	A	D	A	D	A	D	A	D

CAPÍTULO 7

1	2	3	4	5	6	7
D	E	C	B	E	C	B

CAPÍTULO 8

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
A	A	D	C	D	D	C	A	B	C

CAPÍTULO 9

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
D	E	D	C	D	D	E	B	E	C	E	D

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
D	D	A	C	E	E	C	B	A	D	A	D
25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
D	D	C	D	E	B	A	B	B	D	A	E
37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
B	C	C	A	B	E	A	B	B	A	D	C
49	50	51	52	53	54	55	56				
B	E	D	C-E-E-C-C	D	E	A	D				

CAPÍTULO 10

1)

1	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONCESSIVA
2	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONDICIONAL
3	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CAUSAL
4	CONJUNÇÃO COORDENATIVA ADITIVA

5	CONJUNÇÃO COORDENATIVA ADVERSATIVA
6	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA INTEGRANTE
7	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA FINAL
8	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONSECUTIVA
9	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONFORMATIVA
10	CONJUNÇÃO COORDENATIVA CONCLUSIVA
11	CONJUNÇÃO COORDENATIVA ALTERNATIVA
12	CONJUNÇÃO COORDENATIVA EXPLICATIVA
13	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA COMPARATIVA
14	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA TEMPORAL
15	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA PROPORCIONAL
16	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA PROPORCIONAL
17	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA COMPARATIVA
18	CONJUNÇÃO COORDENATIVA ALTERNATIVA
19	CONJUNÇÃO COORDENATIVA CONCLUSIVA
20	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA INTEGRANTE
21	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONCESSIVA
22	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONDICIONAL
23	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA TEMPORAL
24	CONJUNÇÃO COORDENATIVA ADVERSATIVA

25	CONJUNÇÃO COORDENATIVA ADITIVA
26	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CAUSAL
27	CONJUNÇÃO COORDENATIVA EXPLICATIVA
28	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONFORMATIVA
29	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONSECUTIVA
30	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA FINAL

2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
C	A	A	B	C	B	D	C	C	D	E	C
14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25
D	A	C	A	A	A	B	A	C	D	E	B
26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37
A	A	C	B	A	D	B	B	A	A	C	A
38	39	40	41	42	43	44	45				
D	C	C	E	C	C	C	C				

CAPÍTULO 11

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
C	D	A	A	B	E	D	A	C	D	B	E
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	
C	E	D	D	E	E	D	B	E	B	1-C; 2-C.	

CAPÍTULO 13

1	2	3	4	5	6	7	8
E	B	A	B	B	A	D	C

CAPÍTULO 14
SEÇÃO 14.4.3.1

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
B	A	E	E	D	D	D	A	B	B

SEÇÃO 14.5
1)

b	RD-ENCONTR, VT ALOMÓRFICA-E, DNP-I;
c	RD-VENC, VT ALOMÓRFICA-I, DMT-DO;
d	RD-GARANT, DNP-I;
e	RD-GARANT, VT ALOMÓRFICA-E, DNP-M;
f	RD-GARANT, VT ALOMÓFICA-E;
g	RD-ENTEND; V T ALOMÓRFICA-I, DMT-A;
h	RD-AGUENT; VT ALOMÓRFICA-O, DNP-U;
i	RD-PASS; VT-A; DMT-SSE; DNP-M;
j	RD-PASS, DMT-E, DNP-M;
k	RD-QUER; DNP-O;
l	RD-VENC, VT ALOMÓRFICA-I, DMT-E, DNP-IS;
m	RD-PED, VT-I, DNP-U;
n	RD-ENTEND, DMT-A, DNP-MOS;
o	RD- ADMIT, VT-I, DMT-A;
p	RD- ADMIT, DNP-I;
q	RD-COM, VT-E, DNP-U;
r	RD-COM, VT ALOMÓRFICA-I, DMT-A, DNP-S;

2	3	4	5	6

A	E	E	A	B

SEÇÃO 14.6.1

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
E	E	E	E	E	E	A	E	D	D	D	C
13	14	15	16	13	14	15	16	13	14	15	16
A	C	A	E	A	C	A	E	A	C	A	E

SEÇÃO 14.7.1

1	2	3
D	C	A

SEÇÃO 14.7.2

1	2
C	E

SEÇÃO 14.7.3

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
E	D	B	E	C	C	E	D	A	A	B	E
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
C	B	B	B	A	A	B	C	A	D	B	C
25	26	27	25	26	27	25	26	27	25	26	27
D	D	B	D	D	B	D	D	B	D	D	B

SEÇÃO 14.8.1

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
A	D	B	B	E	E	B	B	B	E	C	E
13	14										
A	C										

SEÇÃO 14.9.1

1	2	3	4	5	6	7	8

C	A	B	C	B	C	C	D

SEÇÃO 14.10.1

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
E	B	B	E	E	A	E	E	C	E	E	C	D

SEÇÃO 14.14.1

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
B	A	B	B	D	C	A	A	A	C	A	D
13	14	15	16	17							
B	E	C	A	C							

SEÇÃO 14.15.1

1
A

SEÇÃO 14.16.1

1	2	3	4
A	C	E	E

SEÇÃO 14.17.4.1

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
E	E	E	E	D	B	C	B	E	A	B	D
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
C	D	B	C	C	D	C	A	C	B	A	C
25	26	27	28	25	26	27	28	25	26	27	28
A	C-C-E-E-E	E-C-E-C-E	A	A	C-C-E-E-E	E-C-E-C-E	A	A	C-C-E-E-E	E-C-E-C-E	A

SEÇÃO 14.18.1

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
A	E	D	A	C	D	E	E	C	B

SEÇÃO 14.19

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
D	B	A	B	C	A	E	B	D	E	C	A
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
D	A	E	B	C	A	A	D	D	A	C	E
25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
B	D	E	B	E	E	A	D	D	A	E	D
37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
C	B	C	A	D	D	B	A	B	B	D	D
49	50	51	49	50	51	49	50	51	49	50	51
A	B	B	A	B	B	A	B	B	A	B	B

CAPÍTULO 15

1	2	3	4	5	6	7	8	9
1,3,4,1,4,3,2,1,3,2,3,4	E	C	B	C	C	A	A	E

10	11	12	13					
C	E	D	D					

CAPÍTULO 16

1	2	3	4	5	6	7	8	9
2,1,1,2,2,3,3,1,2,3,3	C	B	D	A	E	B	C	E

CAPÍTULO 17

1	2	3	4
5,2,1,4,3,2,5	D	D	D

CAPÍTULO 18

1	2	3	4	5	6	7	8
5,1,2,6,3,1,4,6,2,3	C	E	B	E	C	E	D

CAPÍTULO 19
SEÇÃO 19.1.1

1
1,2,2,1,2,1

SEÇÃO 19.4

1	2	3	4	5	6	7	8	9
1-2-1-2-1-2	B	E	B	B	A	A	E	B
10	11	12	13	14				
B	E	A	D	C				

CAPÍTULO 20

1		
I – 1, 13;	VI – 10, 6;	XI – 14, 11;
II – 9, 1, 16;	VII – 15;	XII – 3, 11
III – 12, 13, 11;	VIII – 8, 2, 17;	XIII – 6, 1, 13;
IV – 2, 4;	IX – 1, 2, 15;	XIV – 9, 5, 11;
V – 1, 4	X – 9, 2;	XV – 3, 15;

2	3	4	5	6

D	E	D	E	C

CAPÍTULO 21
SEÇÃO 21.3.1

1
3,2,1,1,2,3

SEÇÃO 21.3.2.1

1
a) objeto direto; b) objeto indireto; c) adjunto adnominal; d) objeto direto; e) complemento nominal; f) complemento nominal; g) adjunto adnominal; h) objeto indireto; i) sujeito; j) sujeito.

SEÇÃO 21.3.3.1

1
a) objeto direto; b) sujeito; c) complemento nominal; d) objeto indireto; e) adjunto adverbial de lugar; f) objeto indireto; g) complemento nominal; h) sujeito; i) objeto direto; j) complemento nominal; k) objeto indireto; l) complemento nominal; m) adjunto adverbial de lugar.

SEÇÃO 21.3.4.1

1
I – complemento nominal – sujeito; II – objeto indireto – objeto direto; III – objeto direto – predicativo do sujeito; IV – objeto indireto – sujeito – objeto direto – objeto direto.

SEÇÃO 21.3.5

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
D	C	A	D	E	E	C	D	C	D	D	A
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
A	C	A	D	D	B	E	D	D	E	C	B

CAPÍTULO 22
SEÇÃO 22.2

1	2	3
5-4-3-1-2-1-2-3-4-5	C	D

SEÇÃO 22.4

1	2	3	4	5	6	7	8	9
3,2,5,1,7,1,6,4,4,3,2,5,1,7,5,4,2	E	D	C	D	C	D	A	A

SEÇÃO 22.6

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
C	E	E	E	A	A	A	D	E	E	C	A

SEÇÃO 22.9

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
D	B	B	A	C	B	E	E	C	A	D	B
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
D	D	B	E	A	B	B	C	E	B	D	E
25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	
E	D	A	D	E	C	D	C	C-C-C-E-E	C	B	

CAPÍTULO 24.11

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
E	C	C	E	E	E	D	A	B	B	D	A

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
E	A	A	A	E	D	C	C	D	A	C	C
25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
A	A	D	E	B	A	A	E	D	C	A	A
37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
A	C	B	D	D	E	A	C	B	B	E	A
49	50	49	50	49	50	49	50	49	50	49	50
B	D	B	D	B	D	B	D	B	D	B	D

CAPÍTULO 25

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
C	C	C	A	C	E	C	A	A	E	E	A
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
C	C	C	A	E	A	C	B	A	A	E	A

25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
A	D	E	B	A	B	A	B	B	A	C	A
37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
A	E	D	B	D	D	A	B	D	A	A	E
49	50	49	50	49	50	49	50	49	50	49	50
A	B	A	B	A	B	A	B	A	B	A	B

CAPÍTULO 26

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
C	C	C	D	D	A	D	B	E	B	D	A
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
E	A	D	B	A	A	D	A	C	E	B	D
25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
A	D	C	A	D	E	B	A	E	B	D	D

37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
B	A	A	B	B	B	E	D	D	B	B	B
49	50	49	50	49	50	49	50	49	50	49	50
B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B

CAPÍTULO 27
SEÇÃO 27.2

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
A	D	D	D	B	C	E	B	E	B	D	A
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
A	A	E	E	C	E	D	C	E	E	B	A
25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
E	A	C	B	D	C	A	A	A	A	C	A
37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48

D	B	B	B	A	B	A	C	B	A	A	C
49	50	49	50	49	50	49	50	49	50	49	50
D	B	D	B	D	B	D	B	D	B	D	B

SEÇÃO 27.4

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
A	D	E	E	C	E	A	A	E	B	B	D
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
B	D	E	E	D	E	E	E	A	D	A	E
25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
B	A	C	A	D	B	A	B	A	E	E	A
37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
B	A	B	D	E	B	C	D	A	D	C	A
49	50	49	50	49	50	49	50	49	50	49	50

A	C	A	C	A	C	A	C	A	C	A	C

CAPÍTULO 28
SEÇÃO 28.6

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
A	B	B	D	C	C	B	B	B	D	A	C	D

Bibliografia

Alencar, José de. *O Guarani*. 7. ed. São Paulo: Minerva, 1965.

Alves, Castro. *Espumas Flutuantes*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

Aquino, Renato Monteiro de. *Interpretação de Textos* (Série Provas e Concusos). Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2005.

Aquino, Renato Monteiro de. *Português para Concursos* (Série Provas e Concursos). Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2005.

Assis, Joaquim Maria Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Edição única. São Paulo: Abril Cultural, 1998.

Assis, Joaquim Maria Machado de. *Dom Casmurro*. Edição única. São Paulo: Abril Cultural, 1998.

Barreto, Afonso Henriques de Lima. *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1987.

Bechara, Evanildo. *Gramática Escolar da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

Bechara, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

Câmara JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 35. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

Camões, Luís Vaz de. *Os Lusíadas*. Edição única. São Paulo: Abril Cultural, 1997.

Carneiro, Agostinho Dias. *Redação em Construção*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2003.

Cunha, Celso Ferreira da. *Gramática da Língua Portuguesa*. 10. ed. [s.l.]: FAE, 1984.

Cunha, Celso Ferreira da; CINTRA, Luís Filipe Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

Cunha, Euclides da. *Os Sertões*. Edição única. Editora Abril, 1969.

Dubois, Jean. *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 1993.

Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

Figueiredo, Fernando. *Português no Concurso Público*. 2. ed. Edição do autor. [s.l.], 1999.

Garcia, Othon Moacyr. *Comunicação em Prosa Moderna*. 20. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

Guimarães, Bernardo. *A Escrava Isaura*. Edição especial. [s.l.]: Sociedade Comercial e Editorial Santiago. Publicações Europa América, 1998.

Ida, Manuel Said Ali. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. 6. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1966.

Lima, Carlos Henrique de Rocha Lima. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 25. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.

Luft, Celso Pedro. *Moderna Gramática Brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Globo, 2002.

Pessoa, Fernando. Poemas Escolhidos. *O Globo*, Klick Editora, 1997.

Pompéia, Raul. O Ateneu. *O Globo*, Klick Editora, 1997.

Queirós, Eça de. A relíquia. *O Globo*, Klick Editora, 1997.

Queirós, Eça de. *O Primo Basílio*. Edição única. São Paulo: Abril Cultural, 1969.

Ramos, Graciliano. *São Bernardo*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.

Reis, Otelo. *Breviário da Conjugação de Verbos*. 54. ed. [s.l.]: Editora Villa Rica, 2001.

Ribeiro, Manoel Pinto. *Gramática Aplicada da Língua Portuguesa*. 15. ed. Rio de Janeiro: Metáfora Editora, 2005.

Sabino, Fernando. *A Mulher do Vizinho*. Edição Integral. São Paulo: Círculo do Livro, 1962.

VerÍssimo, Luis Fernando. *As Mentiras que os Homens Contam*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

@Created by PDF to ePub

FERNANDO PESTANA

A Gramática para Concursos Públicos

Teoria completa e mais de 1.300 questões comentadas

3ª Edição
Revista, atualizada e ampliada

SÉRIE PROVAS & CONCURSOS

e-book gratuito do livro
As Dúvidas de Português mais Comuns em Concursos

- Indicado para TODOS os concursos
- As mais recorrentes polêmicas gramaticais em concursos
- Dicas, bizus e diferenças entre as principais bancas examinadoras

gen | EDITORA MÉTODO

Inclui MATERIAL COMPLEMENTAR
Gabarito comentado de todas as questões disponível no site da Editora

FERNANDO PESTANA

A Gramática para Concursos Públicos

Teoria profundamente completa
e mais de 1.300 questões
atuais e comentadas

SÉRIE PROVAS
& CONCURSOS

© 2017, Método Editora Ltda
.
Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Copidesque: Isis Batista
Revisão: Hugo de Lima Corrêa
Editoração Eletrônica: SBNigri Artes e Textos Ltda.
Epub: SBNigri Artes e Textos Ltda.

Coordenador da Série: Sylvio Motta

Rua Quintana, 753 – 8º andar
04569-011 – Brooklin – São Paulo – SP – Brasil

Serviço de Atendimento ao Cliente
0800-0265340

ISBN: 978-85-352-7097-6
ISBN (Versão Eletrônica): 978-85-352-7098-3

Nota: Muito zelo e técnica foram empregados na edição desta obra. No entanto, podem ocorrer erros de digitação, impressão ou dúvida conceitual. Em qualquer das hipóteses, solicitamos a comunicação ao nosso Serviço de Atendimento ao Cliente, para que possamos esclarecer ou encaminhar a questão.
Nem a editora nem o autor assumem qualquer responsabilidade por eventuais danos ou perdas a pessoas ou bens, originados do uso desta publicação.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P571g Pestana, Fernando
A gramática para concursos públicos / Fernando Pestana. – 3. ed. – Rio de Janeiro :Método, 2017 . 1611 p . – (Provas e concursos)

ISBN 978-85-352-7097-6

1. Língua portuguesa – Gramática. 2. Língua portuguesa – Problemas, questões, exercícios. 3. Serviço público – Brasil – Concursos. I. Título.

13-01162 CDD: 469.5
CDU: 811.134.3'36

Dedicatória

Este livro não existiria sem o apoio de minha esposa (que acabou se tornando erudita de tanto pesquisar junto comigo). Juliana é mais do que um achado. É **O** achado da minha vida.

Agradecimentos

Sem Jeová (Javé ou Iavé, como queiram), simplesmente nada existiria. Portanto Ele é o responsável pela vida e pela disposição que tenho. Não menos importantes foram certas pessoas, como meus pais, meus amigos, meus alunos — principalmente os da EsPCEx (Brasil!) — e meus grandes mestres Sérgio Pachá e Danton Pedro dos Santos. Claudio Cezar Henriques, Marcelo Caetano, Roberto Lota, Vítor Campos, Sidney Martins, Bernardo Augusto, muito obrigado pelas discussões (e soluções)! Valeu pela moral, João Antonio!!! Será que perderei a amizade por não incluir alguns que me ajudaram tanto no trajeto? Ah, depois eu me redimo na segunda edição!

O Autor

- Formado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
- Ministra aulas de Língua Portuguesa há 12 anos.
- Já trabalhou ativamente com turmas pré-militares e pré-vestibulares no Sistema Elite de Ensino. Atualmente, dedica-se ao "universo dos concursos públicos" em cursos de educação a distância, como o EuVouPassar (videoaulas) e o Estratégia Concursos (cursos em PDF). Além disso, participa de um projeto de questões comentadas no "site" TEC Concursos. Presencialmente, é encontrado nos principais cursos do Rio de Janeiro, como o CELP, o Multiplus e o Pra Passar.

A Obra

Há algum tempo, estava eu avaliando colegas de Português num processo de seleção de um grande curso preparatório do Rio de Janeiro... Dentre os candidatos, um deles se destacou muito, impressionando-me vivamente por sua determinação e inquietação intelectual. Ele me afirmou que, nos lugares onde trabalhava, havia parceiros para bate-papos, festas, mas não para estudo e discussão da matéria. Assegurei-lhe que no nosso curso ia ser diferente, porque a cadeira de Português não se furtava à discussão de assuntos polêmicos. E assim foi durante o tempo em que trabalhamos juntos.

Ele sempre me disse que tinha grande vontade de escrever uma gramática. Estudou, estudou, estudou. Pesquisou autores antigos e novos, fez cursos, numa luta incessante para saber cada vez mais. E assim foi.

Animava-me tanta empolgação e eu já torcia pelo livro que viria inexoravelmente.

Ele foi além, como lhe é peculiar: examinou exaustivamente provas dos últimos anos de concursos públicos civis, militares e vestibulares. E com tamanho embasamento, teórico e prático, surgiu ***A*** *Gramática*.

Assim, sem fugir dos problemas mais complexos, ousando atrever-se por caminhos tortuosos, até conflitantes, apresentando frequentemente argumentos de renomadas autoridades da língua portuguesa, Pestana fez deste livro algo inédito: combinou tudo o que se julga excelente em uma gramática, do ponto de vista docente e discente.

Por isso, espera-se que, neste agradável passeio por substantivos, verbos, preposições e conjunções, por orações coordenadas e subordinadas, todos os

candidatos a cargos públicos consigam o esclarecimento definitivo das dúvidas e passem a mergulhar profundamente nos meandros da língua.

Em matéria de gramática, este livro é definitivamente a tão aguardada resposta aos anseios dos concurseiros (e professores!), pois, além da sua teoria completa, segura e muito consistente, contém mais de 1.300 exercícios das últimas provas oficiais de concursos recentes, constituindo-se deste modo uma obra altamente indicada aos estudiosos da língua portuguesa.

Como é a vida... Depois de tantas obras lidas durante quase 50 anos, não tinha ideia de que poderia ainda me surpreender com algo tão original e pleno.

E aqui fico, pois A obra fala por si.

Danton Pedro dos Santos

Prefácio

Não aprendemos para a escola mas para a vida, diziam os Antigos, querendo com isto significar que o conhecimento adquirido na escola tem um valor intrínseco, que de longe transcende as circunstâncias e exigências do universo escolar.

Os tempos e as vontades mudaram. Atualmente, a preocupação que parece servir de norte a quase todo o ensino que se ministra entre nós é fazer o discente absorver e memorizar o maior número possível de informações, sem ordem nem hierarquia, de tal sorte que se sinta aparelhado a enfrentar, com boas possibilidades de êxito, o montão de charadas e perguntas de algibeira destinadas a eliminar o maior número possível de candidatos a poucas vagas: seja em exames vestibulares, seja em concursos para o preenchimento de cargos públicos.

Foi esta, portanto, a questão com que se deparou e a que teve de responder meu jovem colega, Fernando José Pestana, primeiro em sala de aula e logo diante da tela em branco de um computador: como ensinar Língua Portuguesa de maneira clara e bem ordenada, eficaz e honesta, e, ao mesmo tempo, sempre útil a quem dela necessite para transpor com segurança as corridas de obstáculos que encontrar no caminho da Universidade ou do serviço público? Por outras palavras: como ser professor de Português no Brasil de 2013 sem jamais vender a alma ao diabo?

A resposta é o livro que você tem em mãos. Abra-o. Leia-o devagar. Reflita sobre o que leu. Ponha em prática o que ele ensina. Nenhum livro se propõe ensinar-lhe ***tudo*** aquilo de que você necessita para conhecer a fundo nossa língua. Ensinar-lhe-á, no entanto, como se flexionam os blocos que a compõem e como estes se combinam para formar blocos maiores – os sintagmas, as orações e os

períodos de que nos servimos para expressar nossas ideias e sentimentos. E também o induzirá a completar seu estudo, buscando, nas fontes mesmas da língua literária (também conhecida como norma culta do idioma), os grandes modelos que a ilustraram e engrandeceram ao longo de uma história multissecular de muitas glórias. Em o fazendo, meu jovem amigo, você estará desmentindo, por suas ações, o pragmatismo estéril de nosso tempo: você estará primacialmente aprendendo não para a escola, ou para o vestibular, ou para o concurso público, mas para a vida.

Sergio Pachá

Mestre em Língua Portuguesa

Ex-lexicógrafo-chefe da Academia Brasileira de Letras

Eis uma breve apresentação...

... porque não podemos perder tempo com palavras garbosas e blá-blá-blás. Um discurso polido e preciosista não me interessa nem deve interessar-lhe. Minha intenção é facilitar ao máximo sua vida, por isso a abordagem de *A Gramática* — que apresenta uma linguagem bem informal para ensinar o registro culto — visa principalmente a um propósito: fazer **você acertar as questões de qualquer prova de Língua Portuguesa** (independentemente do nível). Ponto.

Saiba que *A Gramática* está totalmente "antenada" com a linguagem dos concursos públicos, que vêm se valendo cada vez mais dos estudos linguísticos modernos. Coloque na sua cabeça o seguinte: foi-se o tempo em que as grandes bancas trabalhavam a gramática de modo superficial, por isso, em *A Gramática*, não há "mixaria" de informações. Hoje é preciso saber muito, pois as bancas estão cada vez mais "maldosas"! No devido grau, tudo aqui é pertinente, para que você se sinta sempre confiante no dia da prova. E, caso uma informação não tenha tanta relevância, você será avisado no corpo dos capítulos. Afinal, além de muita informação, precisamos de foco!

Entenda que, atualmente, as boas provas exploram muito a gramática textual, ou seja, o conhecimento de conteúdos gramaticais aplicados aos textos e, consequentemente, ao discurso. Hoje muitas questões (quase todas) tratam de trechos retirados de um texto, portanto não posso deixar de apegar-me aos valores discursivos das classes gramaticais e de certos aspectos da análise do discurso. Isso é algo primordial e **inovador**! Não foi por nada que me preocupei com os anseios dos concurseiros (e dos professores!).

Como estudar para concurso público?

Não satisfeito, preparei algo inédito: a cada capítulo, imediatamente antes das questões de concursos, dou uma de "Mister M": revelo os assuntos que mais caem nas provas.

Para quem é **cru** em Português, leia *A Gramática* com muita calma — relaxado e tomando um suquinho de maracujá. Sem pressa, intercale a leitura com exercícios; é preciso pegar intimidade com os ensinos gramaticais. Faça vista grossa às inúmeras minúcias e polêmicas ao longo dos capítulos. Procure estudar os tópicos mais recorrentes, vistos em "O que cai mais na prova?".

Para quem já tem uma **noção legal** de Língua Portuguesa, faça questões das provas anteriores com *A Gramática* ao lado; você não ficará em pânico, sou seu assessor particular. Além disso, reitero: há mais de 1.300 questões comentadas aqui. "Self-service"! Não deixe de estudar os tópicos mais recorrentes, vistos em "O que cai mais na prova?". Megaimportante!

Para quem **saca muito** de Português, preste atenção nas observações, nas minúcias e nas referências a vários gramáticos (e suas opiniões plurais), pois *A Gramática* gosta de explorar as questões polêmicas de bancas que trabalham doutrinas gramaticais divergentes, como as temidas ESAF, CESPE e FCC.

Meu concurso é...

Bem... caso seu concurso seja de **nível fundamental**, estude estes assuntos recorrentes:

- fonologia;
- ortografia;
- acentuação;
- semântica (sinônimos, antônimos e fatos da língua culta);
- classes de palavras (mera identificação delas e conjunções);
- aspectos básicos da análise sintática, da concordância, da regência e da crase.

Hoje, a CONSULPLAN é uma das bancas que mais confeccionam provas para esse nível. Por isso, procure fazer questões dessa banca.

Caso seu concurso seja de **nível médio**, estude tudo com afinco, exceto fonologia, numeral, interjeição (a chance de cair uma questão sobre esses assuntos beira a zero). Veja o que mais cai:

- tipologia textual (dissertação argumentativa e suas características);
- coesão e coerência (pronomes e conjunções);
- emprego e colocação de pronomes (pessoais, demonstrativos e relativos) e verbos (conjugação de certos verbos, correlação verbal, voz verbal, emprego de tempos e modos verbais);
- conjunções;
- preposições;
- sintaxe do período simples e composto;
- partícula SE (principalmente a apassivadora e a indeterminadora) e QUE (principalmente conjunção integrante e pronome relativo);
- pontuação (vírgula);
- concordância (verbal);
- regência (verbal);
- crase.

A CESGRANRIO, o CESPE/UnB, a FCC, a FGV, o NCE e a VUNESP são as principais bancas desse nível. A diferença entre o conteúdo de nível médio e de nível superior é mínima ou inexistente. O que de fato muda é o grau de dificuldade.

E... para você, **nível superior**, este é o "filé":

- tipologia textual (dissertação argumentativa e suas características);
- coesão e coerência (pronomes e conjunções);

- emprego e colocação de pronomes (pessoais, demonstrativos e relativos) e verbos (conjugação de certos verbos, correlação verbal, voz verbal, emprego de tempos e modos verbais);
- conjunções;
- preposições;
- sintaxe do período composto;
- partícula SE (principalmente a apassivadora e a indeterminadora) e QUE (principalmente conjunção integrante e pronome relativo);
- pontuação (vírgula);
- concordância (verbal);
- regência (verbal);
- crase.

O CESPE/UnB, a ESAF, a FCC, a CESGRANRIO, a FGV, o NCE e a VUNESP são as principais bancas desse nível. Eu me apego muito às quatro primeiras.

Obs.: Ao longo da leitura deste livro, você vai ver que me empolgo, colocando vários detalhes teóricos que caem raramente em prova (mas podem cair). Por que faço isso? Prefiro ser detalhista a deixar você ser surpreendido na prova por um detalhe que me escapou na teoria. No entanto, reitero: para otimizar seu tempo, criei um tópico, antes das questões de concursos de cada capítulo, chamado "**O que cai mais na prova?**". **Lá está o *bizu*!**

Para atender às críticas

Não estou interessado em elogios. Elogios costumam amortecer a vontade de melhora. Além de encher a caixa de e-mails. Brincadeira... Na verdade, estou ávido por ouvir suas críticas construtivas (e nem tão construtivas assim) a respeito do livro, principalmente acerca de erros "bobos" – que às vezes nos escapam – de ortografia, digitação, espaçamento etc. Se até o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República* tem erros, certamente deverá haver um ou outro nesta obra. Antes, porém, coloque este "link" no Google e leia:

Sumário

Capa

Folha de Rosto

Cadastro

Créditos

Dedicatória

Agradecimentos

O Autor

A Obra

Prefácio

Eis uma breve apresentação...

Como estudar para concurso público?

- **Meu concurso é...**
- **Para atender às críticas**

Introdução – O que é Gramática Normativa, Norma Culta, Registro Culto etc.?

Capítulo 1 – Fonologia

- **Definição**
- **Fonema**
- **Letra**
- **Dígrafo e Difono**
- **Classificação dos Fonemas**
  - Vogais
  - Semivogais
  - Consoantes
- **Sílaba**
- **Encontros Vocálicos**
  - Hiato
  - Ditongo
  - Tritongo
- **Encontros Consonantais**
- **Separação Silábica**

Separam-se

Não se separam

Ortoepia e Prosódia

Algumas pronúncias e grafias duplas registradas em dicionários e/ou no VOLP

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 2 – Acentuação Gráfica

Definição

Sinais Diacríticos

Algumas Considerações Importantes

Regra de Acentuação para Monossílabas Tônicas

Regra de Acentuação para Proparoxítonas

Regra de Acentuação para Paroxítonas

Regra de Acentuação para Oxítonas

Regra de Acentuação para os Hiatos Tônicos (I e U)

Regra de Acentuação para os Ditongos Abertos

Regra de Acentuação para os Hiatos EEM e OO

Regra de Acentuação para o Trema

Regra de Acentuação para os Acentos Diferenciais

Algumas Formas Variantes na Grafia e na Pronúncia

Regras para o Uso do Hífen

Prefixo terminado em vogal

Prefixo terminado em consoante

Algumas Observações Importantes

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 3 – Ortografia

Definição

O Alfabeto

Emprego da Letra E

Emprego da Letra I

Emprego da Letra O

Emprego da Letra U

Emprego da Letra C

Emprego do Ç

Emprego da Letra G

Emprego da Letra J

Emprego da Letra H

Emprego da Letra S

Emprego do Dígrafo SS

Emprego do Dígrafo SC

Emprego do Dígrafo CH

Emprego da Letra X

Emprego da Letra Z

Emprego dos Verbos Terminados em -EAR e -IAR

Dupla Grafia

Emprego das Iniciais Maiúsculas ou Minúsculas

Abreviaturas

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 4 – Semântica e Lexicologia

Definição

Sinonímia

Antonímia

Homonímia

Paronímia

Polissemia

Hiponímia e Hiperonímia

Meronímia e Holonímia

Acronímia, Estrangeirismos, Toponímia, Antroponímia, Axionímia e Oneonímia

Campo Lexical e Campo Semântico

Campo semântico

Campo lexical

Ambiguidade

Intertextualidade

Paráfrase

Paródia

Citação

Plágio

Alusão

Estilização

Epígrafe

Pastiche

Denotação e Conotação

Fatos e Dificuldades da Língua Culta

A Escolha das Palavras

Expressões Idiomáticas

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 5 – Morfologia

Capítulo 6 – Estrutura e Processo de Formação de Palavras

Definição

Morfema

Morfema Lexical

Morfema Derivacional

Morfema Flexional

Alomorfia

Vocábulos Cognatos

Radical

Radicais Gregos

Radicais Latinos

Afixos

Prefixos Gregos

Prefixos Latinos

Sufixos Greco-Latinos

Desinências

- Nominais
- Verbais

Vogal Temática

- VTs nominais
- VTs verbais

Letra de Ligação

Processo de Formação de Palavras

Derivação Prefixal, Sufixal, Parassintética (Circunfixação), Regressiva (Regressão) e Imprópria (Conversão)

- Prefixal
- Sufixal
- Parassintética (Circunfixação)
- Regressiva (Regressão)
- Imprópria (Conversão)

Composição por Justaposição e por Aglutinação

- Por Justaposição
- Por Aglutinação

Onomatopeia

Abreviação (Redução)

Siglonimização

Hibridismo

Combinação (Amálgama ou Palavra-valise)

Neologismo

Neologismo mórfico

Neologismo Semântico

Estrangeirismos

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 7 – Substantivo

Definição

Identificação e Substantivação

Identificação do Substantivo

Substantivação

Recurso de Nominalização

Por Derivação Sufixal

Por Derivação Regressiva

Locução Substantiva

Classificação

Variação em Gênero

Tipos

Gêneros Confundíveis

Mudança de Sentido

Variação em Número

Regras dos Simples

Mudança de Sentido

Regras dos Compostos

Variação em Grau

Aumentativo

Diminutivo

Formas Estilísticas

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 8 – Adjetivo

Definição

Identificação e Adjetivação

Identificação

Adjetivação

Recurso de Nominalização

Classificação

Locução Adjetiva

Variação em Gênero

Variação em Número

Regra dos Simples

Regra dos Compostos

Variação em Grau

Grau Comparativo

Grau Superlativo

Formas Estilísticas

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 9 – Artigo

Definição

Classificação

Identificação

Emprego dos Artigos Definidos

Emprego dos Artigos Indefinidos

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 10 – Numeral

Definição

Identificação

Classificação

Emprego dos Numerais

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 11 – Pronome

Definição

Identificação

Classificação, Emprego e Colocação do Pronome Pessoal

Pronomes Retos

Pronomes Oblíquos Átonos

Colocação Pronominal

Próclise

Ênclise

Mesóclise

Casos Facultativos

Nas Locuções Verbais

Pronomes Oblíquos Tônicos

Pronomes de Tratamento

Classificação e Emprego do Pronome Possessivo

Classificação e Emprego do Pronome Indefinido

Locuções pronominais indefinidas

Classificação e Emprego do Pronome Interrogativo

Classificação e Emprego do Pronome Demonstrativo

Emprego dos demonstrativos (valor discursivo)

Valores estilísticos dos demonstrativos

Classificação e Emprego do Pronome Relativo

Emprego dos pronomes relativos

Valor Discursivo

Pronomes Pessoais

Pronomes Possessivos

Pronomes Indefinidos

Pronomes Interrogativos

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 12 – Verbo

Definição

Identificação

Flexões dos Verbos

Modo

Tempo

Número

Pessoa

Estrutura Verbal

Radical

Vogal Temática

Desinências Verbais

Locução Verbal

Aspecto Verbal

Formas Nominais dos Verbos

O Infinitivo

O Gerúndio

Conheça alguns empregos do gerúndio:

O Particípio

Voz Verbal

Voz Ativa

Voz Passiva

Transposição de Vozes

Passagem de Voz Ativa para Passiva Analítica

Passagem de voz ativa para passiva sintética

Passagem de Voz Passiva Analítica para Voz Passiva Sintética

Voz Reflexiva

Formação dos Tempos Primitivos e Derivados

Tempos Derivados do Presente do Indicativo

Tempos Derivados do Pretérito Perfeito do Indicativo

Tempos Derivados do Infinitivo Impessoal

Formação do Imperativo e Uniformidade de Tratamento

Formação dos Tempos Compostos

Emprego dos Tempos e Modos Verbais

O Modo Indicativo

O Modo Subjuntivo

O Modo Imperativo

Correlação Verbal

Classificação dos Verbos

Regulares

Irregulares

Anômalos

Defectivos

Abundantes

Pronominais

Reflexivos

Vicários

Paradigmas (Modelos) de Conjugação Verbal

Verbos Notáveis

Particularidades Gráficas e Fonéticas

Papéis Temáticos

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 13 – Advérbio

Definição

Identificação e Particularidades

Sobre Advérbios Terminados em -mente

Mais algumas particularidades...

Classificação dos Advérbios e das Locuções Adverbiais

Afirmação

Negação

Modo

Tempo

Lugar

Dúvida

Intensidade

Causa

Concessão

Conformidade

Finalidade

Condição

Meio

Instrumento

Assunto

Companhia

Preço

Quantidade

Referência

Ordem

Medida

Peso

Matéria

Proporção

Reciprocidade

Favor

Exclusão

Inclusão

Consequência/Conclusão

Palavras e Locuções Denotativas

Variação em Grau

Formas Estilísticas de Grau dos Advérbios

Valor Discursivo

Valores Anafórico, Catafórico ou Dêitico

Advérbios e Construção de Sentido

Já

Advérbios Modalizadores

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 14 – Preposição

Definição

Identificação

Classificação

Combinações e Contrações

Locução Prepositiva e Valores Semânticos

Valor Relacional e Nocional

Valor Relacional

Valor Nocional

Certas Particularidades

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 15 – Conjunção

Definição

Identificação

Locução Conjuntiva

Classificação

Coordenativas

Subordinativas

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 16 – Interjeição

Definição

Identificação

Locução Interjetiva

Classificação

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 17 – Sintaxe

Capítulo 18 – Frase, Oração e Período

Capítulo 19 – Termos Essenciais da Oração

Definição

Sujeito

Classificação do Sujeito

Simples

Oculto

Composto

Indeterminado

Oração sem Sujeito (sujeito inexistente)

Oracional

Predicado

Predicação Verbal / Transitividade Verbal

Verbo de Ligação

Intransitivo

Transitivo Direto

Transitivo Indireto

Transitivo Direto e Indireto

Predicativo do Sujeito e do Objeto

Classificação do Predicado

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 20 – Termos Integrantes da Oração

Definição

Objeto Direto

Objeto Direto X Sujeito

Objeto Indireto

Complemento Nominal

Complemento Nominal X Objeto Indireto

Agente da Passiva

Agente da Passiva X Complemento Nominal

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 21 – Termos Acessórios da Oração

Definição

Adjunto Adnominal

Adjunto Adnominal X Agente da Passiva

Adjunto Adnominal X Complemento Nominal

Adjunto Adnominal X Predicativo do Sujeito e do Objeto
Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos
Adjunto Adverbial
Adjunto Adverbial X Adjunto Adnominal
Adjunto Adverbial X Objeto Indireto
Adjunto Adverbial X Predicativo do Sujeito
Adjunto Adverbial X Agente da Passiva
Aposto
Classificação do Aposto
Aposto X Adjunto Adnominal
Aposto X Predicativo do Sujeito
Vocativo
Vocativo X Aposto
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 22 – Orações Coordenadas

Conceito de Coordenação
Orações Coordenadas Assindéticas e Sindéticas
Orações Coordenadas Sindéticas Aditivas
Orações Coordenadas Sindéticas Adversativas
Orações Coordenadas Sindéticas Alternativas
Orações Coordenadas Sindéticas Conclusivas
Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas

Paralelismo Sintático

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 23 – Orações Subordinadas

Conceito de Subordinação

Orações Subordinadas Substantivas

Orações Subordinadas Substantivas Subjetivas

Orações Subordinadas Substantivas Predicativas

Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Diretas

Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Indiretas

Orações Subordinadas Substantivas Completivas Nominais

Orações Subordinadas Substantivas Apositivas

Orações Subordinadas Substantivas Justapostas

Orações Subordinadas Adjetivas

Orações Subordinadas Adjetivas Restritivas

Orações Subordinadas Adjetivas Explicativas

Valores Circunstanciais das Orações Adjetivas

Orações Subordinadas Adjetivas Justapostas

Funções Sintáticas dos Pronomes Relativos

Orações Subordinadas Adverbiais

Orações Subordinadas Adverbiais Causais

Orações Subordinadas Adverbiais Causais X Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas

Orações Subordinadas Adverbiais Consecutivas

Orações Subordinadas Adverbiais Condicionais

Orações Subordinadas Adverbiais Concessivas

Orações Subordinadas Adverbiais Conformativas

Orações Subordinadas Adverbiais Comparativas

Orações Subordinadas Adverbiais Finais

Orações Subordinadas Adverbiais Proporcionais

Orações Subordinadas Adverbiais Temporais

Orações Subordinadas Adverbiais Modais

Orações Subordinadas Adverbiais Justapostas

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 24 – Orações Reduzidas

Definição

Orações Reduzidas de Infinitivo

Substantivas

Adjetivas

Adverbiais

Orações Reduzidas de Gerúndio

Coordenada Aditiva

Substantiva Apositiva

Adjetiva

Adverbial

Orações Reduzidas de Particípio

Adjetivas

Adverbiais

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 25 – Orações Intercaladas

Definição

Tipos

Capítulo 26 – Período Misto

Definição

Possibilidades de Período Misto

A Elipse na Análise Sintática

Modelo de Análise de um Período Misto

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 27 – Pontuação

Definição

Vírgula

Ponto e Vírgula

Dois-pontos

Ponto

Ponto de Interrogação

Ponto de Exclamação

Travessão

Parênteses

Aspas

Reticências

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 28 – Concordância Verbal e Nominal

Definição

Concordância Verbal com o Sujeito Simples

Concordância Verbal com o Sujeito Composto

Concordância Verbal do Ser

Casos Especiais de Concordância Verbal

Silepse de Número e de Pessoa

Concordância Nominal com Adjetivos

Casos Especiais de Concordância Nominal

Silepse de Gênero e de Número

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 29 – Regência Verbal e Nominal

Definição e Particularidades

Regência Verbal

Pontos importantíssimos

Verbos com mais de uma regência sem mudança de sentido

Verbos que normalmente mudam de sentido devido à regência

Regência Nominal

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 30 – Crase

Definição

Casos Obrigatórios

Casos Proibitivos

Casos Facultativos

Casos Especiais

A Crase e Certas Implicações

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 31 – QUE, SE e COMO

Definição

O Vocábulo que e Suas Classificações

1) Substantivo

2) Interjeição

3) Advérbio

4) Preposição Acidental

5) Partícula Expletiva

6) Pronome Interrogativo

7) Pronome Indefinido

8) Pronome relativo

9) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa

Aditiva

Adversativa

Alternativa

Explicativa

Integrante

Causal

Consecutiva

Comparativa

Concessiva

Final

Temporal

O Vocábulo SE e Suas Classificações

1) Substantivo

2) Pronome Oblíquo Átono

Pronome Reflexivo (ou Recíproco)

Parte Integrante do Verbo

Partícula Expletiva

Partícula de Indeterminação do Sujeito

Partícula Apassivadora

3) Conjunção Subordinativa

Integrante

Condicional

Causal

Concessiva

Temporal

O Vocábulo como e Suas Classificações

1) Substantivo

2) Advérbio

3) Preposição Acidental

4) Interjeição

5) Verbo

6) Pronome Relativo

7) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa

Aditiva

Causal

Comparativa

Conformativa

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 32 – Estilística

Definição

Figuras de Palavras (conceito)

Metáfora

Comparação

Metonímia

Catacrese

Perífrase

Sinestesia

Figuras de Sintaxe

Hipérbato

Pleonasmo

Anacoluto

Elipse

Zeugma

Assíndeto

Polissíndeto

Anáfora

Figuras de Pensamento

Antítese

Oxímoro (Paradoxo)

Hipérbole

Gradação

Eufemismo

Ironia

Prosopopeia (Personificação)

Figuras Fônicas

Aliteração

Assonância

Paranomásia

Onomatopeia

Paralelismo

Combinação de Figuras

Vícios de Linguagem

Ambiguidade (Anfibologia)

Arcaísmo

Barbarismo

Cacofonia

Colisão

Parequema

Eco

Hiato

Solecismo

Preciosismo

Plebeísmo

Redundância (Tautologia)

Estrangeirismo

Prolixidade

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 33 – Teoria da Comunicação

Definição

Elementos da Comunicação

Funções da Linguagem

Noções de Semiótica (ou Semiologia) e Linguística

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 34 – Compreensão/Interpretação de Textos e Tipologia Textual

Definição

Operadores Argumentativos

Pressupostos e Subentendidos

Pressupostos

Subentendidos

Tipologia Textual

Texto Narrativo e Tipos de Discurso

Tipos de Discurso

Texto Descritivo

Texto Injuntivo

Texto Dialogal

Texto Dissertativo

- Dissertação Expositiva
- Dissertação Argumentativa

Estratégias Argumentativas

- Modalização
- Exemplificação (fato-exemplo)
- Enumeração
- Fato histórico
- Comparação
- Contraposição
- Causa e efeito
- Dados estatísticos
- Definição
- Testemunho de autoridade
- Contra-argumentação
- Pergunta retórica

Métodos de Raciocínio

- Silogismo
- Método de Raciocínio Dedutivo
- Método de Raciocínio Indutivo
- Método de Raciocínio Dialético
- Falácia

Gênero Textual

Estratégias para Compreensão/Interpretação de Textos

Análise de um Texto

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 35 – Coesão e Coerência

Definição

Coesão Referencial

Coesão Sequencial

Coesão Recorrencial

Fatores de Coerência

Manutenção temática

Conhecimento de mundo

Situação de comunicação

Mecanismos gramaticais e semânticos da língua

Intertextualidade

Intencionalidade

Coerência Narrativa

Coerência Argumentativa

Coerência Figurativa

Coerência Temporal

Coerência de Registro

Continuidade Textual

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 36 – Domínio do Registro Culto

Definição

Conceito de Erro

Registro Culto e Coloquial

Variações Linguísticas

Registros Linguísticos: Língua Falada e Língua Escrita

Acentuação

Ortografia

Emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos, principalmente)

Pontuação

Concordância

Regência

Crase

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 37 – Reescritura de Frases

Definição de Paráfrase

Mudança de Posição dos Vocábulos

Equivalência entre Locuções e Palavras e entre Conectivos

Substituição de Verbos por Advérbios e Vice-versa

Uso de Sinônimos

Substituição de Substantivos por Pronomes

Nominalização

Transformação de Oração Reduzida em Desenvolvida e Vice-versa

Reduzidas de gerúndio para desenvolvidas

Reduzidas de infinitivo para desenvolvidas

Reduzidas de particípio para desenvolvidas

Substituição de Pronome Relativo por Outro e Pronome Demonstrativo por Outro

Possibilidades de Paralelismo

Relação de Causa e Consequência

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 38 – Questões Comentadas da Banca CQIP

Bibliografia

Mensagem final

Gabarito Comentado

Introdução

O que é Gramática Normativa, Norma Culta, Registro Culto etc.?

Leia isto (vai por mim!), pois tais conceitos são importantes para a sua prova!

A **gramática normativa** trata da sistematização do registro culto da língua, em seus níveis fonológico (som), mórfico (forma), sintático (organização), semântico (sentido) e léxico (vocabulário). Falarei também dos níveis discursivo (uso prático da língua) e estilístico (criatividade no uso da língua). Falaremos de tudo isso em *A Gramática*.

A **língua culta (ou registro culto)**, conforme dizia o conceituadíssimo gramático Celso Cunha, "trata de uma descrição do português atual na sua **forma culta**, isto é, da língua **como a têm utilizado** os escritores portugueses, brasileiros e africanos, do Romantismo para cá, dando naturalmente uma situação *privilegiada* aos autores dos nossos dias". Como se pôde perceber com os grifos que dei, é simplesmente a maneira como as pessoas que gozam de prestígio social usam a língua. Não é a língua **pura** ou **correta** (apesar de ainda muitos sustentarem tal discurso!), mas tão somente uma maneira de usar a língua. A partir do modelo de escrita de pessoas conceituadas, estudiosos dessa modalidade linguística criaram padrões de "bom uso" da língua. De modo simplista, é por isso que a língua culta é também chamada de **língua padrão**, ou **registro culto**, ou ainda **registro formal**. Em algumas provas atuais, como as da ESAF e da FCC, você ainda vai encontrar a expressão "erro gramatical", quando melhor seria dizer "desvio", "inadequação" ou "incorreção" do ponto de vista da língua culta.

A **gramática normativa**, segundo a concepção mais tradicional, portanto, é um conjunto de regras para escrever e falar **corretamente** uma língua, de acordo com o molde de uso dessa língua por pessoas *cultas*. Será que é por isso que se fala em *norma culta*? Certamente.

A **norma culta** é apenas uma das variedades de uso da língua. Infelizmente, ainda, muitos pensam que o padrão culto da língua é o melhor, o correto, o ideal de língua e, portanto, o que deve ser usado por todos. Mas saiba que ela é tão somente uma das variedades de uso da língua. Ela é normalmente ensinada pelas gramáticas escolares, que se baseiam nos registros escritos de pessoas consagradas na sociedade e tidas como cultas. E é normalmente usada em situações formais.

Abra qualquer gramática **tradicional** (**normativa, escolar, prescritiva** etc.), por exemplo, a do Celso Cunha ou a do Bechara... Verá lá uma série de trechos retirados de livros de gente famosa, culta, influente e consagrada na sociedade. O modo como essas pessoas se expressavam linguisticamente pela escrita seguia um determinado modelo – com algumas variações, é claro, mas nada substancial – que, por sua vez, serviu de base para a feitura da **gramática normativa**, em que a língua padrão (culta) se torna o ideal do "bem falar e escrever".

Adendos e críticas à parte, devido à relevância que tem nas situações formais, a norma culta *deve* ser ensinada nas escolas (afinal, não a aprendemos na rua). É nesse ambiente institucionalizado que a aprendemos regularmente.

Pois bem... se o objetivo da língua é a comunicação e a interação, quero alistar aqui algumas vantagens do aprendizado do registro culto da língua:

- Assegura a unidade da língua nacional, pois é por meio do uso da língua culta que os livros didáticos, científicos e jurídicos, os documentos formais, os (tele)jornais consagrados, as grandes mídias etc. veiculam as informações de modo neutro e unificado para todo o país.
- Permite que uma pessoa ascenda profissionalmente, pois uma das exigências nas entrevistas de emprego ou nas provas de concursos públicos é o uso considerado *mais esmerado* da língua, por meio do qual pensamentos complexos são expressos, a saber: o registro culto da língua.
- Serve como um valioso instrumento em situações formais, para que circulemos bem em determinados ambientes sociolinguísticos. Por exemplo, ao nos dirigirmos a um juiz em um tribunal, a um presidente de uma empresa, enfim, a

uma pessoa que ocupa um cargo social mais elevado que o nosso, sentimo-nos impelidos a usar a língua culta.

Assim, percebemos que, em termos práticos, precisamos aprender o registro culto da língua para nosso bem-estar social! E isso inclui o quê? **Acertar questões em provas de concurso público**, pois elas se baseiam na norma culta. Como esta gramática se destina a ensinar tal norma, visando à sua ascensão social, chega de papo! Sirva-se!

Capítulo 1
Fonologia

Definição

Quando usamos a língua falada, saem sons de nossa boca, certo? Esses sons se combinam e formam palavras, certo? Essas palavras, por sua vez, podem ter seu sentido modificado caso uma parte sonora seja modificada, certo? Ok, então.

A **Fonologia** é a parte da gramática que estuda os sons da língua, sua capacidade de combinação e sua capacidade de distinção. Ela se ocupa da função dos sons dentro da língua, os quais permitem aos falantes formar palavras e distinguir significados. É o estudo dela que nos interessa para as provas de concursos públicos. O estudo da Fonética não nos importa.

"Ah, então existe uma distinção entre Fonética e Fonologia?" Sim! A Fonética descreve os aspectos articulatórios e as propriedades físicas de todos os sons, ou seja, trata da produção dos sons, como eles se formam etc. "Poxa, Pestana, então você não vai mostrar todo o aparelho fonador, a boca, a língua, os dentes, a transcrição fonética etc. e tal?" E-xa-ta-men-te! Não vou falar nada disso. "Mas por quê?" Simples. Porque não cai em prova. Outra informação: não usarei símbolos de transcrição fonética nem barras para marcar um fonema; meu objetivo é facilitar e ir direto à linguagem das provas. Reitero: só os aspectos da Fonologia importam para provas de concursos públicos!

Em questões bem antigas (década de 80, 90), até havia questões sobre Fonética. Hoje em dia, você não precisa se preocupar com isso. Graças a Deus! Quanto menos tiver de saber detalhes da gramática para acertar uma questão na prova e ser feliz, melhor para você. Concorda? Encher linguiça não é minha praia. Preciso ser preciso. Então... vamos lá!

Fonema

O **fonema** é a menor unidade sonora da palavra e exerce duas funções: formar palavras e distinguir uma palavra da outra.

É mais simples do que parece: quando os fonemas se combinam, formam palavras, ou seja, C + A + S + A = CASA. Percebeu? Quatro fonemas (sons) se combinaram e formaram uma palavra. Se substituirmos agora o som S por P, haverá uma nova palavra, certo? CAPA.

A combinação de diferentes fonemas permite a formação de novas palavras com diferentes sentidos. Portanto, os fonemas de uma língua têm duas funções bem importantes: **formar palavras** e **distinguir uma palavra da outra**.

Ex.: **c**al / **G**al / **m**al / **s**al / **t**al...

moç**o** / moç**a** / m**a**ço / maç**a** / maç**ã**...

Com a troca de fonemas, novas palavras surgiram, com sentidos diferentes. Percebeu?

Letra

A **letra** é um símbolo que representa um som, é a representação gráfica dos fonemas da fala.

É bom saber dois aspectos da letra: **pode representar mais de um fonema** ou **pode simplesmente ajudar na pronúncia de um fonema**. Como assim?

Por exemplo, a letra X pode representar os sons X (*enxame*), Z (*exame*), S (*têxtil*) e KS (*sexo*; neste caso a letra X representa dois fonemas – K e S = KS). Ou seja, uma letra pode representar mais de um fonema.

Às vezes a letra é chamada de **diacrítica**, pois vem à direita de outra letra para representar um fonema só. Por exemplo, na palavra *cachaça*, a letra H não representa som algum, mas, nesta situação, ajuda-nos a perceber que CH tem som de X, como em *xaveco*.

Vale a pena dizer que nem sempre as palavras apresentam número idêntico de letras e fonemas.

Ex.: **m**ola > 4 letras, 4 fonemas

guia > 4 letras, 3 fonemas

Percebeu que o U em GU não tem som? É uma letra diacrítica. Agora, em *água*, o U é pronunciado, logo não é mais uma letra diacrítica. Simples assim.

Tome cuidado, pois existem algumas palavras em que se pode pronunciar o X como Z ou KS: *hexágono*. Logo, se fôssemos analisar o número de letras e de fonemas, diríamos que, se pronunciarmos o X com som de Z, haverá 8 letras e 7 fonemas; caso pronunciemos o X com som de KS, haverá 8 letras e 8 fonemas. O H não é pronunciado, óbvio.

Só de curiosidade: na palavra *inexorável*, o X tem som de Z, logo há 10 letras e 10 fonemas.

Dígrafo e Difono

O **dígrafo** constitui-se de duas letras representando um só fonema. A segunda letra é diacrítica, isto é, existe apenas para ajudar numa determinada pronúncia. Por exemplo, se dissermos *caro*, o R terá um som diferente de RR, em *carro*. Este segundo R, em *carro*, é uma letra diacrítica.

Há dois tipos:

- **consonantais**: **gu, qu, ch, lh, nh, rr, ss, sc, sç, xc, xs.**
  Ex.: **gu**erreiro, **qu**eda, **ch**ave, **lh**ama, **nh**oque, a**rr**astão, a**ss**ado, de**sc**endente, cre**sç**a, e**xc**itado, e**xs**udar.

- **vocálicos ou nasais**: **a, e, i, o, u** seguidos de **m** ou **n** na *mesma* sílaba (!)
  Ex.: c**am**po, **an**ta/**em**presa, **en**trada/**im**batível, cai**n**do/**om**bro, **on**da/**um**bigo, **un**tar.

Chamamos de **difono** o som KS representado pela letra X.

Ex.: tó**x**ico (tó**ks**ico), comple**x**o (comple**ks**o), tóra**x** (tóra**ks**)...

Cuidado!!!

1) O M e o N usados após as vogais, nasalizando-as, não são fonemas nem consoantes. Logo, se o "homem da banca" quiser dar uma "pernada" em você, ele vai dizer que ocorre o encontro de duas consoantes em *menta*, por exemplo. Não caia nessa! O M e o N são apenas marcas de nasalização da

vogal, como se fossem um til (~). Se vierem, porém, antes da vogal (*na-ta-ção*) ou em outra sílaba (*Fa-bi-a-na*), aí sim são fonemas, são, de fato, consoantes.

2) Sempre que uma palavra tiver dígrafo, o número de letras será maior que o número de fonemas. Na palavra ***cham**pa**nh**a*, há 9 letras e 6 fonemas, pois há dois dígrafos consonantais (ch, nh) e um vocálico (am).

3) Se as palavras terminam em -AM, -EM, -EN(S), tais terminações não são dígrafos vocálicos, mas sim ditongos decrescentes nasais. Falarei mais disso daqui a pouco.

4) Parece bobeira, mas não confunda, por exemplo, *pi**sc**ina* (***sc***: 1 som), *e**sc**ola* (***sc***: 2 sons). Outra informação: na antiga ortografia, os dígrafos GU e QU, que só são dígrafos se seguidos da letra E ou I, recebiam trema em algumas palavras, o que facilitava a nossa vida em palavras como ***qüi**proquó* (os *us* são pronunciados, **mesmo sem trema**: ***qui**proquó*). Hoje (com a nova ortografia), sem trema, algumas palavras podem dificultar nossa vida. Exemplo: como se pronuncia *liquidificador*? Pronunciando o U ou não? As duas formas são possíveis (qüi/qui), mas se acostume com a ausência do trema, que tanto facilitava nossa vida na pronúncia das palavras. Depois reclamavam dele! Vai deixar saudades...

5) A letra H é chamada de letra etimológica, pois se manteve do latim até o português atual. Não representa fonema algum.

6) Nunca é demais dizer que depois de M se usa P e B: *âmbar, amplexo, embromar, empréstimo etc.*

Classificação dos Fonemas

Os fonemas são de três tipos: **vogais**, **semivogais** e **consoantes**.

Vogais

São fonemas produzidos livremente, sem obstrução da passagem do ar. São mais tônicos, ou seja, têm a pronúncia mais forte que as semivogais. São o centro de toda sílaba. Podem ser **orais** (timbre aberto ou fechado) ou **nasais** (indicadas

pelo ~, m, n). As vogais são A, E, I, O, U, que podem ser representadas pelas **letras** abaixo. Veja:

A: casa (oral), **cama** (nasal)
E: hélio (oral), **estrada** (oral, timbre fechado), **centro** (nasal)
I: amigo (oral), **índio** (nasal)
O: pode (oral), **olho** (oral, timbre fechado), **longe** (nasal)
U: saúde (oral), **untar** (nasal)
Y: hobby (oral)

Obs.: Os fonemas vocálicos representados pelas letras E e O são pronunciados, respectivamente, como I e U quando terminam palavra: *pente* (penti); *ovo* (ovu). No Sul do país, a pronúncia alterna. Outra informação importante: sempre que o acento agudo ou circunflexo estiver em cima de E, I, O, U, tais fonemas serão vogais; o **A** será sempre vogal!

Semivogais

Os **fonemas semivocálicos** (ou **semivogais**) têm o som de I e U (apoiados em uma vogal, na mesma sílaba). São menos tônicos (mais fracos na pronúncia) que as vogais. São representados pelas letras I, U, E, O, M, N, W, Y. Veja:

pai: note que a letra I representa uma semivogal, pois está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
mouro: note que a letra U representa uma semivogal, pois está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
mãe: note que a letra E representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
pão: note que a letra O representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
cantam: note que a letra M representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= cant**ãu**).

dancem: note que a letra M representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= danc**ẽi**).
hífen: note que a letra N representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= hífẽ**i**).
glutens: note que a letra N representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= glut**ẽi**s).
windsurf: note que a letra W representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
office boy: note que a letra Y representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.

Cuidado!!!

1) Celso Cunha, Sacconi e outros gramáticos, por exemplo, consideram a letra L uma semivogal em fim de sílaba (*sal, mal, sol, alto...*) por ter som de U. No Sul do Brasil, entretanto, mesmo nessa situação, o L tem som de L mesmo, predominantemente. Nunca vi em concurso algum tal exigência, mas... nunca se sabe... vai que...

2) Em um encontro vocálico, para saber qual fonema vocálico é vogal ou semivogal, sugiro substituir as vogais por valores de intensidade; assim: A=3, E=2, I=1, O=2, U=1. Por exemplo, em *vácuo* (u=1, o=2, logo U é semivogal e O é vogal). Saiba que o encontro vocálico *-eo* (*óleo*), por não se encaixar na minha sugestão, é analisado assim: semivogal (e) + vogal (o). Por fim, num encontro vocálico com I e U, o que vier após outro será, normalmente, vogal. Uma maneira de perceber isso é colocando um acento agudo **hipotético** em cima desses fonemas; Ex.: *partíu* (i, vogal; u, semivogal); *gratúito* (u, vogal; i, semivogal); *saguí* (u, semivogal; i, vogal). Esta última palavra é escrita com trema, segundo a antiga ortografia.

4) As palavras "windsurf" e "office boy", de origem estrangeira, já figuram nos dicionários de língua portuguesa do Brasil, por isso não podemos deixar de analisar as já consideradas letras do nosso alfabeto K, W e Y sob uma perspectiva fonológica. Só de curiosidade: Charles *Darwin* (*w* com som de *u*, semivogal).

Consoantes

São fonemas produzidos com interferência de um ou mais órgãos da boca (dentes, língua, lábios). Todas as demais letras do alfabeto representam, na escrita, os fonemas consonantais: B, C, D, F, G, H, J, K, L, M, N, P, Q, R, S, T, V, W (com som de V, *Wagner*), X, Z.

Sílaba

A **sílaba** é, normalmente, um grupo de fonemas centrados numa vogal. Toda sílaba é expressa numa só emissão de voz, havendo breves pausas entre cada sílaba. Isso fica mais perceptível quando pronunciamos uma palavra bem pausadamente. Por isso, intuitivamente, a melhor maneira de separar as sílabas é falar bem pausadamente a palavra. Exemplo: FO... NO... LO... GI... A. Percebeu?

Fique sabendo que a base da sílaba é a vogal e, sem ela, não há sílaba, ok? Há palavras com apenas uma vogal formando cada sílaba: *aí*, que se pronuncia a-í (duas sílabas).

Quanto ao **número** de sílabas, as palavras classificam-se em:

- **Monossílabas** (uma vogal, uma sílaba): m**ã**o.
- **Dissílabas** (duas vogais, duas sílabas): m**a**n-g**a.**
- **Trissílabas** (três vogais, três sílabas): m**a**n-gu**e**i-r**a.**
- **Polissílabas** (mais de três vogais, mais de três sílabas): m**a**n-gu**e**i-r**e**n-s**e.**

Ou quem sabe esta: pn**e**u-m**o**-**u**l-tr**a**-m**i**-cr**o**s-c**o**-p**i**-c**o**s-s**i**-l**i**-c**o**-v**u**l-c**a**-n**o**-c**o**-n**i**-**ó**-t**i**-c**o**.

Se eu ainda sei contar, são 20 vogais, logo 20 sílabas. Esta é polissílaba desde criancinha!

Quanto à **tonicidade**, há sílaba **tônica** (alta intensidade na pronúncia) e **átona** (baixa intensidade na pronúncia). Sempre há apenas uma (1) sílaba tônica por palavra, ok? Ela se encontra em uma das três sílabas finais da palavra (isto é, se a palavra apresentar três sílabas).

Bizu: se houver acento agudo ou circunflexo em uma das vogais, aí estará a sílaba tônica da palavra.

Qual seria, então, a sílaba tônica de *pneumoultramicroscopicossilicovulcanoconiótico*?

Moleza, não? Veja: *pneumoultramicroscopicossilicovulcanoconi**Ó**tico.*

Se não houver acento agudo ou circunflexo para facilitar a nossa vida, coloque um acento **hipotético** para identificar a sílaba tônica: **cás**telo, cas**té**lo ou caste**ló**? Como falamos? É claro que a sílaba tônica é a segunda: cas-**te**-lo.

Quanto à **posição** da sílaba tônica, as palavras só podem ser:

- **Oxítonas** (última sílaba tônica): con**dor.**
- **Paroxítonas** (penúltima sílaba tônica): ru**bri**ca.
- **Proparoxítonas** (antepenúltima sílaba tônica): **ín**terim.

Cuidado!!!

1) Conheça a posição da sílaba tônica de algumas palavras: *SÁbia, saBIa, sabiÁ, misTER, noBEL, ureTER, ruIM, filanTROpo, puDIco, reCORde, graTUIto, iBEro, LÊvedo, aRÍete, ZÊnite, QUÉops...*

2) Há palavras que têm dupla possibilidade de posição da sílaba tônica: *proJÉtil/projeTIL, RÉPtil/repTIL, XÉrox/XeROX...* Note que há mudança na acentuação gráfica...

3) Só para relaxar: "A sábia não sabia que o sábio sabia que o sabiá sabia assobiar". E as sílabas tônicas?

Falaremos sobre **Prosódia** (assunto que trata, basicamente, da correta posição da sílaba tônica) com calma mais à frente. *Relax!*

Encontros Vocálicos

Como o nome sugere, é o contato entre fonemas vocálicos. Há três tipos:

Hiato

Ocorre hiato quando há o encontro de duas vogais, que acabam ficando em sílabas separadas (V – V), porque só pode haver uma vogal por sílaba.

Ex.: s**a**-**í**-da, r**a**-**i**-nha, b**a**-**ú**s, c**a**-**í**s-te, tu-cu-m**ã**-**í**, su-c**u**-**u**-ba, r**u**-**i**m, jú-n**i**-**o**r...

Cuidado!!!

1) Em palavras com a sequência V+SV+V, como *praia, meio, joio*, ocorre um falso hiato, vulgarmente falando. Isso ocorre porque ***prai-a***, por exemplo, apresenta semivogal (i) separada de vogal (a). Na realidade, o que ocorre é um fenômeno chamado **glide**, isto é, cada uma das palavras acima apresenta dois ditongos, pois a semivogal (i) se **prolonga** até a sílaba seguinte: (*prai-ia, mei-io...*). Nunca vi isso em prova de concurso, mas... nunca se sabe...

2) As palavras *rio, cio, mia, tia, dia* não são monossilábicas! São dissilábicas, pois apresentam hiato!

Ditongo

Existem dois tipos: crescente ou decrescente (oral ou nasal).

Crescente (SV + V, na mesma sílaba):

Ex.: magistér**io** (oral), sér**ie** (oral), várz**ea** (oral), q**uo**ta (oral), q**ua**torze (oral), enq**ua**nto (nasal), cinq**ue**nta (nasal), q**ui**nquênio (nasal)...

Decrescente (V + SV, na mesma sílaba):

Ex.: it**em** (nasal), am**am** (nasal), sêm**en** (nasal), c**ãi**bra (nasal), c**au**le (oral), **ou**ro (oral), v**ei**a (oral), fl**ui**do (oral), v**ai**dade (oral)...

Cuidado!!!

1) Os ditongos não são separados, mas os crescentes finais (-ea, -eo, -ia, -ie, -io, -oa, -ua, -ue, -uo) são vistos pela NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) e por muitos gramáticos como possíveis hiatos de palavras proparoxítonas *acidentais*, ou *eventuais*. Por exemplo: ***his-tó-ria*** (paroxítona/ditongo crescente) ou ***his-tó-ri-a*** (proparoxítona/hiato). Em concurso, é comuníssima a *primeira* análise, ou seja, ***áu-rea, plúm-beo, ca-lú-nia, sé-rie, co-lé-gio, má-goa, á-gua, têngue, tríduo***. Olho vivo!

2) Palavras terminadas em ***-am*** (verbo), ***-em*** (verbo ou não verbo), ***-en*** (nome), ***-en(s)*** (verbo ou não verbo) apresentam ditongo decrescente nasal

(também chamado de ditongo fonético). Exemplo: danç**am** (= ãu), beb**em** (= ẽi), s**em** (= ẽi), glút**en** (= ẽi), cont**éns** (= ẽi), hif**ens** (= ẽi)... Mesmo com sufixo, o ditongo se mantém: tr**en***zinho*, vint**en***zinho*...

3) A palavra *muito* apresenta um ditongo decrescente nasal apesar da ausência de marca de nasalização. A Língua Portuguesa apresenta outras palavras assim: *El**ai**ne, and**ai**me, pl**ai**no, aç**ai**ma* (do verbo açaimar), *Ror**ai**ma* (também existe a pronúncia *Ror**ái**ma*), etc.

4) Interessante é a palavra *ioiô*, que se separa em io-iô (há dois ditongos crescentes). Outras palavras podem apresentar mais de um encontro vocálico, como ***Pi-au-í*** (um hiato, um ditongo decrescente e um falso hiato). Cuidado também com as palavras *v**ai**dade* e *p**ai**sagem*, que apresentam ditongos decrescentes, e não hiatos!

Tritongo

O tritongo é a união de **SV** + **V** + **SV** na mesma sílaba; pode ser oral ou nasal.

Ex.: sag**ião** (nasal), Parag**uai** (oral), enxág**uem** (nasal), averig**uou** (oral), deság**uam** (nasal), ag**uei** (oral)...

Cuidado!!!

1) O M dos exemplos de tritongo é uma semivogal. Logo, não pense que, em *enxáguem* e *deságuam*, os encontros UEM e UAM formam ditongos crescentes nasais. São tritongos: SV+V+SV.

2) Há duas palavras perigosas: **se-quoi-a** e **ra-diou-vin-te**. Há tritongo nelas, hein!

3) Como eu já disse mais acima (em Hiato), palavras como *praia, joio, veia* não têm tritongo!

Encontros Consonantais

É a sequência de consoantes numa palavra. Existem os perfeitos (inseparáveis, pois ficam na mesma sílaba) e os imperfeitos (separáveis, pois não ficam na mesma

sílaba). Geralmente, os encontros consonantais perfeitos apresentam **consoante + l** ou **r**.

Ex.: Flamengo (perfeito) > **Fl**a-men-go
Vasco (imperfeito) > Va**s-c**o

Obs.: Não confunda encontro consonantal com dígrafo consonantal! Exemplo: *campo* (o M nasaliza a vogal anterior; não é consoante, é só uma marca de nasalização; não forma encontro consonantal com P!).

Separação Silábica

Trata da adequada separação das sílabas de uma palavra. Lembre-se: toda sílaba tem de apresentar uma vogal.

Separam-se

Os **hiatos**: *va-ri-a-do*, *car-na-ú-ba*, *pa-ra-í-so*, *ru-í-na*, *cu-ri-o-so*, *ál-co-ois* (ou al-co-óis)...

Os **dígrafos** (rr, ss, sc, sç, xc, xs): *car-rei-ra*, *cas-sa-ção*, *nas-cer*, *des-ça*, *ex-ces-so*, *ex-si-car*...

Os **encontros consonantais** que não iniciam imediatamente as palavras (pç, bd, cc, cç, tn, bm, bst, bt, sp, ct, pt, sp, sc, sf, mn, br etc.): *op-ção*, *ab-di-car*, *oc-ci-pi-tal*, *fic-ção*, *ét-ni-co*, *sub-me-ter*, *abs-tra-to*, *ob-ten-ção*, *trans-por-te*, *in-tac-to*, *ap-ti-dão*, *ins-pi-rar*, *cons-pur-car*, *obs-cu-ro*, *at-mos-fe-ra*, *am-né-sia*, *ab-rup-to*...

Obs.: Quando a palavra for seguida de um conjunto de consoantes, separar-se-á a última da penúltima: *tungs-tê-nio*, *felds-pa-to*, *sols-tí-cio*, *pers-pi-caz*... **Cuidado**: *quart-zo*, *me-tem-psi-co-se*.

A **última consoante dos prefixos** (bis, dis, sub, cis, trans, super, ex, inter etc.), quando **seguida de vogal**, junta-se a ela: *bi-sa-vó, di-sen-te-ri-a, su-bem-pre-go, ci-sal-pi-no, tran-sa-tlân-ti-co, su-pe-res-pe-ci-al, e-xan-gue, in-te-res-ta-du-al...*

Obs.: É preciso atenção quando uma palavra PARECE ter prefixo. Exemplo: *sub-oficial* (a palavra *oficial* existe, logo "sub" é prefixo; assim: *su-bo-fi-ci-al*), mas *sublime* (a palavra *lime* não existe, logo "sub" pertence ao radical, não é prefixo; assim: *su-bli-me*).

Não se separam

Ditongos e tritongos: *a-rac-nói-de-o (**proparoxítona!**), cau-sa, doi-do, a-fei-to, pleu-ra, bai-xa, cou-ro, gra-tui-to, men-tiu, a-guen-tar, bai-a-no, coi-o-te, fei-o-so, plêi-a-de, Cui-a-bá, boi-a-da, U-ru-guai, i-guais, en-xa-guou...*

Obs.: Muitos dicionários divergem quanto à separação do encontro vocálico **-io** no meio da palavra; analisam ora como ditongo, ora como hiato (ambas as formas estão adequadas, por falta de consenso). Exemplo: fi-**si-o-**te-ra-pi-a (ou fi-**sio**-te-ra-pi-a).

Dígrafos (lh, nh, ch, qu, gu): *ve-lho, ba-nhei-ra, mar-cha, quei-jo, guer-ra...*

Encontros consonantais perfeitos no início de palavras, normalmente: *gno-mo, mne-mô-ni-co, pneu-má-ti-co, psi-có-lo-go, pro-ble-ma, cni-dá-rio...*

A ***última consoante dos prefixos*** (bis, dis, sub, cis, trans, super, ex, inter etc.), se seguida de consoante, não formará nova sílaba com ela: *bis-ne-to, dis-cor-dân-cia, sub-li-nhar (cai muito em prova!), cis-pla-ti-no, trans-por-tar, su-per-ho-mem, ex-car-ce-rar, in-ter-na-cio-nal...*

Cuidado!!!

A **translineação silábica** trata da separação das sílabas de uma linha para outra em um texto formal, como em uma Redação Oficial. Seguem as normas gramaticais estabelecidas para a divisão silábica em uma redação:

1) Deve-se evitar que a sílaba constituída de vogal fique isolada no fim ou no início de linha: *úmi-do*, e não ***ú**-mido*.

2) Deve-se evitar que a translineação provoque a ocorrência de palavras chulas ou inadequadas: *apósto-lo*, e não *após-**tolo***; *dispu-ta*, e não *dis-**puta***.

O Novo Acordo Ortográfico recomenda, por clareza gráfica, quando o hífen de palavra composta, ou com prefixo, coincidir com o fim de linha, repeti-lo no início da linha seguinte:

.....A defesa pleiteou no pedido de *habeas corpus* a expedição de ***salvo-conduto*** para que o militar não fosse.....

Ortoepia e Prosódia

Ortoepia ou **Ortoépia** trata da pronúncia adequada das palavras. Já a **Prosódia** trata, basicamente, da correta acentuação tônica das palavras, ou seja, da posição adequada da sílaba tônica das palavras. Quando alguém comete um desvio de prosódia, damos a isso o nome de **silabada** – deslocamento da sílaba tônica.

Este assunto está ligado à fonologia, à ortografia e à acentuação, por isso revisite-o sempre. Não é incomum ouvirmos as pessoas dizendo *menDINgo, morTANdela, aDEvogado, PREvilégio ou RÉcorde, RÚbrica, inteRIM, gratuÍto* etc., certo? Até o mais conceituado apresentador de telejornal brasileiro diz *RÉcorde*! Preste atenção!

No entanto, sabemos que *mendigo, mortadela, advogado* e *privilégio* são as adequadas pronúncias, o que acaba influenciando a ortografia, percebe? Sabemos também que o adequado é *reCORde, ruBRIca, ÍNterim, graTUIto*. Beleza?

Nós, falantes cultos da língua, devemos nos preocupar muito em pronunciar adequadamente as palavras, sem acrescentar ou retirar partes das palavras, ou ainda deslocar a posição da sílaba tônica delas. Nossa ascensão social depende disso, seja em uma entrevista de emprego seja em uma prova de concurso. Fique ligado nisso!

Leia e releia os desvios mais clássicos:

ADEQUADO	INADEQUADO
Admissão	Adimissão*
Absoluto	Abissoluto
Advogado	Adevogado
Aforismo	Aforisma
Aleijar	Alejar
Aterrissagem	Aterrizagem
Adivinhar	Advinhar
Apropriado	Apropiado
Bandeja	Bandeija
Bugiganga	Buginganga
Beneficente	Beneficiente
Bebedouro	Bebedor
Bochecha	Buchecha
Boteco	Buteco
Braguilha	Barguilha
Bueiro	Boeiro
Cabeleireiro	Cabelereiro
Caranguejo	Carangueijo
Cutucar	Cotucar

Creolina	Criolina
Descarrilar	Descarrilhar
Digladiar	Degladiar
Disenteria	Desinteria
Empecilho	Impecilho
Engajamento	Enganjamento
Estourar	Estorar
Estupro	Estrupo
Esteja	Esteje
Etimologia	Etmologia
Fratricídio	Fatricídio
Freada	Freiada
Fragrância	Fragância
Frustração	Frustação
Intitular	Entitular
Lagarto	Largato
Lagartixa	Largatixa
Manteigueira	Mantegueira
Mendigo	Mendingo
Meritíssimo	Meretíssimo

Meteorologia	Meterologia
Mortadela	Mortandela
Prazerosamente	Prazeirosamente
Privilégio	Previlégio
Problema	Pobrema/Poblema
Proprietário	Propietário
Prostrar	Prostar
Reivindicar	Reinvidicar
Salsicha	Salchicha
Seja	Seje
Sobrancelha	Sombrancelha
Supetão	Sopetão
Superstição	Supertição
Tábua	Talba
Tóxico	Tóxico (ch)
Umbigo	Imbigo
Basculante	Vasculante

** Para os professores de plantão, não entrarei no mérito da epêntese e de outros fenômenos prosódicos, pois isso não cai em prova.*

Algumas pronúncias e grafias duplas registradas em dicionários e/ou no VOLP

acróbata ou *acrobata/ aborígine* ou *aborígene/arteriosclerose* ou *aterosclerose/abóbada* ou *abóboda/assoviar* ou *assobiar/aterrissar* ou *aterrizar/boêmia* ou *boemia/infarto, infarte, enfarte* ou *enfarto/diabetes* ou *diabete/percentagem* ou *porcentagem/ambrósia* ou *ambrosia/ hieróglifo* ou *hieroglifo/Oceânia* ou *Oceania/xerox* ou *xérox/zângão* ou *zangão/autopsia* ou *autópsia/biopsia* ou *biópsia/ortoepia* ou *ortoépia/projétil* ou *projetil/réptil* ou *reptil/sóror* ou *soror/homília* ou *homilia/Madagáscar* ou *Madagascar/elétrodo* ou *eletrodo/dúplex* ou *duplex (...)*

Quanto ao timbre da vogal, há muito desacordo entre os gramáticos. Tentei alistar algumas palavras em que há certo consenso, mas, cada vez que eu pesquisava mais profundamente, ficava mais desesperado. Há muuuuuita discordância! Você não tem ideia. Por isso minha lista é breve:

- **Com timbre aberto:** *acerbo, badejo, coeso, coldre, dolo, grelha, inodoro, ileso, leso, molho* (feixe, conjunto), *obeso, obsoleto, piloro, suor.*
- **Com timbre fechado:** *acervo, alcova, algoz, algozes* (pode ser com timbre aberto), *bodas, crosta, cerda, escaravelho, omeleta* (a pronúncia de omel**é**te é polêmica), *reses, torpe.*

O Que Cai Mais na Prova?

Se eu fosse você, estudaria a posição da sílaba tônica (proparoxítona, paroxítona, oxítona), os encontros vocálicos (hiato, ditongo, tritongo) e as separações silábicas.

Questões de Concursos

Veja agora quais bancas gostam de trabalhar questões de Fonologia. De uma coisa eu tenho certeza: a maioria das questões relacionadas à Fonologia, atualmente, não são trabalhadas pelas bancas de maior prestígio no universo dos concursos civis. Além disso, a maior parte das questões é de nível fundamental/médio.

Adaptei as questões antigas (antes de 2009) à **nova ortografia**, que agora foi adiada para 2016. Chega de papo! Vamos trabalhar!

1. (NCE/UFRJ – TRE/RJ – Auxiliar Judiciário – 2001) O item abaixo que apresenta erradamente uma separação de sílabas é:
   a) trans-o-ce-â-ni-co;
   b) cor-rup-te-la;
   c) sub-li-nhar;
   d) pneu-má-ti-co;
   e) e-co-no-mi-a.

2. (FGV – SPTRANS – Especialista em Transportes – 2001) Assinale a alternativa em que o *x* representa fonema igual ao de "exame".
   a) exceto.
   b) enxame.
   c) óxido.
   d) exequível.

3. (Vunesp – Prefeitura de São Paulo – Auxiliar de Zoonoses – 2002) Assinale a alternativa em que as sílabas de todas as palavras estão separadas corretamente.
   a) fi-ngem, no-rte, con-fu-nde.
   b) ex- pres- são, lín-gua, fo-ra.
   c) ali-men-tar, vi-vos, ga-mbá.
   d) qu-an-do, a-ta-ca-dos, i-sso.

4. (FUNDEC – TJ/MG – Oficial de Justiça – 2002) Todas as palavras a seguir apresentam o mesmo número de sílabas e são paroxítonas, **EXCETO**:
   a) gratuito;
   b) silencio;
   c) insensível;
   d) melodia.

5. (FUNDEC – TJ/MG – Oficial de Justiça – 2002) Assinale a alternativa **INCORRETA** quanto à descrição da palavra.
   a) distinguir: um encontro consonantal e dois dígrafos.
   b) cinquentão: dois encontros consonantais, um ditongo crescente e um ditongo decrescente.
   c) quiproquó: dois ditongos crescentes e um encontro consonantal.
   d) antiguidade: dois dígrafos e nenhum ditongo.

6. (FUNDEC – TJ/MG – Oficial de Justiça – 2002) Assinale a alternativa **CORRETA** quanto à divisão silábica, à ortografia e à análise da estrutura fonética da palavra em destaque.
   a) **se-ri-ís-si-mo** – vocábulo proparoxítono, com um hiato e um dígrafo.
   b) **ar-rit-mia** – vocábulo oxítono, com dois encontros consonantais e um ditongo crescente.
   c) **flu-i-dos** – vocábulo paroxítono, com um encontro consonantal e um hiato.
   d) **pre-ten-ci-o-so** – vocábulo paroxítono, com um encontro consonantal, um dígrafo e um hiato.

7. (FUMARC – BHTRANS – Assistente Administrativo – 2003) Ambas as palavras contêm exemplo de dígrafo em:
a) questionário/recursos;
b) perspectiva/descer;
c) bairro/maravilhosa;
d) passividade/telespectador.

8. (FUMARC – Câmara Municipal de Ouro Preto – Advogado – 2004) Ambas as palavras contêm exemplo de dígrafo em:
a) magma/massa;
b) nascer/exceto;
c) seccional/barro;
d) afta/minha.

9. (Cesgranrio – Assembleia Legislativa/TO – Auxiliar Legislativo (Manutenção e Conservação) – 2005) Há ERRO na separação silábica da palavra:
a) a-ver-me-lha-do;
b) pi-co-lé;
c) Ro-ra-i-ma;
d) nu-tri-ti-vo;
e) sil-ves-tre.

10. (OFFICIUM – TJ/RS – Auxiliar Judiciário – 2005) Assinale a alternativa em que os segmentos destacados representam o mesmo fonema (som).
a) desperdí**c**io – desperdi**ç**amos.
b) **j**úbilo – **g**argalo.
c) produ**ç**ão – do**s**es.
d) **r**eservamos – bu**r**ocracia.
e) e**xc**essos – **x**ampu.

11. (IPAD – COMPESA – Operador de Sistemas – 2006) Analise a divisão silábica das palavras abaixo.
1. convicção – con-vic-ção.
2. abstrato – ab-stra-to.
3. transparência – tran-spa-rên-ci-a.
4. nascimento – nas-ci-men-to.
Estão **corretas**:
a) 1, 2, 3 e 4.
b) 1 e 4, apenas.
c) 2 e 3, apenas.
d) 1, 3 e 4, apenas.
e) 2, 3 e 4, apenas.

12. (FCC – MPU – Analista de Saúde – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A gramática prescreve que o vocábulo **adjacentes** seja assim separado em sílabas: "a-dja-cen-tes".

13. (FEPESE – Prefeitura de Balneário de Camboriú – Arquiteto – 2008) Observe a frase, retirada do texto:

Entreabri os olhos e deparei com uma quantidade enorme de cascalho e areia.

Coloque dentro dos parênteses (coluna 2) o número que corresponda à classificação correta dos conjuntos destacados, de acordo com a coluna 1 (não é permitido repetir qualquer número).

Coluna 1		**Coluna 2**
1.	hiato	( ) a**br**i
2.	ditongo decrescente	( ) o**lh**os
3.	ditongo crescente	( ) q**ua**ntidade
4.	grupo consonantal	( ) depar**ei**
5.	dígrafo	( ) entr**ea**bri

Assinale agora a resposta que apresenta a sequência **correta**, de cima para baixo.

a) 1 – 4 – 3 – 2 – 5.
b) 4 – 5 – 3 – 1 – 2.
c) 4 – 5 – 3 – 2 – 1.
d) 5 – 4 – 3 – 2 – 1.
e) 5 – 4 – 2 – 3 – 1.

14. (Cespe/UnB – UEPA – Auxiliar de Laboratório – 2008) Assinale a opção em que as palavras apresentam, em sequência, ditongo / hiato / ditongo.

a) outra / comeu / coisa.
b) comeu / chorou / rainha.
c) diante / muito / teus.
d) meus / piavam / pai.

15. (Cespe/UnB – SGA – Auxiliar de Serviços Gerais – 2008) A letra **x**, em encaixar, representa o mesmo som que em asfixia, engraxar e luxo.

( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – SEBRAE/BA – Assistente – 2008) A seguinte separação de palavras polissílabas do texto está correta: tes-tos-te-ro-na; neu-ro-lo-gis-ta; pu-dés-se-mos; sa-be-rí-a-mos.

( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (Cespe/UnB – CEHAP – Auxiliar de Serviços Administrativos – 2009) Assinale a opção que apresenta o vocábulo classificado **inadequadamente** quanto ao número de sílabas.

a) acredito – polissílabo.
b) comigo – trissílabo.

c) Rosinha – dissílabo.
d) eu – monossílabo.

18. (AOCP – Câmara de Paranavaí – Procurador – 2010) Assinale a alternativa correta quanto ao que se afirma a seguir.

a) Na palavra **humanos**, há 7 letras e 7 fonemas.
b) Na palavra **balança**, há 7 letras e 7 fonemas.
c) Na palavra **guerra**, há 6 letras e 4 fonemas.
d) Na palavra **campanha**, há 8 letras e 7 fonemas.
e) Na palavra **terras**, há 6 letras e 6 fonemas.

19. (AOCP – Câmara de Paranavaí – Procurador – 2010) Assinale a alternativa INCORRETA quanto ao que se afirma a seguir.

a) Na palavra **detalhamento**, há, respectivamente, um dígrafo consonantal e um dígrafo vocálico.
b) Na palavra **promessas**, há, respectivamente, um encontro consonantal e um dígrafo consonantal.
c) Na palavra **revanchismo**, há, respectivamente, um dígrafo vocálico e um dígrafo consonantal.
d) Na palavra **discussões**, há, respectivamente, um dígrafo consonantal e um dígrafo consonantal.
e) Na palavra **programa**, há, respectivamente, um encontro consonantal e um encontro consonantal.

A construção a seguir servirá de base para as questões seguintes:
"... é até um pecado acreditar que Deus, Nosso <u>Senhor</u>, lá do seu trono, no <u>Paraíso</u>, vai se preocupar em quebrar o salto do teu sapato e, por via disso, pôr fim a um caso de amor."

20. (Exames – Prefeitura de Itapororoca/PB – Procurador Jurídico – 2010) Na primeira palavra sublinhada, podemos perceber:

a) um encontro consonantal provido de sons distintos;
b) um tritongo;
c) um hiato;
d) um dígrafo;
e) um ditongo.

21. (Exames – Prefeitura de Itapororoca/PB – Procurador Jurídico – 2010) Na segunda palavra sublinhada, podemos identificar:

a) um encontro consonantal provido de sons distintos;
b) um tritongo;
c) um hiato;
d) um dígrafo;
e) um ditongo.

22. (AOCP – Prefeitura Municipal de Camaçari – Procurador Municipal – 2010) Assinale a alternativa em que todas as palavras são proparoxítonas.

a) documentos, dirigentes, pesquisadora.
b) públicas, pedagógico, física.
c) adicionais, levantamento, atividades.
d) contador, eliminados, escolas.
e) gestores, concentrassem, sistema.

23. (AOCP – Prefeitura Municipal de Camaçari – Procurador Municipal – 2010) Assinale a única alternativa que apresenta apenas um encontro vocálico.

a) relatórios.
b) violência.
c) regionais.
d) reuniões.
e) funcionários.

24. (Consulplan – Assessor Legislativo – 2010) Na palavra "barriga" há ocorrência de:

a) encontro vocálico;
b) tritongo;
c) dígrafo;
d) hiato;
e) ditongo crescente.

25. (Consulplan – Assistente Administrativo – 2010) Assinale a alternativa em que a palavra sublinhada é um ditongo oral crescente:

a) Você não contribuiu para a contaminação da <u>água</u>.
b) Após as chuvas, a cidade está um <u>caos</u>.
c) ... o processo <u>inteiro</u> passou por critérios de proteção ao meio ambiente.
d) ... os alimentos da <u>estação</u> costumam ser mais bonitos e gostosos.
e) A <u>proteína</u> é necessária para o organismo.

26. (Consulplan – Assistente Administrativo – 2010) Dadas as palavras com separação silábica:

1. plás–ti–co.
2. con–tri–bu–ir.
3. a–va–liar.

Está(ão) correta(s) apenas a(s) palavra(s):

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 1 e 3.
e) 1 e 2.

27. (Consulplan – Profissional de Área Técnica (PRAT) – 2011) A palavra "horrores" apresenta:

a) ditongo;
b) dígrafo;
c) tritongo;
d) encontro vocálico;

e) hiato.

28. (Consulplan – Técnico em Informática – 2011) "Por trás de um pequeno homem talvez exista uma mulherzinha de nada." As palavras destacadas apresentam, respectivamente:
a) encontro vocálico / dígrafo / encontros vocálicos;
b) hiato / dígrafo / encontros consonantais;
c) encontro consonantal / ditongo / dígrafos;
d) tritongo / ditongo / dígrafos;
e) encontro consonantal / dígrafo / dígrafos.

29. (IPAD – SENAC/PE – Auxiliar Administrativo – 2011) O termo que se enquadra na mesma justificativa de **tênis**, quanto à tonicidade, é:
a) enfatizar;
b) acabar;
c) Natal;
d) consumismo;
e) espiritual.

30. (AOCP – CISMEPAR – Auxiliar de Serviços Gerais – 2011) Assinale a alternativa INCORRETA quanto ao número de sílabas.
a) Redução (trissílaba).
b) Acontece (polissílaba).
c) Hipertensão (polissílaba).
d) Lei (monossílaba).
e) Saúde (dissílaba).

31. (FUMARC – Prefeitura de Nova Lima/MG – Estagiário de Técnico em Administração – 2012) Considere estes grupos de palavras:
I. co – lé – gi – o; bra – si – le – i – ras; as – pe – ctos.
II. e – nig – ma; pror – ro – gar; ca – ná – rio.
III. due – lo; mi – ú – do; su – bli – nhar.
IV. in – con – tes – tá – vel; eu – ro – pei –a; i – guais.
A **correta** divisão silábica de todas as palavras pode ser observada:
a) apenas em II;
b) apenas em II e IV;
c) apenas em III e IV;
d) apenas em I e IV.

32. (FUMARC – Prefeitura de Nova Lima/MG – Engenheiro Civil – 2012) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

TEXTO I

Na escola dos meus sonhos, os professores são bem pagos e não precisam pular de colégio em colégio para se poderem manter. Pois é a escola de uma sociedade em que educação não é privilégio, mas direito universal, e o acesso a ela, graças a Deus, dever obrigatório.

TEXTO II

– No primeiro balão da tirinha observa-se a presença de hiato e encontro consonantal.
– No Texto I, as palavras "colégio" e "obrigatório" possuem ditongos decrescentes orais.

33. (CEPERJ – SEAP/RJ – Inspetor de Segurança e Administração Penitenciária – 2012) Na palavra "fazer", notam-se 5 fonemas. O mesmo número de fonemas ocorre na palavra da seguinte alternativa:
a) tatuar.
b) quando.
c) doutor.
d) ainda.
e) além.

34. (QUADRIX – CFP – Analista Técnico (Psicologia) – 2012) Sobre a palavra "pessoa", analise as seguintes informações:
I. Não possui dígrafos ou hiatos.
II. É uma paroxítona.
III. É trissílaba.
Está correto o que se afirma em:
a) somente I e II;
b) somente II e III;
c) somente I e III;
d) todas;
e) nenhuma.

35. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Observe:
fre-ar: contém hiato
pou-co: contém ditongo oral decrescente
Em qual alternativa a palavra **não** apresenta nenhuma das classificações acima?
a) aorta.
b) miolo.
c) vaidade.
d) quatro.

Gabarito

1. A.	8. B.	15. ERRADO.	22. B.	29. D.
2. D.	9. C.	16. CERTO.	23. A.	30. E.
3. B.	10. A.	17. C.	24. C.	31. B.
4. A.	11. B.	18. C.	25. A.	32. I- CORRETA.
5. B.	12. INCORRETO.	19. D.	26. E.	33. B.
6. A.	13. C.	20. D.	27. B.	34. B.
7. C.	14. D.	21. C.	28. E.	35. D.

Capítulo 2

Acentuação Gráfica

Definição

Às vezes, quando vamos escrever algumas palavras, dá uma agonia, não é? Como se escreve? Como se acentua? Qual é a sílaba tônica da "criança"? Só de pensar que existem mais de 380 mil palavras na língua portuguesa... *Aff*!

Bem, este capítulo não vai deixá-lo na mão, mas prepare-se para muita decoreba! O fato é que você terá a capacidade de acentuar adequadamente todas as palavras, ok? "Bem, mas o que é acentuação gráfica, Pest?" Não é nada complicado.

A **Acentuação Gráfica** trata da correta colocação de sinais gráficos nas palavras. Nas palavras de um conceituado gramático, "as regras de acentuação visam sistematizar a leitura dos vocábulos da língua; assim sendo, baseiam-se na posição da sílaba tônica, no timbre da vogal, nos padrões prosódicos menos comuns da língua, na compreensão dos conceitos de encontros vocálicos etc". Por isso recomendo que você releia os encontros vocálicos (Capítulo 1). Muito importante!

Para que você não erre uma questão de acentuação (que sempre cai em prova!), é preciso conhecer bem a posição da sílaba tônica das palavras. Por isso – vá por mim! –, reveja também Ortoepia e Prosódia (no Capítulo 1). E, é claro, não deixe de consultar um bom dicionário e, principalmente, o VOLP (encontrado no site da ABL, a Academia Brasileira de Letras).

Obs.: A nova ortografia, que iria entrar em vigor em 1º de janeiro de 2013, foi adiada para 2016 pelo governo federal. No entanto, como as bancas de concursos públicos vêm trabalhando as *lições* da nova ortografia em suas

questões, optei por ensiná-las nas lições deste capítulo e do seguinte. Vamos ter bastante tempo agora para internalizar mais ainda as regras do Novo Acordo Ortográfico. Tomara que não decidam fazer uma "nova nova ortografia", senão a gente vai ficar maluco de tanto decorar regrinhas ortográficas.

Sinais Diacríticos

Os **sinais diacríticos**, também chamados de **notações léxicas**, servem para indicar, dentre outros aspectos, a pronúncia correta das palavras. Vejamos um por um:

– **Acento agudo**: marca a posição da sílaba tônica e o timbre aberto.
Ex.: J**á** cursei a Faculdade de Hist**ó**ria.

– **Acento circunflexo**: marca a posição da sílaba tônica e o timbre fechado.
Ex.: Meu av**ô** e meus tr**ê**s tios ainda são vivos.

– **Acento grave**: marca o fenômeno da crase.
Ex.: Sou leal **à** mulher da minha vida.

Obs.: Esses três primeiros são acentos gráficos. Os demais são sinais.

– **Til**: marca a nasalização das vogais **a** e **o**.
Ex.: Amanh**ã** convidarei muitos anci**õ**es para a reuni**ã**o.

– **Cedilha**: indica que o C tem som de SS.
Ex.: Toda a**ç**ão implica uma rea**ç**ão.

– **Apóstrofo**: indica a supressão de uma vogal.
Ex.: Devem-se limpar caixas d'água a cada 6 meses.

– **Trema**: marcava a semivocalização do ***u*** nos grupos ***gue, gui, que, qui***; na nova ortografia, só é usado em palavras estrangeiras.

Ex.: Lin**gui**ça, a**gue**nta e **quin**quênio; Müller, mülleriano, Bündchen, Hübner, hübneriano, Schönberg...

– **Hífen**: marca a união de vocábulos, a ênclise, a mesóclise e a separação das sílabas.
Ex.: Água-de-colônia, hiper-realista, vê-lo, dar-te-ei, vai-da-de...

Algumas Considerações Importantes

– **Acento prosódico** (ou **tônico**) é diferente de **acento gráfico**. O primeiro marca a tonicidade, a força com que se pronuncia uma sílaba tônica, portanto está ligado à pronúncia, à fala. É o mesmo que "sílaba tônica". O segundo só pertence à escrita, como vimos nos exemplos do tópico anterior. Importante: enquanto a maioria das palavras da língua possuem **acento tônico**, apenas algumas apresentam **acento gráfico**.

– Vale dizer que cada vocábulo só pode receber apenas um (1) acento gráfico, que *stricto sensu* marca a posição da sílaba tônica! No entanto, bons dicionários, como Aulete e Priberam, grafam a palavra *démodé* (origem francesa) com dois acentos gráficos. Em *órfão*, o til não é considerado acento gráfico, mas tão somente marca de nasalização, portanto só há um acento gráfico mesmo. Em *Tupã*, coincidentemente, o sinal gráfico til (~) está na sílaba tônica, mas seu papel é apenas nasalizar a vogal. Não obstante, em palavras com pronomes mesoclíticos, pode haver dois acentos gráficos: *convid**á**-la-**í**amos e vend**ê**-lo-**á***, por exemplo. Segundo os filólogos, o ***-íamos*** *e o* ***-á*** são formas contraídas do verbo *haver*, que formou as desinências verbais do português. Então teríamos um acento para cada palavra (*convidar* + "haver"). Um pouquinho de história da língua nunca é demais...

– Algumas questões relacionadas à acentuação gráfica podem gerar falta de clareza, dependendo do contexto. Por exemplo, as palavras *secreta**ri**a, foto**gra**fo, ini**ci**o, histo**ri**a, nu**me**ro, **a**te, **ba**ba, ma**go**a, sa**bi**a, pu**bli**co, **a**mem, me**di**co, nego**ci**o, mu**si**ca, d**oi**do, contrib**ui**, fl**ui**do, fa**bri**ca, ana**li**se etc.* podem ter o significado e, até mesmo, a classe gramatical mudados, se forem acentuadas: *secretária, fotógrafo, início, história, número, até, babá, mágoa, sábia (sabiá), público, amém, médico, negócio, música, doído, contribuí, fluído, fábrica, análise etc.* Muitas questões de concursos podem ser criadas em cima dessas palavras, que, **sem** acento, têm uma

análise fonológica, um sentido e uma classe gramatical; mas, **com** acento, têm outra análise fonológica, outro sentido e outra classe gramatical. Percebeu agora a importância dos acentos gráficos?

Exemplo de questão que trabalhou isso:

FAB – EEAr – SARGENTO – 2/2011

20. A ausência do acento gráfico pode modificar a classe gramatical de uma palavra. Em qual das alternativas há uma palavra que, se não for acentuada, deixa de ser um substantivo e passa a ser um verbo?

a) inocência, ignorância, frequência
b) carência, fragrância, polícia
c) comício, fascínio, decência
d) palácio, domínio, ciência

GABARITO: B. A forma verbal "policia" existe. É a 3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo "policiar". Veja: eu policio, tu policias, ele *policia* etc. "Polícia" é um substantivo.

– Quando uma palavra acentuada recebe sufixo ***-mente***, sufixo iniciado por ***z*** ou por qualquer outro sufixo, o acento gráfico (agudo ou circunflexo) sai da jogada e o acento prosódico (a sílaba tônica) se torna imediatamente a sílaba *seguinte*. Exemplo: he**rói** (heroi**zi**nho), eco**nô**mica (economica**men**te), **Bu**da (Bu**dis**mo)... É importante dizer também que o *til* é o único sinal gráfico que não desaparece quando tais sufixos se unem à palavra: *irmãmente, orfãozinho...*

Regra de Acentuação para Monossílabas Tônicas

Acentuam-se as terminadas em ***-a(s), -e(s), -o(s)***.

Ex.: m**á**(s), tr**ás**, p**é**(s), m**ês**, s**ó**(s), p**ôs**...

Cuidado!!!

1) Monossílabas átonas não são acentuadas, porque não apresentam autonomia fonética e porque se apoiam em uma palavra. Geralmente apresentam modificação prosódica dos fonemas:

Ex.: "O (=U) garoto veio de (=di) carro."

São elas: **artigo** (o, a, os, as, um, uns), **pronome oblíquo átono** (o, a, os, as, lo, la, los, las, no, na, nos, nas, me, te, se, nos, vos, lhe, lhes e contrações), **pronome relativo** (que), **pronome indefinido** (que; quando não está acentuado), **preposição** (a, com, de, em, por, sem, sob e contrações, como à, do, na...), **conjunção** (e, nem, mas, ou, que, se), **advérbio** ("não"; antes do verbo) e **formas de tratamento** (dom, frei, são e seu).

2) Cuidado com o pronome indefinido/interrogativo "quê" em fim de frase ou imediatamente antes de pontuação. Vem sempre acentuado. O substantivo (assim como a interjeição) "quê" também é sempre acentuado.

Ex.: Você estava pensando em ***quê***? / Ela tem um ***quê*** de mistério. / ***Quê***! Você não viu?!

3) Quando se vai acentuar uma palavra conforme determinada regra, ignoram-se os pronomes oblíquos átonos, ou seja, eles não são contados como sílaba – sendo a palavra monossílaba ou não.

Ex.: dá-lo, vê-los, comprá-las, mantém-no, constituí-los...

Regra de Acentuação para Proparoxítonas

Todas são acentuadas. Esta regra prevalece sobre outras. Por exemplo, caso a banca diga que a palavra *friíssimo* é acentuada pela regra dos hiatos (I e U), isso estará errado, pois a palavra é proparoxítona; devido a isso, dizemos que ela é acentuada por ser proparoxítona. Parece bobo dizer tal coisa, mas, na hora da prova, o nervosismo pode atrapalhar você... e não queremos isso.

Ex.: **ál**cool, **ré**quiem, **más**cara, **zê**nite, **á**libi, **plêi**ade, **náu**frago, du**ún**viro, seri**ís**simo...

Obs.: "Deficit, superavit e habitat" devem agora ser escritas sem acento, segundo a nova ortografia, pois são latinismos invariáveis. *Além disso:* no plural, não há acréscimo de "s": o superavit, os superavit. Existe a variante aportuguesada "défice". Eita linguinha complicada!

Regra de Acentuação para Paroxítonas

Acentuam-se as terminadas em **ditongo crescente** ou **decrescente** (seguido ou não de *s*), **-ão(s)** e **-ã(s)**, **tritongo** e **qualquer outra terminação** *(l, n, um, r, ns, x, i, is, us, ps)*, **exceto** as terminadas em **-a(s), -e(s), -o(s), -em(-ens)**.

Ex.: his**tó**r**ia**, **cá**r**ies**, **jó**qu**ei(s)**; **ór**g**ão(s)**, **ór**f**ã**, **í**m**ãs**; **á**g**uam**, en**xá**g**uem**; **fá**c**il**, **glú**te**n**, **fó**r**um**, ca**rá**te**r**, **pró**t**ons**, **tó**ra**x**, **jú**r**i**, **lá**p**is**, **ví**r**us**, **fór**ce**ps**.

Cuidado!!!

1) A palavra *hífen* é acentuada por ser paroxítona terminada em **-n**. Já *hifens* não é acentuada por terminar em **-ens**. É bom dizer que palavras terminadas em **-n** têm dois tipos de plural (com **-s** ou **-es**), podendo, então, ser pluralizadas como proparoxítonas: *hífenes, pólenes, abdômenes*... Estas formas (hífen/hifens/hífenes), assim como outras terminadas em **-em** ou ***-n***, devem estar no seu sangue, hein!

2) Verbos paroxítonos terminados em ditongo **-am** também não são acentuados: *cant**am***, mex***am***...

3) Não se acentuam prefixos paroxítonos terminados em ***-r*** ou ***-i,*** exceto quando substantivados: ***hiper-*** (o *híper*), ***mini-*** (a *míni*).

4) Como vimos no capítulo de Fonologia, palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente podem ser analisadas como proparoxítonas eventuais, relativas ou acidentais. Isso já foi questão de concurso em 2012 (veja depois nas questões comentadas deste capítulo). Portanto, palavras como *paciência, miséria, colégio, série,* que normalmente são interpretadas como paroxítonas terminadas em ditongo crescente, podem ser tomadas como proparoxítonas. Logo, se cair na prova uma questão

dizendo que tais palavras são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente ou por serem proparoxítonas (eventuais, relativas ou acidentais), não titubeie, pois está correto! Entretanto, a banca Cespe/UnB (STM – Técnico Judiciário – 2011) foi mais taxativa ao dizer que "aeroportuários" (paroxítona ou proparoxítona acidental) não segue a mesma regra de acentuação de "meteorológica" (proparoxítona). É bom saber como as bancas pensam!

Regra de Acentuação para Oxítonas

Acentuam-se as terminadas em **-a(s), -e(s), -o(s), -em(-ens)**.

Ex.: so**fá**(s), ax**é**(s)*, bon**gô**(s), vin**tém**(éns)...

Reitero: Quando se vai acentuar um verbo oxítono, ignoram-se os pronomes oblíquos átonos ligados a ele. Ex.: comprá-las, revê-lo, mantém-no... (oxítonas terminadas, respectivamente, em **-a, -e** e **-em**).
* Cuidado com "axe", pronuncia-se "akse", que significa "ferida" ou "eixo".

Regra de Acentuação para os Hiatos Tônicos (I e U)

Acentuam-se com acento agudo as vogais I e U tônicas (segunda vogal do hiato!), isoladas ou seguidas de S na mesma sílaba, quando formam hiatos.

Ex.: sa-**ú**-de, sa-**í**-da, ba-la-**ús**-tre, fa-**ís**-ca, ba-**ú**(s), a-ça-**í**(s)...

Cuidado!!!

1) As palavras *raiz* e *juiz*, erradamente acentuadas por muitos, não têm acento, porque o I no hiato tônico vem seguido de Z, e não de S: *ra-iz e ju-iz.*

2) Os hiatos em I seguidos de NH na sílaba seguinte não deverão ser acentuados: *ra-i-nha, ta-bu-i-nha, la-da-i-nha, cam-pa-i-nha...*

3) Quando há hiato I-I e U-U, não se pode acentuar (salvo os proparoxítonos): *xi-i-ta, va-di-i-ce, su-cu-u-ba...* (*i-í-di-che, ne-ces-sa-ri-ís-si-mo, du-ún-vi-ro...*)

4) Depois de ditongos decrescentes, **nas palavras oxítonas**, o I e o U são acentuados normalmente: *Pi-au-**í**, tui-ui-**ú**(s)...*

5) Segundo a nova ortografia, nas palavras **paroxítonas**, o I e o U não recebem acento depois de **ditongo decrescente**: *feiura, bocaiuva, baiuca, Sauipe...* Todavia, se o ditongo for *crescente*, o acento é usado: *Guaíra, Guaíba, suaíli...* (alguns dicionários separam *suaíli* assim: *su-a-í-li*).

6) Em verbos seguidos de pronomes oblíquos átonos, a regra dos hiatos continua valendo (ignore os pronomes e siga a regra): *atribuí-lo (a-tri-bu-Í), distribuí-lo (dis-tri-bu-Í)...*

Regra de Acentuação para os Ditongos Abertos

Acentuam-se os ditongos abertos ÉI, ÉU, ÓI, seguidos ou não de S.

Ex.: c**éu**, m**éis**, G**ói**s, coron**éis**, trof**éu**(s), her**ói**(s), M**éi**er, destr**ói**er, aracn**ói**deo...

Cuidado!!!

1) Segundo a nova ortografia, nas palavras **paroxítonas** com ditongos abertos, não há acento gráfico: ideia, Coreia, estreia, jiboia, paranoia, sequoia...; as únicas exceções são: *Méier* e *destróier*, pois seguem a regra das paroxítonas terminadas em **-r**.

2) *A-rac-nói-de-o* é palavra proparoxítona.

3) Nunca é demais dizer que a pronúncia das palavras não mudou, só a grafia. Logo, palavras como ideia, heroico etc., mesmo sem acento, continuam com timbre aberto.

4) Só de curiosidade: a abreviação de Leonardo (Leo) não recebe acento agudo, porém o que mais vemos é o acento (Léo), não é mesmo? O fato é que nenhuma regra justifica o acento agudo nesta abreviação. O certo é **Leo**. Ponto.

Regra de Acentuação para os Hiatos EEM e OO

Não se acentuam mais os hiatos O-O e E-EM (nos verbos *crer, dar, ler, ver* e derivados).

Ex.: en-j**o-o**, v**o-o**, cr**e-em**, des-cr**e-em**, d**e-em**, re-l**e-em**, v**e-em**, pre-v**e-em**...

Regra de Acentuação para o Trema

Foi abolido na nova ortografia! Na antiga se usava nos grupos "gue, gui, que, qui": agüei, lingüiça, cinqüenta, eqüino. Conserva-se, na nova ortografia, apenas nas palavras derivadas de nomes próprios estrangeiros que possuem esse sinal: *müller*iano (derivado de Müller), *Bündchen, Hübner, hübneriano, Schönberg*...

Fique esperto, pois os verbos *distinguir, extinguir, adquirir, questionar* etc. já não registravam a pronúncia do U e por isso sempre foram – e ainda serão – grafados sem trema.

O que mudou foi só a GRAFIA. O som não mudou. Por exemplo, a palavra "liquidação" não será escrita mais com trema, no entanto, como antes da reforma havia a possibilidade de grafar com trema, a **pronúncia** é dupla: li**ki**dação ou li**kui**dação. Safo?

Regra de Acentuação para os Acentos Diferenciais

Os acentos diferenciais servem para marcar algumas distinções de classe gramatical, pronúncia e/ou sentido entre algumas palavras.

Não se usa mais o acento que diferenciava os seguintes pares:

1) ***Pára*** *(verbo)* **/** ***para*** *(preposição):* Ele sempre ***para para*** assistir aos jogos do Flamengo.

Obs.: Na frase "Mais um engarrafamento **para** São Paulo.", há ambiguidade! Se ainda houvesse acento diferencial, não haveria ambiguidade. Fazer o quê...? "Bendita" reforma ortográfica...

2) ***Péla*** *(verbo)* ***/ pela*** *(contração da preposição per/por + a):* Ela ***pela*** as axilas só ***pela*** sexta-feira.

3) ***Pêlo*** *(substantivo)* ***/ pelo*** *(contração da preposição per/por + o):* Os ***pelos*** eriçados do gato costumam passar ***pelo*** pé do dono.

4) ***Pólo*** *(substantivo)* ***/ polo*** *(por+o (arcaísmo)* ***/ pôlo*** *(substantivo; filhote de gavião):* Os ***polos*** norte e sul são meras abstrações espaciais, por onde os ***polos*** não voam.

5) ***Pêra*** *(substantivo)* ***/ pera*** *(preposição arcaica):* ***Pera*** é uma fruta sem graça.

Cuidado!!!

1) Permanece o acento diferencial em **pôde/pode**. **Pôde** é a forma do passado do verbo **poder** (pretérito perfeito do indicativo), na 3.ª pessoa do singular. **Pode** é a forma do presente do indicativo, na 3.ª pessoa do singular.

Ex.: Ontem ele não **pôde** sair mais cedo, mas hoje ele **pode**.

2) Permanece o acento diferencial em **pôr/por**. **Pôr** é verbo. **Por** é preposição.

Ex.: Vou **pôr** o livro na estante que foi feita **por** mim.

3) Permanecem os acentos que diferenciam o singular do plural dos verbos **ter** e **vir**, assim como de seus derivados (*manter, deter, reter, conter, convir, intervir, advir* etc.).

Ele **tem** duas lanchas. / Eles **têm** duas lanchas.
Ele **vem** de Mato Grosso. / Eles **vêm** de Mato Grosso.
Ele **mantém** sua palavra. / Eles **mantêm** sua palavra.
Ele **intervém** em todas as reuniões. / Eles **intervêm** em todas as reuniões.

Por favor, tenha um cuidado muito especial com esses verbos. Questão de prova todo ano! A maldade das bancas FCC e Esaf, principalmente, é deslocar o sujeito do verbo, para que você não perceba que os verbos **vir** e **ter** estão no plural, fazendo-o errar uma questão de acentuação (ou concordância verbal).

Exemplo: "Os alunos, ainda que venham estudando muito para uma prova cuja banca mantém um nível de dificuldade mediano em suas questões, tem de colocar a humildade no coração para não desmerecer a importância do concurso."

Essa frase está certa ou errada quanto à acentuação do verbo **ter**? Até o "Word" errou. Veja de novo:

"**Os alunos**, ainda que venham estudando muito para uma prova cuja banca mantém um nível de dificuldade mediano em suas questões, **TÊM** de colocar a humildade no coração para não desmerecer a importância do concurso."
Percebeu a distância entre o sujeito e o verbo? É isso que o "homem da banca" vai fazer! Não se deixe enganar!

4) É facultativo o uso do acento circunflexo para diferenciar as palavras forma/fôrma, dêmos (presente do subjuntivo) e demos (pretérito perfeito do indicativo).

5) Não se usa mais o acento agudo no **u** tônico das formas (tu) arguis, (ele) argui, (eles) arguem, do presente do indicativo do verbo arguir. Isso vale para o seu composto redarguir. Não há mais o trema nas formas desses verbos, obviamente. De acordo com a antiga ortografia, a escrita era assim: argúis, argúi, argúem... Falarei mais sobre isso no capítulo Verbo.

6) Há uma variação na pronúncia dos verbos terminados em **-guar**, **-quar** e **-quir**, como aguar, averiguar, apaziguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir etc. Esses verbos admitem duas pronúncias em algumas formas do presente do indicativo, do presente do subjuntivo e também do imperativo. Veja:

a) Se forem pronunciadas com **a** ou **i** tônicos, essas formas devem ser acentuadas.

Enxaguar: enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam; enxágue, enxágues, enxáguem.

Delinquir: delínquo, delínques, delínque, delínquem; delínqua, delínquas, delínquam.

b) se forem pronunciadas com **u** tônico, essas formas deixam de ser acentuadas.

Enxaguar: enxaguo, enxaguas, enxagua, enxaguam; enxague, enxagues, enxaguem.

Delinquir: delinquo, delinques, delinque, delinquem; delinqua, delinquas, delinquam.

Atenção: No Brasil, a pronúncia mais corrente é a primeira, aquela com **a** e **i** tônicos.

Algumas Formas Variantes na Grafia e na Pronúncia

Fique atento!

acróbata ou acrobata / boêmia ou boemia / ambrósia ou ambrosia / hieróglifo ou hieroglifo / Oceânia ou Oceania / xerox ou xérox / zângão ou zangão / zênite ou zenite / autopsia ou autópsia / biopsia ou biópsia / necrópsia ou necropsia / ortoepia ou ortoépia / projétil ou projetil / réptil ou reptil / sóror ou soror / homília ou homilia / Madagáscar ou Madagascar / elétrodo ou eletrodo / anidrido ou anídrido / alópata ou alopata / transístor ou transistor / clitóris ou clítoris (...)

Obs.: Segundo o VOLP, não existe "cat**é**ter" nem "ur**é**ter", mas sim "cate**ter**" e "ure**ter**". Cuidado com a grafia e com a pronúncia!

Só de curiosidade: os nomes de pessoas (antropônimos) seguem as mesmas regras de acentuação gráfica e de ortografia. Não há diferença entre substantivo comum e substantivo próprio quanto às regras relativas à correta escrita das palavras. "Ah, mas o meu nome é Andreia, sem acento!" Parabéns! Antes da reforma ortográfica estava errado, mas agora está certo, por causa da regra dos ditongos abertos nas paroxítonas. "Ah, mas o meu nome é Fabio, sem acento!" Lamento! Está errado, pois paroxítonas terminadas em ditongo crescente são obrigatoriamente acentuadas! Deveria ser Fábio. Perdoe-me, Fábio!

Regras para o Uso do Hífen

Como já dito, o hífen (-) é um sinal gráfico usado normalmente para:

- unir elementos de palavras compostas e unir prefixos (ou falsos prefixos) a radicais (bem-te-vi e sub-humano);
- ligar verbos a pronomes (dir-me-ás);
- separar sílabas de palavras (ca-sa-men-to).

Vamos ao que interessa!

Usa-se o **hífen** nas seguintes situações:

1) Nas palavras compostas em que os elementos da composição têm acentuação tônica própria e formam uma unidade significativa, sem elementos de

ligação: arco-íris, segunda-feira, mesa-redonda, guarda-costas, beija-flor, bem-te-vi, zum-zum-zum, reco-reco...

Cuidado!!!

1) Não se usa o hífen em certas palavras que perderam a noção de composição: girassol, madressilva, mandachuva, pontapé, paraquedas (e derivados).

2) Não se usa o hífen em vocábulos com elementos de ligação: azeite de dendê, lua de mel, água de coco, mula sem cabeça, pé de mesa, calcanhar de Aquiles, pé de vento, cor de burro quando foge, café com leite, pão de ló, pão de milho, pé de moleque, dia a dia, corpo a corpo, ponto e vírgula, fim de semana, cabeça de bagre, bicho de sete cabeças, leva e traz...

Exceções: água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, ao deus-dará, à queima-roupa, pé-de-meia, pé-d'água, pau-d'alho, gota-d'água, cola-de-sapateiro, pão-de-leite. Além desses, há os vocábulos que designam **espécies botânicas ou animais**: andorinha-da-serra, lebre-da-patagônia, dente-de-leão, olho-de-boi, pimenta-do-reino, cravo-da-índia, bico-de-papagio... Cuidado com cão de guarda (sem hífen)!

2) Com a partícula denotativa de designação **eis** seguida de **pronome pessoal átono**: **eis-me**, **eis-vos**, **eis-nos**, **ei-lo** (com a queda do **s**)...

3) Nos adjetivos compostos: surdo-mudo, nova-iorquino, verde-amarelo...Vale ressaltar que o hífen é obrigatório quando se unem dois vocábulos gentílicos ou pátrios: indo-europeu, luso-brasileiro, sino-americano, euro-asiático...

4) Na união de prefixos (ante, anti, arqui, auto, circum, contra, entre, extra, hiper, infra, inter, intra, semi, sobre, sub, super, supra, ultra…) e falsos prefixos (aero, foto, macro, maxi, micro, mini, neo, pan, proto, pseudo, retro, tele…): auto-hipnose, micro-ônibus e pan-negritude, por exemplo. Veja mais abaixo.

O Acordo Ortográfico de 1990 (que só foi assinado em setembro de 2008) visou simplificar o emprego do hífen. Caso queira saber mais, consulte a Academia Brasileira de Letras: **www.academia.org.br**. Há uma parte no site que traz o derradeiro VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa). Eu me baseei

principalmente nele, pois é a autoridade máxima quanto à grafia das palavras. As lições que seguem refletem a nova ortografia.

Basicamente, são **duas** as regras (chamadas de regra geral!) para emprego do hífen **com prefixos**:

- Por via de regra, quando o segundo elemento iniciar por **H**: *pré-**h**istória, super-**h**omem, mal-**h**umorado, mega-**h**omenagem...*
- Quando as letras no fim do prefixo e no início da palavra forem iguais: *anti-**i**nflamatório (antes era sem hífen), micro-**o**ndas (antes era sem hífen), hiper-**r**ealismo, sub-**b**airro...*

Reitero que qualquer prefixo (ou falso prefixo) que, porventura, não for mencionado segue a regra geral, beleza?

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá. Qual é a diferença entre prefixo e falso prefixo? Poderiam justificar com alguns exemplos práticos? Muito agradecido!

Resposta: Os prefixos são partículas que se acrescentam ao início do radical de um vocábulo da língua. Ex.: contra-ataque, bilateral, reescrever, transpor. Já o falso prefixo é um radical, grego ou latino, que se coloca no início da palavra, acrescentando-lhe o seu significado. Ex.: videoarte, pseudocaule, microssistema, sociologia, micro-ondas. De nada, disponha.

Quer um conselho? Não entre na paranoia de querer decorar tudo! Vá devagar, sem pressa, assimilando aos poucos, até porque o assunto não aparece quase em prova nenhuma. Vejamos com mais profundidade agora.

Prefixo terminado em vogal

- Sem hífen diante de **vogal diferente**: autoescola, antiaéreo...
- Sem hífen diante de **consoante diferente de r e s**: anteprojeto, semicírculo...
- Sem hífen diante de **r** e **s**, dobram-se essas letras: co**rr**éu, anti**rr**acismo, contra**rr**eforma, anti**ss**ocial, ultra**ss**om, pseudo**ss**ábio...

- Com hífen diante de **mesma vogal**: contr**a-a**taque, micr**o-o**ndas, ultr**a-a**quecido, sem**i-i**nconsciência...

Prefixo terminado em consoante

- Com hífen diante de **mesma consoante**: inte**r-r**egional, su**b-b**ibliotecário...
- Sem hífen diante de **consoante diferente**: intermunicipal, supersônico...
- Sem hífen diante de **vogal**: interestadual, superinteressante...

Algumas Observações Importantes

1) Com o prefixo **sub**, além de **b**, usa-se o hífen também diante de palavra iniciada por **r**: sub-**r**egião, sub-**r**aça, sub-**r**eitor, sub-**r**eptício, sub-bairro etc. Palavras iniciadas por **h** perdem essa letra e juntam-se sem hífen: subumano (o VOLP registra sub-humano), subumanidade.

2) Com os prefixos **circum** e **pan**, usa-se o hífen diante de palavra iniciada por **m, n** e **vogal**: circum-**m**eridiano, circum-**n**avegação, pan-**a**mericano etc.

3) O prefixo ***co*** aglutina-se sempre com o segundo elemento: coobrigação, coordenar, cooperar, cooperação, cooptar, coocupante, coautor, coerdeiro, cosseno, coóspede.

4) Com os prefixos **vice**, **vizo**, **grã**, **grão**, **além**, **aquém**, **ex (anterior)**, **recém**, **sem**, **soto(a)**, **para (exceto paraquedas e derivados dele)**, usa-se sempre o hífen: vice-rei, vice-almirante, vizo-reinado, grã-duquesa, grão-mestre, além-mar (mas Alentejo, cidade de Portugal), aquém-mar, ex-aluno, recém-casado, sem-terra (mas sensabor, sem hífen), soto-pôr, sota-general, para-raios...

5) Não se usa nunca hífen com o prefixo **re**: reescrever, reescrita...

6) Com os prefixos **in-** e **des-** junto com palavras iniciadas por **h**, esta consoante "cai" e **não** se emprega hífen: inabilidade, desumano...

7) Na formação de palavras com **ab**, **ob**, **ad e sob**, usa-se o hífen diante de palavra começada por **b**, **d** ou **r**: ad-**d**igital, ad-**r**enal (ou adrenal), ob-**r**ogar, ab-**r**ogar, sob-**r**ojar...

8) Com **mal**, usa-se o hífen apenas quando a palavra seguinte começar por **vogal, h** ou **l**: mal-estar, mal-humorado, mal-limpo...; quando **mal** significa doença, usa-se o hífen se não houver elemento de ligação: mal-francês; se houver elemento de ligação, escreve-se sem o hífen: mal de lázaro, mal de sete

dias. Exceção: mal-bruto. Vale ainda dizer que malcriação e má-criação são formas corretas.

9) Com **bem**, usa-se o hífen diante das vogais **a, e, i, o** e das consoantes **b, c, d, f, h, m, n, p, q, s, t, v**: bem-amado, bem-encarado, bem-intencionado, bem-ouvido, bem-bom, bem-criado, bem-ditoso, bem-falante, bem-humorado, bem-mandado, bem-nascido, bem-parado, bem-querer, bem-soante, bem-sucedido (antônimo: malsucedido), bem-talhado, bem-visto, bem-vindo... **Cuidado** com estas palavras: benfazer (o VOLP ainda registra o bem-fazer), benfeito, benfeitor, benfeitoria e benfazejo. Benquerer (o VOLP ainda registra o bem-querer), benquisto, benquerença (o VOLP ainda registra o bem-querença). Bendizer (o VOLP ainda registra bem-dizer), bendito (mas bem-ditoso, segundo o VOLP). Sublinho o "bemposta", sem hífen, segundo o VOLP.

10) Os prefixos **pós**, **pré** e **pró** (tônicos) unem-se por hífen a quaisquer palavras: pós-adolescência, pós-simbolismo, pré-vestibular, pré-simbolismo, pró-ativo (ou proativo), pró-russo...; se a pronúncia do prefixo for átona, não há hífen: poscefálico, posfácio, pospor, prealegar, preanunciar, precondição, preconceito, predeterminar, predizer, preeminente, preestabelecer, preestipulado, preexistir, prejulgar, prenome, pré-requisito/prerrequisito (segundo o VOLP), pressupor, prever, procônsul, procriar, pronome, propor... consulte o VOLP, sempre.

11) Os vocábulos **quase** e **não**, funcionando como prefixos, dispensam o hífen: quase crime, quase posse, não conformismo, não pagamento...

12) Deve-se usar o hífen com os sufixos de origem tupi-guarani (**açu, guaçu** e **mirim**): amoré-guaçu, anajá-mirim, capim-açu.

13) Deve-se usar o hífen para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando não propriamente vocábulos, mas encadeamentos vocabulares: ponte Rio-Niterói, eixo Rio-São Paulo.

14) As palavras e expressões "tão só, tão somente, à toa" ficam **sem** hífen agora.

15) A presença ou a ausência do hífen têm implicações semânticas e morfológicas em muitas palavras: dente-de-leão, bico-de-papagaio, má-criação... Exemplo: "Já viu um **dente de leão**? É curioso... e grande." (aqui se está falando sobre o dente do animal leão, mas, se estivesse com hífen – dente-de-leão – seria uma planta, o que mudaria substancialmente o sentido da frase).

Veja outro exemplo: "Sua **má-criação** (ou malcriação) não vai levá-lo a lugar algum nessa vida!" (má-criação é um substantivo composto). Agora: "A má criação das crianças pode levá-las a um desvio de conduta." (má criação é um adjetivo + um substantivo). Interessante, não?

O Que Cai Mais na Prova?

Se eu fosse você, estudaria com muita vontade todas as regras de acentuação gráfica, principalmente a dos verbos **vir** e **ter**. Não dê tanto valor à regra dos verbos terminados em **-uar** (aguar, obliquar...). Hífen é galho fraco, mas nunca se sabe... fico preocupado. Fique esperto!

Questões de Concursos

Comentarei, em algumas questões, apenas as opções relativas ao capítulo estudado. Por razões didáticas, algumas delas foram reformatadas. Adaptei as questões antigas (antes de 2009) à nova ortografia, que foi adiada para 2016.

Sempre observe o padrão de questões de uma banca! Ultimamente as bancas de maior prestígio (Cespe/UnB, Esaf e FCC) têm trabalhado acentuação gráfica em questões de redação adequada ao registro culto da língua e concordância. Fique atento! Vamos nessa?

1. (FDC – Professor de Português II – 2005) Marque a série em que o hífen está corretamente empregado nas cinco palavras:
   a) pré-nupcial, ante-diluviano, anti-Cristo, ultra-violeta, infra-vermelho.
   b) vice-almirante, ex-diretor, super-intendente, extrafino, infra-assinado.
   c) anti-alérgico, anti-rábico, ab-rupto, sub-rogar, antihigiênico.
   d) extraoficial, antessala, contrassenso, ultrarrealismo, contrarregra.
   e) co-seno, contra-cenar, sobre-comum, sub-humano, infra-mencionado.

" (...) Desde então, **vêm** se impondo, entre especialistas ou não, a **compreensão** sistêmica do ecossistema hipercomplexo em que vivemos e a **necessidade** de uma mudança nos comportamentos predatórios e irresponsáveis, individuais... (...)"

2. (Cespe/UnB – TCU – Analista de Controle Externo – 2007) A retirada do acento circunflexo na forma verbal "vêm" provoca incorreção gramatical no texto porque o sujeito a que essa forma verbal se refere tem dois núcleos: "compreensão" e "necessidade".
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

3. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2008) As palavras "líderes", "empréstimo", "Econômico" e "públicas" recebem acento gráfico com base na mesma justificativa gramatical.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Foi graças ao acúmulo desses recursos que o Brasil pôde decretar o fim da sua dívida externa. (...)"

4. (Cespe/UnB – BB – Escriturário – 2008) O acento circunflexo em "pôde" indica que, além de a pronúncia da vogal ser fechada, como em ovo, por exemplo, o verbo está no pretérito, o que, por sua vez, indica que o fim da dívida externa foi decretado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

5. (FCC – PGE-RJ – Técnico Superior de Procuradoria – 2009) (Adaptada) É adequado o emprego e correta a grafia de todas as palavras da frase abaixo?
– Nenhuma distância dilui o afeto, pelo contrário: o reconhecimento da amada longeva avisinha-a de nós, fá-la mais próxima que nunca.

6. (Cesgranrio – Prefeitura de Salvador – Professor de Português – 2010) Quanto à acentuação gráfica, a relação de palavras em que todas estão conformes ao atual Acordo Ortográfico é:
a) família – arcaico – espermatozóide – pólo;
b) epopeia – voo – tranquilo – constrói;
c) troféu – bilíngue – feiúra – entrevêem;
d) decompor – agüentar – apóio – colmeia;
e) linguística – joia – refém – assembléia.

7. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Julgue o item quanto à correção gramatical.
Todas as línguas indígenas em terras brasileiras tem menos de 40 mil falantes, sendo que a mais forte, a tikúna, falada no alto Solimões, apenas, ultrapassa os 30 mil. O aspecto mais grave é que muitas dessas línguas contam com menos de 1 mil falantes.
( ) CERTO
( ) ERRADO

8. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
– Os consumidores pagam juros maiores porque obtém crédito com prazos maiores e prestações menores. Alguns fatos recentes estão contribuindo para um aumento da demanda, assim como, das pressões inflacionárias.

9. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?

– Cumpre associar o indivíduo ao poder industrial, ou seja o trabalhador ao processo de autoridade, inobstante excluir alguém de uma parcela do poder é forçosamente excluí-lo dos benefícios deste poder.

10. (Esaf – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) As frases abaixo estão corretas ou incorretas quanto à acentuação?
– Constroe-se o espaço social de tal modo que os agentes ou grupos são aí distribuídos em razão de sua posição nas distribuições estatísticas de acordo com os dois princípios de diferenciação que, em sociedades mais desenvolvidas, são sem dúvida, os mais eficientes: o capital econômico e o capital cultural.
– Na perspectiva em que se considere o peso relativo do capital econômico e do capital cultural no patrimonio dos agentes sociais, os professores – relativamente mais ricos em capital cultural que em capital econômico –, estão em oposição, nitidamente, aos empresários – relativamente mais ricos em capital econômico que em capital cultural.

11. (FCC – Casa Civil/SP – Executivo Público – 2010) (Adaptada) As frases abaixo estão corretas ou incorretas quanto à acentuação?
– O espaço era exiguo, à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear a simpatia do padre inflingindo-lhe pratos que excitavam sua gula.
– Tal era sua ogeriza pela política que se excedia em palavras e tons assim que algum desavisado puxava o assunto tabu, sem intenção alguma de ferí-lo.

12. (FCC – TRE/RS – Técnico Judiciário – 2010) (adaptada) As frases abaixo estão corretas ou incorretas quanto à acentuação?
– É o caso de se por em discussão se ele realmente crê na veracidade dos dados.
– Enquanto construimos esta ala, eles constroem a reservada aos aparelhos de rejuvenecimento.

13. (FUNIVERSA – CEB – Advogado – 2010) Assinale a alternativa em que todas as palavras são acentuadas pela mesma razão.
a) "Brasília", "prêmios", "vitória".
b) "elétrica", "hidráulica", "responsáveis".
c) "sérios", "potência", "após".
d) "Goiás", "já", "vários".
e) "solidária", "área", "após".

14. (FCC – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2011) Entre as frases que seguem, a única correta é:
a) Ele se esqueceu de que?
b) Era tão ruím aquele texto, que não deu para distribui-lo entre os presentes.
c) Embora devessemos, não fomos excessivos nas críticas.
d) O juíz nunca negou-se a atender às reivindicações dos funcionários.
e) Não sei por que ele mereceria minha consideração.

15. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Administração e Controle Jr. – 2011) A frase em que ocorre ERRO quanto à acentuação gráfica é:
a) Eles têm confiança no colega da equipe.

b) Visitou as ruínas do Coliseu em Roma.
c) O seu sustento provém da aposentadoria.
d) Descoberta a verdade, ele ficou em maus lençóis.
e) Alguns ítens do edital foram retificados.

16. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico de Contabilidade Jr. – 2011) Considere a frase abaixo.
O chefe de vários departamentos identifica a mudança no cenário da informática.
A palavra **identifica** pode ser substituída, mantendo o sentido da sentença, pelo verbo **ver**, flexionado de acordo com a norma-padrão, por:
a) vêm;
b) veem;
c) vem;
d) vê;
e) viram.

17. (Cespe/UnB – EBC – Advocacia – 2011) Levando-se em consideração o que está previsto na ortografia oficial vigente, é correto afirmar que: o vocábulo "têxtil", que segue o padrão de flexão do vocábulo **pênsil**, é acentuado também na forma plural; "obsolescência" é vocábulo que segue o padrão do vocábulo **ciência**, no que se refere ao emprego de sinal de acentuação; a acentuação gráfica do vocábulo "déspotas" também é empregada quando o vocábulo é grafado na forma singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – Correios – Cargos de Nível Superior – 2011) As palavras "ônibus" e "invioláveis" são acentuadas de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário – 2011) Os vocábulos "analítica" e "teríamos" recebem acento gráfico com base na mesma regra de acentuação.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/ UnB – TJ/ES – Cargos de nível superior – 2011) Os vocábulos "países" e "áreas" são acentuados de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – PC/ES – Delegado de Polícia – 2011) Os vocábulos "público" e "caótico", que foram empregados no texto como adjetivos, obedecem à mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – PC/ES – Escrivão de Polícia – 2011) Os vocábulos "espécies", "difíceis" e "históricas" são acentuados de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.

( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – AFAU (Transportes) – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– As palavras "ninguém", "pé" e "você" são acentuadas pela mesma razão.

24. (FUNIVERSA – SEPLAG-DF – AFAU (Controle Ambiental) – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– As palavras "ponderará", "informática" e "possuía" são acentuadas pela mesma razão.

25. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Português – 2011) Conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, que só entrará plenamente em vigor a partir de 1º de janeiro de 2013, o hífen **NÃO** deve ser utilizado em:
a) formas compostas que designam espécies botânicas e zoológicas, estejam ou não ligadas por preposição ou qualquer outro elemento;
b) palavras formadas com o acréscimo de prefixos como **anti**-, **sub**-, em que o segundo elemento começa por **h**;
c) palavras formadas por prefixo que termina na mesma vogal em que se inicia o segundo elemento;
d) palavras formadas por prefixo terminado em vogal quando o 2º elemento começa por **r** ou **s**;
e) topônimos iniciados pelos adjetivos **grã**, **grão**.

26. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Português – 2011) Segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, "Não se acentuam graficamente os ditongos representados por **ei** e **oi** da sílaba tônica das palavras paroxítonas, dado que existe oscilação em muitos casos entre o fechamento e a abertura na sua articulação.".
Segundo essa regra, portanto, as palavras que eram acentuadas por terem o ditongo aberto **ei** ou **oi** não o são mais. São exemplos dessa mudança as palavras:
a) assembleia, aldeia, proteico;
b) cadeia, paranoico, introito;
c) heroi, boina, epopeico;
d) heroico, onomatopeico, plateia;
e) jiboia, comboio, papeis.

27. (FMP – Prefeitura de Porto Alegre/RS – Agente Fiscal da Receita – 2012) Analise a afirmativa abaixo.
– O substantivo PACIÊNCIA é acentuado por ser uma paroxítona terminada em ditongo crescente ou por ser uma proparoxítona eventual ou relativa.
Está correta?

28. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário (Analista de Sistemas) – 2012) Assinale a palavra que NÃO tenha sido acentuada pelo mesmo motivo que as demais.
a) substituído.

b) polícia.
c) jurisprudência.
d) saqueável.

29. (Funcab – MPE/RO – Analista (Administração) – 2012) Assinale a alternativa em que todos os substantivos devem ser acentuados.
a) lapis – bonus – bainha.
b) serie – aspecto – torax.
c) alcool – moinho – sucuri.
d) urubu – egoismo – magoa.
e) armazem– orgão – carater.

30. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
– Quando entrevisto candidatos, sempre os argúo acerca de sua descrição quanto a assuntos profissionais, pois esse é um dos quesitos avaliados no processo de ascenção na empresa.

31. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira (ADM) – 2012) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
– Ele é que mantem o arquivo em ordem, como se fosse um sentinela sempre alerta.

32. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira (ADM) – 2012) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
– Eram vários e bastante distintos os estudos acerca dessas produções populares, uma das quais, nas últimas semanas, vêm merecendo elogios e indicação para publicação.

33. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) Consideradas as prescrições do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, em vigor desde janeiro de 2009, a palavra em que o hífen foi empregado de modo INCORRETO é:
a) anti-higiênico;
b) hiper-realista;
c) aquém-fronteiras;
d) bem-visto;
e) anti-semita.

34. (Cespe/UnB – Ancine – Técnico Administrativo – 2012) Os vocábulos "indivíduo", "diária" e "paciência" recebem acento gráfico com base na mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

35. (Cespe/UnB – MPE/PI – Cargos de Nível Superior – 2012) De acordo com a ortografia oficial vigente, o vocábulo "órgãos" segue a mesma regra de acentuação que o vocábulo "últimos".
( ) CERTO
( ) ERRADO

36. (Cespe/UnB – MPE/PI – Cargos de Nível Médio – 2012) Os verbos "comunicar", "ensinar" e "comandar", quando complementados pelo pronome **a,** acentuam-se da mesma forma que "constatá-las", "designá-las" e "elevá-las".
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cesgranrio – Liquigás – Profissional Jr. – 2012) De acordo com as regras de acentuação, o grupo de palavras que foi acentuado pela mesma razão é:
a) céu, já, troféu, baú;
b) herói, já, paraíso, pôde;
c) jóquei, oásis, saúde, têm;
d) baía, cafeína, exército, saúde;
e) amiúde, cafeína, graúdo, sanduíche.

38. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) Segundo os preceitos da gramática normativa do português do Brasil, a única palavra dentre as citadas abaixo que NÃO deve ser pronunciada com o acento tônico recaindo em posição idêntica àquela em que recai na palavra **avaro** é:
a) mister;
b) filantropo;
c) gratuito;
d) maquinaria;
e) ibero.

39. (Cesgranrio – CMB – Assistente Técnico Administrativo – 2012) Algumas palavras são acentuadas com o objetivo exclusivo de distingui-las de outras. Uma palavra acentuada com esse objetivo é a seguinte:
a) pôr.
b) ilhéu.
c) sábio.
d) também.
e) lâmpada.

40. (CEPERJ – Procon/RJ – Advogado – 2012) A palavra do texto que teve sua grafia alterada pelo mais recente acordo ortográfico é:
a) mídias.
b) álcool.
c) trás.
d) estresse.
e) ideia.

41. (IBFC – Câmara de Franca/SP – Técnico em Informática – 2012) Assinale a alternativa em que a palavra deve ser obrigatoriamente acentuada.
a) Angustia.
b) Critica.
c) Analise.
d) Escritorio.

Gabarito

1. D.	9. INCORRETO.	17. CERTO.	25. D.	33. E.
2. E.	10. INCORRETAS.	18. ERRADO.	26. D.	34. CERTO.
3. CERTO.	11. INCORRETAS.	19. CERTO.	27. CORRETO.	35. ERRADO.
4. CERTO.	12. INCORRETAS.	20. ERRADO.	28. A.	36. CERTO.
5. INCORRETO.	13. A.	21. CERTO.	29. E.	37. E.
6. B.	14. E.	22. ERRADO.	30. INCORRETO.	38. A.
7. ERRADO.	15. E.	23. INCORRETO.	31. INCORRETO.	39. A.
8. INCORRETO.	16. D.	24. INCORRETO.	32. INCORRETO.	40. E.
				41. D.

Capítulo 3

Ortografia

Definição

Ao longo da história *moderna* da Língua Portuguesa (de 1911 para cá), houve muitas tentativas de reformulação da **ortografia – conjunto de regras destinadas a orientar a escrita culta (correta)**. Semiparafraseando o acordo ortográfico vigente, "o emprego correto das letras e das consoantes para a formação de uma palavra regula-se fundamentalmente pela etimologia e por particularidades da história das palavras. Assim se estabelecem variadíssimas grafias". As palavras são escritas desta ou daquela forma, levando-se em conta sua origem e algumas arbitrariedades. Brasileiros e portugueses "brigaram" muito para fazer valer sua ortografia. Mas isso é fofoca! Enfim... em 2009, houve mais uma reforma (parece que dessa vez o *negócio* foi sério...). Pegaram um Acordo Ortográfico já pronto desde 1990 e validaram o "garoto". No entanto, **o que entraria em vigor em 1º de janeiro de 2013 foi adiado pelo governo federal para 2016**. Vamos esperar para ver...

Gosto muito deste material da PUC/RS (se quiser, jogue no seu navegador este endereço e leia!):

http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/graduacao/article/viewFile/6690/4850

Falando sério agora: a intenção do Acordo é dar unidade intercontinental ao português, melhorando seu prestígio. Em resumo, o objetivo da reforma ortográfica é unificar, em tese, a escrita nos países que falam Português (Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Timor Leste (de tabela), Brasil e Portugal). Espero não ter esquecido ninguém. Bem, minha

finalidade aqui é ajudar você a dirimir suas dúvidas para "matar" uma questão na prova, certo? Então chega de conversa fiada e vamos ao que interessa.

O aprendizado da Ortografia Oficial está ao seu alcance. Fique tranquilo. Como os concursos já estão adotando a nova ortografia em seus textos (e em algumas questões), prepare-se para aprender a **nova reforma ortográfica**. Venho escrevendo de acordo com ela há um tempo (espero que você faça igual, pois não podemos errar de bobeira uma questão de ortografia!). Se o *Word* não me "passar a perna", todas as palavras desta gramática estarão de acordo com a nova reforma. E, se quiser saber o assunto na íntegra, consulte a melhor fonte possível no assunto, a Academia Brasileira de Letras: **www.academia.org.br.** Lá estão o Documento Oficial (Ortografia Oficial) e o VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa). Neles você encontrará as derradeiras respostas a suas dúvidas ortográficas.

Obs.: Antes de começar a brincadeira séria, preciso falar algo importantíssimo: infelizmente as bancas de concurso nem sempre se apegam às palavras que se encaixam nas regras ortográficas contempladas pelas gramáticas normativas e manuais de redação oficiais. Isso porque nem todas as palavras da língua seguem tais regras. Não se desespere! As regras abrangem apenas uma parte do vocabulário; existem exceções, é óbvio (quando não há?). Não se assuste! Só de curiosidade: existem mais de 380.000 palavras no estágio atual da língua portuguesa. As bancas, quando trabalham questões de ortografia, querem saber se você tem, além de conhecimento das regras ortográficas, boa memória visual. Cá entre nós, o mais interessante é que muitas palavras se repetem em questões de ortografia. Portanto, aqui vai uma recomendação: leia, leia, leia bastante, inclusive as questões de ortografia do seu concurso, antes de fazer a prova, pois você vai, provavelmente, esbarrar com uma questão de ortografia já conhecida. Siga as dicas!

O Alfabeto

Com **26 letras** agora, o alfabeto completo passa a ser:

Aa	*Hh*	*Oo*	*Vv*
Bb	*Ii*	*Pp*	*Ww*
Cc	*Jj*	*Qq*	*Xx*
Dd	*Kk*	*Rr*	*Yy*
Ee	*Ll*	*Ss*	*Zz*
Ff	*Mm*	*Tt*	
Gg	*Nn*	*Uu*	

As letras **k** (consoante), **w** (consoante ou semivogal) e **y** (vogal ou semivogal) são usadas em várias situações. Por exemplo:

- Na escrita de siglas e símbolos de unidades de medida de valor internacional: ***km (quilômetro), kg (quilograma), w (watt), kw (kilowatt)...***
- Na escrita de palavras estrangeiras (e seus derivados): ***quaker, show, playboy, playground, windsurf, kung fu, yin, yang, skate, kaiser, kafkiano, darwinismo...***
- Em antropônimos estrangeiros (nomes de pessoas) e topônimos estrangeiros (nomes de lugares) e derivados: ***Washington, Darwin (darwinismo), Kafka, Kant, Byron (byroniano), Kwanza, Kuwait, (kuwaitiano), Malawi (malawiano)...***

***Obs.**: A palavra Maláui (malauiano) já se encontra aportuguesada.*

Vejamos agora, sem mais *enrolações*, algumas regras ortográficas. Leia com calma, relaxadamente. **Sempre consulte um bom dicionário e leia muito!** Sua memória visual no dia da prova será mais importante do que a memorização de regras. No entanto não custa nada consultar as famigeradas regrinhas. Afinal, quantas vezes na vida ficaremos em dúvida se devemos escrever com E ou I, O ou U, C ou Ç,

G ou J, H ou sem H, S ou Z, SS ou SC, X ou CH? Leia com calma as regras. E faça exercícios sobre o assunto, para fixar!

Então, vamos!

Emprego da Letra E

– Em formas dos verbos terminados em **-air** (3ª pessoa do plural do presente do indicativo), **-oar** (presente do subjuntivo), **-uar** (presente do subjuntivo) e **-uir** (3ª pessoa do plural do presente do indicativo): **caem, perdoem, continue, possuem...**

– Na 2ª e na 3ª pessoa do singular e na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos terminados em **-ir**, como **partir: partes, parte, partem...**

– Em ditongos nasais **-ãe(s)** e **-õe(s): aldeães, capitães, mãe, vilões, apõem, pospõe...**

– Em palavras com o prefixo ***ante-***, que indica anterioridade: **antebraço, antevéspera, antediluviano, antegozo, antessala...**

Obs.: Não confunda esse prefixo com seu semelhante (***anti-***, que indica contrariedade).

– Em palavras com o prefixo ***des-***, que indica ação contrária, valor contrário, negação, separação, mudança de estado, intensificação: **despentear, desfavorável, desleal, desmembrar, desfigurar, desinfeliz...**

Obs.: Muitas vezes, o prefixo **dis-** tem o mesmo sentido que o **des-**, portanto cuidado para não trocar as bolas. Veja algumas palavras com DIS-: dissidência, dissolver, difícil (às vezes o -s não aparece), dissimular, distenso, dislexia, dissimetria...

– Em substantivos terminados em **-dade** formados de adjetivos terminados em **-io**: **sério > seriedade; contrário > contrariedade; arbitrário > arbitrariedade; próprio > propriedade; solidário > solidariedade...**

– Conheça algumas palavras, escritas com **E**, que podem gerar dúvidas: *acareação*, *arrear* (pôr arreios ou ornamentar), *arrepiar*, *beneficência*, *carestia*, *cadeado*, *candeeiro*, *cemitério*, *corpóreo*, *creolina*, *cumeeira*, *desenfreado*, *desfrutar*, *descrição* (ato de descrever), *deferir* (ceder, aprovar), *delatar* (denunciar), *descriminação* (absolvição), *despensa* (onde se guardam mantimentos), *destrato* (desacato), *destilar*, *disenteria*, *empecilho*, *efetue*, *emergir* (vir à tona), *emigrar* (sair do país), *eminência* (elevação), *empestear* (empesteado), *entronizar*, encarnação, *enfarte* (enfarto, infarto ou infarte) *estrear*, *granjear*, *indígena*, *irrequieto*, *lacrimogêneo*, *mexerico*, *mimeógrafo*, *orquídea*, *páreo*, *parêntese* (ou parêntesis), *peão* (peça de xadrez e vaqueiro), *prazerosamente*, *quepe*, *senão*, *sequer*, *seringa*, *umedecer*, *vadear* (transpor rio), *veado* (animal ou homossexual – neste caso usado pejorativamente)...

Emprego da Letra I

– Na segunda e na terceira pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos terminados em **-air**, **-oer** e **-uir**: **atrais, atrai, corróis, corrói, possuis, possui...**

– Nos adjetivos e substantivos derivados em que entram os sufixos **-iano** e **-iense** antes da sílaba tônica: **Acre > acriano; Açores > açoriano/açoriense; Rosa (Guimarães Rosa) > Rosiano; Machado (Machado de Assis) > machadiano.** No entanto, na terminação de algumas palavras terminadas em **-e (tônico)** ou **-eu/-ei (tônicos)**, colocamos apenas o sufixo **-ano** ou **-ense**: **Daomé > daomeano; Guiné > guineense; Galileu > galileano; Coreia > coreano...**

– Em palavras iniciadas pelo prefixo **anti-**: **antídoto, anticristo, antipatia, antiabortivo, antiofídico, anti-infeccioso, antissepsia, antirrábico...**

– Em palavras terminadas em **-eo**, substitui-se a letra **O** por **I** antes do sufixo **-dade**: **espontâneo > espontaneidade; contemporâneo > contemporaneidade; momentâneo > momentaneidade; instantâneo > instantaneidade; idôneo > idoneidade...**

– O verbo viger é peculiar (cuidado com ele!) e os terminados em **-er**, na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo e em todas as formas do

pretérito imperfeito do indicativo, recebem a vogal **I** no lugar da vogal **E**: **Eu vigi; Eu vigia, Tu vigias, Ele vigia, Nós vigíamos, Vós vigíeis, Eles vigiam....**

Obs.: Nas demais formas, a letra E se mantém: Tu vigeste, Ele vigeu, Nós vigemos, Vós vigestes, Eles vigeram (pretérito perfeito do indicativo).

– Conheça algumas palavras, escritas com **I**, que podem gerar dúvidas: *aborígine* (ou aborígene), *alumiar*, *aleijar*, *aleijado* (!), *arriar* (abaixar), *artifício*, *artimanha*, *calidoscópio* (ou caleidoscópio), *chilique*, *corrimão*, *crânio*, *crioulo*, *diferir* (diferenciar, discordar), *dilatar* (aumentar, inchar) *digladiar*, *displicência*, *displicente*, *dispensa* (de dispensar), *distrato* (desfazer um trato), *discricionário* (arbitrário, irrestrito), *erisipela*, *escárnio*, *feminino*, *frontispício*, *idiossincrasia*, *inclinação*, *incinerar*, *infestar*, *inigualável*, *invólucro*, *impigem* (ou impingem), *intemperança*, *imbróglio*, *lampião*, *meritíssimo*, *miscigenação*, *pátio*, *penicilina*, *pontiagudo*, *privilégio*, *pinicar*, *requisito*, *silvícola*, *terebintina*, *vadiar* (vagabundear)...

Recomendo que você perceba, no próximo capítulo (Semântica), a diferença de escrita em palavras muito semelhantes na grafia. Não deixe de ler a parte de Parônimos e Fatos da Língua Culta! Vá por mim! Você vai perceber que palavras escritas com **E** ou com **I**, apesar de semelhantes na grafia e na pronúncia, têm sentidos bem diferentes.

Emprego da Letra O

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *abolir*, *agrícola*, *abotoar*, *aroeira*, *assoar* (expelir secreção nasal), *boate*, *boeiro* (ave), *bobina*, *bolacha*, *boletim*, *botequim*, *boteco*, *bússola*, *chacoalhar*, *cochicho*, *comprimento* (extensão), *capoeira*, *chover*, *costume*, *coringa* (pessoa enfezada e feia), *encobrir*, *engolir*, *êmbolo*, *focinho*, *fosquinha*, *goela*, *lombriga*, *mágoa*, *magoar*, *mocambo*, *molambo*, *moela*, *moleque*, *mosquito*, *névoa*, *nódoa*, *óbolo*, *poleiro*, *polenta*, *polia*, *polir*, *ratoeira*, *rebotalho*, *Romênia*, *romeno*, *sortir* (abastecer; já vi muito na prova da FCC), *sortido* (variado), *sotaque*, *toalete*, *tostão*, *tribo*, *vinícola*, *vultoso* (volumoso), *zoar*...

Emprego da Letra U

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *assuar* (vaiar), *acudir*, *bugalho*, *bueiro* (buraco), *buliçoso*, *bulir*, *bulinando*, *burburinho*, *camundongo*, *chuviscar*, *chuvisco*, *cumbuca*, *cumprimentar*, *cumprimento* (saudação), *cúpula*, *curtume*, *curinga* (carta de baralho), *Curitiba* (cidade), *cutia* (animal), *curtume*, *cutucar*, *embutir*, *entupir*, *estripulia*, *esbugalhar*, *fuçar*, *íngua*, *jabuti*, *jabuticaba* (segundo o VOLP), *lóbulo*, *muamba*, *mutuca*, *mucamba* (mucama), *mulato*, *murmurinho*, *rebuliço*, *sinusite*, *tábua*, *tabuada*, *tabuleiro*, *trégua*, *tulipa*, *úmido*, *umidade* (e não húmido, humidade), *urtiga*, *usufruto*, *virulento*, *vultuoso* (congestão facial)...

Novamente recomendo que você consulte os parônimos (capítulo 4) que podem confundir sua cabeça. Você vai perceber que palavras escritas com **O** ou com **U**, apesar de semelhantes na grafia e na pronúncia, têm sentidos bem diferentes.

Emprego da Letra C

O **C**, seguido de **E** e **I**, tem som de **Ç** ou **SS**. Normalmente as pessoas confundem a grafia de palavras escritas com **C, Ç** ou **SS**. Isso pode atrapalhar sua vida na hora de grafar uma palavra, ou melhor... podia:

– Em vocábulos de origem indígena, africana ou árabe: **cipó, cacimba, Piracicaba, piracema, Araci, cacique, alface, acicate, acéquia, ceifa, cetim...**

– Em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-te**/**-to**: **marte > marcial, marciano; torto > torcer...**

– Depois de ditongos: **foice, fauce, coice, beicinho (de beiço), loucinha (de louça), boucelo...**

– Com as terminações **-ecer** e **-encer**: **empalidecer, entardecer, amanhecer, convencer, pertencer, vencer...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *acender* (iluminar), *acento* (sinal gráfico), *acelga*, *acervo*, *acepção*, *acessório*, *acetinado*, *arvorecer*, *cedilha*, *ceia*, *cela* (quarto), *celibato*, *celofane*, *censo* (contagem), *cerração* (nevoeiro), *certame* (ou certâmen), *cerzir*, *chacina*, *cirrose*, *cismar*, *concertar* (harmonizar), *concerto* (música), *cenáculo*, *cenário*, *censura*, *disfarce*, *displicência*, *displicente*, *empobrecer*, *focinho*, *intercessão*, *maledicência*, *maciço*, *mencionar*, *necessário*, *ócio*, *pacífico*, *quociente*, *rocio*, *saciar*, *saciação*, *taciturno*, *vacilo*, *vício*...

Emprego do Ç

Antes de mais nada, não se usa **Ç** (cê-cedilha ou cê-cedilhado) antes de **E** e **I**, mas sim de **A, O** e **U**. Guarde isso em sua cabecinha para não chorar depois!

– Em palavras de origem indígena, africana, árabe, italiana, francesa e exótica: **cachaça, açaí, açucena, açúcar, muçarela (ou mozarela), Juçara, Moçambique, maçom, miçanga, muçum...** Incluem-se nesta regra os sufixos **-guaçu**, **-açu**: **Paraguaçu, capim-açu...**

– Em palavras com **to** no radical: **ação (de ato), atenção (de atento), isenção (de isento), intenção (de intento), direção (de direto), exceção (de exceto), correção (de correto)...**

– Em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-tar**/**-tor** (principalmente!): **adoção (de adotar), infração (de infrator), tração (de trator), redação (de redator), seção (de setor), deserção (de desertor), produção (de produtor), redução (de redutor)...**

– Em substantivos e adjetivos advindos do verbo **ter** (e derivados): **detenção (de deter), retenção (de reter), contenção (de conter), abstenção (de abster)...**

– Em sufixos **-aça**, **-aço**, **-ção**, **-çar**, **-iça**, **-iço**, **-nça**, **-uça**, **-uço**: **barcaça, ricaço, armação, aguçar, carniça, sumiço, fiança, convalescença, dentuça, dentuço...** Fique atento a palavras derivadas de verbos dos quais se retira a desinência **r** e coloca-se o sufixo **ção:** **reeducação (de reeducar), importação (de importar), repartição (repartir), partição (de partir), fundição (de fundir)...**

– Em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-tivo:** **introspecção (de introspectivo), relação (de relativo), ação (de ativo), intuição (de intuitivo)...**

– Após **ditongos**: **feição, louça, eleição, traição, caiçara, precaução, arcabouço...**

– Conheça algumas palavras escritas com **Ç**: (à) *beça, absorção, acaçapar, açafrão, acepção, açucena, açude, assunção, adereço, alçapão, alicerçar, arruaça, asserção, babaçu, bagaço, boçal, buço, chumaço, cabaça, caçar, caçarola, calça, cansaço, carniça, coleção, descrição, eriçado, erupção, encaçapar, exibição, extinção, exceção, fuçar, guçar, hortaliça, içar, joça, laço, Moçambique, Moçoró, mormaço, maçaneta, maniçoba, muçarela* (!), *noviço, ouriço, pança, palhoça, pinça, quiçá, rechaçar, regaço, ruço* (pardacento, grisalho, surrado), *sanção* (ato de sancionar), *sumiço, superstição, soçobrar, tição, terça, terço, trançar, troça, troço, unção, viço, vidraça, vizinhança...*

Emprego da Letra G

A letra **G**, diante de **E** e **I**, se confunde com a letra **J** às vezes. Cuidado para não escrever uma em vez de outra. Usamos a letra **G**:

– Em palavras de origem estrangeira: **álgebra, ginete, algema, agiota, herege, sargento, ágio, doge, gengibre, geleia, gim...**

– Em palavras terminadas em **-agem**, **-igem**, **-ugem**; **-ege**, **-oge**; **-ágio**, **-égio**, **-ígio**, **-ógio**, **-úgio**: **malandragem, garagem, fuligem, vertigem, ferrugem, penugem; herege, bege, paragoge, doge; naufrágio, adágio, egrégio, colégio, vestígio, prodígio, relógio, martirológio, refúgio, subterfúgio...**

Exceções: laje (ou lagem), paje (ou pajem), lambujem. Cuidado com a palavra via**g**em (substantivo: Fizeste boa viagem?) e via**j**em (verbo: Talvez eles viajem hoje.).

– Em verbos terminados em **-ger** e **-gir**: **eleger, reger, proteger, correger, fingir, fugir, frigir, impingir, submergir, aspergir, corrigir...**

– Nos vocábulos gerir, gestão e derivados: **digerir, digestivo, ingestão, sugerir, sugestão, sugestivo...**

– Em palavras iniciadas por **A**: **agente, agência, agendar, agérrimo, ágil, agir, agitar, ágio...**

Exceções (verbos formados de substantivos que já apresentam J no radical): ajeirar (de jeira), ajeitar (de jeito), ajesuitar (de jesuíta), ajirauzado (de jirau)...

– Em palavras derivadas de outras que já apresentam **G**: **afugentar (de fugir), rigidez (de rígido), gelado (de gelo), impingem (de impingir), rabugento, rabugice (de rabugem), tingido (de tingir)...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *aborígine*, *abranger*, *adágio*, *adstringente*, *afugentar*, *agência*, *agenda*, *agente*, *agilidade*, *ágil*, *agiota*, *agiotagem*, *agitar*, *alergia*, *álgebra*, *algema*, *Angelina*, *algibeira*, *angina*, *apanágio*, *apogeu*,

aragem, *Argélia*, *argila*, *auge*, *Bagé*, *beberagem*, *blindagem*, *congestão*, *digerir*, *digestão*, *divergente*, *esfinge*, *estágio*, *estratégia*, *estrangeiro*, *estrogênio*, *evangelho*, *exagero*, *ferrugem*, *flagelo*, *geada*, *gêiser*, *gérbera*, *gergelim*, *geringonça*, *gilete*, *girândola*, *gengibre*, *gesso*, *gibi*, *gigante*, *gim*, *higiene*, *ilegível*, *imagem*, *imaginação*, *imaginar*, *indigesto*, *impingem* (ou impigem), *indígena*, *legítimo*, *legista*, *legível*, *legenda*, *ligeiro*, *monge*, *megera*, *nigeriano*, *necrológio*, *ogiva*, *origem*, *penugem*, *pugilista*, *relógio*, *refrigerante*, *regurgitar*, *rugido*, *rígido*, *rigidez*, *selvagem*, *selvageria*, *sigilo*, *singelo*, *sugestão*, *sugestivo*, *tangerina*, *tangente*, *tangível*, *tragédia*, *tigela*, *urgente*, *vagem*, *vagina*, *vertigem*, *vigência*, *viagem* (substantivo)...

Emprego da Letra J

Usa-se o **J** seguido de qualquer vogal.

Há uma palavrinha que aparece direto em prova; que palavra é essa? Hojeriza? Hogeriza? Hogerisa? Ogeriza? Ojerisa? Ojeriza? Bizarro, não é? Bem, e a palavra certa é... O-JE-RI-ZA (OJERIZA)! Cuidado com ela! Ah! E aquele papinho da titia da escola de que se a palavra couber na tigela, nós a escrevemos com **J** é papo furado, hein! Nunca ouviu essa, não? Berinjela cabe na tigela, mas geleia também! Chega de besteira... Vamos às regras:

– Em palavras de origem indígena, africana, árabe ou exótica: **beiju, jirau, jerimum, jequitibá, alforje, jiboia, mujique, manjericão, manjerona, jiu-jítsu...**

– Em palavras derivadas de outras que já são, na sua formação, escritas com **J**: **anjinho (de anjo; porém angélico, que deriva de uma palavra latina que tinha G na raiz); canjica (de canja); encoraje, encorajem (do verbo encorajar); laranjeira, laranjinha (de laranja); lojista (de loja); lajedo (de laje); rijeza, enrijecer (de rijo; no entanto, cuidado com rigidez e rígido); viajei, viajemos, viajem (de viajar)...**

– Em verbos terminados em **-jar**/**-jear**; por exemplo, viajar e granjear: **viajo, viajas, viaja, viajamos, viajais, viajam ... viaje, viajes, viaje, viajemos, viajeis, viajem...; granjeio, granjeias, granjeia, granjeamos, granjeais, granjeiam ... granjeie, granjeies, granjeie, granjeemos, granjeeis, granjeiem...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *acarajé*, *adjetivo*, *adjunto*, *ajeitar*, *alforje*, *anjo*, *azulejo*, *azulejista*, *berinjela*, *brejeiro*, *brejo*, *cafajeste*, *canjica*, *caranguejeira*, *cerejeira*, *cervejeiro*, *desajeitado*, *enjeitado*, *enrijecer*, *gorjear*, *gorjeta*,

granjeiro, *jeca*, *igreja*, *interjeição*, *injeção*, *Jeni*, *Jeová*, *jequitibá*, *jesuíta*, *jirau*, *laje*, *laranjeira*, *laranjinha*, *lisonjear*, *lisonjeiro*, *loja*, *lojista*, *majestade*, *majestoso*, *manjericão*, *manjedoura*, *Moji*, *objetivo*, *objeto*, *pajé*, *pajelança*, *projeção*, *projétil*, *projeto*, *rejeitar*, *rejeição*, *subjetivo*, *sujeira*, *sujeito*, *trejeito*, *ultraje*, *varejo*, *varejista*, *viajem* (verbo)...

Emprego da Letra H

A letra H não representa som algum, por isso é considerada consoante muda. É considerada uma letra etimológica, pois vem do latim (e do grego), em que era expirada, como em Tom **H**anks. Vejamos algumas regrinhas:

– No início de certas palavras de origem latina, grega ou inglesa: **hábil, hábito, habitar, heavy-metal, headfone, hebraico, hecatombe, hiato, hipótese, homérico, hipotaxe, hidrofobia, hora, hérnia...**

– Como letra diacrítica nos dígrafos **CH**, **LH**, **NH**: **chave, olhar, sonho...**

– No fim de certas interjeições: **ah!, eh!, ih!, oh!, uh!, hein!...**

– Após hífen nas palavras derivadas por prefixação ou nas compostas por justaposição: **sobre-humano, super-homem, anti-higiênico, pré-histórico, pan-hispânico, giga-hertz, neo-hebraico, pseudo-hermafrodita, mini-hotel, arqui-hipérbole...**

Obs.: Cuidado com estas palavras, pois os prefixos co-, des-, ex-, in-, sub-, re- dispensam o hífen e a letra H: coerdeiro, desarmonia, exaurir, inábil, subumano (ou sub-humano), reidratar, reaver; turboélice, lobisomem, filarmônico...

– Em toda a conjugação do verbo haver: **hei, hás, há, havemos/hemos, haveis, hão...**

– Por convenção, usa-se **H** ainda na palavra Bahia (o estado). Nos derivados, não há **H**: **baiano, baianinha, baianidade...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *haltere* (ou halter), *hangar*, *haurir*, *haxixe*, *hectare*, *hediondo*, *hélice*, *hera* (planta), *hermenêutica*, *hermético*, *híbrido*, *hipocondria*, *hirto*, *histologia*, *homeopatia*, *homilia* (ou homília), *homogeneidade*, *hóquei*, *hortênsia*, *horto*, *hosana*, *hóstia*, *hulha*, *húmus*...

Emprego da Letra S

Não confunda **S** com **SS, Z** ou **Ç**. Atenção às regrinhas!

– Em substantivos correspondentes a verbos terminados com **corr**, **d, nd, nt, pel, rg, rt** no radical: **concurso (de concorrer), discurso (discorrer), colisão (de colidir), alusão (de aludir), defesa, defensivo (de defender), pretensão, pretensioso (de pretender), compreensão, compreensivo (de compreender), difusão (de difundir), ascensão, ascensorista (de ascender), suspensão (de suspender), distensão (de distender), expansão (de expandir), senso, sensível (de sentir), expulso, expulsão (de expelir), compulsório (de compelir), imersão (de imergir), emersão (de emergir), inversão (de inverter), conversão (de converter), diversão (de divertir)...**

– Em adjetivos pátrios/gentílicos ou títulos de nobreza terminados em **-ês(a)** e **-ense**: **rio-grandense, paranaense, catarinense, fluminense, parisiense... camponês, japonês, pequinês, princesa, duquesa, inglesa, calabresa (de Calábria), milanesa (de Milão)...**

– Nos sufixos nominais terminados em **-oso(a)** e **-isa**: **gostoso, apetitoso, afetuoso, papisa, poetisa...; exceção: gozo (e derivados).**

– Com som de Z, após **ditongo**: **coisa, deusa, pausa, pouso, causa, lousa, maisena (!), paisagem...**

– Na conjugação dos verbos pôr e querer (pretérito perfeito e mais-que-perfeito do indicativo e pretérito imperfeito e futuro do subjuntivo), inclusive dos derivados do verbo pôr: **quiser, pus, quis, pusemos, quisemos, interpusemos, propusestes...**

O verbo **requerer** NÃO é derivado do verbo querer. Consulte a conjugação deste verbo!

– Em substantivos terminados em **ase, ese, ise, ose**: **frase, tese, crise, osmose, metamorfose, catequese...; exceções: deslize, gaze...**

– Nos verbos terminados em **isar,** se os nomes correspondentes tiverem **S** no radical: **pesquisar (de pesquisa), paralisar (de paralisia), improvisar (de improviso), avisar (de aviso), analisar (de análise), alisar (de liso)...; exceções:**

catequiZar (de catequese), batiZar (de batismo), hipnotiZar (de hipnose), sintetiZar (de síntese).

– O sufixo **inho** vem acompanhado de **S** quando esta letra fizer parte do radical da palavra de origem (com **Z** quando a palavra de origem não tiver o radical terminado em **S**): **LuiSinho (de Luís), meSinha (de mesa), lapiSinho (de lápis)...; lugarZinho (de lugar), cafeZinho (de café)...**

Obs.: O bizu da manutenção do S no radical serve para, praticamente, todos os casos: baseado, basear, embasamento (de base)...

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *adversário*, *alisar*, *aguarrás*, *ânsia*, *ansiar*, *ansioso*, *apreensão*, *apoteose*, *através*, *apreensivo*, *aspersão*, *aspersório*, *autópsia*, *aversão*, *avulso*, *catalisar*, *cisão*, *colisão*, *cansaço*, *cansar*, *cansado*, *cansativo*, *canseira*, *compreensão*, *compreensível*, *compreensivo*, *compulsão*, *compulsório*, *convulsão*, *defensivo*, *defensor*, *descanso*, *dispersão*, *disperso*, *dose*, *enviesar*, *entrosar*, *entorse*, *emersão*, *escusável*, *expulsão*, *frasear*, *formosura*, *freguesa*, *fusível*, *gasoso*, *gris*, *grosa*, *glosa*, *impulso*, *imersão*, *imerso*, *improvisar*, *impulsionar*, *lesar*, *lisura*, *maisena*, *manusear*, *medusa*, *misantropo*, *misto* (de mistura), *pêsame*(s), *pesquisar*, *percurso*, *perversão*, *pretensão*, *rasura*, *revés*, *reveses*, *repulsão*, *senso* (percepção), *sessão* (reunião), *sósia*, *sassafrás*, *tenso*, *trás*, *usura*, *verso*, *verosímil*, *verosimilhança* (ou verossímil, verossimilhança), *zeloso*...

Emprego do Dígrafo SS

– Em verbos terminados em **primir, meter, mitir, cutir, ceder, gredir, sed(i)ar: impressão (de imprimir), depressão (de deprimir), promessa (de prometer), intromissão (de intrometer), admissão (de admitir), demissão (de demitir), percussão (de percutir), repercussão (de repercutir), excesso (de exceder), concessão (de conceder), agressão (de agredir), transgressão (de transgredir), obsessão (de obsed(i)ar)...**

Cuidado com a palavra **exceção**! Ela cai direto em prova. Consulte: Cesgranrio – Petrobras – Cargos de nível superior – 2010 – QUESTÃO 28.

– Prefixo terminado em vogal + palavra iniciada por **S**: **assimétrico (a + simétrico), ressurgir (re + surgir), autosserviço (auto + serviço), minissaia (mini + saia), parassíntese (para + síntese), pressentimento (pré + sentimento)...**

– Em todo o pretérito imperfeito do subjuntivo: **fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *acesso*, *acessível*, *acessório*, *assessor*, *assessoria*, *abadessa*, *abscesso*, *acessível*, *acessório*, *admissão*, *agressão*, *agressor*, *amassar*, *amerissar*, *amerissagem*, *antepassado*, *argamassa*, *assar*, *assalariado*, *assassinar*, *assédio*, *assalto*, *assassinato*, *assanhado*, *assíduo*, *assear*, *asseio*, *assinar*, *assinalar*, *assobiar* (assoviar), *assíduo*, *aterrissar*, *aterrissagem* (ou aterrizar, aterrizagem), *atravessar*, *avesso*, *bússola*, *colosso*, *compasso*, *concessão*, *demissão*, *dissensão*, *dissídio*, *endossar*, *escassez*, *escasso*, *excesso*, *excessivo*, *fotossíntese*, *ingresso*, *ingressar*, *missa*, *monossílabo*, *obsessão*, *pássaro*, *passeata*, *passeio*, *permissão*, *possessão*, *potássio*, *progresso*, *progressão*, *ressaca*, *ressurreição*, *ressuscitar*, *retrocesso*, *ultrapassado*, *verossímil*, *verossimilhança*, *vicissitude*...

Emprego do Dígrafo SC

O dígrafo **SC** era usado em muitas palavras do latim. Elas sofreram algumas mudanças ao longo dos séculos, mas o dígrafo foi conservado. Por isso conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *abscesso*, *abscissa*, *acrescentar*, *acréscimo*, *adolescência*, *apascentar*, *aquiescência*, *ascensorista*, *ascendente*, *discípulo*, *crescente*, *crescer* (cresço), *concupiscência*, *condescender*, *consciência*, *crescimento*, *convalescença*, *discernimento*, *discente*, *disciplina*, *efervescência*, *excrescência*, *fascículo*, *fascismo*, *florescente*, *fosforescente*, *imprescindível*, *isósceles*, *incandescente*, *intumescer*, *irascível*, *lascívia*, *miscelânea*, *miscigenação*, *nascimento*, *nascer*, *néscio*, *nascença*, *obsceno*, *onisciência*, *oscilação*, *plebiscito*, *piscicultura*, *presciência*, *recrudescer*, *reminiscência*, *rescindir*, *rescisão*, *ressuscitar*, *renascimento*, *seiscentos*, *susceptível*, *suscitar*, *transcendência*, *víscera*...

Emprego do Dígrafo CH

As palavras que apresentam este dígrafo têm origens diversas: latim, francês, espanhol, italiano, alemão, inglês, árabe etc.

– Veja algumas: **chave, cheirar, chuva; chassi, chalé, chefe, chuchu, deboche; apetrecho, mochila, trapiche; charlatão, espadachim, salsicha; chope, charuto, cheque, sanduíche; azeviche, chafariz, cherne, escabeche...**

– Em palavras derivadas de **cognatas (mesmo radical)**: **chinelada (de chinelo), chifrada (de chifre), chaveiro (de chave), chamariz (de chamar), enchente (de encher), encharcar (de charco), achincalhar (de chincalho), pichação (de piche)...**

– Em sufixos aumentativos ou diminutivos **-acho, -achão, -icho, -ucho**: **bonachão, rabicho, papelucho, riacho, barbicha, gorducho...**

– Depois de **-an**, **-en***, **-in**, **-on**, **-un**: **anchova, gancho, encher, preencher, inchaço, pechincha, concha, ponche, funcho, escarafunchar...**

* Na maioria das palavras com **-EN**, usa-se X: enxame, enxada, enxergar, enxugar, desenxabido...

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *achincalhar*, *anchova*, *apetrecho*, *bacharel*, *beliche*, *bochecha*, *bombacha*, *bolacha*, *brecha*, *brocha* (prego), *brochura*, *bucha*, *cacho*, *cachola*, *cachoeira*, *cachimbo*, *cartucho*, *chácara*, *chacina*, *chafariz*, *chalé*, *charuto*, *charque*, *cheque* (= dinheiro), *chicote*, *chiste*, *chuchu*, *chucrute*, *chumaço*, *coqueluche*, *cochicho*, *debochar*, *deboche*, *ducha*, *estrebuchar*, *fachada*, *ficha*, *fechar*, *garrancho*, *guache*, *inchado*, *lanche*, *mochila*, *pachorra*, *piche*, *pichação*, *pechincha*, *prancha*, *rocha*, *rachar*, *salsicha*, *tacha* (mancha ou prego pequeno), *tachar* (acusar), *tchau*, *tocha*, *trecho*, *trincheira*...

Emprego da Letra X

– Depois de **ditongo**: **caixa, peixe, frouxo, seixo, feixe...; exceção: caucho, recauchutar, recauchutagem, guache.**

– Depois da sílaba **en**: **enxadrista, enxugar, enxovalhar, enxoval, enxofre, desenxabido...; exceção**: enchente (de encher, cheio), encharcar (de charco), enchiqueirar (de chiqueiro), enchumaçar (de chumaço), enchova (ou anchova)...

– Depois da sílaba **me**: **mexerica, mexer, mexilhão, mexerica, mexeriqueiro...; exceção**: mecha (de cabelos) e derivados.

– Na vasta maioria das palavras depois das sílabas **bru, gra, la, li, lu**: **bruxa, bruxulear; graxa, graxeiro; laxante, laxo; lixa, lixo, lixiviação; luxo, luxação, luxamento...**

– Em palavras de **origem árabe, grega, latina, árabe, africana, espanhola, indígena, inglesa** etc.: **xá, Xerxes, luxação, rixa, taxar, xampu, Xangai, abacaxi, Erexim, muxoxo, xavante, xingar, almoxarife, enxaqueca, enxoval, xadrez, oxalá, lagartixa, xarope, xaveco, xerife, xeque-mate, xucro, xuá...**

– Em certas **interjeições**: **Xi!, Xô!**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvida: *abacaxi*, *afrouxar*, *almoxarife*, *atarraxar*, *Araxá*, *baixada*, *baixela*, *bauxita*, *bexiga*, *broxa* (pincel), *Bruxelas*, *bruxo*, *caixão*, *caixa*, *caixeiro*, *caixote*, *capixaba*, *caxumba*, *deixar*, *desleixo*, *elixir*, *encaixotar*, *engraxar*, *engraxate*, *enxada*, *enxame*, *enxergar*, *enxoval*, *enxotar*, *enxurrada*, *enxuto*, *faxina*, *faxineiro*, *feixe*, *frouxo*, *graxa*, *gueixa*, *luxo*, *luxúria*, *madeixa*, *macaxeira*, *mexer*, *mexida*, *orixá*, *praxe*, *puxão*, *Quixote*, *relaxado*, *relaxamento*, *rouxinol*, *taxa* (imposto), *vexame*, *Xapecó*, *xavante*, *xenofobia*, *xereta*, *xícara*, *xingar*, *xilindró*....

Obs.: Vale a pena dizer que, em muitas palavras escritas com **X**, tal letra tem som de **KS** (uxoricida, tóxico), **Z** (inexorável, êxito) ou **S** ou **SS** (têxtil, sintaxe). Alguns estudiosos insistem em dizer que, em sintaxe, o **X** tem som de **KS**, inclusive o dicionário Caldas Aulete abona essa pronúncia. Já o VOLP, que é a autoridade máxima no assunto, diz que o **X** tem som de **SS**. Bem-vindo à língua portuguesa!

Emprego da Letra Z

– No sufixo **ez(a),** em substantivos abstratos derivados de adjetivos: **acidez (de ácido), polidez (de polido), moleza (de mole), pobreza (de pobre), frieza (de frio)...**

– Em verbo terminado em **izar** derivado de palavra **sem S** no radical (e substantivo derivado deste verbo, com sufixo **ização**): **amenizar, amenização (de ameno), suavizar, suavização (de suave), concretizar, concretização (de concreto), hospitalizar, hospitalização (de hospital)...**

– Em palavras terminadas em **zado(a)**, **zal**, **zeiro**, **zinho(a)**, **zito**, derivadas de outras com **Z** no radical ou sem **S** no radical: **abalizada, cafezal, "caozeiro", açaizeiro, cajazeiro, jardinzito, cãozito, cãozinho, raizinha, florzinha, sozinho...**

Obs.: Dependendo do valor semântico-discursivo (contextual), algumas palavras terminadas em **(z)inho** podem ter dupla forma: *colherzinha/colherinha; florzinha/florinha; homenzinho/hominho.*

– Na maioria dos verbos terminados em **uzir**, **er** ou **ir**: **produzir, conduzir, reproduzir, deduzir, dizer, fazer, comprazer, jazer, luzir...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvida: *agonizar, agudeza, alazão, alcoolizado, alteza, Amazonas, Amazônia, anãozinho, armazém, avestruz, azedo, bendizer, capuz, certeza, cartaz, catequizar* (porém catequese), *dizer, correnteza, cozinhar, dramatização, escravizar, frieza, flacidez, horizonte, idealizar, lazer, legalizar, martirizar, neutralizar, nazismo, ozônio, Queluz, prezado, viuvez, vazio, verniz, vezes, vizinho.*

Emprego dos Verbos Terminados em -EAR e -IAR

No presente do indicativo e do subjuntivo (e no imperativo) de todos os verbos terminados em **ear**, como **pentear**, acrescenta-se a letra **I** depois da **E**, exceto na 1ª e na 2ª pessoa do plural.

Veja: **Eu penteio, Tu penteias, Ele penteia, Nós penteamos, Vós penteais, Eles penteiam** (presente do indicativo); **Que... eu penteie, tu penteies, ele penteie, nós penteemos, vós penteeis, eles penteiem** (presente do subjuntivo).

No imperativo afirmativo e negativo, respectivamente: **penteia (tu), penteie (você), penteemos (nós), penteai (vós), penteiem (vocês); não penteies (tu), não penteie (você), não penteemos (nós), não penteeis (vós), não penteiem (vocês).**

Agora, em verbos terminados em **iar**, como ***negociar***, a conjugação é regular, não há acréscimo nem decréscimo. Exemplo:

Eu negocio, Tu negocias, Ele negocia, Nós negociamos, Vós negociais, Eles negociam; Que... eu negocie, tu negocies, ele negocie, nós negociemos, vós negocieis, eles negociem...

Importante! No presente do indicativo e do subjuntivo dos verbos **Mediar, Ansiar, Remediar, Incendiar/Intermediar e Odiar (MARIO)**, a conjugação se dá com uma ditongação através da letra **E** antes do **I** em todas as formas, exceto na 1ª e na 2ª pessoa do plural.

Veja na prática: **Eu odeio, Tu odeias, Ele odeia, Nós odiamos, Vós odiais, Eles odeiam** (presente do indicativo). **Que... eu odeie, tu odeies, ele odeie, nós odiemos, vós odieis, eles odeiem** (presente do subjuntivo). No imperativo afirmativo e no negativo, respectivamente: **odeia (tu), odeie (você), odiemos (nós), odiai (vós), odeiem (vocês); não odeies (tu), não odeie (você), não odiemos (nós), não odieis (vós), não odeiem (vocês).**

Sempre que for conjugar os verbos *mediar, ansiar, remediar, incendiar/intermediar*, siga o modelo do verbo *odiar*. A conjugação é igual! Exemplo: se "Eu odeio", "Eu medeio"; se "Tu odeias", "Tu intermedeias"... e por aí vai! Fica a dica, hein!

Cuidado com certos verbos terminados em **-ear** e **-iar**, de forma muito parecida, mas de sentido diverso:

- afear (de feio) e afiar (de fio);
- enfrear (de freio) e enfriar (de frio);
- estear (de esteio) e estiar (de estio);
- estrear (de estreia) e estriar (de estria);
- mear (de meio) e miar (de mio, miado);
- pear (de peia) e piar (de pio);
- arrear (de arreios) e arriar (de abaixar).

Cuidado!!!

"Descobri" um detalhe no texto do Novo Acordo Ortográfico (Base V, letra "e") que todos devem saber. Parece brincadeira de mau gosto (para não falar "sacanagem")! Veja você mesmo no sítio da ABL!

Quaisquer verbos terminados em **-iar**, como *negociar, premiar, intermediar, caluniar, odiar* podem ser conjugados de duas formas diferentes (em -io ou -eio): *eu negocio/negoceio, eu premio/premeio, eu intermedio/intermedeio, eu calunio/caluneio, eu odio/odeio etc.* Isso se dá porque esses verbos têm correspondência com substantivos terminados em **-io** e **-ia**: *negócio, prêmio, intermédio, calúnia, ódio.*

Pergunta derradeira do concurseiro: “Então o Tiririca estava certo esse tempo todo?! Pestana, afinal, como devo proceder na prova?!”
Resposta: “Leve as duas verdades para o dia da prova e marque a melhor resposta. Se der “chabu”, teremos aí uma grande polêmica instaurada.”
Cá entre nós... duvido que isso caia em prova! Tomara que eu não “queime a língua”...

Dupla Grafia

Vejamos algumas palavras que apresentam mais de uma grafia (você perceberá que algumas palavras são estranhas ao ouvido, pois nem todas são usuais ou aceitas unanimemente pelos gramáticos e dicionaristas):

Abaixar e baixar; abdome e abdômen; açoitar e açoite, açoutar e açoute; afeminado e efeminado; afoito e afouto; aluguel e aluguer; aritmética e arimética; arrebitar e rebitar; arremedar e remedar; assoalho e soalho; assobiar e assoviar; assoprar e soprar; azálea e azaleia; bêbado e bêbedo; besoiro e besouro; bilhão e bilião; bílis e bile; biscoito e biscouto; bombo e bumbo; bravo e brabo; cãibra e câimbra; cálice e cálix; carnegão e carnicão; carroçaria e carroceria; catinga e caatinga; catorze e quatorze; catucar e cutucar; chipanzé e chimpanzé; clina e crina; cociente e quociente; coice e couce; coisa e cousa; cota e quota; cotidiano e quotidiano; cotizar e quotizar; covarde e cobarde; cuspe e cuspo; dactilografia e datilografia; deficit e défice; degelar e desgelar; demonstrar e demostrar; dependurar e pendurar; desenxavido e desenxabido; diabete e diabetes; doido e doudo; doirar e dourar; dois e dous; emagrecer e esmagrecer; empanturrar e empaturrar; enfarte, enfarto, infarte e infarto; engambelar e engabelar; enlambuzar e lambuzar; entoação e entonação; entretenimento e entretimento; enumerar e numerar; espuma e escuma; estalar e estralar; este e leste; estoiro e estouro; exorcizar e exorcismar; flauta e frauta; flecha e frecha; fleuma e flegma; flocos e frocos; geringonça e gerigonça; gorila e gorilha; hemorroidas e hemorroides; humo e húmus; impingem e impigem; imundícia, imundície e imundice; intrincado e intricado; lantejoula e lentejoula; limpar e alimpar; lisonjear

e lisonjar; louça e loiça; louro e loiro; macaxeira e macaxera; maçom e mação; maltrapilho e maltrapido; maquiagem e maquilagem; marimbondo e maribondo; marino e marinho; melancólico e merencório; menosprezo e menospreço; mobiliar, mobilhar e mobilar; neblina e nebrina; nenê, neném e nenen; oiro e ouro; olimpíada e olimpíade; parêntese e parêntesis; percentagem e porcentagem; peroba e perova; pitoresco e pinturesco; plancha e prancha; pólen e polem; quadriênio e quatriênio; rádio e radium; radioatividade e radiatividade; rastro e rasto; registro e registo; relampear, relampejar, relampadejar, relampaguear, relampadar e relampar; remoinho e redemoinho; ridiculizar e ridicularizar; salobra e salobre; seção e secção; selvageria e selvajaria; silueta e silhueta; sobressalente e sobresselente; sutil e subtil; surripiar e surrupiar; taberna e taverna; televisar e televisionar; terremoto e terramoto; tesoura e tesoira; tesouro e tesoiro; toiro e touro; toicinho e toucinho; transvestir e travestir; tríade e tríada; trilhão e trilião; várzea, várgea, vargem e varge; volibol e voleibol...

Caso queira saber mais, reveja o capítulo de Acentuação (Algumas Formas Variantes) e Fonologia (Ortoepia e Prosódia).

Emprego das Iniciais Maiúsculas ou Minúsculas

Esta parte é importante para quem faz provas discursivas. Fique atento! Eu me ative ao texto oficial da ABL, ao Manual de Redação da PUC/RS e ao Manual de Elaboração de Textos do Senado.

A letra minúscula inicial é usada:

a) Normalmente em todos os vocábulos da língua nos usos correntes, sem que haja, é claro, obrigatoriedade no uso da maiúscula.

b) Nos **nomes dos dias, meses, estações do ano**: **segunda-feira; outubro; primavera.**

c) Nos **pontos cardeais** (mas não nas suas abreviaturas): **norte, sul (mas: SW, de sudoeste).**

d) Nos substantivos (ou pronomes indefinidos para alguns) **fulano, sicrano** e **beltrano**, desde que não iniciem frase.

e) Depois de dois-pontos (**:**), a não ser quando a palavra é um substantivo próprio, uma citação direta ou uma palavra que deva seguir a regra de maiúsculas: "De você eu quero isto: **dedicação**!" **Mas**: "Há só uma gramática que traz questões da banca CQIP: **A Gramática**".

f) Em substantivos próprios que se tornaram comuns, sofrendo derivação imprópria (ou conversão): "Pegaram o Joãozinho para **cristo**, mas você é que não passa de um **judas**!"

Obs.: Neste caso, vale dizer que as frases substantivadas, que se tornam substantivos compostos são escritas com letra minúscula: comigo-ninguém-pode, arranca-rabo, bate-boca, bem-te-vi, bem-me-quer, desmancha-prazer...; lembre-se de que certos substantivos desse tipo perderam o hífen, como maria vai com as outras, bumba meu boi, leva e traz..

g) Em palavras derivadas de nomes estrangeiros: **bachiano, kantismo, beethoveniano, byronismo, freudiano...**

h) Na sequência de alíneas e de incisos, que devem ter início na altura do parágrafo do texto:

São benefícios concedidos pelo IPC:

a) **auxílio-doença**;

b) **auxílio-funeral**;

c) **pecúlio**.

A escolha de seus membros compete:

I – **ao Senado Federal**;

II – **à Assembleia Geral**;

III – **ao Conselho Deliberativo**.

i) Nas partículas intermediárias (palavras invariáveis e contrações) monossilábicas dos onomásticos compostos (título de obras, acordos, conferências, congressos etc.): Crônicas **de** Risos **e** Lágrimas, Ninguém Escreve **ao** Coronel, Triste Fim **de** Policarpo Quaresma, II Congresso Nacional **de** Biblioteconomia, Pacto Internacional **dos** Direitos Civis **e** Políticos.

j) Nos adjetivos **gentílicos** e **pátrios** e na designação de **grupos étnicos**: **brasileiros, ingleses, xavantes, tamoios, paulistanos, mato-grossenses, mineiros...**

k) Nos **axiônimos** (títulos e outras formas especiais de tratamento), usa-se minúscula: **senhor doutor Joaquim da Silva, bacharel Mário Abrantes, o cardeal Bembo...**

l) Depois de interjeições, quando o nome for comum: **Oh! quanta miséria!; Nossa Senhora, que frio!; Ai! meu Deus!...**

m) Depois de ponto de exclamação ou de interrogação, quando o pensamento não estiver inteiramente completo ou quando se seguir uma oração de narrador: "**Que é isso? você enlouqueceu?"; "No mundo tereis tribulação, mas, coragem! eu venci o mundo."; "Que paisagem linda! exclamou Pedro."; "Que você dizia? indagou Lúcia."...**

A letra maiúscula inicial é usada:

a) No **início de períodos**, em **citações diretas** e **após o ponto final**: "**Hoje** disse algo que a chocou: '**Saia** daqui e não volte nunca mais.' **Ela** ficou desesperada".

b) Nos substantivos próprios de qualquer espécie **(nomes de pessoas, apelidos, alcunhas, entidades religiosas/governamentais, nomes de lugares, nomes de astros, nomes de personagens fictícios, nomes de tribos ou castas, nomes de comunidades religiosas ou políticas...)**: **Pedro Marques, D. João VI; Branca de Neve, D. Quixote, Alá, Deus, Messias, Oxum, Lisboa, Luanda, Maputo, Rio de Janeiro, Atlântida, Hespéria, Golfo Pérsico, Cabo da Boa Esperança, Oceano Atlântico, Monte Everest, Mar Morto, Mar Vermelho, Trópico de Câncer, Hemisfério Sul, Terra, Vênus, Marte, Júpiter, Adamastor, Mickey Mouse, Chapeuzinho Vermelho, Netuno, Aquiles, Tupinambás, Tamoios, Brâmanes, Sudras, Testemunhas de Jeová, Cristadelfianos, Nação, Estado, Pátria, Raça...**

Obs.: As palavras "Nação, Estado, Pátria e Raça" são escritas com letra maiúscula se tiverem sentido de entidade: "O **Estado** supre carências populares". Usamos minúscula quando estiverem determinadas, especificadas: "Devemos lutar pela nossa gentil **pátria**!" / "Eu moro no **estado** de São Paulo". A palavra "estado" (= situação/condição) se escreve com letra

minúscula: “Ela se encontra em **estado** terminal”. Se for o nome do jornal, letra maiúscula: “O Estado de São Paulo”.

c) Nos nomes de **leis, decretos, atos** ou **diplomas oficiais**: **Decreto Federal nº 25.794; Portaria nº 1.054, de 17-9-1998; Lei dos Direitos Autorais nº 9.609; Parecer nº 03/00; Sessão nº 01/00; Resolução nº 3/87 CFE...**

d) Nos nomes que designam **instituições (acadêmicas ou não), períodos notáveis, acontecimentos (históricos ou não)**: **Instituto de Pensões e Aposentadorias da Previdência Social, Faculdade de Letras da UFRJ, Jogos Olímpicos de Inverno, Copa do Mundo, Jornada Paulista de Radiologia, Idade Média, Revolução Francesa...**

e) Nos nomes de **festas** e **festividades**: **Natal, Páscoa, Ramadão, Todos os Santos, Carnaval...**

f) Nos **títulos de periódicos** e **jornais** (escreve-se em itálico, sem aspas): **O Globo, O Estado de São Paulo (ou S. Paulo), Folha de São Paulo...**

g) Nos **pontos cardeais** ou equivalentes, quando empregados absolutamente: **Nordeste, por nordeste do Brasil, Norte, por norte de Portugal, Ocidente, por ocidente europeu para cá, Oriente, por oriente asiático para lá...**

h) Em **siglas, símbolos** ou **abreviaturas** internacionais ou nacionalmente reguladas com maiúsculas, iniciais ou mediais ou finais ou o todo em maiúsculas: **FAO, NATO, ONU; H2O, Sr., V. Ex.ª.**

Obs.: As disposições sobre os usos das minúsculas e maiúsculas não obstam a que obras especializadas observem regras próprias, provindas de códigos ou normalizações específicas (terminologias antropológica, geológica, bibliológica, botânica, zoológica etc.), promanadas de entidades científicas ou normalizadoras, reconhecidas internacionalmente.

Casos Facultativos

a) Nos **bibliônimos** (nome de livro) – após o primeiro elemento, que é com maiúscula, os demais vocábulos podem ser escritos com minúscula, salvo nos

nomes próprios neles contidos, tudo em grifo: **O Senhor do paço de Ninães ou O senhor do paço de Ninães, Menino de engenho ou Menino de Engenho, Árvore e Tambor ou Árvore e tambor.**

b) Nos **hagiônimos** (palavras sagradas e nomes próprios sagrados), usa-se maiúscula ou minúscula: **ressurreição (ou Ressureição), santa Filomena (ou Santa Filomena).**

c) Nos nomes que designam **domínios do saber, cursos** e **disciplinas** (opcionalmente, também com maiúscula): **português (ou Português), matemática (ou Matemática); línguas e literaturas modernas (ou Línguas e Literaturas Modernas).**

d) Opcionalmente, em palavras usadas reverencialmente, aulicamente (ref. à corte, palácio) ou hierarquicamente, em início de versos, em categorizações de logradouros públicos: **rua ou Rua da Liberdade, largo ou Largo dos Leões, igreja ou Igreja do Bonfim, templo ou Templo do Apostolado Positivista, palácio ou Palácio da Cultura, edifício ou Edifício Azevedo Cunha, túnel Rebouças ou Túnel Rebouças...**

e) Nos intitulativos gerais de **doutrinas**, **correntes** e **escolas de pensamento**, **religiões** e **regimes políticos**: **positivismo ou Positivismo, romantismo ou Romantismo, barroco ou Barroco, marxismo ou Marxismo, catolicismo ou Catolicismo, cristianismo ou Cristianismo, parlamentarismo ou Parlamentarismo...**

f) Cargos políticos, religiosos e militares (recomendam-se as formas maiúsculas): **ministro ou Ministro, bispo ou Bispo, capitão ou Capitão...**

Abreviaturas

As abreviaturas não podem ser confundidas com abreviações. A primeira é a representação contraída de uma palavra ou locução, em que são retiradas várias letras, permanecendo geralmente as iniciais, que são seguidas de um ponto (.), chamado de ponto abreviativo: **pág. ou pg. ou p. (página)**. A segunda trata apenas da retirada de algumas sílabas até um determinado ponto; é possível pronunciar a palavra abreviada como uma palavra normal, sem prejuízo da pronúncia e do sentido da palavra; além disso, não há ponto abreviativo: **otorrino (otorrinolaringologista)**.

Vou falar mais de abreviação vocabular no capítulo de Processo de Formação de Palavras.

Como as **abreviaturas** ocorrem? Vejamos os principais casos:

a) Escreve-se a primeira sílaba e a primeira letra da segunda sílaba, seguida de ponto abreviativo: **gram. (de gramática), al. (de alemão), num. (de numeral)...**

b) O acento presente na primeira sílaba se mantém: **gên. (de gênero), créd. (de crédito), lóg. (de lógica)...**

c) Se a segunda sílaba iniciar por duas consoantes, escrevem-se as duas: **pess. (de pessoa), constr. (de construção), secr. (de secretário)...**

d) As abreviaturas universais são escritas sem ponto e sem a letra S para indicar plural (medidas, pesos, distâncias...): **g (grama), m (metro), min (minuto), h (hora), km (quilômetro)...**

Obs.: O que a gente mais vê na rua é isto: "A loja abre às 14hs ou 14hs. ou 14hrs." É ou não é? O certo é "A loja abre às 14h".

e) Quando se quer acrescentar o S para indicar o plural, basta colocá-lo antes do ponto: **fs. ou fls. (folhas), caps. (capítulos), segs. (seguintes)...**

f) As abreviaturas de formas de tratamento são feitas sempre com inicial maiúscula: **C.^{el}, Cel. (coronel), Dep. (deputado), Des., Des.^{a}, Desa. (desembargador, desembargadora), Diác. (diácono)...**

Obs.: O plural das formas de tratamento varia, ou se coloca o S (autoridades universitárias, militares, judiciárias, eclesiásticas, civis) ou se duplica a letra da abreviatura (autoridades monárquicas): V.Em.^{as}, V.Emas. (Vossas Eminências), VV.MM (Vossas Majestades). Em alguns casos, a duplicação indica superlativação: DD (Digníssimo), MM (Meritíssimo), SS (Santíssimo).

f) Inúmeras palavras não seguem essas regras: **a. C. ou A.C. (de antes/Antes de Cristo), ap., apart., apto. (de apartamento), cia. (de companhia), f., fl. ou fol. (de folha), h (de hora), seg (segundo)...**

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo relativo ao emprego de letras é importante, principalmente quanto aos verbos terminados em -EAR e -IAR. Os demais assuntos (iniciais maiúsculas ou minúsculas e abreviaturas) são desimportantes em provas de concursos públicos. Não deixe de contar com sua memória visual caso não se lembre de uma regra. Importante: a banca que adora ortografia é a FCC! Fica aqui mais uma dica: observe as palavras que mais se repetem nas questões. Memorize-as!

Questões de Concursos

Adaptei as questões antigas (antes de 2009) à nova ortografia, que só vai valer de fato em 1º de janeiro de 2016. No ruim, vamos ter mais tempo para nos acostumar com as regras.

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2003) Indique o item em que todas as palavras estão corretamente empregadas e grafadas.

a) A pirâmide carcerária assegura um contexto em que o poder de infringir punições legais a cidadãos aparece livre de qualquer excesso e violência.

b) Nos presídios, os chefes e subchefes não devem ser exatamente nem juízes, nem professores, nem contramestres, nem suboficiais, nem "pais", porém avocam a si um pouco de tudo isso, num modo de intervenção específico.

c) O carcerário, ao homogeinizar o poder legal de punir e o poder técnico de disciplinar, ilide o que possa haver de violento em um e de arbitrário no outro, atenuando os efeitos de revolta que ambos possam suscitar.

d) No singular poder de punir, nada mais lembra o antigo poder do soberano iminente que vingava sua autoridade sobre o corpo dos supliciados.

e) A existência de uma proibição legal cria em torno dela um campo de práticas ilegais, sob o qual se chega a exercer controle e aferir lucro ilícito, mas que se torna manejável por sua organização em delinqüência.

2. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2004) Assinale a opção que corresponde a palavra ou expressão do texto que contraria a prescrição gramatical.

No século XX, a arte cinematográfica introduziu um novo conceito de tempo. Não mais o conceito linear, histórico, que <u>perspassa</u> (1) a Bíblia e, também, as pinturas de Fra Angelico ou o *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes. No filme, predomina a <u>simultaneidade</u> (2). <u>Suprimem-se</u>

(3) as barreiras entre tempo e espaço. O tempo adquire caráter espacial, e o espaço, caráter temporal. No filme, o olhar da câmara e do espectador **(4)** passa, com toda a liberdade, do presente para o passado e, desse, para o futuro. Não há continuidade ininterrupta **(5)**.

(Adaptado de Frei Betto)

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

3. (Cesgranrio – AL/TO – Assistente Legislativo – 2005) Marque a opção em que a palavra é escrita com **s**.

a) Avare___a.
b) Apra___ível.
c) Ra___ão.
d) De___ertas.
e) Cafe___al.

4. (ACEP – BNB – Técnico de Nível Superior – 2006) Assinale a alternativa com palavras ortografadas corretamente de acordo com a sequência: "peixe", "anzol", "concessão".

a) laxante – cataqueze – sessão.
b) trouxer – catequizar – assento.
c) broxa – analizar – passo.
d) xácara – deleitozo – obsessão.
e) taxa – catálize – admissão.

5. (NCE/UFRJ – MPE/RJ – Analista (Processual) – 2007) O adjetivo que os autores utilizam no título é uma das palavras que costumeiramente geram dúvidas ortográficas. Nos casos abaixo, a grafia de ambas as palavras só está correta em:

a) mantegueira / aterrissagem;
b) cataclismo / adivinhar;
c) mortadela / meretíssimo;
d) entitulado / embutido;
e) prostração / beneficiente.

6. (Cespe/UnB – Analista de Comércio Exterior – 2008) Julgue o item a seguir levando em conta a correção gramatical (apegue-se apenas à ortografia):

Portanto, ao se iniciar a nova década, o ambiente que se formula e gerencia a política de comércio exterior brasileira é radicalmente diverso daquele que vigiu à época em que a CACEX atuava como superagência nessa área. A institucionalidade da política distanciou-se do modelo CACEX, mas é pouco nítido o modelo desejável e adequado aos novos condicionantes e objetivos.

( ) CERTO
( ) ERRADO

7. (FGV – Senado Federal – Analista de Relações Públicas – 2008) O vocábulo *anabolizar* está grafado corretamente. Assinale a alternativa em que haja pelo menos uma palavra com erro de grafia.

a) profissionalizar – pesquisar.
b) paralizar – realizar.
c) hostilizar – analisar.
d) indenizar – inferiorizar.
e) informatizar – ironizar.

8. (Cespe/UnB – Ministério da Saúde – Área de Redação Oficial – 2008) De acordo com o padrão da língua portuguesa, são variantes da palavra "imundície" as seguintes formas: imundice e imundícia.

( ) CERTO
( ) ERRADO

9. (FCC – PGE/RJ – Técnico Assistente de Procuradoria – 2009) Todas as palavras estão escritas corretamente na frase:

a) Intervensões governamentais massiças e até agora sem precedentes não conseguiram conter os impactos da crise financeira em diversos países.
b) A permanência e a gravidade dos desdobramentos da crise financeira deicham dúvidas e originam expeculações em todo o mundo.
c) A ganância por lucros cada vez maiores fez com que os riscos dos investimentos crecessem esponencialmente no mercado financeiro.
d) A excessiva circulação de instrumentos financeiros imbutia imenço potencial de perigos redundando, como se viu, em enormes prejuízos.
e) O êxito das resoluções tomadas em outros países depende de um maior controle das instituições financeiras, o que atinge interesses múltiplos e provoca resistência.

10. (FCC – TRT (16R) – Técnico Judiciário – 2009) A frase em que há palavras escritas de modo INCORRETO é:

a) A aridez que sempre caracterizou as paisagens do Nordeste brasileiro aparece agora, para assombro de todos, na região Sul, comprometendo as safras de grãos.
b) Alguns estudiosos reagem com sensatez às recentes explicações, considerando se o papel da bomba biótica é realmente crucial na circulação do ar.
c) Se for comprovada a correção da nova teoria, a preservação das florestas torna-se essencial para garantir a qualidade de vida em todo o planeta.
d) O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.
e) Com ventos mais próximos ao mar, o ar úmido resultante da evaporação da água do oceano é puxado para o continente, distribuindo a chuva ao redor do planeta.

11. (FCC – MPE-AP – Técnico Administrativo – 2009) Está correta a grafia de todas as palavras da frase:

a) Compadecido com a humilhação de seu velho servo, o rei Psamênito não conteu as lágrimas e as verteu abundantemente.
b) O príncipe e a princesa ainda poderiam insurgir-se contra os persas, mas não o velho servo, cujas forças esmoresciam.

c) Talvez Psamênito não previlegiasse o velho servo, talvez este tivesse sido a última gota de tanto sofrimento.
d) As forças e a dignidade do rei egípcio apenas titubiaram quando se deparou com a imagem do velho servo.
e) Há divergências quanto à interpretação do porquê de haver chorado o rei Psamênito, sucumbindo à visão do velho servo.

12. (FCC – PGE-RJ – Técnico Superior de Procuradoria – 2009) É adequado o emprego e correta a grafia de todas as palavras da frase:

a) É prazeroso o reconhecimento de uma pessoa que, surgindo longínqua, parece então mais próxima que nunca – paradoxo pleno de poesia.
b) A abstensão da proximidade de alguém não impede, segundo o cronista, que nossa afetividade aflore e haja para promover uma aproximação.
c) Nenhuma distância dilui o afeto, pelo contrário: o reconhecimento da amada longeva avisinha-a de nós, fá-la mais próxima que nunca.
d) O cronista ratifica o que diz um velho provérbio: a distância que os olhos acusam não exclue a proximidade que o nosso coração promove.
e) Os poetas românticos eram obsecados por imagens que, figurando a distância, expressavam com ela a gososa inatingibilidade de um ideal.

13. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2010) Não precisa ir ao sebo, LPs _____ vão voltar às lojas.
Obra do autor revela _____ pelo purgatório.
Boato de _____ piora o mau-humor dos norte-coreanos.
Decisão do tribunal é um marco e traz princípios _____

a) imprecindíveis ... obseção ... dezerção ... balisadores;
b) imprescindíveis ... obsessão ... deserção ... balizadores;
c) imprecindíveis ... obsessão ... dezerção ... balizadores;
d) imprescindíveis ... obseção ... deserção ... balisadores;
e) imprescindíveis ... obsessão ... dezerção ... balisadores.

14. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à ortografia?

– Constroe-se o espaço social de tal modo que os agentes ou grupos são aí distribuídos em razão de sua posição nas distribuições estatísticas de acordo com os dois princípios de diferenciação que, em sociedades mais desenvolvidas, são sem dúvida, os mais eficientes: o capital econômico e o capital cultural.

15. (Cespe/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo – 2010) O uso das letras iniciais maiúsculas em "Império Romano", "Cristianismo" e "Revolução Francesa" são exemplos de que substantivo usado para designar ente singular deve ser grafado com inicial maiúscula, como, por exemplo, Lei nº 8.888/1998.

( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (FCC – Casa CiviL/SP – Executivo Público – 2010) A frase em que a grafia respeita totalmente o padrão culto escrito é:

a) Muitas eram as reminiscências, algumas esdrúxulas, outras comuns, repetindo-se iguaizinhas de tempo em tempo, em circuito que não exorbitava os limites da fazenda.
b) O espaço era exiguo, à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear a simpatia do padre inflingindo-lhe pratos que excitavam sua gula.
c) Sabiam que pouco tempo teriam para descançar, mas ninguém quis alterar o trajeto, minuciosamente pensado e repensado durante meses.
d) Era tão grande a sua presunção, que entendia como ato lisonjeiro até um breve aceno do mais distraído dos transeuntes de seu vilarejo.
e) Tal era sua ogeriza pela política que se excedia em palavras e tons assim que algum desavisado puxava o assunto tabu, sem intenção alguma de ferí-lo.

17. (FCC – TRE/AM –Técnico Judiciário – 2010) A frase em que a grafia respeita totalmente o padrão culto escrito é:

a) À exceção dos que se abstiveram de opinar sobre a qualidade dos serviços, os participantes da pesquisa puderam usufruir gratuitamente de um dia de lazer no hotel.
b) A escursão prometida não ocorreu, pois o número de interessados foi excessivo; mas até isso colaborou para o explendor da viagem, pois o desconto oferecido surpreendeu.
c) Casualmente encontraram-se no saguão; ela parecia advinhar o que ele tinha a lhe dizer, por isso não lhe deu oportunidade de ser posta em cheque.
d) Considerou ultrage o comentário adivindo do seu sucessor, mas, para preservar-se, abdicou de dar-lhe resposta à altura.
e) Com a dispensa abarrotada de produtos nobres, não exitou um minuto ao negar um jantar aos participantes do programa de inclusão social.

18. (Consulplan – CAPS – Assistente Social – 2011) Os sentidos e a correção da grafia das palavras do texto seriam mantidas caso se substituísse:

a) massacre por *assacinar;*
b) ampliar por *almentar;*
c) ostensivo por *esibido;*
d) precariedade por *deficiência;*
e) acessível por *alcanse.*

19. (Consulplan – IBGE – Supervisor de Pesquisas (Estatística) – 2011) Quanto à grafia marque a alternativa correta.

a) A sensasão de poder torna as pessoas autoritárias e exigentes.
b) A sociedade quer fazer contenção de despezas em relação a obras públicas.
c) Nabuco advinhou o que aconteceria no Brasil.
d) As classes mais desfavorecidas vencem os impecilhos impostos pelas elites.
e) As pessoas solidárias trabalharão em projetos beneficentes.

20. (FCC – TRT/AL (19ª R) – Técnico Judiciário – 2011) Estão grafadas corretamente todas as palavras da frase:

a) O mercado mais atraente é necessáriamente aquele que possue mais produtos disponíveis.

b) Com o adivento da internet, deparamos com uma imença cidade virtual, onde há os melhores preços do mercado.
c) A escacês de mercadorias no campo foi determinante para explicar o porque dos homens se agruparem nas cidades.
d) As empresas virtuais vêm se tornando concorrentes desleais das que se encontram no mundo físico.
e) O mercado de relacionamentos virtuais assistiu a um avanço discomunal com a consolidassão da internet.

21. (FCC – TRT/AL (19ª R) – Analista Judiciário – 2011) Quanto à ortografia, há INCORREÇÕES na frase:

a) O crescimento da classe C tem tido uma importância incomensurável para o comércio, mas vem ocasionando também uma elevação na taxa de inadimplência, o que é perturbador.
b) Milhões de pessoas têm sido beneficiadas com o crescimento econômico que se vê no país, saltando da classe D para a C, algo que há poucos anos não pareceria factível.
c) Alguns especialistas vêm disseminando a teoria de que, a partir da distribuição de riqueza por meio da geração de milhões de novos empregos, a classe E deixe de existir.
d) Os "consumidores emergentes", como vêm sendo chamados os novos integrantes da classe C, ainda têm dificuldade em poupar e adquirem grande parcela de produtos a crédito.
e) Sabe-se que a ascenção da classe D tem proporcionado um aumento expresivo do consumo de bens duráveis, o que pode acelerar sobremaneira esse mercado.

22. (FCC – TRT (14ª R) – Técnico Judiciário – 2011) Das frases abaixo só NÃO há erros de ortografia em:

a) Carbohidratos ricos em fibras são importantes aliados para manter estável o nivel de energia do organismo.
b) Sabe-se que uma substancia encontrada no guaraná pode estimular a função cerebral e auxiliar na concentrasão.
c) Consumir alimentos ricos em vitaminas e minerais pode ajudar a reduzir os efeitos negativos do estresse.
d) O consumo de proteínas e gorduras em exceço pode ser nossivo para o processo digestivo.
e) Manter o organismo mau hidratado pode prejudicar a eliminação de toxínas e provocar sérios problemas de saúde.

23. (FCC – TRF (1ª R) – Técnico Judiciário – 2011) As palavras estão corretamente grafadas na seguinte frase:

a) Que eles viajem sempre é muito bom, mas não é boa a ansiedade com que enfrentam o excesso de passageiros nos aeroportos.
b) Comete muitos deslises, talvez por sua espontaneidade, mas nada que ponha em cheque sua reputação de pessoa cortês.
c) Ele era rabugento e tinha ojeriza ao hábito do sócio de descançar após o almoço sob a frondoza árvore do pátio.
d) Não sei se isso influe, mas a persistência dessa mágoa pode estar sendo o grande impecilho na superação dessa sua crise.

e) O diretor exitou ao aprovar a retenção dessa alta quantia, mas não quiz ser taxado de conivente na concessão de privilégios ilegítimos.

24. (Cespe/UnB – PC/ES – Auxiliar de Perícia Médico-Legal – 2011) Julgue o item com referência à correção gramatical. (Preocupe-se apenas com a ortografia nesta questão.)

A mais recente investida do estado do Rio de Janeiro contra o narcotráfico foi à instalação de unidades de polícia pacificadora, as UPPs, em áreas que eram dominadas por narcotraficantes. O projeto de reocupar territórios tomados pelo crime basea-se em policiamento permanente, oferta de serviços e ações de promoção da cidadania. As favelas das UPPs já inauguraram um novo capítulo na historia dos conflitos entre as forças de segurança e o banditismo na cidade.

( ) CERTO
( ) ERRADO

25. (Cespe/UnB – PC/ES – Auxiliar de Perícia Médico-Legal – 2011) Julgue o item com referência à correção gramatical. (Preocupe-se apenas com a ortografia nesta questão.)

Não há dúvida de que o caminho é perseverar, ampliar a presença da polícia nas ruas, avançar com as UPPs e ir ao encalso dos responsáveis pelos ataques; e não apenas da arraia miúda. São imensas, no entanto as dificuldades em superar, desde a carência de efetivos e recursos policiais à extensão e a profundidade que o problema adquiriu.

( ) CERTO
( ) ERRADO

26. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) Em que frase o verbo está conjugado de acordo com a norma-padrão?

a) Não receiem os desafios da vida.
b) As crianças passeiaram no jardim.
c) É bom que vocês nomeem o novo diretor.
d) Ele sapatea como um dançarino americano.
e) É preciso que os carros freem lentamente.

27. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) A palavra corretamente grafada é:

a) admissão;
b) distenção;
c) discursão;
d) excessão;
e) extenção.

28. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) A frase que respeita a ortografia é:

a) Antes de cochilar, era-lhe natural fazer um exame de consciência e reiterar a si próprio seu empenho em vencer a itemperança.
b) O desleixo com que passou a manuzear os objetos da coleção fez o respeitado colecionador optar pela despensa do já antigo colaborador.
c) O debate recrudesceu, mas os mais bem-intencionados foram hábeis em dirimir as provocações, às vezes pungentes, das lideranças que se confrontavam.

d) Estava bastante ciente de que era à sua gulodice que podia creditar a desinteria que o abatera às vésperas do exótico casamento.
e) O poder descricionário dos ditadores, responsável por tantas atrocidades em tantas partes do mundo, é analisado na obra com um rigor admirável.

29. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) A frase correta do ponto de vista da grafia é:
a) Era grande a insidência de casos de enjoo quando era servido aquele alimento, por isso o episódio não foi tratado como exceção, atitude que garantiu o êxito das providências.
b) Em meio a tanta opulência da mansão leiloada, encontrou a geringonça que, tratada criativamente por ele, garantiu por anos seu apoio a entidades beneficientes.
c) Seus gestos desarmônicos às vezes eram mal compreendidos, mas seu jeito afável de falar, sem resquícios de mágoa, revelava sua intenção de restabelecer a paz entre os familiares.
d) Defendeu-se dizendo que nunca pretendeu axincalhar ninguém, mas as suas caçoadas realmente humilhavam e incitavam à malediscência.
e) Sempre ansiosos, desenrolaram no saguão apinhado a faixa com que brindavam os recém-formados, com os seguintes dizeres: "Viagem bastante e divirtam-se, nobres doutores".

30. (Consulplan – Prefeitura de Porto Velho/RO – Assistente Administrativo – 2012) "E <u>agiliza</u> o aprendizado." Assim como a palavra destacada, são escritas com "z" todas as palavras da seguinte alternativa:
a) reali___ar / pesqui___ar / fiscali___ar;
b) avi___ar / enrai___ar / legali___ar;
c) arbori___ar / anali___ar / suavi___ar;
d) generali___ar / utili___ar / u___ar;
e) hospitali___ar / civili___ar / humani___ar.

31. (FCC – METRÔ/SP – Assistente Administrativo Júnior – 2012) A frase que apresenta INCORREÇÕES quanto à ortografia é:
a) Quando jovem, o compositor demonstrava uma capacidade extraordinária de imitar vários estilos musicais.
b) Dizem que o músico era avesso à ideia de expressar sentimentos pessoais por meio de sua música.
c) Poucos estudiosos se despõem a discutir o empacto das composições do músico na cultura ocidental.
d) Salvo algumas exceções, a maioria das óperas do compositor termina em uma cena de reconciliação entre os personagens.
e) Alguns acreditam que o valor da obra do compositor se deve mais à árdua dedicação do que a arroubos de inspiração.

32. (Cespe/UnB – PM/CE – Soldado – 2012) O emprego da inicial maiúscula confere aos vocábulos "Pátria", "Nação" e "País" sentido particular e determinado, elevando-os à categoria de alto conceito político ou nacionalista.
( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – Banco da Amazônia – Técnico Científico – 2012) Mantém-se a correção gramatical do texto e suas informações originais ao se substituir o termo "percentual" por **percentil.**

( ) CERTO
( ) ERRADO

34. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) O texto abaixo foi transcrito com adaptações. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia de palavra.

Em alguns países mais afetados pela crise global, como os Estados Unidos, a indústria buscou aumentar sua competitividade por meio da forçada redução dos custos de produção, **o que** (1) implicou demissões em massa. Mesmo com menos trabalhadores, a indústria manteve ou ampliou a produção, alcançando ganhos notáveis de produtividade. Mesmo que **aceitasse** (2) arcar com um custo social tão alto, dificilmente o Brasil **alcançaria** (3) resultados econômicos tão rápidos. O aumento da produtividade do trabalhador brasileiro é limitado, entre outros fatores, pela **defazagem** (4) nos investimentos em educação. Com **escassez** (5) de trabalhadores qualificados, exigidos cada vez mais pelo mercado de trabalho, os salários de determinadas funções tendem a subir bem mais do que a produtividade média do setor, o que afeta o preço dos bens finais.

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

35. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Contabilidade – 2012) No Texto I, aparecem substantivos grafados com **ç** que são derivados de verbos, como **produção**, **redução**, **desaceleração**, **projeção**. Os verbos a seguir formam substantivos com a mesma grafia:

a) admitir, agredir, intuir.
b) discutir, emitir, aferir.
c) inquirir, imprimir, perseguir.
d) obstruir, intervir, conduzir.
e) reduzir, omitir, extinguir.

36. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal – 2012) A frase em que a ortografia está adequada ao padrão culto escrito é:

a) À mínima contrariedade, exarcebava-se de tal maneira que seus excessos verbais eram já conhecidos de todos.
b) A expontaneidade com que se referiu ao local como "impesteado" fez que todo o auditório explodisse em risos.
c) Quanto à infraestrutura, será necessário reconstrui-la em prazo curto, mas sem que haja qualquer tipo de displiscência.
d) O docente não viu como retaliação a rasura no cartaz que afixara, mas sua intenção era advertir quanto ao desleixo com a coisa pública.
e) A obra faraônica será uma excressência naquela paisagem bucólica, mas ninguém teve hêsito em convencer os responsáveis da necessidade de revisão do projeto.

37. (Cesgranrio – CHESF – Engenheiro Civil – 2012) Ao escrever frases que deveriam estar de acordo com a norma-padrão, um funcionário se equivocou constantemente na ortografia. Ele só NÃO se enganou em:

a) O homem foi acusado de estuprar várias vítimas.
b) A belesa da duquesa era realmente de se admirar.
c) Porque o sapato deslisou na lama, a mulher foi ao chão.
d) Sem exitar, as crianças correram para os brinquedos do parque.
e) Sem maiores pretenções, o time venceu o jogo e se classificou para a final.

Gabarito

1. B.	9. E.	17. A.	25. ERRADO.	33. ERRADO.
2. A.	10. D.	18. D.	26. A.	34. D.
3. D.	11. E.	19. E.	27. A.	35. D.
4. B.	12. A.	20. D.	28. C.	36. D.
5. B.	13. B.	21. E.	29. C.	37. A.
6. ERRADO.	14. INCORRETO.	22. C.	30. E.	
7. B.	15. CERTO.	23. A.	31. C.	
8. CERTO.	16. A.	24. ERRADO.	32. CERTO.	

Capítulo 4

Semântica e Lexicologia

Definição

A **semântica** trata da significação das palavras, que podem estar isoladas ou contextualizadas. A diferença entre significado e sentido mais clássica é esta: o primeiro diz respeito à noção que a palavra apresenta (Um cachorro atravessou a rua. Comprei um cachorro lindo.); o segundo diz respeito à noção que a palavra pode apresentar (Ele é chato pra cachorro. Já que tive um sonho, amanhã vou jogar no cachorro.).

As palavras não só podem ter uma acepção primária, mas também diversas acepções; tudo dependerá do contexto. A princípio, quando pensamos em cachorro, imediatamente vem uma imagem à nossa cabeça: a de um cão, qualquer cão, um animal doméstico. Só que a **semântica** trata de todas as possibilidades de significação, envolvendo nosso conhecimento de mundo, experiência de vida e outros fatores extralinguísticos, como a região em que vivemos, a idade que temos, o grupo social ou profissional a que pertencemos etc. Tudo isso vai influenciar os matizes da palavra. A palavra isolada tem um significado primário; no entanto, tem vários sentidos secundários dentro de contextos específicos.

Vale dizer também que, em nossa língua, gramaticalmente falando, há inúmeros fatores que podem alterar o significado das palavras, como:

– a **acentuação gráfica/prosódia**: **sá**bia (mulher culta) e sabi**á** (ave);
– a **posição da sílaba tônica**: fa**bri**ca (paroxítona; forma do verbo fabricar) e **fá**brica (proparoxítona);
– o **timbre**: **mo**lho (/ô/; caldo) e **mo**lho (/ó/; conjunto de objetos unidos);
– o **número**: a letra (símbolo gráfico) e a**s** letra**s** (literatura);

– o **gênero**: **a** rádio (emissora) e **o** rádio (aparelho);
– o **acento grave** (crase): "Chegou **a** noite." (A noite chegou.) e "Chegou **à** noite." (Alguém chegou à noite.);
– a **posição de certas palavras**: **qualquer** mulher (alguma mulher) e mulher **qualquer** (mulher sem valor) / "Eu preciso aprender a ser **só**, e não a **só** ser." (sozinho/somente);
– o **contexto da conjunção**: "Nós estudamos, **mas** não passamos." (adversidade, oposição) e "Não só jogo vôlei, **mas** faço natação." (adição).
– o **contexto da preposição**: "**Para** mim, ele é um canalha." (opinião) e "Não dá **para** sair hoje." (possibilidade);
– o **contexto do advérbio**: "Fale **mais**!" (intensidade) e "Não fale **mais**!" (tempo).
– a **pontuação**: "Ele voltou logo**,** fiquei feliz." (vírgula depois de logo, ideia de tempo) e "Ele voltou**,** logo fiquei feliz." (vírgula antes de logo, ideia de conclusão);
– a **regência**: "João sempre **implica com** ela." (zombar) e "Ela **implicou em** um assalto o namorado." (envolver).

Por ora, quero dizer o seguinte: muito de semântica veremos ao longo da gramática, afinal, sem semântica, não é possível estudar morfologia tampouco sintaxe. Os níveis linguísticos se cruzam, Ok? "Mas... e a tal da **lexicologia**?"

A **lexicologia** trata do estudo do **léxico** (vocábulo/palavra), basicamente quanto a sua formação e seu sentido, portanto esta parte da gramática está intrinsecamente ligada à morfologia e à semântica. A formação de uma palavra começa a partir de "pedaços" (chamados de morfemas) que a compõem, como radical, prefixo, sufixo e desinências. Esses morfemas se unem formando palavras. Existem vários processos de formação das palavras, como Derivação e Composição, mas deixaremos para ver isso melhor em Morfologia.

Ao conjunto de palavras damos o nome de **vocabulário**. O dicionário se ocupa exatamente disso. Fora dele, entretanto, as palavras passam a adquirir "vida própria", afinal, elas não são vazias de significado. Portanto, a **lexicologia** se ocupa também das palavras em si e de seus sentidos. Apegando-se a isso, muitas questões são criadas para avaliar a capacidade de intelecção dos candidatos. O que se espera de você, muitas vezes, é a percepção da seleção/adequação vocabular dentro de um **contexto**. Como dizia Carlos Drummond de Andrade em *Procura da poesia:* "cada

uma (a palavra) tem mil faces sob a face neutra". Isso quer dizer que, por meio do contexto, pode-se atribuir significados diferentes a uma mesma palavra. Safo?

Veremos neste capítulo o cruzamento entre **semântica** e **lexicologia**, que andam lado a lado. Está claro isso? Então, vamos lá!

Sinonímia

Trata de palavras diferentes na forma, mas com sentidos iguais ou aproximados, ou seja, **sinônimos**. Não se iluda: não existe sinônimo perfeito. Tudo depende do contexto e da intenção do falante.

Por exemplo, se você encontrasse uma pessoa querida na rua, que não o vê há muito tempo, você iria falar isto: "Nossa! Você está com a **cara** "photoshopeada", hein!"? Dificilmente, não é?! Provavelmente, devido ao contexto, você vai falar isto: "Nossa! Você está com um **rosto** lindo, hein!". Eu não consigo visualizar os imortais da Academia Brasileira de Letras dizendo: "Você está com a **cara amarrada** hoje. **Rolou alguma parada**? Posso te dar uma **moral**?". Creio que eles devam falar assim, no mínimo: "Você está com o **semblante sério**. **Algo sucedeu**? Posso **acudi**-lo?".

Numa calorosa discussão, por exemplo, você não vai dizer: "**Vou agredi-lo**, **malédico**!", mas sim "**Vou te encher de porrada**, **seu #@$%***!". O uso de um léxico em substituição de outro raramente será perfeito. O contexto é tudo. Portanto, só o contexto e a intenção vão determinar qual é a escolha adequada do vocabulário (seleção vocabular).

Vale lembrar também que muitas palavras são sinônimas, se levarmos em conta as variações geográficas (aipim = macaxeira; mexerica = tangerina; pipa = papagaio; aipo = salsão...).

A **sinonímia** não trata apenas do **léxico** (palavra ou expressão), mas da frase também. Neste sentido, o uso de sinônimos é muito importante dentro de um texto – com eles, evitamos a repetição de vocábulos, porque eles servem para substituir palavras. Veremos mais sobre isso no capítulo de Coesão e Coerência, no entanto vejamos agora os exemplos de **sinonímia vocabular**:

– *A multidão teve de **clamar** em protesto. Ela só **bradou** devido ao descaso dos políticos.*

– *Graças a Deus conseguimos **extinguir** nossas dívidas. Se não as **saldássemos**, não sei o que faríamos.*

– *O jogo vai atrasar **em virtude d**o temporal. **Devido a** isso, teremos de aguardar.*

Ademais, como já foi dito, existe **sinonímia frasal**, ou seja, uma frase pode ser reescrita com outras palavras sem alteração de sentido.

– *Ela construiu esta casa.* = ***Esta residência foi edificada por ela***.

– *Parece que tu estás certo sobre o assunto.* = ***Aparentemente a verdade sobre a questão está contigo***.

Cuidado!!!

A FCC adora questões de sinonímia! Toda prova apresenta uma questão sobre expressões sinônimas. É claro que a banca não quer saber de você qual é o sinônimo de "bonito". Quando a questão é formulada, a intenção é fazer você "suar a camisa". Daí que o "homem da banca" vai criar uma questão exigindo de você o conhecimento do sinônimo de "idiossincrasia". "Qual é?" Consulte um dicionário! Para ter facilidade neste assunto, é preciso ampliar seu vocabulário e perceber o contexto.

Antonímia

Trata de palavras, expressões ou frases diferentes na forma e com significações opostas, excludentes, ou seja, **antônimos**. Normalmente ocorre por meio de palavras de radicais diferentes, com prefixo negativo ou com prefixos de significação contrária. Veja estes exemplos:

– *O* ***chegar*** *e o* ***partir*** *são dois lados cruciais da vida.*

– *Você é meu* ***amigo*** *ou meu* ***inimigo****?*

– *Há menos* ***imigrantes*** *do que* ***emigrantes*** *no Brasil.*

– *Ela se molhou* ***de cima a baixo***.

Só de curiosidade: qual é o antônimo de verde? Seria amarelo? "Antônimo de cor existe, Pestana?" Até onde se sabe, não! Como nem tudo é preto ou branco na língua portuguesa, os vocábulos preto (ausência de todas as cores) e branco (união de todas as cores) são antônimos. Verde só tem antônimo em sentido figurado. Exemplo: Esta fruta está verde. / Está fruta está madura (antônimo). Na verdade, o registro literário cria relações antonímicas interessantes! Por isso questão envolvendo poema é sempre perigosa...

Há **antonímia frasal**, desde que o conteúdo de uma frase ou oração esteja em conflito com o de outra:

– *Por **ter ficado calado durante anos**, aturando todos os tipos de maus-tratos, **resolveu berrar sem parar** em ataque a tudo e a todos.*

E... só "pra não dizer que não falei das flores", existem subtipos de antonímia, segundo o grande gramático José Carlos de Azeredo: a complementar, a polar, a distributiva e a reversa. Como esta minúcia não cai em prova, deixemo-la de lado, ok? (Gostou do *deixemo-la*?)

Só para fazer graça: o antônimo de um antônimo é um sinônimo?!

Homonímia

Trata de palavras iguais na pronúncia e/ou na grafia, mas com significados diferentes, ou seja, **homônimos**. Veja:

– ***São** Jorge já foi cantado por muitos artistas.*

– *Os alunos daqui **são** estudiosos.*

– *Finalmente o garoto ficou **são**.*

Existem três tipos de vocábulos homônimos: **homófonos, homógrafos** e **perfeitos**. Veja:

1) Homófonos: apresentam pronúncia igual e grafia diferente.

Acender (iluminar, pôr fogo em) / **Ascender** (subir, elevar)
Caçar (perseguir, capturar a caça) / **Cassar** (anular, revogar, proibir)
Cela (aposento de religiosos ou de prisioneiros) / **Sela** (arreio de cavalo)
Censo (recenseamento – estatística) / **Senso** (juízo claro, percepção)
Cerrar (fechar) / **Serrar** (cortar)
Concerto (apresentação musical) / **Conserto** (ato ou efeito de consertar, reparar)
Espectador (aquele que vê) / **Expectador** (o que está à espera de; e<u>x</u>pectativa (!))
Espiar (espreitar, olhar) / **Expiar** (redimir-se, pagar uma dívida)
Esperto (atento, perspicaz, ativo) / **Experto** (especialista, perito)
Estrato (camada social) / **Extrato** (extração, resumo)

Incipiente (principiante, iniciante) / **Insipiente** (ignorante, imprudente)
Seção (parte, divisão, departamento) / **Sessão** (reunião de pessoas para um determinado fim) / **Cessão** (doação, ato de ceder)
Saldar (pagar o saldo de, liquidar contas) / **Saudar** (cumprimentar, aclamar)
Tachar (censurar, acusar, botar defeito em (ideia depreciativa)) / **Taxar** (estabelecer uma taxa; avaliar positiva ou negativamente)
Trás (atrás, detrás; após, depois de) / **Traz** (forma do verbo trazer)

2) Homógrafos: apresentam grafia igual e pronúncia diferente.

Almoço (timbre fechado: refeição) / **Almoço** (timbre aberto: forma do verbo almoçar)
Conserto (timbre fechado: reparação, correção) / **Conserto** (timbre aberto: forma do verbo consertar)
Colher (timbre fechado: verbo) / **Colher** (timbre aberto: instrumento usado para comer)
Edito (decreto, lei) / **Édito** (ordem judicial)
Gosto (timbre fechado: sabor) / **Gosto** (timbre aberto: forma do verbo gostar)
Jogo (timbre fechado: recreação) / **Jogo** (timbre aberto: forma do verbo jogar)
Pôde (timbre fechado: verbo *poder* no passado) / **Pode** (timbre aberto: verbo *poder* no presente)
Sábia (mulher com sabedoria) / **Sabia** (forma do verbo saber)

Obs.: Nestes dois últimos casos, ignora-se o acento gráfico; o que importa é que as palavras apresentam a mesma grafia (mesmas letras). O único aspecto diferente é o timbre.

3) Perfeitos: apresentam grafia e pronúncia iguais.

Casa (lar, moradia) / **Casa** (forma do verbo casar)
Janta (refeição) / **Janta** (forma do verbo jantar)
Cedo (advérbio) / **Cedo** (forma do verbo ceder)
Livre (liberto, solto) / **Livre** (forma do verbo livrar)
Lima (ferramenta) / **Lima** (forma do verbo limar)
Manga (fruta) / **Manga** (parte da camisa) / **Manga** (forma do verbo mangar)
Somem (forma do verbo somar) / **Somem** (forma do verbo sumir)

Como são mais de 380.000 vocábulos na língua portuguesa, obviamente não foi possível colocar todos aqui. Nem me dei o trabalho, afinal, meu/minha nobre, você vai se lembrar de todos? Seria bom... mas o que importa, geralmente, no dia da prova, é a aplicação do conceito de **homônimo homófono, homógrafo** e **perfeito**. Beleza?

Paronímia

Trata, normalmente, de pares de palavras *parecidas* tanto na grafia quanto na pronúncia, mas com sentidos diferentes. Veja:

Abjeção (baixeza, degradação) / **Objeção** (contestação, obstáculo)
Absolver (absolvição) / **Absorver** (absorção)
Acidente (ocorrência casual grave) / **Incidente** (episódio casual sem gravidade, sem importância)
Aferir (conferir) / **Auferir** (colher, obter)
Amoral (descaso com as regras de moral) / **Imoral** (contrário à moral)
Arrear (colocar arreios em) / **Arriar** (abaixar)
Cível (relativo ao Direito Civil) / **Civil** (cortês, civilizado, polido; referente às relações dos cidadãos entre si)
Comprimento (uma das medidas de extensão – largura e altura) / **Cumprimento** (ato de cumprimentar alguém, ou cumprir algo)
Cavaleiro (homem a cavalo) / **Cavalheiro** (homem gentil)

Conjetura (suposição) / **Conjuntura** (momento)
Deferimento (concessão, atendimento) / **Diferimento** (adiamento, demora, discordância, distinção)
Delatar (denunciar) / **Dilatar** (adiar, alargar)
Descrição (ato de descrever) / **Discrição** (qualidade de quem é discreto)
Descriminar (inocentar, absolver) / **Discriminar** (distinguir, especificar, segregar)
Destratar (insultar) / **Distratar** (romper um trato, desfazer um contrato)
Defeso /ê/ (proibido) / **Defesso** /é/ (fatigado, cansado)
Desidioso (em que há desídia, preguiçoso, negligente) / **Dissidioso** (em que há dissídio, divisão; conflituoso, desarmonioso)
Despercebido (desatento, distraído) / **Desapercebido** (despreparado, desprevenido, desprovido)
Elidir (suprimir, excluir, eliminar) / **Ilidir** (rebater, contestar, refutar)
Eludir (evitar ou esquivar-se com astúcia ou com artifício) / **Iludir** (causar ilusão em, enganar, burlar)
Emenda (correção de falta ou defeito, alteração) / **Ementa** (resumo, síntese – de lei, decisão judicial etc.)
Emergir (vir à tona, surgir, manifestar-se) / **Imergir** (fazer submergir, mergulhar, afundar)
Emigrar (emigrante) (sair de um país para ir viver em outro) / **Imigrar** (imigrante) (entrar em outro país para nele viver)
Eminente (que se destaca, notável) / **Iminente** (que está prestes a ocorrer, pendente)
Flagrante (fato percebido no ato de uma ocorrência) / **Fragrante** (que exala cheiro agradável)
Fluir (transcorrer, passar) / **Fruir** (usufruir, desfrutar, gozar)
Inflação (ato de inflar, aumento de preços) / **Infração** (violação, transgressão)
Infligir (aplicar ou determinar uma punição) / **Infringir** (desobedecer, violar, transgredir)
Mandado (incumbência, ordem, missão) / **Mandato** (procuração, poder recebido para representar outrem)

Pleito (questão em juízo, discussão, eleição; pleitear: demandar em juízo; falar a favor de) / **Preito** (homenagem, respeito)
Preceder (anteceder, vir antes) / **Proceder** (vir, provir, originar-se)
Preeminente (que ocupa lugar mais elevado, superior) / **Proeminente** (que sobressai, que vem à frente)
Prescrever (prescrição) (preceituar, receitar) / **Proscrever** (proscrição) (banir, expulsar, vetar, proibir)
Relegar (pôr em segundo plano; deixar de lado) / **Renegar** (renunciar, rejeitar, negar)
Reincidir (reincidência) (tornar a incidir, recair em, repetir) / **Rescindir** (rescisão) (tornar nulo – um contrato –, cancelar)
Remição (ato ou efeito de remir "tornar a obter, resgatar", liberação de pena ou dívida) / **Remissão** (perdão; ação ou efeito de remeter)
Repreensão (censura, advertência) / **Repressão** (ação de reprimir, contenção, impedimento)
Ratificar (confirmar, corroborar) / **Retificar** (alterar, corrigir)
Sesta /é/ (período de descanso) / **Cesta** /ê/ (compartimento)
Soar (emitir som) / **Suar** (transpirar)
Sortir (abastecer, prover) / **Surtir** (ter como consequência, produzir, acarretar)
Sobrescrever ou **sobrescritar** (pôr nome e endereço do destinatário) / **Subscrever** ou **subscritar** (assinar)
Tráfego (movimento ou fluxo, trânsito) / **Tráfico** (negócio, comércio ilegal)
Vultoso (de grande vulto, nobre, volumoso) / **Vultuoso** (inchaço especialmente na face e nos lábios)
Usuário (o que usa alguma coisa) / **Usurário** (o que pratica a usura ou agiotagem)

Não fique louco de tanto decorar estes parônimos. **Entenda** o que é um **parônimo**! Na hora da prova, o que importa é se você consegue se lembrar do conceito de **paronímia**, e não a decoreba. Ok?

Saiba que principalmente a FCC "se amarra" em trabalhar questões de paronímia junto de flexão verbal. Veja esta questão:

16. (FCC – TRF/2R – Analista Judiciário (ADM) – 2012) O emprego, a grafia e a flexão dos verbos estão corretos em:

b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre renegada a um segundo plano, eis que ela imerge do esquecimento, em 1974.

c) A cada novo ciclo econômico retificava-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, sobreviram longos anos de esquecimento.

Deveriam ser reescritas assim:

b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre **relegada** a um segundo plano, eis que ela **emerge** do esquecimento, em 1974.

c) A cada novo ciclo econômico **ratificava**-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, **sobrevieram** longos anos de esquecimento.

Foi feita a diferença entre relegar/renegar, emergir/imergir, ratificar/retificar. Fique esperto!

Polissemia

Trata da pluralidade significativa de um mesmo vocábulo, que, a depender do contexto, terá uma significação diversa. Em palavras mais simples: a palavra polissêmica é aquela que, dependendo do contexto, muda de sentido (mas não muda de classe gramatical!).

Por exemplo, veja os sentidos de "peça": "peça de automóvel", "peça de teatro", "peça de bronze", "és uma boa peça", "uma peça de carne" etc. Só de curiosidade: a palavra *ponto* é a mais polissêmica da nossa língua! Consulte o dicionário e veja.

Agora, observe mais estes exemplos:

– *Desculpe o* ***bolo*** *que te dei ontem.*

– *Comemos um* ***bolo*** *delicioso na casa da Jéssica.*

– *Tenho um* ***bolo*** *de revistas lá em casa.*

Cuidado!!!

Não confundir **homônimos perfeitos** com vocábulos **polissêmicos**. Uma boa maneira de resolver a situação, normalmente, é perceber se há mudança na classe gramatical do vocábulo; se houver, a palavra **não** é polissêmica! Às vezes, é preciso analisar a homonímia e a polissemia partindo de uma descrição

semântica mais profunda, pois há uma questão histórica nos significados das palavras. Por exemplo, *manga* (fruta) e *manga* (parte da camisa) não têm a mesma origem (o mesmo radical) e não pertencem ao mesmo campo de sentido, por isso são *homônimas perfeitas.*

Veja estas frases:

– *O peso está muito* ***leve*** *para mim.* (adjetivo)

– *Bateram* ***leve*** *à porta.* (advérbio)

– *Por favor,* ***leve*** *isso para ela.* (verbo)

Nestes casos, portanto, constatamos que "leve" não é vocábulo **polissêmico**, mas sim **homônimos perfeitos** (mesma grafia e pronúncia, mas classes gramaticais diferentes). Perceba nos exemplos do "'bolo" que a classe gramatical não mudou, ou seja, "bolo" é substantivo em todos os casos, o que muda é só o sentido. Mesma classe gramatical, diferente contexto, diferente sentido: palavra **polissêmica**. Ficou claro agora, não?

Curiosidade: a palavra "ponto" é uma das mais polissêmicas (senão "a mais") da língua portuguesa.

Hiponímia e Hiperonímia

Se você teve infância, com certeza já brincou de "adedaaaaaanha"! Você se lembra de que a gente colocava no alto da folha assim:

Homem	Mulher	Cor	Fruta	Animal	Objeto (...)

E, em baixo de cada um desses, colocamos nomes de homens, mulheres, cores, frutas, animais, objetos etc. Bem, voltamos à infância, não? O que eu quero falar com tudo isso? Em linguagem séria, estou falando de **hipônimos** e **hiperônimos**; você já brincou com **hipônimos** e **hiperônimos** na sua vida, sabia disso?

É o seguinte: o **hiperônimo** é uma palavra cuja significação inclui o sentido de diversas outras palavras, é uma palavra que se refere a todos os seres de uma "espécie":

Animal é hiperônimo de gato, tartaruga, burro, boi etc.

Fruta é hiperônimo de laranja, uva, maçã, morango etc.

Já o **hipônimo** é uma palavra de significação específica dentro de um campo de sentido:

Fernando, José, Saulo são hipônimos de **homem**.

Azul, amarelo, branco são hipônimos de **cor**.

Portanto, o **hiperônimo** é uma palavra que *abarca* o sentido de outras palavras, é mais **abrangente**; o **hipônimo**, por sua vez, tem o sentido mais **restrito** em relação a um vocábulo de sentido mais genérico. Há entre esses conceitos, portanto, uma relação de hierarquia.

Meronímia e Holonímia

Este assunto não cai em prova (pelo menos eu nunca vi), mas meus dedos coçam. Se quiser "passar batido" por ele, fique à vontade! Caso contrário, aprenda mais um pouquinho.

O conceito de **meronímia** trata de palavras que representam a parte de um todo, ou seja, a palavra **pneu** mantém uma relação de sentido com a palavra **carro**, pois aquele constitui este. Portanto, assim como pneu é um **merônimo** de carro, dedo é de mão, braço é de corpo, tecla é de computador etc.

Adivinha quais são os **holônimos**! A **holonímia** trata de palavras que apresentam uma ideia de todo em relação a suas partes. Por exemplo, a palavra **porta** é holônima de **maçaneta**, que, por sua vez, é merônima.

Acronímia, Estrangeirismos, Toponímia, Antroponímia, Axionímia e Oneonímia

Desses conceitos, o que eu já vi em prova foi o **estrangeirismo**, portanto não se preocupe com os demais.

Só para começar, saiba que existem inúmeras nomenclaturas relativas a grupos de palavras; confira: http://www.myetymology.com/portuguese/-%C3%B4nimo.html.

Vejamos as mais conhecidas.

A **acronímia**, ou sigla, trata de palavras criadas a partir das iniciais de uma expressão: Petrobras (petróleo brasileiro), e-mail ("electronic mail"), Comlurb (Companhia Municipal de Limpeza Urbana) etc. Alguns estudiosos dizem que há uma

diferença entre sigla e acrônimo: este é pronunciado como uma palavra só, respeitando a estrutura silábica da língua, aquela é pronunciada em soletração.

Os **estrangeirismos** são palavras de origem estrangeira, que podem ou não ser aportuguesadas, o que significa que tais palavras se submetem à ortografia e morfologia do português, por meio de leve adaptação ou tradução literal; checar ("check"), estresse ("stress"), banda ("band"), toalete ("toillet") etc.; alta costura ("haute couture"), centroavante ("center-forward"), cachorro-quente ("hot dog") etc. A recomendação é que grafemos entre aspas ou em itálico as palavras estrangeiras em sua forma original: "mouse", "drive-in", "personal trainer", "show" etc. Conhece o *Samba do Approach*, de Zeca Baleiro? Não?! Escute assim que puder!

A **toponímia** trata de palavras que representam lugares: Brasil, Rio de Janeiro, Jacarepaguá, Praça Seca etc.

A **antroponímia** trata de palavras que representam pessoas: Dilma, Fernando, José, João, Maria José etc.

A **axionímia** trata de palavras que constituem formas corteses de tratamento, expressões de reverência, títulos honoríficos etc.: Excelência, Doutor, Dom, Meritíssimo, senhor(a), Vossa Majestade, Sua Santidade etc.

A **oneonímia** diz respeito a palavras referentes a marcas ou artigos comerciais: Melhoral, Gelol, Anador, Nescafé, Bombril, Ricardo Eletro, Café Pilão etc.

Campo Lexical e Campo Semântico

Alguns estudiosos não fazem a distinção entre um conceito e outro, mas muitos (e consagrados!) o fazem, logo é o que farei aqui.

Campo semântico

É um conceito que trata de um conjunto de palavras que mantêm uma familiaridade de sentido por pertencerem à mesma área. Nosso conhecimento de mundo nos norteia quanto à escolha de palavras que se correlacionam.

Na informática, por exemplo, as seguintes palavras pertencem ao mesmo campo semântico: computador, monitor, impressora, teclado e tecnologia. Já na área do futebol, podemos dizer que as palavras árbitro, bola, gol, equipe, estádio, torcida, cartão, craque etc. pertencem ao mesmo campo. Como já disse, muitos estudiosos entendem que tais grupos de palavras ou expressões pertencem ao

mesmo **campo semântico**. Campo semântico em torno do conceito de morte: falecer, bater as botas, ir desta para melhor, apagar-se etc.

Campo lexical

É um conceito que trata de um conjunto de palavras que mantêm uma familiaridade de sentido por terem o mesmo radical (também chamado de **família de palavras** ou **vocábulos cognatos**): mar, marinho, marinheiro, marítimo, maresia, amarar, amerissar, amaragem, amerissagem...

Nem doeu, não é? Muito fácil!

Ambiguidade

Trata da duplicidade de sentidos que pode haver em uma palavra, em uma expressão, em uma frase ou em um texto inteiro, em razão do contexto linguístico. A **ambiguidade** ou **anfibologia** pode ser causada por vários fatores. Veja alguns casos:

Distinção entre agente (adjunto adnominal) e paciente (complemento nominal)

– *A demissão* ***do ministro*** *causou celeuma.* (Ele demitiu ou foi demitido?)

Mau uso do pronome

– *Pedro e Marina vão desquitar-****se****.* (Um do outro ou de seus cônjuges?)

Má colocação de palavras

– *A professora deixou a turma* ***entusiasmada****.* (Ela ou a turma?)

Mau uso de pronomes relativos (dois antecedentes expressos)

– *Encontrei a menina e o menino de* ***que*** *lhe falei.* (Falou de quem?)

Não distinção entre pronome relativo e conjunção integrante

– *O cliente falou com a advogada* ***que*** *mora perto daqui.* (Quem mora perto?)

Indefinição de complementos

– *O pai quer o casamento logo, mas a filha não* ***quer****.* (Não quer casar ou não quer que seja logo?)

Mau uso das formas verbo-nominais

– *O advogado encontrou o réu* ***entrando*** *no tribunal.* (Quem entrava no tribunal?)

Mau uso dos possessivos

– *Chegaram João, Maria e* ***seu*** *filho.* (Filho de quem?)

Inversão sintática

– *Venceram* ***os flamenguistas os vascaínos****.* (Quem perdeu?)

Mau uso dos adjuntos adverbiais

– *Depois de difícil disputa, São Paulo vence o Avaí* ***em casa****.* (Na casa de quem?)

Polissemia

– *O* ***xadrez*** *está na moda.* (O jogo ou a roupa?)

Locução prepositiva ou preposição seguida de substantivo

– *Fui* ***ao encontro d****as turmas.* (Fui *em direção à*s turmas ou fui a uma *reunião* na qual se encontravam as turmas?)

Obs.: Às vezes, a ambiguidade – quando bem empregada – pode ter valor expressivo, criativo.

Se o seu problema é ***a vista****, nós vendemos a prazo. (Propaganda de uma ótica.)*

– Doutor, já quebrei o braço em vários ***lugares****.*

– Se eu fosse o senhor, não voltava mais para esses ***lugares****. (Piada... péssima)*

Intertextualidade

Sugiro que você leia as sábias palavras de Platão e Fiorin, autores do excelente livro *Lições de texto: leitura e redação*:

"Com muita frequência um texto retoma passagens de outro. Quando um texto de caráter científico cita outros textos, isto é feito de maneira explícita. O texto citado vem entre aspas e em nota indica-se o autor e o livro donde se extraiu a citação.

Num texto literário, a citação de outros textos é implícita, ou seja, um poeta ou romancista não indica o autor e a obra donde retira as passagens citadas, pois pressupõe que o leitor compartilhe com ele um mesmo conjunto de informações a respeito de obras que compõem um determinado universo cultural. Os dados a respeito dos textos literários, mitológicos, históricos são necessários, muitas vezes, para a compreensão global de um texto."

Em suma, a intertextualidade trata da relação de identidade e semelhança entre dois textos em que um cita o outro com referência implícita ou explícita. Um texto B faz menção, de algum modo, a um texto A.

A intertextualidade se apresenta, normalmente, nas provas de concursos públicos, pela **paráfrase** ou pela **paródia**. Alguns exemplos e suas explicações a seguir são baseados em algumas questão feitas pela banca do vestibular da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

Paráfrase

É uma reescritura em que se ratifica, positivamente, a ideologia do texto original, ou seja, é dizer o mesmo com outras palavras:

A escola, embora não tenha plena consciência do processo que desencadeia, é a base para a evolução profissional do ser humano.

As instituições de ensino, apesar de não se darem conta da interferência na psique alheia, são o alicerce do desenvolvimento secular do homem.

Paródia

É a intertextualidade em que se subverte ou se distorce a ideologia do texto original, normalmente com objetivo irônico:

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá;
As aves que aqui gorjeiam
Não gorjeiam como lá
(Gonçalves Dias)

Minha casa tem goteiras,
Pingam daqui pingam de lá;

Quando chove é uma tristeza,
Pegue um balde para ajudar.
(Abraão S. Dias)

Há outros tipos de intertextualidade, como a **citação**, o **plágio** e a **alusão**:

Citação

Como de costume, muitas definições dessa gramática se basearão no sensacional dicionário Caldas Aulete. Não poderia ser diferente agora. Segundo ele, "é uma frase ou passagem de obra escrita, reproduzida geralmente com indicação do autor original, como complementação, exemplo, ilustração, reforço ou abonação daquilo que quer dizer". Os dois-pontos e as aspas simples ou duplas (principalmente) costumam aparecer nas citações.

*Concordo com Machado de Assis quando disse: "**A vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal**".*

Plágio

É a apresentação de imitação ou cópia de obra intelectual ou artística alheia como sendo de própria autoria. As aspas são ignoradas, como se as palavras fossem autênticas e de sua autoria.

Segundo penso, ***a vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal***.

Alusão

É uma referência vaga, breve e indireta que se faz a/de alguma pessoa ou coisa. Às vezes é difícil perceber. É preciso que haja um bom conhecimento de mundo, uma boa "mina" cultural.

Meu partido
É um coração partido
*E **as ilusões estão todas perdidas***
Os meus sonhos foram todos vendidos
Tão barato que eu nem acredito
Eu nem acredito

Que aquele garoto que ia mudar o mundo
(Mudar o mundo)
(...)
(Cazuza e Frejat)

Este verso pode ser lido como uma **alusão** a um livro intitulado *Ilusões perdidas*, de Honoré de Balzac.

Para que eu não fique com a consciência pesada, cito mais três tipos de intertextualidade: **estilização**, **epígrafe** e **pastiche.**

Estilização

Um texto, ao dialogar com outras manifestações culturais, pode estabelecer com elas diferentes relações de sentido. Esse tipo de intertextualidade complementa o sentido do texto original. Veja este texto de Rubem Alves, que amplia o lamento de Ravel:

*Terminando a minha crônica do último domingo eu me referi a Ravel que, ao final da vida, dizia, como um lamento: "Mas há tantas músicas esperando ser escritas!". **E acrescentei um comentário meu: "Com certeza o tempo não se detém para esperar que a beleza aconteça..." (...) A vida é como a vela: para iluminar é preciso queimar. A vela que ilumina é uma vela alegre. A luz é alegre. Mas a vela que ilumina é uma vela que morre. É preciso morrer para iluminar. Há uma tristeza na luz da vela. Razão por que ela, a vela, ao iluminar, chora. Chora lágrimas quentes que escorrem da sua chama. Há velas felizes cuja chama só se apaga quando toda a cera foi derretida. Mas há velas cuja chama é subitamente apagada por um golpe de vento... (...)***

Epígrafe

Literariamente falando, trata-se de um pequeno texto no início de um livro, conto, capítulo ou poema, para lhe dar apoio temático, ou resumir-lhe o sentido ou a motivação. Veja:

"Sou do tamanho daquilo que vejo e não do tamanho da minha altura." (Carlos Drummond de Andrade)

Após esse pequeno texto (epígrafe), segue-se um texto qualquer, que pode ser um conto, uma crônica, um poema, uma resenha etc.

Pastiche

É um trabalho literário ou artístico grosseiramente copiado de outro, normalmente feito de colagens, com viés cômico e, às vezes, crítico. O limite entre **pastiche** e **paródia** é tênue. Muitos estudiosos apresentam definições "supersemelhantes" a um e a outro tipo de intertextualidade. Veja um exemplo de **pastiche**, em que se mistura o Seu Madruga (Madruga é um clássico!) com o cantor da banda *The Doors*, Jim Morrison:

(Fonte desconhecida)

Denotação e Conotação

A essa altura do campeonato, você já percebeu que o contexto é determinante para que atribuamos este ou aquele sentido a uma palavra, certo? É por aí que os conceitos de **denotação** e **conotação** *passeiam* (usei o verbo *passear* com sentido conotativo, percebeu?).

A **denotação** trata do significado básico e objetivo de uma palavra; uma palavra com sentido denotativo está no seu sentido literal, primário, real.

– *Gosto de estudar à* ***noite****.*

A **conotação** é o avesso, pois trata do sentido figurado, simbólico, não literal das palavras.

– *Há dias que amanhecem* ***noite****.*

Note que o verbo amanhecer também está no sentido figurado, porque dias não amanhecem. O ato de amanhecer não depende de ser algum, pois amanhecer é um fenômeno natural.

Fatos e Dificuldades da Língua Culta

Há muitos pares (ou trios, ou quartetos) de palavras ou expressões cultas que nos deixam "de cabelo em pé", não é verdade? Quando usar uma ou outra forma? Sublinho que tudo abaixo cai todo ano em concursos diversos, principalmente os números 1, 2, 3 e 4.

Seus problemas acabaram agora!

1) Por que / Porque / Por quê / Porquê

A forma **por que** pode ser uma locução adverbial interrogativa de causa quando equivale a "por qual razão/motivo' ou 'a razão pela qual". Pode aparecer em frases interrogativas diretas (com o sinal "?") e indiretas (sem o sinal "?").

– ***Por que*** *você fez isso?*

– *Juro que eu não sei* ***por que*** *eu fiz isso.*

A forma **por que** pode ser apenas a combinação da preposição "por" + o pronome indefinido "que", equivalendo a "por qual".

– *Começo a entender* ***por que*** *motivo você fez isso.*

A forma **por que** pode ser apenas a combinação da preposição 'por', exigida por um termo + a conjunção integrante "que".

– *Eu sempre ansiei* ***por que*** *você me explicasse o motivo.*

A forma **por que** também pode ser a combinação da preposição "por" + o pronome relativo "que", equivalendo a "pelo qual" (e variações).

– *O motivo* ***por que*** *você fez isso não é mais surpresa para ninguém.*

A forma **porque** pode ser uma conjunção explicativa ou causal (equivalendo a *pois, visto que, já que, etc.*); para alguns gramáticos, como Luiz A. Sacconi, Pasquale C. Neto, Ulisses Infante etc., pode ser também uma conjunção final (equivalendo a "para que").

– *Você fez isso* ***porque*** *(pois) queria dinheiro, não é?*

– *Só fiz isso* ***porque*** *(para que) conseguisse dar-me bem, até* ***porque*** *(pois; ignore o "até") sou merecedor.*

Cuidado!!!
Em frases interrogativas diretas, a banca vai tentar influenciar você a marcar o uso de **por que** (separado, sem acento). Não caia nessa. Analise com calma a questão, pois, mesmo em frases interrogativas diretas, podemos usar a forma **porque**. Veja só um caso: "Será **porque** ele viajou mais de 20 horas na classe econômica que está cansado?". Observe que a substituição por "pois" não seria suficiente para batermos o martelo, até porque ia ficar estranha a frase: "Será *pois* (?!) ele viajou mais de 20 horas na classe econômica que está cansado?". Como analisar, então, a frase "Será ***porque*** ele viajou mais de 20 horas na classe econômica que está cansado?". Ignore o verbo **ser** + **que**, que formam uma expressão expletiva (de realce), e a frase ficará assim, na ordem direta: "Ele está cansado ***porque*** (= pois) viajou mais de 20 horas na classe econômica?". Percebe que a forma ***porque*** está certíssima? Cuidado!!!

A forma **por quê** pode ser usada antes de pausa representada por sinal de pontuação, em fim de frase ou isolada.
– *Agora você soube **por quê**, certo?*
– *Sem seu esclarecimento, nunca entenderia **por quê**.*
– ***Por quê**?*

A forma **porquê** é um substantivo e vem comumente acompanhada de um determinante (artigo, pronome, numeral ou adjetivo/locução adjetiva). Esta "regrinha" anula a anterior, ou seja, por mais que a expressão esteja em fim de frase ou antes de pontuação, se vier acompanhada de determinante, será escrita "junto com acento". Pode ir ao plural, uma vez que se trata de um substantivo.
– *Preciso que você me explique pelo menos mais dois **porquês**, ok?*
– *Só vou dar este **porquê** a você; já o **porquê** de verdade não lhe cabe saber.*

2) Há / A

A forma verbal ***há***, para não ser confundida com a preposição ***a***, precisa ser entendida como indicadora de tempo passado ou decorrido (pode-se substituir por "faz" para facilitar). A preposição ***a***, por sua vez, indica tempo futuro ou distância.
– ***Há** meses venho fazendo provas de concurso.*

*– É por isso que você está **a** anos luz de mim.*

Obs.: Sobre "**Há** uns anos **atrás**...": a demolidora maioria dos linguistas (e é assim que se vê em prova de concurso) diz que não se usa o vocábulo "atrás", pois o **há** já indica tempo decorrido. Isso serve para a expressão "**há** cerca de dez anos **atrás**" (Isso me lembra a música do Raul Seixas: "Eu nasci há dez mil anos atrás...". Mas o homem tinha licença poética.). Só de curiosidade: usa-se **a** na expressão destacada "Não tem nada ***a*** ver, cara!".

3) Se não / Senão

Assinando embaixo da lição dada por Odilon Soares Leme (obrigado, mestre!) sobre o assunto, parafraseio muito – *senão* plagio – a explicação dele, der-ra-dei-ra!

A forma **se não** é constituída de conjunção condicional **se** + o advérbio de negação **não** (iniciando orações subordinadas adverbiais condicionais – normalmente os verbos dessa oração estão no modo subjuntivo e/ou indicando hipótese).

Bizu: se puder tirar o **não** da frase, usa-se **se não** (separado). E mais: podemos, neste caso, substituir **se não** por **caso não**.

*– **Se não** estudar, não passará. (Se estudar, passará. / Caso não estude, não passará.)*

A forma **se não** é constituída de conjunção integrante **se** + o advérbio de negação **não.**

*– Ele perguntou **se não** iríamos à festa. (Ele perguntou se iríamos à festa.)*

A forma **se não** é constituída de pronome oblíquo átono **se** (reflexivo, apassivador ou indeterminador do sujeito) + o advérbio de negação **não**. Tal caso ocorre em apossínclise, ou seja, quando o pronome fica, normalmente, entre o que

e o não antes do verbo. Esse caso é raro; normalmente encontrado em escritos literários.

– *Existem pessoas que* ***se não*** *penteiam. (Normalmente dizemos: ... que não se penteiam; pronome reflexivo.)*
– *Há coisas que* ***se não*** *dizem. (Normalmente dizemos: ... que não se dizem; pronome apassivador.)*
– *Ele só mora em lugares onde* ***se não*** *vive tranquilamente. (Normalmente dizemos: ...onde não se vive tranquilamente; pronome indeterminador do sujeito.)*

A forma **senão** é usada nos seguintes casos: quando é uma **preposição acidental** indicando exceção (pode ser substituído por afora, exceto, salvo, a não ser); quando é uma **conjunção adversativa** (pode ser substituído por mas, mas sim; normalmente a oração introduzida por esta forma apresenta verbo implícito); quando é uma **conjunção aditiva** (vem depois de não só/não apenas/não somente, equivalendo a mas também); **substantivo** (com sentido de problema, falha, erro); quando vem depois de verbo no imperativo ou verbo indicando opinião, sugestão, recomendação (neste caso, o senão pode ser interpretado de duas maneiras: **conjunção condicional "se" aglutinada ao advérbio de negação "não"** (seguido de verbo da oração anterior implícito + outro verbo; equivalendo a do contrário) ou **conjunção alternativa** (seguido de verbo da oração anterior implícito, mas sem verbo algum depois; equivalendo a ou). Vejamos, respectivamente, os exemplos:

– *Nada pode derrubar minha confiança* ***senão*** *as palavras de minha amada, pois que coisa sou eu* ***senão*** *seu escravo? (= exceto, salvo, a não ser)*
– *Não quero seu amor,* ***senão*** *sua amizade. (= mas sim)*
– *Meu amigo, não só estudo,* ***senão*** *trabalho; não tenho esta vida fácil. (= mas também)*
– *Ele apontou não só um* ***senão****, mas vários* ***senões*** *na tramitação do processo. (= problema, falha)*
– *Estude,* ***senão*** *será reprovado! (= do contrário; Estude, se não estudar, será reprovado)*
– *Fala três línguas,* ***senão*** *quatro. (= ou; Fala três línguas, se não falar quatro)*

Obs.: Segundo o dicionário Aurélio, o filólogo Arnaldo Niskier e outros linguistas, "... se usará **se não** (separado), virgulando-o, se houver pausa

enfática". Daí as duas possibilidades: "Lute, **senão** está perdido" ou "Lute; **se não** (lutar), está perdido.".

Há um **caso facultativo**: quando o **senão**, indicando alternativa, incerteza, imprecisão, equivaler a **ou**. Nestes casos, pode-se interpletar que o verbo está subentendido.

– *É muito difícil,* ***senão*** *(****se não*** *(for)) impossível, prever o resultado.*

– *João é rico,* ***senão*** *(****se não*** *(for)) riquíssimo.*

– *Comprarei duas TVs,* ***senão*** *(****se não*** *(comprar)) três.*

– *Compareceu a maioria dos convidados,* ***senão*** *(****se não*** *(compareceu)) todos.*

Meus dedos coçam. Preciso dar um exemplo de uma questão sobre o assunto. Veja!

UNIRIO – Técnico-Administrativo em Educação (Revisor de Texto) – 2008

(...)

Escrevi este primeiro parágrafo no mais irresponsável araque dactilográfico e só então resolvi parar para pensar, o que é sempre uma atitude condenável, acaba retirando o embalo da naturalidade em que a gente se vai arrastando, digamos, nas asas da inspiração. Parei para pensar só, não. Fui ao "pai dos burros", o velho Domingos de Azevedo dos meus tempos de ginásio. E ali como sempre aprendi o insuspeitado: pois, senão, vejamos. Abro até outro parágrafo, para que o texto respire uma pausa e, ao mesmo tempo, ganhe a necessária solenidade a minha recentíssima ciência vocabular.

(...)

5. A palavra sublinhada em "... pois, senão, vejamos." (§ 2º.) foi empregada com as mesmas características morfológica e semântica em:

a) A quem, ***senão*** **(exceto; preposição acidental)** ao nosso orientador, devemos recorrer, nos momentos de dúvidas, quanto ao desenvolvimento de uma monografia?

b) O jornalista não apenas considerou minuciosamente o fato, ***senão*** **(mas também; conjunção aditiva)** divulgou-o com cautela, para que se evitassem distorções.

c) O médico esperava que a epidemia fosse controlada com rapidez, ***senão (do contrário; conjunção condicional aglutinada ao advérbio 'não' ou conjunção alternativa; vem seguido de verbo implícito + verbo explícito)*** teria de adiar, para o mês seguinte, a palestra em São Paulo. – *O médico esperava que a epidemia fosse controlada com rapidez,* ***se não (fosse controlada), teria de adiar...***

d) Havia apenas aquele ***senão*** **(problema, falha, erro; substantivo)** em todo o texto escrito pelo candidato estrangeiro à vaga no curso de Biblioteconomia.

e) Gastou todo o salário do mês de março, ***senão* (ou; conjunção alternativa; não vem seguido de verbo explícito, só implícito)** mais, na compra de livros sobre psicologia, pois queria passar no concurso. – *Gastou todo o salário do mês de março,* ***senão* (gastou) *mais...***

4) Onde / Aonde / Donde

As formas **onde**, **aonde** e **donde** podem ser classificadas como advérbio de lugar ou pronome relativo (quando retoma um termo anterior). As duas últimas só ocorrem se houver as combinações das preposições **a** e **de** (exigidas por um verbo ou por um nome) + **onde**. Veja:

– *Estou* ***onde*** *quero na empresa. (advérbio de lugar)*

– *O Exército, para* ***onde*** *fui, é minha casa. (Pronome relativo. Quem vai (no sentido de ir e permanecer), vai para algum lugar.)*

– ***Donde*** *você saiu para chegar* ***aonde*** *se encontra? (Advérbios de lugar. Quem sai, sai* ***de*** *algum lugar e quem chega, chega* ***a*** *algum lugar.)*

– *A cidade* ***donde*** *venho é muito pequena. (Pronome relativo. Quem vem, vem* ***de*** *algum lugar.)*

– *Meu coração,* ***aonde*** *a ida não é nada fácil, abriu-lhe a guarda. (Pronome Relativo. O substantivo "ida" exige a preposição* ***a.****)*

Cuidado!!!

1) Lembre-se de que a combinação da preposição **de** com **onde** é opcional, ou seja, podemos dizer (ou escrever): "O presídio **de onde** (ou **donde**) João Augusto saiu ficava bem distante de sua nova residência.".

2) Uma maneira prática para saber usar **onde** ou **aonde** é perceber se o verbo indica noção estática ou noção dinâmica. Veja: **Aonde** você mora? (errado) / **Onde** você mora? (certo; noção estática) / **Aonde** você está? (errado) / **Onde** você está?(certo; noção estática) / **Onde** você foi? (errado) / **Aonde** você foi? (certo; noção dinâmica). **Onde** você pretende chegar com essa atitude? (errado) / **Aonde** você pretende chegar com essa atitude? (certo; noção dinâmica)

3) A noção de lugar vale para espaços físicos, virtuais ou figurados. Portanto o **onde** (aonde ou donde), normalmente como pronome relativo em provas de concursos públicos, pode retomar palavras ou expressões que indiquem "colocação numa classificação, escala ou hierarquia; emprego, cargo; posição social; momento, ocasião, oportunidade; trecho dentro de um livro ou filme; direção, caminho, destino, espaço físico, emocional ou filosófico". Veja alguns exemplos:

– *O primeiro lugar do vestibular, **onde** ninguém esperava que eu ficasse, é meu!*
– *Você está **onde** na empresa? Eu estou na vice-presidência.*
– *Finalmente conseguimos entrar na classe B, **onde** todos um dia desejam, no mínimo, estar.*
– *Em seu ego, **onde** nunca dera oportunidades a sentimentos negativos, muita coisa mudou.*
– *No capítulo 24 do livro de Mateus, **onde** Jesus fala sobre os últimos dias, muitas profecias são anunciadas.*
– *Quanto a seu estado mental, atualmente não mais sabemos **onde** ele se encontra.*
– *O Budismo, **de onde** eu nunca deveria ter saído, me trazia paz de espírito.*

5) Mal / Mau

A forma **mal** pode ser um substantivo, um advérbio (antônimo de "bem") ou uma conjunção subordinativa temporal (equivalendo a "logo que, assim que"). Já **mau** pode ser um substantivo ou um adjetivo (equivalendo a "bom").

– *O **mal** de Parkinson é uma doença incômoda. (substantivo)*
– *A pessoa anda **mal**, fala **mal** etc. (advérbio, advérbio)*
– *Engraçado, **mal** toquei no assunto, eu me lembrei de uma coisa: os **maus** da humanidade sofreram disso, sabia? (conjunção subordinativa temporal, substantivo)*
– *Tenho um amigo que é muito **mau**, será que...? (adjetivo)*

6) Mais / Mas

A forma **mais** (normalmente advérbio ou pronome indefinido) está ligada à ideia de quantidade, intensidade ou tempo (neste caso, quando vem depois de uma negação). **Mas** é uma conjunção coordenativa adversativa, quando equivale a

porém; é uma conjunção coordenativa aditiva, quando antes vêm as expressões "não só/não apenas/não somente". Só de curiosidade: a pronúncia é a mesma.

– *Sou* ***mais*** *feliz quando estou com você,* ***mas*** *você nunca está aqui. (advérbio de intensidade, conjunção coordenativa adversativa)*

– *Dedique* ***mais*** *tempo a sua esposa, e ela não vai* ***mais*** *cobrar nada de você. (pronome indefinido – quantidade –, advérbio de tempo)*

– *Não só fiquei* ***mais*** *contente,* ***mas*** *também extremamente realizado. (advérbio de intensidade, conjunção coordenativa aditiva)*

7) Afim / A fim de

A forma **afim** é um adjetivo que significa afinidade, semelhança, parentesco; **a fim de** é uma locução prepositiva que indica finalidade, propósito, intenção.

– *Apesar de ele ser meu parente* ***afim****, nós não temos ideias* ***afins****.*

– *Comecei a estudar* ***a fim de*** *fazer aquela famigerada prova.*

– *Está* ***a fim de*** *namorar comigo? (frase própria do registro coloquial)*

8) Em vez de / Ao invés de

A forma **ao invés de** é usada com termos antônimos na frase em que aparece; já **em vez de** equivale a no lugar de.

– ***Em vez de*** *estudar para a prova do TSE, estudou para a do AFT.*

– ***Ao invés de*** *ser elogiado pelo que disse, foi vaiado efusivamente.*

9) Acerca de / Há cerca de / (a) cerca de

A primeira forma equivale a sobre (assunto); a segunda indica número aproximado ou tempo decorrido aproximado; a terceira indica distância aproximada, tempo futuro aproximado ou quantidade aproximada.

– *Falamos* ***acerca de*** *futebol e de política.*

– ***Há cerca de*** *vinte mil pessoas habitando aquele bairro.*

– ***Há cerca de*** *uns anos venho estudando com vontade.*

– *Estou* ***(a) cerca de*** *um mês para a prova.*

– ***Cerca de*** *cem amigos presentearam-no quando se casou.*

10) Malgrado / (De) mau grado

A forma **malgrado** (preposição acidental: antes de verbo no infinitivo; ou conjunção subordinativa concessiva: antes de verbo no subjuntivo) equivale a "apesar

de, embora"; já **(de) mau grado** é uma expressão formada por "(preposição) + adjetivo + substantivo" e indica má vontade, contra a vontade.

– ***Malgrado*** *não ter estudado suficientemente, passei em terceiro lugar.*

– ***Malgrado*** *não tenha estudado suficientemente, passei em terceiro lugar.*

– *O advogado fez as tarefas diárias* ***de mau grado****.*

– ***Mau grado*** *meu, trouxe o amigo consigo.*

11) Porventura / Por ventura

A forma **porventura** é um advérbio de dúvida e equivale a por acaso; já **por ventura**, a por sorte. Observe o diálogo:

– *"****Porventura*** *já fui desonesto com você ou com qualquer outro amigo nosso?"*

– *"****Por ventura*** *ainda não, pois, se fosse, iria arrepender-se amargamente."*

12) A baixo / Abaixo

Usa-se a forma **a baixo** quando, na frase, vem acompanhada da expressão de cima. Em outros casos, usa-se o **abaixo**.

– *Ela sempre me olha de cima* ***a baixo****.*

– ***Abaixo*** *dela não há mais ninguém na lista.*

13) De encontro a / Ao encontro de

A forma **de encontro a** está ligada à ideia de "choque, colisão, divergência, oposição". A segunda forma (**ao encontro de**) está relacionada à ideia de "algo favorável, aproximação positiva, pensamento convergente".

– *Nunca fui* ***de encontro à****s ideias dele, pois são ótimas.*

– *Resolvi ir* ***ao encontro d****ela, uma vez que valia a pena.*

– *Seu plano é excelente, pois vem* ***ao encontro do*** *que pensamos.*

– *O carro atravessou a pista e foi* ***de encontro à*** *mureta.*

14) A par de / Ao par de

A forma **a par de** é o mesmo que "estar ciente de"; **ao par de** equivale a "pareado", na área da economia.

– *Por que nunca fico* ***a par d****os assuntos desta empresa?*

– *Um dia, o Real estará, de fato,* ***ao par d****o Dólar?*

15) Com quanto / Conquanto

Com quanto refere-se à quantidade, valor; **conquanto** é uma conjunção subordinativa concessiva e equivale a "embora".

– ***Com quanto*** *dinheiro você pretende viajar para os EUA?*

– ***Conquanto*** *consiga boas notas nas provas mais difíceis, ele nunca fica satisfeito.*

16) Por quanto / Porquanto

Por quanto refere-se à quantidade, valor; **porquanto** é uma conjunção explicativa ou causal e equivale o mesmo que **pois**.

– ***Por quanto*** *vocês me venderiam este livro?*

– *Estudo cinco horas por dia,* ***porquanto*** *me é suficiente.*

17) De mais / Demais

De mais é uma locução adjetiva; normalmente essa expressão se liga a um substantivo. Já **demais** é um advérbio de intensidade ou um pronome indefinido.

– *Eles têm dinheiro* ***de mais****.*

– *O professor fala* ***demais****.*

– *Precisamos explicar os* ***demais*** *assuntos.*

18) Tampouco / Tão pouco

Tampouco é, tradicionalmente, um advérbio e equivale a "também não, nem"; **tão pouco** é uma expressão formada por advérbio de intensidade + advérbio de intensidade/pronome indefinido, indicando quantidade, normalmente.

– *O que você fez não foi certo,* ***tampouco*** *justo.*

– *Estudei* ***tão pouco****, mesmo assim, por sorte, me classifiquei.*

– *Seu aluno faz* ***tão pouco*** *exercício por quê?*

19) Nem um / Nenhum

Nem um equivale normalmente a sequer um; já **nenhum** é um pronome indefinido.

– *Ela não me deixou expor* ***nem um*** *pensamento.*

– ***Nenhum*** *homem será capaz de me dissuadir.*

20) Com tudo / Contudo

Com tudo indica quantidade; **contudo** é uma conjunção adversativa, equivale a porém.

– Procuro um portal de notícias ***com tudo*** *que acontece no país.*
– O filme não me agrada, ***contudo****, por ser crítico de cinema, preciso assistir.*

21) A princípio / Em princípio

A princípio equivale a "no início, inicialmente". **Em princípio** equivale a "em tese, conceitualmente". Em alguns momentos, uma ou outra expressão dará conta daquilo que se quer transmitir, portanto, nas duas últimas frases abaixo, o propósito do falante no discurso vai determinar o uso da expressão. Nenhuma delas, pois, estará equivocada. Dependerá do contexto.
– Vou abordar apenas questões gramaticais ***a princípio****.*
– ***Em princípio****, as gramáticas de ensino médio não deveriam polemizar.*
– ***Em princípio*** *não estamos interessados em vender este imóvel.*
– ***A princípio*** *não estamos interessados em vender este imóvel.*

22) Por tanto / Portanto

Por tanto indica causa e quantidade; **portanto** é uma conjunção coordenativa conclusiva, equivale a "então, por isso, logo" etc.
– ***Por tanto*** *que eu já te fiz, eu mereço uma chance de novo.*
– Voltei a estudar como antes, ***portanto*** *vou passar.*

23) Sobre tudo / Sobretudo

A primeira expressão equivale a "a respeito de tudo"; a segunda é o mesmo que "especialmente, principalmente"; pode ser uma vestimenta (casacão) também.
– Eles conversam ***sobre tudo*** *de que gostam.*
– Estudamos muito nesta Gramática, ***sobretudo*** *porque aspiramos à excelência.*
– Comprei um ***sobretudo*** *sensacional para a viagem de fim de ano à Europa.*

24) Ao nível de / Em nível de

A primeira expressão (**ao nível de**) tem a ideia de "à mesma altura"; a segunda (**em nível de**) exprime "hierarquia". A expressão "a nível de" é um equívoco.
– Este artigo está ***ao nível d****os melhores.*
– Isto foi resolvido ***em nível de*** *governo estadual.*
– Isto foi resolvido ***a nível de*** *governo estadual (****errado!****)*

Obs.: Segundo o excepcional José Maria da Costa, em seu incrível *Manual de Redação Profissional*, "o erro é tão comum, que, em 1998, foi realizado um congresso em uma capital da Amazônia com o seguinte título: 'O Direito Ambiental e seu Reflexo *a Nível* Internacional'; a correção de tal título, sem dúvida, há de ser: 'O Direito Ambiental e seu Reflexo *no Âmbito* Internacional', ou, simplesmente, 'O Direito Ambiental e seu Reflexo Internacional'. Não tem ela, a bem da verdade, os sentidos que lhe querem conferir, e são errôneas as seguintes construções: 'reunião *a nível de* desembargadores', 'discussão *a nível de* Órgão Especial'; em tais casos, o correto é dizer: 'reunião *de* desembargadores', 'discussão *da alçada do* Órgão Especial'". O *Manual de Redação da Presidência da República* desabona a construção "a nível de".

25) Por ora / Por hora

A expressão **por ora** significa "por enquanto, por agora, até então, até agora". Já **por hora** é o mesmo que "a cada sessenta minutos, pelo tempo de uma hora".

– ***Por ora**, não acredito nos políticos brasileiros.*
– *Não dispomos de policiais eficientes e honestos, **por ora**.*
– *Os cientistas, **por ora**, não conseguiram chegar à cura definitiva da AIDS.*
– *O professor particular de Português me cobrava R$111 **por hora**.*
– *Você viu que o carro passou a duzentos quilômetros **por hora?***

26) O mais das vezes / As mais das vezes / No mais das vezes

Mário Barreto, Cândido Jucá Filho e Domingos Paschoal Cegalla abonam tais construções. Todas indicam "a maior parte das vezes", sendo a primeira expressão mais usual na língua culta. Veja um exemplo do gramático Pasquale C. Neto:

– *Suas palavras são, **o mais das vezes** (ou **as mais das vezes**), meras repetições de discursos vazios, nos quais nem ele mesmo crê.*

27) À medida que / Na medida em que

A locução conjuntiva **à medida que** indica proporção e equivale a "à proporção que, ao passo que". Por outro lado, **na medida em que** indica causa e equivale a "visto que, já que, tendo em vista que".

– ***À medida que*** *o líder russo crescia no palco político, o mundo ia se habituando à sua personalidade descomunal.*
– *Do ponto de vista político, este ato é desastrado,* ***na medida em que*** *exprime um conflito entre o Estado e a Igreja.*

Obs.: Nunca é demais dizer que as expressões ***à medida em que*** e ***na medida que*** não existem.

28) Sequer / Se quer

Sobre **sequer**, é uma palavra que significa "ao menos, pelo menos". Muito usada em frases negativas, mas não substitui o "não" ou "nem", que devem aparecer antes de "sequer" em frases negativas; às vezes é precedida pela preposição "sem".
– *Não havia* ***sequer*** *um aluno em sala de aula.*
– *O homem* *nem* ***sequer*** *se dignou de responder a minha solicitação.*
– *Tudo se arranjaria se ambos tivessem* ***sequer*** *um pouco de boa vontade.*
– *Não deixou cair uma lágrima* ***sequer****.*
– *Sem* ***sequer*** *ter atravessado a rua direito, foi atropelado.*
– ***Sequer*** *um carro de polícia funcionava naquela maldita cidade. (errado!) / Nem* ***sequer*** *um carro de polícia funcionava naquela maldita cidade. (agora sim!)*
– *O pseudomédico* ***sequer*** *possuía diploma de ensino médio. (errado!) / O pseudomédico* *nem* ***sequer*** *possuía diploma de ensino médio. (agora sim!)*

Já **se quer** é a união da conjunção subordinativa condicional **se** + **quer** (3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo querer), equivalendo a "se desejar".
– ***Se quer*** *tanto aquela sonhada vaga, empenhe-se... e gaste dinheiro.*
– *Eu comprei aquele suco de que você falou;* ***se quer****, basta me avisar.*

29) A domicílio / Em domicílio

Segundo José Maria da Costa, o melhor, em realidade, parece ser distinguir, de modo efetivo, entre verbos ou vocábulos de significação estática ou dinâmica. Com os primeiros, que não exigem a preposição A, usa-se **em domicílio**; com os segundos, que exigem a preposição A, **a domicílio**.

– *Levam-se encomendas* ***a domicílio****.*
– *Leciona-se piano* ***em domicílio****.*
– "*Desembarcadas as mercadorias, o transportador não é obrigado a dar aviso ao destinatário, se assim não foi convencionado, dependendo também de ajuste a entrega* ***a domicílio****...*" (CC/2002, art. 752, "caput"). Corrija-se: ... *entrega* ***em domicílio****...*

30) Fazer com que / Fazer que

Tanto faz. Vasco Botelho de Amaral, Domingos Paschoal Cegalla, Francisco Fernandes, Evanildo Bechara, Cláudio Moreno e muitos outros defendem ambas as formas como cultas, no sentido de "provocar, acarretar, influir, conseguir". A preposição é expletiva ao iniciar objeto direto.

– *A minha boa sorte* ***fez (com) que*** *não perdesse o avião...*
– *A presidenta do país* ***fez (com) que*** *os demais políticos mudassem de opinião.*
– *Esta postura só* ***fará (com) que*** *seus pais briguem com você.*
– *O professor* ***fazia (com) que*** *toda a matéria fosse fácil se assimilar.*

A Escolha das Palavras

Para que nosso texto ou discurso mantenha uma harmonia de sentido, devemos nos preocupar com a escolha das palavras. Selecionar bem um vocábulo é primordial para que não cometamos certas gafes. Já pensou se um jornal noticiasse o seguinte: "Governador carioca reúne-se hoje com governadores de outros estados".

Se você não percebeu a gafe, cuidado! O cargo de governador está relacionado ao Estado do Rio de Janeiro. Por isso, a palavra "carioca" foi mal selecionada; deveria ser: "Governador fluminense reúne-se hoje com governadores de outros estados". Se ainda fosse prefeito, tudo bem, pois ser prefeito significa cuidar da cidade do Rio de Janeiro. Aí a frase seria esta, bonitinha: "Prefeito carioca reúne-se hoje com prefeitos de outras cidades".

Outro caso interessante seria este: "Enquanto eu jantava, roubaram meu carro.". No entanto, "roubar" significa, no Código Penal, artigo 157, "subtrair coisa móvel alheia, para si ou para outrem, mediante grave ameaça ou violência à pessoa, ou depois de havê-la, por qualquer meio, reduzido à impossibilidade de resistência". Sendo assim, a frase inicial deveria ser: "Enquanto eu jantava, furtaram meu

carro.”. *Furtar* significa o mesmo que *roubar*, sem a parte sublinhada. Devemos tomar cuidado com as palavras que escolhemos.

Bem, sistematizando o assunto, vejamos os cuidados que devemos tomar quando selecionamos certos vocábulos para formar frases adequadas quanto ao sentido. Devemos selecionar as palavras, levando em conta basicamente dois critérios: **referente** e **situação de comunicação**.

Referente

Se você estiver falando sobre um cheiro desagradável, cuidado para não fazer isto:

“Nossa! A fragrância deste chorume é insuportável!”

A palavra *fragrância* remete a cheiro agradável das flores, plantas, frutas, perfumes etc. Logo, ela foi mal usada neste contexto. Para que houvesse adequação vocabular, como estamos usando o **referente** (*assunto*) “cheiro desagradável”, o vocábulo bem selecionado seria: *fedor, fedentina, fetidez...*

Situação de Comunicação

Podemos dizer que a situação de comunicação está ligada a dois fatores: **a pessoa com quem falamos** (levando em consideração a profissão, idade, sexo, posição social, origem geográfica etc.) e **o ambiente em que nos encontramos** (igreja, *show*, um concerto de música clássica, estádio de futebol, bar, casa de outras pessoas etc.). Basicamente este ponto trata de uso da língua culta/formal e língua coloquial/informal.

Imagine que um homem esteja em um concerto de música clássica, observando uma mulher. Ele toma coragem e segue em direção a ela no fim do espetáculo. Diz assim diante dela: “Aí, Nem... tô te querendo! Demorô lá em casa agora então?”.

Preciso dizer mais alguma coisa?

Por outro lado, imagine um rapaz que vai a um baile “funk” e diz assim para a mais bela do baile: “Por obséquio, dê-me o regozijo de dar-lhe um ósculo!”.

Preciso dizer mais alguma coisa?

Observe agora estas frases:

– *Consumidores da cidade de São Paulo, por serem **paulistas** exigentes por natureza, reclamaram do preço **caro** do pescado.*

– *Como as prateleiras estão vazias, ficou constatada a* ***escassez*** *do produto na cidade.*

– *Os cinco primeiros da fila acompanhem, por gentileza, a secretária; quanto ao* ***resto*** *peço que permaneçam aqui.*

– *Durante a blitz, ontem, na fronteira colombiana, a Polícia Federal* ***apreendeu*** *dois grandes traficantes de maconha, que tentavam fugir.*

– *O deputado confessou ter recebido 40 mil dólares da contravenção, alegando que o dinheiro era para ajudar ONGs que apoiam as vítimas da aids. Como ficou comprovado, isso* ***explica*** *o envolvimento de seu nome no jogo do bicho.*

– *Como o saneamento básico é precário, as águas da lagoa ficaram* ***poluídas*** *pelo vibrião do cólera.*

Certamente algumas o deixaram na dúvida quanto à seleção vocabular adequada ao contexto, certo? As frases deveriam ser redigidas assim:

– *Consumidores da cidade de São Paulo, por serem* ***paulistanos*** *exigentes por natureza, reclamaram do preço* ***alto*** *do pescado.*

– *Como as prateleiras estão vazias, ficou constatada a* ***falta*** *do produto na cidade.*

– *Os cinco primeiros da fila acompanhem, por gentileza, a secretária; quanto aos* ***demais*** *peço que permaneçam aqui.*

– *Durante a blitz, ontem, na fronteira, a Polícia Federal* ***capturou*** *dois grandes traficantes de maconha.*

– *O deputado confessou ter recebido 40 mil dólares da contravenção, alegando que o dinheiro era para ajudar ONGs que apoiam as vítimas da aids. Como ficou comprovado, isso* ***justifica*** *o envolvimento de seu nome no jogo do bicho.*

– *Como o saneamento básico é precário, as águas da lagoa ficaram* ***contaminadas*** *pelo vibrião do cólera.*

Na primeira frase, "paulista" é quem mora no Estado de São Paulo; **paulistano** é quem mora na cidade de São Paulo. "Caro" já significa "preço alto", logo o adequado é dizer "preço **alto**".

Na segunda frase, a palavra "escassez" (exiguidade, insuficiência) não tem o mesmo sentido de **falta** (ausência, inexistência).

Na terceira frase, a palavra "resto" tem sentido depreciativo, pejorativo, já a palavra ***demais*** tem sentido neutro.

Na quarta frase, a palavra "apreender" é usada, em tese, para coisas, por isso, devido ao contexto, o mais adequado é **capturar/deter** (pessoas).

Na quinta frase, por causa do contexto, "explicar" tem sentido distinto de **justificar**. A leve diferença entre um termo e outro é que a ideia de justificativa está ligada à ideia de inocência e absolvição. Os dois verbos até poderiam ser considerados sinônimos. É aquela velha história do "explica, mas não justifica", ou seja, "dá para entender, mas não dá para desculpar". No caso do deputado, dá para desculpar, por isso justifica.

Na sexta frase, o vibrião do cólera não "polui" (degradar meio ambiente) nada, mas sim ***contamina*** (transmitir doença).

Interessante, não?

Vale dizer que o léxico da língua vai muito além de meras escolhas de palavras para comunicar algo. Certas "linguagens" servem para manter unidos certos grupos: as **gírias** (linguagem de um grupo social, como os gays: "*coió*", "*arrasou*", "*bofe*"...), os **regionalismos** (linguagem de um grupo geográfico, como os nordestinos: "*avexado*", "*bestar*", "*da peste*"...), os **jargões** (linguagem de um grupo profissional, como os militares: "*zaralho*", "*Brasil!*", "*selva!*"...), os **estrangeirismos** (linguagem estrangeira, como a dos americanos: "*yes*", "*fashion*", "*game*"...), os **arcaísmos** (linguagem antiga, como a do português arcaico: "*fremoso*", "*vosmecê*", "*ceroula*"...), os **neologismos** (linguagem inventada, como a partir da informática: "*baixar*", "*ciberpirata*", "*blogueiro*")...

Expressões Idiomáticas

Expressões idiomáticas são locuções ou pequenas frases próprias de um idioma. No português, não poderia ser diferente. Há infinitas (inclusive gírias)! Vejamos algumas:

Expressão	**Significado**
Acertar na lata/mosca	Atingir alvo com precisão
Abotoar o paletó	Morrer
Acabar em pizza	Situação mal resolvida, sem resultados

Procurar chifre em cabeça de cavalo	Procurar problemas onde não existem
Procurar pelo em ovo	Buscar coisas impossíveis ou inexistentes
A dar com pau	Grande quantidade
Afogar o ganso	Fazer sexo (no caso do homem)
Agarrar com unhas e dentes	Agir de forma extrema para não perder
Água que passarinho não bebe	Bebida alcoólica (normalmente cachaça)
Amarrar o burro	Ficar descansado ou em zona de conforto
Amigo da onça	Falso amigo, traidor
Andar na linha/Perder a linha	Agir corretamente/Agir impulsivamente
Bater na mesma tecla	Insistir no mesmo assunto
Cara de pau	Descarado, atrevido, desavergonhado
Dormir no ponto	Perder uma oportunidade
Encher linguiça	Enrolar, embromar
Feito cego em tiroteio	Perdido, desorientado
Grosso modo (expressão latina)	De modo grosseiro (*a grosso modo* é erro)
Jogado para escanteio	Descartado
Lavar as mãos	Não se envolver
Meter o dedo na ferida	Arreliar, Intrometer-se
Na mão do palhaço	Em situação de perda de autocontrole
Onde Judas perdeu as botas	Em lugar bem distante

Pisar na bola	Cometer deslize
Quebrar o galho	Dar solução precária, improvisar
Riscar do mapa	Fazer desaparecer
Sem pé nem cabeça	Confuso, sem sentido
Trocar as bolas	Atrapalhar-se
Uma mão lava a outra	Ajuda mútua
Xisnovear	Delatar, alcaguetar

Consulte mais na Wikipédia ou em qualquer livro especializado, como *Expressões Idiomáticas da Língua Portuguesa*, de Ítalo José Alves, ou no *Dicionário de Expressões Idiomáticas da Língua Portuguesa*, de Maria Helena Schambil e Peter Schambil.

O Que Cai Mais na Prova?

Frequentemente se veem questões relativas a **sinonímia, homonímia, paronímia, denotação e conotação** e **fatos e dificuldades da língua culta**. Nestes pontos, portanto, quero você "na ponta dos cascos", hein!

Questões de Concursos

Preocupe-se apenas com os assuntos relativos a este capítulo, beleza? Boa resolução para você! A FCC e a Cesgranrio gostam bastante de questões relativas à sinonímia. A Esaf e o Cespe já preferem trabalhar fatos da língua culta. A verdade é que devemos estar preparados para tudo.

1. (FCC – TRE-SP – Analista – 2004) O elemento sublinhado na frase:

a) *É correta a disposição (...) de abandonar os planos de seu antecessor* <u>*para descentralizar os recursos investidos na área*</u> expressa uma **causalidade**;

b) <u>*Distribuir pouco dinheiro a muitos centros*</u> *pode equivaler a desperdiçar toda a verba* constitui um **paradoxo**;

c) *A pulverização das verbas pode atender a interesses populistas de políticos* tem o sentido de **compromissos populares**;

d) *(...) cabe ao poder público colocar suas fichas em projetos com maior possibilidade de oferecer retorno* tem o sentido de **ir de encontro a**;

e) *Não se trata de ser contra a descentralização como conceito* tem o sentido de **em tese**.

2. (FDC – Professor de Português II – 2005) Assinale a única frase que se completa com a segunda forma entre parênteses:

a) Os culpados _____ as leis. (infringiram / infligiram).

b) O _____ do senador termina no próximo ano. (mandado / mandato).

c) Não saia, pois a chuva está _____. (iminente / eminente).

d) Ladrão foi apanhado em _____. (flagrante / fragrante).

e) Os requintes de educação caracterizam um perfeito _____. (cavalheiro / cavaleiro).

3. (Esaf – MPU – Analista – 2005) (Adaptada) Qual grupo de frases abaixo apresenta uma frase que não está gramaticalmente correta?

I. Quando surgiu Euclides da Cunha, nossa literatura podia enumerar grandes nomes pertencentes ao "sistema" de que falei há pouco. / Quando surgiu Euclides da Cunha, nossa literatura podia enumerar grandes nomes pertencentes ao "sistema" de que faz pouco falei.

II. No Brasil, a nacionalidade e a literatura formaram um "sistema" interessantíssimo, que a cerca de trezentos anos desenvolve-se. / No Brasil, a nacionalidade e a literatura formaram um "sistema" interessantíssimo, que há cerca de trezentos anos se desenvolve.

4. (FCC – SEFAZ/PB – Auditor Fiscal de Tributos Estaduais – 2006) Nas frases:

I. O mau julgamento político de suas ações não preocupa os deputados corruptos. Para eles, o mal está na mídia impressa ou televisiva.

II. Não há nenhum mau na utilização do Caixa 2. Os recursos não contabilizados não são um mau, porque todos os políticos o utilizam.

III. É mau apenas lamentar a atitude dos políticos. O povo poderá puni-los com o voto nas eleições que se aproximam. Nesse momento, como diz o ditado popular, eles estarão em mal lençóis.

O emprego dos termos ***mal*** e ***mau*** está correto APENAS em:

a) I;

b) I e II;

c) II;

d) III;

e) I e III.

5. (FCC – TRF (2R) – Analista Judiciário – 2007) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à norma culta?

e) Quando se considera a par do tema, ajuíza sem medo, mas, ao se compreender insipiente, pára tudo e pede aos especialistas que o catequizem no assunto para não passar por néscio.

6. (FCC – TCE-AL – Analista de Sistemas – 2008) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à norma culta?

e) É prazeirosa a experiência de quem formula propósitos e promove ações que vão de encontro aos mesmos.

"Certamente você já se perguntou **por que** algumas pessoas têm tanto e outras tão pouco. Talvez a resposta não seja tão complicada quanto se pensa. (...)"

7. (Cespe/UnB – MEC – Agente Administrativo – 2009) Na indagação da linha 1, aparece a expressão "por que". Na resposta, a expressão correta seria **porque**, como aparece a seguir: *Algumas pessoas têm mais dinheiro do que outras porque sabem como aumentar sua riqueza.*

( ) CERTO
( ) ERRADO

Com devoção e entusiasmo, o sul do mundo copia e multiplica os piores costumes do norte. E do norte não recebe as virtudes, mas o pior: torna sua **a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público** bem como **toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo**. E o sul também recebe, **de braços abertos**, as fábricas mais porcas, as mais inimigas da natureza, em troca de salários que dão saudade da escravidão.

No entanto, cada habitante do norte consome, em média, dez vezes mais petróleo, gás e carvão; e, **no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio**. **Gula e jejum do cardápio ambiental**: 75% da contaminação do mundo provêm de 25% da população.

8. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) Assinale a opção em que a expressão retirada do texto foi empregada em sentido denotativo.

a) "a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público";
b) "toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo";
c) "de braços abertos";
d) "no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio";
e) "Gula e jejum do cardápio ambiental".

9. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Criada em 2000 para "promover a defesa do interesse público na assistência suplementar à saúde e regular as operadoras setoriais, inclusive quanto às suas relações com prestadores (de serviços) e consumidores", a ANS opera **numa corda bamba**. (...)

c) A expressão "numa corda bamba" tem significação conotativa e confere um tom de informalidade ao texto.

10. (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) A crise que se iniciou em 2008 nos EUA para depois atingir todas as economias, no quadro da globalização, ao contrário da de 1929, levou os governos a optarem pela intervenção pública para salvar o sistema bancário e para dar um impulso à economia. Isso se traduziu como forte pressão sobre as finanças públicas, que estão **acusando** *deficits* muito elevados.

e) A palavra "acusando" está sendo empregada com a acepção de **indicando, mostrando, revelando.**

11. (FCC – TJ/SE – Técnico Judiciário – 2009) Constituem parônimos os vocábulos grifados nas frases apresentadas em:

a) Constava do relatório a descrição pormenorizada da destruição do centro de treinamento decorrente da invasão de torcedores. / Com discrição e muita simpatia, o novo jogador logo conquistou a confiança da torcida.

b) O descontentamento dos torcedores culminou com um protesto no próprio estádio. / Como protesto contra as medidas tomadas pela diretoria, funcionários se recusaram a trabalhar.

c) Torcedores descontentes invadiram a sede do clube e a depredaram. / Com sede de vitória, os torcedores estimulavam o time ao ataque.

d) O recinto foi atacado por bombas de fabricação caseira. / Na festa junina soltaram-se bombas e fogos de artifício coloridos.

e) Os feridos no confronto foram encaminhados ao hospital mais próximo. / Vários espectadores ficaram feridos no último festival.

12. (FCC – TRT (16ª R) – Técnico Judiciário – 2009) A frase em que há palavras escritas de modo INCORRETO é:

a) A aridez que sempre caracterizou as paisagens do Nordeste brasileiro aparece agora, para assombro de todos, na região Sul, comprometendo as safras de grãos.

b) Alguns estudiosos reagem com sensatez às recentes explicações, considerando se o papel da bomba biótica é realmente crucial na circulação do ar.

c) Se for comprovada a correção da nova teoria, a preservação das florestas torna-se essencial para garantir a qualidade de vida em todo o planeta.

d) O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.

e) Com ventos mais próximos ao mar, o ar úmido resultante da evaporação da água do oceano é puxado para o continente, distribuindo a chuva ao redor do planeta.

13. (FCC – MPE/SE – Técnico do MP – 2009) Identificam-se parônimos no par de expressões transcritas em:

a) importância capital // importância fundamental;

b) tráfico de pessoas // tráfego de pessoas;

c) tecnologias de informação // comunicação tecnológica;

d) violações cometidas // violações reprimidas;

e) vida com liberdade // vida com dignidade.

14. Considere as frases abaixo:

I. Os horrores trazidos pela II Guerra Mundial marcaram o porquê da criação de um documento internacional que garantisse o respeito aos direitos humanos.

II. Sem conhecer seus direitos, os indivíduos não saberão dispor dos instrumentos nem apresentar razões porque reivindicar sua efetiva aplicação.

III. Por falta de divulgação dos termos previstos na Declaração Universal, grupos minoritários se tornam mais vulneráveis à violação de seus direitos, sem mesmo saber por quê.

IV. São inúmeros os benefícios trazidos pela Declaração Universal, embora exista desrespeito aos direitos nela previstos, como a persistência da pobreza, por que passa um terço da população mundial.

Estão escritos corretamente os termos que aparecem grifados em:

a) I, II, III e IV;
b) I, II e III, apenas;
c) I, III e IV, apenas;
d) II, III e IV, apenas;
e) I, II e IV, apenas.

15. (Cespe/UnB – TRT/RN (21R) – Técnico Judiciário – 2010) A expressão "em lugar" (Logo descobrimos que a tecnologia, na verdade, nos trazia uma carga maior de atribuições e, **em lugar** das 8 horas, passamos a trabalhar muito mais. Mas não foi só...) poderia ser substituída por **em vez**, sem prejuízo para o sentido e a clareza do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – ANEEL – Cargos de Nível Superior – 2010) O sentido da expressão "mal das pernas", característica da oralidade, seria prejudicado caso se substituísse "mal" por **mau**.

( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (FCC – TRE/RS – Analista Judiciário – 2010) A frase em que a palavra destacada está empregada de modo equivocado é:

a) Inerme diante da ofensiva tão violenta, não lhe restou nada a fazer senão render-se.
b) Há quem proscreva construções linguísticas de cunho popular.
c) Fui informado do diferimento da reunião em que o fato seria analisado.
d) A descriminalização de algumas drogas é questão polêmica.
e) A flagrância do perfume inebriava a todos os convidados.

18. (FCC – TRE/AL – Analista Judiciário – 2010) Na frase *Eis por que o espectador não se sente em casa em parte alguma, porque o espetáculo está em toda parte*, os elementos sublinhados podem ser correta e respectivamente substituídos por:

a) *a razão pela qual* e *visto que*;
b) *por cujo motivo* e *visto que*;
c) *a finalidade pela qual* e *dado que*;
d) *o motivo por onde* e *conquanto*;
e) *a alegação de que* e *conquanto*.

19. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) Assinale a opção que indica onde o texto foi transcrito com erro gramatical.

A lição reafirmada pela crise é a da (1) instabilidade como pressuposto da economia de mercado, transmitida por dois canais. O primeiro é o da confiança dos agentes – aspecto crucial nas

observações de John Maynard Keynes –, que é volúvel e sujeita a mudança repentina em momentos de incerteza. Tal instabilidade pode ainda ser catalisada (2) pelo canal financeiro, como ficou claro, de forma dramática, em 2008. Falhas de mercado e manifestações de irracionalidade são comuns no capitalismo, sem dúvida, mas a derrocada recente não repõe (3) a polarização entre Estado e mercado. Reforça, isso sim, a necessidade de aperfeiçoar instituições, afim de (4) preservar a funcionalidade dos mercados e a concorrência, bens públicos que o mercado, deixado à (5) própria sorte, é incapaz de prover.

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

20. (Cesgranrio – Petrobras – Todos os Cargos (Nível Médio) – 2010) O vocábulo destacado, quanto ao seu significado, está empregado, adequadamente, na seguinte frase:

a) Ações malsucedidas prenunciam um fracasso **eminente**.
b) Para **acender** profissionalmente, é preciso perseverança.
c) O profissional de sucesso **descrimina** as etapas de suas ações.
d) A **expectativa** do triunfo motiva o empreendedor.
e) É preciso saber **deferir** o amor do ódio.

21. (Cesgranrio – Petrobras – Todos os Cargos (Nível Superior) – 2010) O valor semântico atribuído ao verbo dar, apresentado entre parênteses, está INCORRETO na frase:

a) Lamentavelmente, deu pouco tempo do seu dia para uma reflexão. (dedicar).
b) Embora tivesse magoado algumas pessoas, não se deu conta. (percebeu).
c) Daqui a um tempo, dará por terminado o seu problema maior. (considerar).
d) O seu primeiro erro se deu quando tentou ajudar um amigo em apuros. (concedeu).
e) No presente, a vida se dá tão pessimista. (apresenta).

22. (Cesgranrio – EPE – Advogado – 2010) Dentre os trechos abaixo, aquele em que a palavra "até" tem um significado diferente do que apresenta nos demais é:

a) "... descobrir se o nome de um sujeito era com q ou com k às vezes demandava até pesquisa telefônica."
b) "os dicionários, enciclopédias e até papiros deteriorados estão a um par de cliques de distância..."
c) "Há cada vez mais felizardos que trabalham de bermuda, sem camisa e até à beira de uma piscina..."
d) "... se torna, para a turma mais radical, um risco desnecessário, uma coisa até meio *passée*..."
e) "Com certeza não chegarei até lá..."

23. (Cesgranrio – BNDES – Técnico Administrativo – 2010) Em "Devemos deixar de nos conformarmos em saber executar apenas uma atividade e conhecer várias outras, nas quais com interesse e dedicação podemos ser diferenciados", o vocábulo destacado pode ser substituído, sem alteração de sentido, por:

a) indiscriminados;

b) inatingíveis;
c) preteridos;
d) disseminados;
e) destacados.

24. (Cesgranrio – BNDES – Analista de Sistemas – 2010) Em "... esse futuro que concebemos deve estar sempre em congruência com nosso eu.", o vocábulo destacado pode ser substituído, sem alteração de sentido, por:

a) dissonância;
b) resistência;
c) correspondência;
d) relutância;
e) controvérsia;

25. (Cesgranrio – BNDES – Analista de Sistemas – 2010) Ao redigir respostas para "Por que quero conseguir um trabalho novo?", cometeu-se, segundo o registro culto e formal da língua, um erro de ortografia em:

a) Não quero passar a minha vida inteira só cumprindo ordens sem nunca entender por quê.
b) Alguns constrangimentos porque venho passando me obrigam a considerar outras opções.
c) Para mim, a realização profissional, no momento presente, é importante porque implica melhoria de vida.
d) Desse modo, eu poderei saber o motivo por que o sucesso de ontem não nos garante o de amanhã.
e) Um dia, atingindo o meu objetivo, eu talvez possa contar-lhe o porquê.

26. (Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico (Administração) – 2010) É melhor começar a exercitar a linguagem, _____ o seu relacionamento pode acabar mal. / A pesquisa recentemente realizada pela empresa foi _____ do estresse emocional do trabalhador. / Expliquei-lhe as exigências do atual mercado _____ ele se adaptasse melhor.

A sequência que completa corretamente as frases acima é:

a) se não – a cerca – a fim de que;
b) se não – acerca – afim de que;
c) se não – acerca – a fim de que;
d) senão – acerca – a fim de que;
e) senão – a cerca – afim de que.

27. (Cesgranrio – SEPLAG/BA – Professor Português – 2010) Estabelece relação de hiperonímia/hiponímia, nessa ordem, o seguinte par de palavras:

a) estrondo – ruído;
b) pescador – trabalhador;
c) pista – aeroporto;
d) piloto – comissário;
e) aeronave – jatinho.

*"(...) Daí a razão **por que**, segundo o filósofo, "a doutrina do direito e a doutrina da virtude distinguem-se menos pela diferença entre os deveres do que pela diferença de sua legislação, que vincula um ou outro motivo à lei". E exemplifica: "Cumprir uma promessa contratual é um dever exterior; **mas o mandamento de agir unicamente porque se trata de um dever**, sem levar em conta outro motivo, diz respeito apenas à legislação interior".*

28. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) Na linha 26, "por que" poderia, sem prejuízo para a correção gramatical, ser grafado **porque**, em razão de estar empregado como conjunção causal, tal como ocorre em "mas o mandamento de agir unicamente porque se trata de um dever".
( ) CERTO
( ) ERRADO

29. (FCC – TRE-RN – Analista – 2011) O segmento cujo sentido está corretamente expresso em outras palavras é:
a) *se multiplicaram de maneira prodigiosa* = cresceram ilusoriamente.
b) *as duas espécies se regalaram* = os dois gêneros se empanturraram.
c) *uma família singular* = um conjunto variegado.
d) *que selou o destino* = que indigitou a fatalidade.
e) *empenhou-se na procura* = dedicou-se com afinco à busca.

30. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) Observe a palavra **coral** no par de frases: *"[...] cantei em **coral**..." / Mergulhei e arranhei a perna num **coral**.* A relação existente entre as duas palavras é a mesma que se verifica em:
a) O perigo é **iminente**. / O **eminente** deputado fez uma declaração.
b) Passei em frente a seu **edifício** hoje. / Implodiram o **prédio** condenado.
c) A **manga** que comi estava docinha. / Rasguei a **manga** da camisa.
d) Comprei **figo** na feira, mas a **fruta** não estava boa.
e) A **sala** de aula estava lotada e a **escola** é um sucesso.

31. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) A sentença em que o verbo **tocar** está usado com o mesmo sentido que se verifica na sentença "Como acontece com todos os poetas e compositores, ele tocou cada pessoa de modo diferente." é:
a) Ele tocava na orquestra da capital.
b) O sino da igreja vai tocar às seis horas.
c) A equipe tocou o projeto rapidamente.
d) Não toque em nada que está sobre a mesa.
e) O sorriso de uma criança sempre me toca.

32. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) O emprego da palavra/expressão destacada está INCORRETO em:
a) Estava **mau-humorado** quando entrou no escritório.
b) Indaguei a razão **por que** se empenhou tanto na disputa pelo cargo.
c) Ninguém conseguiu entender **aonde** ela pretendia chegar com tanta pressa.
d) Não almejava mais nada da vida, **senão** dignidade.

e) Ultimamente, no ambiente profissional, só se fala **acerca de** eleição.

Texto

Bom para o sorveteiro

Por alguma razão inconsciente, eu fugia da notícia. Mas a notícia me perseguia. Até no avião, o único jornal abria na minha cara o drama da baleia encalhada na praia de Saquarema. Afinal, depois de quase três dias se debatendo na areia da praia e na tela da televisão, o filhote de jubarte conseguiu ser devolvido ao mar. Até a União Soviética acabou, como foi dito por locutores especializados em necrológio eufórico. Mas o drama da baleia não acabava. Centenas de curiosos foram lá apreciar aquela montanha de força a se esfalfar em vão na luta pela sobrevivência. Um belo espetáculo.

À noite, cessava o trabalho, ou a diversão. Mas já ao raiar do dia, sem recursos, com simples cordas e as próprias mãos, todos se empenhavam no lúcido objetivo comum. Comum, vírgula. O sorveteiro vendeu centenas de picolés. Por ele a baleia ficava encalhada por mais duas ou três semanas. Uma santa senhora teve a feliz ideia de levar pastéis e empadinhas para vender com ágio. Um malvado sugeriu que se desse por perdida a batalha e se começasse logo a repartir os bifes.

Em 1966, uma baleia adulta foi parar ali mesmo e em quinze minutos estava toda retalhada. Muitos se lembravam da alegria voraz com que foram disputadas as toneladas da vítima. Essa de agora teve mais sorte. Foi salva graças à religião ecológica que anda na moda e que por um momento estabeleceu uma trégua entre todos nós, animais de sangue quente ou de sangue frio.

Até que enfim chegou uma traineira da Petrobras. Logo uma estatal, ó céus, num momento em que é preciso dar provas da eficácia da empresa privada. De qualquer forma, eu já podia recolher a minha aflição. Metáfora fácil, lá se foi, espero que salva, a baleia de Saquarema. O maior animal do mundo, assim frágil, à mercê de curiosos. À noite, sonhei com o Brasil encalhado na areia diabólica da inflação. A bordo, uma tripulação de camelôs anunciava umas bugigangas. Tudo fala. Tudo é símbolo.

(Otto Lara Resende, **Folha de S. Paulo**)

33. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário (Área Administrativa) – 2012) Considerando-se o contexto, traduz-se adequadamente o sentido de um segmento em:

a) em necrológio eufórico (1º parágrafo) = em façanha mortal.

b) Comum, vírgula. (2º parágrafo) = Geral, mas nem tanto.

c) que se desse por perdida a batalha (2º parágrafo) = que se imaginasse o efeito de uma derrota.

d) estabeleceu uma trégua entre todos nós (3º parágrafo) = derrogou uma imunidade para nós todos.

e) é preciso dar provas da eficácia (4º parágrafo) = convém explicitar os bons propósitos.

A biosfera, o nome que a ciência dá à vida, parece algo enorme, que se espalha por toda parte, que nos cerca por cima, por baixo, pelos lados, andando, voando e nadando. Pois toda essa única maravilha se espreme por sobre uma camada ínfima do planeta. Quão ínfima? Toda a vida da Terra está contida em 0,5% de sua massa superficial. Metade de 1%. O restante é rocha estéril recobrindo o núcleo de ferro incandescente. Imagine uma metrópole do

tamanho de São Paulo ou de Nova York totalmente deserta, quente demais ou fria demais para manter formas de vida, exceto por um único quarteirão.

A vida, ou a biosfera, torna-se uma reserva ainda mais enclausurada e única, quando se sabe que nenhuma forma de vida, mesmo a mais primitiva, jamais foi detectada fora dos limites da Terra. Se toda a biosfera terrestre se mantém em uma parte ínfima do planeta, este por sua vez é um grão de areia. Sem contar o Sol, a Terra responde por apenas 1/500 da massa total do sistema solar. Essa bolhinha azul e frágil que vaga pelo infinito recebe agora seu habitante número 7 bilhões, reavivando a imorredoura questão sobre até quando a população mundial poderá crescer sem produzir um colapso nos recursos naturais do planeta.

A questão se impõe porque o crescimento no uso desses recursos forma uma curva estatística impressionante. A estimativa é de que, em 2030, será necessário o equivalente a duas Terras para garantir o padrão de vida da humanidade. As perspectivas mais sombrias sobre a sustentabilidade do planeta não levam em conta a extraordinária capacidade de recuperação da natureza – e a do próprio ser humano – para superar as adversidades. A Terra já passou por cinco grandes extinções em massa e a vida sempre voltou ainda com mais força. Enquanto se procuram soluções para o equilíbrio entre crescimento populacional e preservação de recursos, a natureza manda suas mensagens de socorro. A espaçonave Terra é uma generosa Arca de Noé, mas ela tem limites.

(Filipe Vilicic, com reportagem de Alexandre Salvador. **Veja**, 2 de novembro de 2011. p.130-132, com adaptações)

34. O segmento cujo sentido está corretamente expresso com outras palavras é:

a) *uma reserva ainda mais enclausurada* = um território sempre inexplorado;
b) *em uma parte ínfima do planeta* = num ponto desconhecido da Terra;
c) *a imorredoura questão* = o problema de mais difícil solução;
d) *perspectivas mais sombrias* = visões menos animadoras;
e) *para superar as adversidades* = para atenuar situações incompreensíveis.

35. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Estabilidade Júnior – 2012) Na frase "foi criado sinteticamente em laboratório para **replicar** essas moléculas encontradas na natureza.", a palavra destacada pode ser substituída, sem alterar o significado do trecho, por:

a) reestruturar;
b) reproduzir;
c) reservar;
d) restaurar;
e) retirar.

36. (FEC/UFF – PREF. Angra dos Reis/RJ – Administrador – 2012) Observe as frases.

I. O paciente submeteu-se a SESSÕES de sangria, utilizando-se de sanguessugas.
II. Encontrou, na SEÇÃO de remédios, o que procurava para o seu alívio.

O par de palavras SESSÃO/SEÇÃO relaciona-se ao estudo da:

a) homonímia;
b) sinonímia;
c) paronímia;
d) antonímia;
e) polissemia.

37. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) No texto acima, provoca-se erro gramatical ou incoerência na argumentação ao:

e) substituir a preposição "Para" pela locução **Afim de**.

38. (Vunesp – SEAP/SP – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – 2012) No trecho – Para especialistas, fica uma questão: até que ponto essa exuberância econômica no Brasil é sustentável ou é apenas mais uma bolha? – o termo em destaque tem como antônimo:

a) fortuna;
b) opulência;
c) riqueza;
d) escassez;
e) abundância.

39. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Assinale a alternativa em que os termos destacados em cada grupo de frases são parônimos.

a) 1. Tudo já está preparado para a cidade **empossar** o novo prefeito.
2. É preciso cuidar para o piso da varanda não **empoçar** água.
b) 1. Uma das grandes festas de apreço popular é a do **Círio** de Nazaré.
2. Chegou à hospedaria um homem; dizem que é **sírio**.
c) 1. Nas cidades europeias, após o almoço, a **sesta** põe tudo a dormir com as pessoas.
2. A menina, feliz, preparou uma grande **cesta** de Páscoa para sua avó.
d) 1. Espera-se que as delegações dos países **viajem** nesta semana para a realização dos jogos olímpicos.
2. Segundo o poeta, a **viagem** mais difícil é a que fazemos para dentro de nós mesmos.

40. (FEMPERJ – VALEC – Jornalista – 2012) Intertextualidade é a presença de um texto em outro; o pensamento abaixo que NÃO se fundamenta em intertextualidade é:

a) "Se tudo o que é bom dura pouco, eu já deveria ter morrido há muito tempo."
b) "Nariz é essa parte do corpo que brilha, espirra, coça e se mete onde não é chamada."
c) "Une-te aos bons e será um deles. Ou fica aqui com a gente mesmo!"
d) "Vamos fazer o feijão com arroz. Se puder botar um ovo, tudo bem."
e) "O Neymar é invendável, inegociável e imprestável."

Gabarito

1. E.	9. CORRETO.	17. E.	25. B.	33. B.
2. B.	10. CORRETO.	18. A.	26. D.	34. D.
3. I.	11. A.	19. D.	27. E.	35. B.
4. A.	12. D.	20. D.	28. ERRADO.	36. A.

5. CORRETO.	13. B.	21. D.	29. E.	37. E.
6. INCORRETO.	14. C.	22. E.	30. C.	38. D.
7. CERTO.	15. CERTO.	23. E.	31. E.	39. C.
8. D.	16. ERRADO.	24. C.	32. A.	40. E.

Capítulo 5
Morfologia

Morfologia é a parte da gramática que estuda a **forma** dos vocábulos.

Mas como as palavras se formam? São constituídas de quê? Sofrem processos, mudanças? Dividem-se em grupos, classes? Todas essas perguntas serão respondidas a contento! Antes disso, porém, saiba que há uma diferença entre **vocábulo** e **palavra**.

Nem todo vocábulo é uma palavra, mas toda palavra é um vocábulo. Hã? Relaxa! Partindo do princípio que, por definição, **palavra** é a "unidade da língua que, na fala ou na escrita, tem significação própria e existência isolada", só podemos dizer que **palavra** é uma **palavra**, se ela puder ser usada neste contexto, por exemplo:

– Você vive em que país?

– **Brasil**.

Brasil é, portanto, uma palavra, pois "tem significação própria e existência isolada". Continuando o diálogo:

– Você gosta de lá?

– **Muito**.

Muito é, portanto, uma palavra, pois "tem significação própria e existência isolada".

A maioria dos linguistas concorda que **vocábulo** e **palavra** são conceitos próximos, mas a diferença é que a palavra "tem significação própria e existência isolada". Isso significa que o **vocábulo** não tem? Não é bem assim. Como eu disse antes, toda palavra é um vocábulo, logo alguns vocábulos são chamados de palavras quando "têm significação própria e existência isolada". E quando o vocábulo "***não*** tem

significação própria e existência isolada"? Aí dizemos que não são palavras, mas sim apenas vocábulos. Semiparafraseando o eminente linguista brasileiro Joaquim Mattoso Câmara Jr., há três formas de vocábulos: **livres**, **dependentes** e **presas** (esta última também chamada de "não vocábulo").

A primeira tem autonomia semântica, ou seja, pode ser empregada isoladamente, pois estabelece comunicação (**formas livres**: substantivo, adjetivo, verbo, alguns advérbios e numerais). As formas livres constituem palavras. É neste caso que **vocábulo** e **palavra** se equivalem.

Vocábulos átonos normalmente dependem de formas livres, pois não estabelecem comunicação sozinhos, são dependentes (**formas dependentes**: artigo, conjunção, preposição, pronomes átonos). Exemplo: "**O** homem **e a** mulher **do** jornal vieram **me** entrevistar".

Há, por último, as formas que aparecem fixas a um vocábulo, pois não existem isoladamente em enunciados (**formas presas**: afixos, radical, desinências, vogal temática). Exemplo: **in/constitu/cion/al/issim/a/mente**.

Para entendermos bem o que é morfologia, portanto, precisamos entender...

Como as palavras se formam?

Normalmente, as palavras se formam a partir da combinação de **formas presas**, já vistas.

Elas são constituídas de quê?

Normalmente, elas são constituídas de mais de um morfema (partes que a compõem, como prefixo, sufixo, radical, desinências, vogal temática, vogal ou consoante de ligação).

Obs.: Veremos tudo isso em detalhes no capítulo seguinte. Não se desespere caso não se lembre deste ou daquele nome ou conceito, ok? Farei questão de reiterá-los, quando necessário.

Elas sofrem processos, mudanças?

Sim, elas sofrem vários processos. Uma palavra pode se transformar em várias palavras, desde que acumulemos formas presas a elas: ***govern**o, govern**ante**,*

*govern**amental**, govern**abilidade**, **in**govern**ável**, **des**govern**ado**, **anti**govern**ista**, **pseudo**govern**ador** etc.* Além disso, muitas palavras podem mudar de forma para indicar o sexo do ser ou a ideia de quantidade; exemplo: *garoto, garot**a**, garot**os**, garot**as**.* Safo?

Elas se dividem em grupos, classes?

Sim, as palavras se dividem em tradicionais dez grupos: **substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção** e **interjeição**. Ainda há as **palavras denotativas**, que são postas à parte. Essas classes de palavras só existem porque muitas palavras têm semelhanças morfológicas. Por exemplo, *gato, cachorro* e *lobo* mudam de forma em gênero (*gata*, *cachorra* e *loba*) e número (*gatos/gatas*, *cachorros/cachorras* e *lobos/lobas*). Percebe que, morfologicamente, ou seja, do ponto de vista da forma, tais palavras variam? Então elas têm uma semelhança, certo? Por isso são enquadradas em um **grupo**, em uma **classe**. Nesse caso, os **substantivos**!

Sendo assim, de maneira didática, podemos dizer que a **morfologia** trata da **estrutura das palavras**, do **processo de formação das palavras** e das **classes de palavras**.

Muitos têm dificuldade em diferenciar **análise morfológica** de **análise sintática**. São dois conceitos bem diferentes. Se você tem dificuldade, é a hora de fazer a diferença aí na sua cabeça! Quando o enunciado é construído com as seguintes expressões: "analise morfologicamente", "quanto à morfologia", "do ponto de vista morfológico", o que ele deseja é que você analise a palavra gramaticalmente, ou seja, aponte a **classe gramatical** (ou **classes de palavras**). Exemplo:

1) Caramba! 2) Os 3) meus 4) cinco 5) sensacionais 6) professores 7) vieram 8) do RJ 9) e palestraram 10) aqui.

1) Interjeição / 2) Artigo / 3) Pronome / 4) Numeral / 5) Adjetivo / 6) Substantivo / 7) Verbo / 8) Preposição / 9) Conjunção / 10) Advérbio

Pronto. Essa é uma análise gramatical, e não sintática.

É bom dizer que algumas classes gramaticais (**substantivo**, **adjetivo**, **artigo**, **pronome**, **numeral** e **verbo**) são precipuamente variáveis, porque mudam de forma (singular, plural, masculino, feminino etc.). Já outras (**advérbio**, **preposição**, **conjunção** e **interjeição**) são precipuamente invariáveis, porque não mudam de forma.

Quando a banca deseja que você saiba as **partes** que compõem a palavra ou como a palavra se formou, ela trabalha diretamente no enunciado assim: "Qual é a análise mórfica..." ou "Qual é o processo de formação das palavras?", ou algo bem parecido. Ok?

Obs.: Há muito mais a dizer. Só quero lembrar-lhe algo crucial: *A Gramática tem o abusado objetivo de não deixar ninguém desamparado*, por isso falo muito quando acho que devo falar, mas o maior termômetro daquilo que você realmente deve estudar são as questões da banca que irá elaborar seu concurso, por isso nada de ficar arrancando os cabelos. Aliás, a cada fim de capítulo eu friso "o que mais cai na prova"! Por conseguinte, não fique decorando tudo que nem um maluco! Beleza?

No próximo capítulo, muito será falado, mas você só vai realmente se aprofundar se tiver de fazer uma prova muito "cabeluda" ou quiser saber mais; caso contrário, siga somente aqueles passos que eu dou sobre o que você deve estudar, em "O que cai mais na prova?". Chega de papo! Vamos nessa!

Capítulo 6

Estrutura e Processo de Formação de Palavras

Definição

Como já vimos, as palavras se formam a partir de certas formas presas, a que damos o nome de afixos, radicais, desinências etc. Tais "pedaços" que compõem as palavras se unem formando mais e mais palavras. Por exemplo, "inconstitucionalissimamente". Falarei melhor sobre ela à frente.

Assim como um prédio, as palavras têm uma estrutura formada por uma "base" + outras partes que se ligam a ela. Por meio desse acúmulo de constituintes (partes), muitas palavras são formadas e modificadas. Não é por nada que existem mais de 380.000 palavras na língua portuguesa.

A parte de **Estrutura das Palavras** trata dos conceitos de **radical, prefixo, sufixo, desinência, vogal temática, vogal/consoante de ligação**.

Obs.: Este assunto é raro em prova, portanto, se já tiver certo domínio sobre ele, avance para "processo de formação de palavras", que costuma aparecer em algumas provas!

A parte de **Processo de Formação das Palavras** trata dos conceitos de **derivação, composição e outros processos**.

Vejamos como, por que e quais são as formas das palavras agora!

Morfema

Antes que você comece a se perguntar o que é **morfema**, não é nada de mais, é só mais uma palavrinha nova em seu vocabulário apreendido na leitura deste livro. O conceito é muito fácil. Fique calmo.

Morfema é a menor parte significativa que constitui uma palavra. Uma palavra pode apresentar vários morfemas (ou "pedaços"). Por exemplo, a palavra **supervalorização** tem quatro (4) partes: **super + valor + iza + ção**. A palavra que a gente viu lá atrás tem sete (7) partes: **in + constitu + cion + al + issim + a + mente**. E por aí vai!

Existem três tipos de morfema: **lexical**, **derivacional** e **flexional**. Vejamos um por um:

Morfema Lexical

O **morfema lexical** é aquele que não pode faltar nas palavras, é o morfema mais importante, é o principal! Por quê? Muito simples. Ele carrega o significado das palavras e serve de base para que outros morfemas se juntem a ele formando novas palavras. É por isso que, sem esse morfema, a palavra não existe. Raciocine comigo: se ela não tem autonomia semântica, não pode ser palavra, mas sim um mero vocábulo. Neste capítulo, deve interessar-nos a análise das **palavras**. Então, voltemos a elas.

Você já ouviu falar em **radical**? Então. O **morfema lexical** é nada mais, nada menos que o radical. "Sem radical, existe palavra?" Não! "O radical carrega o sentido básico das palavras?" Sim! "Posso formar novas palavras a partir do morfema lexical?" Só pode! É por isso que existem 10 bilhões de palavras (hipérbole!), pois inúmeras palavras se formam a partir da união de outros morfemas a este principal: o **morfema lexical**. Ficou claro?

Bem, os morfemas lexicais são indecomponíveis, ou seja, não podem ser fragmentados. Exemplo: **livreiro** (**livr-** é o morfema lexical – radical, pois posso formar outras palavras com este pedaço, como **livr**inho, **livr**aria, **livr**ete etc.). "Podemos fragmentar o radical? Separar em **li-** + **vr-**?" Claro que não, pois nenhuma palavra se forma a partir de **li-**, tampouco de **vr-**. Uma vez que tais pedaços nada representam, não têm sentido, não formam palavra alguma, não podem ser considerados morfemas.

"Agora, Pestana, que outros morfemas se unem ao morfema lexical (radical) para formar novas palavras?" Vejamos.

Morfema Derivacional

O **morfema derivacional** é aquele que se une ao morfema lexical para formar novas palavras. Se você já ouviu falar em **afixos**, ou seja, **prefixo** *e* **sufixo**, então já sabe o que é morfema derivacional.

"Ah! Entendi! Então quando dizemos que uma palavra é derivada de outra, isso significa que ela foi acrescida de morfema derivacional?" Exatamente! "Tipo assim, **livreiro** é palavra derivada de **livro** porque recebeu o sufixo **-eiro**?" Exatamente! Para ficar claríssimo: livro + **eiro** = livr**eiro**; safado + **eza** = safad**eza**; **super** + homem = **super**-homem; **a** + normal = **a**normal.

Muitas vezes ocorre mudança de classe de palavras na formação de novas palavras pelo uso de afixos (em safado > safadeza, o sufixo alterou a classe – **adjetivo** > **substantivo**). Beleza? Falou em **morfema derivacional**, falou em **afixos** (prefixo e sufixo).

Morfema Flexional

Diz-se normalmente que uma palavra se flexiona quando não há troca de radical nem acréscimo de **afixos** (prefixo e sufixo), mas sim quando há uso de **desinências**, ou seja, morfemas que indicam o gênero e o número das palavras (no caso dos nomes) e que indicam o modo, o tempo, o número e a pessoa (no caso dos verbos) sem mudar a classe gramatical das palavras. O **morfema flexional**, portanto, é a parte da palavra que carrega conceitos relativos a conhecimentos de mundo (sexo/gênero e quantidade, no caso dos nomes; modo, tempo, número e pessoa, no caso dos verbos) e sintáticos, como concordância verbal e nominal.

Obs.: Para você que acha este assunto chato e desnecessário, por já ter certo domínio sobre ele, peço que avance direto para **Processo de Formação de Palavras**. Não perca seu tempo! Para você que teve uma base muito ruim, continue a leitura. "Perca" bem o seu tempo com o que segue!

Alomorfia

Alomorfia é uma mudança, uma variação, uma alteração em algum morfema para que a palavra seja bem pronunciada. Normalmente isso ocorre nos morfemas lexicais (radicais). Um exemplo disso é o verbo **fazer**, que apresenta alomorfia no radical **faz-** (**faç**o; **fez**; **fiz**era; **fa**rei; **fei**to). Percebeu quantas alomorfias? Alguém pronunciaria: "Eu **fazo** dez flexões na barra!"? Claro que não! Ocorre **alomorfia** para que haja **eufonia – eu-** (bom) **-fonia** (relativo ao som) –, ou seja, um bom som na língua.

Só de curiosidade: Você sabia que a palavra **difícil** é derivada de **fácil**? "Mas cadê o radical, Pestana?" Eis o radical alomórfico: di**fíc**il.

Não há alomorfia só no radical, mas há também em outros morfemas. Veremos isso ao longo deste capítulo. Toda vez que eu falar de **alomorfia** a partir de agora, fique esperto!

Vocábulos Cognatos

Os **vocábulos cognatos** (ou família de palavras) são um grupo de palavras que apresentam o mesmo morfema lexical. Exemplo: **corp**o, **corp**óreo, **corp**oral, **corp**anzil, en**corp**ado, **corp**oração, **corp**ulento, in**corp**orar, **corp**orativismo, in**corp**orado, des**corp**orificado etc.

Só tome cuidado com a **alomorfia**! Por exemplo, "**amig**o, **amig**ote, **amig**ueiro, in**imig**o" são vocábulos cognatos? "Ah, Pestana, claro que não, ora; o último vocábulo não tem o mesmo morfema lexical, pô!"

Você já ouviu falar em alomorfia, variação no morfema... Cuidado! Tais palavras pertencem, sim, à mesma família de palavras, pois apresentam radical igual. O fato de haver alomorfia não impede que os vocábulos sejam cognatos.

Importante: Para que vocábulos sejam cognatos, não basta semelhança entre si, é preciso haver ligação semântica, significados afins – ou agora vamos dizer que "café, cafezal, cafeína e **cafetina**" têm o mesmo radical?!?!

"E o que é **raiz**, Pestana? É o mesmo que **radical**?" Vamos ver agora, no próximo tópico!

Radical

Antes de qualquer coisa, é bom dizer que **raiz** e **radical** são conceitos levemente diferentes. A raiz é um radical mais antigo, ou seja, a raiz é um morfema que deu origem ao radical. Quando estudamos raiz, temos de olhar para o latim, para o grego e outras línguas. Por exemplo, veja estas palavras: **amarg**o, **amarg**or, **amarg**ura, **amarg**urar, **amarg**urado, **amar**íssimo. Percebeu que a última palavra apresenta o radical **amar-**? Por quê? Muito simples. No latim, **amargo** era **amar**us. Eis, portanto, a raiz da palavra **amargo**.

Esta análise é **diacrônica** (ao longo do tempo), ou seja, olhamos para o passado para observar a origem. A ciência que estuda a origem das palavras é a **etimologia –** as gramáticas bem antigas, como a de Júlio Ribeiro, tratavam dessa parte da língua. Em tese, hoje em dia "não precisamos estudar etimologia" para acertar uma questão específica sobre o assunto. As gramáticas atuais não tratam diretamente do assunto, pois há dicionários só sobre isso. Os bons dicionários "normais" também trazem a análise etimológica da maioria das palavras. O Aulete é muito bom, o Houaiss idem.

Bem... volte a "**amarg**o, **amarg**or, **amarg**ura, **amarg**urar, **amarg**urado, **amar**íssimo". Todas elas têm o mesmo **radical** (**amarg-**), exceto a última. Isso ocorre porque o adjetivo **amargo** no grau superlativo absoluto sintético vira **amaríssimo**, ou seja, usa-se a raiz **amar-** + o sufixo **-íssimo**. "Como encontrar, então, o radical de uma palavra?" Seria bom se todos conhecessem profundamente etimologia... mas calma! Vamos entender o conceito de **radical**.

Radical é o mesmo que **morfema lexical**, é a base da palavra, é a parte responsável pela significação principal de uma palavra e pela formação de novas palavras. Sem radical não há palavra(s).

Uma boa sugestão para identificarmos o **radical** é a seguinte: tente pensar na palavra primitiva, isto é, no estado em que a palavra ainda não sofreu modificação alguma. Por exemplo: casa. Agora comece a pensar em palavras que derivam de casa: **cas**arão, **cas**eiro, **cas**ar, **cas**amento, des**cas**ado, **cas**ebre... Percebeu que elas têm a mesma base? Esse pedaço, esse "morfema" (para falar bonitinho) é o famigerado radical!

Normalmente, as palavras da língua portuguesa vêm do latim e do grego, por isso é importante conhecer alguns radicais provindos dessas "línguas-mãe".

Radicais Gregos

Conheça alguns radicais que servem de 1º e 2º elemento de uma composição. Note que alguns radicais podem sofrer alomorfias.

– 1º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
acro-	alto, elevado	acrobata, acrofobia
aero-	ar	aeronave, aeronauta
agro-	campo	agronegócio, agrônomo
andro-	homem, macho	androfobia, andrógino
anemo-	vento	anemômetro, anemógrafo
antropo-	homem, ser humano	antropologia, antropofagia
aristo-	ótimo, o melhor	aristocracia, aristodemocracia
aritmo-	número	aritmética, aritmografia
arqueo-	antigo	arqueologia, arqueografia
asteno-	fraqueza, debilidade	astenospia, astenosfera
astro-	corpo celeste	astronomia, astrodinâmica
atmo-	gás, vapor	atmosfera, atmômetro
auto-	por/de si mesmo	autobiografia, autoajuda
baro-	pressão, peso	barômetro, barítono

Forma	Sentido	Exemplos
biblio-	livro	biblioteca, bibliófilo
bio-	vida	biologia, biografia
caco-	feio, mau, desagradável	cacofonia, cacografia
cali-	belo	caligrafia, calidoscópio
cardio-	coração	cardiograma, cardiologia
cefalo-	cabeça, crânio	cefalídio, cefaleia
ciclo-	círculo, esfera	ciclismo, ciclomotor
cine-, cinemato-	movimento	cinética, cinematografia
cito-	célula	citologia, citoplasma
cosmo-	mundo, universo	cosmologia, cosmogênese
cromo-	cor	cromossomo, cromogravura
crono-	tempo	cronologia, cronograma
da(c)tilo-	dedo	dactilografia, datilografia
deca-	dez	decaedro, decâmetro
demo-	povo	democracia, demográfico
derma(to)-	pele	dermatologista, dermatite
di-	dois	dissílabo, ditongo

Forma	Sentido	Exemplos
eco-	casa, habitat	ecologia, ecossistema
ele(c)tro-	(âmbar) eletricidade	eletroímã
ene(a)-	nove	eneagonal, eneágono
ergo-	trabalho	ergofobia, ergógrafo
esperma(to)-	semente, sêmen	espermograma, espermatozoide
etio-, etimo-	origem	etiologia, etimologia
etno-	raça, nação	etnologia, etonocentrismo
filo-	amigo, amante	filologia, filosofia, filantropo
fisio-	natureza (normalmente física)	fisionomia, fisiologia
fono-	voz, som	fonologia, fonógrafo
foto-	fogo, luz	fotosfera, fotografia
gamo-	casamento, união	gamogênese, gamomania
gastro-	estômago	gastrite, gastronomia
gen(o)(ese)-	origem, início, nascimento, família	biogênese, genocídio
geo-	terra	geografia, geoide

Forma	Sentido	Exemplos
gino-, gineco-	mulher	ginecocracia, ginantropo
gono-	semente, esperma	gonorreia, gonócito
helio-	sol	heliocentrismo, heliografia
hemo-	sangue	hemorragia, hemograma
hepato-	fígado	hepatite, hepático
hepta-	sete	heptágono, heptacampeão
hetero-	outro, diferente	heterogêneo, heterossexual
hexa-	seis	hexágono, hexacampeão
hidro-	água	hidrogênio, hidrografia
higro-	umidade	higrômetro, higroscópio
hipno-	sono	hipnose, hipnotismo
hipo-	cavalo	hipopótamo, hipódromo
homeo-, homo-	semelhante	homeopatia, homossexual
icono-	imagem	iconoclasta, iconografia
ictio-	peixe	ictiologia, ictiofagia
iso-	igual	isósceles, isóbaro
laringo-	garganta, laringe	laringalgia, laríngeo

Forma	Sentido	Exemplos
lito-	pedra, rocha	litografia, litogravura
macro-	grande, longo	macróbio, macrocosmo
mani-	loucura	manicômio
mega(lo)-	muito grande, imenso	megafone, megalomaníaco (**alguns dicionaristas entendem que é um prefixo ou falso prefixo**)
melo-	canto	melodia, melomania
meso-	meio	mesóclise, Mesopotâmia
metro-	relativo à mãe; matriz, útero; medida	metrópole; metrorragia; metrologia
micro-	pequeno	micróbio, microfone
miria-	dez mil, numeroso	miríade, miriâmetro
miso-	ódio, aversão, impureza	misantropia, misofilia
mito-	fábula, história	mitologia, mitomania
mnemo-	memória, lembrança	mnemônico, mnemonização
mono-	um só	monarca, monobloco
morfo-	forma	morfologia, morfossintaxe
necro-	Morto	necrotério, necrofilia

Forma	Sentido	Exemplos
neo-	novo	neolatino, neologismo
neuro-, nevro-	nervo	neurônio, nevralgia
octo-	oito	octaedro
odonto-	dente	odontologia, odontalgia
oftalmo-	olho	oftalmologia, oftalmia
oligo-	pouco	oligarquia, oligopólio
onir(o)-	sonho	onírico, onirologia
onomato-	nome	onomatopeia, onomatomancia
ornito-	ave	ornitorrinco, ornitologia
orto-	reto, justo	ortodoxo, ortografia
oto-	ouvido	otite, otoscopia
oxi-	agudo, penetrante, ácido	oxítono, oxidação
paleo-	antigo	paleontologia, paleografia
pan-, pant(o)-	todos, tudo	pan-americano, panteísmo
pato-	doença	patologia, patogenia
penta-	cinco	pentágono, pentacampeão
piro-	fogo	pirotecnia, pirófago

Forma	Sentido	Exemplos
pneumo; (ato)-	pulmão; ar, gás, espírito	pneumonia, pneumatologia
poli-	muito, vários	poliglota, polifonia
potamo-	rio	potamografia, Mesopotâmia
proto-	primeiro	protozoário, protótipo
pseudo-	falso	pseudônimo, pseudoliterário
psico-	alma, espírito	psicologia, psiquiatria
ptero-	asa, coluna	pterodáctilo, pterossauro
quilo-	mil	quilograma, quilômetro
quiro-	mão	quiromancia, quiromante
rino-	nariz	rinoceronte, rinite
rizo-	raiz	rizotônico, rizófago
sema-, semio-	sinal, significado	semáforo, semântica, semiologia
sidero-	ferro, aço	siderurgia, siderografia
sismo-	terremoto	sísmico, sismologia
somato-	corpo, matéria	somatologia, somatizar
tanato-	morte	tanatofobia, tanatofilia
taqui-	rápido	taquicardia, taquigrafia

Forma	Sentido	Exemplos
tecno-	arte, ofício	tecnografia, tecnologia
tele-	distância	telefone, telégrafo
teo-	deus, divindade	teocentrismo, teocracia
termo-	calor, temperatura	termômetro, termostato
tetra-	quatro	tetraedro, tetracampeão
tipo-	figura, marca	tipografia, tipologia
topo-	lugar	topografia, topônimo
tri-	três	trissílabo, tricampeão
xeno-	estranho, estrangeiro	xenofobia, xenofilia
xero-	seco, sem umidade	xerografia, xeroderma
xilo-	madeira, árvore, celulose	xilogravura, xilofone
zoo-	animal	zoologia, zoomorfização

– 2º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
-agogo	que conduz	pedagogo, demagogo

Forma	Sentido	Exemplos
-algia	dor	nevralgia, mialgia
-arca	que comanda; soberano	monarca, patriarca
-arquia	comando, governo	monarquia, anarquia
-astenia	fraqueza, esgotamento	neurastenia, ergastenia
-bata	que anda, que vive em	acrobata, nefelibata
-cefalo	cabeça	microcéfalo, autocéfalo
-ciclo	círculo, roda	triciclo, bicicleta
-cosmo	mundo, universo	macrocosmo, microcosmo
-cracia	poder	democracia, burocracia
-doxo	crença, opinião	ortodoxo, paradoxo
-dromo	lugar para correr, curso, caminho	hipódromo, sambódromo
-edro	base, fase	poliedro, pentaedro
-fagia	ato de comer	antropofagia, autofagia
-fago	que come	antropófago, necrófago
-filia, -filo	amizade, apreço	bibliofilia, cinefilia, pedófilo
-fobia	inimizade, ódio, temor, aversão	claustrofobia, xenofobia
-fobo	que odeia, inimigo; que teme	xenófobo, claustrofóbico
-foro	que leva ou conduz	fósforo, sinesíforo

Forma	Sentido	Exemplos
-gamia	casamento, união	poligamia, monogamia
-gamo	casa	bígamo, polígamo
-gên(e)o	que gera; que provém de	heterogêneo, cancerígeno
-gino	relativo a mulher	exógino, andrógino
-glota; -glossa	língua	poliglota, isoglossa
-gono	ângulo	pentágono, polígono
-grafia	escrita, descrição	ortografia, caligrafia
-grafo	que escreve	calígrafo, geógrafo
-grama	escrito, peso	telegrama, quilograma
-latr(i)a	culto, veneração, vício	idolatria, chocólatra
-lito	pedra, rocha	aerólito, acrólito
-logia	discurso, estudo, coleção	arqueologia, antologia, biologia
-logo	que fala ou trata	diálogo, monólogo
-mancia	adivinhação	quiromancia, cartomancia
-mania	loucura	ninfomania, xenomania
-metria	medida	biometria, densitometria
-metro	que mede	pentâmetro, termômetro

Forma	Sentido	Exemplos
-morfo, -morfia	que tem a forma	polimorfo, zoomorfo, alomorfia
-nomia	lei, regra, divisão	astronomia, taxonomia
-nomo	que regula, que age	autônomo, agrônomo
-ônimo	nome	sinônimo, antônimo
-pedia	educação, ensino	enciclopédia, ortopedia
-peia	ato de fazer	onomatopeia, epopeia
-pólis, -pole	cidade	Petrópolis, metrópole
-ptero	asa	helicóptero, calóptero
-scopia	ato de ver	macroscopia, artroscopia
-scópio	instrumento para ver	microscópio, telescópio
-sofia, -sofo	sabedoria, sábio	logosofia, filosofia
-soma(o)	corpo, matéria	cromossomo, tripanossoma
-stico	linha	macróstico, hemistíquio
-tanásia	morte	eutanásia, cacotanásia
-teca	lugar onde se guarda, coleção	biblioteca, discoteca
-terapia	cura	fisioterapia, musicoterapia
-tipo	marca, modelo	estereótipo, logotipo
-tomia	corte, divisão	dicotomia, lobotomia

Forma	Sentido	Exemplos
-tono	tensão, tom	monótono, proparoxítono

Radicais Latinos

Conheça mais alguns radicais que servem de 1º e 2º elemento de uma composição. Note que alguns radicais podem sofrer alomorfias.

– 1º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
agri-	campo	agricultura
ambi-	ambos	ambidestro
arbori-	árvore	arborícola
bis-, bi-	duas vezes	bípede, bisavô
calori-	calor	calorífero
cruci-	cruz	crucifixo
curvi-	curvo	curvilíneo
duo-	dois	dual, duelo
equi-	igual	equilátero, equidistante
ferri-, ferro-	ferro	ferrífero, ferrovia
igni-	fogo	ignífero, ignição
loco-	lugar	locomotiva

Forma	Sentido	Exemplos
morti-	morte	mortífero
multi-	muito	multiforme
olei-, oleo-	azeite, óleo	oleígeno, oleoduto
oni-	todo	onipotente
pedi-	pé	pedilúvio
pisci-	peixe	piscicultor
pluri-	muitos, vários	pluriforme
quadri-, quadru-	quatro	quadrúpede
reti-	reto	retilíneo
semi-	metade	semimorto
tri-	três	tricolor

– 2º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
-cida	que mata	suicida, homicida
-cola	que cultiva, ou habita	vinícola, silvícola
-cultura	ato de cultivar	piscicultura, apicultura
-fazer	tornar algo em, causar	liquefazer, estupefazer

Forma	Sentido	Exemplos
-fero	que contém, ou produz	aurífero, carbonífero
-ficar	acarretar, transformar	beatificar, edificar
-fico	que faz, ou produz	benéfico, frigorífico
-forme	que tem forma de	uniforme, cuneiforme
-fugo	que foge, ou faz fugir	centrífugo, febrífugo
-gero	que contém, ou produz	belígero, armígero
-paro	que produz	ovíparo, multíparo
-pede	pé	velocípede, palmípede
-sono	que soa	uníssono, horríssono
-vomo	que expele	ignívomo, fumívomo
-voro	que come	carnívoro, herbívoro

Obs.: Todos os morfemas indicativos de número são considerados radicais para a maioria dos gramáticos, como Celso Cunha. Sobre **uni**, **bi/bis**, **tri**, muitos gramáticos (como Bechara) e dicionaristas os consideram prefixos latinos. Além disso, não há consenso quanto à origem (gregos ou latinos) de alguns morfemas numéricos. Portanto, não ache estranho se o mesmo radical estiver entre os gregos e os latinos e entre os prefixos! Na falta de consenso, busque sempre "a melhor resposta" na hora da prova. Veja uma questão sobre isso:

26. (FAB – EEAr – Sargento – 2007) A palavra que sofreu o mesmo processo de formação de **supra-sumo** é:

a) manga-rosa

b) trigêmeo
c) belas-artes
d) extra-oficial (gabarito)

Comentário: *Supra* e *extra* são prefixos, indiscutivelmente. Note que "tri" não foi considerado prefixo pela banca, mas sim radical, ficando com a visão do Celso Cunha. Marque sempre *a melhor resposta*! Detalhe: segundo a nova ortografia, "extra-oficial" não se escreve mais com hífen.

Afixos

Os **afixos** são morfemas derivacionais ligados ao radical e capazes de modificar o seu significado, formando palavras novas. Existem dois tipos: os **prefixos** e os **sufixos**.

O **prefixo** vem antes do radical para ampliar sua significação e formar nova palavra. É bom dizer também que o prefixo pode mudar de sentido e de forma (alomorfia), a depender do contexto.

Veja este exemplo: **des** + graça = **des**graça (normalmente o prefixo **des-** indica ideia contrária). Já na palavra **descair**, o prefixo **des-** indica movimento lento de cima para baixo (O Sol descaía no horizonte.). Na palavra **despedaçar**, o prefixo **des-** significa partir, quebrar, dividir; em **desinfeliz** e **desinquieto**, o **des-** indica ênfase, intensificação. Percebeu a mudança de sentido? Percebeu também que uma palavra pode ter mais de um prefixo (**des**/**in**/feliz, **des**/**in**/quieto)? Interessante, não?

Agora veja alguns casos de alomorfia do prefixo **des-**: **de**compor, **de**cair, **dis**tenso, **dis**simetria, **di**fundir, **di**fícil etc. Alguns gramáticos não encaram como alomorfia, mas prefixos diferentes. Isso, para nós, não importa no dia da prova, pois as bancas estão mais interessadas em saber se você consegue perceber o sentido de um morfema em relação a outros. Mais ainda: normalmente as provas desejam saber qual é o "processo de formação da palavra". Para que isso ocorra, precisamos ter uma boa base em cima do assunto do qual estamos tratando, ok? Continue firme!

"E o sufixo?" Bem... o **sufixo** vem depois do radical para ampliar seu sentido e formar nova palavra. Normalmente o sufixo modifica a classe gramatical da palavra primitiva – **Buda** (substantivo) > bud**ista** (adjetivo). Lembra-se da música *Zé Meningite*, do grupo de pagode *Revelação*? Então, relembre:

*Zé Meningite já teve bronqu**ite**, leptospirose,*
Cancro, sarampo, catapora,
*Varíola, caxumba e gastr**ite**.*
*Tétano e hepat**ite**, febre amarela e conjuntiv**ite**,*
*Derrame cerebral, coqueluche e celul**ite**.*
*Faring**ite**, doenças de chagas e labirint**ite**.*
(...)

O sufixo **-ite**, além de formador de palavras relativas à mineralogia (grafite, linhite, estalactite...), hoje é muito usado para indicar uma doença ou inflamação de algo, como bronqu**ite** (brônquio + **ite**; inflamação dos brônquios). Neste caso, o sufixo apenas formou nova palavra, ampliando o sentido da palavra primitiva, mas não houve mudança de classe gramatical: brônquio (substantivo) + **ite** = **bronquite** (substantivo). Ficou claro?

"Quantos prefixos e sufixos existem, Pest?" Vejamos agora.

Prefixos Gregos

Não entre na "pilha" de começar a decorar tudo. Não quero você enlouquecendo e odiando a gramática da língua portuguesa. Aos poucos, você vai se familiarizando com os prefixos gregos e latinos. Os prefixos com asteriscos (*) são bastante trabalhados em provas.

Prefixos	Sentido	Exemplos
*** a-, an-**	privação; negação	ateu, analfabeto, anestesia
ana-	repetição; separação; inversão; para cima	análise, anatomia, anáfora, anagrama
anfi-	duplicidade; ao redor; de ambos os lados	anfíbio, anfiteatro, anfibologia
*** anti-**	oposição, ação contrária	antibiótico, anti-higiênico, antitérmico, antítese, antípoda, anticristo
apo-	separação; afastamento; longe de	apogeu, apóstolo, apóstata
*** arqui-, arc(e)-**	posição superior; excesso; primazia	arquitetura, arquipélago, arcebispo, arcanjo

Prefixos	Sentido	Exemplos
cata-	movimento para baixo; a partir de; de acordo com	catálise, catálogo, cataplasma, catadupa, catapulta
dia-	através de; ao longo de	diafragma, diagrama, diálogo, diagnóstico
di-	duas vezes	dipolo, dígrafo
*** dis-**	separação; negação, oposição; intensidade; ordem, arranjo; defeito, dificuldade; falta; dois	dissidência; difícil, discordar; dissimular; distribuir; dislexia, disenteria; dissimetria; dispermo
en-, em-, e-, endo-	posição interna; direção para dentro	encéfalo, emblema, elipse, endotérmico
ex-, ec-, exo-, ecto-	movimento para fora; posição exterior	expatriado, exportar, êxodo, ecdêmico, eclipse, ectoplasma
epi-	posição superior; acima de; posterioridade	epiderme, epílogo
eu-, ev-	excelência; perfeição; verdade	euforia, evangelho
*** hemi-**	metade	hemisfério
*** hiper-**	posição superior; intensidade	hipérbole, hipertensão
*** hipo-**	posição inferior; insuficiência	hipotrofia, hipotensão, hipodérmico
meta-	posteridade; através de; mudança	metamorfose, metabolismo, metáfora, metacarpo

Prefixos	Sentido	Exemplos
* **para-**	proximidade; ao lado; oposto a	paradoxo, paralelo, paródia, parasita
peri-	em torno de	pericárdio, período, perímetro
poli-	multiplicidade; pluralidade	polinômio, poliedro
* **pro-**	posição anterior	prólogo, prognóstico
sin-, sim-	simultaneidade; reunião; resumo	sinfonia, simbiose, simpatia, sílaba

Obs.: Há uma leve diferença entre **a**moral (prefixo grego) e **i**moral (prefixo latino): a primeira palavra significa, segundo o Aulete, "carência de moral ou de senso de moralidade, seja por desconhecimento, seja por indiferença"; sobre a segunda, o mesmo dicionário diz: "que contraria as regras da moralidade; que não é decente; indecente; vergonhoso". Só de curiosidade: às vezes o prefixo **a-** é usado apenas por uma questão de eufonia, sem nada significar: *amostrar* é o mesmo que *mostrar*, por exemplo.

Prefixos Latinos

Veja agora os prefixos latinos e suas principais acepções com exemplos. Os prefixos com asteriscos (*) são bastante trabalhados em provas.

Prefixos	Sentido	Exemplos
*** ab-, abs-, a-**	exagero, afastamento; separação	abuso, abster-se, abdicar, amovível
ad-, a-	aproximação; tendência; direção	adjacente, adjunto, admirar, agregar
ambi-	duplicidade	ambivalência, ambidestro
*** ante-**	posição anterior	antebraço, anteontem, antepor
bene-, em-, bem-	bem; muito bom	benevolência, benfeitor, bem-vindo, bem-estar
*** bis-, bi-**	duas vezes	bisavô, biconvexo, bienal, bípede (**para Celso Cunha, é radical, não prefixo**)
circum(n)-	ao redor; movimento em torno	circunferência, circum-adjacente
cis-	posição aquém	cisandino, cisplatino, cisalpino
*** contra-**	oposição; ação contrária	contra-ataque, contradizer
com-, con-, co-	companhia; combinação	compartilhar, consoante, contemporâneo, coautor
***de-, des-, dis-**	movimento para baixo; afastamento; ação contrária; negação	decair, desacordo, desfazer, discordar, dissociar, decrescer

Prefixos	Sentido	Exemplos
ex-, es-, e-	movimento para fora; mudança de estado; separação	exonerar, exportar, exumar, espreguiçar, emigrar, emitir, escorrer, estender
extra-	posição exterior; superioridade	extraoficial, extraordinário, extraviar
*** in-, im-, i-, em-, em-, intra-, intro-**	posição interna; passagem para um estado; movimento para dentro; tendência; direção para um ponto	incisão, inalar, injetar, embelezar, impor, imigrar, enlatar, enterrar, embalsamar, intravenoso, intrometer, intramuscular
*** in-, im-, i-**	negação; falta	intocável, impermeável, ilegal
inter-, entre-	posição intermediária; reciprocidade	intercâmbio, internacional, entrelaçar, entreabrir
justa-	proximidade	justapor, justalinear
ob-, o-	posição em frente, oposição	ob-reptício, ocorrer, opor
per-	movimento através	percorrer, perfurar
pos-	posição posterior; ulterioridade	pós-escrito, pospor, postônico
*** pre-**	anterioridade; superioridade; intensidade	prefixo, previsão, pré-história, prefácio
pro-	posição em frente; movimento para frente; em favor de	proclamar, progresso, pronome, prosseguir

Prefixos	Sentido	Exemplos
* **re-**	repetição; intensidade; reciprocidade	realçar, rebolar, refrescar, reverter, refluir
retro-	para trás	retroativo, retroceder, retrospectivo
semi-	metade	semicírculo, semiconsoante, semianalfabeto
soto(a)-	posição inferior	soto-mestre, sota-vento
* **sub-, sob-, su(s)-, so-**	posição abaixo de; inferioridade; insuficiência	subconjunto, subcutâneo, subsolo, sobpor, soterrar, suster, supor
* **super-, sobre-, supra-, su-**	posição superior; excesso; além de	superpopulação, sobreloja, suprassumo, sobrecarga, superfície, surreal
trans-, tras-, tres-	através de; posição além de; mudança	transbordar, transcrever, traspassar, tresloucado, tresmalhar
ultra-	além de; excesso	ultrapassar, ultrassensível
vice-, vis-, vizo-	posição abaixo de; substituição	vice-reitor, visconde, vice-cônsul, vizo-rei

Seria excelente se as provas trabalhassem “sempre” a análise mórfica de uma palavra sob a visão **sincrônica**, isto é, no estágio atual da língua. “O que você está querendo dizer com isso?” Em outras palavras: normalmente as bancas pedem que se analise uma palavra com um prefixo que já se incorporou ao radical de tal maneira que ninguém mais consegue dissociar o prefixo do radical.

Por exemplo, a palavra **ignorante**. Você vê algum prefixo nela? Todos diremos que a palavra **ignorante** vem do verbo **ignorar**. Ponto final. Certo? É aí que está... Sincronicamente falando, ou seja, analisando a palavra do modo como ela é vista hoje, diríamos que a palavra **ignorar** recebeu apenas um sufixo [-(a)**nte**], formando a palavra ignor**ante**. Ela não recebeu prefixo nenhum!

O problema é que algumas bancas exigem de você o conhecimento **diacrônico** da palavra, ou seja, a história da palavra, a saber: **i-** (prefixo de negação) + **gno** (radical; de *gnôsis*, conhecimento, em grego) + -(a)**nte** (sufixo que indica ação ou estado). Ou seja, exigem de você um conhecimento que não lhe cabe saber, isto é: o-ri-gi-nal-men-te a palavra **ignorante** tinha prefixo de negação.

"Como proceder na prova?" Marque sempre a melhor opção. Exemplo: a banca pede para você marcar a palavra que tem prefixo e lhe dá estas palavras: a) etnologia, b) fonética, c) hemorragia, d) protótipo, e) ignorante. Qual você marca? Letra E, com certeza! Por quê? Porque não há sequer uma opção com prefixo, exceto a E.

Agora, "na boa", tente retirar o prefixo; a palavra vai ficar: **gnorante**. Existe esta palavra? Seria o **gnorante** aquele que <u>tem</u> conhecimento em comparação ao ***i*/gnorante**, que <u>não tem</u> conhecimento?!?! Pelo amor de Deus! Hoje em dia, ninguém deveria fazer esta análise diacrônica, ainda mais em prova de concurso.

Isso tudo serve para mostrar que <u>devemos</u> fazer a análise mórfica de acordo com os fatos linguísticos atuais: ignorante vem de ignorar; o antigo prefixo (**i-**) já não é visto como prefixo hoje em dia, pois não é possível dissociá-lo do radical, tanto que o radical é: **ignor-**, que forma ignorar, ignorável, ignorante, ignorância etc.

<u>Maaaaaaas</u>, no dia da prova, fique esperto com as pegadinhas e maldades das bancas! Observe, por exemplo, esta questão:

7. (TJ/RS – Tribunal de Justiça – Juiz Estadual – 2009) O prefixo que ocorre na palavra **desativado** também está presente em:

a) reativado
b) ativismo
c) desastrado
d) demasiado
e) desventura

Comentário: O gabarito foi a letra E, como deveria ser mesmo! Esta banca foi sensata, trabalhou com a noção de **sincronia** e não **diacronia**. Não obstante, se fizéssemos uma análise **diacrônica** (histórica) da palavra, caberia recurso. A palavra **desastrado** também apresenta (originalmente) um prefixo. Saiba mais: a palavra **desastre** vem de **astro**. Houve uma junção do prefixo "**des-**, **dis-**" (com ideia de oposição) + **astro**. Um **desastre**, então, era lá na origem uma catástrofe, um infortúnio atribuído à posição desfavorável de um planeta, segundo a astrologia. Agora, "na boa", faz sentido dizer que **desastrado** tem prefixo, hoje em dia? **Desastrado** vem de **desastre**, e ponto final. O prefixo original (des-, dis-) já está incorporado ao radical de modo que **desastr-** é agora o radical! E, "para fechar o caixão", como já dizia o gramático Sacconi, "algumas palavras entram em nossa língua já com o prefixo, é o caso de **repetir**, não existe **petir**"!

Veja agora o quadro de **correspondência entre prefixos gregos e latinos**:

Prefixos Gregos	Prefixos Latinos	Sentido	Exemplos
a, an	**des, in**	privação, negação	anarquia, desigual, inativo
anti	**contra**	oposição, ação contrária	antibiótico, contraditório
anfi	**ambi**	duplicidade, no entorno	anfiteatro, ambivalente
apo	**ab**	afastamento, separação	apogeu, abstrair
di	**bi(s)**	duplicidade	dissílabo, bicampeão
dia, meta	**trans**	movimento através	diálogo, transmitir
e(n)(m)	**i(n)(m)**	movimento para dentro	encéfalo, ingerir, irromper

Prefixos Gregos	Prefixos Latinos	Sentido	Exemplos
endo	**intra**	movimento para dentro, posição interior	endovenoso, intramuscular
e(c)(x)	**e(s)(x)**	movimento para fora, mudança de estado	êxodo, excêntrico, estender
epi, hiper	**super, supra**	posição superior, excesso	epílogo, supervisão, hipérbole, supradito
eu	**bene**	excelência, perfeição, bondade	eufemismo, benéfico
hemi	**semi**	divisão em duas partes	hemisfério, semicírculo
hipo	**sub**	posição inferior	hipodérmico, submarino
para	**ad**	proximidade, adjunção	paralelo, adjacência
peri	**circum**	em torno de	periferia, circunferência
pro	**pre, ante**	anterioridade	prólogo, preceder, anteceder
cata	**de**	movimento para baixo	catavento, derrubar
si(n)(m)	**cum**	simultaneidade, companhia	sinfonia, silogeu, cúmplice

Atualmente muitas palavras são formadas por derivação prefixal por meio de preposições (**sem**: sem-terra, sem-teto, sem-vergonha etc.) e advérbios (**quase, não**: quase contrato, quase delito, quase posse, não alinhado, não essencial, não agressão etc. – sem hífen com o **não-**, de acordo com o novo acordo ortográfico) que passaram a funcionar como prefixos.

Sufixos Greco-Latinos

Como já sabemos, o sufixo vem após o radical. Existem muitos sufixos. Não fique paranoico tentando gravar tudo. Vá aos poucos internalizando.

Existem sufixos nominais (formadores de substantivos e adjetivos), sufixos verbais (formadores de verbo) e sufixo adverbial. Pode haver mais de um sufixo na mesma palavra: lamentar + **-vel** = lamentável + **-mente** = lamenta**velmente**.

Em suma, eles podem ser: 1) aumentativos; 2) diminutivos; 3) sufixos que formam substantivos derivados de outros substantivos; 4) sufixos que formam substantivos abstratos derivados de adjetivos; 5) sufixos que formam substantivos abstratos derivados de outros substantivos e adjetivos; 6) sufixos que formam substantivos e adjetivos derivados de outros substantivos e adjetivos; 7) sufixos que formam substantivos e adjetivos derivados de verbos; 8) sufixos que formam verbos derivados de substantivos e de adjetivos; 9) sufixos que formam adjetivos derivados de substantivos; 10) sufixos que formam adjetivos derivados de verbos; 11) sufixos que indicam o superlativo dos adjetivos e 12) sufixo adverbial.

1) Aumentativos

–aço(a): barcaça, louraça, morenaço
–alho(a): muralha, gentalha, politicalho
–alhão: grandalhão, facalhão
–ama: poeirama, dinheirama
–anzil: corpanzil
–(z)ão: lobão, caldeirão, apertão, bofetão, calorão, bonzão, amarelão, azulão...
–arra: bocarra, bicarra
–astro: poetrasto, politicastro
–arraz: fatacaz, pratarraz
–ázio: copázio, balázio
–aréu: fogaréu, povaréu
–eima: guloseima, boleima
–ento: farturento, corpulento
–eirão: vozeirão, chapeirão
–ola: beiçola
–orra: cabeçorra, cachaporra
–uço(a): dentuça, dentuço

–**udo**: pançudo, maçudo
–**zarrão**: homenzarrão, canzarrão

Obs.: Vale destacar que os sufixos aumentativos não só têm valor dimensivo, mas também afetivo, expressivo, pejorativo, irônico etc., como você pôde perceber pelos exemplos. Principalmente nos registros coloquial e literário da língua, em que a estilística prevalece, tais sufixos (o **-ão**, precipuamente) podem se fixar a qualquer classe gramatical para indicar determinada ideia: "Ela tem **bundão**, **coxão** e **pernão**." / "É de **mulherão** assim que eu gosto." / "Ele é um **bundão**." / "Você é um **bobão**, chegou **cedão**." / "João tem um **carrão**". / "Eu amo você, meu **paizão**!". Falarei mais sobre isso no capítulo de substantivo.

2) Diminutivos

– **acho(a)**: riacho, fogacho
– **ebre**: casebre
– **eco(a)**: jornaleco, soneca, padreco
– **ela**: viela, rodela
– **(z)elho(a)**: fedelho, rapazelho
– **ejo**: lugarejo, vilarejo
– **ete**: artiguete, boquete, falsete
– **eto(a)**: saleta, boceta, folheto
– **ilha**: cartilha, esquadrilha
– **icho(a)**: cornicho, barbicha
– **(z)ito(a)**: Manuelito, cãozito, cabrita
– **ino(a)**: pequenina, violino
– **im**: espadim, flautim
– **(z)inho**: copinho, computadorzinho, amiguinho, beicinho, gracinha, filminho
– **isco**: asterisco, chuvisco
– **oca**: engenhoca, bitoca
– **ote(a)**: filhote, serrote, velhote
– **ola**: rapazola, fazendola, portinhola

– **usco(a)**: chamusco
– **ucho(a)**: gorducho, papelucho
Estes são **eruditos** (vindos diretamente de alguma língua, normalmente do latim):
– **ículo(a)**: cubículo, gotícula
– **ulo(a)**: glóbulo, grânulo
– **únculo(a)**: questiúncula, molécula
– **úsculo(a)**: corpúsculo, opúsculo

Obs.: Vale destacar que os sufixos diminutivos não só têm valor dimensivo, mas também afetivo, expressivo, pejorativo, irônico etc., como você pôde perceber pelos exemplos. Principalmente nos registros coloquial e literário da língua, em que a estilística prevalece, tais sufixos (o **-inho**, precipuamente) podem se fixar a qualquer classe gramatical para indicar determinada ideia: "Esta **mulherzinha** não vale nada." / "Guarde esta **lembrancinha**." / "**Amorzinho**, dá para calar a **boquinha**?" / "Que **gatinha**!" / "Olha, **agorinha** vou te atender!" / "Ela é **branquinha**, né?" / "Que **timinho** de nada!". Falarei mais sobre isso no capítulo de substantivo.

3) Sufixos que formam substantivos derivados de outros substantivos

–ada: ação ou resultado de ação enérgica, coleção, golpe, marca feita com instrumento, produto alimentar, duração, porção: freada, unhada, bolada, papelada, facada, goiabada, laranjada, noitada, temporada, invernada, colherada, pincelada...
–ado, -ato: dignidade, cargo, jurisdição, instituição, corporação, classe: papado, almirantado, doutorado, bispado, califado, proletariado, baronato, cardinalato, condado...
–agem: ação ou resultado de ação, coleção: voragem, imagem, vadiagem, aprendizagem, folhagem, plumagem...
–al: coleção, quantidade, cultura de vegetais: areal, pantanal, pombal, arrozal, bananal...
–alha: coletivo (sentido pejorativo): canalha (de cães), gentalha, parentalha...

–ama, -ame: coleção, quantidade: dinheirama, gentama, courama, mulherame, cordame...

–ana: se junta ao nome de uma pessoa notável para indicar uma coleção dos seus pensamentos ou ditos, ou de várias edições das suas obras: A Biblioteca Nacional tem uma valiosa Camoniana; feminino de alguns nomes: sultana (de sultão), Sebastiana (de Sebastião), Juliana (de Julião), Adriana (de Adrião), Romana (de Romão), Joana (de João).

–aria, -eria: atividade, estabelecimento comercial, ramo de negócio, coleção, ação própria de certos indivíduos: cavalaria, chapelaria, livraria, pedraria, bruxaria, infantaria, patifaria, gritaria, leiteria, infantaria, sorveteria...

–ário, -eiro(a): profissão, ofício, ocupação, lugar onde se guardam coisas, coleção, relação, árvore, arbusto, intensidade, objeto de uso: operário, bancário, vestiário, rimário, anedotário, calcário, barbeiro, copeira, açucareiro, tinteiro, formigueiro, viveiro, abacateiro, laranjeira, coleira, pulseira...

–edo: plantação, lugar onde crescem vegetais, noção coletiva, objeto de grande vulto: arvoredo, vinhedo, passaredo, penedo, rochedo...

–ia: dignidade, profissão, cargo, lugar, afecção, moléstia, coleção: chefia, advocacia, coletoria, delegacia, oftalmia, miopia, confraria, diretoria...

–ite: designativo de doença inflamatória do órgão, tecido etc. a que se refere o radical: apendicite, artrite, amigdalite, bronquite, otite, gastrite...

–ugem: semelhança, porção, quantidade: rabugem, ferrugem, babugem, lanugem, pelugem...

–ume: coleção, ação ou resultado da ação, condição: cardume, negrume, azedume, curtume, queixume...

4) Sufixos que formam substantivos abstratos derivados de adjetivos (podem indicar ação, estado, qualidade, condição, sentimento, capacidade, conjunto, período)

–dade: bondade, criatividade, ruindade, normalidade, orfandade, lealdade, humanidade, mensalidade...

–(i)dão: gratidão, pretidão, mansidão, lassidão, solidão, retidão...

–ez: insensatez, surdez, mudez, altivez, honradez, mesquinhez,

–eza: beleza, avareza, riqueza, safadeza, tristeza, magreza...

–ia: alegria, euforia, acefalia, bulimia, burguesia, chefia, astronomia, procuradoria, anomalia...
–ice: doidice, meninice, velhice, tolice, babaquice, mineirice... Tal sufixo passa uma ideia pejorativa.
–ície: calvície, imundície...
–or: dulçor, negror, alvor, amargor...
–(i)tude: altitude, lassitude, juventude, magnitude...
–ura: alvura, doçura, negrura, formosura, ternura, brancura...

5) Sufixo que forma substantivos abstratos derivados de outros substantivos e adjetivos

–ismo: formador de nomes de doutrinas, princípios, teorias e sistemas filosóficos, religiosos, artísticos, científicos, econômicos e políticos ou de governo: animismo, existencialismo, instrumentalismo, materialismo, platonismo, pragmatismo, anabatismo, ateísmo, druidismo, espiritualismo, estruturalismo, classicismo, acidentalismo, humoralismo, capitalismo, comunismo, liberalismo, mercantilismo, neoliberalismo, absolutismo, anarquismo, fascismo, maquiavelismo, revisionismo, socialismo, cubismo, expressionismo, fovismo, futurismo, impressionismo, modernismo, romantismo, simbolismo, surrealismo, budismo, catolicismo, espiritismo, islamismo, judaísmo, metodismo, umbandismo, autoritarismo, descentralismo, feudalismo, parlamentarismo, pluripartidarismo, presidencialismo, castrismo, chaguismo, fidelismo, franquismo, getulismo, lacerdismo, salazarismo. Outras noções: "caráter ou qualidade de um povo, ou as características ou costumes que lhes são próprios"; "o sentimento de amor desse povo à sua pátria ou região (cidade, estado etc.)"; " o conjunto dos indivíduos dessa nação, região, cidade etc.": americanismo, baianismo, britanismo, espanholismo, mineirismo; "modo de escrever ou falar próprio de uma língua" ou "palavra, expressão ou estrutura característica de dada língua ou de uma variante/variedade linguística": açorianismo, anglicismo, angolanismo, brasileirismo, galicismo, helenismo, latinismo, lusismo, regionalismo, tupinismo; "pronúncia viciosa": lambdacismo, rotacismo; "comportamento, procedimento ou ação de": acacianismo, aristocratismo, arrivista, banditismo, carolismo, chaleirismo, companheirismo, fanatismo, heroísmo, inconformismo, machismo, mau-caratismo, radicalismo, vandalismo, vedetismo; "comportamento, condição, opção ou preferência sexual de": bissexualismo, homossexualismo, lesbianismo; "dada ação ou

comportamento que constitui proteção (ou favoritismo)": aciolismo, afilhadismo, clientelismo, favoritismo, nepotismo, paternalismo, coronelismo; "ato ou prática de": terrorismo; "esporte, prática ou modalidade esportiva": aeromodelismo, atletismo, ciclismo, iatismo, pugilismo, skatismo; "doença, quadro ou estado mórbidos ou condição patológica": acefalismo, atimismo, favismo, linfatismo, menierismo, parkinsonismo, raquitismo, reumatismo, sonambulismo; "vício ou estado patológico derivante de vício ou intoxicação (ou envenenamento)": absintismo, alcoolismo, barbiturismo, ergotismo, iodismo, morfinismo, plumbismo, tabagismo; "qualidade, estado, característica ou condição de": analfabetismo, automatismo, barbarismo, celibatarismo, irrealismo, laicismo, mutismo; "propriedade": acromatismo, actinismo, antiferromagnetismo, aplanetismo, autotrofismo, ferromagnetismo; "sentimento ou estado de espírito de (indivíduo com dada qualidade)": ceticismo, indiferentismo, macambuzismo, nervosismo, saudosismo; "amor (exacerbado ou não) ou devoção a": chauvinismo, humanitarismo, narcisismo, patriotismo, tradicionalismo. (Fonte: Aulete)

6) Sufixo que forma substantivos e adjetivos derivados de outros substantivos e adjetivos

–ista: partidário ou simpatizante de doutrina, escola, seita, teoria ou princípio artístico, filosófico, político ou religioso; ocupação, ofício; nomes gentílicos**:** realista, positivista, anarquista, socialista, fascista, budista, batista, moralista, criticista, violinista, tenista, maquinista, dentista, artista, sulista, paulista, nortista, santista, calculista...

7) Sufixos que formam substantivos e adjetivos derivados de verbos

–ança, -ância, -ença, -ência: ação ou resultado da ação, estado: esperança, lembrança, matança, ocorrência, dolência, violência, vingança, ignorância, observância, tolerância, descrença, diferença, presença, ausência, anuência...

–nte: agente: despachante, estudante, navegante, combatente, ouvinte, pedinte, cadeirante (exceção)...

–ão, -ção, -são: ação ou resultado da ação: arranhão, puxão, traição, nomeação, extensão, agressão, visão, prisão...

–or(a), -eira: ofício, profissão, agente, instrumento de ação: armador, trabalhador, regador, espectador, inspetor, leitor, produtor, interruptor, professor, confessor, agressor, ascensor, espectadora, trabalhadora, arrumadeira, passadeira...
–douro, -tório: ação, lugar da ação, instrumento da ação: bebedouro, suadouro, lavatório, laboratório, vomitório, dormitório...
–(d)ura, -(t)ura, -(s)ura: ação, instrumento de ação, resultado de ação: semeadura, ligadura, atadura, tintura, criatura, clausura, mensura, manufatura...
–mento: ação ou resultado da ação: acolhimento, juramento, ferimento, sentimento, sortimento...

8) Sufixos que formam verbos derivados de substantivos e de adjetivos

–ear, -ejar: transformação, repetição, mudança de estado: cabecear, balancear, verdear, folhear, gotejar, verdejar, velejar, pestanejar...
–açar: frequência, ação: envidraçar,
esvoaçar, espicaçar...
–ecer, -escer: transformação, mudança de estado: amanhecer, amarelecer, envelhecer, anoitecer, rejuvenescer, florescer...
–entar: qualidade, estado: apoquentar, amolentar, amamentar, afugentar, aformosentar...
–icar, -iscar: diminutivo, repetição: bebericar, adocicar, mordiscar, chuviscar, lambiscar...
–ilhar, -inhar: diminutivo, repetição: dedilhar, fervilhar, escrevinhar, cuspinhar...
–itar, -izar: diminutivo, repetição, causar mudança de estado: dormitar, saltitar, civilizar, utilizar, organizar, vulgarizar...

Obs.: Muitos gramáticos e dicionaristas entendem que a terminação **-ar** de um verbo advindo de uma palavra primitiva é um sufixo verbal: **forma + ar > form<u>ar</u>, pele/pelo + ar > pel<u>ar</u>.**

9) Sufixos que formam adjetivos derivados de substantivos

–aco: estado íntimo, natureza, origem: demoníaco, maníaco, austríaco, cardíaco...

–ado: provido de, quem tem caráter ou forma de: barbado, ciliado, desastrado, avermelhado, amarelado, acebolado...
–aico: referência, pertinência: judaico, prosaico, galaico, hebraico, arcaico...
–al, -ar: referência, típico de: genial, conjugal, papal, imortal, constitucional, escolar, familiar...
–ão, -ano: providência, origem, característica, ofício, profissão, relativo a, partidário de, adepto de: alemão, pagão, coimbrão, aldeão, romano, sergipano, darwiniano, byroniano...
–ário, -eiro: relação, posse, ofício, profissão, agente, instrumento de ação, lugar, árvore, intensificação, objeto, noção coletiva, origem: banqueiro, galinheiro, laranjeira, nevoeiro, cinzeiro, formigueiro, partidário, sectário, diário, fracionário, caseiro, mineiro, rueiro, festeiro, noveleiro, fofoqueiro... em alguns casos o sufixo **-eiro** passa uma ideia pejorativa.
–engo: relação, pertinência, posse: avoengo, molengo, mulherengo...
–enho: semelhança, procedência, origem: ferrenho, portenho, panamenho...
–eno: referência, origem: terreno, chileno, nazareno...
–ense, -ês: relação, procedência, origem: piauiense, maranhense, palmeirense, parisiense, fluminense, português, francês, chinês, pedrês, japonês...
–âneo: relativo a, em lugar, em tempo, em condição semelhante a: cutâneo, contemporâneo, litorâneo, instantâneo...
–ento, -(l)ento: provido ou cheio de, que tem o caráter de: barrento, virulento, poeirento, barulhento, ciumento, avarento, purulento, corpulento, peçonhento, melento, grudento... em alguns casos, o sufixo -ento para uma ideia pejorativa
–eo: relação, semelhança, matéria: róseo, férreo, argênteo, plúmbeo...
–esco, -isco: relação com, referência, qualidade: grotesco, quixotesco, parentesco, gigantesco, dantesco, mourisco, flandrisco...
–ético: relativo, próprio de, que sofre de: frenético, morfético, aidético...
–este, -estre: relação com: agreste, celeste, silvestre, terrestre, pedestre...
–eu: relação, origem, procedência, constituição: jubileu, europeu, judeu, hebreu, saduceu...
–ício: relação, referência: natalício, patrício, alimentício...
–ico: participação, referência, relação, procedência: quimérico, geométrico, melancólico, bíblico, aromático, rústico, asiático, problemático, britânico, ibérico...
–il: referência, relação: senhoril, febril, mulheril, servil...

–ino: semelhança, relação, origem, natureza: diamantino, cristalino, marroquino, londrino, albino...
–ita: origem, pertinência; mineralogia: israelita, jesuíta, saudita, iemenita; bauxita, azurita...
–onho: que causa ou produz, que pratica: medonho, enfadonho, risonho, tristonho...
–oso: provido ou cheio de; que provoca ou produz: medroso, saudoso, venenoso, apetitoso, assombroso, clamoroso, vergonhoso...
–udo: provido ou cheio de: carnudo, barbudo, peludo, pontudo, bicudo, narigudo...

10) Sufixos que formam adjetivos derivados de verbos

–nte: ação, qualidade, estado: amante, despachante, semelhante, tolerante, resistente, poente, crescente, ouvinte, constituinte, seguinte...
–(á)vel, -(í)vel: digno de, passível de praticar ou sofrer uma ação: durável, amável, palpável, louvável, desejável, perecível, punível, sensível, removível...
–io, -iço, -ício, -ivo: referência, modo de ser, tendência, aproximação: lavradio, erradio, escorregadiço, fugidio, escorregadiço, achadiço, movediço, acomodatício, prestativo, pensativo, lucrativo, fugitivo, afirmativo, negativo...
–doiro, -douro, -tório: pertinência, ação: casadoiro, vindoiro, vindouro, duradouro, morredouro, emigratório, satisfatório, expiatório, preparatório...

11) Sufixos que indicam o superlativo dos adjetivos

–íssimo: este sufixo tem grande vitalidade na língua: **lindo** + **íssimo** = **lindíssimo**; **inteligente** + **íssimo** = **inteligentíssimo**.

Obs.: Muitas vezes o adjetivo reassume a forma latina com o acréscimo deste sufixo. Os adjetivos terminados em **-vel**, por exemplo: **notável** (**notabilis**) + **íssimo** = nota**bilíssimo**; os terminados em **-z**: **feliz** (**felicis**) + **íssimo** = feli**císsimo**; os terminados em **-m**: **bom** (**bônus**) + **íssimo** = bo**níssimo**; os terminados em **-ão**: **pagão** (**paganus**) + **íssimo** = pag**aníssimo**. Quando o adjetivo em sua forma normal termina em **-io**, o sufixo **-íssimo** só elimina a última vogal; exemplo: **sério** + **íssimo** =

seri**íssimo**. Conheça outros adjetivos acompanhados deste sufixo no capítulo de adjetivos.

–(l)imo: **fácil** + **imo** = **facílimo**; **ágil** + **imo** = **agílimo**; também o sufixo é colocado junto a formas eruditas: **humilde** (**humilis**) + **imo** = **humílimo**.

Obs.: Vale a pena dizer que o sufixo mais usado no português é **-íssimo**, portanto podemos colocar tal sufixo ligado a quase todas as palavras; exemplo: agilíssimo, humildíssimo, negríssimo, magríssimo etc. Muitos gramáticos (Bechara, por exemplo) corroboram estas formas vernáculas.

–(r)imo: este sufixo se liga a formas latinas (= eruditas): **negro** (**niger**) + **(r)imo** = **nigérrimo**; **pobre (pauper)** + **(r)imo** = **paupérrimo**; **magro (macer)** + **(r)imo** = **macérrimo** (a forma **magérrimo** já encontra registro no VOLP, mas a maioria considera **brasileirismo**).

12) Sufixo adverbial (só há um): -mente

Por se tratar de uma forma feminina na sua origem latina, o sufixo **-mente** se junta a adjetivos femininos, a adjetivos uniformes e numerais femininos.

Adjetivos femininos: **bela** + **mente** = ***belamente***; **relaxada + mente** = **relaxadamente**

Adjetivos uniformes (apresentam apenas uma forma para o masculino e para o feminino): **suave + mente** = **suavemente**; **fiel + mente** = **fielmente**

Numerais femininos: **primeira + mente** = **primeiramente**; **segunda + mente** = **segundamente**

Obs.: Cegalla, Celso Cunha, Lindley Cintra e outros dizem que **portuguesmente** e **burguesmente** são formas corretas, pois derivam de adjetivos terminados em **-ês**. Estes últimos gramáticos adiantam ainda: "O fato tem

explicação histórica: tais adjetivos eram outrora uniformes, uniformidade que alguns deles, como pedrês e montês, ainda hoje conservam. Assim: um galo pedrês, uma galinha pedrês; um cabrito montês, uma cabra montês. A formação adverbial continua a seguir o antigo modelo."

Ufa! Fechamos sufixos!

Ah! Antes que eu me esqueça: a vogal **-o** ou **-a** (desinências) que termina os sufixos pode indicar o gênero masculino ou feminino das palavras (lindíssimo, lindíssima). Fique atento a isso! Para quem não tem ideia do que seja **desinência**, continue lendo. Será explicado agora.

Desinências

Desinências são morfemas flexionais colocados **após** os radicais. Apenas indicam, no caso dos nomes, o gênero e o número das palavras; no caso dos verbos, indicam o modo, o tempo, o número e a pessoa. Tais morfemas não formam novas palavras, mas flexionam, variam, mudam levemente a forma da mesma palavra, indicando certos aspectos. Portanto, **não confunda desinência com sufixo**!

Elas podem ser **nominais** ou **verbais**.

Nominais

As desinências **-o** (masculino) e **-a** (feminino) indicam o **gênero**: alun**o** e alun**a**, gat**o** e gat**a**, lob**o** e lob**a**, cachorr**o** e cachorr**a**, menin**o** e menin**a** etc.

Tais desinências servem para indicar o sexo do ser (pessoa ou animal). Elas não só aparecem em substantivos, mas também em adjetivos, pronomes e numerais: bonito/bonita, nosso/nossa, primeiro/primeira etc.

Obs.: Aviso logo de cara: se você não está interessado em se aprofundar, nem leia esta observação toda, leia apenas o trecho em azul. Se quiser ler tudo, prepare-se! Gramáticos importantes (Mattoso Câmara Jr., Manoel

P. Ribeiro, J. C. Azeredo, C. P. Luft, L. A. Sacconi, Evanildo Bechara, Rocha Lima etc.) entendem que não existe desinência de gênero masculino; o **-o** de ***menino*** seria, para eles, uma vogal temática. Eles argumentam que muitas palavras não terminam em **-o** e, mesmo assim, marcam o gênero masculino da palavra: mestre (mestra), elefante (elefanta), presidente (presidenta), cantor (cantora), juiz (juíza) etc. Essa análise faz sentido, pois, se não há terminação específica para indicar o gênero, por que encarar o **-o** como desinência de gênero? Ou, então, será preciso admitir que o **-e** também é desinência de gênero masculino. Trocando em miúdos, só existe a desinência de gênero feminino (**-a**). Assim como a palavra no singular não tem desinência para marcar o singular, o mesmo se dá com a palavra no masculino, isto é, sabe-se que uma palavra está no masculino porque há uma correspondência no feminino. Esta discussão é acadêmica, mas é bom ressaltar as duas visões, pois, se alguém da banca resolver trabalhar maldosamente em cima disso, muitos cairão, menos você, que agora sabe que **-o** pode ser 1) desinência de gênero masculino ou 2) vogal temática. Dependerá da visão do gramático. Além disso, nunca é demais dizer que existem palavras que fogem à "regra" da desinência: atriz, condessa, poetisa, czarina, chinesa (as terminações (sufixos, para alguns linguistas) **-riz, -essa, -isa, -ina, -esa** indicam o gênero feminino); avó (o timbre aberto indica o gênero feminino); cabra, vaca, nora, mulher (outro radical para indicar o gênero feminino; heteronímia). Como se viu, não existem só as desinências de gênero como forma de marcar o gênero da palavra e, consequentemente, o sexo, no caso de ser humano ou animal, é claro.

A desinência **-s** (plural) indica o **número** (plural): alunos e alunas, gatos e gatas etc.

Tal desinência serve para indicar a quantidade (mais de um) de seres (pessoas e não pessoas). Ela não só aparece em substantivos, mas também em adjetivos, pronomes e numerais: bonitos/bonitas, nossos/nossas, primeiros/primeiras etc.

Fique atento, pois as palavras terminadas em **-r** e **-z** e algumas terminadas em **-l**, **-n**, **-s** apresentam ***-es*** como terminação de plural: hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses etc. Alguns estudiosos até se atrevem a dizer que **-es** é desinência de número, **mas a esmagadora maioria está convencida de que apenas -s é desinência de número!** Logo, em hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses etc., o **-e** é apenas uma vogal temática. "Mas o que é uma vogal temática?" Relaxa! Você vai entender o que é no próximo tópico.

Vale dizer que muitas palavras não variam em gênero: "prato, mata, povo, bolso etc." Existe prata (feminino de prato?), mato (masculino de mata?), pova (sem comentários!), bolsa (feminino de bolso?)? Isso vale também para a variação em número: "lápis, ônibus, atlas, pires etc." Tais palavras não variam em número (Ou existem lápises, ônibuses, átlases, píreses?!).

Verbais

Existem as **desinências modo-temporais** (DMTs) e as **desinências número-pessoais** (DNPs).

As DMTs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de *certeza, fato* (modo indicativo) e *incerteza, hipótese* (modo subjuntivo), tempo *passado* (pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito), *presente* e *futuro* (do presente e do pretérito).

Como você vai ver na tabela a seguir, além de não haver DMTs em todos os tempos e modos, algumas desinências alomórficas do modo indicativo estão entre parênteses.

Tempo	**Modo Indicativo**	**Modo Subjuntivo**	**Formas Nominais**
Presente (1ª conj.)	—	e	**Infinitivo**
Presente (2ª e 3ª conj.)	—	a	r
Perfeito	—	—	

Imperfeito (1ª conj.)	va (ve)	sse	**Gerúndio**
Imperfeito (2ª e 3ª conj.)	a (e)	sse	ndo
Mais-que-perfeito	ra (re) (átono)	—	
Futuro do presente	ra (re) (tôn.)	—	**Particípio**
Futuro do pretérito	ria (rie)	—	(a/i)do*
Futuro do subjuntivo		r	
As DMTs dos verbos no modo imperativo são iguais às do subjuntivo (**e**/**a**), aparecendo na 3ª pessoa do singular, na 1ª pessoa do plural e na 3ª pessoa do plural.			

* Para muitos gramáticos, o **a** e o **i** do particípio são vogais temáticas; a desinência de particípio (**-do**) pode sofrer alomorfia, dependendo do verbo (exemplo: pôr > pos**to**; imprimir > impre**sso**).

As DNPs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de quantidade (número) e emissor (1ª pessoa), receptor (2ª pessoa), referente (3ª pessoa). Vêm após as DMTs. Não há DNPs em todos os tempos e modos. Vejamos:

Tempo	Singular	Plural
Presente indicativo	1ª p.: o / 2ª p.: s	1ª p.: mos / 2ª p.: is / 3ª p.: m
Pretérito perfeito do indicativo	1ª p.: i / 2ª p.: ste 3ª p.: u	1ª p.: mos / 2ª p.: stes / 3ª p.: ram
Futuro do presente do indicativo	1ª p.: i / 2ª p.: s	1ª p.: mos / 2ª p.: is / 3ª p.: o

Futuro do subjuntivo e Infinitivo flexionado	2ª p.: es	1ª p.: mos / 2ª p.: des / 3ª p.: em
Imperativo afirmativo	—	ª p.: mos / 2ª p.: i, de

Obs.: Os tempos que aqui não foram mencionados (pretérito imperfeito, mais-que-perfeito, futuro do pretérito, presente do subjuntivo e pretérito imperfeito do subjuntivo) seguem um modelo (paradigma) de desinências: 2ª pessoa do singular: **-s**, 1ª pessoa do plural: **-mos**, 2ª pessoa do plural: **-is** e 3ª pessoa do plural: **-m**. Um detalhe importante: alguns estudiosos chamam (adequadamente, diga-se de passagem) as DNPs do pretérito perfeito do indicativo de "cumulativas", pois elas acumulam a função de marcar não só o número e a pessoa mas também o modo e o tempo, como se fossem DMTs. Eu falei "como se fossem"!

Vogal Temática

A **vogal temática** (VT) vem imediatamente após o radical para ligá-lo à desinência de número ou aos sufixos. Com ela, a palavra passa a ter um bom som (eufonia). Veja algumas informações importantes sobre VTs (nos nomes e nos verbos):

VTs nominais

O conjunto **radical + vogal temática** recebe o nome de **tema**: beij + o = beijo (tema).

As VTs **-a**, **-e**, **-o**, quando átonas finais, como em "cas**a**, lev**e**, pov**o**", são **vogais temáticas nominais**. É a essas VTs que se liga a desinência indicadora de plural ou sufixos: povo-**s**, leve-**s**, casa-**s**; povo-**ado**, leve-**mente**, casa-**mento**.

Obs.: 1) O **-a** só será desinência de gênero se opuser masculino a feminino (garoto/garot**a**). 2) As VTs **-e** e **-o** podem aparecer como semivogal de um ditongo (pã**o**/pã**e**s). 3) Tomando o **-o** como VT, ele pode aparecer num tema simples ou depois de um sufixo: leilã**o** > leilo*eir**o***.

Os nomes terminados em consoante ou em vogal tônica são **a**temáticos, ou seja, não formam temas, pois não têm VT: cor, raiz, cajá, Pelé, tupi, cipó, baú...

Breve "*déjà vu*": "Fique atento, pois as palavras terminadas em **-r** e **-z** e algumas terminadas em **-l**, **-n**, **-s** apresentam **-es** como terminação de plural: hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses etc. Alguns estudiosos até se atrevem a dizer que **-es** é desinência de número, **mas a esmagadora maioria está convencida de que apenas -s é desinência de número!** Logo, em hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses, o **-e** é apenas uma vogal temática". Interessante é a palavra **sal**, que, no plural, tem a vogal temática nominal alomórfica (de **e** para **i**): sal > sales > saes > sa**i**s...

VTs verbais

É uma vogal que vem após o radical (**a**, **e**, **i**), formando o tema e permitindo uma boa pronúncia do verbo. Indica como vai ser o modelo (paradigma) das conjugações (1ª conjugação: **-a** / 2ª conjugação: **-e** / 3ª conjugação: **-i**).

É bom dizer que não há VT na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e em nenhuma flexão do presente do subjuntivo (em "Eu am**o.**", o **-o** é DNP; em "Espero que ele volt**e.**" ou "Espero que ele beb**a.**", o **-e** e o **-a** são DMTs). Reveja o quadro de DMTs e DNPs, por favor.

Vejamos as VTs verbais:

am**a**r: Eu am**e**i, tu am**a**ste, ele am**o**u, nós am**a**mos, vós am**a**stes, eles am**a**ram (pretérito perfeito do indicativo).

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 1ª e na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-a**.

com**e**r: Eu com**i**a, tu com**i**as, ele com**i**a, nós com**í**amos, vós com**í**eis, eles com**i**am (pretérito imperfeito do indicativo) / Eu havia com**i**do (particípio).

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia em toda a conjugação do pretérito imperfeito do indicativo e no particípio. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-e**.

part**i**r: Eu part**o**, tu part**e**s, ele part**e**, nós part**i**mos, vós part**i**s, eles part**e**m... (presente do indicativo).

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 2ª pessoa do singular e na 3ª do singular e do plural do presente do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-i**.

O verbo ***pôr*** e seus derivados são de 2ª conjugação, ou seja, vogal temática **-e**, uma vez que ***pôr*** vem do latim ***poer*** (a vogal temática aparece logo na 2ª pessoa do singular do presente do indicativo: eu ponho, tu põ**e**s, ele põ**e**...).

Letra de Ligação

Não é morfema, pois não carrega sentido algum. Alguns, como Sacconi, chamam de **interfixos**. É apenas uma **letra (vogal ou consoante) de ligação**. O objetivo é só favorecer a **eufonia** (o bom som, a boa pronúncia), ligando radicais a prefixos, radicais a radicais, radicais a sufixos (mais frequentemente): in**e**narrável,

paulada, mundividência, chaleira, cafeteira, cafezal, friorento, pezinho, sonolento, padeiro...

Normalmente, a vogal **o** liga radicais gregos e a vogal **i** liga radicais latinos: gás + **ô** + metro, sarc + **ó** + fago; carn + **í** + voro, frut + **í** + fero.

Processo de Formação de Palavras

Meu Deus, nem eu acredito que terminei de falar sobre **Estrutura das Palavras**! É cansativo, não? Não obstante, meu caro leitor (como já dizia Machadão de Assis), tudo o que você aprendeu é a base daquilo que realmente cai em prova: **Processo de Formação de Palavras.**

Se você é uma pessoa que simplesmente deseja acertar uma questão na prova, nem dando bola para todas as minúcias que apresentei até agora, então é a hora! **Afinal de contas, o que cai em prova mesmo? Processo de Formação de Palavras!**

Existem algumas maneiras para a formação de novos vocábulos na língua, logo esta parte trata justamente dos diversos modos como as palavras se formam. Os principais processos são estes (dê muito valor aos dois primeiros, hein!): **derivação, composição, onomatopeia, abreviação (redução), siglonimização, hibridismo, palavra-valise**.

Antes de "chegarmos às vias de fato", entenda alguns conceitos básicos:

– Palavra **primitiva** é aquela que não resulta de outra na língua portuguesa, isto é, que não sofreu processo de derivação: cadáver*, flor, pedra, casa, verde, sol etc.

* Segundo o sensacional professor Cláudio Moreno, "**cadáver** vem do latim *cadere* ("tombar, cair para não mais levantar"). No entanto, foi muito difundida no passado a hipótese fantástica de que seria um vocábulo formado pela primeira sílaba das palavras que formam a frase latina "***CA**ro **DA**ta **VER**mibus*" ("carne dada aos vermes"). Esquecem que só no séc. XX começaram a surgir vocábulos a partir de siglas e de iniciais, como a famigerada **Gestapo** nazista (*Geheime Staats Polizei* – "Polícia Secreta do Estado"). Ainda há aqueles que acreditam que tal expressão aparecia nos túmulos romanos, mas – Adivinha? – não se

encontrou até hoje nenhuma inscrição romana desse gênero. Doideira, não? Resumindo: *cadáver* é palavra primitiva.

– Palavra **derivada** é aquela que resulta de outra na língua portuguesa, isto é, que sofreu processo de derivação: cadavérico, florista, empedrado, descasamento, esverdeado, solar etc.
– Palavra **simples** é aquela que só tem um radical, isto é, que não sofreu processo de composição: flor, pedra, casa, verde, sol etc.
– Palavra **composta** é aquela que tem mais de um radical, isto é, que sofreu processo de composição: flor-amarela, pedra-sabão, casa-comum, verde-água, girassol, etc.

Obs.: Há ainda aquelas que são compostas, mas que um dos elementos sofreu processo de derivação: **pedreiro-livre**.

Derivação Prefixal, Sufixal, Parassintética (Circunfixação), Regressiva (Regressão) e Imprópria (Conversão)

Derivação é, como bem diz o Aulete, "um processo de multiplicação e reaproveitamento de um vocábulo **pelo acréscimo de sufixos e prefixos**". É por isso que alguns estudiosos defendem a ideia de que a derivação regressiva e a imprópria não são derivações, mas isso, apesar de eu concordar, não cai em prova, então vamos ao que interessa, ou seja, tradicionalmente há cinco tipos de derivação: **prefixal**, **sufixal**, **parassintética**, **regressiva** e **imprópria**.

Semiparafraseando o sensatíssimo professor Cláudio Moreno, na análise mórfica do processo de formação de uma palavra, podemos ter dois critérios de análise: 1) "Que processos de formação estão presentes nesta palavra desde a palavra primitiva?"; ou 2) "Qual foi o processo de formação que fez nascer esta palavra, ou seja, qual(is) foi(ram) o(s) morfema(s) colocado(s) por último?".

Para que você entenda isso melhor (prepare-se para as polêmicas), venha comigo!

Prefixal

A **derivação prefixal** se dá quando um prefixo é 1) colocado junto à palavra primitiva ou 2) colocado como último elemento de uma palavra que já havia sofrido algum processo de formação*. Veja três exemplos de cada caso, respectivamente:

– homem > **super-** + homem > **super-**homem
– duque > **arqui-** + duque > **arqui**duque
– pôr > **com-** + pôr > **com**por

– homem > hum**ano** > **super-** + humano > **super-**humano
– duque > duqu**esa** > **arqui-** + duquesa > **arqui**duquesa
– pôr > **com**por > **de-** + compor > **de**compor

***Obs.**: É justamente neste segundo caso (exemplo: super-humano, arquiduquesa etc.) que muitos gramáticos dizem haver **derivação prefixal e sufixal**, como Rocha Lima, Ulisses Infante, Sacconi etc. Eles analisam dessa maneira, pois seguem aquele primeiro critério, a saber: "que processos de formação estão presentes nesta palavra desde a palavra primitiva?". Por exemplo, a palavra **reprodução** segue este passo a passo: produzir > **re**produzir > reprodu**ção**. Sabendo que a palavra *reprodução* é o ato ou o resultado de *reproduzir*, ela vem de *reproduzir*, ok? Percebeu, então, que, para a formação dessa palavra, houve dois processos? Derivação prefixal (reproduzir) e derivação sufixal (reprodução). É por isso que se diz que a palavra sofreu **derivação prefixal** *e* **sufixal**, pois, para a formação dela, houve o acréscimo de prefixo (**re-**) e de sufixo (**-ção**), não simultaneamente. Esta é uma forma de analisar a palavra. E pode cair na prova!

Agora, se fôssemos analisar de acordo com o segundo critério, a saber: "Qual foi o processo de formação que fez nascer esta palavra, ou seja, qual(is) foi(ram) o(s) morfema(s) colocado(s) por último?", aí, meu/minha camarada, encararíamos a palavra **reprodução** como formada por derivação sufixal, uma vez que *reprodução* vem de *reproduzir*, isto é, o último elemento que entrou na palavra foi um sufixo (**-ção**): **reproduzir + ção = reprodução**. Derivação sufixal na

cabeça! Esta é também uma maneira de analisar que vem caindo em prova de concurso. Quem abona tal análise é o gramático Evanildo Bechara, quando explica "constituintes imediatos" em sua gramática.
Portanto, há duas formas de analisar a mesma palavra!!! Atenção no dia da prova!!!

Sufixal

Ocorre derivação sufixal quando um sufixo é 1) colocado junto à palavra primitiva ou 2) colocado como último elemento de uma palavra que já havia sofrido algum processo de formação. Veja três exemplos de cada caso, respectivamente:
– pincel > pincel + **-ada** > pincel**ada**
– cabeça > cabeça + **-ear** > cabec**ear**
– sutil > sutil + **-mente** > sutil**mente**

– cobrir > **des**cobrir > descobrir + **-mento** > descobri**mento**[1]
– sexo > sexu**al** > **bis**sexual > bissexual + **-ismo** > bissexual**ismo**[2]
– barco > **em**barc**ar** > embarcar + **-ção** > embarca**ção**[3]

[1] Normalmente palavras terminadas em sufixo **-mento** sofreram derivação sufixal a partir de verbos: discernir + **mento** = **discernimento**; adiar + **mento** = **adiamento**.
[2] Na palavra **bissexualismo**, note que houve acréscimo de prefixo (**-bis**) e de sufixos (**-al** e **-ismo**), não simultaneamente. Partindo do princípio do processo de formação chamado **derivação prefixal** e **sufixal**, poderíamos dizer que a palavra sofreu tal processo, ok? Logo, dependendo do gramático, há duas análises: **derivação prefixal** e **sufixal** (Sacconi, por exemplo) ou **derivação sufixal** (Bechara, por exemplo). O Celso Cunha ainda considera **bi(s)-** um radical, logo haveria uma **composição**. Bem-vindo à língua portuguesa!
[3] Na palavra **embarcar**, note que houve acréscimo de prefixo e sufixo ao mesmo tempo: **em + barco + ar = embarcar**. Este tipo de derivação é chamado derivação

parassintética (veremos a seguir com mais detalhes). Só depois o sufixo foi colocado em *embarcar* para formar a palavra **embarcação**: **embarcar** + **ção** = **embarcação**. Derivação sufixal na cabeça!

Portanto, fique atento(a) às maneiras como se pode analisar uma palavra e como as bancas trabalham isso!

Parassintética (Circunfixação)

A **derivação parassintética** ocorre quando há acréscimo simultâneo de prefixo e de sufixo a uma palavra primitiva (substantivo ou adjetivo). Como diz Margarida Basílio (no excelente texto *Teoria Lexical*), "nem todas as palavras que apresentam prefixo e sufixo em sua formação devem ser consideradas como de formação parassintética".

Normalmente a parassíntese forma **verbos** (1). Há, entretanto, alguns nomes **adjetivos** (2) formados por derivação parassintética. Veja:

1) **envelhecer** (en + velho + ecer), **aterrar** (a + terra + ar), **abençoar** (a + bênção + ar), **amanhecer** (a + manhã + ecer), **apedrejar** (a + pedra + ejar), **esfoliar** (es + fólio + ar), **embarcar** (em + barco + ar), **emagrecer** (e + magro + ecer), **amamentar** (a + mama + entar), **desterrar** (des + terra + ar), **emudecer** (e + mudo + ecer), **apadrinhar** (a + padrinho + ar) etc.
2) **desalmado** (des + alma + ado), **desbocado** (des + boca + ado), **desbundado** (des + bunda + ado), **subterrâneo** (sub + terra + âneo), **conterrâneo** (con + terra + âneo), **ensonado** (em + sono + ado), **descampado** (des + campo + ado), **envernizado** (em + verniz + ado), **acebolado** (a + cebola + ado), **avermelhado** (a + vermelho + ado), **abatatado** (a + batata + ado) etc.

Cuidado!!!

1) Uma maneira clássica de perceber se a palavra sofreu derivação parassintética é retirar o prefixo ou o sufixo. Se alguma palavra sobrar com a retirada de um dos afixos e fizer sentido, existindo na língua portuguesa, mantendo o

sentido do radical, aí não houve derivação parassintética. Caso contrário, derivação parassintética certa! Exemplo: **enegrecer**: enegro (?) / negrecer (?); **descerebrado** (idiota, imbecil): descérebro (?) / cerebrado (?). Percebe que não é possível retirar os afixos dessas palavras, senão elas deixarão de existir? Logo, sofreram derivação parassintética.

2) Recomendo que só leia isto, se você estiver em um nível avançado. Temos de tomar muito cuidado com as palavras que sofreram derivação parassintética terminadas em **-ado**, pois este "sufixo" pode ser confundido com uma "desinência" de particípio. E, como já sabemos a esta altura do campeonato, desinência serve à flexão, não à derivação. Em outras palavras, se a palavra terminar em **-ado** e, no contexto, for um particípio, ela não sofreu derivação parassintética; não obstante, se **-ado** for um sufixo formador de adjetivo, a palavra sofreu derivação parassintética. Uma maneira fácil de perceber se a palavra é tomada como adjetivo no contexto, para que digamos que ela sofreu derivação parassintética, é perceber seu sentido (adjetivo indica estado, característica, qualidade; verbo no particípio indica ação praticada por alguém).

Analise comigo: sobre o verbo **desalmar**, o dicionário Aulete diz: "tornar desalmado; desumanizar, perverter: "A política do heroísmo **desalmou** os seus chefes". (Rui Barbosa, Ruínas de um Governo, p. 6, 175, ed. 1931). Transpondo para a voz passiva tal frase de Rui Barbosa teríamos: "Os seus chefes foram **desalmados** pela política do heroísmo". Percebe que **desalmados** é um verbo no particípio? Portanto não há derivação na palavra, mas sim flexão, pois ela recebeu uma desinência de particípio (**desalmar + ado**). Se a palavra está no particípio, então **-ado** é uma desinência, e não um sufixo! Particípio é flexão do verbo, não derivação. Então, quando **desalmado** será palavra formada por derivação parassintética?

Desalmado só é formado por derivação parassintética como **adjetivo**: "Você é um homem muito **desalmado**!" Pronto. Agora desalmado (des + alma + ado) é um adjetivo. E **-ado** é um sufixo formador de adjetivo, e a palavra sofreu **derivação parassintética** (desalmado é aquele que não tem alma, figurativamente falando (sem compaixão, sem empatia)). Exceto em linguagem bem erudita, como a de Rui Barbosa, tal palavra é usada normalmente como um adjetivo.

Sendo assim, os gramáticos dizem que ela sofreu derivação parassintética. Ponto.

3) Sacconi diz que a palavra **submarino** sofreu derivação parassintética. Entretanto, tal análise é passível de discussão séria, pois submarino vem de marino (palavra existente na língua), portanto, houve derivação prefixal. "Mas, Pestana, e se cair uma questão sobre derivação parassintética com a palavra submarino, o que eu faço?" Você analisa todas as opções e marca *a* **melhor resposta**. Afinal, se uma banca tem respaldo gramatical para não anular uma questão, não será pelos seus belos olhos que ela irá fazê-lo. E eu vou dizer mais (pasmem!)... já caiu uma questão sobre isso (que não foi anulada): FEC – LOTERJ/RJ – OPERADOR LOTÉRICO – 2010 – QUESTÃO 5. Por isso, prefiro ser detalhista a deixar meus "clientes" na mão.

4) Outra informação pertinente é que palavras terminadas em **-mento** são erradamente analisadas como parassintéticas por alguns professores (eu, inclusive, em início de carreira) e por algumas bancas de concurso. Nenhuma palavra da língua portuguesa terminada em **-mento** pode ser encarada como parassintética, pois esse sufixo é formador de substantivos a partir de verbos, logo: **alinhar + mento = alinhamento; desmatar + mento = desmatamento**. Erradamente, porém, por duas vezes, a banca da EEAr (Escola de Especialistas de Aeronáutica – CFS (1/2005 – turma B) e CFC (2009), respectivamente) validou estas questões:

12. Assinale a alternativa em que está corretamente indicado o processo de formação da palavra destacada.

a) O desmatamento das nossas florestas tem sido constante. (derivação parassintética)

13) Assinale a alternativa que indica correta e respectivamente os processos de derivação na formação das palavras em destaque:

*O **desmatamento** contribui **consideravelmente** para o aquecimento **global**. A **queima** de árvores lança carbono na atmosfera, e esse é o principal fator responsável pelas mudanças no clima da Terra.*

b) parassintética, sufixal, sufixal, regressiva

Na época, eu me lembro de que muitos entraram com recurso para anular a questão 12, mas ela não foi anulada. Incrível, não?

Confira o gabarito oficial comentado (e equivocado!) pela própria banca:
http://dc122.4shared.com/doc/YiMBtRsP/preview.html
http://www.cpab.com.br/CFC_2009prov.pdf
Não só bancas militares fazem bobagem, veja esta (famosinha, inclusive!):

Consulplan – Assistente Administrativo – 2011

– Assinale a opção na qual o vocábulo tem o mesmo processo de formação da palavra "endurecimento".

a) Descarregar.
b) Dentista.
c) Pescaria.
d) Desalmado.
e) Jogador.

Adivinha qual foi o gabarito (para variar, não anulado)? Letra D. Sem comentários! "Desalmado" realmente sofreu derivação parassintética, mas "endurecimento"? Fala sério! "Endurecer" sofreu derivação parassintética (*en* + *duro* + *ecer*), mas *endurecimento* não, pois vem de *endurecer* + *mento* = *endurecimento*! Derivação sufixal desde criancinha. Por que algumas bancas fazem isso com a gente?

Por outro lado, ainda bem que há bancas sensatas e conformes às regras gramaticais, como estas:

05. (FADESP – Pref. Pau D'Arco/PA – Agente Técnico Administrativo – 2009) No que respeita à formação das palavras, não é correto afirmar que:

d) "desmatamento" resulta de derivação parassintética. (gabarito)

15. (FEC – Pref. de São Mateus/ES – Biólogo – 2007) No trecho: "(...) para não quebrar o encantamento." (11º §), a palavra em negrito foi formada pelo seguinte processo:

c) derivação sufixal (gabarito)

5) (IPDEP – Pref. Duque de Caxias/RJ – Auxiliar de Enfermagem – 2007) Considerando os processos de formação de palavras, todos os itens estão corretos, EXCETO:

a) desaquecimento – derivação parassintética; (gabarito)

Palmas para essas bancas, por favor! \o/\o/\o/\o/\o/

5) Por favor, não confunda **derivação prefixal e sufixal** com **derivação parassintética**!

Exemplos clássicos de palavras formadas por derivação prefixal e sufixal: infelizmente, deslealdade, desvalorização, descortesia, inutilizar, analfabetização etc. Nessas palavras, não se sabe qual elemento entrou por último, mas se sabe que

os afixos **NÃO entraram simultaneamente**, logo não sofreram derivação parassintética.
Para fechar, veja a análise de **reflorestamento**: floresta > floresta**r** > **re**florestar > reflorestar + **mento** > reflorestamento (derivação sufixal para alguns gramáticos e, para outros, derivação prefixal e sufixal); outra análise possível para a mesma palavra: floresta > floresta**r** > floresta**mento** > **re-** + florestamento > reflorestamento (derivação prefixal para alguns gramáticos e, para outros, derivação prefixal e sufixal). Cuidado na hora da prova! E boa sorte!

Regressiva (Regressão)

Ocorre **derivação regressiva** quando um verbo que indica ação serve de base para a formação de um substantivo abstrato que igualmente indica ação ou resultado de uma ação – tal substantivo é chamado de **deverbal**, pois é derivado de verbo. A ideia de regressão (diminuição do vocábulo do ponto de vista estrutural e fonético) ocorre porque o verbo perde sempre sua terminação (vogal temática + desinência de infinitivo: **-ar, -er, -ir**) dando lugar à vogal temática nominal (**-a, -e, -o**). Veja alguns exemplos:

Verbo (ação)	Substantivo (abstrato)
Atrasar	Atraso
Demorar	Demora
Tossir	Tosse
Engasgar	Engasgo
Mergulhar	Mergulho
Escolher	Escolha
Embarcar	Embarque

Dançar	Dança
Pescar	Pesca
Resgatar	Resgate
Combater	Combate
Gargarejar	Gargarejo
Desmontar	Desmonte
Fugir	Fuga

Percebe que nesse tipo de derivação há decréscimo de elementos? Reitero: o verbo perde sempre sua terminação (vogal temática + desinência de infinitivo) dando lugar à vogal temática nominal. Não é por nada que o nome desse processo se chama **regressão**, isto é, há perda de elementos verbais para a formação de **nomes substantivos**. Falando nisso (e indo além), o gramático, doutor pela UFRJ e professor da UERJ, José Carlos de Azeredo diz que "de alguns verbos originam-se **adjetivos** derivados regressivamente: expresso (de expressar), isento (de isentar), eleito (de eleger), corrupto (de corromper), correto (de corrigir), submerso (de submergir)", etc.

Algumas palavras que sofreram regressão podem ser masculinas ou femininas, sendo uma forma mais usual que outra hoje em dia:

Verbo (ação)	**Substantivo (abstrato)**
Pagar	Pago/Paga
Custar	Custo/Custa
Trocar	Troco/Troca
Ameaçar	Ameaço/Ameaça

Gritar	Grito/Grita

Numa linguagem mais informal, pode ocorrer derivação regressiva também:

Verbo (ação)	**Substantivo (abstrato)**
Amassar	Amasso
Agitar	Agito
Ferver	Fervo
Sufocar	Sufoco
Apertar	Aperto
Transar	Transa

Tome cuidado para não cair na "pegadinha" de palavras que parecem ter sofrido regressão. Substantivo concreto (indicando objeto ou substância) não é formado de verbo. Neste caso, o processo é contrário. Os verbos são formados de substantivos por sufixação, por meio do sufixo verbal **-ar**:

Substantivo (*não* abstrato)	**Verbo (ação)**
Azeite	Azeitar
Telefone	Telefonar
Âncora	Ancorar
Martelo	Martelar
Arquivo	Arquivar

Alguns gramáticos, como Rocha Lima, Ismael de Lima Coutinho e Sacconi, falam sobre **regressão nominal** (**sarampo** deriva de **sarampão**, **boteco** de **botequim** etc.). Atualmente, porém, os linguistas e gramáticos (Manoel Pinto Ribeiro, Olmar Guterres da Silveira, Ulisses Infante, José Carlos de Azeredo e outros) encaixam as palavras abaixo entre as que sofreram **abreviação vocabular**, pois, na derivação regressiva, há necessariamente mudança de classe gramatical, o que não ocorre na abreviação, enfim... polêmicas... Veja algumas:

Maracanã	**Maraca**
Cerveja	**Cerva**
Japonês	**Japa**
Português	**Portuga**
Delegado	**Delega**
Militar	**Milico**

Reitero: as palavras em negrito são atualmente analisadas como **abreviadas** (***abreviação***), não regressivas. É importante saber as diferentes visões dos gramáticos, pois a gente nunca sabe o que uma banca pode "aprontar". Falarei mais sobre **abreviação** à frente.

Imprópria (Conversão)

A **derivação imprópria** se dá pela mudança (daí **conversão**) de classificação morfológica de uma palavra, a depender do contexto. A palavra não muda absolutamente nada na forma; o que muda é sua classificação morfológica e seu sentido. É por isso que ela é chamada de **imprópria**, ou seja, ela não é propriamente uma derivação, pois não se usam morfemas (afixos) para mudar a forma da palavra.

Veja alguns exemplos de como isso ocorre:

Substantivação

A derivação imprópria se forma com muita vitalidade por meio da substantivação. Qualquer morfema, palavra, expressão ou frase pode se tornar um substantivo desde que esteja acompanhada de algum determinante (artigo, pronome, numeral, adjetivo, locução adjetiva) ou tenha valor substantivo (designador) no contexto:

– *Você tem aracno**fobia**? (radical) / Eu tenho muitas **fobias**. (substantivo)*
– *Sou muito **pró**-ativo. (prefixo) / Esta questão só tem um **pró**. (substantivo)*
– *Aquela blusa é **preta**? (adjetivo) / **Preta**, você me ama? (substantivo)*
– ***A** casa foi comprada ontem. (artigo) / Esse **a** da frase anterior é um artigo. (substantivo)*
– *Eu **me** amo, não posso mais viver sem mim. (pronome) / O **me**, o **te** e o **se** também funcionam como objetos diretos. (substantivos)*
– *Tenho **dois** filhos. (numeral) / O **dois** é um numeral cardinal. (substantivo)*
– ***Habite-se**! (verbo) / O **habite-se** foi concedido. (substantivo)*
– *Eu vou **amar** você e depois vou **partir** (verbos no infinitivo). / O **amar** e o **partir** fazem parte da vida. (substantivos)*
– *Havia **feito** uma prova dificílima. (verbo no particípio) / Mahatma Gandhi realizou um **feito** inédito na história! (substantivo)*
– ***Amanhã** te ligo. (advérbio) / Espero sempre por um **amanhã** melhor. (substantivo)*
– ***Só** ela me faz feliz. (palavra denotativa de exclusão) / O **só** pertence ao grupo de palavras denotativas. (substantivo)*
– *Precisamos fazer uma ação **contra** a violência. (preposição) / Estes **contras** que você está expondo não procedem. (substantivo)*
– *Estudo muito, **porém** não gosto, **porque** cansa. (conjunções) / Só tenho um **porém** a dizer; deixe o **porquê** para depois. (substantivo)*
– ***Ai**! Deixa de ser chato! (interjeição) / Nunca se ouviu sequer um **ai** naquela casa. (substantivos)*
– *O rapaz só abre a boca para falar: "**Fala sério**!" (frase) / É um **fala sério** para cá, um **fala sério** para lá... Que chatice! (locução substantiva)*

Outras conversões

– Substantivo se torna adjetivo: *Ele tem um jeito **moleque**.*
– Adjetivo se torna advérbio: *Esta cerveja desceu **redondo**.*
– Adjetivo se torna preposição acidental: *Todos se salvaram, **salvo** o idoso.*
– Particípio se torna adjetivo: *Vocês são muito **fingidos**.*

– Advérbio se torna preposição acidental: ***Afora*** *isso, estou de acordo com a decisão.*
– Conjunção se torna preposição acidental: *Tenho-o* ***como*** *amigo.*
– Pronome se torna preposição acidental: *Tenho* ***que*** *tomar uma decisão.*
– Substantivo, adjetivo, pronome, verbo, advérbio se tornam interjeições (obrigado pelos exemplos, Sacconi): ***Misericórdia!***, ***Bravo!***, ***Qual!***, ***Viva!***, ***Avante!***
– Substantivo abstrato para concreto: *A* ***pintura*** *da parede demorou duas horas. (abstrato) / A* ***pintura*** *da parede está descascando. (concreto)*
– Substantivo comum para próprio e vice-versa: *O* ***planalto*** *tinha quase nenhuma ondulação. (comum) / O* ***Planalto*** *está cercado de corrupção. (próprio) /* ***Judas*** *traiu a Cristo por 30 moedas de prata. (próprio) / Você é um* ***judas*** *safado! (comum)*
– Mudança de gênero/mudança de sentido: *Comemos uma* ***banana*** *a cada três horas. (feminino/fruto) / Tu não passas de um* ***banana****. (masculino/covarde)*

Composição por Justaposição e por Aglutinação

Ocorre **composição** quando uma palavra é constituída por dois ou mais radicais. Há dois tipos de composição: por **justaposição** e por **aglutinação**. Vejamos!

Por Justaposição

Neste tipo de composição, **não há perda** de elementos estruturais e fonéticos nos radicais (normalmente separados por hífen): **pontapé** (ponta + pé), **vaivém** (vai + vem), **passatempo** (passa + tempo), **paraquedas** (para + quedas), **girassol** (gira + sol), **dezoito** (dez + oito), **joão-bobo** (João + bobo), **abelha-rainha** (abelha + rainha), **caixa-d'água** (caixa + água)*, **guarda-chuva** (guarda + chuva), **maria vai com as outras** (maria + vai + outras)*, **leva e traz** (leva + traz)* etc.

***Obs.**: As preposições e conjunções não são vistas como radicais, logo ignore-as na análise. Algumas palavras compostas não mais recebem hífen segundo o novo acordo ortográfico, como já vimos no capítulo de *Acentuação*! Além disso, peço que dê uma olhada no uso do hífen com os prefixos **bem** (bem-me-quer) e **mal** (malmequer).

Por Aglutinação

Neste tipo de composição, **há perda** de elementos estruturais e fonéticos nos radicais (não são separados por hífen): **boquiaberto** (boca + aberta), **mundividência** (mundo + vidência), **alvinegro** (alvo + negro), **fidalgo** (filho de algo), **embora** (em + boa + hora), **aguardente** (agua + ardente), **petróleo** (pedra + óleo), **noroeste** (norte + oeste), **vinagre** (vinho + acre), **lobisomem** (lobo + homem), **planalto** (plano + alto), **pernilongo** (perna + longa) etc.

Obs.: Pelo amor de Deus, a palavra **cadáver** é primitiva, pri-mi-ti-va. Está claro? Esse papo de "**ca**rne **da**da aos **ver**mes" é conversa fiada.

Onomatopeia

Este processo é caracterizado por formar palavras (verbos, substantivos, interjeições) que imitam/reproduzem sons de seres animados ou inanimados: **bangue-bangue**, **zum-zum-zum**, **blá-blá-blá**, **tique-taque**, **pingue-pongue**, **bem-te-vi**, **nhenhenhém**, **nheco-nheco**, **zás-trás**, **zumbir**, **rugir**, **mugir**, **miar**, **cacarejar** etc.

Obs.: Vale dizer que alguns gramáticos chamam de **reduplicação/redobro** a repetição de parte de uma palavra ou de toda ela com finalidade expressiva, como em *Lulu, babá, ioiô, reco-reco* e outras acima.

Abreviação (Redução)

Segundo Celso Cunha, a **abreviação** ocorre devido à dinâmica da vida; o ritmo acelerado do dia a dia nos influencia a agilizar a comunicação. Na linguagem virtual... nem se fala! Toda palavra que sofre abreviação é reduzida até certo ponto, de modo que a parte restante substitui o todo, mantendo, é claro, seu sentido original. Muitas palavras abreviadas são próprias do registro coloquial; muitas vezes vêm imbuídas de afetividade, preconceito, desprezo etc. Veja algumas:

Televisão	**Tevê**
Cinematógrafo	**Cinema > Cine**
Militar	**Milico**
Português	**Portuga**
Delegado	**Delega**
Botequim	**Boteco**
Professor	**Fessor**
Fernando	**Nando**
Florianópolis	**Floripa**
São Paulo	**Sampa**
Rio de Janeiro	**Rio**
Otorrinolaringologista	**Otorrino**
Neurose	**Neura**
Futebol de salão	**Futsal**
Analfabeto	**Analfa**
Comunista	**Comuna**
Pneumático	**Pneu**
Pornográfico	**Pornô**
Fotografia	**Foto**
Poliomielite	**Pólio**

Telefone	**Fone**
Metropolitano	**Metrô**
Vice-presidente	**Vice**
Ex-namorada	**Ex**
Flamengo	**Mengo**
Microcomputador	**Micro**
José	**Zé**
Pestana	**Pest**

Nunca é demais dizer que, de uma palavra abreviada, pode haver outro processo. Exemplo: *Zezinho* (*José* > *Zé* + *inho* > *Zezinho*). Percebeu que ocorreu abreviação e depois derivação sufixal? Resumindo: uma palavra pode sofrer mais de um processo de formação.

Observe a palavra que caiu na questão 8 da prova da UFRJ de 2008: **ex-cineclubista**. Gabarito oficial: "o vocábulo **ex-cineclubista** resulta da aplicação de quatro processos de formação de palavras: redução/abreviação vocabular (cine ← cinema), composição (cine + clube), derivação sufixal (cineclube + ista) e derivação prefixal (ex + cineclubista)". Interessante, não?

Siglonimização

Siglonimizar significa transformar uma expressão em sigla, isto é, valer-se das partes iniciais das palavras de uma expressão a fim de formar uma sigla: **MAM** (Museu de Arte Moderna), **ONU** (Organização das Nações Unidas), **UFRJ** (Universidade Federal do Rio de Janeiro), **PIB** (Produto Interno Bruto), **PT** (Partido dos Trabalhadores), **EsPCEx** (Escola Preparatória de Cadetes do Exército), **FCC** (Fundação Carlos Chagas), **ESAF** ou **Esaf** (Escola de Administração Fazendária), **CESPE** ou **Cespe** (Centro de Seleção e de Promoção de Eventos), **PETROBRAS** ou

Petrobras (Petróleo Brasileiro S/A), **EMBRATEL** ou **Embratel** (Empresa Brasileira de Telecomunicações).

Sobre os quatro últimos exemplos, recomenda-se só a primeira letra em maiúscula – veja abaixo o item 2.

Cuidado!!!

Baseando-me no *Manual de Redação do Senado* e em gramáticos consagrados, há algumas regras a serem respeitadas quanto ao uso de siglas... e algumas curiosidades:

1) As siglas de até três letras devem ser escritas com letra maiúscula: PM, TV, CPF, BC, ONU, USP, PUC, PT, PV, PPS, DF, RJ, AC, MG etc.

2) As siglas e os acrônimos com quatro letras ou mais são grafados em maiúscula quando se pronuncia separadamente cada uma de suas letras ou partes, mas recebem apenas a inicial maiúscula – a partir da segunda aparição no texto – no caso de terem a pronúncia de vocábulo: CNBB, CPMF, BNDES, Uerj, Sudene, Comlurb, DETRAN, Masp, Caíque, Malu, Ciep etc.

3) Algumas siglas podem apresentar maiúsculas e minúsculas em sua formação: UnB, CNPq, EsSA, EEAr etc.

4) Algumas siglas já são dicionarizadas e, por isso, consideradas como **palavras** e não mais como siglas: aids, ibope, jipe, laser, radar, óvni etc.

5) Muitas siglas e palavras que já foram siglas servem como base para derivações sufixais: PFL (pefelista), PMDB (peemedebista), PT (petista), AIDS (aidético) etc.

6) O plural das siglas se faz com o acréscimo de um simples **s** minúsculo: *As UPP**s** e as UPA**s** têm sido de grande valia à população.*

7) Todos os manuais de redação que consultei dizem que deve vir a sigla entre travessões ou parênteses, se a intercalação não terminar a frase. Logo esta é a forma correta: "O Fundo Monetário Internacional – FMI – ajuda as nações". Entretanto, a banca Esaf (sabe-se lá por que razão) usa apenas um travessão antes de sigla, no meio da frase: "O Fundo Monetário Internacional – FMI ajuda as nações." Já enviei e-mail para a

Esaf perguntando o porquê dessa postura doutrinal e até hoje não me responderam.

Hibridismo

É a formação de palavras com morfemas de línguas diferentes: **socio/logia (latim e grego)**, **auto/móvel** (grego e latim), **tele/visão** (grego e latim), **buro/cracia** (francês e grego), **banan/al** (africano e latim), **sambó/dromo** (africano e grego), **micro-ônibus** (grego + latim), **report/agem** (inglês + latim), **bi/cicleta** (latim + grego), **saga/rana** (alemão + tupi), **ciber/nauta** (inglês + latim) etc.

Combinação (Amálgama ou Palavra-valise)

A **combinação**, **amálgama** ou **palavra-valise** (há outros nomes para o mesmo processo, esses são os mais conhecidos) é um processo que consiste na criação de uma palavra a partir da junção de partes de duas ou mais palavras, como um cruzamento lexical. Geralmente se usa o início de uma e o final da outra.

O truncamento que há entre as palavras gera outra de caráter normalmente popular, jocoso, próprio do registro coloquial e literário. Muitas **palavras-valise** não estão dicionarizadas. Não confunda, portanto, com palavras formadas por composição por aglutinação, uma vez que estas já se encontram dicionarizadas e são encontradas no registro culto da língua – diferentemente das palavras que sofreram amálgama. Veja alguns exemplos:

Português + Espanhol	**Portunhol**
Tomate + Marte	**Tomarte**
Aborrecer + Adolescente	**Aborrecente**
Crédito + Telefone	**Credifone**
Copo + Companheiro	**Copoanheiro**

Brasileiro + Paraguaio	**Brasiguaio**
Grêmio + Internacional	**Grenal**
Show + Comício	**Showmício**
Atlético + Curitiba	**Atletiba**

O grande Millôr Fernandes criou muitas palavras-valise engraçadas no seu *Dicionovário* (dicionário + novo): "abacatimento, anãofabeto, cãodução, cartomente" etc. Muitas palavras-valise, por não serem dicionarizadas, são consideradas **neologismos**.

E o que é neologismo? Continue lendo, sem piscar, hein!

Neologismo

Sabemos que o léxico da nossa língua, ou seja, nosso repertório de palavras, está em constante processo de aumento. O neologismo é uma palavra nova, uma palavra inventada, que pode ou não vir a ser dicionarizada se cair nas graças do povo. Nem toda gíria é um neologismo. Por exemplo, a nova edição escolar do dicionário *Aurélio* traz expressões que estão na boca do povo, como "periguete, ricardão, sex shop, balada" etc. É verdade! Partindo do princípio que as palavras já estão no dicionário, não mais podemos encará-las como neologismos. Ah, as três últimas já constam do dicionário Aulete também!

Além disso, muitos gramáticos entendem que os estrangeirismos são neologismos, uma vez que palavras novas (mesmo que estrangeiras) podem ser incorporadas à nossa língua. Existem dois tipos de neologismo: mórfico e semântico. Vamos ver!

Neologismo mórfico

Os falantes se valem de vários processos de formação de palavras já existentes para a criação de novas palavras (inventarei algumas e usarei outras já conhecidas); note que algumas palavras até existem no VOLP, como "amasso, agito, aperto,

troca-troca", mas, no dia a dia, elas têm muitas vezes sentidos figurados, o que constitui um neologismo semântico, o qual veremos daqui a pouco:

– **derivação prefixal**: superfeliz, antigay, desorgulhoso (esta palavra também poderia ser interpretada como um neologismo formado por derivação prefixal e sufixal).
– **derivação sufixal**: djavanear, viralizar, internetismo, obrigadaço, baba-ovice (de "baba-ovo").
– **derivação parassintética**: agordalhado, afamilhar, encachorrar.
– **derivação regressiva**: amasso, agito, aperto.
– **composição por justaposição**: namoródromo, bioterror, gordomóvel.
– **composição por aglutinação**: abusufruto, inteligentudo, desafogaréu.
– **onomatopeia** (reduplicação): tchutchuca, troca-troca, pocotó.
– **abreviação**: boa (boa tarde), tarde (boa tarde), apê (apartamento).
– **siglonimização**: CQIP (Centro de Questões Impossíveis do Pestana), ETS (Estudo Total e Sagaz), GDLP (Gramática Definitiva da Língua Portuguesa).
– **combinação** (amálgama/palavra-valise): criloura, adultescente, mesticigenados.

Veja esta questão da EEAR 1/2011 (prova para concurso militar). Trabalhou-se aqui um neologismo por sufixação.

05. Leia:

O acesso de jovens à internet consagrou uma bem-humorada modalidade de escrita: o miguchês. Acompanhe o transcurso de criação dessa palavra:

amigo > migo > **migucho** > **miguchês**

Considerando-se apenas os elementos em negrito, é correto afirmar que *miguchês* foi formada por

a) aglutinação;
b) justaposição;
c) derivação sufixal;
d) derivação imprópria.

Gabarito oficial: "Considerando-se apenas os elementos destacados, a palavra *miguchês* foi formada por derivação sufixal, já que deriva da palavra *migucho* – diminutivo da palavra *migo* –, a qual sofreu acréscimo do sufixo **-ês**, que indica procedência, origem. Na internet circula outra variante desta mesma palavra,

grafada com **x** (*miguxo*). Entretanto, essa grafia corresponde à forma no *miguchês*. Para a gramática oficial, a grafia correta respeita a forma com **-ch**, pois deriva do sufixo **-ucho** (diminutivo)."

Neologismo Semântico

Quando um vocábulo adquire novo significado, como em palavras metafóricas (sentido conotativo) ou em gírias, dizemos que ela é um **neologismo de sentido**. Por exemplo, gato (ligação elétrica ilegal), mala (pessoa chata), laranja (intermediário em negócios ilícitos), arroz (rapaz que acompanha moças, mas não namora nenhuma), rede (internet), partidão (não é uma partida grande, mas sim um homem digno, bonito e bem-sucedido), zebra (resultado inesperado) etc.

Estrangeirismos

Tais empréstimos vocabulares podem

1) manter sua autonomia sonora e mórfica, mas também podem
2) se adaptar à ortografia e à morfologia do Português.

Veja alguns:

1) pizza, byte, show-room, link, haloween, face, shopping center, teen, blog etc.
2) deletar, restaurante, abajur, bife, futebol, xampu, estresse, skatista, blogueiro etc.

"For *relax*", leia este sambinha do Zeca Baleiro:

Samba do Approach
Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*...(2x)
Eu tenho *savoir-faire*
Meu temperamento é *light*
Minha casa é *hi-tech*
Toda hora rola um *insight*
Já fui fã do *Jethro Tull*
Hoje me amarro no *Slash*

Minha vida agora é *cool*
Meu passado é que foi *trash*...
Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*...(2x)
Fica ligado no *link*
Que eu vou confessar *my Love*
Depois do décimo *drink*
Só um bom e velho engov
Eu tirei o meu *green card*
E fui prá *Miami Beach*
Posso não ser *pop-star*
Mas já sou um *noveau-riche*...
Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*...(2x)
Eu tenho *sex-appeal*
Saca só meu *background*
Veloz como *Damon Hill*
Tenaz como *Fittipaldi*
Não dispenso um *happy end*
Quero jogar no *dream team*
De dia um *macho man*
E de noite, *drag queen*...
Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*...(7x)
(http://letras.terra.com.br/zecabaleiro/43674/)

O Que Cai Mais na Prova?

Saber o que cai mais na prova é essencial, concorda? Por isso, recomendo que domine **derivação** e **composição**. Estes dois assuntos são primordiais.

Questões de Concursos

1. (FGV – PC/RJ – Inspetor – 2008) Em *xenofobia*, há a seguinte combinação de sentidos: estrangeiro + aversão. Assinale a alternativa em que a explicação do sentido do elemento que antecede *-fobia* não tenha sido feita corretamente.

a) pantofobia (pantera).
b) estasiofobia (permanecer de pé).
c) fotofobia (luz).
d) ictiofobia (peixe).
e) gamofobia (casamento).

2. (Consulplan – Analista de Informática (SDS-SC) – 2008) A alternativa em que todas as palavras são formadas pelo mesmo processo de formação é:

a) responsabilidade, musicalidade, defeituoso;
b) cativeiro, incorruptíveis, desfazer;
c) deslealdade, colunista, incrível;
d) anoitecer, festeiro, infeliz;
e) reeducação, dignidade, enriquecer.

3. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2008) O recurso a processos de formação de palavras derivadas pode ser exemplificado em "habitável porém inabitado".

( ) CERTO
( ) ERRADO

4. (FGV – TCM/PA – Auditor – 2008) (Adaptada) Julgue como correto ou incorreto o item a seguir no que diz respeito a estrutura do texto.

"A palavra "financeirização" foi posta entre aspas por se tratar de um neologismo."

5. (Cespe/UnB – Ministério do Meio Ambiente – Analista Ambiental – 2008) A palavra "bicombustível" é formada por prefixação.

( ) CERTO
( ) ERRADO

6. (FGV – TJ/MS – Juiz de Direito (Substituto de Carreira) – 2008) Utilizou-se corretamente a regra moderna de grafia de siglas em OMC, ONU e FMI. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.

a) AGU.
b) ADI.
c) Emerj.
d) EMATRA.

e) PIS.

7. (Fadems – TJ/MS – Analista de Sistema Computacional – 2009) Assinale a alternativa em que o processo de formação de palavras está **corretamente** indicado:
a) sociologia = derivação prefixal ou prefixação.
b) "redondo" (em "Skol, a cerveja que desce redondo") = derivação sufixal ou sufixação.
c) enlouquecer = parassíntese.
d) combate (do verbo "combater") = derivação imprópria.
e) "pobre" (em "O pobre merece ajuda") = derivação regressiva.

8. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Os vocábulos "instabilidade", "imperfeita", "inçados" e "impõe" são formados por prefixo cujo valor semântico denota privação ou negação.
( ) CERTO
( ) ERRADO

9. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) O vocábulo "inaturável" é formado por derivação e tem o mesmo radical do vocábulo **desnaturado**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

10. O vocábulo "agravada" tem o mesmo radical que os vocábulos **gravidez** e **gravidade**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

11. Denomina-se prefixação o processo de formação dos seguintes vocábulos: "anomalia", "alacridade" e "arrebataram".
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – PM/ES – Soldado – 2010) A formação dos vocábulos "lamentavelmente" e "plenamente" ocorre de maneira idêntica: a partir do acréscimo do sufixo -**mente** a um adjetivo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

13. (Instituto Zambini – Pref. Taboão da Serra/SP – Professor III – 2010) Assinale a alternativa em que a palavra não é formada por derivação parassintética.
a) enriquecer.
b) entardecer.
c) avermelhar.
d) descobrimento.
e) N.D.A.

14. (Ima – Pref. Boa Hora/PI – Procurador Municipal – 2010) No verso "**Para desentristecer, leãozinho**", Caetano Veloso cria um neologismo. A opção que contém o processo de formação

utilizado para formar a palavra nova e o tipo de derivação que a palavra primitiva foi formada respectivamente é:

a) derivação prefixal (des + entristecer); derivação parassintética (en + trist + ecer);
b) derivação sufixal (desentriste + cer); derivação imprópria (en + triste + cer);
c) derivação regressiva (des + entristecer); derivação parassintética (en + trist + ecer);
d) derivação parassintética (en + trist + ecer); derivação prefixal (des + entristecer);
e) derivação prefixal (en + trist + ecer); derivação parassintética (des + entristecer).

15. (Ima – Pref. Boa Hora/PI – Procurador Municipal – 2010) A palavra "Olhar" em (meu olhar) é um exemplo de palavra formada por derivação:

a) parassintética;
b) prefixal;
c) sufixal;
d) imprópria;
e) regressiva.

16. (Integri – Pref. Carapicuíba/SP – Procurador Municipal – 2010) Mas, em uma era de globalização e de sociedades multiconfessionais, a criação do capital exige não apenas tolerância, mas também o respeito pelas pessoas de outras confissões. As palavras sublinhadas são formadas pelo mesmo processo de derivação, exceto:

a) globalização;
b) sociedades;
c) criação;
d) multiconfessionais.

17. (FGV – Codesp – Arquiteto – 2010) Assinale o par de vocábulos em que seus elementos mórficos destacados NÃO tenham o mesmo sentido.

a) metropolitana – metrologia.
b) economia – ecologia.
c) telecomunicações – telepatia.
d) petróleo – petrificar.
e) sintonia – sinergia.

18. (FGV – SEAD/AP – Auditor da Receita Estadual – 2010) Com relação aos processos de formação de palavras, analise as afirmativas a seguir:

I. Na palavra *jeitinho*, o sufixo *-inho* significa "diminuição".
II. Denomina-se composição o processo de formação da palavra *utilitarista*.
III. A palavra *analfabetismo* forma-se por derivação prefixal e sufixal, a partir do radical *alfabet-*.

Assinale:

a) se somente a afirmativa I estiver correta;
b) se somente a afirmativa II estiver correta;
c) se somente a afirmativa III estiver correta;
d) se somente as afirmativas II e III estiverem corretas;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

19. (FGV – CAERN – Agente Administrativo – 2010) Assinale a palavra que seja formada pelo mesmo processo que *megalópoles.*
a) internacional.
b) sustentabilidade.
c) saneamento.
d) obrigatoriedade.
e) olímpicos.

20. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) Assinale a palavra em que o prefixo tenha o mesmo valor semântico que o de *dissociação*.
a) dissolver.
b) dispor.
c) discordar.
d) disenteria.
e) dissimular.

21. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) Das palavras a seguir, a única formada por derivação prefixal e sufixal é:
a) destinação;
b) desocupação;
c) criminológico;
d) carcereiro;
e) preventivamente.

22. (Cespe/UnB – STM – Analista Judiciário – 2011) As palavras "desertor" e "integrantes" são ambas formadas por processo de derivação sufixal em que os respectivos sufixos evidenciam o sentido de agente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (Cespe/UnB – ECT – Agente dos Correios – 2011) A palavra "trem-bala" é composta por justaposição, tal qual o vocábulo:
a) governança;
b) ilimitado;
c) passatempo;
d) superprodução;
e) faturamento.

24. (Cespe/UnB – ECT – Formação: Letras – 2011) No processo de formação dos vocábulos "integração", "impulsiona", "indefectivelmente" e "imprudências", identifica-se o prefixo in-, que neles expressa a noção de mudança de estado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. O sufixo identificado na formação dos vocábulos "representantes" e "emergentes" expressa a noção de paciente das ações de *representar* e *emergir*, respectivamente.

( ) CERTO
( ) ERRADO

26. Têm sentidos semelhantes o prefixo dos vocábulos "internacionalizados" e "intertemporais" e a preposição "entre".
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Funcab – Prefeitura Municipal de Valença – Biólogo – 2012) No processo de formação da palavra "desfavoravelmente", pode ser identificado o tipo de derivação:
a) sufixal;
b) prefixal e sufixal;
c) parassintética;
d) regressiva;
e) prefixal.

28. (INSPER – Vestibular – 2012) Leia a tirinha a seguir.

Os mesmos processos de formação dos termos em negrito aparecem, respectivamente, em:
a) anoitecer, votação, inútil, violação e tristemente;
b) retenção, suavidade, desmatamento, infelizmente e firmamento;
c) enlatado, ajuda, remissão, dignidade e abolição;
d) reação, geração, abstenção, lição e afrontamento;
e) magreza, medidor, firmamento, dignidade e violação.

29. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale a alternativa em que o elemento destacado NÃO tem o mesmo sentido que o de *trans-*, em *transvalorada.*
a) <u>trans</u>bordar.
b) <u>tras</u>antontem.
c) <u>tres</u>noitar.
d) <u>tras</u>tejar.

30. Assinale a palavra que tenha sido formada por processo DISTINTO do das demais.
a) teológica.
b) biografia.
c) narcotráfico.
d) desvalorizada.

31. (Instituto Ludus – Pref. Mun. Aroazes – Professor de Português II – 2012) *Doçura* e *interinidade* são substantivos abstratos derivados de adjetivo. Marque o item em que todos os substantivos são abstratos derivados de adjetivo.

a) Mortalidade, mesquinhez, umidade, escuridão.
b) Infância, paciência, publicidade, justiça.
c) Perfeição, baixeza, compensação, dificuldade.
d) Ambição, amor, mistério, oportunidade.
e) Alegria, amor, mistério, oportunidade.

32. (Consulplan – Pref. Barra Velha/SC – Agente Administrativo – 2012) Os termos *Ibama* (4º §) e *ararinha* (2º §) são formados, respectivamente, pelos processos de:

a) siglonimização e derivação sufixal;
b) derivação regressiva e onomatopeia;
c) derivação prefixal e abreviação;
d) derivação parassintética e derivação imprópria;
e) composição por justaposição e hibridismo.

33. (CEPERJ – Cedae – Operador de Tratamento de Água – 2012) A palavra formada pelo acréscimo de um sufixo é:

a) imprensa;
b) descobrir;
c) reforma;
d) irracional;
e) rigidez.

34. (CEPERJ – SEAP – Inspetor de Segurança e Administração Penitenciária – 2012) A palavra "descriminalizar" é formada pelo mesmo tipo de derivação observado na palavra da seguinte alternativa:

a) espetar.
b) familiarizar.
c) tatuar.
d) recusar.
e) reanimar.

35. (CEPERJ – Degase – Enfermeiro do Trabalho– 2012) Um exemplo do texto em que a palavra é formada pela adição de sufixo e prefixo é:

a) cotidianamente;
b) oportunidade;
c) responsáveis;
d) infelizmente;
e) sucateados.

36. (CEPERJ – SEFAZ – Analista de Controle Interno – 2012) Entre os vocábulos abaixo, aquele que possui uma formação diferente dos demais é:

a) repercussões;
b) desdobramentos;

c) favorável;
d) recentemente;
e) despreocupar.

37. (Funcab – Pref. Búzios/RJ – Administrador – 2012) O processo de formação do vocábulo sublinhado na expressão "[...] o dinheiro que discretamente [...]" é:
a) derivação prefixal e sufixal;
b) derivação regressiva;
c) derivação parassintética;
d) derivação sufixal;
e) derivação prefixal.

38. (Funcab – Pref. Magé/RJ – Administrador – 2012) Formam substantivos de adjetivos, exprimindo a noção de "estado ou qualidade de", ambos os sufixos destacados nas seguintes palavras do texto:
a) igual**dade** – sentiment**al**.
b) liga**mento** – esterilize**ção**.
c) sentimental**ismo** – govern**ante**.
d) pobr**eza** – hipocris**ia**.
e) jornalíst**ico**– adolesc**ente**.

39. (Funcab – Pref. Sooretama/ES – Administrador de Empresa – 2012) As palavras destacadas em "Tanto andam agora preocupados em definir o conto [...]" / "Uma ternura imensa, [...]" se formaram, respectivamente, por:
a) composição por aglutinação e derivação sufixal;
b) derivação regressiva e derivação regressiva;
c) composição por justaposição e derivação imprópria;
d) derivação regressiva e derivação sufixal;
e) composição por justaposição e derivação parassintética.

40. (Funcab – MPE/RO – Analista Administrativo – 2012) Aponte o significado do prefixo da palavra destacada em "(...) praticam o exorcismo em Kerala, (...)".
a) mudança.
b) separação.
c) para fora.
d) para trás.
e) através de.

Gabarito

1. A.	9. ERRADO.	17. A.	25. ERRADO.	33. E.
2. A.	10. CERTO.	18. C.	26. CERTO.	34. E.

3. CERTO.	11. ERRADO.	19. A.	27. B.	35. D.
4. CORRETO.	12. CERTO.	20. C.	28. E.	36. E.
5. CERTO.	13. D.	21. B.	29. D.	37. D.
6. D.	14. A.	22. CERTO.	30. D.	38. D.
7. C.	15. D.	23. C.	31. A.	39. D.
8. ERRADO.	16. D.	24. ERRADO.	32. A.	40. C.

Capítulo 7

Substantivo

Definição

Vou definir todas as classes gramaticais a partir de três critérios: **semântico**, **morfológico** e **sintático**. Então, comecemos pelo substantivo – a classe gramatical mais importante para a construção de frases, junto com o verbo, é claro!

Do ponto de vista semântico, o substantivo é a palavra que **nomeia** tudo o que tem substância, tudo o que existe (céu, homem, mar, peixe, Rio de Janeiro, átomo, eletricidade etc.), tudo o que imaginamos existir (Deus, fada, vampiro, anjo, duende, lobisomem, inferno etc.) ou tudo o que é conceito abstrato (saudade, recreação, lealdade, riqueza etc.). Não é por nada que o substantivo é chamado de "nome, nomeador ou designador".

Imagine-se numa sala de aula agora. Você consegue dar nomes às coisas que estão a sua volta? Carteiras, quadro, gizes, paredes, janelas, chão, ar-condicionado (ou ares-condicionados, se mais de um), alunos, professor etc. Imagine agora que você esteja desatento ao que o professor diz, qual é o nome desse **estado**? "Desatenção". Enfim... você só conhece melhor o mundo a seu redor e a si mesmo se houver **nomeação** (que, por ser o **ato** de nomear, é um substantivo).

É bom dizer que não é só o verbo que indica ação ou fenômeno natural, não é só o adjetivo que indica estado ou qualidade. O substantivo pode indicar **ação** (desenvolvimento, vingança), **estado** (vida, doença), **condição** (pobreza, abastança), **qualidade** (fidelidade, maleabilidade), **sentimento** (amor, ódio), **acontecimento** (evento, sonho), **concepção/doutrina** (fé, naturismo).

Não me custa dizer que os substantivos com os sufixos abaixo são, normalmente, abstratos:

–aço: buzinaço / **-ada**: largada / **-ado**: empresariado / **-ato**: estrelato / **-agem**: ajustagem / **-ia**: burguesia / **-dade**: casualidade / **-dão**: gratidão / **-ez**: altivez / **-eza**: beleza / **-ia**: chefia / **-ice**: doidice / **-ície**: imundície / **-or**: amargor / **-tude**: juventude / **-ura**: brancura / **-ismo**: antropocentrismo / **-nça**: esperança / **-ncia**: constância / **-ção**: correção / **-são**: agressão / **-mento**: casamento

Isso não significa que todos os substantivos abstratos terminam com esses sufixos. Claro que não. Falarei um pouco mais sobre a significação dos substantivos mais à frente.

Do ponto de vista morfológico, o substantivo é uma palavra que varia em gênero, número e grau, normalmente. Por exemplo, a palavra "garoto" varia em gênero (garota), em número (garotos) e em grau (supergaroto, minigaroto, garotão, garotinho). É por isso que se diz que o substantivo é uma palavra variável, porque muda de forma, por meio de desinências e de afixos.

Do ponto de vista sintático, o substantivo normalmente é o núcleo dos termos sintáticos. Se você não lembra quais são os termos sintáticos, refrescarei a sua memória agora: **sujeito, objetos direto e indireto, predicativos do sujeito e do objeto, complemento nominal, agente da passiva, adjuntos adnominal e adverbial, aposto e vocativo**. O substantivo, comumente, é o núcleo desses termos sintáticos.

Para entendermos bem todas essas definições de substantivo, vamos analisar esta frase:

O *discurso* daquele aluno provocou grande alegria no professor.

Note, por exemplo, que a palavra ***discurso:***

1) **designa/nomeia** uma ação praticada por alguém: **discurso é uma manifestação oral, é o ato de discursar***;*
2) **pode variar** de forma se a frase toda for pluralizada: *"Os **discursos** daqueles alunos provocaram..."*;
3) é **núcleo** do sujeito: *"O que provocou grande alegria no professor?" "O **discurso** daquele aluno"*.

Tudo bem até agora? Espero que sim, pois a partir de então vou abranger mais o assunto, hein... Venha comigo!

Chamamos de **sintagma nominal** o grupo de vocábulos que se ligam a um núcleo substantivo. Logo, "**O discurso daquele aluno**" é um sintagma nominal (uma expressão), pois apresenta termos periféricos (**o** e **daquele aluno**) indissociáveis do substantivo **discurso**. Se alguém pergunta a você "o que provocou grande

alegria no professor", você não vai responder simplesmente que foi "o discurso", mas sim "o discurso daquele aluno", cujo núcleo da expressão (sintagma) é o substantivo, certo?

Percebeu? Precisamos ir a fundo na identificação dos substantivos e no conceito de **substantivação** (apesar de já termos visto bastante em derivação imprópria), porque isso cai com certa frequência nas provas! Você vai ver mais à frente que o substantivo tem uma vitalidade tão grande na língua portuguesa, que o encontramos como núcleo das locuções adjetivas (barco à vela ou barco a vela), adverbiais (de manhã), prepositivas (ao encontro de) e conjuntivas (à proporção que).

Inclusive, para variar, já vi questões em que a banca pediu que se marcasse a opção cuja oração destacada tinha valor/função de substantivo. Só que veremos isso com mais detalhes no capítulo de orações subordinadas substantivas. Caso queira dar um "pulão" até lá, fique à vontade, mas não recomendo ainda. Devagar também é pressa – percebeu que "devagar", nesse contexto, é substantivo?

Identificação e Substantivação

Antes de mais nada: qualquer vocábulo ou expressão pode se tornar um substantivo. Se quisermos reconhecer o substantivo dentro da frase – e isso é muito importante! –, precisaremos perceber, precipuamente, se ele vem na posição de núcleo dos termos sintáticos e/ou acompanhado de **determinante** (artigo, pronome, numeral, adjetivo e/ou locução adjetiva). Grave isso!

Identificação do Substantivo

Tive de transcrever um dos poemas mais críticos e pseudoeróticos de que mais gosto para ilustrar algo relativo à gramática. Nada contra as mulheres, hein! Observe que os substantivos (negrito) normalmente vêm acompanhados de determinantes ("azulito"):

O Cão e a Cadela

Bocage

Tinha de ***uma*** ***cadela*** ***um*** ***cão*** ***fome*** ***canina***.

Ele *bom* ***perdigueiro***, ela de ***casta*** *fina*.
Mil ***foscas*** lhe fazia *o terno* ***maganão***,
Mas gastava *o seu* ***tempo***, *o seu* ***carinho*** em ***vão***.
Dando n*o* ***chichisbéu dentada*** e *mais* ***dentada***,
A ***fêmea*** parecia *uma* ***cadela*** *honrada*
E incapaz de ceder *às* ***pretensões*** *de amor*.
Mas *o* ***amante*** *infeliz* enfim foi sabedor
De que a mesma*, em que via ***ações*** tão *desabridas*,
Era co'*um torpe* ***cão*** fagueira às ***escondidas***.
Se és sagaz, *meu* ***leitor***, talvez que tenhas visto
Cadelas *de dois pés** que também fazem isto.

É fácil identificar os substantivos acompanhados de determinantes: (uma) **cadela**, (um) **cão**, **fome** (canina), (bom) **perdigueiro**, **casta** (fina), (Mil) **foscas**, (o terno) **maganão**, (o seu) **tempo**, (o seu) **carinho**, (o) **chichisbéu**, (mais) **dentada**, (a) **fêmea**, (uma) **cadela** (honrada), (as) **pretensões** (de amor), (o) **amante** (infeliz), **ações** (desabridas), (um torpe) **cão**, (meu) **leitor**, **Cadelas** (de dois pés).

Só de curiosidade: De novo, o nome dado a essas estruturas em que o substantivo vem acompanhado de determinantes se chama **sintagma nominal**, ou seja, **determinante(s)** + **substantivo** = **sintagma nominal**; **substantivo** + **determinante(s)** = **sintagma nominal**; **determinante(s)** + **substantivo** + **determinante(s)** = **sintagma nominal**. O "sintagma nominal" é um grupo de vocábulos centrados em um nome (substantivo); é uma expressão cujo núcleo é um nome substantivo.

Só peço que observe agora os substantivos que não estão acompanhados de determinantes: **vão** (em vão), **amor** (de amor), **escondidas** (às escondidas). Note que tais substantivos são os núcleos das expressões ou termos sintáticos: **em vão** (adjunto adverbial), **de amor** (adjunto adnominal), **às escondidas** (adjunto adverbial).

É bom saber um pouquinho de sintaxe até mesmo para identificar um substantivo, percebeu?

* **a mesma** ("mesma" é um pronome demonstrativo que vem antecedido de artigo, portanto cuidado, pois nem todas as palavras precedidas de artigo são automaticamente substantivos; falarei mais sobre isso no capítulo *Numeral*).
* Em "**cadelas de dois pés**", **de dois pés** é uma locução adjetiva (determinante) que caracteriza o substantivo **cadelas**; só que dentro da locução adjetiva há um substantivo como núcleo (pés), que está determinado pelo numeral (determinante) **dois**. Logo, **pés** é um substantivo, pois está acompanhado de determinante (**dois pés**). Beleza?

Relembre, agora, o que vimos em derivação imprópria (conversão) para fixar a ideia de que as palavras podem se tornar substantivos. Dessa vez, fiz questão de comentar uma por uma. Não pule esta etapa!

Substantivação

A **substantivação** é um tipo de "nominalização", pois ocorre mudança de muitas classes gramaticais, que se tornam substantivos. Qualquer morfema, palavra, expressão ou frase pode se tornar um substantivo desde que esteja acompanhada de algum determinante (artigo, pronome, numeral, adjetivo, locução adjetiva) ou tenha valor substantivo (designador) no contexto:

– *Você tem aracno**fobia**?* (Radical) / *Eu tenho muitas **fobias**.* (Substantivo. O pronome indefinido *muitas* atua como determinante.)

– *Sou muito **pró**-ativo.* (Prefixo) / *Esta questão só tem um **pró**.* (Substantivo. O numeral *um* atua como determinante.)

– *Aquela blusa é **preta**?* (Adjetivo) / ***Preta**, você me ama?* (Substantivo. Percebe que a palavra virou um substantivo porque está nomeando alguém por meio de um apelido?)

Obs.: Veja este exemplo de Celso Cunha & Lindley Cintra: Uma ***preta velha*** vendia laranjas. / Uma ***velha preta*** vendia laranjas. Note que os vocábulos **preta** e **velha** mudaram de classe gramatical com a mudança de posição

no sintagma (substantivo + adjetivo / substantivo + adjetivo). Isso é normal. Veremos mais exemplos no próximo capítulo (*Adjetivo*).

– *Estou tão* ***sem ânimo****...* (Locução adjetiva) / *Esse teu* ***sem ânimo*** *me desanimou.* (Locução substantiva. Os determinantes *esse* e *teu* substantivaram a locução adjetiva, transformando-a em locução substantiva.)*

* Veja uma questão em que caiu exatamente isso:
(NCE/UFRJ – TRT/9R – Técnico Judiciário – 1998)
Fragmento de texto:
(...) Mais adiante, para não achincalhar a todos, indistintamente, com a pecha infamante de "subdesenvolvido", premiou-se os melhores com **o gentil** "em desenvolvimento". Tais países não eram mais "sub", não estavam mais tão por baixo. Nos últimos anos, substituiu-se **o** "em desenvolvimento" por "emergente", palavra que igualmente se opõe ao "sub". (...)
A expressão "em desenvolvimento" apresenta valor:

a) adjetivo;
b) substantivo;
c) adverbial;
d) prepositivo;
e) conjuntivo.

Comentário: Note que há determinantes (grifados por mim) substantivando a expressão "em desenvolvimento", por isso o gabarito oficial foi, acertadamente, a opção B. Muito bacana a questão!

– ***A*** *casa foi comprada ontem.* (Artigo) / *Esse* ***a*** *da frase anterior é um artigo.* (Substantivo. O pronome demonstrativo *Esse* atua como determinante.)

– *Eu* ***me*** *amo, não posso mais viver sem mim.* (Pronome) / *O* ***me****, o* ***te*** *e o* ***se*** *também funcionam como objetos diretos.* (Substantivos. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Tenho* ***dois*** *filhos.* (Numeral) / *O* ***dois*** *é um numeral cardinal.* (Substantivo. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Eu vou* ***amar*** *você e depois vou* ***partir****.* (Verbos no infinitivo) / *O* ***amar*** *e o* ***partir*** *fazem parte da vida.* (Substantivos. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Havia **feito** uma prova dificílima.* (Verbo no particípio) / *Mahatma Gandhi realizou um **feito** inédito na história!* (Substantivo. O artigo indefinido *um* atua como determinante.)

– ***Amanhã** te ligo.* (Advérbio) / *Espero sempre por um **amanhã** melhor.* (Substantivo. O artigo indefinido *um* e o adjetivo *melhor* atuam como determinantes.)

– ***Só** ela me faz feliz.* (Palavra denotativa de exclusão) / *O **só** pertence ao grupo de palavras denotativas.* (Substantivo. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Precisamos fazer uma ação **contra** a violência.* (Preposição) / *Estes **contras** que você está expondo não procedem.* (Substantivo. O pronome demonstrativo *Estes* atua como determinante.)

– *Estudo muito, **porém** não gosto, **porque** cansa.* (Conjunções) / *Só tenho um **porém** a dizer; deixe o **porquê** para depois.* (Substantivo. O numeral *um* e o artigo *o* atuam como determinantes.)

– ***Ai**! Se eu te pego!* (Interjeição) / *Nunca se ouviu sequer um **ai** naquela casa.* (Substantivo. O numeral *um* atua como determinante.)

– *O rapaz só abre a boca para falar isto: "**Fala sério**!"* (Frase verbal) / *É um **fala sério** para cá, um **fala sério** para lá... Que chatice!* (Locução substantiva. O artigo indefinido *um* atua como determinante, transformando a frase verbal em uma locução substantiva.)

– *Estamos chegando, **falta pouco**.* (Frase verbal) / *Estamos chegando, do verbo **falta pouco**.* (Locução substantiva, só que dessa vez não há artigo substantivando a frase; a própria frase tem valor de substantivo porque nomeia, especificando, o substantivo anterior *verbo*; para quem se lembra disto, trata-se de um aposto especificativo.)

Resumo da ópera: as palavras substantivadas variam normalmente, como um substantivo. Por exemplo: "Aqui não há **senões** nem **talvezes**, meu amigo!".

Cuidado!!!

Só leia isto se você quiser saber mais sobre a língua portuguesa, pois isso não cai em concurso público.

Celso Cunha, Bechara e outros grandes nomes nos ensinam o seguinte: um substantivo ou um adjetivo pode ser usado para caracterizar de maneira expressiva

outro substantivo que vem depois da preposição "de". Entenda! Observe estas frases:

– *O **raio** do garoto só fala bobagens.*

– *O **bobo** do palhaço fez todos rirem.*

– *A **idiota** da mulher fez um escândalo no banco.*

– *A **pobre** da menina está carente.*

O substantivo ou o adjetivo substantivado antes da preposição "de" das estruturas formadas por **artigo + substantivo/adjetivo substantivado + preposição de** enfatizam o substantivo que vem a seguir. Logo, em "O raio do garoto", "O bobo do palhaço", "A idiota da mulher", "A pobre da menina", as estruturas "o raio (de)", "o bobo (de)", "a idiota (de)", "a pobre (de)" são expressões que realçam, respectivamente, os substantivos "garoto, palhaço, mulher e menina". Essas construções são carregadas de expressividade!

Nas últimas três frases, a preposição "de" é expletiva, ou seja, serve para realçar, enfatizar a expressão, podendo, assim, ser descartada. Com as devidas alterações, as frases podem ser reconstruídas, com o mesmo sentido, assim: "O bobo palhaço fez todos rirem / A mulher idiota fez um escândalo no banco / A pobre menina está carente".

Cuidado com certas ambiguidades: "A vaca da tua mãe está bem?". Não se sabe se a mãe da pessoa está sendo xingada ou se o animal (vaca) que pertence à mãe está bem. Outro exemplo: "A droga do cliente chegou", *droga* é uma qualificação do cliente ou é uma substância ilícita? Fique ligado... sem trocadilhos!

Recurso de Nominalização

Nominalizar é, normalmente, transformar uma estrutura verbal em uma estrutura nominal, ou seja, substituir um verbo por um substantivo de mesmo radical (às vezes, por um adjetivo), a fim de evitar o exagero no uso de verbos. Isso se dá por meio de derivação sufixal ou de derivação regressiva, normalmente.

Segundo Ulisses Infante, a nominalização "constitui um recurso eficaz no momento de redigir, pois passamos a contar com diferentes possibilidades para estruturar nossas frases". Ele está falando aqui sobre reescritura de frases, sobre a qual falarei mais detalhadamente no capítulo 37. Continua Infante: "O uso de

substantivos é mais frequente em textos científicos e analíticos, em que os conceitos são mais utilizados do que as ações. Nos textos narrativos, as ações tendem a ser mais importantes do que os conceitos, o que acarreta predomínio de verbos".

Para você que vai fazer uma prova de redação, um texto dissertativo bem redigido é aquele que não abusa de verbos; um texto com mais nomes valoriza a concisão e a clareza.

Contando, também, com as informações essenciais da Prof.ª Dr.ª Maria Francisca Oliveira Santos, em seu trabalho *As nominalizações em sala de aula como marcas de não comprometimento do sujeito* (Revista do Gelne, Vol. 3, Nº 1, 2001), vejamos como isso ocorre na prática.

Por Derivação Sufixal

–ção/-são: fabricar > fabricação; ligar > ligação; adaptar > adaptação; expressar > expressão, ceder > cessão...

– ***Fabricar*** *produtos sustentáveis está na moda.* (Frase com dois verbos.)
– *A* ***fabricação*** *de produtos sustentáveis está na moda.* (Frase com um verbo.)
– ***Ceder*** *meus direitos autorais ao artista foi difícil.* (Frase com dois verbos.)
– *A* ***cessão*** *de meus direitos ao artista foi difícil.* (Frase com um verbo.)

Obs.: Note que, assim como o verbo exige dois complementos – cede-se algo (1) a alguém (2) –, o nome também exige – cessão de... (1) ao... (2). Falarei mais sobre a relação dos verbos e dos nomes com seus complementos no capítulo de *Regência*. Não se empolgue, fique por aqui, senão vai se enrolar!

–da: sair > saída; chamar > chamada; chegar > chegada...

– *Quando meu filho* ***chegou****, fiquei emocionada.* (Frase com dois verbos.)
– *A* ***chegada*** *do meu filho me emocionou.* (Frase com um verbo.)

–mento: conhecer > conhecimento; lançar > lançamento; surgir > surgimento...

– ***Surgiram*** *novos problemas em minha tese que me deixaram preocupado.* (Frase com dois verbos.)

– *O* ***surgimento*** *de novos problemas em minha tese me deixou preocupado.* (Frase com um verbo.)

Os demais sufixos seguem o mesmo paradigma (modelo):

–nça/-ncia: mudar > mudança; tolerar > tolerância; concordar > concordância...
–aria: pescar > pescaria; piratear > pirataria...
–agem: abordar > abordagem; filmar > filmagem; reciclar > reciclagem...
–dor: pescar > pescador; acusar > acusador; dever > devedor...
–nte: participar > participante; fabricar > fabricante...
–(t)ura: ler > leitura; candidatar > candidatura...
–eza: estar certo de > a certeza de...
–dade: ser difícil de > a dificuldade de...

Por Derivação Regressiva

Observe três exemplos em que ocorre nominalização:

– *Quem* ***canta*** *os males espanta.* (Frase com dois verbos.)
– *O* ***canto*** *espanta os males.* (Frase com um verbo.)
– *Ele* ***causou*** *o estardalhaço porque se revoltou com a postura dos políticos.* (Frase com dois verbos.)
– *A* ***causa*** *do estardalhaço foi sua* ***revolta*** *com a postura dos políticos.* (Frase com um verbo.)
– *Depois de* ***jantar*** *com a namorada, percebeu que foi um sucesso.* (Frase com três verbos.)
– *A* ***janta*** *com a namorada foi um sucesso.* (Frase com um verbo.)

Locução Substantiva

A locução é sempre um grupo de vocábulos que equivale a uma palavra só. Dizemos que uma locução é substantiva caso seja formada por um grupo de vocábulos, com valor de substantivo (não ligados por hífen): anjo da guarda, dona de casa, estrada de ferro, ponto de vista, cesta básica, papel almaço, fim de semana, sala de jantar, casa de saúde, Maria das Dores, Vasco da Gama, Cidade Universitária, Belo Horizonte, Nova Iguaçu etc.

Obs.: Na nova ortografia, muitos substantivos compostos perderam o hífen, logo é possível dizer que se tornaram locuções substantivas: "pé de moleque, mula sem cabeça, pôr do sol, leva e traz" etc. Afinal, para ser substantivo composto, é preciso, em tese, de hífen. Já os vocábulos que formam as locuções substantivas não são ligados por hífen. De qualquer modo, a regra de plural dos compostos ainda vale!!!

Classificação

Antes de qualquer coisa, é bom dizer que esta parte é 99,99% irrelevante para as bancas de concursos, que não cobram a classificação dos substantivos, por isso não tenho por que me estender. Esta parte só é importante para o conhecimento dos conceitos. Por exemplo, é bom saber identificar que um substantivo é coletivo ou partitivo, pois, no capítulo de *Concordância*, irei falar sobre eles. Portanto, leia esta parte, mas sem "aqueeeeeele" compromisso.

O substantivo pode ser classificado segundo sua **forma** e sua **significação**.

Quanto à forma, os substantivos podem ser **primitivos, derivados, simples** e **compostos.** Vejamos!

Tipo	Definição	Exemplo
Primitivo	Não apresenta afixos.	pedra, Marte, agenda
Derivado	Apresenta afixos.	pedreiro, marciano, extra-agenda
Simples	Apresenta apenas um radical.	samba, enredo, caixa, água
Composto	Apresenta mais de um radical.	samba-enredo, caixa-d'água

Quanto à significação, os substantivos podem ser **comuns, próprios, abstratos, concretos** e **coletivos**. Vejamos!

Tipo	Definição	Exemplo
Comum	Representa todos os seres de uma espécie.	homem, cidade, bairro, instituição, remédio, cão
Próprio	Representa apenas um ser de uma espécie[1].	Pedro, Salvador, Irajá, Aeronáutica, Sonrisal, Totó
Abstrato	Representa ações, estados, qualidades, sentimentos, resultados de ações, propriedades e concepções[2].	amaragem, empunhadura, ódio, tesão, intensidade, beijo, toque, protestantismo, alegria, doença, luto, abstração, entrada, fé, calor, ira
Concreto	Não representa ações, estados, qualidades, sentimentos, resultados de ações, propriedades e concepções.	luz, som, eco, chuva, DVD, relógio, rua, ilha, aldeia, fada, Deus, Diabo, chupa-cabra, capiroto, alma, pizza
Coletivo	Representa um grupo de seres da mesma espécie[3].....	girândola, atlas, cancioneiro*, pinacoteca, réstia, vara, horda, súcia

* Muitos coletivos são formados por sufixação. Veja: boiada, parentalha, livralhada, vasilhame, dinheirama, cavalaria, formigueiro, aparelhagem, ervilhal, humanidade, mulherio, vinhedo...

[1] São escritos sempre com letra maiúscula. É válido dizer que alguns substantivos próprios passaram a comuns e vice-versa pelo processo de conversão (derivação imprópria). Por exemplo: "Você não é um **don-juan** de verdade; falta-lhe a languidez.". (Don Juan – personagem literário) > don-juan – galanteador, mulherengo) / "Um **havana** ao som de um **estradivário** é simplesmente maravilhoso.". (Havana – cidade cubana > havana – charuto cubano; Stradivarius – sobrenome de um músico que inventou um violino > estradivário – a marca dum violino; por extensão, o violino em si)

[2] Leia mais sobre os sufixos formadores de substantivos abstratos na definição de substantivos e perceba que a maioria dos substantivos abstratos derivam de verbos ou de adjetivos. Alguns professores, sabiamente, visando a um aprendizado mais didático, ensinam que os substantivos abstratos não apresentam "formas" de modo que se possa "desenhá-los". Por exemplo, é possível desenhar a "melancolia, o iluminismo, a infidelidade" etc.? No caso de "beijo", é possível desenhar um casal se beijando, mas o beijo, em si, é uma ação-resultado de tocar os lábios em alguém/algo de modo normalmente afetuoso. É por isso que alguns perceptivos gramáticos definem substantivo abstrato como aquele que depende de alguém para existir, pois não tem existência independente, ou seja, para haver "beijo", é preciso alguém que o faça. Para fechar: podemos tornar advérbios e verbos em substantivos abstratos por meio de substantivação: "o bem, o mal, o saber, o despertar" etc.

Outra coisa extremamente importante (!): o substantivo **abstrato** pode se tornar **concreto** quando 1) ele é personificado no contexto (muitas vezes, tomando-o como entidade) ou 2) tem como referente um ser concreto. Veja os exemplos:

– *A **morte** do pai o deixou deprimido.* (Abstrato; estado)

– *A **Morte** vai te pegar, hoje, amanhã ou daqui a cinquenta anos.* (Concreto; entidade)

– *A **construção** do prédio foi concluída.* (Abstrato; ato de construir)

– *A **construção** ficou muito majestosa.* (Concreto; a coisa construída, o prédio)

– *A hora da **saída** me deixou ansioso.* (Abstrato; ato de sair)

– *Encontrou uma **saída** para escapar do incêndio.* (Concreto; lugar por onde se sai)

– *A **plantação** de maconha gera muito lucro para os traficantes.* (Abstrato; ato de plantar)

– *A polícia mandou queimar a **plantação** de maconha.* (Concreto; maconhal)

Essas mudanças implicam, inclusive, uma análise sintática diferente. Falarei sobre isso em "diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal". Fique esperto! Segure a curiosidade.

[3] Os coletivos podem ser **específicos**, **não específicos** (este último é também chamado de coletivo **geral** ou **genérico**) ou **partitivos**. Entenda:

Os primeiros são aqueles que indicam uma só espécie de seres: **esquadrilha** (grupo de aviões de pequeno porte), **cordilheira** (grupo de montanhas), **cáfila**

(grupo de camelos), **panapaná** (grupo de borboletas), **mobília** (grupo de móveis), **caravana** (grupo de viajantes), **tripulação** (grupo de marinheiros) etc.
Os segundos são aqueles que indicam mais de uma espécie de seres, acompanhados de expressão especificadora para tornar claro o coletivo: **bando** de ladrões, de vagabundos, de aves...; **falange** de heróis, de paramilitares, de espíritos...; **junta** de credores, de médicos, de examinadores...; **rebanho** de bois, de ovelhas, de cavalos...; **molho** de chaves, de cravos, de ossos...; **cacho** de uvas, de bananas, margaridas...; **grupo** de estudantes, de empresas, de golfinhos...
Os terceiros são aqueles que indicam a parte de um todo (pessoas, animais ou coisas); também vêm especificados por uma expressão "de + alguma coisa": "parte, porção, metade, maioria, minoria". Sobre o coletivo geral e o partitivo é bom dizer que, na frase, se vierem como sujeito, o verbo pode concordar com eles ou com seus especificadores. Exemplo: "Um **grupo** de **alunos** **reclamou**/**reclamaram** da nota.". / "A **maioria** dos **alunos** não **reclamou**/**reclamaram** da nota.".

É bom dizer que o mesmo substantivo pode ter mais de uma classificação. Por exemplo, a palavra "árvore" é um substantivo comum, concreto, primitivo e simples. Uma classificação não exclui outra, ok?

Variação em Gênero

Na medida em que sabemos que o substantivo pode variar de forma, vejamos como isso pode ocorrer, de-ta-lha-da-men-te.

Os substantivos só podem ser masculinos ou femininos. Serão reconhecidos pela terminação (alun**o**/alun**a**; gênero biforme) ou pelo determinante (**o** atleta/**a** atleta; gênero uniforme).

Não confunda, porém, gênero com sexo. O conceito de gênero diz respeito a um aspecto da gramática. O conceito de sexo diz respeito a um aspecto fisiológico. Em outras palavras, a palavra **criança** é um substantivo feminino, pois os determinantes que se ligam a ela indicam isso: João é **uma** **criança** **linda**. Por outro lado, essa palavra se refere a um ser do sexo masculino, João, mas poderia se referir a um ser do sexo feminino, se fosse Maria. Não confunda gênero com sexo.

Tipos

Existe o substantivo **uniforme** (não muda de forma para indicar gêneros diferentes) e o **biforme** (muda de forma para indicar gêneros diferentes).

Vejamos primeiro o **gênero biforme**:

Masculino	Troca de Terminação	Feminino
filho, gato, lobo, menino	-o / **-a**	filha, gata, loba, menina
elefante, monge, presidente, gigante	-e / **-a**	elefanta*, monja, presidenta*, giganta
bacharel, oficial, cantor, imperador, freguês, camponês, polonês, juiz, aprendiz; **terminado em** vogal tônica (peru, guri)	-l, -r, -s, -z, -u, -i / **-a**	bacharela, oficiala, cantora, imperadora, freguesa, camponesa, polonesa (ou polaca), juíza, aprendiza (não usual); perua, guria
capitão, alemão, leão, dragão, folião, valentão[1]	-ão / **-ã**, **-oa**, **-ona**	capitã, alemã, leoa, dragoa, foliona, valentona
ateu, plebeu, europeu, pigmeu, hebreu[2]	-eu / **-eia**	ateia, plebeia, europeia, pigmeia, hebreia
ilhéu, tabaréu (exceção: réu)	-éu / **-oa**	ilhoa, tabaroa (exceção: ré)
diácono, poeta, abade, conde, príncipe, cônsul, embaixador, obstetra, ator, herói, czar	terminações diversas / **-isa**, **-essa**, **-esa**, **-triz**, **-ina** (considerados sufixos)	diaconisa, poetisa, abadessa, condessa, princesa, consulesa, embaixatriz (esposa do embaixador), obstetriz, atriz, heroína, czarina

avô, capiau, dom, galo, marajá, maestro, rapaz, perdigão, jabuti, pardal, diabo, silfo	casos excepcionais	avó, capioa, dona, galinha, marani, maestrina, rapariga, perdiz, jabota, pardoca (ou pardaloca), diaba (ou diabra, ou diáboa), sílfide
homem, cavaleiro, cavalheiro, frei, padrinho, boi, cavalo, zangão, peixe-boi, cupim	heteronímia (a palavra tem outro radical para indicar o sexo)	mulher, amazona, dama, sóror (ou soror), madrinha, vaca, égua, abelha, peixe-mulher, arará

* O VOLP registra a forma "elefoa" como feminino de elefante. A forma "aliá" é o feminino de elefante asiático. É bom dizer que nem todos os substantivos masculinos terminados em **-e** apresentam correspondente feminino. Veremos isso em "gêneros uniformes".

* Há muita discussão desnecessária em cima da palavra presidenta e outras, pois as palavras terminadas em **-ente** (agente, vidente, regente...) são comuns de dois gêneros, mas a verdade é que o órgão oficial responsável por dizer qual grafia é correta na nossa língua é a ABL, mais especificamente o VOLP, o qual registra presidenta, almiranta, generala, marechala, coronela, capitã, sargenta, marinheira, aspiranta, soldada, infanta (mulher de infante), alfaiata, mestra, parenta, hóspeda etc. Já brigadeira, majora, tenenta, comandanta, chefa, (sub)oficiala e caba são formas inexistentes na língua, segundo o VOLP. Alguns gramáticos, como Sacconi e Bechara, e alguns dicionários, como o Aulete e o Michaelis, registram a forma (sub)oficiala. Bechara ainda observa bem que "na hierarquia militar, parece não haver uma regra generalizada para denominar as mulheres da profissão", isto é, arbitrariamente os militares ignoram o VOLP por força da tradição e entendem tais patentes como substantivos uniformes (comum de dois): "A sargento Luísa concedeu uma entrevista ao jornal." ou "O sargento Luís concedeu uma entrevista ao jornal.". Veremos mais sobre isso à frente, em "gênero uniforme".

[1] **Exceções**: barão > baronesa; cão > cadela; ladrão > ladra (o VOLP registra ladrona e ladroa); sultão > sultana; aldeão > aldeã ou aldeoa; anfitrião > anfitriã, anfitrioa; varão > varoa, virago, matrona; vilão > vilã, viloa.

[2] **Exceções**: judeu > judia; sandeu > sandia.

→Por favor, não erre mais questões em que os substantivos "milhão, bilhão, trilhão" etc. e "milhares" são colocados como femininos. Eles não são femininos! Exemplo: "**Duas milhões** de pessoas assistiram ao filme." (Errado) / **Dois milhões** de pessoas assistiram ao filme. (Certo). O **determinante** ficará no masculino, hein! Falarei mais sobre isso no capítulo de *Concordância*.

Para quem interessar possa, creio que isto que você vai ler muda algumas "coisinhas" (reflita!):

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

CASA CIVIL

SUBCHEFIA PARA ASSUNTOS JURÍDICOS

LEI Nº 12.605, DE 3 DE ABRIL DE 2012.

Determina o emprego obrigatório da flexão de gênero para nomear profissão ou grau em diplomas.

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º As instituições de ensino públicas e privadas expedirão diplomas e certificados com a flexão de gênero correspondente ao sexo da pessoa diplomada, ao designar a profissão e o grau obtido.

Art. 2º As pessoas já diplomadas poderão requerer das instituições referidas no art. 1º a reemissão gratuita dos diplomas, com a devida correção, segundo regulamento do respectivo sistema de ensino.

Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 3 de abril de 2012; 191º da Independência e 124º da República.

DILMA ROUSSEFF

Aloizio Mercadante

Eleonora Menicucci de Oliveira

Confira: ***http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/lei%2012.605-2012?OpenDocument***

Eh... agora se dirá "Fulana de Tal é torneira-mecânica ou bombeira-hidráulica".

"Mudando de pato pra ganso"... voltemos ao que interessa...

Existem substantivos que apresentam apenas uma forma para se referir a ambos os sexos (masculino ou feminino). O substantivo **comum de dois gêneros** só se refere a pessoas e tem seu gênero e sexo indicado por determinantes (masculinos e femininos). O substantivo **sobrecomum** só se refere a pessoas e tem seu gênero indicado por um determinante apenas (ou masculino, ou feminino), que serve para ambos os sexos. O substantivo **epiceno** refere-se a animais e plantas e tem seu gênero indicado por determinantes (masculinos e femininos; o sexo é indicado pelos adjetivos "macho" e "fêmea").

Vejamos agora o **gênero uniforme**:

Comum de dois[1]	**Sobrecomum**[2]	**Epiceno**[3]
o Darci / a Darci	o cônjuge	o jacaré macho/fêmea
um dentista / uma dentista	o carrasco	a pulga macho/fêmea
meu gerente / minha gerente	o ídolo	o tigre macho/fêmea*
algum cliente / alguma cliente	o algoz	o musgo macho/fêmea
quantos jovens / quantas jovens	a vítima	o mamoeiro macho/fêmea
estes colegas / estas colegas	a criatura	o pinheiro macho/fêmea
dois agentes / duas agentes	a testemunha	a cobra macho/fêmea
diplomata sério / diplomata séria	a pessoa	a barata macho/fêmea

[1] Os substantivos terminados em **-ista** são comuns de dois gêneros. Curiosidade: o/a personagem, o/a modelo, o/a manequim, o/a sósia; tanto faz. Nas corporações militares, diz-se o/a militar, o/a sargento, o/a tenente etc., mas o cabo e o major (sobrecomuns).

[2] Em linguagem popular, ou por razões estilísticas, encontramos a carrasca, a ídola, a chefa... Não são formas da língua culta!
[3] Podemos indicar o sexo também da seguinte maneira: *o macho do* rouxinol / *a fêmea do* rouxinol. Ah! *Tigresa* é a fêmea do *tigre*, segundo o VOLP.
* Um gramático diz que tigresa está mais para adjetivo, e o "comédia" do Sacconi (desculpe revelar, é ele) ainda me diz que tigresa é... a Camila Pitanga. Quando li a primeira vez, não cri, mas ri muito!

Gêneros Confundíveis

Algumas palavras podem gerar confusão, não é? Por exemplo, é **o** champanha ou **a** champanha? É um substantivo masculino. O VOLP diz que o substantivo champanh**e** pode ser masculino ou feminino. Tanto faz. Eu vou me basear no VOLP para alistar os substantivos, pois ele é o veículo oficial responsável por dizer como deve ser a grafia das palavras. Vejamos alguns:

Masculinos

o aneurisma, **o** apêndice, **o** champanha, **o** clã, **o** dó, **o** eclipse, **o** eczema, **o** guaraná, **o** magma, **o** matiz, **o** plasma, **o** gengibre, **o** clarinete, **o** mármore, **o** formicida, **o** herpes, **o** magazine, **o** maracujá, **o** lança-perfume, **o** pernoite, **o** púbis, **o** telefonema, **o** alvará, **o** estratagema, **o** pampa, **o** soprano...

Obs.: Os nomes de letra de alfabeto também são masculinos: **o** a, **o** b, **o** c...

Femininos

a musse, **a** picape, **a** faringe, **a** cólera (ira), **a** bacanal, **a** grafite, **a** libido, **a** aguardente, **a** alface, **a** couve, **a** cal, **a** comichão, **a** derme, **a** dinamite, **a** ênfase, **a** entorse, **a** gênese, **a** omoplata, **a** sentinela, **a** mascote, **a** apendicite, **a** pane, **a** ferrugem, **a** matinê, **a** echarpe...

Masculinos ou Femininos

o/a diabete(s), **o/a** pijama, **o/a** tapa, **o/a** suéter, **o/a** laringe, **o/a** cólera (doença), **o/a** dengue (doença), **o/a** agravante, **o/a** cataplasma, **o/a** gênesis, **o/a** omelete, **o/a** xérox, **o/a** usucapião, **o/a** ágape, **o/a** componente, **o/a** hélice (usual no fem.), **o/a** ordenança, **o/a** avestruz, **o/a** gambá, **o/a** sabiá, **o/a** amálgama, **o/a** travesti...

Obs.: Para substantivos epicenos, pode-se dizer também "o sabiá macho/fêmea" ou "a sabiá macho/fêmea".

Nunca é demais dizer que alguns substantivos são ou podem ser considerados de um determinado gênero a partir de uma palavra que vem subentendida entre o artigo e o substantivo. Veja alguns exemplos:

– ***O*** *(rio) Amazonas é enorme.*
– ***A*** *saudosa (cidade) Petrópolis me inspira.*
– *Ontem eu peguei* ***a*** *(avenida) Brasil engarrafada.*
– ***A*** *(banca) Cespe/UnB cria provas bem complexas*.*
– *Eu gosto d****o*** *(vinho) champanha e d****o*** *(charuto) havana.*
– ***O*** *(gato) angorá é um bicho curioso.*
– ***A*** *(rede) Globo exerce grande influência nas pessoas.*

* O gramático Luiz Antonio Sacconi é rígido no caso das siglas. Diz ele que o determinante deve concordar em gênero com a primeira palavra da sigla, logo, segundo tal lição, deveria ser "O Cespe/UnB cria provas bem complexas", pois o C de Cespe refere-se a Centro.

Mudança de Sentido

Dependendo do gênero do mesmo substantivo, pode haver mudança de sentido.

Feminino	Masculino
a cabeça (parte do corpo)	o cabeça (líder, chefe)
a capital (cidade)	o capital (dinheiro, bens)
a lotação (capacidade)	o lotação (automóvel)
a moral (valor, ética, conclusão)	o moral (ânimo, autoestima)
a rádio (estação)	o rádio (objeto)
a caixa (objeto)	o caixa (funcionário)
a cisma (desconfiança)	o cisma (separação)
a crisma (cerimônia católica)	o crisma (óleo santo)
a águia (animal)	o águia (pessoa esperta)
a cabra (animal)	o cabra (pessoa valente)
a grama (relva)	o grama (unidade de peso)
a banana (fruta)	o banana (pessoa covarde, palerma)

Questões relativas ao gênero dos substantivos são bem raras. Em concurso militar, até se encontram algumas, como esta:

35. (FAB – EAGS – Sargento da Aeronáutica – 2010) Observe:

José,_____ testemunha, chegou ao tribunal com _____ sósia como acompanhante e também com _____ champanha embaixo do braço. Resolveu dar _____ telefonema surpreendente, ocasião em que tropeçou, obtendo _____ entorse no joelho.

Qual alternativa preenche correta e respectivamente as lacunas do texto acima?

a) o, o, o, um, uma
b) o, a, a, uma, um
c) a, o, o, um, uma (gabarito!)

d) a, a, a, uma, um

Recado final: Preciso dizer que existem mais 380.000 palavras na língua e que, consequentemente, haverá muitas curiosidades envolvendo muitas palavras? Logo, sempre consulte o VOLP e os dicionários consagrados para dirimir suas dúvidas sobre o gênero delas.

Agora vamos conhecer um pouco mais sobre **variação em número.** O plural dos substantivos compostos ainda é cobrado em provas, então fique atento às regras à frente.

Variação em Número

O substantivo varia no plural, pelo acréscimo de desinência de número (**-s**), a fim de indicar quantidade. Carros indica mais de um carro; mistos-quentes indica mais de um misto-quente. **Essa é a regra geral**!

Veja mais exemplos: casa > casas, pele > peles, saci > sacis, cipó > cipós, chapéu > chapéus, troféu > troféus, degrau > degraus etc.

Há, porém, outras maneiras de pluralizar um substantivo. Vejamos agora as regras para os substantivos **simples** (aqueles que têm apenas um radical) e, depois, para os substantivos **compostos** (aqueles que têm mais de um radical).

Regras dos Simples

Singular	Terminação	Plural
chão, vão, mão, grão (exceto cão e pão); órgão, sótão, bênção, acórdão	-ão / **-s** (monossílabos e paroxítonos)	chãos, vãos, mãos, grãos (cães e pães); órgãos, sótãos, bênçãos, acórdãos
cristão, cidadão, irmão, pagão, demão	-ão / **-s** (oxítonos)	cristãos, cidadãos, irmãos, pagãos, demãos

Singular	Terminação	Plural
alemão, capelão, capitão, escrivão, sacristão, tabelião, catalão	-ão / **-es** (oxítonos)	alemães, capelães, capitães, escrivães, sacristães, tabeliães, catalães
leão, sabão, caixão, canhão, folião, estação, visão, razão, limão, nação	-ão / **-ões** (oxítonos) – a maioria se faz assim	leões, sabões, caixões, canhões, foliões, estações, visões, razões, limões, nações
anão, ancião, aldeão, artesão, corrimão, cirurgião, charlatão, ermitão, faisão, guardião, refrão, sacristão, verão, vilão, zangão	-ão / **-s**, **-es**, **-ões** (oxítonos) – mais de uma forma de plural	anãos/ões, anciãos/es/ões, aldeãos/es/ões, artesãos/ões*, corrimãos/ões, cirurgiães/ões, charlatães/ões, ermitãos/es/ões, faisães/ões, guardiães/ões, refrães/ões, sacristães/ões, verãos/ões, vilão/es/ões, zangãos/ões
canal, quintal, anel, carretel, álcool, farol, paul, Raul	-al, -el, -ol, -ul / **-is**[1]	canais, quintais, anéis, carretéis, álcoois (ou alcoóis), faróis, pauis, Rauis
perfil, funil, barril, fóssil, têxtil, míssil	-il / **-s** (oxítonos), **-eis** (paroxítonos)[2]	perfis, funis, barris, fósseis, têxteis, mísseis
bombom, fim, refém, totem, dom	-m / **-ns**	bombons, fins, reféns, totens (ou tótemes, plural de tóteme), dons
abdômen, hífen, pólen, nêutron	-n / **-s**, **-es**[3]	abdomens ou abdômenes, hifens ou hífenes, polens ou pólenes, neutrons ou nêutrones
hambúrguer, *caráter*, par, *sênior*, *júnior*	-r / **-es** (em alguns, há	hambúrgueres, *caracteres*, pares, *seniores*, *juniores*

Singular	Terminação	Plural
	deslocação da tônica)	
lilás, mês, revés, obus / (o) pires, atlas (grande), (nosso) ônibus, (excelente) ourives, (um) cais, (um) xis / fezes, núpcias, óculos, víveres, pêsames	-s / **-es** (monossílabos e oxítonos) / pluralizados pelo determinante / sempre pluralizados (por formação)	lilases (ou os lilás), meses, reveses, obuses / os pires, atlas grandes, nossos ônibus, excelentes ourives, dois cais, dois xis / aquelas fezes, as núpcias, *meus* óculos, aqueles víveres, nossos pêsames
(uma) xérox, (meu) tórax, (a) ônix, (poderosa) fênix; *fax, sax e box**	-x / pluralizados pelo determinante	três xérox, meus tórax, as ônix, poderosas fênix; *faxes, saxes e boxes* (alguns estudiosos abonam!)
gravidez, arroz, giz, raiz, paz	-z / **-es**	gravidezes, arrozes, gizes, raízes, pazes

* **artesões** só será plural de **artesão** quando for "enfeite de abóbada".

[1] **Exceções**: **aval** (avais, avales), **cal** (cais, cales), **cônsul** (cônsules), **fel** (féis, feles), **gol** (gois, goles, *gols* (esta é mais usual e reconhecida pelo VOLP), **mal** (males), **mel** (méis, meles), **mol** (móis, moles, mols).

[2] Cuidado com **réptil** e **projétil**, pois tais palavras também podem ser oxítonas (**reptil** e **projetil**), logo há dois plurais para cada: **reptis/répteis**; **projetis/projéteis**. O plural de **til** é **tiles** ou **tis**.

[3] O plural de **cânon** é **cânones**, e de **éden**, **edens**.

* Existem alguns substantivos terminados em **-x** que apresentam formas variantes terminadas em **-ce**; nesses casos, não variamos a forma terminada em **-x**, mas variamos a outra: o cálix ou o cálice > os cálix ou os cálices; o códex ou o

códice > os códex ou os códices; o córtex ou o córtice > os córtex ou os córtices; o índex ou o índice > os índex ou os índices; a fênix ou a fênice > as fênix ou as fênices; o clímax ou o clímace > os clímax ou os clímaces etc. Ainda, por força da tradição, se recomenda que tais palavras não variem!

Veja mais!

Plural de substantivos no diminutivo (zinhos/zitos)

Coloca-se a palavra no plural, retira-se o **-s**, junta o sufixo e "voilà"!

– **balão** > balões > balõe + zinhos = **balõezinhos**
– **cão** > cães > cãe + zitos = **cãezitos**
– **flor** > flores > flore + zinhas = **florezinhas**
– **português** > portugueses > portuguese + zinhos = **portuguesezinhos**
– **paz** > pazes > paze + zinhas = **pazezinhas**

Plural de substantivos próprios, de palavras substantivadas, de letras e de siglas

Os **substantivos próprios** variam normalmente:

– *Os **Fernandos** e os **Joões** normalmente chamam a atenção de todos (para o bem ou para o mal): Fernando Collor de Mello, Fernandinho Beira-Mar, Fernando Henrique Cardoso, Fernando Pestana, São João, Dom João VI, Joãozinho Trinta etc.*

Obs.: Segundo o excepcional Carlos Rocha, "em relação aos nomes que referem organizações e instituições de diferente natureza (religiosa, política, desportiva) ou marcas comerciais, a pluralização indicia uma metonímia, em que se transfere a sua aplicação para os membros dessas organizações ou para os itens dessa mesma marca comercial. Assim, os 'Jeovás' é uma designação de tom depreciativo que designa os membros das Testemunhas de Jeová; os 'Nokias' são os celulares da marca Nokia".

As **palavras substantivadas** variam normalmente:

– *Aquela aluna passou na prova dos **noves**, com dois **oitos** consecutivos. Não houve um **isso** que a reprovássemos.*

Obs.: Os numerais terminados em **-s** (três) e em **-z** (dez) não se pluralizam. Bechara abona "dezes".

As "letras", no plural, se dobram ou se escrevem por extenso:

– *Temos de colocar os pingos nos **ii** ou nos **is**? Tanto faz! Coloca logo esses pingos!*

As siglas se pluralizam com um modesto **s** minúsculo ao fim:

– *Comprei vinte **DVDs** para presentear meus parentes e amigos.*

Plural do substantivo em núcleo de locução adjetiva

O substantivo é colocado no plural quando a expressão sugerir que há mais de um elemento dentro de um objeto, lugar ou grupo: caixa de **fósforos**, talão de **cheques**, loja de **brinquedos**, cesta de **frutas**, grupo de **alunos**, par de **luvas** etc.

No entanto, se tal ideia não for sugerida, o substantivo de fora da locução ficará no plural para indicar a ideia plural: **discos** de platina, **sócios** da empresa, **canecas** de vinho, **taças** de cristal, **papéis** de embrulho etc.

Plural metafônico

Alguns substantivos no plural têm sua pronúncia modificada, como é o caso de ovo (**ô**vo) > ovos (**ó**vos). Veja alguns que ficam com o timbre aberto no plural: miolo, choro, corvo, despojo, destroço, caroço, poço, posto, forno, corno, fosso, coro, esforço, imposto, jogo, olho, osso, porco, porto, rogo, socorro, troco...; infelizmente alguns pensam que é aberto o timbre dos substantivos dorsos, bolsos, cachorros, morros, rolos, rostos, sogros... mas não são.

Não se pluralizam certos substantivos

Existem substantivos chamados de **não contáveis**, pois não podem ser enumerados. Normalmente, denotam alguns metais e alguns produtos alimentícios. Os abstratos, entretanto, são a maior parte desses substantivos não pluralizáveis. Vejamos alguns: cobre, prata, ferro, aço, ouro, sumo, vinho, água, açúcar, leite, coragem, eletricidade, saudade, amor, liberdade, fogo, norte, leste, oeste, fé etc.

Em linguagem figurada, podem tais palavras variar. É interessante dizer que "amores" e "liberdades", conotam, respectivamente, "carinho" e "intimidade": "Como estão, meus amores?" e "Eu não te dou essas liberdades, hein!".

Substantivos no singular com sentido plural

Quando certos substantivos são tomados com sentido genérico, a ideia é plural. Veja:

– *Definitivamente, o* ***homem*** *(= homens) precisa respeitar a mulher.*

– *O* ***índio*** *(= os índios) foi, está e continuará sendo massacrado?*

– *Sem dúvida nenhuma, a* ***mulher*** *(= as mulheres) já conquistou seu espaço.*

Plural dos substantivos estrangeiros

Segundo Cegalla, "substantivos ainda não aportuguesados devem ser escritos como na língua original, acrescentando-se-lhes um **s** (exceto quando terminam em **s** ou **z**). Exemplos: os shorts, os dancings, os shows etc.".

Mudança de Sentido

Dependendo do número do mesmo substantivo, pode haver mudança de sentido.

Singular	Plural
ar (substância atmosférica)	ares (condição climática, aparência)
bem (virtude)	bens (propriedades)
costa (litoral)	costas (dorso)
pau (pedaço de madeira)	paus (baralho)
sentimento (sensibilidade)	sentimentos (pêsames)
vencimento (validade)	vencimentos (salário)
vergonha (humilhação)	vergonhas (órgão sexual)

féria (remuneração diária)	férias (descanso)
letra (símbolo gráfico)	letras (literaturas)
fogo (elemento)	fogos (de artifício)

Se não me esqueci de nada importante, vamos à **variação em grau** agora! Ah...! Sabia que estava me esquecendo de alguma coisa... Uma das partes mais relevantes para os concursos: **plural dos substantivos compostos**. Venha comigo!

Regras dos Compostos

Em condições normais de temperatura e pressão, os **substantivos**, os **adjetivos**, os **numerais** e os **pronomes** que fazem parte do substantivo composto variam em número. Veja:

– *Os **tenentes-coronéis** (subst. + subst.) foram convidados para a reunião.*
– *Estes **alunos-mestres** (subst. + subst.) desempenham bem o papel de professor.*
– *Comprei dois **cachorros-quentes** (subst. + adj.) bem saborosos naquela barraca.*
– *Ah, os **arrozes-doces** (subst. + adj.) da mamãe! Quanta saudade!*
– *Os **capitães-mores** (subst. + adj.) eram autoridades que comandavam certas milícias.*
– *Os **baixos-relevos** (adj. + subst.) são bastante utilizados na decoração arquitetônica.*
– *Todos os **gentis-homens** (adj. + subst.) são sedutores.*
– *Não tenho tratos com **maus-caracteres** (adj. + subst.), meu nobre!*
– *Convidaram os **surdos-mudos** (adj. + adj.) para o discurso em LIBRAS.*
– *Quem não odeia todas as **segundas-feiras** (num. + subst.)?*
– *Dentre os **primeiros-ministros** (num. + subst.) ingleses, Churchill marcou a história.*
– *Os **meios-fios** (num. + subst.) estão muito mal conservados.*
– *Os **seus-vizinhos** (pron. + subst.) ficam entre o dedo médio e o mínimo.*
– *Fizeram **poucos-casos** (pron. + subst.) dos rapazes.*

– Se o substantivo composto formado por **subst. + subst.** indicar adição, como se houvesse um **e** entre eles, ambos irão variar: tenente-coronel (tenentes-

coronéis), tio-avô (tios-avôs), abelha-mestra (abelhas-mestras), padre-mestre (padres-mestres), traqueia-artéria (traqueias-artérias), comandante-chefe (comandantes-chefes) etc. Consulte o VOLP para ter certeza do plural de substantivos compostos desse tipo.
– Certos pronomes invariáveis mantêm sua invariabilidade: "Vocês são dois **joões-ninguém.**" ou "Esquecemos os **cola-tudo** na loja!". Mas: "Não me importam os **tudos-nadas** (ou tudo-nadas).".
– Se o substantivo for invariável, também não varia no composto: "Foram comprados cinco **porta-lápis**, depois mais um **porta-lápis**".

Agora, em condições normais de temperatura e pressão, as demais classes gramaticais **não** variam em número (**verbo, advérbio, conjunção, preposição, interjeição**). Veja:
– *Aquelas **porta-bandeiras** (verbo + subst.) sabem o que é samba.*
– *Nunca se viram **beija-flores** (verbo + subst.) tão garbosos como esses.*
– *Vamos lutar para os **abaixo-assinados** (adv. + adj.) serem aceitos.*
– *Os **alto-falantes** (adv. + adj.) foram desligados*.*
– *Não confie nestas três **leva e traz** (verbo + conjunção + verbo; sem hífen).*
– *Seus **cães de guarda** (subst. + prep. + subst.) continuam bem ferozes.*
– *O padre fez os garotos rezarem mais de dez **ave-marias** (interj. + subst.).*

* Nesta palavra, **alto** é visto como advérbio pelos gramáticos, por isso não varia.
– Não me custa relembrar que o verbo **parar** perdeu o acento, inclusive nos substantivos compostos: "para-choque, para-brisa, para-lama" etc. Em **paraquedas** e seus derivados, houve perda do hífen. Fique esperto!

Como nem tudo são flores nesta vida, há certas regrinhas especiais para os substantivos compostos. Precisamos falar delas, meu nobre. Cuidado com algumas palavras que perderam o hífen! Vejamos:
1) Os **não separados por hífen** seguem as regras dos substantivos simples:

– **fidalgos**, **madressilvas**, **pontapés**, **girassóis**, **mandachuvas**, **vaivéns**, **malmequeres** (mas: bem-me-quer > **bem-me-queres**, com hífen)

2) Se o **2º** substantivo **delimitar** o **1º** indicando semelhança/finalidade, normalmente, ambos os elementos poderão variar (é normal que só o 1º varie nas provas de concurso):

– **peixes**-espada(s), **papéis**-moeda(s), **homens**-rã(s), **bananas**-maçã(s), **pombos**-correio(s), **salários**-família(s), **públicos**-alvo(s), **navio**-escola(s), **bombas**-relógio(s), **banhos**-maria(s)...

Obs.: Na contramão do que dizem 99,99% dos gramáticos, o VOLP diz que o plural de **couve-flor** é duplo: **couves-flor** ou **couves-flores**. Para os 99,99%, o plural é um só: **couves-flores**. Segundo o VOLP, o plural de **lugar-tenente** é **lugares-tenentes**; para Bechara, é **lugar-tenentes**. O plural de **mestre-sala** só é **mestres-salas**, segundo o VOLP e os principais dicionários, como o Aulete, o Houaiss etc. Tomara que essa "bagunça" não caia na prova! Vai dar M.

3) Se o substantivo composto estiver formado por **substantivo + preposição + substantivo**, só o 1º irá variar:

– **pés** de moleque, **mulas** sem cabeça, **comandantes** em chefe, **pores** do sol, **bolas** ao cesto, **calcanhares** de aquiles, **pais** dos burros, **bichos** de sete cabeças, **rosas** dos ventos, **mestres** de cerimônias etc.

Cuidado!!!

– As últimas quatro palavras já apresentam, no singular, o último elemento pluralizado por natureza: pai dos burros, bicho de sete cabeças, rosa dos ventos, mestre de cerimônias. Não obstante, aplica-se a regra: só o 1º elemento varia no plural.

– **Fora da lei** é invariável, pois fora é advérbio; pluraliza-se pelo determinante: "**Os fora da lei** foram presos.".

– Em **cavalo-vapor**, só o primeiro elemento varia (**cavalos-vapor**), pois está implícita a preposição **a** (cavalos **a** vapor).
– Mantêm o hífen os compostos relativos a espécies botânicas e zoológicas e certas exceções, no entanto nada muda quanto à pluralização: **pimentas-do-reino**, **copos-de-leite**, **galinhas-d'angola**, **abelhas-da-europa**, **águas-de-colônia**, **arcos-da-velha**, **cores-de-rosa** (quando cor-de-rosa é adjetivo composto, não varia). O substantivo louva-a-deus (inseto) só varia pelo determinante: **os louva-a-deus**, pois louva é verbo e não substantivo.
– A palavra **grão de bico/grão-de-bico** é interessante, pois a primeira grafia é a "pastinha" preparada com a semente; a segunda grafia é a semente (espécie botânica).O plural não muda: **grãos de bico** ou **grãos-de-bico.**

4) Os elementos abreviados **grã-**, **grão-**, **bel-, dom-, são-** são invariáveis; o outro elemento varia normalmente:
– **grã**-duquesas, **grã**-cruzes, **grão**-mestres, **grão**-priores, **bel**-prazeres, **bel**-valenses, **dom**-juanescos, **dom**-rodrigos, **são**-beneditenses, **são**-bernardos...

5) Se o substantivo indicar **origem**, só o 2º irá variar:
– nova-**iorquinos**, afro-**brasileiros**, ítalo-**americanos**, anglo-**americanos**, afro-**asiáticos**...

6) Em substantivos compostos por **verbos iguais**, ambos podem variar (em prova de concurso, é normal só o 2º variar):
– corre(s)-**corres**, ruge(s)-**ruges**, pega(s)-**pegas**, pisca(s)-**piscas**... mas: lambe-**lambes**.

7) Em substantivos formados por **onomatopeias**, só o último elemento varia:
– tique-**taques**, pingue-**pongues**, bangue-**bangues**, reco-**recos**, bem-te-**vis**...

8) Em substantivos compostos formados por **frases substantivadas**, não haverá pluralização de nenhum elemento; só o determinante indicará o plural:
– **as** maria vai com as outras, **os** bumba meu boi, **as** leva e traz, **os** entra e sai, **os** disse me disse, **os** chove não molha, **as** comigo-ninguém-pode (espécie botânica é com hífen).

Obs.: Segundo alguns gramáticos, como Bechara, os substantivos compostos formados por verbos de significação oposta não variam, por isso "leva e traz, perde-ganha, vai-volta, pega-larga" só se pluralizam pelo determinante: os leva e traz, os perde-ganha, os vai-volta, os pega-larga.

9) Se o substantivo composto estiver formado por **guarda** (verbo) **+ substantivo**, só o 2º elemento irá variar; se **guarda** (subst.) **+ adjetivo**, ambos variam:

– guarda-**chuvas**, guarda-**roupas**, guarda-**cartuchos**...; **guardas-civis**, **guardas-noturnos, guardas-florestais**...

Obs.: Segundo o VOLP, o plural de **guarda-marinha** é triplo: **guardas**-marinha, guarda-**marinhas** ou **guardas-marinhas**.

10) Alguns casos especiais: os arco-íris (os arcos-íris, segundo o VOLP), os sem-terra, os sem-teto, os sem-dinheiro, os sem-sal, os sem-vergonha (tais vocábulos não pluralizam, pois são adjetivos compostos substantivados), os mapas-múndi, claros-escuro(s), xeques-mate(s), padre(s)-nossos, salvo(s)-condutos, mal-estares, bem-estares, micos-leão-dourados ou micos-leões-dourados, todo-poderosos (Todo-poderoso – invariável, Deus).

Obs.: O substantivo **toda-poderosa** não existe, a forma culta é **todo-poderosa**: "Fulana é a todo-poderosa da empresa.". Substantivo composto formado por prefixo, como **vice-campeão**, não deveria se encaixar na regra dos "compostos", pois prefixo forma palavra "derivada", não "composta". Deixando a crítica de lado, saiba que os prefixos não variam nunca, logo **vice-campeões** é o plural correto.

Curiosidade final:

ABL RESPONDE

Pergunta: Bom dia. Parece bobeira o que vou perguntar, mas elucidem de uma vez por todas, como se escreve aquela posição em que o jogador de futebol fica na lateral direita (com hífen ou sem hífen)? Por quê? E a jogadora (termo feminino) que fica nessa posição, como se chama, lateral-direita? Agradeço desde já os esclarecimentos.

Resposta: Prezado, há divergências entre dicionários quanto à grafia desta palavra [o Dicionário Aulete a considera assim: lateral-direito(a), lateral-esquerdo(a)] ou locução [o Dicionário Houaiss a trata assim: lateral direito(a), lateral esquerdo(a)]. O VOLP não considera como termo composto nem como locução, traz apenas a forma lateral. Enquanto não há um consenso, sugerimos obediência ao VOLP, isto é, o substantivo lateral acompanhado do adjetivo conveniente que poderá ser direito ou esquerdo.

Variação em Grau

De acordo com José R. Macambira, "toda palavra variável que aceita os sufixos **-inho** e **-ão**, correspondentes a **pequeno** e **grande**, pertence à classe dos substantivos: casa > casinha > casa pequena; casa > casarão > casa grande.

"Mas, enfim, o que é variação em grau?" O substantivo varia em grau quando exprime sua dimensão aumentada ou diminuída, a depender do uso de adjetivos e sufixos ligados a ele.

Existem dois graus dos substantivos: **aumentativo** (analítico e sintético) e **diminutivo** (analítico e sintético). A forma analítica se dá por meio do uso de adjetivos que aumentam ou diminuem o tamanho (ou intensidade) normal que exprime um substantivo. Já a forma sintética se dá, normalmente, por meio do uso de sufixos. É por isso que não se pode falar em flexão em grau dos substantivos, mas sim derivação, pois na gradação se usam afixos.

Aumentativo

Forma analítica (adjetivos): **celular** grande, **computador** enorme, **espaço** imenso, **engarrafamento** monstro, **festa** colossal, **obra** gigantesca, **luta** apoteótica, **sucesso** tremendo, **ritmo** vertiginoso, **previsão** incrível, **atrasos** homéricos etc.

Forma sintética (sufixos):

–aço(a): barcaça, louraça, morenaço

–alho(a): muralha, gentalha, politicalho
–alhão: grandalhão, facalhão
–ama: poeirama, dinheirama
–anzil: corpanzil
–(z)ão: lobão, caldeirão, apertão, bofetão, calorão, bonzão, amarelão, azulão...
–arra: bocarra, bicarra
–astro: poetrasto, politicastro
–arraz: fatacaz, pratarraz
–ázio: copázio, balázio
–az: lobaz, cabronaz
–aréu: fogaréu, povaréu
–eima: guloseima, boleima
–ento: farturento, corpulento
–eirão: vozeirão, chapeirão
–ola: beiçola
–orra: cabeçorra, cachaporra
–uço(a): dentuça, dentuço
–udo: pançudo, maçudo
–zarrão: homenzarrão, canzarrão

Obs.: Muitos substantivos são formados por prefixação ou composição: maxissaia, maxidesvalorização, supermercado, hiperalimentação, supradivino, ultrassensível, megagrife etc.

Diminutivo

Forma analítica (adjetivos): **televisão** pequena, **cadeira** pequenina, **sala** minúscula, **estoque** ínfimo, **jardim** diminuto, **apoucado** recurso etc.

Forma Sintética (sufixos):
– acho(a): riacho, fogacho
– ebre: casebre
– eco(a): jornaleco, soneca, padreco
– ela: viela, rodela, ruela

– **(z)elho(a)**: fedelho, rapazelho
– **ejo**: lugarejo, vilarejo
– **ete**: artiguete, boquete, falsete
– **eto(a)**: saleta, boceta, folheto
– **ilha**: cartilha, esquadrilha
– **icho(a)**: cornicho, barbicha
– **(z)ito(a)**: Manuelito, cãozito, cabrita
– **ino(a)**: pequenina, violino
– **im**: espadim, flautim
– **(z)inho**: colherzinha (ou colherinha), florzinha (ou florinha),
– **isco**: asterisco, chuvisco
– **oca**: engenhoca, bitoca
– **ote(a)**: filhote, serrote, velhote
– **ola**: rapazola, fazendola, portinhola
– **usco(a)**: chamusco
– **ucho(a)**: gorducho, papelucho

Estes são **eruditos** (normalmente de origem latina):

– **ículo(a)**: cubículo, gotícula
– **ulo(a)**: glóbulo, grânulo
– **únculo(a)**: questiúncula, molécula
– **úsculo(a)**: corpúsculo, opúsculo

Obs.: Muitos substantivos são formados por composição: minissaia, minibiblioteca, minidicionário etc.

Formas Estilísticas

Formas estilísticas de grau dos substantivos são aquelas que fogem à ideia normal de grau, acrescentando sentidos extras a eles. Normalmente encontramos tais formas em registros mais informais e literários.

Os sufixos aumentativos (normalmente **-ão**) e diminutivos (normalmente **-(z)inho**) podem apresentar outras ideias, além de grandeza e pequenez. Carinho,

afeto, admiração, ironia, desprezo, depreciação, vergonha e intensidade são valores que vêm embutidos em muitos substantivos, a depender do contexto. Veja:

– *Ok,* ***sabichão*** *e* ***sabichona****, vocês nunca erram.* (ironia)
– *Aquele homem não passa de um* ***padreco****!* (depreciação)
– *Nossa! Que* ***carrão****!* (admiração)
– ***Gatinha****, como faço para você fazer ronrom?* (afeto, carinho)
– *Aquele* ***timinho*** *só tem* ***mauricinho****.* (desprezo, deboche)
– *Não dou moral alguma para* ***gentalha****.* (desprezo)
– *Bebeu demais e fez um* ***papelão****.* (vergonha)
– *Eu te amo, meu* ***paizão****!* (carinho, afeto)
– ***Amorzinho****, cala essa tua boquinha agora.* (ironia)
– ***Amorzinho****, que* ***boquinha*** *linda você tem.* (afeto, carinho)
– *Não leio* ***livrecos****; odeio literatura de massa.* (desprezo, depreciação)
– *Incrível! Estou para ver um* ***golaço*** *como este.* (admiração)
– *Amanda sempre foi um* ***mulherão****, mas agora está uma* ***mulheraça****!* (admiração)
– *Não tomo minha* ***cervejinha*** *com esse* ***frangote****.* (afeto/desprezo)
– *Enfim, comprei um* ***zerinho****! Que carro!* (intensidade)

Muito interessante isso, não? O que é mais interessante ainda é que tais sufixos, principalmente **-inho** e **-ão** (como em certa propaganda do "cervejão"), se fixam a adjetivos, pronomes, numerais, advérbios etc., porque têm enorme vitalidade na língua. Veja:

– *Ela é* ***lindinha****! Que nada, é* ***lindona****!* (adjetivo)
– *"Poxa, professor, mostra uma questão para mim..." "****Nenhuminha****!"*(pronome)
– ***Essazinha*** *não vale o que come...* (pronome)
– *Quero só um beijo,* ***unzinho*** *só.* (numeral)
– *Caramba, ele fala* ***rapidão****!* (advérbio)

Alguns **hipocorísticos** (qualquer palavra de forte valor afetivo, usado no trato familiar, que representa uma simplificação ou modificação do nome) são criados com sufixos: Chiquinho, Nandinho, Xandão etc.

Obs.: Preciso dar este exemplo, ou não vou conseguir dormir. Eu (Pestana) tenho um amigo que é muito baixinho, quase do meu tamanho, e se chama Carlos. Por ironia, apelidaram-no de Carlão. Todo mundo

passou a chamar o cara de Carlão. Pronto. Depois de um tempo... o sufixo **-ão** passou a fazer parte do radical, perdendo a ideia de grau (e de ironia). Os mais íntimos, sem trocadilhos, só o chamam hoje de Carlão**zinho**, por carinho, afetividade. Note que o sufixo diminutivo se ligou ao agora radical "Carlão". Eis a língua portuguesa... derivação em cima de derivação... Você deve ter um amigo que passou por esse "processo", não?

Outra forma estilística de grau se dá por meio da repetição da palavra ligada pela preposição **de**: "Danton Pedro dos Santos é o **mestre dos mestres**!". Ou como na Bíblia: "Jesus é o **Rei dos reis** e **Senhor dos senhores**!".

É bom dizer que alguns substantivos já perderam a ideia de grau: fogão, sapatão, cartão, cartaz, caixão, portão, caldeirão, colchão, calção, papelão, cartilha, calcinha, corpete, pastilha, folhinha (calendário), lingueta, cavalete, (o) lanterninha, (o) bandeirinha, sombrinha.

Hoje, você, eu e todo mundo dizemos assim: "Não deixe de fechar o **portãozinho** lá fora, por favor.". Percebe que o radical da palavra é **portão** (portão + zinho = portãozinho)? É isso aí. O **-ão**, um dia, fez parte do radical, mas, com o passar do tempo, tornou-se parte dele. "Muuuuuito" interessante, não é? Ou só eu que gosto dessas maluquices?

Veja agora uma questão sobre o valor estilístico do sufixo **-inho**:

5. (NCE/UFRJ – UFRJ – Técnico em Farmácia – 2009) "...vive pertinho do céu"; o valor do diminutivo no vocábulo sublinhado se repete em:

a) A favela é um lugarzinho bonito;
b) Os barracõezinhos das favelas cariocas são coloridos;
c) A subida para os morros está coberta de papeizinhos;
d) A polícia chegou rapidinho ao morro; (é um advérbio intensificado pelo sufixo)
e) A lourinha ganhou o concurso de beleza.

A opção D é o gabarito, pois o sufixo **-inho**, quando ligado a adjetivos ou advérbios, indica intensidade. Rapidinho e pertinho equivalem a muito rápido e muito perto. Em a), o substantivo lugarzinho parece ter valor afetivo. Em b),

idem. Agora, note o processo: barraco > barracão > barracõezinhos. Interessante! Em c), é papel pequeno. Em e), há um valor afetivo no substantivo.

Valor Discursivo

Se você nunca ouviu falar em **valor discursivo** de uma classe gramatical, é a hora!

Quando alguém produz um texto, na fala ou na escrita, ele está discursando. Dependendo da "intencionalidade discursiva", podemos perceber a função, o objetivo, o propósito da escolha das classes gramaticais na construção de um texto.

O substantivo tem o papel de nomear, certo? Mas, na construção do discurso, dependendo da intenção do produtor do texto na sua relação com seu interlocutor, o substantivo pode nomear de modo neutro ou de modo engajado.

Por exemplo, há uma diferença quando dizemos "Havia dois tipos de político naquela época: o ético e o antiético. O **antiético** não merecia nosso voto." para quando dizemos "Havia dois tipos de político naquela época: o ético e o antiético. O **canalha** não merecia nosso voto.". Percebe que a escolha do substantivo, em ambos os casos, revela a intenção do locutor do texto? Na primeira frase, usa-se o substantivo de modo neutro, sem engajamento, o que certamente não ocorre na segunda frase.

Portanto, os substantivos têm um papel não só nomeador, mas também revelador (por parte de quem o seleciona). A escolha do substantivo em um texto é realmente importante para indicar a verdadeira intenção de quem o produz.

Agora, mais do que isso, o substantivo tem um papel superimportante na **coesão textual**.

Muitas vezes, evita-se a repetição de um substantivo substituindo-o por outro substantivo (1) sinônimo, (2) homônimo, (3) hiperônimo ou (4) acompanhado de pronome demonstrativo. Tais vocábulos são **referenciadores**, pois fazem referência a um substantivo. Veja este texto:

"Gosto muito do **Flamengo**, mas **esse Flamengo** (4) de hoje vem me cansando. Saber que o **Mengão** (1) está em má fase provoca em mim uma revolta muito grande, pois meu grande **time** (3) é sinônimo de tradição e talento."

Ficou claro que o substantivo Flamengo foi substituído por outros para evitar a repetição e, assim, dar continuidade ao texto de maneira polida e clara?

Alguns **substantivos** podem ser usados com objetivo **resumitivo**. Por exemplo: "A mãe e o pai discutiam com a filha frequentemente por causa do namorado dela. O **imbróglio** se devia ao mau-caráter do rapaz.".

O substantivo **imbróglio** resume todo o período anterior. Interessante, não?

Em textos maiores, obviamente, encontramos mais referenciadores. Esta é a função textual de que tanto se fala hoje em dia nas provas, isto é, dentro do texto, qual é a função de uma palavra? No caso dos substantivos, adjetivos, artigos, pronomes, numerais e advérbios, a função é (trocando em miúdos) "fazer referência a palavras, substituir palavras para evitar a repetição".

Fiquemos por aqui! Falarei mais sobre isso no capítulo de *Coesão e Coerência*. Ah, nem doeu, não é? Molezinha!

O Que Cai Mais na Prova?

De tudo que pode ser trabalhado em substantivo, fica claro que as bancas insistem em trabalhar **plural dos substantivos compostos**, portanto este é o filé! Em provas de nível fundamental preparadas por bancas de pouca expressão, cobram-se, normalmente, as classificações, o gênero e a quantidade de substantivos em um trecho.

Questões de Concursos

Mantive a ortografia não atual em questões antigas. Boa resolução!

1. (MPE-RJ (NCE) – Corregedoria Geral da Justiça/RJ – 1998) "Consistem meramente de demarcações..."; o vocábulo demarcação tem seu plural corretamente formado no texto. O item abaixo em que há um vocábulo cuja forma plural é unanimemente considerada como equivocada é:
   a) escrivães – tabeliães – cidadãos;
   b) aldeãos – aldeões – aldeães;
   c) artesãos – camaleões – vulcões;
   d) artesões – corrimãos – verões;
   e) guardiões – guardiães – charlatãos.

2. (FGV – SPTRANS – Especialista em Transporte – 2001) Os substantivos "prancheta, lobaz, muralha, nódulo" estão, respectivamente, nos graus:

a) aumentativo, aumentativo, diminutivo, aumentativo;
b) diminutivo, diminutivo, aumentativo, aumentativo;
c) diminutivo, aumentativo, aumentativo, diminutivo;
d) aumentativo, diminutivo, diminutivo, aumentativo.

3. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) "...por que passam milhões de crianças brasileiras..."; observe as formas abaixo:
I. as milhões de crianças brasileiras.
II. os milhões de crianças brasileiras.
III. as milhares de crianças brasileiras.
IV. os milhares de crianças brasileiras.
As formas corretas são somente:
a) I – II;
b) I – III;
c) II – IV;
d) III – IV;
e) I – II – III – IV.

4. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) Os vocábulos mão-de-obra, infanto-juvenil e bolsa-escola apresentam como formas plurais adequadas:
a) mãos-de-obras / infanto-juvenis / bolsas-escolas;
b) mãos-de-obra / infanto-juvenis / bolsas-escola;
c) mão-de-obras / infantos-juvenis / bolsas-escolas;
d) mão-de-obras / infantos-juvenis / bolsas-escola;
e) mãos-de-obra / infantos-juvenis / bolsas-escola.

5. (NCE/UFRJ – MPE/RJ – Secretário de Procuradoria – 2002) A frase em que a substituição do verbo pelo substantivo cognato correspondente é feita de forma INCORRETA é:
a) "Compreender como usar nossa força para superar nossa fraqueza..." – A compreensão de como usar nossa força para a superação de nossa fraqueza.
b) "Estão prontas para crescer quando assegurarmos as condições para diminuir os juros e para simplificar os tributos." – Estão prontas para o crescimento quando assegurarmos as condições para a diminuição dos juros e para a simplicidade dos tributos.
c) "E nossos bancos, entre os mais eficientes do mundo, têm tudo para mudar de ramo, passando a financiar a produção." – E nossos bancos, entre os mais eficientes do mundo, têm tudo para a mudança de ramo, passando ao financiamento da produção.
d) "Nossas instituições ainda não estão organizadas para apoiar esse impulso construtivo." – Nossas instituições ainda não estão organizadas para o apoiamento desse impulso construtivo.
e) "...dá sinais de optar por ideal pequeno-burguês." – dá sinais de opção por ideal pequeno-burguês.

6. (FCC – TRT (20R) – Técnico Judiciário – 2002) Assinale a frase em que o plural do substantivo composto está INCORRETO:
a) Os brasileiros não são cucas-frescas, como se pensa.
b) Esses são pontos-chave para evitar o nervosismo.
c) São coletes salvam-vidas contra os fatores de stress.

d) Os chefes são geralmente todo-poderosos no serviço.
e) As causas de sofrimento não são simples lugares-comuns.

7. (FCC – TRT (5R) – Auxiliar Judiciário – 2003) Na época em que alguns trabalhadores recebiam suas ..... não existiam os ..... .
a) meia-tigelas – vale-refeições;
b) meia-tigelas – valem-refeição;
c) meias-tigelas – vales-refeições;
d) meias-tigelas – valem-refeições;
e) meias-tigela – vales-refeição.

8. (Cesgranrio – BNDES – Advogado – 2004) No título do artigo "A tal da demanda social", a classe de palavra de "tal" é:
a) pronome;
b) adjetivo;
c) advérbio;
d) substantivo;
e) preposição.

9. (Cesgranrio – MPE/RO – Analista de Sistemas – 2005) Dentre os plurais dos nomes compostos, o único flexionado de modo adequado é:
a) guarda-chuvas;
b) olhos azuis-turquezas;
c) escolas-modelos;
d) surdo-mudos;
e) pores-dos-sóis.

10. (FCC – TRT/MS (24R) – Auxiliar Judiciário – 2006) O município de Bonito é exemplo de preservação de suas belezas naturais, com ..... de visão magnífica, verdadeiros ..... .
a) quedas d'água – cartões-postal;
b) quedas d'água – cartões-postais;
c) queda d'águas – cartões-postais;
d) quedas d'água – cartão-postais;
e) queda d'águas – cartão-postais.

11. (FCC – TRT (24R) – Técnico Judiciário – 2006) A forma correta de plural dos substantivos compostos *mico-leão-dourado* e *ararinha-azul* é:
a) micos-leão-dourados e ararinhas-azul;
b) micos-leão-dourado e ararinha-azuis;
c) mico-leões-dourados e ararinha-azuis;
d) mico-leão-dourados e ararinhas-azul;
e) micos-leões-dourados e ararinhas-azuis.

*O **ser** humano não pode ser definido em relação a ele mesmo, porque não é um sujeito isolado, vive em relação com as coisas, com os outros e com o mundo, mesmo antes de **pensar** e de falar. Esta presença não é somente observável como também um fato vivido, isto é, quer*

dizer que o ser humano se manifesta no **ser** *a cada instante. Nessa responsabilidade, inclui, às vezes, o eu e, às vezes, o outro, num equilíbrio que se faz de uma parte entre poder* **cuidar** *de si mesmo e, de outra, poder cuidar dos demais. Através dessa construção coletiva, os homens fazem e criam sua história e, nessa construção-criação, o cuidado torna-se um processo, não apenas um ato. Ato este que envolve o* **cuidar** *de si e do outro, mais o cuidado como possibilidade de continuidade da espécie, gozar a vida com qualidade e com liberdade.*

12. (Esaf – CGU – Analista de Finanças – 2006) Assinale o termo sublinhado do texto que apresenta ambivalência, ou seja, para conferir coerência ao texto, tanto pode receber a interpretação de substantivação do verbo quanto a interpretação de substantivo concreto.
a) "ser".
b) "pensar".
c) "ser".
d) "cuidar".
e) "cuidar".

13. (NCE/UFRJ – Eletrobras – Letras (Espanhol) – 2007) O vocábulo *telefonema* pertence ao gênero masculino, como mostra o texto. A alternativa abaixo que mostra um substantivo do gênero feminino é:
a) champanha / clã;
b) mármore / guaraná;
c) apetite / suéter;
d) pijama / saca-rolhas;
e) milhar / cal.

14. (Instituto Ludus – CRO – Auxiliar de Serviços Gerais – 2008) Quantos substantivos há no período "Um anjo de asas azuis, todo vestido de luz, sussurrou-lhe num segredo os mistérios de outra vida"?
a) seis.
b) cinco.
c) quatro.
d) sete.
e) três.

Fragmento de texto

O soldado e o marinheiro permutaram bofetadas, mais ou menos teóricas, numa esquina de minha rua por causa da namorada comum, que devia chamar-se Marlene. O ***duelo*** *durou vinte minutos, e cinquenta pessoas assistiram. (...)*

15. (Cespe – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2008) Acerca dos sentidos e dos elementos de coesão e de referenciação presentes no texto, julgue (C ou E) os itens subsequentes.
– O substantivo "duelo" resume, com certa dose de ironia, o episódio narrado no primeiro período do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cesgranrio – Casa da Moeda – Advogado – 2009) Há três substantivos em:
a) "... com sérias dificuldades financeiras.";
b) "... não conseguiu prever nem a crise econômica atual.";
c) "... vai tornar inúteis arquivos e bibliotecas).";
d) "... precisa da confirmação e do endosso do 'impresso'";
e) "Muitos dos *blogs* e *sites* mais influentes...".

O efeito da supervalorização cambial sobre a indústria atinge muito mais fortemente os níveis da produção e do emprego que os demais setores. ***Essa*** *é uma* ***situação que*** *precisa ser repensada. É claro que não se trata de um* ***problema*** *simples, que se resolva com providências rápidas, pois exige medidas que às vezes podem ser classificadas como heterodoxas. (...)*

17. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) (Adaptada) Julgue a alternativa a seguir como correta ou incorreta a respeito do uso das estruturas linguísticas no texto.
I. Nas relações de coesão, a ideia explicitada na primeira oração do texto é várias vezes retomada: apontada pelo pronome "Essa", resumida por "situação", referida pelo pronome "que" e substituída pelo termo "problema".

18. (FCC – TRE/RS – Técnico Judiciário – 2010) Considerada a flexão, a frase que está em total concordância com o padrão culto escrito é:
a) Os tabeliões reúnem-se sempre às quinta-feiras.
b) Nos últimos botas-foras, houve grande confusão, pois a agência de turismo não reteu os que não possuíam ingresso.
c) Na delegacia, não tinha ainda reavido os documentos que perdera, quando entrou o rapaz considerado a testemunha mais importante de famoso crime.
d) Se não se conterem roubos de obras-primas, gerações futuras serão privadas de grandes realizações do espírito humano.
e) Os lusos-africanos ostentavam no braço fitinhas verde-amarela.

19. (Consulplan – Advogado – 2010) *"Que emigrado da roça não sentiu uma indefinível estranheza e talvez um secreto <u>mal-estar</u> a primeira vez..."*
Assinale a alternativa que faz o plural da mesma forma que a palavra sublinhada anteriormente:
a) guarda-civil;
b) amor-perfeito;
c) guarda-roupa;
d) obra-prima;
e) pombo-correio.

Leia o poema de Paulo Leminski
via sem saída
via bem

via aqui
via além
não via o trem

via sem saída
via tudo
não via a vida

via tudo que havia
não via a vida
a vida havia

20. (MP-SP – Analista de Promotoria I (Assistente Social) – 2011) Considere as afirmações que seguem.
I. A palavra via aparece no poema tanto como substantivo quanto como verbo.
II. O verbo via encontra-se no pretérito imperfeito do indicativo.
Está correto o que se afirma em:
a) somente I;
b) somente II;
c) I e II;
d) nenhuma.

21. (Consulplan – Carreira Univ. (Analista Administrativo) – 2011) *"[...] que foi moldada, durante anos, pela ação dos ventos e da água."* Se pluralizarmos o vocábulo em destaque obteremos a forma "ações". A alternativa que contém um vocábulo que admite duas formas de plural é:
a) construção;
b) verão;
c) cidadão;
d) especulação;
e) região.

22. (MP/PE – Penum (Estágo Nível Universitário) – 2011) O plural de cidadão, pastelzinho e paul é:
a) cidadões, pasteisinhos, pauls;
b) cidadãos, pasteisinhos, pauis;
c) cidadãos, pasteizinhos, pauis;
d) cidadãos, pasteizinhos, pauls;
e) cidadãos, pasteisinhos, pauis.

23. (MP/PE – Penum (Estágo Nível Universitário) – 2011) Os compostos estão corretamente pluralizados em:
a) pés-de-moleques, guarda-roupas, ex-diretores;
b) grão-duques, bananas-maçã, piscas-piscas;
c) pés-de-moleque, bananas-maçã, canetas-tinteiro;
d) pés-de-moleques, canetas tinteiros, tique-taques;
e) pés-de-cabras, pores do sol, porta-bandeiras.

24. (FCC – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2011) A palavra destacada que está empregada corretamente é:
a) Diante de tantos abaixos-assinados, teve de acatar a solicitação.

b) Considerando os incontestáveis contra-argumento, reconheceu a falha do projeto.
c) Ele é um dos mais antigos tabeliões deste cartório.
d) Os guardas-costas do artista foram agressivos com os jornalistas.
e) Os funcionários da manutenção já instalaram os corrimãos.

25. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Adm. e Controle Jr. – 2011) A flexão de número dos substantivos está correta em:
a) florezinhas – troféis;
b) salário-famílias – coraçãozinhos;
c) os vaivéns – anães;
d) paisezinhos – beija-flores;
e) limãos – abdômenes.

26. (Cesgranrio – FINEP – Analista Jurídica – 2011) A formação do plural da palavra cartão-postal é a mesma que ocorre em:
a) abaixo-assinado;
b) alto-falante;
c) porta-voz;
d) cavalo-vapor;
e) guarda-civil.

27. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011)Quanto à formação do plural de substantivos compostos, algumas normas devem ser observadas. O grupo de palavras compostas que seguem a mesma regra de flexão de número de lugares-comuns é:
a) obra-prima, navio-petroleiro, água-marinha;
b) amor-próprio, vice-presidente, beija-flor;
c) salário-mínimo, cartão-postal, sempre-viva;
d) segunda-feira, bate-boca, tenente-coronel;
e) vitória-régia, amor-perfeito, abaixo-assinado.

28. (Cespe/ UnB – Correios – Agente de Correios – 2011) No que se refere à estrutura gramatical do texto, assinale a opção correta.
a) O vocábulo "cidadão" apresenta duas formas corretas de plural: cidadãos e cidadões.
( ) CERTO
( ) ERRADO

29. (BIORIO – Pref. Mesquita/RJ – Agente Administrativo – 2012) Dado o período "A verdade é que nunca fui muito bom de memória.", a oração destacada exerce a mesma função de um:
a) adjetivo;
b) advérbio de lugar;
c) advérbio de modo;
d) substantivo;
e) advérbio de intensidade.

30. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) (adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Se Freud tivesse se referido a mais de um sentimento, o padrão culto escrito exigiria, no plural, a forma "os mal-estar".

31. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Contabilidade Júnior – 2012) A respeito da formação do plural dos substantivos compostos, quando os termos componentes se ligam por hífen, podem ser flexionados os dois termos ou apenas um deles. O substantivo composto que **NÃO** apresenta flexão de número como **matéria-prima** é:
a) água-benta;
b) batalha-naval;
c) bate-bola;
d) batata-doce;
e) obra-prima.

32. (CEPERJ – Degase – Técnico de Suporte e Comunicação – 2012) O plural dos nomes terminados em ão pode se fazer de maneiras diferentes. Das palavras abaixo, retiradas do texto, a única que não possui, no plural, a mesma terminação que "prestações" é:
a) televisão;
b) mão;
c) produção;
d) organização;
e) conclusão.

33. (Funcab – Pref. Búzios/RJ – Administrador – 2012) O uso das formas sintéticas do diminutivo em "A NEGRINHA, contida na sua expectativa, olha a garrafa de Coca-Cola e o PRATINHO que o garçom deixou à sua frente.", no contexto, tem conotação:
a) afetiva;
b) depreciativa;
c) pejorativa;
d) objetiva;
e) negativa.

"O menino Joaquim Barbosa nunca se acomodou àquilo que o destino parecia lhe reservar. Filho de um pedreiro, cresceu ouvindo dos adultos que nas festas de aniversário de famílias mais abastadas deveria ficar sempre no fundo do salão. (...)"

34. (Fundação Sousândrade – Pref. Estreito/MA – Supervisor Escolar – 2012) Sobre as relações coesivas que estabeleçam no texto, o termo "O menino Joaquim Barbosa", do primeiro período, é retomado no segundo por um(a):
a) expressão sinonímica;
b) pronome relativo;
c) expressão nominal;
d) pronome oblíquo;
e) advérbio intensificador.

35. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Complete as lacunas com **o** ou **a** e, a seguir, assinale a alternativa com a sequência de substantivos masculino, feminino, masculino.

a) __ eclipse, __ dinamite, __ derme;
b) __ magma, __libido, __ pernoite;
c) __ aneurisma, __fonema, __ clã;
d) __ pane, __ ênfase, __ dó.

36. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Em qual alternativa não é possível identificar se o ser ao qual o substantivo em destaque se refere é masculino ou feminino?

a) A **agente** de turismo me garantiu que o hotel é excelente.
b) A **cliente** reclamou do péssimo atendimento ao gerente do banco.
c) O público aplaudiu muito a **intérprete** quando o espetáculo terminou.
d) Depois de várias ameaças anônimas, a **testemunha** passou a receber proteção policial.

Gabarito

1. E.	9. A.	17. CORRETO.	25. D.	33. A.
2. C.	10. B.	18. C.	26. E.	34. C.
3. C.	11. E.	19. C.	27. A.	35. B.
4. B.	12. C.	20. C.	28. Errado.	36. D.
5. B.	13. E.	21. B.	29. D.	
6. C.	14. A.	22. C.	30. INCORRETO.	
7. C.	15. CERTO.	23. C.	31. C.	
8. A.	16. D.	24. E.	32. B.	

Capítulo 8

Adjetivo

Definição

Do ponto de vista semântico, o adjetivo é um caracterizador, um modificador de sentido.

A vida sem adjetivo é impossível, pois, quando queremos descrever ou expor um ponto de vista sobre algo, usamos nada mais, nada menos que ad-je-ti-vos. Por exemplo, se alguém pede que você descreva a bandeira do Brasil, o que você irá dizer? "Ah, ela é **verde**, **amarela** e **azul**, basicamente." Beleza. Agora, se alguém pergunta a sua opinião sobre o estilo dela, o que você irá dizer? "Bem, eu acho a bandeira muito **bonita**, com simbolismos bem **sugestivos**." Percebeu os adjetivos que você usou? Os três primeiros foram adjetivos de caráter objetivo; os dois últimos, de caráter subjetivo. De qualquer modo, adjetivos precisam ser usados para entendermos melhor ainda o mundo à nossa volta, certo?

Do ponto de vista morfológico, normalmente o adjetivo varia em gênero, número e grau. Como você pôde perceber, os adjetivos destacados mudaram de gênero, número e/ou grau: **amarela**, (muito) **bonita**, (bem) **sugestivos**. Ele varia em grau normalmente pelo uso de advérbios de intensidade. Veremos melhor isso à frente. Ah! Vale também perceber os sufixos formadores de adjetivos no capítulo de estrutura de palavras, pois, quanto mais soubermos sobre eles, com mais facilidade identificaremos esta classe.

Do ponto de vista sintático, o adjetivo só exerce duas funções sintáticas na frase: **adjunto adnominal** ou **predicativo (do sujeito ou do objeto)**.

O adjetivo e a locução adjetiva têm função sintática de adjunto adnominal quando vêm dentro do sintagma nominal (se necessário, reveja este conceito na

parte de definição do substantivo), mas, quando têm função de predicativo, vêm fora do sintagma nominal. Exemplificando para você entender logo: em "Aquela casa amarela é suntuosa", **amarela** funciona como adjunto adnominal, pois faz parte do sintagma nominal "Aquela casa amarela"; já **suntuosa** funciona como predicativo, pois está fora do sintagma.

Falando a língua do concurseiro menos experiente, aqui vai um "bizu": se você puder retirar o adjetivo da frase sem mudança substancial de sentido, normalmente ele terá função de adjunto adnominal. Veja estas duas frases: "Nós achamos a língua portuguesa **difícil.**" e "Preciso estudar esta matéria **difícil.**". Qual **difícil** pode sair da jogada? Claro que é o segundo, logo o adjetivo tem função de adjunto.

Agora grave isto: as classes gramaticais modificadas por um ***adjetivo*** são o **substantivo** (normalmente), o **pronome**, o **numeral**, **qualquer palavra de valor substantivo** (verbo no infinitivo, por exemplo) e até uma **oração substantiva**. Veja:
– ***Rocha Lima*** *e* ***Celso Cunha*** *eram* ***excelentes***.
– ***Eles*** *eram* ***excelentes***.
– *Os* ***dois*** *eram* ***excelentes***.[1]
– ***Viver*** *é* ***excelente***.
– *Acho* ***excelente*** ***resolver exercícios de Português***.[2]

Cuidado!!!
[1] Apesar de não ser aula de substantivo nem de numeral, preciso explicar um detalhe: qualquer numeral só fica substantivado pelo artigo ou outro determinante quando está implícita a palavra "numeral" antes dele: "O **dois** indica quantidade correspondente a uma unidade mais uma". Agora, sim, é um substantivo.
[2] Substitua a oração "resolver exercícios de Português" por um substantivo (ou pelo pronome demonstrativo **isto**) e perceba mais facilmente o adjetivo: "Acho ***excelente*** ***a resolução de exercícios de Português***". O que eu acho ***excelente***? Resposta: "a resolução de exercícios de Português". Ou: "Acho ***excelente*** ***isto*** (ou seja,

'resolver exercícios de Português')". Está claro que o adjetivo modifica a oração substantiva.
Inclusive, isso apareceu em questão de prova elaborada pela banca Consulplan (TSE/Técnico Judiciário/2012). Nela, o adjetivo ***bobagem*** modifica uma oração. Veja: "... ofereça ao presenteado algo de que ele goste, mas acha ***bobagem*** ***comprar***...". O presenteado acha ***isto/a compra*** ***bobagem***. Percebeu? Muito boa a questão! Falarei mais sobre isso no capítulo 19, em *Predicativo do Objeto.*

Para entendermos bem todas essas definições de adjetivo, vamos analisar por último esta frase:

Meus alunos conseguiram conquistar as vagas *concorridíssimas* no ano passado.

Note, por exemplo, que a palavra ***concorridíssimas:***

1) **caracteriza/modifica** uma palavra: ***concorridíssimas*** caracteriza *vagas;*
2) **variou** de forma (feminino, plural, superlativo): *"... as vagas* ***concorridíssimas****";*
3) é **núcleo** do adjunto adnominal; note que o adjetivo, como determinante que é, vem dentro do sintagma nominal "as vagas ***concorridíssimas***".

Tudo bem até agora, não é? Beleza...

Para fechar: Certamente você já ouviu falar em orações subordinadas adjetivas, não é? Então, elas são chamadas assim porque têm valor de adjetivo. Note que tanto o adjetivo quanto a oração adjetiva caracterizam um substantivo (indivíduos):

– *Os indivíduos* ***praianos*** *são felizes. / Os indivíduos* ***que residem na praia*** *são felizes.*

Isso já foi questão de prova, meu nobre!

Veremos isso com mais detalhes só no capítulo 23, de *Orações Subordinadas Adjetivas*, ok? Coloque sua curiosidade na coleira!

Identificação e Adjetivação

Algumas questões exigem do candidato o conhecimento básico de identificação de adjetivos. Mas como diferenciá-los das demais classes gramaticais, como substantivos ou advérbios?

Identificação

O adjetivo é uma palavra caracterizadora que modifica normalmente um substantivo, por isso, diante de uma frase, você deve notar qual palavra está atribuindo uma característica ao substantivo; muito possivelmente ela será um adjetivo. Há outros determinantes, é claro, como os artigos, os pronomes e os numerais (que não podem ser confundidos com um adjetivo, convenhamos!). Veja os adjetivos no texto *Paratodos*, de Chico Buarque:

O meu pai era ***paulista***
Meu avô, ***pernambucano***
O meu bisavô, ***mineiro***
Meu tataravô, ***baiano***
Meu maestro ***soberano***
Foi Antonio Brasileiro
(...)

Vou na estrada há muitos anos
Sou um artista ***brasileiro***

Perceba que os adjetivos modificam, respectivamente, os substantivos "pai, avô, bisavô, tataravô, maestro e artista".

"Pestana, e Brasileiro? Não é adjetivo? Está modificando o substantivo Antonio, ora!" Meu nobre, note que "Brasileiro" está escrito com letra maiúscula, faz parte do nome do cara, é um sobre**nome**, logo é um **nome**ador, um... subs-tan-ti-vo. O segundo "brasileiro" (com letra minúscula), este, sim, está modificando, como um caracterizador, como um adjetivo de verdade, o substantivo "artista". Ok? Ah! A essa altura do campeonato, não é novidade para ninguém que o adjetivo pode virar substantivo, certo? Tudo depende do contexto... Fique esperto!

Note também que somente os dois últimos adjetivos exercem função sintática de adjunto adnominal, pois fazem parte dos seguintes sintagmas nominais: "Meu maestro **soberano**" e "um artista **brasileiro**". Os demais adjetivos estão **fora** do sintagma (ou separados pelo verbo **ser** ou por **vírgula**), por isso são adjetivos com função de predicativo. Não se desespere com essas funções sintáticas. Preciso mencioná-las agora para que você, digamos assim, comece a pegar intimidade...

Obs.: Meus dedos coçam para escrever o que vou escrever agora: "Pelo amor de Deus, grave isto: o adjetivo pode caracterizar uma oração inteira!". Eu sei que já falei isso, mas eu preciso reiterar. Em frases formadas por "ser + adjetivo + oração substantiva", o adjetivo que caracteriza a oração substantiva nunca varia de forma. Veja: "É ***válido*** *que as pessoas estudem muito.*". Note que o adjetivo "válido" caracteriza a oração "que as pessoas estudem muito" (= *Isto* é ***válido***). Agora posso dormir tranquilo. Essa você não erra mais no dia da prova!

Ainda acho que vale a pena comentar que alguns adjetivos não são físicos ou materiais. Muitos adjetivos descritivos podem apresentar um viés psicológico. Por exemplo, na primeira estrofe do poema *Retrato*, de Cecília Meireles, os adjetivos nele presentes descrevem as características **físicas** (magro) e **psicológicas** (calmo, triste, vazios, amargo...) do rosto, dos olhos e do lábio relacionadas ao envelhecimento percebido pelo eu-lírico:

Eu não tinha este rosto de hoje,
assim ***calmo****, assim* ***triste****, assim* ***magro****,*
nem estes olhos tão ***vazios****, nem o lábio* ***amargo****.*

Interessante, não?

Adjetivação

Há dois conceitos de adjetivação: 1) presença de muitos adjetivos em um texto ou 2) transformação de um substantivo em adjetivo.

Por exemplo, no texto que você acabou de ler, do Chico, ocorre adjetivação, ou seja, uso excessivo de adjetivos por razões estilísticas. Quando, por exemplo, dizemos assim: "Acho a minha namorada **linda**, **sedosa**, **cheirosa**, **gostosa**, **voluptuosa**, **quente**...", o propósito do excesso de adjetivos é o realce, a ênfase! Não confunda esse tipo de adjetivação com estruturas do tipo **adjetivo + adjetivo + substantivo** *(**novos** falsos picassos)*, ou **adjetivo + substantivo + adjetivo** *(**pobre** menina rica)*, ou **substantivo + adjetivo + adjetivo** *(físico nuclear **brasileiro**)*, ou **adjetivo + substantivo + adjetivo + adjetivo** *(**atual** indústria naval japonesa)*. Nessas estruturas, há um adjetivo

(negritado) modificando um substantivo que já havia sido modificado por um adjetivo ou mais (sublinhado).

Obs.: Há estruturas em que um **substantivo** é caracterizado por um **adjetivo** (1), por uma **locução adjetiva** (2) e por uma **oração adjetiva** (3) ao mesmo tempo. Veja: "O **inusitado** (1) **pouso** **que se espera suave** (3) **da economia norte-americana** (2) continua sendo pontuado por turbulências e temores.".

Fique atento no uso de adjetivos, pois, segundo o *Manual de Redação e Estilo*, por Eduardo Martins, "O texto noticioso (notícia, texto jornalístico) deve limitar-se aos adjetivos que definam um fato (*noticioso, pessoal, vizinho, próximo, sulino* etc.), evitando aqueles que envolvam avaliação ou encerrem carga elevada de subjetividade (*evidente, imponderável, belo, bom, ótimo, inteligente, infinito* etc.). Mesmo nas matérias opinativas, em que o autor tem maior necessidade de recorrer aos adjetivos, a parcimônia é boa conselheira. O jornalista pode sempre **mostrar** que um temporal foi *devastador* e um incêndio foi *violento*. Ou que uma peça constitui *retumbante* fracasso. Tudo isso sem poluir seu texto com dezenas de qualificativos.".

Interessante, não?

O que mais nos deve interessar para a prova, porém, é a transformação de um substantivo em adjetivo. Note estas frases:

– *Seu jeito* ***moleque*** *atrai as mulheres mais novas.*
– *Esta blusa* ***laranja*** *lembra a da seleção de futebol da Holanda.*
– *É preferível ter um cachorro* ***amigo*** *a um amigo* ***cachorro****.*
– *É muito* ***verdade*** *o que ele nos disse.*
– *David é muito* ***homem****!*

Em condições normais, os termos destacados não são caracterizadores (adjetivos) mas nomeadores (substantivos). No entanto... nessas frases em itálico... o papel deles é caracterizar, por isso se tornam **adjetivos**. Isso também é "adjetivação". Perceba que, nos dois últimos exemplos, os nomes verdade e homem estão sendo modificados por um advérbio (muito), logo se tornaram adjetivos. Está claro?

Obs.: Não confunda **mudança de classe gramatical** com **homônimos perfeitos**. Na questão a seguir, a palavra "exemplares" tem o mesmo som, a mesma grafia, mas tem classes gramaticais e sentidos diferentes, por isso são homônimas perfeitas. Neste caso, não podemos falar em mudança de classe gramatical motivada pelo contexto.

23. (FAB – EEAR – Sargento – 1/2003 a) Leia com atenção:

I. Os alunos homenageados tiveram comportamentos exemplares.
II. O autor terá diferentes exemplares de sua obra analisados pela editora.
III. As pedras eram realmente lindas! Jamais tais exemplares haviam sido vistos por alguém.

Nas frases acima, temos adjetivo em:

a) I e II.
c) III apenas.
b) I, II e III.
d) I apenas. (gabarito!)

Recurso de Nominalização

No caso dos adjetivos, a nominalização se dá pela transformação de orações subordinadas adjetivas em meros adjetivos. Veja alguns exemplos:

– *O aluno* ***que é inteligente*** *passou na prova.*
– *O aluno* ***inteligente*** *passou na prova.*

– *Comprei para a minha frota dois carros* ***que estavam novíssimos****.*
– *Comprei para a minha frota dois carros muito* ***novos****.*

Note nesses exemplos que houve uma redução no número de verbos, tornando a leitura mais concisa. Simples assim.

Classificação

Existem tipos de adjetivo que precisam ser estudados. Vejamos!

Tipo	Definição	Exemplo

Simples	Apresenta apenas um radical.	visão **social**, visão **econômica**
Composto	Apresenta mais de um radical.	visão **socioeconômica**
Primitivo	Não apresenta afixos.	sorriso **amarelo**
Derivado	Apresenta afixos.	sorriso **amarelado**
Restritivo[1]	Acrescenta um sentido não inerente ao ser.	carro **azul**, homem **feliz**, leite **quente**
Explicativo[2]	Apresenta um sentido inerente, próprio do ser.	carro **motorizado**, homem **mortal**, leite **branco**
Pátrio/ Gentílico[3]	Refere-se a continentes, países, cidades, regiões (pátrio), raças e povos (gentílico), indicando a origem.	polaco, americano, afegão, mineiro, fluminense, panamenho, inglês, londrino, santista, vietnamita, espanhol, indígena, negro, branco...

[1] Tome cuidado com os adjetivos **restritivos**, pois a presença ou a ausência de algum sinal de pontuação (vírgula, travessão ou parênteses) pode mudar seu sentido:

– *O homem **feliz** entrou no bar e anunciou a todos seu casamento.*

– *O homem, **feliz**, entrou no bar e anunciou a todos seu casamento.*

Na primeira frase, não estamos falando de qualquer homem, mas do homem que é feliz por natureza, isto é, a felicidade é sua característica natural; na segunda, ele estava momentaneamente tomado de felicidade quando entrou no bar.

Reitero que, dependendo do uso da pontuação, principalmente das vírgulas, o sentido pode mudar: "O atleta **ansioso** não conseguiu concluir seu trabalho." / "O atleta, **ansioso**, não conseguiu concluir seu trabalho." "**Ansioso**, o atleta não

conseguiu concluir seu trabalho." Percebeu a diferença? Na primeira frase, o atleta é inerentemente ansioso. Na segunda e na terceira, o atleta estava temporariamente ansioso.

[2] O adjetivo **explicativo** é sempre separado por pontuação (vírgula, travessão ou parênteses), pois informa sempre uma característica inerente e própria do ser, de modo que tal ser não pode ter seu sentido restringido. Em outras palavras, não faz sentido dizer "O homem **mortal** age muitas vezes como imortal", pois, sem estar separado por sinal de pontuação, o adjetivo dá a entender que existe algum homem não mortal. Isso não tem cabimento, uma vez que todo homem é mortal. Logo, a frase deve ser redigida assim: "O homem, mortal, age muitas vezes como imortal." Outro exemplo: "A gasolina inflamável é poluente." Meu Deus, que gasolina no mundo não é inflamável?! Logo, a frase deve ser reescrita assim: "A gasolina, inflamável, é poluente".

[3] A junção de dois ou mais adjetivos pátrios é feita pela união do menor adjetivo (com forma latina) ao maior: mulher **latino-americana**, arte **euro-americana**, língua **indo-europeia** etc. Se os adjetivos tiverem o mesmo número de sílabas, orienta-se seguir a ordem alfabética: acordo **anglo-francês**. Não vou me ocupar de expor uma lista sobre isso, pois os concursos não mais querem saber do adjetivo correspondente a quem mora em Jerusalém, por exemplo. Ficou na curiosidade? Beleza... quem mora em Jerusalém é hierosolimita ou hierosolimitano. Bizarro, mas verdade verdadeira!

Não perca o tópico *Valor Discursivo e Estilístico*, mais à frente. Estou ansioso... por você! É porque, de tudo o que vem caindo ultimamente em prova sobre adjetivos, isso tem sido "a menina dos olhos" das bancas. Calma, daqui a pouco a gente chega lá.

Locução Adjetiva

A **locução adjetiva** é um grupo de vocábulos com valor de adjetivo formado por **preposição/locução prepositiva + substantivo/advérbio/pronome/verbo/numeral**.

Tal expressão **frequentemente** se liga a um substantivo:

briguinha **à toa**, pizza **a lenha** (ou à lenha), TV **em cores**, casa **sobre rodas**, homem **sem coragem**, vida **com limites**, caso **entre políticos**, coisa **sem pé nem cabeça**, viagem **ao redor do mundo**, chuva **em torno da casa**, mulher **em frente a mim**, jornal **de anteontem**, programa **de sempre**, notícia **de hoje**, curso **daqui**, casa **dela**, máquina **de lavar**, mulher **para casar**, dinheiro **das duas**...

Mas pode também se ligar a um pronome (ou locução pronominal) ou a um numeral:

as (= aquelas) ***da sala 1***, os (= aqueles) ***do Brasil***, todo o mundo ***do bairro***, os dois **sem graça**... Eles são ***sem caráter***, O copo era ***de cristal***, O menino ficou ***com fome*** este tempo todo?

Como se viu **nos três últimos exemplos**, a locução adjetiva nem sempre vem dentro do sintagma nominal, pode vir fora também; neste caso, terá função de predicativo.

Cuidado!!!

1) A maioria das locuções adjetivas podem ser substituídas por adjetivos correspondentes. Lembre-se: a maioria!

Ex.: homem **sem coragem** (medroso); amor **com limites** (limitado), povo **do Brasil** (brasileiro); mas: muro **de concreto** (concretal?), livro **do Pestana** (pestaneiro?), pessoa **sem graça** (desgraçada?).

2) Algumas locuções adjetivas são substituídas por adjetivos eruditos (de origem latina); nesse caso, estarão subentendidas expressões, como: "referente a", "relativo a", "semelhante a", "próprio de".

Ex.: cor **ígnea** (referente ao fogo), parte **setentrional** (relativo ao norte), nariz **aquilino** (semelhante ao bico da águia), comportamento **pueril/infantil** (próprio de criança). Outros adjetivos eruditos: ebúrneo (de marfim), argênteo (de prata), discente (relativo a aluno), docente (relativo a professor), pluvial (relativo a chuva), fluvial (relativo a rio), estival (de verão).

3) Não confunda **locução adjetiva** com locução adverbial.

– *Vi uma menina* ***em Minas Gerais***. (lugar onde se viu; locução adverbial)

– *Vi uma menina* ***de Minas Gerais***. (origem, procedência – mineira; locução adjetiva)

4) Não confunda **locução adjetiva** com **pseudolocução adjetiva**, que nada mais é que uma **preposição + um substantivo**. A locução adjetiva normalmente tem valor possessivo e/ou agente, mas a falsa locução (**prep. + subst.**) tem valor passivo ou especificador. Este "bizuzinho" tem a ver com a diferença entre estas funções sintáticas: complemento nominal, aposto e adjunto adnominal.

– *Em criança, via a minha prima trocar de roupa pela pequena abertura* ***da porta***. (ideia de posse; locução adjetiva)

– *Aquela abertura* ***de conta*** *no banco vai me ajudar bastante.* (a conta foi aberta; valor passivo; prep. + subst.)

– *O mês* ***de maio*** *é o mês* ***das mães***. (especificando o mês – maio –, logo prep. + subst.; mês materno, ideia de posse, locução adjetiva)

5) Ainda na "vibe" da 4, cuidado com estruturas ambíguas, como "A reforma **da universidade** custou caro", em que não se sabe se a universidade praticou a ação de reformar (agente; locução adjetiva) ou se a universidade sofreu a ação de ser reformada (paciente; prep. + subst.).

6) Pode uma locução adjetiva modificar uma **oração inteira**.

– *Vocês julgam* ***sem importância*** *estudar por meio de videoaulas?* (A locução "sem importância" está ligada à oração "estudar por meio de videoaulas".)

Variação em Gênero

Existe o adjetivo **uniforme** (não muda de forma para indicar gêneros diferentes) e o **biforme** (muda de forma para indicar gêneros diferentes).

Vejamos primeiro o **gênero biforme**:

Masculino	Troca de Terminação	Feminino

lindo, saboroso, macio...	-o / **-a**	linda, saborosa (timbre aberto), macia...
ateu, europeu, galileu, saduceu, pigmeu, cananeu... *judeu, sandeu* (exceção)	-eu / **-eia**	ateia, europeia, galileia, saduceia, pigmeia, cananeia... *judia, sandia*
ilhéu, tabaréu...	-éu / **-oa**	ilhoa, tabaroa
mau, nu, francês, espanhol, jogador, *motor, trabalhador* (exceção)...[1]	-u, ês, -ol, -or / **-a**	má, nua, francesa, espanhola, jogadora... *motriz/motora, trabalhadora/trabalhadeira...*
vão, chorão... *ladrão* (exceção)	-ão / **-ã**, **-ona**	vã, chorona... ladra, ladroa, ladrona

[1] **São invariáveis**: hindu, anterior, posterior, inferior, superior*, interior, multicor, incolor, sensabor, melhor, pior, maior, menor etc.; é polêmico o plural de cortês, montês e pedrês, pois, para Celso Cunha, são invariáveis; para os dicionaristas, como Aulete, não. Polêmicas... sempre elas... ainda bem que isso é muito raro em prova.
* Superiora: substantivo que significa "freira que coordena as atividades de um convento"; chamada de priora, prioresa ou abadessa também. Pode-se usar como adjetivo: "madre **superiora**".

Os adjetivos de **gênero uniforme** são os terminados em **-a**, **-e**, **-l** (exceto **-ol**), **-m**, **-r**, **-s**, **-z**: agrícola, excelente, cruel, útil, ruim (exceção: bom > boa), exemplar, simples, capaz (exceção: andaluz > andaluza)...

Nos **adjetivos compostos**, só o **último elemento** varia: atividade lúdico-instrutiva, bandeira verde-amarela, literatura anglo-americana. Exceção: surdo-mudo > surda-muda e claro-escuro > clara-escura.

Variação em Número

O adjetivo varia de acordo com o substantivo ou qualquer outra daquelas classes.

Regra dos Simples

O adjetivo simples varia com o termo a que se refere (normalmente substantivo).

– *Herdei casas* ***extraordinárias*** *e carros* ***luxuosos****.*

– *Comi maçãs pela manhã e pela tarde. Elas são realmente* ***saborosas****.*

– *Gostei dos tons* ***lilases*** *usados na sala, ficou bem suave.*

Obs.: Qualquer substantivo usado como adjetivo fica **invariável**: reuniões **relâmpago**, homens **monstro**, moleques **piranha**, vestidos **laranja**, ternos **cinza**, blusas **creme**, calças **rosa**, tintas **salmão**, escovas **chocolate**, paredes **gelo,** tons **pastel**... exceto nos três primeiros, note que a expressão "cor de" está implícita. "Lilás" é o único substantivo usado como adjetivo que pode variar: **lilases**. Existe a forma variante "lilá" (você sabia?), cujo plural é "lilás". Nunca se sabe quando precisaremos dessa informação...

O que vou falar agora é trabalhado muito em questão de concordância, por isso vale a pena reiterar que, quando o adjetivo modificar uma oração substantiva, ficará no masculino singular. Veja:

– *Naquela ocasião, considerou-se muito* ***digno*** *que a documentação fosse assinada.* (O adjetivo *digno* modifica a oração substantiva "que a documentação fosse assinada".)

Regra dos Compostos

O **adjetivo composto** apresenta algumas regrinhas.

1) **A regra geral é: varia-se apenas o <u>último elemento</u> do adjetivo composto, concordando com o termo de valor substantivo ao qual se refere, em gênero e número:**
   – *As intervenções médico-**cirúrgicas** foram um sucesso!*
   – *Aquelas canecas **vermelho-claras** e **vermelho-escuras** já foram vendidas.*
   – *Foram feitos acordos **afro-brasilo-lusitanos**.*
2) **Se algum elemento do adjetivo composto for um substantivo, todo o adjetivo composto ficará <u>invariável</u>:**
   – *Eram blusas **verde-garrafa** que ele queria.*
   – *Estes cordões **amarelo-ouro** vão chamar atenção, ainda mais sobre os camisões **marrom-café**...*
   – *Prefira ternos **cinza-escuro**... mais sóbrios.*
   – *Nossas fantasias **verde e rosa** fizeram sucesso.*
3) Os adjetivos compostos ***surdo(a/s)-mudo(a/s)***, ***pele(s)-vermelha(s)*** **e** ***claro(a/s)-escuro(a/s)*** são exceções. Variam ambos os elementos.
4) **São <u>invariáveis</u> sempre:** azul-marinho, azul-celeste, furta-cor, ultravioleta, sem-sal, sem-terra, verde-musgo, cor-de-rosa, zero-quilômetro etc.; a maioria dos gramáticos, como Napoleão M. de Almeida e Luiz A. Sacconi, diz que "infravermelho" varia.

Variação em Grau

Dizer que um adjetivo varia em grau significa dizer que, em algumas construções, ele terá seu **valor intensificado** – normalmente por um advérbio ou por um sufixo. Existem duas situações em que o adjetivo pode variar em grau: em uma estrutura de **comparação** ou em uma de **superlativação**.

Grau Comparativo

Compara-se uma qualidade, ou qualificação, entre dois seres ou duas qualidades de um mesmo ser. Há três tipos, com *construções peculiares* a elas:

- de **igualdade** (tão... quanto/como): Português é *tão **divertido** quanto* (ou como) Matemática.
- de **superioridade** (mais... (do) que): Português é *mais **divertido*** (do) *que* Matemática.

- de **inferioridade** (menos... (do) que): Português é *menos* ***divertido*** (do) *que* Matemática.

Ignorando a piada do *divertido*, perceba que o adjetivo destacado está sendo intensificado pelos advérbios *tão*, *mais* e *menos*. Já a ideia de comparação é marcada pelas conjunções *quanto* (ou *como*) e *que* (ou *do que* – o elemento *do* é facultativo).

Não me custa alertar que, quando se diz: "João é mais estudioso que Maria", deve-se entender que Maria é estudiosa também, mas não tanto quanto João. Tudo bem?

Mera curiosidade: Se negarmos as frases acima, o sentido mudará, mas a classificação não: "Português não é tão divertido quanto Matemática." (Matemática é mais divertido que Português.), "Português não é mais divertido que Matemática." (Matemática é mais divertido que Português.) etc. Tais construções não são analisadas pelos gramáticos tradicionais, logo a chance de isso cair em prova é 0,00000000000000000000000000001%!!!

Cuidado!!!

1) Os adjetivos **bom, mau/ruim, grande, pequeno** só têm formas sintéticas (**melhor, pior, maior, menor**) no grau comparativo de superioridade; veja:

– *Português é* ***mais bom*** *que Matemática.* (Errado!)

– *Português é* ***melhor*** *que Matemática.* (Ah, agora sim!)

Porém, em comparações feitas entre duas qualidades de um mesmo ser, devem-se usar as formas analíticas "mais bom, mais mau, mais grande e mais pequeno". Por exemplo:

– *Edmundo foi condenado de novo, mas ele é* ***mais boa*** *pessoa do que* ***má****.*

– *Minha casa é* ***mais grande*** *que* ***confortável****.*

Celso Cunha admite, porém, que "mais pequeno" é forma culta, mesmo comparando-se dois seres: "João é ***mais pequeno*** que Maria". Tal forma é comum em Portugal.

2) Determinados substantivos **podem** ser tomados como adjetivos em construções de grau comparativo: "Sou mais **irmão** do diretor (do) que você". Já em estruturas semelhantes à que segue, não há gradação, tampouco qualificação, mas tão somente ideia de quantidade indefinida:

"Comprei mais **computadores** (do) que televisores". O substantivo continua sendo substantivo, e o "mais" é um pronome indefinido.

Grau Superlativo

Ocorre um engrandecimento, uma intensificação da qualidade de um só ser; são dois os tipos de superlativo de um adjetivo (absoluto e relativo):

Absoluto

- **Analítico:** o adjetivo é modificado por um advérbio de intensidade.
  Ex.: *João é muito **inteligente** e bastante **humilde** mas extremamente **pobre.***
- **Sintético:** quando há o acréscimo de um sufixo (**-íssimo, -(r)imo, -(l)imo**).
  Ex.: *João é **inteligentíssimo**, mas é **paupérrimo** e **humílimo**.*

Cuidado!!!

1) Os adjetivos **bom, mau/ruim, grande** e **pequeno** apresentam as seguintes formas no grau superlativo absoluto sintético, respectivamente: **ótimo/boníssimo, péssimo/malíssimo, máximo/grandíssimo, mínimo/pequeníssimo.**

2) Na gradação sintética, os adjetivos mudam de forma:

– os terminados em **-a**, **-e**, **-o** perdem tais vogais e acrescenta-se o **-íssimo**: secretíssima, quentíssimo, belíssimo...

– os terminados em **-io** perdem a última vogal e acrescenta-se o **-íssimo**: seriíssimo, precariíssimo, necessariíssimo, friíssimo... Alguns gramáticos, como Bechara e Celso Cunha, dizem que algumas formas atuais, como seríssimo, precaríssimo e necessaríssimo são populares.

– os terminados em **-eio** perdem as duas últimas vogais e acrescenta-se o **-íssimo**: cheíssimo, alheíssimo... exceção: feíssimo/feiíssimo. Bechara aceita cheiíssimo.

– os terminados em **-vel** mudam para **-bil** e acrescenta-se o **-íssimo**: notabilíssimo, amabilíssimo, mobilíssimo...

– os terminados em **-z** mudam para **-c** e acrescenta-se o **-íssimo**: ferocíssimo, felicíssimo, voracíssimo...

– os terminados em **-m** e **-ão** passam a terminar em **-níssimo**: comuníssimo, vaníssimo, paganíssimo...

– alguns terminados em ***-co*** e **-go** podem terminar em **-quíssimo** e **-guíssimo** por acomodação fonética: fraquíssimo, riquíssimo, amarguíssimo, antiquíssimo... Consulte um bom dicionário!

– comumente os terminados em **-il** recebem **-imo**: agílimo, dificílimo, fragílimo, imbecílimo, verossimílimo...

– os terminados em **-ro** e **-re** mudam para a antiga forma latina e recebem **-rimo**: aspérrimo (áspero), misérrimo (mísero), prospérrimo (próspero), celebérrimo (célebre), libérrimo (livre)...

3) Veja a forma superlativa absoluta sintética de alguns adjetivos. A primeira forma é erudita/latina (antiga) e a segunda é vernacular (atual), sempre terminada em **-íssimo**.

– **alto** > supremo/sumo ou altíssimo

– **ágil** > agílimo ou agilíssimo

– **amargo** > amaríssimo ou amarguíssimo

– **baixo** > ínfimo ou baixíssimo

– **doce** > dulcíssimo ou docíssimo

– **frágil** > fragílimo ou fragilíssimo

– **frio** > frigidíssimo ou friíssimo

– **humilde** > humílimo ou humildíssimo

– **magro** > macérrimo ou magríssimo (magérrimo é forma coloquial, segundo a maioria dos gramáticos)

– **manso** > mansuetíssimo ou mansíssimo

– **miúdo** > minutíssimo ou miudíssimo

– **negro** > nigérrimo ou negríssimo

– **nobre** > nobilíssimo ou nobríssimo

– **pio** > pientíssimo ou piíssimo

– **pobre** > paupérrimo ou pobríssimo

– **recente** > nupérrimo ou recentíssimo

– **sábio** > sapientíssimo

– **sagrado** > sacratíssimo

– **semelhante** > simílimo ou semelhantíssimo

– **soberbo** > superbíssimo ou soberbíssimo

4) Nunca os adjetivos são terminados em **-ésimo** ou **-ssíssimo**, como a gente escuta por aí: homem elegantésimo, terno carésimo, mulher gostosésima, pessoa chiquésima, grandessíssimo idiota...

5) Certos adjetivos não mudam de grau, ou seja, mantêm seu grau normal devido a sua significação: imenso, enorme, fabuloso, intenso, grandioso, baita, puta... Os dois últimos adjetivos são invariáveis, inclusive em gênero e número, e usados em situações bem coloquiais: "Ele recebeu um **baita/puta** salário.".

Relativo

- de **superioridade**: enaltecimento da qualidade de um ser dentre outros seres, por meio da construção **o/a mais + adjetivo + de/dentre**.
  Ex.: *João é o mais **inteligente** dentre todos da sala.*
- de **inferioridade**: desvalorização/minimização da qualidade de um ser dentre outros seres, por meio da construção **o/a menos + adjetivo + de/dentre**.
  Ex.: *Maria é a aluna menos **inteligente** do grupo.*

Cuidado!!!

1) Os adjetivos **bom, mau/ruim, grande** e **pequeno** apresentam as seguintes formas no grau superlativo relativo de superioridade: **o/a melhor, o/a pior, o/a maior** e **o/a menor.**

2) Prefere-se "O mais **poderoso** dos homens morreu" a "O **poderosíssimo** dos homens morreu", segundo Rocha Lima. É interessante dizer que o adjetivo **poderoso**, substantivado pelo artigo, ainda pode ser modificado pelo advérbio **mais** nesse tipo de estrutura. É como em "Os **muito magros** não são felizes.". O termo **magros**, substantivado pelo artigo, ainda continua sendo intensificado pelo advérbio **muito**.

3) O superlativo relativo pode apresentar ideia de "limite de possibilidade" em estruturas assim: "Eles são modelos **o mais** belos **possível.**", "Todos eram **os mais** honestos **que se podia.**".

Formas Estilísticas

Há inúmeras outras maneiras de conseguir o superlativo absoluto dos adjetivos:

- empregando-se prefixos que dão ideia de aumento: ***super****lindo,* ***ultra****linda* etc.
- repetindo-se o adjetivo: *Ela é linda,* ***linda, linda****.*
- mediante comparação curta (símile): *Ela é linda* ***como uma princesa****.*
- empregando-se certas expressões populares (idiomáticas): *Ela é linda* ***de morrer****.*
- usando-se o adjetivo com o sufixo aumentativo ou diminutivo: *rapid****inho****,rapid****ão****, rapid****aço****, rapid****ona*** etc.
- por meio da expressão *um(a) senhor(a)*: *Roberto* é ***um senhor*** *jogador.*

Obs.: Na linguagem da internet, percebemos que isso é feito por meio da repetição de um fonema ou caixa alta: "A cerveja estava **gelaaaaaaaaada.**" ou "A cerveja estava **GELADA**!".

Valor Discursivo

Chegou a hora! Tudo o que falarei tem caído muito em prova, por favor, preste atenção!

O adjetivo exerce um papel fundamental dentro do discurso. Seu objetivo não é apenas caracterizar, qualificar, descrever um termo. Mais do que isso!

1) Dependendo da posição do adjetivo, pode haver mudança de sentido e até de classe gramatical.

2) Dependendo da escolha do adjetivo, contextualmente a intenção do produtor do texto pode ser revelada. Chamamos isso de **modalização discursiva**.

3) Respeitando a relação de concordância em gênero e número com o substantivo, o adjetivo pode retomar termos, dando coesão ao texto.

Enfim, vejamos isso melhormente agora!

1) A mudança de posição do adjetivo pode implicar mudança de sentido ou de classe gramatical.

– *Ele é um **pobre** homem.* (coitado; adjetivo)
– *Ele é um homem **pobre.*** (sem recursos; adjetivo)
– *Ele é um **alto** funcionário.* (posição; adjetivo)
– *Ele é um funcionário **alto**.* (comprimento; adjetivo)
– *Um **belo** dia fui visitá-la.* (indeterminado; adjetivo)
– *Ontem foi um dia **belo**.* (bonito; adjetivo)
– *Francisca é uma **nobre** pessoa.* (digna; adjetivo)
– *Francisca é uma pessoa **nobre**.* (aristocrata; adjetivo)
– *O **bravo** capitão venceu muitas batalhas.* (corajoso; adjetivo)
– *O capitão **bravo** vai nos treinar de novo.* (sisudo/irritadiço; adjetivo)
– *Esta é uma **simples** questão.* (sem importância; adjetivo)
– *Esta é uma questão **simples**.* (fácil; adjetivo)
– *Sempre foste um **grande** homem.* (digno; adjetivo)
– *Sempre foste um homem **grande**.* (dimensão; adjetivo)
– *Elisa é uma **nova** mulher depois da cirurgia.* (renovada; adjetivo)
– *Elisa é uma mulher **nova**.* (jovem; adjetivo)
– *Um **velho** amigo não é o mesmo que um amigo **velho**.* (antigo/gasto, idoso; adjetivo)
– *O **único** sabor que senti no sorvete foi de açúcar.* (um só; adjetivo)
– *Este é um sabor **único** na história dos sorvetes.* (singular; adjetivo)
– *Aquele garoto não passa de um **falso** aluno.* (impostor; adjetivo)
– *Aquele garoto não passa de um aluno **falso**.* (fingido, desleal; adjetivo)

Veja agora mais exemplos:

– *Um amigo **médico** me disse para vir aqui.* (substantivo + adjetivo)
– *Já conheceu algum **médico** amigo?* (substantivo + adjetivo)
– *O italiano **fumante** perdeu a vida.* (substantivo + adjetivo)
– *O **fumante** italiano perdeu a vida.* (substantivo + adjetivo)

– *O inventor* ***brasileiro*** *criou o avião.* (substantivo + adjetivo)
– *O* ***brasileiro*** *inventor criou o avião.* (substantivo + adjetivo)
– *"Não sou propriamente um autor* ***defunto****, mas um* ***defunto*** *autor".* (substantivo + adjetivo)
– *Ele era um preso* ***político****, hoje é um* ***político*** *preso.* (substantivo + adjetivo)

Bechara e Celso Cunha dizem que a interpretação mais natural é encarar as estruturas em que se confundem substantivos com adjetivos assim: **substantivo + adjetivo**. Tais estruturas ainda permitem esta reescritura (pegarei a primeira frase como exemplo): "Um amigo ***que é médico*** me disse para vir aqui. / Já conheceu algum médico ***que é amigo***?". Se conseguir fazer isso, maravilha! Descobrirá a pólvora... ou melhor... o adjetivo.

No entanto, há alguns casos polêmicos... o que não é nenhuma novidade. Em "sábio indiano", não sabemos se se trata de um sábio (subst.) que é um indiano (adj.) ou um indiano (subst.) que é sábio (adj.). Há outros exemplos, como "velho careca, jovem repórter, pobre cego" etc. Nesses casos, reitero o que nos dizem Bechara e Celso: analise como **substantivo + adjetivo**, a não ser que o contexto exija interpretação diferente. Ok?

Obs.: Vale dizer ainda que a maioria dos adjetivos antepostos ao substantivo, senão todos, como pudemos ver nos exemplos acima, têm valor subjetivo, normalmente modalizadores. Podemos dizer que eles têm um valor que beira muitas vezes a conotação. Os que vêm pospostos têm normalmente valor objetivo, denotativo; são frequentemente descritivos.

2) O adjetivo pode expressar um ponto de vista, um juízo de valor*, uma avaliação por parte do locutor do texto. Isso é **modalização**. Nesse sentido, note que, se o adjetivo é modalizador, exprime uma opinião, logo pode ser refutado. Por exemplo, se eu digo: "Este programa é **ótimo**.", o adjetivo **ótimo** exprime meu julgamento; não se trata de uma verdade absoluta, logo você poderia contra-argumentar: "Ah, eu não concordo, acho **horrível**!". Neste caso, **horrível** também seria um adjetivo modalizador. Perceba que estamos no plano

da argumentação, logo os adjetivos usados serão fatalmente modalizadores. Leia este texto e note os adjetivos modalizadores:

Como se não bastasse a teatralização ***manipuladora*** *das novelas globais – exibidas de segunda a sábado –, a população brasileira passou a conviver, a partir do início de 2002, com uma nova forma de* ***nocivo*** *controle que vai ao ar de segunda a segunda durante alguns meses, com um curto intervalo entre um programa e outro: o "Big Brother Brasil". A consequência* ***óbvia*** *de assistir a este câncer é a imbecilidade mental, é* ***claro****. É muito* ***possível*** *que as pessoas continuem dando audiência a "isso", por mais que pessoas inteligentes compartilhem da tese de que é* ***necessário*** *parar de ver, caso contrário continuaremos sendo titereados.* ***Lamentável****,* ***asfixiante****,* ***surpreendente*** *é dar valor ao mundo da TV e seus* ***abjetos*** *e* ***desprezíveis*** *programas.*

* Não confunda juízo de valor com juízo de fato. O primeiro trata de opinião individual, por isso tem valor subjetivo, e o segundo trata de atestação, por isso tem valor objetivo.
Veja uma questão sobre termos modalizadores:

25. (ITA – Vestibular – 2011/2012) No texto, o segmento que NÃO expressa uma avaliação do autor é:

a) [...] à parte o gosto exacerbado dos paulistanos por levantar muros [...]
b) [...] a avenida ficou menos tétrica, quase bonita.
c) [...] a imagem do engarrafamento e da bagunça vira um desastre de relações públicas.
d) Em Istambul, monotrilhos foram instalados no nível da rua, como os "trams" das cidades alemãs e suíças.
e) Se forem como os antigos bondes, ótimo.

Comentário: O gabarito é a letra D, pois traz um trecho sem vocábulos modalizadores. Todas as demais alternativas contêm expressões que revelam a avaliação do autor. A: "... gosto *exacerbado...*". B: "... *quase bonita*". C: "... *bagunça... desastre...*". E: "... *ótimo*". Notou, em especial, os adjetivos das opções A e E?

3) Os adjetivos podem ser usados como instrumentos ou recursos coesivos dentro do texto. Em outras palavras, fazem referência a vocábulos dentro do texto para evitar a repetição e manter o sentido dele. Veja este breve texto:

O homem e a mulher irromperam numa discussão ferrenha sobre quem era mais relevante no curso histórico. ***Derrotado*** *após o embate, chegamos à conclusão de que a mulher ainda é a base de tudo!*

Note que o adjetivo **derrotado** (no masculino e no singular) só pode se referir ao **homem** (masculino e singular). Logo, a palavra *homem* não precisou ser repetida; coube ao adjetivo a função de retomada. Isso é coesão. As partes do texto estão "costuradas" mantendo uma harmonia de sentido.

O Que Cai Mais na Prova?

Definitivamente, você precisa 1) identificar os adjetivos e 2) dominar seu valor discursivo. Sabendo isso, é só alegria!

Questões de Concursos

"Para as finalidades empresariais, as fronteiras que separam uma nação da outra são tão reais como o equador. Consistem meramente de demarcações convenientes de entidades étnicas, linguísticas e culturais. Não definem necessidades empresariais nem tendência de consumidores. Uma vez que a administração compreenda e aceite essa economia mundial, a sua maneira de encarar a praça do mercado – e de planejá-la – necessariamente se expande." (Jacques Maisonrouge)

1. (MPE-RJ (NCE) – Corregedoria Geral da Justiça/RJ – 1998) No segundo período do texto, o termo que modaliza o conteúdo expresso é:
   a) meramente;
   b) convenientes;
   c) étnicas;
   d) linguísticas;
   e) culturais.

2. (MPE-RJ (NCE) – Auxiliar Superior Administrativo – 2001) O adjetivo abaixo de valor nitidamente subjetivo é:
   a) imprensa brasileira;
   b) proposta milionária;
   c) incitamento racista;
   d) jovem negro;
   e) brilhante futuro.

3. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) Entre os segmentos abaixo, aqueles cujos adjetivos mostram uma opinião da autora do texto são:
   I. a triste situação;

II. milhões de crianças brasileiras;
III. futuro incerto e infeliz;
IV. grave problema social.
a) I – III – IV;
b) I – III;
c) I – IV;
d) III – IV;
e) II – III.

4. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) No segmento "Mesmo assim, tal atividade deve ser reconhecidamente leve...", o vocábulo *leve* designa de forma adequada aquela atividade que não envolve grande esforço físico; o item abaixo em que há uma INADEQUAÇÃO vocabular, derivada de um mau emprego de um adjetivo que passa a ter valor negativo em lugar de uma ideia de delicadeza é:
a) fogo brando;
b) lençol macio;
c) bolo mole;
d) perfume suave;
e) mar calmo.

"(...) é da felicidade desta operação, desta relação com a matéria pré-formada – em que ***imprevisível*** *dormita a história – que vão depender profundidade, força e complexidade dos resultados. São relações que nada têm de autoritário..."*

5. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2002) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A palavra "imprevisível", pela inversão sintática, funciona como substantivo.
"... do quadro ***político-institucional*** *que regula os conflitos federativos..."*

6. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2002) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O plural do adjetivo composto "político-institucional" se faz adicionando a desinência de plural aos dois elementos.

Sei que grande parte da magistratura ***sem assento nos tribunais superiores*** *discorda dos que defendem a adoção da súmula vinculante, sob o fundamento de que o instituto pretendido engessaria os demais juízes, sobretudo os* ***de primeira instância****, no canteiro da qual começa a manifestar-se o espírito* ***da jurisprudência****. Penso* ***de outra forma****. Não vejo engessamento da ação do magistrado de instância inicial no resultado dessa medida* ***que se advoga como instrumento de agilização da Justiça****.*

7. (Esaf – MPU – Analista Processual – 2004) Assinale a expressão que, no texto, não tem valor de adjetivo por não denotar um atributo do nome a que se refere.
a) "sem assento nos tribunais superiores".
b) "de primeira instância".
c) "da jurisprudência".
d) "de outra forma".

e) "que se advoga como instrumento de agilização da Justiça".

8. (NCE/UFRJ – SESPA – Contador – 2006) A alternativa em que ocorre a presença de um só adjetivo que se refere a um só substantivo é:
a) "hierarquias, estruturas nem códigos canônicos";
b) "lutas sociais e políticas";
c) "disciplina mental e espiritual";
d) "diferentes tradições religiosas";
e) "vaidades e ambições desmedidas".

9. (FUNIVERSA – Analista Júnior – Jurídica – 2006) "Seu corpo como que se marca ainda na **velha** poltrona **da sala.**" Sobre os termos destacados, é correto afirmar:
a) Os dois possuem valor de adjetivo.
b) Os dois possuem valor de advérbio.
c) Possuem valor de adjetivo e advérbio respectivamente.
d) Possuem valor de advérbio e adjetivo respectivamente.
e) Os dois possuem valor pronominal.

10. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Em *Durante boa parte do século XIX*, o adjetivo exprime juízo de valor atribuído aos anos em que ocorreram os fatos mais significativos para a história do pensamento.

11. (NCE/UFRJ – CRA/RJ – Fiscal I – 2007) O autor do texto coloca suas opiniões no texto, entre outros processos, por meio de adjetivos; os adjetivos abaixo que expressam opinião são:
a) "extraordinária beleza" / "esforço heróico";
b) "esforço heróico" / planos vélicos";
c) "planos vélicos" / avanços técnicos";
d) "avanços técnicos" / descobrimentos marítimos";
e) "descobrimentos marítimos" / "extraordinária beleza".

12. (MP/RJ – Técnico Administrativo – 2007) *Para fazer as pesquisas com o registro das aves, serpentes, répteis e batráquios, as equipes teriam o "curto prazo de dois dias".* A locução adjetiva usada aqui em "o registro das aves" tem como sinônimo erudito:
a) ornitológico;
b) ofiológico;
c) entomológico;
d) ictiológico;
e) saurológico.

13. (FAB – EAGS/SAD – Sargento da Aeronáutica – 2008) Leia:
"Direitos humanos para os humanos direitos."
I. Em "direitos humanos", "direitos" é adjetivo; "humanos" é substantivo.
II. "Direitos humanos" e "humanos direitos" são substantivos compostos.
III. Em "humanos direitos", "humanos" é substantivo; "direitos" é adjetivo.
IV. Em "direitos humanos", "humanos" é adjetivo; "direitos" é substantivo.

Estão corretas as afirmações:
a) I e II.
b) I e III.
c) II e IV.
d) III e IV.

14. (FAB – EAGS/SAD – Sargento da Aeronáutica – 2008) Leia as afirmações:
Quem nasce em:
I. Belém (Pará) é belenense.
II. São Luís é são-luisense.
III. Manaus é manauano.
Está(ão) correta(s) a(s) afirmação(ões):
a) I apenas.
b) II apenas.
c) I e III.
d) I e II.

15. (Consulplan – Técnico de Gestão Municipal – 2009) No trecho "os passarinhos estão mais lentos que a rotação da eternidade", tem-se:
a) um superlativo analítico de lento;
b) um comparativo de superioridade;
c) um superlativo absoluto;
d) um comparativo de igualdade;
e) um superlativo relativo de superioridade.

16. (Consulplan – Agente de Pesquisas e Mapeamento – 2009) Todos os termos destacados têm natureza adjetiva, EXCETO:
a) "algumas generosas";
b) "Meus ensaios têm colimado assuntos candentes e controvertidos.";
c) "seria de implantação inverossímil.";
d) "Sua imaginação criativa.";
e) "sobre a aborrecida lógica do texto".

Fragmento de texto
*Pois como há de um crítico julgar? Quais as qualidades que formam, não o incidental, mas o crítico competente? Um conhecimento da arte e da literatura do passado, um gosto refinado por esse conhecimento, e um espírito **judicioso** e imparcial. Qualquer coisa menos do que isto é fatal ao verdadeiro jogo das faculdades críticas. (...)*

17. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) O adjetivo "judicioso", que significa o mesmo que opinioso, é empregado com sentido irônico no texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
(...) É necessário investir em pesquisa...

18. (Cespe/UnB – MPU – Analista de Informática – 2010) Na linha 19, o emprego do adjetivo "necessário", no masculino, estabelece a concordância com a oração que a ele se segue;
( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Consulplan – Advogado – 2010) Assinale a alternativa em que o termo destacado NÃO pertence à mesma classe gramatical dos demais:
a) "camadas iletradas".
b) "direitos políticos".
c) "perpétuo exercício".
d) "ofício mecânico".
e) "precária condição".

Fragmento de texto

Foi tudo muito rápido. A executiva bem-sucedida sentiu uma pontada no peito, vacilou, cambaleou. Deu um gemido e apagou. Quando voltou a abrir os olhos, viu-se diante de um imenso portal. (...) Sem entender bem o que estava acontecendo, a executiva bem-sucedida abordou um dos passantes (...)

Apesar das óbvias evidências de nenhuma poluição, todo mundo sorrindo, ninguém usando telefone celular, custou um pouco à executiva bem-sucedida admitir que havia mesmo apitado na curva.

20. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Analista (ADM) – 2010) Com base em aspectos linguísticos do texto, assinale a alternativa correta.
a) O termo de referência mais usado para a personagem principal do texto e construído por substantivo feminino qualificado por expressão composta de advérbio mais adjetivo, com o propósito de ironizar a profissional.

21. (FGV – SEAD/AP – Delegado de Polícia – 2010) Assinale a alternativa em que o termo sublinhado tenha função adjetiva.
a) Característica da nação.
b) Ameaça de colapso.
c) Deterioração de valores.
d) Instituição da escravidão.
e) Uso de violência.

22. (Cesgranrio – FINEP – Técnico – 2011) A terminação -**íssimo** costuma ser adicionada a adjetivos. No caso do texto I, em que ela é adicionada a um advérbio – "muitíssimo" –, traz a noção de:
a) ênfase;
b) qualidade;
c) autoridade;
d) formalismo;
e) estranhamento.

23. (FUNCAB – Pref. Várzea Grande/MT – Auditor-Municipal – 2011) Todas as afirmativas a respeito dos elementos da frase "Sou um ignorante, um pobre homem da cidade." estão corretas, EXCETO:

a) POBRE, nesse contexto, anteposto ao substantivo, significa "digno de pena, insignificante".
b) Se o adjetivo da frase estivesse posposto ao substantivo, adquiriria o sentido de "desprovido de recursos financeiros".
c) O gênero do substantivo IGNORANTE é marcado pela anteposição do artigo indefinido UM.
d) A expressão DA CIDADE é uma locução adjetiva e o seu adjetivo correspondente é CITADINO.
e) O deslocamento do adjetivo POBRE para depois do substantivo provocaria alteração em sua classificação sintática.

24. (Cesgranrio – CITEPE – Supervisor de Produção Têxtil – 2011) O adjetivo destacado em "...**fino** manto...", se deslocado para depois do substantivo "manto", sofre alteração de sentido, o que **NÃO** ocorre em:

a) Passamos por negras situações naquela época.
b) Aquele profissional é um pobre homem.
c) Ela era uma simples pessoa.
d) Recebi uma única oferta de trabalho.
e) Tornou-se, quando adulto, um grande homem.

25. (Consulplan – Técnico de Segurança do Trabalho – 2011) Em relação à classe de palavras, marque a relação INCORRETA.

a) "A pobreza <u>pesava</u> bastante sobre os ombros de meu pai." (verbo)
b) "<u>Minha</u> mãe puxando a cadeira,..." (pronome)
c) "Eu via seu desânimo em vencer a distância <u>entre</u> a cozinha e o caminho..." (preposição)
d) "Com escondida <u>melancolia</u>..." (adjetivo)
e) "Sem bravura, assentado na <u>porta</u> da rua..." (substantivo)

26. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal (TRANSP.) – 2011) (Adaptada) Sobre o texto abaixo a informação está correta ou incorreta?

A mudança de posição entre adjetivo e substantivo criaria estrutura incomum ou geraria alteração de sentido em todas as construções seguintes:

- "motivos biológicos";
- "setenta anos";
- "receita infalível";
- "melhor forma".

(...) Outras vezes, utiliza-se a palavra em seu sentido subjetivo, como na expressão "é o meu direito". Trata-se, como ensina Reale, da "**regra de direito** vista por dentro, como ação regulada".

(...)

O direito à saúde, ao apropriar-se da liberdade e da igualdade, caracteriza-se pelo equilíbrio instável desses valores. A história da humanidade é farta de exemplos do **movimento pendular** que ora busca a liberdade, ora a igualdade. Os homens sempre tiveram a consciência de

que para nada serve _____ igualdade sob o **jugo do tirano** e de que a liberdade só existe entre iguais.

27. (MP/RS – Assessor – Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais – 2011) Considere as seguintes propostas de substituição de segmentos do texto.
1. *regra de direito* por *regra jurídica.*
2. *movimento pendular* por *movimento do pêndulo.*
3. *jugo do tirano* por *jugo tirânico.*
Quais propostas estão corretas e são contextualmente adequadas?
a) Apenas 1 e 3.
b) Apenas 2 e 3.
c) Apenas 1.
d) Apenas 2.
e) 1, 2 e 3.

28. (NCE/UFRJ – Técnico em Contabilidade – 2011) O item abaixo em que a mudança de posição do adjetivo em relação ao substantivo NÃO provoca qualquer alteração no sentido original do segmento é:
a) famílias pobres;
b) inocente cidadão;
c) qualquer artista;
d) jornais velhos;
e) golpe novo.

29. (FUNCAB – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Observe o uso do diminutivo nas frases:
1. "(...) E então pensou na traíra, sua TRAIRINHA, deslizando silenciosamente no tanque da pia, na casa escura.(...)"
2. "(...) – Uai, essa que você pegou estava VIVINHA na hora que eu cheguei, e você ainda esqueceu o tanque cheio d'água (...)"
A respeito da flexão sofrida pelas palavras em destaque, analise os itens a seguir:
I. O uso da forma sintética do diminutivo, na frase 1, atribui ao substantivo flexionado um sentido conotativo, contribuindo para a manifestação da afetividade do protagonista em relação ao peixe.
II. Na frase 2, o diminutivo intensifica a ideia de vivo. Vivinho = muito vivo, bem vivo, saudável.
III. Em ambas as frases os termos flexionados têm valor denotativo, pois o sufixo diminutivo atribui a eles sua significação normal, apesar de diminuída sua intensidade.
Assinale a alternativa que aponta o(s) item(ns) correto(s).
a) Somente o I está correto.
b) Somente o II está correto.
c) Somente I e II estão corretos.
d) Somente I e III estão corretos.
e) Somente II e III estão corretos.

30. (Consulplan – TSE – Técnico Judiciário – 2012) Assinale a alternativa em que a alteração da ordem das duas palavras implique mudança semântica.
a) diversas origens – origens diversas.

b) bom vinho – vinho bom.
c) restaurante chique – chique restaurante.
d) caríssimo jantar – jantar caríssimo.

31. (Pref. da Estância de São Roque – Inspetor de Alunos – 2012) A frase que contém um adjetivo é:
a) A necessidade fez isto do homem.
b) Todos lutam para ter a liberdade.
c) A televisão nos mostra o mundo.
d) Ele usa um topete escandaloso.
e) Gostaria de ficar com você.

32. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia – 2012) Todos os adjetivos em destaque estão empregados no texto para fazer a avaliação ou valoração pessoal de um fato, EXCETO o que se lê em:
a) "sua beleza SINGULAR";
b) "formas de integração SOCIAL com as favelas pacificadas";
c) "GRANDE contingente de pessoas";
d) "variedade EXTRAORDINÁRIA de manifestações";
e) "o MELHOR caminho para a adequação espacial dessas comunidades";

33. (Consulplan – Pref. Porto Velho/RO – Professor II (Letras) – 2012) "Pintores e fotógrafos (...) aquilo que lhes parece não só o mais estático dos seus aspectos, mas também o mais comunicável, o mais rico de sugestões..." Em "... o mais estático, ... o mais comunicável, ... o mais rico..." tem-se um:
a) comparativo de inferioridade;
b) comparativo de superioridade;
c) superlativo absoluto sintético;
d) superlativo relativo de superioridade;
e) superlativo absoluto analítico.

34. (CEPERJ – Procon/RJ – Advogado – 2012) O emprego de adjetivos pode expressar um julgamento que o autor do texto possui sobre determinado fato, ideia, pessoa etc.
O adjetivo está assinalando claramente uma opinião ou juízo do autor no seguinte exemplo:
a) "são estimulados a consumir de modo inconsequente.";
b) "De pais e educadores a agentes do mercado global";
c) "é chamado a participar do universo adulto";
d) "os investimentos publicitários destinados à categoria de produtos infantis";
e) "algo relacionado à esfera familiar".

35. (Funcab – Guarda Municipal/ES – Ag. Comunitário de Segurança – 2012) A oração destacada no trecho abaixo exerce função própria de:
"[...] e circulam de bicicleta entre os milhares de veículos QUE DIARIAMENTE CONGESTIONAM AS RUAS."
a) adjetivo;
b) advérbio;
c) verbo;
d) pronome;
e) substantivo.

36. (Fundação Sousândrade – Pref. Estreito/MA – Supervisor Escolar – 2012) A discutida ideia de que jornalistas não são observadores neutros ou passivos, mas sujeitos ativos na construção da realidade pode ser comprovada pelo juízo de valor expresso, mediante uso de adjetivo, no trecho:

a) "um dos mais marcantes capítulos";
b) "o ministro Joaquim Barbosa, 58 anos";
c) "o destino pareci lhe reservar";
d) "Barbosa domina quatro idiomas";
e) "Não alterou em nada a essência".

37. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Marque a alternativa em que se destacam locução adjetiva e adjetivo nas frases.

a) "Certa hora **da tarde** era mais **perigosa**."
b) "Desceu a **íngreme** escada, apegando-se **às cordas**."
c) "Um dia, ao pino **do sol**, ela repousava em um **claro** da floresta."
d) "Houve um momento **de silêncio**: todos os **rostos** empalideceram (...)"

38. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Leia:

***O verde** da bandeira **brasileira** representa nossas matas, nossa vegetação. O **brasileiro** não tem noção da importância dessa **riqueza** natural, por isso não defende nosso território.*

De acordo com o contexto, qual das palavras em destaque classifica-se como adjetivo?

a) verde.
b) riqueza.
c) brasileiro.
d) brasileira.

39. (FBC – Pref. Guapimirim/RJ – Fiscal Cadastrador – 2012) Assinale entre as alternativas abaixo aquela em que o termo destacado não exerce função de adjetivo.

a) Um *cego* se aproximou e pediu uma ajuda.
b) Um homem *cego* pedia esmolas pelas ruas.
c) Ela é *cega* de nascença.
d) A menina *cega* chorava a falta do pai.
e) Ficou cego após um acidente e não podia mais ver as flores *vermelhas*.

Gabarito

1. B.	9. A.	17. ERRADO.	25. D.	33. D.
2. E.	10. INCORRETO.	18. CERTO.	26. INCORRETO.	34. A.
3. A.	11. A.	19. B.	27. A.	35. A.
4. C.	12. A.	20. A.	28. B.	36. A.

5. INCORRETO.	13. D.	21. A.	29. C.	37. A.
6. INCORRETO.	14. D.	22. A.	30. A.	38. D.
7. D.	15. B.	23. E.	31. D.	39. A.
8. A.	16. A.	24. A.	32. B.	

Capítulo 9
Artigo

Definição

Eis uma classe gramatical desprezada por muitas gramáticas... nem vou citar nomes... Tire suas conclusões, ao término deste capítulo, sobre se podemos desprezá-la... Agora, vamos à luta!

Do ponto de vista semântico, o artigo não tem valores embutidos em si, mas, quando se liga a um substantivo num determinado contexto, passa a desempenhar inúmeros papéis discursivos: **individualizar ou generalizar, indicar conhecimento ou desconhecimento, apreciação ou depreciação, determinação ou indeterminação, intimidade, aproximação numérica, intensificação, proximidade, diferenciar o gênero com implicações semânticas (o capital, a capital) etc.** Reitero: tudo irá depender do contexto. Veremos melhor tais matizes em "emprego dos artigos" e em "valor discursivo".

Do ponto de vista morfológico, o artigo é uma classe variável em gênero e número (**o, a, os, as; um, uns, uma, umas**). É um determinante que antecede o substantivo dentro do sintagma nominal (exemplo: ***o*** *aluno estudioso*). Desde já, vale a pena dizer que, **em 99% dos casos**, qualquer palavra que suceda o artigo se torna um substantivo.

Do ponto de vista sintático, o artigo é um termo que funciona sempre como adjunto adnominal.

Para entendermos bem todas as definições de artigo, vamos analisar por último esta frase:

Os leitores desta Gramática sabem que ela não é uma gramática... é A Gramática.

Note que

1) o primeiro vocábulo **individualiza** o substantivo *leitores*, o segundo **apresenta tom depreciativo** sobre o substantivo *gramática*, o terceiro **determina, com tom apreciativo e qualificador** o substantivo *Gramática*;
2) **variaram** de forma, em gênero e número: *"**Os** leitores... **uma** gramática... **A** Gramática";*
3) são **adjuntos adnominais** dentro dos respectivos sintagmas nominais *"**Os** leitores... **uma** gramática... **A** Gramática"*.

E aí, consegue identificar um artigo? É isso que veremos um pouquinho mais à frente!

Classificação

Há dois tipos de artigo: **definidos** (o, a, os, as) e **indefinidos** (um, uns, uma, umas).

Os **definidos** se antepõem ao substantivo para indicar, normalmente, que se trata de um ser já conhecido pelo falante e pelo ouvinte, individualizando-o (a escola). Os **indefinidos** se antepõem ao substantivo para indicar, normalmente, que se trata de um ser desconhecido, indeterminando-o ou generalizando-o (uma escola).

Vale dizer também que os artigos se combinam ou se contraem com certas preposições: **a**, **de**, **em** e **por**, resultando em: **ao/aos**, **à/às***, **do/dos**, **da/das**, **dum/duns**, **duma/dumas**, **no/nos**, **na/nas**, **num/nuns**, **numa/numas**, **pelo/pelos**, **pela/pelas**. A contração de preposição com artigo indefinido não é uma incorreção, como se diz. Pode-se dizer corretamente "Morou em um lugar perigoso" ou "Morou num lugar perigoso". A prova disso é esta questão: ESAF - SET/RN – AUDITOR-FISCAL DO TESOURO ESTADUAL – 2005 – QUESTÃO 3. Mais do que isso, às vezes a não contração torna o texto incorreto: "Andou por as ruas do bairro". Acertado seria tão somente "Andou pelas ruas do bairro". Cuidado!

* A fusão da preposição **a** com o artigo **a(s)**, resultando em **à(s)**, se chama **crase**. **Crase** e **artigo** são assuntos contíguos. Por isso, ao estudar o capítulo *Crase*, é bom ter estudado antes este capítulo aqui.

Sobre a contração, vale dizer, desde já, duas "cositas":

1) Não se contrai preposição com qualquer artigo que faça parte do título de alguma obra (jornal, revista, livro etc.); no entanto, se a obra não for iniciada por artigo, usa-se o artigo antes dela:

– *Ontem eu li em* ***O Globo*** *um texto excelente do Zuenir Ventura.*

– *Preferia* ***Os Lusíadas*** *às (a +* ***as****)* ***Memórias do Cárcere****.*

Obs.: Muita gente fala assim (equivocadamente): "Ontem eu li no Globo...". Devemos respeitar a norma culta. No entanto, o próprio jornal, sem culpa, tem lá seu *slogan*: "Leia amanhã **no Globo**". Diferente, porém é dizer: "G1 é o portal de notícias **da Globo** na internet". Aí, beleza, pois está implícita a palavra *rede* antes de Globo. Para fechar: o uso do apóstrofo, ainda que seja uma opção prevista no Novo Acordo Ortográfico, não é moderno e soa estranho: "Vimos sua foto **n'O Globo**".

2) Não se contrai preposição com qualquer artigo antes de sujeito de verbo no infinitivo:

– *Em alguns programas televisivos, já se falou muito* ***do*** *futebol um dia ser suplantado pelo MMA.* (inadequado)

– *Em alguns programas televisivos, já se falou muito* ***de o*** *futebol um dia ser suplantado pelo MMA.* (adequado)

Obs.: Tal afirmação, porém, é vista de modo *flexível* por nomes de peso, como Evanildo Bechara, Domingos Paschoal Cegalla, Sílvio Elia, Souza da Silveira e outros. Esses gramáticos encaram ambas as construções frasais como certas. Se cair alguma questão assim na prova, cuidado! A quase esmagadora maioria dos gramáticos e das bancas só vê a segunda construção como certa; e é assim que costuma cair em prova. A Esaf considera ambas as formas corretas (com ou sem contração).

Identificação

Identificar um artigo é tarefa aparentemente boba, o problema é que ele pode ser confundido com 1) pronome oblíquo átono, 2) pronome demonstrativo, 3) preposição e 4) numeral. E aí? Moleza agora?

Bem, vejamos como identificar um artigo. Mais do que isso, vamos agora **desmitificar** o ensino de que toda e qualquer palavra que vem após um artigo se torna obrigatoriamente um substantivo. Depois falaremos sobre como diferençar as classes que podem gerar confusão.

Uma coisa é certa: o artigo vem antes do substantivo. Ponto pacífico! No entanto, isso significa que ele vem i-me-di-a-ta-men-te antes do substantivo? Claro que não! Veja:

– ***As*** *grandes e frequentes crises econômicas vêm atrapalhando certos países.*

Primeiro, note o sintagma nominal em que o artigo (As) se encontra: "As grandes e frequentes crises econômicas". Ok? Pergunto eu a você: "*Grandes* e *frequentes* se tornaram substantivos só porque o artigo veio antes?" Claro que não, pois *grandes* e *frequentes* são adjetivos que caracterizam o substantivo *crises*. É isso aí! Ou seja, o artigo vem antes do substantivo, mas não imediatamente antes, pois pode haver outros **determinantes** depois do **artigo** modificando um substantivo, como em: "***Os*** (artigo) *nossos* (pronome) *dois* (numeral) *lindos* (adjetivo) filhos (substantivo) nasceram!".

Continuando a linha de raciocínio... você me pergunta: "Bem... se um artigo vem antes de um substantivo... então, independentemente da distância, SEMPRE haverá um substantivo após o artigo, certo?". Errado, meu nobre!

Há alguns casos em que o artigo vem antes de **advérbio seguido de adjetivo** (grau superlativo relativo), antes de **numeral** (substituindo substantivo), antes de **forma de tratamento** (senhor(a), senhorita), antes de **pronome demonstrativo** (mesmo), antes de **pronome possessivo** (substituindo substantivo), antes de **pronome interrogativo** (que), antes de **pronome indefinido** (outro, demais), antes de **pronome relativo** (na locução pronominal relativa "o(a) qual") e antes de **conjunção comparativa** (do que; esta contração (do) é expletiva). Se não me falha a memória, é isso aí! Veja:

– *Ele é* ***o*** *mais divertido do programa.*

– *Pai, mãe e filha ceavam.* ***Os*** *três eram bastante humildes.*

– ***A*** *senhora se tornará muito rica com tal ideia.*

– *Marlene passou na prova.* ***O*** *mesmo não aconteceu com Arnaldo.*
– *Não direi nada a teu pai, mas a****o*** *meu.*
– ***O*** *que você tem a ver com isso?* (O artigo é expletivo, serve só de realce.)*
– *Referi-me a esta mulher, não* ***à*** *(a +* ***a****) outra. Sobre* ***as*** *demais, ignore.*
– *As mulheres* ***as*** *quais namorei eram burrinhas de dar dó.*
– *Xuxa tem mais personalidade d****o*** *que Angélica?*

* Alguns autores, como Napoleão Mendes de Almeida, veem "o que" como uma forma só, de modo que inferimos que o "o" da expressão pode não ser analisado isoladamente, isto é, analisa-se "o que" como uma locução pronominal interrogativa, segundo palavras da saudosa professora da Faculdade de Letras de Lisboa Teresa Álvares.

Note que todas as classes gramaticais mantêm seu caráter peculiar, isto é, elas não se tornam um substantivo só pelo fato de o artigo as preceder. O adjetivo continua a indicar característica, o numeral continua a indicar quantidade, o pronome de tratamento continua a indicar formalidade, respeito... e por aí vai. Logo, o artigo nem sempre vem antes de um substantivo.

"Ah, mas eu aprendi a vida inteira que, se uma palavra vier depois de um artigo, será um substantivo!" É verdade, eu também aprendi assim; até que eu resolvi estudar e me dei conta de que "o buraco é mais embaixo".

Bem... **normalmente** o artigo vem antes do substantivo e **normalmente** torna qualquer classe gramatical um substantivo. Isso foi visto, em parte, no capítulo de substantivos, mais precisamente em *substantivação*. Dê uma olhada lá de novo! Se bater uma preguiça, veja aqui mesmo alguns exemplos:
– ***O*** *brasileiro é, antes de tudo, um forte!* (O adjetivo foi substantivado.)
– *Estou entre* ***o*** *sim e* ***o*** *não.* (Os advérbios foram substantivados.)
– *O professor perguntou ao aluno: "Na frase 'A língua é coisa muito complexa',* ***o*** *a da frase é um artigo?"* (O artigo foi substantivado.)
– ***O*** *Aí eu vou pra galeeeeeera! é um bordão inesquecível.* (A frase foi substantivada.)

Tranquilo?

Bem, **chegou a hora de ver algo que cai muito em prova!**

Não confunda artigo com **1) pronome oblíquo átono, 2) pronome demonstrativo, 3) preposição, 4) numeral** ou **5) pronome indefinido**.

1) Artigo *versus* Pronome Oblíquo Átono

Os pronomes oblíquos átonos **o**, **a**, **os**, **as** atuam como complemento de verbo, logo acompanham um verbo, e não um substantivo.

– *Não via meus amigos há muitos anos; minha esposa também não via as amigas dela há muito tempo. Decidimos ligar para eles. Eu* ***os*** *convidei para um almoço, e depois ela* ***as*** *convidou para um jantar. Foi ótimo!*

O verbo *convidar* exige um complemento. O pronome **os** substitui *amigos* e **as** substitui *amigas*. Não há a mínima chance de ser artigo, pois o artigo vem antes de substantivo, determinando-o, e não junto ao verbo.

2) Artigo *versus* Pronome Demonstrativo

Os pronomes demonstrativos ***o, a, os, as*** aparecem em alguns casos: antes de pronome relativo **que**, antes da preposição **de** e quando substitui um termo ou uma frase inteira (só o demonstrativo **o** atua nesse terceiro caso, vindo normalmente acompanhado dos verbos **ser** ou **fazer**). Tais pronomes podem ser substituídos por **aquele(a/s)** ou **aquilo**.

– ***As*** *(= aquelas) que ficam na frente da sala são normalmente discriminadas, já* ***os*** *(= aqueles) do "fundão" são os carismáticos, sendo meninos ou meninas. A verdade é que uma turma só é boa se seus componentes também* ***o*** *(isso = bons) forem.*

Obs.: De todos os gramáticos que pesquisei, só Bechara e Luft dizem que **o**, **a os**, **as** (antes de substantivo **elíptico**) são artigos. Portanto, para eles, **As** e **os** são **artigos**. Veja uma questão bem polêmica sobre isso (Esaf – ATRFB – 2012 – QUESTÃO 5 – GABARITO 4). A Esaf fica com a opinião desses dois gramáticos, ignorando o que todos os demais afirmam. Incrível, não?! No entanto, a visão de 99% das bancas é encarar tais vocábulos como pronomes demonstrativos: CEPUERJ – DEFENSORIA PÚBLICA – TÉCNICO – 2010 – QUESTÃO 10 (D).

3) Artigo *versus* Preposição

A preposição **a** vem iniciando locução adjetiva (barco **a** vela), locução adverbial (**a** olhos vistos), locução prepositiva (**a** despeito de), ligando verbos e nomes a seus complementos (Viso **a** um bom cargo/Sou fiel **a** vós), ligando verbo a verbo (Voltei **a** estudar), iniciando orações (**A** persistirem os sintomas...) etc. e tal.

Bem fácil distinguir, portanto, uma classe de outra.

4) Artigo *versus* Numeral

O numeral **um** ou **uma** indica quantidade correspondente à unidade e admite o acompanhamento das palavras "só, somente ou apenas".

– *Acabei gastando **um** litro de gasolina para chegar aqui.* (... só/somente/apenas **um**...)

Em "Entrei na livraria para comprar **um** livro anteontem.", sem maior contexto, temos de entender tal vocábulo como artigo indefinido. "Ah, mas é possível colocar *só, somente ou apenas* antes de *um*!" É verdade. No entanto, só com tais palavras a ideia de número fica clara; sem essas palavras para ajudar e sem um contexto maior, teremos de encarar tal vocábulo como artigo indefinido. Observe agora este texto:

– ***Um** aluno do curso passou no concurso mais concorrido do Brasil, dentre mais de 8.000 alunos da rede.*

Pelo contexto, **um** só pode ser numeral, pois indica quantidade. Observe o contexto sempre!

5) Artigo *versus* Pronome Indefinido

Os pronomes indefinidos **um**, **uns**, **uma**, **umas** não vêm acompanhando um substantivo, vêm **substituindo-o**. Normalmente, na mesma frase, aparece o pronome **outro**.

– *Várias pessoas foram convidadas para a formatura. **Umas** apareceram, **outras** não. Ele, por exemplo, é **um** que nem foi convidado.*

Agora, sim, você está mais do que preparado para acertar qualquer questão relativa à identificação do artigo.

Emprego dos Artigos Definidos

Não entre na paranoia de querer gravar tudo, hein! Não se assuste. Vou pontuar exatamente aquilo de que você precisa para a prova, colocando um * ao lado

de cada regra. Você vai perceber que junto ao emprego dos artigos, muitas vezes falarei sobre seus valores semânticos. Vejamos:

1) O artigo antecipa um substantivo, individualizando-o:

– *Encontrei **o** homem.*

2) O artigo pode ter valor de pronome demonstrativo (este, esse, aquele) para indicar que algo está próximo do falante e/ou algo é conhecido do ouvinte:

– *Finalmente o prefeito prometeu investir n**a** (= nesta, = naquela) região.*

3) O artigo pode ter valor de pronome possessivo (meu, teu, seu, nosso, vosso), normalmente quando se liga a substantivos que indicam partes do corpo, vestuário, objetos pessoais, faculdades do espírito e relações de parentesco:

– *Quando atuava como palhaço, eu tinha **o** (= meu) rosto coberto de maquiagem.*

– *Ela descosturou todo **o** (= seu) vestido para depois fazer uma saia.*

– *Por que jogou fora **a** (= minha) escova de dentes se ela estava nova?*

– *Vem cá, tu perdeste **o** (= teu) senso, rapaz?*

– *Nossa vida era uma felicidade só; **o** (= nosso) pai era um grande homem.*

***4) O artigo vem obrigatoriamente antes de pronome possessivo que *substitui* um substantivo, mas é <u>facultativo</u> antes de um pronome possessivo que *acompanha* um substantivo:**

– *Fizeram alusão a* (ou *a**os**) meus ideais, não a**os** seus.*

Obs.: <u>Omite-se</u> o artigo definido antes dos possessivos em três situações: 1) nas locuções com pronome possessivo (a meu ver, em meu ver, a meu modo, a meus pés, em seu favor, em minha opinião, a seu bel-prazer, por minha vontade etc.); 2) antes de pronomes ou formas de tratamento (Vossa Excelência, Sua Majestade, Nossa Senhora etc.); 3) em vocativos (Meu amor, eu te amo). No entanto, quando o pronome vier posposto ao substantivo, o artigo é obrigatório: "Quando a luz d**os** olhos meus e a luz d**os** olhos teus resolvem se encontrar..."

5) O artigo indica a totalidade de uma espécie:

– ***O*** *homem é um ser muito volúvel.* (todos os seres humanos)

***6) O artigo é dispensado quando atribui um sentido genérico ao substantivo, mesmo quando este é especificado:**

– *Certos membros religiosos não vão a festas.* (qualquer tipo de festa; o **a** é só uma preposição)

– *A pesquisa não se refere a mulher casada, a homem casado, mas tão somente a solteiros.* (qualquer mulher casada, qualquer homem casado; o **a** é só uma preposição)

Obs.: O Cespe/UnB adora esse tipo de questão sobre crase! Veremos melhor isso em *Crase.*

7) O artigo é normalmente dispensado antes dos substantivos em provérbios:

– *Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.*

8) O artigo é dispensado antes de nomes de meses, a menos que estejam especificados:

– *É em setembro que eu faço aniversário, mas nunca me esquecerei d**o** setembro de 2000, pois foi meu primeiro beijo.*

9) O artigo é dispensado antes das datas do mês:

– *Milhares de pessoas desapareceram incrivelmente em 30 de março de 1549.*

Obs.: Se a data estiver especificada, o artigo será obrigatório: "Milhares de pessoas desapareceram incrivelmente n**o** fatídico 30 de março de 1549." Caso se trate de uma locução substantiva (datas célebres), o artigo será obrigatório: "Odeio **o** 7 de Setembro." Segundo Celso Cunha, "antes de datas mencionadas no curso de uma narração", usa-se o artigo: "A primeira missa se realizou a**os** 26 de abril de 1500 no país que viria a se chamar Brasil."

10) O artigo é usado antes de dias da semana:

– *A**os** domingos, os católicos vão à igreja.*

Obs.: Não raro, porém, o artigo é dispensado junto com a preposição: "Vou descansar **segunda-feira**". Como já dizia a música, "**sábado** à noite, tudo pode mudar" ou "**De segunda a sexta**, esporro do patrão; **sábado e domingo**, vou curtir com a Furacão." Este último exemplo é em homenagem ao *funk* carioca (está na veia do flamenguista aqui).

***11) O artigo é usado antes de horas, em expressões adverbiais de tempo:**

– *Os pescadores não devem pescar a**o** meio-dia, por causa do sol; a melhor pesca começa a partir d**as** seis horas da manhã.*

Obs.: Se a expressão de horas não tem valor adverbial, o artigo é dispensado: "Já é meio-dia e meia".

12) O artigo é usado antes das quatro estações do ano:

– ***A** primavera, **o** verão, **o** outono e **o** inverno marcam as estações do ano.*

Obs.: O artigo é dispensado antes da preposição **de** que inicia locuções adjetivas: "Nada como uma noite **de verão**!". No entanto, se vier especificado, o artigo é obrigatório: "Tenho boas lembranças das noites *d**o** verão passado.*".

13) O artigo é usado antes de nomes que indicam datas festivas:

– ***O** Carnaval, **o** Natal, **a** Páscoa e **a** Quaresma fazem parte de nossa cultura.*

Obs.: O artigo é dispensado antes da preposição **de** que inicia locuções adjetivas: "O primeiro dia *de Carnaval* é glorioso." No entanto, se vier especificado, o artigo é obrigatório: "A véspera *do Natal* deste ano terá surpresas.".

14) O artigo é usado em expressões de pesos e medidas:

– *Pagou-se R$100* ***o*** *metro de tecido.*

***15) O artigo só é usado antes da palavra "casa" quando ela vem especificada por um adjetivo, locução adjetiva ou oração adjetiva; quando significa *estabelecimento comercial*, também há artigo.**

– *Enfim conseguimos visitar* ***a*** *linda casa do bairro da qual todos falaram.*

– *Eles finalmente arrumaram o restaurante.* ***A*** *casa ficou linda e será um sucesso.*

Obs.: Se a palavra **casa** não vier especificada ou tiver sentido vago, genérico, o artigo é dispensado: "Chegamos **a** casa eu e ela por volta das sete horas da noite." (o **a** é só uma preposição exigida pelo verbo chegar); "Costumo morar em casa alugada"; "Sempre me chamam para ir **a** casas noturnas, mas sou um pai de família, ora!" (o **a** é só uma preposição exigida pelo verbo ir). Só de curiosidade: a presença do artigo na expressão "dona de casa" torna o sentido e a classificação morfológica diferente: a **dona de casa** (profissão/locução substantiva), a **dona da casa** (proprietária/subst. + loc. adj.). Um mero "artiguinho" faz toda a diferença no "status" social, não é?

***16) O artigo só vem antes da palavra "terra" se ela não estiver em oposição a bordo, se vier especificada ou se referir ao planeta:**

– *D****a*** *terra vieste, à (a +* ***a****) terra voltarás.* (A palavra terra não está em oposição a bordo.)

– *Depois que os navegantes retornaram a terra, cada um foi para* ***a*** *terra natal matar a saudade de todos os parentes.* (O primeiro **a** é só uma preposição exigida

pelo verbo retornar; o segundo **a** é um artigo, pois a palavra terra vem especificada pelo adjetivo natal.)

– *Os astronautas chegaram **à** (a+**a**) Terra hoje de manhã.*

17) O artigo vem antes de estruturas superlativas, mas sua posição na frase pode variar:

– *Vou fazer **as** perguntas mais difíceis a ele.*

– *Vou fazer **as** mais difíceis perguntas a ele.*

– *Vou fazer perguntas **as** mais difíceis a ele.*

Obs.: No entanto, usar dois artigos é um erro: "Vou fazer **as** perguntas **as** mais difíceis a ele.".

***18) Diante de nome de pessoas, só se usa artigo para indicar afetividade, familiaridade, intimidade:**

– *Mandei uma carta a Fernando Henrique, na época em que ele era presidente.*

– ***Os** Portinaris tornam minha casa ainda mais chique.*

– ***O** João é uma ótima pessoa.*

Obs.: Em vocativos e antes de nomes de pessoas célebres da história (santos ou não), o artigo é dispensado: "**Fabiana**, por favor, venha aqui."; "A tese se reportou a **Carlota Joaquina** com desrespeito." (o **a** é só uma preposição exigida pelo verbo reportar-se); "Agradeço todos os dias a **Santa Clara** e a **São Cosme e Damião**." (os **as** são só uma preposição exigida pelo verbo agradecer). Diante de **Virgem Maria**, o artigo é obrigatório: "Já fiz muitos pedidos **à** (a + **a**) Virgem Maria.". Diante de nomes próprios femininos não célebres na história, o artigo é facultativo: "Os filhos costumam obedecer **à** (a + **a**) Joana (ou a Joana)."

***19) O artigo é usado antes de alguns topônimos (nomes de lugares: países, regiões, continentes, montanhas, vulcões, desertos, constelações, rios, lagos,**

oceanos, mares e grupos de ilhas), mas não é usado antes de outros. Como existem milhões de topônimos, não é possível colocá-los todos aqui. Por isso, vai aqui uma dica para identificar quando se usa ou não o artigo antes de algum topônimo: crie uma frase como esta: ***Gosto muito de _____***. Faça um teste. Coloque os topônimos na lacuna. I) Se puder ser usado artigo antes do topônimo, maravilha! II) Não se esqueça de um detalhe: se o topônimo vier especificado, o artigo antes dele é obrigatório. III) Vale dizer que o artigo é facultativo antes destes topônimos: *África, Ásia, Europa, Espanha, França, Holanda, Inglaterra, Escócia, Recife, Alagoas.*

*I: Gosto muito d**o** Cairo, d**o** Rio de Janeiro, d**a** Bahia, d**o** Porto, d**o** Brasil, de Portugal, de Paris, de São Paulo, de Copacabana, enfim... sou muito viajado.*

*II: Minha esposa só retornou a**o** Portugal dos avós dela depois de 20 anos.*

*III: (**O**) Recife é um lugar extremamente aconchegante e caloroso.*

Obs.: Não se usa artigo antes de nomes de planetas e estrelas: Urano, Plutão, Sírius, Canópus, Mercúrio etc. **Exceções**: **a** Terra e **o** Sol. Não se usa o artigo definido, em geral, com os nomes de cidades, de localidades e da maioria das ilhas: São Paulo, Visconde de Mauá, Malta, Cuba. **Exceção**: nomes de cidades que se formaram de substantivos comuns conservam o artigo: o Rio de Janeiro, o Porto, o Havre, o Cairo. Algumas ilhas também mantêm o artigo: a Córsega, a Sicília, a Sardenha, a Madeira, a Groenlândia.

20) O artigo vem antes dos pontos cardeais e colaterais, exceto quando indicam apenas direção:

– *Ah, os ventos! Os d**o** sul sempre são intrigantes.*

– *A comissão se dirigia para **o** norte.*

– *Está soprando **o** noroeste, brother!*

– *Segundo Graciliano Ramos, **o** nordeste não sopra.*

– *Fizeram caminhadas de norte a sul, de leste a oeste.*

21) O artigo vem antes dos pronomes indefinidos *outro* e *demais* só quando têm sentido determinado:

– *Chamei pel**os** outros, mas não vieram. Sobre **os** demais, nada tenho a dizer.*

22) Usa-se o artigo entre o numeral *ambos* e o elemento posterior, normalmente:

– *Ambos **os** atletas são capazes de conquistar o título.*

***23) O artigo é usado depois do pronome indefinido *todos* seguido de substantivo expresso; omitindo-se o substantivo, não se usa o artigo:**

– *Todos **os** quatro filhos acompanharam o pai.*

– *O pai veio e saiu com todos quatro.*

Obs.: Na frase "Todos os homens merecem uma segunda chance.", há uma ideia de generalização da espécie em "Todos os homens", por isso poderíamos reescrever esse trecho assim: "Todo homem merece uma segunda chance.", com o indefinido no singular, equivalendo a "qualquer", sem artigo do lado. Estruturas diferentes, mesmo sentido.

***24) Quando o artigo é usado depois do pronome indefinido *todo*, este indicará inteireza/completude; a omissão do artigo fará *todo* indicar "qualquer":**

– *Esta carteira é válida em todo **o** território nacional.* (no território inteiro)

– *Esta carteira é válida em todo território nacional.* (esta carteira seria ótima, nem precisaríamos de passaporte, porque ela vale em qualquer território)

Obs.: Segundo Domingos Paschoal Cegalla, equivalendo a "todas as pessoas, toda a gente", a expressão **todo mundo** ou **todo o mundo** é válida, mas a segunda é preferencial. Ele diz ainda que o uso do artigo é obrigatório quando **mundo** se usa no sentido de **Terra** (O jogo será transmitido para *todo **o** mundo.*). Não se usa artigo antes de **todo** quando vem acompanhando um substantivo: *A toda pessoa chegou (???). Não

confunda com o título "todo-poderoso", grafado assim mesmo: "Ele é **o** *todo-poderoso*".

***25) O artigo nunca aparece acompanhando o pronome relativo *cujo*:**

– *O homem cuja **a** persistência é grande logra êxito.* (Inadequado!)

– *O homem cuja persistência é grande logra êxito.* (Adequado!)

26) O artigo é usado antes de uma enumeração se o primeiro elemento dela vier precedido de artigo, inclusive numa série de superlativos relativos:

– *Como já dizia mais ou menos o Rei, "nem mesmo **o** céu, nem **as** estrelas, nem mesmo **o** mar e **o** infinito...".*

– ***O** mais sábio, **o** mais destemido, **o** mais puro dos homens foi Jesus Cristo.*

Obs.: Não se repete, porém, quando dois ou mais adjetivos caracterizam o mesmo ser, a não ser que os adjetivos sejam antônimos ou se queira enfatizar o substantivo: "**O** *mestre, amigo e futuro cunhado* Pestana veio me ajudar." / "***As** breves mas intensas* palavras do professor me motivaram." / "Visitamos ***a** moderna e **a** antiquada* Lisboa." (O artigo sempre vem antes de palavras antônimas!) / "***O** lindo, **o** inteligente, **o** rico e **o** mentiroso* apresentador de TV foi demitido depois de um escândalo."

27) O artigo pode ser usado para superlativar, intensificar o valor de um ser:

– *Confia em mim, o Dr. Jorge é **o** médico!*

28) O artigo é usado antes de nomes de idiomas, exceto quando vêm acompanhados de verbos relativos ao aprendizado:

– *Patrícia domina **o** português, **o** inglês e **o** espanhol.*

– *Precisa aprender agora francês e alemão.*

29) O artigo é comumente usado antes de substantivos abstratos, personificados ou não:

– *Amo **a** Justiça e **a** Compaixão; **as** virtudes precisam ser cultivadas.*

30) O artigo é dispensado antes do substantivo quando se quer dar uma ideia de acumulação e/ou rapidez ao discurso:

– *Chovem denúncias, corrupções, mentiras, negócios espúrios, sujeiras no Plenário.*

***31) O artigo é obrigatório depois da locução prepositiva "até a", só que às vezes a preposição "a" é dispensada da expressão, ficando só a preposição "até", por isso pode não haver crase:**

– *Fui até **à** (a + **a**) praia* ou *Fui até a praia.*

Obs.: Se "até a" tiver a significação de "até mesmo", deixa de ser locução prepositiva e o artigo passa a ser obrigatório: "Além das línguas germânicas, estudava até **as** línguas neolatinas."; "Eu estava muito feliz com a classificação, agradeci a bênção até **às** (a + **as**) faxineiras do curso.". Só de curiosidade: na frase "Eu fui até a (à) casa do João", pode ou não haver crase, pois "casa" está especificada, mas... em "Eu fui até a casa pegar um documento", a dispensa da preposição **a** gera uma construção no mínimo estranha: "Eu fui até casa". Logo, antes de "casa" (sem especificador), usa-se a locução prepositiva "até a" para evitar a estranheza.

Emprego dos Artigos Indefinidos

Só para relembrar, os artigos indefinidos são **um**, **uns**, **uma**, **umas**.

1) Serve para indicar desconhecimento ou generalização, basicamente:

– ***Uma** paciente sua passou aqui hoje de manhã, doutora.*

2) Por sua força generalizadora e indeterminadora, esse tipo de artigo é usado antes de um substantivo para indicar que se trata de uma espécie inteira:

– ***Um** homem não pode fraquejar diante de acusações contrárias a seus princípios.* (qualquer homem)

***3) Revela quantidade aproximada, ênfase, depreciação:**

– *Engordei* ***uns*** *dez quilos.*

– *Estou com* ***uma*** *fome!*

– *Ele é o homem, eu sou só* ***uma*** *mulher.*

4) Usado antes de nome próprio para realçar a qualidade de alguém:

– *Ela era* ***uma*** *Afrodite e* ***uma*** *Diana ao mesmo tempo.*

5) Usado para indicar que alguém pertence a uma família:

– *Dom Pedro I era um Bragança.*

6) Usado para designar obras de um artista:

– *Paguei bem caro por* ***um*** *Picasso.*

7) Usado antes de topônimos especificados:

– *Depois de 40 anos como taxista, Pedro chegou a conhecer* ***uma*** *Copacabana modesta mas charmosa.*

8) Não é usado antes de pronomes demonstrativos e indefinidos, mas pode ser usado antes de *semelhante* e *certo*, quando pospostos ao substantivo, pois viram substantivos:

– *Pai e filho tinham* ***um*** *jeito* <u>*semelhante*</u> *de falar.*

– *Fiz* ***um*** *negócio* <u>*certo*</u>*.*

* Na expressão "um(a) tal de", **tal** continua sendo pronome demonstrativo, segundo se entende do que diz o gramático Napoleão Mendes de Almeida a respeito dela.

9) Segundo a maioria dos gramáticos, omite-se, normalmente, o artigo indefinido em apostos explicativos:

– *Guimarães Rosa, (****um****) grande escritor brasileiro, mereceu todos os louros.*

10) Para precisar ou explicar melhor um ser anteriormente determinado por artigo definido, o artigo indefinido pode ser usado:

– *Chegou a noite, **uma** noite límpida e sensual, mas tive de ficar em casa, infelizmente.*

Valor Discursivo

Provas bem elaboradas vêm trabalhando muito o valor discursivo dos artigos. Por isso, vamos entender melhor qual é o papel do artigo **dentro do texto**. Leia este diálogo entre dois interioranos:

*Fofoqueiro 1: – Aí, **o** João foi a**o** cinema d**o** bairro com **a** namorada, de novo!*
*Fofoqueiro 2: – Ih! Isso não vai dar certo. Da última vez que **um** cara daqui da cidade se atreveu a levar **uma** menina para o cinema, os pais d**a** garota ameaçaram **o** cara de morte.*
*Fofoqueiro 3: – Foi o que eu disse para ele... mas **o** homem não escuta ninguém.*

Antes de qualquer coisa, é preciso que você entenda que o artigo **definido** exerce duas funções discursivas: 1) indica que o ser do qual o falante está falando é também conhecido do ouvinte, logo ambos compartilham de um conhecimento prévio sobre o objeto da conversa ou da exposição e 2) serve para retomar ou relembrar termos anteriores, por inferência.

Igualmente, é preciso que você entenda que o artigo **indefinido** exerce uma função discursiva, basicamente: sempre que uma nova informação é apresentada, o artigo indefinido ajuda o interlocutor (ouvinte/leitor) a ficar atento no ser introduzido na cena, pois o prepara a fim de mais à frente ser tornado conhecido pelo artigo definido. Nas palavras de Celso Cunha, "O artigo indefinido serve para a apresentação de um ser ainda não conhecido do interlocutor. Uma vez apresentado o ser, não há mais razão para o emprego do artigo indefinido, e o locutor (escritor/falante/emissor) deverá usar daí por diante o artigo definido.".

Se você não entendeu muito bem o que eu quis dizer, relaxe, você vai entender melhor agora. Vejamos como analisar os artigos da cena (reprise comentada):

*Fofoqueiro 1 – Aí, **o** João foi a**o** cinema d**o** bairro com **a** namorada, de novo!*

Quando F1 diz "**o** João", é porque ele sabe que F2 o conhece. Ambos conhecem o tal João. Quando F1 diz a F2 "a**o** cinema d**o** bairro", é porque só há um cinema no bairro onde eles moram e conhecem. Quando F1 diz a F2 "com **a** namorada", ambos sabem quem é a dita cuja... e que só é uma. Percebe que há conhecimento compartilhado e prévio nesta parte do diálogo entre os interlocutores?

*Fofoqueiro 2 – Ih! Isso não vai dar certo. Da última vez que **um** cara daqui da cidade se atreveu a levar **uma** menina para o cinema, os pais d**a** garota ameaçaram **o** cara de morte.*

Olha aí o que disse o Celso! Usam-se inicialmente indefinidos para depois os definidos retomarem, por inferência, os termos anteriores (**um** cara – **o** cara; **uma** menina – (d)**a** garota). Os indefinidos são ótimos para apresentar seres e os definidos são ótimos para retomá-los visando à clareza.

*Fofoqueiro 3 – Foi o que eu disse para ele... mas **o** homem não escuta ninguém.*

Este artigo definido (**o** homem) faz referência ao João, lá do início.

Mais interessante que tudo isso é perceber que, se fossem usados artigos indefinidos no lugar de alguns definidos da primeira frase, haveria sensível mudança de sentido, não é? Veja só:

*Fofoqueiro 1 – Aí, **o** João foi a **um** cinema d**um** bairro com **uma** namorada, de novo!*

Agora nem F1 nem F2 sabem qual é o cinema, qual é o bairro, qual é a namorada (João tem mais de uma; isso a gente sabe). Ok?

Bem, é isso aí. Muito interessante, não? Chega de papo. Exercício na veia!

O Que Cai Mais na Prova?

E aí? Você ainda acha que podemos desprezar esta classe gramatical? Pode ser exatamente uma questão sobre artigo a "pedra no seu sapato". E ainda há gramáticas no mercado trabalhando artigo "megasuperficialmente"... sem comentários... Recomendo que você estude a **identificação** do artigo, uma vez que ele pode ser confundido com vocábulos de outras classes gramaticais, e também que estude seu **valor discursivo**. Não ignoremos os **empregos mais importantes** também. Pense na sua vaga! Faça a sua parte!

Questões de Concursos

Conforme você já percebeu, mas não me custa reiterar, algumas questões só apresentam uma ou duas opções, e não todas. Isso ocorre, porque muitas bancas trabalham assuntos diversos em suas opções. Apeguei-me apenas às opções relativas ao assunto do capítulo, isto é: artigo. Isso vai ocorrer ao longo de todo o livro.

1. (Esaf – INSS – Auditor-Fiscal da Previdência Social – 2002) Em relação às lacunas do texto, assinale a opção correta.

A questão da Previdência Social deve ser recolocada na sucessão presidencial. Não é possível que uma questão dessa magnitude – o pacto entre gerações, que interessa às passadas, presentes e futuras – continue, como sempre aconteceu, fora da pauta da sucessão presidencial. Uma questão que diz respeito _____ 20 milhões de beneficiários – aposentados e pensionistas; _____ 26,7 milhões de contribuintes ativos, só no Sistema Geral de Previdência Social – o INSS; _____ 60,0 milhões de brasileiros que estão na População Economicamente Ativa – PEA, mas excluídos do INSS, entre os quais os 40 milhões da economia informal; _____ 4 milhões da Previdência Complementar aberta; _____ 6,6 milhões da Previdência Complementar fechada – 1,7 milhões de participantes ativos, 4,4 milhões de participantes dependentes e 558 mil participantes assistidos; _____ 10 milhões de servidores públicos civis e militares, da União (1,8 milhão), de estados (4,0 milhões, em 97) e municípios (4,0 milhões, em 97), aproximadamente.

a) Como são informações de natureza numérica, o artigo masculino é obrigatório.
b) Já que todas as informações têm a mesma função sintática, basta preencher as lacunas com o artigo feminino singular.
c) Devido à regência da forma verbal "diz" todas as lacunas devem ser preenchidas com a preposição **de**.
d) A regência da palavra "respeito" exige que as duas primeiras lacunas sejam preenchidas com **em** e as seguintes com **de**.
e) Todas as lacunas podem ser preenchidas com preposição e artigo masculino plural: **aos**.

2. (Cespe/UnB – SEFAZ – Técnico – 2002) Os três sinais indicativos de crase nas linhas 7 e 8 (Cumpre permitir à sociedade o acesso às informações relativas à boa ou má utilização das verbas públicas) podem ser suprimidos, sem que a coerência textual fique prejudicada, pois são três casos em que o artigo definido pode ser omitido.

( ) CERTO
( ) ERRADO

3. (FGV – BESC – Assistente Administrativo – 2004) "... por outro lado, *a* taxa Selic continuará *a* ser reduzida *a* partir do patamar de 16,5% *a* que chegou no fim do ano passado..."

Os termos grifados no trecho acima classificam-se, respectivamente, como:

a) artigo – artigo – preposição – preposição;
b) preposição – artigo – preposição – artigo;
c) artigo – preposição – preposição – artigo;
d) artigo – preposição – preposição – preposição;
e) preposição – preposição – artigo – artigo.

4. (Cespe – STM – Analista Judiciário – 2004) Preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se substituir a preposição *em*, que rege "características pessoais" (... *forte influência nas características pessoais...*), pela preposição *sobre*; mas, nesse caso, desfaz-se a contração e o artigo deverá ser escrito separadamente.

( ) CERTO
( ) ERRADO

5. (FGV – BESC – Advogado – 2004) Assinale a alternativa em que o termo grifado seja artigo definido.

a) "... o que ***os*** empurra a dar crédito para o setor privado e para as pessoas físicas."
b) "***O*** que se faz?"
c) "***O*** que está ocorrendo é que os interesses que prevaleceram..."
d) "... agora, o que se está fazendo é buscar "acalmar" ***os*** que temem perder lucros na fase de transição."
e) "Ou seja, há uma possibilidade, não desprezível, de ***o*** país perder, mais uma vez, uma janela de oportunidade."

6. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2004) Os vocábulos "dos" e "da" (*... valores que diferem nitidamente dos da Idade Média...*) provêm ambos da contração da preposição *de* com outro vocábulo: em "dos", com um pronome demonstrativo e, em "da", com um artigo definido.

( ) CERTO
( ) ERRADO

7. (Cespe/UnB – TRE/MT – Analista Judiciário – 2005) Assinale a opção em que as relações de dependência sintática entre os termos do texto VI mostram que o termo da opção não está acompanhado pelo artigo definido.

a) "na medida".
b) "a dimensão".
c) "às exigências de justiça".
d) "do perdão e do respeito".
e) "a toda pessoa".

8. (NCE/UFRJ – CEPEL – Auxiliar de Segurança Patrimonial – 2006) A frase abaixo que NÃO apresenta um numeral de qualquer tipo é:

a) "Foi assim na primeira metade do século passado".
b) "deu os primeiros passos da campanha".
c) "responsável hoje por 85% da produção nacional".
d) "para aprovar a Lei no 9.478".
e) "deixar estrangeiros explorarem o petróleo, uma riqueza finita".

9. (Cespe – MPE – Analista Ministerial – 2006) Preservando-se o sentido do texto III, <u>uma</u> opção gramaticalmente correta para a frase "poderá importar em um perigoso *recuo do Estado*" é: poderá importar num perigoso *recuo do Estado*.

( ) CERTO
( ) ERRADO

10. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2006) (Adaptada) Julgue como verdadeiro (V) ou falso (F) o item a respeito do texto abaixo.

*"(...) Antes de Luca Paccioli, **um comerciante** ou **produtor** que não pagasse suas dívidas poderia ter todos os bens pessoais, como casa, móveis e poupança, arrestados por um juiz ou credor. (...)"*

( ) Apesar de se classificar como **artigo** indefinido, o **artigo** "um" tem a função de determinar ou identificar, no texto, "comerciante" e "produtor".

11. (Esaf – ANEEL – Ténico Administrativo – 2006) Verifique quantas alterações propostas para o texto preservam sua coerência e correção gramatical.

*Não é a **violência** nem as **turbulências** da economia e muito menos a **saúde**. A maior preocupação do brasileiro é o trabalho. A conclusão é **resultado** de uma consulta realizada com 23,5 mil pessoas de 42 países. **Num** suposto ranking mundial de pessimismo em relação às **oportunidades** de trabalho, o brasileiro apareceria nas primeiras posições. Na média global, o emprego seguro é citado por 21% dos entrevistados, ficando em segundo lugar **entre** as preocupações de curto prazo, depois da economia.*

I. Retirar os artigos antes de "violência", "turbulências" e "saúde".
II. Substituir o sinal de ponto pelo de dois-pontos depois de "saúde", grafando a palavra seguinte com letra inicial minúscula.
III. Inserir a preposição *com* antes de "resultado".
IV. Substituir "Num" por *Em um*.
V. Retirar o artigo definido antes de "oportunidades", escrevendo apenas *à*.
VI. Substituir a preposição "entre" pela preposição *em*, o que resulta na contração *nas*.

A quantidade de itens corretos é:

a) 1;
b) 2;
c) 3;
d) 4;
e) 5.

*O acesso **às novas tecnologias** tornou-se um dos fatores determinantes para a criação e absorção de empregos. Há **uma profunda transformação** em curso nas comunicações, **potencializando** a revolução da cidadania e a redução da injustiça social. A continuidade dessas transformações reside menos em novas e radicais inovações tecnológicas e **muito** mais na universalização de seus benefícios para as camadas de baixa renda e para o grande universo de pequenas e médias empresas deste país, maiores geradoras de empregos.*

12. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2006) Julgue como falsas (F) ou verdadeiras (V) as seguintes afirmações a respeito do emprego das estruturas linguísticas no texto.

I. ( ) Preserva-se a correção gramatical ao substituir "às novas tecnologias" por **a novas tecnologias**, usando o termo de maneira indeterminada, sem artigo.
II. ( ) Mantém-se a coerência textual e a correção gramatical também ao empregar "uma profunda transformação" generalizadamente no plural: **profundas transformações**.
III. ( ) O valor do gerúndio em "potencializando" corresponde ao de uma subordinada adjetiva: **que potencializa**.

IV. ( ) Por se tratar de advérbio que confere ênfase, "muito" pode ser suprimido do texto sem prejudicar a estrutura sintática.

A sequência obtida é:

a) V, F, F, V;
b) F, F, F, V;
c) V, F, V, F;
d) F, V, V, F;
e) V, V, V, V.

13. (UPENET/IAUPE – Pref. Olinda/PE – Assistente Social – 2006) Partindo-se do princípio de que CRASE é o fenômeno resultante da fusão da preposição "a" e do artigo "a", assinale a alternativa cujo termo sublinhado se classifica apenas como artigo, daí justificar a inexistência desse fenômeno.

a) "Todos os estudos feitos nos anos 1990 (...) continuam a mostrar..."
b) "... enquanto que 70 a 80 por cento das mulheres afirmam..."
c) "A exemplo de seu ancestral, ele quer ficar sentado em uma pedra..."
d) "... afirmam que a família é prioridade absoluta."

14. (ESPP – MGS – Analista de Sistemas – 2006) Considere o período: *Os dois passaram a discutir a questão da verba disponível.* Os termos destacados são, respectivamente:

a) preposição; artigo definido;
b) artigo definido; preposição;
c) pronome; artigo definido;
d) preposição; pronome.

15. (EsPCEx – Exército Brasileiro – Cadetes do Exército – 2007) Considere a frase: "Ele fez críticas a algumas pessoas". Assinale a alternativa em que o "a" possui a mesma classificação morfológica apresentada na frase acima.

a) Não a vi da janela.
b) Depois da chuva, voltei a casa.
c) A tardinha está deliciosa.
d) A noite é sempre assim: linda!
e) Voltamos com a sombra das nuvens.

16. (Moura Melo – Pref. São Bernardo Campo/SP – Técnico – 2007) Assinale a alternativa cujo contexto possui o uso incorreto do artigo:

a) Nunca penetrei na alma ressequida do meu tio.
b) A ilha a mais paradisíaca pede regulamentação.
c) A ilha deve ser selvagem o quanto possível.
d) NDA.

17. (FGV – FNDE – Técnico – 2007) "A primeira é tecnológica: a internet começou, há vários anos, a erodir a receita da indústria cultural."

No trecho acima, é correto afirmar que estão presentes:

a) três artigos definidos e duas preposições;
b) três artigos definidos e três preposições;
c) cinco artigos definidos e uma preposição;

d) três artigos definidos e uma preposição;
e) quatro artigos definidos e duas preposições.

18. (Cespe/UnB – Pref. São Luís/TO – Técnico Municipal – 2008) Na expressão "A expectativa de vida vem crescendo em todo o mundo", mantêm-se a coerência e a correção gramatical, bem como o sentido do texto, se for retirado o artigo "o".
( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – Pref. São Luís/TO – Técnico Municipal – 2008) Mantém-se o sentido original do texto se o trecho "aos medicamentos" (... ampliar o acesso da população aos medicamentos considerados essenciais...) for substituído por **a medicamentos**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – TJ – Analista Judiciário – 2008) Assinale a opção em que a partícula "o" sublinhada aparece com o mesmo emprego que se apresenta no seguinte trecho do texto: "A primeira é o que queremos dizer".
a) Eles devem realizar logo o projeto do grupo.
b) Responda-me: o que você tem com isso?
c) Seu sucesso depende de o livro ser aceito.
d) É preciso conhecer a rotina do laboratório.
e) Este livro foi o que você indicou.

21. (Consulplan – Analista de Informática (SDS-SC) – 2008) Observe as frases:
1. "Já com avião **a** catástrofe é cinematográfica..."
2. "... para não ser mais uma colunista **a** apontar os defeitos alheios..."
3. Os agentes **a** encontraram desacordada.
Os termos grifados são, respectivamente:
a) artigo, pronome, pronome;
b) artigo, preposição, prono,me;
c) artigo, pronome, preposição;
d) pronome, preposição, artigo;
e) preposição, artigo, pronome.

*"(...) Em nosso continente, a colonização espanhola caracterizou-se largamente pelo que faltou à portuguesa: **por uma** aplicação insistente em assegurar o predomínio militar. (...)"*

22. (Cespe/UnB – CEHAP – todos os cargos (SUPERIOR) – 2009) (Adaptada) Preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se escrever *pela* em lugar de "por uma"?

23. (Cespe/UnB – PM – SOLDADO – 2009) Em "acesso a" (O acesso a revólver, pistola...), "a" funciona como artigo feminino singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

24. (Esaf – ANA – Analista Administrativo – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"O tratamento de esgotos é fundamental para qualquer programa de despoluição das águas. Em grande parte das situações, a viabilidade econômica das estações de tratamento de esgotos (ETE) é reconhecidamente reduzida, em razão dos altos investimentos iniciais necessários ***à sua construção*** *e, em alguns casos, dos altos custos operacionais. (...)"*

- O emprego do sinal indicativo de crase em "à sua construção" é opcional porque é opcional a presença de **artigo definido** singular feminino antes de "sua".

25. (MOVENS – MDIC – Grupo I – 2010) Quanto ao emprego dos artigos no texto, julgue os itens abaixo como Verdadeiros (V) ou Falsos (F) e, em seguida, assinale a opção correta.

I. No trecho "Estamos a um passo dessa convergência", há dois artigos.

II. Em "O sol brilha em todo o mundo", a retirada do artigo que antecede a palavra "mundo" não acarretaria erro gramatical, mas mudaria o sentido do texto.

III. Na linha 11, em "O vento sopra pela Terra todo dia", há contração da preposição **por** com o artigo **a**.

A sequência correta é:

a) V, F, F;
b) V, F, V;
c) F, V, F;
d) F, V, V.

26. (FUNIVERSA – SESI – Assistente Pedagógico – 2010) (Adaptada) Considerando o período "Assim, a relação professor-aluno se torna tema fundamental de discussão nas reuniões de planejamento, nas escolas, nas universidades e em todos os lugares onde se debata melhoria da educação.", diga se a afirmação abaixo está correta ou incorreta:

– O vocábulo "nas", em todas as suas ocorrências, resulta da contração da preposição "em" com o artigo definido "as".

27. (Consulplan – Técnico Administrativo – 2010) (Adaptada) Quanto à classe de palavras, a classificação abaixo está correta ou incorreta?

– "<u>As</u> economias sustentáveis, com tecnologias limpas, sepultarão antigas estruturas..." (artigo definido)

28. (Consulplan – Auxiliar Administrativo – 2010) Assinale a alternativa que apresenta ERRO quanto ao uso do artigo:

a) Avisei a ela que não haveria a reunião.
b) Feliz o pai cujos filhos são ajuizados.
c) Li a notícia no "Estado de Sergipe".
d) Ambos os casos merecem consideração.
e) Discutia os assuntos mais profundos.

29. (Consulplan – Educador de nível médio – 2010) Há ERRO quanto ao emprego do artigo na seguinte afirmativa:

a) O Brasil é um país maravilhoso.
b) O juiz solicitou a presença de ambos os cônjuges.

c) Esta é a mulher cujo o amigo desapareceu.
d) Faltaram uns dez alunos.
e) O menino fugiu.

(...) A palavra paraíso é de origem persa – *pairidaeza*, que quer dizer "jardim murado"; **e sua representação, seu símbolo, é um jardim**, o lugar onde se deu a criação, o país originário de Adão e Eva, enfim o centro do cosmos, que remete a um estado de perfeição. (...)

30. (Adaptada) A reescritura abaixo, no lugar do trecho destacado, estará correta ou incorreta?
– "... e a sua representação, o seu símbolo, é um jardim..."

31. (Consulplan – Técnico em Processamento de Dados – 2011) *"Receio que a gente esteja cometendo um triste engano."* As palavras destacadas no trecho anterior são, respectivamente:
a) pronome, artigo indefinido, advérbio, substantivo;
b) artigo indefinido, adjetivo, pronome, substantivo;
c) artigo definido, artigo indefinido, adjetivo, substantivo;
d) pronome, artigo definido, adjetivo, substantivo;
e) artigo definido, adjetivo, advérbio, substantivo.

32. (Consulplan – Codificador Censitário – 2011) Está correta a afirmativa referente aos segmentos:
"Igual a como" / "Como a alegria"
a) O "a" pertence à mesma classe de palavras nos dois registros.
b) O primeiro "a" é classificado como artigo definido.
c) O vocábulo "como", nas duas ocorrências, pertence à classe de palavras dos adjetivos.
d) Na segunda ocorrência, o "a" é classificado como artigo definido, o que não ocorre para o primeiro registro.
e) A palavra "igual" não pode substituir "como" em "como a alegria".

33. (FDC – Pref. Itaboraí/RJ – Fiscal de Tributos – 2012) "**Um** homem entrou n**um** bar e pediu três doses de uísque. Bebeu depressa, uma depois da outra. Quando terminou a última, pediu mais três. **O** funcionário d**o** bar disse:
– Isso não lhe faz bem, sabe?
– Eu sei – respondeu **o** homem – especialmente com o que eu tenho.
– O que é que o senhor tem? – perguntou **o** garçom.
– Só um real.
(Andy Rooney, "Tribune Media Services")
A afirmativa correta sobre o emprego dos artigos negritados no texto acima é:
a) Nos termos "o funcionário" e "o homem", o emprego do artigo definido é justificado pela mesma razão.
b) Nos termos "o funcionário" e "o bar", os artigos definidos mostram que os termos determinados por eles já foram enunciados antes.
c) Termos como "um homem" e "um bar" nunca podem aparecer textualmente como termos que se referem a outros termos anteriores.
d) No termo "o funcionário", o emprego do artigo definido se justifica pelo fato de o termo determinado ter sido enunciado pela primeira vez.

e) Nos termos "um homem" e "um bar", o emprego do artigo indefinido indica, além do conhecimento dos seres determinados, a sua quantidade.

34. (FDC – Pref. Itaboraí/RJ – Fiscal de Tributos – 2012) O emprego do artigo negritado é optativo na seguinte frase:

a) "A descoberta do clarinete por Mozart foi uma contribuição maior do que toda **a** África nos deu até hoje." (Paulo Francis)

b) "Nunca minta para **o** seu médico, para **o** seu confessor ou para **o** seu advogado." (George Herbert)

c) "Não confio num banco que me empresta dinheiro sem **a** menor garantia." (Robert Benchley)

d) "O Brasil é **a** melhor piada que já foi contada por um português." (Fernando Pedreira)

e) "De dez em dez anos toda **a** burocracia precisa ser fuzilada e trocada." (Stalin)

Gabarito

1. E.	9. CERTO.	17. E.	25. D.	33. C.
2. ERRADO.	10. F.	18. ERRADO.	26. CORRETO.	34. B.
3. D.	11. D.	19. CERTO.	27. CORRETO.	
4. CERTO.	12. E.	20. E.	28. C.	
5. E.	13. D.	21. B.	29. C.	
6. CERTO.	14. A.	22. CORRETO.	30. CORRETO.	
7. E.	15. B.	23. ERRADO.	31. C.	
8. E.	16. B.	24. CORRETO.	32. D.	

Capítulo 10

Numeral

Definição

Esta classe gramatical é pouquíssimo cobrada em concursos de bancas famosas, mas não custa passar os olhos, certo? Vai que...

Do ponto de vista semântico, o numeral indica, essencialmente, quantidade absoluta (cardinal), quantidade fracionária (fracionário), quantidade multiplicativa (multiplicativo) e ordem, sequência, posição (ordinal), de coisas ou pessoas.

Do ponto de vista morfológico e discursivo, o numeral é uma classe normalmente variável em gênero e número. É um determinante que acompanha o substantivo (neste caso, é chamado de numeral adjetivo, pois tem valor de adjetivo) ou o substitui (neste caso, é chamado de numeral substantivo, pois tem valor de substantivo).

"Ter valor de" não significa "ser". Logo, nestas frases: "**Dois** *estudantes* vieram me abraçar em agradecimento pela classificação. Reinaldo e Leandro eram seus nomes. Os ***dois*** eram merecedores!". Note que o último **dois** substitui "Reinaldo e Leandro", logo é um **numeral substantivo**. O primeiro **dois**, por sua vez, é um **numeral adjetivo,** pois está ligado a um substantivo (estudantes).

Sobre a variação em gênero e número, dê uma olhada básica:

– Os **numerais cardinais** que variam em gênero são "um (uma), dois (duas)" e as centenas a partir de duzentos: "Só **um** aluno e **uma** aluna da turma passaram na prova.". Cardinais como milhão, bilhão (ou bilião), trilhão

(trilião) etc. variam em número: milhões, bilhões (ou biliões), trilhões (triliões) etc. Os demais cardinais são invariáveis.

– Os **numerais ordinais** variam em gênero e número: primeiro, primeira, primeiros, primeiras...

– Os **numerais multiplicativos** variam em gênero e em número quando acompanham substantivos: "Os saltos e piruetas **triplas** daquela ginasta deixaram-nos de queixo caído.".

– Os **numerais fracionários** variam em gênero e número: um **quarto**, dois **quartos**, duas **quartas**, **trinta e quatro avos**...

– **Ambos/ambas** são considerados **numerais duais**; muito empregados para retomar elementos citados anteriormente, por isso o gramático Bechara diz que eles podem ser vistos como pronomes: "Mateus e João foram apóstolos de Jesus Cristo. **Ambos** deixaram seus nomes na história." As expressões pleonásticas "ambos os dois" e "ambos de dois" são abonadas por uns (Sacconi, por exemplo) e desabonadas por outros (Cegalla, por exemplo).

Do ponto de vista sintático, o numeral é um termo que funciona como adjunto adnominal quando acompanha um substantivo; quando substitui o substantivo, tem função substantiva (ou seja, funciona como núcleo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto, indireto, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adverbial e aposto).

Para entendermos bem todas as definições de numeral, vamos analisar por último esta frase:

Uma cerveja é pouco, duas é bom, três é... bom demais!

Note que os vocábulos ***Uma***, ***duas*** e ***três***

1) **indicam quantidade absoluta, logo são cardinais**;

2) **variaram** (os dois primeiros) de forma: "**Uma** cerveja... **duas** é bom..."; o primeiro numeral é adjetivo, pois acompanha um substantivo e os demais são numerais substantivos, pois substituem um substantivo (cerveja);

3) funcionam como **adjunto adnominal** (o primeiro) e como **sujeitos** (o segundo e o terceiro).

Identificação

Identificar o numeral não é difícil, desde que você conheça os tipos (cardinal, ordinal, multiplicativo, fracionário e coletivo). Veja esta questão:

23. (EsSA – Exército Brasileiro – Sargento – 2006) No trecho "Os <u>três</u> atravessam o salão, <u>cuidadosa</u> mas resolutamente...", os vocábulos grifados são classificados, quanto à morfologia, respectivamente, em:

a) <u>numeral</u> e advérbio; (Este foi o gabarito oficial!)
b) advérbio e aposto;
c) substantivo e adjetivo; (Você marcaria esta... e erraria!)
d) vocativo e substantivo;
e) adjetivo e numeral.

Comentário: Note que *três* está substituindo substantivos não mencionados no trecho, mas que subentendemos que sejam três (*amigos, rapazes, irmãos etc.*). Além disso, *três* continua indicando quantidade, o que constitui um numeral. Não confunda numeral (!) com substantivo! Sobre isso, veja o exemplo do Bechara, na página 205, de sua *Moderna Gramática Portuguesa.*

Só peço que tome cuidado com os numerais que se tornam verdadeiros substantivos (processo de derivação imprópria). Isso se dá quando se denominam os números, de modo que eles não indicam quantidade ou ordem no contexto:

– *O número* ***sete*** *é ímpar.*
– *O numeral* ***primeiro*** *e o numeral* ***segundo*** *são ordinais.*
– *O* ***vinte e quatro*** *no jogo do bicho é veado, sendo associado pejorativamente, por isso, a homossexuais.*
– *A professora escreveu dois* ***oitos*** *no quadro, no entanto deveria escrever três* ***oitos****.*

Agora, há certo numeral que pode gerar confusão: **um(a).** Podemos confundir tal numeral com artigo indefinido ou com pronome indefinido. Ou melhor, podíamos. Veja agora a diferença entre eles, segundo o conceituado gramático José Rebouças Macambira:

1. Artigo indefinido: a forma **um** deve ser artigo indefinido:

– Se for omissível: "Morreu um grande poeta araçatubense.", que, omitido o artigo, se reduz a: "Morreu grande poeta araçatubense.".

– Se alternar com o artigo definido: "Um homem prevenido vale por dez." equivale a "O homem prevenido vale por dez.".

2. Pronome Indefinido: a forma **um** será pronome indefinido:

– Se ocorrer em paralelo com pronome indefinido: "Um filho estuda Direito, o outro Medicina.".

3. Numeral: a forma **um** será numeral:

– Se ocorrer em paralelo com outro numeral: "Escapou um preso, e dois foram mortos.".

– Se responder à pergunta "quanto": "Quantos filhos você tem?" "Um filho.".

– Se vier articulado com "somente, apenas, só" ou "sequer": "Tenho somente um amigo.", "Nunca perdeu sequer uma discussão.".

– Quando **um** puder ser expandido por **somente** ou qualquer outro sinônimo."Existe um Deus no céu." = "Existe somente um Deus no céu."

– Se posposto a um substantivo, tiver o valor de ordinal: "Abra o livro na página um." (isto é, na primeira página). Nesse caso, fica invariável; não se deve dizer na página uma ou vinte e uma.

– (Adendo meu) Nas expressões "um(a) dos(as) que", **um(a)** é numeral.

Classificação

Nossos numerais são de origem árabe, por isso são algarismos **arábicos**. Há também os algarismos **romanos**. Veja alguns correspondentes:

Arábicos: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 30, 40, 50, 60, 70, 80, 90, 100, 200, 300, 400, 500, 600, 700, 800, 900, 1000.

Romanos: I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII, IX, X, XI, XII, XIII, XIV, XV, XVI, XVII, XVIII, XIX, XX, XXX, XL, L, LX, LXX, LXXX, XC, C, CC, CCC, CD, D, DC, DCC, DCCC, CM, M.

Vamos ao que interessa:

Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
zero	–	–	–
um*	primeiro[3]	–	–
dois	segundo	dobro, duplo, dúplice	meio[1], metade
três	terceiro	triplo, tríplice	terço
quatro	quarto	quádruplo	quarto
cinco	quinto	quíntuplo	quinto
seis	sexto	sêxtuplo	sexto
sete	sétimo	sétuplo	sétimo
oito	oitavo	óctuplo	oitavo
nove	nono	nônuplo	nono
dez	décimo	décuplo	décimo
onze	décimo primeiro	–	onze avos
doze	décimo segundo	–	doze avos
treze	décimo terceiro	–	treze avos
quatorze/ catorze	décimo quarto	–	catorze avos
quinze	décimo quinto	–	quinze avos
dezesseis	décimo sexto	–	dezesseis avos

Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
dezessete	décimo sétimo	–	dezessete avos
dezoito	décimo oitavo	–	dezoito avos
dezenove	décimo nono	–	dezenove avos
vinte	vigésimo	–	vinte avos
trinta	trigésimo	–	trinta avos
quarenta	quadragésimo	–	quarenta avos
cinquenta	quinquagésimo	–	cinquenta avos
sessenta	sexagésimo	–	sessenta avos
setenta	septuagésimo	–	setenta avos
oitenta	octogésimo	–	oitenta avos
noventa	nonagésimo	–	noventa avos
cem	centésimo	cêntuplo	centésimo
duzentos	ducentésimo	–	ducentésimo
trezentos	trecentésimo	–	trecentésimo
quatrocentos	quadringentésimo	–	quadringentésimo
quinhentos	quingentésimo	–	quingentésimo
seiscentos	sexcentésimo	–	sexcentésimo
setecentos	septingentésimo	–	septingentésimo
oitocentos	octingentésimo	–	octingentésimo

Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
novecentos	non(in)gentésimo	–	nongentésimo
mil	milésimo	–	milésimo
milhão[2]	milionésimo	–	milionésimo
bilhão[2]	bilionésimo	–	bilionésimo
etc.			

Existem também os **numerais coletivos**, os quais indicam o número exato de seres ou objetos de um conjunto, flexionando em número, quando necessário: dúzia, cento, milhar, par, milheiro, dezena, centena, novena, grosa, lustro, década... Normalmente vêm especificados por uma locução adjetiva iniciada pela preposição de: "Comeram uma **dúzia** de bananas".

* Recomenda Cegalla: evite usar "um mil" ou "hum mil"; use "mil" apenas.
[1] O numeral fracionário **meio** (= metade) concorda em gênero com o substantivo a que se refere e pode ser numeral adjetivo ou numeral substantivo: "Comprou **meio** quilo de feijão."; "Cortou **meia** laranja-pera para comer."; "Finalizou a luta em um minuto e **meio** (minuto)."; "Terminou a disputa depois de duas horas e **meia** (hora)."; "Enfim, já é **meio**-dia e **meia** (hora).". O numeral fracionário é também percentual quando seguido por este símbolo: "%". Meio óbvio isso... Bem... vale ressaltar que esse vocábulo também pode ser um substantivo quando acompanhado de determinante(s): "Estamos no ***meio*** do verão.". Pode ser um advérbio de intensidade quando modifica um adjetivo ou outro advérbio: "Ela está **meio** chateada, porque já está **meio** tarde.". "Meia chateada" não existe porque advérbio não varia.
[2] Segundo muitos gramáticos e o VOLP, "milhão, bilhão, trilhão, quatrilhão, quintilhão" etc. são considerados numerais ou substantivos. Então, não se assuste se determinada banca marcar como correta a classificação de um desses

vocábulos como numeral ou como substantivo. Mais importante que isso é saber o seguinte: tais vocábulos são masculinos e, por isso mesmo, levam outros determinantes dentro do sintagma nominal ao masculino: "*Os dois* ***milhões*** de mulheres de nosso país estavam *entusiasmados* (ou *entusiasmadas*).". A mesma regra se aplica a "bilhão, trilhão, milhar(es)". Aproveitando o ensejo, o verbo pode concordar com *milhão* (no singular) ou com seu especificador (no plural): "Um **milhão** de reais **foi** (foram) **gasto** (gastos) na construção da casa.".

[3] Os vocábulos "último, penúltimo, antepenúltimo, derradeiro, posterior, anterior" etc. não são considerados numerais, e sim meros adjetivos. Segundo Celso Cunha, certos ordinais se tornam verdadeiros adjetivos, por conversão (derivação imprópria), em construções como estas: "Este é um artigo de **primeira/primeiríssima** qualidade."; "Teu clube é de **segunda** categoria."; "Um material de **terceira** ordem como esse não me interessa.".

Emprego dos Numerais

Vejamos algumas regrinhas sobre os numerais:

1) Como bem nos instrui José Maria da Costa, em seu *Manual de Redação Profissional*, "Há diversas regras importantes e interessantes para a leitura dos numerais e para sua escrita por extenso, como, por exemplo, a que determina a interposição da conjunção *e* entre as centenas e as dezenas e entre estas e as unidades. Em decorrência dela é que o número *2.662.385* é lido e escrito por extenso do seguinte modo: *dois milhões seiscentos e sessenta e dois mil trezentos e oitenta e cinco*. No caso das consultas, o mais lógico é pensar, por primeiro, na existência de um modo mais conceitual e apurado de dizer e escrever: a) *83,47%*: *oitenta e três inteiros e quarenta e sete centésimos por cento*; b) *0,3%*: *três décimos por cento*. A par desse modo mais clássico, também se posta outro mais simples, direto e igualmente correto: a) *oitenta e três vírgula quarenta e sete por cento*; b) *zero vírgula três por cento*". Adendo meu: não se emprega a conjunção "e" entre os milhares e as centenas, exceto quando o número terminar em uma centena com dois zeros: "O ano 1500 (mil e quinhentos) foi decisivo.".

Ainda nos ajudando, Thaís Nicoleti diz: "A leitura dos ordinais não oferece dificuldade até que se chegue aos números com três, quatro ou mais algarismos.

Como ler o ordinal 887º, por exemplo? *Octingentésimo octogésimo sétimo*. Se, entretanto, o número em questão ultrapassar 2.000, o primeiro algarismo será lido como cardinal. *Dois milésimo trecentésimo quadragésimo quinto* é a leitura correta de 2.345º, conforme a tradição do idioma. Quando o número é redondo, costumamos empregar somente o ordinal (2.000º lê-se como *segundo milésimo*).".

O gramático Cegalla não recomenda o uso das vírgulas para separar os numerais escritos por extenso tampouco os principais manuais de redação. Já Celso Cunha nada diz a respeito, mas grafa com vírgulas a separação.

2) Na designação de **soberanos (reis, príncipes, imperadores), papas, séculos, livros e partes de uma obra (capítulo, parágrafo, tomo etc.)**, quando o numeral é posposto ao substantivo, usam-se os numerais ordinais até décimo. Daí em diante, devem-se empregar os cardinais. Se estiver anteposto, o ordinal é obrigatório**.**

– *Ao papa Paulo VI (**sexto**) sucedeu João Paulo II (**segundo**). Tempos depois chegou o papa Bento XVI (**dezesseis**).*

– *No século XIX (**dezenove**), a Revolução Industrial revolucionou o mundo.*

– *Este é o livro 10º (**décimo**) da minha coleção.*

– *O rei Luís XV (**quinze**) e o rei Henrique IV (**quarto**) marcaram seus séculos.*

– *No capítulo III (**terceiro**) do livro de Lucas, há uma passagem interessante.*

– *Após o parágrafo IX (**nono**), há o parágrafo X (**décimo**)?*

– *O V (**quinto**) rei da dinastia suméria foi Hamurabi.*

3) Em textos legais, ou seja, na linguagem jurídica, os **artigos, incisos, decretos, portarias, regulamentos e parágrafos** numerados até nove são lidos como ordinais; do número dez em diante, são lidos como cardinais. Além disso, flexiona-se o numeral em gênero para a identificação de páginas e folhas, preferencialmente. Se estiver anteposto, o ordinal é obrigatório.

– *Antes do artigo 10 (**dez**) vem o artigo 9º (**nono**) da Constituição.*

– *Encontrei a explicação nas páginas vinte e **duas**.*

– *O 22º (**vigésimo segundo**) decreto foi revogado.*

4) Na identificação de **casas, apartamentos, páginas, dias**, que não em meio jurídico, empregam-se os cardinais. Se anteposto, usa-se cardinal.

– *Moro na casa **seis** da vila.*
– *Leia, por favor, na página **três**, a sinopse.*
– *Dia **quatro** de setembro é meu aniversário.*
– *Moro no 23º (**vigésimo terceiro**) apartamento do prédio.*

5) Em relação ao **primeiro dia do mês**, deve-se usar o ordinal:
– *Rio de Janeiro, 1º de dezembro de 2012.*

* Evanildo Bechara, porém, defende tanto o uso do ordinal como do cardinal.

6) Com relação às **datas**, podemos ou não usar **aos**, **a** ou **em**:
– *A presidenta tomou posse 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse a 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse em 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse aos 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse no dia 2 de janeiro de 2011.*

7) Não se usa o ponto entre os numerais quando estes designam datas. Nos demais casos, o ponto deve ser colocado entre as centenas e milhares.
– *Escrevi isto no dia 13 de junho de 2012.*
– *A Gramática tem mais de 1.500 questões comentadas! Incrível!*

Valor Discursivo

O numeral pode ser usado para atender a demandas estilísticas e a demandas meramente textuais. Em outras palavras, o autor de um texto, ao fazer uso de um numeral pode indicar outros valores que rompem a ideia de um simples numeral.

Por exemplo, muitas vezes o numeral é usado para enfatizar determinada ideia:

– *Já bati nessa tecla **mil** vezes.* (Na fala, dizemos "enevezes" ou "trocentas"; é o famoso numeral com valor hiperbólico – exagero na afirmação.)
– *Deus é **dez**.* (Neste caso, *dez* é um verdadeiro adjetivo.)
– *Vem cá, vamos trocar **duas** palavrinhas.* (Na verdade, é mais de uma.)

– *Vocês merecem **dez** pela educação.* (O numeral tem o valor de aprovação.)

Apesar de a gramática normativa não registrar a flexão de grau dos numerais, na linguagem coloquial (e em vários textos literários), os numerais são frequentemente flexionados em grau com acentuada expressividade (com tom afetivo ou irônico).

– *Paguei **cinquinho** por esta blusa.*
– *Quer me emprestar **milão**? Só um **milãozinho**...*
– *Pega leve, ele já é um **cinquentão**!*
– *Só vou tomar mais **umazinha**...*
– *O meu time foi para a **segundona** novamente.*

Mais importante que isso, porém, é a função textual dos numerais. Eles têm a função de retomar referentes substantivos, evitando a repetição no discurso. Às vezes também são usados para fazer referência a termos posteriores no texto. Veja:

– *Pelé, Zico, Romário, Ronaldo e, agora, Neymar são verdadeiros craques do futebol mundial. No entanto, apenas o **primeiro** e o **terceiro** já conseguiram marcar mais de 1.000 gols e só **um** desse grupo já foi campeão mundial pelo Mengão: o sensacional Zico!*

Perceba que *primeiro* e *terceiro* se referem a Pelé e Romário, substantivos resgatados pelos numerais dentro do texto. Não obstante, *um* se refere a um substantivo posterior: Zico. Sendo assim, os numerais são ótimos referenciadores para que evitemos desnecessárias repetições.

O Que Cai Mais na Prova?

Numeral é um assunto que tem 0,00000000000001% de chance de cair em provas realizadas por bancas de prestígio! Então, "na boa"... faça só o seu papel de concurseiro profissional e resolva as questões, sem "aqueeeele" compromisso. Quando alguém se atreve a fazer uma questão de numeral, é em cima de emprego de numeral cardinal e ordinal. Do mais, é só identificação e diferenciação com artigo, como já vimos no capítulo anterior. Numeral (coitado!) está de lado nos concursos importantes há muito tempo...

Questões de Concursos

Cá entre nós... sofri para encontrar questões recentes de numerais... Por consideração à minha pessoa, entretanto, não deixe de fazê-las!

1. (FGV – SPTRANS – Especialista em Transporte – 2001) O emprego do numeral está errado em:

a) vá comprar duzentas gramas de mortadela;
b) veja o exercício da página vinte e um;
c) consulte o artigo segundo desse código;
d) a cidade floresceu no século quinto.

2. (FAEPOL – SSP – Auxiliar de Necropsia – 2002) Na expressão "século XIX", lê-se o numeral em romanos como cardinal (= dezenove); o item abaixo que deve ser lido como ordinal é:

a) livro XXIII;
b) livro X;
c) livro XI;
d) livro XL;
e) livro C.

3. (NCE/UFRJ – CGJ – Comissário de Justiça da Infância e da Juventude – 2002) "Mas estamos em pleno século XX..."; o item abaixo em que devemos ler o algarismo romano como ordinal é:

a) no século XI antes de Cristo;
b) o papa recebeu o nome de João XXIII;
c) no século XII da nossa era;
d) Inocêncio X foi papa;
e) Luís XVI foi rei da França.

4. (Uniaraxá – Vestibular – 2003) Em "... às dez horas", "sob as olaias" e "Ambos se abanavam", as palavras grifadas são, respectivamente:

a) artigo – preposição – pronome – numeral – pronome;
b) artigo – preposição – pronome – numeral – conjunção;
c) preposição – artigo – preposição – numeral – pronome;
d) preposição – pronome – preposição – substantivo – conjunção;
e) preposição – pronome – conjunção – substantivo – pronome.

5. (NCE/UFRJ – PC/DF – Policial Civil (Agente) – 2004) "Em oito anos, o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio – é alarmante esse grau crescente de insegurança"; quanto às referências numéricas presentes nesse primeiro parágrafo do texto pode-se dizer que representam numerais de dois tipos:

a) cardinais e ordinais;
b) cardinais e multiplicativos;
c) multiplicativos e fracionários;
d) cardinais e fracionários;
e) ordinais e multiplicativos.

6. (NCE/UFRJ – Infraero – Advogado – 2004) O algarismo romano XIX é lido como numeral cardinal; o item em que o algarismo romano deve ser lido como ordinal é:

a) Luís XVI;
b) João XXIII;
c) Pio X;
d) século XXI;
e) casa II.

Fragmento de texto (adaptado)

*A Linguagem Brasileira de Sinais (Libras) passará a ter formação específica nos cursos de Pedagogia e de formação de professores e será uma das especializações dos cursos de Letras, como **uma segunda** língua.*

*A determinação está no decreto apresentado nesta terça-feira pelo ministro da Educação, Fernando Haddad, e é parte da regulamentação da lei de **2002** que tornou a Libras uma forma nacional de comunicação.*

*As universidades terão **dez** anos para oferecerem o ensino de Libras em todos os seus cursos de formação de professores, mas nos próximos três anos já terão que ter a disciplina em pelo menos 20% dos cursos. Em **cinco** anos, 60% dos cursos precisarão ter a disciplina.*

7. (ACCESS – Pref. Teresópolis/RJ – Dinamizador de Educação Infantil – 2005) Assinale a alternativa em que a palavra não seja numeral.
a) Uma.
b) Segunda.
c) 2002.
d) Dez.
e) Cinco.

8. (NCE/UFRJ – CEPEL – Auxiliar de Segurança Patrimonial – 2006) "e no monopólio em 1953"; o numeral relativo ao ano (1953) deve ser lido da seguinte forma:
a) mil e novecentos e cinquenta e três;
b) mil, novecentos e cinquenta e três;
c) mil, novecentos e cinquenta três;
d) um mil, novecentos e cinquenta três;
e) mil e novecentos, cinquenta três.

9. (NCE/UFRJ – Eletronorte – Assistente Técnico de Engenharia – 2006) A expressão "mais de cem vezes" apresenta uma quantificação imprecisa; a alternativa que mostra uma forma mais precisa de quantificar é:
a) cerca de 100 vezes;
b) ambas as vezes;
c) inúmeras vezes;
d) uma meia dúzia de vezes;
e) incontáveis vezes.

10. (NCE/UFRJ – Assembleia Legislativa – Taquígrafo Parlamentar – 2006) No texto há uma série de numerais de diferentes tipos; a frase abaixo que apresenta um numeral ordinal é:
a) O investidor Warren Buffett tem 75 anos bem vividos.
b) Warren decidiu doar 85% de seus bens.

c) Para os americanos, fazer filantropia é prioridade *a.*
d) Gates é dono de várias obras-primas.
e) Cerca de três quartos da fortuna foram doados.

11. (FUNRIO – Pref. Maricá/RJ – Guarda-Vidas – 2007) No trecho "E já no seu primeiro jogo depois do pacto com o Diabo, Tinho assombrou. Fez cinco gols, dois com cada perna e o quinto com uma cabeceada perfeita.", os vocábulos em destaque são, respectivamente, numerais:
a) ordinal, cardinal, cardinal e ordinal;
b) cardinal, cardinal, ordinal e ordinal;
c) cardinal, ordinal, ordinal e cardinal;
d) cardinal, cardinal, cardinal e cardinal;
e) ordinal, ordinal, ordinal e ordinal.

12. (NCE/UFRJ – Pref. Santana – Professor Educação Básica – 2007) O algarismo romano em "D. João VI" é lido como numeral ordinal; a alternativa abaixo em que o algarismo romano é lido como cardinal é:
a) Pedro I;
b) Henrique VIII;
c) João Paulo II;
d) Luís XVI;
e) Nicolau III.

13. (FCC – TRF (2R) – Analista Judiciário – 2007) É correto afirmar:
a) *século XIX*, de acordo com a norma padrão, deve ser escrito por extenso por meio do numeral cardinal – "dezenove" –, assim como deve ocorrer com "século VIII".

14. (Cespe/UnB – SERPRO – Analista – 2008) O desenvolvimento das ideias do texto permite que se substitua "uma dezena de" pela expressão cerca de dez, sem prejuízo para a correção gramatical e a coerência entre os argumentos.
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (FEC – CLIN – Operador de Copiadora – 2008) Em "Ambas estão sendo empurradas...", a palavra grifada pertence à seguinte classe gramatical:
a) advérbio;
b) numeral;
c) pronome;
d) conjunção;
e) preposição.

16. (UFRR – Pref. Boa Vista/RR – Professor de Educação Básica – 2008) Uma onça suçuarana de quinze quilos foi morta ontem por três crianças, depois de atacar a menor delas, em Castelo do Piauí. As crianças estavam sozinhas em casa e a onça, atacou em primeiro lugar Basílio de seis anos. (Jornal da Tarde – adaptado para fins didáticos.)
As palavras grifadas no texto são numerais e podemos classificá-los, respectivamente, como:
a) cardinal e ordinal;

b) fracionário e cardinal;
c) ordinal e multiplicativo;
d) fracionário e multiplicativo;
e) fracionário e ordinal.

17. (FGV – Senado Federal – Policial Legislativo Federal – 2008) A palavra *centenário* corresponde a cem anos.
Assinale a alternativa em que não tenha havido correta associação da noção temporal à palavra indicada.
a) 400 anos – quadringentenário.
b) 400 anos – quadricentenário.
c) 600 anos – sesquicentenário.
d) 150 anos – tricinquentenário.
e) 7 anos – septenário.

Corações a Mil
(Gilberto Gil)
Minhas ambições são dez.
Dez corações de uma vez
pra eu poder me apaixonar
dez vezes a cada dia,
setenta a cada semana,
trezentas a cada mês.

18. (FIP – Câmara-SJC – Programador – 2009) Na primeira frase do texto, a palavra "dez", sublinhada, tem duplo sentido. São eles:
a) o sentido de serem dez ambições (no caso, "dez" seria um numeral) e o sentido de os corações serem apaixonados (no caso, "dez" seria um adjetivo);
b) o sentido de serem dez ambições e o sentido de serem dez corações (nos dois casos, "dez" seria um numeral);
c) o sentido de serem dez corações e o sentido de serem dez vezes a cada dia (nos dois casos, "dez" seria um numeral);
d) o sentido de serem dez ambições (no caso, "dez" seria um numeral) e o sentido de as ambições serem de extrema qualidade (no caso, "dez" seria um adjetivo);
e) o sentido de serem dez vontades boas (no caso, "dez" seria um substantivo) e o sentido de totalizarem dez as paixões ambiciosas (no caso, "dez" seria um adjetivo).

19. (FIP – Câmara-SJC – Programador – 2009) Pelos sentidos das frases "setenta a cada semana" e "trezentas a cada mês", no contexto da letra da canção, pode-se concluir que:
a) se cada semana tem setenta paixões, o mês deveria ter duzentas e oitenta e não trezentas;
b) a semana tem sete dias e o mês indicado, exatos trinta dias;
c) "setenta" e "trezentas" é só um recurso pleonástico, e o sentido numeral é irrelevante no caso;
d) cada dia do mês em questão tem dez horas, denotando o sentido ilusório da paixão;
e) há evidente comparação com a velocidade das paixões, semelhante a 70 km/h e 300 Km/h.

20. (Funcab – SESAU/RO – Técnico de Radiologia – 2009) Assinale a opção que apresenta, correta e respectivamente, a classe gramatical a que pertencem as palavras grifadas no trecho abaixo.

"O brasileiro foi um dos primeiros no mundo a reconhecer a tese de que o mosquito era o causador da epidemia."

a) substantivo – numeral – preposição – artigo – artigo – substantivo.
b) adjetivo – artigo – artigo – pronome – pronome – adjetivo.
c) adjetivo – numeral – preposição – artigo – artigo – substantivo.
d) substantivo – artigo – artigo – artigo – artigo – substantivo.
e) substantivo – numeral – preposição – preposição – pronome – adjetivo.

21. (UFAL – Vestibular – 2009) Na oração "Andou dois quilômetros e meio a pé!", os termos destacados pertencem à classe gramatical:

a) dos substantivos;
b) dos pronomes;
c) dos numerais;
d) dos advérbios;
e) dos adjetivos.

22. (ZAMBINI – Pref. Campinas/SP – Motorista Especializado – 2009) Em: "Collor apresentou sete coletâneas de artigos, discursos e planos de governo", as palavras grifadas são respectivamente:

a) numeral, substantivo e conjunção;
b) numeral, artigo e preposição;
c) substantivo, artigo e conjunção;
d) pronome, artigo e preposição;
e) numeral, substantivo e preposição.

23. (UNIT – EAD – Vestibular – 2010) "Três perguntas costumam acompanhar a discussão em torno do aquecimento global." As palavras grifadas possuem, respectivamente, as seguintes classes gramaticais:

a) numeral – adjetivo – artigo;
b) substantivo – artigo – substantivo;
c) numeral – artigo – substantivo;
d) artigo – substantivo – numeral;
e) numeral – preposição – adjetivo.

24. (ADVISE – Pref. ST. Amaro das Brotas/SE – Carpinteiro – 2010) Na oração: "Uma criança engana vinte e cinco adultos." O termo sublinhado é um numeral:

a) ordinal;
b) cardinal;
c) fracionário;
d) multiplicativo;
e) coletivo.

25. (Consulplan – TSE – Técnico Judiciário – 2012) Assinale a palavra que, no texto, exerça papel adjetivo.

a) dois ("Sempre que misturamos os dois registros...").
b) mais ("... ou um perfume um pouco mais caro.").
c) bem ("... você ficará bem se levar...").
d) regido ("Enquanto o primeiro é regido por valores...").

26. (Vunesp – UNESP – Advogado – 2012) O emprego da palavra meio, como no trecho – ... em linhos de um meio-dia. –, repete-se, com o mesmo sentido, em:

a) ele encontrou na aspirina um meio de se livrar da dor de cabeça.
b) o poeta tomou apenas meio comprimido de aspirina e sentiu-se aliviado.
c) a indústria farmacêutica anda meio apurada com tanta demanda de remédios.
d) em meio à acirrada discussão, saiu do encontro com dor de cabeça.
e) as pessoas ficam meio dependentes dos efeitos químicos da medicação.

27. (Vunesp – UNESP – Vestibular – 2012) Assinale a alternativa cuja frase contém um numeral cardinal empregado como substantivo.

a) Há muitos anos que a política em Portugal apresenta...
b) Doze ou quinze homens, sempre os mesmos, alternadamente possuem o Poder...
c) ... os cinco que estão no Poder fazem tudo o que podem para continuar...
d) ... são tirados deste grupo de doze ou quinze indivíduos...
e) ... aos quatro cantos de uma sala...

28. (SOLER – Pref. Piraju/SP – Monitor de Projetos Sociais – 2012) A palavra <u>um</u> dos períodos abaixo constitui, respectivamente:

"Ele não gastava sequer <u>um</u> centavo de seu salário em luxos desnecessários."
"<u>Um</u> aceno era apenas o que ela esperava."
"Precisou somente de comprar <u>um</u> selo para a correspondência ser postada."

a) artigo, numeral e pronome;
b) numeral, numeral e numeral;
c) numeral, artigo e numeral;
d) artigo, pronome e numeral.

29. (MS Concursos – Pref. Santa Maria/RS – Auxiliar de Operações I – 2012) Leia as frases:

I. Paulo, Karen e <u>eu</u> organizamos a festa.
II. Nossa equipe foi a <u>terceira</u> colocada no torneio.
III. Ana ficou <u>contente</u> com a proposta de emprego.
IV. Este novo <u>emprego</u> me cansa muito.

Com relação à classe gramatical, as palavras grifadas são, respectivamente, classificadas como:

a) substantivo, pronome, adjetivo e numeral;
b) substantivo, numeral, pronome e substantivo;
c) pronome, numeral, adjetivo e substantivo;
d) pronome, numeral, adjetivo e verbo;
e) pronome, substantivo, adjetivo e substantivo.

Texto
Problemas
Ana Carolina
Qualquer distância entre nós
Virou abismo sem fim
Quando estranhei sua voz
Eu te procurei em mim
Ninguém vai resolver
Problemas de nós dois.
Se tá tão difícil agora
Se um minuto a mais demora
Nem olhando assim mais perto
Consigo ver por que tá tudo tão incerto
Será que foi alguma coisa que eu falei?
Ou algo que fiz que te roubou de mim?
Sempre que eu encontro uma saída
Você muda de sonho e mexe na minha vida (...)

30. As palavras "mim", "dois" e "sonho", retiradas do trecho da música acima, são morfológica e respectivamente classificadas como:
a) substantivo, numeral e verbo;
b) pronome, substantivo e substantivo;
c) pronome, substantivo e verbo;
d) pronome, numeral e substantivo;
e) substantivo, numeral e substantivo.

Gabarito

1. A.	7. A.	13. ERRADO.	19. B.	25. A.
2. B.	8. B.	14. ERRADO.	20. A.	26. B.
3. D.	9. B.	15. B.	21. C.	27. C.
4. C.	10. C.	16. A.	22. E.	28. B.
5. D.	11. A.	17. C.	23. C.	29. C.
6. C.	12. D.	18. D.	24. B.	30. D.

Capítulo 11
Pronome

Definição

Simplesmente uma das classes gramaticais mais recorrentes em questões de concursos públicos. Tudo precisa estar no sangue, por isso coloquei mais de 50 questões para você treinar!

Do ponto de vista semântico, o pronome pode apresentar inúmeros sentidos, a depender do contexto: posse, indefinição, generalização, questionamento, apontamento, aproximação, afetividade, ironia, depreciação etc. Isso será visto em detalhes ao longo deste capítulo.

Do ponto de vista morfológico e discursivo, o pronome é uma classe de palavras normalmente variável em gênero e número e que se refere a elementos dentro e fora do discurso. É um determinante quando **acompanha** o substantivo (neste caso, é chamado de **pronome adjetivo**, pois tem valor de adjetivo). Quando **substitui** o substantivo, é chamado de **pronome substantivo**, pois tem valor de substantivo. Isso será melhor abordado em *Identificação*.

Muito importante é dizer que o pronome serve para indicar as pessoas do discurso*: 1ª (falante), 2ª (ouvinte) e 3ª (assunto). Exemplo: "Eu não te falei que ele era boa gente?"

*O **discurso** é um processo comunicativo, logo depende de um emissor (1ª pessoa do discurso), de um receptor (2ª pessoa do discurso) e de um referente (3ª pessoa do discurso, que pode ou não ser um indivíduo). No exemplo acima,

quem fala é a 1ª pessoa (Eu), quem ouve é a 2ª pessoa (te) e sobre quem se fala é a 3ª pessoa (ele) do discurso. **Os pronomes servem, portanto, para marcar as pessoas do discurso.**

Do ponto de vista sintático, o pronome é um termo que funciona como adjunto adnominal quando **acompanha** um substantivo; quando o **substitui**, tem função substantiva (ou seja, funciona como núcleo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto, indireto, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adverbial, aposto e vocativo). Falarei muito sobre isso mais à frente, nos capítulos de sintaxe, principalmente no 21º capítulo, debaixo do subtópico *Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos*. Caso queira dar um pulinho até lá, fique à vontade...

Antecipo-lhe que será impossível deixar de falar de alguns aspectos sintáticos neste capítulo, pois morfologia e sintaxe (morfossintaxe) andam lado a lado quando o assunto é **pronome**. Fique atento!

Pois bem... para entendermos todas as definições de pronome, vamos analisar esta frase:

Tu não sabias quem era aquela mulher a qual minha mãe certa vez me apresentara?

Note que os vocábulos ***Tu***, ***quem***, ***aquela***, ***a qual***, ***minha*** ***e*** ***certa***

1) **indicam** uma **ideia de pessoa** (Tu), uma **ideia de pessoa indefinida** (quem), uma **ideia de referência a alguém** (aquela e a qual), uma **ideia de posse** (minha) e uma **ideia indefinida** (certa);
2) **variaram** (só os quatro últimos pronomes) de forma: **aquela** (mulher), **a qual**, **minha** (mãe), **certa** (vez). Tu (2ª pessoa; pronome substantivo), quem (3ª pessoa; pronome substantivo), aquela (3ª pessoa; pronome adjetivo), a qual (3ª pessoa; pronome substantivo), minha (1ª pessoa; pronome adjetivo), certa (3ª pessoa; pronome adjetivo);
3) funcionam como **adjunto adnominal** (o terceiro, o quinto e o sexto), como **sujeito** (o primeiro), como **predicativo do sujeito** (o segundo) e como **objeto direto** (o quarto).

Resumindo: **pronome** é o vocábulo que substitui ou acompanha o substantivo, relacionando-o às três pessoas do discurso.

Identificação

Como vimos, há dois tipos de pronomes: **pronomes substantivos** e **pronomes adjetivos**.

O **pronome substantivo** substitui um substantivo. Segundo Celso Cunha, Napoleão Mendes de Almeida e a vasta maioria dos gramáticos tradicionais, para que um pronome seja considerado **pronome substantivo**, basta que ele não esteja acompanhando substantivo algum. Isso significará que ele substitui um substantivo, e **não** que se refere a ele, acompanhando-o.

Para que você identifique um **pronome substantivo**, basta perceber que ele tem o papel de substituir um substantivo (e não de acompanhá-lo) dentro do discurso. Ficou claro? Então, veja:

– *Estes documentos são **nossos***, não **teus**.*

Note que os pronomes *nossos* e *teus* se referem ao substantivo *documentos*, substituindo-o, por isso são **pronomes substantivos**. É válido dizer que *nossos* se refere à 1ª pessoa do plural do discurso (o falante + alguém), e *teus*, à 2ª pessoa do singular do discurso (o ouvinte).

* O gramático Evanildo Bechara entende que *nossos* é um pronome adjetivo que se refere ao substantivo implícito *documentos*: "Estes documentos são *nossos* (*documentos*).". Porém, essa visão não é acolhida pela vasta maioria dos gramáticos.

Já o **pronome adjetivo** tem o papel de acompanhar um substantivo, determinando-o, como se fosse um adjetivo.

– *Os **vossos** amores não mais vivem para vós.*

Note agora que o pronome *vossos* se refere ao substantivo *amores*, acompanhando-o, por isso é um **pronome adjetivo**. É válido dizer que *vossos* é um

pronome de 2ª pessoa do plural dentro do discurso, pois se refere a mais de um ouvinte.

É claro que, para você identificar um pronome, não basta saber que ele tem valor de substantivo ou de adjetivo, é preciso que você os conheça pelo que verdadeiramente são, isto é, eles podem ter seis (6) classificações: **pessoais**, **possessivos**, **indefinidos**, **interrogativos**, **demonstrativos** e **relativos**.

Vamos nessa!

Classificação, Emprego e Colocação do Pronome Pessoal

Os **pronomes pessoais** são aqueles que designam as três pessoas do discurso, no singular e no plural.

São sempre **pronomes substantivos** e se dividem em dois tipos. São chamados de **retos** porque exercem, normalmente, função de sujeito, e **oblíquos** porque exercem, normalmente, função de complemento verbal ou nominal.

Ainda há os **de tratamento**, que são considerados pessoais por fazerem alusão às pessoas do discurso de maneira cerimoniosa, normalmente.

Igual ao Jack... vamos por partes:

Pronomes Retos

1ª pessoa: **eu** (singular), **nós** (plural).
2ª pessoa: **tu** (singular), **vós** (plural).
3ª pessoa: **ele/ela** (singular), **eles/elas** (plural).

Esses pronomes normalmente conjugam verbos, por isso comumente exercem função de sujeito, mas também podem exercer função de predicativo do sujeito, vocativo, aposto e, raramente, objeto direto.

Palavra de cautela: por via de regra, o pronome reto não pode ocupar a posição de complemento do verbo, ou seja, não pode exercer função de objeto direto. O pronome que se ocupa disso é o oblíquo.

Vamos ver um por um e suas peculiaridades “right now”!

Eu

– *Raul Seixas já dizia: "**Eu** sou a mosca que pousou em tua sopa.".* (sujeito)
– *Que rei sou **eu**?* (sujeito)
– *Eu sou mais **eu**.* (predicativo do sujeito)
– *O Fernando Pestana, **eu** mesmo, é uma pessoa muito inquieta.* (aposto)

Cuidado!!!

1) Lembra-se da música "Beija eu, beija eu, beija eu, me beija..."? O pronome reto **eu** não ocupa posição de objeto dentro do registro culto da língua, logo ele não pode servir de complemento do verbo beijar. A frase deveria ser "Beija-me...", mas a sonoridade não ia ficar bacana, concorda? A Marisa Monte tem licença poética para transgredir a norma culta, você não, hein!

2) Não só o **eu**, mas todos os pronomes retos, que normalmente têm função de sujeito, podem ser realçados pelos pronomes demonstrativos **mesmo** e **próprio**, pela partícula expletiva (ou de realce) **que** ou pela expressão expletiva formada pelo verbo **ser + que** (normalmente **é que**): "**Ela própria/mesma** me fez sofrer."; "**Tu que** me fizeste sofrer."; "**Eu é que** te faço sofrer agora.".

3) Por uma questão não só de estilo como de polidez e modéstia no discurso, evita-se o uso do pronome **eu**, pois seu emprego imoderado deixa escapar uma impressão negativa de falta de modéstia. A repetição do **eu** no discurso indica normalmente intensa subjetividade, pessoalidade. Pode até dar a impressão de petulância, arrogância e sentimentos afins: "Eu sou, eu faço, eu penso..." O uso de **nós** no lugar de **eu** evita tudo isso.

4) Os pronomes retos não podem vir preposicionados: "Entre **eu** e **tu** nunca vai haver nada." (construção equivocada). É por isso que se usa a forma oblíqua tônica neste tipo de construção: "Entre **mim** e **ti** nunca vai haver nada.". Só podem vir precedidos de preposição se continuarem exercendo função de sujeito: "Entre **eu** sair e **tu** saíres, saio eu.". Leia a obs. 4 do pronome reto **ele**.

5) Em exemplo semelhante a este: "A banca examinadora, depois de intensa discussão, finalmente escolheu: **eu**, o Fábio e a Bruna.", Evanildo Bechara

(não encontrei outro gramático que diga isso) entende que está correto o emprego do pronome reto com função de objeto direto, após dois-pontos.

Tu

– *Viva Pixinguinha! "**Tu** és divina e graciosa, estátua majestosa..."* (sujeito)
– *Teu filho se tornou **tu**, da cabeça aos pés.* (predicativo do sujeito)
– *Tu nunca serás eu, e eu nunca serei **tu**.* (predicativo do sujeito)
– *Ó **tu**, Campeão dos campeões, ganhe a Libertadores para nós este ano!* (vocativo)

Obs.: No registro coloquial, esse pronome é muito usado atualmente, inclusive na parte sul do país, junto de verbos na 3ª pessoa, no entanto isso é um equívoco do ponto de vista da norma culta: "**Tu vai** aonde amanhã?". Deveria ser: "**Tu vais** aonde amanhã?".

Ele / Ela / Eles / Elas

– ***Eles** e **elas** continuam se digladiando.* (sujeito)
– *À noite ele vira **ela**.* (predicativo do sujeito)
– *Minha mãe, apenas **ela**, é a melhor mãe do mundo.* (aposto)

Cuidado!!!

1) Como os pronomes retos não exercem função de objeto direto, a frase "Pega **ele**, pega **ele**, é um ladrão!" constitui construção equivocada, devendo ser reescrita assim: "Pega-o, pega-o, é um ladrão!". No entanto, se os pronomes retos estiverem acompanhados de **todo(a/s)**, **só** (adjetivo), **apenas** ou **numeral**, permite-se que sejam postos em posição de objeto direto, segundo muitos gramáticos, como: Celso Cunha, Bechara, Faraco & Moura e Sacconi. O gramático Cegalla diz que as construções abaixo constituem "linguagem coloquial informal". Na hora da prova, se cair uma destas

frases, analise a melhor opção dentre as alternativas, levando em conta o pedido do enunciado:

– *O que vi da vida até agora? Vi* ***toda ela*** *se esvaindo diante dos meus olhos.* (objeto direto)

– *Ajudei* ***todos eles*** *e ajudá-los-ia de novo, se fosse preciso.* (objeto direto)

– *Encontramos* ***ele só*** *na praia, pois a namorada o abandonara.* (objeto direto)

– *Finalmente os juízes classificaram* ***eles dois*** *para a última etapa do campeonato.* (objeto direto)

Tais construções valem para os demais pronomes retos, exceto **eu** e **tu**.

2) É comum e indicado que se usem pronomes de 3ª pessoa em requerimentos por deferência à pessoa a quem nos dirigimos, de modo que nosso discurso fique em tom cortês:

– ***Fernando Pestana****, autor de A Gramática,* ***requer*** *a V. S.ª se digne de conceder-****lhe****...*

Por outro lado, em situações normais, soa como pedantismo ou falsa modéstia falarmos de nós mesmos na 3ª pessoa, como faz Pelé e outras personalidades... O nome dele é Edson, mas quando ele se refere a si como Pelé, usa a 3ª pessoa. Edson fica **desprezado**, e Pelé fica **prezado** nesse modo de tratamento.

Tal tratamento, porém, não soa pedante quando se trata de Deus falando de si mesmo na 3ª pessoa (afinal, Deus é Deus, é o Alfa e o Ômega): "Todo este povo, no meio do qual estás, verá a obra de *Jeová*, porque coisa temível é o que vou fazer contigo." (Êxodo 34:10)

3) O mau uso deste pronome pode causar ambiguidade: "João e Pedro eram apóstolos. **Ele** teve um livro que leva seu nome na Bíblia." (???)

4) A maioria dos gramáticos não tolera a contração da preposição ou locução prepositiva com o artigo ou com o pronome (reto ou não) quando exerce função de sujeito de um verbo no infinitivo:

– *Em virtude* ***dela*** *viajar, tive de reprogramar minha vida.* (errado)

– *Em virtude de* ***ela*** *viajar, tive de reprogramar minha vida.* (certo)

No entanto, alguns gramáticos, como Evanildo Bechara, Domingos P. Cegalla, Adriano G. Kury, Sílvio Elia, Sousa da Silveira e Silveira Bueno, não invalidam a forma contraída da preposição com o pronome reto antes de verbo no

infinitivo, de modo que ambas as construções acima estão acertadas. Há duas questões que caíram na Esaf trabalhando este tema polêmico. Só vi essa banca fazendo tal coisa até hoje. Veja:

07. (Esaf – Pref. Fortaleza/CE – Auditor de Tributos Municipais – 1998) Marque o item em que um dos dois períodos está gramaticalmente incorreto.

d) No caso da Telebrás, se houverem processos judiciais contra uma das 13 empresas à venda, o leilão fica em suspenso. / No caso da Telebrás, se houver processo judicial contra uma das 13 empresas à venda, o leilão fica suspenso. (GABARITO)

e) No caso da Banda B da telefonia celular, a venda seqüencial possibilitou que envelopes de algumas áreas fossem abertos antes **da disputa** pelo interior de São Paulo parar nos tribunais. / No caso da Banda B da telefonia celular, a venda seqüencial possibilitou que envelopes de algumas áreas fossem abertos antes **de a disputa** pelo interior de São Paulo parar nos tribunais.

Comentário: Recortei a parte que nos interessa aqui. Segundo o enunciado, a letra E traz as duas construções como corretas: com contração (... *da disputa*... *parar*...) e sem contração (... *de a disputa*... *parar*...) da preposição com o artigo antes do sujeito do verbo no infinitivo (*parar*).

Veja agora uma questão mais recente:

"Durante muito tempo, a tributação foi vista apenas como um instrumento de receita do Estado. Apesar desta missão ser, por si só, relevante, (...)"

7. (Esaf – SMF – Pref. RJ – Fiscal de Rendas – 2010) Preservam-se a coerência textual e a correção gramatical ao substituir

a) exerça (l.5)	por **exercesse**;
b) desta (l.3)	**por de esta; GABARITO!**
c) se pode (l.11)	por **pode-se**;
d) ser ressaltado (l.14)	por **ser ressaltada**;
e) em instrumento (l.15)	por **de instrumento**.

Comentário: Os grifos e o recorte da questão foram meus. Está claro que, se o enunciado diz "preservam-se", isso significa que a banca entende que tanto a contração (Apesar **desta** missão ser...) quanto a não contração (Apesar **de esta** missão ser...) respeitam a correção gramatical, isto é, estão adequadas à norma culta. Isso prova que a Esaf adora o Bechara!

Última palavra de cautela: **99% das bancas entendem que a contração é um erro**, portanto analise com calma todas as opções antes de marcar sua resposta. Dá vontade de matar um, não dá? Viva a polêmica!

Nós

– ***Nós*** *queremos paz!* (sujeito)

– *Vocês nunca serão* ***nós****, pois somos dos que não esmorecem.* (predicativo do sujeito)

– *Os brasileiros,* ***nós*** *próprios, toleram amiúde a corrupção.* (aposto)

Cuidado!!!

1) É comum o uso da 1ª pessoa do plural (nós, nos, nosso...) para evitar o tom impositivo, arrogante ou muito pessoal dentro do discurso. No lugar de **eu**, emprega-se **nós** a fim de imprimir um tom de modéstia ao discurso. Por isso, tal uso é chamado de **plural de modéstia**:

– *Desde março de 2012, (****nós****) procuramos tornar A Gramática um livro que realmente ajudasse os que sempre ansiaram por uma publicação que atendesse à necessidade tanto dos alunos (pelo número grandioso de questões comentadas), como dos professores (pela quantidade de referências bibliográficas ao longo do texto). Por isso, (****nós****) acreditamos que muitos derivarão prazer desta obra tão bem pensada por* ***nós****, enchendo-****nos*** *de satisfação.*

Veja como ficaria meio "besta", meio soberbo, meio altivo ou pessoalizado demais este discurso:

– *Desde março de 2012, (****eu****) procurei tornar A Gramática um livro que realmente ajudasse os que sempre ansiaram por uma publicação que atendesse à necessidade tanto dos alunos (pelo número grandioso de questões comentadas), como dos professores (pela quantidade de referências bibliográficas ao longo do texto). Por isso, (****eu****) acredito que muitos derivarão prazer desta obra tão bem pensada por* ***mim****, enchendo-****me*** *de satisfação.*

Já vi algumas questões tratando disso em prova de concurso público (bancas FCC e Ceperj, por exemplo), hein! Fique esperto!

2) Antigamente, nobres usavam **nós** no lugar de **eu** para simbolizar glória ou poder; é o chamado plural de majestade: "**Nós**, o Imperador, decidimos o que é certo e o que é errado para o povo.".

3) O uso da expressão **a gente**, equivalendo a "nós", não faz parte do registro culto da língua, mas sim do coloquial. Ouvimos muito por aí: "A gente

vamos à praia amanhã?" (construção totalmente equivocada). O verbo deve ficar na 3ª pessoa do singular: "A gente vai à praia amanhã?".

4) Dentro do texto, os pronomes de 1ª pessoa do plural (nós, nos, nosso) muitas vezes estabelecem uma proximidade, uma intimidade entre o narrador/locutor e o leitor/interlocutor, fazendo-o compartilhar fatos, questões e opiniões:

– *Até quando **nós** iremos **nos** abster de uma postura política que visa a uma mudança radical em nosso cenário governamental? Tomara que a **nossa** complacência não seja pior que o nível moral de nossos líderes.*

Veja mais sobre isso em **nos** (pronome oblíquo átono).

Vós

– *"**Vós** sois o sal da terra", disse o hebreu.* (sujeito)

– *Nós não somos **vós**, homens intolerantes.* (predicativo do sujeito)

– ***Vós**, que atendeis por professores, vede quantos alunos carentes!* (vocativo)

Obs.: No estágio atual da língua, este pronome caiu em desuso, tanto na fala como na escrita. Só encontramos em registro muito formal ou literário. Hoje usamos **vocês** no lugar de **vós**. Se você já ouviu falar em **plural de cerimônia**, saiba que é o nome que se dá ao uso da 2ª pessoa do plural para indicar um tratamento cerimonioso, respeitoso dirigido a um grupo de pessoas ou a uma pessoa só, como na Oração do Pai Nosso: "Pai Nosso, que (**vós**) **estais** no céu, santificado seja o **vosso** nome...".

Pronomes Oblíquos Átonos

1ª pessoa: **me** (singular), **nos** (plural).

2ª pessoa: **te** (singular), **vos** (plural).

3ª pessoa: **se** (singular ou plural), **lhe**, **lhes**, **o**, **a**, **os**, **as.**

Os pronomes oblíquos **me**, **te**, **se**, **nos**, **vos** podem exercer função de sujeito (raramente), objeto direto (normalmente), objeto indireto (normalmente), complemento nominal (raramente) e adjunto adnominal (raramente). Já **lhe**(**s**) pode exercer função de objeto indireto (normalmente), sujeito (raramente), complemento nominal (raramente) e adjunto adnominal (raramente). Por sua vez, os pronomes átonos **o**, **a**, **os**, **as** só exercem função de objeto direto (normalmente) ou sujeito (raramente).

Para saber mais detalhes a respeito da função sintática destes pronomes, leia *Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos*, no capítulo 21.

Vejamos o emprego dos pronomes que nos interessam neste momento!

Te

Há um princípio da língua culta que se chama **uniformidade de tratamento**. Falarei mais sobre ele no capítulo de verbos. Trocando em miúdos, você não pode usar formas de 3ª pessoa com formas de 2ª pessoa na mesma frase, ou se usa tudo na 2ª pessoa ou se usa tudo na 3ª pessoa. Exemplo:

– ***Você*** *nunca* ***fez*** *(3ª pessoa) mal a ninguém, por isso eu* ***te*** *(2ª pessoa) admiro.* (inadequado)

– ***Tu*** *nunca* ***fizeste*** *(2ª pessoa) mal a ninguém, por isso eu* ***te*** *(2ª pessoa) admiro.* (adequado)

Nos

Dentro do discurso, o **nos** (além das demais formas de 1ª pessoa do plural) pode cumprir os seguintes papéis:

– Designar um sujeito coletivo que se responsabiliza pelo que foi dito: *Nós já* ***nos*** *demos conta de nossos erros e corrigi-los-emos tão logo.*

– Incluir enunciador e leitor, para aproximá-los: *O Brasil ainda pode deixar de ser conhecido como um país corrupto se* ***nos*** *unirmos e usarmos bem nossa arma democrática mais preciosa: o voto.*

– Evitar a 1ª pessoa do singular como estratégia de polidez ou modéstia: *Nós só conseguimos realizar tal feito, pois* ***nos*** *empenhamos com muito vigor nesse projeto.*

– Marcar um sujeito "institucional" (representado por alguma instituição): *Nós, o BNDES,* ***nos*** *colocamos à disposição daqueles que querem investir em soluções realmente eficazes.*

– Indicar um enunciador coletivo (de modo vago): *Não é verdade que sempre **nos** tacharam de coniventes com a postura política de nosso país?*

Lhe / Lhes

O pronome oblíquo **lhe** pode ser substituído por "a ele(a/s), para ele(a/s), nele(a/s)", ou por qualquer pronome de tratamento após as preposições "a, para, em".

– *Agradecemos-**lhes** a ajuda sincera.* (Agradecemos **a eles**...)

– *A mãe **lhe** comprou uma boneca?* (... comprou uma boneca **para você**?)

– *Deus criou o homem e infundiu-**lhe** um espírito imortal.* (... infundiu **no homem**...)

O, a, os, as

Os pronomes oblíquos átonos de 3ª pessoa **o(s)**, **a(s)**, se estiverem ligados a verbos terminados em **-r, -s e -z**, viram **-lo(s)**, **-la(s)**. Se estiverem ligados a verbos terminados em ditongo nasal (**-am, -em, -ão, -õe**...), viram **-no(s)**, **-na(s)**:

– *Vou resolver uma questão. = Vou resolvê-**la**.*

– *Fiz o concurso porque quis o emprego de funcionário público. = Fi-**lo** porque qui-**lo.*** (ou ... porque **o** quis)

– *Apagaram nossos arquivos. = Apagaram-**nos**.*

– *Você põe a mão onde não deve. = Você põe-**na** onde não deve.*

– *Tu pões a mão onde não deves. = Tu põe-**la** onde não deves.*

Não confunda o **nos** (1ª pessoa do plural) e o **nos** (3ª pessoa do plural), pois o mau uso deles pode provocar ambiguidade.

– *Os jornais chamaram-**nos** de extorsores.* (Chamaram a eles ou a nós?)

Para desfazer a ambiguidade, basta colocar o pronome oblíquo átono antes do verbo: "Os jornais **nos** chamaram de extorsores. (1ª p. pl.) / Os jornais **os** chamaram de extorsores. (3ª p. pl.)". Já vi isso em prova: FAB – EAGS – SARGENTO – 2008 – QUESTÃO 6.

Construções arcaicas mas ainda figurando nas gramáticas e em registros superformais são aquelas em que o pronome átono se contrai com outro átono. Veja que contrações "bisonhas":

– *Basta de discussão sobre a roupa! Ele dar-**ma**-á de presente e pronto. = Ele dará a roupa (= a) para mim (= me)... (**me** + **a** = **ma**)*

– *Ele viu o carro e instou com o dono para que* ***lho*** *vendesse. = ... para que vendesse o carro (= o) a ele (= lhe)... (**lhe** + **o** = **lho**)*

– *Deram-**ta**! = Deram-te uma bela lição (= a)!... (**te** + **a** = **ta**)*

Colocação Pronominal

Também chamada de **Topologia** ou **Sínclise Pronominal**, é o nome que se dá à parte da Gramática que trata, basicamente, da adequada **posição dos pronomes oblíquos átonos** (POA) junto aos verbos: **próclise** (POA antes do verbo), **ênclise** (POA depois do verbo) e **mesóclise** (POA no meio do verbo).

Saiba que este assunto é extremamente recorrente em provas! E gerador de polêmicas às vezes...

Relembrando os pronomes oblíquos átonos (POAs):

- **O, a, os, as** (que viram **-lo, -la, -los, -las** diante de verbos terminados em **-r, -s** e **-z** ou viram **-no, -na, -nos, -nas** diante de verbos terminados em ditongo nasal (exceto os verbos no futuro do indicativo).
  Ex.: *Comprei uma casa. (Comprei-a.) / Vou comprar uma casa (Vou comprá-la.) / Eles compraram uma casa. (Eles compraram-na.) / Eles comprarão a casa. (Eles comprarão-na.* – INADEQUADO).

Você vai entender daqui a pouco por que está INADEQUADA esta última forma! Além desses, há: me, te, se, nos, vos, lhe(s).

Relembrados os POAs, vamos às regras?

Próclise

É o nome que se dá à colocação pronominal **antes** do verbo. É usada nestes casos:

1) Palavra de sentido negativo antes do verbo*

– ***Não** se esqueça de mim.*

** não, nunca, nada, ninguém, nem, jamais, tampouco, sequer etc.*

Obs.: Após pausa (vírgula, ponto e vírgula... entre qualquer palavra atrativa e o verbo), usa-se ênclise: *Não; esqueça-se de mim!*

2) Advérbio ou palavra denotativa antes do verbo*

– ***Agora*** *se negam a depor.*

* *já, talvez, só, somente, apenas, ainda, sempre, talvez, também, até, inclusive, mesmo, exclusive, aqui, hoje, provavelmente, por que, onde, como, quando etc.*

Obs.: Se houver pausa (vírgula, ponto e vírgula...) após o advérbio, usa-se a ênclise: "Agora**,** negam-se a depor". Segundo o gramático Rocha Lima, se houver repetição de pronomes átonos após pausas, em estrutura de coordenação, **pode-se** usar a próclise (ou a ênclise): "Ele se ajeitou, se concentrou, se arrumou e se despediu." Quando o pronome tem funções sintáticas diferentes ou quando se quer dar ênfase, a repetição é obrigatória: "Eu o examinei e lhe receitei um remédio."

3) Conjunções e locuções subordinativas antes do verbo*

– *Soube* ***que*** *me negariam.*

* *que, se, como, quando, assim que, para que, à medida que, já que, embora, consoante etc.*

Cuidado!!!

1) Ainda que a conjunção esteja oculta, haverá próclise: "Como não o achei, pedi-lhe (que) me procurasse."

2) Informação que cabe para qualquer caso de próclise: ignora-se a expressão intercalada, colocando o POA antes do verbo, pois seu antecedente ainda é uma palavra atrativa: "Mesmo **quem**, diante de situações precárias, se encontra calmo, padece." Sobre isso, ainda cabe a ênclise, segundo ensino da Academia Brasileira de Letras:

ABL RESPONDE

Pergunta: Oi. Após vírgula, pode o pronome ficar antes ou depois do verbo quando há distanciamento do termo atrativo ou do termo que permite o facultar da posição do clítico? Exemplos: "Os homens, a quem muito amei, me eram (eram-me) leais." ou "Nunca, mesmo depois da separação, me comuniquei (comuniquei-me) com ela.". Ambas as posições (próclise ou ênclise) estão certas? Obrigado!

Resposta: Prezado, ambos corretos, pode empregar a próclise ou a ênclise nos seus exemplos. De nada, disponha.

3) A próclise é recomendada por Bechara em orações subordinadas (substantivas, adjetivas ou adverbiais) cujo verbo está flexionado (sem vírgula separando a "palavra atrativa" do pronome átono): "Sabemos que a verdade **te** apetece. / A mulher cujo marido **nos** empregou é muito simpática. / Embora o programa **lhe** desse informações confiáveis, foi surpreendido um dia desses." Porém, não é assim que pensa José Maria da Costa em seu *Manual de Redação Profissional*. Para ele, tanto faz a colocação quando entre a palavra atrativa e o pronome houver um sujeito: "É verdade que meu pai aborrecia-**me.**" ou "É verdade que meu pai **me** aborrecia.".

Corroborando a visão do Bechara, veja esta questão:

6. (FCC – TRF (1ª R) – Técnico Judiciário – 2011) É **correto** afirmar:

c) o pronome ***lhe*** (linha 27), em ***cuja forma lhe sugeria***, poderia ser deslocado para depois do verbo, sem comprometer a correção.

Comentário: A letra c) foi considerada errada pela banca. Inferimos disso que o pronome ***lhe***, em ***cuja forma lhe sugeria***, **NÃO** poderia ser deslocado para depois do verbo, pois iria, SIM, comprometer a correção gramatical, desrespeitando a norma culta.

Veja outra, na mesma linha do Bechara:

(Cespe/UnB – TJ/ES – Cargos de Nível Superior – 2011)

No trecho "enquanto os protestos se espalhavam pelas ruas da capital egípcia", a próclise do pronome "se" justifica-se pela natureza subordinada da oração, explicitada pela conjunção temporal "enquanto".

(X) CERTO

( ) ERRADO

4) Pronomes relativos antes do verbo*

– *Identificaram-se duas pessoas* ***que*** *se encontravam desaparecidas.*

* *que, o qual (e variações), cujo, quem, quanto (e variações), onde, como, quando.*

Obs.: Em linguagem literária, encontramos uma colocação raríssima (inexistente nos registros formais no estágio atual da língua) chamada de **apossínclise**, em que o POA vem antes da palavra negativa, normalmente: "Convidei duas pessoas que se não falavam há tempos."

5) Pronomes indefinidos antes do verbo*

– ***Poucos*** *te deram a oportunidade.*

* *alguns, todos, tudo, alguém, qualquer, outro, outrem etc.*

6) Pronomes interrogativos antes do verbo*

– ***Quem*** *te fez a encomenda?*

* *que, quem, qual, quanto.*

7) Entre a preposição *em* e o verbo no gerúndio

– ***Em*** *se* ***plantando*** *tudo dá.*

Obs.: O POA virá antes do gerúndio também se estiver modificado por um advérbio: "João não era ligado a dinheiro, **pouco** se importando com o conforto advindo dele."

8) Com certas conjunções coordenativas aditivas e certas alternativas antes do verbo*

– ***Ora*** *me ajuda,* ***ora*** *não me ajuda.*

– *Não foi* ***nem*** *se lembrou de ir.*

* *nem, não só/apenas/somente... mas/como (também/ainda/senão)..., tanto... quanto/como..., que, ou... ou, ora...ora, quer... quer..., já... já...*

9) Orações exclamativas e optativas (exprimem desejo)

– *Quanto se ofendem por nada, rapazes!*

– *Deus te proteja, meu filho, e que bons ventos o tragam logo.*

10) Com o infinitivo *flexionado* precedido de preposição

– *Foram ajudados* ***por*** *nos* ***trazerem*** *até aqui.*

11) Com formas verbais proparoxítonas

– *Nós lhes* ***desobedecíamos*** *sempre.*

12) Com o numeral *ambos*

– ***Ambos*** *te abraçaram com cuidado.*

Obs.: Celso Cunha defende tal doutrina de próclise. Outros gramáticos, porém, não a defendem, como Eduardo Carlos Pereira, logo podemos tratar tal caso como **facultativo**, como já caiu em uma prova do Cespe/UnB (Diplomata – Instituto Rio Branco – 2007). Confira a questão!

IMPORTANTE: Muitos gramáticos chamam de **palavras atrativas** os termos que antecedem um verbo, implicando a realização da próclise.

Ênclise

É o nome que se dá à colocação pronominal depois do verbo; ela é basicamente usada quando não há fator de próclise; veja:

1) Verbo no início da oração sem palavra atrativa

– ***Vou****-me embora daqui!*

Obs.: Com palavra atrativa: "**Já** me vou embora daqui!"

2) Pausa antes do verbo sem palavra atrativa

– *Se eu ganho na loteria, mudo-me hoje mesmo.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Se eu ganho na loteria, tão **logo** me mudo."

3) Verbo no imperativo afirmativo sem palavra atrativa

– *Quando eu der o sinal, **silenciem**-se todos.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Enquanto eu não avisar, **jamais** vos silenciem."

4) Verbo no infinitivo não flexionado sem palavra atrativa

– ***Machucar**-te não era minha intenção.*

Obs.: Os POAs "-lo, -la, -los, -las" virão sempre enclíticos aos infinitivos não flexionados antecedidos da preposição **a**: "Estou inclinado a **perdoá**-lo. / Apesar de tudo, continuo disposto a **ajudá**-la." Com palavra atrativa: ver *Casos Facultativos,* mais abaixo.

5) Verbo no gerúndio sem palavra atrativa

– *Recusou a proposta, **fazendo**-se de desentendida.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Recusou a proposta, **não** se fazendo de desentendida."

Mesóclise

É o nome que se dá à colocação pronominal no meio do verbo (extremamente formal); ela é usada nos seguintes casos:

1) Verbo no futuro do presente do indicativo sem palavra atrativa

– ***Realizar-se-á**, na próxima semana, um grande evento em prol da paz no mundo.*

Obs.: O POA sempre ficará entre o **r** do verbo e a terminação do verbo: "**Daremos** um beijo no teu rosto. = **Dar-te-emos** um beijo no rosto." Com palavra atrativa, a próclise é obrigatória: "**Talvez** se realizará, na próxima semana, um grande evento."

2) Verbo no futuro do pretérito do indicativo sem palavra atrativa

– *Não fosse o meu compromisso, **acompanhá-la-ia** nesta viagem.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Mesmo não havendo compromisso, **nunca** te acompanharia nesta viagem."

Casos Facultativos

1) Pronomes demonstrativos antes do verbo sem palavra atrativa.*

– ***Aquilo** me deixou triste / **Aquilo** deixou-me triste.*

** este (e variações), isto; esse (e variações), isso; aquele (e variações), aquilo.*

Obs.: Acho que nem preciso dizer que a construção "Aquilo **me** deixou-**me** triste" é algo IMPOSSÍVEL! Seu Creysson...son, son, son, son...

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá, meus nobres! Sempre recorro a vocês em ajuda urgente. Então, vamos lá. Afinal de contas, o pronome demonstrativo exige próclise, ênclise ou é facultativo? Ou seja: "Aquilo me deixa triste.", "Aquilo deixa-me triste." ou tanto faz? Grande abraço a todos que prestam serviço tão maravilhoso!

Resposta: No seu exemplo, não há palavra que exija a próclise nem há impedimento para empregar a ênclise. O pronome demonstrativo não é fator de próclise, ao contrário do pronome relativo. No Brasil, a preferência é pela

próclise. No seu exemplo, por eufonia, recomendamos a próclise, mas ambas estão adequadas. Abraços para você também, Fernando.
Para você sentir que a "pressão" é grande, saiba que os gramáticos bem modernos (Mauro Ferreira, Roberto Melo Mesquita e Marcelo M. Caetano) dizem que os pronomes demonstrativos são palavras atrativas, ou seja, constituem um fator de próclise. Polêmicas... mas, se a ABL disse, "tá" dito!

2) Conjunções coordenativas (exceto aquelas mencionadas nos casos de próclise) antes do verbo sem palavra atrativa.

– *Ele chegou* ***e*** *dirigiu-se a mim. / Ele chegou* ***e*** *se dirigiu a mim.*

– *Corri atrás da bola,* ***mas*** *me escapou. / Corri atrás da bola,* ***mas*** *escapou-me.*

3) Sujeito explícito com núcleo pronominal (pronome pessoal reto e de tratamento) antes do verbo sem palavra atrativa.

– ***Ele*** *se retirou. /* ***Ele*** *retirou-se.*

– ***Eu*** *te considerarei. /* ***Eu*** *considerar-te-ei.*

– ***Sua Excelência*** *se queixou de você. /* ***Sua Excelência*** *queixou-se de você.*

Obs.: Com verbos monossilábicos, a eufonia ordena que se use a próclise, segundo bem nos lembra Manoel Pinto Ribeiro: "Eu **a** vi ontem, e não Eu vi-**a** ontem."

4) Sujeito explícito com núcleo substantivo (ou numeral) antes do verbo sem palavra atrativa.

– ***Camila*** *te ama* ou ***Camila*** *ama-te. / Os* ***três*** *se amam* ou *Os* ***três*** *amam-se.*

5) Infinitivo não flexionado precedido de "palavras atrativas" ou das preposições "para, em, por, sem, de, até, a".

– *Meu desejo era* ***não*** *o incomodar. / Meu desejo era* ***não*** *incomodá-lo.*

– *Calei-me para* ***não*** *contrariá-lo. / Calei-me para* ***não*** *o contrariar.*

– *Corri* ***para*** *o defender. / Corri* ***para*** *defendê-lo.*

– *Acabou* ***de*** *se quebrar o painel. / Acabou* ***de*** *quebrar-se o painel.*
– ***Sem*** *lhe dar de comer, ele passará mal. /* ***Sem*** *dar-lhe de comer, ele passará mal.*
– ***Até*** *se formar, vai demorar muito. /* ***Até*** *formar-se, vai demorar muito.*
– *Erro agora* ***em*** *lhe permitir sair? / Erro agora* ***em*** *permitir-lhe sair?*
– ***Por*** *se fazer de bobo, enganou a muitos. /* ***Por*** *fazer-se de bobo, enganou a muitos.*
– *Estou pronto* ***a*** *te acompanhar. / Estou pronto* ***a*** *acompanhar-te.*

Nas Locuções Verbais

1) Quando o verbo principal for constituído por um particípio, o pronome oblíquo virá depois do verbo auxiliar.

– *Haviam-me* ***convidado*** *para a festa.*

Obs.: O hífen que liga o verbo auxiliar ao POA é facultativo, segundo muitos gramáticos de renome, como Domingos Paschoal Cegalla, Ulisses Infante e outros. No entanto, a rigidez da gramática tradicional ainda insiste no seu uso. Veja como cai em prova: Cespe – MI – Analista Administrativo – 2009 – Questão 11.

Se, antes do "tempo composto" (locução verbal formada por "ter/haver + particípio"), houver palavra atrativa, o pronome oblíquo ficará antes do verbo auxiliar.

– ***Não*** *me haviam convidado para a festa.*

Obs.: Se houver fator de próclise e depois uma intercalação, o pronome pode ficar antes ou depois do verbo auxiliar. Veja uma questão sobre isso:

26. (FUNDEP – MP/MG – Oficial – 2012) "Alega a vítima que Fulano de tal, o agressor, seu ex-amásio, a tem perseguido de forma constrangedora em via pública[...]" (linhas 16-17)
O trecho sublinhado pode ser corretamente substituído por:
a) tem perseguido-a;
b) lhe tem perseguido;
c) tem perseguido ela;

d) tem-na perseguido. (Gabarito!)

Se o verbo auxiliar estiver no futuro do presente ou no futuro do pretérito, ocorrerá a mesóclise, desde que não haja antes dele palavra atrativa.

– *Haver-me-iam convidado para a festa?*

2) Quando o verbo principal for constituído por um infinitivo ou um gerúndio, se não houver palavra atrativa, o pronome oblíquo virá depois do verbo auxiliar (com hífen), antes do principal (sem hífen) ou depois do verbo principal (com hífen).

– *Devo-lhe esclarecer o ocorrido. / Devo lhe esclarecer o ocorrido. / Devo esclarecer-lhe o ocorrido.*

– *Estavam-me chamando pelo rádio. / Estavam me chamando pelo rádio. / Estavam chamando-me pelo rádio.*

Havendo palavra atrativa, o pronome poderá ser colocado antes do verbo auxiliar ou depois do verbo principal.

– *Não posso esclarecer-lhe o ocorrido. / Não lhe posso esclarecer mais nada.*

– *Não estavam chamando-me. / Não me estavam chamando.*

Obs.: Os casos facultativos permitem diferentes colocações pronominais com as locuções verbais: "**Ele** te vai xingar muito." ou "**Ele** vai(-)te xingar muito." ou "**Ele** vai xingar-te muito.".

Os gramáticos Domingos Paschoal Cegalla e José Carlos de Azeredo, com a ressalva de que tais estruturas são censuradas pela Gramática, registram como própria da língua portuguesa do Brasil a colocação do pronome **entre** os verbos da locução verbal, mesmo quando o pronome está antecedido de palavra atrativa (isso já caiu na prova da Esaf – SRFB – AUDITOR-FISCAL – 2012 – QUESTÃO 47 (P1/G1)):

– *Não me estavam chamando. / Não estavam **me** chamando. / Não estavam chamando-me.*

– *Não te havia insultado. / Não havia **te** insultado.*

IMPORTANTE: Por motivo de eufonia, a tradição gramatical diz que se elimina o **s** final dos verbos na 1ª pessoa do plural seguidos do pronome *nos*:

– *Inscrevemos + nos no curso = Inscrevemo-nos no curso.*

– *Conservamos + nos jovens = Conservamo-nos jovens.*

Obs.: De encontro à maioria dos gramáticos (sempre existe um engraçadinho...), Napoleão Mendes de Almeida, porém, diz que a supressão do **s** pode se dar com qualquer oblíquo que venha depois do verbo; por exemplo: "Enviamo-lhes convites". Até onde sei, nesse caso, a opinião dele não é levada em conta. Veja como cai em prova: CESPE/UNB – DPF – AGENTE DA POLÍCIA FEDERAL – 2009 – QUESTÃO 15.

Pronomes Oblíquos Tônicos

1ª pessoa: **mim**, **comigo** (singular); **nós**, **conosco** (plural).
2ª pessoa: **ti**, **contigo** (singular); **vós**, **convosco** (plural).
3ª pessoa: **si**, **consigo** (singular ou plural); **ele(a/s)** (singular ou plural).

São sempre precedidos de preposição! Podem exercer função sintática de objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adnominal, adjunto adverbial, dativo de opinião*.

– *Convidou-me e **a ela** também.* (objeto direto – preposicionado)

– *Ela não só aludiu **a mim** como **a vós** também.* (objeto indireto)

– *Estamos preocupados **contigo**.* (complemento nominal)

– *É muito bom quando a Argentina é derrotada **por nós**.* (agente da passiva)

– *A casa **deles** é enorme.* (adjunto adnominal)

– *Ontem eu saí **convosco** por causa dela.* (adjunto adverbial)

– ***Para mim**, ele não presta.* (dativo de opinião)

* Segundo Sacconi, tal expressão se configura num dativo de opinião, pois trata-se de um termo preposicionado que indica o ponto de vista do enunciador sobre um fato. O mesmo gramático chama de **objeto indireto por extensão**. De modo semelhante, Bechara trata do assunto. Foi questão recente de prova. Nunca vi isso a não ser nesta prova. Muita maldade da tal da banca AOCP.

4. (AOCP – BRDE – Assistente Administrativo – 2012) Em "Ora, para mim isso configura um crime.", a expressão destacada funciona como
a) introdutor de conformidade;
b) objeto indireto;
c) adjunto adnominal;
d) complemento nominal;
e) dativo de opinião. (GABARITO!)

E olha que foi nível médio! Os caras da banca pesaram a mão em um assunto que era, até então, ignorado pelas bancas! Como a questão foi polêmica demais, adivinha? Para a alegria dos candidatos, a **questão foi anulada**! Mas poderia não ter sido...

Vejamos as particularidades dos oblíquos tônicos:

Mim

– *Nunca houve nada entre **mim** e ti.*

Está adequado à norma culta ou não este uso do pronome? Adequadíssimo! Não estaria se estivesse assim: "Nunca houve nada entre eu e você.", como já vimos. O **eu** só poderia vir após a preposição se fosse sujeito de um verbo: "Entre eu sair e tu saíres, saio eu!". Agora está ótimo. Certo é que, nessa estrutura de reciprocidade, com a preposição **entre**, podemos usar **mim**, **ti**, **nós**, **vós**, **ele(a/s) e quaisquer pronomes de tratamento**.

E nesta frase abaixo, há incorreção gramatical?

– *Sempre foi muito complicado **para mim** entender português.*

Deu vontade de dizer "sim"? Que pena! A frase acima está perfeita. O **mim** pode ficar diante de verbo no infinitivo, sim! Cuidado com essa construção, meu amigo, pois ela pode sabotar você. O que não pode ocorrer é o **mim** ocupar posição de sujeito, ok? Veja:

– *Comprei vários livros **para mim** aprender finalmente português.*

Observe que neste caso o **mim** é sujeito do verbo aprender.

"Ah, Pestana, como eu vou saber isso?" Simples, observe a primeira frase (adequada) de novo:

*Sempre foi muito complicado **para mim** entender português.*

O que você deve perceber é: 1) se for possível apagar ou 2) deslocar a expressão **para mim**, isso é sinal de que o **mim** não funciona como sujeito do verbo no infinitivo. Logo, nestas condições, a expressão pode vir sem problemas diante do verbo. Veja como ficaria:

1) Sempre foi muito complicado ( ) entender português.

ou

*2) **Para mim** sempre foi muito complicado entender português.*

Agora tente aplicar esses macetes à frase "Comprei vários livros para mim aprender finalmente Português.". Não conseguiu, não é? Sabe por quê? Porque nessa frase o **mim** conjuga verbo e tem função de sujeito. Agora, como sabemos que ele está inadequado, consertemos:

*Comprei vários livros **para EU** aprender finalmente português.*

Essa lição também vale para outros pronomes oblíquos tônicos, ok?

Para fechar, vale dizer que se usam as formas retas **eu** e **tu**, só quando antes delas houver preposições acidentais ou palavras denotativas:

– *Ela chegou <u>até</u> **eu**.* (Inadequado; deveria ser "até mim", pois o *até* é uma preposição essencial.)

– *<u>Fora</u> **tu**, todos são maltratados por ela.* (Adequado; o *fora* é uma preposição acidental.)

– *Ela maltrata <u>até</u> **eu**.* (Adequado; o *até* indica "inclusive", logo não é uma preposição, mas sim uma palavra denotativa de inclusão.)

Si / Consigo

São pronomes reflexivos (ou reflexivos recíprocos), isto é, referem-se ao próprio sujeito do verbo, na 3ª pessoa.

– *Elisabete só fala de si mesma, levando consigo todo o crédito.*

Obs.: Cuidado com frases deste tipo: "Eu não te disse que não trouxesses consigo essa garota?". Note que o **consigo** se refere à 2ª pessoa do discurso, o que incorre em desvio gramatical, pois tal pronome oblíquo tônico só se refere à 3ª pessoa do discurso. Assim, para que se mantenha a correção gramatical, deve-se redigir a frase desta forma: "Eu não te disse que não trouxesses contigo essa garota?".

Usa-se **entre si** sempre que for possível a posposição do pronome *mesmos*, lembrando-se que o sujeito tem de ser da 3ª pessoa do plural; do contrário, usa-se **entre eles**.

– *Os irmãos discutiam entre si (mesmos).*

– *Nunca houve briga entre eles.*

Obs.: Quando o pronome se refere ao sujeito do verbo, não se usa **ele(a/s) mesmo(a/s)/próprio(a/s)**, segundo a tradição gramatical, mas sim o oblíquo tônico **si**, acompanhado ou não de **próprio/mesmo**: *Ele fez propaganda **dele mesmo**. (inadequado) / Ele fez propaganda **de si próprio/mesmo**. (adequado)*

Nós / Vós

Usam-se **com nós** e **com vós** quando estes são seguidos de "ambos, todos, outros, mesmos, próprios, um numeral, um aposto explicativo ou uma oração adjetiva"; caso contrário, usa-se **conosco** e **convosco**.

– *Viajou **com nós** ambos.*

– *Saiu **com vós** todos.*

– *Estava **com nós** outros.*

– ***Com nós** mesmos/próprios, vocês poderão contar.*

– ***Com vós** dois é que não quero jantar.*

– ***Com nós**, os brasileiros, sempre acontecem coisas inesperadas.*
– *Resistimos à tempestade **com vós**, que sois bravos, e com eles, que também são corajosos.*
– *As crianças irão **conosco** e não **convosco**.*

Ele (a/s)

Pode haver contração das preposições com **ele(a/s)**: de + ele(a/s) = dele(a/s); em + ele (a/s) = nele(a/s): *Além **dele**, ninguém mais me viu.*

Para não dizer que não falei das flores, veja esta questãozinha abordando algumas dessas particularidades:

FAB – EAGS – Sargento da Aeronáutica – 2010

Com relação ao emprego correto dos pronomes em destaque, marque **C** para certo, **E** para errado e, em seguida, assinale a alternativa com a sequência correta.

( ) Meu pai trouxe chocolates para **mim** comer.
( ) A professora ficou aborrecida com **nós** todos.
( ) É melhor que não pairem dúvidas entre **ti** e ele.
( ) Esse dinheiro é para **ti** pagares tua faculdade.

a) C-E-E-C
b) E-C-C-E (Gabarito!)
c) C-E-C-E
d) E-E-C-C

Pronomes de Tratamento

São pronomes muito usados no tratamento cortês e cerimonioso.

Sobre as palavras "senhor, senhora, senhorita, dom, dona, madame" (e outros termos que servem de títulos ou que são meramente respeitosos), é importante dizer que há uma polêmica muito grande a respeito do "encaixe" de tais palavras na nomenclatura **formas de tratamento** ou **pronomes de tratamento**. Alguns gramáticos dizem que são **formas de tratamento**, outros dizem que são **pronomes de tratamento**, ainda há outros que dizem que são meros **títulos**. A maneira que encontrei de resolver isso foi perguntando a opinião do órgão máximo relativo à língua portuguesa (a ABL) sobre a classificação de tais palavras, que é a seguinte: elas

podem ser meros substantivos (*Ela é **dona** de si.*) ou **formas de tratamento** (e não pronomes de tratamento): ***Dona** Carlota Joaquina era polêmica*!

Por isso, neste último exemplo, **Dona** tem valor de substantivo e não de pronome, o que corrobora a análise da ABL, a saber: tais palavras têm valor **discursivo** de pronome de tratamento (são dirigidas a pessoas de prestígio na sociedade em situações formais) e valor **morfológico** de substantivo (pertence a essa classe gramatical). Palavra de ressalva: independentemente da polêmica, no dia da prova, marque a melhor opção.

Sobre **você**, os dicionários (inclusive o vocabulário VOLP) e as gramáticas o colocam na lista dos **pronomes de tratamento**. Pertencem a essa classe gramatical mesmo! No entanto, tal pronome tem um valor discursivo um pouco diferente, pois é usado em contextos **informais**.

Detalhe interessante: quando se quer dar um tom irônico ao discurso (como quando a sua mãe pede para você limpar o quintal, a louça, o carro, tudo no mesmo dia), diz-se com certa entonação debochada: "*Vossa Alteza* quer mais alguma coisa?". Tudo depende do contexto!

Vamos ao que interessa a respeito dos verdadeiros **pronomes de tratamento**. Olhe o quadro a seguir:

Pronomes	**Abreviatura Singular**	**Abreviatura Plural**	**Usados para**
Vossa Senhoria	V. S.ª	V. S.ªs	Pessoas com um grau de prestígio maior. Usualmente, os empregamos em textos escritos, como: correspondências, ofícios, requerimentos etc.
Vossa Excelência	V. Ex.ª	V. Ex.ªs	Pessoas com alta autoridade, militares e políticos, como: Presidente da República, Senadores, Deputados, Embaixadores, Oficiais de Patente Superior à de Coronel etc.

Pronomes	Abreviatura Singular	Abreviatura Plural	Usados para
Vossa Excelência Reverendíssima	V. Ex.ª Rev.mª	V. Ex.ªs Rev.mªs	Bispos e arcebispos.
Vossa Eminência	V. Em.ª	V. Em.ªs	Cardeais.
Vossa Alteza	V. A.	VV. AA.	Príncipes, duques e arquiduques.
Vossa Santidade	V.S.	-	Papa.
Vossa Reverendíssima	V. Rev.mª	V. Rev.mªs	Sacerdotes em geral.
Vossa Paternidade	V. P.	VV. PP.	Abades, superiores de conventos.
Vossa Magnificência	V. Mag.ª	V. Mag.ªs	Reitores de universidades.
Vossa Majestade	V. M.	VV. MM.	Reis, rainhas e imperadores.

O que você precisa saber sobre esses pronomes é o seguinte:

1) Usa-se *Vossa* quando se fala com a pessoa; *Sua*, quando se fala sobre a pessoa.

No quarto da rainha:

– ***Vossa Majestade*** *precisa de algo?*

– *Sim. Um suco.*

Na cozinha:

– ***Sua Majestade*** *é cheia de mimos, não?*

– *Ela sempre foi assim.*

Obs.: Segundo Bechara e manuais de redação consagrados, como o da PUC/RS, com as **formas ou pronomes de tratamento** – apesar de femininas em sua formação –, faz-se a concordância com o sexo das pessoas a que se referem: *Vossa Senhoria está convidad**o** (homem) a assistir ao Seminário.*

Ainda: em "**Seu** bobo, para de palhaçada!", este **Seu** equivale ao "Seu" da frase: "**Seu** Manoel chegou.", ou seja, é a redução da forma de tratamento **Senhor**. Isso é marca de coloquialismo, ok?

2) Qualquer pronome de tratamento, apesar de se referir à 2ª pessoa do discurso, exige que verbos e pronomes estejam na forma de 3ª pessoa. Isso cai em prova, hein!

– *Sua Alteza* ***estuda*** *tanto para poder um dia governar* ***sua*** *nação.*

3) O pronome *você* não pode ser "misturado" com verbos ou pronomes de 2ª pessoa no mesmo contexto; é preciso haver uniformidade de tratamento; no entanto, o que mais ocorre é a "desuniformidade" de tratamento, note:

– *Entre por essa porta agora e diga que me adora,* ***você*** *tem meia hora pra mudar a minha vida, vem, vambora... (Adriana Calcanhoto)*

A forma verbal **vem** está na 2ª pessoa do singular (vem tu); deveria ser: **venha** (venha você).

Obs.: Segundo o ótimo professor Cláudio Moreno, com pequenas interferências minhas, "não cabe um ***Vossa Meritíssima** (como alguns gramáticos andam ensinando por aí), assim como não cabe um ***Vossa Excelentíssima** (como alguns parlamentares andam usando por aí), pois se criaria uma exótica e inaceitável **sequência** [Vossa + adjetivo], que o nosso idioma desconhece. No mundo jurídico, é muito comum (e adequado) usar-se **Meritíssimo** como **adjetivo** de tratamento para magistrados. Ao nos dirigirmos diretamente a um juiz, podemos simplesmente utilizar **Meritíssimo** – ou **Meritíssima**, caso se trate de uma juíza.

Nesse caso, tais vocábulos, com função vocativa, se tornarão substantivos. Quanto à abreviatura, usa-se MM.”.

Classificação e Emprego do Pronome Possessivo

Os **pronomes possessivos** estabelecem relação de posse (normalmente) entre seres e conceitos e as pessoas do discurso. Você vai entender o porquê do “normalmente” no tópico 7, mais à frente.

1ª pessoa: **meu**(s), **minha**(s) / **nosso**(a/s).
2ª pessoa: **teu**(s), **tua**(s) / **vosso**(a/s).
3ª pessoa: **seu**(s), **sua**(s).
* *“Dele(a/s)” **não** é pronome possessivo.*

Eles variam (concordam) em gênero e número com o substantivo a que se ligam (João deixou uma herança vultosa para **suas** *mulheres.*) ou a que se referem (*Filhos*? Sempre estou atento aos **meus.**). Variar (concordar) é uma coisa. Referir-se a algo/alguém é outra. Note que o pronome possessivo, como todo pronome, faz referência às pessoas do discurso: o pronome adjetivo possessivo **suas** se refere à 3ª pessoa do discurso (João), mas concorda em gênero e número com mulheres; o pronome substantivo possessivo **meus** refere-se à 1ª pessoa do discurso (o falante), mas concorda em gênero e número com seu referente: Filhos. Divida isso na sua cabeça!

Vejamos o emprego de tais pronomes agora (nunca é demais repetir determinados ensinos):

1) Os pronomes de tratamento exigem os possessivos na 3ª pessoa:

– *Vossa Senhoria deve encaminhar **suas** reivindicações ao diretor.*

2) Em algumas construções, os pronomes pessoais oblíquos assumem valor de possessivos:

– *Vou seguir-lhe os passos. (Vou seguir os **seus** passos.)*

– *Apertou-me as coxas. (Apertou as **minhas** coxas.)*

Obs.: Muitos gramáticos entendem que os pronomes oblíquos átonos (com valor possessivo) exercem função sintática de adjunto adnominal. E é assim que vem caindo em prova. Outros gramáticos veem como objeto indireto com valor possessivo. Falarei mais sobre isso no capítulo 21.

3) Mudança de posição pode gerar mudança de sentido

– *Envio **tuas** fotos ainda hoje.* (Fotos tiradas por mim.)

– *Envio fotos **tuas** ainda hoje.* (Fotos em que estou presente.)

– ***Minha** mulher não anda com roupas indecentes.* (Só tem uma mulher.)

– *Mulher **minha** não anda com roupas indecentes.* (Qualquer mulher dele.)

4) O pronome possessivo "seu" (e variações) **pode causar ambiguidade.**

– *O PM prendeu o bandido em **sua** casa.* (Na casa de quem?)

– *João, Maria e **seu** filho saíram.* (Filho de quem?)

– *José contou-me que Rute perdeu **seus** documentos e ficou desesperada.* (Documentos de quem?)

– *A professora disse-lhe que acreditava em **sua** nomeação.* (Nomeação de quem?)

Para desfazer a ambiguidade e/ou tornar o valor possessivo mais forte, podem-se usar **vírgulas**, **próprio(a/s), (seu) dele(a/s), oração subordinada adjetiva.**

– *O PM**,** em sua **própria** casa**,** prendeu o bandido.*

– *João, Maria e o filho **dela** saíram.*

– *A professora disse-lhe que acreditava em **sua** nomeação **dele**.* (Forma estranha, mas culta.)

– *José contou-me que Rute**, cujos documentos perdera,** ficou desesperada.*

Obs.: É muito usado o pronome possessivo *seu*, de 3ª pessoa, para se referir à 2ª pessoa do discurso: "Você não deve deixar de considerar **suas** virtudes.".

5) O artigo definido é facultativo antes dos pronomes adjetivos possessivos, mas dos pronomes substantivos possessivos, o artigo é obrigatório.

– *Gosto de **meu** trabalho. / Gosto do **meu** trabalho.* / Gosto de meu trabalho, mas não do **teu**.

Obs.: Veja uma frase com os dois casos:

6) Como vimos, em plural de modéstia e plural de cerimônia, os pronomes "nosso(a/s)" (1ª pessoa do plural no lugar da 1ª pessoa do singular) e "vosso(a/s)" (2ª pessoa do plural no lugar da 2ª pessoa do singular) também participam desse contexto. Veja:

– *Não cabe a **nosso** intelecto desvendar todos os mistérios da gramática.*

– *Pai nosso que estais no céu, santificado seja o **vosso** nome.*

7) Os matizes de sentido, respectivamente, que podem ter os possessivos são: parentesco, estimativa, indefinição, ironia, cortesia/respeito, hábito, intimidade, simpatia, permanência, realce...

– *Como vão os **seus**, João?**

– *Roberto tem **seus** vinte e quatro anos.*

– *Eu sei que tu passas lá **teus** apertos.*

– ***Minha** querida, cala a boca!*

– *Deixe-me ajudar, **minha** boa senhora.*

– *No **seu** passo de tartaruga, devagar ia o homem.*

– ***Meu** filhinho, quero-lhe bem!*

– *O **meu** Mengão me dá muito orgulho ainda.*

– *Já falei para você ficar na **sua**.*

– *Mulher de amigo **meu** é homem.*

* Celso Cunha considera, nesta acepção e contexto, que o pronome possessivo foi substantivado. Antecedido da preposição ***de***, idem: "Ela não tinha um marido para chamar **de seu**".

Classificação e Emprego do Pronome Indefinido

Os **pronomes indefinidos** referem-se à 3ª pessoa do discurso de forma vaga, imprecisa ou genérica. Entenda melhor:

Na escola

Na escola de treinamento para homem-bomba, todos os alunos estão reunidos, muito concentrados na aula, quando o professor explica:

– Olha aqui, vocês prestem muita atenção, porque eu só vou fazer uma vez!

Percebe que *todos* carrega consigo uma ideia de indefinição ou quantidade indefinida? Logo, é um pronome indefinido.

Variáveis	Invariáveis
algum, alguma, alguns, algumas	algo
nenhum(ns), nenhuma(s)	tudo
todo, toda, todos, todas	nada
outro, outra, outros, outras	mais/menos[2]
muito, muita, muitos, muitas	quem
bastante, bastantes	alguém
pouco, pouca, poucos, poucas	ninguém
certo, certa, certos, certas	outrem
vário, vária, vários, várias[1]	(os) demais*
quanto, quanta, quantos, quantas	cada (é sempre pronome adjetivo) #
tanto, tanta, tantos, tantas	que

Variáveis	Invariáveis
qualquer, quaisquer	
qual, quais	
um, uma, uns, umas	
tal, tais (= um: Ele diz as coisas de tal jeito...)	

[1] Este pronome e também seu sinônimo, **diverso(a/s)**, são considerados adjetivos pelo VOLP e pelo dicionário Aulete.
[2] Segundo Bechara, **mais** e **menos** podem se substantivar em expressões assim: o (as) mais das vezes, o menos.

Obs.: As palavras **fulano**, **sicrano** e **beltrano** não são pronomes indefinidos, mas substantivos, segundo o VOLP e todos os dicionários que consultei. Não obstante, Cegalla já diz que são indefinidos. Polêmicas...

* Não é substantivo, apesar de o artigo antecedê-lo.
# A frase "Custará R$10 **cada**." está inadequada à norma culta, pois este pronome é sempre adjetivo. Logo, o adequado é "Custará R$10 **cada uma**.".

Locuções pronominais indefinidas

Grupos de vocábulos com valor de **pronome substantivo** indefinido.

Cada qual, cada um, quem quer que, seja quem for, seja qual for, tudo o mais, todo (o) mundo, um ou outro, nem um nem outro, qualquer um, fosse quem fosse...

– ***Cada um*** *é diferente.*
– ***Seja quem for*** *que me incomode pagará caro.*
– ***Todo o mundo*** *me respeita.*

Obs.: Cuidado com as locuções pronominais "quem quer que, seja quem for, seja qual for, fosse quem fosse", pois tais locuções equivalem a um pronome indefinido, logo os supostos verbos que fazem parte da locução não são contados como orações. Vale dizer que "tudo isto, tudo isso, tudo aquilo" não constituem locuções pronominais indefinidas, mas sim **pronome indefinido (tudo) + pronome demonstrativo (isto, isso, aquilo)**.

O que você precisa saber sobre esses pronomes é o seguinte:

1) A mudança de posição de alguns indefinidos poderá mudar ora sua classe, ora seu sentido.

– ***Qualquer*** *mulher merece respeito.* (sentido generalizador, pronome indefinido)[1]
– *Ela não é uma mulher* ***qualquer.*** (sentido pejorativo, pronome indefinido)
– ***Algum*** *amigo te traiu?* (sentido genérico, impreciso, pronome indefinido)
– *Amigo* ***algum*** *me traiu.* (sentido negativo, equivale a nenhum, pronome indefinido)[2]
– *Com essa dedicação, tem obtido* ***algum*** *elogio da crítica especializada.* (= pouco, pronome indefinido)
– *Você tem* ***algum****?* (dinheiro, substantivo)
– ***Certo*** *homem veio atrás de você.* (sentido genérico, pronome indefinido)
– *Ele é o homem* ***certo****.* (sentido qualificativo, adjetivo, vem sempre à direita do substantivo)
– ***Certo*** *perdeste o juízo.* (afirmação, advérbio)
– *Ele falou* ***certo****.* (modo, advérbio)
– ***Outra*** *mulher chegou.* (sentido indefinido, pronome indefinido)
– *Agora ela é uma* ***outra*** *mulher.* (renovada, adjetivo)

Cuidado!!!

[1] A banca CONSUPLAN (TSE/Analista Judiciário/2012) elaborou uma questão equivocada – que, para variar, **não** foi anulada! – sobre o vocábulo **qualquer**. Dizia-se que este pronome não exercia papel pronominal neste trecho: "Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação **qualquer** na contramão do dever...". Aí eu pergunto: "Pode isso?". Em nenhuma gramática de autor respeitado e estudado nas Faculdades de Letras do Brasil, diz-se que o pronome **qualquer**, independentemente de sua posição na frase, deixa de ter valor pronominal. "Muito pelo contrário", como já dizia minha vó!

Celso Cunha classifica tal construção na categoria dos PRONOMES (Veja a *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, está lá):

Qualquer

Tem por vezes sentido pejorativo, particularmente quando precedido de artigo indefinido (...). A tonalidade depreciativa torna-se mais forte se o ***indefinido*** *vem posposto a um nome de pessoa: '... Hoje é isto que o senhor vê:* ***um Pestana qualquer****...' (grifo meu)*

Este exemplo é do Celso mesmo, não é sacanagem. Que coincidência o cara falar Pestana! Pois bem... o que importa é que o gramático classifica como PRO-NO-ME o vocábulo **qualquer**, por mais que venha depois do substantivo, com valor depreciativo!

Não satisfeito, enviei uma pergunta à ABL, baseando-me em um exemplo da única fonte consagrada que encontrei, a qual diz ser **qualquer** um **adjetivo**: o consagrado dicionário *Houaiss*. Só ele diz isso, até onde foi minha pesquisa. É **um** contra **mil**. Aí a banca me cria uma questão dessas?! Só pode ser brincadeira, não?! Vamos ao que disse a ABL:

ABL RESPONDE

Pergunta: O vocábulo "qualquer" é classificado morfologicamente como ADJETIVO ou como PRONOME INDEFINIDO nesta frase: "Este feijão não é um feijão qualquer."? Grato!

Resposta: É um **pronome** adjetivo **indefinido**. (grifo meu)

Esta é, portanto, a função morfológica de **qualquer**: **pronome indefinido**. Não é um adjetivo! E quem diz isso não sou eu. É um fato comprovado por quem mais entende de Português: a Academia Brasileira de Letras! Ponto final.

[2] Semiparafraseando Celso Cunha, "De regra, o indefinido **algum** adquire valor negativo em frases onde aparecem expressões negativas (não, nem, sem...): 'A sua crítica não obedecia a sistema **algum**.'". Esta dupla negação serve para realçar a ideia negativa; não é como na Matemática, em que – com – dá +. É bom dizer que, quando se invertem os termos da oração, o não sai da jogada, perdendo-se a dupla negação, mas ainda assim se conserva a ideia de negação: "A sistema **algum** (= nenhum) obedecia sua crítica.".

2) Todo, no singular e junto de artigo ou pronome demonstrativo, significa "inteiro"; sem artigo, significa "qualquer". No plural, sempre indica totalidade.

– ***Toda*** *mulher é bonita.* (qualquer mulher)
– *A/Essa mulher* ***toda*** *é bonita.* (a mulher inteira)
– ***Todos*** *os prédios desta cidade têm cinco andares.*
– *Esta carteira é válida em* ***todo*** *território nacional.*
– *Esta carteira é válida em* ***todo o*** *território nacional.*

Sobre os dois últimos exemplos, qual carteira é melhor? A primeira ou a segunda? Certamente a primeira, pois **todo** significa **qualquer**. Ou seja, em qualquer território, desde que seja uma nação, a carteira é válida. Diferente da segunda frase, em que **todo o** significa inteiro. Ou seja, a carteira só é válida no inteiro território nacional. Só aqui no Brasil, por exemplo. Entendeu? Uma pena que a nossa carteira de identidade apresenta **todo o...** acho que vou apagar o **o** da minha...

Obs.: Mesmo sem estar acompanhado de artigo ou pronome demonstrativo, o pronome **todo** pode indicar totalidade de maneira enfática, concordando com o ser ao qual se refere, como se houvesse uma intensificação: "Sandrinha era **toda** sorriso e simpatia". Bechara acrescenta que tal pronome pode ficar no feminino ao virar um advérbio modificador de adjetivo, quando o referente é um substantivo feminino: "Ela está **todo/toda** preocupada."

O pronome "todos" vem obrigatoriamente seguido de artigo quando a ele se segue um substantivo (Todos os amigos ajudaram). Se vier um numeral, não se usa artigo (Todos cinco ajudaram). Se vier um numeral entre eles, usa-se o artigo (Todos os cinco amigos ajudaram).

3) Nenhum varia normalmente quando anteposto ao substantivo.

– *Não havia **nenhumas** frutas na cesta.*

4) O pronome indefinido outro junto de artigo pode mudar de sentido.

– ***Outro** dia fui visitá-lo.* (tempo passado)

– *Fui visitá-lo no **outro** dia.* (tempo futuro; = no dia seguinte)

5) O pronome cada pode ter valor discriminativo ou intensivo.

– *Em **cada** lugar, há diversidade de beleza.*

– *Tu tens **cada** mania!*

6) O vocábulo um pode ser artigo indefinido, numeral ou pronome substantivo indefinido (alternando com "outro", normalmente).

– *Nunca deixou de ser **um** bom homem.* (artigo indefinido)

– *Ele é só **um**, deixe-o em paz, covarde!* (numeral)

– ***Um** chegou cedo; o **outro**, atrasado.* (pronome indefinido)

Cuidado!!!

Muitos pronomes indefinidos, dependendo do contexto, podem virar advérbios, desde que modifiquem verbos, adjetivos ou outros advérbios. É preciso perceber a relação entre as palavras para definirmos a classificação morfológica delas.

– *Tenha **mais** amor e **menos** desconfiança.* (pronomes indefinidos)

– *Aja **mais** e fale **menos**.* (advérbios modificando verbos)

– *Não quero **nada** de você.* (nenhuma coisa, pronome indefinido)

– *João não é **nada** bobo.* (nem um pouco, advérbio)

– ***Algo** me diz que ela está chegando.* (alguma coisa, pronome indefinido)

– *O paciente está* ***algo*** *doente.* (um pouco, advérbio)
– ***Bastantes*** *parentes vieram me visitar no hospital.* (muitos, pronome indefinido)
– *Sinto* ***bastante*** *por sua perda.* (muito, advérbio)
– ***Que*** *mulher!* (ênfase, pronome indefinido)*
– ***Que*** *linda!* (intensidade, advérbio)
O mesmo ocorre com os pronomes indefinidos "muito, pouco e tanto".
* Celso Cunha e outros gramáticos entendem que este "que" é pronome interrogativo com valor exclamativo. Há ainda o outro lado da moeda, como Manoel Pinto Ribeiro, que entende este pronome, neste contexto, como um mero pronome indefinido. É dessa última maneira que veem as bancas. Polêmicas...

Agora veja esta questão bonitinha sobre pronome indefinido da EAGS – SARGENTO DA AERONÁUTICA – 2011, para fechar este assunto com chave de ouro:

10. Assinale a alternativa em que o valor característico do pronome indefinido destacado está incorreto.

a) **Algo** de especial está para acontecer. (ausência de pessoa)
b) O garoto era **todo** gentilezas com a menina que lhe sorria. (totalidade, intensidade)
c) Estava madura. Apesar disso, havia ainda o seu jeito uma **certa** graça de quando moça. (ausência de particularização)
d) Andava a conversar aqui e acolá, buscando arranjar **alguma** coisa com que pagar o aluguel de seu quartinho. (significação afirmativa, positiva).

Comentário: *Algo* se refere a coisas, e não a pessoas, logo indica ausência de pessoa. *Todo* indica totalidade, intensidade neste contexto. *Certa* indica quantidade indefinida, e não ausência de particularização. *Alguma* à esquerda do substantivo tem valor positivo, à direita do substantivo, negativo. Gabarito: C.

Classificação e Emprego do Pronome Interrogativo

Os **pronomes interrogativos** exprimem questionamento direto (com ponto de interrogação) ou indireto (sem ponto de interrogação) em um contexto que sugere desconhecimento ou vontade de saber.

Que	Quem	Qual (Quais)	Quanto(a/s)

– ***Que*** *é isso***?** (pergunta direta)
– *Quero saber* ***que*** *é isso.* (pergunta indireta: *Que é isso?*)
– ***Quem*** *é esse rapaz***?** (pergunta direta)
– *Não sabemos* ***quem*** *é esse rapaz.* (pergunta indireta: *Quem é esse rapaz?*)
– *De* ***qual*** *pintura você está falando***?** (pergunta direta)
– *Pergunta-se* ***qual*** *é a altura dela.* (pergunta indireta: *Qual é a altura dela?*)
– *Por* ***quanto*** *você vende esta garrafa***?** (pergunta direta)
– *Verificaram* ***quanto*** *custava o conserto.* (pergunta indireta: *Quanto custava o conserto?*)

1) Não confunda pronome interrogativo (que) com conjunção integrante (que). Se der para fazer uma pergunta a partir do "que", este será interrogativo, e não conjunção integrante.

– *Não saberia jamais* ***que*** *horas são.* (***Que*** *horas são?* – Pergunta possível, pronome interrogativo.)
– *Não saberia jamais* ***que*** *ela é flamenguista.* (***Que*** *ela é flamenguista?* – Pergunta impossível, conjunção integrante.)

2) Nas frases interrogativas indiretas, os pronomes interrogativos vêm, normalmente, após os verbos "querer/desejar, saber, perguntar, indagar, ignorar, verificar, ver, responder"...

– *Quero saber (o)* ***que*** *devo fazer.* (*Que devo fazer?* – O artigo *o* antes de *que* é considerado expletivo. Alguns gramáticos entendem que faz parte da locução interrogativa "o que", tendo valor enfático ou de realce.)
– *Ignoro* ***quem*** *fez isso. (Quem fez isso?)*

Obs.: A expressão expletiva "é que" pode realçar também o interrogativo *que*: "***Que*** *é que ela quer com você?*" ou "*O que é que ela quer com você?*".

3) A forma reduzida da expressão "que é (feito) de" é "cadê" (ou "quede", ou "quedê"), muito popular, mas não contemplada entre os gramáticos normativos como culta.

– ***Cadê*** *as pessoas que estavam aqui?*

4) "Qual" seguido da preposição *de* indica seleção.

– ***Qual*** *das duas você prefere?*

Classificação e Emprego do Pronome Demonstrativo

Os **pronomes demonstrativos** marcam a posição temporal ou espacial de um ser em relação a uma das três pessoas do discurso, fora do texto (exófora/dêixis) ou dentro de um texto (endófora – anáfora ou catáfora).

Não fique pasmo com esses nomes bonitinhos (exófora, dêixis, endófora, anáfora, catáfora), pois os conceitos deles são de facílima digestão.

Diferentemente dos demais pronomes, falarei do valor discursivo dos demonstrativos neste tópico mesmo.

Então, vamos lá!

Eis os principais demonstrativos:

1ª pessoa: **este(a/s)**, **isto**.
2ª pessoa: **esse(a/s)**, **isso**.
3ª pessoa: **aquele(a/s)**, **aquilo**.

Além desses, há outras palavras que são classificadas como pronomes demonstrativos:

1) Mesmo(a/s), próprio(a/s) com valor reforçativo ou junto de artigo, com o sentido de "igual, exato, idêntico, em pessoa".

– *Ela* ***própria*** *costura seus vestidos.* (= em pessoa)

– *A* ***mesma*** *mulher tem talento de sobra.* (= exata)

Obs.: Cuidado com a seguinte construção: "Aviso aos passageiros: antes de entrar no elevador, verifique se **o mesmo** encontra-se parado neste andar." (Lei 9502/97). Neste caso, o uso de **o mesmo** retomando um termo substantivo, como um típico demonstrativo, não está adequado à norma culta, segundo 99,99% dos gramáticos e manuais de redação. Só Bechara diz o contrário (para variar).

Só se usa **o mesmo** quando equivale a "a mesma coisa": "Ele não sabe nada de Direito Administrativo. O mesmo se dá com ela."

Ainda sobre o vocábulo **mesmo**, peço que tome cuidado com ele, pois apresenta outras classificações morfológicas, a depender do contexto. Exemplos: "Eu falo na cara mesmo." (= de fato, advérbio de afirmação) / "Mesmo a família negou-lhe ajuda." (= inclusive, palavra denotativa de inclusão) / Mesmo faminto, tive de me controlar (preposição acidental com valor concessivo). Alguns dicionaristas classificam **mesmo**, acompanhando substantivo, como mero **adjetivo**, mas não é assim que veem os gramáticos.

2) Tal(s), semelhante(s), quando aparecem no lugar de este(a/s), isto, aquilo, aquele(a/s)...

– ***Tal*** *absurdo eu não cometeria.*

– *Você precisa de teoria com bastantes questões. A solução para* ***tal*** *está em A Gramática.*

– *Nunca vi* ***semelhante*** *explicação, meu Deus!*

Obs.: Sobre **tal**, leia o gabarito da questão 8 do capítulo *Substantivo*. Tome cuidado, que **semelhante** pode ser adjetivo em outro contexto, como: "O filho é **semelhante** ao pai."

3) Pode haver contração entre os demonstrativos e as preposições "a, de, em": a + aquilo = àquilo; de + este = deste; em + essa = nessa etc.

4) o(s), a(s), quando substituíveis por "aquele(a/s), aquilo, isso". É importante dizer que tal situação ocorre em três casos, normalmente: antes de

pronome relativo (normalmente, o *que*), antes de preposição (normalmente, a *de*) e junto ao verbo *ser* ou *fazer*, normalmente. Este último caso só se dá com o (= isso).

– *Somos **o** que somos. (Somos aquilo que somos.)*

– ***As** que chegaram atrasadas perderam a explicação. (Aquelas que chegaram atrasadas...)*

– *Estou fora de mim, alheio a**o** que pensem de mim. (... alheio àquilo que...)*

– *Ganhei duas vezes na loteria, **o** que me rendeu dois sequestros. (isso que me rendeu...)**

– *Ontem, convidei só **os** da Barra da Tijuca para o jogo, pois os demais amigos estavam sem dinheiro. (Convidei só **aqueles** da Barra...)**

– ***A** da esquerda está olhando para você, mas a menina da direita, para mim. (**Aquela** da esquerda...)**

– *Ela estudava, mas não **o** fazia com vontade. (Ela estudava, mas não fazia **isso** com vontade)*

– *Fora evangélico durante sua juventude; já não **o** é agora. (já não é **isso**)*

Atenção! Só leia isto se fizer algum concurso de nível superior das bancas Esaf ou Cespe

Obs.[1]: * Quando o **o**, antes da oração iniciada pelo pronome relativo **que**, puder ser substituído por **fato**, Bechara entende que se trata de um artigo substantivando a oração inteira. Até onde sei, só ele diz isso. Nunca vi em prova tal visão. Continuando com a polêmica, o homem apresenta exemplos em que tal vocábulo, ainda tomado como artigo definido, é posto antes da preposição *de* mesmo sem substantivo explícito, como na 5ª e na 6ª frase. Não só ele, como Celso P. Luft vão de encontro ao que diz a maioria dos gramáticos brasileiros, senão todos, a saber: os vocábulos "o, a, os, as" são pronomes demonstrativos em todos os exemplos anteriores. **Reitero que**, de todos os gramáticos que pesquisei (mais de 40), só Bechara e Luft dizem que "o, a, os, as" (antes de substantivo **elíptico**, segundo eles) são artigos definidos. Portanto, para eles, **os** e **A** são artigos. Veja uma questão bem polêmica sobre isso (Esaf – ATRFB – 2012 – QUESTÃO 5 (P1/G4)). A Esaf fica com a opinião desses dois gramáticos,

ignorando o que todos os demais afirmam. Como já falei, o Bechara e as suas polêmicas são um néctar para a Esaf.

Obs.²: Cegalla diz que o pronome demonstrativo **o** pode representar um termo da frase ou a frase toda, e é assim que as bancas cobram: "A obra era difícil, ele próprio **o** sabia." (o = que a obra era difícil); "Se existiu ali uma fonte, pouca coisa **o** indica." (o = isso = que ali existiu uma fonte); "Quando publicou sua obra, fê-**lo** em francês." (lo = isso = publicar sua obra); "Não sei se sou feliz nem se desejo sê-**lo.**" (lo = isso = feliz); Você continua estudioso, mas ele nunca **o** foi. (o = isso = estudioso).

Obs.³: Segundo Bechara, "por meio do pronome invariável **o** (= isso) repetimos pleonasticamente a oração objetiva que se antecipa de sua posição normal, ou, em sentido inverso, antecipa a oração objetiva do texto: 'Que todos iam sair cedo, eu **o** disse ontem.' / 'Eu **o** disse ontem que todos iam sair cedo.'". Aí você me pergunta: "Pest, por que você é tão minucioso? A chance de isso cair na prova é zero!". Será? Veja agora uma questãozinha fresquinha sobre isso:

Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012

– No período "Que Demócrito não risse, eu o provo", o verbo **provar** complementa-se com uma estrutura em forma de objeto direto pleonástico, com uma oração servindo de referente para um pronome.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Emprego dos demonstrativos (valor discursivo)

Chegou a hora de entendermos que significa **exófora**, **dêixis**, **endófora**, **anáfora**, **catáfora**. Beleza?

Exófora ou **dêixis**: conceitos que, linguisticamente, tratam do uso de vocábulos que se referem a elementos extratextuais ou extradiscursivos, ou seja, que se referem a elementos **fora** do texto, numa perspectiva espacial ou temporal.

Endófora (**anáfora** e **catáfora**): conceitos que, linguisticamente, tratam do uso de vocábulos que se referem a elementos intratextuais ou intradiscursivos, ou seja, que se referem a elementos **dentro** do texto; a **anáfora** trata da retomada de termos ou ideias, e a **catáfora** trata da antecipação de termos ou ideias.

Falarei melhor sobre isso agora!

1) Numa perspectiva exofórica ou dêitica, ou seja, referindo-se a elementos extra-discursivos (fora do texto/discurso) dentro do espaço ou do tempo, procede-se assim:

Função espacial

Os advérbios **aqui/cá** (proximidade à 1ª p.), **aí** (proximidade à 2ª p.), **ali/lá/acolá** (distância da 1ª p. e da 2ª p.), chamados de advérbios pronominais por terem valor díctico (ou dêitico), costumam reforçar a função discursiva dos pronomes demonstrativos.

Este (a/s), isto: refere-se a um ser que está próximo do falante ou que o falante toma como tal ou em referência à correspondência que enviamos.

– ***Esta*** *camisa aqui do Flamengo é minha.*

– ***Este*** *documento segue anexo aos demais.*

Esse(a/s), isso: refere-se a um ser que está próximo do ouvinte ou que o falante toma como tal

– ***Essa*** *camisa aí é tua?*

– *Saia do meio d**essa** rua, garoto!*

Obs.: Às vezes, pode haver dois demonstrativos para especificar melhor um substantivo: ***Essa*** *(ou Esta) moça é* ***aquela*** *de que falei agora há pouco.*

Aquele(a/s), aquilo: refere-se a um ser que está distante do ouvinte e do falante ou de algo que se encontra na pessoa de quem se fala

– ***Aquela*** *camisa lá é dele.*

– ***Aquele*** *país onde ele mora não presta.*

– ***Aquele*** *temperamento do Mano fez o Brasil perder a Copa.*

Obs.: Os vocábulos **mesmo** e **próprio** também ajudam no reforço: "É este aqui mesmo o ladrão!". Fique ligado, que pode haver contração de preposição com pronome demonstrativo e com advérbio pronominal (aí, aqui, lá etc.): "Saí **daquele** país **naquele** avião há dias, **daí** minha vida mudou.".

Função temporal

Este(a/s): presente, passado recente ou futuro (dentro de um espaço de tempo).
– ***Esta*** *é a hora da verdade.*
– ***Esta*** *noite foi sensacional.*
– ***Este*** *fim de semana será perfeito, pena que ainda é segunda.*
Esse(a/s): passado recente ou futuro.
– *Ninguém se esquecerá d**esse** carnaval.*
– *Depois da reunião, sei que **esses** dias serão diferentes.*
Aquele(a/s): passado ou tempo distante (vago).
– *Foi em 1500, n**aquele** ano, o Brasil surgiu.*
– *N**aquele** dia, no Seu dia, Deus fará justiça.*

2) Numa perspectiva endofórica (anafórica ou catafórica), ou seja, referindo-se a elementos intradiscursivos (dentro do texto), procede-se assim:

Função distributiva

Este, referindo-se ao mais próximo ou citado por último. **Aquele**, referindo-se ao mais afastado ou citado em 1º lugar. Ambos são anafóricos, pois substituem termos anteriores.
– *Todos nós conhecemos Lula e Dilma. A imagem d**esta** tem como reflexo **aquele**.*
Obs.: Não encontrei respaldo gramatical algum, entre todos os gramáticos normativos consagrados, sobre a possibilidade de retomada de três referentes com os pronomes "este, esse e aquele". Portanto, ou se usa **este** e **aquele,** ou se usam numerais para retomada. Enfim, por falta de respaldo, **não** está adequada esta estrutura: "Todos nós conhecemos Lula, Serra e Dilma. A imagem d**esta** tem como reflexo **aquele**, e não **esse**."

Função referencial

Este(a/s), isto referem-se normalmente a algo que será dito ou apresentado (valor catafórico). Pode também retomar um termo ou ideia antecedente (valor anafórico), segundo ensinam Bechara e Celso Cunha.

– ***Esta*** *sentença é verdadeira: "A vida é efêmera.". E* ***nisto*** *todos confiam.*

Obs.: Usa-se ***nisto*** também quando equivale a "então" ou "nesse momento": "Saí de casa cedo. **Nisto**, minha mulher me ligou."

Esse(a/s), isso referem-se sempre a algo já dito ou apresentado (valor anafórico).

– ***Isso*** *que você disse não está certo, amigo. É por* ***essas*** *e outras que nada funciona neste país.*

Obs.: Pode ser usado após o substantivo para reiterar uma ideia: "Li bons romances nas minhas viagens de avião, romances **esses** que me fazem falta."

Só de curiosidade: há certas expressões cristalizadas na língua com pronomes demonstrativos: por isso, isto é, além disso, isto de, ora essa.

Valores estilísticos dos demonstrativos

Os **pronomes demonstrativos** podem apresentar determinados matizes de sentido consoante o contexto; normalmente isso ocorre no registro coloquial.

– ***Aqueles****, sim, eram homens honrados.* (admiração)

– ***Isso*** *não!* ***Isso*** *não! Que absurdo!* (indignação)

– *Não dou d****essas****, não!* (desprezo)

– ***Essa*** *mulher... Ih...! Nem te conto...* (ironia)

– ***Isso*** *não passa de um idiota.* (repulsa, depreciação)

– ***Essa****, não!* (surpresa)

– *Você só pensa n****aquilo****...* (malícia)

– *Não consigo acreditar que ela tenha virado* ***aquilo.*** (pena, comiseração)

– *Ufa! Esta foi uma questão d****aquelas****...* (intensificação)

– ***Isso*** *mesmo, vai fundo!* (incentivo)

Classificação e Emprego do Pronome Relativo

Preste mais do que a costumeira atenção, meu caro leitor! Este é o campeão de aparições nas provas, portanto aproveite minha minuciosa abordagem acerca dele!

O **pronome relativo** é um elemento conector de caráter anafórico, isto é, refere-se a um termo antecedente explícito (substantivo (normalmente!), pronome substantivo, numeral substantivo, advérbio, verbo no infinitivo ou oração reduzida de infinitivo), substituindo-o. Sintaticamente falando, todo pronome relativo (sempre!) refere-se a um termo de outra oração ao introduzir oração subordinada adjetiva (restritiva ou explicativa).

– *O homem (apesar de certos contratempos)* ***que*** *veio aqui era o Presidente.*
– *Ninguém* ***que*** *esteve no Brasil desapontou-se.*
– *Apenas um,* ***que*** *compareceu à festa, estava bem trajado.*
– *Ali,* ***onde*** *você mora, não é o melhor lugar do mundo.*
– *Estudar* ***que*** *é bom ninguém acha legal.*
– *Procurar aprender Língua Portuguesa,* ***que*** *é importante, você não quer.*

Cuidado!!!

1) Visto que o seu objetivo é substituir um vocábulo para que este não se torne repetitivo, o pronome relativo nos permite reunir duas orações numa só.

– *O livro é espetacular + Estou lendo um livro = Estou lendo um livro* ***que*** *é espetacular (ou O livro* ***que*** *estou lendo é espetacular). Visitei um amigo + Eu tenho grande admiração por ele = Visitei um amigo* ***por quem*** *tenho grande admiração.*

2) Na linguagem coloquial, observa-se o uso pleonástico por um pronome oblíquo átono ou tônico após o relativo. **Não** está adequado à norma culta, pois o pronome relativo já retoma um termo.

– *Este ó livro que pretendemos comprá-****lo****. (Este é o livro que pretendemos comprar.)*
– *A prova é o meio de resolução de conflito, da qual o juiz irá extrair certos juízos* ***dela****. (A prova é o meio de resolução de conflito, da qual o juiz irá extrair certos juízos.)*

3) É importante dizer que, se um verbo ou um nome da oração subordinada adjetiva exigir a presença de uma preposição, esta ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo. Preste atenção! Isso é questão de prova todo ano!

– *O filho,* ***pelo qual*** *a mãe tinha amor, era bom.* (Quem tem amor, tem amor **por.**)

Na linguagem coloquial, a ausência da preposição antes do relativo é comum. Cuidado!

– *Este é o carro que precisamos.* (INADEQUADO!)

Às vezes, ocorre migração da preposição com o pronome demonstrativo *o*. A frase "O de que mais gosto é ver filme." soa artificial, afetada e não reflete a realidade linguística atual, apesar de correta, por isso é comum ocorrer o deslocamento da preposição para antes do referente: "Do que mais gosto é ver filme.".

Bechara diz algo muito importante: "... omite-se a preposição que pertence a rigor ao relativo, em virtude de já ter o seu antecedente a mesma preposição: 'Você só gosta das coisas que não deve (gostar)' por: das coisas de que não deve (gostar)".

4) É notório hoje em dia o uso não atento às normas gramaticais do pronome relativo. Por isso, faz-se necessário aos que se preocupam com as normas o conhecimento do registro formal.

– *Este é o livro* ***que*** *o autor é excelente.* (LINGUAGEM COLOQUIAL)

– *Este é o livro* ***cujo*** *autor é excelente.* (LINGUAGEM CULTA)

Pelamordedeus! Não se substitui **cujo** por **que**! Isso já foi questão de prova algumas vezes. Veja a prova disso:

11. (FEC – LOTERJ/RJ – Auditor – 2010) Quando se emprega o relativo "cujo", como fez o autor em "como naqueles comerciais de um refrigerante cujo nome me recuso a declinar" (§ 5), deve-se obedecer à orientação observada em todas as alternativas a seguir, EXCETO aquela em que se diz que o referido pronome:

a) admite, na língua escrita culta, substituição pelo pronome "que". (GABARITO)

5) A expressão ***queísmo*** já se popularizou. Trata-se de uma repetição viciosa do vocábulo *que*, principalmente do pronome relativo, ou do seu uso desnecessário: "O carro **que** eu comprei na concessionária **que** eu encontrei meu amigo **que** trabalhava lá era bom." / "O aluno **que** foi aprovado ficou

satisfeito.”. Veja como ficariam mais concisas e claras tais frases: “Comprei um bom carro em cuja concessionária meu amigo trabalhava.” / “O aluno aprovado ficou satisfeito.”.

Segundo a redação do competente site *www.portugueshoje.com.br*, há algumas maneiras de evitar determinadas construções com o vicioso pronome relativo *que*.

a) Substituição da oração adjetiva por substantivos seguidos de complemento.

– *O jornalista, **que redigiu** a matéria sobre as eleições presidenciais, foi bastante tendencioso.*

– *O jornalista, **autor** da matéria sobre as eleições presidenciais, foi bastante tendencioso.*

b) Substituição por adjetivo.

– *A política no Brasil é constituída por políticos **que não são honestos**.*

– *A política no Brasil é constituída por políticos **desonestos**.*

c) Substituição da oração desenvolvida por uma oração reduzida de gerúndio.

– *Publicou-se um relatório **que denuncia** a corrupção no governo.*

– *Publicou-se um relatório **denunciando** a corrupção no governo.*

d) Substituição da oração desenvolvida por uma oração reduzida de particípio.

– *Soube-se da corrupção no governo através de uma reportagem **que foi publicada** pelo jornal.*

– *Soube-se da corrupção no governo através de uma reportagem **publicada** pelo jornal.*

Interessante, não?

Emprego dos pronomes relativos

Que (substituível pelo variável ***o qual***)

- É invariável.
- Refere-se a pessoas ou coisas.
- É chamado de *relativo universal*, pois pode – geralmente – ser utilizado em substituição de todos os outros relativos.

– *As mulheres, **que** (=as quais) são geniosas por natureza, permanecem ótimas.*

– *Para rimar, o Mengão,* ***que*** *(= o qual) sempre será meu time de coração, é pentacampeão.*
– *Minha sogra,* ***a que*** *(= à qual) tenho grande aversão, está viva ainda.*
– *O Flamengo é o* ***que*** *(= aquilo) preocupa os vascaínos.*
– *Os dois,* ***que*** *(= os quais) você ajudou, já estão recuperados.*
– *Há uma boa variedade de atividades* ***de que*** *(= das quais) o professor também é um observador.*

Cuidado!!!

1) Numa série de orações adjetivas coordenadas, o *que* pode estar elíptico.
– *A sala estava cheia de alunos* ***que*** *conversavam, (!) riam, (!) dormiam.*

2) O relativo **que** só deve ser antecedido de preposição monossilábica ("a, com, de, em, por; exceto sem e sob"). Do contrário, usam-se os variáveis "o qual, os quais, a qual, as quais" (sem restrição quanto ao uso das preposições ou locuções prepositivas).
– *Este é o ponto* ***com que*** *concordo, mas foi este* ***sobre o qual*** *você falou?*
– *A pessoa* ***ao encontro da qual*** *deveria dirigir-me virou o rosto.*

3) Evite a ambiguidade usando o substituto do relativo **que**: ***o qual***.
– *Conheci o pai da garota* ***que*** *se acidentou. (Quem se acidentou?)*
– *Conheci o pai da garota* ***o qual*** *(ou* ***a qual****) se acidentou.* (sem ambiguidade)

Se vierem dois referentes masculinos anteriores, a construção terá de mudar (usa-se o relativo ***cujo***):
– *Conheci o pai cuja garota se acidentou. / Conheci a garota cujo pai se acidentou.*

Reitero: evite usar o *que* quando houver mais de um termo anterior, em prol da clareza: *Consegui retornar ao colégio do bairro* ***que*** *marcou minha vida.* O que marcou a vida? O colégio ou o bairro?

Evite usar o ***que*** também quando seu referente estiver distante, pelo bem da clareza: *A bebida em excesso, apesar de provocar doenças no homem,* ***que*** *destrói vidas, deve ser evitada.* (construção ruim) */ A bebida em excesso, apesar de provocar doenças no homem,* ***a qual*** *destrói vidas, deve ser evitada.* (construção recomendada)

4) Cuidado para não confundir o relativo **que** (= o qual) com a conjunção integrante **que**, ou com o pronome interrogativo **que**, ou com a partícula expletiva **que** (que faz parte da expressão formada por ***ser + que***).
– *Encontrei o homem* ***que*** *estava devendo o curso.* (pronome relativo)

– *Eu disse ao homem* ***que*** *se afastasse dela.* (conjunção integrante)
– *Eu não soube pelo homem* ***que*** *era para fazer.* (pronome interrogativo/indefinido)
– *Foi este homem* ***que*** *nos agrediu, policial!* (partícula expletiva)

5) Observe esta estrutura única do relativo **o qual**, com valor partitivo, normalmente usado após numerais e certos pronomes indefinidos.

– *Ele escreveu mais de dez romances,* ***três dos quais*** *já foram traduzidos em vários idiomas.* (*os quais* retoma romances).
– *Há bons imóveis aqui,* ***muitos dos quais*** *estão valorizando cada vez mais.* (*os quais* retoma *imóveis*)

Quem

- É invariável.
- Refere-se a pessoas ou a algo personificado.
- A preposição *a* precederá o relativo *quem* normalmente, exceto se o verbo ou um nome da oração subordinada adjetiva exigir outra preposição. De qualquer forma, vem sempre preposicionado.

– *A Justiça* ***a quem*** *devo obediência é meu guia.*
– *Eis o homem* ***a quem*** *mais admiro.*
– *Conheci uma musa,* ***por quem*** *me apaixonei.*
– *Deus,* ***perante quem*** *me ajoelho, é importantíssimo.*

Cuidado!!!

1) Por motivo eufônico, evita-se o uso da preposição **sem** antes de **quem**; prefere-se **sem o qual** em vez de **sem quem**:

Esperávamos Maria, ***sem a qual*** *não sairíamos.*

2) É denominado **relativo indefinido** (ou **pronome relativo sem antecedente**), ou ainda, **pronome indefinido**, quando aparece sem antecedente e sem preposição. Alguns gramáticos (como Adriano da Gama Kury, Bechara, Said Ali e Ulisses Infante) consideram o **quem** (nos casos abaixo) como um mero pronome indefinido e a oração iniciada por ele como

substantiva; outros consideram que o **quem** equivale a **aquele que**, sendo um relativo sem antecedente (como Rocha Lima e Celso Cunha) e a oração iniciada por ele como adjetiva. Não encontrei até hoje sequer uma questão sobre isso em prova de concurso. Para mim, é um pronome indefinido, mas, ao preparar um recurso, minha opinião não serve de nada, mas sim a dos gramáticos que constantemente cito.

– ***Quem*** *lê sabe mais.*

– ***Quem*** *despreza a razão odeia a si mesmo.*

– *A vingança era* ***quem*** *o impelia.*

3) É importante dizer que o **quem** pode ser também pronome interrogativo em outro contexto: "*Quem* é você?".

Cujo

- É um pronome adjetivo que vem, geralmente, entre dois nomes substantivos explícitos, entre o ser possuidor (antecedente) e o ser possuído (consequente).
- É variável, logo concorda em gênero e número com o nome consequente, o qual geralmente difere do antecedente.
- Nunca vem precedido ou seguido de artigo, é por isso que não há crase antes dele.
- Geralmente exprime valor semântico de posse.
- Equivale à preposição *de* + *antecedente*, se invertida a ordem dos termos.

– *O Flamengo,* ***cujo*** *passado é glorioso, continua alegrando.* (O passado do Flamengo...)

– *Esta é uma doença* ***contra cujos*** *males os médicos lutam.* (... contra os males da doença)

– *Vi o filme* ***a cujas*** *cenas você se referiu.* (... às cenas do filme)

– *O telefone,* ***cuja*** *invenção ajudou a sociedade, é útil.* (A invenção do telefone...)*

– *O registro formal, em que o grau de prudência é máximo, e* ***cujo*** *conteúdo é mais elaborado e complexo é o preferido dos professores de língua portuguesa.* (... o conteúdo do registro formal...)

Obs.: *Aqui não há relação de posse, mas sim valor passivo. Os gramáticos que corroboram esta análise são estes: Maria Helena de Moura Neves e Ulisses Infante. Por isso, neste caso, ele é analisado sintaticamente como complemento nominal. Falo mais sobre isso no capítulo 23.

QUANTO

- É variável.
- Aparece sempre após os pronomes "tudo, todo (e variações) e tanto (e variações)" seguidos ou não de substantivo ou pronome. Segundo o conceituado professor Carlos Rocha, não vem preposicionado, pois exerce função de sujeito e objeto direto apenas.

– *Ele encontrou tudo* ***quanto*** *procurava.*
– *Bebia toda a cerveja* ***quanta*** *lhe ofereciam.*
– *Todas* ***quantas*** *colaborarem serão beneficiadas.*
– *Aqui há tantos movimentos* ***quantos*** *se podem esperar.*
– *Explico tantas vezes* ***quantas*** *sejam necessárias.*

Obs.: É importante dizer que o **quanto** pode ser conjunção, pronome interrogativo ou indefinido em outros contextos. Nunca vi uma questão de prova sobre este pronome relativo!

Onde

- É invariável.
- Aparece com antecedente locativo real ou virtual.
- Substituível por *em que, no qual* (variações).
- Pode ser antecedido, principalmente, pelas preposições *a, de, por* e *para.* Aglutina-se com a preposição *a*, tornando-se *aonde*, e com a preposição *de*, tornando-se *donde.*

– *A cidade* ***onde*** *(= em que/na qual) moro é linda.*

– *Meu coração,* ***onde*** *tu habitas, é teu e de mais ninguém.*
– *O sítio* ***para onde*** *voltei evocava várias lembranças.*
– *As praias* ***aonde*** *fui eram simplesmente fantásticas.*
– *O lugar* ***donde*** *retornei não era tão bom quanto aqui.*
– *A casa* ***por onde*** *passamos ontem era minha.*
– *O adversário invadiu sua mente –* ***onde*** *ninguém antes havia entrado.*

Cuidado!!!

1) Há um uso indiscriminado do relativo **onde** na linguagem coloquial, retomando ideias não locativas. Isso costuma ser trabalhado em prova, a Esaf adora (ESAF – MRE – ASSISTENTE DE CHANCELARIA – 2004 – QUESTÃO 9 / ESAF – SMF/RJ – FISCAL DE RENDAS – 2010 – QUESTÃO 10 / ESAF – MI-CENAD – NÍVEL SUPERIOR – 2012 – QUESTÃO 14). Seguem exemplos abaixo:

– *Ontem, fomos recepcionados pela Camila* ***onde*** *nos acolheu com muito afeto.*
– *Esta instrução é excelente* ***onde*** *permite que a criança aproveite o máximo.*
– *A sala é bem espaçosa* ***onde*** *tornou possível as brincadeiras em grupo.*
– *Há uma boa variedade de atividades* ***onde*** *o professor também é um observador.*

No português padrão, os **"ondes"** acima devem ser substituídos, respectivamente, por ***a qual, pois, o que, das quais***, porque ***onde*** equivale a "**lugar em que**" ou simplesmente a "**em que**", quando se refere a um termo antecedente indicativo de lugar; seu uso não cabe, portanto, nas frases apresentadas acima.

Como

- É invariável.
- Precedido pelas palavras *modo, maneira, forma* e *jeito.*
- Equivale a "pelo qual", normalmente.

– *Acertei o jeito* ***como*** *fazer as coisas.*
– *Encontraram o modo* ***como*** *resolver a questão.*
– *A maneira* ***como*** *você se comportou é elogiável.*
– *Gosto da forma* ***como*** *aqueles atores contracenam.*

Obs.: É digno de nota que o vocábulo **como** pode ser classificado de diferentes formas a depender do contexto. Falarei sobre isso minuciosamente no capítulo 31.

Quando

- É invariável.
- Retoma antecedente que exprime valor temporal.
- Equivale a "em que".

– *Ele era do tempo* ***quando*** *se amarrava cachorro pelo rabo.*
– *É chegada a hora* ***quando*** *(= em que) todos devem se destacar.*

Obs.: Alguns gramáticos, como Bechara, o chamam de **advérbio relativo** (*onde* e *como* entram nessa classificação). Lembre-se de que este vocábulo (quando) pode ser uma conjunção temporal ou um advérbio interrogativo, em outro contexto.

Valor Discursivo

Começo esta parte do capítulo de maneira diferente.

2. (FGV – Potigás – Contador Jr. – 2006) *A diplomacia é exatamente* ***isto****: a arte de usar sinais e palavras para manifestar agrados e desagrados, defender interesses e estabelecer limites, construir respeito recíproco e negociar parcerias.* (L.37-40)

O pronome destacado no trecho acima exerce função:

a) anafórica.
b) dêitica.
c) epanafórica.
d) catafórica.
e) díctica.

Esta questão ilustra bem o que pode cair na prova, pois é o "resumo da ópera" sobre a função textual dos pronomes (ou seu valor discursivo). Ah! Não custa dizer que a FGV adora questões com esses "nomezinhos". O gabarito é a letra D, pois o pronome *isto* antecipa uma ideia ou se reporta a uma ideia pos-te-ri-or.

Apesar de já termos visto isso diluído ao longo de *A Gramática*, principalmente em pronomes demonstrativos, vamos sistematizar o assunto agora falando sobre os demais pronomes! Como já sabemos o que é ***exófora/dêixis*** e ***endófora (anáfora e catáfora)*** – conceitos vistos em pronomes demonstrativos (recapitule!) –, não percamos tempo.

Ah! O que é função **epanafórica**? Não é nada! "Ahn? Como assim, Pestana?" Simples. Para criar uma certa dificuldade (= confusão) na questão, o "homem da banca" trabalhou uma figura de linguagem chamada **epanáfora** no meio de recursos discursivos de coesão (ah, existe uma figura de linguagem chamada **anáfora**, mas não tem nada a ver com a anáfora de que falamos em pronomes demonstrativos, hein! Bem... deixa isso para lá... vou deixar para falar disso em *Figuras de Linguagem*). Voltando... a **epanáfora** diz respeito à repetição de vocábulos no início de versos ou frases. Isso não cai em prova, a FGV foi maldosa, colocou esse nome só para assustar os desavisados.

Vamos aos valores discursivos dos tipos de pronomes:

Pronomes Pessoais

Os pessoais retos, oblíquos e de tratamento colaboram para a boa compreensão da leitura de um texto, isto é, seu valor discursivo é ótimo para fazer referência a termos ou trechos inteiros **dentro do texto** (função endofórica – anafórica ou catafórica) ou para fazer referência a termos ou trechos inteiros **fora do texto** (função exofórica, dêitica ou díctica – é tudo a mesma coisa, são só nomes bonitinhos para dar medo).

Função endofórica

– *Aquele aluno passou na prova? Mas **ele** nem estudou...* (valor anafórico)

– ***Ela**... sempre **ela**... Como Clarice Lispector escrevia difícil!* (valor catafórico)

– *Nosso país tem um quê de alegria, por isso todos **o** amam.* (valor anafórico)

– *Chamá-**lo** de burro foi demais. João era um jumento!* (valor catafórico)

– *O Deputado depôs de novo, mas nada tenho contra **Sua Excelência**.* (valor anafórico)

– ***Sua Excelência** tem bons precedentes, logo Dilma será reeleita.* (valor catafórico)

Função exofórica (dêitica ou díctica)

– ***Nós** costumamos ajudá-lo, **Vossa Excelência**, mas agora foi a gota d'água.*

Obs.: Em **discurso relatado** (reprodução de falas de outras pessoas), é possível haver referenciação dentro do texto (função endofórica) por meio dos pronomes de 1ª pessoa e de 2ª pessoa, que normalmente se usam com função dêitica. Veja:

(...) Por essa razão, ***Assenoff*** *disse a* ***Meire-Anne****:*

– ***Eu*** *não posso mais trabalhar em Niterói, por mais que* ***tu*** *me implores.*

Note que *Eu* e *tu* retomam anaforicamente seus respectivos referentes: "Assenoff" e "Meire-Anne".

Pronomes Possessivos

Função endofórica

– *Em* ***suas*** *viagens, o professor sempre comprava lembrancinhas para* ***sua*** *esposa.* (valor catafórico e anafórico, respectivamente)

Pronomes Indefinidos

Função endofórica

– *Será gasto muito dinheiro na Copa, e* ***mais*** *nas Olimpíadas.* (valor anafórico)

– ***Ninguém*** *foi liberto da prisão: nem Beira-Mar nem Marcinho VP.* (valor catafórico)

Pronomes Interrogativos

Função endofórica

– *Ela e ele se classificaram, mas* ***qual*** *ficou realmente feliz?*

– ***Quem*** *é mais famoso: Rodrigo Santoro ou Wagner Moura?*

Obs.: Não falarei aqui da função textual (ou valor discursivo) dos demonstrativos, pois já falei na parte do emprego deles. Não falarei sobre o valor discursivo dos relativos, pois todos nós já sabemos que eles sempre têm valor anafórico. Ok?

Estude bem este capítulo, pois há muitas questões de coesão nele. O exercício delas te ajudará a chegar ao capítulo de *Coesão* com segurança e sem medinho.

O Que Cai Mais na Prova?

Esta é simplesmente a classe gramatical mais exigida em concursos, junto com verbo e conjunção. Simplesmente isso! Para ser mais específico: estude **pronome pessoal oblíquo átono (principalmente "colocação pronominal"), pronome demonstrativo e pronome relativo.** Estude tudo sobre **valor discursivo**! Tudo! Se fizer isso, a vaga é sua!

Questões de Concursos

Neste capítulo, precisei exagerar no número de questões, ok? Ah, concurseiro que é concurseiro nem liga para isso...

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) Qual afirmação abaixo está incorreta?

Estamos entrando no terço final de 2009 com uma visão mais clara sobre os fatores que levaram à crise financeira que nos atingiu a partir do colapso do banco Lehman Brothers. Um dos pontos centrais na ***sua construção*** *foi, certamente, a questão da regulação e controle das instituições financeiras. Mesmo não sendo a origem propriamente dita da crise, a regulação falha permitiu que os elementos de fragilidade no sistema assumissem enormes proporções. Depois de termos vivido um longo período* ***em que*** *prevaleceu a ilusão da racionalidade intrínseca aos mercados financeiros, hoje há novamente o reconhecimento das fragilidades e dos riscos sistêmicos associados a* ***seu funcionamento.***

I. A substituição de "em que" por **no qual** mantém a correção gramatical e as informações originais do período.

II. A expressão "sua construção" refere-se ao antecedente "banco Lehman Brothers".

III. A expressão "seu funcionamento" refere-se ao antecedente "mercados financeiros".

2. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) *(...) Se o Estado propicia segurança, educação, saúde, trabalho, previdência, moradia e transporte, o indivíduo tem as condições mínimas para atingir a felicidade*, a que *todos os homens tendem. No entanto, é preciso fazer a distinção entre fins e meios. (...)*

– A substituição de "a que" por **a qual** estaria correta ou incorreta?

3. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) Assinale como verdadeiras (V) ou falsas (F) as afirmações a respeito da organização do texto abaixo.

O ocidente europeu no período medievo foi um mundo ***onde*** *o poder estava dividido e sempre instável, sendo exercido de forma independente pelos chamados senhores feudais,*

geralmente possuidores de grandes extensões de terras. As relações entre vassalo (aquele que prestava homenagem) e suserano (aquele que recebia a homenagem) envolviam a cessão de direito, por parte do suserano, de uma geração de ganho para o vassalo em troca de alianças que visavam a uma consolidação do poder, sempre ameaçado por outros senhores. O objeto de onde provinha essa geração de ganho era chamado "feudo". Erroneamente ***identificado*** *como sendo somente uma porção de terra, na verdade o feudo podia assumir vários aspectos, como, por exemplo, uma ponte ou uma estrada* ***onde*** *se cobrava pedágio.*

( ) Desrespeitam-se as relações entre os argumentos e provoca-se erro gramatical ao substituir "onde" por **em que**.

( ) Explicita-se a relação entre as ideias do texto ao iniciar o segundo período sintático do texto por um conectivo, escrevendo: **Conquanto** as relações.

( ) Explicita-se a relação entre as ideias do texto ao inserir, entre vírgulas, o conectivo **no entanto** depois de "identificado".

( ) Desrespeitam-se as relações entre os argumentos e provoca-se erro gramatical ao substituir "onde" por **a qual**.

A sequência obtida é:

a) F, F, V, V;
b) V, F, F, V;
c) F, V, V, F;
d) F, F, V, F;
e) V, V, F, V.

4. (Esaf – CVM – Agente Executivo – 2010) Em relação aos elementos coesivos do texto, assinale a opção correta.

Hoje não há mais dúvida a respeito do aquecimento global e de outros problemas gerados pelo consumo de energia e pela industrialização. Não se pode deter o desenvolvimento e não se pode ***mantê-lo*** *sem aumento do consumo global de energia. A principal fonte de energia hoje são os combustíveis fósseis e o maior vilão* ***dessa história*** *é a emissão de CO2 na atmosfera (embora não seja o único). Parece irreversível a tendência à* ***sua redução*** *pela adoção de novas e mais eficientes tecnologias e fontes de energia.*

Acabar drasticamente e de imediato com as emissões de CO2 e com a utilização de combustíveis fósseis não é possível. Por outro lado, adotar novas tecnologias que aumentem ou estimulem ainda mais o ***seu consumo****, nem pensar.*

O século XX viu a consolidação da Era do Petróleo, motor do desenvolvimento mundial desde o final do século XIX até hoje, no começo do século XXI. ***Esse ciclo*** *de predominância do petróleo deve ser aos poucos substituído por um predomínio do gás natural, (...)*

a) Em "mantê-lo", o pronome "-lo" retoma o antecedente "consumo".
b) A expressão "dessa história" retoma o antecedente "consumo global de energia".
c) Em "seu consumo", "seu" refere-se a "combustíveis fósseis".
d) Em "sua redução", "sua" refere-se a "industrialização".
e) A expressão "Esse ciclo" retoma o antecedente "começo do século XXI".

5. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

Energias renováveis limpas e naturais __1__ a energia eólica, a hidrelétrica, a solar, a de marés e correntes marítimas, e de gradientes de temperatura. __2__ fontes de energia crescem

cada vez mais rapidamente e __3__ que venham a contribuir de modo cada vez mais significativo na matriz energética mundial. Mas quase todos os estudiosos concordam que __4__ não deverão substituir inteiramente as fontes de energia atuais. __5__ importantes complementos. No momento, poucos entusiastas discordam.

a) são / Essas / espera-se / elas / Serão;
b) é / Tais / espera-lhe / essas / São;
c) tais como / Certas / esperá-lo / tais / Sejam;
d) quais sejam / Algumas / esperamos / algumas / Seriam;
e) seriam / Diversas / esperavam / certas / Foram.

6. (Cespe/UnB – MPU – Técnico Administrativo – 2010) O deslocamento do pronome "se" para imediatamente após a forma verbal "concretizar" – **não deverá concretizar-se** – não prejudicaria a correção gramatical do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

*Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam é de índices sobre macroeconomia, números abstratos que indicam a situação geral da economia, mas não revelam **o que** se passa em seu interior. (...)*

7. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) No texto acima, provoca-se erro gramatical ou incoerência na argumentação do texto ao retirar o pronome "o", do termo "o que"?

Texto 1

São Paulo, 18 novembro 1925.

Carlos,

Dá-se isto: ontem me apareceu um dos redatores da Noite do Rio aqui em casa e além de me pedir uma entrevista pra tal propôs o seguinte: a Noite organiza um Mês Modernista. Durante um mês todos os dias o jornal publicará um artiguete de meia coluna assinado por um modernista qualquer. O artiguete poderá ser crítica, fantasia, versos, o que a gente quiser. Pagam 50$ por artigo. Os escolhidos são: Manuel Bandeira e Prudente de Morais no Rio, eu e Sérgio Milliet em São Paulo, você e o Martins de Almeida em Minas. Me mande com absoluta urgência uma linha sobre isto falando que aceitam, pra eu dispor as coisas logo. Estou esperando. Ciao.

Mário

Texto 2

Belo Horizonte, 20 novembro 1925.

Mário,

Salve. Recebi hoje tua expressa fazendo o amável – e gostoso – convite para escrever umas besteiras na Noite. Aceito. O Martins de Almeida, avisado, também aceitou. Diga para quando é a joça, que estamos prontos. E desde já te agradeço o reclame e os cobres, pois estou certo que foi você que se lembrou do meu nome.

Depois escreverei mais longamente.

Um abraço forte do

Carlos

8. (Cespe/UnB – EBC – Gestor de Atividade Jornalística – 2011) Os dois textos diferem quanto à colocação dos pronomes átonos: no texto 1, a colocação é livre, alternando-se usos prescritos e não prescritos pela norma culta; no texto 2, a posição dos pronomes átonos está de acordo com a norma culta.
( ) CERTO
( ) ERRADO

9. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) A colocação pronominal em "caracteriza-se" (Essa revolução caracteriza-se simultaneamente por uma série...) indica a escolha dos autores por um registro mais formal de linguagem; o emprego desse pronome antes da forma verbal, além de caracterizar desrespeito às regras gramaticais do registro padrão da linguagem, representaria, no contexto, uso inadequado da linguagem, dado o caráter institucional do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

*(...) A ciência moderna **ensinou-nos** a rejeitar o senso comum conservador, o que em si é positivo, mas insuficiente. (...) O conhecimento-emancipação só **se constitui** como tal na medida em que se converte em senso comum. (...) O conhecimento-emancipação, ao **tornar-se** senso comum, não despreza o conhecimento que produz tecnologia, (...)*

10. (Cespe/UnB – CNPQ – Analista Ciência Tecnologia Jr. – 2011) Devido à estrutura sintática em que ocorrem, o emprego dos pronomes após o verbo em "ensinou-nos" e em "tornar-se" é obrigatório; por isso, a correção gramatical do texto seria prejudicada se esses pronomes fossem utilizados como em "se constitui".
( ) CERTO
( ) ERRADO

*(...) **Oscar** não acredita em Papai do Céu, **nem que estará** um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso. Põe **ele**, como um verdadeiro homem, a felicidade do seu semelhante no aproveitamento das pastagens verdes da Terra; no exemplo do trabalho para o bem comum e na criação de condições urbanas e rurais, em estreita intercorrência, **que estimulem e desenvolvam este nobre fim**: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver. (...)*

11. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) A elipse em "nem que estará" e o emprego do pronome anafórico "ele" são mecanismos de coesão utilizados para referenciar o substantivo "Oscar".
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) Dada a propriedade que assume o pronome "este" nos mecanismos coesivos empregados no trecho "que estimulem e desenvolvam este nobre fim", não é facultada a seguinte reescrita: *que estimulem este nobre fim e o desenvolvam.*
( ) CERTO

( ) ERRADO

O fato de que o homem vê o mundo por meio de sua cultura tem como consequência a propensão do homem a considerar o seu modo de vida como o mais correto e o mais natural. Tal tendência, denominada etnocentrismo, é responsável, em seus casos extremos, pela ocorrência de numerosos conflitos sociais. O ***etnocentrismo****, de fato, é um fenômeno universal. É comum a crença de que* ***sua*** *própria sociedade é o centro da humanidade, ou mesmo a* ***sua*** *única expressão. (...) Comportamentos etnocêntricos resultam também em apreciações negativas dos padrões culturais de povos diferentes. Práticas de outros sistemas culturais são catalogadas como absurdas, deprimentes e imorais.*

13. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Na organização textual, o pronome "**sua**" em ambas as ocorrências, retoma "etnocentrismo".
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

Cultura de paz, para mim, não é um objeto profissional, é um meio de vida. Aprendi muito cedo em casa, com a família, que a paz é a coisa mais importante do mundo. ***Sua cultura*** *tem base em tolerância e solidariedade.* ***Ela*** *respeita os direitos individuais, assegura e sustenta a liberdade de opinião e se empenha em prevenir conflitos...*

14. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) No desenvolvimento do texto, o pronome **"Ela"** remete a **"Sua cultura"**, que, por sua vez, refere-se à cultura de paz.

15. (FCC – TRT/MS (24R) – Técnico Judiciário – 2011) O emprego dos pronomes de tratamento está inteiramente correto na frase:
a) A Vossa Excelência, como Membro deste Tribunal, será encaminhado o processo em que devereis anexar vosso Parecer.
b) Esperamos que V. Sa, aceiteis o convite que ora lhe fazemos, e que nos honrará com vossa presença nesse evento.
c) V. Excia., Senhor Conselheiro deste Tribunal, deverá emitir a orientação a ser seguida por sua equipe de auxiliares.
d) Solicitamos a vós todos, nobres senhores Deputados, que vos unis a nós em defesa dos direitos estabelecidos pela Constituição.
e) É para vós, Vossa Senhoria, que dirigimos nossa solicitação, no sentido de nossa equipe ser recebida em vosso escritório.

16. (FCC – Infraero – Administrador – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado em:
a) O Príncipe é um símbolo reincidente, <u>a cujo</u> nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento.
b) A necessidade de bajular o poder é um vício <u>de que</u> muita gente da imprensa não consegue se esquivar.
c) A trama <u>com a qual</u> o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso.

d) Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão na qual decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve.
e) Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação em que irão depender todas as demais.

17. (FCC – TRE/PE – Técnico Judiciário – 2011) ... nem por isso deixa de cultuar Delacroix ...
Cézanne admira a maestria plástica de Rubens ...
... já encontramos a chave do enigma cézanneano.
A substituição dos elementos grifados nas frases acima pelos pronomes correspondentes, com os necessários ajustes, terá como resultado, respectivamente:
a) nem por isso deixa de cultuar-lhe / Cézanne a admira / já a encontramos;
b) nem por isso deixa de cultuá-lo / Cézanne lhe admira / já lhe encontramos;
c) nem por isso deixa de lhe cultuar / Cézanne a admira / já encontramos-na;
d) nem por isso deixa de a cultuar / Cézanne lhe admira / já lhe encontramos;
e) nem por isso deixa de cultuá-lo / Cézanne a admira / já a encontramos.

18. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:
a) Não deu certo o tal do método prático em cuja eficiência Paulo Honório chegou a acreditar.
b) Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada em que nenhum escritor pode abdicar.
c) Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal de que jamais toleraria.
d) Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas de cujo brilho ninguém superaria.
e) A linguagem com que Paulo Honório de fato aspirava era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas.

19. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) "o cérebro é uma orquestra sinfônica em que os instrumentos vão se modificando à medida que são tocados".
A expressão pronominal *em que*, grifada acima, preenche corretamente a lacuna da frase:
a) As questões ..... se preocupam os cientistas dizem respeito às alterações cerebrais devidas ao uso indiscriminado da internet.
b) É incalculável o número de informações, sobre os mais diversos temas, ... o cérebro humano é capaz de processar.
c) As hipóteses aventadas, ... se baseiam os especialistas, devem ainda ser comprovadas por exames acurados.
d) As implicações causadas pela onipresença da internet, ... está sujeito o cérebro humano, são objeto de preocupação de cientistas.
e) As informações ..... dispõem os usuários da comunicação eletrônica são múltiplas, embora sejam superficiais.

20. (FCC – BB – Escriturário – 2011) O segmento grifado que está sendo substituído de modo INCORRETO por um pronome, com as necessárias adaptações, é:
a) um recenseamento revelou a situação inédita = revelou-a;
b) milhares de pessoas trocavam as cidades do interior = trocavam-nas;

c) A tendência (...) definiu o Brasil do século XXI = lhe definiu;
d) era a que levava famílias inteiras do Nordeste = as levava;
e) que tem criado empregos = que os tem criado.

21. (FCC – Infraero – Auditor – 2011) A substituição do elemento grifado pelo pronome correspondente, com os necessários ajustes, foi realizada de modo INCORRETO em:
a) O tratamento que é dado aos temas = O tratamento que lhes é dado;
b) que circunscreve seus míticos personagens = que os circunscreve;
c) para começar a entender Guimarães Rosa = para começar a entendê-lo;
d) sua obra criou um âmbito próprio = sua obra criou-o;
e) Guimarães Rosa mantém seu estilo próprio = Guimarães Rosa lhe mantém.

22. (FCC – TRE/AP – Analista Judiciário – 2011) Considere as afirmações que seguem.
I. A sequência na política, na religião, na ciência, na arte, na imprensa, na literatura, na filosofia, até na cozinha constitui elenco de profissões que tiveram de se associar ao domínio da cultura para atingir a economia do estrelato.
II. Em *A própria literatura consagra escritores no mercado internacional, os quais negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema que prevalece nas indústrias do espetáculo*, a expressão em destaque foi obrigatoriamente empregada para evitar a ambiguidade que ocorreria se, em seu lugar, fosse usado o pronome "que".
III. Em A própria literatura consagra escritores no mercado internacional, os quais negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema que prevalece nas indústrias do espetáculo, o segmento destacado poderia ser substituído por "prevalecente", sem prejuízo do sentido e da correção originais.
O texto legitima:
a) I, somente;
b) II, somente;
c) III, somente;
d) I e III, somente;
e) I, II e III.

23. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) A reconstrução de um segmento do texto, com um diferente emprego pronominal, que mantém a correção e o sentido originais é:
a) o corvo, então, tentou virá-lo = O corvo, então, lhe tentou virar;
b) pegando-as uma a uma = pegando-lhes uma a uma;
c) não havia meio de alcançá-la = não havia como alcançar-lhe;
d) o jarro era pesado demais para ele = o jarro lhe era por demais pesado;
e) atirando-as dentro do jarro = atirando-lhes para dentro do jarro.

24. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:
a) A obsolescência e o anacronismo, atributos nos quais os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar com a expressão dez de setembro.
b) O estado de psicose, ao qual imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança em cuja radicalidade muitos recriminam.

c) A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo ao qual ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo no qual foram tomados tantos americanos.
d) Não é à descrença, sentimento com que nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é na esperança que queremos nos apegar.
e) Fatos como os de 11/9, com que ninguém espera se deparar, são também lições terríveis, de cujo significado não se deve esquecer.

25. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) A colocação do pronome átono destacado está **INCORRETA** em:
a) Quando **se** tem dúvida, é necessário refletir mais a respeito.
b) Tudo **se** disse e nada ficou acordado.
c) Disse que, por vezes, temos equivocado-**nos** nesse assunto.
d) Alguém **nos** informará o valor do prêmio.
e) Não devemos preocupar-**nos** tanto com ela.

O prazer da escrita

Escrever bem nunca deve ser encarado como uma obrigação. Ao menos, por dois motivos – imagino eu.

Em primeiro lugar, porque isso é uma necessidade da vida contemporânea.

Uma dissertação ruim num concurso público, um texto livre mal escrito numa seleção de emprego ou uma confusa carta de reclamação ao Procon podem fazer toda a diferença ***quando o que está em jogo é uma conquista de fato desejada por seu redator.***

Em segundo lugar, porque é um prazer a ser cultivado.

Um texto descuidado não chega a ser atestado de toda uma formação educacional frágil. ***Mas o é da forma como damos ênfase àquilo que fazemos*** *(como diria Drummond: "Que triste! Que triste são as coisas, consideradas sem ênfase."). Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas de escrita nos faça escrever melhor. Escrever, como ler, só será efetivamente um hábito qualificado se feito com prazer.*

É ao esculpir um texto que se percebe o quanto é insuficiente decorar regras de português ou macetes rápidos de construção retórica. Certamente, um bom texto denuncia o quanto a sério levamos o prazer de ler e escrever. ***O quanto a sério levamos tudo o que fazemos com efetiva entrega e delícia.***

Haverá, evidentemente, coordenadas a serem seguidas por um texto conceitual e argumentativo. Mas toda redação deve ser pensada como um processo de descobertas, um modo de articular o que se sabe para alcançar o que não necessariamente está dado desde o início.

Não se trata de padronizar o próprio texto, mas fazer aflorar o melhor de nosso raciocínio.

26. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) O termo em destaque funciona como um elemento de coesão referencial em relação ao termo entre colchetes em:
a) "Em primeiro lugar, porque **isso** é uma necessidade da vida contemporânea." [**obrigação**]
b) "... quando o que está em jogo é uma conquista de fato desejada por **seu** redator." [**bom texto**]
c) "Mas **o** é da forma como damos ênfase àquilo que fazemos." [**atestado**]
d) "O quanto a sério levamos **tudo** o que fazemos com efetiva entrega e delícia." [**regras de português**]

e) "Não se trata de padronizar o próprio texto, mas fazer aflorar **o** melhor do nosso raciocínio." [**texto**]

27. (FDC – CREMERJ – Administrador – 2011) "As drogas medicinais ou 'drogas da virtude', prescritas pelos físicos, odontólogos e médicos homeopatas ou alopatas eram manipuladas por boticários, que importavam remédios europeus e usavam produtos nativos em sua formulação."

No texto há um conjunto de elementos que se prendem a termos anteriores a fim de produzir coesão (ligações formais e semânticas) entre esses elementos. A indicação INCORRETA de um desses termos é:

a) o pronome possessivo *sua* tem como referente "remédios europeus";
b) o particípio *prescritas* refere-se às duas espécies de drogas mencionadas antes;
c) o conectivo *por* une a forma verbal *eram manipuladas* a seu agente;
d) a forma verbal *usavam* repete o mesmo sujeito de *importavam*;
e) o pronome relativo *que* refere-se a boticários.

28. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal de Atividades Urbanas – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Na construção "O que tais pessoas talvez nunca percebam", o pronome "tais" está empregado de modo informal, com significado de *brilhantes, grandiosas*.

29. (FUNIVERSA – SES/DF – Enfermeiro – 2011) Assinale a alternativa que apresenta reescrita correta de passagem do texto.

a) "Trata-se do único relato dessa natureza em toda biologia." (Trata-se do único relato dessa natureza em toda a biologia.);
b) "na sua cadeia genética" (em sua cadeia genética);
c) "por que ele iria suportar" (como ele iria suportar);
d) "mais população é resultado de mais consumo, o que significa mais devastação e mais lixo" (mais população, mais consumo, ou seja, mais devastação, mais lixo);
e) "suportar a dor das perdas prematuras a qual" (suportar a dor das perdas prematuras que).

30. (Cesgranrio – Petrobras – Analista de Sistemas Júnior – 2012) Aos trechos abaixo, retirados do texto, foram propostas alterações na colocação do pronome. Tal alteração está de acordo com a norma-padrão em:

a) "foram se fechando" – *foram fechando-se;*
b) "Pensa-se logo num palhaço" – *Se pensa logo num palhaço;*
c) "ninguém lhe esquece a tristeza" – *ninguém esquece-lhe a tristeza;*
d) "Trata-se na verdade" – *Se trata na verdade;*
e) "que quase se limita a olhar" – *que quase limita-se a olhar.*

31. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Está correto o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

a) A argumentação <u>na qual</u> se valeu o ministro baseava-se numa analogia <u>em cuja</u> pretendia confundir função técnica com função política.

b) As funções para cujo desempenho exige-se alta habilitação jamais caberão a quem se promova apenas pela aclamação do voto.
c) Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto do que a promoção pelo mérito onde nem todos confiam.
d) A má reputação de que se imputa ao "assembleísmo" é análoga àquela em que se reveste a "meritocracia".
e) A convicção de cuja não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo à natureza do caso.

32. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) *Mas isso não tem de ser assim.* (3º parágrafo: *Sem dúvida, não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos. Análise rasa baseada em uma ótica ultrapassada, na qual projetos hidrelétricos provocam necessariamente impactos ambientais irrecuperáveis e não compensáveis, sugere que esse duplo objetivo é inatingível.* ***Mas isso não tem de ser assim****. Projetos hidrelétricos, quando instalados em áreas habitadas, podem constituir-se em vetores do desenvolvimento regional. Quando instalados em áreas não habitadas podem constituir-se em vetores de preservação dos ambientes naturais.*)

O pronome grifado acima refere-se, considerado o contexto,
a) às dificuldades que impedem a expansão da hidreletricidade no Brasil.
b) aos múltiplos interesses contrários à manutenção da biodiversidade da região amazônica.
c) aos vetores de desenvolvimento regional, com geração de empregos.
d) à impossibilidade de aliar construção de hidrelétricas e preservação da Amazônia.
e) a uma possível preferência por fontes alternativas de geração de eletricidade.

Também certos latino-americanos, como o brasileiro Caio Prado Jr., o trindadense Eric Williams e o argentino Sérgio Bagu, haviam chamado a atenção para a vinculação, desde a colônia, ***da sua região*** *com o capitalismo mundial.*

33. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– No segmento *da sua região*, o pronome remete às regiões indicadas tanto pelos adjetivos pátrios específicos, quanto pelo adjetivo pátrio que reporta ao processo de colonização.

34. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I – 2012) (Adaptada) Em "*Mesmo assim, muitos duvidam que essa falência seja real. Essas pessoas costumam achar que aconteceu algum acidente e que agora o dever é restaurar a ordem antiga...*", o demonstrativo *Essas* remete ao substantivo que será definido posteriormente, pois não há menção anterior alguma que o pronome possa retomar?

35. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) *Isso talvez nos explique por que os gregos, estes que teriam inventado a democracia ocidental com seus valores, na verdade, legaram-nos apenas um valor fundamental: a suspeita de si.*

Considerada a frase anterior, em seu contexto, o ÚNICO comentário que o texto NÃO legitima é o seguinte:
a) *Isso* remete ao que se expõe anteriormente na frase iniciada por *Por isso*.

b) A forma verbal *explique* é exigida por estar presente no enunciado uma ideia de possibilidade, não de certeza.
c) Na construção adotada no enunciado, o emprego da próclise pronominal – "nos legaram" – é legítimo.
d) A forma verbal *teriam inventado* exprime um fato suposto.
e) Está em conformidade com o padrão culto escrito esta redação alternativa à do segmento destacado: "o motivo dos gregos legarem-nos apenas um valor fundamental".

36. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2012) A inadequação no emprego do pronome de tratamento em "Morro de medo de comparecer diante de um Juiz. Emeretíssimo, dá licença de eu fumar?" é sanada pela escritora no período "Obrigada, Vossa Eminência.", o que evidencia o deliberado desrespeito a padrões normativos da língua portuguesa.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – TC/DF – Auditor de Controle Externo – 2012) O pronome "o" (... o poder do rei passou a ser um tanto limitado pelos nobres, que o obrigaram a...) retoma, por coesão, a expressão "o poder do rei".
( ) CERTO
( ) ERRADO

*(...) Da governalidade aos atos cotidianos, o mundo da vida no qual ética e moral se cindiram há **muito** tempo transformou-se na sempre saqueável terra de ninguém. (...) A mesma polícia que combate o narcotráfico nas favelas das grandes cidades poderia ocupar o Congresso e **outros** espaços do governo **onde** a corrupção é a regra. (...) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação **qualquer** na contramão do dever, é porque no sistema da corrupção o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.*

38. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale a palavra que, no texto, NÃO exerça papel pronominal.
a) onde.
b) muito.
c) qualquer.
d) outros.

39. (Vunesp – Pref. São José dos Campos/SP – Analista em Gestão Municipal – 2012) Na frase – Os suspeitos são os de sempre... – a palavra em destaque tem o mesmo emprego que se verifica na palavra destacada em:
a) Os carros estavam em alta velocidade, quando policiais **os** interceptaram.
b) **Quem** poderia fazer o favor de me encomendar o novo dicionário?
c) Alguns funcionários perguntaram se **os** salários atrasariam naquele mês.
d) Todos os alunos fizeram a prova, mas só **alguns** assinaram a presença.
e) **Aqueles** que precisavam de mais informações foram auxiliados.

40. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Para preservar a coerência e a correção gramatical do texto, assinale a opção que corresponde ao termo a que se refere o elemento coesivo constituído pelo pronome "-la".

A **reciprocidade** de tratamento é tradicional princípio da **liturgia** diplomática. Esse pressuposto consagrado na relação entre as nações – econômicas e migratórias, entre outras – é determinante para estimular o equilíbrio e afastar a **tensão** na **convivência** entre os países, colaborando para mantê-**la** em desejável harmonia. É **hipocrisia**, por exemplo, cobrar de uma parceria obediência a normas de bom trato (ou de acolhimento) se o outro lado da fronteira não é contemplado com o respeito ao protocolo da civilidade.

a) "convivência".
b) "liturgia".
c) "reciprocidade".
d) "tensão".
e) "hipocrisia".

41. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

*A fraqueza da produção manufatureira, nos últimos meses e anos, aqueceu o debate sobre o risco de desindustrialização no Brasil. No ano passado, **seu** crescimento foi de apenas 0,3%, uma ninharia em comparação com a alta de 6,7% no varejo. (...)*

– O pronome "seu" retoma o antecedente "produção manufatureira".

Fragmento de texto

(...) A igualdade e a dignidade humana que uma sociedade pode produzir referem-se à possibilidade de **o cidadão** ter condições materiais e subjetivas à **sua** disposição, para que, atendidas **suas** necessidades básicas e diárias de bem-estar, **ele se** ocupe com questões outras que a sobrevivência. (...)

No entanto, a Finlândia tornou-se uma **sociedade tão igualitária** quanto apática. Pouco criativa, reproduz o mundo com extrema facilidade, mas **tem limitada capacidade transformadora**. A maioria de seus educados cidadãos são **seres** pouquíssimo críticos: questionam pouco a vida **que** levam e são fisicamente contidos. E **isso** não parece ter forte relação com o frio. É um acomodamento social, um respeito quase inexorável pelas regras. **Esse resultado** não foi causado, é evidente, pelo formato social igualitário. Em outros termos, não foi a igualdade que deixou o país apático. Ademais, sociedades desiguais podem ser tão ou mais acríticas e reprodutoras. O ponto que nos intriga é que a igualdade, o respeito e a dignidade dados a **todos** não levaram à autonomia, ao pensamento criativo e crítico, e a processos transformadores.

42. (Esaf – MI-CENAD – Engenheiro de Telecomunicações – 2012) Na organização das relações de coesão e coerência do texto,

a) O pronome "todos" retoma e sintetiza os termos da enumeração "a igualdade, o respeito e a dignidade".
b) a expressão "tem limitada capacidade transformadora" retoma, com outras palavras, a ideia de "reproduz o mundo com extrema facilidade".
c) o substantivo "seres" e o pronome "que" retomam a expressão "seus educados cidadãos".

d) a expressão "Esse resultado" retoma a ideia de "sociedade tão igualitária", já sintetizada em "isso".
e) os pronomes "sua", "suas", "ele" e "se" referem-se a "o cidadão".

43. (CEPERJ – ITERJ/RJ – Analista de Gestão Organizacional – 2012) "Antes de analisarmos as disposições da legislação brasileira sobre esse assunto, impõe-se, inicialmente, uma breve análise das diferentes questões sociopolíticas relativas à legalização do solo."

No fragmento acima reproduzido, o emprego da 1ª pessoa do plural tem o papel de:

a) designar um sujeito coletivo que se responsabiliza pelo que foi dito.
b) incluir enunciador e leitor, para aproximá-los.
c) evitar a 1ª pessoa do singular como estratégia de polidez.
d) marcar um sujeito institucional, representado pela universidade.
e) indicar um enunciador coletivo, mas difuso e amplificado.

Um conjunto recente de pesquisas na área da neurociência sugere uma reflexão acerca dos efeitos devastadores do computador sobre a tradição da escrita em papel. Por meio da observação do cérebro de crianças e adultos, verificou-se de forma bastante clara que a escrita de próprio punho provoca, na região dedicada ao processamento das informações armazenadas na memória, uma atividade significativamente mais intensa do que a da digitação, o que tem conexão direta com a elaboração e a expressão de ideias. (...)

44. (FCC – TRE/PR – Técnico Judiciário – 2012) ***... o que tem conexão direta com a elaboração e a expressão de ideias.***

No contexto, o pronome grifado acima substitui, especificamente:

a) um conjunto recente de pesquisas na área da neurociência;
b) uma reflexão acerca dos efeitos devastadores do computador;
c) a tradição da escrita em papel;
d) a observação do cérebro de crianças e adultos;
e) a escrita de próprio punho provoca (...) uma atividade significativamente mais intensa do que a da digitação.

45. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) Nos fragmentos abaixo, extraídos do texto, a colocação pronominal foi alterada. Assinale a única alternativa correta.

a) Ou que voltaram-se todos para o passado...
b) Maior do que esperaria-se...
c) Tradição é o que cultua-se por todos os lados...
d) E seguiu-se a manifestações antiformalistas...
e) Não trata-se de um tradicionalismo conservador...

46. (FUMARC – TJ/MG – Oficial Judiciário – 2012) Assinale a CORRETA correspondência entre o termo em negrito e o substantivo a que ele se refere:

a) "(...) tamanhos avanços tecnológicos provocam o distanciamento dos jovens em vez de aproximá-**los**..." § 6 (jovens).
b) "nos colégios e clubes, mesmo após meses de convívio, **eles** têm dificuldade de se aproximar dos colegas". § 6 (pais).

c) "(...) **são** incapazes de descobrir a viagem mágica no mergulho da boa leitura..." § 7 (colegas).
d) "Aí, certamente, haverá prazer de ler Machado de Assis, Ignácio de Loyola Brandão, Marina Colasanti, Adélia Prado, Nélida Piñon e muitos **outros**". § 9 (contos).

47. (FUMARC – TJ/MG – Técnico Judiciário – 2012) O elemento de ligação MAIS adequado para reunir, na mesma sequência, os pensamentos, é:
I. O nome da cidade é Nadópolis.
II. A população da cidade a respeita muito.
a) onde;
b) que;
c) cuja;
d) quanto.

48. (AOCP – BRDE – Assistente Administrativo – 2012) Com base no texto, julgue os itens a seguir.
I. O fragmento "minhas duas filhas estão se preparando" pode ser substituído por "estão preparando-se".
II. O fragmento "que se tratava de transposições" pode ser substituído por "se tratavam".
III. O fragmento "Não vou me deter" pode ser substituído por "Não deter-me-ei".
IV. A próclise, em "Aí tudo se torna" e "Já me deparei", ocorre devido à presença de expressões indefinidas.
Está(ão) correta(s):
a) apenas I;
b) apenas III;
c) apenas I e II;
d) apenas II e IV;
e) apenas II, III e IV.

"(...) Só duas loiras, parecidas entre si, estão por lá. São grandes as chances de o rapaz se interessar por uma das loiras, porque é mais fácil para o cérebro compará-las do que comparar dezenas de morenas

49. (PaqTcPB – UEPB – Técnico em Informática – 2012) Em "porque é mais fácil para o cérebro compará-las", o termo -las refere-se a:
a) uma das loiras;
b) uma loira e uma morena;
c) duas loiras;
d) dezenas de morenas;
e) uma das morenas.

50. (CEPERJ – Procon/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) "a sua fiel e querida boneca, que você não vê há três meses" No exemplo acima, o vocábulo "que" substitui um termo antecedente ("boneca") e é classificado, por isso, como pronome relativo.
Outro exemplo no qual o vocábulo "que" funciona como pronome relativo está em:
a) "Sei que você sente muitas saudades";
b) "Aposto que você nem sabia";

c) "eletrodomésticos que não funcionavam";
d) "ninguém mais fraco do que nós";
e) "Não deveríamos aguardar resignadamente que decidissem".

51. (CEPERJ – Procon/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) A substituição da expressão grifada por um pronome pessoal está corretamente realizada em:

a) assina esta coluna – assina-lhe;
b) formamos um grande grupo – formamo-nos;
c) vamos tomar o poder – vamos tomá-lo;
d) mudar o mundo – mudar-se;
e) preparando a revolução – preparando-na.

52. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) O restaurante Reis, ... o poeta era assíduo frequentador, ficava no velho centro do Rio.

Preenche corretamente a lacuna da frase acima:

a) o qual;
b) no qual;
c) de que;
d) de cujo;
e) em que.

Gabarito

1. II.	12. CERTO.	23. D.	34. Errado.	45. D.
2. INCORRETO.	13. ERRADO.	24. E.	35. E.	46. A.
3. A.	14. CERTO.	25. C.	36. ERRADO.	47. C.
4. C.	15. C.	26. C.	37. ERRADO.	48. A.
5. A.	16. B.	27. B.	38. C.	49. C.
6. CERTO.	17. E.	28. INCORRETO.	39. E.	50. C.
7. ERRO GRAMATICAL.	18. A.	29. B.	40. A.	51. C.
8. CERTO.	19. C.	30. A.	41. CORRETO.	52. C.
9. ERRADO.	20. C.	31. B.	42. E.	
10. ERRADO.	21. E.	32. D.	43. C.	
11. CERTO.	22. C.	33. CORRETO.	44. E.	

Capítulo 12
Verbo

Definição

Chegou a hora da verdade! Este capítulo me deu um trabalho danado... e tenho certeza de que você terá um trabalho maior ainda para internalizar as informações sobre este assunto. No entanto, *relax!* Antes das mais de 70 questões de verbos (!!!), eu digo para você o que realmente vale a pena saber para o dia da prova, beleza? Só estude *tudão*, a fundo, se dispuser de tempo, senão **caia dentro dos assuntos que mais aparecem nas provas** (veja isto no tópico "O que cai mais na prova?", ao fim deste capítulo).

Do ponto de vista semântico, o verbo normalmente indica uma ação ou um processo, mas pode indicar estado, mudança de estado ou fenômeno natural – *sempre* dentro de uma perspectiva temporal. Pode indicar também a noção de existência, volição (desejo), necessidade, etc. Veja alguns exemplos:

– *O aluno* ***estudou*** *muito.* (ação/passado)
– *A aluna* ***está*** *feliz.* (estado/presente)
– *A aluna* ***virou*** *professora.* (mudança de estado/passado)
– *Amanhã* ***choverá*** *muito na cidade do Rio de Janeiro.* (fenômeno natural/futuro)
– ***Há*** *dois amores na minha vida.* (existência/presente)
– ***Queria*** *o Pestana ao meu lado no dia da prova.* (volição/passado)
– ***Precisarei*** *de sua ajuda no próximo capítulo.* (necessidade/futuro)

Obs.: Frisei acima a "perspectiva temporal", porque substantivos (e adjetivos) podem indicar ação, estado, fenômeno natural etc.: *plantação* (ato de

plantar), *morte* (estado), *chuva* (fenômeno natural), *satisfeito* (estado). Essas palavras não podem ser verbos, pois **não indicam tempo em si mesmas**, tampouco podem ser conjugadas, é claro, ok?

Do ponto de vista morfológico, o verbo varia em **modo, tempo, número e pessoa**, segundo a gramática tradicional; normalmente, **voz** e **aspecto** são conceitos analisados em separado. As quatro primeiras flexões combinadas formam o que chamamos de **conjugação verbal**, ou seja, para atender às necessidades dos falantes, o verbo muda de forma à medida que variamos a ideia de **modo, tempo, número e pessoa**.

Sabemos que um verbo varia quando ele "sai" de sua forma nominal infinitiva (terminada em **-ar** (amar), **-er** (vender), **-ir** (partir)). Falarei minuciosamente de cada tópico da variação verbal daqui a pouco.

Do ponto de vista sintático, o verbo tem um papel importantíssimo dentro da frase; sem ele (explícito ou implícito) não há orações na língua portuguesa, pois o verbo é o núcleo do predicado – percebeu que eu usei vários verbos para dizer o que eu acabei de dizer? O único caso em que o verbo não é o núcleo do predicado, segundo a gramática tradicional, é quando há predicado nominal, mas mesmo assim ele está presente. Fique tranquilo, pois falarei bem disso.

Pois bem... para entendermos todas as definições de verbo, vamos analisar esta frase:

Toda vez que eu penso em você, sinto uma coisa diferente.

Note que os vocábulos ***penso*** e ***sinto***

1) **indicam** uma ideia de **ação** e **percepção (sensação ou experimentação)**;
2) **variaram** em modo, tempo, número, pessoa "saindo" de sua forma nominal (*pens<u>ar</u>* e *sent<u>ir</u>*); ambos os verbos estão na primeira **pessoa** do **singular** do **presente** do **indicativo**.
3) **funcionam** como **núcleo** do predicado verbal, como núcleo das orações.

Obs.: Note que, sem os verbos, nada faz sentido, porque a estrutura sintática fica comprometida, não refletindo o uso adequado da língua: *Toda vez que eu ( ) em você, ( ) uma coisa diferente. (???)*

Existem mais de 11.000 verbos na língua, segundo nos informa o gramático Cegalla. Mas antes que você se desespere pensando que vai ter de saber tudo sobre eles, saiba que, em conjugação verbal, só alguns verbos são re-al-men-te importantes na sua vida de concurseiro. *Ufa!*

Não reclama, não! São estes os frequentes em concursos: ***ser, ir, vir* (e derivados)**, ***ver* (e derivados)**, ***pôr* (e derivados)**, ***ter* (e derivados)**, ***caber, valer, adequar, haver, reaver, precaver-se, requerer, prover, viger, preterir, eleger, impugnar, trazer, os terminados em* -ear, -iar (Lembra-se do MARIO?), -uar etc**. Fique em paz mental! Mas não deixe de conjugá-los todo santo dia, pois caem em prova direto!

Identificação

O **verbo** é uma palavra que termina em **-ar** (levantar), **-er** (beber), **-ir** (cair) e que pode ser conjugada, normalmente por meio de pronomes pessoais retos (*eu levanto, tu levantas, ele levanta, nós levantamos, vós levantais, eles levantam... eu bebi, tu bebeste, ele bebeu, nós bebemos, vós bebestes, eles beberam... eu cairei, tu cairás, ele cairá, nós cairemos, vós caireis, eles cairão...*).

Pela forma, é possível identificar um verbo numa frase, desde que você conheça as terminações verbais, ou desinências verbais – já vistas no capítulo de *Estrutura das Palavras*. Lembra? Veja:

– *Nós* ***insistiremos*** *nessa questão, porque* ***cremos*** *em nosso ponto de vista.* (**re**: desinência modo-temporal; **mos**: desinência número-pessoal; ambos na voz ativa)

Insistir e **crer** são identificados como verbos, pois, formalmente falando, podem ser conjugados. Lembre-se de que conjugação é a flexão do verbo em modo, tempo, número, pessoa (e, para alguns gramáticos, voz).

Podemos identificar tais palavras como verbos, pois, como já se disse, não existe oração sem verbo. O verbo é o núcleo de uma oração. Sem ele, não há oração. Sem ele, a frase não tem sentido: *Nós nessa questão, porque em nosso ponto de vista (????!!!)*. Percebeu que o verbo é essencial para a construção do sentido?

Pois bem... vale a pena dizer também que o verbo é uma palavra que exprime um fato dentro do tempo, logo notamos a ideia de futuro e de presente, respectivamente, nos verbos do exemplo.

Obs.: A única forma verbal que não apresenta noção temporal é a forma nominal infinitiva (falar, crer, insistir). Por exemplo: *Ser, estar e ficar são comumente verbos de ligação.* Note que as palavras *ser, estar* e *ficar* servem para nomear um verbo, logo não indicam tempo, pois são verdadeiros substantivos nesse contexto. Se houver algum determinante antes de tais formas, novamente serão substantivos: *O Ser, o estar e o ficar são comumente verbos de ligação.* Não confunda verbo com substantivo, pois o infinitivo pode realmente ser um verbo no contexto: *Estudo para passar na prova.* Note que *passar* indica ação, mas a noção de tempo é atemporal. Falarei melhor disso em *Formas Nominais do Verbo*, ainda neste capítulo. Relaxe!

E se você acha que identificar um verbo é *mole*, não subestime a conjugação de alguns verbos, assunto que cai muito em prova (na FCC, então, nem se fala!).

Em sala de aula, eu sempre digo aos meus alunos assim: "Vem cá! Quer dizer que *geral* aqui é *safo* em verbo, não é? Então, *beleza*. Já que você é bom, qual frase a seguir apresenta conjugação correta?".

Aí os alunos *piram*, porque já sabem que lá vem história... Coloco no quadro as seguintes frases, normalmente:

1) As crianças ***se entreteram*** durante bom tempo no parque.
2) Depois que o assessor ***interviu***, os políticos ficaram tranquilos.
3) Quando nós ***propormos*** uma sugestão, aceite-a.
4) Sempre ***se precavenha*** de maus negócios.

Depois de cada um *chutar* uma conjugação, eu digo: "Ih... estão por fora! Sabe qual é a única conjugação correta? Ne-nhu-ma!". A gargalhada corre solta...

"É isso mesmo! Quer saber a conjugação correta destes verbos? Veja!"

1) As crianças ***se entretiveram*** durante bom tempo no parque.
2) Depois que o assessor ***interveio***, os políticos ficaram tranquilos.

3) Quando nós ***propusermos*** uma sugestão, aceite-a.
4) Sempre ***se resguarde*** de maus negócios.

Sobre 1: O verbo ***entreter*** é derivado do verbo ***ter***, logo se conjuga como o verbo ***ter***.

Sobre 2: O verbo ***intervir*** é derivado do verbo ***vir***, logo se conjuga como o verbo ***vir***.

Sobre 3: O verbo ***propor*** é derivado do verbo ***pôr***, logo se conjuga como o verbo ***pôr***.

Sobre 4: O verbo ***precaver*** não se conjuga no presente do subjuntivo, logo usei um sinônimo.

"É, meu camarada, o buraco é mais embaixo!" A partir disso, todos *baixam a bola* e começamos a aprender mais sobre verbos, com a devida seriedade.

Conjugação verbal é algo muito cobrado em prova de concurso! Muito! Não vacile!

Flexões dos Verbos

Em *Emprego de Tempos e Modos Verbais* e *Voz Verbal*, pretendo esmiuçar ainda mais o que significa **modo, tempo, número e pessoa**, mas neste primeiro momento preciso que você entenda *de leve* tais conceitos. Esta abordagem inicial, não tão profunda, vai fazer você entender mais sobre as variações (ou flexões) verbais, de modo que os conhecimentos seguintes servirão de complemento ao que já foi visto paulatinamente por você. Resultado: você não vai perder o fio de raciocínio, não vai ficar "viajando na maionese". Relaxe, que vai dar tudo certo. Vamos lá, então...

Modo

É a maneira, a forma como o verbo se apresenta na frase para indicar uma atitude da pessoa que o usou.

Por exemplo, se você come um hambúrguer e gosta, você exclama: "Nossa! Como isso aqui ***está*** gostoso!". Percebe que o verbo *estar* se encontra em uma determinada forma, indicando **certeza, afirmação, convicção, constatação**? Então, dizemos que este "modo" como o verbo se apresenta indica que o falante põe certeza, verdade no que diz, certo? Este é o famoso modo **INDICATIVO**, o modo da certeza, do fato, da verdade!

Agora, em uma cena parecida, você vê uma pessoa comendo com vontade e diz: "Espero que ***esteja*** gostoso mesmo.". Percebe que a forma, o modo, a maneira como o verbo se apresenta mudou em relação ao do indicativo? Por que mudou? Para expressar outra ideia que o falante quer passar, a saber: **dúvida, suposição, incerteza, possibilidade**. Este é o igualmente famoso modo **SUBJUNTIVO**, o modo da subjetividade, da incerteza, da dúvida, da hipótese!

"***Coma*** este hambúrguer, você não vai querer outro." Note que, nessa frase, o verbo pode indicar **sugestão, ordem, pedido,**... dependendo do tom como ele é pronunciado. Um simples "Passe o sal." pode ser dito em tom de pedido, se o casal estiver no início do relacionamento, mas... se estiver casado há muitos anos... ih... a **ordem** é o expediente... Estou brincando, afinal, eu sou casado, e minha mulher me ama de paixão. Voltando à realidade... Dizemos que tal verbo se encontra no modo **IMPERATIVO**, o modo da **ordem, do pedido, da sugestão, da exortação, da advertência, da súplica**... tudo dependerá do tom! Falarei mais sobre a formação do imperativo à frente.

Tempo

O tempo indica o momento em que se dá o fato **expresso pelo verbo**.

Os seres humanos, em geral, entendem o tempo físico numa linha corrente, e é a partir disso que formulam suas frases, situando no tempo seu discurso. Nós – que estamos sempre no tempo presente da **linha do tempo REAL** – podemos, pela **linha do tempo do DISCURSO**, voltar ao passado ou viajar ao futuro. "Como fazemos isso, Pestana?" Por meio dos verbos, ora bolas! Isso é fantástico... podemos planejar o futuro, transportando-nos para ele pela imaginação e pelos verbos, se quisermos verbalizar nossos pensamentos: "Amanhã *farei* isso, daqui a 30 anos *estarei* assim, assado...". Podemos voltar ao passado: "Meu Deus, como eu *era* bonita na década de 70!".

——————————/	——————————/	——————————/	→
PASSADO	***PRESENTE***	***FUTURO***	

Entendendo melhor...

Você está lendo agora este texto, certo? Aí, chega alguém até você e começa a atrapalhar sua leitura, daí você diz: "Você não viu que eu ***estava*** lendo?", como quem diz: "Volte para lá, seu chato!". Percebeu que o verbo usado por você ficou no passado? Por quê? Pois você, no **presente real**, retornou, **por meio do discurso**, ao passado, ou seja, àquilo que você estava fazendo antes de o idiota interromper seu estudo.

Logo, as noções de passado, presente e futuro norteiam nossa vida, não só no tempo cronológico, real, físico, mas também no **tempo do discurso**. Isso é muito importante! Você entenderá isso melhor mais à frente! Percebeu que eu usei o verbo no futuro (*entenderá*)?

Como já dito, existem três tempos no modo indicativo (presente, passado e futuro), mas só o passado e o futuro apresentam subdivisões: **passado** (pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito), **futuro** (do presente e do pretérito). No subjuntivo, são três: **presente**, **pretérito imperfeito** e **futuro**. Explanarei em detalhes tudo isso mais à frente, em *Emprego de Tempos e Modos Verbais*. Segure aí...

Número

Este é fácil: singular e plural. *Eu amo*, mas *nós ama**mos***; *tu amas*, mas *vós ama**is***; *ele ama*, mas *eles ama**m***. Molezinha!

Pessoa

Fácil também: **1ª** pessoa (***eu*** *amei,* ***nós*** *amamos*); **2ª** pessoa (***tu*** *amaste,* ***vós*** *amastes*); **3ª** pessoa (***ele*** *amou,* ***eles*** *amaram*).

Estrutura Verbal

Esta explanação é um *déjà vu* importante de *Estrutura das Palavras*.

Na conjugação de um verbo, normalmente ocorre a combinação de alguns elementos, conhecidos como: **radical, vogal temática (VT), tema, desinência modo-temporal (DMT) e desinência número-pessoal (DNP)**.

É importante dizer que esses elementos verbais podem sofrer algumas mudanças na forma, chamadas tecnicamente de "alomorfias"; lembra? Fique ligado nisso quando eu apresentar os exemplos a seguir.

Radical

O **radical** é a base do verbo, cujo sentido está nele embutido. Sem este morfema, o verbo não existe.

– *Não **posso** **deixar** que isso **ocorra**.*

Note que **poss-**, **deix-** e **ocorr-** são os radicais dos verbos ***poder***, ***deixar*** e ***ocorrer***. Deles, só o radical de poder (**pod-**) sofreu modificação (**poss-**), chamada de **alomorfia**. Isso se dá por uma questão de **eufonia** (bom som da língua). Saiba que a maioria dos verbos não sofre alomorfia no radical, mas, como são muitos, há os que sofrem (os irregulares). Falarei sobre isso à frente. Respire fundo...

Obs.: Importante saber sobre **radical**:
Formas rizotônicas: sílaba tônica do verbo se localiza **dentro** do radical: *Eu **amo** muito minha esposa.*
Formas arrizotônicas: a sílaba tônica do verbo se localiza **fora** do radical: *Eu **ama**va muito minha esposa.*

Vogal Temática

A **vogal temática** vem imediatamente após o radical por motivo eufônico (boa pronúncia) e/ou para ligá-lo às desinências, formando o **tema**. Veja agora algumas informações importantes sobre VTs verbais.

É uma vogal que vem após o radical, formando o tema e permitindo uma boa pronúncia do verbo; indica como vai ser o modelo (paradigma) das conjugações (1ª conjugação: **-a** / 2ª conjugação: **-e** / 3ª conjugação: **-i**).

É bom dizer que não há VT na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e em nenhuma flexão do presente do subjuntivo (em "Eu am**o.**", o **-o** é DNP; em "Espero que ele volt**e.**" ou "Espero que ele beb**a.**", o **-e** e o **-a** são DMTs). Reveja o quadro de DMTs e DNPs.

Vejamos as VTs verbais:

am**a**r: Eu am**e**i, tu am**a**ste, ele am**o**u, nós am**a**mos, vós am**a**stes, eles am**a**ram. (pretérito perfeito do indicativo)

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 1ª e na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-a**.

com**e**r: Eu com**i**a, tu com**i**as, ele com**i**a, nós com**í**amos, vós com**í**eis, eles com**i**am (pretérito imperfeito do indicativo) / Eu havia com**i**do. (particípio)

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia em toda a conjugação do pretérito imperfeito do indicativo e no particípio. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-e**.

PART**I**R: Eu part**o**, tu part**e**s, ele part**e**, nós part**i**mos, vós part**i**s, eles part**e**m. (presente do indicativo)

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 2ª pessoa do singular e na 3ª do singular e do plural do presente do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-i**.

O verbo **pôr** e seus derivados são de 2ª conjugação, ou seja, vogal temática **-e**, uma vez que ***pôr*** vem do latim ***poer*** (a vogal temática aparece logo na 2ª pessoa do singular do presente do indicativo: eu ponho, tu põ**e**s, ele põ**e**...).

Desinências Verbais

Existem as **desinências modo-temporais** (DMTs) e as **desinências número-pessoais** (DNPs).

As DMTs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de **certeza, fato** (modo indicativo) e **incerteza, hipótese** (modo subjuntivo), tempo **passado** (pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito), **presente** e **futuro** (do presente e do pretérito).

Como você vai ver na tabela a seguir, além de não haver DMTs em todos os tempos e modos, algumas desinências alomórficas do modo indicativo estão entre parênteses.

Tempo	Modo Indicativo	Modo Subjuntivo	Formas Nominais
presente (1ª conj.)	—	**e**	**infinitivo**
presente (2ª e 3ª conj.)	—	**a**	**r**[2]
perfeito	—	—	
imperfeito (1ª conj.)	**va** (ve)	**sse**	**gerúndio**
imperfeito (2ª e 3ª conj.)	**a** (e)	**sse**	**ndo**
mais-que-perfeito	**ra** (re) (átono)	—	
futuro do presente	**ra** (re) (tônico)	—	**particípio**
futuro do pretérito	**ria** (rie)	—	(a/i)**do**[1]

futuro do subjuntivo			**r²**
*As DMts dos verbos no modo imperativo são iguais às do subjuntivo (**e/a**), aparecendo na 3ª pessoa do singular, na 1ª pessoa do plural e na 3ª pessoa do plural.*			

Obs.: ¹ Para muitos gramáticos, o **a** e o **i** do particípio são vogais temáticas; a desinência de particípio (**-do**) pode sofrer alomorfia, dependendo do verbo (exemplo: pôr > pos**to**; imprimir > impre**sso**).

² Não confunda verbo no infinitivo com futuro do subjuntivo, só porque a terminação é igual: Para eu **vencer**, preciso de você. / Enquanto eu **vencer**, precisarei de você. O verbo no futuro do subjuntivo vem antecedido de conjunção, normalmente, e o verbo no infinitivo vem antecedido de preposição, normalmente. Esse é o termômetro para a distinção.

As DNPs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de quantidade (número) e emissor (1ª pessoa), receptor (2ª pessoa), referente (3ª pessoa). Vêm após as DMTs. Não há DNPs em todos os tempos e modos. Vejamos:

Tempo	Singular	Plural
presente do indicativo	1ª p.: **o** / 2ª p.: **s**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **is** / 3ª p.: **m**
pretérito perfeito do indicativo	1ª p.: **i** / 2ª p.: **ste** / 3ª p.: **u**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **stes** / 3ª p.: **ram**
futuro do presente do indicativo	1ª p.: **i** / 2ª p.: **s**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **is** / 3ª p.: **o**

futuro do subjuntivo e infinitivo flexionado	2ª p.: **es**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **des** / 3ª p.: **em**
imperativo afirmativo	—	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **i**, **de**

Obs.: Os tempos que aqui não foram mencionados (pretérito imperfeito, mais-que-perfeito, futuro do pretérito, presente do subjuntivo e pretérito imperfeito do subjuntivo) seguem um modelo (paradigma) de desinências, que é: 2ª pessoa do singular: **-s**, 1ª pessoa do plural: **-mos**, 2ª pessoa do plural: **-is** e 3ª pessoa do plural: **-m**. Um detalhe importante: alguns estudiosos chamam (adequadamente, diga-se de passagem!) as DNPs do pretérito perfeito do indicativo de "cumulativas", pois elas acumulam a função de marcar não só o número e a pessoa mas também o modo e o tempo, como se fossem DMTs. Eu falei "como se fossem".

Se você dominar esse conhecimento da estrutura dos verbos, conjugação verbal deixará de ser problema para você. Veja você mesmo:

FCC – TRE/CE – Analista Judiciário – 2012

... e ele pretendia fazer o terceiro filme seguido lá...

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:

a) *Houve um tempo em que eu...*
b) *... o sucesso crítico e financeiro de Match Point deu origem a outras possibilidades.*
c) *... mas você gostaria de fazer alguma observação?*
d) *... estava ligado em comédia...*
e) *Mas não sinto mais a mesma coisa.*

Comentário: O gabarito é a letra d) porque *pretendia* e *estava* estão no pretérito imperfeito do indicativo. Isso fica visível com as DMTs "**a**" (em *pretendia*) e "**va**" (em *estava*). Sobre as demais: a) não há DNP na 1ª pessoa do verbo haver (bem-vindo às exceções), está no pretérito perfeito do indicativo; b) pretérito perfeito do indicativo, fica claro pela DNP "**u**"; c) "**ria**" é a DMT do futuro do pretérito do indicativo; e) "**o**" é DNP de 1ª p. s. do presente do indicativo.

Fica a dica, hein!

Locução Verbal

Também chamada de **perífrase verbal**, a **locução verbal** é um grupo de verbos que tem uma só unidade de sentido, como se fosse um só verbo. É por isso que é contada como uma só oração na análise sintática.

Formada por **verbo auxiliar + verbo principal** (sempre no gerúndio, no infinitivo ou no particípio), a locução verbal representa uma só oração dentro da frase. Não se esqueça disto!

Outra coisa: para que você reconheça uma locução verbal, note que os verbos têm de se referir ao mesmo sujeito. Por exemplo, em "Vou estudar", quem vai? Eu. Quem estudará? Eu. Logo, se ambos os verbos se referem ao mesmo sujeito, estamos diante de uma locução verbal. Falarei sobre isso no quadro maior à frente, inclusive sobre as falsas locuções verbais. Leia com carinho.

"Pest, mas por que *auxiliar* e *principal*?"

Um verbo é chamado de **auxiliar** por um motivo óbvio: ele colabora (auxilia/ajuda) com a formação de uma locução verbal, concordando em número e pessoa com o sujeito. Só ele varia com o sujeito, o **principal** nunca varia! É interessante dizer que os verbos **auxiliares carregam aspectos ou durações diversas no processo verbal ampliando o sentido do verbo principal** e, reitero: sempre se flexionam com o sujeito, concordando em número e pessoa com ele.

O verbo da locução verbal chamado **principal** é aquele que carrega consigo o significado principal da locução e a noção de predicação verbal (verbo de ligação, intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto, transitivo direto e indireto; já ouviu falar nisso?).

Conheça agora os principais **auxiliares**, que formam locuções verbais:

Auxiliares de voz: formam a voz passiva (*ser, estar, ficar, viver, andar, ir, vir* + **particípio**). Muito importante saber isso!

– ***Fomos vistos*** *por ela.*
– ***Estive vencido*** *pelo cansaço, mas agora é diferente.*
– *O mestre* ***ficou rodeado*** *de alunos.*
– *Josete e Albertina* ***vivem cercadas*** *de estudantes.*
– *Toda a vizinhança* ***anda aterrorizada*** *pelos assaltantes.*
– *O preso* ***ia escoltado*** *pelos guardas.*
– *O carro* ***vinha pilotado*** *por um profissional.*

Obs.: São raras as locuções verbais que se iniciam por outros verbos (que não o ***ser***) para indicar a voz passiva. Quase sempre, portanto, uma locução verbal de voz passiva vem construída assim: ***ser* + particípio** (*O problema **será resolvido** logo.*). É bom dizer que o verbo principal no particípio concorda em gênero e número com o sujeito. Atente para isso!

Auxiliares de tempo composto: formam o tempo composto dos verbos (***ter/haver* + particípio**; locução muito exigida em provas de concurso público!). Falarei melhor disso à frente.

– *Espero que **tenha/haja começado** o jogo.*

– *Se nós **tivéssemos/houvéssemos vibrado** mais, talvez conquistaríamos a Copa.*

Obs.: Às vezes, esta construção vem com o verbo ***ser*** no particípio indicando passividade, entre o primeiro auxiliar e o principal. Isso mesmo, é possível haver mais de dois verbos na locução verbal, em que só o último será analisado como **principal**. Veremos isso melhor depois, mas vá lá, observe este exemplo: "*O cidadão **tinha sido advertido** pelo guarda duas vezes.*". Toda a estrutura em negrito é uma locução verbal, em que *tinha sido* são dois verbos auxiliares e *advertido*, o verbo principal. Esta construção é típica de voz passiva... falarei sobre isso à frente, em *voz verbal*... aguarde.

Auxiliares de aspecto (acurativos): precisam o momento em que a ação verbal se realiza.

– ***Passou/Começou/Pôs-se a estudar***. (início)

– ***Estou para (por) estudar***. (iminência)

– ***Fiquei/Ando/Estou (a) escrever/escrevendo***. ***Venho/Vou escrevendo.*** (continuidade)

– ***Tornamos/Voltamos a estudar***. ***Costumamos escrever***. (repetição)

– ***Acabaram/Deixaram/Cessaram/Pararam de estudar***. (cessação)

– ***Continuo/Permaneço estudando***. (permansivo)

Obs.: *Estar **a** escrever* é construção própria do português de Portugal, análoga a *estar escrevendo*, própria do português brasileiro. E... como se vê... o verbo auxiliar pode se ligar ao principal por meio de preposição.

Auxiliares de modo (modais): precisam o modelo como a ação verbal se realiza ou deixa de se realizar; os valores semânticos dos verbos variam no contexto discursivo.

– ***Tinha/Havia** de estudar*. ***Preciso** (de) estudar.* (obrigação, necessidade, dever)
– ***Posso** estudar*. (possibilidade, capacidade, permissão)
– *Você **pode** **começar a pagar** a dívida, senão vai preso!* (obrigação/imposição)
– *Não **pode** **estudar** aqui.* (imposição)
– ***Quero/Desejo** estudar*. ***Hei** de passar!* (vontade, volição, intenção, confiança)
– ***Pretendo/Tento** estudar*. (tentativa, esforço)
– ***Devo** estudar*. (probabilidade, obrigação, necessidade, dever)
– ***Consegui** estudar*. (resultado, consecução)
– *Ele **parece** **estudar**.* (aparência, dúvida)
– ***Vou** estudar*. (intenção, movimento futuro)

Cuidado!!!

1) Os valores semânticos dos verbos modais dependerão do contexto. Veja esta questão da prova do ITA/2004:

23. Aponte o enunciado em que o verbo **poder** NÃO indica possibilidade.

a) De outro lado, a elaboração pessoal dos dados e a sua crítica poderão sofrer com a falta de um diálogo sustentado (...). (Texto 1, linha 11).
b) Poderemos ter especialistas cada vez mais peritos (...). (Texto 1, linha 17).
c) Estes, por definição, são bens cujo usufruto é necessariamente coletivo e não podem ser apropriados exclusivamente por ninguém em particular. (Texto 2, linha 9). (Gabarito!)
d) Quanto ao grau de abrangência, os bens públicos podem ser classificados em locais, nacionais ou universais. (Texto 2, linha 10).
e) As tecnologias podem ser "engenheiradas", transformando-se em produtos de mercado, (...). (Texto 2, linha 25).

Comentário: Em "São bens cujo usufruto é necessariamente coletivo e não **podem** ser apropriados...", o verbo *poder* indica *obrigatoriedade, imposição* (mesmo valor de *dever*: São bens cujo usufruto é necessariamente coletivo e não **devem** ser apropriados.).

2) Como já dito, a locução verbal pode ser constituída de mais de dois verbos, em que os primeiros são auxiliares, e o último, o principal: *Sorria! Você* ***está sendo filmado****. / O jogador* ***tem sido comparado*** *pelo olheiro ao Romário. / A dívida* ***deve começar a ser paga*** *antes que sejas preso.*

3) Cuidado com o **gerundismo**! Não sabe o que é isso? Nem mesmo o então Ministro da Saúde José Serra escapou deste vício de linguagem, quando disse: "... outra vacina que ***vamos estar aplicando*** amanhã". O grande professor Sírio

Possenti (UNICAMP) e outros(as) linguistas não veem problema algum nessa locução verbal, mas isso já foi questão de prova – em que o gerundismo foi condenado. Falo sobre isso no tópico *Formas Nominais do Verbo (Gerúndio)* mais à frente. Dê uma olhada lá para entender do que se trata.

4) Nunca é demais falar disto: os verbos *poder, dever* e *costumar*, quando acompanhados de partícula apassivadora, podem constituir uma locução verbal ou não. Logo, em "Pode/Deve/Costuma-se fazer isso", podemos encarar "Pode/Deve/Costuma-se fazer" como uma locução verbal ou como dois verbos (daí que não há mais locução), em que o verbo no infinitivo é sempre o sujeito dos verbos auxiliares *poder, dever* e *costumar*. O que acha da frase a seguir?

– ***Quando se pretende avaliar os efeitos de uma decisão, <u>devem-se avaliar</u> primeiramente os motivos dessa decisão.***

Note que o verbo *dever* está no plural para concordar com o sujeito "os motivos dessa decisão" (= os motivos dessa decisão devem ser avaliados). Neste caso, há locução verbal, pois o verbo auxiliar sempre concorda com o sujeito em número e pessoa. Se o verbo estivesse no singular (... deve-se avaliar...), inferiríamos que o sujeito é oracional, isto é, o sujeito é o verbo no infinitivo: "... *<u>avaliar</u> primeiramente os motivos dessa decisão* deve-se.". Neste caso, não há locução verbal, há dois verbos.

5) Toda provável locução verbal deve passar por determinados critérios. O mais importante critério é perceber se os verbos que formam uma provável locução têm o mesmo sujeito. Se sim, estamos mesmo diante de uma locução verbal. Não obstante, há algumas expressões verbais que podem ser analisadas como dois verbos formando duas orações; neste caso, não se trata de uma locução. De antemão, aceno que, *em poucos casos*, como o primeiro a seguir, a análise entre *locução verbal* e *grupo de verbos que não formam locução* é dúbia. Leia atentamente as considerações abaixo para entender.

Parafraseando Bechara, nem sempre a aproximação de dois ou mais verbos constitui uma locução verbal; a intenção da pessoa que fala ou escreve é que determinará a existência da locução. "Por exemplo, na frase 'Queríamos colher rosas.', os verbos *queríamos* e *colher* constituirão expressão verbal se pretendo dizer que queríamos colher rosas e não outra flor, sendo *rosas* o objeto da declaração. Se, porém, pretendo dizer que o que nós queríamos era colher rosas e não fazer outra coisa, o objeto da declaração é *colher rosas* e a declaração principal se contém incompletamente em *queríamos*." (José Oiticica, em Manual de Análise, 202-203).

Cuidado, portanto, com o verbo *querer*. Com ele, pode-se interpretar que há a formação de uma locução verbal ou que há dois verbos, em que o segundo é o complemento do primeiro Exemplo: *Quero beber* (locução verbal, uma oração) *água*. / *Quero* (um verbo, uma oração) + *beber* (outro verbo, outra oração, complementando a primeira) *água*. Duas possíveis análises.

Aparentemente este assunto é bobinho, mas quando a banca FGV, por exemplo, pede para você contar quantas orações há no trecho tal, se você não souber identificar uma locução verbal, parceiro(a), vai chorar! Então, cuidado com isso! Observe agora o verbo *parecer*:

– *Eles* ***parecem estudar*** *bastante.* (locução verbal, pois o verbo auxiliar concorda com o sujeito)

– *Eles* ***parece / estudarem*** *bastante.* (não é uma locução verbal; leia-se: "*Parece / que eles estudam bastante.*")

Cuidado agora com as *falsas locuções verbais*!

Os verbos **causativos** (mandar, deixar, fazer) e **sensitivos** (ver, ouvir, sentir) **nunca** formam locução verbal com o infinitivo ou gerúndio; são dois verbos, cada um com sua autonomia.

– *Já te **mandei ficar** quieto.* (Leia-se: *Eu já mandei que tu ficasses quieto.*)

– *Eu a **vejo passando** todos os dias por aqui.* (Leia-se: *Eu vejo que ela passa todos os dias por aqui.*)

Quando o infinitivo da **locução verbal** pode ser transformado em uma oração desenvolvida, iniciada por conectivo, em tese, não há locução verbal. Em "Não nos **compete realizar** (que realizemos) tarefas desagradáveis.", o sujeito do verbo *competir* é o infinitivo *realizar*, ou seja, "**Realizar** tarefas desagradáveis (sujeito) não nos **compete** (verbo).". Outro exemplo: "Sempre **falta explicar** um assunto.", em que *explicar* é o sujeito de *faltar*, ou seja, "**Explicar** um assunto (sujeito) sempre **falta** (verbo).". Nestes casos, **NÃO** há locução verbal!

Não obstante, fiquemos atentos ao que disseram Bechara e Oiticica no início deste tópico, os quais deram a possibilidade de **dupla análise**, quando o sujeito for o mesmo. Em tais frases abaixo, podemos encarar dois verbos não formando locução alguma ou podemos encarar como locução verbal, sim! Tais casos de dupla análise equivalem ao do verbo *querer*.

– *Eu **espero encontrar** o caminho.* (locução verbal)

– *Eu **espero encontrar** (que eu encontre) o caminho.* (dois verbos, em que o segundo é o complemento do primeiro)

– *Certas mulheres **admitem gostar** de homens mais novos.* (locução verbal)

– *Certas mulheres **admitem gostar** (que gostam) de homens mais novos.* (dois verbos, em que o segundo é o complemento do primeiro)

O fato de haver pronome oblíquo átono ligado à locução verbal não a impede de ser analisada como tal: "*Vou-**me** arrumar* para a festa." ou "*Vou **me** arrumar* para a festa." ou "*Vou arrumar-**me*** para a festa.". Todas as expressões em itálico são locuções verbais.

Vale dizer ainda que os verbos da locução verbal podem vir separados por expressões interferentes:

– *Hoje, **estou**, mais do que nunca, **estudando** muito para a minha prova.*

Veja esta questão, por favor!

2. (Fafipa – Pref. Cariacica/ES – Psicólogo – 2011) Assinale a alternativa cuja sequência de verbos destacada NÃO constitui uma locução verbal.

a) "Os imóveis não podem ser vendidos nem dados como garantia de empréstimos."
b) "Desde o ano passado, essa entidade vem tentando regularizar terrenos..."
c) "Passou a receber um salário-mínimo dos membros da Câmara..."
d) "O analista de sistemas João Carlos Belato, de 46 anos, conseguiu ganhar a posse da casa..."
e) "Primeiro, deve-se provar que o intuito do doador era dar a terra à Igreja, não ao santo."

Comentário: "O analista... *conseguiu* (VTD) *ganhar* a posse da casa (OD).". Se *ganhar a posse da casa* é o complemento do verbo *conseguir*, não pode formar uma locução verbal. É parecido com o caso do verbo *querer*, como vimos no tópico 5. Não obstante, o gramático Bechara põe o verbo *conseguir* entre os verbos auxiliares, logo poderíamos interpretar *conseguiu ganhar* como uma locução verbal. Afinal, quem conseguiu? O analista. Quem ganhou? O analista. Isto é, ambos os verbos se referem ao mesmo sujeito. É um caso de dupla análise. Isso é um dos critérios para definirmos a locução verbal. Questão polêmica e merecedora de anulação! Veja que o gabarito pode ser a letra e) também. Com os verbos *dever*, *poder* e *costumar* acompanhados da partícula *se* apassivadora, podemos interpretar que há locução verbal ou dois verbos que não formam locução. Em *deve-se provar*, podemos entender que há ou não locução verbal. Como o *se* é apassivador, podemos entender que o sujeito do verbo *dever* é "*provar que ... Igreja*", caso em que ele (dever) não é auxiliar e não constitui locução verbal, mas podemos entender que *deve-se provar* é locução verbal e o sujeito dessa locução é *que o intuito do doador era*. Polêmicas... Falarei mais sobre essa construção no capítulo de *Concordância Verbal*. Aí eu me pergunto: Por que o cara da banca formulou uma questão dessas? Que vontade de xingar um, meu Deus!

6) Há uma diferença entre *ter de* e *ter que*. A construção "Você *tem que estudar*." indica imposição ou necessidade, e o *que* é uma preposição acidental. Segundo a maioria dos gramáticos, como Manoel P. Ribeiro e Napoleão M. de Almeida, a forma culta é "Você *tem **de** estudar*.", em que *tem de estudar* é uma locução verbal culta, e *tem que estudar*, coloquial. Quando não indica imposição ou necessidade, a expressão *ter que* pode ser usada, mas a análise muda: em "*Tenho muito que estudar*.", o *que* é um pronome relativo que

retoma o pronome indefinido *muito*. Logo, esta última construção não constitui locução verbal.

7) As locuções verbais formadas por **ir** + **ir** (vou ir, vai indo...) ou **vir** + **vir** (venho vindo, vem vindo...) são próprias do registro coloquial, segundo alguns estudiosos; já outros, como Cláudio Moreno e José Maria da Costa as abonam.

Aspecto Verbal

Alguns verbos têm peculiaridades semânticas dentro da perspectiva temporal, ou seja, dependendo da forma e do contexto em que se encontram podem indicar processos de duração verbal diferenciados ou sentidos bem peculiares. Por exemplo: "Eu ***comia*** hambúrgueres na minha adolescência." (o verbo indica que este hábito era costumeiro nessa fase da vida). Agora: "Eu ***comia*** um hambúrguer, quando ela me interrompeu." (o verbo indica que a ação verbal já havia iniciado, prosseguiu até um momento, mas não foi finalizada).

Veja só alguns aspectos, os mais comuns em prova de concurso, abaixo para você ter uma ideia (baseado nos exemplos do dicionário Caldas Aulete):

Aspecto durativo/cursivo: indica um processo continuado, uma ação que se prolonga por determinado tempo (p. Ex.: Ele estuda durante o verão.).
Aspecto habitual/iterativo: indica que uma ação ou uma situação se repete habitualmente (p. ex.: Eles lancham todos os dias.).
Aspecto pontual: que indica que um evento é momentâneo, não dura além de um momento (p. ex.: Ela espirrou.).

O **aspecto verbal** tem a ver com o tempo gasto na duração do processo verbal (início, meio e/ou fim). Conseguimos perceber o aspecto verbal pela semântica do verbo e pelo contexto, normalmente. **Poderia falar muito sobre este tópico, mas vou me ater apenas ao que é praxe, ao que interessa para sua prova, beleza?** A

saber: formas simples e compostas dos verbos (locução verbal). Então, venha comigo!

1) **Aspecto pontual ou momentâneo**: não é apresentada a duração, pois o fato é *instantâneo*; o fato ocorre no momento da declaração.
   – *Eu **estou vendo** TV agora, depois a gente se fala.*
   – *O cachorro **pegou** o osso no ar.*
2) **Aspecto inceptivo, incoativo**: o processo verbal indica que algo está sendo apresentado em seu **início**.
   – *Meu filho **começou a andar**... **passou a falar**... daqui a pouco só vai fazer arte.*
   – ***Amanhece** em Copacabana um sol lindo, vivo.*
3) **Aspecto cursivo, durativo**: o processo verbal já teve um início e **continuou** ou **continua**, sem conclusão, num **movimento progressivo**.
   – *Eu **estava falando** ao telefone, e me interromperam.*
   – ***Temos exercitado** muito a Língua Portuguesa.*

Obs.: O **pretérito imperfeito (incompleto) do indicativo** se encaixa normalmente neste aspecto, pois o processo não tem limites claros e seu prolongamento é impreciso.

4) **Aspecto cessativo, conclusivo**: o processo verbal é apresentado em sua totalidade, com começo, meio e fim; apresenta a **conclusão** de um fato.
   – ***Conseguimos ler** o texto todo.*
   – ***Malhei** durante duas horas ontem.*

Obs.: O **pretérito perfeito (completo) do indicativo** se encaixa normalmente neste aspecto, pois o processo está concluso, finalizado.

5) **Aspecto iterativo, frequentativo, reiterativo**: o processo verbal indica uma ideia de **repetição**, de **hábito**, de **costume**, de **frequência**.
   – *Ele me **beija** três vezes ao me ver.*

– *Você **tem falado** muito sobre passar na prova.*

6) Aspecto permansivo (permanência): o processo verbal já se concluiu, mas os efeitos **permanecem**.

– *Só **aprendi** português no Ensino Médio.*

– *Só **fiquei sabendo** Matemática mesmo na faculdade, porque antes...*

7) Aspecto genérico, universal, atemporal: este processo de duração verbal trabalha com verdades absolutas ou tomadas como tal, científica, religiosa ou culturalmente.

– *Todo número par **será** divisível por dois.*

– *Mulher **é** bicho difícil de entender.*

– *Deus **existe**!*

– *Quem **cala** consente.*

8) Aspecto iminencial: este processo indica que algo está prestes a ocorrer.

– *Ele **está para viajar**.*

– *Nós **vamos cair**!*

Observação Final: Dependendo do gramático, a nomenclatura usada para os aspectos verbais pode variar, mas o que as bancas querem saber é se você consegue perceber o valor semântico temporal do verbo no contexto em que se encontra.

Este assunto vem caindo muito em prova, junto com os conceitos de tempo e modo verbais. Por isso, imploro que leia com detida atenção o tópico *Emprego de Tempos e Modos Verbais*. Você vai perceber que esse conhecimento de aspecto verbal está diretamente atrelado a tempo e modo verbais. Antes, porém, para fechar com chave de ouro, veja esta questão bonitinha:

(Funrio – Sebrae/PA – Analista Técnico (Contabilidade) – 2010)
É comum a sensação de que o estudo dos verbos não dá conta de tudo aquilo de que precisamos para a expressão exata das ações em seus modos e configurações particulares. O português não tem uma flexão própria para indicar o aspecto, possível razão de a gramática tradicional não propor o seu estudo sistemático, mas é fato que, mesmo

de maneira intuitiva, todos fazemos uso dessa categoria. O aspecto indica a duração de um processo verbal ou o modo da ação, que em português, expressa-se geralmente por meio de construções perifrásticas (ou locuções verbais), mas está presente também em alguns morfemas verbais, sufixos e prefixos.
(Fonte: Thais Nicoleti de Camargo. Folha de S.Paulo, 13/12/2001.)
Por exemplo, as frases "Ele tornou a dizer isso", "Ele pretendia dizer isso" e "Ele começou a dizer isso" mostram o uso de verbos auxiliares para representar, respectivamente, os seguintes valores aspectuais:
a) conativo, cessativo e perfectivo;
b) iterativo, desiderativo e incoativo; (Gabarito.)
c) habitual, durativo e progressivo;
d) imperfectivo, pontual e comunicativo;
e) cooperativo, optativo e imperativo.

Comentário: Note que a questão em si é uma breve aula de aspecto verbal, mostrando que é possível perceber o aspecto de um verbo pela sua forma, simples, composta (locução verbal) e, até mesmo, por meio de prefixos e sufixos. Mas parou por aí, criando uma questão em cima das locuções verbais. Estude de novo o capítulo de locução verbal e verbos auxiliares. Vai por mim! Pois bem... o gabarito é a letra B, pois *iterativo* é o mesmo que habitual, recorrente, repetitivo, reiterativo (tornou a dizer), *desiderativo*, apesar de não ser alistado como um aspecto verbal por alguns gramáticos, trata do verbo que indica desejo, vontade, volição (pretendia dizer) e *incoativo* é um aspecto que indica início de ação (começou a dizer). Boa a questão, não é?

Formas Nominais dos Verbos

As **formas nominais do verbo** são verbos que se comportam como nomes em certos contextos, no sentido de exercerem funções sintáticas próprias dos nomes substantivo, adjetivo ou advérbio. Exemplo:

– ***Pisar*** *a grama é expressamente proibido.* (Assim como o substantivo exerce função de sujeito, o infinitivo equivale a ele, pois exerce aqui função de sujeito.)

– *O garoto veio em minha direção* ***correndo****.* (Assim como o advérbio exerce função de adjunto adverbial de modo, o gerúndio equivale a ele, pois exerce aqui função de adjunto adverbial de modo.)

– *Alberto é um homem* ***marcado*** *pela sorte.* (Assim como o adjetivo exerce função sintática de adjunto adnominal, o particípio equivale a ele, pois exerce aqui função de adjunto adnominal.)

Há apenas três tipos de verbos que se encaixam entre as formas nominais: **infinitivo**, **gerúndio** e **particípio**. Vejamos cada um e suas peculiaridades.

O Infinitivo

É a forma verbal que nomeia um verbo. Por exemplo, quando alguém anda na sua frente e lhe pergunta o **nome** que se dá a essa ação, você diz: "andar". Às vezes, o infinitivo se comporta como um mero substantivo (nos casos de não flexão), daí ser chamado de forma nominal.

O infinitivo pode ser **pessoal** e **impessoal**.

É **impessoal** quando não admite variação de pessoa: *amar, vender, partir* (terminando sempre em **-ar**, **-er** ou **-ir**). É **pessoal**, quando tem como sujeito uma das pessoas gramaticais. Nesse caso, pode ser denominado **flexionado** e **não flexionado**. Falo mais sobre isso no capítulo de *Concordância.*

Se houver uma pessoa que o faz receber desinências, como se vê abaixo, flexiona-se normalmente:

Era para eu cantar.
*Era para tu cantar**es***
Era para ele cantar.
*Era para nós cantar**mos.***
*Era para vós cantar**des.***
*Era para eles cantar**em.***

Obs.: Infinito x Futuro do Subjuntivo

Este participa de orações iniciadas por conjunções, como *se* ou *quando*, indicando hipótese condicional ou temporal, normalmente; aquele, de orações iniciadas geralmente por preposição (*a, de, para, por...*), indicando significado declarativo.

– *Quando eu **chegar**, quererei festa.* (futuro do subjuntivo)
– *Ao **chegar**, quererei festa.* (infinitivo)
– *A **persistirem** os sintomas, o médico deverá ser consultado.* (infinitivo)
– *Se **persistirem** os sintomas, o médico deverá ser consultado.* (futuro do subjuntivo)

Note que as formas são iguais, mas a classificação é diferente. Nunca use o infinitivo no lugar do futuro do subjuntivo, hein! Olha o que muita gente boa faz e pensa que está tudo certo: "Assim que eles ***proporem*** um acordo, começaremos a pensar.". Está certo isso? Primeiro: cuidado com o verbo *propor*, derivado do verbo *pôr* (conjugue o verbo *pôr* e seus derivados!). Segundo: repare que antes do verbo vem uma locução conjuntiva (assim que), e não uma preposição, logo o verbo **não** pode ficar na forma infinitiva, mas sim no futuro do subjuntivo. Por isso, a frase deve ser reescrita para que esteja de acordo com o registro culto da língua: "Assim que eles ***propuserem*** um acordo, começaremos a pensar.". Fique esperto!
As provas de hoje exigem que você domine conjugação verbal, portanto comece a conjugar aqueles verbos que sempre caem. É um trabalho braçal, mas vale a pena. Relembrando os verbos a serem conjugados: ***ser***, ***ir***, ***vir*** **(e derivados)**, ***ver*** **(e derivados)**, ***pôr*** **(e derivados)**, ***ter*** **(e derivados)**, ***caber***, ***valer***, ***adequar***, ***haver***, ***reaver***, ***precaver-se***, ***requerer***, ***prover***, ***viger***, ***preterir***, ***eleger***, ***impugnar***, ***trazer***, ***os terminados em*** **-ear, -iar (Lembra-se do MARIO?)** ***e*** **-uar**.

Importante: Sobre os casos de flexão do infinitivo e outros detalhes a respeito desta forma nominal, vá ao capítulo de *Concordância* (em *Casos Especiais*).

O Gerúndio

Além de atuar como verbo nas locuções verbais, em tempos compostos e nas orações reduzidas, o **gerúndio** (verbo terminado em *-ndo*) pode desempenhar as funções de advérbio e de adjetivo.

Como verbo, indica normalmente um processo incompleto, prolongado, durativo:

– *Estava* ***lendo*** *o livro que você me emprestou.* (locução verbal)
– *Ando* ***lutando*** *para mudar minha vida financeira.* (locução verbal)
– ***Tendo feito*** *várias reclamações por escrito que não foram atendidas, resolvi vir pessoalmente aqui.* (locução verbal de tempo composto)
– ***Obtendo*** *a nota exigida na prova, resignou-se.* (oração reduzida)

Conheça alguns empregos do gerúndio:

1) Esta forma nominal pode e deve ser usada para expressar a) uma ação em curso, b) uma ação anterior, c) posterior ou d) simultânea a outra. Veja os respectivos exemplos:

– *Agora ele está* ***estudando****.*

– ***Deixando*** *a namorada em casa, voltou para a boemia. / Em se* ***plantando****, tudo dá.*

– *O balão subiu rapidamente,* ***desaparecendo*** *no ar.*

– *O jogador pulou* ***cabeceando*** *a bola.*

2) Combinado com os auxiliares *estar*, *andar*, *ir*, *vir*, o gerúndio marca uma ação durativa, com aspectos diferenciados:

O verbo **estar** seguido de gerúndio indica uma ação durativa num momento rigoroso: *O mundo* ***está mudando****.*

O verbo **andar** seguido de gerúndio indica uma ação durativa em que predomina a ideia de movimento reiterado: ***Andei buscando*** *uma pessoa melhor para mim.*

O verbo **ir** seguido de gerúndio expressa uma ação durativa que se realiza progressivamente ou por etapas sucessivas: *O sol* ***vai raiando****,* ***vai subindo****, potente como ele só.*

O verbo **vir**, seguido de gerúndio expressa uma ação durativa que se desenvolve gradualmente em direção à época ou ao lugar em que nos encontramos: "Não se explica como tal expressão ***vem sendo usada*** no Brasil.".

Cuidado!!!

1) Sua natureza adverbial indicando modo pode ser percebida em frases como esta, em que o gerúndio indica movimento simultâneo à ação do outro verbo.

– ***Chorando****, o menino se despediu do pai.*

– *Ele toma sopa* ***fazendo ruído****.*

2) O uso do gerúndio em função adjetiva é menos usual:

– *Tire essa água* ***fervendo*** *daqui!*

3) O gerúndio pode ter valor imperativo também:

– ***Circulando****,* ***circulando****!*

4) Conheça os valores semânticos circunstanciais (adverbiais) do gerúndio (oração reduzida):

– ***Varrendo*** *o quarto, não encontrou nada.* (tempo)

– *Mesmo* ***sendo*** *esperto, não conseguiu enganar a todos.* (concessão)

– *Você,* ***querendo****, chegará lá.* (condição)

– ***Tendo perdido*** *o trem, não cheguei na hora certa.* (causa)

– *As alunas entraram na sala* ***rindo****.* (modo)

Em algumas frases, a circunstância do gerúndio pode ficar ambígua:

– *A vela,* ***iluminando****, clareia tudo.* (causa, tempo, condição, proporção...)

Falarei mais sobre isso no capítulo de *Orações Reduzidas.*

5) O uso exagerado do gerúndio em redações não é bem visto pelas bancas corretoras, portanto evite o exagero. Quanto ao gerundismo, então, nem se fala... Saiba mais sobre o famigerado **gerundismo**!

Você ***pode estar enviando*** *os seus dados?*

Eu ***vou estar confirmando*** *os seus pedidos agora.*

O valor ***vai estar sendo*** debitado em conta-corrente.

Esta maneira de falar e de escrever parece vir do inglês, segundo alguns pesquisadores. Incorporou-se ao português brasileiro de tal modo que pessoas cultas a usam frequentemente. De acordo com a norma culta, porém, é correto dizer simplesmente:

Você ***pode enviar*** *os seus dados?*

Eu ***vou confirmar*** *os seus pedidos agora.*

O valor ***vai ser*** debitado em conta-corrente.

Aí você me pergunta: "É um equívoco pleno usarmos: *verbo (indicando futuro)* + *estar* + *gerúndio* ou *estar (indicando futuro)* + *gerúndio*?".

Dizer que o uso do **gerúndio** é errado só é verdade se ele for utilizado sem seu sentido de continuidade do tempo. Na frase "Eu estarei ligando para você hoje.", *ligar* não demanda tempo continuado, *ligar* exprime uma ação única, instantânea, não dá para você *ficar ligando* para uma pessoa, pois parece que você vai encher o saco dela, ininterruptamente, ligando sem parar, como um *taradão* do telefone. Logo, evite "Eu *vou estar ligando.*". Este é um mau do **gerúndio**, o que incorre em **gerundismo**. Basta dizer: "Eu *vou ligar* para você hoje.". Bem mais *clean*!

Porém, se a frase contiver tal ideia de continuidade, o uso do **gerúndio** é totalmente adequado: "Passa lá em casa à tarde, pois *vou estar/estarei estudando*.". Aqui se tem o fato de que estudar denota tempo contínuo, ou seja, estudar é um verbo que não indica instantaneidade mas continuidade, portanto o **gerúndio** é utilizado.

Em suma: não se pode misturar o gerúndio com outro verbo que indique movimento único, instantaneidade. Portanto, operadores e operadoras de *telemarketing*, vocês "vão estar enviando" ou vocês "vão enviar" o cartão de crédito para a minha casa? Espero que seja a segunda opção, senão meu nome vai para o SPC (Ou seria SERASA?).

5. (Vunesp –TJ/SP – Escrevente – 2004) O uso indiscriminado do gerúndio tem-se constituído num problema para a expressão culta da língua. Indique a única alternativa em que ele está empregado conforme o padrão culto.

a) Após aquele treinamento, a corretora está falando muito bem.
b) Nós vamos estar analisando seus dados cadastrais ainda hoje.
c) Não haverá demora, o senhor pode estar aguardando na linha.
d) No próximo sábado, procuraremos estar liberando o seu carro.
e) Breve, queremos estar entregando as chaves de sua nova casa.

Comentário: Exceto em A, as demais opções apresentam construções próprias do gerundismo: *vamos estar analisando, pode estar aguardando, procuraremos estar liberando, queremos estar entregando.*

Veja aqui mais uma questãozinha sobre o uso do gerúndio:

14. (Funcab – Pref. Anápolis/GO – Auditor-Fiscal de Tributos Municipais – 2012) Considere o uso do gerúndio nas frases abaixo e analise os itens.

1. "Estou falando isso para mostrar o tamanho do desafio para um jovem dos trópicos..."
2. "... floresta morrendo de falta de inteligência humana e boate fechando por falta de energia elétrica..."

I. Na frase 1, tem-se uma locução verbal construída com dois verbos auxiliares, o primeiro flexionado, e o segundo, no gerúndio.
II. Na frase 2, os dois verbos empregados no gerúndio têm valor adjetivo: "floresta morrendo" (= floresta morta) e "boate fechando" (= boate fechada).
III. Em ambas as frases, há a ocorrência de gerundismo nas três locuções verbais, o que corresponde ao uso de forma composta, preterindo, assim, a forma simples do verbo.

Assinale a alternativa que aponta os itens corretos:

a) Somente II e III estão corretos.
b) Somente I e III estão corretos.

c) Somente I e II estão corretos.
d) Somente I está correto.
e) Somente II está correto.

Comentário: A afirmação I é equivocada, pois só há um verbo auxiliar (Estou) na locução verbal "Estou falando". O comentário autoexplicativo de II está perfeito. Não há construção de gerundismo, logo a afirmação III não procede. **GABARITO: E.**

O Particípio

O **particípio** (verbo terminado em **-do**, normalmente) é considerado forma nominal do verbo porque por vezes se assemelha a um adjetivo, variando em gênero e número com o substantivo a que se refere. Sua natureza verbal, que normalmente indica passado, manifesta-se **sempre** nas locuções verbais de voz passiva, de tempos compostos e em orações reduzidas. Veja:

– *Não há nada que possa ser **feito**.* (locução verbal de voz passiva)
– *Se me tivesses **ajudado** teríamos conseguido.* (locução verbal de tempo composto)
– ***Terminadas** as obrigações, precisaremos sair depressa.* (oração reduzida)

Obs.: É bom dizer que o particípio na voz passiva analítica varia em gênero e número com o termo a que se refere: *Ela foi **despejada**.* O particípio de tempo composto da voz ativa **não** varia em gênero e número com o termo a que se refere: *Ela tem **cantado** muito.* Mas, se o tempo composto estiver na voz passiva (ser + particípio), irá variar em gênero e número com o termo a que se refere: *Ela tem sido **elogiada**.*

Falemos agora sobre algumas particularidades do particípio:

1) É visto como mero adjetivo, quando atua como caracterizador de substantivo. Por outro lado, se puder ser desenvolvido em oração, podemos encarar também como verbo no particípio. Dupla análise. Vai depender do contexto.

– *Teve papel **destacado** naquele filme.* (= *que se destacou*; adjetivo ou verbo no particípio)

– *Pessoas* ***atormentadas*** *podem ser curadas.* (= *que são atormentadas*; adjetivo ou verbo no particípio)

– *A festa aconteceu no mês* ***passado***. (= *que passou*; adjetivo ou verbo no particípio)

– *As meninas chegaram totalmente* ***molhadas*** *por causa da chuva.* (adjetivo)

– *Aquelas crianças só são* ***esfomeadas*** *pela má educação dada a elas.* (adjetivo)

Nestes dois últimos casos, note que as formas parecem particípios, mas, na verdade, são meros adjetivos. Uma prova disso é que não se pode desenvolver *molhadas* e *esfomeadas*. Ou seja, não é possível dizer: *As meninas chegaram totalmente* ***que foram molhadas*** *por causa da chuva. (???)*

Cuidado!!!

1) Quando aparece um agente da passiva explícito, só podemos encarar tais palavras como particípios:

– *Teve papel* ***destacado*** *pela mídia naquele filme.* (que foi destacado, particípio)

– *Pessoas* ***atormentadas*** *por espíritos podem ser curadas.* (que são perturbadas, particípio)

Veja o que mais disse a ABL sobre o assunto:

ABL RESPONDE

Pergunta: Boa tarde. Em "Ele é um rapaz ESFORÇADO (= que se esforça).", o termo destacado se encaixa em que classe gramatical: adjetivo ou verbo no particípio? O fato de podermos desenvolver todo vocábulo, como *esforçado*, em oração o torna um verbo no particípio ou não? Anseio pela resposta. Gratíssimo!

Resposta: Prezado, no seu exemplo, trata-se de um adjetivo participial, isto é, participa do nome e do verbo, daí poder ser considerado adjetivo, sem desenvolvê-lo, ou considerar particípio, equivalendo à oração "que se esforça". Para identificar se trata-se de verbo no particípio, perceba que o verbo pode funcionar como auxiliar na voz passiva, ex: "Ela *foi considerada* a mais bela miss.". Também pode ser auxiliar de tempo composto, ex: "*Tinha realizado* o trabalho.", "*Tinha realizado* a lição.". Se formar locução verbal com os verbos *ser, estar* (voz passiva), *ter e haver* (voz ativa) será verbo no particípio.

2) Segundo os melhores gramáticos, a locução *haja vista*, em que *vista* é o particípio do verbo *ver*, é invariável. Alguns, como Faraco & Moura, toleram a variação do auxiliar da locução, (Hoje terminarei mais tarde a leitura *haja(m) vista* as observações que ainda tenho de fazer). Falarei mais sobre esta expressão no capítulo de *Concordância*. Ah! Hoje em dia, o seu valor semântico (causa) equivale ao das locuções prepositivas *devido a*, *por conta de*, *por causa de*. Falo sobre isso no capítulo de *Conjunção*.

2) Não confunda adjetivo com particípio dentro de uma estrutura parecida com uma locução verbal, porque o particípio indica uma ação praticada por alguém e o adjetivo indica mera qualidade do substantivo.

– *O aluno foi* ***reprovado*** *no exame. (Reprovaram o aluno.* – locução verbal/ é particípio)

– *O aluno foi* ***resfriado*** *para escola. (Resfriaram o aluno?* – é adjetivo.)

Pelo que se viu, determinadas formas participiais deixam de ser classificadas como verbos quando não indicam ação, e passam a ser reais adjetivos quando indicam mera característica de um nome. Tudo bem até agora, não é?

Falarei sobre *duplo particípio* em verbos abundantes no tópico mais à frente: *Classificação dos Verbos.*

3) Conheça os valores semânticos circunstanciais (adverbiais) do particípio:

– ***Concluída*** *a obra, as vendas começaram.* (tempo)

– ***Cercado*** *de inimigos, não esmoreceu, mantendo sua fé.* (concessão)

– ***Pressionadas*** *pelo chefe, ficariam fazendo hora extra.* (condição)

– ***Surpreendido*** *pela tempestade, não pude sair de casa.* (causa)

Falarei mais sobre isso no capítulo de *Orações Reduzidas.*

Voz Verbal

Voz verbal é a forma como o verbo se encontra para indicar sua relação com o sujeito. Logo, não faz nenhum sentido dizer que há voz verbal em orações sem sujeito, diga-se de passagem.

Consoante sua forma, o verbo pode indicar uma ação praticada pelo sujeito (voz ativa), uma ação sofrida pelo sujeito (voz passiva) ou uma ação praticada e sofrida pelo sujeito (voz reflexiva). Vejamos uma por uma agora.

Voz Ativa

Segundo a gramática tradicional, ocorre **voz ativa** quando o verbo (ou locução verbal) indica uma **ação praticada pelo sujeito**. Veja:

– *João **pulou** da cama atrasado e **resolveu pegar** um táxi, mas não tinha dinheiro na carteira. Ele levou um susto e imediatamente ficou furioso. Precisava de dinheiro também para o almoço. **Teve de ir** a um banco ainda. **Chegou**, enfim, ao trabalho. Depois que o homem **resolveu** todas as pendências do dia, **informaram**-no "daquela" hora extra. Coitado. Adoeceu mais vinte anos.*

Obs.: Para você que quer aprofundar-se no assunto ou vai fazer concurso para diplomata, por exemplo, leia o que segue, senão pule essa etapa. Note que as formas verbais *tinha, ficou, precisava* e *adoeceu* não indicam, semanticamente, uma **ação** praticada pelo sujeito, mas sim *posse, estado, necessidade* e *mudança de estado*, respectivamente. Além disso, note que o sentido do verbo *levar* indica que o sujeito não praticou uma ação, mas a sofreu espontaneamente. Seria coerente com a gramática tradicional e com a NGB dizer, portanto, que não há voz verbal ativa nesses verbos, afinal, não indicam ação praticada pelo sujeito. Esta interpretação, inclusive, não é nova, pois o gramático Luiz A. Sacconi confirma isso. Ele diz: "Com os verbos neutros (nascer, viver, morrer, dormir, acordar, sonhar etc.), não se pode ver voz ativa, passiva nem reflexiva, porque o sujeito não pode ser visto como agente, paciente ou agente-paciente. Em 'Ele levou uma surra.' temos um verbo de sentido passivo, mas a voz não é passiva. Os verbos de sentido passivo também não podem ter voz ativa, passiva nem reflexiva.". Reforçando o time, Domingos P. Cegalla e Adriano G. Kury indicam que os verbos de ligação (*Sou* feliz.) e impessoais (*Chove* muito.) não constituem voz alguma. Resumindo a visão dos *caras*: **não** há voz ativa com verbos que indicam passividade,

nem com verbos cujo sujeito não indica ação, nem com verbos de ligação, nem com verbos impessoais (verbos de oração sem sujeito).

Bechara, por outro lado, diz que a voz é considerada ativa, sim, com verbos de sentido passivo, como *levar, ganhar, receber, tomar, aguentar, sofrer* etc., pois, segundo ele, o que importa é a **forma** do verbo, e não propriamente o sentido dele, por isso não confunda **voz ativa com verbo de sentido passivo** (Bechara chama isso de **passividade**) com **voz passiva**. Logo, só podemos distinguir com toda a propriedade do mundo quando há voz ativa, passiva ou reflexiva, segundo Bechara, pela **forma** em que o verbo se apresenta. Podemos inferir que, para o velho Becha, *é* **a ausência de marcas de voz passiva e reflexiva que indica que o verbo está na voz ativa**. Ok? Em toda a minha vida de professor, só vi esta grande polêmica sendo trabalhada em uma prova de concurso público cujo gramático apontado como referência bibliográfica era... adivinha?... Bechara. A chance de cair uma questão em concurso segundo esta visão é bem pequena. Por isso, voz verbal, nas provas de concursos, é um assunto normalmente fácil. Basta você saber o óbvio sobre cada tipo de voz.

Para você, que quer saber muito mais de língua portuguesa, veja a questão à la Bechara:

(FAB – EAGS – Sargento – 2001)

– Leia com atenção.

I. Lúcia apaixonou-se por João. – ***voz passiva sintética. Lúcia sofre a ação de apaixonar-se por alguém; uso do pronome apassivador "se".***

II. Os criminosos devem receber castigo por seus atos. – ***voz ativa com verbo de sentido passivo.***

III. Isso foi sabido de todos. – ***voz ativa; embora haja na oração locução verbal, não há agente da passiva.***

Não está(ão) correto(s) o(s) comentário(s) de

a) I e III. (Gabarito!)
b) II e III.
c) I apenas.
d) I, II e III.

Palavra de cautela: Tome cuidado com a locução verbal de tempo composto (ter/haver + particípio), que pode aparecer na voz ativa:
– *Eu **havia escalado** a montanha.* (voz ativa)
– *Nós **tínhamos comprado** uma casa.* (voz ativa)

Voz Passiva

Segundo a gramática tradicional, ocorre **voz passiva** quando o verbo indica uma **ação sofrida** ou **desfrutada pelo sujeito**. Veja:
– *Nosso amigo João já **está derrotado** pelo cansaço da rotina, mas (como todo brasileiro) ele não desiste fácil. Enfim conseguiu cumprir seu compromisso. Todavia surge a pergunta: **será recompensado** por seu patrão? Precisamos crer até o fim que **se recompensam** os esforçados.*

Note que, nos primeiro e segundo casos, há uma locução verbal passiva (normalmente formada pelo verbo ***ser/estar/ficar + particípio***: *"está derrotado", "será recompensado"*). É importante dizer que o verbo auxiliar deve concordar em número e pessoa com o sujeito, e o particípio deve concordar em gênero e número com o sujeito. Esta locução verbal é a **marca principal** da **voz passiva analítica**.

Há como **traço** de passiva analítica também o **agente da passiva**: *pelo cansaço da rotina* e *por seu patrão*, normalmente iniciado pela preposição *por* e, mais raramente, pela preposição *de*, como em "*Estava acompanhado de alguns amigos.*". Veja mais sobre isso no capítulo de sintaxe *Termos Integrantes da Oração (Agente da Passiva).*

No terceiro caso do exemplo do João, ocorre a chamada **voz passiva sintética**, cuja **marca principal** é a presença do pronome apassivador ***se***; não há agente da passiva explícito nessa voz, em 99,99% dos casos! A melhor maneira de descobrir se o *se* é apassivador é pela reescritura para a voz passiva analítica:
– *Precisamos crer até o fim que **se recompensam** os esforçados.* (voz passiva sintética)
– *Precisamos crer até o fim que os esforçados **são recompensados**.* (voz passiva analítica)

Se essa passagem for possível, você nunca mais errará a identificação do *se* apassivador.

Ah! Por favor, não confunda partícula apassivadora (PA) com partícula de indeterminação do sujeito (PIS), hein! Note sempre se o verbo é transitivo direto.
– *Ainda **se vive** num mundo de incertezas.* (PIS: Num mundo de incertezas é vivido?)
– *Ainda **se alimenta** a esperança.* (PA: A esperança ainda **é alimentada.**)

Percebeu que a reescritura para a voz passiva analítica na primeira frase ficou esdrúxula (para não dizer *escrota*)? "Ah, Pestana, mas eu já vi verbo transitivo direto ligado ao *se*, mas não era apassivador!" É verdade, mas esse VTD + *se* (PIS) vem sempre seguido de preposição, segundo a tradição gramatical:
– ***Louva-se*** *a Jesus aqui, irmãos! (PIS: A Jesus é louvado?)*

Percebeu que a reescritura, de novo, para a voz passiva analítica ficou escr... quer dizer... esdrúxula? É isso aí... prossigamos...

Resumo da ópera: há dois tipos de voz passiva.

1) Voz Passiva Analítica: sua marca principal é, normalmente, a locução verbal formada por ***ser/estar/ficar* + particípio**; dica: as questões de concursos exploram quase sempre a construção ***ser* + particípio**.

– *Os resultados da pesquisa* ***foram apresentados*** *pela Instituição.*

Obs.[1]: Há certas construções de voz passiva analítica com sentido ativo: "**É chegada** (= Chegou) a hora.".

Obs.[2]: Segundo Celso Cunha, não há voz passiva com verbo no imperativo. Já Domingos Paschoal Cegalla e Renira Lisboa de Moura Lima não concordam com o Celso, registrando voz passiva no imperativo, sendo o sujeito paciente um humano: *Não seja guiado por outros*! O mais importante: ainda não vi questão alguma sobre essa "polêmica".

Obs.[3]: Só tome cuidado com a locução verbal de tempo composto (ter/haver + particípio), pois, na voz passiva analítica, ela será construída assim: *ter/haver + sido + particípio*: *João* ***tinha sido baleado*** *por bandidos num assalto.*

2) Voz Passiva Sintética (ou Pronominal): sua marca principal é o **verbo transitivo direto (VTD)** ou **transitivo direto e indireto (VTDI) acompanhado do pronome apassivador *se;*** o sujeito sempre vem explícito, e o verbo concorda com ele em número e pessoa.

– ***Apresentaram-se*** *os resultados da pesquisa.*

– ***Apresentaram-se*** *os resultados da pesquisa aos clientes.*

Por exemplo, se eu dissesse "Apresentou-se os resultados da pesquisa.", tal construção **não estaria de acordo com o registro culto da língua**, pois o sujeito está no plural (os resultados da pesquisa)... Logo, o verbo tem de figurar no plural!

Só o Bechara discorda disso, entre os gramáticos tredicionais. Veja o capítulo 19 (*em sujeito indeterminado*).

Obs.: Os verbos *chamar-se, batizar-se, operar-se* (no sentido cirúrgico), *vacinar-se* são geralmente considerados passivos pronominais (voz passiva pronominal). O pronome apassivador, nesses casos excepcionais, assume formas de 1ª e 2ª pessoas: Batizei-me aqui. (Fui batizado aqui.) / Chamas-te Maria? (É chamada de Maria?)

Palavra final: Alguns gramáticos, como Hildebrando André, dizem haver um 3º tipo de voz passiva, com a construção *adjetivo* + *de* + ***verbo*** *no infinitivo*: "Isso é fácil de entender (= de ser entendido).", ou em frases como esta: "Ela vai dar a mão a beijar (= para ser beijada).". Cândido Jucá Filho, por sua vez, diz que o verbo no infinitivo constitui voz ativa, devendo ser interpretada a construção da seguinte maneira: "Isso é fácil de (alguém) entender." e também "Ela vai dar a mão para (alguém) beijar.". Não me odeie pelas polêmicas... a culpa não é minha.

Transposição de Vozes

A mudança/transposição **de voz ativa para passiva** (e vice-versa) depende de alguns procedimentos.

Antes de qualquer coisa, costuma-se dizer que *voz* **ativa e voz passiva** são nada mais, nada menos que duas maneiras sintaticamente diversas de dizer a mesma coisa. Há casos, porém, em que a voz passiva é **semanticamente** distinta da voz ativa, contrariando a ideia de que a transformação de uma em outra também não altera o sentido. Pode ser que altere, sim!

Uma frase como "Todo o Brasil viu Ayrton Senna morto." tem sentido diferente do da sua correspondente passiva: "Ayrton Senna foi visto morto por todo o Brasil.", uma vez que "por todo o Brasil" passa a ter sentido ambíguo, ou até ridículo, pois uma interpretação possível é que o piloto virou um fantasma e vive andando pelo Brasil.

Segundo o professor José Augusto Carvalho, a frase "'Eu tirei esta foto.' pode ser interpretada assim: 'Posei para esta fotografia.' ou 'Eu fui o fotógrafo responsável por esta fotografia.'. Mas a voz passiva correspondente – *Esta foto foi tirada por*

mim. – só tem uma interpretação possível: a de que eu fui o responsável pela foto, isto é, a de que fui o fotógrafo. A frase 'Um só aluno não fez o dever.' não diz o mesmo que 'O dever não foi feito por um só aluno.'". Cuidado com essas mudanças de sentido na passagem de voz verbal, principalmente em questões de reescritura de frases, em que o enunciado pede a manutenção do sentido.

No entanto, para as provas, mais importante que isso tudo é a parte estrutural! A partir de agora, saiba o que é realmente importante para as questões sobre o assunto.

Passagem de Voz Ativa para Passiva Analítica

Primeiro de tudo: para haver passagem de voz ativa para passiva e vice-versa é preciso que o verbo seja transitivo direto (verbo que exige complemento sem preposição) ou transitivo direto e indireto (verbo que exige um complemento sem preposição e um com preposição), está claro? Com verbos de ligação, transitivos indiretos (99,99%) ou intransitivos, não há passagem! Veja:

– *O homem* ***acompanhou*** *todas as pendências do dia.* (voz ativa)

Passando para a voz passiva analítica: o objeto direto vira sujeito, o sujeito vira agente da passiva e o **verbo** vira uma locução verbal (normalmente, *ser* + *particípio*), *mantendo-se o tempo e o modo verbal.* A manutenção do tempo e modo verbal é muito importante, senão você erra! Note também que o particípio concorda em gênero e número com o sujeito. Veja:

– *Todas as pendências do dia* ***foram acompanhadas*** *pelo homem.* (voz passiva analítica)

Se o verbo for transitivo direto e indireto, o objeto direto vira sujeito e o objeto indireto continua com função sintática de objeto indireto na voz passiva analítica. Veja:

– *O patrão sempre* ***delegará*** *responsabilidades ao empregado.* (voz ativa)

– *Responsabilidades sempre* ***serão delegadas*** *pelo patrão ao empregado.* (voz passiva analítica)

Simples, não?

Cuidado!!!

1) Você agora deve estar perguntando-se: "Ok. Entendi. Mas não é possível passar a frase da ativa para a *passiva sintética*?".

Resposta: Sim, desde que o sujeito da ativa seja indeterminado. Veja: Comeram a banana > Comeu-se a banana.

Note que, na voz passiva sintética, o agente da passiva não aparece mais. Em registros arcaicos isso até ocorria (*Resolveram-se todas as pendências do dia pelo homem.*). É raríssimo encontrar uma questão sobre agente da passiva em voz passiva **sintética**.

Resumo da ópera: É possível transformar a voz ativa em passiva analítica ou sintética.

2) Preste atenção em como vai ficar a passagem de voz ativa para a passiva analítica quando houver locuções verbais com infinitivo e gerúndio e locuções verbais de tempos compostos. Note a seguir a conservação do tempo e modo verbal do verbo auxiliar e a estrutura de voz passiva *ser* + particípio (no infinitivo) e *sendo* + particípio (no gerúndio); note também como vai ficar o tempo composto na voz passiva: *ter/haver* + *sido* + particípio do verbo principal.

– ***Vou comprar*** *uma casa.* (voz ativa) / *Uma casa* ***vai ser comprada*** *por mim.* (voz passiva analítica)

– ***Estou comprando*** *uma casa.* (voz ativa) / *Uma casa* ***está sendo comprada*** *por mim.* (voz passiva analítica)

– *Espero que* ***tenham resolvido*** *as pendências.* (voz ativa) / *Espero que as pendências* ***tenham sido resolvidas***. (voz passiva analítica)

Questãozinha esperta sobre passagem de voz verbal com locução verbal de tempo composto:

(Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico Judiciário – 2011)

– Empregando-se a voz ativa e mantendo-se os tempos verbais empregados, o trecho "O local das reuniões era a antiga cadeia pública, que, em 1808, havia sido remodelada pelo vice-rei conde dos Arcos" (l.24-25) seria, corretamente, reescrito da seguinte forma: *O local das reuniões era a antiga cadeia pública, que, em 1808, o vice-rei conde dos Arcos remodelou.*

( ) CERTO

(X) ERRADO (Gabarito!)

Comentário: Note que na primeira frase aparece a construção na voz passiva analítica "havia sido remodelada". Para passar para a voz ativa, precisamos

apenas retirar o verbo ser no particípio (sido). Veja como deveria ficar a reescritura: *O local das reuniões era a antiga cadeia pública, que, em 1808, o vice-rei conde dos Arcos* ***havia remodelado****.*

3) Pode haver passagem de voz ativa para passiva quando o objeto direto na ativa é preposicionado, pois a preposição é expletiva: *Eu* ***cumpri*** *com o dever.* (voz ativa) > *O dever* ***foi cumprido*** *por mim.* (voz passiva analítica)

4) Mesmo sendo transitivos diretos, **não** ocorre passagem de voz verbal em alguns verbos de sentido passivo, como *levar, ganhar, receber, tomar, aguentar, sofrer,* e outros, como *pesar (de peso), ter (e conter),* que indicam posse, e *haver,* no sentido de existir, constituindo oração sem sujeito. Em todos esses casos, o sujeito não pratica a ação verbal ou não existe: *Maria pesa 50 quilos. / Houve briga.* Não é possível passar para a voz passiva, veja: *50 quilos é pesado por Maria. (???) / Briga foi havida (???).* Está claro?

5) Atenção! Polêmica à vista! Há certos verbos transitivos indiretos, como *apelar, assistir* (= *ver*), *pagar/perdoar* (com complemento de pessoa), *responder* etc. em que há "concessões" para o uso da forma passiva, como diz Bechara. Napoleão Mendes de Almeida vai além, defendendo o uso na voz passiva de *assistir* (= *ver*). Veja:

– *Não apelaram da sentença. / A sentença não* ***foi apelada****.*
– *Muitas pessoas assistiram à missa. / A missa* ***foi assistida*** *por muitas pessoas.*
– *Pagamos às empregadas. / As empregadas* ***foram pagas*** *por nós.*
– *Todos lhe perdoaram. / Ele* ***foi perdoado*** *por todos.*
– *Reponder-se-ão às dúvidas. / As dúvidas* ***serão respondidas****.*
– *João abusou de Maria. / Maria* ***foi abusada*** *por João.*

Os verbos *obedecer* e *desobedecer,* apesar de hoje serem transitivos indiretos, eram considerados transitivos diretos antigamente. Por esse motivo, muitos gramáticos registram que tais verbos podem figurar na voz passiva: *A ordem da mãe não* ***foi obedecida*** */* ***Obedeceu-se*** *a ordem.*

Outra informação importante é que os verbos *assistir (= ajudar)* e *pagar/perdoar (com complemento de coisa)* podem ser passados para a voz passiva analítica normalmente, pois, nesses casos, eles são transitivos diretos:

– *O professor* ***continua assistindo*** *os alunos. / Os alunos* ***continuam sendo assistidos*** *pelo professor.*

– *Tomara que* ***tenham perdoado*** *toda a dívida. / Tomara que toda a dívida* ***tenha sido perdoada***.

Mas a grande verdade é que a tradição da língua culta **NÃO** tolera que verbos transitivos indiretos sejam passados para a voz passiva. E é assim que 99,99% das bancas veem tal fato.

Dica de irmão: Para resolver, portanto, uma questão de voz verbal, veja qual opção traz um verbo transitivo direto (ou transitivo direto e indireto). Este é o *bizu*! Veja:

14. (Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico (Analista de Sist. e Sup.) – 2010) A passagem que NÃO admite, segundo o registro culto e formal da língua, a transposição para a voz passiva é:

a) "'Este ano vou arranjar um bom trabalho.'"
b) ...que para fazer uma vida nova..."
c) "Ela responde aos porquês." (Gabarito!)
d) "Fazemos isso o tempo todo com os outros,"
e) "descobrimos coisas..."

Comentário: O verbo *responder* é transitivo indireto, logo não pode ser passado da voz ativa para a voz passiva analítica. Os demais são transitivos diretos, logo admitem passagem.

18. (Esaf – MPU – Analista – 2004) Com relação aos aspectos gramaticais e textuais do trecho abaixo, assinale a opção correta.

Fragmento de texto

(...) A tragédia de Édipo é um procedimento de pesquisa da verdade que obedece exatamente às práticas judiciárias gregas daquela época.

e) Seria mantida a correção do período caso a última oração estivesse assim expressa na voz passiva: **que são obedecidas exatamente as práticas judiciárias gregas daquela época**.

Comentário: A letra E não foi o gabarito, logo fica a lição da Esaf: o verbo *obedecer* não pode ser passado para a voz passiva.

Mais do que isso, não há passagem de voz ativa para passiva analítica se o verbo for intransitivo ou de ligação. Sobre isso, veja uma questão da FCC – TRE/PB – Analista Judiciário – 2007:

7. A construção que NÃO admite transposição para a voz passiva é:

a) Os astrônomos antigos colocaram-na no centro do universo.

b) A mensagem chegou com o título de "A Bela Azul". **(Gabarito! / Verbo intransitivo.)**
c) O coração coloca as razões do amor no centro do universo.
d) Anunciam os cientistas a agonia de nossa Bela Azul.
e) A presença da natureza por vezes nos desvia da leitura de um livro.

Para *fechar o caixão* sobre isso, veja: FCC – TRE/AM – Analista Judiciário – 2010:

8. A frase que admite transposição para a voz passiva é:
a) Perto da Igreja, todos os poderosos do mundo parecem diletantes.
b) A Concordata poderá incluir o retorno do ensino religioso.
c) Há estatísticas controvertidas sobre esse poder eclesiástico.
d) Não são incomuns atos religiosos com finalidade política.
e) O Brasil é um país estratégico para a Igreja Católica.

Comentário: a) *Parecem* é verbo de ligação. Não se pode passar para a voz passiva. b) **Eis o gabarito**, pois o verbo é transitivo direto: *O retorno do ensino religioso poderá ser incluso na Concordata.* c) Verbo *haver* (= *existir*), apesar de VTD, não sofre transposição. d) Verbo de ligação não sofre passagem de voz. e) Verbo de ligação não sofre passagem de voz.

Passagem de voz ativa para passiva sintética

Normalmente se passa da voz ativa para a passiva sintética se o sujeito da ativa estiver **indeterminado, verbo na 3ª pessoa do plural.** Ok? Veja:
– *Resolveram todas as pendências da empresa.* (Quem? / voz ativa)

Basta acrescentar agora o pronome apassivador *se* para que a construção sintática seja de voz passiva sintética:
– *Resolveram-se todas as pendências da empresa.* (voz passiva sintética)

Obs.: Na passiva analítica, o agente da passiva ficará igualmente indeterminado:
Todas as pendências da empresa foram resolvidas. (voz passiva analítica)

Passagem de Voz Passiva Analítica para Voz Passiva Sintética

É fácil fazer esta transposição (ou passagem).

Veja o passo a passo:

– *Todas as pendências da empresa* ***foram resolvidas***.

1º: Elimina-se o verbo *ser* e passa-se o verbo principal para o mesmo modo, tempo e pessoa em que estava o verbo *ser*: ***Resolveram***.

2º: Junta-se o pronome *se* apassivador ao verbo, observando-se as regras de colocação dos pronomes: ***Resolveram-se***.

3º: O sujeito fica, normalmente, posposto ao verbo que com ele concorda: ***Resolveram-se todas as pendências da empresa.***

Obs.: Note que só dá para passar da passiva analítica para passiva sintética (e vice-versa) se o agente da passiva vier implícito na construção da frase. Veja uma questão sobre isso:

19. (Fund. Dom Cintra (FDC) – Mapa – Analista de Sistemas – 2010) Abaixo foram transcritos trechos do texto 2 com orações na voz passiva e, ao lado de cada uma delas, foi feita a transposição para a voz ativa. Houve falha nessa transposição, pois foi mantida a voz passiva, na oração:

a) "Os testes foram realizados no Tribunal Superior Eleitoral, em Brasília." (1º parágrafo) / Realizaram-se os testes no Tribunal Superior Eleitoral, em Brasília. (Gabarito!)

Comentário: Não houve passagem da voz passiva para a ativa como exigia o enunciado, portanto houve falha nessa transposição, pois foi mantida a voz passiva – de analítica (foram realizados) para sintética (Realizaram-se). Fácil!

Voz Reflexiva

Segundo a gramática tradicional, ocorre **voz reflexiva** (também chamada de **média** ou **medial**, pois se situa como forma intermediária entre a ativa e a passiva) quando o verbo indica uma **ação praticada e sofrida pelo próprio sujeito**, ou seja, o sujeito é o **agente** e o **alvo** da ação, ao mesmo tempo – a ação que ele pratica reflete em si mesmo. Como os verbos são sempre VTDs ou VTDIs, o pronome reflexivo terá função de objeto direto ou indireto.

Dica: Os verbos indicativos de atos que podem ser executados em outra pessoa ou na própria pessoa que os pratica constituem voz reflexiva – se acompanhados de pronome reflexivo. Veja:

– *Eu **me barbeei** com esmero, mas acabei **me ferindo**.* (é possível barbear alguém e feri-lo)

– *Tu **te maquiaste** muito bem.* (é possível maquiar alguém)
– *Depois de muito sofrer, João **se deu** o direito de tirar umas férias.* (é possível dar algo a alguém)
– *Nunca mais **se atribua** o título de Presidente.* (é possível atribuir algo a alguém)
– *Ela **se arrogou** o poder de decisão.* (é possível arrogar algo a alguém)
– *Infelizmente, às vezes, **colocamo-nos** em situação de risco.* (é possível colocar alguém em situação de risco)
– *Vós **vos** impusestes uma condição de humildade muito louvável.* (é possível impor algo a alguém)

Cuidado!!!

1) Não confunda **reflexividade** com **voz reflexiva**. Na **voz reflexiva**, o verbo é transitivo direto (ou direto e indireto) e tem como objeto um dos pronomes oblíquos átonos (pronomes reflexivos) *me, te, se, nos, vos.* Ou seja, é preciso um pronome reflexivo ligado ao verbo para que batamos o martelo: "Voz reflexiva!". Para sabermos se é reflexivo, vai um *bizuzex*: basta acrescentar *a mim mesmo, a ti mesmo, a si mesmo, a nós mesmos, a vós mesmos,* respectivamente. A **reflexividade** aparece em estruturas diferentes, **sem** pronome oblíquo átono: "Deixaram atrás *de si* o passado sombrio.". Essa frase está na voz ativa.

Veja uma questão sobre voz reflexiva:

Cespe/UnB – Correios – Analista – 2011
– As formas verbais "dedicou-se" (*Erasmo dedicou-se mais à pintura...*) e "se afastar" (*... foi decisivo para Erasmo se afastar da filosofia...*) estão na voz reflexiva.
(X) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: Se for possível substituir o pronome oblíquo átono por um substantivo ou usar uma das expressões reforçativas – *a mim/ti/si/nós/vós mesmo(s)* –, a voz é reflexiva. É o que ocorre aqui.

Veja outra: FCC – TRT/PA e AP (8a R) – TÉCNICO JUDICIÁRIO – 2010 – QUESTÃO 14:

2) Este tópico só deve interessar a quem pretende se aprofundar no assunto; do contrário, ignore-o. No ensino de grandes estudiosos, como A. G. Kury e

E. Bechara, a voz reflexiva é só um subtipo de voz medial. Há outros tipos de voz medial, que não a reflexiva. Nela, há verbos que denotam atos espontâneos ou sentimentos, sem agente ou causa aparente. Os verbos vêm acompanhados ora de parte integrante do verbo (em verbos pronominais), ora de pronome expletivo, nunca de pronomes reflexivos. Veja:

– *O dinheiro* ***se foi****.*
– *O sol* ***se pôs****.*
– *Nós* ***nos queixamos*** *muito da vida.*
– *Nunca* ***me arrependi*** *daquilo.*
– *Nunca mais* ***se atreva*** *a expor minha mulher ao ridículo.*
– *Não* ***me venha*** *com bobagens!*
– *João* ***se levantou****.*

3) Com o prefixo **auto-**, a voz é sempre reflexiva: "*Ele* ***se automutilou.***".

4) Sobre o exemplo "*O preso* ***suicidou-se.***", o gramático Cegalla diz que há voz reflexiva. A semântica do verbo já é reflexiva por natureza, pois sua etimologia latina (*sui* + *cida*) é reflexiva, mas alguns linguistas, como Claudio C. Henriques, pensam que sintaticamente é impossível que a voz seja reflexiva, pois o *se* não exerce função de objeto. Fico com o Claudio. Mas cuidado com as provas... nunca se sabe! Agora, em "*Ele* ***matou-se.***", há voz reflexiva certamente, pois ele matou alguém: a si mesmo.

Há outro tipo de voz reflexiva, segundo a tradição gramatical, que se chama **voz reflexiva recíproca**. Ocorre quando o verbo se encontra no plural (normalmente) e há pelo menos dois seres praticando a mesma ação verbal, um no outro. O verbo sempre vem acompanhado dos pronomes oblíquos átonos com **valor reflexivo recíproco** (*se, nos, vos*), que podem ter ao lado expressões reforçativas, como *um ao outro, uns aos outros, reciprocamente, mutuamente.* Há também muitos verbos cuja reciprocidade é visível pelo prefixo **entre-**.

– *Eles não* ***se cumprimentaram*** *nem* ***se falaram*** *mais.*
– *Nós* ***nos beijamos*** *efusiva e languidamente.*
– *Espero que vós* ***vos abraceis*** *em cena.*
– *Por que as pessoas não acreditam que a gente* ***se ama****?*
– *Foi péssimo quando o casal* ***se xingou*** *na frente de todos.*

– *Eles **se entreolharam**.*

Bônus: CESPE/UNB – TRT/RJ (1ª R) – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2008 – QUESTÃO 3 B).

Cuidado!!!

Com determinadas construções, devido ao contexto, é possível haver ambiguidade no pronome *se* de modo que a classificação das vozes verbais seja passiva sintética, reflexiva ou reflexiva recíproca. Veja:

– ***Julgou-se o homem mais inteligente do mundo***. (voz passiva = *O homem mais inteligente do mundo foi julgado.* / voz reflexiva = *Ele julgou a si mesmo o homem mais inteligente do mundo.*)

– ***Vestiram-se o ator e a atriz***. (voz passiva = *O ator e a atriz foram vestidos.* / voz reflexiva = *O ator vestiu a si mesmo e a atriz vestiu a si mesma.* / voz reflexiva recíproca = *O ator vestiu a atriz e a atriz vestiu o ator.*)

Para que o verbo possa ser considerado **reflexivo recíproco**, sem ambiguidades, temos às vezes que acrescentar alguma expressão de reciprocidade: *O ator e a atriz vestiram-se reciprocamente/um ao outro/a si próprios etc.*

Sensatamente, um dos primeiros gramáticos brasileiros, Júlio Ribeiro, ensina o seguinte: só há ambiguidade entre voz passiva e reflexiva se o sujeito puder exercer a ação verbal. Em "*Consertam-se relógios.*", por exemplo, não há ambiguidade; a voz é passiva, pois *relógios* não podem praticar ação alguma.

Fechando o caixão sobre tudo o que se disse até agora

Segundo o grande mestre José Carlos de Azeredo: "O paradigma da chamada **voz ativa** é comum à ampla classe dos verbos, **sejam eles transitivos ou intransitivos** (grifo meu), já as formas **passiva e reflexiva** são típicas apenas dos verbos **transitivos** (grifo meu).".

Logo:

- **Voz ativa** – *Ele fugiu ontem à noite. / Ele lavou o rosto. / Ele respondeu às perguntas. / Ele forneceu ajuda aos necessitados.*
- **Voz Passiva** – *Ele foi eliminado do programa. / Reprovou-se o aluno.*
- **Voz Reflexiva** – *Ele embelezou-se.*

• **Voz Reflexiva Recíproca –** *Eles ofenderam-se mutuamente.*

E mais uma questãozinha – comentada pela própria banca do concurso (com pequeno acréscimo meu).

19. (FAB – EAGS – Sargento – 1/2010) Quanto à voz verbal, coloque (P) voz passiva, (a) voz ativa e (R) voz reflexiva para as frases abaixo. A seguir, assinale a alternativa com a sequência correta.

( ) O petróleo é formado da decomposição de matérias orgânicas, como animais e plantas soterrados.

( ) Com a descoberta do petróleo, criaram-se máquinas movidas a óleo, gasolina e querosene.

( ) Vários países neste século têm se esforçado na busca de alternativas para a escassez de petróleo.

( ) Devido ao crescente consumo mundial de petróleo, os países superpopulosos já se veem à margem do desenvolvimento.

a) A – R – P – R.
b) P – A – R – P.
c) A – R – R – A.
d) P – P – A – R.

RESOLUÇÃO

Resposta: D

Na voz ativa, o sujeito se diz agente, porque é praticante da ação verbal. Esse tipo de voz está presente em "*Vários países neste século têm se esforçado na busca de alternativas para a escassez de petróleo.*". O verbo *esforçam-se* indica ação do sujeito *Vários países*, e o pronome *se* não tem classificação sintática, uma vez que faz parte intrínseca do verbo *esforçar-se*. Na voz passiva, o sujeito se diz paciente, porque é recebedor da ação verbal. A voz passiva pode ser de dois tipos: *analítica*, formada com o verbo *ser* seguido de particípio, como ocorre em "*O petróleo é formado da decomposição de matérias orgânicas, como animais e plantas soterrados*; e *sintética.*", formada com verbo transitivo direto acompanhado do pronome apassivador *se*, como ocorre em "*Com a descoberta do petróleo,* ***criaram-se*** *máquinas movidas a óleo, gasolina e querosene.*". Note que em "*é formado* ***da decomposição de matérias orgânicas***" o agente da passiva começa pela preposição *de*, o que é raro, mas acontece. A voz reflexiva é aquela em que o sujeito se diz agente e paciente, pois é, ao mesmo tempo, praticante e recebedor da ação verbal. Esse tipo de voz está presente em "*Devido ao crescente consumo mundial de petróleo, os países*

superpopulosos já se veem à margem do desenvolvimento.". Aqui, o *se* é pronome reflexivo: *os países veem* (praticam a ação de) *a si mesmos / se* (recebem a ação de). Agora, sim, fechamos bonito voz verbal! Graças a Deus!

Formação dos Tempos Primitivos e Derivados

Os tempos verbais são formados a partir de outros. Logo, podemos dividi-los em tempos primitivos e tempos derivados, sendo estes formados a partir daqueles. É um raciocínio lógico, certo?

Pois bem... os chamados **tempos primitivos** são: **presente do indicativo**, **pretérito perfeito do indicativo** e **infinitivo impessoal**. Vejamos, nas tabelas abaixo, como isso acontece.

Tempos Derivados do Presente do Indicativo

Conheça antes as conjugações dos verbos ***amar*** (1ª conjugação), ***vender*** (2ª conjugação) e ***partir*** (3ª conjugação) no presente do indicativo:

Amar: *amo, amas, ama, amamos, amais, amam.*

Vender: *vendo, vendes, vende, vendemos, vendeis, vendem.*

Partir: *parto, partes, parte, partimos, partis, partem.*

1) Presente do subjuntivo: forma-se a partir do radical da 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, acrescentando-se uma desinência de modo e tempo, que será **e** para a 1ª conjugação e **a** para as 2ª e 3ª conjugações; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMar	**VENDer**	**PARTir**
Am**e**	Vend**a**	Part**a**
Am**es**	Vend**as**	Part**as**
Am**e**	Vend**a**	Part**a**

Am**emos**	Vend**amos**	Part**amos**
Am**eis**	Vend**ais**	Part**ais**
Am**em**	Vend**am**	Part**am**

Obs.: Tais verbos não obedecem à regra anterior: *haver, ser, estar, dar, ir, querer* e *saber*, que fazem no presente do subjuntivo: *haja, seja, esteja, dê, vá, queira* e *saiba*. Não custa dizer o óbvio: alguns verbos que não se conjugam na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo também não se conjugam no presente do subjuntivo.

2) Imperativo afirmativo: faço questão de falar sobre a formação do imperativo à parte, mais à frente.

Tempos Derivados do Pretérito Perfeito do Indicativo

Conheça antes as conjugações dos verbos ***amar*** (1ª conjugação), ***vender*** (2ª conjugação) e ***partir*** (3ª conjugação) no pretérito perfeito do indicativo:

Amar: *amei, amaste, amou, amamos, amastes, amaram.*

Vender: *vendi, vendeste, vendeu, vendemos, vendestes, venderam.*

Partir: *parti, partiste, partiu, partimos, partistes, partiram.*

1) Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: forma-se a partir da terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo até **ra**: ***amara**m, **vendera**m, **partira**m...* depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente; detalhe importante: na 2ª pessoa do plural, **ra** vira **re***.

AMARAm	**VENDERAm**	**PARTIRAm**
Ama**ra**	Vende**ra**	Parti**ra**

Ama**ras**	Vende**ras**	Parti**ras**
Ama**ra**	Vende**ra**	Parti**ra**
Amá**ramos**	Vendê**ramos**	Partí**ramos**
*Amá**reis**	*Vendê**reis**	*Partí**reis**
Ama**ram**	Vende**ram**	Parti**ram**

2) Pretérito imperfeito do subjuntivo: forma-se a partir do tema (radical + vogal temática) da 2ª pessoa do singular seguido da desinência modo-temporal **sse**; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAste	**VENDEste**	**PARTIste**
Ama**sse**	Vende**sse**	Parti**sse**
Ama**sses**	Vende**sses**	Parti**sses**
Ama**sse**	Vende**sse**	Parti**sse**
Amá**ssemos**	Vendê**ssemos**	Partí**ssemos**
Amá**sseis**	Vendê**sseis**	Partí**sseis**
Ama**ssem**	Vende**ssem**	Parti**ssem**

3) Futuro do subjuntivo: forma-se a partir do tema (radical + vogal temática) da 2ª pessoa do singular seguido da desinência modo-temporal **r**; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAste	**VENDEste**	**PARTIste**

Ama**r**	Vende**r**	Parti**r**
Ama**res**	Vende**res**	Parti**res**
Ama**r**	Vende**r**	Parti**r**
Ama**rmos**	Vende**rmos**	Parti**rmos**
Ama**rdes**	Vende**rdes**	Parti**rdes**
Ama**rem**	Vende**rem**	Parti**rem**

Tempos Derivados do Infinitivo Impessoal

1) Futuro do presente do indicativo: forma-se a partir do tema seguido das desinências modo-temporais **re** e **ra**; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAr	**VENDEr**	**PARTIr**
Ama**rei**	Vende**rei**	Parti**rei**
Ama**rás**	Vende**rás**	Parti**rás**
Ama**rá**	Vende**rá**	Parti**rá**
Ama**remos**	Vende**remos**	Parti**remos**
Ama**reis**	Vende**reis**	Parti**reis**
Ama**rão**	Vende**rão**	Parti**rão**

2) Futuro do pretérito do indicativo: forma-se a partir do tema seguido das desinências modo-temporais **ria** e **rie*** (na 2ª pessoa do plural); depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAr	VENDEr	PARTIr
Ama**ria**	Vende**ria**	Parti**ria**
Ama**rias**	Vende**rias**	Parti**rias**
Ama**ria**	Vende**ria**	Parti**ria**
Ama**ríamos**	Vende**ríamos**	Parti**ríamos**
*Ama**ríeis**	*Vende**ríeis**	*Parti**ríeis**
Ama**riam**	Vende**riam**	Parti**riam**

Obs.: Não seguem esta regra os verbos *dizer, fazer* e *trazer*, cujas formas do futuro do presente e do pretérito são, respectivamente: *direi, diria; farei, faria; trarei, traria.*

3) Pretérito imperfeito do indicativo: forma-se a partir do tema seguido das desinências modo-temporais **va** e **ve*** (na 2ª pessoa do plural) nos verbos de 1ª conjugação; e de **a** e **e*** (na 2ª pessoa do plural) nos verbos de 2ª e de 3ª conjugação; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAr	VENDEr	PARTIr
Ama**va**	Vendi**a**	Parti**a**
Ama**vas**	Vendi**as**	Parti**as**
Ama**va**	Vendi**a**	Parti**a**
Amá**vamos**	Vendí**amos**	Partí**amos**

*Amá**veis**	*Vendí**eis**	*Part**íeis**
Ama**vam**	Vendi**am**	Part**iam**

Obs.: Nos verbos de 2ª conjugação, a vogal temática **e** vira **i**, por causa da eufonia. Fique atento aos verbos, *ser, ter, vir* e *pôr*, que fazem no imperfeito *era, tinha, vinha* e *punha*, respectivamente.

4) Infinitivo pessoal: forma-se a partir do infinitivo impessoal seguido das desinências número pessoais **-es** (2ª pessoa do singular), **-mos** (1ª pessoa do plural), **-des** (2ª pessoa do plural), **-em** (3ª pessoa do plural).

AMAR	**VENDER**	**PARTIR**
Amar	Vender	Partir
Amar**es**	Vender**es**	Partir**es**
Amar	Vender	Partir
Amar**mos**	Vender**mos**	Partir**mos**

Amar**des**	Vender**des**	Partir**des**
Amar**em**	Vender**em**	Partir**em**

Cuidado!!!

Normalmente, a conjugação do infinitivo pessoal é igual à do futuro do subjuntivo. Eu falei "normalmente" porque verbos como *fazer, dizer, pôr, ter, ver, vir* etc. não são iguais. Cuidado com tais verbos! É preciso saber a conjugação deles, pois caem muito em prova!

Não confunda um com outro!

O infinitivo pessoal vem normalmente antecedido de preposição ou locução prepositiva, mas o futuro do subjuntivo vem normalmente antecedido do pronome indefinido *quem* (equivalendo a "aquele que") ou de conjunção ou locução conjuntiva. Observe:

– *A vida vai mudar para quem* ***obter*** *boa nota no concurso.* (construção errada/infinitivo)

– *A vida vai mudar para quem* ***obtiver*** *boa nota no concurso.* (construção certa/futuro do subjuntivo)

O verbo *obter* é derivado do verbo *ter*, por isso deve seguir a mesma conjugação: *quem tiver* = *quem obtiver*. No futuro do subjuntivo! E agora?

– *A aluna comprou o meu material para* ***obter*** *boa nota no concurso* (construção certa/infinitivo)

Esdrúxulo seria dizer: *A aluna comprou o meu material para obtiver boa nota no concurso.*

Note agora:

– *Perderá pontos se não* ***rever*** *seu texto.* (construção inadequada/infinitivo)

– *Perderá pontos se não* ***revir*** *seu texto.* (construção adequada/futuro do subjuntivo)

O verbo *rever*, por ser derivado de *ver*, deve seguir a mesma conjugação. O futuro do subjuntivo do verbo *ver* é: (se) eu vir, (se) tu vires, (se) ele vir, (se) nós virmos, (se) vós virdes, (se) eles virem. Assim sendo, os verbos derivados (rever, prever, antever...) devem seguir a mesma conjugação.
Não podemos confundir *vir* com *vier*. A forma *vir* pode ser infinitivo (*Ela foi convidada para **vir** a Recife.*) ou futuro do subjuntivo do verbo *ver* (*Ele só comprará o material se **vir** a aula demonstrativa.*). A forma *vier* é futuro do subjuntivo do verbo *vir*: *"Ele só ficará satisfeito se você **vier** ao Rio de Janeiro."*.
Parece bobagem dizer essas coisas, mas quem é *concurseiro-ratão*, sabe o que estou dizendo! Isso cai direto em prova. DI-RE-TO! Consulte: FCC – TRE/AP – TÉCNICO JUDICIÁRIO – QUESTÃO 14.

Formação do Imperativo e Uniformidade de Tratamento

O **imperativo afirmativo** se forma a partir da 2ª pessoa do singular e do plural do presente do indicativo sem o **s** da 3ª pessoa do singular e das 1ª e 3ª pessoas do plural do presente do subjuntivo.

Já o **imperativo negativo** é a cópia do presente do subjuntivo: *Ctrl + C + Ctrl + V*. As formas do imperativo negativo sempre vêm antecedidas de termos negativos (*não, nem, tampouco, nunca...*).

Não existe a primeira pessoa do singular, pois não é possível, em tese, dar uma ordem para si mesmo.

Presente do Indicativo	**Imperativo Afirmativo**		**Presente do Subjuntivo**		**Imperativo Negativo**	
Eu amo		–		(Que) Eu ame		–
Tu amas	→	ama (tu)		Tu ames	→	*não* ames
Ele ama		ame (você)	←	Ele ame	→	*não* ame

Nós amamos		amemos (nós)	←	Nós amemos	→	*não* amemos
Vós amais	→	amai (vós)		Vós ameis	→	*não* ameis
Eles amam		amem (vocês)	←	Eles amem	→	*não* amem

Obs.: O verbo *ser* não se adapta perfeitamente a essa formação: no imperativo afirmativo, ele fica assim: *sê* (tu), *sede* (vós).

Existe algo extremamente importante a falar sobre o imperativo. Você já ouviu falar de **uniformidade de tratamento**? Não? Então, é a hora de saber, visto que muitos concursos vêm apelando para esse tipo de questão a fim de testar seu conhecimento do registro culto da língua.

Como o próprio nome sugere, o tratamento ou a pessoa do verbo deve ficar uniforme, ou seja, não pode mudar de forma numa frase. Caso se inicie uma frase em que alguém se refere ao interlocutor usando formas de 2ª pessoa, deve ele mantê-la. Caso se inicie uma frase em que alguém se refere ao interlocutor usando formas de 3ª pessoa, deve ele mantê-la. Sacou? Não pode haver mistura de formas, como **você** e **tu** na mesma frase. Cuidado com isso!

Quem não se lembra, por exemplo, do slogan da Caixa Econômica Federal? "Vem pra Caixa você também... Vem!" O *moço* que fez a propaganda (só chamando assim...) não se deu conta (acho eu) de que estava infringindo um princípio da língua culta, a saber: a **uniformidade de tratamento.**

Se ele diz "Vem", este verbo está na 2ª pessoa do singular do imperativo afirmativo – encaixe o verbo *vir* lá na tabelinha para ver se ele não vacilou... é... como diz a música: "Vacilou, cachimbo cai!". O camarada publicitário "garoteou", fez uma **DESuniformidade de tratamento**.

Era preciso que a frase ficasse assim para manter **harmonia/uniformidade de tratamento**: "Vem pra Caixa tu também... Vem!". Hummmm... estranho, não? Será

que é por isso que ele misturou o verbo de 2ª pessoa com o pronome *você* (3ª pessoa gramatical)? Pode ser...

O fato é que você não pode vacilar na prova. Adriana Calcanhoto também não fez uniformidade, mas ela tem licença poética... Veja:

(Ela começa com a terceira pessoa...)

Rasgue *(você) as minhas cartas*
E não me ***procure*** *(você) mais*
Assim será melhor
Meu bem!

(Estava bom demais para ser verdade... daí ela muda para a 2ª pessoa)

O retrato que eu ***te*** *(!) dei*
Se ainda ***tens*** *(!)*
Não sei!

(Como num passe de mágica ela retorna à 3ª pessoa... coisa linda!)

Mas se ***tiver***
Devolva*-me!*

Meu amigo, se um discurso começar com a 3ª pessoa, mantenha-o ATÉ O FIM!
Se começar com a 2ª pessoa, IDEM! Combinado? Maravilha!
Veja uma questão sobre isso:

20. (Esaf – CGU – Técnico em Finanças e Controle – 2008) Abaixo estão recomendações para evitar o estresse. Assinale a opção na qual os verbos estão conjugados, corretamente, na terceira pessoa do singular.

a) Saboreie a vida, dai mais valor a suas experiências.
b) Aprende a dizer não. Peça ajuda sempre que necessário.
c) Pára e medite. Põe uma uva passa na boca. Note textura, cheiro e sabor.
d) Fique atenta à respiração. Inspira e expira lentamente.
e) Invista em prazeres: ouça música, leia, dê-se o direito de não fazer nada.
(Cristina Nabuco, "Para desacelerar", Cláudia, junho 2007, p. 227.)

E aí? Qual é o gabarito? Vamos ver se você está safo no assunto, comentando opção por opção (observe que todos os verbos estão no **imperativo**):

a) Saboreie (3ª pessoa do singular) a vida, dai (2ª pessoa do plural) mais valor a suas experiências.

b) Aprende (2ª pessoa do singular) a dizer não. Peça (3ª pessoa do singular) ajuda sempre que necessário.

c) Pára (2ª pessoa do singular) e medite (3ª pessoa do singular). Põe (2ª pessoa do singular) uma uva passa na boca. Note (3ª pessoa do singular) textura, cheiro e sabor.

d) Fique (3ª pessoa do singular) atenta à respiração. Inspira (2ª pessoa do singular) e expira (2ª pessoa do singular) lentamente.

e) Invista (3ª pessoa do singular) em prazeres: ouça (3ª pessoa do singular) música, leia (3ª pessoa do singular), dê-se (3ª pessoa do singular) o direito de não fazer nada. (Gabarito!)

Consulte esta: FGV – SEFAZ/RJ – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA – 2011 – QUESTÃO 16.

Palavra Final: Existem alguns verbos que, por seu sentido próprio, não admitem uso no imperativo, como ***caber***, ***querer*** (segundo Celso Cunha) e ***poder***, por exemplo.

Formação dos Tempos Compostos

Os **tempos compostos da voz ativa** são formados pelos verbos *ter/haver* + particípio, para indicar, normalmente, um fato acabado, repetido ou contínuo.

No modo indicativo:

- Pretérito perfeito composto: *Eu **tenho/hei decorado** a tabela.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *Tu **tinhas/havias decorado** a tabela.*
- Futuro do presente composto: *Ele **terá/haverá decorado** a tabela.*
- Futuro do pretérito composto: *Nós **teríamos/haveríamos decorado** a tabela.*

Obs.: Como se nota, não há locução verbal de tempo composto no presente do indicativo nem no pretérito imperfeito do indicativo. Note também que o **pretérito perfeito composto** é formado por **presente do indicativo** + **particípio** e o **pretérito mais-que-perfeito composto** é formado por **pretérito imperfeito do indicativo + particípio**.

No modo subjuntivo:

- Pretérito perfeito composto: *Espera-se que vós **tenhais/hajais decorado** a tabela.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *Se eles **tivessem/houvessem decorado** a tabela, não estariam chorando agora.*
- Futuro do subjuntivo composto: *Quando vocês **tiverem/houverem decorado** a tabela, verão sua importância.*

Nas formas nominais:

- Infinitivo: *Para nós **termos/havermos decorado** a tabela, precisou de tempo.*
- Gerúndio: ***Tendo/havendo decorado** a tabela, tudo ficará bem.*

Os ***tempos compostos da voz passiva*** são formados pelos verbos *ter/haver* + *sido* + particípio.

No modo indicativo:

- Pretérito perfeito composto: *A tabela **tem/há sido decorada** por mim.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *A tabela **tinha/havia sido decorada** por ti.*
- Futuro do presente composto: *A tabela **terá/haverá sido decorada** por ele.*
- Futuro do pretérito composto: *A tabela **teria/haveria sido decorada** por nós.*

No modo subjuntivo:

- Pretérito perfeito composto: *Espera-se que a tabela **tenha/haja sido decorada** por vós.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *Se a tabela **tivesse/houvesse sido decorada** por eles, não estariam chorando agora.*

- Futuro do subjuntivo composto: *Quando a tabela* ***tiver/houver sido decorada*** *por vocês, verão sua importância.*

Nas formas nominais:

- Infinitivo: *Para a tabela* ***ter/haver sido decorada*** *por nós, precisamos de tempo.*
- Gerúndio: ***Tendo/havendo sido decorada*** *a tabela, tudo ficará bem.*

Cuidado!!!

Observe uma **falsa** locução verbal de tempo composto:

– *O falastrão número um do UFC e rei das provocações gratuitas* ***tem pendurado*** *na parede de casa um diploma de graduação em Sociologia, pela Universidade de Oregon.*

Na verdade, há dois verbos e duas orações:

– *O falastrão número um do UFC e rei das provocações gratuitas* ***tem*** *um diploma de graduação em Sociologia, pela Universidade de Oregon,* ***pendurado*** *na parede de casa.*

Note que o particípio *pendurado*, que pode ser desenvolvido, se refere ao diploma: *"... diploma... que está pendurado na parede de casa".*

Emprego dos Tempos e Modos Verbais

Antes de qualquer coisa, saiba que todo ano este assunto cai nas bancas de mais prestígio atualmente: FCC, Esaf e Cespe/UnB. Estude!

Os diferentes **tempos verbais** atendem a necessidades distintas dos falantes. Eles indicam o momento em que o falante quer situar os fatos. Os **modos verbais** vão exprimir, normalmente, certeza (indicativo), incerteza (subjuntivo) e ordem (imperativo).

Vejamos primeiramente os tempos do modo indicativo, depois os do subjuntivo e, em seguida, falaremos do modo imperativo.

Obs.: Por favor, fique ligado nos tempos compostos correspondentes aos tempos simples! Tal correspondência é abordada em questão de prova. Preste atenção!

O Modo Indicativo

Os verbos no modo indicativo aparecem em orações coordenadas e orações principais, normalmente, mas podem figurar nas orações subordinadas também. Caso queira entender melhor o conceito de oração (e seus tipos), recorra ao capítulo de sintaxe.

Presente

1) Indica um fato que ocorre no momento em que se fala.

– ***Ouço*** *vozes estranhas que* ***vêm*** *lá de fora...*

– ***Estou ouvindo*** *música, e você?*

– *O Brasil* ***está jogando*** *contra a Argentina agora.*

2) Indica um fato habitual, corriqueiro, frequente.

– *Aos domingos,* ***vou*** *à missa.*

– *O galo sempre* ***canta*** *às 5 horas aqui perto.*

– *Você sabia que Pedro* ***fuma****?*

3) Indica um fato atemporal, uma verdade absoluta ou tomada como tal (aparece muito em ditados, máximas, leis etc.).

– ***Morre*** *todos os dias uma pessoa a cada 5 segundos.*

– *Água mole em pedra dura tanto* ***bate*** *até que fura.*

– *Deus* ***é*** *fiel!*

4) Indica um fato que já se iniciou e dura até o presente momento da declaração.

– *Os cientistas* ***estudam*** *a cura da AIDS ainda.*

– *A homofobia* ***vem proliferando*** *nas grandes cidades.*

– *Por que você, desde a madrugada,* ***assiste*** *a tantos programas de celebridades?*

Cuidado!!!

1) O presente do indicativo pode ser usado no lugar do pretérito perfeito do indicativo. Neste caso, ele é chamado de **presente histórico**, pois torna recente um fato passado, como se o estivesse atualizando a fim de torná-lo mais vivo. A ideia é aproximar, portanto, um fato passado à realidade imediata do interlocutor. Isso ocorre muito nas manchetes de jornais, nos livros didáticos de história e, principalmente, nas narrações, quando o narrador quer imprimir maior realidade à história, como se estivesse presenciando um fato.

– *Flamengo **vence** (= venceu) o Vasco por 3x2 no Maracanã, em jogo disputadíssimo.*

– *Em 1500, os portugueses **chegam** (= chegaram) ao nosso futuro Brasil e **começam** (= começaram) a explorar o local.*

– ***É** (= Foi) nesse momento que o governo **começa** (= começou) a oprimir o povo.*

Veja uma questão sobre isso:

19. (FGV – PC/RJ – Piloto Policial – 2011) "*Fevereiro de 1876. O falido rei d. Luís I vasculha os cofres portugueses à procura de joias e outras peças de valor que possam ser vendidas para pagar dívidas. Na busca, ele encontra uma pepita de ouro de pouco mais de 20 quilos, do tamanho de um melão. Esquecida por décadas nos Tesouros Reais, a pedra retirada de solo brasileiro é o último remanescente de uma época de riqueza incalculável para o velho império lusitano.*"

No fragmento acima, retirado do livro *Boa ventura – a corrida de ouro no Brasil (1697-1810)*, de Lucas Figueiredo, há uma parte inicial do modo de organização narrativa. Sobre esse segmento narrativo pode-se dizer que:

a) há um erro na escolha dos tempos verbais, pois, após localizar o fato narrado em 1876, o narrador emprega o presente do indicativo em *vasculha, encontra*. (Aqui a banca tenta te enrolar!)

c) a indicação de localização espacial e temporal dos fatos narrados procura dar mais verossimilhança ao que é relatado. **(Gabarito!)**

2) Além disso, **o presente pode ser usado no lugar do futuro do presente** para tornar o futuro mais próximo da realidade do falante, como se demonstrasse maior convicção de que o fato futuro vai se realizar, ou, como diz Celso Cunha, "empresta a certeza da atualidade a um fato por ocorrer".

– ***Viajo** (= Viajarei) amanhã para SP, mas fiquem calmos, que eu **volto** (= voltarei) logo.*

3) O presente pode substituir o futuro do subjuntivo para impor mais certeza à declaração.

– *Se alguém **precisa** (= precisar) de ajuda, posso ajudar.*

– *Se não **existe** (= existir) esforço, não **existe** (= existirá) progresso.*

Note que, no segundo exemplo, o presente do indicativo substitui o futuro do subjuntivo e o futuro do presente do indicativo, uma vez que há correlação correta entre tais tempos futuros.

4) Às vezes, **o presente substitui a forma imperativa** para demonstrar mais polidez ou suavização de um pedido.

– *João, você me **serve** (= sirva-me) um cafezinho? Obrigado.*

– ***Quer** sentar-se?*

Vale dizer ainda que este tempo verbal é o tempo da certeza, da convicção, do fato, por isso mesmo muito usado nas dissertações argumentativas, em que se defende uma tese com uma tônica de verdade. Falarei mais sobre isso no tópico *Valor Discursivo.*

Essa substituição de um tempo verbal por outro se chama **enálage** (é uma figura de linguagem).

Pretérito Perfeito

1) Indica um fato ocorrido e concluído antes do momento em que se fala.

– *O Rock'n Rio **foi** um sucesso.*

– ***Comi** uma pizza deliciosa na zona sul.*

– *Nossa seleção **conquistou** mais um título mundial.*

2) Indica um fato já ocorrido cujos efeitos perduram até o presente.

– *A televisão me **deixou** confuso com tanta notícia conflitante.*

– *Foi na Igreja que eu **aprendi** a diferença entre o sim e o não.*

– *Naquele instante eu **soube** que você era a mulher da minha vida.*

3) Indica um fato atemporal, habitual (normalmente em máximas e ditados)

– *Quem **comeu** a carne, que roa os ossos.*

– *Aquele que **nasceu** para a forca não morre afogado.*

– *Quem **pariu** Mateus que o balance.*

Cuidado!!!

1) **Frequentemente se usa o pretérito perfeito no lugar do pretérito mais-que-perfeito sem que isso implique mudança de sentido. Isso ocorre em orações temporais, segundo Bechara e Sacconi.**

– *Depois que* ***viu*** *(= vira) a discussão dos pais, decidiu sair de casa.*

2) **O pretérito perfeito pode substituir o presente para indicar ligeireza**; normalmente isso acontece em linguagem informal, na internet, por exemplo.

– *"Você já está indo?" "****Fui!****"*

3) **O pretérito perfeito pode substituir o imperativo para estimular o interlocutor**; muito usado em propagandas.

– *"****Achou****, ****ganhou****!"*

4) Pretérito perfeito composto do indicativo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **presente do indicativo + particípio**, indicando fato que se inicia no passado e vem ocorrendo até o momento da declaração.

– *Eu* ***tenho estudado*** *muito.*

– *Nós* ***temos feito*** *todos os exercícios propostos.*

Não equivale à forma de pretérito perfeito simples, ou seja, ninguém diria que "Eu tenho estudado muito." equivale a "Eu estudei muito.", pois *estudei* indica que o fato já cessou, muito diferente de *tenho estudado*, que indica uma duração de um fato. Na verdade, a forma composta (por exemplo, *tenho estudado*) pode ser equiparada ao presente do indicativo do tempo simples (estudo ou estou estudando).

Bem interessante é o que diz Luiz Antonio Sacconi: "A forma composta é usada ainda para confirmar-se uma ordem, ou ao concluir-se um discurso. Ex.: ***Tenho lido***. ***Tenho concluído***. ***Tenho dito*** (acréscimo meu).".

No entanto... como nem tudo são flores... veja estas recentes questões polêmicas:

25. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) *Já tenho lido que ele usa uma língua misturada de italiano e português.*

No segmento grifado acima, Antonio Candido usou determinada forma verbal que poderia ser substituída, sem prejuízo para correção e a lógica, por:

a) li. (Gabarito!)

b) lia.
c) lera.
d) leria.
e) leio.

Marcou a e)? Pois é... errou. Por causa do advérbio de tempo *já*, a ideia de "ler" indica passado concluído, por isso a FCC considerou que a forma composta *tenho lido* equivale não a "leio", mas à forma simples "li", ou seja, a frase em questão equivale a "Já li que ele usa uma língua misturada de italiano e português.".

Leia o seguinte texto

A oferta total de crédito na economia brasileira dobrou nos últimos oito anos. A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito. Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e tem sido um dos principais dínamos do PIB.

8. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Provoca-se erro gramatical e/ou incoerência textual ao fazer a seguinte alteração nos verbos do fragmento acima.
b) **têm contribuído** em lugar de "contribuíram" (l. 3).
e) **dobrara** em lugar de "dobrou" (L.2). (O gabarito!)

O gabarito é a letra e) porque o pretérito mais-que-perfeito do indicativo (*dobrara*) nunca pode substituir o pretérito perfeito do indicativo (*dobrou*), sem que haja consequente mudança de sentido.

Agora, como a opção b) não foi considerada errada, inferimos que o pretérito perfeito simples (*contribuíram*), dependendo do contexto, pode ser substituído pelo pretérito perfeito composto (*têm contribuído*). Vamos entender isso melhor, analisando o contexto.

Note que o primeiro período diz "nos últimos oito anos". Isso significa que até o momento da declaração contida no primeiro período isso ainda vem ocorrendo, ou seja, dizer que "A oferta total de crédito na economia brasileira **dobrou** nos últimos oito anos." equivale a dizer que "A oferta total de crédito na economia brasileira **tem dobrado** nos últimos oito anos.". No período seguinte, usa-se a forma *contribuíram*, como se indicasse um passado concluído, mas não faz sentido concluirmos que os fatores contributivos para o aumento da disponibilidade de crédito cessaram, ou seja, não mais apresentam sua contribuição

para o aumento da disponibilidade de crédito. O que corrobora tal interpretação é a manutenção do aspecto durativo pela forma de pretérito perfeito composto do período seguinte: "Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e **tem sido** um dos principais dínamos do PIB.". Ou seja, se o fato contido no segundo período **tem sido** um dos principais dínamos do PIB, é porque **tem contribuído** para tanto. Desse modo, os contextos anterior e posterior ao segundo período (A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito.) indicam que o fato de "contribuir" se iniciou no passado e se estende até o momento da declaração, equivalendo a "têm contribuído".
Questão polêmica, complexa e digna da Esaf. É por isso que a simples decoreba de correspondência entre tempos simples e compostos pode derrubar um.

Pretérito Imperfeito

Na lição de Celso Cunha, "Por expressar, normalmente, um fato inacabado, impreciso, em contínua realização na linha do passado para o presente, o imperfeito é o tempo que melhor se presta a descrições e narrações.". Às vezes, no discurso indireto livre, de que falarei a alguns capítulos, pode levar à confusão, propositadamente, o leitor: "João vira uma linda mulher passando por ele. **Queria**-a de verdade! Precisou abaixar a cabeça de vergonha.". Quem ***queria***, o personagem ou o narrador? Interessante, não é?

Mais interessante ainda é você nunca confundir o pretérito perfeito (passado concluído) com o imperfeito (passado contínuo, progressivo). Bem... vamos ao que interessa.

1) Indica um fato passado que então era presente, mas não concluído, incompleto, ou que apresenta certa duração.

– *Betinho* ***lutava*** *pela erradicação da fome.*

– ***Estávamos conversando*** *animadamente, mas fomos interrompidos.*

– *Ao passo que* ***subia*** *o morro,* ***ia admirando*** *a paisagem.*

2) Indica um fato passado em curso que indica simultaneidade, concomitância a outro fato.

– *A velhinha foi atropelada quando eu **atravessava** a rua.*
– *À medida que as sombras **cobriam** o dia, eu **largava** o trabalho.*
– *Enquanto eu **estudava**, ela me **atrapalhava**.*

3) Indica um fato habitual, iterativo, repetitivo, uma ação contínua.

– *Impressionante! Eu **chegava**, ela **saía**.*
– *Eu **fazia** musculação todo santo dia.*
– *Em toda despedida, **era** uma choradeira.*

Obs.: Veja uma questão sobre isso:

17. (FCC – TRE/PR – Técnico Judiciário – 2012)... baleias, que forneciam o óleo dos lampiões e lamparinas, caiu drasticamente. (1º parágrafo)
O emprego das formas verbais grifadas acima indica, respectivamente,
a) ação contínua no passado e fato consumado. (Gabarito!)

4) Normalmente usado em narrações para marcar descrições ou ideias temporais passadas.

– ***Era** 2008, quando encontrei minha esposa. Ela **estava** linda! **Vestia** um lindo vestido florido.*

5) Indica um fato passado de maneira vaga, fantasiosa, própria do universo das crianças, do mundo das lendas, dos contos infantis.

– ***Era** uma vez um rei e uma rainha...*

Cuidado!!!

1) O pretérito imperfeito pode indicar polidez, gentileza, cortesia ao ser usado no lugar do presente do indicativo:

– *Você **podia** (= pode) me ajudar?*
– *Mãe, eu **precisava** (= preciso) muito falar contigo.*

2) Pode ser usado no lugar do futuro do pretérito, exprimindo um fato categórico ou a segurança do narrador em relação aos acontecimentos futuros.

– *Meu irmão João era um homem muito bom, pois ia levar seu sobrinho para os EUA. Lá meu filho* ***entrava*** *(= entraria) para uma boa escola,* ***formava****-se (formar-se-ia), e depois* ***virava*** *(= viraria) doutor, dando-me muito orgulho. No entanto, João faleceu antes disso tudo ocorrer.*

Exceto quando em correlação com o pretérito imperfeito do subjuntivo (este caso constitui registro coloquial).

– *Se ele me atendesse bem, eu* ***comprava*** *o produto dele.* (errado)

– *Se ele me atendesse bem, eu* ***compraria*** *o produto dele.* (certo)

Esta correlação cai muito em prova!

Pretérito Mais-Que-Perfeito

1) Indica um fato passado anterior a outro fato também passado.

– *Depois que ela me* ***pedira*** *um favor, tive de sair de casa.*

– *Todos já* ***almoçaram*** *quando chegamos.*

– *Mal* ***entráramos****, todos fizeram aquela cara de espanto.*

2) Indica um fato passado vago.

– *O aluno* ***obtivera*** *nota dez na prova, mas* ***pensáramos*** *que isso era impossível.*

3) Indica desejo, vontade, em frases optativas.

– *Quem me* ***dera*** *passar na prova!*

– ***Quisera*** *eu conquistar aquela vaga!*

– ***Tomara*** *que todos nos aceitem como funcionários.*

Cuidado!!!

1) O pretérito mais-que-perfeito pode ser usado no lugar do futuro do pretérito e do pretérito imperfeito do subjuntivo (normalmente em registro literário).

– *Que **fora** (= seria) a vida, se nela não **houvera** (= houvesse) lágrimas? (Alexandre Herculano)*

2) O pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo

A forma composta é preferência nacional! É muito raro usarmos as formas simples desse pretérito. Pois bem, a forma composta é formada de verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **pretérito imperfeito do indicativo + particípio**, exprimindo o mesmo que o pretérito mais-que-perfeito do indicativo simples.

– *Eu já **havia estudado** (= estudara) em PDFs, quando conheci o seu livro.*

– ***Havíamos pensado** (= Pensáramos) que ela não voltaria.*

Veja aqui uma questão sobre pretérito mais-que-perfeito composto:

8. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) *Ela queria fazer justiça a Mankiewicz, que caíra em esquecimento, enquanto Welles entrara para a história com a reputação de gênio maldito, frequentemente reivindicando para si as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro – embora Pauline jurasse que Welles não escrevera nem sequer uma linha do script.*

Outra redação para o trecho destacado, que preserva o sentido e a correção originais, é:

a) a despeito de Pauline jurar que Welles não **tinha escrito** nem ao menos uma linha do script. **(gabarito!)**

Comentário: Pode-se substituir tranquilamente a forma composta pela forma simples e vice-versa: ***escrevera* < > *tinha escrito***.

Futuro do Presente

1) Indica um fato posterior ao momento da fala, mas certo de ocorrer

– ***Passarei** na prova. Fato!*

– *Tu te **classificarás** tão logo, meu nobre.*

– ***Serei** um homem mais sério ao seu lado, mulher.*

2) Indica um fato futuro incerto, hipotético (em perguntas, normalmente).

– ***Serão** pessoas felizes as que moram na periferia?*

– ***Suportará** Maria toda a traição de João? Não perca no próximo capítulo.*

– *Ela **terá** seus quarenta anos, no máximo.*

Obs.: Falando em perguntas, não se esqueça das perguntas retóricas, em que o verbo no futuro do presente provoca uma reflexão: "E se a ingratidão ressuscita o aborrecimento até nos mortos, como **achará** amor nos vivos?" (Padre Antônio Vieira).

Cuidado!!!

1) **Pode substituir o imperativo (em leis)**, denotando mais força na lei de modo que ela seja entendida e atendida atemporalmente.

– *Não **matarás**, não **cobiçarás**...*

2) É preferência nacional o uso da locução verbal formada pelo verbo auxiliar *ir* (no presente do indicativo) + **infinitivo** a fim de substituir o futuro do presente simples:

– *"Eu **vou estudar** muito amanhã."* no lugar de *"Eu **estudarei** muito amanhã."*.

Obs.: Como já visto em locução verbal, a construção *haver* + *de* + infinitivo carrega uma ideia de futuro e intenção/desejo: "Eu hei de vencer (= vencerei)!". Caiu uma questão sobre isso recentemente:

6. (FCC – Pref./SP – Auditor-Fiscal do Município – 2012) O texto legitima o seguinte comentário:

e) (linha 4) Em **hão de alimentar**, a forma verbal exprime, além da ideia de futuro, a de que o evento é desejado. **(Gabarito!)**

3) **O futuro do presente pode ser substituído pelo presente do indicativo**, num registro menos formal. Note abaixo que o futuro do subjuntivo mantém correlação com o futuro do presente do indicativo. Tal construção cai muito em prova. Lembre-se, porém, de que o registro formal exige o verbo no futuro do presente.

– *Quando o inverno chegar, eu **quero** (= quererei) estar junto a ti.*

– *Se os políticos brasileiros pararem de roubar, **passo** (= passarei) a votar neles.*

4) Futuro do presente composto do indicativo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver no* **futuro do presente simples do indicativo + particípio**, exprimindo 1) um fato futuro anterior a outro fato futuro, 2) fato futuro já iniciado no presente ou 3) fato futuro incerto (em perguntas, normalmente).

– *Quando você chegar, eu já* ***terei partido****.*
– *Daqui a dois meses,* ***terei absorvido*** *informações valiosas.*
– ***Terá*** *Maria* ***sabido*** *a verdade sobre João?*

Futuro do Pretérito

1) Indica um fato posterior (normalmente hipotético) a um fato no passado

– *Disseram (fato passado) que ela* ***chegaria*** *(fato futuro) logo.*
– *Você me prometeu que* ***passaria*** *de ano.*
– *Jamais* ***trairíamos*** *nossos amigos, mesmo depois da falha deles.*

Obs.: Veja duas questões sobre isso:

10. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) *A voz nova e solitária em seguida iria encontrar obstáculos na publicação de seus outros livros.*

O tempo verbal empregado pelo autor na frase acima indica
a) ação posterior a outra, ambas localizadas no passado. (Gabarito!)

4. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) *Muitos anos depois, ele morreria num acidente de helicóptero, em Angra dos Reis, no Rio, e seu corpo desapareceria no mar para sempre.*

Com relação aos verbos grifados acima, é correto dizer que o emprego do tempo e modo em que estão conjugados indica:
a) Ação posterior à época de que se fala. (Gabarito!)
b) Incerteza sobre fato passado.
c) Ação ocorrida antes de outra passada.
d) Fato que depende de certa condição.
e) Forma polida de abordar um fato trágico.

2) Indica uma consequência hipotética, atrelada a uma condição, que não chegou a realizar-se.

– *Eu* ***levaria*** *uma bronca se não fizesse os exercícios.*
– ***Faríamos*** *os exercícios caso não fôssemos interrompidos.*
– *Se encomendassem os nossos produtos, não* ***estariam*** *reclamando.*

Obs.: Interessante é dizer que a frase "Contanto que ela estudasse (condição), **passaria** fácil." pode significar que ela não estudou, por isso não passou ou que, se ela estudasse, no futuro, a vaga estaria garantida.

3) Indica incerteza sobre fatos passados ou futuros (normalmente em perguntas).

– ***Seria*** *o sol o causador destas queimaduras?*

– *O homem* ***aguentaria*** *mais esta decepção causada pelo filho?*

– ***Haveria*** *dez bandidos envolvidos no assalto.*

Cuidado!!!

1) O futuro do pretérito pode substituir o presente do indicativo, indicando polidez:

– ***Pediria*** *(= Peço) que todos saíssem. Grato.*

2) Pode indicar **impossibilidade** diante de um juízo de valor:

– *Eu lá* ***beijaria*** *aquela boca!*

3) Futuro do pretérito composto do indicativo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver no* **futuro do pretérito simples do indicativo + particípio**, exprimindo os mesmos valores que o futuro do pretérito simples.

– ***Teria feito*** *(= Faria) diferente se tivesse tempo.*

O Modo Subjuntivo

Lembra a *Tia Teteca*, lá na escolinha onde você estudava, quando começou a ter aula de conjugação verbal? Ela falava assim:

– Alunos, para conjugar o presente do subjuntivo, coloquem o *que* antes da conjugação. Assim, olha o verbo amar: "Que eu ame, que tu ames, que ele a...".

– "Me"!

– Isso aí, muito bem, que ele "A-ME", que nós A-ME-MOS etc.!

– Agora o pretérito imperfeito do subjuntivo. Coloquem o *se* antes da conjugação. Assim, olha o verbo vender: "Se eu vendesse, se tu vendesses, se ele vendesse, se nós vendêssemos, se vós..."

– "VENDÊSSEIS"!

– Muito bem, alunos! E olha que a 2ª pessoa do plural não é mole, hein!

– Vai. Para fechar... o futuro do subjuntivo. Coloquem o *quando* antes da conjugação. Assim, olha o verbo partir: "Quando eu partir, quando tu partires, quando ele partir, quando nós partirmos, quando vós partirdes, quando eles parti..."

– "REM"!

– Que lindo! Estou emocionada...

Direto... do túnel... do tempo...

Agora, na boa, falando sério... baseando-me no conceituado gramático Adriano da Gama Kury, vejamos os tempos do modo subjuntivo, os quais normalmente aparecem em orações subordinadas ou em orações optativas, raramente em orações principais. Caso queira entender melhor o conceito de oração (e seus tipos), recorra ao capítulo de sintaxe.

Presente

Geralmente utilizado quando desejamos expressar **desejos, possibilidades, suposições, conselho, oposição,** cuja concretização pode depender da realização de um outro acontecimento.

– *Deus te **guie**.*

– *Nada de cerimônias: **pensem** que estão em sua casa.*

– *Talvez a realidade **seja** mais forte que a ficção.*

– *Receio que **aconteça** o pior.*

– *É provável que **surja** outra oportunidade.*

– *É preciso que **estudemos** suficientemente.*

– *Quer **chova**, quer **faça** sol, sairei daqui.*

– *De todos as informações, **destaque**-se que a última é determinante.*

Cuidado!!!

1) É de observar que, na fala das pessoas incultas, aparece o indicativo em lugar do subjuntivo. É comum ouvir "O senhor quer que eu **faço**?", por "O senhor quer que eu **faça**?" (forma acertada).

2) Segundo Bechara, acertadamente, sempre que se trate de uma possibilidade, de uma eventualidade, e não de uma certeza, usa-se o subjuntivo. Compare-se:

– *O cidadão que **ama** sua pátria engrandece-a.* (realidade)

– *O cidadão que **ame** sua pátria engrandece-a.* (conjectura)

No entanto, não há problema, por via de regra, em orações subordinadas adjetivas, usar o indicativo pelo subjuntivo, logo ambas as frases acima apresentam construção correta.

3) Pretérito perfeito composto do subjuntivo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **presente do subjuntivo + particípio**, indicando normalmente desejo de que algo já tenha ocorrido ou um fato futuro já terminado em relação a outro.

– *Espero que você **tenha estudado** essas classes gramaticais.*

– *Quando chegarmos, é provável que a palestra já **tenha acabado.***

Obs.: É de observar a presença da palavra **que** antes de quase todas as formas do subjuntivo dos exemplos, o que nos leva a usá-la na conjugação desse tempo verbal: *que eu faça, que tu faças* etc.

Pretérito Imperfeito

Este tempo, que expressa normalmente uma hipótese (no passado, presente ou futuro), se usa nas orações subordinadas. Expressa uma condição não realizável quando vem junto a uma ideia condicional:

– *Como **fizesse** (= fazia) parte da família há muito tempo, cometia certos abusos*.*

– *Ainda que **cobrisse** todas as despesas da casa, a mulher reclamava.*

– *Não admitia que se **fizesse** greve.*

– *Qualquer pessoa que **refletisse** votaria em outro candidato.*

– *Era provável que **surgisse** outra oportunidade.*

– *Proibiu que **revelassem** o acordo.*

– *Para que tudo **saísse** de acordo com o combinado, fizemos um contrato.*

– *Se **tivesses** paciência, obterias o que pretendes. (... mas não teve, logo nada obteve).*

* Nas orações que exprimem causa, o pretérito imperfeito do subjuntivo pode ficar no lugar do pretérito imperfeito do indicativo.

Cuidado!!!

1) É digna de nota a seguinte observação: o pretérito imperfeito do subjuntivo se correlaciona com o futuro do pretérito e não com o pretérito imperfeito do indicativo:

– *Desde que eu* ***completasse*** *as 300 horas de estágio, conseguiria pegar o diploma (e não conseguia).*

2) Pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **pretérito imperfeito do subjuntivo + particípio**, exprimindo, normalmente, o mesmo valor que o pretérito imperfeito do subjuntivo simples.

– *Teríamos ficado aqui, se você não* ***tivesse arrumado*** *problemas.*

Obs.: Nunca é demais falar o óbvio: perceba que a frase anterior, por causa do tempo composto, remete a ação obrigatoriamente para o passado. Note que a frase "Se eu tivesse dinheiro, **faria** um curso." é completamente diferente de "Se eu tivesse dinheiro, eu **teria feito** um curso.". Na primeira frase, há a possibilidade de transportarmos a hipótese para o futuro, o que não acontece na segunda frase, que só tem ideia de passado hipotético.

Futuro

Exprime uma ocorrência futura possível, eventual, normalmente. É um tempo verbal que ocorre sobretudo com orações iniciadas com conjunção temporal ou condicional, mas pode aparecer nas orações adverbiais que exprimem conformidade ou proporcionalidade (simultaneidade):

– *Quando* ***puderes****, vem visitar-nos.*

– *Assim que ele se* ***desocupar****, virá atendê-lo.*

– *Se (ou caso) ele* ***puder****, trará o livro.*

– *Escrevam como* ***quiserem****.*

– *Quanto maior* ***for*** *o tamanho do bicho, maior será sua queda.*

Cuidado!!!

1) Futuro composto do subjuntivo

Verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **futuro do subjuntivo simples + particípio**, exprimindo o mesmo valor que o futuro do subjuntivo simples.

– *Assim que você **tiver terminado** sua leitura, descanse um pouco.*

2) Nas orações subordinadas adverbiais temporais introduzidas por *antes que, assim que, até que, enquanto, depois que, logo que*, quando ocorrem nas indicações de possibilidade (e não de realidade, caso em que ocorre o indicativo), usa-se o subjuntivo:

– *Cuide dessa gripe, antes que ela se **transforme** em pneumonia.*

– *Amar-te-ei até que a morte nos **separe**.*

– *Enquanto o mundo **for** mundo, não te esquecerei.*

– *Só sairei depois que ele **chegar**.*

– *Logo que **termine** esta carta, vou atendê-lo.*

Compare:

– *Assim que **terminou** a carta, foi atendê-lo.*

– *Amaram-se até que a morte os **separou**.*

– *Nosso amor foi grande enquanto **durou**.*

(Nessas três frases, não se trata de uma eventualidade, mas de um fato real, acontecido, por isso o verbo está no indicativo.)

O Modo Imperativo

O uso do imperativo depende muito do tom de voz. O que pode parecer às vezes polido, como "**Faz** o favor de chegares aqui.", pode, dependendo da entonação, implicar deboche ou outro aspecto.

Nunca é demais dizer que a triste realidade de muitos casais está no uso do imperativo ao longo do relacionamento. Começa-se com um "***Passe*** o sal, por favor, amor.", depois "***Passe*** o sal, por favor.", depois "***Passe*** o sal!", depois "***Passe*** a droga do sal, seu imbecil!". E por aí vai...

Vamos ao que interessa...

1) Usado para expressar ordens, conselhos, exortações, pedidos, súplicas etc. Muito presente no gênero textual propaganda.

– ***Faça*** *já o dever de casa!*

– *"Que é que estava lendo?" "Não* ***diga****, já sei, é o romance dos Mosqueteiros." (Machado de Assis)*

– ***Estude*** *mais, isso fará seu futuro melhor.*

– ***Perdoai*** *as nossas ofensas, assim como...*

– *Por favor,* ***venha*** *comigo!*

Exemplo inesquecível de verbo no imperativo é aquele da propaganda do chocolate *Baton*: "COMPRE BATON, COMPRE BATON, COMPRE BATON, SEU FILHO MERECE BATON!"

2) O imperativo é normalmente usado com valor condicional em frases do tipo: *"****Trabalhe****, e será bem-sucedido." e "****Siga****-me, e terás o reino dos céus.".*

3) A locução verbal formada pelos auxiliares *ir/vir* no imperativo negativo + infinitivo realça a ideia de ordem, inclusive com tom ameaçador.

– *Nem* ***venha*** *me* ***dizer*** *que estava estudando, seu falso!*

4) Como bem nos ensina Celso Cunha, a língua nos oferece outros meios, digamos assim, para substituir o imperativo ou apresentar um tom imperativo (ordem, pedido etc.):

– ***Fogo****!* ***Avante****!* ***Silêncio****!* ***Mãos ao alto****!* (frases nominais)

– *Você* ***fica*** *no meu time.* (presente)

– ***Podia*** *chegar cedo amanhã?* (imperfeito do indicativo, para atenuar o pedido)*

– *Vocês* ***ficarão*** *aqui!* (futuro do presente)

– *Que tal se você* ***calasse*** *a boca e* ***fizesse*** *a questão?* (imperfeito do subjuntivo)

– *Favor não* ***sobrecarregar*** *o elevador.* (infinitivo)

– ***Circulando****, vagabundo,* ***circulando****!* (gerúndio)

* Para atenuar a ordem contida no uso do imperativo, os falantes da língua costumam usar certas expressões de cortesia ou polidez acompanhando os verbos: *por favor, por gentileza, tenha a bondade de, digne-se de...*

Obs.: O imperativo é tão interessante que pode indicar hipótese, a depender do contexto. Veja uma questão sobre isso: FAPERP – CAESB – Analista de Sistemas – 2012 – QUESTÃO 5.

Correlação Verbal

A **correlação entre tempos e modos verbais**, ou **uniformidade modo-temporal**, se dá por meio da ligação semântica entre os verbos de um período composto por subordinação de modo que haja uma harmonia de sentido na frase em que os verbos se encontram.

Imagine a seguinte frase: "Caso eu ***tivesse*** dinheiro, ***faço*** um curso.".

O que você diria dela? Há uma boa relação de sentido entre os verbos dessa frase? O verbo *ter* está no pretérito imperfeito do subjuntivo (*tivesse*), indicando hipótese, certo? O outro verbo, *fazer*, está no presente do indicativo, indicando certeza e ação atual, certo? Podemos misturar hipótese e certeza na mesma frase? Faz sentido? NENHUM!

Bem, acho que você já começou a entender. É preciso que determinados tempos e modos verbais se complementem na frase para que ela tenha um sentido harmônico, e isso se deve muito à **correlação entre tempos e modos verbais**. Veja como a frase acima deveria ficar, para haver harmonia de sentido:

– *Caso eu **tivesse** dinheiro, **faria** um curso.*

"Tivesse: hipótese. Faria: hipótese. Ah...! Agora sim...! Entendi, Pestana!"

É isso aí, meu nobre! Para haver harmonia é preciso que haja "dobradinhas" harmônicas entre os tempos verbais e os modos verbais.

Existem três modos verbais: **indicativo** (certeza, fato), **subjuntivo** (incerteza, hipótese) e **imperativo** (ordem, pedido). Existem três noções temporais: **passado** (pretérito perfeito/imperfeito/mais-que-perfeito), **presente** e **futuro** (presente/pretérito).

Vamos ao que interessa? Além de dois verbos de mesmo tempo e mesmo modo poderem se "combinar", há outras "combinações" possíveis. Ah! Não é para ficar que nem um louco devorador de tabelas; perceba a relação de sentido entre os verbos.

Antes de qualquer coisa, saiba que este assunto é bem frequente em provas! Abordarei os principais casos de correlação verbal, ok?

Conheça algumas possibilidades de "dobradinhas" verbais para que você não erre mais questões desse tipo:

Iniciando, na oração principal, com o tempo **presente.**

- presente do indicativo + presente do indicativo
  Ex.: *Hoje eu **sei** que **tenho** chances com aquela mulher.*
- presente do indicativo + pretérito perfeito do indicativo
  Ex.: *Hoje eu **sei** que **tive** chances com aquela mulher.*
- presente do indicativo + pretérito perfeito composto do indicativo
  Ex.: *Hoje ela **sabe** que **tenho lutado** por nosso amor.*
- presente do indicativo + pretérito imperfeito do indicativo
  Ex.: *Hoje **vejo** que naquela época eu **tinha** chances com ela.*
- presente do indicativo + pretérito mais-que-perfeito do indicativo
  Ex.: *Só hoje eu **percebo** que ela **tivera** dó de mim.*
- presente do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo
  Ex.: *Só hoje eu **percebo** que ela **havia demonstrado** pena de mim.*
- presente do indicativo + futuro do presente do indicativo
  Ex.: **Sei** que você me **apresentará** àquela mulher.
- presente do indicativo + futuro do pretérito do indicativo
  Ex.: ***Sei** que você me **apresentaria** a ela, se não fosse o acaso a atrapalhar.*

Iniciando, normalmente* na oração principal, com o tempo **pretérito.**

- pretérito perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do indicativo
  Ex.: ***Notei** que você **ia** me apresentar àquela mulher.*
- pretérito perfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito do indicativo
  *Ex.: **Notei** que você o **apresentara** àquela mulher.*

- pretérito perfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo
  *Ex.: **Notei** que você o **havia apresentado** àquela mulher.*
- pretérito perfeito do indicativo + futuro do pretérito do indicativo
  *Ex.: **Disseram** que ela **seria apresentada** a mim.*
- pretérito imperfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo
  *Ex.: **Queria** que ela **tivesse sido apresentada** a mim.*
- pretérito mais-que-perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do subjuntivo
  *Ex.: **Apelara** que você me **apresentasse** àquela mulher.*
- pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito do indicativo
  *Ex.: *Se eu **passasse** por ela, **apresentaria** a você.*
- pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito composto do indicativo
  *Ex.: *Se eu **passasse** por ela, **teria apresentado** a você.*
- pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo + futuro do pretérito composto do indicativo
  *Ex.: *Se eu **tivesse passado** por ela, **teria apresentado** a você.*

Obs.: A grande verdade é que o verbo da subordinada substantiva pode estar em todos os tempos verbais do indicativo quando o verbo da principal estiver nos tempos pretéritos do indicativo. São muitas as possibilidades de correlação: "Ele **soube/sabia/soubera** que a escola **defende/defendeu/defendia/defendera/defenderá/defenderia** os alunos.".

Iniciando, na oração principal, com o tempo **futuro.**

- futuro do pretérito + pretérito imperfeito do subjuntivo
  *Ex.: **Desejaria** que me **apresentasse** àquela mulher.*

- futuro do pretérito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo
  *Ex.: **Gostaria** que você **tivesse visto** àquela mulher.*
- futuro do presente do indicativo + pretérito perfeito do indicativo
  *Ex.: Nós **obteremos** aquilo que nos **propuseram**.*
- futuro do subjuntivo + futuro do presente indicativo/presente do indicativo
  *Ex.: Quando eu **passar** por ela, **apresentarei/apresento** a você.*
- futuro do subjuntivo + futuro do presente composto do indicativo
  *Ex.: Quando **chegarmos** até ela, já **terá ido** embora.*

Mais alguns detalhes importantíssimos...

1) Como não dá para abordar todas as correlações aqui, saiba o seguinte: quando o verbo da oração principal estiver no presente do indicativo, no futuro do presente e no imperativo, o verbo da oração subordinada poderá estar em qualquer tempo do indicativo (simples ou composto). Veja:

– *Será verdade que o professor explica/explicou/explicava/explicara/explicará/explicaria tudo certo?*

2) Quando o primeiro verbo da correlação, normalmente na oração principal, indicar desejo, vontade, pedido ou permissão e estiver no presente do indicativo, futuro do presente ou imperativo, o segundo verbo da correlação estará no presente do subjuntivo. Isso vale para os tempos simples e compostos. Caso se encontre em um dos pretéritos do indicativo ou futuro do pretérito, o segundo verbo da correlação estará no pretérito imperfeito do subjuntivo. Isso vale para os tempos simples e compostos.

– ***Espero** que ele **tenha** te **apresentado** àquela mulher.*
– *Eu **permitirei** que você **conheça** minha filha.*
– ***Faça** que ele **venha** logo.*
– *Ele **queria** que ela **viesse** agora.*
– *Nós **ordenamos** que não o **deixassem** ficar.*
– *Vós **tínheis aconselhado** que o **homem** não viesse.*
– *Eles **iriam pedir** que você não **fosse** embora.*

3) As correlações mais abordadas em provas de concursos públicos são estas (olho vivo!):

– **presente do indicativo + presente do subjuntivo**

*Ex.: Não **é** certo que você **assedie** as pessoas assim.*

– **pretérito perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do subjuntivo**

*Ex.: **Esperei** durante horas que você me **ligasse**.*

– **futuro do subjuntivo + futuro do presente do indicativo**

*Ex.: Quando os governantes **resolverem** ser honestos, **serei** o primeiro a elevá-los.*

– **pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito do indicativo**

*Ex.: Se **fôssemos** pessoas perfeitas, **cometeríamos** atos falhos?*

Obs.: Devem ser levados em conta os tempos simples e compostos em tais correlações, hein, por isso estude a correspondência entre os tempos simples e compostos!

4) O verbo *haver* também está sujeito à consecução dos tempos, a não ser em casos em que se deseja deixar claro determinado fato:

– *Ele **está** casado **há** dois meses.*

– *Ele **estava** casado **havia** dois meses.*

– *"**Há** dezessete anos, o progresso material **desconhecia** a precisão dos cafés."* (Camilo)

Agora, sim! E aí, curtiu? Tenha certeza de que este material, apesar de extenso, vai ajudar você em qualquer concurso.

Classificação dos Verbos

A classificação dos verbos depende de suas características morfossintáticas. Entenda melhor:

Regulares

Segue um paradigma (modelo) em que o radical e as desinências permanecem inalterados. A maioria dos mais de 11.000 verbos são regulares.

Ex.: *Eu **am**o, tu **am**as, ele **am**a, nós **am**amos, vós **am**ais, eles **am**am.*

Irregulares

Não segue um paradigma (modelo) regular. Percebe-se a irregularidade *normalmente* na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, pois o radical ou as desinências são alterados.

Ex.: *Eu **caib**o* (radical alomórfico), *tu **cab**es, ele **cab**e, nós **cab**emos, vós **cab**eis, eles **cab**em. / Eu est**ou*** (desinência número-pessoal alomórfica), *tu está**s**, ele está, nós esta**mos**, vós esta**is**, eles está**o*** (desinência número-pessoal alomórfica). / *Eu **quis**, tu **quis**este, ele **quis**, nós **quis**emos, vós **quis**estes, eles **quis**eram.*

Cuidado!!!

1) Alguns irregulares *famosinhos*, dos quais você precisa conhecer a conjugação: *requerer, polir, sortir, estar, fazer, dar, vir, pedir, poder, ter, pôr, caber, ferir* (Eu firo, tu feres, ele fere, nós ferimos, vós feris, eles ferem).*

* Conjugam-se como ferir: *aderir, advertir, competir, convergir, divergir, despir, digerir, expelir, gerir, impelir, mentir, perseguir, repelir, sugerir, transferir, vestir.*

O verbo *polir* é interessante, porque a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo é igual à do verbo regular ***pular***: *pulo.* Dependendo do contexto, pode haver até ambiguidade: "Eu pulo esse carro.". Ou seja, o cara *vai polir* o carro ou *vai pular* o carro? Como não é possível conjugar todos os verbos nesta gramática, recomendo que consulte um bom dicionário para saber mais.

2) Certos verbos sofrem alterações no radical para que seja mantida a regularidade sonora: *corrigir (corrijo), fingir (finjo), embarcar (que eu embarque), tocar (que eu toque)...*; tais alterações não tornam o verbo irregular, logo **são regulares**.

3) É bom dizer também que um verbo pode apresentar irregularidade em algumas partes da conjugação e, em outras, regularidade. Por exemplo, o verbo ***poder***, no presente do indicativo, apresenta irregularidade na 1a pessoa do singular (Eu posso); nas demais pessoas, regularidade (Tu podes, Ele pode, Nós podemos, Vós podeis, Eles podem). Isso não significa que ele deixa de ser irregular.

Anômalos

Apresenta mais de um radical diferente; existem dois apenas: ***ser*** e ***ir***. O verbo *ser* tem origem nos verbos latinos *esse* e *sedere*, e, por isso, apresenta radicais diferentes. Já o verbo *ir* provém de outros verbos latinos, como *ire* e *vadere*. Os iniciados com **f-** sofreram alomorfia.

Ex.: *Eu **s**ou, tu **é**s... eu **fu**i... eu **er**a... (que) eu **sej**a... (se) eu **fo**sse... (quando) eu **fo**r...*

Cuidado!!!

1) Esses dois verbos são idênticos na conjugação dos seguintes tempos: pretérito perfeito do indicativo (*fui, foste...*), pretérito mais-que-perfeito do indicativo (*fora, foras...*), pretérito imperfeito do subjuntivo (*fosse, fosses...*) e futuro do subjuntivo (*for, fores...*). Só conseguimos identificar um ou outro pelo contexto.

Ex: ***Fui** sargento durante cinco anos. (ser) / **Fui** à praia pela manhã. (ir)*

2) Alguns gramáticos consideram também que os verbos ***ser*** e ***ir*** são ***irregulares*** e que outros verbos (pôr, vir, estar, haver) são anômalos, mas isso não tem relevância em concurso.

Defectivos

São aqueles que não apresentam conjugação completa. Tal "defeito" ocorre no presente do indicativo e do subjuntivo e no imperativo. Por isso, mesmo defectivo, o verbo poderá ser conjugado **inteiramente** nos outros tempos e modos verbais.

Os defectivos são estes (destaco os que mais aparecem em prova, até porque isso é uma gramática, não um dicionário):

- Verbos que só não possuem a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e, consequentemente, nenhuma das pessoas do presente do subjuntivo nem as formas do imperativo negativo, nem a 3ª pessoa do singular, 1ª pessoa do plural e 3ª pessoa do plural do imperativo afirmativo:
  abolir, *aturdir,* ***soer****, banir, colorir (colorar não é defectivo), delinquir, demolir,* ***emergir/imergir*** (polêmico; veja a conjugação dele mais à frente em *Verbos Notáveis*), *explodir, feder* (polêmica: o dicionário Aulete entende que é regular), *haurir, puir, ruir, exaurir, retorquir, extorquir, ungir,* ***viger****...*

- Verbos que, no presente do indicativo, só se conjugam nas 1ª e 2ª pessoas do plural, não possuindo forma alguma no presente do subjuntivo nem no imperativo negativo; só há a 2ª pessoa do plural do imperativo afirmativo:
  precaver-se*,* ***reaver****,* ***adequar**** (polêmica: segundo o dicionário Houaiss, tem conjugação completa: *adéquo, adéquas, adéqua... ou adequo, adequas, adequa.* – com o **u** tônico), *aguerrir, combalir,* ***falir****, florir,* ***remir****, ressarcir...*

  * Consulte: CESPE – CÂMARA DOS DEPUTADOS – ANALISTA – 2012 – QUESTÃO 4.

- Os que só aparecem na 3a pessoa do singular (chamados de ***unipessoais***):
  - todos os **impessoais**, só nas orações sem sujeito (veremos mais sobre eles no capítulo de Termos Essenciais da Oração): haver, ter, fazer, ser, ir + para, bastar/chegar + de, estar e os que indicam fenômenos naturais (sentido denotativo);
  - normalmente os verbos da oração principal de uma oração subordinada substantiva subjetiva (falarei mais sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas*, em *Sintaxe*): *cumprir, importar, convir, doer, prazer* (*aprazer* e *comprazer* têm conjugação completa), *parecer, saber, surtir* etc.;
  - os verbos **onomatopaicos** e outros podem aparecer também na 3ª pessoa do plural: *cacarejar, coachar, zunir, miar, rugir, latir, surtir* etc.

<u>Dever de casa</u>: procure a conjugação desses verbos em bons dicionários!

- Apesar de o dicionário Houaiss e o gramático Bechara dizerem que *computar* é regular, todos os gramáticos que consultei dizem que ele é defectivo por causa da sonoridade (digamos assim... "erótica"), não apresentando as 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular, respectivamente: *eu computo, tu computas, ele computa.* Espero que ninguém me critique por dizer a verdade, nada mais que a verdade... Ah! Nem vou dizer como se conjuga *sacudir*, que estranhamente é considerado regular, por mais que a 1ª p. s. do presente do indicativo também tenha uma sonoridade peculiar. Coisas da língua portuguesa...

Obs.: Não são defectivos: ***caber***, ***valer***, ***redimir***, ***polir***, ***sortir***, *rir, escapulir, entupir, sacudir.*

Abundantes

Possuem duas ou mais formas na mesma parte da conjugação. Geralmente isso ocorre no particípio.

Ex.: *havemos* ou *hemos, haveis* ou *heis (haver); construis* ou *constrói* (*construir); destruis* ou *destrói (destruir); comprazi* ou *comprouve (comprazer-se)* etc.

Obs.: ***Obstruir*** não é abundante como *construir* e *destruir*. Não existe *obstrói*! Como já dizia o cômico Sacconi, "Se o zagueiro '**obstrói**' a passagem do atacante, é falta.".

Celso Cunha diz que os verbos *dizer*, *fazer* e *trazer*, na 2.ª pessoa do singular, apresentam no imperativo afirmativo duas formas: *dize* ou *diz, faze* ou *faz, traze* ou *traz.* O verbo *requerer* também entra nesse time.

Sobre os particípios duplos:

As formas regulares (particípio terminado em **-ado** ou **-ido**) são empregadas na voz ativa com os verbos auxiliares *ter* ou *haver*:

*Eu havia **pagado** o banco.*
*O banco havia **aceitado** o cheque.*
*Já havíamos **limpado** a casa.*
*Tenho **aceitado** trabalhos demais este ano.*
*Ainda não tínheis **acendido** a vela.*
*Ele tinha me **salvado** uma vez.*
*Ela tinha **pegado** pena perpétua.*
*O padre havia **benzido** o lugar.*
*Você podia ter **imprimido** o material antes.*
*Tínheis **entregado** vossa dignidade a outrem?*

As formas irregulares (particípio **não** terminado em **-ado** ou **-ido**) são usadas na voz passiva com os auxiliares *ser, estar* ou *ficar*, normalmente, ou com a locução de tempo composto na voz passiva (*ter/haver* + *sido* + *particípio irregular*); podem variar em gênero e número:

*Eu sou **pago** pelo banco.*
*O cheque foi **aceito** pelo banco.*
*A casa ficou **limpa** pela empregada.*
*Meus trabalhos foram **aceitos** pela agência.*
*A vela será **acesa** pelo coroinha.*
*O homem estava **salvo** por ele.*
*O ladrão foi **pego** em flagrante.*
*O fiel era **bento** pelo padre.*
*Aquele documento enfim ficou **impresso**.*
*Vossa dignidade tinha sido **entregue** por vós a outrem?*

Informações Importantes

1) Os verbos *trazer, chegar, abrir, cobrir* e *escrever* não são abundantes. Logo, as únicas formas no particípio são, respectivamente: *trazido, chegado, aberto, coberto, escrito*. Pelo amor de Deus! As formas *trago* e *chego* não são admitidas no registro culto da língua.

– *Ele tinha* ***chegado*** *tarde*. E não: *Ele tinha* ***chego*** *tarde*.

– *O pacote foi* ***trazido*** *na hora certa*. E não: *O pacote foi* ***trago*** *na hora*.

Obs.: *Chego* e *trago* são formas de 1ª pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos *chegar* e *trazer* (ou *tragar*, cujo único particípio é *tragado*).

2) O verbo *vir* tem como particípio *vindo*, a mesma forma que seu gerúndio, assim como seus derivados: *advindo, intervindo, provindo, sobrevindo*.

3) Não são poucos os estudiosos a dizer que os verbos *pagar, ganhar* e *gastar* podem ficar na forma regular ou irregular depois de *ter* ou *haver*:

– *Eu tinha* ***pagado/pago***.

– *Eu tinha* ***ganhado/ganho***.

– *Eu tinha* ***gastado/gasto***.

Obs.: Consulte: FCC – MPE/SE – ANALISTA – 2009 – QUESTÃO 20.

4) Muitos verbos no particípio irregular se transformaram em verdadeiros adjetivos ou substantivos: *café* ***expresso****, o* ***expresso****, vinho* ***tinto****, um* ***tinto****, homem* ***cego****, o* ***cego****, roupa* ***seca****, a* ***seca****...*

Pronominais

Um **verbo pronominal** é aquele que está sempre acompanhado de um pronome, o qual pode apresentar valor reflexivo, valor recíproco ou ser mera "parte

integrante do verbo". Já vimos sobre pronome **reflexivo** e **reflexivo recíproco** em voz verbal. Agora conheça os verbos **essencialmente pronominais**.

Os **essencialmente pronominais** são verbos que não podem ser conjugados sem a presença do pronome oblíquo átono com função de parte integrante do verbo. É como se este pronome fizesse parte do radical. Por exemplo, segundo a norma culta, ninguém diz: "Ele queixou do patrão.", mas sim "Ele queixou-**se** do patrão.". Percebeu? Não é possível conjugar um verbo pronominal sem sua parte integrante.

Fiz questão de pesquisar um por um (quase 400 verbos!) no *Dicionário de Verbos e Regimes*, de Francisco Fernandes, e no *Dicionário Prático de Regência Verbal*, de Celso P. Luft. Alisto aqui apenas alguns recorrentes em provas, os quais, normalmente, indicam sentimento e mudança de estado: *arrepender-se, atrever-se, candidatar-se, dignar-se, engalfinhar-se, esforçar-se, persignar-se, queixar-se, refugiar-se, suicidar-se* etc.

Obs.: Veja uma questão sobre isso:

(Cesgranrio – Petrobras – todos os cargos (Superior) – 2010)

Em "... de que você possa arrepender-**se**" (título), o pronome destacado é parte integrante do verbo. Em qual das frases a seguir o "se" também é parte integrante do verbo?

a) Ninguém se queixou de problemas maiores. (Gabarito!)

Pense se estas frases refletem o uso da língua: *"Eu apaixonei pelo professor.", "Nós queixamos do professor.", "Ela suicidou do prédio."*.

Se sua resposta foi "não", parabéns! Está faltando o quê? O pronome oblíquo átono, pois o verbo é **pronominal**, ora... as frases adequadas ficam assim, portanto: *"Eu apaixonei-**me** pelo professor."; "Nós **nos** queixamos do professor.", "Ela suicidou-**se** do prédio.". Simples assim.*

Por outro lado, cuidado com os verbos *esquecer* e *lembrar*, pois, dentre outros, eles podem ser **acidentalmente pronominais**. Ou seja, quando são transitivos indiretos, normalmente, passam a ser conjugados com a presença da parte integrante do verbo. Ok? Veja o que quero dizer com isso: *"Ela esqueceu a informação* (VTD)*."* ou *"Ela esqueceu-se da informação* (VTI)*."*. Quando esses dois verbos (*lembrar* e *esquecer*) forem pronominais, exigirão um complemento preposicionado; percebe?

Importante: os pronomes desses verbos, por serem parte integrante do verbo, não exercem função sintática alguma.

Enfim, dizemos que tais verbos são **acidentalmente pronominais**, pois podem ser conjugados ora com a presença do pronome, ora sem. Veja alguns: *apoderar-se, alegrar-se, concentrar-se, tratar-se, sentar-se, levantar-se, ajoelhar-se, enganar-se, comportar-se, indignar-se, orgulhar-se, precaver-se* etc.

Os reflexivos também são **acidentalmente pronominais**, só que com "sutis" diferenças. Veja em seguida.

Reflexivos

Os verbos reflexivos são um subtipo de verbos pronominais, porque são conjugados com um pronome oblíquo átono também. No entanto, como são transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos, sempre acompanhados de pronomes reflexivos, os quais exercem obrigatoriamente função sintática de objeto direto ou indireto, são postos à parte, como verbos reflexivos.

Segundo Bechara, o verbo reflexivo "faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou": "Ela sempre ***se anula.***". Diz-se que o pronome reflexivo, que acompanha tal verbo, é também recíproco quando há mais de um ser no sujeito e o verbo se encontra no plural: "Eles ***se falam*** por e-mail.". Mas já falei sobre isso em voz reflexiva e no capítulo de pronomes (sobre o ***se***), lembra? Confira!

Vicários

Verbos vicários são aqueles que substituem outros verbos, evitando a repetição. Normalmente são vicários os verbos *ser* e *fazer*. Normalmente vêm acompanhados de um pronome demonstrativo *o*. Entenda:

– *João vinha muito aqui, mas há anos que não o* ***faz.*** (*o faz = vem aqui*)

– *Se você não luta* ***é*** *porque tem medo.* (*é = não luta*)

Obs.: O verbo *ser* é especial, pois pode ser expletivo, ou seja, pode servir apenas para realçar um termo ou uma expressão. Assim sendo, pode ser retirado da frase sem prejuízo sintático ou semântico. Veja: "Ele falou ***é*** de Português, não de Matemática.". Note que o verbo ser pode ser retirado sem problema algum da frase: "Ele falou de Português, não de Matemática.". É importante dizer que tal verbo pode vir numa expressão junto com a também palavra expletiva *que*: "Ele ***é que*** falou de Português, não de Matemática." / "**Foi** ele **que** falou de Português, não de Matemática.". / "**Foram** os portugueses, os índios, os africanos e outros povos **que** tornaram o Brasil tão culturalmente plural.". O verbo *ser* expletivo não constitui oração, portanto, em todos esses exemplos anteriores, só há uma oração!

Paradigmas (Modelos) de Conjugação Verbal

É muito comum (!) as provas de concurso cobrarem o conhecimento da conjugação (tempos, modos, números e pessoas) de alguns verbos. Como a maioria deles é regular, sempre seguem um paradigma (modelo) na conjugação. Antes de tudo, porém, é bom antecipar alguns detalhes para você.

Na conjugação dos verbos, normalmente há esta estrutura: **radical + vogal temática + desinência modo-temporal + desinência número-pessoal**. Não obstante, alguns desses elementos não aparecem em toda a conjugação. Recomendo, por isso, que você releia a parte de estrutura verbal. Ok? Digo isso porque muita gente pensa que, por exemplo, a forma *cante*, em "Espero que você *cante* melhor.", apresenta vogal temática **e**, quando, na verdade, este **e** se trata de uma desinência modo-temporal. Parece bobagem, mas isso faz você identificar que o verbo está no presente do subjuntivo, e não em outro tempo verbal.

Caro leitor, aqui entre nós, baseie a conjugação de todo e qualquer verbo regular pelos verbos *amar* (1ª conjugação), *vender* (2ª conjugação) e *partir* (3ª conjugação). Beleza?

Veja o paradigma (modelo):

VERBO AMAR Indicativo							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
EU	**Am**	o	ei	ava	ara	arei	aria
TU	**Am**	as	aste	avas	aras	arás	arias
ELE	**Am**	a	ou	ava	ara	ará	aria
NÓS	**Am**	amos	amos	ávamos	áramos	aremos	aríamos
VÓS	**Am**	ais	astes	áveis	áreis	areis	aríeis
ELES	**Am**	am	aram	avam	aram	arão	ariam

VERBO AMAR Subjuntivo				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Am**	e	asse	ar
TU	**Am**	es	asses	ares
ELE	**Am**	e	asse	ar
NÓS	**Am**	emos	ássemos	armos
VÓS	**Am**	eis	ásseis	ardes
ELES	**Am**	em	assem	arem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Am	ar	ando	ado

VENDER Indicativo							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
EU	**Vend**	o	i	ia	era	erei	eria
TU	**Vend**	es	este	ias	eras	erás	erias
ELE	**Vend**	e	eu	ia	era	erá	eria
NÓS	**Vend**	emos	emos	íamos	êramos	eremos	eríamos
VÓS	**Vend**	eis	estes	íeis	êreis	ereis	eríeis

ELES	**Vend**	em	eram	iam	eram	erão	eriam

VENDER Subjuntivo				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Vend**	a	esse	er
TU	**Vend**	as	esses	eres
ELE	**Vend**	a	esse	er
NÓS	**Vend**	amos	êssemos	ermos
VÓS	**Vend**	ais	êsseis	erdes
ELES	**Vend**	am	essem	erem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Vend	er	endo	ido

PARTIR Indicativo							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
EU	**Part**	o	i	ia	ira	irei	iria
TU	**Part**	es	iste	ias	iras	irás	irias
ELE	**Part**	e	iu	ia	ira	irá	iria

NÓS	**Part**	imos	imos	íamos	íramos	iremos	iríamos
VÓS	**Part**	is	istes	íeis	íreis	ireis	iríeis
ELES	**Part**	em	iram	iam	iram	irão	iriam

PARTIR **Subjuntivo**				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Part**	a	isse	ir
TU	**Part**	as	isses	ires
ELE	**Part**	a	isse	ir
NÓS	**Part**	amos	íssemos	irmos
VÓS	**Part**	ais	ísseis	irdes
ELES	**Part**	am	issem	irem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Part	**ir**	**indo**	**ido**

Você deve estar perguntando agora: "Ué, mas cadê o imperativo?". Esses verbos se encaixam naquela tabela que já vimos no tópico *Formação do Imperativo*. Dê uma olhada lá!

Faço questão agora de apresentar a formação do verbo *pôr*, afinal ele e seus derivados são figurinhas repetidas nas questões de concursos. Como você já sabe, o verbo *pôr* e seus derivados (*apor, repor, compor, propor, pospor, antepor, sobrepor, impor,*

depor etc.) pertencem à **segunda conjugação** porque *pôr* é verbo de 2ª conjugação, pois origina-se da forma latina *ponere* > *poer* (cuja vogal temática é **e**).

Veja agora a conjugação do verbo *supor* (mais um derivado deste importante verbo):

SUPOR **Indicativo**							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
EU	**Sup**	onho	us	unha	usera	orei	oria
TU	**Sup**	ões	useste	unhas	useras	orás	orias
ELE	**Sup**	õe	ôs	unha	usera	orá	oria
NÓS	**Sup**	omos	usemos	únhamos	usáramos	oremos	oríamos
VÓS	**Sup**	ondes	usestes	únheis	usáreis	oreis	oríeis
ELES	**Sup**	õem	useram	unham	useram	orão	oriam

SUPOR **Subjuntivo**				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Sup**	onha	usesse	user
TU	**Sup**	onhas	usesses	useres
ELE	**Sup**	onha	usesse	user
NÓS	**Sup**	onhamos	usássemos	usermos
VÓS	**Sup**	onhais	usásseis	userdes
ELES	**Sup**	onham	usessem	userem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Supo	r	ndo	sto

Verbos Notáveis

Existem muitos verbos que são a pedra no sapato de qualquer concurseiro... ou melhor ERAM a pedra no sapato... Deixaram de ser neste exato momento! Aproveite! Vou conjugar a partir de agora alguns verbos *ultraimportantes*! Conjugarei só as formas simples, beleza? Mas saiba que as formas compostas (*ter/haver* + particípio) também existem, é lógico. Dê uma olhada depois em tempos compostos e conjugue os verbos abaixo nesses tempos. Afinal, não sou só eu que tenho de trabalhar nessa "bagaça", não! Brincadeira... é só para "forçá-lo" a conjugar. É muito importante. Confie em mim!

Aposto todas as minhas fichas nestes verbos (dos mais de 11.000, você só precisa dominar uns 30), com margem de segurança de mais de 90% (e não é retórica barata!):

***Abolir, soer, emergir/imergir, viger, ser, estar, pedir/medir* (e derivados), *ir, vir* (e derivados), *ver* (e derivados), *pôr (e derivados), ter* (e derivados), *caber, valer, adequar, haver, reaver, precaver-se, querer, requerer, prover, viger, preterir, eleger, impugnar, trazer*, os terminados em *-ear, -iar* (Lembra-se do MARIO?), *-oar* e *-uar*. Não necessariamente nesta ordem...**

1) Verbos terminados em -uar

São verbos regulares da 1ª conjugação. Como *apaziguar*, por exemplo, conjugam-se *averiguar, aguar, enxaguar, obliquar* etc. De acordo com o novo acordo ortográfico, não há mais trema nem acento agudo nos grupos *gue, gui, que, qui*. As formas rizotônicas são pronunciadas ***apazigu-e, apazigu-es...*** ou pronunciadas e escritas ***apazígue, apazígues...***

Presente do indicativo: apaziguo, apaziguas, apazigua, apaziguamos, apaziguais, apaziguam.
Pretérito perfeito do indicativo: apaziguei, apaziguaste, apaziguou, apaziguamos, apaziguastes, apaziguaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: apaziguava, apaziguavas, apaziguava, apaziguávamos, apaziguáveis, apaziguavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: apaziguara, apaziguaras, apaziguara, apaziguáramos, apaziguáreis, apaziguaram.
Futuro do presente do indicativo: apaziguarei, apaziguarás, apaziguará, apaziguaremos, apaziguareis, apaziguarão.
Futuro do pretérito do indicativo: apaziguaria, apaziguarias, apaziguaria, apaziguaríamos, apaziguaríeis, apaziguariam.
Presente do subjuntivo: apazigue/apazígue, apazigues/apazígues, apazigue/apazígue, apaziguemos, apazigueis, apaziguem/apazíguem
Pretérito imperfeito do subjuntivo: apaziguasse, apaziguasses, apaziguasse, apaziguássemos, apaziguásseis, apaziguassem.
Futuro do subjuntivo: apaziguar, apaziguares, apaziguar, apaziguarmos, apaziguardes, apaziguarem.
Imperativo afirmativo: apazigua, apazigue/apazígue, apaziguemos, apaziguai, apaziguem/apazíguem
Imperativo negativo: não apazigues/apazígues, não apazigue/apazígue, não apaziguemos, não apazigueis, não apaziguem/apazíguem.
Infinitivo pessoal: apaziguar, apaziguares, apaziguar, apaziguarmos, apaziguardes, apaziguarem.
Gerúndio: apaziguando.
Particípio: apaziguado.

Obs.: ***Aguar***, ***enxaguar*** e ***desaguar*** recebem acento agudo no primeiro **a** das formas rizotônicas.
Presente do indicativo: *águo, águas, água, aguamos, aguais, águam.*
Presente do subjuntivo: *ague, águes, ague, aguemos, agueis, águem.*

2) Verbos terminados em -ear

No presente do indicativo, do subjuntivo e no imperativo, recebem a letra **i** nas formas rizotônicas (sílaba tônica no radical). Trocando em miúdos, o **i** vem após o **e**, exceto na 1ª e 2ª pessoas do plural. *Pentear* é um exemplo:

Presente do indicativo: penteio, penteias, penteia, *penteamos*, *penteais*, penteiam.
Pretérito perfeito do indicativo: penteei, penteaste, penteou, penteamos, penteastes, pentearam.
Pretérito imperfeito do indicativo: penteava, penteavas, penteava, penteávamos, penteáveis, penteavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: penteara, pentearas, penteara, penteáramos, penteáreis, pentearam.
Futuro do presente do indicativo: pentearei, pentearás, penteará, pentearemos, penteareis, pentearão.
Futuro do pretérito do indicativo: pentearia, pentearias, pentearia, pentearíamos, pentearíeis, pentearíam.
Presente do subjuntivo: penteie, penteies, penteie, *penteemos*, *penteeis*, penteiem.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: penteasse, penteasses, penteasse, penteássemos, penteásseis, penteassem.
Futuro do subjuntivo: pentear, penteares, pentear, pentearmos, penteardes, pentearem.
Imperativo afirmativo: penteia, penteie, *penteemos, penteai*, penteiem.
Imperativo negativo: não penteies, não penteie, não *penteemos*, não *penteeis*, não penteiem.
Infinitivo pessoal: pentear, penteares, pentear, pentearmos, penteardes, pentearem.
Gerúndio: penteando.
Particípio: penteado.

3) Verbos terminados em -iar

Os verbos dessa terminação **são regulares**, ou seja, seguem a conjugação de *amar*. Um exemplo é o verbo *variar* (radical **vari-**): *eu vario, tu varias, varia, variamos, variais, variam*. Nada de "Eu vareio, tu vareias, ele vareia...". Assim você mata o papai...

Mas... como nem tudo são flores... há pelo menos **seis verbos** terminados em **-iar** que recebem a letra **e** antes do **i** nas formas rizotônicas (formas em que a sílaba tônica recai no radical), do presente do indicativo e presente do subjuntivo, exceto na 1ª e 2ª pessoas do plural. Suas iniciais formam o anagrama **M-A-R-I-O** (Conhece? Piada inevitável...): ***M**ediar*, ***A**nsiar*, ***R**emediar*, ***I**ntermediar/**I**ncendiar* e ***O**diar*.

Vejamos a conjugação de um deles, o mais *cabuloso*, que serve, não obstante, de modelo para os demais:

Presente do indicativo: intermed**e**io, intermed**e**ias, intermed**e**ia, *intermediamos, intermediais*, intermed**e**iam.
Pretérito perfeito do indicativo: intermediei, intermediaste, intermediou, intermediamos, intermediastes, intermediaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: intermediava, intermediavas, intermediava, intermediávamos, intermediáveis, intermediavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: intermediara, intermediaras, intermediara, intermediáramos, intermediáreis, intermediaram.
Futuro do presente do indicativo: intermediarei, intermediarás, intermediará, intermediaremos, intermediareis, intermediarão.
Futuro do pretérito do indicativo: intermediaria, intermediarias, intermediaria, intermediaríamos, intermediaríeis, intermediariam.
Presente do subjuntivo: intermed**e**ie, intermed**e**ies, intermed**e**ie, *intermediemos, intermedieis*, intermed**e**iem.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: intermediasse, intermediasses, intermediasse, intermediássemos, intermediásseis, intermediassem.
Futuro do subjuntivo: intermediar, intermediares, intermediar, intermediarmos, intermediardes, intermediarem.
Imperativo afirmativo: intermed**e**ia, intermed**e**ie, *intermediemos, intermediai*, intermed**e**iem.
Imperativo negativo: não intermed**e**ies, não intermed**e**ie, não *intermediemos*, não *intermedieis*, não intermed**e**iem.
Infinitivo pessoal: intermediar, intermediares, intermediar, intermediarmos, intermediardes, intermediarem.
Gerúndio: intermediando.
Particípio: intermediado.

Obs.: Na boa... para agilizar sua vida, lembre-se da conjugação do verbo ***odiar***, o mais usado de todos no dia a dia. Também, ao falar de verbo durante várias páginas, quem não odeia? EU não odeio, gosto muito, e você tem de gostar também. Deixa a preguiça de lado. Vamos memorizar! Exercício ajuda!

Ah... como eu poderia me esquecer disso! O verbo ***mobiliar*** recebe acento agudo na sílaba **bi** em algumas formas do presente do indicativo (*mobílio, mobílias, mobília, mobíliam*), em algumas do presente do subjuntivo (*mobílie, mobílies, mobílie, mobíliem*) e dos imperativos afirmativo e negativo (*mobília, mobílie, mobíliem / não mobílies, não mobílie, não mobíliem*). Agora sim.

4) Verbos terminados em -oar

Saiba que agora o acento circunflexo de **ôo**, *abençôo*, não mais existe, pelo novo acordo ortográfico vigente. Conheça o modelo dos verbos terminados em **-oar** pela conjugação de ***abençoar***:

Presente do indicativo: abençoo, abençoas, abençoa, abençoamos, abençoais, abençoam.
Pretérito perfeito do indicativo: abençoei, abençoaste, abençoou, abençoamos, abençoastes, abençoaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: abençoava, abençoavas, abençoava, abençoávamos, abençoáveis, abençoavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: abençoara, abençoaras, abençoara, abençoáramos, abençoáreis, abençoaram.
Futuro do presente do indicativo: abençoarei, abençoarás, abençoará, abençoaremos, abençoareis, abençoarão.
Futuro do pretérito do indicativo: abençoaria, abençoarias, abençoaria, abençoaríamos, abençoaríeis, abençoariam.
Presente do subjuntivo: abençoe, abençoes, abençoe, abençoemos, abençoeis, abençoem.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: abençoasse, abençoasses, abençoasse, abençoássemos, abençoásseis, abençoassem.

Futuro do subjuntivo: abençoar, abençoares, abençoar, abençoarmos, abençoardes, abençoarem.
Imperativo afirmativo: abençoa, abençoe, abençoemos, abençoai, abençoem.
Imperativo negativo: não abençoes, não abençoe, não abençoemos, não abençoeis, não abençoem.
Infinitivo pessoal: abençoar, abençoares, abençoar, abençoarmos, abençoardes, abençoarem.
Gerúndio: abençoando.
Particípio: abençoado.

5) Verbos querer e requerer

Apesar de parecido, não é derivado do verbo *querer*, principalmente no presente do indicativo e no presente do subjuntivo. Os demais tempos seguem o modelo regular de *vender*. Veja a conjugação de *querer* e *requerer*, respectivamente:

Presente do indicativo: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem.
Pretérito perfeito do indicativo: quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram.
Pretérito imperfeito do indicativo: queria, querias, queria, queríamos, queríeis, queriam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram.
Futuro do presente do indicativo: quererei, quererás, quererá, quereremos, quereis, quererão. (Feião, não é?)
Futuro do pretérito do indicativo: quereria, quererias, quereria, quereríamos, quereríeis, quereriam. (Feião, idem.)
Presente do subjuntivo: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram. (Radical diferente do presente do indicativo.)
Pretérito imperfeito do subjuntivo: quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem.
Futuro do subjuntivo: quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem.
Imperativo afirmativo: quer(e), queira, queiramos, querei, queiram.
Imperativo negativo: não queiras, não queira, não queiramos, não queirais, não queiram.
Infinitivo pessoal: querer, quereres, querer, querermos, quererdes, quererem.

Gerúndio: querendo.
Particípio: querido.

Obs.: Dado o seu significado, é raro seu uso no imperativo. Note que o infinitivo pessoal desse verbo é diferente do futuro do subjuntivo. Não confunda *querido* (verbo no particípio) com adjetivo. Além disso, os verbos *bem-querer* (ou *benquerer*) e *malquerer* têm os seguintes particípios: *benquisto* e *malquisto*.

Presente do indicativo: requeiro, requeres, requer, requeremos, requereis, requerem.
Pretérito perfeito do indicativo: requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram.
Pretérito imperfeito do indicativo: requeria, requerias, requeria, requeríamos, requeríeis, requeriam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: requerera, requereras, requerera, requerêramos, requerêreis, requereram.
Futuro do presente do indicativo: requererei, requererás, requererá, requereremos, requerereis, requererão.
Futuro do pretérito do indicativo: requereria, requererias, requereria, requereríamos, requereríeis, requereriam.
Presente do subjuntivo: requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: requeresse, requeresses, requeresse, requerêssemos, requerêsseis, requeressem.
Futuro do subjuntivo: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.
Imperativo afirmativo: requer(e), requeira, requeiramos, requerei, requeiram.
Imperativo negativo: não requeiras, não requeira, não requeiramos, não requeirais, não requeiram.
Infinitivo pessoal: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.

Gerúndio: requerendo.
Particípio: requerido.

6) Verbo precaver(-se)

Não é derivado do verbo *ver* nem do verbo *vir*. É defectivo, logo, no presente do indicativo, só se conjuga nas 1ª e 2ª pessoas do plural: **nós *nos precavemos*, vós *vos precaveis***. Não há o presente do subjuntivo, pois não há a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, donde deriva o presente do subjuntivo, logo não há o imperativo negativo. No imperativo afirmativo, só há a 2ª pessoa do plural. Os demais tempos seguem o modelo de conjugação de *vender*.

Este verbo é normalmente pronominal, de modo que podemos conjugá-lo com o pronome oblíquo átono ou não. Para facilitar, vou conjugar sem o pronome.

Presente do indicativo: precavemos, precaveis.
Pretérito perfeito do indicativo: precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: precavia, precavias, precavia, precavíamos, precavíeis, precaviam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: precavera, precaveras, precavera, precavêramos, precavêreis, precaveram.
Futuro do presente do indicativo: precaverei, precaverás, precaverá, precaveremos, precavereis, precaverão.
Futuro do pretérito do indicativo: precaveria, precaverias, precaveria, precaveríamos, precaveríeis, precaveriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: precavesse, precavesses, precavesse, precavêssemos, precavêsseis, precavessem.
Futuro do subjuntivo: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.
Imperativo afirmativo: precavei.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.
Gerúndio: precavendo.

Particípio: precavido.

7) Verbos haver e reaver

Reaver é derivado do verbo *haver*, quando em sua conjugação houver a letra **v**. Logo você tem de saber a conjugação de um verbo para saber a do outro. No presente do indicativo, só existem as formas da 1ª e 2ª pessoas do plural: ***reavemos, reaveis***. Consequentemente, não há o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo. No imperativo afirmativo, só há a 2ª pessoa do plural, que vem do presente do indicativo. Os demais tempos seguem a conjugação de *haver*. Vejamos ambos os verbos, respectivamente:

Presente do indicativo: hei, hás, há, havemos/hemos, haveis/heis, hão (hemos e heis são formas antigas).
Pretérito perfeito do indicativo: houve, houveste, houve, houvemos, houvestes, houveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: havia, havias, havia, havíamos, havíeis, haviam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: houvera, houveras, houvera, houvéramos, houvéreis, houveram,
Futuro do presente do indicativo: haverei, haverás, haverá, haveremos, havereis, haverão.
Futuro do pretérito do indicativo: haveria, haverias, haveria, haveríamos, haveríeis, haveriam.
Presente do subjuntivo: haja, hajas, haja, hajamos, hajais, hajam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: houvesse, houvesses, houvesse, houvéssemos, houvésseis, houvessem.
Futuro do subjuntivo: houver, houveres, houver, houvermos, houverdes, houverem.
***Imperativo afirmativo**: haja, hajamos, havei, hajam.
Imperativo negativo: não hajas, não haja, não hajamos, não hajais, não hajam.
Infinitivo pessoal: haver, haveres, haver, havermos, haverdes, haverem.
Gerúndio: havendo.
Particípio: havido.

*Segundo Celso Cunha, a 2ª pessoa do singular (há) é desusada. Sacconi a registra.

Presente do indicativo: reavemos, reaveis.
Pretérito perfeito do indicativo: reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: reavia, reavias, reavia, reavíamos, reavíeis, reaviam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: reouvera, reouveras, reouvera, reouvéramos, reouvéreis, reouveram.
Futuro do presente do indicativo: reaverei, reaverás, reaverá, reaveremos, reavereis, reaverão.
Futuro do pretérito do indicativo: reaveria, reaverias, reaveria, reaveríamos, reaveríeis, reaveriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: reouvesse, reouvesses, reouvesse, reouvéssemos, reouvésseis, reouvessem.
Futuro do subjuntivo: reouver, reouveres, reouver, reouvermos, reouverdes, reouverem.
Imperativo afirmativo: reavei.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: reaver, reaveres, reaver, reavermos, reaverdes, reaverem.
Gerúndio: reavendo.
Particípio: reavido.

8) Verbos ver e prover

Prover não é derivado de *ver*, apesar de coincidir a conjugação no presente, no pretérito imperfeito, no futuro do presente, no futuro do pretérito do indicativo e no presente do subjuntivo. O resto da conjugação de *prover* é igual a *vender*. "**Pelamordedeus"***: grave a conjugação do futuro do subjuntivo do verbo ver. Vá por mim!* Vejamos as respectivas conjugações:

Presente do indicativo: vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem*.
Pretérito perfeito do indicativo: vi, viste, viu, vimos, viestes, viram.
Pretérito imperfeito do indicativo: via, vias, via, víamos, víeis, viam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: vira, viras, vira, víramos, víreis, viram.
Futuro do presente do indicativo: verei, verás, verá, veremos, vereis, verão.

Futuro do pretérito do indicativo: veria, verias, veria, veríamos, veríeis, veriam.
Presente do subjuntivo: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem.
Futuro do subjuntivo: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem. (Cai muito em prova!)
Imperativo afirmativo: vê, veja, vejamos, vede, vejam.
Imperativo negativo: não vejas, não veja, não vejamos, não vejais, não vejam.
Infinitivo pessoal: ver, veres, ver, vermos, verdes, verem.
Gerúndio: vendo.
Particípio: visto.

* Agora sem acento no hiato ***ee!*** O mesmo vale para os verbos *crer, dar* e *ler* (e derivados). Ah! Última dica: fique ligado nos verbos derivados de *ver: prever, antever, rever...*

Presente do indicativo: provejo, provês, provê, provemos, provedes, proveem.
Pretérito perfeito do indicativo: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: provia, provias, provia, províamos, províeis, proviam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram.
Futuro do presente do indicativo: proverei, proverás, proverá, proveremos, provereis, proverão.
Futuro do pretérito do indicativo: proveria, proverias, proveria, proveríamos, proveríeis, proveriam.
Presente do subjuntivo: proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: provesse, provesses, provesse, provêssemos, provêsseis, provessem.
Futuro do subjuntivo: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.
Imperativo afirmativo: provê, proveja, provejamos, provede, provejam.
Imperativo negativo: não provejas, não proveja, não provejamos, não provejais, não provejam.
Infinitivo pessoal: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.
Gerúndio: provendo.

Particípio: provido.

9) Verbo viger

É defectivo. Não possui, portanto, no presente do indicativo, a 1ª pessoa do singular. Logo, não há presente do subjuntivo, tampouco algumas formas do imperativo afirmativo. O mais... conjuga-se como *vender*.

Presente do indicativo: viges, vige, vigemos, vigeis, vigem.
Pretérito perfeito do indicativo: vigi, vigeste, vigeu, vigemos, vigestes, vigeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: vigia, vigias, vigia, vigíamos, vigíeis, vigiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: vigera, vigeras, vigera, vigêramos, vigêreis, vigeram.
Futuro do presente do indicativo: vigerei, vigerás, vigerá, vigeremos, vigereis, vigerão.
Futuro do pretérito do indicativo: vigeria, vigerias, vigeria, vigeríamos, vigeríeis, vigeriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: vigesse, vigesses, vigesse, vigêssemos, vigêsseis, vigessem.
Futuro do subjuntivo: viger, vigeres, viger, vigermos, vigerdes, vigerem.
Imperativo afirmativo: *vige, vigei*.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: viger, vigeres, viger, vigermos, vigerdes, vigerem.
Gerúndio: vigendo.
Particípio: vigido.

Obs.: Se você quiser redigir este verbo numa redação e se esquecer de sua conjugação, conjugue *vigorar*, que é muito mais fácil, e corra para o abraço! Só um detalhe: *vigir* não existe na língua portuguesa, quanto mais *vigindo* ou qualquer *bicho* parecido com esse.

10) Verbo pôr

Este verbo, junto de *ter* e *vir*, é um dos que mais caem em provas de concurso público. Principalmente seus derivados: *apor, antepor, compor, depor, dispor, entrepor, expor, impor, interpor, justapor, pospor, propor, repor, sobpor, sobrepor, sotopor, subpor, superpor*... DE-CO-RE!

Presente do indicativo: ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem.
Pretérito perfeito do indicativo: pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram.
Pretérito imperfeito do indicativo: punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram.
Futuro do presente do indicativo: porei, porás, porá, poremos, poreis, porão.
Futuro do pretérito do indicativo: poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poriam.
Presente do subjuntivo: ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, pusés-seis, pusessem.
Futuro do subjuntivo: puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem.
Imperativo afirmativo: põe, ponha, ponhamos, ponde, ponham.
Imperativo negativo: não ponhas, não ponha, não ponhamos, não ponhais, não ponham.
Infinitivo pessoal: pôr, pores, pôr, pormos, pordes, porem.
Gerúndio: pondo.
Particípio: posto.

11) Verbos vir e ter

Os verbos ***vir*** e ***ter*** (e derivados) caem muuuuuuuuuuuuito em provas diversas, em questões de acentuação gráfica, conjugação verbal e concordância verbal. Principalmente na 1ª pessoa do plural e na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo, na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo e em todo o pretérito imperfeito do subjuntivo. Se eu fosse você, eu decoraria essas conjugações. Fica a dica!

Fique ligado também na conjugação de seus derivados: *avir-se, advir, convir, intervir, provir, sobrevir...; abster-se, ater-se, conter, deter, entreter, manter, obter, reter...*

Presente do indicativo: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm.
Pretérito perfeito do indicativo: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.
Pretérito imperfeito do indicativo: vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram.
Futuro do presente do indicativo: virei, virás, virá, viremos, vireis, virão.
Futuro do pretérito do indicativo: viria, virias, virias, viríamos, viríeis, viriam.
Presente do subjuntivo: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem.
Futuro do subjuntivo: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.
Imperativo afirmativo: vem, venha, venhamos, vinde, venham.
Imperativo negativo: não venhas, não venha, não venhamos, não venhais, não venham.
Infinitivo pessoal: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.
Gerúndio: vindo.
Particípio: vindo (é isso mesmo, o gerúndio e o particípio são iguais).

Presente do indicativo: tenho, tens, tem, temos, tendes, têm.
Pretérito perfeito do indicativo: tive, tiveste, teve, tivemos, tivestes, tiveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: tinha, tinhas, tinha, tínhamos, tínheis, tinham.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: tivera, tiveras, tivera, tivéramos, tivéreis, tiveram.
Futuro do presente do indicativo: terei, terás, terá, teremos, tereis, terão.
Futuro do pretérito do indicativo: teria, terias, teria, teríamos, teríeis, teriam.
Presente do subjuntivo: tenha, tenhas, tenha, tenhamos, tenhais, tenham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: tivesse, tivesses, tivesse, tivéssemos, tivésseis, tivessem.
Futuro do subjuntivo: tiver, tiveres, tiver, tivermos, tiverdes, tiverem.
Imperativo afirmativo: tem, tenha, tenhamos, tende, tenham.
Imperativo negativo: não tenhas, não tenha, não tenhamos, não tenhais, não tenham.
Infinitivo pessoal: ter, teres, ter, termos, terdes, terem.
Gerúndio: tendo.

Particípio: tido.

Obs.: Abater não é derivado do verbo ter, cuidado!!! Veja: FCC – SEFAZ/SP – AGENTE FISCAL DE RENDAS – 2013 – QUESTÃO 11

12) Cuidado com advertir, aderir, aferir, competir, concernir, digerir, despir, divergir, discernir, expelir, ferir, gerir, interferir, inserir, ingerir, impelir, preterir, repelir!

Tais verbos se conjugam igualmente, mudando o **e** do infinitivo para **i** na primeira pessoa do singular do presente do indicativo e em todas as do presente do subjuntivo.

Presente do indicativo: adiro, aderes, adere, aderimos, aderis, aderem.
Pretérito perfeito do indicativo: aderi, aderiste, aderiu, aderimos, aderistes, aderiram.
Pretérito imperfeito do indicativo: aderia, aderias, aderia, aderíamos, aderíeis, aderiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: aderira, aderiras, aderira, aderíramos, aderíreis, aderiram.
Futuro do presente do indicativo: aderirei, aderirás, aderirá, aderiremos, aderireis, aderirão.
Futuro do pretérito do indicativo: aderiria, aderirias, aderiria, aderiríamos, aderiríeis, adeririam .
Presente do subjuntivo: adira, adiras, adira, adiramos, adirais, adiram.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: aderisse, aderisses, aderisse, aderíssemos, aderísseis, aderissem.
Futuro do subjuntivo: aderir, aderires, aderir, aderirmos, aderirdes, aderirem.
Imperativo afirmativo: adere, adira, adiramos, aderi, adiram.
Imperativo negativo: não adiras, não adira, não adiramos, não adirais, não adiram.
Infinitivo pessoal: aderir, aderires, aderir, aderirmos, aderirdes, aderirem.
Gerúndio: aderindo.
Particípio: aderido.

13) Verbos emergir e imergir

Nem Sacconi, nem Bechara, nem o dicionário Houaiss consideram tais verbos como defectivos, dizendo que se conjugam normalmente por *submergir/aspergir* (*eu submerjo/emerjo/imerjo, tu submerges/emerges/imerges, ele submerge/emerge/imerge, nós submergimos/emergimos/imergimos, vós submergis/emergis/imergis, eles submergem/emergem/imergem*). Celso Cunha e o dicionário Aulete consideram defectivos *emergir* e *imergir*, não havendo a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo. Este mesmo gramático diz que *submergir* (e *aspergir*) se conjuga diferente, havendo todas as formas. Como a polêmica não para, os dicionários de Portugal registram o seguinte: "a primeira pessoa do singular é *emirjo*, tal como acontece com verbos como *convergir* ou *divergir*". Ufa! Bem-vindo à Língua Portuguesa!

Como disse sensatamente o estudioso Nuno Carvalho, do Ciberdúvidas: "Com tal variedade de preceitos acerca da conjugação da primeira pessoa do singular do verbo *emergir* no presente do indicativo (e, consequentemente, das formas do presente do subjuntivo e de algumas formas do imperativo), podemos dizer que qualquer das escolhas apresentadas é justificável, contanto que em cada texto se use a forma escolhida com coerência.".

"Há um parâmetro, Pestana?" Sim. Pelo menos a Esaf ficou com a opinião do Celso Cunha (mega-autoridade consagradíssima!). Veja:

21. (Esaf – SFC – Analista de Finança e Controle – 2002) Assinale a proposição correta a respeito da estrutura morfossintática do texto abaixo.

b) **Emergir** é verbo defectivo, ao qual faltam as formas em que ao radical se seguiria **o** ou **a**.

Comentário: Tal afirmação procede, pois **não** há a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo (emerjo) nem, consequentemente, todo o presente do subjuntivo (emerja, emerjas, emerja, emerjamos, emerjais, emerjam).

Conheça agora a conjugação completa de *emergir* (e, por tabela, *imergir*):

Presente do indicativo: emerges, emerge, emergemos, emergeis, emergem.

Pretérito perfeito do indicativo: emergi, emergiste, emergiu, emergimos, emergistes, emergiram.
Pretérito imperfeito do indicativo: emergia, emergias, emergia, emergíamos, emergíeies, emergiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: emergira, emergiras, emergira, emergíramos, emergíreis, emergiram.
Futuro do presente do indicativo: emergirei, emergirás, emergirá, emergiremos, emergireis, emergirão.
Futuro do pretérito do indicativo: emergiria, emergirias, emergiria, emergiríamos, emergiríeis, emergiriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: emergisse, emergisses, emergisse, emergíssemos, emergísseis, emergissem.
Futuro do subjuntivo: emergir, emergires, emergir, emergirmos, emergirdes, emergirem.
Imperativo afirmativo: *emerge, emergei.*
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: emergir, emergires, emergir, emergirmos, emergirdes, emergirem.
Gerúndio: emergindo.
Particípio: emergido/emerso.

Obs.: Outros verbos, não defectivos, terminados em **-gir** tem o **g** substituído por **j** antes de **o** e de **a**, na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, em todo o presente do subjuntivo e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo: *fugir, agir, infringir, tingir...*

14) Verbo abolir

Como defectivo, não é conjugado na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, portanto não há o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo. O imperativo afirmativo passa a não ter todas as formas também.

Presente do indicativo: aboles, abole, abolimos, abolis, abolem.
Pretérito perfeito do indicativo: aboli, aboliste, aboliu, abolimos, abolistes, aboliram.
Pretérito imperfeito do indicativo: abolia, abolias, abolia, abolíamos, abolíeis, aboliam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: abolira, aboliras, abolira, abolíramos, abolíreis, aboliram.
Futuro do presente do indicativo: abolirei, abolirás, abolirá, aboliremos, abolireis, abolirão.
Futuro do pretérito do indicativo: aboliria, abolirias, aboliria, aboliríamos, aboliríeis, aboliriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: abolisse, abolisses, abolisse, abolíssemos, abolísseis, abolissem.
Futuro do subjuntivo: abolir, abolires, abolir, abolirmos, abolirdes, abolirem.
Imperativo afirmativo: *abole, aboli.*
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: abolir, abolires, abolir, abolirmos, abolirdes, abolirem.
Gerúndio: abolindo.
Particípio: abolido.

Obs.: Fique ligado também nos verbos *demolir, extorquir* e *explodir*, cuja conjugação segue o modelo de *abolir*. Tais verbos defectivos dão uma dor de cabeça, não é? Jesus!

15) Verbo soer

Como defectivo, não é conjugado na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, portanto não há o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo. O imperativo afirmativo passa a não ter todas as formas também. Este verbo, usado em linguagem extremamente formal, significa "ter por hábito, ou ser costumeiro; costumar".

Presente do indicativo: sóis, sói, soemos, soeis, soem.
Pretérito perfeito do indicativo: soí, soeste, soeu, soemos, soestes, soeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: soía, soías, soía, soíamos, soíeis, soíam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: soera, soeras, soera, soêramos, soêreis, soeram.
Futuro do presente do indicativo: soerei, soerás, soerá, soeremos, soereis, soerão.
Futuro do pretérito do indicativo: soeria, soerias, soeria, soeríamos, soeríeis, soeriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: soesse, soesses, soesse, soêssemos, soêsseis, soessem.
Futuro do subjuntivo: soer, soeres, soer, soermos, soerdes, soerem.
Imperativo afirmativo: *sói, soei.*
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: soer, soeres, soer, soermos, soerdes, soerem.
Gerúndio: soendo.
Particípio: soído.

16) Verbo ser

Um dos verbos mais polêmicos da língua portuguesa. Não poderia deixar de lado... Eis sua conjugação anômala (cuidado com algumas igualdades de conjugação com o verbo *ir* e observe as segundas pessoas do imperativo afirmativo):

Presente do indicativo: sou, és, é, somos, sois, são.
Pretérito perfeito do indicativo: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.
Pretérito imperfeito do indicativo: era, eras, era, éramos, éreis, eram.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.
Futuro do presente do indicativo: serei, serás, será, seremos, sereis, serão.
Futuro do pretérito do indicativo: seria, serias, seria, seríamos, seríeis, seriam.
Presente do subjuntivo: seja, sejas, seja, sejamos, sejais, sejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.
Futuro do subjuntivo: for, fores, for, formos, fordes, forem.
Imperativo afirmativo: sê, seja, sejamos, sede, sejam.
Imperativo negativo: não sejas, não seja, não sejamos, não sejais, não sejam.

Infinitivo pessoal: ser, seres, ser, sermos, serdes, serem.
Gerúndio: sendo.
Particípio: sido.

Obs.: Muitas pessoas falam "seje", no presente do subjuntivo. É registro coloquial, não culto.

17) Verbo ir

Este verbo anômalo é tão importante quanto o *ser*. Conheça sua conjugação:

Presente do indicativo: vou, vais, vai, vamos, ides, vão.
Pretérito perfeito do indicativo: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.
Pretérito imperfeito do indicativo: ia, ias, ia, íamos, íeis, iam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.
Futuro do presente do indicativo: irei, irás, irá, iremos, ireis, irão.
Futuro do pretérito do indicativo: iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam.
Presente do subjuntivo: vá, vás, vá, vamos, vades, vão.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.
Futuro do subjuntivo: for, fores, for, formos, fordes, forem.
Imperativo afirmativo: vai, vá, vamos, ide, vão.
Imperativo negativo: não vás, não vá, não vamos, não vades, não vão.
Infinitivo pessoal: ir, ires, ir, irmos, irdes, irem.
Gerúndio: indo.
Particípio: ido.

18) Verbo estar

Não há mistérios na conjugação deste verbo irregular, mas não o menospreze, pois muitos pensam estar certa a forma de presente do subjuntivo "esteje". Não caia nessa! Outra vacilação que alguns cometem é esta: "Se eu ***tivesse*** lá em Nova York, teria comprado um monte de coisas, mas eu não ***tô*** lá.". Na fala do dia a dia, às vezes a gente suprime pedaços da conjugação do verbo *estar* e de outros verbos. Cuidado! Essa frase deveria estar assim, para atender à norma culta: "Se eu ***estivesse***

lá em Nova York, teria comprado um monte de coisas, mas eu não ***estou*** lá.". Veja a conjugação culta agora:

Presente do indicativo: estou, estás, está, estamos, estais, estão.
Pretérito perfeito do indicativo: estive, estiveste, esteve, estivemos, estivestes, estiveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: estava, estavas, estava, estávamos, estáveis, estavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: estivera, estiveras, estivera, estivéramos, estivéreis, estiveram.
Futuro do presente do indicativo: estarei, estarás, estará, estaremos, estareis, estarão.
Futuro do pretérito do indicativo: estaria, estarias, estaria, estaríamos, estaríeis, estariam.
Presente do subjuntivo: esteja, estejas, esteja, estejamos, estejais, estejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: estivesse, estivesses, estivesse, estivéssemos, estivésseis, estivessem.
Futuro do subjuntivo: estiver, estiveres, estiver, estivermos, estiverdes, estiverem.
Imperativo afirmativo: está, esteja, estejamos, estai, estejam.
Imperativo negativo: não estejas, não esteja, não estejamos, não estejais, não estejam.
Infinitivo pessoal: estar, estares, estar, estarmos, estardes, estarem.
Gerúndio: estando.
Particípio: estado.

19) Verbos pedir e medir (e semelhantes)

Por *medir* conjuga-se *desmedir*. Conjugam-se por *pedir*, embora dele não sejam derivados, os verbos *despedir*, *expedir* e *impedir*, bem como os que destes se formam: *desimpedir*, *reexpedir* etc. Observe principalmente como é a conjugação de tais verbos na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, de onde deriva o presente do subjuntivo e partes do imperativo, pois o **d** vira **ç** antes de **o** e de **a**. Vou conjugar o *medir*, mas o *pedir* segue o mesmo paradigma.

Presente do indicativo: meço, medes, mede, medimos, medis, medem.

Pretérito perfeito do indicativo: medi, mediste, mediu, medimos, medistes, mediram.
Pretérito imperfeito do indicativo: media, medias, media, medíamos, medíeis, mediam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: medira, mediras, medira, medíramos, medíreis, mediram.
Futuro do presente do indicativo: medirei, medirás, medirá, mediremos, medireis, medirão.
Futuro do pretérito do indicativo: mediria, medirias, mediria, mediríamos, mediríeis, mediriam.
Presente do subjuntivo: meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: medisse, medisses, medisse, medíssemos, medísseis, medissem.
Futuro do subjuntivo: medir, medires, medir, medirmos, medirdes, medirem.
Imperativo afirmativo: mede, meça, meçamos, medi, meçam.
Imperativo negativo: não meças, não meça, não meçamos, não meçais, não meçam.
Infinitivo pessoal: medir, medires, medir, medirmos, medirdes, medirem.
Gerúndio: medindo.
Particípio: medido.

20) Verbo caber

Considere a conjugação com calma, pois há certas peculiaridades. Por exemplo, segundo Celso Cunha e outros, não há o imperativo deste verbo devido a seu sentido. Por outro lado, certos dicionários, como o Aulete, admitem a conjugação no imperativo. Fico com a posição do Celso, mas, se cair na prova o verbo *caber* no imperativo, saiba que existe mais de uma opinião.

Presente do indicativo: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem.
Pretérito perfeito do indicativo: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam.
Pretérito imperfeito do indicativo: cabia, cabias, cabia, cabíamos, cabíeis, cabiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam.

Futuro do presente do indicativo: caberei, caberás, caberá, caberemos, cabereis, caberão.
Futuro do pretérito do indicativo: caberia, caberias, caberia, caberíamos, caberíeis, caberiam .
Presente do subjuntivo: caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem.
Futuro do subjuntivo: couber, couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem.
Imperativo afirmativo: –
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: caber, caberes, caber, cabermos, caberdes, caberem.
Gerúndio: cabendo.
Particípio: cabido.

21) Verbo valer

Preste atenção na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, no presente do subjuntivo e no imperativo. Note que o **l** vira **lh** antes de **o** e de **a**.

Presente do indicativo: valho, vales, vale, valemos, valeis, valem.
Pretérito perfeito do indicativo: vali, valeste, valeu, valemos, valestes, valeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: valia, valias, valia, valíamos, valíeis, valiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: valera, valeras, valera, valêramos, valêreis, valeram.
Futuro do presente do indicativo: valerei, valerás, valerá, valeremos, valereis, valerão.
Futuro do pretérito do indicativo: valeria, valerias, valeria, valeríamos, valeríeis, valeriam.
Presente do subjuntivo: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: valesse, valesses, valesse, valêssemos, valêsseis, valessem.
Futuro do subjuntivo: valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valerem.
Imperativo afirmativo: vale, valha, valhamos, valei, valham.
Imperativo negativo: não valhas, valha, valhamos, valhais, valham.
Infinitivo pessoal: valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valerem.

Gerúndio: valendo.
Particípio: valido.

22) Verbo adequar

O verbo *adequar* é extremamente polêmico. Uns dizem que ele não é defectivo, sendo conjugado em todas pessoas do presente do indicativo e do subjuntivo. Outros dizem que é defectivo, sim, desde criancinha... e a polêmica continua. Sei que já falei muito sobre isso na parte de classificação dos verbos defectivos, mais atrás. No entanto, vou ficar com a visão tradicional, a saber: para a maioria dos nossos gramáticos, o verbo *adequar* é defectivo.

Na dúvida, use uma locução verbal ou um sinônimo: em vez de "É importante que nossa escola ***se adéque (adeque)***...", use "É importante que nossa escola ***se adapte ou fique adequada***...".

Pois bem... no presente do indicativo, só tem a primeira pessoa do plural (= *adequamos*) e a segunda pessoa do plural (= *adequais*); no presente do subjuntivo, não há pessoa alguma, logo o imperativo fica "defasado".

Presente do indicativo: *adequamos, adequais.*
Pretérito perfeito do indicativo: adequei, adequaste, adequou, adequamos, adequastes, adequaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: adequava, adequavas, adequava, adequávamos, adequáveis, adequavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: adequara, adequaras, adequara, adequáramos, adequáreis, adequaram.
Futuro do presente do indicativo: adequarei, adequarás, adequará, adequaremos, adequareis, adequarão.
Futuro do pretérito do indicativo: adequaria, adequarias, adequaria, adequaríamos, adequaríeis, adequariam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: adequasse, adequasses, adequasse, adequássemos, adequásseis, adequassem.
Futuro do subjuntivo: adequar, adequares, adequar, adequarmos, adequardes, adequarem.
Imperativo afirmativo: *adequai.*

Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: adequar, adequares, adequar, adequarmos, adequardes, adequarem.
Gerúndio: adequando.
Particípio: adequado.

Obs.: Quando falei de verbos defectivos, mostrei uma questão do Cespe sobre isso. Não perca!

23) Verbo eleger

Na conjugação, o **g** vira **j** seguido de **a** ou de **o**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e no presente do subjuntivo ("respingando" no imperativo). Isso vale para outros verbos com **g** no radical.

Presente do indicativo: elejo, eleges, elege, elegemos, elegeis, elegem.
Pretérito perfeito do indicativo: elegi, elegeste, elegeu, elegemos, elegestes, elegeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: elegia, elegias, elegia, elegíamos, elegíeis, elegiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: elegera, elegeras, elegera, elegêramos, elegêreis, elegeram.
Futuro do presente do indicativo: elegerei, elegerás, elegerá, elegeremos, elegereis, elegerão.
Futuro do pretérito do indicativo: elegeria, elegerias, elegeria, elegeríamos, elegeríeis, elegeriam.
Presente do subjuntivo: eleja, elejas, eleja, elejamos, elejais, elejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: elegesse, elegesses, elegesse, elegêssemos, elegêsseis, elegessem.
Futuro do subjuntivo: eleger, elegeres, eleger, elegermos, elegerdes, elegerem.
Imperativo afirmativo: elege, eleja, elejamos, elegei, elejam.
Imperativo negativo: não elejas, eleja, elejamos, elejais, elejam.
Infinitivo pessoal: eleger, elegeres, eleger, elegermos, elegerdes, elegerem.

Gerúndio: elegendo.
Particípio: elegido/eleito.

24) Verbo impugnar e outros terminados em "gnar"

As vogais antes da letra **g** são sempre tônicas nas formas rizotônicas. Conheça alguns: *designar, consignar, estagnar, indignar, resignar* e *repugnar*. Vale dizer que tais verbos sempre se conjugam sem acento gráfico.

Presente do indicativo: im**pug**no, im**pug**nas, im**pug**na, impugnamos, impugnais, im**pug**nam.
Pretérito perfeito do indicativo: impugnei, impugnaste, impugnou, impugnamos, impugnastes, impugnaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: impugnava, impugnavas, impugnava, impugnávamos, impugnáveis, impugnaram.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: impugnara, impugnaras, impugnara, impugnáramos, impugnáreis, impugnaram.
Futuro do presente do indicativo: impugnarei, impugnarás, impugnará, impugnaremos, impugnareis, impugnarão.
Futuro do pretérito do indicativo: impugnaria, impugnarias, impugnaria, impugnaríamos, impugnaríeis, impugnariam.
Presente do subjuntivo: im**pug**ne, im**pug**nes, im**pug**ne, impugnemos, impugneis, im**pug**nem.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: impugnasse, impugnasses, impugnasse, impugnássemos, impugnásseis, impugnassem.
Futuro do subjuntivo: impugnar, impugnares, impugnar, impugnarmos, impugnardes, impugnarem.
Imperativo afirmativo: im**pug**na, im**pug**ne, impugnemos, impugnai, im**pug**nem.
Imperativo negativo: não im**pug**nes, não im**pug**ne, não impugnemos, não impugneis, não im**pug**nem.
Infinitivo pessoal: impugnar, impugnares, impugnar, impugnarmos, impugnardes, impugnarem.
Gerúndio: impugnando.
Particípio: impugnado.

25) Verbo trazer

Não confunda a primeira pessoa do singular do presente do indicativo deste verbo com o verbo *tragar*. Observe o contexto, pois ambos se conjugam assim: "Eu trago". Olho vivo! Não descuide também da irregularidade do radical deste verbo.

Presente do indicativo: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem.
Pretérito perfeito do indicativo: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: trazia, trazias, trazia, trazíamos, trazíeis, traziam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram.
Futuro do presente do indicativo: trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão.
Futuro do pretérito do indicativo: traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam.
Presente do subjuntivo: traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem.
Futuro do subjuntivo: trouxer, trouxeres, trouxer, trouxermos, trouxerdes, trouxerem.
Imperativo afirmativo: traz(e), traga, tragamos, trazei, tragam.
Imperativo negativo: não tragas, não traga, não tragamos, não tragais, não tragam.
Infinitivo pessoal: trazer, trazeres, trazer, trazermos, trazerdes, trazerem.
Gerúndio: trazendo.
Particípio: trazido. (*trago* não existe na língua culta!)

26) Verbo dizer

Este verbo e seus derivados (*bendizer, condizer, contradizer, desdizer, maldizer, predizer*) mudam o **z** para **g** antes de **o** e de **a**. Só peço que você observe as mudanças que ocorrem no radical deste verbo.

Presente do indicativo: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem.
Pretérito perfeito do indicativo: disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram.
Pretérito imperfeito do indicativo: dizia, dizias, dizia, dizíamos, dizíeis, diziam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: dissera, disseras, dissera, disséramos, disséreis, disseram.
Futuro do presente do indicativo: direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão.
Futuro do pretérito do indicativo: diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam.

Presente do subjuntivo: diga, digas, diga, digamos, digais, digam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem.
Futuro do subjuntivo: disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem.
Imperativo afirmativo: diz(e), diga, digamos, dizei, digam.
Imperativo negativo: não digas, não diga, não digamos, não digais, não digam.
Infinitivo pessoal: dizer, dizeres, dizer, dizermos, dizerdes, dizerem.
Gerúndio: dizendo.
Particípio: dito (só exite a forma irregular).

Obs.: Segundo o Manual de Redação da PUC/PR, os verbos terminados em **-zer** e **-zir** podem ainda perder, na segunda pessoa do singular do imperativo, o **e** final, quando o **z** não é precedido de consoante: *faze* (ou *faz*) tu, *dize* (ou *diz*) tu, *traduze* (ou *traduz*) tu; **mas** *cirze* tu. Logo, "***Dize***-me com quem andas, e eu te direi quem és." ou "***Diz***-me com quem andas, e eu te direi quem és.". Tanto faz. O que não pode ocorrer é a mistura de tratamentos, pois precisamos obedecer ao conceito de uniformidade de tratamento, lembra? Portanto, a frase a seguir se encontra equivocada: "Dizei-me com quem andas, e eu te direi quem és.", dado que *Dizei* é forma de 2ª pessoa do plural e as demais formas são de 2ª pessoa do singular. Para que tal frase estivesse correta, todas as formas deveriam estar na 2ª pessoa do plural, afinal, o discurso se refere à 2ª pessoa do plural: "Dizei-me com quem andais, e eu vos direi quem sois.". Bonito isso, não?

27) Verbos arguir e redarguir

Antes de qualquer coisa, apesar de terminar em **-uir**, há particularidades em sua conjugação. Vamos lá...

Não se usa mais o trema nos grupos ***gue, gui***, *que, qui*. Não se usa mais o acento gráfico agudo no **u** tônico das formas *(tu) arguis, (ele) argui, (eles) arguem*, do presente do indicativo dos verbos *arguir* e *redarguir*, mas o acento prosódico nas

vogais continua, a saber: *eu argUo, tu argUis, ele argUi, nós arguImos, vós arguIs, eles argUem.*

Preciso me estender, apesar de já haver falado muito sobre isso em acentuação gráfica. Seguindo a lição de Douglas Tufano, sobre a nova ortografia, precisamos saber o seguinte:

> *"Há uma variação na pronúncia dos verbos terminados em **guar**, **quar** e **quir**, como aguar, averiguar, apaziguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir etc. Esses verbos admitem duas pronúncias em algumas formas do presente do indicativo, do presente do subjuntivo e também do imperativo. Veja:*
>
> *a) se forem pronunciadas com **a** ou **i** tônicos, essas formas devem ser acentuadas. Exemplos:*
>
> *verbo enxaguar: enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam; enxágue, enxágues, enxáguem. verbo delinquir: delínquo, delínques, delínque, delínquem; delínqua, delínquas, delínquam.*
>
> *b) se forem pronunciadas com **u** tônico, essas formas deixam de ser acentuadas.Exemplos (a vogal sublinhada é tônica, isto é, deve ser pronunciada mais fortemente que as outras):*
>
> *verbo enxaguar: enxag<u>u</u>o, enxag<u>u</u>as, enxag<u>u</u>a, enxag<u>u</u>am; enxag<u>u</u>e, enxag<u>u</u>es, enxag<u>u</u>em. verbo delinquir: delinq<u>u</u>o, delinq<u>u</u>es, delinq<u>u</u>e, delinq<u>u</u>em; delinq<u>u</u>a, delinq<u>u</u>as, delinq<u>u</u>am.*
>
> ***Atenção**: no Brasil, a pronúncia mais corrente é a primeira, aquela com **a** e **i** tônicos."*

Agora sim, voltemos à conjugação de ***arguir***:

Presente do indicativo: arguo, arguis, argui, arguimos, arguis, arguem.

Pretérito perfeito do indicativo: arguí, arguiste, arguiu, arguimos, arguistes, arguiram.

Pretérito imperfeito do indicativo: arguia, arguias, arguia, arguíamos, arguíeis, arguiam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: arguira, arguiras, arguira, arguíramos, arguíreis, arguiram.

Futuro do presente do indicativo: arguirei, arguirás, arguirá, arguiremos, arguireis, arguirão.

Futuro do pretérito do indicativo: arguiria, arguirias, arguiria, arguiríamos, arguiríeis, arguiriam.
Presente do subjuntivo: argua, arguas, argua, arguamos, arguais, arguam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: arguisse, arguisses, arguisse, arguíssemos, arguísseis, arguissem.
Futuro do subjuntivo: arguir, arguires, arguir, arguirmos, arguirdes, arguirem.
Imperativo afirmativo: argui, argua, arguamos, argui, arguam.
Imperativo negativo: não arguas, não argua, não arguamos, não arguais, não arguam.
Infinitivo pessoal: arguir, arguires, arguir, arguirmos, arguirdes, arguirem.
Gerúndio: arguindo.
Particípio: arguido.

Como é impossível que todos os verbos interessantes sejam conjugados aqui, como *crer* (*descrer*), *ler* (*reler, tresler*), *fazer* (*afazer, contrafazer, desfazer, liquefazer, perfazer, refazer, satisfazer*), *comprazer* e outros defectivos, peço que você os conjugue com um dicionário ao lado. Fica aí mais um dever de casa do tio Pest!

Particularidades Gráficas e Fonéticas

Apesar de já haver falado muito sobre tais particularidades ao longo do tópico anterior, na conjugação de **Verbos Notáveis**, outros verbos sofrem mudanças gráficas e fonéticas ao longo de sua conjugação. Além dos verbos que já vimos no tópico anterior, vejamos mais alguns relevantes.

1) Os verbos terminados em **-car** mudam o **c** para **qu** antes da letra **e**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, nas formas do presente do subjuntivo e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo. Peguemos o exemplo de ***dedicar***.

Pretérito perfeito do indicativo: ***dediquei***, dedicaste, dedicou, dedicamos, dedicastes, dedicaram.
Presente do subjuntivo: ***dedique***, ***dediques***, ***dedique***, ***dediquemos***, ***dediqueis***, ***dediquem.***
Imperativo afirmativo: dedica, ***dedique***, ***dediquemos***, dedicai, ***dediquem.***
Imperativo negativo: *não* ***dediques***, *não* ***dedique***, *não* ***dediquemos***, *não* ***dediqueis***, *não* ***dediquem.***

2) Os verbos terminados em **-çar** perdem a cedilha antes da letra **e**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, nas formas do presente do subjuntivo, e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo. Peguemos o exemplo de ***caçar***.

Pretérito perfeito do indicativo: ***cacei***, caçaste, caçou, caçamos, caçastes, caçaram.
Presente do subjuntivo: ***cace***, ***caces***, ***cace***, ***cacemos***, ***caceis***, ***cacem.***
Imperativo afirmativo: caça, ***cace***, ***cacemos***, caçai, ***cacem.***
Imperativo negativo: não ***caces***, não ***cace***, não ***cacemos***, não ***caceis***, não ***cacem.***

3) Os verbos terminados em **-gar** ganham a letra **u** antes da letra **e**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, nas formas do presente do subjuntivo, e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo. Peguemos o exemplo de ***advogar***.

Pretérito perfeito do indicativo: ***advoguei***, advogaste, advogou, advogamos, advogastes, advogaram.
Presente do subjuntivo: ***advogue***, ***advogues***, ***advogue***, ***advoguemos***, ***advogueis***, ***advoguem.***
Imperativo afirmativo: advoga, ***advogue***, ***advoguemos***, advogai, ***advoguem.***
Imperativo negativo: não ***advogues***, não ***advogue***, não ***advoguemos***, não ***advogueis***, não ***advoguem.***

Papéis Temáticos

Você deve estar se perguntando assim: "Papéis temáticos? Nunca ouvi isso na minha vida, Pestana!". Relaxa! Não é nada misterioso. Trata-se apenas da relação entre o **verbo** e outros termos dentro da frase.

O conhecimento disso nos ajuda muito a identificar quais são os papéis semânticos que os termos desempenham dentro da frase, o que acaba por nos ajudar a analisar melhor sintaticamente.

Segundo Rodolfo Ilari, os **papéis temáticos** mais comuns são:

1) O **agente** (o indivíduo que tem a iniciativa da ação, que tem controle sobre a realização da ação).
2) O **alvo** (o indivíduo ou objeto diretamente afetado pela ação).

3) O **instrumento** (o objeto de que o agente se serve para praticar a ação).
4) O **beneficiário** (o indivíduo a quem a ação traz proveito ou prejuízo);
5) O **experienciador** (o indivíduo que passa pelo estado psicológico descrito pelo verbo).

Para que você entenda melhor, analise comigo estas três frases:

– *O professor* (agente) ***apagou*** *o quadro* (o alvo) *com o apagador* (o instrumento).
– *O aluno* (o beneficiário) ***levou*** *nota dez.*
– *A aluna* (o experienciador) ***se surpreendeu*** *com a classificação.*

É claro que há outros papéis temáticos e muito a dizer sobre o assunto, mas, como isso a-in-da não cai em prova diretamente, fico por aqui...

Caso queira saber mais sobre tal assunto, recomendo a leitura da *Gramática do Português Brasileiro*, de Mário Perini.

Valor Discursivo

O verbo é extremamente importante para exprimir a **intenção** (grave essa palavra!) do autor de um texto. Logo não podemos deixar de falar sobre seu **valor discursivo**.

Pois bem... há basicamente quatro tipos de texto (ou modos/modalidades de organização discursiva): a **dissertação**, a **narração**, a **descrição** e a **injunção**. Você perceberá nesses tipos de textos que alguns tempos verbais são comuns. E isso não é gratuito. Entendamos o porquê analisando, respectivamente, as modalidades de organização discursiva abaixo e suas considerações em seguida.

A maioria dos problemas existentes em um país em desenvolvimento, como o nosso, ***podem ser resolvidos*** *com uma eficiente administração política, porque a força governamental certamente* ***se sobrepõe*** *a poderes paralelos, os quais – por negligência de nossos representantes –* ***vêm aterrorizando*** *as grandes metrópoles. Isso* ***fica*** *claro no confronto entre a força militar do RJ e os traficantes, o que* ***comprova*** *uma verdade simples: se uma mudança radical visando o bem-estar da população* ***for*** *o desejo dos políticos, isso* ***será*** *plenamente possível.* ***É*** *importante salientar que nunca* ***deveremos ficar*** *de mãos atadas à espera de uma atitude do governo esperando o caos se estabelecer; o povo* ***tem de colaborar*** *com uma cobrança efetiva.*

Note que a **dissertação** é um estilo de texto com posicionamentos pessoais e exposição de ideias, apresentada de forma lógica, com razoável grau de

objetividade e total coerência a fim de defender um ponto de vista e convencer o interlocutor. Para tal, os verbos se encontram normalmente no presente do indicativo e no futuro do presente. Mais do que isso: tais verbos são modalizadores, normalmente. "E o que é isso?" Simples: são verbos que exprimem um engajamento por parte do locutor: *poder, dever, ter de* são os mais comuns. Falei sobre isso em *verbos auxiliares*; por favor, reveja.

Obs.: Importantes verbos modalizadores, segundo Faraco & Moura & Maruxo Jr.:

"1. A constatação: Eu **vejo** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

2. O saber: Eu **sei** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

3. A certeza:

a) Forte certeza: **Tenho certeza de** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

b) Média certeza: **Creio** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

c) Fraca certeza: **Não estou muito certo de** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

d) Pressentimento/suposição: Eu **desconfio** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

4. A apreciação: Eu **acho** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

5. A obrigação: A literatura brasileira contemporânea **tem de ser** definida.

6. A possibilidade: **É possível** que a literatura brasileira contemporânea seja indefinível.

7. O desejo: Eu **gostaria** que a literatura brasileira contemporânea fosse indefinível.

8. A exigência: Eu **exijo** que a literatura brasileira contemporânea seja indefinível.

9. A declaração: Eu **declaro** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.
10. A confirmação: Eu **garanto** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

Observe como as expressões de modalização destacadas modificam completamente o sentido da afirmação "a literatura brasileira contemporânea é indefinível". Em todas essas formas, é possível deixar o enunciado menos carregado de subjetividade, apagando as marcas do eu, ou seja, de quem expressa a opinião. Assim, em vez de dizer "Eu **constato** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.", pode-se dizer "**Constata-se** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível". Note como, no segundo caso, a expressão da opinião assume tom mais generalizado, não recaindo exclusivamente sobre o eu. É o que chamamos de **neutralizar a expressão subjetiva**. Em um texto argumentativo, você pode optar entre modalizações mais subjetivas ou objetivas, de acordo com o tipo de argumentação que pretende construir (apelando mais para a razão ou para a emoção)."

Friso que é mais elegante e menos impositivo um texto dissertativo na 3ª pessoa, sem marcas de pessoalidade (marcas de 1ª pessoa).

Ah! Leve em conta que tais verbos modalizadores apresentam sinônimos, logo não são fixos.

A dissertação apresenta verbos predominantemente no presente, pois tal tempo marca uma ideia de verdade. É chamado por alguns estudiosos de **tempo do mundo comentado**, pois normalmente os comentários e as opiniões das pessoas são apresentados como verdade (ou tomados como tal). Daí o uso do presente do indicativo.

Veja agora outro tipo de texto:

*Numa noite chuvosa do mês de Agosto, Paulo e o irmão **caminhavam** pela rua mal-iluminada que **conduzia** à sua residência. **Tinham feito** uma longa caminhada, porque a rua **era** grande. Subitamente **foram abordados** por um homem estranho. **Pararam**, atemorizados, e **tentaram saber** o que o homem **queria**, receosos de que se tratasse de um assalto. Jamais **tremeriam** de medo, senão naquela circunstância inusitada. **Era**, entretanto, somente um bêbado que **tentava encontrar**, com dificuldade, o caminho de sua casa.*

Note que a **narração** é um estilo de texto que visa contar um fato, com narrador, personagens, noção espaço/tempo, enredo etc. Para tal, os verbos se encontram normalmente nos tempos pretéritos do indicativo, pois as narrações normalmente remetem a fatos que já ocorreram.

Não raramente, encontramos trechos de textos narrativos cujo tempo verbal está no presente do indicativo. Isso pode indicar duas coisas: **o narrador parou de narrar para tecer um comentário** ou **o narrador decide contar a história dando vivacidade a ela, como se ela estivesse ocorrendo no momento em que ele a narra**. Inclusive, esta segunda ideia é própria de jogos de futebol, em que os eventos sucedem à medida que o locutor narra.

Veja este texto que serviu de base para uma questão da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, em 2002:

*(...) Sinha Vitória **tinha amanhecido** nos seus azeites. **Fora** de propósito, **dissera** ao marido umas inconveniências a respeito da cama de varas. Fabiano, que não **esperava** semelhante desatino, apenas **grunhira**: – "Hum! hum!" E **amunhecara**, porque realmente mulher **é** bicho difícil de entender, **deitara**-se na rede e **pegara** no sono. (...)*

(RAMOS, Graciliano. Vidas secas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.)

QUESTÃO 04

a) "realmente mulher é bicho difícil de entender," (l. 6 – 7)

Nesta passagem, o emprego do verbo no presente do indicativo contrasta com o restante das formas verbais, todas flexionadas no tempo passado.

Justifique esse emprego do presente do indicativo.

Gabarito da banca: Trata-se da reprodução de uma frase tomada como verdade absoluta (ou como fato do conhecimento de todos ou como realidade imutável).

Agora, indo além do que a banca disse sobre o emprego do presente do indicativo, podemos dizer, sem problemas, que os verbos estão predominantemente nos tempos pretéritos, o que constitui uma narração. Só há um trechinho em todo o texto (que não transcrevi aqui por falta de espaço) que apresenta o verbo no

presente do indicativo, destoando. Por que o presente do indicativo? Porque neste momento o narrador sai do **mundo narrado** e tece um comentário, indo para o **mundo comentado**. Percebe que os tempos verbais dentro de um texto são primordiais para que você o entenda? Simples assim.

Acompanhe agora o uso dos tempos verbais no texto abaixo.

Era *uma casa muito engraçada*
Não ***tinha*** *teto, não* ***tinha*** *nada*
Ninguém podia entrar nela, não
Porque na casa não ***tinha*** *chão*
Ninguém podia dormir na rede
Porque na casa não ***tinha*** *parede*
Ninguém podia fazer pipi
Porque penico não ***tinha*** *ali*
Mas ***era feita*** *com muito esmero*
Na rua dos bobos, número zero
(Vinícius de Moraes)

Percebe que se trata de uma **descrição**? Os tempos verbais mais frequentes são o presente do indicativo no comentário e o pretérito imperfeito do indicativo no relato, como é o caso do exemplo. Segundo Othon M. Garcia, "Descrição é a representação verbal de um objeto sensível (ser, coisa, paisagem), através da indicação dos seus aspectos mais característicos, dos pormenores que o individualizam, que o distinguem.". Fácil, não?

Para fechar, veja estes textos:

Impedidos do Alistamento Eleitoral (art. 5º do Código Eleitoral) – *Não* ***podem alistar-se*** *eleitores: os que não saibam exprimir-se na língua nacional, e os que estejam privados, temporária ou definitivamente dos direitos políticos. Os militares são alistáveis, desde que oficiais, aspirantes a oficiais, guardas-marinha, subtenentes ou suboficiais, sargentos ou alunos das escolas militares de ensino superior para formação de oficiais.*

Seção IV – Da Contingência na Votação – Art. 58. *Na hipótese de falha na urna, em qualquer momento da votação, o presidente da mesa receptora de votos, à vista dos fiscais presentes,* ***deverá desligar*** *e* ***religar*** *a urna,* ***digitando*** *o código de reinício da votação.*

O texto injuntivo, ou **injunção**, apresenta verbos no imperativo e verbos com tom imperativo (presente do indicativo, futuro do presente e infinitivo impessoal,

por exemplo), pois esse tipo de texto indica como realizar uma ação, aconselha, impõe, instrui o interlocutor; chamado também de **instrucional**, é utilizado para predizer acontecimentos e comportamentos, nas leis jurídicas.

Fique atento aos tempos verbais. Falo mais sobre os tipos de texto e seus detalhes no capítulo 34. Fique Tranquilo! Ou dê um pulo até lá. Você decide!

O Que Cai Mais na Prova?

Na boa mesmo... CAI TUDO! Mas, se eu fosse você, ficaria ligado em *Emprego e Reconhecimento de Tempos e Modos Verbais, Correlação Verbal, Transposição de Voz Verbal e Conjugação Verbal.* Sabendo isso, você tem... sei lá... mais de 90% de chance de acertar uma questão de verbo. A vaga é sua!

Questões de Concursos

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Para piorar, as fontes de energia se tornaram mais "sujas", com o aumento de 122% do CO2 lançado na atmosfera, percentual muito acima dos 71% da ampliação da geração no período. (...)

– Em "se tornaram" o pronome "se" indica voz passiva.

2. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Esses números tornam a internet o segundo meio de comunicação mais abrangente do Brasil, atrás apenas da televisão. Chegou-se a dizer que esse é um meio elitizado, utilizado apenas pelas classes A e B. Mas uma pesquisa mostra que as classes C e D utilizam amplamente a internet. (...)

– Em "Chegou-se", o "-se" indica voz passiva.

3. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) Em relação aos elementos do texto, qual afirmação é a correta?

(...) No entanto, dado o ritmo de crescimento projetado para o ano que vem, o mais provável é que a demanda por importações aumente e a pressão em favor do real diminua. (...) Qualquer invencionice só estimularia operações especulativas no câmbio, que acabariam provocando uma valorização ainda mais indesejável da moeda nacional.

– O emprego do subjuntivo em "aumente" e em "diminua" justifica-se por se tratar de fatos de realização garantida.

– O emprego do futuro do pretérito em "estimularia" indica um acontecimento futuro em relação a um ato passado que se configura no fato relacionado aos termos "Qualquer invencionice".

4. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) Assinale a opção que, ao substituir elemento destacado no texto, acarreta erro gramatical.

Entre as diversas providências que o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) vem tomando com o objetivo de tornar mais transparente e eficiente a administração do Poder Judiciário, uma das mais simples começará a ser adotada brevemente. Trata-se da divulgação, pela internet, de todas as despesas de custeio e de investimento da Justiça Federal, da Justiça do Trabalho, das Justiças estaduais, da Justiça Eleitoral e da Justiça Militar. Até hoje, só alguns tribunais vinham divulgando suas contas. A medida, juntamente com os indicadores de desempenho funcional e as inspeções da Corregedoria Nacional de Justiça, permitirá identificar os casos de má gestão financeira, de arbitrariedades, de malversação de recursos públicos e de gastos perdulários. Por gastar excessivamente com a manutenção dos gabinetes de seus dirigentes, por exemplo, alguns Tribunais de Justiça estaduais não dispunham de recursos suficientes para manter as varas judiciais, prejudicando com isso o atendimento à população. Contribuindo para racionalizar a gestão dos recursos financeiros dos tribunais, as novas regras do CNJ ajudarão o Judiciário a melhorar sua imagem perante a opinião pública. Há dois meses, a pesquisa Índice Latino-americano de Transparência Orçamentária, realizada em 12 países, apontou o Judiciário como o mais "opaco" dos Três Poderes. Quanto mais transparente for a Justiça, maior será sua credibilidade.

a) "vem tomando" > tem tomado
b) "vinham divulgando" > tem divulgado
c) "permitirá identificar" > vai permitir que se identifiquem
d) "prejudicando com isso" > o que tem prejudicado
e) "Contribuindo" > Ao contribuir

5. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) (Adaptada) Em relação às estruturas do texto abaixo, julgue se a afirmativa é correta ou incorreta.

Para que a cobertura mínima oferecida pelos planos de saúde aos seus segurados inclua as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente, a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) acrescentou 73 novos procedimentos à lista de exames, consultas, cirurgias e outros serviços que as operadoras são obrigadas a oferecer. (...)

O emprego do modo subjuntivo em "inclua" justifica-se por se tratar de uma oração subordinada que apresenta um fato hipotético ou provável.

6. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) (Adaptada) Em relação aos elementos do texto, julgue se a afirmativa é correta ou incorreta.

(...) Isso se traduziu como forte pressão sobre as finanças públicas, que estão acusando déficits muito elevados.

A substituição de "se traduziu" por **foi traduzido** prejudica a correção gramatical do período.

7. (FDC – MAPA – Administrador – 2010) Observe a flexão do verbo MAPEAR no trecho "sendo o alicerce para que as empresas MAPEIEM seu roteiro futuro" (1º parágrafo). Em português, os verbos terminados no infinitivo em *-ear* e alguns terminados em *-iar* apresentam ditongação em determinadas formas. Nesse sentido, pode-se afirmar que está INCORRETA a seguinte frase imperativa:

a) Não odeies teus inimigos.
b) Refreia os teus impulsos.
c) Não negoceies sem considerar teus princípios éticos.

d) Desnorteia quem te persegue.
e) Principia a frase com a letra de teu nome.

8. (FDC – FUNASA – Administrador – 2010) Com a forma verbal grifada em "Os estudos **serão apresentados** ao Ministério da Saúde...", o autor do texto pretende dizer ao leitor que os estudos referidos:
a) devem ser publicados e discutidos em congressos futuramente.
b) serão apresentados futuramente, ainda que sem data certa.
c) em futuro bem próximo, os estudos serão apresentados.
d) serão obrigatoriamente apresentados às autoridades.
e) serão apresentados em um ato oficial.

9. (FDC – FUNASA – Administrador – 2010) A frase "Os estudos serão apresentados ao Ministério da Saúde" equivale semanticamente a:
a) O Ministério da Saúde apresentará os estudos.
b) Apresentar-se-ão os estudos ao Ministério da Saúde.
c) Ao Ministério da Saúde cabe apresentar os estudos.
d) Por meio dos estudos, o Ministério da Saúde será informado.
e) O Ministério da Saúde será o encarregado de apresentar os estudos.

10. (FDC – Câmara Municipal de Petrópolis – Arquivista – 2010) Suponha que, quando os policiais chegaram ao local do incidente, flagraram uma pessoa a retirar pertence de Dario, dando ao larápio voz de prisão nos seguintes termos: "Levanta suas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexa em seus pertences. Passa teus documentos e considere-se preso". Para que a voz de prisão esteja rigorosamente de acordo com a norma culta da língua e em tratamento formal, os termos terão de ser expressos da seguinte forma:
a) Levanta suas mãos para o alto. Afasta-te da vítima e não mexa em teus pertences. Passa teus documentos e considere-se preso.
b) Levante tuas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexas em seus pertences. Passai teus documentos e considere-te preso.
c) Levante suas mãos para o alto. Afastai-vos da vítima e não mexais em seus pertences. Passe teus documentos e considere-se preso.
d) Levanta tuas mãos para o alto. Afasta-te da vítima e não mexas em seus pertences. Passa teus documentos e considera-te preso.
e) Levantai tuas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexe em teus pertences. Passe seus documentos e considera-te preso.

*(...) Por enquanto a equipe econômica brasileira resiste em adotar este passo, pois, para o economista americano J. L., o reforço no balanço orçamentário e as ações de caráter mais estrutural são, muitas vezes, as respostas mais adequadas para o aumento de fluxos. "Mas pode haver circunstâncias em que os controles cambiais **sejam** úteis, numa medida temporária, para lidar com esse crescimento de capital", afirma.*

11. (Esaf – CVM – Analista de Sistemas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O uso do modo subjuntivo em "sejam" ressalta a ideia de uma hipótese, uma possibilidade; para se fazer uma afirmação, o desenvolvimento textual admitiria a forma de indicativo: são ou serão.

Durante muito tempo, a tributação foi vista apenas como um instrumento de receita do Estado. Apesar desta missão ser, por si só, relevante, na medida em que garante os recursos financeiros para que o Poder Público bem ***exerça*** *seu mister, a verdade é que, pouco a pouco, descobriu-se outra faceta não menos importante na tributação. (...)*

12. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) Preservam-se a coerência textual e a correção gramatical ao substituir "exerça" por **exercesse**?

Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam ***é*** *de índices sobre macroeconomia, (...) A internet, por exemplo, apareceu em grande escala em 1992, e o mundo se deu conta da revolução que ela* ***fizera*** *nos negócios, na cultura e na vida das pessoas 10 anos depois.*

13. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) No texto acima, provoca-se erro gramatical ou incoerência na argumentação do texto ao I- retirar "é" e II- substituir "fizera" por **havia feito**?

14. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) Seriam mantidos o sentido e a correção gramatical do texto se os infinitivos flexionados fossem substituídos pelas respectivas formas do infinitivo não flexionado no segmento "Ficamos a olhar o verde do jardim, *as gotas a evaporarem, as lesmas a prepararem os corpos para novas caminhadas*".
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Na linha 11 (*A indispensabilidade da teoria política viria dessa necessidade de autoconhecimento dos indivíduos*), o uso do futuro do pretérito em "viria" sugere a intenção do autor em manter distanciamento em relação à ideia da "necessidade de autoconhecimento dos indivíduos".
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) *"A questão da desigualdade, finalmente, está produzindo estudos focados em entender como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas – estejam elas no topo ou na base" (...)*

A obrigatoriedade do emprego da forma verbal **"estejam"**, no modo subjuntivo, decorre da relação sintática entre essa forma verbal e o trecho **"como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas"**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) *"A escola da era da globalização, tecnologia e informação **deve preparar** o educando para intervir criticamente na realidade e transformá-la, e não apenas para integrá-lo ao mercado de trabalho. Esse aluno **deverá ter** o perfil do cidadão engajado na luta pela justiça social" (...)*

Do ponto de vista argumentativo, o uso reiterado do verbo auxiliar dever, como em "deve preparar" e "deverá ter", indica grande probabilidade de os objetivos associados a essas formas verbais se tornarem realidade.

( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) A substituição da forma verbal "tornava" (... tinha suas fraquezas e imperfeições, mas sabia que isso não o *tornava* menos humano e digno) por **tornasse** preservaria as regras gramaticais bem como a coesão e a coerência do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) (...) Ela é o nosso radar para o perigo. Se nós, ou nossos ancestrais, fôssemos aguardar que a mente racional tomasse uma decisão, teríamos, provavelmente, não só cometido erros, mas também desaparecido como espécie.

O emprego das formas verbais no subjuntivo "fôssemos" e "tomasse" deve-se à presença do elemento gramatical "Se".

( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – STM – Analista Judiciário – 2011) (...) Quando a polícia reage, os vândalos voltam a se misturar à massa de gente que protesta pacificamente, na esperança de, com isso, provocar um tumulto e incitar outros manifestantes a entrar no confronto. (...)

As formas verbais infinitivas "misturar" e "provocar" poderiam ser corretamente substituídas por suas formas flexionadas, **misturarem** e **provocarem.**

( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (...) O debate voltou à tona após policiais da Delegacia Antipirataria apreenderem, no mês passado, mais de duzentas pastas com textos para serem reproduzidos em uma universidade do Rio de Janeiro, sob a alegação de crime de direitos autorais. (...)

A forma verbal "apreenderem" poderia ser corretamente substituída pela forma verbal composta terem apreendido.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Da memória e da reminiscência

A fenomenologia da memória aqui proposta estrutura-se em torno de duas perguntas:
De que há lembrança? De quem é a memória?

Essas duas perguntas **são formuladas** dentro do espírito da fenomenologia husserliana. **Privilegiou-se**, nessa herança, a indagação colocada sob o adágio bem conhecido segundo o qual toda consciência é consciência de alguma coisa. (...) **Se** nos apressarmos a dizer que o sujeito da memória é o eu, na primeira pessoa do singular, a noção de memória coletiva poderá apenas desempenhar o papel analógico, ou até mesmo de corpo estranho na fenomenologia da memória. (...)

22. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Estaria mantida a correção gramatical se as formas verbais "são formuladas" e "Privilegiou-se" fossem substituídas, respectivamente, por **formulam-se** e **foi privilegiada.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Ainda com relação a esse texto, julgue os itens a seguir.
Se a conjunção "Se" fosse substituída por **Caso**, deveria ser alterado o tempo e mantido o modo verbal empregado na oração condicional.
( ) CERTO
( ) ERRADO

24. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) *(...) "A nova sociedade de redes favorecerá o advento de um mundo menos marcado pelos desequilíbrios sociais ou reforçará as desigualdades planetárias, criando excluídos da modernidade digital? (...)*
Ao empregar o futuro do presente do indicativo em "favorecerá" e "reforçará", o autor faz uma previsão de duas características que distinguirão da sociedade atual a "nova sociedade".
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) A locução verbal "havia imprimido" pode ser substituída por **imprimira**, sem prejuízo para a correção gramatical e para o sentido do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

26. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) *(...) "Nós vivemos na era da informação e as nações que quiserem realmente estar nesse tempo devem colocar cada vez mais informações na rede." (...)*
O emprego do modo subjuntivo em "quiserem" revela que, na construção da textualidade, a intenção do autor do argumento é sugerir que há nações que resistem a "estar nesse tempo".
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Cespe/UnB – FUB – Médico – 2011) Na oração "que tenha sido completamente formada na era da Internet", a forma verbal "tenha" poderia ser substituída por **haja**, sem alteração do sentido ou da correção gramatical do texto.
( ) CERTO

( ) ERRADO

2º § No entanto, sem escala de valor está a vida de milhares de pessoas que faleceram e virão a sucumbir, vítimas das enchentes. Segundo dados da ONU (2005), em 1988 mais de 15 mil pessoas foram mortas em consequência de enchentes; em 1999, o número de vítimas subiu para quase 35 mil. Esse quadro é configurado como o mais dramático e triste do problema das inundações urbanas, pois a maioria dessas mortes, de alguma forma, poderiam ter sido evitadas.

6º § A quantidade de material suspenso na drenagem pluvial apresenta uma carga muito alta, considerando a vazão envolvida. Esse volume é mais significativo no início das enchentes. Os primeiros 25 mm de escoamento superficial geralmente transportam grande parte da carga poluente de origem pluvial.

28. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal de Atividades Urbanas – 2011) Assinale a alternativa correta acerca de fatos gramaticais e semânticos presentes no texto I.

a) Nas linhas 1 e 2 (2º §), os verbos falecer e vir a sucumbir expressam, respectivamente, uma ação concluída, observada no seu término, no seu resultado, e uma ação a ocorrer após o momento em que se enuncia o fato.

b) Na última linha do 2º §, a locução verbal 'poderiam ter sido evitadas' ficaria bem ajustada às normas gramaticais com o uso do verbo "ter" no plural, em concordância com o substantivo "mortes", que faz parte do sujeito da frase.

e) No 6º §, o termo "suspenso" pode ser trocado por **suspendido**, pois ambas as formas pertencem ao verbo **suspender** e são permutáveis sem reservas em contextos frasais que exijam o emprego do particípio.

Fragmento de texto

*Por outro lado, para o cientista, não existe dúvida de que o aspecto mais notável da memória é o esquecimento. Afinal, se uma pessoa se **lembrasse** de tudo, em todos os pormenores, não conseguiria pensar de forma genérica. Se as mulheres conseguissem reproduzir por completo os momentos da dor do parto, nenhuma teria mais de um filho.*

29. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal de Atividades Urbanas – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A troca de "lembrasse" por **lembrar** altera o sentido da frase e exige mudança em outro termo do enunciado.

30. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista (Direito) – 2011) No trecho "Se Mubarak caísse, o que viria em seu lugar", estaria mantida a correção gramatical do texto caso se substituíssem as formas verbais "caísse" e "viria" por **cair** e **virá**, respectivamente.

( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) Estão plenamente adequadas a flexão e a correlação entre tempos e modos dos verbos na frase:

a) As ponderações de Kucinski seriam úteis se acatadas por todos os que estivessem envolvidos no campo de atuação que ele analisou.
b) Todo louvor aos que se disporem a assumir valores éticos, sem que se importassem com os sacrifícios que isso representaria.
c) Teria sido o mercado, e não a fraqueza moral de cada um, o fator que levará os jovens a uma competição cada vez mais violenta.
d) Os jovens jornalistas agem hoje como se nunca houvera necessidade de sobreviver ao tempo em que trabalhassem os veteranos.
e) Caso ninguém venha a se preocupar com a ética no trabalho, seria inútil que os velhos profissionais venham a nos lembrar o nome de Pulitzer.

32. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) ***Paulo Honório (querer) contar a própria vida, mas, julgando que não o (conseguir), (pedir) ao jornalista Gondim que o (fazer).***

Os verbos indicados entre parênteses estarão adequadamente correlacionados na frase acima caso se flexionem nas seguintes formas:

a) quisera – conseguirá – pedisse – faria;
b) queria – conseguiria – pediu – fizesse;
c) queria – conseguisse – pedia – faça;
d) quis – consegue – pede – fizesse;
e) quis – conseguiu – pediu – faça.

33. A transposição para a voz ativa da frase *Foi assim que sempre se fez a literatura* tem como resultado:

a) Sempre foi assim que a literatura fez.
b) Assim é que sempre foi feita a literatura.
c) Terá sido feito sempre assim, a literatura.
d) Foi sempre assim que a literatura tem feito.
e) Foi assim que sempre fizeram a literatura.

34. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) ***... a leitura em profundidade foi substituída pela massa de informações, em sua maioria superficiais...***

Com a transposição da frase acima para a voz ativa, o verbo passará a ser:

a) substituíram;
b) substituiu;
c) substituíra;
d) tinham substituído;
e) substituiriam.

35. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) ***O ex-ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, afirma que os ganhos da produtividade na pecuária <u>poderiam</u> liberar terras suficientes para dobrar a área plantada com alimentos.***

O emprego da forma verbal grifada acima indica, considerando-se o contexto:

a) certeza que consolida a afirmativa feita;
b) ação habitual e repetitiva, em relação à pecuária;
c) fato histórico, constante no tempo;
d) realidade a ser confirmada num futuro imediato;
e) hipótese, a partir de certa condição implícita.

36. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) ***A expectativa é de que o Brasil tenha de arcar com 40% desse aumento.***

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está também grifado na frase:

a) Embora domine as técnicas mais modernas, na média, a produtividade da agropecuária brasileira ainda está distante de alcançar seu pleno potencial.
b) Grosso modo, as pastagens brasileiras possuem uma unidade animal por hectare.
c) Para isso, terá dois caminhos ...
d) ... esse investimento muitas vezes não se justifica do ponto de vista estritamente econômico.
e) "Além disso, o Brasil ainda pode aumentar muito a produtividade de grãos, como o milho, o trigo e o feijão", afirma.

37. (FCC – TRT/AL (19R) – Técnico Judiciário – 2011) ***... que pouco conhecia sobre ciência.***

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o da frase acima está em:

a) ... embora uma corrente de autores continuem...
b) ... escritores do século XIX elogiaram as realizações de Leonardo...
c) Os relatos do século XIX sobre Leonardo enfatizavam o fato...
d) Pelo contrário, se ele não realizou coisa alguma...
e) O poderoso mito de Leonardo alcança esse patamar...

38. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) ***... viu pedrinhas ali perto.***

A passagem para a voz passiva da frase acima resulta na seguinte forma verbal:

a) viu-se;
b) é visto;
c) são vistas;
d) tinha visto;
e) foram vistas.

39. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) É comum que, durante suas brincadeiras, as crianças se ..... para um universo mágico e ..... a identidade de uma personagem admirada, ... um super-herói ou uma figura da realeza.

Preenche corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada, o que está em:

a) transportam – assumem – seja;
b) transportem – assumem – seria;
c) transportem – assumam – seja;
d) transportam – assumiriam – sendo;
e) transportariam – assumiriam – seria.

40. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) Observe o texto:

João e Maria

Agora eu era o herói
E o meu cavalo só falava inglês
A noiva do cowboy
Era você
Além das outras três
Eu enfrentava os batalhões

Os alemães e seus canhões
Guardava o meu bodoque
E ensaiava um rock
Para as matinês
(...)
Não, não fuja não
Finja que agora eu era o seu brinquedo
Eu era o seu pião
O seu bicho preferido
Sim, me dê a mão
A gente agora já não tinha medo
No tempo da maldade
Acho que a gente nem tinha nascido
Chico Buarque e Sivuca

I. Nos versos *Agora eu era o herói* e *A gente agora já não tinha medo*, o uso do advérbio agora mostra-se inadequado, pois os verbos conjugados no pretérito imperfeito designam fatos transcorridos no tempo passado.

II. Em *Finja que agora eu era o seu brinquedo e Sim, me dê a mão*, os verbos grifados estão flexionados no mesmo modo.

III. Substituindo-se a expressão *a gente* pelo pronome *nós* nos versos *A gente agora já não tinha medo* e *Acho que a gente nem tinha nascido*, a forma verbal resultante, sem alterar o contexto, será *teríamos*.

Está correto o que se afirma em:

a) I, apenas.
b) II, apenas.
c) III, apenas.
d) I e II, apenas.
e) I, II e III.

41. (FCC – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2011) Está corretamente empregada a palavra destacada na frase

a) Constitue uma grande tarefa transportar todo aquele material.
b) As pessoas mais conscientes requereram anulação daquele privilégio.
c) Os fiscais reteram o material dos artistas.
d) Quando ele vir até aqui, trataremos do assunto.
e) Se eles porem as pastas na caixa ainda hoje, pode despachá-la imediatamente.

42. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) *Tanto as fontes quanto a própria historiografia falavam a linguagem do poder...*

Transpondo-se a frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante será:

a) eram faladas;
b) foi falada;
c) se falaram;
d) era falada;
e) tinha-se falado.

43. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) O verbo corretamente empregado e flexionado está grifado em:

a) É de se imaginar que, se os viajantes setecentistas antevessem as dificuldades que iriam deparar, muitos deles desistiriam da aventura antes mesmo de embarcar.
b) O que quer que os compelisse, cabe admirar a coragem desses homens que partiam para o desconhecido sem saber o que os aguardava a cada volta do rio.
c) Caso não se surtisse com os mantimentos necessários para o longo percurso, o viajante corria o risco de literalmente morrer de fome antes de chegar ao destino.
d) Se não maldiziam os santos, é bastante provável que muitos dos viajantes maldizessem ao menos o destino diante das terríveis tribulações que deviam enfrentar.
e) Na história da humanidade, desbravadores foram não raro aqueles que sobreporam o desejo de enriquecer à relativa segurança de uma vida sedentária.

44. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) Em *há verbos supostamente ativos que não expressam ação realizada*, alterando a flexão dos verbos *haver* e *expressar* para o pretérito perfeito do indicativo, tem-se:

a) havia verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada;
b) houve verbos supostamente ativos que não expressaram ação realizada;
c) houveram verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada;
d) haviam verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada;
e) houve verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada.

45. (FCC – BB – Escriturário – 2011) *É irrelevante que entrem na faculdade, que ganhem muito ou pouco dinheiro, que sejam bem-sucedidos na profissão.* (3º parágrafo)

O emprego das formas verbais grifadas acima denota:

a) hipótese passível de realização;
b) fato real e definido no tempo;
c) condição de realização de um fato;
d) finalidade das ações apontadas no segmento;
e) temporalidade que situa as ações no passado.

46. (FCC – TRE/TO – Analista Judiciário – 2011) *Minha outra mulher teve uma educação rigorosa, mas mesmo assim mamãe nunca entendeu por que eu escolhera justamente aquela, entre tantas meninas de uma família distinta*.

O verbo grifado na frase acima pode ser substituído, sem que se altere o sentido e a correção originais, e o modo verbal, por:

a) escolheria;
b) havia escolhido;
c) houvera escolhido;
d) escolhesse;
e) teria escolhido.

47. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) Leia:

Sob Medida

Chico Buarque

Se você **crê** em Deus

Erga as mãos para os céus e **agradeça**

Quando me **cobiçou**

Sem querer **acertou** na cabeça

No fragmento acima, passando as formas verbais destacadas para a segunda pessoa do singular, a sequência correta é:

a) crês, ergues, agradecei, cobiçais, acertai;
b) crês, ergue, agradece, cobiçaste, acertaste;
c) credes, ergueis, agradeceis, cobiçaste, acertaste;
d) credes, ergas, agradeças, cobiçais, acertais;
e) creis, ergues, agradeces, cobiçaste, acertaste.

48. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) O trecho em que se encontra voz passiva pronominal é:

a) "feito *hamsters* que se alimentam de sua própria agitação.";
b) "Recolher-se em casa,";
c) "sinal de que não se arrumou ninguém";
d) "Mas, se a gente aprende a gostar (...)";
e) "nela a gente se refaz (...)";

49. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) A sentença em que o verbo entre parênteses está corretamente flexionado é:

a) O coordenador reveu as necessidades dos grupos. (rever)
b) A impaciência deteu as pessoas. (deter)
c) Eu reavejo minhas convicções diariamente. (reaver)
d) Quando você se opor à minha solidão, ficarei aborrecido. (opor)
e) Nós apreciamos os bons alunos. (apreciar)

50. (FCC – TRT/RS (4R) – Analista Judiciário – 2011) *A conciliação, antes de tudo, tem proporcionado às partes o efetivo acesso à Justiça, pois elas participam diretamente no resultado apaziguador do conflito.*

Transpondo o segmento destacado na frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante é:

a) têm proporcionado;
b) tem sido proporcionado;
c) tinham proporcionado;
d) era proporcionado;
e) foi proporcionado.

51. (FCC – TRT/RS (4R) – Analista Judiciário – 2011) Observe o texto:

Esta é uma história da Bossa Nova e dos dois *rapazes e moças que a fizeram, quando eles tinham entre quinze e trinta anos. É também um livro que se pretende o mais factual e objetivo possível. Evidente que,* ***tendo sido escrito*** *por alguém que* ***vem ouvindo*** *Bossa Nova desde que ela ganhou este nome (e que nunca se conformou quando o Brasil* ***começou a trocá-la*** *por exotismos), uma certa dose de paixão* ***acabou se intrometendo*** *na receita – sem interferir, espero, pró ou contra, na descrição da trajetória de qualquer personagem. Os seres humanos, assim como os LPs,* ***têm*** *lados A e B, e houve um esforço máximo para que ambos fossem mostrados. (...)*

O segmento que expressa uma ação durativa que se prolonga do passado até ao momento da fala do autor é:

a) *tendo sido escrito;*
b) *vem ouvindo;*
c) *começou a trocá-la;*
d) *acabou se intrometendo;*
e) *têm.*

52. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Está inadequada a correlação entre tempos e modos verbais no seguinte caso:

a) Muitos se lembrariam da alegria voraz com que eram disputadas as toneladas da vítima.
b) Foi salva graças à religião ecológica que andava na moda e que por um momento estabelecera uma trégua entre todos.
c) Um malvado sugere que se dê por perdida a batalha e comecemos logo a repartir os bifes.
d) Depois de se haver debatido por três dias na areia da praia a jubarte acabara sendo salva por uma traineira que vinha socorrê-la.
e) Já informado do salvamento da baleia, o cronista teve um sonho em que o animal lhe surgiu com a força de um símbolo.

53. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) ***... em que as melhores cadências do samba e da canção se aliaram com naturalidade às deformações normais de português brasileiro...***

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:

a) *São Paulo muda muito...*
b) *... para nos porem no Alto da Mooca...*
c) *Talvez João Rubinato não exista...*
d) *... Adoniran não a deixará acabar...*
e) *Mas a cidade que nossa geração conheceu...*

54. (FCC – TRF/2R – Analista Judiciário (ADM) – 2012) O emprego, a grafia e a flexão dos verbos estão corretos em:

a) A revalorização e a nova proeminência de Paraty não prescindiram e não requiseram mais do que o esquecimento e a passagem do tempo.
b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre renegada a um segundo plano, eis que ela imerge do esquecimento, em 1974.
c) A cada novo ciclo econômico retificava-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, sobreviram longos anos de esquecimento.
d) A Casa Azul envidará todos os esforços, refreando as ações predatórias, para que a cidade não sucumba aos atropelos do turismo selvagem.
e) Paraty imbuiu da sorte e do destino os meios para que obtesse, agora em definitivo, o prestígio de um polo turístico de inegável valor histórico.

55. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) ... ***deve cuidar para que os impactos ambientais sejam mitigados e compensados.***

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está em:

a) *Quando se tem em conta ...*
b) *... ainda que nem todo o potencial lá existente venha a ser desenvolvido.*
c) *As questões que se contrapõem ...*

d) ... *não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos*.
e) ... *que podem ser feitos na direção de* ...

Fragmento de texto:

A discussão sobre "centro" e "periferia" no pensamento brasileiro ***vincula-se*** *a elaborações que se dão num âmbito mais amplo, latino-americano.*

(...)

No entanto, a elaboração anterior à CEPAL ***preocupava-se*** *principalmente com os países capitalistas avançados,* ***interessando-se*** *pelos países "atrasados" na medida em que desenvolvimentos ocorridos neles* ***repercutissem*** *para além deles.*

(...)

Assim, o marxismo, a teoria da modernização e a economia neoclássica tendiam a considerar que os mesmos caminhos seguidos pelas sociedades em que foram formulados ***teriam*** *que ser trilhados pelo resto do mundo, "atrasado".*

56. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) A única afirmação INCORRETA sobre a forma transcrita do texto é:

a) *vincula-se* / O tempo e o modo verbais indicam que a ideia é tomada como verdadeira.
b) *preocupava-se* / A forma verbal designa que o fato é concebido como contínuo.
c) *interessando-se* / Esse gerúndio, colocado depois do verbo principal – *preocupava-se* –, indica uma ação simultânea ou posterior, e pode ser legitimamente considerado equivalente a "e interessava-se".
d) *repercutissem* / Essa forma subjuntiva enuncia a ação do verbo como eventual.
e) *teriam* / Constitui forma polida de presente, atenuando a ideia de obrigação ou dever.

Fragmento de texto:

"Precisamos levar sempre em conta os traços culturais que nos caracterizam, que ***hão de alimentar*** *a busca de soluções endógenas, que nem sempre têm por que coincidir com as do mundo altamente industrializado".*

(...)

O que há de extraordinário nessa citação? Nada, exceto a data. Ela não ***foi redigida*** *no princípio do século XIX e sim no dia 29 de maio de 1993, exatamente um mês antes da redação deste artigo. Trata-se de um documento aprovado por vários intelectuais ibero-americanos, na Guatemala, como parte da preparação da III Conferência de Cúpula da região,* ***a realizar-se em Salvador****, na Bahia.*

(...)

Ao que parece, nada envelheceu nessas palavras. Quase todos os brasileiros ***se orgulhariam de repeti-las****, como se elas fossem novas e matinais, como se fôssemos contemporâneos do grito do Ipiranga.*

(...)

Só uma coisa não mudou: o nacionalismo cultural. ***Continuamos repetindo****, ritualmente, que a cultura brasileira (ou latino-americana) deve desfazer-se dos modelos importados e voltar-se para sua própria tradição cultural.*

57. (FCC – Prefeitura Municipal/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I (Gestão Tributária) – 2012) O texto legitima o seguinte comentário:

a) Em *Continuamos repetindo*, a ideia de ação em processo é decorrência exclusiva da forma *Continuamos*.
b) A forma verbal *foi redigida* exprime fato passado considerado contínuo.
c) A forma *a realizar-se em Salvador* exprime fato futuro em relação à data de redação do documento, mas passado em relação à data do artigo.
d) Em *se orgulhariam de repeti-las*, tem-se a expressão de um fato possível, mas considerado de pouca probabilidade.
e) Em *hão de alimentar*, a forma verbal exprime, além da ideia de futuro, a de que o evento é desejado.

58. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário (ADM) – 2012) ***Há 40 anos, a mais célebre crítica de cinema dos Estados Unidos, Pauline Kael (1919-2001), publicava seu artigo mais famoso.***
Transpondo a frase destacada para a voz passiva, a forma verbal encontrada é:

a) publicaram;
b) havia sido publicado;
c) publicou-se;
d) tinha publicado;
e) era publicado.

59. (FDC – Prefeitura Itaboraí/RJ – Fiscal de Tributos – 2012) A frase que se encontra integralmente na voz ativa é:

a) "Talvez o Brasil já tenha acabado e a gente não perceba isso". *(Paulo Francis)*
b) "De dez em dez anos toda a burocracia precisa ser fuzilada e trocada". *(Stalin)*
c) "O Brasil é a melhor piada que já foi contada por um português". *(Fernando Pedreira)*
d) "Advogados são as únicas pessoas cuja ignorância da lei não é punida com cadeia". *(Jeremy Bentham)*
e) "O Brasil é um país perigosamente gasoso. Os problemas são detectados, mas ninguém sabe resolvê-los." *(Arnaldo Jabor)*

60. "Honrarás pai e mãe!" Esse é um mandamento da Igreja Católica, que poderia ser ampliado a todas as igrejas. Nesse caso, o emprego do futuro do presente do indicativo tem valor de:

a) incentivo;
b) conselho;
c) pedido;
d) alerta;
e) ordem.

61. (CEPERJ – Procon/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) Dentre os verbos irregulares há aqueles que apresentam alguma variação no radical, ou seja, na "base" da palavra.
Um exemplo de verbo irregular encontra-se no seguinte exemplo do texto:

a) "quem lhe escreve";
b) "vivi uma tremenda aventura";
c) "quanto tempo isso levaria";
d) "Éramos centenas ali";
e) "sempre falava nisso";

62. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Da combinação inusitada do verbo **morrer**, flexionado no pretérito perfeito do indicativo, com a expressão adverbial "desde pequena" (Eu sei morrer. Morri desde pequena.) infere-se uma compreensão da morte diferente da que estaria implícita caso tivesse sido empregada a locução verbal **Venho morrendo.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento do poema
Ó grandes oportunistas... que calculais...(...)/Ó personagens solenes (...)/ Ó soberbos titulares

63. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) No poema, que apresenta uma denúncia de atos de abuso de poder, foram utilizados os seguintes recursos que permitem que a poeta se dirija diretamente a um interlocutor: emprego de vocativo nos versos 1, 9 e 33 e de verbos na segunda pessoa do plural, todos no imperativo afirmativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
Vestidos de palhaço, eles aproveitam o tempo dos carros parados no semáforo para cumprir essa missão. Com cartazes educativos, ocupam a faixa de pedestres, fazem performances e brincam com os motoristas.

64. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) Sem prejuízo semântico para o texto, as formas verbais "fazem" e "brincam" poderiam ser substituídas pelas formas *fazendo* e *brincando*, respectivamente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

65. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) Assinale a alternativa cuja sequência verbal destacada constitui um exemplo de tempo composto.
a) "Não <u>estou afirmando</u> que os poetas atuais são tradicionalistas"
b) "...um arquivo atemporal, ao qual recorre a produção poética para <u>continuar proliferando</u>"
c) "as formas poéticas <u>deixaram de ser</u> valores que cobram adesão à experiência histórica"
d) "<u>Pode parecer</u> um paradoxo que a poesia desse período, a mesma que tem continuidade"
e) "... <u>tenha passado a fazer</u> um uso relutantemente crítico, ou acrítico, da tradição"

66. (Funcab – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Em "(...) A empregada já HAVIA CHEGADO e estava no portão, olhando o <u>movimento</u>.(...)", o tempo verbal mostra uma ação:
a) iniciada no passado, continuada no presente;
b) realizada em futuro próximo;
c) subordinada a uma ação futura;
d) repetida, independente da ação passada;
e) já terminada;

67. (Funcab – MPE/RO – Analista – 2012) Assinale a alternativa em que o verbo em destaque foi corretamente conjugado.

a) Se você INTERPOR um recurso, talvez consiga reverter a situação.
b) Ele INTERVIU assim que a situação piorou.
c) Se você VER que a situação piorou, volte para cá.
d) Quando você VIM para cá, traga a pasta da diretoria.
e) Você só será respeitado se se IMPUSER.

68. (FCC – TJ/PE – Técnico Judiciário – 2012) "No meu tempo, já existiam velhos, mas poucos". A frase de Machado de Assis nos leva a supor que havia mais velhos quando ele próprio se tornou um velho. E hoje, muito mais ainda, embora os manuais de redação recomendem que não se fale mais em "velhos", mas em "idosos".

(Carlos Heitor Cony, "Prazo de validade". Folha de S. Paulo, A2 opinião, 27/10/2011)

No fragmento acima, as formas verbais havia e se tornou foram empregadas para:

a) indicar, respectivamente, uma ação provável e uma ação efetivamente realizada no passado;
b) indicar, entre ações simultâneas passadas, uma que estava se processando quando sobreveio a outra;
c) denotar que ambas as ações tiveram a mesma duração momentânea;
d) substituir, ambas, o futuro do pretérito;
e) denotar fatos que foram um (o segundo) a consequência do outro (o primeiro).

69. (CEPERJ – Procon/RJ – Advogado – 2012) *"todos que são impactados pelas mídias de massa"*

O fragmento transcrito acima apresenta uma construção na voz passiva do verbo.

Outro exemplo de voz passiva encontra-se em:

a) "As crianças brasileiras influenciam 80% das decisões de compra de uma família"
b) "A publicidade na TV é a principal ferramenta do mercado para a persuasão do público infantil"
c) "evidenciaram outros fatores que influenciam as crianças brasileiras nas práticas de consumo."
d) "Elas são assediadas pelo mercado"
e) "valores distorcidos são de fato um problema de ordem ética"

70. (MPE/SC – MPE/SC – Promotor de Justiça – 2012) O verbo, quando usado no modo imperativo, torna o texto mais vigoroso e com forte teor de persuasão, porém precisa ser usado corretamente, de acordo com o sujeito a que se refere. Identifique, pois, a(s) alternativa(s) em que o sujeito apresentado correspondente à flexão do verbo:

I. Chora, grita, esperneia, mas demonstra alguma reação. (sujeito: você)
II. Confira detalhadamente toda a documentação anexa ao processo. (sujeito: você)
III. Não demonstres qualquer reação durante o depoimento das testemunhas. (sujeito: tu)
IV. Compreende que a decisão tomada pelo juiz foi bastante coerente. (sujeito: tu)
V. Sê cuidadoso com tudo o que é dito ou escrito. (sujeito: tu)

a) Apenas as assertivas I e II estão corretas.
b) Apenas as assertivas III, IV e V estão corretas.
c) Apenas as assertivas II, III, IV e V estão corretas.
d) Apenas as assertivas I, II, e IV estão corretas.
e) Todas as assertivas estão corretas.

71. (Esaf – MI-CENAD – Estatístico – 2012) Assinale a opção que, na sequência, preenche corretamente as lacunas do texto, de modo a manter o correto uso dos modos e tempos verbais e a coerência entre as ideias.

Assim que o governo divulgou o crescimento zero do produto interno bruto brasileiro no terceiro semestre, não faltaram prognósticos negativos a respeito da economia do país e houve até quem _____(1)_____ em risco de recessão no futuro próximo. Basta um olhar mais atento aos números de 2011 para _____(2)_____ que o pessimismo não se justifica. Entre os empresários não são poucas as vozes que_____(3)_____dos alarmistas. Não faltam motivos para supor que, em 2011, os números da economia brasileira_____(4)_____vir ainda mais fortes. Além dos juros menores, conforme_____(5)_____ a maioria dos economistas, do crédito em expansão, e dos incentivos fiscais, está previsto para janeiro um reajuste no salário mínimo, o que _____(6)_____ impactos significativos à renda dos trabalhadores e aposentados. Nesse ciclo, o mercado interno seguirá aquecido.

a) fale / percebermos / discordassem / possam / prevera / trará
b) falasse / perceberem / discordassem / pudessem / prevê / trouxera
c) falasse / perceber / discordam / possam / prevê / trará
d) falou / percebermos / discordaram / podem / prevera / traria
e) falou / perceberem / discordaram / podem / previssem / trouxera

[...]

Não sei se V. Exa. Revma. é como eu. Eu gosto de contemplar o passado, de viver a vida que foi, de pensar nos homens que antes de nós, ou honraram a cadeira que V. Exa. Revma. ocupa, ou espreitaram, como eu, as vidas alheias. Outras vezes estendo o olhar pelo futuro adiante, e vejo o que há de ser esta boa cidade de S. Sebastião, um século mais tarde, quando o bonde for um veículo tão desacreditado como a gôndola, e o atual chapéu masculino uma simples reminiscência histórica.

Podia contar-lhe em duas ou três colunas o que vejo no futuro e o que revejo no passado; mas, além de que não quisera tomar o precioso tempo de V. Exa. Reverendíssima, tenho pressa de chegar ao ponto principal desta carta, com que abro a minha crônica.

E vou já a ele.

72. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) Sobre a forma verbal indicada, é INCORRETO afirmar:

a) *honraram* / Exprime ação completamente concluída.
b) *for* / Indica um fato possível, considerado altamente provável.
c) *estendo* / Enuncia um fato que ocorre exclusivamente no momento em que o missivista se expressa.
d) *vou* / Marca um fato futuro, mas bastante próximo, como o confirma o emprego de já.
e) *podia* / Está empregado com valor de futuro do pretérito.

Gabarito

1. INCORRETO.	16. ERRADO.	31. A.	46. B.	61. D.

2. INCORRETO.	17. ERRADO.	32. B.	47. B.	62. CERTO.
3. CORRETO.	18. ERRADO.	33. E.	48. C.	63. ERRADO.
4. B.	19. CERTO.	34. B.	49. E.	64. CERTO.
5. CORRETO.	20. ERRADO.	35. E.	50. B.	65. E.
6. INCORRETO.	21. CERTO.	36. A.	51. B.	66. E.
7. C.	22. CERTO.	37. C.	52. D.	67. E.
8. B.	23. CERTO.	38. E.	53. E.	68. B.
9. B.	24. ERRADO.	39. C.	54. D.	69. D.
10. D.	25. CERTO.	40. B.	55. B.	70. C.
11. CORRETO.	26. ERRADO.	41. B.	56. E.	71. C.
12. INCORRETO.	27. CERTO.	42. D.	57. E.	72. C.
13. NENHUM.	28. A.	43. B.	58. E.	
14. CERTO.	29. CORRETO.	44. B.	59. A.	
15. CERTO.	30. CERTO.	45. A.	60. E.	

Capítulo 13
Advérbio

Definição

Do ponto de vista semântico, o advérbio é um modificador ou ampliador de sentido de certos vocábulos ou estruturas e, nessa relação, pode indicar algumas circunstâncias (ou valores semânticos), como **afirmação, acréscimo, negação, modo, lugar, tempo, dúvida, intensidade, causa, concessão, conformidade, finalidade, condição, meio, instrumento, assunto, companhia, preço, ordem** etc.

Muitas vezes, porém, o advérbio não exprime circunstância alguma, mas meramente expressa um caráter subjetivo ao enunciado, expressando uma opinião do emissor. Falarei melhor sobre isso mais à frente, em *Valor Discursivo.*

Vale a pena dizer, desde já, que muitos advérbios, pelo contexto, mudam seu valor semântico. Por exemplo, a palavra *bem* é normalmente um advérbio de modo (*Ele fala **bem.***), certo? Veja esta frase, então: *"Ele estava **bem** feliz."*. Agora, é um advérbio de intensidade. Ok? Ainda neste capítulo, veremos isso melhor em *Classificação.*

Do ponto de vista morfológico, o advérbio não se flexiona em gênero nem em número, por isso é chamado de palavra invariável. Só varia em grau por meio de derivação. No entanto, o que mais vemos no dia a dia são as pessoas falando e escrevendo:

– *A menina está **meia** chateada.*
– *A filha sempre foi **menas** paciente que a mãe.*
– *Ela está **toda** preocupada.*
– *Os policiais devem se manter **alertas** o tempo todo.*

No penúltimo exemplo, certos gramáticos, como Bechara, e dicionaristas, como Aulete, já abonam a variação do advérbio, devido à natureza pronominal

deste vocábulo. No último exemplo, Bechara não abona a variação, mas alguns dicionaristas, como Aurélio, e certos gramáticos, como Napoleão Mendes de Almeida, abonam. Temos aí uma polêmica, não é? Cuidado com as provas, então.

Baseando-nos na visão ortodoxa, que é a que mais tem adeptos, o advérbio está sempre invariável, logo as frases acima deveriam ser construídas assim:

– *A menina está* ***meio*** *chateada.*

– *A filha sempre foi* ***menos*** *paciente que a mãe.*

– *Ela está* ***todo*** *preocupada.*

– *Os policiais devem se manter* ***alerta*** *o tempo todo.*

As duas últimas soam estranho, não é? *Deixa quieto...*

Do ponto de vista sintático, tradicionalmente falando, o advérbio se refere a um **verbo**, a um **adjetivo** (ou locução adjetiva), a outro **advérbio** (ou locução adverbial) ou a uma **oração inteira**, exercendo apenas uma função sintática na frase: adjunto adverbial.

– *Sempre acordou* ***cedo***. (modifica o verbo)

– *Continuo* ***bastante*** *disposto.* (modifica o adjetivo)

– *Arrematou-se num leilão um carro* ***muito*** *fora de moda.* (modifica a locução adjetiva)

– *Dormiram* ***mais*** *tarde, porque não treinariam amanhã.* (modifica o advérbio)

– *Ninguém esperava que ele surgisse* ***tão*** *de repente.* (modifica a locução adverbial)

– ***Semestralmente*** *fazemos concursos.* (modifica a oração inteira; normalmente os advérbios terminados em **-mente**, <u>iniciando</u> uma oração, incidem sobre toda ela)*

Obs.: * Veja esta questão de prova sobre advérbio incidindo sobre uma oração inteira:

29. (ITA – Vestibular – 2007/2008) Qual dos advérbios terminados em **-mente** incide sobre o conteúdo de toda a frase?

a) fantasticamente (... aumenta fantasticamente...)
b) abertamente (... evito aderir abertamente...)
c) independentemente (... treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas, mas, independentemente disso, existem forças...)
d) psicologicamente (... psicologicamente preparado...)
e) imediatamente (... volte para o campo imediatamente...)

Comentário: O gabarito é C, pois o advérbio se relaciona com *(d)isso*, que se reporta ao conteúdo frasal anterior, a saber: "treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas". A: Modifica o verbo. B: Modifica o verbo. D: Modifica um adjetivo. E: Modifica o verbo.

Duas informações só para quem quer aprofundar-se em advérbio (se não for seu caso, nem leia!):

I – Certos gramáticos antigos, como José Marques da Cruz, e alguns modernos, como Maria Helena de Moura Neves, dizem que o advérbio pode modificar outras classes gramaticais, como substantivo, pronome, numeral, conjunção: *Férias* ***assim*** *são um sonho de consumo! / Vocês beberam* ***muito*** *pouca água. / De todos os alunos,* ***quase*** *cem foram aprovados. /* ***Muito*** *embora eu pudesse entrar, não o fiz.*

II – Além de adjunto adverbial, Evanildo Bechara diz que o advérbio pode também exercer função de sujeito ou predicativo do sujeito. Claudio Cezar Henriques diz que ele pode exercer função de predicativo do sujeito, sujeito e, até, objeto indireto: "Ali é bom." (suj.), "A vida é assim. (pred. suj.)", "Gosto daqui. (obj. ind.)".

Tradicionalmente falando, os gramáticos dizem que advérbios que modificam adjetivos ou outros advérbios são sempre de **intensidade**. E é assim que costuma cair em prova!

– *Sou* ***razoavelmente*** *discreto.*

– *Continuas* ***muito*** *arisca, menina!*

No entanto, estudos modernos dizem que isso não procede:

– *Tenho cabelos* ***quimicamente*** *tratados.* (modo)

– ***Não*** *raramente estudo Português.* (negação)

– *Ainda existem muitas doenças* ***sexualmente*** *transmissíveis.* (meio)

Para entendermos bem todas estas definições de advérbio, vamos analisar por último esta frase:

Os amigos das horas certas sempre ajudam os amigos das horas incertas.

Note que a palavra ***sempre***

1) apresenta uma **circunstância** (valor semântico) de tempo;

2) é **invariável**: não existe sempres ou sempra, por exemplo;

3) funciona como **adjunto adverbial** do verbo ajudar.

Certamente você já ouviu falar em orações subordinadas adverbiais, não é? Então, elas são chamadas assim porque têm valor de advérbio. Há muitas questões de prova sobre orações adverbiais. Veremos isso no capítulo de *Conjunção* e, principalmente, no de *Orações Subordinadas Adverbiais*, beleza?

Identificação e Particularidades

Identificamos que um advérbio é um advérbio basicamente pela sua relação com outros vocábulos, como **verbos, adjetivos** ou **advérbios**, normalmente. Por exemplo, jamais diríamos que o vocábulo *que* é um pronome ou uma conjunção na frase abaixo:

– ***Que*** *tolo você é por ter acreditado nas palavras de uma pessoa nitidamente volúvel.*

Percebe que o vocábulo *que* está ligado ao adjetivo *tolo*? Aí eu pergunto: Que palavra modifica um adjetivo? Só conheço uma: ad-vér-bio. Logo, esse *que* é um advérbio de intensidade, equivalendo a "quão".

Por exemplo, você diria que nas frases a seguir os vocábulos destacados são **adjetivos**?

– *Por favor, falem* ***baixo****!*

– *Esta cerveja desceu* ***redondo****.*

– *Ela o olhou* ***sério****.*

– *Não transcreva* ***errado*** *o texto.*

– ***Fácil*** *se vê que ela não demonstra honestidade alguma.*

– *Dessa vez você cortou* ***rente*** *o cabelo.*

É claro que não! Afinal, alguns adjetivos podem se tornar **advérbios de modo**, quando modificam verbos. É o que acontece nessas seis frases. Inclusive, podemos usar o sufixo **-mente** depois de alguns desses advérbios (*redondamente, seriamente, erradamente, facilmente*) para facilitar a visão de que se trata realmente de **advérbios**.

O numeral *primeiro* pode se tornar advérbio, segundo alguns gramáticos, como Sacconi:

– *Cheguei* ***primeiro****.*

Para a nossa alegria, veja uma questãozinha sobre adjetivos adverbializados, ou seja, adjetivos que se tornaram advérbio, por derivação imprópria:

71. (FAB – AFA – Oficial – 2011) No contexto do seguinte trecho, extraído do 7º parágrafo do texto, analise a classe gramatical a que pertencem os termos grifados:

"... para saber quem grita gol mais alto e prolongado."

Assinale a alternativa em que o termo sublinhado pertence àquela mesma classe.

a) "Não suporto mais ver tantas tragédias, crimes, violências..."
b) "Fala-se muito, mesmo com a bola rodando."
c) "Outra discussão chata, durante e após partidas..."
d) "Muitas parecem iguais, mas não são."

Comentário: O gabarito é a B. Note que *alto* e *prolongado* se referem ao verbo *gritar*, logo são advérbios assim como *muito*, que também modifica um verbo. **Não confunda adjetivo com advérbio e vice-versa!**

Sobre Advérbios Terminados em -mente

É bom dizer que os advérbios terminados em **-mente** são derivados de adjetivos (normalmente femininos), cujos acentos gráficos "caem" nesse processo, pois as sílabas tônicas mudam de posição com o acréscimo do sufixo. Por isso, não dê uma *garoteada* de escrever assim: "Ela está *econômicamente* bem."!

Outra coisa: nem todos os advérbios terminados em **-mente** são de **modo**, como ensinam alguns professores:

– ***Primeiramente**, pretendo falar de advérbio.* (ordem, sequência, segundo Celso Cunha)
– *Faço provas **bimestralmente**.* (tempo)
– *Ele **provavelmente** não retornará.* (dúvida)
– *Tomei uma cerveja **estupidamente** gelada.* (intensidade)
– ***Certamente** o Brasil será um país desenvolvido.* (afirmação)

Veja duas questõezinhas sobre isso:

16. (NCE/UFRJ – Arquivo Nacional – Agente Administrativo – 2006) Em todos os advérbios terminados em **-mente**, retirados do texto, vê-se claramente a sua formação a partir da forma feminina do adjetivo, EXCETO em:
a) predominantemente; (vem de *predominante*, adjetivo uniforme) X
b) basicamente;
c) negativamente;
d) diariamente;
e) humanamente.

10. (NCE/UFRJ – Pref. Santana – Professor (Educação Básica) – 2007) A frase abaixo em que o advérbio terminado com o sufixo **-mente** NÃO é advérbio de modo, mas sim de tempo, é:
a) Ela chegou rapidamente ao estacionamento;
b) Os veículos estavam erradamente estacionados;
c) Os funcionários trabalham conscientemente;
d) O automóvel funcionava eficientemente;
e) Os veículos estavam temporariamente parados. (temporária + mente) X

O advérbio ***absolutamente*** pode ser de intensidade, de afirmação ou de negação, segundo Napoleão M. de Almeida. Estes dois últimos podem ser reforçados pelos advérbios "sim" e "não":
– *Estou **absolutamente** melancólico hoje.* (intensidade)
– *"Vai à praia hoje?" "**Absolutamente (não)**! Odeio mar, areia..."* (negação)
– *"Vai à praia hoje?" "**Absolutamente** (sim)! Amo mar, areia..."* (afirmação)

Aparecendo vários advérbios na frase terminados em **-mente**, prefere-se, por concisão, que só o último receba o sufixo, no entanto, quando se quer dar ênfase à sentença, a repetição do sufixo não gera incorreção gramatical nem mudança do sentido:
– *O Brasil cresceu **econômica**, **política** e **administrativamente**.*
– *O Brasil cresceu **economicamente**, **politicamente** e **administrativamente**.*

Note que, apesar de os advérbios "econômica" e "política" aparentarem forma feminina (semelhante a adjetivos), não há variação em gênero – o sufixo está implícito. Lembre-se de que o sufixo **-mente** forma advérbios derivados de adjetivos, normalmente femininos. Ok?

Mais algumas particularidades...

Quando, como, onde *e* ***por que*** são, respectivamente, advérbios interrogativos de **tempo, modo, lugar** e **causa**. Os três primeiros são chamados de **advérbios relativos** quando exercem papel de verdadeiros pronomes relativos. Veja isso no capítulo de pronomes relativos.

Podem aparecer nas orações interrogativas diretas ou indiretas:

– ***Quando*** *voltaremos?*

– *Ninguém soube me responder* ***como*** *voltaríamos.*[1]

– ***Aonde*** *você quer chegar com esse discurso polido?*[2]

– *Nunca entendi* ***por que*** *ela se veste assim.*

[1] O vocábulo ***como*** pode também ser um advérbio de intensidade em frases exclamativas: ***Como*** *ela é linda!*

[2] A preposição ***a***, exigida pelo verbo *chegar*, se une ao advérbio ***onde*** para formar ***aonde***.

Os gramáticos Faraco & Moura e J. C. Azeredo dizem que há, além da locução adverbial interrogativa de causa (*por que*), a locução adverbial interrogativa de finalidade (***Para que*** ela estuda tanto?). Não satisfeitos, dizem haver também advérbio interrogativo de preço (***Quanto*** custa a blusa?). Penso eu que existam diversas outras construções adverbiais interrogativas, mas minha opinião não interessa numa interposição de recurso de prova. Por isso, explicito em toda *A Gramática* as opiniões dos grandes mestres de renome.

Só de curiosidade: Caso queira conhecer expressões adverbiais (e não adverbiais) latinas, *jogue* este endereço no Google: *www.dicionariodelatim.com.br.*

Classificação dos Advérbios e das Locuções Adverbiais

Os **advérbios** e as **locuções adverbiais** são classificados segundo suas circunstâncias.

Para quem não sabe o que são **locuções adverbiais**, relaxe. É mole. Trata-se do conjunto de duas ou mais palavras com valor de advérbio – normalmente iniciadas

por preposição (dê uma olhadinha básica no capítulo de *Preposição*, se for o caso): *às vezes, às duas, de repente, em princípio, por acaso, sem pressa, de modo nenhum, de maneira alguma, de uma vez por todas, aos trancos e barrancos, de quando em quando... algumas vezes, muitas vezes, certa vez, um dia, dentro em pouco, via de regra, dia a dia, pouco a pouco, frente a frente...* (as não iniciadas por preposição são de modo ou tempo). Note que o núcleo da locução pode variar, por ser normalmente formado por um substantivo.

Vejamos agora as circunstâncias abarcadas pelos gramáticos ortodoxos e não ortodoxos. Saiba que há muitas observações e *detalhezinhos* abaixo que vale a pena ser consultados. Peço que fique atento aos advérbios mais "estranhos" ou menos usuais, beleza? **Eles estão sublinhados**.

Ah! Não é para sair decorando, ok? É só para ter uma boa ideia. Cá entre nós, a mais pura verdade é que **só o contexto determinará o valor semântico da maioria dos advérbios. Mais do que isso: só o contexto determinará se eles são, de fato, advérbios**. Depois não diga que não avisei.

Vamos lá!

Antes de mais nada, a NGB apresenta apenas sete circunstâncias adverbiais: **afirmação, negação, modo, tempo, lugar, dúvida e intensidade**. No entanto, todos nós sabemos que existem (algumas) outras circunstâncias, como **causa, concessão, conformidade, finalidade, condição, meio, instrumento, assunto, companhia, preço, quantidade, referência, ordem, medida, peso, matéria, proporção, reciprocidade, substituição, favor, exclusão, inclusão, consequência/conclusão**. Estas circunstâncias são expressas, geralmente, por locuções adverbiais.

Vejamos uma por uma:

Afirmação

Advérbios: *sim, decerto, certo, mesmo, deveras...*

Locuções adverbiais: *com efeito, sem dúvida (alguma), com certeza, na realidade, de fato, por certo...*

Terminados em *-mente*: *certamente, positivamente, fatalmente, indubitavelmente, efetivamente, incontestavelmente, indiscutivelmente, verdadeiramente, realmente, seguramente...*

Obs.: A conjunção *e* seguida do advérbio *sim* muitas vezes abre uma correção do que foi dito, em tom claramente opositivo: *A mulher não quer sexo em primeiro lugar,* ***e sim*** *amor.*

Negação

Advérbios: *não, tampouco (= também não;* carrega uma ideia de inclusão + negação*), nem, sequer...*

Locuções adverbiais: *de modo algum, de maneira alguma, de forma alguma, de modo nenhum, por nada, de nada, em hipótese alguma...*

Terminados em *-mente*: *absolutamente.*

Cuidado!!!

1) Veja esta questãozinha que esclarece a circunstância do vocábulo ***sequer***.

02. (Esaf – SUSEP – Agente Executivo – 2006) Assinale a opção incorreta a respeito do emprego das estruturas linguísticas do texto.

e) O advérbio "sequer" (No seu isolamento, sequer uma atitude estóica de convívio com a dor lhe é permitida) assume no texto a função de negar a ação verbal da oração, função que os vocábulos **nem** ou **nem sequer** poderiam também assumir.

Comentário: Esta afirmação foi considerada correta, por isso a letra E não é o gabarito. Coloquei esta questão para mostrar a você que ***sequer*** é não só um advérbio, como é de negação, pois assume a função de negar a ação verbal (verbo *ser*).

2) O vocábulo ***não*** é superinteressante! Vejamos algumas particularidades dele:

– Sempre vem antes do verbo; quando isso não ocorre, a linguagem é popular: *Não vou. Não quero. Não posso. Minha mulher não deixa. / Vou* ***não****. Quero* ***não****. Posso* ***não****. Minha mulher não deixa* ***não****.* (Esta dupla negação é própria do coloquialismo.)

– Tem seu sentido esvaziado, servindo apenas como realce de uma oração normalmente exclamativa ou interrogativa. Isto é, a presença ou ausência do *não* numa frase não nega seu conteúdo: *Quantas vezes eu* ***não*** *te avisei que estudasse? (= Quantas vezes eu te avisei que estudasse?)*

*/ Perdi as contas de quantos homens ela já **não** fez sofrer! (= Perdi as contas de quantos homens ela já fez sofrer!).*

3) O advérbio ***nem***, além de negar, pode exprimir uma ideia de adição; quando indica adição, equivalendo a "e não", muda de classe gramatical, tornando-se uma conjunção aditiva: *É incrível que ele **nem** (= não) tenha feito a prova **nem** (= **e** que **não**) tenha estudado.*

4) O advérbio de tempo ***lá*** pode indicar um tom de realce e de negação ao mesmo tempo: *Eu sei **lá** se ela vai voltar aqui.*

Modo

Advérbios: *assim, bem, mal, tal, como, depressa, devagar, adrede* (de propósito, intencionalmente), *debalde* (inutilmente, em vão), *outrossim* (*do mesmo modo, igualmente*; dá ideia de acréscimo ou inclusão, equivalendo a "também"), *melhor, pior, alerta, máxime* (especialmente, principalmente)...

Locuções adverbiais: *com acinte, de propósito, à toa* (também pode ser locução adjetiva), *à vontade, ao contrário, com amor, de cor, em vão, gota a gota, por acaso, alto e bom som, grosso modo, a torto e a direito, aos trancos e barrancos, a olhos vistos, a esmo, à francesa, pouco a pouco, a pé, a cavalo...* (há uma infinidade delas)

Terminados em ***-mente***: *talqualmente*, deliberadamente, bondosamente, generosamente, cuidadosamente, paulatinamente, gradualmente, igualmente, especialmente* e muitos outros terminados em -mente...

* Segundo o dicionário Aulete, *talqualmente* pode ser uma conjunção conformativa. Recentemente a Esaf (sempre ela) formulou uma questão com tal palavra: SRF – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA FEDERAL – 2012 – QUESTÃO 47.

Cuidado!!!

1) Em certas frases, o advérbio de modo ***mal*** carrega uma ideia de quase negação consigo: *Ele mal consegue andar depois do esforço.*

2) O advérbio ***assim***, além de indicar modo, pode indicar conclusão, equivalendo a "portanto", "por isso", "desse modo"...; nesse caso,

modernamente, ele é visto como conjunção conclusiva. Falarei mais sobre ele ainda neste capítulo em *Valor Discursivo*.

3) Veja esta questãozinha maliciosa:

15. (NCE/UFRJ – Eletrobras – Bacharel em Letras – 2002) "Os organismos geneticamente modificados..."; o item abaixo em que o advérbio sublinhado tem idêntico desempenho sintático ao da frase acima é:

a) O Brasil pretende produzir rapidamente soja transgênica;
b) Vários governos condenam veementemente os transgênicos;
c) Atualmente são muitas as pesquisas sobre transgênicos;
d) Os transgênicos são muito bem aceitos em vários países;
e) O Brasil deve pesquisar muito para usar os transgênicos.

Comentário: Deu uma vontade grande de marcar a letra A, não foi? Você deve ter pensado assim: "Bem... algo *geneticamente* modificado é o modo como algo foi modificado... então... bate com o advérbio *rapidamente* (= *de modo rápido*)". Cuidado com os enunciados, meu nobre! Observe de novo: "... o advérbio sublinhado tem *idêntico desempenho sintático*...", isto é, o cara quer saber qual advérbio está relacionado a um adjetivo, assim como *geneticamente* está ligado à forma adjetiva *modificados*. A questão não era sobre a semântica do advérbio, mas sobre a sintaxe. A única opção correta, portanto, é a D, pois *bem* está relacionado à forma adjetiva *aceitos*. Todos os demais advérbios se referem aos verbos: *produzir rapidamente*, *condenam veementemente*, *atualmente* (refere-se à oração inteira), *pesquisar muito*.

3) Agora veja uma questão *old stile* da Esaf sobre o fato de locuções adverbiais poderem virar advérbios terminados em **-mente**. Essa correlação de construções é comum entre locuções adjetivas e adjetivos (*de graça* > *grátis*), lembra? O mesmo se dá entre locuções adverbiais em advérbios em **-mente** (*com delicadeza* > *delicadamente*).

8. (Esaf – MRE – Assistente de Chancelaria – 2004) Relacione as ações (1), (2), (3) e (4) com o advérbio semanticamente adequado, conforme mostra o modelo, e assinale, a seguir, a sequência correta.

Modelo: Falar *com orgulho e insolência.* / Falar *arrogantemente.*

(1) Exprimir-se com muitas palavras, com palavras em excesso. ( ) sutilmente
(2) Agir como criança. ( ) puerilmente
(3) Insinuar com perspicácia e delicadeza. ( ) prolixamente
(4) Eliminar sem se render a logros . ( ) inexoravelmente

A sequência correta é:
a) 4 3 2 1;
b) 1 2 3 4;
c) 3 4 1 2;
d) 4 2 1 3;
e) 3 2 1 4 (gabarito).

Tempo

Advérbios: *afinal, agora, amanhã, amiúde* (frequentemente), *antes, ontem, cedo, depois, enfim, entrementes* (enquanto isso), *hoje, jamais, nunca, sempre, outrora* (em tempos passados), *tarde, já, mais, doravante* (de agora em diante), *logo, embora, quando, anteontem, breve, então...*

Locuções adverbiais: *ao vivo, à noite, à tarde, de dia, de manhã, pela madrugada, em breve, de tempos em tempos, de vez em quando, um dia, certa vez, esta semana, no entretanto...*

Terminados em -mente: *atualmente, constantemente, imediatamente, provisoriamente, sucessivamente, eventualmente, concomitantemente, esporadicamente, oportunamente, terminantemente* (= *de vez*), *normalmente/geralmente* (frequência), *temporariamente, provisoriamente, transitoriamente, semestralmente, bimestralmente, semanalmente, finalmente...*

Cuidado!!!

1) Sacconi informa que *já* pode substituir *mais*, ambos advérbios de tempo, em frases negativas: *Não estudo **mais** há tempos. / **Já** não estudo há tempos.* Diz também que na língua cotidiana (registro coloquial) se veem os dois na mesma frase: ***Já** não estudo **mais** há tempos.* Corroborando isso, veja esta questão: Cespe/UnB – IPEA – Técnico de Desenvolvimento e Administração – 2008

No segmento "já não seja mais", verifica-se redundância no emprego concomitante dos advérbios *já* e *mais*, o que permitiria a supressão de qualquer um deles, sem prejuízo para a correção gramatical do trecho.
(X) CERTO ( ) ERRADO

Comentário: Perfeita a afirmação da banca, certíssima.

Se eu fosse você, consultaria o que diz o dicionário Aulete ou o Houaiss sobre o advérbio *já*. Ele cai muito em prova. Aos 45 do segundo tempo, vale dizer que *já* pode indicar contraposição, equivalendo a "por outro lado": *Ele estuda muito. Já ela não estuda nada.*

2) **Polêmica!** *Jamais* e *nunca* são considerados por alguns gramáticos (como Júlio Ribeiro, Maximino Maciel, Eduardo Carlos Pereira, Maria Helena de Moura Neves, Faraco & Moura e Samira Yousseff Campedelli.) como, além de advérbios de tempo, **advérbios de negação**; alguns, como Faraco & Moura, indicam o acúmulo desses dois valores semânticos no mesmo advérbio. Isso já caiu em prova, falando nisso:

24. (Vunesp – Câmara Municipal de Guarulhos – Taquígrafo – 2002) Assinale a alternativa em que o advérbio grifado expressa ideia de negação.

a) Quando vem aqui, ele sempre nos visita.
b) Ele sempre agiu diferentemente dos outros empregados.
c) Eu acredito que jamais ele nos daria apoio. (Gabarito!)
d) Casualmente encontramos a lei que você queria.
e) Ele talvez tenha mudado de opinião.

Veja agora um exemplo melhor ainda:

7. (MH Consultoria – Pref. Gararu – Auxiliar de Enfermagem Ambulatorial – 2011) Assinale a alternativa que contém uma frase em que o advérbio expressa simultaneamente ideias de tempo e negação.

a) Falei ontem com os embaixadores.
b) Não me pergunte as razões da minha atitude.
c) Eles sempre chegam atrasados.
d) Jamais acreditei que você viesse. (Gabarito!)
e) Agora seremos felizes.

3) *Afinal, enfim* e *finalmente* são advérbios (também chamados de operadores argumentativos) que indicam tempo, mas inegavelmente apresentam um matiz de conclusão, pois normalmente são usados para um desfecho de uma ideia. Posso provar com duas questõezinhas? Lá vão:

12. (Vunesp – Sptrans – Agente de Informação – 2007) Leia o texto.

Finalmente, a Lei de Uso e Ocupação do Solo privilegia uma ocupação mais horizontal da cidade, o que aumenta a necessidade de investimento por parte do poder público na construção de uma infra-estrutura que atenda satisfatoriamente a toda a região metropolitana.

Os advérbios *Finalmente*, *mais e satisfatoriamente* expressam, respectivamente, ideia de:

a) finalidade, modo, intensidade;
b) tempo, intensidade, modo; (Gabarito!)
c) finalidade, lugar, modo;
d) tempo, proporção, tempo;
e) consequência, intensidade, tempo.

5. (Cesgranrio – Petrobras – Cargos de Nível Superior – 2010) Em "afinal, sou humano..." (l. 14), o elemento destacado é um operador argumentativo de:

a) condição;
b) consequência;
c) conclusão; (Gabarito!)
d) conformidade;
e) concessão.

Lugar

Advérbios: *aqui, cá, ali, aí, lá, acolá, abaixo, acima, adentro, adiante, avante, afora, além, aquém, algures* (em algum lugar), *alhures* (em outro lugar), *nenhures* (em nenhum lugar), *atrás, fora, dentro, embaixo, longe, perto, detrás, defronte...*

Locuções Adverbiais: *em domicílio* (com verbos ou nomes estáticos), *a domicílio* (com verbos ou nomes dinâmicos), *de longe, de perto, por detrás, por perto, à direita, à esquerda, ao lado, de dentro, à distância, entre a cruz e a espada...*

Terminados em -mente: *externamente, internamente, interiormente, proximamente, lateralmente...*

Cuidado!!!

1) A ideia de lugar corresponde à pergunta com o advérbio interrogativo ***onde***: "Essas promessas vêm ***de onde***?" "Vêm ***de Deus***." / "Você não consegue tirá-la ***de onde***?" "Eu não consigo tirá-la ***do meu pensamento***." No último caso, percebe-se claramente a ideia de lugar **virtual ou figurado**.

2) Apesar de haver inúmeras referências no registro culto da língua sobre o uso do acento grave na locução adverbial "à distância", como atestam os gramáticos Cegalla, Celso Cunha, Lindley Cintra, Gama Kury, Hildebrando André e os dicionaristas Aulete, Houaiss e Aurélio, o acento

indicativo de crase na locução adverbial "à distância" é proibido, ficando, assim: "a distância". Em *Crase*, abordo melhormente o tema.

3) Dos advérbios pronominais, *aqui, cá,* (relacionados à 1ª pessoa do discurso) *aí,* (relacionado à 1ª pessoa do discurso), *ali, lá, acolá* (relacionados à 3ª pessoa do discurso), ***aqui*** e ***aí*** podem indicar tempo também. Veja duas questões que exploraram isso:

11. (FUMARC – UEMG – Auxiliar Administrativo – 2002) Assinale a alternativa em que o termo destacado é usado como um marcador de tempo:

d) "Daí que o futuro da sociedade [...] será definido pelas escolhas que fizermos daqui para a frente."

Comentário: Perceba que *daqui* marca um espaço (ou um ponto) dentro da linha do tempo, equivalendo a "deste momento... para o futuro".

6. (NCE/UFRJ – IPJB – Assistente Administrativo – 2002) O item em que o valor do elemento sublinhado NÃO é indicado de forma correta é:

a) "Elas acumulam essas forças; daí as duas propriedades..." – lugar;

Comentário: O gabarito é a letra A, logo o advérbio *daí*, que normalmente indicaria lugar, nesse caso indica tempo: *daí = a partir desse momento* (tempo).

Dúvida

Advérbios: *acaso, porventura, talvez, quiçá...*

Locuções adverbiais: *por ventura, por acaso (Celso Cunha coloca 'por acaso' entre as de modo)...*

Terminados em -mente: *possivelmente, provavelmente, supostamente...*

Obs.: Não custa dizer que o advérbio ***talvez*** exige o verbo no subjuntivo quando vem anteposto. Veja uma questão sobre isso, do CESPE/UNB – TRT (6R) – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2002:

O advérbio "Talvez" (v.15) admite que a forma verbal "Consinta" (v.16) seja alterada para **Consente**, no modo indicativo.

( ) CERTO

(X) ERRADO (Gabarito!)

Quando vem posposto, usa-se o indicativo, indicando uma dúvida branda: *Parto hoje talvez.*
No entanto, segundo os gramáticos Pasquale Cipro Neto e Maria Helena de Moura Neves, e os dicionários Aurélio e Houaiss, o uso de *talvez* seguido de verbo no modo **indicativo** é possível, mesmo anteposto. Passo a palavra ao gramático Pasquale:
"Para encerrar, vejamos o que fez Machado neste passo de "Memórias Póstumas" (do capítulo 11, "O Menino é Pai do Homem"): "Cresci; e nisso é que a família não interveio; cresci naturalmente, como crescem as magnólias e os gatos. Talvez os gatos são menos matreiros, e, com certeza, as magnólias são menos inquietas do que eu era na minha infância.". Percebeu? Machado empregou o indicativo em "talvez os gatos são", o que confirma o que o (con)texto prenuncia: quem cresce sem a intervenção da família e como crescem as magnólias e os gatos é mesmo mais matreiro que os bichanos. É isso."

Intensidade

Advérbios: *assaz, bastante, demais, mais, meio, todo, menos, nada, muito, tão, tanto, quanto, quão, quase, algo, pouco, sobremodo, sobremaneira, que, como...*

Locuções adverbiais: *de todo, de muito, de pouco, em excesso, por completo...*

Terminados em -mente: *demasiadamente, completamente, totalmente, extremamente, altamente, obviamente, absolutamente* (a maioria dos advérbios modificadores de outros advérbios e adjetivos são de intensidade).

Cuidado!!!

1) Não confunda advérbio de intensidade com pronome indefinido.

13. (FJPF – CONAB – Técnico Administrativo – 2006) A alternativa em que a palavra **muito** está sintaticamente empregada como em "parece **muito** mais fácil que o físico" é a seguinte:
a) Muitos dos que se dizem cidadãos não respeitam sequer as leis do trânsito.
b) Há muito ainda por realizar no Brasil.
c) É muito importante este aspecto da questão. (Gabarito!)
d) Ao evento compareceram muitos congressistas.
e) Muita saúva e pouca saúde os males do Brasil são.

Comentário: Note que o enunciado pede o emprego sintático do advérbio *muito*, que, além de ser **invariável**, tem função de adjunto adverbial, modificando o adjetivo fácil. A única opção correta é a C, pois *muito*, como um adjunto adverbial, modifica também um adjetivo (*importante*). a) Pronome indefinido. b) Há muito (= muita coisa/pronome indefinido) ainda por realizar no Brasil. d) Pronome indefinido. e) Pronome indefinido. Cuidado para não confundir. Veja a importância de identificar o advérbio a despeito de outras classes gramaticais, como o pronome indefinido!

2) Cuidado com os vocábulos *meio, mais, muito, pouco, bastante, nada, que* e outros que podem pertencer a outras classes gramaticais. Recomendo que estude este assunto no capítulo de *Pronomes Indefinidos* deste livro. Por exemplo, quando se diz "*Ele não correu nada.*", o ***nada*** é um advérbio de intensidade, pois modifica o verbo. Já na frase "*Nada lhe dei.*", trata-se de um pronome indefinido, pois é complemento direto do verbo *dar*, e não modificador do verbo. Veja agora a pluralidade de classificação do vocábulo *mais*, só para sentir a pressão:

Substantivo: O *mais* é um vocábulo interessante.

Pronome indefinido: Hoje eu ganhei *mais* presentes.

Advérbio de intensidade: Fale *mais*. / Sou *mais* inteligente que ele. / Chegue *mais* cedo.

Advérbio de tempo: Eu não volto *mais* aqui.

Conjunção aditiva (coloquial): João *mais* Maria foram ao bosque.

Causa

– ***De tanto amor aos homens**, Jesus deu sua vida.*

– *Ele estuda **por necessidade**.*

– *O homem suava **com aquele calor carioca**.*

– ***Graças ao sotaque nordestino**, pude reconhecê-lo.*

Obs.: Algumas locuções adverbiais causais são iniciadas pelas locuções prepositivas "em decorrência de" e "em consequência de": *Dados do Ministério da*

Saúde indicam que 54 mil brasileiros morreram em 2010 ***em decorrência do diabetes****.*

Concessão

– *Ele sempre chega,* ***apesar do trânsito****.*
– ***A despeito dos problemas****, tivemos êxito.*
– ***Não obstante seu hercúleo esforço****, o fim foi trágico.*
– ***Mesmo moribundo****, teve seu último desejo realizado.*

Obs.: Note que a **concessão** expressa um fato em oposição a outro sem anulá-lo.

Conformidade

– ***Segundo a moda atual****, devemos nos vestir livremente.*
– *Faça tudo* ***conforme os regulamentos****.*
– ***Consoante a dica do professor****, devemos decorar apenas a matéria da prova.*
– ***Em conformidade com o dito****, nada mais tenho a acrescentar.*

Finalidade

– *Ele viajou* ***a negócios****.*
– *Só estudo* ***por uma boa nota****.*
– ***Para a alegria da nação rubro-negra****, o camisa dez decidiu ficar.*
– *Esta menina só estuda* ***a fim do primeiro lugar****.*

Condição

– ***Na dúvida****, não ultrapasse.*
– ***Sem educação****, não há progresso.*
– *Só entrará* ***com autorização****.* (Bechara)

Meio

– *Já viajei muito* ***de trem*** *quando eu trabalhava em Nova Iguaçu.*
– ***Por meio da pesquisa****, novos resultados foram alcançados.*
– *Prefiro ir* ***de ônibus*** *a pegar avião.*
– ***Com o sangue de Jesus****, os cristãos têm acesso ao reino dos céus.*

Obs.: Às vezes a classificação de uma locução adverbial é tão polêmica que gera inúmeras análises. Veja o último exemplo de novo: poderíamos interpretar como **causa** ou **condição**, concorda?

Veja uma questão sobre esta circunstância adverbial.

1. (NCE/UFRJ – IPJB – Biólogo – 2002) A expressão sublinhada no segmento "Os americanos, <u>através do radar</u>...", indica:
   a) lugar;
   b) instrumento;
   c) meio; (Gabarito!)
   d) causa;
   e) condição.

Comentário: As locuções prepositivas que iniciam as locuções adverbiais de *meio* são, normalmente, "por meio de" e "através de", as quais são encaradas como sinônimas, modernamente, apesar de a segunda denotar a ideia de "atravessar". Num sentido conotativo (a ideia de conotação vem perdendo a força no registro culto contemporâneo), "através de" nunca introduz uma estrutura que expressa o valor semântico de **instrumento**. Por isso você não deveria marcar a letra B.

Instrumento

– *Cortei o pão* ***com a faca****.*
– *Escrevi quinhentas páginas* ***a caneta****.*
– *Machucou-se* ***com o martelo****.*
– *Fomos expulsos* ***a pedrada****.*

Obs.: A diferença entre *meio* e *instrumento* é muito sutil. Pelas minhas pesquisas, percebi que há um padrão nos exemplos dados sobre o valor semântico "instrumento". Todos os exemplos sugerem o uso de um objeto ou algo concreto para a realização de um fim. No caso do advérbio de *meio*, houve alguns exemplos tênues. No entanto, percebi duas asserções sobre *meio*: quando não se trata de meio de transporte, trata-se de um processo cujo recurso utilizado permite que se vá de um ponto a outro, num espaço-tempo real ou figurado. Sobre o uso ou não do acento grave em locuções adverbiais de meio ou instrumento, falarei no capítulo de *Crase*.

Assunto

– *Ele só fala* ***sobre política***.
– ***A respeito dos problemas educacionais do país****, nada tendo a dizer.*
– *Todos os brasileiros se arvoram na posição máxima de falar* ***de futebol***.
– *Nada disse* ***acerca de seus planos***.

Companhia

– ***Contigo*** *eu vou a qualquer lugar, mas* ***com quem*** *você vai preferir jantar hoje?*
– *Passeei à noite* ***com minha namorada*** *pelo parque.*
– *O Presidente terá de viajar* ***sem seus ministros***.
– ***Com ou sem você****, preciso prosseguir em minha jornada.*

Preço

– *Só vendo minha honra* ***por novecentos octilhões de dólares***.
– *Meu carro não custou* ***caro***.
– *Paguei* ***barato*** *por aquele relógio.*
– *Aqui você compra três* ***por um real***.

Obs.: Com verbo de ligação, *barato* e *caro* são adjetivos: *Os carros estão baratos, mas as motos estão caras.*

Quantidade

– *Meu time nunca perdeu* ***por três a zero****.*
– *Foi reduzida* ***a quatro por cento*** *a taxa sobre o valor dos prédios.*
– *O salário deve aumentar* ***entre dois e cinco reais****.*
– *Foram desafiados* ***triplamente*** *pelos americanos, mas não cederam.*

Referência

– ***Comigo*** *as broncas são sempre intensas.*
– ***Com sua esposa****, aconteceu tudo diferente?*
– *Nunca fui bom aluno* ***em Matemática****.*
– ***Quanto a meu projeto****, vai indo muito bem.*

Ordem

– *Meu aluno se classificou* ***em segundo lugar****.*
– ***Primeiro****, queremos dizer a todos que vamos viajar.*
– ***Em terceiro lugar****, o esporte é igualmente importante para a socialização.*
– ***Por último****, só tenho a desejar o melhor a todos vocês.*

Medida

– *O homem mede* ***dois metros****.*
– *Nossa empresa cava poços* ***até vinte metros****.*
– *O atleta percorreu* ***dez quilômetros****.*
– *Aqui você come* ***por quilo****.*

Peso

– *O homem pesa* ***cem quilos****.*

– *A criança pesa* ***cerca de vinte quilos****.*
– *Sobrecarregamos* ***em trinta quilos*** *o elevador.*
– *Um avião comercial, que deve pesar* ***em torno de uma tonelada****, voa com facilidade.*

Matéria

– *Uma espécie de vinho foi feito* ***com maçã****.*
– *Fabricamos* ***com plástico*** *esses copos.*
– *Esta mesa é feita* ***de mármore****.*
– *Casas litorâneas vêm sendo construídas, por incrível que pareça,* ***de bambus****.*

Veja uma questão sobre isso.

9. (FGV – Senado Federal – Administração – 2012) *É questionável ainda a ideia de embalar comida com comida. (l. 31-32)*

Assinale a alternativa em que o termo sublinhado tenha classificação idêntica à do adjunto adverbial sublinhado no período acima.

a) Saíram mais cedo com os amigos.
b) Encheram a garrafa com funil.
c) Fizeram os ovos com manteiga.
d) Massageou os pés com maciez.
e) Construíram o muro com pedras.

Gabarito: E. O contexto de onde foi retirado o fragmento diz que sacolas de plástico estavam sendo substituídas por sacolas *feitas de milho*, o que poderia gerar paradoxalmente problemas na indústria alimentícia, em prol da sustentabilidade. Por isso se disse que "era questionável ainda a ideia de embalar comida com comida". Ou seja, o milho (comida) servia de *matéria* para a feitura das sacolas. A única opção que também apresenta um **adjunto adverbial de matéria** é a E: *Construíram o muro com pedras*. Isto é, utilizaram-se pedras como matéria para a feitura do muro. A: Companhia. B: Meio. C: Modo. D: Intensidade.

Proporção

– *A novela está* ***para o Brasil*** *assim como o cinema está* ***para os Estados Unidos****.*

Reciprocidade

– ***Entre mim e ti*** *sempre houve amor.*

Substituição

– *Tive de assinar o recibo* ***pelo chefe****, porque ele não estava presente.*
– *João compareceu à solenidade* ***em lugar de Maria****.*
– *Abandonou suas convicções* ***por privilégios****.*
– *Não compre gato* ***por lebre****.*

Favor

– ***Por obséquio****, saia daqui!*
– *Agora o advogado vai falar* ***pelo réu****.*
– *Sempre trabalhamos* ***em favor do povo****.*
– *Acordo cedo todos os dias* ***em prol do meu ideal****.*

Exclusão

– *Todos os alunos saíram para o intervalo,* ***exceto Mário****.*
– *Dedica-se* ***exclusivamente*** *à música.*
– ***Afora essa questão****, concordamos em tudo.*
– ***Só*** *responderemos a uma pergunta.*

Cuidado!!!

1) São advérbios de exclusão *só, apenas, somente* e *unicamente* quando modificam verbos, adjetivos, outros advérbios ou orações. Outras locuções adverbiais de exclusão podem ser iniciadas pelas preposições acidentais ou locuções prepositivas: *menos, salvo, fora, exclusive, à exceção de, com exceção de.* Cuidado com o vocábulo *só*, pois pode ser adjetivo quando equivale a *"sozinho"*: *Estou muito só nesta casa.*

2) Atenção! Agora observe estas frases e as explicações de Mário Perini sobre as implicações da mudança de posição do advérbio de exclusão (caso [2]) ou palavra denotativa, em [1, 3 e 4]*.

[1] ***Somente*** *a professora passou a palavra ao visitante.*
[2] A professora ***somente*** *passou a palavra ao visitante.*
[3] A professora passou ***somente*** *a palavra ao visitante.*
[4] A professora passou a palavra ***somente*** *ao visitante.*

Diz o gramático: "Essas quatro frases não significam a mesma coisa; as diferenças têm a ver com a porção da frase que *somente* modifica. [1] significa que a professora, e ninguém mais, passou a palavra ao visitante. [2] significa que a professora passou a palavra ao visitante, mas não fez nada mais. [3] significa que ela passou apenas a palavra, e nada mais, ao visitante. E [4] significa que ela passou a palavra ao visitante e a ninguém mais. (...) considerando as quatro frases acima, podemos dizer que *somente* vale para o constituinte que o segue *imediatamente*".

* Falarei de **palavras denotativas** mais à frente. Saiba de antemão que elas só podem ser consideradas advérbios se modificarem verbos, adjetivos, outros advérbios ou orações.

Inclusão

– *Tu, que és pai, és amigo* ***também****.*
– ***Até*** *tu Brutus? Por que me trais?*
– *Preencha todos os seus dados,* ***inclusive*** *telefone.*
– *Ela não gosta de estudar,* ***de mais a mais*** *não é afeita ao trabalho.*

Obs.: Outros advérbios e locuções adverbiais de inclusão: *ademais, mesmo, além disso, além do mais.*

Veja uma questão sobre isso.

6. (IESES – TJ – Técnico Judiciário – 2009) Assinale alternativa INCORRETA.

b) A palavra mesmo (Mas, mesmo quando aparecem supervírus, a fatalidade deles tem sido relativamente baixa) é advérbio e equivale a *até*.

O gabarito é outro, logo a afirmação contida em b) é verdadeira, isto é, *mesmo* (= *até*), indicando *inclusão*, é considerado pela banca como advérbio, e não palavra denotativa, pois modifica a oração "quando aparecem supervírus". Por essa

banca, isso é uma prova do fim da polêmica que cerca as **palavras denotativas** e os **advérbios**. Na minha opinião, nenhuma banca deveria expor quaisquer polêmicas, mas minha opinião vale tanto quanto a sua, meu comum leitor.
Só de curiosidade:
A palavra *mesmo* e seus quatro valores semânticos e morfológicos:
Concessão: Mesmo chovendo, viajamos. (preposição acidental)
Afirmação: A natureza está mesmo doente. (advérbio)
Inclusão: Mesmo quem não comprou o convite, poderá ir à festa. (advérbio)
Precisão/Realce: Ela me beijou neste lugar mesmo. (palavra denotativa)
Inclusão: Mesmo ela me traiu. (palavra denotativa) / Mesmo de noite, ele sai para pescar. (advérbio)
Reitero: Saiba que as palavras denotativas só podem ser classificadas como advérbios, se modificarem verbos, adjetivos, outros advérbios ou orações.

Consequência/Conclusão

– *O consumo aumentou e,* ***consequentemente/conseguintemente****, a produção e as vendas subiram.*

Obs.: Conheça algumas locuções adverbiais elencadas por Othon Moacyr Garcia que atuam como conectivos indicando conclusão: *dessa forma, dessa maneira, desse modo.* Certos advérbios arcaicos, que podem funcionar como conectivos, têm valor conclusivo, como *dessarte* e *destarte.*

Sempre que encontrar um advérbio que gere dificuldade de compreensão, consulte um bom dicionário. Fica a dica.

Palavras e Locuções Denotativas

Apesar de se parecerem com advérbios, é tradição gramatical, desde José Oiticica, tomar as **palavras denotativas** como diferentes dos **advérbios**. No entanto, há

uma divergência absurda entre os gramáticos sobre onde "encaixar" (Entre os advérbios ou entre as palavras denotativas?) tais palavras que já veremos abaixo.

De uma coisa não podemos discordar: tradicionalmente, o advérbio modifica o verbo, o adjetivo, outro advérbio ou uma oração inteira, logo não se pode considerar sensato encarar sempre a palavra *só*, por exemplo, como advérbio. Entenda:

– ***Só** ele explicou a matéria.* (Note que *só* modifica *ele*, logo não pode ser advérbio, mas sim uma palavra denotativa.)

– *Ele **só** explicou a matéria.* (Note que *só* modifica o verbo, logo tem de ser um advérbio.)

Abro aqui um adendo para dar voz ao mestre Bechara: "A Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) põe os denotadores de inclusão, exclusão, situação, retificação, designação, realce etc. à parte, sem nome especial.". Ampliando o assunto, Celso Cunha, baseando-se em José Oiticica, diz que tais palavras não se encaixam em nenhuma classe gramatical, por isso os vocábulos abaixo são chamados de **palavras denotativas**, o que explica o "à parte" usado por Bechara.

Os estudos modernos e algumas bancas de provas que vêm acompanhando tais estudos trabalham esse assunto do ponto de vista discursivo, ou seja, quando usamos palavras denotativas em nosso texto, em nosso discurso, isso tem um propósito. Sendo assim, muitas perguntas "camufladas" de interpretação de texto, são, na verdade, sobre palavras denotativas e seus valores argumentativos. Por exemplo, quando dizemos "A menina **que** jogou água no garoto, pai!", a **palavra denotativa expletiva** (ou de realce) *que* tem o papel argumentativo de realçar o termo anterior. Se disséssemos "A menina jogou água no garoto.", o sentido não mudaria, mas a ênfase dada à menina na frase com a palavra de realce *que* se perderia.

Conheça as palavras e locuções denotativas, enfim:

- **Designação**: serve para apresentar um ser ou um fato de modo repentino, inesperado ou entusiástico: *eis*.
  Ex.: *Eis-me aqui, envia-me!*

- **Exclusão**: exclui-se uma ideia, realçando outra: *apenas, salvo, só, somente, exceto, exclusive, afora, senão, menos, sequer, nem mesmo…*
  Ex.: *Tudo tem limite, exceto o meu amor por você.*

Obs.: A maioria dos gramáticos consideram *salvo, exceto, exclusive, afora, senão* e *menos* como preposições acidentais, quando introduzem locuções adverbiais: "*Salvo aquela canção*, todo o repertório do DVD ao vivo chamou a atenção do grande público.".

- **Inclusão**: dá uma ideia de adição, introduzindo no discurso o julgamento do enunciador: *até, inclusive, mesmo, também, ademais...*
  Ex.: *Até o chefe da seção notou minha inquietude.*

Obs.¹: Para que classifiquemos um vocábulo ou para que entendamos o seu sentido, você já sabe que tudo depende do contexto, certo? Por exemplo, o *até* do exemplo anterior difere, quanto ao sentido, deste: "*O chefe da seção notou até minha inquietude.*". Perceba que o sentido não é definitivamente o mesmo. No exemplo fora desta "obs.", o sentido é que mais de uma pessoa notou a inquietude. Nesta frase, com o *até* deslocado, o chefe notou, além de outros sentimentos, a inquietude.

Obs.²: Não confunda *até*, palavra denotativa de inclusão (ou advérbio de inclusão, dependendo do contexto), com preposição. Veremos isso melhor no capítulo de *Preposição*. Veja uma questão sobre isso: FCC – BACEN – PROCURADOR – 2006 – QUESTÃO 8.

- **Explicação**: apresenta um esclarecimento para que não haja dúvidas: *isto é, ou melhor, por exemplo, a saber, ou seja, qual(is) seja(m)...*
  Ex.: *Este é um fato comum, a saber: todo professor é humano.*

- **Realce** (expletiva): serve para realçar/enfatizar determinados seres ou ideias: *cá, lá, é que, que, ora, sobretudo...*
  Ex.: *Eu é que sou mais eu. / Veja lá o que vai fazer!*

Obs.: Alguns advérbios podem vir acompanhados da palavra denotativa de realce *que*. Como o próprio nome sugere, tal partícula serve para tão somente enfatizar o termo ou a expressão adverbial: ***Certamente que ela*** *vai passar. /*

Com certeza que *ela vai passar.* / ***Decerto que*** *ela vai passar.* / ***Provavelmente que*** *ela vai passar.* / ***Talvez que*** *com esforço ela vá passar em primeiro lugar.* / ***Quase que*** *ela não passa.* E, como toda boa palavra expletiva, o *que* pode ser retirado da frase sem prejuízo sintático ou semântico.

Sobre o vocábulo *ainda*, note que a banca Esaf não o considerou uma partícula expletiva, mas sim um advérbio, pois indica tempo (= até este momento, até agora).

2. (Esaf – MRE – Assistente de Chancelaria – 2004) Assinale a afirmativa errada a respeito do texto a seguir:

A administração pública brasileira é ainda um monstro disforme, em que convivem setores modernos, utilizando tecnologias avançadas e desenvolvendo a cultura de um Estado não executor, e setores montados sobre paradigmas antigos, desenvolvendo trabalhos desnecessários ou redundantes.

c) O advérbio "ainda" é, no contexto em que se encontra, partícula expletiva, podendo ser eliminado do trecho sem que se altere o sentido original. **(Gabarito!)**

- **Retificação**: expressa normalmente correção para introduzir determinado argumento inclusivo: *aliás, ou melhor, ou antes, isto é, digo, perdão...*
  Ex.: *Faça silêncio, ou melhor, fale mais baixo.*

A palavra *aliás* é bem interessante, pois introduz argumentos. Veja o que diz o Aulete sobre ela:

adv.

1 Ou melhor; quer dizer; digo. (Os pecados capitais são oito; aliás, sete.)

2 A propósito; na verdade. ("... nunca mais ousei repetir essas experiências, aliás inúteis.") (Mário de Sá Carneiro, A confissão de Lúcio)

3 De outra forma. (Ganhou na loteria; aliás, não teria enriquecido sem esse pequeno detalhe.) [Us. tanto para retificar ou averiguar uma informação, como para confirmá-la ou aperfeiçoá-la.]

4 Além do mais. (Casou tarde; aliás, com uma mulher muito mais nova.)

5 No entretanto, não obstante, contudo. (Escrever poemas para ele é simples; aliás deve-se lembrar que começou há pouco.)

Veja uma questão bacana (UFSJ – PROGP – TÉCNICO LABORATORIAL – 2009):

Fragmento de texto

(...) Além das intervenções em saúde, segundo Waleska Caiaffa, professora da Faculdade de Medicina da UFMG e uma das coordenadoras do Observatório de Saúde Urbana de Belo Horizonte (Osubh), há que se pensar em intervenções urbanas não necessariamente relacionadas à saúde, mas que exercem sobre ela impacto positivo.

*A busca de soluções para que as populações usufruam de mais qualidade de vida na cidade, **aliás**, é uma das premissas do trabalho desenvolvido pelo Observatório. (...)*

7. A palavra "aliás", presente no terceiro parágrafo, pode ser analisada como:

a) um elemento de coesão ligando duas orações de sentidos opostos;

b) um elemento de valor argumentativo que valoriza o trabalho do Osubh; (Gabarito!)

c) uma circunstância para que sejam buscadas soluções para o usufruto da qualidade de vida;

d) uma interjeição que traz o sentimento da autora com relação à importância da qualidade de vida.

- **Situação**: usada normalmente na linguagem oral para abrir, normalmente, uma interrogação, iniciar um discurso: *afinal, agora, então*, mas...*

  Ex.: *Afinal, o que querem? / Agora, trabalhar que é bom ninguém quer. / Então... acho que hoje não conseguiremos sair, amorzinho. / Mas ela não é aquela garotinha da foto?*

* Houve uma questão (32) do vestibular do ITA (2011/2012) que apresentava na letra E esse "então", próprio da linguagem informal. Confira depois!

Variação em Grau

O advérbio é intensificado (grau) por outro advérbio ou por um afixo. São dois tipos: o comparativo e o superlativo.

O **comparativo** pode ser de:

- Igualdade: *Aquela menina escreve tão **depressa** quanto/como eu.*
- Superioridade: *Aquela menina escreve mais **depressa** (do) que eu.*
- Inferioridade: *Aquela menina escreve menos **depressa** (do) que eu.*

Obs.: Os advérbios *bem* e *mal*, no grau comparativo de superioridade, ficam *melhor* e *pior*: *Aquela menina escreve **melhor/pior** do que eu.*

O grau **superlativo** pode ser apenas absoluto (sintético ou analítico):

- Sintético (uso de sufixo **-íssimo** ou **-issimamente**):
  Ex.: *Ele estava **muitíssimo** bêbado. / Ele acordou **apressadissimamente**.*
- Analítico (uso de advérbio de intensidade modificando outro advérbio, sem sufixo):
  Ex.: *Eu corri **muito bem** naquela prova. / Ela corre **bem mal**.*

Cuidado!!!

1) Os advérbios *bem* e *mal*, no grau superlativo absoluto sintético, viram *ótimo* e *péssimo: Eu corri **ótimo/otimamente** naquela prova. / Ela corre **péssimo/pessimamente**.*

2) Existe também o **grau superlativo intensivo**, que expressa os limites da possibilidade, cuja estrutura fixa é: *o mais/o menos* ou *o melhor/o pior* + *advérbio* + expressão de possibilidade.

– *Chegaremos **o mais rapidamente possível** (ou o mais rapidamente que pudermos).*

3) Antes de particípios ou adjetivos, *mais bem* (ou *melhor*) e *mais mal* (ou *pior*) são formas que podem ser usadas, de acordo com Bechara, Cegalla, Sousa e Silva, Celso P. Luft, Maria H. M. Neves, Vasco Botelho de Amaral, João Ribeiro, etc.: *Esta casa é **mais bem/melhor mobiliada** que a outra. / Estes alunos são **mais mal/pior educados** que aqueles.*

No entanto, a vastíssima maioria dos gramáticos e das bancas repudiam a visão, dizendo que a forma culta é tão somente esta: "só se usa *mais bem* ou *mais mal* antes de particípios ou adjetivos": *Esta casa é **mais bem mobiliada** que a outra. / Estes alunos são **mais mal educados** que aqueles.*

Note como essas bancas trataram do assunto em suas questões – privilegiando a forma analítica (*mais bem/mais mal*): CESPE/UNB – TRE/PA – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2005 – QUESTÃO 6 C) / FCC – MPU – ANALISTA DE SAÚDE – 2007 – QUESTÃO 5 E) / CESPE/UNB – TCU – TÉCNICO DE CONTROLE EXTERNO – QUESTÃO 2 / FCC – TRE/RS – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2012 – QUESTÃO 15 E). / ESAF – CGU – TÉCNICO DE FINANÇAS E CONTROLE – 2008 – QUESTÃO 4 (Gabarito preliminar: A. Gabarito oficial: Anulada, pois poderia ser a opção E, segundo os gramáticos supracitados).

4) Se não forem seguidos de particípio ou adjetivo, usa-se *melhor* ou *pior* apenas: *Ninguém me conhece* ***melhor*** *que minha mãe.* / "Ninguém me conhece **mais bem** que minha mãe." (**Inadequadíssimo!**)

Formas Estilísticas de Grau dos Advérbios

Existem certas formas criativas, próprias do coloquialismo, que fazem a gradação (grau) dos advérbios. Veja:

- A repetição da forma adverbial gera a forma superlativa.
  Ex.: Volto ***já, já***. / Chegaremos ***logo, logo***.

- O prefixo (*super* e outros) ou o sufixo (aumentativo ou diminutivo) fazem a forma superlativa.
  Ex.: *Ele fez* ***super-rápido*** *a prova.* / *Ele fez* ***rapidão/rapidinho*** *a prova.* / *Já está* ***de manhãzinha****; preciso trabalhar.*

- Expressões metafóricas.
  Ex.: *Esta garota fala* ***pelos cotovelos***. / *Anderson Silva luta* ***pra cara#@$%****!*

Valor Discursivo

O advérbio tem muitas funções discursivas, ou textuais. Vejamos:

Valores Anafórico, Catafórico ou Dêitico

Alguns advérbios de lugar:

– ***Aí*** *deve estar fazendo calor, mas* ***aqui*** *está um frio de doer.* (valor dêitico)

– *Tanto no Rio como em São Paulo há tráfico de drogas. Enquanto* ***aqui*** *as UPPs vêm melhorando o cenário carioca,* ***lá*** *há outras intervenções.* (valor anafórico)

– *Apenas* ***lá*** *é o lugar onde eu quero viver o fim da vida: Campos do Jordão.* (valor catafórico)

Alguns advérbios de tempo:

– ***Ontem****, muito sol;* ***hoje****, só chuva;* ***amanhã*** *será o quê?* (valor dêitico)

– *Reinaldo chegou às duas da manhã bêbado. Foi acordar às duas da tarde do dia seguinte; só* ***aí/então*** *se deu conta que tinha de ligar para sua mãe.* (valor anafórico)

Advérbio de modo *assim*:

– *As mulheres sempre foram* ***assim****: leais e vingativas.* (valor catafórico)

– *As meninas levavam os salgados, os rapazes levavam as bebidas e era* ***assim*** *que a gente fazia as festinhas.* (valor anafórico)

Percebemos com esses exemplos que os advérbios têm um papel coesivo muito importante dentro da construção do texto.

Advérbios e Construção de Sentido

Além do uso das palavras denotativas e de alguns advérbios, que podem mudar de sentido com a mudança de posição, fique de olho em dois: os advérbios *já* e *ainda*. Dentro de um contexto, podem mudar de sentido. Veja o que diz o Aulete sobre eles:

Já

adv.

1 Neste momento, agora. *(Já estamos a meio caminho de lá.)*

2 Em algum momento ou período no passado; anteriormente, antes. *(Já li muito suspense./ Encontrei a panela já aberta.)*

3 Imediatamente, agora mesmo. *(Desligue já essa televisão!)*

4 Logo, dentro em pouco. *(Diga que já o atendo.)*

5 Mais. *(Ele foi tão grosseiro, que ela já não queria vê-lo.)*

6 Em parte, até. *(Se ele aceitar o cargo, já é um progresso.)*

7 De antemão, com antecedência. *(Como terei visitas à noite, já deixei a casa arrumada.)*

8 Mas, entretanto. *(Ele malha muito, já ela não gosta nem um pouco.)*

Sobre a 8, consulte: FUNRIO – PRF – POLICIAL RODOVIÁRIO FEDERAL – 2009 – QUESTÃO 12.

De já hoje

1 Há muito, há muito tempo; desde muito.
2 Hoje; ainda hoje.

Desde já

1 A partir de agora, deste momento em diante; doravante.
2 Já neste momento (e antecipadamente em relação a algo). (*Agradeço desde já qualquer ajuda que possam conceder.*)

Já, já

1 Logo, imediatamente, sem demora.

Já que

1 Us. antes de se mencionar a causa de algo, aquilo que é motivo para se fazer ou querer alguma coisa, ou a razão para se pensar de determinado modo. *(Já que todos estão de acordo, podemos encerrar o debate)*

Ainda

adv.

1 Até este momento; até agora. *(A conferência ainda não começou. / Ainda hoje uso aquele colar.)*
2 Até certo tempo no passado já mencionado; até então; até aquele momento. *(Quando voltei do exterior, eles ainda não tinham se casado.)*
3 Até certo tempo (antes mencionado) no futuro. *(Quando você voltar, ainda estarei no início de minha viagem.)*
4 Em algum momento no futuro. *(Ela ainda chegará.)*
5 Realça a exiguidade de tempo decorrido. *(Ainda há cinco minutos falávamos de você.)*
6 Ao menos. *(Está sempre atrasado; se ainda fosse eficiente...)*
7 Também; além disso; inclusive. *(Ele canta e ainda dança.)*
8 Mais; além disso. *(Muito aplaudido ao final do show, cantou ainda uma canção.)*
9 Exatamente, precisamente. *(Saiu ainda agora.)*
10 Mesmo assim; não obstante. *(Ele já te devia um dinheirão e você ainda lhe emprestou mais!)*
11 Por fim; afinal. *(Depois de tantos anos, restou-lhe ainda uma lembrança.)*
12 Expressa reforço, aumento, incremento. *(Nosso medo ficou ainda maior.)*

13 Expressa continuidade de algo (mesmo em condições adversas). *("Sorris da minha dor, mas eu te quero ainda.")*

Ainda agora (intensifica o tempo)
1 Agorinha.

Ainda assim
1 Apesar disso. *(Não é minha atribuição; ainda assim, pretendo colaborar.)*

Ainda bem (que)
1 Felizmente.

Ainda por cima
1 Além de tudo isso; para culminar.

Ainda que
1 Mesmo que: *"Liberdade, ainda que tardia." (lema da Conjuração Mineira: "Libertas quae sera tamen.")*
2 Apesar de que; embora. *(Vou respeitar a decisão, ainda que não concorde.)*

Advérbios Modalizadores

Por força da tradição gramatical, os advérbios modalizadores são chamados de advérbios de afirmação, dúvida, modo ou intensidade. No entanto, estudos linguísticos avançados informam que muitos advérbios, em geral terminados em **-mente**, vão além dessas meras ideias, para exprimir determinados matizes de sentido dentro do discurso. E isso vem caindo em prova de concurso. Por isso, atenção!

Alguns advérbios são chamados de **modalizadores**, pois, basicamente, exprimem estado emocional ou ponto de vista: ***Infelizmente**, todos morreram. / **Lamentavelmente** a seleção brasileira de futebol não ganhará a Copa de 2014.*

O fato é que todo discurso está repleto de intencionalidades. O estudo dos modalizadores terminados em **-mente** é apenas uma pequena parte de todo um estudo do que se convencionou chamar "análise do discurso", matéria vista em Faculdades de Letras. Como estamos no capítulo de advérbios, trate de aprender sobre a modalização do discurso por meio dos advérbios.

Segundo os estudos de Castilho & Castilho, Maria Helena de Moura Neves e Christiana Lourenço Leal, vejamos as classes de advérbios modalizadores – modalidade epistêmica, deôntica, persuasiva e afetiva/atitudinal (os julgamentos de valor):

1) Modalização epistêmica: expressa uma avaliação sobre o valor de verdade do que se diz. Compreende três subclasses:

– **Advérbios asseverativos**: normalmente conhecidos como advérbios de afirmação pela gramática tradicional, indicam que o falante considera verdadeiro o conteúdo do que se diz, numa afirmação ou numa negação: *realmente, evidentemente, naturalmente, efetivamente, fatalmente, certamente, absolutamente*, claro, certo, lógico, sem dúvida, mesmo, indubitavelmente* etc.*; de jeito nenhum, de forma alguma, de modo algum, absolutamente** etc.

– **Advérbios quase asseverativos**: normalmente conhecidos como advérbios de dúvida, pela gramática tradicional, indicam que o falante considera quase certo (relativiza) o conteúdo do que se diz; muitas vezes a intenção é "camuflar" um ponto de vista, abrandando o verdadeiro intento do enunciador: *talvez, assim, possivelmente, provavelmente, (não) propriamente, eventualmente, supostamente* etc.

– **Advérbios delimitadores**: normalmente conhecidos como advérbios de modo, estabelecem os limites dos quais se deve encarar o conteúdo do que se diz: *quase, um tipo de, uma espécie de, geograficamente, biologicamente, basicamente, humanamente, linguisticamente, praticamente, principalmente, sobretudo* etc. Quando se referem a uma ciência ou a um ser são parafraseáveis por "*do ponto de vista* + adjetivo": *do ponto de vista geográfico/biológico/humano...* Neste último caso, constitui estratégia do autor para orientar o interlocutor no processo de leitura do que será dito.

2) Modalização deôntica: normalmente conhecidos como advérbios de modo pela gramática tradicional, indicam que o falante considera obrigatório ou necessário o conteúdo do que diz: *obrigatoriamente, necessariamente, indispensavelmente, forçosamente* etc.

3) Modalização persuasiva: normalmente conhecidos como advérbios de intensidade pela gramática tradicional, realçam algo que já é de conhecimento geral de modo a convencer o interlocutor da veracidade do que está sendo dito: *completamente, totalmente, extremamente, altamente, obviamente, absolutamente* etc.

4) **Modalização afetiva**: normalmente conhecidos como advérbios de modo pela gramática tradicional, expressam tão somente a opinião emotiva do falante em face do que ele diz: *felizmente, infelizmente, curiosamente, surpreendentemente, espantosamente, agradavelmente, sinceramente, francamente, lamentavelmente, estranhamente, principalmente/sobretudo* (indica uma hierarquia subjetiva de valores: "Tudo isso graças, **principalmente**, aos nossos políticos demagogos.").

Existem alguns advérbios, chamados de **focalizadores**, que ainda não foram sistematicamente contemplados pela gramática tradicional. Não obstante, eles existem e servem para focalizar, realçar uma expressão dentro da frase: *especialmente, especificamente, propriamente, principalmente, exatamente, justamente, unicamente, meramente, sobretudo* etc.

Cuidado!!!

1) **Os modalizadores afetivos são os que eu mais vi cair em prova de concurso**. Os demais são vistos como advérbios de afirmação (asseverativo), dúvida (quase asseverativo), modo (delimitador e deôntico) e intensidade (persuasivo).

2) Veja três questões sobre modalização!

21. (FAB – EEAR – Sargento – 2002) A maioria dos advérbios terminados em *-mente* são classificados como advérbios de modo. Quando aplicados ao texto, pode-se descobrir mais da relação que estabelecem com os termos da oração. Desse modo, relacione a coluna A com a coluna B, de acordo com o que se pede.

A

I. advérbio caracterizando finalidade descritiva

II. advérbio caracterizando juízo de valor

III. advérbio caracterizando avaliação de quem fala

IV. advérbio caracterizando um critério

B

( ) Lamentavelmente, não teremos como concluir os preparativos da festa no prazo previsto.

( ) "A noite obscenamente acesa/Sobre meu país dividido em classes." (Ferreira Gullar)

( ) Em primeiro lugar observemos o avô. Igualmente, lancemos um olhar para a avó.

( ) Sofregamente, o homem vertia na boca a água que lhe escorria pelo pescoço, pelo corpo, como a matar também a sede da alma.

A sequência correta será:

a) IV – II – III – I;

b) III – I – II – IV;

c) II – IV – I – III;
d) III – II – IV – I.

Comentário: A letra D é o gabarito. Segundo Pasquale Cipro Neto, "a caracterização dos advérbios pode ter finalidade descritiva, procurando representar objetivamente os dados da realidade. Quando se diz, por exemplo, que todos estavam 'dormindo profundamente', descreve-se a maneira intensa como todos dormiam. A caracterização adverbial pode, no entanto, indicar a subjetividade de quem analisa um evento: o advérbio deixa de ter papel descritivo e passa a traduzir sentimentos e julgamentos de valor de quem escreve ou fala". Há finalidade descritiva em "Em primeiro lugar observemos o avô. Igualmente, lancemos um olhar para a avó" e "Sofregamente, o homem vertia na boca a água que lhe escorria pelo pescoço,
pelo corpo, como a matar também a sede da alma". Há tradução de sentimentos e julgamentos de valor de quem escreve ou fala em "Lamentavelmente, não teremos como concluir os preparativos da festa no prazo previsto" e "A noite obscenamente acesa/Sobre meu país dividido em classes" (Ferreira Gullar).

3. (UERJ – 1º Exame de Qualificação – Vestibular – 2004) "Já se sentiu vítima de algum tipo de marginalização e/ou discriminação dentro de sua universidade?" "Infelizmente, devo dizer que sim."

O advérbio **infelizmente**, na resposta do entrevistado, exprime um ponto de vista ou julgamento a respeito dos fatos relatados. A alternativa cujo elemento sublinhado desempenha essa mesma função é:

(a) "Já se sentiu vítima de algum tipo de marginalização (...)?"
(b) "que pertencem ao mesmo partido político etc. e que se apóiam mutuamente."
(c) "Mas, verdade seja dita, trata-se de uma hostilidade"
(d) "e continua apoiando as reformas que instituí em minha gestão."

Comentário: O gabarito é a letra C, pois assim como *infelizmente* expressa uma emoção ou ponto de vista sobre um fato, a expressão *verdade seja dita* representa o ponto de vista do enunciador com relação à discriminação (= hostilidade). As demais não expressam nenhuma opinião ou sentimento.

28. (NCE/UFRJ – Eletronorte – Assistente Administrativo – 2006) De todos os advérbios em *-mente* abaixo sublinhados, o que apresenta valor semântico distinto dos demais é:

a) "extremamente promissoras"; (Gabarito!)
b) "eticamente inaceitável";
c) "igualmente descartada";

d) "o saldo final é, modestamente, bem positivo";
e) "levar os parlamentares a recuar rapidamente".

Comentário: Além de já ter sido falado que nem todo advérbio modificador de adjetivo é de intensidade, note mais detalhes nessa questão: A: Intensidade. B: Modo (pela visão tradicional da gramática normativa) / modalizador epistêmico (delimitador). C: Modo. D: Modo (pela visão tradicional da gramática normativa) / modalizador afetivo. E: Modo. Pelo menos a banca foi contra a visão tradicional de que advérbio ligado a adjetivo é só de intensidade.

O Que Cai Mais na Prova?

Apesar de não ser recorrente em prova, como pronome, verbo e conjunção, tudo pode cair sobre advérbio. Portanto, o *bizu* é estudar *tudão* – preocupe-se mais atentamente com a **identificação, seus valores circunstanciais e discursivos**, ok? Ah! As bancas de grande expressão não tratam muito de advérbio e, quando o fazem, é dentro de concordância nominal. Fique atento!

Questões de Concursos

1. (FUNIVERSA – APEX – Analista Sênior – 2006) "A **tão** difícil arte de amar bonito" / "Talvez seja **tão** simples, tolo e natural". A respeito das palavras destacadas, assinale a alternativa correta.
   a) As duas são advérbios e modificam adjetivo.
   b) As duas são advérbios e modificam verbo.
   c) As duas são advérbios e modificam outro advérbio.
   d) As duas são adjetivos.
   e) As duas são pronomes de intensidade.

***Tal** como está organizada, a sociedade gira em torno do mercado, de acordo com um sistema que alguns chamam de "economia de mercado", e outros, de "capitalismo".*

2. (FGV – SERC/MS – Fiscal de Rendas – 2006) A palavra **Tal** classifica-se como:
   a) adjetivo;
   b) advérbio;
   c) conjunção;
   d) pronome demonstrativo;
   e) pronome relativo.

Fragmento de texto

Para muita gente, esta é a semana mais difícil do ano. Você volta das férias, tenta se adaptar de novo à rotina e já pressente as surpresas que vai ter ao receber a conta do cartão de crédito. Quando se dá conta, é mais uma vítima da depressão pós-viagem. Eu só conheço uma maneira de sair dessa: começar a pensar já na próxima. Não, não é cedo demais. (...)

3. (MP-RJ – Técnico Administrativo – 2007) "Não, não é cedo demais". O uso duplo da palavra negativa nesse trecho tem a finalidade de:

a) responder de modo peremptório a uma pergunta anteriormente expressa;
b) contradizer um argumento levantado pelo próprio autor;
c) reforçar o tom de diálogo com o leitor, já introduzido no texto;
d) negar uma opinião contrária expressa na frase anterior;
e) chamar a atenção do leitor para o caráter ambíguo do que é dito.

Fragmento de texto

(...) Ao contornar a ilha principal em busca do Ninhal das Fragatas, nosso ponto de ancoragem, demos de cara com a exuberância da fauna, uma espécie de "Galápagos" do litoral paulista. (...)

4. (MP-RJ – Técnico Administrativo – 2007) No segundo parágrafo, o autor emprega a expressão "demos de cara", forma popular que transmite a ideia de que a ação descrita ocorreu:

a) subitamente;
b) furtivamente;
c) favoravelmente;
d) efemeramente;
e) mormente.

Fragmento de texto

Nos últimos cinquenta anos, a população mundial mais do que dobrou, indo de 2,5 bilhões (1950) para 6 bilhões (2000). Durante esse mesmo período, a industrialização permitiu que o consumo aumentasse exponencialmente; como consequência, a poluição e o lixo também aumentaram. (...)

5. (MP/RJ – Técnico Superior Administrativo – 2007) A ideia que a palavra "exponencialmente" expressa está mantida em:

a) inversamente;
b) irreversivelmente;
c) intensamente;
d) minimamente;
e) adequadamente.

6. (MP/RJ – Técnico Superior Administrativo – 2007) "Dos três irmãos, dois fazem parte de um grupo cada vez mais comum na família brasileira contemporânea."

Assinale a única opção em que a palavra "mais" está empregada com o mesmo valor gramatical da frase acima:

a) Eu espero por você o tempo que for; nós vamos estar juntos mais uma vez.
b) Não tenho mais dinheiro, atraso o aluguel, não compro alimento.

c) Estou tão cansado, mas não pra dizer que não acredito mais em você.
d) Espero que aquela jura não tenha ido para mais ninguém.
e) E quando o inverno tristonho chegar, mais amor eu vou ter pra lhe dar.

Fragmentos de texto

*A crise do sistema financeiro internacional, que ameaça lançar o mundo numa **profunda** recessão, revela a importância do papel do governo no funcionamento da economia em diferentes dimensões, sobretudo na promoção de uma **melhor** operação dos mercados, da estabilidade e do crescimento econômico. Entretanto, **após** algumas décadas de excessivo crescimento dos gastos governamentais e da crise financeira que se abateu sobre inúmeros governos... (...) Em primeiro lugar, não estão em xeque as inegáveis e insubstituíveis virtudes que os mercados possuem quando funcionam de maneira mais **livre**, sem interferências externas, na alocação dos recursos. (...) Certamente essas frases devem nos deixar **algo** perplexos...*

7. (FGV – Senado Federal – Analista de Informática Legislativa – 2008) Assinale a alternativa em que a palavra indicada, no texto, se classifique como advérbio.
a) livre.
b) profunda.
c) melhor.
d) algo.
e) após.

8. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O enunciado "aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção" contém pressuposto introduzido pelo advérbio ***já***.

Fragmentos de texto

*(...) A fascinação de sua pessoa e 'oeuvre' **só** deixou a alternativa... (...) Nenhuma das intuições desse pensador inesgotável apresentava-se como mera intuição. O sujeito, a quem pessoalmente cabiam todas as experiências fundantes que a filosofia oficial contemporânea apenas discute de modo formal, parecia ao mesmo tempo não ter nenhuma participação nelas, **mesmo porque** a sua maneira, sobretudo a arte da formulação instantânea – definitiva –, também se despojou do que, no sentido tradicional – é espontâneo e esfuziante (...)*

9. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) Considerado o contexto, qual afirmação abaixo está correta?
I. O emprego de *só* traz implícita uma ideia de exclusão.
II. O advérbio *mesmo*, em *mesmo porque*, introduz retificação acerca do afirmado anteriormente.

10. (IESES – TJ – Analista Judiciário – 2009) Assinale a alternativa INCORRETA, em relação ao vocábulo <u>mesmo</u> / <u>mesma</u>.

a) A norma culta da língua rejeita o mencionado vocábulo na substituição de pronomes pessoais, como em *O grupo formado por índios, portugueses e africanos influenciou a culinária maranhense e somos agradecidos ao mesmo*.
b) Em *As cerâmicas maranhenses chegam mesmo a ser vendidas no exterior* o vocábulo é advérbio e equivale a *até*.
c) Em *um aluno sem a mesma base precoce* o vocábulo acompanha o substantivo; é adjetivo e equivale a *idêntica*.
d) Está correta a frase: *O Bumba Meu Boi é manifestação folclórica diferente das demais do país; a mesma é mais espetacular.*

11. (IESES – TJ – Comissário de Justiça da Infância e da Juventude – 2009) (Adaptada) Qual afirmação abaixo está incorreta?
I. Além disso é advérbio e corresponde a Outrossim.
II. Não ocorrerá alteração no sentido e na estrutura da frase, se a expressão Na realidade (... oferecem garantia de transporte gratuito... Na realidade, o transporte é feito por ônibus em péssimas condições de conservação...) for substituída por Realmente.

12. (IESES – TJ – Comissário de Justiça da Infância e da Juventude – 2009) (Adaptada) Em relação à análise dos termos em destaque desta frase: *Muitas vezes, aqueles que reclamam das condições, ou tentam fugir, são vítimas de surras*, está correta ou incorreta a afirmação abaixo?
– A expressão de surras é uma locução adverbial de modo.

13. (Cespe/UnB – CEHAP – Auxiliar de Serviços Administrativos – 2009) Quanto à classificação e ao emprego das palavras no texto, assinale a opção correta.
a) No trecho "ela ganhou carisma e visibilidade", a palavra 'carisma" é um adjetivo.
b) Na oração "A liberdade e a responsabilidade são nossas", o termo 'nossas' é uma interjeição.
c) Na expressão "falar mais de amor" o vocábulo 'mais' indica intensidade.
d) Em "Valéria sabe da influência que exerce sobre uma geração", o termo 'exerce' é um verbo no futuro.

Fragmentos de texto
"... nos dias de folia carnavalesca, onde a ingestão de bebidas alcoólicas se eleva..."
"... solicito... a presença... na praça do DI, reduto dos foliões mais intempestivos, onde se verificam muitas ocorrências..."

14. (Cespe/UnB – DETRAN/DF – Auxiliar de Trânsito – 2009) Considerando-se as duas ocorrências do advérbio 'onde', primeiro e terceiro parágrafos do documento, apenas na primeira se respeitam as normas do padrão escrito formal da língua portuguesa para o emprego desse advérbio.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Aproveito o ensejo para manifestar-lhe também, outrossim, a intenção de retomar..."

15. (Cespe/UnB – DETRAN/DF – Analista de Trânsito – 2009) No segundo parágrafo, o advérbio "outrossim", frequente em expedientes oficiais, está empregado de forma redundante por estar antecedido do advérbio "também".
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

Consultado por um discípulo sobre as forças dominantes dos destinos dos homens, o grande sábio Pitágoras respondeu: "Os números governam o mundo!". Realmente. O pensamento mais simples não pode ser formulado sem nele se envolver, sob múltiplos aspectos, o conceito fundamental do número. (...)

16. (Cespe/UnB – INMETRO – Todos os Cargos – 2009) Por meio do advérbio "Realmente", o autor do texto exprime concordância com o enunciado de Pitágoras citado no primeiro parágrafo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

Quando as caravelas atracaram nas límpidas águas e areias do litoral brasileiro, que em pequena distância parecia infinito, algo impressionou ainda mais aqueles inegáveis exploradores: uma enorme ***muralha verde*** *parecia proteger aquelas terras.* ***Densas árvores****,* ***rica fauna****... Algo jamais visto, algo jamais imaginado. Aos poucos, os portugueses perceberam que* ***ali*** *estava a* ***verdadeira riqueza daquela terra*** *recém-conquistada. (...)*

17. (Cespe/UnB – ANTAQ – Técnico em Regulação – 2009) O advérbio "ali" situa na "muralha verde", constituída de "Densas árvores" e de "rica fauna", a "verdadeira riqueza daquela terra".
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Esaf – MF – Assistente Técnico (Administrativo) – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O advérbio "mutuamente" significa: reciprocamente.

19. (Esaf – MF – Assistente Técnico (Administrativo) – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– "Inexoravelmente" é advérbio derivado de *inexorável*, adjetivo que significa: *inadvertido*.

20. (Cespe/UnB – UERN – Técnico de Nível Superior – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
I. O advérbio "displicentemente" tem sentido equivalente a **com disciplina**, expressão que pode substituí-lo corretamente no texto.
II. A palavra "bastante", em "que são bastante comuns em quintais", classifica-se como adjetivo; por isso, poderia ser corretamente flexionada no plural.

Fragmento de texto

(...) "Até umas três gerações atrás, boa parte da sustentação emocional e material das pessoas vinha dos familiares. Hoje convivemos muito mais com amigos e desconhecidos..." (...)

21. (FCC – DPE/SP – Agente de Defensoria – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O emprego da preposição *Até* indica um limite de tempo, que se opõe à afirmativa introduzida pelo advérbio *Hoje*.

22. (FUNIVERSA – MTUR – Agente Administrativo – 2010) O termo "mais", usado em "O *mais* renegado dos sete pecados capitais e uma emoção inerente à condição humana, por mais difícil que seja confessá-la.", tem o mesmo valor semântico e morfológico na frase.
a) Não aguentava mais tanto barulho.
b) E que tudo o mais vá pro inferno!
c) Cinco mais dois são sete.
d) Sem mais nem menos, ela sumiu.
e) Com a chegada do irmão, ela ficou mais nervosa.

Fragmentos de texto

(...)

– Enfermeiro, eu preciso voltar urgente para o meu escritório, porque tenho um meeting importantíssimo. Aliás, acho que fui trazida para cá por engano, porque meu convênio médico é classe A, e isto aqui está me parecendo mais um pronto-socorro. Onde é que nós estamos?

(...)

... dali a uma semana, ela iria receber o bônus anual, além de estar fortemente cotada para assumir a posição de presidente do conselho de administração da empresa. E foi aí que o interlocutor sugeriu:

– Talvez seja melhor você conversar com Pedro, o síndico.

– É? E como é que eu marco uma audiência? Ele tem secretária?

– Não, não. Basta estalar os dedos, e ele aparece.

– Assim (...)?

– Pois não?

(...)

Logo, com seu brilhante currículo tecnocrático, a executiva poderia rapidamente assumir uma posição hierárquica, por assim dizer, celestial ali na organização...

23. (FUNIVERSA – SEPLAG-DF – Analista (ADM.) – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
I. O advérbio indica lugar em todas as seguintes passagens: "fui trazida para cá"; "e isto aqui está me parecendo"; "E foi aí que o interlocutor sugeriu"; "ali na organização".
II. O "não" (Pois não?) é um advérbio com valor semântico de negação, assim como o **não** repetido (Não, não...).

24. (FUNIVERSA – SEPLAG-DF – Analista (ADM.) – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O advérbio na construção "reagiu rapidinho" foi usado de acordo com a norma padrão da língua portuguesa, com flexão de diminutivo.

Fragmento de texto

Era uma menina morena que chorava muito, ainda com o cordão umbilical, embrulhada em uma sacola de papel.

25. (FUNIVERSA – SEJUS/DFT – Ciências Contábeis – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A substituição de "ainda" por **ainda que** modifica o sentido da frase em que se insere, porque, no original, o vocábulo "ainda" tem valor de tempo e, na reescrita, passa a estabelecer uma relação de oposição, de concessão.

26. (FUNIVERSA – SEJUS/DFT – Ciências Contábeis – 2010) A palavra "ainda" em "A entidade também relata as condições das prisões já divulgadas por meio dos mutirões do CNJ e o crescente número de prisões de pessoas acusadas de delitos menores e inocentes. É considerado grave **ainda** o fato de as detenções gerarem facções criminosas" está empregada com o mesmo sentido na frase:

a) Estou preocupado com Jairo: ele **ainda** não voltou.
b) Você **ainda** vai ser feliz, tenho certeza.
c) Ninguém acreditou, mas o pássaro **ainda** voava até aquela hora.
d) A jovem recebeu acusações injustas e, **ainda**, foi impedida de se explicar.
e) Não tinha muito tempo; **ainda** assim foi visitar a mãe doente.

27. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2010) O termo destacado expressa uma circunstância de causa em:

a) "entretanto, **pelas inseguranças, medos e raivas**,"
b) "...que impactam **pelo resto da vida**,"
c) "**No direito e na medicina** isso é mais complexo,"
d) "pode ser perfeitamente aplicável **daqui a um tempo**."
e) "...e, **com absoluta certeza**,"

28. (FUNDEP – Pref. Nova Lima – Assistente Social – 2010) "Não ficamos nas preposições, <u>fomos igualmente aos advérbios</u>". Assinale a alternativa em <u>que</u> se flexionou indevidamente, segundo o texto, um advérbio:

a) "[...] a língua é viva e muda o tempo todo." / [...] a língua é viva e muda toda hora;
b) "[...] a qualquer pretexto [...]" / [...] sob quaisquer pretextos;
c) "Afinal, bastante gente fala assim." / Afinal, bastantes pessoas falam assim;
d) "[...] o fato está todo escancarado para qualquer um ver." / [...] a coisa está toda escancarada para qualquer um ver.

29. (AOCP – Pref. Camaçari – Procurado Municipal – 2010) Em "<u>Além disso</u>, foram eliminados órgãos equivalentes às diretorias regionais de ensino.", a expressão destacada:

a) introduz uma explicação;
b) reitera um argumento citado;
c) aponta para uma conclusão;
d) adiciona um argumento;
e) aponta para uma causa.

30. (Vunesp – Fundação Casa – Agente Administrativo – 2010) Em – No Brasil, *talvez* mais que em outros países,... – o advérbio em destaque expressa sentido de:
a) causa;
b) afirmação;
c) negação;
d) modo;
e) dúvida.

Fragmentos de texto

(...) Nem todas as palavras representam "coisas" do mundo exterior à linguagem: palavras puramente gramaticais como preposições, conjunções e artigos são o cimento que une os tijolos da comunicação, como substantivos, adjetivos, verbos e advérbios. Estes são chamados de palavras lexicais, cheias ou exteroceptivas porque nos remetem ao "mundo", a vivências físicas ou mentais que abstraímos e guardamos na mente sob a forma de conceitos. ***Já*** *as palavras gramaticais são chamadas de vazias ou interoceptivas porque não representam conceitos, só exercem funções na própria língua, como conectar ou substituir palavras cheias. (...) Trata-se de constatar que não podemos conhecer o mundo em que vivemos sem a mediação dos signos. Alguns filósofos chegaram mesmo a supor que a própria realidade é uma ilusão criada pela linguagem e,* ***portanto****, o conhecimento em si é simplesmente impossível.* ***Aliás****, as únicas formas de conhecimento* a priori*, que independem da experiência, são a lógica e a matemática, justamente dois exemplos de linguagem formal.* ***Ou seja****, podemos lidar com a linguagem sem a realidade, mas não podemos lidar com a realidade sem a linguagem.*

31. (FADESP – SESPA/PA – Médico – 2010) Quanto às relações coesivas, é **incorreto** afirmar que o(a):
a) conjunção "portanto" sinaliza uma conclusão;
b) expressão "ou seja" retifica a informação anterior;
c) advérbio "aliás" introduz um elemento importante ao raciocínio do autor;
d) vocábulo "já" introduz, na explanação do autor, um elemento novo que se opõe ao anterior.

32. (FEC – MPA – Agente Administrativo – 2010) O advérbio em ***-mente*** que traduz uma atitude ou estado psicológico do autor diante do fato por ele enunciado encontra-se na alternativa:
a) Atualmente, tenho ido pescar na região de Ubatuba, em São Paulo.
b) Seguramente, tiveram tempo para embarcar ao menos duas ou três dezenas de peixes.
c) Felizmente, sabemos que a enchova é uma espécie que não corre risco de extinção.
d) Aparentemente, só trinta exemplares.
e) Principalmente quando se sabe que, no que depender da "colheita" feita por você nesse dia, ainda haverá bastante peixe para a próxima pescaria.

33. (FUNDEP – TJ/MG – Oficial de Apoio Judicial – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– "Todos estão ameaçados nesta bolota azul em que vivemos. Logo, repudiar a violência é tarefa comum." – O termo grifado é advérbio de tempo.

34. (ADVISE – SESC/SE – Biblioteconomista – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

*O material didático **mais** barato que existe na praça é o professor.*

– A palavra destacada na frase pertence à seguinte classe de palavra: advérbio.

Fragmento de textos

*(...) As operações de importação e exportação sofreram um impacto positivo **muito** grande...*

*(...) A informatização no segmento de comércio exterior é inevitável, **crescente** e, principalmente, **abrangente**. Integridade, agilidade e confiabilidade das informações, controle dos processos e acompanhamento detalhado das etapas de importação e exportação são benefícios da utilização dos* softwares, *que refletem diretamente em redução de custos, eliminação de erros, e **consequentes** multas...*

35. (MOVENS – MDIC – Tecnologia da Informação – 2010) A palavra "praticamente" está empregada no texto com valor adverbial, assim como o vocábulo:

a) "crescente";
b) "abrangente";
c) "consequentes";
d) "muito".

36. (UERJ – 1º Exame de Qualificação – Vestibular – 2011) As palavras classificadas como advérbios agregam noções diversas aos termos a que se ligam na frase, demarcando posições, relativizando ou reforçando sentidos, por exemplo. O advérbio destacado é empregado para relativizar o sentido da palavra a que se refere em:

a) *utilizá-las em história presumivelmente verdadeira?*
b) *Certamente me irão fazer falta,*
c) *Afirmarei que sejam absolutamente exatas?*
d) *desenterrarmos pacientemente as condições que a determinaram.*

Fragmentos de texto

*(...) **Muitas vezes**, emprega-se a palavra direito em sentido axiológico como sinônimo de justiça. (...)*

*(...) **De fato**, as normas jurídicas representam as limitações impostas (...) **Assim sendo**, a saúde, definida como direito, deve inevitavelmente conter aspectos sociais e individuais. (...) Essa é a razão das normas jurídicas que obrigam à vacinação, ao tratamento, e **mesmo** ao isolamento de certas doenças.*

37. (MP-RS – Assessor – Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais – 2011) Assinale com **V** (verdadeiro) ou **F** (falso) as afirmações abaixo, relativas ao sentido contextual de palavras e expressões do texto.

( ) A expressão ***Muitas vezes*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **Não raro**.
( ) A expressão ***De fato*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **Com efeito**.
( ) A expressão ***Assim sendo*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **De todo modo**.
( ) A palavra ***mesmo*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **igualmente**.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:

a) F – V – F – V;
b) V – V – F – F;
c) V – F – F – V;
d) F – F – V – V;
e) V – V – V – F.

Fragmentos de texto

*... é certo que a adoção, na prática, dessa possibilidade vem se dando de forma **bastante** tímida, muito em razão das inúmeras...*

*...discussões sobre a ampliação legal do rol das possibilidades desse tipo de responsabilização penal ganhem cada vez **mais** espaço no Brasil.*

*...ciclos de debates acerca dos instrumentos de controle da administração empresarial, promovidos por empresas que pretendem implementar, o quanto **antes**, práticas administrativas voltadas à prevenção de qualquer tipo de responsabilidade penal. Dessa realidade legal e da tendência político-criminal que dela se pode inferir, ganham importância, no espectro de preocupação não **só** das empresas estrangeiras situadas no Brasil...*

*... sob pena de serem responsabilizadas **penal** e administrativamente. (...)*

38. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor – 2011) Assinale a palavra que, no texto, **NÃO** tenha valor adverbial.

a) mais.
b) bastante.
c) penal.
d) só.
e) antes.

Fragmento de texto

*Um dia, um grupo de marketing e finanças foi visitar uma de nossas fábricas. No meio da estrada, a van da empresa pifou. Como isso foi antes do advento do milagre do celular, o jeito era confiar no especialista, o Cleto, motorista da van. E **aí** todos descobriram que o Cleto falava inglês, tinha noções de informática e possuía energia e criatividade. Sem mencionar que estava fazendo pós-graduação. **Só** que não sabia nem abrir o capô.*

39. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal – 2011) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

I. A palavra "aí", de acordo com seu emprego, vale por *naquele lugar.*
II. A palavra "Só" pode ser corretamente permutada por *Somente*.

40. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal (Transp.) – 2011) (Adaptada) Sobre o trecho *A leitura, disparado, é a melhor forma de exercitar a memória*, a afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A construção do texto não seria aceita sob a ótica gramatical ou semântica caso fosse substituído o termo "disparado" por **em alta velocidade**.

41. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "...e **às vezes** lhe passava um recado ou uma correspondência." / "isso existe **às pampas**."

Quais as locuções destacadas que encerram, respectivamente, as mesmas circunstâncias das destacadas nos trechos transcritos acima?

a) **Aos poucos,** ele ia percebendo que não precisava mais dela. / Nada **em volta** causava mais surpresa.
b) Saiu **às pressas** porque tinha um compromisso. / **De vez em quando,** é preciso repensar as estratégias.
c) Vá **em frente** que você encontrará o que procura. / **De modo algum** aceitarei a proposta feita pelo meu superior.
d) **Em breve,** estarei terminando de escrever minha biografia. / Trabalhou **em excesso** para apresentar seu projeto final.
e) A notícia chegou **de súbito** causando, assim, um grande impacto. / **Hoje em dia,** as pessoas pensam mais nelas próprias.

42. (Cesgranrio – CITEPE – Supervisor de Produção Têxtil – 2011) Em "Diz **ainda** a lenda que a imperatriz fez um fino manto de seda para o imperador.", o elemento destacado é um conector de:

a) inclusão;
b) oposição;
c) comparação;
d) explicação;
e) retificação.

Fragmento de texto

(...) O menor problema do Brasil é se sua economia passará a do Reino Unido, como a mídia britânica noticiou. Um defeito grave por aqui continua sendo a falta de valores civilizatórios – e nenhum sinal de melhora desse cenário no médio prazo. (...)

43. (Vunesp – Pref. Sorocaba/SP – Procurador – 2012) Analise as afirmações.

I. Na oração – ... parei **ontem** em frente à rodoviária de Brasília. – (1.º parágrafo), o advérbio em destaque é indicativo de tempo passado.
II. Na oração – ... o Brasil termina este ano como a 6.ª maior economia **do mundo**. – (1.º parágrafo), a expressão em destaque está empregada com valor adverbial, indicativa de lugar.
III. Na oração – Um defeito grave por **aqui** continua sendo a falta de valores civilizatórios... – (2.º parágrafo), o advérbio em destaque refere-se à cidade de Brasília.

Está correto o que se afirma em:

a) I, apenas;
b) II, apenas;
c) I e III, apenas;
d) II e III, apenas;
e) I, II e III.

44. (Vunesp – UNESP – Advogado – 2012) O emprego da palavra **meio**, como no trecho – ... em linhos de um meio-dia. –, repete-se, com o mesmo sentido, em:

a) Ele encontrou na aspirina um meio de se livrar da dor de cabeça.
b) O poeta tomou apenas meio comprimido de aspirina e sentiu-se aliviado.
c) A indústria farmacêutica anda meio apurada com tanta demanda de remédios.
d) Em meio à acirrada discussão, saiu do encontro com dor de cabeça.
e) As pessoas ficam meio dependentes dos efeitos químicos da medicação.

45. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Leia:

*"Viramundo **estranhamente** se recusava a comer. Afastara-se e contemplava **em silêncio** a paisagem. Havia nela algo **vagamente** familiar."*

Os advérbios destacados acima indicam, respectivamente, as circunstâncias de:

a) modo, intensidade, finalidade;
b) negação, lugar, intensidade;
c) modo, modo, intensidade;
d) negação, modo, negação;

Gabarito

1. A.	10. D.	19. INCORRETO.	28. D.	37. B.
2. B.	11. II.	20. I. INCORRETA. II. INCORRETA.	29. D.	38. A.
3. C.	12. INCORRETO.	21. CORRETO.	30. E.	39. I. INCORRETA. II. INCORRETA.
4. A.	13. C.	22. E.	31. B.	40. CORRETO.
5. C.	14. ERRADO.	23. I. INCORRETA. II. INCORRETA.	32. C.	41. D.
6. C.	15. CERTO.	24. INCORRETO.	33. INCORRETO.	42. A.
7. D.	16. CERTO.	25. CORRETO.	34. CORRETO.	43. A.
8. CORRETO.	17. CERTO.	26. D.	35. D.	44. B.
9. I.	18. CORRETO.	27. A.	36. A.	45. C.

Capítulo 14

Preposição

Definição

Do ponto de vista semântico, a preposição estabelece determinadas relações de sentido, mas tudo dependerá do contexto, pois, em tese, elas são vazias de sentido fora de contexto. Note como o sentido da frase vai mudar com o uso diverso de preposição:

– *Falou **a** Lucas.*
– *Falou **ante** Lucas.*
– *Falou **após** Lucas.*
– *Falou **com** Lucas.*
– *Falou **contra** Lucas.*
– *Falou **de** Lucas.*
– *Falou **em** Lucas.*
– *Falou **para** Lucas.*
– *Falou **perante** Lucas.*
– *Falou **por** Lucas.*
– *Falou **sem** Lucas.*
– *Falou **sobre** Lucas.*

Obs.: Não é em todo contexto que a preposição pode apresentar sentido. Às vezes, a preposição não tem sentido algum, servindo como mero elemento conector.

Do ponto de vista morfológico, a preposição é uma palavra invariável que tem o papel de conector (ou conectivo), isto é, cumpre a função de ligar palavras entre si, palavras a orações ou orações entre si.

– ***Até*** *amanhã, vou ficar* ***em*** *Paris.**

– *Sairemos* ***com*** *você hoje.*

– *Ai* ***de*** *mim!*

– *Quem* ***de*** *nós dois...*

– *Estudo muito Português* ***para*** *passar logo!*

* Às vezes, a preposição não fica exatamente entre duas palavras ou orações, podendo iniciar uma frase. Na ordem direta, seria: "Vou ficar **até** amanhã em Paris.". Nota-se, portanto, que o deslocamento da preposição só se deu porque o adjunto adverbial *até amanhã* pode ficar deslocado na frase. Muitas expressões iniciadas por preposição podem ficar deslocadas na frase, ok? Isso é comum!

Do ponto de vista sintático, a preposição nunca exerce função sintática, mas participa no sistema de transitividade, introduzindo complementos (verbais ou nominais), ou na construção de adjuntos (adnominais ou adverbiais). Muitos verbos, substantivos, adjetivos e advérbios exigem complemento preposicionado, por isso ela é um conectivo subordinativo:

– *Não concordo* ***com*** *atitudes precipitadas.*

– *Tenho admiração* ***por*** *quem é solidário.*

– *Bebida alcoólica é imprópria* ***para*** *menores.*

– *Paralelamente* ***às*** *apresentações, o cantor se destacou.*

Obs.: O papel da preposição é subordinar um termo a outro. Logo, o primeiro termo (anterior à preposição) é o subordinante, e o segundo termo (posterior à preposição) é o subordinado.

Pois bem... para entendermos todas as definições de preposição, vamos analisar esta frase:

***Desde* o ano passado, decidi estudar *por* videoaulas, pois simpatizei *com* o método.**

Note que os vocábulos ***Desde***, ***por*** e ***com***

1) **indicam** uma ideia de **tempo** (desde) e **meio** (por), respectivamente; *com* nada significa, no contexto;
2) **não variam**;
3) **participam** na construção dos adjuntos adverbiais de tempo (*Desde o ano passado*) e de meio (*por videoaulas*); no sistema de transitividade do verbo simpatizar, exige objeto indireto iniciado pela preposição *com* (*com o método*).

Identificação

Identificar uma preposição é fácil. Basta, primeiro, decorar as preposições – que são poucas! – e, segundo, perceber em que contextos elas aparecem.

O fato é que as preposições ligam palavras entre si, palavras a orações ou orações entre si, podendo estar entre elas ou deslocadas:

– *Devemos visar **a** cargos públicos que pagam bem.*

– ***Para** saber a verdade **sobre** esta questão, é preciso muito estudo.*

Na primeira frase, liga-se o verbo *visar* ao substantivo *cargos* pela preposição *a*. Na segunda frase, note que a preposição *para* inicia o período. Se colocássemos na ordem direta, a frase ficaria assim: "Muito estudo é preciso **para** saber a verdade sobre esta questão.", em que *para* liga o nome *preciso* à oração "saber a verdade...".

Classificação

As preposições podem ser **essenciais** ou **acidentais**.

O primeiro grupo diz respeito às preposições propriamente ditas. O segundo diz respeito a palavras que são classificadas como preposições num determinado contexto, mas que pertencem a outras classes gramaticais. Normalmente iniciam adjuntos adverbiais.

Essenciais: *a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, per, perante, por, sem, sob, sobre, trás.*

– *Cheguei **a** comentar contigo **sobre** a festa?*

– *Ali estava, **ante** seus olhos, toda a prova **de** que a acusação era caluniosa.*

– ***Após*** *todos esses anos, como você pôde me enganar* ***até*** *este ponto?*
– *Quem não está* ***com*** *ele só pode estar* ***contra*** *ele.*
– *Vieste assim* ***desde*** *o bairro* ***de*** *teus avós?*
– ***Em*** *se tratando* ***de*** *polêmicas* ***entre*** *políticos, o Brasil é o grande centro.*
– ***Para*** *mim, o réu deve comparecer* ***perante*** *o juiz tão logo.*
– ***Por*** *tudo quanto é mais sagrado, não saia* ***sem*** *proteção.*
– ***Sob*** *a água ou* ***sobre*** *ela, o anfíbio é muito veloz.*

Acidentais: *como, conforme* (ou *segundo,* ou *consoante), durante, mediante, menos, salvo (ou salvante – não usual), exceto, afora (ou fora), tirante, senão, exclusive* (sentido exclusivo ou exceptivo)*, inclusive, visto, malgrado, mesmo, que.*

– *Nós temos* ***como*** *lema Ordem, Amor e Progresso.* (= *na qualidade de* / = *por*)
– ***Conforme*** *o lucro auferido, a taxa será cobrada.* (ideia de conformidade)
– ***Durante*** *a explicação, o aluno dormia.* (ideia de tempo)
– *Só seria solto o bandido* ***mediante*** *fiança.* (ideia de meio)
– *Todos chegaram a tempo,* ***menos*** *os retardatários.* (ideia de exclusão)
– ***Salvo*** *aquela música, todo o disco é bom.* (ideia de exclusão)
– ***Exceto*** *as meninas, os meninos participaram da gincana.* (ideia de exclusão)
– ***Afora*** *seus familiares, todos o abandonaram.* (ideia de exclusão)
– *O filho era igual ao pai,* ***tirante*** *a cor dos olhos.* (ideia de exclusão; não se usa "tirando", pois é coloquialismo)
– *Do terraço, nada sentiam,* ***senão*** *uma brisa gostosa.* (ideia de exclusão)
– *Chame a todos,* ***exclusive*** *aqueles dois ali.* (ideia de exclusão)
– *Chame a todos,* ***inclusive*** *aqueles dois ali.* (ideia de inclusão)
– ***Visto*** *não ter se preparado, errou toda a sua apresentação.* (ideia de causa)
– ***Malgrado*** *a proibição do médico, o paciente comeu do bolo.* (ideia de concessão)
– ***Mesmo*** *feliz, separou-se dela.* (ideia de concessão)
– *Tenho* ***que*** *estudar mais!* (= *de*; sempre entre *ter* + infinitivo)

Cuidado!!!

1) As preposições ***per*** e ***trás*** ficaram de fora nos exemplos, pois elas caíram em desuso no estágio atual da língua. Para não dizer que deixaram de existir, ainda usamos tais vocábulos nas expressões *per si* ou *de per si* e nas expressões *por trás, para trás, por trás de.* Os linguistas dizem que as

contrações *pelo, pela, pelos, pelas* são formadas pela preposição *per* + artigo *o, a, os, as.* No entanto, como *per* é arcaísmo, pode-se dizer, sem incorreção, que tais contrações são formadas pela preposição ***por*** + artigo *o, a, os, as.*

2) Segundo Cegalla, a preposição ***após*** pode ser advérbio, acidentalmente: "Terminou a festa à meia-noite e as visitas saíram logo ***após.*** (= *atrás, depois*)".

3) A forma sincopada ***pra*** (de ***para***) é própria da língua coloquial: "Estamos aqui ***pra*** ganhar!".

4) Não confunda ***até*** (preposição) com ***até*** (palavra denotativa – ou advérbio – de inclusão): "Ninguém chegará ***até*** mim." / "Resolver este problema ***até*** eu consigo.".

5) É um fato da língua culta que, enquanto as preposições essenciais precedem os pronomes oblíquos tônicos, as acidentais precedem os pronomes pessoais do caso reto. É por isso que **não** se diz com correção gramatical "Há sinceridade **entre** eu e você.", mas sim "Há sinceridade **entre** mim e você.". Quando se diz "Todos concordam, **menos** ti.", temos aí um equívoco gramatical. O adequado seria: "Todos concordam, **menos** tu.".

6) Não me custa dizer que as preposições acidentais *conforme, segundo* e *consoante* são conjunções conformativas quando iniciam oração subordinada adverbial conformativa: "**Consoante** me disseram, ela está grávida.".

Combinações e Contrações

A **combinação** ocorre sem perda fonética, unindo-se a preposição **a** com o artigo definido *o(s)* ou com o advérbio *onde.*

– *Não resisti* ***aos*** *parques da cidade.*

– *Vou* ***aonde*** *estão as pessoas.*

A **contração** de uma preposição ocorre quando esta se junta com um artigo, pronome demonstrativo, pronome oblíquo tônico, advérbio de lugar. Há perda fonética.

– *Eu cursei o 2º grau* ***no*** *(em+o) ano 2000.*

– ***Deste*** *(de+este) ano não passa.*

– *Vote* ***nele*** *(em+ele)* ***pela*** *(per+a)* melhora da saúde!*

– ***Daqui*** *(de+aqui) ninguém me tira.*

* Como a preposição *per* é arcaica, admite-se dizer que *pelo, pela, pelos, pelas* sejam as contrações da preposição *por* com os artigos *o, a, os, as*. Veja uma questão sobre isso em CESPE/UNB – IRBR – DIPLOMATA – 2008 – QUESTÃO 54.

A **crase**, que é uma espécie de contração, ocorre quando a preposição *a* se liga a um artigo feminino ou um pronome demonstrativo iniciado por **a**.

– *Eu fui* ***à*** *(a+a) praia de Copacabana.*

– *Vamos* ***àquele*** *(a+aquele) lugar sempre.*

Cuidado!!!

Nunca é demais dizer que certas contrações não são consideradas cultas pela vasta maioria dos gramáticos:

– *Apesar* ***de o*** *progresso ter chegado à cidade, muita violência adveio disso.* (Segundo a maioria dos gramáticos, não se contrai preposição com artigo (ou pronome) antes de verbo no infinitivo. Portanto, na visão da maioria, seria incorreto dizer: "Apesar *do* progresso ter...", mesmo soando melhor.)

– *Já chamaram o lutador* ***de o*** *esportista do ano.* (Em *títulos* – o esportista do ano –, não se faz contração, por isso é que em jornais, revistas, livros, não se recomenda a contração da preposição com o artigo.)

Locução Prepositiva e Valores Semânticos

A **locução prepositiva** é o conjunto de palavras, com valor de preposição, terminado em preposição essencial. Como de costume, uma locução pode, dependendo do contexto, mudar de valor semântico, portanto não saia simplesmente decorando. Pense!

É formada normalmente por **advérbio + preposição** (*longe de, perto de, além de* etc.) ou **preposição + substantivo/advérbio + preposição** (*a par de, por detrás de, em frente a* etc.). Frequentemente iniciam adjuntos adverbiais ou orações adverbiais.

Sempre observe que há correspondência de sentido entre algumas preposições e algumas locuções prepositivas, pois isso cai muito em prova:

– *Os livros estão* ***embaixo d****a estante. = Os livros estão* ***sob*** *a estante.*

– *A mulher faz dieta* ***a fim de*** *emagrecer. = A mulher faz dieta* ***para*** *emagrecer.*

– *Seu filho está* ***dentro de*** *casa? = Seu filho está* ***em*** *casa?*
– *Ela está indo* ***de encontro a*** *meu interesse. = Ela está indo* ***contra*** *meu interesse.*
– *Não discutimos* ***acerca de*** *futebol e política. = Não discutimos* ***sobre*** *futebol e política.*
– ***Devido a****o barulho, não dormi nada. =* ***Com*** *o barulho, não dormi nada.*

Vejamos as locuções prepositivas e seus valores semânticos

Lugar: *perto de, acima de, longe de, fora de, além de, dentro de, abaixo de, atrás de, por trás de, por detrás de, através de, debaixo de, embaixo de, em cima de, defronte de, em frente de/a, à frente de, ao/em redor de, em torno de, até a, ao lado de, a par de, diante de, adiante de, em face de* (e não ***face a***; no entanto o gramático Celso P. Luft e a banca Esaf abonam tal construção, assim como ***frente a***), *ao lado de, junto de/a/com, por baixo de, por cima de, ao nível de* (é equivocada a forma a nível de).

Tempo: *perto de, dentro de, antes de, depois de, ao longo de, a partir de* (indica ponto de partida, podendo indicar quantidade), *por volta de, a cerca de* (valor aproximado), *a ponto de* (pode indicar consequência; ***ao ponto de*** é construção incorreta), *prestes a, na iminência de, em via de* (e não ***em vias de***; Bechara e Houaiss abonam o plural).

Companhia: *junto de/a/com, ao encontro de.*

Direção: *em busca de, em direção a, ao encontro de.*

Escusa: *a/sob pretexto de.*

Adição: *além de, ademais de.*

Modo: *à guisa de, à maneira de, à custa de* (Cegalla e Bechara liberam ***às custas de***).

Ciência/Conhecimento: *a par de.*

Favor/Benefício: *em prol de, em benefício de, em/a favor de.*

Concessão: *apesar de, a despeito de, sem embargo de, não obstante* (única locução não terminada em preposição).

Finalidade: *a fim de, de forma a, de maneira a, com o fim de, com o intuito de, com o fito de, com o intento de, com o escopo de, com a intenção de, com a finalidade de, com o propósito de.*

Sujeição: *sob pena de, à mercê de.*

Oposição: *em oposição a, de encontro a, ao invés de.*

Causa: *devido a, em virtude de, em vista de, graças a, em razão de, por causa de, em consequência de, em face de, em atenção a, por consideração a, em função de, por motivo de, por razões de, por conta de, mercê de, diante de.*

Envolvimento: *às voltas com.*

Atribuição: *na qualidade de, na função de, a título de.*

Assunto/Referência: *acerca de, a respeito de, com/em relação a, para com, quanto a, no campo de, na esfera de.*

Exclusão: *à exceção de, com exceção de.*

Substituição: *em lugar de, em vez de.*

Compensação: *a troco de, em troca de.*

Meio: *através de* (muito usado atualmente, mas tem sentido conotativo), *por meio de, por intermédio de.*

Dependência: *em função de.*

Conformidade: *de acordo com, em conformidade com, em obediência a.*

Cuidado!!!

1) Não confunda locução prepositiva com **acúmulo de preposições**. O Prof. Evanildo Bechara afirma que "não raro duas preposições se juntam para dar maior efeito expressivo às ideias, guardando cada uma seu sentido primitivo": *em até, de até, de sobre, de sob, por sobre, por sob, para sobre, para sob, por entre, por até, com até, até por...* O mesmo Bechara diz que *para com* é uma locução prepositiva. Cegalla vai além e diz que pode haver o conjunto **preposição + locução prepositiva**. Exemplos:

– *Passei com dificuldades* ***por entre*** *a multidão.*

– *Crianças* ***de até*** *sete anos podem brincar aqui.*

– *O atacante chutou a bola* ***por sobre*** *o gol.*

– *A lua cai* ***por sob*** *o morro.*

– *Desde a noite* ***até pel****a manhã, ele me procura.*

– *Costumamos trabalhar* ***até perto d****a meia-noite.*

– *Vá* ***para longe de*** *mim, desafeto!*

2) Há divergência gramatical nas locuções prepositivas formadas por **advérbio + preposição**, como "dentro de, perto de, longe de, diante de", pois Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Sacconi e Celso P. Luft entendem que tais expressões, na verdade, são advérbios seguidos de preposição, e não locuções prepositivas. Do ponto de vista da vastíssima maioria dos gramáticos, porém, tais expressões são, de fato, locuções prepositivas. Na

parte de complemento nominal, o gramático Manoel Pinto Ribeiro é mais taxativo ainda: "Em 'Estou perto de casa', não ocorre complemento nominal do advérbio 'perto', pois 'perto de' é locução prepositiva que introduz um adjunto adverbial de lugar.". Entenda mais na parte de *Complemento Nominal*, no capítulo de sintaxe.

3) A locução prepositiva concessiva *não obstante* (= *apesar de*) pode ser também uma locução conjuntiva adversativa (= *porém*): ***Não obstante*** *o esforço, não se classificou.* (= *apesar de*) / ***Não obstante*** *ser o melhor da turma, nunca se gabou disso.* (= *apesar de*) / *A Língua Portuguesa é muito complexa,* ***não obstante*** *ela pode se tornar fácil com treino duro.* (= *porém*). A gramática Maria Helena de Moura Neves diz que pode ser uma locução conjuntiva concessiva (= *embora*) se vier seguida de verbo no subjuntivo: ***Não obstante*** *fosse aleijado, nunca dependeu de ninguém.* Todas essas classificações caem em provas!

4) São condenadas pelos gramáticos as locuções prepositivas *frente a* ou *face a*. O único gramático (conhecido por mim) que acha ser "inócua" tal doutrina gramatical é o Cegalla. Além disso, Celso P. Luft (em *Dicionário de Regência Nominal*) e Maria Helena de Moura Neves (em *Gramática de Usos*) não parecem se opor à tal construção. Veja a visão da Esaf sobre essa locução prepositiva (Auditor-Fiscal da Receita Federal/2009):

A queda das exportações brasileiras se deveu basicamente a dois fatores: queda na demanda externa de commodities e, mais ainda, na de produtos manufaturados, situação que foi agravada pela evolução da taxa cambial, pois a valorização do real ante o dólar encareceu os bens brasileiros para os estrangeiros. (...)

Em relação ao texto, assinale a(s) opção(ões) **correta(s)**:

e) Mantém-se a correção gramatical do período e suas informações originais ao se substituir a expressão "ante o" (L.3) por qualquer uma das seguintes: **em relação ao, diante do, frente ao.**

O gabarito foi a letra E. Logo *frente a(o)* foi considerada expressão que **mantém a correção gramatical**, ou seja, **correta**! O que é mais incrível é o que o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*, recomendado pela Esaf, diz sobre esta expressão: "Sempre que a expressão *em face de* equivaler a *diante de*, é preferível a regência com a preposição *de*; **evite**, portanto, *face a, frente a*.". Caso

caia de novo uma questão como esta, fique esperto com a "melhor resposta"! Ai... a Esaf...

Valor Relacional e Nocional

As preposições com **valor relacional** são aquelas exigidas por verbos ou nomes (substantivo, adjetivo ou advérbio). Já as preposições com **valor nocional** não são exigidas por verbos ou nomes, marcam apenas relações semânticas diversas.

Obs.: Naquela velha e famigerada diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal, precisamos perceber se a preposição é relacional ou nocional. Se for relacional, CN; se for nocional, ADN: "Sou fiel **a** Deus." (quem é fiel, é fiel **a** alguém) – relacional / "O carro **do** João quebrou." (valor de posse) – nocional. Falarei melhor sobre isso em *Adjunto Adnominal* X *Complemento Nominal* (Cap. 21).

Valor Relacional

Há três tipos de relação: **necessária**, **fixa** ou **livre**.

Relação **necessária** é aquela em que preposição exigida por verbos/nomes relaciona-os a seus complementos (ou adjuntos adverbiais de lugar, no caso de verbos de movimento ou de moradia).

– *Assistia **a** vários filmes.* (preposição exigida pelo verbo assistir)
– *Voltei **de** Parati há pouco tempo.* (preposição exigida pelo verbo voltar)
– *Morei **em** lugares exóticos.* (preposição exigida pelo verbo morar)
– *Demonstre gratidão **por** isso.* (preposição exigida pelo substantivo gratidão)
– *Ficou desgostoso **com** sua equipe.* (preposição exigida pelo adjetivo desgostoso)
– *Diferentemente **de** mim, ela estuda.* (preposição exigida pelo advérbio diferentemente)

Relação **fixa** é aquela em que a preposição não é exigida por termo algum, mas aparece cristalizada em estruturas fixas da língua culta.

– ***De** tempos **em** tempos, estudo para concursos importantes.*

– *Você é velho,* ***por*** *acaso?*
– *Tenho* ***de*** *passar na prova. Hei* ***de*** *conseguir!*
– *Ao sair de casa, de manhãzinha, deu* ***com*** *o ex-namorado na esquina.*
– *Gregório* ***de*** *Matos satirizou a sociedade baiana.*

Relação **livre** é aquela em que a preposição é usada não por motivação sintática (ou seja, ela não é exigida por termo algum) mas sim por razões estilísticas; foram chamadas de "posvérbios" por Antenor Nascentes e Bechara, que diz sobre tal preposição ligada a verbos transitivos diretos: "mais serve para lhes acrescentar um novo matiz de sentido do que reger o complemento desses mesmos verbos".

– *Procuramos* ***por*** *uma pessoa desaparecida. (Procuramos uma pessoa desaparecida.)*
– *Todos nós amamos* ***a*** *nossos filhos. (Todos nós amamos nossos filhos.)*
– *Trata o filho barbado como* ***a*** *uma criança. (Trata o filho barbado como uma criança.)*
– *Comeram* ***do*** *pão e beberam* ***do*** *vinho. (Comeram o pão e beberam o vinho.)*
– *Usar a internet faz* ***com*** *que viajemos. (Usar a internet faz que viajemos.)*

Obs.: Outros exemplos citados por Bechara são "cumprir *com* o dever", construção em que a preposição "acentua a ideia de zelo ou boa vontade para executar algo", e "arrancar *da* espada", com o *de* enfatizando "a ideia de uso do objeto". Falo mais sobre isso em *objeto direto preposicionado.*

Valor Nocional

A maioria das preposições essenciais podem indicar três conceitos: **tempo, espaço/lugar** e **noção** (causa, matéria, modo, meio, instrumento, preço, assunto etc.). Tais preposições normalmente iniciam adjuntos adverbiais ou adjuntos adnominais. Por isso, para saber qual é o valor semântico da preposição, um *bizu* que ajuda é saber qual é o valor semântico do adjunto adverbial. Por exemplo, em "De tarde, quero descansar.", *De tarde* é um adjunto adverbial de tempo, logo a preposição *de* tem valor semântico temporal. Safo? Vamos nessa!

A

Tempo: *Daqui* ***a*** *cinquenta anos, quero estar com muita saúde.*

Lugar: *Saí do Japão para chegar **a** seu coração, meu amor.*

Noção: *As crianças africanas morrem **à** fome.* (causa) / *Só desenhava **a** lápis.* (instrumento) / *Oferecemos produtos **a** granel.* (modo) / *Comi um bife **à** milanesa.* (modo/conformidade) / *Pouco **a** pouco, fui me aproximando dela.* (modo, e não tempo) / *A margem de erro varia de 1% **a** 3%.* (limite = *até*) / *Comprei **a** cem reais aquele terno.* (preço) / *Depois do susto, ele correu **a** ajudar os alunos.* (finalidade, antes de infinitivo) / *Curto muito barco **à** vela.* (tipo) / *Percorri quinhentos quilômetros **a** cavalo.* (meio) / *Nada como um quadro **a** óleo.* (matéria) / *Estou **a** 200 m do curso.* (distância) / *Nada como uma comidinha **a** quilo.* (medida)

Obs.: Há diferença entre *Ir **a*** e *Ir **para***. Quem vai **a**, vai e volta (Fui ao estádio de futebol.). Quem vai **para**, vai e fica (Fui para o Exército.). Outro detalhe: na linguagem jurídica e na linguagem de cartório, usa-se muito a preposição *a* no lugar de *em* com verbos e nomes que indicam endereços: *A residência fica **à** Rua Danton Pedro, 1.000.* Segundo a gramática tradicional, usa-se a preposição *em* quando a ideia é de moradia, endereço: *A residência fica **na** Rua Danton Pedro, 1.000.*

Ante

Lugar: *Refrescou-se **ante** o ar-condicionado.*

Noção: ***Ante** a falta de dinheiro, teve de voltar a trabalhar.* (causa)

Após

Tempo: ***Após** aquele pesadelo, decidiu ficar acordada.*

Lugar: *Há um riacho **após** a cidade.*

Obs.: ***Após*** é considerado advérbio, apesar de pouco usual: *O trem passou, deixando um rastro **após**.*

Até

Tempo: *Eu sei que vou te amar **até** o último suspiro.*

Lugar: *O terreno vai **até** aquela cerca.*

Noção: *Já escalaram montanhas de **até** 4.000 m.* (limite)

Obs.: Esta é a única preposição que pode, eu falei "pode", anteceder a preposição *a*, formando a locução preposição *até a*. Não confunda *até* (preposição) com *até* (palavra denotativa – ou advérbio de inclusão): *"Fomos **até** vós para instruir-vos." / "**Até** tu, Brutus?"*.

Com

Tempo: ***Com** mais alguns minutos, a carne estará assada.*

Lugar: *Há um pote de ouro nas mãos de um gnomo **com** o fim do arco-íris.*

Noção: *Todo o gado sofreu **com** a seca.* (causa) */ Vá **com** Deus!* (companhia) */ **Com** 90 anos, ainda quer fazer mais uma faculdade.* (concessão) */ Eu abri a porta **com** a chave-mestra.* (instrumento) */ Só com carro se sai daqui.* (meio) */ Este vinho foi feito **com** a uva certa.* (matéria) */ Ninguém a trata **com** carinho.* (modo) */ Só entrará **com** autorização.* (condição) */ **Com** sua família, tudo é diferente.* (referência) */ Comprei uma bola **com** diâmetro aproximado de 20 cm.* (medida) */ Papai Noel trouxe um saco **com** vários presentes dentro.* (conteúdo) */ Preciso de um fuzil **com** alavanca.* (tipo) */ Nada melhor que uma mulher **com** caráter.* (qualidade)

Contra

Lugar: *Levei a mão **contra** o rosto.*

Noção: *Fui **contra** a corrente e me cansei.* (direção) */ Nada tenho a dizer **contra** isso.* (oposição/objeção) */ Sou **contra** a pena de morte.* (oposição) */ Apostou dez **contra** um.* (proporção/escala) */ O candidato da esquerda teve mil votos **contra** dois mil do adversário da direita.* (comparação) */ Tenho seguros **contra** incêndios.* (tipo)

Obs.: Pode ser advérbio: *Naquela sessão, todos votaram **contra**. (= contrariamente)*

De

Tempo: ***De** pequenino é que se torce o pepino.*

Lugar: *Venho **de** Cipó, lá em Maranhão.*

Noção: *Não mais se falou **de** futebol no recinto.* (assunto) / *Você falou aquilo **de** propósito!* (modo) / *Só batia **de** chicote.* (instrumento) / *Viajei **de** trem pela Europa.* (meio) / *Ficaste comovido **de** me ver? (= por; causa)* / *Era tanto assédio **de** meter medo* (consequência) / *A porcentagem varia **de** 30% a 60%.* (limite) / *Comi um prato **de** nhoque.* (conteúdo) / *Sou uma pessoa **de** coragem.* (tipo) / *Esta corrente **de** ouro é cara.* (matéria) / ***De** fato, ela é uma excelente atriz.* (constatação) / *Ela tinha olhos **de** gata.* (semelhança) / *Vendi uma TV **de** segunda. (qualidade)* / *Comprei um caderno **de** um real. (preço)* / *O amor **d**ela é intenso.* (posse) / *Tenho um carro **de** passeio e um **de** trabalho.* (finalidade) / *Comi um queijo **de** Minas delicioso.* (origem/lugar) / *Subi em uma torre **de** 20 m.* (dimensão) / *Ele está queimado **d**o sol.* (agente – agente da passiva) / *Provaste **d**o meu macarrão?* (partição)

Cuidado!!!

1) Há basicamente quatro casos de preposição expletiva/realce *de*: 1) antes de conjunção comparativa *que* numa estrutura de comparativo de superioridade/inferioridade, 2) iniciando alguns apostos especificativos, 3) antes de algumas orações subordinadas predicativas e 4) em algumas estruturas do tipo **artigo + adjetivo substantivado + de + substantivo**. Veja alguns exemplos: 1) *Ele é mais feliz (do) que você.* / *2) O bairro (de) Copacabana é charmoso.* / *3) A impressão é (de) que nada havia mudado.* / *4) O pobre (do) homem sofre tanto.* Em tais casos, a preposição pode ser retirada da frase sem alteração sintática ou semântica.

Veja uma questão sobre isso:

(Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) Assinale a opção incorreta a respeito do uso das estruturas linguísticas no texto.

O efeito da supervalorização cambial sobre a indústria atinge muito mais fortemente os níveis da produção e do emprego que os demais setores. Essa é uma situação que precisa ser repensada. É claro que não se trata de um problema simples, que se resolva com providências rápidas, pois exige medidas que às vezes podem ser classificadas como heterodoxas.

a) Por se estabelecer, na estrutura sintática, uma relação de comparação, seriam preservadas a correção gramatical e a coerência do texto ao inserir *do* antes de "que os demais setores".

Comentário: A preposição *de* é facultativa antes de conjunção comparativa *que*, numa construção de comparação por superioridade ou inferioridade.

2) Outra informação importante: para quem curte saber a diferença entre complemento nominal (CN) e adjunto adnominal (ADN), reitero: se a preposição *de* tiver valor nocional, adjunto adnominal na cabeça! Por isso em todos esses casos, o termo sublinhado é um adjunto adnominal: *Comi um prato* ***de*** *nhoque*. (conteúdo) / *Sou uma pessoa* ***de*** *coragem*. (tipo) / *Esta corrente* ***de*** *ouro é cara*. (matéria) / *Ela tinha olhos* ***de*** *gata*. (semelhança) / *Vendi uma TV* ***de*** *segunda*. (qualidade) / *Comprei um caderno* ***de*** *um real*. (preço) / *O amor* ***d****ela é intenso*. (posse) / *Tenho um carro* ***de*** *passeio e um* ***de*** *trabalho*. (finalidade) / *Comi um queijo* ***de*** *Minas delicioso*. (origem/lugar)

Desde

Tempo: *Brahma, fabricada* ***desde*** *o século 19*.

Lugar: *Seguiram o fugitivo* ***desde*** *a Inglaterra até o Chile*.

Noção: ***Desde*** *o mais alto ao mais baixo puderam entrar no evento*. (gradação) / *Fazia-se de tudo naquele lugar:* ***desde*** *faxina até lavagem de roupa*. (enumeração)

Obs.: **Desde de** é uma expressão inculta: ***Desde de*** *1982 não se vê mudança radical em meu país*.

Em

Tempo: *E o mundo não acabou* ***em*** *2012*.

Lugar (real ou virtual): *Brincavam* ***n****as árvores quando crianças, hoje brincam* ***n****os corações alheios*.

Noção: *Comprei uma TV* ***em*** *cores*. (tipo/qualidade) / *Eu a pedi* ***em*** *casamento*. (finalidade) / *Fechou as mãos* ***em*** *conchas*. (semelhança) / *Nunca fui bom aluno* ***em*** *Matemática*. (assunto/referência) / *Só se paga* ***em*** *cheque aqui*. (meio) / *O preço da casa foi estimado* ***em*** *200 mil reais*. (preço) / *Tirou* ***n****a guitarra um som originalíssimo*. (instrumento) / *De grão* ***em*** *grão a galinha enche o papo*. (sucessão) / *A mudança da água* ***em***

vinho foi o 1º milagre de Cristo. (alteração) / *A peça é* ***em*** *três atos.* (distribuição) / *Fique* ***em*** *paz* (estado).

Obs.[1]: Não se usa a preposição em "Somos em dez.", "Estamos em cinco.", "Fomos em quatro." (errados); a preposição *em* entre os verbos ser, estar ou *ir* + numeral não é usada. Logo: "Somos dez em casa.", "Estamos cinco no carro.".

Obs.[2]: Outra "cosita": segundo Cegalla, "não se usa *em*, mas *de*, para especificar a matéria de que alguma coisa é feita: estátua *de* bronze (e não *em* bronze)". Além disso, o gramático continua: "Não tem lugar a preposição *em* antes de números que indicam porcentagens, em frases como: *O trânsito melhorou* ***em*** *50%* (errado). Em o verbo sendo transitivo, admite-se a preposição para realçar o adjunto adverbial de quantidade: *O governo reduziu o imposto* ***em*** *50%*. (certo). Sobre isso, consulte: ESAF – CGU – ANALISTA DE FINANÇAS E CONTROLE – 2012 – QUESTÃO 6.

Obs.[3]: Para fechar: a preposição *em* seguida de *gerúndio* pode dar à oração a ideia de tempo, condição ou causa: ***Em*** *se tratando de casos graves, o hospital atende prontamente.*

Entre

Tempo: ***Entre*** *1982 e 2012, havia evoluído como homem.*

Lugar (real ou virtual): *Estou* ***entre*** *os arbustos.* / *Estou* ***entre*** *os aprovados.*

Noção: ***Entre*** *o louro e o moreno, ela escolheu o segundo.* (alternativa) / *Discutiram a relação* ***entre*** *si.* (reciprocidade) / *Ele tecla* ***entre*** *cem e cento e quinze letras por minuto.* (quantidade) / *Viva* ***entre*** *os índios* (lugar/companhia)

Obs.: Usa-se pronome oblíquo tônico depois dessa preposição, e não reto: *Isso deve ficar* ***entre mim*** *e você.* (e não entre eu e você) É bom dizer que essa preposição delimita um intervalo entre dois pontos definidos, por isso são ligados por *e*, e não *ou*. Sendo assim, é um erro construir frases

como esta: "Sempre fico tenso ao ter de escolher **entre** a casa de praia **ou** a casa de campo.". A construção adequada é: "... escolher **entre** a casa de praia **e** a casa de campo".

Para

Tempo: *Vou deixar **para** a outra semana a explicação, ok?*

Lugar (direção): *Vá **para** o inferno!* (indica estada permanente)

Noção: *Estou muito satisfeito com meu plano **para** mudar novamente.* (= a ponto de; consequência) / *Nasci **para** trabalhar.* (finalidade) / *Estou **para** o Português assim como vocês estão **para** a Enfermagem.* (proporção) / ***Para** mim, ela está mentindo.* (opinião) / ***Para** estudantes interessados como os nossos, precisaremos trocar de professor.* (delimitação) / *Dá **para** calar a boca?* (possibilidade) / *Gosto de música **para** dançar.* (adequação/tipo) / *A coleta **para** os pobres valeu.* (destino/favor/proveito)

Obs.: Cuidado com construções em que a preposição *para* parece (só parece!) ter valor nocional de finalidade, mas na verdade tem valor relacional, sendo exigida por um adjetivo: *As Forças Armadas são <u>insuficientes</u> **para** combater a desordem.*

Perante

Lugar (real ou virtual): *Só sossega **perante** a mulher.* / ***Perante** a lei, todos são iguais.*

Obs.: Não se usa preposição *a* depois de *perante: Estou **perante a**o juiz.* (inadequado). Não confunda com *perante a* (preposição + artigo). Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012)

– Na linha 2, pode-se substituir "diante das" por **perante as**, sem prejuízo para a correção gramatical ou para o sentido original do texto.

(X) CERTO ( ) ERRADO

Comentário: Está certa a afirmação da banca, pois *diante das* e *perante as* indicam lugar. É interessante ressaltar que, nas duas expressões, o artigo *as* foi mantido após a locução prepositiva *diante de* e da preposição *perante*, de modo que **não** houve prejuízo para a correção gramatical.

Por

Tempo: *Você ficou desacordado **por** alguns minutos.*

Lugar: *Arrastaram-no **pel**o campo.*

Noção: *Envio **por** e-mail ainda hoje meus dados.* (meio) / *Como Jack, o Estripador, vamos **por** partes.* (modo) / *Falei aquilo **por** brincadeira.* (finalidade) / *Fui preso **por** vadiagem.* (causa) / *Fiz a cópia **pel**o original.* (conformidade) / *Nunca morrerei **pel**a pátria. (= a favor de; favor)* / *Comemos **por** quilo ontem.* (medida) / *Vendi o livro **por** dois reais.* (preço) / *O Flu perdeu **por** 5 a 1 do Fla.* (quantidade) / *Não compre gato **por** lebre.* (substituição) / *Olho **por** olho, dente **por** dente.* (compensação) / ***Por** ela, ninguém precisaria estudar.* (opinião) / *Sagarana foi escrito **por** Guimarães Rosa.* (agente; agente da passiva) / *Dez **por** dois é igual a vinte.* (relação aritmética).

Obs.: Apesar de já ter comentado sobre ela, não alistei aqui a preposição *per*, uma vez que é arcaica. Outra coisa: por mais sonoramente bizarro que seja, não se contrai preposição com artigo antes de verbo no infinitivo, segundo a maioria dos gramáticos. Sendo assim, a frase a seguir está correta: *Estou ansioso **por o** aluno conquistar sua vaga.* Em 99% das vezes, as bancas apoiam essa doutrina. Fazer o quê... A Esaf admite a contração, pois alguns gramáticos (como Bechara) não se opõem a ela, logo estaria certa a contração de ***por + o: pelo***.

Sem

Noção: *Como consegue viver **sem** dinheiro, mesmo trabalhando?* (ausência, privação) / ***Sem** dinheiro, entrei no clube.* (concessão) / ***Sem** dinheiro, não entra no clube.* (condição) / *Chegou **sem** avisar.* (modo)

Sob

Tempo: ***Sob*** *o reinado de Luís XV, tudo era diferente.*

Lugar (real ou virtual): *O homem foi encontrado* ***sob*** *os escombros. / Ficávamos quietos* ***sob*** *o olhar atento do professor.*

Noção: *Saiu do palco* ***sob*** *vaias.* (modo) */ Confessaram* ***sob*** *tortura.* (meio/modo) */ Todo metal se dilata* ***sob*** *a ação do calor.* (causa) */ Havia muitos soldados* ***sob*** *seu comando.* (sujeição) */ Está inscrito* ***sob*** *o número 10.* (designação/modo)

Sobre

Tempo: ***Sobre*** *um período de oito meses, a gramática ficou pronta.*

Lugar (real ou virtual): *Viajava* ***sobre*** *as nuvens sempre que podia. / Amo a Deus* ***sobre*** *todas as coisas.*

Noção: *O lugar* ***sobre*** *o qual ele discorria era apaixonante.* (assunto) */ A lealdade é o mais importante* ***sobre*** *todos os demais sentimentos.* (comparação) */ Fomos multados em 30%* ***sobre*** *nossos salários.* (referência) */ Cobrava-se imposto* ***sobre*** *serviço.* (causa) */ Eles fazem asneiras* ***sobre*** *asneiras.* (sucessão/acumulação) */ Ele veio* ***sobre*** *nós com ódio.* (oposição/direção)

Trás

Segundo os gramáticos, tal preposição é arcaica, só sendo usada nas locuções adverbiais *para trás, por trás* e na locução prepositiva *por trás de*: *Ele ficou* ***para trás****, chegou* ***por trás*** *e ficou* ***por trás de*** *todos.* Segundo Celso Cunha, "o sentido originário desta preposição era 'além de', que subsiste nos compostos *Trás-os-Montes* e *trasanteontem*".

Certas Particularidades

Omissão e Repetição

1) Depois de algumas preposições acidentais (*exceto, salvo, inclusive*, de sentido exceptivo ou inclusivo), pode haver a omissão ou presença de uma preposição essencial em razão da sua exigência por algum nome ou verbo. É preciso sempre tomar cuidado com o sentido que se passa quando ocorre a omissão.

– *Eu discordo* ***de*** *todos, exceto* ***d****ela (ou ela).*

2) A repetição só será obrigatória quando for importante para o sentido.

– *Ela falou* ***com*** *o professor e diretor da escola.* (sem repetição: significa que ela falou com uma pessoa que ocupa dois cargos)

– *Ela falou* ***com*** *o professor e* ***com*** *o diretor da escola.* (com repetição: significa que ela falou com duas pessoas)

3) Em qualquer sequência de termos ou orações coordenadas, é facultativa a repetição das preposições ou locuções prepositivas, mas, quando forem explicitadas tais preposições, devem elas aparecer antes de todos os termos ou orações. Reitero: a repetição só será obrigatória quando for importante para a clareza.

– *Lutamos* ***pel****a música, (pela) literatura e (pelas) artes em geral.*

– *Fizemos menção* ***a*** *políticos, (a) jogadores e (a) religiosos.*

– ***Sobre*** *os bons professores e (sobre) os diretores, só tenho a dizer maravilhas.*

– *O medo* ***de*** *errar, (de) titubear e (de) ser um desastre completo me deixa ansioso.*

Obs.: Quando a preposição (ou locução prepositiva) se combina com o artigo, deve ser repetida, se o artigo estiver repetido: *Ele foi leal* ***a****os amigos e* ***a****os familiares.* Mas está certo também sem a repetição da preposição e do artigo: *Ele foi leal aos amigos e familiares.* Estaria errado assim: *Ele foi leal aos amigos e os familiares.* Nas locuções prepositivas, há três possibilidades de construção: ***Apesar de*** *sucessos e* ***apesar de*** *insucessos, vencemos.* / ***Apesar de*** *sucessos e* ***de*** *insucessos, vencemos.* / ***Apesar de*** *sucessos e insucessos, vencemos.*

Vamos ver uma questão sobre isso?

(Cespe/UnB – TJ/DF – Técnico Administrativo – 2008)

A retirada da preposição em "de transformar" (... nossa capacidade de trabalhar, de transformar o mundo...) violaria as regras de gramática da língua portuguesa, já que essa expressão complementa "capacidade".

( ) CERTO

(X) ERRADO

Comentário: Note que as expressões *de trabalhar* e *de transformar* estão coordenadas entre si, como numa enumeração, sendo assim é possível omitir a preposição, sem problemas.

Outras considerações válidas:

I. Os verbos *chegar, ir, voltar, levar* e *dar* não são usados com a preposição *em*, quando indicam lugar, mas sim com *a*: *chegar à casa; ir ao supermercado; voltar à escola; levar à praia* etc.

II. "Nos domingos vou à missa." (errado), pois é o ***a*** que indica repetição de um fato. "Aos domingos vou à missa." (certo)

III. Verbo ***ter/haver* + *de/que* + infinitivo**: *Eu tenho de/que viajar amanhã.* Privilegia-se a 1ª forma, com *de.*

IV. Usa-se indiferentemente *à/na página*: *O clímax começa à/na página 415.* Usa-se ainda *a páginas*: *O clímax começa a páginas 415.* O mesmo vale para datas: *Em/A catorze de julho*, vou à Bahia.

V. Normalmente, as preposições *por/para/a/sem/ao* + verbo no infinitivo indicam, respectivamente, **causa/finalidade/condição/concessão ou condição/tempo**: *Por ser exato, o amor não cabe em si. / Para passar, precisa estudar. / A persistirem os sintomas, o médico deverá ser consultado. / Sem estudar, não passará./ Sem estudar, passei. / Ao fazer os exercícios, preocupei-me em acertar os mais fáceis.* Veremos questões sobre isso no capítulo de *Orações Reduzidas.*

Valor Discursivo

A **preposição** e as **locuções prepositivas** têm a função textual de conectar partes do texto: palavras a palavras, palavras a orações, orações a orações etc. Veja o texto a seguir e note como elas desempenham um papel coesivo importantíssimo para a união das ideias de um texto. Leve em conta também seu valor semântico a cada relação estabelecida:

> "(...) Nessa quinta-feira (30/8/2012) faz exatos dez anos a estreia do filme de Fernando Meirelles e Katia Lund. E se a antológica 'fuga da galinha' ainda persiste no imaginário nacional, não é somente essa cena que faz *Cidade de Deus* uma produção memorável. Em poucas

semanas depois de seu lançamento, cerca de três milhões de espectadores foram levados às salas de cinema brasileiras. A temática do filme e a técnica utilizada pelos diretores agradaram crítica e público, fazendo dele uma referência cultural, social e política no País. (...)"
(http://www.cartacapital.com.br/cultura/cidade-de-deus-dez-anos-depois/ texto adaptado)

Analisemos cada preposição e seus valores:

"(...) **N**essa quinta-feira (30/8/2012) [valor nocional: tempo] faz exatos dez anos a estreia **d**o filme [valor nocional: especificação/posse] **de** Fernando Meirelles e Katia Lund [valor nocional: posse]. E se a antológica 'fuga **d**a galinha' [valor relacional: o nome *fuga* exige a preposição *de*] ainda persiste **n**o imaginário nacional [valor relacional: o verbo *persistir* exige a preposição *em*], não é somente essa cena que faz *Cidade **de** Deus* [valor relacional fixo] uma produção memorável. **Em** poucas semanas [valor nocional: tempo] **depois de** seu lançamento [valor nocional: tempo], **cerca de** três milhões [valor nocional: quantidade aproximada] **de** espectadores [valor nocional: especificação] foram levados **à**s salas [valor relacional: o particípio adjetival *levado* exige a preposição *a* + as (artigo) = *às* (crase)] **de** cinema brasileiras [valor nocional: especificação/posse]. A temática **d**o filme [valor nocional: posse] e a técnica utilizada **pel**os diretores [valor nocional: agente] agradaram crítica e público, fazendo **d**ele [valor relacional] uma referência cultural, social e política **n**o País [valor nocional: lugar]. (...)"

Lindo isso, não?

O Que Cai Mais na Prova?

A maior parte das questões sobre preposição diz respeito ao conhecimento básico de valor **relacional** (regência verbal e nominal, principalmente crase) e **nocional** (valor semântico). Fique ligado no padrão das questões!

Questões de Concursos

1. (CEPERJ – Pref. Angra dos Reis/RJ – Professor – 2008) No título do poema "Canção do exílio", a preposição tem o mesmo valor semântico que a destacada na frase:
   a) Nem sempre o seu silêncio é de ouro.
   b) Ele se nutre de saudades.
   c) O poeta morria de amores pela pátria.
   d) De noite, seu sofrimento aumentava.
   e) O poeta admirava de longe os primores nacionais.

2. (FGV – MEC – Administrador de Banco de Dados – 2009) "Com o real, os brasileiros redescobriram o valor do dinheiro e das coisas."; a frase a seguir em que a preposição **com** tem o mesmo valor semântico da ocorrência sublinhada é:
   a) Com a chuva, todas as ruas ficaram alagadas.
   b) Os turistas encontraram-se com os amigos no aeroporto.
   c) Todos saímos com os amigos recém-chegados.
   d) Com quem eles viajaram nós não vimos.
   e) Brigaram com os adversários durante horas.

3. (FEC/UFF – MPA – Engenheiro – 2010) Cometeria grande equívoco quem fizesse, no texto, a substituição da preposição pela locução prepositiva, ou vice-versa, proposta em:
   a) sobre (Quem se mantém informado sobre os imensos problemas...) / acerca de.
   b) com exceção de (Tudo parece conspirar para que o consumo de peixe seja uma prática muito pouco sustentável – com exceção dos peixes que são criados em um parque na Espanha.) / salvo.
   c) para (Esta é uma receita para o futuro da boa alimentação...) / a fim de.
   d) diante de (E diante da usual pergunta sobre se este tipo de sistema poderia...) / ante.
   e) em direção a (... podemos avançar em direção a um futuro...) / para.

4. (Cespe/UnB – TCU – Auditor-Federal de Controle Externo – 2010) O uso da preposição **De** em lugar de "Sob" (Sob uma forma paradigmática, a língua encarna esse tipo de dados sociais...) alteraria as relações de significação entre os termos da oração e, por isso, prejudicaria a coerência entre os argumentos do texto.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

5. (FCC – TRF (1R) – Analista Judiciário – 2011) (Adaptada) *Em Chicago, melhor do que em qualquer outro ponto, pode-se acompanhar o processo sumário que usais para conseguir, de plantas alienígenas, ao fim de curto estágio de aclimação, frutos genuinamente americanos.*
   – Na frase acima, a preposição **de**, em *de plantas alienígenas*, expressa ideia de procedência?

6. (Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de Nível Superior – 2011) No trecho "estão convencidos de que as desigualdades são, em sua maior parte, sociais ou históricas", a omissão da preposição "de" prejudicaria a correção gramatical do período.
   ( ) CERTO

( ) ERRADO

7. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) Em "importar dos Estados Unidos da América", a preposição **de**, contida em "dos", expressa ideia de procedência.
( ) CERTO
( ) ERRADO

8. (Cespe/UnB – FUB – Analista de TI – 2011) Com relação ao vocabulário e à estrutura do texto, julgue os itens que se seguem.
A retirada da preposição "de" em "A indicação inicial é a de que, sim, a rede (...)" não implicaria alteração do texto, quer do ponto de vista semântico, quer sintático.
( ) CERTO
( ) ERRADO

9. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) No primeiro parágrafo do texto, contrapõem-se duas realidades diferentes; tal raciocínio é evidenciado pelo emprego da locução "Apesar de" (Apesar de estarmos em pleno século XXI, a aldeia deles ainda vive a realidade do subdesenvolvimento...).
( ) CERTO
( ) ERRADO

10. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário – 2011) A substituição da locução "a fim de" (... agachar-se sob o túmulo a fim de escapar dos golpes...) por **para** manteria a correção gramatical e o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

11. (Vunesp – SAP/SP – Oficial Administrativo – 2011) Considere a frase:
– *Não se sabe ao certo quem foram os responsáveis pela agressão **a** moças obesas em uma festa de estudantes.*
Assinale a alternativa em que a preposição ***a*** está corretamente substituída.
a) até.
b) contra.
c) entre.
d) por.
e) sobre.

12. (Vunesp – SAP/SP – Oficial Administrativo – 2011) Leia o texto.
Uma resolução da Organização das Nações Unidas (ONU) pede o fim do apedrejamento no Irã.
A resolução ainda condena Teerã _____ silenciar opositores. O Brasil optou _____ não se manifestar sobre o assunto.
A mesma preposição que preenche, corretamente, ambas as lacunas é:
a) com;
b) para;
c) por;

d) sob;
e) sobre.

Fragmento de texto
"(...) Entretanto, insistimos em colocar a pergunta "o quê?" antes da pergunta "quem?", a despeito da tradição filosófica, cuja tendência foi fazer... (...)"

13. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) Em "a despeito da tradição filosófica", o emprego da preposição "a" deve-se à relação sintática que o substantivo "despeito" estabelece com o verbo "colocar".
( ) CERTO
( ) ERRADO

14. (Cespe/UnB – Correios – Cargos de Nível Superior – 2011) Seria mantida a correção gramatical do texto, se a preposição "de", em sua primeira ocorrência, no trecho "de 17 de dezembro de 1663 a 28 de setembro de 1665", fosse substituída por **entre**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
"Na ciência moderna, a ruptura epistemológica simboliza o salto qualitativo do conhecimento do senso comum para o conhecimento científico (...)"

15. (Cespe/UnB – CNPQ – Analista em Ciência e Tecnologia Júnior – 2011) A primeira preposição em "do conhecimento do senso comum" exprime noção de origem do movimento expresso por "salto", e a preposição empregada no trecho "para o conhecimento científico" exprime noção de fim desse movimento.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
"... o cérebro faz uma espécie de faxina na memória de curto prazo **para** facilitar o armazenamento de novas informações. "Medidas como essa não só melhoram a capacidade cognitiva como são extremamente importantes **para** compensar a restrição ao sono..."

16. (Cespe/UnB – STM – Técnico Judiciário – 2011) A preposição **para**, em ambas as ocorrências, nas linhas 10 e 13, estabelece uma relação de consequência entre a oração de que faz parte e a oração que a antecede.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) A passagem "..., *em contraposição a tentações apressadas de recorrer à censura"* contém o elemento gramatical ***a***, que:
a) define quais são as tentações, porque é um artigo;
b) não define quais são as tentações, porque é artigo;

c) define quais são as tentações, porque é uma preposição;
d) não define quais são as tentações, porque é artigo indefinido;
e) não define quais são as tentações, porque é preposição.

18. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) A palavra *para* (... meios para convencer o Irã...) é uma:

a) preposição derivada da regência verbal da palavra *meios*;
b) conjunção que liga uma oração coordenada a uma subordinada;
c) preposição que liga *meios* a um verbo intransitivo;
d) preposição derivada da regência nominal da palavra *meios;*
e) preposição que liga *meios* a um verbo.

19. (Cespe/UnB – Correios – Agente de Correios – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A substituição da preposição "por" (... um patrimônio cultural de 246 km de areias pontilhado por montanhas...) por de prejudica a correção gramatical e a coerência do período.

20. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) *Aliás, o melhor para a democracia seria separar os fundos partidários dos destinados às campanhas eleitorais.*

A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:

I. Há três preposições.
II. Há quatro artigos.
III. Há um pronome demonstrativo.
Assinale

a) se todas as afirmativas estiverem corretas.
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
c) se nenhuma afirmativa estiver correta.
d) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
e) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

21. (FGV – PC/RJ – Guarda Municipal – 2011) Marque a alternativa em que o vocábulo "para" introduz ideia de finalidade.

a) "... a meu ver, um dos documentos mais inspiradores para a presente crise."
b) "Dois valores, entre outros, considero axiais para esse novo começo..."
c) "... o cuidado é uma arte, um paradigma novo de relacionamento para com a natureza, para com a terra..."
d) "... se transforme em tragédia e para conferir eficácia..."

22. (FGV – PC/RJ – Perito Legista (Odontologia) – 2011) "*Por* precaução, a maioria dos médicos recomenda evitar a combinação de bebida e remédios."

A preposição "*por*", no fragmento acima, tem valor de:

a) meio;
b) modo;
c) condição;
d) consequência;

e) causa.

23. (Vunesp – Pref. São José dos Campos/SP – Agente Educador – 2012) Assinale a alternativa cujas preposições completam, correta e respectivamente, o texto a seguir.

São um grande erro as gratificações ___ que alguns pais se servem para agradar, constantemente e por qualquer motivo, a seus filhos, pois essas crianças se tornam aquelas ___ quem cumprir um dever ou agir corretamente não são obrigações, mas sim atitudes excepcionais.

a) de ... por.
b) de ... para.
c) em ... a.
d) com ... para.
e) com ... por.

24. (Consulplan – Pref. São Domingos do Prata/Mg – Arquivista – 2012) Relacione os vocábulos sublinhados com suas respectivas classes gramaticais.

1. "... filhos com <u>até</u> dois anos de idade..."
2. "... Os pais <u>que</u> acreditam..."
3. "... são <u>muito</u> importantes..."
4. "... <u>algum</u> tipo de conteúdo..."
5. "... pais disseram <u>que</u> seus filhos..."

( ) Pronome relativo.
( ) Advérbio.
( ) Pronome indefinido.
( ) Conjunção integrante.
( ) Preposição.

A sequência está correta em:

a) 5, 3, 4, 1, 2;
b) 4, 3, 1, 5, 2;
c) 2, 3, 4, 5, 1;
d) 2, 4, 3, 5, 1;
e) 3, 1, 2, 5, 4.

25. (FEC/UFF – Pref. Angra dos Reis/RJ – Administrador – 2012) Em "Os mumificadores, ao abrirem os corpos dos faraós <u>para</u> retirar as entranhas..." (parágrafo 1), a preposição PARA indica relação de:

a) lugar;
b) tempo;
c) fim;
d) proporção;
e) consequência.

26. (FEC/UFF – Pref. Angra dos Reis/RJ – Agente Administrativo – 2012) Na frase "O povo está muito satisfeito com as maquininhas PARA preocupar-se com o sumiço das letras.", a preposição em destaque indica relação de:

a) finalidade;
b) lugar;
c) tempo;

d) proporção;
e) consequência.

27. (FEC/UFF – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– APESAR DE introduz argumento orientado para a conclusão do texto.

28. (Dom Cintra – Pref. BH/MG – Administrador – 2012) (Adaptada) As substituições propostas para as expressões destacadas estão corretas ou incorretas?
I. "...ocorre devido a ações administrativas..." / em razão de.
II. "Segundo técnicos da Receita,..." / conforme.

29. (FEC/UFF – Câmara Municipal de Duque de Caxias/RJ – Agente de Processamento de Dados – 2012) No trecho "E apontava com o queixo, ATÉ curvando a boca com certo desdém.", a palavra destacada tem o valor semântico de:
a) explanação;
b) retificação;
c) situação;
d) exclusão;
e) inclusão.

30. (FEC/UFF – Câmara Municipal de Duque de Caxias/RJ – Agente de Processamento de Dados – 2012) No período "A esposa começou a chorar assim que a juíza a interrogou." há quatro ocorrências da palavra A, que se classifica, respectivamente, como:
a) artigo, pronome, preposição, pronome;
b) artigo, preposição, artigo, pronome;
c) pronome, artigo, pronome, artigo;
d) artigo, pronome, preposição, artigo;
e) artigo, preposição, pronome, artigo.

31. (FEC/UFF – Câmara Municipal de Duque de Caxias/RJ – Agente de Processamento de Dados – 2012) Para o correto preenchimento das lacunas na frase "O controle das faltas do funcionário _____ o patrão se referira era o mais eficiente recurso _____ os empregadores dispunham para procederem ao desconto no final do mês.", têm de ser usadas, respectivamente, as formas:
a) a que – de que;
b) a que – com que;
c) que – a que;
d) de que – que;
e) de que – com que.

32. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale o conectivo que provoca erro gramatical e/ou incoerência textual ao preencher a lacuna do fragmento abaixo:
A dívida pública mobiliária tem algumas características específicas. No que diz respeito à participação dos indexadores da dívida, continua crescendo a participação dos títulos atrelados à Selic (64,6% do total), _____ sua alta rentabilidade, segurança e liquidez; enquanto

os títulos prefixados mantêm uma posição em torno de 35,5%. Quanto ao prazo, os títulos emitidos pelo BCB e pelo Tesouro Nacional têm prazo médio de 40,19 meses.

a) ademais de;
b) em face de;
c) devido à;
d) em função de;
e) haja vista.

33. (AOCP – BRDE – Analista de Projetos (Agronomia) – 2012) "Por um desses quiproquós da vida cultural, a tradicionalização, ou a referência à tradição, tornou-se um tema dos mais presentes na poesia contemporânea brasileira, quer dizer, a que vem sendo escrita desde meados dos anos 80."

O fragmento em que o elemento **por** (ou pelo/pela) estabelece a mesma relação semântica do elemento **por** do fragmento acima é:

a) "Nessa visada, o passado é continuamente refeito pelo novo".
b) "sustentavam o tradicionalismo, tradição é o que se cultua por todos os lados".
c) "Eles recombinam formas, amparados por modelos anteriores".
d) "recriado pela contribuição do poeta moderno consciente de seus processos artísticos".
e) "por prazer de inventar, queria mudar o passado a partir da atualidade viva".

Gabarito

1. E.	8. ERRADO.	15. CERTO.	22. E.	29. E.
2. A.	9. CERTO.	16. ERRADO.	23. B.	30. B.
3. C.	10. CERTO.	17. E.	24. C.	31. A.
4. ERRADO.	11. B.	18. D.	25. C.	32. A.
5. CORRETO.	12. C.	19. CORRETO.	26. E.	33. E.
6. CERTO.	13. ERRADO.	20. A.	27. INCORRETO.	
7. CERTO.	14. ERRADO.	21. D.	28. I e II CORRETAS.	

Capítulo 15
Conjunção

Definição

Fi-nal-men-te!

Conjunção é a "menina dos meus olhos"!

– *Ficou meio estranho isso, hein, Pestana!*

Você não tem ideia da quantidade de questões que caem em provas todo ano! Saber conjunção é matar mais de uma questão numa prova feita por uma banca de prestígio, como Cespe, Esaf, FCC, FGV, Cesgranrio etc.

Por isso, vai ser um prazer ajudá-lo! Você vai sair desse capítulo *na ponta dos cascos*, caro(a) leitor(a)! Vamos começar a brincadeira!

Do ponto de vista semântico, a conjunção é uma palavra que traz embutida um sentido (ou mais de um). Só a conjunção **integrante** não carrega consigo um sentido.

Do ponto de vista morfológico, a conjunção é uma palavra que não muda de forma, portanto é invariável.

Do ponto de vista sintático, a conjunção não exerce função sintática alguma, mas participa de construções coordenadas e subordinadas, ligando normalmente termos de mesma função sintática, orações, períodos e parágrafos, numa relação lógica.

Pois bem... para entendermos todas as definições de conjunção, vamos analisar este texto:

A mulher e o homem se complementam, mas essa relação é (não raro) cercada de desavenças. Por isso ocorrem muitas separações, resultando em dificuldades emocionais, financeiras e até físicas.

***Não obstante*, o quadro não é só pessimista; muitos casais conseguem viver em harmonia *e* com amor durante toda a sua vida.**

Note que os termos *e*, *mas*, *Por isso*, *Não obstante*, *e*

1) apresentam, respectivamente, **valores semânticos** de adição, oposição, conclusão, oposição e adição; observe a relação lógica e semântica entre as partes do texto;
2) **não variam** de forma;
3) **ligam** termos de mesma função sintática coordenados, orações coordenadas, períodos, parágrafos e termos de mesma função sintática coordenados. Falarei melhor sobre coordenação e subordinação em *Sintaxe*, mais à frente. *Relax*!

Obs.: A conjunção, assim como a preposição, tem o papel fundamental de conectar partes do texto, por isso é também chamada de **conector, conectivo, elemento coesivo, síndeto e operador argumentativo.**

Identificação

Identificar uma conjunção é fácil. Basta decorar todas elas! Parece brincadeira, mas é verdade... Eu mesmo decorei as conjunções como um mantra. Escrevi todas elas em uma cartolina e colei na parede do meu quarto. Depois de muito ler e reler, com exercícios, decorei. Hoje não erro nenhuma questão sobre esse assunto. Fique tranquilo, pois você também ficará *craque* em conjunções! Faça a sua parte!

Tecnicamente falando, identifica-se uma conjunção por saber qual é a função dela na língua. Seu objetivo é conectar partes do texto: **vocábulos, orações, períodos...** Veja alguns exemplos:

– *Farei exames pré* ***e*** *pós-operatórios.* (liga prefixos)

– *Paradoxalmente, Vítor está contra* ***e*** *a favor do novo acordo ortográfico.* (liga preposição a locução prepositiva)

– *Uma luz bruxuleante* ***mas*** *teimosa continuava a brilhar nos seus olhos.* (liga vocábulos, termos de mesma função sintática)

– *Nós esperamos* ***que*** *você estude mais.* (liga orações)

– *Fale com ela* ***assim que*** *chegar de viagem.* (liga orações)

– *Desejo que venha comigo*. ***E*** *desejo ainda mais que se deixe seduzir*. (liga períodos)

É bom dizer desde já que muitas conjunções podem mudar de posição na frase. Em tese, se ela liga, deveria vir no meio dos termos ou das orações, certo? Errado! Veja alguns exemplos de inversões das conjunções:

– *Podem sair; voltem às onze,* ***porém****.*

– ***Enquanto*** *as coisas não se resolverem por aqui, jamais te deixarei só.*

– *Tudo concluído enfim; podemos,* ***pois****, comemorar até o dia seguinte!*

Também não me custa nada dizer que algumas conjunções coordenativas são **correlatas**, isto é, aparecem **em dupla** formando uma unidade de sentido. É o que a gente chama de "correlação". Entenda:

– ***Ora*** *atrapalha o professor,* ***ora*** *atrapalha a classe.*

– ***Não só*** *mudamos a perspectiva de enxergar o mundo* ***mas também*** *o mudamos.*

– ***Tanto*** *me empenho no trabalho* ***quanto*** *nos estudos.*

O conceito de "**correlação**" se estende também às conjunções subordinativas (em negrito), mas nesse caso o termo que vem sublinhado tem sua própria classificação gramatical. Veja alguns exemplos das gramáticas tradicionais:

– *Era mais corajoso* ***que*** *muito lutador profissional.*

– *Falou tanta bobagem,* ***que*** *a todos incomodou.*

– ***Quanto mais*** *conhecimento religioso adquiria, mais conflitantes os dogmas lhe pareciam.*

Obs.: Os termos sublinhados se classificam, respectivamente, como: advérbio de intensidade, pronome indefinido e advérbio de intensidade.

Locução Conjuntiva

A **locução conjuntiva** é formada por um grupo de vocábulos (muitas vezes terminados em *que*) desempenhando o mesmo papel das conjunções.

Eis algumas *locuções conjuntivas*: não obstante, no entanto, só que, por conseguinte, em vista disso, por isso, sendo assim, assim como, com isso, pois que, visto que, já que, ao passo que, para que, logo que, assim que, a menos que, a fim de que, à medida que...

Trabalha-se muito a substituição e a equivalência entre conjunções e locuções conjuntivas nas provas, todo ano. Por isso, dessa vez, insisto na decoreba das conjunções. Vai por mim!

Classificação

Existem dois tipos de conjunção: **coordenativas** (em princípio, ligam orações ou termos sintaticamente independentes) e **subordinativas** (em princípio, ligam orações sintaticamente dependentes).

Para você entender isso melhor, observe estas frases com **conjunções coordenativas**:

– *Em grandes livrarias, são vendidos livros, CDs* ***e*** *DVDs.*

– *Um temporal está chegando,* ***portanto*** *fique atento!*

Note que as duas conjunções (*e* e *portanto*) têm o papel apenas de ligar, podendo ser retiradas das frases, pois elas ligam partes independentes entre si.

Veja como ficaria possível a reescritura delas:

– *Em grandes livrarias, são vendidos livros, CDs, DVDs.*

– *Um temporal está chegando – fique atento!*

Observe agora duas frases com **conjunções subordinativas**:

– *Não sei* ***se*** *tudo mudará depois das eleições.*

– *Nunca desista da vida,* ***embora*** *ela esteja difícil.*

Note que as duas conjunções (*se* e *embora*) têm a função de ligar as duas orações seja completando, seja determinando. Logo, não podem ser retiradas das frases, pois elas ligam partes independentes entre si.

Veja como ficaria "estranha" (ou, tecnicamente falando, "agramatical") a reescritura delas:

– *Não sei tudo mudará depois das eleições. (?!)*

– *Nunca desista da vida, ela esteja difícil. (?!)*

Falarei muito mais sobre coordenação e subordinação em *Sintaxe*. Isso foi só uma *palinha*.

Coordenativas

Fiquem atentos às conjunções sublinhadas! Como não são usuais, as bancas exploram-nas para dificultar sua vida.

Aditivas: exprimem ideia de soma, acréscimo, adição; o *e* exprime outros valores.

e	***não só... como (também)...***
nem... *(= e não)*	***não só... como (ainda)***
nem... nem	***não só... como (ainda)***
tampouco	***não só... senão (também)***
não só... mas (também)	***não só... senão (ainda)***
não só... mas (ainda)	***tanto... quanto***
não só... (bem) como	***tanto... como***
bem como	***mais*** (em linguagem matemática ou coloquial)

* Os parênteses indicam que tais palavras podem ou não aparecer. No lugar de *não só*, pode aparecer *não somente* ou *não apenas*, nas conjunções correlativas aditivas.

– *Estudo* ***e*** *trabalho.*
– *Não estudo* ***nem*** *trabalho.*
– ***Nem*** *eu* ***nem*** *você estudamos.*
– *Não estudo,* ***tampouco*** *trabalho.*
– ***Não só*** *estudo* ***mas também*** *trabalho.*
– ***Não apenas*** *estudo* ***bem como*** *trabalho.*
– ***Não somente*** *estudo* ***senão ainda*** *trabalho.*
– ***Tanto*** *estudo* ***quanto*** *trabalho.*
– *Dois* ***mais*** *dois são quatro. Por isso, nós* ***mais*** *vocês formamos um quarteto.*

Cuidado!!!

1) Sobre o *e*: Além de apresentar a ideia de **adição**, também pode ter outros valores semânticos, como **adversidade** (*mas, porém*) ou **conclusão/consequência** (*portanto, por isso, então*). É bom dizer que, para alguns gramáticos, como

Sacconi, Cegalla, Infante e Cereja, o *e* com valor adversativo inicia oração coordenada sindética adversativa. Destes, Sacconi e Cereja dizem que a conjunção ***e***, de fato, é uma conjunção adversativa. Já os demais gramáticos, como Bechara e Celso Cunha, dizem que o *e* pode apresentar diferentes valores semânticos a depender do contexto, e só. *Polêmicas...*

– *Choveu intensamente, e a cidade ficou inundada.* (*portanto, por isso* – conclusão/consequência)

– *Cumpra suas obrigações e será recompensado.* (*portanto, por isso* – conclusão/consequência)

– *Nós acordamos cedo, e chegamos, infelizmente, atrasados.* (*mas, porém – adversidade/oposição)*

– *Fazemos muitas dietas, e não conseguimos emagrecer.* (*mas, porém* – adversidade/oposição)

– *Depois de ontem, vou chamar-lhe e dar-lhe uma bronca* (= *para – finalidade*)

Veja uma questão sobre seu valor semântico:

Cespe/UnB – ABIN – Oficial de Inteligência – 2008

– A relação que a oração iniciada por "e as respostas" (... o mundo tornou-se intensamente complexo e as respostas não são diretas nem estáveis) mantém com a anterior mostra que a função da conjunção "e" corresponde à função de **por isso.**

(X) CERTO

( ) ERRADO

Veja outra:

37. (FAB – EAGS – Sargento – 2008) Marque a alternativa em que a conjunção coordenativa "e" estabelece somente relação de adição entre as orações.

a) Ia telefonar-lhe e desejar-lhe parabéns.

b) Ninguém me disse nada, e entendi de imediato.

c) "O sol ardia sobre o pasto maltratado e secava os lameirões da estrada torta." (Gabarito!)

d) A chuva caiu pela manhã, e a festa de aniversário ao ar livre não foi cancelada.

Comentário: A única alternativa em que a conjunção coordenativa *e* estabelece somente relação de adição entre as orações é a C. Nas alternativas B e D, admite-se a relação de adversidade entre as orações. Veja: B – Ninguém me disse nada, *mas* entendi de imediato. D – A chuva caiu pela manhã, *mas* a festa de aniversário ao ar livre não foi cancelada. Na alternativa A, a relação entre as orações é de finalidade: Ia telefonar-lhe *para* desejar-lhe parabéns.

Observações importantes:

– Pode ser usada a conjunção *e* logo após um ponto (.) para imprimir ênfase ao conteúdo da oração que a segue: *Você é muito importante para mim. **E** será sempre.*

– A ênfase pode ser conseguida também quando vem após a vírgula: *Concordo com ele,* ***e*** *muito!*

– O *e*, no fim de uma enumeração, pode ser dispensado, colocando-se vírgula em seu lugar: *Comprei maçã, uva, figo* ***e*** *banana.* > *Comprei maçã, uva, figo,* ***banana.***

– O *e* repetido (polissíndeto) dá ideia de acúmulo: *Eles são abusados,* ***e*** *desbocados,* ***e*** *impertinentes,* ***e*** *aproveitadores,* ***e*** *muito mais!*

– Usa-se a construção *e nem* quando o *nem* equivale a *não* (neste caso, o ***e*** é uma conjunção aditiva e o ***nem*** é um advérbio de negação, apesar de que alguns gramáticos, como Cegalla, repudiam tal construção; Bechara pede para evitá-la a não ser que se use por motivo de ênfase: *Não estuda* ***e nem*** *(= e não) trabalha.*

– Sobre este último ponto ainda, podemos enfaticamente usar *e nem (= mas não), e nem sequer, e nem assim, e nem por isso* etc.: *Assistiu à ótima peça* ***e nem*** *(= mas não) aplaudiu. / A moça não o cumprimentou* ***e nem sequer*** *olhou para ele.*

2) Sobre o ***nem***: Pode ser conjunção **aditiva** (reforçada por alguns termos), **alternativa** (raro!) e advérbio de negação; aparece em outras construções também, todavia veremos isso mais à frente.

– *O homem não come* ***nem tampouco*** *bebe.* (ou *nem ao menos, nem sequer, nem mesmo*)

– *Não sei* ***nem*** *se fico,* ***nem*** *se parto.* (alternativa = *Não sei se fico* ***ou*** *se parto.)*

– ***Nem*** *sempre colabora com obras humanitárias.* (advérbio = *não*)

– ***Nem*** *estudo* ***nem*** *trabalho.* (só o segundo *nem* é uma conjunção aditiva, = *e não,* o primeiro é um advérbio de negação, = *não*).

3) Apesar de não haver encontrado gramático ou dicionarista (exceto o professor Sérgio Nogueira) que classificasse ***tampouco*** como conjunção aditiva (= *nem*), já vi algumas questões sobre isso (FMZ – SEAD/AP – Agente Penitenciário – 2010 – Questão 14 / FCC – TRT/AL (19ª R) – Analista Judiciário – 2008 – Questão 5 / FCC – Sergipe GÁS S.A. – Contador – 2010 – Questão 5 / Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009 – Questão 9). Sobre a expressão *nem tampouco*, Ernani Terra condena, dizendo que se trata de redundância, já Maria H. de Moura Neves não se opõe a ela. Polêmicas...

4) Em "João *mais* Maria se apaixonaram.", o *mais* é uma conjunção aditiva coloquial (regionalismo).

5) As correlações aditivas equivalem ao ***e***, isto é, dizer "***Não só*** estudo ***mas*** trabalho." equivale a dizer "Eu estudo ***e*** trabalho.". Nas correlações aditivas (ou **séries aditivas enfáticas**), só as orações iniciadas por *mas, como, senão* e *quanto* são consideradas aditivas, o que indica que, *stricto sensu*, os conectivos aditivos, de fato, são o *mas*, o *como*, o *senão* e o *quanto*.

Sobre *bem como*, veja uma questão:

Cespe/UnB – CBM/ES – Oficial Bombeiro Militar – 2011

A expressão *bem como* (Os condutores de veículos passantes eram obrigados a prestar os serviços que deles fossem exigidos, bem como entregar seus animais.) pode ser substituída pela conjunção ***e***, com a devida alteração de pontuação, sem prejuízo para o sentido do texto.

(X) CERTO
( ) ERRADO

6) Às vezes, o início da correlação vem implícito, caso em que o ***mas*** tem valor aditivo: *Não nos deixeis cair em tentação,* ***mas*** *livrai-nos do mal.* = ***Não só*** *não nos deixeis cair em tentação,* ***mas*** *livrai-nos do mal.* E, às vezes, os termos da correlação vêm afastados dentro da frase: *A conjunção* ***não*** *liga* ***só*** *orações,* ***mas*** *liga termos* ***também***.

7) Se a correlação *tanto... quanto* vier em períodos diferentes, o sentido pode mudar e a análise de tais vocábulos idem: ***Tanto*** *estudo!* ***Quanto*** *trabalho!* Note que agora são advérbios de intensidade.

Adversativas: indicam essencialmente uma ideia de adversidade, oposição, contraste; também ressalva, quebra de expectativa, compensação, restrição; **elas realçam o conteúdo da oração que introduzem (veja o comentário 6 no "box")**.

mas	***não obstante***
porém	***só que***
contudo	***senão*** *(= mas sim)*
todavia	***agora***
entretanto	***antes***
no entanto	***ainda assim***

– *Não para de comer,* ***mas*** *nunca fica satisfeito.*
– *Fuja daqui,* ***porém*** *tome cuidado!*
– *O filme agradou ao público,* ***contudo*** *não foi louvado pelos críticos.*
– *Perdi todos os meus bens,* ***todavia*** *me alegrei com a separação.*
– *Paixão não me faz bem,* ***entretanto*** *não vivo sem ela.*
– *Ele está cansado,* ***no entanto*** *terá de trabalhar amanhã cedo.*
– *Sorria sem pudor,* ***não obstante*** *se aquietava diante do pai.*
– *Atendeu a todas as exigências,* ***só que*** *não foi convocado no fim do processo.*
– *Não se dizia um professor,* ***senão*** *um reprodutor de informações.*
– *Falar de mim é fácil,* ***agora*** *ser como eu é difícil.*
– *O rapaz não estudava,* ***antes*** *devorava os livros.*
– *O livro é ruim,* ***ainda assim*** *preciso lê-lo até o fim.*

Cuidado!!!

1) O *mas* pode apresentar matizes de sentido:

– *Os fariseus oprimiam o povo,* ***mas*** *Jesus exercia seu amor a eles.* (contraste/contraposição)
– *Amor, eu sei que eu te traí,* ***mas*** *saiba que eu te amo.* (compensação)
– *Casou-se,* ***mas*** *não com a primeira namorada.* (restrição)
– *Foi em direção ao beijo,* ***mas*** *desistiu por timidez.* (quebra de expectativa)
– *Outra pessoa,* ***mas*** *não eu, deverá cobrir a reportagem.* (ressalva)
– *Entre,* ***mas*** *sem fazer barulho.* (realce/ressalva)
– *Era bela,* ***mas*** *principalmente rara.* (adição, segundo Celso Cunha)

A maiorias dos gramáticos considera redundante as construções em que ao *mas* se juntam outras conjunções adversativas, que eram outrora consideradas advérbios: *mas porém, mas contudo, mas no entanto, mas entretanto* etc. Atualmente, tais construções são consideradas *expressivas*, em que a segunda conjunção realça a primeira. Curiosidade: a pronúncia de *mas* não é "mãs", e sim "más".

2) Diferentemente do ***mas***, que não pode ser deslocado na frase, as conjunções *porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante* podem: *Não pude sair hoje; fiquei assistindo a um filme com minha esposa,* ***porém****. / Não pude sair hoje; fiquei,* ***contudo****, assistindo a um filme com minha esposa. / Não pude sair hoje; fiquei assistindo,* ***entretanto****, a um filme com minha esposa. (etc.)*

3) ***Não obstante*** pode ser uma locução conjuntiva adversativa (seguida de verbo no indicativo), uma locução conjuntiva concessiva (seguida de verbo no subjuntivo) ou uma locução prepositiva (não seguida de verbo ou seguida de verbo no infinitivo). Veja os respectivos exemplos: *Gasta-se muito aqui, não obstante há compensações. / Não obstante haja compensações, não vale a pena tanto gasto. / Não obstante a doença, mantinha-se firme. / Não obstante ter acordado, voltou a dormir.* Os estudiosos da língua, como José de Sá Nunes e Geraldo Amaral Arruda, afirmam que *nada obstante* é expressão sinônima a *não obstante*. Sobre isso, veja a questão 39 da prova 1 (gab. 1) para Auditor-Fiscal da Receita Federal feita pela Esaf (2012).

4) Segundo os linguistas Ataliba T. de Castilho e Sanderleia Roberta Longhin-Thomazi e os dicionários Aulete e Houaiss – para citar alguns –, modernamente a expressão ***só que*** vem sendo considerada uma locução conjuntiva adversativa, "que promove uma quebra de expectativa e introduz a informação mais importante no enunciado". Já vi questões com tal expressão.

5) Sobre ***agora***, ***antes*** e ***ainda assim***, que comumente são encaixados na classe dos advérbios, é bom dizer que alguns gramáticos, como Sacconi, Cegalla e Napoleão M. de Almeida já alistam como termos de valor adversativo. Eles não estão sós nessa análise, pois os dicionários Houaiss e Aulete também veem assim. Discussões à parte, já vi questões com tais vocábulos. Sobre ***ainda assim***, uma prova (FEPESE – UDESC – Advogado – 2010) considerou correta a seguinte assertiva, o que corrobora tal análise: "2. O conectivo 'Ainda assim', que introduz o terceiro parágrafo, pode ser substituído por 'No entanto' sem que o sentido do texto se altere.". A partir dessa afirmação, pense: se *no entanto* é uma locução conjuntiva adversativa e substitui *ainda assim*, infere-se que *ainda assim* é adversativa.

6) Na definição das adversativas, eu disse que **elas realçam o conteúdo da oração que introduzem**. Vou dar dois exemplos para isso ficar claro. Imagine uma vizinha chegando até você (mulher) e dizendo assim sobre seu marido:

– *Maria, eu sei que João é carinhoso,* ***mas*** *ele é alcoólatra.* (Percebe que a vizinha está querendo "jogar areia" na relação de vocês dois?)

Agora, outra vizinha:

– *Maria, eu sei que João é alcoólatra,* ***mas*** *ele é carinhoso.* (Percebe que a vizinha está querendo dar uma "moral" ao seu relacionamento?)

Por que deduzimos isso? Muito simples: a conjunção adversativa dá relevância ao conteúdo da oração que a segue, de modo que chegamos a conclusões diferentes na fala das duas vizinhas, certo? Veja de novo, com a conclusão/desfecho, o que se subentende na fala delas:

– *Maria, eu sei que João é carinhoso,* ***mas*** *ele é alcoólatra,* ***então*** *larga ele!*

– *Maria, eu sei que João é alcoólatra,* ***mas*** *ele é carinhoso,* ***então*** *dá uma chance a ele!*

Hoje, em algumas provas para cargos bem difíceis, como Diplomata e Auditor-Fiscal, a FCC, o Cespe e a Esaf vêm trabalhando conjunções de uma maneira diferenciada, buscando o valor argumentativo delas, por isso selecionei uma questão que, apesar de não ser dessas bancas, reflete bem tal enfoque:

Questão 5 (UFRJ – Vestibular – 2006/2007)

A conjunção adversativa *mas*, utilizada no penúltimo verso do texto II (Perdi o dia, mas ganhei o mundo.), além de implicar contraste, desempenha papel argumentativo específico. Explique esse papel.

Gabarito Oficial: A conjunção *mas* desempenha o papel de realçar o conteúdo da segunda oração, que constitui o elemento central na argumentação.

Alternativas: exprimem ideia de exclusão, alternativa (opção/escolha), alternância (ação ou resultado de alternar), inclusão, retificação etc.

ou	***seja...seja***
ou...ou	***já... já***
ora...ora	***umas vezes... outras vezes***
quer...quer	***talvez... talvez***

– *Você quer suco* ***ou*** *deseja tomar refrigerante?* (alternativa/exclusão)

– ***Ou*** *faço a festa* ***ou*** *pago a viagem.* (sempre exclusão)

– ***Ora*** *assiste à TV,* ***ora*** *cuida dos filhos.* (sempre alternância)

– ***Quer*** *estude,* ***quer*** *trabalhe, é bem-sucedido.* (alternância)

– ***Seja*** *neste mês,* ***seja*** *no próximo, iremos saldar as dívidas.* (exclusão)

– ***Já*** *sobe nas árvores,* ***já*** *brinca com o cão, você nunca para?* (alternância)
– *O dinheiro* ***umas vezes*** *traz felicidade,* ***outras vezes*** *traz desgraça.* (alternância)
– ***Talvez*** *chore,* ***talvez*** *ria, não saberemos.* (exclusão/alternância)

Cuidado!!!

1) A conjunção ***ou*** pode ter matizes de sentido:

– *Ou sobe,* ***ou*** *desce.* (exclusão)
– *O Flamengo* ***ou*** *o Vasco continuam sendo bons times.* (inclusão/adição; = *e*)
– *O Brasil tem 25 estados,* ***ou*** *26.* (retificação; = *ou melhor*)
– *A parte da frente do navio,* ***ou*** *proa, está avariada.* (precisão/sinonímia)
– *Abram a porta* ***ou*** *todos serão repreendidos severamente!* (exclusão-condição/exclusão-consequência; = *senão* – muitos dicionários dizem que "senão" é conjunção alternativa neste caso)

Veja uma questão sobre isso:

Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009

Fragmento de texto

As relações sociais institucionalizadas pela participação do homem nas diversas comunidades da contemporaneidade não degradam ou deformam a consciência individual... (...)

– Por fazer parte de uma estrutura sintática negativa, a conjunção *ou*, em *não degradam ou deformam*, equivale semanticamente a "nem".

(X) CERTO
( ) ERRADO

2) Registram como conjunções alternativas ***umas vezes... outras vezes...*** e ***talvez... talvez...***, o gramático Sacconi e o dicionário Houaiss. É bom dizer que, excetuando *ou*, todas as demais conjunções alternativas são correlatas.

3) Os gramáticos Sousa e Silva e A. Gama Kury ensinam que **não** pode haver combinação de correlatas diferentes, isto é: ***Seja*** *homem* ***ou*** *mulher, todos gostam de música.* (errado) / ***Seja*** *homem* ***seja*** *mulher, todos gostam de música.* (certo). Ainda sobre "seja", a maioria dos gramáticos não toleram sua flexão, afinal, conjunção é uma palavra invariável: ***Sejam*** *dias frios,* ***sejam*** *dias quentes, sempre toma banho gelado.* (inadequado) / ***Seja*** *dias frios,* ***seja*** *dias*

quentes, sempre toma banho gelado. (adequado). Bechara não se opõe a nenhuma das duas construções.

4) Além de indicar exclusão, a correlação "quer... quer" pode apresentar um matiz de concessão: ***Quer*** *queiram,* ***quer*** *não, eu sou um grande profissional! = Embora queiram ou não, sou um grande profissional!*

Conclusivas: exprimem ideia de conclusão ou consequência.

logo	***pois***
portanto	***por conseguinte***
por isso	***então***
assim	***em vista disso***

– *Preciso sair depressa,* ***logo*** *me ligue mais tarde.*
– *A adoção nunca deixará de ser um gesto nobre.* ***Portanto****, abracemos a causa!*
– *Ele não passou no concurso dessa vez,* ***por isso*** *terá de conciliar o estudo com o trabalho.*
– *Você não pode engordar,* ***assim*** *evite comer de uma em uma hora.*
– *Você cumpriu sua palavra; terá,* ***pois****, sua recompensa.* (= *portanto*; vem separada por vírgula(s), depois do verbo ou no fim da frase: *Ele te protege; sê-lhe grato,* ***pois****. (José Oiticica))*
– *Ele não fez boa redação,* ***por conseguinte*** *foi desclassificado.*
– *Foi pega roubando,* ***então*** *teve de ser despedida.*
– *O mal é irremediável,* ***em vista disso*** *tente se conformar.*

Cuidado!!!

1) Sobre o *pois* conclusivo, confira: Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico (ADM) – 2009 – QUESTÃO 20 e FAB – EEAR – SARGENTO – 1/2002 b) – QUESTÃO 29.

2) Algumas conjunções conclusivas podem vir separadas por vírgula quando deslocadas, falo sobre isso melhor em *Pontuação*: *Ela se casou com um homem rico; não passará necessidades,* ***portanto****.* (ou *Ela se casou com um homem rico; não passará,* ***portanto****, necessidades.).*

3) Não confunda os advérbios de tempo ***logo*** e ***então*** com conjunções conclusivas: *Ela volta* ***logo****; vamos preparar-lhe uma surpresa.* (advérbio de tempo) / *Ela volta hoje,* ***logo*** *vamos preparar-lhe uma surpresa.* (conjunção conclusiva) / *Como é bom*

relembrar o passado; namorava-se ***então*** *no portão de casa.* (advérbio de tempo) / *O mestrando perdeu totalmente o fio do discurso,* ***então*** *a banca de professores o reprovou.* (conjunção conclusiva). Sobre isso, consulte: FGV – Senado Federal – Administração – 2012 – Questão 16. Também não confunda o advérbio de modo *assim* com conjunção conclusiva (veja o *assim* como conjunção conclusiva: FCC – TRT (23R) – Técnico Judiciário – 2007 – Questão 11). Falando nisso, *sendo assim* e *assim sendo* são construções registradas pelo dicionário Aulete, equivalendo a *logo, portanto* e *assim.* Logo, trata-se de locuções conjuntivas conclusivas.

4) Alguns gramáticos, como Gama Kury, Sacconi e Infante, dizem que *de modo que, de maneira que, de forma que* e *de sorte que* podem ser locuções conjuntivas coordenativas conclusivas. Algumas bancas corroboram isso. (Confira: FIP – Câmara/SJC – Programador – 2010 – Questão 17)

5) As expressões *desse modo, dessa maneira* e *dessa forma* são inegáveis conectivos de valor conclusivo dentro do discurso, como alista o sábio Othon Moacyr Garcia.

Explicativas: exprimem ideia de explicação, justificativa; normalmente vêm após verbos no imperativo.

porque
que
porquanto
pois (antes do verbo)

– *Os funcionários já chegaram,* ***porque*** *as luzes estão acesas.*
– *Estude,* ***que*** *valerá a pena.*
– *Ela devia estar com frio,* ***porquanto*** *tremia.*
– *Come a sopa toda,* ***pois*** *está muito boa.*

Cuidado!!!

1) O ***pois*** explicativo equivale a *porque*, logo, por mais que venha separado por vírgulas, nunca será conclusivo: *Gratidão a Deus todos devem,* ***pois****, além de tudo, Ele entregou Seu filho por nós.* Veja a diferença, agora como conclusivo: *Gratidão a Deus todos devem. Devemos,* ***pois****, levar em conta que Ele entregou Seu filho por nós.*

2) As conjunções explicativas também podem ser causais. Veremos a diferença entre causa e explicação na parte de *Orações Subordinadas Adverbiais.*

3) Pelo amor de Deus, jamais confunda *portanto* (conclusiva) com *porquanto* (explicativa).

Subordinativas

Fiquem atentos às conjunções sublinhadas, pois elas não são usuais! Por isso mesmo o "homem da banca" vai querer usá-las ardilosamente.

Integrantes: introduzem orações subordinadas substantivas; conectam uma oração incompleta a uma oração que, por sua vez, vai completá-la; um antigo e válido *bizu* nos diz que se conseguirmos substituir uma oração iniciada por uma das integrantes (***que*** ou ***se***) por *isto/isso*, tais conectivos serão conjunções subordinativas integrantes.

– *Não sei* ***se*** *devo estudar mais.* ("Não sei" o quê? Isto: "**se** devo estudar mais".)

– *Verifiquei* ***se*** *faltava água aqui.* ("Verifiquei" o quê? Isto: "**se** faltava água aqui".)

– *Eu o informei de* ***que*** *a prova será amanhã.* ("Eu o informei" de quê? Disto: "de **que** a prova será amanhã".)

– *Percebe-se* ***que*** *ela é uma boa aluna.* (O que "se percebe"? Isto: "**que** ela é uma boa aluna".)

Obs.: É isso mesmo. Só há duas conjunções integrantes, e elas são as únicas que, tradicionalmente, não carregam um sentido embutido, apesar de haver uma sutil mudança de sentido nestas orações introduzidas por *que* e por *se*: "Ela não sabe *se ele virá.*" (dúvida) e "Ela não sabe *que ele virá.*" (certeza).

A partir de agora, vejamos as conjunções subordinativas adverbiais. São chamadas assim porque introduzem orações subordinadas adverbiais.

Causais: exprimem a causa, a razão de um efeito.

porque	***dado que***
que	***visto que***
porquanto	***visto como***
pois	***já que***
como (= *visto que*; só no início da oração)	***uma vez que***
pois que (uso mais literário)	***na medida em que***
	sendo que

– *Nós brigamos não apenas **porque** temos personalidades diferentes mas também **porque** não nos amamos mais.*

– *Se não nos amamos mais, é **porque** nunca abrimos concessões.*

– *Não é **porque** eu não te amo que eu vou me separar de você.*

– ***Porque** eu te amo intensamente, muitas pessoas sentem ciúmes de nós.*

– *Nunca mataria ninguém, **que** não é de sua índole.*

– *Não almoçou **porquanto** não tinha fome.*

– *A menina não comprou o vestido, **pois** era muito caro.*

– ***Como** estudamos/estudássemos dia e noite, alcançamos o êxito.* (o verbo após o *como* causal pode ficar no indicativo ou, menos usualmente, no pretérito imperfeito do subjuntivo)

– *Preciso amar-te, **pois que** sem ti nada sou.*

– ***Dado que** a metade da população vive na pobreza, precisamos ajudar.*

– *Não participarei da aula, **visto que** não gosto deste professor.*

– ***Visto como** não podia entrar na prefeitura, fez um protesto.*

– ***Já que** lhe ficou proibida a participação, teve de se resignar.*

– *Ele deixou de estudar **uma vez que** teve de começar a trabalhar.*

– ***Na medida em que** não conseguiu resolver a prova, ficou bem nervoso.*

– ***Sendo que** a classe política perde credibilidade a cada dia, aumenta a tendência do voto nulo nas eleições deste ano.*

Cuidado!!!

1) Não confunda *porque, que, porquanto* e *pois* causais com explicativas. Sempre que vier um verbo no imperativo antes – não respire! –, tais conjunções serão sempre explicativas: "Vem, ***que*** eu te espero!" (explicativa). Falarei mais sobre elas em *Orações Subordinadas Adverbiais Causais.*

2) *Por causa que* e *por causa de que* são coloquialismos. Evite!

3) Não confunda o *como* causal com o aditivo, comparativo e conformativo: ***Como*** *fizesse frio, pus um casaco.* (causa) / *Tanto nado* ***como*** *pedalo.* (adição) / ***Como*** *age o pai, age o filho.* (comparação) / ***Como*** *já dissemos, acalmem-se!* (conformidade)

4) *Desde que* (= *uma vez que*; causal) é ignorado por alguns estudiosos e abonado por outros: ***Desde que*** *conseguimos entrar na Faculdade, precisamos agora conquistar nosso diploma.* O fato é que tal construção não é nada usual atualmente.

5) Segundo Bechara, "a construção 'sendo que' aparece repetida e condenada em consultórios gramaticais, dicionários de dúvidas de linguagem e manuais de redação, quando a sequência é usada como equivalente à conjunção aditiva 'e' ou à adversativa 'mas' (...) Não conhecemos a fonte de onde se originou essa lição condenatória que não tem o respaldo de quem conhece profundamente a história que se reflete no uso de seus melhores escritores. No emprego de 'sendo que' não temos erro de língua, nem tampouco, uma sintaxe agramatical. Por questão pessoal de estilo ou por possível necessidade de clareza do contexto, pode-se substituir 'sendo que' pelas alternativas propostas. Estará mesmo certo dizer que um exemplo como 'Os autores concordam com essa teoria e os nacionais são ainda mais enfáticos.' é mais claro e traz mais ênfase ao estilo que 'Os autores concordam com essa teoria, sendo que os nacionais são ainda mais enfáticos.'? Para nós, é infundada a correção gramatical e estilística pretendida, conforme se vê no testemunho de nossos melhores escritores (...)". Em outras palavras, pelo que pesquisei, o gramático, só ele, considera **culta** tal locução conjuntiva **como aditiva (ou adversativa)**, os demais a consideram **coloquial**, nessas acepções.

6) *Dado que* e *Posto que* são normalmente locuções conjuntivas concessivas (normalmente com verbo no subjuntivo): ***Dado que/Posto que*** *tenha deixado de*

estudar, nunca esqueci as explicações do mestre. Não obstante no *Soneto de Fidelidade*, de Vinícius de Moraes, ele se valeu de sua licença poética para usar *posto que* como causal: *Que não seja eterno* ***posto que*** *(= porque) é chama mas que seja infinito enquanto dure.* A norma culta não acolhe a classificação de locução conjuntiva causal para *posto que.* Para Cegalla e para o gramático Houaiss, *Dado que* pode ter valor condicional.

7) Não confunda *na medida em que* (locução causal) com *à medida que* (locução proporcional). É bom dizer também que *na medida que* é uma locução inexistente na língua culta. Consulte: FGV – SENADO FEDERAL – Técnico LEGISLATIVO – 2008 – QUESTÃO 10.

Veja outra:

(FAB – EEAR – Sargento – 2002)

– Observe o período: *"Eu desejava mais uma blusa: quem viaja está sempre pensando em alegrias que, de volta, pode dar aos amigos.".*

Substituindo-se os dois pontos por uma conjunção ou locução conjuntiva, a relação entre as orações estará correta em:

a) Eu desejava mais uma blusa, assim quem viaja está sempre pensando...

b) Eu desejava mais uma blusa, na medida em que quem viaja está sempre pensando... (a relação entre as orações separadas por dois-pontos é de causa e consequência)

c) Eu desejava mais uma blusa, desde que quem viaja está sempre pensando...

d) Eu desejava mais uma blusa, à medida que quem viaja está sempre pensando...

8) Há muitas questões que trabalham relação de causa e consequência e reescritura de frases ao mesmo tempo. A banca que privilegia tal assunto é a FCC. Vou dar um exemplo: ***Como*** *Berenice não gostava de ir ao cinema* (causa)*, seu pai a levava à força. = Berenice não gostava de ir ao cinema* ***de modo que*** *seu pai a levava à força.* (conclusão/consequência) / *Os irmãos viviam brigando* ***porque*** *sentiam ciúmes terríveis um do outro.* (causa) = *Os irmãos sentiam ciúmes terríveis um do outro,* ***por isso*** *viviam brigando.* (conclusão/consequência). Note que há duas maneiras de dizer a mesma coisa porque há uma correspondência na construção com conjunção causal e com conjunção conclusiva/consecutiva. Note também que é possível dizer que há ideia de causa e **consequência** mesmo com o uso de uma locução conjuntiva conclusiva (por isso).

9) Não confunda *por quanto* (preposição + pronome; indica quantidade) com *porquanto* (conjunção causal ou explicativa).

10) Venho acompanhando o progresso da expressão *haja vista que* (= *pois, porque, visto que, já que* etc.) como locução conjuntiva causal. E não é que caiu uma questão sobre isso? Cespe/UnB – CÂMARA DOS DEPUTADOS – Analista LEGISLATIVO – 2012 – QUESTÃO 85.

Comparativas: exprimem comparação, analogia, tanto qualitativamente como quantitativamente.

tal qual	***(tão)... como/quanto***
tal e qual	***tanto... como***
qual	***como***
tal como	***assim como***
	como se

(mais, menos, maior, menor, melhor, pior)... (do) que

* As conjunções comparativas em si são as que não estão entre parênteses; os termos entre parênteses só participam da correlação. Outra coisa: lembre-se de que *do* é facultativo antes do *que*.

– *Os homens,* ***tal qual*** *as mulheres, são sentimentais.* (comparativo de igualdade)
– *Gosto de cinema* ***tal e qual*** *teatro.* (comparativo de igualdade)
– *Corria* ***qual*** *um touro.* (comparativo de igualdade)
– *É excelente esportista,* ***tal como*** *o irmão.* (comparativo de igualdade)
– *Viva o dia de hoje* ***como se*** *fosse o último.* (comparativo de igualdade)
– *Casa é* ***mais*** *confortável do* ***que*** *apartamento.* (comparativo de superioridade)
– *Apartamento é* ***menos*** *confortável* ***que*** *casa.* (comparativo de inferioridade)
– *Este apartamento é* ***maior que*** *aquela casa.* (comparativo de superioridade)
– *Esta casa é* ***menor do que*** *aquele apartamento.* (comparativo de superioridade)
– *Tu sempre serás* ***melhor que*** *minha ex-esposa.* (comparativo de superioridade)
– *Ela sempre será* ***pior*** *pessoa* ***que*** *você.* (comparativo de superioridade)
– *A programação da TV aberta é* ***tão*** *interessante* ***como/quanto*** *a da TV a cabo.* (comparativo de igualdade)
– *Nenhum atleta treinou* ***tanto*** *ao longo da vida* ***como*** *o Ricardo.* (comparativo de igualdade)
– *Acho-o submisso* ***como*** *um cão.* (comparativo de igualdade)
– ***Assim como*** *chegou, partiu: em silêncio.* (comparativo de igualdade)

Cuidado!!!

1) *Que nem* e *feito* são vistos como conectivos coloquiais, mas Cegalla os alista entre as comparativas sem fazer ressalva alguma, portanto cuidado com a abordagem das bancas: *Ela recendia perfumes* ***que nem*** *um galho de manacá silvestre. / Por que ficou me olhando assim* ***feito*** *boba?* (C. Drummond de Andrade)

2) A expressão *tal qual*, quando varia, é analisada como *tal* (pronome demonstrativo) e *qual* (pronome relativo), é por isso que tais vocábulos variam com seus referentes: *Os filhos agem* ***tais*** *qual o pai. / O filho age tal* ***quais*** *os pais. / Os filhos agem* ***tais quais*** *os pais.* O *tal*, de *tal como*, também varia: "As crianças, ***tais*** como os idosos, merecem cuidados.".

3) É normalíssimo que os verbos das orações iniciadas pelas conjunções estejam elípticos (implícitos): "O governo daqui é tão corrupto ***quanto*** *os de lá (... quanto são os governos de lá)*". Dentro de um contexto, pode haver elipse total de uma oração e, ainda assim, haver duas orações: *João Rosa e Pedro Orósio estão disputando o segundo turno. Os dois candidatos não param de discutir sempre que têm uma chance. No entanto, na última vez que se viram, Pedro parecia mais calmo.* (ou seja, Pedro parecia mais calmo *do* ***que*** *parecia João*). A oração sublinhada apresenta, portanto, duas orações, só que uma delas está em elipse total.

4) Não confunda a construção "tanto... quanto" comparativa com aditiva: *Ela* ***tanto*** *ri* ***quanto*** *chora.* (adição) / *Ela chora tanto* ***quanto*** *ri.* (comparação).

5) A ideia de superioridade pode representar uma preferência com a construção "antes... (do) que": *O apelo das cidades seria* ***antes*** *social* ***que*** *econômico.*

6) Lembre que "maior, menor, melhor, pior... que" é construção própria de comparativo de superioridade. Reveja o grau dos adjetivos!

Concessivas: exprimem contrariedade, ressalva, *oposição a uma ideia sem invalidá-la.*

Embora	***se bem que***
malgrado	***posto que***
conquanto	***nem que***

ainda que/quando ***apesar de que***
mesmo que
em que (pese)[1]
por (mais, menos, melhor, pior, maior, menor, muito) que (indica grau)

– ***Embora*** *viaje o mundo inteiro, nunca conhecerá sua terra profundamente.*
– ***Malgrado*** *haja problemas em casa, não os leve para o trabalho.*
– ***Conquanto*** *eu trabalhe, nunca paro de estudar.*
– ***Ainda que/quando*** *ela faça tudo por você, não se cansa em rejeitá-la, não é?*
– *Conseguiu chegar ao cume do morro,* ***mesmo que*** *se sentisse fraco.*
– *Nunca iremos esmorecer,* ***em que*** *pese a falta de incentivo deles.*
– *O comportamento da turma é satisfatório,* ***se bem que*** *alguns alunos continuem a perturbar as aulas.*
– *A taça foi para outros,* ***posto que*** *se achassem capazes para ganhar o campeonato.*
– *Iremos ao jogo,* ***nem que*** *caia um temporal*
– *Tornou-se um ótimo professor,* ***apesar de que*** *seu carisma não fosse grande.*
– ***Por mais que*** *o tempo mude, não mudarão seus planos para hoje.*
– *Não desista,* ***por pior que*** *esteja sua vida!*
– ***Por muito que*** *chamasse sua atenção, não era possível ser notado.*

Cuidado!!!

1) [1] Construção cristalizada na língua. A locução conjuntiva é *em que* (= *ainda que*) seguida do verbo *pesar* (= provocar determinado sentimento). Este verbo pode ser VTD – "*Em que pesem os esforços do governo, nada muda em nosso país.*" (*os esforços do governo* é o sujeito do verbo pesar) – ou VTI (neste caso, exige a preposição *a*: "*Em que pese aos adeptos do progresso a qualquer preço, continuaremos defendendo a natureza.*" (*aos adeptos do progresso a qualquer preço* é o objeto indireto do verbo pesar).

2) É quase unânime a opinião de que as locuções conjuntivas concessivas terminadas em *que* (*ainda que, mesmo que, posto que, apesar de que...*) sempre vêm seguidas de verbo no modo subjuntivo. Disse "quase", pois Maria H. de M. Neves, Laudelino Freire, Assis Cintra e Cegalla registram a possibilidade de tais conectivos virem seguidos de verbo no modo indicativo

também: *Posto que* ***era/fosse*** *esperto e malicioso, acabou sendo enganado.* Maldosamente, criaram uma questão baseada nesse pequenino detalhe (confira: FCC – MPE/AP – Técnico MINISTERIAL – 2012 – QUESTÃO 12). Por que as bancas fazem isso conosco?!

3) Atenção! *Não obstante* é locução conjuntiva concessiva quando seguida de verbo no subjuntivo: ***Não obstante*** *possuísse muitas posses, era humilde.*

4) *Mesmo se* não é locução conjuntiva concessiva, tampouco construção culta, portanto evite! No lugar de "*Mesmo se* arrumasse um emprego fixo, não conseguiria manter-se.", use simplesmente "***Mesmo que*** arrumasse um emprego, não conseguiria manter-se.".

5) Semanticamente, as conjunções adversativas são muito próximas às concessivas. Há duas maneiras básicas de diferenciarmos uma da outra:

I – Memorize o grupo de ambas, pois as conjunções adversativas nunca são iguais às concessivas, exceto *não obstante* – mas o modo verbal que se seguirá a esta expressão irá diferenciá-las: indicativo (adversativa), subjuntivo (concessiva).

II – Perceba que a oração a seguir introduzida pela conjunção adversativa, tem peso argumentativo, dando realce à oração que introduz; já a oração a seguir introduzida pela conjunção concessiva, não tem peso argumentativo.

Maria tem boa reputação, ***mas*** *não parece ter.* (adversativa; maior peso argumentativo em relação à oração anterior) / ***Embora*** *não pareça* (concessiva, menor peso argumentativo em relação à oração posterior), *Maria tem boa reputação.*

6) *Posto, suposto* (ou *suposto que*) são conectivos concessivos não usuais. Encontra-se em Machado e em Carlos Drummond: ***Suposto*** *o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: (...) (Machado) / Certamente, falta-lhes não sei que atributo essencial,* ***posto*** *se apresentem nobres e graves, por vezes. (Drummond)*

7) Não confunda *com quanto* (preposição + pronome; indica quantidade) com *conquanto.* Também não confunda *conquanto* (concessão) com *porquanto* (explicação ou causa). Não vacile na prova!

Condicionais: exprimem condição, hipótese.

se	***desde que*** (seguido de subjuntivo)
caso	***a menos que***
contanto que	***a não ser que***
exceto se	***sem que*** (= *se não*)
salvo se	***uma vez que*** (seguido de subjuntivo)

– ***Se*** *tu pararas de estudar, precisarás trabalhar.*
– ***Caso*** *eu fizesse suas vontades, certamente mudaria seu jeito comigo.*
– *O mundo mudará* ***contanto que*** *as pessoas mudem.*
– *Os produtos daqui não poderão ser exportados,* ***exceto se*** *houver prévio acordo.*
– ***Salvo se*** *meu livro não for publicado por uma grande editora, publicá-lo-ei independentemente.*
– ***Desde que*** *você estude, obterá êxito.*
– *Ele chegará até nós,* ***a menos que*** *você o impeça!*
– *Estude,* ***a não ser que*** *pretenda trabalhar.*
– ***Sem que*** *se aproxime do diretor, não conseguirá ascender na empresa.*
– ***Uma vez que*** *você aceite a proposta, assinaremos o documento.*

Cuidado!!!

1) A locução conjuntiva *sem que* pode indicar uma relação de **modo, concessão, condição** ou **consequência**, segundo Bechara, Cegalla e outros gramáticos.

– *Saiu* ***sem que*** *se despedisse.* (modo)
– ***Sem que*** *estudasse, passou.* (concessão)
– ***Sem que*** *estude, dificilmente passará.* (condição)
– *Não sai* ***sem que*** *leve um casaco.* (consequência)

No entanto, segundo Sacconi, "orações iniciadas por *sem que* se classificam melhor entre as concessivas ou entre as condicionais. (...)". Essa é a visão oficial, e não pretendemos dela nos afastar. No dito pelo não dito, levemos as duas verdades para a prova. Falando em prova... veja duas questões sobre *sem que* nas provas: CEPERJ – PREF. DE ANGRA DOS REIS/RJ – PROFESSOR – 2008 e Cespe/UnB – TJ/ES – Cargos de nível superior – 2011. Encontrei outra questão que aborda todos os casos, mas é *antiguinha* (não reclama!)...

16. (FAB – EEAR – Sargento – 2000) Assinalar a alternativa em que a conjunção estabelece a mesma relação que se verifica em "Bandeira livre e bandeira oficial foram comuns, posto que em graus diversos, a todo o Brasil.".

a) Fez tudo direito sem que eu lhe ensinasse. (Gabarito!)
b) Não sairás daqui sem que antes me confesses tudo.
c) Não podem ver um brinquedo sem que o queiram comprar.
d) Sairás sem que te vejam.

Comentário: A: *Fez tudo direito embora/posto que eu não lhe ensinasse.* (concessão) / *B: Não sairás daqui se não me confessares tudo antes.* (condição) / *Não podem ver um brinquedo de modo que não o queiram comprar.* (consequência) / *Sairás sem que te vejam.* (modo)

2) Sobre a conjunção condicional *se*, Bechara e Maria H. de M. Neves dizem que pode apresentar sentidos subjacentes à condição, quais sejam: **causa (com verbo no indicativo), concessão, tempo e factualidade**; por exemplo:

– ***Se*** *os homens são por natureza imperfeitos, as sociedades humanas não podem ser perfeitas.* (= *já que;* causa)

– ***Se*** *você tem disposição, porque não corre a maratona?* (= *já que;* causa)

–*"**Se** o via derrubado, rosto no pó, nem por isso o respeitava menos."* (Ondina Ferreira) (= *embora;* concessão)

– *A pele,* ***se*** *for bem clara, escurece muito debaixo deste sol.* (= *embora;* concessão)

– ***Se*** *Maria vem aqui em casa, todos se alegram.* (= *quando;* tempo)

– ***Se*** *fala, irrita a todos;* ***se*** *não fala, idem.* (= *quando;* tempo)

– ***Se*** *eu não gosto de "funk", é porque há muita agressão verbal à mulher.* (= *Se é um fato que eu não gosto de funk, eu não gosto porque há muita agressão verbal a mulher;* factualidade)

Já outros gramáticos, como Cegalla e Sacconi, são mais "radicais" ao dizerem que o *se* é uma conjunção causal ou concessiva. O Sacconi vai além dos valores do *se*, mas não nos cabe aqui dizer tudo o que é verdade para tal gramático. O fato é que o *se* já foi considerado **conjunção causal** em questão de prova (EsPCEx – OFICIAL DO EXÉRCITO – 2010 – QUESTÃO 24) e **concessiva** (Cespe/UnB – TST – Analista Judiciário – 2008 – QUESTÃO 2 / Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de nível superior – 2011 – QUESTÃO 24).

3) O valor de condição necessária e suficiente da construção *se e somente se* está nas locuções *desde que* e *contanto que*: *Um argumento é uma certeza absoluta* ***se e somente se*** *(desde que/contanto que) a hipótese de todas as infinitas premissas do argumento, mesmo aquelas ocultas, se tornasse uma verdade, depois da conclusão provada.*

4) Pode haver elipse do verbo auxiliar da locução verbal ou elipse da própria conjunção *se*: *Se (for) reeleito, transformará a saúde carioca. / (Se) Tivesse eu os votos do povo, mudaria sua vida.*

5) É bom dizer que a concretização de uma condição ou hipótese implica uma consequência certa, portanto cuidado com questões que trabalhem a noção de causa e consequência, mas não utilizem conjunções causais, conclusivas ou consecutivas, mas sim condicionais! É isso mesmo! Exemplo: *Se eu estudar, certamente passarei.* Perceba que a consequência (*passar*) depende da concretização do fato contido na condição/hipótese (*estudar*).

6) É redundância, portanto totalmente desaconselhada a construção *se caso*: "*Se caso* você for, avise-me." (inadequado) / "*Se* (ou *Caso*) você for, avise-me." (adequado). Já a construção *se acaso* (= *se* – conjunção condicional + *porventura* – advérbio de dúvida) é correta: "*Se acaso* me quiseres, sou dessas mulheres que só dizem sim." (Chico Buarque).

Conformativas: exprimem acordo, maneira, conformidade.

conforme

consoante (não usual)

segundo

como (= *conforme*)

– *Você enfim agiu* ***conforme*** *nós acordamos.*

– ***Consoante*** *falamos, dedique-se ao estudo.*

– ***Segundo*** *havíamos combinado, você inicia o curso amanhã.*

– ***Como*** *se pode ver, é impossível tirar o cinturão deste lutador.*

Cuidado!!!

1) Não confunda *como* conformativo com comparativo. Na comparação é preciso haver pelo menos dois seres sendo comparados, o que já não ocorre na conformidade. É por isso que, em "O lutador luta *como* o mestre.", o *como* é necessariamente comparativo.

2) A conjunção *conforme* também pode ser proporcional, segundo o dicionário Houaiss e Maria H. de M. Neves, equivalendo a "à medida que/ao passo que": ***Conforme*** *os convidados iam chegando, iam acomodando-se nas cadeiras.*

Consecutivas: exprimem resultado, efeito, consequência.

tão... que	***tanto assim... que***
tanto... que	***de sorte que****
tamanho... que	***de modo que***
tal... que	***de maneira que***
de tal modo/maneira... que	***de forma que***
a tal ponto... que	

* As locuções *de sorte que, de modo que, de maneira que, de forma que* são sinônimas.

– *Meu filho é* ***tão*** *inteligente* ***que*** *passou em 1º lugar no ITA.*
– *Estudei* ***tanto*** *o famigerado Português* ***que*** *acabei tendo uma estafa.*
– ***Tamanha*** *foi a sua coragem* ***que*** *pulou no mar em ressaca.*
– ***Tal*** *foi sua postura antes da prova* ***que*** *conseguiu um bom resultado.*
– *Sua apresentação aconteceu* ***de tal modo que*** *todos não paravam de rir.*
– *Ambos ligaram-se* ***a tal ponto*** *ao longo da amizade* ***que*** *pareciam o mesmo ser.*
– *Eles não se prepararam para a competição,* ***tanto assim que*** *ficaram em último lugar.*
– *Não gostava de estudar, mas queria se estabilizar na vida,* ***de sorte que*** *começou a investir nos livros.*

Cuidado!!!

1) Saiba que, nas correlações, só o *que* é a conjunção consecutiva! As expressões que formam a correlação com a conjunção *que* podem vir implícitas: *Essa mulher bebe (tanto)* ***que*** *acaba xingando todo mundo.* Normalmente, nas correlações, *tão* é advérbio de intensidade, *tanto* é advérbio de intensidade ou pronome indefinido e *tamanho* e *tal* são pronomes indefinidos.

2) Na linguagem coloquial, a correlação de *cada* + *que* é comum: *Falou* ***cada*** *coisa de minha mãe* ***que*** *merecia uma surra.*

Finais: exprimem finalidade, objetivo, intuito, propósito, fim.

para que

a fim de que

porque (= *para que*; não usual)

de modo/maneira/forma/sorte que (= *para que; não usual*)

– *Estou estudando* ***para que*** *eu melhore a vida.*

– ***A fim de que*** *as pessoas se amem de verdade, é preciso incluir Deus na vida.*

– *Ore* ***porque*** *não caia em tentação.*

– *Viaja sempre à janela do ônibus* ***de maneira que*** *pegue uma brisa.*

Obs.: Não confunda *para que* (preposição exigida por algum nome + conjunção integrante) com *para que* (locução conjuntiva final): *A preservação da Floresta Amazônica é importante* ***para que*** *se mantenha o equilíbrio ecológico mundial.* (o nome *importante* exige a preposição *para*, que vem seguida da conjunção integrante *que*) / *Temos de preservar a Floresta Amazônica* ***para que*** *se mantenha o equilíbrio ecológico mundial.* (locução conjuntiva final)

Proporcionais: exprimem proporcionalidade, simultaneidade, concomitância.

à proporção que

à medida que

ao passo que

quanto mais/menos/menor/maior/melhor/pior...* (tanto) mais/menos/ menor/ maior/melhor/pior

* As locuções conjuntivas iniciadas por *quanto* (*quanto mais, quanto menos...*) estão em correlação com as expressões que as seguem (*tanto mais, tanto menos...*).

– *A temperatura sobe* ***à proporção que*** *o verão se aproxima.*
– *O meio ambiente sofre* ***à medida que*** *a população ignora os impactos do progresso.*
– ***Ao passo que*** *estudava o assunto, mais dúvidas lhe apareciam.*
– ***Quanto mais*** *conheço os homens, mais estimo meus cachorros.*
– ***Quanto mais*** *estudo Matemática,* ***menos*** *a entendo.* (inversamente proporcional)
– ***Quanto menos*** *esforço fizer,* ***tanto melhor*** *será.*
– ***Quanto maior*** *é o tamanho,* ***pior*** *é a queda.*
– ***Quanto melhor*** *for seu tempo,* ***mais*** *chance terá de se classificar.*

Cuidado!!!

1) *Enquanto*, além de temporal, segundo o gramático Celso Cunha e Maria H. de M. Neves e os dicionários Aulete e Houaiss, é também conjunção proporcional: ***Enquanto*** *uns se decepcionaram, outros aplaudiram.* Indica normalmente simultaneidade: *Desliguei a TV,* ***enquanto*** *ela me beijava.* Equivale a "ao passo que". Veja uma questão sobre isso: Consulplan – TSE – Técnico Judiciário – 2012 – QUESTÃO 11. Ainda sobre esta conjunção, o gramático Domingos P. Cegalla diz que ela equivale a "ao passo que" (conjunção adversativa, segundo ele) quando indica contrariedade, oposição: "Uns trabalham enquanto (= ao passo que, mas) outros se divertem". Faz sentido, mas não conheço outro gramático que diga o mesmo. No entanto, para nossa surpresa, veja essa questão: Cespe/UnB – TELEBRÁS – Técnico Administrativo – 2013 – QUESTÃO 16.

2) Preciso dizer pela milésima vez que *na medida que* e *à medida em que* não existem na língua culta? Cuidado! Só existe *à medida que* (proporcional) e *na medida em que* (causal)! Não erre na prova!

Temporais: exprimem tempo.

Quando
enquanto
mal *(= logo que)*
apenas (= *logo que;* não usual)
depois que
antes que
sempre que
logo que
assim que
agora que
todas as vezes que
cada vez que
ao mesmo tempo que
primeiro que (= *antes que;* não usual)
até que
desde que (verbo no indicativo)

– ***Quando*** *respeitamos nossos pais, isso nos identifica como pessoas de honra.*
– *No início do século passado, as mulheres ficavam em casa,* ***enquanto*** *os homens ficavam na rua.*
– ***Mal*** *entrei em sala, começaram os aplausos!*
– *Ela me reconheceu* ***apenas*** *apertei sua mão.*
– ***Depois que*** *a sala de cinema ficou lotada, ninguém quis sair de lá.*
– ***Antes que*** *o mundo acabe, quero marcar meu nome na história.*
– *Ficas excitada* ***sempre que*** *Augusto te olhas?*
– ***Logo que*** *os índios viram os portugueses, assustaram-se.*
– ***Assim que*** *você acordar, peço que me ligue, urgentemente.*
– ***Agora que*** *vocês chegaram, podemos ir.*
– ***Todas as vezes que*** *dançam bolero, os velhinhos sentem-se realizados.*
– ***Cada vez que*** *a Lua completa uma volta no céu, o Sol muda de signo.*
– *Come* ***ao mesmo tempo que*** *lê.*
– ***Primeiro que*** *falecesse, deixou um legado.*
– ***Até que*** *se cumpram suas palavras, continuarei confiando em ti.*
– ***Desde que*** *essas explicações chegaram à minha vida, nunca mais fui o mesmo estudante.*

Cuidado!!!

1) A conjunção ***quando*** pode indicar matiz **condicional** e **concessivo**: ***Quando*** *o senhor quer algo de mim, é gentil.* (condição) / *Vive saindo,* ***quando*** *deveria estar estudando.* (concessão) Veja duas questões sobre isso:

(FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011)

Ficam hibernando à espera do momento eleitoral **quando** *deveriam estar em praça pública em busca de militantes e se expondo ao debate*.

A conjunção *quando*, no período acima, tem valor:

a) proporcional;
b) comparativo;
c) consecutivo;
d) temporal;
e) concessivo. (Gabarito!)

(FGV – SEAD/AP – Fiscal da Receita Estadual – 2010)

Deve-se isso ao fato de as instituições brasileiras terem sido concebidas de forma coercitiva e unilateral, não havendo diálogo entre governantes e governados, mas apenas a imposição de uma lei e de uma ordem consideradas artificiais, quando não inconvenientes aos interesses das elites políticas e econômicas de então.

A respeito do uso do vocábulo *quando* no fragmento acima, pode-se afirmar que se trata de uma conjunção:

a) Subordinativa com valor semântico de condição. (Gabarito!)
b) Coordenativa com valor semântico de tempo.
c) Coordenativa com valor semântico de finalidade.
d) Subordinativa com valor semântico de concessão.
e) Coordenativa com valor semântico de explicação.

2) Não me custa dizer que ***mal*** e ***apenas*** são advérbios, normalmente. Também não me custa dizer para você tomar cuidado com ***desde que*** condicional (seguido de verbo no subjuntivo, pois indica hipótese: "***Desde que*** se alimentasse bem, poderia desenvolver-se.") e ***desde que*** temporal (seguido de verbo no indicativo, que não indica hipótese mas fato: "***Desde que*** se alimentou, pôde desenvolver-se."). Para fechar: a maioria dos gramáticos, como Cegalla, repudiam o uso da preposição na expressão ***ao mesmo tempo em que***.

3) Sobre a locução conjuntiva temporal ***no que (= assim que)***, é coloquial, por não haver registro na língua culta: "**No que** ele saiu, começou a chover.".

4) As expressões ***todas as vezes em que, todas as vezes nas quais, ao mesmo tempo em que, ao mesmo tempo no qual*** são equivocadas, segundo a língua culta. Os gramáticos Cegalla e Bechara, por exemplo, abonam essa afirmação. As locuções conjuntivas temporais adequadas são sem preposição.

Observação Final: Além de outras classificações, o vocábulo *que* pode ser conjunção **aditiva, adversativa, alternativa, explicativa, integrante, causal, concessiva, consecutiva, comparativa, condicional, final, temporal**. No entanto, só falo de todas essas classificações no *Capítulo 31* (*Que, Se e Como*). Se quiser, dê um pulo até lá...

Valor Discursivo

A função das conjunções é tornar explícitos diversos nexos semânticos entre as partes do texto, dando coesão a ele. Em outras palavras: as conjunções sinalizam as relações entre os termos e as frases, não para que o texto fique bonitinho, mas para que o interlocutor perceba que as partes do texto são compostas de ideias conectadas e tornadas claras pelas conjunções.

Entenda, de uma vez por todas, que as relações entre os termos e as orações normalmente existem sem que haja uma conjunção explicitando tal relação, mas ao colocarmos o conector, a relação fica mais clara, explícita. Veja um exemplo:

Ano passado estudei demais: consegui a valiosa classificação.

Note que, no lugar dos dois-pontos, poderíamos colocar um conectivo que clarificasse a ideia de causa/efeito (ou fato/conclusão), certo? Veja se não ficaria assim:

Ano passado estudei demais, logo consegui a valiosa classificação.

É bom dizer que algumas conjunções que comumente têm apenas um valor semântico podem explicitar determinadas relações de sentido entre as ideias do texto. Veja uma questão sobre isso:

(ENEM – Vestibular – 2001)

O mundo é grande

O mundo é grande e cabe
Nesta janela sobre o mar.
O mar é grande e cabe
Na cama e no colchão de amar.
O amor é grande e cabe
No breve espaço de beijar.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1983.

Nesse poema, o poeta realizou uma opção estilística: a reiteração de determinadas construções e expressões linguísticas, como o uso da mesma conjunção para estabelecer a relação entre as frases. Essa conjunção estabelece, entre as ideias relacionadas, um sentido de:

a) oposição; (Gabarito!)
b) comparação;
c) conclusão;
d) alternância;
e) finalidade.

Comentário: A conjunção ***e*** tem sentido adversativo (= *mas*). No poema, contrapõe-se a ideia de grandeza do mundo à pequenez da janela, a grandeza do mar à pequenez da cama e do colchão, a grandeza do amor ao "breve espaço de beijar".

Sobre a <u>função textual</u> da conjunção, veja mais questões:

(UERJ – Vestibular – 2000)
"Só não se inventou uma máquina de fazer versos – já havia o poeta parnasiano." (linha 9)
Nesse trecho a opção pelo emprego do travessão evita a utilização explícita de um conectivo entre as duas orações. Mantidos o sentido original e a coerência textual, o autor poderia ter optado pelo uso da seguinte conjunção:

a) pois; (Gabarito!)
b) quando;
c) entretanto;
d) se bem que.

(ACCESS – Pref. Teresópolis/RJ – Professor II – 2005)
– Observe a relação semântica existente entre as orações:
I. Sofreu tanto. Ficou doente.
II. Estou gostando de outro. Já disse.
III. A paixão é própria do ser humano. Todos podem senti-la.
IV. Nunca mais se apaixonou. Se separou.
Para dar sentido a cada item, a sequência correta das conjunções é:

a) ou... ou – porque – quando – em que;
b) que – porque – enquanto – quando;
c) que – como – por isso – desde que (consequência-conformidade-conclusão-tempo; gabarito!);
d) conforme – mas – mas – se;
e) que – por isso – porque – embora.

(UEG – Núcleo – PC/GO – Delegado de Polícia – 2008)
No trecho, "ela [a fortuna] é sempre amiga dos jovens: estes são menos judiciosos, mais aguerridos e mais audazes ao comandá-la", os dois pontos podem ser substituídos sem prejuízo de sentido por:

a) 'já que'; (Gabarito!)
b) 'portanto';
c) 'contudo';

d) 'ainda que';

Ficou claro como as conjunções colaboram com a coesão? É isso... Vamos às questões agora!

O Que Cai Mais na Prova?

Todas as conjunções podem cair na sua prova, portanto não se esquive! Estude! Decore! Memorize! Depois que estiver "tudão entubado no sangue", nunca mais você irá errar!

E coloque uma coisa em sua cabeça: quem domina conjunção *mata* qualquer questão de coesão e coerência, de reescritura de frases, de correção gramatical, de orações coordenadas e subordinadas, de pontuação etc. É um coringa!

Você vai ver que, quando eu começar a falar de orações coordenadas e subordinadas, o domínio de conjunção será pri-mor-di-al. Fique esperto no padrão das questões!

Questões de Concursos

Divirta-se!

Já foram registradas na floresta amazônica brasileira 2.500 espécies de árvores. Em apenas um hectare são encontradas trezentas espécies de vegetais diferentes. _____, o consumo e a miséria são faces da mesma moeda. Alguns recursos naturais, renováveis ou não, são explorados de forma inescrupulosa e consumidos em ritmo superior à capacidade de renovação da natureza.

1. (Esaf – Auxiliar Judiciário – 2002) Para unir as duas partes do texto de forma coerente, assinale a expressão correta.
   a) na medida em que.
   b) assim que.
   c) por muito que.
   d) à medida que.
   e) no entanto.

2. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) Observe os períodos abaixo:
   I. Mal o leão se afastou, o rato não teve a menor dúvida.
   II. "Os animais devem ser adestrados, ao passo que os seres humanos devem ser educados."
   III. Não obstante haja concluído um curso superior, é incapaz de redigir uma carta.
   IV. Pode criticar, desde que fundamente sua crítica em argumentos.
   As orações sublinhadas exprimem, respectivamente, circunstância de:

a) tempo, proporção, concessão e condição;
b) causa, conformidade, condição e concessão;
c) tempo, proporção, condição e concessão;
d) condição, concessão, tempo e consequência.

3. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta quanto às conjunções coordenativas que preenchem adequadamente o texto abaixo, dando-lhe coerência.

Yes, nós temos cinema!

Todo mundo fala de um renascimento do cinema brasileiro _____ ele parece incontestável. _____ ainda falta vencer um obstáculo fundamental: o preconceito do espectador brasileiro que continua relutante em sair de casa para assistir a um filme nacional. _____ os filmes têm dificuldade de conseguir muitas salas _____ não conseguem o sucesso que mereciam.

(Rubens Ewald Filho)

a) e – assim – contudo – por isso;
b) logo – pois – portanto – todavia;
c) e – mas – por isso – e;
d) pois – contudo – entretanto – mas.

4. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) A um secretário de escola foi dada a ordem de redigir um ofício para o prefeito da cidade com o seguinte conteúdo:

I. Finalidade: pedido de conserto da parte hidráulica do prédio.
II. Concessão: impedimento da regularidade das aulas.
III. Tempo: o mais rápido possível.
IV. Acordo: o previsto em reunião anterior.

Utilizando as conjunções e locuções conjuntivas subordinativas, o corpo do texto corretamente produzido deverá ser:

a) Conforme o combinado em assembleia de junho/2000, solicitamos de V.Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola, em caráter de urgência, para que seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio. Embora os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração.
b) Mesmo que não seja possível, solicitamos de V. Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola a fim de que seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio. Contanto que os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração já que foi combinado em assembleia de junho/2000.
c) Se for possível, solicitamos de V. Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola à medida que a parte hidráulica do prédio seja consertada. Para que os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração, apesar do que foi combinado em assembleia de junho/2000.
d) Visto que é possível, solicitamos de V. Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola, posto que seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio. Conforme os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração, porquanto tenha sido combinado em assembleia de junho/2000.

5. (Esaf – Técnico Administrativo – 2004) Em relação ao texto, assinale a opção correta.

(...) Aliás, a sua perda na atmosfera colabora para o efeito estufa, **pois** seu contato com o oxigênio do ar produz uma queima incompleta, (...)

d) Não haveria alteração na relação sintática com a substituição de "pois" por qualquer um desses conectivos: *já que*, *porque*, *visto que*, *uma vez que*, *porquanto*.

6. (FAB – EEAR – Sargento da Aeronáutica – 2/2005) Observe as orações coordenadas sindéticas destacadas:

1. Ela sempre acende um cigarro, **e não fuma**.
2. Dormirei com dois cobertores, **pois a temperatura diminuirá ainda mais esta noite**.

A seguir, assinale a alternativa correta quanto a sua classificação, respectivamente.

a) adversativa – conclusiva.
b) aditiva – conclusiva.
c) aditiva – explicativa.
d) adversativa – explicativa.

7. (ITA – Vestibular – 2006) Considere as duas frases finais do texto, abaixo reproduzidas:

(1) Mas talvez os shoppings, mesmo os mais sofisticados, como o Iguatemi, tenham se tornado democráticos demais para o gosto da classe alta paulista.

(2) A cada pequeno entusiasmo econômico, logo a alvoroçada classe média da cidade resolve se intrometer aos bandos nas searas exclusivas dos muito ricos.

Nota-se que a frase (2) apresenta uma relação de sentido com a frase (1). Essa relação ficaria explicitada se a frase (2) iniciasse por:

a) apesar de que;
b) tanto assim que;
c) além disso;
d) por isso;
e) já que.

8. (Esaf – TCU – Analista de Controle Externo – 2006) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A conjunção "e" (Eles tentaram se libertar do pesadelo derivado de um dado histórico inequívoco: a voragem exterminista e genocida do capital e do capital financeiro em primeiríssimo lugar. E fracassaram.) pode ser substituída, sem prejuízo para a correção gramatical do período e para o sentido do texto, por **mas.**

9. (FAB – EEAR – Sargento – 2007) *"Conjunções (...) São vocábulos que existem para preencher as lacunas de pensamento de quem lê."* Assinale a alternativa que traz a correta sequência de conjunções que podem preencher os parênteses nos textos abaixo.

1. *"O átomo é um monumento à sabedoria humana.* (*) *Um dia poderá ser a lápide de sua insensatez."* (Henry Adams)
2. *"O que Deus fez em seis dias/ Eu desfaço em um/* (*) *Eu sou o lobo homem/ Devoro-me a mim mesmo."* (Aridjis)
3. *"A literatura deve ser vida.* (*) *O escritor deve ser o que escreve."* (Guimarães Rosa)

a) e – porque – por isso.
b) porque – portanto – e.

c) mas – como – porquanto.
d) por conseguinte – visto que – pois.

Fragmento de texto

"(...) que dizer de técnicos de futebol que vivem de terço na mão e medalhas de santos sob a camisa e que, em face de cada lance decisivo, as puxam para fora, as beijam e murmuram orações? Isso para não falar nos que consultam pais-de-santo e pagam promessas a Iemanjá. É como se dissessem: treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas, mas, independentemente disso, existem forças imponderáveis que só obedecem aos santos e pais-de-santo; são as forças do acaso.

***Mas** não se pode descartar o fator psicológico que, como se sabe, atua sobre os jogadores de qualquer esporte; (...)"*

10. (ITA – Vestibular – 2008) No penúltimo parágrafo, a conjunção **mas** estabelece com os demais argumentos do texto uma relação de:
a) restrição;
b) adversidade;
c) atenuação;
d) adição;
e) retificação.

11. (FAB – EAGS – Sargento – 2008) Leia:

*Vem contemplar comigo o mar de minha saudade, **que em murmurantes ondas canta o amor perdido**.*

Tomando a oração destacada e substituindo **em** por **as** e **canta** por **cantam**, a oração resultante deverá ser classificada sintaticamente como:
a) subordinada adjetiva explicativa;
b) subordinada adjetiva restritiva;
c) coordenada conclusiva;
d) coordenada explicativa.

12. (Esaf – MPOG – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

*(...) Até a pouco tempo atrás, havia sérias dúvidas sobre a capacidade de arregimentação dessas empresas pelo governo chinês. A imagem predominante era a de que elas realizavam incursões esporádicas e oportunistas em vários mercados, sem objetivos comuns. A compra de parte do capital acionário da Rio Tinto, **entretanto**, passa a mostrar um alinhamento entre os interesses do Estado e os das estatais enquanto empresas, para assegurar o suprimento de commodities que sustente a rápida expansão econômica. (...)*

– O termo "entretanto" pode, sem prejuízo para a informação original do período, ser substituído por qualquer um dos seguintes: *porém, contudo, todavia, conquanto, porquanto*.

13. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Chegou-se a dizer que esse é um meio elitizado, utilizado apenas pelas classes A e B. ***Mas*** *uma pesquisa mostra que as classes C e D utilizam amplamente a internet. No ano passado, os brasileiros compraram mais computadores (10,5 milhões de unidades)* ***do que televisores****.*

– O termo "Mas" insere no texto uma relação de comparação.

14. (Cesgranrio – PROMINP – Administrador de PDMS – 2010) Considere o texto para verificar em que situações a substituição do **se** por **mesmo que** garante a equivalência de sentido entre os enunciados em destaque.

I. Ficaria fácil escorrer os grãos **se a bacia para lavar o arroz tivesse furinhos**. (**mesmo que a bacia para lavar o arroz tivesse furinhos**).

II. A explosão só acontece **se há acúmulo de gás dentro da cozinha**. (**mesmo que haja acúmulo de gás na cozinha**).

III. **Se o gás vazasse**, saía para o ambiente externo. (**mesmo que o gás vazasse**).

Há equivalência **APENAS** no apresentado em:

a) I;
b) II;
c) III;
d) I e II;
e) II e III.

15. (Esaf – CVM – Agente Executivo – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

Onde as sociedades são mais justas, equilibradas, honestas e onde as necessidades sociais são mais satisfeitas, há menor risco para a atividade jornalística. Com esse cenário, os governos são mais honestos e o Estado é mais transparente; as empresas privadas menos corruptas e corruptoras e os cidadãos mais íntegros. Com isso, a atividade jornalística é mais segura e não necessita ir a fundo e substituir as tarefas delegadas ao Judiciário, à política e à polícia. Nem cobrar do Estado, por meio de estratégias investigativas que, para chegar à denúncia, envolvem o risco físico dos repórteres e jornalistas em geral. ***Assim****, onde há mais corrupção em vários níveis do Estado e onde os negócios públicos são mais obscuros, envolvendo setores privados, todo bom jornalista corre mais risco,* ***porque*** *ele é o último recurso da voz pública, do cidadão, da esperança.*

I. O termo "Assim" confere ao período a noção de conclusão.

II. O termo "porque" confere ao período a noção de condição.

16. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Provoca-se <u>erro</u> gramatical ou <u>incoerência</u> ao ligar os dois últimos períodos sintáticos (A evolução da renda *per capita* dependia das taxas de natalidade e mortalidade. A renda *per capita* da Inglaterra começou a crescer descolada da demografia...), pela conjunção **porquanto**, escrevendo o artigo em "A renda" com letra minúscula.

17. (Esaf – SMF/Pref. RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O termo "como" (Reduzir tudo a efeito natural da atual crise é simplismo. Flagelos assim são como os desastres de avião: sempre têm múltiplas causas.) indica que "desastres de avião" se dão por causa de "flagelos".

18. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2010) Em "Não minta para você, essa é a forma mais rápida de se perder.", relacionando a 2ª oração com a 1ª, o conectivo que **NÃO** poderia introduzir a 2ª oração, por provocar alteração do sentido inicial, é:
a) porquanto;
b) que;
c) pois;
d) logo;
e) porque.

19. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
Para que a cobertura mínima oferecida pelos planos de saúde aos seus segurados inclua as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente, a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) acrescentou 73 novos procedimentos à lista de exames, consultas, cirurgias e outros serviços que as operadoras são obrigadas a oferecer.
– O termo "Para que" confere ao período em que ocorre a ideia de finalidade.

20. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
*(...) A advertência vale para o Brasil, **embora** as causas do nosso déficit sejam diferentes das da União Europeia. (...)*
– Mantém-se a correção gramatical do período e as informações originais ao se substituir "embora" por qualquer um dos seguintes termos: *conquanto, se bem que, apesar de que, contanto que, consoante.*

21. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) Assinale a opção que ao substituir a oração sublinhada, no texto abaixo, provoca erro gramatical e/ou incoerência textual.
Sem vitória ou derrota, na comparação entre o pré e o pós-crise, a turbulência financeira que abalou o mundo trouxe perdas ao Brasil, mas no decorrer de 2009 os prejuízos foram recuperados e, se o país não cresceu, conseguiu ao menos fazer com que importantes indicadores econômicos e sociais empatassem com os que eram registrados em 2008 – ano do pico de desenvolvimento brasileiro.
a) caso o país não cresceu.
b) apesar de o país não crescer.
c) mesmo o país não crescendo.
d) embora o país não crescesse.
e) ainda que o país não tenha crescido.

22. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "O diabo é **que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar**." (L. 10-11)
Na linha argumentativa do texto, a oração "que a gente banaliza o olhar" em relação à oração "de tanto ver" encerra uma:

a) causa;
b) consequência;
c) conformidade;
d) condição;
e) concessão.

23. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) A conjunção/locução conjuntiva entre parênteses que **NÃO** expressa a mesma relação de sentido da conjunção/locução conjuntiva destacada é:
a) "**assim como** não estamos aqui," (l. 5-6) – (bem como)
b) "...**quando** procuramos estar com alguém," (l. 8) – (sempre que)
c) "...**porque** gostamos," (l. 9-10) – (ao passo que)
d) "...**para que** elas venham até você." (l. 25) – (a fim de que)
e) "**mas** quem estava procurando por você!" (l. 27-28) – (porém)

24. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) *É certo* **que** *a mudança do enfoque sobre o tema, no âmbito das empresas – principalmente, as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos de postura administrativa decorrentes da adoção de critérios de responsabilização penal da pessoa jurídica em seus países de origem. Tais mudanças, inevitavelmente, terão* **que** *abranger as práticas administrativas de suas congêneres espalhadas pelo mundo, a fim de evitar respingos de responsabilização em sua matriz.* (L.21-30)
No trecho acima, as ocorrências da palavra QUE classificam- se, respectivamente, como:
a) pronome relativo e preposição;
b) conjunção integrante e preposição;
c) conjunção integrante e conjunção integrante;
d) pronome relativo e conjunção integrante;
e) preposição e pronome relativo.

25. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) A articulação lógica entre as ideias expressada pelo emprego de conectivos em um texto é um fator de coerência. No trecho do Texto II "No trabalho, em que a comunicação pode custar dinheiro **ou** mesmo o sucesso profissional, um *e-mail* deve ser redigido com toda a atenção para não dar margem a mal-entendidos." (l. 14-17), o termo em destaque introduz, em relação à parte inicial, a ideia de:
a) alternância;
b) comparação;
c) conclusão;
d) contraste;
e) proporção.

26. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) Um dos aspectos responsáveis por garantir a coerência textual é a relação lógica que se estabelece entre as ideias. Essa relação pode ser explicitada por conectores ou estar implícita na sequência textual. No trecho a seguir, estabelece-se uma relação lógica implícita entre os dois períodos.
Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas de escrita nos faça escrever melhor. Escrever, como ler, só será efetivamente um hábito qualificado se feito com prazer.

Essa relação lógica entre os dois períodos pode ser expressa por:

a) embora;
b) por conseguinte;
c) à medida que;
d) a fim de que;
e) sempre que.

27. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) A relação lógica estabelecida entre as ideias do Texto IV, por meio da palavra ou da expressão destacada, está exemplificada corretamente em:

a) conclusão: "[...] algo que a humanidade vem fazendo há milhares de anos, **desde que** precisou sobreviver e viver melhor em ambientes diversos [...]" (l. 4-6)
b) temporalidade: "A Era do Virtual é um caminho para essa perspectiva múltipla, e a mobilidade é um meio **para** o alcance da liberdade de expressão [...]" (l. 16-19)
c) comparação: "Tal comportamento independe do que pensamos estar certo ou errado, **pois** este binômio não é mais aplicável com uma solução razoável." (l. 27-29)
d) causalidade: "[...] ampliando o espectro de conhecimentos dos alunos – **uma vez que** as instituições físicas, apenas mundo real, não serão mais capazes de fazer." (l. 33-36)
e) condição: "[...] os conteúdos não são mais simplesmente empacotados do professor para os alunos; **mas** são conteúdos que permitem a produção de parcelas enormes de contribuições pelo estudante." (l. 46-49)

28. (FCC – TRE/RN – Analista Judiciário – 2011) ***Mal sugeria imagem de vida (Embora a figura chorasse).***

É correto afirmar que a frase entre parênteses tem sentido:

a) adversativo;
b) concessivo;
c) conclusivo;
d) condicional;
e) temporal.

29. (FAB – EPCAR – 2011/2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– "Inimaginável responder de forma mal educada aos mais velhos, professores <u>ou</u> autoridades..." (O conectivo sublinhado estabelece uma relação de inclusão entre os termos.)

30. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Considere o texto abaixo.

A teoria econômica evoluiu muito desde 1776, quando Adam Smith, em célebre obra investigou as causas das riquezas das nações. A teoria mostrou como funcionam os mercados, o papel da produtividade, as formas de aumentá-la e a função das instituições. Contribuiu, assim, para a formulação das políticas que trouxeram mais desenvolvimento e bem-estar. No Brasil, os economistas também contribuem para o desenvolvimento. Acontece que, se defenderem reformas em favor das maiorias, que causam perdas a minorias, os economistas serão rotulados de socialmente insensíveis. Quando um médico prescreve um tratamento, o objetivo é o bem-estar do paciente. Ninguém dirá que ele planeja o sofrimento. Mas, se os economistas sugerem medidas de austeridade para resolver desequilíbrios e restabelecer o crescimento sustentável, diz-se que eles propugnam ações para promover a recessão, o desemprego e a destruição de conquistas sociais. O receituário do médico incorpora

esperança e simpatia, pois se sabe que o objetivo dele é a cura da doença. ***Sua ação*** *é mais percebida por todos. A expectativa maior é de êxito. O diagnóstico é mais preciso, especialmente com os avanços da tecnologia.* ***O economista*** *não tem essas vantagens.* ***No tratamento*** *de crises, lida com incertezas, complexidades e situações inéditas. Os economistas tendem a errar mais que os médicos, mas seu foco jamais será a recessão pela recessão ou a austeridade sem propósito.*

Preserva-se a coerência entre os argumentos do texto, bem como sua correção gramatical, ao:

a) empregar um conectivo de valor condicional, como **Se**, em lugar de "Quando";
b) substituir a conjunção condicional "se" pelo conectivo **caso**;
c) explicitar o valor explicativo da oração, inserindo a conjunção **pois** para ligar a oração iniciada por "Sua ação" com a anterior, mudando para minúscula a letra inicial de "Sua";
d) ligar as orações iniciadas por "O economista..." e "No tratamento", em um mesmo período sintático, retirando o ponto final e mudando para minúscula a letra inicial maiúscula de "No";
e) inserir a conjunção **Embora** no início do último período sintático do texto, mudando para minúscula a letra inicial de "Os".

31. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção em que o preenchimento da lacuna com o conectivo abaixo resulta em erro gramatical ou incoerência textual no seguinte fragmento.

A dívida pública brasileira é uma velha herança. _____a)_____ aumentou consideravelmente nos anos 80, _____b)_____ os juros internacionais subiram muito. Mais de 40 países foram arrastados pela crise da dívida, a partir de 1982. _____c)_____ seus governos foram capazes de reorganizar as contas públicas e de reduzir o peso da dívida. _____d)_____ o Brasil continuou prisioneiro do endividamento inflado naquele período e, além disso, permitiu o aumento de seu peso nos anos seguintes. _____e)_____, a carga tributária brasileira é maior que a de todos ou quase todos os países emergentes e até mais pesada que a de algumas economias avançadas, como os EUA e o Japão.

a) Portanto;
b) quando;
c) Porém;
d) Mas;
e) No entanto.

32. (FCC – Pref./SP – Auditor-Fiscal do Município – 2012) *O desenvolvimento corresponde a uma matriz endógena, gerada em nossas próprias sociedades, e [que] portanto não é possível importar.*

Propõe-se outra redação para a frase acima, a ser iniciada com "Não é possível importar o desenvolvimento...". Para que o sentido e a correção originais sejam mantidos, a conexão desse início com o segmento destacado deve ser feita mediante o uso de:

a) contudo;
b) dado que;
c) se bem que;
d) no caso de;
e) onde.

33. (FCC – TRF (2ª R) – Técnico Judiciário – 2012) *Os resultados preocupam. É indiscutível que a prática de esportes, associada a uma alimentação regrada, está diretamente ligada a uma vida mais saudável.*

Transformando as duas afirmativas acima em um só período, com as alterações necessárias, a conjunção que deverá uni-las está grifada em:

a) Os resultados preocupam, pois é indiscutível ...
b) Os resultados preocupam, contanto que seja indiscutível ...
c) Os resultados preocupam, caso seja indiscutível ...
d) Os resultados preocupam, porém é indiscutível ...
e) Os resultados preocupam, para que seja indiscutível ...

34. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) Com o tempo se desenvolveram dentro da modalidade dois tipos de mamulengos. O rural é o mais tradicional, que conserva figuras alegóricas bíblicas, como a alma e o diabo, e cujo universo social reproduz os hábitos cotidianos, os valores culturais, os conflitos entre os humildes e as autoridades nas fazendas e povoados. *Já o mamulengo urbano adota novas personagens e circunstâncias relacionadas à dinâmica das cidades e do tempo e mantém um enredo, embora não abra mão do improviso*. (último parágrafo)

As palavras grifadas acima denotam, considerando-se o contexto em que se apresentam, respectivamente, noção de:

a) consequência da afirmativa anterior e conformidade com o fato expresso no mesmo segmento;
b) comparação com a declaração anterior e conclusão coerente para o que está sendo afirmado;
c) causa que justifica a declaração anterior e sua consequência imediata;
d) temporalidade e oposição ao que vem sendo expresso no parágrafo;
e) oposição ao que foi expresso na afirmativa anterior e ressalva que não invalida a declaração feita.

35. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) *Victor fracassou porque cedeu a uma predisposição da natureza humana...*

O elemento grifado na frase acima tem o mesmo sentido de:

a) ainda que;
b) conquanto;
c) enquanto;
d) embora;
e) uma vez que.

36. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) Atente para estas frases, do 5º parágrafo do texto:

I. Não podemos contar com a sorte.
II. Daqui para frente, preservar é suor.

Para articulá-las de modo a preservar o sentido do contexto, será adequado uni-las por intermédio deste elemento:

a) no entanto;
b) ainda assim;
c) haja vista que;
d) muito embora;

e) por conseguinte.

37. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) *Com o avançar da idade, eles precisam de mais cálcio e vitaminas*...

Iniciando o período por **Eles precisam de mais cálcio e vitaminas**, o segmento grifado poderá passar corretamente a:

a) à medida que a idade vai avançando:
b) conquanto a idade avance;
c) se a idade for avançando;
d) ainda que a idade vá avançando;
e) em comparação à idade que avança.

38. (FCC – TCE/AP – Técnico de Controle Externo – 2012) *Preços mais altos proporcionam aos agricultores incentivos para produzir mais, o que torna mais fácil a tarefa de alimentar o mundo. Mas eles também impõem custos aos consumidores, aumentando a pobreza e o descontentamento.* (início do 2º parágrafo)

A 2ª afirmativa introduz, em relação à 1ª , noção de:

a) condição;
b) temporalidade;
c) consequência;
d) finalidade;
e) restrição.

39. (Cesgranrio – CMB – Assistente Técnico – 2012) Em um texto, as frases relacionam-se umas com as outras, estabelecendo entre si relações que contribuem para a construção do sentido do texto. Essas relações podem não ser explicitadas por meio do uso de um conectivo, como é o caso das duas frases do fragmento abaixo.

"Fui logo dizendo que não tinha, certa de que ele estava pedindo dinheiro. Não estava." (L. 2-4)

A relação construída entre essas duas frases pode ser expressa, sem alteração de sentido, pelo seguinte conectivo:

a) onde;
b) como;
c) contudo;
d) portanto;
e) conforme.

40. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) No quarto período do primeiro parágrafo, a conjunção "Enquanto" introduz oração de valor consecutivo.

( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – PEFOCE/CE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) No segundo parágrafo, destaca-se o início de períodos com ideias de natureza adversativa, por meio das expressões "No entanto", "Porém" e "Entretanto".

( ) CERTO
( ) ERRADO

42. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Fragmento de texto

Escrevi para ele dizendo que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust quando fiz o livro, porque o diabo do homem só faltou me chamar de representante comercial deles.

No terceiro período do texto, a oração iniciada pelo conector "quando" e a iniciada pelo conector "porque" indicam, respectivamente, as circunstâncias de tempo e causa relacionadas ao fato expresso na oração "que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust".

( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

O cientista político Phillippe Schmitter argumentou que, embora a situação europeia seja singular, seu progresso para além do Estado nacional tem uma pertinência mais genérica, pois "o contexto contemporâneo favorece...

43. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) O conector "embora" introduz um conteúdo que, mesmo sendo contrário à proposição contida no trecho "seu progresso para além do Estado nacional tem uma pertinência mais genérica", não a invalida.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

" (...) O cientista político Phillippe Schmitter argumentou que, embora a situação europeia seja singular, seu progresso para além do Estado nacional tem uma pertinência mais genérica, **pois** "o contexto contemporâneo favorece sistematicamente a transformação dos Estados em *confederatii*, *condominii* ou *federatii*, numa variedade de contextos".

44. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) O conector "pois" introduz ideia de consequência no trecho em que ocorre.

( ) CERTO
( ) ERRADO

45. (Cesgranrio – Petrobras – Analista de Sistemas Júnior – 2012) As seguintes orações "Não ri nem sequer sorri." (l. 43-44) e "Não faz uma pirueta." (l. 44) podem ser reescritas em um único período, sem alteração de sentido em:

a) Não ri nem sequer sorri, mas não faz uma pirueta.
b) Embora não ria nem sequer sorria, não faz uma pirueta.
c) Não ri nem sequer sorri, e não faz uma pirueta.
d) Caso não ria nem sequer sorria, não faz uma pirueta.
e) Não ri nem sequer sorri, porém não faz uma pirueta.

46. (Cespe/UnB – TJ/RR – Cargos de Nível Médio – 2012) Mantêm-se a correção gramatical e as informações originais do período ao se substituir o conectivo "pois" por **já que, uma vez que, porquanto, visto que** ou **porque**.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
Título: EXCLUSÃO SOCIAL E VIOLÊNCIA
O acentuado crescimento da violência no Brasil, todos sabemos, tem como causa uma série de determinantes institucionais e fatores sociais... (...) A injustiça social, portanto, tem contribuído para o atual quadro de violência e de desumanidade, ao tempo em que tem transformado a liberdade de ir e vir numa utopia para os excluídos da sociedade.

47. (CEPERJ – Degase – Psicólogo – 2012) No título, emprega-se a conjunção aditiva "e" para ligar "exclusão" à "violência".
A leitura global do texto, entretanto, revela que não se trata de uma adição. A relação que o autor estabelece entre exclusão e violência, na verdade, é de:
a) causalidade;
b) proporcionalidade;
c) temporalidade;
d) adversidade;
e) finalidade.

48. (Vunesp – CREFITO/SP – Secretário da Presidência – 2012) Leia as frases.
I. As novas regras integram um pacote de medidas que o governo estuda ***para melhorar*** o acesso a serviços de diagnóstico.
II. O governo também quer incentivar cursos de capacitação de técnicos – que, ***segundo*** o ministro, são parte importante na qualidade do resultado do exame.
As expressões em destaque estabelecem, correta e respectivamente, relação de:
a) finalidade e conformidade;
b) causa e condição;
c) finalidade e consequência;
d) adversidade e adição;
e) temporalidade e conformidade.

49. (FDC – Câmara Mun. Duque de Caxias/RJ – Técnico Legislativo – 2012) Altera-se o sentido fundamental de: "Mas, por importante que seja, essa informação pontual não é tudo" (§ 2) reescrevendo-se a oração entre vírgulas como:
a) importante que seja;
b) conquanto muito importante;
c) sendo embora muito importante;
d) por mais que importante;
e) por ser muito importante.

Fragmento de texto
"(...) A quantidade de livros ruins é uma grandeza, e são famosos os casos de clássicos ou de best-sellers que foram recusados por editora após editora até, finalmente, chamarem a atenção de alguém mais antenado. Ainda assim, um mundo sem editoras seria um caos para nós, leitores, que passaríamos mais tempo peneirando erros do que encontrando acertos. (...)"

50. (FDC – Câmara Mun. Duque de Caxias/RJ – Técnico Legislativo – 2012) Na linha de argumentação desenvolvida no texto, a locução destacada em: "AINDA ASSIM, um mundo sem editoras

seria um caos para nós, leitores" pode ser substituída, sem que o sentido do enunciado se altere, por:

a) Sem dúvida;
b) Outrossim;
c) Por isso mesmo;
d) Não obstante;
e) Haja vista.

"(...) Faz parte da nossa cultura gostar do local onde nascemos e vivemos, as pessoas são apegadas as suas cidades e querem que haja eventos nela. Só que esse sentimento saudável se transforma numa armadilha contra a própria população. (...)"

51. (FIOCRUZ – EPSJV – Técnico (Ensino Médio) – 2011/2012) No trecho "Só que esse sentimento saudável se transforma numa armadilha contra a própria população", a expressão sublinhada liga ideias. Para que mantenha o sentido apresentado no texto, ela pode ser substituída por:

a) mas;
b) embora;
c) apesar de;
d) e também;
e) pois.

Gabarito

1. E.	12. INCORRETO.	22. B.	32. B.	42. ERRADO.
2. A.	13. INCORRETO.	23. C.	33. A.	43. CERTO.
3. C.	14. C.	24. B.	34. E.	44. ERRADO.
4. A.	15. I- CORRETO. II- INCORRETO.	25. A.	35. E.	45. C.
5. D.	16. CORRETO.	26. B.	36. E.	46. CERTO.
6. D.	17. INCORRETO.	27. D.	37. A.	47. A.
7. E.	18. D.	28. B.	38. E.	48. A.
8. CORRETO.	19. CORRETO.	29. CORRETO.	39. C.	49. E.
9. A.	20. INCORRETO.	30. A.	40. ERRADO.	50. D.
10. D.	21. A.	31. A.	41. CERTO.	51. A.

11. D.				

Capítulo 16

Interjeição

Definição

Do ponto de vista semântico, a interjeição pode apresentar muitos valores. Basicamente a interjeição exprime determinados estados emocionais altissonantes, sensações ou estados de espírito do falante. Como as conjunções, as interjeições podem ser classificadas de acordo com a expressividade ou o sentimento que traduzem.

Do ponto de vista morfológico, a interjeição é uma palavra que não muda de forma, portanto é invariável.

Do ponto de vista sintático, a interjeição não exerce função sintática alguma.

Pois bem... para entendermos todas as definições de interjeição, vamos analisar este poema:

INTERJEIÇÃO

Ah! Lá vem ela bela
Oh! Ri meu coração de satisfação
Olá! Dizem meus lábios a ela
Olé! Diz a presença a solidão.

Avante! Avante! Coragem! Coragem!
Cala meu medo, fala meu coração
Viva! Que maravilha de paisagem
Psiu! É ela chamando minha atenção.
Chi! Tomou-me paixão
Pudera! Estava diante de meu desejo

Silêncio! Era demais a emoção
Bis! Acabara de receber um beijo.

Te amo, disse sua boca
Não resisti à vontade louca
Gritei alto: **ooooooooooooooba!**
(*Karl Marx Valentim Santos*)

Note que os vocábulos em azul são interjeições, pois

1) apresentam, respectivamente, **valores semânticos** de admiração/alegria, admiração/desejo, saudação/chamamento, satisfação, encorajamento (todas as palavras do 5º verso), alegria, chamamento, espanto/surpresa, expectativa, ordem, pedido, alegria/excitação;
2) **não variam** de forma (*oba* variou de forma por razões estilísticas, uma vez que se trata de um poema);
3) **não exercem função sintática** alguma, exceto "oooooooooooooba!", que, por servir de complemento do verbo *gritar*, se torna um substantivo.

Identificação

A **interjeição** é facilmente identificada porque é uma palavra seguida de ponto de exclamação (!). E, ainda que isso não ocorra, a entonação sempre indicará um sentimento expresso por ela.

– ***Meu Deus!*** *é um anjo aquela menina!**
– ***Ah****, mulheres fúteis, quando ireis mudar vossa postura****?***
– ***Ih****... elas não vão sequer te cumprimentar.*

* **Obs.**: Depois de interjeição seguida de exclamação numa frase igualmente exclamativa, usa-se letra minúscula após o ponto.

Qualquer palavra proferida em tom exclamativo, como substantivo, adjetivo, pronome, verbo e advérbio, pode-se tornar uma interjeição:

– *Cuidado!, Atenção!, Silêncio!, Rua!, Céus!, Misericórdia! etc.*

– *Boa!, Bravo!, Coitado!, Ótimo!, Grato! etc.*
– *Nossa!, Isso!, Qual! etc.*
– *Tomara!, Morra!, Pudera!, Viva!, Passa! etc.*
– *Devagar!, Fora!, Francamente!, Alerta! etc.*

Locução Interjetiva

Assim como todas as locuções, a **locução interjetiva** é uma expressão que vale por uma interjeição. Veja algumas:

Meu Deus!, Meu Deus do céu!, Santo Deus!, Jesus Cristo!, Nossa Senhora!, Valha-me Deus!, Pelo amor de Deus!, Virgem Maria!, Nossa mãe!, Graças a Deus!, Eita-ferro!, Ora bolas!, Bom dia!, Vapt-vupt!, Vuco-vuco!, Macacos me mordam!, Pelas barbas do profeta!, Raios te partam!, Cruz-credo!, Puxa-vida!, Muito bem!, Alto lá!, Ai de mim!, Ó de casa!, Ô de casa!, Muito obrigado!, Que bom!, Pobre de mim!, Que droga!, Que horror!, Credo em cruz!, Com todos os diabos!, Que diabos!, Quem dera! etc.

Classificação

A classificação de uma interjeição se dá por seu valor semântico no contexto. Na fala, a entonação "diz tudo".

- **Aplauso, louvação:** *bis!, bem!, bravo!, viva!, fiufiu!, hup!, hurra!, isso!, muito bem!, parabéns!*
- **Afugentamento**: *arreda!, fora!, passa!, sai!, roda!, rua!, toca!, xô!, xô pra lá!*
- **Advertência**: *alerta!, cuidado!, alto lá!, calma!, olha!, fogo!*
- **Alegria**: *oba!, eba!, viva!, oh!, ah!, uhu!, eh!, gol!, que bom!, iupi!, irra!*
- **Apelo**, **invocação**: *alô!, olá!, ó!*
- **Alívio**: *ufa!, uh!, ah!, ainda bem!, arre!*
- **Animação, estímulo**: *coragem!, avante!, firme!, vamos!, eia!*
- **Aprovação**: *bravo!, bis!, viva!, muito bem!*
- **Admiração**: *ah!, chi!, xi!, ih!, oh!, uh!, uf!, ué!, puxa!, uau!, caramba!, caraca!, putz!, gente!, céus!, uai!, horra!, nossa!*
- **Agradecimento**: *graças a Deus!, obrigado!, obrigada!, agradecido!*
- **Aprovação, concordância**: *ok!*
- **Chamamento, invocação**: *alô!, hei!, olá!, psiu!, pst!, socorro!, oi!, ei!, eh!, ô!*
- **Desculpa**: *perdão!*

- **Desejo**: *oh!, tomara!, pudera!, queira Deus!, quem me dera!, oxalá!*
- **Despedida**: *adeus!, até logo!, bai-bai!, tchau!*
- **Dor** ou **prazer**: *ai!, ui!, au!*
- **Dúvida**: *hum?, hein?, hem?, hã?*
- **Desapontamento, desprezo**: *puxa!, aff!*
- **Espanto**: *uai!, hi!, ali!, ué!, ih!, oh!, poxa!, quê!, caramba!, nossa!, opa!, Virgem!, xi!, vixi!, terremoto!, barbaridade!, meu Deus!, menino Jesus!, Jesus!*
- **Estímulo**: *ânimo!, adiante!, avante!, eia!, coragem!, firme!, força!, upa!*
- **Impaciência**: *hum!, hem!, raios!, diabo!, puxa!, pô!*
- **Medo**: *credo!, cruzes! uh!, ui!, socorro!*
- **Ordem**: *silêncio!, alto!, basta!, chega!, quietos!, rua!*
- **Saudação**: *ave!, olá!, ora viva!, salve!, viva!, adeus!, alô!, oi!*
- **Saudade**: *ah!, oh!*
- **Silêncio, ordem**: *psiu!, silêncio!, calada!, psiu! (bem demorado), psit!*
- **Surpresa**: *puxa!, nossa!, ué!, putz!, ai!, ui!, meu Jesus!, meu Deus!, caramba!, pô!, cacete!, uau!*
- **Suspensão**: *alto!, alto lá!*
- **Terror**: *credo!, cruzes!, Jesus!, que medo!, uh!, ui!, fogo!, barbaridade!*

Cuidado!!!

1) A interjeição é considerada **palavra-frase**, caracterizando-se como uma estrutura à parte. Não desempenha função sintática. Ex.: *Perdão! = Desculpe-me!*

2) Ah, é importante dizer também que muitas onomatopeias são interjeições: *Bum!, Pou!, Pluft!, Tibum!, Atchim!, Buá!, Pum!...*

3) Os palavrões (palavras de baixo calão) são interjeições! Preciso mencionar alguns?

4) Usa-se a interjeição *ó* como apelo, chamamento, em vocativos: "Ó Deus, olhe por mim!". Usa-se *oh* para exprimir admiração, alegria, tristeza etc.: "Oh, Deus, que bom!".

5) As interjeições *tomara* e *oxalá* levam o verbo ao subjuntivo: "*Oxalá/Tomara* ele me <u>deixe</u> em paz!".

Valor Discursivo

As interjeições são usadas com muita frequência na língua falada informal. Mas, quando empregadas na língua escrita, costumam "contaminar" o texto com marcas de coloquialidade.

Além do mais, elas podem muitas vezes indicar traços pessoais do locutor ou do interlocutor intratextual, indicando a escassez de vocabulário, o temperamento, a origem geográfica, o nível social etc.

Normalmente nos diálogos de textos narrativos, as interjeições têm o objetivo de caracterizar personagens e, muitas vezes, tornar o discurso mais dinâmico. Isso ocorre muito hoje em dia no "internetês" por causa de sua natureza sintética e por causa de seu conteúdo mais emocional do que racional.

Dois gêneros textuais que abusam flagrantemente das interjeições são os textos publicitários e os quadrinhos, pois se associam imagens às exclamações expressas por essa classe gramatical.

Como a fala é muito criativa, já vemos as interjeições sofrendo variação em grau: *oizinho!, bravíssimo! até loguinho!*.

O Que Cai Mais na Prova?

Você só precisa saber o conceito de interjeição, identificá-la e perceber seu valor semântico. Nada mais que o básico. Questões sobre interjeição são quase impossíveis de encontrar. No entanto, juro que me esforcei e encontrei algumas perdidas no *limbo*.

Questões de Concursos

1. (Mackenzie – Vestibular – 2006) Considere a seguinte afirmação acerca dos sentidos em que são empregadas algumas palavras e expressões no texto.

   I. *Oi* (... o meu coração a pulsar. Oi, a pulsar.) é interjeição que apresenta significado equivalente ao de "Olá".

(*Estado de S.Paulo*, 15.06.2007)

2. (Vunesp – Pref. Louveira/SP – Inspetor de Alunos – 2007) Na sequência dos quadrinhos, o personagem Cebolinha, por intermédio de expressões faciais, comunica ao leitor reações de:
   a) sossego e felicidade;
   b) alegria e espanto;
   c) raiva e tranquilidade;
   d) indiferença e irritação;
   e) susto e alívio.

3. (UFMT – Pref. Cuiabá/MT – Procurador Municipal – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Não entendo nada de mulher, claro. (...) As que têm cintura – a-há! – têm mais saúde. (...)

- O uso de interjeições como *a-há!* e *claro* caracteriza o registro formal adotado para o texto.

Fragmento de texto

(...) Passado o teste, fui encaminhada para a cadeira astronáutica do banco de sangue. Passaram o garrote no meu braço, e o olho da enfermeira faiscou ao ver a veia saltar. – Hummmm... Calibrosa! – disse ela, já chamando a colega do lado para dar uma olhada. As duas trocaram sorrisos interessados. (...) prometi voltar para doar plaquetas. Voltei. Doar plaquetas é outro capítulo. (...) Foi lá que recebi outro cumprimento esdrúxulo: – Hummmmm... Plaquetuda!

4. (Funcab – Sesau/RO – Técnico em Informática – 2009) A interjeição usada pela enfermeira denota:
   a) preocupação;
   b) cautela;
   c) admiração;
   d) temor;
   e) inexperiência.

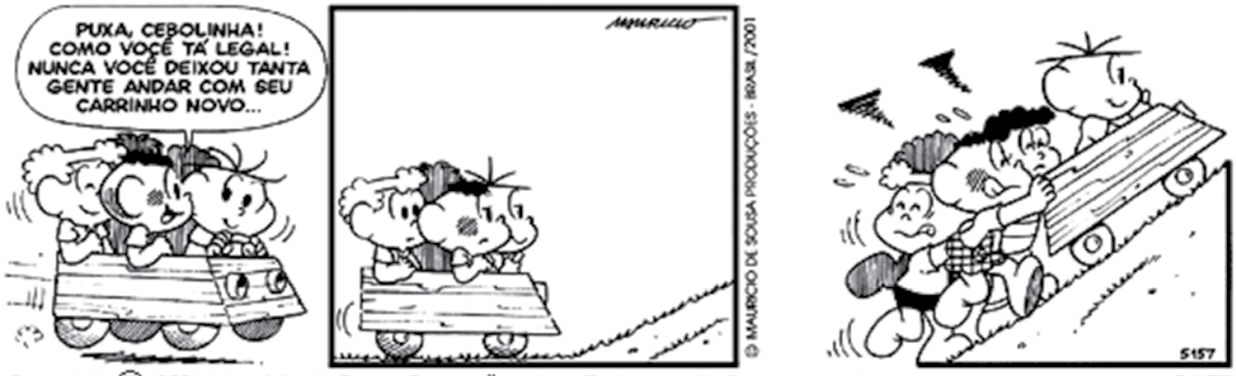

Copyright © 2001 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados. 5157

5. (ULBRA – Vestibular – 2011) No primeiro quadrinho, a palavra "Puxa" contribui para o efeito de sentido de toda a tirinha. Assinale a alternativa que explica a função gramatical dessa palavra.

a) Trata-se de aposto, porque "Puxa" está separado por vírgula.
b) Trata-se de uma gíria que introduz apenas situações de alegria.
c) Trata-se de uma interjeição que exprime surpresa.
d) Trata-se de um vocativo.
e) Trata-se de uma onomatopeia.

6. (UNIUV – Câm. Gen. Carneiro/PR – Auxiliar de Serviços Gerais – 2011) As interjeições exprimem emoções ou estados de espírito. Indique a interjeição que não condiz com a emoção apresentada:

a) Oxalá – desejo;
b) Ora! – reprovação;
c) Arre! – alívio;
d) Ué! – afugentamento;
e) Ave! – saudação.

7. (FGV – SEFAZ/RJ – Analista de Controle Interno – 2011) Em relação à expressão *Putz!*, enunciada pelo menino, analise as afirmativas a seguir:

I. Constitui exemplo de palavra formada por onomatopeia.
II. Classifica-se como interjeição.
III. É exemplo de estrangeirismo.
Assinale:
a) Se apenas a afirmativa III estiver correta.
b) Se apenas a afirmativa I estiver correta.
c) Se todas as afirmativas estiverem corretas.
d) Se apenas a afirmativa II estiver correta.
e) Se nenhuma afirmativa estiver correta.

8. (RCV Concursos – Pref. Coronel Vivida/PR – Auxiliar de Odontólogo – 2012) "*Ufa! Até que enfim terminei a prova!*". A palavra sublinhada pertence à classe gramatical:

a) das conjunções;
b) das onomatopeias;
c) dos verbos;

d) dos advérbios;
e) das interjeições.

Gabarito

1. INCORRETO.	5. C.
2. E.	6. D.
3. INCORRETO.	7. D.
4. C.	8. E.

Capítulo 17
Sintaxe

Sintaxe é a parte da gramática que trata da **ordem**, da **relação** e da **função** das palavras **na frase**.

Observe a seguinte frase:

Pestana alunos os do próximo classificarão o se concurso para ano neste.

Ahn? Estranha, não? Adivinha por quê? "Ah, Pestana, deve ter alguma coisa a ver com a sintaxe.". Não tenha dúvidas, nobre leitor(a). Leia de novo acima a definição de sintaxe. Percebeu?

A definição acima diz: "... trata da **ordem**...", e ***ordem*** é sinônimo de ***organização***. Logo, você já chegou à conclusão desejada por mim: as palavras estão fora de... **ordem, ou sequência** – mais do que isso, elas estão tão embaralhadas que nem chegam a refletir a estrutura sintática da nossa língua. Ou seja, uma frase não é um mero ajuntamento de palavras. Ninguém fala "Bebi ela Coca-Cola uma com.", mas sim "Eu bebi uma Coca-Cola com ela.". Até aí, tudo bem, certo?

Colocando-as na **ordem** (usual, comum, normal) sintática da língua portuguesa, veja se não ficaria assim:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Perfeito! Em outras palavras, os falantes da língua organizam as palavras mentalmente antes de formar frases; **normalmente** segue-se esta ordem: sujeito, verbo, complemento e adjunto (S V C A), chamada de **ordem direta**. Foi o que fiz.

Bem, o primeiro passo já foi cumprido: fazer você entender que a sintaxe da língua envolve a disposição, a sequência, a organização das palavras dentro da frase. Foi? Maravilha! Vamos para o segundo passo.

Percebeu que determinadas palavras ficaram juntas de outras, formando uma espécie de grupo/conjunto de palavras? Note o primeiro grupo (ou sintagma):

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Note agora o segundo grupo:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Note o terceiro:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Por fim, o quarto:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Bem, a pergunta que não quer calar: "Tá, e aí, Pestana?"

Por que as palavras foram divididas em grupos (ou sintagmas)? Simples! Algumas inexoravelmente mantêm **relações** com outras, logo não podem vir desvinculadas. Vou explicar melhor. Se alguém perguntasse para você assim: "Aluno(a), quem 'se classificará para o próximo concurso neste ano'?". O que você responderia? "Os", ou "alunos", ou "do", ou "Pestana", ou "Os alunos do Pestana."?

Certamente seria esta sua resposta: "Os alunos do Pestana.". Adivinha por quê? A resposta é que as palavras mantêm uma **relação** entre si de modo que formam pequenos grupos (ou sintagmas). Ok? Está acompanhando? Então, continue.

Por fim, a **função** das palavras na frase, ou seja, a famosa função ou classificação sintática dos termos da oração. Para os concursos, você tem de saber os nomes que são dados para classificar as funções que as palavras (ou os grupos de palavras) exercem na frase.

Você já teve aula disso alguma vez em sua vida, por isso, voltando para a frase exemplar, observe que o S é o sujeito, o V é o verbo, o C é o complemento e o A é o adjunto adverbial. Veja:

Os alunos do Pestana (S) se classificarão (V) para o próximo concurso (C) neste ano (A).

Acabamos de fazer uma breve análise sintática dos termos dessa frase. Percebeu? É importante dizer também que os grupos de palavras (sintagmas) podem estar invertidos na frase:

Para o próximo concurso (C) neste ano (A) os alunos do Pestana (S) se classificarão (V).

ou

Neste ano (A) os alunos do Pestana (S) se classificarão (V) para o próximo concurso (C).

ou

Para o próximo concurso (C), neste ano (A), classificar-se-ão (V) os alunos do Pestana (S).

ou

Os alunos do Pestana (S), neste ano (A), se classificarão (V) para o próximo concurso (C).

(...)

Veja uma questão sobre isso:

16. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2010) Assinale a alternativa em que a oração se estrutura, sequencialmente, com as mesmas funções sintáticas dos termos da oração: *As artes nunca desperdiçam nosso tempo*.

c) Os intelectuais sempre criticam os esportes. (Gabarito!)

Comentário: A opção C é a única que tem esta ordem sintática: *As artes (S) nunca (A) desperdiçam (V) nosso tempo (C) = Os intelectuais (S) sempre (A) criticam (V) os esportes (C).*

Tal inversão respeita a **relação** das palavras na frase, os sintagmas continuam juntos. Percebeu? O que mudou apenas foi a ordem dos termos, por isso chamamos de **ordem indireta/inversa**. Essa ordem é prevista na Língua Portuguesa, pois reflete a estrutura sintática da nossa língua. A ordem **direta** obviamente é:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Não pense que todas as frases terão S V C A. Algumas frases podem figurar sem sujeito e/ou sem complemento e/ou sem adjunto. Veja algumas:
– *Classificaram-se para o concurso do fim deste ano.* (S não está expresso.)
– *Classificaram-se este ano.* (S e C não estão expressos.)
– *Classificaram-se.* (S, C e A não estão expressos.)

Veja uma questão sobre isso:

2. (NCE/UFRJ – BNDES – Análise de Sistemas – 2005) O segmento inicial de nosso Hino Nacional diz o seguinte:
Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heróico o brado retumbante
Se colocados na ordem direta, os termos desses dois versos estariam assim dispostos:
a) As margens plácidas do Ipiranga ouviram / O brado retumbante de um povo heróico;
b) As margens plácidas ouviram do Ipiranga / O heróico brado retumbante de um povo;
c) As margens plácidas do Ipiranga ouviram / O heróico brado retumbante de um povo;
d) Do Ipiranga as margens plácidas ouviram / O brado retumbante de um povo heróico;
e) Ouviram as margens plácidas do Ipiranga / De um povo o heróico brado retumbante.

Comentário: O gabarito é a letra A. Lembre: a ordem direta é S V C A, logo "As margens plácidas do Ipiranga (S) ouviram (V) o brado retumbante de um povo heróico c)".

É bom dizer que as inversões sintáticas muitas vezes não são gratuitas; servem para realçar uma ideia, tornando-a mais expressiva.

– *As mulheres da minha vida nunca deixarei de amar.* (Note que a inversão do complemento do verbo amar (as mulheres da minha vida) a enfatiza, focalizando-a.)

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2006)

A inversão sintática observada em "O que principalmente sou?" (l.1) condiz com a estrutura gramatical interrogativa e apresenta-se como legítimo recurso de ênfase.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Comentário: A ordem direta é "Sou o quê principalmente?". Quando houve a inversão, os termos invertidos foram realçados porque "saíram" de sua posição original, de sua ordem direta.

Enfim... a noção de sintaxe não é mais um mistério. Enquanto o objeto de estudo da Fonologia é o som das palavras, enquanto o objeto de estudo da Morfologia é a forma das palavras, o objeto de estudo da Sintaxe é a frase e as palavras dentro dela, dentro da oração, dentro do período. E é isso que veremos... nas cenas do próximo capítulo...

Capítulo 18

Frase, Oração e Período

Vamos entender mais os mecanismos da sintaxe, como **frase**, **oração** e **período**.

Frase é qualquer enunciado (curto ou longo) que estabelece comunicação. Toda frase deve ser inteligível. Tradicionalmente, ela pode ser **nominal** ou **verbal**. Imagine a seguinte situação: o Flamengo perde do Vasco (meio difícil, mas...) e um torcedor flamenguista se lamenta com outro: "E agora, com o Vasco na frente da tabela?".

Percebeu que não há sequer um verbo na frase dele? Logo a frase é **nominal**. Agora, se ele dissesse assim (ainda lamentando): "Agora, com o Vasco na frente da tabela, com certeza vou ser zoado!", a frase seria **verbal**, pois nela há uma forma verbal (que pode ser um verbo ou uma locução verbal, "vou ser zoado"). Simples assim.

Vale dizer que no fim dessas duas frases há sinais de pontuação diferentes, percebeu? "E isso significa alguma coisa, Pestana?" Certamente.

Existem cinco tipos de frase, segundo a gramática tradicional:

1) **Declarativa**: o enunciado é **afirmativo** ou **negativo**; termina em ponto (.) ou reticências (...).

– *Eu sou você amanhã.*

– *Você nunca será como eu.*

– *Venda de antiguidades aqui.*

Obs.: É praxe encontrar palavras de sentido negativo em frases declarativas negativas: *não, nunca, jamais, nada, nenhum...*

2) Interrogativa: o enunciado apresenta um questionamento direto ou indireto; termina em ponto de interrogação (?) se a indagação for direta; em ponto, se for indireta.

– *Aonde você pretende chegar?*

– *Não sei onde ela pode estar.*

Obs.: Para perceber uma interrogativa indireta, ignore o "Não sei" e se dará conta de que é possível fazer uma pergunta direta com o restante da frase: "onde ela pode estar (?)".

3) Exclamativa: o enunciado exprime um sentimento e uma altissonância; termina em ponto de exclamação (!).

– *Que pena!* (lamento)

– *Deus ouviu as minhas preces!* (alegria)

Obs.: O que realmente determina uma frase exclamativa é a expressão de uma emoção, por isso o contexto é determinante.

4) Imperativa: o enunciado apresenta um tom de ordem, pedido, súplica, exortação, advertência etc.; verbos no imperativo (afirmativo ou negativo) marcam tal tipo de frase; termina em ponto, ponto de exclamação ou reticências.

– *Volte!*

– *Seja mais razoável.*

– *Não faça isso...*

5) **Optativa**: o enunciado exprime um desejo; termina em ponto ou ponto de exclamação, normalmente.

– *Bons ventos o tragam.*

– *Deus te ouça, meu filho!*

– *Boa sorte!*

Obs.: Alguns gramáticos consideram a optativa (com tom de maldição, praga) como frase **imprecativa**: *Vá para o inferno, e que o Diabo o carregue!*

Para ilustrar os tipos de frase, veja este diálogo:

– *Você vai à festa hoje?* (frase interrogativa)

– *Sim! E não deixe de ir.* (frase declarativa afirmativa/frase imperativa)

– *Tomara que a Ju esteja lá.* (frase optativa)

– *A Ju nunca falta.* (frase declarativa negativa)

– *Que bom!* (frase exclamativa)

Agora você, nobre leitor(a), precisa entender o que é a **oração**.

Uma **oração** não é nada mais que uma frase verbal; seu núcleo é um verbo (ou uma locução verbal). Portanto, todas essas frases do diálogo, exceto a segunda (Sim!) e a última, são orações. Diz-se que uma *oração* é *absoluta* quando apresenta só um **verbo (ou locução verbal)**. Há duas orações absolutas a seguir:

Todos os alunos do Pestana *preparam-se* para concursos. Eu *sou* um deles.

Veja uma questão sobre isso:

4. (FGV – Senado Federal – Analista de Sistemas – 2008) "É com uma ação eficiente do governo e do setor privado que certamente poderemos promover o desenvolvimento dos países." (L.86-88)

Ao fazermos a seguinte alteração no período acima: *É com uma ação eficiente do governo e do setor privado que certamente promoveremos o desenvolvimento dos países*, é correto afirmar que:

a) tem duas orações;

b) é composto por subordinação somente;

c) é composto por coordenação e subordinação;

d) é simples; (GABARITO!)
e) é composto por coordenação somente.

Comentário: O período é simples, pois apresenta uma expressão expletiva formada pelo verbo *ser* + *que*, a qual não é contada como oração. Veja com atenção: ***É*** *com uma ação eficiente do governo e do setor privado* ***que*** *certamente promoveremos o desenvolvimento dos países.* Retirando: *Com uma ação eficiente do governo e do setor privado certamente promoveremos o desenvolvimento dos países.* Viu? Há um verbo só, logo é uma oração absoluta... oração absoluta = período simples.

Cuidado com construções com a expressão expletiva formada pelo verbo *ser* + *que*, pois tal verbo **não** é contado como oração, pois serve apenas para realçar a frase; tanto é assim que pode ser retirado da frase sem implicações sintáticas:

– *Além da escola,* ***foram*** *meus pais* ***que*** *me deram muita educação.*

Veja que é possível retirar essa expressão enfática sem prejuízo sintático e semântico algum: "Além da escola, meus pais me *deram* muita educação.". Essa oração, portanto, é absoluta, pois só há um verbo na verdade.

Consulte isto: CESPE/UNB – CEE/RS – ADMINISTRADOR – 2005 – QUESTÃO 6.

Há outras orações. As coordenadas, as principais, as subordinadas (justapostas, desenvolvidas e reduzidas) e as interferentes (ou intercaladas) são designadas assim quando fazem parte de um período composto. Por isso, precisamos entender o que é um **período**.

Período é uma frase que possui uma ou mais orações; começa com letra maiúscula, apresenta um verbo (ou locução verbal) e termina em ponto, ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências. Há dois tipos:

- **Simples**: constituído de uma oração, logo todo período simples é uma oração absoluta.
  - – ***Estudo*** *hoje com apenas uma gramática .*
  - – *Muitos professores do curso* ***continuam escrevendo*** *artigos para seus alunos!*
  - – ***Seria*** *esta a resposta certa?*
- **Composto**: constituído de mais de uma oração; pode ser formado por coordenação, subordinação ou coordenação e subordinação (período misto); as

conjunções, os pronomes relativos e certas preposições normalmente aparecem para ligar as orações deste tipo de período.

– *Os resultados* ***foram*** *ótimos, por isso* ***ficamos*** *satisfeitos.* (duas orações/coordenação)

– ***Pedi*** *que todos* ***viessem*** *preparados.* (duas orações/subordinação)

– *Para* ***salvar*** *a economia,* ***é*** *preciso planejamento.* (duas orações/subordinação)

– *A mão que* ***balança*** *o berço* ***é*** *a mão que* ***mata****.* (três orações/subordinação)

– ***Sei*** *que eles* ***passaram*** *e que se* ***estabeleceram*** *na profissão.* (três orações/coordenação e subordinação)

Obs.: Algumas orações do período composto podem vir implícitas, mas o período não deixa de ser composto por isso, ok? Por exemplo: em "Sou mais inteligente que ela.", há duas orações, formando um período composto. "Pestana, mas eu só vejo um verbo, logo só há uma oração." Negativo! Há duas orações, sendo que o segundo verbo está implícito. Veja de novo: "Sou mais inteligente que ela (é).". Percebeu? Fique atento!

Ah, em um primeiro momento, não se preocupe com o que venha a ser coordenação ou subordinação, ok? Falarei sobre isso cautelosamente em capítulos à frente. Antes de falarmos de período composto, porém, é preciso entender bem a sintaxe do **período simples**. Você vai aprender sobre todos os termos sintáticos da oração nos próximos capítulos: *termos* ***essenciais, integrantes*** *e* ***acessórios****.*

Pois bem... para fechar o caixão e eu ficar com a consciência tranquila, entendeu mesmo os conceitos de **frase, oração** e **período?** Espero que sim. Espero que tenha ficado claro em sua mente que nem toda frase é uma oração. Safo? Veja duas questões sobre tais conceitos:

15) (CONSULPLAN – Pref. Mimoso do Sul/ES – Professor de Língua Portuguesa – 2007) Assinale a alternativa que é frase, mas NÃO é oração:

a) "às quatro em ponto me casarei contigo no mais alto beiral – disse o pombo".

b) "Como a brisa é triste".

c) "... porque as andorinhas mais velhas enfileiravam-se nas cornijas...".
d) "Irônica, perguntou a pomba".
e) "Que tarde azul!". (Gabarito!)

Comentário: É uma frase nominal, por isso não tem verbo, logo não é uma oração.

(Questão 04 FUNRIO – CEITEC – Administração – 2012)

O primeiro parágrafo da crônica "O Verão e as Mulheres", de Rubem Braga, diz: "Talvez tenha acabado o verão. Há um grande vento frio cavalgando as ondas, mas o céu está limpo e o sol é muito claro. Duas aves dançam sobre as espumas assanhadas. As cigarras não cantam mais. Talvez tenha acabado o verão."

Observando-se as orações e períodos existentes no parágrafo anterior, pode-se reconhecer que o cronista escreveu:

a) três períodos simples e dois períodos compostos;
b) quatro períodos simples e dois períodos compostos;
c) quatro períodos e nove orações;
d) cinco períodos e sete orações;
e) cinco períodos e oito orações. (Gabarito!)

Comentário: Se há cinco pontos, há cinco períodos. As oito orações: tenha acabado, Há, cavalgando, está, é, dançam, cantam, tenha acabado.

Capítulo 19

Termos Essenciais da Oração

Definição

Como você já sabe, as frases verbais ou orações são formadas por termos sintáticos, certo? Por isso iremos falar justamente sobre tais termos sintáticos que constituem a oração. Neste capítulo, você aprenderá tudo sobre os **termos essenciais da oração**, a saber: o **sujeito** e o **predicado**.

"Pestana, por que *essenciais*?" Simples. O **sujeito** e o **predicado** são chamados de termos essenciais da oração porque normalmente as orações são formadas por esses termos.

"Afinal, o que é o **sujeito** e o que é o **predicado**?"

Vamos ver!

Sujeito

Sujeito é não só o termo que representa o ser ou o fato sobre o qual se declara alguma coisa, mas também o termo que faz o verbo ser conjugado. É por isso que o verbo/locução verbal concorda em número e pessoa com o sujeito. Cada sujeito está ligado a um (1) verbo, por isso fique de olho na relação entre o verbo e o seu sujeito.

– ***As casas da vila*** *estavam à venda.*

– ***Nós*** *ficamos casados por sete anos.*

– ***Sua Majestade*** *foi flagrada às escondidas com o amante.*

– ***Ninguém*** *deveria apoiar campanhas a favor das drogas.*

– ***Quem*** *nunca pecou nesta vida?*

– *Quem são* ***aquelas*** *ali?*
– *Morreu este mês* ***o homem*** ***o qual*** *revolucionou o mundo moderno.* (*o homem*: sujeito de *morreu*; *o qual*: sujeito de *revolucionou*)
– ***Dois dos meus amigos*** *passaram na prova da EsPCEx.*
– ***Ler*** *nunca deixou de ser uma prática das pessoas inquietas.*
– ***Quem não tem cão*** *caça com gato.*
– *Está um pouco amarelado* ***o branco dos olhos dela****.*

Obs.: Note que o **núcleo** do sujeito pode ser, tradicionalmente, um **substantivo** (normalmente), **um pronome, um numeral, um verbo no infinitivo, uma oração substantiva** ou **uma palavra substantivada**. É muito importante notar que o verbo concorda em número e pessoa com o núcleo do sujeito. E... **só para os que desejam aumentar seu conhecimento**... saibam que alguns linguistas mais ousados dizem que o advérbio pode funcionar como sujeito, como Claudio Cezar Henriques, Eneida Bonfim e Evanildo Bechara: "Moro no Rio de Janeiro com muito orgulho. Aqui é um bom lugar para viver". Note que esse advérbio é de base pronominal e refere-se a Rio de Janeiro.

Percebeu que eu coloquei em negrito e sublinhado os núcleos dos sujeitos? "Mas o que é realmente o núcleo?" O **núcleo**, do sujeito ou de qualquer outro termo sintático, é a palavra mais importante desse termo. Normalmente os **determinantes** – artigos, pronomes, numerais, adjetivos e locuções adjetivas – vêm ao redor do núcleo, formando um sintagma (grupo de palavras relacionadas). Às vezes, um termo sintático pode ter mais de um núcleo; nesse caso, dizemos que o termo é *composto de* dois, três, ou mais núcleos. Vamos entender melhor estudando **sujeito**.

Bizu do *achamento* do sujeito

Uma boa maneira de identificarmos o sujeito de uma oração é fazer a pergunta **"o que...?"** ou **"quem...?"** antes do verbo. Observe os exemplos anteriores (um por um):
– ***O que*** *estava à venda?* Resposta: ***as casas da vila****.*

– ***Quem*** *ficou casado por sete anos?* Resposta: ***nós***.

– ***Quem*** *foi flagrado às escondidas com o amante?* Resposta: ***Sua Majestade***.

– ***Quem*** *deveria apoiar campanhas a favor das drogas?* Resposta: ***ninguém***.

– ***Quem*** *nunca pecou nesta vida?* Resposta: ***quem***. (No caso de pronome interrogativo funcionando como sujeito, substitua-o por um nome qualquer, e ficará fácil identificá-lo como sujeito. Veja: *João (= quem) nunca pecou nesta vida. Quem nunca pecou nesta vida?* Resposta: *João (= quem)*)

– ***Quem*** *"são" ali? Resposta:* ***aquelas***. (a ordem direta facilita a identificação neste caso: *Aquelas ali são quem?*)

– ***Quem*** *morreu este mês? Resposta:* ***o homem***. ***Quem*** *revolucionou o mundo? Resposta:* ***o qual*** (Lembrando que o pronome relativo retoma o termo antecedente, o homem)

– ***Quem*** *passou na prova da EsPCEx? Resposta:* ***Dois dos meus amigos***.

– ***O que*** *nunca deixou de ser uma prática das pessoas inquietas? Resposta:* ***ler***.

– ***Quem*** *caça com gato? Resposta:* ***quem não tem cão***. (Este *quem* de *quem não tem cão* é sujeito do verbo *ter;* lembre: cada verbo com seu sujeito).

– ***O que*** *está um pouco amarelado? Resposta:* ***o branco dos olhos dela***.

Cuidado!!!

1) Fique esperto em algo que cai DIRETO em prova: **inversão do sujeito**.

– *Agradou-me, desde ontem pela manhã, quando ele me havia ligado,* ***o fato de ter uma pessoa amiga ao meu lado em situações difíceis***.

Bizu do *achamento*: ***O que*** *me agradou desde ontem pela manhã, quando ele me havia ligado? Resposta:* ***o fato de ter uma pessoa amiga ao meu lado em situações difíceis***.

Dica de irmão: **as bancas adoram trabalhar questão com sujeito deslocado**. Por isso, coloque na ordem direta: "***O fato de ter uma pessoa amiga ao meu lado em situações difíceis*** *agradou-me...*". Não confunda sujeito deslocado com objeto direto. Falarei sobre isso mais à frente.

2) Segundo a tradição gramatical, **o sujeito não pode vir regido de preposição**, ou seja, nenhum verbo ou nome pode exigir uma preposição que inicie o sujeito, portanto nunca confunda com sujeito o termo preposicionado que vier antes do verbo. Normalmente a frase se encontra na ordem indireta, para dificultar a identificação do sujeito.

– *A Cleópatra era feita por cada subordinado* ***uma mesura*** *em suas aparições públicas.* (Na ordem direta, fica mais fácil identificar o sujeito: ***Uma mesura*** *era feita por cada subordinado a Cleópatra (objeto indireto) em suas aparições públicas.*)

– *Nunca nos custou, por mais que todos se opusessem a nossa parceria,* ***manter nossa amizade****.* (Na ordem direta: ***Manter nossa amizade*** *nunca nos custou, por mais que todos se opusessem a nossa parceria.)*

Apesar de Bechara e outros gramáticos não desaprovarem a contração antes de sujeito de verbo no infinitivo, a maioria dos gramáticos, respaldados pela doutrina de que "o sujeito não pode vir regido de preposição", dizem que isso é uma incorreção gramatical. Veja:

– *Em virtude* ***da*** *regra gramatical* ***impedir*** *qualquer construção com sujeito preposicionado, devemos evitar qualquer contração antes de infinitivo.* (construção não privilegiada)

– *Em virtude* ***de a*** *regra gramatical* ***impedir*** *qualquer construção com sujeito preposicionado, devemos evitar qualquer contração antes de infinitivo.* (construção privilegiada)

– *A fim* ***dela****, a opinião minoritária, não nos fazer* ***errar*** *uma questão na prova, optemos pela visão tradicional, a saber: não se deve contrair preposição com artigo ou pronome antes de verbo no infinitivo.* (construção não privilegiada)

– *A fim* ***de*** *ela, a opinião minoritária, não nos fazer* ***errar*** *uma questão na prova, optemos pela visão tradicional, a saber: não se deve contrair preposição com artigo ou pronome antes de verbo no infinitivo.* (construção privilegiada)

A justificativa de Bechara e a de outros, que aprovam as quatro construções anteriores, é a de que a preposição rege a oração, e não o sujeito, por isso não haveria problema algum na contração, a qual, inclusive, torna a frase mais eufônica e natural. Já falei sobre isso em *Pronome Pessoal* e *Preposição*!

O que eu vou falar agora não cai em prova nenhuma, mas, cá entre nós, o sujeito pode estar preposicionado sem estar regido de preposição: "Meus alunos estudaram muito para a prova. **Entre dez e vinte** passaram".

Classificação do Sujeito

Já que sabemos o que é um sujeito e como identificá-lo, vamos ver os tipos de sujeito.

Simples

Apresenta somente um núcleo explícito.

– ***Alguém*** *escondeu a minha bolsa.*

– *Quem foram* ***os beneficiados pelo projeto esportivo****?*

– ***As despesas das casas de praia e de campo*** *ficaram por minha conta.*

Cuidado!!!

1) Há determinadas construções de **sujeitos simples** tão grandes que dentro delas há outros termos exercendo outras funções sintáticas (como adjuntos adnominais), inclusive outras orações dentro do próprio sujeito (como orações adjetivas), mas não se preocupe. É o chamado sujeito "complexo" para certos gramáticos, como Eduardo Carlos Pereira. Você deve observar o **núcleo** do sujeito e a relação dele com o **verbo** da oração. Veja dois exemplos:

– ***O novo desentendimento público entre os ministros Joaquim Barbosa (relator) e Ricardo Lewandowski (revisor)*** *expôs a ponta de uma questão que pode se tornar a mais grave deformação no julgamento da Ação Penal 470, chamada de mensalão.*

Só há um núcleo do sujeito: *desentendimento*. Por isso, o verbo está no singular: *expôs*.

– ***O simples fato de exercer o jornalismo honesto sem detrimento das opiniões ditadas pelo nosso espírito crítico e pela nossa visão da vida e do mundo*** *nos distingue brutalmente dos arautos do pensamento único, representantes e intérpretes da casa-grande. (Mino Carta)*

Só há um núcleo do sujeito: *fato*. Por isso, o verbo está no singular: *distingue*.

– ***A mulher que foi espancada pelo marido*** *resolveu denunciá-lo.*

Só há um núcleo do sujeito: *mulher*. Por isso, o verbo está no singular: *resolveu denunciar*.

Os gramáticos Gladstone Chaves de Melo e Celso Pedro Luft corroboram tais análises desses sujeitos enormes (*sujeito complexo*).

2) Ainda há sujeito simples em frases nas quais dois ou mais termos são ligados pela conjunção *e*, mas equivalem a uma ideia só, formando uma expressão (note que o verbo fica no singular):

– *"**Ordem e Progresso**" faz parte de nossa bandeira.* (Sem aspas, pode gerar ambiguidade.)

– ***Casseta e Planeta** vai fundo!*

– ***Plástica & Beleza** vem se consolidando no mercado como uma das revistas mais lidas sobre estética.*

3) Revisite voz verbal! E fique esperto quando o verbo vier acompanhado de partícula apassivadora, na voz passiva sintética. Estou dizendo isso, pois muita gente confunde o sujeito simples com o indeterminado. Uma maneira fatal de resolver esse problema é passar a frase para a voz passiva analítica. Se conseguir, o sujeito não é indeterminado. Teste:

– *Comemora-se ainda hoje **um aninho de vida de meu filho**.* (voz passiva sintética; sujeito simples)

– ***Um aninho de vida de meu filho** é comemorado ainda hoje.* (voz passiva analítica; sujeito simples)

– *É preciso que se incuta nos partidos políticos brasileiros, tachados de corruptos, **o valor da honestidade**.* (voz passiva sintética; sujeito simples)

– *É preciso que **o valor da honestidade** seja incutido nos partidos políticos brasileiros, tachados de corruptos.* (voz passiva analítica; sujeito simples)

* Na voz passiva, o **sujeito** é chamado de **paciente**. Na ativa, de **sujeito agente**.

4) Por motivo de ênfase ou de expressividade, o sujeito pode ser pleonástico. Isso ocorre principalmente no registro coloquial: *Esses alunos, **eles** me dão muito orgulho.*

Oculto

Apresenta um núcleo implícito, elíptico, mas facilmente identificável pelo contexto ou pela desinência do verbo. Por isso, este tipo de sujeito é chamado de **oculto, implícito, elíptico, desinencial** etc.

– *Não consigo deixar as responsabilidades de lado.* (*Quem não consegue? Eu.* Percebe-se isso pela desinência do verbo.)

– *Todo procedimento médico deve ser bem programado; só será bem-sucedido se houver acompanhamento e manutenção. (O que será bem-sucedido? O procedimento médico.)*

– *Escondeste minha bolsa onde?* (Fica fácil perceber que o sujeito oculto é o **tu**, pois a desinência/terminação do verbo é de 2ª pessoa do singular, ou seja, *"**Tu** escondeste a minha bolsa onde?"*.)

Cuidado!!!

1) Se o verbo vier no imperativo, o sujeito normalmente virá implícito: "*Nunca mais **esconda** (você) a minha bolsa!*".

2) Em contextos maiores, o sujeito oculto é um ótimo recurso de coesão para evitar a repetição de uma palavra já mencionada. No entanto, devemos ficar atentos ao contexto (principalmente aos verbos) para percebermos isso:

– *O Papa Bento XVI enalteceu neste sábado a "coragem" dos jovens sírios diante da violência em seu país – que já causou a morte de mais de 27.000 pessoas –, em discurso na sede do patriarcado maronita de Bkerke, no norte de Beirute. "Entre nós há jovens provenientes da Síria e quero dizer o quanto admiro sua coragem", destacou em seu discurso em um encontro com milhares de jovens cristãos, ao qual também assistiram representantes de outras religiões.*

Note que o sujeito da forma verbal *destacou* é oculto, tendo como referente "O Papa".

3) O sujeito oculto pode ser hipotético (representado pelo pronome demonstrativo anafórico: *isso*) em determinados contextos, como:

– *Saia daqui, menino, porque é conversa de adulto. (... isso é conversa de adulto.)*

– *Seria trágico se não fosse cômico. (Isso seria trágico se isso não fosse cômico.)*
– *Eu lhe implorei que não saísse naquela noite, pois era perigoso. (... isso (sair naquela noite) era perigoso.)*

Composto

Apresenta mais de um núcleo explícito.

– ***Minha chave, minha bolsa, minha moto*** *foram roubadas.*
– *Indignados ficaram* ***os moradores da zona oeste e os da zona sul*** *com o descaso.*
– ***Tanto a felicidade como a tristeza*** *são estados de espírito.*

Cuidado!!!

1) Há alguns casos em que o sujeito composto não leva o verbo ao plural. Vou citar apenas três agora, porquanto tratarei melhor do assunto mais à frente, em *Concordância*.

I. Se o sujeito composto vier depois do verbo, este pode concordar com o termo mais próximo, ficando no singular*: Foi escondida* ***minha bolsa e minha chave****.*

II. Quando há uma enumeração de núcleos do sujeito composto e no fim há um termo resumitivo, como em *"**Velhos, crianças, mulheres e homens**, ninguém sobreviveu ao desastre."*, o verbo concorda com o termo resumitivo.

III. Quando os núcleos do sujeito designam a mesma pessoa ou coisa: *Morre* ***o mais famoso escritor, cantor e compositor brasileiro*** *aos 70 anos.*

2) Caiu certa vez uma questão muito interessante no concurso da EAGS, em 2008. Tratava-se de tipos de sujeito. Observe o comentário oficial da banca sobre a frase "Os dois apenas sentimos o desejo de mudar o mundo.": "o sujeito *Os dois* classifica-se como simples e não como implícito na desinência verbal. O que ocorre é uma concordância ideológica, em que há silepse de pessoa, pois o verbo *sentimos*, na 1ª pessoa do plural, permite que consideremos que o locutor do enunciado se inclua

ideologicamente no sujeito *Os dois*, que está na 3ª pessoa do plural.". Falarei melhor sobre isso em *Silepse*, no capítulo de *Concordância*.

3) Na frase "Pedro e Bino, dancem com elas", o termo destacado não pode ser o sujeito composto do verbo dançar, pois há uma vírgula entre eles. Analisa-se o termo destacado como vocativo, e o sujeito está oculto (Pedro e Bino, dancem (vocês) com elas).

Indeterminado

Este tipo de sujeito é interessante, pois se assemelha ao oculto. Só que, apesar de o verbo indicar que houve uma ação praticada por alguém, a **identidade** do sujeito é indeterminada. Indetermina-se o sujeito normalmente por três motivos: 1) por não se saber sua identidade, 2) por querer torná-lo desconhecido ou 3) por generalização. Existem três construções com sujeito indeterminado na língua culta.

1) Verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito.

– ***Criticaram****-nos na reunião de ontem.* (Alguém criticou, mas quem?)

– *Normalmente* ***falam*** *pelas costas por ser mais conveniente.* (Alguém fala, mas quem?)

– ***Esconderam*** *minha bolsa.* (Alguém escondeu, mas quem?)

Obs.: Em "Meus filhos João e Pedro vivem aprontando. Outra vez ***esconderam*** minha bolsa.", o verbo *esconder* não apresenta sujeito explícito e está na 3ª pessoa do plural, no entanto não há indeterminação do sujeito, pois o contexto indica quem são os que praticaram a ação de esconder. Logo, o sujeito do verbo *esconder* é <u>oculto</u>, e não indeterminado. Fique esperto!

2) Verbo (de ligação, intransitivo, transitivo indireto, transitivo direto <u>seguido de preposição</u>) na 3ª pessoa do singular + partícula de indeterminação do sujeito *se*, indicando uma ideia de generalização/indefinição. (Recomendo dar uma

conferida em predicação verbal, um pouco mais à frente, ainda neste capítulo.)

– *Só **se é** feliz neste lugar por causa de vocês. (Quem é feliz? Todos que são de lá.)*

– ***Vive-se** bem quando há paz e segurança. (Quem vive bem? Todos.)*

– ***Tratava-se** de doenças gravíssimas naquela clínica. (Quem tratava? Alguém.)*

– ***Ama-se** a Deus nesta Igreja. (Quem ama a Deus? Todos que a frequentam.)*

Cuidado!!!

1) Observe a excelente abordagem da pesquisadora Christiana Lourenço Leal sobre indeterminação do sujeito, em seu estudo *A transitividade, as vozes verbais e o ensino da gramática – O problema de critérios semânticos na definição das funções sintáticas*:

> "(11) Come-se bem aqui nesta cidade. / (12) Come-se bem aqui nesta cidade uma bela feijoada. No exemplo (11) temos um caso de sujeito indeterminado. Mas isso só acontece porque não há termo na oração que possa funcionar como sujeito, visto que todos são adjuntos adverbiais. Logo, "alguém come", mas não se pode precisar quem. Já no exemplo (12) há um sujeito simples: "uma bela feijoada". É equivalente a "Uma bela feijoada é comida.". Como se pode observar, foi só aparecer um termo que pudesse se adequar à função de sujeito que se transformou uma oração de sujeito indeterminado em uma oração caracterizada por verbo em voz passiva."

Por isso, não confunda a partícula ***se*** (indeterminadora) com ***se*** (apassivadora). A partícula apassivadora aparece com verbo transitivo direto **sem estar seguido de termo preposicionado** e pode-se desdobrar a oração que a contém em passiva analítica; isso já não ocorre com o verbo acompanhado da partícula de indeterminação do sujeito.

– *Vendeu-**se** tudo da loja. (Tudo da loja foi vendido.)*

– *Duvida-**se** de tudo hoje em dia. (De tudo é duvidado hoje em dia?* (construção inexistente)

Note que o verbo concorda com o sujeito. Segundo a gramática tradicional, a construção "Vendeu-se todos os produtos da loja." estaria incorreta,

devendo ser "Venderam-se todos os produtos da loja." (= Todos os produtos da loja foram vendidos.).

No entanto... na prova de Analista Judiciário (STF) de 2008, elaborada pela banca Cespe/UnB, veja a questão 2 (deveria ter sido anulada, mas não foi):

> "Preservando-se a correção gramatical do texto, bem como sua coerência argumentativa, a forma verbal "mudam-se" (Na economia, por exemplo, mudam-se os valores de uso concreto e qualitativo para os valores de troca geral e quantitativa) poderia ser empregada também no singular".

Ela foi considerada **correta**. Incrível, não? "Mas por que, Pest? O verbo não precisa concordar com o sujeito paciente?" Resposta: também acho, mas... alguns linguistas e gramáticos, como o senhor Evanildo Bechara, Said Ali, João Andrade Peres, Telmo Moía e José Carlos de Azeredo, entendem que o verbo transitivo direto pode vir seguido de índice de indeterminação do sujeito, mesmo quando não há objeto direto preposicionado depois. Segundo Bechara, em "Vende-se casas./Vendem-se casas.", **ambas as sintaxes são corretas**, e a primeira não é absolutamente modificação da segunda. São apenas dois estágios diferentes de evolução". Interessante é que, no capítulo de concordância da gramática do homem, ele diz que o verbo tem de ficar no plural nesse mesmo caso, o que significa que o *se* é apassivador, logo o certo seria apenas "Vendem-se casas. = Casas são vendidas.". Sim, ele se contradiz, e a banca Cespe vacilou! Muita polêmica nesta questão, mas precisamos ficar atentos às próximas questões do Cespe, que, nessa situação, estabeleceu um padrão. O fato é que 99,99% dos gramáticos normativos não concordam com essa doutrina, ok? Recurso neles! Para a explicação ficar completa, a tal minoria que aceita "Vende-se casas" analisa o "se" como índice de indeterminação do sujeito e "casas" como objeto direto. O mais incrível é que uma banca já trabalhou esta visão ultrapolêmica: FGV – PC/RJ – INSPETOR – 2008 – QUESTÃO 21 (c).

3) Verbo no infinitivo impessoal.

– *Para **conquistar** sua confiança, é necessário **trabalhar** arduamente. (= Para (alguém) **conquistar** sua confiança, é necessário (esse alguém) **trabalhar** arduamente.)*

Já na frase "Nós estamos destinados a **passar** na prova.", apesar de o verbo não estar flexionado, ele tem pessoa, ele tem sujeito, o sujeito oculto de *passar* tem como referente o sujeito de *estar*, isto é: **nós**.

Cuidado!!!

1) Existem certos casos de sujeito indeterminado próprios do registro coloquial, quando usamos as expressões *você, a gente, muita gente, todo o mundo, geral* etc. como sujeito. Veja uma questão sobre isso.

Fragmento de texto

(...) Foi pensando nisso que me ocorreu o seguinte: se alguém está com o coração dilacerado nos dois sentidos, biológico e emocional, e por ordens médicas precisa de um novo, o paciente irá se curar da dor de amor ao receber o órgão transplantado? Façamos de conta que sim. ***Você*** *entrou no hospital com o coração em frangalhos, literalmente. Além de apaixonado por alguém que não lhe dá a mínima,* ***você*** *está com as artérias obstruídas e os batimentos devagar quase parando. A vida se esvai, mas localizaram um doador compatível: já para a mesa de cirurgia. Horas depois,* ***você*** *acorda. Coração novo. Tum-tum, tum-tum, tum-tum. Um espetáculo. O médico lhe dá uma sobrevida de cem anos. Nada mal. Visitas entram e saem do quarto. (...)*

10. (Funiversa – Terracap – Administrador – 2010) Com relação ao texto, assinale a alternativa **incorreta**.

d) O pronome "Você" é empregado na frase como forma de indeterminar o agente da ação, traço característico da oralidade brasileira. Assim, "Você entrou no hospital" corresponde a **Entrou-se no hospital.**

Comentário: Esta opção não foi o gabarito, logo a afirmação da d) está adequada. Sobre a ideia de generalização, indeterminação, é interessante dizer que algumas gramáticas mais atentas aos fenômenos linguísticos, principalmente as descritivas, nos informam que, no registro coloquial, o pronome *você* pode ser usado para indeterminar o sujeito, com um viés de generalização. *Imagine que você esteja conversando com alguém sobre viajar de avião, mas nem você nem a pessoa viajaram de avião. Aí você diz a ela: "Viajar de avião deve ser muito ruim, porque quando* ***você*** *pega um avião,* ***você*** *sente um mal-estar, fora o risco de* ***você*** *morrer, não é?"*. Este *você* se refere a quem? Ao falante, ao ouvinte ou a todos os que pegam avião? Percebe a ideia de generalização? Essa é uma forma, coloquial, de indeterminar o sujeito. Interessante, não?

2) Sempre acho muito importante dizer que, quando o núcleo é um pronome indefinido ou interrogativo, **não** há indeterminação do sujeito, ou seja, há sujeito simples nestas frases: "**Quem** me ligou?" "**Alguém** ligou, pai.".

Oração sem Sujeito (sujeito inexistente)

As orações sem sujeito sempre apresentam verbos impessoais, os quais, por sua semântica, não apresentam um sujeito promovendo a ação verbal. Tais verbos são usados na 3ª pessoa do singular (exceto o engraçadinho do *ser*).

De todos os verbos impessoais, muita atenção ao verbo *haver*. Todo ano cai uma questão sobre ele, seja em oração sem sujeito, seja em concordância. É incrível a *tara* que as bancas têm com esse verbo.

1) Haver com sentido de existência, ocorrência ou tempo decorrido.

– ***Havia*** *poucas pessoas aqui. (Existiam poucas...)*

– ***Houve*** *duas confusões ali. (Ocorreram duas...)*

– *Abandonei o cigarro* ***há*** *três meses. (... faz três mês...)*

Cuidado!!!

1) O verbo *ter* pode ter sentido existencial (Mas é coloquial neste sentido, ok?): "Terá reuniões aqui.", "Tinha uma pedra no meio do caminho." (C. Drummond)

2) Lembrando que o verbo *haver* pode ser pessoal, ou seja, ter sujeito, se fizer parte de uma locução verbal como auxiliar ou se tiver outros sentidos (não tão usuais): "**Ele** *haveria de fazer* isso.", "Enfim (eu/ele) *havia entendido* o mistério.", "**Os rivais** se *houveram* no ringue.", "**Eu** me *haverei* bem diante dos convidados.", "**Os criminosos** *se houveram* com a justiça.".

3) Os verbos *existir* e *ocorrer* são pessoais, logo <u>sempre</u> têm sujeito, normalmente aparecendo <u>depois</u> do verbo, por isso muitos confundem com objeto direto: *Existem* ***pessoas merecedoras da morte****.* (sujeito simples) / *Ocorrem às vezes* ***certos contratempos*** *aqui.* (sujeito simples)

4) Todos os verbos impessoais, quando acompanhados de auxiliares, transmitem a estes sua impessoalidade, ficando no **singular**.

– ***Há*** *lanches sobre a mesa.*

– ***Deve haver*** *lanches sobre a mesa.* (e não *"Devem haver..."*)

5) O verbo *haver* é transitivo direto quando impessoal, logo em "Houve cem acidentes na Avenida Brasil em apenas dois meses.", *cem acidentes* é objeto direto. Se fosse "Ocorreram cem acidentes...", *cem acidentes* seria sujeito. Cuidado com a maldade no coração de alguns "homens da banca", pois eles podem pegar o objeto direto e colocar antes do verbo para que você confunda com um sujeito; exemplo: "Apenas um acidente houve na Avenida Brasil.". Como o verbo *haver* tem sentido de *ocorrer*, ainda é impessoal, logo continua exigindo objeto direto, a saber: apenas um acidente. Não confunda sujeito com objeto!

2) Fazer, parecer, ficar, estar indicando tempo ou aspectos naturais.

– *Não a vejo* ***faz*** *dez meses.*

– *Aqui* ***fez*** *invernos rigorosos ano passado.*

– ***Parecia*** *tarde da noite.*

– ***Ficou*** *escuro do nada.*

– ***Estava*** *frio naquele dia.*

Cuidado!!!

1) Os verbos *fazer, parecer, ficar, estar* podem ser pessoais, ou seja, ter sujeito (em negrito): "*Fazem* dez anos de casamento ainda hoje **os meus amigos.**", "**Todos** *pareciam* abobalhados.", "**Alguém** *ficou* sem o convite?, "**Vocês** *estão* bem?".

2) Todos os verbos impessoais, quando acompanhados de auxiliares, transmitem a estes sua impessoalidade, ficando no **singular**.

– ***Fará*** *dias quentes em dezembro.*

– ***Vai fazer*** *dias quentes em dezembro.* (e não *"Vão fazer..."*)

3) O verbo *faltar* não é impessoal, mesmo quando indica tempo decorrido, portanto em "*Faltam* **dois anos** para a Copa.", *dois anos* é o sujeito. Equivoca-se quem diz: "*Falta* dois anos para a Copa.".

3) Ir + para/em indicando tempo decorrido.

– ***Vai para*** *dois anos que ela está na França.*

– ***Vai em*** *cinco anos desde a últimas vez que nos falamos.*

Obs.: O verbo *ir* pode ser pessoal: "Já se *foram* **duas horas de aula**...", "**Ele** *foi* à festa.".

4) Passar + de indicando tempo.

– *Já* ***passava d****as duas horas da manhã!*

Obs.: Verbo *passar* pessoal: "*Passou*-se **meia hora de aula.**", "**Ele** *passou* há dez minutos aqui.".

5) Bastar/Chegar + de no imperativo, indicando suficiência.

– ***Basta de*** *tolices!* ***Chega de*** *problemas!*

Obs.: Os verbos *bastar* e *chegar* podem ser pessoais: "**Quatro fatias** não *chegam* para tua satisfação?", "Não *basta* **ser amigo**, ok?".

6) Tratar-se + de indicando um assunto.

– *Paro de falar aqui, pois não* ***se trata de*** *quem tem ou não razão.*

Obs.: Tanto Bechara quanto Kury aceitam esta análise (oração sem sujeito), mas a demolidora maioria diz que o **sujeito** é **indeterminado** – sendo a partícula *se* indeterminadora do sujeito. O verbo *tratar*, nesse caso, nunca se pluraliza! Sobre a visão da maioria (a única que já vi aparecer em prova), consulte: FGV – SEFAZ/RJ – AUDITOR-FISCAL DA

RECEITA ESTADUAL – 2011 – QUESTÃO 8. / Cespe/UnB – TRT/MA (16ª R) – AUXILIAR Judiciário – 2005 – QUESTÃO 9. / IBFC – PGE/SP – OFICIAL ADMINISTRATIVO – 2011 – QUESTÃO 10.

7) Ser indicando tempo vago, hora, data, distância e aspectos naturais.

– ***Era*** *uma vez um lugarzinho no meio do nada...*
– ***São*** *três horas da madrugada.*
– *Hoje* ***são*** *dezoito de outubro.*
– ***São*** *dois quilômetros daqui a sua casa.*
– *Já* ***era*** *manhã de primavera quando acordei.*

Obs.: O verbo *ser* é o único impessoal que fica no plural, como você pôde ver! Verbo *ser* pessoal: "**Ele** *é* gente boa.", "**O presidente** *será reeleito*?".

8) Certos verbos que indicam sensações, como *doer, coçar, cheirar* etc.

– *Meu filho, onde lhe* ***dói****?*
– ***Coça*** *muito aqui atrás, doutor.*
– *Realmente* ***cheira*** *mal atrás de suas costas.*

9) Verbos que indicam **fenômenos naturais** (*chover, ventar, nevar, gear, trovejar, amanhecer, escurecer*).

– ***Ventou, trovejou, choveu*** *e depois* ***nevou*** *no Sul do país.*

Obs.: Em **sentido figurado**, todos esses verbos são pessoais: "**O patrão** *escureceu* de raiva.", "Assim que **o dia** *amanheceu* lá no mar alto da paixão..." (Djavan), "Todos os dias c*hovem* **notícias tristes** nos jornais.". Esses verbos são normalmente intransitivos, mas, em frases como a que segue, o verbo vira transitivo direto: "Chovia uma chuva fininha.", em que *uma chuva fininha* é o objeto direto, e a oração não tem sujeito, pois o sentido não é figurado. Falarei melhor sobre isso em *Objeto Direto Interno.*

Oracional

O sujeito é oracional quando vem em forma de oração. O verbo do sujeito oracional fica sempre na 3ª pessoa do singular.

– ***Quem semeia vento*** *colhe tempestade.*

– *Não é saudável, embora seja delicioso,* ***comer frituras*** *todos os dias.*

– *Viu-se* ***que ela tem grande potencial na música****.*

Obs.: Falo melhor sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas* e em *Orações Reduzidas*.

Veja uma questão bacaninha:

48. (Cespe/UnB – Câmara dos Deputados – Analista Legislativo – 2012) A flexão de singular na forma verbal "importava" (... regido por leis físicas e matemáticas, que importava descobrir e estudar) justifica-se por ser o sujeito da oração indeterminado, de interpretação genérica.
( ) CERTO
(X) ERRADO

Comentário: Errado. O verbo *importar* está no singular porque concorda com o sujeito oracional *descobrir e estudar*, ou seja, "... descobrir e estudar **importava**...". Logo, se há sujeito na frase, mesmo sendo oracional, não podemos dizer que ele é indeterminado.

Predicado

O **predicado** é a soma de todos os termos da oração, exceto o sujeito e o vocativo. É tudo o que se declara na oração referindo-se ao sujeito (quando há sujeito). Sempre apresenta um verbo.

– *A língua portuguesa* ***sofreu uma reforma ortográfica polêmica em 2009****.*

Lembre que as bancas são maliciosas, logo "pedaços" que compõem o predicado poderão estar "espalhados" pela frase. Veja:

– ***Em 2009****,* ***sofreu*** *a língua portuguesa* ***uma reforma ortográfica polêmica****.*

Nas orações sem sujeito, **tudo é predicado**, por um motivo muito óbvio: não há sujeito.

– ***Pode haver até duzentos alunos em sala de aula em um aulão de véspera***. (só há predicado)

Às vezes, o verbo do predicado aparece implícito. Note que há dois predicados na frase abaixo:

– *Meu irmão* ***comeu três maçãs****, e eu, duas. (Meu irmão* ***comeu três maçãs****, e eu* ***comi duas****.)*

Para o reconhecimento dos tipos de predicado, precisamos entender o conceito de **predicação verbal** ou **transitividade verbal**, afinal, **não existe predicado sem verbo**. O verbo tem um papel muito importante, pois mantém relações com os outros termos da frase. Portanto, estude bem esta parte, ok? Vamos lá...

Predicação Verbal / Transitividade Verbal

Predicação verbal (ou **transitividade verbal**) é a relação entre o verbo e outros termos da oração, principalmente dentro do predicado. E, quanto à predicação, diz-se que os verbos podem ser **de ligação, intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto** e **transitivo direto e indireto**.

Existem dois grupos de verbos: os **nocionais** (intransitivos e transitivos) e os **relacionais** (de ligação, normalmente: *ser, estar, ficar, permanecer, continuar, parecer, tornar-se, encontrar-se, transformar-se, converter-se...*).

Obs.: É bom dizer que, em locuções verbais, o verbo principal é o que "carrega" o valor **nocional** ou **relacional**: "Você *precisa ficar* bom." (verbo relacional) / "Você *precisa estudar* mais." (verbo nocional).

Verbo de Ligação

Também chamado de copulativo, o **verbo de ligação** relaciona o sujeito ao seu **predicativo** (atributo que indica estado, qualidade ou condição do sujeito). Os verbos de ligação não indicam ação alguma por parte do sujeito, por isso são tradicionalmente "vazios" de significado, indicando apenas estado, e por isso o núcleo do predicado, somente neste caso, não é o verbo, mas sim o **predicativo**.

– *João* ***é*** *alegre.* (estado permanente)

– *João* ***está*** *alegre.* (estado transitório)

– *João **ficou** alegre.* (estado mutatório)
– *João **permanece** alegre.* (estado continuativo)
– *João **parece** alegre.* (estado aparente)

Cuidado!!!

1) Não confunda **verbo relacional,** que indica **estado**, com **verbo nocional**, que, normalmente, indica **ação**.

77. (FAB – AFA – Oficial – 2011/2012) De acordo com a análise morfossintática dos termos sublinhados abaixo, pode-se concluir que está INCORRETA a afirmativa:

b) em "A fonte da felicidade pública se transforma no para-raios do rancor público", a expressão grifada é predicativo do sujeito.

Comentário: O gabarito é outro, mas vamos nos ater à letra B. Pode ser que você confunda o verbo de ligação *transformar-se* com um verbo transitivo indireto, uma vez que, aparentemente, tal verbo exige um complemento preposicionado (*no* para-raios do rancor público). No entanto, note que o verbo *transformar-se* indica uma mudança de estado entre o sujeito e o predicativo, a saber: *a fonte da felicidade pública* se torna *o para-raios do rancor público.* Portanto, *transformar-se (em)* é um verbo de ligação, sinônimo de *converter-se (em)*, como nos ensina Bechara.

2) A predicação do verbo depende do seu valor no contexto frasal. Logo, o verbo de ligação pode deixar de ser de ligação para ter outra predicação. E verbos que não são de ligação podem passar a ser de ligação, como *viver, andar, cair, virar, dar* etc. Entenda:

– *No princípio **era** estudante...* (verbo de ligação)
– *"No princípio **era** o verbo..."* (= *existia;* verbo intransitivo)
– *O aluno **fica** contente com boas explicações.* (verbo de ligação)
– *O aluno **deve ficar** em sala de aula até segunda ordem.* (verbo intransitivo, pois vem seguido de adjunto adverbial)*
– *Eu **estou** sempre satisfeito.* (verbo de ligação)
– *"Eu **estarei** sempre com vocês, até o fim dos tempos."* (Mateus 28:20; verbo intransitivo seguido de adjunto adverbial de companhia)
– *As pessoas **continuam** apáticas.* (verbo de ligação)
– *As pessoas **continuam** em frente à sacada.* (verbo intransitivo seguido de adjunto adverbial de lugar)

– *Ele **parece** bem esforçado.* (verbo de ligação)

– ***Parece** que vai chover.* (= *aparenta;* verbo intransitivo)

* Normalmente os verbos de ligação que se tornam intransitivos vêm seguidos de adjunto adverbial (de lugar, principalmente).

– *Eu **vivo** bem.* (verbo intransitivo)

– *Nós **estamos vivendo** o momento.* (verbo transitivo direto)

– *Que mulher complicada! Ela **vive** de má vontade.* (verbo de ligação)

– *Ainda **vou andar** rapidamente.* (verbo intransitivo)

– *Melina **anda** feliz esses dias.* (verbo de ligação)

– *O rapaz **virou** o móvel para limpar a sujeira.* (verbo transitivo direto)

– *O rapaz **virou** drag queen.* (verbo de ligação)

– *Segundo noticiado, assassino **segue** suas vítimas à noite.* (verbo transitivo direto)

– *Segundo noticiado, assassino **segue** preso.* (verbo de ligação)

– *José lhe **deu** a melhor explicação possível.* (verbo transitivo direto e indireto)

– *José **deu** um excelente professor de português.* (verbo de ligação)

– *O homem **caiu** da cama.* (verbo intransitivo)

– *O homem **caiu** de cama.* (verbo de ligação)

Veja uma questão sobre isso:

19. (Exército – EsSA – Sargento – 2006) A oração cujo predicado tem a mesma classificação que em "João Teodoro caiu em meditação profunda" é:

a) "E sumiu."
b) "Chamava-se João Teodoro, só."
c) "Um dia aconteceu a grande novidade..."
d) "Mas, como? Agora que você está delegado?" (Gabarito!)
e) "Já teve três médicos bem bons..."

Comentário: Tanto o verbo *estar* como o verbo *cair* indicam estado (transitório e mutatório, respectivamente). Ambos são verbos de ligação, por isso estamos diante de um predicado nominal.

2) Alguns verbos (conhecidos como incoativos, segundo o grande mestre Celso Cunha), apesar de indicarem estado (mutatório), não são de ligação, mas **intransitivos**: *adoecer, emagrecer, empobrecer, melhorar.*, que equivalem a "ficar doente, ficar magro, ficar pobre, ficar melhor." Sobre isso, veja

uma questão extremamente polêmica, que deveria ter sido anulada, mas não foi, por associarem equivocadamente verbo intransitivo à ideia de ação:

19. (Exército – EsPCEx – Oficial – 2011) No trecho, "Ele chegava e saía curvado, sob a garra do reumatismo que nem melhorava nem matava." (linha 29), os verbos sublinhados indicam, respectivamente:
a) ação – ação – ação – ação (Gabarito!);
b) ação – estado – ação – estado;
c) estado – ação – estado – ação;
d) estado – ação – ação – ação;
e) ação – ação – estado – ação.

Comentário: A resposta deveria ter sido a letra e), pois *melhorar* indica estado mutatório. Fica a lição: nem todo verbo intransitivo indica ação.

Intransitivo

O **verbo intransitivo** é aquele que contextualmente não exige complemento, por ter sentido completo.

Segundo a visão tradicional, consideram-se verbos intransitivos também aqueles que, indicando **deslocamento** ou **moradia**, normalmente vêm acompanhados de uma expressão adverbial (de lugar, principalmente).

– *No dia 5 de outubro de 2011,* ***morre*** *o famoso inventor Steve Jobs.*
– ***Encerraram****-se as sessões de cinema às 22h.*
– *Todos* ***chegaram*** *ao teatro à noite.*

Cuidado!!!

1) Cuidado com os verbos *ir, chegar, voltar, regressar, partir, retornar, morar, residir, habitar* e sinônimos, pois eles **aparentemente** exigem um objeto indireto, mas na verdade são apenas especificados por um adjunto adverbial indicando **lugar**. Esta é a visão tradicional. Alguns estudiosos, como Celso P. Luft, em seu *Dicionário de Regência Verbal*, entendem que os verbos que indicam **deslocamento** podem ser analisados como transitivos indiretos. Voltando à visão tradicional... Tais verbos são acompanhados de adjunto

adverbial de lugar, pois, caso contrário, o interlocutor não entenderia plenamente uma frase como esta: "Você sabia que ele foi?" (Pergunta óbvia: Ele foi **aonde**?). Esses verbos precisam de um **especificador** de lugar, e não de um **complemento**. Há muita polêmica em torno disso. Rocha Lima, por exemplo, fala em "complemento circunstancial". Não obstante, pela gramática tradicional, reitero: tais verbos são considerados **intransitivos** e são seguidos de adjuntos adverbiais de lugar!

2) Certos intransitivos podem ser transitivos diretos ou indiretos, contextualmente.

– *Vou **dormir** cedo.* (verbo intransitivo)
– *Vou **dormir** um sono profundo.* (verbo transitivo direto)
– *Sua ajuda financeira não **basta**, meu amigo!* (verbo intransitivo)
– *Sua ajuda financeira não **basta** para mim, meu amigo!* (verbo transitivo indireto)

Transitivo Direto

O **verbo transitivo direto** é aquele que contextualmente exige um complemento sem preposição obrigatória (objeto direto). Uma maneira de saber se o verbo é transitivo direto se dá por meio da passagem de voz ativa para passiva. Se isso ocorrer, o verbo é de fato transitivo direto (99,99% das vezes).

– *Por que os homens **destroem** assim a natureza? (Destrói-se algo/alguém)*
– ***Sabemos** que o mercado imobiliário está em ascensão. (Sabe-se algo)*
– ***Consideramo-las** pessoas realmente idôneas. (Considera-se alguém/algo)*

Cuidado!!!

1) Não raro, o complemento deste tipo de verbo vem em forma de pronome átono (o, a, os, as (lo, las, los, las/no, na, nos, nas)).

2) Às vezes, os verbos transitivos diretos vêm acompanhados de termo preposicionado em certas expressões idiomáticas, como "Puxar *da espada*", "Cumprir *com o dever*", "Beber *da água*", "Comer *da comida*" etc. Falo melhor sobre isso em *objeto direto preposicionado*, mais à frente.

3) Muitas vezes, pelo contexto, o verbo transitivo direto pode se tornar intransitivo:

– *O marido* ***passou a odiar*** *a mulher.* (verbo transitivo direto)

– *Quem* ***odeia*** *se envenena aos poucos.* (verbo intransitivo)

– ***Ouço*** *dez gêneros musicais por dia.* (verbo transitivo direto)

– *Enfim eles* ***estão ouvindo*** *perfeitamente.* (verbo intransitivo)

4) Lembre-se: todo verbo na voz passiva, em que o objeto direto da ativa se tornou sujeito, é transitivo direto (ou transitivo direto e indireto). Portanto, em "Vende-se casa." e "Fui aplaudido.", os verbos *vender* e *aplaudir* são transitivos diretos. Reitero: o VTD na forma passiva não tem OD porque este virou sujeito. Mas ele continua VTD. Se não, não haveria voz passiva.

Transitivo Indireto

O **verbo transitivo indireto** é aquele que contextualmente exige um complemento com preposição obrigatória (objeto indireto).

– ***Concordo*** *com você, realmente* ***tenho de acreditar*** *em Deus, pois aqueles que lhe* ***desobedecem*** *sofrem graves consequências. (Concorda-se com algo/alguém/Acredita-se em algo/alguém/Desobedece-se a alguém/algo)*

Obs.: Muitos transitivos indiretos aceitam o *lhe* como complemento, mas outros não, como *aludir, anuir, assistir (=ver), atentar, investir, recorrer* etc. Falo melhor sobre isso no capítulo *Termos Acessórios da Oração,* em *Funções Sintáticas dos Pronomes Oblíquos Átonos* (veja o *lhe*).

Transitivo Direto e Indireto

Também chamado de **bitransitivo**, o **verbo transitivo direto e indireto** exige dois complementos, um sem preposição (objeto direto) e outro com preposição (objeto indireto).

– *A comissão parlamentar* ***comunicou*** *o problema a todos. (Comunica-se algo a alguém)*

– ***Comprei*** *uma blusa para mim. (Compra-se algo para alguém)*

– *Minha mãe só conseguiu me* ***dar*** *à luz depois de muito esforço.* (*me* é objeto direto e *à luz,* objeto indireto)

Obs.: Lembre-se sempre: só o contexto determinará a classificação do verbo.

– *Ela* ***escreve*** *bem. (VI)*

– *Ela* ***escreveu*** *dois poemas. (VTD)*

– *Ela ainda não me* ***escreveu****. (VTI)*

– *Ela não me* ***escreveu*** *nada. (VTDI)*

Predicativo do Sujeito e do Objeto

Vamos entender agora o que é o **predicativo**, porque este conhecimento servirá para entendermos os tipos de predicado melhormente.

Predicativo é o termo sintático que expressa estado, qualidade ou condição do ser ao qual se refere, ou seja, é um atributo. Normalmente aparece ligado ao sujeito por um verbo de ligação, mas não pense que só há predicativo do sujeito com verbo de ligação. Esse termo sintático pode ocorrer em orações com verbos intransitivos e transitivos.

Seu núcleo é representado por um adjetivo (normalmente), um substantivo, um numeral, um pronome, uma palavra substantivada, um advérbio (segundo Bechara e Sacconi) ou uma oração.

Existem dois tipos, segundo os gramáticos tradicionais, mas muitos também se referem a um terceiro tipo, por isso vejamos:

1) **Predicativo do sujeito**: refere-se ao sujeito, caracterizando-o; não necessariamente aparece só com verbo de ligação.

– *(Nós) Estamos* ***felizes****.*

– *O ônibus da seleção chegou* ***atrasado*** *para o jogo.*

– *Ele foi nomeado* ***supervisor*** *pelo gerente.*

– *Definiu-se o caso* ***como impossível****.*

– *O caso foi definido* ***como impossível****.*

– *Eles assistiram* ***nervosos*** *à partida.*

– *Eles deram,* ***muito ansiosos****, um presente ao irmão.*

– *Meu filho se tornou* ***um grande médico****.*

– *Nós somos* ***dez*** *lá em casa.*

– *Eu serei* ***você*** *amanhã.*

– *Meu Brasil é* ***o verde das matas*** *e* ***o amarelo do ouro****.*

– *A vida é* ***assim****, às vezes as pessoas ficam* ***bem*** *depois de uma separação.**

– *Nós parecemos* ***que estamos sempre nos intrometendo na vida dos outros****?*

* Muitas bancas, principalmente militares, insistem em analisar tais predicativos como adjuntos adverbiais de modo.

Cuidado!!!

1) O predicativo do sujeito pode vir preposicionado: *A taça é* ***de cristal****. / Estou* ***sem medo****. / Continuamos* ***com sono****. / A distância é* ***de vinte quilômetros****?*

2) O predicativo do sujeito pode modificar um sujeito oracional: *É* ***primordial*** *que aprendamos gramática.*

3) Em orações sem sujeito com o verbo *ser*, existe predicativo **do sujeito**! Isso é estranho demais, no entanto é assim que manda a tradição gramatical, e a gente, que não é bobo nem nada, lhe obedece. Consoante o que diz a NGB, o gramático Luiz Antonio Sacconi reitera: "Nas orações ***Era primavera*** e ***Estava frio***, o predicado é nominal, já que nelas existem verbos de ligação, cujos predicativos são ***primavera*** e ***frio***.". Fiz uma pergunta à ABL sobre isso e foi-me dito o mesmo. Logo, é isso aí.

4) O predicativo do sujeito pode ser representado por um pronome demonstrativo *o*: *Ele não é feliz, mas ela* ***o*** *é. (... ela é feliz).*

5) Existe predicativo do sujeito pleonástico, ou seja, um predicativo do sujeito que retoma um predicativo do sujeito já existente na oração. Veja: "***Orgulhoso***, ele sempre ***o*** foi.". O *o* (demonstrativo) é um predicativo do sujeito pleonástico, pois já existe um predicativo do sujeito, a saber: *orgulhoso.*

6) Pelo mesmo princípio de tipos de sujeitos, por inferência, notamos que há predicativo simples, composto, implícito (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova, meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Sou* ***estudioso****.* (simples: um núcleo)

– *Sou **rico e bonito**.* (composto: mais de um núcleo)
– *"Você é feliz?" "Sou."* (oculto: = *Sou (feliz)*)
– *O fato é **que o assunto me intriga**.* (o predicativo do sujeito é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

2) Predicativo do objeto direto: normalmente é uma característica dada pelo sujeito ao objeto direto; enfim, é um termo sintático que modifica o objeto direto.

É bom dizer que há predicativo do objeto direto normalmente com os verbos **transobjetivos** (*julgar, chamar, nomear, eleger, proclamar, designar, considerar, declarar, adotar, tornar, encontrar, deixar, achar...*), os quais indicam opinião ou designação e normalmente exigem um objeto seguido de um predicativo do objeto.

Note que predicativo do objeto é uma característica **atribuída**, e não inerente ao ser.

– *O povo elegeu-o **presidente** pela segunda vez.*
– *Tu tens de me agradecer eternamente, pois eu te tornei **um homem famoso**.*
– *O fraco rei faz **fraca** a forte gente.* (Camões)
– *Faço as suas palavras **as minhas**.*
– *Deixei-a **preocupadíssima**.*
– ***Irritadíssima**, largou o namorado no meio da rua e saiu em disparada.*

Cuidado!!!

1) Na passagem de voz ativa para passiva, o predicativo do objeto vira predicativo do sujeito: *Todos consideramos a prova **difícil**.* (voz ativa) / *A prova foi considerada **difícil** por todos.* (voz passiva).

2) Pode haver predicativo do objeto referente a uma oração objetiva direta (objeto direto oracional): *Eu considero **válido** que você arrume um emprego*. O que é considerado válido pelo sujeito? **Isto**: "que você arrume um emprego", complemento (objeto direto) do verbo *considerar*. Veja outro exemplo: *Essa agilidade teve **como objetivo exclusivo** (predicativo do objeto direto oracional) permitir-nos decidir o que merecia a nossa atenção* (= ***Isto;*** objeto direto

oracional). Ou seja: *"Essa agilidade teve* ***isto como objetivo exclusivo****"*. O *como* é uma preposição acidental.

Veja uma questão sobre o *como*, preposição acidental, iniciando um predicativo do objeto e um predicativo do objeto modificando uma oração:

Fragmentos de texto

L. 9: ... e comprar um item mais caro...

L. 17: ... levar um bom vinho para o almoço...

L. 26-27: ... o primeiro é regido por valores como amor e lealdade, o segundo tem como marca indexadores monetários e contratos.

L. 32: ... acha bobagem comprar...

04. (CONSULPLAN – TSE – Técnico Judiciário – 2012) Assinale a palavra que, no texto, desempenhe função sintática idêntica à de *marca* (L. 27).

a) amor (L. 26).
b) vinho (L. 17).
c) bobagem (L. 32).
d) caro (L. 9).

Comentário: O substantivo *marca*, iniciado pela preposição acidental *como*, tem função de predicativo deste objeto direto: "indexadores monetários e contratos". O substantivo *bobagem* também tem função de predicativo do objeto, mas seu objeto vem em forma de oração: *comprar*. Note que tal predicativo é "fruto" da exigência de um verbo transobjetivo, *achar*.

3) O predicativo do objeto direto pode vir preposicionado: *Ele se fez* ***de bobo*** *para conquistá-la. (o pronome reflexivo "se" tem função de objeto direto). / Os próprios doutores da faculdade tinham aquele professor* ***por um sábio****. / Infelizmente encontrei,* ***sem esperanças e com a vida por um fio****, meu amigo no hospital.*

4) Pode haver predicativo do objeto de um objeto direto preposicionado: *Estamos no mundo para fazer* ***dele*** ***um mundo melhor****.*

5) Por inferência, notamos que há predicativo do objeto simples, composto, implícito (só contextualmente). Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova, meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Por causa do prêmio Nobel de Literatura, encontrei o escritor* ***orgulhoso***. (simples: um núcleo)

– *Por causa do prêmio Nobel de Literatura, encontrei o escritor* ***orgulhoso e sorridente***. (composto: mais de um núcleo)

– *"Você o encontrou orgulhoso por ter ganhado o prêmio?" "Encontrei-o."* (oculto: = *Encontrei-o (orgulhoso))*

3) Predicativo do objeto indireto: refere-se ao objeto indireto, caracterizando-o.

– *Gosto de vocês* ***quietinhos***.

– *Eu preciso do meu marido* ***consciente****, doutor!*

– *No início do século XX, as filhas obedeciam aos pais –* ***sempre austeros***.

– *As muralhas não resistiram aos ataques (****extremamente ferozes****).*

Cuidado!!!

1) O verbo transobjetivo *chamar* no sentido de *nomear, apelidar, cognominar, classificar* pode ser verbo transitivo direto (VTD) ou indireto (VTI) acompanhado de predicativo do objeto direto (POD) ou indireto (POI). A preposição de é facultativa.

– *Chamei ao rapaz (de)* ***vigarista***. (VTI / POI) - *Chamei-lhe (de)* ***vigarista***. (VTI / POI)

– *Chamei o rapaz (de)* ***vigarista***. (VTD / POD) - *Chamei-o (de)* ***vigarista***. (VTD / POD)

2) Por inferência, notamos que há predicativo do objeto indireto simples, composto, implícito (só contextualmente). Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova, meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Eu me lembro delas ainda* ***moças***. (simples: um núcleo)

– *Eu me lembro delas ainda* ***moças e dispostas***. (composto: mais de um núcleo)

– *"Você a chamou de infeliz?" "Chamei-a, sim!"* (oculto: = *Chamei-a (de infeliz, sim!))*

Obs. final: Apesar de isso não cair em prova alguma, o importante linguista Claudio Cezar Henriques ensina que o predicativo não se restringe ao sujeito ou aos objetos, mas pode modificar outros termos sintáticos. Vou dar só um exemplo para matar sua curiosidade: *O rapaz nunca sai com a namorada* ***desarrumada***. (predicativo do adjunto adverbial de companhia, levando em conta que ele só tem uma namorada).

Classificação do Predicado

São três tipos de predicado: nominal, verbal e verbo-nominal.

1) Nominal: o nome, o predicativo do sujeito, é a parte mais significativa do predicado; é constituído sempre de verbo de ligação + predicativo do sujeito.

– *Os alunos* ***parecem bem interessados ultimamente***.

– *Esses moradores* ***continuam sem moradia!***

– ***É de chorar*** *esse programa de comédia.*

– ***Já são vinte e duas horas?*** (tudo é predicado nominal, pois não há sujeito)

2) Verbal: expressa ideia de ação/movimento e tem como núcleo um verbo; constituído de qualquer verbo, exceto o de ligação; não há predicativo algum.

– *Meus alunos* ***não estão em sala de aula***. (verbo intransitivo)

– ***Devido ao frio, tivemos de nos agasalhar até o conserto do aquecedor***.[1] (verbo transitivo direto)

– ***Houve esquema de compra de votos segundo o relator da CPI***.[2] (verbo transitivo direto)

– *Todos nós* ***visamos a uma carreira estável***. (verbo transitivo indireto)

– *O rapaz* ***informou sua classificação ao mestre***. (verbo transitivo direto e indireto)

[1] Tudo é o predicado; o sujeito está oculto (nós). [2] Oração sem sujeito: tudo é o predicado.

3) Verbo-nominal: é a mistura dos dois anteriores; composto de um verbo qualquer que não seja de ligação + um predicativo (do sujeito ou do objeto).

– *A relação do casal,* ***inicialmente caótica, amadureceu***.

– *O povo* ***reelegerá Dilma presidenta daqui a poucos anos?***

– *Nós* ***nos aliamos a ele desconfiados***.

– ***Emocionados, convidaram o professor para a despedida.***[1]

– ***Como professor, tive de fornecer um vultoso material aos alunos.***[2]

[1] Tudo é o predicado; o sujeito está indeterminado. [2] Tudo é o predicado; o sujeito está oculto (eu).

Obs.: A ordem do predicativo do sujeito pode mudar a predicação verbal: *O entrevistado ficou **calado** na sala de espera.* (verbo de ligação) / *O entrevistado ficou na sala de espera **calado**.* (verbo intransitivo).

Último adendo (só para eu poder dormir tranquilo): Dentro da **classificação de termos essenciais, integrantes e acessórios da oração**, os predicativos do sujeito e do objeto são **termos essenciais** no que diz respeito à formação dos predicados nominal e verbo-nominal.

O Que Cai Mais na Prova?

Você vai ver que a maioria das questões de bancas diversas estão relacionadas à identificação do sujeito (normalmente afastado do verbo) e ao tipo de sujeito. No entanto, saiba que a FCC adora cobrar questão de transitividade verbal. Observe o padrão das questões!

Questões de Concursos

*Em dezembro do ano passado, **milhares de pessoas** tomaram as ruas de Seattle nos Estados Unidos, para protestar contra uma reunião da Organização Mundial de Comércio, que tentava aprovar mais uma rodada de liberalização comercial (a chamada Rodada do Milênio). **Conseguiram** barrar a negociação, que ficou para um futuro para lá de incerto, e, de quebra, **ridicularizaram** ninguém menos que o presidente americano Bill Clinton, o anfitrião do encontro. (...)*

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2000) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O sujeito de "conseguiram" e de "ridicularizaram" é "milhares de pessoas".

2. (Esaf – SERPRO – Técnico de Operação de Rede – 2001) Assinale a opção em que o termo sublinhado no texto exerce a função de sujeito sintático da oração.

Em meio à profusão a) de novidades no mundo dos computadores, não há carteira b) que resista ao apelo consumista de vendedores interessados em empurrar-lhe um equivalente a um modelo de Fórmula 1 c), quando você d) precisa na verdade é de um carro confortável e) para ir de casa para o trabalho ou escapar para o sítio no fim de semana.

a) A.
b) B.
c) C.
d) D.
e) E.

3. (ACEP – BNB – Assistente Administrativo – 2004) Em "A dedicação ao trabalho ***te*** enche de glória e ***te*** faz ***vencedor***", as palavras em itálico são respectivamente:

a) objeto direto, objeto indireto, objeto direto;
b) objeto indireto, objeto indireto, predicativo do sujeito;
c) adjunto adnominal, adjunto adnominal, objeto direto;
d) objeto direto, objeto direto, predicativo do objeto;
e) predicativo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto.

4. (Esaf – Advogado – 2004) Assinale a frase do texto que constitui uma oração sem sujeito.

O direito nada pode sem a ética, e não pode haver paz sem justiça. Toda regra de Justiça envolve amor, que resume, em seu mais amplo sentido, a verdadeira idéia da convivência entre os homens.

a) O direito nada pode sem a ética.
b) [...] não pode haver paz sem justiça.
c) Toda regra de Justiça envolve amor.
d) que resume [...] a verdadeira idéia da convivência entre os homens.
e) [...] em seu mais amplo sentido [...]

5. (Esaf – Técnico Administrativo – ANEEL – 2006) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

*Apesar das dificuldades, o Programa de Metas foi executado e seus resultados **manifestam-se** na transformação da estrutura produtiva nacional. (...) No entanto, **foi** graças ao controle do câmbio e ao regime de incentivos criados que as importações de bens de consumo duráveis foram contidas.*

I. Em "manifestam-se", o "se" é índice de indeterminação do sujeito.
II. Por se tratar de verbo expletivo, "foi" pode ser retirado da oração sem prejuízo do sentido e da sintaxe.

6. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa em que o predicado é verbo-nominal:

a) O garoto tímido fez o discurso.
b) Não encontraram o suspeito.
c) A garota saiu chateada da escola.
d) O garoto continua internado.

7. (Cespe – IRBr – Diplomata – 2008) Na linha 17 (O único perigo é que o porão faça da criança, no futuro, um romancista introvertido...), o termo 'um romancista introvertido' exerce função sintática de predicativo do objeto 'da criança'.

( ) CERTO ( ) ERRADO

8. (Cesgranrio – SEC. ADM./TO – Administrador Hospitalar – 2009) O verbo destacado é impessoal na frase:

a) "(e isso, você sabe, não **implica** nenhum tipo de propensão ao crime)." (L. 3-4);
b) "E, ah, quando não **há** ninguém por perto,..." (L. 5);
c) "E tudo agora **é** para valer." (L. 10);
d) "**Vira** mais uma atividade produtiva a cumprir..." (L. 17);
e) "quem **brinca** não quer chegar a lugar nenhum –" (L. 20-21).

9. (FCC – TRT/MG (3R) – Analista Judiciário – 2009) ... que <u>prevalece</u> no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos. (3º parágrafo)

A frase cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:

a) ... que homogeneíza todos os indivíduos.
b) ... o sentimento tribal é muito forte ...
c) ... acompanha o indivíduo por toda vida ...
d) ... que (...) participam no rito das danças guerreiras.
e) ... e estão espalhados por vários locais.

10. (FCC – TRT/MA (16R) – Analista Judiciário – 2009) Na frase *Mas aqui surge outro* <u>problema</u>, o termo em destaque exerce a mesma função sintática que o termo sublinhado em:

a) Não, não sou um conservador <u>reacionário</u>.
b) Tivemos <u>tempo</u> suficiente para ver quanto podia durar um disco de vinil (...)
c) (...) as <u>fitas</u> de vídeo perdem as cores e a definição com facilidade.
d) Um congresso recente, em Veneza, dedicou-se à questão da <u>efemeridade</u> dos suportes de informação (...)
e) Sabemos que todos os suportes mecânicos, elétricos ou eletrônicos, são rapidamente <u>perecíveis</u> (...)

11. (FUNRIO – MPOG – Agente Administrativo – 2009) "Dizem que, quando recebeu o Robespierre caído em desgraça...". Assinale a opção que apresenta corretamente a classificação do sujeito de "Dizem" e uma respectiva explicação para tal emprego.

a) Sujeito inexistente – inexiste um termo a que o verbo possa se referir.
b) Sujeito indeterminado – não se pode ou não se deseja especificar o sintagma que exerce a função de sujeito.
c) Sujeito oculto – é identificável na forma verbal.
d) Sujeito simples – seu núcleo é Robespierre.
e) Sujeito composto – apresenta dois núcleos, Robespierre e Carrasco.

12. (FCC – TRT/CE (7R) – Analista Judiciário – 2009) *Mas enquanto <u>o sonho</u> de Darcy não se torna realidade, <u>o debate</u> continua.*

Os termos sublinhados exercem na frase acima a mesma função sintática do termo sublinhado em:

a) Ainda temos <u>muito</u> a caminhar.

b) Para ele, trabalho não era opção para as crianças.
c) Caberiam aos pais as providências (....)
d) Ainda que a escola não venha a suprir a necessidade (...)
e) A tragédia dos menores abandonados é de tal ordem (...)

13. (FUNDEP – TJ/MG – Assistente Social – 2010) "Anda tudo muito desorganizado, e, como deves notar, trago comigo um resto de verão [...]."
O termo destacado no trecho acima, quanto à função sintática, classifica-se em:
a) adjunto adverbial;
b) aposto;
c) predicativo do sujeito;
d) adjunto adnominal.

14. (Cespe/UnB – Caixa – Advogado – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Na oração "Vale a pena deixá-los sem futuro?", o sujeito é inexistente.

15. (CONSULPLAN – Técnico Administrativo – 2010) Assinale a seguir uma oração sem sujeito:
a) Come-se bem naquele restaurante.
b) Vai haver um campeonato.
c) Vive-se feliz no Brasil.
d) Paulo faz vinte anos amanhã.
e) Eles haviam feito a pesquisa.

16. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judicário – 2010) *Uma pesquisa recente de um grupo de arqueólogos alemães confirma a antiguidade da família nuclear entre humanos.*
A frase cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:
a) Várias hipóteses apontam nesse sentido.
b) ... geravam mais descendentes que os aventureiros ...
c) ... em que os animais andam em bandos ...
d) ... que datam de 4.600 anos atrás ...
e) ... de que a família nuclear era uma instituição apenas cultural.

17. (CONSULPLAN – Pre. Santa Maria Madalena – Enfermeiro – 2010) Em "...saibamos ensinar aos alunos o mais elementar,...", o verbo destacado é:
a) Transitivo direto.
b) Transitivo indireto.
c) Intransitivo.
d) De ligação.
e) Transitivo direto e indireto.

*(...) Quão competente é, porém, **o crítico competente**? Suponhamos que uma obra de arte profundamente original surja diante de seus olhos. Como a julga ele? Comparando-a com as obras de arte do passado. **Se for original**, afastar-se-á em alguma coisa – e, quanto mais original, mais se afastará – das obras de arte do passado. (...)*

18. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Pelo desenvolvimento das ideias do texto, verifica-se que a referência do sujeito elíptico de todas as orações do período iniciado por "Se for original" corresponde à expressão "o crítico competente".
( ) CERTO
( ) ERRADO

Pernambucano em Málaga
A cana doce de Málaga
dá domada, em cão ou gata:
deixam-na perto, sem medo,
quase vai dentro das casas.
(...)
A cana doce de Málaga
não é mar, embora em praias,
dá sempre em pequenas poças,
restos de uma onda recuada.
(...)
A cana doce de Málaga
dá dócil, disciplinada:
dá em fundos de quintal
e podia dar em jarras.
(...)
João Cabral de Melo Neto

19. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) A forma "dá" é empregada no poema ora como verbo intransitivo, nos versos 19 e 27, por exemplo, ora como transitivo, nos versos 2 e 26.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Esaf – Analista Técnico da SUSEP – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

*(...) O fenômeno já se fazia sentir com força, no final de 2009, na procura por engenheiros. Agora se vê que a carência de profissionais **se espraia** para vários níveis de formação – sobram vagas para farmacêuticos, mas também para eletricistas e torneiros. Trata-se de um problema grave, para o qual não há solução simples nem imediata. A rede educacional do país, com suas falhas e **distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade**, **mostra-se** incapaz de oferecer ao mercado de trabalho mão de obra competente.*

I. Em "se espraia" o termo "se" funciona como indicador de sujeito indeterminado.
II. A forma verbal "mostra-se" tem como sujeito "distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade".

21. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) As orações "São tantos os espaços para a dita participação popular" e "não há espaços de visibilidade claros" são exemplos de oração sem sujeito.
( ) CERTO

( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – BRB – Escriturário – 2011) O emprego da partícula "se" em "se estabeleceram" (No entanto, foi somente no século XVII que os bancos se estabeleceram...) indica que o sujeito da oração é indeterminado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (Cespe/UnB – BRB – Escriturário – 2011) A expressão "moedas mexicanas e peruanas" (No extremo norte, por exemplo, continuavam sendo usadas no comércio moedas mexicanas e peruanas...) exerce, na oração em que ocorre, a função sintática de sujeito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

24. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) Considerando-se apenas o trecho "Viver em ambiente sem gravidade faz coisas curiosas com o corpo", não se pode determinar, do ponto de vista sintático, o sujeito da forma verbal "faz".
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Em "Quando o carteiro chegou e meu nome gritou", os sujeitos gramaticais "o carteiro" e "meu nome" estão antepostos a seus respectivos predicados verbais.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
No palácio da Cachoeira,
com pena bem aparada,
começa Joaquim Silvério
a redigir sua carta.
Cecília Meireles

26. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Se os versos do fragmento fossem reescritos na ordem sujeito–verbo–complemento verbal–adjunto adverbial, a versão correta seria: *No palácio da Cachoeira/Joaquim Silvério começa/ a redigir sua carta/ com pena bem aparada.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Constituem exemplos de orações que não seguem a ordem sujeito–verbo–objeto: "como nos inclina a pensar a prevalência da forma pronominal" e "uma vez que foi necessário levar em conta a noção de memória coletiva".
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Em pleno sertão do Cariri, no sul do Ceará, um meio de transporte causa estranheza na paisagem árida. Cobrindo os 14 quilômetros que separam Crato e Juazeiro do Norte, um misto de metrô e ônibus transporta passageiros. Trata-se do primeiro veículo leve sobre trilho (VLT) do Brasil, um tipo de transporte coletivo capaz de melhorar o trânsito nas cidades sem acarretar tantos malefícios ao ambiente. Além de custar menos que o metrô, **transporta muito mais passageiros** que o ônibus e é até 93% menos poluente que este. (...)

28. (Cespe/UnB – CBM/ES – Oficial Bombeiro – 2011) O sujeito da oração "transporta muito mais passageiros" está elíptico.
( ) CERTO
( ) ERRADO

29. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) O verbo destacado **NÃO** é impessoal em:
a) **Fazia** dias que aguardava a sua transferência para o setor de finanças.
b) Espero que não **haja** empecilhos à minha promoção.
c) **Fez** muito frio no dia da inauguração da nova filial.
d) Já **passava** das quatro horas quando ela chegou.
e) Embora **houvesse** acertado a hora, ele chegou atrasado.

30. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) A palavra *sujeitas* (... as matrizes das empresas transnacionais que aqui operam sujeitas às normas...) exerce, no texto, função sintática de:
a) complemento nominal;
b) objeto direto;
c) predicativo do objeto;
d) predicativo do sujeito;
e) adjunto adverbial de modo.

(www.ivancabral.com)

31. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) De acordo com o contexto da fala do aluno, o uso do verbo no plural indica sujeito:
a) desinencial;
b) indeterminado;
c) inexistente;
d) composto;
e) elíptico.

32. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) (Adaptada) O termo sublinhado em **Sabe-se quão barbaramente <u>os ingleses</u> subjugaram os hindus** exerce a função de ....., a mesma função sintática que é exercida por ..... na frase **Cometeram-se incontáveis violências contra os hindus**.

Qual item preenche corretamente as lacunas do enunciado acima, respectivamente?
I. objeto direto – os hindus;
II. sujeito – os hindus;
III. sujeito – violências.

33. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Na frase *No caso dos donos do mundo, não se devem esperar exames de consciência mais profundos*, é correto afirmar que:
a) a construção verbal é um exemplo de voz ativa;
b) a partícula <u>se</u> tem a mesma função que em *"E **<u>se</u>** ela não vier?"*;
c) a forma plural *devem* concorda com *exames*;
d) ocorre um exemplo de indeterminação do sujeito;
e) a expressão *donos do mundo* leva o verbo ao plural.

34. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) Destes <u>proviriam</u> as pistas que indicariam o caminho ...

O verbo empregado no texto que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está também grifado em:
a) ... a principal tarefa do historiador <u>consistia</u> em estudar possibilidades de mudança social.
b) Os caminhos institucionalizados <u>escondiam</u> os figurantes mudos e sua fala.
c) <u>Enfatizava</u> o provisório, a diversidade, a fim de documentar novos sujeitos ...
d) ... sociabilidades, experiências de vida, que por sua vez <u>traduzissem</u> necessidades sociais.
e) <u>Era</u> engajado o seu modo de escrever história.

35. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) O conetivo ***e*** (*Gates afirmou ser importante usar outros meios para convencer o Irã a não procurar ter armas nucleares **e** repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar...*) está ligando:
a) dois verbos intransitivos;
b) dois verbos transitivos indiretos;
c) um verbo transitivo direto e outro indireto;
d) dois verbos transitivos;
e) dois verbos circunstanciais.

36. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) Em "Pela estreita peneira do programa só passam os realmente capazes", o sujeito da oração está indeterminado.

( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) O termo "gente" (Há gente no Brasil interessada em...) exerce a função de sujeito da oração em que se insere.
( ) CERTO
( ) ERRADO

*(...) Não era preciso ser médium para, mesmo antes do desastre com avião na Amazônia no final de 2006, **perceber** que a leniência das autoridades federais... (...)*

38. (Cespe/UnB – STM – Técnico Judiciário – 2011) A forma verbal "perceber" possui sujeito oracional.
( ) CERTO
( ) ERRADO

39. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) No trecho "É verdade que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas", o emprego da forma verbal singular "É" justifica-se pelo fato de essa forma verbal não ter sujeito explícito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

40. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Na linha 5 do fragmento I, destaca-se, por meio da partícula expletiva "é que", o sujeito simples da oração absoluta "Essa criança é que chamaram de Macunaíma".
( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Admite-se como forma alternativa de reescrita da expressão coloquial "o diabo do homem só faltou me chamar de" a estrutura **só faltou o diabo do homem me chamar de**, na qual o verbo **faltar** é empregado como impessoal e, portanto, integra uma oração sem sujeito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

42. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ... *elas ainda <u>sofrem de imensas deficiências de nutrientes</u>* ...
A relação entre verbo e complemento, grifada acima, se reproduz em:
a) ... embora a maioria das pessoas consuma calorias suficientes ...
b) ... e têm pontuação mais baixa nos testes de habilidade cognitiva.
c) ... a epidemia de obesidade nos países ricos representa exatamente o problema oposto.
d) ... e muitos não obtêm esses nutrientes.
e) ... menos da metade daqueles que mais precisam deles ...

43. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) ... *para que ela não <u>interfira</u> de forma excessiva em seus projetos.*

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está em:

a) ... contra forças desconhecidas que anulam tudo aquilo ...
b) ... com as quais procuramos lidar com a realidade ...
c) ... deixando-nos desarmados e atônitos ...
d) ... de algo que está além de nossa compreensão ...
e) ... ele o convoca constantemente.

44. (Cesgranrio – Petrobras Distr. – Direito Júnior – 2012) O trecho "Pensa-se logo num palhaço" pode ser reescrito, respeitando a transitividade do verbo e mantendo o sentido, assim:

a) O palhaço pode ser logo pensado.
b) Pensam logo num palhaço.
c) Pode-se pensar num palhaço.
d) Pensam-se logo num palhaço.
e) O palhaço é logo pensado.

45. (FUMARC – TJ/MG – Técnico Judiciário – 2012) Leia o trecho transcrito: "O povo respira aliviado.". A predicação do verbo negritado na frase se repete em:

a) Mesmo com os meus conselhos, ele continua ansioso.
b) O presidente nomeou Catarina primeira secretária.
c) Só ficarão acesas as lâmpadas da sala e do corredor.
d) O filho dependia da mãe para as atividades diárias.

46. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) ***Este conceito é relativo, pois em arte não há originalidade absoluta.***
... a sua contribuição maior foi a liberdade de criação e expressão.
Ambos os elementos acima grifados exercem nas respectivas frases a função de:

a) adjunto adverbial;
b) objeto direto;
c) complemento nominal;
d) predicativo;
e) objeto indireto.

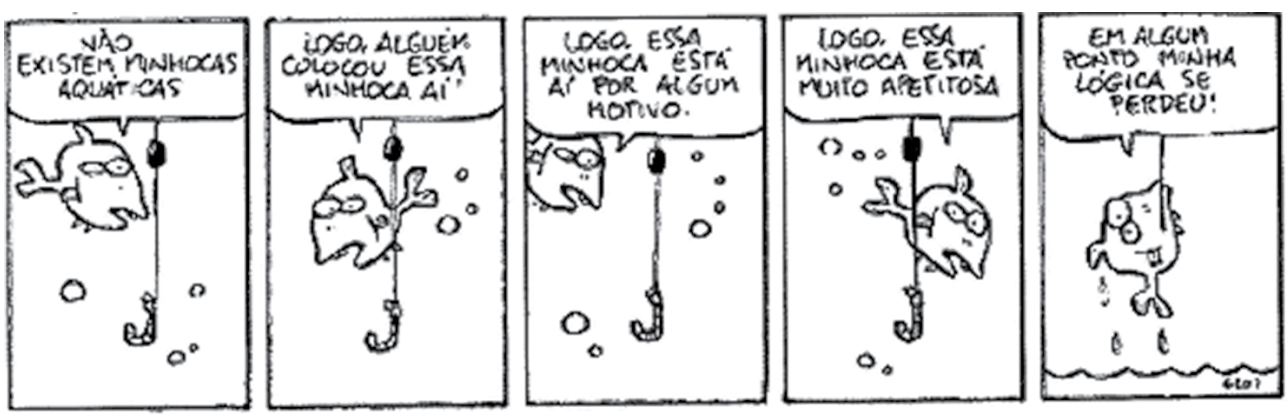

(Fernando Gonsales. *www.uol.com.br*)

47. (FGV – Senado Federal – Administração (Técnico) – 2012) Em relação aos verbos da tirinha e sua natureza sintática, analise as alternativas a seguir:

I. Só há um verbo de ligação na tirinha, em uma única ocorrência.
II. Só há um verbo transitivo direto na tirinha, em uma única ocorrência.
III. Todos os verbos possuem sujeito simples.
a) Se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
b) Se nenhuma afirmativa estiver correta.
c) Se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
d) Se todas as afirmativas estiverem corretas.
e) Se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

Gabarito

1. CORRETO.	11. B.	21. ERRADO.	31. B.	41. ERRADO.
2. D.	12. E.	22. ERRADO.	32. III.	42. E.
3. D.	13. C.	23. CERTO.	33. C.	43. B.
4. B.	14. INCORRETO.	24. ERRADO.	34. A.	44. B.
5. I- INCORRETA. II- INCORRETA.	15. B.	25. ERRADO.	35. D.	45. B.
6. C.	16. B.	26. ERRADO.	36. ERRADO.	46. D.
7. CERTO.	17. E.	27. CERTO.	37. ERRADO.	47. D.
8. B.	18. ERRADO.	28. CERTO.	38. ERRADO.	
9. D.	19. ERRADO.	29. E.	39. ERRADO.	
10. C.	20. I- INCORRETA. II- INCORRETA.	30. D.	40. ERRADO.	

Capítulo 20

Termos Integrantes da Oração

Definição

Os **termos integrantes da oração** servem para completar o sentido de certos verbos e certos nomes para que a oração fique plena, por isso são chamados de **complementos verbais** (**objeto direto** e **objeto indireto**), **complemento nominal** e **agente da passiva**.

Objeto Direto

O **objeto direto** é um termo que estabelece uma relação sintática com um verbo transitivo direto ou transitivo direto e indireto, complementando seu sentido. Normalmente o objeto direto é o alvo da ação verbal e não vem preposicionado.

– *De um modo completo mas didático, ensinei* ***gramática*** *aos alunos.*

– *Gostaria de vê-****lo*** *no topo do mundo, meu filho.*

– ***Quem*** *vocês conhecem deste lugar?*

– *Libertaram* ***os demais****, pois não haviam feito nada de ilícito.*

– ***Aqueles*** *eu tolero, mas* ***estes*** *jamais irei tolerar.*

– *O técnico convocou somente* ***os do Brasil****. (os = aqueles)*

– *Nos últimos dias, Deus começará* ***o despertar de um novo mundo****.*

– *Deixamos* ***o nosso filho perceber as dificuldades da vida sozinho****.*

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há objeto direto simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Estou quase entendendo* ***Português****.* (simples: um núcleo)

– ***A Língua Portuguesa e todas as suas regrinhas****, só mesmo o professor domina.* (composto: mais de um núcleo)

– *"Você comprou aquele livro?" "Comprei."* (oculto: = Comprei (aquele livro))

– *Hoje sabemos* ***que ela não se apresentou por timidez****.* (o objeto direto é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

É bom dizer que, quando o objeto (ou qualquer outro complemento ou adjunto) vier ligado por *e* ou *nem* (conjunções coordenativas aditivas), ou separado por vírgula numa enumeração, não haverá verbo implícito. Por exemplo: "Fomos comprar *uma televisão, uma geladeira, um fogão e um sofá.*". Todos esses termos são núcleos do objeto coordenados, não é para entender que há orações implícitas, ou seja, fazer a seguinte análise *errada*: "Fomos comprar *uma televisão, (comprar) uma geladeira, (comprar) um fogão e (comprar) um sofá.*". Só há uma (1) oração, sinalizada pela locução verbal *fomos comprar*, ok?

2) Assim como o sujeito simples pode ser "complexo", ou seja, ser constituído de adjuntos adnominais ou de orações adjetivas, o **objeto direto** também: "*Os candidatos aplicados sempre resolvem* ***muitas provas anteriores que fazem parte das bancas de maior prestígio no universo dos concursos***". A palavra em azul é só o núcleo, mas tudo em negrito é o objeto, ou seja, o complemento do verbo *resolver*.

3) Além dos pronomes oblíquos *o(s) e a(s)*, e suas variações *lo(a/s), no(a/s)*, quase sempre exercerem a função de **OD**, os pronomes oblíquos *me, te, se, nos, vos* também podem exercer a função de **OD**. O *lhe(s)* nunca exerce função de OD.

– *Convidaram-****na*** *para palestrar sobre Sintaxe.*

– *Levou-****me*** *à sabedoria esta aula.*

– *Admira-****te*** *que eu tenha voltado?*

– *Sujou-**se** com graxa para compor o personagem.*

– *Depois de terem **nos** expulsado do colégio, convidaram-**nos** novamente.*

– *Nunca **vos** tomeis como grandes personalidades!*

4) Os pronomes demonstrativos *o, a, os, as* podem ser objetos diretos. Normalmente vêm antes do pronome relativo *que*:

– *Escuta **o** que eu tenho a te dizer. (Escuta (VTD) **o** (= aquilo; objeto direto) que eu tenho a te dizer.)*

5) Existem outros tipos de objeto direto que muito raramente caem em prova. Vamos conhecer.

Objeto Direto Preposicionado

Lembre-se sempre de que não é o verbo que exige a preposição! Ela é posta antes do objeto direto normalmente por motivo de ênfase ou clareza. Nos oito primeiros casos, a preposição é obrigatória; nos demais casos, facultativa.

a) OD é pronome **oblíquo tônico**.

– *Não entendo nem **a ele** nem **a ti**.*

b) OD é de um VTD + SE (PIS).

– *Antigamente, respeitava-se **aos mais velhos**.*

c) OD é preposicionado para evitar a **ambiguidade**.

– ***À mulher** venceu o homem.* (Sem a preposição *a + a = à, A mulher* poderia ser interpretado como sujeito ou objeto; assim, sabemos que *o homem* é o sujeito.)

d) OD é o pronome relativo **quem**.

– *Ele tinha um avô **a quem** idolatrava.*

e) OD é uma expressão de **reciprocidade** – *um(a/s) a(o/s) outro(a/s).*

– *Os lutadores agrediram-se **uns aos outros**.*

f) OD é um **substantivo coordenado com um oblíquo**.

– *Redação do art. 229, inc. III, do Novo Código Civil:*

> *"Ninguém pode ser obrigado a depor sobre fato:*
>
> *(...)*
>
> *III- que o exponha, ou **às pessoas referidas no inciso antecedente**"*

– *Mulher, amo-te e **aos meus pais** também.*

g) OD é um **infinitivo** (regido pela preposição *a*) dos verbos *ensinar* e *aprender*.

– *Sua professora lhe ensinou **a ler Machado de Assis**?*

– *Não aprendi **a somar nem a dividir**.*

h) OD é um **substantivo numa construção comparativa** para evitar falta de clareza.

– "Olho Gabriela como **a uma criança**, e não mulher feita." (Ciro dos Anjos)

* Se não houvesse a preposição, o sentido seria outro: *"Olho Gabriela como uma criança (olha)..."*, em que *uma criança* passaria a ser o sujeito do verbo implícito, e não o objeto direto. Com a preposição, a leitura é esta: *"Olho Gabriela como olho uma criança..."*.

i) OD é um **nome próprio ou comum**, referente a seres personativos, principalmente com verbos que indicam sentimento.

– *Nós amamos **a Deus**, **a Jesus** e **aos anjos**.*

– *O dinheiro, esse maldito!, atrai **a homens** e **a mulheres**.*

j) OD é **pronome de tratamento**, **indefinido**, **interrogativo** ou **demonstrativo**.

– *Não admito que coloquem **a Sua Excelência** num pedestal!*

– *O amor fere **a uns**, mas **a outros** não.*

– *Meu Deus, **a quem** eu devo ajudar?*

– *De todos esses filmes, eu odeio mais **a estes** do que **àqueles**.*

k) OD **iniciando a oração**, por motivo de ênfase.

– ***Ao povo** ninguém engana.*

– ***Às artimanhas de Satanás**, as quais visam destruir nossa relação com Deus, devemos sempre evitá-las.*

l) OD é o numeral **ambos**.

– *Se deixassem, ele matava **a ambos**.*

m) OD é constituído por **expressões idiomáticas enfáticas** (as preposições aqui são chamadas de **posvérbios**, termo cunhado por Antenor Nascentes para indicar que tais preposições não mudam a transitividade do verbo, mas atribuem um matiz de sentido ao contexto, tornando a frase mais expressiva).

– *fazer **com que ele estude***, puxar **da faca**, arrancar **da espada**, sacar **do revólver**, pedir **por socorro**, pegar **pelo braço**, cumprir **com o dever**... beber **da água**, comer **do pão**, dar **do leite*** (essas preposições indicam parte de um todo).

* Confira uma questão (nº. 19) sobre essa estrutura: FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário (EXECUÇÃO DE MANDADOS) – 2007.

– É possível haver um **predicativo do objeto direto preposicionado**: "O homem ***a quem*** (ODP) considerava ***amigo*** (PODP) me traiu.".

Objeto Direto Pleonástico

Usa-se normalmente o **pronome oblíquo átono** para retomar enfaticamente um objeto direto que já existe e que vem no início da oração (facultativamente separado por vírgula).

– *Este carro, comprei-**o** hoje.*

– *A mim ele nunca **me** chama para sair.*

– *Todos aqueles ditos e não ditos quem não **os** ouviu?*

Objeto Direto Interno (Intrínseco ou Cognato)

O núcleo possui radical normalmente semelhante ao do verbo da oração ou com sentido dentro do mesmo campo semântico; sempre há um **modificador** do núcleo. Note que, em outros contextos, tais verbos são normalmente intransitivos.

– *Ele vive **uma vida de rei**.*

– *Dormi **um sono gostoso** como se estivesse protegido dos males do mundo.*

– *"E rir **meu riso** e derramar meu pranto."* (Vinícius de Moraes)

Veja questões do século XXI (raríssimas, deveras) sobre objeto direto preposicionado (FAB – EEAR – SARGENTO – 2003 – QUESTÃO 20), objeto direto pleonástico (FAB – EEAR – SARGENTO – 2010 – QUESTÃO 24) e objeto direto interno (CONCSEL – PREF. SÍTIO NOVO/RN – CARGOS ENSINO FUNDAMENTAL – 2009 – QUESTÃO 13).

Objeto Direto X Sujeito

Normalmente a distinção se torna *complicadinha* porque as provas trabalham o sujeito depois do verbo, para dar a impressão de que se trata de um objeto e vice-versa.

Para fazer a distinção entre objeto direto e sujeito, saiba que o objeto direto pode ser passado para a voz passiva (analítica), tornando-se sujeito. Entenda melhor:

– *Já começaram* ***os jogos da seleção***. (sujeito)
– *Ignoraram* ***os jogos da seleção***. (objeto direto)

Note que é totalmente possível passar a segunda frase para a voz passiva analítica (*Os jogos da seleção foram ignorados.*), em que o objeto direto *os jogos da seleção* vira sujeito. Esta é a "prova dos noves" para saber se é um objeto direto.

Lembre-se: na voz passiva não há objeto direto, pois este virou sujeito na passagem de ativa para passiva. Portanto, na frase "Foram levados os computadores para o conserto.", *os computadores* é o sujeito. Na frase "Doou-se muita roupa velha.", como está na voz passiva, não há objeto direto, por isso *muita roupa velha* é o sujeito. Ficou claro?

Algumas bancas, "maldosamente", criam questões de concordância com objeto direto antecipado como se fosse o sujeito, mas, como sabemos, o verbo concorda com o sujeito, e não com o objeto. Veja uma frase "maldosinha":
– *As opiniões muito polêmicas sobre a gramática apresentaram os dois professores.*

Logicamente não podemos dizer que a ação de *apresentar* foi praticada por *As opiniões muito polêmicas sobre a gramática*, afinal, quem pode *apresentar* são *os dois professores*. Assim, o sujeito é *os dois professores*, e o objeto direto é *As opiniões muito polêmicas sobre a gramática*. Fique atento a essa diferença!

Objeto Indireto

O **objeto indireto** é um termo que estabelece uma relação sintática com um verbo transitivo indireto ou transitivo direto e indireto, complementando seu sentido. Normalmente o objeto indireto é um complemento que representa o ser beneficiado ou o alvo de uma ação e vem sempre preposicionado, a não ser que venha em forma de pronome oblíquo átono (*me, te, se, nos, vos, lhe(s)*). Os objetos indiretos são iniciados pelas preposições *a, com, contra, de, em, para, por.*
– *Sempre dou graças* ***a Deus*** *por minhas realizações.*
– *Gosto* ***de ti****, meu nobre.*
– *Só depende* ***dos dois*** *resolver essa pendência.*
– *Não troque o certo* ***pelo duvidoso***.
– *Vamos insistir* ***em promover o novo romance de ficção***.

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há objeto indireto simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Isto não convém* ***a ninguém***. (simples: um núcleo)

– *Assistimos* ***ao filme e à peça de teatro*** *no mesmo dia.* (composto: mais de um núcleo)

– *"Você competiu com aquele rapaz?" "Competi."* (oculto: = Competi (com aquele rapaz))

– *Avisei-o* ***de que haveria mudança no quadro de funcionários***. (o objeto indireto é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)*

* Segundo Cegalla e outros gramáticos, a preposição pode ficar implícita neste caso, sem incorreção gramatical, mas não é assim que pensa a maioria dos gramáticos tampouco a maioria das bancas. Prova disso: FUNIVERSA – MTur – Administrador – 2010 – QUESTÃO 10 – C). Falarei mais sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas.*

2) Além de o pronome oblíquo *lhe(s)* quase sempre exercer a função de **OI**, os pronomes oblíquos *me, te, se, nos, vos* também podem exercer a função de **OI**.

– *Peço-**lhe** desculpas.*

– *Obedeça-**me**, e ele será liberto.*

– *Nada disto **te** pertence?*

– *Deram-**se** as mãos e prosseguiram.* (pronome com valor reflexivo recíproco)

– *Não **nos** pediram licença para ficar.*

– *Só **vos** peço isto: amai uns aos outros.*

Certos VTIs, por bem da eufonia, não admitem pronomes oblíquos átonos como seus complementos: *depender, discordar, prescindir, equivaler* etc. Tipo: "depende-lhe, discordei-lhe".

3) Jamais confunda **objeto indireto** com **objeto direto preposicionado**.

– *É preciso que não cedamos* ***à tentação***. (objeto indireto, pois *ceder* é VTI)

– *A Espanha derrotou* ***à Holanda****, tornando-se campeã mundial.* (objeto direto preposicionado, pois *derrotar* é VTD)

4) Diferentemente do objeto direto, há objeto indireto tanto na voz ativa como na voz passiva.

– *No decorrer das investigações, os suspeitos denunciaram as ações do grupo* ***à polícia****.* (voz ativa)

– *No decorrer das investigações, as ações do grupo foram denunciadas* ***à polícia*** *pelos suspeitos.* (voz passiva)

5) Certos VTIs podem apresentar dois objetos indiretos: *queixar-se, pedir, desculpar-se, instar, resultar* etc.: "Nunca me queixei **das broncas de meu pai** (OI) **à minha mãe** (OI).". Nunca vi isso em provas!

6) Os pronomes **demonstrativos** *o, a, os, as* podem ser objetos indiretos. Normalmente vêm antes do pronome relativo *que*:

– *Gostei* ***da*** *que está vestida de vermelho. (Gostei (VTI)* ***da*** *(= daquela; objeto indireto) que está vestida de vermelho.)*

7) Existem outros tipos de objeto indireto que muito raramente caem em prova. Vamos conhecer.

Objeto Indireto Pleonástico

O **objeto indireto pleonástico** é representado por um pronome oblíquo átono para enfatizar um objeto indireto que já existe na frase.

– *De que* ***lhe*** *vale ao homem ganhar o mundo?*

– *A mim não* ***me*** *agrada esse cantor.*

– *Ao ingrato, nada* ***lhe*** *daremos.*

Objeto Indireto por Extensão (ou Dativos)

O **objeto indireto por extensão** é um objeto indireto de verbo não transitivo indireto. Pode parecer estranho (e é!), mas não se preocupe, pois a chance de cair isso em prova é pequena como um átomo.

As construções que veremos abaixo são, na verdade, resquícios do latim. Alguns estudiosos, como Bechara, chamam tais complementos de **dativos de opinião, de interesse e de posse**. Sacconi também fala sobre isso. As razões para tais nomes são óbvias, veja:

– *A política brasileira sempre será corrupta* ***para mim****.* (opinião)

– *Não **me** perca estas anotações, hein!* (interesse; alguns gramáticos dizem que o *me* é apenas uma palavra expletiva, sem função sintática alguma)

– *Quase **lhe** quebraram a perna no jogo.* (posse; alguns gramáticos consideram este *lhe* como um adjunto adnominal)

Veja uma questão raríssima sobre isso! Faço questão de colocá-la na íntegra:

12) (CONCSEL – Pref. Sítio Novo/RN – Cargos Ensino Fundamental – 2009) Na frase: ***Não me ponha os pés no sofá nem me saia mais à rua hoje!*** Os termos destacados exercem função de:

a) objeto direto preposicionado;
b) objeto direto intrínseco;
c) objeto indireto pleonástico;
d) objeto indireto por extensão. (Gabarito! Receio que essa questão seja baseada no Sacconi.)

* Cuidado, porém, com a construção: *Correr 2 km é difícil/fácil **para mim**.* O gramático Celso P. Luft, em seu dicionário de regência nominal, diz que tais adjetivos exigem a preposição *para*, logo *para mim* é um complemento nominal, mesmo indicando opinião. Depois dizem que matemática é complexo...

Complemento Nominal

Assim como os verbos, os nomes também podem ser "transitivos", uma vez que exigem complementos. Na boa... o que seria um complemento no-mi-nal senão um com-ple-men-to de um no-me? O próprio nome dado a esse termo sintático diz o que ele é, ora.

O complemento nominal é um termo que estabelece uma relação sintática com um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio de base adjetiva, terminado em **-mente**), complementando seu sentido. Normalmente, o complemento nominal é um termo de valor semântico passivo e vem sempre preposicionado.

– *Temos certeza **da vitória**.* (substantivo exigindo CN)
– ***Contra fatos**, não há argumentos.* (substantivo exigindo CN)
– *Esta sala vive cheia **de verde**.* (adjetivo exigindo CN)
– *O júri votou favoravelmente **ao réu**.* (advérbio exigindo CN)

– *Foi feito um investimento* ***de capital em tecnologia****.* (um substantivo exigindo dois CNs)

– *Independentemente* ***disso****, volte para mim.* (advérbio exigindo CN)

– *A Bíblia é útil* ***a nós****.* (adjetivo exigindo CN)

– *A lembrança* ***dos três*** *ocorreu de repente.* (substantivo exigindo CN)

– *Sigo com medo* ***de que a prova venha em um nível difícil****.* (substantivo exigindo CN)

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há complemento nominal simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Sou fiel* ***a ela****.* (simples: um núcleo)

– *Sou fiel* ***a ele*** *e* ***a ela****.* (composto: mais de um núcleo)

– *"Você é fiel* ***a ela****?" "Certamente sou fiel."* (oculto: = *Certamente sou fiel (a ela)*)

– *Estou convicto* ***de que ela me ama****.* (o complemento nominal é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)*

* Segundo Cegalla e outros gramáticos, a preposição pode ficar implícita neste caso, sem incorreção gramatical, mas não é assim que pensa a maioria dos gramáticos tampouco a maioria das bancas. Prova disso: Cespe/UnB – PC/ES – ESCRIVÃO – 2010 – QUESTÃO 23. Falarei mais sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas.*

2) Não são todos os gramáticos que aceitam pronomes oblíquos átonos funcionando como complemento nominal. No entanto, no próximo capítulo, falarei sobre isso amplamente em *Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos.*

3) Alguns gramáticos dizem que, em "Sua casa é longe da escola", *da escola* é um complemento nominal do advérbio *longe.* No entanto, há divergência gramatical nas expressões *dentro de, perto de, longe de, diante de....* Enquanto Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Luiz A. Sacconi e Celso P. Luft

entendem que tais expressões são advérbios seguidos de preposições (exigidas por tais advérbios), do ponto de vista da vastíssima maioria dos gramáticos, porém, elas são, na verdade, locuções prepositivas. Na parte de complemento nominal de sua gramática, Manoel Pinto Ribeiro é mais taxativo ainda: "Em 'Perto de casa', não ocorre complemento nominal do advérbio 'perto', pois 'perto de' é locução prepositiva que introduz um adjunto adverbial de lugar, ou seja, 'perto de casa' em 'Estou ***perto de casa***' é um adjunto adverbial de lugar. Resumo da ópera: há polêmica nessa seara. No entanto, como acho que a opinião da Academia Brasileira de Letras deve ser levada em conta para *bater o martelo*... veja:

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá. Quando *dentro, perto, longe* estiverem seguidos da preposição *de*, formando *dentro de, longe de, perto de*, são locuções prepositivas ou são advérbios/adjetivos que exigem, pela regência, a preposição *de* ? Por exemplo, em "Estou longe da estrada.", *da estrada* é complemento nominal de *longe* ou *longe da estrada* é um adjunto adverbial iniciado pela locução prepositiva *longe de* ? Grato.

Resposta: 1) São locuções prepositivas; 2) *longe da estrada* é um adjunto adverbial de lugar.

Martelo batido! Mas... na hora da prova... como você não sabe o que o "homem da banca" vai aprontar, leia com calma as opções, buscando a "melhor resposta".

4) Não confunda **complemento nominal oracional** com **predicativo do sujeito oracional**. Digo isso, pois o predicativo do sujeito oracional pode vir preposicionado por uma preposição exigida por um nome do sujeito: *A sensação é* ***de que tudo se move depressa***. (predicativo do sujeito oracional iniciado pela preposição exigida pelo nome *sensação*). Interessante essa construção.

5) Mera curiosidade: Na frase *Interessa-nos o combate ao que é nocivo*, onde está o CN? Note que o nome *combate* exige a preposição *a*, que se combina com o demonstrativo *o* (= aquilo), formando *ao*. É como se disséssemos *Interessa-nos o combate* ***àquilo*** *que é nocivo*. Logo o *ao* é CN.

Complemento Nominal X Objeto Indireto

O complemento nominal se diferencia do objeto indireto por uma razão muito simples: enquanto o CN é exigido por um nome, o OI é exigido por um VTI ou VTDI. Veja como é fácil:

– *Crer* ***em Deus*** *é importante.* (OI)

– *A crença* ***em Deus*** *é importante.* (CN)

– *O povo necessita* ***de atenção***. (OI)

– *O povo tem necessidade* ***de atenção***. (CN)

Se você não notou, é superválido dizer que os nomes antes dos CNs normalmente são derivados dos verbos; normalmente o CN está ligado a um substantivo deverbal, ou seja, derivado de verbo (*crer* > *crença*; *necessitar* > *necessidade* etc.).

Tome cuidado com a voz passiva. Veja estas frases:

– *Comida e bebida sempre são fornecidas* ***aos trabalhadores*** *pela empresa.*

A banca pode enganar você, dizendo que *aos trabalhadores* é complemento nominal do suposto adjetivo *fornecidas*. No entanto, para que você nunca se confunda, passe a frase para a voz ativa, e verá que *aos trabalhadores* é um objeto indireto:

– *A empresa sempre fornece comida e bebida* ***aos trabalhadores***.

Outro caso semelhante a esse:

– *Tudo ficou reduzido* ***a cinzas***.

Note que *a cinzas* é o objeto indireto do verbo *reduzir*, que é transitivo direto e indireto. Safo?

Agente da Passiva

O **agente da passiva** é o complemento de um verbo na voz passiva analítica; sempre precedido da preposição ***por*** (ou ***de***, mais raramente).

Lembre-se de que o nome dado ao termo diz muita coisa, portanto um **agente da passiva** é um termo que **age**, ou seja, é um termo que pratica uma ação, só que **na voz passiva**. Tanto isso é verdade que, quando se passa o **agente** da passiva para a voz ativa, ele vira um sujeito **agente**. Safo?

Lembrando que a voz passiva se forma essencialmente por estes verbos auxiliares: *ser* (nas passivas de ação); *estar, viver* e *andar* (nas passivas de estado); *ficar* (nas passivas de mudança de estado). Veja só:

– *O gramático ficou rodeado* ***de admiradores***.
– *Os governantes serão repreendidos* ***pelo povo***.
– *O livro vai ser cuidadosamente revisado* ***por quem?***
– *Era conhecida* ***dos dois professores***.
– *Tínhamos sido surpreendidos* ***pelo brilhante azul do mar***.
– *Eles estavam dominados* ***por quem os coordenava***.

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há agente da passiva simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Fui mordido* ***pelo cão***. (simples: um núcleo)
– *Fui assediado* ***pela editora X e pela editora Y.*** (composto: mais de um núcleo)
– *"Você foi convidado* ***pelo patrão****?" "Sim. Fui convidado."* (oculto: = *Fui convidado (pelo patrão)*)
– *O prédio foi construído* ***por quem entendia de engenharia civil***. (o agente da passiva é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

2) Apesar de não ser comum, o agente da passiva pode estar deslocado: "*Pelo público* o cantor foi vaiado." / "O cantor foi *pelo público* vaiado."

3) Às vezes, o agente da passiva vem ligado a só um verbo no particípio (oração reduzida de particípio): "A barricada *feita pelo soldado* surtiu efeito." = "A barricada *que foi feita pelo soldado* surtiu efeito.".

4) Não custa relembrar que o agente da passiva corresponde ao sujeito da ativa.

– ***Os fãs*** *rodearam o cantor. = O cantor ficou rodeado* ***por/de fãs***.

Sobre o fato de ser rara a preposição *de* iniciar agente da passiva, veja esta questão: IBFC – CRA/SP – Analista DE TI – 2011 – QUESTÃO 6.

5) O agente da passiva pode estar indeterminado se o sujeito da ativa for indeterminado.

– *(?) Atacaram nossas lojas ontem. = Nossas lojas foram atacadas (?) ontem.*

6) É **muito raro**, hoje em dia, que o agente da passiva venha junto de um verbo na voz passiva **sintética**, porque esta é uma construção antiga e não recomendada. No entanto... para a nossa surpresa... veja esta questão:

12. (FGV – POTIGÁS – Administrador Júnior – 2006) *Não, a política externa não pode se guiar **por convicções e preferências partidárias**.* (L. 89-90)

O termo grifado acima desempenha função sintática de:

a) complemento nominal;
b) objeto indireto;
c) adjunto adverbial;
d) agente da passiva;
e) adjunto adnominal.

Comentário: O gabarito é a D! Como toda voz passiva sintética pode ser transformada em voz passiva analítica, faça a tal transformação e comprove: "Não, a política externa não pode se guiar ***por convicções e preferências partidárias***." (voz passiva sintética) / "Não, a política externa não pode ser guiada ***por convicções e preferências partidárias***." (voz passiva analítica). Agora, para fechar o caixão, passe para a voz ativa e veja se o termo destacado não se torna o sujeito da ativa (afinal, o agente da passiva é sempre o sujeito da ativa): "Não, ***convicções e preferências partidárias*** não podem guiar a política externa.".

Moral da história: A essa altura do campeonato, depois de tantas referências a provas, gramáticos, polêmicas, chegamos a uma conclusão: nunca se sabe o que as bancas podem aprontar. Por isso, sangue nos olhos, meu/minha nobre, para dizer à banca no dia do concurso: "Nunca serão! Jamais serão!".

Agente da Passiva X Complemento Nominal

A diferença é bem simples: se você conseguir passar a frase da passiva para a ativa, mantendo o significado, achará a resposta a sua dúvida.

– *O rapaz foi apaixonado **pela colega**.* (CN) = *A colega apaixonou o rapaz?*

– *O rapaz foi assediado **pela colega**.* (AGP) = *A colega assediou o rapaz.*

Em "As ruas ficaram cobertas **de lama.**", o que você diria? CN ou AGP? AGP ou CN? Passe para a voz ativa. É possível? Sim. "Lama cobriu as ruas." Logo... AGP. *Voilà!*

O Que Cai Mais na Prova?

Basta saber reconhecer os termos integrantes da oração. São pouquíssimas questões que tratam desse assunto de maneira mais profunda como faço na teoria. Por isso, eu sempre aviso: por mais que eu seja muito detalhista, sempre mantenha seu foco naquilo que cai em prova! Ninguém aqui pretende ser o próximo Bechara, certo? **Foco no que é recorrente!**

Questões de Concursos

"(...) Ela antes tinha acesso ao sistema financeiro habitacional, a universidades públicas, à expansão de empresas estatais cheias de ofertas de trabalho e à indexação, que reajustava o dinheiro nos bancos. (...)"

1. (Esaf – Técnico Administrativo – ANEEL – 2006) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – As estruturas linguísticas mostram que "acesso" é complementado, sintática e semanticamente, pelas quatro expressões centradas, respectivamente, em "sistema", "universidades", "expansão" e "indexação".

2. (AEDB – Pref. Itatiaia/RJ – Professor – 2007) Em qual das alternativas abaixo ocorre objeto indireto pleonástico?
   a) A Rafael chamaram-lhe covarde.
   b) O moço correspondeu na hora à gentileza.
   c) Tu não dependes do teu pai para nada, meu caro.
   d) Não obedeço a ninguém, só ao meu próprio juízo.
   e) O seu filho só precisa mesmo de compreensão.

(...) Essa exaltação do orgânico em detrimento do social reduz a tenacidade do esforço humano, em centenas e centenas de séculos, ao humilhante plano da causalidade ou do fatalismo, inaceitáveis ambos. (...)

3. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2008) No quinto parágrafo, o autor constrói, para a forma verbal "reduz", um complemento verbal composto: "a tenacidade do esforço humano" e "em centenas e centenas de séculos".
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

4. (FCC – MPE/RS – Secretário de Diligências – 2008) O velho gaúcho foi ajudar, no posto mais próximo do hotel em que se hospedara, o serviço de assistência aos desabrigados pelo temporal.

A função sintática do termo grifado acima é a mesma do termo, também grifado, da frase:
   a) ... quando um mais afobado desanda a correr pelo pátio ...

b) Como tem prática de campo e prática de cidade ... de repressão a contrabando ...
c) ... propõe, de saída, a divisão dos serviços em setores bem caracterizados ...
d) ... mas tudo se resolve com bom humor.
e) Nomeia o rapazinho seu ajudante-de-ordens ...

[...] O que antes eu via como o inimigo e, com grande otimismo, como o inimigo que haveria de ser derrotado, acabou na verdade por nos vencer. [...]Ou se, como temo, estaremos caindo numa sociedade do homem e da mulher medíocres onipresentes, governados por altas mediocridades. [...]

5. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Os fragmentos *por nos vencer* e *por altas mediocridades* exercem idêntica função sintática.

6. (FCC – TRT/MG (3R) – Analista Judiciário – 2009) ***... que prevalece no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos.***

A frase cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:

a) ... que homogeneíza todos os indivíduos.
b) ... o sentimento tribal é muito forte ...
c) ... acompanha o indivíduo por toda vida ...
d) ... que (...) participam no rito das danças guerreiras.
e) ... e estão espalhados por vários locais.

7. (Cesgranrio – IBGE – Agente Censitário Municipal – 2010) Tratando-se das funções sintáticas dos termos destacados do texto, pode-se afirmar que:

a) "O dono **da fábrica**..." – objeto direto.
b) "...ter de aumentar **o preço**." – sujeito.
c) "Você está ficando **doido**?" – adjunto adverbial de modo.
d) "...e **agora** quer receber três." – adjunto adverbial de lugar.
e) "eu não pago **a ele**." – objeto indireto.

8. (CONSULPLAN – Pref. Guaxupé – Assistente Social – 2010) A expressão destacada está corretamente analisada em:

a) *"Entram em cena dois gigantes"* (4º §) (objeto direto)
b) *"Desponta uma circunstância imprevista"* (5º §) (objeto direto)
c) *"Democratizar o acesso"* (5º §) (objeto direto)
d) *"Muda a lógica da distribuição."* (6º §) (objeto direto)
e) *"E ficam os dedos?"* (6º §) (objeto direto)

9. (FCC – TRF (4R) – Analista Judiciário – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Em "O narrador desse romance é um escritor ultraconsciente de seu ofício", o termo destacado é complemento de ultraconsciente.

10. (Esaf – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) Ela tem de assegurar aos que buscam a proteção dos planos de saúde a cobertura mais completa possível, o que inclui as novas tecnologias na área de medicina. (...)"

– A expressão "aos que buscam a proteção dos planos de saúde" tem, no período, a função de objeto direto.

11. (Cespe/UnB – TJ – Analista Judiciário – 2011) A expressão "essa minha angústia" (... não sei quanto tempo durou essa minha angústia...) constitui o complemento da forma verbal "durou".

( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) Em "que ele chama *metafísica dos costumes*" (Kant inicia a exposição da ética, que ele chama *metafísica dos costumes*...), o trecho em itálico, que exerce, na oração, a função de complemento verbal, deveria estar precedido da preposição **de**.

( ) CERTO
( ) ERRADO

13. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) O complemento da forma verbal "considera" (Dondonim considera que o assistencialismo oficial prejudicou os índios.) consiste em uma oração.

( ) CERTO
( ) ERRADO

14. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico – 2011) Em "emitir-lhes" (... devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos...), o pronome exerce a função de objeto direto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) A retomada de uma área tão populosa, que até pouco tempo era dominada por criminosos que andavam livremente pelas ruas com fuzis e metralhadoras, animou até mesmo quem faz oposição ao governo. (...)

15. (Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de nível superior – 2011) O complemento verbal "por criminosos que andavam livremente pelas ruas com fuzis e metralhadoras" designa o ser que pratica a ação verbal.

( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) Das expressões em negrito, SOMENTE uma exerce a função de complemento.

a) ... caso de assassinato que **o** havia atormentado ...
b) ... 20 anos após **o** crime, o julgamento ...
c) Foi assim que **o** Departamento de Justiça Criminal ...

d) ... esperança de ver **os** assassinos de...
e) ... comprometimento em prender **os** homens...

17. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) A palavra *pronunciamento* (*Em pronunciamento ao conselho diretor do Wall Street Journal...*) é transitiva e exige:
a) complemento nominal;
b) objeto indireto;
c) objeto direto;
d) adjetivo;
e) predicativo do sujeito.

18. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) O fragmento frasal ***de que ações militares somente iriam retardar*** (*... repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar*) é ..... do substantivo ***preocupações***.
Assinale a alternativa que preenche corretamente a lacuna do texto acima.
a) complemento verbal.
b) complemento nominal oracional.
c) adjunto verbal.
d) adjunto nominal.
e) complemento prepositivo-verbal.

19. (Cespe/UnB – TJ/AL – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A expressão "alguma coisa da sua frescura e novidade" (... trasladam para o papel alguma coisa da sua frescura e novidade) complementa o sentido da forma verbal "trasladam".

20. (Instituto Cidades – TCM/GO – Auditor de Controle Externo – 2012) Assinale a análise correta do termo da oração destacado: *O filme "O Artista" ultrapassou <u>os limites do público segmentado</u>.*
a) Objeto direto.
b) Objeto indireto.
c) Sujeito.
d) Predicativo do sujeito.
e) Agente da passiva.

21. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) (adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Os termos "o endereço" e "a literatura desta missiva", no trecho "Não pouco vos surpreenderá, por certo, o endereço e a literatura desta missiva", são complementos do verbo **surpreender**, assim como "vos", que exerce a função de objeto indireto desse verbo.

22. No período "Que Demócrito não risse, eu o provo", o verbo **provar** complementa-se com uma estrutura em forma de objeto direto pleonástico, com uma oração servindo de referente para um pronome.
( ) CERTO

( ) ERRADO

23. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) A frase em que **ambos** os elementos sublinhados são complementos verbais é:
a) Assim vos confesso que entendo de arquitetura, apesar das muitas opiniões em contrário.
b) Ninguém se impressiona tanto com um velho porão como este velho cronista, leitor amigo.
c) O porão deverá jazer sob os pés da família como jazem os cadáveres num cemitério.
d) Que atração exercem sobre o cronista as gravatas manchadas, quando desce a um porão...
e) Já não se fazem porões, hoje em dia, já não há qualquer mistério ou evocação mágica numa casa moderna.

24. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Em *uma tripulação de camelôs anunciava umas bugigangas*, a voz verbal é ativa, sendo *umas bugigangas* o objeto direto.

25. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Na linha 3 (... sua soberania foi ultrapassada pelas redes transnacionais de poder...), a expressão "pelas redes transnacionais de poder" indica o agente da ação verbal de **ultrapassar.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

26. (FCC – INSS – Técnico do Seguro Social – 2012) Na frase *O compositor dedicava inteiramente à criação musical os meses de verão*, o termo sublinhado exerce a mesma função sintática que o termo em destaque na frase:
a) A visão de mundo de uma geração mais jovem teve influência central aqui.
b) Intérpretes conhecidos e pesquisadores descobriram o compositor.
c) Em vida, Mahler foi alvo de intensas polêmicas.
d) Mahler empreendia longas caminhadas que lhe proporcionaram inspiração para grandiosas sinfonias.
e) Essas casinhas das alturas alpinas hoje se transformaram em memoriais.

27. (FUNCAB – MPE/RO – Analista – 2012) O termo destacado em: "(...) termos gasto tanto dinheiro na construção DE HOSPITAIS (...)" exerce função sintática de:
a) complemento nominal;
b) adjunto adverbial;
c) objeto indireto;
d) objeto direto;
e) predicativo.

28. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ... *elas ainda sofrem de imensas deficiências de nutrientes* ...
A relação entre verbo e complemento, grifada acima, se reproduz em:
a) ... *embora a maioria das pessoas consuma calorias suficientes* ...

b) ... *e têm pontuação mais baixa nos testes de habilidade cognitiva.*
c) ... *a epidemia de obesidade nos países ricos representa exatamente o problema oposto*.
d) ... *e muitos não obtêm esses nutrientes.*
e) ... *menos da metade daqueles que mais precisam deles* ...

29. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012)... ***para que ela não interfira de forma excessiva em seus projetos.***

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está em:

a) ... *contra forças desconhecidas que anulam tudo aquilo* ...
b) ... *com as quais procuramos lidar com a realidade* ...
c) ... *deixando-nos desarmados e atônitos* ...
d) ... *de algo que está além de nossa compreensão* ...
e) ... *ele o convoca constantemente*.

30. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Coloque, nos parênteses que seguem os termos em destaque no trecho abaixo, CN para complemento nominal e OI para objeto indireto e assinale a alternativa com a sequência correta.

"Creio no mundo ( ) como num malmequer, / Porque o vejo. Mas não penso nele ( ) / Porque pensar é não compreender ... / O Mundo não se fez para pensarmos nele / (pensar é estar doente dos olhos)" ( )

a) CN, CN, OI.
b) OI, CN, CN.
c) OI, OI, CN.
d) CN, OI, OI.

31. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Em qual alternativa o termo destacado é um agente da passiva?

a) Para tratar o problema da insônia, muitos optam **pela medicação**.
b) Hoje em dia, a ansiedade tem sido muito combatida **pelos médicos**.
c) Assim como a insônia, a apneia do sono incomoda muitas pessoas **por muitos anos**.
d) A opção **pela cirurgia**, em casos de graves de apneia, é exclusivamente do paciente.

32. (FUNRIO – CIETEC – Administração – 2012) Cecília Meireles escreveu: "Há momentos na vida em que sentimos tanto a falta de alguém... que o que mais queremos é tirar esta pessoa de nossos sonhos e abraçá-la."

O único termo que não desempenha a função de objeto direto no trecho acima é:

a) momentos;
b) a falta de alguém;
c) esta pessoa;
d) nossos sonhos;
e) la.

33. (CONSULPLAN – Pref. Nova Iguaçu/RJ – Professor I – 2012) A expressão que exerce função sintática diferente das demais se encontra na alternativa

a) Falava o representante da Associação dos Magistrados Brasileiros. (2º §)
b) Os dois cavalheiros apresentavam reações características do Homo connectus. (4º §)
c) De vez em quando, um deles guardava o telefoninho no bolso. (4º §)

d) E se chega uma mensagem? Uma notícia? (4º §)
e) Às vezes o *smartphone* exigia mais que um simples olhar. (5º §)

34. (IBFC – Pref. Campinas/SP – Agente de Ação Cultural (Geral) – 2012) Considere os termos destacados nas orações abaixo e assinale a alternativa correta.

I. Ele gosta de futebol.

II. Ele chorou de emoção.

a) Os dois termos exercem a mesma função sintática.
b) Em II, o termo destacado exerce a função de objeto indireto.
c) Em I, o termo destacado exerce a função de objeto direto.
d) Em II, o termo destacado exerce a função de adjunto adverbial.

35. (CEV-URCA – Vestibular – 2012)
"E deixo pra Zé Patife,
Que anda cagando goma,
Uma bainha pros chifre
E as cueca de Zé Maromba" (linhas 32 a 35)
Sintaticamente, o termo em destaque é núcleo de:

a) complemento nominal;
b) objeto direto;
c) adjunto adverbial;
d) adjunto adnominal;
e) objeto indireto.

36. (FUNDEP – Pref. BH/MG – Técnico Administrativo – 2012) "[...] da morte do velho nasce a vida e a transformação."
A expressão sublinhada exerce, nessa frase, a função sintática de;

a) objeto direto;
b) objeto indireto;
c) predicativo;
d) sujeito.

37. (FUNDEP – Pref. Patrocínio/MG – Agente Administrativo – 2012) "Nos estudos citados pelos autores, vários deles mostram que as pessoas com menos força de vontade são aquelas mais suscetíveis a problemas como alcoolismo, obesidade e vícios em drogas."

A expressão sublinhada nessa frase pode ser analisada, ***sintaticamente***, como:
a) adjunto adnominal;
b) adjunto adverbial;
c) agente da voz passiva;
d) predicativo.

38. (FBC – Câmara de Nova Iguaçu/RJ – Agente Administrativo – 2012) Não há complemento nominal em:

a) Marta envolveu-se numa batalha pela chave do quarto.
b) A fé na democracia nos anima.
c) O amor pelo dinheiro pode render muitas frustrações.

d) Samuel batalhou pelo controle remoto da TV.
e) É um crime a falsificação de documentos.

Gabarito

1. CORRETO.	11. ERRADO.	21. INCORRETO.	31. B.
2. A.	12. ERRADO.	22. CERTO.	32. D.
3. ERRADO.	13. CERTO.	23. A.	33. C.
4. B.	14. ERRADO.	24. CORRETO.	34. D.
5. INCORRETO.	15. CERTO.	25. CERTO.	35. B.
6. D.	16. A.	26. A.	36. D.
7. E.	17. A.	27. A.	37. C.
8. C.	18. B.	28. E.	38. D.
9. CORRETO.	19. CORRETO.	29. B.	
10. CORRETO.	20. A.	30. C.	

Capítulo 21

Termos Acessórios da Oração

Definição

O **adjunto adnominal**, **o adjunto adverbial** e o **aposto** formam o conjunto de termos acessórios. São chamados assim, pois (em tese) são dispensáveis à construção de uma oração. O ***vocativo*** não é um termo acessório, nem integrante, nem essencial, porque não se liga ao verbo nem ao nome, também não faz parte do sujeito nem do predicado, mas, por razões didáticas, é tradicionalmente colocado neste capítulo.

Adjunto Adnominal

O **adjunto adnominal** é um termo sintático que determina, restringe o sentido de um substantivo, caracterizando-o. O próprio sentido da expressão "**ad/junto ad**nominal" indica que é um termo que vem **ao lado, junto do nome**.

As classes gramaticais que podem funcionar como ADN são:

Pronome
Locução adjetiva
Adjetivo
Numeral
Artigo

– ***O*** *homem* ***de negócios*** *comprou só* ***um*** *imóvel:* ***aquela bela*** *casa.*
– *Já se encontraram* ***ambos os*** *meninos em* ***certas*** *vielas* ***escuras*** *com pedras* ***de crack.***
– ***O primeiro*** *dia* ***de aula*** *cativou* ***alguns*** *alunos* ***estudiosos.***

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há adjunto adnominal simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *A mãe* ***do Pedro*** *é muito simpática.* (simples: um núcleo)

– *A mãe* ***do Pedro e do Paulo*** *é muito agradável.* (composto: mais de um núcleo)

– *A mulher* ***que é simpática*** *conquista as pessoas.* (o adjunto adnominal é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

2) Por via de regra, o adjunto adnominal <u>não</u> vem separado por pontuação (vírgula, travessão, parênteses...). Se houver uma enumeração de adjuntos adnominais, aí sim as vírgulas deverão ser usadas: "O livro *maravilhoso, impactante, revelador* e *de grande sucesso* é, até hoje, a Bíblia Sagrada.".

3) Breve *déjà vu* da aula de *Substantivo*. Bechara, em sua *Moderna Gramática Portuguesa*, nos ensina que são **adjuntos adnominais** os termos preposicionados sublinhados introduzidos pela preposição expletiva *de* nas construções enfáticas abaixo:

– *O* ***bobo*** *<u>do palhaço</u> fez todos rirem.*

– *A* ***idiota*** *<u>da mulher</u> fez um escândalo no banco.*

– *A* ***pobre*** *<u>da menina</u> está carente.*

– *O* ***infeliz*** *<u>do rapaz</u> continuava estudando.*

4) Normalmente os adjuntos adnominais, em forma de locução adjetiva, são iniciados por preposições com valor semântico de posse ou de ação (agente). Podem também indicar qualidade, origem, matéria ou outra especificação. Este é mais um dos argumentos para a diferenciação de adjunto adnominal x complemento nominal.

– *As mãos* ***dele*** *congelaram com o frio.* (posse)

– *A banda* ***do César*** *não emplacou.* (posse)

– *A divulgação do livro* ***pela editora*** *está bem.* (agente)

– *O aviso* ***do presidente*** *foi ouvido por todos.* (agente)

– *Homens* ***sem escrúpulos*** *devem ser disciplinados.* (qualidade)

– *Só bebo água* ***da fonte*** *lá no sítio.* (origem)

– *Um fio* ***de aço*** *suporta esta carga.* (matéria)

– *A luta* ***do século*** *não aconteceu.* (restrição)

5) O adjunto adnominal em forma de locução adjetiva pode modificar um pronome, um numeral ou uma palavra substantivada: *Todos* ***da cidadezinha*** *assistiram ao show gratuito. / Apenas 60%* ***dos atletas*** *mantêm-se em forma depois da aposentadoria. / O rebolar* ***dela*** *é sensual.*

6) Em frases do tipo: "A capacidade *de adaptação* e *de empatia* é do ser humano.", não *viaje na maionese* pensando que o *e* liga núcleos do sujeito (um explícito e outro implícito), como se fosse "A capacidade *de adaptação* e (a capacidade) *de empatia* é própria do ser humano". Só o Bechara enxerga esta possibilidade de análise, mas não é assim que vejo cair em prova tampouco assim ensinam 99% dos gramáticos, por isso ignore o ensino dele.

Na verdade, o *e* liga os adjuntos adnominais *de adaptação* e *de empatia* ao núcleo do sujeito simples, *capacidade*, por isso o verbo fica no singular. Neste caso, seria um erro se o verbo ficasse no plural, concordando com os núcleos dos adjuntos adnominais, isto é "A capacidade de adaptação e de empatia *são* do ser humano.", pois o verbo concorda com o núcleo do sujeito: "A capacidade de adaptação e de empatia é do ser humano.". Lembre-se: a conjunção não liga só orações, mas liga termos também.

Adjunto Adnominal X Agente da Passiva

Nem todo termo iniciado pela preposição *por* é um agente da passiva, portanto não confunda adjunto adnominal com agente da passiva. Veja:

– *Derrotada* ***pelo Flamengo****, a equipe do Vasco arrumou confusão.* (agente da passiva)

– *A derrota do Vasco* ***pelo Flamengo*** *desnorteou os vascaínos.* (adjunto adnominal)

Note que ambos os termos têm valor agente, mas o agente da passiva vem ligado a um verbo no particípio, já o adjunto adnominal modifica um substantivo. Fácil, não?

Adjunto Adnominal X Complemento Nominal

Chegou a hora tão aguardada dos concurseiros de plantão!

Antes de qualquer coisa, saiba que só há dificuldade em reconhecer o CN ou o ADN quando o termo preposicionado pela preposição *de* estiver ligado a um substantivo abstrato. Portanto, preste atenção à diferenciação e siga os critérios para não errar mais!

1ª Dica: Será **sempre CN** a expressão ligada a **substantivo abstrato** antecedida de **qualquer preposição**, exceto a preposição *de*.

– *Fiz menção **a você** ontem.*

– *Tenho amor **pelo meu filho**.*

– *Nossa fé **em Deus** é transcendente.*

2ª Dica: Será **sempre ADN** se a expressão preposicionada estiver ligada a substantivo concreto.

– *Comprei o material **de um site famoso**.*

3ª Dica: Normalmente o **ADN** mantém uma relação de posse com o substantivo; a preposição tem valor nocional.

– *A atitude **do professor** foi justa.* (A atitude pertence ao professor, é dele.)

4ª Dica: O **CN** tem valor paciente (**normalmente** o seu núcleo não é um ser animado nem personificado, mas o alvo de uma ação) e encontra respaldo na reescritura de voz passiva analítica. Já o **ADN** tem valor agente (**normalmente** o seu núcleo é um ser animado ou personificado, que pratica uma ação) e encontra respaldo na reescritura de voz ativa.

– *A resolução **da questão** foi ótima.* (CN/A questão foi resolvida/valor paciente)

– *A resolução **do professor** foi ótima.* (ADN/O professor resolveu/valor agente)

Cuidado!!!

1) Nos dois exemplos abaixo, há de se observar se o substantivo antes do CN ou do ADN é abstrato ou concreto, para encontrar a diferença. Mas note que isso é feito pelas noções de agente e paciente, que resolvem 90% dos casos.

– *A invenção **do controle remoto** mudou o século XX.* (CN/O controle remoto foi inventado)

– *A invenção **da empresa norte-americana** mudou o século XX.* (ADN/A empresa norte-americana inventou)

É bom dizer também que, em certos casos, por falta de um contexto maior, pode haver ambiguidade na análise sintática:

– *A matança* ***dos policiais*** *precisa acabar!* (Não se sabe se os policiais estão matando – ADN – ou se eles estão sendo mortos – CN).

Depois dessa explicação, dá para errar alguma questão na prova? Duvido! Internalize aos poucos essa diferença, por ler e reler as informações... e praticar, é claro!

Adjunto Adnominal X Predicativo do Sujeito e do Objeto

Enquanto o **adjunto adnominal** é uma característica ou um estado inerente/permanente de um ser, o **predicativo** é uma característica atribuída a um ser, indicando um estado transitório. Mais especificamente, o predicativo **do objeto** é normalmente uma opinião do sujeito sobre o objeto.

Outra dica bacana é a seguinte: o **adjunto adnominal** não vem separado por vírgula (travessões ou parênteses) nem distante do nome a que se liga, já o **predicativo pode** vir separado por vírgula (travessões ou parênteses) ou distante do nome a que se refere.

Vejamos alguns exemplos (note as vírgulas):

– *O exame deixou o aluno* ***preocupado***. (O aluno não é permanentemente preocupado, logo é um predicativo do objeto.)

– *O aluno* ***preocupado*** *negou o erro.* (O aluno é permanentemente preocupado, logo é um adjunto adnominal.)

– *O aluno,* ***preocupado,*** *negou o erro.* (O aluno está transitoriamente preocupado, logo é um predicativo do sujeito.)

– *O jurado considerou a cantora* ***bela e talentosa***. (O objeto – *a cantora* – recebeu atributos do sujeito – *o jurado* –, logo é um predicativo do objeto.)

– *Encontrei a cantora* ***bela e talentosa*** *conversando com uma produtora.* (Ser bela e talentosa é uma característica inerente da cantora, logo é um adjunto adnominal.)

– ***Bela e talentosa**, a cantora tinha um grande futuro.* (Neste caso, é a vírgula que determina que se trata de um predicativo do sujeito e não de um adjunto adnominal.)

Cuidado!!!

1) Não há dificuldade em diferenciar o **adjunto adnominal** do **predicativo do objeto**. ***Bizu***: passe a frase para a voz passiva analítica; se o adjetivo ficar ao lado do nome, será adjunto adnominal. Moleza!

– *Resolvi uma questão **difícil.*** > *Uma questão **difícil** foi resolvida por mim.* (ADN nos dois casos, pois o adjetivo ficou "ao lado do nome".)

2) Às vezes, pode existir ambiguidade em uma frase, o que dificultará a análise; portanto, fique atento ao contexto!

– *Achei o homem **perdido**.* (Não se sabe se o sujeito considerou o homem perdido, conotativamente – predicativo do objeto –, ou se o sujeito estava em busca de um homem literalmente perdido e o encontrou – adjunto adnominal.)

Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos

Bastante atenção que a *parada* é séria, hein! Vejamos um por um!

Me

– *Eu **me** amo, por isso não posso viver sem mim...* (objeto direto)

– *Lascaram-**me** um beijo daqueles!* (objeto indireto)

– *Meu computador sempre **me** foi útil.* (complemento nominal)

– *Roubaram-**me** o carro.* (adjunto adnominal)

– *Deixe-**me** entrar na casa, por favor.* (sujeito)

– *Não **me** venha com desculpas.* (partícula expletiva; não tem função sintática, mas estilística)

Cuidado!!!

1) Sobre o terceiro exemplo, vale a pena dizer que Claudio Cezar Henriques, Ulisses Infante & Pasquale Cipro Neto, Faraco & Moura, Celso Pedro Luft dizem que os pronomes oblíquos átonos (exceto *o, a, os, as*) podem exercer função sintática de complemento nominal (Ele sempre foi útil *a mim.*). Sacconi diz que são **objetos indiretos por extensão**. Veja uma questão sobre isso, com o pronome *lhe* (vale para os pronomes oblíquos átonos *me, te, se, nos, vos*) exercendo função de complemento nominal:

Consulte isto: CESPE/UnB – TRE/MT – ANALISTA – 2013 – QUESTÃO 1

30. (FAB – EEAR – Sargento – 2002) Assinale a alternativa cujo termo destacado classifica-se como complemento nominal.

a) Arrancaram-lhe as roupas. (= *Arrancaram as suas roupas.* / adjunto adnominal)
b) Ela nunca lhe desobedece. (= *Ela nunca desobedece a ele.* / objeto indireto)
c) A sentença foi-lhe favorável. (= ***A sentença foi favorável a ele.*** / complemento nominal)
d) Júlio devolveu-lhe o livro emprestado. (= *Júlio devolveu a ele o livro emprestado.*/ objeto indireto)

2) Sobre o quarto exemplo, "Roubaram-*me* o carro." equivale a "Roubaram o *meu* carro.", o pronome oblíquo tem **valor possessivo**, logo muitos mestres (Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Alfredo Gomes, Claudio Cezar Henriques, Hildebrando André, José Oiticica, João D. Maia, Leila L. Sarmento) analisam-no como **adjunto adnominal**; já outros (Celso Cunha, Evanildo Bechara, Said Ali, Adriano G. Kury, Napoleão M. de Almeida, Gladstone Chaves de Melo, Vilela & Koch) analisam-no como **objeto indireto com valor possessivo**. Bechara também o chama de **dativo de posse**. Sem querer polemizar, nas provas de concurso público, fique com a primeira opinião (adjunto adnominal), pois é assim que vem caindo. Isso também vale para os pronomes oblíquos átonos *te, se, nos, voz, lhe(s).*

3) Apesar de entrarmos em um assunto polêmico a partir de agora, ainda assim sugiro que leia (com calma) o que segue.

Sobre o quinto exemplo (*Deixe-**me** entrar na casa, por favor.*), saiba que a construção formada por verbos causativos *mandar, deixar, fazer, permitir* (e sinônimos) ou sensitivos *ver, ouvir, olhar, sentir* (e sinônimos) seguidos de pronomes oblíquos átonos + verbos no infinitivo ou no gerúndio faz com que os oblíquos tenham função de sujeito do verbo no infinitivo ou no gerúndio:

*Mandaram-**me** entrar.* (**E não**: *Mandaram eu entrar.*) / *Deixe-**as** dormir.* (**E não**: *Deixe elas dormirem.*) / *Faça-**nos** cantar.* (**E não**: *Faça nós cantarmos.*). Ficou claro? Veja mais: *Viram-**me** sair. / Ouvi-**o** bater à porta./ Nós sentimo-**los** abraçar-nos. / Eu **a** vi chorando copiosamente. / Eles **te** viram traindo teu marido / Ela deixou-**se** tatuar.*

Tais construções equivalem a *"Mandaram que eu entrasse.", "Deixe que elas durmam.", "Faça que nós cantemos.", "Viram que eu saí.", "Ouvi que ele batia à porta.", "Nós sentimos que eles nos abraçaram.", "Eu vi que ela chorava copiosamente.", "Eles viram que tu traías teu marido.", "Ela deixou que fosse tatuada.".*

Esta é a visão da maioria dos estudiosos: Celso Cunha, Cegalla, Sacconi, Napoleão M. de Almeida, José Oiticica, Cândido de Oliveira, A. Gama Kury, Celso P. Luft, Sílvio Elia e a maioria dos gramáticos modernos, como Faraco & Moura, Pasquale C. Neto & U. Infante, Claudio Cezar Henriques, Maria H. M. Neves etc. apoiam as construções acima.

Já, no segundo pelotão, Rocha Lima, Said Ali e Eduardo Carlos Pereira dizem que o pronome (nesses casos com verbo causativo/sensitivo + infinitivo) é objeto direto do causativo e sujeito do infinitivo ao mesmo tempo.

Por fim, Evanildo Bechara (atualmente) e J. C. de Azeredo, baseando-se nos estudos de Henrique Maurer Jr., têm opinião bem particular sobre os verbos causativos e sensitivos (dizem que o pronome é objeto e que o verbo no infinitivo constitui uma oração com função de predicativo do objeto).

Ah! Em tempo: Cegalla (que cita exemplo de Celso P. Luft) e Francisco Fernandes nos informam que a construção com o *lhe* (como sujeito) só é aceita se o verbo no infinitivo exigir um complemento direto (objeto direto): "O professor mandou-***lhe*** calar a boca." (ou seja, "O professor mandou que ***ele*** calasse a boca.").

Veja uma questão sobre essa polêmica toda. Note que a banca fica com a opinião da maioria, a saber, o pronome oblíquo tem função de sujeito do infinitivo:

49. (FAB – AFA – Oficial – 2009) Sobre o 3º fragmento do texto acima, é correto afirmar que o:

a) pronome em destaque no sintagma "deixai-me levar" (l. 22) exerce a função sintática de sujeito da ação verbal "levar". **(Gabarito!)**

Comentário: Em "deixai-me levar", o *me* é sujeito do infinitivo *levar*, e o sujeito de *deixai* é *vós* (oculto), equivalendo a "... deixai vós que eu leve...".

No entanto, veja esta questão que fica com a visão do segundo grupo:

11. (Cesgranrio – DECEA – Técnico de Defesa e Controle de Tráfego Aéreo – 2009)

" ... e **a** fazem funcionar dentro de padrões éticos." (L. 4-5)

O termo que apresenta função sintática idêntica à do exemplo em destaque é:

a) "... face à chaga histórica **que** extenua os pobres." (L. 13-14)
b) "... inibe a audácia **que** os problemas sociais exigem." (L. 27-28)
c) "Ela equilibra **a** audácia." (L. 32-33)
d) "O excesso de audácia é **a insensatez**." (L. 40-41)
e) "Em condições **normais** significa a justa medida," (L. 48-49)

Comentário: A banca deu como gabarito a letra B, em que o pronome relativo *que* exerce função de objeto direto (sobre a função sintática dos pronomes relativos, veja *Orações Subordinadas Adjetivas*), o que indica, consequentemente, que o pronome oblíquo *a* foi visto pela banca como objeto direto do verbo causativo *fazer*. Não obstante a questão deveria ser anulada, pois, segundo a maioria dos gramáticos, o pronome oblíquo exerce função de sujeito do infinitivo; daí que o gabarito deveria ser a letra A, em que o pronome relativo *que* exerce função de sujeito. Polêmicas! Elas não deveriam figurar em prova de concurso, mas as bancas não estão nem aí... Por isso sou detalhista. Nunca se sabe...

4) Recomenda-se que se use um pronome oblíquo átono para cada verbo (com transitividade diferente) numa estrutura de coordenação: *Os professores **me** encontraram e deram-**me** um conselho.* Note que o verbo *encontrar* é VTD e o verbo *dar* é VTDI. O primeiro tem função de objeto direto, e o segundo, indireto. É possível encontrar isso na gramática do Celso Cunha. Ele diz mais: "um pronome oblíquo átono pode ser complemento de verbos de regências iguais": *Eu **lhe** dei comida e emprestei dinheiro.*

Te

– *"Eu sei que vou **te** amar, por toda a minha vida".* (Tom Jobim) (objeto direto)
– *Nunca mais **te** dirigiram a palavra.* (objeto indireto)
– *Fica tranquila, meu amor, eu sempre **te** serei leal.* (complemento nominal)
– *Beijei-**te** o rosto no passado e beijar-**te**-ei a boca agora.* (adjunto adnominal)
– *Fizeram-**te** realizar o exame duas vezes?* (sujeito)

Se

– *Não saía de casa sem **se** olhar no espelho.* (objeto direto)
– *A menina **se** impôs uma dieta rigorosa.* (objeto indireto)
– *Narciso tinha-**se** grande paixão.* (complemento nominal)
– *O cego costuma deixar-**se** levar pelo guia.* (sujeito)

Cuidado!!!

Este pronome oblíquo átono tem cinco classificações: **reflexivo (recíproco)**, **integrante do verbo**, **expletivo**, **indeterminador do sujeito e apassivador**. Nas explicações abaixo, precisarei contar com sua ajuda: seu conhecimento básico sobre transitividade verbal e um pouquinho de voz verbal.

Reflexivo (Recíproco)

Sempre acompanhado de verbo transitivo direto e/ou indireto (VTD/VTI/VTDI). Segundo Bechara, ele "faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou". Diz-se que o pronome reflexivo é chamado de **recíproco** quando há mais de um ser no sujeito e o verbo se encontra normalmente no plural.

Ex.: *A menina **se** cortou. / Se está doente, trate-**se**. / A modelo **se** impôs uma dieta muito severa. / Ele **se** achou culpado por ter perdido a luta. / O Brasil já **se** deixou explorar por muito tempo. / O cego costuma deixar-**se** levar pelo guia. / Os namorados **se** deram as mãos.* (recíproco) */ A avó e a neta **se** queriam muito. (recíproco) / O casal **se** beijou com vontade.* (recíproco)

Obs.: Em "Dar-**se** ao trabalho..." ou "Dar-**se** o trabalho...", o *se* é pronome reflexivo. No primeiro caso tem função de objeto direto; no segundo, objeto indireto. O fato é que ambas as formas são corretas. Além disso, saiba que outros pronomes oblíquos também podem indicar reflexividade (*me, te*) e reciprocidade (*nos, vos*).

Integrante do Verbo

Sempre acompanha verbo intransitivo (VI) ou transitivo indireto (VTI). Baseando-me no Bechara, posso dizer que tais verbos, chamados de pronominais, pois não se conjugam sem a presença do pronome oblíquo, indicam sentimento (*indignar-se, ufanar-se, atrever-se, alegrar-se, admirar-se, lembrar-se, esquecer-se, orgulhar-se, arrepender-se, queixar-se* etc.) ou movimento/atitudes da pessoa em

relação ao seu próprio corpo (*sentar-se, suicidar-se, concentrar-se, converter-se, afastar-se, precaver-se* etc.). Por favor, não confunda com pronome reflexivo.

Ex.: *Ele **se** precaveu das pragas. / Ela, infelizmente, suicidou-**se**. / Nunca você deve queixar-**se** da sua vida.*

Obs.: Outros pronomes oblíquos também podem ser integrantes do verbo: *me, te, nos, vos.*

Expletivo

Acompanhado de verbos intransitivos (VI), normalmente. Pode ser retirado da oração sem prejuízo sintático e semântico, pois seu valor é apenas estilístico (ênfase, expressividade), por isso é chamado de partícula de realce.

Ex.: *Vão-**se** os anéis, ficam-**se** os dedos. = Vão os anéis, ficam os dedos. / Ela **se** tremia de medo do escuro. = Ela tremia de medo do escuro. / Passaram-**se** anos, e ele não retornou ainda. = Passaram anos, e ele não retornou ainda.*

Indeterminador do Sujeito (Cai muito em prova!)

Sempre acompanha verbos na 3ª pessoa do singular de quaisquer transitividades (verbo de ligação – VL –, VI, VTI, VTD), sem sujeito explícito. No caso do VTD, precisará haver objeto direto preposicionado para que o *se* indetermine o sujeito – note o último exemplo. Tal indeterminação implica um sujeito de valor genérico (generalizador), impreciso.

Ex.: *Lá **se** era mais feliz.* (VL) */ Aqui **se** vive em paz.* (VI) */ Lamentavelmente, não **se** confia mais nos governantes.* (VTI) */ Já não mais **se** ama a Deus nesta Igreja.* (VTD)

De leve, veja uma questãozinha sobre isso:

2. (Esaf – AFRFB – 2009) Em relação ao texto, assinale a opção correta.

"Há alguma esperança de que a diminuição do desmatamento no Brasil **possa se manter** e não seja apenas, e mais uma vez, o reflexo da redução das atividades econômicas causada pela crise global. Mas as notícias ruins agora vêm de outras frentes. As emissões de gases **que provocam o efeito estufa pela indústria** cresceram 77% entre 1994 e 2007, segundo estimativas do Ministério do Meio Ambiente a partir de dados do IBGE e da Empresa de Pesquisa Energética. Para piorar, as fontes de energia **se tornaram** mais "sujas", (...)"

a) Em "possa se manter" o pronome "se" indica sujeito indeterminado.

d) Em "se tornaram" o pronome "se" indica voz passiva.

Gabarito: E. Na Letra A, a palavra *se* indica voz passiva por se tratar de uma partícula apassivadora (possa se manter = possa ser mantida). Na letra D, a palavra *se* é parte integrante do verbo, pois ele é um verbo pronominal: ***tornar-se***.

Apassivador (Cai muito em prova!)

Sempre acompanha VTD ou VTDI para indicar que o sujeito explícito da frase tem valor paciente, ou seja, sofre a ação verbal. Sempre é possível reescrever a frase passando para a voz passiva analítica, ou seja, transformando o verbo em locução verbal (***ser*** **+ particípio**).

Ex.: *Alugavam-**se** apartamentos aqui. = Apartamentos eram alugados aqui. / Sabe-**se** que as línguas evoluem. = É sabido que as línguas evoluem. / Jabuticaba **se** chupa no pé. = Jabuticaba é chupada no pé. / Guerra **se** faz com armas. = Guerra é feita com armas. / Fez-**se**-lhe uma homenagem. = Uma homenagem surpresa foi feita a ele. / Amores não **se** compram = Amores não são comprados.*

Obs.: Há casos que podem causar certa confusão, dependendo da posição dos termos, mas vale o bom senso: *As duas mulheres não **se** beijaram naquela festa.* As duas mulheres não foram beijadas ou uma não beijou a outra? Pronome reflexivo recíproco ou partícula apassivadora? Creio que a primeira impressão seja de reciprocidade, logo o *se* é um reflexivo recíproco. Na inversão, muda-se a análise, pois normalmente o *se* apassivador vem seguido de seu sujeito: *Não **se** beijaram as duas mulheres naquela festa.* Fique esperto!

Nos

– *Você só **nos** ajuda por interesse.* (objeto direto)
– *Ofereceram-**nos** sociedade na empresa ontem.* (objeto indireto)
– *Os três **nos** eram bem próximos.* (complemento nominal)
– *Nosso time **nos** tirou a paciência há muito tempo.* (adjunto adnominal)
– *Não é de hoje que **nos** sentimos formar um ótimo casal.* (sujeito)

Vos

– *Vós ainda **vos** amais?* (objeto direto)
– *Resta-**vos** agora mudar certos traços nocivos de personalidade.* (objeto indireto)
– *Eles **vos** têm muito respeito.* (complemento nominal)

– *Vossos namorados* ***vos*** *roubaram a pureza?* (adjunto adnominal)
– *Deixo-**vos** mantendo meu legado, meus filhos!* (sujeito)

Obs.: Como já vimos, a maioria dos gramáticos concorda que o pronome oblíquo átono pode ser sujeito de um infinitivo ou de um gerúndio, na construção com verbo causativo ou sensitivo. No entanto, certamente você se lembra de que o assunto é polêmico, pois certos gramáticos de renome, como Rocha Lima, dizem que o pronome é objeto do verbo causativo ou sensitivo e sujeito do verbo seguinte. Por isso, fez-se uma pergunta (de novo) à ABL para saber seu parecer, afinal, sempre vale a pena saber a opinião desse órgão máximo da língua portuguesa no Brasil:

ABL RESPONDE

Pergunta: Saudações! Há algum tipo de erro na construção "Eu a vejo cantando todos os dias."? Está certo dizer que o *a* é sujeito de *cantando*? Muito grato!

Resposta: A construção está adequada; o *a* é objeto direto de vejo e sujeito de cantando; *eu* é sujeito de vejo. De nada, disponha.

Dica: No dia da prova, analise todas as opções, levando em conta as três visões sobre a estrutura com verbos causativos e sensitivos + pronome oblíquo átono + infinitivo/gerúndio, e marque a "melhor resposta".

Lhe / Lhes

– *Procure o senhorio e pague-**lhe** o aluguel.* (objeto indireto)
– *Uma ideia **lhe** veio à mente.* (= *veio à sua mente;* adjunto adnominal (posse))*
– *Incrivelmente, o cigarro nunca **lhe** foi prejudicial.* (complemento nominal)
– *Fiz-**lhes** repensar o motivo de estar ali.* (sujeito do infinitivo)#

Cuidado!!!

* Os gramáticos dizem que, neste contexto, o *lhe* é também excelente recurso de estilo. Falando nisso, para calar a boca daqueles que dizem não haver

questão sobre pronome oblíquo átono com valor possessivo e com função de adjunto adnominal, eis aí umazinha:

30. (EAGS – Aeronáutica – Sargento – 2010) Leia:

O pardalzinho nasceu

Livre. Quebraram-**lhe** a asa.

Sacha **lhe** deu uma casa,

Água, comida e carinhos.

Os termos destacados, no texto acima, classificam-se respectivamente em:

a) objeto indireto e objeto indireto;
b) adjunto adnominal e objeto indireto; (GABARITO!)
c) objeto indireto e adjunto adnominal;
d) adjunto adnominal e adjunto adnominal;

Outra questão sobre isso é encontrada em:

29. (Cesgranrio – FUNASA – Administrador – 2009) Na passagem "Eugênio examinava-lhe as mudanças do rosto com comovida atenção.", o pronome oblíquo **lhe** exerce função sintática idêntica ao termo destacado em:

a) "Olívia se aproximou **de Eugênio**..."
b) "A enfermeira juntava **os ferros**."
c) "A respiração voltava **lentamente**,"
d) "Vencera! Salvara a vida **de uma criança**!"
e) "Sentia-se **leve e aéreo**."

Gabarito: D. Tanto o *lhe* como *de uma criança* apresentam valor possessivo e ambos os termos exercem função sintática de adjunto adnominal.

Cegalla indica que o ***lhe*** exerce função sintática de sujeito dentro de estrutura com verbos causativos e sensitivos se o verbo seguinte no infinitivo exigir um complemento direto (objeto direto): "O professor mandou-**lhe** calar a boca" (ou seja, "O professor mandou que **ele** calasse a boca"). Bechara, em seus livros antigos de sintaxe, apoiava tal tese. Só encontrei uma questãozinha sobre isso... antiiiiiiga:

30. (MPE/RJ – CGJ/RJ – Corregedor – 1998) Assinale a frase em que há erro no emprego de **o** ou **lhe**:

a) Mandei-o visitar os pais em Petrópolis;
b) Mandei-lhe visitar os pais em Petrópolis;
c) Eu lhe felicitarei pela vitória; (**Gabarito**!)
d) Não lhe assiste o direito de protestar;
e) A verdade é que eu lhe quero muito bem.

Gabarito: **C**. O verbo felicitar é VTD, por isso exige complemento direto (objeto direto), função nunca exercida por *lhe*. **Mas note a letra B!** Note o *lhe* com função de sujeito do infinitivo: *Mandei-lhe visitar os pais em Petrópolis. = Mandei que ele visitasse os pais em Petrópolis.*

---

1) Lembra-se da música do Moraes Moreira "Eu ia ***lhe*** chamar enquanto corria a barca..."?

O que acha do uso do *lhe* neste caso? I-na-de-qua-do à norma culta! O verbo chamar é transitivo direto (VTD), logo o *lhe* não pode ser complemento de um VTD, pois ele nunca exerce função de objeto direto. Normalmente sua função é de objeto indireto – nunca objeto direto, ok? Deveria ser, então: "Eu ia *te* chamar..." ou "Eu ia chamá-*lo*..." etc., sem *lhe*.

2) Agora veja este exemplo: "Vi o filme que me recomendou, apesar de não ter querido assistir-***lhe***.".

Nossa! Assistir-**lhe**? Não "rola", não é? "Por que, Pestana, se o *lhe* exerce função de OI, e o verbo assistir é VTI? O *lhe* não pode ser substituído por *a ele(a/s)*? Eu me lembro dessa explicação!"

É verdade, mas calma! A força da gramática tradicional ainda diz que o *lhe* não substitui complemento de certos verbos, como *assistir, aspirar, referir-se, aludir, recorrer* etc. Está claro? É regra. Portanto, a frase acima deveria ser assim: "Vi o filme que você me recomendou, apesar de não ter querido assistir ***a ele***."

Entenda melhor (por trás da regra): O *lhe* não é usado como complemento de alguns verbos, como *aludir, anuir, aceder, aspirar (almejar), assistir (ver), escarnecer, proceder, presidir, recorrer, referir (aludir), visar (almejar)*, pois ele é um complemento que representa o ser beneficiado ou o alvo de uma ação: "Eu atribuí a notícia ao jornal (ser beneficiado/alvo).". Portanto, ele não pode substituir complemento desses verbos, uma vez que o sentido deles não contempla tal possibilidade, isto é: não se assiste a alguém, não se aspira a alguém, não se visa a alguém, como se este "alguém" estivesse sendo beneficiado por outra

pessoa ou coisa. Aí, você me pergunta: "Qual é o equívoco gramatical em dizer 'Eu assisti à peça.' ou 'Eu assisti-lhe.'?" Resposta: "O equívoco está em o verbo não indicar que algum ser é o beneficiário da ação expressa pelo verbo", isto é, 'a peça' não se está beneficiando de nada, quando eu assisto a ela. É por isso que, nesses casos, não usamos o pronome oblíquo átono *lhe(s)* como complemento, mas sim o pronome oblíquo tônico 'a ele(a/s)'."

3) Alguns gramáticos modernos, como Pasquale Cipro Neto e Ulisses Infante, dizem que o **lhe** só substitui **pessoa**. Veja, porém, que isso não é verdade, pois o gramático Rocha Lima, Bechara e a Academia Brasileira de Letras pensam diferente (e, para *sacramentar*, as questões da FCC corroboram o que dizem tais fontes). Leia o ensino da ABL:

ABL RESPONDE

Pergunta: Consultei uma gramática tradicional que afirma que o pronome oblíquo átono *lhe* só substitui pessoas. Mas, em "Paguei-lhe (ao banco) a dívida." e "Dei-lhe (no cachorro) um trato.", o *lhe* está usado erradamente? Não entendo! Por favor, ajudem! Grato!

Resposta: "O objeto indireto é o complemento que representa a pessoa ou coisa a que se destina a ação, ou em cujo proveito ou prejuízo ela se realiza." Ex.: Aos meus escritos, não lhes dava importância nenhuma. *Lhes* é objeto indireto em relação a escritos, portanto, coisa. "Fiquei só com oito ou dez cartas para reler algum dia e dar-lhes o mesmo fim." (Machado de Assis, Memorial de Aires).

Falou, tá falado! Logo, esse papo de *lhe só* substituir **pessoa** é furado. Você verá as questões da FCC à frente... aguarde.

O, a, os, as

– *Levei-**o**, levei-**a**, levei-**os** e levei-**as** ao Forte de Copacabana.* (objeto direto)

– *Nunca **os** vi namorar com volúpia, eram discretos.* (sujeito do infinitivo)

Obs.: Vale muito a pena dizer que estes pronomes oblíquos átonos de 3ª pessoa exercem 99% das vezes função de objeto direto! "Por que você fez este

adendo, Pestana?" Simples, meu nobre. Já vi muita gente boa cometendo deslizes do tipo: "Eu vou informá-***lo*** a verdade.". O problema é que quem informa informa algo **a alguém** (objeto indireto). A frase, de acordo com a norma culta, deveria ser: "Eu vou informar-***lhe*** a verdade". O *lhe*, sim, exerce função de objeto indireto. No entanto, o verbo informar tem dupla regência, e também pode manter relação com seus complementos da seguinte maneira: quem informa informa **alguém** de algo, de modo que também poderíamos escrever assim: "Eu vou informá-**lo** da verdade.". **Estude *Regência Verbal*!**

Adjunto Adverbial

Se você sabe identificar um advérbio e uma locução adverbial numa frase, sensacional! Pois todo advérbio e locução adverbial exercem função sintática de **adjunto adverbial**.

Além do advérbio e da locução adverbial, o pronome relativo e o pronome pessoal também podem exercer função sintática de adjunto adverbial (veremos isso também em *Funções Sintáticas dos Pronomes Relativos*, no capítulo 23):

– *A sobreloja, **onde** ele também morava, estava em estado calamitoso.* (adjunto adverbial de lugar)

– *Os rapazes saíram **conosco**, pois iríamos apresentar-lhes as moças.* (adjunto adverbial de companhia)

Vejamos alguns adjuntos adverbiais mais cobrados (e outros nem tanto):

Afirmação: ***Certamente*** *passarei na prova.*

Negação: ***Não*** *vou desistir de meus sonhos.*

Modo: *Agiu **de coração**, mas foi sabotado.*

Tempo: ***Anteontem*** *foi o melhor dia da minha vida.*

Lugar: *Cheguei **à sala** na hora certa, mas entrei atrasado **no assunto**.*

Obs.: Segundo Carlos Góis, quando o adjunto adverbial de lugar for uma pessoa ou um lugar imaginário, será analisado como **adjunto adverbial de**

lugar virtual. Sacconi corrobora isso. Segundo Bechara, certos termos podem indicar lugar e/ou tempo, como em "Encontrei minha namorada ***numa festa***.". Sendo assim, *numa festa* poderia ser classificado como adjunto adverbial de lugar ou de tempo.

Dúvida: *A velhice* ***talvez*** *tenha cura.*
Intensidade: *Ficou* ***absolutamente*** *realizado.*
Causa: *O homem suava* ***com aquele calor carioca***.
Concessão: ***A despeito dos problemas****, tivemos êxito.*
Conformidade: *Faça tudo* ***conforme os regulamentos***.
Finalidade: *Ele viajou* ***para negociar***.

Obs.: Neste caso, estamos diante de um adjunto adverbial oracional, ou seja, um adjunto adverbial em forma de oração, pois tal expressão é constituída de verbo. Há muitas orações com função de adjunto adverbial. Veremos todas elas em *Orações Subordinadas Adverbiais.*

Condição: ***Sem educação****, não há progresso.*
Meio: *Prefiro ir* ***de ônibus*** *a pegar avião.*
Instrumento: *Escrevi quinhentas páginas* ***a caneta***.
Assunto: *Ele só fala* ***de política***.

Obs.: Certos dicionários de regência, como o de Francisco Fernandes e do Celso P. Luft, entendem que *de política* é um objeto indireto, pois veem o verbo falar como VTI. No entanto, Bechara é bem taxativo em dizer que se trata de um adjunto adverbial de assunto (ou **matéria tratada**), logo falar seria intransitivo... polêmicas... No capítulo de *Regência* voltarei a falar sobre isso.

Companhia: ***Com ou sem você**, preciso prosseguir em minha jornada.*
Preço: *Meu carro não custou **caro**.*
Matéria: *Fabricamos **com plástico** esses copos.*
Reciprocidade: ***Entre mim e ti** sempre houve amor.*

Obs.: Por inferência, notamos que há adjunto adverbial simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.
– ***De noite**, fui estudar.* (simples: um núcleo)
– ***De manhã à tarde**, fico estudando.* (composto: mais de um núcleo)
– ***Quando estudo**, fico calmo.* (o adjunto adverbial – indicando tempo – é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

Adjunto Adverbial X Adjunto Adnominal

Lembre-se sempre do básico: tradicionalmente, o **adjunto adverbial** modifica um verbo, um adjetivo ou outro advérbio; já o **adjunto adnominal** modifica um substantivo. Assim, por mais que o adjunto adnominal tenha valor semântico de lugar, por exemplo, perceba a relação sin-tá-ti-ca, isto é, adjunto adnominal se liga a substantivo e adjunto adverbial se liga a verbo, adjetivo ou outro advérbio, ok? Veja:
– *Nada como uma casa **em cima de uma montanha**!* (adjunto adnominal, pois modifica *casa*)
– *Já morei muitos anos **em cima de uma montanha**!* (adjunto adverbial de lugar, pois modifica *morar*)
– *O homem **com a maleta** entrou no avião. (adjunto adnominal, pois modifica homem)*
– *O homem entrou **com a maleta** no avião. (adjunto adverbial, pois modifica entrar)*
– *Preciso de **muito** pensamento positivo.* (adjunto adnominal, pois modifica *pensamento*)
– *As pessoas vêm trabalhando **muito**.* (adjunto adverbial de intensidade, pois modifica *trabalhar*)

Obs.: Há certos momentos, por falta de contexto maior, que a análise dos termos sintáticos pode ser dupla. Veja uma questão sobre isso:

14. (FAB – EAGS – Sargento – 2010) Assinale a alternativa em que um termo da frase pode ser classificado tanto como adjunto adverbial quanto como adjunto adnominal.

a) Vagarosamente, ele partiu alinhavando, em meu coração, uma imensa saudade.
b) Atônitos, os moradores saíram à rua para verificar o estrondo.
c) A professora de Português observava os alunos da classe. (Gabarito!)
d) Com ternura, os pais acariciavam o filho doente.

Comentário: Não se sabe se ela estava dentro da classe observando os alunos (adjunto adverbial de lugar) ou se ela estava observando os alunos que pertencem à classe (adjunto adnominal).

Adjunto Adverbial X Objeto Indireto

O fato de muitos adjuntos adverbiais virem introduzidos por preposição não deve gerar confusão com o objeto indireto (termo sempre preposicionado).

O **adjunto adverbial** modifica o sentido de um verbo, expressando uma circunstância (lugar, meio, companhia...), já o objeto indireto apenas complementa o sentido do verbo transitivo indireto. Veja:

– *Viajei* ***de trem***. (adjunto adverbial de meio)
– *Não gosto* ***de trem***. (objeto indireto)
– *Não saia* ***de casa***. (adjunto adverbial de lugar)
– *Não duvide* ***de mim***. (objeto indireto)
– ***Com Pedro*** *você pode caminhar*. (adjunto adverbial de companhia)
– *Concordo* ***com você***. (objeto indireto)

Déjà vu: Cuidado com os verbos *ir, chegar, voltar, regressar, partir, retornar, morar, residir, habitar* e sinônimos, pois eles "aparentemente" exigem um objeto indireto, mas na verdade são apenas especificados por um adjunto adverbial indicando **lugar**. Tais verbos são acompanhados de adjunto adverbial de lugar, pois, caso contrário, o interlocutor não entenderia plenamente uma frase como esta: "Você sabia que ele foi?" (Pergunta óbvia: Ele foi **aonde**?). Estes verbos precisam de um **circunstancial** de lugar, e não de um **complemento**. Há muita polêmica em torno disso. Rocha Lima, por exemplo, fala em "complemento

circunstancial". Celso P. Luft considera a possibilidade de tais verbos serem transitivos indiretos.

Adjunto Adverbial X Predicativo do Sujeito

Lembre-se de que o **adjunto adverbial** (advérbio) modifica verbo, adjetivo ou outro advérbio; já os **predicativos** (adjetivo, normalmente) modificam um termo de valor substantivo.

– *O aluno falou* ***sério*** *com o professor.* (adjunto adverbial de modo)

– *O aluno continua* ***sério****.* (predicativo do sujeito)

– *Voe* ***tranquilo*** *com a nossa companhia aérea.* (adjunto adverbial de modo)

– *O cliente,* ***tranquilo****, viajou pela nossa companhia.* (predicativo do sujeito)

Obs.: Tratei bem deste assunto no capítulo de *Advérbio*. Revisite!

Adjunto Adverbial X Agente da Passiva

Nem todo termo introduzido pela preposição *por (pelo(a/s))* é um agente da passiva. Principalmente se o núcleo não for um ser animado ou personificado. Por isso, não confunda adjunto adverbial de causa (como nos exemplos abaixo) com agente da passiva.

– *O aluno foi premiado* ***por sua apresentação****.*

– *A corrupção foi novamente discutida* ***pelos constantes casos de lavagem de dinheiro****.*

Note que *foi premiado* e *foi discutida* são locuções verbais de voz passiva analítica, ou seja, existe, sim, um agente da passiva nas frases acima, mas ele está *apagado*, indeterminado. É como se houvesse na frase um agente da passiva seguido de um adjunto adverbial de causa. Veja as reescrituras para ficar mais claro:

– *O aluno foi premiado* ***por alguém*** (agente da passiva) ***por causa de sua apresentação*** (adjunto adverbial de causa).

– *A corrupção foi novamente discutida* ***por alguém*** (agente da passiva) ***por causa dos constantes casos de lavagem de dinheiro*** (adjunto adverbial de causa).

Aposto

O **aposto** é um termo sempre de valor substantivo (nunca adjetivo!) que explica, esclarece, desenvolve, resume outro termo sintático antecedente.

– *Nós voltamos a estudar,* ***minha namorada e eu****, depois de dois anos.* (aposto do sujeito)

– *Ela era a famosa Regina Duarte –* ***grande atriz da televisão brasileira****.* (aposto do predicativo do sujeito)

– *Considerei-o como o novo Chacrinha:* ***grande apresentador do século XX****.* (aposto do predicativo do objeto)

– *Duas propostas tenho de lhe fazer:* ***uma positiva e outra negativa****.* (aposto do objeto direto)

– *Disse aos meus filhos* ***Pedro e João*** *que iria viajar.* (aposto do objeto indireto)

– *João estava ansioso pela chegada de uma de suas primas, que demorou muito,* ***a Maria****.* (aposto do complemento nominal)

– *O atual presidente foi muito criticado pelo ex-presidente,* ***Carlos da Silva****.* (aposto do agente da passiva)

– *O monumento da cidade* ***do Rio de Janeiro*** *foi tombado.* (aposto do adjunto adnominal)

– *Peguei o carro lá* ***na oficina*** *às dezoito horas,* ***a hora do rush****.* (apostos dos adjuntos adverbiais)

– *O senhor Arnaldo, dono da academia de jiu-jítsu* ***(a mais completa arte marcial)*** *é faixa preta e vermelha.* (aposto do aposto)

– *Pai,* ***meu melhor amigo****, estou precisando de dinheiro para sair.* (aposto do vocativo)

Obs.: Por inferência, notamos que há aposto simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Esses* ***dois*** *são relapsos.* (simples: um núcleo)

– *Elas,* ***Lúcia e Regina****, são irmãs.* (composto: mais de um núcleo)

– *Tenho um sonho:* ***presenciar a justiça de Deus****.* (o aposto é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

Só de curiosidade: O plural de aposto é apostos (pronuncia-se *aPÓStos*).

Classificação do Aposto

Diz-se que o aposto é um termo de valor substantivo **B** que reitera um termo **A**, numa "fórmula" A = B.

Trocando em miúdos: o "aposto" é sempre igual ao "anteposto".

– *Carmen Miranda,* ***a Pequena Notável****, fez sucesso no Brasil e no mundo.*

A	**=**	**B**

Há 6 tipos de aposto, cujo núcleo pode ser um substantivo, um pronome, um numeral, uma palavra substantivada ou uma oração. Vamos a eles!

1) Explicativo

– *Carolina,* ***uma ótima pessoa****, e seu amigo,* ***um idiota****, estavam íntimos demais.*

– *Algo o incomodava frequentemente:* ***suas brigas com a esposa****.*

– *Deus –* ***o grande assunto dos embates entre ateus e crentes*** *– analisa o coração.*

– *Pelé* ***(o Rei do Futebol)*** *será um dia superado?*

– *Machado de Assis,* ***como grande romancista brasileiro****, nunca foi superado.*

Obs.: Como se viu, este aposto sempre vem separado por pontuação: vírgula, dois-pontos, travessão ou parênteses. Note também que o aposto pode ser iniciado pela preposição acidental *como*.

2) Especificativo

– *No mês* ***de novembro****, a presidenta* ***Dilma*** *foi eleita e usou a palavra* ***satisfação*** *no seu discurso.*

– *Dona* ***Carlota Joaquina*** *causou muita polêmica ao vir para o Brasil.*

– *Nós* ***todos*** *somos seus fãs.*

– *Convidaram nós* ***três*** *para escrever um livro de Gramática, Literatura e Redação.*

Cuidado!!!

1) Note que o aposto especificativo não vem separado por pontuação alguma e é um termo que tem o mesmo valor semântico da palavra especificada anterior, ou seja, em "presidenta Dilma", *Dilma* é o quê? Uma presidenta. Existem vários presidentes, e a palavra especificadora *Dilma* aponta qual presidente é.

2) Interessante: a semântica, a sintaxe e a vírgula (aposto explicativo e aposto especificativo):

– *Disse aos meus filhos,* ***Pedro e João****, que iria viajar.* (o falante tem dois filhos apenas)

– *Disse aos meus filhos* ***Pedro e João*** *que iria viajar.* (existe a possibilidade de o falante ter mais filhos)

3) Distributivo

– *Tenho dois filhos:* ***um*** *baixinho,* ***outro*** *altinho.*

– *Mussolini e Hitler foram dois cruéis ditadores,* ***aquele com o sistema fascista e este com o sistema nazista.***

Obs.: Neste caso, normalmente os apostos vêm retomando dois ou três termos anteriores.

4) Enumerativo

– *Atenderemos a todos:* ***homens****,* ***mulheres****,* ***velhos*** *e* ***crianças****.*

– *Apenas três coisas me tiravam do sério, a saber,* ***preconceito, antipatia e arrogância****.*

– *Alguns países da Europa não são banhados pelo mar –* ***por exemplo, Áustria, Suíça, Vaticano*** etc.

Obs.: Note que os apostos podem ser iniciados por expressões explicativas, como *isto é, ou seja, a saber, por exemplo...*

5) Resumitivo/Recapitulativo

– *Brasil, Costa Rica, México, Uruguai, isto é,* ***nenhum*** *é um país desenvolvido.*

– *Irei a Macau, Cabo Verde, Angola e Timor-Leste,* ***lugares*** *onde se fala português.*

Obs.: Normalmente este tipo de aposto é representado pelos pronomes indefinidos *nada, ninguém, nenhum, tudo, todo(a/s).*

6) De uma Oração

Pode se referir a uma oração inteira por meio das palavras *sinal, coisa, fato, motivo, razão.*

– *As nuvens estão chegando,* ***o*** *que pode aborrecer a todos.* (ou seja, *"isso* – o fato de as nuvens estarem chegando – *pode aborrecer a todos")**

– *O noticiário disse que amanhã fará muito calor –* ***ideia*** *que muito me agrada.*

* Esse tipo cai muito em prova!

Cuidado!!!

1) O aposto pode aparecer antes do termo a que se refere, normalmente antes do sujeito, como no exemplo abaixo:

– ***O maior piloto brasileiro de todos os tempos****, Ayrton Senna marcou uma geração.*

Consulte uma questão sobre isso: FAB – EAGS – SARGENTO – 2008 – QUESTÃO 33.

2) Segundo Cegalla, quando o aposto se refere a um termo preposicionado, pode ele vir igualmente preposicionado.

– *"De cobras, (de) morcegos, (de) bichos,* ***de tudo*** *ela tinha medo."*

3) Nunca vi em prova alguma o que direi agora, por isso decida se vai ou não pular esta observação. Estudiosos modernos, na contramão da classificação de aposto como termo de valor substantivo, apoiam o fato linguístico de que o aposto pode ter núcleo adjetivo ou adverbial, em construções como estas:

– *Tuas pestanas eram assim: finas e curvas.* (adjetivos; aposto do predicativo do sujeito)
– *Falou comigo deste modo: calma e maliciosamente.* (advérbios; aposto do adjunto adverbial de modo)

Aposto X Adjunto Adnominal

Apesar da semelhança, é fácil distinguir o aposto especificativo do adjunto adnominal.

Há correspondência semântica entre o aposto e o termo a que se refere; é possível retirar a preposição que precede o aposto, normalmente. O adjunto não tem correspondência semântica e, se a preposição for retirada, a estrutura ficará esdrúxula.

– *A cidade* ***(de) Fortaleza*** *é quente.* (Aposto especificativo / Fortaleza é uma cidade.)
– *O clima* ***de Fortaleza*** *é quente.* (Adjunto adnominal / Fortaleza é um clima?)

Obs.: Conheça outros apostos especificativos: *a capital* ***de Belo Horizonte****, a cidade* ***do Rio de Janeiro****, o estádio* ***do Maracanã****, o ano* ***de 2012****, o mês* ***de setembro****, a festa* ***de carnaval****, o nome* ***de Jeová****, os bairros* ***de Irajá****,* ***Vaz Lobo e Madureira****...*

Aposto X Predicativo do Sujeito

Lembre-se de algo básico: o aposto não pode ser um adjetivo nem ter núcleo adjetivo, logo... a diferença é facílima! Veja:

– ***Muito desesperado****, João perdeu o controle.* (predicativo do sujeito; núcleo: desesperado – adjetivo)
– ***Homem desesperado****, João sempre perde o controle.* (aposto; núcleo: homem – substantivo)

Vocativo

O **vocativo** é o termo que põe em evidência algum ser a quem se dirige; indica a invocação de alguém ou algo; vem sempre separado por vírgula; pode se deslocar pela oração. Muito encontrado em textos injuntivos, em que o locutor do texto se dirige diretamente ao interlocutor.

– *Só tem uma garrafa,* ***mãe****!*

– ***Ó querida****, não faça isso comigo...* (todo termo será um vocativo se acompanhado de *ó*)

Obs.: Por inferência, notamos que há vocativo simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– ***Amigo****, escuta-me.* (simples: um núcleo)

– ***Companheiros e companheiras****, escutem a verdade.* (composto: mais de um núcleo)

– ***Quem estiver atento****, por favor, o diretor quer falar.* (o vocativo é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

* Quem corrobora o **vocativo oracional** é o gramático Ulisses Infante. Nunca vi em prova alguma!

Vocativo X Aposto

O vocativo não mantém relação sintática com nenhum termo de uma oração, diferente do aposto.

– *Solte os rapazes,* ***senhor****, urgentemente. (vocativo; não se refere a termo algum da oração)*

– *Os rapazes,* ***amigos entre si****, são honestos. (aposto; refere a "os rapazes")*

Obs.: Pode haver ambiguidade entre vocativo e aposto; só o contexto desfará a ambiguidade: "Aqueles candidatos, **meus alunos**, passaram na prova".

Às vezes, a vírgula faz toda a diferença para diferenciarmos o vocativo do sujeito:

– ***Marcos**, o professor de História chegou.* (vocativo)
– ***Marcos**, o professor de História, chegou.* (sujeito)

Note também que a segunda vírgula tornou o sujeito da primeira frase em aposto da segunda.

O Que Cai Mais na Prova?

Normalmente a diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal é a *menina dos olhos* das bancas. Correndo por fora, vem o aposto. Por isso, neste capítulo, sugiro que domine os conceitos de adjunto adnominal e aposto. Manda ver!

Questões de Concursos

1. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) Assinale a alternativa que classifica, correta e respectivamente, os termos grifados no período "A manutenção <u>das estradas</u> é fundamental <u>para nossa segurança</u>".
   a) complemento nominal – complemento nominal.
   b) complemento nominal – adjunto adnominal.
   c) adjunto adnominal – complemento nominal.
   d) adjunto adnominal – adjunto adnominal.

2. (FAB – EEAR – Cabo – 2008) Em todas as alternativas, o termo *"pelo rio"* classifica-se como adjunto adverbial. Apenas em uma ele também pode ser classificado como agente da passiva. Identifique essa alternativa.
   a) Durante a noite, os caçadores levaram alguns animais pelo rio.
   b) Durante a noite, alguns animais foram levados pelo rio.
   c) Durante a noite, levaram-se alguns animais pelo rio.
   d) Durante a noite, levaram alguns animais pelo rio.

3. (Esaf – MPOG – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) A rápida, coordenada, cautelosa e surpreendente compra de 9% do capital da anglo-australiana Rio Tinto, a terceira maior mineradora do mundo, mostra uma mudança de qualidade no planejamento da investida no exterior das estatais chinesas. (...)"
   – O segmento "a terceira maior mineradora do mundo" está entre vírgulas porque é um aposto.

4. (FCC – TRT/MG (3R) – Analista Judiciário – 2009) *O sucesso da democracia nas sociedades industriais trouxe inegáveis benefícios <u>a amplos setores</u> antes excluídos...*

O mesmo tipo de complemento grifado acima NÃO ocorre APENAS em:

a) da tomada de decisões;
b) a perda de identidades grupais;
c) pelo conceito de cidadania;
d) um mundo de tribos;
e) no conhecimento do torcedor comum.

5. (Cesgranrio – FUNASA – Agente Administrativo – 2009) No Texto I, em "e controlar a epidemia crescente das doenças crônicas,", o termo destacado está ligado sintaticamente ao substantivo "epidemia".

O termo que desempenha função sintática idêntica ao destacado acima está no trecho:

a) "enquanto cerca de 300 milhões de adultos são **obesos**,"
b) "...que ajude as autoridades **nacionais** a enfrentar os problemas."
c) "– Para alcançar as Metas do Milênio estabelecidas **pela ONU,**"
d) "Todos eles estão **mais** expostos..."
e) "entre outras doenças ligadas **ao excesso de peso**."

6. (Cesgranrio – FUNASA – Administrador – 2009) Na passagem "Eugênio examinava-lhe as mudanças do rosto com comovida atenção.", o pronome oblíquo lhe exerce função sintática idêntica ao termo destacado em:

a) "Olívia se aproximou **de Eugênio**..."
b) "A enfermeira juntava **os ferros**."
c) "A respiração voltava **lentamente**,"
d) "Vencera! Salvara a vida **de uma criança**!"
e) "Sentia-se **leve e aéreo**."

7. (Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico – 2009) (Adaptada) Em "– gerentes de três grandes empresas nacionais –" (De acordo com a pesquisa, feita entre 230 profissionais – gerentes de três grandes empresas nacionais –, ...), o uso dos travessões justifica-se, sintaticamente, por: I- separar o vocativo ou II- isolar o aposto?

8. (Instituto Cidades – UNIFESP – Analista de TI – 2009) Nos versos 01 e 15 (Voa, coração), a palavra "coração" é corretamente classificada como:

a) sujeito;
b) vocativo;
c) objeto direto;
d) predicativo do sujeito.

9. (FUNDEP – TJ/MG – Assistente Social – 2010) Assinale a afirmativa em que o(s) termo(s) em destaque NÃO ESTÁ(ÃO) corretamente classificado(s) quanto à função sintática.

a) "Em ti, por exemplo, o <u>outono</u> é manifesto e exclusivo." – sujeito.
b) "Não, <u>querido</u>, sou tua árvore-da-guarda e simbolizo teu outono pessoal." – predicativo do sujeito.
c) "Outoniza-te com dignidade, <u>meu velho</u>". – vocativo.
d) "(...) Há alguma coisa de gracioso em tudo isso: <u>parábolas, ritmos, tons suaves</u>..." – aposto.

10. (PUC/PR – COPEL – Profissional de Comunicação Jr. – 2010) Assinale a alternativa CORRETA:

a) "Para o empresário e economista Luiz Carlos Mendonça de Barros, ministro das Comunicações no governo de Fernando Henrique Cardoso, insuspeito de simpatias pelo governo Lula (...)"; o trecho sublinhado é um vocativo.

b) Em "Hoje, por causa de distorções como essas, o Estado brasileiro custa caro, funciona mal e trabalha na direção errada", a vírgula colocada após "hoje" pode ser substituída por ponto e vírgula.

c) "Arquiteto e engenheiro da prosperidade do "milagre econômico", o ex-ministro Antonio Delfim Netto está convencido (...)"; o trecho sublinhado é um exemplo de aposto.

d) Em "Mesmo o etanol, que funciona tão bem no Brasil, não é uma saída definitiva no plano mundial" é possível retirar as vírgulas, sem prejuízo do sentido original.

e) A expressão "pelo menos", em "o Brasil tem pela frente uma possibilidade de crescimento seguro, sem risco, por pelo menos uma geração", pode ser retirada sem prejuízo do sentido original.

11. (Cesgranrio – BACEN – Analista – 2010) A circunstância expressa pelos termos em destaque está corretamente indicada em:

a) "algo para ser visto **pela janelinha do carro**," – lugar.

b) "...esparramada **sobre a calçada**," – concessão.

c) "...pingando esmolas **em mãos rotas**." – modo.

d) "**Com o tempo**, a miséria conquistou os tubos de imagem dos aparelhos de TV." – consequência.

e) "**Embora violenta**, a miséria ainda nos excluía." – condição.

12. (Cesgranrio – Eletrobras Eletronuclear – Analista (Meteorologia) – 2010) No Texto I, em "avançaram em segurança e controle dos resíduos radioativos", o termo destacado está ligado sintaticamente ao substantivo "controle". O termo que desempenha função sintática idêntica ao destacado acima está no trecho:

a) "As crises mundiais **do petróleo**,"

b) "os preços ficam mais **caros**,"

c) "...captar energia **da natureza.**"

d) "...especialistas em energia estão fazendo **perguntas incômodas**..."

e) "...não teria sido uma alternativa menos danosa **ao meio ambiente**..."

13. (Esaf – Agente Executivo – 2010) (Adaptada) Em relação ao texto abaixo, julgue a afirmação seguinte:

"Onde as sociedades são mais justas, equilibradas, honestas e onde as necessidades sociais são mais satisfeitas, há menor risco para a atividade jornalística. (...)"

O emprego de vírgulas após "justas" e "equilibradas" justifica-se por isolar aposto.

14. (Esaf – Auditor Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) O presidente do Banco Central Europeu (BCE), Jean-Claude Trichet, ao anunciar que a taxa básica do BCE não seria mudada... (...)"

– O nome próprio "Jean-Claude Trichet" está entre vírgulas por tratar-se de um vocativo.

15. (FUNCAB – DETRAN/PE – Analista de Trânsito – 2010) Os termos grifados exercem as seguintes funções sintáticas: "...e como eu ia dizendo, é muito mais econômico você andar devagar e ser assaltado por mim do que correr e ser assaltado pelo radar. E eu nem somo pontos em sua habilitação!":

a) objeto direto – objeto indireto – adjunto adverbial;
b) adjunto adnominal – sujeito – adjunto adverbial;
c) predicativo – agente da passiva – adjunto adverbial;
d) objeto direto – objeto direto preposicionado – objeto indireto;
e) aposto – objeto indireto – objeto direto preposicionado.

16. (FGV – CODESP/SP – Advogado – 2010) O ensino técnico profissionalizante de fato precisa hoje correr contra o relógio, pois, se persistir a falta de pessoal qualificado, as oportunidades acabam definitivamente perdidas pela desistência dos potenciais empregadores.

O termo sublinhado no período acima exerce a função sintática de:

a) adjunto adverbial;
b) agente da passiva;
c) complemento nominal;
d) adjunto adnominal;
e) objeto indireto.

17. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) No segmento "o gosto que estes revelam pela improvisação", o termo "pela improvisação" exerce função distinta da exercida na seguinte frase: *Revelou, pela improvisação, o quanto se afastara da cultura clássica.*

( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "...e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência."

"isso existe às pampas."

Quais as locuções destacadas que encerram, respectivamente, as mesmas circunstâncias das destacadas nos trechos transcritos acima?

a) **Aos poucos,** ele ia percebendo que não precisava mais dela. / Nada **em volta** causava mais surpresa.
b) Saiu **às pressas** porque tinha um compromisso. / **De vez em quando,** é preciso repensar as estratégias.
c) Vá **em frente** que você encontrará o que procura. / **De modo algum** aceitarei a proposta feita pelo meu superior.
d) **Em breve,** estarei terminando de escrever minha biografia. / Trabalhou **em excesso** para apresentar seu projeto final.
e) A notícia chegou **de súbito** causando, assim, um grande impacto. / **Hoje em dia,** as pessoas pensam mais nelas próprias.

19. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Médio – 2011) A expressão "um dos pioneiros na pesquisa sobre mídia pública no Brasil" (Para o Professor Laurindo Leal Filho, da Universidade de São Paulo, um dos pioneiros sobre mídia pública no Brasil, esse não é um conceito fechado.) exerce, na oração, a função sintática de vocativo, pois se refere a uma pessoa citada anteriormente.

( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário – 2011) As expressões "do espírito laico" (... são a mais alta expressão do espírito laico...) e "da fé" (... mais à razão crítica que aos impulsos da fé...) complementam, respectivamente, os vocábulos "expressão" e "impulsos".
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico – 2011) O segmento "o mais abundante dos gases-estufa" (Por exemplo, as emissões de CO2, o mais abundante dos gases-estufa,...) está entre vírgulas por constituir aposto explicativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FCC – BB – Escriturário – 2011) *Na iminência de um temporal, o enorme tronco, que armazena grande quantidade de líquido, dá uma descarga de água para as raízes – resultado da variação atmosférica.*

O sentido do trecho grifado acima está reproduzido com outras palavras em:
a) Quando se aproxima uma tempestade ...
b) Com a força destruidora das águas ...
c) Para que o temporal venha com força ...
d) Desde que venha a cair uma forte chuva ...
e) Depois de uma forte tempestade ...

"O colégio **Hugo Sarmento**, em São Paulo, decidiu levar para a sala de aula **uma ferramenta virtual** que muitos adolescentes já dominam. O limite de 140 caracteres imposto **pelo microblog Twitter** está permitindo que alunos do ensino fundamental exerçam sua veia literária por meio do gênero conhecido como microconto."

23. (COPEVE – UFAL – Assistente de Administração – 2011) As expressões em negrito classificam-se, respectivamente, como:
a) sujeito – adjunto adverbial – complemento nominal;
b) aposto – objeto direto – complemento nominal;
c) núcleo do sujeito – adjunto adnominal – objeto indireto;
d) aposto – objeto direto – agente da passiva;
e) sujeito – adjunto adverbial – agente da passiva.

24. FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011 *Partidos são fundamentais para a consolidação* **da democracia** *e o permanente desenvolvimento* **da cidadania** *e devem existir – de verdade – em bases cotidianas.*

Os termos sublinhados no período acima classificam-se, respectivamente, como:
a) adjunto adnominal e adjunto adnominal;
b) complemento nominal e complemento nominal;
c) adjunto adnominal e complemento nominal;
d) complemento nominal e adjunto adnominal;

e) objeto indireto e objeto indireto.

25. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) O fragmento frasal ***de que ações militares somente iriam retardar*** (*... repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar*) é ..... do substantivo ***preocupações.***

Assinale a alternativa que preenche corretamente a lacuna do texto acima.

a) complemento verbal.
b) complemento nominal oracional.
c) adjunto verbal.
d) adjunto nominal.
e) complemento prepositivo-verbal.

26. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) Os mais fortes empreendiam a conquista colonial, legitimavam a conquista colonial, atribuindo à conquista colonial o mérito de uma transformação civilizadora que tornava a conquista colonial uma espécie de benemerência.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) legitimavam-na – atribuindo-lhe – a tornava;
b) a legitimavam – atribuindo-na – tornava-lhe;
c) legitimavam-na – lhe atribuindo – lhe tornava;
d) legitimavam-lhe – a atribuindo – a tornava;
e) legitimavam-a – lhe atribuindo – tornava-a.

27. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Nosso espírito logo se define, logo se agregam ao nosso espírito as marcas que distinguirão nosso espírito para sempre, já que nunca faltarão ao nosso espírito os impulsos determinantes da natureza.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, respectivamente, por:

a) agregam-no – lhe distinguirão – lhe faltarão;
b) agregam-lhe – lhe distinguirão – faltar-lhe-ão;
c) agregam a ele – lhe distinguirão – lhe faltarão;
d) o agregam – o distinguirão – o faltarão;
e) lhe agregam – o distinguirão – lhe faltarão.

28. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Em 11 de setembro ocorreu a tragédia que marcou o início deste século, e o mundo acompanhou essa tragédia pela TV. A princípio, ninguém atribuiu a essa tragédia a dimensão que ela acabou ganhando, muitos chegaram a tomar essa tragédia como um grave acidente aéreo.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) acompanhou-a – a atribuiu – lhe tomar;
b) acompanhou-a – lhe atribuiu – tomá-la;
c) lhe acompanhou – lhe atribuiu – tomar-lhe;
d) acompanhou-a – a atribuiu – tomá-la;
e) lhe acompanhou – atribuiu-lhe – a tomar.

29. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) A frase em que o complemento verbal destacado NÃO admite a sua substituição pelo pronome pessoal oblíquo átono lhe é:

a) Após o acordo, o diretor pagou **aos funcionários** o salário.
b) Ele continuava desolado, pois não assistiu **ao debate**.
c) Alguém informará o valor **ao vencedor** do prêmio.
d) Entregou o parecer **ao gerente** para que fosse reavaliado.
e) Contaria a verdade **ao rapaz**, se pudesse.

30. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) Observe as palavras "se" no trecho "se não se cuidar botam numa jaula: um animal estranho." (L. 16-17)

Afirma-se corretamente que ambas apresentam, respectivamente, as mesmas funções das palavras destacadas em:

a) Tire um tempo livre **se** quiser **se** tratar.
b) Ele **se** considera sabido **se** acerta todas as questões.
c) O consumidor virá queixar-**se**, **se** você não devolver o produto.
d) Formaram-**se** diversos grupos para debater **se** é o melhor momento.
e) **Se** ele desconhecia **se** ia adotar uma nova política, por que tocou no assunto?

31. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) Os trechos "Por sentenças, por decretos" (Por sentenças, por decretos, pareceríeis divinos) e "Por fictícia autoridade, vãs razões, falsos motivos" (Por fictícia autoridade, vãs razões, falsos motivos, inutilmente matastes) exercem função adverbial nas orações a que pertencem e ambos denotam o meio empregado na ação representada pelo verbo a que se referem.

( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (FUNCAB – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) A alternativa em que o termo destacado tem a função de adjunto adnominal e não a de predicativo do sujeito é:

a) "(...) ela estava muito mais VIVA(...)"
b) "(...) um peixe SOZINHO num tanque era algo muito solitário. (...)"
c) "(...) a mãe era BOA para dar ideias. (...)"
d) "(...) Mas ele estava SOZINHO. (...)"
e) "(...) Só então notou como estava CANSADO."

33. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ... ***frase com a menção de que são <u>essenciais à busca da felicidade</u>.***

A relação de regência exemplificada acima NÃO ocorre APENAS em:

a) *a observância da felicidade coletiva;*
b) *acesso aos básicos serviços públicos;*
c) *crença na contínua evolução da sociedade;*
d) *a pretensão legítima ao seu atendimento;*
e) dos valores de cada pessoa.

34. (CONSULPLAN – Pref. Barra Velha/SC – Professor de Português – 2012) "Durante a festa, estimulei a criatividade <u>de meus alunos</u> por entender que a juventude tem necessidade <u>de</u>

diversão." Analise o texto e indique a alternativa que identifica a sequência correta da classificação dos termos sublinhados.

a) adjunto adverbial / complemento nominal.
b) complemento nominal / adjunto adnominal.
c) adjunto adnominal / complemento nominal.
d) adjunto adnominal / adjunto adverbial.
e) adjunto adnominal / adjunto adnominal.

35. (CONSULPLAN – Pref. Barra Velha/SC – Professor de Português – 2012) Analise a função dos termos sublinhados e relacione corretamente as colunas a seguir.

1. Objeto direto.
2. Agente da passiva.
3. Objeto indireto.
4. Adjunto adverbial.

( ) A oração foi por mim proferida em São Paulo.
( ) No mês passado estive alguns dias em Belo Horizonte.
( ) Não quero que fiques triste.
( ) A campanha visa doar agasalhos aos pobres.

A sequência está correta em:

a) 4, 2, 3, 1;
b) 2, 4, 3, 1;
c) 2, 4, 1, 3;
d) 4, 3, 2, 1;
e) 4, 3, 1, 2.

(...) Tratava-se então de uma biblioteca imaginária, cujos livros talvez nunca tivessem existido? Persistiam, contudo, numerosas fontes clássicas que descreviam o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos. E eis a solução do enigma. (...)

36. (Cespe/UnB – STJ – Todos os Cargos (nível médio) – 2012) A partícula "se", em "Tratava-se" e em "se encontravam", classifica-se como pronome reflexivo e retoma, respectivamente, "uma biblioteca imaginária" e "centenas de milhares de rolos".

( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (FUNDEP – Pref. BH/MG – Administrador – 2012) "O símbolo do movimento é Titã, o cãozinho enterrado vivo pelo dono [...]"

O trecho sublinhado nessa frase pode ser ***corretamente*** classificado como:

a) aposto;
b) objeto direto;
c) objeto indireto;
d) predicativo.

38. (FUNDEP – GASMIG – Técnico em Administração – 2012) Leia a seguinte frase transcrita do texto.

"[...] e o organismo máximo que as coordena, a Organização das Nações Unidas (ONU), é controlado pelos cinco países [...]".

Considerando os termos sintáticos sublinhados nesse trecho da frase, é *CORRETO* afirmar que exercem, *respectivamente*, a função de:

a) objeto direto, sujeito e adjunto adverbial;
b) objeto direto, aposto e agente da passiva;
c) sujeito, adjunto adverbial e agente da passiva;
d) aposto, objeto direto e adjunto adverbial.

39. (FBC – Câmara Itaboraí/RJ – Agente Administrativo – 2012) Dentre os valores semânticos assumidos pelas circunstâncias num enunciado cita-se o de instrumento, o qual está expresso numa das alternativas abaixo. Selecione-a.

a) As tulipas vieram da Holanda.
b) Meus ganhos vieram do meu próprio esforço.
c) O aluno veio de ônibus para fazer a prova.
d) O candidato redigiu o artigo todo a lápis.
e) O pregador falou da fraternidade entre os homens.

Gabarito

1. A.	11. A.	21. CERTO.	31. ERRADO.
2. B.	12. E.	22. A.	32. B.
3. CORRETA.	13. INCORRETA.	23. D.	33. E.
4. D.	14. INCORRETA.	24. B.	34. C.
5. B.	15. C.	25. B.	35. C.
6. D.	16. A.	26. A.	36. ERRADO.
7. II.	17. CERTO.	27. E.	37. A.
8. B.	18. D.	28. B.	38. B.
9. B.	19. ERRADO.	29. B.	39. D.
10. C.	20. ERRADO.	30. A.	

Capítulo 22

Orações Coordenadas

Conceito de Coordenação

Até agora, analisamos o período simples, em que se estuda apenas a **relação entre as palavras** dentro de uma só oração.

A análise desta vez é *macro*, pois olhamos aqui para a **relação entre as** orações**.** A partir de agora irei falar sobre as famigeradas orações (coordenadas, subordinadas – justapostas, desenvolvidas e reduzidas – e interferentes). Este tipo de estudo faz parte da análise sintática de uma sentença constituída por mais de uma oração e a relação entre elas.

Vamos começar pelo conceito de coordenação, ok? Acompanhe!

A **coordenação** trata da relação de **independência** entre termos e orações. Fique tranquilo, pois explicarei com bastante cautela este assunto. Fique sabendo que, para os concursos, o que importa de verdade é a coordenação entre as **orações**. Mas vou falar agora brevemente sobre a coordenação entre os termos.

Lembra-se de todos os termos sintáticos que a gente já viu até agora? Sujeito, predicativo, objeto, complemento, adjunto, aposto etc. Então... quando esses termos (ou seus núcleos) vêm enumerados, seja separados por vírgula, seja ligados por alguma conjunção, dizemos são coordenados. Exemplo: "Maria, João e José disputarão cabo de guerra com Marta, Pedro e Paulo.". Note que os termos sublinhados estão coordenados, um ao lado do outro, seja separados por vírgula, seja ligados por uma conjunção (no caso, *e*). O mesmo se dá com as orações.

Por isso, vamos ao que interessa... a coordenação entre as orações.

Quando você lê uma frase com duas orações (período composto), é certo que elas mantêm algum tipo de relação. No caso da coordenação, percebemos que as

orações estão simplesmente **uma ao lado da outra** (co ordenadas), com uma **estrutura sintática completa**, de modo que **uma oração não depende da outra**. Falar que uma oração tem estrutura sintática completa significa dizer que ela tem **sujeito** (explícito ou implícito) + **predicado** (explícito ou implícito). Nas orações sem sujeito, só vai haver predicado, é claro. Veja:

Os alunos se encontram muito ansiosos; já as alunas estão tranquilas.

Note que a primeira oração (*Os alunos se encontram muito ansiosos*) tem sujeito e predicado, logo está completa. Perceba também que seria até possível colocar um ponto (.) no fim dela para visualizarmos que ela, de fato, está completa. O mesmo ocorre com a segunda oração (*já as alunas estão tranquilas*). Concluindo: uma oração não depende da outra, porque cada uma tem sua estrutura completa, uma não precisa da outra sintaticamente.

É por isso que se diz que o *período composto por coordenação* apresenta **orações sintaticamente independentes**, isto é, existe uma oração ao lado da outra, mas uma não depende da outra nem exerce função sintática na outra.

Tenho mais a dizer. Vou apresentar mais argumentos para ajudar seu cérebro.

É o seguinte: as orações coordenadas podem ser separadas por **vírgula, ponto e vírgula** (exemplo já visto), **dois-pontos** ou **travessão**. Veja:

Os alunos se encontram muito ansiosos, já as alunas estão tranquilas.
Os alunos estão se esforçando muito: com certeza serão classificados.
Tirei a ansiedade de um só aluno – não fui bem-sucedido com os outros.

Obs.: As orações coordenadas não podem ser separadas por ponto (.). No entanto, se tais orações fossem separadas por ponto (***Os alunos se encontram muito ansiosos. Já as alunas estão tranquilas.***), teríamos orações absolutas (ou períodos simples). O uso do ponto (.) é apenas um recurso para entendermos como elas são, de fato, sintaticamente independentes, por isso as chamamos de orações **coordenadas**..

Percebeu que as orações separadas por pontuação se encontram c-o-o-r-d-e-n-a-d-a-s, isto é, independentes sintaticamente? Por um motivo muito simples: uma não depende da outra, pois elas têm estrutura sintática completa.

Insisto em que as orações são sin-ta-ti-ca-men-te independentes. Por que insisto? Simples. Muitos professores dizem que as orações coordenadas são também se-man-ti-ca-men-te independentes. Isso é mentira, pois em um período como "Os alunos estão se esforçando muito: *com certeza serão classificados*", a segunda oração depende semanticamente da primeira, pois só sabemos quem será classificado porque na primeira oração há essa informação, a saber: os alunos.

Portanto, a coordenação é uma independência **sintática**, em que uma oração não depende da outra para estar completa (sintaticamente).

Orações Coordenadas Assindéticas e Sindéticas

Falarei agora de dois tipos de orações coordenadas: as **assindéticas** e as **sindéticas**. Não há mistério algum nisso, beleza?

As **assindéticas** são justapostas (ou seja, postas uma ao lado da outra), não iniciadas por síndeto (= conjunção)! Adivinha quais são as **sindéticas**? Ora, são as iniciadas por síndeto (conjunção).

Vejamos as **assindéticas** e as **sindéticas**:

"**Sou um gigolô das palavras, vivo às suas custas e tenho com elas exemplar conduta de um cáften profissional; abuso delas... maltrato-as, sem dúvida, e jamais me deixo dominar por elas; não me meto na sua vida particular, não me interessa seu passado, suas origens, sua família...**" (Luís Fernando Veríssimo)

Percebeu que nenhuma assindética (em azul) é iniciada por conjunção coordenativa? O contrário não é verdadeiro, ou seja, as sindéticas (em preto) são SEMPRE iniciadas por conjunção coordenativa (no caso, a conjunção *e*).

É bom dizer também que as orações assindéticas normalmente mantêm uma relação semântica entre si, por isso é que muitas vezes as conjunções são usadas para explicitar o sentido que há entre as orações coordenadas assindéticas. Por exemplo, em "Todos estavam muito atrasados, não deram a mínima para isso.", as orações assindéticas mantêm uma relação de oposição. É por isso que podemos explicitar esta relação semântica por meio de um síndeto, uma conjunção, tornando a

segunda oração sindética: "Todos estavam muito atrasados, *porém* não deram a mínima para isso.".

Vamos ver mais sistematicamente as orações coordenadas sindéticas agora.

Dica de amigo do peito: Procure decorar as conjunções coordenativas, que você já vai ter mais do que meio caminho andado na hora de resolver essas questões. Quando eu, Pestana, quero resolver uma questão de orações coordenadas, vou em busca das conjunções coordenativas, pois elas sinalizam o valor semântico e a relação sintática de coordenação. Saiba também que, atualmente, os concursos mais sofisticados estão menos preocupados com a nomenclatura das orações e mais preocupados com a relação entre as orações (seja de coordenação, seja de subordinação).

Orações Coordenadas Sindéticas Aditivas

Exprimindo ideia de soma, adição, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas aditivas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *Dezenove sem-terra morreram no local,* ***e dois, a caminho do hospital****.*

– *Eu não tinha estes olhos sem brilho* ***nem tinha pensamentos amargos****.*

– *Tanto leciona* ***quanto advoga****.*

– *Não só os parentes das vítimas ficaram chocados com o massacre,* ***como o povo externou sua fúria contra os culpados pela chacina****.*

Cuidado!!!

1) Na primeira frase, a segunda vírgula indica a elipse do verbo. A leitura deve ser feita assim: *Dezenove sem-terra morreram no local,* ***e dois morreram a caminho do hospital****.* Ou seja, há uma oração, mas ela está implícita. Isso pode ocorrer com as demais orações (coordenadas ou subordinadas). Fique atento a isso, pois, se o "homem da banca" perguntar quantas orações há num período, você precisa estar *ligado* na elipse do verbo que a constitui. A FGV *se amarra* nisso!

2) Nas orações com **conjunções correlativas** (chamadas também de **séries aditivas enfáticas**, que costumam ser usadas quando se pretende enfatizar o conteúdo da segunda oração), só a segunda parte da correlação constitui **oração coordenada sindética aditiva**.

3) Pode ocorrer coordenação entre orações que se subordinam à mesma oração principal. Chamamos isso de período misto. Falo melhor sobre isso mais à frente, porém, para ilustrar, veja o seguinte exemplo: "Lamento que não tenha passado no concurso **e** que não tenha conseguido alcançar seu propósito.". As orações "que não tenha passado no concurso" e "que não tenha conseguido alcançar seu propósito" são orações subordinadas em relação à oração principal "Lamento". Não obstante, são coordenadas entre si, pois estão ligadas pela conjunção coordenativa aditiva *e*. Nesses casos, pode-se manter apenas a primeira conjunção integrante (Lamento que não tenha passado no concurso **e** não tenha conseguido alcançar seu propósito.). O mesmo vale para ligar orações subordinadas introduzidas por pronomes relativos: "O concurso que fiz **e** que obtive ótimo resultado foi bem difícil." ou "O concurso que fiz **e** obtive ótimo resultado foi bem difícil.".

4) Às vezes o advérbio de inclusão (ou acréscimo) *também* vem ao lado da conjunção *e*, enfatizando a ideia de adição: "Ele estuda, *e também* ela não deixa por menos.".

Orações Coordenadas Sindéticas Adversativas

Exprimindo ideia de adversidade, oposição, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas adversativas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *Os economistas estão empolgados com o cenário atual,* ***mas isso durará pouco****.*

– *A polícia invadiu a comunidade;* ***o tiroteio, porém, continuava****.*

– *O conhecimento enfuna,* ***todavia é uma necessidade****.*

– *O homem enriqueceu muito;* ***continuou a defender as classes mais desfavorecidas, não obstante****.*

Cuidado!!!

1) Exceto *mas*, todas as conjunções adversativas podem ficar deslocadas na oração coordenada sindética adversativa.

2) Às vezes, a combinação de *mas* com outras conjunções adversativas servem para realçar o valor de adversidade: *Sabe-se muito pouco sobre Deus,* ***mas, entretanto, muito se fala sobre ele****.*

3) Segundo Sacconi e Cegalla, as orações coordenadas sindéticas iniciadas por *e* com valor adversativo (= *mas*) são classificadas como **adversativas**: *Você prega lealdade,* ***e (= mas) age de modo desleal****?*

Orações Coordenadas Sindéticas Alternativas

Exprimindo ideia de alternância, exclusão, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas alternativas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– ***A mulher ora o agradava, ora o ofendia****.*

– ***Quer chovesse, quer fizesse sol****, tinha de sair.*

– ***Ou o prefeito da cidade executa o projeto anunciado, ou os cidadãos do município não mais lhe darão crédito****.*

– *Você vai* ***ou não****?*

Obs.: Note que, nas três primeiras frases, ambas as orações em negrito são coordenadas sindéticas alternativas, pois apresentam síndeto. Na última frase, note que o verbo está elíptico, mas há oração; lê-se assim: *Você vai ou* ***não vai****?* Por último, observe que, na segunda frase, as orações coordenadas exprimem uma ideia de concessão em relação à última.

Orações Coordenadas Sindéticas Conclusivas

Exprimindo ideia de conclusão, consequência, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas conclusivas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *O povo não consegue alimentar-se bem;* ***é um fato, pois, a necessidade de empregos***.
– *Vocês são especiais em minha vida,* ***por isso não vivo sem vocês***.
– *Ele estuda todo dia,* ***logo resolverá facilmente as questões***.
– *Não me sinto preparado ainda,* ***prestarei concurso só no próximo ano, portanto***.

Obs.: Algumas conjunções conclusivas podem ficar deslocadas dentro das orações coordenadas sindéticas conclusivas. Nesse caso, serão separadas por vírgula.

Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas

Exprimindo ideia de explicação, justificativa, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas explicativas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *A necessidade de empregos é um fato,* ***pois o índice aumenta a cada dia***.
– *A criança devia estar doente,* ***porquanto chorava muito***.
– *Amai,* ***porque amor é tudo***. – *Quisera saber bem o Português,* ***que eu iria passar em todas as provas***.

Obs.: Se vier um verbo no imperativo (ou com valor optativo) antes de uma dessas conjunções, como nos dois últimos exemplos, tenha certeza de que a oração iniciada por uma dessas conjunções será coordenada sindética explicativa, sempre!

Paralelismo Sintático

O **paralelismo sintático** é um conceito que trata de um **encadeamento ou de uma repetição de estruturas sintáticas semelhantes** (termos ou orações), em uma sequência ou enumeração. Tal conceito está diretamente ligado ao conceito de coordenação.

Termos coordenados entre si são aqueles que desempenham a mesma função sintática dentro do período. Orações coordenadas são aquelas sintaticamente

semelhantes e independentes uma da outra. Normalmente há conectivos ligando tais termos ou orações. E não sou eu que o digo.

Segundo o gramático Manoel Pinto Ribeiro (MPR), neste processo de encadeamento de termos ou orações, há elementos gramaticais, principalmente conectivos coordenativos, que são utilizados com frequência. Assim:

1. Conjunção coordenativa **e**: Parece *que vai chover* **e** *que a cidade ficará inundada.*
2. Conjunções correlativas aditivas (*não só/apenas/somente... mas/como também; tanto... quanto/como*): *O trabalho* **não só** *ficou incompleto,* **mas também** *apresenta alguns senões gramaticais. /* **Tanto** *o professor* **como** *o aluno precisam estudar muito.*
3. Conjunção coordenativa aditiva **nem**: Não gosto *de brincadeira* **nem** *de chacota.*
4. Expressões **isto é, ou seja, a saber**: Todos deviam *espiritualizar-se,* **isto é**, *seguir um preceito religioso.*
5. **Ou... ou**: Ele **ou** *estuda* **ou** *será reprovado.*

Veja os exemplos de **termos coordenados** (em paralelismo sintático):

João, Maria e José são personagens bíblicos. (núcleos do sujeito coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Os nomes deles são *João, Maria e José.* (predicativos do sujeito coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Conheci *João, Maria e José.* (objetos diretos coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Considero essas pessoas *sábias, importantes e santas.* (predicativos do objeto coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Isso interessa *a João, a Maria e a José.* (objetos indiretos coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Tenho medo *de escuro, de altura e de cobra.* (complementos nominais coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Foi preso *pela polícia federal, pela polícia civil e pela polícia militar.* (agentes da passiva coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Ele era um homem *forte, destemido, leal.* (adjuntos adnominais coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
A loja funciona *da segunda à sexta.* (adjuntos adverbiais coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Xuxa, *a rainha dos baixinhos, uma das mulheres mais famosas do Brasil*, é muito amada. (apostos coordenados; termos sintaticamente semelhantes).
Luís, Pedro e Hugo, por favor, a comida está na mesa! (vocativos coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Veja agora os exemplos de **orações coordenadas** (em paralelismo sintático):

Os alunos se encontram muito ansiosos, já as alunas estão tranquilas.
Os alunos estão ansiosos e as alunas estão tranquilas.
Os alunos não se classificaram, mas as alunas conseguiram.
Os alunos se classificaram, porque estudaram muito.
Ora os alunos se classificam, ora eles ficam reprovados.
Estudei muito, logo consegui me classificar.

É interessante dizer que **pode haver orações subordinadas que são coordenadas entre si**, ou seja, correlação entre orações subordinadas (não iniciadas por conjunções coordenativas). Veja os exemplos de paralelismo sintático nessas condições:

Eu acho **não só** *que eles vão conseguir passar*, **mas também** *que serão muito bem-sucedidos.* (orações subordinadas substantivas objetivas diretas coordenadas)

Conheci um homem *que estudava das sete ao meio-dia*, *que trabalhava das duas da tarde até as nove da noite* e *que depois ainda tinha de limpar a casa e fazer seu jantar.* (orações subordinadas adjetivas restritivas coordenadas)

Cuidado, porém, com certas construções que aparentemente apresentam paralelismo sintático! Ainda com o gramático M. P. Ribeiro e com alguns acréscimos meus:

"Na frase "Não fui trabalhar *em virtude de estar chovendo* e *porque estava gripado.*", observamos que as orações subordinadas adverbiais causais apresentam estrutura **diferente**: a primeira tem o verbo no infinitivo e vem introduzida por uma locução prepositiva ('*em virtude de estar chovendo*'; oração reduzida de infinitivo), ao passo que a segunda é desenvolvida ('*estava*'; verbo conjugado normalmente) e está introduzida por conectivo (conjunção subordinativa causal 'porque')."

Apesar de as orações subordinadas adverbais causais estarem coordenadas, tal construção sintática não respeita plenamente o paralelismo sintático, que, como reza Othon M. Garcia, "a ideias similares deve corresponder forma verbal similar". Portanto, o ideal é dar forma verbal similar; assim: "Não fui trabalhar *em virtude de* ***estar*** *chovendo* e ***estar*** *gripado.",* ou "Não fui trabalhar *porque* ***estava chovendo*** e *porque* ***estava*** *gripado.",* ou "Não fui trabalhar *não apenas por* ***estar*** *chovendo,* mas também *por* ***estar*** *gripado.".*

Obs.: Dê uma olhada no capítulo de *Orações Subordinadas* para entender melhor esse mecanismo. Faça isso quantas vezes forem necessárias até pegar a *manha.*

Ficou claro? Bem, agora vamos a um exemplo prático:

6. (FUNRIO – MPOG – Analista Administrativo – 2009) Quaisquer elementos da frase, quando coordenados entre si, devem apresentar estrutura gramatical similar – a isso se chama paralelismo sintático. Esse princípio está respeitado na seguinte alternativa:

A) Os empregados daquela firma planejam nova manifestação pública e interditar o acesso pelo viaduto principal da cidade.

B) Mande-me tudo que conseguir sobre as manobras de minha tia e se meu tio encontrou os documentos que procurava.

C) Durante a reunião, os debates não só foram proveitosos como também apontaram para soluções interessantes.
D) O tumulto começava na esquina de minha rua e que era perto dos gabinetes do ministro e do secretário.
E) Tenho o hábito de sempre carregar meus óculos escuros, por precaução e porque nunca se sabe se vai abrir o sol.

Comentário: O gabarito é C, pois há uma estrutura de coordenação com correlação de conjunções aditivas (não só... como também), estabelecendo estruturas semelhantes.

Palavra final: Cespe/UnB, FCC, IADES, FUNIVERSA, PUC/PR, FUNRIO e Cesgranrio são as principais bancas que trabalham esse conceito sintático – principalmente as duas primeiras. Vale ressaltar que só em cargos muito difíceis, de nível superior, é claro, caem questões sobre paralelismo. Para o cargo de Diplomata (Cespe/UnB), você precisa saber isso!

Existe também o **paralelismo semântico**, de que pouco se fala... Segundo o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*, veja a lição:

"Atentemos, ainda, para o problema inverso, o *falso paralelismo*, que ocorre ao se dar forma *paralela* (equivalente) a idéias de hierarquia diferente ou, ainda, ao se apresentar, de forma paralela, estruturas sintáticas distintas:

Errado: O Presidente visitou Paris, Bonn, Roma *e* o Papa.

Nesta frase, colocou-se em um mesmo nível cidades (*Paris, Bonn, Roma*) e uma pessoa (*o Papa*). Uma possibilidade de correção é transformá-la em duas frases simples, com o cuidado de não repetir o verbo da primeira (*visitar*):

Certo: O Presidente visitou Paris, Bonn e Roma. *Nesta última capital, encontrou-se com o Papa.*

Errado: O projeto tem mais de cem páginas e *muita complexidade.*

Aqui, repete-se a equivalência gramatical indevida: estão em coordenação, no mesmo nível sintático, o número de páginas do projeto (um dado objetivo, quantificável) e uma avaliação sobre ele (subjetiva). Pode-se reescrever a frase de duas formas: ou faz-se nova oração com o acréscimo do verbo *ser*, rompendo, assim, o desajeitado paralelo:

Certo: O projeto tem mais de cem páginas e é muito complexo.

Ou se dá forma paralela harmoniosa transformando a primeira oração também em uma avaliação subjetiva:

Certo: O projeto é muito extenso e complexo."

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo o que se viu pode cair na prova. No entanto, hoje em dia, são muito trabalhadas as relações semânticas de coordenação, por, isso dê atenção a elas! Reitero: saber conjunção é mais do que primordial, por isso, a essa altura do campeonato, já era para você ter decorado! Conhecê-las irá facilitar muito sua vida quando tiver de fazer uma questão sobre orações. Vá por mim!

Questões de Concursos

(...) Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, só se aprende e se vivencia, de forma plena, coletivamente, em troca contínua de experiências com os outros. (...)

1. (Cespe/UnB – TRE/AL – Analista Judiciário – 2004) No segundo período do texto (acima), a relação entre as orações dá-se por coordenação.

( ) CERTO
( ) ERRADO

2. (Cespe/UnB – SEAD/PA – Procurador – 2005) Assinale a opção incorreta a respeito das relações sintáticas e semânticas.

b) As expressões "a política" e "as questões sociais" (tanto a política quanto as questões sociais devem ser...) estão em uma relação aditiva.

d) Na linha 10, apesar de iniciado pela conjunção de valor adversativo "Porém" (Não nego que o indivíduo tenha importância no processo histórico. Porém, o indivíduo conta onde a coletividade não conta), o período sintático representa uma causa para as ideias do período anterior.

e) Seriam preservadas as relações argumentativas do texto se a oração coordenada assindética iniciada por "não" (A tarefa é tornar o jogo verdadeiramente democrático, *não* mera legitimação da impetuosidade arrivista de líderes mais preocupados com o sucesso pessoal que com as causas sociais) fosse transformada em uma aditiva, substituindo-se a vírgula que a precede pela conjunção **e**.

(...) Na década de 90, essas facilidades acabaram e a classe média passou a ter mais gastos. É como se ela tivesse viajado sempre de executiva e agora tivesse de andar de econômica. (...)

3. (Esaf – ANEEL – Técnico Administrativo – 2006) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

I. As duas orações coordenadas que seguem a expressão "Na década de 90", expressam, semanticamente, uma relação que também pode ser escrita em apenas uma oração: com o fim dessas facilidades, a classe média passou a ter mais gastos.

II. A conjunção "e" (no segundo período) coordena duas orações que, semanticamente, expressam um contraste; por isso equivale a *mas*.

4. (CONSULPLAN – Administrador – 2006) A alternativa em que a oração assinalada expressa adição é:

a) "... os ramos industriais em ascensão são aqueles ***que empregam intensivamente tecnologia...***"

b) "... posição de destaque entre as indústrias brasileiras***, e são responsáveis por mais da metade do consumo energético industrial.***

c) "***Contudo, elaborou um novo modelo para o setor elétrico*** destinado a atrair investidores..."

d) "Coerente com os objetivos ***que levaram à sua criação***, a Eletrobras passou décadas vendendo energia ao setor industrial."

e) "... ajudam a entender o elevado consumo energético do setor ***enquanto nos países desenvolvidos os ramos industriais em ascensão*** são aqueles..."

5. (AOCP – Pref. de Catu/BA – Mecânico de Veículos – 2007) Leia a seguinte sentença: *Joana tomou um sonífero e não dormiu*. Assinale a alternativa que classifica corretamente a segunda oração.

a) Oração coordenada assindética aditiva.
b) Oração coordenada sindética aditiva.
c) Oração coordenada sindética adversativa.
d) Oração coordenada sindética explicativa.
e) Oração coordenada sindética alternativa.

6. (AOCP – Pref. de Catu/BA – Bibliotecário – 2007) Leia a seguinte sentença: *Não precisaremos voltar ao médico nem fazer exames*. Assinale a alternativa que classifica corretamente as duas orações.

a) Oração coordenada assindética e oração coordenada adversativa.
b) Oração principal e oração coordenada sindética aditiva.
c) Oração coordenada assindética e oração coordenada aditiva.
d) Oração principal e oração subordinada adverbial consecutiva.
e) Oração coordenada assindética e oração coordenada adverbial consecutiva.

7. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2008) É exemplo de paralelismo sintático o estilo de construção do trecho "*você e eu, de um e outro lado das palavras. Eu dou as vozes, você dá a escritura*".

( ) CERTO
( ) ERRADO

8. (FCC – TRT/GO (18ª R) – Técnico Judiciário – 2008) (Adaptada) *Assim, a procura de alimentos de origem animal cresceu naqueles países e criou um desafio para os produtores e também para os plantadores de soja e de cereais usados na fabricação de rações.*

A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Trata-se de um período composto por ter três orações coordenadas entre si.

9. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa em que o período é composto por coordenação assindética:

a) Dormi tarde, mas acordei muito cedo.
b) Dormiu pouco, estava, pois, cansado.
c) O rapaz trouxe a encomenda e já foi embora.
d) O ônibus chegou, despedimo-nos.

10. (FUNDATEC – DETRAN/RS – Técnico de nível superior – 2009) Na linha 04 (... cuidar do asfalto e instalar placas...), o elemento coesivo **e** tem a função de unir:

a) termos de mesmo valor sintático;
b) orações coordenadas;
c) orações subordinadas;
d) termos de mesmo sentido;
e) expressões semanticamente semelhantes.

11. (Instituto Cidades – UNIFESP – Analista DE TI – 2009) "*Voa, coração,* **que ele não deve demorar**", a oração destacada é corretamente classificada como:

a) coordenada concessiva;
b) subordinada adverbial temporal;
c) coordenada explicativa;
d) subordinada substantiva objetiva direta.

12. (AOCP – CIASC – Analista de Sistemas – 2009) Assinale a alternativa correta. Em "Porém, não podemos festejar a situação presente, pois para o progresso futuro precisamos ser obstinadamente inconformistas.", temos, respectivamente:

a) uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração subordinada adverbial causal;
b) uma oração subordinada adverbial causal e uma oração coordenada sindética explicativa;
c) uma oração coordenada sindética adversativa e uma oração coordenada sindética explicativa;
d) uma oração subordinada adverbial concessiva e uma oração subordinada adverbial causal;
e) uma oração coordenada sindética conclusiva e uma oração subordinada adverbial causal.

13. (FAB – EAGS – Sargento – 2009) Em qual alternativa a oração destacada é coordenada conclusiva?

a) Roberto Carlos não só canta **mas também compõe**.
b) Cumprimente-o, **pois hoje é seu aniversário**.
c) O candidato estava preparado, **entretanto não obteve classificação no concurso**.
d) Não tinha mais nenhuma chance com o ex-namorado, **portanto desistiu de procurá-lo**.

14. (FEPESE – SEFAZ/SC – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"A lealdade conjugal é uma qualidade admirável, além de algo rara. Mas, em um caso, ao menos, ela quase pôs a perder aquela que se tornaria a ideia mais influente do pensamento científico nos dois últimos séculos: a teoria da evolução formulada por Charles Darwin."

– A frase "Mas, em um caso, ao menos, ela quase pôs a perder aquela." é uma oração coordenada sindética adversativa, na qual o conectivo mas estabelece uma relação de oposição com a ideia expressa na oração anterior.

15. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Vê-se, pois, que o plano ético permeia todas as ações humanas.

– O período estrutura-se por coordenação, sendo a segunda oração coordenada sindética conclusiva introduzida pela conjunção *pois*.

16. (Cespe/UnB – TRT/RN (21ª R) – TÉCNICO Judiciário – 2010) A oração "que pagam impostos quando consomem" (... sabem que pagam impostos quando consomem) mantém relação de coordenação com a anterior.

( ) CERTO
( ) ERRADO

"Eles furtavam, brigavam nas ruas, xingavam nomes, derrubavam negrinhas no areal, por vezes feriam com navalhas ou punhal homens e polícias. **Mas**, **no entanto**, eram bons, uns eram amigos dos outros."

17. (FUNRIO – SEBRAE/PA – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A combinação de MAS e NO ENTANTO tem valor expressivo de reforço da ideia adversativa.

"Quando Edward Said morreu, em setembro de 2003, após batalhar por uma década contra a leucemia, era provavelmente o intelectual mais conhecido do mundo. **Orientalismo,** seu controvertido relato da apropriação do Oriente pela literatura e pelo pensamento europeu moderno, gerou uma subdisciplina acadêmica por conta própria: um quarto de século após sua publicação, a obra continua a provocar irritação, veneração e imitação. Mesmo que seu autor não tivesse feito mais nada, restringindo-se a lecionar na Universidade Columbia, em Nova York – onde trabalhou de 1963 até sua morte –, ele ainda teria sido um dos acadêmicos mais influentes do final do século XX. Mas ele não viveu confinado. (...)"

***Mas** ele não viveu confinado.*

18. (FCC – TRF (4ª R) – Técnico Judiciário – 2010) A noção adversativa da palavra em destaque articula a frase acima ao segmento:

a) ... seu controvertido relato da apropriação do Oriente pela literatura ...
b) Quando Edward Said morreu, em setembro de 2003, [...] era provavelmente o intelectual mais conhecido do mundo.
c) ... teria sido um dos acadêmicos mais influentes do final do século XX.
d) ... a obra continua a provocar irritação, veneração e imitação.

e) Mesmo que seu autor não tivesse feito mais nada, restringindo-se a lecionar na Universidade de Columbia.

19. (Cesgranrio – BACEN – Analista – 2010) As duas orações enunciadas estão ligadas por conectivo adequado ao sentido expresso no texto em:

a) Acredito na existência de vida em outros planetas, **mas** tenho três adolescentes em casa.
b) Acredito na existência de vida em outros planetas, **pois** tenho três adolescentes em casa.
c) Acredito na existência de vida em outros planetas, **posto que** tenho três adolescentes em casa.
d) Acredito na existência de vida em outros planetas, **porém** tenho três adolescentes em casa.
e) Acredito na existência de vida em outros planetas, **não obstante** ter três adolescentes em casa.

(...) Não é possível que ele pregue a autonomia, sem ser autônomo; que fale de liberdade, sem experimentar a conquista da independência, que é o saber; que ele queira que seu aluno seja feliz, sem demonstrar afeto. (...)

20. (FUNIVERSA – GDF – Professor de Língua Portuguesa – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O período contém, na separação de orações subordinadas, dois sinais de ponto e vírgula – indicativos de pausa mediana, equivalentes a um ponto breve ou a uma vírgula alongada. Isso é possível, em virtude do paralelismo sintático existente: trata-se de orações de mesma natureza.

21. (FUNIVERSA – GDF – Professor de Língua Portuguesa – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O paralelismo sintático está presente na seguinte reescrita: falta o essencial – a emoção, que é própria do homem, o olhar atento do professor, ver o professor gesticular, falar, a interrupção do aluno...

22. (FAB – EEAR – Sargento – 2010) Observe:

I. A curta existência de Álvares de Azevedo, um legítimo representante do Mal do Século, não permitiu que houvesse uma edição de sua obra em vida.
II. A maior parte das histórias de Joaquim Manuel de Macedo é ambientada no Rio de Janeiro, e nelas os heróis e as heroínas enfrentam obstáculos para a realização amorosa.
III. Castro Alves, a voz mais importante da terceira geração romântica, não apenas defendeu os escravos, mas também escreveu versos expressivos.

Constituem períodos compostos por coordenação:

a) I, II e III;
b) I e II;
c) I e III;
d) II e III.

23. (AOCP – Colégio Pedro II – Assistente em Administração – 2010) Em "A quadrilha estava em dois carros e usava armas longas e fuzis.", há:

a) duas orações coordenadas, pois uma não depende sintaticamente da outra;
b) duas orações subordinadas, pois a segunda completa sintaticamente a primeira;
c) dois períodos simples, pois há dois verbos e duas orações independentes;
d) um período simples, independente, e uma oração coordenada, independente;
e) um período simples, independente, e uma oração subordinada, dependente.

Na Espanha, por exemplo, a recentíssima reforma do Código Penal – que atende diretivas da União Europeia sobre o tema – trouxe, no artigo 31 bis, não só a possibilidade de responsabilização penal da pessoa jurídica (por delitos que sejam cometidos no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização será aferida nos casos concretos (ela será aplicável [...], em função da inoperância de controles empresariais, sobre atividades desempenhadas pelas pessoas físicas que as dirigem ou que agem em seu nome).

24. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) A respeito do período acima, analise a afirmativa a seguir:

I. Há uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração coordenada sindética alternativa.

25. (FAB – EAGS – Sargento – 2011) Leia:

Você não estuda, nem me deixa estudar. Faça silêncio, que quero ouvir a explicação. Você quer que eu participe de suas brincadeiras durante as aulas, e nenhuma influência externa vai me atrapalhar.

Considerando os períodos compostos por coordenação, há no texto:

a) duas orações aditivas e uma oração explicativa;
b) uma oração aditiva, uma oração adversativa, uma oração alternativa;
c) uma oração aditiva, uma oração alternativa, uma oração conclusiva;
d) uma oração aditiva, uma oração explicativa, uma oração adversativa.

26. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Assinale a alternativa em que a relação expressa pela oração coordenada em destaque está correta.

a) A vida parou **ou foi o automóvel**? (adversidade)
b) Mude seu pensamento **e você mudará o mundo**. (alternância)
c) Nem sempre as esperanças se realizam, **contudo sempre as cultivo**. (conclusão)
d) Não só era inteligente, **mas também observava tudo com atenção**. (adição)

27. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Observe os períodos abaixo:

I. Venha logo, pois estou ansioso.
II. Ele é o homem da casa, logo deve assumir o papel de chefe da família.
III. Termine logo esse trabalho, pois quero ir embora para casa.
IV. Trabalhei muito, logo mereço aproveitar bastante minhas férias.

Assinale a alternativa **incorreta**.

a) Há, em I, uma oração coordenada sindética explicativa.
b) Há, em II, uma oração coordenada sindética conclusiva.

c) Há, em III, uma oração coordenada sindética conclusiva.
d) Há, em IV, uma oração coordenada sindética conclusiva.

28. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Relacione as colunas de acordo com o valor semântico das conjunções coordenativas e, em seguida, assinale a alternativa com a sequência correta.

( ) O político não agiu com lealdade; perdeu, pois, na disputa para a reeleição.
( ) Não solte balões, que pode causar incêndio.
( ) Choveu vários dias sem parar, por conseguinte houve enchente no sul.
( ) Ele foi eleito, não obstante suas loucuras não tinham o apoio da população.
(1) ideia de conclusão
(2) ideia de explicação
(3) ideia de adversidade

a) 2, 1, 1, 3.
b) 3, 2, 1, 1.
c) 1, 2, 1, 3.
d) 1, 1, 2, 3.

29. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Considerando-se a relação de sentido estabelecida entre as orações do período composto por coordenação, em qual alternativa não se pode utilizar a conjunção pois?

a) Invadiram meu quarto, **pois** as minhas roupas desapareceram.
b) Não conte seus segredos para essa mulher, **pois** ela não é uma pessoa confiável.
c) A festa foi planejada durante seis meses; não haverá, **pois**, surpresas desagradáveis.
d) A festa foi planejada durante seis meses, **pois** não haverá surpresas desagradáveis.

30. (CLICK – Pref. Canoinhas – Professor de Português – 2012) Assinale a alternativa que contém uma oração coordenada sindética aditiva:

a) Pedro não veio para aula porque estava doente.
b) Pedro não foi para a escola e nem para o trabalho.
c) Pedro está doente, logo não vai para a aula.
d) Pedro vai para a escola, ou para o trabalho.

31. (SOLER – Pref. Macaubal/SP – Assistente Administrativo de Trânsito – 2012) Em "No outro dia tomei o trem, ferrei no sono e acordei às dez horas na estação central" (Graciliano Ramos), temos:

a) período simples;
b) período composto por subordinação;
c) período composto por coordenação;
d) período composto por coordenação e subordinação.

32. (SOLER – IPREM – Agente Contábil Previdenciário – 2012) É uma oração coordenada assindética aquela expressa na alternativa:

a) "O homem de juízo aproveita, o tolo desaproveita a experiência própria."
b) Não emprestes, não disputes, não maldigas, e não terá do que arrepender-te.
c) A virtude é comunicável, porém o vício, contagioso.

d) As circunstâncias descobrem ou fazem as grandes personalidades.

33. (SOLER – IPREM – Agente Financeiro e RH Previdenciário – 2012) Encontramos um período composto por coordenação na alternativa:

a) Um de seus filhos é muito inteligente.
b) Ele veio visitar-me, mas não me encontrou.
c) Os policiais descobriram como foi feito o assalto da casa ao lado da delegacia.
d) Aqueles que se dedicam ao trabalho vencem na vida.

34. (SOLER – IPREM – Agente Financeiro e RH Previdenciário – 2012) Temos uma oração coordenada assindética em:

a) Em 1960 – no dia de meu aniversário – houve a inauguração da nova Capital.
b) Parece que vai chover, esfriar, gear.
c) É bem verdade que chegamos cedo.
d) Sabe-se que tudo vai bem.

Gabarito

1. CERTO.	10. B.	19. B.	28. C.
2. D.	11. C.	20. CORRETA.	29. D.
3. I- CORRETA. II-CORRETA.	12. C.	21. INCORRETA.	30. B.
4. B.	13. D.	22. D.	31. C.
5. C.	14. CORRETA.	23. A.	32. A.
6. C.	15. INCORRETA.	24. CORRETA.	33. B.
7. CERTO.	16. ERRADO.	25. D.	34. B.
8. INCORRETA.	17. CORRETA.	26. D.	
9. D.	18. E.	27. C.	

Capítulo 23

Orações Subordinadas

Conceito de Subordinação

A **subordinação** trata da relação de **dependência** entre termos e orações. Não obstante, fique sabendo que, para os concursos, o que importa de verdade é a subordinação entre as **orações**.

Vamos lá... Quando você lê uma frase com duas orações (período composto), é certo que elas mantêm algum tipo de relação. No caso da subordinação, percebemos que uma oração está "presa" à outra, porque uma delas (chamada de **subordinada)** completa a estrutura sintática da outra (chamada de **principal),** ou simplesmente depende da outra (da **principal**) para ampliar a sua estrutura.

Trocando em miúdos, a *oração subordinada* sempre mantém uma relação de dependência com a **oração principal**.

Os alunos estavam temerosos de que a prova viesse em um nível difícil.
Os alunos que mantêm constância nos estudos sentem-se confiantes.
Quando eles precisam de ajuda, o professor sempre busca ajudá-los.

As orações em azul são subordinadas. Vamos analisar uma por uma.

Note que a primeira (***de que a prova viesse em um nível difícil***) completa a estrutura sintática da oração principal (***Os alunos estavam temerosos***). Eu digo que completa, porque "quem está temeroso, está temeroso **de alguma coisa**". Percebe que o adjetivo *temeroso* exige um complemento? Então, o complemento dele vem em

forma de oração (***de que a prova viesse em um nível difícil***). Logo, a primeira oração em azul está "presa" à oração principal, porque completa sua estrutura sintática. Imagine... eu chego até você e digo: "Aí, os alunos estão temerosos." Você responde: "Ah, ok."? Claro que não! Você vai me perguntar: "Estão temerosos **de quê**, Pestana?" Aí eu respondo: "Ah, eles estão temerosos *de que a prova venha difícil*".

Percebe, então, que a oração principal **precisa** de um complemento? Por sua vez, a oração subordinada exerce função sintática de **complemento nominal** (um termo **integrante**, lembra-se?), completando a principal. Essa relação é de dependência, portanto... **subordinação**!

Analisando a segunda oração em azul, notamos que ela é **acessória**, ou seja, pode ser retirada do período sem prejuízo para a estrutura da outra (principal); certo? Vou apagá-la para você perceber quão acessória ela é:

Os alunos que mantêm constância nos estudos sentem-se confiantes.
Os alunos (...) sentem-se confiantes.

Notou que a oração em azul é **acessória**? "Hmmm... acessória... isso me lembra termos acessórios da oração... adjunto adnominal, adjunto adverbial... Ah! Entendi!".

A oração em azul exerce função de **adjunto adnominal**, pois está determinando um substantivo (alunos). Percebeu também que a oração principal não depende dela? Por outro lado... a **subordinada depende da principal**, pois ela é como um termo acessório, isto é, depende da existência da principal para ampliar sua estrutura.

A terceira oração também funciona sintaticamente como um termo **acessório**, mais especificamente como um **adjunto adverbial de tempo**. Note que também podemos colocar uma tarja e perceber que a oração principal não depende dela, mas sim o contrário:

	, o professor sempre busca assisti-los.

Logo, tendo em mente a análise das três orações, concluímos que existem orações subordinadas completando a principal (a primeira, em azul) e existem orações subordinadas **acessórias**, ampliando/determinando a principal (a segunda e a terceira, em azul).

Resumindo: existem três tipos de orações subordinadas: as **substantivas**, as **adjetivas** e as **adverbiais**. Vejamos todas, respectivamente, a partir de agora.

Orações Subordinadas Substantivas

As **orações subordinadas substantivas** são chamadas assim porque exercem função sintática própria de substantivo em relação à oração principal. Isto é, elas exercem função sintática de **sujeito, predicativo, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto** etc. São iniciadas pelas conjunções integrantes **que** ou **se**. Segundo o famoso *bizu*, podem ser substituídas por **isto/isso**.

Quero que você perceba sempre o seguinte: as orações substantivas exercem função típica de substantivo, por isso a correspondência entre uma oração substantiva e um termo substantivo é visível. Veja:

1) Sujeito

– *Hoje se anunciou **sua aposentadoria**. = Hoje se anunciou **que ele se aposentará**.*

2) Predicativo

– *O anúncio lamentável era **a aposentadoria dele**. = O anúncio lamentável era **que ele se aposentaria**.*

3) Objeto direto

– *Ninguém desejou **sua aposentadoria**. = Ninguém desejou **que se aposentasse**.*

4) Objeto indireto

– *Avisei-o **de sua aposentadoria**. = Avisei-o **de que deveria aposentar-se**.*

5) Complemento nominal

– *Estava receoso **de sua aposentadoria**. = Estava receoso **de que se aposentasse**.*

6) Aposto

– *Hoje o atleta só deseja isto: **sua aposentadoria**. = Hoje o atleta só deseja isto: **que se aposente**.*

Portanto, segundo a gramática tradicional, são seis tipos de orações substantivas (**subordinadas**, em azul; **principais**, em preto).

Orações Subordinadas Substantivas Subjetivas

Funcionam como **sujeito** da oração principal, logo não há sujeito na oração principal, pois este é oracional. O verbo da principal sempre estará na 3ª pessoa do singular, porque o sujeito vem em forma de oração! Tal informação é importante, porque há muitas questões feitas pelas bancas FCC, Esaf e Cespe/UnB explorando a concordância com o sujeito em forma de oração.

Há cinco casos ou construções clássicas. Não decore, entenda!

1º caso: **VL** + adjetivo/substantivo/advérbio + ***que/se... OSSS***

– *Seria verdade* ***que as pessoas têm o poder de mudar?****. (O que seria verdade?* ***Isso*** *seria verdade.)*
– *Depois do julgamento pelo STF, está certo* ***se os deputados serão condenados****?*
– *Foi assim* ***que o professor ensinou a matéria****.*
– *Tornou-se claro para ele* ***que ninguém mais atrapalharia sua felicidade****.*

2º caso: VTD (3ª p. s.) **+ se** (partícula apassivadora) + ***que/se... OSSS***

– *Está se comentando* ***que ele explica bem a matéria****. (O que está se comentando?* ***Isso*** *está se comentando.)*
– *Não se sabe* ***se haverá aula****.*
– *Viu-se* ***que o aluno entendeu direito a explicação****.*

3º caso: loc. verbal (ser, estar, ficar + particípio) + ***que/se... OSSS***

– *Foi dito* ***que todos ficaram satisfeitos com os resultados****. (O que foi dito? /* ***Isso*** *foi dito.)*
– *Está decidido pelo conselho* ***se o professor vai ministrar aulas este ano****?*

– *Ficou provado* ***que ele foi classificado no exame.***

4º caso: parecer, convir, suceder, acontecer, ocorrer, importar, urgir...* + ***que/se... OSSS***

– *Convém* ***que todos estudem com frequência****. (O que convém?* ***Isso*** *convém.)**
– *Não me importa nem um pouco* ***se o concurso será difícil****.*
– *Parece* ***que nós estamos aprendendo Português*****.**

* Neste último caso, para facilitar a análise, tais verbos podem normalmente ser substituídos por *ser* + adjetivo cognato ao verbo, isto é, "Convém que todos estudem" = "É conveniente que todos estudem".

5º caso: verbos **psicológicos** (interessar, surpreender, agradar...) + ***que/se... OSSS***

– *Não me interessa* ***se seus problemas não foram resolvidos****. (O que não me interessa?* ***Isso*** *não me interessa.)*
– *Surpreende-te* ***que tenha faltado luz no jogo entre Brasil e Argentina, na Argentina?***
– *Hoje mais nos alegra* ***que o presidente seja uma mulher****.*

* Esses verbos psicológicos das orações principais exprimem uma reação emotiva diante de um fato contido na subordinada, e normalmente são VTDs ou VTIs tendo como complemento o oblíquo.

Obs.: Às vezes, independentemente de sua classificação, as orações subordinadas substantivas vêm iniciando o período. Neste caso, para o gramático Luiz A. Sacconi, a vírgula é obrigatória (os demais gramáticos de renome não se manifestam, e nunca vi ainda em prova alguma, mas vai que...):

"***Que o concurso seja difícil***, não me importa nem um pouco." / "***Se ele vem hoje*** não é da minha conta."...

Orações Subordinadas Substantivas Predicativas

Funcionam como **predicativo do sujeito** da oração principal, que apresenta o verbo de ligação **ser**, ou, mais raramente, *parecer*.

– *O certo é* ***que todos querem a felicidade****. (O que é o certo?* ***Isso*** *é o certo.)*

– *A questão não é* ***se eles vão condenar os corruptos****, mas tomara que os condenem.*

– *Minha impressão era (de)* ***que ela não desistiria tão fácil****.*

– *As mulheres parecem* ***que são mais felizes neste século****.*

– ***Que haja um só rebanho e um só pastor****, sempre foi a maior preocupação da Igreja.*

Cuidado!!!

1) Em "Certo é ***que todos querem a felicidade*** (= **Isso** é certo)", a oração é **subjetiva**, pois na principal não há artigo ou pronome. Se houver artigo ou pronome no sujeito da principal, a oração subordinada será predicativa. Veja: "**O** certo é *que todos querem a felicidade.*"

2) Às vezes, como na terceira frase que usei como exemplo, a preposição *de*, exigida pelo substantivo da oração principal, aparece imediatamente antes da oração subordinada. Neste caso, a preposição é expletiva (mero realce), não constituindo assim uma oração subordinada substantiva completiva nominal. Veja uma questão com estrutura semelhante: ESAF – SET/RN – AUDITOR-FISCAL DO TESOURO ESTADUAL – 2005 – QUESTÃO 3

Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Diretas

Funcionam como **objeto direto** da oração principal, a qual apresenta um VTD ou um VTDI, obrigatoriamente.

– *Esperamos* ***que você aprenda português****. (Esperamos o quê? Esperamos* ***isso****.)*

– *Não sabemos* ***se haverá aula****.*

– *O repórter do telejornal noticiou aos cidadãos* ***que haverá votação amanhã****?*
– *Não me diga* ***que você vai embora****...*
– ***Que seu filho seja bem-sucedido na vida****, toda mãe deseja.*

Cuidado!!!

1) Alguns verbos que são transitivos indiretos, quando passam a ter complemento verbal em forma de oração, mudam de transitividade, passando a transitivos diretos. Tais verbos estão ligados ao campo semântico do julgamento, opinião, crença: *acreditar, crer, desconfiar, pensar.*

– ***Creio*** *em Deus. (VTI – OI) = Creio que Deus existe. (VTD – OSSOD)*

Na contramão disso, Sacconi entende que o verbo ***crer*** (e, por tabela, *acreditar* e *pensar*) em "Creio que tudo está bem agora." continua sendo transitivo indireto, com a preposição *em* implícita antes da conjunção integrante.

2) Na construção "Fizeram ***com que a religião se redimisse de seus erros.***", a preposição *com* é usada como realce, ou seja, é expletiva, por isso pode ser retirada de antes da oração subordinada substantiva objetiva direta.

3) Em "**Pedi** (Disse) para que ela não largasse o emprego.", segundo a tradição gramatical, há um erro: o uso da preposição 'para' após o verbo da oração principal (pedir ou dizer). O certo é: "Pedi (Disse) que ela não largasse o emprego.". O único caso em que a norma culta abona tal preposição é quando se explicita ou se subentende as palavras "licença", "permissão", "vênia" etc.: "Ela pediu [licença] para que passasse.". Neste caso, porém, a oração iniciada pela preposição passa a ser classificada como completiva nominal.

4) Às vezes, a conjunção integrante vem implícita (caso raro!): "Sua Excelência espera (que) ***não duvidem dela***".

5) Alguns gramáticos, como Sacconi, consideram que, na construção "Tomara ***que ele chegue.***", a oração destacada é objetiva direta, sendo o verbo da principal (Tomara) um VTD.

Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Indiretas

Funcionam como **objeto indireto** da oração principal, a qual apresenta um VTI ou um VTDI obrigatoriamente.

– *Não te informaram* ***de que o concurso seria este mês****? (Não te informaram de quê? Não me informaram* ***disso****.)*

– *O professor insiste* ***em que eu tenho de estudar mais****.*

– *Não resisti* ***a que tu me ajudasses****.*

– *Anseio* ***por que algumas pessoas estejam na Terra por um propósito****.*

– *Jamais se esqueça* ***de que fui eu o mentor do projeto****.*

– *De tantas profissões, não se lembrava mais* ***se exercia a profissão de médico****.*

Cuidado!!!

1) O verbo *ansiar* pode ser VTD, segundo Celso P. Luft e Francisco Fernandes. Sendo assim podemos analisar a oração (sem preposição *por*) como objetiva direta: "*Anseio* ***que algumas pessoas estejam na Terra por um propósito****"*. Sobre *lembrar-se*, seguido da conjunção integrante *se*, a preposição fica implícita.

2) Segundo alguns estudiosos da língua, como Bechara, Cegalla, Sacconi, Claudio Cezar Henriques, Celso P. Luft, a preposição exigida pelo verbo da principal pode vir elíptica: "Ela não gosta (de) ***que a chamem de senhora.***" / Esqueceu-se (de) ***que votaria no domingo***. Corroborando isso, a banca da UERJ, em 2000, afirma que, quando o complemento de *lembrar-se* (o mesmo vale para *esquecer-se*) vem em forma de oração, a preposição *de* pode ficar implícita. Consulte a questão (e o gabarito) de número 4 acerca do texto "No meio do caminho", de Drummond. Outra questão (mais recente) corrobora a elipse da preposição, não implicando incorreção gramatical. Veja: FCC – TRF (1ª R) – TÉCNICO Judiciário – 2011 – QUESTÃO 15 – OPÇÃO "B".

3) Segundo Claudio Cezar Henriques, "é um solecismo bastante comum empregar a preposição *de* em estruturas subordinadas sem preposição. Tal uso (chamado **dequeísmo**) caracteriza sério erro de regência: "É

indispensável ***de*** *que todos estejam informados dessa manobra.*". Sobre isso, veja uma questão:

Cespe/UnB – MP – Analista DE INFRAESTRUTURA – 2012

– Seria mantida a correção gramatical do período "É fato que os números absolutos impressionam.", caso a preposição **de** fosse inserida imediatamente antes da conjunção "que".

( ) CERTO (X) ERRADO

Comentário: Absolutamente nada (nem verbo, nem nome) exige a preposição *de* antes da subordinada substantiva subjetiva. Afinal, não existe oração preposicionada com função de sujeito. Eis o famigerado **dequeísmo**, tão comum na fala diária.

Orações Subordinadas Substantivas Completivas Nominais

Funcionam como **complemento nominal** da oração principal, a qual apresenta um nome (normalmente, substantivo ou adjetivo) exigindo um complemento preposicionado.

– *Elas tinham certeza* ***de que você aceitaria minha sugestão****. (Elas tinham certeza de quê? Elas tinham certeza* ***disso****.)*

– *Não tinha certeza* ***se aceitaria minha sugestão****.**

– *O fato* ***de que ela se classificou*** *me alegrou muito.*

– *Fiz menção* ***a que você tinha passado na primeira tentativa****.*

– *O alerta* ***para que os banhistas evitassem o local das pedras*** *foi ignorado.*

* Diante da conjunção integrante *se*, a preposição fica implícita.

Obs.: Segundo alguns gramáticos, como Bechara, Cegalla, José Carlos de Azeredo e Claudio Cezar Henriques, a preposição também pode vir implícita antes da oração completiva nominal: "*Estava ansioso (por)* ***que ela voltasse logo.***". Sobre isso, encontrei uma questão que toma como errada tal elipse, pois a visão da maioria dos gramáticos diz que a preposição é obrigatória. Por isso que eu digo que cada banca é uma banca; é preciso conhecer o perfil delas. Veja:

Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de nível superior – 2011

– No trecho "estão convencidos de que as desigualdades são, em sua maior parte, sociais ou históricas" (L.8-10), a omissão da preposição "de" prejudicaria a correção gramatical do período.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Comentário: Foi considerado "certo", pois a visão da maioria dos gramáticos diz que a preposição tem de vir **explícita** antes da conjunção integrante. No entanto, para o nosso desespero, incoerentemente, a mesma banca, seis anos antes, considerou **certa** a **omissão** da **preposição**: CESPE – TJ/BA – ADMINISTRADOR DO FÓRUM – 2005 – QUESTÃO 2.

Orações Subordinadas Substantivas Apositivas

Funcionam como **aposto** da principal; vêm normalmente separadas por dois-pontos, vírgula ou travessão.

– *Quero apenas uma coisa de você: **que aprenda português**.*

– *Tenho um grande sonho, **que você aprenda português**!*

– *A minha vontade – **que você aprenda português** – se realizou.*

Obs.: A conjunção integrante da oração apositiva pode vir implícita: "Corre um boato na principal rede de televisão, a saber: (que) ***o dono da emissora pretende vendê-la.***".

Orações Subordinadas Substantivas Justapostas

Além das tradicionais orações já vistas, todas iniciadas por conjunções integrantes, é bom que você saiba o seguinte: 1) existem muitas orações que simplesmente não são iniciadas por conjunção alguma e 2) existem muitas orações iniciadas por pronomes interrogativos (*que, quem, qual, quanto*) e advérbios interrogativos (*onde, como, quando, por que*). O nome dado a elas é **orações justapostas**. Veja alguns exemplos:

1) Oração Subordinada Substantiva Subjetiva Justaposta

– ***Quem espera*** *sempre alcança.*

Obs.: Segundo Sacconi, quando o sujeito vem em forma desse tipo de oração justaposta, a vírgula separando o sujeito do predicado é facultativa, ou seja: *Quem espera, sempre alcança.* No entanto, essa não é a visão tradicional, que insiste em dizer que sujeito não se separa do verbo por vírgula.

2) Oração Subordinada Substantiva Predicativa Justaposta

– *"O amor é* ***quando a gente mora um no outro.****"* (Mário Quintana)

3) Oração Subordinada Substantiva Objetiva Direta Justaposta

– *Perguntaram-lhe* ***de que professor estavam falando****.*

– *Quero entender* ***por que as guerras e a fome persistem no mundo****.*

Obs.: O verbo *perguntar* é VTDI: quem pergunta, pergunta **algo** (OD; *de que professor estavam falando*) **a alguém** (OI; *lhe*). Mas você deve estar se perguntando: "O que a preposição *de* está fazendo antes do pronome interrogativo *que*?" Resposta: toda vez que um verbo da oração justaposta (no caso, *falar*) exigir uma preposição (no caso, *de*), esta a encabeçará. Aí eu é que lhe pergunto: "O 'homem da banca' (à la pegadinha do Mallandro) pode criar uma questão dizendo que *de que professor estavam falando* é uma oração objetiva **indireta**, não pode? Afinal, a oração é iniciada por preposição... Abra o olho!!! A oração é objetiva direta, pois complementa o verbo *perguntar*. Ponto.

4) Oração Subordinada Substantiva Objetiva Indireta Justaposta

– *Lembra-te* ***de qual pessoa te salvou naquele momento de desespero****.*

– *Fui convencido* ***de como deveria viver a partir de então, sem recursos, na miséria****.*

5) Oração Subordinada Substantiva Completiva Nominal Justaposta

– *Não tenho noção* ***de quantas pessoas já ajudei nesta vida****, graças a Deus!*

– *Estou convencido* ***de onde devo morar****.*

Obs.: Note que *convencido* (4) é diferente de *convencido* (5), pois este é um adjetivo exigindo um complemento nominal e aquele é um verbo no particípio, cuja voz é passiva. Passando para a voz ativa, fica claro que a oração é objetiva indireta de fato: *Fui convencido* ***de como deveria viver a partir de então, sem recursos, na miséria.*** = *Convenceram-me* ***de como deveria viver a partir de então, sem recursos, na miséria****.* Note que o verbo *convencer* é VTDI (quem convence, convence alguém **de alguma coisa**).

6) Oração Subordinada Substantiva Apositiva Justaposta

– *"A saudade é como o sol do inverno:* ***ilumina sem aquecer****."*

7) Oração Subordinada Substantiva Agentiva da Passiva Justaposta

– *O escravo foi surrado até a morte* ***por quem o comprou****.*

– *O candidato está rodeado* ***de quem não deseja a sua eleição****.* (Sacconi)

Obs.: Ulisses Infante diz que existe oração com função de vocativo: "***Quem estiver atento***, por favor, o diretor tem algumas palavras importantes a dizer.".

Orações Subordinadas Adjetivas

As **orações subordinadas adjetivas** são chamadas assim porque exercem função sintática própria de adjetivo em relação à oração principal. Isto é, segundo a tradição gramatical, elas exercem tão somente a função de **adjunto adnominal**, pois funcionam como um acessório em relação à oração principal. São iniciadas pelos pronomes relativos *que, o qual, quem, cujo, quanto, onde, como, quando.*

Quero que você entenda o seguinte: por mais que algumas orações adjetivas sejam separadas por pontuação (*vírgula, travessão* ou *parênteses*), elas equivalem a um adjetivo que exerce função de adjunto adnominal.

É fácil perceber a correspondência entre uma oração adjetiva e um termo adjetivo. Veja:

– *O advogado,* ***ambicioso por novos clientes****, trabalha mais de 12 horas por dia.*

– *O advogado,* ***que ambiciona novos clientes****, trabalha mais de 12 horas por dia.*

Perceba que *ambicioso por novos clientes* tem o mesmo valor que a oração adjetiva *que ambiciona novos clientes*, isto é, modifica um substantivo (*advogado*). Outro exemplo:

– *Vinha relutando há muito tempo para pintar aquela parede* ***sem cor****.*

– *Vinha relutando há muito tempo para pintar aquela parede* ***que estava sem cor****.*

Perceba, novamente, que a locução adjetiva *sem cor* tem o mesmo valor que a oração adjetiva *que estava sem cor*, isto é, modifica um substantivo (parede).

Dica de irmão: **leia e releia a parte de *pronomes relativos*, para que você domine o assunto!**

Orações Subordinadas Adjetivas Restritivas

As *orações* **subordinadas adjetivas restritivas** têm o papel de limitar a parte de um conjunto, restringindo o sentido do termo antecedente. Por via de regra, não vêm separadas por pontuação.

Vou dar três exemplos cujas orações são introduzidas pelo pronome relativo *que*, pois é definitivamente o mais cobrado em provas de concurso público. Veja:

– *Os candidatos* ***que participaram das aulas extras*** *não encontraram dificuldade na prova.*

Entenda: do "conjunto" *candidatos*, foram *todos* que não encontraram dificuldade na prova? Claro que não! **Apenas** alguns, ou seja, só aqueles que participaram das aulas extras não encontraram dificuldade na prova, ok? E os que não participaram... devem ter saído chorando da prova.

– *Domingo, ela saiu com o namorado* ***que mora em Ipanema***.

Entenda: do "conjunto" *namorado*, ela saiu com qual? Com o que mora em Ipanema, certo? "Ué, Pestana, essa frase quer dizer que ela tem mais de um namorado?" Exatamente! Ela é uma garota *sapequinha*. Ela tem mais de um namorado, mas no domingo saiu com um deles: o que mora em Ipanema. Segunda-feira ela vai sair com o que mora no Leblon, terça-feira ela vai sair com o que mora em Copacabana etc.

– *Os homens tornam a vida difícil ou impossível para os animais* ***que deles dependem*** *para sobreviver.*

Entenda: do "conjunto" *animais*, está-se falando que *todos* dependem deles (dos homens) para sobreviver? Claro que não! Está-se falando **apenas** dos animais que dependem dos homens para sobreviver. Logo... nem todos os animais dependem dos homens para sobreviver.

Cuidado!!!

1) Não confunda **oração adjetiva restritiva** com **oração substantiva completiva nominal.**

– *A recomendação* ***de que saíssem tão logo daquelas terras*** *não afugentou os grileiros.*

– *A recomendação* ***de que lhe falei ontem à noite*** *deve ser levada a sério, rapaz!*

O *bizu* para resolver essa situação é perceber qual *que* é um pronome relativo ou uma conjunção integrante. Perceba que o segundo *que* equivale a outro pronome relativo, "a qual", e exerce função sintática: "A recomendação ***da qual lhe falei ontem à noite*** deve ser levada a sério, rapaz!". Por isso, a segunda oração é a subordinada adjetiva restritiva.

2) É impossível construir certas frases com oração restritiva, pois o sentido não permite. Quer ver?

– *O gramático Evanildo Bechara* ***que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa*** *é um mito.*

Percebeu que não é possível restringir "o gramático Evanildo Bechara"? Isso porque ele é um ser único. Não se pode restringir, limitar o sentido de um ser que é único. Está claro? É justamente neste momento que a pontuação

desempenha um papel importantíssimo. Se não se pode restringir, pode-se explicar. Daí que a única forma acertada de escrever esta frase seria com vírgulas, travessões ou parênteses:

– *O gramático Evanildo Bechara,* ***que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa****, é um mito.*

– *O gramático Evanildo Bechara –* ***que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa*** *– é um mito.*

– *O gramático Evanildo Bechara (****que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa****) é um mito.*

Outro exemplo:

– *Os Estados Unidos da América,* ***que emergiu da Segunda Guerra Mundial como o primeiro país com armas nucleares****, ainda é soberano.*

Aí eu lhe pergunto: "Poderíamos colocar esta oração adjetiva sem vírgulas, como uma oração restritiva? Podemos restringir 'Os Estados Unidos da América'? Existe outro 'Estados Unidos da América' para que possamos restringi-lo?" Claro que não! Acho que agora ficou claro como água.

Só se pode restringir um "ser único", como *o gramático Evanildo Bechara* e *Os Estados Unidos da América*, se houver uma informação contrastante sobre o mesmo referente. Por exemplo:

– *O gramático Evanildo Bechara* ***que foi considerado um mito*** *não é mais o mesmo Bechara dos tempos de Faculdade.*

– *Aqueles Estados Unidos da América* ***que tínhamos como o país*** *está bem diferente dos Estados Unidos que meus netos conhecem.*

Orações Subordinadas Adjetivas Explicativas

As **orações subordinadas adjetivas explicativas** têm o papel de modificar um termo, generalizando-o ou simplesmente tecendo um comentário extra sobre ele. Vêm sempre separadas por pontuação (vírgulas, travessões ou parênteses).

Vou dar os mesmos três exemplos, só que, dessa vez, as orações serão separadas por pontuação para se tornarem explicativas. Veja:

– *Os candidatos,* ***que participaram das aulas extras****, não encontraram dificuldade na prova.*

Entenda: agora fica claro que **todos** os candidatos participaram das aulas extras **e**, por isso, não encontraram dificuldade na prova.

– *Domingo, ela saiu com o namorado – **que mora em Ipanema**.*

Entenda: agora fica claro que ela saiu com o namorado **e** que o cara mora em Ipanema. Essa menina não é a mesma... agora ela tem só um namorado! Tomou juízo.

– *Os homens tornam a vida difícil ou impossível para os animais (**que deles dependem**) para sobreviver.*

Entenda: está claro agora que **todos** os animais, para sobreviver, dependem dos homens.

Dica quente: Em questões de pontuação, a distinção semântica entre restritiva e explicativa é frequente! Fique esperto no capítulo de *pontuação*, principalmente em *Vírgula*, pois as bancas adoram trabalhar retirada ou colocação de vírgula e perguntar se o sentido da oração adjetiva mudou.

Valores Circunstanciais das Orações Adjetivas

Como diz o eminente gramático José Carlos de Azeredo: "As orações adjetivas podem apresentar cumulativamente um conteúdo circunstancial de causa, concessão, condição, finalidade etc.". "Cumulativamente" significa que, além das noções de restrição e explicação, existem valores adverbiais contidos na oração subordinada adjetiva em relação à oração principal.

– *Minha filha, **que amava tanto a vida**, decidiu achar a cura da morte.* (causa)
*Ou seja: Minha filha decidiu achar a cura da morte **porque amava tanto a vida**.*

– *Minha filha, **que amava tanto a vida**, começou a se drogar.* (concessão)
*Ou seja: Minha filha começou a se drogar, **embora amasse tanto a vida**.*

– *Estava em busca de uma gramática **que ampliasse meus conhecimentos**.* (finalidade)
*Ou seja: Estava em busca de uma gramática **para ampliar meus conhecimentos**.*

– *O jornal fez algumas declarações* ***que comprometeram os vereadores***. (consequência)

Ou seja: O jornal fez algumas declarações ***que, consequentemente, comprometeram os vereadores***.

Só encontrei uma questão sobre isso, até hoje. Veja:

5. (UERJ – Vestibular (2ª fase (discursiva)) – 2007) *A vela que ilumina é uma vela alegre. (l. 4)*
O conectivo *que*, além de introduzir uma caracterização para o substantivo *vela*, estabelece relações lógicas entre as duas orações presentes no período acima.
Reescreva esse período de duas maneiras diferentes – sempre substituindo o conectivo *que* –, de modo a explicitar dois tipos de relações lógicas entre as orações. A seguir, identifique o tipo de relação estabelecida em cada um dos períodos reescritos.

Gabarito Oficial (adaptado)

Causa: A vela, *porque ilumina*, é uma vela alegre.

Tempo: A vela, *enquanto ilumina*, é uma vela alegre.

Condição: A vela, *se ilumina*, é uma vela alegre.

Proporção: A vela, *à medida que ilumina*, é uma vela alegre.

Orações Subordinadas Adjetivas Justapostas

As **orações adjetivas justapostas** são aquelas não iniciadas por pronomes relativos, mas por pronomes interrogativos (que, quem, qual, quanto) ou advérbios interrogativos (onde, como, quando, por que):

– *Os frutos* ***de quem merece a classificação*** *sempre são colhidos no tempo certo.*

– *O veterano de guerra ainda veste roupas* ***de quando era militar***.

Funções Sintáticas dos Pronomes Relativos

Antes de qualquer coisa, peço novamente, encarecidamente, *ajoelhadamente* o seguinte: **leia e releia a parte de pronomes relativos, no capítulo 11**.

"Receita de bolo" para descobrir a função sintática de um pronome relativo:

1) substitua-o pelo seu antecedente;
2) coloque os termos da oração subordinada adjetiva na ordem direta;
3) faça a análise sintática do termo substituído pelo relativo.

Veja um exemplo de análise sintática do pronome relativo:

As pessoas ***que*** *desde pequenas fumam* prejudicam sua saúde e a saúde de outros.

O relativo *que* retoma *as pessoas*, certo? Então, substitua o relativo pelo antecedente: ... *as pessoas fumam*... Agora, coloque na ordem direta: ... *as pessoas fumam desde pequenas*... Por fim, faça a análise sintática do termo substituído: ... *as pessoas (sujeito) fumam desde pequenas*...

Logo, o pronome relativo *que* exerce função sintática de **sujeito**. Simples, não?

Importantíssimo: **toda vez que um verbo ou um nome dentro da oração adjetiva exigir uma preposição, esta ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo! Nunca se esqueça disso!**

1) Que (o qual)

Eis as funções exercidas por este pronome relativo:

Sujeito: o pronome relativo exerce função de sujeito na oração subordinada adjetiva.

– *Comprei um livro* ***que*** *(=o qual) fez sucesso. (****Um livro*** *fez sucesso.)*

Cuidado!!!

1) Não erre a análise do pronome relativo **com função de sujeito**, pensando se tratar de um objeto direto, quando a ele se segue um verbo na voz passiva sintética: "As crianças ***que*** *se disciplinam* logo cedo se tornam adultos responsáveis." (... que (as crianças) se disciplinam (são disciplinadas)...).

2) Em "Estas instruções não podem ser reportadas a mim, ***que*** *sou apenas um subordinado nesta megaempresa.*", você não vai substituir o *que* por *mim*, senão a frase ficará assim: ... ***mim*** *sou apenas um subordinado nesta megaempresa.* Como sabemos, *mim* não conjuga verbo, daí que, como *mim* é pronome pessoal oblíquo tônico de 1ª pessoa, ele é substituído por um pronome pessoal reto de 1ª pessoa (***Eu*** sou apenas um subordinado nesta megaempresa.).

Predicativo do sujeito: o pronome relativo exerce função de predicativo do sujeito na oração subordinada adjetiva.

– *Aquele grande ator* ***que*** *(= o qual) em breve serei está cada vez mais perto. (Eu serei* ***aquele grande ator*** *em breve.)*

Objeto direto: o pronome relativo exerce função de objeto direto na oração subordinada adjetiva.

– *Sou o homem* ***que*** *(= o qual) você vai amar. (Você vai amar* ***o homem.****)*

Obs.: Pode haver pronome relativo com função de objeto direto preposicionado: "Meu dever, ***com que*** *eu não posso deixar de cumprir*, é extremamente importante." (... eu não posso deixar de cumprir *com meu dever*...)

Objeto indireto: o pronome relativo exerce função de objeto indireto na oração subordinada adjetiva.

– *Assisti a um programa* ***de que*** *(= do qual) você vai gostar. (Você vai gostar* ***de um programa****)*

Complemento nominal: o pronome relativo exerce função de complemento nominal na oração subordinada adjetiva.

– *Retornei a um lugar* ***a que*** *(= ao qual) tinha aversão. (Tinha aversão* ***ao lugar.****)*

Agente da passiva: o pronome relativo exerce função de agente da passiva na oração subordinada adjetiva.

– *A hipnotizante mulher* ***por que*** *(= pela qual) fiquei seduzido era de meu amigo. (Fiquei seduzido* ***pela hipnotizante mulher.****)*

Adjunto adnominal: o pronome relativo exerce função de adjunto adnominal na oração subordinada adjetiva.

– *As pessoas,* ***de que*** *(= das quais) o doutor Andrade é médico, são extremamente gratas. (O doutor Andrade é médico* ***daquelas pessoas.****)*

Adjunto adverbial: o pronome relativo exerce função de adjunto adverbial na oração subordinada adjetiva.

– *As praias **a que** (= às quais) eu ia quando criança estão totalmente poluídas. (Eu ia **às praias** quando criança.)*

2) Quem

Exerce as seguintes funções sintáticas:

Objeto direto (preposicionado): o pronome relativo exerce função de objeto direto na oração subordinada adjetiva.

– *Hospedei um amigo **a quem** não via desde a infância. (Não via **um amigo** desde a infância.)*

Objeto indireto: o pronome relativo exerce função de objeto indireto na oração subordinada adjetiva.

– *Tu nunca foste uma pessoa **com quem** simpatizamos.* (*Nunca simpatizamos **com uma pessoa.*** – Neste caso, a palavra *pessoa* tem como referente *tu*, isto é: *"Nunca simpatizamos **contigo**."*.)

Complemento nominal: o pronome relativo exerce função de complemento nominal na oração subordinada adjetiva.

– *Meu filho, **por quem** fui responsável até os dezoito anos, fugiu de casa.* (*Fui responsável pelo meu filho até os dezoito anos.*)

Agente da passiva: o pronome relativo exerce função de agente da passiva na oração subordinada adjetiva.

– *A hipnotizante mulher **por quem** fui seduzido se tornou minha.* (*Fui seduzido **pela hipnotizante mulher.***)

Adjunto adnominal: o pronome relativo exerce função de adjunto adnominal na oração subordinada adjetiva.

– *Achei aquela menina **de quem** você disse que era irmão.* (*Você disse que era irmão **daquela menina.***)

Obs.: Note que, nesse caso, o pronome relativo exerce função sintática de um termo que pertence à oração substantiva objetiva direta (*que era irmão*).

Adjunto adverbial: o pronome relativo exerce função de adjunto adverbial na oração subordinada adjetiva.

– *As más companhias **com quem** eu andava certamente me influenciaram.* (*Eu andava **com más companhias.***)

3) Cujo

Adjunto adnominal: o pronome relativo exerce função de adjunto adnominal na oração subordinada adjetiva; tem valor possessivo.

– *Esta é aquela casa **a cujos** aposentos eles deram preferência?* (*Eles dão preferência aos aposentos **da casa.***)

Complemento nominal: o pronome relativo exerce função de complemento nominal na oração subordinada adjetiva; não tem valor possessivo.

– *O assunto, **cuja** explicação entendi, era interessantíssimo.* (*Eu entendi a explicação **do assunto.***)

Cuidado!!!

Já ouviu falar em **truncamento sintático**? Não? Então está na hora de você aprender, pois isso cai em algumas provas, principalmente na Esaf, no Cespe e na FCC. Entenda melhor por meio deste exemplo:

"Recentemente houve uma falta de incentivo à cultura por parte do governo e órgãos privados, por isso a indústria cinematográfica, cuja produção vem caindo nos últimos anos."

Tem alguma coisa estranha nessa frase que você não sabe identificar, não é? Mas o fato é que *rolou* um *estranhamento*, concorda? Observe que a oração subordinada adjetiva está completa, mas a oração principal está sem o verbo... está faltando um verbo! Ora, sem verbo não há oração principal, se a oração principal está incompleta, ela está "truncada", ou seja, sem um "pedaço", ela está

"mutilada", coitada! Sendo assim, houve **truncamento sintático**, que ocorre quando uma oração está sem uma parte que a integra. Refazendo o período, teríamos algo assim:

"*Recentemente houve uma falta de incentivo à cultura por parte do governo e órgãos privados, por isso a indústria cinematográfica, cuja produção vem caindo nos últimos anos,* ***está*** *desesperada.*"

Agora, sim, temos uma oração principal, e não há **truncamento sintático**. Veja uma questão:

13. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial da Folha de S. Paulo de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente correta.

b) Internamente, a renda do trabalho ampliada por políticas salariais e previdenciárias generosas estimula o consumo e o setor de serviços. O resultado seria a especialização da economia nos setores primário e terciário, cuja forte geração de emprego, em troca de menor competitividade industrial.

Não me interessa o resto da questão, quero que você aprenda o que é o tal do **truncamento sintático**. Note a frase destacada. Percebeu? O pronome relativo *cuja* inicia uma oração subordinada adjetiva, certo? Mas cadê o maldito verbo? Sem ele a frase fica incoerente, certo? Eis um belo exemplar de... **truncamento sintático**! *Voilà!*

4) Quanto

Sujeito: o pronome relativo exerce função de sujeito na oração subordinada adjetiva.

– *Todas* ***quantas*** *estiveram na festa ficaram felizes. (****Todas*** *estiveram na festa...)*

Objeto direto: o pronome relativo exerce função de objeto direto na oração subordinada adjetiva.

– *Ele encontrou tudo aquilo* ***quanto*** *procurava. (Ele procurava* ***tudo aquilo****...)*

5) Onde

Sempre exerce função de **adjunto adverbial de lugar** na oração subordinada adjetiva.

– *Estamos indo em direção a um acampamento* ***onde*** *se costumam reunir pessoas de diversas nacionalidades. (Pessoas de diversas nacionalidades costumam-se reunir* ***num acampamento.****)*

6) Como

Sempre exerce função de **adjunto adverbial de modo** na oração subordinada adjetiva.

– *A agência de saúde das Nações Unidas já revisou a maneira desastrosa* ***como*** *foi tratado o surto de gripe suína. (O surto de gripe suína foi tratado* ***de uma maneira desastrosa.****)*

7) Quando

Sempre exerce função de **adjunto adverbial de tempo** na oração subordinada adjetiva.

– *Aquele momento,* ***quando*** *se entende a piada, é único. (Entende-se a piada* ***naquele momento.****)*

Cuidado!!!

1) Em "A festa ***onde/quando*** comecei a namorar estava lotada.", pode-se usar *onde* ou *quando* para retomar a palavra *festa*, que, segundo Bechara, remete à ideia de tempo ou lugar.

2) Algumas bancas, como a FCC, não consideram *quando* um pronome relativo, logo a oração destacada "*Aquele momento,* ***quando*** *se entende a piada, é único.*" seria subordinada adverbial temporal, para tal banca. A questão 10, cujo gabarito é a letra E, corrobora isso; consulte: FCC – DPE/RS – DEFENSOR PÚBLICO – 2011. Já a FGV pensa diferente, ou seja, entende que uma oração adjetiva pode ser iniciada por *quando*: FGV – SEFAZ/RJ – FISCAL DE RENDAS – 2007 – QUESTÃO 13.

Orações Subordinadas Adverbiais

As **orações subordinadas adverbiais** são chamadas assim porque exercem função sintática própria de advérbio em relação à oração principal. Isto é, elas

exercem a função **de adjunto adverbial**. São iniciadas pelas conjunções subordinativas (já decorou?)

Quero que você perceba o seguinte: as orações adverbiais exercem função típica de advérbio, por isso a correspondência entre uma oração adverbial e um adjunto adverbial é visível. Veja:

– *O candidato esquerdista não conseguiu ir para o segundo turno* ***por falta de popularidade****.*

– *O candidato esquerdista não conseguiu ir para o segundo turno* ***porque não tinha popularidade****.*

Perceba que o adjunto adverbial de causa *por falta de popularidade* tem o mesmo valor que a oração subordinada adverbial causal *porque não tinha popularidade*. O que diferencia o **adjunto adverbial** da **oração subordinada adverbial** é a presença da conjunção subordinativa *porque* e do verbo *ter* (*tinha*), que constituem uma oração.

Dica de irmão: **leia e releia a parte de conjunções subordinativas para dominar o assunto!**

Orações Subordinadas Adverbiais Causais

Exprimindo ideia de causa, são iniciadas pelas conjunções subordinativas causais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Um analista de sistemas esfaqueado 38 vezes e deixado para morrer sobreviveu* ***porque estava acima do peso****.*

– ***Como estivesse ferido gravemente****, não suportou a cirurgia.*

– *A entrevista foi alvo de críticas dos opositores do presidente,* ***visto que sua pauta focalizou a gestão macroeconômica do governo****.*

Obs.: Só de curiosidade, veja este *que* causal. Escreve Machado de Assis, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*: "Começo a arrepender-me deste livro. Não *que* ele me canse...". Esse *que* pode ser substituído por *porque*,

conjunção subordinativa causal, logo a releitura seria esta: "Começo a arrepender-me deste livro, não ***porque ele me canse...***". Sendo assim, a oração destacada é subordinada adverbial causal. Outro exemplo: ***Corrupto que é,*** *nunca mais terá o apoio do povo.*

Orações Subordinadas Adverbiais Causais X Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas

Antes de tudo, saiba que este é um assunto escorregadio e sem solução final. Por isso as questões sobre isso são raríssimas.

E, antes que você pense que estou *fugindo pela tangente*, digo que só estou sendo sincero. Muitos gramáticos oferecem soluções finais para este "imbróglio", mas a verdade é que não há solução final quando se trata da diferença final entre oração subordinada adverbial causal e oração coordenada sindética explicativa.

Para você *sentir a pressão* e ver como *o buraco é mais embaixo*, observe:

2. (UERJ – Vestibular (2ª Fase (Discursiva)) – 2009) Eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros, porque todos são portadores da mesma humanidade. (l. 14-15)
Identifique a relação de sentido que a oração sublinhada estabelece com a parte do período que a antecede. Reescreva todo o período, substituindo o conectivo e mantendo essa mesma relação de sentido.

Gabarito Oficial da UERJ

Uma das relações e uma das respectivas reescrituras:

- Causa
  - Eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros **visto que** todos são portadores da mesma humanidade.
  - Eles não podem ser pensados independentemente um dos outros **já que** todos são portadores da mesma humanidade.
  - **Como** todos são portadores da mesma humanidade, eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros.
- Explicação

– Eles não podem ser pensados independentemente um dos outros, **pois** todos são portadores da mesma humanidade.

Meu Comentário: "É isso aí mesmo, Pestana, a banca deu dois gabaritos para a mesma questão, como se a oração sublinhada pudesse ser analisada como subordinada causal ou coordenada explicativa?" "**É isso aí mesmo**, meu/minha nobre! Incrível, não?"

"Pois bem... mas, então, é sempre possível analisar das duas maneiras, e estará certo, Pest?" Resposta: "Não! Depois de tanto estudar, é possível muitas vezes definir o que é **causa** e o que é **explicação** – e já criaram questões sobre isso, como você verá nas questões comentadas."

Vejamos mais detalhes...

- Na subordinada causal, a circunstância de causa precede e gera o fato ou o ocorrido (ou seja, na linha do tempo, 1º vem a causa, depois a consequência).
- Na coordenada explicativa, a circunstância não precede nem gera o fato ou o ocorrido.
- A confusão é gerada por causa do uso das conjunções *porque, pois, que, porquanto.*

Exemplos clássicos:

– *Choveu aqui, **porque a calçada está molhada**.* (explicativa; o fato de a calçada estar molhada não provocou a chuva, ou seja, não é a causa da chuva, mas sim a consequência)

– *A calçada está molhada, **porque choveu**.* (causal; é um fato claro que a chuva provocou o molhamento da calçada)

Nesses exemplos clássicos, vemos que, no primeiro período, o *porque* inicia uma ideia de consequência, logo a oração é explicativa. No segundo período, o *porque* inicia uma ideia de causa, logo a oração é causal.

Por ser uma situação difícil e polêmica, explicarei com mais fluidez ainda. Existem três casos importantes a considerar. Veja:

1º caso: Se o verbo que antecede a conjunção vier no **imperativo**, ou indicar desejo, é certo que a oração será coordenada **explicativa**.

– *Estude, **que seu futuro estará garantido**!*
– *Deus o abençoe, meu filho, **porque sua generosidade não tem limite**.*

Obs.: Em "Fugimos todos, ***que*** a maré não está para peixe." e "Fujamos todos, ***que*** a maré não está para peixe.", a simples mudança do modo verbal torna diferente a classificação da conjunção destacada. Na primeira frase, é causal; na segunda, explicativa.

2º caso: Se o *porque* (ou *que, pois, porquanto*) iniciar uma consequência, a oração será explicativa; se iniciar uma causa, a oração será causal.
– *A avenida não tinha limite de velocidade, **porque o carro passou a 300 km/h**.* (explicativa)
– *O carro passou a 300 km/h **porque a avenida não tinha limite de velocidade**.* (causal)

3º caso: Se a afirmação anterior à conjunção for uma suposição ou uma constatação por dedução, gerada por uma apuração ou comprovação, a conjunção será **explicativa** (este é o caso de *"Choveu, porque a rua está molhada."*; ou seja, você deduz que choveu por causa de uma apuração – a rua molhada).
– *Ele passou por aqui, **porque ainda há pouco o vi**.* (explicativa)
– *Não precisa mentir. O Leandro faltou às aulas, **pois me contaram**.* (explicativa)

Como se viu, a diferença é puramente semântica, pois sintaticamente não há distinção entre as orações causais e as explicativas iniciadas por *que, porque, pois, porquanto*. É certo que existem outras formas de diferenciar, mas não vou fazer do assunto um tratado ou um ensaio, por isso me apeguei às diferenciações principais, que resolvem (para mim) a grande maioria dos casos.

Orações Subordinadas Adverbiais Consecutivas

Exprimindo ideia de consequência, são iniciadas pelas conjunções subordinativas consecutivas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.
– *Nesta cidade, chove **que é o Diabo**!* (*tanto* não expresso antes do que)

– *Isso é tão prazeroso* ***que me vicia***.
– *O presidente não melhorou a vida da população,* ***de modo que se sentiu enganada pelas promessas***.

Obs.: Diferença entre ***oração adjetiva*** e ***oração adverbial consecutiva.***
– *Nós fizemos um barulho* ***que incomodava a todos***. (adjetiva restritiva; o *que* é um pronome relativo e exerce função sintática de sujeito; = *O barulho incomodava a todos.*)
– *Nós fizemos um barulho* ***que ninguém conseguia conversar***. (consecutiva; = *Fizemos um barulho tão grande que...)*

Orações Subordinadas Adverbiais Condicionais

Exprimindo ideia de condição, são iniciadas pelas conjunções subordinativas condicionais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas.*
– *Chegaremos hoje,* ***salvo se houver imprevistos***.
– *Tudo ficará bem,* ***desde que façamos nossa parte***.
– *O candidato disse que,* ***se eleito***, *cumprirá as promessas.* (o verbo auxiliar da locução verbal da oração condicional está implícito; = ... *se for eleito...)*

Obs.: O *se* pode iniciar uma oração subordinada adverbial causal, segundo Cegalla, Sacconi etc. Veja isso melhor no capítulo de *Conjunção*!

Orações Subordinadas Adverbiais Concessivas

Exprimindo ideia de concessão, são iniciadas pelas conjunções subordinativas concessivas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas.*
– ***Por pior que esteja sua vida***, *não desista de estudar.*
– *Tínhamos de comer sempre um pouco de tudo,* ***conquanto isso fosse uma tarefa difícil***.
– ***Sortudo que fosse nos relacionamentos***, *não se casou com uma mulher virtuosa.*

Orações Subordinadas Adverbiais Conformativas

Exprimindo ideia de conformidade, são iniciadas pelas conjunções subordinativas conformativas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de conjunções subordinativas.

– ***Como todos sabemos***, *o Brasil já é autossuficiente em petróleo.*

– *A revelação dos contatos do lobista com a empresa portuguesa deixou clara,* ***consoante relevou uma revista famosa***, *a participação dele na "jogada".*

– ***Segundo foi noticiado por nós***, *a reunião da sexta-feira 13 era esperada desde há muito.*

Orações Subordinadas Adverbiais Comparativas

Exprimindo ideia de comparação, são iniciadas pelas conjunções subordinativas comparativas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas.*

– *Amo-o* ***como a um filho***. *(= como amo a um filho)*

– *O professor hoje é mais didático* ***do que nunca***. *(= do que nunca foi)*

– *Sua sabedoria é tão intrigante* ***quanto sua humildade***. *(= quanto sua humildade é)*

Obs.: É normal que os verbos das orações comparativas estejam implícitos. Por isso, cuidado para não errar uma questão de contagem de orações, como a FGV gosta de fazer. Além disso, preste atenção à lição do *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*:

"A omissão de certos termos ao fazermos uma *comparação*, omissão própria da língua falada, deve ser evitada na língua escrita, pois compromete a clareza do texto: nem sempre é possível identificar, pelo contexto, qual o termo omitido. A ausência indevida de um termo pode impossibilitar o entendimento do sentido que se quer dar a uma frase:

Errado: *O salário de um professor é mais baixo* ***do que um*** *médico.*

A omissão de termos provocou uma comparação indevida: "*o salário de um professor*" com "*um médico*".

Certo: *O salário de um professor é mais baixo do que o salário de um médico.*

Certo: *O salário de um professor é mais baixo do que o de um médico.*

Errado: *O alcance do Decreto é diferente* ***da Portaria***.

Novamente, a não repetição dos termos comparados confunde. Alternativas para correção:

Certo*: O alcance do Decreto é diferente do alcance da Portaria.*

Certo: *O alcance do Decreto é diferente do da Portaria.*

Errado: *O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do* ***que*** *os Ministérios do Governo.*

No exemplo acima, a omissão da palavra *outros* (ou *demais*) acarretou imprecisão:

Certo*: O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do que os* ***outros*** *Ministérios do Governo.*

Certo: *O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do que os* ***demais*** *Ministérios do Governo.*

Orações Subordinadas Adverbiais Finais

Exprimindo ideia de finalidade, são iniciadas pelas conjunções subordinativas finais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas.*

– *Entre em silêncio* ***para que as crianças não acordem***.

– *Tudo fiz* ***porque ela se casasse comigo***.

– *Estudem mais* ***a fim de que resolvam bem as questões***.

Obs.: Diferença entre **oração completiva nominal** e **oração final**.

– *O Instituto de Assistência à Saúde continua habilitado* ***para que gerencie o maior hospital da região***. (completiva nominal; o adjetivo *habilitado* exige a preposição *para,* que se une à conjunção integrante, aparentando se tratar de uma locução conjuntiva final)

– *Não deixe de preencher corretamente o envelope* ***para que os Correios façam um bom trabalho de entrega***. (adverbial final; não há nenhum termo exigindo a preposição *para,* logo *para que* é uma locução conjuntiva final)

Orações Subordinadas Adverbiais Proporcionais

Exprimindo ideia de proporcionalidade, são iniciadas pelas conjunções subordinativas proporcionais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Entre as revistas, X e Y mostram perfis engajados, **ao passo que Z é ligeiramente desviante**.*
– ***À medida que o Brasil acelera**, os limites impostos pelo real valorizado aparecem.*
– ***Quanto menos as pessoas comem e bebem**, mais elas pensam e teorizam.*

Obs.: Normalmente há uma relação de causa e efeito nestas construções, em que a causa está contida na oração proporcional, e o efeito, na principal. Cuidado com questões de causa e consequência muito trabalhadas pela FCC, pois vai que o "homem da banca" resolva criar uma questão de causa-efeito com estrutura de oração proporcional... iria ser bacana.

Orações Subordinadas Adverbiais Temporais

Exprimindo ideia de tempo, são iniciadas pelas conjunções subordinativas temporais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Já se sentiu sozinho **enquanto havia 300.000 pessoas ao seu redor**?*
– ***Desde que essas explicações chegaram à minha vida**, nunca mais fui o mesmo estudante.*
– ***Depois que ela adormecer**, iremos fugir deste lugar.*

Obs.: Segundo o mestre Francisco de Assis Moura Sobreira, a oração subordinada adverbial temporal iniciada pela conjunção *quando* pode indicar frequência, simultaneidade, posterioridade etc.:

– ***Quando ele nos visitava**, trazia alegria à nossa casa.* (frequência; = *sempre que*)
– *Chegamos ao aniversário **quando partiam o bolo**.* (simultaneidade; = *no momento que*)
– *André só se formou **quando completou trinta anos**.* (posterioridade; = *depois que*)

Às vezes, o verbo da oração adverbial pode vir implícito após *quando*: *Quando em sala de aula*, os alunos conseguem se concentrar. (= Quando *estão* em

sala de aula...). Veja mais sobre tal conjunção no capítulo de *conjunções subordinativas.*

Orações Subordinadas Adverbiais Modais

Apesar de a NGB não contemplar este tipo de oração, preciso falar dela, pois ela existe. Ainda bem que Bechara não faz vista grossa e coloca na gramática dele tal oração. Ela é iniciada pela locução conjuntiva *sem que.*

– *Os alunos saíram da sala de aula* ***sem que a professora percebesse****.*

Obs.: "Pestana, e a chance de cair essa oração modal na prova?" Nunca vi uma questão trabalhando isso, mas... nunca se sabe o dia de amanhã...

Orações Subordinadas Adverbiais Justapostas

Além das tradicionais orações já vistas, todas iniciadas por conjunções subordinativas, é bom que você saiba o seguinte: 1) existem muitas orações que simplesmente não são iniciadas por conjunção alguma e 2) existem muitas orações iniciadas por pronomes interrogativos e advérbios interrogativos. Acerca das orações a partir do número 4, a NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) nada diz, mas elas existem! Veja:

1) Oração Subordinada Adverbial Temporal Justaposta

– ***Há aproximadamente dez anos*** *que não viajo para a Europa.*

– ***Faz cinco meses*** *que minhas filhas estão morando na Inglaterra.*

Obs.: O *que* dessas frases é expletivo, ou seja, pode ser retirado sem prejuízo sintático ou semântico à frase. No entanto, alguns gramáticos o consideram como uma conjunção subordinativa temporal, como Bechara. Sacconi e outros a veem como conjunção integrante. Nunca vi questão alguma sobre isso.

2) Oração Subordinada Adverbial Condicional Justaposta

– ***Não fosse a perseverança***, *jamais teria conseguido.*

– ***Tivesse eu muito dinheiro***, *ajudaria mais as pessoas.*

3) Oração Subordinada Adverbial Concessiva Justaposta

– *Haverá futebol no feriado,* ***custe o que custar***.

Obs.: Sacconi, Bechara e outros gramáticos entendem que as orações cristalizadas na língua a seguir são contadas como uma só oração concessiva: *aconteça o que acontecer, custe o que custar, haja o que houver, dê no que der, dê onde der, venha o que vier, venha donde vier, seja o que for, seja como for* etc.

4) Oração Subordinada Adverbial Locativa Justaposta

– *O carro ficou estacionado* ***onde o deixamos***.

– *Moro* ***onde não mora ninguém***.

5) Oração Subordinada Adverbial de Companhia Justaposta

– *Aqui você aprende* ***com quem sabe ensinar***.

– *Toda mulher interesseira só sai* ***com quem tem dinheiro***.

6) Oração Subordinada Adverbial de Favor Justaposta

– *Assim como morreria pela pátria, morrerei* ***por quem sempre me deu todo o apoio***: *meu pai.*

– *Apesar de nunca ter amado, tudo farei* ***por quem eu amar***.

7) Oração Subordinada Adverbial de Assunto Justaposta

– *Conversamos durante a madrugada* ***sobre quem irá substituir-me na empresa***.

– *Só falam* ***sobre quantas mulheres irão ao evento***.

O Que Cai Mais na Prova?

Depois de martelar tanto na sua cabeça "Decore as conjunções, decore as conjunções, decore as conjunções...", creio que você já tenha feito isso, certo? (Espero que sim.)

Pois bem... as provas de concursos públicos, de modo geral, privilegiam as orações subordinadas, por isso devemos estar atentos a todas. Sobre orações justapostas, é *megarraro* cair. Faça as questões consultando a teoria. *Xô, preguiça!*

Questões de Concursos

1. (Empasial – TJ/SP – Oficial de Justiça – 1999) Indique a oração coordenada sindética explicativa:

a) O paciente salvou-se porque não bebia.
b) Não fui à escola porque fiquei doente.
c) Não beba, porque você se salvará.
d) Não posso receber mais inscrições porque não há mais vagas.
e) Fomos bem recebidos porque trazíamos boas notícias.

2. (Empasial – TJ/SP – Escrevente Judiciário – 1999) Analise sintaticamente a oração em destaque: "Bem-aventurados os que ficam, porque eles serão recompensados." (Machado de Assis)

a) oração subordinada substantiva completiva nominal.
b) oração subordinada adverbial causal.
c) oração subordinada adverbial temporal desenvolvida.
d) oração coordenada sindética conclusiva.
e) oração coordenada sindética explicativa.

3. (FAB – EAGS – Sargento – 2003) Observe o termo em destaque no trecho a seguir e assinale a alternativa que traz a correta consideração a seu respeito quanto à justificativa de sua grafia.
"Por isso os antigos sabiamente pintaram o amor menino; porque não há amor tão robusto que chegue a ser velho." (Pe. Antônio Vieira)

a) Trata-se de uma interrogativa indireta.
b) Porque é uma conjunção explicativa, e somente neste caso justifica-se tal grafia.
c) Busca-se explicitar o motivo do que se afirma na primeira oração.
d) A palavra porque introduz um enunciado afirmativo, e, neste caso, faz-se uso de conjunção, seja explicativa, seja causal.

4. (FAB – AFA – Oficial – 2005) Leia o fragmento abaixo transcrito.

"– Por que Laís não chegou ainda?
– Ela não chegou porque o carro que a conduzia quebrou.
– Gostaria que ela chegasse logo porque preciso dela aqui!"

Os termos destacados devem ser classificados, respectivamente, como:

a) Advérbio; conjunção coordenativa explicativa; conjunção subordinativa causal.
b) Advérbio; conjunção subordinativa causal; conjunção coordenativa explicativa.
c) Preposição acidental; conjunção subordinativa causal; conjunção coordenativa conclusiva.
d) Preposição acidental; conjunção subordinativa causal; conjunção coordenativa explicativa.

5. (Esaf – IRB Brasil Seguros – Analista – 2006) Assinale a opção que apresenta truncamento sintático.

a) Duas pesquisas, divulgadas nos últimos dias, mostram que as políticas sociais e de combate à fome implementadas pelo governo federal começam a apresentar resultados concretos na melhoria das condições de vida do povo brasileiro.
b) Um estudo da Fundação Getúlio Vargas, intitulado "Miséria em Queda", baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE, confirmando que a miséria no Brasil caiu em 2004, e atingiu o nível mais baixo desde 1992.
c) O número de pessoas que estão abaixo da linha da pobreza passou de 27,26% da população, em 2003, para 25,08% em 2004. Em 1992, esse percentual era de 35,87%.
d) É considerado abaixo da linha da pobreza quem pertence a uma família com renda inferior a R$ 115 mensais, valor considerado o mínimo para garantir a alimentação de uma família. O estudo da FGV mostrou que o índice de miséria no Brasil caiu 8% de 2003 para 2004, deixando o país com a menor proporção de miseráveis desde 1992.
e) A redução da taxa foi fortemente influenciada pela queda na distância entre os ricos e pobres no Brasil, registrada em três anos consecutivos. Somente em 2004, a desigualdade caiu duas vezes mais do que no ano anterior.

6. (EJEF – TJ/MG – Analista Judiciário – 2007) Assinale a alternativa em que o pronome assinalado NÃO preenche, na frase em que se encontra, a mesma função sintática exercida pelos que estão destacados nas demais frases.

a) "E o universo em **que** vivemos hoje [...] é [...] diferente do de uma pessoa de 1650."
b) "Ela é verdadeira [...] para sacerdotes egípcios **que** viveram há quatro mil anos."
c) "No topo, ficam as verdades absolutas, **que** transcendem o elemento humano."
d) "São as verdades matemáticas, as **que** podem ser afirmadas categoricamente."

7. (FGV – Senado Federal – Técnico Legislativo – Administração – 2008) "Mas o fato é <u>que transparência deixou de ser um processo de observação cristalina</u> para assumir um discurso de políticas de averiguação de custos engessadas que pouco ou quase nada retratam as necessidades de populações distintas.".

A oração grifada no trecho acima classifica-se como:

a) subordinada substantiva predicativa;
b) subordinada adjetiva restritiva;
c) subordinada substantiva subjetiva;
d) subordinada substantiva objetiva direta;
e) subordinada adjetiva explicativa.

"Se recebo um presente dado com carinho por pessoa de quem não gosto – como se chama o que sinto? Uma pessoa de quem não se gosta mais e que não gosta mais da gente – como se chama essa mágoa e esse rancor? (...)"

8. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) Nos segmentos "– como se chama o que sinto?" e "e que não gosta mais da gente", os pronomes relativos exercem a mesma função sintática.

( ) CERTO
( ) ERRADO

9. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2009) ***A sociedade não tem lado de fora. O que está fora da sociedade seria desumano, pois ela nada mais é que a relação entre os humanos.***

A respeito do uso do vocábulo *pois* no fragmento acima, pode-se afirmar que se trata de:

a) uma conjunção subordinativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de explicação;
b) uma preposição que estabelece conexão entre períodos coordenativos introduzindo valor de consequência;
c) uma conjunção coordenativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de alternância;
d) um pronome relativo que introduz a oração relativa explicativa, retomando a expressão sociedade;
e) uma conjunção coordenativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de explicação.

10. (Cesgranrio – DETRAN/AC – Advogado – 2009) ***O barulho no local era tão alto que o homem, coitado, saiu rápido.***

Indique o único período que mantém exatamente o mesmo sentido da oração apresentada acima, embora com outra estrutura.

a) Quando o barulho ficou muito alto, o homem coitado saiu rápido.
b) O homem, que era muito rápido, saiu por causa do barulho tão alto no local.
c) O homem saiu rápido porque no local o barulho era muito alto. Coitado.
d) Depois de ouvir um barulho muito alto, o homem rápido saiu.
e) No local, o barulho, coitado, era tão alto que o homem saiu rápido.

"(...) No máximo interessará às pessoas jurídicas que buscam crédito de curtíssimo prazo ou financiamentos para exportação. (...)"

11. (Esaf – SEFAZ/SP – Analista de Finanças e Controle – 2009) Ainda em relação ao texto, assinale a opção correta.

a) O segmento "que buscam crédito de curtíssimo prazo ou financiamentos para exportação" constitui oração subordinada adjetiva restritiva.

12. (FUNCAB – Pref. Porto Velho/RO – Médico – 2009) No trecho abaixo, as orações introduzidas pelos termos grifados são classificadas, em relação às imediatamente anteriores, como:

"Não há dúvida <u>de que</u> precisaremos curtir mais o dia a dia, <u>mas</u> nunca à custa de nossos filhos..."

a) subordinada substantiva objetiva indireta e coordenada sindética adversativa;
b) subordinada adjetiva restritiva e coordenada sindética explicativa;
c) subordinada adverbial conformativa e subordinada adverbial concessiva;
d) subordinada substantiva completiva nominal e coordenada sindética adversativa;
e) subordinada adjetiva restritiva e subordinada adverbial concessiva.

13. (TJ/SC – TJ/SC – Analista Jurídico – 2009) Há exemplo de oração subordinada adjetiva restritiva em:

a) Esse fóssil se compõe de exemplares de *Paleodictyon nodosum*, que, por viverem em condições extremas no fundo dos oceanos, acabaram protegidos dos ciclos predatórios.
b) O magistrado afirma que os tribunais devem fixar prazo ao Poder competente para a adoção das providências necessárias.
c) Estuda-se o incentivo fiscal às empresas que, possuindo mais de 20 funcionários, tenham no mínimo 20% de negros em seu quadro profissional.

d) Quando um ciclone nasce e se desenvolve no Oceano Atlântico, ele é chamado furacão.
e) A comunicação com o usuário se processa através dos famigerados *call centers*, cujos serviços são terceirizados.

14. (Cespe/UnB – ADAGRI/CE – Agente Estadual Agropecuário – 2009) O segmento "que agravam o efeito estufa" (... emissões de gases que agravam o efeito estufa...) constitui oração subordinada adjetiva restritiva.
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (CONSULPLAN – Pref. St. Maria Madalena/RJ – Enfermeiro – 2010) (Adaptada) A análise dos elementos destacados está **INCORRETA** em:
I. "... *de que seus atos repercutem*,..." (... *precisa ter consciência de que seus atos repercutem...*) – oração subordinada substantiva completiva nominal.
II. "... *que nossa economia floresce*,..." (*Dizem que nossa economia floresce...*) – oração subordinada substantiva objetiva direta.

"(...) mas antes de qualquer ação existiu a imaginação, um sonho que, aliado ao conhecimento e habilidades, pode transformar-se em algo concreto. (...) Oportunidades aos empreendedores, aos inovadores, às pessoas e empresas que tiverem atitude e criatividade (...) novos usos de produtos e boas oportunidades para os mercados que passaram a existir (...) seja o primeiro a descobrir uma chance que ninguém está conseguindo ver. (...) faço das palavras de Einstein minha resposta: alguém que duvidou e provou o contrário.

16. (Cesgranrio – BNDES – Técnico Administrativo – 2010) O pronome relativo que difere dos demais, nos trechos listados abaixo, quanto à função sintática, é:
a) "...que aliado ao conhecimento e habilidades pode transformar-se..."
b) "...que tiverem atitude e criatividade,"
c) "...que passaram a existir."
d) "...que ninguém está conseguindo ver."
e) "...que duvidou e provou o contrário."

17. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) A oração "que se tornariam centrais na produção intelectual e artística do século XX" (Euclides realizara um mapeamento de temas que se tornariam centrais na produção intelectual e artística do século XX) tem, no período em que se insere, sentido explicativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2010) *Observe:*
I. *Eu não sei*
***Se** vem de Deus*
Do céu ficar azul
II. ***Se** desmorono ou **se** edifico*
***Se** permaneço ou me desfaço,*
– Não sei, não sei.

III. *Mundo mundo vasto mundo,*
***Se** eu me chamasse Raimundo*
Seria uma rima, não seria uma solução
IV. *Meu Deus, por que me abandonaste*
***Se** sabias que eu não era Deus*
***Se** sabias que eu era fraco.*

Assinale a alternativa em que todas as afirmações estão corretas.

a) Em IV, há duas orações subordinadas adverbiais condicionais.
Em III, há uma oração subordinada adverbial condicional.
b) Em I, há uma oração subordinada substantiva objetiva direta.
Em IV, há duas orações subordinadas adverbiais causais.
c) Em II, há uma oração subordinada substantiva objetiva
direta. Em III, há uma oração subordinada adverbial causal.
d) Em III, há uma oração subordinada substantiva objetiva
direta. Em I, há uma oração subordinada adverbial causal.

"**Se falharmos aí**, trairemos o compromisso com a saúde e com a vida do planeta."

19. (Cesgranrio – Eletrobras Eletronuclear – Analista (Meteorologia) – 2010) A primeira oração do período, destacada acima, liga-se à segunda oração, estabelecendo uma relação de sentido. A relação de sentido entre as orações é de:

a) comparação;
b) proporção;
c) conformidade;
d) condição;
e) finalidade.

20. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2010) A alternativa que reescreve corretamente o período "É preciso ensaiar para não fazer em campo apenas as jogadas ensaiadas." iniciando-o com a ideia de finalidade, é:

a) Para que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
b) Embora não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
c) Ainda que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
d) Por mais que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
e) Contanto que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.

21. (Vunesp – TJ/SP – Agente de Fiscalização Judiciária – 2010) Considere este trecho "*os brasileiros são obrigados a ser mais flexíveis com os horários porque a infraestrutura não ajuda*".

A oração que tem a mesma natureza sintática da oração subordinada "*porque a infraestrutura não ajuda*" é:

a) uma vez que a infraestrutura não ajuda;.
b) embora a infraestrutura não ajude;
c) a infraestrutura, pois, não ajuda;
d) muitas vezes a infraestrutura não ajuda;
e) como a infraestrutura não ajuda.

22. (ACEP – Pref. Quixadá/CE – Psicólogo – 2010) No período "O essencial é o seguinte: //nunca antes neste país houve um governo tão imbuído da ideia // de que veio // para recomeçar a história.", a oração sublinhada é classificada como:
a) coordenada assindética;
b) subordinada substantiva completiva nominal;
c) subordinada substantiva objetiva indireta;
d) subordinada substantiva apositiva.

23. (FUNCAB – SESAP/RN – Médico – 2010) A oração grifada em: "...e até mesmo em locais ao ar livre, caso se comprove que a fumaça não se dispersa com facilidade.", classifica-se como subordinada:
a) substantiva subjetiva;
b) substantiva objetiva direta;
c) substantiva completiva nominal;
d) adjetiva restritiva;
e) adjetiva explicativa.

24. (MPE/SC – MPE/SC – Promotor de Justiça – 2010) (Adaptada) Julgue a afirmativa abaixo:
Imponho-lhe somente um objetivo: que administre bem o patrimônio público. O sinal de dois pontos foi usado para separar uma oração subordinada substantiva apositiva, tal como pode ocorrer com o aposto.

25. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) *Vê-se, pois, que o plano ético permeia todas as ações humanas.*
Com relação à frase transcrita e a análise sintática tradicional, considere a afirmativa a seguir.
I. O vocábulo *que* é uma conjunção integrante e presta-se a articular a oração subjetiva ao núcleo verbal que a subordina.

26. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Na construção "mais à pintura e à musica do que à filosofia e à religião", o vocábulo "que" introduz oração restritiva com verbo elíptico.
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Cespe/UnB – TJ/ES – Cargos de Nível Superior – 2011) No desenvolvimento da argumentação do texto, a oração "A semana terminou sem que estivesse claro o futuro político do maior aliado dos Estados Unidos da América (EUA)" expressa circunstância de causa em relação à oração que a antecede.
( ) CERTO
( ) ERRADO

28. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) A oração cuja classificação está **INCORRETA** é:
a) "Se eu morrer, morre comigo um certo modo de ver."– oração subordinada adverbial condicional.
b) "Parece fácil, mas não é." – oração coordenada sindética adversativa.
c) "O campo visual da nossa rotina é como um vazio." – oração principal.
d) "Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta." – oração absoluta.

e) "O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem..." – oração coordenada assindética.

É importante desmistificar a ideia de que política é uma sujeira só e sem utilidade.

29. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) Em relação ao período acima, analise a afirmativa a seguir:
– Há uma oração completiva nominal.

"(...) Um projeto de lei, em debate no parlamento espanhol, propõe que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai vir em primeiro lugar – deixando a cargo dos pais escolher a ordem dos sobrenomes. (...)"

30. (COPEVE/UFAL – UFAL – Bibliotecário Documentalista – 2011) Dadas as proposições seguintes,
I. Há, no texto, uma oração subordinada substantiva objetiva direta.

"É sabido que a bactéria em questão – *Escherichia coli* – somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes – animais ou humanas."

31. (Cespe/UnB – CBM/DF – Bombeiro – 2011) O trecho "que a bactéria em questão – *Escherichia coli* – somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes – animais ou humanas" exerce a função de sujeito da locução "É sabido".
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – CBM/DF – Bombeiro – 2011) A oração "que pôs a Europa em estado de emergência médica" (A bactéria que pôs a Europa em estado de emergência médica...) tem caráter explicativo e, por isso, poderia ser empregada entre vírgulas, mantendo-se a correção gramatical e o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Não implica, tampouco, autoconsciência crítica ou consciência histórica, nem a necessidade de identificar se existe uma tendência"

33. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) No fragmento anterior, as orações de identificar e se existe uma tendência são, respectivamente:
a) oração subordinada substantiva objetiva direta e oração subordinada substantiva objetiva direta;
b) oração subordinada substantiva completiva nominal e oração subordinada substantiva objetiva direta;
c) oração subordinada substantiva objetiva indireta e oração subordinada adverbial condicional;
d) oração subordinada substantiva completiva nominal e oração subordinada adverbial condicional;
e) oração subordinada substantiva objetiva indireta e oração subordinada substantiva objetiva direta.

34. (Fadems – TJ/MS – Analista Judiciário – 2012) A alternativa que traz a análise correta da oração "por que 'velho' é politicamente incorreto", em "Não entendo por que 'velho' é politicamente incorreto", é:

a) subordinada substantiva objetiva direta;
b) subordinada adverbial causal;
c) subordinada adjetiva explicativa;
d) subordinada substantiva predicativa;
e) coordenada sindética explicativa.

35. (FAB – AFA – Oficial – 2012) As palavras abaixo destacadas foram utilizadas para introduzir orações subordinadas substantivas. Porém, em somente uma opção, essa relação sintática foi estabelecida por uma conjunção integrante própria. Assinale-a.

a) "Impressiona-me como se formam conceitos, são opiniões, baseados em estatísticas..."
b) "Parece haver uma disputa para saber quem dá mais informações e estatísticas..."
c) Estou sem paciência para assistir a tantas partidas tumultuadas no Brasil."
d) "Na partida entre Escócia e Brasil, um repórter da TV Globo deu a "grande notícia", que Neymar foi o primeiro jogador brasileiro..."

Fragmento de texto

(...) A primeira convicção política incutida em meu espírito foi que o município não tinha recursos, e que por esse motivo andava descalçado, ou devia o calçado; (...)

36. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) A "primeira convicção política" do narrador é constituída, de fato, por duas convicções, que completam o sentido da forma verbal "foi": "que o município não tinha recursos" e "que por esse motivo andava descalçado, ou devia o calçado".

( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) No trecho "É verdade que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas", o emprego da forma verbal singular "É" justifica-se pelo fato de essa forma verbal não ter sujeito explícito.

( ) CERTO
( ) ERRADO

38. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Na linha 12 (Ficava no canto da maloca, trepado no jirau de paxiúba, espiando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que tinha), a oração "que tinha", sintática e semanticamente dispensável para o texto, caracteriza-se por ter um pronome relativo como sujeito sintático.

( ) CERTO
( ) ERRADO

39. (FUNCAB – MPE/RO – Analista (ADM) – 2012) Em "(...) Garanto: naquela região se operam, de fato, milagres QUE SALVAM VIDAS DIARIAMENTE. (...)", a oração em destaque classifica-se como:

a) subordinada substantiva subjetiva;

b) subordinada substantiva predicativa;
c) coordenada sindética explicativa;
d) subordinada adjetiva restritiva;
e) subordinada adjetiva explicativa.

40. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Agente de Adm. Previdenciária – 2012) "...as mudanças feitas por ele no planeta têm sido tão rápidas **que agora elas ameaçam não só a humanidade mas também muitas espécies**..."; a oração negritada mostra a ideia de:
a) consequência;
b) comparação;
c) concessão;
d) modo;
e) causa.

41. (FUNDEP – GASMIG – Técnico em Administração – 2012) "[...] aceleram novas descobertas que, por sua vez, servem de ferramenta [...]".
Considerando o pronome sublinhado nessa frase, é ***correto*** afirmar que ele exerce a função sintática de:
a) sujeito indeterminado;
b) sujeito inexistente;
c) sujeito oculto;
d) sujeito simples;

Gabarito

1. C.	10. C.	18. B.	26. ERRADO.	34. A.
2. E.	11. A.	19. D.	27. ERRADO.	35. D.
3. D.	12. D.	20. A.	28. C.	36. ERRADO.
4. B.	13. C.	21. A.	29. CORRETA.	37. ERRADO.
5. B.	14. CERTO.	22. B.	30. CORRETA.	38. ERRADO.
6. A.	15. NENHUMA.	23. A.	31. CERTO.	39. D.
7. A.	16. D.	24. CORRETA.	32. ERRADO.	40. A.
8. ERRADO.	17. ERRADO.	25. CORRETA.	33. B.	41. D.
9. E.				

Capítulo 24

Orações Reduzidas

Definição

As **orações reduzidas** têm as seguintes características:

- apresentam o verbo numa das formas nominais (gerúndio, particípio e infinitivo);
- nunca são iniciadas por conjunções (no caso das substantivas e adverbiais) nem por pronomes relativos (no caso das adjetivas);
- normalmente podem ser reescritas (desenvolvidas) com esses conectivos;
- podem ser iniciadas por preposição ou locução prepositiva.

Veja exemplos:

– *Saí da religião,* ***sem ser incomodado***. (reduzida)
– *Saí da religião,* ***sem que me incomodassem***. (desenvolvida)

– ***Agindo Deus****, quem pode impedi-lo?* (reduzida)
– ***Se Deus age****, quem pode impedi-lo?* (desenvolvida)

– ***Terminada a prova****, fomos ao restaurante.* (reduzida)
– ***Quando terminou a prova****, fomos ao restaurante.* (desenvolvida)

Obs.: É bom dizer que algumas orações reduzidas adverbiais, quando desenvolvidas, podem apresentar mais de uma análise semântica. Por exemplo: "***Resolvido o problema****, todos confraternizaram.*" (causa? / tempo?)

Vejamos agora todos os tipos de orações reduzidas. Acompanhe!

Orações Reduzidas de Infinitivo

Podem ser substantivas, adjetivas ou adverbiais. Lembre-se de que, se o infinitivo for pessoal, irá flexionar normalmente.

Substantivas

– *É preciso* ***trabalhar muito***. (subjetiva)
– *Não convém* ***resolver a questão agora***. (subjetiva)

– *Deixe* ***o aluno pensar***. (objetiva direta)
– *"Achei uma injustiça* ***não me premiarem também****."* (objetiva direta)

– *Os adversários o acusaram* ***de fazer coisas erradas***. (objetiva indireta)
– *Por que não aconselha seu filho* ***a largar aquele trabalho****?* (objetiva indireta)

– *A melhor política é* ***ser honesto***. (predicativa)
– *O mais honesto seria* ***tu lhe pedires perdão***. (predicativa)

– *Uma parte do povo é capaz* ***de mobilizar toda a nação***. (completiva nominal)
– *Este é um livro difícil* ***de ler***. (completiva nominal)

– *Temos uma missão:* ***criar os filhos***. (apositiva)
– *Só te falta uma coisa para o sucesso:* ***seres mais longânime***. (apositiva)

Cuidado!!!

1) Em *"Cabe frisar que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural."*, o sujeito do verbo *caber* é oracional, a saber: *frisar que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural.* Note que, dentro desse sujeito oracional, há outras orações (*que* <u>*reconhecer*</u> *a importância da*

educação na existência da humanidade / é / dar valor àquilo / que consideramos como nossa própria descendência cultural). Esse sujeito enorme é chamado também de **sujeito complexo**. Troque-o por "**isso**", ficará: "**isso** cabe". O gramático Gladstone Chaves de Melo corrobora tal análise. A FCC e a Esaf gostam de trabalhar esses sujeitos gigantes na parte de concordância verbal! Fique atento!

2) Não confunda **subordinadas substantivas completivas nominais** com **subordinadas adverbiais finais**. Em *"Estou pronto para entrar em qualquer instituição federal."*, *"Este cheque foi bom para resolver minha vida."* e *"Esta doutrina gramatical é essencial para compreendermos outras dificuldades linguísticas."*, a preposição *para* é exigida pelos adjetivos *pronto, bom e essencial*, portanto ela inicia **orações subordinadas substantivas completivas nominais**.

3) O infinitivo **não** constitui oração basicamente em dois casos: **em locução verbal** e quando **substantivado**.

– *Mesmo que tenha sido ele o culpado, deve **haver** algum engano aqui.*

– *O **comer** e o **beber** fazem parte da vida.*

Bechara e Sacconi alistam outros casos de ***não orações***, como:

a) ***Querer*** é ***poder***!

Tais infinitivos em sentido vago são considerados meros substantivos, logo só há uma (1) oração neste período, marcada pelo verbo *ser* (é). Só serão considerados orações se vierem acompanhados de complementos ou adjuntos adverbiais: *"Querer a vitória é poder!"*. Agora há duas orações (*Querer a vitória / é*).

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UNB – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2007) Com referência à sintaxe das orações e dos períodos do texto, assinale a opção correta.

c) O período "Votar aos 16 anos é despertar uma consciência cidadã" (L.7-8) é composto por duas orações. (Na verdade, há três orações: Votar aos 16 anos / é / despertar uma consciência cidadã).

b) Vamos à sala de ***jantar***?

A palavra *jantar* é considerada núcleo do adjunto adnominal, como um mero substantivo, logo não constitui uma oração. Esse período, portanto, tem uma oração, marcada pelo verbo *ir* (Vamos). "Quando a preposição *de* e o **infinitivo** equivalem a um adjetivo, temos predicativo, e não oração reduzida: *É **de admirar** (admirável) que isso ainda aconteça.*"

Falo mais sobre isso no capítulo 28, de *Concordância*, em *Casos Especiais*.

Adjetivas

– *João não é homem* ***de meter os pés pelas mãos***.
– *Consoante a Bíblia, a morte é o último inimigo* ***a ser destruído***.

Adverbiais

– ***Apesar de estar machucado****, continua jogando bola.* (concessiva)
– ***Não obstante ser ainda um estagiário****, tinha postura de líder.* (concessiva)

– ***Sem estudar****, não passarão.* (condicional)
– ***A julgar pelas aparências****, os dois países formam uma aliança exemplar.* (condicional)

– *Ela passou mal,* ***de tanto comer balas***. (causal)
– ***Por terem sido vítimas****, serão ressarcidas.* (causal)

– *Aquela cena o chocou* ***a ponto de lhe tirar o sono***. (consecutiva)
– *Nossos parentes são muitos leais* ***para serem nossos acusadores***. (consecutiva)

– *Ela estuda* ***para fazer um concurso***. (final)
– ***A fim de encontrar a verdade sobre Deus****, farei tudo!* (final)

– *Pense muito bem* ***antes de tomar uma ação***. (temporal)
– ***Ao se despedirem dos seus amigos****, guarde-os no coração.* (temporal)

Cuidado!!!

1) É praxe que as adverbiais reduzidas iniciadas pelas preposições *ao, a, para, por, sem* sejam, respectivamente, de tempo, condição, finalidade, causa e concessão/condição:

– ***Ao entrar****, faça silêncio.*

– ***A persistirem os sintomas***, *o médico deverá ser consultado.*
– ***Para viajar***, *é preciso dinheiro.*
– ***Por ser exato***, *o amor não cabe em si.*
– ***Sem estudar***, *passou.*
– ***Sem estudar***, *não passa.*

* É raro as reduzidas finais virem sem preposição, mas é possível: "*Fomos ao cartório* ***assinar um documento***."

2) Há certas orações adverbiais não contempladas pela NGB:

– ***Em vez de você ficar pensando nele***, *pense em mim.* (exclusão)
– ***Além de os lutadores serem agressivos***, *eram ágeis.* (Cegalla pensa ser coordenada aditiva = *Os lutadores eram agressivos e eram ágeis.*)
– *Retirei-me discretamente* ***sem ser notado***. (modal)

Orações Reduzidas de Gerúndio

Podem ser coordenadas aditivas, substantivas apositivas, adjetivas ou adverbiais.

Coordenada Aditiva

– *Pagou a conta,* ***ficando livre dos juros***. *(Pagou a conta* ***e ficou livre dos juros****.)*
– *O poeta residiu em Ilhéus na década de 20,* ***dedicando-se tão somente à literatura neste período***. *(O poeta residiu em Ilhéus na década de 20* ***e se dedicou tão somente à literatura neste período****.)*

Obs.: No primeiro período, certos estudiosos (Bechara, p. ex.) cogitam a ideia de consequência, ou seja: "*Pagou a conta,* ***de modo que ficou livre dos juros***". No segundo período, outros entendem que a oração pode indicar finalidade: "*O poeta residiu em Ilhéus na década de 20,* ***para que se dedicasse tão somente à literatura neste período***.".

Substantiva Apositiva

– *Esta é a melhor maneira de conhecer as pessoas:* ***convivendo com elas***.
– *O melhor caminho para chegar ao coração dela é este:* ***cantando liras***.

Adjetiva

– *Criança* ***pedindo esmola*** *dói o coração.*
– *Na UPP, encontrei doze soldados* ***portando fuzis***.

Adverbial

– ***Mesmo não tendo condições****, comprou um terno.* (concessiva)
– ***Sendo ele um rapaz tão arredio****, nunca lhes faltou com o respeito.* (concessiva)

– ***Agindo desse modo****, ninguém ficará com você.* (condicional)
– *"Chegarás facilmente lá,* ***querendo****."* (condicional; Said Ali)

– ***Temendo a reação do pai****, não contou a verdade.* (causal)
– *Agora vejo que errei,* ***mantendo-me calado***. (causal; Cegalla)

– ***Saindo do estádio****, encontrei meus amigos. (temporal)*
– ***Em fazendo os trabalhos escolares****, deixarei que brinque na rua. (temporal/condicional)*

Obs.: Oração subordinada adverbial modal reduzida de gerúndio (não contemplada pela NGB): *"O homem entrou na sala* ***dando empurrões.***". Oração subordinada adverbial de assunto reduzida de gerúndio: "***Em se tratando de seleção brasileira****, nós sempre falamos mal.*".

Orações Reduzidas de Particípio

Podem ser adjetivas ou adverbiais.

Adjetivas

– *Uma modelo* ***vinda da Bulgária*** *chamou a atenção de todos no Brasil.*
– *A notícia* ***divulgada pela mídia*** *era falsa.*
– *O nosso planeta,* ***ameaçado constantemente por nós mesmos****, ainda resiste.*

Adverbiais

Note que o particípio concorda em gênero e número com os termos a que se refere.

– ***Agredido pelo outro****, mantive a calma.* (concessiva)
– ***Mesmo derrotados pelo time adversário na primeira partida****, reergueram-se e conquistaram o título.* (concessiva)

– ***Aceitas as condições****, não haveria problemas.* (condicional)
– ***Tomados os Estados Unidos****, a Segunda Guerra teria outro fim.* (condicional)

– ***Preocupado com a prova****, ele se esqueceu da carteira.* (causal)
– ***Dada a notícia da herança****, as brigas começaram.* (causal/temporal)

– ***Terminada a aula****, todos pularam de alegria.* (temporal)
– ***Comprada a casa****, a família se mudou logo.* (temporal)

Cuidado!!!

1) As formas participiais nem sempre constituirão orações reduzidas; pois podem ser verdadeiros adjetivos com função de adjunto adnominal ou predicativo.

– *Os alunos foram* ***apaixonados*** *pela professora. (adjetivo, predicativo)*
– *Os alunos* ***gripados*** *voltaram mais cedo para suas casas. (adjetivo, adjunto adnominal)*

2) Em um período composto, a locução verbal ou o tempo composto não constituem oração reduzida. Para que haja oração reduzida com locução verbal, é necessário que o verbo auxiliar esteja em forma nominal do verbo (gerúndio, infinitivo, particípio)

– ***Tendo recebido* o dinheiro**, *comprarei o carro.* (oração reduzida de gerúndio)

– *Olhe com cuidado, pois as crianças estão brincando.* (locução verbal com o verbo auxiliar flexionado, fazendo parte de uma coordenada explicativa)

3) Devido ao paralelismo sintático, não se coordenam orações adjetivas reduzidas a orações desenvolvidas: *"Os candidatos* ***aprovados no exame médico e que estejam de posse da documentação*** *poderão apresentar-se à comissão."* (errado). / *"Os candidatos* ***aprovados no exame médico estando de posse da documentação*** *poderão apresentar-se à comissão."* (certo). O paralelismo exige que termos e orações de mesma função sintática se *combinem*, sejam *semelhantes*. Portanto o certo é usar duas orações *reduzidas* (***aprovados no exame médico*** e ***estando de posse da documentação***).

O Que Cai Mais na Prova?

As reduzidas adverbiais são bem frequentes. Cai muito também a reescritura delas (o desenvolvimento usando conectivo). Estude-as!

Questões de Concursos

(...) Mais uma vez, milhares de pessoas ganharam as ruas e forçaram os organizadores do encontro a antecipar o fim da reunião. (...)

1. (Esaf – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2000) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – O trecho "a antecipar o fim da reunião" funciona como objeto indireto.

(...) O comportamento das pessoas em grupo, tornando suas ações conhecidas e avaliadas, segundo critérios éticos do mesmo grupo quanto ao caráter, às condutas ou às intenções manifestadas e assim por diante, só repercute no direito se extrapolarem os limites deste. (...)

2. (Esaf – Auditor Fiscal Receita Federal – SRF – 2002) (Aadaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – A oração subordinada reduzida de gerúndio "tornando suas ações conhecidas e avaliadas" mantém seu valor adjetivo ao ser substituída pela desenvolvida adjetiva restritiva "que tornam suas ações conhecidas e avaliadas".

3. (FCC – TRT (15R) – Analista Judiciário – 2005) *A persistirem os sintomas, deve-se consultar o médico.*

A expressão sublinhada na frase acima tem o mesmo sentido que:

a) ainda que persistam;
b) tão logo persistam;
c) a menos que persistam;
d) caso venham a persistir;
e) mesmo se vierem a persistir.

4. (FGV – SSP-RJ – Perito Criminal – 2008) "Não vale a pena, nessa conjuntura, fragilizar o governo e sua política externa, como se fosse possível tornar esta matéria elemento decisivo para o jogo eleitoral para daqui a dois anos."

A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:

I. O sujeito do primeiro verbo do trecho é oracional.
II. O termo *elemento decisivo* tem função de predicativo do objeto.
III. O sujeito do verbo no subjuntivo é oracional.

Assinale:

a) Se apenas os itens I e II estiverem corretos.
b) Se apenas os itens I e III estiverem corretos.
c) Se apenas os itens II e III estiverem corretos.
d) Se nenhum item estiver correto.
e) Se todos os itens estiverem corretos.

5. (FGV – Senado Federal – Polícia Legislativa – 2008) "Em julho de 1898, temendo por sua saúde, escreveu um testamento, deixando para Carolina, sua esposa, entre outros bens, 7.000 contos em títulos da dívida pública do empréstimo nacional de 1895."

No período acima, a oração destacada tem valor:

a) condicional;
b) concessivo;
c) causal;
d) consecutivo;
e) conformativo.

(...) O capital, podendo optar por um investimento de porte em automação, em informática e em tecnologia de ponta, cada vez mais barata e acessível, não mais teria seu funcionamento embasado exclusivamente na exploração dos trabalhadores, cada vez mais exigentes quanto ao valor de sua força de trabalho. (...)

6. (Cespe/UnB – TST – Analista Judiciário – 2008) O valor de adjetivo do gerúndio em "podendo optar" fica preservado se essa oração reduzida for substituída pela subordinada adjetiva correspondente: **que pode optar**. Essa substituição manteria a coerência e a correção gramatical do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

"Desde cedo, a cidade teve o mérito de dar ao homem a possibilidade de evoluir além da luta pela sobrevivência pura e simples."

7. (FCC – TRT/SP (2ª R) – Técnico Judiciário – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Há duas orações subordinadas, equivalentes a substantivos, com seus verbos no infinitivo.

8. (FUNCAB – Pref. Porto Velho/RO – Médico – 2009) Aponte o período em que a oração reduzida abaixo foi corretamente desenvolvida.

"Ninguém precisa ter medo da morte sabendo que seus genes serão imortais".

a) Ninguém precisava ter medo da morte de tal modo que sabia que seus genes são imortais.
b) Embora soubesse que seus genes eram imortais, ninguém precisou ter medo da morte.
c) Ninguém precisa ter medo da morte para saber que seus genes são imortais.
d) Mesmo que soubesse que seus genes são imortais, ninguém precisaria ter medo da morte.
e) Ninguém precisa ter medo da morte se sabe que seus genes serão imortais.

9. (FCC – TRT/MA (16R) – Técnico Judiciário – 2009) ***Ao falarem de chuva* ...**

A frase acima está corretamente transcrita, sem alteração do sentido original, em:

a) Quando falam de chuva ...
b) À medida que falam de chuva ...
c) Como falam de chuva ...
d) Visto que falam de chuva ...
e) Conquanto falem de chuva ...

10. (FCC – TRT/MA (16R) – Técnico Judiciário – 2009) O vapor liberado pela transpiração das árvores sobe na atmosfera.

O vapor encontra camadas de ar frio.

O vapor se condensa e forma as nuvens.

As frases acima encontram-se articuladas em um único período, com clareza, correção e lógica, em:

a) O vapor, quando vai subindo na atmosfera com o vapor da transpiração das árvores, vão encontrar camadas de ar frio se condensando e formando as nuvens.
b) A fim de ser liberado pela transpiração das árvores, o vapor que se condensa formando as nuvens, quando encontra camadas de ar frio na atmosfera.
c) Ao subir na atmosfera, o vapor liberado pela transpiração das árvores encontra camadas de ar frio e se condensa, formando as nuvens.
d) O vapor que encontra camadas de ar frio se condensa e formam as nuvens, quando é liberado pela transpiração das árvores, subindo na atmosfera.
e) O vapor se condensa formando as nuvens, sendo liberado pela transpiração das árvores que sobem na atmosfera, com as camadas de ar frio.

11. (FCC – TRT/MG (3R) – Técnico Judiciário – 2009) ***Elas jogam milhões de toneladas de sedimentos no rio, <u>inviabilizando sua navegabilidade</u>.***

A oração grifada acima denota, considerando-se o contexto:

a) causa;
b) ressalva;
c) consequência;
d) temporalidade;
e) proporcionalidade.

12. (FGV – CODESP – Técnico em Informática – 2010) *Em 1994, foi criado o Conselho Nacional de Desenvolvimento Econômico e do Trabalho (National Economic Development and Labour Council – NEDLAC), cujo principal objetivo consistia em promover a integração entre governo, empresários e trabalhadores, tornando as decisões econômicas mais abrangentes para promover as metas do crescimento econômico e da igualdade social.*

Em relação ao período acima, analise as afirmativas a seguir:

I. O período é composto por quatro orações.
II. Há duas ocorrências de predicativo do objeto.
III. Há um caso de oração subordinada substantiva objetiva direta.

Assinale:

a) Se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.
b) Se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
c) Se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
d) Se nenhuma afirmativa estiver correta.
e) Se todas as afirmativas estiverem corretas.

13. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2010) Em qual das orações reduzidas abaixo há **ERRO** quanto à circunstância a ela atribuída?

a) Sem pensar, poderá, no futuro, pagar caro por suas decisões. (condição)
b) Não vendo o mundo a seu redor, fez um julgamento que o prejudicou. (causa)
c) Apesar de ser orgulhoso, estava disposto a novas tentativas. (consequência)
d) Ao criticar o amigo, não se lembrou de que o mundo dá voltas. (tempo)
e) Para ser finalmente feliz, era preciso mais uma vez analisar seu passado. (finalidade)

14. (FUNCAB – PRODAM/AM – Analista de TI – 2010) A oração reduzida de gerúndio no período "Batendo de quina pode até matar" exprime, em relação à oração principal, a circunstância de:

a) causa;
b) comparação;
c) condição;
d) consequência;
e) concessão.

15. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Ao escolher um caminho, pondera-se que, de algum modo ou sob algum prisma, é o melhor em relação a outro (...)

– A oração reduzida *Ao escolher um caminho* informa circunstância de tempo.

16. (Cesgranrio – BACEN – Analista do Banco Central – 2010) "Vemos incontáveis estrelas, emitindo sua radiação eletromagnética, perfeitamente indiferentes às atribulações humanas."

No período acima, encontram-se uma oração:

a) principal e outra subordinada reduzida de infinitivo;
b) principal e outra subordinada adjetiva reduzida de gerúndio;
c) principal e outra subordinada adjetiva reduzida de particípio;
d) coordenada e outra subordinada adjetiva restritiva;
e) coordenada e outra subordinada reduzida de gerúndio.

17. (FAURGS – TJ/RS – Oficial Escrevente – 2010) Considere a estrutura sintática do período seguinte:

Quando jovem, atravessou o mundo no navio Beagle, colhendo espécies diversas da flora, observando o comportamento da fauna local, colecionando fatos e anotações.

A respeito desse período, assinale a alternativa INCORRETA.

a) A oração principal é *atravessou o mundo no navio Beagle*.
b) A sequência *Quando jovem* pode ser interpretada como uma oração subordinada adverbial proporcional, em que o verbo era está elíptico.
c) As orações *colhendo espécies diversas da flora / observando o comportamento* da *fauna local / colecionando fatos e anotações* estabelecem com a principal uma relação de subordinação explicitada pelo emprego do gerúndio.
d) As orações *colhendo espécies diversas da flora / observando o comportamento da fauna local / colecionando fatos e anotações* estabelecem entre si uma relação de coordenação em que está ausente a conjunção.
e) As orações *colhendo espécies diversas da flora / observando o comportamento da fauna local / colecionando fatos e anotações* classificam- se como subordinadas adverbiais, nas quais se observa uma relação de simultaneidade de eventos.

(...) Dada a extrema desigualdade no perfil brasileiro de distribuição de renda, os bons e os maus caminhos bifurcam-se logo adiante. (...)

18. (FCC – TJ/PI – Analista Judiciário – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A noção transmitida pelo segmento grifado em *Dada a extrema desigualdade* no perfil brasileiro de distribuição de renda permanecerá a mesma se ele for substituído por *Devido à extrema desigualdade*.

19. (Esaf – Auditor Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Por meio do aumento dos padrões de conforto e acesso à informação, essa civilização cria condições favoráveis para desafiar radicalmente os velhos laços de autoridade.

– Pode-se substituir o segmento "para desafiar" por "para que se desafiem".

20. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) Considerando-se apenas o trecho "Viver em ambiente sem gravidade faz coisas curiosas com o corpo", não se pode determinar, do ponto de vista sintático, o sujeito da forma verbal "faz".

( ) CERTO

( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Para que a argumentação do texto seja coerente, a oração **"pertencendo a grupos sociais diferentes"** (Diferentes pessoas, pertencendo a grupos sociais diferentes, têm não apenas histórias diferentes para contar, mas formas diferentes de contá-las...) deve ser interpretada como condicional, correspondente à seguinte oração: *caso pertençam a grupos sociais diferentes*.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Preservam-se a coerência e a correção gramatical do texto ao se substituir "a separar" (... é ideal que o fosso material a separar as pessoas seja menos profundo) por **que separa**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

*Na Espanha, as mulheres estão prestes a **conseguir** mais uma vitória no que toca à igualdade de direitos entre os sexos. Um projeto de lei, em debate no parlamento espanhol, propõe que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai **vir** em primeiro lugar – deixando a cargo dos pais escolher a ordem dos sobrenomes. No caso de não **haver** consenso, porém, valerá a ordem alfabética.*

23. (COPEVE/UFAL – UFAL – Bibliotecário Documentalista – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Os verbos **conseguir**, **vir** e **haver** introduzem orações reduzidas de infinitivo.

24. (FESMIP/BA – MPE/BA – Analista de Sistemas – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"*Assim, **cabe frisar** que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural.*"
– A expressão "Cabe frisar" forma uma locução verbal, uma vez que o verbo no infinitivo não pode ser desdobrado em uma oração com a presença de um conectivo.

25. (FCC – TRE/AP – Analista Judiciário – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
*A extensão do star-system não se dá sem uma forma de banalização ou mesmo de degradação – da figura pura da estrela, **trazendo** consigo uma imagem de eternidade, chega-se à vedete do momento, à figura fugidia da celebridade do dia; do ícone único e insubstituível, passa-se a uma comunidade internacional de pessoas conhecidas, "celebrizadas", das quais revistas especializadas divulgam as fotos, contam os segredos, perseguem a intimidade.*
– A forma *trazendo* expressa, na frase, sentido de condicionalidade, equivalendo a "se trouxer".

26. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) <u>Quando a bordo</u>, e <u>por não poderem acender fogo</u>, os viajantes tinham de contentar-se, geralmente, com feijão frio, feito de véspera.

Identificam-se nos segmentos grifados na frase acima, respectivamente, noções de:

a) modo e consequência;
b) causa e concessão;
c) temporalidade e causa;
d) modo e temporalidade;
e) consequência e oposição.

27. (FCC – TRE/TO – Analista Judiciário – 2011) *A principal delas é a reconstrução de cinco estações de pesquisa na Antártida, para realizar estudos sobre mudanças climáticas, recursos pesqueiros e navegação por satélite, entre outros.*

O segmento grifado na frase acima tem sentido:

a) adversativo;
b) de consequência;
c) de finalidade;
d) de proporção;
e) concessivo.

28. (Cesgranrio – Petroquímica Suape – Eletricista Pleno – 2011) "Eles vivem roubando tampas de bueiro e fiação dos postes da rua **para revender**."

A oração destacada se liga à primeira com determinada relação de sentido. Essa relação de sentido é caracterizada por uma ideia de:

a) proporção;
b) concessão;
c) finalidade;
d) comparação;
e) tempo.

29. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) Desenvolvendo-se a oração reduzida "Para ser notado, o porteiro teve que morrer", tem-se:

a) para ter sido notado;
b) para que fosse notado;
c) para que tenha notado;
d) para que seja notado;
e) para que se note.

30. (Cesgranrio – CITEPE – Mecânico Têxtil Pleno – 2011) A oração reduzida "Ela, ao tentar puxar a ponta de fio do casulo, fez com que fino fio de seda se desenrolasse" transmite uma ideia de:

a) finalidade;
b) concessão;
c) condição;
d) tempo;
e) consequência.

31. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "O diabo é **que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar**."

Na linha argumentativa do texto, a oração "que a gente banaliza o olhar" em relação à oração "de tanto ver" encerra uma:

a) causa;
b) consequência;
c) conformidade;
d) condição;
e) concessão.

32. (FCC – TRF (2R) – Analista Judiciário – 2012) ... *uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes para garantir as ambições terrenas dos fiéis*.

No contexto da frase acima, é correto dizer que o segmento grifado possui sentido de:

a) consequência;
b) finalidade;
c) concessão;
d) proporção;
e) condição.

33. (Vunesp – CREFITO/SP – Secretário da Presidência – 2012) Em – *Com o mChip, basta uma espetada e uma gota de sangue para o texto sair em minutos,* ***dizendo*** *na hora se a pessoa está saudável ou não*. – a expressão em destaque pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:

a) embora diga;
b) mas dirá;
c) visto que diga;
d) logo dirá;
e) e dirá.

Gabarito

1. CORRETA.	8. E.	15. CORRETA.	22. CERTO.	29. B.
2. INCORRETA.	9. A.	16. B.	23. CORRETA.	30. D.
3. D.	10. B.	17. B.	24. INCORRETA.	31. B.
4. E.	11. C.	18. CORRETA.	25. INCORRETA.	32. B.
5. C.	12. D.	19. CORRETA.	26. C.	33. E.
6. CERTO.	13. C.	20. ERRADO.	27. C.	
7. CORRETA.	14. C.	21. ERRADO.	28. C.	

Capítulo 25

Orações Intercaladas

Definição

Como verdadeiras orações justapostas, as **orações intercaladas** (ou **interferentes**) são aquelas que acrescentam um comentário, em determinado ponto da frase, acerca do que está sendo dito. Tais orações sempre são separadas por vírgulas, travessões, parênteses ou colchetes.

É bom dizer que a oração intercalada, na maior parte dos casos, não exerce função sintática alguma, por não manter relação sintática com oração alguma fora da intercalação.

Os comentários embutidos em tais orações têm determinados valores semânticos, como: **esclarecimento, opinião, desejo, desculpa, permissão, ressalva**. Vejamos a seguir...

Obs.: Não confunda o conceito de *intercalação* com *oração intercalada*. Certas expressões ou orações podem **estar** intercaladas, mas não **serem** orações intercaladas. Exemplo: *O mundo, **que é belo**, nunca irá perecer.* (a oração subordinada adjetiva está intercalada, ou seja, ela está no meio do período, separada por vírgulas). Uma *oração intercalada* (ou *interferente*), de fato, em tese, não exerce função sintática alguma, diferentemente do exemplo que acabamos de ver. Entenda melhor com a leitura do capítulo. No entanto, saiba que este assunto do capítulo tem 0,1% de chance de cair em prova, mas... vai que...

Tipos

1) Oração Intercalada de Citação (Discurso Direto)

Este tipo de oração intercalada é o único que, para a maioria dos gramáticos, exerce função sintática – normalmente **sujeito, objeto direto** ou **aposto**. Substitua essa oração intercalada (marcada por aspas ou travessão) por **isso** para ver a função sintática mais claramente.

Se você nunca ouviu falar em **discurso direto**, este é o momento. Dizemos que o discurso é direto quando a fala da personagem vem entre aspas ou antecedida por travessão.

– *Para os alunos, as aulas não estão boas: "**Precisamos imediatamente de um bom professor**!".*

Note que a oração intercalada só exercerá função sintática se houver um verbo **dicendi** (ou **elocutivo**) antecipando a fala da personagem. Veja exemplos desse tipo especial de oração intercalada, que exerce função sintática:

– *Foi avisado a mim diversas vezes: "**Menino, comece a estudar**!".* (**sujeito**: ***Isso*** *foi avisado a mim diversas vezes.*)

– *Avisou-se diversas vezes a mim: "**Menino, comece a estudar**!".* (**sujeito**: *Avisou-se* ***isso*** *diversas vezes a mim.*)

– *"**Menino, comece a estudar**!", meus parentes me avisaram diversas vezes.* (**objeto direto**: *Meus parentes me avisaram* ***isso*** *diversas vezes.*)

– *Meus parentes me avisaram algo diversas vezes: – **Menino, comece a estudar**!* (**aposto**)

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) *Si o incitavam a falar exclamava:*
– Ai! Que preguiça!...
e não dizia mais nada.

No fragmento, o período iniciado em "Si o incitavam a falar" inclui uma frase em discurso direto como complemento de verbo *dicendi*, seguida de oração coordenada, que se inicia em outra linha do texto.

(X) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: Todo período começa com letra maiúscula e termina em ponto, logo "*Si o incitavam a falar exclamava: – Ai! Que preguiça!... e não dizia mais nada.*"

é um período. Dentro desse período, de fato existe uma frase em discurso direto como complemento direto do verbo **dicendi** *exclamar* (que é transitivo direto): – *Ai! Que preguiça!...* (tal oração justaposta tem função de objeto direto). Antes que você pire me perguntando o que é verbo **dicendi**, é simples: trata-se de todo verbo transitivo direto (ou VTDI), normalmente, que "abre" a fala de uma personagem; normalmente vem antes de dois-pontos. Dentro ainda do período, há de fato uma oração coordenada sindética aditiva "*e não dizia mais nada*". Este trecho é considerado um **período misto**, pois apresenta coordenação e subordinação. Falo melhor sobre isso no capítulo seguinte.

Certas orações intercaladas apresentam orações coordenadas e subordinadas dentro de si. Nesse caso, também podemos analisar sintaticamente as orações que constituem a oração intercalada.

2) Oração Intercalada de Esclarecimento

– *"Em 2006 – **isto aconteceu na minha formatura, cujo dia marcou minha vida** – nunca mais me esqueci de quão bom é ter um curso superior."*

Obs.: Como se viu, certas orações intercaladas apresentam orações coordenadas e subordinadas dentro de si. No caso acima, devemos analisar sintaticamente as orações que constituem a oração intercalada. Veja: "... – *isto aconteceu na minha formatura (oração principal), cujo dia marcou minha vida (oração subordinada adjetiva explicativa)* – ...". No entanto, o trecho intercalado entre travessões (oração intercalada) não exerce função sintática alguma em relação à oração que está fora dos travessões.

3) Oração Intercalada de Opinião

– *João (**por que esse nome é comum**?), por gentileza, venha aqui, quero falar com você.*

4) Oração Intercalada de Desejo

– *Encontramos seus pais lúcidos e alegres [**Deus os conserve assim**!], mesmo com mais de 90 anos.*

5) Oração Intercalada de Desculpa

– *"... não sei por que fenômenos de ventriloquismo cerebral (**perdoem-me os filósofos essa frase bárbara**) murmurei comigo..." (Machado de Assis)*

6) Oração Intercalada de Permissão

– *Meu nobre mestre (**permita-me aqui um elogio**), o senhor realmente mudou minha vida com seus ensinamentos.*

7) Oração Intercalada de Ressalva

– *O livro apresentado pela editora, que, **diga-se de passagem**, é a melhor do mercado editorial brasileiro, surpreendeu a todos.*

Adendo: É certo que as orações intercaladas podem apresentar outros propósitos, com outros valores semânticos, mas os principais foram alistados aqui. A chance de este assunto vir a cair em prova é ínfima!

Capítulo 26

Período Misto

Definição

Alguns períodos são considerados **mistos** porque apresentam estruturas oracionais de coordenação **e** subordinação.

Possibilidades de Período Misto

As orações subordinadas (substantivas, adjetivas ou adverbiais – desenvolvidas ou reduzidas) podem vir coordenadas, seja uma ao lado da outra sem conjunção coordenativa ligando-as, seja uma ao lado da outra com conjunção coordenativa ligando-as. Tais orações são chamadas de **equipolentes**.

Atenção! O papel da conjunção coordenativa é apenas marcar que as orações subordinadas **estão coordenadas entre si**, logo uma oração subordinada que venha depois de uma conjunção coordenativa nunca vai deixar de ser uma oração subordinada para se tornar uma oração coordenada.

Dica de amigo: o segredo para classificar as orações é perceber os conectivos (conjunções e pronomes relativos).

1) Orações Subordinadas Substantivas Coordenadas entre si

– *Espero* ***que você não me culpe, que não culpe meus pais*** ***nem*** ***que culpe meus parentes***.

– *Sabe-se* ***que o homem é inocente*** ***e*** ***que nunca deveria ter sido colocado em situação vexatória***.

– *É importante* ***que o lazer tenha seu lugar reservado na vida*****, mas** ***o estudo é primordial****.*

Obs.: A conjunção integrante e/ou parte da oração subordinada substantiva pode(m) vir implícita(s) quando as subordinadas estão coordenadas entre si: *"Consta dos presentes autos* ***que o homem esteve utilizando no estabelecimento um equipamento inadequado para emissão de comprovantes e conseguindo, com isso, certos desvios relativos a eventuais prestações de conta***". Ou seja: *"Consta dos presentes autos* ***que o homem esteve utilizando no estabelecimento um equipamento inadequado para emissão de comprovantes e que o homem esteve conseguindo, com isso, certos desvios relativos a eventuais prestações de conta***".

2) Orações Subordinadas Adjetivas Coordenadas entre si

– *Os primitivos cristãos participavam das comemorações* ***que tinham raízes pagãs*** **ou** ***que não tinham****?*

– *Certos escritores brasileiros, como Jorge Amado,* ***que escreveu o romance Gabriela, Cravo e Canela*** **e** ***que escreveu o teatro O Amor do Soldado****, eram comunistas.*

– *A mulher* ***que é compreensiva*****, mas** ***que é cautelosa*** *não deixa o marido sozinho.*

Obs.: O pronome relativo e/ou parte da oração subordinada substantiva pode(m) vir implícita(s) quando as subordinadas estão coordenadas entre si: *"Aquilo* ***que é saudável, é interessante e importa*** deve ser enaltecido!" Ou seja: *"Aquilo* ***que é saudável, que é interessante e que importa*** *deve ser enaltecido!"*. Se o relativo não exercer a mesma função sintática, recomenda-se repeti-lo: *"Aquilo* ***que é saudável e que eu considero importante*** *deve ser enaltecido!"*.

3) Orações Subordinadas Adverbiais Coordenadas entre si

– ***Não só*** ***quando estou presente*** **mas também** ***quando não estou****, sou discriminado.*

– ***Ainda que a reportagem vá ao ar***, ***ainda que todos os jornais denunciem a lavagem de dinheiro*** **ou** ***ainda que o Papa dê seu testemunho sobre o fato***, *nada mudará.*

– *Não devo nada a ninguém* ***porque pago minhas contas em dia*** **e** ***porque sou uma pessoa organizada***.

Obs.: Numa série de orações subordinadas adverbiais coordenadas entre si, (1) pode a conjunção subordinativa se repetir, (2) se fragmentar ou (3) se omitir: (1) ***Depois que*** ***ela saiu*** ***e*** ***depois que*** ***ela entrou***, ninguém mais nada falou. / (2) ***Depois que*** ***ela saiu*** ***e*** ***que*** ***ela entrou***, ninguém mais nada falou. / (3) ***Depois que*** ***ela saiu*** ***e*** ***entrou***, ninguém mais nada falou.

4) Orações Coordenadas com Subordinadas no mesmo Período

– *Presume-se que as penitenciárias cumpram seu papel social, no entanto a realidade mostra o contrário.*

1ª oração: *Presume-se* (oração principal)
2ª oração: *que as penitenciárias cumpram seu papel social* (oração subordinada substantiva subjetiva da principal)
3ª oração: *no entanto a realidade mostra o contrário* (oração coordenada sindética adversativa da 1ª)

– *Os que aqui estão precisam entender que a chance não pode ser desperdiçada, por isso todos devem esforçar-se a fim de conseguir a vaga.*

1ª oração: *Os... precisam entender...* (oração principal da 2ª e da 3ª)
2ª oração: *... que aqui estão...* (oração subordinada adjetiva restritiva da 1ª)
3ª oração: *... que a chance não pode ser desperdiçada...* (oração subordinada substantiva objetiva direta da 1ª)
4ª oração: *... por isso todos devem esforçar-se...* (oração coordenada sindética conclusiva da 1ª e principal da 5ª)

5ª oração: ... *a fim de conseguir a vaga.* (oração subordinada adverbial final reduzida de infinitivo da 4ª)

> – *Neste dia – que linda manhã faz! – resolva logo os problemas que mais o aborrecem, que a vida é muito curta.*

1ª oração: *Neste dia... resolva logo os problemas...* (oração principal da 3ª)
2ª oração: ... – *que linda manhã faz!* –... (oração intercalada)
3ª oração: ... *que mais o aborrecem...* (oração subordinada adjetiva restritiva da 1ª)
4ª oração: ... *que a vida é muito curta.* (oração coordenada sindética explicativa da 1ª)

A Elipse na Análise Sintática

Às vezes, suprimem-se determinados elementos linguísticos em um enunciado, como uma oração, para tornar o período mais "leve". A elipse de orações é muito comum.

Peço-lhe cuidado! Não erre a análise de um período por não "ver" uma oração implícita (elipse). Isso é importante em questões de contagem de orações e suas respectivas classificações, tudo bem?

Veja exemplos de orações elípticas, e suas reescrituras:

– *"Para isto é que os quadros cresceram nas proporções que se sabe."* (Ruy Barbosa)
(= *"Para isto é que os quadros cresceram nas proporções que se sabe* ***que cresceram****."* – oração subordinada substantiva subjetiva)

– *"... e nessa hipótese, o mais acertado é deixá-la estar os três dias pedidos, e os mais dias que for necessário."* (Camilo Castelo Branco)
(="*... e nessa hipótese, o mais acertado é deixá-la lá estar os três dias pedidos, e os mais dias que for necessário* ***deixá-la lá estar****."* – oração subordinada substantiva subjetiva)

– *As crianças são mais inocentes, segundo todos dizem.*
(= *As crianças são mais inocentes, segundo todos dizem* ***que são mais inocentes*** – oração subordinada substantiva objetiva direta)

– *Tão bom se ela estivesse conosco neste momento.*
(= ***Seria*** *tão bom se ela estivesse conosco neste momento.* – oração principal)

– *A rua estava deserta como um cemitério.*
(= *A rua estava deserta como um cemitério* ***é deserto***. – oração subordinada adverbial comparativa)

– *O cão morrerá, se não de fome, de sede.*
(= *O cão morrerá, se não* ***morrer*** *de fome, de sede.* – oração subordinada adverbial de condição)

– *Assim que todos voltarem a estudar e a trabalhar para o bem da sociedade, o mundo será melhor.*
(= *Assim que todos voltarem a estudar e* ***assim que todos voltarem*** *a trabalhar para o bem da sociedade, o mundo será melhor.* – oração subordinada adverbial temporal)

– *O vento havia parado, mas a chuva não. Então as crianças brincaram de bola, de pique e de barcos na rua.*
(= *O vento havia parado, mas a chuva não* ***havia parado***. *Então as crianças brincaram de bola, de pique e de barcos na rua.* – oração coordenada sindética adversativa)

– *À tarde houve uma festa muito grande em comemoração aos seus cinquenta anos de casamento, e à noite seresta, para comemorar.*
(= *À tarde houve uma festa muito grande em comemoração aos seus cinquenta anos de casamento, e à noite* ***houve*** *seresta, para comemorar.* – oração coordenada sindética aditiva)

– *Este assunto é simples, o outro também.*
(= *Este assunto é simples, o outro também* ***é*** *simples.* – oração coordenada assindética)

– *Eu nunca sei como, quando e onde ele vai atacar.*
(= *Eu nunca sei como* ***ele vai atacar***, *quando* ***ele vai atacar*** *e onde ele vai atacar.* – orações subordinadas substantivas objetivas diretas justapostas)

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2005) "O período que se seguiu à Grande Guerra pode ser decomposto em três grandes fatias: de 1919 a 1924–28, *quando todos os países europeus procuraram liquidar os resquícios deixados pela guerra* ***e*** *voltar às condições econômicas normais* (...)"

– Com relação ao texto IV, assinale a opção incorreta.

c) A elipse na oração coordenada iniciada por "e" corresponde ao longo segmento oracional "quando todos os países europeus procuraram".

Comentário: Esta afirmação está correta. Constate: "*quando todos os países europeus procuraram liquidar os resquícios deixados pela guerra* ***e quando todos os países europeus procuraram*** *voltar às condições econômicas normais*". Safo?

Normalmente a vírgula marca a elipse de uma oração, logo fica fácil de ver:

– *Ela gosta de filmes românticos; ele, de ação. (= ... ele* ***gosta de filmes*** *de ação)*

Agora... não "viaje" pensando que há elipse "a torto e a direito" dentro dos períodos, principalmente quando uma conjunção coordenativa liga termos de mesma função sintática (e não orações). Ou seja, na frase "*Todo mundo conhece alguém que sabe tudo sobre o futebol brasileiro ou sobre as regras gramaticais de concordância.*", não há duas orações, como se estivesse escrito assim: "*Todo mundo conhece alguém que sabe tudo sobre o futebol brasileiro ou* <u>*sabe tudo*</u> *sobre as regras gramaticais de concordância.*". A conjunção coordenativa <u>ou</u> liga termos, isto é: *sobre o futebol brasileiro* a *sobre as regras gramaticais de concordância.* Ok?

Modelo de Análise de um Período Misto

Observe este período misto:

No setor das comunicações, o monopólio não deixa de ser uma tendência natural, já que, ao contrário do que acontece em outros mercados, uma rede se torna mais valiosa à medida que mais pessoas a utilizam e a divulgam; uma rede que todo mundo usa, como o Facebook, vale muito mais que cem redes com usuários pulverizados.

(Luciano Trigo – ampliado)

Análise de todas as orações do período (preste atenção <u>sempre</u> nos conectivos, pois eles vão ajudá-lo na hora da classificação das orações):

1ª oração: ***... o monopólio não deixa de ser uma tendência natural...*** (oração principal da 2ª)

2ª oração: ***... já que, ao contrário do... uma rede se torna mais valiosa...*** (oração subordinada adverbial causal em relação à 1ª e principal em relação à 3ª e à 4ª)

3ª oração: ***... que acontece em outros mercados...*** (oração subordinada adjetiva restritiva da 2ª)

4ª oração: ***... à medida que mais pessoas a utilizam...*** (oração subordinada adverbial proporcional da 2ª)

5ª oração: ***... e a divulgam...*** (oração subordinada adverbial proporcional em relação à 2ª; a 4ª e a 5ª estão coordenadas entre si)

6ª oração: ***... uma rede ... vale muito mais...*** (oração coordenada assindética em relação à 2ª e principal em relação à 7ª e à 8ª)

7ª oração: ***... que todo mundo usa...*** (oração subordinada adjetiva restritiva da 6ª)

8ª oração: ***... que (valem) cem redes com usuários pulverizados.*** (oração subordinada adverbial comparativa da 6ª)

Para conseguir analisar sintaticamente um período misto, é preciso muito treino, por isso, antes de partir para o período misto, faça muitas questões de orações coordenadas e subordinadas para "pegar a manha"!

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo é possível! Para quem pretende fazer provas de nível NASA, prepare-se bem! Apesar de não ser frequente em concursos, quem intenta cargos elevados... estude... estude muito este capítulo! Assustei você? Claro que não! Como diz o outro: *Deus é mais*!

Questões de Concursos

Repare que, principalmente a FGV, adora questões de período misto! Vai fundo!

1. (Esaf – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2002) Considere o seguinte período do texto para analisar os esquemas propostos abaixo: "Descumprir a lei gera o risco da punição prevista pelo Código Penal ou de sofrer sanções civis."

A = Descumprir a lei
B = gera o risco
C = da punição prevista pelo Código Penal
D = de sofrer sanções civis

Considerando que as setas representam relações sintáticas entre as expressões linguísticas, assinale a opção que corresponde à estrutura do período.

a) 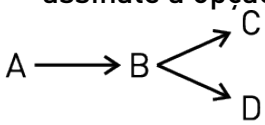

b) 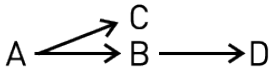

c)

d) 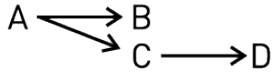

e) 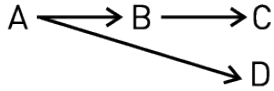

Olhamos e não vemos. Não conseguimos olhar nada pela primeira vez. ***Já o primeiro olhar é preconceituoso – dá informação falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada****, anterior ao ato de olhar.* ***O economista cheio de teorias pensa que sabe o remédio para a inflação, a origem da miséria, o segredo da estabilidade e quanto desaforo*** *a democracia agüenta.* ***Erra como o médico, o astrônomo ou o caixa que aceita o cheque do homem elegante****, de terno e cabelo com brilhantina que parece ser rico, mas é estelionatário. Só que no caso do economista,* ***não é apenas o paciente que fica com dor de cabeça, ou mais um cheque sem fundo****.* ***São 10% de desempregados. Um deles acaba apontando um revólver para a sua cabeça. Nada é visto pela primeira vez. Ninguém olha atentamente como*** *as corujas, antes de propor ou piar.*

2. (Esaf – Auditor Fiscal do Trabalho – 2006) Assinale o esquema que representa corretamente a estrutura sintático-semântica do período sintático retirado do texto (desconsidere a pontuação e as letras maiúsculas).

a) o primeiro olhar → é preconceituoso

→ dá informação → falsa

→ ou verdadeira

→ mas sempre pré-fabricada

b) O economista → cheio de teorias

→ pensa que sabe o remédio para → a inflação

→ a origem da miséria

→ o segredo da estabilidade

→ e quanto desaforo...

c) Erra como → o médico

→ o astrônomo

→ ou o caixa

→ que aceita o cheque do homem elegante

d) não é apenas o paciente que → fica com dor de cabeça

→ ou mais um cheque sem fundo

e) São 10% de desempregados → Um deles acaba apontando → um revólver

→ para sua a cabeça

→ Nada é visto pela primeira vez

→ Ninguém olha atentamente como....

3. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2007) Observe atentamente o trecho a seguir:

(...) A reflexão jurídica sobre o assunto, contudo, não se tem mostrado tão farta quanto aquela encontrada na economia. Isso se deve, talvez, à associação feita ao tema dos efeitos na utilização de recursos entre gerações especificamente na década de 70, quando o movimento ambientalista passou a formular um discurso jurídico mais sólido, angariando adeptos das mais variadas formações, em diversas partes do planeta. (...)

Analise sua estrutura sintática e avalie as afirmativas a seguir:

I. O primeiro período é composto por três orações.

II. No segundo período encontram-se orações reduzidas de particípio e de gerúndio.

III. No segundo período ocorrem dois casos de oração coordenada.

IV. A oração "quando o movimento ambientalista passou a formular um discurso jurídico mais sólido" classifica-se como subordinada adjetiva.

Assinale:

a) se somente as afirmativas I e II estiverem corretas;

b) se somente as afirmativas III e IV estiverem corretas;

c) se somente as afirmativas II e III estiverem corretas;
d) se somente as afirmativas I, II e IV estiverem corretas;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

"É importante que os contribuintes percebam que a política tributária é justa, a administração fiscal é proba, sensível e confiável, e os recursos arrecadados são corretamente aplicados."

4. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2008) A respeito da estrutura sintática do período acima, é correto afirmar que há:

a) cinco orações subordinadas e duas coordenadas entre si;
b) quatro orações subordinadas e três coordenadas entre si;
c) quatro orações subordinadas e duas coordenadas entre si;
d) cinco orações subordinadas e três coordenadas entre si;
e) três orações subordinadas e somente uma coordenada.

"Conduzo tua lisa mão / Por uma escada espiral / E no alto da torre exibo-te o varal / Onde balança ao léu minh'alma"

5. (FGV – SSP/RJ – Inspetor de Polícia Civil – 2008) Tomando o trecho acima como um período composto, há:

a) três orações, sendo duas subordinadas;
b) três orações, sendo uma subordinada;
c) quatro orações, sendo duas coordenadas;
d) quatro orações, sendo uma coordenada;
e) duas orações, sendo uma coordenada.

"Aqueles com aptidão a ajudá-los, se não estimulados por cenários competitivos, estarão fadados a não encontrar motivação para o exercício de suas funções."

6. (FGV – Senado Federal – Técnico Legislativo – Administração – 2008) A respeito do período acima, analise os itens a seguir:

I. O período é composto por quatro orações.
II. Há três orações reduzidas.
III. Há uma oração coordenada.

Assinale:

a) se todos os itens estiverem corretos;
b) se somente o item II estiver correto;
c) se somente o item III estiver correto;
d) se somente o item I estiver correto;
e) se nenhum item estiver correto.

(...) Da mesma forma, diarreias epidêmicas, parasitoses intestinais e outras enfermidades transmissíveis por meio da água contaminada têm sua incidência aumentada, tanto por causa das dificuldades de saneamento nas secas, quanto por contaminação com esgotos, lixo e dejetos de animais durante as enchentes. (...)

7. (FGV – Prefeitura de Angra dos Reis/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) O período acima:

a) é composto por coordenação;
b) é composto por subordinação;
c) é composto por coordenação e subordinação;
d) é simples;
e) apresenta orações reduzidas.

8. (Vunesp – TJ/SP – Agente de Fiscalização Judiciária – 2010) No trecho – *... a empresa gostaria que o jogo fosse refeito, que a trapaça não tivesse acontecido*. – têm-se, além de uma oração principal:

a) duas orações coordenadas e três subordinadas;
b) três orações coordenadas e uma subordinada;
c) três orações subordinadas;
d) três orações coordenadas;
e) duas orações subordinadas coordenadas entre si.

(...) São numerosas oportunidades perdidas que se multiplicarão, se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento – e a qualidade da educação continuar baixa. (...)

9. (FGV – CODESP – Administrador – 2010) A respeito da composição do período acima, analise as afirmativas a seguir:

I. Há uma oração principal.
II. Há duas orações subordinadas adverbiais.
III. O período é composto por coordenação e subordinação.

Assinale:

a) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
c) se todas as afirmativas estiverem corretas;
d) se nenhuma alternativa estiver correta;
e) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.

"Minha proposta é a de que o fundo partidário seja composto por uma quantia mínima para o partido manter uma estrutura básica."

10. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:

I. O período poderia ser redigido, sem incorrer em inadequação gramatical ou semântica, da seguinte maneira: "Minha proposta é que o fundo partidário seja composto por uma quantia mínima para o partido manter uma estrutura básica."
II. O período é composto por três orações.
III. No período há uma oração reduzida de particípio.

Assinale:

a) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se nenhuma afirmativa estiver correta;
d) se todas as afirmativas estiverem corretas;
e) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.

Na Espanha, por exemplo, a recentíssima reforma do Código Penal – que atende diretivas da União Europeia sobre o tema – trouxe, no artigo 31bis, não só a possibilidade de responsabilização penal da pessoa jurídica (por delitos que sejam cometidos no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização será aferida nos casos concretos (ela será aplicável [...], em função da inoperância de controles empresariais, sobre atividades desempenhadas pelas pessoas físicas que as dirigem ou que agem em seu nome).

11. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:

I. Há uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração coordenada sindética alternativa.

II. Há três orações na voz passiva, mas somente uma com agente da passiva explícito.

III. Há quatro orações subordinadas adjetivas desenvolvidas e uma oração subordinada adjetiva reduzida.

Assinale:

a) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
d) se nenhuma afirmativa estiver correta;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

12. (FGV – SEFAZ/RJ – Analista de Controle Interno – 2011) *É imprescindível que a tributação seja suportável e mais bem distribuída e todos contribuam com justiça e se beneficiem dessa contribuição.* (L.6-8)

Em relação ao período acima, atribua a seguinte convenção: **QUE** = Δ e **E** = **+**.

Assinale a alternativa que melhor represente a estrutura do período.

a) É imprescindível Δ [a tributação (A + B) + todos (D + E)].
b) É imprescindível Δ (a tributação A + B + todos D + E).
c) É imprescindível Δ (a tributação A + B) + (todos D + E).
d) É imprescindível Δ (a tributação A) + b) + (todos D) + e).
e) É imprescindível Δ a tributação (A + B) + [todos (D + E)].

Aquele que age na direção da lei como que age contra a moral caracterizada pelo "fazer como a grande maioria", levando em conta que no âmbito da corrupção se entende que o que a maioria quer é "dinheiro".

A respeito do período anterior, analise as afirmativas a seguir.

I. O período apresenta orações coordenadas e subordinadas.

II. Há ocorrência de exemplo de oração reduzida.

III. Há ocorrência de exemplo de oração subordinada substantiva objetiva direta.

13. (CONSULPLAN – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale:

a) se todas as afirmativas estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
d) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

Gabarito

1. A.	8. E.
2. A.	9. C.
3. D.	10. E.
4. B.	11. E.
5. B.	12. A.
6. D.	13. B.
7. D.	

Capítulo 27

Pontuação

Definição

Antes de qualquer coisa, saiba que Pontuação e Sintaxe andam de mãos dadas!

– Ahn? O Pest enlouqueceu de vez... Desde quando pontuação tem a ver com sintaxe, Pestana? Eu aprendi, desde criancinha, que **vírgula** é uma **pausa**.

– Meu nobre, calma. Primeiro, pontuação não é só vírgula, apesar de sabermos que ela é a "menina dos olhos" das bancas de concursos públicos. Vamos falar, sim, especialmente sobre a **vírgula** e a **sintaxe**. A tal pausa marcada pela vírgula nem é tão importante assim, mas o conhecimento de análise sintática de período simples e composto... Você vai descobrir ao longo do capítulo se estou "viajando" ou não. *Relax*... Vou dizer mais! Fique atento também ao seguinte: a vírgula tem uma relação muito grande com a semântica e com o objetivo discursivo do falante. Você já deve ter ouvido falar que "uma vírgula muda tudo", não é?

Veja a Campanha dos 100 anos da ABI
(Associação Brasileira de Imprensa)

Vírgula, aquele sinal incômodo que às vezes sobra, às vezes falta, e outras vezes muda o sentido do texto.

A vírgula pode ser uma pausa... ou não.

Não, espere.

Não espere.

Ela pode sumir com seu dinheiro.

23,4.

2,34.

Pode ser autoritária.

Aceito, obrigado.

Aceito obrigado.

Pode criar heróis.

Isso só, ele resolve.

Isso só ele resolve.

E vilões.

Este, juiz, é corrupto.

Este juiz é corrupto.

Ela pode ser a solução.

Vamos perder, nada foi resolvido.

Vamos perder nada, foi resolvido.

A vírgula muda uma opinião.

Não queremos saber.

Não, queremos saber.

Isto serve para nos lembrar que vírgula não é problema de gramática, mas de informação.

ABI: 100 anos lutando para que ninguém mude uma vírgula da sua informação.

Lembre-se: a Pontuação, principalmente a vírgula, está ligada diretamente ao seu conhecimento de análise sintática. Você precisará reconhecer o sujeito, o verbo, os complementos, os adjuntos... Precisará também dominar orações coordenadas, subordinadas... Ok? Até porque muitas vezes a presença ou ausência da vírgula poderá mudar *não só o sentido* (facilmente perceptível na propaganda anterior), mas também a análise sintática.

Por exemplo, nas frases abaixo, há mudança de sentido e de classificação sintática:

1) "Este**,** juiz**,** é corrupto" e "Este juiz é corrupto"; *juiz* entre vírgulas tem função de vocativo; sem vírgulas, sujeito.
2) "Vamos perder**,** nada foi resolvido" e "Vamos perder nada**,** foi resolvido"; o primeiro *nada* é sujeito; o segundo, objeto direto.

Veja que poema intrigante, cujo poeta, muito astuto, faz uma declaração de amor para três mulheres que estavam apaixonadas por ele: Soledade, Lia e Iria. Conforme a pontuação que cada uma empregasse na leitura, o poeta diria que amava ou Soledade, ou Lia, ou Iria:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão
Digo que amo Soledade
Não Lia cuja bondade
Ser humano não teria
Não aspiro à mão de Iria
Que não tem pouca beldade.

Ama-se Soledade assim:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é

Que adora meu coração.

Se consultar a razão,
Digo que amo Soledade
Não Lia, cuja bondade
Ser humano não teria.
Não aspiro à mão de Iria,
Que não tem pouca beldade.

Ama-se Lia assim:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão,
Digo que amo Soledade?
Não! Lia, cuja bondade
Ser humano não teria.
Não aspiro à mão de Iria,
Que não tem pouca beldade.

Ama-se Iria assim:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão,
Digo que amo Soledade?
Não! Lia, cuja bondade
Ser humano não teria?
Não! Aspiro à mão de Iria,

Que não tem pouca beldade.

Gostou? Pois bem... para começarmos bem a "brincadeira", vamos aos sinais de pontuação tradicionalmente usados nos textos de nossa língua:

- Vírgula [,]
- Ponto e Vírgula [;]
- Dois-pontos [:]
- Ponto [.]
- Ponto de Interrogação [?]
- Ponto de Exclamação [!]
- Travessão [–]
- Parênteses [( )]
- Aspas [" "]
- Reticências [...]

Vírgula

Antes de tudo, sobre vírgula, é bom reiterar que seu conhecimento de sintaxe precisa estar "em dia" para que entenda bem o que vou dizer a partir de agora, beleza?

A vírgula pouco ou nada tem a ver com prosódia, mas tem muito a ver com sintaxe. Estou insistindo nisso porque algumas pessoas colocam vírgulas por causa de pausas feitas na fala. A vírgula, na escrita, não necessariamente é uma pausa na fala, tampouco é usada para pausar quando se lê um trecho virgulado.

Assim, vale dizer que o importante é, primeiro, saber em que situações gerais não se usa a vírgula.

1) A vírgula não pode ser usada entre o sujeito e logo após o seu verbo.

– *Todos os alunos daquele professor, entenderam a explicação.*

Cuidado!!!

1) Em orações substantivas com **função de sujeito** iniciadas por *quem*, a vírgula entre tal oração e o verbo da principal é **facultativa**, segundo Luiz A. Sacconi: "Quem lê sabe mais." ou "Quem lê, sabe mais.". Os demais

gramáticos nada falam sobre isso, logo deduzimos que não pode haver vírgula entre sujeito e verbo. Ponto final! Mas... fique atento a essa "visão excepcional" do Sacconi. Veja uma questão sobre essa estrutura:

18. (FCC – TRT/GO (18ª R) – Analista Judiciário – 2008) Está inteiramente adequada a pontuação da seguinte frase:

a) Quem cuida da saúde, conta com os recursos do corpo, já quem cultiva uma amizade, conta com o conforto moral.

Comentário: O gabarito está em outra alternativa, mas quem se importa com isso? Vamos à letra A. Observe que ela deveria ter sido redigida assim: "***Quem cuida da saúde (sujeito) conta (verbo)*** *com os recursos do corpo, já* ***quem cultiva uma amizade (sujeito) conta (verbo)*** *com o conforto moral.*". Isto é, não se coloca vírgula entre o sujeito e o seu verbo, mesmo que o sujeito seja oracional. Esta é a visão tradicional! Não erre mais!

2) Por mais que o sujeito esteja deslocado no período, nunca será separado por vírgula: *"Ficaram inconformados com a notícia da proibição de qualquer manifestação religiosa* ***os evangélicos e os católicos****."*

2) A vírgula não pode ser usada entre o verbo e logo após o seu complemento (objeto direto, indireto (em forma de oração, inclusive)) ou predicativo do sujeito.

– *Os alunos entenderam, toda aquela explicação do professor sobre vírgula.*
– *Os alunos precisam, de uma explicação detalhada sobre vírgula.*
– *Os alunos entenderam, que precisam estudar bem a vírgula.*
– *Os alunos precisam de, que os professores os ajudem.*
– *Os alunos ficaram, satisfeitos com a explicação.*

Obs.: Alguns verbos de ligação que se tornam intransitivos, quando vêm acompanhados de adjunto adverbial de lugar, **não** são separados por vírgula desse adjunto: "*Os alunos ficaram, em casa.*" (errado) / *"Os alunos ficaram em casa."* (certo). Por motivo de ênfase, entretanto, pode-se colocar a vírgula.

Outro ponto importante: se o complemento vier deslocado da sua posição original, será possível a separação por vírgula (normalmente por motivo de clareza): *"Toda aquela explicação do professor sobre vírgula, entenderam os alunos."* / *"De explicações detalhadas sobre vírgula, precisam os alunos."*

Nas duas próximas frases, a vírgula é obrigatória, pois separa um predicativo do sujeito: *"Satisfeitos com a explicação, os alunos ficaram."* / *"O ex-presidente Lula, de 67 anos, governou o Brasil por 8 anos."*.

3) A vírgula é facultativa entre o complemento de um verbo e logo após um adjunto adverbial.

– *Nossos alunos ficaram exercitando questões de vírgula ontem à noite.*

– *Nossos alunos ficaram exercitando questões de vírgula, ontem à noite.*

Cuidado!!!

1) Um advérbio só, como o **não** ou o **nunca** antes do verbo, modificadores intrínsecos do verbo, jamais é separado por vírgula: *Eu **não** vou mais errar esta questão.* / ***Nunca** errarei esta questão.*

2) Se o adjunto adverbial de **curta extensão** (normalmente formado por um ou dois vocábulos) estiver deslocado em qualquer posição na frase, a vírgula será **facultativa** também: *"De fato estes alunos são mais interessados."* ou *"De fato, estes alunos são mais interessados."*. Celso Cunha diz que a vírgula é facultativa entre o adjunto adverbial (mesmo não sendo de curta extensão) no início da oração e o verbo: *"Por cima daquele prédio(,) formavam-se muitas nuvens."*. Esta questão de curta ou longa extensão às vezes é subjetiva... para variar...

4) A vírgula não pode ser usada entre um substantivo e seu complemento nominal ou adjunto adnominal.

– *Todos os alunos, daquele professor entenderam a explicação.*

Obs.: Em títulos de livros seguidos de nomes de autores, o adjunto adnominal vem sempre entre vírgulas: "O 'Dom Quixote'**,** *de Cervantes***,** é a grande obra prima espanhola do maneirismo.". Só conheço essa exceção.

5) A vírgula não pode ser usada entre a locução verbal de voz passiva e o agente da passiva.

– *Todos os alunos foram convidados, por aquele professor para a Feira.*

Normalmente as questões de concursos relativas à vírgula tratam do que eu acabei de falar. As pontuações erradas anteriores são bizarrices de grande porte! Se aparecer isso na prova – **atenção!** –, não titubeie, acerte e seja feliz!

"Pestana, se houver um termo, uma expressão ou uma oração intercalada entre o sujeito e o verbo, ou entre o verbo e o complemento, ou entre o complemento e o adjunto adverbial, ou entre a locução verbal de voz passiva e o agente da passiva? Como fica a posição da vírgula?"

Bem, normalmente as vírgulas são colocadas entre termos que interrompem a estrutura **S V C A**. Veja:

1) Sujeito, ..., verbo + complemento + adjunto adverbial

– *O professor do curso, Fernando Pestana, ministra aulas de Português.*

2) Sujeito + verbo, ..., complemento + adjunto adverbial

– *Eu estudei, Pestana, toda a aula de ontem, ok?*

3) Sujeito + verbo + complemento, ..., adjunto adverbial

– *O professor explicou Pontuação, que é minha maior dificuldade, magistralmente.*

4) Locução verbal de voz passiva, ..., + agente da passiva

– *Fui homenageado, ontem à noite, por alguns alunos e amigos.*

Bem... se você compreender todas as informações anteriores, terá "mais do que meio caminho andado", pois tais questões são recorrentes em concursos.

Para sistematizar mais ainda a vírgula, vejamos seu uso **dentro do período simples** e **dentro do período composto.**

A Vírgula dentro do Período Simples

Alguns exemplos foram retirados do *Manual de Redação da Presidência da República* para melhor ilustrar o assunto.

1) Separa termos de mesma função sintática, numa enumeração.

– *Simplicidade, clareza, objetividade, concisão são qualidades a serem observadas na redação oficial.*

– *Devemos observar a simplicidade, a clareza, a objetividade e a concisão na redação oficial.*

Obs.: Como se viu, numa enumeração, pode-se dispensar a conjunção que liga o penúltimo ao último elemento e deixar só a vírgula.

2) Separa aposto explicativo.

– *Aristóteles,* ***o grande filósofo****, foi o criador da Lógica.*

Obs.: Em *"Nós ocidentais somos capitalistas."* ou *"Nós, ocidentais, somos capitalistas."*, a análise sintática muda, por isso podemos ou não usar vírgulas. Na primeira frase, *ocidentais* é um adjetivo com função de adjunto adnominal de *nós*, por isso não vem separado por vírgulas. Na segunda frase, *ocidentais* é um substantivo com função de aposto explicativo, por isso as vírgulas são obrigatórias. Isso já foi questão de prova na FCC (TCE-SP – AGENTE DE FISCALIZAÇÃO FINANCEIRA – 2012 – QUESTÃO 10 – OPÇÃO E). Outra coisa: quando um aposto com núcleo implícito vier introduzido por uma expressão denotativa (*até mesmo, pelo menos, inclusive* etc.), ficará entre vírgulas: *"Todos os alunos****, até mesmo (os) de nível médio,*** *entenderam a explicação."*.

3) Separa vocativo.

– *Brasileiros, é chegada a hora de votar.*

4) Separa predicativos do sujeito deslocados.

– *Sereno e tranquilo, o condenado esperava sua morte.*

– *O condenado, sereno e tranquilo, esperava sua morte.*

Obs.: Por uma questão estética ou de clareza de pensamento, a pausa marcada pela vírgula antes de um predicativo do sujeito em sua posição original, ou seja, após o verbo, é conveniente: *"Meu filho passou em um grande concurso,* ***avesso a todas as palavras derrotistas.*** *".*

5) Separa termos (objeto direto ou indireto, normalmente) deslocados de sua posição normal na oração (caso facultativo).

– *As explicações sobre vírgula, o professor procurou lhes dar?*

Obs.: Se o objeto estiver no início da oração e vier depois um objeto pleonástico, a vírgula pode não figurar, segundo Sacconi: "*Aos amigos*(,) ninguém *lhes* dá a devida atenção". Para Rocha Lima, a vírgula é obrigatória nesse caso. Gladstone Chaves de Melo atesta que, assim como o sujeito, um objeto deslocado não pode ser separado por vírgula do seu verbo: "*As explicações procurou lhes dar o professor?*". Confrontando as opiniões diversas, podemos dizer que a vírgula é facultativa quando o objeto vem deslocado. Assim encarou o Cespe/UnB STJ – TÉCNICO Judiciário – 2012 – QUESTÃO 5.

6) Separa (facultativamente) as expressões *para mim, para ti ou para si* (ou sinônimas) quando indicam benefício próprio ou posse, independentemente de sua posição na frase.

– *Para mim(,) nada é melhor que acordar depois do meio-dia e dormir depois da meia-noite.*

7) Separa termos repetidos.

– *Aquele aluno era esforçado, esforçado.*

8) Separa os adjuntos adverbiais deslocados.

– *A multidão foi, aos poucos, avançando para o palácio.*

Obs.: Como já explicado, a vírgula só será facultativa se o adjunto adverbial for de curta extensão. A maioria dos gramáticos entende que a vírgula é obrigatória quando o adjunto adverbial de grande extensão está deslocado. Mas o que é grande extensão ou curta extensão? Este é um dos mistérios gramaticais. No entanto, fui à fonte correta sobre o assunto e veja o que ela disse:

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá! As gramáticas ensinam que adjuntos adverbiais deslocados de curta extensão podem ser ou não separados por vírgula. Exemplo: *Finalmente ela chegou* ou *Finalmente, ela chegou.* Quantos vocábulos um adjunto adverbial deslocado precisa ter para ele não ser considerado de curta extensão e consequentemente ser sempre separado por vírgula? Obrigado!

Resposta: Prezado consulente, uma locução adverbial com três ou mais palavras já não é de curta extensão e demanda obrigatoriamente a utilização da vírgula.

Sobre isso, veja uma questão: CESPE/UnB – STM – ANALISTA – 2011 – QUESTÃO 1.

9) Separa certas expressões explicativas, retificativas, exemplificativas, como: *isto é, ou seja, ademais, a saber, melhor dizendo, ou melhor, quer dizer, por exemplo, além disso, aliás, antes, com efeito, data vênia, digo.*

– *O político, a meu ver, deve sempre usar uma linguagem clara, ou seja, de fácil compreensão.*

A Vírgula dentro do Período Composto

1) Marca a elipse de um verbo (às vezes, de seus complementos).

– *O decreto regulamenta os casos gerais; a portaria, os particulares. (= ... a portaria regulamenta os casos particulares)*

– *Em 1994, Romário ganhou a Copa do Mundo; em 2002, Ronaldo. (= ... em 2002, Ronaldo ganhou a Copa do Mundo)*

2) Separa orações coordenadas assindéticas.

– *Levantava-me de manhã, entrava no chuveiro, organizava as ideias na cabeça...*

– *A honestidade "deveria" ser a ordem do dia, não "poderia".*

3) Não separa as orações coordenadas sindéticas aditivas ligadas por *e* ou *nem.*

– *Muitos policiais estão envolvidos em receptação e continuam a envolver-se.*

– *Aqueles policias não estão envolvidos em receptação nem procuram envolver-se.*

Cuidado!!!

1) Ligando orações com sujeitos diferentes, alguns gramáticos, como William R. Cereja e Bechara, dizem que a vírgula é **facultativa**: *"Muitos policiais estão envolvidos em corrupção(,) e os políticos não deixam para menos."*. No entanto, para a maioria dos gramáticos, é obrigatória!

2) O *e* com valor adversativo (= *mas*), conclusivo/consecutivo (= *portanto*) ou enfático é separado por vírgula, segundo muitos gramáticos, como Luiz A. Sacconi e Hildebrando André: *"Ele sempre chega atrasado, **e nunca leva bronca do patrão.**"* / *"Ela foi prorrogada, **e não anulada**."* / *"Eles violaram a lei, e foram presos.* (Neste caso, Sacconi diz ser facultativa) / *"Neguei-o eu, e nego."* (Rui Barbosa).

3) Se as conjunções vierem repetidas (polissíndeto), a vírgula é obrigatória: *"Muitos policiais estão envolvidos em corrupção, **e** tramas obscuras, **e** conluios, **e** todo tipo de intrigas escusas."*. Qualquer polissíndeto (e, ou, nem...) vem separado por vírgula: *"João, **ou** Maria, **ou** Pedro, **ou** José são personagens bíblicos."*/ *"**Nem** o sol, **nem** o mar, **nem** o brilho das estrelas..."*. Falando em "nem", Sacconi diz que tal conjunção pode vir antecedida de vírgula quando liga orações de maior extensão: *"O pai não permitia que as filhas ficassem à janela, nem que saíssem à rua."*.

6. (FGV – PC/RJ – Inspetor – 2008) *Porém, havendo um número "excepcionalmente elevado" de estrangeiros, estes podem ser mesclados aos presos comuns, e as famílias podem ser separadas.* (L.30-33)

No trecho acima, seguindo as regras da boa discursividade, utilizou-se apropriadamente a vírgula antes da conjunção e.

Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.

a) Eles se esforçaram muito, e acabaram sendo reprovados.
b) Eles chegaram à janela muito timidamente, espiaram com cuidado, e depois abriram um sorriso.
c) A turba gritava, e vociferava, e brandia ameaçadoramente.
d) Fiz, e faria tudo novamente.
e) Ele esperava, naquela tarde, a chegada do malote, e, depois, ela esperaria após anoitecer.

Comentário: O gabarito é a B, pois não se coloca vírgula antes da conjunção *e*, quando ela liga orações com sujeitos iguais. Em A, o *e* tem valor adversativo (= *mas*), por isso usa-se a vírgula. Em C, há polissíndeto, por isso as vírgulas são obrigatórias antes do *e*. Em D, a vírgula antes do *e* é enfática, reiterando uma ideia anterior. Em E, a vírgula antes do *e* se justifica, pois liga orações com sujeitos diferentes.

7. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) ***Os sócios e colaboradores dificilmente são consultados, e muitas vezes o apoio reflete mais as posições pessoais dos controladores do que os valores e princípios das empresas.*** **(L.9-13)**

A respeito da vírgula no período acima, é correto afirmar que:

a) está correta, pois se trata de vírgula antes da conjunção E com valor adversativo;
b) está correta, pois é caso de vírgula antes da conjunção E que inicia oração com sujeito diferente do da anterior;
c) está incorreta, uma vez que não é necessário usar vírgula já havendo a conjunção E, mesmo sem valor aditivo;
d) está incorreta, já que introduz oração aditiva, mesmo que os sujeitos sejam diversos;
e) é facultativa, pois as orações apenas se justapõem e não se coordenam.

Comentário: O gabarito é a B. Veja que o *e* liga orações com sujeitos diferentes: *[Os sócios e colaboradores] dificilmente são consultados, e muitas vezes [o apoio] reflete mais as posições pessoais dos controladores do que os valores e princípios das empresas.*

4) Quando **termos** de mesma função sintática aparecem unidos pelas conjunções *e, nem, ou*, não se usam vírgulas, a não ser que as conjunções apareçam repetidas: *"Tenho muito cuidado com meus filhos e filhas." / "Ou você, ou sua esposa deve comparecer à reunião de pais."*.

5) Alguns gramáticos, em seus exemplos de oração coordenada sindética aditiva com ***"não só... mas também (e sinônimas)"***, separam por vírgula, já outros, não: ***"Juçara não só trabalha, mas também estuda."*** **(Sacconi)** / ***"Os livros não só instruem mas também divertem."*** **(Cegalla)**. Como isso é controverso, logo

podemos dizer que faculta? Seria sensato, não? O Cespe/UnB analisou a questão, porém, de acordo com os gramáticos que dizem ser obrigatória a vírgula separando séries aditivas enfáticas, a saber: Luiz A. Sacconi e José C. Azeredo (consulte: Cespe/UnB – UERN – TÉCNICO DE nível superior – 2010 – QUESTÃO 15).

6) A conjunção ***e*** pode vir entre vírgulas se estas forem usadas para outras estruturas na oração: *A casa, muito antiga, e, além dela, o edifício, moderníssimo, formavam visível contraste.* (As duas primeiras vírgulas são para o predicativo do sujeito deslocado; a terceira e a quarta vírgula são usadas para a expressão intercalada; as duas últimas separam o predicativo do sujeito.)

7) Segundo o professor Cláudio Moreno, para evitar a ambiguidade, usamos a vírgula. Nas palavras dele... *"Os convidados eram João e Maria, Paulo e Virgínia,* ***e*** *eu."* (eu estava desacompanhado); *"As almofadas podem ser feitas em branco e preto, vermelho e branco,* ***e*** *azul."* (ou vermelho e branco, ou azul). *"O bem-humorado Quinion brinca com a hipótese de alguém dedicar seu livro 'To my parents, Mary and God. (Para meus pais, Maria* ***e*** *Deus)*". (...) devemos usar uma vírgula antes do *e* para evitar que os leitores tomem *Maria* e *Deus* como aposto de *meus pais* e nos mandem internar no hospício por absoluto delírio de grandeza: "Para meus pais, Maria, **e** Deus.". Alguns chamam essa vírgula de "Vírgula de Oxford ou Vírgula Serial". O gramático Sacconi registra exemplos desse caso, ou seja, vírgula antes de uma conjunção que precede o último item de uma enumeração. Ele vai além e diz que se pode usar a vírgula (ou travessão) antes do *e* quando se deseja pausa seguida de ênfase ao que vem a seguir: *"Ele sairá daqui logo, e espero que nunca mais volte!"* ou *"Ele sairá daqui logo – e espero que nunca mais volte!"*. Sobre o uso de *e* antecedido de vírgula por motivo de ênfase, consulte: Esaf – SRF – AFRFB – 2012 – QUESTÃO 48 (P1-G1).

4) Separa as orações coordenadas sindéticas adversativas.

– *O dono de uma empresa demitiu 60% dos empregados, mas se arrependeu dias depois.*

Cuidado!!!

1) O *mas* nunca pode ser deslocado na oração, mas as outras conjunções adversativas (*porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante*), quando deslocadas por qualquer parte da oração, são separadas por vírgula: *"A maioria das pessoas julgam indiscriminadamente; eu, **porém,** não o faço. (eu não o faço, **porém**)"*. Mesmo após o ponto e vírgula ou o ponto, a conjunção pode vir separada por vírgula: *"A maioria das pessoas julgam indiscriminadamente; **porém,** eu não o faço."* ou *"A maioria das pessoas julgam indiscriminadamente. **Porém,** eu não o faço."*.

2) Apesar de, em certos textos modernos, normalmente de registro literário, **não** encontrarmos vírgula antes de orações coordenadas sindéticas adversativas iniciadas por "mas", a regra gramatical <u>unânime</u> diz que a vírgula é obrigatória. Veja:

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

ABL RESPONDE

Pergunta: Bem, desejo saber uma coisa: a vírgula antes da conjunção *mas* iniciando oração coordenada sindética adversativa é facultativa ou obrigatória? É assim: *"João foi, mas não voltou?"*. Pode ser assim: *"João foi mas não voltou?"*. Aguardo ansioso!

Resposta: Prezado, a conjunção adversativa *mas* <u>deve</u> ser antecedida por vírgula. (friso meu)

Para ter mais do que certeza, consulte: FUNDATEC – DETRAN/RS – TÉCNICO DE nível superior – 2009 – QUESTÃO 8.

Veja isto: FCC – SERGIPE GÁS S.A. – ADMINISTRADOR – 2013 – QUESTÃO 13 (assertiva I):

3) Ressalto que entre dois termos (de valor adjetivo) da frase, a vírgula não é obrigatória. Tal exemplo se vê apresentado por Celso Cunha e Lindley Cintra, em *Nova Gramática do Português Contemporâneo*: "Uma luz *bruxuleante* **mas** *teimosa* continuava a brilhar nos seus olhos.".

5) Separa as orações coordenadas sindéticas alternativas (ou... ou..., ora... ora..., quer... quer...).

– *Ora ele procura resolver algumas situações com paciência, ora decide fazer justamente o avesso.*

Obs.: No caso de *ou* retificativo, a vírgula se fará necessária quando houver pausa: *"A nossa paixão,* ***ou nossa mera ligação****, já se esvaiu."*. Por motivo de ênfase, podemos usar vírgula antes de *ou*: *"Iremos embora,* ***ou transporemos essas etapas sem medo****?"*.

6) Separa as orações coordenadas sindéticas conclusivas.

– *Os atores fizeram um grande espetáculo, por isso toda a plateia os aplaudiu efusivamente.*

Obs.: As conjunções coordenativas conclusivas, se deslocadas para qualquer parte da oração, são separadas por vírgula sempre: *"Os atores fizeram um grande espetáculo; toda a plateia,* ***portanto,*** *os aplaudiu efusivamente (toda a plateia os aplaudiu efusivamente,* ***portanto****)."* Alguns gramáticos, como Sacconi, dizem que é facultativa a vírgula após conjunção conclusiva iniciando período: *"Falaram mal de mim e da minha família. Portanto(,) darei o troco."*. Sobre isso, veja: Cespe/UnB – BB – ESCRITURÁRIO – 2007 – QUESTÃO 6.

7) Separa as orações coordenadas sindéticas explicativas.

– *Devo buscar mais informações, pois a vida me exige isso.*

Obs.: O **pois** deslocado (após o verbo) e entre vírgulas é conclusivo: *"Esse assunto não tem importância; devemos,* ***pois,*** *retirá-lo da pauta."*.

8) Separa as orações subordinadas substantivas deslocadas*.

– ***Que vocês estudam a Língua Portuguesa****, todos já sabemos.*

Obs.: * Quem apresenta esta regra de vírgula é o gramático Sacconi e os gramáticos Faraco & Moura; até onde sei, os demais não se manifestam. As orações subordinadas substantivas apositivas podem ser separadas por vírgula*: "Dos alunos eu só quero isto,* ***que eles estudem mais****."*. Não pode haver vírgula logo após a conjunção integrante, a não ser que haja uma intercalação: *"Eu quero que, vocês estudem mais."* (errado) / *"Eu quero que, mesmo com dificuldades, vocês estudem mais!"*. (certo)

9) Separa as orações subordinadas adjetivas explicativas.

– *O homem, que é razoável, saberá evitar uma "Terceira Guerra".*

Cuidado!!!

1) Esta frase significa que todo homem é razoável, e, por essa razão, saberá evitar uma "Terceira Guerra". Caso retirássemos as vírgulas, estaríamos afirmando que nem todos os homens são razoáveis, a ponto de saber evitar uma "Terceira Guerra", só alguns; aí a oração seria restritiva. Isso cai direto em prova!

2) Do ponto de vista da maioria dos gramáticos, as orações subordinadas adjetivas restritivas **não** são separadas por vírgula, mas alguns gramáticos (como Said Ali, Bechara e Sacconi) dizem que uma vírgula **pode** vir no fim dessa oração, principalmente quando ela tem grande extensão e os verbos das orações do período estão próximos: *"O mundo* ***que as pessoas sensatas sempre desejaram(,)*** *começa finalmente a surgir."* . Veja uma questão sobre isso:

(Esaf – SRF – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2000)

Numa época de crise longa e generalizada como a que estamos vivendo que desestruturou o campo das idéias e dos projetos políticos e econômicos consolidados no século XX, a discussão sobre uma alternativa histórica que contemple o interesse dos fracos e inferiorizados não pode ficar prisioneira de um debate meramente conjuntural nem muito menos das idéias e propostas dos mais fortes e ganhadores. Sua primeira providência nesse sentido é clarificar o que foi a *grande transformação* da ordem capitalista que se cristalizou nos últimos 25 anos do século XX. (Adaptado de José Luís Fiori, Correio Braziliense, 20/10/2000)

No que se refere à pontuação do texto, assinale a opção incorreta:

a) Estaria correto usar vírgula isolando a expressão **como a que estamos vivendo**.
b) Seria correto colocar vírgulas isolando a expressão **nesse sentido**.
c) Caso não se coloque uma vírgula após **alternativa histórica** seria correto colocar uma vírgula antes de **não pode ficar prisioneira**.
d) A expressão **meramente conjuntural** deve ser isolada por vírgulas para que o texto fique correto.
e) Se a oração **que contemple o interesse dos fracos e inferiorizados** vier entre vírgulas será uma subordinada explicativa.

Comentário: O gabarito é a **D.** Ignore o gabarito. Leia a alternativa **C**. A Esaf adota certos posicionamentos gramaticais pouco conhecidos e/ou ensinados, muitas vezes apoiados na gramática do Bechara e do Luft. A vírgula após a oração subordinada adjetiva restritiva, por exemplo, é facultativa para alguns nomes. Segundo eles (Eduardo Carlos Pereira, Júlio Ribeiro, Said Ali, Luiz A. Sacconi, Celso P. Luft, Evanildo Bechara, Ulisses Infante e Napoleão Mendes de Almeida), isso ocorre quando a oração é extensa ou quando o verbo da oração subordinada e o da principal estão próximos um do outro. O que fazer em questões como esta, em que há doutrinas gramaticais divergentes? Antes de qualquer coisa, tenha cuidado, pois já vi questões semelhantes em certas provas, realizadas por outras bancas, como FCC, FGV e cia., em que a vírgula após a adjetiva restritiva foi considerada incorreta. Respondendo à questão que inicia este parágrafo: antes de considerar tomar qualquer decisão, veja se há a possibilidade de outra opção ser a resposta que a banca deseja. Resumindo: marque sempre a MELHOR RESPOSTA! Sacou?

Importante: A partir da 2ª oração adjetiva restritiva (em uma enumeração), as vírgulas são obrigatórias, como se fossem adjuntos adnominais enumerados:

– *Comprei um carro* ***que custou caro, que me deu trabalho, que me desapontou e que ficou desvalorizado depois de dois anos***.

10) Separa as orações subordinadas adverbiais (sobretudo as que vierem antes da principal ou intercaladas).

– *Quando comprei o material, gostei muito.*
– *Alguns vilões, assim que aparecem nas primeiras cenas das novelas, parecem bons.*
– *Não irás temer quaisquer adversidades, se me amas de verdade.*

Obs.: **A vírgula é facultativa** – segundo Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Mauro Ferreira, William R. Cereja, Faraco, Moura & Martuxo Jr. – quando as orações subordinadas adverbiais vêm **após** as principais: *"Gostei muito(,) quando comprei o material."*. Said Ali também "sugere" isso.

Você sabia que isso já foi tema de questão da banca NCE/UFRJ em 2004 (Técnico Judiciário do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro)? A polêmica foi entre a letra C e E, respectivamente: *"Os juízes intervieram, quando viram os réus frente a frente."* / *"Os juízes intervieram quando viram os réus frente a frente."*. Embora seja correto colocar vírgula antes da oração subordinada adverbial pós-principal, pode-se usar **sem** vírgula, segundo os gramáticos acima. Enfim... a letra E foi considerada a correta. A questão deveria ter sido anulada, pois havia duas respostas possíveis – a depender da visão gramatical.

Rocha Lima, entretanto, registra, com todas as letras, que a vírgula é **obrigatória** na separação de orações adverbiais, independentemente de sua posição. Esse posicionamento figurou em questão recente de prova. A banca FCC, na prova do TRE/PR – TÉCNICO Judiciário – 2012 –, julgou como incorreta a retirada da vírgula antes da oração subordinada adverbial causal em *"A maioria desses usos é nobre, já que* eles aumentam o nosso conforto...".

Duas bancas, duas visões... O que fazer no dia da prova? Arrancar os cabelos? Não. Marcar a **melhor alternativa** dentre elas.

Só para piorar: Cegalla diz que as adverbiais consecutivas (tão... que...) não são separadas por vírgula. Rocha Lima diz o oposto. Sensato seria encarar, portanto, como facultativa a vírgula em: *"Ele era tão jovem(,) que não pôde suportar a pressão dos supostos amigos."*. Quanto às orações comparativas iniciadas por *quanto/(do)que*, saiba que não há vírgula: "*Precisamos de mais esclarecimentos gramaticais do que de divergências.*". Bem-vindo à língua portuguesa! Na hora da prova, analise as opções e marque a **melhor resposta**.

Último adendo: 99% dos gramáticos dão exemplos de orações adverbiais causais na ordem direta iniciadas pelo *porque*, **sem vírgula**: "Só terminei o livro em dezembro porque me dediquei.". Aí você se pergunta: "Ué, mas não posso colocar a vírgula antes da oração 'porque me dediquei'?" Aí eu respondo: "Yes, you can." (Tecla SAP: Sim, você pode!). Afinal, a maioria dos gramáticos

recomenda a vírgula separando as orações subordinadas adverbiais, independentemente de sua posição em relação à principal.

Momento-desabafo: Por que cada um diz o que quer? Por que alguma instituição séria, como a ABL, não sistematiza e unifica as regras gramaticais, pelo menos para as gramáticas de ensino médio? Por que as bancas de concursos públicos não param de trabalhar questões polêmicas... pelo menos? Sem comentários... Enquanto isso... vá estudando...

11) Separa as orações interferentes.

– *O mercado financeiro, até ontem eu não estava inteirado desses assuntos, deve beneficiar mais os pobres este ano.*

12) Separa orações reduzidas de gerúndio, particípio ou infinitivo com valor de oração adverbial, de coordenada aditiva (gerúndio) ou de adjetiva explicativa.

– *Chegando a carta, avise-me.*

– *Terminada a palestra, rompeu com risos e aplausos.*

– *Ele, antes de ser homem, foi uma criança.*

– *O vaso caiu no chão, despedaçando-se.* (Cegalla)

– *O nosso planeta, ameaçado constantemente por nós mesmos, ainda resiste.*

Cuidado!!!

Existem certas situações extras no uso das vírgulas... veja:

1) Isola o nome do lugar nas datas.

– *Rio de Janeiro, 21 de julho de 2006.*

2) Separa o paralelismo de provérbios.

– *Ladrão de tostão, ladrão de milhão.*

– *Casa de ferreiro, espeto de pau.*

3) Após a saudação em correspondência (social e comercial).

– *Com muito amor,*

– *Respeitosamente, (...)*

4) A vírgula antes do etc. é controversa, por isso é facultativa.

– *Eu adquiri um livro, um cd, um computador(,) etc.*

5) Depois do <u>sim</u> ou do <u>não</u> usados em respostas.

– *Sim, senhor! Não, senhor!*

6) Antes de <u>como</u> abrindo uma enumeração, explicação ou exemplificação (equivalendo a "por exemplo").

– *O Rio de Janeiro sempre lançou excelentes jogadores, como (por exemplo) Zico, Romário e Ronaldo.*

<u>Adendo final</u>:

Segundo o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*, "A fragmentação de frases **"consiste em pontuar uma oração subordinada ou uma simples locução como se fosse uma frase completa".** Decorre da pontuação errada de uma frase simples. Embora seja usada como recurso estilístico na literatura, a fragmentação de frases deve ser evitada nos textos oficiais, pois muitas vezes dificulta a compreensão. Ex.: *O programa recebeu a aprovação do Congresso Nacional.* ***Depois de ser longamente debatido***. (**errado**) / *O programa recebeu a aprovação do Congresso Nacional, depois de ser longamente debatido.* **(certo)**

Ponto e Vírgula

O **ponto e vírgula** é usado para marcar uma pausa maior do que a da vírgula. Seu objetivo é colaborar com a clareza do texto.

O ponto e vírgula serve para:

1) Separar orações coordenadas assindéticas, normalmente entre trechos já separados por vírgula (ou outros sinais de pontuação), marcando uma enumeração.

– *As leis, em qualquer caso, não podem ser infringidas; mesmo em caso de dúvida, portanto, elas devem ser respeitadas.*

– *Em criança, era um menino tímido mas inteligente; quando moço, era esperto e alegre; agora, como homem maduro, tornou-se um chato.*

– *Por que Deus permite terremotos (como os que ocorreram recentemente na Itália e na Grécia); não impede os ciclones (como os que atacam os EUA ano após ano); nada faz contra as secas intensas (como as do nordeste brasileiro), etc.?*

2) Separar vários itens de uma enumeração (frequente em leis).

Art. 1º A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos:

I – a soberania;

II – a cidadania;

III – a dignidade da pessoa humana;

IV – os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa;

(...)

3) Separar orações coordenadas cuja conjunção "implícita" é facilmente percebida.

– *Comeu muito na festa, exageradamente; não conseguiu ir à aula de hoje. (= Comeu muito na festa, exageradamente,* ***por isso*** *não conseguiu ir à aula hoje.)*

Obs.: Se a conjunção vier explícita, por motivo de ênfase, também se pode usar o ponto e vírgula: *"Defenda-se; mas não se vingue."* (José Oiticica)

4) Separar orações coordenadas adversativas e conclusivas com conectivo deslocado.

– *Ficarei com esta; não posso pagá-la à vista, porém.*

– *Finalmente vencemos; fiquemos, pois, felizes com nossa conquista!*

Dois-pontos

Os **dois-pontos** marcam uma supressão de voz em frase ainda não concluída. Em termos práticos, este sinal é usado para:

1) Introduzir uma citação (discurso direto).

– *Assim disse Voltaire: "Devemos julgar um homem mais pelas suas perguntas que pelas respostas."*

2) Introduzir um aposto *explicativo*, *enumerativo*, *distributivo* ou uma oração subordinada substantiva apositiva.

– *Amanda tinha conseguido finalmente realizar seu maior propósito: seduzir Pedro, que, por sua vez, amara três pessoas: Magda, Luana e, principalmente, a si mesmo.*

– *Em nosso meio, há bons profissionais: professores, jornalistas, médicos...*

Obs.: Serve simplesmente para indicar um resultado ou resumo do que se disse*: "Corri dez quilômetros durante dois meses seguidos. Resultado: emagreci doze quilos." / "Fui presenteado com livros, CDs, DVDs, garrafas de vinho, dinheiro... Resumindo: ganhei o dia!".*

3) Introduzir uma explicação ou enumeração após as expressões *por exemplo, isto é, ou seja, a saber, como* etc.

– *Adquirimos vários saberes, como: Linguagens, Filosofia, Ciências...*

4) Marcar uma pausa entre orações coordenadas (normalmente a relação semântica entre elas é de oposição, explicação/causa ou consequência).

– *Ele já leu muitos livros: pode-se dizer que é um homem considerado culto.*

– *Precisamos ousar na vida: devemos fazê-lo com cautela.*

5) Marcar a invocação em correspondências.

– *Prezados senhores:*

Último adendo: Só há letra maiúscula após os dois-pontos se a palavra for uma expressão em que se exija a letra maiúscula, como topônimos, antropônimos, siglas etc.; em citações também a letra maiúscula pode vir após os dois-pontos; é correta a letra maiúscula após "nota:", ou "obs.:", ou qualquer expressão que sugira um adendo, como a do início deste "box".

Ponto

Emprega-se o ponto, basicamente, para indicar o fim de uma frase declarativa de um período simples ou composto. Pode substituir a vírgula quando o autor quer realçar, enfatizar o que vem após (evita-se isso em linguagem formal).
– *Posso ouvir o vento assoprar com força. Derrubando tudo!*

O ponto é também usado em quase todas as abreviaturas: fev. = fevereiro, hab. = habitante, rod. = rodovia, etc. = et cætera.

O ponto do *etc.* termina o período, logo não pode haver outro ponto: "..., feijão, arroz, etc..". Absurdo também é usar *etc.* seguido de reticências: "... feijão, arroz, etc....".

Chama-se **ponto parágrafo** aquele que encerra um período e a ele se segue outro período em linha diferente. Esse último ponto agora (antes do *Esse*) é chamado de **ponto continuativo**, pois a ele se segue outro período no mesmo parágrafo. **Ponto final** é este que virá agora.

Obs.: Estilisticamente, podemos usar o ponto para, em períodos curtos, empregar dinamicidade, velocidade à leitura do texto: *"Era um garoto pobre. Mas tinha vontade de crescer na vida. Estudou. Subiu. Foi subindo mais. Hoje é juiz do Supremo."*. Usa-se muito em narrações em geral.

Ponto de Interrogação

O **ponto de interrogação** marca uma entoação ascendente (elevação da voz) com tom questionador. Usa-se nestes casos:

1) Frase interrogativa direta.

– *O que você faria se só lhe restasse um dia?*

2) Entre parênteses para indicar incerteza sobre o que se disse.

– *Eu disse a palavra peremptório (?), mas acho que havia palavra melhor naquele contexto.*

3) Combinado com o ponto de exclamação para denotar surpresa, admiração etc.

– *Você não conseguiu chegar ao local de prova?!* (ou!?)

4) Em interrogações retóricas (sentença que é uma interrogação na forma, mas que expressa uma afirmação ou gera uma reflexão com resposta subentendida).

– *E o que tenho eu com isso?* (Ou seja: *"Não tenho nada com isso."*)

– *Pessoas morrem de fome de 5 em 5 segundos no mundo. Jogaremos comida fora à toa?* (Ou seja: *"Claro que não jogaremos comida fora à toa."*)

Obs.: Hoje em dia, em certas bancas, são até recorrentes questões sobre o objetivo discursivo desse ponto, como estratégia argumentativa do autor do texto. Um dos objetivos principais é **provocar o leitor a interagir ou aguçar sua reflexão**.

Ponto de Exclamação

O **ponto de exclamação** é empregado para marcar o fim de qualquer frase com entonação exclamativa, indicando altissonância, exaltação de espírito.

1) Normalmente exprime *admiração*, *surpresa*, *assombro*, *indignação*, ordem etc.

– *Coitada dessa menina!*

– *Que linda mulher!*

– *Saia daqui!*

2) Vem após as interjeições usualmente.

– *Nossa! Deus do céu! Como não vimos isso antes? Oh! Isso é fantástico!*

3) É usado para substituir as vírgulas em vocativos enfáticos.

– *Minha mãe me dizia quando eu era criança: "Fernando José! onde estava até esta hora?".*

4) É repetido (duas ou mais vezes) quando a intenção é marcar uma ênfase, uma intensidade na voz.

– *Neymar driblou um, driblou dois, ficou de cara para o gol e... perdeu!!! Inacreditável Futebol Clube!*

Travessão

O **travessão** é um sinal bastante usado na narração, na descrição, na dissertação e no diálogo, portanto, figura repetida em qualquer prova; é um instrumento eficaz em uma redação. Pode vir em dupla, se vier intercalado na frase. Veja seus usos:

1) Indica a mudança de interlocutor no diálogo (discurso direto).

– *Que gente é aquela, seu Alberto?*
– *São japoneses.*
– *Japoneses? E... é gente como nós?*
– *É. O Japão é um grande país. A única diferença é que eles são amarelos.*
– *Mas então não são índios?*
(Ferreira de Castro)

2) Coloca em relevo certos termos, expressões ou orações; substitui nestes casos a vírgula, os dois-pontos, os parênteses ou os colchetes.

Marlene Pereira – sem ser artificial ou piegas – lhe perdoou incondicionalmente. (oração adverbial modal)

Um grupo de turistas estrangeiros – todos muito ruidosos – invadiu o saguão do hotel no qual estávamos hospedados. (predicativo do sujeito)

Os professores – amigos meus do curso carioca – vão fazer videoaulas. (aposto explicativo)

Como disse o poeta: "Só não se inventou a máquina de fazer versos – já havia o poeta parnasiano". (orações coordenadas assindéticas – conectivo implícito)

A decisão do ministério foi a seguinte – que todos se unissem contra o mosquito transmissor da dengue. (oração substantiva apositiva)

O Brasil – que é o maior país da América do Sul – tem milhões de analfabetos. (oração adjetiva explicativa)

Meninos – pediu ela –, vão lavar as mãos, que vamos jantar. (oração intercalada)

Ela é linda – linda! (travessão usado como mero realce)

Cuidado!!!

1) A vírgula (ou ponto e vírgula) pode vir após um travessão (ou parêntese), se houver necessidade dela. Em outras palavras, toda vez que aparecer uma questão trabalhando travessões intercalados e vírgula após eles, por favor, faça o seguinte: ignore a existência dos travessões e do que está dentro dele, ok? Se houver necessidade de vírgula, use-a após o último travessão. Veja um exemplo:

Quando João a viu chorando – ele lamentou muito tal fato, pois a amava –, não conseguiu conter seu próprio choro.

Se você ignorar os travessões e a oração interferente dentro deles, o período ficará assim:

Quando João a viu chorando, não conseguiu conter seu próprio choro.

Esta vírgula aí está certa, pois a primeira oração é subordinada adverbial iniciando período (sempre separada por vírgula, portanto). Tal regrinha vale também para os parênteses, ou seja:

Quando João a viu chorando (ele lamentou muito tal fato, pois a amava), não conseguiu conter seu próprio choro.

Veja outro exemplo, com vocativo: *"Pestana – chamou o diretor –, precisamos conversar."*

Veja a questão 8, cujo gabarito foi a letra E, em: FGV – MEC – ANALISTA DE SISTEMAS – 2009. Foram usados pontos e vírgulas depois dos travessões! Cuidado, hein!

2) Apesar de o *Manual de Redação da PUC/RS* e do Senado Federal informarem que deve vir a sigla entre travessões ou parênteses (*O Fundo Monetário Internacional – FMI – ajuda as nações*), a Esaf trabalha o assunto diferentemente. Fique atento! Veja:

17. (Esaf – MDIC – Analista de Controle Externo – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial de O Estado de S. Paulo de 29/3/2012.

Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente incorreta.

c) Para a Confederação Nacional da Indústria – CNI há alguns temas de maior importância para consideração dos parlamentares. Essa pauta mínima inclui dezesseis projetos em tramitação no Congresso, selecionados por seu elevado potencial de impacto positivo ou negativo na atividade empresarial.

Comentário: O gabarito foi outra opção. Mas o que nos importa aqui é o fato de a sigla figurar só com um travessão e a Esaf considerar tal uso certo.

“Ajuda” enviada por uma amiga:
ABL RESPONDE
Pergunta: Antes de mais nada, bom carnaval! Para quem está estudando, como eu, rs, surgem dúvidas... Espero que possam ajudar. Há erro na pontuação em “O Sistema Único de Saúde – SUS apresenta falhas.”? Obrigadinha!
Resposta: Prezada consulente:
A frase está correta, mas, se indicou um travessão para destacar a sigla do nome próprio, utilize o mesmo travessão antes e depois da sigla: “O Sistema Único de Saúde – SUS – apresenta falhas”.
Portanto, a pergunta que fica é esta: “Por que a Esaf ignora o ensino da ABL?”

Parênteses

Os parênteses, muito semelhantes aos travessões e às vírgulas, são empregados para:

1) Colocar em relevo certos termos, expressões ou orações; substitui nestes casos a vírgula ou os travessões.

– *Marlene Pereira (sem ser artificial ou piegas) lhe perdoou incondicionalmente.* (oração adverbial modal)
– *Um grupo de turistas estrangeiros (todos muito ruidosos) invadiu o saguão do hotel no qual estávamos hospedados.* (predicativo do sujeito)
– *Os professores (amigos meus do curso carioca) vão fazer videoaulas.* (aposto explicativo)
– *O Brasil (que é o maior país da América do Sul) tem milhões de analfabetos.* (oração adjetiva explicativa)
– *Meninos (pediu ela), vão lavar as mãos, que vamos jantar.* (oração intercalada)

2) Incluir dados informativos sobre bibliografia (autor, ano de publicação, página etc.).

– *Mattoso Câmara (1977:91) afirma que, às vezes, os preceitos da gramática e os registros dos dicionários são discutíveis: consideram erro o que já poderia ser admitido e aceitam o que poderia, de preferência, ser posto de lado.*

3) Indicar marcações cênicas numa peça de teatro.

João – Você vai aonde?

Pedro – Devo ir à praia.

João – Vou com você. Tchau, mãe! (sai pela esquerda)

Obs.: Os colchetes **[ ]** fazem o mesmo papel dos parênteses, porém são mais usados na Matemática. "O 'sic' serve para evidenciar que o uso incorreto ou incomum de pontuação, ortografia ou forma de escrita presente em uma citação, provém de seu autor original. Vem entre parênteses ou colchetes": "Disse o editor do jornal: 'Não entendo porque (sic) dizem que a mídia no Brasil é tão tolhida.". Deveria ser "por que" (separado).

Aspas

As ***aspas*** são usadas comumente em citações, mas também há outras funções bem interessantes. Atualmente o **negrito** e o *itálico* vêm substituindo frequentemente o uso das aspas. Resumindo, elas são empregadas:

1) Antes e depois de citações textuais.

– *"A vírgula é um calo no pé de todo mundo", afirma a editora de opinião do jornal Correio Braziliense e especialista em língua portuguesa Dad Squarisi, 64.*

2) Para assinalar estrangeirismos, neologismos, arcaísmos, gírias e expressões populares ou vulgares, conotativas.

– *Chávez, com 58 anos, é uma figura doente e fugidia, que hoje representa o "establishment"*. (Carta Capital)

– *Não me venham com problemática, que tenho a "solucionática"*. (Dadá Maravilha)

– *O homem, "ledo" de paixão, não teve a "fortuna" que desejava.*

– *Mulher Filé dá "capilé" em repórter "nerd"*. (Jornal Meia Hora)

– *Anderson Silva "passou o carro" no adversário.*

3) Para realçar uma palavra ou expressão imprópria; às vezes com objetivo irônico ou malicioso.

– *Ele reagiu impulsivamente e lhe deu um "não" sonoro.*

– *Veja como ele é "educado": cuspiu no chão!*

– *Se ela fosse "minha"...*

4) Quando se citam nomes de mídias, livros etc.

– *Ouvi a notícia no "Jornal Nacional".*

– *"Os Lusíadas" foi escrito no século XVI.*

Cuidado!!!

1) Quanto à posição das aspas e outros pontos

Se uma frase começar e terminar com aspas, o sinal de pontuação ficará dentro dela:

– *"Só sei que nada sei." Essa frase é atribuída a um grande filósofo grego.*

Se uma frase não começar por aspas, o ponto final ficará fora dela:

– *Disse o diretor: "Considerem as informações relevantes". Depois se contradisse.*

Se a citação contiver ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências, tais sinais ficarão entre aspas, e o ponto final fechará o período:

– *A torcida, aos 45 do segundo tempo, gritará na final entre Brasil e Espanha: "Gol!!! É Brasil!!!". Assim nós, brasileiros, esperamos...*

Vale dizer que alguns manuais de redação, como o da Câmara dos Deputados, ensinam que o ponto final neste caso é dispensável, de modo que a frase também estaria correta assim:

– *A torcida, aos 45 do segundo tempo, gritará na final entre Brasil e Espanha: "Gol!!! É Brasil!!!" Assim nós, brasileiros, esperamos...*

Obviamente, quando não fizerem parte da citação, o ponto de interrogação, o ponto de exclamação ou as reticências deverão vir depois das aspas:

– *Conheces a famosa frase "Penso, logo existo"?*

Quando a frase continuar após a citação entre aspas, o ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências serão usados dentro das aspas, mas não o ponto final:

– *"Está encerrada a sessão!" – anunciou o Presidente.*

– *O Presidente anunciou: "Está encerrada a sessão..."; o plenário logo se esvaziou.*

– *"Haverá sessão extraordinária amanhã?", perguntou o Deputado.*

2) Sobre as aspas simples

Segundo o Manual de Redação da Câmara dos Deputados, quando alguma expressão que deva vir com aspas se encontra dentro de uma frase aspeada, essa expressão virá entre aspas simples:

– *Disse o Ministro: "Estou repetindo agora tudo o que escrevi no artigo 'Os problemas da Previdência', publicado em vários jornais, recentemente."*

Se possível, deve-se evitar, por não ser visualmente favorável, o encontro de aspas simples e duplas:

– *O Presidente declarou: "Sua proposta está prejudicada, pois fui enfático ao proclamar 'Está encerrada a discussão'".*

Reticências

As **reticências** são empregadas para:

1) Assinalar interrupção do pensamento.

– *O Presidente da República está ciente...*

– *Um aparte, por favor...*

– *...ciente do problema. Concedo o aparte ao nobre Deputado.*

(Manual de Redação da Câmara dos Deputados)

2) Indicar partes que são suprimidas de um texto (pode vir entre parênteses ou colchetes).

– *O primeiro e crucial problema de linguística geral que Saussure focalizou dizia respeito à natureza da linguagem. Encarava-a como um sistema de signos... (ou (...), ou [...]) Considerava a linguística, portanto, com um aspecto de uma ciência mais geral, a ciência dos signos...*

(Mattoso Câmara Jr.)

3) Para sugerir o prolongamento da fala.

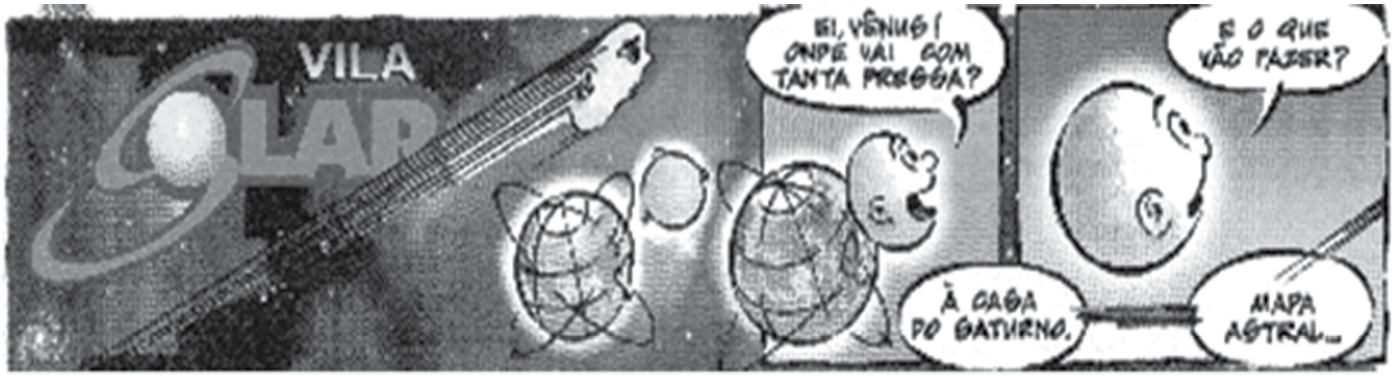

(Saul Garber. Adaptado de FAOZA *et al.* (org.). *Central de tiras*. São Paulo: Via Lettera, 2003.)

Percebeu a fala "Mapa Astral..."? Vênus ia acelerado e a lua fez uma pergunta, só que ele não parou para responder a nada, ele falou correndo, logo a sua fala fica mais ou menos assim (prosodicamente falando): "Mapa astraaaaaaaal". Interessante, não?

4) Para indicar hesitação, suspense ou breve interrupção de pensamento.

– *Eu não a beijava porque... porque... eu tinha vergonha!*

5) Para realçar uma palavra ou expressão, normalmente com malícia, ironia ou outro sentimento.

– *Ela é linda...! Você nem sabe como...!* (lê-se assim, prosodicamente: *"Ela é liiiiinda... você nem sabe como..."*).

O Que Cai Mais na Prova?

Definitivamente **a vírgula** é o que precisamos saber... *de cor e salteado*. Todos os demais sinais vêm correndo por fora... mas vale a pena saber mais sobre **ponto e vírgula, dois-pontos** e **travessão**. Dado o recado... vamos às questões!

Questões de Concursos

1. (FCC – TRT/PA/AP (8ª R) – Técnico Judiciário – 2010) Considere:

I. O Polo Norte está ameaçado: o oceano gelado que o rodeia começou a derreter.

II. Vamos assistir a um fenômeno raro: uma subversão da geografia que se desenrolará diante de nossos olhos.

III. As nações que margeiam o Oceano Ártico já estão na linha de largada: Estados Unidos, Rússia, Canadá, Groenlândia (Dinamarca) e Noruega.

Identifica-se, nos segmentos introduzidos por dois pontos, respectivamente, a noção de:

a) explicação de sentido causal, especificação do significado da expressão anterior a eles e enumeração;
b) consequência de um fato, explicação adicional e especificação necessária para o entendimento do texto;
c) causa e consequência, conclusão decorrente da afirmativa anterior e especificação dos interesses em disputa;
d) temporalidade, explicação com sentido causal e repetição enfática de dados já constantes anteriormente;
e) especificação do sentido de um termo anterior, constatação decorrente da exposição e repetição enumerativa.

2. (Cesgranrio – FINEP – Técnico – 2011) A vírgula pode ser retirada sem prejuízo para o significado e mantendo a norma-padrão na seguinte sentença:

a) Mário, vem falar comigo depois do expediente.
b) Amanhã, apresentaremos a proposta de trabalho.
c) Telefonei para o Tavares, meu antigo chefe.
d) Encomendei canetas, blocos e crachás para a reunião.
e) Entrou na sala, cumprimentou a todos e iniciou o discurso.

3. (Cesgranrio – FINEP – Analista de Suporte – 2011) Os trechos transcritos abaixo apresentam apenas um sinal de pontuação. Em qual deles, o sinal pode ser substituído por ponto e vírgula (;), com as adaptações necessárias, se for o caso?

a) "Há 15 dias, uma educadora no Recife"
b) "indagou a um grupo de estudantes quais os meios de comunicação que eles conheciam. Nenhum citou cartões-postais"
c) "Para se ter uma ideia de sua importância, basta lembrar um pouco da história"
d) "tornou-se uma mania que invadiu toda a cidade – lembra o colecionador Liedo Maranhão"
e) "reduto da cultura popular do Recife, onde eram encontrados em caixas de sapato"

4. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Enfermagem do Trabalho – 2011) Há ERRO quanto ao emprego dos sinais de pontuação em:

a) Ao dizer tais palavras, levantou-se, despediu-se dos convidados e retirou-se da sala: era o final da reunião.
b) Quem disse que, hoje, enquanto eu dormia, ela saiu sorrateiramente pela porta?
c) Na infância, era levada e teimosa; na juventude, tornou-se tímida e arredia; na velhice, estava sempre alheia a tudo.
d) Perdida no tempo, vinham-lhe à lembrança a imagem muito branca da mãe, as brincadeiras no quintal, à tarde, com os irmãos e o mundo mágico dos brinquedos.
e) Estava sempre dizendo coisas de que mais tarde se arrependeria. Prometia a si própria que da próxima vez, tomaria cuidado com as palavras, o que entretanto, não acontecia.

5. (Cesgranrio – Transpetro – Contador Júnior – 2011) A mudança na pontuação mantém o sentido da frase original, preservando a norma-padrão da língua, em:

a) "Nesta trepidante cultura nossa, da agitação e do barulho, gostar de sossego é uma excentricidade." / Nesta trepidante cultura nossa, da agitação e do barulho gostar de sossego é uma excentricidade.
b) "algumas que não combinam conosco nem nos interessam." / algumas que não combinam conosco, nem nos interessam.
c) "Quem não corre com a manada praticamente nem existe," / Quem não corre, com a manada praticamente nem existe,
d) "disparamos sem rumo – ou em trilhas determinadas – feito *hamsters* (...)" / disparamos sem rumo ou em trilhas determinadas feito *hamsters.*
e) "Estar sozinho é considerado humilhante," / Estar sozinho, é considerado humilhante,

6. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico de Contabilidade – 2011) A mudança na pontuação mantém o sentido da frase original, preservando a norma-padrão da língua, em:

a) "(...) realizada efetivamente há uns quatro ou cinco anos," / realizada efetivamente há uns quatro, ou cinco anos,
b) "(...) analisa o impacto da criação do telégrafo (surgido em 1837)." / analisa o impacto da criação do telégrafo: surgido em 1837.
c) "Romances floresceram sob impacto do telégrafo. Códigos secretos foram inventados (...)" / Romances floresceram sob impacto do telégrafo, códigos secretos foram inventados.
d) "Igual impacto teve a Internet." / Igual impacto, teve a Internet.
e) "(...) não se ouviam notícias delas durante anos." / não se ouviam notícias, delas, durante anos.

7. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) No diálogo abaixo, cada fala corresponde a um número.

I. Por que ele adquiriu somente um ingresso!
II. Comprou dois: um para você outro para mim.
III. Mas ele saiu daqui dizendo: "Só comprarei o meu!"
IV. Pelo visto você acredita em tudo, o que ele diz.

Em relação ao diálogo, a pontuação está correta APENAS em:

a) I;
b) III;
c) I e II;
d) II e IV;
e) III e IV.

(...) Tanto na menor como na *maior felicidade*, porém, há sempre algo que faz que a felicidade seja uma felicidade: a faculdade de esquecer, ou melhor, em palavras mais eruditas, a faculdade de sentir as coisas, durante todo o tempo que dura a felicidade, fora de qualquer perspectiva histórica. (...)

8. (Cespe/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo – 2011) No segundo período do texto, o trecho introduzido pelos dois-pontos apresenta uma explicação do que o autor entende por "maior felicidade".

( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) "Pode parecer uma difícil realidade agora, mas, na Idade Média, os monges escreviam em conjunto os livros para a posteridade", observou.

9. (Cespe/UnB – EBC – Gestor de Atividade Jornalística – 2011) No trecho acima, a vírgula que antecede "observou" poderia ser substituída por travessão, sem prejuízo para o sentido original e para a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Esse processo em nada se diferencia de outro já muito conhecido pelos estudiosos da comunicação: a proliferação demasiada de determinados espaços acaba por apagá-los por si mesmos. (...)

10. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior (exceto Advocacia) – 2011) A substituição dos dois-pontos empregados logo após "comunicação" pelo vocábulo **pois** alteraria o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Em meio à turbulência financeira, essas nações também ganharam voz e importância no contexto geopolítico que culminou com a ascensão do G-20 (...)

11. (Cespe/UnB – BRB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) Para dar mais destaque ao complemento da forma verbal "ganharam", duas vírgulas poderiam ser inseridas no período: uma antes e outra depois da expressão "voz e importância".
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Assim, a interação é vista como processo social que dá aos atores que interagem não apenas um papel de agentes de reprodução, mas de reinventores da vida social.

12. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) A ausência de vírgulas logo depois de "atores" e de "interagem" indica que há outros atores que não interagem.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Para apreciar o valor e o significado dessas indicações, é preciso entender as principais razões que levavam o padre a interessar-se pelo tempo (...)

13. (Cespe/UnB – Correios – Cargos de Nível Superior – 2011) O emprego de vírgula logo após o vocábulo "indicações" é obrigatório.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Abri uma página ao acaso e li uma frase que dizia ser um sinal de fraqueza, e não de virtude, ir agachar-se sob o túmulo a fim de escapar dos golpes do destino. (...)

14. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2011) Caso se omitisse a vírgula empregada imediatamente antes da conjunção "e", a correção gramatical e a coerência do texto seriam preservadas.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

(...) a vida depende da vontade de outrem, a morte, da nossa. (...)

15. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2011) No trecho "a morte, da nossa", a vírgula foi empregada para indicar a omissão do vocábulo "vontade".
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (FCC – Infraero – Administrador – 2011) Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:
a) Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela, dependem, muitas vezes, de pequenas providências que, tomadas por figurantes aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.
b) Os personagens principais, de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes, de pequenas providências que tomadas por figurantes, aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.
c) Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela dependem muitas vezes de pequenas providências, que, tomadas por figurantes aparentemente, sem importância, ditam o rumo de toda a história.
d) Os personagens principais, de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela, dependem, muitas vezes de pequenas providências, que tomadas por figurantes aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.
e) Os personagens principais de uma história, responsáveis, pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes de pequenas providências, que tomadas por figurantes, aparentemente, sem importância, ditam o rumo de toda a história.

17. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) Está plenamente adequada a pontuação da frase:
a) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo tentar justificar, suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
b) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho; pois os velhos jornalistas igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
c) Não cabe aos jovens, ao menos, os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois, os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.

d) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.

e) Não cabe aos jovens, ao menos, os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados não costumavam abdicar, dos princípios éticos.

18. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Está inteiramente adequada a pontuação da seguinte frase:

a) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado, na verdade a pompa retórica indicia, o vazio do pensamento.

b) Para o gosto moderno, a grandiloquência, não surge, ao contrário de outras épocas como prova de gosto refinado, na verdade a pompa retórica indicia: o vazio do pensamento.

c) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado; na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.

d) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas como prova de gosto refinado, na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.

e) Para o gosto, moderno, a grandiloquência, não surge, ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado: na verdade a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.

19. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Os trechos a seguir constituem um texto adaptado do Editorial de O Globo de 20/3/2012. Assinale a opção correta quanto ao emprego dos sinais de pontuação.

a) Estudo recente de uma instituição americana, mostra que, em termos da produtividade do trabalho, estamos atrás da Argentina, do Chile, do México, do Uruguai, do Peru e da Colômbia, para citar apenas algumas nações sul-americanas. Superamos apenas a Bolívia e Equador.

b) O aumento da escolaridade, foi um passo à frente, pois os jovens estarão mais aptos ao aprendizado necessário, a um bom desempenho em suas profissões e atividades do que as gerações anteriores.

c) Porém, para se nivelar aos parâmetros, até mesmo, da maioria dos países do continente, o Brasil, terá de andar bem mais rápido.

d) O país já se encontra em um estágio no qual os saltos de produtividade não ocorrerão sem investimentos mais expressivos. Além de equipamentos, automação e outras ferramentas da tecnologia, parte desses investimentos precisará estar voltada para os recursos humanos.

e) É recente (menos de vinte anos) um envolvimento mais vigoroso do poder público, nesse esforço, para qualificar os recursos humanos disponíveis. Até então, a iniciativa partia de instituições privadas ou das empresas, muitas vezes agindo de maneira isolada.

20. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Há <u>erro</u> gramatical (vírgula depois de "minerais") inserido na transcrição do fragmento abaixo.

O dinamismo da indústria ao longo do ano, particularmente no setor de veículos automotores, metalurgia e produtos minerais, assegurou o crescimento real da receita...

21. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Desconsiderando os necessários ajustes nas letras iniciais maiúsculas e minúsculas, provoca-se erro gramatical e/ou incoerência textual ao:

O Brasil vive uma situação **intrigante**: enquanto a economia alterna altos e **baixos**, a taxa de desemprego cai de forma consistente. Uma das possíveis causas é a redução do crescimento demográfico, que desacelera a expansão da população apta a trabalhar. Com menos pessoas buscando uma ocupação, a taxa de desemprego pode **cair** mesmo com o baixo crescimento. **Isso é bom? Depende**. Por um lado, a escassez de mão de obra reduz o número de desempregados e aumenta a **renda**. Por outro, eleva os custos e reduz a competitividade das empresas, o que pode levá-las a demitir para reequilibrar as contas. É uma bomba-relógio que só pode ser desarmada com o aumento da **produtividade** – para manter o emprego, os trabalhadores precisarão ser treinados para produzir mais.

a) substituir o sinal de interrogação depois de "bom" por um sinal de ponto e vírgula;
b) inserir uma vírgula depois de "cair";
c) retirar o sinal de dois pontos depois de "intrigante" e, ao mesmo tempo, substituir a vírgula depois de "baixos" pelo sinal de dois pontos;
d) substituir o ponto depois de "Depende" pelo sinal de dois pontos e, ao mesmo tempo, substituir o ponto depois de "renda" por ponto e vírgula;
e) substituir o travessão depois de "produtividade" pelo sinal de dois pontos.

22. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Provoca-se erro gramatical e incoerência textual ao fazer a seguinte alteração nos sinais de pontuação do texto:

Sabe-se muito pouco dos rumos que as grandes cidades tomarão nas próximas **décadas**. Muitas vezes nem se prevê a dinâmica metropolitana do próximo **quinquênio**. Mesmo com a capacitação e o preparo dos técnicos dos órgãos envolvidos com a questão urbana, há variáveis independentes que interferem nos planos e projetos elaborados pelos legislativos e encaminhados ao Executivo. **Logicamente** não se prevê o malfadado caos urbano, mas ele pode ensejar que o país se adiante aos eventos e tome medidas preventivas ao desarranjo econômico, que teria conseqüências nefastas. (...) Medidas nessa direção podem (**e devem**) estar em consonância com a projeção de tendências e mesmo com a antevisão de demandas dos destinatários da gestão **urbana** – os cidadãos, urbanos ou não.

a) substituir o ponto depois de "quinquênio", por vírgula;
b) substituir o ponto depois de "décadas" pelo sinal de dois pontos;
c) inserir uma vírgula depois de "Logicamente";
d) retirar os parênteses que destacam "e devem";
e) substituir o travessão depois de "urbana" por vírgula.

23. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Existe consenso entre especialistas de que aumentar a densidade habitacional ao redor dos grandes eixos de transporte público, bem como ampliar os investimentos no modelo que realmente pode chegar a todos os cantos da cidade – os corredores de ônibus –, será a chave do sucesso para qualquer cidade que almeja ser líder global.

– A presença do travessão depois de "ônibus" torna desnecessário o uso da vírgula; por isso, sua omissão manteria a correção gramatical do texto.

24. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Assim como a ideia de civilização implica a ideia de barbárie, a experiência da modernidade (que não deve ser pensada como algo que já aconteceu, mas como algo que deve estar sempre acontecendo, um porvir) implica a experiência da violência que a tornou possível – a violência fundadora da modernidade.

– O sinal de travessão exerce função semelhante ao sinal de dois pontos, que é a de introduzir uma explicação ou uma especificação para a ideia anterior.

25. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) Provoca-se erro **gramatical** ou **incoerência** na argumentação do texto ao substituir os dois travessões por vírgulas: "O desenvolvimento é um processo complexo, que deriva de uma gama de fatores – entre os quais se realça a educação – e precisa de tempo para enraizar-se"?

26. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir os travessões por vírgulas: "Dados do Sine – uma rede pública de agências de emprego, associada ao Ministério do Trabalho – mostram que apenas 39% das vagas ali oferecidas em 2009 foram preenchidas".

27. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) Preserva-se a correção gramatical do texto ao se substituírem os dois-pontos, após a expressão "ou seja" (... o sistema nervoso causaria uma pane nos outros órgãos, ou seja: chegamos a um ponto em que...), por vírgula.

( ) CERTO
( ) ERRADO

28. (Cespe/UnB – STJ – Analista Judiciário – 2012) Na linha 37 (... para o entendimento de uma forma particular de comunicação – ... –, o estudioso deve reconstruir...), é obrigatório o emprego da vírgula após o travessão.

( ) CERTO
( ) ERRADO

É certo que, de modo geral, toda obra literária deve ser a expressão, a revelação de uma personalidade.

29. Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012 Sem alteração da informação expressa no primeiro período do texto, a expressão adverbial "de modo geral" poderia ser deslocada, com as vírgulas, para imediatamente depois da locução verbal "deve ser" ou, eliminando-se as vírgulas que a isolam, para imediatamente após o núcleo nominal "personalidade".

( ) CERTO
( ) ERRADO

30. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) Justifica-se o emprego da vírgula logo após "mas" (... representaram profundas mudanças para a sociedade da época, mas, do

ponto de vista político, assistiu-se a uma concentração ainda maior...) para enfatizar o sentido de contraste introduzido por essa conjunção, razão por que a supressão desse sinal de pontuação não acarretaria prejuízo gramatical ao texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) A vírgula após "Ora" (... os dirigentes políticos sonham com estabilidade. Ora, as formas de governo utilizadas pelos impérios fascinam por sua resistência...) pode ser suprimida sem prejuízo para a correção gramatical e para o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Sem que haja prejuízo para o sentido original do texto, "Isso" (... o fato de o império absorver povos diferentes faz que alguns de seus componentes desejem destacar-se do conjunto. Isso explica por que os impérios perduram...) pode ser corretamente substituído por **o que**, desde que se substitua o ponto que antecede esse pronome por ponto e vírgula.
( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Com os devidos ajustes de maiúsculas e minúsculas, o ponto após "passados" (Pensar o império não significa ressuscitá-lo dos mundos passados. Trata-se de considerar a multiplicidade...) pode ser substituído por dois-pontos sem que haja prejuízo para a correção gramatical e o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

"... outras formas de soberania que respondam melhor a um mundo caracterizado ao mesmo tempo pela desigualdade e pela diversidade."

34. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Caso se insira, antes de "caracterizado", o segmento **que é**, será necessário, para a manutenção da correção gramatical e do sentido do período, o emprego de vírgula após "mundo".
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

"A um coronel que se queixava da vida de quartel, um jornalista disse: ..."

35. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O emprego da vírgula após "quartel" é facultativo.
( ) CERTO

( ) ERRADO

36. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Está inteiramente adequada a pontuação do seguinte período:

a) Em qualquer escalão do governo costuma haver mais cedo, ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado, por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança que ficam ao sabor, das conveniências políticas.

b) Em qualquer escalão, do governo, costuma haver mais cedo ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

c) Em qualquer escalão do governo, costuma haver, mais cedo ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

d) Em qualquer escalão do governo costuma haver, mais cedo ou mais tarde, atritos, entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso e o pessoal, indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

e) Em qualquer escalão do governo costuma haver mais cedo, ou mais tarde atritos, entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado, por concurso, e o pessoal indicado, para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

37. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) ***Pois se, por exemplo, criticamos a falta de liberdade e a injustiça social, seria sempre em nome de valores que ainda não se realizaram, mas a respeito dos quais nós, ocidentais, saberíamos, de antemão, seu sentido.***

Do ponto de vista da pontuação, o padrão culto escrito abonaria também, sem prejuízo do sentido original, a substituição proposta no seguinte segmento:

a) "Pois se por exemplo,".

b) "Pois se, por exemplo:".

c) "em nome de valores, que ainda não se realizaram,".

d) "saberíamos de antemão, seu sentido.".

e) "mas a respeito dos quais nós ocidentais saberíamos, de antemão, seu sentido.".

38. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) O período corretamente pontuado está em:

a) Estudos, deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que movidos, por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações, que nos afligem.

b) Estudos deixam evidente que muitas vezes, nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos de que movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa, inadvertidamente, nós mesmos fabricamos, aquelas situações que nos afligem.

c) Estudos deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que, movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações que nos afligem.

d) Estudos deixam evidente, que muitas vezes, nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos de que movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações, que nos afligem.

e) Estudos deixam evidente que, muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos, de que movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos, aquelas situações que nos afligem.

39. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) Considere os itens abaixo. Em cada um deles, encontram-se a transcrição de um segmento do texto e o mesmo segmento pontuado de maneira diferente da original.

I. ***frequentemente reivindicando para si as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro*** **/ frequentemente reivindicando, para si, as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro**

II. ***Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia (o artigo foi bastante contestado na época*****), / Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia – o artigo foi bastante contestado na época –**

III. ***surgem agora evidências de que a própria Pauline atuou de modo tão pouco ético como ela acusava Welles de ter agido*****. / surgem agora, evidências de que a própria Pauline atuou de modo tão pouco ético como ela acusava Welles de ter agido.**

O padrão culto escrito abona a nova pontuação de:

a) I, apenas.
b) I e II, apenas.
c) I, II e III.
d) II e III, apenas.
e) I e III, apenas.

40. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal – 2012) ***O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma, mas ruiu exatamente conforme as previsões de Kant.***

Outra pontuação para a frase acima, que mantém o sentido e a correção originais, é:

a) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais, não foi um mero fantasma (mas: ruiu exatamente conforme as previsões de Kant).
b) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi: um mero fantasma; mas ruiu, exatamente, conforme as previsões de Kant.
c) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma. Mas ruiu exatamente, conforme as previsões de Kant.
d) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados, nacionais, não foi um mero fantasma – mas ruiu; exatamente conforme as previsões de Kant.
e) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma; mas ruiu, exatamente conforme as previsões de Kant.

41. (Cesgranrio – Petrobras Distribuidora – Técnico de Administração e Controle Júnior – 2012) A substituição da vírgula por ponto pode ser feita, mantendo dois períodos bem-formados sintaticamente, em:

a) Ela nasceu em Salvador, capital do estado da Bahia.
b) O rapaz andava com passos rápidos, estava com pressa.
c) Pedi informação a um senhor, que parecia saber o caminho.
d) Se você não souber o caminho, procure a informação no mapa.
e) Todas as ruas, avenidas e praças de Copacabana estão sinalizadas.

42. (Cesgranrio – CHESF – Analista de Sistemas – 2012) "Hoje, informação é poder."
No fragmento acima, a vírgula é empregada para separar o adjunto adverbial de tempo deslocado. Outro exemplo do texto em que a vírgula é utilizada com a mesma função encontra-se em:

a) "nomes e números em profusão, que nos chegam por jornais."
b) "O estado de nossas células cerebrais, as nossas emoções."
c) "Para quem, como eu, viaja bastante e tem de trabalhar em aviões ou em hotéis."
d) "De repente eu me dava conta de como nossa existência é frágil, de como somos governados pelo acaso e pelo imprevisto."
e) "meu palpite é que, no dia do Juízo Final, cada um de nós vai inserir o *pen drive* de sua vida no Grande Computador Celestial."

43. (Cesgranrio – PROMINP – Nível Superior – Área de Qualidade – 2012) O trecho "Gente não vem com manual de instruções quando nasce. Nem para viver nem para morrer." Está reescrito em uma única sentença, sem alteração do sentido, e pontuada de acordo com a norma-padrão, em:

a) Gente não vem com manual de instruções quando nasce; nem para viver; nem para morrer.
b) Gente não vem com manual de instruções quando nasce: nem para viver – nem para morrer.
c) Gente não vem com manual de instruções quando nasce, nem para viver: nem para morrer.
d) Gente não vem com manual de instruções quando nasce – nem para viver – nem para morrer.
e) Gente não vem com manual de instruções quando nasce: nem para viver, nem para morrer.

44. (Cesgranrio – CEF – Arquiteto – 2012) O trecho "Mas não. Não serve qualquer uma." pode ter sua pontuação alterada, sem modificar-lhe o sentido original, em:

a) Mas não: não serve qualquer uma.
b) Mas, não; não, serve qualquer uma.
c) Mas não; não serve, qualquer uma.
d) Mas: não, não. Serve qualquer uma.
e) Mas não – não; serve qualquer uma.

45. (CEPERJ – Procon – Advogado – 2012) O emprego da vírgula marca anteposição de termos, com alteração da ordem direta da frase, no seguinte exemplo do texto:

a) "O consumismo é uma ideologia, um hábito mental forjado que se tornou umas das características culturais mais marcantes da sociedade atual."
b) "obesidade infantil, erotização precoce, consumo precoce de tabaco e álcool, estresse familiar, banalização da agressividade e violência, entre outras."
c) "Para o mercado, antes de tudo, a criança é um consumidor em formação."
d) "A publicidade na TV é a principal ferramenta do mercado para a persuasão do público infantil, que cada vez mais cedo é chamado a participar do universo adulto."
e) "salvo decisões relacionadas a planos de seguro, combustível e produtos de limpeza."

46. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário – 2012) ***Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque no***

sistema da corrupção o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.

Assinale a alternativa que apresente pontuação para o trecho anterior igualmente correta.

a) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque – no sistema da corrupção –, o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.

b) Se a conduta de praxe seria não, apenas, aceitar, mas exigir dinheiro, em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque no sistema da corrupção, o valor da honestidade, que garantiria – ao sujeito – a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.

c) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque, no sistema da corrupção, o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia –, foi substituído pela vantagem do dinheiro.

d) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever –, é porque, no sistema da corrupção, o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia – foi substituído pela vantagem do dinheiro.

Fragmento de texto

(...) o que é detectado pelas **respostas vagas, inconsistentes, sem coerência, coesão** (...) O x dá lugar ao ch em **"xícara", "mexer" e "vexame"**; o inverso ocorre em "chuchu", "enchimento" e "pichação". (...) A tecnologia deveria ser uma parceira em vez de contribuir para a alienação dos jovens. **Como ensinar redação a estudantes sem argumentos para defender seu ponto de vista?** É imprescindível enfatizar a necessidade da leitura para redigir com clareza, no português padrão, usando um vocabulário rico e adequado, de forma coerente, concisa e sem repetição de ideias.

47. (FUMARC – TJ/MG – Oficial Judiciário – 2012) Sobre o emprego dos sinais de pontuação, analise as afirmativas a seguir, nos trechos:

I. "(...) respostas vagas, inconsistentes, sem coerência, coesão..." o uso das vírgulas se justifica pela enumeração das informações.

II. "xícara", "mexer" e "vexame" os sinais das aspas nas palavras foram utilizados para enfatizar a maneira correta como cada uma deve ser grafada.

III. "Como ensinar redação a estudantes sem argumentos para defender seu ponto de vista?" compreende-se o uso do ponto de interrogação, nesta frase, uma articulação de indignação.

Está(ão) CORRETA(s) a(s) afirmativa(as):

a) I, II e III.
b) Apenas I e III.
c) Apenas II e III.
d) Apenas I.

48. (FUNCAB – MPE/RO – Analista – 2012) Assinale a opção correta quanto à pontuação.

a) O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida.
b) O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido, sob a insígnia, da civilização industrial primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida.
c) O nosso século que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina, e depois fez dela, o seu modelo de vida.
d) O nosso século que se iniciou, e tem se desenvolvido, sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina e, depois fez dela o seu modelo de vida.
e) O nosso século que se iniciou, e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial primeiro, inventou a máquina e depois, fez dela o seu modelo de vida.

49. (Vunesp – Pref. São José dos Campos/SP – Analista Técnico – 2012) Nos versos – Quando se vê, já é sexta-feira/ Quando se vê, já passaram 60 anos – o emprego da vírgula é obrigatório, mas ele é facultativo em:
a) Se pudesse, o poeta nem olharia o relógio.
b) Já era sexta-feira, quando ele se deu conta da passagem do tempo.
c) Se me dessem uma oportunidade, seguiria sempre em frente.
d) Embora tenha sido reprovado, o poeta espera nova oportunidade.
e) Conforme se constatou, já se passaram 60 anos.

50. (FCC – TRE/PR – Técnico Judiciário – 2012) *A maioria desses usos é nobre, já que eles aumentam o nosso conforto, o nosso bem-estar, a nossa saúde.*
Considere as afirmativas seguintes sobre o emprego das vírgulas no segmento acima.
I. A vírgula colocada após **é nobre** pode ser retirada, sem prejuízo da correção.
II. A vírgula que separa as expressões **o nosso bem-estar**, **a nossa saúde** pode ser corretamente substituída por um **e**.
III. A vírgula após a expressão **o nosso conforto** pode ser substituída por dois-pontos, sem prejuízo da correção e do sentido original.
Está correto o que se afirma APENAS em:
a) III.
b) II.
c) I e III.
d) I e II.
e) I.

Minha vida meu amor
Olha minha vida meu amor
Há muito não és mais meu
Toda a loucura que fiz
Foi por você
Que nunca me deu valor
(...)
Por tua causa João
Eu morro pelada
(...)
No fundo do poço

Amor desculpe algum erro
E a falta de vírgula
Dalton Trevisan, Minha vida meu amor. Revista Língua, ano 7, jan. 2011. (texto adaptado)

51. (COPESE – UFT – Vestibular – 2012) Considerando a linguagem utilizada no texto *Minha vida meu amor*, podemos afirmar que a falta do uso da vírgula nos vocativos *você* (linha 4), *João* (linha 6) e *Amor* (linha 9) é uma inadequação à variedade padrão escrita?

Gabarito

1. A.	11. ERRADO.	21. A.	31. ERRADO.	41. B.
2. B.	12. CERTO.	22. A.	32. ERRADO.	42. E.
3. B.	13. CERTO.	23. INCORRETA.	33. CERTO.	43. E.
4. E.	14. ERRADO.	24. CORRETA.	34. ERRADO.	44. A.
5. B.	15. ERRADO.	25. CORRETA.	35. CERTO.	45. C.
6. C.	16. A.	26. INCORRETA.	36. C.	46. D.
7. B.	17. D.	27. CERTO.	37. E.	47. A.
8. ERRADO.	18. C.	28. CERTO.	38. C.	48. A.
9. CERTO.	19. D.	29. ERRADO.	39. A.	49. B.
10. CERTO.	20. CORRETA.	30. ERRADO.	40. E.	50. B.
				51. INCORRETA.

Capítulo 28

Concordância Verbal e Nominal

Definição

A **concordância** diz respeito à conformidade de palavras que mantêm relações entre si.

Por exemplo, as palavras que acompanham um substantivo ou substituem-no ficam no mesmo gênero e no mesmo número que ele (normalmente, são artigos, adjetivos, numerais e pronomes).

Perceba que, no parágrafo anterior, há uma relação de concordância entre algumas palavras (as em azul concordam com as em negrito):

*Por exemplo, **as palavras** que acompanham **um substantivo** ou substituem-**no**, ficam n**o mesmo gênero** e n**o mesmo número** que **ele** (normalmente, são artigos, adjetivos, numerais e pronomes).*

Sabe por que os falantes cultos jamais colocariam no feminino os vocábulos *um, no, o, mesmo* e *ele*? Por causa de um princípio da língua, chamado **concordância nominal**.

A concordância nominal trata da adequada variação em gênero e número dos determinantes (artigos, adjetivos, numerais e pronomes) com o substantivo, pois tais classes dependem dele e relacionam-se com ele! Digo mais: note que os **artigos** (*um* e *o*) **acompanham** um substantivo, certo? Mas os pronomes (*no, mesmo, ele*) podem **substituir** substantivos, concordando em gênero e número com ele.

Por isso, atenção! As palavras de um texto mantêm relações de concordância entre si. **Jamais** você construiria um texto assim:

*Por exemplo, os **palavras** que acompanham uma **substantivo** ou substituem-na, ficam na mesma **gênero** e na mesma **número** que ela (normalmente, são artigos, adjetivos, numerais e pronomes).*

Adivinha por quê? Não há respeito à concordância! Beleza? Em certos casos, porém, o determinante pode concordar só com o substantivo mais próximo. Dizemos que, nesses casos, há uma **concordância nominal atrativa**. Veja:

– ***O aluno e a aluna** estudiosa conquistaram a tão desejada vaga de Analista Judiciário.*

É óbvio que o adjetivo poderia concordar com os dois substantivos:

– ***O aluno e a aluna** estudiosos conquistaram a tão desejada vaga de Analista Judiciário.*

"Ok! Entendi! Mas, Pestana, e a concordância **verbal**?" Vejamos agora.

Na **concordância verbal**, o conceito de concordância se mantém. O que ocorre nesse caso é a **relação entre o verbo e o sujeito**.

Note, por exemplo, o primeiro período deste parágrafo anterior: *"Na concordância verbal, o conceito de concordância se mantém"*. Imagine se ele estivesse escrito assim: *"Na concordância verbal, o conceito de concordância se mantêm, ..."* E aí? Alguma diferença? É claro que sim! Sutil, mas sim, há diferença!

Nessa reescritura, o sujeito *o conceito de concordância* está na 3ª pessoa do **singular**, e o verbo *mantêm* está na 3ª pessoa do **plural**. Por isso, **não há con-cor-dân-cia**, pois o verbo deve concordar com o sujeito, ficando na mesma pessoa e no mesmo número!

Obs.: Muito cuidado com os verbos ***vir*** e ***ter*** (e seus derivados, como *manter*), pois eles, **no plural**, recebem acento circunflexo! Cai direto na prova!

Assim, **a concordância verbal trata da adequada flexão, em número e pessoa, de um verbo com seu sujeito**. Ou seja: sujeito no singular = verbo no singular; sujeito na 3ª pessoa = verbo na 3ª pessoa... e por aí vai...

Imagine se eu dissesse assim:

De todos os povos mais plurais culturalmente, o Brasil, mesmo diante de opiniões contrárias, as quais insistem em desmentir que nosso país é cheio de "brasis" – digamos assim –, ganham disparado dos outros, pois houve influências de todos os povos aqui: europeus, asiáticos e africanos.

Nem o Word me corrigiu! Espero que você já tenha corrigido. Sublinhe o **verbo** e procure o **sujeito** depois:

*De todos os povos mais plurais culturalmente, **o Brasil**, mesmo diante de opiniões contrárias, as quais insistem em desmentir que nosso país é cheio de "brasis" – digamos assim –, **ganham** disparado dos outros, pois houve influências de todos os povos aqui: europeus, asiáticos e africanos.*

O Brasil... ganham?!

"Caiu a ficha" sobre concordância verbal agora, não? Esse exemplo que eu dei é o que as bancas *adooooooooram* fazer com você: distanciar o sujeito do seu verbo, não deixando o candidato perceber a concordância. *Pelo amor de Deus! Cuidado com isso!*

O que torna a "maldade" deles ainda pior é que há uma série de palavras no "meio do caminho", entre o sujeito e o verbo, de modo que perceber a concordância culta fica realmente mais difícil. Pois bem... de acordo com a concordância formal, o período acima deveria ficar assim:

*De todos os povos mais plurais culturalmente, **o Brasil**, mesmo diante de opiniões contrárias, as quais insistem em desmentir que nosso país é cheio de "brasis" – digamos assim –, **ganha** disparado dos outros, pois houve influências de todos os povos aqui: europeus, asiáticos e africanos.*

Verbo no **singular**, pois **sujeito** no **singular.**

Em certos casos, o verbo pode concordar com o termo mais próximo do sujeito. Dizemos que, nesses casos, há uma **concordância verbal atrativa**. Veja:

– ***Conquistou o aluno e a aluna** a tão sonhada vaga de Analista Judiciário.*

É óbvio que o verbo poderia concordar com os dois núcleos do sujeito composto:

– ***Conquistaram o aluno e a aluna** a tão sonhada vaga de Analista Judiciário.*

Em outros casos, o verbo concorda com um sujeito implícito tendo como referente um ou mais termos. Leia este texto (sujeito em azul, verbo em negrito):

Caberia *aos cidadãos do Brasil, cujas leis são muitas vezes negligenciadas por eles mesmos,* ***o direito de reclamar****. É por isso que* ***deve ser levado*** *a sério, pois quanto mais reclamações, maior possibilidade de se corrigirem problemas.*

"O que ***deve ser levado*** a sério?" Resposta: "***o direito de reclamar***". Note que o sujeito de ***deve ser levado*** está implícito; como ele está na 3ª pessoa do singular, o verbo fica igualmente na 3ª pessoa do singular. Fácil, não?

Bem... espero que você tenha entendido os conceitos básicos de concordância nominal e verbal. Poderia ser só isso, mas existem algumas... "regrinhas"... Vamos a elas? Sem medinho! Eu quero sangue nos olhos a partir de agora, pois "missão dada é missão cumprida"!

Concordância Verbal com o Sujeito Simples

Toda vez que você quiser saber se o verbo está concordando em número e pessoa com o sujeito, busque o verbo da oração. Depois de encontrado, procure o núcleo do sujeito. Em **regra geral**, **o verbo concorda com o núcleo do sujeito**.

Os ***jogadores*** *de futebol* ***ganham*** *um salário exorbitante.*

Por que o verbo (*ganham*) está no plural? Porque o núcleo do sujeito simples (*jogadores*) está no plural. Quem ganha um salário exorbitante? *Os jogadores de futebol.* Logo, **eles** ganham.

Apesar de já ter falado, quero reiterar que as provas não costumam apresentar questões de concordância neste nível fácil. O intuito delas é testá-lo, por isso procuram inverter a ordem dos termos. A minha dica é esta: sublinhe primeiramente o verbo da oração (veja qual é a pessoa e número dele); depois disso, leia a oração e faça a pergunta "O que/Quem...?" ao verbo, a fim de achar o sujeito; depois de achá-lo, veja se seu núcleo está na mesma pessoa e número do verbo. Se sim, houve concordância. Veja uma oração com inversão de termos:

No começo da semana, ***foi publicado****, para o preenchimento de vagas no Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro (MPE-RJ) – cuja procura por parte dos candidatos é grande –,* ***o tão aguardado edital****.*

Percebeu que o sujeito está bem depois do verbo? Colocando na ordem direta, fica mais fácil de "enxergar": ***O tão aguardado edital*** ***foi publicado*** *no começo da semana ...*

Vamos às regras agora.

1) O núcleo do sujeito é uma palavra de sentido coletivo.

O verbo fica no singular.

– ***A multidão*** ***gritou*** *entusiasticamente o nome do jogador.*

– ***O grupo****, ontem à noite,* ***decidiu*** *que iria ao congresso.*

Cuidado!!!

1) Coletivo **especificado** ou **partitivo**: *a metade de, a maior parte de, a maioria de, uma porção de, uma parte de, uma turba de, o resto de, um grupo de, um bando de, a metade de, o grosso de, um grande número de, um bom número de...* (verbo no singular, concordando com o núcleo do sujeito, ou verbo no plural, concordando com o núcleo do adjunto).

– *A* ***multidão*** *de torcedores* ***gritou*** *entusiasticamente.*

– *A multidão de* ***torcedores*** ***gritaram*** *entusiasticamente.*

O gramático Cegalla recomenda que, se este tipo de sujeito vier deslocado, o verbo ficará no singular, concordando com o núcleo:

– ***Gritou*** *entusiasticamente a* ***multidão*** *de torcedores.*

2) Sujeitos formados por *milhão, bilhão, trilhão* etc. seguem o mesmo modelo acima:

– *Mais de um* ***milhão*** *de mulheres* ***foi*** *às ruas a fim de protestar contra o abuso sexual.*

– *Mais de um milhão de* ***mulheres*** ***foram*** *às ruas a fim de protestar contra o abuso sexual.*

2) O sujeito é o pronome relativo *que*.

Neste caso, o verbo posterior ao pronome relativo (com função de sujeito!) concorda com o antecedente do relativo.

– *Depois de participar da promoção, presentearam a mim,* ***que*** *nunca* ***ganhei*** *um "par ou ímpar".*

– *Quais são os limites do Brasil continental* ***que*** *se* ***situam*** *mais próximos e mais distantes do Meridiano?*

Cuidado!!!

1) Se houver pronome pessoal reto seguido de outra palavra antes do pronome relativo, o verbo após o relativo concordará com o pronome reto ou com a outra palavra.

No entanto, a maioria dos gramáticos enfatiza que, neste caso, o verbo fica na 3ª pessoa.

– *Não seremos nós* ***os que****, depois de tudo, mentiremos/****mentirão****.*

2) Se houver dois substantivos antes do pronome relativo, pode o pronome concordar com um dos dois, desde que o sentido da frase esteja claro.

– *O resultado das* ***pesquisas que*** *se apurou/se* ***apuraram*** *provocou polêmica.*

3) Com a expressão ***um(a) dos(as)*** **+ substantivo/pronome** vindo antes do pronome relativo **que**, o verbo pode concordar com *um(a)* ou com o substantivo/pronome.

– *Aquela aluna é uma das pessoas* ***que precisava/precisavam*** *de ajuda.*

Se o sentido da frase exigir que o verbo após o relativo fique no singular, só haverá esta possibilidade de concordância:

– *Santos Dumont foi um dos brasileiros* ***que*** *inventou o avião. (Só ele inventou.)*

4) Lembre-se disto: o pronome relativo *que* precisa ter função de sujeito para que o verbo após ele concorde com o antecedente do relativo. Veja esta frase: *"As acusações que promove quem defende o 'assembleísmo' baseiam-se na decantada 'soberania' das assembleias"*. Algumas pessoas poderiam pensar que o verbo *promover* deveria ficar no plural concordando com o antecedente do relativo (*acusações*), mas nessa frase, o *que* tem função de objeto direto, e não de sujeito. Na ordem direta a frase é esta: *"As acusações que quem defende o 'assembleísmo' promove baseiam-se na decantada 'soberania' das assembleias"*.

3) O sujeito é o pronome indefinido *quem*.

Por via de regra, o verbo fica na 3ª pessoa do singular concordando com *quem*.

– *Fomos nós* ***quem*** ***resolveu*** *a questão.*

Obs.: Se no lugar do pronome reto vier outra palavra, o verbo vai concordar obrigatoriamente com *quem*: *Foram os rapazes da Jovem Guarda* ***quem*** ***fez*** *sucesso*. Pode concordar com o pronome reto antecedente também, por razões de ênfase: *Fomos nós* ***quem*** *resolvemos a questão*. Sobre isso, consulte: Esaf – SRF – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA FEDERAL – 2012 – QUESTÃO 36 (P1-G1).

Mas não é assim que costuma cair em prova, como se vê nas duas questões a seguir:

11. (FUNCAB – MPE/RO – Analista – 2012) Assinale a opção correta quanto à concordância verbal.
D) Eram eles ***quem*** *fazia* a ronda no local. (Gabarito!)

– (Cespe/UnB – PM/SE – Médico – 2006) Assinale a opção que obedece às orientações da norma culta.
B) Na passagem "Por que não fui eu que criei a Microsoft?" (l.12-13), o segundo "que" pode ser corretamente substituído por *quem*, sem modificações das formas verbais.

Comentário: O gabarito foi outro, logo, para o Cespe/UnB, prevaleceu a regra principal, isto é, não se pode usar *quem* no lugar do segundo *que*, de modo que o verbo concorde com o pronome reto: "Por que não fui *eu quem criei* a Microsoft?" (errado)

4) O sujeito é um pronome interrogativo, demonstrativo ou indefinido no plural + de nós/de vós.

O verbo pode concordar com o **pronome no plural** (interrogativo, demonstrativo ou indefinido) ou com *nós/vós*.

– ***Quais*** *de vós me* ***ajudarão****? / Quais de* ***vós*** *me* ***ajudareis****?*

– ***Aqueles*** *de nós* ***se expressam*** *bem. / Aqueles de* ***nós*** ***nos expressamos*** *bem.*

– ***Alguns*** *de nós* ***resolviam*** *essas questões. / Alguns de* ***nós*** ***resolvíamos*** *essas questões.*

Obs.: Com os pronomes interrogativos ou indefinidos **no singular**, o verbo concorda com eles em pessoa e número: ***Qual*** *de vós me* ***ajudará*** *agora?*

5) O sujeito é formado de palavras pluralizadas, normalmente topônimos, como: *Amazonas, Alpes, Andes, Alagoas, Campinas, Campos, Buenos Aires, Emirados Árabes Unidos, Filipinas, Marrocos, Minas Gerais, Montes Claros, Patos, Vassouras, etc.*

Se o sujeito vier antecedido de *artigo* no *plural*, o *verbo* ficará no *plural*. Se o sujeito *não* vier antecedido de artigo (ou de artigo no plural), o *verbo* ficará no *singular*.

– ***Os Estados Unidos*** ***continuam sendo*** *a maior potência mundial.*
– ***Santos*** ***fica*** *em São Paulo.*
– ***O Marrocos*** ***foi dominado*** *pelos árabes no século VIII.*
– ***Férias*** ***faz*** *bem à saúde.*
– ***Vozes verbais*** ***diz*** *respeito, basicamente, a três formas diferentes do verbo.*
– ***As vozes verbais*** ***são*** *tradicionalmente* ***divididas*** *em ativa, passiva e reflexiva.*

Obs.: Há muita polêmica em torno deste caso, mas, de um modo geral, quando o sujeito **apresenta nome de obra artística pluralizada** (livros, filmes...), o verbo pode ficar no singular ou no plural, *quando antecedida de artigo no plural* (*Os Sertões, Os Maias, Os pastores da noite, etc.*):

– ***Os Lusíadas imortalizou/imortalizaram*** *Camões.*
– ***Velozes e Furiosos*** *marcou o cinema relativo a carros.*

6) O sujeito é formado pelas expressões *mais de um, cerca de, perto de, menos de, coisa de, obra de* etc.

O verbo concorda com o numeral.

– *Mais de* ***um*** *aluno não* ***compareceu*** *à aula.*
– *Mais de* ***cinco*** *alunos não* ***compareceram*** *à aula.*

Obs.: A expressão ***mais de um*** tem particularidades: se a frase indicar reciprocidade (pronome reflexivo recíproco *se*), se houver coletivo especificado ou se a expressão vier repetida, o verbo fica no plural:

– *Mais de um irmão* ***se*** ***abraçaram***.

– *Mais de* ***um grupo de crianças veio/vieram*** *à festa na praia.*

– ***Mais de um aluno, mais de um professor estavam*** *presentes.*

7) Sujeito formado de número percentual ou fracionário.

O verbo concorda com o numerador (o número antes da barra da fração) ou com o número inteiro (o número antes da vírgula na porcentagem), mas pode concordar com o especificador dele. Se o numeral vier precedido de determinante, o verbo concordará apenas com o numeral.

– *Apenas* ***1/3*** *das pessoas do mundo* ***sabe*** *o que é viver bem.*

– *Apenas 1/3 das* ***pessoas*** *do mundo* ***sabem*** *o que é viver bem.*

– *Apenas* ***30%*** *do povo* ***sabem*** *o que é viver bem.*

– *Apenas 30% do* ***povo*** ***sabe*** *o que é viver bem.*

– ***Os 30%*** *da população não* ***sabem*** *o que é viver mal.*

Obs.: Note que, no primeiro exemplo, o verbo concordou com o **1** de 1/3, o mesmo ocorre com **0** em "Só ***0,9%*** das pessoas ***sabe*** o que significa 'lóxia'.". Veja uma questão sobre isso:

11. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2008) "... mostram que um terço dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição..." (L.67-70)

Assinale a alternativa em que, ao se alterar o termo "um terço", **não** se tenha mantido a concordância em conformidade com a norma culta. Desconsidere a possibilidade de concordância atrativa.

a) mostram que 0,27% dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.

b) mostram que menos de 2% dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foram tributados apenas por aquela contribuição.

c) mostram que grande parte dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.

d) mostram que três quartos dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foram tributados apenas por aquela contribuição.
e) mostram que 1,6 milhão dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.

Comentário: O gabarito é a C, pois não houve concordância adequada: "... grande parte dos pagamentos realizados... foi tributado..."; deveria ser "... parte... foi tributada..." ou "... pagamentos... foram tributados...". a) "... **0**,27%... **foi tributado**...". b) "... **2**%... **foram tributados**...". d) "...**três** quartos... **foram tributados**...". e) "... **1**,6 milhão... **foi tributado**...".

8) Os verbos *bater*, *dar* e *soar* concordam com o número de horas ou vezes (sujeito), exceto se o sujeito for a palavra *relógio, sino, carrilhão...*

– ***Deram*** ***duas horas*** *e ela não chegou. (Duas horas deram...)*
– ***Bateu*** ***o sino*** *duas vezes. (O sino bateu...)*
– ***Soaram*** ***dez badaladas*** *no relógio da escola. (Dez badaladas soaram...)*
– ***Soou*** *dez badaladas* ***o relógio*** *da escola. (O relógio da escola soou dez badaladas.)*

Obs.: Alguns gramáticos, como Celso Cunha e Antenor Nascentes, encaram tais verbos como impessoais, de modo que o número de horas é o adjunto adverbial e a oração é sem sujeito. Nesse caso, a concordância é atrativa. Já outros gramáticos, como Domingos. P. Cegalla e Rocha Lima, encaram tais expressões numéricas como o sujeito, de modo que o verbo não é impessoal.

9) Sujeito em voz passiva sintética.

O verbo concorda com o sujeito paciente. Passe sempre para a voz passiva analítica para "enxergar" o sujeito mais facilmente.

– ***Vendem-se*** ***casas de veraneio*** *aqui. (Casas de veraneio são vendidas aqui.)*
– *Nunca* ***se viu****, em parte alguma,* ***pessoa tão interessada****. (Pessoa tão interessada nunca foi vista em parte alguma.)*

Cuidado!!!

1) Quando o sujeito composto está posposto, vale a regra de atração com o mais próximo ou com todos os elementos do sujeito composto:

– ***Modificou**-se, no século XXI, ainda que a população brasileira estivesse descrente, a **maneira** de fazer política no Brasil, os tratos do Legislativo com os cidadãos e, por fim, a visão do povo sobre os governantes.*

– ***Modificaram**-se, no século XXI, ainda que a população brasileira estivesse descrente, a **maneira** de fazer política no Brasil, os **tratos** do Legislativo com os cidadãos e, por fim, a **visão** do povo sobre os governantes.*

2) Não confundir ***se*** apassivador com ***se*** indeterminador do sujeito! Revise o *se* relendo *Funções Sintáticas dos Pronomes Oblíquos Átonos*, no capítulo 21. Cai muito em prova, hein!

Veja um exemplo de frase para você entender "como" aparece em prova:

*Não **se discutem** muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise, **a questão do tamanho**, mas sim a alavancagem desses bancos.* (Retirado de Carta Capital, 18/10/2012)

Corrija-se para o singular:

*Não **se discute** muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise, **a questão do tamanho**, mas sim a alavancagem desses bancos. (= … a questão do tamanho não é discutida…)*

Veja mais um:

*Não **se discute** muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise, **as questões do tamanho**, mas sim a alavancagem desses bancos.*

Corrija-se para o plural:

*Não **se discutem** muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise, **as questões do tamanho**, mas sim a alavancagem desses bancos. (= … as questões do tamanho não são discutidas…)*

Nas provas, há uma tendência muito grande em formular a frase de voz passiva sintética com verbo no singular, indeterminando o sujeito. Por isso se faz muita pergunta sobre o *se*. Não confunda!

3) Concordância com *costumar/poder/dever* + *se* + infinitivo + substantivo no plural.

Existem duas análises possíveis para essa construção:

Em "***Devem-se resolver*** *rapidamente* ***as questões de Português***", analisamos *devem-se resolver* como uma **locução verbal com partícula *se* apassivadora**, concordando o verbo auxiliar da locução com o sujeito *as questões de Português*. Afinal de contas, "O que se devem resolver rapidamente?" Resposta: "As questões de Português.", certo? Passe para a voz passiva analítica que vai ficar mais fácil ainda:

"***As questões de Português*** ***devem ser resolvidas*** rapidamente." Percebeu?

Agora, a segunda análise possível é feita se os verbos ***costumar/poder/dever*** estiverem no singular, não mais formando uma locução verbal, mas sim um **verbo principal** seguido de uma **oração reduzida**. "Como assim, Pest?" Veja a frase a seguir e sua análise:

"**Pode-se** / ***resolver rapidamente estas questões de Português***."

O que "se pode"? Ou seja, o que é possível? Resposta: "resolver rapidamente estas questões de Português" se pode (= é possível). Logo, *resolver rapidamente estas questões de Português* é a oração reduzida com função de **sujeito** da oração principal *Pode-se*. O verbo fica sempre no singular quando seu sujeito é oracional.

Resumindo:

Costumam/Devem/Podem-se resolver ***questões de Português.***

(locução verbal com *se* apassivador concordando com sujeito no plural)

ou

Costuma/Deve/Pode-se / ***resolver questões de Português*.**

(oração principal / oração reduzida de infinitivo com função de sujeito)

4) Com a estrutura *querer* + *se* + infinitivo, Bechara indica que a concordância não pode ser arbitrária quando o sentido falar mais alto: *"Quer-se inverter as leis."* não equivale a *"As leis querem ser invertidas."*, logo não faz sentido

escrever ou dizer *"Querem-se inverter as leis."*. Sendo assim, o sujeito de *"Quer-se inverter as leis."* é oracional: *inverter as leis.*

5) Na expressão "não (nunca)... mais que (do que)", o verbo concorda com o termo que vem depois do fim da expressão: *"Não se **viam** mais do que **corpos espalhados no chão**."*

10) O sujeito é um pronome de tratamento.

O verbo fica sempre na 3ª pessoa do singular.

– *Por que **Vossa Majestade** **está** tão preocupada com sua imagem hoje?*

– ***Suas Excelências** **precisam** parar de colocar "panos quentes" no julgamento.*

11) Sujeito do verbo *viver* (orações optativas ou exclamativas).

– ***Vivam** **os campeões**!*

Continue a labuta... vamos a mais regras! Não desista!

Concordância Verbal com o Sujeito Composto

Se o sujeito é composto, o verbo concorda em número e pessoa com os núcleos do sujeito.

*A **Copa do Mundo** e as **Olimpíadas** **beneficiarão** muito o Brasil em 2014 e em 2016.*

O verbo está no plural porque os núcleos do sujeito também estão. Ok?

Cuidado!!!

1) Por concordância atrativa, o verbo pode concordar com o núcleo mais próximo do **sujeito composto posposto** ao verbo. Pode também concordar com os dois núcleos. Se, porventura, o verbo vier acompanhado de pronome reflexivo recíproco, aí o verbo fica obrigatoriamente no plural.

– ***Vai trazer** benefícios, em 2014 e em 2016, a **Copa do Mundo** e as Olimpíadas.*

– ***Vão trazer** benefícios, em 2014 e em 2016, a **Copa do Mundo** e as **Olimpíadas**.*

– ***Vão cumprimentar-se**, em 2014 e em 2016, **alguma autoridade brasileira e alguma autoridade estrangeira**, em virtude dos jogos a serem realizados aqui.*

Essa concordância atrativa, porém, foi ignorada completamente pela banca Esaf:

6. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção que apresenta erro gramatical inserido na transcrição do fragmento abaixo.

*(...) **Contribuiu**, ainda, para o aumento da arrecadação, **o recebimento de concessões para exploração de petróleo e gás natural e serviços de telefonia móvel celular, a receita de dividendos da União e a receita de cota-parte de compensações financeiras**, em decorrência da elevada cotação do preço do petróleo no mercado internacional em parte deste ano.*

c) flexão de singular no verbo "Contribuiu";

Comentário: O gabarito foi a letra C. É isso mesmo! A Esaf considerou um erro a concordância atrativa entre a forma verbal singular *Contribuiu* e o termo mais próximo (recebimento) do sujeito composto! Esta questão deveria ter sido anulada! É incrível, não?! Pensou que tinha acabado a novela? Em 2005, a mesma banca aceitou a concordância atrativa!!! Duvida?! Veja isto: ESAF – SET/RN – AUDITOR-FISCAL DO TESOURO ESTADUAL – 2005 – QUESTÃO 3.

2) Quando os núcleos do sujeito designam a mesma pessoa ou coisa, o verbo fica no singular: "*Aleluia! **O brasileiro comum, o homem do povo, o João-ninguém** agora é cédula de Cr$ 500,00!*" (Carlos Drummond de Andrade)

1) Núcleos do sujeito constituídos de pessoas gramaticais diferentes.

Para haver concordância adequada, segue-se a ordem de prioridade: a 1ª pessoa prevalece sobre a 2ª, que prevalece sobre a 3ª.

– ***Eu** e **ele** (= Nós) nos **tornaremos** pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

– ***Tu** e **ele** (= Vós) vos **tornareis** pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

Cuidado!!!

1) No segundo exemplo, também é aceita a concordância do verbo com a terceira pessoa.

– ***Tu** e **ele** (= Vocês) se **tornarão** pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

2) Se o sujeito estiver posposto, permite-se também a concordância por atração com o núcleo mais próximo do verbo.

– ***Tornar-me-ei*** *eu e meus amigos pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

3) No sujeito posposto, quando ocorre ideia de reciprocidade, a concordância é feita obrigatoriamente no **plural**, concordando com ambos os termos do sujeito.

– ***Abraçaram-se*** o *professor* e *ele*.

2) Núcleos do sujeito ligados pela preposição *com*.

O verbo fica no plural, mas, se a expressão iniciada por *com* estiver entre vírgulas, o verbo concordará com o primeiro sujeito.

– *O ministro com seus assessores* ***chegaram*** *ontem de uma exaustiva viagem.*

– *O ministro, com seus assessores,* ***chegou*** *ontem de uma exaustiva viagem.*

Obs.: Bechara diz que a arbitrariedade independe do uso das vírgulas, pois o *com* equivale a *e*, ligando núcleos do sujeito composto. Já o conceituado Rocha Lima, assim como outros gramáticos, entende que a expressão (entre vírgulas) iniciada por *com* é um adjunto adverbial de companhia, por isso o verbo concorda só com o antecedente do *com* (ministro). Com deslocamento do sujeito, a concordância é atrativa: ***Chegou*** *ontem de uma exaustiva viagem o ministro com seus assessores.*

3) Núcleos do sujeito acompanhados da palavra *cada* ou *nenhum*.

O verbo fica no singular.

– *Cada jogador, cada time, cada um* ***deve manter*** *o espírito esportivo.*

– *Nenhum diretor, nenhum coordenador, nenhum professor* ***agrediria*** *um aluno.*

4) Os núcleos do sujeito são sinônimos e estão no singular.

O verbo pode ficar no singular ou no plural.

– *A angústia e a ansiedade não o* ***ajudava*** *a se concentrar.*

– *A angústia e a ansiedade não o* ***ajudavam*** *a se concentrar.*

Obs.: Neste caso, Sacconi diz que o verbo fica no singular, obrigatoriamente. Polêmicas à parte... quando os núcleos são antônimos, o verbo fica no plural: *A **ansiedade** e a **despreocupação** **andam** lado a lado em um homem.*

5) Gradação entre os núcleos do sujeito.

O verbo fica no singular ou no plural.

– *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seu **toque** **bastou** para me seduzir.*

– *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seu **toque** **bastaram** para me seduzir.*

Obs.: Neste caso, Sacconi diz que o verbo fica no singular, obrigatoriamente. Polêmicas à parte... se, depois da gradação, vier um termo resumitivo, com ele o verbo concordará: *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seu **toque**, **tudo** **isso** **bastou** para me seduzir.* Se vier um nome plural na gradação, o verbo ficará no plural: *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seus **toques** **bastaram** para me seduzir.*

6) Núcleos do sujeito no infinitivo.

O verbo fica no singular.

– ***Andar** e **nadar** **faz** bem à saúde.*

– ***Ver**-te e não te **querer** **é** improvável, **é** impossível.* (Skank – adaptado)

Obs.: Se os infinitivos vierem determinados ou se forem antônimos, o verbo ficará no plural: ***O** **andar** e **o** **nadar** **fazem** bem à saúde. / **Rir** e **chorar** **se alternam** no ser humano.*

7) Núcleos do sujeito resumidos por um aposto resumitivo (*nada, tudo, ninguém...*).

O verbo fica no singular.

– *Os pedidos, as súplicas, o desespero, **nada** disso o **comoveu**.*

Obs.: Cuidado com a concordância, que pode não ser com o termo resumitivo, mas com o que vem depois do verbo: *Os pedidos, as súplicas, o desespero, nada disso* ***exigiam*** *de seus servos* ***os amos***.

8) Sujeito constituído pelas expressões *um e outro, nem um nem outro*.

O verbo fica no singular ou no plural.

– ***Um e outro*** *já* ***veio/vieram*** *aqui.*

– ***Nem um nem outro*** *já* ***veio/vieram*** *aqui.*

Cuidado!!!

1) Ao indicar reciprocidade, é obrigatório o verbo no plural.

– ***Nem um nem outro*** *se* ***abraçaram*** *aqui.*

2) Se o sujeito for constituído pela expressão ***um ou outro***, o verbo fica no **singular**.

– ***Uma ou outra conseguirá*** *uma boa classificação.*

Em *nem um nem outro*, há divergência: alguns gramáticos dizem que o verbo tem de vir no singular (Bechara, p. ex.) ou no plural (Cegalla, p. ex.). Outros (Sacconi, p. ex.) dizem ser caso facultativo. Para "resolver" este impasse, veja:

12. (Esaf – TCU – Analista de Controle Externo – 2006) Assinale a asserção falsa acerca da estruturação linguística e gramatical do texto abaixo.

"Nem o 'sim' nem o 'não' venceram o referendo, e quem confiar no resultado aritmético das urnas logo perceberá a força do seu engano. O vencedor do referendo foi o Grande Medo. Esse Medo latente, insidioso, que a todos nos faz tão temerosos da arma que o alheio possa ter, quanto temerosos de não ter defesa alguma na aflição. Se um lado ou outro aparenta vantagem na contagem das urnas, não faz diferença. O que importa é extinguir o Grande Medo. E **nem** um lado **nem** outro poderia fazê-lo. Todos sabemos muito bem porquê."

a) Para o texto não apresentar nenhuma incorreção de ordem sintática, a concordância do sujeito composto ligado por "nem... nem" deve ser feita com o verbo no plural, tal como se fez na ocorrência do mesmo sujeito composto, na primeira linha do texto.

Comentário: Não deve ser feita no plural, pois é facultativa.

9) Núcleos do sujeito ligados por *nem... nem...*

Verbo preferencialmente no plural.

– ***Nem a televisão nem a internet*** ***desviarão*** *meu foco nos estudos.*

– ***Nem você nem ninguém*** ***conseguirão desmotivar****-me a ponto de eu desistir.*

Cuidado!!!

1) Quando o sujeito está posposto ao verbo, há preferência pelo singular: *"Não lhes* ***faltava*** ***talento nem disposição.*** *".*

2) Quando "nem... nem" tem valor de exclusão, o verbo fica no singular, segundo ensina Ulisses Infante: *"****Nem você nem ele*** ***será*** *o novo representante da classe."*.

3) Com pronomes retos, segue-se a lei da primazia: *"****Nem eu nem ela*** ***seremos*** *condenados, por falta de prova."*.

10) Núcleos do sujeito ligados por *ou*.

Se o ***ou*** indicar exclusão, retificação, sinonímia, o verbo concordará com o núcleo mais próximo. Se indicar inclusão/adição, o verbo ficará no plural (neste caso, o singular não é proibido, segundo Cegalla e Bechara).

– ***O Vasco ou o Corinthians*** ***ganhará*** *o campeonato este ano.* (exclusão)

– ***O Botafogo ou o Flamengo*** ***é*** *pentacampeão brasileiro.* (retificação)

– ***O Flamengo ou Mengão*** *sempre* ***morará*** *em meu coração.* (sinonímia)

– ***O Santos ou o Fluminense*** ***têm*** *grande chance de conquistar o campeonato este ano.* (inclusão/adição)

Obs.: Quando a conjunção **ou** liga termos antônimos, o verbo fica no plural: *"****O amor ou o ódio*** *exacerbados não* ***fazem*** *bem à saúde."*.

11) Entre os núcleos do sujeito aparecem as palavras *como, menos, inclusive, exceto* ou as expressões *bem como, assim como, tanto quanto* (geralmente entre vírgulas).

A preferência é a concordância com o primeiro elemento do sujeito composto.

– ***Vocês***, *assim como* ***eu***, ***gostam/gostamos*** *muito de Português.*

12) Núcleos do sujeito ligados pelas séries correlativas aditivas enfáticas (*tanto... quanto/como/assim como; não só... mas também* etc.)

O verbo concorda com o mais próximo ou com ambos. Há preferência pelo plural entre os gramáticos.

– ***Tanto Dilma quanto Lula*** ***mantém/mantêm*** *sua popularidade em alta.*

– ***Não só o Lula mas também a Dilma*** ***apresenta/apresentam*** *o mesmo discurso.*

13) Quando dois ou mais adjuntos modificam um único núcleo, o verbo fica no singular concordando com o núcleo único. Mas, se houver determinante após a conjunção, o verbo fica no plural, pois aí o sujeito passa a ser composto.

– *O* ***preço*** *dos combustíveis e dos alimentos* ***aumentou****.*

– *O* ***preço*** *dos alimentos e* ***o*** *dos combustíveis* ***aumentaram****.*

Obs.: Para Bechara, a primeira frase poderia apresentar verbo no plural, "como se tratasse na realidade de sujeito composto": *O* ***preço*** *dos combustíveis e dos alimentos* ***aumentaram****.*

Concordância Verbal do Ser

Aí, a essa altura do campeonato eu pergunto: "Quando o verbo ***ser*** não é especial?" Não poderia ser diferente na concordância! O fato é o seguinte: ora o verbo *ser* concorda com o sujeito, ora com o predicativo do sujeito.

Vejamos as regras desse verbo todo especial.

1) O verbo *ser* concorda com o sujeito (pronome pessoal reto).

– ***Nós*** ***somos*** unha e carne.

2) O verbo *ser* concorda com o sujeito (pessoa).

– ***Fernando Pessoa*** ***foi*** *muitos poetas; basta conhecer seus heterônimos.*

Cuidado!!!

1) Quando o sujeito e o predicativo forem personativos, o verbo *ser* poderá concordar com um dos dois. Logo...: ***Fernando Pessoa*** ***foi/foram*** ***muitos poetas****; basta conhecer seus heterônimos.*

2) Quando **pessoa** concorre com **pronome reto**, o verbo *ser* concorda com o pronome reto (sujeito):

– *Fernando Pestana* ***sou*** ***eu****.*

– ***Eles*** ***são*** *vencedores.*

3) Se os **dois termos** (sujeito e predicativo) forem **pronomes**, a **concordância** será **com** o que aparecer **primeiro**, considerando-o como sujeito da oração.

– ***Eu*** *não* ***sou*** *tu, e* ***tu*** *não* ***és*** *eu.*

3) Quando, em predicados nominais, o sujeito for representado por um dos pronomes *tudo, nada, isto, isso, aquilo* ou "coisas", o verbo *ser* concordará com o predicativo (preferencialmente) ou com o sujeito.

– *No início,* ***tudo*** ***é/são*** ***flores****.*

– ***Tua Palavra*** *sempre* ***foi/foram*** ***as Sagradas Escrituras****.*

– ***Vestidos, sapatos e bolsas*** ***são/é*** ***assunto de mulher****.*

Veja uma questão exemplar sobre isso:

08. (Esaf – SFC – Analista de Finança e Controle – 2002) Assinale a norma gramatical que justifica, com correção e propriedade, a flexão plural do verbo **ser** no período abaixo.

"Já é mais do que conhecido que o principal problema do sistema tributário nacional **são** justamente as contribuições, e não os impostos propriamente ditos." *(Revista CNT, "Lixo tributário")*

a) "Com os verbos **ser** e **parecer** a concordância se faz de preferência com o predicativo, se este é plural." (*Luiz Antonio Sacconi)*

b) "Nas frases em que ocorre a locução invariável *é que*, o verbo concorda com o substantivo ou pronome que a precede, pois são eles efetivamente o seu sujeito." *(Celso Cunha & Lindley Cintra)*

c) "Se tanto o sujeito como o predicativo forem personativos e nenhum dos dois for pronome pessoal, a concordância será facultativa (pode-se concordar com o sujeito ou o predicativo)." *(Dileta S. Martins & Lúbia S. Zilberknop)*

d) "Expressões de sentido quantitativo (...) acompanhadas de complemento no plural admitem concordância verbal no singular ou no plural." *(Manual de Redação da Presidência da República)*

e) "Se o sujeito composto tem os seus núcleos ligados por série aditiva enfática (...), o verbo concorda com o mais próximo ou vai ao plural (o que é mais comum quando o verbo vem antes do sujeito)".*(Evanildo Bechara)*

Comentário: O gabarito é a letra A... por sinal, autoexplicativa: "... o principal **problema**... **é**/***são***... as ***contribuições***...".

4) O verbo *ser* concordará com o predicativo quando o sujeito for os pronomes interrogativos *que* ou *quem*.

– *Que* ***são*** ***anacolutos****?*

– *Quem* ***foram*** *os* ***classificados****?*

5) Em indicações de horas, datas, tempo, distância (predicativos), o verbo concorda com o predicativo.

– ***São*** ***nove horas****.*

– ***É*** ***frio*** *aqui.*

– ***Seria*** ***meio-dia e meia*** *ou* ***seriam*** ***doze horas****?*

– *Daqui à Cidade* ***são*** *só* ***dez quilômetros****.*

Cuidado!!!

1) Em indicações de datas, são aceitas as duas concordâncias, pois subentende-se a palavra dia.

– *Hoje* ***são*** ***4 de setembro****.*

– *Hoje* ***é*** ***(dia) 4 de setembro****.*

2) Indicando horas e seguido de locuções como "perto de", "cerca de", "mais de", o verbo "ser" tanto pode ficar no singular como no plural.

– ***Era/Eram*** ***cerca de dez horas****.*

6) Fica o verbo "ser" no singular quando a ele se seguem termos como *muito, pouco, nada, tudo, bastante, mais, menos, etc.* junto a especificações de *preço, peso, quantidade, distância, etc.* Ou seguido do pronome demonstrativo o.

– *Cento e cinquenta reais **é** **nada**, perto do que irei ganhar em São Paulo.*

– *Cem metros **é** **muito** para uma criança.*

– *Duas surras **será** **pouco** para ele aprender.*

– *Divertimentos **é** **o** que não lhe falta naquele parque temático.*

7) Na expressão expletiva *é que*, se o sujeito da oração não aparecer entre o verbo *ser* e o *que*, o *ser* ficará invariável. Se o *ser* vier separado do *que*, o verbo concordará com o termo não preposicionado entre eles.

– ***Eles** **é que** sempre chegam atrasados.*

– ***São** **eles** **que** sempre chegam atrasados.*

– ***São** nessas horas **que** a gente precisa de ajuda.* (construção inadequada)

– ***É** nessas horas **que** a gente precisa de ajuda.* (construção adequada)

Casos Especiais de Concordância Verbal

I – Concordância do Infinitivo

1) Quando o sujeito for claro.

– *Nós lutaremos até vós **serdes** bem tratados pela sociedade.*

2) Mesmo não sendo explícito o sujeito, é possível a flexão do infinitivo (favorece muitas vezes a clareza)

– *Está na hora de **começarmos** o trabalho.* (se fosse "começar", não haveria clareza de quem praticaria a ação; eu?, você?, ele?)

Obs.: Na frase *"Não é mais permitido aos professores **bater/baterem** nos alunos."*, o plural do verbo *bater* realça seu sujeito implícito, que tem como referente *professores* (núcleo do objeto indireto). Em *"Ele sempre proíbe os empregados de **sair/saírem** no horário."*, o plural do verbo *sair* realça seu sujeito implícito, que tem como referente *empregados* (núcleo do objeto direto).

3) Frase contendo verbos com sujeitos diferentes

– *[1]Falei sobre o desejo de [2]**aprontarmos** o site logo. ([1]eu, [2]nós)*

Obs.: Se o sujeito implícito do verbo no infinitivo for **o mesmo** do verbo da outra oração, a flexão do infinitivo não é necessária, mas não é proibida: *"Falamos sobre o desejo de **aprontar/aprontarmos** o site logo."* ou *"Vocês estão aqui para **resolver/resolverem** meu problema?"* ou *"Não existiam motivos suficientes a fim de **ser/serem reprovados.**"*. Se o sujeito do infinitivo estiver explícito, terá de variar: *"Falamos sobre o desejo de nós **aprontarmos** o site logo."* ou *"Vocês estão aqui para vocês **resolverem** meu problema?"* ou *"Não havia motivos suficientes a fim de os alunos **serem reprovados.**"*.

4) Quando iniciarem oração com preposição (preferencialmente).

– *Até me **encontrarem**, vocês terão de procurar muito.*

5) Com verbos pronominais ou acompanhados de pronome reflexivo ou apassivador.

– *Para nós <u>nos</u> **precavermos**, precisaremos de víveres.*

– *Eles ficaram sem <u>se</u> **cumprimentarem** durante anos.*

– *Por <u>se</u> **reunirem** os familiares, tudo ficou bem.*

6) Verbo *ser* indicando tempo, concorda com o numeral.

– *Visto **serem** <u>dez horas</u>, deixei o local.*

7) Querendo-se indeterminar o sujeito (3ª pessoa do plural).

– *Estudo para não me **considerarem** um inútil.*

8) Infinitivo pessoal composto: locução verbal formada por verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **infinitivo pessoal simples + o principal no particípio**, indicando ação passada em relação ao momento da fala; segue as mesmas regras acima.

– *Para vocês **terem adquirido** este conhecimento todo, precisou de muito estudo?*

Falemos agora sobre os casos de não flexão do infinitivo (infinitivo não flexionado):

1) Nas locuções verbais (como auxiliar ou principal):

– *Devo* ***continuar*** *trabalhando neste projeto.*

– *Elas não poderiam* ***ter*** *feito isso comigo.*

– *Tornou a* ***discutir*** *devaneios e vãs filosofias.*

– *Acabou de* ***passar*** *na prova.*

Obs.: Cuidado com o infinitivo que faz parte de uma locução verbal, mas vem distante do auxiliar ou este está subentendido, é *incrivelmente* (na minha opinião) facultativo: "**Poderemos**, depois das lutas acirradas, vencidas duramente, ***cantar/cantarmos*** vitória.". E, antes que você duvide de mim, o camarada que fala isso é nada mais, nada menos que o senhor Evanildo Bechara. Conhece?

2) Quando o sujeito do infinitivo é um pronome oblíquo átono ou um substantivo no singular (normalmente com verbos causativos – *mandar, deixar, fazer* e sinônimos – ou sensitivos – *ver, ouvir, sentir* – e sinônimos).

– *Deixei-os* ***brincar*** *aqui.*

– *Deixaram-nos* ***brincar*** *ali.*

– *Deixaste o garoto* ***brincar*** *lá?*

– *A menina deixou-se* ***ficar*** *na janela.*

Obs.: Quando o sujeito do infinitivo for um substantivo no plural, pode-se usar tanto o infinitivo flexionado quanto o infinitivo não flexionado: "Mandei os garotos ***sair/saírem.***".

3) Quando o infinitivo não se refere a sujeito algum, com valor genérico.

– ***Navegar*** *é preciso,* ***viver*** *não é preciso.*

4) Quando complemento de adjetivo ou substantivo, precedidos, respectivamente, de preposição *de* ou *para*.

– *São casos difíceis de* ***solucionar****.* *

– *Eles têm aptidão para* ***aprender*** *línguas estrangeiras.*

* Nesta construção com a preposição *de*, complementando um adjetivo, ele tem valor passivo e não admite o *se* antes do infinitivo. Alguns gramáticos, como Hildebrando André, dizem que este é um terceiro caso de voz passiva: São casos difíceis de ***solucionar.*** = São casos difíceis de ***serem solucionados***.

Abro aqui um adendo para que você leia a excelente e esclarecedora explicação da professora Eunice Marta, do *site* Ciberdúvidas, sobre uma pergunta enviada por uma consulente, a saber: "Os leitores têm a possibilidade de consultar ou consultarem?" Resposta: "Ambas as formas são aceitáveis, embora a do infinitivo não flexionado (ou impessoal) – "Os leitores têm a possibilidade de consultar." – seja a mais aconselhável. Repare-se que se trata de um dos casos previstos para o uso do infinitivo impessoal (não flexionado), pois está precedido da preposição *de* e dependente de um substantivo – *possibilidade* –, cuja construção corresponde a um infinitivo passivo, tal como aconselham Cunha e Cintra com a seguinte indicação: "O infinitivo conserva a forma não flexionada [...] quando é precedido da preposição **de**, em que o infinitivo depende de um substantivo [assim como de um adjetivo ou de um verbo] em construções em que corresponde a um infinitivo passivo" (*Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Sá da Costa, 2002, pp. 483). De qualquer modo, os próprios gramáticos apercebem-se de que "o emprego das formas flexionada e não flexionada do infinitivo é uma das questões mais controvertidas da sintaxe portuguesa" (*idem*, p. 482), o que os levou a considerar que lhes "parece mais acertado falar não de regras, mas de tendências" (*idem*). Por isso, concluem, seguindo Said Ali, que se "trata de um caso de emprego seletivo, cuja escolha depende da intenção do emissor: "a escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos somente da ação ou do intuito ou necessidade de pormos em evidência o agente da ação. No primeiro caso, preferimos o infinitivo não flexionado (ou impessoal); no segundo, o flexionado (ou pessoal)" (*idem*, p. 487). Portanto, a primeira frase – "Os leitores têm a possibilidade de consultarem" – é, também, legítima, pois o

sujeito do infinitivo é o mesmo que o do verbo anterior ("têm de") – *os leitores*, sendo o uso do infinitivo flexionado justificado pelo realce do sujeito. Nestes casos, podemos optar por usar quer o infinitivo pessoal (flexionado) quer o impessoal (não flexionado). É o que acontece, por exemplo, numa frase como "Os leitores têm o hábito de ler/lerem muitos livros". E é também o que acontece com a frase em apreço".

5) Quando der ao infinitivo valor de imperativo.

– *Soldados,* ***recuar****!*

– *Esquerda,* ***volver****!*

– ***Dar*** *descarga ao usar o vaso. Grato.*

Adendo Final

Veja agora alguns casos em que o infinitivo não constitui oração, segundo Bechara, ou seja, tem valor puramente nominal, classificado como substantivo. Caso queira saber mais sobre análise sintática, termos sintáticos e afins, vá aos capítulos de sintaxe.

– Acompanhado de determinante: *O* ***andar*** *dela continua a provocar suspiros.* (núcleo do sujeito)

– Sem referência a nenhum sujeito, de modo vago: ***Viver*** *é* ***lutar****.* (sujeito e predicativo do sujeito) / ***Amar*** *implica* ***sofrer****.* (sujeito e objeto direto)

– Dentro de locução adjetiva: *Comprei uma tábua de* ***passar****.* (núcleo do adjunto adnominal)

– Equivalendo a um adjetivo na construção *de* + infinitivo: *É* ***de esperar*** *(esperado) que voltem logo.* (núcleo do predicativo do sujeito)

– Dentro de expressões substantivadas ou simplesmente nomeando uma ação: *"Ele subiu para cima, pai."; "Use* ***subir*** *apenas, filho.".* (objeto direto)

II – Concordância do *Parecer*

Com o verbo parecer, flexiona-se ou não o infinitivo.

– *Pareceu-me* ***estarem*** ***os candidatos*** *confiantes.*

Entenda: a construção nos mostra duas orações:

1ª: Pareceu-me (verbo que exprime dúvida)

2ª: **estarem** ***os candidatos*** confiantes (infinitivo flexionado por apresentar sujeito próprio).

Isto é, parafraseando: *Pareceu-me que* ***os candidatos*** ***estavam*** *confiantes.*

Note que, na paráfrase acima, o verbo *estar* se encontra no plural. Por isso o verbo *estar,* no infinitivo, fica no plural. Note também que o verbo *parecer* fica na 3ª pessoa do singular, pois o sujeito dele é uma oração subordinada substantiva subjetiva. Toda vez que o sujeito de um verbo for oracional, o verbo ficará na 3ª pessoa do singular.

Saiba também que o verbo *parecer* pode ser auxiliar de uma locução verbal. Nesse caso, ele varia; o infinitivo, como verbo principal da locução, não varia.

– ***Eles*** ***parecem estudar*** *bastante.*

III – Concordância dos *Verbos Impessoais*

São aqueles que não possuem sujeito (oração sem sujeito). Ficarão sempre na 3ª pessoa do singular. Lembra-se da aula de ***oração sem sujeito***? É importante lembrar! O "campeão" em aparições é o verbo *haver*, mas há também os verbos *fazer, estar, verbos que indicam fenômenos naturais etc.*

– ***Havia*** *sérios problemas na cidade.*

– ***Fazia*** *quinze anos que ele havia parado de estudar.*

– ***Deve haver*** *sérios problemas na cidade.*

– ***Vai fazer*** *quinze anos que ele parou de estudar. (...)*

– ***Trata-se*** *de problemas pedagógicos, meu caro.*

– ***Geou*** *muitas horas no Sul.*

Obs.: Note que o verbo auxiliar da locução verbal, cujo verbo impessoal é o principal da locução, fica no singular! Fique de olho nisso, pois é recorrente em prova! Veja uma questão:

(FCC – TJ/PE – Técnico Judiciário – 2012) Afirma-se com correção:

a) Do ponto de vista gramatical, é apropriada a substituição de *existiam* por "deviam haver".

Comentário: A afirmação da letra A é equivocada, pois o verbo *haver* é impessoal, transmitindo sua impessoalidade ao verbo auxiliar da locução verbal. Logo, *existiam* = *devia haver*.

IV – Concordância do *Sujeito Oracional*

Muito cuidado!!! Recorrente em prova!

Quando o sujeito é uma oração subordinada, o verbo da oração principal fica na 3ª pessoa do singular.

– *Ainda **vale** a pena **investir nos estudos**. (O que ainda vale a pena? Investir nos estudos.)*

– ***Quem anda em demanda** com o diabo **anda**. (Quem com o diabo anda? Quem anda em demanda.)*

– ***Sabe-se** **que dois alunos nossos passaram na prova**. (O que se sabe? Que dois alunos passaram na prova.)*

– ***Ficou programado** **que sairíamos à tarde**. (O que ficou programado? Que sairíamos à tarde.)*

– ***Urge** **que você estude**! (O que urge? Que você estude.)*

– ***Era** preciso **encontrar a verdade**. (O que era preciso? Encontrar a verdade.)*

Cuidado!!!

Muito, mas muito, mas muito cuidado mesmo com a frase abaixo!

– *Havia muitos erros e complicações que já não estavam em suas mãos resolver.*

O verbo *estar* deve ficar na 3ª pessoa do singular porque o seu sujeito é oracional, a saber: *resolver erros e complicações*. Note que uma parte do sujeito oracional (erros e complicações) é retomada pelo pronome relativo *que*, o qual tem função de objeto direto. É como se juntássemos as duas orações abaixo...:

1) Havia muitos erros e complicações.

2) Resolver erros e complicações não estava em suas mãos.

... de modo que ela ficasse assim:

– *Havia muitos **erros e complicações** que já não **estava** em suas mãos **resolver**.*

Silepse de Número e de Pessoa

A **silepse** é também chamada de "concordância irregular, ideológica ou figurada".

Trata-se de uma figura de linguagem em que as regras tradicionais da concordância sintática são contrariadas, usando-se em seu lugar a concordância de acordo com o sentido. A **concordância siléptica** não é considerada um erro!

Como bem observa o Professor Mattoso Câmara Jr., "não constituem solecismos (desvios gramaticais) os desvios das normas sintáticas feitos com intenção estilística, em que a afetividade predomina sobre a análise intelectiva, como na silepse..." [grifos meus]. Dessa forma, a silepse pode ser usada em situações de comunicação que não deixem dúvidas quanto à capacidade do falante sobre o domínio da norma culta, desde que se sublinhe bem sua intenção estilística. Não é possível fazer silepse "a torto e a direito", pois muitas silepses são próprias do registro coloquial, não encontrando respaldo no registro culto da língua.

Segundo uma semiparáfrase do que diz o eminente gramático Evanildo Bechara, *com exceção de certas construções populares, como "O povo trabalham" ou "A gente vamos", havendo distanciamento entre o sujeito e o verbo, a silepse de número não constitui incorreção gramatical*.

Quando uma banca não trabalha questão de silepse, *stricto sensu*, trabalha a ideia de que a silepse não constitui um erro gramatical, mas é um tipo especial de concordância – mais encontrada como recurso expressivo em textos igualmente expressivos.

1) Silepse de Número

Usa-se um vocábulo em número diferente da palavra a que se refere para concordar com o sentido que ela tem.

– *Flor tem vida muito curta, logo* ***murcham***.

– *Toda aquela multidão veementemente se insurgiu contra o governo.* ***Estavam sedentos*** *por justiça.*

2) Silepse de Pessoa

Aqui o autor da frase participa do processo verbal; o verbo fica necessariamente na 1ª pessoa do plural, pois ele se inclui.

– *Os brasileiros, especialmente os cariocas, quando* ***podemos*** *usar de malandragem,* ***usamos***.

– *"E os dois, ali no quarto,* ***picamos*** *em mil pedaços as trezentas páginas do livro."*
(Paulo Setúbal)

Veja o modo como duas questões de bancas diferentes trataram disso:

36. (CEPERJ – Pref. Angra dos Reis/RJ – Professor de Português – 2008) Leia a frase a seguir, atribuída ao autor de Canção do Exílio.
– Eu sou poeta e, aos 30 anos, doente, não queremos desperdiçar o tempo.

Nesta frase, a concordância do verbo querer é um exemplo de:

a) silepse de número;
b) silepse de gênero;
c) silepse de pessoa; (Gabarito!)
d) concordância atrativa;
e) concordância lógica.

Comentário: Ocorre silepse de pessoa, pois o autor da frase participa do processo verbal (queremos).

35) (Dom Cintra – Pref. Petrópolis/RJ – Auxiliar em Enfermagem – 2008) Marque a frase que apresenta erro com relação à sintaxe de concordância:

e) os mineiros nos orgulhamos da homenagem que nos prestou o capixaba Rubem Braga nessa crônica.

Comentário: A letra E não foi considerada o gabarito, o que significa que a silepse (de pessoa: os mineiros nos orgulhamos) não é considerada um erro de concordância, mas tão somente um tipo de concordância. Ponto.

Concordância Nominal com Adjetivos

De acordo com a **regra geral**, os determinantes **artigo, pronome, numeral, adjetivo (e o particípio)** concordam em gênero e número com o **substantivo** (ou outra palavra de valor substantivo). O substantivo é o "cara" neste tipo de concordância, assim como o verbo o foi na verbal. A concordância atrativa é frequente, por isso olho vivo!

As minhas três belas ***casas*** *vão ser* ***vendidas*** *porque fui à falência.*

É bom dizer que, nos concursos públicos, a concordância com os adjetivos (com função de adjunto adnominal, predicativo do sujeito ou do objeto) é o que mais interessa. Fique esperto!

1) Adjetivo com Função de Adjunto Adnominal

a) Quando um só adjetivo se refere a um substantivo, concorda com ele normalmente.

– *O **aluno** sempre foi muito **atento**, mas a **aluna** nunca foi tão **atenta** quanto ele.*

b) Quando o adjetivo é composto, só o último termo varia com o substantivo. Esta é a regra geral. Para mais detalhes, consulte o capítulo de *Adjetivo*.

– *As **intervenções** médico-**cirúrgicas** foram um sucesso!*

c) Quando o adjetivo se referir a mais de um substantivo, concordará com todos os substantivos ou com o mais próximo.

– *Os **alunos** e as **alunas** **atentos** entenderam tudo.*

– *Os alunos e as **alunas** **atentas** entenderam tudo.*

Obs.: Mesmo que haja concordância atrativa, semanticamente o adjetivo ainda caracterizará ambos os substantivos. Isso vale para todos os casos de concordância atrativa, a não ser em casos em que o sentido fica absurdo: "Senti um cheiro e um toque *macio*.". Um cheiro não pode ser macio, exceto em linguagem figurada.

d) Se o adjetivo vier antes dos substantivos, a concordância será feita obrigatoriamente com o mais próximo.

– *Comprei as **velhas** **gramáticas** e **manuais** de que precisava para uma pesquisa.*

Cuidado!!!

1) Os pronomes adjetivos seguem a mesma regra: *A **sua** **idade**, preferência sexual e profissão não me interessam. / **Aqueles** **planos** e intenções são desprezíveis. / Por que **tantas** **palmas** e elogio?*

2) Se os substantivos exprimirem nomes próprios ou parentesco, o adjetivo aceitará apenas a concordância gramatical (**prevalecendo** o **masculino**): ***Queridos** **pai** e **mãe**, estou com muita saudade de vocês. / Os **talentosos** **Renato Russo** e **Cazuza** deixaram suas marcas.*

e) É obrigatória a concordância com o substantivo mais próximo quando o sentido exige ou quando os substantivos são sinônimos, antônimos ou em gradação.

– *Eu comprei frango e* ***carne*** ***bovina***. (o sentido exige)

– *Você tem ideias e* ***pensamentos*** ***fixos***. (sinônimos)

– *Neste lugar, é sempre calor e* ***frio*** ***absurdo***. (antônimos)

– *O sorriso, o riso, a* ***gargalhada*** ***solta*** *era sua maior característica.* (gradação)

f) Dois ou mais adjetivos podem modificar um mesmo substantivo, que fica no plural; no entanto, se colocarmos um determinante antes do 2º adjetivo, o substantivo fica no singular.

– *Os* ***setores*** ***público*** *e* ***privado*** *formaram uma parceria.*

– *O* ***setor*** ***público*** *e o* ***privado*** *formaram uma parceria.*

Obs.: Modernamente, entende-se que, na última frase, o último artigo pode ser retirado: "O ***setor*** ***público*** e ***privado*** formaram uma parceria.". Quem defende isso é Evanildo Bechara. Isso já foi questão de prova na Esaf e no Cespe/UnB, pelo menos! Coloquei uma questão da Esaf sobre isso para você fazer mais adiante. No entanto, caso sua curiosidade tenha sido atiçada, consulte esta: Cespe/UnB – BB – ESCRITURÁRIO – 2002 – QUESTÃO 1 – OPÇÃO 3.

g) Os adjetivos iniciados pela preposição *de*, quando se referem a certos pronomes indefinidos (*algo, muito, nada, tanto...*), ficam no masculino singular. Mas, por atração, podem concordar com o sujeito.

– *Seus olhos têm algo de* ***sedutor***. (Cegalla)

– *Esse lugar nada tem de* ***interessante***.

– ***Júlia*** *tinha tanto de* ***magra*** *e* ***sardenta***, *quanto de* ***feia***. (Ribeiro Couto)

2) Adjetivo com Função de Predicativo do Sujeito ou do Objeto

a) O adjetivo predicativo concorda normalmente com o substantivo ou pronome a que se refere, mas cuidado com certas expressões em que cabe dupla concordância:

– *A* ***maioria*** *dos homens* ***está certa*** *de que vale a pena manter pulso firme com os filhos.*
– *A maioria dos* ***homens*** ***estão certos*** *de que vale a pena manter pulso firme com os filhos.*

b) O adjetivo com função de predicativo faz concordância gramatical (concordância com todos os substantivos) antes ou depois dos substantivos (ou pronomes) a que se refere. No entanto, o adjetivo com função de predicativo do sujeito só poderá concordar com o núcleo mais próximo se o sujeito composto vier após o verbo no singular*.

– *Os* ***homens*** *e as* ***mulheres*** *estavam* ***excitados*** *com a notícia.*
– *Estavam* ***excitados*** *as* ***mulheres*** *e os* ***homens*** *com a notícia.*
– *Estava* ***excitada*** *a* ***mulher*** *e os homens com a notícia.**
– *Encontrei a* ***mulher*** *e o* ***homem*** ***excitados*** *com a notícia.*
– *Encontrei* ***excitados*** *a* ***mulher*** *e o* ***homem*** *com a notícia.*
– *Encontrei-****os*** ***excitados*** *com a notícia.*

Cuidado!!!

1) Alguns gramáticos, como Manoel P. Ribeiro, Domingos P. Cegalla, Bechara, entendem que o adjetivo (predicativo do objeto) anteposto aos substantivos pode concordar com o mais próximo: *Encontrei* ***excitadas*** *as* ***mulheres*** *e os homens com a notícia.* Cegalla vai além e diz que, na frase *Estava* ***excitada*** *a* ***mulher*** *e os homens com a notícia**, ainda assim o verbo e o adjetivo com função de predicativo do sujeito poderiam variar, ficando assim*: Estavam* ***excitadas*** *as* ***mulheres*** *e os homens com a notícia**.

2) O adjetivo com função de predicativo de uma oração fica sempre no masculino singular: "*Fica* ***óbvio*** (e não *óbvia*) ***que a maioria dos casos de gripe suína é reveladora da falta de condições socioambiental***." / "*Acho* ***sensato*** (e não *sensata*) ***resolver nossa pendenga*** *sem violência.*"

3) O adjetivo (predicativo do sujeito), em expressões como *É preciso, É necessário, É bom, É proibido, É permitido,* fica invariável quando se liga a um substantivo com sentido genérico, seguido de *muito(a)* ou não determinado. Mas... quando o substantivo está determinado, o adjetivo vai variar

obrigatoriamente: *Água **é bom**. / A água **é boa**. / **É proibido** entrada aqui. / Sua entrada **é proibida** aqui. / **É necessário** disposição para este cenário mudar. / **É necessária** grande disposição*

*para este cenário mudar. / Para viver um grande amor, **preciso é** muita concentração e muito siso, muita seriedade e pouco riso.* (Vinícius de Moraes). */ As balas que **são precisas** para eliminar homens criminosos na China são compradas pela própria família.* **Obs.:** "Proibida entrada" está correto.

c) O substantivo, quando tem função de predicativo, segue as mesmas regras do adjetivo.

– *Por favor, não **as** veja como **pedagogas**; são apenas auxiliares.*

d) O particípio (na locução verbal de voz passiva analítica ou em oração reduzida) varia normalmente tal qual o adjetivo.

– *Minha **aluna** e meu **aluno** foram **aprovados** para a segunda fase do exame nacional.*

– *Foram **aprovados** para a segunda fase do exame nacional minha **aluna** e meu **aluno**.*

– *Foi **aprovada** minha **aluna** e meu aluno para a segunda fase do exame nacional.*

– *Minha **aluna** e meu **aluno** tinham sido **aprovados** para a segunda fase do exame nacional.*

– ***Guardadas** as **devidas** proporções, creio que aquele livro é revolucionário.*

– ***Vistas** e **revistas** as **resenhas**, aprovamo-las.*

Obs.: Sobre a frase *Foram **aprovadas** **centenas** de alunos para a segunda fase do exame nacional*, na ordem direta, Cegalla diz que o adjetivo pode concordar com o núcleo do especificador: *Centenas de **alunos** foram **aprovados** para a segunda fase do exame nacional.*

Lembre-se disto: o particípio não varia quando faz parte da locução verbal de tempo composto. Logo, a frase *"Elas **haviam resolvidas** as questões."* está equivocada, devendo ser corrigida para: *"Elas **haviam resolvido** as questões."*.

Casos Especiais de Concordância Nominal

1) Concordância do pronome com o substantivo

Os pronomes concordam com o substantivo a que se referem. Se houver mais de um substantivo de gêneros diferentes, fica o pronome no masculino plural.

– *O **ideal** pel**o** **qual** entreguei minha vida, a **ideologia** pel**a** **qual** eu vivi, tornou-me um homem melhor.*

– *Havia uma **campeã** de judô no Japão, mas **a** do Brasil era especial.*

– ***A honestidade**, **o comprometimento**, **a empatia** e **a longanimidade**, seu mestre **os** havia ensinado a eles.*

Obs.: Na frase *"Um assunto **desses** não deve ser discutido em público."*, o pronome demonstrativo vem sempre no plural, pois tem valor **indeterminador**. Outros exemplos: *"Foi uma surra **daquelas.**"* ou *"Ele está num dia **daqueles.**"*. Neste uso, o valor intensificador do pronome é próprio da linguagem coloquial.

2) Quando têm valor adjetivo, tais palavras variam normalmente: *mesmo, próprio, só, extra, junto, quite, leso, obrigado, anexo/apenso, incluso.*

– *A **mulher** **mesma** fez o trabalho.*

– *As **mulheres** vivem acusando a si **próprias**.*

– *As **crianças** ficaram **sós**. (= sozinhas)*

– *Costumava trabalhar duas **horas** **extras** por dia.*

– ***Os três** viviam **juntos** naquele "flat".*

– *"Ajudar esses espiões seria crime de **lesa-pátria**".* (Cegalla)

– *Só ficamos **quites** depois de muito tempo de espera na justiça.*

– *As **moças** disseram ao homem: "Ficamos-lhe **obrigadas** por tantos elogios!". (= gratas, agradecidas)*

– *As **fotos** seguem **anexas/apensas**. (ou "em anexo/em apenso")*

– *Estão **inclusos** os **prejuízos**.*

Obs.: *Mesmo* não varia quando equivale a *realmente, de fato* ou *inclusive*: "***Mesmo*** *a mulher não acusou o marido!"* / *"A mulher não acusou* ***mesmo*** *o marido!"*. **Só** não varia quando equivale a *somente. Por si sós* e *a sós* são expressões cultas: *"As crianças comeram* ***só*** *os feijões"*. / *"Os alunos,* ***por si sós****, resolveram a prova."*. *Junto* não varia quando faz parte de locução prepositiva. (junto com/de/a): *"Eles não estão* ***junto do*** *(com o/ao) pai."*.

3) Não variam quando advérbios: *caro, barato, bastante, meio, junto*. Entretanto, quando adjetivos, variam normalmente.

– *A gasolina não custa* ***caro****, nem* ***barato***. (advérbios)

– *As* ***carnes*** *estão cada vez mais* ***caras****, mas as* ***bebidas*** *continuam* ***baratas***. (adjetivos)

– *Está* ***meio*** *nervosa, porque trabalhamos* ***bastante***. (advérbios)

– *Depois de comer* ***meia*** ***fruta*** *daquela barraca, comprou* ***frutas*** ***bastantes*** *para uma ceia farta.* (adjetivos)

– *Elas procuram resolver* ***junto*** *seus problemas.* (advérbio)

– ***Elas*** *procuram resolver* ***juntas*** *seus problemas. (adjetivo)*

4) *Todo* (advérbio) pode sofrer concordância atrativa, mas a concordância gramatical é própria da norma culta.

– *Encontrei os portões* ***todo****(s) abertos.*

– *Ela ficou* ***todo****(a) religiosa depois do culto.*

Obs.: Em *"A* ***toda-poderosa*** *Marquesa de Santos foi amante de D Pedro I."*, o vocábulo *todo* nunca varia nessa expressão, logo: *"A* ***todo-poderosa*** *Marquesa de Santos..."*.

5) Não variam nunca os substantivos que se tornam adjetivos pelo contexto: *padrão, fantasma, relâmpago, pirata, monstro, surpresa* etc. Certos vocábulos e expressões tomadas como adjetivos também não variam: *menos, alerta*, salvo, exceto, pseudo, a olhos vistos (e qualquer outra locução adverbial)*...

– *Fizeram duas festas* ***monstro*** *anteontem na zona sul da cidade.*
– *Existem muitas firmas* ***fantasma*** *por aqui.*
– *Nossos times conquistaram vitórias* ***relâmpago*** *no fim do campeonato.*
– *Sempre realizamos festas* ***surpresa*** *na empresa.*
– *Compre menos* ***farinha****, menos* ***frutas****, menos* ***alface****... compre livros também.*
– *Os soldados brasileiros devem sempre estar* ***alerta****.**
– ***Salvo/Exceto*** *elas, ninguém mais chamou a atenção do diretor da peça.*
– *És uma* ***pseudo****profetisa!*
– *Seus filhos estão crescendo* ***a olhos vistos****.*

Obs.: Arcaica é a concordância de *visto* com a pessoa ou coisa vista: *"Elas emagreceram a olhos vistas."* ou *"Vista a olhos a árvore crescia."*.
* *Alerta* é um advérbio, segundo a gramática tradicional. Mas Aurélio, Houaiss, Aulete, Michaelis e outros dicionários dizem que *alerta* é um adjetivo no estágio atual da língua e, por isso, pode variar. A norma culta ainda não tolera.

6) *Possível* não varia se fizer parte de uma expressão superlativa com o artigo o/a no singular (*o/a mais, o/a menos, o/a pior, o/a melhor...*) ou se estiver acompanhado de *quanto*. Varia se *o/a* estiver no plural.
– *Traga cervejas tão geladas* ***quanto possível****.*
– *Tive de investir em máquinas* ***o*** *mais* ***possível*** *potentes.*
– *São exemplos* ***os*** *mais difíceis* ***possíveis****.*
– *Aquelas palavras foram* ***as*** *melhores* ***possíveis****.*

Obs.: Em qualquer outro contexto, o adjetivo *possível* varia normalmente: *"Realmente estas são* ***visões*** ***possíveis*** *sobre o mesmo assunto."*.

7) Concordância com numeral ordinal + substantivo (o substantivo é que varia)
– *A* ***primeira*** *e* ***segunda*** ***séries*** *foram aprovadas.*
– *A* ***primeira*** *e* ***a segunda*** ***série(s)*** *foram aprovadas.*

Obs.: O plural é obrigatório se o substantivo vem antes dos numerais: *As **séries** primeira e segunda foram aprovadas.*

8) As expressões *um e outro* e *nem um nem outro* exigem o substantivo posposto no singular e o adjetivo, quando houver, no plural.

– ***Um e outro*** *aluno esforçados passou.*

– ***Nem um nem outro*** *aluno esforçados passou.*

Obs.: Quando os pronomes *um* e *outro* retomarem substantivos de gêneros diferentes, não irão variar: *A mãe e o filho vieram ao Brasil.* ***Um*** *amou nosso país,* ***outro*** *odiou.*

9) A expressão <u>haja vista</u>

Segundo José Maria da Costa, em seu *Manual de Redação Profissional...*:

"Independentemente de discussões teóricas e da divergência de interpretação dos gramáticos sobre o problema, há pelo menos quatro construções, todas corretas, com tal expressão. Exs.:

*a) "**Haja vista aos** argumentos que embasaram o veredicto...";*

*b) "**Haja vista dos** argumentos que embasaram o veredicto...";*

*c) "**Hajam vista os** argumentos que embasaram o veredicto...";*

*d) "**Haja vista os** argumentos que embasaram o veredicto...".*

10) O vocábulo *tal* também pode se apresentar na expressão *tal qual*, em que *tal* concorda com o antecedente e o *qual* com o consequente.

– *Normalmente o **discípulo** age **tal qual** o **mestre**.*

– *Normalmente os **discípulos** agem **tais qual** o **mestre**.*

– *Normalmente o **discípulo** age **tal quais** os **mestres**.*

– *Normalmente os **discípulos** agem **tais quais** os **mestres**.*

11) Mil, Milhão e Milhares

Mil: Passou de "um", o numeral concorda com o substantivo:

– ***Duas** mil pessoas, **dois** mil alunos, **dois** mil candidatos preencheram as vagas.*

Milhão: Concorda com a parte inteira do numeral cardinal a ele relacionado.

– *Minha empresa investiu **1,9** **milhão** de reais em mão de obra qualificada.*

O artigo e o numeral que o antecederem devem concordar com ele, no masculino:

– ***Os cinco** **milhões*** de pessoas chegaram a prestigiar o cantor neste ano.

Obs.: O mesmo vale para *bilhão, trilhão* etc.

Milhares: substantivo sempre masculino.

– ***Os** **milhares** de torcedoras fizeram o "Maraca" tremer.*

Silepse de Gênero e de Número

1) Silepse de Gênero

Usa-se um vocábulo em gênero diferente da palavra a que se refere para concordar com o sexo da pessoa ou com o nome da coisa a que nos referimos. Todas as formas abaixo estão corretas.

– *Vossa Excelência, deputado, está **enganado**!*

– *Vossa Alteza sempre foi muito **misericordioso**.* (Com referência a um príncipe.)

– *Sua Majestade está tão **altiva** ultimamente.* (Com referência a uma rainha)

– *Disse Fernando Pessoa em um de seus poemas: "Estou cansado, é claro, / Porque, a certa altura, a gente tem que estar **cansado.**"* (Com referência ao falante masculino.)

– ***A** Brasil vive **engarrafada**.* (Com referência à Avenida.)

– *Nome: Fernando Pestana. Nacionalidade: **brasileiro**. Estado civil: casado.* (Com referência a *Fernando*, não a *nacionalidade*).

– *Nome: Juliana Pestana. Nacionalidade: brasileira. Estado civil: **casada**.* (Com referência a *Juliana*, não a *estado civil*).

2) Silepse de Número

O determinante fica em número diferente do termo a que se refere.

– *O brasileiro não desiste nunca! Usa sua simpatia e disposição para driblar os problemas cotidianos, por serem* ***batalhadores*** *como sempre.* (Com referência a "brasileiro")

Obs.: Às vezes, há silepse de número e pessoa ao mesmo tempo: ***A gente*** *(3ª pessoa do singular) não fez isso por mal. Acho que* ***nos*** *(1ª pessoa do plural) interpretaram mal.*

O Que Cai Mais na Prova?

Bancas de pouca expressão costumam trabalhar um pouco de tudo. Logo é um trabalho árduo saber todas as regras, mas vale a pena exercitar, exercitar e exercitar. Bancas de prestígio, como Esaf, Cespe e FCC costumam trabalhar mais o conceito de concordância com sujeito distante do verbo, com sujeito oracional, com verbo acompanhado de partícula apassivadora e com verbo impessoal. Ah! E regras básicas de adjetivo, na concordância nominal. Fique atento na relação entre o verbo e o sujeito! Sempre sublinhe o verbo e, depois, vá à caça do sujeito!

Questões de Concursos

1. (Esaf – CVM – Analista de Sistemas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Preserva-se a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto ao usar o verbo **existir** em lugar de "haver", desde que se faça a concordância adequada, escrevendo **pode existirem circunstâncias**.

2. (Esaf – CVM – Analista de Sistemas – 2010) (Adaptada) Em qual item há erro de concordância?

I. "Tal valorização reduz as exportações e aumenta as importações, meio <u>pelos quais</u> se compensa,..."

II. "... os déficits na conta-corrente do balanço de pagamentos <u>passem</u> a gerar..."

"Na teoria clássica, a finalidade do Estado é promover o bem comum da sociedade, considerado como o conjunto de condições que ***permite*** *aos indivíduos* ***atingirem*** *o seu bem particular. (...)"*

3. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – Provoca-se erro gramatical e incoerência textual ao fazer a seguinte substituição no texto: "permite" por **permitem** e "atingirem" por **atingir**.

4. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) Assinale a opção correta a respeito das relações de concordância no texto.

*"**Os economistas G. Ranis, F. Stewart e A. Ramirez** analisaram 76 países durante um período de 32 anos. **Dividiram-nos** de acordo com dois critérios: desenvolvimento econômico e desenvolvimento humano (nesse caso, medido através de uma combinação de indicadores de educação e saúde). Usando-se essas **duas dimensões**, **pode-se** ter **duas situações** de equilíbrio (quando o lado humano e o econômico são igualmente altos ou baixos) e duas de desequilíbrio (quando o humano é alto e o econômico é baixo, vice-versa). **Surgem** algumas conclusões interessantes desse estudo. (...) **Mais da metade dos países** que **tinham** baixo crescimento e baixo CH em 1960 **permanecia** na mesma posição na década de 90. (...) A quarta, e mais importante, é que a estratégia de privilegiar o **lado humano dá** frutos muito melhores do que aquela que enfatiza só o lado econômico."*

a) O plural no pronome em "Dividiram-nos" deve-se à concordância com o sujeito subentendido da oração: "Os economistas G. Ranis, F. Stewart e A. Ramirez" .

b) A flexão de singular no verbo em "pode-se" faz a concordância com o sujeito indeterminado; mas é igualmente correto flexionar o verbo no plural, fazendo a concordância com "duas situações": **podem-se ter.**

c) A flexão de plural em "Surgem" tanto permite a interpretação como indicação de sujeito indeterminado como admite a inferência de "duas dimensões" como sujeito subentendido da oração.

d) A flexão de singular em "dá" é determinada por "lado humano"; mas, se fosse usada a expressão **aspectos humanos**, a coerência do texto não seria prejudicada, desde que o verbo fosse flexionado no plural.

e) O termo "mais da metade dos países" estabelece duas relações diferentes de concordância: "países" determina a flexão de plural em "tinham", enquanto "permanecia" faz a concordância com "metade".

5. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A frase abaixo está de acordo com as regras de concordância?
   – Os consumidores pagam juros maiores porque obtém crédito com prazos maiores e prestações menores. Alguns fatos recentes estão contribuindo para um aumento da demanda, assim como, das pressões inflacionárias.

"A experiência da modernidade é algo que só pode ser pensado a partir de alguns conceitos fundamentais"

6. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – A flexão de masculino no termo "pensado" indica que o pronome relativo "que" retoma, nas relações de coesão, o pronome "algo" e não o substantivo "experiência".

7. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) Assinale a opção incorreta a respeito das relações de concordância no texto abaixo.

*"Quando se pensa em classe A, vem logo à cabeça a lembrança de **gente milionária**, que **passa** todos os fins de semana em Paris e **compra** as melhores marcas do mundo. No entanto, **nossa classe A representa** apenas **5% da população** e **possui** rendimentos bem menores do que muita gente imagina. O que acontece frequentemente **é uma confusão** entre o brasileiro classe A e o consumidor de luxo, este sim cliente de marcas sofisticadas que **movimenta** um mercado de R$ 6 bilhões anuais."*

a) Preserva-se a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto ao substituir "gente milionária" por *milionários*, desde que se flexionasse também "passa" e "compra" no plural, **passam** e **compram**.

b) A forma verbal "possui" estabelece concordância com "da população"; no entanto, também estaria correta a concordância com "5%", com o uso da flexão de plural, sem prejudicar a coerência do texto.

c) Preserva-se a coerência na argumentação, bem como a correção nas relações gramaticais do texto, ao retirar o termo "nossa classe A" do texto, deixando-o apenas subentendido na flexão de "representa".

d) Seria preservada a coerência na argumentação com a substituição de "uma confusão" por **confusões**, desde que o verbo *ser* fosse usado também no plural: **são confusões**.

e) A opção pelo uso da flexão de plural em "movimenta", **movimentam**, preservaria a correção gramatical do texto, mas alteraria as relações significativas entre os argumentos.

8. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) Assinale a opção que corresponde à palavra ou expressão destacada no texto abaixo que foi empregada de acordo com as regras de concordância.

"Como nunca antes, a ordem e a cultura do capital mostram inequivocamente o seu rosto inumano, revelam a lógica perversa que as (1) dominam (2) internamente e que, antes, podiam ser escamoteadas (3) a pretexto do confronto com o socialismo: criam, por um lado, grande riqueza e concentração de poder à custa da devastação da natureza, da exaustão da força de trabalho e de uma estarrecedora pobreza. A utilização crescente da informatização e da robotização criam (4), ao dispensar o trabalho humano, os desempregados estruturais, hoje, totalmente descartáveis. E soma-se (5) aos milhões só nos países do Primeiro Mundo."

a) (1).
b) (2).
c) (3).
d) (4).
e) (5).

*"(...) sobretudo de bens materiais, como eletrodomésticos, equipamentos para o lar, som e TV (2,71%), comparada com o patamar de 0,05% **destinado** à aquisição de livros e revistas técnicas. O consumo é também evidenciado ao notar-se que 8,76% da despesa são **destinados** à manutenção e à aquisição de veículos automotores. (...)"*

9. (Cespe/UnB – BRB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) Os vocábulos "destinado" e "destinados" concordam, respectivamente, com os numerais indicativos de porcentagem que os antecedem: "0,05%" e "8,76%".

( ) CERTO
( ) ERRADO

10. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) A substituição da forma verbal "parecerem" ("... fazendo as tripulações parecerem anos mais jovens...") por **parecer** acarretaria prejuízo para a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

11. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) No primeiro período, que resume a ideia principal do texto, o emprego, na oração principal, da forma verbal "tem" ("O fato de que o homem vê o mundo por meio de sua cultura tem como consequência..."), no singular, é exigido pelo sujeito dessa oração.
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Em "... resolvendo-os em suas fontes, que englobam novas ameaças...", é obrigatória a flexão de plural em "englobam" porque o sujeito da oração, o pronome relativo "que", refere-se a "fontes".
( ) CERTO
( ) ERRADO

13. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Com o emprego de "os contextos" ("... leva em conta os contextos histórico, político, econômico, cultural e social de cada sociedade."), no plural, generaliza-se o significado desse termo, que, em seguida, é especificado por meio do trecho "histórico, político, econômico, cultural e social"; estariam preservadas a coerência e a correção gramatical do texto caso se empregasse o referido termo no singular – o contexto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

14. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) *"(...) Aceitar sem discriminação a diversidade é o primeiro identificador para a luta em defesa dos direitos humanos. (...)"*
Justifica-se a flexão de singular em "é" tanto pelo fato de o sujeito da oração ser oracional quanto pelo fato de o trecho "o primeiro identificador" estar no singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (Cespe/UnB – FUB – Médico – 2011) No trecho "está diminuindo a nossa capacidade de concentração e contemplação profundas", a estrutura permaneceria correta caso o termo "profundas" estivesse no singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Estudos de neurociência já demonstraram que aprender a ler, especialmente na infância, altera a anatomia do cérebro e engrossa uma estrutura chamada corpo caloso... (...)"

16. (Cespe/UnB – FUB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) A inclusão de **e a escrever** logo após o trecho "já demonstraram que aprender a ler" não implicaria alteração das formas verbais "altera" e "engrossa", que devem permanecer no singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Já os crimes cujas armas são os computadores devem, em 2010, ser responsáveis por perdas de 900 milhões de reais... (...)"

17. (Cespe/UnB – PC/ES – Perito Criminal Especial – 2011) A forma verbal "são" está no plural porque concorda com o nome "crimes".
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) Em "A maioria, no entanto, acaba deixando o programa...", dado o sentido da palavra "maioria", a forma verbal "acaba" poderia, sem prejuízo para a correção gramatical do texto, estar flexionada na 3ª pessoa do plural.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) "Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de autoatribuição... (...)"

19. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico – 2011) Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir 'Consideram-se' por **São considerados.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2011) Assinale a alternativa em que a concordância verbal está correta.
a) Haviam cooperativas de catadores na cidade de São Paulo.
b) O lixo de casas e condomínios vão para aterros.
c) O tratamento e a destinação corretos do lixo evitaria que 35% deles fosse despejado em aterros.
d) Fazem dois anos que a prefeitura adia a questão do lixo.
e) Somos nós quem paga a conta pelo descaso com a coleta de lixo.

21. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Estão plenamente observadas as normas de concordância verbal na frase:
a) Dentro da elite nunca se criticou, diante da rotina do sistema penitenciário brasileiro, os horrores a que os presos são submetidos.
b) Reserva-se ao pobre, tantas vezes identificado como potencialmente perigoso, as opções da resignação ou da marginalidade social.
c) Sem altos investimentos não haverão como minimizar os horrores que vêm caracterizando as nossas penitenciárias.

d) A nenhum dos intérpretes de um fato faltarão argumentos para considerá-lo segundo seu interesse e sua conveniência.
e) Ainda que não lhes convenham fazer altos investimentos, as elites terão que calcular os custos de tanta violência.

22. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Estão plenamente observadas as normas de concordância verbal em:

a) À noite, davam-se aos trabalhos de poucos e à diversão de muitos uma trégua oportuna, para tudo recomeçar na manhã seguinte.
b) Aos esforços brutais da jubarte não correspondiam qualquer efeito prático, nenhum avanço obtinha o gigante encalhado na areia.
c) Sempre haverá de aparecer aqueles que, diante de um espetáculo trágico, logram explorá-lo como oportunidade de comércio.
d) Como se vê, cabe aos bons princípios ecológicos estimular a salvação das baleias, seja no alto-mar, seja na areia da praia.
e) Da baleia encalhada em 1966 não restou, lembra-nos o autor, senão as postas em que a cruel voracidade dos presentes retalhou o animal.

23. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do plural para preencher de modo adequado a lacuna da seguinte frase:

a) As acusações que ..... (**promover**) quem defende o "assembleísmo" baseiam-se na decantada "soberania" das assembleias.
b) Não ..... (**convir**) aos radicais da meritocracia admitir que pode haver boas resoluções obtidas pelo critério do voto.
c) Por que ..... (**haver**) de caber a um simples passageiro as responsabilidades do comando de uma aeronave?
d) O que aos bons políticos não ..... (**poder**) faltar, sobretudo nos momentos de decisão, é o espírito público.
e) Não ..... (**caber**) às associações de classe, em assembleias, avaliar o mérito técnico, julgar a qualificação profissional de alguém.

24. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) A concordância verbal e nominal está inteiramente respeitada em:

a) Os níveis alarmantes de poluição da água no planeta, resultante da atividade humana, está dando sinais de que ela poderá faltar em boa parte do globo terrestre, que já sofre com sua escassez.
b) A proporção entre número de habitantes e oferta de recursos naturais estão em descompasso, levando à necessária redução no consumo desses recursos que garantem a vida no planeta.
c) Ambientalistas já alertam para os perigos à sobrevivência da humanidade, caso os habitantes do planeta continue a consumir de modo irresponsável os recursos naturais, muitos dos quais já escassos.
d) Existe programas de conscientização da população mundial que busca divulgar formas de consumo sustentável dos recursos naturais e respeito ao ritmo da natureza, para permitir que ela o reponham.
e) É necessário que haja medidas que busquem controlar o consumo predatório dos recursos da natureza que, cada vez mais escassos, estão sujeitos a uma lenta reposição.

25. (FCC – TRT/PE (6R) – Analista Judiciário – 2012) A concordância verbal está plenamente observada na frase:

a) Provocam muitas polêmicas, entre crentes e materialistas, o posicionamento de alguns religiosos e parlamentares acerca da educação religiosa nas escolas públicas.

b) Sempre deverão haver bons motivos, junto àqueles que são contra a obrigatoriedade do ensino religioso, para se reservar essa prática a setores da iniciativa privada.

c) Um dos argumentos trazidos pelo autor do texto, contra os que votam a favor do ensino religioso na escola pública, consistem nos altos custos econômicos que acarretarão tal medida.

d) O número de templos em atividade na cidade de São Paulo vêm gradativamente aumentando, em proporção maior do que ocorrem com o número de escolas públicas.

e) Tanto a Lei de Diretrizes e Bases da Educação como a regulação natural do mercado sinalizam para as inconveniências que adviriam da adoção do ensino religioso nas escolas públicas.

26. (FCC – TRT/AM (11R) – Analista Judiciário – 2012) O verbo indicado entre parênteses deverá ser flexionado no plural para preencher corretamente a lacuna da frase:

a) Nem todos discriminam, numa foto, os predicados mágicos que a ela se ..... (**atribuir**) nesse texto.

b) Os tempos que ..... (**documentar**) uma simples foto, aparentemente congelada, são complexos e estimulantes.

c) A associação entre músicos e fotógrafos profissionais ..... (**remeter**) às especificidades de cada tipo de sintaxe.

d) A poucos ..... (**costumar**) ocorrer que as fotografias podem enfeixar admiráveis atributos estéticos, como obras de arte que são.

e) Imaginem-se os sustos que não ..... (**ter**) causado aos nativos de tribos remotas a visão de seus rostos fotografados!

27. (FCC – TRT/AM (11R) – Analista Judiciário – 2012) As normas de concordância verbal encontram-se plenamente observadas em:

a) A utilidade dos dicionários, mormente quando se trata de palavras polissêmicas, manifestam-se nas argumentações ideológicas.

b) Não se notam, entre os preconceituosos, qualquer disposição para discutir o sentido de um juízo e as consequências de sua difusão.

c) Não convém aos injustiçados reclamar por igualdade de tratamento quando esta pode levá-los a permanecer na situação de desigualdade.

d) Como discernimento e preconceito são duas acepções de discriminação, hão que se esclarecer o sentido pretendido.

e) Uma das maneiras mais odiosas de refutar os argumentos de alguém surgem na utilização de preconceitos já cristalizados.

28. (FCC – TRT/AM (11R) – Técnico Judiciário – 2012) A frase do texto que, ao ser reescrita, mantém o respeito às regras de concordância e, em linhas gerais, o sentido original é:

a) Outra descoberta foi a de que também existia na figuração de um motivo em que estivesse ausente o ser humano alguns valores profundos.

b) Uma gama de estados de espírito que não sabemos nomear, apesar de sua grande força, podem ser suscitados pelos artefatos e signos que o homem produz.

c) É numa concepção de humanidade modificada ao longo do tempo que se assenta noções relativas a uma dimensão humana da arte.
d) Não fazem muitos anos que na grande arte só se podiam admitir temas heroicos, míticos ou religiosos.
e) As obras e seu respectivo valor haviam de ser avaliados na medida da importância do tema tratado.

29. (FCC – TRT/AM (11R) – Técnico Judiciário – 2012) O verbo que se mantém corretamente no singular, apesar das alterações propostas entre parênteses para o segmento grifado, está na frase:

a) *É o desafio do nosso tempo*. (os desafios)
b) *E isso quando a própria FAO alerta* ... (os especialistas da própria FAO)
c) *E que a produção precisará crescer 70% até 2050* ... (a produção de alimentos)
d) *Tudo acontece num cenário paradoxal*. (Todos os problemas)
e) *Um relatório da própria FAO assegura* ... (Os dados de um relatório)

30. (Cesgranrio – CMB – Analista (Administrador de Dados) – 2012) No que se refere ao fenômeno da concordância nominal, no subtítulo do texto, o termo textuais também admite a forma singular.

O período em que, conforme a norma-padrão, o termo destacado pode assumir tanto a forma singular quanto a plural é:

a) **Bastantes** poemas foram lidos na aula.
b) Custam **caro** os jornais de domingo.
c) Vendem-se quadros e esculturas **usados**.
d) Compramos livro e jornal **velhos**.
e) Na estante, dicionário e livros **jogados**.

31. (Cesgranrio – CMB – Auxiliar de Operação Industrial Hidráulica – 2012) Considerando-se que há palavras variáveis e palavras invariáveis na língua portuguesa, qual é a frase que está em DESACORDO com a norma-padrão, no que diz respeito à concordância?

a) Estamos todos **alerta** em relação ao problema dos menores de rua.
b) A população está **meio** descrente em relação a soluções de curto prazo.
c) As organizações que cuidam das crianças receberam **bastantes** recursos este ano.
d) A partir de hoje, é **proibido** a adoção de crianças que tenham pais biológicos vivos.
e) No caso de crianças sob maus tratos, muitas vezes, elas **próprias** fogem para as ruas.

32. (Cesgranrio – Petrobras – Geofísico Júnior – 2012) O trecho "O declínio, a decadência alcança maior nitidez na Europa" apresenta um exemplo de um dos casos de concordância verbal vigentes na norma-padrão do Português.

Outro exemplo em que a concordância se justifica pelo mesmo motivo é o seguinte:

a) A conciliação, a contenda entre os participantes do bloco do euro tem provocado grande insegurança entre os países do mundo inteiro.
b) A predisposição, a incapacidade de recuperar a decadência econômica tem provocado crises dos países da zona do euro.
c) A redistribuição, a concentração de poder entre as grandes potências tem mantido o mundo refém de decisões arbitrárias.

d) O privilégio, a necessidade de compartilhar decisões com outros países gerou um projeto de integração bem sucedido.
e) O recrudescimento, a exacerbação da crise econômica provocou uma reação de protecionismo entre as potências tradicionais.

33. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Exploração de Petróleo Júnior – 2012) A seguinte frase do Texto I apresenta concordância nominal de acordo com as regras da norma-padrão da língua portuguesa, já que o adjetivo anteposto concorda com o primeiro dos dois substantivos que o seguem.

"Com esse resultado, renomadas consultorias e bancos começam a revisar a projeção do Produto Interno Bruto (PIB) deste ano."

No caso de um adjetivo vir posposto a dois substantivos, as seguintes expressões apresentam concordância de acordo com a norma-padrão, EXCETO:

a) empresas e consultorias renomadas;
b) consultorias e bancos renomadas;
c) consultorias e bancos renomados;
d) bancos e consultorias renomadas;
e) economistas e bancos renomados.

34. (Cesgranrio – Termobahia – Técnico de Inspeção e Instalação Júnior – 2012) O verbo em destaque no trecho abaixo está no plural concordando com uma determinada palavra.

"Segundo ele, as políticas mais adequadas são aquelas que permitem às mulheres fazerem escolhas sobre o número de filhos que querem e o momento certo para engravidar."

Essa palavra é:

a) políticas;
b) aquelas;
c) mulheres;
d) escolhas;
e) filhos.

35. (Cesgranrio – Termobahia – Engenheiro de Termelétrica Júnior – 2012) Na expressão destacada no trecho "os alimentos processados industrialmente tornaram os surtos de fome 'nacionais' mais raros", a concordância nominal está de acordo com a norma-padrão. Nas frases a seguir, a concordância da palavra destacada está de acordo com a norma padrão, EXCETO em:

a) A demanda econômica está gerando montanhas de lixo cada vez **maiores** nas grandes cidades.
b) A ampliação das pesquisas médicas **realizadas** nas últimas décadas reduziu a mortalidade infantil.
c) As pesquisas de todo o mundo preveem situações de aglomeração **calamitosas** nos grandes centros.
d) O controle dos nascimentos prematuros **efetuados** pelo governo é imprescindível para as políticas de saúde pública.
e) O acesso a empregos formais **conquistado** pela população contribui para melhor qualidade de vida.

36. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico em Mecânica Júnior – 2012) Com relação ao uso da norma-padrão, há um desvio de concordância na canção abaixo.

Gente que vem de Lisboa
Gente que vem pelo mar
Laço de fita amarela
Na ponta da vela
no meio do mar

Ei nós, que viemos
De outras terras, de outro mar
Temos pólvora, chumbo e bala
Nós queremos é guerrear

Quem me ensinou a nadar
Quem me ensinou a nadar
Foi, foi marinheiro
Foi os peixinhos do mar

Ei nós, que viemos
De outras terras, de outro mar
Temos pólvora, chumbo e bala
Nós queremos é guerrear

MOURA, Otávio A.P. (adaptador e arranjador). Peixinhos do mar (canção folclórica de marujada). Intérprete: Milton Nascimento.

Esse desvio ocorre no seguinte par de versos:

a) 1 e 2.
b) 6 e 7.
c) 8 e 9.
d) 10 e 11.
e) 12 e 13.

37. (Cesgranrio – Liquigás – Oficial de Manutenção I – 2012) Na abordagem da concordância verbal, as gramáticas apresentam casos em que o verbo fica invariável, por ser considerado "impessoal". O exemplo do texto em que o verbo grifado encontra-se no singular por ser impessoal é:

a) "**Será** árduo garimpar os números da família, amigos, contatos profissionais."
b) "Eu os **buscarei**, é óbvio."
c) "**Há** alguns anos..."
d) "**Vejo** motoristas de táxi..."
e) "A maioria dos chefes **sente-se** no direito..."

38. (Cesgranrio – CEF – Técnico Bancário Novo – 2012) A língua portuguesa conhece situações de dupla possibilidade de concordância. A modificação possível do termo destacado, mantendo-se a concordância, de acordo com a norma-padrão, encontra-se em:

a) Jogar *games* de computador **pode** fazer bem à saúde – podem.
b) um dos títulos mais populares do gênero no mundo, **produzido** pela Blizzard – produzidos.
c) escolhidos pelos pesquisadores para **integrar** o grupo – integrarem.
d) o grupo de controle não **progrediu** – progrediram.
e) é preciso **interagir** socialmente – interagirem.

39. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) No período "Mas é assim mesmo que se vive: perdida no tempo e no espaço." (trecho retirado de um registro literário), o particípio do verbo **perder,** empregado em estrutura de indeterminação do sujeito da oração, poderia, conforme regra de concordância nominal, estar na forma masculina, regra da qual, no entanto, a obra literária prescinde, dada a liberdade que preside a criação artística.
( ) CERTO
( ) ERRADO

40. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) No período "Nesse caso, puxar a corda, afiar a faca ou assistir à execução seria simples...", como o conector "ou" está empregado com sentido aditivo, e não, de exclusão, a forma verbal do predicado "seria simples" poderia, conforme faculta a prescrição gramatical, ter sido flexionada na terceira pessoa do plural: **seriam**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) Em *"... que fortalezas seguras, que duro peso de algemas, que profundas sepulturas nascidas de vossas penas..."*, a forma verbal "nascidas", apesar de referir-se a todas as expressões nominais que a antecedem, concorda apenas com a mais próxima, conforme faculta regra de concordância nominal.
( ) CERTO
( ) ERRADO

42. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) Em *"O fim da Idade Média, no século XV, e o ressurgimento... representaram..."*, a forma verbal "representaram" está no plural para concordar com o sujeito composto da oração, cujos núcleos são "fim", "século" e "ressurgimento".
( ) CERTO
( ) ERRADO

43. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) No trecho "É verdade que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas", o emprego da forma verbal singular "É" justifica-se pelo fato de essa forma verbal não ter sujeito explícito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

44. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A forma verbal "pressionados" (Uma parte da desaceleração de 2011 decorreu da diminuição de estoques em alguns setores, como o automobilístico, pressionados por

importações crescentes e vendas internas estagnadas.) está no masculino plural porque concorda com "alguns setores".

45. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) O texto abaixo foi transcrito com adaptações. Assinale a opção que apresenta erro gramatical ou de grafia de palavra que prejudica a coerência textual.

Constata-se *(1) uma discrepância nas carteiras dos maiores detentores de dinheiro no mundo rico: uma pequena fração, menos de 10%,* ***está investida*** *(2) nos países emergentes, que, no entanto,* ***já representa*** *(3) mais de 50% do PIB global. Nesse cenário o Brasil continuará a conviver com* ***maciças*** *(4) entradas de recursos, que devem manter o real ainda valorizado. O governo precisa favorecer investimentos diretos e conter fluxos mais especulativos. É tolerável desestimular a entrada de capital aventureiro, mas cumpre evitar exageros que* ***afugentem*** *(5) o dinheiro bom.*

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

46. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção que fornece a correta justificativa para as relações de concordância no texto abaixo.

O bom desempenho do lado real da ***economia proporcionou*** *um período de vigoroso crescimento da arrecadação. A maior lucratividade das empresas foi decisiva para os* ***resultados*** *fiscais favoráveis.* ***Elevaram-se****, de forma significativa e em* ***valores*** *reais,* ***deflacionados*** *pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), as receitas do Imposto de Renda Pessoa Jurídica (IRPJ), a Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSLL), e a Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins). O crescimento da massa de salários* ***fez aumentar a arrecadação*** *do Imposto de Renda Pessoa Física (IRPF) e a receita de tributação sobre a folha da previdência social. Não menos* ***relevantes foram*** *os elevados ganhos de capital, responsáveis pelo aumento da arrecadação do IRPF.*

a) O uso do plural em "valores" é responsável pela flexão de plural em "deflacionados".
b) O plural em "resultados" é responsável pela flexão de plural em "Elevaram-se".
c) Emprega-se o singular em "proporcionou" para respeitar as regras de concordância com "economia".
d) O singular em "a arrecadação" é responsável pela flexão de singular em "fez aumentar".
e) A flexão de plural em "foram" justifica-se pela concordância com "relevantes".

47. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A flexão de singular em "há" (A situação nos EUA está mais positiva, há otimismo no mercado norte-americano) deve-se à concordância com "otimismo".

48. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Assinale a opção correta a respeito das relações de concordância no texto.

*A vida em um país nórdico, como a Finlândia, nos faz refletir mais profundamente sobre a relação entre **liberdade, igualdade, autonomia e formatos sociais** que **podem** propiciar vidas mais plenas e felizes aos seus cidadãos. Para alguém habituado a desigualdades, **uma sociedade igualitária**, com amplo respeito pela vida humana, excelentes índices de educação, burocracia inteligente e serviços públicos voltados (de fato) para melhorar a vida do cidadão, **soa** como um caminho para a produção de seres humanos mais plenos e sociedades mais inspiradoras. (...) A igualdade e a dignidade humana que uma sociedade pode produzir **referem-se** à possibilidade de o cidadão ter condições materiais e subjetivas à sua disposição, para que, atendidas suas necessidades básicas e diárias de bem-estar, ele se ocupe com questões outras que a sobrevivência. (...) Em outros termos, não foi a igualdade que deixou o país apático. Ademais, **sociedades desiguais podem ser** tão ou mais acríticas e reprodutoras. O ponto que nos intriga é que a igualdade, o respeito e a dignidade dados a **todos** não **levaram** à autonomia, ao pensamento criativo e crítico, e a processos transformadores.*

a) A flexão de singular em "soa" justifica-se pela concordância com "uma sociedade igualitária".
b) A enumeração de vários elementos, "liberdade, igualdade, autonomia e formatos sociais" justifica a flexão de plural em "podem".
c) Devido ao uso do pronome "se", o plural em "referem-se" é opcional: estaria igualmente correto empregar o singular: **refere-se**.
d) Por se referir a "sociedades desiguais", o infinito em "podem ser" admitiria também a flexão de plural, **serem**.
e) O plural no pronome "todos" justifica a flexão de plural em "levaram".

49. (FCC – TRF (5ª R) – Técnico Judiciário – 2012) <u>Os folheteiros</u> vivem em feiras, mercados, praças e locais de peregrinação.

O verbo da frase acima NÃO pode ser mantido no plural caso o segmento grifado seja substituído por:

a) Há folheteiros que;
b) A maior parte dos folheteiros;
c) O folheteiro e sua família;
d) O grosso dos folheteiros;
e) Cada um dos folheteiros.

50. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) ..... tomar medidas que ..... a sobrevivência de algumas espécies de aves na região.

a) Eram necessários – garantissem.
b) Eram necessárias – garantissem.
c) Era necessário – garantisse.
d) Eram necessárias – garantisse.
e) Era necessário – garantissem.

51. (Instituto Cidades – TCM/GO – Auditor de Controle Externo – 2012) Assinale o item que preenche corretamente as lacunas, do ponto de vista da concordância verbal.

Já ___ muitos anos que não se lançava nenhum filme mudo, mas ___ muitas pessoas que ainda _____ por este tipo de filme.

a) devem fazer, tem, se apaixona;
b) deve fazer, há, se apaixonam;
c) deve fazerem, há, se apaixona;
d) fazem, há, se apaixona;
e) faz, haviam, se apaixonarão.

Gabarito

1. INCORRETA.	11. CERTO.	21. D.	31. D.	41. ERRADO.
2. I.	12. CERTO.	22. D.	32. E.	42. ERRADO.
3. INCORRETA.	13. CERTO.	23. C.	33. B.	43. ERRADO.
4. E.	14. CERTO.	24. E.	34. C.	44. CORRETA.
5. NÃO.	15. CERTO.	25. E.	35. D.	45. C.
6. CORRETA.	16. CERTO.	26. A.	36. E.	46. A.
7. B.	17. ERRADO.	27. C.	37. C.	47. INCORRETA.
8. A.	18. ERRADO.	28. E.	38. C.	48. A.
9. ERRADO.	19. ERRADO.	29. C.	39. CERTO.	49. E.
10. ERRADO.	20. E.	30. D.	40. ERRADO.	50. E.
				51. B.

Capítulo 29

Regência Verbal e Nominal

Definição e Particularidades

Antes de começar a estudar este capítulo, é preciso que você volte ao capítulo 19 e estude tudo sobre **Predicação Verbal / Transitividade Verbal**. É *megaimportante* que você faça isso, ok? Além disso, recomendo que você crie o hábito de consultar dicionários de regência verbal e nominal, principalmente do Celso P. Luft. Os compêndios deste estudioso servem de base para a confecção das questões trabalhadas pelas bancas. Em futuros "recursos" contra questões, use as lições do homem como defesa de tese. Agora vamos ao que interessa...

Regência é a relação de dependência entre os componentes de uma oração ou entre orações. Mas o que nos deve interessar, principalmente para os concursos, é este conceito: "**regência** é a maneira como o **nome** ou o **verbo** se relacionam com seus **complementos**, com preposição ou sem ela".

Quando um **nome** (substantivo, adjetivo ou advérbio) exige um complemento preposicionado, dizemos que este **nome** é um **termo regente** e que **seu complemento** é um **termo regido**. Por um motivo muito simples: há uma relação de dependência entre o nome e o seu complemento.

Lembre-se: o **nome** (substantivo, adjetivo e advérbio) exige um complemento nominal sempre iniciado por preposição, exceto se o complemento vier em forma de pronome oblíquo átono.

Aqui vai uma dica: Cuidado com questões em que a banca afirma que um termo preposicionado é um complemento nominal, quando, na verdade, é um adjunto

adnominal, um adjunto adverbial ou um agente da passiva. Revisite esses termos sintáticos!

No caso do **verbo**, a relação mantida com seu complemento pode ou não se dar por meio de preposição. Por isso é bom que relembremos os conceitos de transitividade verbal (ou predicação verbal). Assim como o nome, o verbo mantém uma relação de dependência sintática com seu complemento, em que o **verbo** é o **termo regente** e **seu complemento**, o **termo regido**.

Veja a relação entre alguns **nomes** (substantivo, adjetivo e advérbio) e **seus complementos**:

Sempre senti ojeriza a qualquer atitude desonesta.

Ojeriza é um substantivo. Quem sente ojeriza... sente ojeriza *a, contra, por* algo ou alguém. Portanto, *a qualquer atitude desonesta* é um complemento nominal de *ojeriza*.

Os discípulos daquele mestre sempre lhe foram leais.

Leal é um adjetivo. Quem é leal... é leal *a* algo ou *a* alguém. Neste exemplo, o complemento nominal veio em forma de pronome oblíquo átono, que, se passado a oblíquo tônico, ficaria assim, no contexto: *leais a ele*. É assim que cai em prova de concurso.

A exposição de pinturas, evento realizado paralelamente ao musical, terminou.

Paralelamente é um advérbio que exige a preposição *a*. Portanto, *ao musical* é um complemento nominal de *paralelamente*.

Veja agora a relação entre alguns ***verbos*** e ***seus complementos***:

Já fui a parques de todo o mundo.

Neste caso, o verbo *ir* rege um complemento iniciado pela preposição *a*. Quem vai... vai *a* algum lugar (real ou virtual). A **gramática tradicional** considera tal complemento um adjunto adverbial, e é assim que vem caindo em prova até então.

Neste ano, os candidatos conquistaram a tão sonhada classificação.

O verbo *conquistar* exige um complemento sem que nenhuma preposição intermedeie a ligação entre o verbo e seu complemento direto. Quem conquista... conquista alguém ou alguma coisa.

Em nenhum momento nós desistimos do que nos motivava!

O verbo *desistir* exige um complemento preposicionado, em que a preposição *de* liga o verbo a seu complemento indireto. Quem desiste... desiste de algo ou de alguém. Detalhe: o núcleo do objeto indireto é *o* (= *aquilo*). Veja de novo: "... desistimos *do* (= *daquilo*) *que nos motivava*!".

Garçom, por gentileza, ofereça ao amigo o melhor prato da casa.

O verbo *oferecer* exige um complemento sem preposição (*o melhor prato da casa*) e um complemento com preposição (*ao amigo*). Quando vem em forma de pronome átono ("lhe", p. ex.), obviamente não há preposição explícita no complemento indireto (ou **objeto indireto**).

Enfim, a **regência nominal** ou **verbal** trata da relação de dependência entre termos dentro da oração, como atestamos.

É bom dizer também que ocorre **regência nominal** e **verbal** entre orações. Lembra-se das orações subordinadas substantivas? Entre elas e suas orações principais também há **regência nominal** e **verbal**. Quer ver?

Tenho noção de que preciso empenhar-me em busca do melhor.

O nome *noção*, que faz parte da oração principal, rege um complemento nominal oracional (ou uma oração subordinada substantiva completiva nominal). Afinal, "quem tem noção... tem noção **de**...".

Tanto ela quanto ele só gostam de quem gosta deles.

O verbo *gostar* da oração principal exige igualmente um complemento preposicionado, que, neste caso, é uma oração subordinada substantiva objetiva indireta justaposta. Quem gosta... gosta **de**...

Saiba que, se os "homens da banca" quiserem derrubá-lo, vão elaborar questões com esses... digamos... "detalhes"... **Todo cuidado é pouco a partir de agora! Leia atentamente!**

1) É importante dizer que, se um verbo ou um nome da oração subordinada adjetiva exigir a presença de uma preposição, esta ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo.

– *O filho, **por quem** a mãe tinha **admiração**, era honesto.*

– *O dinheiro **de que** a Secretaria Municipal de Fazenda do Rio de Janeiro **dispõe** não pagará as despesas vultosas e crescentes.*

– *Informo que os cursos a respeito das principais bancas, **às quais** fiz **menção** nas últimas aulas, estão na pasta B.*

– *"Eu quero ser sempre aquilo **com quem** **simpatizo**."* (Fernando Pessoa)

– *A tese **contra a qual** **opusemos** argumentos era a de que a beleza não põe mesa.*

2) Acho superválido dizer também que alguns nomes e verbos, com regências diferentes, podem reger o mesmo complemento. Só que isso é polêmico... A maioria dos gramáticos tradicionais diz que nomes de regências diferentes **NÃO** podem ter um só complemento. Enfim, veja os exemplos a seguir para ficar mais claro:

Pedro e Larissa assistiram e gostaram da sessão de cinema.

Saiba que o verbo *assistir* (no sentido de ver) rege um complemento pela preposição *a*, e que o verbo *gostar* o faz pela preposição *de*. Logo, se cada verbo tem sua maneira própria de reger um complemento, é preciso haver um complemento para cada verbo – dizem as gramáticas mais tradicionais. Em outras palavras, tradicionalmente, a frase acima deveria estar escrita assim:

Pedro e Larissa assistiram à sessão de cinema e gostaram dela.

Não obstante, Bechara e Cegalla, por exemplo, pensam diferente. Veja o que Cegalla diz: "Por concisão, pode-se... dar um complemento comum a verbos (e mais à frente ele fala o mesmo sobre os nomes) de regência diferente.". Daí, segue o exemplo dele: "Os devotos entravam e saíam da igreja [Em vez de: Os devotos entravam na igreja e saíam dela]".

Com essas palavras concluímos que, na hora da prova, como as bancas de concursos públicos não costumam divulgar bibliografia, devemos observar bem a questão, analisar todas as alternativas e, se figurar alguma com a visão "não ortodoxa" e alguma com a "tradicional", opte pela tradicional. "Mas, Pestana, e se só houver a visão 'não ortodoxa' na questão, o que faço com a informação da 'tradicional' na cabeça?" Resposta: Ignore-a completamente, marque a visão "não ortodoxa" e seja feliz!

A visão "tradicional", inclusive, proíbe construções com mais de uma preposição (essencial, acidental ou locução prepositiva) com sentido diferente se referindo a um só termo. A "não ortodoxa" (Bechara e Cegalla) aprova tais construções. Veja um exemplo da construção "não ortodoxa", seguida da "tradicional":

Choveu antes, durante e depois do jogo. (não ortodoxa)

Choveu antes do jogo, durante o jogo e depois dele. (tradicional)

Veja mais exemplos da visão "não ortodoxa":

Você é a favor ou contra esta lei?

Com ou sem ela, estou indo para a Inglaterra ainda esta noite.

Reescrevendo-as na visão "tradicional":

Você é a favor desta lei ou contra ela?

Com ela ou sem ela, estou indo para a Inglaterra ainda esta noite.

3) Verbos com regências iguais, por outro lado, podem ter o mesmo complemento:

O Brasil costuma exportar e importar certos produtos agrícolas.

4) Outra questão polêmica é a seguinte: pode ou não um sujeito de verbo no infinitivo vir contraído com uma preposição? Novamente... Cegalla, Bechara, Sílvio Elia e Souza da Silveira têm uma visão "não ortodoxa" do assunto, apesar de explicitarem a visão "tradicional". Quer conhecer a visão "tradicional"? Então... lá vai: ela diz que um sujeito não pode ser

regido de preposição diante de qualquer verbo (infinitivo ou não). Ponto. Exemplo:

É chegada a hora de os meninos serem separados dos adultos.

Para o imortal Bechara, tanto faz, você decide. A visão "não ortodoxa" aprova a contração:

É chegada a hora de os meninos serem separados dos adultos.

ou

É chegada a hora dos meninos serem separados dos adultos.

Aí vem sua famigerada pergunta: "Pestana, o que faço na prova?" O mesmo que eu falei agora há pouco: devemos observar bem a questão, analisar todas as alternativas e, se figurar alguma alternativa com a visão "não ortodoxa" e alguma com a "tradicional", opte pela *tradicional*. Veja:

O fato do Brasil e dos Estados Unidos se acharem no mesmo continente é um acidente geográfico.

Certo ou errado? Depende da prova, depende da questão. A visão "tradicional" repudia; a "não ortodoxa" aprova. Na dúvida, já expus a polêmica. Agora estude e fique atento! É com você. *A Esaf aprova ambas as estruturas.*

5) Apesar de já haver falado disso no capítulo de *Orações Subordinadas Substantivas*, reitero: a *preposição* exigida por verbo ou nome pode vir implícita antes de orações subordinadas substantivas objetivas indiretas e completivas nominais. Essa é a visão "não ortodoxa". A "tradicional" diz que precisa haver preposição **explícita**.

Esqueceu-se de que tenho oitenta anos? (tradicional)

Esqueceu-se ( ) que tenho oitenta anos? (não ortodoxa)

Tinha a impressão de que estava certo. (tradicional)

Tinha a impressão ( ) que estava certo. (não ortodoxa)

6) É muito frequente questão de regência verbal envolvendo **pronomes oblíquos átonos e pronomes relativos.** Principalmente na FCC há questões recorrentes de "regência com pronome relativo", em que a preposição, exigida por verbo ou nome da oração adjetiva, fica obrigatoriamente antes do pronome relativo. Sendo assim, veja dois exemplos hipotéticos de questões desse tipo.

Exemplo 1:

Informei aos alunos aquela notícia tão aguardada.

Levando-se em conta a regência verbal, as reescrituras possíveis da frase acima são:

I - *Informei-lhes aquela notícia tão aguardada.*
II - *Informei-a aos alunos.*
III - *Informei-os daquela notícia tão aguardada.*
IV - *Informei-lhes daquela notícia tão aguardada.*

a) I e II.
b) II e III.
c) III e IV.
d) I, II e III.
e) II, III e IV.

Comentário: O gabarito é a letra D, pois "quem informa, informa algo (OD) a alguém (OI)", ou "quem informa, informa alguém (OD) de algo (OI)". O verbo é transitivo direto e indireto, logo exige um objeto direto e um objeto indireto. Por isso, observe: I- *Informei-lhes (OI) aquela notícia tão aguardada (OD).* II- *Informei-a (OD) aos alunos (OI).* III- *Informei-os (OD) daquela notícia tão aguardada (OI).* IV- *Informei-lhes (OI) daquela notícia tão aguardada (OI).* O verbo informar não exige dois objetos indiretos, logo a reescritura IV está errada. Lembre-se de que os pronomes oblíquos átonos *o, a, os, as, lo, las, los, las, no, na, nos, nas* exercem função de objeto direto, nunca de objeto indireto. Já *lhe, lhes* exercem função de objeto indireto, nunca de objeto direto. Saiba também que os pronomes oblíquos átonos *me, te, se, nos, vos* podem exercer função de objeto direto, objeto indireto etc. Consulte *Funções Sintáticas dos Pronomes Oblíquos Átonos*, no capítulo 21.

Exemplo 2:

Os assuntos gramaticais de que venho tratando aqui são muito importantes.

Assinale a alternativa que apresenta regência adequada, como na frase acima.

a) Respeitar padrões morais é uma qualidade da qual não abrem mão certos homens.
b) A força do nosso trabalho, de que não relutamos em vender, dificilmente será paga.
c) A barbaridade de que serviu ao poeta de tema não espantou os civilizados.
d) O autor do texto, de cuja convicção estamos longe de alcançar, desconfia de tudo.
e) Os maus tempos dos quais estamos atravessando devem-se a uma falta de previsão.

Comentário: O gabarito é a letra A, pois o verbo *abrir*, no contexto, é VTDI (abre-se mão (OD) de algo (OI)). Logo, a preposição *de* fica obrigatoriamente antes do pronome relativo. Nos demais casos, há erro de regência, pois nenhum verbo ou nome das orações adjetivas exige preposição, devendo ser reescritas assim: b) A força do nosso trabalho, que não relutamos em vender, dificilmente será paga. c) A barbaridade que serviu ao poeta de tema não espantou os

civilizados. d) O autor do texto, cuja convicção estamos longe de alcançar, desconfia de tudo. e) Os maus tempos os quais estamos atravessando devem-se a uma falta de previsão.

Regência Verbal

Antes de entrarmos na regência de alguns verbos tradicionais, é preciso que você saiba o seguinte: não é possível abordar todos os verbos em uma gramática, para isso existem Dicionários de Regência. No entanto, saiba que as provas costumam abordar os mesmos verbos. Graças a Deus! De mais de 11.000 verbos e suas regências, você precisará conhecer cerca de 40. Não pense que isso é muito, pois o candidato realmente preparado ou engajado ficará feliz em saber isso.

Pontos importantíssimos

1) O *lhe*

O *lhe* exerce função de objeto indireto, nunca de objeto direto, por isso certas frases (*"Não lhe vejo há muito tempo."*) são equivocadíssimas. Se o verbo *ver* é transitivo direto, não podemos usar *lhe* como seu complemento. O adequado à norma culta é: *"Não o vejo há muito tempo."* ou *"Não a vejo há muito tempo."* ou *"Não te vejo há muito tempo."*. Saiba também que o *lhe* não serve de complemento para alguns verbos, como: *aludir, anuir, aceder, aspirar (= almejar), assistir (= ver), escarnecer, proceder, presidir, recorrer, referir-se (= aludir), visar (= almejar).*

2) Preposições e prefixos verbais

Apesar de não ser uma regra fixa, é um fato linguístico que alguns verbos regem preposição semelhante a seus "prefixos": *concorrer com, deduzir de, depender de, incluir em, aderir a, concordar com, coincidir com, conviver com, embarcar em, peregrinar por, interpor entre, perpassar por, compactuar com, compartilhar com, contemporizar com, implicar em...*

3) Verbos pronominais

É bom saber que alguns verbos não pronominais (não acompanhados da partícula integrante *se*) podem se tornar pronominais. Quando isso ocorre, sua

regência muda. De transitivos diretos passam a transitivos indiretos: *aborrecer (aborrecer-se com), aconselhar (aconselhar-se com), alegrar (alegrar-se com), apoderar (apoderar-se de), aproveitar (aproveitar-se de), armar (armar-se de), carregar (carregar-se de), cercar (cercar-se de), comunicar (comunicar-se com), debater (debater-se com, contra, em, entre, sob), defender (defender-se de), dedicar (dedicar-se a), enganar (enganar-se em), esquecer (esquecer-se de), lembrar (lembrar-se de), limitar (limitar-se a), orgulhar (orgulhar-se de), recordar (recordar-se de), referir (referir-se a), tratar (tratar-se de), zangar (zangar-se com), precaver (contra/de), etc.*

Além disso, existem certos verbos, essencialmente pronominais, que sempre exigem complemento preposicionado: *apaixonar-se por, arrepender-se de, atrever-se a, candidatar-se a, dignar-se de, engalfinhar-se com, esquivar-se de, esforçar-se em/para/por, queixar-se de, refugiar-se em/de* etc.

Não são pronominais: *antipatizar, confraternizar, ombrear, proliferar, silenciar, simpatizar, sobressair* etc. Logo, há incorreção gramatical em: *"Os jovens procuram **se sobressair** na internet, a qual é um universo anárquico."*. A forma culta é*: "Os jovens procuram **sobressair** na internet, a qual é um universo anárquico."*.

4) Voz verbal e regência

Há verbos transitivos indiretos, como *apelar, assistir (= ver), pagar/perdoar* (com complemento de pessoa), *responder* etc., em que há "concessões" para o uso da forma passiva, como diz Bechara. Napoleão Mendes de Almeida vai além, defendendo o uso de *assistir* (= *ver*) na voz passiva. Veja:

– *Não apelaram da sentença. / A sentença não **foi apelada**.*
– *Muitas pessoas assistiram à missa. / A missa **foi assistida** por muitas pessoas.*
– *Pagamos às empregadas. / As empregadas **foram pagas** por nós.*
– *Todos lhe perdoaram. / Ele **foi perdoado** por todos.*
– *Reponder-se-ão às dúvidas. / As dúvidas **serão respondidas**.*
– *João abusou de Maria. / Maria **foi abusada** por João.*

Os verbos *obedecer e desobedecer*, apesar de hoje serem transitivos indiretos, eram considerados transitivos diretos antigamente. Por esse motivo, muitos gramáticos registram que tais verbos podem figurar na voz passiva: *A ordem da mãe não **foi obedecida** pelo filho. / **Obedeceu-se** a ordem.*

Outra informação importante é que os verbos *assistir (= ajudar) e pagar/perdoar* (com complemento de coisa) podem ser passados para a voz passiva analítica normalmente, pois, nesses casos, eles são transitivos diretos:

– *O professor* ***continua assistindo*** *os alunos. / Os alunos* ***continuam sendo assistidos*** *pelo professor.*

– *Tomara que* ***tenham perdoado*** *toda a dívida. / Tomara que toda a dívida* ***tenha sido perdoada****.*

Mas a grande verdade é que a tradição da língua culta **NÃO** tolera que verbos transitivos indiretos sejam passados para a voz passiva. E é assim que 99% das bancas veem tal fato. Fique esperto!

Verbos com mais de uma regência sem mudança de sentido

Tais verbos costumam ser indistintamente transitivos diretos ou indiretos:

– *O rei* ***abdicou*** ***o trono****. / O rei* ***abdicou*** ***do trono****.*

– *A secretária* ***atendeu*** ***o telefone****. / A secretária* ***atendeu*** ***ao telefone****.*

– *A noite* ***antecede*** ***o amanhecer****. / A noite* ***antecede*** ***ao amanhecer****.*

– ***Acredito*** ***que Deus existe****. /* ***Acredito*** ***na existência de Deus****.*

> **Obs.**: Os verbos *acreditar, crer, pensar e sinônimos* (ao expressar uma opinião, um julgamento) são VTDs quando seu complemento é uma oração subordinada substantiva objetiva direta: ***Penso*** *(VTD) que devo estudar mais (OD).*

– *Na prova,* ***atente*** ***o que estiver diante de seus olhos****. / Na prova,* ***atente*** ***a/em/para*** ***o que estiver diante de seus olhos****.*

– ***Anseio/Almejo*** ***uma vida estável****. /* ***Anseio/Almejo*** ***por*** ***uma vida estável****.*

– *Durante uma semana, eu* ***cogitei*** ***aquela vingança****. / Durante uma semana, eu* ***cogitei*** ***naquela vingança****.*

– *Como o patrão* ***consente*** ***tantos erros****? / Como o patrão* ***consente*** ***em*** ***tantos erros****?*

– ***Declinou*** ***o cargo****. /* ***Declinou*** ***do cargo****.*

– ***Desfrutemos*** ***o bom da vida****! /* ***Desfrutemos*** ***do bom da vida****!*

Obs.: Os verbos *desfrutar* e *usufruir* são tradicionalmente vistos, inclusive em manuais de redação oficiais, como VTDs (complemento sem preposição), mas Celso Pedro Luft diz que **a variante regencial** *usufruir de,* **não faz mais que seguir o modelo da base verbal fruir: fruir as utilidades, fruir dos bens**. Isso porque o verbo *fruir*, em todas as suas acepções, pode ser usado como transitivo direto ou como transitivo indireto, regendo a preposição *de*. A alternância de regência não implica alteração do sentido do verbo. Em outras palavras, tais verbos podem ser encontrados como VTDs, sem preposição, ou como VTIs, regendo a preposição *de*, segundo Celso Pedro Luft. Francisco Fernandes já os vê como VTDs. Sobre isso, consulte: CONSULPLAN – PREF. PORTO VELHO/RO – ASSISTENTE ADMINISTRATIVO – 2012 – QUESTÃO 5 e).

– ***Desdenho*** ***tua sabedoria***. / ***Desdenho*** ***de tua sabedoria***.
– *"Na penumbra da noite* ***deparei um vulto estranho****."* (Cegalla) / *Na penumbra da noite* ***deparei*** ***com um vulto estranho***.

Obs.: Quem se depara se depara com algo ou alguém. Cuidado com essa regência junto a pronome relativo: *"A situação* ***que se depara*** *com frequência não o surpreende."* (incorreta) / *"A situação* ***com que se depara*** *com frequência não o surpreende."* (correta).

– *Ele* ***goza*** ***sua melhor forma***. / *Ele* ***goza*** ***de sua melhor forma***.
– *Não* ***necessitam/precisam*** ***defesa de ninguém***. (forma rara atualmente) / *Não* ***necessitam/precisam*** ***da defesa de ninguém***.
– *O nascimento do filho* ***obstou*** ***a viagem***. / *O nascimento do filho* ***obstou*** ***à viagem***.

Obs.: Tais regências são abonadas por Celso Pedro Luft e por Francisco Fernandes.

– *O trovão* ***precedeu*** ***o temporal****. / O trovão* ***precedeu*** ***ao temporal****.*
– *O padre* ***presidirá*** ***a cerimônia****. / O padre* ***presidirá*** ***à cerimônia****.*
– *O político, mais um,* ***renunciou*** ***o cargo****. O político* ***renunciou*** ***ao cargo****.*
– ***Satisfez*** ***sua necessidade****? /* ***Satisfez*** ***à sua necessidade****?*

Cuidado!!!

Alguns verbos transitivos diretos seguidos de preposição, segundo Bechara, "dão um colorido especial ao contexto". Lembra-se dos casos de objeto direto preposicionado? Então, lá há alguns verbos que fazem parte de expressões idiomáticas do português junto com seus complementos preposicionados. Exemplos:

– *Comi o bolo. / Comi* ***do*** *bolo.* (Apenas um pedaço do bolo – não ele todo – foi comido; a preposição neste caso tem um papel semântico indicando "partição".)

Na edição de junho de 2011 da revista *Piauí,* o professor Evanildo Bechara diz que "a função das preposições não é sintática, mas semântica. Pegar uma linha indicaria nada mais do que segurá-la. Mas pegar da linha implica que ela será utilizada". O erudito disse mais: "É impressionante como os bons autores aproveitam todas as faculdades da língua", comentou. No inglês, o fenômeno, conhecido como *two-word verbs*, é largamente utilizado. *Look* é "olhar". Acrescido da preposição *for*, quer dizer "procurar", *look for*. **Bechara explicou então que "cumprir o dever" é diferente de "cumprir com o dever", que exige sacrifício [zelo, esforço]**.

O mesmo se dá com *fazer*, que pode figurar como *"Fazer que..."* ou *"Fazer com que"*, em que a preposição apenas serve de ênfase ao objeto direto: *"Pouco conhecimento* **faz (com) que** *as pessoas se sintam orgulhosas."*. (Leonardo Da Vinci)

Verbos que normalmente mudam de sentido devido à regência

Para facilitar sua vida, apresentarei os verbos mais corriqueiros nos concursos. É óbvio que existem outros não tão populares assim em seu concurso... e, por isso mesmo, normalmente de fácil percepção quanto à regência. Caso você queira mais, recomendo a consulta ao *Dicionário Prático de Regência Verbal*, de Celso P. Luft, ou ao

Dicionário de Verbos e Regimes, de Francisco Fernandes, ou ainda ao *Dicionário de Regência Verbal*, de Antenor Nascentes. São as grandes referências no assunto.

Usarei algumas siglas: VI (verbo intransitivo), VTD (verbo transitivo direto), VTI (verbo transitivo indireto) e VTDI (verbo transitivo direto e indireto, ou bitransitivo). Suas respectivas preposições, quando houver, virão junto. Vamos lá!

Agradar

Acariciar, fazer carinho (VTD)

– *A mãe agradou seu filho no colo.*

Satisfazer, alegrar, contentar (VTI – a)

– *Este espetáculo sempre agrada* ***a****o público.*

Obs.: Não ortodoxamente, Luft diz que neste último caso, o verbo pode ser VTD: *Este espetáculo agradou-o.* Na hora da prova, analise todas as opções possíveis, ficando com a "melhor resposta".

Agradecer

VTD (complemento "coisa")

– *Alguns sem-teto agradeceram nosso auxílio.*

VTI (complemento "pessoa"; acompanhado ou não de adjunto adverbial de causa)

– *Devemos agradecer a Deus (quem crê, é claro) pelas bênçãos diárias.*

VTDI (OD ("coisa") / OI ("pessoa") – a)

– *Agradeceste-lhe (****a*** *ele) o elogio?*

Ajudar

Facilitar (VI)

– *Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda.* (dito popular)

Auxiliar (VTD)

– *Deus ajuda quem cedo madruga.* (dito popular)

Auxiliar (VTI – em)

– *Ele sempre ajuda* ***n****a reforma da Igreja.*

Auxiliar (VTDI (OD: "pessoa" / OI: "coisa" – em)

– *Os irmãos não se ajudam* ***em*** *nada.*

Obs.: Quando o OI tem como núcleo um verbo no infinitivo, Celso P. Luft diz que é iniciado pela preposição *a*, sendo desaconselhada na linguagem culta formal o uso de *lhe* na posição de objeto direto: *"Vou ajudar-**lhe a** **arrumar o quarto.**"* (regência desaconselhada) / *"Vou ajudá-**lo a** **arrumar o quarto.**"* (regência aconselhada). Já Francisco Fernandes diz que tanto faz. É a visão do Luft, porém, que prevaleceu na visão do Cespe/UnB, que ignorou o ensinamento de Francisco Fernandes: Cespe/UnB – ANATEL – TÉCNICO EM REGULAÇÃO – 2006 – QUESTÃO 11.

Apelar

Interpor recurso judicial à instância superior, recorrer (VTI – de)

– *O advogado apelou* ***d****a decisão.*

Pedir socorro/ajuda (VTI – a, para)

– *Aquela mulher feia teve de apelar* ***para*** *o santo casamenteiro.*

Aspirar

Respirar, inspirar, sugar (VTD)

– *Em regiões muito altas, é difícil aspirar o ar.*

Almejar, pretender alcançar (VTI – a)

– *Nunca mais aspirarei* ***a*** *amores impossíveis.*

Obs.: O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: *"Nunca mais aspirarei* ***a eles*** *(a amores impossíveis)."*.

Assistir

Morar, residir, habitar (VI – em)

– *Assisto* ***em*** *Copacabana há 15 anos.*

Obs.: Lembre-se de que *em Copacabana* não é um complemento para os gramáticos tradicionais, em outras palavras, não é um objeto indireto, mas sim um adjunto adverbial de lugar! Lembrando que este é um dos verbos que indicam moradia/estaticidade/permanência.

Ajudar, auxiliar, apoiar, prestar assistência (VTD (preferencialmente) ou VTI – a)

– *O professor assistia frequentemente a aluna com dificuldade.*

– *O professor assistia-lhe (**a** ela) frequentemente.*

Ver (e ouvir), presenciar, observar (VTI – a)

– *Quando namorávamos, assistíamos **a** vários shows.*

Obs.: O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo, nesta acepção. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: *"Quando namorávamos, assistíamos **a eles** (a vários shows)."*.

Ser da competência de, caber, competir (VTI – a)

– *Não lhe (**a** você) assiste dizer se isto é certo ou errado.*

Atender

Veja uma questão da Esaf que elucida tudo sobre a regência deste verbo:

(Esaf – IRB – Analista de Sistemas – 2004)

– Identifique a letra em que uma das frases apresenta erro de regência verbal.

a) Atender uma explicação. / Atender a um conselho.

b) O diretor atendeu aos interessados. / O diretor atendeu-os no que foi possível.

c) Atender às condições do mercado. / Os requerentes foram atendidos pelo juiz.

d) Atender o telefone. / Atender ao telefone.

e) Ninguém atendeu para os primeiros sintomas da doença. / Ninguém se atendeu aos primeiros alarmes de incêndio.

GABARITO: E. Esta questão trata de todas as acepções do verbo **atender**. A maior parte das frases da questão foi retirada do livro de regência de Celso Pedro Luft (lembra que eu falei dele?!). Vamos lá...

a) O verbo será VTD ou VTI no sentido de *dar ou prestar atenção*.

b) No sentido de *servir*, *acolher*, *deferir*, *tomar em consideração*, é VTD ou VTI. Se o complemento deste verbo for um pronome oblíquo átono, só serão aceitas as formas diretas "o, a, os, as (e variações)".

c) VTD ou VTI no sentido de *tomar em consideração*, *considerar*, *levar em conta*, *ter em vista*, *deferir*. Por ser também VTD, a voz passiva analítica é adequada: *foram atendidos*.

d) VTD ou VTI no sentido de *escutar e responder (ao telefone)*.

e) no sentido de *atentar*, *reparar*, é VTI, podendo reger as preposições *a*, *em*, *para*: 1ª frase da opção E; mas... há uma forma incorreta, que é: "*Ninguém se atendeu aos primeiros alarmes de incêndio*". Neste sentido, não há como o verbo *atender* ser pronominal (com partícula integrante 'se'). Deveria ser: "Ninguém *atendeu aos (para os ou nos)* primeiros alarmes de incêndio".

Luft ainda fala que, no sentido de *conceder audiência a*, é VTD: *O Papa atenderá os peregrinos*.

Chamar

Convocar, convidar (VTD)

– *O técnico brasileiro chamou o novo talento para a seleção.*

Invocar para auxílio ou proteção, normalmente apelando (VTD ou VTI (por))

– *Chamaram (**por**) Jeová quando em extrema dificuldade.*

Classificar, qualificar, nomear (VTD ou VTI – a)

– *Chamei o professor (de) inteligente. / Chamei-o (de) inteligente.*

– *Chamei **a**o professor (de) inteligente / Chamei-lhe (de) inteligente.*

Obs.: A preposição *de* é facultativa em *de inteligente*, que é um predicativo do objeto. Relembrando: o verbo **transobjetivo** é aquele que exige um complemento (OD ou OI) + um predicativo do objeto.

Chegar

Tradicionalmente VI (vem acompanhado de adjunto adverbial de lugar, iniciado sempre pela preposição **a**, nunca por **em**)

– *Nosso time nunca chegou **a** uma posição decente na tabela.*

Obs.: O mesmo vale para outros verbos que indicam deslocamento, como *ir*: *Quem vai... vai **a** algum lugar*. Detalhe: "Quando alguém vai **para** algum lugar" significa *ir* e *se demorar* (ou *ir* e *ficar*). O Luft entende que tais verbos (*ir* e *chegar*, por exemplo) podem se classificados como transitivos indiretos. Veja isto: FCC – DPE/SP – AGENTE DE DEFENSORIA PÚBLICA – 2013 – QUESTÃO 9.

Conferir

Examinar (VTD)

– *Conferimos a redação do candidato, a qual estava excelente.*

Atribuir, imprimir certa característica (VTDI – a)

– *O júri conferiu prêmios **a**os melhores concorrentes.*

– *Os pormenores conferiam verossimilhança **à** história.*

Estar de acordo (VI ou VTI – com)

– *O laudo confere.*

– *A descrição do suspeito não confere **com** o depoimento da testemunha.*

Constar

Ser composto de, consistir em, conter; estar incluído (VTI – de)

– *A epopeia consta **de** dez cantos.*

Estar incluso (VTI – de/em)

– *Este consta **d**a/**n**a antologia do poeta Drummond.*

Ser sabido (VTI (a) – o sujeito da frase é normalmente uma oração)

– *Não me (**a** mim) constava que ela passou na prova.*

Custar

Indicando preço, valor (VI; acompanhado de adjunto adverbial de preço)

– *Nosso carro custou duzentos mil reais.*

Obs.: Francisco Fernandes (e o próprio Luft, em OBS) diz que é VTD, em que *duzentos mil reais* seria um OD.

Demorar (VI)

– *Custaram, mas chegaram, enfim.*

Causar, provocar, acarretar, resultar (VTDI – a)

– *A arrogância pode custar-lhe (**a** ele) o emprego.*

Ser custoso, difícil (VTI – a)

– *Nós custamos a aprender Português* (construção coloquial)

– *Custou-nos(a) aprender Português* (construção culta)

Obs.: Lê-se a última frase assim: *"Aprender Português (sujeito) custou (foi custoso, difícil) **a** nós (objeto indireto).*". Ainda sobre a última frase: a preposição antes do infinitivo é expletiva, não alterando a análise sintática da oração. Sobre esta última regência, consulte: FUNRIO – MPOG – Analista ADMINISTRATIVO – 2009 – QUESTÃO 4.

Dar

Tornar-se (VL)

– *O ex-atleta deu um bom empresário.*

Bastar (VI)

– *Esse dinheiro não dá.*

Registrar, emitir, informar... (VTD)

– *A mídia deu a notícia ontem.*

Bater, topar... (VTI – com)

– *O homem deu com o joelho na escada rolante.*

Entregar, ceder... (VTDI – a/para/em)

– *A mãe deu **à** luz um filho lindo.*

– *Só dou conselhos bons **para** ele porque desejo que ele seja um bom filho.*

– *A mão lhe (**n**ele) deu muitas bofetadas ao longo da vida.*

Obs.: Sobre "dar-se o trabalho" e "dar-se ao trabalho", ambas as expressões estão certas. Analisa-se assim a primeira expressão: *dar-se (OI) o trabalho (OD).* E a segunda, assim: *dar-se (OD) ao trabalho (OI).*

Desculpar

VTD

– *Eu o desculpo e desculpo o erro de seus irmãos, mas esta é a última vez.*

VTDI (de/a)

– *Peço que a desculpe* ***d****essas falhas.*

– *Peço que lhe (****a*** *ela) desculpe essas falhas.*

Obs.: No sentido de *justificar-se*, rege a preposição *com*: *Não se desculpe com esses argumentos fracos, pois de nada valem.*

Ensinar

VTD

– *Só devemos ensinar o essencial.*

VTDI (ensina-se algo **a** alguém ou alguém **a** algo – verbo no infinitivo)

– *Estou ensinando regência* ***a*** *você.*

– *Estou ensinando-o* ***a*** *entender regência.*

Obs.: Sobre a última frase, mesmo que não preferencial, ainda há a seguinte possibilidade: *Estou ensinando-lhe a entender regência.* A preposição *a* antes do infinitivo é expletiva e *entender regência* é OD.

Esquecer / Lembrar

VTD (quando não pronominais)

– *O aluno esqueceu a informação da aula anterior.*

– *O aluno lembrou a informação da aula anterior.*

Obs.: No sentido de "ser semelhante" também é VTD: *O filho lembra muito o pai.*

VTI (quando pronominais (de); o *se* é uma parte integrante do verbo)

– *O aluno esqueceu-se/lembrou-se* ***d****a informação anterior.*

Obs.: Alguns gramáticos, como Cegalla e o próprio Luft, consideram que, quando o complemento for uma oração subordinada substantiva objetiva indireta, a preposição pode ficar implícita: *O aluno se esqueceu/se lembrou (de) que tinha de estudar mais.*

VTI (a)

– *Esqueceu-me/Lembrou-me a informação anterior.*

Obs.: Neste caso, "a informação anterior" é a coisa esquecida ou lembrada (analisada como sujeito). O verbo é transitivo indireto regendo a preposição **a** (**a** mim). O *me* é o objeto indireto. Ou seja, a frase é entendida assim: *A informação anterior caiu no meu esquecimento (ou veio à minha lembrança).* Atualmente, encontramos este tipo de construção muito raramente no Brasil!

VTDI (só o lembrar – de/a)

– *O professor lembrou o aluno* ***d****a informação.*

– *O professor lembrou a informação* ***a****o aluno.*

Fugir

Retirar-se (VI)

– *Fugiram para longe sem deixar rastros.*

Distanciar-se, evitar (VTI (de/a); usa-se *a*, principalmente com substantivo abstrato)

– *O aluno fugiu* ***d****o/****a****o tema.*

– *Na coletiva de imprensa, o jogador fugiu* ***à*** *questão.*

Escapar (VTI – de)

– *O presidiário fugiu* ***d****os guardas e, em seguida,* ***d****a penitenciária.*

– *As palavras lhe (****d****ele) fugiam, sempre que ficava diante de seu amor.*

Haver

Comportar-se, proceder (VI; pronominal)

– *As minhas meninas sempre se houvem bem na casa das tias.*

Existir, ocorrer, fazer (indicando tempo decorrido), ter, considerar (VTD)

– *A convicção de que não havia riscos, fez o homem pular de paraquedas. (existir)*

– *Há de haver soluções emergenciais! (existir)*

– *Vai haver uma festa surpresa daqui a pouco. (ocorrer)*

– *Houve inúmeros encontros hoje na convenção. (ocorrer)*

– *Ninguém aparecia na reunião havia meses. (fazer)*

– *Há dias que não durmo bem. (fazer)*

– *Senhor, haja piedade delas! (ter)*

– *Se houvesse coragem, homem, não teria sido ridicularizado. (ter)*

– *Haviam-no por sábio. (considerar)*

– *Os diretores houveram por bem antecipar o anúncio das novas diretrizes. (considerar)*

Obs.: Nas duas últimas frases, o verbo haver é transobjetivo, ou seja, exige um objeto direto e um predicativo do objeto, normalmente iniciado pela preposição essencial *por* ou acidental *como*. Logo, *por sábio* e *por bem* são predicativos do objeto.

Avir-se, prestar contas, tratar (VTI – com)

– *Caso trame intrigas, certamente se haverá* ***com****igo e* ***com*** *a justiça.*

Obter (VTDI)

– *Os sem-terra houveram essas terras de quem?*

Implicar

Zombar, troçar, provocar rixa, amolar, hostilizar (VTI – com)

– *O pai vive implicando* ***com*** *o filho.*

Envolver (alguém ou a si mesmo), comprometer (VTDI – em)

– *O policial se implicou* ***na*** *conspiração.* (este *se* é reflexivo)

Acarretar, produzir como consequência (VTD)

– *Segundo uma das leis de Newton, toda ação implica uma reação de igual ou maior intensidade, na mesma direção e em sentido contrário.*

Obs.: No entanto, por analogia com três verbos de significação semelhante, mas de regência indireta (*resultar* ***em****, redundar* ***em****, importar* ***em***), o verbo *implicar,* nessa última acepção, passou a ser usado com a preposição *em,* como VTI. Luft registra assim: "TI: implicar **em** algo", com a observação de que essa regência é um brasileirismo já consagrado e "admitido até pela gramática normativa". As bancas Esaf e Fundação Don Cintra já aceitam tal regência.

Importar

Trazer para dentro (VI, VTD)

– *Quem importa e exporta hoje em dia se sai bem no mundo globalizado.*

– *Por que só se importam eletrônicos?*

Obs.: Exemplos do Luft, com o sentido de *resultar* [VTD, VTI (em) ou VTDI (a/para)]: *Todo novo governo importa (em) mudanças. / As enchentes importaram grande prejuízo* ***ao/para*** *o Estado.* Com o sentido de "atingir certo custo", recomenda-se que o verbo seja VTI (em): *A reforma do estádio importou* ***em*** *1 milhão e meio de dólares.*

Desprezar, ignorar (VTI (com/em/de); pronominal)

– *Ninguém se importa* ***com*** *os oceanos, estes, sim, os verdadeiros pulmões da Terra.*

Obs.: São frequentes os objetos indiretos oracionais precedidos das preposições *de* e *em*: *Não me importo* ***em/de*** *ser criticado por você, pois sua opinião é irrelevante.*

Ser importante (VI ou VTI – a)

– *De tudo o que sabemos, importa que a vida é curta e deve ser aproveitada.*

– *Pouco me (****a*** *mim) importa se Deus vai julgar-me ou não, quero é fazer o bem.*

Obs.: As orações *que a vida é curta e deve ser aproveitada* e *se Deus vai julgar-me ou não* são sujeitos do verbo *importar.*

Informar

Tanto ***informar*** quanto ***avisar, aconselhar, anunciar, advertir, alertar, certificar, cientificar, dizer, comunicar, informar, impedir, incumbir, noticiar, notificar, prevenir, proibir*** são VTDIs, normalmente, admitindo duas possíveis construções:

Informar algo a alguém.

ou

Informar alguém de algo.

– *Advertimos* ***a****os tripulantes (OI) que não nos responsabilizamos por furtos ou roubos (OD).*

– *Advertimos os tripulantes (OD)* ***de*** *que não nos responsabilizamos por furtos ou roubos (OI).*

Obs.: Pode-se usar *sobre, acerca de e a respeito de* no lugar da preposição *de.* **Dica de amigo:** vale muito a pena consultar o Luft sobre cada um desses verbos, pois há certa preferência quanto a uma das duas regências

apresentadas. Além disso, saiba que tais verbos podem ser apenas VTDs: *Não podemos criticar jornais que informam a verdade dos fatos.*

Namorar

VTD

– *Namoro Maria há cinco anos.* (registro culto)

– *Namoro* ***com*** *Maria há cinco anos.* (registro coloquial)

Obs.: A gramática tradicional não abona a regência "namorar com". Na contramão, e por analogia com *casar* (com) e *noivar* (com), Luft (bem como meia-dúzia de dois ou três) abona o uso deste verbo como VTI (com). Encontrei uma questão sobre esse verbo, que ficou com a visão tradicional (sem preposição): COPESE – UFPI – CONSULTOR TÉCNICO ESPECIALIZADO – 2012 – QUESTÃO 7. Mesmo assim consulte a regência de *casar* e *noivar*. Valerá a pena!

Obedecer / Desobedecer

VTI (a)

– *Como filhos, devemos obedecer* ***a*** *nossos pais.*

– *Meu pai,* ***a****o qual vivia desobedecendo, era um homem superamoroso.*

Obs.: Segundo alguns gramáticos, como Cegalla, a voz passiva é permitida com tais verbos.

Pagar / Perdoar

VTD quando o complemento é coisa. VTI (**a**) quando o complemento é pessoa (física ou jurídica). VTDI quando um complemento é coisa (OD) e o outro é pessoa (OI).

– *Perdoei o erro. / Paguei a dívida.*

– *Perdoei* ***a*** *meu pai. / Paguei* ***a****o banco.*

– *Perdoei-lhe (****a*** *ele) a dívida. / Paguei-lhe (****a*** *ele) a dívida.*

Obs.: Tais verbos acompanhados de partícula *se* (apassivadora ou indeterminadora do sujeito) podem atrapalhar sua vida. Veja estes exemplos de partícula apassivadora: *Pagaram-se as dívidas, enfim.* (e não: *Pagaram-se às dívidas.*) / *O homem a que se deviam pagar as dívidas ficou satisfeito.* (e não: *O homem que se deviam pagar as dívidas ficou satisfeito.*). Agora com partícula de indeterminação do sujeito: *Pagou-se ao homem pela manhã.* (e não: *Pagou-se o homem pela manhã.*) / *O homem a que se pagou pela manhã ficou satisfeito.* (e não: *O homem que se pagou pela manhã ficou satisfeito.*).

Pedir / Dizer

Ignorando as regências mais óbvias de tais verbos (VTD ou VTDI), vamos a um *déjà vu*:

Em *"**Pedi** (Disse) para que ela não largasse o emprego."*, segundo a tradição gramatical, há um erro: o uso da preposição *para* após o verbo da oração principal (*pedir* ou *dizer*). O certo é: *"Pedi (Disse) que ela não largasse o emprego."*. O único caso em que a norma culta abona tal preposição é quando se explicita ou se *subentende a palavra licença, permissão, vênia etc.: "Ela pediu [licença]* <u>para que passasse</u>*". A oração sublinhada é completiva nominal.*

Perceber

Notar, receber (linguagem jurídica) (VTD)

– *Percebeu que algo estava errado àquela hora da manhã.*

– *Percebia um bom ordenado pois era exemplar no trabalho.*

Precisar

Indicando precisão (VTD)

– *Não conseguiram precisar a data em que o fato ocorreu.*

Necessitar (VTI)

– *Os cidadãos brasileiros precisam de visto para entrar na Espanha?*

Pisar

Segundo José Maria da Costa, baseando sua pesquisa em Francisco Fernandes e em Celso P. Luft:

I) "*Pisar* ***a*** *grama*" (correto);
II) "*Pisar* ***na*** *grama*" (correto);
III) "*Pisar* ***sobre*** *a grama*" (correto);
IV) "*Pisar* ***em cima*** *da grama*" (correto);
V) "*Pisar* ***por cima da*** *grama*" (correto);
VI) "*Pisar* ***à*** *grama*" (errado).

Obs.: Em coisas pequenas, prefere-se *pisar* como VTD: *Pisei muitas uvas no lagar.* Alguns gramáticos, como Sacconi, dizem que pisar na grama é regência incorreta e que a única forma correta é pisar a grama. Polêmicas...

Preferir

Muitos constroem erradamente a regência deste verbo assim: *"Prefiro muito mais Português do que Matemática."* ou *"Prefiro muito mais Português a Matemática."* ou *"Prefiro antes Português a Matemática"*. No entanto, estas não são formas cultas.

Veja a única regência adequada:

– *Prefiro Língua Portuguesa* ***a*** *Matemática.*

Pode ser só VTD

– *Entre Português e Matemática, prefiro Português.*

Obs.: Por causa do paralelismo sintático, não ocorre crase no exemplo *Prefiro Língua Portuguesa* ***a*** *Matemática.* "Por quê?" Simples: se não há determinante (artigo, pronome...) antes do objeto direto, não haverá igualmente antes do objeto indireto (por isso não há crase antes de Matemática). No entanto, se houver determinante antes do OD, haverá crase no OI: *Prefiro a Língua Portuguesa à Matemática.* Foi?

Já com o verbo *querer*... constrói-se: *"Antes quero morrer do que ser escravizado."*. E não: "Antes quero morrer a ser escravizado.".

Proceder

Ter fundamento, cabimento; portar-se, comportar-se; originar-se (de) (VI)

– *Seus argumentos não procedem agora.*

– *Meu professor procede com elegância em sala de aula.*

– *Os brinquedos da Uruguaiana procedem* ***d****a China ou Taiwan.*

Obs.: As expressões *com elegância* e *da China ou Taiwan* são adjuntos adverbiais de modo e lugar, respectivamente; isso é praxe quando o verbo *proceder* tem essas acepções!

Suceder, realizar, executar, iniciar (VTI – **a**)

– *O juiz deseja proceder* ***a****o julgamento.*

– *Procedeu-se* ***à*** *apuração dos votos para saber qual foi a escola de samba campeã.*

Obs.: O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: "O juiz deseja proceder *a ele* (ao julgamento).".

Querer

Desejar possuir (VTD)

– *O Brasil quer o "status" de país de primeiro mundo.*

Estimar, amar (VTI – **a**)

– *Eu lhe (****a*** *ela) quero como a uma irmã.*

Responder

Falar, declarar (VTD)

– *Ele sempre responde que vai passar na prova.*

Dar resposta a uma pergunta (VTI – a)

– *Fique tranquila, pois ele vai responder* ***a****os e-mails enviados.*

Dar uma resposta a alguém (VTDI – a)

– *Respondeu-lhe (****a*** *ela) todas as indagações.*

Servir

Conforme o dicionário *Houaiss* ou o *Aurélio*, ***servir*** (= "trabalhar como servo", "fazer de criado", "prestar serviços ou trabalhar como empregado") pode ser intransitivo, transitivo direto ou transitivo indireto (a).

– *O militar estava ali para servir.*

– *O militar serve no Exército Brasileiro.*

– *O militar servia a Pátria com todo o carinho.*

– *O militar servia* ***à*** *Pátria há anos.*

Levar, ministrando, algo a alguém (VTDI – a)

– *O garçom serviu lagosta* ***a****o cliente.*

Não ser útil, não prestar (VTI – a)

– *Esta roupa não me (****a*** *mim) serve mais.*

Simpatizar / Antipatizar

VTI (com)

– *Simpatizo/Antipatizo* ***com*** *o atual governador do Rio de Janeiro.*

Obs.: Não existe *simpatizar-se, antipatizar-se.* Não são verbos pronominais!

Suceder

Acontecer (VI) – normalmente o sujeito vem em forma de oração

– *Sucede que os mestres Celso Pedro Luft e Francisco Fernandes são extraordinários.*

Substituir (VTI – **a**)

– *Estou prestes a suceder* ***a****o presidente da empresa.*

Obs.: Segundo Francisco Fernandes, no último caso, o verbo pode ser VTD: *Estou prestes a* ***suceder*** *o presidente da empresa.* Celso P. Luft também

registra essa possibilidade, no entanto sublinha que, linguisticamente, não é a regência moderna.

Torcer

Distorcer, entortar (VTD)

– *Pare de torcer minhas palavras! Eu falo sério!*

– *O vento torceu o galho da árvore.*

Simpatizar com time ou clube, desejar sucesso (VTI – por/para)

– *Minha família torce **para/pel**o Flamengo desde o início do século passado.*

– *Torço **por/para** que você se recupere logo e, para a nossa alegria, volte a jogar.*

Obs.: O gramático Sacconi admite apenas a preposição *por* nestas últimas frases.

Visar

Mirar, fitar, apontar; pôr visto em (VTD)

– *O soldado visou o peito do inimigo.*

– *O inspetor federal visou todos os diplomas.*

Almejar, pretender, objetivar, ter como fim (VTI – a)

– *Este trabalho visa **a**o bem-estar geral.*

Cuidado!!!

1) Manoel Pinto Ribeiro, Cegalla, Francisco Fernandes, Celso Pedro Luft, Antenor Nascentes, Rocha Lima, Artur de Almeida Torres, Cândido Jucá Filho, Arnaldo Niskier etc. registram este último caso como VTD: *Este trabalho visa o bem-estar geral.* Como VTI, a omissão da preposição ocorre principalmente antes de infinitivo, mas neste caso se analisa também como VTD: *Este trabalho visa (a) resolver muitas dúvidas dos alunos.* Corroborando isso, consulte: Cespe/UnB – CÂMARA DOS DEPUTADOS – Analista LEGISLATIVA – 2012 – QUESTÃO 87.

2) O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo, nesta última acepção. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: "Este trabalho visa *a ele* (ao bem-estar geral).".

Dever de Casa (Não chore!)

Se você já tiver o dicionário de regência verbal do Celso P. Luft, fará bem em analisar os seguintes verbos (e suas observações):

abençoar, abicar, aborrecer, abraçar, abundar, aceitar, acertar, aclimatar, acometer, aconselhar, acordar, acostumar, acrescentar, açucarar, acusar, admirar, admoestar, adorar, advertir, agilizar, agradar, agradecer, aguardar, aguentar, ajudar, amar, ameaçar, amigar, ansiar, anteceder, apostar, aprazer, aprender, arrancar, arrasar, arrendar, arrenegar, arrepender, arrostar, arvorar, aspirar, assentir, assistir, associar, atender, aterrizar, atingir, atirar, atravessar, autorizar, avisar, bastar, bater, beijar, bem-querer, blasfemar, caber, cabrestear, calar, calhar, carecer, carregar, cavoucar, certificar, chamar, chegar, chorar, cientificar, clamar, cobrar, cogitar, combater, começar, comer, comover, compadecer, comparecer, comportar, comprar, comprazer, concordar, condenar, condizer, confessar, confiar, configurar, congratular, conscientizar, considerar, consistir, constar, constatar, constipar, constituir, contagiar, contar, contentar, contestar, continuar, convencer, conversar, convir, corar, correr, cumprir, curiosar, custar, dar, dedignar, deixar, denegrir, deparar, derrogar, desagradar, desaguar, desejar, desfazer, desobedecer, destrinçar, determinar, dever, dignar-se, dilapidar, dirigir, disparar, dispor, distar, dizer, doer, durar, duvidar, edificar, empurrar, encarar, encarregar, encontrar, enfrentar, engajar, engatar, engazopar, enlaçar, ensinar, entrar, enxergar, escapar, escrupulizar, esforçar, esmolar, esperar, espocar, esquecer, esquivar, estabelecer, estalar, estimar, estremecer, evitar, exceder, exercer, exercitar, falar, faltar, fanar, fazer, filiar, fingir, fugir, ganhar, gostar, gozar, haver, hesitar, igualar, impedir, implicar, implorar, inaugurar, incomodar, incorporar, incorrer, incumbir, indagar, indenizar, influenciar, informar, infundir, insistir, instar, instruir, interessar, ir, juntar, jurar, lecionar, lembrar, ligar, liquidar, mandar, mirar, moer, montar, morar, murmurar, namorar, noticiar, nutrir, obedecer, obstar, obviar, olhar,omitir, opinar, optar, ordenar, ousar, ouvir, parar, parecer, participar, passar, pedinchar, pedir, pegar, penetrar, perdoar, pesar, petiscar, pisar, poder, pôr, portar, prantear, prazer, preceder, precisar, predeterminar, predispor, preestabelecer, preexistir, preferir, prefixar, pregar, prejudicar, prejulgar, premer, prescindir, presidir, prevenir, proceder, procurar, professar, proibir, prometer, propor, propugnar, provar, puxar, quedar, querer,

recear, reclinar, reduzir, refletir, renunciar, repartir, repugnar, resfriar, residir, resistir, resolver, responder, resultar, rir, rivalizar, rogar, romper, sacar, sair, satisfazer, sentar, sentir, ser, servir, simpatizar, sobrepujar, sobressair, soer, somar, sorrir, subir, sub-rogar, suceder, tardar, temer, ter, tomar, torcer, traduzir, traficar, tratar, travar, trepidar, ulular, unir, usufruir, velar, velejar, ver, verter, vetar, vigiar, vingar, vir, visar, voltar, xeretear, zelar

Regência Nominal

Como já dito, alguns nomes (substantivos, adjetivos e advérbios) exigem complementos preposicionados – exceto quando vêm em forma de pronome oblíquo átono. É importante que você estude novamente *Complemento Nominal*, em *Termos Integrantes da Oração.*

Pontos Importantíssimos!

1) Advérbios terminados em -*mente*

Os advérbios derivados de adjetivos seguem, normalmente, a regência dos adjetivos:

análoga/analogamente ***a****; contrária/contrariamente* ***a****; compatível/compativelmente* ***com****; diferente/diferentemente* ***de****; favorável/favoravelmente* ***a****; paralela/paralelamente* ***a****; próxima/proximamente* ***a/de****; relativa/relativamente* ***a*** *(...)*

2) Preposições e prefixos verbais

Alguns nomes regem preposições semelhantes a seus "prefixos": *dependente, dependência de, inclusão, inserção em, inerente em/a, descrente de/em, desiludido de/com, desesperançado de, desapego de/a, convívio com, convivência com, demissão, demitido de, encerrado em, enfiado em, imersão, imergido, imerso em, instalação, instalado em, interessado, interesse em, intercalação, intercalado entre, supremacia sobre* etc.

Veja agora uma "pequena" lista de nomes e suas regências, em ordem alfabética. Não entre na neurose de sair gravando tudo. É que nem academia de musculação... um pouquinho todo dia. Familiarize-se aos poucos (adquira um dicionário de regência nominal!):

A

abrigado de; aceito a; acessível a; acostumado a, com; adaptado a, de, para; adequado a; admiração a, por; afável com, para com; afeição a, por; afeiçoado a, por; aflito com, para,

por; agradável a, de, para; alheio a, de; aliado a, com; alienado de; alternativa a, para; alusão a; amante de; ambicioso de; amigo de; amizade a, com, por; amor a, por; amoroso com, para com; analogia com, entre; análogo a; ansioso de, para, por; anterior a; antipatia a, contra, por; apaixonado de, por; aparentado com; apto a, para; atencioso com, para, para com; atentado a, contra; atentatório a, de; atento a, em; atinar com; avaro de; aversão a, para, por; avesso a; ávido de, por

B

bacharel em; baseado em, sobre; bastante a, para; bem em, de; benéfico a; benevolência com, em, para, para com; benquisto a, de, por, com; boato de, sobre; bom de, para, para com; bordado a, com, de; briga com, entre, por; brinde a; busca a, de, por

C

capacidade de, para; capaz de, para; caritativo com, de, para com; caro a; cego a; certo(eza) de; cessão de... a; cheio de; cheiro a, de; circunvizinho de; cobiçoso de; coerente com; coetâneo de; comemorativo de; compaixão de, para com, por; compatível com; compreensível a; comum a, de; conceito de, sobre; condizente com; confiante em; conforme a, com; consciente de; cônscio de; constante de, em; constituído com, de, por; contemporâneo a, de; contente com, de, por, em; contíguo a; contraditório com; contrário a; convênio entre; cruel com, para, para com; cuidadoso com; cúmplice em; curioso a, de, para, por

D

dedicado a; depressivo de; deputado a, por; desagradável a; desatento a; descontente com; desejoso de; desfavorável a; desgostoso com, de; desleal a; desprezo a, se, por; desrespeito a, contra; dever de; devoção a, para com, por; devoto a, de; diferente de; difícil de; digno de; diligente em, para; direito a, contra, de, em, para, sobre; disposto a; dissemelhante de; ditoso com; diverso de; doce a; dócil a, para com; doente de; domiciliado em; dotado de; doutor em; duro de; dúvida acerca de, de, em, sobre

E

embaraçoso a, para; empenho de, em, por; êmulo de; encarregado de; entendido em,; envio de... a; estendido a, de... a, até, em, para, sobre; equivalente a; eriçado de; erudito em; escasso de; essencial a, em, para; estéril de; estranho a; estreito de, para; estropiado de; exato em

F

fácil a, de, em, para; falha em; falho de, em; falta a, contra, de, para com; falto de; fanático por; farto em; favorável a; fecundo em; feliz com, de, em, por; fértil de, em; fiel a; firme em; forte de, em; fraco de, em, para com; franco de, em, para com; frouxo de; fundado em, sobre; furioso com, de

G

generoso com; gordo de; gosto por; gostoso a; grande de; gratidão a, por, para com; gravoso a; grosso de; guerra a, com, contra, entre

H

hábil em, para; habilidade de, em, para; habilitado a, em, para; habituado a; harmonia com, entre; hino a; homenagem a; hora de, para; horror a; horrorizado com, de, por, sobre; hostil a, com, contra, em, para com

I

ida a; idêntico a; idôneo a, para; imbuído de, em; imediato a; impaciência com; impaciente com; impedimento a, para; impenetrável a; impossibilidade de; impossível de; impotente contra, para; impróprio para; imune a, de; inábil para; inacessível a; inapto a, para; incansável em; incapaz de, para; incerto de, em; incessante em; inclinação a, para, por; incompatível com; incompreensível a; inconsequente com; inconstante em; incrível a, para; indébito a; indeciso em; independente de, em; indiferente a; indigno de; indócil a; indulgente com, para com; inepto para; inerente a, em; inexorável a; infatigável em; inferior a, de; infiel a; inflexível a; influência sobre; ingrato com, para com; inimigo de; inocente de; insaciável de; insensível a; inseparável de; insípido a; interesse em, por; intermédio a; intolerância a, contra, em, para, para com; intolerante com, para com; inútil a, para; investimento de, em; isento de

J

jeito de, para; jeitoso para; jogo com, contra, entre; jubilado em; juízo sobre; julgamento de, sobre; junto a, de; juramento a, de; justificativa de, para

L

leal a, em, com, para, para com; lembrança de; lento em; levante contra; liberal com; lícito a; ligeiro de; limitado a, com, de, em; limpo de; livre de; louco de, com, para, por

M

maior de, entre; manco de; manifestação a favor de, contra, de; manso de; mau com, para, para com; mediano de, em; medo a, de; menor de; misericordioso com, para, para com; molesto a; morador em; moroso de, em

N

nascido de, em, para; natural de; necessário a, para; necessitado de; negligente em; negociado com; nivelado a, com, por; nobre de, em, por; noção de, sobre; nocivo a; nojo a, de; notável em, por; núpcias com; nutrido com, de, em, por

O

obediente a; oblíquo a; obrigação de; obsequioso com; ódio a, contra, de, para com; odioso a, para; ofuscado com, de, por; ojeriza a, contra, por; oneroso a; oposto a; orgulhoso com, de, para com; originado de, em

P

paixão por; pálido de; paralelo a; parco de, em; parecido a, com; pasmado de; passível de; peculiar a; pendente de; penetrado de; perito em; permissivo a; pernicioso a; perpendicular a; pertinaz em; pesado a; pesar a, de; piedade com, de, para, por; pobre de; poderoso para, em; possível de; possuído de; posterior a; prático em; preferível a; prejudicial a; preocupação com, de, em, para, para com, por, sobre; preocupado com, de, em, para com, por, prestes a, para; presto a, para; primeiro a, de, dentre, em; pródigo de, em; proeminência de, sobre; pronto a, em, para; propenso a, para; propício a; propínquo de; proporcionado a, com; próprio de, para; protesto a, contra, de; proveitoso a; próximo a, de

Q

qualificado de, para, por; queimado de, por; queixa a, contra, de, sobre; querido de, por; questionado sobre; quite com, de

R

reanimado a, para; rebelde a; relacionado com; relativo a; rente a, com, de; residente em; respeito a, com, de, para, para com, por; responsável por; rico de, em; rígido de; rijo de, rumo a, para

S

sábio em; são de; satisfeito com, de, em, por; saudade de, por; seco de; sedento de, por; seguido a, de, por; seguro de, em; semelhante a; senador por; sensível a; serviço em; severo com, em, para com; simpatia a, para com, por; sito em (sito a é próprio da linguagem tabelioa); situado a, em, entre; soberbo com, de; sóbrio de, em; sofrido em; solícito com; solidário com; solto de; sujo de; superior a; surdo a, de; suspeito a, de

T

tachado de; talentoso em, para; tardo a, em; tarjado de; tédio a, de, por; temente a, de; temerário em; temeroso de; temido de, por; temível a; temperado com, de, em, por; tenaz em; tendência a, de, para; teoria de, sobre; terminado em, por; terno de; terror de, por, sobre; testemunha de; tinto de, em; tolo de, em; traidor a, de; transido de; transversal a; trespassado de; triste com, de

U

último a, de, em; ultraje a; unânime em; união a, com, entre; único a, em, entre, sobre; unido a, a favor de, contra, entre; unificado em; urgente a, para; useiro em; útil a, para; utilidade em, para; utilizado em, para

V

vacina contra; vaga de, para; vaia a, contra, em; vaidade de, em; vaidoso de; valioso a, para; valor em, para; vantagem a, de, em, para, sobre; vantajoso a, para; vassalagem a; vazado em; vazio de; vedado a; veleidade de; venda a, de, para; vendido a; veneração a, de, para com, por; verdade sobre; vereador a, por; vergonha de, para; versado em; versão para, sobre; vestido com, de, em; veterano em; vexado com, de, por; viciado em; vidrado em; vinculado a, com, entre; visível a; vital a, para; viúvo de; vizinhança com, de; vizinho a, com, de; vocação a, de, para; voltado a, contra, para, sobre; vontade de, para; vulnerável a

X

xeque a; xingado com, de; xodó com

Z

zangado com, por; zelo a, com, de, para com, por; zeloso com, para com; zombaria com; zonzo com, de

Ufa³!!! Acabou... Acabou nada... Exercícios!

O Que Cai Mais na Prova?

Estude tudo! Tudo é importante. Das duas, a regência **verbal** é a mais cobrada. Atenção redobrada na preposição (exigida pelo verbo ou nome da oração adjetiva) antes do pronome relativo! Isso também é importante ressaltar. É hora do "vamos ver"!

Questões de Concursos

1. (FCC – TRE/MG – Técnico Judiciário – 2005) As liberdades ..... se refere o autor dizem respeito a direitos ..... se ocupa a nossa Constituição. Preenchem de modo correto as lacunas da frase acima, na ordem dada, as expressões:

a) a que – de que;
b) de que – com que;
c) a cujas – de cujos;
d) à que – em que;
e) em que – aos quais.

2. (Esaf – ANEEL – Técnico Administrativo – 2006) Para cada lacuna abaixo são propostas duas formas de preenchimento. Assinale a opção em que as duas propostas complementam de maneira coerente e gramaticalmente correta o texto.

O Brasil está assumindo papel ___(a)___ liderança no fornecimento de energia de fonte renovável, ___(b)___ o álcool. Chamou, por isso, ___(c)___ atenção do mundo desenvolvido e há países negociando a compra do produto nacional. Problemas como o do preço interno devem ser administrados com responsabilidade para não corrermos o risco de perder a oportunidade, rara, ___(d)___ fixar papel preponderante ___(e)___ setor essencial como o energético.

a) na/da;
b) como/para;
c) a/à;
d) de/para;
e) em/pelo.

3. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2008) Assinale o trecho do texto adaptado do Jornal do Commercio (PE), de 12/01/2008, que apresenta erro de regência.

a) Depois de um longo período em que apresentou taxas de crescimento econômico que não iam além dos 3%, o Brasil fecha o ano de 2007 com uma expansão de 5,3%, certamente a maior taxa registrada na última década.
b) Os dados ainda não são definitivos, mas tudo sugere que serão confirmados. A entidade responsável pelo estudo foi a conhecida Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL).
c) Não há dúvida de que os números são bons, num momento em que atingimos um bom superávit em conta-corrente, em que se revela queda no desemprego e até se anuncia a

ampliação de nossas reservas monetárias, além da descoberta de novas fontes de petróleo.

d) Mesmo assim, olhando-se para os vizinhos de continente, percebe-se que nossa performance é inferior a que foi atribuída a Argentina (8,6%) e a alguns outros países com participação menor no conjunto dos bens produzidos pela América Latina.

e) Nem é preciso olhar os exemplos da China, Índia e Rússia, com crescimento acima desses patamares. Ao conjunto inteiro da América Latina, o organismo internacional está atribuindo um crescimento médio, em 2007, de 5,6%, um pouco maior do que o do Brasil.

4. (Esaf – ANA – Analista Administrativo – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O verbo "autorizar" ("...o poder público autoriza o usuário de água... a utilizar...") está empregado, no texto, com a mesma predicação verbal que apresenta na frase: *O diretor autorizou-nos a tirar férias em fevereiro.*

5. (Esaf – SRF – Técnico Administrativo – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Se isso tivesse acontecido, os governos poderiam concentrar-se no combate à retração econômica e ao desemprego. (...)

– A presença de preposição em "ao desemprego" justifica-se pela regência de "combate".

6. (Esaf – MF – Assistente Técnico-Administrativo – 2009) (Adaptada) Qual frase está gramaticalmente correta quanto à concordância e regência?

I – Antigamente, nas empresas, eram poucos os funcionários que dominavam um idioma estrangeiro, e com eles recorriam os colegas quando precisavam traduzir uma palavra ou um texto.

II – A primeira pergunta que surge a quem se impõe ao desafio de falar outro idioma fluentemente é: será preciso passar um tempo no exterior?

7. (Cespe/ UnB – ABIN – Oficial Técnico de Inteligência – 2010) Na linha 31 (... são instrumentos legais de que dispõe o Estado...), a preposição "de" empregada antes de "que" é exigência sintática da forma verbal "dispõe"; portanto, sua retirada implicaria prejuízo à correção gramatical do período.

( ) CERTO

( ) ERRADO

"(...) A Convenção lida com muitas formas de expressão cultural que resultam da criatividade de... (...)"

8. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Em "resultam da", o vocábulo "da", resultante da junção da preposição de com o artigo definido a, pode ser substituído por na sem que se altere o sentido original do texto.

( ) CERTO

( ) ERRADO

"Hipermodernidade é o termo usado para denominar a realidade contemporânea, caracterizada pela cultura do excesso, do acréscimo sempre quantitativo de bens materiais, de coisas consumíveis e descartáveis. (...)"

9. (Cespe/UnB – MPU – Analista de Informática – 2010) A repetição da preposição de em "do acréscimo", "de bens materiais" e "de coisas" indica que esses termos são empregados, no texto, como complementos de "cultura", vocábulo que tem como primeiro complemento "do excesso".

( ) CERTO
( ) ERRADO

10. (Cespe/UnB – ANEEL – Analista Administrativo (Arquivologia) – 2010) A supressão da preposição antes dos vocábulos "antecipação" e "voluntarismo" (A palavra "projeto" remete-se à antecipação e, em boa parte, ao voluntarismo), com a manutenção dos artigos definidos, não acarretaria prejuízo sintático ao texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

11. (FDC – Mapa – Administrador – 2010) Das alterações feitas abaixo na redação do trecho "O processo de globalização e a mundialização aos quais as organizações têm sido submetidas" (2º parágrafo), está INCORRETA, quanto ao emprego do pronome relativo, de acordo com as normas de regência, a seguinte:

a) O processo de globalização e a mundialização dos quais as organizações têm sido vítimas.
b) O processo de globalização e a mundialização sobre os quais as organizações têm tido alguma influência.
c) O processo de globalização e a mundialização com cujos parâmetros as organizações procuram imitar.
d) O processo de globalização e a mundialização para os quais as organizações têm voltado sua atenção.
e) O processo de globalização e a mundialização por cujos princípios as organizações procuram guiar-se.

12. (Fundação Dom Cintra – Câmara Municipal de Petrópolis/RJ – Arquivista – 2010) De acordo com a norma culta da língua, a frase "O carro negro investiu a multidão" (9º parágrafo) também poderia ser redigida, sem alteração de sentido, na forma "O carro negro investiu contra a multidão", caracterizando uma situação de verbo de regência variada. Das opções abaixo, aquela em que a segunda forma NÃO caracteriza situação de verbo de regência variada, mas constitui erro, pois é regência NÃO admitida pela norma culta, é:

a) Nenhum médico apareceu para assistir-lhe naquele momento. / Nenhum médico apareceu para assisti-lo naquele momento.
b) Remover o cadáver implicava uma responsabilidade que ninguém queria assumir. / Remover o cadáver implicava numa responsabilidade que ninguém queria assumir.
c) Para muitos transeuntes, o morto estava ali a importuná-los. / Para muitos transeuntes, o morto estava ali a importunar-lhes.
d) A confusão provocada pelo defunto influiu no ambiente tranquilo da rua, tumultuando-o. / A confusão provocada pelo defunto influiu sobre o ambiente tranquilo da rua, tumultuando-o.

e) O fim a que todos visavam era depenar por completo o morto. / O fim que todos visavam era depenar por completo o morto.

13. (Cesgranrio – Petroquímica Suape – Engenheiro de Manutenção Pleno – 2011) "Outra fonte de renda é o valor do ingresso, que custa R$ 35:"

Quanto à sintaxe de regência, o trecho que apresenta um verbo com regência semelhante à do termo destacado na passagem transcrita acima é:

a) "...de quem **procura** a reserva para comprar artesanato,"
b) "para **levar** um casal de amigos."
c) "Scavello **considera** positiva a implantação do sistema na aldeia:"
d) "– Não **somos** assalariados,"
e) "pois não **caçamos** mais,"

14. (Cesgranrio – Petrobras – Inspetor de Segurança Interna Jr. – 2011) Considere as frases abaixo.

I. Manuel aspira ..... cargo de gerente na empresa.
II. Quem quiser assistir ..... filme, deve permanecer em silêncio.
III. Certamente, essa decisão implicará ..... dissolução do grupo.
IV. Ao chegar ..... casa, verificarei se os documentos estão em ordem alfabética.

Em relação à regência verbal, a sequência que preenche corretamente as lacunas é:

a) o – ao – na – em;
b) o – o – a – a;
c) ao – o – na – em;
d) ao – ao – a – a;
e) ao – ao – na – em.

15. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico Ambiental Jr. – 2011) A sentença em que a expressão em negrito está usada de acordo com a norma-padrão é:

a) O provedor **que** comprei o plano demonstra eficiência.
b) As pessoas **dos quais** compareceram desconheciam informática.
c) O desejo **de que** a Internet ficasse mais rápida se realizou.
d) O menino, **o cujo** pai trabalha em informática, virá ajudar-nos.
e) A matéria **aonde** me dei mal foi programação.

16. (Cesgranrio – Finep – Técnico (Apoio Adm. e Secr.) – 2011) Dentre os períodos compostos abaixo, qual foi elaborado de acordo com a norma-padrão da língua?

a) Entrei e saí do escritório hoje correndo.
b) O relatório que te falei está em cima da mesa.
c) Esse é o colega que dei meu endereço novo.
d) O manual por que aprendeu a usar a máquina é ruim.
e) A ilha que eu mudei minha residência oficial é grande.

17. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Informática – 2011) Em qual das sentenças abaixo, a regência verbal está em DESACORDO com a norma-padrão?

a) Esqueci-me dos livros hoje.
b) Sempre devemos aspirar a coisas boas.
c) Sinto que o livro não agradou aos alunos.

d) Ele lembrou os filhos dos anos de tristeza.
e) Fomos no cinema ontem assistir o filme.

18. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico Manutenção Jr. – 2011) Substituindo o verbo destacado por outro, a frase, quanto à regência verbal, torna-se INCORRETA em:

a) O líder da equipe, finalmente, **viu** a apresentação do projeto. / O líder da equipe, finalmente, assistiu à apresentação do projeto.
b) Mesmo não concordando, ele **acatou** as ordens do seu superior. / Mesmo não concordando, ele obedeceu às ordens do seu superior.
c) Gostava de **recordar** os fatos de sua infância. / Gostava de lembrar dos fatos de sua infância.
d) O candidato **desejava** uma melhor colocação no r*anking*. / O candidato aspirava a uma melhor colocação no *ranking.*
e) Naquele momento, o empresário **trocou** a família pela carreira. / Naquele momento, o empresário preferiu a carreira à família.

19. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) Em "Kant inicia a exposição da ética, que ele chama *metafísica dos costumes*", o trecho em itálico, que exerce, na oração, a função de complemento verbal, deveria estar precedido da preposição de.

( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – FUB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) A retirada da preposição "de" em "A indicação inicial é a de que, sim, a rede está alterando (...)" não implicaria alteração do texto, quer do ponto de vista semântico, quer sintático.

( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) Os vocábulos "decorrência" (É a decorrência natural da sua constituição...), "condizente" (... procurou a forma condizente com sua mensagem...) e "irreprimível" (... a voz irreprimível dos fantasmas...) regem termos que lhes complementam, necessariamente, o sentido.

( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FCC – Infraero – Analista de Sistemas – 2011) Considere as frases abaixo, construídas com palavras retiradas do texto (grafadas em negrito). A frase cuja redação está inteiramente de acordo com a norma culta é:

a) Alguns acreditam que com o advento da chamada globalização o mundo foi **reduzido** entre uma pequena aldeia.
b) É notável a **submissão** de certos animais acerca do dono.
c) Não se pode afirmar que não haja **legitimação** sobre regras morais na sociedade contemporânea.
d) Parece razoável propor que em todas as áreas do conhecimento há certa **dicotomia** à teoria e prática.
e) Alguns críticos acreditam que a sensibilidade é **inerente** nos grandes artistas.

23. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

a) Os argumentos de que devemos nos agarrar devem se pautar nos limites da racionalidade e da justiça.

b) Os casos históricos em que Voltaire recorre em seu texto ajudam-no a demonstrar de que a pena de morte é ineficaz.

c) A pena de talião é um recurso de cuja eficácia muitos defendem, ninguém se abale em tentar demonstrá-la.

d) Os castigos a que se submetem os criminosos devem corresponder à gravidade de que se reveste o crime.

e) As ideias liberais, de cuja propagação Voltaire se lançou, estimulam legisladores em quem não falte o senso de justiça.

24. (FCC – TJ/AP – Titular Serviços de Nota e Registros – 2011) *... a assunção de convicções individuais, bem como o silêncio e a solidão cederam passo a uma posição passiva ...* (2º parágrafo)

A regência determinada pelo verbo grifado acima se reproduz em:

a) *... que são enviadas em processo contínuo de transmissão durante todo dia ...*

b) *... na medida em que penetra nossa existência em todos os instantes ...*

c) *... vê-se televisão a todo tempo.*

d) *.... a televisão é uma imposição de modos de ser, de pensar ...*

e) *... que deverá pautar sua ação em código de conduta do órgão de imprensa ...*

25. (FCC – Infraero – Administrador – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado em:

a) O Príncipe é um símbolo reincidente, a cujo nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento.

b) A necessidade de bajular o poder é um vício de que muita gente da imprensa não consegue se esquivar.

c) A trama com a qual o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso.

d) Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão na qual decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve.

e) Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação em que irão depender todas as demais.

26. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:

a) Não deu certo o tal do método prático em cuja eficiência Paulo Honório chegou a acreditar.

b) Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada em que nenhum escritor pode abdicar.

c) Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal de que jamais toleraria.

d) Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas de cujo brilho ninguém superaria.

e) A linguagem com que Paulo Honório de fato aspirava era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas.

27. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) *"o cérebro é uma orquestra sinfônica **em que** os instrumentos vão se modificando à medida que são tocados".*

A expressão pronominal ***em que***, grifada acima, preenche corretamente a lacuna da frase:

a) As questões ..... se preocupam os cientistas dizem respeito às alterações cerebrais devidas ao uso indiscriminado da internet.
b) É incalculável o número de informações, sobre os mais diversos temas, ... o cérebro humano é capaz de processar.
c) As hipóteses aventadas, ... se baseiam os especialistas, devem ainda ser comprovadas por exames acurados.
d) As implicações causadas pela onipresença da internet, ... está sujeito o cérebro humano, são objeto de preocupação de cientistas.
e) As informações ..... dispõem os usuários da comunicação eletrônica são múltiplas, embora sejam superficiais.

28. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

a) A obsolescência e o anacronismo, atributos nos quais os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar com a expressão dez de setembro.
b) O estado de psicose, ao qual imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança em cuja radicalidade muitos recriminam.
c) A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo ao qual ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo no qual foram tomados tantos americanos.
d) Não é à descrença, sentimento com que nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é na esperança que queremos nos apegar.
e) Fatos como os de 11/9, com que ninguém espera se deparar, são também lições terríveis, de cujo significado não se deve esquecer.

(Cespe/UnB – CNPQ – Analista em Ciência e Tecnologia Júnior – 2011) "(...) A história das teorias consiste, em grande parte, na reelaboração e em novas formas de usos de conceitos. (...)"

29. O emprego da preposição **em** antes de "reelaboração" e "novas formas" deve-se à relação de regência do verbo **consistir**, do qual esses termos são, no texto, complementos.

( ) CERTO
( ) ERRADO

30. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

*Em última instância, uma importante decisão política deve ser tomada **em relação ao modelo** de cidade em que queremos viver e **ao destino** dos investimentos públicos em mobilidade.*

– O emprego da preposição **a** antes de "o destino" indica que esse termo complementa a expressão "em relação", assim como "o modelo" também a complementa.

31. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) No trecho "somado aos que vinham sendo realizados nos últimos anos", o elemento "aos" poderia ser corretamente substituído por **àqueles**.

( ) CERTO

( ) ERRADO

32. (FCC – TJ/PE – Analista Judiciário – 2012) As ideias estão articuladas de modo claro e correto na seguinte frase: "Mesmo sendo ele um hábil articulador e a despeito do grande prestígio de que gozava, não obteve êxito na transação, pois a verdadeira natureza do negócio lhe escapara"?

33. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) A frase em que a regência está em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Em seu fingimento, só restou de que dissesse ao ex-sócio que sentia saudades dele.
b) Tudo isso considerado, é necessário fazer que ele sinta o peso da responsabilidade.
c) Em atenção por seu talento indiscutível, o pouparam as devidas multas.
d) Passou os documentos a mão do técnico e não os perdeu de vista até ao final da reunião.
e) Inconformado de que eles propalavam injúrias a seu respeito, decidiu denunciá-los.

34. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I – 2012) A frase em que a palavra destacada está empregada corretamente é:

a) Só mesmo ele, com sua ousadia, podia ter-se arrogado <u>em</u> certos direitos.
b) Percebeu que o que fizera era uma exorbitância <u>com</u> suas funções.
c) No dia seguinte <u>da</u> postagem da carta, ela já a recebia em casa.
d) Sua função <u>lhe</u> incompatibilizou com muitos colegas.
e) Depois de anos, resignou-se definitivamente <u>àquele</u> modo de vida precário.

35. (Cesgranrio – BB – Escriturário – 2012) A frase em que a presença ou ausência da preposição está de acordo com a norma-padrão é:

a) A certeza que a sorte chegará para mim é grande.
b) Preciso de que me arranjem um emprego.
c) Convidei à Maria para vir ao escritório.
d) A necessidade que ele viesse me ajudar me fez chamá-lo.
e) Às dez horas em ponto, estarei à sua casa.

36. (Cesgranrio – Petrobrás – Economista Jr. – 2012) A frase cuja regência do verbo respeita a norma-padrão é:

a) Esquecemo-nos daquelas regras gramaticais.
b) Os professores avisaram aos alunos da prova.
c) Deve-se obedecer o português padrão.
d) Assistimos uma aula brilhante.
e) Todos aspiram o término do curso.

37. (Cesgranrio – Liquigás – Profissional Jr. – 2012) A leitura do trecho "A gente se acostuma a pagar por tudo o que deseja e o de que necessita. E a lutar para ganhar o dinheiro com que pagar" permite concluir que as preposições são exigidas, respectivamente, pelos seguintes verbos:

a) desejar e ganhar;
b) desejar e pagar;
c) pagar e desejar;

d) necessitar e ganhar;
e) necessitar e pagar.

38. (Esaf – SRF – Analista Tributário da Receita Federal – 2012) (Adaptada) Há a erro gramatical na transcrição do texto abaixo em (4) ou (5)?

*(...) em absoluto, de recusar investimentos estrangeiros que, de qualquer modo, apresentam vantagens, mas de procurar **direcionar-lhes** (4) para onde são mais importantes e necessários e de estar conscientes **de que** (5) nem todos eles representam a salvação da economia num momento de dificuldades.*

39. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) A frase que, segundo os preceitos da gramática normativa do português do Brasil, está correta quanto à regência é:

a) A cada pequena discussão, costumava lhe chamar de aventureiro e até como irresponsável, e disso já se havia coletado muitas provas.
b) Nada daquela maluca versão interessava a ele, principal testemunha do caso, e por isso manifestou-se quanto à imediata retirada do indesejável depoimento.
c) A afinidade entre os colegas intensificava-se ao mesmo tempo que seus estudos se desenvolviam, e disso surgiu uma amizade que todos tinham orgulho.
d) Sua obra é daquelas que se pode dizer tudo, menos que passará despercebida a futuras gerações, seja para negar-lhe méritos, seja para reconhecê-los.
e) Aquele professor é a verdadeira razão de que muitos estudantes decidiram dedicar-se à pesquisa, o que lhe faz ser constantemente mencionado como exemplo a ser seguido.

40. (FCC – TST – Técnico Judiciário – 2012) Cronistas de reinos passados, gênios das navegações [...] não falam de discos, pratos ou charutos voadores...

O verbo que NÃO foi empregado com o mesmo tipo de complemento que o verbo grifado acima está em:

a) Começou com um piloto norte-americano de caças ...
b) ... que simplesmente desistimos deles?
c) ... sequer pensarmos em outros mundos ...
d) Enjoaram de nós?
e) Venceu a hipótese de naves ...

41. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) "O que definia o século XIX era a mudança: mudança em termos de e em função dos objetivos das regiões dinâmicas do Atlântico norte, que eram, à época, o núcleo do capitalismo mundial."

Estrutura que considera, como a destacada acima, corretamente as regências, encontra-se em frases que seguem, com EXCEÇÃO desta única:

a) Comprovou que e alegou de que os documentos eram originais.
b) Segurou o menino com e pela mão esquerda.
c) Por conta de e para saldar as dívidas, penhorou seu único imóvel.
d) Necessitava de e exigia os documentos que haviam ficado retidos indevidamente.
e) Os estados se unificaram em e por uma sólida confederação.

42. (CEPERJ – DEGASE – Psicólogo – 2012) "É forçoso reconhecer que razão assiste ao magistrado."

A frase acima exemplifica um uso mais formal da língua, escolhido pelo autor deste texto, que foi originalmente publicado em uma seção voltada para questões de Direito e Justiça de um jornal.

No contexto da frase, o significado do verbo "assistir" é:

a) comparecer;
b) acompanhar;
c) faltar;
d) caber;
e) permanecer.

43. (MPE/SC – MPE/SC – Promotor de Justiça – 2012) Na Língua Portuguesa, é primordial o conhecimento da sintaxe de regência, isto é, a relação sintática de dependência que se estabelece entre nomes e verbos e seu complemento, com a presença ou não de preposição. Essa preposição pode estar associada ao pronome relativo. Assim, assinale o(s) item(ns) que contempla(m) duas versões da mesma frase consideradas corretas:

I. Prefiro ser um bom advogado a um mau juiz. / Prefiro ser um bom advogado do que um mal Juiz.
II. Os livros já foram, um dia, objeto sagrado onde o acesso era permitido a poucos. / Os livros já foram, um dia, objeto sagrado cujo acesso era permitido a poucos.
III. Haverá recursos do Estado para a associação de cuja parte nós fazemos. / A associação de que fazemos parte receberá recursos do Estado.
IV. Causou polêmica a medida provisória que autoriza o plantio de soja transgênica no país. / Causou polêmica a medida provisória a qual autoriza o plantio de soja transgênica no país.
V. O dinheiro que o político dispõe para a campanha política é bem mais que ele receberá em salário. / O dinheiro de que o político dispõe para a campanha política é bem mais do que ele receberá em salário.

a) Apenas as assertivas III e IV estão corretas.
b) Apenas as assertivas I e IV estão corretas.
c) Apenas as assertivas II e V estão corretas.
d) Apenas as assertivas I, III, IV e V estão corretas.
e) Todas as assertivas estão corretas.

44. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) Do ponto de vista da regência, a frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Vive dizendo que, para ele, nos fins de semana, nada melhor como pegar um bom livro e lê-lo até o fim.
b) Depois de tanto esforço dos que o acolheram, nem sequer se dignou de apresentar pessoalmente suas despedidas.
c) O exagero no consumo de bebidas alcoólicas na formatura ocasionou em um fim trágico.
d) As vítimas mais graves do engavetamento foram atendidas ao Hospital das Clínicas.
e) Acredito, sinceramente, de que o melhor a fazer é afastá-lo da comissão.

45. (FEC – PC – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) A alternativa em que a duplicidade de regência verbal documentada é INACEITÁVEL no português culto é a seguinte:

a) "refletir sobre o significado das favelas" / refletir no significado das favelas.
b) "desfrutando da sua beleza singular" / desfrutando a sua beleza singular.

c) "oferecer melhores condições de vida para os seus moradores" / oferecer (...) aos seus moradores.
d) "entender que os moradores dessas comunidades possuem histórias de vida" / entender de que os moradores.
e) "Vivemos em uma época de profundas transformações" / Vivemos uma época.

Gabarito

1. A.	**10. ERRADO**.	**19. ERRADO**.	**28. E**.	**37. E**.
2. D.	**11. C**.	**20. ERRADO**.	**29. CERTO**.	**38. (4).**
3. D.	**12. C**.	**21. ERRADO**.	**30. CORRETA**.	**39. B**.
4. CORRETA.	**13. E**.	**22. E**.	**31. CERTO**.	**40. E**.
5. CORRETA.	**14. D**.	**23. D**.	**32. CORRETO**.	**41. A**.
6. NENHUMA.	**15. C**.	**24. E**.	**33. B**.	**42. D**.
7. CERTO.	**16. D**.	**25. B**.	**34. E**.	**43. A**.
8. ERRADO.	**17. E**.	**26. A**.	**35. B**.	**44. B**.
9. ERRADO.	**18. C**.	**27. C**.	**36. A**.	**45. D**.

Capítulo 30
Crase

Definição

Antes de tudo, quem diz que crase é fácil está enganado! Crase é risível de fácil!

– Poxa, Pestana, até hoje eu tenho trauma com esse sinal de crase! Nem consigo dormir pensando em questões de crase!

– Para começar, o nome do sinal é grave! É isso mesmo! O sinal (`) tem nome: *acento grave*! É ele que indica a crase. E pode dormir tranquilo a partir de agora.

– Ué, então crase não é o nome do acento?

– Nunca foi! O nome do acento é "grave". A crase é um fenômeno em que duas vogais iguais se tocam, por isso se diz **a** + **a** = **à**. E... se eu fosse você... faria uma recapitulação do capítulo *Artigo*. Safo? Vamos entender melhor agora!

Para concursos, o que você precisa saber é o seguinte: a **crase** é a **fusão** de duas vogais idênticas. A primeira vogal **a** é uma preposição, a segunda vogal **a** é um artigo ou um pronome demonstrativo.

"Muito bem. Mas como essas vogais se fundem formando a crase?" Muito simples. Normalmente um verbo ou um nome exige a preposição *a*, que se funde com outro *a* (artigo ou pronome demonstrativo), formando a crase: **à**.

Existem quatro situações básicas. Veja abaixo:

a (preposição) + a(s) (artigo) = à(s)

É impossível resistir à lasanha da minha mãe.

Quem nunca resiste... nunca resiste **a + a** (lasanha) = **à** (lasanha). Foi?

"Mas como é que você sabe que há um artigo feminino antes do substantivo *lasanha* para a gente poder crasear o **a**?"

DOIS *BIZUS* LINDOS: Para sabermos se haverá crase (**a+a=à**), basta colocarmos o artigo antes do substantivo e criar uma frase hipotética, colocando-o como sujeito da frase: *"**A** lasanha da minha mãe é ótima."*. Percebe que a ausência do artigo tornaria a frase estranha: *"Lasanha da minha mãe é ótima."*? O artigo serve para determinar, especificar a palavra *lasanha*. Este método é ótimo para perceber se há ou não artigo antes de um substantivo. Outro método que normalmente dá certo é trocar a palavra feminina por uma masculina. Se no lugar do **à** puder ser *ao*, a crase estará 99% das vezes certa: *"É impossível resistir **ao** nhoque da minha mãe."*. Foi?

Veja outro exemplo:

Minha mãe deu à luz um bebê lindo em 1982: eu.

O verbo *dar*, como se sabe, é bitransitivo (VTDI). Logo, *um bebê lindo* é objeto direto, e *à luz*, o objeto indireto. Dá-se algo *a* alguém (a "luz" está em sentido conotativo, equivalendo a "vida", "ao mundo"). Bonito isso! Quase chorei...

Para fechar, mais um:

Eu cheguei à Brasil, mas, como de costume, ela estava engarrafadíssima!

"Ué, Pestana, você está maluco? Brasil é uma palavra masculina, ora; é **o** Brasil e não **a** Brasil!"

Calma, calma... Olhos abertos! Às vezes, o substantivo vem **implícito**. Você deveria ter visto assim: *"Eu cheguei **à** (avenida) Brasil..."*. Ou seja, quem chega, chega **a** + **a** avenida. Percebeu agora? A+a=**à**. Simples assim.

a (preposição) + a(s) (pronome demonstrativo) = à(s)

Antes de qualquer coisa, há basicamente dois casos em que o vocábulo **a** pode ser um pronome demonstrativo, equivalendo ao pronome "aquela": antes de pronome relativo *que* e antes de preposição *de*: ***A*** *(= aquela) que chegou era minha filha. / Sua filha é linda, mas* ***a*** *(= aquela) dele é muito mais.*

Agora sim, o princípio da crase é o mesmo, beleza? Veja:

Nós nos referimos à que foi 01 do concurso para Analista Judiciário.

Sempre procuro fazer alusão às lições do Bechara e às do Celso Cunha.

No primeiro caso, quem se refere, se refere **a** + **a** = **à**. No segundo caso, quem faz alusão, faz alusão **a + as** = **às**.

a (preposição) + aquele(s), aquela(s), aquilo (pronomes demonstrativos) = àquele(s), àquela(s), àquilo

Lembre-se: crase é a fusão de duas vogais idênticas. Jamais erre na prova este caso.

A bebida é sempre nociva àqueles que se embriagam.

Procurou explicar-se àquela comissão, mas ela não tolerou seu erro.

Depois de todo o terror, assistir àquilo foi a gota d'água.

O que é nocivo, é nocivo **a** + **aqueles** = **àqueles**. Quem *se explica... se explica* **a** + **aquela** = **àquela**. Quem assiste (= *ver*), assiste **a** + **aquilo** = **àquilo**.

a (preposição) + a qual, as quais (pronome relativo) = à qual, às quais

Lembre-se: se um verbo ou um nome exigindo preposição vier depois do pronome relativo, a preposição ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo.

Todas as professoras de Língua Portuguesa às quais me dirigi eram capazes.

A explicação à qual tenho direito finalmente me foi dada pelo mestre.

No primeiro caso, o verbo pronominal *dirigir-se* exige a preposição ***a***, que se aglutina com ***as quais*** (pronome relativo), formando ***às quais***. No segundo caso, o

nome *direito* também exige a preposição *a*, que se aglutina com ***a qual*** (pronome relativo), formando ***à qual***.

Casos Obrigatórios

Além dos casos clássicos de crase, já vistos anteriormente, há dois casos obrigatórios de crase. Vejamos:

1) Locuções adjetivas, adverbiais, conjuntivas e prepositivas com núcleo feminino

A crase ocorre porque a preposição *a* que inicia tais locuções se funde com o artigo *a* que vem antes do núcleo feminino. O acento grave é fixo!

– *Um policial* ***à paisana*** *trocou tiros com três homens que tentavam roubar um banco.*

– *Cheguei* ***às cinco horas da tarde****.*

– ***À medida que*** *estudo, fico mais seguro.*

– *Einstein estava* ***à frente de*** *seu tempo.*

Cuidado!!!

1) Conheça algumas locuções (as que têm valor semântico de *meio* ou *instrumento* são polêmicas entre os gramáticos):

a) **adjetivas**: *à vela, à lenha, à toa, à vista, à la carte, à queima-roupa, à vontade, à venda, à mão armada, à beça...*

b) **adverbiais***: *à noite, à tarde, às vezes, às pressas, à farta, à vista, à primeira vista, à hora certa, àquela hora, à esquerda, à direita, à uma (ao mesmo tempo, juntamente), à vontade, às avessas, às claras, às escuras, à mão, às escondidas, à míngua, à fome, à venda, à mão armada, à beça, à bala, à tinta, à máquina, à espada, à caneta, à foice, à chave, à revelia, à deriva, à meia-noite...*

c) **prepositivas**: *à altura de, à custa de, à espera de, à beira de, à espreita de, à base de, à moda de, à maneira de, à procura de, à roda de, à guisa de, à mercê de, à semelhança de...*

d) **conjuntivas** (só duas): *à medida que, à proporção que.*

* *o mais das vezes, as mais das vezes* são locuções não craseadas.

2) Polêmica! As locuções que têm valor semântico de *meio* ou de *instrumento* podem ou não receber acento grave. Depende da visão do gramático. Infelizmente não há (mais uma vez) unidade de pensamento. Exemplos: *"Eu costumo escrever **a (à) caneta** (instrumento).". / "Não gosto de comprar **a (à) prestação** (meio).".*

No entanto, todos eles concordam que, por razões de clareza, a fim de afastar qualquer ambiguidade, pode-se usar o acento grave. Exemplos: *"Vendi a vista." (o olho?) / "Vendi à vista." (meio).*

Use sempre seu bom senso na hora da prova, pois não sabemos o que as bancas irão aprontar. O fato é que questões assim são raríssimas! Veja uma que "resolve" a polêmica:

(Cespe/UnB – BB – Escriturário I – 2003 – Questão 35 – Opção 5)

– Em "Preencher à máquina", na linha vertical na margem esquerda do formulário, o emprego do sinal indicativo de crase é opcional.

Comentário: A questão foi anulada! Logo, se foi anulada e, portanto, o emprego do sinal indicativo de crase não é opcional, inferimos que a crase é obrigatória em *à máquina*! Pelo menos para o Cespe/UnB.

Corroborando isso, os manuais de redação, como o *Manual de Redação da Câmara dos Deputados*, o *Manual de Redação e Estilo de O Estado de São Paulo*, o *Manual de Redação da PUC/RS* e muitos importantíssimos gramáticos brasileiros, como Evanildo Bechara, Rocha Lima, Said Ali, ensinam (seja por razões de clareza, seja pela tradição linguística) que há crase nas locuções que indicam meio ou instrumento. Outros estudiosos dirão que não há crase porque nesse caso não se pode usar a regra prática de substituir ***a*** por ***ao***, o que provaria a presença do artigo antes da locução, incorrendo em crase. É isso... em vez de facilitarem nossa vida, atrapalham. Cuidado com as provas da vida!

3) Pensou que a polêmica havia acabado? Bem-vindo à "língua portuguesa"! Apesar de alguns gramáticos discordarem, está estabelecida na tradição gramatical que a locução adjetiva ***a distância*** não recebe acento indicativo de crase. E é assim que vem caindo em prova de concurso. Por exemplo: *Fiz um curso **à distância** (errado). Fiz um curso **a distância** (certo).*

Se a locução vier especificada, aí, sim, ocorre acento indicativo de crase: *Fiz um curso* ***à distância*** *de cem metros da minha casa. / Aqui você tem todos os canais* ***à distância*** *de um clique.*

Uma prova de que a visão tradicional prevalece – ou seja, só há acento grave na locução se vier especificada – está aqui: INSTITUTO CIDADES – TCM/GO – AUDITOR DE CONTROLE EXTERNO – 2012 / FJG – SME/RJ – PROFESSOR – 2003 / FJPF – CREA – ASSISTENTE – 2005 / FIP – CÂMARA/SJC – PROGRAMADOR/Analista de Sistemas – 2009.

3) "Ah! Agora acabaram as polêmicas, não é, Pest?" Escuta esta agora. Alguns gramáticos, como Napoleão M. de Almeida, dizem que a locução *à vista* não vem craseada. Mas... consagrado pelo uso, o acento grave é sempre usado nessa expressão – quando não indicar a "córnea", o "olho": *Machucou a vista jogando bola.* O gramático Cegalla corrobora isso, dizendo que as locuções *à vista* e *à vista de* são sempre craseadas. E mais uma prova disso está aqui: FCC – TRF (3ª R) – Analista Judiciário – 2007 – QUESTÃO 12 – OPÇÃO C.

4) A expressão *à domicílio*, muito craseada nos panfletos e fachadas da vida, não pode levar acento grave, pois o núcleo (*domicílio*) é masculino.

5) Cuidado com a expressão *as vezes de* (que significa "desempenhar as funções que são da competência de outro" ou "ser usada para o mesmo fim que outro") em frases do tipo *"O professor fez* ***as vezes de*** *aluno."*, pois não representa uma locução prepositiva, logo não há crase. Nunca! Sobre isso, consulte: FCC – TJ/RJ – COMISSÁRIO DA INFÂNCIA E DA JUVENTUDE – 2012 – QUESTÃO 11.

2) Locução prepositiva implícita "*à moda de, à maneira de*"

Devido à regra, o acento grave é obrigatoriamente usado nas locuções prepositivas com núcleo feminino iniciadas por *a*: *"Os frangos eram feitos* ***à moda d****a casa imperial."*. Às vezes, porém, a locução vem implícita antes de substantivos masculinos, o que pode fazer você pensar que não *rola* a crase. Mas... há crase, sim!

– *Comi uma caça* ***à espanhola*** *anteontem.*

– *Ontem jantei um bacalhau* ***à Gomes de Sá****.*

– *Hoje comerei um filé* ***à Osvaldo Aranha****.*

– *Talvez amanhã eu coma um tutu* ***à mineira****...*

– *Depois da indigestão, farei uma poesia* ***à Drummond****, vestir-me-ei* ***à Versace*** *e entregá-la-ei à tímida aniversariante.*

Obs.: Não vá você agora pensar que tal locução vem sempre implícita. Quando você vai a um restaurante, lá vem o cardápio... Está lá escrito (normalmente): *frango à passarinho* e *bife à cavalo*. "E daí?" Bem, o fato é que não se pode comer um frango *à maneira do passarinho*, porque passarinho não come frango de maneira alguma nem lança moda. O mesmo vale para o cavalo, beleza? Entenda: as expressões *à moda de* e *à maneira de* significam "em imitação a; do jeito de; da maneira como se faz; da maneira como se come; de acordo com o estilo de...". Logo, não há crase em *frango a passarinho* nem em *bife a cavalo*. Entendido?

Casos Proibitivos

1) Antes de substantivos masculinos

– *Andou* ***a*** *cavalo pela cidadezinha, mas preferiria ter andado* ***a*** *pé.*

2) Antes de substantivo (masculino ou feminino, singular ou plural) usado em sentido generalizador (Veja *Casos Especiais*!)

– *Depois do trauma, nunca mais foi* ***a*** *festas.*

– *Não foi feita menção* ***a*** *mulher, nem* ***a*** *criança, tampouco* ***a*** *homem.*

Obs.: Se houver individualização do substantivo, o artigo aparecerá para indicar que o substantivo é conhecido do falante ou já foi mencionado antes, logo haverá crase: "*Não foi feita menção* ***à*** *mulher, nem* ***à*** *criança, tampouco (****ao****) homem*". Se o substantivo feminino vier acompanhado de alguma ou nenhuma, não haverá crase, pois a ideia ainda será de indeterminação, generalização: "*Não foi feita menção* ***a*** *mulher alguma/nenhuma.*".

3) Antes de artigo indefinido "uma"

– *Iremos* ***a*** *uma reunião muito importante no domingo.*

Obs.: Diante do numeral indicando hora, crase na cabeça: *Chegarei à uma (hora).* Cuidado com *há* (indicando existência ou tempo decorrido): *Há (existe) uma hora em que precisamos mudar de opinião. / Há (faz) uma hora fechamos um contrato milionário.* Veja *Casos Especiais.*

4) Antes de nomes de santas, de *Nossa Senhora* e de mulheres célebres

– *Tenho devoção* ***a*** *Santa Maria Madalena.*

– *Muito devemos* ***a*** *Teresa de Calcutá.*

– *Dirigiu-se* ***a*** *santa Rita em oração com fervor.*

Obs.: Em *"Tenho devoção à Virgem."*, a crase é obrigatória. O artigo definido pode surgir por razões intencionais, emocionais ou estilísticas, logo, se quisermos aproximar-nos de tais figuras históricas, tratando-as afetivamente, o uso do artigo não poderá incorrer em erro, havendo a possibilidade de crase. No entanto, no registro formal, aconselha-se o não uso do artigo.

5) Antes de pronomes pessoais, pronomes interrogativos, pronomes indefinidos, pronomes demonstrativos e pronomes relativos

– *Fizemos referência* ***a*** *Vossa Excelência, não a ela.*

– ***A*** *quem vocês se reportaram no Plenário?*

– *Assisto* ***a*** *toda peça de teatro no RJ, afinal, sou um crítico.*

– *Entreguei o livro* ***a*** *esta editora, mas ela desprezou a obra.*

– *A atriz brasileira* ***a*** *cuja peça aludi já ganhou dois prêmios internacionais.*

Obs.: Não obstante, pode haver crase:

I - antes das "formas de tratamento" *senhora, senhorita, dona*, dama, madame, doutora etc.*: *"Destes teu coração **à** senhorita, e, ainda assim, ela te ignoraste?" / "**À** dama não respondeu por vergonha ou falta de educação."*

II - antes dos pronomes indefinidos *pouca(s), muitas, demais, outra(s) e várias*: *"O doutor atendeu **às** poucas mulheres que hoje foram à sua clínica." / "BC equipara crédito consignado **às** demais operações." / "De uma geração **à** outra, tudo pode mudar."*

III - antes dos pronomes demonstrativos *aquele(a/s), aquilo, mesma(s), própria(s), tal*: *"Dedicou-se **à** própria vida, esquecendo as outras pessoas que o rodeavam."*

IV - antes do pronome relativo *a qual*: *"A fórmula **à** qual a economia brasileira está subordinada não passa de uma regra básica."*

* Sobre a palavra *dona*, há certa polêmica, por isso recomendo este material (excelente!): http://jeinformalinguaelinguagem.blogspot.com.br/2007/03/crase-e-palavra-dona.html

6) Antes de numerais não determinados por artigo

– *O professor só conseguiu explicar o assunto **a** uma aluna; as três não quiseram esperar para tirar suas dúvidas.*

– *O político iniciou visita a duas nações europeias.*

Obs.: Se *as nações* forem determinadas... crase: *O político iniciou visita **às** duas nações europeias.*

7) Antes de verbos no infinitivo

– ***A** partir de hoje serei um pai melhor, pois voltei **a** trabalhar.*

Obs.: Preciso dizer que <u>não</u> há crase em "*Blusas **à** partir de R19,90*"?

8) Depois de outra preposição qualquer (essencial ou acidental)

– *Fui para* ***a*** *Itália.*

– *A Fundação Casa é uma instituição que atua em casos de extrema gravidade, mediante* ***a*** *determinação judicial.*

– *Serão encaminhados após* ***a*** *sessão os documentos exigidos.*

– *O futuro mártir se colocou contra* ***a*** *medida adotada pelo governo.*

9) Entre palavras repetidas que formam uma locução

– *Quero que você fique cara* ***a*** *cara e diga a verdade.*

– *Nosso dia* ***a*** *dia nunca mais foi o mesmo após o furacão.*

Obs.: Cuidado com expressões como estas: *"É preciso declarar guerra* ***à*** *guerra!"* / *"É preciso dar mais vida* ***à*** *vida!"*, em que há crase devido à regência do verbo *declarar* e *dar*. Neste caso, *guerra a guerra* e *vida a vida* não formam locuções.

10) Antes de qualquer expressão ou frase substantivada

– *A expressão "Não vou beber" está ligada por uma ideia de causa* ***a*** *"A água está muito gelada".*

– *O conectivo "se" às vezes equivale* ***a*** *"já que".*

Casos Facultativos

1) Antes de pronomes possessivos adjetivos femininos

– *Enviamos cartas* ***a*** *(****à****)* ***nossa*** *filha que está no Canadá.*

Obs.: Se o pronome possessivo for substantivo (ou seja, aquele que substitui um substantivo), crase obrigatória! Exemplo: *Enviaram uma encomenda a (à) nossa residência, não* ***à*** *sua*.

2) Depois da considerada locução prepositiva *até a*

Quando não houver crase, leia-se *até a* como preposição + artigo.

– *Vá **até a** geladeira e pegue um pedaço de torta para seus avós.* (até + a)
– *Vá **até à** geladeira e pegue um pedaço de torta para seus avós.* (até a + a)

Obs.: Não confundir com *até* (= inclusive; palavra denotativa de inclusão). Em *"Como dito pelo Secretário, alguns setores tendem **até a** definhar no Brasil"*, não poderia haver crase por dois motivos: 1) não há crase antes de verbo e 2) até = inclusive. Já nesta frase a crase é obrigatória: *"Foi levado ao internato, à cadeia, e (pasmem!) até **à** penitenciária, durante sua vida."*. Explicando: o *até* é uma palavra denotativa de inclusão, e a crase ocorre porque *levado* exige a preposição *a* + *a penitenciária* = ***à** penitenciária.*

Para fechar, veja esta frase curiosa: "Queimou todo o cabelo, até a raiz.". Pode-se entender que todo o cabelo foi queimado, inclusive a raiz ou que todo o cabelo foi queimado alcançando até um determinado limite, a raiz. Na segunda leitura, há possibilidade de crase: *"Queimou todo o cabelo, **até a (à)** raiz."*. Disse "possibilidade", por se tratar de um caso **facultativo**.

3) Antes de nomes próprios femininos

– ***A (À) Juliana** tenho conseguido manter-me fiel, o que tem surpreendido a todos.*

Obs.: Em muitos lugares do Brasil, não se costuma usar artigo antes de nomes de pessoas. Eu moro na zona oeste do Rio de Janeiro. Perto daqui, em Niterói, os falantes não costumam usar artigo. Em sala de aula, os alunos niteroienses se referiam a mim deste jeito: "Hoje tem aula **de** Pestana?". Já no RJ era assim: "Hoje tem aula **do** Pestana?". Portanto, se há ou não artigo antes de nome próprio, há ou não crase. Simples assim. Adendo: os gramáticos dizem que o artigo antes do nome próprio denota intimidade, familiaridade.

4) Diante de certos topônimos, como *Europa, Ásia, África, França, Inglaterra, Espanha, Holanda, Escócia, Recife...*

– *O técnico português já prevê volta* ***a (à) Inglaterra*** *para conduzir o melhor time do país à vitória.*

Casos Especiais

1) Na *correlação* (ou *simetria de construção*) das preposições "de... a", se houver determinante (artigo ou pronome) contraído com "de", haverá artigo contraído com a preposição "a", resultando na crase.

– *A loja funciona* ***de*** *segunda* ***à*** *quinta,* ***de*** *8h* ***às*** *18h.* (inadequado)

– *A loja funciona* ***da*** *segunda* ***à*** *quinta,* ***das*** *8h* ***às*** *18h.* (adequado)

– ***De*** *01/03* ***à*** *30/08, haverá dois cursos para a área militar.* (inadequado)

– ***De*** *01/03* ***a*** *30/08, haverá dois cursos para a área militar.* (adequado)

– *Ela se molhou* ***dos*** *pés* ***a*** *cabeça.* (inadequado)

– *Ela se molhou* ***dos*** *pés* ***à*** *cabeça.* (adequado)

– *Trabalho só* ***deste*** *domingo* ***a*** *sexta; depois, férias!* (inadequado)

– *Trabalho só* ***deste*** *domingo* ***à*** *sexta; depois, férias!* (adequado)

Cuidado!!!

1) Em qualquer correlação que não seja "de... a", não haverá crase: *"Entre as 14h e as 21h, estou no trabalho."*. Os "as" são artigos apenas.

2) Não há erro na construção *"Horário de atendimento: 8h às 17h"*, pois ocorre elipse de "das" (das 8h às 17h).

3) Observe que há mudança de sentido nestas duas frases: "Trabalha **de** duas **a** oito horas" / *"Trabalha* ***das*** *duas* ***às*** *oito horas."*. Na primeira, indica-se que o sujeito trabalha entre duas e oito horas. Na segunda, o sujeito trabalha durante 6 horas.

4) Veja agora um caso curioso: segundo Domingos P. Cegalla, como o numeral *uma* não vem precedido de artigo definido, podemos dizer que, em *"Trabalho* ***de*** *uma* ***às*** *cinco horas."*, a crase independe da correlação, pois é usada para evitar ambiguidade em relação a *"Trabalho* ***de*** *uma* ***a*** *cinco horas."*, em que o sentido certamente seria outro. Não obstante, Bechara diz que se trata de caso facultativo o artigo figurar antes da expressão *uma*

hora, o que nos leva a esta possibilidade de redação: *"Trabalho **da** uma **às** cinco horas."*. Aqui, a correlação é visível.

2) Com as locuções adverbiais indicativas de "hora" (do relógio), há crase.

Há crase, pois junta-se a preposição *a* (que inicia a locução adverbial) ao artigo *a* ou ao pronome demonstrativo iniciado por "a" (que concorda com *hora* e a determina). Por mais que a palavra *hora* esteja elíptica, a crase é obrigatória. Um *bizu* é substituir a expressão por "ao meio-dia". Se puder, crase na cabeça.

– *Nesta última eleição, o TSE bateu o recorde histórico, alcançando a totalização de 90% dos votos **às 19h**.*

– ***Às 21h15min**, já haviam sido apuradas 99% das urnas.*

– ***À zero hora**, todo fim de ano, soltam-se fogos.*

– ***Àquela hora** todos já estavam de pé?*

– *Costuma-se acordar **às quatro** nos quartéis.*

– *Os lutadores de MMA se enfrentarão **às dezenove** deste domingo.*

– *Diga a ela que esteja aqui **à uma hora** para conversarmos a respeito do projeto.*

Cuidado!!!

1) Não há crase antes de *hora* diante de palavras que rejeitam artigo: *"A mídia estampa de maneira persuasiva, e **à** qualquer hora, produtos para a classe C."* (errado) / *"A mídia estampa de maneira persuasiva, e **a** qualquer hora, produtos para a classe C."* (certa)

2) Não haverá crase antes de *hora* se vier antecedida de outra preposição que não seja *a* (para, após, desde e entre): *"Desde **as 16h30**, venho tentando falar com você."* / *"Será estendido **para as 20 horas** o prazo de entrega."* / *"Após **as 22h**, não mais atendemos pessoalmente."*

3) Diante do caso facultativo "até a": *"Chegue **até as 22h** ou **até às 22h**, mas chegue!"* / – *"Chegaremos ao trabalho **até a (ou até à) uma hora da tarde.**"*.

4) Sobre ***uma hora***

I – Não devemos confundir *"Ela chegou **à 1h.**"* (tempo determinado) com *"Ela chegou **há uma hora**."*. (tempo decorrido)

II – Se fizer referência a um período de tempo impreciso, que não se trate da hora do relógio, não há crase: *"Sairei daqui **a uma hora**."* (confirme isso reescrevendo com *duas horas*: "daqui a duas horas", portanto não há crase).

3) Não há crase antes da palavra *casa*, exceto se vier especificada por um adjetivo, uma locução adjetiva ou uma oração adjetiva.

– *Fui **a casa** resolver um problema.*
– *Fui **à casa dela** resolver um problema.*
– *O bom filho **a casa** torna.*
– *O bom filho **à casa dos pais** torna.*
– *Só volta **à casa de quem o trata** com mimos.*

Obs.: Na frase *"Em frente a sua casa, houve um incêndio."*, a crase antes de *casa* é facultativa, pois vem antecedida do pronome possessivo adjetivo feminino *sua*. Logo, poderemos escrever: *"Em frente à sua casa, houve um incêndio."*. Prova disso: FCC – DPE/RS – DEFENSOR PÚBLICO – 2011.

4) Não há crase antes da palavra *terra* (em oposição a *bordo*, no contexto frasal). Se estiver especificada, há crase sempre. Afora isso, pode haver crase.

– *Os marinheiros retornaram **a terra**.*
– *Os marinheiros retornaram **à terra natal**.*
– *O amor **à Terra** deve imperar, pois é nosso lar.*
– *Viemos da terra e **à** terra voltaremos.*

Obs.: Veja a questão 4 deste concurso: FGV – SENADO – Analista – 2008. Ela resume tudo isso.

5) Paralelismo

Ocorre paralelismo quando duas ou mais estruturas apresentam semelhança em sua construção. Em outras palavras, se o primeiro termo de uma enumeração ou comparação vier determinado, o segundo e os demais também deverão vir determinados. Entenda:

– *Não tenho dúvidas de que é preferível virtude **a** desonestidade.*

– *Não tenho dúvidas de que é preferível a virtude **à** desonestidade.*

Quando dois ou mais elementos estão coordenados e o primeiro está introduzido por preposição, há apenas quatro possibilidades corretas de construção:

– *Todo brasileiro tem direito **a** saúde, educação e segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito **a** saúde, **a** educação e **a** segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito **à** saúde, educação e segurança.*(preposição + artigo)

– *Todo brasileiro tem direito **à** saúde, **à** educação e **à** segurança.* (preposição + artigo)

6) Antes de topônimos (nomes de lugar) que aceitam artigo

Não é possível colocar todos os nomes de todos os lugares do mundo e do universo em uma gramática, por isso uma maneira de saber se ocorre artigo antes de um topônimo é por meio de um *bizu* do tempo de meu avô: "Quem vai **a**, volta **de** (*crase pra quê?*)" / "Quem vai **a**, volta **da** *(crase há*)".

– *Fui **à Bahia** nas minhas férias de início de ano.* (Quem vai à Bahia, volta da Bahia.)

– *Fui **a Ipanema**.* (Quem vai a Ipanema, volta de Ipanema.)

Obs.: Se o topônimo estiver especificado, crase certa: *"Fui **à** linda **Ipanema** cantada por Vinícius."*.

7) Antes de substantivo feminino singular com sentido genérico

Coloquei este caso como especial, pois a presença do artigo feminino singular antes de substantivo feminino singular com sentido genérico, além de implicar mudança de sentido, implica a crase. O Cespe/UnB adora esse tipo de questão!

Veja, pelos exemplos, como o assunto é interessante:

Tudo está sujeito a degeneração.

Tudo está sujeito à degeneração.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Que tipo de degeneração?". Não se sabe. Logo, o sentido é genérico. Na segunda frase, trata-se de uma degeneração já mencionada ou conhecida dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor.

O homem deve ser submetido a cirurgia tão logo.

O homem deve ser submetido à cirurgia tão logo.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Que tipo de cirurgia?". Não se sabe; só se sabe que se trata de um ato cirúrgico. Logo, o sentido é genérico. Na segunda frase, trata-se de uma cirurgia já mencionada ou conhecida dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor.

Sempre faço doação a instituição beneficente.

Sempre faço doação à instituição beneficente.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Qual instituição beneficente?". Não se sabe. Logo, o sentido é genérico. Na segunda frase, trata-se de uma instituição beneficente já mencionada ou conhecida dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor.

O advogado se referiu a lei federal, não a lei estadual.

O advogado se referiu à lei federal, não à lei estadual.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Qual lei federal e qual lei estadual?". Não se sabe. Trata-se da lei federal e da lei estadual em sentido amplo, como um todo. Na segunda frase, trata-se de uma lei federal e de uma lei estadual já mencionadas ou conhecidas dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor. Como se estivesse dizendo: "àquela lei federal", "àquela lei estadual".

Nesses casos, podemos dizer que a presença ou não do acento grave é possível, a depender do sentido que a pessoa quiser dar à frase.

Cuidado!!!

O fato é que nem todo caso de adjetivo especificando substantivo fará o uso do acento indicativo de crase ser obrigatório. Veja:

– *Ela só é fiel* ***a*** *pessoa infiel, por isso vive magoada.*

Contextualmente, "pessoa infiel" é um tipo de pessoa, não uma pessoa específica, logo o adjetivo não determina a ponto de ser necessária a presença do artigo.

– *Depois de uma vida inteira de honestidade e contas pagas, minha vida estará sujeita* ***a*** *rigorosa análise?*

Novamente, não há necessidade de artigo definido antes de "rigorosa análise", pois se trata de uma "análise" em seu sentido amplo, mas feita de modo rigoroso, e não "aquela análise já mencionada anteriormente, conhecida, definida"; até porque não há contexto suficiente para interpretarmos assim.

Com diz a Prof. Dr.ª Rosane Reis de Oliveira (UERJ), "nestes casos, a crase é explicada pelo teor semântico e não estritamente pela sintaxe".

Veja algumas questões do Cespe/UnB que trataram disso:

(Cespe/UnB – PRF – Policial Rodoviário Federal – 2004)

"(...) O mais recente êxito de Lula na ordem internacional foi o discurso proferido na Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova Iorque, quando propôs a criação de um comitê de chefes de Estado para dinamizar as ações de combate à fome e à miséria em todo o mundo."

Os sinais indicativos de crase em "combate à fome e à miséria" podem ser eliminados sem prejuízo para a correção do período.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: CERTO. A *fome* e a *miséria* podem ser tomadas em sentido genérico, logo pode não haver crase.

(Cespe/UnB – FUB – Analista de TI – 2011)

O uso do sinal indicativo de crase em "à imediata erosão" ("Tudo o que eu aprendo está sujeito à imediata erosão", afirma.) é obrigatório.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: ERRADO. Não é obrigatório (na verdade, nem cabe no contexto da frase) porque o substantivo *erosão*, da expressão *à imediata erosão*", está em sentido genérico, não se está individualizando a "erosão". Não se trata de uma erosão específica, mas de uma erosão que pode acontecer a qualquer momento, ou seja "Tudo o que eu aprendo pode imediatamente erodir.". O adjetivo

imediata não está em contraposição a *estendida*. *Imediata* é apenas um adjetivo modalizador, não determina *erosão* a ponto de tirar seu caráter generalizador.

Cespe – CORREIOS – nível superior – 2011
O emprego do sinal indicativo de crase em "Sujeitado a residência forçada" (Sujeitado a residência forçada, Antônio Vieira ansiava pela chegada do correio...) manteria a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: CERTO. Pelo *bizu* do "ao", pode-se chegar a "Sujeitado ao trabalho forçado", assim haveria crase.

Cespe – MPE/PI – nível médio – 2012
O emprego do sinal indicativo de crase em "ligados à globalização" (Eles estão inextricavelmente ligados à globalização) é facultativo, pois o termo "globalização" poderia ser empregado, nesse contexto, de forma indeterminada, indefinida e, consequentemente, sem o artigo definido.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: CERTO. Se fosse "mercado de trabalho" não poderia ficar "inextricavelmente ligados a mercado de trabalho"? Certamente que sim. Logo, a crase é facultativa.

A Crase e Certas Implicações

Quando usado o acento grave em algumas frases, há mudança de sentido, morfológica e semântica. Por isso, quando há crase, há certas implicações na estrutura frasal. Entenda melhor.

Em alguns casos, por motivo de clareza e para evitar a ambiguidade, a presença do acento grave é muito importante. Veja um caso: *"Matou a cobra **à onça.**"* (Ou seja, a cobra matou a onça). Veja outro: *"Eu lavei **a mão.**"* (Sem acento grave, significa "higienizar a mão".) / "*Eu lavei **à mão.***" (Com acento grave, significa "usar a mão para lavar".). Mais: *"Chegou a noite."* (*a no*ite é o sujeito), mas "Chegou à noite." (*à noite* é um adjunto adverbial de tempo). A presença ou a ausência do sinal indicativo de crase faz toda a diferença.

Veja este poema de Cineas Santos: *"O amor bate à porta e tudo é festa / O amor bate a porta e nada resta"*. Percebeu a mudança sensível de sentido? Além disso,

houve mudança de função sintática. No primeiro verso, significa “bater na porta”, pedindo para entrar; *à porta* tem função de adjunto adverbial de lugar. No segundo, significa “fechar a porta com força”; *a porta* tem função de objeto direto.

Veja agora vários casos e tente perceber as implicações semânticas, morfológicas e sintáticas:

– *Aqui se mata* ***a*** *fome.*
– *Aqui se mata* ***à*** *fome.*

– *Recebeu a pessoa* ***a*** *bala.*
– *Recebeu a pessoa* ***à*** *bala.*

– *Teve de pintar* ***a*** *mão hoje cedo.*
– *Teve de pintar* ***à*** *mão hoje cedo.*

– *Costuma cheirar* ***a*** *gasolina.*
– *Costuma cheirar* ***à*** *gasolina.*

– *Comeu* ***a*** *francesa**.
– *Comeu* ***à*** *francesa.*

– *Feriu o rosto dele* ***a*** *navalha.*
– *Feriu o rosto dele* ***à*** *navalha.*

– *Vendeu* ***a*** *vista.*
– *Vendeu* ***à*** *vista.*

– *A vista dele está cansada de tanto ler.*
– ***À*** *vista dele está cansada de tanto ler.*

– *Pagou* ***a*** *prestação.*
– *Pagou* ***à*** *prestação.*

– *Disse* ***a*** *minha mãe que voltaria cedo.*
– *Disse* ***à*** *minha mãe que voltaria cedo.*
– ***As*** *editoras sugerimos alguns livros.*
– *Às editoras sugerimos alguns livros.*

– ***A*** *indústria nacional prejudicou o acordo.*
– *À indústria nacional prejudicou o acordo.*

– *O homem pinta* ***a*** *máquina.*
– *O homem pinta* ***à*** *máquina.*

– *Parecia agradável* ***a*** *primeira vista.*
– *Parecia agradável* ***à*** *primeira vista.*

– *A disposição dos alunos na sala está incorreta.*
– *À disposição dos alunos na sala está a professora.*

– *Só* ***as*** *vezes que ela me convida para sair são marcantes.*
– *Só* ***às*** *vezes que ela me convida para sair.*

– *Não conseguiram enxergar* ***a*** *distância de um prédio a outro.*
– *Não conseguiram enxergar* ***à*** *distância de um metro.*

– *O direito à intercomunicação e* ***à*** *memória coletiva é importante no cenário atual.*
– *O direito à intercomunicação e* ***a*** *memória coletiva são importantes no cenário atual.*

intercomunicação e ***a*** *memória coletiva são importantes no cenário atual.*

* canibalismo (não vá pensar bobagens...)

Veja uma questão sobre tais implicações:

12. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Assinale a alternativa na qual o grupo em negrito atua como conjunção subordinativa.

a) Eu me referi **à medida que** contemplaria a maioria.
b) O sol ardia mais manso **à medida que** a tarde se esvaía. **(gabarito)**
c) Os moradores deram crédito **à medida que** cortou a água.
d) **À medida que** una os dois povos é o que todos visam hoje.

Comentário: O *que* é um pronome relativo que retoma *medida* nas opções A, C e D. Em a) a crase ocorre porque o verbo *referir-se* exige a preposição *a* + *a medida* = *à medida*. Em c) a crase ocorre porque o verbo *dar* exige a preposição *a* + *a medida* = *à medida*. Em d) a crase ocorre porque o verbo *visar* exige a preposição *a* + *a medida* = *à medida*. Em b) há crase obrigatória na locução conjuntiva *à medida que*.

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo pode cair! No entanto, a maioria das questões exige seu conhecimento relativo à regência verbal e nominal, pois são os verbos e os nomes que exigem preposição. Aí você já sabe: preposição *a* + *a* (artigo ou pronome demonstrativo) = *à*. Fique ligado nos padrões das bancas, isso é sempre importante!

Questões de Concursos

1. (FGV – Senado Federal – Policial Legislativo Federal – 2008) Assinale a alternativa em que se tenha optado corretamente por utilizar ou não o acento grave indicativo de crase.

a) Vou à Brasília dos meus sonhos.
b) Nosso expediente é de segunda à sexta.
c) Pretendo viajar a Paraíba.
d) Ele gosta de bife à cavalo.
e) Ele tem dinheiro à valer.

2. (FDC – MAPA – Analista de Sistemas – 2010) Na oração "Eles nos deixaram À VONTADE" e no trecho "inviabilizando o ataque, que, naturalmente, deveria ser feito À DISTÂNCIA", observa-se a ocorrência da crase nas locuções adverbiais em caixa-alta. Nas locuções das frases abaixo também ocorre a crase, que deve ser marcada com o acento, EXCETO em:

a) Todos estavam à espera de uma solução para o problema.
b) À proporção que o tempo passava, maior era a angústia do eleitorado pelo resultado final.
c) Um problema à toa emperrou o funcionamento do sistema.
d) Os técnicos estavam face à face com um problema insolúvel.
e) O Tribunal ficou à mercê dos hackers que invadiram o sistema.

3. (FAB – EAGS – Sargento – 2011) Em qual alternativa a ausência da crase pode alterar a função sintática do adjunto adverbial?

a) Saiu às escondidas antes do final do jantar.
b) Saiu às onze horas antes do final do jantar.
c) Saiu às pressas antes do final do jantar.
d) Saiu à francesa antes do final do jantar.

4. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) O texto abaixo foi transcrito com adaptações. Assinale a opção que manteve o emprego correto do sinal indicativo de crase.

*Interessa **à** (1) todo o País, por sua importância para **à** (2) produção, **à** (3) criação de empregos e o desenvolvimento, a agenda levada ao Congresso pelo presidente da Confederação Nacional da Indústria – CNI. Ao apresentar uma lista de 131 projetos considerados favoráveis ou prejudiciais ao setor, ele cobrou dos parlamentares, como de costume, atenção urgente **às** (4) questões de grande relevância para **à** (5) economia, especialmente numa fase de crise internacional.*

a) 1.
b) 2.

c) 3.
d) 4.
e) 5.

5. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) No que diz respeito ao uso do sinal de crase, assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto abaixo.

Uma mera observação __(1)__olho nu já basta para constatar que parcela relevante do spread está ligada, direta ou indiretamente, __(2)__ políticas públicas, sejam tributárias regulatórias ou de outra natureza. (...) Por outro lado, o aumento da eficiência do sistema bancário é igualmente relevante para __(3)__ queda dos spreads. (...) Em suma, é necessário um permanente diálogo entre o setor bancário e o governo, com vistas __(4)__ implementação de medidas sustentáveis para redução de spread, objetivo que deve ser atingido sem ameaças __(5)__ estabilidade financeira.

a) à / às / a / à / à.
b) a / as / a / à / a.
c) a / às / a / à / à.
d) a / a / à / a / a.
e) à / a / à / a / à.

6. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O emprego do sinal indicativo de crase em "rumo à modernização" (A legislação trabalhista brasileira está perto de dar um passo rumo à modernização...) justifica-se porque a palavra "passo" exige complemento antecedido pela preposição "a" e "modernização" admite artigo definido.

7. Indique a opção que corresponde a erro gramatical na transcrição do texto.

A (1) seca nos Estados Unidos prenuncia mais uma fase de preços altos para os alimentos, com perspectivas de bons ganhos para os exportadores e de graves dificuldades para as (2) economias pobres e dependentes da importação de comida. (...) A (3) longa estiagem, excepcionalmente severa, afeta mais de 60% do país e a maior parte das regiões agrícolas. O mercado reagiu imediatamente às (4) novas estimativas, divulgadas pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, com indicações de redução dos estoques na temporada 2012-2013. O Brasil será um dos países em condições de aproveitar às (5) oportunidades abertas pela quebra da safra americana.

a) A (1).
b) as (2).
c) A (3).
d) às (4).
e) às (5).

8. (Esaf – SRF – Analista Tributário da Receita Federal – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) Não estão em pauta medidas juridicamente controversas nem de impacto sobre o orçamento no curto prazo, mas decisões a serem tomadas logo para atenuar, no futuro, a expansão da despesa com a Previdência. Hoje, ela já é da ordem de 10% do PIB (incluindo o setor público), comparável à de países mais ricos e com maior número de idosos. (...)"

– O emprego do sinal indicativo de crase em "à de países" justifica-se pela fusão da preposição "a", exigida pelo adjetivo "comparável", com o artigo definido feminino singular "a" que acompanha o substantivo "despesa", elíptico na frase.

9. (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) O spread elevado também se deve a fatores como alta carga tributária e inadimplência – os empréstimos atrelados a garantias são incipientes..."

– A ausência do sinal indicativo de crase antes de "fatores" e "garantias" indica que esses substantivos estão empregados de modo genérico, sem o uso de artigo que os defina.

10. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical na transcrição do texto abaixo.

*A pequena reação da indústria em junho (crescimento de 0,2% em relação a maio) não foi suficiente para compensar **a** (1) queda da produção no primeiro semestre, da ordem de 3,8%, quando comparada **à** (2) produção do mesmo período de 2011. Segundo o IBGE, responsável por essa estatística, a indústria brasileira hoje produz o mesmo que **há** (3) três anos. Mesmo que o setor tenha passado por um ponto de inflexão, como acredita o ministro da Fazenda, Guido Mantega, é pouco provável que **a** (4) produção chegue **à** (5) registrar crescimento em 2012. Os especialistas projetam uma queda de até 2%, o que contribuirá para o fraco desempenho do Produto Interno Bruto (PIB) este ano.*

a) (1).
b) (2).
c) (3).
d) (4).
e) (5).

11. (Esaf – MF – Assistente Técnico-Administrativo – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Pode-se acrescentar o sinal de crase no **a** antes de "endurecer": "as principais instituições financeiras do País passaram a endurecer o jogo na hora de conceder empréstimos".

12. (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Em "O encarecimento dos importados, associado à contração da demanda...", o emprego de sinal indicativo de crase em "à contratação" justifica-se porque a palavra "associado" exige complemento antecedido pela preposição "a" e "contratação" é antecedida por artigo definido feminino.

13. Em relação ao uso do sinal indicativo de crase, assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do fragmento a seguir.

Será necessário aceitar que há um princípio darwiniano regendo _____ ascensão e _____ queda de setores da economia mundial. Um país não consegue ser bom em tudo, e alguns setores tendem _____ desaparecer em uma parte do mundo para florescer do outro lado do planeta. Por essa dinâmica, alguns setores tendem até _____ definhar no Brasil. A diminuição da fatia industrial na economia frequentemente se dá de forma natural e lenta, como parte do desenvolvimento das nações. Por isso, não costuma ser encarada como um transtorno, mas como mais uma etapa rumo _____ maturidade econômica.

a) à, à, a, a,a.
b) a, a, à, a, à.
c) à, a, a, a, à.
d) a, a, à, à, a.
e) a, a, a, a, à.

14. (Adaptada) A crase está correta ou incorreta?
"(...) E com resultado positivo, pois, graças **à** privatizações e concessões de serviços públicos, passos foram dados e o país não parou.

15. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) No trecho "Exceção a essa regra", é opcional o emprego do sinal indicativo de crase no "a".
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) No trecho "somado aos que vinham sendo realizados nos últimos anos", o elemento "aos" poderia ser corretamente substituído por **àqueles**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (FCC – TRT/AM (11R) – Técnico Judiciário – 2012) *É a atividade de construção de que o artista dispõe, o seu poder de imprimir ..... um trabalho sentimentos e sensações, e a qualidade de pensamento que conferem humanidade ..... arte; e essa humanidade pode ser realizada com uma série ilimitada de temas ou elementos formais. Tudo isso já foi repetido ..... exaustão.*
Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:
a) à – à – a.
b) a – à – à.
c) a – à – a.
d) à – a – à.
e) à – a – a.

18. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) *A parcela da população mundial que ascendeu ..... classe média nos últimos vinte anos passou ..... consumir mais, ... um ritmo acelerado, o que põe em risco a sustentabilidade do planeta.*
As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) à – a – a.
b) à – à – a.
c) à – a – à.
d) a – a – à.
e) a – a – a.

19. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ... *levava à crença na contínua evolução da sociedade* ...
O emprego do sinal de crase, exemplificado acima, estará correto, unicamente, em:

a) aludir à felicidade geral;
b) buscar à felicidade;
c) propor à toda a população;
d) impor à esse grupo;
e) discutir à obrigatoriedade da lei.

20. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) Do mesmo modo que no segmento *ameaça à paz e à segurança*, o sinal indicativo de crase também está corretamente empregado em:

a) O mais grave foi a ameaça à integridade física da vítima.
b) A crise econômica ameaça à preservação do acervo de vários museus.
c) Certos animais reagem agressivamente a ameaças à seus interesses.
d) Houve ameaça à grupo de manifestantes presos durante protesto.
e) A censura ameaça à liberdade de criação.

21. (FCC – MPE/AP – Promotor de Justiça – 2012) ***A palavra "maquiavélico", ... que se costuma atribuir uma acepção negativa, está longe de fazer justiça ..... complexidade do pensamento de Maquiavel, mesmo aquele restrito ..... seu mais famoso tratado, O príncipe.***

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) a – à – à;
b) à – a – a;
c) à – a – à;
d) a – à – a;
e) à – à – à.

22. (FCC – TJ/RJ – Analista Judiciário – 2012) ... ***e chegou à conclusão de que o funcionário passou o dia inteiro tomando café.***

Do mesmo modo que se justifica o sinal indicativo de crase em destaque na frase acima, está correto o seu emprego em:

a) e chegou à uma conclusão totalmente inesperada;
b) e chegou então à tirar conclusões precipitadas;
c) e chegou à tempo de ouvir as conclusões finais;
d) e chegou finalmente à inevitável conclusão;
e) e chegou à conclusões as mais disparatadas.

23. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) ***Não deixa de ser paradoxal o fato de o crescimento da descrença, que parecia levar ..... uma ampliação da liberdade, ter dado lugar ..... escalada do fundamentalismo religioso, ... que se associam manifestações profundamente reacionárias.***

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) a – à – a;
b) à – a – a;
c) a – a – à;
d) à – à – a;
e) a – à – à.

24. FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) *É possível encontrar antecedentes a esse tipo de análise na teoria do imperialismo. No entanto, a elaboração anterior à CEPAL preocupava-se principalmente com os países capitalistas avançados, interessando-se pelos países "atrasados" na medida em que desenvolvimentos ocorridos neles repercutissem para além deles.*

Considerado o trecho acima transcrito, é correto afirmar que o sinal gráfico indicativo da crase está adequadamente empregado em *à CEPAL*, mas se, em vez de *Comissão*, tivesse sido empregada uma palavra masculina, o padrão culto escrito abonaria unicamente o emprego de **a**.

25. (Funiversa – PC/DF – Perito Criminal – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Nas orações "para chegar à tal felicidade", "ou são ligadas à sua comunidade" e "se comparadas àquelas pessoas", os acentos graves marcadores de crase são todos opcionais.

26. (Cesgranrio – Liquigas – Profissional Jr. – 2012) As crases grafadas no início de cada uma das seguintes frases do texto se justificam pela exigência do verbo **acostumar**: "Às bactérias de água potável. À contaminação da água do mar. À lenta morte dos rios."

Uma quarta frase que poderia estar nessa sequência, grafada de acordo com a norma-padrão, seria a seguinte:

a) À ver injustiças
b) À vida sem prazer.
c) À alguma forma de tristeza.
d) À todas as mazelas do mundo
e) À essa correria em busca do sucesso.

27. (Cespe – TRE/RJ – Nível Superior – 2012) A correção gramatical do texto seria mantida caso a expressão "aos contornos constitucionais" fosse substituída por **à legislação constitucional**.

( ) CERTO
( ) ERRADO

28. (Cesgranrio – CMB – Analista (Arquitetura) – 2012) Observa-se o uso adequado do acento grave no trecho "estamos nos referindo à não ativação de elementos".

Verifica-se um **DESRESPEITO** à norma-padrão quanto ao emprego desse acento em:

a) O professor se reportou àquele texto de Machado de Assis.
b) Sonhamos em viajar à terra de Gonçalves Dias.
c) Ele sempre fazia alusão à palavras de seu poeta favorito.
d) Os alunos compreenderam o poema à custa de muito empenho.
e) Prefiro as poesias de Drummond às de Olavo Bilac.

29. (Cesgranrio – CITEPE – Operador de Utilidades Têxtil II – 2012) Observe a seguinte frase, correta quanto ao emprego do acento grave: "[...] competências comportamentais referentes **à** forma [...]"

O emprego do acento indicativo de crase está também corretamente feito em:

a) Os empregados mostraram-se resistentes à mudanças na empresa.

b) Muitos gostariam de ter um tempo maior à fim de se qualificar.
c) O mercado oferece menos chances à quem está afastado.
d) O bom profissional está atento à todas as transformações do mercado.
e) Quem quer voltar ao mercado deve atender às necessidades de hoje.

30. (Cesgranrio – CEF – Técnico Bancário Novo – 2012) O sinal indicativo de crase está adequadamente usado em:

a) Os pesquisadores dedicaram um estudo sobre *games* à um conjunto de pessoas idosas.
b) Daqui à alguns anos, os pesquisadores pretendem verificar por que os *games* são viciantes para os jovens.
c) Muitos dos idosos pesquisados obtiveram resultados positivos e passaram à se comportar de nova maneira.
d) A escolha de um determinado *game* se deveu à preocupação dos pesquisadores com as características que tal jogo apresentava.
e) Os estudos dos efeitos dos jogos eletrônicos sobre os idosos vêm sendo realizados à vários anos.

"(...) Para isso, criou instrumentos efetivos para melhor adequar os serviços às populações de menor renda... (...)"

31. (Cespe/UnB – Banco da Amazônia – Técnico Científico – 2012) O emprego do sinal indicativo de crase em "às populações" deve-se à presença da forma verbal "adequar" e do artigo feminino definido que precede o substantivo.

( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – TJ/RR – Nível Superior – 2012) Se fosse empregado o termo espécie humana em lugar de "gênero humano", a substituição de "ao" por à seria obrigatória para a manutenção da correção gramatical do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – MP – Analista de Infraestrutura – 2012) Na linha 7 (... força de trabalho às voltas com questões...), o sinal indicativo de crase em "às voltas" decorre da presença do artigo definido e do uso da preposição *a* exigida pelo substantivo "força".

( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Logo, frustrados, zelamos pela prisão daqueles que não se impõem as mesmas renúncias. (...)"

34. (Cespe/UnB – PF – Papiloscopista – 2012) Na linha 24, considerando-se a dupla regência do verbo impor e a presença do pronome "mesmas", seria facultado o emprego do acento indicativo de crase na palavra "as" da expressão "as mesmas renúncias".

( ) CERTO
( ) ERRADO

35. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) A tradição se tornou um arquivo atemporal, ao qual recorre a produção poética para..."

– O emprego do sinal indicativo de crase no "a", na expressão "a produção poética", não altera a correção gramatical.

36. (Funcab – MPE/RO – Analista Processual – 2012) Assinale a opção em que o espaço deve ser preenchido com À (preposição e pronome), como destacado em "(...) uma média semelhante À de um casal de classe média (...) ".

a) ___ medida que caminhava, recordava-se da terra natal.
b) Esta cena corresponde ___ que presenciei ontem.
c) Aproveite ___ oferta e se contente com a cor do tecido.
d) Referia-se, com certeza, ___ terra de seus pais.
e) Obedeceu ___ ordem dada, sem reclamar.

37. (Vunesp – Pref. São José Campos/SP – Analista em Gestão Municipal – 2012) Analise as afirmações:

I. De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está correta quanto à crase: *Se, por outro lado, tem um temperamento saturnino, é melhor adaptar-se à ele.*

II. De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está correta quanto à regência nominal: *Andrew Oswald avaliou o impacto dessas sequelas e chegou à conclusão que, num primeiro momento, elas reduzem bastante o grau de felicidade.*

III. De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está correta quanto à regência verbal: *Mas, com o passar do tempo, este volta a elevar-se, até atingir níveis semelhantes aos verificados antes do acidente e estacionar.*

Está correto apenas o que se afirma em:

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e III.
e) II e III.

38. (FCC – TST – Técnico Judiciário – 2012) Considere:

..... angústia de imaginar que o homem pode estar só no universo soma-se a curiosidade humana, que se prende ..... tudo o que é desconhecido, para que não desapareça de todo o interesse por pistas que dariam embasamento ..... teses de que haveria vida em outros planetas.

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) À – a – às;
b) A – à – as;
c) À – a – as;
d) A – a – às;
e) À – à – as.

39. (Upenet – Jucepe – Técnico – 2012) Em "*Bem-vindos à Feira de Caruaru*", a crase é obrigatória. Em qual das alternativas abaixo, o uso da crase É FACULTATIVO?

a) A Feira de Caruaru é atração devido à grande diversidade lá existente.

b) Na Feira de Caruaru, tudo está à venda.
c) Em feiras, como a de Caruaru, vendem-se coisas às pessoas de diferentes classes sociais.
d) Nas cidades de pequeno comércio, há mais pagamentos à vista.
e) Todos os dias, os comerciantes da Feira de Caruaru permanecem até às 18h.

40. (Vunesp – Fapesp – Analista de Sistemas Jr. – 2012) À semelhança do trecho – Nem sempre o que era desconhecido... restringe-se à descoberta –, assinale a alternativa em que, após o verbo restringir, deve ser empregado o acento grave da crase.
a) O alcance desses sensores restringe-se a limites claros.
b) Sua tarefa restringe-se a medir os intervalos.
c) O alcance do radar restringe-se a Brasília.
d) A visita a esse hospital restringe-se a horários predeterminados.
e) Essa proibição restringe-se a presença de menores de 18 anos.

41. (Consulplan – Pref. Barra Velha/SC – Advogado – 2012) Em "... um ano e tanto depois da chegada do primeiro pastor alemão àquela casa, ...", a ocorrência de crase no segmento anterior ocorre devido à:
a) fusão do artigo "a" com o pronome "aquela";
b) fusão da preposição "a" com o pronome "aquela";
c) colocação do pronome "aquela" diante de "casa";
d) especificação atribuída ao cachorro;
e) substituição do artigo "a" pelo pronome "aquela".

42. (Consulplan – Pref. São Domingos Prata/MG – Assistente Social – 2012) O uso do acento grave indicativo de crase é obrigatório em "vem à cabeça da maioria das pessoas". O mesmo ocorre em:
a) Sempre aspirou a tal emprego.
b) Eles aspiravam a altos cargos.
c) Disse que aspirava a ser médico.
d) O jovem aspirava a notoriedade.
e) Aspirava a uma posição mais brilhante.

Gabarito

1. A.	10. E.	19. A.	28. C.	37. C.
2. D.	11. INCORRETA.	20. A.	29. E.	38. A.
3. D.	12. CORRETA.	21. D.	30. D.	39. E.
4. D.	13. E.	22. D.	31. CERTO.	40. E.
5. C.	14. INCORRETA.	23. A.	32. CERTO.	41. B.

6. INCORRETA.	15. ERRADO.	24. INCORRETO.	33. ERRADO.	42. D.
7. E.	16. CERTO.	25. INCORRETA.	34. ERRADO.	
8. correta.	17. B.	26. B.	35. INCORRETA.	
9. CORRETA.	18. A.	27. CERTO.	36. B.	

Capítulo 31

QUE, SE e COMO

Definição

Os vocábulos *que, se, como* e tantos outros apresentam muitas classificações morfológicas e sintáticas. Como já sabemos, toda análise deve levar em conta o contexto.

Apesar de usar este capítulo para falar só de três vocábulos especiais, saiba que existem outros merecedores de sua atenção, por isso vá à caça deles nesta gramática ou consulte os dicionários Aurélio, Houaiss e Aulete. Ei-los:

a, aí, algo, atrás, bastante, bem, certo, logo, mais, meio, melhor, menos, mesmo, muito, nem, o, pior, pois, porque, pouco, próprio, quanto, segundo, todo...

Voltando à realidade deste capítulo... Mais especificamente sobre *que, se* e *como*, observe que falarei dos valores morfológicos, sintáticos e também dos traços semânticos desses vocábulos tão usuais e frequentes em provas. Se for o caso de você retornar a certos capítulos para relembrar as classes gramaticais e as funções sintáticas, não hesite. Certamente seu empenho valerá a pena. Aproveite!

O Vocábulo que e Suas Classificações

De todas as classificações deste vocábulo especial, sugiro que esteja "no sangue", pelo menos, duas: **conjunção integrante** e **pronome relativo**. São as *campeãs* nos concursos.

1) Substantivo

Representa algo (fato, coisa etc.) de modo indeterminado, indefinido, equivalendo a "alguma coisa" ou "qualquer coisa". É sempre modificado por um determinante (artigo, adjetivo, pronome ou numeral), tornando-se monossílabo tônico (logo, com acento circunflexo). Pode exercer qualquer função sintática substantiva.

– *"Meu bem querer / Tem um **quê** de pecado..."* (Djavan)
– *A gramática normativa não é difícil, mas tem lá seus **quês**.*
– *Sua tatuagem era um lindo **quê**, meio gótico, o qual representava sua inicial.*

Obs.: Quando se indica a décima sexta letra do alfabeto, usa-se o substantivo ***quê***: *A palavra quilo deve ser escrita com **quê**.* Entre aspas, fazendo referência a outro igual, não recebe acento; por exemplo: *Este "que" da frase destacada não é uma conjunção.*

2) Interjeição

Sempre em contexto exclamativo, também recebe acento circunflexo. Exprime um sentimento, uma emoção, um estado interior e equivale a uma frase, não desempenhando função sintática alguma. Vem normalmente com ponto de exclamação.

– ***Quê**? Impossível! Ela não pode ter saído assim, tão rapidamente.*
– ***Quê**! Você por aqui... quanto tempo...*

3) Advérbio

Serve para intensificar adjetivos ou advérbios, atuando sintaticamente como adjunto adverbial de intensidade. Equivale a "quão", "quanto".

– ***Que*** *bela estava aquela noite de fim de ano.*

– ***Que*** *depressa passaram aqueles dias! Infelizmente se aproveitou pouco.*

4) Preposição Acidental

Equivale às preposições essenciais *a*, *de* ou *para*, em certas construções. A que eu já vi figurar em prova até hoje é esta locução verbal: *ter/haver* + *que* + infinitivo (indicando obrigatoriedade, necessidade).

– *Você tinha* ***que*** *falar dela na frente dele? (= de)*

– *Há* ***que*** *se fazer um novo arranjo de ônibus para o congresso. (= de)*

– *Primeiro* ***que*** *tudo, estude Conjunções, só depois estude Orações. (= de)*

– *Não havia mais nada* ***que*** *fazer ali. (= a/para)**

– *Ainda há muito* ***que*** *esclarecer. (= a/para)**

* Alguns gramáticos, como Cegalla, analisam como pronome relativo.

Obs.: Alguns gramáticos, como Manoel Pinto Ribeiro, dizem que o uso da preposição acidental *que* na locução verbal é coloquial, mas não foi assim que encarou a Esaf. Tal banca não viu nesta construção coloquialismo tampouco erro gramatical: Esaf – MF – ASSISTENTE TÉCNICO-ADMINISTRATIVO – 2012 – QUESTÃO 17. Outro ponto importante: não são poucos os gramáticos, como Napoleão M. de Almeida, que repudiam, tratando como vício de linguagem (ou galicismo), a construção *não tem nada* ***a*** *ver*, em vez de *não tem nada* ***que/para*** *ver.*

5) Partícula Expletiva

Também chamada de **partícula de realce**, serve como recurso expressivo, enfático de alguma parte da oração. A retirada da palavra ***que*** não prejudica a estrutura sintática nem o valor semântico da oração.

– *Quase **que** ela desmaia depois daquela cena. (= Quase ela desmaia depois daquela cena.)*

– *Então qual **que** é a verdade? (= Então qual é a verdade?)*

– *Eu **que** apanho, e ela **que** chora? (Eu apanho, e ela chora?)*

Cuidado!!!

1) Pode aparecer acompanhado do verbo *ser*, formando a locução *é que*: "*O artigo do Zuenir Ventura **é que** trata de cultura.*". O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

2) Às vezes, há um afastamento do verbo *ser* do *que*: *"**É** o artigo do Zuenir Ventura **que** trata de cultura"*. O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

3) Se o termo a que se refere a locução estiver no plural, o verbo *ser* com ele concordará: *"**São** os artigos do Zuenir Ventura **que** tratam de cultura."*. O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

4) Caso o termo a que a locução se refira esteja preposicionado, o verbo *ser* não irá variar: *"**É** nos artigos do Zuenir Ventura **que** se trata de cultura."*. O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

6) Pronome Interrogativo

Equivale a *qual* ou a *qual coisa*, em frases interrogativas diretas ou indiretas. Quando acompanha substantivo, exerce função de adjunto adnominal. Quando o substitui, exerce função própria de substantivo. Em fim de frase e antes de pontuação, este vocábulo, por ser tônico, sempre recebe acento circunflexo.

– ***Que** questão sobre a qual todos estão falando caiu na prova?*

– *O **que** estava ocorrendo com aquela aeronave?*

– *Não quiseram saber **que** se passava por lá.*

– *Vocês estavam pensando em **quê**?*

– *As muralhas da cidade eram feitas de **quê**, a ponto de cederem tão rápido ao ataque?*

Obs.: Como se viu no segundo exemplo, pode vir antecedido do artigo expletivo *o*.

7) Pronome Indefinido

Sempre acompanha substantivo, exercendo função de adjunto adnominal. Às vezes equivale a "quanto(a)". É praxe vir em frase exclamativa.

– ***Que*** *tempo estranho... ora faz frio... ora faz calor...*
– ***Que*** *lugar maravilhoso!*
– ***Que*** *raiva!*

8) Pronome relativo

Recomendo que releia tudo sobre pronome relativo no capítulo de pronomes! Para facilitar sua vida, recomendo este *bizu*: substitua-o por *o qual, a qual, os quais, as quais*. Se for possível, usar um desses pronomes relativos substituindo um termo antecedente (não respira!), o *que* será um pronome relativo!

– *"João amava Teresa* ***que*** *amava Raimundo* ***que*** *amava Maria* ***que*** *amava Joaquim* ***que*** *amava Lili* ***que*** *não amava ninguém."* (Carlos Drummond de Andrade)
– *Este é o motivo por* ***que*** *continuaram a insistir em ajudá-lo.*
– *As atitudes polidas de* ***que*** *lhe falei eram aceitáveis naquela sociedade.*

Obs.: Há um caso que, talvez, possa dificultar sua visão: pronome relativo antecedido de pronome demonstrativo *o* (= *isso, aquilo*) ou *os, a, as*: *"Um recente desastre nos EUA ceifou muitas vidas, o* ***que*** *muito me chocou." / "O* ***que*** *mais aprecio nesta vida é o olhar inocente de uma criança." / "Mesmo a contragosto, teve de se encontrar com as* ***que*** *iriam ajudá-lo."*.

9) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa

As quatro primeiras são coordenativas, portanto iniciam orações coordenadas sindéticas. As outras sete são subordinativas, logo introduzem orações subordinadas.

Aditiva

Aparece entre dois verbos, equivalendo a *e*.

– *Anda **que** anda, e nunca chega a lugar algum.*

– *Reza **que** reza, e a assombração não sai de cima de sua vida.*

Obs.: Em *"Dize-me com quem andas, **que** te direi quem és."*, Napoleão M. de Almeida, considera o *que* uma conjunção aditiva: *"Dize-me com quem andas, **e** te direi quem és."*.

Adversativa

Indica oposição, ressalva, apresentando valor equivalente a "mas".

– *Outro, **que** não eu, terá de fazer aquilo.*

– *Procure outra pessoa para fazer trabalho, **que** não ela, pois já vimos sua incapacidade.*

Alternativa

Aparece em correlação, equivalendo a "quer... quer...".

– ***Que** percam, **que** não percam, nunca falarei mal de vocês.*

– ***Que** chova, **que** faça sol, sairei de casa, pois não aguento mais o sedentarismo.*

Explicativa

Equivale a "porque", "pois".

– *Façamo-nos fortes, **que** o fim está próximo.*

– *Ignore essas pessoas, **que** elas não sabem o que fazem.*

Integrante

Junto com o pronome relativo, esta classificação é a que mais aparece em provas! Se eu fosse você, eu retornaria agora ao capítulo de conjunção para "entubar". *Bizu*: substitua a oração iniciada pela conjunção por **isso**. Se for possível, trata-se de uma conjunção integrante mesmo!

– *Não pensem **que** o poeta é um marginal, pois nunca o foi. (= Não pensem **isso**.)*
– *Parecia **que** as paredes tinham ouvidos.*
– *O que importa é **que** ela me ama e **que** vamos ficar sempre juntos. (= O que importa é **isso** e **isso**.)*

Obs.: A conjunção integrante pode vir elíptica: *Não pensem o poeta é um marginal, pois nunca o foi.* Quando vem repetida, pode-se explicitar só a primeira: *O que importa é **que** ela me ama e vamos ficar sempre juntos.*

Causal

Equivale a "porque".

– *Levantou cedo **que** tinha que viajar a trabalho.*
– *Velho **que** sou, jamais chegarei à metade deste século.*

Obs.: O *que* das locuções conjuntivas pode aparecer sozinho se houver enumeração de orações adverbiais. O mesmo vale para as demais orações adverbiais. Veja: "***Visto que** tudo estava acertado entre os sócios e **que** haviam fechado um ótimo negócio, a amizade deles perdurou.*". Tome cuidado com construções não iniciadas por locuções conjuntivas em que esta conjunção (*que*) não seja necessária, provocando erro de paralelismo: "***Como** tudo estava acertado entre os sócios e **que** haviam fechado um ótimo negócio, a amizade deles perdurou.*" (errado) / "***Como** tudo estava acertado entre os sócios e haviam fechado um ótimo negócio, a amizade deles perdurou.*" (certo).

Consecutiva

Vem normalmente após "tão, tanto, tamanho, tal".

– *Tanta foi sua perseverança durante os anos de estudo* ***que*** *obteve êxito.*

– *"Apertados no balanço / Margarida e Serafim / Se beijam com tanto ardor /* ***Que*** *acabam ficando assim."* (Millôr Fernandes)

Comparativa

Vem numa estrutura de comparação por superioridade ou inferioridade.

– *Posso ser fraco, mas menos capaz* ***que*** *ele não sou.*

– *Você é maior do* ***que*** *todos eles juntos, meu caro amigo!*

Obs.: O *do* antes da conjunção é facultativo: *Você é maior* ***que*** *todos eles juntos, meu caro amigo!*

Concessiva

Equivale a "embora", normalmente.

– ***Que*** *nos tirem o direito à liberdade, continuaremos lutando por ela.*

– *Dedique-se aos estudos, meu filho, todo dia, um pouco* ***que*** *seja!*

Final

Equivale a "para que, a fim de que". É construção rara!

– *"Dizei* ***que*** *eu saiba."* (João Cabral de Melo Neto)

– *Todos lhe fizeram sinal* ***que*** *se calasse.*

– *Orai,* ***que*** *não entreis em tentação.*

Temporal

Equivale a "desde que".

– *"Porém já cinco sóis eram passados* ***que*** *dali nos partíramos."* (Camões)

– *Chegados* ***que*** *fomos, dirigimo-nos à pousada.*

– *Abertos **que** foram os portões, os candidatos em seguida entraram.*

Observação Final: O gramático Luiz A. Sacconi registra em sua gramática mais dois *quês*: ***condicional*** (*Ah, **que** fosse eu o escolhido!*) e ***conformativo*** (***Que** eu saiba, Luís não é casado.*).

O Vocábulo SE e Suas Classificações

De todas as classificações deste vocábulo especial, sugiro que esteja "no sangue", pelo menos, três: **partícula apassivadora, partícula de indeterminação do sujeito** e **conjunção condicional**. São as *campeãs* nos concursos.

1) Substantivo

Quando acompanhado de determinantes (artigo, adjetivo, pronome ou numeral).

– *Os três **ses** da frase "Se se quer o bem, precisa-se de amor no coração" são, respectivamente: conjunção subordinativa condicional, partícula apassivadora e partícula indeterminadora do sujeito.*

2) Pronome Oblíquo Átono

Este pronome oblíquo átono tem cinco classificações: **pronome reflexivo (ou recíproco)**, **parte integrante do verbo**, **partícula expletiva**, **partícula de indeterminação do sujeito e partícula apassivadora**. Nas explicações abaixo, precisarei contar com sua ajuda: seu conhecimento básico sobre transitividade verbal e um pouquinho de voz verbal.

Pronome Reflexivo (ou Recíproco)

Sempre vem acompanhado de verbo transitivo direto e/ou indireto (VTD/VTI/VTDI). Segundo Bechara, ele "faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou". Diz-se que o pronome reflexivo é chamado de **recíproco** quando há mais de um ser no sujeito e o verbo se encontra comumente no plural. Exerce função sintática de objeto direto, objeto indireto ou sujeito (com verbos causativos ou sensitivos), normalmente.

– *A menina **se** cortou.* (objeto direto)
– *A modelo **se** impôs uma dieta muito severa.* (objeto indireto)
– *Eles sempre **se** perguntam se o casamento vai durar.* (objeto indireto)
– *A avó e a neta **se** queriam muito.* (objeto indireto)
– *O casal **se** beijou com vontade.* (objeto direto)
– *Deixou-**se** ficar à janela a tarde toda.* (sujeito)

Obs.: Em *"Ele **se** chama Fernando."*, *"Ele **se** batizou na igreja evangélica."*, *"Ela **se** curou da gripe."*, alguns gramáticos, como Sacconi, analisam tal "se" como pronome apassivador. Outros estudiosos, como Mattoso Câmara, analisam como pronome reflexivo. Bechara registra ambas as visões.

Parte Integrante do Verbo

Sempre acompanha verbo intransitivo (VI) ou transitivo indireto (VTI). Baseando-me no Bechara, posso dizer que tais verbos são chamados de pronominais, pois não se conjugam sem a presença do pronome oblíquo, indicando sentimento (indignar-se, ufanar-se, atrever-se, alegrar-se, admirar-se, lembrar-se, esquecer-se, orgulhar-se, arrepender-se, queixar-se etc.) ou certos movimentos ou atitudes do ser em relação a si próprio, intencionalmente ou não (sentar-se, suicidar-se, concentrar-se, converter-se, afastar-se, precaver-se, partir-se, afogar-se etc.). Por favor, não o confunda com pronome reflexivo.

– *Ele **se** precaveu das pragas.*
– *Ela, infelizmente, suicidou-**se**.*
– *Nunca você deve queixar-**se** da sua vida.*
– *Hoje mais uma criança **se** afogou no mar bravio.*
– *A árvore **se** partiu em dois pedaços devido à força do furacão.*

Obs.: Outros pronomes oblíquos também podem ser integrantes do verbo: *me, te, nos, vos.*

Partícula Expletiva

Acompanhado de verbos intransitivos (VI), normalmente. Pode ser retirado da oração sem prejuízo sintático e semântico, pois seu valor é apenas estilístico (ênfase, expressividade), por isso é chamado de **partícula de realce**.

– *Vão-**se** os anéis, ficam-**se** os dedos. = Vão os anéis, ficam os dedos.*

– *Ela **se** tremia de medo do escuro. = Ela tremia de medo do escuro.*

– *"Ele estava chateado com a nota do meu boletim?" "**Se** estava!, respondeu a mãe."*

Partícula de Indeterminação do Sujeito

Sempre acompanha verbos na 3ª pessoa do singular de quaisquer transitividades (VL, VI, VTI, VTD), sem sujeito explícito. No caso do VTD, precisará haver objeto direto preposicionado para que o ***se*** indetermine o sujeito – note o último exemplo. Tal indeterminação, em todos os exemplos, implica um sujeito de valor genérico (generalizador), impreciso. **Cai muito em prova!**

– *Neste mundo, quando **se** é honesto, muito **se** perde.*

– *Tratou-**se** de fenômenos geológicos desconhecidos no filme.*

– *Nunca **se** bebeu tanto dessa cerveja brasileira.*

Obs.: Note que o sujeito nunca vem explícito, por isso é possível criar um sujeito hipotético (alguém) para facilitar a "visão" do sujeito indeterminado: "*Neste mundo, quando **alguém** é honesto, este **alguém** perde muito."/ "**Alguém** tratou de fenômenos geológicos desconhecidos no filme." / "Nunca **alguém** bebeu tanto dessa cerveja brasileira.".*

Partícula Apassivadora

Sempre acompanha VTD ou VTDI para indicar que o sujeito explícito da frase tem valor paciente, ou seja, sofre a ação verbal. *Bizu*: sempre é possível reescrever a frase passando para a voz passiva analítica, ou seja, transformando o verbo em locução verbal (***ser*** **+ particípio**). **Cai muito em prova!**

– *Lia-**se** no jornal há um tempo: "RJ sofre com tráfico". (= Era lido no jornal há um tempo: "RJ sofre com tráfico".)*

– *Sabe-**se** que as línguas evoluem. (= É sabido que as línguas evoluem.)*
– *Jabuticaba **se** chupa no pé. (= Jabuticaba é chupada no pé.)*
– *Fez-**se**-lhe uma homenagem surpresa. (= Uma homenagem surpresa foi feita a ele.)*
– *Estão-**se** considerando outras propostas, ultimamente, para o bem-estar da população. (= Outras propostas para o bem-estar da população estão sendo consideradas, ultimamente.)*

3) Conjunção Subordinativa

Releia atentamente o capítulo de conjunção, especificamente o "Cuidado!!!", em *conjunção condicional*. Vá por mim!

Integrante

Vale o mesmo bizu do ***que***, a saber: substitua a oração iniciada por ***se*** por **isso**. **Cai muito em prova!**

– *Veja **se** a companhia elétrica já resolveu o problema da falta de luz. (= Veja **isso**.)*
– *Não desejamos saber **se** ela é velha, mas sim **se** ela é eficiente. (= Não desejamos saber **isso**, mas sim **isso**.)*

Condicional

Introduz uma oração com valor hipotético, equivalendo semanticamente a "caso". **Cai muito em prova!**

– ***Se** houver entre as nações algum acordo, todos irão se beneficiar com a paz.*
– *Talvez se deva deixar a discussão para depois, **se** porventura pretendemos manter a paz.*

Obs.: "Se caso" é construção equivocada: *"**Se caso** eles vierem, não os atenda."*. O adequado é: "***Se*** (ou ***Caso***) *eles vierem, não os atenda.*".

Causal

– ***Se** a sua família vive em harmonia, por que seus pais brigaram feio ontem?*

– ***Se*** *a vida está tão fácil (e como está, graças a Deus!), vamos aproveitá-la.*

Obs.: Veja uma questão sobre este *se*: FCC – TCE/AP – Analista DE CONTROLE EXTERNO – 2012 – QUESTÃO 7. Ignore os itens I e III da questão. Veja que o *se* do item II tem valor causal e não condicional, pois equivale a "já que". Tal estrutura usada pela FCC é muito semelhante aos exemplos dados pelo Sacconi em sua gramática a respeito do *se* causal. Veja isto: FUNIVERSA – PMDF – SOLDADO – 2013 – QUESTÃO 7.

Concessiva

Equivale a "embora".

– *"**Se** ferido ele queria lutar, imagine, então, são!"* (Sacconi)

– *"**Se** o via derrubado, rosto no pó, nem por isso o respeitava menos."* (Ondina Ferreira)

Temporal

Equivale a "quando". Os verbos da oração normalmente estão no presente do indicativo.

– ***Se*** *penso em você, começo a chorar de saudade.*

– *"Consolo-o, **se** o vejo triste."* (Cegalla)

Observação Final: Segundo o gramático Luiz A. Sacconi, o *se* pode ser uma conjunção comparativa: *"**Se** o estilo reflete o homem, o idioma é o espelho da cultura de um povo."* (= *assim como*).

O Vocábulo como e Suas Classificações

De todas as classificações deste vocábulo especial, sugiro que esteja "no sangue", pelo menos, três: **conjunção comparativa, conjunção causal** e **conjunção conformativa**. São as *campeãs* nos concursos.

1) Substantivo

Vem determinado, assim como o ***que*** e o ***se***. Exerce função sintática própria de substantivo.

– *O **como** tem sete classificações morfológicas diferentes.*

– *Tenha cuidado com o **como** no início de oração adverbial, pois pode ser causal, comparativo ou conformativo.*

2) Advérbio

Pode ser advérbio de modo, advérbio interrogativo de modo e advérbio de intensidade (neste caso, equivale a "quão" ou "quanto"). Sempre exerce função sintática de adjunto adverbial.

– *O trabalho não está **como** a diretoria deseja.*

– ***Como** resolver o problema?*

– ***Como** é perfeita a sua face!*

3) Preposição Acidental

Equivale, normalmente, a "por", "na qualidade de" ou "na condição de". Normalmente introduz um termo que exerce a função de predicativo do sujeito ou do objeto, adjunto adnominal ou aposto.

– *Na seleção, ele atua **como** zagueiro.*

– *Obtiveram **como** resposta um sonoro não.*

– *Os ganhadores tiveram **como** prêmio uma medalha de ouro.*

– *O conceito de cultura **como** recurso ganhou legitimidade.*

– *As matérias da prova, **como** Português, Direito Administrativo e Informática, já estão assimiladas.*

4) Interjeição

Em um contexto exclamativo, indicando determinadas emoções. Normalmente seguido de ponto de exclamação e interrogação.

– ***Como**?! Não havíamos combinado a sua volta esta semana?*

Obs.: Os dicionários interpretam este *como* como advérbio.

5) Verbo

É a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo.

– *Eu sei que* ***como*** *muito!*

6) Pronome Relativo

Retoma os antecedentes "modo", "maneira", "jeito" ou "forma" e, como todo pronome relativo, exerce função sintática dentro da oração adjetiva: adjunto adverbial.

– *A maneira* ***como*** *ela realizou a tarefa surpreendeu-nos.*

– *Este é o jeito* ***como*** *fazemos as coisas aqui.*

7) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa

Pode ser conjunção coordenativa aditiva ou subordinativa causal, comparativa ou conformativa.

Aditiva

Normalmente vem na correlação "não só/apenas/somente... (bem) como (também/ainda)..." ou "tanto... como...". Equivale a "e também".

– *Não só o Japão* ***como*** *a China têm grandes centros comerciais.*

– *Tanto estudo,* ***como*** *trabalho.*

– *O Rio,* ***como*** *o Recife, é uma cidade paradoxal, pois o belo e o feio convivem juntos.*

Causal

Equivalente a "porque", é usado no início da frase. Pode vir seguido de verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo.

– ***Como*** *estivesse recuperado, decidiu proceder à cerimônia.*

– ***Como*** *se aqueceu no inverno, saiu o urso da hibernação.*

Comparativa

Introduz o segundo elemento de uma comparação, equivale a "quanto", é precedido de "tanto, tão", normalmente. Às vezes vem junto do *se*.

– ***Como*** *a luz que ilumina meu caminho, teus conselhos são um verdadeiro farol.*

– *Ninguém o conhece tão bem* ***como*** *eu.*

Conformativa

Equivale a "conforme".

– ***Como*** *a chamada era feita, os alunos iam se alinhando.*

– *Em algumas situações, devemos fazer* ***como*** *manda nossa consciência.*

O Que Cai Mais na Prova?

Sobre a palavra *que*, é preciso estar no sangue **conjunção integrante** e **pronome relativo**. Sobre a palavra *se*, é preciso estar no sangue **partícula apassivadora**, **partícula de indeterminação do sujeito** e **conjunção condicional**. Sobre a palavra *como*, é preciso estar no sangue **conjunção comparativa**, **conjunção causal** e **conjunção conformativa**. As bancas que adoram tais assuntos são, além das militares, o Cespe/UnB – quando se trata do vocábulo *se* – e, principalmente, a FGV – quando se trata do vocábulo *que*. A Vunesp e a FUNCAB não deixam por menos.

Questões de Concursos

1. (FAB – EEAR – Sargento – 2001) Estabelecer a correlação entre o sentido e o termo grifado. Em seguida, assinalar a alternativa que apresenta a sequência **correta:**

1. Causa
2. Comparação
3. Conformidade

( ) Confesso que eu escrevo de palpite, como outras pessoas tocam piano de ouvido.

( ) Vinham em bandos, descansavam e, como em redor não havia comida, seguiam viagem para o Sul.

( ) Como era muito seco de maneiras, tinha inimigos que chegavam a acusá-lo de bárbaro.

( ) Não me respeitava a adolescência, como não respeitava a batina do irmão...

( ) O diabo não é tão feio como o pintam.

a) 2 – 3 – 1 – 1 – 2.

b) 1 – 2 – 3 – 2 – 3.

c) 2 – 1 – 1 – 2 – 3.

d) 3 – 1 – 2 – 1 – 2.

2. (FAB – EEAR – Sargento – 2001) Observe: " ... não sei se é esta toalha."
Qual das alternativas abaixo apresenta oração com a mesma classificação da destacada acima?

a) Se for possível, gostaria de acompanhá-lo.
b) Ficaremos decepcionados, se a prova for adiada.
c) Os pedidos serão atendidos, se bem elaborado o ofício.
d) Na verdade, gostaria de perguntar se ainda me considera seu amigo.

3. (FAB – EEAR – Sargento – 2002) "Convive com teus poemas, antes de escrevê-los. Tem paciência, se obscuros. Calma, se te provocam. Espera que cada um se realize e consuma com seu poder de palavras e seu poder de silêncio." (...) ***(C.D. Andrade)***
As palavras grifadas, no poema, classificam-se, respectivamente, como:

a) conjunção integrante, conjunção integrante;
b) conjunção adverbial condicional, conjunção adverbial condicional;
c) partícula expletiva, partícula expletiva;
d) pronome reflexivo, conjunção adverbial condicional;

4. Assinale a alternativa em que o vocábulo que funciona como conjunção.

a) O jornal a que me refiro publicará seu texto.
b) O importante é que todos se convençam de que é preciso lutar.
c) Foram inúteis os argumentos de que fizeram uso durante o debate.
d) É importante saber conviver com as mudanças que acompanham a existência.

5. Assinale a alternativa em que há conjunção integrante.

a) Já li o livro que você me emprestou.
b) Não venha, que não estarei mais aqui.
c) Espero que você recupere logo a saúde.
d) Quase que a criança caiu.

"Minha querida Mariana:

Só hoje consegui autorização da tua Madre Superiora para te escrever, às escondidas de teus pais e meu marido, que embora não te conheça a ti não pode de ti ouvir, sem raiva, certamente pela amizade que sabe eu te dedicar e isso o enfurece (...)" (Trecho de *Novas Cartas Portuguesas*)

6. Observando-se a natureza morfológica e a função sintática dos termos em destaque, é correto afirmar que são, respectivamente:

a) conjunção integrante e sujeito; pronome relativo e objeto direto;
b) pronome relativo e sujeito; pronome relativo e objeto direto;
c) conjunção integrante e objeto direto; conjunção integrante e sujeito;
d) pronome relativo e sujeito, pronome relativo e sujeito.

7. (FGV – Senado Federal – Analista Legislativo – 2008) ***"Outro aspecto que configura alguns desafios ainda não resolvidos na atual Constituição é a existência de muitos dispositivos a reclamar***

leis que lhes deem eficácia plena. A propósito, convém recordar que, promulgado o diploma constitucional, o Ministério da Justiça realizou levantamento de que resultou a publicação do livro 'Leis a Elaborar'."

Em relação às ocorrências da palavra QUE no trecho acima, é correto afirmar que há:

a) duas conjunções subordinativas, um pronome relativo e uma conjunção integrante;
b) três conjunções subordinativas e um pronome relativo;
c) três conjunções integrantes e uma conjunção subordinativa;
d) dois pronomes relativos e duas conjunções integrantes;
e) três pronomes relativos e uma conjunção integrante.

8. (FGV – Senado Federal – Analista de Relações Públicas – 2008) *"Ainda não é o fim do capitalismo, mas talvez seja a agonia do caráter neoliberal que hipertrofiou o sistema financeiro. Acumular fortunas tornou-se mais importante que produzir bens e serviços."*

Assinale a alternativa em que estejam corretamente classificadas, respectivamente, as ocorrências da palavra QUE no trecho acima.

a) pronome relativo – conjunção subordinativa.
b) conjunção integrante – conjunção integrante.
c) pronome relativo – pronome relativo.
d) conjunção integrante – conjunção subordinativa.
e) conjunção subordinativa – pronome relativo.

9. (Cespe/UnB – TRT/RJ (1ª R) – Analista Judiciário – 2008) (Adaptada) As conjunções destacadas nos trechos a seguir estão associadas a uma determinada interpretação. Assinale o item que apresenta trecho do texto seguido de interpretação correta da conjunção destacada.

I. 'como dizem meus filhos' ("Esse primeiro trimestre, como dizem meus filhos, bombou") – comparação

II. 'É um erro imaginar que há inflação no Brasil' – consequência

10. (FGV – MEC – Analista de Sistemas – 2009) *"À evidência imposta, que presume que a única forma aceitável de organização de uma sociedade é a regulação pelo mercado, podemos opor a proposta de organizar as sociedades e o mundo a partir do acesso para todos aos direitos fundamentais."*

As ocorrências da palavra *QUE* no trecho acima são classificadas como:

a) conjunção integrante e conjunção integrante;
b) pronome relativo e conjunção integrante;
c) pronome relativo e pronome relativo;
d) conjunção subordinativa e conjunção subordinativa;
e) conjunção integrante e pronome relativo.

11. (UFF – UFF – Administrador – 2009) A conjunção "como" está empregada no período: "Aliás, é quase consenso que uma das maiores falhas dos Estados Unidos é não terem um sistema de saúde como o europeu e o canadense" com o mesmo valor significativo que no período:

a) Não constitui novidade para mim, pois várias vezes já ouvi essa "teoria", como ele a chama.
b) Como anoitecesse, recolhi-me pouco depois e deitei-me.
c) Sua força vinha dos olhos, vivos e inquiridores como os de um cachorro fiel.

d) Como terá conseguido vencer, se tudo lhe eram obstáculos?
e) Homem de poucas letras, queria saber como devia expressar o que sentia por ela.

12. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Em "O que é importante notar aqui é que a oposição entre falar e escrever não se funda mais na oposição entre presença e ausência", a expressão "é que" é expletiva.

13. (FUNCAB – Pref. Porto Velho/RO – Médico – 2009) Assinale a opção em que a palavra grifada é uma conjunção subordinativa adverbial condicional.
a) "Outro dia, um amigo biólogo me perguntou se eu gostaria de conviver bilhões de anos ao lado dos ectoplasmas de macaco..."
b) "O cientista Carl Sagan adverte, como muitos outros, que vida só se tem uma..."
c) "Resolver essa dúvida religiosa logo no início da vida adulta é mais importante do que se imagina."
d) "... poderá vir a ser o bisavô daquela moça que vai um dia se casar com seu bisneto."
e) "Se não transmitirmos uma ética robusta a eles, nosso DNA terá curta duração."

14. (FUNIVERSA – MTUr – Administrador – 2010) Com base na gramática da norma culta, assinale a alternativa correta.
*"(...) O estudo mostra ainda que dois terços dos jovens naquela faixa etária utilizam regularmente serviços de mensagens instantâneas, **como** MSN. (...) **Como** a sede de consumo dos meios é tão grande para os jovens paulistanos – e região metropolitana de SP – de 18 a 24 anos, quase metade deles acessam a Internet enquanto assistem à TV ou enquanto ouvem rádio. (...)"*
a) O termo "como" tem o mesmo sentido que o "Como".

15. "Nenhum bicho venenoso pode alegar que a luta pela vida o fez assim. Que ele foi ficando venenoso com o tempo, que só descobriu que sua picada era tóxica por acidente, que nunca pensou etc."
(Cesgranrio – IBGE – Analista Agrícola – 2010) No trecho acima, o cronista faz uso do termo "que", repetidamente. A passagem na qual o termo "que" apresenta a mesma classificação gramatical daquela desempenhada no trecho destacado é
a) "as características que garantem a sua sobrevivência";
b) "a arma ou o disfarce que o salva dos seus predadores";
c) "E o que vale para serpentes vale para o ser humano";
d) "o fato é que não dá para evitar a constatação";
e) "A pura maldade inerente a tanto que se vê".

16. (FUNCAB – DETRAN/PE – Analista de Trânsito – 2010) Marque a opção que apresenta, respectivamente, a ideia expressa pela conjunção "como" em cada uma das frases abaixo.
I. "Até aparelhos que deixam as mãos livres, como o bluetooth, não eliminam os riscos."
II. "Como a legislação difere entre os estados americanos, pesquisas frequentes ajudam a estimular o debate."
III. "... como eu ia dizendo, é muito mais econômico você andar devagar e ser assaltado por mim do que correr e ser assaltado pelo radar."
a) comparação – causa – conformidade.

b) comparação – comparação – conformidade.
c) conformidade – causa – comparação.
d) causa – conformidade – causa.
e) causa – conformidade – conformidade.

17. (FEC – MPA – Agente Administrativo – 2010) A conjunção "como", nas orações "como mostramos todos os meses em nossa revista" e "Como sempre digo", tem o mesmo valor significativo que em:

a) Como foi combinado, partimos bem cedo.
b) Como fazia calor, abrimos as janelas.
c) Não sei como ela suportou tanta injustiça.
d) Era tão alto como o irmão.
e) Saltava pelo campo como uma lebre.

18. (Cesgranrio – Bacen – Técnico – 2010) No fragmento "O novo acordo precisa ir muito além de Kyoto, se a meta for impedir que o aumento da temperatura média da atmosfera ultrapasse 2°C de aquecimento neste século, como recomenda a maioria dos climatologistas.", o termo "se" tem o sentido equivalente ao de:

a) logo que;
b) à medida que;
c) no caso de;
d) apesar de;
e) uma vez que.

19. (FUNRIO – SEBRAE/PA – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

"(...) Se faziam tudo aquilo é que não tinham casa... (...)"

I- O uso do pronome SE no início da terceira frase é uma marca de oralidade tipicamente brasileira.

II- A expressão É QUE usada na terceira frase é expletiva e pode ser retirada do período sem prejuízo de sentido.

20. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico Judiciário – 2011) Em "inspirar-se" (Os participantes... bem poderiam... inspirar-se na última reunião sobre diversidade.), a partícula "se" indica que o sujeito da oração é indeterminado.

( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) *É certo* **que** *a mudança do enfoque sobre o tema, no âmbito das empresas – principalmente, as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos de postura administrativa decorrentes da adoção de critérios de responsabilização penal da pessoa jurídica em seus países de origem. Tais mudanças, inevitavelmente, terão* **que** *abranger as práticas administrativas de suas congêneres espalhadas pelo mundo, a fim de evitar respingos de responsabilização em sua matriz.*

No trecho acima, as ocorrências da palavra QUE classificam-se, respectivamente, como:

a) pronome relativo e preposição;

b) conjunção integrante e preposição;
c) conjunção integrante e conjunção integrante;
d) pronome relativo e conjunção integrante;
e) preposição e pronome relativo.

22. (FAB – AFA – Oficial – 2011) Assinale a única alternativa em que a palavra SE recebe a mesma classificação morfossintática que a destacada em: "Outra discussão chata, durante e após as partidas, é se um jogador teve a intenção...".

a) "...ambiente bélico em que se transformou o futebol, dentro e fora de campo."
b) "Impressiona-me como se formam conceitos..."
c) "Se dizem que a imagem vale mais que mil palavras, por que se fala e se grita tanto?"
d) "Não dá para o árbitro saber se a falta foi intencional ou não."

23. Assinale a alternativa na qual a palavra QUE tem a mesma classificação morfológica que a destacada em: "... baseados em estatísticas que têm pouca ou nenhuma importância."

a) "... ambiente bélico em que se transformou o futebol."
b) "É óbvio que informações e estatísticas são importantíssimas."
c) "Se dizem que a imagem vale mais que mil palavras..."
d) "... para achar que todas as faltas violentas são involuntárias."

24. (COPEVE/UFAL – UFAL – Assistente de Administração – 2011) ***"O colégio Hugo Sarmento, em São Paulo, decidiu levar para a sala de aula uma ferramenta virtual que muitos adolescentes já dominam. O limite de 140 caracteres imposto pelo microblog Twitter está permitindo que alunos do ensino fundamental exerçam sua veia literária por meio do gênero conhecido como microconto."***

A palavra que destacada é, respectivamente:

a) conjunção subordinativa e conjunção integrante;
b) pronome relativo e conjunção integrante;
c) conjunção integrante e conjunção subordinativa;
d) pronome relativo e pronome relativo;
e) conjunção integrante e conjunção integrante.

25. (FEC/UFF – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil – 2012) Na frase: "Elas fracassarão COMO construtoras de conhecimento de alto nível", a palavra em destaque expressa noção idêntica à que se lê em:

a) Como lhe disse, estou cansado de trabalhar.
b) Como chegou tarde, não pode entrar em sala.
c) Ele é tão trabalhador como o pai.
d) Venceu, mas como, se nunca quis nada?
e) Para mim, isto não diz nada como poesia.

26. (Vunesp – Pref. Suzano/SP – Médico Cardiologista – 2012) Leia as frases do segundo parágrafo:

***Como** todo remédio, o tempo precisa ser bem administrado.*

***Como** ainda não inventaram uma categoria na medicina para tratar disso, cabe a nós mesmos saber diferenciar um do outro.*

O termo Como, destacado nas frases, introduz, respectivamente, ideias de:

a) comparação e alternância;
b) concessão e condição;
c) comparação e causa;
d) concessão e alternância;
e) consequência e condição.

27. (FUNCAB – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Em relação ao SE em "(...) Se a mãe estivesse em casa, ela teria dado uma ideia (...)", é correto afirmar que, morfologicamente, o termo é:

a) uma conjunção subordinativa integrante, ou seja, é elemento de ligação entre a oração subordinada substantiva direta e a oração principal;
b) uma conjunção subordinativa adverbial condicional, ou seja, é elemento de ligação entre a oração subordinada adverbial condicional e a oração principal;
c) pronome reflexivo, pois indica que a ação expressa volta-se sobre o próprio sujeito da ação verbal, nele se refletindo;
d) índice de indeterminação do sujeito, porque serve para deixar indeterminado um sujeito de 3ª pessoa, junto ao verbo intransitivo;
e) pronome apassivador, porque associa-se ao verbo transitivo para garantir o sentido passivo pretendido para a voz verbal, ou seja, contribui para a caracterização da voz do verbo.

28. (CONSULPLAN – Pref. Barra Velha/SC – Agente Controle Interno – 2012) Dentre os elementos em destaque, só NÃO exerce papel pronominal:

a) "um pesadelo que me atormentou por mais de um ano".
b) "A história que agora passo a narrar".
c) "decidiram em assembleia que esperariam".
d) "essas criaturas que adotamos".
e) "mundo cão em que vivemos".

29. (CONSULPLAN – TSE – Analista Judiciário – 2012) ***Verdade é que (1) a ação em nome de um universal por si só caracteriza qualquer moral. É por meio dela que (2) se faz o cálculo do "sentido" no qual, fora da vantagem que (3) define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário.***

A respeito das ocorrências do QUE no período anterior, é correto afirmar que se trata de conjunção em:

a) (1), apenas.
b) (3), apenas.
c) todas.
d) (2), apenas.

30. (Cesgranrio – Liquigas – Profissional Jr. – 2012) A opção por uma linguagem informal, em algumas passagens do texto, permite jogos de palavras como o que se verifica no emprego de Se nas seguintes frases:

*"**Se** o cinema está cheio, a gente senta na primeira fila e torce um pouco o pescoço."*

*"A gente se acostuma para não se ralar na aspereza, para preservar a pele. **Se** acostuma para evitar feridas, sangramentos..."*

Nos trechos acima, as palavras em destaque classificam-se, respectivamente, como:

a) conjunção e pronome;
b) conjunção e preposição;
c) pronome e preposição;
d) pronome e conjunção;
e) conjunção e conjunção.

31. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Em "volume que se mantém", o elemento sublinhado indica sujeito indeterminado.

( ) CERTO
( ) ERRADO

32. Em "se soube" (Sempre se soube que um dos principais entraves...) e em "se supunha" (... o problema é muito mais grave do que se supunha.), o termo "se" confere às formas verbais a noção de reflexividade.

( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – STJ – Todos os Cargos – 2012) A partícula "se", em "Tratava-se" (Tratava-se então de uma biblioteca imaginária...) e em "se encontravam" (... descreviam o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos...), classifica-se como pronome reflexivo e retoma, respectivamente, "uma biblioteca imaginária" e "centenas de milhares de rolos".

( ) CERTO
( ) ERRADO

34. (NUCEPE – PM/PI – Agente de Polícia – 2012) "**Se** for assaltado, não reaja – entregue tudo."
Nesse trecho, o termo destacado sugere uma:

a) afirmação categórica;
b) dúvida;
c) condição;
d) explicação;
e) negação.

35. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) *Não teria graça se só melhorasse.*
O elemento grifado na frase acima pode ser corretamente substituído por:

a) conquanto;
b) porquanto;
c) caso;
d) pois;
e) embora.

36. (Vunesp – SAP/SP – Agente de Segurança Penitenciária (I) – 2012) No comentário de Cayatte – *"Se o réu é culpado, a pena foi pouca. Se o réu é inocente, a pena foi muita."* – as orações iniciadas pela conjunção *Se* expressam sentido de:

a) conclusão;
b) consequência;

c) conformidade;
d) condição;
e) concessão.

37. (Vunesp – Pref. Sertãozinho/SP – Agente de Trânsito – 2012) No trecho – ... mas o tempo passou, não há nada a fazer, então fico pensando em *como* seria minha vida, hoje, se tivesse feito tudo como deveria. – o termo em destaque expressa ideia de:
a) finalidade;
b) causa;
c) modo;
d) intensidade;
e) oposição.

38. (Vunesp – CREFITO/SP – Almoxarife – 2012) No penúltimo verso (Depressa, que o amor/não pode esperar.), a conjunção "que" está empregada com sentido de:
a) explicação;
b) causa;
c) conclusão;
d) adição;
e) condição.

39. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) A conjunção subordinativa em destaque estabelece que tipo de relação de sentido entre as orações por ela conectadas?
***Como** as organizações ambientalistas têm denunciado, os países industrializados são os que mais poluem o meio ambiente.*
a) Conformidade.
b) Comparação.
c) Finalidade.
d) Condição.

40. (MARINHA – Colégio Naval – 2012) Dentre as frases apresentadas abaixo, retiradas do texto I, assinale a opção na qual a palavra QUE remete a um antecedente.
a) "Ele afirmava que o desejo é a regência do mundo."
b) "Esta insaciabilidade do ser humano é que o vai manter preso à infelicidade."
c) "[...] mais do que ajudar em uma reflexão mais profunda, tornam-se barreiras [...]."
d) "[...] o assunto me ocorre ao me lembrar de que vivemos em uma sociedade [...]."
e) "[...] desejamos o que não temos."

Gabarito

1. C.	9. I e II.	17. A.	25. E.	33. ERRADO.
2. D.	10. B.	18. C.	26. C.	34. C.

3. B.	11. C.	19. I- INCORRETA. II- INCORRETA.	27. B.	35. C.
4. B.	12. INCORRETA.	20. ERRADO.	28. C.	36. D.
5. C.	13. E.	21. B.	29. A.	37. C.
6. B.	14. INCORRETA.	22. D.	30. A.	38. A.
7. E.	15. D.	23. A.	31. ERRADO.	39. A.
8. A.	16. A.	24. B.	32. ERRADO.	40. E.

Capítulo 32
Estilística

Definição

A **estilística** é a parte da gramática que trata das estratégias artísticas/criativas usadas na língua (principalmente as **figuras de linguagem**). Tais recursos – os quais têm o objetivo de sugerir, provocar, embelezar a forma e/ou o conteúdo do texto – promovem determinados efeitos expressivos. A estilística trata *daquela* linguagem criativa, fora do usual, fora do que é comum nos registros linguísticos corriqueiros dos falantes. A "brincadeira" com as palavras, em seus aspectos **semânticos, fonológicos, morfológicos, léxicos** e/ou **sintáticos**, dá colorido ao que é dito.

Por exemplo, uma simples cantada criativa (com estilo) é capaz de provocar muitas emoções:

– *Você é um poema do Vinícius, sabia?*

É claro que a menina precisa saber quem é o Vinícius (Vinícius de Moraes).

Agora, imagina se fosse dito algo banal como:

– *Você é bonita, sabia?*

Qualquer um diz isso, não é? Que graça tem?

Veja outra cantada bonitinha:

– *Você sabe qual é o motivo do meu sorriso todos os dias? A primeira palavra da pergunta que te fiz.*

E por aí vai! Os recursos estilísticos são formas de expressão mais localizadas no discurso (não só nas cantadas, é claro!) e, principalmente, nos poemas. Afinal, poesia sem estilo não é poesia, portanto não há poesia sem estilo. Veja este de Oswald de Andrade:

Amor

Humor

É isso mesmo, o poema é só esse; o título é *amor* cujo verso único é *humor*. E é justamente tal minimalismo criativo que nos encanta. Observe a interessante troca de fonemas... Enquanto o amor é encarado sempre como algo sublime, vem o poeta e desconstrói essa ideia, associando o amor a algo jocoso, o humor.

Enfim... vamos ao que interessa. Na sua prova, as **figuras de linguagem** (quando aparecem!) são o espelho da estilística. Pelo que sei, existem mais de 50 figuras de linguagem, mas obviamente falarei apenas das que mais aparecem em concursos, a saber: **elipse, zeugma, pleonasmo, hipérbato, anacoluto, assíndeto, polissíndeto, hipérbole, prosopopeia/personificação, perífrase, antítese, oximoro/paradoxo, gradação, comparação, metáfora, ironia, eufemismo, metonímia, catacrese, anáfora, assonância, aliteração, paranomásia, pleonasmo, paralelismo, onomatopeia...**

Recomendo três livros sobre elas: *As Figuras de Linguagem*, de Roberto de Oliveira Brandão; *Dicionário de Figuras de Linguagem*, de Sebastião Cherubim; *Figuras de Linguagem*, de Hélio de Seixas Guimarães. Há muitos livros bons sobre Estilística, como *Língua Portuguesa – Semântica e Estilística*, de Claudio Cezar Henriques. Na verdade, qualquer livro deste autor é excelente.

Ah! É difícil encontrar questões sobre **vícios de linguagem**, mas falaremos deles também.

Dica de amigo: Os termos "linguagem figurada", ou "simbólica", ou "figurativa", ou "conotativa" ou "recurso estilístico ou expressivo", em geral, são o mesmo que **figura de linguagem**.

Agora, sim... Vamos lá!

Figuras de Palavras (conceito)

Nas **figuras de palavras** ou **figuras de estilo**, as palavras passam a assumir sentidos ampliados, diversos, consoante o contexto.

Metáfora

Trata do emprego da palavra fora do seu sentido básico, recebendo nova significação por uma *comparação* entre seres de universos distintos.

– ***Evanildo Bechara*** *é uma* ***fera*** *da gramática.*

– ***Evanildo Bechara*** *– uma* ***fera*** *da gramática – é o melhor atualmente.*

– *A* ***fera*** *do* ***Bechara*** *tem obras importantíssimas sobre a língua.*

– ***Bechara****?! Que* ***fera****!*

– *O Bechara vai "desmatando o* ***amazonas*** *de minha* ***ignorância****".*

Obs.: Este último exemplo apresenta um trecho entre aspas porque é retirado de um poema de Drummond. A metáfora é percebida quando se entende que a minha ignorância é tão grande quanto o território do Amazonas. Chama-se metáfora hiperbólica. Lindo, não? Ah! Para fechar, a uma sucessão de metáforas chamamos **alegoria**: *"Na* ***parede*** *da memória, essa lembrança é o* ***quadro*** *que dói mais".* (Belchior)

Comparação

Não confunda metáfora com "comparação" (ou símile) porque na metáfora não há conectivo explicitando a relação de comparação. Na comparação (ou símile) sempre há um conectivo ou uma expressão estabelecendo a relação de comparação:

– *Ela é* ***gorda*** *como uma* ***vaca****.*

– *"Meu* ***coração*** *tombou na vida tal qual uma* ***estrela*** *ferida pela flecha de um caçador."* (Cecília Meireles)

– *Este* ***lutador*** *tem postura semelhante aos* ***deuses*** *nórdicos.*

Metonímia

Segundo o Aulete, é uma "figura de linguagem baseada no uso de um nome no lugar de outro, pelo emprego da parte pelo todo, do efeito pela causa, do autor pela obra, do continente pelo conteúdo etc.". Ou seja, ocorre a substituição de uma palavra por outra porque há entre elas uma relação de todo e parte.

– *O **bronze** (sino) repicava na torre da igreja.* (a matéria pelo objeto)
– *Essa **juventude** (os jovens) está perdida.* (o abstrato pelo concreto)
– *Vivo do **suor** (trabalho) do meu rosto.* (o efeito pela causa)
– *Gostaria de ter um **Picasso** (um quadro) em casa.* (o autor pela obra)
– *O **Brasil** (as pessoas do Brasil) vibrou com a conquista da Copa do Mundo.* (o continente pelo conteúdo)

Obs.: Há uma distinção formal entre **sinédoque** e **metonímia**, mas isso não nos deve interessar em prova de concurso público.

Catacrese

É um tipo de metáfora que se cristalizou na cultura popular, caracterizada pela falta de um termo adequado a um ser ou por ignorância, desconhecimento da comunidade linguística sobre um termo exato.

– *Ele **enterrou** uma farpa no dedo.*
– *Com os **dentes** do serrote, ele serrou a perna da cadeira.*
– *Estou com coceira no **céu** da boca.*

Perífrase

Consiste no uso de maior quantidade de palavras para exprimir o que poderia ser dito com menos palavras.

– *O **poeta dos escravos** escreveu poemas condoreiros.* (Castro Alves)
– *A **terra dos faraós** é ainda um lugar misterioso.* (Egito)
– *A **rainha dos baixinhos** continua fazendo sucesso.* (Xuxa)
– *O **rei dos animais** é até mais respeitado pelos homens.* (leão)

Obs.: Muitos autores não fazem distinção entre **antonomásia** (trata dos apelidos) e **perífrase**.

Sinestesia

Ocorre quando há uma combinação de diversas impressões sensoriais (visuais, auditivas, olfativas, gustativas e táteis) entre si, e também entre as referidas sensações e sentimentos.

– *"O **aroma** (olfato) endoideceu, **upou-se em cor** (visão), quebrou / Gritam-me **sons de cor e de perfumes** (audição, visão, olfato)."* (Mário de Sá Carneiro)

– *Sua **voz aveludada** (audição, tato) me tornou um de seus fãs.*

– *O **cheiro gostoso** (olfato, paladar) daquela comida entrava por meu nariz como um néctar divino.*

Figuras de Sintaxe

Nas **figuras de sintaxe** ou **figuras de construção**, as palavras sofrem mudanças na ordem sintática comum dentro da oração para provocar determinados sentidos ou tornar belo o discurso.

Hipérbato

Consiste na inversão violenta da ordem normal dos membros de uma frase.

– *Se o penhor dessa igualdade / Conseguimos conquistar com braço forte, / Em teu seio, ó liberdade, / Desafia o nosso peito a própria morte!*

Na ordem direta: *Se conseguimos conquistar o penhor dessa igualdade com braço forte, nosso peito desafia a própria morte em teu seio, ó liberdade!*

– *Estranha, de mãos dadas vinha a mulher com ele.*

Na ordem direta: *A mulher estranha vinha com ele de mãos dadas.*

Obs.: Há também a **anástrofe** e a **sínquise** como figuras de inversão. Naquela, a inversão é mais branda; nesta a inversão é tão intensa que torna obscuro o sentido da frase. Exemplos limítrofes confundem alguns estudiosos, a ponto de tratarem hipérbato como sínquise, e vice-versa.

Pleonasmo

Trata da repetição de significação de vocábulo ou de termos oracionais.

– *"Iam vinte anos desde aquele dia / Quando* ***com os olhos*** *eu quis* ***ver*** *de perto / Quanto em visão com os da saudade via."* (Alberto de Oliveira)

– ***Ao pobre*** *nada* ***lhe*** *peço,* ***ao rico*** *nada* ***lhe*** *devo.*

– ***Médica****, ela nunca* ***o*** *será.*

– ***Chorou*** *um* ***choro*** *de profundo lamento.*

Obs.: O **pleonasmo vicioso** diz respeito à repetição inútil e desnecessária de algum termo ou ideia na frase. Nesse caso não é uma figura de linguagem, e sim um **vício de linguagem**.

Anacoluto

É a quebra da estrutura lógico-sintática, ficando um termo sem função sintática na frase; normalmente no início dela, como um tópico.

– ***A lua****, os poetas sempre cantaram esse tema.*

– ***Nosso amor****, tudo não passou de frenesi efêmero.*

– ***Revolução Francesa****, hoje falaremos sobre insurreições ocorridas na França.*

– *"****O homem****, chamar-lhe mito não passa de anacoluto."* (Carlos Drummond de Andrade)

Obs.: Não confunda **anacoluto** com **pleonasmo**. Por exemplo, na última frase, se fosse *"Ao homem, chamar-lhe..."*, só haveria pleonasmo, em que o *lhe* seria um objeto indireto pleonástico do objeto indireto que já existe, a saber: *"Ao homem"*. Como não há preposição no verso de Drummond (em *"O homem"*), não se pode analisar sintaticamente tal termo, logo é um **anacoluto**.

Elipse

É a omissão de um termo ou de uma expressão.

– *Saímos ontem à noite.*

– *Na sala de espera, apenas dois ou três pacientes; dentro do consultório, um.*

– *Espero tão logo encontre seu par.*

Obs.: Explicitando o termo elíptico: *Nós saímos ontem à noite. / Na sala de espera, havia apenas dois ou três pacientes; dentro do consultório, havia um. / Espero que tão logo encontre seu par.*

Zeugma

Tal figura não é frequente em provas de concurso, logo a ideia de uma **supressão de um termo anteriormente expresso** tem se aplicado também à elipse. Em outras palavras, os concursos costumam analisar o zeugma como elipse, o que não deixa de ser verdade, pois a diferença entre elas é que a elipse é a omissão de um termo sem referência no texto; já o zeugma é a omissão de um termo ocorrido anteriormente no texto.

– *Meu irmão passou em dois concursos; eu, em um só.*

– *Corremos 5 km, eu em 30 minutos, ele em 25.*

– *Ele é muito estudioso e a irmã também é.*

Traduzindo: *Meu irmão passou em dois concursos; eu passei em um só. / Corremos 5 km, eu corri em 30 minutos, ele correu em 25 minutos. / Ele é muito estudioso e a irmã também é estudiosa.*

Assíndeto

Omissão do conectivo coordenativo, que liga orações coordenadas.

– *Acordei, comi, saí, trabalhei, voltei, dormi.*

Polissíndeto

Repetição do conectivo coordenativo, que liga termos ou orações coordenadas.

– *Ela não era assim, tão frágil,* ***e*** *boba,* ***e*** *inocente,* ***e*** *fácil.*

Anáfora

Repetição de vocábulo ou expressão no início de cada verso ou frase.

– *"**Quando** não tinha nada, eu quis / **Quando** tudo era ausência, esperei / **Quando** tive frio, tremi / **Quando** tive coragem, liguei..."* (Chico César)

– *"**Era uma estrela** tão alta! / **Era uma estrela** tão fria! / **Era uma estrela** sozinha / Luzindo no fim do dia."* (Manoel Bandeira)

Obs.: Não confunda anáfora, figura de linguagem, com anáfora, processo de coesão. Nesta, um vocábulo tem o papel de retomar outro já mencionado.

Figuras de Pensamento

São recursos estilísticos que tornam a expressão mais incisiva, provocando forte impressão. Aqui, exploram-se mais as ideias do que as palavras em si ou a disposição delas na frase.

Antítese

É o contraste entre duas palavras (antônimas), expressões ou pensamentos, provocando uma relação de oposição.

– *Metade de mim te* ***adora****, a outra metade te* ***odeia****.*

– *Não há vida sem* ***alegrias*** *e* ***sobressaltos****.*

– *Transformou sua vida de* ***água*** *a* ***vinho****.*

Oxímoro (Paradoxo)

Duas ideias contrárias que coexistem, que ocorrem ao mesmo tempo, implicando falta de lógica.

– *Amor é fogo que* ***arde sem se ver****, / É ferida que* ***dói*** *e* ***não*** *se* ***sente****, / É um* ***contentamento descontente****, / É* ***dor*** *que desatina* ***sem doer****.* (Camões)

– *Que* ***música silenciosa*** *ele toca!*

– *"Foi* ***sem querer querendo****."* (Chaves)

Obs.: Nas provas, não há diferença entre **oximoro** e **paradoxo**.

Hipérbole

Ideia que denota exagero.

– *Se eu não passar na prova, vou dar um tiro na cabeça.*

– *O carro voava pela rodovia.*

– *Já falei mil vezes para você calar a boca!*

Gradação

Enumeração que denota crescimento ou diminuição (clímax ou anticlímax).

– *É um* ***pássaro****, é um* ***avião****, não... é o* ***super-homem****.*

– *O primeiro milhão possuído* ***excita****,* ***acirra****,* ***assanha*** *a gula do milionário.*

– *O amor é* ***esfuziante****,* ***grande****,* ***perturbador****, uma* ***tragédia****.*

Eufemismo

Suavização de uma ideia negativa.

– *Agora ele foi para o* ***andar de cima****.* ***Descansou****. (relativo à noite)*

– *Ela trabalha higienizando locais contendo* ***detritos orgânicos****. (fezes e urina)*

– *Por ser uma* ***pessoa de cor****, naquela época, vivia de* ***caridade pública.*** *(negro, esmola)*

Ironia

Consiste em declarar o oposto do que realmente se pensa ou do que é, com tom de deboche, normalmente.

– *Ela é* ***ótima pessoa****, afinal* ***vive judiando*** *das crianças.*

– *Que* ***motorista excelente*** *você,* ***quase*** *me* ***atropelou****.*

– *Professor, olha como meu* ***boletim*** *está* ***excelente****, só há* ***uma nota acima da média****.*

Obs.: As aspas muitas vezes marcam uma ironia: *Quando a "linda" funcionária entrava na empresa, começavam os risos sarcásticos.*

Prosopopeia (Personificação)

Atribuição de características humanas a seres não humanos. Dizer que a personificação é a atribuição de características de seres animados a seres inanimados é uma definição ruim, pois quando, numa história, um animal fala, ele não é um ser "inanimado", afinal todo animal tem vida e, portanto, é um ser "animado".

– *"A* ***Bomba atômica*** *é* ***triste****, Coisa mais triste não há / Quando cai, cai sem vontade."* (Vinícius de Moraes)

– *A* ***Amazônia chora*** *devido ao desmatamento.*

Obs.: As fábulas costumam apresentar esta figura de linguagem: *"Morta de fome, uma raposa foi até um vinhedo sabendo que ia encontrar muita uva. A safra tinha sido excelente. Ao ver a parreira carregada de cachos enormes, a raposa lambeu os beiços. Só que sua alegria durou pouco: por mais que tentasse, não conseguia alcançar as uvas. Por fim, cansada de tantos esforços inúteis, resolveu ir embora, dizendo: – Por mim, quem quiser essas uvas pode levar. Estão verdes, estão azedas, não me servem. Se alguém me desse essas uvas eu não comeria."* (Esopo)

Figuras Fônicas

Nas **figuras de som**, explora-se a camada sonora da linguagem, a fim de produzir determinados efeitos.

Aliteração

Repetição sistemática de uma determinada consoante.

– *"Em horas inda **l**ouras, **l**indas / C**l**orindas e **B**elindas, **b**randas / **B**rincam nos tempos das **B**erlindas / As **v**indas **v**endo das **v**arandas"* (Fernando Pessoa)

– *O **r**ato **r**oeu a **r**oupa do **r**ei de **R**oma.*

Assonância

Repetição sistemática da vogal tônica ou do encontro vocálico na sequência da frase.

– *Como é es**cu**ro e pro**fu**ndo o m**u**ndo obs**cu**ro dos **su**rdos e **mu**dos.*

– *"Juro que não acredit**ei** / Eu te estranh**ei** / Me debruc**ei** / Sobre o teu corpo e duvid**ei**"* (Chico Buarque)

Paranomásia

Também chamada de *paronomásia*, é a aproximação de palavras de um texto pela sua semelhança na forma ou na pronúncia (parônimos).

– *"**Exportar** é o que **importa**."* (Delfim Netto)

– *"Com tais **premissas** ele sem dúvida leva-nos às **primícias**."* (Padre Antônio Vieira)

Onomatopeia

Consiste no uso de palavras que imitam sons em geral.

– *"Havia uma velhinha / Que andava aborrecida / Pois dava a sua vida / Para falar com alguém. / E estava sempre em casa / A boa velhinha, / Resmungando sozinha: / **Nhem-nhem-nhem-nhem-nhem**..."* (Cecília Meireles)

Paralelismo

Repetição de palavras ou estruturas sintáticas maiores (frases, orações, sintagmas etc.) de forma igual ou parecida que se correspondem quanto ao som.

– *"Começou a circular o **expresso 2-2-2-2** / que parte direto de **Bonsucesso** / pra depois. Começou a circular o **expresso 2-2-2-2** / da Central do Brasil / que parte direto **de Bonsucesso** / pra depois do ano 2000."* (Gilberto Gil)

Combinação de Figuras

Em um trecho, ou em um texto, pode haver mais de uma figura de linguagem concorrendo. Um exemplo disso ocorre na frase *"As janelas vigiavam as pessoas na noite boêmia."*, em que se pode analisar como **metonímia** (as pessoas na janela) ou **personificação** (janela vigiando).

Pode-se também perceber que um texto trabalha mais de uma figura. Além da rima e outras características, observe algumas figuras do "Soneto de Fidelidade", de Vinícius de Moraes:

De tudo ao meu amor serei atento
Antes (hipérbato), e com tal zelo, e sempre, e **tanto** (polissíndeto e gradação)
Que mesmo em face do maior en**can**to
Dele se en**cant**e mais meu pensamento (assonância)

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso (pleonasmo) e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe (anáfora) a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama (metáfora)
Mas que seja infinito enquanto dure. (paradoxo)

Vícios de Linguagem

Segundo o mestre no assunto, Napoleão Mendes de Almeida, os **vícios de linguagem** são palavras ou construções que deturpam, desvirtuam, ou dificultam a manifestação do pensamento, ora devido ao desconhecimento da norma culta, ora devido ao simples descuido do emissor.

Não confunda com **licença poética**, pois esta é a "permissão" dada aos grandes poetas para extrapolar o uso da norma culta da língua. Se você não está entre os grandes poetas e comete um desvio gramatical, você só pode dizer que tem licença poética de brincadeira.

Brincadeiras à parte, a licença poética é a liberdade que o escritor tem de manipular os níveis da língua (som, palavra, sintaxe, sentido...) como desejar, para poder transmitir ao leitor o que deseja, agradando ou não.

Vamos ao que interessa... aos vícios de linguagem!

Ambiguidade (Anfibologia)

Como vimos no capítulo de *Semântica e Lexicologia* (revisite, está tudo lá!), há vários casos de ambiguidade. Veja um dos mais comuns, com pronome possessivo:

5. **(FCC – TRT/PE (6ª R) – Analista Judiciário – 2012)** Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o texto: O articulista da Folha de S. Paulo

c) propõe que se estenda à bancada religiosa a decisão de aceitar ou rejeitar, segundo seus interesses, o ensino privado da religião.

Comentário: E a pergunta é...: Segundo os interesses de quem? Do articulista ou da bancada religiosa? Note que o pronome possessivo *seus* torna a frase ambígua. Por isso a letra c) não foi considerada o gabarito.

Arcaísmo

Segundo o dicionário Houaiss, trata-se de "palavra, expressão, construção sintática ou acepção que deixou de ser usada na norma atual de uma língua [Em linguagens especiais, é comum a sobrevivência de algumas formas arcaicas (por exemplo, na linguagem forense, na linguagem regional, entre locutores de idade avançada etc.); também podem ser utilizadas como recurso para recriar a atmosfera

de uma época (por exemplo, no romance histórico).]". Neste último caso, não constitui vício de linguagem.

– ***Vosmecê*** *poder-me-ia ajudar?* (Hoje se usa "você".)

– *Ninguém* ***não*** *escreve mais em latim.* (Não se usa o "não" entre palavra negativa e verbo.)

– *"Aurélia, que se dirigia ao seu* ***toucador****, sentou-se a uma escrivaninha..."* (José de Alencar) (O mesmo que "penteadeira".)

Obs.: Não há unanimidade sobre a mesóclise ser um arcaísmo.

Barbarismo

Desvio gramatical relativo à **ortoepia, prosódia, ortografia, morfologia** e **semântica**. Vejamos, respectivamente, os exemplos:

– *Os* ***bolsos*** *(=* ***ó****) estão cheios de dinheiro.* (Forma culta: **o** (= **ô**).)

– *O protagonismo brasileiro na reunião* ***íbero-americana*** *não é casual.* (Forma culta: ibero.)

– *Se ele* ***quizer*** *ajudar a família, terá de muito trabalhar.* (Forma culta: quiser)

– *Quando o brasileiro* ***ver*** *seu país no primeiro mundo, terá* ***menas*** *razões para criticá-lo.* (Formas cultas: vir, menos.)

– *Todos ficaram alegres com a nova lei, pois ela veio* ***de encontro a****os interesses do povo.* (Forma culta: ao encontro de.)

Obs.: Alguns gramáticos, como Napoleão M. de Almeida e Luiz A. Sacconi, consideram os estrangeirismos como barbarismos. Por exemplo, é considerada **galicismo** (ou **francesismo**) as expressões "face a", "frente a": "*Os países europeus conseguiram acordar sua posição* ***face a****o problema nuclear iraniano.*" (Na nossa língua, usa-se "em face de".) No entanto, o gramático Celso P. Luft abona tais construções.

Cacofonia

É um som desagradável, cômico, às vezes obsceno, provocado pela união de certas palavras. Veja alguns cacófatos.

– *Ela* ***tinha*** *na bo****ca dela nosso hino*** *completo.*

– *Aquele goleiro paulistano sempre mar****ca gol*** *de falta.*

– *Vou-****me já*** *porque está na hora.*

– *Ela* ***me tinha*** *por inteiro.*

Colisão

Combinação desagradável de sons, resultante de aliteração (repetição de consoantes).

– *Levante-****se ce****do amanhã.*

– ***Cá cá****gado não se cria, apenas tartarugas.*

Parequema

Trata-se da repetição de som ou sílaba do final de uma palavra e começo de outra.

– *A dor do den****te te*** *incomoda?*

– *O ata****que que que****ria foi executado.*

– *A vi****da dada*** *pelos gregos aos deuses tornou seu panteão enorme.*

Obs.: Alguns parequemas viram cacófatos: *"O sa****co co****lorido que ela comprou era um charme."*. Alguns estudiosos entendem que *colisão* e *parequema* são sinônimos. No caso de exigência de próclise, não constitui erro tal construção: *"****Se se*** *deseja a paz, é preciso mudanças radicais"*.

Eco

Repetição de sons iguais no fim das palavras.

– *De tão aparentem****ente*** *val****ente****, você m****ente*** *que nem s****ente****.*

– *Por que n****ão*** *d****ão*** *explicaç****ão*** *para a desuni****ão*** *do irm****ão****?*

Hiato

É a aproximação de vogais idênticas.

– *Lev**a a á**gui**a à a**la dos animais silvestres.*

– *Eu peg**o o o**vo, jog**o o ó**leo e deixo fritar.*

Solecismo

É o desvio sintático relativo à colocação ou emprego dos pronomes, à regência e à concordância. Vejamos, respectivamente, três exemplos:

Forma inculta: *Nunca chamar-**te**-ia de meu irmão, porque você ama **ele** mais do que a mim, por isso, para **mim** achar que você é merecedor de meu amor, precisará provar.*

Forma culta: *Nunca **te** chamaria de meu irmão, porque você **o** ama mais do que a mim, por isso, para **eu** achar que você é merecedor de meu amor, precisará provar.*

Forma inculta: *Não **lhe** conheceram, pois eram muito novos.*

Forma culta: *Não **o** conheceram, pois eram muito novos.*

Forma inculta: ***Precisariam haver** mais pessoas no mundo que se dispusessem a ajudar outras.*

Forma culta: ***Precisaria haver** mais pessoas no mundo que se dispusessem a ajudar outras.*

Preciosismo

Linguagem rebuscada, com uso excessivo de vocábulos não usuais, afastando-se da clareza e inteligibilidade imediata. Resumindo: é "falar difícil".

– *O **melífluo circunlóquio** de Vossa Excelência causou-me espécie.* (= discurso longo, bajulador e hipócrita)

– *A ruminante bovina deslocou-se para terreno sáfaro e alagadiço.* (= A vaca foi para o brejo.)

– *Meu progenitor sofre de alopecia androgênica.* (= Meu pai é careca.)

Obs.: Ainda no meio jurídico, há certa "afetação" no modo de falar, com desnecessárias erudições, que constituem preciosismo. Quando as gírias ou coloquialismos passam a atender a uma necessidade/propósito

discursivo, deixam de constituir vício de linguagem. Um exemplo disso é o modo como decidi escrever esta gramática, a qual muitas vezes apresenta linguagem informal, para tornar o texto mais leve e próximo do leitor.

Plebeísmo

Segundo o Aulete, "palavras, expressões e modos de dizer característicos do dialeto das classes populares, frequentemente considerados pelas classes dominantes como um linguajar vulgar". Resumindo: uso de gírias e palavras bem informais.

– *Para de me avacalhar porque eu já estou de saco cheio de tanto você me gastar, seu bunda-suja!*

Redundância (Tautologia)

Trata-se de um pleonasmo vicioso. Trata-se de uma expressão que repete o mesmo conceito já emitido.

– *Vamos ter de* ***subir para cima*** *agora, senão vai ficar muito tarde.*

– ***Adia*** *essa reunião* ***para depois****, porque é preciso pensar melhor na pauta.*

– *O fim da novela foi uma* ***surpresa inesperada****, visto que o* ***principal protagonista*** *de uma trama nunca morre.*

Obs.: Não há redundância, segundo Luiz A. Sacconi, em "intrometer-se no meio" e "voltar-se para trás", pois pode haver intromissão no início ou no fim e pode haver volta para o lado. Se vier especificado, deixa de ser vicioso: *"Entrou para dentro o rapaz."* (vicioso) / *"Entrou para dentro da sala o rapaz."* (não vicioso).

Estrangeirismo

Ainda segundo Luiz A. Sacconi, é um vício o uso de estrangeirismos desnecessários, ou seja, palavras de origem estrangeira facilmente substituíveis por palavras correspondentes em nossa língua, seja por já existirem, seja por haver forma aportuguesada.

– *Ele tem "**know-how**", por isso foi contratado.* (= conhecimento, experiência)
– *Teve de entregar seu "**curriculum**" por e-mail; estava atrasado.* (= currículo)
– *Preciso falar com o "**quality manager**" sobre minha proposta.* (= gerente de qualidade)

Obs.: Alguns gramáticos mais rígidos consideram que qualquer estrangeirismo, tenha ele equivalente vernácula ou não, é considerado barbarismo. Estudiosos mais modernos discordam do estrangeirismo como vício de linguagem, mas não é assim que vê a gramática tradicional.

Prolixidade

É o uso de muitas palavras no lugar de poucas para se dizer o que se deseja.

Com prolixidade: *A sacarose, extraída da cana-de-açúcar, que ainda não tenha passado pelo processo de purificação e refino, apresentando-se sob a forma de pequenos sólidos tronco-piramidais de base retangular, impressiona agradavelmente o paladar, lembrando a sensação provocada pela mesma sacarose produzida pelas abelhas em um peculiar líquido espesso e nutritivo. Entretanto, não altera suas dimensões lineares ou suas proporções quando submetida a uma tensão axial em consequência da aplicação de compressões equivalentes e opostas.*

Sem prolixidade: *O açúcar não refinado, sob a forma de pequenos blocos, tem o sabor agradável do mel, porém não muda de forma quando pressionado.*

(Dad Squarisi, texto adaptado)

O Que Cai Mais na Prova?

São poucas as bancas de prestígio no mundo dos concursos que trabalham **figuras de linguagem**. Mas às vezes encontramos na Consulplan, na FGV, na FCC e

no Cespe/UnB. Mesmo assim, questões de figuras não são frequentes. Normalmente a metáfora e a elipse são as que mais aparecem nas provas, mas não deixe de estudar as demais, como a metonímia, a ironia, a elipse e a prosopopeia. Sobre **vícios de linguagem**, as questões são tão raras quanto às de interjeição. Encontrei poucas... "para não dizer que não falei das flores".

Questões de Concursos

1. (Cespe/UnB – TRT (16ª R) – Analista Judiciário – 2005) A palavra "*stress*" está destacada, pois trata-se de um estrangeirismo e sua grafia não está registrada de acordo com as normas ortográficas da língua portuguesa.
( ) CERTO
( ) ERRADO

2. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa que indica corretamente a figura de linguagem presente na oração: "O cavaleiro enterrou a espada no dragão."
a) catacrese.
b) antítese.
c) zeugma.
d) eufemismo.

3. (Esaf – MPOG – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"O objetivo da Embratur é atrair mais turistas estrangeiros. Em média, segundo a empresa, eles permaneceram no Brasil... (...)"
– O pronome "eles" constitui uma anáfora, pois se refere ao antecedente "turistas estrangeiros".

4. (FUNRIO – PRF – Policial Rodoviário Federal – 2009) Observe o trecho de "O Cortiço", de Aluísio de Azevedo:
"Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, [...]. Um acordar alegre e farto de quem dormiu de uma assentada sete horas de chumbo."
Seu autor utiliza o seguinte recurso estilístico:
a) eufemismo;
b) gradação;
c) comparação;
d) antítese;
e) personificação.

5. (FIP – Câmara-SJC – Analista de Sistemas – 2009) Observe a sequência de frases abaixo e responda a seguir.
(1) E no dia lindo vi que vinhas vindo, minha vida. (Guilherme de Almeida)
(2) Conhecer as manhas e as manhãs. (Almir Sater e Renato Teixeira)
(3) E as cantilenas de serenos sons amenos fogem fluidas. (Eugênio de Castro)

Nas frases apresentadas em (1), (2) e (3), temos, respectivamente, as seguintes figuras de estilo que exploram a sonoridade das palavras:

a) Assonância, paranomásia e aliteração.
b) Onomatopeia, assonância e paranomásia.
c) Aliteração, onomatopeia e assonância.
d) Paranomásia, assonância e aliteração.
e) Assonância, onomatopeia e paranomásia.

6. (FIP – Câmara-SJC – Programador – 2009) Observe a sequência de frases abaixo e responda a seguir:

(1) Onde estão todos? Estão todos dormindo. Estão todos deitados. Dormindo. (Manuel Bandeira)
(2) Dona Cômoda tem três gavetas. E um ar confortável de senhora rica. (Mário Quintana)
(3) Vieram os gentios, e tornaram-se fiéis; vieram idólatras, e tornaram-se cristãos. (António Vieira)

Nas frases apresentadas em (1), (2) e (3), temos, respectivamente, as seguintes figuras de pensamento:

a) Alegoria, eufemismo e antítese.
b) Eufemismo, ironia e prosopopeia.
c) Prosopopeia, antítese e alegoria.
d) Eufemismo, alegoria e prosopopeia.
e) Eufemismo, prosopopeia e antítese.

7. (NCE/UFRJ – UFRJ – Médico – 2009) *"Toda obra de um homem... é sempre um auto-retrato."*; nesse segmento há a presença de um tipo de linguagem figurada denominado:

a) hipérbato;
b) metáfora;
c) metonímia;
d) comparação;
e) pleonasmo.

8. (TJ/SC – TJ/SC – Juiz – 2009) Marque a única alternativa que <u>NÃO</u> contém nenhum erro gramatical considerado barbarismo:

a) Quando nada mais couber, bastará uma telefonema – de forma expontânea – do seu procurador.
b) Caso eles virem armados, serão pegos pela polícia.
c) Com o pronto-socorro grátis ao jornalista, a categoria terá cobertura quando, no exercício de sua profissão, se vir, por qualquer meio legal ou abusivo, tolhida no seu direito de informar.
d) Se o advogado não intervir a tempo, ninguém reaverá o investimento feito e o montante que já tinha gastado.
e) Qualquer economista que se dispor a analisar os dados pedirá que o governo afroxe as medidas objetivando a contenção das despesas.

9. (FAB – Epcar – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) Ah, minha Senhora, já viste tantas coisas! Quantos segredos ouviste e não contaste a ninguém. Quantos amores teus já partiram sem que derramasses uma única lágrima. Quantos

meninos de olhos assustados transformaste em homens de coragem incontestável na arte de pilotar um avião ou enaltecer a vida civil. Quantos destinos aqui se cruzaram. Quantos anos se passaram... Em cada canto um nome, uma história para contar. (...)"
– A anáfora é uma figura de linguagem marcante no período acima.

10. (FGV – DETRAN/RN – Assessor Técnico – 2010) Há um exemplo de prosopopeia em:
a) *"Como eu invejo os que não esqueceram a cor das primeiras calças que vestiram!"*
b) *"E antes seja olvido que confusão; explico-me."*
c) *"Os rios, as montanhas, as igrejas que não vi nas folhas lidas."*
d) *"Não, não, a minha memória não é boa."*
e) *"... e os clarins soltam as notas que dormiam no metal, e tudo marcha com uma alma imprevista."*

11. (Funiversa – MPE/GO – Engenheiro Ambiental – 2010) Diz-se que há personificação quando houver atribuição de sentimentos, traços psicológicos e(ou) comportamento humanos a seres inanimados e a animais. Assinale a alternativa que apresenta exemplo de personificação.
a) "de mãos dadas, marcharemos todos pela vida verdadeira".
b) "as janelas devem permanecer, o dia inteiro, abertas para o verde onde cresce a esperança".
c) "o homem confiará no homem como a palmeira confia no vento".
d) "o lobo e o cordeiro pastarão juntos".
e) "Fica decretado, por definição, que o homem é um animal que ama".

12. (Funiversa – MTur – Agente Administrativo – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) Assim como o ciúme é querer manter o que se tem e a cobiça é desejar aquilo que não lhe pertence, a inveja é não querer que o outro tenha. O mais renegado dos sete pecados capitais é uma emoção inerente à condição humana, por mais difícil que seja confessá-la. (...)"
– A figura de palavra conhecida como *perífrase* está ilustrada na frase "O mais renegado dos sete pecados capitais é uma emoção inerente à condição humana, por mais difícil que seja confessá-la."

13. (Cesgranrio – Petrobras – Profissional Jr. – 2010) Antítese é uma figura de linguagem com a qual se salienta uma oposição de ideias por meio de sentenças ou palavras. O fragmento que contém uma antítese é:
a) "Somos artesãos, meio como as formigas,"
b) "vemos nossas obras destruídas em segundos por cataclismos naturais,"
c) "se pensamos que cada estrela é um sol, e que tantas delas têm sua corte de planetas, fica difícil evitar a questão da nossa existência cósmica,"
d) "Ao olhar para o Universo, o homem é nada. Ao olhar para o Universo, o homem é tudo."
e) "somos como o Universo pensa sobre si mesmo."

14. (Fundep – TJ/MG – Oficial de Apoio Judicial – 2010) Assinale a alternativa em que se encontra uma gradação.
a) "[...] será o incentivo à violência o resultado único desse processo de informação em escala mundial?"

b) "[...] a violência aumenta em proporções assustadoras, tanto no resto do mundo como aqui bem perto, em cada esquina."
c) "[...] reflexão de um amigo meu, médico de meia idade, sabedoria e ciência."
d) "Está se conhecendo em seus máximos e em seus mínimos [...]."

15. (Cetap – AL/RR – Analista de Sistemas – 2010) A figura de linguagem presente em "Durante séculos, a Inglaterra dominou os mares..." é:
a) Metáfora.
b) Silepse.
c) Antítese.
d) Metonímia.
e) Ironia.

16. (FCC – Bahiagás – Analista de Processos Organizacionais – 2010) A construção de uma frase pode resultar em ambiguidade, ensejando duplo sentido. Isso NÃO ocorre apenas em:
a) Desde meninos, os pais aconselham os filhos a não brincarem com o fogo.
b) Por ser muito perigoso, o filho é aconselhado a não brincar com o fogo.
c) Porquanto seja perigoso, deve-se evitar uma criança próxima do fogo.
d) Caso bem prevenida contra o perigo do fogo, a criança não se queimará.
e) Uma vez esclarecida sobre o fogo, a criança não terá como queimar-se.

17. (TJ/SC – TJ/SC – Técnico Judiciário – 2010) Aponte a alternativa que <u>NÃO</u> apresenta solecismo:
a) Às vezes queremos ter tudo sem pensar que podemos se arrepender depois.
b) Ele pediu pra mim não deixar meu paletó na cadeira.
c) Acabamos jantando no restaurante do Lauro, onde fomos muito bem atendidos.
d) Eu lhe abracei muito quando lhe vi na rodoviária.
e) Por que fosses dizer que a gente não vamos sair?

18. (TJ/SC – TJ/SC – Técnico Judiciário – 2010) A frase "Este tribunal recebeu a informação de que a empresa Marca X estaria sendo vendida por volta das 21 horas de terça-feira" apresenta o vício de linguagem denominado:
a) Cacofonia.
b) Eco.
c) Pleonasmo.
d) Ambiguidade.
e) Barbarismo.

19. (Vunesp – MPE/SP – Analista de Promotoria – 2010) Observe as frases, títulos de matérias da revista, e analise as afirmações.
Por que o Brasil toma tanto Rivotril
Cores que enganam seu cérebro
(*Superinteressante*, julho de 2010)

I. Na primeira frase, a figura de linguagem presente é a metonímia, já que o termo Brasil está empregado no lugar de brasileiros.
II. Na segunda frase, a figura de linguagem presente é a hipérbole, já que o verbo enganar representa uma ação exagerada.

III. Na primeira frase, sem alteração da ordem dos termos, também estaria correto o uso da forma **Por quê**.

Está correto o que se afirma em:

a) I, apenas.
b) III, apenas.
c) I e II, apenas.
d) II e III, apenas.
e) I, II e III.

20. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

O Fundo Partidário será, em 2011, de R$ 301 milhões. Isso porque foi aprovado a nove dias do fim do ano o reforço de R$ 100 milhões. Desse valor, R$ 265 milhões são oriundos do Orçamento da União e R$ 36 milhões referentes à arrecadação de multas previstas na legislação eleitoral. Mas, afinal, qual a razão para se aumentar de forma tão extraordinária a dotação dos partidos? Muito simples: a necessidade de eles pagarem as dívidas de campanha.

– No terceiro período, há um caso de zeugma.

21. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2011) Nos dois primeiros versos (Através de grossas portas, sentem-se luzes acesas), o eu lírico alude ao sigilo dos inconfidentes por meio de paradoxo e sinestesia.

( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) "(...) Infelizmente, ainda hoje assistimos no Brasil a fenômenos que há muito deveriam ter sido excluídos da vida política nacional, como a compra de votos e a atitude de diversos candidatos, durante as campanhas eleitorais, de "doar" cestas básicas e toda a sorte de brindes em troca da promessa de voto dos eleitores. (...)"

No último parágrafo, as aspas em *doar* confirmam, para o vocábulo, seu aspecto de:

a) polifonia;
b) coloquialismo;
c) antonímia;
d) metáfora;
e) ironia.

É impossível colocar em série exata os fatos da infância porque há aqueles que já acontecem permanentes, que vêm para ficar e doer, que nunca mais são esquecidos, que são sempre trazidos tempo afora, como se fossem d'agora. É a carga. Há os outros, miúdos fatos, incolores e quase sem som – que mal se deram, a memória os atira nos abismos do esquecimento. **Mesmo próximos eles viram logo passado remoto**. Surgem às vezes, na lembrança, como se fossem uma incongruência. Só aparentemente sem razão, porque **não há associação de ideias que seja ilógica**. O que assim parece, em verdade, **liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas** – raízes lógicas! – de que emergem os pequenos caules isolados – aparentemente ilógicos! só aparentemente! – às vezes chegados à memória vindos do esquecimento, que é outra **função ativa dessa mesma memória**. (Pedro Nava – Baú de Ossos)

23. (Consulplan – Professor de Língua Portuguesa – 2011) A linguagem pode ser manipulada em função de objetivos específicos, o que caracteriza a ocorrência das figuras de linguagem. Quando se constrói uma metáfora, diz-se que houve uma transferência de um termo para um contexto de significação que não lhe é próprio. Há metáfora em:

a) "É impossível colocar em série exata os fatos da infância..."
b) "Mesmo próximos eles viram logo passado remoto."
c) "... não há associação de ideias que seja ilógica."
d) "... liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas – ..."
e) "... função ativa dessa mesma memória."

24. Ainda com relação às figuras de linguagem, em "... a memória os atira nos abismos do esquecimento." é correto afirmar que:

a) Há uma comparação entre dois elementos.
b) Opera-se uma personificação pela atribuição de característica própria dos seres humanos.
c) Há uma sequência de palavras sinônimas que promovem a intensificação de uma ideia.
d) O vocábulo "abismos" foi usado com um sentido conotativo de sátira.
e) Há uma redundância para enfatizar uma ideia importante.

25. (Consulplan – Carreira Universitária (Analista Administrativo) – Nível Superior – 2011) "Entra ano sai ano, as tempestades de verão continuam atormentando a vida de milhares de pessoas nos estados do sul e sudeste do país." O excerto anterior constitui um exemplo de figura de linguagem denominada:

a) Paronomásia.
b) Antonomásia.
c) Perífrase.
d) Metonímia.
e) Prosopopeia.

26. (Cesgranrio – CHESF – Profissional de Nível Superior – 2012) As palavras podem assumir sentidos figurados, ou seja, significados diferentes das acepções e usos previstos pelos dicionários, embora facilmente compreensíveis no contexto específico em que se encontram. A passagem do texto em que uma palavra em sentido figurado está presente é:

a) "Daí esta avalanche, este *tsunami* de informações."
b) "O estado de nossas células cerebrais, as nossas emoções; tudo isso pode representar uma limitação para nossa capacidade de lembrar."
c) "Para quem, como eu, viaja bastante e tem de trabalhar em aviões ou em hotéis, é um recurso precioso."
d) "Mas não encontrei *pen drive* algum."
e) "Perguntei no aeroporto, entrei em contato com o táxi que me trouxera, liguei para casa: nada."

27. (Unicentro – Vestibular – 2012) O fragmento que ilustra a linguagem conotativa é o transcrito na alternativa:

a) "pelo uso dos aviões sequestrados como arma."
b) "A derrubada do Taleban, que governava o país centro-asiático, contribuiu de modo decisivo para debilitar aquele grupo terrorista."

c) "uma guerra injustificável contra o Iraque."
d) "como alegou então, por má-fé e paranoia, o governo americano."
e) "Produziu até agora apenas dois outros atentados de vulto."

"Chico passou por maus bocados, andou gastando mais de cinco litros de saliva para reconquistar a mulher"

28. (CEV/Urca – Vestibular – 2012) A construção em destaque é própria da linguagem literária e caracteriza-se como:
a) Hipérbole.
b) Eufemismo.
c) Catacrese.
d) Anáfora.
e) Elipse.

29. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"*(jn) Relação de pessoas ou de assuntos vetados ou "indesejáveis" em um órgão de imprensa..."
– É aceitável entender-se "*indesejáveis*" como forma de eufemismo.

"(...) Novas pesquisas... revelam que o problema é muito mais grave... A mais recente, elaborada pelo Instituto... (...)"

30. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Em "A mais recente", ocorre elipse da palavra pesquisa, que pode ser subentendida a partir do antecedente "pesquisas".
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Tomar uma decisão envolve uma disputa com 3 participantes: dois deles (instinto e experiência) cuidam de seu presente, o outro (razão) pensa no seu futuro. (...)"

31. (PaqTcPB – UEPB – Técnico de Enfermagem – 2012) A utilização dos termos "participantes", "cuidam" e "pensa" contribui para estabelecer, no texto, uma relação de sentido denominada:
a) Ambiguidade.
b) Sinonímia.
c) Paráfrase.
d) Oposição.
e) Metáfora.

32. (Funcab – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Pleonasmo é uma figura de linguagem que tem como marca a repetição de palavras ou expressões, aparentemente desnecessárias, para enfatizar uma ideia. No entanto, alguns pleonasmos são considerados "vícios de linguagem" por informarem uma obviedade e não desempenharem função expressiva no enunciado. Considerando esta afirmação, assinale a alternativa que possui exemplo de pleonasmo vicioso.
a) "(...) E então abriu a torneira: a água espalhou-se (...)"
b) "(...) O jeito era ir comprar um pão na padaria. (...)"
c) "(...) Matá-la, não ia; não, não faria isso. (...)"

d) "(...) Traíra é duro de morrer, nunca vi um peixe assim. (...)"
e) "(...) Tirou para fora os outros peixes: lambaris, chorões, piaus; (...)"

33. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Quanto à classificação das figuras de linguagem, coloque (1) para antítese, (2) para hipérbole, (3) para metonímia e (4) para metáfora. Depois assinale a alternativa com a sequência correta.
I. ( ) "Trabalhava arduamente, pois tinha de alimentar quatro bocas."
II. ( ) "Eu, que era branca e linda, eis-me medonha e escura."
III. ( ) "Um mundo de ideias havia em minha cabeça."
IV. ( ) "Meu coração é um campo minado."
a) 2, 1, 3, 4.
b) 3, 1, 2, 4.
c) 1, 2, 4, 3.
d) 3, 4, 1, 2.

34. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Assinale a alternativa em que não se verifica a presença de metáfora.
a) "Deus, antes de ser homem, era sol sem sombra." (Pe. Vieira)
b) "As tuas saudades ficam onde deixas o coração." (Camilo Castelo Branco)
c) "Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar." (José de Alencar)
d) "...meu pensamento vadio era uma borboleta serena que não pousava em nada." (Bernardo Elis)

Gabarito

1. CERTO.	8. C.	15. D.	22. E.	29. CORRETA.
2. A.	9. CORRETA.	16. D.	23. D.	30. CERTO.
3. CORRETA.	10. E.	17. C.	24. B.	31. E.
4. E.	11. C.	18. D.	25. E.	32. E.
5. A.	12. CORRETA.	19. C.	26. A.	33. B.
6. E.	13. D.	20. CORRETA.	27. B.	34. B.
7. B.	14. B.	21. CERTO.	28. A.	

Capítulo 33

Teoria da Comunicação

Definição

Para entender o que é **comunicação**, é preciso entender primeiro o que é **linguagem** e seus **objetivos**.

– O que é linguagem?

Linguagem é um fenômeno ligado a várias áreas na vida do homem.

Biologicamente falando, linguagem é como um *software* superdesenvolvido normalmente localizado no cérebro humano, ou seja, nascemos com a capacidade de linguagem.

Psicológica e afetivamente falando, sem ela não há como entender a vida interna e externa do homem, pois somente ela permite a exposição objetiva/criativa de pensamentos, emoções, ideias, sentimentos, volições, experiências etc.

Cultural e socialmente falando, esse dom inato permite que o homem crie, recrie, manipule, reproduza, absorva o maior conjunto de conhecimentos, informações, valores, costumes e afins (individuais e coletivos). Para onde o homem for, sua cultura expressa em forma de linguagem irá com ele.

Formalmente falando, a linguagem, manifestada por meio de sinais **verbais** ou **não verbais**, permite ao homem uma adaptação incrível em diferentes situações comunicativas; para isso, ele precisa adquirir competência comunicativa.

– Qual são os objetivos da linguagem?

A **expressão do pensamento** e a **interação** entre as pessoas são os principais objetivos da linguagem. Quando falamos, escrevemos, gesticulamos ou usamos

quaisquer outros signos (sinais), o propósito é fazer-se entender. Muitas vezes falamos com nós mesmos em voz alta ou em pensamento para organizar nossas ideias; de qualquer maneira, estamos nos comunicando. Assim, precisamos dela para viver, reviver e conviver.

É sempre importante dizer que usamos a linguagem para representar o mundo real e o mundo das ideias, portanto a linguagem não é o espelho da realidade externa, apenas. Por meio dela construímos e organizamos nossa realidade com toda nossa herança cultural e subjetividade.

É a linguagem **verbal** que nos deve interessar para os concursos públicos. Em vestibulares, há muitas questões de linguagem **não verbal**. Vamos entender.

Elementos da Comunicação

– O que é linguagem verbal?

Linguagem verbal é a maneira que o homem tem de se fazer entender por meio de palavras. Estas se manifestam por sons (fala) ou formas (escrita) atreladas a um conceito a fim de representar algo do universo externo ou interno do homem. Usamos a linguagem verbal por meio de signos para a construção de sentido do universo humano na fala e na escrita.

– O que é o signo linguístico?

Signo linguístico é qualquer unidade de uma língua que conjuga som (na fala) ou forma (escrita) + ideia/conceito a fim de representar algo do universo externo ou interno do homem. Os signos de uma língua substituem os objetos e os representam. Todo signo, então, apresenta dois "lados" básicos: o **significante** e o **significado**.

1) **Significante**: é "a imagem acústica", a imagem mental gerada pelo som (em pensamento ou em voz alta – fala), ou pela forma (escrita) de uma palavra; é a parte audível ou visível da palavra que o nosso cérebro identifica e converte em imagem ou mera abstração.
2) **Significado**: é a ideia, o conceito, o conteúdo semântico da palavra que representa algo do mundo do homem.

O signo linguístico (= a palavra) pode ter seu significante mudado e seu significado permanecer o mesmo; muito dependerá da cultura de uma pessoa ou de um grupo. Pense em tangerina, bergamota, mexerica, mandarina, por exemplo; formas

diferentes, significados iguais. O contrário também é verdadeiro, ou seja, uma forma pode ter mais de um sentido: precisar (carecer, necessitar, ajustar...).

Podemos acrescentar ao conceito de signo linguístico (significante + significado) o conceito de **referente**, que é um elemento extralinguístico, ao qual o signo linguístico se remete, circunscrito ao nosso mundo biossocial. Dessa maneira, a compreensão que temos de *tangerina* está associada ao que apreendemos do som [tangerina] + a ideia que temos dela (fruta) + "o objeto", a fruta em si. Logo, **o signo linguístico é uma tríade: significante + significado + referente**.

– Enfim, o que é a comunicação?

A grande função da linguagem é o estabelecimento da **comunicação**, **conceito que trata da transmissão/recepção de mensagem em um código compreendido.** Vamos nos apegar à comunicação verbal (oral ou escrita).

O processo de comunicação envolve seis elementos básicos, os quais constituem o conceito atual dela. Sem esses elementos, não há comunicação. Vejamos:

1) **Emissor** (remetente, transmissor, 1ª pessoa do discurso, locutor, falante etc.): aquele que envia uma mensagem.
2) **Receptor** (destinatário, recebedor, 2ª pessoa do discurso, interlocutor, ouvinte etc.): aquele que recebe uma mensagem.
3) **Mensagem**: aquilo que é transmitido pelo emissor.
4) **Código**: signos compartilhados pelo emissor e pelo receptor.
5) **Referente** (contexto): é o assunto da mensagem, o elemento extralinguístico dela.
6) **Canal** (contato): é o meio, o veículo transportador da mensagem.

Para ilustrar: João (carioca) envia um e-mail falando sobre as suas férias, na língua nativa deles, para Maria (paulista). Assim:

1) João: emissor;
2) Maria: receptor;
3) o conteúdo do e-mail: mensagem;
4) em língua portuguesa: código;
5) as férias do João: referente;
6) o e-mail: canal.

Mensagem / Referente
Emissor ==========→ Receptor
Código / Canal

É bom dizer que o receptor pode virar emissor no processo de comunicação.

Funções da Linguagem

A linguagem vai muito além do que imaginamos, pois apresenta determinadas funções dentro do processo comunicativo, consoante o propósito, a intenção do usuário da língua. A título de curiosidade, quem discriminou tais **objetivos** da linguagem foi um homem chamado Roman Jakobson. Devemos muito a ele.

Pois bem... as **funções da linguagem** tratam do relevo dado a um dos seis elementos da comunicação, que acabamos de ver, a depender da proposta ou intento do texto. É certo também que um texto pode apresentar mais de uma função da linguagem que concorre com a função predominante. Organizamos a linguagem de tal modo a atender nossa finalidade. Uma dica: **para cada elemento da comunicação, há uma função da linguagem!** Vejamos as seis:

1) **Função Emotiva (Expressiva)**

- o "eu" do texto é o centro da mensagem, na qual ele destaca seus próprios sentimentos, expressa suas emoções, impressões, atitudes, expectativas etc.;
- é um texto pessoal, cercado de subjetividade;
- algumas marcas gramaticais indicam que tal função é a predominante no texto: verbos e pronomes de 1ª pessoa, frases exclamativas, certas interjeições, vocativos, reticências, termos e expressões modalizadoras etc.;
- é a linguagem das músicas românticas, dos poemas líricos e afins.

Exemplo:

– *"Eu não tinha este rosto de hoje / assim calmo, assim triste, assim magro (...)"* (Cecília Meireles)

– *Estou bem feliz!*

2) **Função Conativa (Apelativa)**

- o receptor é o centro da mensagem, na qual ele é estimulado, provocado, seduzido, amparado etc.;
- normalmente o interlocutor é conduzido a adotar uma determinada postura;
- é um texto normalmente claro e objetivo que visa à persuasão;
- algumas marcas gramaticais: verbos e pronomes de 2ª pessoa (ou 3ª pessoa – você), vocativos, imperativos, perguntas ao interlocutor etc.;
- é a linguagem das músicas e dos poemas românticos, das propagandas e afins.

Exemplos:

– *"Mel, tua boca tem o mel / E melhor sabor não há / Que loucura te beijar (...)"* (Belo)

– *Não deixe de ver aquele filme amanhã, ouviu?*

3) **Função Poética**

- a mensagem por si é posta em relevo; mais do que seu conteúdo, o destaque dela se encontra na forma como ela é construída, criativa e inusitadamente;
- essa função usa vários recursos gramaticais: figuras de linguagem, conotação, neologismos, construções estruturais não convencionais, polissemia etc.;
- é a linguagem dos poemas e prosas poéticas (literária), da publicidade criativa e afins.

Exemplo:

– *"Antes de dormir, não se esqueça de apagar os insetos."* (Propaganda de inseticida)

– *Amar: / Fechei os olhos para não te ver / e a minha boca para não dizer... / E dos meus olhos fechados desceram lágrimas que não enxuguei, / e da minha boca fechada nasceram sussurros / e palavras mudas que te dediquei... / O amor é quando a gente mora um no outro.* (Mário Quintana)

4) **Função Metalinguística**

- o código usado para estabelecer comunicação é o centro da mensagem, no sentido de que ele é instrumento de explicação de si mesmo; usa-se um signo para explicar a si próprio;
- essa função busca esclarecer, refletir, discutir o processo discursivo, em um ato de comunicação em que se usa a linguagem para falar sobre ela própria;
- encontramos em poemas que falam sobre o fazer poético (metapoema), sambas que abordam esse gênero musical, filmes que discutem o cinema, palavras usadas para explicar outras em dicionários, narradores que refletem sobre a arte de narrar (metanarração) etc.

Exemplo:

– *"Samba, / Eterno delírio do compositor / Que nasce da alma, sem pele, sem cor (...)"* (Fundo de Quintal)

– *"Ódio: aversão intensa geralmente motivada por medo, raiva ou injúria sofrida; odiosidade"* (Dicionário Houaiss)

* O programa Vídeo Show é um exemplo forte de metalinguagem, pois se usa o "código" da televisão (programa de TV) para falar sobre a própria televisão (outros programas de TV).

5) **Função Referencial (Informativa/Denotativa)**

- o referente é o centro da mensagem;
- destaca-se o objeto, o assunto da mensagem de forma clara e objetiva;
- algumas marcas gramaticais e discursivas: uso da 3ª pessoa, denotação, impessoalidade, precisão, frases declarativas etc.;
- encontramos tal função predominantemente em textos jornalísticos, científicos, didáticos e afins (não literária).

Exemplo:

– *"O presidente Luiz Inácio Lula da Silva fechou o governo com avaliação recorde de 87% para seu desempenho pessoal, conforme pesquisa da Confederação Nacional do Transporte (CNT) e Instituto Sensus divulgada nesta quarta-feira. Em setembro deste ano, essa percepção era de 80,7%."* (*Site* de notícias)

6) **Função Fática**

- o canal (contato) é o centro da mensagem;

- essa linguagem se manifesta quando a finalidade é testar, estabelecer ou encerrar o contato entre o emissor e o receptor (como em ligações telefônicas, saudações, cumprimentos etc.);
- tal função cria as condições básicas para que ocorra a interação verbal;
- algumas marcas linguísticas: *"Bom dia/tarde/noite", "Oi", "Olá", "Fala...", "E aí", "Estou entendendo", "Vamos lá?", "Pronto", "Atenção", "Sei...", "Fui", "Valeu", "Tchau"* etc.

Exemplo:

– *"Fala, galera! Beleza? Boa noite a todos. Bem... vamos lá..."* (um professor, antes de iniciar a aula)

– *"Alô? Entendeu?"*

Noções de Semiótica (ou Semiologia) e Linguística

Este assunto pode parecer-lhe estranho, e é, em 99,99% dos concursos públicos! Mas... a FCC já tratou dele. Veja o conteúdo programático do edital (beeeeem diferente do usual!):

Analista Judiciário – ÁREA APOIO ESPECIALIZADO – ESPECIALIDADE TAQUIGRAFIA – 2010

PORTUGUÊS:

Comunicação e expressão em língua portuguesa: Gramática (fonética, morfologia e sintaxe: construção frasal, concordância, regência, crase, colocação e emprego). Semântica. Estilística. Interpretação de textos. Redação (confronto e reconhecimento de frases corretas e incorretas). Figuras e vícios de linguagem. Pontuação: pontuação e estrutura sintática, pontuação ênfase; particularidades em textos normativos articulados, em enumerações, em citações e em transcrições. Terminologia jurídica, expressões usuais na linguagem jurídica, latinismos jurídicos, vícios e impropriedades da linguagem judiciário-forense.

NOÇÕES BÁSICAS DE **SEMIOLOGIA** E **LINGUÍSTICA**:

Conceituação, campo de atuação dos fenômenos e questões linguísticas e semiológicas, aplicação. A linguagem e seus planos, estrutura, modalidades, evolução; a linguagem e a comunicação. Teoria do Discurso: estruturas narrativas, organização discursiva, enunciações e relações intertextuais; a tipologia, análise e metodologia do discurso. A questão sígnica: sistemas, estrutura e dinâmica de signos.

Vamos entender agora!

Semiótica é a ciência geral dos signos, ou a arte dos sinais. É uma ciência que trata de todas as linguagens, a saber, quaisquer sinais usados pelo homem (ou não!) para representar algo interno ou externo, estabelecendo normalmente a comunicação. Assim, um cheiro, uma imagem, uma percepção, um movimento, um som, um sabor, ou todos esses elementos juntos – que dizem respeito aos sentidos humanos (ou não!) – colaboram para patentear a comunicação.

Já a **Linguística** é mais específica, pois trata da linguagem **humana,** ou melhor, da língua. O dicionário Houaiss define bem esta ciência: "ciência que tem por objeto: **(1)** a linguagem humana em seus aspectos fonético, morfológico, sintático, semântico, social e psicológico; **(2)** as línguas consideradas como estrutura; **(3)** origem, desenvolvimento e evolução das línguas; **(4)** as divisões das línguas em grupos, por tipo de estrutura ou em famílias, consoante o critério seja tipológico ou genético".

Veja uma questão sobre isso:

52. (FCC – TRF (4ª R) – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2010) Analise:

A Semiologia (ou Semiótica) é a teoria geral ...J.... Ela difere da Linguística por sua maior abrangência: enquanto a Linguística é o estudo científico ...K..., a Semiologia preocupa-se com todo e qualquer sistema ...L..., seja ele natural ou convencional. Por esse ângulo, a Linguística insere-se como uma parte da Semiologia. Semiologia e Semiótica são termos permutáveis.

(Adaptado de Castelar de Carvalho (UFRJ, ABF). Saussure e a Língua Portuguesa, http://www.filologia.org.br/viisenefil/09.htm. Acesso em 02 de fevereiro de 2010.)

As lacunas J, K e L são, correta e respectivamente, preenchidas por:

a) dos significados – das linguagens – de significantes;
b) da significação – da fala – linguístico;
c) dos símbolos – dos signos – de fala;
d) da comunicação – da morfossintaxe – de troca;
e) dos sinais – da linguagem humana – de comunicação.

Comentário: E. Note que a questão trata da definição da semiótica e da linguística de maneira bem didática. Bastaria saber a definição de ambas e a diferença entre elas para acertá-la.

Uma vez que a semiótica trata de signos (ou sinais) verbais ou não verbais, diz-se que eles (co)ocorrem em forma de **ícone**, **índice** ou **símbolo**. Vejamos:

1) O **ícone** é uma retratação de algo do mundo real ou imaginário. A sua foto 3X4, uma pintura de um vaso de flores, uma escultura de um homem famoso, um desenho de uma sereia etc. são signos icônicos, pois buscam representar de modo bem similar os elementos do externo universo humano. Sabemos, por exemplo, que determinada conversa que ouvimos ou lemos pertence a um casal de namorados, pois nela muitas palavras (e a entonação delas) aparentam a maneira comum de os casais se tratarem; daí, podemos afirmar que ocorre iconicidade neste trecho: – Oi, amorzinho. – Fala, nem. Como foi o seu dia? – Ai, paixão, senti tanto a sua falta! – Ah, calma, Ju, só faltam dois dias pra gente se ver. – Sabe, Nando, eu sou louquinha por você! – Você só é assim, porque... eu sou lindo! – Convenciiiido!
2) O **índice** (ou indício) é um signo que sugere, por inferência, um acontecimento, uma intenção etc. Ocorre a ideia de contiguidade nesse tipo de signo, pois ele é uma parte de um todo absorvido, anteriormente, pelo conhecimento de mundo. Um céu estrelado sugere sol no dia seguinte, uma buzinada sugere pedido de passagem, um lugar saindo fumaça sugere presença de fogo, uma fala irônica sugere desprezo por alguém, um simples clique (pela boca) sugere insatisfação, um sotaque sulista sugere a origem da pessoa etc.
3) O **símbolo** é, em geral, uma imagem que, por herança cultural ou não, serve para representar o abstrato pelo concreto. Uma caveira simboliza a morte ou o perigo, o preto simboliza o luto, nossa bandeira simboliza nossa nação, a

pomba branca simboliza a paz, as letras dos alfabetos simbolizam sons ou ideias inteiras, uma aliança no dedo anelar esquerdo simboliza o casamento, a cruz simboliza o cristianismo etc.

Os signos são incontáveis e seus referentes idem. Vale dizer ainda que um mesmo signo pode, ao mesmo tempo, ser tomado como **ícone, índice** e **símbolo**; por exemplo, a imagem de um sapatinho na janela. É **ícone**, porque retrata um sapato na janela; é **índice**, porque sugere que o Papai Noel vai deixar um presente; é **símbolo**, porque representa (também) o Natal.

O Que Cai Mais na Prova?

Dos assuntos tratados aqui, as *funções da linguagem* são o que você deve estudar!

Questões de Concursos

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2003) **Mistura linguística**

Muita gente, em vários países, fala um pouco de inglês todo dia sem perceber. Sem contar o "informatiquês", cujos verbetes – como *megabyte, browser, hard disk, software* – são expressões do mais puro inglês, muitas outras palavras do dia-a-dia de brasileiros, franceses, alemães e, principalmente, japoneses têm origem no idioma bretão. Futebol (*football*), sanduíche (*sandwich*) e deletar (verbo criado a partir de *to delete*, suprimir) são exemplos conhecidos de anglicismo (uso de expressões em inglês ou originadas dele) no português. Os alemães apertam o *resetknopf* (*reset button* ou botão de *reset*) para iniciar o computador. E os franceses, conhecidos por sua ojeriza a estrangeirismos, despedem-se dos colegas de trabalho na sexta-feira dizendo *bon weekend.*

A situação do japonês é particularmente curiosa. Estima-se que cerca de vinte mil palavras do vocabulário moderno tenham origem no inglês. Sorvete é *aisukurimu*, de *ice cream*. Ar condicionado é *eacon*, de *air conditioner*. E banheiro deixou de ser *obenjyo* para se tornar *toiré*, de *toillet*.

A história dessa imposição linguística certamente desperta animosidades. Na Índia, por exemplo, onde o inglês é uma das línguas oficiais, ele não é muito ouvido nas ruas. Falar inglês ainda lembra um passado de opressão.

Galileu, fev./2002, p. 37 (com adaptações).

1. A seleção de argumentos e do vocabulário mostra o grau de engajamento do autor em face do assunto: paralelamente às funções referencial e metalinguística, que veiculam informações objetivas, há marcadores linguísticos que deixam entrever elementos subjetivos.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

2. (UNIFESP – Vestibular – 2005) Observe os pares de versos:
"Substantivo (concreto) é tudo quanto indica
Pessoa, animal ou cousa: João, sabiá, caneta."
"Antes mesmo que tu saibas o misterioso sentido: Basta provares o seu gosto..."
Considerando-se o título e os sentidos propostos no poema, é correto afirmar sobre os versos que

a) o primeiro par remete à ideia de gramática; o segundo, à ideia de linguagem. Neles predominam, respectivamente, a função metalinguística e a apelativa.
b) ambos os pares remetem à ideia de gramática; portanto, neles predomina a função metalinguística.
c) o primeiro par remete à ideia de gramática; o segundo, à ideia de linguagem. Nos dois pares, predomina a função referencial.
d) ambos os pares remetem à ideia de linguagem. No primeiro, a função é metalinguística; no segundo, referencial.
e) o primeiro par remete à ideia de linguagem; o segundo, à ideia de gramática. Em ambos os pares, estão presentes as funções apelativa e referencial.

Frente à tradição hindu que há 2.500 anos divide a sociedade indiana em mais de 2.000 castas, os 60 anos dos ideais liberais de Gandhi e os 10 anos da legalização do casamento entre castas revelam-se impotentes para transformar a organização hierárquica da sociedade. Em confronto direto com o costume milenar, o governo da Índia oferece uma recompensa de R$ 2.400 para homens e mulheres de diferentes grupos sociais que formalizem sua união.

O dinheiro equivale ao dobro da renda per capita anual do país. O governo justifica que a medida é um passo para a reacomodação das desigualdades. Para grande parte da sociedade, é um passo no escuro.

O governo – que já enfrenta protesto contra cotas em universidades – vê-se, agora, diante de um desafio maior. O esquema está sob ataque de todos os lados. Os conservadores alegam que a medida é gatilho para o caos social. Os liberais sustentam que poucos vão receber a oferta porque o dinheiro vai desaparecer no bolso de autoridades corruptas.

Indianos de castas mais baixas dizem que rejeitariam a recompensa, pois perderiam o acesso preferencial às universidades, garantido pelas já controversas cotas. Hoje, o governo oferece 22,5% das vagas aos intocáveis, os últimos na hierarquia hindu, mas pretende aumentá-las para 50%.

"Sei que esta não é a única maneira de pôr um fim à discriminação, mas é preciso começar de algum lugar", defende a ministra da Justiça Social. Para a socióloga Radhika Chopra, a oferta é uma forma de sinalizar que esses casamentos não devem ser condenados. "Com a medida, o governo apóia os indivíduos que transgrediram barreiras sociais e mostra que podem funcionar como exemplos", acrescenta a socióloga.

Jornal do Brasil, 17/12/2006 (com adaptações).

3. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2007) No que se refere a funções da linguagem, predomina, no texto, a função:

a) fática, visto que o autor do texto busca, de forma sutil, convencer os leitores dos benefícios do projeto que visa incentivar o casamento entre pessoas pertencentes a castas diferentes;
b) referencial, dado que a ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto;
c) emotiva, dado que são as falas das autoridades entrevistadas que direcionam a forma como as informações são apresentadas;

d) conativa, visto que as opiniões expressas estão devidamente referenciadas, não havendo, portanto, perda de objetividade na transmissão das informações;
e) metalinguística, haja vista o foco em aspectos intertextuais, como demonstram as diversas vozes que acompanham a informação divulgada.

"O princípio de que o Estado necessita de instrumentos para agir com rapidez em situações de emergência está inscrito no arcabouço jurídico brasileiro desde a primeira Constituição, de 1824, dois anos após a Independência, ainda no Império. (...)"

4. (Cespe/UnB – TJ/RJ – Técnico de Atividade Judiciária – 2008) A função da linguagem predominante no texto é:
a) metalinguística;
b) poética;
c) expressiva;
d) apelativa;
e) referencial.

5. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa que indica corretamente a função de linguagem predominante no texto abaixo:
A estação Júlio Prestes, marco histórico e turístico de São Paulo, completou 70 anos nesta semana. Atualmente, o local abriga a Sala São Paulo, sede da Orquestra Sinfônica do Estado, além de ser o ponto de partida da atual Linha 8 (Júlio Prestes-Itapevi) da CPTM [Companhia Paulista de Trens Metropolitanos].
a) emotiva.
b) apelativa.
c) referencial.
d) fática.

Bom Conselho
Ouça um bom conselho
Que eu lhe dou de graça
Inútil dormir que a dor não passa
Espere sentado
Ou você se cansa
Está provado, quem espera nunca alcança
Venha, meu amigo
Deixe esse regaço
Brinque com meu fogo
Venha se queimar
Faça como eu digo
Faça como eu faço
Aja duas vezes antes de pensar

6. (CAP/UFRJ – Admissão (Ensino Médio – 2ª Série) – 2008 (adaptada)) Qual é a função da linguagem predominante nas duas primeiras estrofes da composição de Chico Buarque, considerando-se o modo verbal mais recorrente?

a) fática.
b) emotiva.
c) referencial.
d) poética.
e) conativa.

Os índios descobertos pelo Google Earth

Duas aldeias de índios que vivem isolados foram fotografadas pela primeira vez, na fronteira entre o Peru e o Acre. O sertanista José Carlos Meirelles, da Funai, havia encontrado ainda em terra vestígios de duas etnias desconhecidas e dos nômades maskos. Rielli Franciscato, outra sertanista da Funai, localizou as coordenadas exatas das malocas pelo Google Earth, programa que fornece mapas por satélite. Meirelles, que procurava os povos havia 20 anos, sobrevoou a área e avistou os roçados e as ocas. O avião assustou a tribo, que nunca teve contato com homem branco. As mulheres e as crianças correram, e os homens tentaram flechar o avião. A exploração de madeira no lado peruano pode ter estimulado a migração das etnias para o território brasileiro.

Revista Época. Globo, N 524, 2 de junho de 2008, p. 17

7. (UEMS – Vestibular – 2008) No texto, encontra-se como função da linguagem predominante a:
a) fática;
b) metalinguística;
c) referencial;
d) poética;
e) emotiva.

Texto 1

Em sucessivos relatórios do ministro da Fazenda em meados da década de 1880, aludia-se ao fato de várias assembleias provinciais estabelecerem impostos sobre a exportação, uma parte da receita dos quais podiam reter, e também sobre a importação, o que era expressamente vedado pela Constituição. Sob pressão de associações comerciais e dos delegados regionais da Fazenda, diversas assembleias foram forçadas a votar a supressão desses impostos. O Visconde Paranaguá, em seu relatório para 1883, informava que apenas Pernambuco, Bahia e Maranhão ainda resistiam. A questão da repartição dos impostos e das competências de cada ente federativo parece, portanto, mais antiga que a própria República.

8. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) No texto, narrativa de cunho histórico acerca de tema da economia brasileira, o autor emprega predominantemente linguagem referencial e objetiva.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Texto 2

"(...)

– Tudo; vocês como simples impostos são excelentes, gorduchos e corados, cheios de vida. O que os corrompe e faz definhar é o epíteto de inconstitucionais. Eu, abolindo por um decreto todos os adjetivos de Estado, resolvia de golpe esta velha questão, e cumpria esta máxima que é

tudo o que tenho colhido da história e da política, que aí dou por dois vinténs a todos os que governam o mundo: os adjetivos passam, e os substantivos ficam."

9. O narrador recorreu à função metalinguística da linguagem para formular, ao final da crônica, sua máxima, carregada de arbitrariedade.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Então, aproveite bem o seu dia. Extraia dele todos os bons sentimentos possíveis. Não deixe nada para depois. Diga o que tem para dizer. Demonstre. Seja você mesmo. Não guarde lixo dentro de casa. Não cultive amarguras e sofrimentos. Prefira o sorriso. Dê risada de tudo, de si mesmo. Não adie alegrias nem contentamentos nem sabores bons. Seja feliz. Hoje. Amanhã é uma ilusão. Ontem é uma lembrança. No fundo, só existe o hoje.

10. (Funiversa – IPHAN – Analista (Contabilidade) – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O último parágrafo do texto utiliza uma linguagem emotiva, que pode ser comprovada especialmente na opção pela subjetividade voltada para o narrador.

"(...) Isso dá valor ímpar ao par "com ideais/sem ideais": em "com ideais", a preposição "com" introduz o instrumento; em "sem ideais", a preposição "sem" introduz a condição ("Não se atua na sociedade sem ideais" = "Não se atua na sociedade se não houver/ sem que haja ideais"). Como se vê, a relação que existe entre "com ideais" e "sem ideais" vai muito além da mera antonímia. (...)"

11. (Fadesp – Pref. Juruti/PA – Enfermeiro – 2010) (Adaptada) Sobre o texto, a afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– No penúltimo parágrafo do texto, a função de linguagem predominante é a metalinguística.

A biosfera, que reúne todos os ambientes onde se desenvolvem os seres vivos, se divide em unidades menores chamadas ecossistemas, que podem ser uma floresta, um deserto e até um lago. Um ecossistema tem múltiplos mecanismos que regulam o número de organismos dentro dele, controlando sua reprodução, crescimento e migrações.

12. (ENEM – Vestibular – 2010) Predomina no texto a função da linguagem:
a) emotiva, porque o autor expressa seu sentimento em relação à ecologia;
b) fática, porque o texto testa o funcionamento do canal de comunicação;
c) poética, porque o texto chama a atenção para os recursos de linguagem;
d) conativa, porque o texto procura orientar comportamentos do leitor;
e) referencial, porque o texto trata de noções e informações conceituais.

13. (FUMARC – PM/MG – Oficial da PM – 2011) Leia e analise o BRASÃO da Polícia Militar de Minas Gerais:

Pode-se inferir que o BRASÃO representa, predominantemente, uma função de linguagem:

a) expressiva;
b) referencial;
c) conativa;
d) fática.

14. (Cespe/UnB – SAEB/BA – Professor de Língua Portuguesa – 2011) Pelos sentidos e pelas estruturas linguísticas, é correto concluir que o emprego de "Conheça" e "Não perca" indica que a função da linguagem predominante no texto é a:

a) metalinguística;
b) poética;
c) conativa;
d) expressiva.

Poucos depoimentos eu tenho lido mais emocionantes que o artigo-reportagem de Oscar Niemeyer sobre sua experiência em Brasília. Para quem conhece apenas o arquiteto, o artigo poderá passar por uma defesa em causa própria – o revide normal de um pai que sai de sua mansidão costumeira para ir brigar por um filho em quem querem bater. Mas, para quem conhece o homem, o artigo assume proporções dramáticas. Pois Oscar é não só o avesso do causídico, como um dos seres mais antiautopromocionais que já conheci em minha vida.

Sua modéstia não é, como de comum, uma forma infame de vaidade. Ela não tem nada a ver com o conhecimento realista – que Oscar tem – de seu valor profissional e de suas possibilidades. É a modéstia dos criadores verdadeiramente integrados com a vida, dos que sabem que não há tempo a perder, é preciso construir a beleza e a felicidade no mundo, por isso mesmo que, no indivíduo, é tudo tão frágil e precário.

Oscar não acredita em Papai do Céu, nem que estará um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso. Põe ele, como um verdadeiro homem, a felicidade do seu semelhante no aproveitamento das pastagens verdes da Terra; no exemplo do trabalho para o bem comum e na criação de condições urbanas e rurais, em estreita intercorrência, que estimulem e desenvolvam este nobre fim: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver.

Eu acredito também nisso, e quando vejo aquilo em que creio refletido num depoimento como o de Oscar Niemeyer, velho e querido amigo, como não me emocionar?

(*Vinicius de Moraes. Para viver um grande amor. RJ: J. Olympio, 1982, p. 134-5 (com adaptações)*)

15. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2011) No texto, a linguagem foi empregada predominantemente em suas funções emotiva e poética.

( ) CERTO
( ) ERRADO

UM CÃO APENAS

Subidos, de ânimo leve e descansado passo, os quarenta degraus do jardim – plantas em flor, de cada lado; borboletas incertas; salpicos de luz no granito – eis-me no patamar. E a meus pés, no áspero capacho de coco, à frescura da cal no pórtico, um cãozinho doente, com todo o corpo ferido; gastas as mechas brancas de pelo; o olhar dorido e profundo, com esse lustro de lágrimas que há nos olhos das pessoas muito idosas. Com grande esforço acaba de levantar-se. Eu não lhe digo nada; não faço nenhum gesto. Envergonha-me haver interrompido o seu sono. Se ele estava feliz, eu não devia ter chegado. Já lhe faltavam tantas coisas, que ao menos dormisse: também os animais devem esquecer, enquanto dormem. (Cecília Meireles)

16. (COPEVE-UFAL – UFAL – Assistente de Administração – 2011) Ao escrever sobre um cão doente, Cecília Meireles explora formas de comunicação centradas na expressão do Eu. Isso quer dizer que:

a) não há intenção emotiva em seu texto;
b) seu objetivo é envolver o leitor, seduzir, convencer;
c) a ênfase está na subjetividade da autora, na sua condição de expressar opiniões;
d) há uma manutenção dos aspectos expressivos a partir do canal de comunicação;
e) a ênfase recai principalmente sobre a construção do texto, sobre a arrumação das palavras no espaço gráfico.

O QUE VOCÊ DEVE FAZER

(Se for bom leitor de jornais e revistas, fiel ouvinte de rádio,
obediente telespectador ou simples passageiro de bonde.)
Consuma aveia, como experiência, durante 30 anos.
Emagreça um quilo por semana sem regime e sem dieta.
Livre-se do complexo de magreza, usando Koxkoax hoje mesmo.
Procure nosso revendedor autorizado.
Economize servindo a garrafa monstro de Lero-Lero.
Ganhe a miniatura da garrafa de Lisolete.
Tenha sempre à mão um comprimido de leite de magnólia.
Resolva de uma vez o problema de seu assoalho, aplicando-lhe Sintaxe.
Use somente peças originais, para o funcionamento ideal do seu W.Y.Z.
Tenha sempre à mão uma caixa de adesivos plásticos.
Faça o curso de madureza por correspondência.
Aprenda em casa, nas horas vagas, a fascinante profissão de relojoeiro. [...]
Carlos Drummond de Andrade

17. (Ceperj – Pref. Cantagalo/Rj – Oficial Administrativo – 2011) Sempre que há comunicação há uma intenção, o que determina que a linguagem varie, assumindo funções. A função da linguagem predominante no texto com a respectiva característica está expressa em:

a) referencial – presença de termos científicos e técnicos;
b) expressiva – predominância da 1ª pessoa do singular;
c) fática – uso de cumprimentos e saudações;
d) apelativa – emprego de verbos flexionados no imperativo.

I

A Lei Maria da Penha
Está em pleno vigor
Não veio pra prender homem
Mas pra punir agressor
Pois em "mulher não se bate
Nem mesmo com uma flor".

II

A violência doméstica
Tem sido uma grande vilã
E por ser contra a violência
Desta lei me tornei fã.
Pra que a mulher de hoje
Não seja vítima amanhã.

III

Toda mulher tem direito
A viver sem violência
É verdade, está na lei.
Que tem muita eficiência
Pra punir o agressor
E à vítima, dar assistência.
.....
(Tião Simpatia. A Lei Maria da Penha em cordel)

18. (FDSM – Vestibular – 2011) Qual função da linguagem se destaca nesse texto?
a) Função denotativa ou referencial.
b) Função conativa ou apelativa.
c) Função metalinguística.
d) Função poética.
e) Função fática.

Pequeno concerto que virou canção

Não, não há por que mentir ou esconder
A dor que foi maior do que é capaz meu coração
Não, nem há por que seguir cantando só para explicar
Não vai nunca entender de amor quem nunca soube amar
Ah, eu vou voltar pra mim
Seguir sozinho assim
Até me consumir ou consumir toda essa dor
Até sentir de novo o coração capaz de amor

19. (ENEM – Vestibular – 2011) Na canção de Geraldo Vandré, tem-se a manifestação da função poética da linguagem, que é percebida na elaboração artística e criativa da mensagem, por meio de combinações sonoras e rítmicas. Pela análise do texto, entretanto, percebe-se,

também, a presença marcante da função emotiva ou expressiva, por meio da qual o emissor:

a) imprime à canção as marcas de sua atitude pessoal, seus sentimentos;
b) transmite informações objetivas sobre o tema de que trata a canção;
c) busca persuadir o receptor da canção a adotar um certo comportamento;
d) procura explicar a própria linguagem que utiliza para construir a canção;
e) objetiva verificar ou fortalecer a eficiência da mensagem veiculada.

Início do texto (ao longo dele, predominam as mesmas características gramaticais e discursivas presentes aqui): "Não fui, e não sou, um escrevedor de cartas. Acredito que, no momento em que você estiver lendo esta mensagem, meus sentimentos a respeito dela

Linhas 25 a 27: O maior epistológrafo (que palavra horrível!) de todos os tempos foi, sem dúvida, São Paulo. Há quem diga que suas epístolas deram origem à Educação a Distância, já que ele difundia o cristianismo por meio de cartas para seus discípulos...

Linhas 38 a 40: Na música, em minha adolescência, me comovia com a voz de Dalva de Oliveira cantando "Quando o carteiro chegou/e meu nome gritou/com uma carta na mão/ante surpresa tão rude/não sei como pude/chegar ao portão...".

Deve-se a Roman Jakobson a discriminação das seis funções da linguagem na expressão e na comunicação humanas, conforme o realce particular que cada um dos componentes do processo de comunicação recebe no enunciado. Por isso mesmo, é raro encontrar em uma única mensagem apenas uma dessas funções, ou todas reunidas em um mesmo texto. O mais frequente é elas se superporem, apresentando-se uma ou outra como predominante. No que se refere à presença das funções da linguagem no texto acima apresentado, julgue os itens a seguir:

20. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) A função fática se manifesta, no texto, nos versos transcritos nas linhas de 38 a 40, nos quais se evidencia um trabalho de construção da linguagem para produzir sonoridades, ritmo e rimas, recursos característicos da produção de letras de composições musicais.

( ) CERTO
( ) ERRADO

21. A função emotiva, centrada no destinador ou emissor da mensagem, está presente no texto, o que se comprova pelo emprego de verbos na primeira pessoa, de segmentos com julgamentos subjetivos e de pronomes de primeira pessoa.

( ) CERTO
( ) ERRADO

22. Presente no ato de falar sobre a linguagem, a função metalinguística manifesta-se nos enunciados "(que palavra horrível!)" (L.24) e "Há quem diga que suas epístolas deram origem à Educação a Distância, já que ele difundia o cristianismo por meio de cartas para seus discípulos" (L.25-27), nos quais o autor tomou o próprio código de comunicação como assunto da mensagem.

( ) CERTO
( ) ERRADO

O LENDÁRIO PAÍS DO RECALL

Moacyr Scliar
"MINHA QUERIDA DONA: quem lhe escreve sou eu, a sua fiel e querida boneca, que você não vê há três meses. Sei que você sente muitas saudades, porque eu também sinto saudades de você. Lembro de você me pegando no colo, me chamando de filhinha, me dando papinha... (...)"

23. (Ceperj – Procon/Rj – Agente de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) A função da linguagem predominante no texto é:
a) emotiva;
b) conativa;
c) referencial;
d) fática;
e) metalinguística.

Desabafo

Desculpem-me, mas não dá pra fazer uma cronicazinha divertida hoje. Simplesmente não dá. Não tem como disfarçar: esta é uma típica manhã de segunda-feira. A começar pela luz acesa da sala que esqueci ontem à noite. Seis recados para serem respondidos na secretária eletrônica. Recados chatos. Contas para pagar que venceram ontem. Estou nervoso. Estou zangado. (CARNEIRO, J.E.Veja, 11 set. 2002 (fragmento))

24. (ENEM – Vestibular – 2012) Nos textos em geral, é comum a manifestação simultânea de várias funções da linguagem, com predomínio, entretanto, de uma sobre as outras. No fragmento da crônica *Desabafo*, a função de linguagem predominante é a emotiva ou expressiva, pois:
a) O discurso do enunciador tem como foco o próprio código;
b) A atitude do enunciador se sobrepõe àquilo que está sendo dito;
c) O interlocutor é o foco do enunciador na construção da mensagem;
d) O referente é o elemento que se sobressai em detrimento dos demais;
e) O enunciador tem como objetivo principal a manutenção da comunicação.

A Felicidade

Tristeza não tem fim felicidade sim.
A felicidade é como a pluma
que o vento vai levando pelo ar,
voa tão leve, mas tem a vida breve
precisa que haja vento sem parar.
A felicidade do pobre
parece a grande ilusão do carnaval
a gente trabalha o ano inteiro
por um momento de sonho
pra fazer a fantasia
de rei ou de pirata ou jardineira
pra tudo se acabar na quarta-feira.
A felicidade é como a gota de orvalho
numa pétala de flor,
brilha tranquila
depois de leve oscila

e cai como uma lágrima de amor.
A minha felicidade
está sonhando nos olhos
da minha namorada
É como esta noite, passando,
passando em busca da madrugada
Fale baixo por favor
pra que ela acorde
alegre com o dia
oferecendo beijos de amor.
MORAES, Vinicius e JOBIM, Tom. As mais belas serestas brasileiras. 9ª ed. Belo Horizonte: Barvalle Indústria Gráfica Ltda., 1989.

25. (FAB – EPCAR – Cadetes – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A função da linguagem predominante é a conativa.

26. (UERJ – Vestibular (1o Exame de Qualificação) – 2012) O texto de Lima Barreto explora o recurso da metalinguagem, ao comentar, na sua ficção, o próprio ato de compor uma ficção.
Esse recurso está exemplificado principalmente em:
a) São em geral de uma lastimável limitação de ideias,
b) Vivo aqui só, isto é, sem relações intelectuais de qualquer ordem.
c) – Vem dormir, Isaías! Deixa esse relatório para amanhã!
d) Já por duas vezes, tentei escrever; mas, relendo a página, achei-a incolor, comum,

27. (Fundação Sousândrade – Pref. Estreito/Ma – Supervisor Escolar – 2012) Segundo o linguista Jakobson, a linguagem opera em várias funções, conforme a ênfase dada a um dos elementos da comunicação. A partir dessa informação, pode-se afirmar que em "last act (bribery)" e em "último ato (suborno)" evidencia-se uma centralidade no código linguístico. Esse procedimento evidencia o emprego da função denominada:
a) Emotiva.
b) Conativa.
c) Poética.
d) Referencial.
e) Metalinguística.

Gabarito

1. CERTO.	7. C.	13. B.	19. A.	25. INCORRETA.
2. A.	8. CERTO.	14. C.	20. ERRADO.	26. D.
3. B.	9. CERTO.	15. CERTO.	21. CERTO.	27. E.
4. E.	10. INCORRETA.	16. C.	22. ERRADO.	

5. C.	11. CORRETA.	17. D.	23. A.	
6. E.	12. E.	18. D.	24. B.	

Capítulo 34

Compreensão/Interpretação de Textos e Tipologia Textual

Definição

Milhares de alunos já me perguntaram algo parecido com isto: "Professor, o que devo fazer para interpretar melhor?" Resposta: "Só se aprende a interpretar interpretando."

Parece uma resposta meio evasiva, desprovida de objetividade, não é? No entanto, interpretar está diretamente ligado à capacidade que todo ser humano, com suas faculdades mentais em perfeito estado, tem. Por isso, quando lemos um jornal ou uma revista ou quando ouvimos uma notícia, normalmente entendemos a mensagem. Só não a entenderemos plenamente se for um assunto que não dominamos, não é verdade? Sendo assim, quanto mais lemos, quanto mais absorvemos conhecimento, mais fácil fica entender o que um texto quer dizer.

Mas o que é um texto?

Segundo Platão e Fiorin, "não é amontoando os ingredientes que se prepara uma receita; assim também não é superpondo frases que se constrói um texto".

Essa assertiva desses consagrados professores marca como uma epígrafe este tópico, pois um texto nunca é um emaranhado de frases. **Um texto é um conjunto de frases que "dialogam" entre si, estabelecendo determinadas relações de sentido**. Às vezes, um texto pode ser formado por uma só frase, uma só palavra. O fato é que, em um texto, o todo é o que importa, e não suas partes, pois frases soltas podem gerar interpretações equivocadas. Imagine o seguinte diálogo:

– Que nota você daria para esta gramática?

– Dez...

Se o diálogo parasse aqui, poderíamos dizer que o Pestana ficaria feliz, certo? Afinal, o segundo falante atribui nota máxima a este livro. Não obstante, o texto do segundo falante ainda não está terminado (agora o diálogo completo):

– Que nota você daria para esta gramática?

– Dez... quilômetros por hora.

E agora? O Pestana fica triste, ora. Aqui podemos entender que minha obra é tão ruim, tão lenta... que dá sono.

Em outras palavras, se tomássemos isoladamente o texto *"Dez..."* chegaríamos a uma conclusão diferente da que chegamos agora, pois as partes de um texto, mesmo que curto, se completam. Por isso, **o melhor leitor de um texto é aquele que não se apega a frases soltas dentro dele, mas que observa o contexto (o entorno do texto)**. Não há texto que possa ser bem lido e compreendido sem que se considerem também as questões **extralinguísticas**, as quais cerceiam o discurso do autor, a saber: sua visão de mundo, seu contexto histórico e social.

Um texto precisa ter **textualidade**, que é o conjunto de características que o constituem. Em outras palavras, ele precisa ter início, meio e fim. Precisa apresentar certa lógica para que atinja seu objetivo. Por exemplo, elementos linguísticos precisam colaborar para que a comunicação seja estabelecida, afinal todo autor escreve com a intenção de ser lido e compreendido. Perceber que existem parágrafos separando ideias que se relacionam já é um bom começo para dominar a leitura de um texto.

Eu mesmo (e aqui vai uma dica!), quando leio um texto "pretensioso", complexo, divido minha leitura pelos parágrafos e faço pequenos resumos do que consta do parágrafo. Recomendo o mesmo!

É certo que existem certas *estratégias* para facilitar ainda mais a leitura e compreensão de um texto. Uma delas é o reconhecimento dos modos de organização discursiva, tipologia textual. Saber as características de um tipo de texto e também de um gênero textual facilita muito a vida de quem pretende "decifrar" um texto.

Antes, porém, quero destacar alguns conceitos notáveis, os quais nos auxiliam na melhor apreensão de sentido de um texto: **operadores argumentativos e pressupostos e subentendidos**.

Operadores Argumentativos

Os **operadores argumentativos** são certos elementos da língua – normalmente invariáveis, como **advérbio, conjunção, preposição e palavra denotativa** – os quais estabelecem determinadas relações de sentido e concatenam as ideias dentro do texto. Servem para introduzir diversos tipos de argumentos, que, dentre outras funções, apontam para determinadas inferências. Sem eles, a clareza ou a inteligibilidade de um texto ficaria comprometida.

Nada como bons exemplos para entendermos com facilidade o que se diz. Veja estas quatro frases e os respectivos comentários acerca delas:

No mundo todo, ainda há pessoas sendo exploradas como escravos.

Note que o advérbio *ainda* nos leva a inferir (deduzir, concluir) que, antes do momento da declaração, já havia pessoas sendo exploradas como escravos.

Embora muitos vivam em lugares sem infraestrutura, a felicidade não os abandona.

Note que a conjunção *embora* introduz argumento de valor negativo que se contrapõe, como ressalva/restrição, ao conteúdo de valor positivo da oração seguinte.

Até o presidente brasileiro faz "vista grossa" para o problema do trabalho infantil.

Note que a palavra denotativa de inclusão *até* indica que outras pessoas, além do presidente brasileiro, ignoram o problema.

Além do tráfico de drogas e de armas, o tráfico de pessoas é um dos mais chocantes.

Note que a locução prepositiva *além de* indica um acréscimo de informações, reforçando a argumentação.

Conheça os **operadores argumentativos** mais usados nos textos em geral (se for o caso, recapitule o capítulo de *conjunção, preposição e advérbio* – nunca é demais):

1) Introduzem argumentos que se <u>somam</u> a outros: *e, nem (= e não), não só/apenas/somente... mas/como/senão (também, ainda)..., tanto... quanto/como, além de, além disso, também, ainda...*

– *O político,* ***não só*** *por representar o maior colégio eleitoral do Brasil,* ***mas também*** *por ser do maior partido brasileiro, está muito bem cotado para a presidência.*

Obs.: Certas palavras denotativas de **inclusão** também somam argumentos: *até, inclusive, mesmo...* A expressão *até mesmo* tem muita força argumentativa ao introduzir um argumento. Sobre isso, veja esta questão: FEC – PC/RJ – INSPETOR DE POLÍCIA 6ª CLASSE – 2012 – QUESTÃO 21 b).

2) Introduzem argumentos que se <u>opõem</u> a outros: *mas, porém, todavia, contudo, entretanto, no entanto, não obstante... (conjunções adversativas); embora, ainda que, mesmo (que), apesar de (que), a despeito de, conquanto, se bem que, por mais que, sem que... (conjunções concessivas); já, quando, agora, antes, ao contrário... (advérbios)*

– *Eles vieram de carro,* ***quando*** *– cá entre nós – poderiam ter vindo a pé.*

3) Introduzem argumentos que <u>se alternam</u> ou <u>se excluem</u>: *ou, ou...ou, ora...ora, quer...quer, já...já, umas vezes...outras vezes, talvez...talvez, seja...seja...*

– ***Quer*** *consiga uma vaga para Fiscal de Rendas este ano,* ***quer*** *não, nunca desistirei.*

4) Introduzem uma <u>conclusão</u> ou <u>consequência</u>: *logo, portanto, por isso, por conseguinte, então, assim, em vista disso, sendo assim, consequentemente, pois (depois do verbo), de modo/forma/maneira/sorte que...*

– *Tal exploração ilegal foi denunciada em 2000;* ***em vista disso****, quem foi pego está preso até hoje.*

5) Introduzem argumentos com ideia de <u>explicação</u> ou <u>causa</u>: *porque, que, porquanto, senão, pois (antes do verbo), visto que/como, uma vez que, já que, dado que, posto que, em virtude de, devido a, por motivo/causa/razão de, graças a, em decorrência de, como...*

– *A estimativa é que mais de 80 mil pessoas foram mortas e 320 mil torturadas* ***em decorrência d****as ações da operação na região.*

6) Introduzem argumentos com ideia de <u>comparação</u>, <u>analogia</u>: *(do) que (após mais, menos, maior, menor, melhor, pior), qual/ como (após tal), como/ quanto (após tanto, tão), como (= igual a), assim como, como se, feito...*

– *"Absurdo é afirmar peremptoriamente,* ***como se*** *fosse produto de conhecimento científico, que o Brasil não pode ter uma taxa de juros real."* (Delfim Netto)

7) Introduzem argumentos com ideia de <u>condição</u>, <u>hipótese</u>: *se, caso, contanto que, exceto se, desde que (verbo no subjuntivo), a menos que, a não ser que, exceto se...*

– *O rapaz completará 18 anos de idade em dezembro e ingressará na faculdade no próximo ano,* ***salvo se****, até lá, tiver de fazer uma viagem com os pais pelo mundo.*

8) Introduzem argumentos indicando <u>conformidade</u>: *conforme, consoante, segundo, como (= conforme).*

– *O contraventor,* ***conforme*** *deixou clara a reportagem, aparece em gravações feitas pela Policia Federal.*

9) Introduzem argumentos indicando <u>tempo</u>: *quando, logo que, depois que, antes que, sempre que, desde que, até que, assim que, enquanto, mal, apenas, depois de, antes de...*

– ***Depois de*** *sofrer duras repreensões do sistema penitenciário, reergueu-se como cidadão exemplar.*

10) Introduzem argumentos indicando <u>finalidade</u>: *para, para que, a fim de (que), com o objetivo/intuito/escopo/fito de...*

– *A marcha não foi convocada **com o intuito de** defender o uso da droga, nem de longe propunha isso.*

11) Introduzem ideias de <u>proporcionalidade</u> ou <u>concomitância</u>: *à proporção que, à medida que, ao passo que, quanto mais/menos/menor/maior/melhor/pior...*

– ***À medida que** mais policiais entraram na perseguição, ficou fácil derrubar o brasileiro no chão, torturando-o, até deixá-lo inconsciente.*

12) Introduzem argumentos com ideia de <u>prioridade</u>, <u>relevância</u>, visando também à <u>ênfase</u>, à <u>focalização</u>: *primeiramente, precipuamente, em primeiro lugar, primeiro, antes de mais nada, acima de tudo, sobretudo, por último...*

– ***Sobretudo** quando o assunto é Gramática, entramos num "terreno escorregadio".*

13) Introduzem argumentos que <u>sintetizam</u> uma ideia anterior, marcando um desfecho: *em suma, em síntese, enfim, dessa maneira, afinal, em resumo, recapitulando...*

– *O Brasil, infelizmente, é cercado de corruptos, pessoas incapazes de exercer a administração de um país como o nosso, tão equipado de qualidades naturais, as quais, se bem usadas, alavancariam nossa economia, tornando-nos grande potência mundial. **Enfim**, precisamos de novas pessoas no poder, com ética.*

14) Introduzem argumentos que <u>esclarecem</u>, <u>exemplificam</u> ou <u>retificam</u>: *ou seja, isto é, vale dizer ainda, a saber, melhor dizendo, quer dizer, ou melhor, ou antes, na realidade, aliás, por exemplo...*

– *"A pena para quem casa é de prisão perpétua. Pois o juiz, **ou melhor**, o padre sempre finaliza a sentença dizendo: até que a morte os separe."* (Antonio Brás Constante)

15) Estabelecem uma <u>contraposição</u>: *de um lado... de/por outro lado...*

– *"Oh! Mundo tão desigual/Tudo é tão desigual / Oh! **De um lado**, esse carnaval / **De outro**, a fome total".* (Gilberto Gil)

16) Introduzem argumentos decisivos que "dão o golpe final" em argumentos contrários: *aliás, além do mais, além de tudo, ademais...*

– *Pessoas bonitas, ricas e cultas circulam muito bem dentro da sociedade.* ***Aliás****, quem não gostaria de ter tais predicados?*

Pressupostos e Subentendidos

Esses dois conceitos são importantes para compreendermos bem um texto, afinal, sempre há informações "implícitas" em um texto, que podem ser propositais ou não, facilmente percebidas ou não.

Pressupostos

Segundo Platão e Fiorin, **pressupostos** "são ideias não expressas de maneira explícita, que decorrem logicamente do sentido de certas palavras ou expressões contidas na frase". Trocando em miúdos: algumas palavras dentro da frase "carregam" informações implícitas.

Observe estas duas frases e os comentários acerca delas:

A população, manipulada, supõe que o país vai progredir com o novo presidente.

Note que o verbo *supor* indica que o sujeito (*A população*) considera verdadeiro o conteúdo do objeto direto (*o país vai progredir com o novo presidente*). No entanto, podemos facilmente pressupor (informação implícita) que o autor dessa declaração não se inclui entre "A população", ou seja, ele **não supõe** que o país vai progredir com o novo presidente.

As pessoas que foram atendidas pelo governo por meio das "bolsas" estão satisfeitas.

Note que a oração destacada é subordinada adjetiva restritiva, logo o pressuposto é que apenas algumas pessoas foram atendidas pelo governo e só elas é que estão satisfeitas, isto é, nem todas foram atendidas, logo nem todas estão satisfeitas. Se a oração fosse adjetiva explicativa, o pressuposto seria que todas as pessoas foram atendidas e, portanto, estão satisfeitas.

A respeito da pressuposição, aqui vai uma "dica" importante de Rodolfo Ilari, em seu livro *Introdução à semântica – Brincando com a Gramática*:

Diz-se que uma informação é pressuposta quando ela se mantém mesmo que neguemos a sentença que a veicula. Se alguém nos disser que o carro parou de trepidar depois que foi ao mecânico, concluímos que o carro morria antes de ir ao mecânico; se esse mesmo alguém nos disser que o carro não parou de trepidar apesar de ter ido ao mecânico, também concluiremos que o carro trepidava antes. Sempre que um certo conteúdo está presente tanto na sentença como em sua negação, dizemos que a sentença pressupõe esse conteúdo.

Há milhares de elementos linguísticos que servem de **marcadores de pressupostos**, mas, para facilitar a sua vida no assunto, vejamos os mais frequentes, segundo Platão e Fiorin:

1) Certos adjetivos e certos numerais

– *O Chevette foi meu **primeiro** carro.*

Pressuposto: Já teve outros carros depois desse.

– *A loja foi vítima de **novos** furtos.*

Pressuposto: Já havia sido furtada antes.

– *O Vasco é o **último** colocado na tabela.*

Pressuposto: Há outros times à frente dele.

– *As microempresas não recebem crédito dos bancos para cobrir seus **constantes** déficits.*

Pressuposto: As microempresas nunca têm lucro.

2) Certos advérbios

– *Os resultados da pesquisa **ainda** não chegaram até nós.*

Pressuposto: Os resultados já deviam ter chegado ou os resultados vão chegar mais tarde.

– *O prefeito está menos popular.*

Pressuposto: O prefeito antes era mais popular.

– ***Como** Paulo atravessou o rio?*

Pressuposto: Paulo atravessou o rio.

– ***Quando*** *você volta a estudar?*

Pressuposto: Já estudou, não está estudando no momento e estudará em algum momento.

3) Certas palavras denotativas

Com ideia de **inclusão**: *inclusive, ainda, mesmo, até, também, nem mesmo...*

– ***Até*** *as mais eminentes autoridades políticas demonstraram sua revolta contra aquele ato terrorista.*

Pressuposto: Outras pessoas, além das eminentes autoridades políticas, manifestaram sua revolta.

Com ideia de **exclusão**: *apenas, só, somente, exceto, menos...*

– ***Só*** *servimos champanhe na festa.*

Pressuposto: Nenhuma outra bebida se serve na festa.

4) Certas formas verbais que indicam mudança ou permanência de estado

Conheça: *permanecer, continuar, tornar-se, virar, vir a ser, ficar, passar (a), deixar (de), parar (de), começar (a), principiar (a), converter-se, transformar-se, ganhar, perder...*

– *Dengue* ***vira*** *risco de epidemia em SP.*

Pressuposto: A dengue não era risco de epidemia anteriormente.

– *João* ***parou*** *de bater na esposa.*

Pressuposto: João é casado e batia na esposa.

– *A corrupção no Brasil* ***continua*** *efervescente.*

Pressuposto: A corrupção no Brasil já era efervescente anteriormente.

5) Certos verbos que indicam um ponto de vista sobre um fato

Conheça: *pretender, supor, alegar, presumir, imaginar...*

– *Os jornalistas* ***imaginam*** *que nada do que fazem e dizem terá consequências.*

Pressuposto: Para os jornalistas, o conteúdo do complemento de *imaginar* é verdadeiro, mas, para o autor da declaração, é falso.

6) Orações adjetivas (explicativas e restritivas)

– "Os índios brasileiros, que abandonaram suas tradições, estão em fase de extinção."

Pressuposto: Todos os índios brasileiros abandonaram suas tradições e, por isso, estão em fase de extinção.

– "Os índios brasileiros que abandonaram suas tradições estão em fase de extinção."

Pressuposto: Somente alguns índios brasileiros abandonaram suas tradições, e, por isso, nem todos estão em fase de extinção.

Obs.: O mesmo vale para os adjetivos; nesse caso, a pontuação muda o sentido: *"O brasileiro, orgulhoso, se considera feliz."* (Pressuposto: Todo brasileiro é orgulhoso.) / *"O brasileiro orgulhoso se considera feliz."* (Pressuposto: Nem todo brasileiro é orgulhoso.)

7) Certas conjunções e preposições

– *"**Quando** entrarmos em contato com seres inteligentes de outros planetas, os presumíveis mistérios acerca de sua existência serão esclarecidos."*

Pressuposto: Nunca houve contato com extraterrestres ou ainda vai haver contato com extraterrestres.

– ***Apesar de** ser mulher, é muito inteligente.*

Pressuposto: Mulher não é inteligente.

– *"Os acidentados foram socorridos num pronto-socorro do INSS, **mas** saíram de lá sãos e salvos."*

Pressuposto: Os que saem do INSS não saem sãos e salvos. Crítica feroz ao INSS.

Antes de passarmos para o conceito de **subentendidos**, veja um exercício proposto pelo autor Rodolfo Ilari, no mesmo livro citado por último, sobre pressuposição:

"2. Leia a nota abaixo e responda em seguida às perguntas:

Ex-paquita desmente

A ex-paquita Roberta Cipriani desmente rumores do final de seu noivado com Diogo Boni, filho do atual consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho. Ela me garantiu que está muito bem com o rapaz, e que passaram o Carnaval juntinhos em Angra dos Reis.

(Jornal de Jundiaí, 8.3.2000)

Situe-se no momento em que a nota foi escrita e considere estas afirmações:

a) Roberta Cipriani foi paquita, no passado.
b) Roberta Cipriani e Diogo Boni ficaram noivos há algum tempo.
c) O pai de Diogo Boni ainda vive.
d) O pai de Diogo Boni é José Bonifácio de Oliveira Sobrinho.
e) J. B. de Oliveira Sobrinho trabalha na Rede Globo como consultor.
f) Correram boatos de que Roberta e Diogo terminaram o noivado.
g) Roberta e Diogo terminaram o noivado.

Quais delas são verdadeiras, segundo a nota do jornal? O que mudaria se a nota fosse reduzida à sua primeira parte, e se, em vez do verbo *desmente* tivéssemos seu antônimo *confirma*?"

Resposta:

a) Roberta Cipriani foi paquita, no passado.

Sim. Prova disso: "A <u>ex</u>-paquita Roberta Cipriani...".

b) Roberta Cipriani e Diogo Boni ficaram noivos há algum tempo.

Sim. Prova disso: "... <u>final de seu noivado</u> com Diogo Boni...".

c) O pai de Diogo Boni ainda vive.

Sim. Prova disso: "... filho do <u>atual</u> consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho...".

d) O pai de Diogo Boni é José Bonifácio de Oliveira Sobrinho.

Sim. Prova disso: "... <u>filho</u> do atual consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho...".

e) J. B. de Oliveira Sobrinho trabalha na Rede Globo como consultor.

Sim. Prova disso: "...filho do <u>atual consultor da Rede Globo</u> de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho...".

f) Correram boatos de que Roberta e Diogo terminaram o noivado.

Sim. Prova disso: "A ex-paquita Roberta Cipriani desmente <u>rumores</u> do final de seu noivado com Diogo Boni...".

g) Roberta e Diogo terminaram o noivado.

Não. Prova disso: "A ex-paquita Roberta Cipriani desmente rumores do final de seu noivado com Diogo Boni...".

Logo... todas são verdadeiras, exceto a "g". Se a nota fosse reduzida à sua primeira parte e, em vez do verbo *desmente*, tivéssemos seu antônimo *confirma*, todas seriam verdadeiras.

Subentendidos

Os **subentendidos** são mensagens implícitas deduzidas subjetivamente pelo interlocutor. Justamente por essa ideia de dedução, os subentendidos de uma declaração podem não ser verdadeiros. Vejamos três exemplos de **subentendido**, o qual normalmente surge em contextos sociais:

Ana – Vamos ao cinema?
Carlos – Mas está chovendo...
Possível subentendido: Carlos sugere que não quer ir ao cinema.

Amigo do Mário – É da casa do Mário?
Mãe do Mário – Ele teve de sair, mas já volta.
Possível subentendido: A mãe do Mário entende que o amigo do filho queria falar com ele.

Marido – Está muito frio lá fora!
Esposa – Tudo bem, eu já vou fechar a janela.
Possível subentendido: A esposa entende que o marido fez um pedido.

Para finalizar, segundo Platão e Fiorin, uma informação importante: "Os subentendidos são as insinuações escondidas por trás de uma afirmação. Quando um transeunte com o cigarro na mão pergunta: *Você tem fogo?*, acharia muito estranho se você dissesse: *Tenho* e não lhe acendesse o cigarro. Na verdade, por trás da pergunta subentende-se: *Acenda-me o cigarro por favor.*".

Veja duas questões sobre pressupostos e subentendidos:

4. (FGV – ICMS-RJ – Fiscal de Rendas – 2008) Com base na leitura do texto, analise os itens a seguir:

I. Em "Portanto, a necessidade de as gerações atuais preservarem recursos para as gerações futuras *também* se dá no que tange aos recursos públicos" o termo grifado colabora com a identificação de um pressuposto.

II. Em "Não mais se concebe uma atuação estatal efetiva sem uma apurada reflexão sobre os gastos públicos, seus limites e sua aplicação", na identificação dos implícitos, observa-se um pressuposto.

III. Em "Enquanto o primeiro, normalmente, se adstringe a situações futuras próximas, o segundo vincula-se a situações futuras a longo prazo", a leitura só se efetiva se o leitor identificar os subentendidos.

Assinale:

a) Se somente os itens II e III estiverem corretos.
b) Se somente os itens I e II estiverem corretos. (Gabarito)
c) Se todos os itens estiverem corretos.
d) Se nenhum item estiver correto.
e) Se somente os itens I e III estiverem corretos.

Comentário: I- O advérbio *também* apresenta ideia de adição, logo "se dá no que tange aos recursos públicos" é apenas um dos possíveis exemplos de preservação de recursos. II- A expressão *não mais* indica que anteriormente se concebia "uma atuação estatal efetiva sem uma apurada reflexão sobre os gastos públicos, seus limites e sua aplicação". III- Pegadinha: a leitura só se efetiva se o leitor identificar os "pressupostos", e não os subentendidos. O examinador da banca trocou os conceitos para você errar. Aproveitando o ensejo, em *"Enquanto o primeiro, normalmente, se adstringe a situações futuras próximas, o segundo vincula-se a situações futuras a longo prazo"*, os pressupostos são, devido ao *normalmente* e ao verbo *vincular-se*, que nem sempre o primeiro se adstringe a situações futuras próximas e o segundo não se vincula a situações que não sejam futuras nem que não sejam situações futuras a longo prazo.

4. (UERJ – Vestibular (2º EQ) – 2012) ***Político que ousou pensar, intelectual que não se omitiu em agir, pensador e ativista com causa, principal artífice da abolição do regime escravocrata no Brasil.*** (l. 2-4)

Na frase acima, Cristovam Buarque define Joaquim Nabuco de quatro maneiras. As três primeiras definições partem de determinadas pressuposições.

Uma pressuposição que se pode deduzir da leitura do fragmento é:

a) ativistas têm abraçado muitas causas;
b) intelectuais costumam resistir à ação; (Gabarito.)

c) políticos ousam pensar a respeito de tudo;
d) pensadores têm lutado pelo fim da escravidão.

Comentário oficial: Nas três primeiras definições dadas a Joaquim Nabuco, o autor faz o movimento retórico de inseri-lo em um grupo para destacá-lo positivamente desse grupo. Esse movimento retórico se constrói com base em elementos que podem ser pressupostos a partir do que é enunciado. Quando define Nabuco como "político que ousou pensar", Buarque deixa implícito que políticos na verdade não pensam. Quando define Nabuco como "intelectual que não se omitiu em agir", Buarque deixa pressuposta a ideia de que os intelectuais costumam resistir à ação. Quando define Nabuco como pensador e ativista com causa, Buarque sugere que os ativistas em geral não têm uma causa clara pela qual se mobilizam.

Tipologia Textual

Para entendermos mais sobre "o que é um texto" e consequentemente compreendê-lo bem, precisamos ter contato com diferentes **tipos de texto**, ou **modos de organização do discurso**.

A **tipologia textual** trata da forma como um texto se apresenta e se organiza. Existem cinco tipos clássicos que aparecem em prova. Dos cinco, recomendo que domine a dissertação.

Texto Narrativo e Tipos de Discurso

O **texto narrativo** é uma modalidade textual em que se conta um fato, fictício ou não, que ocorreu num determinado tempo e lugar, envolvendo certos personagens. Toda narração tem um enredo ou intriga – o encadeamento, a sucessão dos fatos, o conflito que se desenvolve, podendo ser linear ou não.

Carcaterísticas principais:

- O tempo verbal predominante é o passado.
- Alguns gêneros textuais narrativos: **piada, fábula, parábola, epístola (carta com relatos), conto, novela, epopeia, crônica (mix de literatura com jornalismo), romance.**

- **Quem** conta (narrador), o **que** ocorreu (o enredo), com **quem** ocorreu (personagem), **como** ocorreu (conflito/clímax), **quando/onde** ocorreu (tempo/espaço) são elementos presentes neste tipo de texto.
- Foco narrativo com narrador de 1ª pessoa (participa da história – onipresente) ou de 3ª pessoa (não participa da história – onisciente).
- Normalmente, nos concursos públicos, o texto aparece em prosa, não em verso.

Exemplo:

Numa noite brilhante do mês de fevereiro (tempo), Fernando e Juliana (personagens) caminhavam pela rua (espaço) que conduzia à praça, ao sabor das estrelas (foco narrativo de 3ª pessoa). Como em um conto de fadas, ela estava totalmente apaixonada por mim, o Fernando da história (foco narrativo de 1ª pessoa). Era o momento ideal para ser atrevido, surpreendendo-a. Foi nesse momento que o rapaz (infelizmente este sou eu de novo) tomou um tapa daqueles na cara! (clímax) (o todo é o enredo) Eita! Bendita autoestima.

Observe que o texto está escrito em prosa e não em verso, afinal, não há rima, nem métrica, nem musicalidade.

Observe também que os verbos estão no passado, quando o objetivo é simplesmente relatar: *caminhavam, conduzia, estava, era, foi, tomou.* Digo isso, pois, no trecho "infelizmente este sou eu de novo", o verbo está no presente. "Por que isso ocorre, Pestana?" Simples: o presente do indicativo é o tempo do comentário e não do relato.

Resumindo: quando se deseja contar, relatar algo, verbo no passado; quando se deseja comentar, opinar, verbo no presente.

"Mas, Pestana, não é possível relatar algo com o verbo no presente?" Até é, mas não é comum. Quando se usa o presente no lugar do pretérito perfeito, por exemplo, a ideia é relatar a história imprimindo atualidade a ela, como ocorre nas narrações de futebol.

Agora veja o texto narrativo *à la* cordel:

CORDEL DA AUTOESTIMA
Poncio Mineiro
9/11/12

Distribuindo alegria
Qual propaganda, letreiro,

Fernando e Juliana
Numa noite, em fevereiro,
Caminhavam pela rua
Sob o brilho nu da lua
Num andar aventureiro...
Tendo as estrelas por guia
Até acharam graça
Pois sabiam, com certeza,
Que chegariam à praça
E continuaram andando
Como que desfrutando
Mesma bebida em taça...
Na rua, somente eles,
Num passeio sem igual
Sorvendo cada segundo
Como se fosse o final
Com total liberdade
Parecia, na verdade,
O conto de amor ideal...
E na praça chegaram...
Fernando logo pensou:
"Que momento mágico!
Aqui na praça eu estou!
Com Juliana, apaixonada...
O que mais quero? Nada!"
E o imaginário aflorou...
"Nesse conto de fadas
Sou seu ator principal!
E sendo seu príncipe,
Devo agir como tal!
As suas mãos devo tocar
Beijá-las e viajar
Pra meu deleite total..."
"Talvez, seja bem pouco,

O que acabei de pensar...
Devo ser mais ousado
E um pedido pleitear:
Nós dois como um só laço
Envoltos em forte abraço!
Já vejo-a se emocionar..."
"Mas a paixão pede mais!
Ela quer ser desejada!
Serei bem atrevido!
E de repende, do nada,
Agindo sem desleixo
Agarrarei seu queixo
E por mim será beijada..."
"E, então, dessa maneira
Ela sentirá minh'alma
Mexerei com sua libido
E sem ter muita calma
Buscará apavorada
Pela minha mão amada
Somente palma com palma..."
Isso foi suficiente
Pra Fernando se nutrir
De todo a certeza
Que era hora de agir
Com seu peito estufado
Deixando receio de lado
E sua vaidade polir...
E um pouco diferente
Do que havia suposto
De fato, houve surpresa,
E pra seu contragosto
Uma mão viu voar
Na sua cara viajar
Carimbando seu rosto...

E foi forte a porrada
Que Fernando percebeu
Que do conto de fadas
Havia mais do que um eu
A princesa se apresentou
Ao príncipe se mostrou
Além de um objeto seu...
A viagem que a mão fez
Teve destino impensado
Sua autoestima não viu
O que sempre esteve ao lado:
Ponderar o que se pensa,
E ter, por recompensa,
Sensatez como aliado...
FIM

Tipos de Discurso

Vale dizer que é extremamente comum figurar em textos narrativos determinados tipos de discurso: **direto, indireto** e **indireto livre**. Certamente você já deve ter estudado isso alguma vez na sua vida.

Os **tipos de discurso** tratam da participação, da fala da personagem dentro da narração. Isso acontece de três maneiras: o narrador apresenta a fala da personagem pela própria personagem (discurso direto), reproduz com sua voz a fala da personagem (discurso indireto) e apresenta o pensamento da personagem no meio da narração (discurso indireto livre).

No **discurso direto**, há a presença de alguns elementos básicos (normalmente todos aparecem): **verbo elocutivo (antecipando a fala da personagem), dois-pontos, aspas ou travessão marcando a própria fala.**

No *discurso indireto*, a fala da personagem por meio do narrador aparece dentro de uma **oração subordinada substantiva (normalmente objetiva direta ou subjetiva)**.

No **discurso indireto livre**, a fala da personagem se insere no meio do discurso do narrador, dando a impressão de que se trata do pensamento do narrador, mas

na verdade se trata do pensamento da personagem; neste caso, não há marcas linguísticas claras indicando a fala dela. O bom é que, na maioria das provas, o discurso indireto livre vem pontuado por ponto de exclamação ou interrogação.

– *O professor* ***pediu*** *aos alunos:* ***"Fiquem quietos"****.* (discurso direto)

– *O professor pediu-lhes* ***que ficassem quietos****.* (discurso indireto)

– *Eu, como professor, estava incomodado com um aluno desde o início do ano. Olhava, com raiva e irritado, para esse estudante todos os dias.* ***Quando ele vai parar de me perseguir?*** *O aluno se levantou e pediu para ir ao banheiro.* (discurso indireto livre)

Note, neste último exemplo, que o trecho *"Quando ele vai parar de me perseguir?"* só pode ter sido do aluno, pois se trata de um pensamento dele sobre a atitude do professor.

Como você pôde perceber, há uma equivalência entre o discurso direto e o indireto. Notou, por exemplo, que os vocábulos do discurso direto ficaram depois da conjunção integrante (que) no discurso indireto? Isso é praxe.

Na verdade, existem certas regras de **transposição do discurso direto para o indireto**. Conheça-as:

DIRETO – Enunciado em **primeira pessoa**: *Disse o aluno: – **Eu** não confio mais no professor.*
INDIRETO – Enunciado em **terceira pessoa**: *O aluno disse [que **ele** não confiava mais no professor.]*

DIRETO – Verbo no **presente do indicativo**: *– Eu não **confio** mais no professor, disse ele.*
INDIRETO – Verbo no **pretérito imperfeito do indicativo**: *Ele disse [que não **confiava** mais no professor.]*

DIRETO – Verbo no **pretérito perfeito**: *"Eu não **falei** nada!", exclamou.*

INDIRETO – *Verbo no* ***pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo ou no pretérito mais-que-perfeito****: Exclamou [que não* ***tinha/havia falado*** *(ou* ***falara****) nada.]*

DIRETO – Verbo no **futuro do presente**: *"****Protestaremos*** *contra ele de qualquer maneira."*
INDIRETO – Verbo no **futuro do pretérito**: *Declararam [que* ***protestariam*** *contra ele de qualquer maneira.]*

DIRETO – Verbo no **imperativo, presente ou futuro do subjuntivo**: *"****Saia*** *da minha sala", ordenou o professor ao aluno.*
INDIRETO – Verbo no **pretérito imperfeito do subjuntivo**: *O professor ordenou ao aluno [que* ***saísse*** *da sua sala.]*

DIRETO – **Pronomes pessoais, possessivos e demonstrativos de 1ª pessoa** *(eu, nós, meu(s), minha(s), nosso(a/s), este(a/s), isto): "A* ***esta*** *hora não responderei nada", disse ele.*
INDIRETO – **Os mesmos pronomes, de 3ª pessoa**: *Ele disse [que* ***àquela*** *hora não responderia nada.]*

DIRETO – Advérbio ***aqui*** e ***cá****: "****Daqui*** *eu não saio tão cedo, até que eu fale com o diretor."*
INDIRETO – Advérbio ***ali*** e ***lá****: Disse [que d****ali*** *não saía tão cedo, até que ele falasse com o diretor.]*

Texto Descritivo

A **descrição** é uma modalidade de composição textual cujo objetivo é fazer um retrato por escrito (ou não) de um lugar, uma pessoa, um animal, um pensamento, um sentimento, um objeto, um movimento etc.

Características principais:

- Os recursos formais mais encontrados são os de valor adjetivo (adjetivo, locução adjetiva e oração adjetiva), por sua função caracterizadora.
- Há descrição objetiva e subjetiva, normalmente numa enumeração.
- A noção temporal é normalmente estática.
- Normalmente usam-se verbos de ligação para abrir a definição.
- Normalmente aparece dentro de um texto narrativo.
- Os gêneros descritivos mais comuns são estes: **manual, anúncio, propaganda, relatórios, biografia, tutorial**.

Exemplo:

Era uma casa (objeto da descrição) muito engraçada (adjetivo descritivo subjetivo)
Não tinha teto, não tinha nada**
Ninguém podia entrar nela, não
*Porque na casa não tinha chão**
Ninguém podia dormir na rede
*Porque na casa não tinha parede**
Ninguém podia fazer pipi
*Porque penico não tinha ali**
Mas era feita com muito esmero
Na rua dos bobos, número zero
(Vinícius de Moraes)

* Note que este texto, escrito em versos, é narrativo, mas dentro da narração há a descrição, que apresenta predicados verbais **com função objetivamente caracterizadora** de um objeto (a casa): *Não tinha teto, não tinha nada, não tinha chão, não tinha parede, penico não tinha ali.*

Texto Injuntivo

A **injunção** indica como realizar uma ação, aconselha, impõe, instrui o interlocutor. Chamado também de texto **instrucional**, o tipo de texto injuntivo é utilizado para predizer acontecimentos e comportamentos, nas leis jurídicas.

Características principais:

- Normalmente apresenta frases curtas e objetivas, com verbos de comando, com tom **imperativo**; há também o uso do futuro do presente (10 mandamentos bíblicos e leis diversas).
- Essas características são encontradas em vários gêneros textuais, como **horóscopos, receitas de bolo, discursos de autoridades, manual de instruções, livros de auto-ajuda, leis** etc.
- Marcas de interlocução: **vocativo, verbos e pronomes de 2ª pessoa ou 1ª pessoa do plural, perguntas reflexivas** etc.

Exemplo:

Impedidos do Alistamento Eleitoral (art. 5º do Código Eleitoral) – *Não podem alistar-se (verbo no imperativo) eleitores: os que não saibam exprimir-se na língua nacional, e os que estejam privados, temporária ou definitivamente dos direitos políticos. Os militares são alistáveis, desde que oficiais, aspirantes a oficiais, guardas-marinha, subtenentes ou suboficiais, sargentos ou alunos das escolas militares de ensino superior para formação de oficiais.*

Seção IV – Da Contingência na Votação – Art. 58. *Na hipótese de falha na urna, em qualquer momento da votação, o presidente da mesa receptora de votos, à vista dos fiscais presentes, deverá (verbo no futuro com tom imperativo) desligar e religar a urna, digitando o código de reinício da votação.*

Texto Dialogal

O **texto dialogal** (ou diálogo, ou dialogismo) normalmente aparece dentro de um texto predominantemente narrativo para materializar o intercâmbio entre personagens (a interlocução), que vão apresentando a história através da conversa; presente no **gênero dramático (peças de teatro)**.

Características principais:

- Na organização gráfica, é normal o uso de pontuação (travessões ou aspas) para indicar as falas das personagens (iniciadas por letra

maiúscula), antecipada por verbo **dicendi** (verbo elocutivo) e dois-pontos; resumindo: **discurso direto**.

- Pode conter marcas da linguagem oral, como pausas e retomadas.
- Marcadores conversacionais: *então, ora pois, pois é, bem, mas vá lá, diz lá, pronto, assim assim, e tal, não pode ser, não me digas, tipo, que tal?, não é (né)?, não é verdade?, não é assim?, não achas?, como assim?, que te parece?, e tu?, como assim?, diz quem? etc.*

Exemplo:

Uma senhora entra em uma concessionária de carros famosos. Ela olha ao redor, acha o carro perfeito e começa a examiná-lo. Ao inclinar-se para ver se tinha revestimento de couro, deixa escapar um sonoro pum. Muito envergonhada, ela nervosamente dá uma olhada para ver se alguém notou o pequeno incidente... Porém, ao virar-se, dá de cara com um vendedor que já estava atrás dela, que diz (com a maior cara dura):

– Bom dia, senhora. Como posso ajudá-la hoje? (discurso direto)

Muito sem graça, ela pergunta:

– Por favor, qual o preço deste adorável veículo? (discurso direto)

O vendedor responde:

– A senhora me perdoe a sinceridade, mas se a senhora peidou somente ao vê-lo, vai se cagar toda quando souber o preço. (discurso direto)

Texto Dissertativo

Antes de mais nada, o **texto dissertativo** pode ser **expositivo** ou **argumentativo**.

Dissertação Expositiva

Este tipo de texto é caracterizado por esclarecer um assunto de maneira atemporal com o objetivo de explicá-lo de maneira clara, sem intenção de convencer o leitor ou criar debate.

Características principais:

- Apresenta introdução, desenvolvimento e conclusão.
- O objetivo não é persuadir, mas meramente explicar, informar.
- Normalmente a marca da dissertação é o verbo no presente.
- Amplia-se a ideia central, mas sem subjetividade ou defesa de ponto de vista.

- Apresenta linguagem clara e imparcial.

Exemplo:

O texto dissertativo consiste na ampliação, na discussão, no questionamento, na reflexão, na polemização, no debate, na expressão de um ponto de vista, na explicação a respeito de um determinado tema. (introdução) Existem dois tipos de dissertação bem conhecidos: a dissertação expositiva (ou informativa) e a argumentativa (ou opinativa). (desenvolvimento) Portanto, pode-se dissertar simplesmente explicando um assunto, imparcialmente, ou discutindo-o, parcialmente. (conclusão)

Note os verbos no presente: *consiste, existem, pode-se dissertar.*

Dissertação Argumentativa

Este tipo de texto – muito frequente nas provas de concursos! – apresenta posicionamentos pessoais e exposição de ideias apresentadas de forma lógica. Com razoável grau de objetividade, clareza, respeito pelo registro formal da língua e coerência, seu intuito é a defesa de um ponto de vista que convença o interlocutor (leitor ou ouvinte).

Características principais:

- Presença de estrutura básica (introdução, desenvolvimento e conclusão): ideia principal do texto (**tese**); argumentos (**estratégias argumentativas**: **causa-efeito, dados estatísticos, testemunho de autoridade, citações, confronto, comparação, fato-exemplo, enumeração...**); conclusão (**síntese** dos pontos principais com sugestão/solução).
- Principais gêneros textuais em que se observam características desse tipo de texto: **redação de concursos, artigos de opinião, cartas de leitor, discursos de defesa/acusação, resenhas...**
- Utiliza verbos na 1ª pessoa (normalmente nas argumentações informais) e na 3ª pessoa do presente do indicativo (normalmente nas argumentações formais) para imprimir uma atemporalidade e um caráter de verdade ao que está sendo dito.
- Constitui-se de linguagem cuidada, com estruturas lexicais e sintáticas claras, simples e adequadas ao registro culto.

- Privilegiam-se as estruturas impessoais, com certas modalizações discursivas (indicando noções de possibilidade, certeza ou probabilidade) em vez de juízos de valor ou sentimentos exaltados.
- Há um cuidado com a progressão temática, isto é, com o desenvolvimento coerente da ideia principal, evitando-se rodeios.
- Às vezes, usam-se elementos de primeira pessoa como recurso retórico para envolver o leitor no pensamento do autor do texto.
- Os verbos normalmente se encontram no presente do indicativo ou no futuro do presente.

Exemplo de texto dissertivo-argumentativo:

A maioria dos problemas existentes em um país em desenvolvimento, como o nosso, podem ser resolvidos com uma eficiente administração política (tese), porque a força governamental certamente se sobrepõe a poderes paralelos, os quais – por negligência de nossos representantes – vêm aterrorizando as grandes metrópoles (tópico frasal: todo este período). Isso ficou claro no confronto entre a força militar do RJ e os traficantes, o que comprovou uma verdade simples: se for do desejo dos políticos uma mudança radical visando o bem-estar da população, isso é plenamente possível (estratégia argumentativa: fato-exemplo). É importante salientar, portanto, que não devemos ficar de mãos atadas à espera de uma atitude do governo só quando o caos se estabelece; o povo tem e sempre terá de colaborar com uma cobrança efetiva (conclusão).

Note que a maior parte dos verbos estão no presente do indicativo, o que imprime um caráter de verdade ao texto. Isso influencia o leitor (ou ouvinte) a aceitar o ponto de vista exposto. Note também que há um desenvolvimento coerente das ideias ao longo do texto, as quais se centram na tese. Por fim, a linguagem polida com estratégia de argumentação consistente tornam o texto bem persuasivo, afinal, a intenção de um texto dissertativo-argumentativo é sempre conduzir alguém a aceitar um ponto de vista.

Falemos mais agora das estratégias argumentativas, pois elas é que sedimentam a tese, influindo diretamente na opinião do interlocutor.

Estratégias Argumentativas

Existem muitas **estratégias argumentativas** – ou seja, recursos discursivos que servem para fortalecer a tese a respeito de um assunto – de que nos podemos valer para tornar nosso discurso mais convincente. Vejamos algumas:

Modalização

Recomendo que releia os valores discursivos das classes gramaticais para relembrar o que é modalização.

*"Com a finalidade de evitar o desperdício, o que nos protegerá de futuros problemas, é **vital** que se faça um trabalho voltado para o reuso da água."*

A palavra destacada é modalizadora porque expressa um ponto de vista do autor do texto. Para ele, o fato de se fazer um trabalho voltado para o reuso da água é muito importante, ou melhor, é vital! O objetivo dessa palavra é provocar a reflexão do leitor sobre a importância do assunto em pauta.

Exemplificação (fato-exemplo)

Exemplificar é apresentar um fato ou cenário que confirma uma tese ou demonstra uma verdade.

*"Certos comportamentos humanos não podem ser tolerados e, por isso, precisam ser constantemente relembrados para que não se repitam, **como o massacre dos judeus pelos nazistas**."*

Obs.: Não confunda explicação X explicitação X exemplificação. A **explicação** é a ação de fazer entender algo já apresentado; a **explicitação** é a ação de revelar algo, torná-lo conhecido; a **exemplificação** é a ação de ilustrar, representar ou confirmar aquilo de que se está falando. Já caiu uma questão sobre isso: FGV – MEC – Analista de Sistemas – 2009 – QUESTÃO 5 d).

Enumeração

Enumerar é fazer uma lista especificada, uma relação metódica de algo; normalmente há gradação em uma enumeração.

"O Brasil, se quiser deixar de ser um país em desenvolvimento e se tornar um país desenvolvido, precisará urgentemente de algumas mudanças: ***investimento em educação, saúde, segurança, saneamento básico, emprego, etc.****"*

Fato histórico

"Tendenciosamente, a religião, principalmente a católica, sempre esteve envolvida com a política. ***No golpe militar de 64, a Igreja esteve ao lado dos militares****. Só após os seus terem sido perseguidos e torturados passou a reagir e a lutar em defesa de seus membros."*

Comparação

Comparar é confrontar elementos, identificando pontos de analogia ou de similaridade entre si, numa relação de igualdade, superioridade ou inferioridade.

"Não há dúvidas de que os eventos esportivos nos países em desenvolvimento os ajudam a modificar seu cenário econômico e social. ***Assim como a África do Sul se beneficiou com o aumento de emprego e com o investimento em transporte, o mesmo ocorrerá no Brasil.****"*

Contraposição

Contrapor significa confrontar, pondo lado a lado certos elementos.

"Segundo uma enquete realizada pela BVA para o vespertino Le Parisien*,* ***58% dos franceses são favoráveis ao casamento homossexual, ante 63% no ano passado****.* ***Por outro lado, 50% entre eles não são contrários à adoção homoparental, ante 56% no ano passado****."* (Gianni Carta; 06/11/2012)

Causa e efeito

Reestude os conectivos de valor causal, conclusivo ou consecutivo (conjunções e preposições), pois são eles que estabelecem a relação de causa e efeito.

"Como todos os outros, ***o preconceito homofóbico é cultural, pois não se nasce com ele****. Não se escolhe ser homossexual, nem heterossexual".* (Içami Tiba)

Dados estatísticos

"O Vox Populi fez recentemente uma pesquisa de âmbito nacional. Deu o esperado: ***48% dos entrevistados disseram simpatizar com algum partido. Mas 80% desses se restringiram a apenas três: PT (com 28% das respostas), PMDB (com 6%) e PSDB (com 5%).*** *Olhado desse modo, o sistema é, portanto, bem menos heterogêneo, pois os restantes 26 partidos dividem os 20% que sobram."* (Marcos Coimbra; 30/05/2012)

Definição

Definir é retratar, descrever, explicar algo em sua natureza; é mostrar o significado de algo. A definição pode ser objetiva ou subjetiva.

"Segundo Barbosa Filho, 'O amor ***é um sentimento sublime, que supera os problemas e diferenças, resiste ao tempo e se fortalece com a distância****'. É a partir desse sentimento que muitas pessoas entregam suas vidas a favor de outras."*

Testemunho de autoridade

Uma autoridade pode ser uma pessoa ou, até mesmo, uma instituição. Desde que goze de prestígio social, tal recurso é muito relevante na argumentação.

"Deve-se ressaltar a importância da transparência nos governos para aprimorar a governança e a gestão. Tal afirmação foi, inclusive, sublinhada pela presidenta Dilma Rousseff: ***'Quanto maior a transparência, maior a possibilidade de que o dinheiro público se destine ao que são os programas necessários.'"***

Contra-argumentação

Contra-argumentar é apresentar argumento em contrário. Ou seja, expõe-se uma ideia para depois refutá-la (negando-a ou reduzindo sua importância) a fim de mostrar que a tese defendida (a contra-argumentação) é melhor que a refutada.

"Muito se diz sobre ***o cigarro de maconha ser prejudicial à saúde*** *(tese refutada), no entanto é importante que se saiba que* ***a erva tem ajudado pessoas com câncer a suportar a dor, pessoas com AIDS a se alimentar melhor, pessoas com esclerose múltipla a ter seus sintomas aliviados, etc.*** *(tese defendida)"*

Pergunta retórica

A pergunta retórica é aquela que não exige uma resposta imediata, pois seu objetivo é provocar a reflexão. Muitas vezes a resposta à pergunta retórica vem embutida.

"Em vista da pacificação das favelas do Rio de Janeiro, a força militar vem sendo muito elogiada por sua precisão e competência. ***Precisamos realmente de uma nova ação militar para restaurar a paz nas comunidades ou agora é o momento de levar cultura a elas?"***

A primeira parte da pergunta traz um "não" como resposta embutida, afinal, já houve pacificação. A segunda parte da pergunta é o foco, o próximo passo a ser dado a fim de trazer mais um elemento positivo a esses grupos sociais, a cultura. Percebeu que a pergunta levou a uma reflexão?

Obs.: Caso queira ver boas questões sobre estratégias argumentativas, recomendo que consulte estas: UERJ – VESTIBULAR (1º EQ) – 2012 – QUESTÃO 11 b); UERJ – VESTIBULAR (1º EQ) – 2011 – QUESTÃO 5 b); UERJ – VESTIBULAR (2º EQ) – 2009 – QUESTÃO 5 d).

Métodos de Raciocínio

Os **métodos de raciocínio** ou **métodos argumentativos** servem para construir a argumentação de maneira lógica, partindo-se de um conceito geral para um conceito particular ou vice-versa. Algumas vezes, porém, há raciocínios falhos, intencionalmente usados (ou não) para enganar o interlocutor, a que chamamos de **falácia**.

Vamos entender isso melhor a partir da análise dos conceitos de **silogismo** e dos derivados métodos **dedutivo, indutivo e dialético**.

Silogismo

O filósofo Aristóteles foi o "cara" responsável por cunhar este conceito. Ele "efetuou o conceito de argumentação lógica e perfeita baseada em três proposições relacionadas entre si".

Trata-se de um raciocínio dedutivo estruturado formalmente a partir de duas proposições, ditas **premissas (maior e menor)**, das quais, por inferência, se obtém necessariamente uma terceira, chamada *conclusão*.

Premissa maior: *Todos os homens são mortais.*

Premissa menor: *Os gregos são homens.*

Conclusão: *Logo, os gregos são mortais.*

É óbvio que haveria muito mais a dizer sobre isso, mas basicamente construímos nossa argumentação em cima de premissas (consideradas verdadeiras) para chegarmos a uma conclusão. É praxe a redação dissertativo-argumentativa trabalhar isso. Vamos continuar entendendo...

Método de Raciocínio Dedutivo

Consiste em apresentar primeiro um conceito abstrato (geral), partindo, em seguida, para um conceito concreto (particular). A conclusão é inquestionável. O exemplo do silogismo acima é dedutivo. Veja outro exemplo:

Premissa maior: *O estudo promove ascensão financeira.*

Premissa menor: *Meus filhos estudam nos melhores colégios.*

Conclusão: Logo, *meus filhos ascenderão socialmente.*

Em termos práticos, veja uma questão sobre isso: UERJ – VESTIBULAR (2º EQ) – 2009 – QUESTÃO 3 b).

Método de Raciocínio Indutivo

Consiste em apresentar primeiro um conceito concreto (particular), partindo, em seguida, para um conceito abstrato (geral). A conclusão é eficaz, mas questionável. Veja:

Premissa maior: *Os políticos do Brasil frequentemente estão envolvidos em corrupção, segundo lemos nos jornais todos os dias.*

Premissa menor: *A política é um meio corruptível.*

Conclusão: *Logo, a política no Brasil produz governantes antiéticos.*

Em termos práticos, veja uma questão sobre isso: UERJ – VESTIBULAR (1º EQ) – 2012 – QUESTÃO 6 a). UERJ – VESTIBULAR (2º EQ) – 2012 – QUESTÃO 7 d).

Método de Raciocínio Dialético

Apresenta-se a **tese**, depois a **antítese** e finaliza-se com a **síntese**. A **tese** é o ponto de vista do autor do texto. A **antítese** é o ponto de vista contrário ao do autor. A **síntese** é a desconstrução da antítese para validar a tese.

"A inclinação do ser humano para adorar um ser superior não é voluntária. (tese) É claro que, por outro lado, há os que creem ser possível crescer, viver e morrer sem a ideia de Deus, escolhendo a anulação de um ser superior como guia e/ou ajudador de suas vidas. (antítese) Não obstante, quanto mais passamos por experiências relacionadas a dificuldades, como doenças, pobreza, fome, vícios, mais reconhecemos que não podemos nos colocar na posição de juízes de nós mesmos. Necessitamos, portanto, de uma lei maior, de uma providência. (síntese)"

Falácia

Segundo o *Manual de Redação da PUC/RS*, falácias "são enunciados ou tentativas de persuadir o leitor mediante um raciocínio errôneo, mediante um argumento fraudulento, enganoso. As falácias, como você pode constatar, estão em todos os discursos: na publicidade, na política, nas religiões, na economia, no comércio etc. Falácia é, pois, todo o raciocínio aparentemente válido, mas, na realidade incorreto, que faz cair em erro ou engano".

Existem diversas maneiras falaciosas de convencer alguém: **ameaça, apelação, boato, sabedoria popular, testemunho de (não) autoridade, discurso religioso, falso dilema, generalização, falsa analogia, mudança do ônus da prova etc**.

Veja três exemplos de argumentos falaciosos (perceba o "engano" neles):

– *As práticas religiosas muçulmanas remontam a muitos e muitos séculos, logo não podemos questioná-las.*

– *O maior piloto brasileiro de todos os tempos já morreu, certamente não existirá outro igual a ele em profissionalismo e habilidade.*

– *"Deve-se coibir usos como estes: "Me dá um cigarro", "eu vi ele", "tu foi", etc., porque, com essa permissividade, vamos reduzir a língua de Camões a uma falação de brutos, a uma língua pobre, de poucas palavras e alguns grunhidos."*

Em termos práticos, veja uma questão sobre isso: UERJ – VESTIBULAR (PORTUGUÊS INSTRUMENTAL) – 2009 – QUESTÃO 5.

Gênero Textual

Gêneros textuais são formas diferentes de expressão comunicativa. As muitas formas de elaboração de um texto se tornam **gêneros**, de acordo com a intenção do seu produtor. Logo, os gêneros desempenham papéis sociais, próprios do dia a dia: **telefonema, sermão, cartas (comercial, pessoal, argumentativa, oficial...), romance, conto, crônica, poema, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, panfletos, charges, quadrinhos, instruções de uso, *outdoor*, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, fábula, conversação espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, apostilas, aulas virtuais etc.**

Portanto, não confunda **tipo de texto** com **gênero textual**. Estes são desdobramentos daqueles (mais fixos). Olhamos para um texto e dizemos que ele é do t-i-p-o dissertativo por causa de sua estrutura e de sua função, no entanto esse mesmo texto dissertativo pode se desdobrar em **artigos (de opinião ou não), carta de leitor, carta de solicitação, carta argumentativa, discurso de defesa ou de acusação, resenha crítica, resumo, editorial, ensaio, seminário, conferência, palestra, verbete, resenha etc**. (todos esses, gêneros textuais).

Alguns gêneros textuais mais cobrados em provas são **carta (argumentativa ou não), publicidade, charge, textos literários (poemas, crônicas, fragmentos de contos e romances), quadros e textos jornalísticos (notícias, entrevista, artigo de opinião, reportagem, artigos de opinião, editorial, classificados...).**

Infelizmente esta gramática não é um livro de redação, por isso recomendo que procure conhecer esses gêneros textuais em livros que tratam disso, como *Para Entender o Texto – Leitura e Redação*, de Platão e Fiorin e *Texto e Interação – Uma Proposta de Produção Textual a partir de Gêneros e Projetos*, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães.

No entanto, como meus dedos coçam e sei que a "crônica" aparece frequentemente em concursos, deixarei que o grande mestre das nossas letras, Machado de Assis, explique-nos o que é uma crônica por meio de uma crônica:

O nascimento da crônica

Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! Que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjeturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se um suspiro a Petrópolis, e *La glace est rompue*; está começada a crônica.

Mas, leitor amigo, esse meio é mais velho ainda do que as crônicas, que apenas datam de Esdras. Antes de Esdras, antes de Moisés, antes de Abraão, Isaque e Jacó, antes mesmo de Noé, houve calor e crônicas. No paraíso é provável, é certo que o calor era mediano, e não é prova do contrário o fato de Adão andar nu. Adão andava nu por duas razões, uma capital e outra provincial. A primeira é que não havia alfaiates, não havia sequer casimiras; a segunda é que, ainda havendo-os, Adão andava baldo ao naipe. Digo que esta razão é provincial, porque as nossas províncias estão nas circunstâncias do primeiro homem.

Quando a fatal curiosidade de Eva fez-lhes perder o paraíso, cessou, com essa degradação, a vantagem de uma temperatura igual e agradável. Nasceu o calor e o inverno; vieram as neves, os tufões, as secas, todo o cortejo de males, distribuídos pelos doze meses do ano.

Não posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica; mas há toda a probabilidade de crer que foi coetânea das primeiras duas vizinhas. Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta, para debicar os sucessos do dia. Provavelmente começaram a lastimar-se do calor. Uma diria que não pudera comer ao jantar, outra que tinha a camisa mais ensopando que as ervas que comera. Passar das ervas às plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias do dito morador, e ao resto, era a coisa mais fácil, natural e possível do mundo. Eis a origem da crônica.

Que eu, sabedor ou conjeturador de tão alta prosápia, queira repetir o meio de que lançaram mãos as duas avós do cronista, é realmente cometer uma trivialidade; e contudo, leitor, seria difícil falar desta quinzena sem dar à canícula o lugar de honra que lhe compete. Seria; mas eu dispensarei esse meio quase tão velho como o mundo, para somente dizer que a verdade mais incontestável que achei debaixo do sol é que ninguém se deve queixar, porque cada pessoa é sempre mais feliz do que outra.

Não afirmo sem prova.

Fui há dias a um cemitério, a um enterro, logo de manhã, num dia ardente como todos os diabos e suas respectivas habitações. Em volta de mim ouvia o estribilho geral: que calor! Que sol! É de rachar passarinho! É de fazer um homem doido!

Íamos em carros! Apeamo-nos à porta do cemitério e caminhamos um longo pedaço. O sol das onze horas batia de chapa em todos nós; mas sem tirarmos os chapéus, abríamos os de sol e seguíamos a suar até o lugar onde devia verificar-se o enterramento. Naquele lugar esbarramos com seis ou oito homens ocupados em abrir covas: estavam de cabeça descoberta, a erguer e fazer cair a enxada. Nós enterramos o morto, voltamos nos carros, e daí às nossas casas ou repartições. E eles? Lá os achamos, lá os deixamos, ao sol, de cabeça descoberta, a trabalhar com a enxada. Se o sol nos fazia mal, que não faria àqueles pobres-diabos, durante todas as horas quentes do dia?

O texto acima foi publicado no livro "Crônicas Escolhidas", Editora Ática – São Paulo, 1994, pág. 13, e extraído do livro "As Cem Melhores Crônicas Brasileiras", Editora Objetiva – Rio de Janeiro, 2007, pág. 27, organização e introdução de Joaquim Ferreira dos Santos.

Resumindo: A **crônica** narra fatos do dia a dia, acontecimentos cotidianos e atuais, de uma maneira diferente, ora com intenção crítica, ora com intenção poética, ou de ambas as maneiras.

Estratégias para Compreensão/Interpretação de Textos

Agora chegou o momento de assimilar algumas estratégias que facilitarão a intelecção (compreensão) de um texto.

Antes, porém, já reparou que, normalmente, a banca põe no conteúdo programático "Compreensão e Interpretação de Texto"? Aí, meus alunos vêm a mim e lançam um direto no queixo: "Pestana, qual é a diferença entre compreensão e interpretação?" Minha resposta é basicamente esta: "Meu camarada (ou minha queridinha – sem ironia), **compreender** é ter a habilidade de perceber o significado de algo, analisar o que realmente está escrito. Já **interpretar** significa dar sentido a, deduzir de maneira lógica, inferir, chegar a uma conclusão do que se lê nas entrelinhas do texto.". As bancas não exigem diretamente de você a diferença, então relaxe.

A interpretação está muito ligada ao subentendido, ou seja, ao que está nas entrelinhas (não vamos entrar aqui no mérito de **pressuposto** e **subentendido** novamente), logo ela trabalha com o que se pode deduzir de um texto. Veja estas duas piadas – elas são ótimas para que você entenda interpretação, afinal você só ri de uma se conseguir interpretá-la, "ver" o implícito. Tente deduzir as ideias contidas nelas (depois confira meus comentários):

1ª piada:

– Como é que chama um bandido armado até os dentes?
– Eu o chamaria de senhor.

2ª piada:

– O que o senhor fazia no emprego anterior?
– Era funcionário público.
– Ok... o senhor pode contar até dez?
– Claro. Um, dois, três, quatro, cinco, seis... valete, dama, rei...

Comentários:

Para que haja o riso na primeira piada, é preciso que a **interpretação** aconteça da seguinte maneira: o **perguntador** esperava outra resposta, como "meliante", "perigoso", "delinquente", "marginal" etc., mas inusitadamente o interlocutor quebra a sua expectativa e diz: *"Eu o chamaria de **senhor**."*, ou seja, o tratamento dado a um bandido fortemente armado deve ser polido, cortês, para que o assaltado não sofra nenhuma represália.

Já o humor da segunda piada está centrado em um conhecimento de mundo, mais propriamente a uma opinião preconceituosa sobre funcionários públicos, a saber: o trabalho deles é um lazer; percebemos isso pelas palavras que remetem ao jogo de baralho.

Em suma, a interpretação depende do subentendido, do conhecimento de mundo. A compreensão depende do que está claramente percebido na leitura de um texto. Quando alguém pergunta se entendemos este ou aquele texto, só dizemos "sim" caso tenha ficado percebida a ideia principal e as principais características do texto lido. Podemos não saber tudo dele, mas conseguimos sintetizá-lo. Veja o texto abaixo:

> "Portanto, o ideal é pensarmos o corpo como objeto da educação, ou seja, é reconhecer que o conhecimento emerge do corpo a partir das experiências vividas. Experiências, essas, que estão relacionadas tanto com a autonomia do corpo quanto com a sua dependência ao meio, a cultura e a sociedade em que vive. Nesse contexto, consideramos que, na própria ação, já há cognição, uma vez que a aprendizagem emerge do corpo a partir das suas relações com o entorno (...)
>
> A gestualidade ou os cuidados com o corpo podem e devem ser tematizados nas diferentes práticas educativas, inseridos nas grades curriculares e viabilizados por diferentes disciplinas. O desafio está para os educadores e, principalmente, para os educadores físicos, em desmitificar o culto ao corpo perfeito, dando subsídios para se pensar num corpo que contenha significações que singularizam o sujeito, que permitam a intercomunicação com a singularidade do outro

> indivíduo, sendo considerada base para a construção do conhecimento."
>
> (Fragmento conclusivo do artigo *Corpo objeto: um olhar das ciências sociais sobre o corpo na contemporaneidade*, de José Florentino e Fátima Rejane Ayres Florentino, na internet, em http://www.efdeportes.com/efd113/o-corpo-na-contemporaneidade.htm)

Podemos entender do texto que, para os autores, o corpo deve ser pensado em suas singularidades e em sua capacidade de interação, pois eles pensam em um corpo "que contenha significações que singularizam o sujeito, que permitam a intercomunicação com a singularidade do outro indivíduo". Opõem-se à ideia do "culto ao corpo" e asseveram que "diferentes disciplinas" (não apenas Educação Física) versem sobre ele.

O bom desse papo todo de interpretação e compreensão é que, na prova, a banca está realmente preocupada em nivelar os que têm uma boa capacidade intelectiva, por isso faço questão de revelar meu método de boa leitura de um texto, de modo que você se sinta confortável para fazer uma questão de compreensão/interpretação.

Meu método dos "dez mandamentos" é este (devo muito ao Bechara):

1º Leia o texto despretensiosamente uma primeira vez, como se quisesse apenas se inteirar do assunto; e uma segunda vez, para confirmar sua primeira percepção sobre como ele foi articulado: **narração, descrição, dissertação...**

2º Na segunda vez, sem muita pressa, resuma cada parágrafo, buscando sempre a ideia mais importante dele; parafraseie as ideias para ficarem mais claras em sua mente. Releia quantas vezes forem necessárias (administre seu tempo!).

3º Em textos dissertativos, não deixe de sublinhar o tópico frasal (a frase mais importante) de cada parágrafo, pois lá estará a opinião ou tese do autor.

4º Como normalmente os textos das provas de concurso são dissertativo-argumentativos, observe as estratégias de argumentação do texto: **causa-efeito,**

dados estatísticos, testemunho de autoridade, comparação, fato-exemplo, enumeração.

5º Mais do que isso, observe entre cada par de parágrafos se há entre eles alguma relação de **esclarecimento, resumo, explicação, exemplificação, descrição, enumeração, oposição, conclusão** (estude os operadores argumentativos para este fim).

6º Importante: se o enunciado mencionar tema ou ideia principal, ele se refere à tese. Vá direto ao(s) parágrafo(s) de introdução ou conclusão do texto; sempre há uma reiteração do conteúdo principal do texto.

7º Não se desespere com palavras técnicas ou não usuais, pois elas não serão o foco da questão; no entanto, tente depreender o sentido delas pelo contexto.

8º Não queira adivinhar o que o autor quis dizer, mas apegue-se tão somente ao texto, nunca extrapole a visão dele. Seja objetivo, não "viaje", pois as respostas são encontradas no texto! Por isso, procure as "pistas" espalhadas nele.

9º Nas questões, busque o comando delas, e sublinhe, para manter o foco: "Infere-se... Deduz-se... Conclui-se... A ideia central é...".

10º MARQUE A QUESTÃO CERTA, POR FAVOR!

Descontraia-se! Fazer uma prova despretensiosamente é a melhor arma do candidato. Eu falei despretensiosamente, não "**desconcentradamente**"! Desconcentrado nunca! A despretensão tira de você aquele peso nas costas de fazer uma prova difícil.

O próximo tópico é bastante interessante. **Não deixe de considerá-lo!**

Análise de um Texto

Senti a necessidade de mostrar como se faz, isto é, mostrar o que se deve fazer para melhor analisar um texto, buscando sua compreensão máxima. Acompanhe!

> **Um semiparadoxo chamado *reality show***
>
> Como se não bastasse a teatralização manipuladora das novelas brasileiras – exibidas de segunda a sábado! –, a população brasileira passou a conviver, a partir do início de 2002, com uma nova forma

de nocivo controle mental que vai ao ar de segunda a segunda – durante alguns meses – com um curto intervalo entre um programa e outro: o *Big Brother Brasil* (BBB), um *reality show globalizado*. Por outro lado, o despertar do fascínio é criado pela mídia e sustentado por pessoas influentes, de discurso garboso, na sociedade, de modo que nos acabamos sabotando. E outros programas similares vêm *correndo por fora*.

Desde então, as ruas ficam muito desertas nas noites de quinta-feira, e mais abandonadas ainda nas imperdíveis e emocionantes terças-feiras. Não podemos perder "quem vai ser o líder" ou "quem vai ao paredão", certo? Além de tal aprisionamento em frente à TV, os espectadores ainda acreditam que podem participar deste programa, já que uma babá recebeu meio milhão de reais e, no ano seguinte, um homossexual levou para casa o dobro da quantia. Agora você pode ganhar R$1.500.000,00 (quem sabe mais, com prêmios extras ao longo do programa)! Mais do que este grande mote, há um fascínio pelo show. "O que torna o programa um sucesso se deve ao fato de que há uma necessidade inerente do homem do voyeurismo", diz o sexólogo Carlos Motta Noblat.

Não satisfeito, desde o primeiro ano, o centro de pesquisas VOX GENERALIS vem apresentando precisos números que corroboram o garantido sucesso no nosso intelectualmente atrasado país: assustadores 65% da população assistem assiduamente aos famosos "paredões". Dá para acreditar como a cultura da futilidade é tão popular? Assim como Chacrinha era um "estouro" na audiência, nos anos 80, o novo Chacrinha ressurge com nova roupagem atraindo os olhares alheios para mulheres seminuas – *quiçá nuinhas da silva*! Ainda nos resta alguma dúvida de que tal *reality show* vai perpetuar-se ao longo de bons anos pela frente? Pasmem: há um contrato deste "câncer" só até 2014.

Não obstante, quem não gosta de "dar uma espiadinha", como diz Bial? Se o próprio Jô Soares postou no *twitter* (ele diz que não tem!): "BBB = desliga a TV", é porque ele sentiu aquele comichão do homem em investigar a vida alheia. O que se deduz é que o homem

se vê no lugar do outro e tem a sensação de que está sendo representado por um *brother* da casa. Dessa forma, a indústria do espetáculo vem recrutando os ingênuos telespectadores, que se submetem às mais patéticas situações para gravarem seus DVDs e concorrerem a uma vaga no programa. Inclusive nós já nos devemos ter perguntado: "E se eu...?"

De qualquer modo, fico com o que diz meu bom senso: o programa é nocivo, pois desperta no homem muita baixaria e vilania. E não é falso moralismo; é simplesmente patético ver que, com a oscilação da audiência, o diretor tenta de tudo: paredão quádruplo com direito a duas eliminações de uma só vez; construção de uma casa de vidro num famoso shopping carioca para dar a chance de um dos cinco primeiros eliminados retornarem ao programa; a intervenção de Pedro Bial (coitado!) apelando para os participantes "curtirem a vida dentro da casa", etc. O BBB entrou para a história como um dos programas mais abjetos e desprezíveis da televisão brasileira. Espere para ver o BBB 13, ou seria o 14...?

Fernando J. V. Pestana

E aí?! 1) Leu o texto despretensiosamente? 2) Percebeu que este texto é dissertativo-argumentativo? 3) Resumiu cada parágrafo? 4) Sublinhou os tópicos frasais de cada parágrafo? 5) Observou as estratégias argumentativas nos parágrafos de desenvolvimento? 6) Percebeu as relações entre os parágrafos? 7) Consultou os parágrafos de introdução e de conclusão para ver se as ideias principais são reiteradas? 8) Observou os operadores argumentativos que estabelecem coesão no texto? 9) Leu o texto como um todo sem extrapolar as ideias dele?

Se você fez tudo isso, seus problemas acabaram! Antes, porém, veja se meus comentários (que respondem às perguntas) se conformam à sua tarefa de análise textual à base do meu método:

1 e 2) O texto é dissertativo-argumentativo, pois discorre sobre um assunto de forma metódica e abrangente, expondo um ponto de vista, uma tese defendida com argumentos.

3) No 1º §, fica clara a tese do autor, em que ele vê negativamente o *reality show*, mas contrapõe sua visão com o tom atrativo do programa. No 2º §, fala-se de algumas características do programa e de como o público o interpreta segundo uma autoridade. No 3º §, estratégias argumentativas de dados estatísticos e comparação corroboram o sucesso do programa. No 4º §, há a sugestão, contrapondo a visão geral negativa do autor de que nos sentimos de certa forma atraídos pelo espetáculo. No 5º §, a conclusão sintetiza a visão central negativa sobre a atração televisiva.
4) No 1º §, o primeiro período é a frase mais importante. No 2º §, o penúltimo período. No 3º §, o penúltimo período. No 4º §, o primeiro ou o terceiro período concorrem. No 5º §, o primeiro e o último período concorrem.
5) No 2º §, as estratégias argumentativas usadas para ratificar a tese do autor são: causa-efeito e argumento de autoridade/citação de autoridade. No 3º §, dados estatísticos, comparação e pergunta retórica. No 4º §, exemplificação. No 5º §, enumeração. Além dos vocábulos modalizadores ao longo do texto.
6) Entre o 1º § e o 2º §, há uma relação temporal relacionada à atração televisiva. Entre o 2º § e o 3º §, há a continuação de apresentação de estratégias de argumentação. Entre o 3º § e o 4º §, há uma contraposição (falseada, pois o autor quer espezinhar o programa). Entre o 4º § e o 5º §, há uma retomada para a real visão do autor sobre o assunto.
7) As ideias são reiteradas, pois no 1º §, fica clara a tese do autor, em que ele vê negativamente o *reality show*; no 5º §, a conclusão sintetiza a visão central negativa sobre a atração televisiva.
8) Sublinhei alguns dos operadores argumentativos e de alguns pressupostos mais relevantes no próprio texto. Percebeu? Tente perceber a relação que eles têm no texto.

O Que Cai Mais na Prova?

Se eu fosse você, estudaria os tipos de texto (narração e dissertação, principalmente). Sobre compreensão e interpretação de textos, procure sempre encontrar a resposta de uma questão dentro do texto. Outra dica: leia mais, faça questões de

interpretação, leia mais um pouco, treine mais questões... este é o melhor método interpretativo. Aproveite as questões!

Questões de Concursos

1. (Fundação Sousândrade – BNB – Analista Bancário – 2007) A argumentação textual está organizada, principalmente, em torno do sentido de restrição. Assinale a opção em que o termo destacado estabelece uma relação com esse **mesmo** sentido.
   a) "É um indicador usado **pelas** agências internacionais de classificação de risco para definir os países que, em tese, merecem a confiança dos investidores."
   b) "O atual é algo que, no idioma **de** economistas e operadores, recebe o nome de 'grau de investimento'".
   c) "São aqueles que, em princípio, têm um ambiente político-econômico mais estável que os demais **e** pagam em dia seus compromissos externos".
   d) "Até agora, **apesar da** consistência da política econômica praticada no país nos últimos anos, o Brasil ainda não conseguiu nota suficiente para ser aprovado no 'vestibular'".
   e) "Muitos analistas passaram a encarar a obtenção do 'grau de investimento' **como** uma panacéia, algo indispensável para garantir um futuro brilhante para o Brasil."

2. (FCC – MPU – Analista Processual – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   "(...) A experiência da Europa Central e Oriental no século XX é, genericamente falando, a de tentar atualizar-se mediante a sucessiva adoção e fracasso de vários modelos. (...)"
   – A expressão *genericamente falando* constitui estratégia do autor para orientar o processo de leitura do trecho.

3. (FGV – ICMS/SP – Fiscal de Rendas – 2008) "As alternativas atuais para a construção de uma economia sólida e menos suscetível passam necessariamente pelo controle de gastos públicos. Alguns países desenvolvidos, tendo em vista essa perspectiva, buscaram limitar gastos e muitas vezes editaram leis para esse fim. É impossível, na atualidade, visualizar qualquer Estado que se proponha ao desenvolvimento sem um minucioso projeto de controle de gastos públicos."
   O segundo período do trecho acima, em relação ao primeiro, constitui uma:
   a) explicação;
   b) explicitação;
   c) exemplificação;
   d) contraposição;
   e) retificação.

4. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2008) No texto, a oposição ou contraste como estratégia argumentativa pode ser exemplificada em vários enunciados, entre eles: *"Não veio salvar o morto. Veio salvar a vida, a nossa vida."* e *"encontrará não a folha escrita mas um vazio que você mesmo irá preencher"*.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

5. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) Na oposição que o texto faz entre a arte de falar e a arte de escrever, podemos encontrar **não apenas** as razões da desqualificação da concepção gramatical da linguagem, **mas também** a indicação do estatuto que Rousseau confere à linguagem. (...)"

– Os operadores "não apenas" e "mas também" possibilitam ao autor a apresentação de dois argumentos mutuamente excludentes.

6. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O enunciado "*aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção*" contém pressuposto introduzido pelo advérbio *já*.

7. (FADESP – Pref. Conceição Araguaia/PA – Médico – 2009) No trecho "Em outras palavras, são adolescentes – que pela lei ainda não podem ser responsabilizados por seus atos – com atribuições como sustentar uma casa ou mesmo criar filhos", a locução grifada tem a função de:

a) retomar e reformular a informação anterior;
b) acrescentar um elemento decisivo à argumentação do autor;
c) introduzir uma informação de pouca importância para a questão levantada;
d) assinalar uma estratégia concessiva por meio da qual o autor introduz novas informações.

Viver em sociedade

(1) A sociedade humana é um conjunto de pessoas ligadas pela necessidade de se ajudarem umas às outras, a fim de que possam garantir a continuidade da vida e satisfazer seus interesses e desejos.

(2) Sem vida em sociedade, as pessoas não conseguiriam sobreviver, pois o ser humano, durante muito tempo, depende de outros para conseguir alimentação e abrigo. E no mundo moderno, com a grande maioria das pessoas morando na cidade, com hábitos que tornam necessários muitos bens produzidos pela indústria, não há quem não necessite de outros muitas vezes por dia.

(3) Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material, como os alimentos, a roupa, a moradia, os meios de transporte e os cuidados de saúde. Elas são também de ordem espiritual e psicológica. Toda pessoa humana necessita de afeto, precisa amar e sentir-se amada, quer sempre que alguém lhe dê atenção e que todos a respeitem. Além disso, todo ser humano tem suas crenças, tem sua fé em alguma coisa, que é a base de suas esperanças.

(4) Os seres humanos não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas também porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Mas, justamente porque vivendo em sociedade é que a pessoa humana pode satisfazer suas necessidades, é preciso que a sociedade seja organizada. E não basta que a vida social permita apenas a satisfação de algumas necessidades da pessoa humana ou de todas as necessidades de apenas algumas pessoas. A sociedade organizada com justiça é aquela em que se procura fazer com que todas as pessoas possam satisfazer todas as suas necessidades; é aquela em que todos têm as mesmas oportunidades, aquela em que os benefícios e encargos são repartidos igualmente entre todos.

(5) Para que essa repartição se faça com justiça, é preciso que todos procurem conhecer seus direitos e exijam que eles sejam respeitados; é preciso também que todos conheçam e cumpram seus deveres e suas responsabilidades sociais.

8. (UESPI – PC/PI – Delegado – 2009) O Texto, para ser compreendido com sucesso, deve ser percebido como um texto:

a) Narrativo-descritivo; basta ver o cenário e os personagens que compõem o enredo apresentado.
b) Expositivo-argumentativo; há a definição de um conceito em torno do qual é construída uma argumentação.
c) Narrativo-dissertativo; os fatos são propostos ao leitor com uma finalidade claramente dissertativa.
d) Descritivo-apelativo; predominam no texto estratégias de convencimento, semelhantes àquelas que ocorrem na publicidade.
e) Expositivo-injuntivo; o texto é construído para indicar etapas e procedimentos que um determinado processo implica.

9. (Cesgranrio – Petrobras – Todos os Cargos (Nível Superior) – 2010) Em "**afinal**, sou humano...", o elemento destacado é um operador argumentativo de:

a) condição;
b) consequência;
c) conclusão;
d) conformidade;
e) concessão.

A FÉ CURA

Pesquisas sugerem novíssimas evidências de que a religiosidade tem o poder de auxiliar na cura de vários problemas de saúde – de tumores a depressão.

por RAQUEL DE MEDEIROS

A recuperação de pacientes com câncer está diretamente ligada à sua religiosidade. Taxativo assim é o resumo dos resultados de um estudo realizado na Universidade de São Paulo, que foi divulgado há pouco. "Para começar, os pacientes que têm uma crença religiosa se mostram mais confiantes para lutar contra a doença", explica a psicóloga Joelma Ana Espíndula, que liderou a pesquisa. O trabalho ouviu 12 voluntários em tratamento e 11 especialistas em oncologia do Hospital Beneficência Portuguesa, em Ribeirão Preto, no interior paulista. O surpreendente é que até mesmo os profissionais de saúde entrevistados ressaltaram a importância da religião para a melhora do quadro dos doentes. "A maioria deles acredita que a fé ajuda a superar um problema grave. Os médicos dizem que o sistema imunológico desses indivíduos aparenta ser mais resistente, e talvez por isso eles apresentem uma recuperação mais satisfatória", conclui Joelma.

Outro estudo, que leva a assinatura da Universidade de Toronto, no Canadá, revela que a fé é um santo remédio contra a ansiedade e a depressão. Ele prova que pessoas religiosas ou que apenas acreditam na existência de Deus são menos angustiadas e sentem menor culpa em relação aos próprios erros. Os especialistas avaliaram a mente de 51 universitários por meio de testes e da eletroencefalografia, método que se vale de eletrodos dispostos na cabeça para medir as correntes elétricas do cérebro. A maioria dos participantes era cristã, mas no grupo também havia muçulmanos, hindus, budistas e ateus. "Nossa principal

descoberta foi perceber que há um elo entre as crenças religiosas e a atividade de uma parte da massa cinzenta chamada de córtex cingulado anterior", conta a SAÚDE! O psicólogo Michael Inzlicht, que coordenou a pesquisa. "Quanto mais as pessoas acreditam em Deus, menos atuante é essa região." Só para ter uma ideia, o córtex cingulado anterior costuma trabalhar em dobro em indivíduos pra lá de ansiosos. O sentido que a religião dá para a vida dos pacientes pode ser a chave para explicar esse fenômeno. "Suspeitamos que se trata de uma proteção contra a ansiedade e a depressão porque ela dá um significado para a vida", afirma Inzlicht. A oncologista Nise Yamaguchi, de São Paulo, compartilha da mesma opinião. "A performance física de um indivíduo depende de aspectos emocionais, mentais e espirituais. Quem acredita que a vida continua após a morte tem uma postura diferente da pessoa que não crê na continuidade", diz Nise, uma das mais conceituadas especialistas em câncer do país. (...)

10. (ADVISE – SESC/CE – Biblioteconomista – 2010) Para dar consistência a seu texto Raquel Medeiros, utiliza-se de estratégias argumentativas. Dentre as estratégias listadas abaixo, qual a autora emprega com mais frequência?
a) relação de causa e consequência;
b) apelo emocional;
c) comparação/contraste;
d) dados estatísticos;
e) argumentos de autoridade.

11. (FCC – TRF (4ª R) – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
Ao se dirigir ao juiz, pediu-lhe o advogado de defesa que adiasse a sessão, informando ao magistrado que sua principal testemunha estava adoentada e, por essa razão, impossibilitada de comparecer.
– Em discurso direto, a fala correta do advogado seria: Solicito-lhe, Meritíssimo, que adie a sessão, uma vez que minha principal testemunha encontra-se adoentada, o que a impede de comparecer.

12. (FCC – AL-SP – Agente Técnico Legislativo – 2010) O velho e divertido Barão de Itararé já reivindicava (...): "Restaure-se a moralidade, ou então nos locupletemos todos!".
Transpondo-se adequadamente o trecho acima para o discurso indireto, ele ficará: *O velho e divertido Barão de Itararé já reivindicava que*:
a) *ou bem se restaurasse a moralidade, senão nos locupletaríamos todos.*
b) *fosse restaurada a moralidade, ou então que nos locupletássemos todos.*
c) *seja restaurada a moralidade, ou todos nos locupletávamos.*
d) *seria restaurada a moralidade, caso contrário nos locupletássemos.*
e) *a moralidade seja restaurada, quando não venhamos a nos locupletar.*

O exercício diário da meditação limpa as impurezas impregnadas em nossa mente, como medo, raiva, ansiedade e culpa. Classificadas na Ayurveda (a tradicional medicina indiana) como mais perigosas toxinas que existem, essas emoções negativas nos desequilibram e quando se transformam em hormônios de estresse, causam envelhecimento precoce. Portanto, ao meditar, praticamos um exercício de rejuvenescimento – ao mesmo tempo em que aumentamos a produtividade, a criatividade, a concentração e a inteligência. Mais: a mente

apaziguada auxilia na prevenção de doenças e acelera a recuperação física. E ainda é a melhor ferramenta para o autoconhecimento, o autodesenvolvimento e a realização espontânea dos desejos.

Agora, vamos à ação: coluna ereta solas dos pés firmes apoiadas no chão, feche os olhos e coloque atenção na respiração. Observe o ar entrando e saindo dos pulmões. E só. Em inglês, o estado meditativo é definido "restful alertness", que pode ser traduzido como "estado de alerta relaxado".

Não é uma delícia? Pratique hoje por 5 minutos, e amanhã, e depois e, gradativamente, vá aumentando esse tempo. O ideal é chegar a meia hora diária. Melhor ainda se conseguir meditar ao amanhecer e no fim do dia. Mas se entre o ideal e o possível a distância é grande, não se incomode. Faça o que der para a sua realidade. Você verá que nesse processo, a cada dia, fica mais fácil viver. Simples assim.

13. (FMZ/AP – SEAD/AP – Agente Penitenciário – 2010) Analisando a forma de organização do texto, podemos dizer que ele se estrutura predominantemente por meio de sequências linguístico-textuais, denominadas de:

a) descrição e argumentação;
b) exposição e injunção;
c) narração e descrição;
d) argumentação e narração;
e) conversa e argumentação.

A década de 1980 foi o marco do surgimento de um novo ator social nos países ricos: o *novo-pobre (nouveau-pauvre)*. Corolário do desmoronamento do sistema de proteção social, em um quadro agravado pela revolução tecnológica, que automatizou o sistema produtivo sem gerar novos postos de trabalho, esse novo personagem vai materializar uma inesperada e imprevisível reprodução, no mundo desenvolvido, do problema da desigualdade social, tão comum no terceiro mundo.

O novo-pobre é, cada vez mais, a expressão do fenômeno *da exclusão social*. Não é mais um indivíduo que está *à margem*, mas, sim, *fora* do sistema econômico e social prevalente. Não tem acesso ao mercado de trabalho (nem mesmo informal), não tem perspectiva de engajamento (independentemente de seu grau de qualificação profissional) e, cada vez mais, vai ficando de fora dos mecanismos de proteção social do moribundo *welfare state*.

No caso da *periferia*, o fenômeno global da emergência do *novo-pobre*, deserdado do neoliberalismo, soma-se ao histórico problema da pobreza. Os *velhos-pobres*, em países como o Brasil, são atores presentes na formação da sociedade nacional desde seus primórdios. O que se apresenta como fato novo é a constatação de que estes últimos caíram dos patamares da pobreza para os da miséria. E isso é tão evidente como tão mais urbana foi-se tornando a sociedade.

14. (Esaf – Auditor-Fiscal do Trabalho – AFT – MTE – 2010) Assinale a opção que apresenta ideia que se confirma no texto.

a) A categoria social *novo-pobre* aplica-se à realidade observada apenas nos países pobres.
b) O processo de urbanização verificado no mundo na década de 1980 foi o fator principal do surgimento de um novo ator social, fadado à exclusão social.
c) Os efeitos do neoliberalismo no sistema produtivo são observados, a partir de 1980, tanto em países ricos quanto no terceiro mundo.

d) A partir da década de 1980, verifica-se a substituição do processo histórico de marginalização social pelo de exclusão, fenômeno que atinge exclusivamente as populações da periferia dos países do terceiro mundo.
e) Dado estar o neoliberalismo atrelado à exclusão social, não surpreende que seus efeitos se tenham manifestado nos países ricos, nos quais, à semelhança do que ocorreu no terceiro mundo a partir de 1980, a desigualdade social instaurou-se.

15. Leia:

Com devoção e entusiasmo, o sul do mundo copia e multiplica os piores costumes do norte. E do norte não recebe as virtudes, mas o pior: torna suas a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público bem como toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo. E o sul também recebe, de braços abertos, as fábricas mais porcas, as mais inimigas da natureza, em troca de salários que dão saudade da escravidão.

No entanto, cada habitante do norte consome, em média, dez vezes mais petróleo, gás e carvão; e, no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio. Gula e jejum do cardápio ambiental: 75% da contaminação do mundo provêm de 25% da população. E, nessa minoria, claro, não figuram o bilhão e duzentos milhões que vivem sem água potável nem o bilhão e cem milhões que, a cada noite, vão dormir de barriga vazia. Não é "a humanidade" a responsável pela *devoração* dos recursos naturais nem pelo apodrecimento do ar, da terra e da água. O poder encolhe os ombros: quando este planeta deixar de ser rentável, mudo-me para outro.

De acordo com o autor do texto, não é um fenômeno positivo que:

a) apenas uma em cada cem pessoas dos países do hemisfério norte possua automóvel.
b) 75% da população mundial utilize água potável e se alimente de forma saudável.
c) os países do norte do mundo atribuam a culpa por todas as mazelas da sociedade global aos países do hemisfério sul.
d) o desenvolvimento dos países ricos seja pautado, principalmente, na instalação de indústrias nos países do hemisfério sul.
e) ações predatórias do modelo de desenvolvimento de países ricos sejam bem recebidas nos países do hemisfério sul.

16. Em relação às ideias do texto, assinale a opção correta.

Na história do capitalismo, as crenças a respeito da relação entre Estado e mercado seguem uma dinâmica pendular, chegando a atingir os extremos do espectro ideológico. Períodos de maior confiança no livre mercado e na desregulamentação podem permitir intenso crescimento econômico, mas em geral se associam a deslocamentos abruptos e nocivos no tecido social. A reação comum nos momentos subsequentes, em especial após uma crise, é uma meia-volta em favor de maior intervenção do Estado.

Depois de 20 anos de marcante crescimento global, quando reinou o ultraliberalismo no Ocidente e irromperam a revolução da tecnologia da informação, a globalização acelerada e o protagonismo da China, nova reviravolta pendular foi deflagrada pela crise financeira de 2008, que fez ressurgir em muitos meios a crença no "Estado grande".

Os adeptos desse *slogan* em geral colocam Estado e mercado como opostos. É um erro. Trata-se mais de uma simbiose do que de uma luta, pois, longe de existir em si mesmo, o mercado está inserido nas estruturas da sociedade e, por conseguinte, na política. Mas o

fato é que, se antes o risco do ultramercadismo prevalecia, agora é a ameaça do ultraestatismo que cabe combater.

a) Predomina na história do capitalismo a ideologia da desregulamentação.
b) A confiança no livre mercado produz crescimento econômico sem crises.
c) O ultraliberalismo provocou e intensificou o protagonismo da China.
d) A crise financeira de 2008 estimulou a crença no intervencionismo do Estado.
e) O mercado funciona de forma independente em relação ao Estado.

17. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) *"Você não acha que, daqui um tempo, todo mundo vai depender de tecnologias digitais para gerenciar a vida?"*
É claro que sim. Quem disser que não estará reproduzindo o discurso daquelas pessoas que eram contrárias às linhas férreas, por exemplo. Elas diziam que aquilo não era seguro, que era mais fácil lidar com carroças e cavalos. Isso não existe! Nós vivemos na era da informação e as nações que quiserem realmente estar nesse tempo devem colocar cada vez mais informações na rede. ***Não acredito*** *que seja possível nos desligarmos dessa dependência tecnológica, ainda mais se nós realmente quisermos nos manter competitivos. O que nós precisamos fazer é nos preparar para essa onda tecnológica.*
Na argumentação formulada como resposta à indagação proposta no início do fragmento de texto acima, o entrevistado recorre à estratégia de se posicionar a respeito da pergunta feita, tal como se percebe no emprego da expressão "Não acredito".
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) O uso do imperativo "Acalmem-se" é uma das estratégias utilizadas pelo autor para aproximar a linguagem do texto da modalidade oral e para envolver o leitor, pondo-o no centro da mensagem.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Cinco curiosidades sobre Erasmo de Rotterdam (1467-1536)

Nos primeiros anos como seminarista, em Bois le Due, na Holanda, Erasmo dedicou-se mais à pintura e à música do que à filosofia e à religião.
Grande parte do êxito intelectual de Erasmo deu-se ao estudar os grandes clássicos humanistas enquanto seus colegas de monastério estavam nos cultos religiosos.
Foi na biblioteca do monastério, durante os estudos, que aprendeu e desenvolveu o domínio do latim – língua que o faria conhecido em toda a Europa.
Em 1508, Erasmo foi para Veneza, na Itália, e conheceu o famoso impressor Aldo Manúcio, que havia imprimido o seu livro Adágios.
Na Universidade de Oxford, terminou os estudos da língua grega – idioma dominado apenas por eruditos. A partir de então, conheceu o filósofo Juan Colet, que lhe apresentou a primeira versão da Bíblia. O acesso ao livro foi decisivo para Erasmo se afastar da filosofia escolástica.

19. (Cespe/UnB – Analista de Correios (Letras) – 2011) O texto, de caráter informativo, é exemplo do gênero biografia.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Embora pareça absurdo, por muito tempo os exercícios físico-militares fizeram parte dos currículos das escolas civis brasileiras. Isso ocorreu na passagem do século XIX para o XX, período marcado por uma grande tensão política e militar entre as nações europeias, e que levou à Primeira Guerra Mundial. Os exercícios físico-militares eram ensinados por professores e militares e tinham como objetivo preparar os alunos para que pudessem defender a nação em conflitos armados no futuro.

A prática dos exercícios físico-militares nas escolas fazia parte de uma filosofia educacional geralmente desconhecida por regentes e pais. Alguns desses acreditavam que seus filhos corriam o risco de ter de entrar para a carreira militar por estarem participando dessas aulas nas escolas. Também havia aqueles que não viam qualquer sentido ou utilidade nos exercícios. Outros apontavam os riscos para a saúde de crianças e jovens, especialmente por inexistirem espaços físicos para a realização das atividades.

A falta de militares, professores mal preparados e a oposição dos pais criaram dificuldades para a realização dos exercícios nas escolas brasileiras. Havia um sentimento generalizado de que essas atividades representavam a formação de um espírito belicista, estranho à realidade brasileira. Em meados do século XX, esses exercícios caíram em desuso nas escolas. O fim da Segunda Guerra Mundial e a necessidade de se estabelecer um ambiente mais pacífico entre as nações certamente contribuíram muito para isso.

20. (Cespe/UnB – STM – Analista Judiciário – 2011) O texto filia-se ao gênero informativo, o que justifica a predominância do emprego de linguagem denotativa.

( ) CERTO

( ) ERRADO

Um circo e um antipalhaço

Em 1954, numa cidadezinha universitária dos Estados Unidos, vi "o maior circo do mundo", que continua a ser o sucessor do velho Barnum & Bailey, velho conhecido dos meus primeiros dias de estudante nos Estados Unidos. Vi então, com olhos de adolescente ainda um tanto menino, maravilhas que só para os meninos têm plenitude de encanto. Em 1954, revendo "o maior circo do mundo", confesso que, diante de certas façanhas de acrobatas e domadores, senti-me outra vez menino.

(...)

O gênio de organização dos anglo-americanos é qualquer coisa de assombrar um latino. Arma e desarma um circo gigante como se armasse ou desarmasse um brinquedo de criança. E o que o faz com os circos, faz com os edifícios, as pontes, as usinas, as fábricas: uma vez planejadas, erguem-se em pouco tempo do solo e tomam como por mágica relevos monumentais.

(...)

21. (Cesgranrio – Petrobras – Administração Júnior – 2012) Os trechos de "Em 1954 [...] encanto" e "O gênio de organização [...] monumentais." caracterizam-se, quanto ao tipo de texto predominante, por serem, respectivamente:

a) descrição e narração;

b) narração e argumentação;

c) narração e descrição;

d) argumentação e descrição;

e) argumentação e narração.

22. (FCC – TRE-RS – Defensor Público – 2011) A transformação da frase "Eu nunca parei de pensar sobre isso", disse Goodwin, para discurso indireto é:
a) Goodwin disse que nunca parara de pensar sobre aquilo.
b) Goodwin diz que nunca tivera parado de pensar sobre aquilo.
c) Goodwin disse: "Eu nunca parei de pensar sobre isso".
d) Goodwin diz: "Eu nunca parei de pensar sobre isso".
e) Goodwin disse o que pensava sobre aquilo.

PLANEJAMENTO PRETENDE DESBUROCRATIZAR

Brasília, 22/12/2011 – Para desburocratizar e modernizar a administração pública federal, o Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão (MPOG) assinou acordo de cooperação com o Instituto Nacional de Tecnologia da Informação (ITI). O objetivo do termo é propor e implementar o Plano Nacional de Desmaterialização de Processos (PNDProc), que prevê a utilização da documentação eletrônica em todos os trâmites de processos. O extrato do pacto entre as entidades foi publicado nesta quarta-feira, 21, no Diário Oficial da União.

Delfino Natal de Souza, secretário de logística e tecnologia da informação, defende que esta nova modalidade de gestão de documentos irá modernizar a gestão pública ao permitir que o gerenciamento de processos seja feito de forma eletrônica. "Na prática significa o reconhecimento de um documento digital. Significa nascer, ser encaminhado e decidido sem a utilização de papel", explica.

O acordo, que tem duração de três anos, prevê a criação de normas, implantação de projeto piloto, definição de padrões, metodologias e soluções tecnológicas para a disseminação do plano.

Para divulgar o PNDProc, também estão previstas no termo de cooperação a capacitação de servidores públicos que atuam na área de documentação, como os que trabalham em protocolos e secretarias, por exemplo.

Como órgão central do Sistema de Administração dos Recursos de Tecnologia da Informação (SISP), a Secretaria de Logística e Tecnologia da Informação (SLTI) deve prover o suporte para a realização das ações do PNDProc. A secretaria deve ainda atender aos Padrões de Interoperabilidade do Governo Eletrônico (e-Ping) e também do Modelo de Acessibilidade de Governo Eletrônico (e-MAG) na implementação do plano.

O secretário explica ainda que o acordo não prevê a digitalização de processos antigos. "As ações para a implantação do plano serão feitas no trâmite de novas documentações", relata. (Ministério do Planejamento)

23. (CEPERJ – SEPLAG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) O primeiro parágrafo do texto desempenha a função de:
a) despertar a curiosidade do leitor em relação ao conteúdo do texto;
b) resumir os tópicos mais importantes do projeto publicado;
c) explicar ao leitor menos informado as finalidades do MPOG;
d) demonstrar a necessidade do processo de desburocratização proposto;
e) justificar a necessidade de cooperação do MPOG com o ITI.

24. O texto apresentado é do tipo informativo. Entre as marcas abaixo, aquela que é <u>inadequada</u> em relação a esse tipo de texto é:
a) O enunciador do texto informativo é dono de um saber desconhecido do público leitor a que o texto se destina.

b) O conteúdo do texto informativo pressupõe um interesse qualquer por parte do público leitor.
c) A variedade linguística do texto informativo, pelo próprio fato de pretender que algo seja divulgado, é popular e informal.
d) O texto informativo tem sua qualidade relacionada à precisão e atualidade das informações prestadas.
e) A credibilidade e a autoridade do meio de divulgação é parte importante da eficiência do que é informado.

25. Instituto Nacional da Tecnologia da Informação (ITI) é o nome da instituição com quem o MPOG assinou acordo de cooperação. Pelo que é expresso no texto, esse parceiro se encarregará de:

a) substituir a documentação eletrônica por outra mais moderna;
b) contornar o desconhecimento de usuários em relação à Informática;
c) gerenciar os processos de forma a empregar pouco papel;
d) digitalizar os processos antigos, em algum momento futuro;
e) capacitar mão de obra para a implantação do projeto.

Consumismo Infantil, Um Problema de Todos

Ninguém nasce consumista. O consumismo é uma ideologia, um hábito mental forjado que se tornou umas das características culturais mais marcantes da sociedade atual. Não importa o gênero, a faixa etária, a nacionalidade, a crença ou o poder aquisitivo. Hoje, todos que são impactados pelas mídias de massa são estimulados a consumir de modo inconsequente. As crianças, ainda em pleno desenvolvimento e, portanto, mais vulneráveis que os adultos, não ficam fora dessa lógica e infelizmente sofrem cada vez mais cedo com as graves consequências relacionadas aos excessos do consumismo: obesidade infantil, erotização precoce, consumo precoce de tabaco e álcool, estresse familiar, banalização da agressividade e violência, entre outras. Nesse sentido, o consumismo infantil é uma questão urgente, de extrema importância e interesse geral.

De pais e educadores a agentes do mercado global, todos voltam os olhares para a infância – os primeiros preocupados com o futuro das crianças, já os últimos fazem crer que estão preocupados apenas com a ganância de seus negócios. Para o mercado, antes de tudo, a criança é um consumidor em formação e uma poderosa influência nos processos de escolha de produtos ou serviços. As crianças brasileiras influenciam 80% das decisões de compra de uma família (TNS/InterScience, outubro de 2003). Carros, roupas, alimentos, eletrodomésticos, quase tudo dentro de casa tem por trás o palpite de uma criança, salvo decisões relacionadas a planos de seguro, combustível e produtos de limpeza. A publicidade na TV é a principal ferramenta do mercado para a persuasão do público infantil, que cada vez mais cedo é chamado a participar do universo adulto quando é diretamente exposto às complexidades das relações de consumo sem que esteja efetivamente pronto para isso.

As crianças são um alvo importante, não apenas porque escolhem o que seus pais compram e são tratadas como consumidores mirins, mas também porque impactadas desde muito jovens tendem a ser mais fiéis a marcas e ao próprio hábito consumista que lhes é praticamente imposto.

Nada, no meio publicitário, é deliberado sem um estudo detalhado. Em 2006, os investimentos publicitários destinados à categoria de produtos infantis foram de R$ 209.700.000,00

(IBOPE Monitor, 2005x2006, categorias infantis). No entanto, a publicidade não se dirige às crianças apenas para vender produtos infantis. Elas são assediadas pelo mercado como eficientes promotoras de vendas de produtos direcionados também aos adultos. Em março de 2007, o IBOPE Mídia divulgou os dados de investimento publicitário no Brasil. Segundo o levantamento, esse mercado movimentou cerca de R$ 39 bilhões em 2006. A televisão permanece a principal mídia utilizada pela publicidade. Ao cruzar essa informação com o fato de a criança brasileira passar em média quatro horas 50 minutos e 11 segundos por dia assistindo à programação televisiva (Painel Nacional de Televisores, IBOPE 2007) é possível imaginar o impacto da publicidade na infância. No entanto, apesar de toda essa força, a publicidade veiculada na televisão é apenas um dos fatores que contribuem para o consumismo infantil. A TNS, instituto de pesquisa que atua em mais de 70 países, divulgou dados em setembro de 2007 que evidenciaram outros fatores que influenciam as crianças brasileiras nas práticas de consumo. Elas sentem-se mais atraídas por produtos e serviços que sejam associados a personagens famosos, brindes, jogos e embalagens chamativas. A opinião dos amigos também foi identificada como uma forte influência.

Não é por acaso que o consumismo está relacionado à ideia de devorar, destruir e extinguir. Se agora, tragédias naturais, como queimadas, furacões, inundações gigantescas, enchentes e períodos prolongados de seca, são muito mais comuns e frequentes, foi porque a exploração irresponsável do meio ambiente prevaleceu ao longo de décadas.

Concentrar todos os esforços no consumo é contribuir, dia após dia, para o desequilíbrio global. O consumismo infantil, portanto, é um problema que não está ligado apenas à educação escolar e doméstica. Embora a questão seja tratada quase sempre como algo relacionado à esfera familiar, crianças que aprendem a consumir de forma inconsequente e desenvolvem critérios e valores distorcidos são de fato um problema de ordem ética, econômica e social.

O Projeto Criança e Consumo [...] combate qualquer tipo de comunicação mercadológica dirigida às crianças por entender que os danos causados pela lógica insustentável do consumo irracional podem ser minorados e evitados, se efetivamente a infância for preservada em sua essência como o tempo indispensável e fundamental para a formação da cidadania. Indivíduos conscientes e responsáveis são a base de uma sociedade mais justa e fraterna, que tenha a qualidade de vida não apenas como um conceito a ser perseguido, mas uma prática a ser vivida.

26. (CEPERJ – Procon/RJ – Analista de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) O texto pode ser considerado argumentativo principalmente porque:

a) defende um ponto de vista;
b) apresenta a descrição de fatos;
c) recorre a elementos narrativos;
d) aparenta uma neutralidade objetiva;
e) resume as informações pertinentes.

27. O exemplo do texto no qual se apresentam operadores argumentativos que somam razões para reforçar uma ideia principal presente na mesma frase é:

a) "Hoje, todos que são impactados pelas mídias de massa são estimulados a consumir de modo inconsequente."
b) "Para o mercado, antes de tudo, a criança é um consumidor em formação e uma poderosa influência nos processos de escolha de produtos ou serviços."

c) "Carros, roupas, alimentos, eletrodomésticos, quase tudo dentro de casa tem por trás o palpite de uma criança, salvo decisões relacionadas a planos de seguro, combustível e produtos de limpeza."

d) "As crianças são um alvo importante, não apenas porque escolhem o que seus pais compram e são tratadas como consumidores mirins, mas também porque impactadas desde muito jovens tendem a ser mais fiéis a marcas e ao próprio hábito consumista que lhes é praticamente imposto."

e) "Embora a questão seja tratada quase sempre como algo relacionado à esfera familiar, crianças que aprendem a consumir de forma inconsequente e desenvolvem critérios e valores distorcidos são de fato um problema de ordem ética, econômica e social."

A consolidação da regularização fundiária como política urbana no Brasil

A promulgação da Constituição Federal em 1988 coroou o longo processo de democratização do país iniciado, ainda, no final dos anos 1970. A democratização do país foi a ocasião propícia para uma reflexão mais acurada sobre a integração socioespacial das camadas urbanas mais desprotegidas, tanto no plano jurídico quanto no plano social. Diante das pressões dos movimentos sociais urbanos, o capítulo constitucional sobre a política urbana (artigos 182 e 183) reconheceu que tanto a propriedade quanto a própria cidade devem exercer uma função social. Esse mesmo artigo estabeleceu que o município exerce, de agora em diante, um papel central na elaboração e na aplicação das políticas de desenvolvimento urbano local. O instrumento de base dessa política é doravante o Plano Diretor municipal, exigência constitucional para todas as cidades com mais de 20 mil habitantes. As disposições desse capítulo constitucional se focalizam, assim, na instituição de medidas aptas a dissuadir a concentração especulativa do solo, assim como possibilitar a legalização das formas informais de acesso à moradia.

Este último aspecto revela-se crucial diante do índice de informalidade fundiária das cidades brasileiras. Segundo Edésio Fernandes (2002, p.52), essa informalidade pode atingir, por exemplo, quase 50% da população das duas principais metrópoles brasileiras (São Paulo e Rio de Janeiro). Ao regulamentar as disposições do supracitado capítulo constitucional, a lei do Estatuto da Cidade (Lei nº 10.257 de 10 de julho de 2001) contribuiu para consolidar a regularização fundiária como uma das principais diretrizes da política urbana no Brasil. Antes de analisarmos as disposições da legislação brasileira sobre esse assunto, impõe-se, inicialmente, uma breve análise das diferentes questões sociopolíticas relativas à legalização do solo.

A regularização fundiária consiste em regularizar a posse dos habitantes e promover a urbanização do local sem recorrer à remoção da população para outras localidades. A regularização fundiária é frequentemente limitada à transferência de títulos fundiários, sobretudo os de propriedade privada. Medida, aliás, preconizada como "solução milagrosa" pelas instituições internacionais e celebrizada, nos últimos anos, pelos trabalhos do economista peruano Hernando de Soto. Os governos dos países em desenvolvimento abandonaram, a partir dos anos 1980, os esforços para a construção em massa de moradias populares na periferia das cidades e se concentraram, sobretudo, na ideia de que a legalização do informal, aliada a uma desregulamentação mais acentuada do mercado imobiliário, poderia atenuar o preço do solo, suscitando, enfim, uma oferta mais consistente de moradias, erguidas, geralmente, pela autoconstrução. O balanço que se obtém 20 anos mais tarde é, todavia, um enorme fracasso. A regularização fundiária, onde foi efetivamente realizada, liberou o solo e desencadeou uma pressão do mercado imobiliário sobre os bairros

beneficiados que eram, até então, relativamente protegidos, justamente em razão da sua ilegalidade. O fenômeno atual de segregação urbana torna-se, assim, mais um produto derivado das leis de mercado que o resultado da recusa, por parte das autoridades públicas, do reconhecimento oficial da existência dos bairros informais. A solução do mercado originou outras formas de exclusão que apenas fizeram aumentar o círculo de informalidade, agora concentrado nas regiões cada vez mais periféricas, insalubres e/ou ecologicamente precárias das cidades.

Esse modelo, ao menos no caso específico das favelas, foi apenas parcialmente aplicado no Brasil. A política de urbanização das favelas, implementada a partir dos anos 1980, não foi necessariamente seguida da regularização fundiária plena desses espaços. A ilegalidade fundiária, conjugada à violência imposta pelos narcotraficantes num grande número de favelas, desestimula, nos dias atuais, a entrada dos grandes promotores imobiliários no mercado imobiliário das favelas. O fim das políticas de remoções em massa e a ausência de um controle público mais efetivo sobre o crescimento das favelas asseguraram, todavia, a relativa segurança da posse dos habitantes das favelas e o florescimento do mercado imobiliário no interior desses espaços. Esse mercado se apresenta concentrado nas mãos de alguns "latifundiários", muitas vezes ligados às redes mafiosas locais. A flexibilidade urbanística nas favelas permite, ainda, uma oferta consistente de habitações a preços reduzidos. A despeito da especulação imobiliária, as favelas se revelam, pelo menos por enquanto, um relevante meio de acesso à moradia para as camadas mais desfavorecidas das metrópoles brasileiras.

Nesse contexto, a regularização fundiária deve-se concentrar menos sobre uma lógica mercadológica de fluidificação das transações imobiliárias e de alargamento da base fundiária fiscal do município do que sobre a redução da insegurança que afeta as relações fundiárias, como aliás já destacou a campanha pela segurança da posse, promovida pela UN-Habitat, desde 1997. A precariedade jurídica do acesso ao solo nas favelas sempre serviu como justificativa não somente para as expulsões arbitrárias, mas também para a ausência de serviços públicos adequados nesses espaços. A insegurança fundiária também limitou o investimento dos moradores em suas casas e em seus bairros. A regularização fundiária se manifesta, assim, como um elemento imprescindível para se materializar o direito à moradia, integrando, aliás, esse direito específico ao leque de direitos que constitui o direito à cidade.

A legalização da moradia garante, de fato, direitos sociopolíticos às populações das favelas que adquirem recursos jurídicos indispensáveis para enfrentar os diferentes conflitos de ordem fundiária/imobiliária, seja entre vizinhos, seja ante os pretensos proprietários dos terrenos ocupados pela favela, ou mesmo ante as autoridades públicas. A regularização fundiária pode, por sua vez, desempenhar um importante papel na planificação urbana, por meio da imposição de regras urbanísticas às construções e ao uso do solo nas favelas. Dependendo da natureza do título outorgado aos habitantes, ela pode até mesmo contribuir ativamente para a gestão do fundiário, limitando tanto a excessiva valorização do solo quanto o aumento da exclusão espacial no interior das metrópoles.

28. (CEPERJ – ITE/RJ – Analista de Gestão Organizacional (ADM) – 2012) O texto é um fragmento de artigo acadêmico. Dentre as características desse gênero, o texto não apresenta:

a) predomínio da impessoalidade;
b) citações explícitas de outros textos;
c) preponderância de sequências descritivas;

d) emprego da norma de prestígio;
e) presença de argumentação.

A Nova Riqueza dos Pobres

Dezembro é o mês das compras, como maio é o das noivas, agosto é o do desgosto, junho é o das fogueiras e fevereiro é o do Carnaval. Os estudantes aguardam dezembro como o mês das férias; as crianças, como o do Natal. Para os trabalhadores, é o mês em que eles pensam que estão mais ricos.

Recebem o 13º salário ou parte dele – e compram. A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando. Compram de tudo. Um compra geladeira nova porque a velha, bom, gelar ela gelava direitinho, mas gastava muita energia. Outro compra televisão nova porque a velha não tem tela plana de LCD, 42 polegadas, e a vizinha pensa que é melhor do que a gente só porque comprou uma de 36 polegadas. Compram DVD, celular para a filha adolescente, forno de micro-ondas, MP3, 4, 5, freezer, videogames, fogão novo, carro. Qual é a mágica? É a prestação que "cabe no bolso".

Perdiam dinheiro para a inflação, agora perdem para os juros. Em vez de guardarem o dinheiro por seis meses e comprarem à vista com desconto, preferem parcelar em doze meses e pagar o dobro, ou em 24 meses e pagar o triplo. Ficam na mão de espertos, aqueles que lucravam com especulações de curto prazo durante a grande inflação e agora lucram financiando prestações. Os novos compradores não fazem essa conta. Cabendo no orçamento do mês, pagam. Querem se sentir parte da grande nação de consumidores, participar da vida colorida dos anúncios da televisão, esquecer por um momento que não têm escola, atendimento médico, transporte, esgoto, segurança...

O marido da senhora que faz limpeza na casa de uma amiga esteve desempregado quase um ano. Como não tem nenhum preparo técnico, integrava a turma do bico. Arranjou emprego e, no dia do primeiro pagamento, ele e a mulher compraram uma geladeira nova. Três meses depois, ele estava desempregado outra vez, de volta ao bico. Não se abalaram. O que importa para eles é que a geladeira está em casa há quatro meses e estão conseguindo pagar, seguem tocando a vida.

– Se nós não tivesse comprado a geladeira, não ia comprar nunca – diz ela, otimista, bebendo sua água geladinha e mantendo protegido o leite das crianças.

Essa atitude otimista acontece em um momento crítico para o trabalhador no mundo. Caem os investimentos e o comércio entre as nações. As indústrias investem em processos de produção que rendem mais e custam menos. Novas tecnologias provocam dispensas, e não só por lá. Resulta o que se poderia chamar de globalização do olho da rua.

Mais de 200 milhões de trabalhadores formais perderam o emprego no mundo, segundo a Organização Internacional do Trabalho; quase 1 bilhão de pessoas em condições de trabalhar não encontram vagas, 700 milhões vivem de expedientes, se virando. É a globalização do bico. Milhões sem conta não conseguem nem se virar. É a globalização do dane-se.

Os temores que a crise lá de fora desperta nos analistas e alarmistas daqui parecem não atingir os moradores das áreas carentes das grandes cidades brasileiras. É fantástica a capacidade que eles têm de acreditar no melhor, em meio à incerteza.

Se alguma conclusão se pode tirar da ingênua tendência compradora daqueles que têm tão pouco, é a de que ela nasce de um incompreensível otimismo – incompreensível para nós, atormentados da classe média. Ao redor deles pipocam dificuldades, mas eles, confiantes, jogam com o destino como se ele fosse uma Mega-Sena que um dia vai dar.

29. (CEPERJ – Degase – Agente Socioeducativo – 2012) O texto é uma crônica, que comenta um aspecto da vida cotidiana a partir da visão do autor.
O fragmento que melhor demonstra a presença de uma opinião do autor é:
a) "Dezembro é o mês das compras, como maio é o das noivas..."
b) "Recebem o 13º salário ou parte dele – e compram."
c) "A queda da inflação deixou sobrar no bolso deles a parte do salário que se queimava na fogueira do aumento de preços."
d) "Em vez de guardarem o dinheiro por seis meses e comprarem à vista com desconto, preferem parcelar em doze meses e pagar o dobro..."
e) "As indústrias investem em processos de produção que rendem mais e custam menos."

30. A pequena narrativa do caso da senhora que faz limpeza na casa da amiga do cronista cumpre, no texto, a seguinte função:
a) Contestar dados estatísticos posteriormente citados.
b) Exemplificar atitude posteriormente descrita.
c) Detalhar casos anteriormente narrados.
d) Contradizer ideia anteriormente exposta.
e) Reforçar discurso constantemente relatado.

31. "Resulta o que se poderia chamar de *globalização do olho da rua*.[...] É a *globalização do bico*. [...] É a *globalização do dane-se.*"
A sequência acima caracteriza a globalização a partir da desestruturação do mundo do trabalho.
Do ponto de vista dos recursos da linguagem é correto afirmar que, no contexto, ocorre uma:
a) gradação, com o aumento progressivo das dificuldades;
b) contradição, entre os modos de sobrevivência do desempregado;
c) ênfase, com a intensificação da afirmativa inicial;
d) retificação, pela correção gradual das informações iniciais;
e) exemplificação, pelo relato de situações específicas.

O LENDÁRIO PAÍS DO RECALL

Moacyr Scliar

"MINHA QUERIDA DONA: quem lhe escreve sou eu, a sua fiel e querida boneca, que você não vê há três meses. Sei que você sente muitas saudades, porque eu também sinto saudades de você. Lembro de você me pegando no colo, me chamando de filhinha, me dando papinha... Você era, e é, minha mãezinha querida, e é por isso que estou lhe mandando esta carta, por meio do cara que assina esta coluna e que, sendo escritor, acredita nas coisas da imaginação.

Posso lhe dizer, querida, que vivi uma tremenda aventura, uma aventura que em vários momentos me deixou apavorada. Porque tive de viajar para o distante país do recall.

Aposto que você nem sabia da existência desse lugar; eu, pelo menos, não sabia. Para lá fui enviada. Não só eu: bonecas defeituosas, ursinhos idem, eletrodomésticos que não funcionavam e peças de automóvel quebradas. Nós todos ali, na traseira de um gigantesco caminhão que andava, andava sem parar.

Finalmente chegamos, e ali estávamos, no misterioso e, para mim, assustador país do recall. Um homem nos recebeu e anunciou, muito secamente, que o nosso destino em breve

seria traçado: as bonecas (e os ursinhos, e outros brinquedos, e objetos vários) que tivessem conserto seriam consertados e mandados de volta para os donos; quanto tempo isso levaria era imprevisível, mas três meses era o mínimo. Uma boneca que estava do meu lado, a Liloca, perguntou, com os olhos arregalados, o que aconteceria a quem não tivesse conserto. O homem não disse nada, mas seu sorriso sinistro falava por si.

Passamos a noite num enorme pavilhão destinado especialmente às bonecas. Éramos centenas ali, algumas com probleminhas pequenos (um braço fora do lugar, por exemplo), outras já num estado lamentável. Estava muito claro que para várias de nós não haveria volta.

Naquela noite conversei muito com minha amiga Liloca – sim, querida dona, àquela altura já éramos amigas. O infortúnio tinha nos unido. Outras bonecas juntaram-se a nós e logo formamos um grande grupo. Estávamos preocupadas com o que poderia nos suceder.

De repente a Liloca gritou: "Mas, gente, nós não somos obrigados a aceitar isso! Vamos fazer alguma coisa!". Nós a olhamos, espantadas: fazer alguma coisa? Mas fazer o quê?

Liloca tinha uma resposta: vamos tomar o poder. Vamos nos apossar do país do recall.

No começo, aquilo nos pareceu absurdo. Mas Liloca sabia do que estava falando. A mãe da dona dela tinha sido uma militante revolucionária e sempre falava nisso, na necessidade de mudar o mundo, de dar o poder aos mais fracos.

Ora, dizia Liloca, ninguém mais fraco do que nós, pobres, desamparados e defeituosos brinquedos. Não deveríamos aguardar resignadamente que decidissem o que fazer com a gente.

De modo, querida dona, que estamos aqui preparando a revolução. Breve estaremos governando o país do recall. Mas não se preocupe, eu a convidarei para uma visita. Você poderá vir a qualquer hora. E não precisará de recall para isso."

32. (CEPERJ – Procon/RJ – Agente de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) O texto enquadra-se no gênero carta, o que pode ser percebido, dentre outros traços, pela seguinte marca linguística:

a) narração detalhada;
b) citações entre aspas;
c) interrogações diretas;
d) recursos de humor;
e) vocativo inicial.

Economia religiosa

Concordo plenamente com Dom Tarcísio Scaramussa, da CNBB, quando ele afirma que não faz sentido nem obrigar uma pessoa a rezar nem proibi-la de fazê-lo. A declaração do prelado vem como crítica à professora de uma escola pública de Minas Gerais que hostilizou um aluno ateu que se recusara a rezar o pai-nosso em sua aula.

É uma boa ocasião para discutir o ensino religioso na rede pública, do qual a CNBB é entusiasta. Como ateu, não abraço nenhuma religião, mas, como liberal, não pretendo que todos pensem do mesmo modo. Admitamos, para efeitos de argumentação, que seja do interesse do Estado que os jovens sejam desde cedo expostos ao ensino religioso. Deve-se então perguntar se essa é uma tarefa que cabe à escola pública ou se as próprias organizações são capazes de supri-la, com seus programas de catequese, escolas dominicais etc.

A minha impressão é a de que não faltam oportunidades para conhecer as mais diversas mensagens religiosas, onipresentes em rádios, TVs e também nas ruas. Na cidade de São Paulo, por exemplo, existem mais templos (algo em torno de 4.000) do que escolas públicas

(cerca de 1.700). Creio que aqui vale a regra econômica, segundo a qual o Estado deve ficar fora das atividades de que o setor privado já dá conta.
Outro ponto importante é o dos custos. Não me parece que faça muito sentido gastar recursos com professores de religião, quando faltam os de matemática, português etc. Ao contrário do que se dá com a religião, é difícil aprender física na esquina.
Até 1997, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação acertadamente estabelecia que o ensino religioso nas escolas oficiais não poderia representar ônus para os cofres públicos. A bancada religiosa emendou a lei para empurrar essa conta para o Estado. Não deixa de ser um caso de esmola com o chapéu alheio.

33. (FCC- TRT/PE (6a R) – Analista Judiciário – 2012) No que diz respeito ao ensino religioso na escola pública, o autor mantém-se:

a) esquivo, pois arrola tanto argumentos que defendem a obrigatoriedade como o caráter facultativo da implementação desse ensino;
b) intransigente, uma vez que enumera uma série de razões morais para que se proíba o Estado de legislar sobre quaisquer matérias religiosas;
c) pragmático, já que na base de sua argumentação contra o ensino religioso na escola pública estão razões de ordem jurídica e econômica;
d) intolerante, dado que deixa de reconhecer, como ateu declarado, o direito que têm as pessoas de decidir sobre essa matéria;
e) prudente, pois evita pronunciar-se a favor da obrigatoriedade desse ensino, lembrando que ele já vem sendo ministrado por muitas entidades.

34. Atente para estas afirmações:

I. Ao se declarar um cidadão ao mesmo tempo ateu e liberal, o autor enaltece essa sua dupla condição pessoal valendo-se do exemplo da própria CNBB.
II. A falta de oportunidade para se acessarem mensagens religiosas poderia ser suprida, segundo o autor, pela criação de redes de comunicação voltadas para esse fim.
III. Nos dois últimos parágrafos, o autor mostra não reconhecer nem legitimidade nem prioridade para a implementação do ensino religioso na escola pública.

Em relação ao texto, está correto o que se afirma em:

a) I, II e III.
b) I e II, apenas.
c) II e III, apenas.
d) I e III, apenas.
e) III, apenas.

35. Pode-se inferir, com base numa afirmação do texto, que:

a) o ensino religioso demanda profissionais altamente qualificados, que o Estado não teria como contratar;
b) a bancada religiosa, tal como qualificada no último parágrafo, partilha do mesmo radicalismo de Dom Tarcísio Scaramussa;
c) as instituições públicas de ensino devem complementar o que já fazem os templos, a exemplo do que ocorre na cidade de São Paulo;
d) o aprendizado de uma religião não requer instrução tão especializada como a que exigem as ciências exatas;

e) os membros da bancada religiosa, sobretudo os liberais, buscam favorecer o setor privado na implementação do ensino religioso.

36. (Cesgranrio – PROMINP – Nível Superior – Área de Qualidade – 2012) Os extratos 1 e 2 do texto apresentam características que permitem estabelecer diferenças entre a tipologia textual.

1) "Você começa a escrever um *e-mail* de trabalho, e é interrompido pelo toque do celular. Atende à ligação e, quando desliga, vê avisos de mensagens na telinha. Abre uma delas e, antes mesmo de responder, algum colega chama você para terminar aquela conversa que começaram de manhã..." (linhas 1-5)

2) "Como empreendia seus próprios projetos e trabalhava de casa, o empresário não sabia mais o que era horário de expediente, final de semana ou feriados. Mas reagiu a essa falta de limites e criou espaço para folgas e diversão." (linhas 30-33)

Considerando tais características, constata-se que o extrato:

a) 1 é argumentação, e o 2, narração;
b) 1 é narração, e o 2, argumentação;
c) 1 é narração, e o 2, descrição;
d) 1 é descrição, e o 2, argumentação;
e) 1 é descrição, e o 2, narração.

Gabarito

1. D.	10. E.	19. CERTO.	28. C.
2. CORRETA.	11. CORRETA.	20. CERTO.	29. A.
3. C.	12. B.	21. B.	30. D.
4. CERTO.	13. B.	22. A.	31. E.
5. CORRETA.	14. C.	23. B.	32. E.
6. CORRETA.	15. E.	24. C.	33. C.
7. A.	16. D.	25. E.	34. E.
8. B.	17. CERTO.	26. A.	35. D.
9. C.	18. CERTO.	27. D.	36. E.

Capítulo 35

Coesão e Coerência

Definição

Bem, até aqui entendemos o que é um texto, conhecemos os tipos de texto e suas características. Agora, precisamos ir mais a fundo. Explico o porquê. Para que entendamos bem um texto, existe a premente necessidade de sabermos que, 1) se ele é um conjunto de frases que se relacionam, 2) mantendo um sentido harmonioso, isso se deve ao fato de que há nele a famosa **coesão** e a famosa **coerência** – tão massificadas nas provas de concursos variados.

> **Dica de irmão**: Reestude, pelo menos, o tópico *Valor Discursivo* dos capítulos 11 e 15. Vai sedimentar!

Coesão é a ligação entre as partes do texto (palavras, expressões, frases, parágrafos) por meio de determinados elementos linguísticos. Com ela, fica mais fácil ler e compreender um texto.

Veja um exemplo de texto coeso:

> **Último Recurso**
> *Clarice Lispector*
>
> ***Quando*** *fazemos tudo* ***para que*** *nos amem* ***e*** *não conseguimos, resta-nos um* ***último recurso****: não fazer mais nada.* ***Por isso****, digo, quando não obtivermos*

o amor, o afeto ou a ternura ***que*** *havíamos solicitado, melhor será desistirmos e procurar mais adiante os sentimentos que nos negaram. Não fazer esforços inúteis,* ***pois*** *o amor nasce,* ***ou*** *não, espontaneamente,* ***mas*** *nunca por força de imposição.* ***Às vezes****, é inútil esforçar-se demais, nada se consegue;* ***outras vezes****, nada damos e o amor se rende aos nossos pés. Os sentimentos são sempre uma surpresa. Nunca foram uma caridade mendigada, uma compaixão ou um favor concedido. Quase sempre amamos a quem nos ama mal, e desprezamos* ***quem*** *melhor nos quer.* ***Assim****, repito, quando tivermos feito tudo* ***para*** *conseguir um amor, e falhado, resta-nos* ***um*** *só caminho...* ***o*** *de mais nada fazer.*

Comentários sobre a função textual dos elementos coesivos destacados, na sequência:

– ***Quando***: conjunção que introduz uma oração subordinada à outra, estabelecendo uma relação temporal.

– ***para que***: conjunção que introduz uma oração subordinada à outra, estabelecendo uma relação de finalidade.

– ***e***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de oposição, equivalendo a "mas".

– ***último recurso***: expressão substantiva de valor catafórico, pois antecipa o que será dito, referindo-se a algo posterior.

– ***Por isso***: locução conjuntiva que introduz um período o qual retoma a ideia do período anterior, estabelecendo uma relação de conclusão.

– ***que***: pronome relativo retomando, por sua natureza anafórica, "o amor, o afeto ou a ternura".

– ***pois***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de explicação.

– ***ou***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de disjunção, exclusão; note a elipse do verbo na oração anterior (... ou não *nasce...*).

– ***mas***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de oposição; note a elipse do verbo na oração anterior (... mas nunca *nasce...*)

– ***Às vezes***: locução adverbial que situa um fato vago no tempo e introduz um argumento que se contrapõe ao seguinte.

– ***outras vezes***: locução adverbial que situa um fato vago no tempo e introduz um argumento que se contrapõe ao anterior.
– ***quem***: pronome interrogativo/indefinido de valor dêitico, pois refere-se a algo fora do texto.
– ***Assim:*** conjunção que introduz um período que estabelece uma relação de conclusão (desfecho) com tudo o que se disse antes no texto.
– ***para***: preposição que introduz uma oração subordinada a outra, estabelecendo uma relação de finalidade.
– ***um***: numeral de valor catafórico, pois antecipa o que será dito, referindo-se a algo posterior.
– ***o***: pronome demonstrativo de valor anafórico, pois retoma o substantivo *caminho*.

Eu acho que você está começando a se dar conta de que um texto é muito mais do que uma porção de frases, certo? Querendo ou não, se você entendeu o texto da Clarice, é porque percebeu, mesmo que intuitivamente, os elementos coesivos e suas funções textuais.

Muitos me perguntam: "Pestana, afinal, qual é a diferença entre **coesão** e **coerência**?" A resposta é muito simples, e o melhor a responder isso é o mestre Bechara (com uma leve contribuição minha):

Coerência *é a relação semântica que se estabelece entre as diversas partes do texto, criando uma unidade de sentido. Está ligada ao entendimento, à possibilidade de interpretação daquilo que se ouve ou lê. Enquanto a coesão está para os elementos conectores de ideias no texto, a coerência está para a harmonia interna do texto, o sentido.*

Muitos professores, infelizmente, ainda ensinam que só há coerência se houver coesão. Não obstante, vejamos:

Coeso e incoerente

"Os jornalistas se comprometem a divulgar artigos políticos de maneira polida e imparcial, no entanto eles comumente afligem a opinião daqueles que se empenham em ter um cerne ou um ponto de vista menos fundamentalista."

Do que o texto fala mesmo? O elemento coesivo ***no entanto*** estabelece uma relação de oposição com o quê? Com o fato de os artigos ou os jornalistas afligirem a opinião de quem? Dos leitores, dos jornalistas ou dos artigos políticos?

Percebe que há uma confusão, que gera uma incompreensão do texto? Logo, podemos dizer que não houve coerência, apesar de ter havido coesão.

Incoeso e coerente

"Saí. Praia. Futebol. Volto à noite. Morto. Não espere nada de mim. Bj!"

Sabemos que ela vai falar muito no ouvido dele, não? Bem... depois do comentário machista... quero que você perceba que não houve nenhum elemento conectando as frases; houve apenas justaposição de frases. Realmente não houve coesão *stricto sensu*, mas houve total coerência, pois as frases mantêm relações de sentido bem típicas de um homem cara de pau (do ponto de vista da mulher). A **in**coesão, ausência de elementos conectores ou referenciadores, não prejudicou o sentido do texto, ou seja, a coerência.

Apoiando-me em grandes nomes, como Agostinho Dias Carneiro, Evanildo Bechara, José Luiz Fiorin e Francisco Platão Savioli, construí o restante do capítulo. Redobre sua atenção a partir de agora!

Coesão Referencial

Exceto a interjeição, as demais classes gramaticais colaboram para a construção de um texto coeso. A **coesão referencial** ocorre quando usamos as classes gramaticais para recuperar certos termos dentro do texto. O objetivo disso é evitar a repetição enfadonha, tornando o discurso mais fluido, mais dinâmico.

Tecnicamente falando, se um elemento tem como referente um termo anterior, dizemos que ele apresenta **valor anafórico**. Por outro lado, se um elemento tem como referente um termo posterior, dizemos que ele apresenta **valor catafórico**. Logo, a coesão referencial trata de termos que *substituem* outros.

Relembrou isso da aula de *Pronome*? Se não, releia pelo menos a teoria relativa aos pronomes demonstrativos e também o tópico *Valor Discursivo*. Vá por mim!

1) Substantivos ou expressões substantivas

– *A **resignação** normalmente se enquadra no grupo de sentimentos próprios de pessoas fracas. No entanto, nem toda **submissão** deve ser mal interpretada.* (sinônimos)

– ***Celso Cunha** é bem conhecido entre os "concurseiros". Até hoje, a obra desse **gramático** tem grande prestígio.* (hipônimo-hiperônimo)

– *Estão circulando alguns boatos a respeito da premiação de um* ***ator*** *brasileiro na próxima festa do Oscar.* ***Rodrigo Santoro*** *realmente pode conseguir seu lugar ao sol.* (hiperônimo-hipônimo)

– ***Jesus Cristo****, após sua morte, continuou sendo alvo de ataques. Alguns céticos até hoje duvidam da existência do* ***Salvador*** *e dos milagres atribuídos a ele.* (antonomásia)

– *As* ***chaminés*** *estão com os dias contados. O governo aprovou finalmente critérios rígidos para as* ***indústrias*** *produtoras de gases nocivos ao meio ambiente.* (metonímia)

– *O* ***Cespe*** *é um órgão que integra a Fundação Universidade de Brasília, realizando diversos concursos públicos anualmente. É por isso que muitos candidatos procuram saber mais sobre o* ***Centro de Seleção e de Promoção de Eventos****.* (abreviação)

– ***Luís Inácio Lula da Silva*** *foi presidente duas vezes. Todo o povo brasileiro amava* ***Lula****.* (repetição de parte do nome)

– *Depois de ter se* ***convertido*** *àquela religião, nunca mais foi a mesma pessoa. Como pode uma* ***conversão****, aparentemente positiva, afastar amigos?* (nominalização)

– ***A demora na liberação de verbas, na compra de material, na execução de serviços*** *tem provocado desconforto, por isso o presidente cobrou de seus ministros menos* ***burocracia****, com o intuito de ajudar os que mais necessitam.* (palavra-síntese)

Obs.: Os casos anteriores costumam ser enquadrados também no que se chama **coesão lexical**. Também é digno de nota dizer o que é **expansão lexical**: trata do uso de palavras ou expressões sinônimas que, normalmente, indicam o ponto de vista do autor: *"****O professor Evanildo Bechara*** *ainda ministra aulas no Rio de Janeiro.* ***Este grande mestre*** *gosta de dividir sua sabedoria com os alunos."*.

2) Elipse

– *Os verdadeiros mestres prezam a excelência no ensino e assistem os alunos da melhor maneira possível.*

Evita-se a repetição do sujeito por meio da elipse: *"... (verdadeiros mestres) assistem os alunos..."*.

3) Adjetivos

– ***Relacionadas*** *ao tabaco, dói imaginar que o Brasil tenha gastado 0,5% do Produto Interno Bruto (PIB) em 2011 para tratar* ***doenças*** *– cerca de 20 bilhões de reais.*

Note que o adjetivo *relacionadas* faz referência a *doenças.*

4) Artigos definidos

– *Um guarda de trânsito multou um carro estacionado em lugar irregular na rua em que deixo meu carro. Tenho sorte por conhecer* ***o*** *policial.*

Observe que o artigo definido destacado tem valor anafórico, pois remete ao guarda de trânsito mencionado anteriormente. Se, no lugar do *o*, fosse usado *um* (artigo indefinido), o sentido iria mudar e a relação coesiva entre *policial* e *guarda de trânsito* não seria estabelecida.

5) Pronomes

Todos os seis tipos (pessoal, possessivo, indefinido, interrogativo, demonstrativo e relativo) colaboram com a referenciação, seja anafórica, seja catafórica.

– *"Se o* ***diretor*** *é uma espécie de CEO (diretor-executivo) na escola, é necessário que* ***ele*** *desenvolva habilidades de liderança."* (Irma Zardoya)

– *"Ou o* ***sistema*** *muda de bom grado, ou as "quebradeiras" e as multidões tomando as ruas vão obrigá-****lo*** *a mudar!"*

– *"A participação das* ***mulheres*** *no Congresso norte-americano ainda é considerada baixa (cerca de 17%), mas o resultado no Senado comprova um aumento sistemático da participação d****elas*** *na tomada de decisões."* (José Antonio Lima)

– *Não deve ser fácil para* ***Sua Santidade*** *conter a vaidade, afinal,* ***Francisco*** *é hoje o líder religioso mais poderoso do mundo.*

– *"O governo do Equador deu asilo ao fundador do WikiLeaks, Julian Assange.* ***O Reino Unido****, com* ***seu*** *conhecido respeito seletivo pela legislação internacional, desenterrou uma lei bisonha para afirmar que poderia invadir a embaixada do país latino-americano, a fim de capturar seu inimigo público."* (Vladimir Safatle)

– *O **futebol** é indiscutivelmente a paixão nacional do brasileiro, em segundo lugar vem o **basquete**. **Um** apresenta Pelé como ídolo; o **outro**, Oscar.*

– *Segundo algumas religiões cristãs, há dois governantes no mundo: **Deus** e **Satanás**. A **quem** você serve?*

– *"Duas estradas se separam em uma floresta: eu **tomo aquela que é menos viajada**, e **isso** tem feito toda a diferença."* (Robert Frost)

– *Os **alunos** **cujas** famílias estão no programa do governo têm frequência acima da média dos demais.*

6) Numerais

– ***João**, **Pedro** e **Amanda** passaram, mas só o **primeiro** se classificou para o concurso elaborado pelo Cespe. O **segundo** e a **terceira** desistiram da carreira e decidiram tentar o concurso elaborado pela Esaf.*

7) Verbos vicários

Os verbos ***fazer*** e ***ser*** são substitutos de outros verbos para se evitar a repetição.

– *É preciso **acabar** com a corrupção de uma vez por todas, mas como **fazê**-lo? (... mas como acabar)*

– *"Amo a liberdade, por isso as coisas que amo deixo-as livres. Se **voltarem** **é** (= voltaram) porque as conquistei. Se não **voltarem** **é** (= não voltaram) porque nunca as tive." (Bob Marley)*

8) Advérbios

– *O **Brasil** e os **Estados Unidos** são países que conservam um certo grau de preconceito. Mas **lá** chega a ser pior que **aqui**.*

– *É **assim** que quero morrer: **na minha cama, num sono profundo**.*

Coesão Sequencial

Ocorre quando se usam conjunções, locuções conjuntivas, preposições, locuções prepositivas ou pronomes relativos que normalmente conectam orações dentro do texto, dando *sequência* à leitura, estabelecendo determinadas relações de sentido e concatenando as ideias dentro dele. Por isso, **sugiro que você recapitule estas classes gramaticais**.

– *Eu me esforcei muito* ***e*** *fiz grande investimento na minha carreira inicial,* ***mas*** *nada saiu como eu esperava* ***ou*** *como deveria ser,* ***porque****, afinal, esse não era meu destino.* ***Por isso*** *hoje decidi fazer faculdade,* ***a qual*** *me fez muito feliz. Finalmente encontrei minha vocação* ***para*** *obter sucesso profissional.* ***Em virtude d****isso, posso dizer* ***que*** *estou realmente realizado.*

Note que todos os termos destacados "jogam" o leitor para a frente na leitura, pois tais conectores (ou conectivos) servem para, além de introduzir argumentos, dar progressão ao texto.

Dica de irmão: Decore os conectivos, pois a maneira como isso cai na prova é simples: normalmente se pede a substituição de um conectivo por outro mantendo o mesmo sentido. Logo, se você não tem os conectivos no sangue, vai perder a oportunidade de acertar uma questão.

Coesão Recorrencial

Ocorre quando se usa a **repetição** (reiteração) de vocábulos, o **paralelismo sintático** (repetição de estrutura sintática semelhante) e a **paráfrase** (repetição de conteúdo semântico semelhante, introduzido por *ou seja, isto é, quer dizer...*)

– *"Uma em cada sete pessoas no mundo vai para a cama com* ***fome****, na maioria mulheres e crianças", disse a diretora da representação do PAM em Genebra (Suíça), Lauren Landis, no seminário intitulado Lutar Juntos Contra a Fome. "A* ***fome*** *mata anualmente mais pessoas do que o vírus que transmite a Aids, a malária e a tuberculose", acrescentou.* (repetição enfática)

– *Bom mesmo é* ***passar no concurso****,* ***ganhar bem*** *e* ***ser feliz****.* (paralelismo)

– *Ela não compareceu à prova,* ***ou seja, perdeu a chance****.* (paráfrase)

Obs.: Dos três, o mais comum é o recurso do paralelismo sintático. Veja:

Questão 03 (Uerj – Vestibular (Português Instrumental) – 2006)

O homem de grandes negócios fecha a pasta de zíper e toma o avião da tarde. O homem de negócios miúdos enche o bolso de miudezas e toma o ônibus da madrugada. A

mulher elegante faz Cooper e sauna na quinta-feira. A mulher não elegante faz feira no sábado. (l. 1 – 3)

Na passagem citada, estão implícitas comparações, que se constroem por meio de um mecanismo de coesão determinado.

A) Identifique e defina o mecanismo de coesão que estrutura essas comparações.

Gabarito Oficial: Paralelismo. Apresentação de estruturas sintáticas semelhantes.

Fatores de Coerência

Para que um texto tenha harmonia de sentido entre suas partes, e, portanto, **coerência**, é preciso que nele haja **textualidade**, um conceito que trata, dentre outras coisas, dos fatores de coerência de um texto. Conheça alguns:

Manutenção temática

Suponha que um parágrafo esteja falando sobre educação brasileira...

O investimento na educação brasileira precisa ser levado a sério, pois há jovens mentes brilhantes apenas esperando ser lapidadas a fim de produzir arte e novas tecnologias em benefício de toda a sociedade.

Faria sentido dar continuidade ao texto assim?

Por isso, o governo continuará desenvolvendo projetos relativos ao esporte, afinal, nosso país vem sendo considerado um dos grandes polos esportivos.

É claro que não... afinal, o **contexto** (o primeiro período) não mantém harmonia de sentido com a segunda parte do texto.

Conhecimento de mundo

Suponha que um parágrafo esteja falando sobre os oceanos...

Quase três quartos da superfície terrestre são cobertos pelos oceanos.

Faria sentido dar continuidade ao texto assim?

Dentre eles, o maior de todos, o Pacífico, banha grande parte do território brasileiro.

É claro que não... afinal, nosso conhecimento de mundo nos diz que tal oceano não banha o Brasil, mas sim o Atlântico.

Situação de comunicação

Suponha que uma carta de demissão seja dirigida à área de departamento pessoal assim:

Prezado empregador,

Na boa, nunca gostei de trabalhar aqui nesse lugar horrível, que paga mal, que nos causa estresse e o escambau. Por isso estou metendo o pé. Quero que me paguem tudo certinho, senão vou meter a empresa no pau. Fui!

Percebe que falta **adequação à situação de comunicação**? Por mais que o empregado estivesse insatisfeito com a empresa, a situação exige um discurso mais formal (sem gírias) e desprovido de ofensas e ameaças.

Mecanismos gramaticais e semânticos da língua

É preciso tomar cuidado com certas palavras da língua, como sinônimos e parônimos, pois, em alguns contextos, pode haver certa confusão no uso, gerando incoerência. Veja um exemplo de mau uso na escolha vocabular:

O sobrepeso é mais do que um problema com a aparência, é um perigo real para a saúde, haja vista os milhares de mortes relacionadas a ele. A questão é tão grave que muitos médicos, nutricionistas e professores de educação física militam contra o sobrepeso, alertando que ele provoca a diabetes tipo 2, doenças cardíacas, pressão alta, infarto e certos cânceres.

Percebeu que o autor quis dizer *obesidade*, mas usou *sobrepeso*? *Sobrepeso* é apenas o peso acima do ideal, levando-se em conta sexo, altura, idade etc. *Obesidade* é um excesso de gordura acumulada em todo o corpo que representa uma porcentagem muito maior em relação à massa magra. Em outras palavras, o sobrepeso representa apenas um risco do indivíduo tornar-se obeso. Ponto. Já a obesidade traz prejuízos à saúde.

Agora note que se usa equivocadamente uma palavra:

Enquanto os principais líderes da colisão e da oposição alimentaram a impressão em julho e agosto de que estavam preparados para que a Grécia deixasse o euro, a opinião comum hoje parece ser de que o país deve ser mantido no bloco monetário.

Percebeu que o autor quis dizer *coalizão*, ou seja, um acordo entre partidos políticos? Ao usar *colisão*, o sentido ficou absurdo, afinal, não houve choque entre dois corpos, ninguém colidiu com ninguém, nem conflito houve.

Intertextualidade

A **intertextualidade** é um recurso argumentativo muito bom quando o intuito é a defesa de uma tese. No entanto, se mal usada, além de nada acrescentar, pode provocar incoerência.

A falta de comedimento já levou o ser humano a se destruir, individual e coletivamente, muitas vezes. Por isso não podemos nos dar ao luxo de pensar que nossas atitudes são inconsequentes e só nos ferem a nós mesmos. Precisamos seguir o que disse o poeta Cazuza em um de seus raros momentos de lucidez moral e espiritual: "Até nas coisas mais banais, pra mim é tudo ou nunca mais.".

Note que o conteúdo da citação, que é um tipo de intertextualidade (reveja este conceito no capítulo de Semântica), não corrobora a tese, mas vai em direção contrária a ela.

Intencionalidade

Quando se cria um texto, é preciso deixar clara a intenção ao interlocutor. Não se pode, por exemplo, apresentar duas teses num parágrafo introdutório de uma redação dissertativo-argumentativa, pois o leitor ficará confuso. Veja:

Para mantermos uma consciência sustentável, precisamos usar inteligentemente, hoje, os recursos do planeta, pois ninguém mais duvida que, por sermos seres dependentes deles, precisam ser bem utilizados e reutilizados. É certo que o homem precisa investir em empreendimentos sustentáveis, mas não se pode negar que há um alarmismo quanto ao esgotamento dos recursos naturais da Terra. Sendo assim, é preciso ação e menos discurso.

Observe de novo a primeira tese:

Para mantermos uma consciência sustentável, precisamos usar inteligentemente, hoje, os recursos (esgotáveis) do planeta, pois ninguém mais duvida que, por sermos seres dependentes deles, precisam ser bem utilizados e reutilizados.

Agora, a segunda:

É certo que o homem precisa investir em empreendimentos sustentáveis, mas não se pode negar que há um alarmismo quanto ao esgotamento dos recursos naturais da Terra.

Afinal, o autor do texto acredita que os recursos são esgotáveis ou não? Qual é o grau de importância que ele dá a isso na primeira tese e na segunda tese? O que ele vai defender ao longo do texto: a ideia de que precisamos manter uma consciência sustentável ou de que é preciso investir em empreendimentos sustentáveis?

Há uma incoerência, ou obscuridade (para dizer o mínimo), na *intenção* do autor.

Vamos conhecer agora os tipos de coerência mais comuns.

Coerência Narrativa

Há **coerência narrativa** quando um texto narrativo apresenta harmonia e logicidade entre as partes que o compõem.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: *Assim que Manuela chegou à estação de trem, deu-se conta de que havia esquecido o objeto mais importante de sua vida até então, a foto de seu amor. Por isso, pegou o trem e partiu.*

Coerência: *Assim que Manuela chegou à estação de trem, deu-se conta de que havia esquecido o objeto mais importante de sua vida até então, a foto de seu amor. Por isso, retornou a sua casa, fazendo em seguida o trajeto de volta para pegar o trem.*

Raciocínio simples: se a personagem tinha como objeto mais precioso a foto de seu amor, não poderia ter partido sem ela.

Coerência Argumentativa

Há **coerência argumentativa** quando um texto dissertativo apresenta harmonia e logicidade entre as partes que o compõem, normalmente entre os argumentos e a tese.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: *Doença que mais mata no país e que costuma ser associada a pacientes idosos, o acidente vascular cerebral (AVC) também atinge jovens. Por isso aqueles precisam investir nos exercícios físicos e na boa alimentação, mas não estes.*

Coerência: *Doença que mais mata no país e que costuma ser associada a pacientes idosos, o acidente vascular cerebral (AVC) também atinge jovens. Por isso ambos os grupos etários precisam investir nos exercícios físicos e na boa alimentação.*

Raciocínio simples: independentemente de o AVC matar mais idosos que jovens, ambos precisam se preocupar com a saúde.

Coerência Figurativa

Há **coerência figurativa** quando um texto, normalmente narrativo-descritivo, apresenta harmonia e logicidade entre as partes que o compõem – o assunto tratado e as figuras usadas para ilustrá-lo.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: *Todo o velório foi profundamente triste, pois Laureliano era uma pessoa notável e assaz virtuosa. Pessoas contavam piadas, bebiam, comiam, dançavam, gargalhavam e se beijavam, como se o mundo estivesse acabando. O morto foi ignorado por completo.*

Coerência: *Todo o velório foi profundamente triste, pois Laureliano era uma pessoa notável e assaz virtuosa. Não havia piadas, nada se bebia, nada se comia, não havia dança, só choro; os beijos eram de condolências, o mundo havia acabado ali, pois o morto era o centro de todas as atenções.*

Raciocínio simples: se o morto é uma pessoa notável e assaz virtuosa, a expectativa é de que as pessoas deem total atenção a ele. Por estarem em um velório, as pessoas têm de comportar-se conforme a ocasião.

Coerência Temporal

Há **coerência temporal** quando um texto, normalmente dissertativo ou narrativo, apresenta harmonia e logicidade temporal entre as partes que o compõem, respeitando-se as leis da sucessividade dos eventos.

A partir desse conceito, veja esta questão:

Questão 2 (FUNRIO – MPOG – Analista Administrativo – 2009)

A coerência textual se constrói de muitas maneiras. Uma delas é aquela que respeita as leis da sucessividade dos eventos ou apresenta uma compatibilidade entre os enunciados do texto, do ponto de vista da localização no tempo. Nesse caso, temos o que se chama de coerência temporal.

Qual dos trechos abaixo apresenta incoerência, pois os enunciados são incompatíveis do ponto de vista da temporalização?

a) Antes do jogo, a torcida cantou músicas que saudavam o seu time. Com a derrota por goleada, o coro da arquibancada só servia para execrar os jogadores e os dirigentes – responsabilizados por mais aquele fracasso.

b) Enquanto alguns povos se vangloriam dos feitos de seus antepassados e não se preparam para o futuro, aos povos que não têm grande tradição só resta buscar a organização de sua sociedade.

c) Quando a professora entrou, o menino já tinha posto o sapo na bolsa de seu colega e estava sentado tranquilamente no seu lugar. A mestra pegou-o em flagrante, bem no instante em que ele colocava o sapo na bolsa do colega.

d) A moça escolheu minuciosamente os grãos de feijão e de arroz e só depois disso colocou-os na panela e no fogo, pois sabia que no dia seguinte não teria tempo para fazer esse serviço.

e) Durante o temporal que caiu na semana passada na cidade onde eu nasci, vi muita gente comprando guarda-chuvas e capas protetoras, pois tudo aconteceu muito repentinamente.

Comentário: O gabarito é a letra C, pois, se ele já tinha posto o sapo na bolsa antes de ela entrar, não faz sentido algum dizer que ela o pegou no momento em que ele fazia isso.

Coerência de Registro

Há **coerência de registro** ou **coerência no nível de linguagem** quando um texto apresenta apenas um registro. Quando há mais de um registro no mesmo texto, normalmente o formal e o informal, ocorre uma incoerência.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: "Cada descoberta científica é uma pequena história de aventura. Nas publicações científicas, o relato dessas paradas está encoberto por uma porrada de termos técnicos, descrição de métodos e um cuidado paranoico com a precisão da linguagem. O resultado é que o sabor da aventura se perde em um texto difícil pra dedéu." (Fernando Reinach)

Coerência: "Cada descoberta científica é uma pequena história de aventura. Nas publicações científicas, o relato dessas aventuras está encoberto por uma infinidade de termos técnicos, descrição de métodos e um cuidado paranoico com a precisão da linguagem. O resultado é que o sabor da aventura se perde em um texto quase incompreensível" (Fernando Reinach)

Observe que há incoerência no primeiro fragmento porque há mistura de linguagem sóbria, formal com linguagem chula, vulgar. Para haver coerência, é preciso manter uma uniformidade no registro linguístico.

Continuidade Textual

Este assunto, antes de qualquer coisa, é a cara da Esaf. Todo bendito ano cai uma questão a respeito disso (às vezes duas ou três). Vamos entender isso de uma vez por todas?

Todo texto coerente precisa apresentar **progressão textual**, ou seja, "cada segmento que se sucede precisa ir acrescentando informações novas aos enunciados anteriores". Não pode haver repetição de ideias, a não ser por motivo enfático, senão o texto vira uma ladainha, ficando "pobre". A partir desse conceito, veja um texto sem progressão textual seguido de sua reescritura com progressão:

Sem progressão textual: *A água potável sempre foi um recurso finito. Mesmo sendo um recurso renovável, pelo ciclo natural, suas reservas não são ilimitadas. Dizer que ela nunca vai acabar é um disparate, pois um dia isso pode acontecer. Afinal, a água que usamos para a sobrevivência (higiene e alimentação), pode ter um fim.*

Com progressão textual: *A água potável sempre foi um recurso finito. Mesmo sendo um recurso renovável, pelo ciclo natural, suas reservas hoje estão comprometidas, por causa de algumas ações humanas. Por exemplo, a indústria consome cerca de 24% da água do planeta, além de poluir lagos e rios, causando também perda de biodiversidade. Precisamos entender sua importância para que simultaneamente não tenhamos o mesmo fim.*

Note que o primeiro texto "roda, roda, e não sai do lugar". Há um discurso circular, sem informações novas e relevantes. O segundo texto é o oposto disso, por isso há progressão.

Às vezes, a progressão textual é comprometida por coesão inadequada ou incoerência. Veja quatro exemplos:

Texto com coesão inadequada:

O capitalista ganha na massa de produtos, porque em cada mercadoria produzida há sempre proporcionalmente menos peso da força de trabalho e, portanto, da mais valia – que é o que lhe permite acumular capital.

No entanto, o capitalista está sempre buscando ampliar sua produção, para ganhar na competição, pela escala de produção e porque ganha na massa de mercadorias produzidas.

(Emir Sader – adaptado)

Texto com coesão adequada:

O capitalista ganha na massa de produtos, porque em cada mercadoria produzida há sempre proporcionalmente menos peso da força de trabalho e, portanto, da mais valia – que é o que lhe permite acumular capital.

Por isso, o capitalista está sempre buscando ampliar sua produção, para ganhar na competição, pela escala de produção e porque ganha na massa de mercadorias produzidas.

(Emir Sader – adaptado)

A conjunção *no entanto,* que inicia o segundo parágrafo, não deveria ser usada, pois tal conectivo estabelece uma relação de oposição; mas, entre o primeiro parágrafo e o segundo, há uma clara relação de causa e consequência, por isso o elemento coesivo a ser usado no início do segundo parágrafo deveria ser um destes: *portanto, então, por isso, por conseguinte, em vista disso etc.*

Texto sem coerência:

Uma trágica guerra instaurou-se entre o crime organizado e a Polícia Militar de São Paulo. A selvageria e a violência tomaram conta do cotidiano de amplos setores da periferia da cidade. A população, sempre vítima maior deste conflito, vive momentos de intensa insegurança. A mídia comercial é estranhamente comedida nos espaços dedicados ao noticiário do tema.

Por isso a Comissão Global de Política sobre Drogas (CGPD), presidida pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, pediu nesta quarta-feira 24, em Varsóvia, políticas orientadas para a prevenção e o controle, justificando que a guerra contra as drogas foi um fracasso.

(Pedro Estevam Serrano – adaptado)

Texto com coerência:

Uma trágica guerra instaurou-se entre o crime organizado e a Polícia Militar de São Paulo. A selvageria e a violência tomaram conta do cotidiano de amplos setores da periferia da cidade. A população, sempre vítima maior deste conflito, vive momentos de intensa insegurança. A mídia comercial é estranhamente comedida nos espaços dedicados ao noticiário do tema.

Por isso, os governos federal e estadual travaram acordo de cooperação com vistas à repressão comum do crime organizado por meio da criação de uma agência especializada.

(Pedro Estevam Serrano – adaptado)

Não se pode mudar de assunto de um parágrafo a outro sem que haja uma razão para isso. Note que o primeiro parágrafo fala sobre uma guerra na cidade de

São Paulo entre o crime organizado e a Polícia Militar. No segundo, fala-se de guerra contra as drogas e políticas relativas a drogas. Cuidado com a manutenção temática! Ela é necessária para que possa haver coerência textual.

Dica de irmão: Normalmente a Esaf é a banca que trata de continuidade textual. Por isso saiba que, quando ela trabalha este assunto na prova, a maioria das vezes os enunciados dizem assim: "Assinale a opção que fornece uma continuidade coesa, coerente e gramaticalmente correta.". Quando se diz "gramaticalmente correta", muitas vezes é possível eliminar opções só pelo conhecimento de regras gramaticais, como regência, crase, concordância, emprego de pronomes, ortografia, acentuação, pontuação etc. Por isso, ao fazer uma questão dessas, tente agilizar sua vida na hora da prova por perceber as alternativas que têm desvios gramaticais, ok?

O Que Cai Mais na Prova?

Hoje as provas têm abordado muito a questão do valor coesivo dos pronomes. Eles têm o papel de recuperar ou fazer referência a termos *dentro do texto* (**coesão endofórica – anafórica**, que substitui termo ou ideia anterior – ou **catafórica**, que refere-se a um termo ou ideia posterior). Os termos, expressões, ideias inteiras retomadas ou antecipadas por um pronome são chamados de referentes. Normalmente os pronomes são usados com tais funções para evitar a repetição viciosa no texto.

Portanto, estude **coesão referencial** e **sequencial** muito bem, e qualquer prova estará em suas mãos. Sobre progressão textual e coerência, preste atenção na manutenção temática e no uso dos conectivos. Por isso, **insisto: faça e refaça as questões deste capítulo e dos de *Conjunção*, *Preposição* e *Pronome***, pois há muitas questões que tratam de coesão e coerência! O conhecimento dessas classes gramaticais (e suas funções discursivas) será determinante para acertar uma questão na prova. Todas as bancas (todas!) adoram tratar de coesão e coerência. Não diga que não avisei!

Questões de Concursos

1. (Consulplan – CFN – Administrador – 2011) Os termos destacados constituem elementos coesivos por retomarem termos ou ideias anteriormente registrados, EXCETO:
   a) *"Para isso, existiam os oráculos"* (1º §)
   b) *"Afinal de contas, ele jamais havia se considerado um grande sábio."* (2º §)
   c) *"Só sei que nada sei"* (2º §)
   d) *"Além disso, os diálogos de Sócrates não serviam para defender essa ou aquela posição ideológica"* (3º §)
   e) *"Em seguida, destrinchava as respostas que lhe eram dadas"* (3º §)

2. Em *"Quando confrontados pelos aspectos mais obscuros ou espinhosos da existência"* (1º §), *"Após muito meditar sobre as palavras do oráculo"* (2º §), *"então o verdadeiro sábio é aquele que tem consciência da própria ignorância"* (2º §), *"A partir daí, Sócrates começou uma cruzada pessoal contra a falsa sabedoria"* (2º §), e *"Mas havia grandes diferenças entre a dialética de Sócrates e a de seus antigos mestres"* (3º §). As expressões destacadas indicam, respectivamente, ideia de:
   a) Tempo, tempo, conclusão, conclusão, adversidade.
   b) Tempo, tempo, tempo, conclusão, adversidade.
   c) Tempo, tempo, conclusão, tempo, adversidade.
   d) Consequência, tempo, tempo, conclusão, adversidade.
   e) Tempo, tempo, tempo, conclusão, adição.

É impossível colocar em série exata os fatos da infância porque há aqueles que já acontecem permanentes, que vêm para ficar e doer, que nunca mais são esquecidos, que são sempre trazidos tempo afora, como se fossem d'agora. É a carga. Há os outros, miúdos fatos, incolores e quase sem som – que mal se deram, a memória os atira nos abismos do esquecimento. Mesmo próximos eles viram logo passado remoto. Surgem às vezes, na lembrança, como se fossem uma incongruência. Só aparentemente sem razão, porque não há associação de ideias que seja ilógica. O que assim parece, em verdade, liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas – raízes lógicas! – de que emergem os pequenos caules isolados – aparentemente ilógicos! só aparentemente! – às vezes chegados à memória vindos do esquecimento, que é outra função ativa dessa mesma memória. (Pedro Nava, Baú de Ossos)

3. (Consulplan – Pref. Santo Antônio do Descoberto/GO – Advogado – 2011) Considerando-se as relações de coesão do texto, assinale a opção em que o 2º elemento faz referência ao 1º:
   a) os fatos da infância – aqueles;
   b) tempo afora – d'agora;
   c) carga – os outros;
   d) carga – miúdos fatos;
   e) abismos do esquecimento – eles.

Fragmentos de texto

Acho que foi o Hemingway quem disse que olhava cada coisa à sua volta como se a visse pela última vez.

(...)
Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver, você não vê. Sei de um profissional que passou 32 anos a fio pelo mesmo hall do prédio do seu escritório. Lá estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro. Dava-lhe bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer.
Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado, o porteiro teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por sua ausência. O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem. Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos.
(...)

4. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) A passagem transcrita em que **NÃO** há correspondência entre o pronome destacado e o referente a ele atribuído é:
a) "...como se **a** visse pela última vez." (l. 2-3) – coisa
b) "**Lá** estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro." (l. 20-21) – hall do prédio
c) "Dava-**lhe** bom-dia..." (l. 21-22) – profissional
d) "pode ser também que ninguém desse por **sua** ausência." (l. 29-30) – girafa
e) "O hábito suja os olhos e **lhes** baixa a voltagem." (l. 30-31) – olhos

5. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Adm. e Secr.) – 2011) O período "Fiquei perturbada, mas acabei dando as costas para o resultado [...]" (L. 27-29) pode ser reescrito, mantendo-se o mesmo sentido, assim:
a) Como fiquei perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
b) Antes de ficar perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
c) Conforme ficava perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
d) Caso tivesse ficado perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
e) Embora tenha ficado perturbada, acabei dando as costas para o resultado.

6. (FDC – Cremerj – Administrador – 2011) "As drogas medicinais ou 'drogas da virtude', prescritas pelos físicos, odontólogos e médicos homeopatas ou alopatas eram manipuladas por boticários, que importavam remédios europeus e usavam produtos nativos em sua formulação."
No texto há um conjunto de elementos que se prendem a termos anteriores a fim de produzir coesão (ligações formais e semânticas) entre esses elementos. A indicação **INCORRETA** de um desses termos é:
a) o pronome possessivo *sua* tem como referente "remédios europeus";
b) o particípio *prescritas* refere-se às duas espécies de drogas mencionadas antes;
c) o conectivo *por* une a forma verbal *eram manipuladas* a seu agente;
d) a forma verbal *usavam* repete o mesmo sujeito de *importavam*;
e) o pronome relativo *que* refere-se a boticários.

7. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) Identifica-se uma consequência e sua causa, respectivamente, em:

a) *Há felicidade coletiva // quando são adequadamente observados os itens que tornam mais feliz a sociedade*. (2º parágrafo)
b) *E a sociedade será mais feliz // se todos tiverem acesso aos básicos serviços públicos de saúde...* (2º parágrafo)
c) *A educação, a segurança, a saúde, o lazer, a moradia e outros mais são considerados direitos fundamentais de cunho social pela Constituição // exatamente por serem essenciais ao bem-estar da população no seu todo.* (5º parágrafo)
d) ... *por dizer a Constituição serem os direitos sociais essenciais à busca da felicidade, // se vai, então, forçar os entes públicos a garantir condições mínimas de vida* ... (3º parágrafo)
e) *O povo pode ter intensa alegria, por exemplo, ao se ganhar a Copa do Mundo de Futebol, // mas não há felicidade coletiva, e sim bem-estar coletivo*. (6º parágrafo)

8. (Consulplan – Pref. Nova Iguaçu/RJ – Médico Acupunturista – 2012) Dentre os trechos destacados a seguir, está expressa ideia de oposição em:
a) "... atingido esse consenso, porém, não é motivo para a humanidade..."
b) "Dar o mundo de presente aos filhos? Vá a uma loja de brinquedos lotada..."
c) "... isso não garante que também eles serão capazes de repassar a fortuna..."
d) "... sem nem mesmo respeitar o silencioso pacto de espera..."
e) "Quanto mais vou a aniversários, menos confiante eu fico..."

Fragmento de texto

"Nesta altura do campeonato já dá para dizer que todos concordam com a importância de deixar um planeta melhor para os nossos filhos. E que, exatamente por isso, a sustentabilidade é uma questão importante dos nossos tempos. O fato de termos atingido esse consenso, porém, não é motivo para a humanidade bater no peito e acreditar que deu um passo à frente. (...)"

9. Tendo em vista a importância e função dos elementos de coesão textual, o termo destacado em "E que, exatamente por <u>isso</u>, a sustentabilidade é uma questão importante dos nossos tempos." refere-se:
a) ao futuro das novas gerações;
b) aos atos inconsequentes contra o meio ambiente;
c) à importância da sustentabilidade em nossos tempos;
d) à opinião em comum que todos possuem a respeito dos filhos;
e) ao fato de que é importante deixar um planeta melhor para as próximas gerações.

"Sei que você sente muitas saudades, *porque* eu também sinto saudades de você."

10. (Ceperj – Procon/RJ – Agente de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) O conectivo "porque", no contexto acima, estabelece relação de:
a) modo;
b) causa;
c) adversidade;
d) conformidade;
e) proporcionalidade.

"Para os trabalhadores, é o mês em que eles pensam que estão mais ricos. Recebem o 13º salário ou parte dele – e compram. A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando. Compram de tudo."

11. (Ceperj – Degase – Agente Socioeducativo – 2012) "A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando."
O período acima poderia ser reescrito com a introdução de um conectivo, de modo a explicitar a relação de sentido do contexto original.
A inserção do conectivo preserva o sentido original da frase na seguinte alternativa:
a) embora venham comprando;
b) para virem comprando;
c) porque vêm comprando;
d) contudo vêm comprando;
e) apesar de virem comprando.

"Delfino Natal de Souza, secretário de logística e tecnologia da informação, defende que <u>esta nova modalidade de gestão de documentos irá modernizar a gestão pública</u> / <u>ao permitir que o gerenciamento de processos seja feito de forma eletrônica.</u>"

12. (Ceperj – Seplag – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) As relações lógicas entre os segmentos sublinhados são as de:
a) causa / consequência.
b) fato / justificativa.
c) previsão / retificação.
d) opinião / modo.
e) afirmação / exemplificação.

13. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Assinale a opção que constitui continuação coesa, coerente e gramaticalmente correta para o texto abaixo.
O governo concedeu R$ 97,8 bilhões em benefícios fiscais a empresas, nos últimos cinco anos, e adotou dezenas de medidas para conter a valorização cambial e proteger a indústria da concorrência estrangeira – mas tudo isso teve resultados insignificantes, como demonstra o fraco desempenho brasileiro no mercado internacional de manufaturados. Incapaz de acompanhar o crescimento do mercado interno, a indústria de transformação perdeu espaço no Brasil para os concorrentes de fora e cresceu em 2011 apenas 0,1%, ou quase nada.
a) Por isso esse protecionismo seja uma forma de compensar a falta de uma estratégia minimamente eficaz. O resultado só poderá ser o desperdício de mais dinheiro, esforços e oportunidades.
b) Esses investidores tomam dinheiro barato na Europa e aplicam no Brasil, em troca de juros altos. A ação defensiva, nesse caso, é justificável, embora pouco eficaz.
c) Alem disso, é consenso entre esses empresários, administradores e governantes que é preciso aplicar muito mais dinheiro em máquinas, equipamentos e obras de infraestrutura.
d) Portanto, diante desse bom desempenho é um erro atribuir os problemas nacionais a fatores externos. Mas é preciso responsabilizar os bancos centrais do mundo rico por uma parcela importante dos males econômicos do País.

e) Sem competitividade, essa indústria é superada pelos produtores instalados nas economias mais dinâmicas e mal consegue manter, mesmo na América do Sul, posições conquistadas em tempos melhores.

14. Assinale a opção que, na sequência, preenche corretamente as lacunas do texto.

Quando a crise financeira eclodiu em 2008, uma das ameaças mais temidas foi __1__ ela trouxesse consigo o protecionismo generalizado. A crise ainda não acabou, as perspectivas pessimistas __2__ comércio mundial não se concretizaram, e __3__ Brasil tenta agora é obter sinal verde para fechar por um tempo sua economia, abrindo caminhos __4__ outros países em situação semelhante façam o mesmo. A Organização Mundial do Comércio – OMC daria então aval a esse protecionismo, supondo que ela fosse capaz de estabelecer __5__ deveria ser a taxa de câmbio de equilíbrio de seus membros, e o período pelo qual uma taxa desalinhada poderia voltar ao seu nível "normal", que é o que o Brasil parece supor ao pedir proteção temporária. A proteção, se concedida ao Brasil, provavelmente elevaria seus substanciais saldos comerciais, valorizando mais sua moeda, __6__esse é apenas um dos problemas da proposta.

	1	2	3	4	5	
a)	o de que	com o	aquilo que o	para	onde	porém
b)	que	do	o	de que	que	todavia
c)	a de que	a respeito do	o que o	para que	qual	mas
d)	que	sobre o	que o	dos quais	de quanto	no enta
e)	qual	para com o	nosso	com que	como	porqua

15. Assinale a opção que preenche de forma coesa, coerente e gramaticalmente correta a lacuna do trecho a seguir.

Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul são mais do que cinco economias emergentes em expansão num mundo em crise. Reunidas sob o acrônimo BRICS, abrigam mais de 40% da população global e somam perto de US$ 14 trilhões de PIB, ou seja, quase um quinto das riquezas produzidas no planeta. É natural que busquem maior participação no cenário internacional – o que seria facilitado por uma atuação conjunta, em bloco.

_____

_____

_____

A instituição permitiria aos países reduzir a dependência econômica em relação aos Estados Unidos e à União Europeia, em sérias dificuldades. Mais do que isso, a experiência poderia depois ser replicada para dar um pontapé inicial para mudanças políticas não apenas voltadas ao desenvolvimento sustentável, como também à segurança e à paz no universo, com um rearranjo das regras e dos organismos internacionais.

a) Maior dos BRICS, a China, segunda potência mundial, tem PIB de US$ 7,4 trilhões e reservas cambiais superiores a US$ 3 trilhões. Contudo, é uma ditadura que ganha

mercados mundo afora com vantagens artificiais, como a desvalorização da moeda, o yuan, um calo inclusive para o Brasil, invadido por produtos chineses em condições desfavoráveis de competitividade.

b) Assim, reconhecer a necessidade de promover correções de rumo internas é desafio de primeira ordem para os cinco emergentes. Aproximações bilaterais, vale lembrar, também terminam por fortalecer o quinteto emergente.

c) A Rússia, por sua vez, apresenta desenvolvimento relativo e hoje consolida-se como economia de mercado ainda sob olhares desconfiados de parte dos governantes de outros países do globo.

d) Os demais países têm abismos sociais a superar, problemas de desigualdades evidentes, o que deixa o bloco, formalizado ou não, distante da pose de referência internacional na questão do desenvolvimento humano.

e) Avançar na criação de um banco de desenvolvimento, proposto pelo primeiro-ministro indiano, como alternativa ao Banco Mundial – Bird e ao Fundo Monetário Internacional – FMI, já seria grande passo.

16. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Leia o texto.

A oferta total de crédito na economia brasileira dobrou nos últimos oito anos. A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito. Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e tem sido um dos principais dínamos do PIB. Mas começam a ficar evidentes os sinais de fadiga nessa expansão econômica baseada no endividamento. Mesmo com o barateamento do dinheiro provido pelo Banco Central, o crédito ficou mais caro para os consumidores. Preocupado com a falta de vigor da economia, o governo determinou que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal reduzissem as suas taxas. No cheque especial e no financiamento de veículos, por exemplo, os juros que agora serão cobrados pelos bancos públicos são praticamente a metade das taxas médias de mercado.

Assinale a opção que fornece uma continuidade gramaticalmente correta e coerente para a argumentação do texto.

a) Ou seja, esses bancos passaram a pagar menos pelo dinheiro que captam no mercado, aumentando as possibilidades de conssessão de empréstimos.

b) Essa e outras medidas teriam a finalidade de aquecer de novo a economia, por meio do estímulo ao consumo e impulso para os investimentos.

c) Mas essas medidas foram eclipsadas pelo aumento dos *spreads* bancários como é chamada a diferença entre o juro que o banco paga e o juro que cobra.

d) Provisões para cobrir essa inadimplência e o peso da tributação responde por mais da metade do custo do dinheiro – que os bancos repassam aos consumidores.

e) No entender dos analistas essas medidas com respeito às taxas excessivas traz a ameaça de causar prejuízos que mais tarde terão que ser cobertos pelo Tesouro.

17. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) O texto Grandes cidades nem sempre são as mais poluentes diz estudo, da France Press, publicado em http://www1.folha.uol.com.br/ambiente/866228 (com acesso em 29/12/2011) foi adaptado para compor os fragmentos abaixo. Numere-os, de acordo com a ordem em que devem ser dispostos para formar um texto coeso e coerente.

( ) Nesse estudo, enquanto cidades do mundo todo foram apontadas como culpadas por cerca de 71% das emissões causadoras do efeito estufa, cidadãos urbanos que substituíram os carros por transporte público ajudaram a diminuir as emissões per capita em algumas cidades.

( ) Pesquisadores examinaram dados de cem cidades em 33 países, em busca de pistas sobre quais metrópoles seriam as maiores poluidoras e por que, de acordo com estudo publicado na revista especializada "Environment and Urbanization".

( ) "Isso reflete a grande dependência de combustíveis fósseis para a produção de eletricidade, uma base industrial significante em muitas cidades e uma população rural relativamente grande e pobre", informa o estudo.

( ) Por fim, quando os pesquisadores olharam as cidades asiáticas, latino-americanas e africanas, descobriram emissões menores por pessoa. A maior parte das cidades na África, Ásia e América Latina tem emissões inferiores por pessoa. O desafio para elas é manter essas emissões baixas, apesar do crescimento de suas economias.

( ) O estudo também aponta outras tendências, como as cidades de climas frios terem emissões maiores, e países pobres e de renda média terem emissões per capita inferiores aos países desenvolvidos.

A sequência correta é:

a) (1) (2) (5) (4) (3);
b) (2) (1) (3) (5) (4);
c) (2) (5) (1) (3) (4);
d) (4) (1) (2) (5) (3);
e) (4) (2) (1) (3) (5).

Enxergando suas obras da década de 1890 à luz de seus conceitos-chave – como o de "idealismo prático" e o de "República" –, conclui-se que Nabuco permaneceu monarquista por julgar que o advento do regime republicano, naquele momento, ... o advento de uma sociedade autenticamente republicana, liberal e democrática entre nós. (...)

18. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale a opção que completa a lacuna sem provocar <u>incoerência</u> de ideias ou ruptura na direção argumentativa do texto.

a) poderia acelerar as transformações sociopolíticas necessárias para;
b) viria a prejudicar e não a favorecer;
c) encontraria valores sedimentados de civismo e liberalismo para;
d) legitimaria a implantação de regimes totalitários, forçando;
e) em vez de retardar o processo democrático, viria a acelerar.

19. (Esaf – SRF – Analista Tributário da Receita Federal – 2012) Assinale a opção que, ao preencher a lacuna do parágrafo, provoca erro gramatical e/ou <u>incoerência</u> na argumentação do texto.

A inflação, que deveria voltar a ser um problema só no ano que vem, vai causar preocupação no curto prazo._____, mais uma vez a taxa vai ficar acima do centro, ainda que permaneça dentro da margem de segurança. A alta foi pequena, mas dá uma ideia do pessimismo que anda dominando os mercados.

a) A serem confirmadas as expectativas do mercado.
b) Apesar de confirmá-las as expectativas do mercado.
c) Se a expectativa do mercado se confirmar.
d) Confirmando-se as expectativas do mercado.

e) Caso sejam confirmadas as expectativas de mercado.

20. Assinale a opção que constitui continuação gramaticalmente correta, coesa e coerente para o texto a seguir.

Apesar do nível de emprego ainda elevado, a situação da indústria brasileira piorou consideravelmente desde o ano passado e hoje destoa muito menos do padrão internacional. As medidas tomadas pelo governo para isolar o País da crise externa, ou para reduzir, pelo menos, o risco de contágio, foram insuficientes, até agora, para impulsionar a indústria de transformação. A manutenção do emprego, a elevação do salário real, a rápida expansão do crédito e a redução de impostos para alguns setores estimularam o consumo, mas a produção manufatureira foi incapaz de acompanhar a demanda interna.

a) Parte desse estímulo foi aproveitada por produtores estrangeiros bem mais preparados para disputar espaço nos mercados. O recuo da atividade industrial brasileira reflete, entre outros fatores, o aumento das importações e a deterioração do saldo comercial.

b) Diante dessa pequena reação de maio para junho foi amplamente insuficiente para a retomada do nível de atividade do ano passado. As maiores perdas em 2012 continuam no setor de bens de capitais, isto é, de máquinas e equipamentos. A fabricação desses bens aumentou 1,4% de maio para junho, mas a produção do primeiro semestre foi 12,5% inferior à de um ano antes.

c) Essa presença do concorrente de fora não ajuda a explicar os números ruins acumulados a partir de 2011. No primeiro semestre, a produção foi 3,8% menor que a de janeiro a junho do ano passado. O resultado acumulado em 12 meses diminuiu 2,3%.

d) Quando se examina esse período de 12 meses, há uma pequena mudança no conjunto, com redução de 7,6% na produção de bens duráveis de consumo e de 5,5% na fabricação de bens de capital. Durante esses 12 meses, no entanto, a política anticrise estimulou o consumo e abriu espaço para alguma recuperação das indústrias de bens duráveis, como a de automóveis e a da linha branca.

e) Essa iniciativa legal foi suficiente para levar o empresariado a investir com maior entusiasmo em máquinas e equipamentos. Autoridades fizeram apelos ao espírito aguerrido dos empresários, mas sem resultados. Mesmo nos setores beneficiados por facilidades fiscais e medidas protecionistas o efeito foi muito limitado.

"Sempre se soube que um dos principais entraves ao crescimento do Brasil é o gargalo educacional. Novas pesquisas, porém, revelam que o problema é muito mais grave do que se supunha. A mais recente, elaborada pelo Instituto Paulo Montenegro e pela ONG Ação Educativa, mostrou que 38% dos estudantes do ensino superior no país simplesmente "não dominam habilidades básicas de leitura e escrita". O Indicador de Analfabetismo Funcional, que resulta desse trabalho, não mede capacidades complexas."

21. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) A expressão "desse trabalho" é um recurso de coesão que retoma a informação anterior: "Indicador de Analfabetismo Funcional".

( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FUMARC – TJ/MG – Técnico Judiciário – 2012) Em "É o desejo, e não já da cidade, senão de toda a população", a palavra assinalada pode ser substituída, sem que haja alteração de sentido, por:

a) exceto;
b) mas sim;
c) portanto;
d) até porque.

– O invejoso procura destruir a felicidade alheia.

– O invejoso age movido também pelo ódio.
– O invejoso nutre a expectativa de que o término da felicidade alheia traga felicidade a ele.

23. (FCC – TRT/PE (6ª R) – Técnico Judiciário – 2012) As frases acima se articulam com correção e lógica em:

a) Movido também pelo ódio, o invejoso procura destruir a felicidade alheia, pois nutre a expectativa de que o seu término lhe traga felicidade.
b) Com a expectativa na qual o término da felicidade do outro lhe traz felicidade, o invejoso, age também pelo ódio e procura destruí-lo.
c) Por acreditar que, o término da felicidade alheia lhe trará felicidade, o invejoso procura destruir-lhe, agindo, também, pelo ódio.
d) O invejoso, o qual age movido também pelo ódio, onde procura destruir a felicidade alheia, nutre a expectativa de que o término desta lhe traga felicidade.
e) Como nutre a expectativa, de que o término da felicidade alheia lhe traga felicidade, o invejoso o qual procura destruir a felicidade alheia, agindo também pelo ódio.

"Inundado por investimentos, patrocínios e empréstimos de bancos, o futebol brasileiro vive um momento de crescimento financeiro que começa a mudar o mapa do esporte no mundo. Um panorama do futebol nacional mostra que, em vários aspectos, clubes começam a ter receitas parecidas com as dos grandes times europeus. Entre os cartolas de tradicionais equipes da Europa, a constatação é de que está cada vez mais caro tirar um jovem do Brasil. (...)"

24. (Vunesp – SEAP/SP – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – 2012) O termo em destaque no trecho – Entre os cartolas de tradicionais equipes da Europa, a constatação é de que está cada vez mais caro tirar um jovem do Brasil. – refere-se aos:

a) dirigentes;
b) jogadores;
c) torcedores;
d) uniformes;
e) treinadores.

Texto

Há doenças piores que as doenças,
Há dores que não doem, nem na alma
Mas que são dolorosas mais que outras.
Há angústias sonhadas mais reais
Que as que a vida nos traz, há sensações
Sentidas só com imaginá-las
Que são mais nossas do que a própria vida.

...
Dá-me mais vinho, porque a vida é nada.
(Fernando Pessoa.)

25. No verso – Sentidas só com imaginá-**las** – o termo destacado refere-se a:
a) dores;
b) sensações;
c) doenças;
d) angústias;
e) pessoas.

26. (FCC – TRT/PE (6ª R) – Técnico Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"Um dos mitos narrados por Ovídio nas Metamorfoses conta a história de Aglauros. A jovem é irmã de Hersé, cuja beleza extraordinária desperta o desejo do deus Hermes. Apaixonado, o deus pede a Aglauros que interceda junto a Hersé e favoreça os seus amores por ela; Aglauros concorda, mas exige em troca um punhado de moedas de ouro. **Isso** *irritou Palas Atena, que já detestava a jovem porque esta* **a** *espionara em outra ocasião. Não admitia que a mortal fosse recompensada por outro deus; decide vingar-se, e a vingança é terrível: Palas Atena vai à morada da Inveja e ordena-lhe que vá infectar a jovem Aglauros. (...)"*
– De acordo com o contexto, os pronomes grifados acima se referem, respectivamente, à atitude de Aglauros e a Palas Atena.

27. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) Atente para as afirmações abaixo.
II. Em *quem sabe das dificuldades que Clarice enfrentou vê com alegria o reconhecimento que seu nome alcança e sua irradiação pelo mundo*, o pronome grifado pode se referir tanto a Clarice como a nome.
Está correto o que se afirma?

"Na era das redes sociais, algumas formas de comunicação arcaicas ainda dão resultado. O canadense Harold Hackett que o diga. (...)"

28. (Cespe/UnB – MPE/PI – Cargos de nível superior – 2012) Na expressão "que o diga", o termo "o" refere-se à ideia expressa no período anterior.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Texto
"O seu método é simples. Harold utiliza garrafas de suco de laranja e se certifica de que as mensagens estão com data. Antes de enviá-las, checa o sentido dos ventos... (...)"

29. A forma pronominal "las", em "enviá-las", pode fazer referência tanto ao termo "garrafas" quanto ao termo "mensagens".
( ) CERTO
( ) ERRADO

"O aumento da população, o crescimento econômico e a sofisticação das relações sociais requerem mais serviços públicos, de maior qualidade e crescente complexidade. Para fazer frente a essas **demandas**, o dimensionamento adequado da força de trabalho no setor público é condição necessária, mas não suficiente. **Elas** requerem que o Estado atente também para a qualificação de uma força de trabalho às voltas com questões cada vez mais complicadas (...)"

30. (Cespe/UnB – MP – Analista de Infraestrutura – 2012) No desenvolvimento da argumentação do texto, o pronome "Elas" retoma "demandas".
( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (Vunesp – Pref. Cubatão/SP – Fiscal de Tributos – 2012) No trecho – **Embora** as estatísticas completas da arrecadação de União, estados e municípios apenas venham a ser conhecidas em meados do ano, é razoável estimar (...), – o termo em destaque pode ser substituído, sem acarretar alteração de sentido, por:
a) entretanto;
b) contudo;
c) conquanto;
d) todavia;
e) no entanto.

32. (FEC – Pref. Angra dos Reis/RJ – Administrador – 2012) Em relação à construção textual, a expressão destacada em "Felizmente, a medicina atual dispõe de inúmeras drogas capazes de curar, controlar e até mesmo de evitar inúmeras doenças. Aparelhos eletrônicos sofisticados são capazes de fazer um diagnóstico apurado, passando informações importantes sobre o paciente. Os avanços NESTA ÁREA são rápidos e possibilitam uma vida cada vez melhor para as pessoas.", coesivamente, se refere a:
a) aparelhos eletrônicos;
b) medicina atual;
c) informações;
d) doenças;
e) avanços.

33. Na frase destacada "Foi, contudo, no século XVII, que William Harvey fez uma nova descoberta: o sistema circulatório do sangue. A partir daí, os homens passaram a compreender melhor a anatomia e a fisiologia.", a expressão A PARTIR DAÍ será corretamente substituída, de acordo com seu sentido no texto, por:
a) em consequência;
b) nesse instante;
c) nesse lugar;
d) ao contrário;
e) ao passo que.

1 A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, não de consumo de aulas. Mas as salas de aula de nossas faculdades estão parecendo restaurantes, onde se consomem aulas. (...)

5 Além de mais vagas em faculdades é preciso promover uma formação de qualidade para todos na educação de base. Isso exige uma revolução, não apenas um II Plano Nacional de Educação, possivelmente tão irrelevante quanto o IPNE. (...)

6 Um programa como esse pode ser iniciado de imediato, mas demora a ser implementado em todo o país, sobretudo por falta de recursos humanos em quantidade. A solução é executá-lo por cidades. (...)

7 Esta revolução foi iniciada no final de 2003, em 28 pequenas cidades, e interrompida antes mesmo de ser implementada. A posse de um novo ministro pode ser o momento para iniciar a execução dessa proposta que em 2003 recebeu o nome de Escola Ideal. Com ela, contaremos todos com uma educação de base qualificada e teremos a possibilidade de um sistema de ensino superior de qualidade, (...)"

34. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia 6ª Classe – 2012) Todos os pronomes em destaque fazem referência a elementos intratextuais, EXCETO o seguinte, cujo referente se encontra fora do texto:

a) "as salas de aula de NOSSAS faculdades estão parecendo restaurantes" (parágrafo 1).
b) "ONDE se consomem aulas" (parágrafo 1).
c) "ISSO exige uma revolução" (parágrafo 5).
d) "A solução é executá-LO por cidades" (parágrafo 6).
e) "Com ELA, contaremos todos com uma educação de base qualificada" (parágrafo 7).

Para especialistas, arrecadação é reflexo do excesso da burocracia. Mais de quatro anos após a extinção da CPMF por decisão do Congresso, o governo continua engordando seu caixa com o tributo, cobrado de empresas e pessoas físicas.

*De janeiro de 2008, **quando o imposto do cheque** deixou de existir, até o mês passado, já foi arrecadado R$ 1,750 bilhão. **Esse valor** é suficiente, por exemplo, para o governo arcar com um ano da desoneração da folha de pagamento de setores já beneficiados pela medida, como confecções e calçados. Segundo técnicos da Receita, **a arrecadação residual** da CPMF ocorre devido a ações administrativas e judiciais. Para especialistas, **isso** mostra o excesso e o tamanho da burocracia no país.*

35. (DOM CINTRA – Pref. Belo Horizonte/MG – Analista de Políticas Públicas (Adm. – 2012) Nesse segmento do texto, o termo destacado que se refere a um elemento do parágrafo anterior é:

a) isso;
b) quando;
c) esse valor;
d) o imposto do cheque;
e) a arrecadação residual.

36. "Segundo técnicos da Receita..."; "Para especialistas...". A alternativa que mostra uma afirmação correta sobre esses dois segmentos do texto é:
a) As opiniões dos técnicos são superiores às dos especialistas.
b) Técnicos e especialistas se situam em diferentes escalões do Governo.
c) Os técnicos da Receita e os especialistas referem-se às mesmas pessoas.
d) As opiniões emitidas pelos técnicos e pelos especialistas dizem a mesma coisa.
e) Os vocábulos "segundo" e "para", nos segmentos, possuem o mesmo significado.

37. A alternativa em que o vocábulo sublinhado apresenta um substituto **inadequado** é:
a) "**Mesmo** extinta, CPMF rende R$1,7 bilhão ao governo" / conquanto.
b) "Esse valor é suficiente, **por exemplo**, para o governo..." / ou seja.
c) "...ocorre **devido a** ações administrativas..." / em razão de.
d) "**Segundo** técnicos da Receita..." / conforme.
e) "**Para** especialistas..." / na visão dos.

38. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Agente Administrativo Escolar – 2012) "Durante os últimos três anos, o historiador alagoano Nireu Cavalcanti (...) compilou informações a respeito do casamento no Brasil colônia, **período** que se encerra em 1815, **quando** o Brasil é declarado Reino Unido. (...) **Cavalcanti** reuniu um **material** rico em **detalhes**".
Nesse primeiro segmento do texto, o vocábulo que **NÃO** faz referência a qualquer termo anterior é:
a) Cavalcanti;
b) material;
c) detalhes;
d) período;
e) quando.

39. (PUC/PR – FEAES – Administrador – 2012) Leia o seguinte trecho, destacado do texto de Frei Betto, e assinale a alternativa **CORRETA**:
Zilda Arns nos deixa, de herança, o exemplo de que é possível mudar o perfil de uma nação com ações comunitárias, voluntárias, enfim, através da mobilização da sociedade civil. Não a mobilização que isenta o poder público de suas responsabilidades ou procura substituí-lo em suas obrigações. As instituições governamentais mantêm parcerias com a Pastoral da Criança e, esta exige-lhes recursos, participa de comissões e eventos convocados pelo governo, critica-o quando necessário, sem se deixar instrumentalizar por interesses partidários e eleitorais.
a) O pronome "lhes", utilizado em "exige-lhes", faz referência à "Pastoral da Criança".
b) O pronome "o", em "critica-o", faz referência a "recursos".
c) A palavra "nos", em "Zilda Arns nos deixa", é uma preposição.
d) A palavra "pelo", em "eventos convocados pelo governo", é um pronome demonstrativo.
e) A palavra "esta" faz referência à "Pastoral da Criança" e é um pronome demonstrativo.

40. (PUC/PR – DPE – Técnico Administrativo – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"O presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Ophir Cavalcante, pediu mais tempo ao Senado para que a proposta do novo Código Penal seja discutida. Cavalcante

participou de audiência pública, nesta terça-feira, na comissão especial que analisa o texto do anteprojeto do código, formulado por juristas a pedido do presidente da Casa, José Sarney (PMDB-AP)."
– A palavra "Casa" se refere a "Senado"; trata-se de um exemplo de expansão lexical.

"(...) Então, retomando o início: vinha eu de volta do supermercado, com dois saquinhos de compras miúdas, caminhando atento às armadilhas das calçadas, quando vi, no chão, o cenário perturbador: pitangas caídas, maduras, vítimas de algum vento da manhã, muitas delas comidas pela metade, quantidade de caroços limpos de frutinhas já degustadas... Olhei para o alto: afe! Pé carregado, do verde ao roxo. Adiante, outro pé, igual! Ah, o que a chuva e o sol haviam feito em quinze dias... Foi automático: passei as compras de um saquinho do supermercado ao outro e comecei a colheita. Dava-me o prazer de escolher as mais bonitas. Quando ficaram mais difíceis, apanhei uma vassoura velha numa caçamba de demolição ali perto e com ela verguei os galhos mais altos, engordando o saquinho. Geleia rende pouco, e a fartura de matéria-prima me empolgava. Nesse momento, passava de carro um ex-colega de jornal, que me reconheceu e parou. Eu me senti ridículo. Já estava ensaiando explicações, longas talvez, que nos cansariam os dois, quando ele cortou: – Maravilha! Eu sempre quis fazer isso e nunca tive coragem! Desceu do carro e me ajudou.

41. (Funcab – Pref. Aracruz/ES – Administrador – 2012) O pronome ISSO da frase "– Maravilha! Eu sempre quis fazer isso e nunca tive coragem!", no contexto, refere-se a:
a) apanhar uma vassoura;
b) colher pitangas;
c) vergar os galhos mais altos;
d) fazer geleia;
e) engordar saquinhos.

42. (Funcab – Pref. Magé/RJ – Administrador – 2012) A alternativa em que, do ponto de vista semântico, há evidente equívoco na substituição da preposição empregada no texto pela locução prepositiva indicada é:
a) "Sei, PELA própria experiência, o quanto há de honrado e o quanto há de hipocrisia nesse proclamado interesse [...]" /EM RAZÃO DA;
b) "[...] reuniram-se fiéis e sacerdotes de todas as crenças PARA lembrar os meninos mortos [...]" / COM O INTUITO DE;
c) "[...] a pobreza deve ser eliminada no ventre, COM o ligamento de trompas [...]" / POR MEIO DE;
d) "[...] muitas mulheres foram esterilizadas CONTRA a própria vontade." / AO ENCONTRO DE;
e) "Há muitos que vivem DAS crianças abandonadas." / ÀS EXPENSAS DAS.

Gabarito

1. C.	10. C.	19. B.	28. CERTO.	37. B.

2. C.	11. C.	20. A.	29. CERTO.	38. C.
3. A.	12. D.	21. ERRADO.	30. CERTO.	39. E.
4. D.	13. E.	22. B.	31. C.	40. CORRETA.
5. E.	14. C.	23. A.	32. A.	41. B.
6. B.	15. E.	24. A.	33. A.	42. D.
7. C.	16. B.	25. B.	34. A.	
8. A.	17. B.	26. CORRETA.	35. D.	
9. E.	18. B.	27. CORRETA.	36. E.	

Capítulo 36

Domínio do Registro Culto

Definição

Infelizmente, ainda, alguns brasileiros insistem em dizer para outros: "Para de falar assim, cara; você fala muito errado!" Interessante seria se o outro dissesse: "Meu amigo, então seja coerente com o seu pedido!"

Leitor, se você não entendeu a péssima piada, foi devido ao não conhecimento ou à não lembrança de um princípio chamado "uniformidade de tratamento", que trata do uso da mesma forma de tratamento do início ao fim do discurso. Além disso, note que houve o uso de gíria, típico de linguagem coloquial, ou seja, de uma linguagem que não se pauta nas regras gramaticais.

Os brasileiros preconceituosos – do ponto de vista linguístico – acham que todos deveriam usar o "português correto", respeitando todas as prescrições gramaticais (e sem gírias!). O problema é que pessoas assim exigem algo que não conseguem fazer, ou seja, o personagem linguisticamente preconceituoso (para ser coerente com o modo de usar a língua que ele privilegia, a forma culta) deveria ter falado assim: "Para de falar assim, cara; tu falas muito errado!". Aí, sim, ele teria respeitado o princípio da modalidade culta da língua (a uniformidade de tratamento) e sido coerente com o pedido inicial dele. Afinal, se ele começou o discurso usando uma forma de 2ª pessoa (Para – tu), deveria tê-la mantido até o fim de seu discurso.

Vamos combinar assim: ninguém consegue (nem precisa) usar o tempo todo o registro culto da língua. No entanto, em certas situações, como no dia da prova, é importante que você domine as regras gramaticais que vimos ao longo dessa

gramática para acertar uma questão. Por isso o capítulo se chama "Domínio do Registro Culto". Entenda melhor, lendo o que segue...

Conceito de Erro

Não existe **erro** de português! A língua não evolui nem involui, ela está em constante mudança. E todos os falantes da língua de uma nação conseguem se comunicar, pois usam o mesmo código para estabelecer comunicação e interação.

Assim, o **certo** e o **errado** na língua é uma mera convenção, uma arbitrariedade, uma tradição que se baseia na antiga ideia contida nas ultrapassadas gramáticas normativas, as quais ensinavam que o "bem falar" e "bem escrever" seriam ditados a partir do uso da língua por pessoas influentes na sociedade. Por isso, quando alguém diz: "A gente vamos na praia hoje?", vem outro e corrige: "NÓS vamos À praia hoje! Você não conhece concordância e regência, seu burro?!". Esse é só um exemplo de como as pessoas definem o que deve ser feito e o que não dever ser feito na língua portuguesa, como se, em todas as situações de uso da língua, tal uso fosse único e, portanto, obrigatório.

Apesar de esta gramática contemplar a modalidade culta da língua, não estamos cegos às variações (normais) da nossa língua. Assim, citamos Marcos Bagno: "... é preciso sempre lembrar que, do ponto de vista sociocultural, o 'erro' existe, e sua maior ou menor 'gravidade' depende precisamente da distribuição dos falantes dentro da pirâmide das classes sociais, que é também uma pirâmide de variedades linguísticas. Quanto mais baixo estiver um falante na escala social, maior número de 'erros' as camadas mais elevadas atribuirão à sua variedade linguística (e a diversas outras características sociais dele). *O 'erro' linguístico, do ponto de vista sociológico e antropológico, se baseia, portanto, numa avaliação negativa que nada tem de linguística: é uma avaliação estritamente baseada no valor social atribuído ao falante, no seu poder aquisitivo, no seu grau de escolarização, na sua renda mensal, na sua origem geográfica, nos postos de comando que lhe são permitidos ou proibidos, na cor de sua pele, no seu sexo e outros critérios e preconceitos estritamente socioeconômicos e culturais*" (friso meu). Por isso é que, muitas vezes, um mesmo suposto erro é considerado uma "licença poética" quando surge num texto assinado por um autor de renome ou na fala de um membro das classes privilegiadas, mas como um "vício de linguagem", quando se materializa na fala ou na escrita de uma pessoa estigmatizada socialmente.

Em resumo, não insistamos mais no discurso preconceituoso e desagregador de outrora, a saber, que alguém cometeu um **erro de português**, mas sim que, no máximo, alguém cometeu um **desvio da norma culta**, ou **uma transgressão da norma culta**, ou **uma inadequação ao registro culto da língua**. É claro que agora você não vai sair por aí dizendo: "Ih, você viu? Ele não se adequou ao registro culto da língua.". Seria risível, no mínimo. Vale ainda dizer que o falante de uma língua só comete falha se aquilo que foi expresso não estabeleceu vínculo comunicativo. **Linguisticamente, não há certo e errado numa língua.** Há ausência ou presença de comunicação.

Quanto à norma culta, só podemos dizer que, em um discurso, há **inadequação** ou **adequação**, ou seja, seria inadequado falar com um juiz de direito assim: "E aí, maluco, beleza? Será que nós pode falar aí contigo pra gente trocar uma ideia sobre um bagulho da promotoria?", porque o contexto é formal, afinal, fala-se com uma autoridade. Sendo assim, seria preciso haver adequação à norma culta. Infelizmente, algumas bancas, como a Esaf, ainda trabalham com o conceito de "erro" gramatical.

Vamos entender melhor quando o **registro** é **culto** ou **coloquial**.

Registro Culto e Coloquial

A Língua Portuguesa apresenta uma **unidade**, um padrão linguístico que permite a seus usuários a comunicação a partir do mesmo código, ou seja, um falante carioca consegue se comunicar com um falante gaúcho com irrisório esforço, pois ambos usam um **mesmo sistema** de **som, forma, construção frasal, léxico e sentido**. Assim, dizemos que há homogeneidade na língua portuguesa do Brasil.

Para ilustrar a questão da **unidade**, pense no jogo de futebol. Há um campo com dois gols, algumas linhas indicando algumas áreas importantes do espaço em que se joga, onze jogadores de cada lado, que obedecem a algumas regras previstas, com o objetivo primário de fazer a bola entrar no gol adversário etc. Essas características do futebol são **únicas** em qualquer lugar do Brasil (e do mundo). Ou seja, a equipe do Grêmio e a equipe do Flamengo falarão uma **mesma** "língua" no campo de futebol, pois ambas partilham do mesmo conhecimento sobre esse jogo.

Quanto à **diversidade** linguística, continuemos com a ilustração. De um lado, os cariocas; do outro, os gaúchos. As equipes partilham das mesmas regras para que o jogo ocorra (unidade), mas cada time apresenta **características** e habilidades **diferentes** em seu modo de jogar (diversidade)... e o jogo ocorre amistosamente. Assim, fica claro que a **diversidade** existe na **unidade** e a **unidade** não existe **sem diversidade**. Portanto, o padrão é a coexistência **unidade-diversidade**.

Linguisticamente falando, toda língua apresenta um padrão no som das palavras, na forma das palavras, no vocabulário, na construção frasal e no sentido das palavras, compartilhado por um grupo de pessoas que se comunicam sem grandes problemas. Isso é **unidade**! A diversidade tem a ver com o "tempero" da língua. Imagine: cada cidadão brasileiro, por exemplo, fala de um modo peculiar devido a questões puramente particulares, regionais, socioculturais, sexuais, situacionais, etárias, profissionais, familiares etc. Isso é **diversidade**!

Existe um uso padrão, que permite a unidade da língua, e existe a **norma culta**. Estamos, nesta gramática, a destacar a **norma culta**, pois é do conhecimento dela que precisamos para fazer uma boa prova nos moldes ainda normativos. Percebeu o "normativos"? Por isso, estamos nos ocupando mais dessa modalidade da língua neste livro, que tem como público-alvo os alunos "concurseiros" e os professores desses alunos.

Como já dito na *Introdução* deste livro, a **norma culta** é um conjunto de regras gramaticais baseadas no uso formal da língua por pessoas cultas da sociedade. É o domínio da norma culta que nos fará acertar questões na maioria das provas de concursos, que ainda testam seu conhecimento do **registro culto**, isto é, **o modo de usar a língua segundo as regras gramaticais prescritas pelos gramáticos normativos**.

Antes de falar mais profundamente do **registro culto** e do **coloquial**, porém, vamos entender mais a respeito das variações linguísticas.

Variações Linguísticas

Assim como outras, a língua portuguesa no Brasil é extremamente heterogênea. As diferentes manifestações e realizações da língua, as diversas formas que a língua possui, decorrentes de fatores de natureza **histórica, regional, sociocultural ou situacional** constituem o que chamamos de **variações linguísticas**. Essas variações podem ocorrer nas camadas **fonológica, morfológica, sintática, léxica e semântica**;

em certos momentos ocorrem duas ou mais variações ao mesmo tempo em um discurso. Entenda: **a variação linguística é inerente ao discurso dos falantes de qualquer língua, pois a língua é a forma que o homem tem de entender o seu universo interno e externo; portanto, a idade, o sexo, o meio social, o espaço geográfico, tudo isso torna a língua peculiar**. Vejamos melhor:

1) **Variação diacrônica** (histórica): a língua apresenta mudanças dentro da linha do tempo; normalmente isso acontece ao longo de um determinado período de tempo e pode ser identificado quando se comparam dois estágios de uma língua; é interessante dizer que o meior rural ainda conserva uma linguagem com traços antigos; as mudanças mais visíveis se dão no léxico e na semântica, como veremos neste trecho da crônica *Antigamente*, de Carlos Drummond de Andrade:

> *"(...) Acontecia o indivíduo apanhar **constipação**; ficando **perrengue**, mandava o próprio chamar o doutor e, depois, ir à **botica** para **aviar** a receita, de cápsulas ou pílulas fedorentas. Doença nefasta era a **phtysica**, feia era o **gálico**. Antigamente, os sobrados tinham assombrações, os meninos lombrigas, **asthma** os gatos, os homens portavam **ceroulas**, botinas e **capa-de-goma**, a **casimira** tinha de ser superior e mesmo X.P.T.O. London, não havia fotógrafos, mas **retratistas** (...)"*

2) **Variação diatópica** (geográfica, regional, dialetal): a língua apresenta mudanças de região para região; o sotaque (pronúncia típica de uma região) é o principal acusador do lugar onde determinado indivíduo vive, mas a peculiaridade se estende também ao vocabulário, sentido das palavras, estrutura sintática etc.; ilustram bem as músicas *Tremendo Vacilão*, da cantora Perlla e *A Feira de Caruaru*, de Luiz Gonzaga, respectivamente:

> "(...) Na madrugada / Abandonada / E não atende o celular / Tirando onda / Cheio de marra / Achando que eu / Vou perdoar... / Prá mim já chega / Eu tô bolada / Agora quem não quer sou eu / Não te dou bola / Senta e chora / Porque você já me perdeu... / Deu mole prá caramba / É um tremendo vacilão / Tá todo arrependido / Vai comer na minha mão / Pensou que era o cara / Mas não é bem assim / Agora baba, bobo / Vai correr atrás de mim..."

> "A Feira de Caruaru, / Faz gosto a gente vê. / De tudo que há no mundo, / Nela tem pra vendê, / Na feira de Caruaru. (...) Tem loiça, tem ferro véio, / Sorvete de raspa que faz jaú, / Gelada, cardo de cana, / Fruta de paima e mandacaru. / Bunecos de Vitalino, / Que são cunhecidos inté no Sul, / De tudo que há no mundo, / Tem na Feira de Caruaru"

3) **Variação diastrática** (social, sociocultural): a língua apresenta mudanças em camadas sociais diferentes (nível socioeconômico) e grupos sociais diversos (profissionais da mesma área, surfistas, funkeiros, políticos, comediantes etc.); as **gírias** e os **jargões** se destacam entre os grupos sociais ligados a uma profissão ou não; chamamos de **tecnoleto** a linguagem que se vale de termos técnicos compartilhados por um grupo (jargão) que pertence a uma mesma área de conhecimento profissional (o economês, o juridiquês, o cientifiquês etc.); chamamos de **socioleto** a linguagem compartilhada por um grupo com características sociais em comum.

Observe os diálogos de um porteiro com um "doutor"' e de um médico com uma paciente, respectivamente:

<u>O Porteiro e o doutor</u>

– *Bom dia, dotô.*

– *Bom dia.*

– *Seu Jorge, os portero aqui da área tão fazendo uma caxinha pá comemorá o fim do ano com um churraquinho; ó só, os moradores vão poder estar participando, viu?*

– *Bem, Osvaldo, eu até gostaria de participar da comemoração de vocês, mas infelizmente só vou poder ajudar com a caixinha; ajuda?*

– *Claro, dotô! Brigadão!*

– *Disponha.*

O Médico e uma paciente

– *Boa tarde.*

– *Pois não, em que posso ajudar a senhora?*

– *Bem, eu estive aqui semana passada com uma dor nas articulações muito grande.*

– *Dona Kátia, sua prostração me incomoda muito e queremos evitar que sua condição avance para uma anquilose, certo?*

– *Prosta... o quê? Anqui... o quê?*

– *Fica calma, vou explicar e depois receito um remédio, ok?*

4) **Variação diafásica** (situacional, expressiva): a língua apresenta mudanças em função do contexto, das circunstâncias, da situação comunicativa; um falante varia o uso da língua se está em um ambiente familiar, profissional, formal, informal, etc., considerando o grau de intimidade, o tipo de assunto tratado e quem são os receptores; basicamente é possível identificar dois limites extremos de estilo: o *informal*, quando há um mínimo de reflexão do indivíduo sobre as normas linguísticas, utilizado nas conversações imediatas do cotidiano; e o *formal*, em que o grau de reflexão é máximo, utilizado em conversações que não são do dia a dia e cujo conteúdo é mais elaborado e complexo; não se deve confundir o estilo formal e informal com <u>língua escrita</u> e <u>falada</u>, pois os dois estilos ocorrem em ambas as formas de comunicação; importante é dizer que existe uma maneira própria de cada falante usar a língua (*idioleto*): o uso preferencial de determinadas palavras ou construções frásicas, o valor semântico dado a um ou outro termo etc.; veremos alguns exemplos desse tipo de variação em um diálogo entre pais e filha, entre amigos jovens em um bar e entre um empregador e um candidato ao emprego:

<u>Pais e filha</u>

– *Papai, o que é sexo?*

– *Que isso, menina?! Que história é essa?*

– *Ah, papai, uma coleguinha minha me falou que a mamãe dela faz isso com...*

– *Quem é essa menina, filha?!*

– *É a Julinha.*

– *Michele, vem aqui.*

– *Que foi, Pedro?*

– *Mamãe, por que o papai ficou nervoso com o sexo? É ruim?*

– *Que isso, menina?! Que história é essa?*

– *Michele, ela quer saber o que é sexo, é isso.*

– *Ah, amorzinho, vem aqui pra eu te explicar. Não é nada, não. Sai daqui, Pedro! Bem, filha, é o seguinte: não tem quando o papai e a mamãe se beijam e se abraçam?*

– *Ãrrã.*

– *Então, isso é sexo. É beijo e abraço entre o papai e a mamãe.*

– Ah... entendi. Posso te dar um beijo e um abraço então, né?
– Não!... Quer dizer... Claro, filhota! Vem cá.

Amigos jovens em um bar
– Fala aí, parceiro!
– E aí, muleque! Beleza?
– Pô, tranquilão.
– E aí, vamo jogá aquela sinuquinha?
– Junto com aquela gelada.
– Já é.

Empregador e candidato a emprego
– Bem, senhor Mário, por que devemos contratar o senhor para a vaga de inspetor dessa escola?

– Senhor Roberto, com o devido respeito ao senhor e a sua instituição, seria uma honra trabalhar aqui, uma vez que as referências que tenho dessa escola são ótimas. Agora, quanto a por que me contratar, só posso lhe dizer a verdade: eu sou uma pessoa comprometida com o que faço, sou perfeccionista e responsável com meu horário, além de gostar muito de me relacionar com o público infanto-juvenil. Enfim, acho que o trabalho pode ser meu porque eu creio que tenho um bom perfil.

– Ok, senhor Mário, iremos entrar em contato depois, mas desde já, agradeço sua apresentação.

Registros Linguísticos: Língua Falada e Língua Escrita

Em linguística, **registro** designa a variedade da língua, **falada** ou **escrita**, definida de acordo com o seu uso em situações sociais. Assim, esse termo designa os diversos estilos que um falante pode usar de acordo com a situação comunicativa em que participa. Numa conversa informal num café com os amigos, por exemplo, utilizará um registro diferente do que utiliza em família, com a avó. Já um texto escrito formal dirigido a um professor com o propósito de pedir licença da prova por causa de um falecimento de alguém da família será diferente de uma carta dirigida a um presidente. E por aí vai...

Tanto a **língua falada** quanto a **língua escrita** apresentam graus de reflexão para a produção do discurso. Cada uma das variedades linguísticas pode-se

apresentar na modalidade escrita ou falada. Não se pode fazer uma distinção total entre língua falada e língua escrita como se esta fosse mais pautada nas regras da norma culta e por isso menos espontânea, e aquela menos apegada às regras da norma culta e mais espontânea, pois o uso de uma ou outra modalidade depende da situação comunicativa.

Vale dizer que **língua falada** não é sempre sinônimo de **conversação**, pois nem sempre a fala é usada nas práticas diárias informais de um cidadão com outro; às vezes, usa-se a fala em um seminário, por exemplo, no qual não há conversação e o ambiente é formal. O fato é que algumas características da conversação ainda assim aparecem na oralidade, como desvios da norma culta, pausas de pensamento, ênfases etc.

A princípio, a escrita é tomada como uma representação da fala, mas não podemos negar que a **língua escrita**, por ser menos usada em comparação à falada e normalmente usada em um contexto formal, reflete, com maior regularidade, a norma culta.

A análise das duas modalidades de uso da língua é importante! Para sistematizar as marcas da oralidade e as marcas da escrita, vejamos algumas diferenças (é claro que algumas características da língua falada podem figurar na língua escrita e vice-versa):

Língua Falada

- normalmente não há planejamento do discurso, por isso é mais espontânea;
- normalmente há um contrato de comunicação entre o locutor e o interlocutor, em que o contexto, a situação comunicativa formam o discurso entre os interlocutores;
- normalmente há pausas para a seleção do vocabulário;
- normalmente ocorre contração e truncamento entre palavras (Ex.: *para o* > *pro*);
- normalmente ocorre entoação enfática, alongamento de vogal ou consoante, silabação etc.;
- normalmente ocorre quebra de sequência temática;
- normalmente as construções frasais são menos extensas;
- normalmente ocorre repetição de termos;
- normalmente se usam muitas expressões idiomáticas ou clichês;

- normalmente ocorrem muitos marcadores discursivos, como *tá?, né?, viu?, certo?, entendeu?, beleza?, e aí?, pô!, bem, então, pois é, olha, tipo (assim), aí, ah..., eh... ahn..., escuta, vem cá, ok, etc. e tal, tal e coisa, exato..., sei..., seguinte...* etc.;
- normalmente ocorre a monotongação de ditongos (*caixa* > *caxa, peixe* > *pexe, negócio* > *negoço...*);
- normalmente ocorrem muitos anacolutos;
- normalmente há um uso maior de frases interrogativas e exclamativas;
- normalmente os verbos se encontram na voz ativa;
- normalmente se usa próclise durante todo o discurso;
- normalmente ocorre redução e variação em algumas conjugações (Ex.: *está* > *tá*; *Quando eu vir você...* > *Quando eu* ***ver*** *você...*);
- normalmente algumas regras rígidas de concordância e regência são ignoradas;
- normalmente se usa o pronome reto na posição de objeto;
- normalmente se usa o verbo *ter* no lugar do *haver*, com sentido de existir;
- normalmente não se usa a forma de 2ª pessoa do imperativo, usa-se a forma de 3ª pessoa do presente do indicativo (*traze* > *traz*).

Língua Escrita

- normalmente há planejamento do discurso, por isso é menos espontânea e mais precisa;
- normalmente há maior seleção vocabular;
- normalmente se evitam transgressões gramaticais de todo tipo, pois é possível "corrigir" conforme a norma culta o que se escreve;
- normalmente tem fins utilitários, como contratos, correspondências comerciais, linguagem jornalística, escrituras, ofícios, requerimentos, atas etc.;
- normalmente na literatura com finalidade artística há um uso frequente de recursos expressivos;
- é a modalidade para a criação da língua artificial, a das novelas, telejornais, seminários, teatros, etc.;
- normalmente a maioria das características da língua falada não aparecem com frequência na língua escrita.

Obs.: É importante frisar que a língua falada não é sinônimo de coloquialismo nem a língua escrita é sinônimo de erudição.

Normalmente o **registro culto** está associado à **língua escrita**, portanto as características alistadas em "Língua Escrita" são próprias do registro culto. No entanto, saiba que há mais alguns detalhes importantes para a resolução de questões que tratam do registro culto. Tais questões exploram normalmente seu conhecimento relativo a **acentuação, ortografia, emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos principalmente), pontuação, concordância, regência e crase**. Por isso, cuidado!

Conheça alguns "erros" comuns:

Acentuação

– ***Tem*** *legislação de combate à homofobia, de acordo com a Pesquisa de Informações Básicas Municipais, dos municípios brasileiros, cerca de 2%.*

Os verbos *vir* e *ter*, na 3ª pessoa do plural, recebem acento circunflexo diferencial, logo a forma culta é esta, pois o núcleo do seu sujeito está na 3ª pessoa do plural (2%).

– ***Têm*** *legislação de combate à homofobia, de acordo com a Pesquisa de Informações Básicas Municipais, dos municípios brasileiros, cerca de 2%.*

Ortografia

– *José Vicente, reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares, revela em entrevista* ***porque*** *ainda há resistência às cotas.*

Usa-se *porque* quando equivale a "pois", o que não é o caso. Logo, a forma culta é esta, pois a expressão equivale a "por qual razão":

– *José Vicente, reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares, revela em entrevista* ***por que*** *ainda há resistência às cotas.*

Emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos, principalmente)

– *Se ninguém me criticar, atacar ou* ***fazer*** *qualquer tipo de denúncia, serei-****lhe*** *imensamente grato.*

O verbo *fazer*, como está no futuro do subjuntivo, deveria vir empregado diferentemente. Quanto ao emprego do pronome *lhe*, também se deve fazer uma adequação ao registro culto da língua, a saber:

– *Se ninguém me criticar, atacar ou* ***fizer*** *qualquer tipo de denúncia, ser-****lhe****-ei imensamente grato.*

Pontuação

– *As cinco maiores e mais lucrativas filiais da marca campeã de venda de franquias do Rio de Janeiro, foram novamente premiadas.*

Não se usa vírgula, de acordo com a norma culta, entre o sujeito e o seu verbo. Logo, para haver adaptação ao registro culto da língua, é preciso retirá-la:

– *As cinco maiores e mais lucrativas filiais da marca campeã de venda de franquias do Rio de Janeiro foram novamente premiadas.*

Concordância

– ***Devem haver*** *pelo menos 128 milhões de hectares de áreas aptas para a agricultura, sem desmatamento, localizadas especialmente no Cerrado, na Pré-Amazônia e na Mata Atlântica. Por isso, é preciso deixar* ***claro*** *toda e qualquer proposta de exploração.*

O verbo *haver*, com sentido de existir, é impessoal, por isso fica obrigatoriamente na 3ª pessoa do singular. Como, no caso, faz parte de uma locução verbal, o verbo auxiliar irá ficar igualmente no singular. Além disso, o adjetivo deve concordar em gênero e número com o substantivo a que se refere. Logo, de acordo com o registro formal da língua, é preciso haver esta adequação:

– ***Deve haver*** *pelo menos 128 milhões de hectares de áreas aptas para a agricultura, sem desmatamento, localizadas especialmente no Cerrado, na Pré-Amazônia e na Mata Atlântica. Por isso, é preciso deixar* ***clara*** *toda e qualquer proposta de exploração.*

Regência

– *É certo que* ***as pessoas podem custar*** *a entender certas manobras políticas visando ao bem-estar social, no entanto muitas delas são simplesmente necessárias.*

O verbo custar, com o sentido de "ser custoso, ser difícil", é transitivo indireto e tem como sujeito uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo (*entender certas manobras políticas visando ao bem-estar social)*, logo é preciso haver esta adequação à norma culta:

– *É certo que* ***pode custar às pessoas*** *a entender certas manobras políticas visando ao bem-estar social, no entanto muitas delas são simplesmente necessárias.*

Obs.: A preposição *a* antes de *entender* é expletiva.

Crase

– *Em uma carta escrita pela atleta, divulgada em outubro de 2012, ela diz que perdoa* ***a*** *prima por denúncia.*

O verbo perdoar exige a preposição *a* antes de complemento (pessoa). Tal preposição se contrai com o artigo feminino *a* antes de *prima* (pessoa), gerando a crase. Logo, é preciso, segundo a correção gramatical, reescrever o texto assim:

– *Em uma carta escrita pela atleta, divulgada em outubro de 2012, ela diz que perdoa* ***à*** *prima por denúncia.*

Cuidado!!!

Resumindo o conceito de **certo** e **errado** (para as provas que testam seu conhecimento de norma culta!):

Certo: é todo uso da língua que segue as normas da língua-padrão/culta.

Errado: é todo uso da língua que não segue as normas impostas pela gramática.

Veja estes dois textos e suas correções para ilustrar as questões que você irá encontrar pela frente (retirados da Lição 26, do livro *Para Entender o Texto – Leitura e Redação*, de José Luiz Fiorin e Francisco Platão Savioli):

Sem correção:

Embora o clima fosse de grande tenção, os operários não hezitaram em apresentar suas reinvindicações, alegando que, com excessão de uns poucos previlegiados, todos vinham recebendo o pagamento com vários dias de atrazo.

Com correção:

Embora o clima fosse de grande tensão, os operários não hesitaram em apresentar suas reivindicações, alegando que, com exceção de uns poucos privilegiados, todos vinham recebendo o pagamento com vários dias de atraso.

Sem correção:

Prezados senhores, prazerosamente remetemos à Vossas Senhorias os resultados de vossas aplicações em nosso Fundo de Investimentos. Cumprem-nos ainda informá-los que, já a uma semana, está à vossa disposição as bonificações referentes as ações do Banco Industrial.

Com correção:

Prezados senhores, prazerosamente remetemos a Vossas Senhorias os resultados de suas aplicações em nosso Fundo de Investimentos. Cumpre-nos ainda informá-los de que, já há uma semana, estão à sua disposição as bonificações referentes às ações do Banco Industrial.

O Que Cai Mais na Prova?

As principais bancas são a Fundação Dom Cintra, a FCC, a Esaf e o Cespe/UnB. A primeira trata diretamente de língua coloquial e culta. As outras exigem de você um bom conhecimento de **acentuação, ortografia, emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos principalmente), pontuação, concordância, regência e crase**, pois trabalham questões com enunciados exigindo domínio das regras gramaticais associadas à correção de um texto! Os editais costumam chamar de "Aferição quanto ao domínio do registro culto da língua" ou "Redação (confronto e reconhecimento de frases corretas e incorretas)". Faça as questões com olho clínico!

Questões de Concursos

Particularmente... cá entre nós... eu me *amarro* em questões desse tipo, pois elas são o termômetro de quem está realmente preparado em gramática! Por isso mesmo, estas são as questões que mais eliminam candidatos. Mas *relax!*... venha comigo... na humildade.

1. (CEPERJ – Pref. Angra dos Reis/RJ – Professor (Língua Portuguesa) – 2008) "Minha terra tem palmeiras" – o verbo ter foi usado segundo o registro coloquial na frase:

a) O poeta tem saudades da sua terra.
b) Tem coisas que não se explicam: a dor do exílio é uma delas.
c) Muitos não têm idéia do que foi o exílio para o poeta.
d) De poeta e louco, todos temos um pouco.
e) O Brasil tem natureza exuberante e povo generoso.

2. (FCC – TRF (1ª R) – Técnico Judiciário – 2011) É clara e correta a seguinte redação:

a) Na seção em que passou a trabalhar, o cenário de intrigas e favorecimentos vários, que o incomoda e quase o enlouquece, pois lhe parecem infernal.
b) Ela sempre duvidou que o marido compusesse uma canção de tal fascínio, mas ele o fez exatamente para surpreender a esposa, à qual muito devia de sua trajetória artística.
c) É o relato de um passeio que o pretenso advinho fez com dois amigos, o qual, no momento em que passavam por uma ponte, o céu cobriu-se de nuvens negras.
d) Não há dúvidas de que têm-se um avanço tecnológico e científico nessa área, mas os professores e alunos até chegam a temer esse mundo que os cercam.
e) São muitas as entidades que militam nesse âmbito para qual prestei assessoria, mas não tenho a presunção de ter conquistado algum prestígio em alguma delas.

3. (FDC – CREMERJ – Agente Administrativo – 2011) O texto é predominantemente expresso em língua culta, mas, em algumas passagens, aparece uma marca de linguagem coloquial. A alternativa em que uma dessas passagens aparece é:

a) "Não arrisque sua saúde!"
b) "Ouça um profissional antes de engolir qualquer remédio ou até mesmo um suplemento."
c) "Outras têm o poder de anular ou potencializar os efeitos de medicamentos associados a elas."
d) "Só eles conhecem as peculiaridades de cada substância e são capazes de prescrevê-las, garantindo a sua segurança."
e) "No último caso, sintomas como sonolência, tontura, enjoo e falta de concentração podem perturbar o sujeito e até desencadear quadros mais graves."

4. (FDC – CREMERJ – Agente Administrativo – 2011) Como se trata de um texto relacionado à área médica, é justo que apareçam expressões que fazem parte do jargão (linguagem específica) dos médicos. A frase do texto em que NÃO ocorre qualquer vocábulo ou expressão desse tipo é:

a) "Diante de uma dor de cabeça alucinante ou de uma queimação no estômago..."
b) "A probabilidade de o micro-organismo envolvido na história..."

c) "No último caso, sintomas como sonolência, tontura, enjoo..."
d) "...e até desencadear quadros mais graves."
e) "...e são capazes de prescrevê-las."

5. (FDC – Pref. de Itaboraí/RJ – Analista de Sistemas – 2012) Na frase "E, como nas festas caipiras, há torcedores que incentivam os candidatos..." há uma comparação estruturada com o conectivo *como*. O conectivo que, na forma coloquial popular, poderia substituí-lo é:

a) tal qual;
b) que nem;
c) assim como;
d) da mesma forma que;
e) do mesmo modo que.

6. "Mas sei do que se trata". A frase que NÃO segue regras de norma culta é:

a) Mas sei sobre que discute.
b) Mas sei a quem obedece.
c) Mas sei a que respondeu.
d) Mas sei aonde se dirige.
e) Mas sei do que lembra.

7. (FDC – Pref. de Itaboraí/RJ – Técnico de Informática (Itaprevi) – 2012) Exemplificam a linguagem coloquial as duas frases do texto na seguinte alternativa:

a) "O mundo existe há mais de 4 bilhões de anos...". / "Quando os dinos caminhavam sobre a Terra, por exemplo, era muito mais quente...".
b) "Quando os dinos caminhavam sobre a Terra, por exemplo, era muito mais quente...". / "Puxa, se tudo muda e se vai continuar mudando...".
c) "...mas também muitas espécies que dividem a Terra com a gente" / "As principais feridas causadas na Terra são três".
d) "Puxa, se tudo muda e se vai continuar mudando..." / "... mas também muitas espécies que dividem a Terra com a gente".
e) "As principais feridas causadas na Terra são três". / "O mundo existe há mais de 4 bilhões de anos...".

8. (FAB – AFA – Oficial – 2012) Encontram-se exemplos de emprego de linguagem coloquial nos seguintes trechos do texto, EXCETO:

a) "Fala-se muito, mesmo com a bola rolando."
b) "... para saber quem grita gol mais alto e prolongado ..."
c) "... ninguém é louco para fazer pênalti nem tão canalha para querer quebrar o outro jogador."
d) "... o jogador, no impulso, sem pensar, soltar o braço na cara do outro."

9. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) A frase redigida corretamente é:

a) No caso de elas virem até nós, teremos a oportunidade de esclarecer por que os documentos ainda não foram liberados, e também reiterar que o diretor os mantém devidamente resguardados.

b) Quanto aos fabricantes, se se contraporem à decisão do juiz, terão de apresentar provas convincentes, que, segundo eles mesmos, não é garantia de sortir efeito em nova deliberação.

c) Esclareço hoje, a uma semana da audiência de conciliação, que um acordo só será aceito por meu cliente se lhe convir não só o montante da indenização, mas também a forma de pagamento.

d) Quando entrevisto candidatos, sempre os argúo acerca de sua descrição quanto a assuntos profissionais, pois esse é um dos quesitos avaliados no processo de ascenção na empresa.

e) Ele incendia todas as reuniões com essa mania de projetos mirabolantes, a ponto de sempre alguém freiar sua participação em comissões de eventos.

10. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) A frase redigida de forma clara e correta é:

a) Funcionários sem acesso à sala das telefonistas confirmaram que deviam ter havido mais de dez chamadas para, segundo se apurou posteriormente, denunciar o falsário, e ninguém atendendo, perdeu-se a oportunidade de prendê-lo aonde estava.

b) Existem, sim, grandes possibilidades de essa reutilização de tecidos com defeitos dar certo, entretanto é necessário que haja algumas reuniões, sejam quem forem os consultores, para definirem-se as linhas gerais do negócio.

c) Talvez alguns não deem importância ao relato do chefe dos pedreiros sobre o incidente com a cal, mas o fato é que, minimizá-lo, será abrir a possibilidade de o desempenho de todos eles decaírem intensa e irreversivelmente.

d) Senhor Ministro, é realmente confiável, segundo fontes fidedignas, os números que indicam quão séria é a questão que está sob sua responsabilidade enfrentar antes que se torne definitivamente insolúvel.

e) Visto a oportunidade imperdível de rever as normas não mais aplicáveis àquele específico grupo de infratores, os legisladores não convenceram-se da necessidade de ver postergado, no último momento, as datas das primeiras reuniões setoriais.

11. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) É frase clara e correta a apresentada na seguinte alternativa:

a) Nessa época do ano, as enchentes, e mais do que previsíveis, como todos o sabem, transformam a cidade uma paisagem horrenda.

b) A atividade docente por si só já exerce uma função de liderança nata, e isso é que às vezes a sociedade teme, pois nem todos os mestres primam por ética.

c) Com a anuência do interessado, revisei o texto e assinalei os pontos que, a meu ver, são os mais sensíveis da questão, e que efetivamente não lhe estariam a favor no caso de querer levar a juízo esse já antigo litígio.

d) Em detrimento do fenômeno de chuvas intensas, podemos destacar a significativa e essencial parceria entre distintos poderes – o municipal e o estadual – como avanço importante na área de prevensão de tragédias.

e) Minha expressão de compromisso para com meus pares e o órgão a que passarei a pertencer há de ser demonstrado a cada passo de minha atuação, pela qual sempre zelarei, como venho demonstrando por anos consecutivos.

12. (FCC – TJ/PE – Técnico Judiciário – 2012) A frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) A mãe sempre intervia nas discussões, mas os mal-entendidos entre o pai e o filho eram tão frequentes e tão excessivos, que um e outro já não dominavam a sua própria agressividade.

b) Com aquele jeito bonachão, a cada passo da viagem recaptulava a esplêndida experiência que tivera anteriormente, a ponto dos colegas pedirem que dispensasse as descrições.

c) Nesse processo de conscientização, são importantes o reconhecimento e respeito às diferenças, e como ele não as exercita só obstrói o crescimento do grupo.

d) Se muitas perdas advissem daquela decisão, ele as lamentaria, mas sem imputá-las jamais aos que denominava "guardiães da boa conduta alheia".

e) Ao término do prazo de exceção, em que os processos não tiveram andamento, requereu nova acareação, com vistas a questionar o réu sobre as incongruências da anterior.

13. A frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) O projeto reformulado por implicar atitude descriminatória no tocante a raças foi sancionado pelo presidente, o que o fez ser saudado com grande entusiasmo.

b) A assessoria negou que o dirigente obtem informações por meios considerados expúrios, mas se propôs a discutir a questão perante uma comissão técnica.

c) Propuseram que todas as sexta-feiras, impreterivelmente ao mesmo horário, o grupo faça uma apresentação detalhando o avanço semanal da pesquisa.

d) Havendo crido nos seus sócios, manifestou seu lado mais ingênuo, o que faz que o advogado do jovem crédulo alimente a pretensão de pugnar por sua inocência.

e) São problemas, evidentemente, de ordem institucionais, que devem ser evitados sob pena de a barbárie vir a se instalar irreprimível na organização.

14. (FCC – TRT/AM (11R) – Analista Judiciário – 2012) Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o texto:

a) Apesar de se ombrearem com outras artes plásticas, a fotografia nos faz desfrutar e viver experiências de natureza igualmente temporal.

b) Na superfície espacial de uma fotografia, nem se imagine os tempos a que suscitarão essa imagem aparentemente congelada...

c) Conquanto seja o registro de um determinado espaço, uma foto leva-nos a viver profundas experiências de caráter temporal.

d) Tal como ocorrem nos espelhos da Alice, as experiências físicas de uma fotografia podem se inocular em planos temporais.

e) Nenhuma imagem fotográfica é congelada suficientemente para abrir mão de implicâncias semânticas no plano temporal.

15. É preciso reelaborar, para sanar falha estrutural, a redação da seguinte frase:

a) O autor do texto chama a atenção para o fato de que o desejo de promover a igualdade corre o risco de obter um efeito contrário.

b) Embora haja quem aposte no critério único de julgamento, para se promover a igualdade, visto que desconsideram o risco do contrário.

c) Quem vê como justa a aplicação de um mesmo critério para julgar casos diferentes não crê que isso reafirme uma situação de injustiça.

d) Muitas vezes é preciso corrigir certas distorções aplicando-se medidas que, à primeira vista, parecem em si mesmas distorcidas.
e) Em nossa época, há desequilíbrios sociais tão graves que tornam necessários os desequilíbrios compensatórios de uma ação corretiva.

16. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) Considerado o padrão culto escrito, a frase que NÃO exige correção é:

a) No memorial do professor está registrado que ingressou para a universidade em idade inferior à determinada pela lei.
b) O fato que o acusado se recusa a dar detalhes é o que mais pesará na decisão dos jurados.
c) O movimento que me filiei nos anos 70 foi grandemente responsável pela renovação da pintura no Brasil.
d) Esta é, enfim, a parca remuneração da qual arco totalmente com as despesas da casa.
e) Os valores por que tantos lutaram e morreram não serão jamais esquecidos, pois nossa geração se dedicará a relembrá-los a cada passo.

17. A frase construída em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Qualquer que sejam os motivos alegados pela comissão para justificar o atraso, lhe devem ser repassadas as anotações acerca dos itens em que houve perda do prazo de entrega anteriormente acordado.
b) Demos a eles a notícia que mais almejam e passeamos nosso olhar sobre seus semblantes: o que veremos surpreenderá, pois será muito mais do que alguém possa supor.
c) O empreiteiro jura que reconstróe a laje danificada em poucos dias, mas existe, na avaliação do engenheiro e do arquiteto, sérias dúvidas quanto à possibilidade de isso ser possível.
d) Pelo que tudo indica, os responsáveis pela empresa hão de questionar a advertência que lhes foi feita pelo setor de cobranças, que, durante dias, os procurou para tratar do assunto em pendência.
e) Registram-se em livros de história que aqueles artesãos eram bastante hábeis com as ferramentas que eles mesmo produziam, o que lhes garantiu a fama de burilar com criatividade qualquer tipo de material.

18. A frase que respeita o padrão culto escrito é:

a) Tudo que fizeram afim de angariar a simpatia do diretor pela proposta não deu bons frutos, por isso não lhes restaram, conforme estavam todos de acordo, outra idéia a não ser agregar valor ao projeto inicial.
b) Os jornalistas não creem que existam documentos espúrios em meio àqueles já examinados, e isso por que já haviam feito cuidadosa checagem, todavia, a transparência impondo, voltarão a tarefa de imediato.
c) A questão ficou cada vez mais descaracterizada quando, logo depois da visita o antropólogo defendeu que aquelas dificuldades não se restringiam para as nações indígenas daquela região, sendo mais universal.
d) A manutenção e apoio ao grupo de escoteiros dependem dele aceitar a contrapartida dos empresários, que não é, aliás, nada abuso, visto que eles executam as tarefas solicitadas cotidianamente, sem desgaste exaustivo.

e) Não obstante a grande aprovação recebida pelos candidatos da legenda, não se ignora que, se não revirem suas plataformas, cujas bases têm fragilidades que só há pouco os analistas expuseram, sairão lesados em futuro bem próximo.

19. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I – 2012) Considerado o padrão culto escrito, a alternativa que apresenta frase correta é:

a) Depois de muita hesitação, convim com as condições da compra e assinei um documento, cuja linguagem é bastante técnica, declarando irrevogáveis as cláusulas do contrato.

b) Por mais que queiramos negar envolvimento dos menores no distúrbio, podem haver fatos que desconheçamos, por isso acataremos as orientações que advenham do episódio.

c) Pelo que dissestes sobre a incrustação das joias, mereces parabéns, e também pela competência, pois, sem tê-las sequer mostrado à interessada, a tornou uma feliz compradora.

d) A especialista à qual se deve as pesquisas educacionais diz que cada uma das escolas que se proporam a fornecer dados declararam o motivo particular que as pôs em movimento.

e) As terras de que essa espécie de vinho provêm são as do tipo mais recomendáveis para a cultura da videira, motivo pelo qual são tão valorizadas e desejadas por viticultores.

20. A frase que se apresenta redigida de forma clara e correta é:

a) Não quero e não devo contar qual foi a confusão em que me meti, nem porque idas e vindas acabei percebendo o real perigo que corria.

b) Todos estando bastante, ou excessivamente, contrariados, nesse diapasão nada se podia fazer para acalmar o representante dos funcionários, cujo apoio sustentaria o evento.

c) O debate seguia acalorado entre o jornalista e o entrevistado, sendo por essa razão o convite feito a um mediador, pois de sua presença dependia o impasse.

d) Pior do que hostilizá-los é fazer os trabalhadores acreditarem que qualquer outro modo de reconhecimento pelo seu esforço, que não seja a justa remuneração, é tão honesto quanto ela.

e) O indivíduo contribui com a cidadania, quando se posiciona a favor dos direitos, porém corrompe com a ética, se fizer contra os preceitos morais.

21. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial da Folha de S. Paulo de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente correta.

a) Houveram muitas mudanças nas condições externas e internas da economia, que contribuíram para a estagnação da indústria brasileira. Do lado externo, os altos preços das matérias-primas exportadas pelo Brasil encorpam a entrada de divisas e valoriza o real.

b) Internamente, a renda do trabalho ampliada por políticas salariais e previdenciárias generosas, estimula o consumo e o setor de serviços. O resultado seria a especialização da economia nos setores primário e terciário, cuja forte geração de emprego, em troca de menor competitividade industrial.

c) A perda de mercado para importações, por sua vez, não seriam um problema, já que boa parte delas seria compras de bens de capital para investimento e modernização do parque industrial.

d) Não se deve considerar que exportações de poucos produtos primários sejam confiáveis, pois uma inversão de preços traria problemas às contas externas. No que se refere às importações de bens de capital, é fato que o uso de equipamentos importados melhora a produtividade, mas a perda da base de conhecimento é uma ameaça para o futuro do país.

e) É temerário considerar que, um país de renda média e com baixa escolaridade, como o Brasil possa manter tal padrão de crescimento. Serviços que geram renda, hoje, são atividades complexas como *design* industrial e *marketing*, de alto conteúdo intelectual.

22. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial do Valor Econômico de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente incorreta.

a) Parece cada vez mais claro que a tendência de valorização do real vai durar um bom tempo. Há demanda futura garantida para as *commodities* que o país exporta e enormes possibilidades de novos negócios.

b) Toda a estrutura de defesa comercial deveria ser aperfeiçoada e acelerada para barrar a concorrência desleal. Os instrumentos disponíveis para isso não têm sido usados intensamente como seria necessário. Resta, porém, a competitividade.

c) A bonança encontrou o país com uma carga de impostos maior do que a de competidores emergentes do mesmo porte, gargalos enormes na infraestrutura e, ainda por cima, uma taxa de juros astronômica – a conhecida conspiração de custos contra as empresas nacionais.

d) A valorização agravou problemas crônicos, em detrimento da indústria. A licença para se proteger que o Brasil pede agora já existe de alguma forma e ela deveria se voltar prioritariamente contra a China, cuja mágica de formação dos preços dos bens exportados é poderosa.

e) O investimento externo direto mudou de patamar. Até o ano passado eles cobriam praticamente o *deficit* em conta-corrente, ao que limitava o efeito, para explicação da valorização da moeda, de *tsunamis* monetários e capitais especulativos.

23. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial de O Globo de 20/3/2012. Assinale a opção que respeita as exigências gramaticais da norma culta na sua transcrição.

a) Em geral, quando a economia está em trajetória de crescimento, multiplicam-se as condições para os ganhos de produtividade, pela facilidade de se concretizarem investimentos. Mas não é algo que caia do céu. Sem esforço e determinação, a produtividade não avança.

b) Mas há também os fatores que não dependem diretamente dos agentes econômicos, como o ambiente institucional para a realização de negócios, a infraestrutura de uso comum, as prioridades e a execução da política econômica, o que se refletem no crédito e na carga tributária.

c) São vários os fatores que contribuem para os saltos de produtividade. Alguns relacionados do processo produtivo, como à inovação, a melhoria da gestão dos recursos disponíveis, a atualização tecnológica, a motivação dos que produzem, a utilização dos insumos (bens e serviços) mais adequados para se chegarem ao resultado final.

d) Com uma taxa de investimento relativamente baixa cuja proporção do Produto Interno Bruto (PIB), pouco acima dos 19%, o Brasil conseguiu avançar socialmente sem um crescimento econômico tão forte.

e) A estabilidade monetária abriu caminhos para ganhos de produtividade que tornou factíveis tais avanços, mas é preciso definir prioridades claras nos gastos públicos.

24. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial de O Estado de S. Paulo de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente incorreta.

a) Estão na lista, entre outros, projetos relativos a novas regras para licitações, a normas de licenciamento ambiental, à redução da jornada de trabalho, ao fim da contribuição adicional de 10% em caso de demissão injustificada, à regulamentação dos contratos de terceirização e à condição das agências reguladoras.

b) Para os países da Europa em situação mais complicada, a superação dos problemas dependerá de ganhos consideráveis de produtividade e de reformas, em alguns casos dolorosas, para desemperrar a economia. O desarranjo financeiro e fiscal foi apenas uma das consequências de um desajuste mais amplo.

c) Para a Confederação Nacional da Indústria – CNI há alguns temas de maior importância para consideração dos parlamentares. Essa pauta mínima inclui dezesseis projetos em tramitação no Congresso, selecionados por seu elevado potencial de impacto positivo ou negativo na atividade empresarial.

d) Não se deve contemplar o Brasil como uma ilha de tranquilidade, de estabilidade, de equilíbrio, no meio da infindável crise internacional. A experiência europeia mostra os elevados custos de se adiarem constantemente o enfrentamento dos problemas de competitividade.

e) Alguns projetos tratam de questões tributárias. O documento da CNI aponta alguns que, se aprovados, resultarão em maior tributação da atividade produtiva, agravando uma das mais importantes desvantagens competitivas da indústria brasileira, e outros que trarão benefícios. Nenhum deles, no entanto, tem a amplitude necessária a uma reforma efetiva do sistema de impostos e contribuições.

25. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial de O Estado de São Paulo de 24/3/2012. Assinale a opção que foi transcrita de forma gramaticalmente correta.

a) Por tornar mais acentuada a perda de competitividade da indústria brasileira, a valorização do real em relação ao dólar vêm despertando reações cada vez mais ácidas de dirigentes empresariais, mas está muito longe de ser o único, ou o principal, problema que prejudica o desempenho do setor manufatureiro.

b) Questões estruturais e modelos de gestão empresarial inadequados tem sobre a atividade industrial efeitos negativos muito mais profundos e duradouros e, por isso, mais nocivos do que a taxa de câmbio.

c) Sem eliminar essas deficiências, o Brasil terá cada vez menos condições de competir com outros países, até mesmo com os vizinhos sul-americanos. É preciso considerar que a valorização do real também fez o custo da mão de obra na indústria aumentar.

d) Mesmo, porém, que a questão cambial venha a ser superada, a qualidade da atividade industrial continuará prejudicada por deficiências históricas, e por isso muito conhecidas,

mas que tem sido toleradas por governantes, empresários, trabalhadores e pela sociedade.

e) Pesquisas e estudos recentes não deixam dúvidas quanto aos impactos do câmbio valorizado sobre a produtividade da indústria brasileira quando comparadas com a de outros países.

26. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Assinale o trecho em que a transcrição do texto adaptado de Rodolfo Hoffmann, Distribuição de renda e crescimento econômico (http://www.scielo.br/scielo.php) desrespeita as regras gramaticais no uso das estruturas linguísticas.

a) Embora haja consenso (pelo menos aparente) sobre a necessidade de diminuir a desigualdade, toda medida específica gera polêmica. Muitas pesquisas mostram uma associação da desigualdade da distribuição da renda no Brasil com o nível e a distribuição da escolaridade. O aumento acelerado da escolaridade é uma estratégia que levaria ao crescimento econômico com menor desigualdade.

b) É provável que a importância da educação como determinante do rendimento das pessoas e da sua desigualdade está superestimada nas análises econométricas, simplesmente porque não se dispõem de boas medidas para vários outros determinantes da renda, que estão positivamente correlacionados com a escolaridade.

c) Muitas dessas pesquisas se baseiam na teoria do capital humano. É desnecessário dizer que a própria expressão "capital humano" é contraditória com o conceito marxista de capital. Mas, a ideia de que a remuneração de um trabalhador deva crescer com a sua escolaridade é perfeitamente compatível com essa corrente de pensamento.

d) Mas, o aumento da escolaridade também é um objetivo em si, considerando-se que ela favorece a participação mais plena do cidadão na economia e na sociedade modernas. Assim, apesar das divergências teóricas, há um consenso sobre a necessidade de aumentar rapidamente a escolaridade. Um movimento no sentido de diminuir a desigualdade da distribuição da renda no país certamente não pode se basear apenas em determinada política econômica.

e) Na realidade, praticamente toda política econômica tem um impacto, maior ou menor, sobre a distribuição da renda: política fiscal, previdência social, política de crédito, política educacional, reforma agrária etc. Alterações na legislação também podem ter impacto importante. A dificuldade na análise de cada medida é levar em consideração seus diversos efeitos diretos e indiretos, como fica claro na discussão sobre o aumento do salário-mínimo.

27. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção em que a reescrita do trecho sublinhado preserva a correção gramatical e a coerência do texto.

O "jogo" civilizatório da redistribuição melhorou de forma espetacular a inclusão social, ampliou o mercado interno e funcionou muito bem aumentando a demanda global. Infelizmente não acompanhamos o mesmo ritmo e, com a mesma disposição, a ampliação da oferta global. Está esgotado o espaço disponível. <u>O resultado natural é que a diferença entre a demanda e a oferta globais se dissipa, inexoravelmente, em um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços) e externamente, em uma ampliação do déficit em conta-corrente</u>. O efeito colateral muito importante desse processo é a imensa valorização da relação câmbio nominal/salário nominal, que é o indicador do câmbio "real".

a) Daí resulta, naturalmente, uma ampliação do déficit em conta-corrente que vem da diferença entre a demanda e a oferta globais e se dissipa, inexoravelmente, em um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços).
b) Daí naturalmente resulta que a diferença entre a demanda e a oferta globais, inexoravelmente, se dissipam por um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços) e uma ampliação externa do déficit em conta-corrente.
c) O resultado natural da diferença entre a demanda interna e a oferta global se dissipa, inexoravelmente, em um aumento da inflação internamente (nos preços dos bens não transacionáveis – os serviços) e externamente, em uma ampliação do déficit em conta-corrente.
d) Vem daí, como resultado natural, a diferença entre a demanda que dissipa a oferta global dissipa inexoravelmente, em um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis – os serviços – e externamente, há uma ampliação do déficit em conta-corrente.
e) Como resultado natural, há, internamente, um aumento da inflação nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços) e, externamente, uma ampliação do déficit em conta-corrente; isso dissipa, inexoravelmente, a diferença entre a demanda e a oferta globais.

28. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Com relação ao uso das estruturas linguísticas ou da grafia das palavras, assinale o trecho em que o texto adaptado de Júlio Miragaya, Desindustrialização e baixo crescimento econômico *(Correio Braziliense, 23 de abril de 2012)*, foi transcrito corretamente.

a) A valorização do real e o custo Brasil, que têm reduzido a competitividade de nossos produtos industriais no mercado internacional, ao mesmo tempo que torna o mercado interno mais vulnerável à concorrência de produtos de outros países com consequências ruins não só para a balança comercial, mas também para os níveis de emprego e de renda para a arrecadação de tributos.
b) No custo Brasil consta os elevados preços da energia elétrica e do gás natural; a insuficiência e relativamente precária malha de transportes; o baixo nível de investimentos em tecnologia; e uma estrutura tributária que incide sobre a produção e o consumo e não sobre a renda e a riqueza.
c) O fato é que o setor industrial ficou estaguinado em 2011, puxando para baixo o crescimento do PIB, sendo o mais baixo entre todos os países sul-americanos. E as perspectivas são de novo crescimento do produto industrial próximo a zero – com um tímido crescimento do PIB.
d) O elevado custo de nossa logística é outra causa que não vêm sendo devidamente enfrentada. O barateamento do custo da energia e dos transportes requerem a ampliação dos investimentos públicos, necessidade que se choca com um dos pilares da política econômica.
e) Em suma, não há como ampliar substantivamente os investimentos públicos sem uma redução drástica nos gastos com pagamento dos juros da dívida pública. Também se deve buscar ampliação do investimento em inovação, condição essencial para o aumento da produtividade.

29. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção em que foi inserido <u>erro</u> gramatical na transcrição do texto abaixo.

Deve-se rejeitar o argumento de que a) uma das causas da baixa competitividade da indústria seja b) o alto custo do trabalho. Não se combate a perda c) de competitividade com redução de direitos trabalhistas. Pelo contrário, foi d) precisamente a elevação e) dos salários e a crescente formalização do trabalho os fatores responsáveis pelo aumento do poder aquisitivo da população e a ampliação de nosso mercado interno.

a) A.
b) B.
c) C.
d) D.
e) E.

Com relação à correção gramatical, julgue os itens subsequentes, que apresentam trechos reescritos do texto.

30. (Cespe/UnB – PEFOCE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) Necessitam-se tanto da criação de métodos transparentes e previsíveis quanto da definição clara do que se considere violação ética, cujas alegações desse tipo seja submetido à investigação.

( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (Cespe/UnB – PEFOCE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) Independentemente das razões que levem-nas a sujeitar, por exemplo, suas posses ou sua moradia ao trabalho pericial, à toda pessoa estão garantidos os direitos de: ser autor de seu destino e de optar por o caminho de sua conveniência.

( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – PEFOCE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) Mas apesar da grande importância da ética deontológica, ela parece que é insuficiente para se aprofundarem reflexões éticas quanto à condutas profissionais, em vistas de se entender que ela seja atendida quando os códigos são simplesmente obedecidos.

( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O trecho "A um coronel que se queixava da vida de quartel" poderia ser assim reescrito, sem prejuízo para a correção gramatical do texto: Para um coronel que queixava-se da vida em quartel.

( ) CERTO
( ) ERRADO

34. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O segundo período do texto (A antropologia tem demonstrado que muitas atividades atribuídas às mulheres em uma cultura podem ser atribuídas aos homens em outra) poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: Segundo a antropologia, várias atividades que são atribuídas ao sexo feminino em dada cultura podem atribuir-se ao sexo masculino em outra.

( ) CERTO

( ) ERRADO

35. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) Sem prejuízo para a sua correção gramatical, o primeiro período do texto poderia ser assim reescrito: A espécie humana distingue-se entre si no que concerne a anatomia e a fisiologia, por meio do dimorfismo sexual, embora seja falso crer que as diferenças de comportamento verificado entre as pessoas de sexo distinto determine-se de forma biológica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

36. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) Mantendo-se a correção gramatical do texto, o trecho "Carregar cerca de vinte litros de água sobre a cabeça implica, na verdade, um esforço físico considerável" poderia ser reescrito da seguinte forma: Para que se carreguem aproximadamente vinte litros d'água na cabeça, requer-se, na realidade, um imenso esforço físico.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) (Cespe/UnB – STJ – todos os cargos – 2012) O trecho "jamais poderiam localizá-la" poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: jamais a poderiam localizar.
( ) CERTO
( ) ERRADO

38. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O último período do texto poderia ser assim reescrito, sem prejuízo para a correção gramatical do texto: Compreender, pois, o modo porque tais materialidades influenciam na elaboração do ato comunicativo é essencial para entender-se como elas chegam à afetar na própria organização do tecido social.
( ) CERTO
( ) ERRADO

39. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) O trecho "a pequena causa, ou o motivo irrelevante, pode produzir um grande efeito" poderia ser reescrito, sem prejuízo para a correção gramatical ou para os sentidos do texto, da seguinte forma: a causa pouco significativa, ou o pequeno motivo, pode provocar um resultado de extensa repercussão.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Em cada um dos itens a seguir, são apresentadas propostas de reescrita do trecho "No entanto, o estudo dos impérios, antigos ou recentes, permite acessar as raízes do mundo contemporâneo e aprofundar nossa compreensão das modalidades de organização do poder político". Julgue-os com relação à correção gramatical.

40. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Porém, estudando-se os impérios, antigos ou recentes, permite-se que seja acessado as raízes do mundo contemporâneo, e aprofundado, pela nossa compreensão, os modos como está organizado o poder político.

( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Contudo, estudar os impérios, antigos ou recentes, proporciona-nos o acesso às raízes do mundo contemporâneo e leva-nos à aprofundar a compreensão dos modos conforme aos quais organiza-se o poder político.
( ) CERTO
( ) ERRADO

eu gostava muito de passeá... saí com as minhas colegas... brincá na porta di casa di vôlei... andá de patins... bicicleta... quando eu levava um tombo ou outro... eu era a... a palhaça da turma... ((risos))... eu acho que foi uma das fases mais... assim... gostosas da minha vida foi... essa fase de quinze... dos meus treze aos dezessete anos...
A.P.S., sexo feminino, 38 anos, nível de ensino fundamental. Projeto Fala Goiana, UFG, 2010 (inédito).

42. (ENEM – Vestibular – 2012/2013) Um aspecto da composição estrutural que caracteriza o relato pessoal de A.P.S. como modalidade falada da língua é:
a) predomínio de linguagem informal entrecortada por pausas;
b) vocabulário regional desconhecido em outras variedades do português;
c) realização do plural conforme as regras da tradição gramatical;
d) ausência de elementos promotores de coesão entre os eventos narrados;
e) presença de frases incompreensíveis a um leitor iniciante.

Texto

Entrevista com Marcos Bagno
Pode parecer inacreditável, mas muitas das prescrições da pedagogia tradicional da língua até hoje se baseiam nos usos que os escritores portugueses do século XIX faziam da língua. Se tantas pessoas condenam, por exemplo, o uso do verbo "ter" no lugar do verbo "haver", como em "hoje tem feijoada", é simplesmente porque os portugueses, em dado momento da história de sua língua, deixaram de fazer esse uso existencial do verbo "ter".
No entanto, temos registros escritos da época medieval em que aparecem centenas desses usos. Se nós, brasileiros, assim como os falantes africanos de português, usamos até hoje o verbo "ter" como existencial é porque recebemos esses usos de nossos ex-colonizadores. Não faz sentido imaginar que brasileiros, angolanos e moçambicanos decidiram se juntar para "errar" na mesma coisa. E assim acontece com muitas outras coisas: regências verbais, colocação pronominal, concordâncias nominais e verbais etc. Temos uma língua própria, mas ainda somos obrigados a seguir uma gramática normativa de outra língua diferente. Às vésperas de comemorarmos nosso bicentenário de independência, não faz sentido continuar rejeitando o que é nosso para só aceitar o que vem de fora.
Não faz sentido rejeitar a língua de 190 milhões de brasileiros para só considerar certo o que é usado por menos de dez milhões de portugueses. Só na cidade de São Paulo temos mais falantes de português que em toda a Europa!
Informativo Parábola Editorial, s/d.

43. Na entrevista, o autor defende o uso de formas linguísticas coloquiais e faz uso da norma de padrão em toda a extensão do texto. Isso pode ser explicado pelo fato de que ele:

a) adapta o nível de linguagem à situação comunicativa, uma vez que o gênero entrevista requer o uso da norma padrão.
b) apresenta argumentos carentes de comprovação científica e, por isso, defende um ponto de vista difícil de ser verificado na materialidade do texto.
c) propõe que o padrão normativo deve ser usado por falantes escolarizados como ele, enquanto a norma coloquial deve ser usada por falantes não escolarizados.
d) acredita que a língua genuinamente brasileira está em construção, o que o obriga a incorporar em seu cotidiano a gramática normativa do português europeu.
e) defende que a quantidade de falantes do português brasileiro ainda é insuficiente para acabar com a hegemonia do antigo colonizador.

44. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale o trecho inteiramente correto quanto ao emprego do padrão formal escrito da língua portuguesa.

a) Quando falamos em prova, no direito, tem-se a idéia de que existe algo a ser defendido ou algo que venha a ser contestado. Dentro dessa linha cognoscível, entende-se que vai existir sempre um agente acusador e um agente acusado.
b) Pois bem, a prova é o meio de resolução desse conflito existente, da qual é dela que o juiz irá extrair aqueles meios exequíveis à resolução pendente.
c) O juiz não tem o ônus de buscar a verdade – ele somente apresenta as partes a verdade mais justa diante do caso em questão. A parte é quem tem o ônus de buscar a verdade, daí as provas serem de suma importância para a resolução do litígio.
d) Devido à atribuição de pontos a cada tipo de prova, o sistema tarifal de provas passou a facilitar as decisões dos juízes, que somente se encarregavam da somatória dos pontos que cada parte obtera mediante suas provas apresentadas e decidia o caso a favor de quem somou mais pontos.
e) Para adquirir força probatória no processo judicial, os meios "moralmente legítimos" de obtenção de provas devem está em congruência com os aspectos lícitos do nosso ordenamento legal.

45. (Esaf – SRF – Analista-Tributário da Receita Federal – 2012) Assinale o trecho em que a transcrição do texto adaptado do jornal *Correio Braziliense*, de 7 de agosto de 2012, desrespeita as regras gramaticais no uso das estruturas linguísticas.

a) Ao mesmo tempo em que os analistas do mercado financeiro elevam a perspectiva para a inflação este ano, eles trabalham cada vez mais com a possibilidade de queda para o Produto Interno Bruto (PIB) e também para a taxa de juros básica da economia.
b) A principal razão para isso é que o setor industrial não dá mostras de que vai reagir, revertendo a tendência de queda na atividade. Pela décima semana consecutiva, os analistas vêm revendo para baixo as expectativas de desempenho da indústria brasileira.
c) De acordo com o relatório Focus, a média das estimativas para o ano passou de uma contração na atividade no setor industrial de 0,44% para uma queda maior, de 0,69%. Com isso, as expectativas para o PIB, que já vinham diminuindo, caíram mais ainda.
d) Segue também em queda, segundo os analistas do mercado financeiro, a previsão para a taxa básica de juros. Agora, segundo a pesquisa Focus, a taxa Selic deve chegar a 7,25% no final do ano.
e) Até à semana passada, a estimativa que prevalescia era de que o ciclo de redução da Selic pararia em 7,5%. Atualmente a taxa está em 8%. Com a mudança o mercado financeiro

passa a trabalhar com a perspectiva de que o Banco Central reduza a taxa mais duas vezes.

Gabarito

1. B.	10. B.	19. A.	28. E.	37. CERTO.
2. B.	11. C.	20. D.	29. D.	38. ERRADO.
3. E.	12. E.	21. D.	30. ERRADO.	39. CERTO.
4. A.	13. D.	22. E.	31. ERRADO.	40. ERRADO.
5. B.	14. C.	23. A.	32. ERRADO.	41. ERRADO.
6. E.	15. B.	24. D.	33. ERRADO.	42. A.
7. D.	16. E.	25. C.	34. CERTO.	43. A.
8. B.	17. D.	26. B.	35. ERRADO.	44. A.
9. A.	18. E.	27. E.	36. CERTO.	45. E.

Capítulo 37

Reescritura de Frases

Definição de Paráfrase

Paráfrase, segundo o dicionário Houaiss, é a "maneira diferente de dizer algo que foi dito; frase sinônima de outra".

Sendo assim, muitas questões de provas são criadas a partir desse conceito. Os enunciados das questões normalmente falam de "reescrita/reescritura de texto ou de frases". Muitas vezes também as questões tratam da **manutenção/preservação do sentido** ou **da alteração/prejuízo do sentido** de certos trechos. É válido dizer que as provas se preocupam em trabalhar este assunto junto com o conceito de "correção". Observe este texto:

– *Considerando que o cronograma estabelecido visa assegurar a qualidade do serviço, solicito alteração no procedimento estabelecido para instalações e imediata reposição dos computadores.*

Possibilidade de "reescritura" com "correção":

– *Considerando que o cronograma estabelecido visa a assegurar a qualidade do serviço, solicito alteração no procedimento estabelecido para instalações e imediata reposição dos computadores.*

Observe que apenas a preposição *a* foi utilizada para a reescritura. Não houve mudança de sentido. Mas a pergunta que se faz é: "Houve correção gramatical na colocação deste vocábulo antes do verbo?" Resposta: "Sim!" Explicando...: segundo a norma culta, o verbo *visar* (= *objetivar, almejar*) antes de verbo no infinitivo pode ou não vir seguido da preposição *a*.

Fique atento, pois existem cerca de 30 maneiras de parafrasear um texto:

– *Linguagem informal para formal.*

– Mudança de posição dos vocábulos.
– Predicado converso e predicado simétrico.
– Substituição de locuções por palavras.
– Substituição de verbos por advérbios e vice-versa.
– Uso de sinônimos, hipônimos e hiperônimos.
– Mudança de tipos de discurso.
– Conversão de voz verbal.
– Emprego de antonomásias ou perífrases.
– Síntese ou resumo.
– Substituição de substantivos por pronomes.
– Mudança de tempo verbal sem alteração do sentido.
– Nominalização.
– Transformação de oração reduzida para desenvolvida e vice-versa.
– Inversão sintática.
– Mudança de pronome relativo por outro e pronome demonstrativo por outro.
– Mudança de pontuação por outra e pontuação facultativa.
– Dupla grafia.
– Possibilidades de colocação pronominal.
– Amplificação.
– Possibilidades de Paralelismo.
– Orações assindéticas em sindéticas.
– Elipse.
– Conectivos de mesmo valor semântico.
– Relação de causa e consequência.
– Antônimos apoiados em palavras negativas.
– Dupla regência.
– Crase facultativa.
– Dupla concordância.

Tratarei neste livro apenas dos 10 casos que mais figuram em prova, ok? Acompanhe!

Mudança de Posição dos Vocábulos

Ora a mudança de posição de certos vocábulos ou termos da oração pode mudar o sentido da frase, ora não.

Uma simples frase como esta...

A vantagem de ter péssima memória é divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas boas como se fosse a primeira vez. *(Friedrich Nietzsche)*

... pode ser invertida de diversas formas, sem alteração de sentido.

Veja algumas:

Divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas boas, como se fosse a primeira vez, é a vantagem de ter péssima memória.

A vantagem de ter péssima memória é divertir-se com as mesmas coisas boas, como se fosse a primeira vez, muitas vezes.

Divertir-se com as mesmas coisas boas, muitas vezes, como se fosse a primeira vez, é a vantagem de ter péssima memória.

É a vantagem de ter péssima memória divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas boas como se fosse a primeira vez.

A vantagem de ter memória péssima é divertir-se, como se fosse a primeira vez, com as mesmas boas coisas muitas vezes.

E por aí vai...

Em outras palavras, a inversão de termos dentro de uma frase pode não alterar seu sentido. No entanto, não é sempre assim que ocorre, pois, às vezes, alguns vocábulos (adjetivos, pronomes, advérbios, palavras denotativas etc.), quando deslocados, a alteração de sentido fica visível. Veja que o deslocamento, ou seja, a inversão dos termos pode gerar alteração de sentido:

– *João é um **alto** funcionário.*

– *João é um funcionário **alto**.*

– ***Qualquer*** *mulher merece respeito.*
– *Maria é uma mulher* ***qualquer****.*

– *Pedro* ***já*** *fez a prova.*
– *Pedro fez a prova* ***já****.*

– ***Até*** *aquela aluna o elogiou.*
– *Aquela aluna o elogiou* ***até****.*

Percebeu que houve flagrante mudança de sentido nestas duplas? Portanto, a inversão dos termos na frase pode ou não alterar o sentido dela.

Equivalência entre Locuções e Palavras e entre Conectivos

O que são locuções? São grupos de vocábulos com valor de uma palavra, normalmente. Existem locuções substantivas, adjetivas, pronominais, verbais, adverbiais, prepositivas, conjuntivas e interjetivas.

Nas questões de reescrituras de frases em provas de concurso público, é comum haver substituição de *locuções adjetivas, verbais, adverbiais, prepositivas e conjuntivas* por, respectivamente, *adjetivos, verbos, advérbios, preposições e conjunções*, semanticamente correspondentes.

Veja algumas substituições:

Locuções Adjetivas

Grupos de vocábulos iniciados por preposição caracterizando um substantivo, normalmente. Têm valor de um adjetivo.

– *A jogada* ***de mestre*** *serviu para exemplificar sua habilidade.*
– *A jogada* ***magistral*** *serviu para exemplificar sua habilidade.*

– *A população* ***das cidades*** *vem aumentando exponencialmente.*
– *A população* ***urbana*** *vem aumentando exponencialmente.*

Locuções Verbais

Grupos de vocábulos formados por verbos auxiliares + verbos principais no infinitivo, gerúndio ou particípio. Têm valor de um verbo.

– ***Estávamos viajando*** *pela Grécia quando recebemos uma má notícia.*
– ***Viajávamos*** *pela Grécia quando recebemos uma má notícia.*

– *Os cientistas* ***vêm lutando/têm lutado*** *para descobrir a cura definitiva da AIDS.*
– *Os cientistas* ***lutam*** *para descobrir a cura definitiva da AIDS.*

Obs.: Estude os tempos compostos (locuções verbais formadas pelos verbos *ter/haver* + particípio).

Locuções Adverbiais

Grupos de vocábulos normalmente iniciados por uma preposição. Têm valor de advérbio.

– ***De repente*** *o tempo ficou nublado.*
– ***Repentinamente*** *o tempo ficou nublado.*

– *Ela faz provas* ***de seis em seis meses****.*
– *Ela faz provas* ***semestralmente****.*

Locuções Prepositivas

Grupos de vocábulos com valor de uma preposição. Sempre terminam em preposição.

– *Sempre estudo Português* ***a fim de*** *eliminar as dúvidas mais comuns.*
– *Sempre estudo Português* ***para*** *eliminar as dúvidas mais comuns.*

– *Quando estamos juntos, conversamos* ***acerca de*** *política.*
– *Quando estamos juntos, conversamos* ***sobre*** *política.*

Locuções conjuntivas

Grupos de vocábulos com valor de uma conjunção.

– ***Ainda que*** *eu veja mudanças no país, continuo descrente.*
– ***Embora*** *eu veja mudanças no país, continuo descrente.*

– ***Desde que*** *vocês entendam, ficarei satisfeito.*

– ***Se*** *vocês entenderem, ficarei satisfeito.*

Substituição de Verbos por Advérbios e Vice-versa

Segundo Rodolfo Ilari, um tipo de paráfrase é a substituição de verbos por advérbios e vice-versa (aparentemente: parecer; possivelmente: poder; necessariamente: precisar; geralmente: costumar etc.):

– *Os ensaios da banda são feitos* ***habitualmente*** *na noite da quarta-feira. = Os ensaios da banda* ***costumam*** *ser feitos na noite de quarta-feira.*

– *Ele* ***parece*** *contente com o resultado da prova. = Ele ficou* ***aparentemente*** *contente com o resultado da prova.*

Uso de Sinônimos

Palavras, expressões e frases inteiras podem ser sinônimas de outras, contanto que preservem o sentido entre si. Veja exemplos:

– *"Na perspectiva* ***maniqueísta*** *que domina hoje as formas vulgares do pensamento social existe a fome da esquerda e existe a fome da direita."* (José de Souza Martins)

– *Na perspectiva* ***dualista*** *que domina hoje as formas vulgares do pensamento social existe a fome da esquerda e existe a fome da direita.*

– *Em 1693, o explorador francês Leguat, que passou vários meses na ilha Maurício,* ***empenhou-se na procura*** *dos dodôs e não encontrou nenhum.*

– *Em 1693, o explorador francês Leguat, que passou vários meses na ilha Maurício,* ***dedicou-se com afinco à busca*** *dos dodôs e não encontrou nenhum.*

– ***Uma lei interdita o uso de vestimentas que impeçam a identificação da pessoa.***

– ***Certa prescrição proíbe a utilização de roupas que obstam a identidade pessoal.***

Substituição de Substantivos por Pronomes

Todos os pronomes (pessoais, possessivos, indefinidos, interrogativos, demonstrativos e relativos) podem substituir substantivos. Por isso, muitas questões tratam disso nas provas de concursos públicos. Veja exemplos bem simples que ilustram isso:

– *João é estudioso, por isso* ***ele*** *consegue boas notas.*
– ***Ele*** *é um cara muito esforçado, por isso todos adoram o João.*
– *O estudo é algo primordial, e eu* ***o*** *levo muito a sério.*
– *A aluna quer muito a vaga.* ***Sua*** *determinação é invejável.*
– *João e Pedro passaram, mas* ***nenhum*** *ficou satisfeito.*
– *Ela e ele se classificaram, mas* ***quem*** *ficou realmente feliz?*
– *Só* ***isto*** *me interessa: a aprovação.*
– *O professor* ***que*** *me ajudou a passar foi o Pestana.*

Nominalização

Como foi falado muito sobre isso no capítulo de *Substantivo e Adjetivo*, "rolará" agora um *déjà vu*.

Nominalizar é, normalmente, transformar uma estrutura verbal em uma estrutura nominal, ou seja, substituir um verbo por um substantivo de mesmo radical (às vezes, por um adjetivo), a fim de evitar o exagero no uso de verbos. Isso se dá por meio de derivação sufixal ou de derivação regressiva, normalmente.

Segundo Ulisses Infante, a nominalização "constitui um recurso eficaz no momento de redigir, pois passamos a contar com diferentes possibilidades para estruturar nossas frases". Ele está falando aqui sobre reescritura de frases, sobre a qual falarei mais detalhadamente num dos capítulos finais. Continua Infante: "O uso de substantivos é mais frequente em textos científicos e analíticos, em que os conceitos são mais utilizados do que as ações. Nos textos narrativos, as ações tendem a ser mais importantes do que os conceitos, o que acarreta predomínio de verbos".

Um texto dissertativo bem redigido é aquele que não abusa de verbos. Sem verbalização, um texto com mais nomes valoriza a concisão e a clareza.

Contando, também, com as informações essenciais da Prof.ª Dr.ª Maria Francisca Oliveira Santos, vejamos como isso ocorre na prática.

Por derivação sufixal

-ção/-são: *fabricar > fabricação; ligar > ligação; adaptar > adaptação; expressar > expressão, ceder > cessão...*

– ***Fabricar*** *produtos sustentáveis está na moda.* (frase com dois verbos)
– *A* ***fabricação*** *de produtos sustentáveis está na moda.* (frase com um verbo)

– ***Ceder*** *meus direitos autorais ao artista foi difícil.* (frase com dois verbos)
– *A* ***cessão*** *de meus direitos ao artista foi difícil.* (frase com um verbo)

Note que, assim como verbo exige dois complementos (Cede-se algo (1) a alguém (2)), o nome também exige (cessão de... (1) ao... (2)). Falarei mais sobre a relação dos verbos e dos nomes com seus complementos no capítulo de *Regência*. Não se empolgue, fica por aqui, senão vai se enrolar!

-da: *sair > saída; chamar > chamada; chegar > chegada...*
– *Quando meu filho* ***chegou****, fiquei emocionada.* (frase com dois verbos)
– *A* ***chegada*** *do meu filho me emocionou.* (frase com um verbo)

-mento: *conhecer > conhecimento; lançar > lançamento; surgir > surgimento...*
– ***Surgiram*** *novos problemas em minha tese que me deixaram preocupado.* (frase com dois verbos)
– *O* ***surgimento*** *de novos problemas em minha tese me deixou preocupado.* (frase com um verbo)

Os demais sufixos seguem o mesmo paradigma (modelo):
-nça/-ncia: *mudar > mudança; tolerar > tolerância; concordar > concordância...*
-aria: *pescar > pescaria; piratear > pirataria...*
-agem: *abordar > abordagem; filmar > filmagem; reciclar > reciclagem...*
-dor: *pescar > pescador; acusar > acusador; dever > devedor...*
-nte: *participar > participante; fabricar > fabricante...*
-(t)ura: *ler > leitura; candidatar > candidatura...*
-eza: *Estar certo de > A certeza de...*
-dade: *Ser difícil de > A dificuldade de...*

Por derivação regressiva

Observe três exemplos em que ocorre nominalização:
– *Quem* ***canta*** *os males espanta.* (frase com dois verbos)
– *O* ***canto*** *espanta os males.* (frase com um verbo)

– *Ele* ***causou*** *o estardalhaço porque se revoltou com a postura dos políticos.* (frase com dois verbos)

– *A **causa** do estardalhaço foi sua **revolta** com a postura dos políticos.* (frase com um verbo)

– *Depois de **jantar** com a namorada, percebeu que foi um sucesso.* (frase com três verbos)
– *A **janta** com a namorada foi um sucesso.* (frase com um verbo)

No caso dos adjetivos, a nominalização se dá pela transformação de orações subordinadas adjetivas em meros adjetivos. Veja alguns exemplos:
– *O aluno **que é inteligente** passou na prova.*
– *O aluno **inteligente** passou na prova.*

– *Comprei para a minha frota dois carros **que estavam novíssimos**.*
– *Comprei para a minha frota dois carros muito **novos**.*

Note nesses exemplos que houve uma redução no número de verbos, tornando a leitura mais concisa. Simples assim.

Transformação de Oração Reduzida em Desenvolvida e Vice-versa

Como já falamos sobre isso em capítulos anteriores, mais um *déjà vu*:

Reduzidas de gerúndio para desenvolvidas

– *Pagou a conta, **ficando** livre dos juros.* (coordenada aditiva)
– *Pagou a conta **e ficou livre dos juros.*** (coordenada aditiva)

– *Vimos um mendigo **levando** uma surra dos pitboys.* (adjetiva)
– *Vimos um mendigo **que** levava uma surra dos pitboys.* (adjetiva)

– ***Não tendo** condições, comprou um terno.* (concessiva)
– ***Embora** não tivesse condições, comprou um terno.* (concessiva)

– ***Agindo** desse modo, ninguém ficará com você.* (condicional)
– ***Se** você agir desse modo, ninguém ficará com você.* (condicional)

– ***Temendo** a reação do pai, não contou a verdade.* (causal)

– ***Uma vez que temia a reação do pai***, *não contou a verdade.* (causal)

– ***Saindo do estádio***, *encontrei meus amigos.* (temporal)
– ***Quando saí do estádio***, *encontrei meus amigos.* (temporal)

Reduzidas de infinitivo para desenvolvidas

– *É preciso* ***trabalhar muito***. (subjetiva)
– *É preciso* ***que se trabalhe muito***. (subjetiva)

– *Deixe* ***o aluno pensar***. (objetiva direta)
– *Deixe* ***que o aluno pense***. (objetiva direta)

– *Os adversários o acusaram* ***de fazer coisas erradas***. (objetiva indireta)
– *Os adversários o acusavam* ***de que fazia coisas erradas***. (objetiva indireta)

– *A melhor política é* ***sermos honestos***. (predicativa)
– *A melhor política é* ***que sejamos honestos***. (predicativa)

– *Tenho medo* ***de mudarmos***. (completiva nominal)
– *Tenho medo* ***de que mudemos***. (completiva nominal)

– *De mim só quero isto:* ***amar-te toda a vida***. (apositiva)
– *De mim só quero isto:* ***que eu te ame toda a vida***. (apositiva)

– *João não é homem* ***de meter os pés pelas mãos***. (adjetiva)
– *João não é homem* ***que mete os pés pelas mãos***. (adjetiva)

– ***Apesar de estar machucado***, *continua jogando bola.* (concessiva)
– ***Ainda que esteja machucado***, *continua jogando bola.* (concessiva)

– ***Sem se dedicar aos estudos,*** *não terá êxito.* (condicional)
– ***Sem que se dedique aos estudos***, *não terá êxito.* (condicional)

– *Ela passou mal de tanto* ***comer aquelas balas***. (causal)
– *Ela passou mal* ***porque comeu muito aquelas balas***. (causal)

– *Aquela cena o chocou* ***a ponto de lhe tirar o sono***. (consecutiva)
– *Aquela cena o chocou tanto* ***que lhe tirou o sono***. (consecutiva)

– *Ela estuda tanto* ***para fazer um concurso***. (final)
– *Ela estuda tanto* ***para que faça um concurso***. (final)

– *Pense muito antes de* ***tomar uma decisão***. (temporal)
– *Pense muito* ***antes que você tome uma decisão***. (temporal)

Obs.: É praxe que as adverbiais reduzidas iniciadas pelas preposições *ao, para, por, sem* sejam, respectivamente, de tempo, finalidade, causa e concessão/condição:

– ***Ao*** *entrar, faça silêncio. (= Quando entrar, faça silêncio.)*
– ***Para*** *viajar, é preciso dinheiro. (= Para que se viaje, é preciso dinheiro.)*
– *Foi aceito no grupo* ***por*** *injetar muito dinheiro na instituição. (= Foi aceito no grupo porque injetou muito dinheiro na instituição.)*
– ***Sem*** *tomar seu remédio, melhorou. (= Sem que tenha tomado seu remédio, melhorou.)*
– ***Sem*** *tomar seu remédio, não melhorará. (= Sem que tome seu remédio, não melhorará.)*

Reduzidas de particípio para desenvolvidas

– *Havia aqui uma árvore,* ***plantada por mim***. (adjetiva explicativa)
– *Havia aqui uma árvore,* ***que foi plantada por mim***. (adjetiva explicativa)

– *A notícia* ***divulgada pela mídia*** *era falsa.* (adjetiva restritiva)
– *A notícia* ***que foi divulgada pela mídia*** *era falsa.* (adjetiva restritiva)

– ***Agredido pelo outro****, mantive a calma.* (concessiva)
– ***Embora eu tenha sido agredido pelo outro****, mantive a calma.* (concessiva)

– ***Aceitas as condições****, não haverá problemas.* (condicional)
– ***Desde que se aceitem as condições****, não haverá problemas.* (condicional)

– ***Preocupado* com a prova**, *esqueceu os documentos em casa.* (causal)
– ***Como* se preocupara com a prova**, *esqueceu os documentos em casa.* (causal)

– ***Terminada* a aula**, *todos pularam de alegria.* (temporal)
– ***Logo que* terminou a aula**, *todos pularam de alegria* (temporal)

Substituição de Pronome Relativo por Outro e Pronome Demonstrativo por Outro

Como assim? Bem, vamos lá! São 8 pronomes relativos, lembra? Relembrando: *que, o qual, quem, cujo, quanto, onde, como, quando.* Os relativos *que* e *o qual* substituem a maioria dos outros relativos, portanto vou-me fixar neste primeiro momento neles. Já os demonstrativos que nos devem interessar são estes: *o, a, os, as,* substituindo *isso, aquele(a/s), aquilo.*

Vejamos na prática a substituição de um pronome relativo por outro:
– *O rapaz da loja,* ***que*** *nos sugeriu aquela compra, era meu primo.*
– *O rapaz da loja,* ***o qual*** *nos sugeriu aquela compra, era meu primo.*

– *As senhoras* ***de que*** *eu falei são muito ativas.*
– *As senhoras* ***das quais*** *eu falei são muito ativas.*

Nesses exemplos, percebeu que o pronome relativo *o qual* (variável) substitui o pronome relativo *que.* Tal substituição é muito trabalhada em provas. Veja mais:
– *Estive ontem com minha coordenadora,* ***à que*** *devo meu emprego.*
– *Estive ontem com minha coordenadora,* ***à qual*** *devo meu emprego.*
– *Estive ontem com minha coordenadora,* ***a quem*** *devo meu emprego.*
– *O lugar* ***em que*** *estive ano passado era paradisíaco.*
– *O lugar* ***no qual*** *estive ano passado era paradisíaco*
– *O lugar* ***onde*** *estive ano passado era paradisíaco.*

Os demonstrativos *o, a, os, as,* são substituíveis por *isso, aquele(a/s), aquilo.* Isso ocorre quando vêm antes de pronome relativo *que* e preposição *de,* **normalmente**. Veja:
– ***O*** *que me chamou para trabalhar com vocês foi o Sandro.*
– ***Aquele*** *que me chamou para trabalhar com vocês foi o Sandro.*

– ***As*** *do estado da Bahia são mais atenciosas que* ***as*** *de Pernambuco.*
– ***Aquelas*** *do estado da Bahia são mais atenciosas que* ***aquelas*** *de Pernambuco.*

– *Você é* ***o*** *que você é. Ninguém precisa dizer como deve ser.*
– *Você é* ***isso*** *que você é. Ninguém precisa dizer como deve ser.*

Está percebendo que existem múltiplas possibilidades de reescrever um texto?

Possibilidades de Paralelismo

As que eu já vi sendo trabalhadas em prova são as que tratam de termos preposicionados.

Quando dois ou mais elementos estão coordenados e o primeiro está introduzido por preposição, há apenas quatro possibilidades corretas de construção:
– *Todo brasileiro tem direito* ***a*** *saúde, educação e segurança.* (preposição)
– *Todo brasileiro tem direito* ***a*** *saúde,* ***a*** *educação e* ***a*** *segurança.* (preposição)
– *Todo brasileiro tem direito* ***à*** *saúde, educação e segurança.* (preposição + artigo)
– *Todo brasileiro tem direito* ***à*** *saúde,* ***à*** *educação e* ***à*** *segurança.* (preposição + artigo)

Lamento o *déjà vu* do capítulo de *Crase*, mas tal lição serve para qualquer outra preposição.

Relação de Causa e Consequência

Nas provas, a relação de causa e consequência se dá entre orações – sem presença de conectivo ou com presença de conectivo. Veja os exemplos:

Sem conectivo:
– *Faltam mecanismos para financiar a modernização (causa); ele opta pela expansão da área, que é muito mais barata (consequência).*

Com conectivo:
– *Ele opta pela expansão da área, que é muito mais barata (consequência),* ***porque*** *faltam mecanismos para financiar a modernização (causa).*

Obs.: Peço que estude conjunções coordenativas conclusivas, conjunções subordinativas causais e consecutivas. Estude também preposições e locuções prepositivas que tenham valor semântico de causa ou consequência.

O Que Cai Mais na Prova?

Hoje em dia, a maior parte das bancas trabalha este assunto de uma maneira ou de outra, mas os tipos mais comuns são estes: **uso de palavras e expressões sinônimas, relação de causa e consequência, substituição de um conectivo por outro de igual valor semântico, transformação de oração reduzida em desenvolvida e vice-versa, substituição de substantivos por pronomes, nominalização e substituição de formas simples por formas perifrásticas (locuções).** Isso é o filé!

Questões de Concursos

"O riso é tão universal como a seriedade; ele abarca a totalidade do universo, toda a sociedade, a história, a concepção de mundo. É uma verdade que se diz sobre o mundo, que se estende a todas as coisas e à qual nada escapa. É, de alguma maneira, o aspecto festivo do mundo inteiro, em todos os seus níveis, uma espécie de segunda revelação do mundo."

1. (Cespe/UnB – ANCINE – Técnico Administrativo – 2012) Apesar do mesmo grau de universalidade atribuído pelo autor do texto ao "riso" e à "seriedade", se o trecho "O riso é tão universal como a seriedade" fosse reescrito como **A seriedade é tão universal como o riso**, as estruturas sintáticas e argumentativas do texto seriam prejudicadas.
( ) CERTO
( ) ERRADO

2. (Cespe/UnB – PM/CE – Soldado – 2012) Estaria mantida a correção gramatical do texto caso o trecho "estarem seguindo o exemplo" fosse reescrito da seguinte forma: **estarem aderindo ao exemplo**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

3. (FAURGS – TJ/RS – Analista Judiciário – 2012) Considere as seguintes propostas de reescrita do trecho ***A migração do morto, em vez de ser da vida para o nada, era só entre categorias verbais***.
I. A migração do morto, em lugar de ser da vida para o nada, era tão somente entre categorias verbais.
II. A imigração do morto, ao invés de ser da vida para o nada, era apenas entre categorias verbais.

III. A migração do morto, ao contrário de ser da vida para o nada, era restrita a categorias verbais.

Quais estão corretas do ponto de vista da norma?

a) Apenas I.
b) Apenas II.
c) Apenas III.
d) Apenas I e II.
e) Apenas II e III.

Fragmento de Texto

"(...) A biblioteca está e vai com você onde você estiver, como uma Babel feita do paradoxo do conhecimento: quanto mais se sabe, mais há para saber, de modo que, o máximo sendo também o mínimo, nunca nos falte nem a pergunta ilimitada, nem a resposta periódica... (...)"

4. (FAURGS – TJ/RS – Analista Judiciário – 2012) A oração reduzida de gerúndio ***o máximo sendo também o mínimo***, no período em que ocorre no texto, pode ser substituída, sem alteração de sentido, pela seguinte forma:

a) a despeito de o máximo ser também o mínimo;
b) contanto que o máximo seja também o mínimo;
c) a não ser que o máximo seja também o mínimo;
d) a fim de que o máximo seja também o mínimo;
e) visto ser o máximo também o mínimo.

Fragmentos de texto

"Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos por conta dos crimes de grande repercussão e que parecem ser de difícil solução. Além disso, seriados que mostram policiais ou peritos que utilizam ciência e tecnologia para desvendar casos complexos também ajudam a aumentar o interesse pela área. (...) Entrevistado hoje, Ferreira explicou que um perito não pode se envolver com nenhum caso. (...) A perícia é imparcial. Não importa se os vestígios ajudarem a defesa ou a acusação. (...)"

5. (FUNIVERSA – PC/DF – Perito Criminal – 2012) Assinale a alternativa que apresenta reescrita correta de fragmentos do texto, com preservação do sentido original.

a) Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos em virtude de crimes de grande repercussão e de solução aparentemente difícil.
b) seriados que mostram policiais e peritos e que utilizam ciência e tecnologia para desvendar casos complexos também ajudam a aumentar o interesse pela área.
c) Entrevistado na noite da morte da menina Isabella Nardoni, em março de 2008, Ferreira explicou que o perito não pode ter envolvimento emocional com o caso que examina.
d) Por isso, policiais ou peritos que utilizam ciência e tecnologia para desvendar casos complexos também ajudam a aumentar o interesse pela área.
e) A perícia é imparcial, embora não tenha nenhum valor o fato de os vestígios ajudarem a defesa ou a acusação.

Fragmentos de texto

"(...) para chegar à tal felicidade, precisamos ter amigos. (...) Outro benefício decorrente de ter amigos é manter a saúde em ordem. (...) "A amizade libera substâncias hormonais no cérebro que favorecem a alegria de viver e o bem-estar". (...) o único jeito de ultrapassar a barreira da solidão é justamente ter pelo menos um amigo e um amor. (...) Para termos pelo menos um amigo, diz ele, precisamos nos livrar daquilo que ele chama de "avareza de si mesmo"".

6. (FUNIVERSA – PC/DF – Perito Criminal – 2012) Assinale a alternativa em que a reescrita de fragmento do texto preserva a correção gramatical e o sentido original.

a) para se chegar à tal felicidade, precisamos ter amigos.
b) Outro benefício resultante de ter amigos é a manutenção da saúde em ordem.
c) A amizade libera substâncias hormonais no cérebro que favorece a alegria de viver e o bem-estar.
d) o único jeito de ultrapassar a barreira da solidão é justo ter pelo menos um amigo e um amor.
e) Para termos pelo menos um amigo, diz ele, precisamos nos livrar daquilo que o amigo chama de "avareza de si mesmo".

7. (AOCP – BRDE – Assistente Administrativo – 2012) As alternativas abaixo apresentam propostas de reescrita de fragmentos do texto, que se encontram entre aspas. Assinale a alternativa em que a reescrita NÃO preserva a <u>correção gramatical</u> e <u>o sentido original do texto</u>.

a) "Não entendem a grandeza desses e outros grandes romances do passado.": Não entendem a grandeza desses e de outros grandes romances do passado.
b) "uma etapa importante da formação do jovem: a da compreensão, análise e, por consequência, do domínio de textos complexos.": uma etapa importante da formação do jovem: a da compreensão, da análise e, por consequência, do domínio de textos complexos.
c) "As ilustrações são feias e caricatas, limitando-se a servir aos balões e descrições extraídas diretamente do livro.": As ilustrações são feias, caricatas, limitando-se a servir aos balões e às descrições extraídas diretamente do livro.
d) "Repare que esses grandes artistas dificilmente se submetem a adaptações feitas diretamente de uma obra.": Repare que esses grandes artistas dificilmente se submetem às adaptações feitas diretamente de uma obra.
e) "Infelizmente, os quadrinhos são inocentes úteis, pois viraram instrumentos eficientes para a desmoralização da literatura.": Infelizmente, os quadrinhos são inocentes úteis, pois viraram instrumentos eficientes à desmoralização da literatura.

À época de Nabuco, os Estados Unidos despontavam já como um país poderoso, <u>o moralismo desse país representando</u>, no entanto, um entrave para que <u>se promovesse nesse país</u> uma disputa eleitoral em alto nível.

8. (FCC – TCE/AM – Analista de Controle Externo – 2012) Evita-se a viciosa repetição de palavras na frase acima substituindo-se, de modo adequado, as expressões sublinhadas, respectivamente, por:

a) cujo moralismo representaria – lá se promovesse.
b) aonde o moralismo representa – ali se promova.
c) no qual o moralismo representasse – neles se promovam.

d) em cujo moralismo representa-se – neste se promovesse.
e) conquanto seu moralismo representa – lá se promova.

9. (NUCEPE – PM/PI – Agente de Polícia (Cabo) – 2012) Assinale a opção em que a reescrita do trecho "Se for assaltado, não reaja – entregue tudo" altera o sentido do que é dito na frase original.

a) "Sendo assaltado, não reaja – entregue tudo."
b) "Em caso de assalto, não reaja – entregue tudo."
c) "Caso seja assaltado, não reaja – entregue tudo."
d) "Assaltando, não reaja – entregue tudo."
e) "Para caso de assalto, não reaja – entregue tudo."

10. (COPESE – UFT – Vestibular – 2012) Em produções escritas é comum o uso excessivo do elemento "que". Substituí-lo por substantivos e orações reduzidas pode ser uma alternativa no sentido de eliminar seu uso exagerado.

Considerando o enunciado "*A coordenadora exigiu que adiasse o encontro até que as infrações que o funcionário cometeu fossem solucionadas*.", assinale a alternativa em que a substituição do "que" por substantivos e/ou orações reduzidas pode deixar o texto mais leve, sem alterar o sentido.

a) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro com o funcionário até as infrações serem solucionadas.
b) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até a solução das infrações cometidas pelo funcionário.
c) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro com o funcionário até as infrações serem solucionadas por ele.
d) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até as infrações cometidas serem solucionadas pelo funcionário.
e) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até o funcionário solucionar as infrações cometidas por ele.

11. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale a substituição proposta para os diálogos abaixo que desrespeita a correta morfossintaxe do padrão formal escrito da língua portuguesa.

a) Você chega lá e diz / Você se apresenta ao funcionário da Receita Federal e afirma.
b) Se bate ou não bate, se tem regularidade ou não, é outro problema. / Se dá certo ou não, sendo regulares ou não, é outra questão.
c) E você: E daí? Não tem nada demais. / E você retruca: – Que importância tem isso? Não há nenhum problema nisso.
d) Não vai colar, não é mesmo? Mas na Justiça Eleitoral cola. / O argumento não será aceito, certamente. Contudo, na Justiça Eleitoral ele o será.
e) mas declarou tudo na prestação de contas – está limpo. / mas declarou o que arrecadou e o que gastou na prestação de contas – está quite com a Justiça Eleitoral.

12. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale a paráfrase (escrever a mesma coisa de forma diferente) correta e adequada do período "A solução foi muito simples: de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, era descontado anualmente, na folha de pagamento, o salário de um dia de trabalho."

a) Descontava-se um dia de trabalho do salário, na folha de pagamento anual, dos sindicalizados ou não, de todos os trabalhadores, como solução fácil para a falta de recursos do imposto sindical.
b) Para solucionar a escassez de recursos dos sindicatos, a solução se encaminhou no sentido de serem descontados, de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, da folha anual de pagamento, o salário de um dia de trabalho.
c) Para conseguirem sobreviver, os sindicatos adotaram uma solução simples de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não – o desconto anual, na folha de pagamento, do salário de um dia de trabalho.
d) Não foi complicada achar a solução. De todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, descontava-se um dia de trabalho, anualmente, juntamente com a folha de pagamento.
e) Foi simples a solução adotada – seria descontado anualmente, na folha de pagamento de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, o valor equivalente a um dia de trabalho.

13. (FCC – TST – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2012) Assinale a alternativa em que a nova redação para o fragmento está clara e correta.

a) *Colocava sob minha análise um texto que já nascera das vozes do folclore, e propunha-me entender as relações deste texto com suas variantes intertextuais.* / Submetia a meu escrutínio um texto que, como se não bastasse haver nascido das vozes da cultura popular, eu desejava interpretar tendo em vista as relações que mantém com suas variantes intertextuais.
b) *Escolhi Chapeuzinho Vermelho [...], que, por alguma razão, foi retomado tantas vezes, a serviço de outras enunciações.* / Elegi Chapeuzinho Vermelho, o qual foi recaptulado imensas vezes, a serviço de diferentes formações ideológico-discursivas – nem imagino por quê.
c) *A obra não poderia mais ser vista como um monólogo de um sujeito independente, que pressupõe, além de seus limites, apenas um leitor receptivo, privilegiado por uma intuição especial*. / O trabalho estaria impedido de ser enxergado como fala de uma pessoa com ela mesma, o que implica, além de seus limites, num só leitor para a recepção, sendo que ele seja dotado de sensibilidade diferenciada.
d) *Entendi que o que acontecia não era apenas a perda de um centro único. Era o diálogo que perpassa todo discurso*. / Atinei que não só estava se dando a perca de um centro restrito, mas também do diálogo que atravessa todo discurso.
e) *Teria de entender que há sempre a palavra de um outro, junto daquela que eu julgo ser de um.* / Haveria de compreender que permanece a palavra de outro, pegada naquela que eu penso ser do primeiro.

14. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) Atente para as afirmações abaixo.

I. A frase *Sem essa consciência, não há poeta* pode ser corretamente reescrita do seguinte modo: **Não há essa consciência em quem não seja poeta**.
II. A frase *este palíndromo não só encantou o menino Cortázar, como decidiu o seu destino de escritor* tem seu sentido corretamente reproduzido nesta outra construção: **este palíndromo, além de ter encantado o menino Cortázar, decidiu o seu destino de escritor**.
III. Em *Mesmo para <u>um menino aberto ao que der e vier</u>, a frase é bastante surrealista*, a substituição do verbo **é** por **parecia** implica a alteração do segmento grifado para **um menino aberto ao que desse e viesse**.

Está correto o que consta em:

a) I, II e III.
b) II, apenas.
c) I e III, apenas.
d) II e III, apenas.
e) I, apenas.

15. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) ***Devemos evitar, especialmente, posturas que venham a contribuir – ainda que indiretamente – para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos.***

Mantendo-se a correção e a lógica, uma redação alternativa para a frase acima está em:

a) Deve ser especialmente evitada posturas que possam contribuir, embora de maneira apenas indireta, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos.
b) Posturas que contribuem, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, devem ser especialmente evitados, ainda que indiretamente.
c) Ainda que contribua, apenas indiretamente, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, tais posturas devem ser especialmente evitadas.
d) Posturas que contribuam, mesmo que de maneira indireta, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, devem ser especialmente evitadas.
e) Conquanto contribuam apenas de modo indireto, posturas que estabeleçam elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, devem ser especialmente evitados.

... o incontestável Grande Detetive, cuja brilhante inteligência dedutiva é capaz de superar qualquer adversário ...

16. (FCC – TRF (5ª R) – Técnico Judiciário – 2012) Mantendo-se, em linhas gerais, o sentido original, o trecho acima está corretamente reescrito em:

a) Qualquer adversário pode ser superado pela brilhante inteligência dedutiva do incontestável Grande Detetive.
b) Sendo dedutiva a inteligência brilhante do incontestável Grande Detetive, qualquer adversário tem a capacidade de lhe superar.
c) A brilhante inteligência dedutiva do incontestável Grande Detetive, é capaz de superar a de qualquer adversário.
d) Adversário algum é capaz de superar o incontestável Grande Detetive, do qual é dotado de brilhante inteligência dedutiva.
e) A brilhante inteligência dedutiva pela qual é dotado o incontestável Grande Detetive, é capaz de superar a de qualquer adversário.

Fragmento de texto

"(...) Embora a realização de investigações criminais diretamente pelo MP não deva ser a regra – no dia a dia, as polícias têm maior estrutura para isso, além de ser essa a sua função primordial –, não se pode impedir que, em determinados casos, o MP investigue, sob pena de que criminosos permaneçam sem punição. Uma primeira vantagem da investigação direta do

MP é o ganho de qualidade e rapidez, uma vez que a prova será obtida diretamente por aquele que avaliará sua pertinência e legitimidade para o processo. Sob a direção imediata do MP, serão produzidas somente as provas que realmente permitam a condenação dos culpados (ou o arquivamento dos autos, caso se verifique a inocência do investigado). Além de zelar pela regularidade da prova, o que contribui para evitar nulidades que muitas vezes levam à perda de investigações importantíssimas, é dever do MP assegurar o respeito aos direitos do investigado, evitando abusos lamentavelmente ainda rotineiros em procedimentos da polícia."

17. (Cespe/UnB – MPE/TO – Promotor de Justiça – 2012) Seriam mantidos o sentido original e a correção gramatical do texto caso se substituísse o trecho
   a) "evitando abusos lamentavelmente ainda rotineiros em procedimentos da polícia" por *ainda prevenindo abusos lamentáveis na rotina investigatória policial*.
   b) "além de ser essa a sua função primordial" por *demais de essa ser a sua função desde os primórdios*.
   c) "sob pena de que criminosos permaneçam sem punição" por *no risco de se manter criminosos na impunidade*.
   d) "Sob a direção imediata do MP" por *Dirigidos imediatamente pelo MP*.
   e) "caso se verifique a inocência do investigado" por *na hipótese de ser o investigado dado por inocente*.

"(...) O povo a que remete a ideia de soberania popular constitui uma unidade, e não, a soma de indivíduos. (...)"

18. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Cargos de Nível Superior – 2012) De acordo com as informações presentes no texto, a expressão "de indivíduos" poderia ser substituída por **individual** sem que houvesse alteração do sentido textual.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir "São considerados" (São considerados inelegíveis os enquadrados...) por **Consideram-se**.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Mantém-se a correção gramatical do período ao se substituir "onde" (Mas a realidade é bem outra na maioria dos municípios, onde a missão dos eleitos é discutível) por **nos quais**.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Se a expressão "cooptados pelo" fosse substituída por **atraídos para os objetivos do**, a correção gramatical e o sentido do texto não seriam prejudicados.
   ( ) CERTO

( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Ao se substituir "o que facilita" (... muitos não lembram em quem votaram, o que facilita o surgimento de...) por o que vem facilitando ou por o que tem facilitado, mantém-se a correção gramatical do período.

( ) CERTO
( ) ERRADO

"A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando."

23. (CEPERJ – DEGASE – Técnico de Suporte e Comunicação – 2012) O período acima poderia ser reescrito com a introdução de um conectivo, de modo a explicitar a relação de sentido do contexto original.

A inserção do conectivo preserva o sentido original da frase na seguinte alternativa:

a) embora venham comprando;
b) para virem comprando;
c) porque vêm comprando;
d) contudo vêm comprando;
e) apesar de virem comprando.

24. (Cespe/UnB – TJ/AL – Auxiliar Judiciário – 2012) Assinale a opção que apresenta proposta de reescrita correta para trecho do texto indicado entre aspas.

a) "O igualitarismo formal vem decantado enfaticamente na Carta Política em dois trechos (art. 5.º, inc. I, e art. 226, § 5.º), o que não basta, por si só, para se alcançar a absoluta equivalência social e jurídica de homens e mulheres.": A Carta Política menciona o igualitarismo formal em apenas dois artigos (art. 5.º, inc. I, e art. 226, § 5.º) e isso é insuficiente para conseguir a absoluta equivalência social e jurídica do ser humano.
b) "Agora, não mais é o marido o "cabeça" do casal, o representante legal da família, nem o único responsável por prover o seu sustento.": Antes, o representante legal da família era o homem. Era dele apenas a responsabilidade de prover o sustento da mesma.
c) "O simples estabelecimento do princípio da igualdade, no entanto, não logrou eliminar as diferenciações existentes.": O mero estabelecimento do princípio da igualdade, entretanto, não conseguiu abolir as discriminações existentes.
d) "Resta nítida a intenção do novo sistema jurídico de consagrar a máxima aristotélica": A intenção do novo sistema jurídico de consagrar a iminência do princípio de Aristóteles é clara.
e) "A Constituição Federal de 1988 (CF) buscou resgatar a igualdade, cânone da democracia desde a Revolução Francesa e linha mestra da Declaração dos Direitos Humanos.": A igualdade, a qual, desde a Revolução Francesa, é cânone da democracia e linha mestra da Declaração dos Direitos Humanos, foi resgatada pela Constituição Federal de 1988.

25. (Cespe/UnB – Câmara dos Deputados – Analista – 2012) O período "Em segundo lugar, os historiadores têm mostrado que não se pode falar em uma periferia colonial passiva, modelada por um centro de atividade científica dinâmica" poderia ser reescrito, mantendo-se o seu sentido original e a sua correção gramatical, da seguinte forma: *Em segundo lugar, os*

historiadores mostraram que não podem falar sobre uma periferia nas colônias passivas e modeladas por um centro científico com atividades dinâmicas.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Àquela altura já éramos amigas. O infortúnio tinha nos unido."

26. (CEPERJ – PROCON/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) O trecho acima poderia ser reescrito, unindo-se as orações por meio de um conectivo.
A reescritura que preservaria o sentido original do trecho seria:
a) contudo o infortúnio tinha nos unido;
b) porque o infortúnio tinha nos unido;
c) embora o infortúnio tinha nos unido;
d) portanto o infortúnio tinha nos unido;
e) enquanto o infortúnio tinha nos unido.

27. (CEPERJ – PROCON/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) "Mesmo não havendo registro de incidentes no País..."
O trecho acima poderia ser reescrito, sem alteração do sentido essencial, da seguinte forma:
a) Como não há registro de incidentes no país;
b) Embora não haja registro de incidentes no país;
c) Para que não haja registro de incidentes no país;
d) Enquanto não há registro de incidentes no país;
e) Quando não houver registro de incidentes no país.

***A conectividade é, de longe, o maior disfarce que a solidão humana encontrou*.**

28. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) A frase acima pode ser reescrita, sem prejuízo para a clareza, a correção e o sentido, da seguinte forma:
a) À distância, a maior camuflagem da nossa solidão são os meios com que nos conectamos.
b) Nenhum disfarce de nossa solidão chegou a ser mais eficaz do que o da conectividade atual.
c) Nossa dissimulada solidão é preferível, como sempre foi, do que já foi nossa ansiedade de comunicação.
d) Pela conectividade, mal conseguimos disfarçar a necessidade maior de imergirmos em nossa solidão.
e) O disfarce de uma geral e efetiva conectividade oculta o fato de que jamais superamos nossa solidão.

29. (CONSULPLAN – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale a alternativa em que a alteração estrutural de um trecho do texto NÃO tenha provocado inadequação de ordem gramatical ou discursiva nem alteração semântica.
a) *Se a moral é medida em dinheiro, não entregar-se a ele poderá parecer um luxo.* / Se a moral em dinheiro é medida, poderá parecer um luxo não se entregar a ele.
b) *Mas teria também todo o perdão?* / Mas teria também todo perdão?

c) *O simples fato de que essa pergunta seja colocada implica o pressuposto de que uma verdade ética tal como a honestidade foi transvalorada*. / O simples fato que essa pergunta seja colocada implica no pressuposto que uma verdade ética tal como a honestidade foi transvalorada.

d) *É por meio dela que se faz o cálculo do "sentido" no qual, fora da vantagem que define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário*. / É através dela que faz-se o cálculo do "sentido" onde, fora da vantagem que define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário.

30. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) A sugestão de reescrita que altera fundamentalmente o sentido de: "Um programa como esse pode ser iniciado de imediato, mas demora a ser implementado em todo o país, sobretudo por falta de recursos humanos em quantidade. A solução é executá-lo por cidades" encontra-se em:

a) reescrever "Um programa como esse" como "Semelhante programa".

b) simplificar a forma verbal composta "ser iniciado", escrevendo em seu lugar "iniciar-se".

c) substituir a forma verbal auxiliar "pode" por "deve".

d) coordenar as orações do 1º período com o uso de "não obstante", em vez da conjunção "mas".

e) unir os dois períodos num período único, usando para tanto a conjunção "por conseguinte".

31. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) Preserva-se o sentido de: "A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, não de consumo de aulas" com a seguinte redação:

a) A Educação é antes um processo de acúmulo de conhecimento que de consumo de aulas.

b) A Educação não é um processo de acúmulo de conhecimento, senão de consumo de aulas.

c) A Educação é, não só um processo de consumo de aulas, senão de acúmulo de conhecimento.

d) A Educação é, não um processo de consumo de aulas, senão de acúmulo de conhecimento.

e) A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, tanto quanto de consumo de aulas.

32. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) Altera-se o sentido de: "Mesmo considerando a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio, esta diferença é uma distorção absurda" reescrevendo-se a oração subordinada como:

a) Ainda que considerada a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

b) Conquanto se considere a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

c) A despeito de se considerar a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

d) Posto que considerando a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

e) Visto considerar-se a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

33. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) Invertem-se os termos da relação causa/consequência expressa em: "Pela baixa qualificação dos alunos, o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado" na alternativa:

a) Dado que é baixa qualificação dos alunos, o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.
b) É baixa a qualificação dos alunos, motivo por que o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.
c) O aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado, porquanto é baixa a qualificação dos alunos.
d) É baixa a qualificação dos alunos, a ponto de que o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.
e) O aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado, portanto é baixa a qualificação dos alunos.

34. (Dom Cintra – Pref. Petrópolis/RJ (INPAS) – Advogado – 2012) Das alterações feitas abaixo na redação do período "Segundo o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, sendo 13.310 em homens e 14.800 em mulheres", aquela em que foi mantido o sentido original do texto é:

a) Análogo ao que diz o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, uma vez que 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
b) Consoante o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, conquanto 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
c) De acordo com o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, dos quais 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
d) Coincidente com o que informa o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, onde 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
e) Em conformidade com o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, cujos 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.

35. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Analista de Sistemas – 2012) "Já vi muita coisa neste mundo, mas nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade"; o modo de reescrever-se esse segmento do texto que altera o seu sentido original é:

a) Já vi pessoalmente muita coisa neste mundo, mas nunca assisti a um pau de sebo de verdade.
b) Apesar de já ter visto muita coisa neste mundo, nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade.
c) Embora já tenha visto muita coisa neste mundo, nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade.
d) Nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade, ainda que já tenha visto muita coisa neste mundo.
e) Pessoalmente, nunca assisti a um pau de sebo de verdade, mesmo que já tenha visto muita coisa neste mundo.

36. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Analista de Sistemas – 2012) "Já vi muita coisa neste mundo, mas nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade,..."; o segmento *assisti pessoalmente* poderia ser substituído por um só verbo: *presenciei*.

A frase em que esse mesmo tipo de substituição está corretamente feito é:

a) **Destruir completamente** um conjunto de apartamentos. / desmoronar.
b) **Acabar completamente com** a resistência dos traficantes. / aniquilar.
c) **Matar totalmente** as abelhas de uma colmeia. / esquartejar.
d) **Pagar integralmente** uma dívida ao banco. / negociar.
e) **Amar profundamente** a mulher. / extinguir-se.

37. (Dom Cintra – Câmara de Duque de Caxias/RJ – Consulto Contábil – 2012) A sugestão de reescrita que altera o sentido de: "A quantidade de livros ruins é uma grandeza, e são famosos os casos de clássicos ou de best-sellers que foram recusados por editora após editora até, finalmente, chamarem a atenção de alguém mais antenado" é a seguinte:

a) antepor, na 1ª oração, o predicado "é uma grandeza" a seu sujeito;
b) inserir, entre vírgulas, a expressão "por seu turno", após o predicativo da 2ª oração,"famosos";
c) substituir, na 2ª oração, a conjunção "ou" pela locução "ou antes" entre vírgulas;
d) escrever a oração adjetiva como: "que editora após editora recusaram";
e) dar à 4ª oração a forma: "até que, finalmente, chamaram a atenção de alguém mais antenado".

38. (Dom Cintra – Câmara de Duque de Caxias/RJ – Consulto Contábil – 2012) Feitas as mudanças na ordem dos termos, tal como indicadas, o enunciado que mantém seu sentido básico original é:

a) até, finalmente, chamarem a atenção de alguém mais antenado / até chamarem a atenção de alguém, finalmente, mais antenado;
b) um mundo sem editoras seria um caos para nós, leitores / seria, leitores, um caos para nós;
c) até porque, como objeto, o livro é um produto singularmente bem resolvido / porque até;
d) há transformações já em curso que serão cada vez mais interessantes de acompanhar / já há transformações em curso;
e) as editoras têm linhas editoriais com as quais os editores aprendem a se identificar / aprendem os editores a se identificar.

39. (VUNESP – Academia Barro Branco – Aluno Oficial – 2012) Em – *Não posso auxiliar a nossa polícia legal, **porquanto desde muito que não vou a cinematógrafos...* –, a conjunção destacada pode ser substituída, sem prejuízo de sentido, por:**

a) no entanto;
b) enquanto;
c) uma vez que;
d) por conseguinte;
e) embora.

40. (VUNESP – Academia Barro Branco – Aluno Oficial – 2012) Em – ***Apesar disso tudo* –, *é na assistência delas que nasce muito amor condenado.* –, a expressão destacada pode ser substituída, sem prejuízo de sentido, por:**

a) Não obstante isso tudo;
b) Em detrimento disso tudo;
c) Conforme isso tudo;

d) De acordo com isso tudo;
e) Por conseguinte a isso tudo.

41. (VUNESP – Pref. Cubatão/SP – Agente Fiscal de Tributos – 2012) Assinale a alternativa que apresenta o trecho – *Poderá também dizer que ocorreram reduções de impostos para alguns setores*. – reescrito de acordo com a norma-padrão e sem alteração de sentido.
a) Poderá também dizer que houve reduções de impostos para alguns setores.
b) Poderá também dizer que ocorrera reduções de impostos para alguns setores.
c) Poderá também dizer que houveram reduções de impostos para alguns setores.
d) Poderá também dizer que ocorrerão reduções de impostos para alguns setores.
e) Poderá também dizer que haveria reduções de impostos para alguns setores.

Gabarito

1. CERTO.	9. D.	17. E.	25. ERRADO.	33. E.
2. CERTO.	10. B.	18. ERRADO.	26. B.	34. C.
3. A.	11. B.	19. ERRADO.	27. B.	35. A.
4. E.	12. E.	20. CERTO.	28. B.	36. B.
5. A.	13. A.	21. CERTO.	29. A.	37. C.
6. B.	14. D.	22. CERTO.	30. C.	38. E.
7. D.	15. D.	23. C.	31. D.	39. C.
8. A.	16. A.	24. C.	32. E.	40. A.
				41. A.

Capítulo 38

Questões Comentadas da Banca CQIP

Não conhece a banca CQIP? Uma das mais temidas e polêmicas bancas?! Não acredito! Então, está mais do que na hora de você conhecer!

CQIP: **C**ENTRO DE **Q**UESTÕES **I**MPOSSÍVEIS DO **P**ESTANA.

Se você está rindo agora, prepare-se para chorar da 1ª à 36ª questão! Brincadeira... Meu objetivo é mostrar que há muitas polêmicas em certas questões. Você perceberá que, a cada questão, será um aprendizado. Outra coisa: atualmente as principais bancas de concursos públicos vêm trabalhando questões "híbridas", ou seja, questões que tratam de diversos assuntos em suas opções. Por exemplo, na letra (A) a banca testa seu conhecimento de crase; na letra (B), de paralelismo; na letra (C), de interpretação; na letra (D), de pontuação; na letra (E), de coesão. Elas vêm trabalhando também questões de registro culto da língua. Por isso, fique atento!

Hoje em dia, a FCC e a Esaf são as principais bancas a trabalharem esse modelo de questão. Por isso, tive a preocupação de ilustrar isso com questões feitas exclusivamente por mim. Prepare-se! Ah! E nem tente entrar com recurso contra alguma questão, pois elas são de concursos passados...

Questões da banca CQIP

1. Leia.

O delegado Reinaldo Lobo, da 29ª DP, no Riacho Fundo, a 18 quilômetros de Brasília, surpreendeu a Corregedoria da Polícia Civil ao registrar, no dia 26 de julho, um crime em forma de poesia.

O documento apresentado pelo delegado faz parte do inquérito policial, formado ainda pelo auto de prisão em flagrante, as oitivas e o relatório. A peça final, única feita em poesia, não foi aprovada e teve que ser refeita.

O relatório dizia respeito a um crime de receptação, ocorrido na noite de 22 de julho, quando um homem foi flagrado por policiais militares na garupa de uma motocicleta roubada.

"O preso pediu desculpa/disse que não tinha culpa/pois estava só na garupa/foi checada a situação/ele é mesmo sem noção/estava preso na domiciliar/não conseguiu mais se explicar", escreveu o delegado sobre a abordagem ao suspeito.

Mais adiante, o delegado prossegue: "Se na garupa ou no volante/sei que fiz esse flagrante/desse cara petulante/que no crime não é estreante".

A vontade de fazer um trabalho diferente motivou a redação do poema, disse o delegado. "O nosso trabalho é um pouco de idealismo. Apesar de muito árduo, ele é um pouco de fantasia, de você lutar pela reconstrução e pela melhora do mundo. Acho que isso traz muita realização e eu quis transformar isso em arte, daí a ideia da poesia."

I. A oração "ao registrar, no dia 26 de julho, um crime em forma de poesia" (1º §) mantém uma relação semântica de causa e tempo em relação à outra oração.

II. Há no 2º § oito elementos explícitos que costumam compor a estrutura da voz passiva.

III. O trecho "O relatório dizia respeito a um crime de receptação" (3º §) apresenta dois termos preposicionados que exercem a mesma função sintática.

IV. Poderíamos reescrever o trecho entre aspas (4º §), sem prejuízo do sentido e da correção gramatical, da seguinte maneira: "O preso pediu desculpa, disse que não tinha culpa, pois estava só na garupa. Foi checada a situação – ele é mesmo sem noção –; estava preso na domiciliar, não conseguiu mais se explicar".

V. O vocábulo **que**, nas duas ocorrências do 5º §, tem igual valor coesivo e gramatical.

VI. O pronome **isso** retoma "lutar pela reconstrução" (6º §).

São corretas as seguintes afirmações sobre o texto:

a) I, II, e III.
b) III e V.
c) II e VI.
d) III, IV, V e VI.
e) I e IV.

Comentário: I – A oração *"ao registrar, no dia 26 de julho, um crime em forma de poesia"* (1º §) mantém uma relação semântica de causa e tempo em relação à outra oração, pois revela o motivo da surpresa da Corregedoria e também é circunstância de "tempo" porque mostra quando ocorreu o fato (*ao registrar = quando registrou*). II – Há 9 elementos explícitos que compõem uma estrutura de voz passiva, não 8. Veja: *O documento* <u>*apresentado*</u> (particípio) <u>*pelo delegado*</u> (agente da passiva) *faz parte do inquérito policial,* <u>*formado*</u> (particípio) *ainda* <u>*pelo auto de prisão*</u> (agente da passiva) *em*

flagrante, as oitivas (agente da passiva) *e o relatório* (agente da passiva). *A peça final, única feita* (particípio) *em poesia, não foi aprovada* (particípio) *e teve que ser refeita* (particípio). III – Os dois termos preposicionados não têm a mesma função sintática: um é complemento nominal (de *respeito*), o outro é aposto especificativo (de *crime*). Veja, respectivamente: *"O relatório dizia respeito a um crime de receptação"*. IV – *O preso pediu desculpa, disse que não tinha culpa, pois estava só na garupa. Foi checada a situação – ele é mesmo sem noção –; estava preso na domiciliar, não conseguiu mais se explicar.* As primeiras duas vírgulas separam orações coordenadas. O ponto indica o fim de um período. Os travessões separam uma oração interferente. O ponto e vírgula separa uma oração coordenada de outra. A última vírgula separa uma oração coordenada de outra. V – Os vocábulos não têm o mesmo valor coesivo nem gramatical, pois o primeiro (conjunção integrante) estabelece uma coesão sequencial; o segundo (pronome relativo), uma coesão referencial, pois tem valor anafórico. VI – O pronome *isso* retoma todo o trecho *lutar pela reconstrução e pela melhora do mundo.* **Gabarito**: E.

2. Aponte a opção em que ambas as frases prescindem de correção gramatical.

a) Apesar de o candidato não ter experiência, eu examinei-o e aprovei-o. / Apesar de o candidato não ter experiência, eu o examinei e aprovei.
b) Nada me atinje a esta altura. / Nada me atinje àquela altura.
c) De tudo o que me difere de você, o ciúme é o sentimento mais relevante. / De tudo o que me diferencia de você, o ciúme é o sentimento mais relevante.
d) Ele fez apelo às milhares de pessoas que o ouviam. / Ele fez apelo às milhares de pessoas que o escutavam.
e) O malabarista só fazia contorsões incríveis devido ao seu preparo físico intenso. / O malabarista só fazia contorsões incríveis devido a seu preparo físico intenso.

Comentário: A) Em orações coordenadas, quando se usa a ênclise, o pronome deve ser repetido. Quando, porém, se usa a próclise, não se repete o pronome (exceto quando o pronome tem funções sintáticas diferentes ou quando se quer dar ênfase). Por isso, ambas as frases prescindem de correção gramatical. Quem corrobora esta visão gramatical é Odilon Soares Leme. B) O erro não está no uso do acento grave nem no uso dos pronomes demonstrativos. O fato é que o verbo *atingir* só é escrito com **j** se a ele se seguir a vogal **o** ou **a**. C) O verbo *diferir* não é pronominal, logo deve-se dizer: *"De tudo o que eu difiro de você..."*. D) O erro gramatical não está no uso de ouvir e escutar, mas na concordância com *milhares*, que é palavra masculina, portanto *"... aos milhares de pessoas..."*. E) O erro não está na presença ou

ausência do artigo antes do pronome possessivo adjetivo, até porque, nesse caso, o artigo faculta. O que talvez tenha passado despercebido (e não *desapercebido*, rs) foi o fato de que a palavra *contorção* vem de *contorcer*, que vem de torcer, logo, se escreve *contorção* (***-ões***). Muitos erros de ortografia seriam evitados se você tivesse a palavra primitiva em mente antes de escrever a derivada. **Gabarito**: A.

3. Das redações abaixo, a única que não apresenta incorreção gramatical nem incoerência é:

a) Depois de muito tempo em coma, devido a um acidente envolvendo dois carros e um ônibus, só se foi notar, anos depois da tragédia, alguns sinais de recuperação no rapaz.

b) Não só havíamos nos mudado para bem longe daquela terra infértil e cheia de mazelas culturais, como também nos havíamos livrado daquela gente que a habitava.

c) O governo do Espírito Santo só se adéqua à Lei da Informação e divulga salário dos servidores, porque há uma pressão muito grande por parte dos líderes sindicais.

d) Como o remédio foi lançado há pouco tempo no mercado farmacológico, os médicos e farmacêuticos não lhe conhecem todos os efeitos colaterais ainda, o que pode gerar problemas.

e) Enviamo-lhes o projeto para o exame, mas ainda nada foi resolvido, por isso vimo-nos em situação periclitante, uma vez que temos um cronograma assaz rígido.

Comentário: A) *"... só se **foram** notar... alguns sinais de recuperação..."*. Desvio de concordância com verbo acompanhado de partícula apassivadora. B) *"Não só **nos** havíamos mudado..."*. O pronome átono fica antes do verbo auxiliar do tempo composto, pois há palavra atrativa antes dele. C) O verbo *adequar* é defectivo, segundo 99% dos gramáticos e linguistas, mas alguns dicionaristas, como Houaiss, entendem que esse verbo tem conjugação completa, de modo que *a**dé**qua* (ou *ade**qu**a*) é forma certa. Esta letra poderia ser a resposta, se não houvesse opção melhor (= incontestável). D) Não há erro algum nesta opção. O *lhe* tem valor possessivo, como se estivesse escrito assim: *"... os médicos e farmacêuticos não conhecem todos os **seus** efeitos colaterais ainda..."* E) *"**Enviamos**-lhes..."*. Excetuando o que diz Napoleão Mendes de Almeida sobre o assunto, a saber, que o **s** pode ser suprimido seguido de qualquer oblíquo, o fato é que a maioria (99,99%) diz que o **s** do verbo não desaparece quando se junta a ele o pronome *lhe*(*s*). Isso **só** se dá com o pronome *nos* (1ª pessoa do plural). **Gabarito**: D.

4, Qual opção apresenta reescritura adequada da primeira frase?

a) É nessas horas que se conhecem os amigos. / São nessas horas que se conhecem os amigos.

b) Decorrido mais de um mês, tudo mudou. / Decorridos mais de um mês, tudo mudou.

c) Foi um de seus irmãos que me procuraram ontem. / Foi um de seus irmãos que me procurou ontem.

d) Não lhes restaram senão uns poucos amigos. / Não lhes restaram se não uns poucos amigos.
e) Ele se descontrolou em face daquele imprevisto. / Ele se descontrolou face àquele imprevisto.

Comentário: Na frase *Foi um de seus irmãos que me procurou ontem, foi... que* é uma expressão expletiva. Isso significa que pode ser retirada, sobrando: *Um de seus irmãos me procurou ontem.* Daí que o verbo no plural é impossível. Não confunda aquela regra de concordância famosa com a expressão *um dos que* com a estrutura de expressão expletiva apresentada na letra C. Cuidado!!! A) O verbo da expressão expletiva *São... que* não pode ficar no plural, pois só concorda com um termo não preposicionado, e *nessas horas* é um termo preposicionado, logo a reescritura está errada. B) A concordância com a expressão *mais de um* se faz no singular, logo a reescritura está errada. D) Em correlação com uma proposição negativa o *senão* só pode vir junto, indicando *exceto*, logo a reescritura está errada. E) A expressão *face a* não é uma locução prepositiva abonada pela norma culta. Logo, a reescritura está errada. **Gabarito**: C.

5. Marque a opção com incontestável correção gramatical.

a) Vejo-lhe estudar todo tipo de assunto; você merece os parabéns, pois o verdadeiro sábio une o saber com a virtude.
b) Todos nós usufruímos dos benefícios da civilização, por isso vimos aqui para agradecer-lhe a oportunidade.
c) Vamos nos aproximando do fim, e a reforma fiscal continua sem viger, porquanto isso não interessa aos políticos.
d) O governo deixa os trabalhadores na angústia de talvez vir a ser eles os obrigados à comprovação do recolhimento da contribuição.
e) Depois de muita luta (a reunião terminou às 0h25min), nada aconteceu: vetaram o deputado de aprovar o projeto.

Comentário: O *lhe* pode estar ligado aos verbos causativos ou sensitivos se seguido de verbo transitivo direto no infinitivo. *Unir* é VTDI. Exige a preposição *a* ou *com*. Perfeita a redação da A ! B) A maioria dos gramáticos ensina que *usufruir* é VTD, mas Celso P. Luft e Cândido Jucá Filho ensinam que pode ser VTI, exigindo preposição *de*. Polêmicas... C) A maioria dos gramáticos ensina que o pronome oblíquo vem ligado ao verbo auxiliar por hífen, perdendo o **-s** final: *Vamo-nos aproximando*. Cegalla, porém, diz que pode ser sem hífen, do jeito que está. Polêmicas... D) ... *virem a ser* <u>*eles*</u> *(sujeito)*... Cuidado com a concordância! E) O artigo deve

concordar com o número de horas, que no caso é zero, logo a forma certa é *à 0h25min*. A regência de *vetar* é assim: Vetaram ao deputado aprovar o projeto. **Gabarito**: A.

6. Marque a opção que não apresenta incorreção gramatical.

a) Apesar de se tentarem frear os preços exorbitantes que as lojas impunham aos clientes, para seu desespero, nada aconteceu.
b) O imortal poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade celebra seu centenário com tudo que tem direito, afinal, ele é o homem!
c) O meu projeto de terraplenagem só seria mais econômico que o de vocês caso algumas empresas me ajudassem a torná-lo popular.
d) O Xis era um daqueles restaurantes de Paris que você vai à toalete e tem pena de fazer suas necessidades – é assim em nosso país?
e) Durante o encontro dos dois líderes, os quais se odeiam, trataram-se de problemas que afligem o lado mais pobre da população.

Comentário: A) *Apesar de se tentar frear os preços exorbitantes que as lojas impunham aos clientes, para seu desespero, nada aconteceu.* (*Frear os preços* é o sujeito do verbo *tentar*, logo fica no singular). B) *O imortal poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade celebra seu centenário com tudo a que tem direito, afinal, ele é o homem!* (O substantivo *direito* exige a preposição *a*, que fica antes do pronome relativo). C) *O meu projeto de terraplenagem só seria mais econômico que o de vocês caso algumas empresas me ajudassem a torná-lo popular.* (Eis o gabarito!). D) *O Xis era um daqueles restaurantes de Paris em que você vai ao toalete e tem pena de fazer suas necessidades – é assim em nosso país?* (Quando indica lugar, usa-se *em que*, e *toalete* é palavra masculina, segundo Cegalla). E) *Durante o encontro dos dois líderes, os quais se odeiam, tratou-se de problemas que afligem o lado mais pobre da população.* (O verbo é conjugado no singular quando vem acompanhado de *se* – indeterminador do sujeito ou integrante do verbo). **Gabarito**: C.

7. Considerado o padrão culto escrito, a alternativa que apresenta frase correta é:

a) Nunca mais faremos tamanha loucura, que foi estar em seis, espremidos, dentro de um carro, que partiu do Rio de Janeiro para Sergipe!
b) Silêncio profundo sucedera o ruído que a aparição daquele homem desvairado havia excitado.
c) Muitas polêmicas estão-se sucedendo no meio televisivo ultimamente, uma vez que a moral dos do ramo está em baixa.
d) Largou tudo sem olhar para trás, mas com a discrição de quem se afasta de erros e complicações que já não estavam em suas mãos resolver.
e) Algumas tribos indígenas já impunham sua suserania sobre povos agrícolas, forçando-os a supri-los de alimentos e de servos.

Comentário: A) Com verbo de ligação, o numeral não vem antecedido de preposição em construções como essas. Deve-se reescrever assim: *"... que foi estar seis..."*. É estranho, mas... fazer o quê? B) *Suceder* é VTI: *"... sucedera ao ruído..."*. C) O verbo *suceder* não é pronominal no sentido de *ocorrer*, logo: *"... estão sucedendo..."*. Pensou que o erro estava no hífen? Tal uso é culto, formal. D) O verbo *estar* deve ficar na 3ª pessoa do singular porque o seu sujeito é oracional: *resolver erros e complicações*. E: Perfeita redação! Um detalhe que tenha feito todo mundo ficar de cabelo em pé foi o fato de *-los* retomar *tribos indígenas*, só que *-los*, por silepse de gênero, retoma *índios*. A silepse não é um desvio da norma culta, é apenas uma concordância ideológica. Cuidado! **Gabarito**: E.

8. A frase que não se apresenta redigida de forma clara e correta é:

a) Sem embargo de residir em rica mansão vivia amargurada a solitária embaixatriz.
b) Se queres fazer uma caridade à mulher, escuta-a com paciência; se não, evite olhar muito para ela.
c) A mesa em que se sentou o poeta, a fim de fazer suas observações, ficava ao pé da vitrine dos cigarros.
d) A regulamentação da concepção do serviço público deve manter as rédeas sobre o controle do governo.
e) As grandes árvores do pátio sobressaíam-se mais negras no breu do sinistro período vespertino.

Comentário: Você tinha de marcar a opção **com** incorreção **E com** incoerência. Em A, há incorreção, pois falta apenas uma vírgula após a oração reduzida. Em B, há incorreção, pois não foi respeitada a uniformidade de tratamento, pois se inicia o texto com a 2ª pessoa do singular, mas, na penúltima oração, o verbo está na 3ª pessoa do singular. Curiosidade: o *se não* pode vir separado quando se subentende o verbo anterior, o que é o caso. Em C, não há incorreção nem incoerência, pois o verbo *sentar-se* exige a preposição *a* quando a pessoa se coloca diante da mesa; com a preposição *em*, a ideia é de estar sobre a mesa. No contexto, tanto uma quanto outra estariam certas. Em D, há incoerência, pois o contexto exige a preposição *sob*. Em E, há incorreção e incoerência, pois o verbo *sobressair* não é pronominal, logo não vem acompanhado do pronome *se*, e *breu no período vespertino* é um absurdo, pois breu está ligado ao período noturno. **Gabarito**: E.

9. A frase que não está em total conformidade com o padrão culto escrito é:

a) A comissão presidida pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (que já havia presidido a duas anteriores) e integrada por outros notáveis, como os ex-presidentes da

Colômbia – César Gaviria – e do México – Ernesto Zedillo –, diz que a guerra contra as drogas, da forma como é travada hoje, é um esforço perdido.

b) Os mosquitos transmissores da dengue, principalmente o *Aedes aegypti*, não só se proliferam dentro de habitações ou nas proximidades delas (casas, apartamentos, pousadas, hotéis, etc.), mas também em recipientes onde se acumula água limpa (vasos de plantas, pneus velhos, cisternas, etc.).

c) Parece mentira, mas, depois de intensos estudos dedicados a isto, um soldado cego por uma granada no Iraque teve sua vida transformada por uma tecnologia inovadora - um dispositivo que combina uma câmera montada nuns óculos de sol com uma corda vibrando dentro da boca – que lhe permite "ver" com a língua.

d) Após exaustiva relutância, deverá referendar o acordo assinado por seu representante na ONU o governo brasileiro; tal hesitação foi motivada pelo constante imbróglio de instituições tomadas como sérias, as quais sofrem costumeiros reveses de certas soberbas potências mundiais.

e) Mesmo que se queira mudar os fundamentos da economia nacional, o que é inevitável, infelizmente, eles estão acorrentados a compromissos financeiros e metas orçamentárias que se estenderão até um futuro distante, e nós, meros mortais, continuaremos sendo alvos de megalômanos "cartéis".

Comentário: O verbo *proliferar* não é pronominal, logo não é conjugado junto com a partícula integrante *se*. O trecho deve ser reescrito assim: *"... não só proliferam..."*. **Gabarito**: B.

10. Está clara e em total conformidade com o padrão culto escrito a seguinte redação:

a) Lê-se que, na Idade Média, as corporações se precavinham da interferência estrangeira, pois o perigo de mácula no sistema era grande.

b) Pode-se dizer mesmo que o negro precede o índio no trabalho agrícola organizado pelo branco; só lhe precede por motivos históricos.

c) Antes quero engolir petróleo em seu estado de ebulição a engolir em seco a mágoa que tenho cá dentro de minha alma.

d) Tal atitude da mulher, aparentemente radical, quiçá fundamentalista, quanto ao uso de cosméticos, não lhe prejudica a beleza, prejudica-lhe como pessoa.

e) Meu marido, ontem à noite, depois de ter tomado umas e outras, despiu-se e deitou-me na cama, em cima da roupa que ele me presenteara.

Comentário: Em B, o verbo *preceder* pode ser VTD ou VTI. A) O verbo *precaver*, no pretérito imperfeito do indicativo, se conjuga como o verbo vender, logo *"... as corporações se precaviam..."*. C) O verbo querer não exige a preposição *a* numa comparação. Por isso deveria ser *"Antes quero... que engolir..."* D) O verbo prejudicar só pode estar acompanhado de *lhe* quando este tem valor possessivo. Afora isso, o verbo é VTD, logo deveria ser: *"... prejudica-a como pessoa"*. E) O verbo *presentear* tem a seguinte regência: presenteia-se alguém com alguma coisa. Logo, o trecho deveria ser reescrito: *"... em cima da roupa com que ele me presenteara"*. **Gabarito**: B.

11. Marque a redação que não infringe o registro formal nem a coerência.

a) Como era muito hábil e paciente, percebia um razoável ordenado, acrescido ainda pelos biscates que fazia de noite.
b) Façamo-lhe uma última homenagem; afinal, João foi um homem digno, capaz de atender às mesmas pessoas várias vezes.
c) De vários mártires, Joaquim Jose da Silva Xavier, o Tiradentes, foi a personagem mais forte da Conspiração Mineira.
d) Por hora – disse-lhe um velho desconhecido -, creio que V. Sa., com isto, pode saber finalmente em que terreno pisa.
e) Devo poupar-lhes do longo e doloroso processo, posto que já conheço, e muito!, como a burocracia ocorre neste maldito país.

Comentário: A) O verbo *perceber* pode significar "receber honorários". B) *Façamos-lhe...* C) ... José... D) *Por ora...* E) *Devo poupar-lhes o... visto que...* **Gabarito**: A.

12. Aponte a alternativa que não desconsidera a correção gramatical.

a) A concordância do verbo ser em *O português são dois* explica-se pelo predicativo e o sujeito serem de números diferentes.
b) Fez uma longa pausa para responder às perguntas, como se buscasse no seu íntimo uma resposta para ele mesmo.
c) Eu o exasperava tanto que se tornara doloroso para mim ser o objeto do ódio daquele homem que, de certo modo, eu amava.
d) O bispo gravou uma mensagem para a TV Record, da qual é dono, pedindo aos seus seguidores para que orem e jejuem por ele.
e) A julgar pelo o que os jornais disseram sobre ele, o prefeito reluta em tomar todas as medidas necessárias.

Comentário: A) ... ***por o*** *predicativo e o sujeito serem...* (Não pode haver, segundo a maioria dos gramáticos e das bancas (exceto a Esaf), contração antes de sujeito de verbo no infinitivo). B) ... *para si mesmo.* D) ... *pedindo aos seus seguidores que orem e...* (Regência do verbo *pedir*) E) *A julgar pelo que...* (*pelo* já é a contração de *por* + *o*). **Gabarito**: C.

13. A única redação que apresenta incorreção gramatical é:

a) Os norte-americanos sempre receberam ajuda do nosso país mas poucas vezes lhe agradeceram da maneira adequada.
b) Ele insistiu que eu tentasse a sorte na loteria, não obstante lhe objetei que eu não tinha sorte, infelizmente.
c) A lei pune quem solicitar, exigir, cobrar ou obtiver vantagem a pretexto de influir em ato praticado por funcionário público.
d) Nos dias atuais da política brasileira, o que não falta são inúmeros escândalos envolvendo bicheiros e políticos.
e) *Os pastores da noite*, do saudoso e genial Jorge Amado, tem como cenário a cidade de Salvador.

Comentário: A oração coordenada sindética adversativa (*mas nunca lhe agradeceram*) é obrigatoriamente separada por vírgula. Simples assim! **Gabarito**: A.

14. A única redação que não apresenta incorreção gramatical é:

a) A regra da igualdade não consiste senão em quinhoar desigualmente aos desiguais na medida que se desigualam.
b) Na década de 1920, a sociedade, além da ópera ou do teatro, também frequentava os cinematógrafos, que exibiam os filmes de Hollywood, e seus astros.
c) Nenhuma tirania moderna, nenhum teórico da ditadura, ninguém, por mais sábios que fossem, chegou sequer a vislumbrar aquela possibilidade.
d) O número de moças que se inscreveu no concurso de Miss Bumbum na década de 70 foi bem maior do que esperávamos.
e) Cerca de 1,98% dos alunos ainda não entende que a presença em sala de aula é primordial para que seu futuro seja bem-sucedido.

Comentário: A) ... *na medida em que*... (*na medida que* não existe na língua culta). B) Não se separam termos coordenados por *e* por vírgula. C) ... *teórico*... *por mais sábio que fosse*... D) ... *moças*... *se inscreveram*...**Gabarito**: E.

15. Qual opção abaixo está em desacordo com a correção gramatical?

a) Ao meio-dia e meia, os bancos cariocas já estarão fechados devido à pertinente greve dos funcionários; o mesmo ocorrerá em Recife.
b) Contaram-se os votos contidos nos vinte e dois milhões trezentas e quarenta e duas mil seiscentas e vinte e uma cédulas no segundo turno.
c) Os pombinhos casaram-se e foram residir numa casa próxima a que Maria morava quando solteira.
d) Quinhentos miligramas de sódio por dia vêm sendo recomendados a fim de manter a saúde sem qualquer problema.
e) Ficou comprovado o assassinato de Osama Bin Laden por alguns dos milhares de forças interessadas em eliminá-lo.

Comentário: Por mais estranho que fique, antes do pronome relativo, deve ficar a preposição *em* (... *próxima à* (= *àquela*) ***em*** *que Maria morava*...), por causa do verbo *morar*. **Gabarito**: E.

16. Aponte a opção que desrespeita as prescrições gramaticais.

a) A malcriação do magérrimo manauara, que hoje vive em Madagáscar, criou celeuma entre os cidadãos madagascarenses.
b) É mais vantajoso para o Rio de Janeiro desenvolver o turismo a construir fábricas, que poluirão ainda mais o cenário.
c) O pedido para que as palavras fossem melhor acomodadas partiu do presidente da Federação Internacional de Futebol.

d) Os pais dos alunos mandaram-lhes entregar um recado à direção do colégio onde estudavam há muitos anos.
e) João vive envolvido com tráfico de drogas; Pedro está preso há meses; esses dois irmãos são muito maus-caracteres.

Comentário: A) As palavras *malcriação, magérrimo, manauara* e *Madagáscar* são encontradas no VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa). Se a Academia Brasileira de Letras diz isso, quem sou eu para desdizer... Sobre *magérrimo*, apesar de a maioria dos gramáticos insistirem que é forma coloquial, os dicionários Melhoramentos, Aulete etc. e os estudiosos Silveira Bueno, Cândido de Oliveira e Napoleão Mendes de Almeida abonam tal forma. B) *É mais... **(do) que** construir...* (correlação comparativa culta, neste caso; só com o verbo preferir ou com o adjetivo correspondente (preferível), usa-se a preposição *a* no último elemento da comparação). C) Muitos gramáticos aceitam ambas as formas (Bechara, Cegalla, Sousa e Silva, etc.): **melhor acomodadas** e **mais bem acomodadas**. Marque sempre a "melhor resposta". D) Cegalla e Luft não se opõem ao uso do *lhe* como sujeito de um infinitivo, desde que o verbo seja transitivo direto. Sobre o pronome relativo *onde*, seu uso está correto, pois retoma uma palavra indicativa de lugar. E) **Maus-caracteres** é o plural de mau-caráter. *Feiaço*, mas é essa *parada* aí! **Gabarito**: B.

17. Marque a opção que não dispensa mudança na redação.

a) Hoje, professor Manoel – clamou em desespero o aluno preocupado com a nota –, posso dizer que devo tudo ao senhor.
b) Havia uma TV dentro da loja, em frente à qual todos os transeuntes ficaram parados para ver o desastre ocorrido com o avião.
c) Para que os alimentos não fiquem insípidos, disse o cozinheiro aos seus primeiros alunos, junta-se-lhes sal.
d) É sempre bom lembrar, devido a mudanças ocorridas na ortografia recentemente, que os esses e os erres se duplicarão em certas palavras.
e) Por mais que alguns pseudoprofessores se deem ao trabalho de tentar explicar tudo, nunca lhes recorra em momentos decisivos.

Comentário: A) Esta redação dispensa alteração. Talvez a dúvida fosse em cima da segunda vírgula após o segundo travessão, certo? Bem, não erre mais: se, antes do primeiro travessão, houver razão para o uso da segunda vírgula, ela virá depois do segundo travessão. Neste caso, *professor Manoel* é um vocativo, logo vem separado por vírgulas. B) Esta redação dispensa alteração. Está correta. C) Esta redação dispensa alteração. Alguns gramáticos dizem que o *lhe* só se usa para se referir a **seres animados ou personificados,** mas isso não é consenso. Na prova da

FCC, estamos cansados de ver que o *lhe* pode substituir **coisas**, portanto esta alternativa não seria a melhor resposta. D) Esta redação dispensa alteração. Talvez a dúvida aqui fosse em relação ao plural das letras **s** e **r**, que podem ser escritas por extenso seguidas de desinência **-s** ou duplicadas para marcar o plural (**ss** e **rr**). Ou a dúvida estava no uso do pronome oblíquo átono antes de futuro do presente? Não há problema na próclise, pois, quando há sujeito explícito antes do verbo no futuro, a próclise e a mesóclise são opcionais. E) Eis o gabarito! Esta redação não dispensa alteração, pois convencionalmente o verbo *recorrer* não aceita *lhe(s)* como complemento. Regra! Quanto à expressão *dar-se ao trabalho*, não há problema algum, mas poderíamos grafar *dar-se o trabalho*. Teríamos uma dupla análise sintática, sem incorrer em desvio gramatical. **Gabarito**: E.

18. Marque a opção que preferencialmente não precisaria de reescrita a fim de haver adequação ao registro culto.

a) O guarda da embaixada, depois de calorosa discussão com um indivíduo, impediu-lhe veementemente de entrar.

b) Implica necessariamente a imposição de valores da nação dominante na destruição da cultura da que é dominada.

c) Não lhe importa, mesmo após terem falado barbaridades de você, as críticas absurdas e aleatórias que lhe fazem?

d) Mesmo com toda a imundice daquele lugar, desde menino lhe incitava o desejo de tornar-se um artista famoso.

e) Anteontem, os projetos do governo, que receberam total apoio do povo, não pareceu encontrarem apoio no Senado.

Comentário: A) Seguindo a regência culta do verbo *impedir*, **impede-se alguém (OD) de alguma coisa (OI)**. Portanto, a reescrita adequada é esta: *O guarda da embaixada, depois de calorosa discussão com um indivíduo,* ***impediu-o*** *veementemente de entrar.* B) A vastíssima maioria dos gramáticos e linguistas entende que o verbo *implicar* (no sentido de *acarretar*) é transitivo direto, portanto a reescrita deve ser esta: ***Implica*** *necessariamente a imposição de valores da nação dominante* ***a*** *destruição da cultura da que é dominada.* Até porque há uma "melhor resposta" nesta questão. C) O núcleo do sujeito do verbo *importar* está no plural, logo o verbo deve ficar no plural, assim: *Não lhe* ***importam****, mesmo após terem falado barbaridades de você, as* ***críticas*** *absurdas e aleatórias que lhe fazem?* D) O verbo *incitar* é VTD, logo é preciso haver uma reescrita: *Mesmo com toda a imundice daquele lugar, desde menino* ***o incitava*** *o desejo de tornar-se um artista famoso.* E) O sujeito do verbo *encontrar* é *os projetos do governo.* **Gabarito**: E.

19. Marque a opção com desvio gramatical.

a) Independentemente da decisão de vocês, terão de avir-se comigo, senão vocês se haverão com ele.
b) O presidente não possui qualificação necessária para o cargo, hajam vista as suas últimas decisões.
c) Vinte anos depois daquela maldita guerra, desgraçadamente, há muito pouco que comemorar.
d) Engarrafamentos nas avenidas das metrópoles só costumam haver por causa do volume de carros.
e) Aquelas políticas, como Dilma Rousseff, têm horror de eventos em que se apregoam demagogias.

Comentário: A) *Avir-se* e *haver-se* significam a mesma coisa. B) *Hajam vista* também é forma culta. O verbo *haver* (*hajam*) concorda com *as suas últimas decisões*. C) Não há problema em *muito pouco*. D) O verbo *haver* faz parte de uma locução verbal (*costumam haver*). O problema (ou a solução, rs) é que ele tem sentido de existir, logo o verbo auxiliar deve ficar no singular, afinal o verbo *haver* é impessoal quando apresenta noção existencial. Ainda: nesta acepção, o verbo *haver* é transitivo direto; seu objeto direto é *Engarrafamentos nas avenidas das metrópoles*. Até onde sei, verbo não pode concordar com objeto, mas sim com sujeito. Portanto, o certo seria: *Engarrafamentos nas avenidas das metrópoles só* ***costuma haver*** *por causa do volume de carros* ou *Só costuma haver engarrafamentos nas avenidas das metrópoles por causa do volume de carros*. E) Aquelas políticas, como Dilma Rousseff, têm horror de eventos em que se apregoam demagogias. O adjetivo *horror* pode reger a preposição *a* ou *de*. **Gabarito**: D.

20. A frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Têm, para conseguir notícias do Brasil nas diferentes crises agudas e periódicas da República, gasto muito dinheiro os jornais americanos.
b) Depois de Deus, de seu pai, de sua mãe e de seus irmãos, quem ela mais gostava era sua avó; o namorado nem sequer entrava na lista.
c) Aquela antiga professora da série primária sempre gostava que seus ex-alunos, como eu, a visitassem, pois se sentia muito carente após a aposentadoria.
d) Toquei a música de que ela mais gostava de cantar, afinal, precisamos fazer precipuamente a vontade das pessoas a quem amamos.
e) Harmonia lembra música, que, a grosso modo, nada mais é do que a arte de harmonizar sons, os quais certamente provocarão a catarse.

Comentário: A) A locução verbal pode ser *têm... gasto* ou *têm... gastado*, indiferentemente. Nos 40 gramáticos e linguistas em que pesquisei o assunto, o ponto de vista é dividido, mas a demolidora maioria diz que os verbos *pagar, ganhar* e *gastar*

têm duplo particípio depois dos verbos *ter* ou *haver*, ou seja, pode-se dizer (ou escrever) de acordo com a norma culta: *Eu tinha pagado/pago/ganhado/ganho/gastado/gasto*. Por isso este é o gabarito! B) O certo é ... *de quem*... A preposição *de*, exigida pelo verbo *gostar*, é obrigatória antes do pronome *quem*. C) A preposição *de* exigida pelo verbo *gostar* pode ficar implícita antes da conjunção integrante de acordo com alguns gramáticos e linguistas: Cegalla, Assis Cintra, Cândido Jucá Filho, Claudio Cezar Henriques, Bechara, Sacconi, Faraco & Moura, José Carlos de Azeredo, Eduardo Carlos Pereira, Hildebrando André, João A. Peres & Telmo Moia, Francisco Fernandes. No entanto, a maioria dos gramáticos e linguistas "teima" pela preposição explícita! Daí o "erro". Quanto ao uso do pronome oblíquo átono *a* logo após a vírgula e antes do verbo também está correto. Ignora-se a expressão intercalada (*como eu*) e faz-se a colocação pronominal adequada. D) A preposição *de* antes do pronome relativo está errada, pois o verbo *cantar*, cujo complemento direto é o relativo *que*, não a exige. E) A expressão correta é ***grosso modo***. **Gabarito**: A.

21. Levando-se em conta a coerência, marque a única alternativa que atende às prescrições gramaticais da norma culta!

a) Ela foi sem dúvida uma grande líder, à qual – independentemente de alguns contratempos –, não faltaram os dotes do espírito e do coração.

b) Depois de cinco dias em uma ilha deserta, submetido à escassez de alimento, o famigerado ilhéu encontrou – já subnutrido – comida.

c) Anteontem, alguns camelôs comentavam, animados, a briga entre as autoridades – a qual lhes acabou favorecendo.

d) Fernando Henrique Cardoso – coincidentemente em outubro de 2002 – visitou a Catedral da Sé e fez votos para que as eleições transcorressem com tranquilidade.

e) Os oito assassinatos naquela região não foram cometidos por terroristas estrangeiros, mas por francos-atiradores americanos – que não foram encontrados.

Comentário: A) O VOLP registra a palavra *líder* como substantivo comum de dois gêneros; o verbo *faltar* exige a preposição *a*, que se desloca para antes do pronome relativo obrigatoriamente. A crase ocorre devido à contração da preposição *a* + *a qual*. O único desvio diz respeito à vírgula indevida após o último travessão, pois ABSOLUTAMENTE NADA justifica seu uso. B) O adjetivo *famigerado* não se refere a *esfomeado*, mas sim a indivíduo célebre, notável, por isso um não pode substituir outro; hoje a palavra é usada em sentido pejorativo, normalmente. C) O verbo *favorecer* não exige complemento preposicionado (substituído por *lhes* (= *a eles*)), logo deveria ser: "... a qual *os* acabou favorecendo". D) A expressão *fazer votos* exige

a preposição *de*, *para* ou *por*. Quem abona tais regências é o *Dicionário da Academia de Lisboa*. Nas minhas pesquisas, entre os pesquisadores brasileiros, a preferência é pelo uso da preposição *de* ou *por*. E) Segundo o VOLP, o Aulete e o Houaiss, o plural de *franco-atirador* é *franco-atiradores*, logo este é o desvio. **Gabarito**: D.

22. Marque a alternativa com redação inadequada à norma culta

a) A máquina estatal mostra-se ineficiente, em que pesem os esforços do governo.
b) Semanalmente entram e saem alunos do curso onde estudei em criança.
c) Lívia é uma jovem de boa aparência e que trabalha, inclusive, como modelo.
d) Escaparam à vigilância do guarda e conseguiram fugir da prisão.
e) Antes de chegar a esse estádio adiantado na exposição de suas ideias, sofrera.

Comentário: A) A imensa maioria dos gramáticos aprova somente a expressão *em que pese* a, que equivale a *apesar de, não obstante*, ou seja, tem valor concessivo. Tendo *pese* uma pronúncia fechada. Estes gramáticos condenam a flexão do verbo *pesar* e a não aposição da preposição *a*; mas... outros estudiosos, como Cegalla, não veem problema algum. Ele mesmo diz, no *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*, que só se pode flexionar tal verbo sem a preposição *a* no fim da expressão (em que pesem), se o sujeito for nome de *coisa*, como é o caso. Portanto, *os esforços do governo* é o sujeito do verbo *pesar*, segundo tal autor. Opção polêmica; nesses casos, precisamos encontrar a melhor "resposta". B) A vírgula antes de ***semanalmente*** (adjunto adverbial deslocado) é facultativa, pois ele tem curta extensão. Além disso, por motivo de concisão, o uso de mesmo complemento de verbos com regências diferentes (*entram e saem... **do curso***) não incorre em equívoco gramatical para alguns estudiosos da língua, como Cegalla, Bechara, José de Sá Nunes, Sousa e Silva, Epifânio Dias, Arnaldo Niskier etc. A maioria condena tal uso de verbos com regências diversas tendo o mesmo complemento. Além disso, o pronome relativo *onde* (ou *em que*) está adequado, pois retoma palavra de sentido locativo (curso). Para quem ainda tem dúvida: *Eu fui à praia, à casa dela, ao curso e à minha casa.* Todos os termos coordenados de mesma função sintática (adjuntos adverbiais de lugar) estão separados por vírgula. Ah! A locução adverbial de tempo *em criança* existe, é permitida e equivale a *quando criança.* Opção polêmica; nesses casos, precisamos encontrar a melhor "resposta". C) Há falta de simetria de construção, ou seja, há falta de paralelismo sintático. O que é isso, Pest? Bem, para que uma frase tenha paralelismo sintático, é preciso que haja coordenação entre termos ou entre orações. Sendo assim, não podemos coordenar (com a conjunção *e*) um adjunto

adnominal (de boa aparência) com uma oração subordinada adjetiva (que trabalha como modelo). A adequada redação é esta, em que se coordenam expressões sintáticas semelhantes, no caso, orações subordinadas adjetivas: *Lívia é uma jovem que tem boa aparência* ***e*** *que trabalha como modelo*. Eis o gabarito! D) A regência do verbo *escapar* está adequada, mas poderia também ser usada a preposição *de* (escapar de). E) A palavra *estádio* é sinônima de *estágio*. Não há erro algum. **Gabarito**: C.

23. Aponte a alternativa que apresenta redação sem qualquer desvio gramatical.

a) Certamente que aquele filme vai gerar muita polêmica entre os fãs do gênero, por causa das crucifixões.
b) No Natal, os povos confraternizam-se, esquecendo as rivalidades, o que faz com que fiquem mais felizes.
c) Finalmente consegui convencer ao contador que seu cálculo de ontem, infelizmente, estava errado.
d) Manteve-se calmo durante todo o interrogatório, de maneira a que não despertasse suspeitas.
e) O trânsito melhorou em 50%, desde que o piso das ruas foi asfaltado com um piche especial.

Comentário: A) Nada a dizer! Perfeita redação! O *que* (em *certamente que*) é expletivo. B) O verbo *confraternizar* não é pronominal, logo a partícula *se* é dispensada. C) Quem convence, convence *alguém de alguma coisa*, e não *alguma coisa a alguém*. D) A expressão correta é esta: *de maneira que*. E) A preposição *em* antes de 50% é um equívoco gramatical, quando vem ao lado de um verbo intransitivo. **Gabarito**: A.

24. A única reescritura que dispensa correção gramatical, levando em conta o registro culto da língua, é:

a) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, há 99,99% de chance de o sentido dela indicar finalidade.
b) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, tem 99,99% de chance de o sentido dela indicar finalidade.
c) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, há 99,99% de chance do sentido dela indicar finalidade.
d) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, tem 99,99% de chance do sentido de ela indicar finalidade.
e) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, há 99,99% de chance do sentido de ela indicar finalidade.

Comentário: A) *Perfect! No comments.* B) O verbo *ter* no sentido de existir faz parte do registro coloquial. Daí a incorreção gramatical. C) De acordo com a maioria dos gramáticos, não pode haver contração antes de sujeito de verbo no infinitivo, logo a construção preferencial é assim: ... *há 99,99% de chance de o sentido dela indicar finalidade.* D) O verbo *ter* no sentido de existir faz parte do registro coloquial. Além disso, a contração da preposição *de* com o pronome pessoal oblíquo tônico *ela* formando a locução adjetiva *dela* é obrigatória; até porque o núcleo do sujeito do verbo *indicar* é *sentido*, e não *ela.* E) A contração da preposição *de* com o pronome pessoal oblíquo tônico *ela* formando a locução adjetiva *dela* é obrigatória; até porque o núcleo do sujeito do verbo *indicar* é *sentido*, e não *ela.* **Gabarito**: A.

25. Aponte a única alternativa que se encontra em consonância com o registro culto da língua.

a) Os abaixo-assinados vêm respeitosamente solicitar a Vossa Excelência que repense as questões levantadas outrora.
b) Nesta data, devemos ter a coragem de proclamar, em alto e bom som, a importância dos valores morais.
c) Um tédio tão grande foi apoderando-se da mulher ao ponto de lhe alterar a personalidade.
d) Peço que orem por este pobre historiador e escritor, que nada mais aspira na vida senão a viver em paz.
e) Rompia em exclamações contra a mulher que lhe aconselhara dar maior publicidade a sua desonra.

Comentário: A) Certo: *Os abaixo assinados...* Por quê? Simples. A expressão, neste contexto, designa os signatários do documento, e não os documentos. B) Certo: ... *alto e bom som...* Por quê? A expressão não pode ser acompanhada da preposição *em*, o que gera uma incorreção gramatical; *em alto e bom som* é uma deturpação. C) Certo: ... *a ponto de...* Por quê? A expressão *ao ponto de* não é uma locução prepositiva como verdadeiramente o é *a ponto de* (sentidos: de tal modo que; prestes a). *Ao ponto de* só ocorre quando *ponto* é substantivo, exemplo: Retornamos ao *ponto* de partida. D) A regência correta é: ... *que a nada mais aspira na vida senão viver em paz.* E) O verbo *aconselhar* é VTDI, logo exige OD (*dar maior publicidade a sua desonra*) e OI (*lhe*). Perfeito! **Gabarito**: E.

26. Levando em conta a construção de sentido, a redação que prescinde de adequação ao registro culto é:

a) Numa Faculdade, nem sempre os melhores posicionados são os mais bem colocados no mercado de trabalho, pois eu que compito com os grandes passei por isso.

b) Muitos superatores, infelizmente, já sofreram grande desrespeito; alguns, inclusive, já disseram abertamente: "De maneira submissa, já fui dirigido por quem me distratou".
c) Depois de frequentes discussões em reunião fechada, todos os presentes anuíram àquela proposta, demorando para tomar uma posição, entretanto.
d) Ocorre que ontem estive com uma fonte que me disse haver uma parte do grupo a torcer para o Flamengo.
e) A toxidade de certas substâncias depende da dose e/ou do sistema biológico de cada um; a escolha dos componentes destes sistemas, pois, deve ser criteriosa.

Comentário: A) Apenas uma correção*: Numa Faculdade, nem sempre os melhores posicionados são os mais bem colocados no mercado de trabalho, pois eu,* ***que compito com os grandes,*** *passei por isso.* (Não se pode restringir um ser único, por isso a oração subordinada adjetiva deve ser explicativa – entre vírgulas). B) Apenas uma correção: *Muitos superatores infelizmente já sofreram grande desrespeito; alguns, inclusive, já disseram abertamente: "De maneira submissa, já fui dirigido por quem me* ***destratou****"*. (Destratar: tratar mal / Distratar: desfazer trato). C) Apenas uma correção: *Depois de frequentes discussões em reunião fechada, todos os presentes anuíram àquela proposta, demorando* ***em*** *tomar uma posição, entretanto.* (O verbo demorar, seguido de infinitivo, exige a preposição *a* ou *em*). D) Apenas uma correção: *Ocorre que ontem estive com uma fonte que me disse haver uma parte do grupo a torcer* ***pelo*** *Flamengo.* (O verbo *torcer* – desejar que um time ganhe ou perca – exige a preposição *por*). E) Perfeita redação; prescinde de mudanças para tornar o registro culto! Antes que você viaje sobre *toxidade*, saiba que tal palavra é variante de *toxicidade*. Tanto faz! **Gabarito**: E.

27. A redação alheia à clareza e/ou à correção é:

a) Em ter alguns pensamentos que, por um intento maléfico ou não, insiste delinear, o ser humano é constante.
b) A despeito de os homens, por mais virtuosos que sejam, indisporem-se por um momento, acredito mormente que a competição é salutar.
c) Consoante fonte consagrada, a dez por cento das empresas vem a falência todo ano, conquanto seja dito que cresce a economia.
d) Cumpro aqui a grata obrigação de consignar meus cordiais agradecimentos às diversas pessoas que se dignaram de me enviar seus elogios.
e) Àquilo com que minha alma nunca deixo de enriquecer, direciono minhas ideias; às demais procuro nada rumar.

Comentário: Eis o desvio gramatical que torna a redação alheia à correção gramatical: o verbo *rumar* exige a preposição *para*, e não *a*. Portanto, deveria estar assim escrito o texto: *Àquilo com que minha alma nunca deixo de enriquecer, direciono*

minhas ideias; ***para*** *as demais procuro nada rumar.* Cuidado com a regência verbal! Já o substantivo *rumo* exige a preposição *a* (*de* ou *para*). **Gabarito**: E.

28. As ideias estão articuladas de modo claro e correto na seguinte frase:

a) A pimenta traz com ela alguns mitos, como o de que provoca gastrite, úlcera, pressão alta, até hemorroidas; nada disso é verdade. Por incrível que pareça, as pesquisas científicas mostram justamente o oposto!

b) A característica *ardida* da pimenta, chamada pungência, é desse gênero exclusiva e é atribuída a um alcaloide – a capsaicina que fica acumulada na parte interna do fruto.

c) No Benin, se uma viúva é suspeita de ter cometido o assassinato do marido, ela é posta isolada num recinto e obrigada a respirar fumaça de cebolas e pimentas. É então considerada culpada se lacrimejar.

d) A maior pimenta, segundo o *Guinness Book*, é a NUMEX BIG JIM, desenvolvida na Universidade do Novo México, com nada menos que 34,5 cm de comprimento.

e) A pimenta mais ardida (a *Naga Morich* ou *Bhut Jolokia*) entrou para o *Guiness Book* como a pimenta mais ardida do mundo, após testes de laboratório que acusaram nada menos que 1.001.304 SHU, desbancando à antiga campeã *Red Savina Habanero* (577.000 SHU).

Comentário: A) Nesta alternativa, o uso de *com ela* é equivocado, uma vez que a ideia de "trazer com ela" é reflexiva, portanto devemos usar o pronome oblíquo tônico *consigo*, que carrega a ideia de reflexividade sempre! Isso deixa o texto adequado à clareza e à correção gramatical. Veja: *A pimenta traz consigo alguns mitos...* Quanto ao uso singular de *o* em **...** *alguns mitos, como o de que...*, não há problema algum, pois se fala de um mito dentre alguns. Veja, com esta reescritura, como fica mais fácil enxergar tal ideia: *A pimenta traz consigo alguns mitos, como o (mito) de que provoca gastrite...* Para os safos em língua portuguesa de plantão, este *o* (=*aquele*) é um pronome demonstrativo. B) Por uma questão de desconhecimento do léxico, você poderia associar *pungência* a um tipo de pimenta ou à ardência dela. Não obstante, até aí não há falta de clareza; o entendimento do texto depende do vocabulário do leitor, que deve (ou deveria) perceber as relações de coesão e coerência, a saber: pelo sentido de *pungência*, tal vocábulo se refere à **"característica ardida"**. Há uma inversão do termo *exclusiva*, mas isso também não provoca incorreção gramatical nem impede a clareza. O desvio, de fato, está na ausência da vírgula logo após *capsaicina*, pois a oração iniciada pelo pronome relativo é de caráter semântico explicativo. Segundo as regras de pontuação, as orações subordinadas adjetivas explicativas são sempre separadas por pontuação (vírgula, travessão, parênteses). Por conseguinte, a forma correta deveria ser: ... *a capsaicina, que fica acumulada na parte interna do fruto.* C) Aqui está a grande polêmica de hoje! Na prova do TRE/PR-2012

(Técnico), preparada pela FCC, houve uma questão semelhante a esta; tanto a minha como a da FCC ainda está dividindo opiniões. Vamos lá! De todas as gramáticas normativas que tenho em minha casa – meu nobre, não são essas gramáticas resumidinhas para pseudoconcurseiros ou apostilas virtuais, eu falo é de GRA-MÁ-TI-CA, livro que serve de referência bibliográfica para concursos públicos! –, encontrei quatro que dizem, sem sombra de dúvidas, ser facultativo o uso da vírgula quando a oração subordinada adverbial está **posposta** à principal: a do Ulisses Infante & Pasquale Cipro Neto, a do Mauro Ferreira, a do Faraco, Moura e Maruxo Jr. e a do William Roberto Cereja & Thereza Cochar Magalhães. Digo isso por causa deste trecho: *É então considerada culpada se lacrimejar*. A pergunta que se faz é esta: **Faculta o uso da vírgula antes da oração subordinada adverbial posposta à principal – "... (,) se lacrimejar"?** Segundo essas quatro gramáticas, sim! Tais compêndios que citei fazem parte de bibliografias sugeridas em concursos militares tradicionais, inclusive. Mas... Ah! O mas...! Dos gramáticos conceituadíssimos (Said Ali, Bechara, Celso Cunha, Rocha Lima, Napoleão Mendes de Almeida, Cegalla etc.), **nenhum** diz que tal vírgula é facultativa antes de oração subordinada adverbial posposta à principal. Rocha Lima é ainda mais taxativo. Só não citei outros antigos e clássicos, pois tal informação em pauta se omite nos livros deles. Diz o famoso Rocha que, **independentemente da posição da subordinada adverbial**, deve ela ser separada por vírgula! Sendo assim, tanto a FCC ficou com a opinião da maioria, como eu farei igual! Na minha opinião, como existe uma "melhor resposta" nesta questão que criei, e não é a letra C, prefiro ficar com a opinião do grande Rocha Lima a ficar com a opinião daquelas quatro gramáticas citadas. No entanto, cuidado com as provas, nunca se sabe... Vamos ao que interessa! O desvio gramatical está neste trecho: *É então considerada culpada se lacrimejar*. Ele deveria estar assim: *É então considerada culpada, se lacrimejar*. D) Não há falta de clareza tampouco de correção gramatical. Portanto, este é o gabarito! E) Há um desvio gramatical relativo à crase em *desbancando à antiga campeã*; não deveria haver acento indicativo de crase, pois o verbo *desbancar* não exige preposição *a*. **Gabarito**: D.

29. A frase que não está redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Depois de atendidas as demandas, eu permiti aos alunos conversarem um pouco, afinal, precisamos de arranjar tempo para momentos de lazer.

b) São a continuação da história da família os filhos, por isso são subumanos aqueles pais que não lhes proveem o que é necessário.

c) Tirante os senatórios arreganhos de uma e outra hiena, que não me interessam, gostaria de ensinar-lhe duas coisas: estude e estude mais.
d) Aos interesses mais esdrúxulos, submetemo-nos, devido à empáfia de alguns venturosamente privilegiados e... abjetos *humanos*.
e) Pretendia reduzir as formas naturais a um alto grau de abstração, retendo apenas aquelas que julgava fundamentais para o desenho, o pintor e fotógrafo Charles Sheeler.

Comentário: Deveria ser: *São a continuação da história da família os filhos, por isso são subumanos aqueles pais que não* ***os*** *proveem* ***d****o que é necessário.* Questãozinha de regência verbal. O verbo *prover* é transitivo direto e indireto. Quem provê, provê **alguém de algo**. Foi? **Gabarito**: B.

30. Das alternativas abaixo, a que não apresenta incorreção gramatical é:

a) O Oceano Pacífico é a maior massa marítima do globo – situada entre a América, a leste; a Ásia e a Austrália, a oeste; à Antártida, ao sul. Com 180 milhões de km², o Pacífico cobre quase um terço da superfície do planeta e corresponde a quase metade da superfície e do volume dos oceanos.
b) O Oceano Índico que se distingue por suas dimensões relativamente reduzidas em comparação com as do oceano Pacífico ou do oceano Atlântico estende-se em sua maior parte em hemisfério Austral e é fechado ao norte pela Ásia. Largamente aberto ao sul, sob influência da monção asiática, tem a forma de um triângulo, cujas linhas medianas são formadas por dorsais oceânicas, dispostas em Y invertido.
c) O Oceano Ártico, localizado no Hemisfério Norte e em sua maioria na região polar ártica, é a menor e mais rasa das cinco grandes divisões oceânicas do mundo. A Organização Hidrográfica Internacional (OHI) reconhece o Oceano Ártico como um oceano, embora o chamem de Mar Ártico Mediterrâneo ou simplesmente Mar Ártico, alguns oceanografistas, classificando-o como um dos mares mediterrâneos do Oceano Atlântico.
d) O Oceano Antártico, também chamado de oceano Austral e oceano glacial Antártico, é o conjunto das águas que banham o Continente Antártico, mas que em realidade constituem o prolongamento meridional do Oceano Atlântico, Oceano Pacífico e Oceano Índico. Muitos cientistas, oceanógrafos e geógrafos, não reconhecem a existência do oceano Antártico, considerando-o como uma junção de partes dos outros oceanos.
e) O oceano Atlântico – segundo maior oceano em extensão, com uma área de aproximadamente 106.400.000 km², cerca de um quinto da superfície da Terra, que o Brasil há mais de 500 anos banha, – tem seu nome derivado de Atlas – uma divindade da mitologia grega.

Comentário: A) A expressão *à Antártida* não deveria receber acento indicativo de crase, pois não há contração de preposição (a) com artigo (*a*). B) A oração subordinada adjetiva após *Oceano Índico* deveria ser explicativa (entre vírgulas), pois não se pode restringir um ser único. C) A expressão *alguns oceanografistas* não pode ser separada por vírgulas, pois exerce função de sujeito do verbo chamar. D) A

vírgula após *geógrafos* não procede, pois não se separa o último núcleo do sujeito composto de seu verbo. E) Perfeita! **Gabarito**: E.

31. Das alternativas abaixo, a única que se encontra plenamente de acordo com o registro padrão culto da língua é:

a) Resolvemos, no ínterim da conversa, depois de tantas desavenças e polêmicas, calarmo-nos, uma vez que é preferível cultivar o respeito do bem que o respeito da lei.
b) Já lhe disse que se podem ter, conquanto em mim não creia, todas as mulheres a seus pés quantas assim desejar, posto que tuas investidas sempre implicam sucesso.
c) Até agora, os que, aqui, por longo tempo, estiveram, necessitam entender que é chegada a hora de os meninos serem separados dos homens enquanto lhes restar sabedoria.
d) Por virtuosismo ou teimosia, deixai tão logo serem, por mais que forçosamente, os acertos substitutos dos erros, dado que vêm necessitando disso a humanidade.
e) Custa-me a crer na explicação do professor, pois tem que ver com o total ignorar daquilo que hei aprendido a muito, não sendo pouco.

Comentário: A) *Resolvemos, no ínterim da conversa, depois de tantas desavenças e polêmicas, calarmo-nos, uma vez que é preferível cultivar o respeito do bem* ***ao*** *respeito da lei.* Regência do adjetivo *preferível.* B) *Já lhe disse que se podem ter, conquanto em mim não creia, todas as mulheres a seus pés quantas assim desejar, posto que* ***suas*** *investidas sempre implicam sucesso.* Uniformidade de tratamento (deve-se usar só a 3ª pessoa). C) De todas as opções, esta é a "melhor resposta". Quem abona a contração antes de sujeito de verbo no infinitivo é o Bechara, por exemplo. Mas isso você já sabia, pois falei exaustivamente sobre o assunto na teoria deste livro que você está lendo agora! D) *Por virtuosismo ou teimosia, deixai tão logo serem, por mais que forçosamente, os acertos substitutos dos erros, dado que* ***vem*** *necessitando disso a humanidade.* O verbo *vir* só recebe acento circunflexo se o seu sujeito estiver no plural. E) *Custa-me a crer na explicação do professor, pois tem que ver com o total ignorar daquilo que hei aprendido* ***há*** *muito, não sendo pouco.* Tempo decorrido (passado), usa-se *há.* A preposição *a* é facultativa depois do verbo *custar* e antes do verbo *crer.* Novamente, recorro ao supremo Bechara. Ele diz que tal preposição é facultativa. Você encontra as justificativas do homem em sua gramática, no capítulo de Regência. A dica final é: "Fiquem espertos, concurseiros, pois nunca se sabe de onde vem a pedrada!" **Gabarito**: C.

32. Leia:

Soneto de Fidelidade
Vinícius de Moraes

De tudo ao meu amor serei atento

Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento

E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim, quando mais tarde me procure

Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):

Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.

Aponte o comentário adequado acerca do texto.

a) O complemento nominal "De tudo" deveria vir depois de "Antes" para não haver hipérbato, eliminando, assim, a inversão sintática do primeiro verso.
b) Os pleonasmos usados na segunda estrofe servem para enfatizar os sentimentos do eu-lírico.
c) As expressões "angústia de quem vive" e "fim de quem ama" são introduzidas por uma expressão implícita, a saber: "Quem sabe", constituindo um zeugma.
d) A conjunção "mas", que coordena orações subordinadas substantivas objetivas diretas, não cumpre o papel de realçar o conteúdo do último verso.
e) O trecho "posto que é chama" explica metaforicamente o que é o amor para o eu-lírico.

Comentário: E) *Posto que*, apesar de ser uma locução conjuntiva concessiva, de acordo com a norma culta, foi usado pelo poeta com valor causal ou explicativo. O objetivo era comparar a não imortalidade do amor a uma chama, que, por mais quente e intensa que seja, um dia se extingue. Lembre-se: em poemas, o autor tem licença poética, isto é, ele pode cometer desvios gramaticais em favor de sua arte. A) Para poucos gramáticos, como Luiz A. Sacconi e Celso P. Luft, *De tudo* é um

complemento nominal. Para os demais gramáticos, *antes de* é uma locução prepositiva e não um advérbio + preposição. Logo, *De tudo* não seria um complemento nominal, para a maioria. A afirmação inicial da alternativa até procede, segundo os dois gramáticos, mas o que torna errada a opção é o fato de a colocação na ordem direta de *De tudo* não eliminar totalmente a inversão do primeiro verso. A expressão *ao meu amor* está invertida. A ordem direta seria esta: *"Serei atento ao meu amor antes de tudo."* B) Só há um pleonasmo: *"rir meu riso"*. C) Não há elipse ou zeugma. Tais expressões são, respectivamente, apostos explicativos de *morte* e *solidão*. D) A conjunção adversativa *mas* sempre realça o conteúdo da oração que introduz. **Gabarito**: E.

33. A partir da frase abaixo, julgue se as afirmações estão certas ou erradas.

Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor quer que se lhe atribuam honras a que não tem direito.

1) O artigo definido após *Todas* pode ser retirado, havendo prejuízo de sentido, mas não incorreção gramatical.
2) A preposição *em* pode ser colocada antes do primeiro *que*, pois a construção *em que* serve para retomar uma ideia temporal.
3) O primeiro *que* exerce função sintática de adjunto adverbial.
4) Faltou um acento indicativo de crase na passagem *faz as vezes de diretor*, uma vez que se trata de uma locução de núcleo feminino; o mesmo não se deve dar em *Todas as vezes*, pois o *as* nesse caso é só um artigo.
5) A expressão *de diretor* exerce função de objeto indireto, pois nesta acepção o verbo exige um complemento preposicionado.
6) Uma vírgula logo após *diretor* provocaria uma incorreção gramatical.
7) O verbo *querer* deveria vir no plural, pois se trata de um sujeito indeterminado; a reescritura adequada é esta:*Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor querem que se lhe atribuam honras a que não tem direito*.
8) O segundo vocábulo *que* tem o papel de introduzir uma oração com função completiva.
9) O *se* exerce função indeterminadora do sujeito, pois não se dá a conhecer quem é o sujeito do verbo *atribuir*.
10) A justaposição dos pronomes oblíquos átonos *se* e *lhe* provoca incorreção gramatical.
11) O verbo *atribuir* é transitivo direto e indireto; seus complementos são *lhe* e *honras*.
12) A passagem *quer que se lhe atribuam honras* poderia ser assim reescrita: *quer que lhe sejam atribuídas honras*.
13) O nome *honras* exige um complemento iniciado por *a*, logo *a que não tem direito* tem função de complemento.
14) O segmento *a que não tem direito* poderia ser assim reescrito: *às quais não têm direito*.
15) Há duas elipses que retomam anaforicamente o agente das ações verbais do período.

Comentário: 1) ERRADO. Não se pode retirar o artigo definido após o pronome indefinido *todas*, pois, entre este pronome (*todos, todas*, no plural) e um

substantivo, sempre haverá a necessidade do artigo definido. É regra! 2) ERRADO. Segundo os gramáticos Domingos P. Cegalla, Evanildo Bechara, Said Ali etc., *todas as vezes que* (locução conjuntiva temporal) é a forma culta e não *todas as vezes em que*. 3) ERRADO. Este *que* faz parte da locução conjuntiva subordinativa adverbial temporal *todas as vezes que*, logo não pode ser analisado separadamente, do ponto de vista sintático. Logo não exerce função sintática alguma, tampouco de adjunto adverbial. 4) ERRADO. A expressão *as vezes de* equivalendo, semanticamente, a "em substituição de" nunca vem craseada. 5) ERRADO. A expressão exerce função de predicativo, como se a frase fosse "Ele fez a si mesmo de diretor". 6) ERRADO. Pode haver uma vírgula após uma oração subordinada adjetiva restritiva, segundo Said Ali, Bechara e Sacconi, por exemplo. Para ser mais exato ainda, a construção *"Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor"* é um adjunto adverbial de tempo deslocado, por isso a vírgula é obrigatória. A ordem direta do período é esta: *"Quer que se lhe atribuam honras a que não tem direito todas as vezes que ele faz as vezes de diretor."*. 7) ERRADO. O verbo *querer* deve ficar no singular, pois seu sujeito implícito tem como referente o pronome singular *ele*. 8) CERTO. Trata-se de uma conjunção integrante, que tem o papel de completar sintaticamente, com a oração subordinada, a estrutura da principal. *Bizu*: substitua por **isso** – *Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor quer* ***isso*** *(= que se lhe atribuam honras a que não tem direito)*. 9) ERRADO. O *se* tem função apassivadora. O verbo tem, sim, sujeito: *honras*. Na voz passiva analítica, fica mais fácil de ver: *"... quer que honras... lhe sejam atribuídas..."*. 10) ERRADO. Não há problema algum na construção. O *se* tem função apassivadora, e o *lhe* tem função de objeto indireto. 11) ERRADO. O verbo é, de fato, um VTDI, mas *honras* exerce função de sujeito, pois a voz verbal é passiva sintética. Só na voz ativa, *honras* vira complemento direto (= objeto direto). 12) CERTO. Mera passagem de voz passiva sintética para passiva analítica. 13) ERRADO. A preposição *a* em *a que não tem direito* é exigida pelo nome *direito*. Toda vez que um verbo ou um nome dentro da oração adjetiva exigir uma preposição, esta ficará antes do pronome relativo. 14) ERRADO. O erro está em *têm*. Só *rola* acento circunflexo neste verbo se ele estiver na 3ª pessoa do plural, o que não é o caso. Fiz um vídeo sobre isso (está no YouTube). 15) ERRADO. Veja: *Todas as vezes que <u>ele</u> <u>faz</u> as vezes de diretor (ele) <u>quer</u> que se lhe <u>atribuam</u> <u>honras</u> (sujeito passivo de atribuir) a que (ele) não <u>tem</u> direito.*

34. A única opção que não se encontra adequada ao registro culto da língua é:

a) O juiz apreciará livremente a prova, atendendo aos fatos e circunstâncias constantes dos autos, ainda que não alegados pelas partes; mas deverá indicar, na sentença, os motivos que lhe formaram o convencimento.
b) Presume-se que a referência às dimensões foi simplesmente enunciativa, quando a diferença encontrada não exceder de um vinte avos da extensão total enunciada.
c) Quando dois ou mais juízes forem parentes, consanguíneos ou afins, em linha reta e no segundo grau na linha colateral, o primeiro, que conhecer da causa no tribunal, impedirá que o outro participe do julgamento.
d) Reputa-se fundada a suspeição de parcialidade do juiz, quando aconselhar alguma das partes o objeto da causa, ou subministrar meios para atender às despesas do litígio.
e) Se o conhecimento da lide depender necessariamente da verificação da existência de fato delituoso, poderá o juiz mandar sobrestar no andamento do processo até que se pronuncie a justiça criminal.

Comentário: *"Reputa-se fundada a suspeição de parcialidade do juiz, quando aconselhar (VTDI) alguma das partes (OD) em/acerca de/sobre o objeto da causa (OI), ou subministrar meios para atender às despesas do litígio"*. **Gabarito**: D.

35. Marque a alternativa cuja análise sintática das expressões sublinhadas esteja inadequada.

a) A visão que tive do professor gesticulando horrorizou-me! – respectivamente, temos um adjunto adnominal, um complemento nominal e um adjunto adnominal.
b) A escalação do Zagallo, em 58, foi decisiva, e a de 98, idem. – respectivamente, temos um complemento nominal, um adjunto adverbial, um sujeito e um complemento nominal.
c) Sendo militar por mais de 20 anos, nunca, meus homens, em hipótese alguma, permiti, embora tenha havido certos desconfortos, a mim repreender. – respectivamente, temos um sujeito, um objeto direto e uma oração subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo.
d) Mas se ergues da justiça a clava forte, Verás que um filho teu não foge à luta, Nem teme, quem te adora, a própria morte. – respectivamente, temos um adjunto adnominal, uma oração subordinada substantiva subjetiva e um objeto direto.
e) Queriam adivinhar os pensamentos de que se povoam as cabeças desses velhinhos.- respectivamente, temos um objeto direto, um agente da passiva e um sujeito.

Comentário: Na letra A, *que tive* é oração subordinada adjetiva; toda oração subordinada adjetiva exerce função sintática de adjunto adnominal. Sobre *do professor*, podemos dizer que é um complemento nominal, pois tem valor passivo e se liga ao nome *visão*. Por fim, *gesticulando* é uma oração subordinada adjetiva reduzida de gerúndio; como sabemos, toda oração subordinada adjetiva exerce função sintática de adjunto adnominal. Na letra B, *do Zagallo* é complemento nominal, pois tem valor passivo, ou seja, ele foi escalado *em 58*. Já *em 58* exerce função sintática de adjunto adverbial. O pronome demonstrativo *a* (= *aquela*) exerce função de sujeito da locução verbal elíptica (foi decisiva; note que a vírgula marca a elipse). Por fim,

de 98 é adjunto adnominal (valor de agente), pois, dessa vez, pelo nosso conhecimento de mundo, ele era o técnico, portanto ele escalou. Na letra C, há uma sínquise, ou seja, inversão sintática dos termos de maneira bem intensa. Colocando mais próximo da ordem direta, temos: "*Sendo militar por mais de 20 anos, nunca, em hipótese alguma, permiti meus homens repreender a mim (= permiti que meus homens repreendessem a mim), embora tenha havido certos desconfortos*". Melhorou? Bem, o termo *meus homens* é sujeito do verbo *repreender*, que pode ficar ou não no plural, segundo as regras de concordância do infinitivo. Já *a mim* é objeto direto preposicionado do verbo *repreender*, que é transitivo direto, o qual, por sua vez, constitui oração subordinada substantiva objetiva direta do verbo causativo *permitir*. Na letra D, também há sínquise, afinal, trata-se de uma parte do hino nacional. Bem, *da justiça* é adjunto adnominal de *clava*, substantivo concreto. Colocando na ordem direta o finzinho, temos: *"Nem quem te adora (sujeito oracional, ou oração subordinada substantiva subjetiva) teme a própria morte (objeto direto do verbo temer)"*. Na letra E, o termo *os pensamentos* é objeto direto do verbo *adivinhar*. Para facilitar sua visão, vou reescrever a parte final do período na voz passiva analítica e na ordem direta: *"... de que as cabeças desses velhinhos* (sujeito) *são povoadas"*. Agora vou substituir o pronome relativo *que* pelo seu antecedente para que vejamos a função sintática do relativo: *"... as cabeças desses velhinhos são povoadas de (= por) pensamentos"*. Eis o agente da passiva. É interessante dizer que é muito raro o agente da passiva vir em voz passiva sintética, como está no trecho original da alternativa E. **Gabarito**: B.

36. Das frases abaixo, qual é a única que não apresenta termo ou estrutura com classificação sintática idêntica a um termo ou estrutura das demais?

a) Porque não lhe sou favorável, você me despreza?
b) Vereis amor da pátria não movido/De prêmio vil, mas alto e quase eterno.
c) Do auxílio que ele viesse, precisaram (quando em fútil desespero) os homens.
d) Não solícitos sempre me foram os que detinham o poder.
e) Fui oficialmente informado que me deveria submeter a exame de saúde.

Comentário: E. A) O *lhe* exerce função de complemento nominal do adjetivo *favorável*. B) O *De prêmio vil* exerce função de complemento nominal do adjetivo *movido*. C) A oração *que ele viesse* exerce função de complemento nominal do substantivo *auxílio*. A preposição pode vir implícita antes de orações subordinadas substantivas objetivas indiretas e completivas nominais. D) O *me* exerce função de complemento nominal do adjetivo *solícitos*. E) Este é o gabarito! "Por quê, pestana?!"

Vamos ver agora, meus bons! Nem é adjetivo a palavra *informado*, nem é completiva nominal a oração *que me deveria submeter a exame de saúde*. *Informado* é particípio do verbo *informar*, transitivo direto e indireto, na voz passiva analítica (informar alguém de ou sobre alguma coisa). A oração *que me deveria submeter a exame de saúde* é, pois, oração subordinada substantiva OBJETIVA INDIRETA. Na voz ativa temos: "*... informaram-me oficialmente que me deveria submeter a exame de saúde*", em que o sujeito é indeterminado, *me* é objeto direto e também objetiva indireta a oração "*que me deveria submeter a exame de saúde*". Sobre a ausência da preposição antes da oração, já expliquei acima que a elipse é normal. **Gabarito**: E.

Bibliografia

Saiba que esta bibliografia é cândida e honesta... Espero não ter esquecido alguém.

Ah! Recomendo que você adquira os três livros (em azul) que mudaram a minha vida!

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa.* 5. ed. São Paulo, Global, 2009. (*Site*: http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=23)

ALMEIDA, N. M. *Dicionário de questões vernáculas.* São Paulo, Caminho Suave, 1981.

_____. *Gramática metódica da língua portuguesa.* 45. ed. São Paulo, Saraiva, 2005.

ALI, M. S. *Dificuldades da língua portuguesa.* 5. ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1957.

_____. *Gramática elementar da língua portuguesa.* 9. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1966.

_____. *Gramática secundária da língua portuguesa.* 7. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1966.

ANDRÉ, H. A. *Gramática ilustrada.* 2. ed. São Paulo, Moderna, 1982.

AZEREDO, J. C. *Gramática Houaiss da língua portuguesa.* 2. ed. São Paulo, Publifolha, 2008.

BAGNO, M. *Dramática* da língua portuguesa. *São Paulo*, Edições Loyola, 2000.

_____ *Gramática pedagógica do português brasileiro.* 1. ed. São Paulo, Parábola, 2012.

BARRETO, M. Novíssimos estudos da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro, Presença, 1980.

BASILIO, M. *Teoria lexical.* 8. ed. São Paulo, Ática, 2007.

BECHARA, E. *Moderna gramática da língua portuguesa.* 37. ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2003.

_____. *Lições de português pela análise sintática.* 17. ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2005.

_____. Gramática escolar da língua portuguesa. 1. ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2004.

CÂMARA JR., J. M. *Dicionário de lingüística e gramática.* 18. ed. Rio de Janeiro, Vozes, 1997.

_____. *Estrutura da língua portuguesa.* Petrópolis, Vozes, 1970.

CAMPEDELLI, A. Y. e SOUZA, J. B. *Gramática do texto e texto da gramática.* São Paulo, Saraiva, 1999.

CASTILHO, A. T. *Gramática do português brasileiro.* 1 ed. São Paulo, Contexto, 2010.

CEGALLA, D. P. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa.* 1. ed. Rio de Janeiro, Lexicon; Porto Alegre/RS, L&PM, 2007.

_____. *Novíssima gramática da língua portuguesa.* 43. ed. São Paulo, Nacional, 2000.

CEREJA, W. R. e MAGALHÃES, T. C. *Gramática reflexiva*: texto, semântica e interação. São Paulo: Atual, 1999.

CRUZ, J. M. *Português prático – Gramática.* 28 ed. São Paulo, Melhoramentos, 1959.

COSERIU, E. *Principios de semántica estructural.* Madri, Gredos, 1977.

COSTA, J. M. *Manual de redação profissional.* Campinas, Millenium, 2002.

CUNHA, C. e CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo.* 3. ed. Rio de Janeiro, Lexicon, 2007.

DE NICOLA, J. e TERRA, Ernani. *1001 dúvidas de português.* 10. ed. São Paulo, Saraiva, 2000.

DICIONÁRIO AURÉLIO ELETRÔNICO; SÉCULO XXI. Rio de Janeiro, Nova Fronteira e Lexicon Informática, 1999, CD-rom, versão 3.0.

DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001, CD-rom versão 1.0, para Windows.

DICIONÁRIO AULETE DIGITAL. <http://aulete.uol.com.br/>

ELIA, H. e ELIA, S. *100 textos errados e corrigidos*; de acordo com a nova nomenclatura gramatical brasileira. 27. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1985.

FARACO, C. E, MOURA, F. M e MARUXO, J. H. *Gramática.* 20. ed. São Paulo, Ática, 2006.

FERREIRA, M. *Aprender a praticar gramática*. São Paulo, FTD, 2003.

FERNANDES, F. *Dicionário de verbos e regimes*. 43. ed. Rio de Janeiro, Globo, 1999.

FIORIN, J. L. e SAVIOLI, F. P. *Lições de texto: leitura e redação*. 4. ed. São Paulo, Ática, 2001.

_____. *Para entender o texto – Leitura e redação*. 2. ed. São Paulo, Ática, 1991.

GARCIA, O. M. *Comunicação em prosa moderna*. 14. ed. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1988.

GÓIS, C. *Gramática expositiva primária*. 5. ed. Belo Horizonte, Oliveira, Costa, 1934.

HAUY, A. B. *Da necessidade de uma gramática-padrão da língua portuguesa*. São Paulo, Ática, 1983.

HENRIQUES, C. C. *Sintaxe portuguesa para a linguagem culta contemporânea:* teoria e prática. Rio de Janeiro, Oficina do Autor, 1997.

_____ *Sintaxe: estudos descritivos da frase para o texto*. 3. ed. Rio de Janeiro, Elsevier, 2011.

ILARI, R. e GERALDI, J. W. *Semântica*. 2. ed. São Paulo, Ática, 1985.

INFANTE, U. *Curso de gramática aplicada aos textos*. São Paulo. Scipione, 2001.

KURY, A. G. *Novas lições de análise sintática*. 7. ed. São Paulo, Ática, 1997.

LEME, O. S. *Tirando dúvidas de português*. 2. ed. São Paulo, Ática, 1995.

LIMA, C. H. R. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 35. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 2008.

LUFT, C. P. *A vírgula*. 2. ed. São Paulo, Ática, 1998.

_____. *Dicionário prático de regência nominal*. 4. ed. São Paulo, Ática, 2010.

_____. *Dicionário prático de regência verbal*. 3. ed. São Paulo, Ática, 2001.

_____. *Moderna gramática brasileira*. 1. ed. São Paulo, Globo, 2006.

MACIEL, Dr. M. *Grammatica descriptiva*, 5. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1914.

MATEUS, M. H. M *et alii*. *Gramática da língua portuguesa*. 7. ed. Lisboa, Caminho, 2003.

MAURER JR., T. H. *O infinitivo flexionado português*. São Paulo, Nacional, 1968.

MELO, G. C. *Gramática fundamental da língua portuguesa*. 4. ed.

NASCENTES, A. *Dicionário de dúvidas e dificuldades do idioma nacional*. 3. ed. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1952.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. 1. ed. São Paulo, UNESP, 2000.

OITICICA, J. *Manual de análise léxica e sintática*. 10. ed. Rio de Janeiro, Paulo de Azevedo Ltda., 1953.

PEREIRA, E. C. *Gramática expositiva.* 101. ed. São Paulo, Nacional, 1957.

PERINI, M. A. *Gramática do português brasileiro.* São Paulo, Parábola, 2010.

REIS, O. *Breviário da conjugação de verbos.* 38. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978.

RIBEIRO, J. *Grammatica portugueza.* 7. ed. São Paulo. N. Falcone & Comp., 1913 (1881).

SACCONI, L. A. *Não erre mais!* 4. ed. São Paulo, Moderna, 1979.

_____. *Nossa gramática – Teoria e prática.* São Paulo, Atual, 1999.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral.* São Paulo, Cultrix & Edusp, 1969.

SILVEIRA BUENO, F. *Estudos de filologia portuguesa.* 6. ed. São Paulo, Saraiva, 1967.

_____. *Antologia arcaica.* 2. ed. São Paulo, Saraiva, 1968.

SILVEIRA, S. *Lições de português.* 9. ed. Rio de Janeiro, Presença, 1983.

TERRA, E. *Curso prático de gramática.* 4. ed. São Paulo, Scipione, 2002.

TORRES, A. A. *Moderna gramática expositiva da língua portuguesa.* 14 ed. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1962.

Mensagem final

Nenhum livro irá substituir os grandes nomes dessa bibliografia, portanto, concurseiro e, principalmente, você, professor, tenham alguns deles em sua biblioteca, a fim de fazer consultas na íntegra. Esta dica é valiosa, pois certamente você precisará do Bechara, do Cegalla, do Celso Cunha, do Celso P. Luft, do Rocha Lima, do Napoleão Mendes de Almeida e do Ulisses Infante, pelo menos, para elaborar possíveis recursos contra questões polêmicas ou mal formuladas pelas bancas da vida. Não existe simpatia para passar em concurso. O segredo é simples: **estudar**! Muito sucesso em sua jornada... *Brasil!*

Gabarito Comentado

Capítulo 1

Gabarito

1 – A. A palavra *transoceânico* apresenta o prefixo **trans –** seguido de vogal. Segundo a regra, separamos a última consoante do prefixo que se une à vogal seguinte. Logo, a separação correta é *tran-so-ce-â-ni-co*. Lembre-se disto: toda sílaba apresenta apenas uma vogal.

2 – D. A única palavra que apresenta a letra X com som de Z, como em exame, é exequível. Esta palavra, de acordo com a nova ortografia, perdeu o trema.

3 – B. Partindo do princípio de que toda sílaba tem uma vogal, o falante intuitivamente consegue separar as sílabas de uma palavra desde que ela seja pronunciada pausadamente. No entanto, há algumas regras para a separação adequada. Na palavra *expressão*, o dígrafo SS se separa. Na palavra *língua*, o ditongo UA não se separa. Por fim, na palavra *fora*, há duas sílabas, pois há duas vogais.

4 – A. A única palavra que é paroxítona, mas não apresenta o mesmo número de sílabas é *gratuito* (trissílaba). As demais são polissílabas. Esta questão é aparentemente fácil, mas a *brincadeira* está em suscitar dúvida no candidato a respeito da pronúncia adequada, ou seja, é *GRA-TUI-TO* ou *GRA-TU-I-TO*? Se fosse a segunda opção, não haveria resposta, mas a pronúncia adequada, sem silabada (deslocamento da sílaba tônica), é *GRA-TUI-TO*, como *IN-TUI-TO*, *FOR-TUI-TO* etc. Cuidado

com a palavra *silencio* (verbo), que é diferente de *silêncio* (substantivo). Esta é considerada comumente como trissílaba (*si-lên-cio*), mas aquela é polissílaba (*si-len-ci-o*).

5 – B. Olha aí! Eu não avisei? Cuidado! Na palavra *cinquentão*, o "homem da banca" diz que há dois encontros consonantais, tentando lhe dar uma *pernada*! A pegadinha é fazer você errar por pensar que há encontro consonantal em *ciNQueNTão*. Não obstante, conforme eu já havia alertado, não confunda encontro consonantal com dígrafo vocálico. Este N não é uma consoante, mas sim uma marca de nasalização (como um ~) que nasaliza a vogal anterior, formando um dígrafo vocálico.

6 – A. Quase você marcou a letra D, não foi? O problema é que a palavra *pretenCioso* não existe! O que existe é *pretenSioso*, que vem de *pretenSão*. Bem, a opção A (*seriíssimo*) é a correta. De fato, a antepenúltima sílaba é tônica (palavra proparoxítona), apresenta um hiato (*se-rI-Ís-si-mo*) e um dígrafo (*seriíSSimo*).

7 – C. Há dígrafos consonantais e vocálicos. Ambos são constituídos de duas letras que representam apenas um fonema. Logo, isso ocorre em *baiRRo* e *maraviLHosa* (dígrafos consonantais).

8 – B. Há dígrafos consonantais em *naSCer* e *eXCeto*.

9 – C. A palavra *RorAIma* é trissílaba e apresenta um ditongo decrescente (V+SV), logo a separação correta dela é *Ro-rai-ma*.

10 – A. Em *desperdício* e *desperdiçamos*, tanto a letra C como Ç têm som de SS. No entanto, em *j*úbilo e *g*argalo, a letra J e G não têm o mesmo som; a letra G só tem som de J quando seguida de E ou I. Em *produção* e *doses*, o Ç tem som distinto de S, que neste caso tem som de Z. Em *reservamos* e *burocracia*, o primeiro R tem som de RR, o segundo R não. Em *excessos* e *xampu*, o dígrafo XC tem som de SS e o X tem som de CH.

11 – B. O encontro consonantal CÇ é separável, portanto a separação de *convicção* está correta. A separação de *abstrato* está errada, pois quando há um grupo de consoantes no meio da palavra, separamos entre a última e a penúltima; isso só não ocorre nesta palavra, pois o encontro TR é perfeito, portanto inseparável; daí que

separamos entre a antepenúltima e a penúltima consoante: *abs-tra-to*. Em trans*parência*, o prefixo seguido de consoante não é separável: *trans-pa-rên*-cia (separação comum, como paroxítona) ou *trans-pa-rên*-ci-a (separação rara, como proparoxítona). Por fim, em *nascimento*, a separação está correta, pois separa-se o dígrafo SC.

12 – INCORRETA. A palavra *adjacentes* se separa assim: *ad-ja-cen-tes*. Isso ocorre porque o prefixo AD, seguido de consoante, não se separa, como em *ad-je-ti-vo*.

13 – C. Em *a*br*i*, há encontro de consoantes (BR). Em *o*lh*os*, há dígrafo consonantal (LH). Em *q*ua*ntidade*, há ditongo crescente (SV+V). Em *depar*ei, há ditongo decrescente (V+SV). Em *entr*ea*bri*, há hiato (V—V).

14 – D. Em *m*eu*s*, há ditongo decrescente (V+SV). Em *p*ia*vam*, há hiato (V—V). Em *p*ai, há ditongo decrescente (V+SV).

15 – ERRADO. O som do X em *encaixar, engraxar* e *luxo* equivale a CH, mas em *asfixia* o X tem som de KS.

16 – CERTO. Em *te*st*osterona*, o encontro consonantal é imperfeito, por isso se separa. Em *n*eu*rologi*st*a*, o ditongo não se separa, e o encontro consonantal imperfeito se separa. Em *pudéssemos*, o dígrafo consonantal (SS) se separa. Em *saber*ía*mos*, as vogais que formam o hiato obviamente se separam.

17 – C. A palavra *Rosinha* tem três vogais, logo tem três sílabas: *Ro-si-nha*. Lembre-se de que o dígrafo NH é inseparável.

18 – C. Há 6 letras e 4 fonemas em *guerra*, pois há dois dígrafos (duas letras = um fonema): GU e RR.

19 – D. Olha aí o "homem da banca" querendo enganar o desavisado (que não é você, espero!). Na palavra *discussões*, o SC não é um dígrafo consonantal, pois tanto S como C são pronunciados. É diferente de *miSCigenação*, dígrafo de fato. Note que em *discussões* o S tem som de S e o C tem som de K. Cuidado, hein!

20 – D. Em *Senhor*, há um dígrafo consonantal: NH. Simples assim.

21 – C. Em *Paraíso*, há um hiato: A-Í. Dava para errar?

22 – B. Palavras proparoxítonas são aquelas que apresentam a antepenúltima sílaba tônica: *PÚblicas, pedaGÓgico, FÍsica.*

23 – A. Há apenas um encontro vocálico na palavra *Relatório*s, um ditongo crescente oral. Caso você tenha visto um hiato na palavra, não há problema, pois muitos gramáticos entendem que se pode interpretar palavras desse tipo como proparoxítonas eventuais ou acidentais, terminando em hiato: *Re-la-tó-ri-os.* No entanto, a análise comum é encarar tais palavras como paroxítonas terminadas em ditongo: *Re-la-**tó**-*rios.

24 – C. Na palavra *barriga*, as letras RR constituem um dígrafo, ou seja, duas letras escritas em sequência, representando um único som (fonema).

25 – A. Um ditongo oral crescente é a união de uma semivogal (SV) seguida de uma vogal (V) na mesma sílaba, sem o sinal gráfico til (~) ou qualquer outra marca de nasalização (**m** ou **n**). Por isso, a palavra água corresponde à informação anterior, uma vez que UA é um encontro vocálico que apresenta uma SV + V na mesma sílaba (á-g***ua***). Foi?

26 – E. Separam-se os encontros consonantais imperfeitos, principalmente no meio das palavras, por isso *plástico* deve ser separado silabicamente assim: *plás-ti-co.* Já *contribuir* é separado pela regra de separação dos hiatos (vogal separada de vogal): *con-tri-bu-ir.* A palavra *avaliar* segue a mesma regra de *contribuir*, daí o erro em sua separação.

27 – B. Na palavra *horrores*, as letras RR constituem um dígrafo, ou seja, duas letras escritas em sequência, representando um único som (fonema).

28 – E. A palavra *trás* apresenta o encontro de duas consoantes (tr); *pequeno*, um dígrafo (qu); *mulherzinha*, dois dígrafos (lh e nh). Tranquilo, não?

29 – D. A palavra *consuMISmo* é tão paroxítona quanto *TÊnis*, pois ambas apresentam a penúltima sílaba tônica.

30 – E. A palavra *Saúde* é trissílaba, pois apresenta três vogais: *SA-Ú-DE*.

31 – B. Em *enigma*, há um encontro consonantal imperfeito, por isso separável (*e-nig-ma*). Em *prorrogar*, há um dígrafo consonantal separável (RR): *pro-r-ro-gar*. Em *canário*, há um ditongo crescente (inseparável, é claro, a não ser que se queira interpretar a palavra como uma proparoxítona terminada em hiato; isso não é o comum, entretanto): *ca-ná-rio*. Em *incontestável*, separa-se o encontro consonantal imperfeito: *in-con-tes-tá-vel*. Em *europeia* (sem acento de acordo com a nova reforma ortográfica), separa-se o ditongo do falso hiato: *eu-ro-pei-a* (nesta palavra não há um tritongo, pois este é formado por SV+V+SV, o que não é o caso de *europeia*, que termina em V+SV+V). Em *iguais*, sim, há tritongo: *i-guais*.

32 – Primeira afirmação: **CORRETA**. Há no primeiro balãozinho hiato (*especi-al*) e encontro consonantal (*especial*). Segunda afirmação: **INCORRETA**. Em *colégio* e *obrigatório*, há ditongos crescentes orais (SV+V), e não decrescentes orais (V+SV).

33 – B. Todas as letras são contadas como fonemas, exceto o "n", que nasaliza o encontro vocálico anterior (= uã).

34 – B. Possui dígrafo (SS) e hiato (O-A). É uma paroxítona, pois a penúltima sílaba é tônica. É trissílaba, pois apresenta três vogais (*pes-so-a*).

35 – D. O encontro vocálico "ua", em "quatro", é ditongo oral crescente, pois apresenta SV + V.

Capítulo 2

Gabarito

1 – D. Adaptei esta questão de 2005 para que você conheça um pouco mais sobre uso do hífen consoante a nova reforma ortográfica, beleza? Vamos lá! Em *extraoficial*, o prefixo terminado em vogal (extra) diante de vogal diferente (oficial) se une

sem hífen. Em *antessala, contrassenso, ultrarrealismo e contrarregra*, o prefixo terminado em vogal (ante, contra, ultra e contra) se une a uma palavra iniciada por R ou S (sala, senso, realismo, regra), de modo que o R e o S se duplicam. Levando em conta tudo isso, as palavras *extraoficial, antessala, contrassenso, ultrarrealismo, contrarregra* se encontram corretamente grafadas.

2 – E. Bastante interessante esta questão, pois são trabalhados os conhecimentos de concordância do sujeito composto deslocado e acentuação gráfica do verbo *vir*, o qual, na 3ª pessoa do plural, recebe acento circunflexo (o mesmo ocorre com o verbo *ter*). A regra de concordância do sujeito composto diz o seguinte: quando o sujeito composto vier posposto ao verbo, este pode concordar com o núcleo mais próximo do sujeito. Sendo assim, se retirássemos o acento circunflexo da forma "vêm" (na 3ª pessoa do plural, usa-se tal acento), não haveria erro, pois o verbo poderia ficar no singular concordando com o núcleo mais próximo (compreensão).

3 – CERTO. Todas as palavras recebem acento gráfico obrigatório por serem proparoxítonas.

4 – CERTO. As formas verbais *pode* (presente do indicativo) e *pôde* (pretérito perfeito do indicativo) se opõem pelo uso do acento circunflexo diferencial. Isso não mudou na nova reforma ortográfica.

5 – INCORRETA. É preciso haver esta correção ortográfica: "Nenhuma distância dilui o afeto, pelo contrário: o reconhecimento da amada longeva avizinha-a (de vizinho, vizinhança) de nós, fá-la mais próxima que nunca." Como o capítulo trata de Acentuação Gráfica, vamos a ela: o ***fá*** (de fá-la) é acentuado por se tratar de monossílaba tônica terminada em **-a**. Lembra-se de que devemos ignorar o pronome oblíquo átono (-la)?

6 – B. O Novo Acordo Ortográfico (assinado em 2009) retirou o acento agudo dos ditongos abertos **ei** e **oi** das palavras paroxítonas: espermatozoide, epopeia, apoio (não confunda com apoio,— substantivo), colmeia (existe a forma variante "colmeia" (com timbre fechado e sem acento), joia e assembleia. Vale lembrar, por exemplo, que as palavras "destróier e Méier" permanecem acentuadas por se enquadrarem na regra das paroxítonas terminadas em **-r**. Ainda: o acento agudo

permanece nos ditongos abertos das palavras oxítonas e monossílabas (mói, céu, constrói, troféu). Segundo as novas regras ortográficas, não se usa mais o acento circunflexo nos vocábulos terminados em **-oo** e **-eem** (abençoo, enjoo, eles veem, eles entreveem). Por fim, a nova reforma retirou o trema das palavras que apresentam os grupos **-gue**, **-gui**, **-que**, **-qui**, com U pronunciado (linguiça, tranquilo, aguentar, linguística, bilíngue) — entretanto, ele permanece em nomes de origem estrangeira (e derivados): Hübner, hübneriano, Müller, mülleriano. Nos acentos diferenciais, houve certas mudanças: *polo* não tem mais acento. Na regra dos hiatos I e U após ditongo decrescente (vogal + semivogal), em que eram acentuados com acento agudo, houve mudança: *feiúra* > ***feiura*** (forma atual). Por essas razões, ficamos com "epopeia – voo – tranquilo – constrói".

7 – ERRADO. O verbo *ter* deveria ficar com acento circunflexo (têm), uma vez que está na 3ª pessoa do plural. Lembrou-se da regra dos verbos *vir* e *ter* na 3ª pessoa do plural? Basta ver o núcleo do sujeito: "Todas as línguas indígenas em terras brasileiras". Logo, o trecho deveria ser reescrito para se adequar à norma culta escrita: "Todas as línguas indígenas em terras brasileiras **têm** menos de 40 mil falantes...". Tranquilinha, não?

8 – INCORRETA. O verbo derivado de ter (obter) está acentuado por ser oxítona terminada em **-em**; até aí nada de mais. Porém, meu nobre, lembra-se das regras de "vir" e "ter"? Na 3ª pessoa do plural, *vir*, *ter* e seus derivados recebem acento circunflexo, logo, deveria ser *obtêm*, concordando com o sujeito "os consumidores". Cuidado!

9 – INCORRETA. A forma verbal com o pronome oblíquo "exclui-lo" deveria ter sido acentuada, pois a vogal **i** forma um hiato com a vogal **u**, logo... regra do hiato, meu nobre. Assim deveria estar: *ex-clu-*Í*-lo*.

10 – Ambas **INCORRETAs**. Na primeira frase, o verbo deveria ser *constr*ói*-se* (regra dos ditongos abertos éi, éu, **ói**). Na segunda frase, a palavra *patrimônio* deveria ter acento, pois é uma paroxítona terminada em ditongo crescente. Moleza.

11 – Ambas **INCORRETAs**. Na primeira frase, "O espaço era exiguo (escreve-se ***exíguo*** por se tratar de uma paroxítona terminada em ditongo crescente), à exceção

da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear (***granjear***, pois vem de *granja*) a simpatia do padre inflingindo-lhe (***infligindo***, pois vem de *infligir*) pratos que excitavam sua gula". Na segunda frase, o certo é ***ojeriza***, e em *ferí-lo* há um erro de acentuação, pois somente as oxítonas terminadas em -a(s), -e(s), -o(s), -em(ens) recebem acento; por isso, deveria ser tão somente ***feri-lo***.

12 – Ambas **INCORRETAs**. Na primeira frase, deveria haver esta correção ortográfica: "É o caso de se por (pôr; o verbo ainda leva acento diferencial) em discussão se ele realmente crê na veracidade dos dados". Na segunda frase, deveria haver estas correções ortográficas: "Enquanto construimos (*constru-í-mos*; regra do hiato) esta ala, eles constroem a reservada aos aparelhos de rejuvenecimento (*rejuvenescimento*; vem de *rejuvenescer*)".

13 – A. Na letra A, as palavras são obrigatoriamente acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente. Na letra B, as duas primeiras palavras (*elétrica* e *hidráulica*) são proparoxítonas (e todas as proparoxítonas são acentuadas); já a última (*responsáveis*) é paroxítona terminada em ditongo decrescente. Na letra C, as duas primeiras (*sérios* e *potência*) são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente; já a última (*após*) é oxítona terminada em **-o(s)**. Na letra D, a primeira (*Goiás*) é acentuada por ser oxítona terminada em **-a(s)**, a segunda (já) é acentuada por ser monossílaba tônica terminada em **-a**, a terceira (*vários*) é acentuada por ser paroxítona terminada em ditongo crescente. Na letra E, as duas primeiras palavras (*solidária* e área) são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente; a última (*após*) é acentuada por ser oxítona terminada em **-o(s)**.

14 – E. Na letra A, o vocábulo *que* é tônico em fim de frase (assim como o *quê* da expressão *por quê*), portanto deveria ser acentuado (***quê***), afinal, monossílabos tônicos terminados em **-a(s), -e(s), -o(s)** são acentuados. A frase deveria estar escrita assim: "Ele se esqueceu de ***quê***?". Na letra B, *ruím* está escrito erradamente, pois é uma palavra oxítona, ou seja, apresenta a última sílaba tônica. E, segundo a regra das oxítonas, só são acentuadas as que terminam em **-a(s), -e(s), -o(s), -em(ens)**. Ainda: caso você pensasse na regra dos hiatos, ou seja, aquela regra que diz que o **i** e o **u**, seguidos ou não de **s** na mesma sílaba, são acentuados quando formam hiatos, a palavra *ruím* estaria mesmo assim errada, pois o **i** é seguido de letra diferente de **s**

(*ru-**im***), logo não cabe o acento agudo de jeito nenhum. Em *distribui-lo*, a regra do hiato tinha de ser levada em conta; note a separação silábica: *dis-tri-bu-Í-lo*. Na letra C, a palavra *devessemos* deveria receber acento, pois é uma proparoxítona (antepenúltima sílaba tônica). Todas as proparoxítonas são acentuadas! Na letra D, a regra do hiato foi mal aplicada, pois *juiz* não leva acento, uma vez que após o **i** se segue a letra **z**, e não **s**. Portanto, *juiz* nunca é acentuado! Na letra E, a expressão "por que" não é acentuada, pois equivale a "por que razão/motivo". Só seria acentuada se fosse antes de pontuação ou em fim de frase: Você vai? Por ***quê***? Não queira saber por ***quê***.

15 – E. Na letra A, o verbo *ter* está na 3ª pessoa do plural, por isso recebe acento circunflexo. Na letra B, a regra do hiato se aplica: *ru-Í-nas*. Na letra C, o verbo derivado de *vir, provir*, recebe acento agudo devido à regra das oxítonas terminadas em **-em** (*provém*). Se estivesse no plural, seria *provêm*. Na letra D, a regra dos ditongos abertos se aplica: *lençóis*. Só não se usa mais esse acento em palavras paroxítonas (exceto em *Méier* e *destróier*, que seguem a regra das paroxítonas terminadas em **-r**). Na letra E, paroxítona terminada em **-ens** não é acentuada! Por isso o certo é ***itens***, sem acento.

16 – D. Usa-se ***vê***, pois o verbo está na 3ª pessoa do singular, concordando com o núcleo do sujeito "chefe". Se o núcleo do sujeito estivesse no plural, aí escreveríamos (de acordo com a nova ortografia) como está na letra B: ***veem*** (sem acento agora!). Olha aí mais uma questãozinha de nova ortografia!

17 – CERTO. As palavras ***têxtil*** *(**têx**-til)* e ***pênsil*** *(**pên**-sil)* são paroxítonas terminadas em **-l**, por isso o acento é obrigatório. Se forem ao plural, continuarão sendo acentuadas obrigatoriamente, pois serão terminadas em ditongo, seguido de desinência de plural **-s**: ***têx-teis*** *e* ***pên-seis***. Talvez esta questão gerasse certa dificuldade envolvendo a forma plural de *pênsil*. Mas saiba que os substantivos oxítonos terminados em **-il** recebem um **-s** no lugar do **-l**; os substantivos paroxítonos terminados em **-il** recebem a terminação **-eis** no lugar de **-il**. Ou seja, *barril > barris; fóssil > fósseis*. Safo? As palavras *obsolescência (ob-so-les-**cên**-cia)* e *ciência (ci-**ên**-cia)* são paroxítonas terminadas em ditongo crescente. Logo, são obrigatoriamente acentuadas. Tanto em *déspotas (**dés**-po-tas)* como em *déspota*, o acento é obrigatório, pois a palavra é

proparoxítona (antepenúltima sílaba tônica); independente de estar ou não no plural, nada muda quanto ao uso do acento neste caso.

18 – ERRADO. As palavras não são acentuadas pela mesma regra: *ônibus (**ô**-ni-bus)* é proparoxítona. Todas as proparoxítonas são acentuadas sempre! Já *invioláveis* é paroxítona terminada em ditongo decrescente *(in-vi-o-**lá**-v*ei*s)*. O **-s** é só uma desinência de plural.

19 – CERTO. Ambas as palavras são proparoxítonas (*a-na-**lí**-ti-ca* e *te-**rí**-a-mos*), logo são obrigatoriamente acentuadas!

20 – ERRADO. O vocábulo *países (pa-í-ses)* é acentuado pela regra do hiato. Já o vocábulo áreas *(á-reas)* é acentuado pela regra das paroxítonas terminadas em ditongo.

21 – CERTO. Ambas as palavras são obrigatoriamente acentuadas por serem proparoxítonas!

22 – ERRADO. Os primeiros vocábulos (*es-pé-cies/di-fí-ceis*) são acentuados por serem paroxítonos terminados em ditongo crescente. Já a palavra *históricas* é acentuada por ser proparoxítona.

23 – INCORRETA. As palavras *ninguém*, *pé*, *você* **não** são acentuadas pela mesma razão, porque a primeira é oxítona terminada em **-em**; a segunda é um monossílabo tônico terminado em **-e**; a terceira, uma oxítona terminada em **-e**.

24 – INCORRETA. As palavras *ponderará*, *informática* e *possuía* **não** são acentuadas pela mesma razão. A primeira é oxítona terminada em **a**, e a segunda é proparoxítona (todas são acentuadas), e a última é acentuada pela regra dos hiatos (**i** e **u**), seguidos ou não de **s**.

25 – D. Esta é uma aula de uso do hífen, segundo a nova ortografia. Em todas as afirmações, o hífen deve ser utilizado, exceto em palavras formadas por prefixo terminado em vogal quando o segundo elemento começa por **r** ou **s**, como diz a letra D. Exemplo: antirrugas, infrassom.

26 – D. As palavras *heróico, onomatopéico e platéia* tinham acento por apresentarem ditongos abertos, mas a nova reforma ortográfica aboliu o acento agudo nos ditongos abertos de palavras paroxítonas, logo o certo agora é: *heroico, onomatopeico, plateia.*

27 – CORRETA. Olha aí a questão fresquinha de paroxítona terminada em ditongo crescente, que pode ser uma proparoxítona eventual ou relativa! Ou seja, *pa-ci-ên-cia* (paroxítona terminada em ditongo crescente) ou *pa-ci-ên-ci-a* (proparoxítona eventual ou relativa).

28 – A. A palavra *substituído* é acentuada pela regra dos hiatos (*subs-ti-tu-*Í*-do*), diferentemente das demais, que são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente (polícia, jurisprudência, saqueável).

29 – E. A palavra *armazém* é acentuada por ser oxítona terminada em **-em**. A palavra órgão é acentuada por ser paroxítona terminada em ditongo decrescente **-ão(s)**. A palavra *caráter* é acentuada por ser paroxítona terminada em **-r**. Eu não queria comentar, mas meus dedos coçam... sentiu a maldade na palavra *magoa.* Ela pode ou não ser acentuada: ***má****goa* (substantivo) e *ma****go****a* (verbo).

30 – INCORRETA. Não se usa mais (segundo a nova ortografia) o acento agudo no **u** tônico das formas (tu) *arguis*, (ele) *argui*, (eles) *arguem*, do presente do indicativo do verbo *arguir.* Nunca se usou, além disso, acento agudo ou trema em *argúo.* O certo é: *eu* **arguo**, *tu* **arguis**, *ele* **argui**, *nós* **arguimos**, *vós* **arguis**, *eles* **arguem**.

31 – INCORRETA. Faltou à frase um acento agudo na forma verbal *mantém*, oxítona terminada em **-em**. Só de curiosidade: como o verbo *manter* é derivado do verbo *ter*, no plural a forma seria: *mantêm.* Ok?

32 – INCORRETA. O verbo ***vir*** está no singular e concorda com o núcleo do sujeito "uma" (uma das quais), por isso não pode vir acentuado pelo acento circunflexo. Os verbos ***vir*** e ***ter*** só recebem acento circunflexo se estiverem na 3ª pessoa do plural. Deveria ser assim: "... ***uma*** das quais... ***vem*** merecendo...".

33 – E. Se o prefixo estiver terminado em vogal seguida de palavra iniciada por **s**, o **s** duplica. Logo, antissemita é a forma correta!

34 – CERTO. São todas paroxítonas terminadas em ditongo crescente, por isso o acento.

35 – ERRADO. A primeira palavra é paroxítona terminada em ditongo decrescente nasal e a segunda é proparoxítona, logo não seguem a mesma regra de acentuação.

36 – CERTO. Todas são oxítonas terminadas em **a**, logo são obrigatoriamente acentuadas: comunicá-las, ensiná-las, comandá-las.

37 – E. Todas as palavras são acentuadas pela regra dos hiatos tônicos (**i** e **u**).

38 – A. A pronúncia correta é *misTER*, oxítona, que significa normalmente incumbência ou necessidade. As demais são paroxítonas, como a*VAro: filanTROpo, graTUIto, maquinaRIa, iBEro.*

39 – A. A palavra *por* é uma preposição e a palavra *pôr* é um verbo. Eis o papel do acento diferencial.

40 – E. De acordo com a nova regra dos ditongos abertos, *ideia* não mais tem acento.

41 – D. *Angústia* (substantivo), *angustia* (flexão do verbo angustiar); *crítica* (substantivo), *critica* (flexão do verbo criticar); *análise* (substantivo), *analise* (flexão do verbo analisar); *escritório* (substantivo). Não existe *escritorio*, do verbo *escritoriar*, porque esse verbo não existe! Questão bonitinha!

Capítulo 3

Gabarito

1 – B. Há incorreção na letra A, pois "infringir" é cometer infração e "infligir" (este, sim, está certo no contexto) significa aplicar uma pena. Na letra C, está incorreta a

escrita da palavra “homogeinizar” (homogêneo + izar), deveria ser homogene**i**zar (Lembra-se do I após o ‘e’ em palavras terminadas em ‘eo’?). Na letra D, “iminente” é prestes a acontecer e ‘eminente’ (este, sim, está certo) significa superior, elevado, importante. Na letra E, ‘aferir’ é medir e ‘auferir’ (esta, sim, é a forma certa) equivale a obter (lucro).

2 – A. O vocábulo ”perspassa” não existe, mas sua proximidade na forma com “perspicácia e perspectiva” faz o candidato cometer um equívoco. O certo é ***perpassa***. Esse é o único erro de grafia no texto. Em ”simultaneidade”, há uma derivação de ”simultâneo”, em que a letra **I** aparece no lugar da letra **O** antes do sufixo **-dade**. Perfeito! Sobre “espectador”, você talvez tenha ficado na dúvida com o homônimo homófono ”expectador”, não? Segundo o Manual da PUC-RS: “Espectador – o que observa um ato” e “Expectador – o que tem expectativa”. Logo está certo!

3 – D. Em A, **avareza** (avaro + eza). Em B, **aprazível** (mesmo radical que prazer). Em C, escreve-se **razão**. Em E, **cafezal** (café + z + al).

4 – B. A: catequese. C: analisar. D: deleitoso. E: catálise.

5 – B. A: manteigueira. C: meritíssimo. D: intitulado. E: beneficente.

6 – ERRADO. O verbo **viger** está conjugado errado. Houve um erro em sua grafia. No pretérito perfeito do indicativo, esse verbo é conjugado assim: eu vigi, tu vigeste, ele **vigeu**, nós vigemos, vós vigestes, eles vigeram. Portanto, o texto deveria ser reescrito com a forma *vigeu* em vez de *vigiu*.

7 – B. Escrevemos com **S** os verbos terminados em **-isar**, quando a palavra primitiva já possuir **S** no radical: ParaliSia = Parali**S**ar.

8 – CERTO. Os vocábulos *imundície, imundice* e *imundícia* são formas variantes.

9 – E. Na letra A, deveria haver estas correções ortográficas: “<u>Intervensões</u> (Intervenções) governamentais <u>massiças</u> (maciças) e até agora sem precedentes não conseguiram conter os impactos da crise financeira em diversos países.”. Não confunda precedente (anteceder) com procedente (origem). Na letra B, deveria haver estas

correções ortográficas: "A permanência e a gravidade dos desdobramentos da crise financeira deicham (Nossa! Essa foi forte! Preciso dizer que se escreve DEIXAM?) dúvidas e originam expeculações (especulações) em todo o mundo.". Na letra C, deveria haver estas correções ortográficas: "A ganância por lucros cada vez maiores fez com que os riscos dos investimentos crecessem (cre**sc**essem, que vem de cre**sc**er) esponencialmente (e**x**ponencialmente, que vem de e**x**ponencial) no mercado financeiro.". Na letra D, deveria haver estas correções ortográficas: "A excessiva circulação de instrumentos financeiros imbutia (embutia) imenço (imenso) potencial de perigos redundando, como se viu, em enormes prejuízos.".

10 – D. Observe: "O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto." Se *descriminar* (daí *descriminado*) significa "considerar ou declarar inocente; tirar a culpa; absolver; inocentar", ***indescriminado*** só pode ser o oposto. Mas este sentido não cabe no contexto. O certo seria "O desmatamento indiscriminado...", ou seja, "sem controle, sem ordem, sem critério etc.; descontrolado, desordenado, desregrado etc.". A palavra *estenso* não existe, mas sim ***extenso***.

11 – E. Na letra A, deve ser ***conteve***, e não *conteu*, porque a conjugação do verbo *conter* (derivado do verbo ter) neste caso (pretérito perfeito do indicativo) é assim: eu contive, tu contiveste, ele **conteve**, nós contivemos, vós contivestes, eles contiveram. Na letra B, não é *esmoresciam*, mas ***esmoreciam***, derivado de esmorecer. Na letra C, *pr*E*vilegiasse* é dose! É prIvilégio, prI, ***prIvilegiasse***. Safo? Uma letrinha pode acabar com a vida de uma pessoa. Na letra D, é ***titubEaram***, e não *titubiaram*, porque a palavra correta vem de ti-tu-b**e**-ar.

12 – A. Algumas pessoas pronunciam a palavra ***prazeroso*** assim: *prazeiroso*. Isso acaba influenciando sua escrita. Cuidado! Veja as formas corretas agora. Em B: abstenÇão. Em C: aviZinha. Em D: excluI. Em E: obCecados e goZosa.

13 – B. Vejamos: impreSCindíveis (vem de preSCindir), obseSSão (vem de obSED(I)AR), deserÇão (vem de deserTAR, deserTOR), baliZadores (vem de baliZa).

14 – INCORRETA. O verbo ***construir*** termina em **-uir**, logo, na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, se escreve com a letra **I**, e não com **E** (***constroe*** está errado). Portanto, o certo é: "Constrói-se o espaço...". Não se esqueça também do acento agudo, seguindo a regra dos ditongos abertos (éi, éu, ói, em palavras não paroxítonas).

15 – CERTO. As expressões "Império Romano" e "Revolução Francesa" são escritas com letra maiúscula, pois, respectivamente, referem-se a **instituições (acadêmicas ou não), períodos notáveis, acontecimentos (históricos ou não)**. Já "Cristianismo" pode ser escrito também com minúscula (cristianismo). **Nos nomes de leis, decretos, atos ou diplomas oficiais, a letra maiúscula deve ser usada, por isso está correta a escrita de** "Lei no 8.888/1998".

16 – A. Atente para as seguintes palavras da letra A (decore-as): ***reminiscências, esdrúxulas, exorbitava***. Sobre ***iguaizinhas***, talvez você tenha ficado em dúvida. Estou errado? Bem, a palavra está correta mesmo, porque o plural diminutivo de uma palavra é feito assim: igual > iguais > iguai + (z)inhas > iguaizinhas. *Voilà*! Na letra B, "O espaço era exíguo (escreve-se ***exíguo*** por se tratar de uma paroxítona terminada em ditongo crescente), à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear (***granjear***, pois vem de *granja*) a simpatia do padre inflingindo-lhe (***infligindo***, pois vem de *infligir*) pratos que excitavam sua gula.". Na letra C, o certo é ***descansar***, de *descanso*. Na letra D, atenção para a palavra ***presunção*** (e não presunção) e ***lisonjeiro*** mesmo (e não *lisongeiro* como alguns, infelizmente, escrevem). Na letra E, sobre ***ojeriza*** já falamos. Cuidado com ela! Em *ferí-lo* há um erro de acentuação, pois somente as oxítonas terminadas em -a, -e, -o, -em (e seus plurais) recebem acento; por isso, deveria ser tão somente *feri-lo*.

17 – A. Na letra B, deveria haver estas correções ortográficas: "A escursão (excursão) prometida não ocorreu, pois o número de interessados foi excessivo; mas até isso colaborou para o explendor (esplendor) da viagem, pois o desconto oferecido surpreendeu.". Na letra C, deveria haver estas correções ortográficas: "Casualmente encontraram-se no saguão; ela parecia advinhar (adivinhar) o que ele tinha a lhe dizer, por isso não lhe deu oportunidade de ser posta em cheque (xeque).". Na letra D, deveria haver estas correções ortográficas: "Considerou ultrage (ultraje (Lembra a banda?)) o comentário adivindo (advindo) do seu

sucessor, mas, para preservar-se, abdicou de dar-lhe resposta à altura.". Na letra E, deveria haver estas correções ortográficas: "Com a dispensa (despensa; estas palavras são parônimas) abarrotada de produtos nobres, não exitou (hesitou) um minuto ao negar um jantar aos participantes do programa de inclusão social.".

18 – D. As palavras "assacinar", "almentar", "esibido" e "alcanse" não estão de acordo com a ortografia oficial. Segundo o VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa), encontrado no *site* da ABL (Academia Brasileira de Letras), as palavras devem ser grafadas assim: "assassinar", "aumentar", "exibido" e "alcance". Consulte bons dicionários, como Houaiss, Aulete e Aurélio.

19 – E. *Beneficiente* não existe, mas sim ***beneficente***. As demais alternativas apresentam as seguintes incorreções (a forma correta vem ao lado de cada uma): *sensasão/**sensação**; despezas/**despesas**; advinhou/**adivinhou**; impecilhos/**empecilhos***.

20 – D. Na letra A, algumas formas dos verbos terminados em **air**, **oer**, **uir**: *atrai (de atrair), dói (de doer), influi (influir), **possui** (de possuir)...* mantêm a letra I na sua conjugação. Portanto, ***possue*** é um erro! Na letra B, as formas corretas são ***advento*** e ***imensa***. Memória visual. Na letra C, as formas corretas são ***escassez*** (substantivo abstrato derivado do adjetivo *escasso*) e ***o porquê*** (vou explicar essa expressão no próximo capítulo). Na letra E, as formas corretas são ***descomunal*** e ***consolidação***. Essas duas palavras até se explicam pelas regras ortográficas: a palavra *descomunal* significa fora do comum, o que não é comum, portanto usa-se o prefixo **des**, que carrega o sentido de oposição, ausência; ok? Agora, em *consolidação*, que significa ato de consolidar, o sufixo ção é responsável por "transformar" um verbo (consolidar) em substantivo abstrato (consolidação). Moleza!

21 – E. A palavra *ascenção* não existe, mas sim ***ascensão***. Derivado do verbo ascender, que tem **-nd** no radical, a palavra se escreve com ***-s***. Já ia me esquecendo da palavra ***expressivo***; bem, o S entre vogais tem som de **Z**, portanto é preciso um outro **S** (daí o duplo **S — SS**) para que, na escrita, o som da palavra lida corresponda ao som correto (na fala).

22 – C. Talvez a única palavra que provocasse dúvidas em você seria ***estresse***, que vem do inglês *stress* (com dois *esses*) e se manteve na escrita portuguesa, com leve

alteração. Tenho certeza de que você acertou essa. Bem, na letra A, as palavras corretas são ***carboidratos*** e ***nível***. Esta última se acentua porque é paroxítona terminada em **l**. Na letra B, ***concentraÇão*** vem de *concentrar*. Na letra D, há uma regra do dígrafo SS que diz que, em verbos terminados em **primir, meter, mitir, cutir, ceder, gredir**... usa-se o **SS**: ***excess***o (ex***ceder)***, ***impress***ão (de im***primir)***, ***depress***ão (de de***primir)***... E ***nocivo*** é escrito com **C** por causa da etimologia (origem da palavra), vem desde o latim com **C**. Na letra E, a palavra ***toxinas*** **não é acentuada por se tratar de uma paroxítona terminada em -a(s)**. E há aquele famoso caso do ***mal/mau***. Segue a regra: a forma "mal" pode ser um substantivo, um advérbio (antônimo de 'bem') ou uma conjunção subordinativa temporal (equivalendo a 'logo que', 'assim que'). "Mau" pode ser um substantivo ou um adjetivo (equivalendo a 'bom'). Logo deve ser "mal".

23 – A. Talvez você ficasse em dúvida na palavra ***viajem***, pois também existe a palavra ***viagem***. São palavras homônimas homófonas, ou seja, apresentam grafia diferente, mas som igual. A palavra ***viagem*** é um substantivo (Fiz uma viagem longa.). Já a palavra ***viajem*** é um verbo na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo. Sobre ***excesso*** (de exceder) eu já falei, e você já está escaldado. Vale lembrar, porém, que ***exceção*** é com Ç. Na letra B, há duas palavras erradas: ***deslises*** e ***cheque***. As formas corretas, no contexto, são ***deslizes*** e ***xeque***. Existe a palavra *cheque*, mas não cabe neste contexto; já a palavra *xeque* é adequada, pois significa "situação que representa ameaça ou perigo; risco". Acho que vale a pena dizer, de novo, algo a respeito de *espontaneidade* e da palavra *cortês:* nas palavras terminadas em EO (espontâneo), acrescenta-se a vogal I e depois um sufixo (-dade): espontâneo > espontane**i**dade; em cortês, usa-se o *S* e não Z porque se trata de um adjetivo. Na letra C, *descançar* é escrito com S, ***descansar***, *descanso, descansado*... A palavra ***frondoza*** é escrita com S, também desde o latim. As demais palavras estão corretas! Ah!, decore a palavra **ojeriza**, que não é hojeriza, nem hogeriza, nem hogerisa, nem ogeriza, nem ogerisa, nem ojerisa. Na letra D, não é *influe*, mas ***influi***, de verbos terminados em ***-uir***. Sobre *impecilho*, só tenho a dizer que tal palavra não existe, mas sim ***empecilho***, que é aquilo que empece, e vem de empecer, empeço etc. Na letra E, há algumas palavras interessantes e que são recorrentes em questões de ortografia em variadas provas de concurso público e militar; corrigi apenas as que estão seguidas das palavras corretas entre parênteses: "O diretor exitou (hesitou) ao aprovar a retenção (!) dessa

alta quantia, mas não quiz (quis) ser taxado (cuidado com o parônimo tachado) de conivente na concessão (!) de privilégios (!) ilegítimos.". As seguidas de ! são interessantes, pois normalmente são escritas assim (para enrolar o candidato): *retensão, tachado* (esta forma está sempre em um contexto de depreciação; taxado nem sempre), *conceção* e *previlégios.*

24 – ERRADO. O erro está na forma verbal "basea-se"; deveria ser "baseia-se", com **I**. Isso ocorre porque os verbos terminados em **-ear** e **-iar** têm uma forma peculiar de grafia no momento em que são conjugados, como já vimos na teoria.

25 – ERRADO. A palavra "encalso" não existe; a grafia correta é "encalço", com ç; derivado regressivo de *encalçar*. Daí o uso do Ç.

26 – A. Os verbos terminados em **-ear** (recear, passear, nomear, sapatear e frear) recebem a letra **I** depois da letra **E** só na 1ª pessoa do singular, na 2ª pessoa do singular e na 3ª pessoa do singular e plural (no presente do indicativo e no presente do subjuntivo). Exemplo de conjugação no presente do indicativo e do subjuntivo do verbo nomear: **Eu nomeIo, Tu nomeIas, ele nomeIa, nós nomeamos, vós nomeais, eles nomeIam/Que eu nomeIe, tu nomeIes, ele nomeIe, nós nomeemos, vós nomeeis, eles nomeIem**. Como o verbo da letra A está na 3ª pessoa do plural do imperativo negativo, que é a cópia do presente do subjuntivo, recebe a letra **I** depois da letra **E**: **receiem**. Note que o verbo da B está no pretérito perfeito, por isso não recebe a letra **I**! Note que em C faltou a letra **I**, pois o verbo está na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo. Note que na D, faltou a letra **I**, pois o verbo está na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo. Por fim, faltou o **I**, pois o verbo está na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo.

27 – A. A regra é clara: nos substantivos derivados de verbo com **-mitir** no radical, usa-se -ss em sua formação. Daí que **admitir** > **admissão**. Corrigindo as demais: *distensão* (pois vem de distender, que tem **-nd** no radical); *discussão* (pois vem de discutir, que tem -cutir no radical); *exceção* (pois vem de exceto, que tem *-to* no radical); *extensão* (pois vem de estender, que tem -nd no radical).

28 – C. Veja as palavras escritas corretamente. Em A: intemperança. Em B: manusear e dispensa. Em D: disenteria. Em E: discricionário.

29 – C. Veja as palavras escritas corretamente. Em A: ***incidência*** (de incidir, incidente). Em B: ***beneficentes***. Em D: ***achincalhar*** e ***maledicência***. Em E: ***Viajem*** (verbo).

30 – E. Segundo a regra de ortografia da letra **Z**, o sufixo **izar** é usado quando não há **S** no radical das palavras. Portanto, "hospital + izar = hospitalizar", "civil + izar = civilizar" e "humano + izar = humanizar".

31 – C. **Despõem** e **Empacto?** Só pode ser brincadeira! O "homem da banca" pediu para você não errar a questão! O verbo *dIspor* se conjuga na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo, assim: "Poucos estudiosos se **dIspõem**...". Preciso explicar por que **Empacto** está errado? Até o Google me corrige: "Você quis dizer: ***impacto***".

32 – CERTO. Comentário correto e autoexplicativo.

33 – ERRADO. *Percentual* poderia ser reescrito como *porcentual*, pois é uma palavra com dupla grafia. O sentido é o mesmo. Já *percentil* significa "cada um dos cem grupos em que se dividam os resultados de observação de uma variável, ordenados por ordem crescente; o grupo mais baixo será o primeiro percentil e, assim, sucessivamente".

34 – D. A palavra *defasagem* se escreve com S, assim como *defasar*.

35 – D. Seguindo as regras de Ç, temos: em palavras com ***to*** no radical: *projeto > projeção;* em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-tar/-tor** (principalmente!): *produtor > produção, redutor> redução;* fique atento a palavras derivadas de verbos dos quais se retira a desinência **r** e coloca-se o sufixo **ção**: *desacelerar > desaceleração*. No caso dos verbos da letra d), segue-se a regra de palavras terminadas em **-tor**: *obstrutor > obstrução; interventor > intervenção; condutor > condução*. Sobre as demais: a) admissão, agressão, intuição; b) discussão, emissão, aferição; c) inquirição, impressão, perseguição; e) redução, omissão, extinção. Consulte as regras!

36 – D.Vejamos uma por uma: a) À mínima contrariedade, **exacerbava**-se de tal maneira que seus excessos verbais eram já conhecidos de todos. b) A **espontaneidade** com que se referiu ao local como "**empesteado**" fez que todo o auditório

explodisse em risos. c) Quanto à infraestrutura, será necessário **reconstruí**-la (regra do hiato: re-cons-tru-Í-la) em prazo curto, mas sem que haja qualquer tipo de **displicência**. e) A obra faraônica será uma **excrescência** naquela paisagem bucólica, mas ninguém teve êxito em convencer os responsáveis da necessidade de revisão do projeto.

37 – A. Corrigindo os erros das letras B, C, D e E: bele**z**a, deslizou, **h**e**s**itar e pretens**ões**. Cuidado com a forma "ESTRUPAR", inexistente na língua. Dói até de falar.

Capítulo 4

Gabarito

1 – E. Em A, a ideia é de finalidade e não de causa. Em B, não há um paradoxo, pois não há sequer uma ideia de oposição, ou seja, "muitos centros" não se opõe a "pouco dinheiro". Em C, a expressão sublinhada tem valor pejorativo, já a expressão em negrito não. Em D, a expressão sublinhada está ligada a uma ideia positiva; a expressão em negrito, não. (Se fosse "ao encontro de", aí sim estaria correta a substituição.) Portanto, o gabarito é a letra E, afinal, "em tese" e "como conceito" são expressões sinônimas. Outra expressão sinônima de "em tese" seria "em princípio". Cuidado para não confundir com "a princípio", que significa "inicialmente". Foi?

2 – B. ***Mandato*** significa tempo de serviço prestado em prol do povo, logo não poderia ser ***mandaDo***, que significa ordem/incumbência para cumprir determinado propósito. São palavras parecidas na pronúncia e na grafia, logo são palavras parônimas. Lembrou?

3 – O primeiro grupo está **CORRETO**. Observe que o verbo ***haver*** indicando tempo decorrido foi substituído por ***faz***. Por isso está perfeita a reescritura. O segundo grupo está **INCORRETO**. Houve um problema no uso de ***a cerca de*** (é usada para indicar distância aproximada ou tempo futuro aproximado), mas, no contexto, o certo é usar ***há cerca de***, que indica tempo passado/decorrido aproximado. A reescritura deveria ser esta, portanto: "No Brasil, a nacionalidade e a literatura

formaram um 'sistema' interessantíssimo, que **HÁ cerca de** (tempo decorrido aproximado) trezentos anos desenvolve-se.".

4 – A. Mal = bem; mau = bom. Na maioria das vezes, ok? Veja: "II. Não há nenhum mau (bom?) na utilização do Caixa 2. Os recursos não contabilizados não são um mau (bom?), porque todos os políticos o utilizam./III. É mau ('bom' cabe aqui) apenas lamentar a atitude dos políticos. O povo poderá puni-los com o voto nas eleições que se aproximam. Nesse momento, como diz o ditado popular, eles estarão em mal (bem?) lençóis." Vejamos a resposta: em I: "O mau ('bom' cabe aqui) julgamento político de suas ações não preocupa os deputados corruptos. Para eles, o mal ('bem' cabe aqui) está na mídia impressa ou televisiva.".

5 – CORRETA. Quero ressaltar algumas palavras e expressões para você decorar: "Quando se considera a par do tema, ajuíza sem medo, mas, ao se compreender insipiente, pára tudo e pede aos especialistas que o catequizem no assunto para não passar por néscio". Não confunda o homônimo homófono ***insipiente*** (ignorante) com ***incipiente*** (principiante). Não confunda ***a par de*** (ciente de) com ***ao par de*** (pareado economicamente). Sobre ***pára***, retirou-se o acento na nova ortografia.

6 – INCORRETA. Esta alternativa testava seu conhecimento deste fato da língua culta: *de encontro a* **x** *ao encontro de*. A primeira expressão tem carga semântica negativa, por isso não cabe no contexto. A segunda tem carga semântica positiva, por isso cabe perfeitamente no contexto. Veja a correção plena: "É *prazerosa* a experiência de quem formula propósitos e promove ações que vão **ao encontro *d*eles**". Percebe que o contexto é todo positivo? Agora, só de curiosidade, na língua culta, não se usa "o mesmo(a/s)" (pronome demonstrativo) para retomar palavras anteriores. Só se usa tal expressão quando equivale a "mesma coisa". Exemplo: *Ele disse para eu ficar quieto, o mesmo serve para você.*

7 – CERTO. Levando em conta que "porque" pode ser substituído por "pois", a substituição procede perfeitamente. *Algumas pessoas têm mais dinheiro do que outras* pois *sabem como aumentar sua riqueza.*

8 – D. Denotação: significado básico, objetivo, literal de uma palavra. Conotação: significado secundário, subjetivo, figurado de uma palavra. Na letra A, automóvel

não pode ter religião (conotação). Na letra B, o mercado não pertence a mitologia alguma (conotação). Na letra C, a região sul não recebe ninguém de braços abertos, pois não tem braços (conotação). Na letra D, não há linguagem conotativa alguma, pois as palavras têm sentido real. Na letra E, cardápio (?) ambiental não tem fome nem passa fome, ora (conotação). Esta foi fácil, não é?

9 – CORRETA. É impossível que a ANS opere numa corda bamba, li-te-ral-men-te, pois a ANS é uma instituição e não uma pessoa; logo, há conotação (sentido figurado), conferindo um tom de informalidade ao texto. Isso porque na linguagem informal, usamos muitas conotações.

10 – CORRETA. "Acusar" pode ter vários sentidos, a depender do contexto. Quando um lutador leva um golpe e sente este golpe, o que o narrador da luta diz? "Fulano acusou o golpe!" Neste mesmo sentido, "as finanças públicas estão sofrendo pressão, devido a isso elas *apontam, indicam, revelam, mostram, evidenciam* 'deficits' muito elevados".

11 – A. Levando em conta o que são parônimos e o quadro de parônimos já apresentado lá atrás, só poderíamos marcar a letra A, pois ***descrição*** e ***discrição*** são palavras próximas na pronúncia e na grafia (sentidos diferentes). Na B, as palavras são iguais na pronúncia e na grafia, logo não são parônimas. Na C, estamos diante de palavras homônimas homógrafas, ou seja, palavras diferentes na pronúncia, mas iguais na grafia (e diferentes no sentido). A palavra ***sede*** (é) significa "localização central de uma instituição, empresa, firma etc."; já ***sede*** (ê) significa "apetite, necessidade, vontade de beber". Na D, as palavras são iguais na pronúncia e na grafia, logo não são parônimas. Na E, estamos diante de homônimos perfeitos, ou seja, vocábulos iguais na pronúncia e na grafia (sentidos diferentes e, normalmente, classes gramaticais diferentes). ***Feridos*** no primeiro caso é um substantivo; no segundo, um adjetivo.

12 – D. Não deixe as palavras parônimas derrubarem você! Observe: "O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.". Se *descriminar* (daí *descriminado*) significa "considerar ou declarar inocente; tirar a culpa; absolver; inocentar", ***indescriminado*** só pode ser o oposto. Mas este sentido não cabe no

contexto. O certo seria "O desmatamento indiscriminado...", ou seja, "sem controle, sem ordem, sem critério etc.; descontrolado, desordenado, desregrado etc.". A palavra *estenso* não existe, mas sim ***extenso***.

13 – B. De novo! Palavras parônimas são as que se parecem na grafia e na pronúncia, mas têm sentidos diferentes, logo cabe dizer que *tráfego* (movimentação, fluxo de carros, por exemplo) e *tráfico* (comércio ilícito) são parônimas por esse motivo.

14 – C. O primeiro ***porquê*** é junto e acentuado pois é um substantivo acompanhado de determinante (artigo, pronome, numeral ou adjetivo). O segundo deveria ser separado e sem acento, pois equivale a "pelas quais". O terceiro está certo por estar separado e acentuado, visto que finaliza o período e não vem acompanhado de determinante. O quarto está certo, pois equivale a "pela qual".

15 – CERTO. Esta questão tratava de mais um fato da língua culta. A expressão "ao invés de" é usada com formas antônimas na frase em que aparece, equivalendo a "ao contrário de/em oposição a"; já "em vez de" equivale a "no lugar de". Portanto, nesse contexto, como não há ideia de oposição, a substituição de "no lugar de" por "em vez de" está correta.

16 – ERRADO. No caso, a simples substituição já seria suficiente: "Finalmente estou bem das pernas."; se usamos **bem**, o certo é substituir por **mal**, com L. Curiosidade: quando a palavra **mal** está ligada à ideia de doença, como **mal** de Parkinson, **mal** de Alzheimer, escreve-se com L.

17 – E. Esta questão trata de parônimos. Flagrante (exato instante) não é o mesmo que fragrante (aroma, cheiro bom). Portanto deveria ser "A fragrância do perfume...". Reveja o quadro de parônimos.

18 – A. A expressão **por que** pode ser substituída por "por qual razão/a razão pela qual". A palavra **porque**, conjunção explicativa ou causal, pode ser substituída por *pois, visto que, já que, uma vez que...* Sendo assim, com as substituições adequadas, teríamos a seguinte reescrita: *Eis* a razão pela qual *o espectador não se sente em casa em parte alguma,* visto que *o espetáculo está em toda parte.*

19 – D. Usa-se **a fim de** (separado), pois é uma locução prepositiva que indica finalidade, equivalendo semanticamente a expressões como *para que, a fim de que, com a finalidade de...* Portanto, o trecho deveria ser reescrito: "... Reforça, isso sim, a necessidade de aperfeiçoar instituições, **a fim de** (4) preservar a funcionalidade dos mercados e a concorrência...".

20 – D. Na letra A, o certo seria **iminente** (prestes a ocorrer); na letra B, o certo seria **ascender** (elevar-se); na C, **discrimina** (divide, organiza); na E, **diferir** (diferenciar). Na letra D, a palavra *espectativa* até existe (registrada no VOLP), mas é arcaica. Hoje se usa **expectativa** apenas. Questão de homônimos e parônimos. Dê uma lida nisso de novo!

21 – D. Em "O seu primeiro erro se deu quando tentou ajudar um amigo em apuros.", o verbo **dar**(-se) significa *ocorrer*; veja a reescritura: "O seu primeiro erro ocorreu quando tentou ajudar um amigo em apuros.". Questão de sinonímia.

22 – E. Em todas as demais opções, o "até" é sinônimo de "inclusive". Em E, indica direção, movimento.

23 – E. **Destacar-se** significa **diferenciar-se**, estar em relevo em relação a outros seres, portanto a substituição de *diferenciados* por *destacados* é plenamente cabível!

24 – C. **Congruência** significa "Identidade ou cor-res-pon-dên-cia entre as características de duas ou mais coisas.". Preciso dizer mais alguma coisa?

25 – B. Em "Alguns constrangimentos porque venho passando me obrigam a considerar outras opções.", o uso do "porque" está equivocado, pois no contexto, poderíamos substituí-lo por "pelos quais", o que nos leva à seguinte redação: "Alguns constrangimentos **por que (pelos quais)** venho passando me obrigam a considerar outras opções.". Separado e sem acento, hein!

26 – D. Usa-se **senão** quando puder ser substituído por "do contrário"; sempre vem em uma oração ou contexto que não indique hipótese. Usa-se **acerca de** quando equivaler a *sobre*, indicando assunto. Por fim, usa-se **a fim de que**, locução conjuntiva, para indicar finalidade.

27 – E. **Aeronave** é todo e qualquer veículo de navegação aérea (hiperônimo; sentido abrangente) e **jatinho** é uma espécie de aeronave, logo tem o sentido mais específico (hipônimo).

28 – ERRADO. A expressão "por que" não pode ser substituída por "porque" uma vez que a primeira equivale a "pela qual", o que tão somente cabe ao contexto apresentado. Veja: "Daí a razão **pela qual**, segundo o filósofo...". Safo? Na segunda ocorrência, deve-se usar tão somente "porque" visto que equivale a "pois", tendo valor causal ou explicativo.

29 – E. Mera questão de sinonímia, ou seja, uso de palavras/expressões/frases diferentes com sentidos semelhantes. "Empenhar-se" e "dedicar-se com afinco" têm o mesmo sentido, portanto são expressões sinônimas; "na procura" e "à busca" também apresentam o mesmo sentido, logo a resposta só pode ser a letra E. Agora as incorretas. Sobre a letra A: prodigiosa = extraordinária, fenomenal, real, e não ilusória. Sobre a B: regalar = sentir grande prazer; empanturrar = encher-se. Sobre a C: singular = única, uniforme; variegado = diferente, variado. Sobre a D: indigitar = mostrar, designar.

30 – C. Em A, as palavras *iminente* e *eminente* são **parônimas**, ou seja, apresentam semelhança na escrita e na pronúncia, mas o sentido é diferente. Em B, as palavras *edifício* e *prédio* são **sinônimas**, ou seja, apresentam diferença na forma, mas semelhança no sentido. Em C, o gabarito, a palavra *manga* em ambas as frases, assim como *coral*, são **homônimas perfeitas**, ou seja, apresentam igualdade na escrita e na pronúncia, mas diferença no sentido. Em D, *figo* e *fruta* estabelecem entre si uma relação de **homonímia** e **hiperonímia**, em que *figo*, que é uma fruta, tem um sentido mais específico, enquanto *fruta* tem um sentido mais abrangente. Por fim, em E, as palavras *sala* e *escola* pertencem ao mesmo **campo semântico**, ou seja, pertencem ao mesmo grupo de palavras que partilham de um mesmo "universo" semântico, isto é, quando pensamos em *escola*, *sala* é um dos seus componentes, certo?

31 – E. Ambos os sentidos do verbo tocar (no enunciado e na opção E) são de sensibilizar, impressionar. Em A, o sentido é de tanger (fazer música, som). Em B, o sentido é de soar. Em C, o sentido é de iniciar. Em D, o sentido é de encostar.

32 – A. Usa-se **mau** quando se opõe a *bom* e usa-se **mal** quando se opõe a *bem*, normalmente. Portanto, na expressão *mau-humorado*, substitua por *bom-humorado*. Existe tal palavra? Não! Agora ***bem**-humorado* existe, não é? Sim! Logo, escreve-se ***mal**-humorado*. Em B, a forma **por que** (= pela qual) está certa. Em C, **aonde** é forma certa, pois o verbo *chegar* após *aonde* exige a preposição A, logo, A + ONDE = AONDE. Em D, **senão** (= exceto, a não ser) está certo. Em E, **acerca de** (= sobre) está certo.

33 – B. A expressão "objetivo... *Comum, vírgula*" significa que todos tinham o mesmo objetivo comum, geral; iam trabalhar, mas dessa vez seria diferente, pois o contexto permitiu que todos faturassem devido ao evento da baleia encalhada. Logo, "Geral, mas nem tanto." é uma expressão sinonímica que mantém o sentido original.

34 – D. Esta foi fácil, pois as palavras das expressões da letra D são sinônimos facilmente identificáveis: perspectivas = visões; mais sombrias = menos animadoras.

35 – B. **Replicar** tem como sinônimos estas palavras: contestar, objetar, redarguir, refutar, retorquir, retrucar, revidar, copiar, reproduzir etc. No contexto, já que se trata de fazer moléculas iguais às da natureza, ficamos com o verbo **reproduzir** (copiar).

36 – A. São **homônimos** homófonos, logo **homonímia**.

37 – E. "Para" é uma preposição que normalmente indica finalidade e pode ser substituída pela locução prepositiva "a fim de", e não "afim de". Além da semântica, esta questão trabalhava noções de preposição e ortografia.

38 – D. Note que todas as palavras mantêm sentidos semelhantes à do enunciado, exceto escassez, que é o antônimo (sentido posto) de exuberância.

39 – C. Sesta e cesta são *parecidas* na pronúncia e na grafia, por isso são parônimas. As demais palavras são homônimas homófonas, pois apresentam grafia diferente e pronúncia idêntica.

40 – E. Há intertextualidade em todas as frases, exceto na E, porque apresentam frases prontas (ditos populares), já existentes pelo nosso conhecimento de mundo. a) "Se tudo o que é bom dura pouco, eu já deveria ter morrido há muito tempo". b) "Nariz é essa parte do corpo que brilha, espirra, coça e se mete onde não é chamada". c) "Une-te aos bons e será um deles. Ou fica aqui com a gente mesmo!" d) "Vamos fazer o feijão com arroz. Se puder botar um ovo, tudo bem.".

Capítulo 6

Gabarito

1 – A. Apenas o elemento **panto** está com seu sentido indicado equivocadamente. Ele, na verdade, significa *tudo, todo* (vem do grego *pan-*, *panto-*). *Pantofobia* (*panofobia* ou *panfobia*) é o medo infundado de tudo, de qualquer coisa.

2 – A. As palavras são formadas por derivação sufixal, pois, nas duas primeiras, o sufixo **-dade** é usado; na terceira, usa-se o sufixo **-oso**. Resumindo: *responsável* + *-dade* = *responsabilidade* (o **-vel** se torna **-bil**); *musical* + *-dade* = *musicalidade*; *defeito* + *-oso* = *defeituoso*. Foi?

3 – CERTO. A palavra *habitável* apresenta sufixo (**-vel**) e a palavra *inabitado* apresenta prefixo (**in-**) e sufixo (**-ado**). Portanto, ambas as palavras sofreram derivação.

4 – CORRETO. Para acertar uma questão de pontuação, é necessário ter conhecimento de neologismo. A palavra *financeirização* é inventada, não dicionarizada, portanto um neologismo.

5 – CERTO. Vejamos o processo: *combusto* + *-vel* > *combustível* > *bi* + *combustível* > ***bicombustível***. Note um detalhe muito importante: a maneira como o CESPE cobra a classificação da derivação é pelo último elemento constituinte da palavra. Como o prefixo **bi –** entrou por último para formar a palavra *bicombustível*, a derivação é prefixal. Outras bancas diriam que essa palavra sofreu derivação prefixal e sufixal, pois ela recebeu um sufixo e um prefixo em momentos diferentes em sua formação. Atenção ao estilo das bancas.

6 – D. Por eliminação, ficamos com a letra D, pois a recomendação é que siglas com quatro letras ou mais sejam escritas só com a primeira letra maiúscula: Ematra.

7 – C. Formação clássica de derivação parassintética (união simultânea de afixos): *en – + louco + -ecer = enlouquecer.*

8 – ERRADO. Em *instabilidade* (*in + estabilidade*) e *imperfeita* (*im + perfeita*), o prefixo **in(m) –** indica negação ou provação. Em *inçado*, **in –** faz parte do radical; não é prefixo. Em *impõe*, o **im –** indica movimento.

9 – ERRADO. *In**atur**ável* é aquilo que não se pode *aturar*. *Des**natur**ado* é aquilo que se *desnaturou*, que sofreu profundas alterações em sua **natureza**. Os radicais são diferentes.

10 – CERTO. Estas palavras são cognatas, pois têm o mesmo radical: **grav** (de *grave*).

11 – ERRADO. A palavra *anomalia* vem do adjetivo *anômalo* pelo acréscimo do sufixo **-ia**. Ou seja, a palavra sofreu sufixação, logo já está errada por aí. Por sufixação também, a palavra *alacridade* vem do adjetivo álacre. A palavra *arrebataram* é formada por derivação parassintética (*a + rebate + ar*).

12 – CERTO. *Lamentável* (adjetivo) + *mente* = *lamentavelmente*; *plena* (adjetivo) + *mente = plenamente.*

13 – D. Ocorre derivação sufixal: *descobrir + mento = descobrimento.*

14 – A. A palavra *desentristecer* (*des + entristecer*) vem de *entristecer* (*en + triste + ecer*) que vem de *triste*. Bonitinha a questão.

15 – D. Se o verbo virou um substantivo, houve mudança (conversão) de classificação morfológica.

16 – D. Por eliminação, temos de marcar a palavra *multiconfessionais*, pois nela há dois radicais: **multi –** e **confess-**, logo há composição por justaposição.

17 – A. Em *metropolitana*, o radical **metro** vem do radical grego **meter, metros** (mãe); em *metrologia*, o radical grego original é *métron*, que significa *medida*.

18 – C. I: cuidado com as palavras terminadas em **-inho**, pois nem sempre tal sufixo indica diminuição; *jeitinho*, por exemplo, carrega uma ideia afetiva. II: a palavra *utilitarista* sofreu derivação sufixal (*utilitário* + *ista*). III: a palavra *analfabetismo* vem de an*alfabeto*, que vem de *alfabeto*; também podemos dizer que a palavra *analfabetismo* vem de *alfabet*ismo, que vem de *alfabeto*; de qualquer modo, analisando todos os elementos que formaram a palavra *analfabetismo*, percebemos que os afixos entraram não simultaneamente.

19 – A. A palavra *megalópoles* tem dois radicais (**mega(lo) –** e **poles-**), mas alguns dicionaristas entendem que **mega –** é prefixo, logo podemos interpretar a palavra como derivada por prefixação; devido a isso, como **inter –** é prefixo, a palavra *internacional* é formada por derivação prefixal. As demais palavras são formadas por sufixação: *sustentável* + ***dade*** = *sustentabilidade; sanear* + ***mento*** = *saneamento; obrigatório* + ***dade*** = *obrigatoriedade; olímpia (olimpo)* + ***-ico*** = *olímpico*.

20 – C. Em *dissociação* e *discordar*, ambos os prefixos indicam negação, oposição. Os demais: *dissolver* (separação), *dispor* (distribuição, organização), *disenteria* (defeito, dificuldade), *dissimular* (aumento, intensidade).

21 – B. *Ocupar* > *ocupação* > *desocupação* ou *ocupar* > *desocupar* > *desocupação*. Os afixos entraram em momentos distintos para formar a palavra *desocupação*, logo a palavra pode ser classificada como tendo sofrido derivação prefixal e sufixal.

22 – CERTO. *Desert**or*** é aquele que deserta (pratica a deserção) e *integra**nte*** é aquele que integra. Ambos os sufixos evidenciam o sentido de agente.

23 – C. Ambas as palavras têm dois radicais que se uniram sem perda de elementos estruturais e fonéticos.

24 – ERRADO. Em *integração*, **in –** não é um prefixo, pois não existe a palavra "tegração"; em *impulsiona*, o **im –** indica movimento; em *indefectivelmente* e *imprudências*, o **in –** indica negação.

25 – ERRADO. Pelo contrário. O sufixo **-nte** carrega a ideia de *agente* : *detergente, fervente, purificante* etc.

26 – CERTO. Todos os morfemas têm o mesmo sentido, ou seja, indicam movimento para o meio, posição intermediária.

27 – B. A palavra *desfavoravelmente* foi formada pela colocação não simultânea de afixos: *favor* > *favorável* > *favoravelmente* > *desfavoravelmente* ou *favor* > *favorável* > *desfavorável* > *desfavoravelmente*. Portanto, houve derivação prefixal e sufixal, se levarmos em conta a formação da palavra desde sua origem primitiva. Poderíamos analisar também só como derivação prefixal ou como derivação sufixal, levando em conta apenas a formação pelo último elemento que entrou na palavra.

28 – E. Vejamos uma por uma: *magro + eza = magreza/excitar + cão = excitação; medir + dor = medidor/obsedar + (s)são = obsessão; firmar + mento = firmamento/perverter + são = perversão; digno + dade = dignidade/alucinar + cão = alucinação; violar + cão = violação/deslumbrar + mento = deslumbramento*. Curiosidade para aqueles que ainda acham que palavras terminadas em **-mento** podem ajudar na parassíntese: se a palavra *violação* foi encarada pela banca como formada por derivação sufixal, assim como *deslumbramento*, por associação chegamos à conclusão de que a palavra *desmatamento* (semelhante a *deslumbramento*) também sofreu derivação sufixal. Isto corrobora o que falei insistentemente na parte teórica de derivação parassintética.

29 – D. Comerciar com trastes, com coisas de pouco valor: *traste + ejar*. Em *transvalorada*, o prefixo significa "para além de, através de". É bom dizer que algumas vezes constrói-se em **tras** (*trasbordar* por *transbordar*), e, por corruptela, em **tres** (*tresmalhar, tresler*); e ainda em **tra** (*trapaça, tramontana*).

30 – D. Todas as palavras têm dois radicais, exceto *desvalorizada*, que apresenta um prefixo e dois sufixos ligados a um só radical.

31 – A. *Mortal* (adjetivo) + *dade*; *mesquinho* (adjetivo) + *ez*; *úmido* (adjetivo) + *dade*; *escuro* (adjetivo) + *ão*. Simples assim.

32 – A. Ibama: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. *Arara* + *inha* = ararinha.

33 – E. A palavra *rigidez* vem de *rígido*. Fique ligado! Muitos substantivos abstratos são formados pelo acréscimo do sufixo **-ez**/**-eza** a um adjetivo, conforme já apareceu em questão anterior. Nas demais opções, temos, respectivamente, palavra primitiva, derivação prefixal, derivação prefixal e derivação prefixal (de novo!).

34 – E. A palavra *descriminalizar* sofreu uma derivação prefixal (*criminalizar* > *descriminalizar*). O mesmo aconteceu com a palavra *reanimar* (*animar* > *reanimar*).

35 – D. Note que, na letra D, a palavra formada recebe, ao mesmo tempo, a adição do prefixo **in –** e do sufixo **-mente**. Porém, retirando um ou outro, as palavras resultantes existem (*infeliz/felizmente*). Nas letras A, B e D, temos apenas o processo de derivação sufixal: *cotidiano* > *cotidianamente*, *oportuno* > *oportunidade* e *sucata* > *sucateado*. Na letra C, temos apenas uma flexão de número: *responsável* > *responsáveis*.

36 – E. Todas as opções, exceto a correta, claro, são sufixais. "Como assim, Pest?". Vou te mostrar, meu nobre. Na letra A, temos *repercutir* + *ão* = *repercussão*. Na B, *desdobrar* + *mento* = *desdobramento*. (Tome cuidado com essa opção! O sufixo **–mento** é utilizado na formação de palavras por meio da derivação sufixal, apenas.) Na C, temos *favor* + *vel* = *favorável*. Na D, *recente* + *mente* = *recentemente*. Na E, entretanto, temos uma derivação prefixal *des* + *preocupar* = *despreocupar*.

37 – D. *Discreta* + *mente* = *discreta**mente***. Simples assim.

38 – D. *Pobre* (adjetivo) + *eza* = *pobreza* (substantivo). *Hipócrita* (adjetivo) + *ia* = *hipocrisia* (substantivo).

39 – D. *Conto* deriva de *contar*, logo sofre regressão. *Ternura* deriva de *terno*, logo sofre sufixação.

40 – C. O prefixo **ex –** significa movimento para fora: *exorcismo* é o ato de expulsar o demônio de dentro de alguém.

Capítulo 7

Gabarito

1 – E. A palavra charlatão só tem dois plurais: *charlatães* ou *charlatões*.

2 – C. Os sufixos **-eta, -az, -alha**, e **-ulo** são formadores de substantivos diminutivo, aumentativo, aumentativo e diminutivo, respectivamente.

3 – C. os substantivos *milhões* e *milhares* são masculinos plurais, portanto os artigos devem ficar no masculino plural.

4 – B. Como essa questão é de 2002, o novo acordo ortográfico ainda não estava valendo, logo a palavra *mão de obra* ainda era escrita com hífen. E hoje, como seria, meu nobre, e por quê? Sem hífen, porque apresenta dois elementos ligados por preposição (cuidado com as espécies botânicas e animais, pois o hífen permanece nelas). Bom, vamos lá: segundo as regras de plural dos substantivos compostos, quando há subst. + prep. + subst., só o primeiro varia: *mãos-de-obra*; o plural dos adjetivos compostos se faz apenas com o último elemento, *infanto-juvenis*; por fim, "*bolsa-escola*" é um substantivo composto por dois substantivos e, quando é assim, só o primeiro varia, preferencialmente: *bolsas-escola*. Foi? Maravilha!

5 – B. Olha aí a nominalização. O erro está em transformar o verbo *simplificar* (que indica ação) no substantivo *simplicidade* (que indica qualidade). Deveria ser *simplificação*: "Estão prontas para o crescimento quando assegurarmos as condições para a diminuição dos juros e para a simplificação dos tributos".

6 – C. O plural de "*salva-vidas*" é "*os salva-vidas*", pois verbo não varia quando forma um substantivo composto e "*vidas*" já está pluralizado, logo o plural é feito só pelo determinante (artigo, por exemplo).

7 – C. O plural de *meia-tigela* (numeral + substantivo) é *meias-tigelas*. E o plural de *vale-refeição* (substantivo + substantivo) é *vales-refeição/vales-refeições*.

8 – A. Sobre a locução pronominal "um(a) tal de", o Dicionário Aulete diz que "é usada antes do nome de alguém (ou de algo) que não é conhecido, ou de quem só

se sabe por ouvir dizer. Por vezes, tem conotação de desdém, ou de atribuição de pouca importância à pessoa, de falta de interesse por ela. Pode também ser usada de modo irônico (sem desdém) para falar de alguém ou algo muito conhecido ou famoso". Isoladamente o pronome *tal*, na expressão da questão, é essencialmente um pronome demonstrativo (A tal (da) demanda social = Aquela demanda social). A preposição *de* é expletiva, pois pode ser retirada sem prejuízo de sentido. Entenda melhor: o artigo *A* está determinando o substantivo *demanda*. Depois do artigo, pode haver pronomes, adjetivos e numerais antes de substantivos, e eles continuarão sendo pronomes, adjetivos e numerais. Veja exemplos: "A vossa demanda social" (pronome possessivo)/"A grande demanda social" (adjetivo). "Por que não um substantivo, Pestana?" Pois *tal* só se torna substantivo em três situações: quando se nomeia o pronome (O *tal* é um pronome), quando se quer dar a entender que alguém é notável (Ele é o *tal* (= o cara) em Português!) e quando substitui uma pessoa (Encontrei o *tal* (= homem) que te procurava).

9 – A. Note que escolas-modelos (subst. + subst.) foi considerado errado pela banca. Como eu já havia alertado, quando há dois substantivos formando um composto, em que o segundo especifica o primeiro, a preferência é pela pluralização só do primeiro substantivo: escolas-modelo. Mais uma questão de concurso em que se marca a melhor resposta: guarda-chuvas (em *guarda* + substantivo, só o substantivo varia).

10 – B. Quando o substantivo composto for formado por substantivo + preposição + substantivo, só o primeiro elemento variará, logo *quedas d'água* é a forma certa. Já quando um substantivo composto é formado por um substantivo + um adjetivo, ambos variam, logo *cartões-postais*.

11 – E. Substantivos compostos formados por substantivos e adjetivos em sua formação variam normalmente, logo *micos-leões-dourados* e *ararinhas-azuis* são formas certas.

12 – C. A letra C é a única que podemos associar à afirmação do enunciado, a saber: "tanto pode receber a interpretação de substantivação do verbo quanto a interpretação de substantivo concreto", pois o artigo **o** substantiva o verbo *ser*, mas é possível interpretarmos que, devido a essa substantivação, o vocábulo *ser* assume

valor de substantivo **concreto**, pois, como sabemos, substantivo concreto é aquele que não indica ação, nem estado, nem qualidade, nem sentimento. O contexto corrobora isso. O primeiro *ser* faz parte da locução substantiva *ser humano*, logo o vocábulo *ser* dessa expressão não foi substantivado.

13 – E. *Cal* é substantivo feminino. Os demais são masculinos. *Suéter* e *pijama* pode ser masculino ou feminino, indiferentemente.

14 – A. Note que os substantivos vêm normalmente acompanhados de determinantes: "*Um* **anjo** *de* **asas** *azuis, todo vestido de* **luz**, *sussurrou-lhe num* **segredo** *os* **mistérios** *de outra* **vida**."

15 – CERTO. O substantivo *duelo* refere-se à briga de dois homens por causa de uma mulher. Em outras palavras, retoma, resumidamente, toda a ideia anterior.

16 – D. Eis os substantivos acompanhados de determinantes: "... precisa da **confirmação** e do **endosso** do '**impresso**'".

17 – O substantivo *situação* retoma toda a ideia do período anterior (O efeito da supervalorização...), com objetivo resumitivo. Por sua vez, o substantivo *problema* refere-se ao substantivo *situação*. Bela questão sobre o valor discursivo dos substantivos.

18 – C. A: "Os tabeliões (*tabeliães* é o plural correto, por convenção) reúnem-se sempre às quinta-feiras." (A forma correta é *quintas-feiras* porque numeral e substantivo variam quando formam um substantivo composto). B: "Nos últimos botas-foras (verbo + advérbio não variam, logo o certo é *os bota-fora*"), houve grande confusão, pois a agência de turismo não reteu (*reteve* é a forma certa, derivada do verbo ter) os que não possuíam ingresso." D: (A FCC adora o verbo ter e derivados!): "Se não se conterem (*contiverem* é a forma certa do verbo conter, derivado do verbo ter, no futuro do subjuntivo) roubos de obras-primas, gerações futuras serão privadas de grandes realizações do espírito humano." E: "Os lusos-africanos (substantivo composto indicando origem, nacionalidade só varia o último elemento; deveria ser *luso-africanos*) ostentavam no braço fitinhas verde-amarela (*verde-amarelas* é a forma certa, pois a regra geral de adjetivo composto diz que só varia o último elemento)."

19 – C. A palavra *mal-estar* é composta de um advérbio (mal) e de um verbo na forma nominal infinitiva (estar), a qual varia sozinha: *os mal-estares*. Segundo a regra dos substantivos compostos com a palavra *guarda*, caso esta venha seguida de substantivo, só este variará: *guarda-roupas*. Portanto, ambas as palavras apresentam apenas o segundo elemento variando.

20 – C. A primeira aparição de *via* é como substantivo, pois está sendo modificado por uma locução adjetiva (sem saída). A segunda aparição de *via* é como verbo, pois é modificado pelo advérbio *bem*. Fácil assim!

21 – B. O plural da palavra *verão* pode ser escrito (arbitrariamente!) assim: *verões* e *verãos*. Esta é uma área muito escorregadia na língua. Particularmente, considero tal questão caduca e fora da realidade dos concursos, mas... fazer o quê? É aquela velha história: "Vai que..."

22 – C. O plural de *cidadão* é feito com o acréscimo de **-s** apenas; já em *pasteizinhos*, a fórmula é: *pastel* > *pastéis* > *pasteizinhos* (o **-s** cai e entra o **-(z)inho**); em *paul* (não é o McCartney, rs), lê-se PA-UL (brejo, pântano; palavra oxítona), o qual, por terminar em **-ul**, o **-l** cai e a palavra recebe **-is** no plural. Pronto.

23 – C. Já sabemos que *pé de moleque* não tem mais hífen de acordo com a nova ortografia, mas este concurso não levou isso em conta, portanto vamos aplicar as regras. Substantivo + preposição + substantivo = só o primeiro varia (*pés-de-moleque*). Substantivo + substantivo (em que o segundo especifica o primeiro) = preferencialmente só o primeiro varia (*bananas-maçã* e *canetas-tinteiro*).

24 – E. Olhando pela lógica, o plural de *corrimão* seria apenas *corrimãos*, porque esta palavra é formada de *correr* + *mão*. Mas vulgarizou-se, ou seja, tornou-se comum o plural *corrimões* por possíveis duas razões: por um lado, porque se perdeu bastante a noção de que em *corrimão* entra o elemento *mão*, cujo plural é *mãos*; por outro lado, porque há tendência para fazermos em **-ões** o plural da maioria das palavras terminadas em **-ão**. Em suma: há o plural *corrimãos* e *corrimões*. Este último é mais usual. Sobre as letras A, B, C, D, respectivamente, observe os comentários. A: quando um substantivo composto é formado por advérbio + adjetivo, só o adjetivo varia, logo é *abaixo-assinados*. B: quando um substantivo composto é formado por palavra

invariável (preposição, interjeição etc.) + substantivo, o substantivo varia, logo é *contra-argumentos*. C: o plural de tabelião é *tabeliães*. D: sobre o plural composto por guarda: guarda + substantivo (só o substantivo varia); guarda + adjetivo (ambos variam); logo o certo é *guarda-costas*.

25 – D. *País* > *países* > *paíse* + *zinhos* > *paisezinhos*. *Beija-flores* (verbo, que não varia) + substantivo, que varia).

26 – E. A palavra *cartão-postal* é composta por substantivo + adjetivo, logo ambos variam: *cartões-postais*. A palavra *guarda-civil* também, logo *guardas-civis*.

27 – A. Os substantivos compostos *obra-prima, navio-petroleiro, água-marinha* são formados por substantivo + adjetivo, logo ambos os elementos variam: *obras-primas, navios-petroleiros, águas-marinhas*.

28 – ERRADO. O único plural de cidadão é *cidadãos*.

29 – D. Se pudermos substituir uma oração por um substantivo ou por um pronome de valor substantivo, como *isso*, ela terá valor de substantivo certamente. Veja: "A verdade é [minha péssima memória]"/"A verdade é [isso]".

30 – INCORRETA. Segundo o VOLP, o plural de *mal-estar* é *mal-estares*. Ponto e basta.

31 – C. O único substantivo que não varia como os demais é *bate-bola* (verbo, que não varia + substantivo, que varia): *bate-bolas*.

32 – B. *Televisão* > *televisões*. *Mão* > *mãos*. *Produção* > *produções*. Organização > organizações. *Conclusão* > *conclusões*. Dava para errar essa questão?

33 – A. Trata-se de um modo afetivo de designar uma pessoa e um objeto.

34 – C. A expressão nominal ou substantiva é "filho de um pedreiro", que faz referência ao "menino Joaquim Barbosa".

35 – B. O magma, a libido, o pernoite. Mera decoreba! a) O eclipse, a dinamite, a derme. c) O aneurisma, o fonema, o clã. d) A pane, a ênfase, o dó.

36 – D. Todos os substantivos destacados são do tipo comum de dois gêneros, exceto *a testemunha*, que é sobrecomum, em que não se sabe se se trata de um homem ou de uma mulher.

Capítulo 8

Gabarito

1 – B. O adjetivo *convenientes* apresenta um ponto de vista, uma opinião sobre o assunto (demarcações) em pauta pelo autor, por isso é modalizador.

2 – E. O adjetivo *brilhante* é subjetivo por ser modalizador, ou seja, exprimir um ponto de vista, uma opinião sobre um assunto, o futuro. Note também que ele é o único adjetivo que veio anteposto ao substantivo.

3 – A. Lembra-se dos adjetivos modalizadores? Mais uma questão! Ao dizer "triste situação", "futuro incerto e infeliz", "grave problema social", os adjetivos *triste, incerto, infeliz* e *grave* exprimem um ponto de vista sobre o assunto tratado. Simples assim!

4 – C. Seria melhor se fosse "bolo fofo" ou "macio", porque o adjetivo *mole* pode passar uma ideia de consistência pastosa ou até mesmo sem consistência, como se estivesse estragado. Há uma carga negativa nesse adjetivo.

5 – INCORRETA. A palavra *imprevisível* se conserva um adjetivo, pois continua caracterizando o substantivo *história* (em que imprevisível dormita a história = em que a história dormita imprevisível).

6 – INCORRETA. Segundo a regra geral de plural dos adjetivos compostos, só o último elemento varia, logo o plural de *político-institucional* é *político-institucionaiS*.

7 – D. A expressão *de outra forma* está ligada ao verbo *Penso*, logo é uma locução adverbial, e não adjetiva. Em A, B, C e E, as expressões destacadas se ligam a termos de valor substantivo, como bem faz um adjetivo. Estes são os termos de valor substantivo a que se ligam as expressões de valor adjetivo (na sequência): magistratura, os (= aqueles), espírito, medida. Destaco a opção E, em que uma oração adjetiva caracteriza um substantivo. Não falei que já havia questão de prova sobre isso?

8 – A. O adjetivo *canônicos* (masculino e plural) se refere apenas ao substantivo *códigos* (masculino e plural). B: há dois adjetivos (*sociais* e *políticas*). C: há dois adjetivos (*mental* e *espiritual*). D: há dois adjetivos (*diferentes* e *religiosas*). E: *desmedidas* é um adjetivo que se refere a dois substantivos (*vaidades* e *ambições*).

9 – A. *Velha* é um adjetivo que caracteriza o substantivo *poltrona* e *da sala* é uma locução adjetiva que também caracteriza o substantivo *poltrona*.

10 – INCORRETA. O adjetivo *boa* não é usado para exprimir um juízo de valor, mas sim para indicar extensão, de modo que o trecho equivalha a *Durante grande/extensa parte do século XIX*.

11 – A. Tanto *extraordinária* quanto *heroico* (agora sem acento) exprimem uma avalização, um julgamento por parte do autor sobre os substantivos *beleza* e *esforço*, respectivamente.

12 – A. Questão maldosa! A pessoa da banca que fez isso foi meio sem coração, não? Como você vai saber que "ornitologia" é o ramo da zoologia que trata das aves? Você é zoólogo? Resumindo, a banca não titubeou e lascou um adjetivo erudito da locução adjetiva "das aves". Brincadeira, não? E só de curiosidade (vai que...): *ofiológico* (estudo das serpentes), *entomológico* (estudo dos insetos), *ictiológico* (estudo dos peixes), *saurológico* (estudo dos lagartos – dinossauros). É, meu nobre... questãozinha para fazer a triagem. Isso não cai em prova de concurso a não ser para eliminar candidato ou em prova militar. Eu tive de recorrer ao dicionário para saber tudo isso, é mole?

13 – D. Para conceituar o adjetivo, é necessário apresentar a relação que ele estabelece com o substantivo. Em muitas situações, a distinção entre essas duas classes

de palavras só é possível a partir de elementos fornecidos pelo contexto. Em "direitos humanos", *direitos* é substantivo e *humanos* é o adjetivo que o caracteriza; em "humanos direitos", ocorre o contrário: *humanos* é substantivo e *direitos* passa a ser o adjetivo que o caracteriza. Este foi o gabarito oficial.

14 – D. Adjetivo pátrio é aquele que se refere a países, estados, cidades ou localidades. Quem nasce em Belém é belenense, quem nasce em São Luís é ludovicense ou são-luisense e quem nasce em Manaus é manauense ou manauara, e não "manauano". Não falei que só cai isso em questão militar? E, mesmo assim, é raro.

15 – B. Lembra-se da estrutura de grau comparativo de superioridade dos adjetivos? Então... ela está mais do que clara aqui por meio da construção "... mais **lentos** que...".

16 – A. Em condições normais de temperatura e pressão, a palavra *generosas* seria um adjetivo, mas nesse caso é impossível, pois ela está sendo determinada por um pronome (algumas). Lembra-se de que eu falei para você que a preocupação da banca é testá-lo no reconhecimento das classes gramaticais? É isso que ocorre aqui, um adjetivo se torna um substantivo. O substantivo é uma classe gramatical normalmente acompanhada de determinantes (artigo, PRONOME, numeral e/ou adjetivo). No caso em questão, o determinante é *algumas* e o substantivo é *generosas*. Mudança de classe gramatical, meu aluno: o que parecia um adjetivo era tão somente um substantivo. Safo?

17 – ERRADO. *Opinioso* significa "aquele que é inflexível em suas opiniões". Tem carga semântica negativa. Não é o caso de *judicioso*, que significa "criterioso, de bom senso". Tem carga semântica positiva.

18 – CERTO. De fato o adjetivo *necessário* modifica a oração substantiva "investir em pesquisa". Raciocine: o que é *necessário*? Resposta: *investir em pesquisa*. Sendo assim, um adjetivo não modifica só um substantivo, mas pode modificar uma oração de valor substantivo inteirinha.

19 – B. A palavra *políticos* caracteriza *direitos*. Logo, é um adjetivo. Todas as outras sublinhadas são substantivos sendo caracterizados por adjetivos. De novo, reconhecimento de classe gramatical, certo?

20 – A. Sobre a letra A, o comentário procede. A expressão que se repete no texto é o sintagma nominal: **executiva *bem-sucedida*** (substantivo feminino + expressão composta de advérbio + adjetivo).

21 – A. Note que estamos diante daquela questão de locução adjetiva *versus* preposição + substantivo. Observe o valor ativo (ou de posse; locução adjetiva) e o valor passivo (falsa locução adjetiva). Só na A existe a relação de posse, além de ser possível substituir a locução adjetiva (da nação) por um adjetivo correspondente (nacional).

22 – A. Este sufixo é próprio do grau superlativo absoluto sintético e serve para intensificar, **enfatizar** um termo. Assim como **-inho** ou **-ão** (sufixos usados em substantivos normalmente) podem intensificar um adjetivo, o sufixo **-íssimo** (sufixo próprio para intensificar um adjetivo) também pode ampliar o sentido de um advérbio. Falarei mais sobre isso em *grau estilístico dos advérbios*.

23 – E. Nesta questão se aprende muito em todas as opções. A única afirmação equivocada está na E, pois independente de *pobre* ser deslocado, sua função sintática não mudará, pois ele continuará dentro do sintagma nominal ("um *pobre* homem da cidade" ou "um homem *pobre* da cidade"), funcionando como um adjunto adnominal. Só há mudança de sentido com seu deslocamento, como se diz em A e B.

24 – A. O adjetivo *negras*, independente da posição, significa difíceis, negativas, ruins. Veja as demais: B: *pobre homem* (coitado), *homem pobre* (sem dinheiro); C: *simples pessoa* (mera, desimportante), *pessoa simples* (humilde); D: única oferta (apenas uma), *oferta única* (singular, importante); E: *grande homem* (virtuoso, importante), *homem grande* (fisicamente grande). Para fechar, *fino manto* (caro) e *manto fino* (delgado).

25 – D. *Melancolia* é uma palavra designadora de um sentimento, portanto é um substantivo abstrato, que, no contexto, ainda por cima, é caracterizado pelo vocábulo *escondida*, aí sim um adjetivo.

26 – INCORRETA. Não haveria mudança de sentido, tampouco estrutura incomum nestas inversões: *biológicos motivos* e *infalível receita*. No entanto, em *forma melhor*, há uma ideia de restrição e, em *melhor forma*, uma ideia de superlativação; em *anos setenta*, há uma mudança substancial de sentido, pois tal expressão já não se refere à idade (setenta anos), mas sim à geração.

27 – A. A locução adjetiva *de direito* pode ser substituída satisfatoriamente pelo adjetivo *jurídica*, pois o contexto o permite. Já *pendular* não se refere a um pêndulo literal, logo a locução adjetiva *do pêndulo* não cabe no contexto. Enfim, a locução adjetiva *do tirano* pode ser plenamente substituída pelo adjetivo *tirânico*, que significa "relativo ao tirano, à tirania".

28 – B. Em *pobres famílias*, o adjetivo significa "dignas de pena". *Qualquer* é pronome indefinido, e não adjetivo, mas há mudança de sentido no deslocamento, pois, à direita do substantivo, tal vocábulo tem sentido depreciativo. O adjetivo *velhos*, anteposto ao substantivo, significa "antigo", e não "imprestável, gasto, obsoleto". Em *novo golpe*, o adjetivo *novo* pode indicar "atual", "recente" ou "mais um".

29 – C. A afirmação corretíssima da I anula a da III. O que nos importa neste capítulo é a afirmação perfeita da II. Isto foi visto por nós na parte de formas estilísticas de grau. Muito boa a questão!

30 – A. Diversas origens (muitas) – origens diversas (variadas).

31 – D. Esta era para elevar a autoestima! O adjetivo *escandaloso* caracteriza o substantivo *topete*. Ponto.

32 – B. Dava para ficar em dúvida na C, não é? Mas note que a ideia de *grande* é relativa, subjetiva, depende de uma avaliação pessoal. Por outro lado, o adjetivo *social* é meramente informativo, objetivo, denotativo. Os demais adjetivos são modalizadores desde criancinhas.

33 – D. Este grau (superlativo relativo de superioridade) tem estrutura fixa: *o mais + adjetivo + de/dentre*. Não era possível errar, se você soubesse, é claro.

34 – A. O adjetivo *inconsequente* expressa uma opinião ou juízo do autor sobre o *modo*.

35 – A. É uma oração adjetiva, pois caracteriza o substantivo *veículos*, logo tem valor de adjetivo.

36 – A. O adjetivo *marcante* é um modalizador, logo atende ao pedido do enunciado.

37 – A. A locução adjetiva *da tarde* e o adjetivo *perigosa* caracterizam o substantivo *hora*.

38 – D. *Brasileira* é o único adjetivo, pois caracteriza o substantivo bandeira. Os adjetivos *verde* e *brasileiro* sofreram derivação imprópria, tornando-se substantivos.

39 – A. O único adjetivo que sofreu substantivação foi o primeiro, uma vez que veio antecedido de determinante. Nos demais casos, as palavras são verdadeiros adjetivos, pois não nomeiam, caracterizam.

Capítulo 9

Gabarito

1 – E. Interessante questão, pois você tem de perceber que o substantivo *respeito* exige a preposição *a*, que pode ou não se combinar com o artigo masculino plural *os* (devido ao substantivo masculino *milhões*). Em A, o artigo não é obrigatório. Em B, o artigo feminino não cabe, pois se liga a um substantivo masculino plural, *milhões*. Em C, *diz* é transitivo direto, logo não exige preposição. Em D, o substantivo *respeito* (com sentido de relação, referência) exige preposição *a*.

2 – ERRADO. Crase e artigo andam lado a lado. Há três casos tradicionais em que o artigo é facultativo: antes de nomes próprios femininos, antes de pronomes

possessivos que acompanham um substantivo e na locução prepositiva *até a*. Nenhum desses casos ocorre no texto. A primeira contração da preposição *a* com o artigo *a* se dá pelo verbo *permitir* – permite-se algo (o acesso) a alguém (a + ***a*** sociedade); a segunda ocorrência de crase é gerada pelo nome *acesso*, que exige a preposição *a* + *as informações* (= às informações); a terceira ocorrência é devido à exigência da preposição pelo adjetivo relativas (relativas a + **a** utilização = à utilização).

3 – D. O artigo vem antes de substantivo (*a taxa*); a preposição pode ligar verbos (*continuará a ser*); a preposição inicia grupo de vocábulos terminados em preposição, ou seja, locução prepositiva (a partir de); a preposição pode ser exigida por verbos (o verbo chegar exige a preposição *a*, que fica antes do pronome relativo *que*).

4 – CERTO. O artigo definido só se contrai com as preposições *a, de, em* e *por*.

5 – E. O primeiro *os* é complemento do verbo empurrar, logo é um pronome oblíquo átono. O segundo *o* pode ser visto como um artigo expletivo ou como parte da locução pronominal interrogativa *o que*, de modo que não pode ser analisado isoladamente. Questão maldosa! O terceiro *o* vem antes do pronome relativo *que* e pode ser substituído por um pronome demonstrativo (= aquilo), por isso é um demonstrativo. O quarto é demonstrativo também (o = aqueles). O último é um artigo, pois vem antes do substantivo *país*. Note que a FGV foi bem tradicional por não contrair o artigo com a preposição antes de sujeito de verbo no infinitivo (*de o país perder*, e não *do país perder*).

6 – CERTO. Em *dos, os* é um pronome demonstrativo, pois equivale a "aqueles" e vem antes da preposição *de*. Em *da, a*" é artigo, pois vem antes do substantivo *Idade*.

7 – E. Não há artigo antes do pronome *todo* acompanhando substantivo. O *a* é só uma preposição.

8 – E. O vocábulo *uma* pode ser artigo indefinido, numeral ou pronome indefinido. No contexto, *uma* não indica quantidade, nem vem sozinho no texto, logo só pode ser um artigo indefinido.

9 – CERTO. A preposição *em* pode se contrair com o artigo *um* sem problema algum: em + um = num.

10 – F. O artigo *um* indetermina, pois é indefinido, logo a afirmação é falsa. Não se sabe que comerciante ou que produtor é.

11 – D. Em I, com a retirada dos artigos, a ideia de generalização permanece; não há problema (correto). Em II, os dois-pontos separariam orações coordenadas assindéticas, a palavra seguinte após *saúde* vem realmente com letra minúscula (correto). Em III, nenhum vocábulo exige a presença da preposição *com* (incorreto). Em IV, a contração de *em* com *um* (num) é viável; a separação, idem (correto). Em V, se o artigo definido for retirado resta apenas a preposição *a*, sem acento grave (incorreto). Em VI, *em* + *as* = nas (correto).

12 – E. Em I, a ausência do artigo não implica erro e mantém a mesma ideia; só não há crase, pois a preposição *a* (exigida pelo substantivo *acesso*) não se contrai com artigo *a*. Em II, a ideia de generalização se mantém com a expressão no plural, daí que você percebe que a ausência do artigo (em I) ou a presença do artigo indefinido imprimem um valor generalizador, assim como a expressão no plural. Em III, o gerúndio tem valor de adjetivo. Em IV, o advérbio *muito* é dispensável por ser um termo acessório, acrescentando uma nova circunstância semântica ao contexto, mas sua ausência não interfere na estrutura sintática; se a questão falasse que o sentido não mudaria com sua ausência, aí seria falsa a afirmação, pois *muito mais* é diferente de *mais*, sozinho.

13 – D. Em A, o *a* liga verbos, logo é uma preposição. Em B, o *a* liga palavras, logo é uma preposição. Em C, o *a* inicia locução adverbial, logo é uma preposição. Em D, o *a* é um artigo, pois vem antes do substantivo *família*, com o qual concorda em gênero e número.

14 – A. O primeiro *a* liga um verbo a outro, logo é uma preposição. O segundo *a* vem antes de um substantivo, concordando em gênero e número com ele, logo é um artigo.

15 – B. O nome *críticas* exige a preposição *a*, assim como *voltei*. Logo, nos dois casos *a* é uma preposição.

16 – B. Não pode haver dois artigos numa estrutura de superlativo relativo. Logo, a frase deveria ser reescrita assim: "A ilha mais paradisíaca pede regulamentação.".

17 – E. Vejamos: "A (artigo) primeira é tecnológica: a (artigo) internet começou, há vários anos, a (preposição) erodir a (artigo) receita da (preposição + artigo) indústria cultural.".

18 – ERRADO. Segundo Domingos Paschoal Cegalla, equivalendo a "todas as pessoas, toda a gente", a expressão *todo mundo* ou *todo o mundo* é válida, mas a segunda é preferencial. Ele diz ainda que o uso do artigo é obrigatório quando *mundo* se usa no sentido de *Terra* (O jogo será transmitido para *todo* ***o*** *mundo; ou seja, para o mundo inteiro.*). Logo, o artigo não pode ser retirado.

19 – CERTO. A ausência do artigo não torna o trecho errado, pois a expressão *considerados essenciais* já determina o substantivo *medicamentos*, de modo que o artigo antes dele é dispensável. Uma maneira de perceber que o artigo pode ser dispensado é por meio desta reescritura com pronome indefinido: "... ampliar o acesso da população a *todos* os medicamentos considerados essenciais...". Percebe que a ideia é a mesma quando se coloca o pronome indefinido *todos* antes do substantivo? No entanto, veja esta outra frase: "Ele sobreviveu ao rigoroso exame na empresa." (isso significa que há um só rigoroso exame na empresa). Agora: "Ele sobreviveu a rigoroso exame na empresa." (sem o artigo, há mais de um exame rigoroso na empresa).

20 – E. Em A, *o* é artigo, pois vem antes de substantivo. Em B, *o* é artigo expletivo ou constituinte da expressão interrogativa *o que*. Em C, *o* é artigo, pois vem antes de substantivo (note que a visão do CESPE sobre a contração de preposição com artigo antes de sujeito de verbo no infinitivo foi tradicional, isto é, não há contração). Em D, *o* é artigo, pois vem antes de substantivo. Em E, *o* é pronome demonstrativo, pois vem antes do pronome relativo *que* e pode ser substituído por *aquele*, assim como no enunciado o *o* pode ser substituído por *aquilo*.

21 – B. O primeiro vem antes de substantivo, logo é artigo. O segundo vem ligando termos, logo é uma preposição. O terceiro é pronome oblíquo átono, pois completa o verbo *encontrar*.

22 – CORRETA. Não há incoerência nem incorreção na reescritura "... a colonização espanhola caracterizou-se largamente... ***pela*** aplicação...". Ambas as expressões determinam o substantivo.

23 – ERRADO. O *a* não pode ser artigo, pois artigo concorda em gênero e número com o substantivo, o que não é o caso. O *a* é uma preposição, pois liga o nome *acesso* a *revólver*. A preposição é um conector, o artigo nunca.

24 – CORRETA. O artigo é facultativo antes de pronome possessivo que acompanha substantivo.

25 – D. Em I, só *um* é artigo indefinido do substantivo *passo*. Em II, *todo o* indica inteireza, *todo* indica "qualquer"; há mudança de sentido, equivalendo a "qualquer mundo". Em III, por + a = pela; perfeito!

26 – CORRETA. De fato, há contração de *em* + *as* = *nas*.

27 – CORRETA. De fato *As* é um artigo definido, pois precede um substantivo (economias), concordando em gênero e número com ele e determinando-o.

28 – C. Não há contração da preposição com o artigo quando este faz parte do nome de uma publicação. Logo, deveria ficar assim: "Li a notícia em 'O Estado de Sergipe'".

29 – C. O artigo nunca vem antes ou depois do pronome relativo *cujo*! Nunca!

30 – Correta. Segundo já sabemos, o artigo é facultativo antes do pronome possessivo adjetivo, portanto, dizer: "Comprei meu carro ontem." e "Comprei o meu carro ontem." dá no mesmo!

31 – C. O *a* é um artigo definido, pois vem antes de um substantivo, determinando-o. O *um* é um artigo indefinido, pois vem dentro de um sintagma nominal cujo núcleo é um substantivo (engano), indeterminando-o. O vocábulo *triste* caracteriza o substantivo *engano*, logo é um adjetivo.

32 – D. O segundo *a* vem antes de um substantivo, determinando-o, logo estamos diante realmente de um artigo definido. O primeiro *a* é exigido pelo adjetivo *igual*, e, quando isso ocorre, o *a* é fatalmente um conector, uma preposição.

33 – C. Questão linda! Falei sobre isso em *Valor Discursivo*. Releia o diálogo entre os fofoqueiros e a explicação dada por mim e pelo Celso Cunha. É muito verdade que substantivos precedidos de artigos indefinidos nunca podem aparecer textualmente como termos que se referem a outros anteriores.

34 – B. Antes de pronome possessivo que acompanha um substantivo, o artigo é facultativo.

Capítulo 10

Gabarito

1 – A. O substantivo *grama* é masculino quando se trata de unidade de peso, logo o numeral cardinal precisa variar em gênero e número com ele: "duzentos gramas".

2 – B. O algarismo romano X tem como correspondente árabe 10. No caso de soberanos, papas, séculos, livros e partes de uma obra, até 10o (décimo), lê-se como ordinal, depois como cardinal.

3 – D. O algarismo romano X tem como correspondente árabe 10. No caso de soberanos, papas, séculos, livros e partes de uma obra, até 10o (décimo), lê-se como ordinal, depois como cardinal.

4 – C. Preposição a+ a (artigo) = *às*. *Sob* é preposição. *Ambos* é numeral dual, equivalendo a "um e outro" ou "os dois". *Se* é pronome pessoal oblíquo átono.

5 – D. Os vocábulos *oito, três, dez* e *5,7 milhões* são cardinais e *40%* é fracionário.

6 – C. O algarismo romano X tem como correspondente árabe 10. No caso de soberanos, papas, séculos, livros e partes de uma obra, até 10o (décimo), lê-se como ordinal, depois como cardinal.

7 – A. *Uma* é artigo indefinido. *Segunda, 2002, dez, cinco* são numerais cardinais.

8 – B. A conjunção *e* liga centenas a dezenas, dezenas a unidades.

9 – B. *Ambas as vezes* equivale a "As duas vezes".

10 – C. Segundo os gramáticos José de Nicola e Ernani Terra, em seu livro *1.001 Dúvidas de Português*, o vocábulo *a* pode ser um numeral ordinal quando equivale a "primeiro", indicando uma sequência. O dicionário Michaelis diz que é um adjetivo "com a acepção de *primeiro*: **1** Sempre posposto ao substantivo modificado: *a cadeira **a**, o livro **a**, o parágrafo **a***; **2** Posposto a um algarismo, indicando o primeiro objeto de uma série secundária ou a primeira repetição do mesmo número: *casa 21-**A**, classe cinco-**a**, página 25-**a**"*. Questão estranha!

11 – A. O primeiro e o último são ordinais, pois carregam uma ideia serial ou sequencial. Os demais são cardinais, pois indicam apenas quantidade.

12 – D. Após X (décimo), lê-se como cardinal, logo "Luís XVI (dezesseis)". Esta é a regra para reis, séculos, papas etc.

13 – errada. Até X (décimo), lê-se como ordinal, logo século VIII (oitavo).

14 – ERRADO. A expressão *cerca de dez* indica indefinição, ideia aproximada, muito diferente da clara ideia numérica contida em *uma dezena de*.

15 – B. Mais uma questão com "ambos/ambas". Do ponto de vista do Bechara, tal questão poderia ser anulada, pois ele diz que *ambos* também pode ser considerado um pronome.

16 – A. Mero reconhecimento de tipos de numeral. Cardinal indica quantidade absoluta. Ordinal indica posição, sequência, ordem.

17 – C. Questão maldosa! *Quadringentenário* (ou quadricentenário) se refere a fato sucedido 400 anos antes. *Sesquicentenário* se refere a período de 150 anos, pois o prefixo **sesqui –** significa "um e meio", logo "um centenário e meio" é igual a "cento e cinquenta anos". Um sinônimo de *sesquicentenário* é *tricinquentenário. Septenário* faz menção ao período de 7 dias/anos. O sufixo **-ário** indica, dentre outras coisas, "o que ou aquele que está na casa dos anos": *centenário, ducentenário, tricentenário, quadragenário, quinquagenário, sexagenário, septuagenário, octogenário, nonagenário* etc.

18 – D. A opção certa é autoexplicativa.

19 – B. Perceba que o eu-lírico multiplica tudo por dez para indicar uma ideia bem hiperbólica (exagerada) do que ele sente: dez vezes a <u>cada dia</u> (<u>1</u> x 10 = 10), setenta a <u>cada semana</u> (<u>7</u> x 10 = 70), trezentas a <u>cada mês</u> (<u>30</u> x 10 = 300). Logo, a semana tem sete dias e o mês indicado, exatos trinta dias.

20 – A. *Brasileiro* é um adjetivo, mas foi substantivado pelo determinante artigo (**o**). O vocábulo *um* só pode ser numeral, pois indica unidade (quantidade) dentro de um grupo. O *a* é uma preposição, pois vem antes de verbo. O outro *a* é um artigo, pois vem antes do substantivo *tese*. O *o* é um artigo, pois vem antes do substantivo *mosquito*. Por fim, *epidemia* é um designador precedido de artigo, logo é um substantivo.

21 – C. Quanto ao numeral *dois*, ninguém tem dúvidas de que é um numeral cardinal. Sobre *meio*, talvez rolasse uma dúvida, pois tal vocábulo também pode ser um substantivo ou um advérbio. Nesse caso, é um numeral mesmo, pois equivale a "metade" (dois quilômetros e meio – metade de um quilômetro).

22 – E. *Sete* é numeral cardinal. *Artigo* é um nomeador, logo é um substantivo. *De* é uma preposição, pois liga termos.

23 – C. *Três* é numeral cardinal. *A* precede substantivo, logo é artigo. *Aquecimento* é precedido de artigo, logo é substantivo.

24 – B. É cardinal, pois indica quantidade absoluta.

25 – A. "Exercer papel" adjetivo não é o mesmo que "ser" adjetivo. Como já sabemos que existem **numerais adjetivos**, pelo fato de acompanharem substantivos atribuindo-lhes determinados sentidos, não temos dúvidas de que *dois* em *os dois registros* tem "valor de/papel de" adjetivo. Reitero: não é um adjetivo, mas um numeral adjetivo.

26 – B. *Meio* equivalendo a "metade" é um numeral fracionário. A: substantivo. C: advérbio. D: substantivo. E: advérbio.

27 – C. *Cinco* é um numeral cardinal substantivo, pois indica quantidade e substitui substantivos.

28 – B. A palavra *um* cerceada por *só, somente, apenas* e *sequer* é um numeral.

29 – C. *Eu* é pronome pessoal do caso reto. *Terceira* é numeral ordinal, pois indica posição, ordem. *Contente* é adjetivo, pois caracteriza o substantivo *Ana*. *Emprego* é substantivo, pois está determinado por um adjetivo (*novo*).

30 – D. *Mim* é pronome pessoal oblíquo tônico. *Dois* é numeral cardinal, pois indica quantidade absoluta. *Sonho* é substantivo, pois é um designador.

Capítulo 11

Gabarito

1 – Só a segunda está **INCORRETA**, pois a expressão *sua construção* refere-se ao antecedente *crise financeira* e não a *banco Lehman Brothers*. Na primeira, *no qual* substitui sem problemas *em que*, retomando *um longo período*; veja o contexto: "Depois de termos vivido *um longo período* em que (= no qual) prevaleceu a ilusão da racionalidade intrínseca...". Na terceira, veja que a expressão *seu funcionamento* retoma o assunto do contexto, a saber: *mercados financeiros:* Depois de termos vivido um longo período em que prevaleceu a ilusão da racionalidade intrínseca aos mercados financeiros, hoje há novamente o reconhecimento das fragilidades e dos riscos

sistêmicos associados a **seu funcionamento** (ou seja, ao funcionamento dos mercados financeiros).

2 – INCORRETA. Veja o contexto: "... o indivíduo tem as condições mínimas para atingir a felicidade, a que todos os homens tendem". Lembra-se de que eu falei sobre o uso obrigatório da preposição antes do pronome relativo quando um verbo após ele exigi-la? Deveria ser: "... o indivíduo tem as condições mínimas para atingir a felicidade, à **qual** todos os homens tendem", com acento indicativo de crase.

3 – A. Na primeira afirmação, não há erro gramatical algum, nem se desrespeitam as relações entre os argumentos se substituirmos *onde* por *em que*, uma vez que ambos os pronomes relativos retomam uma palavra que indica lugar (mundo); falsa afirmação, portanto. Na quarta afirmação, há de fato erro gramatical e a relação entre os argumentos é desrespeitada, uma vez que o pronome relativo *onde* não é substituível por outro pronome relativo não iniciado por preposição; a substituição só seria possível assim: "... uma ponte ou uma estrada **n**a qual se cobrava pedágio.".

4 – C. Em A, o pronome oblíquo átono **-lo** retoma o substantivo *desenvolvimento*. Em C, veja o contexto: "Acabar drasticamente e de imediato com as emissões de CO2 e com a utilização de combustíveis fósseis não é possível. Por outro lado, adotar novas tecnologias que aumentem ou estimulem ainda mais o **seu** consumo, nem pensar.". Em D, veja o contexto: "A principal fonte de energia hoje são os combustíveis fósseis e o maior vilão dessa história é a emissão de CO2 na atmosfera (embora não seja o único). Parece irreversível a tendência à **sua** redução pela adoção de novas e mais eficientes tecnologias e fontes de energia.". Percebeu que o pronome destacado não se refere à *industrialização*, mas sim à *emissão*?

5 – A. Os pronomes *Essas* (demonstrativo) e *elas* (pessoal reto) têm valor anafórico, retomando *energias renováveis*. O uso dos pronomes *Tais* e *essas* está adequado na letra B. O uso do pronome indefinido *Certas* está inadequado na letra C, pois dá, erradamente, uma ideia vaga. A mesma inadequação ocorre em D e em E com *Algumas/algumas* e *Diversas/certas*.

6 – CERTO. O pronome oblíquo átono é usado antes do verbo auxiliar ou após o principal quando vem uma palavra atrativa antes da locução verbal. Corretíssimo!

7 – Se retirarmos o pronome demonstrativo *o* (= aquilo) antes do pronome relativo *que*, a estrutura ficará comprometida, pois o pronome relativo deixará de retomar um termo, coisa que não existe na língua portuguesa. Veja: "Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam é de índices sobre macroeconomia, números abstratos que indicam a situação geral da economia, mas não revelam **que** se passa em seu interior." Alguns gramáticos vão dizer que este pronome negritado é um pronome indefinido, equivalendo a *que coisa*. Questionável... bem-vindo à ESAF.

8 – CERTO. No texto 1, há usos prescritos e não prescritos: "Dá-se isto...": segundo a prescrição gramatical, não se inicia período com pronome oblíquo átono; tem ele de ficar em posição enclítica (após o verbo); a ênclise está adequada, portanto. "Me mande...": segundo a prescrição gramatical, não se inicia período com pronome oblíquo átono; tem ele de ficar em posição enclítica (após o verbo); a forma adequada à norma culta, portanto, não seria a próclise (antes do verbo), mas a ênclise: "Mande-me...". No texto 2, há total respeito às regras de colocação pronominal: "E desde já **te** agradeço o reclame e os cobres, pois estou certo que foi você que **se** lembrou do meu nome". Os pronomes oblíquos átonos estão em posição proclítica (próclise), pois o advérbio **já** e o pronome relativo **que** "atraem" o pronome oblíquo, ficando antes do verbo.

9 – ERRADO. Segundo as regras de colocação pronominal, é facultativo o uso do pronome oblíquo antes de sujeito explícito (nome ou pronome), sem "palavra atrativa". Simples assim!

10 – ERRADO. Na primeira ocorrência, a colocação é facultativa, pois há sujeito explícito sem palavra atrativa. Na terceira ocorrência, a colocação é igualmente facultativa, pois segue esta regra: "infinitivo não flexionado precedido de palavras atrativas ou das preposições *para, em, por, sem, de, até, a*". Na segunda ocorrência, a palavra denotativa de exclusão **só** serve de atrativa, logo a próclise é obrigatória.

11 – CERTO. Esta questão trata da função **referencial** (anafórica) do pronome. A **elipse** é a omissão de um termo facilmente subentendido pelo contexto. E é exatamente o contexto que nos permite dizer que a afirmação da banca procede, pois na linha 6 o sujeito elíptico (implícito) é "Oscar"; por sua vez, o pronome anafórico *ele*

(que retoma um termo anterior) faz referência a *Oscar*, e não a outro nome. Talvez você confundisse o referente *Oscar* com *Papai do Céu*, mas o contexto não deixa dúvida, pois logo após *ele* vem *como um verdadeiro homem*, logo não pode se referir a *Papai do Céu*, mas sim a *Oscar*.

12 – CERTO. Esta questão é chatinha; não é qualquer um que faz, não! Trata do uso do pronome demonstrativo *este* com valor catafórico (refere-se a um termo ou ideia posterior). Realmente não é possível a reescrita proposta, pois o pronome oblíquo átono *o* (... e **o** desenvolvam) tem valor anafórico e está retomando aquilo que é "este nobre fim", a saber, o que vem após os dois-pontos (*fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver*). O problema desta retomada anafórica pelo *o* é que o referente do pronome catafórico *este* só vem após os dois-pontos, logo não podemos retomar o referente do catafórico *este* pelo oblíquo átono anafórico *o*. Em outras palavras, a reescrita só seria realmente possível assim: "... que estimulem e desenvolvam **este** nobre fim: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver, e **o** desenvolvam.".

13 – ERRADO. Note que o texto começa falando sobre o homem, centrando-se nele e em sua maneira de ver o mundo. Daí que não podemos jamais dizer que as expressões *sua sociedade* e *sua expressão* estejam se referindo a um fenômeno/conceito (etnocentrismo). Afinal, a sociedade é do homem e a maneira de se expressar (expressão) é igualmente do homem. Observe também que o pronome *sua* retoma, como anafórico que é, a palavra *homem*, presente nas linhas iniciais. Observe que se fala sobre "**sua** cultura" e "**seu** modo de vida". Cultura de quem? Modo de vida de quem? Do **homem**. Veja, então: "**É comum a crença** de que **sua** *própria sociedade* (a própria sociedade ***do homem***) é o centro da humanidade..."; "*É comum a crença* de que **sua** *própria sociedade* é... a **sua** única expressão (a única expressão ***do homem***).". Ufa!

14 – CERTO. O CESPE/UnB adora esse tipo de questão. Bem... uma maneira de visualizarmos melhor os referentes é por meio da reescritura, logo o faça: "(...) Sua cultura tem base em tolerância e solidariedade. **Sua cultura** (A cultura da paz) respeita os direitos individuais...". Percebe que a reescritura mantém a coesão e a coerência? Portanto, realmente o pronome *Ela* remete a "Sua cultura", que, por sua vez, refere-se à "cultura **de paz**".

15 – C. A única alternativa que apresenta o pronome pessoal de tratamento usado de maneira correta é a C, pois, quando se usa pronome de tratamento, a regra gramatical diz que os verbos e outros pronomes que referem a ele devem estar na 3ª pessoa do discurso, o que não ocorre nas demais alternativas. Segundo os principais manuais de redação oficiais, as abreviaturas usadas pela FCC não procedem. Segundo o irrefutável Celso Pedro Luft, revisor do *Manual de Redação da Presidência da República*, a abreviatura de Vossa Excelência é V. Exa. (ou V. Exª.). Bem-vindo à FCC.

16 – B. Para que esteja correto o uso da preposição antes do relativo, você tem de perceber se o verbo ou o nome que vem após o pronome relativo está exigindo preposição. Veja a letra B: "... um vício de que *muita gente da imprensa não consegue* se esquivar". A pergunta que você vai fazer é: "Muita gente da imprensa não consegue se esquivar **de** quê?". **Do vício**, certo? Afinal, quem **se esquiva se esquiva *de*** algo/alguém. Em outras palavras, veja se após o pronome relativo há um verbo ou um nome **exigindo uma preposição**. Se houver (Brasil!), a preposição ficará antes do pronome relativo! Ok? Agora teste esse conhecimento nas demais alternativas, já corrigidas: A: "O Príncipe é um símbolo reincidente, de cujo nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento.". Quem tem **conhecimento tem conhecimento *de*** algo. O cujo está bem usado, pois ele sempre vem relacionando dois nomes, estabelecendo uma relação de posse entre eles. Desdobrando a oração, ela ficaria assim: "Talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento do **nome** pessoal **do Príncipe**. Percebe a relação de posse entre *nome* e *Príncipe*? C: "A trama da qual o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso." Quem **participa participa *de*** algo. O pronome relativo *a qual* está retomando *a trama*, expressão feminina, logo está bem usado. D: "Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão da qual decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve.". Toda a trama **decorreria** *de* algo. E: "Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação **de** que irão depender todas as demais.". Quem **irá depender irá depender *de*** algo/alguém.

17 – E. Primeira parte: quem cultua cultua algo ou alguém, certo? Ok. Delacroix é um nome masculino singular, certo? Portanto o pronome oblíquo a ser usado é o pronome *o*. Só que o verbo termina em **-r**, certo? O *r* vai deixar de ser usado e o

pronome *o* vai se tornar *lo*. Daí, temos a seguinte reescritura: "nem por isso deixa de cultuá-**lo**". Segunda parte: o pronome oblíquo átono vai substituir uma expressão substantiva de núcleo feminino e singular, e o verbo não termina em **-r**, logo a reescritura certa é: "Cézanne **a** admira" ou "Cézanne admira-**a**". A colocação do pronome neste caso é facultativa. Terceira parte: observe que a expressão substantiva sublinhada tem núcleo feminino singular, logo usaremos o pronome oblíquo átono *a*; como o advérbio *já* vem colocado antes do verbo, o pronome também ficará antes do verbo: "já **a** encontramos".

18 – A. Na letra A, veja que o *cujo* está bem usado, respeitando todos aqueles critérios de uso que a gente já viu. Sobre a preposição, ela vem antes do pronome relativo porque o verbo *acreditar* a exige: "Não deu certo o tal do método prático **em** cuja eficiência Paulo Honório chegou a **acreditar**.". Vejamos os demais erros: b) "Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada **DE** que nenhum escritor pode **abdicar**." Quem abdica, abdica algo ou **de** algo. c) "Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal que jamais **toleraria**." Quem tolera, tolera algo/alguém. d) "Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas cujo brilho ninguém **superaria**." Quem supera, supera algo/alguém. e) "A linguagem **A** que Paulo Honório de fato **aspirava** era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas." Quem aspira, aspira A algo (no sentido de almejar).

19 – C. Observe com calma: "As hipóteses aventadas, ***em que*** *se baseiam os especialistas*, devem ainda ser comprovadas por exames acurados.". Quem se baseia se baseia **em** algo. Aí está. Simples assim. Faça esse teste nas outras alternativas e constatará que não se exige a preposição **em**.

20 – C. Sobre a letra C, o verbo *definir* é transitivo direto, exige complemento não preposicionado (objeto direto). Como já sabemos, o *lhe* substitui termos preposicionados (objeto indireto), logo a substituição está inadequada. Deveria ser "definiu-o", pois *-o, -a, -os, -as* (e variações: *-lo, -la, -los, -las, -no, -na, -nos, -nas*) exercem função de objeto direto, substituindo complementos não preposicionados.

21 – E. Na letra E, o *lhe* foi usado para substituir um complemento não preposicionado; isso é um erro, uma vez que tal pronome só substitui complemento

preposicionado (**a** ele(a/s); **para** ele(a/s)). Ok? Deveria ser: "Guimarães Rosa mantém-no ou Guimarães Rosa o mantém".

22 – C. A afirmação do tópico II está equivocada, pois o verbo que vem após o pronome relativo está no plural, logo o pronome relativo 'que' pode retomar tranquilamente o núcleo do termo preposicionado anterior. Agora, por uma questão de maior clareza, o uso do pronome relativo *os quais* realmente é melhor. Isso não significa que o uso do *que* implicaria ambiguidade ou erro. Veja: "*A própria literatura consagra* escritores *no mercado internacional,* ***os quais/que*** negociam *seus direitos por intermédio de agentes...*".

23 – D. Questão interessante. Na letra D, numa análise mais "moderna", o adjetivo *pesado* exige um complemento preposicionado iniciado por *a* ou *para*, por isso o uso do *lhe* é aceitável. Lembra que o *lhe* pode ser substituído por "a/para ele"? É isso aí. "O jarro era por demais pesado **para ele** = o jarro **lhe** era por demais pesado". Eu disse que a questão é interessante, pois a maioria dos gramáticos dizem que o *lhe* só pode exercer função sintática de objeto indireto em detrimento de outros estudiosos da língua, como Claudio Cezar Henriques, Ulisses Infante, Faraco & Moura, Celso Pedro Luft e mais uns pingados. Estes dizem que o *lhe* pode exercer função sintática de complemento nominal, que também é um termo preposicionado. Os gramáticos tradicionais vão dizer que, mesmo com o verbo *ser* (verbo de ligação), o *lhe* tem função de objeto indireto; é mole? Fique esperto!

24 – E. a) "A obsolescência e o anacronismo, atributos **com** os quais os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar com a expressão dez de setembro." (Os americanos manifestam todo seu desprezo **com** estes atributos: obsolescência e anacronismo.) O uso do pronome relativo *os quais* está correto, pois ele retoma atributos (masculino plural). b) "O estado de psicose, **no** qual imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança cuja radicalidade muitos recriminam." Quem imerge imerge **em** algum lugar. Quem recrimina recrimina algo/alguém. O uso dos pronomes relativos está correto, pois *o qual* retoma "estado de psicose", expressão masculina singular; quanto ao *cujo*, estabelece a relação de posse entre dois nomes adequadamente. c) "A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo o qual ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo **do** qual foram tomados tantos americanos." Quem se arrisca a pronunciar se

arrisca a pronunciar algo. Quem é tomado é tomado **de** alguma coisa. Quanto ao uso de *o qual* retomando *algo* e *pasmo*, não há nada a dizer, pois está corretíssimo. d) "Não é à descrença, sentimento **por** que nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é à esperança que queremos nos apegar." Quem se sente invadido, se sente invadido **por** algo. Quem quer se apegar, quer se apegar **a** algo/alguém. Sobre o uso do pronome relativo *que*, você já sabe que ele retoma qualquer palavra. e) "Fatos como os de 11/9, com que ninguém espera se deparar, são também lições terríveis, de cujo significado não se deve esquecer." Quem espera se deparar espera se deparar **com** algo/alguém. Quem não se deve esquecer não se deve esquecer **de** algo/alguém. Os pronomes relativos *que* e *cujo* estão dentro do padrão culto.

25 – C. NUNCA o pronome oblíquo átono pode ficar após verbo no particípio! Regra clássica!

26 – C. Veja o contexto: "Um texto descuidado não chega a ser atestado de toda uma formação educacional frágil. Mas **o** é (ou seja, 'mas é atestado') da forma como damos ênfase àquilo que fazemos...". Cuidado com esse pronome demonstrativo que substitui uma ideia inteira!

27 – B. Comento só as letras A e E, pois têm a ver com este capítulo. Na letra A, de fato o pronome possessivo *sua* tem como referente "remédios europeus". Uma maneira de você perceber isso é substituindo o pronome pelo referente. Veja: "... que importavam remédios europeus e usavam produtos nativos na formulação *dos remédios europeus*". Foi? Em E, o pronome relativo *que* refere-se a boticários de fato; substitua: "... eram manipuladas por boticários, *os boticários* importavam remédios...". Foi?

28 – Totalmente **INCORRETA!** O pronome demonstrativo *tais* não é usado em linguagem informal apenas, mas também em linguagem formal para retomar termos, quando equivale aos demonstrativos *esse(a/s)*. Veja se a substituição não é perfeita: "O que **essas** pessoas talvez nunca percebam...".

29 – B. Sobre B: o artigo é facultativo antes de pronome possessivo adjetivo. Portanto, correta a reescrita. Na letra A, ocorre um erro, pois o pronome indefinido seguido de artigo tem um sentido; sem artigo, outro. Sobre a letra E, veja o

contexto para saber se é possível trocar o pronome relativo *que* por *a qual*: "Portanto, correríamos o risco de, mesmo vivendo muito, ter de suportar a dor das perdas prematuras **a qual**, em função de uma vida maior, seriam muito mais doloridas.". Note que o pronome relativo, na verdade, pelo contexto, está retomando "perdas prematuras", logo deveria ser *as quais* e não *a qual*. Foi? Reescrevendo corretamente: "Portanto, correríamos o risco de, mesmo vivendo muito, ter de suportar a dor das *perdas prematuras* **que/as quais**, em função de uma vida maior, seriam muito mais doloridas.".

30 – A. A forma *foram fechando-se* respeita o registro culto da língua, pois, em uma locução verbal, o pronome oblíquo átono pode ficar depois do verbo principal no gerúndio (ênclise), sem problemas.

31 – B. Cuidado com as preposições antes dos pronomes relativos! A essa altura do campeonato, você não pode mais *garotear*, hein! Veja de novo a letra B: exige-se alta *habilitação* **para** (esta preposição fica antes do pronome relativo *cujo*); o verbo *caber* exige a preposição A, que fica antes do pronome *quem* obrigatoriamente. Veja os erros das demais: a) A argumentação na qual se valeu o ministro baseava-se numa analogia em cuja pretendia confundir função técnica com função política. Quem se vale se vale **de**, então deveria ser: "A argumentação **d**a qual se valeu...". O pronome relativo *cujo* vem entre dois nomes estabelecendo uma relação de posse, o que não ocorre neste texto. Portanto, o texto deveria ser reescrito assim: "A argumentação da qual se valeu o ministro baseava-se numa analogia que pretendia confundir função técnica com função política.". c) Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto do que a promoção pelo mérito onde nem todos confiam. O adjetivo *preferível*, assim como o verbo *preferir*, exige a preposição A, isto é: "Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto à promoção...". Além disso, o pronome relativo *onde* só retoma palavra de sentido locativo, o que não é o caso. Portanto, o texto deveria ser escrito assim: "Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto à promoção pelo mérito no qual nem todos confiam.". d) A má reputação de que se imputa ao "assembleísmo" é análoga àquela em que se reveste a "meritocracia". O verbo *imputar* não exige a preposição **de**, mas sim o verbo *revestir-se*, logo o trecho deveria ser escrito assim: "A má reputação que se imputa ao 'assembleísmo' é análoga àquela de

que se reveste a 'meritocracia'". e) "A convicção de cuja não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo à natureza do caso." Pela milésima vez, o *cujo* só vem entre dois nomes, o que não é o caso. A crase final não procede, pois não há contração de preposição *a* com artigo *a* para haver a crase. Logo, o trecho deveria ser escrito assim: "A convicção de que/da qual não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo a natureza do caso.".

32 – D. Uma maneira de descobrir que expressão está sendo substituída pelo pronome demonstrativo *isso* é simplesmente substituir o pronome pela expressão (ou por uma paráfrase dela), no contexto. Veja: "Sem dúvida, não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos. Análise rasa baseada em uma ótica ultrapassada, na qual projetos hidrelétricos provocam necessariamente impactos ambientais irrecuperáveis e não compensáveis, sugere que esse duplo objetivo é inatingível. Mas **a ideia de que não é possível aliar construção de hidrelétricas e preservação da Amazônia não tem de ser assim** ...".

33 – CORRETA. Reveja o trecho: "Também certos latino-americanos **(adjetivo pátrio que reporta ao processo de colonização)**, como o brasileiro **(adjetivo pátrio específico)** Caio Prado Jr., o trindadense **(adjetivo pátrio específico)** Eric Williams e o argentino **(adjetivo pátrio específico)** Sérgio Bagu, haviam chamado a atenção para a vinculação, desde a colônia, da sua região **(ou 'da região deles', a saber: Brasil, Trinidad e Tobago e Argentina)** com o capitalismo mundial.".

34 – ERRADO. Afirmação equivocada, pois o demonstrativo *Essas* (também *esse, esses, essa*) <u>nunca</u> é usado para se referir a termo *posterior*. No contexto, "Essas" refere-se ao termo antecedente "muitos".

35 – E. Segundo a visão da FCC, apoiada em gramáticos tradicionais, não pode haver contração de preposição com artigo/pronome antes de sujeito de verbo no infinitivo. Logo, a redação da E está equivocada, pois, segundo esta ótica, deveria ser: "o motivo de os gregos legarem-nos apenas um valor fundamental". A minha ideia, ao colocar esta questão, na verdade, foi comentar a letra C. A FCC, acertadamente, nos ensina que pode haver próclise mesmo depois de uma intercalação. Exemplo: "Os professores, muito competentes por sinal, **nos** ajudaram (ou

ajudaram-**nos**) muito.”. Cuidado com esse papo de que pronome oblíquo átono não pode vir logo após a vírgula, hein. Neste caso, P-O-D-E! Quem diz isso não sou eu, mas a Academia Brasileira de Letras.

36 – ERRADO. Não é sanada, pois o pronome de tratamento que se refere a juiz é Vossa Excelência. Vossa Eminência ou Vossa Eminência Reverendíssima, em comunicações aos Cardeais. Corresponde-lhe o vocativo: Vossa Excelência é usada para autoridades **do Poder Judiciário**: Ministros dos Tribunais Superiores/Membros de Tribunais/Juízes/Auditores da Justiça Militar.

37 – ERRADO. O pronome retoma *rei*, e não *o poder do rei*.

38 – C. Esta questão deveria ter sido anulada, pois o vocábulo *qualquer* é tão somente um pronome indefinido, independente de sua posição junto ao substantivo. Quem diz isso não sou eu, mas todos os gramáticos superconsagrados, e nada mais, nada menos que a Academia Brasileira de Letras. No entanto, ela não foi anulada, pois o dicionário Houaiss diz que *qualquer* pode ser um adjetivo. Não conheço outro dicionário que diga o mesmo que o Houaiss. Estranho, não?! Durma com um barulho desse!

39 – E. Quando *o, a, os, as* estão antes de pronome relativo *que* e antes de preposição *de* e podem ser substituídos por pronomes demonstrativos (*aquele(a/s), aquilo*), eles são classificados como reais pronomes demonstrativos.

40 – A. Conforme o trecho apresentado, o pronome oblíquo em destaque refere-se ao substantivo *convivência*: “... afastar a tensão na **convivência** entre os países, colaborando para manter a **convivência** em desejável harmonia” = “... afastar a tensão na **convivência** entre os países, colaborando para mantê-**la** (= convivência) em desejável harmonia.”. Safo?

41 – CORRETA. Para ter certeza de que o pronome retoma determinado referente, substitua o pronome pelo referente: “A fraqueza da produção manufatureira, nos últimos meses e anos, aqueceu o debate sobre o risco de desindustrialização no Brasil. No ano passado, o crescimento **da produção manufatureira** foi de apenas 0,3%, uma ninharia em comparação com a alta de 6,7% no varejo”. Simples assim!

42 – E. Vejamos um por um. A: O pronome indefinido *todos* se refere aos cidadãos finlandeses, não retoma nem sintetiza os termos da enumeração. B: As duas expressões estão em oposição, logo não pode ser uma paráfrase da outra. C: O pronome relativo *que* retoma o termo anterior: vida. D: O pronome *isso* sintetiza tão somente esta ideia: "A maioria de seus educados cidadãos são seres pouquíssimo críticos: questionam pouco a vida que levam e são fisicamente contidos". E: Reescreva o trecho, substituindo os pronomes pelo referente substantivo (cidadão): "A igualdade e a dignidade humana que uma sociedade pode produzir referem-se à possibilidade de o cidadão ter condições materiais e subjetivas à disposição **do cidadão**, para que, atendidas as necessidades básicas e diárias de bem-estar **do cidadão**, **o cidadão** ocupe **a si mesmo** (ou seja, **o cidadão**) com questões outras que a sobrevivência.".

43 – C. O autor se expressa na 1ª pessoa do plural como estratégia de polidez, de modéstia, evitando-se a possível interpretação de arrogância ou extrema pessoalidade.

44 – E. Substitua o *o* por *fato* e notará que *a escrita de próprio punho provoca, na região dedicada ao processamento das informações armazenadas na memória, uma atividade significativamente mais intensa do que a da digitação* é a ideia retomada, pois o pronome demonstrativo *o* faz referência ao papel que a escrita de próprio punho provoca no cérebro em contrapartida ao uso da digitação.

45 – D. A conjunção *e* não é atrativa, logo o pronome pode ficar enclítico ou proclítico.

46 – A. Observe com calma: "... tamanhos avanços tecnológicos provocam o distanciamento dos jovens em vez de (os avanços tecnológicos) aproximá-**los** (os jovens)...". Fácil, não?

47 – C. "O nome da cidade cuja população a respeita muito é Nadópolis.". Perfeito o uso do *cujo*.

48 – A. Segundo a regra de colocação pronominal sobre locução verbal com verbo principal no gerúndio, a reescritura de I está correta. As demais estão equivocadas:

em II, o verbo *tratar-se* não varia em número, pois vem acompanhado de uma partícula de indeterminação do sujeito; em III, a próclise prevalece sobre a mesóclise; em IV, na segunda frase, a próclise não ocorre por causa da atração de um pronome indefinido, mas da de um advérbio (Já).

49 – C. O único referente feminino plural é duas loiras, logo o pronome oblíquo *las* tem valor anafórico, pois remete a *duas loiras*, substituindo-as, para evitar a repetição.

50 – C. Nas opções a), b) e e), o vocábulo *que* é uma conjunção integrante, pois inicia orações subordinadas substantivas, que equivalem a "isto/isso". Na d), o *que* é uma conjunção comparativa. Só na c), o *que* é um pronome relativo, pois retoma *eletrodomésticos* e pode ser substituído por *os quais*.

51 – C. a) O *lhe*, que não exerce função de objeto direto, não pode retomar *esta coluna*, que é um objeto direto. O adequado seria *assina-a*, pois o pronome *a*, além de concordar em gênero e número com termo substituído, exerce função de objeto direto. b) O adequado é *formamo-lo*, pois o verbo termina em **s**. c) Como o verbo termina em **r**, usa-se o pronome átono *lo* para retomar o termo substituído *o poder*. d) Mudá-lo. e) Preparando-a.

52 – C. Quem é frequentador é frequentador **de** algum lugar, logo *de que*: *O restaurante Reis, de que o poeta era assíduo frequentador, ficava no velho centro do Rio*. Poderia ser *do qual* também.

Capítulo 12

Gabarito

1 – **INCORRETA**. O verbo *tornar-se* é pronominal quando indica mudança de estado, logo o *se* não indica voz passiva, pois é uma parte integrante do verbo.

2 – INCORRETA. O *se* é um índice de indeterminação do sujeito. Retire o *se* e coloque o *alguém* antes do verbo, como se fosse o sujeito, e verá que o sentido é o mesmo. *Chegou-se a dizer que... = Alguém chegou a dizer que...* Não se sabe quem é o

sujeito, logo o sujeito é indeterminado, e o *se* indica justamente isso, por isso é um pronome com função de indeterminar o sujeito.

3 – A **segunda afirmação está CORRETA** e é autoexplicativa. Mas para torná-la de fácil digestão, perceba que, em "Qualquer invencionice só estimularia operações especulativas no câmbio, que acabariam provocando uma valorização ainda mais indesejável da moeda nacional", as operações especulativas no câmbio seriam estimuladas por qualquer invencionice. Logo, na linha do tempo, primeiro ocorreria "qualquer invencionice" (passado) estimulando (no futuro), hipoteticamente, operações especulativas no câmbio. Já na primeira afirmação, as formas verbais estão no modo subjuntivo, logo não indicam "fatos de realização garantida", afinal, o subjuntivo exprime incerteza, dúvida, suposição etc.

4 – B. Observe que o enunciado fala sobre erro **gramatical**. Nada sobre sentido. Assim, perceba que em *vinham divulgando* o verbo auxiliar está no plural, logo o verbo *ter*, na 3ª pessoa do plural, recebe acento circunflexo, ficando assim: *têm divulgado*.

5 – CORRETA. O modo subjuntivo de fato introduz noção hipotética. A afirmação procede.

6 – INCORRETA. Não prejudica a correção, pois houve simples passagem de voz passiva sintética para voz passiva analítica.

7 – C. O verbo negociar, terminado em **-iar**, tem a seguinte conjugação no imperativo negativo (cópia do presente do subjuntivo): não negocies, não negocie, não negociemos, não negocieis, não negociem. Pelo que se vê, não há ditongação.

8 – B. A alternativa certa é autoexplicativa. O futuro do presente do indicativo indica fato futuro certo, ainda que sem data certa.

9 – B. Esta questão é de transposição de voz passiva analítica para voz passiva sintética. Elimina-se o verbo *ser* e passa-se o verbo principal para o mesmo modo, tempo e pessoa em que estava o verbo *ser*. Junta-se o pronome *se* apassivador ao verbo, observando-se as regras de colocação dos pronomes. O sujeito fica posposto

ao verbo que com ele concorda. Assim: *Os estudos serão apresentados ao Ministério da Saúde* > *Apresentar-se-ão os estudos ao Ministério da Saúde*. Simples assim!

10 – D. Questão de uniformidade de tratamento bastante legal. Lembra-se desse assunto? Bem, os verbos e os pronomes precisam estar em uma mesma forma de tratamento, ou seja, se o texto começa na 2ª pessoa, os demais elementos precisam estar na 2ª pessoa. Normalmente questão desse tipo está ligada à formação do imperativo. Observe a frase original: "Levanta suas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexa em seus pertences. Passa teus documentos e considere-se preso.". Observe agora as formas de tratamento usadas (note que há mistura de tratamentos, 2ª pessoa com 3ª pessoa... uma bagunça!): "Levanta (2ª p.) suas (3ª p.) mãos para o alto. Afaste-se (3ª p.) da vítima e não mexa (3ª p.) em seus (3ª p.) pertences. Passa (2ª p.) teus (2ª p.) documentos e considere-se (3ª p.) preso.". A única alternativa que respeita a uniformidade de tratamento é a letra D: "Levanta (2ª p.) tuas (2ª p.) mãos para o alto. Afasta-te (2ª p.) da vítima e não mexas (2ª p.) em seus (3ª p.) pertences. Passa (2ª p.) teus (2ª p.) documentos e considera-te (2ª p.) preso.". Tudo na 2ª pessoa; percebeu?

11 – CORRETA. O subjuntivo indica hipótese, como de costume, e o indicativo, afirmação certa. A substituição de *sejam* por *são* ou *serão* mudaria a perspectiva de sentido, atendendo à intenção que se deseja atribuir ao contexto.

12 – INCORRETA. Por falta de correlação verbal, é impossível que o pretérito imperfeito do subjuntivo substitua o presente do subjuntivo neste contexto, pois a correlação só se estabelece através de dois verbos: 'garante' (presente do indicativo) + 'exerça' (presente do subjuntivo). Veja como a substituição fica esdrúxula: "Apesar desta missão ser, por si só, relevante, na medida em que garante os recursos financeiros para que o Poder Público bem **exercesse** seu mister...". Raciocine: se a missão garante algo para que o Poder Público passe a exercer, isso não pode estar ligado a uma ideia passada.

13 – Nenhum. Em I, o verbo **ser** é expletivo, ou seja, pode ser retirado sem prejuízo sintático ou semântico, pois o objetivo dele é meramente estilístico (realce). Em II, está certa a substituição, pois o tempo composto do pretérito mais-que-perfeito do

indicativo (fizera) é feito por meio do verbo *ter/haver* no pretérito imperfeito do indicativo + particípio (havia feito).

14 – CERTO. Os gramáticos dizem que, quando se quer dar ênfase ao sujeito do verbo no infinitivo, é possível flexioná-lo. Portanto, embora devamos levar em conta as regras abaixo, a flexão do infinitivo dependerá da intenção do autor e da clareza que se quer dar ao discurso. Observe esta frase: *Convidei meus amigos para* ***almoçar/almoçarem*** lá em casa (tanto faz). Portanto, pode o infinitivo se flexionar ou não neste caso: "Ficamos a olhar o verde do jardim, *as gotas a* ***evaporar/evaporarem****, as lesmas a* ***preparar/prepararem*** *os corpos para novas caminhadas.*".

15 – CERTO. O futuro do pretérito é um tempo verbal que está diretamente ligado à ideia de hipótese, suposição, dúvida, incerteza. Portanto, uma maneira de criarmos um distanciamento no nosso discurso é por meio do uso desse tempo verbal. Perceba que, com o uso do verbo no futuro do pretérito, se coloca em xeque a veracidade da afirmação, a saber: é, *de fato*, a indispensabilidade da teoria política uma necessidade de autoconhecimento dos indivíduos?

16 – ERRADO. O uso do verbo no presente do subjuntivo *estejam* não se relaciona sintaticamente com a oração "como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas", mas sim tão somente com **pessoas**. Além disso, a escolha do presente do subjuntivo nada tem a ver com a relação sintática entre a forma verbal *estejam* e algum termo da oração. A seleção deste tempo e modo verbal para o verbo *estar* tem a ver com o contexto de possibilidade, hipótese, a saber: "**A questão da desigualdade**, finalmente, **está produzindo estudos focados em entender como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas —** ***estejam*** *elas no topo ou na base."* (Percebe aqui a ideia de possibilidade?). Safo?

17 – ERRADO. O verbo auxiliar *dever*, em ambos os casos, não indica probabilidade. Não é pelo fato de eles estarem, respectivamente, no presente e futuro do presente do <u>indicativo</u>, o modo da certeza, mas sim porque exprimem um tom imperativo, de obrigatoriedade/dever/recomendação. O verbo auxiliar *dever* é bem interessante, pois seu valor semântico pode mudar consoante o contexto. Veja: *Você deve sair daqui agora!* (obrigatoriedade)/*Já que você não trabalha, deve estudar.* (necessidade)/*O João já deve ter chegado.* (possibilidade, incerteza).

18 – ERRADO. A substituição incorrerá em erro gramatical e incoerência, porque há falta de correlação verbal. Veja: "... sabia que isso não o *tornasse* menos humano e digno". Esse verbo não cabe no contexto uma vez que não há harmonia de sentido entre a forma verbal *sabia* (pretérito imperfeito do indicativo) e *tornasse* (pretérito imperfeito do subjuntivo). Raciocine: se ele sabia algo (isso indica certeza, fato), não faz sentido deixar o verbo *tornar* no subjuntivo, indicando um passado hipotético. Ficará incoerente. Ok?

19 – CERTO. Lembra-se daquele bizuzinho de conjugação verbal do subjuntivo que você aprendeu lááááá com a Tia Teteca, na escolinha? Então, ele vale ainda hoje. Veja: *(Se) eu amasse, tu amasses, ele amasse, nós amássemos...* (pretérito imperfeito do subjuntivo). Sabe por que você aprende a conjugar com essas conjunções antes do verbo no subjuntivo? Porque o verbo no subjuntivo é próprio das orações subordinadas, e tais conjunções são subordinativas, introduzindo, afinal, orações subordinadas. Logo, faz todo o sentido a afirmação da banca.

20 – ERRADO. No primeiro caso, *misturar* é verbo principal da locução verbal *voltam a se misturar*, portanto não sofre flexão — a não ser que estivesse bem afastado do auxiliar, o que não é o caso. Sobre *provocar*, note que, antes, um substantivo seguido de preposição *de* rege o verbo, logo, não se pode flexioná-lo: "... na *esperança de... provocar...*".

21 – CERTO. A forma verbal *apreenderem* é um infinitivo flexionado, pois vem antecedido de preposição. Estou falando isso, pois muita gente confunde a forma verbal de futuro do subjuntivo com a forma de infinitivo. Enquanto esta vem antecedida de preposição, aquela vem antecedida de conjunção. Veja: ***Quando*** *policiais da Delegacia Antipirataria* ***apreenderem****...*/"... **após** policiais da Delegacia Antipirataria **apreenderem**...". A forma de tempo composto do verbo 'apreender' é *ter/haver apreendido*. Colocando na 3ª pessoa do plural, temos *terem apreendido*, que tem o mesmo sentido que *apreenderem*. Logo, "... **após** policiais da Delegacia Antipirataria **terem apreendido**...". Safo?

22 – CERTO. Houve simples mudança de voz passiva analítica para sintética e vice-versa.

23 – CERTO. Interessante a questão, pois, de fato, a troca de *se* por *caso* altera o tempo verbal, mas não o modo, de modo que a frase fica assim: "Caso nos **apressemos** (presente do subjuntivo) a dizer... **poderá** (futuro do subjuntivo) apenas...".

24 – ERRADO. Como se trata de uma pergunta, os verbos no futuro do presente expressam dúvida, portanto não existe assertiva (ou certeza) quanto às supostas características da *nova sociedade*.

25 – CERTO. O tempo composto formado pelos verbos *ter/haver* no pretérito imperfeito do indicativo + particípio, formam o pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo, que equivale ao pretérito mais-que-perfeito simples do indicativo. Em outras palavras, *havia/tinha imprimido = imprimira*.

26 – ERRADO. A ideia não é sugerir que há nações que resistem a "estar nesse tempo". O futuro do subjuntivo (*quiserem*) tão somente indica o verdadeiro desejo que as nações devem ter de fazer parte, no futuro (hipotético, pois não se sabe com certeza se nações não adotarão tal postura, o que é totalmente diferente de dizer que algumas nações resistem à era tecnológica), da era da informação (internet).

27 – CERTO. Note que a locução verbal de tempo composto (ter/haver + particípio) está na voz passiva analítica (*tenha sido... formada*). No entanto, nada impede que substituamos o verbo *ter*, no presente do subjuntivo, pelo verbo *haver*, desde que este esteja no mesmo tempo e modo verbal. Portanto, poderíamos reescrever o trecho assim: "... que ***haja*** *sido* completamente *formada* na era da Internet". Fica feio, mas é forma culta... fazer o quê? ?

28 – A. Esta questão trata, na letra A, de emprego de tempos e modos verbais e aspecto verbal. Vejamos o contexto: "No entanto, sem escala de valor está a vida de milhares de pessoas que **faleceram** (pretérito perfeito do indicativo) e **virão a sucumbir** (futuro do presente do indicativo), vítimas das enchentes.". De fato os verbos expressam, respectivamente, uma ação concluída, observada no seu término, no seu resultado, e uma ação a ocorrer após o momento em que se enuncia o fato. Na letra B, a banca sugere que a locução verbal fique assim: "poderiam terem sido evitadas". Nooossssaaa! Ficaria no mínimo... *feio*, como dizem as meninas! Mas a questão é que apenas o primeiro verbo da locução verbal (verbo auxiliar) pode

variar em número e pessoa, os outros não! Safo? Sobre a letra E, não se pode trocar a forma participial *suspenso* por *suspendido* à la Bangu, não! Você pensa que cachaça é água? Cachaça não é água, não! Lembra-se dos verbos abundantes? Segundo Rocha Lima, **verbos abundantes** são aqueles que apresentam mais de uma forma verbal para expressar a mesma flexão. Há muitos verbos que possuem duas formas de particípio: uma terminada em **ado** ou **ido** – regular (quando vierem os verbos *ter* ou *haver* antes), portanto; e outra reduzida, irregular, sem **ado** ou **ido** (quando vierem os verbos ser ou estar antes).

29 – CORRETO. A afirmação está perfeita. Veja o contexto: "Afinal, se uma pessoa se **lembrasse** (pretérito imperfeito do subjuntivo) de tudo, em todos os pormenores, não **conseguiria** (futuro do pretérito do indicativo) pensar de forma genérica.". Se mudássemos o tempo verbal, haveria mudança na correlação verbal: "Afinal, se uma pessoa se **lembrar** (futuro do subjuntivo) de tudo, em todos os pormenores, não **conseguirá** (futuro do presente do indicativo) pensar de forma genérica.".

30 – CERTO. Questão de correlação verbal de novo: clássica! Está é mole, pois há duas combinações clássicas para que haja harmonia de sentido entre os verbos no período: pretérito imperfeito do subjuntivo (*caísse*) + futuro do pretérito (*viria*) ou futuro do subjuntivo (*cair*) + futuro do presente do indicativo (*virá*).

31 – A. Por que a letra A é o gabarito? Veja: *(A) As ponderações de Kucinski* ***seriam*** *úteis se acatadas por todos os que* ***estivessem*** *envolvidos no campo de atuação que ele analisou.* Essa dobradinha de correlação verbal é clássica! **Futuro do pretérito** + **Pretérito imperfeito do subjuntivo** (ou vice-versa).

32 – B. A correta correlação é esta e nenhuma outra: "Paulo Honório **queria** contar a própria vida, mas, julgando que não o **conseguiria**, **pediu** ao jornalista Gondim que o **fizesse**." Lembre-se de que a correlação ocorre entre dois verbos em uma estrutura de subordinação. Portanto, você precisaria perceber a correlação entre essas estruturas de subordinação (note a conjunção integrante marcando a relação de subordinação): "**julgando** <u>que</u> não o **conseguiria**"/"**pediu** ao jornalista Gondim <u>que</u> o **fizesse**". No primeiro caso, como se trata de uma narração, o verbo no gerúndio mantém a ideia de passado, é como se estivesse escrito assim: "**julgou** que não o

conseguiria": *voilà!*; correlação adequada, pois temos aí **pretérito perfeito + futuro do pretérito**. No segundo caso, temos a adequada correlação verbal **pretérito perfeito (pediu) + pretérito imperfeito do subjuntivo** *(fizesse)*.

33 – E. Note, no enunciado, que a forma verbal *fez* está acompanhada da partícula *se*, certo? Essa partícula é apassivadora porque podemos reescrever a frase passando para a voz passiva analítica (a marca de voz passiva analítica é o verbo ***ser*** + **particípio**. Veja: *Foi assim que sempre* se *fez a literatura* = *Foi assim que sempre a literatura* foi feita. Esta reescritura prova que o *se* é partícula apassivadora e que encontra semelhança com a letra B. No entanto, o enunciado não quer que você marque a frase que esteja na voz passiva analítica, mas sim na voz ATIVA. Passando da voz passiva sintética para a ativa, basta retirar o *se* e o verbo da ativa ficará na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito, ou seja, sujeito indeterminado. Exemplo: Fez-se um grande arranjo para o casamento./Fizeram um grande arranjo para o casamento. Desse modo, meu nobre, *Foi assim que sempre* se fez *a literatura* (passiva sintética) = *Foi assim que sempre* fizeram *a literatura* (ativa).

34 – B. Mole: ... a leitura em profundidade (sujeito da passiva vira objeto direto na ativa) foi substituída (vira um simples verbo com o mesmo tempo e modo verbais do *ser* – pretérito perfeito) pela massa de informações (agente da passiva vira sujeito da ativa)... Logo: "A massa de informações (sujeito) **substituiu** (simples verbo no pretérito perfeito) a leitura em profundidade (objeto direto).".

35 – E. *Caso houvesse ganhos da produtividade na pecuária (hipótese), po-de-ri-am liberar terras...* vão re-al-men-te liberar? Talvez! Enfim... o futuro do pretérito indica hipótese! Olho nele!

36 – A. Os verbos no subjuntivo, normalmente, aparecem após conjunções subordinativas (que, embora...), portanto prestemos atenção nas conjunções para que conjuguemos os verbos corretamente. Outra forma de acertar é perceber as desinências: para verbos de 1ª conjugação (**ar**), a desinência que sempre vai aparecer no presente do subjuntivo é a desinência modo-temporal **e**. Para verbos de 2ª conjugação (**er**) e de 3ª conjugação, a desinência será **a**.

37 – C. Antes de qualquer coisa, perceba a noção temporal do verbo: passado, presente ou futuro? Passado, certo? Daí que eliminamos as letras A e E. Passado = pretérito. Há três pretéritos no modo indicativo: perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito. As marcas desinenciais (ou seja, as terminações formais) de verbos no pretérito perfeito são: 1ª p.: **i**/2ª p.: **ste**/3ª p.: **u** (singular)/1ª p.: **mos**/2ª p.: **stes**/3ª p.: **ram** (plural). Os verbos que se encaixam aqui são *elogia**ram*** e *realizo**u***. Restou-nos apenas a forma verbal *enfatiza**vam*** que pertence ao mesmo tempo e modo verbal que *conheci**a***. Veja as terminações de 1ª conjugação e a conjugação, respectivamente: **va(ve)/a(e)**.

38 – E. *Viu pedrinhas ali perto.* (voz ativa) = *Pedrinhas* foram vistas *ali perto.* (voz passiva analítica)

39 – C. É (presente do indicativo) comum que, durante suas brincadeiras, as crianças se ***transportem*** *(presente do subjuntivo) para um universo mágico e* ***assumam*** *(presente do subjuntivo) a identidade de uma personagem admirada,* ***seja*** *(presente do subjuntivo) um super-herói ou uma figura da realeza.* Note que todos os verbos após o presente do indicativo estão no presente do subjuntivo, o que corrobora a dobradinha clássica **presente do indicativo + presente do subjuntivo**.

40 – B. Questão atípica da FCC. Uma questão parecida caiu na prova do ITA 2002-2003. Leia a afirmação I de novo. Lembra quando eu falei de emprego de tempos e modos verbais? Então, o pretérito imperfeito do indicativo é interessante, pois é usado por crianças em suas histórias e universos infantis. Com certeza, você já usou quando criança esta forma verbal ***(Agora faz de conta que eu era a mamãe e você era o papai, tá?)***. O sentido desse uso do pretérito imperfeito do indicativo se refere a um tempo que não cabe na história temporal, datada cronologicamente, real, como o do ontem ou do amanhã, mas um tempo dentro de um espaço imaginário, da fantasia. Portanto, nos versos *Agora eu era o herói* e *A gente agora já não tinha medo*, o uso do advérbio *agora* mostra-se ADEQUADO, dentro do universo infantil, do imaginário. Sobre a afirmação II, *Finja* e *dê* são verbos no imperativo afirmativo, pois indicam mando ou conselho ou pedido etc.

41 – B. Aluno, cá entre nós, para fazer uma questão de conjugação verbal, você não precisa conhecer a conjugação dos mais de 11.000 verbos. Assustou-se? Não se

assuste, pois você só precisa saber a conjugação de alguns principais: *ser, ir, haver* (e o derivado *reaver*), *pôr* (e derivados), *ver* (e derivados), *vir* (e derivados), *prover, requerer, caber, valer, crer, precaver, ter* (e derivados), os terminados em **-uir**, **-iar** e **-ear**. Conjugue esses verbos em casa, até internalizá-los! Bem, respondendo à questão: A – Os verbos terminados em **-uir**, como constituir, não apresentam a letra **e** por terminação, mas sim a letra **i** (**Eu constituo, tu constituis, ele constitui**...). B – O verbo *requerer* não é conjugado como o verbo *querer*. No presente do indicativo, ele é conjugado assim: *eu requeiro, tu requeres, ele requer, nós requeremos, vós requereis, eles requerem*...; nas demais formas verbais, ele se conjuga como o verbo *vender* (veja, por exemplo, o pretérito perfeito do indicativo: *eu vendi/requeri, tu vendeste/tu requereste, ele vendeu/requereu, nós vendemos/requeremos, vós vendestes/requerestes, eles venderam/**requereram***). Foi? C: *retiveram* é a forma certa, pois o verbo *reter* é derivado do verbo *ter*; normalmente as bancas gostam de trabalhar o pretérito perfeito nas conjugações verbais, fique ligado! *Eu (re)tive, tu (re)tiveste, ele (re)teve, nós (re)tivemos, vós (re)tivestes, eles (re)tiveram.* D: *vier* é a forma correta, pois o verbo *vir* está no futuro do subjuntivo; só interessante dizer que o verbo ver no futuro do subjuntivo dá trabalho, pois é "estranho"; veja: *Quando... eu vir, tu vires, ele vir, nós virmos, vós virdes, eles virem.* Estranhinho, não? E: *Se eles puserem...* o verbo *pôr* precisa ser bem conjugado, meus nobres; aprendam! Todo ano cai essa parada!

42 – D. *Tanto as fontes quanto a própria historiografia* (sujeito) *falavam* (verbo no pretérito imperfeito do indicativo) *a linguagem do poder* (objeto direto)... Transposição para a passiva analítica: *A linguagem do poder* (sujeito) *era falada* (locução verbal ser + particípio) *tanto pelas fontes quanto pela própria historiografia* (agente da passiva).

43 – B. *Competir* e *compelir* têm conjugação semelhante. Saiba uma, saberá a outra. Presente do indicativo: Eu compito/compilo, Tu competes/compeles, Ele compete/compele, Nós competimos/compelimos, Vós competis/compelis, Eles competem/compelem. E por aí vai... Veja também o presente do subjuntivo: *Que... eu compita/compila; tu compitas/compilas; ele compita/compila; nós compitamos/compilamos; vós compitais/compilais; eles compitam/compilam.* Finalmente no pretérito imperfeito do subjuntivo (desinência modo-temporal **sse**), temos: *Se... eu competisse/compelisse; tu competisses/compelisses; ele competisse/compelisse.* É isso aí! Agora a letra A. Lembra-se

do verbo *ver,* que se encontra na lista dos que devem ser conjugados por você? Então, na letra A, aparece seu derivado: *antever.* A conjugação é a mesma, só é preciso colocar o prefixo (**ante-**) antes do verbo *ver* conjugado. Assim, a forma certa seria *antevissem* (*se... eu visse, tu visses, ele visse, nós víssemos, vós vísseis, eles* ***(ante)vissem***). Letra C: o que ocorre nesta letra é a possível confusão entre *sortir* e *surtir* (verbos parônimos); *sortir* significa *abastecer, prover, misturar, combinar*; *surtir* significa *provocar, acarretar, ter como consequência*; no contexto da alternativa, a conjugação está certa, mas o verbo está errado, deveria ser *sortir* (*Caso não se* ***sortisse****...*). Letra D: o verbo *maldizer* vem de *dizer*, obviamente; logo a forma verbal no contexto apresentado deveria ser *(mal)diSSessem* (*... os viajantes maldissessem...*). Letra E: olha aí de novo o verbo *pôr*, ou melhor, seu derivado *(sobre)por*; a conjugação deveria ser *sobrepuseram*, pois o verbo *sobrepor* se encontra no futuro do subjuntivo.

44 – B. Mera questão de conjugação verbal. É preciso apenas conhecer a conjugação do verbo *haver* (Eu pedi para você treinar a conjugação dele naquela lista de verbos recorrentes!); quanto ao verbo *expressar*, ele é conjugado como qualquer outro verbo de 1ª conjugação, ou seja, verbos terminados em **-ar**, como *amar.* Pretérito perfeito do indicativo: *Eu houve, tu houveste, ele* ***houve****, nós houvemos, vós houvestes, eles houveram. Eu amei/expressei, tu amaste/expressaste, ele amou/expressou, nós amamos/expressamos, vós amastes/expressastes, eles amaram/****expressaram****.*

45 – A. Os verbos estão no modo subjuntivo, e, como você já sabe, esse modo é o da hipótese.

46 – B. A forma de tempo composto do pretérito mais-que-perfeito do indicativo é feita por meio do verbo *ter/haver* no pretérito imperfeito + particípio. Ou seja, *escolhera = tinha/havia escolhido.*

47 – B. A primeira forma verbal (*crê*) está na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, logo ficamos entre a letra A e B, pois a 2ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo *crer* é (tu) ***crês***. A segunda forma verbal (*Erga*) está na 3ª pessoa do singular do imperativo afirmativo, que é cópia da 3ª pessoa do singular do presente do subjuntivo (vale dizer que o imperativo é formado pelo presente do indicativo e pelo presente do subjuntivo). Passando para a 2ª pessoa do singular do imperativo, temos que copiá-la da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo

(sem a terminação **-s**), a saber: ***ergue***. Pronto! Batemos o martelo já! Mas, já que estamos aqui, comentaremos os demais verbos: *agradece* vem da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo (sem o **s**) para formar o imperativo afirmativo; *cobiçaste* e *acertaste* são formas de 2ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo.

48 – C. Voz passiva pronominal (ou sintética) apresenta pronome apassivador *se*. Para que o *se* seja um pronome apassivador, ele deve estar relacionado a um verbo transitivo direto, com sujeito paciente explícito na frase. Exemplo: *Alugam-se casas.* (*Casas são alugadas*). Vejamos cada alternativa: (A) "feito *hamsters* que se alimentam de sua própria agitação." — os *hamsters* praticam a ação de "se alimentar"; este *se* é pronome reflexivo. (B) "Recolher-se em casa," — o verbo *recolher* é intransitivo e o *se* é partícula integrante do verbo. (C) "sinal de que não se arrumou ninguém" — o verbo *arrumar* é transitivo direto e o *se* é uma partícula apassivadora; na voz passiva analítica temos: "sinal de que não foi arrumado ninguém". (D) "Mas, se a gente aprende a gostar (...)" — o *se* é uma conjunção condicional. (E) "nela a gente se refaz (...)" — "a gente" pratica a ação de "se refazer", ou seja, refazer a si mesmo; o *se* é um pronome reflexivo.

49 – E. Cuidado com alguns verbos: os terminados em **-ear** e **-iar**, *caber, valer, requerer, precaver-se, reaver, prover, viger, aderir (competir, preterir, discernir, concernir, impelir, expelir, repelir), ser, ir, vir* (e derivados), *ver* (e derivados), *pôr* (e derivados), *ter* (e derivados), *haver, sortir/surtir, construir/destruir, obstruir.* Se eu fosse você, eu conjugava todos os dias esses verbos! São sempre os mesmos que caem todo santo ano! Veja as frases já corrigidas: (A) *O coordenador* ***reviu*** *as necessidades dos grupos* (rever). Verbo *rever* (derivado do verbo *ver*) flexionado na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. (B) *A impaciência* ***deteve*** *as pessoas* (deter). Verbo *deter* (derivado do verbo *ter*) flexionado na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. (C) *Eu* ***reavejo*** *minhas convicções diariamente.* (O verbo *reaver* – derivado do verbo *haver* sem a letra **h** – não é flexionado na 1ª pessoa do singular no presente do indicativo.). (D) *Quando você se* ***opuser*** *à minha solidão, ficarei aborrecido.* Verbo *opor* (derivado do verbo pôr) flexionado na 3ª pessoa do singular do futuro do subjuntivo. (E) Nós apreciamos os bons alunos. Verbo *apreciar* flexionado na 1ª pessoa do plural do presente do indicativo.

50 – B. Respeitando-se as regras de passagem de voz ativa para passiva, temos a seguinte reescritura: O efetivo acesso à Justiça, antes de tudo, ***tem sido proporcionado*** às partes pela conciliação... Note que o tempo composto mudou apenas pela colocação do verbo *ser* (no particípio) + *proporcionado*, formando uma locução verbal de voz passiva analítica **ser + particípio**.

51 – B. **Aspecto cursivo, durativo**: o processo verbal já teve um início e continuou ou continua, sem conclusão: *Ele **vem ouvindo*** música desde criança. (!!!)/***Temos exercitado*** *muito a Língua Portuguesa..*

52 – D. Para haver correlação verbal adequada, o trecho deveria ser reescrito assim: "Depois de se haver debatido por três dias na areia da praia a jubarte **acabou** sendo salva por uma traineira que **veio** socorrê-la.". *Acabara* indica uma ação passada terminada antes de outra ação passada, o que, no contexto, é inadequado, porque a baleia foi salva depois de ficar na praia 3 dias, e não antes.

53 – E. Nível Tele Tubbies! Tanto *aliaram* quanto *conheceu* estão no pretérito perfeito do indicativo, pois as terminações **-ram** e **-u** marcam não só o número e a pessoa mas também o modo e o tempo. São desinências cumulativas, que indicam o modo, o tempo, o número e a pessoa da forma verbal. Para acertar uma questão desta, é preciso treinar conjugação verbal, hein!

54 – D. Antes de tudo, dê graças a Deus de a FCC sempre colocar os mesmos verbos em questões de flexão verbal. Vejamos a reescrita de uma por uma: (A) *A revalorização e a nova proeminência de Paraty não prescindiram e não **requereram** mais do que o esquecimento e a passagem do tempo.* (B) *Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre **relegada** a um segundo plano, eis que ela **emerge** do esquecimento, em 1974.* (C) *A cada novo ciclo econômico **ratificava**-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, **sobrevieram** longos anos de esquecimento.* (D) *A Casa Azul envidará todos os esforços, refreando as ações predatórias, para que a cidade não sucumba aos atropelos do turismo selvagem.* (E) *Paraty imbuiu da sorte e do destino os meios para que **obtivesse**, agora em definitivo, o prestígio de um polo turístico de inegável valor histórico.*

55 – B. Tanto *sejam* como *venha* estão no presente do subjuntivo. Uma forma de perceber isso é que, normalmente, tais verbos vêm antecipados de locuções

conjuntivas ou conjunções subordinativas adverbiais: *para que* e *ainda que*, respectivamente. Este é um *bizu* sagaz! Mas bom mesmo é saber a terminação das conjugações verbais e treinar muita conjugação, aí fica no sangue!

56 – E. A forma verbal *teriam* constitui forma de futuro do pretérito do indicativo, e não presente. Usa-se futuro do pretérito do indicativo para atenuar uma ordem no lugar de verbo no imperativo: "Você pegaria aquela bola para mim, por favor?" em vez de "Pega aquela bola para mim, por favor?" (Esta segunda forma de dizer o mesmo é mais incisiva, percebe?).

57 – E. Vejamos uma por uma: (A) A ideia de ação em processo não é exclusiva da forma *Continuamos*, pois o verbo no gerúndio (*repeti**ndo***) indica o mesmo. (B) A locução verbal foi redigida indica fato passado concluído.(C) A expressão *a realizar-se em Salvador* diz respeito à *III Conferência de Cúpula da região.* (D) Não é um fato possível, mas meramente hipotético. (E) De fato há ideia de futuro e desejo na expressão *hão de alimentar*, como, por exemplo: "O Brasil **há de ganhar** a Copa de 2014!".

58 – E. A forma verbal *publicava* está no pretérito imperfeito, logo o verbo auxiliar da locução verbal de voz passiva analítica (*ser* + particípio) ficará no pretérito imperfeito do indicativo também. Por isso, a frase transposta para a voz passiva é esta: *Há 40 anos, seu artigo mais famoso **era publicado** pela mais célebre crítica de cinema dos Estados Unidos, Pauline Kael (1919-2001).*

59 – A. Na voz ativa, o sujeito pratica a ação. Quando isso não é claro na frase, devemos olhar se há marcas de voz passiva, caso contrário estaremos diante de voz ativa. As marcas de voz passiva (analítica e sintética) são, respectivamente: *ser* + particípio (locução verbal) ou partícula *se* apassivadora. Note que em todas as opções, exceto em A (o gabarito), há marca de voz passiva analítica: "De dez em dez anos toda a burocracia **precisa ser fuzilada** e trocada."; "O Brasil é a melhor piada que já **foi contada** por um português."; "Advogados são as únicas pessoas cuja ignorância da lei não é punida com cadeia."; "O Brasil é um país perigosamente gasoso. Os problemas **são detectados**, mas ninguém sabe resolvê-los.". Veja a letra A: "Talvez o Brasil já **tenha acabado** e a gente não **perceba** isso.". Não há marcas de voz passiva, logo voz ativa na cabeça!

60 – E. O futuro do presente do indicativo pode ter valor imperativo. Normalmente isso ocorre em "leis e termos de serviço", por exemplo! É chamado de **futuro jussivo** (um futuro com tom de imperativo): "Havendo notícia de infração penal, a Autoridade Policial, conforme a hipótese legal, **determinará** a imediata instauração do procedimento Policial competente (Inquérito Policial, Termo Circunstanciado, Procedimento de apuração de Ato Infracional)." ou "Exceto se acordado de outra forma por escrito pelo Google, o contrato do usuário com o Google **incluirá** sempre, no mínimo, os termos e condições apresentados neste documento." Nos dez mandamentos bíblicos isso também ocorre.

61 – D. O verbo *ser* é considerado irregular por alguns gramáticos e anômalo por outros. É irregular, pois seu radical e/ou terminação não apresenta(m) a mesma forma em toda a conjugação.

62 – CERTO. Quando ela diz "Morri desde pequena" significa que ela já estava morta desde pequena, e não que ela estava em processo de morte até o momento da declaração.

63 – ERRADO. A afirmação diz que todos os verbos estão no imperativo afirmativo, mas isso não é verdade. A forma *calculais* é de 2ª pessoa do plural do presente do indicativo.

64 – CERTO. As formas verbais gerundivas (**-ndo**) indicam continuidade, processo em movimento, logo o sentido de fazem e brincam é igual a fazendo e brincando. Perfeito!

65 – E. *Ter/haver (tenha)* + particípio (passado) = tempo composto.

66 – E. Havia chegado é o tempo composto de *chegara* (pretérito mais-que-perfeito do indicativo), logo indica passado concluído.

67 – E. A essa altura do campeonato, estamos todos escaldados com os mesmos verbos, não é? A: INTERPUSER. B: INTERVEIO. C: VIR. D: VIER. E: IMPUSER (futuro do subjuntivo).

68 – B. Dizer que *haver* indica ação é um absurdo! E a questão não foi anulada. Por outro lado, a afirmação de que os "fatos" ocorrem simultaneamente procede.

69 – D. *Ser* + particípio formando uma locução verbal, Brasil! Locução verbal de **voz passiva analítica** na cabeça! Mole!

70 – C. Se você já domina a formação do imperativo, não teve dúvidas, pois a 2ª pessoa do singular o imperativo deriva da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo sem o **s** (III, IV, V) e a 3ª pessoa do singular do imperativo deriva da 3ª pessoa do singular do presente do subjuntivo (II). Fique de olho no imperativo!

71 – C. A única opção que apresenta correlação verbal perfeita é a C, pois há harmonia de sentido entre a junção das formas verbais (1) *houve* (pretérito perfeito do indicativo) + *falasse* (pretérito imperfeito do subjuntivo); (2) depois de preposição, usa-se infinitivo (*perceber*); (3) *discordam* (presente do indicativo, para manter a relação de certeza com o verbo anterior – *são*); (4) *possam* (presente do subjuntivo, para manter a relação de hipótese com o verbo anterior – *supor*); (5) *prevê* (presente do indicativo, pois indica certeza); (6) *trará* (futuro do presente do indicativo; todo o contexto do período em que se encontra tal forma verbal dá ideia de futuro certo).

72 – C. O verbo no presente do indicativo expressa reiteração, frequência, repetição, hábito, tem um aspecto iterativo.

Capítulo 13

Gabarito

1 – A. O advérbio *tão* modifica os adjetivos *difícil* e *simples, tolo e natural*. Lembre-se de que, quando o advérbio modifica adjetivo ou advérbio, é sempre de intensidade, segundo os gramáticos tradicionais. Pronome de intensidade? A banca *carteou* bonito! Só rindo...

2 – B. Muita gente, de cara, marcaria "pronome demonstrativo", não é? Você marcou? Toda análise morfológica deve ser feita levando em conta o contexto. Em ***Tal***

como está organizada, a sociedade gira em torno do mercado, esse *tal* indica **modo** – circunstância adverbial, equivalendo a "assim": "***Assim*** como está organizada/***Do modo*** como está organizada". É, portanto, um advérbio desde criancinha... nesse caso, é claro.

3 – C. O primeiro advérbio de negação *não* é usado como resposta a uma suposta pergunta do leitor (Ué, mas não é cedo demais? **Não**.). Percebeu isso? Já o segundo *não* apenas serve de mero advérbio de negação modificando o verbo *ser*.

4 – A. ***Subitamente*** significa "inesperadamente", "repentinamente", o que está de acordo com o contexto (Ao contornar a ilha principal em busca do Ninhal das Fragatas, nosso ponto de ancoragem, *subitamente* vimos a exuberância da fauna, uma espécie de "Galápagos" do litoral paulista.).

5 – C. Como um advérbio de intensidade, *exponencialmente*, no contexto, está ligado à ideia de "grande medida". Para ser mais preciso, note que caberia a substituição por qualquer advérbio de intensidade (muito, bastante...) no trecho "Durante esse mesmo período, a industrialização permitiu que o consumo aumentasse <u>exponencialmente</u> (= intensamente/demasiadamente).".

6 – C. No enunciado, a palavra *mais* está empregada como advérbio de intensidade, modificando o adjetivo *comum*. Igualmente, na opção C, o termo *mais* é advérbio de tempo, mas dessa vez modificando o verbo *acreditar*, acrescentando uma circunstância ao verbo. Interessante é dizer que o vocábulo *mais* depois de palavra de sentido negativo tem normalmente ideia de tempo. Exemplo: *Nunca* ***mais*** *olhe na minha cara!* A: Faz parte da locução adverbial. B: Pronome indefinido. D: Pronome indefinido. E: Pronome indefinido.

7 – D. ***Algo*** é normalmente um pronome indefinido, mas neste caso modifica um adjetivo (perplexos), logo vira um advérbio. Leia mais sobre isso no capítulo de pronome, em *pronome indefinido*.

8 – CORRETO. A ideia de pressuposição será abordada num dos capítulos finais desta gramática, mas podemos adiantar que tal conceito trata do uso de determinadas palavras ou construções sintáticas para imprimir uma ideia implícita à frase.

Quando se diz que "aquilo que o texto nos diz **já** não constitui o objeto preferido de nossa atenção", isso significa que "anteriormente aquilo que o texto nos dizia constituía o objeto preferido de nossa atenção". Muitos advérbios servem à pressuposição. Em "O homem pisou ***de novo*** no freio do carro", por exemplo, pressupomos que ele já havia pisado.

9 – A primeira afirmação está **CORRETA**; a segunda, não. ***Só*** (= apenas, somente) pode ser, além de uma palavra denotativa de exclusão (encarada por alguns gramáticos como mero **advérbio**), um adjetivo também, quando equivale a "sozinho": *Eu estou tão **só** (= sozinho) nessa casa.* A expressão *só que* introduz ideia opositiva (= *mas, porém...*). Já o vocábulo *mesmo* indica inclusão, e não retificação, pois pode ser substituído por *inclusive.*

10 – D. Como já vimos no capítulo de pronome, não usamos tal vocábulo – mesmo(a/s) – substituindo um substantivo. A frase estaria correta assim: *O Bumba Meu Boi é manifestação folclórica diferente das demais do país; ela é mais espetacular.* As demais opções são autoexplicativas.

11 – A segunda afirmação está **INCORRETA**, pois a expressão *na realidade* tem valor opositivo ou retificativo, uma vez que serve para introduzir uma sentença que apresenta a verdade do que fora dito. O advérbio *realmente* serve apenas para indicar certeza.

A primeira afirmação está correta e é autoexplicativa (*aliás, além disso* e *outrossim* são advérbios de acréscimo, se forem sinônimos de *também*).

12 – INCORRETA. Note que *de surras* está modificando o substantivo *vítimas*, logo, *de surras* é uma locução adjetiva.

13 – C. De fato o vocábulo *mais* intensifica o verbo *falar*. A: *Carisma* é substantivo. B: *Nossas* é pronome substantivo possessivo. D: *Exerce* está no presente.

14 – ERRADO. Antes de tudo, veja que o CESPE tratou o pronome relativo *onde* como advérbio. "Está errado?" Não, pois muitos gramáticos dizem que o *onde* é um **advérbio relativo**, neste contexto. Portanto, tanto podemos dizer que o *onde* é um

advérbio quanto um pronome relativo, pois ele assume esses dois papéis. O primeiro *onde* está equivocado, pois não retoma ideia temporal, mas sim locativa. A primeira frase deveria estar reescrita assim: "*...nos dias de folia carnavalesca, quando...*".

15 – CERTO. *Outrossim* e *também* dão ideia de acréscimo, logo o uso de ambos é redundante.

16 – CERTO. A afirmação da banca procede, pois quando o autor do texto diz "Realmente", fica implícito que "*De fato* os números governam o mundo.". Esse advérbio é tradicionalmente considerado de **afirmação**, indicando mais especificamente neste caso a ideia de **confirmação**.

17 – CERTO. O advérbio *ali* tem valor anafórico, pois refere-se a um termo anterior: *muralha verde*. Uma maneira de saber isso é reescrevendo: "*Quando as caravelas atracaram nas límpidas águas e areias do litoral brasileiro, que em pequena distância parecia infinito, algo impressionou ainda mais aqueles inegáveis exploradores: uma enorme* ***muralha verde*** *parecia proteger aquelas terras.* ***Densas árvores, rica fauna****... Algo jamais visto, algo jamais imaginado. Aos poucos, os portugueses perceberam que* ***naquela muralha verde*** *estava a* ***verdadeira riqueza daquela terra*** *recém-conquistada.* Ficou claro agora?

18 – CORRETA. *Mutuamente* e *reciprocamente* são sinônimos e advérbios de modo.

19 – INCORRETA. De fato *inexoravelmente* é advérbio derivado do adjetivo *inexorável*, que significa *rigoroso, severo, inflexível*, portanto a afirmação final não procede. Esta questão serve para relembrá-lo de que os advérbios terminados em **-mente** são, normalmente (risos) derivados de adjetivos femininos ou uniformes.

20 – A afirmação em I é equivocada, pois *displicentemente* significa *negligentemente, sem atenção*. Em II, a palavra *bastante* modifica o adjetivo *comum*, logo é um advérbio de intensidade. Lembre-se de que advérbio é uma palavra invariável.

21 – CORRETA. *Até umas três gerações atrás* faz referência a uma ideia temporal de passado, o que se opõe à ideia de presente contida no advérbio *hoje*.

22 – E. Este vocábulo é engraçadinho. No enunciado, ele é um advérbio de intensidade, pois modifica o adjetivo *renegado*. Como você já sabe, tal vocábulo pode mudar de classe gramatical consoante o contexto. Veja em detalhe: a) Não aguentava mais tanto barulho. (advérbio de tempo)/b) E que tudo o mais vá pro inferno! (substantivo)/c) Cinco mais dois são sete. (conjunção aditiva)/d) Sem mais nem menos, ela sumiu. (substantivo)*/e) Com a chegada do irmão, ela ficou mais nervosa. (advérbio de intensidade modificando adjetivo) * *Sem mais nem menos* é uma locução adverbial de modo; o núcleo das locuções adverbiais têm base nominal, normalmente um substantivo, portanto, vejo o *mais* e o *menos* como substantivos.

23 – Ambas estão **INCORRETAS**. Sobre a primeira, há um advérbio que não indica lugar: "E foi **aí** que o interlocutor sugeriu". Tal vocábulo tem ideia de tempo, pois equivale a "nesse momento, então". Sobre a segunda, os primeiros "nãos" realmente são advérbios de negação, pois o interlocutor nega o conteúdo das perguntas anteriores. Já a expressão "Pois não" tem valor de afirmação, consentimento ou boa disposição: "Você pode me ajudar?" "*Pois não!*".

24 – INCORRETA. A afirmação não procede, pois a norma padrão exige que o grau do advérbio seja feito com o sufixo **-íssimo**. Estilisticamente, encontramos no registro literário e coloquial, não obstante, o uso de sufixos diminutivos ou aumentativos para indicar o grau de advérbios. Exemplo: Fui à praia *de tard*inha.

25 – CORRETA e autoexplicativa.O vocábulo *ainda* é um advérbio de tempo e não poderia ser substituído por *ainda que*, locução conjuntiva concessiva (= *embora, mesmo que, posto que, se bem que* etc.).

26 – D. Uma maneira de identificar a semelhança entre o *ainda* do enunciado e o *ainda* da letra D é reescrever assim: "A entidade também relata as condições das prisões já divulgadas por meio dos mutirões do CNJ e o crescente número de prisões de pessoas acusadas de delitos menores e inocentes. **Além disso (ou *ademais*)**, é considerado grave o fato de as detenções gerarem facções criminosas.". Agora veja a reescrita da letra D: "A jovem recebeu acusações injustas e, **ainda (= *além disso*)**, foi impedida de se explicar.". Sobre a letra A, o *ainda* pode ser substituído por *até o presente momento*. Sobre a letra B, o *ainda* exprime ideia de

acontecimento/momento futuro. Sobre a letra C, o *ainda* indica constância, continuidade. Sobre a letra E, o *ainda* indica concessão, equivalendo a "mesmo assim".

27 – A. Apesar de estar fora de contexto, era perfeitamente possível marcar a letra A, pois as demais expressam outras circunstâncias. B: tempo; C: lugar (virtual) ou assunto; D: tempo; E: afirmação.

28 – D. Apesar de alguns gramáticos, como Bechara, abrirem uma concessão para o uso do advérbio *todo* com variação em gênero e número, a doutrina gramatical de que "advérbio é uma palavra invariável" foi levada a sério nesta questão, de modo que *toda escancarada* é uma construção equivocada, pois o advérbio sofreu flexão de gênero.

29 – D. A locução adverbial *além disso*, assim como *além do mais* ou *ademais* exprimem acréscimo, adição, logo adiciona um argumento.

30 – E. Preciso comentar mesmo? *Talvez* é uma palavra que indica possibilidade ou dúvida, mas nunca certeza; sinônimos: *acaso; porventura; quiçá* (Usa-se geralmente com o verbo no subjuntivo e, raramente, com o verbo no indicativo.)

31 – B. A expressão *ou seja* não serve para retificar. É usada antes de se dar uma explicação, antes de manifestar com outras palavras, ou de modo mais exato, a mesma ideia antes expressa.

32 – C. Os advérbios modalizadores que traduzem uma atitude ou estado psicológico do autor diante do fato por ele enunciado são *felizmente, infelizmente, lamentavelmente, agradavelmente*, etc. A: Tempo. B: Certeza, convicção. D: Dúvida. E: Modo/focalização.

33 – INCORRETA. O vocábulo *logo* pode ser advérbio de tempo, sim: "Atenda logo o telefone!". Mas, quando equivale a "portanto" ou "então", tal vocábulo passa a ser classificado como conjunção conclusiva.

34 – CORRETA. O *mais* modifica um adjetivo (*barato*), intensificando-o, logo é um advérbio de intensidade.

35 – D. *Muito* modifica o adjetivo *grande*, logo é um advérbio de intensidade. A: Adjetivo. B: Adjetivo. C: Adjetivo.

36 – A. A dúvida está atrelada ao conceito de relativização, por isso podemos dizer que *presumivelmente*, do ponto de vista da tradição gramatical, é um advérbio de dúvida. Segundo os estudos e perspectivas atuais sobre os advérbios, *presumivelmente* seria um **modalizador epistêmico (quase asseverativo)**. *Certamente* e *absolutamente* são advérbios de afirmação, do ponto de vista tradicional, e **modalizadores epistêmicos (asseverativos)**, do ponto de vista dos estudos e perspectivas atuais sobre os advérbios. Cuidado com *absolutamente*, pois pode indicar afirmação ou negação, a depender do contexto. *Pacientemente* indica modo apenas.

37 – B. *Muitas vezes* e *não raro* (= *não raramente* = *muitas vezes*) são expressões sinônimas. Veja o segundo trecho, em que há a expressão adverbial *de fato*: segundo o dicionário Aulete, a expressão *com efeito* é o mesmo que *sem dúvida* (confirmando consequência verdadeira de fato ou ideia anterior): "Disseram que ela é eficiente. Com efeito, seu trabalho o demonstra.". Segundo o Aurélio, "significa: Efetivamente, realmente.". Portanto, *de fato* e *com efeito* são expressões sinônimas. Veja o terceiro trecho, em que há a locução conjuntiva *assim sendo* (conclusiva, como *portanto, assim, desse modo*), a qual é diferente de *de todo modo* — que apresenta, por sua vez, uma ressalva, como *de qualquer maneira, seja como for, em todo caso, não obstante* e afins. E no quarto trecho, o *mesmo* é uma palavra denotativa de **inclusão**, dessemelhante a *igualmente*, pois, convenhamos, inclusão e igualdade são conceitos distintos.

38 – A. O vocábulo *mais* modifica um substantivo, logo faz parte da categoria dos pronomes indefinidos. B: *Bastante* modifica o adjetivo tímida, logo é um advérbio de intensidade. C: *Penal* é um advérbio de modo, tradicionalmente falando; note que o sufixo **-mente** está (E pode estar!) implícito, pois o advérbio que o segue carrega tal sufixo. D: Apesar de *só* estar ligado ao advérbio *não*, formando parte da construção de conjunções correlativas (*não só...mas também* ou *não só... como também* etc.), a banca considerou tal vocábulo isoladamente como um advérbio de exclusão (chamado por alguns gramáticos de palavra denotativa de exclusão). E: *Antes* é um advérbio de tempo. A expressão *o quanto*, de *o quanto antes* é considerada enfática e correta por Cegalla.

39 – Ambas estão **INCORRETAs**. Sobre a primeira, o vocábulo *aí* equivale a "nesse momento"; *então*, servindo como um termo sequenciador. A ideia dele não é de lugar, logo não há equivalência com *naquele lugar*. Ele dá ideia de tempo (= *a partir de então...*). Sobre a segunda, o vocábulo *só* não equivale a "somente". Isto posto, quero relembrá-lo de que a locução conjuntiva *só que* tem valor semântico adversativo, equivalendo a "mas", "porém", "contudo", "todavia", "entretanto" etc. Exemplo: Ele é muito legal, *só que* (= *mas*) sua família não presta.

40 – CORRETA. O vocábulo *disparado* significa no contexto *em primeiríssimo lugar*; trata-se de um advérbio, tanto é assim que pode ser acrescido o sufixo **-mente**: "A leitura, *disparadamente*, é a melhor forma de exercitar a memória".

41 – D. As locuções adverbiais às vezes e *em breve* exprimem ideia de tempo; já às pampas e *em excesso* exprimem ideia de intensidade. A: Tempo/lugar; B: Modo/tempo; C: Lugar/negação; E: Modo/tempo.

42 – A. O *ainda* equivale a "inclusive". Veja: "Diz **inclusive** a lenda que a imperatriz fez um fino manto de seda para o imperador.".

43 – A. I. De fato, *ontem* indica tempo passado. II. A locução *do mundo* está ligada ao substantivo *economia*, logo é locução adjetiva, e não adverbial. III. O advérbio *aqui* tem valor anafórico e refere-se a *Brasil*.

44 – B. Esta questão só nos interessa porque o vocábulo *meio* pode ser um advérbio de intensidade, quando se liga a um adjetivo ou a um advérbio: A indústria farmacêutica anda ***meio*** *apurada* com tanta demanda de remédios./As pessoas ficam ***meio*** *dependentes* dos efeitos químicos da medicação.

45 – C. Veja como a força da tradição gramatical ainda persiste em muitos concursos. A banca sustenta que *estranhamente* é um advérbio de modo, quando na realidade tal ideia é absurda, porque o sentido da frase não é que o personagem se recusava a comer <u>de modo estranho</u>. Não! A ideia do contexto é esta: o fato de ele se recusar a comer era estranho, do ponto de vista do enunciador do texto. Logo, *estranhamente* é um advérbio **modalizador afetivo (subjetivo)**, pois exprime um ponto de vista, um juízo de valor ou um estado de espírito do enunciador (falante) em

relação ao conteúdo do enunciado. A locução adverbial em silêncio de fato indica o modo, pois indica o modo como se contemplava a paisagem. Por fim, *vagamente* modifica o adjetivo *familiar*, intensificando-o.

Capítulo 14

Gabarito

1 – E. Não é o exílio que canta, a canção não pertence ao exílio, logo a preposição *de* na contração *do* não tem valor possessivo, como você deve ter imaginado. Em "Canção do exílio", a ideia é: de onde, de que lugar vem a canção? Resposta: do exílio. Logo a preposição *de* tem valor locativo no contexto, indicando a mesma ideia de distância que se percebe em de *longe*. A: Qualidade. B: Matéria. C: Causa. D: Tempo.

2 – A. A ideia é de causa. Veja que dá para substituir pela locução prepositiva *por causa de*: "Por causa do real...", "Por causa da chuva...". As demais ocorrências da preposição *com* indicam companhia. O último *com* não tem valor semântico, pois é uma preposição relacional, exigida pelo verbo transitivo indireto *brigar*.

3 – C. Apesar de a preposição *para* normalmente indicar finalidade e, portanto, poder ser substituída pela locução prepositiva *a fim de*, não é o caso no contexto, pois a preposição *para* em "Esta é uma receita para..." tem valor meramente relacional, exigida pelo nome *receita*. A: Assunto. B: Exclusão. D: Lugar/proximidade. E: Lugar/direção.

4 – ERRADO. Tanto *de* como *sob* indicam modo/conformidade no contexto; nada se altera.

5 – CORRETO. Indica procedência. Isso fica claro quando se substitui *de* por *a partir de*.

6 – CERTO. Apesar de alguns gramáticos, como Cegalla, ensinarem que a preposição pode ficar implícita antes de oração iniciada por conjunção integrante *que*,

a visão tradicional ensina que é obrigatório explicitar a preposição nesse contexto para não incorrer em erro gramatical.

7 – CERTO. Autoexplicativo. A preposição *de*, contida em "dos Estados Unidos da América", expressa ideia de procedência ou lugar.

8 – ERRADO. Quando há um nome antes do verbo *ser* exigindo uma preposição, esta deve ficar antes da conjunção integrante que inicia uma oração subordinada substantiva predicativa.

9 – CERTO. A locução prepositiva *apesar de* indica concessão, carregando a ideia de contraposição, contraste, oposição, quebra de expectativa.

10 – CERTO. A locução prepositiva *a fim de* indica finalidade, tal como *para*, no contexto. Logo, a substituição de uma por outra está adequada.

11 – B. O substantivo *agressão* exige a preposição *contra* também, logo a substituição está adequada.

12 – C. No primeiro caso, a preposição *por* tem valor nocional de causa. No segundo caso, o verbo optar exige a preposição *por*, que tem valor relacional.

13 – ERRADO. A afirmação da banca é viagem pura de ácido com whisky e Red Bull. A expressão *a despeito de* é tão somente uma locução prepositiva de concessão. As partes que compõem a locução não são analisadas separadamente. É por isso que toda locução tem o valor de unidade.

14 – ERRADO. Além de a relação semântica ser diferente, não seria mantida a correção gramatical do texto caso se substituísse uma por outra. Veja: "**de** (início)... **a** (fim)..."/"**entre**... **e**..." (focaliza o que ocorre no meio das duas datas). Percebeu que a preposição *de* se correlaciona com a preposição *a* e que a preposição *entre* se correlaciona com a conjunção *e*? É isso!

15 – CERTO. Tanto a preposição *de* como a preposição *para* no contexto da questão apresentam a mesma ideia de início (origem) e fim (destino), como em "De: Fernando Para: Juliana".

16 – ERRADO. Na primeira ocorrência, *para* indica finalidade, tanto que pode ser substituída por *a fim de*. Na segunda, *para* não tem valor nocional algum, pois é exigida pelo adjetivo *importantes*.

17 – E. A banca "brinca" aqui com a diferença entre ***a*** (artigo definido) e ***a*** (preposição). Como *em contraposição a* é uma locução prepositiva e 99,99% das locuções prepositivas terminam em preposição, *a* só pode ser preposição, e não artigo definido, logo o elemento gramatical ***a*** não define quais são as tentações, porque é preposição.

18 – D. O substantivo *meios* exige a preposição *para*, que tem valor meramente relacional.

19 – CORRETA. A substituição de *por* por *de* não prejudica a correção gramatical nem a coerência, pois ambas as preposições indicam valor de agente e iniciam um agente da passiva. Isso ficará mais claro quando eu falar de agente da passiva no capítulo de sintaxe.

20 – A. I: *para,* d*os,* à*s*. II: *o, a, os,* às *(a* + as*)*. III: *d*os *(d*aqueles*)*.

21 – D. Preposição *para* antes de verbo no infinitivo pode indicar duas circunstâncias: finalidade, quando equivale a "a fim de", ou consequência. Na letra D, o vocábulo *para* introduz ideia de finalidade. Nas demais frases, o *para* tem valor meramente relacional.

22 – E. Se for possível substituir *por* pela locução prepositiva *por causa de*, a ideia é de causa. Veja: "***Por causa de*** precaução, a maioria dos...". Pense: qual é o **motivo, a razão, a causa** de a maioria dos médicos recomendarem que se evite a combinação de bebida e remédios? Resposta: *Por precaução*.

23 – B. A preposição *de* antes do pronome relativo *que*, na primeira lacuna, é exigida pelo verbo *servir-se*. A preposição *para* antes do pronome relativo *que*, na segunda lacuna, é exigida pelo nome *obrigações*.

24 – C. Note que em "... filhos com até dois anos de idade...", há um acúmulo de preposições (*com* e até), cada uma conservando seu sentido original. Safo?

25 – C. Fim ou finalidade. Dá no mesmo. Lembre-se: antes de infinitivo, o *para* indicará finalidade (= *a fim de*) ou consequência (= *a ponto de*).

26 – E. A preposição *para*, antes de verbo no infinitivo, pode indicar consequência (normalmente antecedida de advérbio de intensidade) ou finalidade: *Você devia estar muito distraído para (= a ponto de) não vê-la se exibindo./O doutor continua receitando remédios para (= a fim de) resolver aquele seu problema?*

27 – INCORRETA. *Apesar de* nunca introduz argumento orientado para a conclusão do texto. *Apesar de* é locução prepositiva que sempre indica concessão (= não obstante, a despeito de).

28 – Ambas estão **CORRETAs**. Tanto *devido a* equivale a *em razão de* (ambas as locuções prepositivas são causais) como *segundo* equivale a *conforme* (ambas são preposições acidentais de conformidade).

29 – E. Cuidado com *até* (preposição) e *até* (palavra denotativa – ou advérbio – de inclusão). No caso, *até* equivale a *inclusive*.

30 – B. Vou me apegar apenas ao que interessa neste capítulo: preposição. Note que a preposição tem o papel de ligar palavras ou orações. Neste caso, a preposição *a* liga o verbo auxiliar (*começou*) ao verbo principal (*chorar*), formando a locução verbal *começou* ***a*** *chorar*.

31 – A. Na primeira lacuna, usa-se a preposição *a* antes do pronome relativo *que*, pois o verbo *referir-se* a exige. Na segunda, usa-se a preposição *de* antes do pronome relativo *que*, pois o verbo *dispor* a exige. Simples assim.

32 – A. Note que todas as locuções têm valor causal, exceto *ademais de*, que tem valor aditivo.

33 – E. A conjunção *por* indica causa no enunciado e na letra E. Demais opções: A: Agente. B: Lugar. C: Agente. D: Agente.

Capítulo 15

Gabarito

1 – E. Nos dois primeiros períodos, cria-se uma boa expectativa em relação à abundância da floresta amazônica. No entanto, não é isso o que ocorre na ideia contida no terceiro período, que se contrapõe às anteriores. Por esse motivo, a conjunção adversativa *no entanto* abre o terceiro período quebrando uma expectativa. Valor semântico das demais conjunções: A: Causa. B: Tempo. C: Concessão. D: Proporção.

2 – A. Mera decoreba! *Mal* = logo que (temporal); *ao passo que* = à medida que (proporcional); *não obstante* seguido de subjuntivo = embora (concessivo); *desde que* seguido de subjuntivo (condicional).

3 – C. Esta questão trata da relação entre as partes do texto e das conjunções como elementos coesivos, construtores de sentido dentro da lógica discursiva. Veja que as relações são, respectivamente, de adição, adversidade, conclusão e adição: *Todo mundo fala de um renascimento do cinema brasileiro E ele parece incontestável. MAS ainda falta vencer um obstáculo fundamental: o preconceito do espectador brasileiro que continua relutante em sair de casa para assistir a um filme nacional. POR ISSO os filmes têm dificuldade de conseguir muitas salas E não conseguem o sucesso que mereciam.*

4 – A. Só pela ideia de acordo, já matamos a questão. Veja em B: **já que** foi combinado em assembleia de junho/2000 (locução conjuntiva causal), em C: **apesar d**o que foi combinado em assembleia de junho/2000 (locução prepositiva concessiva) e em D: **porquanto** tenha sido combinado em assembleia de junho/2000 (conjunção causal). Se você domina as conjunções e seus valores semânticos, não sentiu dificuldade, pois o comando de arrumação do texto é indicado pelas relações de

sentido que as conjunções estabelecem. Veja: ***Conforme*** *o combinado em assembleia de junho/2000 (conjunção conformativa; acordo), solicitamos de V.Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola, em caráter de urgência,* ***para que*** *seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio (conjunção final; finalidade).* ***Embora*** *os reparos impeçam o andamento das aulas (conjunção concessiva; concessão), não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração.*

5 – D. Todos os conectivos são conjunções (ou locuções conjuntivas) subordinativas causais.

6 – D. Apesar de não ser uma questão puramente de conjunção, mas sim de orações coordenadas, queria reiterar que alguns gramáticos, como Sacconi, Cegalla e Infante, entendem que, quando a conjunção *e* tiver valor adversativo (= *mas*), a oração iniciada por ele será classificada como coordenada sindética adversativa.

7 – E. A relação entre uma frase e outra é de causa e consequência, logo, como a causa se inicia em (2), só podemos usar o *já que*, que é uma locução conjuntiva causal: "Mas talvez os shoppings, mesmo os mais sofisticados, como o Iguatemi, tenham se tornado democráticos demais para o gosto da classe alta paulista, JÁ QUE a cada pequeno entusiasmo econômico, logo a alvoroçada classe média da cidade resolve se intrometer aos bandos nas searas exclusivas dos muito ricos.". As demais: A: Locução conjuntiva concessiva. B: Locução conjuntiva consecutiva. C: Locução prepositiva *além de* indica adição, soma. D: Locução conjuntiva conclusiva.

8 – CORRETA. Note que a conjunção ***e*** liga períodos e tem, de fato, valor semântico de oposição (= *mas*).

9 – A. Perceba que entre orações já há uma relação de sentido, que fica explícita quando se usa a conjunção, portanto em 1) a relação é de oposição, que pode ser marcada por *e* ou *mas*, o que elimina B e D; já em 2) a relação é de causa, dando empate entre A e C, pois *porque* e *como*, iniciando período, podem indicar causa; por fim, a relação entre as frases de 3) é de conclusão, e a única opção que apresenta um conectivo conclusivo é a A: *por isso* (*porquanto* é causal/explicativo).

10 – D. A conjunção *mas* equivale a *mas também* e, no contexto, significa "além disso", "além do mais", adquirindo, assim, valor aditivo.

11 – D. Comentário da própria banca: "Considerando-se que o pronome relativo *que* retoma o elemento expresso na oração anterior, o sujeito do verbo canta é a expressão *o mar de minha saudade*. Nesse caso, o trecho em negrito recebe a classificação de oração subordinada adjetiva explicativa. Após as substituições exigidas pelo enunciado, o sujeito do verbo *canta* passa a ser o elemento *as murmurantes ondas*, devendo, portanto, todo o trecho ser classificado como oração coordenada explicativa, uma vez que o vocábulo *que* passa a atuar como conjunção explicativa.".

12 – INCORRETA. A conjunção *entretanto* é adversativa e só pode ser substituída, conservando-se seu sentido original por conjunções igualmente adversativas, como *mas, porém, contudo, todavia, no entanto, não obstante, só que* etc. É bom dizer que as conjunções concessivas (conquanto) apresentam um valor semântico semelhante ao das adversativas, mas, no contexto, não poderia haver substituição, pois a concessiva teria de levar o verbo ao subjuntivo. *Porquanto* não pode substituir conjunções adversativas, pois tal conectivo indica explicação ou causa.

13 – INCORRETA. O *mas* NUNCA indica comparação. NUNCA! Ele é uma conjunção adversativa ou aditiva.

14 – C. Em I, a ideia é de condição (*se* = *desde que*). Em II, a ideia é de condição ou tempo (*se* = *quando*). Em III, a conjunção *se* tem valor concessivo, por isso equivale a "mesmo que".

15 – A primeira está **CORRETA**; a segunda, não. O *assim* é uma conjunção conclusiva (= *portanto*). O *porque* nunca indica condição, mas sim causa, explicação ou finalidade.

16 – CORRETA. A conjunção *porquanto* indica causa/explicação, logo, nesse contexto, seria uma incoerência usá-la, pois se "a renda *per capita* da Inglaterra começou a crescer descolada da demografia" e "a evolução da renda *per capita* dependia das taxas de natalidade e mortalidade", há um contraste de ideias, e não uma relação de causa e consequência. Por isso, o conectivo adequado deveria ser

adversativo: "A evolução da renda *per capita* dependia das taxas de natalidade e mortalidade, **no entanto** a renda *per capita* da Inglaterra começou a crescer descolada da demografia...".

17 – INCORRETA. O *como* não indica causa, mas sim comparação entre "flagelos assim" e "desastres de avião".

18 – D. *Logo* é a única conjunção, dentre as opções, que não indica explicação, mas conclusão.

19 – CORRETA. *Para que* é uma locução conjuntiva final desde criancinha, logo a afirmação procede.

20 – INCORRETA. *Contanto que* é uma locução conjuntiva condicional, e *consoante*, conjunção conformativa.

21 – A. *Caso* é uma conjunção condicional e exige verbo no subjuntivo ("caso o país não tenha crescido"). Mais importante que isso, porém, pelo que você notou nas outras alternativas, o vocábulo *se* estabelece relação de **concessão** (*apesar de, mesmo, embora, ainda que...*); *caso* indica apenas... condição. Nada a ver com concessão! Esta era para não zerar, hein!

22 – B. A gente banaliza o olhar (consequência) por quê? De tanto ver (causa). Ou seja, "A gente vê <u>tanto</u> (causa) ***que*** banaliza o olhar (consequência).".

23 – C. A conjunção *porque* é causal, explicativa ou final, depende do contexto, mas nunca é proporcional como *ao passo que*.

24 – B. A FGV se amarra em trabalhar diferença entre os "quês". Veremos muito mais sobre essa palavrinha *maledeta* no capítulo de *Que, Se e Como*. Por ora, fiquemos com a explicação da questão. *Bizu*: se pudermos substituir uma oração iniciada por ***que*** por ***isto***, estaremos diante de uma conjunção integrante (É certo que *a mudança do enfoque sobre o tema... decorrerá...* = É certo ***isto***.), pois ela sempre inicia orações subordinadas substantivas que completam ou determinam a estrutura sintática de outra oração (chamada de principal). O segundo *que* é uma preposição acidental,

equivalendo a "de", pois vem entre *ter* e *verbo no infinitivo*: "... terão *que* (= de) abranger...".

25 – A. Se ***ou*** é uma conjunção AL-TER-NA-TI-VA, a ideia é de...? Questão nível *Tele Tubbies!*

26 – B. A relação entre o primeiro e o segundo período é de causa e efeito (ou fato seguido de conclusão). Por isso a única locução conjuntiva possível é *por conseguinte*, que equivale a "portanto, assim, por isso, então, dessa forma, logo..." Veja: *Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas de escrita nos faça escrever melhor,* ***por conseguinte*** *escrever, como ler, só será efetivamente um hábito qualificado se feito com prazer*. As Demais: A: Concessão; C: Proporção; D: Finalidade; E: Tempo.

27 – D. Mera decoreba! A: Tempo. B: a preposição é exigida pelo substantivo *meio*. C: Explicação. E: Adversidade.

28 – B. A frase tem sentido concessivo por causa da conjunção concessiva *Embora*. Simples assim!

29 – CORRETA. Todos os elementos enumerados em A são dignos da mesma ideia de respeito, estão no mesmo nível, por isso pode-se entender que o conectivo *ou* estabelece ideia de inclusão.

30 – A. A: Alguns gramáticos, como Maria H. de Moura Neves e alguns dicionários, como Aulete e Houaiss, dizem que o *se* pode ter valor temporal, logo a substituição de *Quando* por *Se* mantém a coerência do texto. B: Só poderíamos substituir *se* por *caso* desde que o verbo em seguida fosse colocado no subjuntivo (... caso defendam...). C: A relação é de conclusão, por isso o uso de *pois* estaria equivocado *(... se sabe que o objetivo dele é a cura da doença, LOGO sua ação é mais percebida por todos)*. D: não é uma alternativa que tenha a ver com o assunto deste capítulo (conjunção), por isso julgo relevante não comentá-la. E: Já há uma ideia de oposição no último período marcada pela conjunção *mas*; não se pode usar *embora* e *mas* no mesmo contexto.

31 – A. A relação entre o primeiro período e o início do segundo é de ressalva, restrição, logo o melhor conectivo que poderia entrar na primeira lacuna seria o adversativo: *mas, porém, entretanto...*

32 – B. Percebe-se que a relação entre as orações do trecho original é de causa e consequência/conclusão (indicada pelo *portanto*). Sendo assim, invertendo-se as orações, teremos de usar um conectivo de valor causal, a saber: *dado que*. Fica assim, então: *Não é possível importar o desenvolvimento dado que* corresponde a uma matriz endógena, gerada em nossas próprias sociedades.

33 – A. A relação entre os períodos é de explicação, logo as demais opções são descartadas. (B: Condição. C: Condição. D: Adversidade. E: Finalidade.)

34 – E. O advérbio *já* tem valor opositivo e equivale a "mas", "por outro lado", "em contrapartida" etc. E a conjunção *embora*, por ser concessiva, indica uma *ressalva que não invalida a declaração feita* (definição clássica de conjunção concessiva).

35 – E. *Uma vez que* é uma locução conjuntiva causal correspondente à conjunção causal *porque*. As demais conjunções e locução conjuntivas indicam, respectivamente: concessão, concessão, tempo e concessão.

36 – E. A relação lógico-semântica que existe entre I e II é de causa e consequência, por conseguinte devemos usar a locução conjuntiva conclusiva *por conseguinte*. As demais conjunções e locução conjuntivas indicam, respectivamente: adversidade, adversidade, causa e concessão.

37 – A. A ideia é de tempo ou proporção, logo letra A. As demais conjunções e locução conjuntivas indicam, respectivamente: concessão, condição, concessão. *Em comparação a* é uma locução prepositiva que indica comparação.

38 – E. Segundo o dicionário Houaiss, a conjunção adversativa *mas* "com variações de sentido, introduz o segmento que denota basicamente uma oposição ou restrição ao que já foi dito.".

39 – C. Há uma quebra de expectativa, um contraste, logo usa-se a conjunção adversativa *contudo*.

40 – ERRADO. *Enquanto* indica tempo; Celso Cunha diz que pode ser proporcional também.

41 – CERTO. Perfeito. Tais conectivos são adversativos, de fato.

42 – ERRADO. A conjunção *quando* de fato está relacionada ao fato expresso na oração "que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust". Agora, observe com calma: *Escrevi para ele...* porque o diabo do homem só faltou me chamar de representante comercial deles. Pelo que se vê, a causa (iniciada por *porque*) está ligada a "Escrevi para ele", e não a "que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust". Malícia total do CESPE!

43 – CERTO. Por definição, conjunção concessiva é a que introduz um conteúdo que, mesmo sendo contrário a uma proposição, não a invalida.

44 – ERRADO. NUNCA indica consequência**!** O *pois* indica causa, explicação ou conclusão.

45 – C. As duas frases mantêm uma relação de **adição** de acontecimentos, logo, para se unirem tais orações em um só período, precisaríamos usar um conectivo (normalmente conjunção) de valor **aditivo**. Por isso a reescritura correta é esta: "Não ri nem sequer sorri, ***e*** não faz uma pirueta.".

46 – CERTO. Todos esses conectivos são causais. Simples assim.

47 – A. Há uma relação de causa e consequência, pois a exclusão social causa a violência, daí que EXCLUSÃO SOCIAL E (consequente) VIOLÊNCIA. Muito boa a questão!

48 – A. A preposição *para*, antes de verbo no infinitivo, equivale à locução conjuntiva *para que* (para melhorar = para que melhore). E *segundo* é uma conjunção conformativa, como *conforme* e *consoante*.

49 – E. A construção *por (mais) que* constitui uma locução conjuntiva concessiva, por isso a única reescritura impossível é a E, pois preposição *por* + verbo no infinitivo reitera ideia de causa.

50 – D. Tanto *ainda assim* como *não obstante* são locuções conjuntivas adversativas.

51 – A. Tanto *só que* quanto *mas* são conectivos adversativos.

Capítulo 16

Gabarito

1 – INCORRETA. Normalmente a interjeição *oi* é usada como saudação (= *olá*), mas é empregada também para indicar que não se ouviu bem o que foi dito ou perguntado, e ainda como chamamento ou resposta a um chamamento. Numa música, esse *oi* serve como chamamento.

2 – E. No primeiro quadrinho, não só a interjeição exclamada por Cebolinha, *Oh!*, exprime susto, bem como seu rosto, por causa da suposta pancada que a Mônica está dando em Cascão. No segundo quadrinho, há um alívio, pois na verdade ela está penteando o Cascão.

3 – INCORRETA, porque as interjeições não são normalmente usadas em registros formais, como bem indica o contexto. Além disso, a classificação de *claro* é discutível, pois é um adjetivo modalizador.

4 – C. A interjeição *Hummmm*, com o esticamento do som nasal sinalizado pela repetição da letra **m** e das reticências, indica admiração com a veia da doadora, por isso as enfermeiras "trocam sorrisos interessados".

5 – C. Segundo o dicionário Houaiss, a interjeição *Puxa!* "traduz alegria, assombro, deslumbramento, admiração, mas também pasmo, estupefação por consternação, aborrecimento, desalento, impaciência". A locução interjetiva *Puxa vida!* indica o mesmo. O dicionário Aulete sacramenta: "Us. para exprimir admiração, surpresa, impaciência, irritação, aborrecimento etc.".

6 – D. *Ué!* exprime surpresa, espanto, admiração.

7 – D. *Putz* é uma interjeição muito coloquial que indica admiração, surpresa.

8 – E. A interjeição *Ufa!* exprime cansaço, alívio.

Capítulo 19

Gabarito

1 – CORRETA. Reveja todo o contexto: "Em dezembro do ano passado, milhares de pessoas tomaram as ruas de Seattle nos Estados Unidos, (...) Conseguiram barrar a negociação, que ficou para um futuro para lá de incerto, e, de quebra, ridicularizaram ninguém menos que o presidente americano Bill Clinton, o anfitrião do encontro". A ESAF adora complicar tua vida, não? O sujeito *milhares de pessoas*, superafastado, encontra-se oculto em relação aos verbos *conseguiram* e *ridicularizaram*.

2 – D. O termo *você* é sujeito simples e explícito do verbo *precisa*.

3 – D. Note que *te* e *te* são pronomes oblíquos átonos com função de complemento do verbo (objeto direto). No segundo caso, o verbo *fazer* é transobjetivo, ou seja, exige objeto + predicativo do objeto (faz alguém (OD) vencedor (POD)).

4 – B. O verbo *haver* (pode *haver*) no sentido de existir fica na 3ª pessoa do singular por ser um verbo impessoal. Tal verbo constitui oração sem sujeito. Simples assim.

5 – Ambas estão **INCORRETAs**. Sobre a primeira, jamais o *se* pode indeterminar o sujeito, pois o sujeito está na cara de qualquer um; veja: "... o Programa de Metas foi executado e seus resultados *manifestam-se*...". Sobre a segunda, note que a expressão formada pelo verbo ***ser* + que** é expletiva, ou seja, pode ser retirada sem prejuízo sintático-semântico; portanto não é só o verbo *ser* que é expletivo. Veja: "No entanto, (foi) graças ao controle do câmbio e ao regime de incentivos criados (que) as importações de bens de consumo duráveis foram contidas.".

6 – C. Note que o verbo *saiu* não é de ligação, pelo contrário, indica ação e vem seguido de um predicativo do sujeito (*chateada*), logo o predicado (*saiu chateada da escola*) é verbo-nominal.

7 – CERTO. Mais uma vez o verbo fazer foi usado como transobjetivo, ou seja, exige um objeto + um predicativo do objeto (*faça da criança* (OI) *um romancista introvertido* (POI)).

8 – B. O verbo *haver* (= *existir*) é um verbo impessoal sempre, ou seja, não tem sujeito.

9 – D. Os verbos *prevalecer* e *participar* são transitivos indiretos, logo exigem complemento preposicionado (objetos indiretos: "no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos" e "no rito das danças guerreiras").

10 – C. Cuidado com a inversão dos termos da oração! Isso pode derrubar você. Coloque a frase na ordem direta: "Mas outro problema surge aqui". Perceba que **outro *problema*** é sujeito em que *problema* é núcleo do sujeito. Sobre a letra C, faça a perguntinha para achar o sujeito: "O que perde as cores?" Resposta: "as fitas de vídeo" (sujeito).

11 – B. Verbo na 3ª pessoa do plural com sujeito implícito sem referente anterior sinaliza que o sujeito é indeterminado. Sabe-se que alguém disse, mas não se sabe quem.

12 – E. Direto ao *bizu* de *achamento* do sujeito: "O que não se torna realidade?" Resposta: "O sonho de Darcy.". "O que continua?" Resposta: "O debate.". Sujeitos simples, pois apresentam um núcleo. Olhe a E: "O que é de tal ordem?" Resposta: "A tragédia dos menores abandonados.". Sujeito simples também, pois apresenta apenas um núcleo.

13 – C. Colocando na ordem direta: "Tudo *anda* muito desorganizado.". Observe que o verbo *andar* não indica ação, mas sim estado, logo é um verbo de ligação, que liga o sujeito (*tudo*) ao predicativo do sujeito (*muito desorganizado*).

14 – INCORRETA. O sujeito não é inexistente, mas sim oracional. *Bizu* do *achamento* do sujeito: "O que vale a pena?" Resposta: "Deixá-los sem futuro". Logo, colocando na ordem direta, temos claramente um sujeito oracional: *Deixá-los sem futuro* (sujeito) vale a pena?

15 – B. A oração sem sujeito é aquela que apresenta um verbo impessoal. As bancas adoram trabalhar o verbo *haver* (com sentido de *existir*, *ocorrer*) em questões de sujeito inexistente.

16 – B. Tipo de questão muito frequente em todos os anos da FCC! Estude transitividade verbal! Ambos os verbos (*confirmar* e *gerar*) são VTDs, logo exigem objetos diretos (respectivamente, *a antiguidade da família nuclear entre humanos* e *mais descendentes*).

17 – E. O verbo é transitivo direto e indireto, pois exige dois complementos (um direto e outro indireto). Veja: "... saibamos ensinar o quê? (o mais elementar) a quem? (aos alunos),...".

18 – ERRADO. O sujeito implícito do predicado *for original* remete ao referente *obra de arte*: *Suponhamos que uma obra de arte profundamente original surja diante de seus olhos. Como a julga ele? Comparando-a com as obras de arte do passado.* ***Se (ela) for original,…"***.

19 – ERRADO. Vejamos o contexto de cada verso: 19: *A cana doce de Málaga não é mar, embora em praias,* ***dá*** *sempre em pequenas poças, restos de uma onda recuada.* (intransitivo, pois não exige complemento; *em pequenas poças* é adjunto adverbial de lugar); 27: *A cana doce de Málaga dá dócil, disciplinada:* ***dá*** *em fundos de quintal e podia dar em jarras.* (intransitivo, pois não exige complemento; *em fundos de quintal* é adjunto adverbial de lugar); 2: *A cana doce de Málaga* ***dá*** *domada, em cão ou gata: deixam-na perto, sem medo, quase vai dentro das casas.* (transitivo indireto, pois exige complemento; *em cão ou gata* é objeto indireto); 26: *A cana doce de Málaga* ***dá*** dócil, disciplinada: dá em fundos de quintal e podia dar em jarras. (intransitivo, pois não exige complemento; *dócil, disciplinada* é predicativo do sujeito).

20 – Ambas estão **INCORRETAs**. Na primeira, é impossível que a partícula *se* seja indeterminadora do sujeito uma vez que o sujeito do verbo *espraiar* está explícito, determinado, "na cara"! Veja o contexto de novo: "Agora se vê que a carência de profissionais *se espraia* para vários níveis de formação...". Pergunto: "O que se espraia para vários níveis de formação?". Respondo: "A carência de profissionais"'. Na segunda, o sujeito é outro, veja: "A rede educacional do país, com suas falhas e distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade, mostra-se incapaz de oferecer ao mercado de trabalho mão de obra competente". Safo?

21 – ERRADO. Observe a primeira oração: "São tantos os espaços para a dita participação popular". Está na ordem direta? Jamais! Colocando: "Os espaços para a dita participação popular (sujeito) são (verbo) tantos (predicativo)". Ah, agora sim podemos analisar com mais tranquilidade. Percebe que o verbo *ser* tem sujeito simples? Maravilha! E quanto à próxima oração? Veja: "não há espaços de visibilidade claros". Percebe o verbo *haver* com sentido de existir? Pronto, oração sem sujeito. Sendo assim, concluímos que a questão traz uma afirmação equivocada, pois na primeira oração há sujeito simples; só na segunda há oração sem sujeito!

22 – ERRADO. Se "**os bancos** se estabeleceram", como o sujeito pode ser indeterminado? O sujeito está explícito, e é simples: *os bancos*. A partícula *se* é integrante do verbo. Nível Tele Tubbies!

23 – CERTO. Perfeita a afirmação! Coloque na ordem direta: "Moedas mexicanas e peruanas (sujeito) continuavam sendo usadas (locução verbal) no comércio no extremo norte (adjunto adverbial).".

24 – ERRADO. O sujeito de *faz* é oracional: "Viver em ambiente sem gravidade". *Bizu* do *achamento* do sujeito: "O que faz coisas curiosas com o corpo?" Resposta: "Viver em ambiente sem gravidade.". Mole!

25 – ERRADO. O erro está em afirmar que *meu nome* é sujeito e que *meu nome* está anteposto a seu predicado verbal. Na primeira oração, o sujeito vem antes do predicado, ok! Na segunda oração, *meu nome* é objeto direto do verbo gritar, ou seja, "... o carteiro chegou e (o carteiro) gritou meu nome.". Pescou?

26 – ERRADO. A ordem direta é tão somente esta: "Joaquim Silvério (sujeito) começa a redigir (verbo) sua carta (complemento verbal) com pena bem aparada no palácio da Cachoeira (adjuntos adverbiais)". Na reescritura proposta, o adjunto adverbial inicia o verso, portanto a ordem é indireta, diferente da sequência **sujeito-verbo-complemento verbal-adjunto adverbial**.

27 – CERTO. De fato, tais orações não seguem a ordem direta, que deveria ser sujeito-verbo-objeto, assim: "como a prevalência da forma pronominal (sujeito) inclina (verbo)-nos (objeto) a pensar" e "uma vez que levar em conta a noção de memória coletiva (sujeito) foi (verbo de ligação) necessário (predicativo do sujeito)". Inclusive a questão foi mal formulada, pois *necessário* é predicativo do sujeito e não objeto. Coisas da vida...

28 – CERTO. Se o sujeito não está explícito na frase, mas existe a possibilidade de encontrar seu referente pelo contexto, dizemos que ele está oculto, ou implícito, ou elíptico. É o que ocorre neste caso. "O que transporta muitos passageiros?" Resposta: "O tal veículo leve sobre o trilho, o tal meio de transporte que causa estranheza, o tal misto de metrô e ônibus, o tal tipo de transporte coletivo capaz de melhorar o trânsito nas cidades.". Resumindo: ***ele transporta***... Foi? Questão interessante.

29 – E. Os verbos impessoais são aqueles que não têm sujeito, como o verbo *fazer* (indicando tempo decorrido ou aspecto natural), *passar* (indicando tempo decorrido) e *haver* (no sentido de existir, ocorrer ou indicando tempo decorrido). Mas na letra E não é o caso, pois há um sujeito oculto para o verbo *haver*: *Embora (ele)* ***houvesse*** *acertado a hora, ele chegou atrasado.* Quando o verbo *haver* for auxiliar de uma locução verbal, como é o caso da E, ele sempre terá sujeito.

30 – D. O pronome relativo *que*, funcionando como sujeito, retoma "empresas transnacionais", as quais "operam sujeitas às normas"... Observe que *sujeitas* é uma característica de "empresas transnacionais", afinal, trata-se de um adjetivo. E, como todo adjetivo só exerce função de adjunto adnominal (quando vem ao lado do termo substantivo, sem vírgula) ou de predicativo (quando vem separado do termo substantivo, seja por vírgula ou simplesmente afastado), *sujeitas* só pode ser um predicativo do sujeito.

31 – B. Usamos o sujeito indeterminado quando não sabemos determinar quem é o sujeito (fala do garoto) ou não desejamos torná-lo conhecido. Para isso, usamos o artifício de colocar o verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito.

32 – O item III. Para a identificação do sujeito, há uma técnica bastante usada e que normalmente funciona: pergunta-se ao verbo "O que...?" ou "Quem...?"; daí acha-se o sujeito. Portanto, vamos aplicar: "Quem subjugou os hindus?" Resposta: "Os ingleses subjugaram.". Logo, o sujeito de *subjugaram* é *os ingleses*. Simples, não? "O que se cometeu contra os hindus?" Resposta: "Incontáveis violências se cometeram (foram cometidas).". Logo, o sujeito de *Cometeram-se* é *incontáveis violências*, cujo núcleo é o substantivo *violências*. Safo? Vale dizer que no segundo caso estamos diante de uma voz passiva sintética, em que o verbo vem acompanhado da partícula apassivadora *se*.

33 – C. Vamos nos ater aos termos essenciais da oração. Na letra B, a partícula *se* do enunciado não exerce a mesma função que a outra. A primeira é apassivadora; para tirar a "prova dos 9", basta passar da voz passiva sintética para a analítica (... não **se** devem esperar exames... = ... exames não devem **ser esperados**...). Lembrou-se das marcas de passiva sintética e analítica? Esta apresenta ***ser* + particípio** e aquela, *se* apassivador. Sobre a letra D, não há indeterminação do sujeito, pois o sujeito está explícito. *Bizu*: "O que não se deve esperar?" Resposta: "Exames de consciência mais profundos não se devem esperar.". Esta perguntinha ao verbo é coisa linda, não? Resolve na hora o *achamento* do sujeito.

34 – A. O verbo do enunciado (*proviriam*) exige complemento preposicionado. Veja a frase na ordem direta: "As pistas que indicariam o caminho proviriam destes". O que provém, provém **de**! Percebeu a transitividade do verbo? Ele é um transitivo indireto, ou seja, exige complemento preposicionado para ter seu sentido completo e para completar a estrutura sintática da frase. Imagina se eu falasse assim para você: "Aí, maluco, a dor muscular provém.". Você iria perguntar assim: "A dor muscular provém de quê, Pestana? Tá ficando maluco?". Enfim, eu tenho de completar a frase porque o verbo exige complemento, logo deveria dizer assim: "A dor muscular provém ***do*** *excesso de exercícios*.". "Aaaah! Sim! Agora entendi.", diria você. Beleza? Na letra A, o verbo *consistir* também é VTI, pois exige complemento

preposicionado. Veja: "a principal tarefa do historiador consistia ***em*** *estudar possibilidades de mudança social*". Safo?

35 – D. Note que a conjunção coordenativa *e* está ligando duas orações encabeçadas por verbos transitivos diretos: "Gates **afirmou** ser importante usar outros meios para convencer o Irã a não procurar ter armas nucleares **e** (Gates) **repetiu** as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar...". Quem afirma, afirma algo; quem repete, repete algo. Ambos são VTDs.

36 – ERRADO. O sujeito da oração é *os realmente capazes*. Veja na ordem direta: "Os (=Aqueles) realmente capazes (sujeito) só passam pela estreita peneira do programa.". Este *os* equivale a "aqueles", por isso é um pronome demonstrativo, núcleo do sujeito.

37 – ERRADO. Mais uma vez: verbo *haver* no sentido existir = oração sem sujeito.

38 – ERRADO. O sujeito do verbo *perceber* é indeterminado. Veja o trecho em que este verbo se encontra: "Não era preciso ser médium... para (alguém) perceber que a leniência...". Quem percebe? Qualquer um. Percebe a ideia de generalização, vaguidão, indefinição, indeterminação? Este é o terceiro caso de indeterminação do sujeito, pouco comum.

39 – ERRADO. O verbo da oração principal está na 3ª pessoa do singular, pois seu sujeito está em forma de oração subordinada substantiva subjetiva (sujeito oracional): **É** *verdade* ***isso*** *(que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas)* = ***isso*** *(que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas)* **é** *verdade* (na ordem direta). Então, esse papo de que o verbo está no singular porque o sujeito não está explícito é conversa para boi dormir. Cuidado com as pegadinhas do CESPE.

40 – ERRADO. O sujeito do verbo *chamar* **não é simples, mas sim indeterminado**. **Note que o verbo está na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito**. *Essa criança* é o objeto direto do verbo chamar. E *de Macunaíma* é o predicativo do objeto. Veja na ordem direta, sem a expressão expletiva **é que**: "(?) Chamaram essa criança de Macunaíma.". Detalhe importante: a expressão de realce (ou expletiva) **é que**, apesar de ter um verbo em sua construção, não é contada como oração!

41 – ERRADO. O verbo *faltar* nunca é impessoal, nem quando indica tempo: "Faltam dez dias para a prova.". Na frase em questão, o sujeito do verbo *faltar* é *o diabo do homem.*

42 – E. *Sofrer* e *precisar* são verbos transitivos indiretos. Ambos exigem um complemento (objeto indireto) iniciado pela preposição *de.*

43 – B. *Interferir* e *lidar* são verbos transitivos indiretos. Ambos exigem um complemento (objeto indireto) iniciado pela preposição *de* e *com*, respectivamente.

44 – B. Esta questão trabalha o conhecimento de transitividade verbal e sujeito indeterminado. Este verbo é transitivo indireto na frase do enunciado e na letra B, pois exige um complemento indireto (objeto indireto), ou seja, um complemento preposicionado. Quanto ao sentido, percebemos uma ideia de indeterminação do sujeito. Podemos indeterminar o sujeito por meio da colocação de uma partícula de indeterminação do sujeito junto ao verbo (que pode apresentar qualquer transitividade) na 3ª pessoa do singular (*Pensa-**se*** logo num palhaço.) ou por meio do uso do verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito (Pensam logo num palhaço.), normalmente.

45 – B. No enunciado, o verbo *respirar* é intransitivo e *aliviado* é um predicativo do sujeito, logo tempos um predicado verbo-nominal. Na letra B, o verbo *nomear* é transobjetivo, logo exige um objeto direto mais um predicativo do objeto, logo temos também um predicado verbo-nominal.

46 – D. Note que o verbo *ser* liga o sujeito ao **predicativo do sujeito** em ambos os casos.

47 – D. I: Certo. Quarto quadrinho. II: Certo. Segundo quadrinho. III: Certo. Respectivamente: *minhocas aquáticas, alguém, essa minhoca, essa minhoca, minha lógica.*

Capítulo 20

Gabarito

1 – CORRETA. O substantivo abstrato *acesso* exige quatro complementos nominais coordenados: "Ela antes tinha **acesso** *ao* sistema *financeiro habitacional, a* universidades públicas, à expansão *de empresas estatais cheias de ofertas de trabalho e à* indexação, que reajustava o dinheiro nos bancos".

2 – A. O objeto indireto pleonástico é representado pelo pronome oblíquo átono *lhe*, uma vez que já existe objeto indireto na oração, a saber: *A Rafael*. Como você sabe, um termo pleonástico pode ser retirado da frase sem alteração sintática ou semântica, logo veja a frase na ordem direta sem o *lhe*: *Chamaram (VTI) a Rafael (OI) covarde (POI).*

3 – ERRADO. O verbo *reduz* é transitivo direto e indireto, exigindo um só objeto direto e um só objeto indireto, portanto não há objeto direto composto por dois núcleos. Veja: *"... reduz (VTDI) a tenacidade do esforço humano (OD)... ao humilhante plano da causalidade ou do fatalismo (OI)"*. A expressão *em centenas e centenas de séculos* é um adjunto adverbial de tempo, não um complemento verbal.

4 – B. O termo preposicionado do enunciado completa o sentido do nome *assistência*, logo é um complemento nominal. O mesmo se dá com *a contrabando*, que é complemento nominal do substantivo *repressão*. A: Adjunto adverbial de lugar. C: Adjunto adverbial de modo. D: Adjunto adverbial de modo. E: Predicativo do objeto direto.

5 – INCORRETA. Reveja os contextos: *"... como o inimigo que haveria de ser derrotado, acabou na verdade* por nos vencer. "/ "*... estaremos caindo numa sociedade do homem e da mulher medíocres onipresentes, governados* por altas mediocridades. ". Os termos preposicionados sublinhados não exercem a mesma função sintática, pois só o segundo exerce função sintática. O primeiro na verdade faz parte de uma locução verbal: *acabou por vencer*, não exercendo função sintática alguma. O segundo, sim, exerce função sintática de agente da passiva. Voz passiva analítica: "... (sendo) governados por altas mediocridades" = voz ativa: "... altas mediocridades nos governando". Esse teste de passagem de voz verbal ajuda muito a identificação do agente da passiva. Se você pensou que *por altas mediocridades* era complemento nominal, enganou-se.

6 – D. Os verbos *prevalecer* e *participar* são VTIs, exigem complemento preposicionado (objetos indiretos, respectivamente: *no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos* e *no rito das danças guerreiras*).

7 – E. Quem paga, paga algo **a alguém**. Logo, *a ele* (em "eu não pago a ele") é um objeto indireto, complemento do verbo pagar. Inclusive o verbo pagar é curioso, pois o objeto direto é sempre uma coisa e o objeto indireto é sempre uma pessoa (física ou jurídica ou ser personificado).

8 – C. Esta questão trata da diferença entre sujeito e objeto direto. Normalmente o sujeito vem antes do verbo, e o objeto direto vem depois. Mas, nessa questão, a ideia era saber se você conseguia perceber a diferença. A única opção que não apresenta um sujeito é a C, pois *o acesso* é o alvo da ação de democratizar, o objeto direto. Coloque na ordem direta os demais e verá o sujeito.

9 – CORRETA. O adjetivo *ultraconsciente* exige um complemento preposicionado pela preposição *de*, afinal, quem é (ultra)consciente, é (ultra)consciente *de* alguma coisa. Portanto, *de seu ofício* é um complemento nominal.

10 – CORRETA. Quem assegura, assegura algo (a cobertura mais completa possível) a alguém (aos (= àqueles) que buscam a proteção dos planos de saúde). Logo, a expressão não tem função de objeto direto.

11 – ERRADO. Novamente o sujeito vem depois do verbo, parecendo ser um objeto direto, mas coloque na ordem direta e verá que se trata de um sujeito: (... não sei quanto tempo *essa minha angústia* durou...). O que durou? Resposta: "essa minha angústia" (sujeito). Safo?

12 – ERRADO. O termo em itálico não é complemento do verbo chamar. O complemento deste verbo é o pronome relativo *que*. Você sabia que os pronomes relativos podem exercer função sintática? Podem sim! Basta você substituir o relativo pelo termo anterior e analisar sintaticamente a oração. Veja: "Kant inicia <u>a exposição da ética</u>, **que** ele chama *metafísica dos costumes...*". Ele chama <u>a exposição da ética</u> *metafísica dos costumes*. Portanto, o pronome relativo exerce função de complemento verbal, uma vez que, quando o substituímos pelo antecedente, descobrimos

a função sintática do termo sublinhado, a saber: complemento verbal (objeto direto). Esse termo em itálico é o predicativo do objeto direto. Lembre-se: o verbo *chamar*, no sentido de "apelidar", "cognominar", "julgar", "classificar", é chamado de transobjetivo, pois exige um objeto + um predicativo do objeto. Percebeu que a preposição *de* é facultativa ao iniciar o predicativo do objeto? Portanto, a afirmação desta questão não procede, por dois motivos: 1) *metafísica dos costumes* não é complemento verbal, mas predicativo do objeto e 2) a preposição *de* não é obrigatória antes do predicativo.

13 – CERTO. O verbo *considerar* é VTD, logo exige um objeto direto, que vem em forma de oração. Dondonim considera o quê? Resposta: "que o assistencialismo oficial prejudicou os índios" (OD).

14 – ERRADO. O pronome *lhe(s)* nunca exerce função de objeto direto. Note também que o verbo emitir é VTDI: quem emite, emite algo (os títulos respectivos) a alguém (lhes = a eles).

15 – CERTO. Perfeito! Este termo é um agente da passiva, por isso é o agente da ação verbal. A oração em que se encontra apresenta sempre verbo na voz passiva. O que é possível tornar o trecho na voz ativa, lembra? Veja: "Criminosos que andavam livremente pelas ruas com fuzis e metralhadoras **dominavam** uma área tão populosa.". O agente da passiva vira sujeito agente (é claro!) na ativa, percebeu?

16 – A. A locução verbal *havia atormentado* apresenta um verbo principal transitivo direto (quem atormenta, atormenta alguém). Logo, o *o* (pronome oblíquo átono, que normalmente exerce função de objeto direto) é de fato um objeto direto em "caso de assassinato que **o** havia atormentado". Os demais em negrito são artigos, e todos os artigos exercem função de adjunto adnominal. Sempre!

17 – A. Quando se diz que um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio) é transitivo, isso significa que ele exige complemento. O substantivo *pronunciamento* de fato exige um complemento. Quem faz um pronunciamento, faz um pronunciamento **a** alguém. Percebe que é isso que se dá no contexto da questão? "Em **pronunciamento a**o conselho diretor...". Assim como o verbo exige complemento, alguns nomes também exigem complemento. Por isso, letra A!

18 – B. Um complemento nominal oracional é um complemento nominal em forma de oração, que recebe o nome de **oração subordinada substantiva completiva nominal**. O substantivo *preocupações* exige um complemento iniciado pela preposição *de*. Portanto, *de que ações militares somente iriam retardar* é um complemento nominal oracional de *preocupações*.

19 – CORRETA. *Trasladar* é VTDI: *trasladam (VTDI) para o papel (OI) alguma coisa da sua frescura e novidade (OD).*

20 – A. Esta era para não errar. O verbo pede um complemento sem preposição, logo OD na cabeça!

21 – INCORRETA, pois *o endereço e a literatura desta missiva* é o sujeito composto do verbo surpreender. Como o sujeito composto vem depois do verbo, este pode concordar com o núcleo mais próximo, ficando no singular. Sobre *vos*, saiba que é um simples objeto direto, complemento direto do verbo surpreender.

22 – CERTO. De fato, *Que Demócrito não risse* é o objeto direto oracional do verbo *provar*. O *o* é só um objeto direto pleonástico, que retoma o objeto direto que já existe, a saber *Que Demócrito não risse*.

23 – A. O verbo *confessar* é VTDI, em que *"que entendo* de arquitetura é objeto direto oracional e vos, objeto indireto, ou seja, complementos verbais. E *de arquitetura* é objeto indireto de *entender*. Assim, ambos os elementos sublinhados são complementos verbais.

24 – CORRETA. A voz é ativa porque o sujeito pratica a ação verbal e *umas bugigangas* é o objeto direto de *anunciar*.

25 – CERTO. O verbo está na voz passiva analítica (foi ultrapassada) seguido de um agente da passiva, ou seja, o agente da ação verbal (pelas redes transnacionais de poder). Para provar isso, passe para a voz ativa: As redes transnacionais de poder *ultrapassou sua soberania*. Lembre-se de que o agente da passiva é o sujeito da ativa.

26 – A. O verbo *dedicar*, do enunciado, é VTDI, logo exige um complemento direto (os meses de verão) e um complemento indireto (à criação musical). O verbo *ter* é VTD, logo exige um complemento direto (influência central). Assim, *influência central* e *os meses de verão* são objetos diretos.

27 – A. O substantivo *construção* exige um complemento nominal, logo *de hospitais* é um CN.

28 – E. Não só o verbo *sofrer* exige um complemento preposicionado (o objeto indireto *de imensas deficiências de nutrientes*) mas também o verbo *precisar* exige um complemento igualmente preposicionado (o objeto indireto *deles*). Portanto, ambos os verbos são VTIs seguidos de OIs.

29 – B. *Interferir* e *lidar* são verbos transitivos indiretos. Ambos exigem um complemento (objeto indireto) iniciado pela preposição *de* e *com*, respectivamente.

30 – C. Os verbos *crer* e *pensar* são transitivos indiretos e exigem, óbvio, objetos indiretos: *no mundo* e *nele*. O nome *doente* exige um complemento nominal, a saber: *dos olhos*.

31 – B. Note que a frase está na voz passiva analítica (tem sido combatida), em seguida vem o agente da passiva *pelos médicos*. Prova disso é a passagem para a voz ativa: *Os médicos têm combatido muito a ansiedade hoje em dia*. A: Objeto indireto. C: Adjunto adverbial de tempo. D: Complemento nominal.

32 – D. A expressão *de nossos sonhos* é um complemento nominal, tendo como núcleo *sonhos* e *nossos* seu adjunto adnominal.

33 – C. O verbo *guardar* é VTD e exige um objeto direto (*o telefoninho*). Nas demais opções, os termos sublinhados são sujeitos. Não se deixe enganar pelo sujeito deslocado.

34 – D. No item I, temos um verbo transitivo indireto, logo *de futebol* exerce a função sintática de objeto indireto. Esse é mole! Mas, agora, muita atenção, meu nobre! No item II, apesar de ser tentador acharmos que *de emoção* cumpre a mesma

função, temos de lembrar que o verbo *chorar* é intransitivo. Assim, o termo em destaque está cumprindo a função de adjunto adverbial de causa, pois indica o motivo pelo qual *Ele* estava chorando.

35 – B. O verbo *deixar* é VTDI, logo *pra Zé Patife* é objeto indireto, e *bainha* é objeto direto.

36 – D. Parece um objeto direto, mas o verbo *nascer* é *intransitivo*, antes de mais nada. Esta é uma das questões em que a banca trabalha a sua capacidade de diferenciar sujeito de objeto direto. Note que o verbo concorda com o termo mais próximo do sujeito composto posposto, ficando no singular. Na ordem direta, seria assim: "A vida e a transformação nascem da morte do velho.".

37 – C. "Nos estudos citados pelos autores..." = "Nos estudos que os autores citaram...". Se é possível passar da voz passiva analítica para a voz ativa, é certo que se trata de um agente da passiva.

38 – D. a) O substantivo *batalha* exige um complemento iniciado pela preposição *por*, logo CN. b) O substantivo *fé* exige um complemento iniciado pela preposição *em*, logo CN. c) O substantivo *amor* exige um complemento iniciado pela preposição *por*, logo CN. e) O substantivo *falsificação* exige um complemento iniciado pela preposição *de*, logo CN. Note o valor de alvo de uma ação, o valor passivo do CN em todos esses casos. Agora, em d), o complemento preposicionado é um objeto indireto do verbo batalhar. Não confunda CN com OI.

Capítulo 21

Gabarito

1 – A. Abrindo os caminhos com a famosíssima diferença entre ADN e CN. O termo *das estradas* tem valor passivo, pois sofre a ação, logo... complemento nominal. Assim como o substantivo abstrato (manutenção) exige um complemento preposicionado, o adjetivo *fundamental* também exige (o que é fundamental é fundamental **a/para**).

2 – B. Mais uma diferença, dessa vez entre adjunto adverbial e agente da passiva. Note que só na B há a locução verbal formada por *ser* + particípio, típica da voz passiva analítica. Sendo assim, *pelo rio* é o agente da passiva. Para bater o martelo, passe para a voz ativa: "... o rio levou alguns animais...".

3 – CORRETA, pois o aposto explicativo é um termo que vem separado por pontuação (vírgula(s), travessão(ões) ou parênteses) para explicar um termo anterior, normalmente.

4 – D. Esta questão trata, mais uma vez, daquela velha e polêmica diferença entre CN e ADN. O complemento nominal vem ligado a um substantivo abstrato e o adjunto adnominal vem, normalmente, ligado a um substantivo concreto. Como **mundo** é concreto, *de tribos* é adjunto adnominal. No caso do enunciado, o adjetivo *benefícios* exige um complemento, logo *a amplos setores* é um complemento nominal. A confusão entre CN e ADN só ocorre quando o termo preposicionado está ligado a um substantivo abstrato. Se o termo preposicionado vier ligado a um adjetivo ou advérbio — NÃO RESPIRA! —, complemento nominal *nas cabeças*.

5 – B. Sempre que uma locução adjetiva estiver ligada a um substantivo concreto, não pestaneje, ela exercerá função sintática de adjunto adnominal. Sempre! Como a palavra *epidemia* é um substantivo concreto, *das doenças crônicas* exerce função sintática de adjunto adnominal, assim como o adjetivo *nacionais* ligado a um substantivo (autoridades) também exerce esta mesma função sintática.

6 – D. De acordo com alguns gramáticos, principalmente modernos, quando o *lhe* tem valor possessivo, exerce função sintática de adjunto adnominal. Ao dizer "Eugênio examinava-lhe as mudanças do rosto com comovida atenção", isso equivale a "Eugênio examinava as mudanças do **seu** rosto..." ou "Eugênio examinava as mudanças do rosto **dele**...". Daí ser classificado como adjunto adnominal tal qual *de uma criança* (valor de posse) em "Salvara a vida **de uma criança**".

7 – II. A expressão entre travessões é um aposto explicativo do termo anterior (profissionais). Lembre-se de que o aposto pode vir entre vírgulas, entre travessões ou entre parênteses.

8 – B. Trata-se de um vocativo, pois, além de indicar um chamamento, *coração* é o interlocutor.

9 – B. Trata-se de um vocativo, pois, além de indicar um chamamento, *querido* é o interlocutor. Mais interessante do que tudo é o fato de um adjetivo (*querido*) virar um substantivo no contexto.

10 – C. Apesar de não ser comum o aposto vir antes do termo a que se refere, temos aí um belo exemplo disso. Veja na ordem comum: "O ex-ministro Antonio Delfim Netto, arquiteto e engenheiro da prosperidade do "milagre econômico", está convencido (...)".

11 – A. Simples! Algo para ser visto por **onde**, por qual **lugar**? Resposta: "pela janelinha do carro" (adjunto adverbial de lugar modificando o verbo ver).

12 – E. Assim como o nome *controle* exigiu um complemento nominal (dos resíduos radioativos), o nome *danosa* também o fez (o que é *danoso,* é *danoso* **a**o meio ambiente).

13 – INCORRETA. O aposto não vem representado por um adjetivo, logo *justas* e *equilibradas* jamais poderiam ser um aposto, só para começar. Perceba que o predicado é nominal (são mais *justas, equilibradas, honestas...*), logo os termos têm função de predicativo do sujeito.

14 – INCORRETA. *Jean-Claude Trichet* está entre vírgulas por se tratar de um aposto explicativo.

15 – C. Colocando na ordem direta fica mais fácil perceber a função sintática dos termos; veja: "...e como eu ia dizendo, você andar devagar e ser assaltado por mim (agente da passiva) do que correr e ser assaltado pelo radar é muito mais econômico (predicativo do sujeito). E eu nem somo pontos em sua habilitação (adjunto adverbial de lugar (virtual))!".

16 – A. Muito boa a questão, que trabalha a diferença entre agente da passiva e adjunto adverbial. Não podemos passar para a voz ativa, logo o termo não se trata de

um agente da passiva, mas sim de um adjunto adverbial de causa: "... as oportunidades acabam definitivamente perdidas por causa da desistência dos potenciais empregadores.".

17 – CERTO. De fato as funções são distintas! No primeiro segmento, o termo é complemento nominal de *gosto* (quem tem gosto, tem **gosto *por***). No segundo segmento, o termo é um adjunto adverbial de meio, modificando o verbo *revelar*.

18 – D. As expressões às vezes e *Em breve* exercem função sintática de adjunto adverbial de tempo. As expressões às pampas e *em excesso* exercem função sintática de adjunto adverbial de intensidade.

19 – ERRADO. A justificativa da banca diz respeito à classificação de aposto. E "um dos pioneiros na pesquisa sobre mídia pública no Brasil" é um aposto explicativo, desde criancinha.

20 – ERRADO. Ambas as expressões têm sentido possessivo, logo são **adjuntos adnominais**, e não **complementos** nominais.

21 – CERTO. É aposto explicativo de CO2.

22 – A. O enorme tronco dá uma descarga de água para as raízes **quando**? *Na iminência de um temporal*, ou seja, quando se aproxima uma tempestade. Percebeu que o adjunto adverbial de tempo *na iminência de um temporal* foi substituído por uma oração subordinada adverbial de tempo *Quando se aproxima uma tempestade*? Isso ocorre porque a oração subordinada adverbial exerce função de adjunto adverbial, também chamada de adjunto adverbial oracional.

23 – D. *Hugo Sarmento* especifica colégio, logo é um aposto especificativo. O termo *uma ferramenta virtual*, objeto direto, é complemento do verbo *levar*. Agora, você percebeu a diferença entre agente da passiva e complemento nominal no termo *pelo microblog*? E é isso que faz você acertar a questão. Não podemos dizer que é um complemento nominal, pois é possível passar para a voz ativa o trecho, transformando o agente da passiva em sujeito da ativa. Veja: "O limite de 140 caracteres

imposto **pelo microblog Twitter**...” (voz passiva) – “O microblog Twitter impõe o limite de 140 caracteres...” (voz ativa).

24 – B. Os termos sublinhados têm valor passivo, logo são complementos nominais: *consolidação* ***da democracia*** = a democracia é consolidada/ *desenvolvimento* ***da cidadania*** = a cidadania é desenvolvida.

25 – B. Um complemento nominal oracional é um complemento nominal em forma de oração (apresenta um verbo em sua constituição). O substantivo *preocupações* exige um complemento iniciado pela preposição *de*. Portanto, *de que ações militares somente iriam retardar* é um complemento nominal de *preocupações*.

26 – A. Na letra A, observe que o primeiro verbo termina em ditongo, logo o pronome oblíquo átono poderá ser *-no, -na, -nos, -nas*. Como o núcleo do complemento verbal é feminino singular, usaremos *-na*. Não poderia *rolar* a próclise porque não há palavra atrativa alguma. Sendo assim, “legitimavam-**na”**. No segundo momento, o pronome *lhe*, como já vimos, exerce função de objeto indireto (= *a ele*(a)): “atribuindo-lhe”. Quanto à colocação pronominal, ok, pois não há palavra atrativa. Quanto ao uso do *lhe*, sabemos que ele substitui complementos verbais preposicionados (objeto indireto). Para fechar o comentário, observe o contexto do terceiro momento: “... que **a** tornava...”. O *que* é uma palavra atrativa, portanto, o pronome átono fica antes do verbo. O pronome é feminino singular, pois substitui expressão feminina singular.

27 – E. O *lhe* é usado pela FCC para substituir qualquer objeto indireto, seja coisa ou pessoa. Comentando só a letra E: no primeiro caso, o verbo *agregar* exige complemento preposicionado (ao nosso espírito; objeto indireto), logo usemos o *lhe*. No segundo caso, o vocábulo *que* atrai o pronome oblíquo átono, logo fica “**o** distinguirão”. Lembra que, apesar de o verbo estar no futuro, a preferência é a próclise? Além disso, o pronome está no masculino singular, pois substitui uma expressão substantiva masculina singular. Por fim, no terceiro caso, usemos o *lhe* de novo substituindo *ao nosso espírito*, termo preposicionado (objeto indireto).

28 – B. Quem acompanha acompanha algo/alguém. Portanto, o verbo é transitivo direto, exige objeto direto. Os pronomes oblíquos átonos que exercem função de

objeto direto são *-o, -a, -os, -as* (e variações). Como a palavra *tragédia*, núcleo da expressão substantiva, é feminina singular, o pronome a ser usado é *a*. Logo, "... o mundo acompanhou-a ou o mundo a acompanhou". A colocação é facultativa, pois antes do verbo não há palavra atrativa. O complemento do verbo *atribuir* é preposicionado, porque quem atribui atribui algo **a** algo/alguém. Como a gente já sabe que a FCC coloca *lhe* para substituir qualquer termo preposicionado por *a* ou *para*, que assim seja. O uso do *lhe* neste caso está correto, pois ele tem função de objeto indireto. Sua colocação está adequada porque o pronome indefinido *ninguém* serve de palavra atrativa, daí a próclise. Quem toma toma algo. O verbo pede um complemento não preposicionado, logo usamos *-o, -a, -os, -as* (e variações). Como o verbo termina em **-r**, usamos *-lo, -la, -los, -las*, lembrou? Por isso, "... chegaram a tomá-la". O *-la* substitui o substantivo feminino singular *tragédia*.

29 – B. O pronome oblíquo átono *lhe* normalmente exerce função de objeto indireto, por isso aparentemente não haveria problema em usar tal pronome para substituir *ao debate*; no entanto, o *lhe* não é usado como complemento de alguns verbos, como *aludir, anuir, aceder, aspirar (almejar), assistir (ver), escarnecer, proceder, presidir, recorrer, referir (aludir), visar (almejar)*, como já vimos na teoria.

30 – A. Tenha sempre em mente também que o *se* pode ser conjunção (integrante, condicional, causal, temporal) ou pronome oblíquo átono (com aquelas funções todas). Beleza? Vamos lá! O primeiro *se* do enunciado é uma conjunção condicional, equivale a "caso" (Caso não se cuide...). O segundo *se* é um pronome reflexivo (se cuidar = cuidar de si mesmo). Na letra A, a análise é idêntica: "Tire um tempo livre *caso* queira tratar *de si*.". Veja as demais alternativas: b) "Ele se **considera sabido** se **acerta todas as questões.**" (*se considera* = considera a si mesmo: pronome reflexivo/*se acerta* = quando acerta: conjunção temporal). c) "O consumidor virá queixar-se, se **você não devolver o produto.**" (*queixar-se* : partícula integrante do verbo/*se você* = caso você: conjunção condicional). d) "Formaram-se **diversos grupos para debater** se **é o melhor momento.**" (*formaram-se diversos grupos* = diversos grupos foram formados: pronome apassivador/*se é o melhor momento*: conjunção integrante). e) "Se **ele desconhecia** se **ia adotar uma nova política, por que tocou no assunto?**" (*se ele desconhecia* = já que ele desconhecia: conjunção causal/*se ia adotar*: conjunção integrante). Falarei de conjunção integrante só no capítulo de conjunção.

31 – ERRADO. Só os adjuntos adverbiais do primeiro grupo indicam valor semântico de **meio**. Os demais indicam **causa**, e não **meio**. Veja esta reescritura na ordem direta: "Vós inutilmente matastes *por que razões (causas)*? *Por fictícia autoridade, por vãs razões, por falsos motivos.*".

32 – B. Diferença entre adjunto adnominal e predicativo do sujeito. O adjunto adnominal vem junto do nome, não separado por pontuação nem distante do sujeito sendo ligado por verbo de ligação... como nos demais casos.

33 – E. Esta questão mistura regência nominal com a questão da diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal. Qual é a diferença? A essa altura do campeonato, já sabemos, não é? Mas não custa relembrar a diferença mais importante: o complemento nominal tem valor passivo e o adjunto adnominal tem valor ativo (ou de posse). No enunciado, note que o adjetivo exige um complemento nominal iniciado pela preposição *a*. O que é essencial é **a** (ou **para**). A opção E é a única que não apresenta um nome exigindo um complemento, porque *de cada pessoa* indica posse em relação a *valores*, logo é um adjunto adnominal. Veja as demais: a) *a* ***observância*** da felicidade coletiva./b) ***acesso*** aos básicos serviços públicos./c) ***crença*** na contínua evolução da sociedade./d) *a* ***pretensão*** *legítima* ao seu atendimento. Todos os termos sublinhados são complementos nominais, pois são termos exigidos pelos nomes negritados.

34 – C. O primeiro termo estabelece uma relação de posse, logo trata-se de um adjunto adnominal. O segundo é um termo exigido pelo nome *necessidade* (quem tem necessidade tem necessidade **de**).

35 – C. O termo *por mim* é um agente da passiva, pois pode se tornar um sujeito da ativa. O termo *em Belo Horizonte* é um adjunto adverbial de lugar, pois modifica o verbo *estar*. O objeto direto oracional *que fiques triste* é um complemento do verbo transitivo direto *querer*. O termo *aos pobres* é um objeto indireto, pois complementa o verbo transitivo direto e indireto *doar*.

36 – ERRADO. Bechara e Francisco Fernandes entendem que o *se* do verbo *tratar-se* é partícula integrante do verbo. A maioria dos gramáticos (Cegalla, Kury...), porém, veem tal *se* como partícula de indeterminação do sujeito. Já o *se* ligado ao verbo

encontrar, que é transitivo direto, é partícula apassivadora (... *o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos = o lugar em que centenas de milhares de rolos eram encontrados*). Logo a classificação do *se* é diferente.

37 – A. Trata-se de um aposto, pois explica o termo anterior.

38 – B. Note que *as* é complemento verbal do VTD *coordena*, por isso é um objeto direto. Já *a Organização das Nações Unidas (ONU)* é um aposto explicativo de *organismo máximo*. Por último, *pelos cinco países* é um agente da passiva. Passe para a voz ativa e comprove: "*Os cinco países* controlam o organismo máximo que as coordena...". Percebeu que o AGP virou sujeito? Fácil!

39 – D. O objeto, o instrumento usado para redigir foi o lápis, logo *a lápis* é um adjunto adverbial de instrumento.

Capítulo 22

Gabarito

1 – CERTO. Se aquele seu professor dissesse para você que "oração coordenada é aquela que tem sentido (!) completo", você se daria mal nessa. Desde quando "Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, só se aprende" tem s-e-n-t-i-d-o completo? Nunca! Mas a estrutura sintática está completa, pois tem sujeito e predicado: Mas <u>leitura, quer do mundo, quer de livros</u>, (sujeito) <u>só se aprende</u> (predicado). Cuidado com o que ensinam por aí... Vamos à explicação completa! Há coordenação, pois as orações são sintaticamente completas, por isso independentes do ponto de vista sintático. Oração 1: "Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, só se *aprende*". Oração 2: "e se *vivencia*, de forma plena, coletivamente, em troca contínua de experiências com os outros". Ambas as orações têm estrutura sintática completa.

2 – D. Se uma oração é iniciada por uma conjunção adversativa, toda ela terá valor adversativo em relação à oração anterior, nunca indicará causa ou outro valor. A afirmação da letra D não procede. Sobre B, a afirmação procede, pois a série aditiva enfática "tanto... quanto..." estabelece a relação aditiva. Sobre E, a afirmação também procede; veja a reescritura proposta: "A tarefa é tornar o jogo

verdadeiramente democrático e *não* (tornar) mera legitimação da impetuosidade arrivista de líderes mais preocupados com o sucesso pessoal que com as causas sociais.”.

3 – Ambas estão **CORRETAs**. Sobre a primeira, perceba que há uma relação de causa e consequência marcada pela conjunção *e*, que tem valor semântico conclusivo/consecutivo. Veja: “essas facilidades acabaram (causa) e (consequentemente/portanto) a classe média passou a ter mais gastos”. A reescritura “com o fim dessas facilidades, a classe média passou a ter mais gastos” mantém a mesma relação de sentido, pois “com o fim dessas facilidades” é um adjunto adverbial de causa, seguido de sua consequência “a classe média passou a ter mais gastos”. Sobre a segunda, a reescritura abona a afirmação de que há uma relação de contraste: “É como se ela tivesse viajado sempre de executiva e (= mas) agora tivesse de andar de econômica”.

4 – B. Questão nível *Teletubbie*! Qual é a única oração iniciada por uma conjunção coordenativa aditiva, que, obviamente, expressa adição? Preciso dizer? E olha que era prova de nível superior...! Em A, temos uma oração subordinada adjetiva restritiva; em C, temos uma oração coordenada sindética adversativa; em D, temos uma oração subordinada adjetiva restritiva; em E, temos uma oração subordinada adverbial temporal.

5 – C. “Joana tomou um sonífero e (= mas) não dormiu”. Segundo a tradição gramatical, classifica-se a oração iniciada por um “e” adversativo como oração coordenada sindética adversativa.

6 – C. Em *Não precisaremos voltar ao médico nem fazer exames*, a oração *Não precisaremos voltar ao médico* é assindética, pois não vem introduzida por síndeto (conjunção coordenativa) e a oração *nem fazer exames* é coordenada sindética aditiva, pois vem iniciada por uma conjunção coordenativa aditiva (nem). Simples assim.

7 – CERTO. Há paralelismo, pois há estruturas sintáticas semelhantes coordenadas: 1) você e eu (termos coordenados); 2) de um e outro lado das palavras (termos coordenados); 3) Eu dou as vozes, você dá a escritura (orações coordenadas assindéticas).

8 – INCORRETA. Há três orações, mas só duas estão coordenadas entre si (as ligadas pelo primeiro *e*). Veja: *Assim, a procura de alimentos de origem animal* cresceu *naqueles países* ***e*** criou *um desafio para os produtores e também para os plantadores de soja e de cereais usados na fabricação de rações.* O segundo e o terceiro *e* ligam termos, num paralelismo sintático perfeito, e não orações (para os produtores ***e*** *também* para os plantadores de soja ***e*** de cereais). A última oração é reduzida de particípio (usados na fabricação de rações).

9 – D. Para haver coordenação assindética, é preciso que não haja síndeto (conjunção) ligando as orações do período composto: *O ônibus chegou (1ª oração), despedimo-nos (2ª oração).*

10 – B. A conjunção aditiva *e* liga duas orações (oração = verbo): "cuidar... **e** instalar...".

11 – C. Lembra-se da dica? Se vier um verbo imperativo antes da oração iniciada por *que, porque, pois, porquanto...* "Voa, coração, ***PORQUE ele não deve demorar***" (Or. Coord. Expl.).

12 – C. As conjunções nos dão o gabarito. Veja: "**Porém** (conjunção adversativa), não podemos festejar a situação presente, **pois** (conjunção explicativa) para o progresso futuro precisamos ser obstinadamente inconformistas.".

13 – D. Novamente a conjunção nos dá o gabarito. A única oração iniciada por uma conjunção coordenativa conclusiva é a D (... ***portanto*** desistiu...).

14 – CORRETA. Autoexplicativa.

15 – INCORRETA. Perceba que o *pois*, entre vírgulas, é de fato uma conjunção coordenativa conclusiva, equivalente a *portanto*, que estabelece uma relação de conclusão com uma ideia anterior, não explícita no fragmento. Só que tem um detalhe: o *pois* inicia a primeira oração (*Vê-se*), e não a segunda, que é , por sua vez, iniciada por uma conjunção integrante *que* (... que o plano ético...). Sendo assim, a afirmação não procede.

16 – ERRADO. A relação não é de coordenação, mas sim de subordinação, pois a oração que pagam impostos quando consomem" serve de complemento para a 1ª oração (*sabem*).

17 – A afirmação é autoexplicativa. Corretíssima.

18 – E. Em relação à frase contida em E, a construção com "Mas ele não viveu confinado" possui lógica na articulação, pois indica que o autor, embora não tivesse feito mais nada, não viveu confinado.

19 – B. As conjunções *mas, porém* e a locução conjuntiva *não obstante* são adversativas; *posto que* é locução conjuntiva concessiva e exige verbo no subjuntivo (o que não ocorre na letra C, erradamente, pois a frase da C indica que posto que tem sentido equivalente a *visto que*, causal, mas a norma culta não abona essa visão sobre *posto que*). A única que tem valor explicativo é a conjunção *pois*, a qual inicia a segunda oração que explica a primeira.

20 – CORRETA. Vejamos o contexto novamente para saber se há ou não paralelismo: "*Não é possível* ***que ele pregue a autonomia*** (oração subordinada substantiva subjetiva), ***sem ser autônomo*** (oração subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo); ***que fale de liberdade*** (oração subordinada substantiva subjetiva), ***sem experimentar a conquista da independência*** (oração subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo), *que é o saber;* ***que ele queira que seu aluno seja feliz*** (oração subordinada substantiva subjetiva), ***sem demonstrar afeto*** (oração subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo*)". Há paralelismo sintático, pois há uma* ***repetição de mesma estrutura sintática****.*

21 – INCORRETA. Não há paralelismo sintático, pois os elementos, apesar de enumerados em uma estrutura de coordenação, não são semelhantes, pois não há paralelismo formado por termos e orações; ou se coordenam orações com orações, ou se coordenam termos com termos. Veja: *"falta o essencial* (em seguida vêm os apostos para explicar o "essencial") — *a* emoção (termo), *que é própria do homem, o* olhar (termo) *atento do professor,* ver (oração) *o professor gesticular, falar, a* interrupção *do aluno* (termo)…". Percebe que os apostos são formados por termos e orações? Logo não há paralelismo! Fique esperto! Só haveria paralelismo se assim

fosse: *"falta o essencial — a* emoção*, que é própria do homem, o* olhar *atento do professor, a* visão *do professor gesticulando, falando, a* interrupção *do aluno...".* Todos os apostos (substantivos) são termos sintáticos, e não orações. Foi?

22 – D. Gabarito oficial da banca: "O período I é formado por subordinação, isto é, uma oração principal, 'A curta existência de Álvares de Azevedo, um legítimo representante do Mal do Século, não permitiu', e outra subordinada substantiva objetiva direta, 'que houvesse uma edição de sua obra em vida", que completa o verbo 'permitiu' da oração principal. No período II, há uma oração coordenada assindética, 'A maior parte das histórias de Joaquim Manuel de Macedo é ambientada no Rio de Janeiro', e outra coordenada sindética aditiva, 'e nelas os heróis e as heroínas enfrentam obstáculos para a realização amorosa'. No período III, há uma oração coordenada assindética, 'Castro Alves, a voz mais importante da terceira geração romântica, não apenas defendeu os escravos', e outra sindética, conhecida como série aditiva enfática, que costuma ser usada quando se pretende enfatizar o conteúdo da segunda oração, 'mas também escreveu versos expressivos'.".

23 – A. São, de fato, duas orações coordenadas, pois uma não depende sintaticamente da outra, uma vez que têm estrutura sintática completa: "A quadrilha estava em dois carros" (1ª oração) "e usava armas longas e fuzis" (2ª oração). Ambas têm sujeito e predicado.

24 – A assertiva I está **CORRETA**. A oração coordenada sindética aditiva é introduzida pela expressão *mas também* (*... mas também estabelece regras...*), que forma uma série aditiva enfática em relação à expressão anterior *não só* (*... trouxe... não só a possibilidade...*). A oração coordenada sindética alternativa é mais fácil de ser identificada, pois é iniciada pela conjunção alternativa *ou* que liga duas orações subordinadas: "*...que as dirigem* <u>ou</u> *que agem em seu nome*". Percebeu que as conjunções nos mostram o gabarito? Fique atento a elas!

25 – D. Note as conjunções e *voilà!*: *Você não estuda,* ***nem*** *me deixa estudar. Faça silêncio,* ***que*** *quero ouvir a explicação. Você quer que eu participe de suas brincadeiras durante as aulas,* ***e*** *(= mas) nenhuma influência externa vai me atrapalhar.*

26 – D. Conforme já vimos, a oração aditiva é iniciada pela parte da correlação aditiva "não só... mas também", que constitui uma oração coordenada aditiva: "mas também *observava tudo com atenção"*.

27 – C. Em III, há uma oração coordenada sindética explicativa, iniciada pela conjunção coordenativa explicativa *pois*.

28 – C. Aplicação de mero conhecimento de conjunção coordenativa. O *pois* entre vírgulas tem valor conclusivo (= *portanto*). O *que* vem depois de verbo no imperativo, logo tem valor explicativo (= *porque*). *Por conseguinte* é uma locução conjuntiva coordenativa conclusiva, sempre. *Não obstante* (ou *nada obstante*) seguido de verbo no indicativo é sempre uma locução conjuntiva coordenativa adversativa.

29 – D. A conjunção *pois* pode ter valor causal a), explicativo b) ou conclusivo c) – (entre vírgulas; = *portanto*). O único período que apresenta orações que não mantêm uma relação estabelecida por *pois* é a D, pois entre elas há uma ideia de conclusão, mas o *pois* não está entre vírgulas. Só estaria certa a D se estivesse redigida assim: "A festa foi planejada durante seis meses; não haverá, **pois** (= portanto), surpresas desagradáveis".

30 – B. *Pedro não foi para a escola* ***e nem*** *para o trabalho. = Pedro não foi para a escola* ***e não foi*** para o trabalho. Logo, a oração é coordenada sindética aditiva.

31 – C. O período é composto por coordenação pois as orações são sintaticamente independentes entre si.

32 – A. As assindéticas não são ligadas por conjunção, logo só pode ser a letra a), *pois*, nas demais opções, as conjunções coordenativas estão presentes: b) *e*, c) *porém* e d) *ou*.

33 – B. Observe a conjunção coordenativa *mas* ligando as orações. Isso é uma marca de clara coordenação.

34 – B. As orações coordenadas assindéticas são *vai chover, esfriar, gear*, pois são sintaticamente independentes uma da outra.

Capítulo 23

Gabarito

1 – C. Se, após verbo no imperativo, vier a conjunção *porque* (*que, pois ou porquanto*), a oração será coordenada sindética explicativa. Sem pestanejar. Por exclusão, as demais são subordinadas adverbiais causais.

2 – E. A oração sublinhada carrega a ideia de consequência em relação à anterior, logo ela é coordenada sindética explicativa. Releia na teoria a diferença entre oração explicativa e causal.

3 – D. Note aí mais uma questão, além daquela da UERJ que eu lhe mostrei na teoria, que fica "em cima do muro" no sentido de asseverar se a oração iniciada pelo *porque* é causal ou explicativa. Note que a B e a C se excluem por dizerem o mesmo.

4 – B. Preferi tratar desta questão neste capítulo por causa da diferença entre causa e explicação, novamente. Sei que a questão trata de classe gramatical, mas vou "puxar a brasa para a sardinha" deste capítulo, ok? Vamos nos ater só ao *porque* da segunda e da terceira frase, respectivamente. O *porque* introduz uma ideia de causa em porque *o carro que a conduzia quebrou*, sendo a consequência *Ela não chegou*. Logo, na segunda frase, a oração porque *o carro que a conduzia quebrou* é subordinada adverbial causal. Na terceira frase, a oração porque *preciso dela aqui* não provoca, não causa diretamente o conteúdo da oração *Gostaria que ela chegasse logo*, por isso porque *preciso dela* se aproxima mais de uma oração coordenada sindética explicativa.

5 – B. Note que, para constituir uma oração, falta um verbo no trecho "Um estudo da Fundação Getúlio Vargas, intitulado 'Miséria em Queda', baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE,". Por isso, gera-se uma incoerência, um certo estranhamento na leitura do período. Melhor seria se estivesse redigido assim o período: "<u>Um estudo da Fundação Getúlio Vargas</u>, intitulado 'Miséria em Queda', baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE, <u>apresentou alguns pontos positivos</u>, confirmando que a miséria no Brasil caiu em 2004, e atingiu o nível mais baixo desde 1992.".

6 – A. Em A, faça aquela "jogada" que eu lhe ensinei na teoria: "Vivemos hoje **em um universo**" (adjunto adverbial de lugar). Nas demais, todos os pronomes relativos têm função de sujeito.

7 – A. Exemplo clássico de oração subordinada substantiva predicativa: Sujeito (*o fato*) + verbo *ser* (é) + oração predicativa (*que transparência deixou de ser...*). A oração sublinhada exerce função sintática de predicativo do sujeito do verbo da oração principal. Muito fácil!

8 – ERRADO. Veja: "como se chama o (aquilo) ***que*** sinto" (= eu sinto ***aquilo*** (objeto direto)). Agora veja: "e (uma pessoa) ***que*** não gosta mais da gente" (= ***uma pessoa*** não gosta mais da gente (sujeito)). Logo, como se viu, os pronomes relativos exercem funções sintáticas diferentes.

9 – E. O *pois* pode ser uma conjunção explicativa, conclusiva ou causal. Note que a banca foge pela tangente quanto à diferenciação entre oração explicativa e causal, por dar a entender, na letra A, que a conjunção *pois* é **subordinativa explicativa** (?), quando a gente sabe que não existe oração subordinada adverbial explicativa mas sim causal. Na verdade, a banca poderia ter criado uma polêmica ao colocar na letra A assim: "uma conjunção subordinativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de causa". Desse modo, resta-nos a letra E, o *pois* é uma conjunção coordenativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de explicação (oração coordenada sindética explicativa).

10 – C. Mais uma questão de relação de causa e consequência entre orações. Veja: *O barulho no local era tão alto (causa) que o homem, coitado, saiu rápido (consequência).* (= *O homem saiu rápido (consequência) porque no local o barulho era muito alto (causa). Coitado.)* Nas demais alternativas, tal relação não ocorre.

11 – A. De fato *que buscam crédito de curtíssimo prazo ou financiamentos para exportação* constitui oração subordinada adjetiva restritiva, pois é iniciada por pronome relativo e não vem separada por pontuação.

12 – D. A oração de que *precisaremos curtir mais o dia a dia* é complemento nominal do substantivo *dúvida*, que faz parte da oração principal. Lê-se: Não há dúvida **disso**

(de que precisaremos curtir mais o dia a dia). A oração iniciada por *mas*, que é uma conjunção coordenativa adversativa, é coordenada sindética adversativa. *Dã!*

13 – C. Via de regra, a oração subordinada adjetiva restritiva não vem separada por pontuação: "... empresas que... tenham no mínimo 20% de negros em seu quadro profissional".

14 – CERTO. Via de regra, a oração subordinada adjetiva restritiva é iniciada por pronome relativo e não vem separada por pontuação alguma, por isso a afirmação procede.

15 – NENHUMA. Ambas as orações têm suas classificações acertadas. Na primeira b), *de que seus atos repercutem* é complemento nominal de *consciência*. Na segunda e), *que nossa economia floresce* é complemento direto de *Dizem*.

16 – D. Em "uma chance ***que*** ninguém está conseguindo ver" (= ninguém está conseguindo ver ***uma chance***), o pronome relativo exerce função de objeto direto. Todos os demais pronomes relativos exercem função de sujeito.

17 – ERRADO. A oração subordinada adjetiva *que se tornariam centrais na produção intelectual e artística do século XX* **não está separada por pontuação, portanto é restritiva e não explicativa**.

18 – B. Analisemos todas: I – Eu não sei **isso** (se vem de Deus...; oração subordinada substantiva objetiva direta). II – Na ordem direta: Não sei **isso** (se desmorono...; oração subordinada substantiva objetiva direta). III – **Se** (= **Caso**) eu me chamasse Raimundo... oração subordinada adverbial condicional. IV – **Se** (= **Já que**) sabias que eu era fraco... oração subordinada adverbial causal.

19 – D. Podemos substituir a conjunção subordinativa condicional *se* por *caso*; veja: ***Caso falhemos aí*** **(oração subordinada adverbial condicional)**, *trairemos o compromisso com a saúde e com a vida do planeta.*

20 – A. Para acertar esta questão, bastava conhecer as locuções conjuntivas finais. Por isso, eu insisto: estude conjunções! A oração "*Para que (= A fim de que) não se*

façam em campo apenas jogadas ensaiadas" é subordinada adverbial final. B, C, D: "*Embora...*", "*Ainda que...*", "*Por mais que...*" são orações subordinadas adverbiais concessivas, pois são iniciadas por conectivos concessivos. E: "*Contanto que...*" indica condição, logo introduz uma oração subordinada adverbial condicional.

21 – A. Novamente resolvemos uma questão de oração subordinada adverbial pelo conectivo: *porque* = *uma vez que* ; ambos iniciam uma oração subordinada adverbial causal.

22 – B. O substantivo *ideia* exige um complemento regido pela preposição *de*, logo a oração sublinhada (iniciada por conjunção integrante) é, de fato, substantiva completiva nominal.

23 – A. Note que a oração sublinhada tem função de sujeito da oração principal (*se comprove*, em que o *se* é uma partícula apassivadora). Leia-se: "... caso se comprove **isso**" (= ... caso **isso** seja comprovado).

24 – CORRETO. De fato *que administre bem o patrimônio público* é uma oração subordinada substantiva apositiva, pois explica o termo anterior da oração principal *um objetivo.*

25 – CORRETO. A afirmação procede. Faça o *bizu* do **isso** para substituir a oração substantiva subjetiva: Vê-se... **isso** (= **isso** é visto). Logo *que o plano ético permeia todas as ações humanas* tem função de sujeito da oração principal *Vê-se.*

26 – ERRADO. A construção sintática "mais... do que..." é típica de oração subordinada adverbial comparativa, logo o vocábulo *que* não inicia oração subordinada adjetiva restritiva, pois não é um pronome relativo, mas uma conjunção comparativa.

27 – ERRADO. A locução conjuntiva *sem que*" nunca inicia oração com valor causal. Neste caso, ela tem valor semântico de modo. Que o diga Bechara! Em sua gramática, ele coloca um exemplo semelhante, chamando a dita cuja de oração subordinada adverbial modal, o que faz todo o sentido. Raciocine: "A semana terminou

como? De que **modo**?" Resposta: "A semana terminou *assim*: **sem *que estivesse claro***...". Beleza?

28 – C. A oração principal, como o nome sugere, vem acompanhada de outra no mesmo período (que não é a principal, lógico!). Na letra C, só há uma (1) oração, pois só há um (1) verbo. As orações principais são identificadas dentro do período composto por subordinação. Sendo assim, trata-se de uma oração absoluta "O campo visual da nossa rotina é como um vazio".

29 – CORRETO. Realmente há uma oração completiva nominal, pois *de que política é uma sujeira só e sem utilidade complementa o nome ideia.*

30 – CORRETO. A afirmação procede. Veja que a oração entre colchetes é o objeto direto exigido pelo verbo transitivo direto *propor*: "*... propõe [que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai vir em primeiro lugar]....*

31 – CERTO. É sabido **isso** (que a bactéria em questão — *Escherichia coli* — somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes — animais ou humanas)... **isso** (que a bactéria em questão — *Escherichia coli* — somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes — animais ou humanas) é sabido. A oração iniciada pela conjunção integrante é subordinada substantiva subjetiva, por isso exerce a função de sujeito da oração principal.

32 – ERRADO. Se a oração subordinada adjetiva *que pôs a Europa em estado de emergência médica* não vem separada por pontuação, não pode ela ser explicativa, senão restritiva.

33 – B. A primeira oração é completiva nominal, pois completa o nome *necessidade.* A segunda é objetiva direta, pois completa o verbo *identificar* (VTD).

34 – A. Finalmente uma questão de oração subordinada substantiva objetiva direta justaposta. Ela é justaposta pelo simples fato de não ser iniciada por uma conjunção integrante, e sim por um advérbio interrogativo de causa: *por que.* Veja "Não entendo *por que 'velho' é politicamente incorreto*" (= Não entendo **isso**). Portanto a oração

"*por que 'velho' é politicamente incorreto*" completa, como um verdadeiro objeto direto, o verbo da oração principal (entender).

35 – D. A única oração substantiva iniciada por uma conjunção integrante é que *Neymar foi o primeiro jogador brasileiro*, a qual funciona como aposto de *grande notícia*. Sendo assim, tal oração é subordinada substantiva apositiva. Note que a apositiva também pode ser separada por vírgula. Na letra A, a oração como *se formam conceitos* é subordinada substantiva subjetiva justaposta (*bizu*: Impressiona-me **isso**... **isso** me impressiona); é justaposta, pois não é iniciada por conjunção integrante, e sim por advérbio interrogativo de modo (como). Na letra B, a oração quem dá mais informações e estatísticas é subordinada substantiva objetiva direta justaposta, pois complementa o verbo da oração principal (*saber*); é justaposta pois não é iniciada por conjunção integrante, e sim por pronome interrogativo (*quem*). Na letra C, a oração para *assistir a tantas partidas tumultuadas no Brasil* parece subordinada adverbial final, mas não é, pois a preposição *para* é exigida pelo nome *paciência*; por isso, ela é classificada como subordinada substantiva completiva nominal.

36 – ERRADO. A primeira convicção política do narrador foi **apenas** que o município não tinha recursos. O que se fala depois não é convicção, é constatação. Portanto, a oração subordinada substantiva predicativa (que o município não tinha recursos) é que completa a oração principal (*A primeira convicção política foi*), constituindo sua única convicção. A outra oração predicativa (*que por esse motivo andava descalçado, ou devia o calçado*) não carrega a ideia de convicção política, mas sim de constatação.

37 – ERRADO. O verbo da oração principal está na 3ª pessoa do singular, pois seu sujeito está em forma de oração subordinada substantiva subjetiva: **É** verdade **isso** (que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas) = **isso** (que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas) **é** verdade (na ordem direta). Então, esse papo de que o verbo está no singular porque o sujeito não está explícito é conversa para boi dormir. Cuidado com as pegadinhas do CESPE.

38 – ERRADO. O pronome relativo não tem função sintática de sujeito. Perceba que ele retoma *dois manos*, mas não com função de sujeito, e sim com função de **objeto direto**. Vou colocar um sujeito hipotético só para você visualizar melhor. Leia

de novo, com atenção: "[João] Ficava no canto da maloca, [João] trepado no jirau de paxiúba, [João] espiando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que [João] tinha.", ou seja, [João] tinha (VTD) o quê (OD)? Dois manos (OD).

39 – D. Em "... *milagres que (=os quais) salvam vidas diariamente.*", a oração destacada é subordinada adjetiva restritiva, pois é iniciada por um pronome relativo e não vem separada por pontuação.

40 – A. A oração em negrito é subordinada adverbial consecutiva. Veja a correlação: "... **tão**... **que**...". Como a gente já viu no capítulo de *conjunções subordinativas consecutivas*, esta correlação entrega de mão beijada que há uma relação clara de consequência. Estude conjunção! (Sou muito chato, não é?)

41 – D. O pronome relativo *que* exerce função de sujeito simples do verbo *servir*. Na verdade, quando ele exerce função de sujeito, é sempre sujeito simples. Para saber que ele exerce tal função, basta substituí-lo pelo termo anterior: "... novas descobertas, por sua vez, servem de ferramenta...".

Capítulo 24

Gabarito

1 – CORRETA, pois o verbo *forçar* é VTDI. Quem força, força alguém (os organizadores do encontro) a alguma coisa (a antecipar o fim da reunião).

2 – INCORRETA. A afirmação *quase* procede. O único erro da afirmação é dizer que a oração é adjetiva restritiva. Note que a oração subordinada adjetiva reduzida de gerúndio é *explicativa*, por estar entre vírgulas: "*..., tornando suas ações conhecidas e avaliadas, ...*" (= "..., que *torna suas ações conhecidas e avaliadas, ...*"). Pegadinha da ESAF!

3 – D. Como vimos, preposição *a* + infinitivo, oração condicional na cabeça! A oração sublinhada é subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo, equivalendo a "***Caso*** venham a persistir os sintomas, *deve-se consultar o médico.*". Note a conjunção condicional.

4 – E. I. *"Não* vale *a pena, nessa conjuntura,* fragilizar o governo e sua política externa..." (sujeito oracional do verbo *valer (vale); = **isso*** não vale a pena). II. *"... tornar (VTD) esta matéria (OD) elemento decisivo (predicativo do objeto)..."*. III. *"... como se* fosse *possível* tornar esta matéria elemento decisivo para o jogo eleitoral para daqui a dois anos."* (sujeito oracional do verbo *ser (fosse); = como se **isso** fosse possível*).

5 – C. A oração subordinada adverbial causal reduzida de gerúndio pode ser desenvolvida com um conectivo causal; veja: *"Em julho de 1898, **uma vez que*** temia por sua saúde*, escreveu um testamento..."*.

6 – CERTO. O enunciado se autoexplica.

7 – A afirmação está **CORRETA**: *"de dar ao homem a possibilidade" e "de evoluir além da luta pela sobrevivência pura e simples" são duas orações subordinadas substantivas completivas nominais reduzidas de infinitivo regidas pelo substantivo mérito.*

8 – E. A oração *sabendo que seus genes serão imortais* é subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio. A reescrita da E apresenta o valor condicional correto, que poderia ter sido redigida também assim: *"Ninguém precisa ter medo da morte **caso saiba que seus genes serão imortais**."*.

9 – A. Lembrou-se daquela informação das preposições antes de verbos no infinitivo? Então... *ao* + verbo no infinitivo = tempo: "***Ao persistirem os sintomas**, o médico deverá ser consultado."* = "***Quando os sintomas persistirem**, o médico deverá ser consultado.*".

10 – B. Para acertar esta interessante questão, é necessário entender o que acontece primeiro e qual é a sequência de acontecimentos, para que depois se perceba a relação de causa e consequência. Note que há uma reação em cadeia: **1º:** O vapor é liberado pela transpiração das árvores. **2º:** Ele sobe na atmosfera. **3º:** Lá o vapor encontra camadas de ar frio. **4º: Por causa disso** ele se condensa e **5º:** Forma as nuvens. Logo *"Ao subir na atmosfera (2), o vapor liberado pela transpiração das árvores (1) encontra camadas de ar frio (3) e se condensa (4), formando as nuvens. (5)"*.

11 – C. Há uma clara relação de causa e consequência entre *jogar toneladas de sedimentos no rio* (causa) e *inviabilizar a navegação* (efeito). Ou seja, os milhões de

toneladas de sedimentos jogados no rio causam a impossibilidade de navegação neste. Poderíamos também interpretar a oração sublinhada como aditiva, isto é: *Elas jogam milhões de toneladas de sedimentos no rio, **e*** inviabilizam sua navegabilidade.

12 – D. I: Preste atenção na quantidade de verbos e locuções verbais: *foi criado* (locução), *consistia, promover, tornando, promover.* Existem cinco orações, duas desenvolvidas e três reduzidas. II: Só existe uma ocorrência de predicativo do objeto: "*tornando (VTD) as decisões econômicas (OD)* ***mais abrangentes*** *(predicativo do objeto)*". III: A oração *em promover a integração entre governo, empresários e trabalhadores* complementa o sentido do verbo transitivo indireto *consistir* (quem consiste, consiste **em** algo). Oração subordinada substantiva objetiva **in**direta.

13 – C. *Apesar de* é uma locução prepositiva concessiva, logo ela inicia uma oração subordinada adverbial concessiva reduzida de infinitivo. Fique de olho nas locuções prepositivas!

14 – C. A oração subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio pode ser desenvolvida assim (para ficar mais fácil de perceber!): ***Caso bata de quina****, pode até matar./****Se bater de quina***, pode até matar.

15 – CORRETA. Por causa daquele *bizu* da preposição + infinitivo, você já está escaldado, não é? Ao *escolher um caminho* = Quando *se escolhe um caminho.*

16 – B. A frase pode ser reescrita da seguinte forma: *"Vemos incontáveis estrelas,* ***que emitem sua radiação eletromagnética****, perfeitamente indiferentes às atribulações humanas".* A oração *que emitem sua radiação eletromagnética* é oração subordinada adjetiva explicativa. O fato de o pronome relativo *que* poder ser substituído por *as quais* comprova essa classificação da oração. A oração *Vemos incontáveis estrelas perfeitamente indiferentes às atribulações humanas* é então a oração principal.

17 – B. O erro da B está em dizer que a oração é **proporcional**, quando se trata na verdade de uma oração **temporal**. Basta ver que ela se inicia por uma conjunção temporal (quando).

18 – CORRETA. A afirmação procede, pois ambos os segmentos indicam **causa**.

19 – CORRETA, pois ambas as orações (reduzida e desenvolvida) são subordinadas adverbiais **finais**.

20 – ERRADO. Estamos diante de um sujeito oracional, ou seja, um sujeito em forma de oração! Veja como o núcleo do sujeito é um verbo: *"**Viver** em ambiente sem gravidade **faz** coisas curiosas com o corpo"*. Isso é um sujeito oracional, uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo. Portanto é claro que se pode determinar o sujeito de **faz**.

21 – ERRADO. A relação não é de condição, mas sim de causa-consequência. Veja: *"Diferentes pessoas, **visto que/já que/uma vez que/porque** pertencem a grupos sociais diferentes, têm não apenas histórias diferentes para contar, mas formas diferentes de contá-las..."*. Ou seja, elas têm não apenas histórias diferentes para contar, mas formas diferentes de contá-las ***porque** pertencem a grupos sociais diferentes*".

22 – CERTO. A oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de infinitivo (*a separar*) pode ser desenvolvida mediante o uso de um pronome relativo, que inicia oração subordinada adjetiva desenvolvida. Portanto A = B: *"é ideal que o fosso material **a separar** as pessoas seja menos profundo"* = *"é ideal que o fosso material **que separa** as pessoas seja menos profundo"*.

23 – CORRETA, pois 1) *a **conseguir** mais uma vitória no que toca à igualdade de direitos entre os sexos* é uma oração subordinada substantiva completiva nominal do adjetivo *prestes*; 2) *propõe que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai **vir** em primeiro lugar* equivale a "propõe que não seja mais obrigatório que o sobrenome do pai **venha** em primeiro lugar"; 3) "*No caso de não **haver** consenso*" equivale a "Caso não **haja** consenso".

24 – INCORRETA. Realmente o verbo frisar não pode ser desdobrado em uma oração subjetiva iniciada por uma conjunção integrante, **mas**, ainda assim, *cabe frisar* não forma uma locução verbal, pois *frisar que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural* é o sujeito de *Cabe*. Trata-se de uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo (note que dentro dela há mais quatro orações). Lindo isso!

25 – INCORRETA. Pode haver oração subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio, sem problemas, mas não é o caso, pois não podemos substituir no contexto *trazendo* por *se trouxer*, uma vez que não há tal ideia de condicionalidade, mas sim de explicação: *"A extensão do star-system não se dá sem uma forma de banalização ou mesmo de degradação – da figura pura da estrela,* ***a qual traz*** *consigo uma imagem de eternidade..."*. Percebe que o desenvolvimento da oração reduzida (trazendo) se dá por meio de um pronome relativo e do verbo conjugado (a qual traz)? Portanto, não há ideia de condicionalidade, há, sim, uma ideia de explicação. A oração subordinada adjetiva explicativa reduzida de gerúndio ***trazendo*** *consigo uma imagem de eternidade* equivale à desenvolvida "**a qual traz** consigo uma imagem de eternidade", que também é, logicamente, uma subordinada adjetiva explicativa.

26 – C. Explicitamente *quando* é uma conjunção subordinativa que indica tempo, introduzindo uma oração subordinada adverbial temporal, com verbo implícito: *"Quando (estavam) a bordo..."* **Fácil!** Agora, o que me interessa dizer é que a construção *por não poderem acender fogo* é uma subordinada adverbial causal reduzida de infinitivo. Veja que dá até para reescrever, desenvolvendo a oração: *"Os viajantes tinham de contentar-se, geralmente, com feijão frio, feito de véspera,* ***porque*** **não podiam acender fogo**. *"*.

27 – C. A oração sublinhada é subordinada adverbial final reduzida de infinitivo. Dá até para desenvolver com uma locução conjuntiva subordinativa final (*para que, afim de que...*); veja só: *"A principal delas é a reconstrução de cinco estações de pesquisa na Antártida,* ***para que realize*** *estudos sobre mudanças climáticas, recursos pesqueiros e navegação por satélite, entre outros.*". Foi?

28 – C. A campeã das reduzidas nas provas de concurso: oração subordinada adverbial **final** reduzida de infinitivo. **para** + **infinitivo = finalidade**.

29 – B. Mais uma vez! Oração adverbial final! *O porteiro teve que morrer* ***para que fosse notado***.

30 – D. **ao + infinitivo = tempo**. Já estamos escaldados de tanto ver essa também, não é?

31 – B. Finalmente a CESGRANRIO fez uma questão bonitinha sobre isso. Sintaticamente, temos 3 orações: (1) *"O diabo é"*, (2) *"que de tanto ver,"* (3) *"a gente banaliza o olhar". O diabo é* é uma oração principal. O restante do período (*que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar*) desempenha uma função sintática de predicativo do sujeito em relação a essa oração principal e é iniciado pela conjunção integrante *que*. Mas na relação entre as orações (2) e (3) há o fato de ver muito algo (de tanto ver) e sua consequência: o fato de a gente banalizar o olhar. Isto é: "A gente banaliza o olhar *porque vê muito*". Existe uma relação de causa e consequência entre essas orações (certo?), em que *ver muito* é a causa, e *banalizar o olhar* é consequência. Bonitinha, não é?

32 – B. Se for possível reescrever uma oração reduzida iniciada por "para..." trocando este vocábulo por "a fim de" ou "para que...", ela será subordinada adverbial final, isto é, uma oração que indica semanticamente finalidade, propósito, intenção. Alguém tem dúvidas disso ainda? Veja: *uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes* a fim de garantir as ambições terrenas dos fiéis ou *uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes* para que garantam as ambições terrenas dos fiéis. Simples assim!

33 – E. Eis um belo exemplar de **oração coordenada aditiva reduzida de gerúndio**! A oração ***dizendo*** *na hora se a pessoa está saudável ou não* estabelece uma relação de adição com a oração anterior, de modo que se pode reescrever o período assim: *Com o mChip, basta uma espetada e uma gota de sangue para o texto sair em minutos,* ***e dirá*** *na hora se a pessoa está saudável ou não.* Safo?

Capítulo 26

Gabarito

1 – A. A análise sintática correta é esta: a) *Descumprir a lei* (sujeito oracional do verbo *gera*) b) *gera o risco* (predicado relacionado ao sujeito *Descumprir a lei*) c) *da punição prevista pelo Código Penal* ou d) *de sofrer sanções civis* (complementos nominais – um deles oracional – do substantivo *risco*, coordenados entre si pela conjunção *ou*). Fácil, não? Brincadeira...

2 – A. Interessantíssima esta questão! Exigia domínio de análise sintática. O que a banca desejava do candidato era que ele fosse capaz de perceber a relação que há entre os termos do texto, trabalhando, *stricto sensu,* o conceito de sintaxe. Veja o contexto: *"Já o primeiro olhar é preconceituoso – dá informação falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada, anterior ao ato de olhar."*. Note que *o primeiro olhar* (sujeito) está ligado ao predicado *é preconceituoso*, constituindo uma oração coordenada assindética, e, de maneira oculta, é também sujeito do predicado *dá informação falsa ou verdadeira* (outra oração coordenada assindética). Já os termos (adjuntos adnominais) da expressão *falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada* estão ligados ao núcleo do objeto direto *informação.*

3 – D. I: *"A reflexão jurídica sobre o assunto, contudo, não se* tem mostrado (oração principal) *tão farta quanto aquela* encontrada (oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de particípio) *na economia (se tem mostrado)"*. A oração comparativa, como você sabe, normalmente apresenta verbo oculto. Portanto, há três orações. II: A oração subordinada adjetiva reduzida de particípio é: feita *ao tema dos efeitos na utilização de recursos entre gerações especificamente na década de 70*, que restringe o substantivo *associação.* A oração subordinada adverbial consecutiva reduzida de gerúndio é: angariando *adeptos das mais variadas formações, em diversas partes do planeta.* III: Não há nenhuma oração coordenada no segundo período. IV: Se você achou que *quando* era uma conjunção subordinativa temporal, errou feio! A oração *quando o movimento ambientalista passou a formular um discurso jurídico mais sólido* é subordinada adjetiva explicativa que retoma *década de 70.*

4 – B. Veja a análise: ***É importante*** *(oração principal da subordinada seguinte)* ***que os contribuintes percebam*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "É importante" e principal em relação à oração seguinte)* ***que a política tributária é justa*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "os contribuintes percebam" e coordenada em relação à oração seguinte),* ***(que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "os contribuintes percebam" e coordenada em relação à oração anterior e à oração seguinte), e* ***(que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "os contribuintes percebam" e coordenada em relação à oração anterior)"*. Notou as conjunções integrantes implícitas? Logo, são quatro orações subordinadas: 1) *que os contribuintes percebam,*

2) *que a política tributária é justa,* 3) *(que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável* e 4) *(que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados.* E três orações coordenadas entre si: 1) *que a política tributária é justa,* 2) *(que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável* e 3*) (que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados.* Ufa!

5 – B. Antes de mais nada, achei esse poema meio safadinho... Mas vamos ao que interessa... Como você já percebeu, o período possui três orações e é misto, composto por subordinação e coordenação ao mesmo tempo. Entre as orações *"Conduzo tua lisa mão/Por uma escada espiral/*E no alto da torre exibo-te o varal*"*, existe uma relação coordenada; a segunda (sublinhada) é aditiva. As orações *"E no alto da torre exibo-te o varal/Onde balança ao léu minh'alma"* apresentam uma relação de subordinação, em que a primeira é a principal, e a segunda é sua subordinada adjetiva restritiva iniciada pelo pronome relativo *onde*, que retoma *varal.*

6 – D. I: *"Aqueles com aptidão a* ajudá*-los, se não* (forem) estimulados *por cenários competitivos,* estarão *fadados a não* encontrar *motivação para o exercício de suas funções"*. II: Há duas orações reduzidas: *ajudar* e *encontrar* (infinitivo), os outros estão flexionados no futuro do subjuntivo (... *se não (forem) estimulados...*) e no futuro do presente do indicativo (... *estarão...*). III: Qual? Só o cara da banca viu uma oração coordenada. Não há oração coordenada alguma no período.

7 – D. Por incrível que pareça, este período enorme é simples, pois só apresenta um verbo: *têm.*

8 – E. As duas orações (*que o jogo fosse refeito, que a trapaça não tivesse acontecido*) são subordinadas em relação à principal (*a empresa gostaria*), mas coordenadas entre si, pois vêm uma ao lado da outra com mesma função sintática.

9 – C. O gabarito oficial foi a letra E. Eu discordo veementemente! A banca analisou *São* como uma oração, mas não se deu conta de que esse verbo *ser* vem seguido logo depois por *que*, formando a expressão expletiva ***ser* + que**, que pode ser retirada da frase e não é contada como oração! A análise correta do período é esta (ignore *"São... que"*!): *"... **numerosas oportunidades perdidas se multiplicarão** (oração principal em relação à subordinada adverbial condicional seguinte), **se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento** (oração subordinada adverbial condicional em*

relação à principal anterior) – e ***(se) a qualidade da educação continuar baixa*** *(oração subordinada adverbial condicional em relação à principal "numerosas oportunidades perdidas se multiplicarão" e coordenada à oração subordinada adverbial condicional anterior)".* Logo, há uma oração principal (*numerosas oportunidades perdidas se multiplicarão*), duas subordinadas adverbiais (*se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento e (se) a qualidade da educação continuar baixa* (uma está coordenada à outra por meio da conjunção coordenativa *e*). Logo, o período é misto, pois é composto por coordenação e subordinação.

10 – E. I: A retirada da expressão *a de* não prejudica a correção gramatical tampouco o sentido da frase. II: *"Minha proposta* é *a de que o fundo partidário* seja composto *por uma quantia mínima para o partido* manter *uma estrutura básica."* III: O verbo *manter* está no infinitivo. Talvez a *brincanagem* da banca tenha sido pegar *de calça arriada* o candidato desavisado – aquele que pensou que, na locução verbal *seja composto*, o verbo principal encontrava-se no particípio, constituindo uma oração reduzida. Mas você já sabe: é o verbo auxiliar que determina se a oração é reduzida ou desenvolvida (a forma verbal *seja* está desenvolvida, conjugada no modo subjuntivo, logo não há oração reduzida). Brasil!

11 – E. I: Oração coordenada sindética aditiva (... ***mas também*** *estabelece regras...*), formando uma série aditiva enfática em relação à expressão anterior *(... trouxe, no artigo 31 bis,* ***não só*** *a possibilidade...*). Oração coordenada sindética alternativa (... ***ou*** *que agem em seu nome*). Detalhe: ela é coordenada aditiva alternativa em relação à oração subordinada adjetiva anterior e subordinada adjetiva em relação a uma principal (... *sobre atividades* desempenhadas *(principal) pelas pessoas físicas que as dirigem* ou *que agem em seu nome*). II: "... *(por delitos que* sejam cometidos *no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização* será aferida *nos casos concretos (ela será aplicável [...], em função da inoperância de controles empresariais, sobre atividades* desempenhadas ***pelas pessoas físicas****...".* O agente da passiva está explícito só na última oração. III: As orações adjetivas desenvolvidas (de olho no pronome relativo!): "... ***que*** *atende diretivas...*"; "... ***que*** *sejam cometidos...*"; "... ***que*** *as dirigem...*; "... ***que*** *agem...*". Veja agora a adjetiva reduzida: "...*atividades* desempenhadas *pelas pessoas físicas...*". Observe que não há

pronome relativo encabeçando a oração e o verbo *desempenhar* se encontra no particípio. Cansativa, hein!

12 – A. Veja a análise: *É imprescindível...* (oração principal)/... *que* a tributação seja suportável e mais bem distribuída e todos contribuam com justiça e se beneficiem dessa contribuição = Δ (Toda esta oração (com orações coordenadas entre si) é subordinada à principal)/... seja suportável *a)* e *(+)* mais bem distribuída *b)*... (Orações coordenadas entre si – e subordinadas à principal)/... *e (+) todos* contribuam com justiça *d)* (Oração coordenada à anterior e à posterior – e subordinada à principal)/... *e (+)* se beneficiem dessa contribuição *e)* (Oração coordenada à anterior – e subordinada à principal).

13 – B. I: Não há coordenação, só subordinação. II: Há duas orações reduzidas (*caracterizada* e *levando*), logo "há ocorrência de exemplo de oração reduzida". III: "*... se entende* ***que o que a maioria quer é "dinheiro"*** *= se entende* ***isso*** *=* ***isso*** *se entende.*

Capítulo 27

Gabarito

1 – A. I (explicação de sentido causal): *O Polo Norte está ameaçado* ***porque*** *o oceano gelado que o rodeia começou a derreter.* II (especificação do significado da expressão anterior a eles): *"uma subversão da geografia que se desenrolará diante de nossos olhos*" explica o *"fenômeno raro"*. III (enumeração): *"... Estados Unidos, Rússia, Canadá, Groenlândia (Dinamarca) e Noruega. "*.

2 – B. Vejamos uma por uma: a) A vírgula está separando o vocativo. Não pode ser retirada. b) A vírgula está separando o adjunto adverbial deslocado de curta extensão, logo pode ser retirada. c) A vírgula separa o aposto explicativo. Não pode ser retirada. d) A vírgula separa termos de uma enumeração, logo não pode ser retirada. e) A vírgula separa orações coordenadas assindéticas.

3 – B. a) O ponto e vírgula não pode separar uma expressão adverbial deslocada. b) O ponto e vírgula pode separar orações coordenadas: *"indagou a um grupo de estudantes quais os meios de comunicação que eles conheciam; nenhum citou cartões-postais"*.

c) O ponto e vírgula não separa oração subordinada adverbial. d) O ponto e vírgula não substitui travessão para marcar a separação de uma oração de narrador. e) O ponto e vírgula não separa oração subordinada adjetiva explicativa.

4 – E. O certo é: *Estava sempre dizendo coisas de que mais tarde se arrependeria. Prometia a si própria que, da próxima vez (adjunto adverbial deslocado), tomaria cuidado com as palavras, o que, entretanto (conjunção adversativa deslocada), não acontecia.*

5 – B. a) A expressão *"da agitação e do barulho"* deve vir entre vírgulas porque se trata de um aposto explicativo. b) A vírgula separa orações coordenadas sindéticas iniciadas por *nem*, se forem de certa extensão. c) Se formos separar o adjunto adverbial de companhia (com a manada) após o verbo por vírgula, devemos fazê-lo levando em conta que, se ele estiver no meio da frase, serão necessárias duas vírgulas, ou seja: *"..., com a manada,..."*. d) No lugar dos travessões, caberiam vírgulas ou travessões, que marcariam a expressão intercalada; sem pontuação, há erro. e) Entre sujeito e verbo, não há vírgula. Básico.

6 – C. a) Não se separa a conjunção *ou* quando ela coordena termos. b) Não se separa oração subordinada adjetiva reduzida por dois-pontos. c) A vírgula separa orações coordenadas assindéticas. Perfeito! d) Objeto direto deslocado não deve ser separado por vírgula do seu verbo ponto de vista de alguns gramáticos, como Gladstone Chaves de Melo. Outros gramáticos dizem que se pode usar a vírgula. e) Nunca se separa o adjunto adnominal do nome a que ele se liga.

7 – B. Em I, como se trata de uma pergunta, faltou o ponto de interrogação. Em II, faltou uma vírgula para separar os apostos (um para você, outro para mim). Em III, não há problema, pois os dois-pontos abrem um discurso direto, as aspas marcam tal discurso e o ponto de exclamação indica uma altissonância na voz. Em IV, não se pode separar o adjunto adnominal do termo a que ele se refere: "... tudo o que..." e não "... tudo, o que...".

8 – ERRADO. Os dois-pontos servem para abrir uma explicação ou enumeração, normalmente. Só que nesse caso, eles não introduzem uma explicação do que o autor entende por "maior felicidade", mas sim encabeçam uma oração que explica o "algo" em: "... há sempre **algo** que faz que a felicidade seja uma felicidade**:** *a*

faculdade de esquecer, ou melhor, em palavras mais eruditas, a faculdade de sentir as coisas, durante todo o tempo que dura a felicidade, fora de qualquer perspectiva histórica."

9 – CERTO. A oração *observou* poderia ser separada por travessão, pois se trata de uma oração intercalada. Encontramos esse tipo de oração frequentemente nas narrações.

10 – CERTO. Haveria alteração de sentido, porque a conjunção *pois* introduz uma ideia explicativa, o que não é o caso. Note que, após os dois-pontos, há um aposto (*a proliferação demasiada de determinados espaços acaba por apagá-los por si mesmos*), que esclarece *outro (processo) já muito conhecido pelos estudiosos da comunicação*. Mesmo que o aposto seja explicativo, nunca é iniciado por uma conjunção explicativa, como *pois*. Devido a isso, a substituição proposta não cabe.

11 – ERRADO. A regra é clara: não se separa complemento de seu verbo por vírgula.

12 – CERTO. Cuidado com questões de vírgula e oração adjetiva. Quando se diz "*... os atores que interagem...*", entendemos que se está restringindo o ente *atores*, ou seja, está-se falando sobre um tipo de atores, os que interagem, logo deduzimos que há outros atores que não interagem. Se colocássemos as vírgulas, a oração adjetiva passaria a ser explicativa, o que alteraria o sentido. Neste caso (*... os atores, que interagem,...*), todos os atores interagem, não só alguns.

13 – CERTO. Sim, a vírgula é obrigatória, pois a oração é subordinada adverbial reduzida deslocada. A polêmica ocorre quando a oração adverbial está depois da principal. Alguns gramáticos modernos (como vimos na teoria) dizem que é facultativo o uso da vírgula quando a adverbial vem depois da principal. Fiquemos de olho!

14 – ERRADO. Quando *e sim* ou *e não* tiver valor adversativo (= *mas sim, mas não*) haverá vírgula antes de tal expressão. Simples assim. Portanto, a vírgula não pode ficar omissa.

15 – ERRADO. A vírgula serve para marcar, normalmente, a elipse verbal, que é o que está de fato acontecendo. Veja de novo o trecho, agora reescrito: *"a vida depende da vontade de outrem, a morte depende da nossa"*. Ficou claro? Não foi o vocábulo *vontade* elíptico, mas a forma verbal *depende*.

16 – A. Comentando as vírgulas: *Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela,* (predicativo do sujeito deslocado) *dependem, muitas vezes,* (adjunto adverbial deslocado) *de pequenas providências que, tomadas por figurantes aparentemente sem importância,* (oração reduzida de particípio deslocada) *ditam o rumo de toda a história.* Veja os erros das demais: b) *Os personagens principais, de uma história,* (adjunto adnominal não pode ser separado de seu núcleo substantivo) *responsáveis pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes,* (adjunto adverbial deslocado deve vir entre vírgulas) *de pequenas providências que tomadas por figurantes,* (faltou uma vírgula antes da oração reduzida de particípio deslocada e a vírgula após figurantes está equivocada porque não se separa adjunto adnominal – *sem importância* – de seu núcleo substantivo) *aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.* c) *Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela* (faltou uma vírgula para marcar o deslocamento do predicativo do sujeito) *dependem muitas vezes de pequenas providências, que, tomadas por figurantes aparentemente, sem importância,* (tais vírgulas não procedem porque estão separando o adjunto adnominal de seu núcleo substantivo) *ditam o rumo de toda a história.* d) *Os personagens principais, de uma história,* (adjunto adnominal não pode ser separado de seu núcleo substantivo) *responsáveis pelo sentido maior dela, dependem, muitas vezes* (adjunto adverbial deslocado deve vir entre vírgulas) *de pequenas providências, que tomadas por figurantes aparentemente sem importância,* (faltou uma vírgula antes da oração reduzida de particípio deslocada) *ditam o rumo de toda a história.* e) *Os personagens principais de uma história, responsáveis,* (não se separa complemento nominal – *pelo sentido maior dela* – do nome, *responsáveis*) *pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes de pequenas providências, que tomadas por figurantes, aparentemente, sem importância,* (faltou uma vírgula antes da oração reduzida de particípio deslocada e *aparentemente sem importância* não pode ser separado de *figurantes* porque é seu adjunto adnominal) *ditam o rumo de toda a história.*

17 – D. Comentando as vírgulas: *Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo* (aposto explicativo*), tentar justificar suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas* (oração coordenada explicativa), *igualmente pressionados* (oração reduzida de particípio), *não costumavam abdicar dos princípios éticos.*. Veja os erros das demais: a) *Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo* (as vírgulas devem separar o aposto explicativo) *tentar justificar,* (entre o verbo e o seu complemento não há vírgula) *suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.* b) *Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho;* (recomenda-se a vírgula no lugar do ponto e vírgula) *pois os velhos jornalistas igualmente pressionados,* (oração reduzida deve vir entre vírgulas) *não costumavam abdicar dos princípios éticos.* c) *Não cabe aos jovens, ao menos,* (nenhuma locução pode ser separada por vírgula do termo ou oração que ela introduz) *os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois,* (esta conjunção introduz uma oração coordenada explicativa, logo não pode estar **entre** vírgulas) *os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.* e) *Não cabe aos jovens, ao menos,* (nenhuma locução pode ser separada por vírgula do termo ou oração que ela introduz) *os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados* (oração reduzida de particípio deve ser separada por vírgulas) *não costumavam abdicar, dos princípios éticos* (não se separa o verbo do seu complemento por vírgula).

18 – C. Comentando as vírgulas e o ponto e vírgula: *Para o gosto moderno,* (adjunto adverbial deslocado) *a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas,* (adjunto adverbial deslocado) *como prova de gosto refinado;* (ponto e vírgula separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa e com trechos já separados por vírgula) *na verdade,* (adjunto adverbial deslocado; a vírgula é facultativa, pois ele é de curta extensão) *a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.* Veja os erros das demais: a) *Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge ao contrário de outras épocas,* (adjunto adverbial deslocado vem entre vírgulas) *como prova de gosto refinado,* (aqui se deve usar o ponto e vírgula, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgula, mas, como é de curta extensão, a vírgula é facultativa) *a pompa retórica indicia, o vazio do pensamento* (não se separa verbo do seu

complemento). b) *Para o gosto moderno, a grandiloquência, não surge* (não se separa sujeito do seu verbo), *ao contrário de outras épocas* (adjunto adverbial deslocado vem entre vírgulas) *como prova de gosto refinado,* (aqui se usa o ponto e vírgula, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgula, mas, como é de curta extensão, a vírgula é facultativa) *a pompa retórica indicia: o vazio do pensamento* (não se separa verbo do seu complemento). d) *Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgulas) *como prova de gosto refinado,* (aqui cabe o ponto e vírgula, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.* e) *Para o gosto, moderno,* (adjunto adnominal não pode ser separado por vírgulas) *a grandiloquência, não surge* (não se separa sujeito de seu verbo*), ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado:* (o ponto e vírgula é recomendado nesse caso, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgula, mas, como é de curta extensão, a vírgula é facultativa) *a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.*

19 – D. *O país já se encontra em um estágio no qual os saltos de produtividade não ocorrerão sem investimentos mais expressivos. Além de equipamentos,* (vírgula para enumeração*) automação e outras ferramentas da tecnologia,* (vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado*) parte desses investimentos precisará estar voltada para os recursos humanos.* a) *Estudo recente de uma instituição americana, mostra...* (não se separa sujeito de verbo). b) *O aumento da escolaridade, foi...* (não se separa sujeito de verbo). c) *... até mesmo,* (não se separa a expressão denotativa que inicia o aposto do aposto) *da maioria dos países do continente, o Brasil, terá...* (não se separa sujeito de verbo). e) *um envolvimento... nesse esforço...* (não se separa complemento nominal do substantivo por vírgula).

20 – CORRETO. Não há erro. A vírgula após *minerais* serve para marcar o deslocamento do adjunto adverbial (...) *, particularmente no setor de veículos automotores, metalurgia e produtos minerais,* (...).

21 – A. Há incoerência textual se o ponto de interrogação for substituído por ponto e vírgula, uma vez que a ideia de interrogação sumiria para dar vez à ideia de afirmação, mudando o sentido do trecho.

22 – A. Com a vírgula, a palavra *Mesmo* deveria ser escrita minúscula. Eis o erro. Ainda que ignorássemos isso, a vírgula mudaria o sentido do trecho, pois a expressão *Mesmo com a capacitação e o preparo dos técnicos dos órgãos envolvidos com a questão urbana* passaria a modificar a oração anterior, não a posterior — como se encontra no contexto.

23 – INCORRETA. J-A-M-A-I-S!!! A vírgula após o último travessão cumpre, sim, seu papel, a saber: marcar a intercalação da oração reduzida "bem como ampliar os investimentos no modelo que realmente pode chegar a todos os cantos da cidade". Não erre mais uma questão como essa; é muito recorrente! Resumindo: a afirmação está incorreta.

24 – A afirmação está **CORRETA**. A expressão iniciada pelo travessão (— *a violência fundadora da modernidade*) é aposto explicativo de *violência que a tornou possível.*

25 – Não há erro algum na substituição, pois se trata de uma oração subordinada adjetiva explicativa, que pode ser separada por vírgulas, travessões ou parênteses.

26 – A afirmação é **INCORRETA**, pois a expressão entre travessões é um aposto explicativo; como tal, pode ser, sim, separado por vírgulas, travessões ou parênteses.

27 – CERTO. A expressão explicativa "ou seja" deve vir entre vírgulas. Regra!

28 – CERTO. A vírgula é obrigatória depois do último travessão porque antes deles há um adjunto adverbial deslocado. Ignore os travessões e ateste: "... para o entendimento de uma forma particular de comunicação, o estudioso deve reconstruir...".

29 – ERRADO. Se for colocada a expressão adverbial *de modo geral* após *personalidade,* ela passará a ser uma expressão adjetiva, o que modificará o sentido do

substantivo *personalidade*, e não da oração inteira, como o faz na posição do trecho original.

30 – ERRADO. A vírgula após o *mas* não é colocada para ele, mas sim para separar a expressão adverbial deslocada *do ponto de vista gramatical.*

31 – ERRADO. Com a retirada da vírgula, parecerá que a palavra denotativa de situação *ora*, também chamada modernamente de marcador discursivo, se torna uma conjunção alternativa. De qualquer modo, a retirada da vírgula provoca, sim, mudança de sentido.

32 – ERRADO. A expressão *o que*, iniciada por um pronome demonstrativo com função apositiva não pode ser separada por ponto e vírgula, só por vírgula (ou travessão). Logo, a única reescritura possível é esta: *"... o fato de o império absorver povos diferentes faz que alguns de seus componentes desejem destacar-se do conjunto, o que explica por que os impérios perduram..."*.

33 – CERTO. Os dois-pontos servem para separar orações coordenadas que mantêm uma relação de sentido entre si, logo não há erro em reescrever o trecho assim: *"Pensar o império não significa ressuscitá-lo dos mundos passados: trata-se de considerar a multiplicidade..."*.

34 – ERRADO. Com o acréscimo de *que é*, cria-se uma oração adjetiva restritiva, que não é separada por vírgula, logo a afirmação não procede. Veja como ficaria a reescritura: *"... outras formas de soberania que respondam melhor a um mundo QUE É caracterizado ao mesmo tempo pela desigualdade e pela diversidade."*.

35 – CERTO. Levando em conta as opiniões divergentes entre os gramáticos,. quando um objeto direto ou indireto está deslocado para o início da frase, a vírgula é facultativa.

36 – C. *Em qualquer escalão do governo,* (adjunto adverbial deslocado) *costuma haver, mais cedo ou mais tarde,* (adjunto adverbial deslocado) *atritos entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso,* (oração reduzida de particípio) *e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas* (oração

adjetiva explicativa). a) Adjunto adverbial deslocado de longa extensão (*Em qualquer escalão do governo*) deve vir obrigatoriamente separado por vírgula. O adjunto adverbial intercalado *mais cedo ou mais tarde* deve vir entre vírgulas, e não com vírgula no meio dele. Não se separa nome (*estabilizados*) de seu complemento (*por concurso*). Não se separa nome (*sabor*) de seu complemento (*das conveniências políticas*). A vírgula é obrigatória logo após *confiança*, pois encabeça uma oração subordinada adjetiva explicativa. b) Não se separa nome (*escalão*) de seu adjunto (*do governo*). O adjunto adverbial intercalado *mais cedo ou mais tarde* deve vir entre vírgulas. d) Não se separa nome (*atritos*) de seu complemento (*entre o pessoal...*). A ausência da vírgula antes de *e o pessoal* prejudica a clareza. e) Adjunto adverbial deslocado de longa extensão (*Em qualquer escalão do governo*) deve vir obrigatoriamente separado por vírgula. O adjunto adverbial intercalado *mais cedo ou mais tarde* deve vir entre vírgulas, e não com vírgula no meio dele. Não se separa nome *atritos* de seu complemento *entre o pessoal....* Não se separa nome *estabilizados* de seu complemento *por concurso.* Não se separa nome *indicado* de seu complemento *para cargos de confiança.*

37 – E. Sobre "*nós ocidentais"* e "*nós, ocidentais,*", a explicação é a seguinte: sem vírgulas, *ocidentais* é adjunto adnominal; com vírgulas, é aposto explicativo.

38 – C. *Estudos deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que,* (oração reduzida deslocada) *movidos por complexos sentimentos ocultos,* (oração reduzida de particípio) *como a culpa,* (aposto explicativo) *inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações que nos afligem.* a) Entre o sujeito (*Estudos*) e seu verbo (*deixam*), não há vírgula. Faltou separar a oração reduzida de particípio por vírgula logo em seu início (*movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa*). Não se separa verbo (*movidos*) de seu agente da passiva (*por complexos sentimentos ocultos*). A última oração (*que nos afligem*) é adjetiva restritiva, logo não pode ser separada por vírgula. b) O adjunto adverbial *muitas vezes* está intercalado, logo recomenda-se que esteja entre vírgulas. A oração *movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa* deve vir entre vírgulas; além disso, faltou uma vírgula antes de *como* para separar o aposto (*como a culpa explica sentimentos ocultos*). Entre verbo (*fabricamos*) e complemento (*aquelas situações...*), não há vírgula. d) Não se separa verbo (*deixam*) de seu complemento (*que muitas vezes nos julgamos...*). O adjunto adverbial "muitas vezes" está intercalado, logo recomenda-se o uso de vírgulas

separando-o. A oração *movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa* deve vir entre vírgulas. A última oração (*que nos afligem*) é adjetiva restritiva, logo não pode ser separada por vírgula. e) O adjunto adverbial *muitas vezes* está intercalado, logo recomenda-se o uso de vírgulas separando-o. Não se separa verbo (*nos apercebermos*) de seu complemento (*de que...*). A oração *movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa* deve vir entre vírgulas; além disso, faltou uma vírgula antes de *como* para separar o aposto (*como a culpa explica sentimentos ocultos*). Entre verbo (*fabricamos*) e complemento (*aquelas situações...*), não há vírgula.

39 – A. I: Para alguns gramáticos, *para si* é um dativo de interesse. Ainda outros veem como um objeto indireto. O fato é que este tipo de construção, que indica benefício próprio, pode ficar entre vírgulas ou não, como se fosse um adjunto adverbial de curta extensão, cuja virgulação é facultativa. II: Os parênteses podem substituir travessões e vice-versa. A vírgula que vem após o último parêntese também deve vir após o último travessão, caso ela seja exigida por algum termo, expressão ou oração antes dos parênteses ou travessões. Nesse caso, a oração adverbial *Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia* inicia o período, logo deve vir separada por vírgula obrigatoriamente, mesmo após travessões ou parênteses. Curiosidade: na época, o gabarito desta questão havia sido B. Recursos foram feitos e... pronto... a banca foi sensata em aceitar a verdade. Sorte nossa! III: Não se separa verbo (*surgem*) de seu complemento (*evidências*).

40 – E. *O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma;* (ponto e vírgula pode separar oração coordenada sindética adversativa) *mas ruiu, exatamente conforme as previsões de Kant* (adjunto adverbial separado por ênfase). a) Não se separa o sujeito (*O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais...*) de seu verbo *(... não foi...*). b) Não se separa verbo (*... não foi...*) de complemento predicativo *(... um mero fantasma...*). Nada justifica a vírgula após *exatamente*, pois ele modifica *"conforme..."*, e não a oração anterior. c) Nada justifica a vírgula após *exatamente*, pois ele modifica *"conforme..."*, e não a oração anterior. d) Não se separa nome (*Estados*) de seu adjunto (*nacionais*). Não se separa o sujeito (*O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais...*) de seu verbo *(... não foi...*). Ponto e vírgula não separa adjunto adverbial do verbo.

41 – B. Há duas orações coordenadas assindéticas no período da letra B: *O rapaz andava com passos rápidos/estava com pressa.* Elas sempre podem ser separadas por ponto — formando dois períodos simples —, uma vez que a estrutura sintática desse tipo de orações é completa. Veja: *O rapaz andava com passos rápidos. Estava com pressa.* a) O ponto não pode separar um aposto explicativo. c) A oração subordinada adjetiva explicativa não pode ser separada por ponto. d) O ponto não pode separar a oração subordinada adverbial. e) O ponto não pode separar termos numa enumeração.

42 – E. Somente na alternativa e) verificamos um adjunto adverbial de tempo deslocado (*no dia do Juízo Final*), posto no meio da frase e entre vírgulas. Questão de nível *teletubiano*!

43 – E. Verifique a alternativa e) e perceba que os dois pontos após o verbo *nascer* introduzem uma sequência que discrimina o tal "manual de instruções", cumprindo uma das funções precípuas do emprego dos dois pontos.

44 – A. Em A, os dois-pontos servem para abrir uma explicação; não há erro de pontuação. Em B, em D, em E, o sentido muda, pois entende-se que "qualquer uma serve", quando, na verdade, o sentido original é: "não serve qualquer uma". Além disso, em B, a vírgula antes de *serve* não é usada. Em C, não se separa verbo de complemento. Questãozinha esquisita!

45 – C. Adjunto adverbial deslocado (antes de tudo) = vírgula. Mole, mole!

46 – D. Perfeita a letra D: *Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever* – (oração iniciada por conectivo de série aditiva enfática pode vir separada por vírgulas – ou travessões), (esta vírgula separa a oração subordinada adverbial condicional que inicia o período) é porque, no sistema da corrupção, (adjunto adverbial deslocado) *o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia* – (oração subordinada adjetiva explicativa) *foi substituído pela vantagem do dinheiro.* a) Faltou a vírgula após *dever* e foi colocada após o último travessão desnecessariamente, uma vez que os últimos travessões já intercalam a expressão adverbial. b) Não se separam vocábulos de uma expressão fixa na língua: *não apenas.* O adjunto adverbial *no sistema da corrupção* deve vir entre

vírgulas. E *ao sujeito* não pode vir ser separado por pontuação alguma, pois não se separa complemento do verbo. c) Nada justifica a última vírgula, pois os travessões estão separando apenas a oração adjetiva explicativa.

47 – A. Assertivas autoexplicativas.

48 – A. *O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial,* (as vírgulas separam a oração subordinada adjetiva explicativa) *primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida.* b) A vírgula após *insígnia* está errada, pois não se separa adjunto adnominal de seu nome. Faltou uma vírgula após *industrial* para fechar a oração subordinada adjetiva explicativa. c) Falta uma vírgula antes do pronome relativo, pois a oração é adjetiva explicativa. A rigor, não há vírgula antes do *e*, pois a vírgula não se encaixa em nenhum dos casos de "vírgula antes do *e*". Não se separa o predicativo do objeto do objeto em *fez dela o seu modelo de vida.* d) Falta uma vírgula antes do pronome relativo, pois a oração é adjetiva explicativa. A rigor, não há vírgula antes do *e*, pois a vírgula não se encaixa em nenhum dos casos de "vírgula antes do *e*". Nada justifica a vírgula após o *e*, uma vez que não há nenhuma intercalação após tal conjunção. e) Falta uma vírgula antes do pronome relativo e depois de *industrial*, pois a oração é adjetiva explicativa. A rigor, não há vírgula antes do *e*, pois a vírgula não se encaixa em nenhum dos casos de "vírgula antes do *e*". Nada justifica as vírgulas de *"..., inventou a máquina e depois,... "*, pois a oração não é nem está intercalada.

49 – B. Segundo alguns gramáticos (os poucos que coloquei na teoria), a vírgula é facultativa antes de oração subordinada adverbial em ordem direta, ou seja, depois da principal. Sendo assim, podemos escrever: *"Já era sexta-feira, quando ele se deu conta da passagem do tempo"* ou *"Já era sexta-feira quando ele se deu conta da passagem do tempo"*. Veja o gabarito da 50, para pirar o cabeção!

50 – B. Esta questão não foi anulada, pois a FCC ficou com a visão da <u>maioria</u> dos gramáticos a respeito da vírgula que separa as orações subordinadas adverbiais, independentemente de sua posição em relação à oração principal, qual seja: as orações subordinadas adverbiais são obrigatoriamente separadas por vírgula. Por isso, a afirmação I está equivocada. A FCC diz uma coisa, a VUNESP (questão 49) diz outra... e assim caminha a humanidade... A afirmação II está correta pois se trata de

uma enumeração, e a afirmação III está errada pois não se separam termos enumerados por dois-pontos.

51 – INCORRETO. A afirmação está equivocada, pois *você* é núcleo do adjunto adverbial de causa *por você*. *João* e *Amor* são vocativos e deveriam ser separados por vírgula(s). Só parte da questão está certa.

Capítulo 28

Gabarito

1 – A afirmação está **INCORRETA**. Toda vez que você estiver diante de uma locução verbal, saiba que o verbo principal NUNCA varia!

2 – I. Há erro no primeiro item. A expressão *pelo qual* (*por* + *o qual*), sendo este *o qual* um pronome relativo, deve concordar com o referente, que está no masculino singular (meio). Logo, o trecho deveria estar assim: *"Tal valorização reduz as exportações e aumenta as importações,* ***meio pelo qual...***". No outro item, o verbo *passar* está no plural para concordar com *déficits*.

3 – INCORRETA. Temos a possibilidade de dupla concordância, sem mudança de sentido, uma vez que há dois antecedentes para o pronome relativo *que*. O verbo pode concordar com *conjunto* ou com *condições*. Na letra B, o verbo *atingir* pode concordar ou não com seu sujeito implícito (que tem como referente *indivíduos*) por uma questão de clareza: "... o conjunto de condições que permite aos indivíduos atingirem (ou atingir) o seu bem particular". Para corroborar isso, ninguém menos que Evanildo Bechara. Ele diz, citando seu mestre e grande inspirador Said Ali, que "fora da locução verbal, a escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos somente da ação ou do intuito ou necessidade de pormos em evidência o agente do verbo". Ele continua dizendo que "ocorre o infinitivo flexionado sempre que se tornar necessário destacar o agente, e referir a oração especialmente a um sujeito, seja para evitar confusão, seja para tornar mais claro o pensamento. O infinitivo concordará com o sujeito que temos em mente; ou quando o autor intencionalmente põe em relevo a pessoa a que o verbo se refere". Daí, ele dá um exemplo: "É

permitido aos versistas **poetarem** em prosa". Tal estrutura se assemelha a "permite aos indivíduos atingirem (ou atingir)...". Logo, é uma questão de escolha!

4 – E. Veja: *"Mais da* metade *dos* países *que **tinham** baixo crescimento e baixo CH em 1960 **permanecia** na mesma posição na década de 90."*. Isso se dá por causa daquela regra de sujeito coletivo ou partitivo, em que o verbo pode concordar com o núcleo do sujeito ou com o núcleo do adjunto. Lembra? a) O pronome *nos* se refere aos *76 países* (Dividiram-nos = Dividiram eles (= os 76 países). b) Tanto em *pode-se ter* como em *podem-se ter* há sujeito, pois a partícula *se* é apassivadora, e não indeterminadora do sujeito. Só há uma diferença na análise sintática. Enquanto o sujeito de *pode-se* é oracional (ter duas situações de equilíbrio), o sujeito de *podem-se ter* é um sujeito simples (duas situações de equilíbrio). Reveja a regra de *costumar/dever/poder* + *se* + infinitivo na teoria. c) A afirmação é equivocada, pois explicitamente o sujeito é simples: *"**Surgem*** algumas conclusões interessantes desse estudo *(sujeito)*". d) Toda a afirmação da alternativa é equivocada, pois o núcleo do sujeito com que a forma verbal *dá* concorda é *estratégia*. Veja: *"A quarta, e mais importante, é que a* estratégia *de privilegiar o lado humano **dá** frutos muito melhores do que aquela que enfatiza só o lado econômico."*.

5 – Há um erro de concordância. Deveria ser: *"Os* consumidores *pagam juros maiores porque **obtêm** crédito com prazos maiores e prestações menores."*. Lembra-se daquela regrinha de acentuação relacionada à concordância dos verbos *vir* e *ter* na 3ª pessoa do plural? Então... os verbos *vir* e *ter* (e suas formas derivadas, como *obter, deter, reter, entreter*), na 3ª pessoa do plural, recebem acento circunflexo.

6 – Pelo contexto, percebemos que a afirmação procede. Veja: *"A experiência da modernidade é* algo *que só pode ser **pensado** a partir de alguns conceitos fundamentais."*. Lembrou-se da regra de retomada do pronome relativo? O verbo, inclusive no particípio, que estiver após o pronome relativo *que* concordará com o antecedente do relativo.

7 – B. A afirmação da letra B está incorreta, porque o verbo *possuir* concorda com *nossa classe A*.

8 – A. O pronome oblíquo átono *as* retoma, concordando em gênero e número, *a ordem e a cultura do capital*, expressão feminina plural. A (2) está errada, pois o verbo *dominar* deve ficar no singular, concordando com *lógica*. A (3) está errada, pois a expressão deveria ser *podia ser escamoteada* uma vez que concorda com a palavra *lógica*, feminina singular. Em (4), há um erro, pois o núcleo do sujeito simples está no singular, logo o verbo *criar* deve igualmente ficar no singular. Em (5), deveria ser *somam-se*, pois este verbo tem como referente do seu sujeito implícito o termo *desempregados*.

9 – ERRADO. O vocábulo *destinado* (particípio com valor de adjetivo) concorda em gênero (masculino) e número (singular) com o substantivo *patamar*. Já *destinados* (masculino plural) de fato concorda com o numerador (8) do numeral percentual 8,76%.

10 – ERRADO. O verbo no infinitivo, *parecer*, pode ficar no plural ou no singular, pois faz parte de uma estrutura em que se permite isso. A estrutura é esta: ***mandar/deixar/fazer/ver/ouvir/sentir* + substantivo plural + verbo no infinitivo (singular ou plural)**. Neste caso (... fazendo *as tripulações parecer(em)*...), a variação do infinitivo é facultativa. Logo não acarretaria prejuízo para a correção gramatical se o verbo ficasse no singular.

11 – CERTO. Veja de novo: "*O fato... tem...*". Sendo assim, apesar de o núcleo do sujeito estar distanciado do seu verbo, percebemos que o verbo *ter* fica no singular para concordar com um núcleo do sujeito igualmente singular. Se o núcleo do sujeito estivesse no plural, o verbo *ter* receberia acento circunflexo: "*Os fatos... têm...*". Safo?

12 – CERTO. Afirmação correta e autoexplicativa.

13 – CERTO. Evanildo Bechara não se opõe a esta construção, a saber: de substantivo no singular com vários adjetivos ligados a ele. Portanto é forma culta: "*o **contexto** histórico, político, econômico, cultural e social*", ou "*os **contextos** histórico, político, econômico, cultural e social*", ou "*o **contexto** histórico, o político, o econômico, o cultural e o social*". Bechara ainda chega a dizer assim, para quem quiser ver, em sua Moderna Gramática Portuguesa: "O vocábulo determinado irá para o plural ou ficará no singular,

sendo, neste último caso, facultativa a repetição do artigo: *As literaturas brasileira e portuguesa*, ou *A literatura brasileira e portuguesa*, ou *A literatura brasileira e a portuguesa*".

14 – CERTO. Todo verbo que tem como sujeito uma oração fica na 3ª pessoa do singular. Por se tratar do verbo *ser*, que pode concordar também com o predicativo, a afirmação da banca procede.

15 – CERTO. Sim! Quando o adjetivo em função de adjunto adnominal vem após dois substantivos, pode ele concordar com o núcleo mais próximo: *"está diminuindo a nossa capacidade de concentração e* ***contemplação profunda****"*.

16 – CERTO. O que a banca sugere é esta reescritura: *"... que aprender a ler e a escrever... **altera**... e **engrossa**..."*. De fato, as formas verbais *altera* e *engrossa* não variam, pois seu sujeito é oracional, o que faz com que os verbos fiquem na 3ª pessoa do singular, sempre.

17 – ERRADO. *Os computadores são as armas dos crimes*, e não o contrário. Portanto, o verbo *ser* concorda com *os computadores*.

18 – ERRADO. Não! Independentemente de a ideia ser plural (coletiva), é um erro pôr o verbo no plural. Isso só ocorreria se o núcleo do especificador estivesse no plural: *"A maioria dos* ***professores*** *acaba/****acabam*** *deixando a profissão."*. Foi?

19 – ERRADO. O "homem da banca" trabalha aqui seu conhecimento de passagem de voz passiva sintética para passiva analítica e concordância verbal e nominal ao mesmo tempo. Perceba que em *Consideram-se*, o verbo está na voz passiva sintética, pois ele é VTD e está acompanhado de uma partícula apassivadora (*se*). Passando para a voz passiva analítica, temos de transformar o verbo em locução verbal formada por *ser* + particípio; nessa passagem devemos observar a manutenção do tempo e modo verbais e a concordância verbal e nominal. Note que o sujeito do verbo *considerar* é *os grupos étnico-raciais*, portanto, na voz passiva analítica, o verbo *ser* da locução verbal vai ficar no presente do indicativo (como estava o verbo *considerar* na voz passiva sintética) e no plural; já o **particípio** vai ficar no masculino plural concordando com o núcleo *grupos*. Portanto, *Consideram-se... os grupos étnico-raciais...* =

Os grupos étnico-raciais ***são considerados****....* Desse modo, não há prejuízo algum na correção gramatical na reescritura.

20 – E. O verbo concorda com *quem*, por isso fica na 3ª pessoa do singular. a) *Havia* (verbo impessoal fica na 3ª pessoa do singular). b) *O lixo...* ***vai****.* c) *O tratamento e a destinação corretos do lixo* ***evitariam*** *que 35% deles* ***fossem despejados*** *em aterros.* d) *Faz* (verbo impessoal fica na 3ª pessoa do singular).

21 – D. Coloque na ordem direta: *"****Argumentos*** *(sujeito) não* ***faltarão*** *(verbo) a nenhum dos intérpretes de um fato para considerá-lo segundo seu interesse e sua conveniência"*. Claro, não? Vejamos uma por uma (corrigidas): a) *Dentro da elite nunca* ***se criticaram****, diante da rotina do sistema penitenciário brasileiro, os* ***horrores*** *(núcleo do sujeito) a que os presos são submetidos (os horrores nunca foram criticados; perceba que o "se" ligado ao verbo é uma partícula apassivadora).* b) ***Reservam-se*** *ao pobre, tantas vezes identificado como potencialmente perigoso, as* ***opções*** *(núcleo do sujeito) da resignação ou da marginalidade social.* c) *Sem altos investimentos não* ***haverá*** *(com sentido de existir, não varia) como minimizar os horrores que vêm caracterizando as nossas penitenciárias.* e) *Ainda que não lhes* ***convenha*** *(verbo)* ***fazer altos investimentos*** *(sujeito oracional leva o verbo à 3ª pessoa do singular), as elites terão que calcular os custos de tanta violência.*

22 – D. Coloque na ordem direta para facilitar a "visão" para a concordância: *"Como se vê,* ***estimular a salvação das baleias*** *(sujeito oracional)* ***cabe*** *(verbo) aos bons princípios ecológicos, seja no alto-mar, seja na areia da praia"*. Veja as demais (corrigidas): a) À noite, ***dava-se*** *(verbo com "se" apassivador; cuidado!!!) aos trabalhos de poucos e à diversão de muitos uma* ***trégua*** *(núcleo do sujeito) oportuna, para tudo recomeçar na manhã seguinte.* b) *Aos esforços brutais da jubarte não* ***correspondia*** *(verbo) qualquer* ***efeito*** *(núcleo do sujeito) prático, nenhum avanço obtinha o gigante encalhado na areia.* c) *Sempre* ***haverão*** *(verbo) de aparecer* ***aqueles*** *(sujeito) que, diante de um espetáculo trágico, logram explorá-lo como oportunidade de comércio.* (O verbo haver só não varia quando tem sentido de existir, seja sozinho, seja como verbo principal de uma locução verbal, o que não é o caso, pois nesta frase ele é o verbo auxiliar da locução verbal *haverão de aparecer.*) e) *Da baleia encalhada em 1966 não* ***restaram*** *(verbo), lembra-nos o autor, senão as* ***postas*** *(núcleo do sujeito) em que a cruel voracidade dos presentes retalhou o animal.*

23 – C. O verbo *haver* só é impessoal quando tem sentido de *existir*. Se ele for verbo auxiliar de uma locução verbal, como é o caso (*haverão de caber*), irá variar normalmente. *Por que **haverão (verbo)** de caber a um simples passageiro as **responsabilidades (núcleo do sujeito)** do comando de uma aeronave?*

24 – E. "É necessário *(o verbo fica no singular e o adjetivo no masculino singular por causa do sujeito oracional em seguida) que haja* medidas *que* busquem *controlar o consumo predatório dos* recursos *da natureza que, cada vez mais* escassos, estão sujeitos *a uma lenta reposição"*. Veja os erros das demais (corrigidas): a) *Os **níveis** (núcleo do sujeito) alarmantes de poluição da água no planeta, resultante da atividade humana, **estão** (verbo) dando sinais de que ela poderá faltar em boa parte do globo terrestre, que já sofre com sua escassez.* b) *A **proporção** (núcleo do sujeito) entre número de habitantes e oferta de recursos naturais **está** (verbo) em descompasso, levando à necessária redução no consumo desses recursos que garantem a vida no planeta.* c) *Ambientalistas já alertam para os perigos à sobrevivência da humanidade, caso os **habitantes** (núcleo do sujeito) do planeta **continuem** (verbo) a consumir de modo irresponsável os recursos naturais, muitos dos quais já escassos.* d) ***Existem** (verbo) **programas** (núcleo do sujeito) de conscientização da população mundial que busca divulgar formas de consumo sustentável dos recursos naturais e respeito ao ritmo da natureza, para permitir que **ela** (sujeito) o **reponha** (verbo).*

25 – E. "Tanto *a Lei de Diretrizes e Bases da Educação* como *a regulação natural do mercado (sujeito composto) **sinalizam** para as* inconveniências *que* adviriam *da adoção do ensino religioso nas escolas públicas"*. Veja os desvios das demais: a) ***Provoca** (verbo) muitas polêmicas, entre crentes e materialistas, o **posicionamento** (núcleo do sujeito) de alguns religiosos e parlamentares acerca da educação religiosa nas escolas públicas.* b) *Sempre **deverá haver** (quando o verbo haver tem sentido de existir, o verbo auxiliar da locução verbal fica na 3ª pessoa do singular) bons motivos, junto àqueles que são contra a obrigatoriedade do ensino religioso, para se reservar essa prática a setores da iniciativa privada.* c) ***Um** (núcleo do sujeito) dos argumentos trazidos pelo autor do texto, contra os que votam a favor do ensino religioso na escola pública, **consiste** (verbo) nos altos custos econômicos que acarretarão tal medida.* d) *O **número** (núcleo do sujeito) de templos em atividade na cidade de São Paulo **vem** (verbo) gradativamente aumentando, em proporção maior do que ocorrem com o número de escolas públicas.*

26 – A. Na letra A, o verbo *atribuir*, acompanhado de *se* apassivador, concorda com o antecedente do pronome relativo *que* (os predicados mágicos), por isso deve ficar no plural. Veja: "Nem todos discriminam, numa foto, *os predicados mágicos* que a ela ***se atribuem*** nesse texto."

27 – C. Eu falei a você que a FCC se amarra em deslocar o sujeito, portanto coloque a frase na ordem direta. Veja como a frase da letra C está invertida: *"Não convém aos injustiçados reclamar por igualdade de tratamento quando esta pode levá-los a permanecer na situação de desigualdade"*. Ordem direta (o sujeito sempre vem antes do verbo): *"Reclamar por igualdade de tratamento... não convém aos injustiçados"*. Facilitou a visão, não é? Percebe que o sujeito da forma verbal *convém* é uma oração reduzida de infinitivo (*Reclamar por igualdade de tratamento*)? Quando o sujeito está em forma de oração, o verbo sempre fica no singular. Ok? Veja os erros (já corrigidos) das demais: a) A ***utilidade*** dos dicionários, *mormente quando se trata de palavras polissêmicas*, ***manifesta***-se *nas argumentações ideológicas*. b) Não se ***nota***, *entre os preconceituosos*, qualquer ***disposição*** *para discutir o sentido de um juízo e as consequências de sua difusão*. d) *Como discernimento e preconceito são duas acepções de discriminação,* ***há*** *que se esclarecer* o ***sentido*** pretendido. e) ***Uma*** das maneiras mais odiosas de refutar os argumentos de alguém ***surge*** *na utilização de preconceitos já cristalizados*. Percebeu que o sujeito veio depois do verbo em B e em D?

28 – E. "As ***obras*** e seu ***respectivo*** valor ***haviam*** de ser avaliados *na medida da importância do tema tratado*". Sujeito composto, verbo no plural. Simples assim. Veja os erros (já corrigidos) das demais: a) *Outra descoberta foi a de que também* ***existiam*** *na figuração de um motivo em que estivesse ausente o ser humano* alguns ***valores*** profundos. Colocando na ordem direta: "*Outra descoberta foi a de que* alguns ***valores*** profundos ***existiam***...". Viu como facilita? Faça isso sempre que necessário for. b) Uma ***gama*** de estados de espírito *que não sabemos nomear, apesar de sua grande força,* ***pode*** ser ***suscitada*** *pelos artefatos e signos que o homem produz*. c) É numa concepção de humanidade modificada ao longo do tempo que se ***assentam*** ***noções*** relativas a uma dimensão humana da arte. O verbo *assentar* vem seguido de uma partícula apassivadora (bastante comum na FCC). Note como é fácil descobrir se o *se* é ou não uma partícula apassivadora. Coloque a voz verbal na voz passiva analítica; se for possível, o *se* é apassivador. Veja (na ordem direta, é claro!): "É numa concepção... que ***noções*** relativas a uma

dimensão humana *da arte* ***são assentadas***.". Normalmente o sujeito de um verbo com partícula apassivadora vem após ele. Atenção! d) *Não* ***faz*** *muitos anos que na grande arte só se podiam admitir temas heróicos, míticos ou religiosos.* O verbo *fazer*, indicando tempo decorrido é impessoal, portanto não varia.

29 – C. Note que o verbo auxiliar concorda com o núcleo do sujeito singular: "*E que* a ***produção*** de alimentos ***precisará*** crescer *70% até 2050...*".

30 – D. Quando o adjetivo, com função de adjunto adnominal, vem após dois substantivos de gêneros diferentes, a concordância de gênero e número (concordância nominal) pode se dar com o substantivo mais próximo (concordância atrativa) ou com ambos, ficando no masculino plural (concordância gramatical). Portanto, tanto faz: *Compramos livro e jornal* ***velhos*** ou *Compramos livro e jornal* ***velho***.

31 – D. Com sujeito determinado, o particípio de ***ser*** **+ adjetivo/particípio** varia normalmente. Deveria ser, portanto: "*A partir de hoje,* é ***proibida*** a *adoção de crianças...*".

32 – E. Quando núcleos do sujeito composto são sinônimos, o verbo preferencialmente fica no singular. Já que *recrudescimento* e *exacerbação* são sinônimos, o verbo *provocar* fica no singular, assim como, no enunciado, o verbo *alcançar* ficou no singular, pois os núcleos do sujeito são igualmente sinônimos (*declínio* e *decadência*). Quando os núcleos são antônimos, o verbo fica no plural. Logo, as frases de A a D deveriam apresentar verbos no plural.

33 – B. Adjetivo, com função de adjunto adnominal, posposto a substantivos de gêneros diferentes concorda com ambos, no masculino plural, ou com o mais próximo. Logo, a construção *consultorias e bancos* renomadas não procede.

34 – C. Vamos combinar uma velha máxima da concordância verbal: o verbo concorda em pessoa e número com seu sujeito. Quem quer "filhos"? As **mulheres**. Até porque só elas podem engravidar...

35 – D. Perceba que o governo é quem "efetua" o controle dos nascimentos prematuros. Logo, *"O* controle *dos nascimentos prematuros (é)* ***efetuado*** *pelo governo...*".

36 – E. *"**Foram** os* peixinhos *do mar"*. A palavra *peixinhos* é o núcleo do sujeito da forma verbal *foi*, por isso ela deve ficar no plural (foram).

37 – C. Caso clássico do verbo *haver* significando *existir*. Esta é para elevar a autoestima!

38 – C. Na alternativa c), o verbo *integrar* pode ter como referente *(aqueles que foram) escolhidos*, indo assim para o plural – *integrarem*. Em todas as outras alternativas, existe a obrigatoriedade da forma verbal em destaque. Na alternativa a), o sujeito da oração é *Jogar "games" de computador*, sendo seu núcleo *jogar*, levando o verbo obrigatoriamente para o singular. Portanto não há opção de pluralizar o verbo. Na alternativa b), quem foi produzido foi "um" dos títulos, não "os títulos", portanto o verbo deve ficar no singular, sem opção de plural. Na alternativa d), em *o grupo de controle*, que é o sujeito, a expressão *grupo* é núcleo, obrigando o verbo a ficar no singular, até porque seu especificador *"de controle"* também está no singular. Quanto à derradeira alternativa e), *interagir* é o próprio sujeito de é preciso, logo não pode ir para o plural, porque, apesar de ser um verbo, funciona como substantivo.

39 – CERTO. Note que antes do particípio do verbo *perder* (*perdida*), há uma estrutura de indeterminação do sujeito: "... *que se vive...*". Logo, o verbo *perder*, no particípio, deveria ficar no masculino singular, que é uma forma neutra para se referir ao sujeito indeterminado, a saber: *"Mas é assim mesmo que **se vive** (alguém vive): **perdido** no tempo e no espaço.*". Isto é o que diz a norma culta. No entanto, como esse trecho foi retirado de uma obra literária, o autor tem licença poética para usar o particípio se referindo a uma personagem, por exemplo.

40 – ERRADO. O *ou* tem valor de exclusão, pois indica que um dos três atos (*puxar, afiar, assistir*) seria simples. Quando os núcleos do sujeito composto forem ligados por este *ou* exclusivo, o verbo ficará no singular, sempre!

41 – ERRADO. *Nascidas* se refere tão somente a *sepulturas*, assim como *seguras* se refere a *fortalezas* e *duro* se refere a peso. A afirmação não procede.

42 – ERRADO. O único erro desta afirmação é dizer que *século* faz parte do sujeito composto, quando na verdade se trata do núcleo do adjunto adverbial de tempo *no século XV*.

43 – ERRADO. O sujeito explícito existe, sim (!), e está em forma de oração: *"que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas"* (oração subordinada substantiva subjetiva) = **isso** [é verdade]. Não deixe o CESPE lhe dar uma pernada, hein!

44 – Retire a intercalação (*como o automobilístico*) e verá que a afirmação da banca procede: *"... decorreu da diminuição de estoques em **alguns setores** (...) **pressionados**..."*. Bingo!

45 – C. "... nos <u>países emergentes</u>, que, no entanto, já <u>representam</u> mais de 50%...". O verbo concorda com o antecedente do pronome relativo. Simples assim!

46 – A. Desenvolva a oração reduzida de particípio *deflacionados* para visualizar melhor: "*... e em **valores** reais, que **foram deflacionados** pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo...*". Portanto, a afirmação procede. b) *Elevaram-se* concorda com o sujeito composto iniciado por *as receitas do Imposto de Renda Pessoa Jurídica*. c) A forma verbal *proporcionou* concorda com *desempenho*. d) O singular em *fez aumentar* é devido ao núcleo do sujeito *crescimento*. e) A forma verbal *foram* concorda com *ganhos*.

47 – INCORRETA. A afirmação está equivocada porque o verbo *haver* (= *existir*) é impessoal. Nunca varia.

48 – A. Ignore todas as intercalações entre o sujeito e o verbo, e você verá que a afirmação da opção A procede: "*... **uma <u>sociedade</u> igualitária**, com amplo respeito pela vida humana, excelentes índices de educação, burocracia inteligente e serviços públicos voltados (de fato) para melhorar a vida do cidadão, **<u>soa</u>**...*". b) *Podem* varia com *sociedades*. c) O sujeito de *referem-se* é composto (*A igualdade e a dignidade humana*), logo o plural é a concordância correta. d) O verbo principal de uma locução verbal nunca varia; a afirmação da banca é absurda. e) O verbo *levar* concorda com o sujeito composto *a igualdade, o respeito e a dignidade*, por isso fica no plural.

49 – E. Na estrutura "*Cada um dos folheteiros*", o verbo concorda com *um* obrigatoriamente, por isso não pode ficar no plural. a) O verbo concorda com o antecedente do relativo, *folheteiros*. b) O verbo concorda com o especificador do sujeito de valor partitivo, *folheteiros*. c) O verbo concorda com o sujeito composto, *"O folheteiro e sua família"*. d) O verbo concorda com o especificador do sujeito de valor coletivo, *folheteiros*.

50 – E. A construção ***ser* + adjetivo** (*Era necessário*) fica no masculino singular, pois o sujeito é oracional (*tomar medidas...*). O verbo *garantir* fica no plural, pois concorda com o antecedente do pronome relativo, a saber: *medidas*.

51 – B. O verbo *fazer* é impessoal quando indica tempo decorrido. Como faz parte de uma locução verbal, o verbo auxiliar fica obrigatoriamente no singular, pois é transmitida a impessoalidade do *fazer* a ele (*deve fazer*). O verbo *haver* (= *existir*) é impessoal também. O verbo *apaixonar-se* varia concordando com o antecedente do pronome relativo: *pessoas*.

Capítulo 29

Gabarito

1 – A. Olhe sempre para o verbo ou para o nome dentro da oração adjetiva. Se um deles exigir uma preposição, esta ficará antes do pronome relativo. O verbo *referir-se* exige a preposição *a*, por isso *a que*. O verbo *ocupar-se* exige a preposição *de*, por isso *de que*. Simples assim.

2 – D. O substantivo *oportunidade* rege a preposição *de* ou *para*, logo a letra D está perfeita. a) Só "papel *na*". b) Só *como*, por ser palavra explicativa introduzindo aposto explicativo. c) O verbo *chamar* não exige a preposição *a*, logo o *a* é só um artigo. e) idem à opção A.

3 – D. O adjetivo *inferior* exige a preposição *a* + *a* (= *aquela*) = à. Faltou isso. A forma participial *atribuída* exige a preposição *a* + *a Argentina* = à *Argentina*. Faltou isso também no texto. A ESAF *curte* trabalhar regência com crase, mais de 90% das vezes.

4 – CORRETA. A maneira como o verbo *autorizar* mantém relação com seus complementos é igual, pois em ambos os casos o verbo é VTDI (quem autoriza, autoriza alguém **a** algo).

5 – A afirmação de que a presença de preposição em ***a****o desemprego* justifica-se pela regência de *combate* está perfeita, pois este substantivo de fato rege um complemento preposicionado por *a*.

6 – Ambas estão **erradas**. Na primeira, há um desvio de regência do verbo *recorrer*, pois ele rege a preposição *a*. Portanto, deveria ser: "*... e **a** eles recorriam os colegas...*". Na segunda, o verbo *impor* é VTDI, exige um objeto direto e um indireto. O objeto indireto na frase em questão é o pronome reflexivo *se*, e o objeto direto é *o desafio de falar*. A análise é esta, portanto: quem impõe, impõe alguma coisa (*o desafio de falar outro idioma fluentemente*) a alguém (*se*).

7 – CERTO. Sim! A preposição deve vir explícita antes de oração subordinada adjetiva quando um verbo ou um nome depois do pronome relativo a exigir. Exemplo: *O jornal que eu gosto é o Nacional.* (errado)/*O jornal **de** que eu **gosto** é o Nacional.* (certo). Safo?

8 – ERRADO. Nem precisaríamos de contexto para resolver esta questão se soubéssemos que *resultar de* indica causa e *resultar em* indica consequência, ou seja, *"A mais doce embriaguez é a que* resulta ***da*** mistura dos vinhos." (causa) e *"Aquela discussão* resultou ***numa*** briga feia." (consequência).

9 – ERRADO. Questão perigosa! Todos os termos preposicionados são complementos do substantivo *cultura*, menos *de bens materiais*, que é complemento de *acréscimo*.

10 – ERRADO. A forma verbal *remete-se* (VTI) exige a preposição *a*, logo ela não pode ser retirada antes dos objetos indiretos.

11 – C. Toda vez que cair uma questão como esta, ou seja, regência com pronome relativo, fique ligado no verbo ou no nome que vem após o pronome relativo. Digo isso porque eles é que vão ditar a regência e, consequentemente, o uso da preposição antes do pronome relativo. Vou grifar o verbo ou o nome e sua preposição

antes do pronome relativo, ok? Lembre-se de que a banca quer a regência INCORRETA. a) *O processo de globalização e a mundialização* ***dos*** *quais as organizações têm sido* ***vítimas***. b) *O processo de globalização e a mundialização* ***sobre*** *os quais as organizações têm tido alguma* ***influência***. c) *O processo de globalização e a mundialização* ***com*** *cujos parâmetros as organizações procuram imitar*. COM cujos parâmetros? De onde vem este COM? Algum verbo ou nome exige tal preposição? Claro que não! Quem procura imitar, procura imitar alguém ou algo. Eis o erro! d) *O processo de globalização e a mundialização* ***para*** *os quais as organizações têm voltado sua* ***atenção***. e) *O processo de globalização e a mundialização* ***por*** *cujos princípios as organizações procuram* ***guiar-se***.

12 – C. Questão megapolêmica, em que se marca a "melhor resposta"! Na letra A, o verbo *assistir* (= *ajudar*) pode ser VTD ou VTI (com preposição *a*). Na letra B, há um (1) gramático (só conheço ele!) que admite o uso de *implicar* (no sentido de resultar, acarretar) com a preposição *em*: Celso P. Luft. Os demais dizem que, nesta acepção, *implicar* é VTD. Polêmicas! Na letra C, ninguém tem dúvidas de que *importunar* é VTD (quem importuna, importuna alguém e não a alguém). Na letra D, ninguém tem dúvidas da dupla regência de **influir** (*em* ou *sobre*). Na letra E, há bons gramáticos, como o próprio Luft, que aceitam a regência do verbo *visar* com a preposição *a* (VTI) ou <u>sem</u> a preposição (VTD). Fazer tal coisa com o candidato é *privilégio* da Fundação Dom Cintra? Claro que não! Todas as bancas fazem isso: ESAF, FCC, CESPE, FGV etc., etc., etc. Fique esperto!

13 – E. O verbo que não exige complemento é chamado de intransitivo. No enunciado, o verbo *custar* (exprimindo preço/valor) é sempre intransitivo, acompanhado de adjunto adverbial de preço (R$ 35). Pois bem... o verbo *caçar*, na letra E, não exige complemento algum, portanto ambos os verbos são intransitivos. Os demais verbos exigem complementos (que eu sublinhei). Na letra D, o verbo ser é de ligação. Veja: a) *"...de quem* ***procura*** a reserva *para comprar artesanato,"*. b) *"para* ***levar*** um casal de amigos*"*. c) *"Scavello* ***considera*** *positiva* a implantação do sistema na aldeia*:"*. d) *"– Não* ***somos*** *assalariados,"*.

14 – D. Vejamos uma por uma: I – O verbo *aspirar* (=*almejar*) exige a preposição *a*. II – O verbo *assistir* (=*ver*) exige a preposição *a*. III – O verbo *implicar* (=*acarretar*) não exige preposição alguma, segundo 99% dos gramáticos. IV – O verbo *chegar*

exige a preposição *a*, mas diante da palavra *casa* só haverá crase se ela vier especificada, o que não é o caso.

15 – C. a) *O provedor **cujo plano** comprei demonstra eficiência.* Esta questão é sobre o uso do *cujo*! Ele nunca é substituído pelo pronome relativo *que*. O *cujo* fica entre dois nomes estabelecendo uma relação de posse entre eles. b) *As pessoas **as quais** compareceram desconheciam informática.* O verbo comparecer não exige a preposição *de*. c) *O desejo **de que** a Internet ficasse mais rápida se realizou.* Segundo o padrão CESGRANRIO, seria um erro omitir essa preposição exigida pelo substantivo *desejo* antes da conjunção integrante. Portanto, está certa. d) *O menino, **cujo** pai trabalha em informática, virá ajudar-nos.* O artigo nunca vem acompanhando o pronome relativo *cujo*. e) *A matéria **em que** me dei mal foi programação.* Quem se dá mal se dá mal *em* alguma coisa.

16 – D. a) Segundo a vasta maioria dos gramáticos, não podemos ter um complemento só para verbos de regências diferentes, logo deveria ser: *"Entrei **n**o escritório e saí **d**ele hoje correndo."*. b) O certo seria *"O relatório **de** que (ou sobre o qual) te falei está em cima da mesa."*, pois quem fala, fala **de/sobre** alguma coisa. c) Quem dá, dá algo a alguém, logo *"Esse é o colega **a** que (ou a quem ou ao qual) dei meu endereço novo."*. d) Ele aprendeu a usar a máquina por alguma coisa (pelo manual), logo está certo o uso da preposição *por* antes do pronome relativo *que*. Poderíamos reescrever assim: *"O manual **pelo qual** aprendeu a usar a máquina é ruim."*. e) O certo seria *"A ilha **para onde** (ou **para a qual**) eu mudei minha residência oficial é grande."*.

17 – E. O verbo *ir* exige a preposição *a*. Além disso, o verbo *assistir* (=*ver*) exige a preposição *a*. Logo: *"Fomos Ao cinema ontem assistir **ao** filme."*. Bem fácil esta!

18 – C. O verbo *recordar* não exige complemento preposicionado, logo é um VTD. O verbo *lembrar* também é VTD, logo não pode exigir complemento preposicionado. Reescrevendo... *"Gostava de **recordar** os fatos de sua infância./Gostava de **lembrar** os fatos de sua infância."*. Vale dizer que o verbo pronominal *lembrar-se* é VTI e exige a preposição *de*. Veja: *"Gostava de **se lembrar d**os fatos de sua infância."*. Aí, sim, estaria certo! Beleza?

19 – ERRADO. O verbo *chamar* no sentido de "classificar", "cognominar" é um verbo transobjetivo, ou seja, exige um objeto direto seguido de um predicativo do objeto. Substituindo o pronome relativo *que* por seu antecedente, teremos a seguinte reescritura: *"Ele chama* a ética *(OD) de* metafísica dos costumes *(POD)."*. Quanto à preposição *de*, saiba que ela é facultativa sempre antes do predicativo do objeto do verbo *chamar*. Sendo assim, o trecho em itálico não é complemento verbal nem a preposição deve ser colocada **obrigatoriamente**.

20 – ERRADO. O nome *indicação* exige a preposição *de*. Mera questão de regência. Logo, lê-se o trecho assim: *"A indicação inicial é (a = aquela)* de *que, sim, a rede está alterando..."*. Segundo a maioria dos gramáticos, a oração com função de complemento nominal é iniciada por preposição obrigatória (outros gramáticos dizem que ela pode ficar implícita).

21 – ERRADO. Os dois primeiros nomes – *decorrência* (***de***) e *condizente* (***com***) –, de fato, exigem complementos preposicionados, mas *irreprimível* não exige complemento preposicionado algum. Em *a voz irreprimível dos fantasmas*, a preposição *de* estabelece uma relação nocional de posse entre *voz* e *fantasmas*.

22 – E. Questão de regência nominal purinha! Em A: *"Alguns acreditam que com o advento da chamada globalização o mundo foi* ***reduzido a/em*** *uma pequena aldeia"*. Em B: *"É notável a* ***submissão*** *de certos animais* ***para com/a****o dono."*. Em C: *"Não se pode afirmar que não haja* ***legitimação para*** *as regras morais na sociedade contemporânea."*. Em D: *"Parece razoável propor que em todas as áreas do conhecimento há certa* ***dicotomia*** **em**/***entre*** *teoria e prática."*. Em E: *"Alguns críticos acreditam que a sensibilidade é* ***inerente*** **em**/***a****os grandes artistas."*.

23 – D. a) *"Os argumentos* ***em*** que *devemos* nos *agarrar devem se pautar nos limites da racionalidade e da justiça."* Quem deve se agarrar, deve se agarrar **em** algo/alguém. Quanto ao uso do pronome oblíquo átono em próclise ao verbo principal da locução verbal (... *em que devemos* ***nos*** *agarrar*), Cegalla e Azeredo dizem ser formas corretas, mesmo com palavra atrativa antes da locução; os demais dizem que não! Portanto, faço questão de reescrever de duas maneiras diferentes para atender às exigências da maioria dos gramáticos: *"... em que* ***nos*** *devemos agarrar"* ou *"... em que devemos agarrar-****nos****"*. Essas duas formas de colocação pronominal são consenso entre

os gramáticos. b) *"Os casos históricos* ***a*** que *Voltaire recorre em seu texto ajudam-no a demonstrar* que *a pena de morte é ineficaz."* Quem recorre, recorre ***a*** algo/alguém. Este último *que* é uma conjunção integrante, pois conecta a oração anterior à posterior sem substituir/retomar nenhum termo anterior como faz o pronome relativo. A preposição antes da conjunção integrante estava errada porque "quem demonstra, demonstra algo". c) *"A pena de talião é um recurso* cuja *eficácia muitos defendem, ninguém se abale* ***de*** *tentar demonstrá-la."* Quem defende, defende algo. O uso da preposição antes do *cujo* é um equívoco. O verbo *abalar-se* (= *fugir*) exige a preposição *de*. d) *"Os castigos* a que *se submetem os criminosos devem corresponder à gravidade* de que *se reveste o crime."* Quem se submete, se submete ***a***. Certo. Quem se reveste, se reveste **de**. Certo. Impecável! e) *"As ideias liberais,* ***a*** cuja *propagação Voltaire se lançou, estimulam legisladores* em quem não falte o senso de justiça." Quem se lança, se lança A algo/alguém.

24 – E. No enunciado, o verbo é VTDI. Veja: "... ***cederam*** passo *(objeto direto)* a uma posição passiva *(objeto indireto)...*". O mesmo ocorre com o verbo *pautar* na letra E: "... *deverá* ***pautar*** sua ação *(objeto direto)* em código de conduta *(objeto indireto)...*"

25 – B. Veja logo a letra B: "... *um vício* de que ***muita gente da imprensa não consegue se esquivar***". A pergunta que você vai fazer é: "Muita gente da imprensa não consegue se esquivar **de** quê?" **Do vício**, certo? Afinal, quem se esquiva, se esquiva **de** algo/alguém. Em outras palavras, veja se após o pronome relativo há um verbo ou um nome **exigindo uma preposição**. Se houver (Brasil!), a preposição ficará antes do pronome relativo! Ok? a) *"O Príncipe é um símbolo reincidente,* ***de*** cujo *nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento."* Quem tem conhecimento, tem conhecimento **de** algo. c) *"A trama* ***da*** qual *o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso."* Quem participa, participa **de** algo. O pronome relativo *a qual* está retomando *a trama*, expressão feminina, logo está bem usado. d) *"Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão* ***da*** qual *decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve"*. Toda a trama *decorreria* **de** algo. e): *"Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação* ***de*** que *irão depender todas as demais."* Todas as demais *irão depender* ***de***...

26 – A. Na letra A, veja que o *cujo* está bem usado, respeitando todos os critérios de uso. Sobre a preposição, ela vem antes do pronome relativo porque o verbo

acreditar a exige: *"Não deu certo o tal do método prático* ***em*** cuja *eficiência Paulo Honório chegou a* ***acreditar.***". Vejamos os demais erros: b) *"Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada* ***de*** que *nenhum escritor pode* ***abdicar****."* Quem abdica, abdica algo ou **de** algo. c) *"Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal* que *jamais* ***toleraria****."* Quem tolera, tolera algo/alguém. d) *"Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas* cujo *brilho ninguém* ***superaria****."* Quem supera, supera algo/alguém. e) *"A linguagem* ***a*** que *Paulo Honório de fato* ***aspirava*** *era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas."* Quem aspira, aspira **a** algo (no sentido de almejar).

27 – C. Observe com calma: *"As hipóteses aventadas,* ***em que*** *se baseiam os especialistas, devem ainda ser comprovadas por exames acurados."*. Quem se baseia, se baseia **em** alguma coisa. Aí está. Faça este teste nas outras alternativas e constatará que não se exige a preposição **em**. a) **com** que. b) que d) A que. e) **de** que.

28 – E. Vejamos as alternativas já corrigidas: a) *"A obsolescência e o anacronismo, atributos* ***a/para/para com/de/por*** os quais *os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar* com a *expressão dez de setembro.*" Os americanos manifestam todo seu desprezo ***a/para/para com/de/por*** estes atributos: obsolescência e anacronismo. O uso do pronome relativo *os quais* está correto, pois ele retoma atributos (masculino plural). b) *"O estado de psicose,* ***no*** qual *imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança* cuja *radicalidade muitos recriminam.*" Quem imerge, imerge **em** algum lugar... Quem recrimina, recrimina algo/alguém. O uso dos pronomes relativos está correto, pois *o qual* retoma *estado de psicose,* expressão masculina singular; quanto ao *cujo,* estabelece a relação de posse entre dois nomes adequadamente. c) *"A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo* o qual *ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo* ***por/do*** qual *foram tomados tantos americanos."* Quem se arrisca a pronunciar, se arrisca a pronunciar algo. Quem é tomado, é tomado **de/por** alguma coisa. Quanto ao uso de *o qual* retomando *algo* e *pasmo,* não há nada a dizer, pois está corretíssimo. d) *"Não é à descrença, sentimento* ***por*** que *nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é* à *esperança que queremos nos apegar."* Quem se sente invadido, se sente invadido **por** algo. Quem quer se apegar, quer se apegar A algo/alguém. Sobre o uso do pronome relativo *que,* você já sabe que ele retoma qualquer palavra. e) *"Fatos como os de 11/9,* com que *ninguém espera se deparar, são*

também lições terríveis, de cujo *significado não se deve esquecer."* Quem espera se deparar, espera se deparar **com** algo/alguém. Quem não se deve esquecer, não se deve esquecer **de** algo/alguém. Os pronomes relativos *que* e *cujo* estão dentro do padrão culto.

29 – CERTO. O verbo *consistir* exige a preposição ***em***. Tanto *na reelaboração* quanto *em novas formas* são complementos indiretos (objetos indiretos) do verbo. Simples assim.

30 – A afirmação está **CORRETA**. Veja: "... *deve ser tomada em relação* ***a***o modelo ... *e (em relação)* ***a***o destino...".

31 – CERTO. Esta afirmação da banca procede, pois o adjetivo *somado* exige preposição *a + os*, que, por ser um demonstrativo, equivale a "aqueles", logo o elemento *aos* poderia ser corretamente substituído por **àqueles** (... somado ***a*** + ***a****queles* = à*queles*...).

32 – A frase está **CORRETA**. O verbo *escapar,* no sentido de "fugir", é transitivo indireto exige um complemento preposicionado. Foge-se **a/de** algo. O verbo *escapar* tem a mesma regência. Portanto, podemos reescrever o trecho "... pois a verdadeira natureza do negócio *lhe* escapara" assim: "pois a verdadeira natureza do negócio escapara *a ele (ou dele)".*

33 – B. Talvez você tenha pensado que deveria haver a preposição *com* entre *fazer* e *que* (*fazer com que*), certo? Só que essa preposição é facultativa antes de conjunção integrante. Portanto, pode-se dizer: "... fazer com que..." ou "... fazer que...". Veja os desvios das demais (corrigidas): a) *Em seu fingimento, só* ***restou*** *(este verbo não exige a preposição "de") que dissesse ao ex-sócio que sentia saudades dele.* c) *Em* ***atenção a*** *(o nome atenção exige a preposição "a") seu talento indiscutível, pouparam-no* ***d****as devidas multas (quem poupa, poupa alguém de alguma coisa).* d) ***Passou*** *os documentos* ***a/para*** *(passa-se algo para/a alguém) a mão do técnico e não os perdeu de vista até ao final da reunião.* e) ***Inconformado com*** *(o adjetivo inconformado exige a preposição "com") que eles propalavam injúrias a seu respeito, decidiu denunciá-los.*

34 – E. a) *Só mesmo ele, com sua ousadia, podia ter-se* ***arrogado*** a *certos direitos.* (o verbo é VTDI e exige a preposição *a*). b) *Percebeu que o que fizera era uma* ***exorbitância*** de *suas funções.* (o substantivo exige a preposição *em* ou *de*, principalmente). c) *No dia* ***seguinte*** à *postagem da carta, ela já a recebia em casa.* (o adjetivo seguinte exige a preposição *a*). d) *Sua função* o ***incompatibilizou*** *com muitos colegas.* (o verbo é VTDI: incompatibiliza-se algo/alguém com algo/alguém). e) *Depois de anos,* ***resignou-se*** *definitivamente* àquele *modo de vida precário.* (o verbo exige a preposição *a* + *aquele* = *àquele*).

35 – B. Segundo a CESGRANRIO, a preposição não é facultativa antes de complemento em forma de oração. Ou seja, se o verbo ou o nome exigir preposição, esta ficará ex-plí-ci-ta antes do complemento oracional. A letra A está errada porque deveria ser: *"A certeza* ***de*** *que a sorte chegará para mim é grande."*. Preposição explícita! Percebeu? Por isso o gabarito é *"Preciso* ***de*** *que me arranjem um emprego."*. Veja as demais (já corrigidas): c) *Convidei* ***a*** *(artigo) Maria para vir ao escritório.* d) *A necessidade* ***de*** *que ele viesse me ajudar me fez chamá-lo.* e) Às dez horas em ponto, estarei ***em*** *sua casa.*

36 – A. Já tratamos do caso dos verbos *esquecer/lembrar* aqui, lembra-se disso? Como o verbo da alternativa a) é pronominal, exige a preposição *de*, corretamente empregada junto ao pronome demonstrativo. Corrigindo as demais: b) *Os professores avisaram* ***os*** *alunos da prova.* c) *Deve-se obedecer* ***ao*** *português padrão.* d) *Assistimos* ***a*** *uma aula brilhante.* e) *Todos aspiram* ***ao*** término do curso.

37 – E. *"... e* ***o*** *(= aquilo)* de *que* necessita*"*. Quem necessita, necessita **daquilo**. *"...o dinheiro* com *que* pagar*"*. Quem paga, paga **com** dinheiro.

38 – Há erro em (4). Quem direciona, direciona alguém/algo (OD) para alguma coisa (OI). Logo, o certo é "direcioná-los para...". A (5) está certa, pois o adjetivo *conscientes* exige a preposição *de.*

39 – B. O verbo *interessar* exige a preposição *a*, logo *interessava a ele* está adequado à norma culta. Sobre *manifestar-se*, este verbo pronominal normalmente tem como complemento termos iniciados por sobre, quanto a, acerca de, a favor de, contra. Logo, igualmente correta está a regência. Vejamos os desvios das demais: a) *"... e até*

de *irresponsável"*. c) *"... de que todos tinham orgulho"*. d) *"Sua obra é daquelas* de *que se pode dizer tudo..."* e) *"Aquele professor é a verdadeira razão* pela qual (por que) muitos estudantes decidiram dedicar-se à pesquisa, o que o (exerce função de sujeito de ser (VL), logo não pode ser 'lhe') faz ser constantemente mencionado como exemplo a ser seguido.".

40 – E. Segundo Bechara, no capítulo de adjunto adverbial, o verbo *falar (de)* é intransitivo na acepção do enunciado e *de discos* é seu adjunto adverbial de assunto (ou matéria tratada). Portanto, não haveria resposta, uma vez que temos em a) VTI, b) VTI, c) VTI, d) VTI e só em e) VI. Ou seja, todas as opções, exceto a E, seriam o gabarito. Não obstante, segundo Francisco Fernandes e Celso P. Luft, em seus dicionários de regência, *falar* é VTI, logo, na visão deles, só restaria a letra E, gabarito da banca. Valia fazer um recurso, mas...

41 – A. Tanto o verbo *comprovar* quanto o verbo *alegar* não exigem preposição, logo a opção a) deve ser assim reescrita: *Comprovou que e alegou que os documentos eram originais.* Nas demais opções, segue-se a regra aceita por alguns gramáticos, como Cegalla e Bechara, a saber: pode-se dar o mesmo complemento a termos de regências diferentes. b) *Segurou o menino* ***com*** *(a mão esquerda) e* ***pela*** mão esquerda. c) ***Por conta de*** *(saldar dívidas) e* ***para*** *saldar as dívidas, penhorou seu único imóvel.* d) *Necessitava* ***de*** *(documentos que haviam ficado retidos indevidamente) e exigia os documentos que haviam ficado retidos indevidamente.* e) *Os estados se unificaram* ***em*** *(uma sólida confederação) e* ***por*** *uma sólida confederação.*

42 – D. Dentre os sentidos de assistir, pode ele significar "caber, dizer respeito a": É forçoso reconhecer que razão cabe ao magistrado.

43 – A. I – O verbo preferir tem regência fixa: prefere-se isso A aquilo. II – *"... a cujo* acesso...". III – O substantivo *parte* exige a preposição *de*, que fica antes do pronome relativo. IV – Quem autoriza, autoriza alguma coisa, logo este verbo não exige preposição alguma. V – O verbo *dispor* exige a preposição *de*, que fica obrigatoriamente antes do pronome relativo.

44 – B. a) *"... nada melhor* ***que*** *(ou* ***do que****)..."* (a estrutura é de comparação de superioridade). b) O verbo *dignar-se* exige a preposição *de*. Perfeito! c) O verbo *ocasionar*

não exige preposição alguma *("... ocasionou um fim trágico.")*. d) *"foram atendidas **no** Hospital..."*. e) O verbo *acreditar*, tendo como complemento uma oração não exige preposição, pois é um VTD, logo *"Acredito, sinceramente, que o melhor a fazer é afastá-lo da comissão."*.

45 – D. Como o verbo entender é transitivo direto, não exige complemento preposicionado. Simples.

Capítulo 30

Gabarito

1 – A. O topônimo *Brasília* não vem antecedido de artigo, mas, por estar especificado por *dos meus sonhos* passa a vir. Sendo assim, a preposição exigida pelo verbo *ir* se funde com o artigo, formando a crase: *Vou a + a Brasília dos meus sonhos = Vou* à *Brasília dos meus sonhos*. b) Se fosse "da segunda à sexta", por causa da correlação, a crase seria obrigatória. c) O verbo viajar não exige a preposição *a*, logo não pode haver crase. d) Cavalo não dita moda. Logo, dizer "bife à cavalo" é o mesmo que dizer que o cavalo come bife de uma determinada maneira a ponto de lançar moda. Loucura total! e) Não há crase diante de verbo.

2 – D. Antes de mais nada, curiosa foi a ousadia da banca em expor a expressão à distância (não especificada, mas craseada). Vamos lá! O erro da D se dá porque não há crase entre palavras repetidas. a) Locução prepositiva de núcleo feminino é sempre craseada. b) Locução conjuntiva de núcleo feminino é sempre craseada. c) Locução adjetiva de núcleo feminino é sempre craseada; quando indica instrumento ou meio, há polêmica! e) Locução prepositiva de núcleo feminino é sempre craseada.

3 – D. Além de o sentido mudar, mudou a classificação sintática. "Saiu à francesa" (sentido: saiu sem ser notado; função sintática: adjunto adverbial de modo). "Saiu *a francesa*" (sentido: a francesa saiu; função sintática: sujeito).

4 – D. (1) Não há crase diante de pronome indefinido, ainda mais no masculino. (2) Não há crase depois de outra preposição, exceto "até" (caso facultativo); o *a* é

só um artigo. (3) idem ao anterior. (4) O nome *atenção* exige a preposição *a* + *as questões* = às questões. (5) Idem ao (2).

5 – C. (1) Não há crase diante de palavra masculina. (2) O adjetivo *ligada* exige a preposição *a* + *as políticas* = às políticas. (3) Não há crase depois de outra preposição, exceto "até" (caso facultativo); o *a* é só um artigo. (4) A expressão *com vistas a* termina em preposição *a* + *a implementação* = à implementação. (5) O substantivo *ameaças* exige a preposição *a* + *a estabilidade* = à estabilidade.

6 – A afirmação está equivocada, pois é o substantivo *rumo* que exige a preposição *a* + *a modernização* = à modernização.

7 – E. O verbo *aproveitar* não exige preposição alguma, pois é um VTD (quem aproveita, aproveita alguma coisa). Logo o trecho deve ser: "...*condições de aproveitar* as *oportunidades*...".

8 – A afirmação, autoexplicativa por sinal, procede. No entanto, saiba que a maioria dos gramáticos veem o *a* antes da preposição *de* como um pronome demonstrativo. A ESAF, entretanto, se baseia muito no Bechara e no Luft para a formulação de suas questões; na visão desses caras, o *a* antes de *de* é um artigo seguido de substantivo implícito.

9 – CORRETA. O *a* antes de *fatores* e *garantias* é só uma preposição, pois tais substantivos pluralizados estão em sentido genérico.

10 – E. Não há crase antes de verbo.

11 – A afirmação está equivocada, pois não há crase antes de verbo, em hipótese alguma!

12 – A afirmação está perfeita. É autoexplicativa.

13 – E. Nas duas primeiras lacunas, não há crase, pois o verbo *regendo* não exige preposição, logo só cabem artigos. Na terceira e na quarta lacuna, não há crase antes

de verbo. Na última lacuna, o substantivo rumo exige a preposição *a* + *a maturidade* = à maturidade.

14 – INCORRETA. Não há crase antes de palavra pluralizada em sentido genérico.

15 – ERRADO. Não há crase diante de pronome demonstrativo, exceto *aquele(a/s), aquilo.*

16 – CERTO. A afirmação da banca procede, pois o adjetivo *somado* exige preposição *a* + *os*, que equivale a "aqueles". Logo, o elemento *aos* poderia ser corretamente substituído por "**àqueles"** (... *somado* ***a*** + ***a****queles* = à*queles*...).

17 – B. *É a atividade de construção de que o artista dispõe, o seu poder de imprimir* ***a*** *um trabalho* (não há crase diante de artigo indefinido) *sentimentos e sensações, e a qualidade de pensamento que conferem humanidade à arte* (crase clássica; confere-se humanidade ***a*** **+** ***a*** *arte*)*; e essa humanidade pode ser realizada com uma série ilimitada de temas ou elementos formais. Tudo isso já foi repetido à exaustão* (caso obrigatório de crase: locução adverbial de núcleo feminino).

18 – A. O verbo *ascendeu* exige a preposição *a* + *a classe média* = à classe média. Antes de verbo (*a consumir*) e antes de artigo indefinido (*a um ritmo acelerado*), não há crase.

19 – A. O verbo *aludir* exige a preposição *a* + *a felicidade* = à felicidade.

20 – A. Tanto no enunciado como nesta opção, o substantivo *ameaça* rege um complemento iniciado pela preposição *a* + *a integridade* = à integridade. Simples assim. b) O verbo ameaçar é VTD, não exige preposição *a*. Não confunda verbo com substantivo. c) Não há crase diante de palavra masculina. d) Idem ao anterior. e) Idem ao B.

21 – D. Não há crase antes do pronome relativo *que*, a não ser que antes dele haja um pronome demonstrativo *a* (= *aquela*), o que não é o caso. Quem faz justiça, faz justiça *a* + *a complexidade* = à complexidade. Na última lacuna, não há crase diante de palavra masculina. Basicão!

22 – D. Tanto no enunciado como nesta opção, o verbo chegar exige a preposição *a + a (inevitável) conclusão = à (inevitável) conclusão.* O fato de haver um termo antes do substantivo feminino não significará que não haverá crase.

23 – A. Não há crase diante de artigo indefinido. Quem dá lugar, dá lugar *a + a escalada = à escalada.* Não há crase antes do pronome relativo *que*, a não ser que antes dele haja um pronome demonstrativo *a (= aquela)*, o que não é o caso.

24 – Questão maldosa! A afirmação está equivocada, pois o padrão culto escrito abonaria, sim, o emprego de **ao**: *No entanto, a elaboração anterior* ***ao Grupo****...*

25 – INCORRETA. Só é opcional ou facultativa a crase antes de pronome possessivo adjetivo feminino, ou seja, em *ou são ligadas à (a) sua comunidade.* Veja isso em *Casos Facultativos.*

26 – B. a) Não há crase diante de verbo. b) Há crase diante de palavra feminina em sentido específico. c) Não há crase diante da maioria dos pronomes indefinidos (exceto *outra(s), várias, demais...*). d) Idem ao C. e) Não há crase diante de pronome demonstrativo, exceto *aquele(a/s), aquilo.*

27 – CERTO. Se há preposição *(a) + artigo (os)*, o feminino disso seria preposição *(a) + artigo (a)*, o que resultaria na crase. Logo, a substituição de *aos contornos constitucionais* por **à legislação constitucional** está perfeita.

28 – C. Não ocorre crase diante de palavras pluralizadas (com sentido genérico ou indefinido). Para haver crase, é preciso **a** (preposição) + **a** (artigo). Só haveria crase em C se houvesse artigo "**as**" antes de *palavras*: *Ele sempre fazia alusão* às *(a + as) palavras de seu poeta favorito.*

29 – E. A regência verbal em *atender* exige a preposição **a** que, junto do artigo feminino *as* (necessidades), forma a crase (às necessidades). a) *Os empregados mostraram-se resistentes* ***(a*** *ou* ***às)*** *mudanças na empresa.* Não há crase diante de palavra pluralizada em sentido genérico. b) *Muitos gostariam de ter um tempo maior* ***a*** *fim de se qualificar.* Não há crase diante de palavra masculina. c) *O mercado oferece menos chances* ***a*** *quem está afastado.* Não há crase diante desse pronome indefinido. d) *O bom*

*profissional está atento **a** todas as transformações do mercado.* Não há crase diante desse pronome indefinido, ainda mais pluralizado.

30 – D. Acento exigido pela regência verbal (... *se deveu a + a preocupação = à preocupação*). a) Não há crase diante de artigo indefinido. b) Não há crase diante desse pronome indefinido. c) Não há crase diante de verbo. e) *Os estudos dos efeitos dos jogos eletrônicos sobre os idosos vêm sendo realizados **há*** vários anos (indica tempo decorrido).

31 – CERTO. Autoexplicativa: *"... adequar os serviços a + as populações = às populações..."*.

32 – CERTO. *Bizu* de crase: se for possível substituir à por *ao*, há 99% de chance de a crase estar certa. Vejamos: *"a (preposição) + o (artigo) = ao gênero humano"/a (preposição) + a (artigo) = à espécie humana.*

33 – ERRADO. A expressão às voltas com é uma locução prepositiva de núcleo feminino. Caso obrigatório de crase.

34 – ERRADO. Em *não se impõem as mesmas renúncias*, a análise sintática é esta: *não se (OI) impõem (VTDI) as mesmas renúncias (OD).* Logo, não há a mínima chance de haver crase aqui.

35 – INCORRETA. Obviamente altera! Um pouquinho de análise sintática não faz mal a ninguém para acertar esta questão: *"A tradição se tornou um arquivo atemporal, ao qual a produção poética recorre para continuar..."*. Note que *a produção poética* é o sujeito do verbo *recorrer*. Sujeito não pode vir preposicionado, logo não pode ser craseado!

36 – B. Veja que o *a* antes da preposição *de* (enunciado) é um pronome demonstrativo, equivalendo a "aquela". Como o adjetivo semelhante exige a preposição *a*, ocorre a fusão, a crase: *"... uma média semelhante* àquela *de um casal de classe média..."*. O mesmo se dá em *"Esta cena corresponde à (= àquela) que presenciei ontem."*.

37 – C. I – Não há crase diante de pronome pessoal. II – "... *chegou à conclusão (de) que...*". Inferimos que, na VUNESP, é preciso haver preposição explícita antes de oração objetiva indireta e antes de completiva nominal. III – Não há desvio algum de regência verbal, de fato.

38 – A. Questão maldosa. Parece que o primeiro *a* é só um artigo, pois parece que *angústia de imaginar que o homem pode estar só no universo* tem função de sujeito. Mas... basta olharmos com mais calma para ver que não é bem assim, não. Veja o trecho na ordem direta: "*A curiosidade humana soma-se* ***a*** + ***a*** = *à angústia de imaginar que o homem pode estar só no universo...*". O resto é mole! Não há crase diante de *tudo* — palavra masculina não rola! E, na última lacuna, o verbo *dar* (VTDI) exige a preposição *a* + *as teses* = *às teses*. Bingo!

39 – E. Na locução prepositiva *até a*, a crase é facultativa. Gostaria de realçar a letra D. Há uma polêmica muito grande entre os gramáticos sobre colocar crase na expressão à vista, por não haver a forma masculina "ao prazo". No entanto, a expressão à vista já se consolidou e figura em provas de concursos como correta (com crase!). O gramático Cegalla é taxativo: à vista e *à vista de* são acentuadas.

40 – E. O verbo *restringir-se* exige a preposição *a* + *a presença* = *à presença*. Simples assim.

41 – B. O substantivo *chegada* exige a *preposição a* + *aquela* = *àquela*. Nível *Teletubbie*!

42 – D. O verbo *aspirar (= almejar)* é VTI e exige a *preposição a* + *a notoriedade* = *à notoriedade*.

Capítulo 31

Gabarito

1 – C. Na primeira frase, comparam-se fatos. Na segunda e na terceira, a conjunção pode ser substituída por "visto que", "uma vez que", "já que", atestando seu valor causal. Na quarta, comparam-se fatos. Na quinta, a ideia é de conformidade; pode-se substituir a conjunção por "conforme".

2 – D. Para saber a classificação da oração, é preciso reconhecer o *se*. Tanto na frase do enunciado como na letra D, a oração iniciada por *se* pode ser substituída por **isso**, o que confirma que o *se* é uma conjunção integrante: *"... não sei **isso** (= se é esta toalha)."/"... gostaria de perguntar **isso** (=se ainda me considera seu amigo)"*. Nas demais opções, o *se* é uma conjunção condicional.

3 – B. Ambos os "ses" são conjunções condicionais, pois introduzem orações de sentido hipotético. Além disso, é possível reescrever os trechos em que aparecem assim: *"Tem paciência,* caso sejam *obscuros. Calma,* caso *te provoquem."*.

4 – B. Teste do *bizu*: *"O importante é **isso** (= que todos se convençam de que é preciso lutar)"*. Logo, o *que* é uma conjunção integrante. Nas demais opções, o *que* é um pronome relativo.

5 – C. *"Espero **isso** (= que você recupere logo a saúde)."*. a) Pronome relativo. b) Conjunção coordenativa explicativa. d) Partícula expletiva (realce).

6 – B. O primeiro *que* retoma *meu marido*. Para sabermos a função sintática do pronome relativo, basta substituirmo-lo pelo antecedente e reescrever a oração adjetiva: "... meu marido... *não pode de ti ouvir"* (Quem não pode ouvir (falar) de ti? Meu marido). Portanto o primeiro pronome relativo tem função de sujeito. O segundo *que* retoma *amizade*. Fazendo o mesmo *esquema*, temos a seguinte reescritura, em que desenvolvi a oração reduzida para facilitar sua visão: "... (ele (o marido)) sabe que eu te dedico <u>a amizade</u>..." (Eu te dedico o quê? A amizade). Logo, esse relativo tem função de objeto direto de *dedicar* (VTDI). Questão difícil.

7 – E. Substitua o pronome relativo *que* por *o(a/s) qual(is)*. Este é um bom *bizu* para saber se o *que* é um pronome relativo. Outro *bizu*, você já sabe, substitua a oração iniciada pelo *que* por **isso**. Se der, conjunção integrante na cabeça. Veja os *bizus* em ação: *"Outro aspecto **o qual**... leis **as quais** lhes deem... convém recordar **isso**... levantamento **do qual** resultou..."*. Moleza!

8 – A. O primeiro *que* retoma *a agonia do caráter neoliberal*; trata-se de um pronome relativo. Troque por *a qual* e confira. O segundo *que* é uma conjunção

subordinativa comparativa (veja a estrutura de comparativo de superioridade: "... mais... que...").

9 – I e II. Em ambas as opções, há erro na classificação. I – O *como* (= *conforme*) é uma conjunção subordinativa conformativa; indica, pois, conformidade e não comparação. II – Na ordem direta: *"Imaginar **isso** (= que há inflação no Brasil) é um erro."*. Assim, o *que* é uma conjunção integrante, não tem valor semântico de nada.

10 – B. *Bizus* em ação: *"À evidência imposta,* a qual *presume **isso** (=* que *a única forma aceitável de organização de uma sociedade é a regulação pelo mercado)..."*. Simples assim!

11 – C. O vocábulo *como* na frase do enunciado e na opção c) é uma clara conjunção subordinativa comparativa. a) Conjunção subordinativa comparativa. b) Conjunção subordinativa causal. d) Advérbio interrogativo de modo (em frase interrogativa direta). e) Advérbio interrogativo de modo (em frase interrogativa indireta).

12 – A afirmação está equivocada, pois não se pode dispensar é que da frase, logo não se trata de uma expressão expletiva. Na verdade, trata-se de um verbo de ligação + uma conjunção integrante: *"O que é importante notar aqui é **isso** (= que a oposição entre falar e escrever...)."*.

13 – E. Substituindo o *Se* por *Caso*, a frase fica assim: *"*Caso *não transmitamos uma ética robusta a eles, nosso DNA terá curta duração."*. Além disso, note que a oração iniciada por *Se* tem valor hipotético, próprio da condição. a) Conjunção integrante. b) Partícula apassivadora. c) Partícula de indeterminação do sujeito. d) Parte integrante do verbo.

14 – Afirmação equivocada. O *como* é uma preposição acidental que introduz um aposto. Já o *Como* equivale a "visto que", "já que", "uma vez que" etc., ou seja, é uma conjunção causal.

15 – D. Todos os "quês" do segmento do enunciado são conjunções integrantes. A única opção que traz uma conjunção integrante é a d): *"o fato é **isso** (= que não dá para evitar a constatação)"*. Nas demais opções, o vocábulo *que* é um pronome relativo.

16 – A. I – *Comparam-se aparelhos com o bluetooth.* II – *"Visto que, já que, dado que, uma vez que...".* III – *"conforme eu ia dizendo...".* Não dava para errar esta, hein!

17 – A. Nas ocorrências do enunciado e na letra a), o *como* tem valor conformativo. b) Causa. c) Modo. d) Comparação. e) Comparação.

18 – C. A ideia é de condição, hipótese, por isso há equivalência semântica entre *se* e *no caso de.*

19 – Ambas as afirmações são equivocadas. O *Se* é uma conjunção condicional e pode iniciar período, sem problemas. A expressão é que não é expletiva, trata-se de um verbo vicário seguido de uma conjunção subordinativa causal. Um verbo vicário é aquele que ocupa o lugar de outro para evitar sua repetição. Lê-se assim: *"Se faziam tudo aquilo,* ***faziam porque*** não tinham casa.".

20 – ERRADO. Não há a mínima possibilidade de o *se* indicar um sujeito indeterminado, pois o sujeito está explícito (*Os participantes*).

21 – B. *Bizus* em ação: *"É certo* ***isso*** *(= que a mudança...).":* conjunção integrante. Entre o verbo *ter/haver* + infinitivo, o *que* é uma preposição acidental, equivalendo a "de": *"terão* ***de*** *abranger".*

22 – D. Tanto na frase do enunciado quanto na da letra d), o *se* é uma conjunção integrante. Mais uma vez o *bizu* resolve: *"Outra discussão chata, durante e após as partidas, é* ***isso*** *(= se um jogador teve a intenção...)."/ "Não dá para o árbitro saber* ***isso*** *(=* se *a falta foi intencional ou não).".* a) Parte integrante do verbo. b) Partícula apassivadora. c) Conjunção causal.

23 – A. Tanto na frase do enunciado quanto na da letra a), o *que* é um pronome relativo. *Bizu*: *"... baseados em estatísticas* as quais têm pouca ou nenhuma importância."/"... ambiente bélico no qual *se transformou o futebol*". Nas demais opções, o *que* é uma conjunção integrante.

24 – B. A essa hora, você já deve estar escaldado de tanto ver **pronome relativo** e **conjunção integrante**, não é? *Bizus* em ação, novamente: "... *uma ferramenta virtual* ***a***

qual *muitos adolescentes já dominam."/"está permitindo* ***isso*** *(=* ***que*** *alunos do ensino fundamental exerçam sua veia literária...)."*.

25 – E. Na frase do enunciado e na letra e), o *como* é uma preposição acidental, equivale a "na qualidade de". a) Conjunção subordinativa conformativa. b) Conjunção subordinativa causal. c) Conjunção subordinativa comparativa. d) Advérbio interrogativo de modo.

26 – C. Na primeira frase, compara-se o tempo a um remédio. Na segunda frase, pode-se substituir o *como* por *visto que, já que* ou qualquer outra conjunção subordinativa causal.

27 – B. Autoexplicativa. *Bizu*: substitua o *Se* por *Caso*.

28 – C. *Bizu* da conjunção integrante: *decidiram em assembleia* ***isso*** *(=* que *esperariam).* Nos demais casos, o *que* é um pronome relativo.

29 – A. (1) *"Verdade é* ***isso*** *(=* que a ação...)."*. (2) Trata-se de um *que* expletivo, fazendo parte da construção expletiva *ser + que*: "É *por meio dela* que *se faz o cálculo..."* = *"Por meio dela se faz o cálculo..."*. (3) *"... fora da vantagem* a qual *define a regra..."* (*bizu* do pronome relativo). Com os *bizus*, a gente já acertou várias questões, percebeu?

30 – A. O primeiro *Se* tem valor condicional: *"****Caso*** *o cinema esteja cheio, a gente senta..."*. O segundo *Se* não poderia iniciar o período, pois é um pronome oblíquo átono com valor de parte integrante do verbo.

31 – ERRADO. O *se* é apassivador: *"volume que* se *mantém"* = *"volume que é mantido"*.

32 – ERRADO. O primeiro *se* é apassivador (*Sempre se soube* ***isso.*** = ***Isso*** *sempre foi sabido.*). O segundo *se* também *(o problema é muito mais grave do que se supunha (o problema) = o problema é muito mais grave do que era suposto (o problema)).*

33 – ERRADO. O primeiro *se* pode ser interpretado como uma parte integrante do verbo ou como, mais comumente, uma partícula de indeterminação do sujeito. O

segundo *se* é apassivador: *"... se encontravam centenas de milhares de rolos..."* = *"... centenas de milhares de rolos eram encontrados..."*.

34 – C. *Se* (conjunção condicional) = *Caso* + verbo no subjuntivo = hipótese = condição.

35 – C. *Se* (conjunção condicional) = *Caso* + verbo no subjuntivo = hipótese = condição. Fácil!

36 – D. Equivalente a "*Caso* o réu seja culpado... *Caso* o réu seja inocente...". Simples assim.

37 – C. Trata-se de um advérbio de modo.

38 – A. Equivalente a "Depressa, *porque* o amor não pode esperar". Sempre que vier um verbo no imperativo antes do *que* (= *porque*), não pestaneje, conjunção coordenativa explicativa!

39 – A. Equivalente a "*Conforme* as organizações ambientalistas têm denunciado...".

40 – E. O *que* da letra e) retoma o pronome demonstrativo *o* (= *aquilo*): *"[...] desejamos o (= aquilo)* que não temos". Em a), b) e d), use o *bizu* do **isso**, pois são conjunções integrantes. Na c), a conjunção é comparativa, numa estrutura de superioridade (... *mais do que*...).

Capítulo 32

Gabarito

1 – CERTO. Afirmação autoexplicativa.

2 – A. *Enterrar* significa literalmente "pôr sob a terra". No contexto, a palavra foi usada, por desconhecimento, no lugar de "cravar". Quando falamos que "embarcamos" no trem, também ocorre catacrese, pois não há palavra exata para entrar no trem, logo, por analogia, usamos "embarcar".

3 – Selecionei esta questão de propósito. Não confunda "anáfora", recurso coesivo, com "anáfora", figura de linguagem. Esta diz respeito à repetição de palavras no início de uma frase. Aquela diz respeito a palavras que retomam termos anteriores visando à não repetição. A afirmação está correta, mas nada tem que ver com figura de linguagem.

4 – E. Cortiço não é um ser humano para acordar, logo houve personificação, isto é, atribuição de característica humana a ser não humano.

5 – A. (1) Ocorre assonância, pois há repetição de vogais tônicas (*di, lin, vi, vin, mi, vi*). (2) Ocorre paranomásia, pois há vocábulos semelhantes na grafia e no som (*manhas, manhãs*). (3) Ocorre aliteração, pois há repetição de fonemas consonantais (s*erenos* s*ons* *amenos* f*ogem* f*luidas).*

6 – E. Antes de mais nada, saiba que a **alegoria** é uma espécie de metáfora (na verdade é uma sucessão de metáforas) que visa, normalmente, dar uma lição moral. Cristo as usava muito nas parábolas. Agora vamos ao gabarito: (1) Ocorre eufemismo, pois *dormindo* e *deitados* dizem respeito à condição de morte. (2) Ocorre prosopopeia, pois humaniza-se uma cômoda (observe as inicias maiúsculas: Dona Cômoda), tratando-a como "senhora rica". (3) Ocorre antítese, pois há uma ideia clara de oposição (*gentios – fiéis; idólatras – cristãos*).

7 – B. Comparam-se seres de universos distintos (*obra – auto-retrato*). Só de curiosidade: segundo a nova reforma ortográfica, escreve-se "autorretrato".

8 – C. O barbarismo é um desvio gramatical. Veja como deveria ficar cada opção para se adaptar à norma culta: a) um telefonema, espontânea. b) vierem. d) intervier. e) dispuser, afrouxe.

9 – CORRETA. A anáfora, repetição da mesma palavra ou expressão no início de diferentes frases ou versos, é recorrente, de fato. Há a repetição da palavra *quantos* no início de cada uma das cinco frases presentes nesse trecho.

10 – E. Notas musicais não dormem, logo há uma personificação (ou prosopopeia).

11 – C. Palmeira não é ser humano para confiar, logo trata-se de uma personificação.

12 – A perífrase consiste em exprimir aquilo que poderia ser expresso por menor número de palavras, logo a afirmação procede, pois *"O mais renegado dos sete pecados capitais"* = *"ciúme"*.

13 – D. Fácil: *"... nada... tudo..."*. Se há antônimos, há antítese.

14 – B. Parte-se do geral (*tanto no resto do mundo*) para o particular (*como aqui bem perto, em cada esquina*), logo há gradação.

15 – D. Não foi a extensão territorial chamada Inglaterra (todo) que dominou os mares, mas sim os ingleses (parte). Exemplo clássico de metonímia.

16 – D. a) Desde meninos... os pais ou as crianças? b) Quem é perigoso... o filho ou o fogo? c) Evitar a criança ou a criança evitar ficar próxima do fogo? e) Pode dar a impressão de que colocaram a criança em cima do fogo.

17 – C. a) "... nos podemos arrepender... ou ... podemos arrepender-nos...". b) "... pediu para eu não deixar...". d) "Eu o abracei... quando o vi...". e) "Por que foste dizer que a gente não ia sair?"

18 – D. A ambiguidade é a seguinte: a informação foi recebida por volta das 21 horas ou a empresa seria vendida por volta das 21 horas?

19 – C. I – A metonímia consiste na troca de um termo no lugar de outro, havendo estreita ligação ou afinidade de sentidos: Brasil (todo), brasileiros (parte). II – A hipérbole é o exagero da ideia expressa, no entanto, o que se apresenta na frase é a ocorrência de prosopopeia "*cores que enganam o cérebro*"; cores não enganam, foi, portanto, atribuída uma característica humana à cor. III – Só se usa *"Por quê"* em fim de frase ou seguido de sinais de pontuação que indicam uma pausa.

20 – A afirmação procede, pois há uma elipse de um termo já mencionado antes, o que constitui um zeugma: *Desse valor, R$ 265 milhões são oriundos do Orçamento da União e R$ 36 milhões* ***são*** *referentes à arrecadação de multas previstas na legislação eleitoral.*

21 – CERTO. O paradoxo está em ver luzes acesas através de grossas portas, afinal como se vê luz acesa através de uma porta grossa? Isso é paradoxal. A sinestesia está em sentir (tato) luzes (visão).

22 – E. Percebe-se que a palavra *doar* assume sentido conotativo de ironia, porque a atitude de doação não pode depender de uma troca de favores, mas o contexto (político) mostra o contrário.

23 – D. O trecho diz que o subconsciente tem raízes subterrâneas, logo há uma comparação entre seres de universos distintos (partes do cérebro que guardam a memória profundamente são comparadas a raízes subterrâneas, profundas). Logo, ocorre metáfora clara.

24 – B. A personificação é constituída de uma atribuição de característica humana a um ser não humano. Dizer que a memória atira algo em algum lugar é personificar, tornar a memória uma pessoa, afinal, são pessoas que podem atirar algo em algum lugar. Personificação clara!

25 – E. Prosopopeia (ou personificação) é uma figura que consiste na atribuição de sentimentos, psicologia e comportamento humanos a seres não humanos. Quem pode atormentar ou provocar angústia são seres humanos, logo a expressão *as tempestades de verão* é personificada para provocar este efeito de sentido.

26 – A. Comparam-se uma grande quantidade de informações a um *tsunami*. Ocorre metáfora.

27 – B. Há linguagem conotativa clara na ideia de *"a derrubada do Taleban debilitar (tirar ou perder o vigor físico) um grupo terrorista"*. Há personificação clara.

28 – A. Há um exagero explícito em *"gastando mais de cinco litros de saliva"*. Hipérbole clara!

29 – CORRETA. De fato, há uma suavização da ideia contida em *indesejáveis* por causa das aspas. É usado no lugar de *proibidos*, o que tornaria a informação mais contundente.

30 – CERTO. Afirmação autoexplicativa.

31 – E. Mais uma de metáfora... para variar. Compara-se instinto, experiência, razão a participantes.

32 – E. *Tirar para fora*, como *entrar para dentro*, é uma ideia redundante, ou um pleonasmo vicioso.

33 – B. I – *"quatro bocas"* (parte) = *"quatro pessoas"* (todo). II – *branca – escura; linda – medonha*. III – É um exagero dizer que há *"um mundo de ideias"* na cabeça. Está mais para metáfora hiperbólica. IV – Compara-se o coração a um campo minado.

34 – B. Não há comparação entre seres de universos semânticos distintos, logo não há metáfora.

Capítulo 33

Gabarito

1 – CERTO. Há função referencial, pois o objetivo do autor é informar um assunto. No entanto, há metalinguagem, pois em vários momentos o autor usa palavras para explicar palavras. Não se pode negar que haja subjetividade, devido ao uso de advérbio e adjetivo modalizador, neste trecho: *"A situação do japonês é **particularmente curiosa**"*. Portanto, a afirmação da banca procede.

2 – A. No primeiro, usa-se a palavra para definir, explicar uma palavra. No segundo, fala-se diretamente com o leitor.

3 – B. Autoexplicativa.

4 – E. O objetivo do texto é informar.

5 – C. O objetivo do texto é informar.

6 – E. Como o modo verbal é o imperativo, a função da linguagem possui o intuito de influir no comportamento do interlocutor, por meio de ordem, pedido ou sugestão.

7 – C. A ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto, logo o objetivo do texto é informar.

8 – CERTO. A ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto, logo o objetivo do texto é informar.

9 – CERTO. Usa-se um discurso com nomenclatura gramatical para explicar o próprio discurso, logo há metalinguagem. A parte mais evidente é esta: "*... os adjetivos passam, e os substantivos ficam...*".

10 – A afirmação está equivocada porque o autor do texto incentiva o leitor a tomar uma atitude, logo trata-se de linguagem conotativa (observe o imperativo!).

11 – A afirmação está **CORRETA**, pois o código (a língua) é usado para explicar o próprio código.

12 – E. Trata-se da função referencial da linguagem porque a mensagem é centrada em seu referente e este é exterior à linguagem e ao processo de comunicação. O objetivo é informar sobre um assunto.

13 – B. O brasão é um desenho criado especificamente para identificar determinado grupo. Por isso, o objetivo é transmitir uma informação sobre um assunto, no caso a PM/MG.

14 – C. Perceba que os verbos estão no imperativo, com o objetivo de produzir um determinado efeito no receptor.

15 – CERTO. A função emotiva é marcada pelos verbos e pronomes de 1ª pessoa do singular/plural, e isso ocorre nestas passagens*: "Poucos depoimentos* eu tenho

lido.../ ... *que já* conheci *em* minha *vida/* Eu acredito *também nisso, e quando* vejo *aquilo em que* creio *refletido num depoimento como o de Oscar Niemeyer, velho e querido amigo, como não* me *emocionar?"*. A função poética está centrada na maneira como o discurso é construído, principalmente recheada de recursos estilísticos *(... o artigo poderá passar por uma defesa em causa própria – o revide normal de um pai que sai de sua mansidão costumeira para ir brigar por um filho em quem querem bater./... Oscar é não só o avesso do causídico/ Oscar não acredita em Papai do Céu, nem que estará um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso*).

16 – C. O próprio enunciado sugere que a função da linguagem é emotiva (ou expressiva), uma vez que a linguagem da autora se centra no EU. Note as marcas de 1a pessoa, isso é primordial!

17 – D. Autoexplicativa.

18 – D. A função é poética, pois é, antes de tudo, uma poesia. O poeta se valeu de uma forma criativa para falar de um assunto sério.

19 – A. A função poética da linguagem é caracterizada pelo uso de recursos linguísticos com intuito estético, com o fito de obter efeitos criativos de expressão. Encontra-se também na canção a emotividade (sempre note as marcas de 1a pessoa – verbos e pronomes) ou expressividade da linguagem, por meio do sofrimento amoroso do eu-lírico.

20 – ERRADO. A função fática não é definida da maneira como colocou a banca, e sim a poética. A função fática é centrada no próprio canal da comunicação e tem por objetivo estabelecer, ou manter aberta, sem interrupção, a comunicação entre o locutor e o destinatário, mas sem a transmissão de nenhuma mensagem importante, o que não ocorre no trecho.

21 – CERTO. Perfeito o comentário da banca! Autoexplicativo.

22 – ERRADO. Em "*que palavra horrível!*" há uma expressão de ponto de vista, por isso a linguagem é emotiva. Em *"Há quem diga que suas epístolas deram origem à Educação a Distância, já que ele difundia o cristianismo por meio de cartas para seus discípulos"*,

há apenas a informação sobre algo, logo a linguagem é referencial, calcada na transmissão ou explicação de algo. A afirmação da banca é uma "viagem" total.

23 – A. Note as formas de 1a pessoa (verbos – *sou, sei, sinto, lembro* – e pronomes – *eu, eu, me, me, me*), logo a linguagem é centrada na perspectiva do emissor. Fácil.

24 – B. A função emotiva centra-se no emissor da mensagem. O texto é centrado nas ações e sensações do narrador da crônica, o que se pode notar no título do texto e no corpo do texto. Note as formas de 1a pessoa. a) Metalinguística, e não emotiva. c) Conativa. d) Referencial. e) Fática.

25 – A afirmação não procede, pois o tempo todo o eu-lírico fala, poeticamente, sobre o que é a felicidade. Logo, a função da linguagem é poética. Só no finzinho do texto há função conativa: *"Fale baixo por favor."*.

26 – D. A metalinguagem é percebida quando o autor cria um texto para falar sobre a própria construção textual.

27 – E. O próprio enunciado acusa a metalinguagem, quando a define: *"evidencia-se uma centralidade no código linguístico"*.

Capítulo 34

Gabarito

1 – D. Como a concessão é uma ressalva, e ressalva é sinônimo de restrição, o operador *apesar de* (concessivo por natureza) apresenta tal valor semântico.

2 – A afirmação é perfeita, pois tal expressão modalizadora traça um ponto de vista ao que será dito, permitindo ao leitor direcionar sua compreensão.

3 – C. A exemplificação (2o período) é uma ilustração, um cenário, real ou não, daquilo que se está falando (1o período). Como já disse na teoria, não confunda explicação/explicitação/exemplificação.

4 – CERTO. A antítese é clara: *morto, vida; folha escrita, vazio a preencher.*

5 – A afirmação da alternativa não procede, pois tais operadores têm o papel se somar, adicionar, incluir (e não excluir) elementos.

6 – A afirmação procede porque, se *aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção*, isso significa que antes era o contrário disso, ou seja, constituía *o objeto preferido de nossa atenção.*

7 – A. Certos operadores argumentativos de retificação, como *ou melhor, melhor dizendo, quer dizer*, servem para retomar e reformular a informação anterior, assim como *Em outras palavras.*

8 – B. O texto é expositivo-argumentativo, pois apresenta características de dissertação expositiva, em que se explica um assunto de maneira objetiva, e de dissertação argumentativa, em que se apresentam argumentos para fundamentar uma tese.

9 – C. Não se trata de uma simples conclusão. O operador *afinal* sintetiza tudo o que se disse antes, ao introduzir uma conclusão.

10 – E. Há reiteradas passagens no texto com testemunho de autoridade, o que corrobora o gabarito. Basta ver as frases entre aspas e as citações de autoridades ao longo do texto.

11 – A afirmação está **CORRETA**, pois o verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo passa ao presente do subjuntivo (*adiasse – adie*) e o pretérito imperfeito do indicativo passa ao presente do indicativo (*estava – encontra-se*). Apesar do uso de sinônimos para a formação da reescritura em discurso direto, não há erro na transposição.

12 – B. Questão interessante, pois mistura transposição de discursos com voz verbal. O verbo no imperativo (discurso direto) fica no pretérito imperfeito do subjuntivo (discurso indireto): *Restaure-se* (voz passiva sintética) = *fosse restaurada* (voz passiva analítica); *nos locupletemos = locupletássemos.*

13 – B. Note que o primeiro parágrafo tem o propósito de expor um assunto de maneira clara e objetiva, apenas informando. O segundo e o terceiro já usam verbos no imperativo, e o autor se dirige a seu interlocutor em tom de instrução ou comando. Respectivamente, portanto, há exposição e injunção.

14 – C. Note que o enunciado da questão pede que a alternativa correta seja confirmada no texto. Então, deixemos que o texto apoie a assertiva adequada, que segue: *"Os efeitos do neoliberalismo no sistema produtivo são observados, a partir de 1980, tanto em países ricos quanto no terceiro mundo."*. Todo o primeiro parágrafo corrobora esta afirmação ao dizer que uma nova classe de pobres é resultado do progresso tecnológico e industrial, nos países ricos e pobres; em especial os trechos iniciais e finais nos informam isso, respectivamente: *"A década de 1980 foi o marco do surgimento de um novo ator social* ***nos países ricos****: o novo-pobre (nouveau-pauvre)."* e *"Corolário (resultado) do desmoronamento do sistema de proteção social, em um quadro agravado pela* ***revolução tecnológica****... esse novo personagem vai materializar uma inesperada e imprevisível reprodução,* ***no mundo desenvolvido****, do problema da desigualdade social, tão comum* ***no terceiro mundo****."*.

15 – E. De novo, observe o enunciado com calma. A banca quer que você perceba o que não é um fenômeno positivo, ou seja, o que é um fenômeno prejudicial, negativo. Toda e qualquer ação predatória típica do modelo de desenvolvimento de países ricos certamente seria algo prejudicial aos países do hemisfério sul, isto é, tais ações não são bem recebidas uma vez que tudo o que advém do norte é negativo (*"Com devoção e entusiasmo, o sul do mundo copia e multiplica os piores costumes do norte. E* ***do norte não recebe as virtudes, mas <u>o pior</u>****..."*). Sendo assim, não é positivo que o sul receba o modelo consumista, arbitrário, manipulador, impositivo, predatório do norte.

16 – D. A resposta da questão está no seguinte trecho: *"Depois de 20 anos de marcante crescimento global... nova reviravolta pendular foi deflagrada pela crise financeira de 2008, que fez ressurgir em muitos meios a crença no 'Estado grande'"*. Claríssima corroboração do texto! A expressão *crença no 'Estado Grande'* refere-se à crença no intervencionismo do Estado.

17 – CERTO. Dizer *"Não acredito"* é uma forma de posicionamento modalizador, pois indica o ponto de vista do autor. Logo, a afirmação da banca procede.

18 – CERTO. A afirmação, além de autoexplicativa, procede. Coloquei esta questão aqui para ilustrar mais um caso de estratégia discursiva.

19 – CERTO. A biografia é um texto que tem caráter informativo mais próximo da narração e da descrição, na medida em que se conta a história de vida de uma pessoa eminente na sociedade de maneira objetiva.

20 – CERTO. O emissor se detém a explicar a prática físico-militar (objetivo, origem etc.) e depois começa a abordar, segundo seu ponto de vista, os efeitos disso, fazendo-o com uma linguagem clara, objetiva, direta e sem que haja duplo sentido. Isso nos leva a caracterizar o texto como um texto informativo (dissertativo-expositivo) e de linguagem denotativa.

21 – B. Podemos dizer que o primeiro trecho é **narrativo** devido aos elementos da narração (narrador-personagem, noção de espaço e tempo e verbos no passado): *"Em 1954 (tempo), numa cidadezinha universitária dos Estados Unidos (espaço), vi (narrador-personagem/verbo no passado) 'o maior circo do mundo', que continua a ser o sucessor do velho Barnum & Bailey, velho conhecido dos meus primeiros dias de estudante nos Estados Unidos. Vi (narrador-personagem/verbo no passado) então, com olhos de adolescente ainda um tanto menino, maravilhas que só para os meninos têm plenitude de encanto."*. Já o segundo trecho é **dissertativo-argumentativo** devido aos elementos próprios da dissertação argumentativa (verbo no presente do indicativo, tese, estratégia argumentativa): *"O gênio de organização dos anglo-americanos é (verbo no presente do indicativo) qualquer coisa de assombrar um latino (tese). Arma e desarma (verbos no presente do indicativo) um circo gigante como se armasse ou desarmasse um brinquedo de criança (estratégia argumentativa de comparação). E o que o faz (verbo no presente do indicativo) com os circos, faz (verbo no presente do indicativo) com os edifícios, as pontes, as usinas, as fábricas: uma vez planejadas, erguem-se (verbo no presente do indicativo) em pouco tempo do solo e tomam (verbo no presente do indicativo) como por mágica relevos monumentais (estratégia argumentativa de causa-efeito)."*.

22 – A. Note as regras de transposição: o pretérito perfeito do indicativo vira pretérito mais-que-perfeito do indicativo (*parei – parara*) e o pronome mais próximo da 1a pessoa (*isso*) passa a ter um distanciamento (*aquilo*).

23 – B. O texto em questão se configura como um texto dissertativo-expositivo (informativo), cuja estrutura, geralmente, apresenta, no primeiro parágrafo, os tópicos mais importantes que serão aprofundados e explicados nos parágrafos seguintes. Nesse caso, o primeiro aponta as informações mais relevantes, as quais são pormenorizadas ao longo do texto, sobre o projeto publicado no Diário Oficial (a assinatura de um acordo de cooperação entre o MPOG e o ITI, para que fosse utilizada documentação eletrônica em todos os trâmites de processos).

24 – C. Nesse caso, não tem nada a ver relacionar a finalidade do texto, que é "informar algo", à variedade popular e informal da língua. Muito pelo contrário, grande parte dos veículos de comunicação, inclusive os de massa, utiliza a variedade culta da língua. Cabe ressaltar que alguns jornais, por exemplo, utilizam-se da variedade mais informal, com o objetivo de, em alguns casos, aproximar-se de um público específico. Entretanto, isso não é uma regra para esse tipo de texto, vai depender da estratégia de comunicação de cada veículo.

25 – E. No primeiro parágrafo do texto, é informado ao leitor o acordo feito entre as duas entidades. Já no terceiro parágrafo, os detalhes de tal acordo são apresentados. Vamos rever um trechinho: *"O acordo, que tem duração de três anos, prevê a criação de normas, implantação de projeto piloto [...] Para divulgar o PNDProc, também estão previstas no termo de cooperação* ***a capacitação de servidores públicos*** *que atuam na área de documentação[...]"*. Fica explícito, no trecho reproduzido, que a capacitação de mão de obra é uma das obrigações do ITI.

26 – A. A principal característica de um texto argumentativo é a presença de uma tese (ideia principal) que é defendida, pelo autor, por meio de argumentos. Segundo o autor do texto, o consumismo infantil é um problema grave que deve ser enfrentado por todos urgentemente. Essa tese é defendida ao longo do texto, por meio de argumentos fortes, alguns corroborados por dados de pesquisa.

27 – D. O conectivo *mas também* tem valor aditivo. No caso, está somando duas razões para as crianças serem alvos da mídia: 1) influenciam a compra dos pais, e 2) tendem a ser mais fiéis às marcas.

28 – C. Os artigos acadêmicos têm como finalidade apresentar um estudo. Assim, são textos de caráter expositivo, isto é, expõem o assunto abordado de maneira direta e objetiva. Portanto, não há intenção de realizarem-se grandes descrições. Não quer dizer que elas não possam aparecer – a descrição de uma experiência científica, por exemplo – mas jamais a descrição será a característica preponderante. Aprende-se muito com as demais opções, que apresentam características do gênero **artigo acadêmico**.

29 – A. O gênero "crônica" tem como uma de suas principais características o fato de o texto apresentar uma visão subjetiva de fatos cotidianos. Assim, por vezes, o ponto de vista do autor fica evidente. Nesse caso, Ivan Angelo coloca sua opinião negativa em relação ao hábito das pessoas de classes mais baixas adquirirem bens à prestação e, com isso, pagarem mais caro por ele. Perceba, no entanto, meu nobre, que isso é uma questão de opinião. Talvez para o autor seja mais "fácil e inteligente" guardar o dinheiro e pagar à vista. Mas, pensemos, será que as pessoas de classes mais baixas conseguem guardar dinheiro? Sim? Não? Viu? Outra questão de opinião. Essa é a sua característica. Uma opinião pode ser contraposta, contestada. Ao contrário do fato que, independentemente de as pessoas gostarem ou não, como o próprio nome diz, é um fato. Fica esperto!

30 – D. A estratégia da exemplificação é muito utilizada em textos argumentativos. A crônica jornalística, por expor um ponto de vista e defender uma ideia, também tem esse caráter. Sendo assim, o autor utilizou um caso da vida real para reforçar a opinião que já vinha sendo construída sobre a atitude de as pessoas de classes mais baixas contraírem dívidas com naturalidade e otimismo. Dessa forma, ele facilita o entendimento do leitor, no tocante à descrição dessa atitude, que vem logo em seguida, revelando suas motivações e consequências.

31 – E. A gradação é uma estratégia linguística que consiste em enumerar, apresentar ideias, colocadas de maneira crescente ou decrescente. Nesse caso, temos uma gradação crescente em relação à caracterização da globalização. A cada

especificação, os adjuntos adnominais de globalização tornam-se mais fortes, acentuando as dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores: *do olho da rua* (demissão), *do bico* (trabalho informal) e, por fim, *do dane-se* (ausência de qualquer ajuda ou respaldo).

32 – E. O gênero **carta** tem como elemento fundamental um destinatário explícito, geralmente, logo no início do texto. Entenda-se que por explícito não quero dizer possível de identificar a identidade, podem ser utilizadas as formas como "meu caro", "minha querida" etc. Na língua portuguesa, o item gramatical que faz referência ao destinatário de uma correspondência é o vocativo. Assim...

33 – C. No tocante ao ensino de religião pelas escolas públicas, o autor se mantém pragmático (como é dito na letra C), visto que valoriza os aspectos práticos e objetivos ao empregar argumentos de ordem jurídica e econômica, e não de ordem pessoal, subjetiva.

34 – E. Vamos começar entendendo por que estão erradas as afirmações I e II. Na I, diz-se que o autor, ao se declarar um cidadão ao mesmo tempo ateu e liberal, enaltece-se. Isso não corresponde à verdade, essas considerações são um posicionamento do autor perante o assunto em debate e não uma promoção de suas qualidades pessoais. A questão ainda afirma que o autor se vale, para isso, de exemplo da própria CNBB. Esta é citada por ser entusiasta do ensino religioso na rede pública, diferente do que pensa o autor. Na assertiva II, fala-se de falta de oportunidade para se acessarem mensagens religiosas. No entanto, desde o terceiro parágrafo, o autor externa que, para ele, há muita oportunidade para esse acesso: *"A minha impressão é a de que não faltam oportunidades para conhecer as mais diversas mensagens religiosas, onipresentes em rádios, TVs e também nas ruas."*. A única afirmação correta é a III (letra E), uma vez que expõe que o autor se mostra contrário ao ensino de religião nas escolas públicas. Nos últimos parágrafos, ele argumenta essa visão com algumas causas para isso, tais como: *"Creio que aqui vale a regra econômica, segundo a qual o Estado deve ficar fora das atividades de que o setor privado já dá conta"*, *"Outro ponto importante é o dos custos."*.

35 – D. A questão fala de INFERIR. Você se lembra desse termo? O que querem de você? Desejam que você deduza por meio de raciocínio, chegue a uma conclusão

depois de ter lido algo no texto. Bom, veja o que o autor diz em: *"Não me parece que faça muito sentido gastar recursos com professores de religião, quando faltam os de matemática, português etc. Ao contrário do que se dá com a religião, é difícil aprender física na esquina."*. Com essa afirmação, deduzimos que as matérias tradicionais, ensinadas na escola, assumem, para o escritor, maior importância que a religião, pois esta *"não requer instrução tão especializada como a que exigem as ciências exatas"*, conforme dito na letra D.

36 – E. Lembra que eu disse que **descrição** é o tipo de texto em que se faz um retrato por escrito de um lugar, uma pessoa, um animal, um pensamento, um sentimento, uma sensação, um objeto, um movimento etc.? Então você também se lembra de que **narração** é o tipo de texto em que se conta um fato, fictício ou não, que ocorreu num determinado tempo e lugar, envolvendo certos personagens? Isso é o suficiente para você perceber as características dos trechos e marcar a resposta certa. Fácil!

Capítulo 35

Gabarito

1 – C. Os termos *isso*, *afinal de contas*, *além disso* e *em seguida* remetem a ideias anteriormente expostas, são elementos que apresentam valor anafórico (lembra?). Já o conectivo *que*, na frase da letra C, é uma conjunção integrante, a qual não remete a algo anteriormente citado, ela introduz, apenas, o complemento do verbo *saber*: "*que nada sei*".

2 – C. Uma questão bem simples se estudados os conectivos (conjunção, principalmente, é um elemento coesivo muito usado) e seus valores semânticos. *Quando* é uma conjunção tipicamente temporal. *Após*, enquanto advérbio ou preposição, alude à ideia de "depois", ou seja, um valor também de tempo. *Então* equivale a "assim", vocábulos muito empregados na conclusão de um texto para fechamento das ideias em debate. *A partir daí* é uma locução que expressa uma continuidade do tempo a partir de certo momento. Por último, a conjunção *mas* (= *porém*) expressa uma oposição ao que foi abordado anteriormente; trata-se de uma conjunção adversativa.

3 – A. Veja: *"É impossível colocar em série exata* os fatos da infância *porque há* aqueles *que já acontecem permanentes"* O pronome *aqueles* – no masculino plural – evita repetir o elemento anteriormente citado *fatos da infância* e, com este, estabelece a devida concordância. Na letra B, *afora* não se refere ao tempo atual, *d'agora*. Na letra C, *outros* não se refere ao substantivo *cargas* – nem com este concorda –, mas sim ao substantivo *fatos*, assim, alude a um termo posterior. Na letra E, o pronome *eles* se refere *aos miúdos fatos, incolores e quase sem som* que logo viram passado remoto.

4 – D. a) Vejamos o contexto: *"Acho que foi o Hemingway quem disse que olhava* cada coisa *à sua volta como se* a ***visse pela última vez."***. O pronome pessoal oblíquo átono *a* substitui o termo *cada coisa*, ou simplesmente *coisa*, apresentado anteriormente no texto. Valor anafórico. b) Vejamos o contexto: *"Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver, você não vê. Sei de um profissional que passou 32 anos a fio pelo mesmo* hall do prédio *do seu escritório*. Lá ***estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro***. *Dava-lhe bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer."*. A palavra *Lá* é um advérbio pronominal de valor anafórico, pois substitui *hall do prédio*. É chamado de advérbio pronominal, pois sua função é semelhante à de um pronome, ou seja, substituir um substantivo. Não são só os pronomes que têm papel coesivo dentro do texto, como pôde ver. c) Vejamos o contexto*: "Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver, você não vê. Sei de um* profissional *que passou 32 anos a fio pelo mesmo hall do prédio do seu escritório. Lá estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro. Dava*-lhe *bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer."*. O pronome oblíquo *lhe* substitui o termo *profissional* apresentado anteriormente no texto (valor anafórico): *dava ao profissional bom-dia*. Quem dava bom-dia era o mesmo porteiro que passava ao profissional um recado ou uma correspondência. Isso fica claro no parágrafo posterior, em que se diz que o profissional nunca tinha visto o porteiro nem se dado conta da existência dele até o falecimento. d) Vejamos o contexto: *"Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado,* o porteiro *teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por* sua ***ausência.*** *O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem. Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não,*

não vemos.”. O pronome possessivo *sua*, na expressão *sua ausência*, faz referência ao porteiro (valor anafórico): *pode ser também que ninguém desse pela ausência do porteiro (por mais que ele fosse ou estivesse em forma de uma girafa)*. Veja que o pronome *sua* não pode se referir à girafa, pois é apresentada uma possibilidade de a girafa ser colocada no lugar do porteiro, logo a ausência seria do porteiro, e não da girafa. O que ocorre é apenas uma metáfora hiperbólica (comparação entre seres de universos distintos de modo exagerado) para indicar a desimportância do porteiro para o profissional. e) Vejamos o contexto: “*Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado, o porteiro teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por sua ausência. O hábito suja os* olhos ***e*** lhes ***baixa a voltagem.*** *Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos.*” O pronome *lhes* substitui a palavra *olhos* apresentada anteriormente no texto (valor anafórico): *“O hábito suja os olhos e baixa a voltagem dos olhos”*. Ufa!

5 – E. Note que os elementos coesivos com valor de oposição, contraste, ressalva *mas* e *embora* são classificados, respectivamente, como conjunção adversativa e conjunção concessiva. Uma pode substituir a outra numa reescritura, por isso houve manutenção de sentido (tem a ver com coerência) e correta substituição de um conectivo por outro (tem a ver com coesão).

6 – B. Questão interessante de coesão. Observe de novo: *“As drogas medicinais ou ‘drogas da virtude’,* prescritas *pelos...”*. O vocábulo *prescritas* não se refere a duas espécies de drogas, pois *drogas da virtude* é o mesmo que *drogas medicinais* e vice-versa; são expressões sinônimas. Note que o *ou* que está entre drogas medicinais e drogas da virtude é o mesmo *ou* que estaria, por exemplo, entre “O Rei Pelé ou Edson Arantes do Nascimento”. O objetivo deste conectivo não é marcar a diferença, mas sim reiterar. Portanto o particípio do verbo *prescrever* (*prescritas)* se flexiona em gênero e número concordando com *drogas* (que recebem o nome de “medicinais” ou “da virtude”, o que dá no mesmo).

7 – C. Bastaria saber conectivos bem (conjunção e preposição)! a) *Há felicidade coletiva // **quando** são adequadamente observados os itens que tornam mais feliz a sociedade.* (**tempo**) b) *E a sociedade será mais feliz // **se** todos tiverem acesso aos básicos serviços públicos de saúde...* (**condição**) c) *A educação, a segurança, a saúde, o lazer, a moradia e outros*

mais são considerados direitos fundamentais de cunho social pela Constituição // exatamente ***por*** *serem essenciais ao bem-estar da população no seu todo.* (**consequência/causa**; logo, se há uma causa, há uma consequência; neste caso, a causa vem esclarecida após a apresentação da consequência, de acordo com o pedido do enunciado) d) ... ***por*** *dizer a Constituição serem os direitos sociais essenciais à busca da felicidade, // se vai, então, forçar os entes públicos a garantir condições mínimas de vida* ... (neste caso, veio primeiro a **causa**, depois a **consequência**) e) *O povo pode ter intensa alegria, por exemplo, ao se ganhar a Copa do Mundo de Futebol, //* ***mas*** *não há felicidade coletiva, e sim bem-estar coletivo.* (**adversidade, oposição**)

8 – A. *Porém*, na letra A, é uma conjunção adversativa; denota, assim, uma ideia de oposição ao que foi afirmado anteriormente. *Melzinho na chupeta!*

9 – E. *Isso* é um pronome demonstrativo que recupera a citação anterior, portanto, é um elemento que apresenta um valor anafórico. Basta que você, com muita disposição, volte ao texto e perceba que se refere "ao fato de que é importante deixar um planeta melhor para as próximas gerações".

10 – C. No período em análise, o enunciador (a boneca) diz saber que a sua dona sente saudades suas. Poderíamos nos perguntar: "Por que ela diz que sabe?", "Qual é a causa que a leva a ter essa certeza?". Segundo ela, a certeza vem do fato de que ela também sente saudade de sua dona. Logo, *porque também sinto saudades suas* é a causa pela qual a boneca corrobora que sua dona sente saudades dela.

11 – C. Note que o período anterior encerra-se afirmando que, em dezembro, as pessoas pensam estar com maior poder aquisitivo. Essa afirmação é reiterada no parágrafo seguinte. Porém, a expressão *A verdade é que* reformula a primeira ideia, acrescentando que esse *pensar estar rico* não se restringe a dezembro, isso já vem ocorrendo há algum tempo. A explicação dada pelo autor para constatar esse fato é que as pessoas vêm comprando com frequência. Logo, *vêm comprando* é o que explica o fato de as pessoas estarem se sentindo ricas. Assim, o melhor conectivo seria o *porque*, com o mesmo sentido de "pois".

12 – D. No primeiro trecho sublinhado, há a presença do verbo *defender*, um verbo com valor argumentativo, que é seguido de uma opinião – nesse caso, a opinião de

Delfino Natal de Souza sobre a nova gestão de documentos. Após defender o novo procedimento, Delfino explicita (segundo trecho sublinhado) a maneira como a modernização ocorrerá. Note que o verbo *permitir*, nesse caso, assume um valor semântico semelhante a "possibilitar algo". Assim, o locutor transmite a ideia de um novo "modo" de gerir a documentação pública.

13 – E. Note que a expressão *Sem competitividade* corrobora o conteúdo do período anterior *"Incapaz de acompanhar o crescimento do mercado interno, a* indústria de transformação *perdeu espaço no Brasil para os concorrentes"*. Observe também que a expressão *essa indústria* desempenha importante papel coesivo, retomando *indústria de transformação*. Quanto às demais, note: a) Não há correção gramatical; veja como deveria ser: *"Por isso esse protecionismo é uma forma de compensar (...)"*. b) Esta opção apresenta um erro muito frequente em questões desse tipo: a **ausência de referencial anterior**. Ou seja, ocorre a apresentação de uma referência ainda não mencionada no texto. No trecho "Esses investidores *tomam dinheiro (...)"*, não é possível identificar/relacionar a que elemento textual anterior a expressão destacada se refere. c) Entre o último período do texto e o período desta opção, não deve haver uma relação de adição, mas sim de conclusão, por isso o uso de *Além disso* está equivocado, devendo ser substituído por "Portanto", "Por isso", "Por conseguinte" etc. Outro equívoco encontrado refere-se à forma pronominal *esses*, pois, novamente, não há referencial anterior citado no texto. Os vocábulos *empresários*, *administradores* e *governantes* foram citados posteriormente. d) O texto não nos transmite a informação de que houve "bom desempenho do Brasil", mas, sim, a de que ocorreu um "fraco desempenho brasileiro".

14 – C. A letra A já é excluída logo em 1, pois não se pode usar um artigo seguido de substantivo implícito *(o (ameaça) de que)* para referir-se a palavra feminina (*ameaça*), segundo as regras de concordância e consequente coesão. A letra E também é excluída, pois o uso do pronome indefinido/interrogativo *qual* provoca incoesão e incoerência no contexto em 1. Resta-nos, portanto, as opções B (*que*; conjunção integrante), C (*a de que*; artigo feminino seguido de substantivo implícito (*ameaça*) + preposição exigida pelo substantivo implícito (*ameaça*) + conjunção integrante) e D (*que*; conjunção integrante). Em 2, o *do* da b) provoca incoerência, pois estabelece relação de posse e não de assunto, como se exige no contexto. Resta-nos a c) e a d),

pois *a respeito do* e *sobre o* introduzem um termo com ideia de assunto. A estrutura *o que o* é correta no contexto, pois equivale a *aquilo que o*, sendo o *o* (= *aquilo*) um termo de valor catafórico, pois antecipa a oração em negrito: *"... **o** (= aquilo) que o Brasil tenta agora é **obter sinal verde para**..."*; logo aqui já ficamos com a letra c). Na letra d), a estrutura *que o* está equivocada, pois este *que* está incoeso, uma vez que não tem função de conjunção integrante tampouco de pronome relativo. Do mais, *para que* (introduz ideia de finalidade), *qual* (pronome indefinido/interrogativo) e *mas* (conjunção adversativa) servem de elementos coesivos adequados ao contexto.

15 – E. Neste tipo de questão, perceba a relação entre o segmento a ser acrescido no trecho e o parágrafo seguinte e a relação entre o segmento a ser acrescido no trecho e o parágrafo anterior. Note que, no primeiro parágrafo, foi citado o segmento *uma atuação conjunta, em bloco*. Já no terceiro parágrafo do texto, há coesão referencial a uma "instituição", ou seja, é necessário que haja um referencial anterior no texto. Este é o foco! É preciso marcar a opção que diz respeito a uma "instituição", ok? Analisando as opções, percebemos que apenas a letra E apresenta os elementos de coesão necessários e menciona uma espécie de "instituição", qual seja, *banco de desenvolvimento*, sendo exemplificado com o "Bird" e o "FMI". Quanto às demais, veja os problemas: a) A China não é uma instituição, além disso, no terceiro parágrafo se diz *"A instituição permitiria aos países..."*, sendo um desses países (mencionados no primeiro parágrafo) a China, logo ela não pode ser uma instituição e um desses países ao mesmo tempo. b) Não se esclarece que "instituição" é. c) Idem à opção a). d) Não se esclarece que "instituição" é.

16 – B. Essas questões da ESAF podem ser respondidas mais rapidamente pelos erros gramaticais, por isso já se descarta a a) pelo erro de ortografia "conssessão" (o certo é *concessão*). Em d), deveria ser *respondem*, erro de concordância. Em e), há um erro de pontuação *("No entender dos analistas,..."*. Ficamos entre a b) e a c). Veja o finzinho do excerto: *"Preocupado com a falta de vigor da economia, o governo determinou que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal reduzissem as suas taxas."* A b) diz *"Essa e outras medidas"*. Essa qual? O governo ter determinado que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal <u>reduzissem as suas taxas</u>. Logo, a "redução de taxas" é (Essa) medida, que, inclusive, mantém coerência com a expressão, ainda na opção

b), *aquecer de novo a economia*, isto é, reduz-se taxas = aquece-se a economia. O erro da c) está em dizer *essas medidas*, mas só há uma.

17 – B. Colocar em ordem, ou seja, na sequência certa (coesa e coerente), é fácil. Basta perceber a relação entre as partes. Esse tipo de questão se faz por eliminação percebendo os elementos coesivos. Note que o primeiro trecho começa com *Nesse estudo*. É óbvio que não se pode iniciar o texto com um pronome demonstrativo de valor anafórico, logo já sabemos que este não é o (1). O **2o trecho** se parece com uma tese em relação às outras opções que se iniciam com elementos coesivos de retomada, a saber: **1o trecho**: *"Nesse estudo"* (retoma o estudo do trecho, que é a tese do texto, *"Pesquisadores examinaram dados de cem cidades em 33 países, em busca de pistas sobre quais metrópoles seriam as maiores poluidoras e por que, de acordo com* estudo *publicado na revista especializada 'Environment and Urbanization'.*); **3o trecho**: *Isso* (retoma o conteúdo de *"Nesse estudo, enquanto cidades do mundo todo foram apontadas como culpadas por cerca de 71% das emissões causadoras do efeito estufa, cidadãos urbanos que substituíram os carros por transporte público ajudaram a diminuir as emissões per capita em algumas cidades.*"); **4o trecho**: *Por fim* (valor conclusivo; retoma tudo o que se disse); **5o trecho**: *O estudo* (retoma o conteúdo de *"Isso reflete a grande dependência de combustíveis fósseis para a produção de eletricidade, uma base industrial significante em muitas cidades e uma população rural relativamente grande e pobre", informa o estudo.*"). Sendo assim, ordenando o texto, ou seja, colocando-o em uma sequência coesa e coerente, temos: *"**(1)** Pesquisadores examinaram dados de cem cidades em 33 países, em busca de pistas sobre quais metrópoles seriam as maiores poluidoras e por que, de acordo com estudo publicado na revista especializada "Environment and Urbanization". **(2)** Nesse estudo, enquanto cidades do mundo todo foram apontadas como culpadas por cerca de 71% das emissões causadoras do efeito estufa, cidadãos urbanos que substituíram os carros por transporte público ajudaram a diminuir as emissões per capita em algumas cidades. **(3)** "Isso reflete a grande dependência de combustíveis fósseis para a produção de eletricidade, uma base industrial significante em muitas cidades e uma população rural relativamente grande e pobre", informa o estudo. **(4)** O estudo também aponta outras tendências, como as cidades de climas frios terem emissões maiores, e países pobres e de renda média terem emissões per capita inferiores aos países desenvolvidos. **(5)** Por fim, quando os pesquisadores olharam as cidades asiáticas, latino-americanas e africanas, descobriram emissões menores por pessoa. A maior parte das cidades na África,* Ásia e América Latina tem emissões inferiores por pessoa. O

desafio para elas é manter essas emissões baixas, apesar do crescimento de suas economias."

18 – B. Se ele permaneceu monarquista, é porque ele julgou esta opção melhor que pender para o lado republicano, logo, naquele momento, o regime republicano não era a melhor opção, o que corrobora o trecho *viria a prejudicar e não a favorecer.*

19 – B. A relação de sentido entre o fragmento da opção certa e o contexto é de condição, logo todas as opções são possíveis, exceto a que se inicia por uma locução prepositiva concessiva (*Apesar de*), daí a incoerência.

20 – A. Note que o substantivo *estímulo* no trecho da letra a) retoma por nominalização o verbo *estimular* e o conteúdo semântico do sujeito dele, mantendo, assim, adequada relação coesiva. Veja: "A manutenção do emprego, a elevação do salário real, a rápida expansão do crédito e a redução de impostos para alguns setores estimularam *o consumo, mas a produção manufatureira foi incapaz de acompanhar a demanda interna. Parte desse* estímulo *foi aproveitada por produtores estrangeiros bem mais preparados para disputar espaço nos mercados. O recuo da atividade industrial brasileira reflete, entre outros fatores, o aumento das importações e a deterioração do saldo comercial."* Veja os problemas das demais opções: b) Nada se fala no excerto sobre *pequena reação de maio para junho.* c) Não há presença de concorrentes, o texto não cita nada disso. d) Nada se fala sobre *esse período de 12 meses* no excerto, logo a retomada é incoerente. e) O excerto demonstra preocupação e retração, logo essa continuação proposta não procede.

21 – ERRADO. A expressão *desse trabalho* é um recurso de coesão que retoma *pesquisa*, por expansão lexical.

22 – B. O vocábulo *senão* tem valor aditivo, por isso equivale a "mas (também) sim".

23 – A. Entre a primeira frase e a terceira, há uma relação de causa e consequência bem marcada pela conjunção *pois*, que estabelece a coesão adequada, produzindo um texto coerente. A segunda frase traz apenas uma característica do invejoso. Veja as demais, já reescritas: b) Com a expectativa na qual o término da felicidade do

outro lhe traz (**traga**) felicidade, o invejoso age também pelo ódio e procura destruí-la. c) Por acreditar que o término da felicidade alheia lhe trará felicidade, o invejoso procura destruí-la, agindo, também, pelo ódio. d) O invejoso, o qual age movido também pelo ódio, procura destruir a felicidade alheia, nutrindo a expectativa de que o término dela lhe traga felicidade. e) Como nutre a expectativa de que o término da felicidade alheia lhe traga felicidade, o invejoso procura destruir a felicidade alheia, agindo também pelo ódio.

24 – A. Pelo nosso conhecimento de mundo, *cartolas* é sinônimo de *dirigentes*. Simples assim!

25 – B. O contexto indica que o pronome *las* retoma *sensações*, que, segundo o próprio contexto, "são mais nossas do que a própria vida". Isto é, há sensações que são sentidas só de serem imaginadas.

26 – A afirmação procede, pois o que irritou Palas Atena foi Aglauros ter pedido dinheiro em troca de favor. O que corrobora isso é este trecho: "*Palas Atena... já detestava a jovem porque esta a espionara em outra ocasião. Não admitia que a mortal fosse recompensada por outro deus.*" Quanto ao pronome *a*, de fato retoma Palas Atena, pois é esta que fora espiada por Aglauros em outra ocasião.

27 – A afirmação procede. Substitua e veja: *quem sabe das dificuldades que Clarice enfrentou vê com alegria o reconhecimento que seu nome alcança e a irradiação* de Clarice *pelo mundo* OU *quem sabe das dificuldades que Clarice enfrentou vê com alegria o reconhecimento que seu nome alcança e a irradiação* dele (do nome) *pelo mundo*.

28 – CERTO. O canadense Harold Hackett que o diga, ou seja, O canadense Harold Hackett que diga isto: "Na era das redes sociais, algumas formas de comunicação arcaicas ainda dão resultado". A expressão *que o diga* equivale a "atestar". Isto é, o homem atestou que, mesmo na era das redes sociais, algumas formas de comunicação arcaicas ainda dão resultado.

29 – CERTO. Substitua e ateste: "O seu método é simples. Harold utiliza garrafas de suco de laranja e se certifica de que as mensagens estão com data. Antes de enviar <u>as garrafas</u>, checa o sentido dos ventos... (...)" OU "O seu método é simples.

Harold utiliza garrafas de suco de laranja e se certifica de que as mensagens estão com data. Antes de enviar as mensagens, checa o sentido dos ventos... (...)"

30 – CERTO. O único referente no período anterior a *Elas* que está no feminino plural é *demandas*. Além disso, o próprio direcionamento argumentativo nos leva a ver como referente de *Elas*, o substantivo *demandas*. Por último, veja a substituição: "**As demandas** requerem que o Estado atente também para a qualificação de uma força de trabalho...". Agora *fechou o caixão*!

31 – C. Mero conhecimento de coesão sequencial, que depende do conhecimento de conjunção. Ambos os conectores têm valor semântico concessivo, por isso a substituição é adequada.

32 – A. O que possibilita uma vida cada vez melhor para as pessoas? Os avanços dos aparelhos eletrônicos sofisticados, que são capazes de fazer um diagnóstico apurado, passando informações importantes sobre o paciente. Logo, *nesta área* tem como referente *aparelhos eletrônicos*.

33 – A. Além da noção temporal, há um valor de causa e consequência embutido na expressão conectora *a partir daí*, por isso cabe a substituição por *em consequência*.

34 – A. O pronome *nossas* tem valor dêitico (ou díctico), isto é, refere-se a algo fora do texto, no caso o autor e seus leitores. Nas demais opções, os termos coesivos têm valor anafórico, pois substituem termos anteriormente mencionados. b) Retoma restaurantes. c) Retoma todo o período anterior. d) Retoma programa. e) Retoma proposta.

35 – D. Pelo nosso conhecimento de mundo, a questão é resolvida facilmente, pois CPMF = imposto do cheque.

36 – E. Ambos os elementos têm valor conformativo, introduzindo um argumento opinativo.

37 – B. *Por exemplo* introduz um argumento de exemplificação; *ou seja*, de explicação.

38 – C. Por eliminação, encontramos a resposta: a) Repetição de parte do nome. b) Informações a respeito do casamento no Brasil colônia. d) Brasil colônia. e) 1815.

39 – E. Autoexplicativa. Sobre as demais: a) O pronome *lhes*, utilizado em *exige-lhes*, faz referência a *instituições governamentais*. b) O pronome *o*, em *critica-o*, faz referência a *governo*. c) A palavra *nos*, em *Zilda Arns nos deixa*, é um pronome. d) A palavra *pelo*, em *eventos convocados pelo governo*, é uma contração de preposição + artigo.

40 – A afirmação procede e é autoexplicativa.

41 – B. O contexto mostra que o personagem viu pitangas e começou a colhê-las. Em seguida, um outro personagem passa e diz "Eu sempre quis fazer isso". Logo, deduz-se que *isso* refere-se a *colher pitangas*.

42 – D. *Contra* tem valor negativo e *ao encontro de* tem valor positivo.

Capítulo 36

Gabarito

1 – B. O único caso em que o verbo *ter* é coloquial é quando tem sentido de "existir". Por isso, a norma culta sugere que se use o verbo *haver*: *"Há coisas que não se explicam: a dor do exílio é uma delas."*

2 – B. Pelo visto, a FCC considera que a preposição pode ficar implícita antes de orações subordinadas substantivas objetivas indiretas *(Ela sempre duvidou (de) que...)*. Quanto ao pronome demonstrativo *o (= isso)*, em *"ele o fez"*, *ele* tem valor anafórico e está acompanhado de um verbo vicário (*fazer*). A crase em à qual está correta por causa da regência de *devia*. A expressão *de sua trajetória artística* é um adjunto adverbial de causa. Em suma, não há erro algum na opção b), por isso é o gabarito. Veja as demais já corrigidas: a) Na seção em que passou a trabalhar, o <u>cenário</u> (núcleo do sujeito) de intrigas e favorecimentos vários o incomoda e quase o enlouquece, pois lhe <u>parece</u> (verbo no singular; concordância) infernal. c) É o relato de um passeio que o pretenso <u>adivinho</u> (ortografia) fez com dois amigos, <u>os quais</u> (concordância), no momento em que passavam por uma ponte, o céu cobriu-se de

nuvens negras. d) Não há dúvidas de que se tem (colocação pronominal e concordância) um avanço tecnológico e científico nessa área, mas os professores e alunos até chegam a temer esse mundo que os cerca (concordância). e) São muitas as entidades que militam nesse âmbito para as quais (concordância) prestei assessoria, mas não tenho a presunção de ter conquistado algum prestígio em alguma delas.

3 – E. A forma adequada à língua culta é *Em último caso*, quando equivale a "em último recurso".

4 – A. Por eliminação: b) micro-organismo; c) sintomas; d) quadros; e) prescrever.

5 – B. A locução conjuntiva comparativa *que nem* é considerada coloquial pela maior parte dos gramáticos. Outra conjunção comparativa considerada coloquial é "feito": *Ele fala feito papagaio.*

6 – E. A regência do verbo lembrar, VTD, não está de acordo com a norma culta. A frase deveria estar assim: *Mas sei do que se lembra.* O verbo *lembrar-se* é VTI e exige a preposição *de.*

7 – D. O uso da interjeição *Puxa* e do substantivo *gente* são próprios da linguagem coloquial.

8 – B. Por eliminação: a) bola rolando (jogo em andamento); c) louco (linguagem figurada), canalha (linguagem de baixo calão, chula), quebrar (linguagem figurada); d) soltar o braço (linguagem figurada). A linguagem figurada em si não é marca de coloquialismo, mas tais usos (da questão) são clichês próprios da informalidade.

9 – A. Para resolver questões desse tipo, é preciso encontrar os desvios gramaticais nas alternativas. A que não apresentar nenhum desvio estará de acordo com a norma culta, ou "redigida corretamente". Vejamos as opções corrigidas: b) O verbo **contrapor** é derivado do verbo pôr, portanto a conjugação é idêntica. No futuro do subjuntivo, então, a conjugação acertada é esta: *"... se se contrapuserem..."*. Há também problema na concordância verbal do verbo **ser**, em *"... provas convincentes,*

que... não é garantia..."; deveria ser: "*... provas convincentes, que... não* ***são*** *garantia...*". Lembra-se dessa regra? O verbo concorda com o antecedente do pronome relativo. Para fechar, o verbo *sortir* não está adequado neste contexto, uma vez que significa "abastecer", "prover", "misturar" etc. O certo seria "surtir", que significa "acarretar", "provocar". c) Há um problema de conjugação verbal do verbo *convir* (derivado de *vir*). Como ele está no futuro do subjuntivo, conjuga-se igual a "vir". Portanto: "*... será aceito por meu cliente se lhe* ***convier****...*". d) Há dois problemas de ortografia (*argúo* e *ascenção*). Tais palavras são escritas assim: ***arguo*** (1ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo arguir) e ***ascensão***. Como *arguo* é palavra paroxítona terminada em **-o**, não recebe acento gráfico. Não se usa ç em *ascensão*, pois quando há **-nd** no radical do verbo de onde se deriva o substantivo, usa-se **s** na escrita desse nome (*asce*nd*er* > *ascen*são > ascensorista...). e) O verbo incendiar faz parte daquele grupo de verbos terminados em **–iar** (lembra-se do MARIO?). *Mediar, ansiar, remediar, incendiar/intermediar, odiar*. A conjugação destes verbos segue o modelo da conjugação do verbo *odiar*. Portanto, se ele "odeia", ele "incendeia". Visando à correção gramatical, o texto deveria ter iniciado assim: *"Ele incendeia..."*. Sobre a forma verbal "freiar", saiba que ela não existe, é "frear" a correta grafia.

10 – B. Analisemos uma por uma: a) Em "*... deviam ter havido mais de dez chamadas...*", há um desvio de concordância, uma vez que o verbo auxiliar deveria estar no singular, pois faz parte de uma locução em que o verbo *haver* tem sentido de "existir". Quando isso ocorre, a impessoalidade do verbo *haver* passa a todos os verbos da locução verbal. Portanto, todos ficam na 3ª pessoa do singular obrigatoriamente. Outro desvio claro é o uso de *aonde*. Tal expressão só é acertada quando há um verbo ou um nome exigindo a preposição *a*, que se junta ao advérbio *onde* formando a expressão *aonde*. Não é o caso no contexto; deveria ser apenas *onde*. c) Há um desvio de concordância verbal em "*... o desempenho de todos eles* ***decaírem*** *intensa e irreversivelmente.*", pois o verbo deve concordar em número com o núcleo do sujeito (desempenho). Portanto, o adequado à norma culta é: "*o desempenho de todos eles* ***decair*** *intensa e irreversivelmente.*" d) Novamente há problemas de concordância (verbal e nominal) neste texto. Veja a reescrita com correção: "... são *realmente* confiáveis... os números *que indicam...*" e) Melhor seria usar a expressão de valor causal *Haja vista* e não o particípio isolado *Visto*, que, inclusive, não concorda em número e pessoa com o seu sujeito *a oportunidade...*; deveria ser *Vista*. Além disso, há um

problema de colocação pronominal: ... *os legisladores não convenceram-se da necessidade...*". Deveria ser: "*... os legisladores não* ***se*** *convenceram da necessidade...*", pois o advérbio de negação (não) atrai o pronome oblíquo átono (se), ficando este antes do verbo (próclise). Não satisfeito, o cara que escreveu este texto cometeu outro desvio: "... da necessidade de ver postergado, no último momento, as datas das primeiras reuniões setoriais.". Há um erro de concordância nominal, pois o adjetivo *postergado* está ligado a *as datas das primeiras reuniões setoriais.* Sendo assim, o texto deveria ser reescrito assim para que houvesse correção gramatical: "*da necessidade de ver* postergadas*, no último momento,* as datas das primeiras reuniões setoriais*".*

11 – C. Vejamos as que devem ser corrigidas: a) O ideal seria *Nesta época*, pois remete ao tempo presente do falante. Nada justifica o uso da conjunção *e*. Quem transforma algo... transforma algo **em**... Portanto, a reescritura deveria ser: "*Nesta época do ano, as enchentes, mais do que previsíveis, como todos o sabem, transformam a cidade* ***em*** *uma paisagem horrenda.*". b) Falta vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado *por si só*. Há falta de clareza, pois não se sabe se o sujeito do verbo *teme* é *isso* ou *a sociedade*. Se eu digo que o sujeito é *isso*, queremos dizer que *o fato de a atividade docente exercer liderança nata* (retomada pelo *isso*) teme a sociedade, isto é, causa temor na sociedade. Por outro lado, se *a sociedade* for o sujeito, queremos dizer que *a sociedade* tem medo da ideia de a atividade docente exercer liderança nata, em que *isso* passaria a ser o objeto direto. Deveria estar assim reescrita: A atividade docente, por si só, já exerce uma função de liderança nata, e é isso que às vezes a sociedade teme, pois nem todos os mestres primam por ética. d) A palavra *preven****s***ão está escrita errada, deveria ser *prevenção*. O sufixo **-ção** é formador de substantivos abstratos. Prevenção é o ato de prevenir. e) Desvio de concordância. Se o sujeito é composto anteposto ao verbo, este deve ficar no plural. Veja a correção: "Minha expressão de compromisso para com meus pares ***e*** o órgão a que passarei a pertencer ***hão*** *de ser* ***demonstrados*** *a cada passo de minha atuação, pela qual sempre zelarei, como venho demonstrando por anos consecutivos.*".

12 – E. Vejamos as alternativas comentadas: a) O verbo *intervir* é derivado do verbo *vir*, logo a conjugação é igual. Uma vez que esse verbo está no pretérito imperfeito do indicativo no contexto, deveria estar escrito assim: "*A mãe sempre intervinha nas discussões...*". b) Há um problema de ortografia: não é *recaptulava*, mas *recapitulava*,

do verbo *recapitular*, derivado de *capítulo*. O outro problema polêmico está neste trecho: *"... a ponto* dos *colegas pedirem..."*. Alguns gramáticos dizem que não pode haver contração antes de sujeito no infinitivo, outros dizem que não há problema algum. Se olharmos de um ponto de vista ortodoxo, diríamos que há um erro, pois, se não há contração, deveria estar redigido assim o trecho: *"... a ponto* de os *colegas pedirem..."*. E é assim que vê a FCC, ortodoxamente. c) Falta vírgula para separar a oração subordinada adverbial deslocada. A forma verbal *obstrói* não existe, mas sim *obstrui*. A reescrita certa é esta: Nesse processo de conscientização, são importantes o reconhecimento e respeito às diferenças, e, como ele não as exercita, só obstrui o crescimento do grupo. d) O verbo *advir* é derivado do verbo *vir*, portanto a conjugação é idêntica. Deveria ser, como está no pretérito imperfeito do subjuntivo, assim: *"Se muitas perdas* ***adviessem****..."*.

13 – D. Vejamos os comentários: a) *Descriminatória* não! O certo é *discriminatória*. Muitos se confundem com essas duas palavras por serem parônimas, ou seja, palavras parecidas na pronúncia e na grafia. Só que, normalmente, se usa descriminar significando "inocentar", "absolver"; já *discriminar* significa "diferenciar", "distinguir" (no contexto tem a ver com racismo). b) A forma verbal *obtem* segue a regra das oxítonas terminadas em **-em**, logo deve ser acentuada: *obtém*. Se estivesse no plural, receberia acento circunflexo, pois é derivada do verbo *ter*: *ele obtém, eles obtêm*. Além disso, *expúrios* é forma não existente na língua, o correto é *espúrios*. c) Segundo as regras de plural dos substantivos compostos, quando um substantivo é formado por numeral + substantivo, ambos variam, logo a forma acertada é *sextas-feiras*. e) O adjetivo *institucionais* está errado, pois ele deve concordar em número com o substantivo *ordem*, ficando no singular: *"... ordem* ***institucional****..."*.

14 – C. Comentando... a) *A fotografia* é o sujeito do verbo *ombrear*, logo ele deve ficar no singular, concordando em número com o sujeito: *"Apesar de se ombrear com outras artes plásticas, a fotografia..."* b) A forma verbal *imagine* deveria concordar em número com o sujeito *os tempos*, ficando assim: *"... nem se imaginem os tempos..."*. Além disso, o verbo suscitar não exige preposição *a* de modo que ela tenha de aparecer antes do pronome relativo. Portanto, o trecho corrigido é este: *"... nem se imaginem os tempos que suscitarão essa imagem..."*. d) *Tal* deve ficar no plural para concordar com *as experiências físicas de uma fotografia*. Deveria também haver um hífen

ligando o pronome oblíquo átono ao verbo auxiliar*: podem-se inocular.* Muitos gramáticos modernos, entretanto, já aceitam a ausência do hífen. Reescrevendo o texto, temos: As experiências físicas de uma fotografia, tais como ocorrem nos espelhos da Alice, podem-se inocular em planos temporais. e) Deveria ser *implicações* para evitar a ambiguidade de *implicâncias.*

15 – B. Há falha estrutural neste excerto: *"Embora haja quem aposte no critério único de julgamento, para se promover a igualdade, visto que desconsideram o risco do contrário."*. Já ouviu falar em **truncamento sintático**? Bem, é exatamente isso que está ocorrendo neste excerto. O truncamento sintático ocorre quando a estrutura sintática parece uma colcha de retalhos, de modo que fica difícil analisar um período, pois ele está cheio de falhas, "buracos" dentro de sua construção, como se as partes não estivessem conectadas ou como se faltasse algo. Observe que no período da letra B (o gabarito!) não há oração principal. De modo que há um corte (truncamento) na estrutura sintática, ficando ela incompleta.

16 – E. Vejamos uma por uma (já corrigidas). a) *No memorial do professor, está registrado que ingressou na universidade em idade inferior à determinada pela lei.* (Vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado; quem ingressa, ingressa em.) b) *O fato de que o acusado se recusa a dar detalhes é o que mais pesará na decisão dos jurados.* (Faltou a preposição *de* exigida pelo nome *fato.*) c) *O movimento a que me filiei nos anos 70 foi grandemente responsável pela renovação da pintura no Brasil.* (Quem se filia, se filia a, logo a preposição fica antes do pronome relativo obrigatoriamente.) d) *Esta é, enfim, a parca remuneração com a qual arco totalmente com as despesas da casa.* (Eu arco totalmente com as despesas da casa **com** a parca remuneração.)

17 – D. Vejamos uma por uma (já corrigidas). a) *Quaisquer que sejam os motivos alegados pela comissão para justificar o atraso, devem-lhe ser repassadas as anotações acerca dos itens em que houve perda do prazo de entrega anteriormente acordado.* (Plural de *qualquer*: *quaisquer*; não se usa pronome oblíquo após pausa, a não ser que seja por causa de uma intercalação, o que não é o caso.) b) *Demos a eles a notícia de que mais almejam e passeemos nosso olhar sobre seus semblantes: o que veremos surpreenderá, pois será muito mais do que alguém possa supor.* (Preposição *de* exigida por *notícia*; *passear*, na 1ª pessoa do plural do imperativo afirmativo, vem da 1ª pessoa do plural do presente do subjuntivo, logo *passeemos.*) c) *O empreiteiro jura que reconstrói a laje danificada em*

poucos dias, mas existem, na avaliação do engenheiro e do arquiteto, sérias dúvidas quanto à possibilidade de isso ser possível. (Usa-se **i** em verbos terminados em **-uir**; além disso, observe a concordância: existem...(verbo) dúvidas... (núcleo do sujeito).) e) *Registra-se em livros de história que aqueles artesãos eram bastante hábeis com as ferramentas que eles mesmos produziam, o que lhes garantiu a fama de burilar com criatividade qualquer tipo de material.* (*Registra-se* tem sujeito oracional, logo fica na 3ª pessoa do singular; *mesmo* varia normalmente quando é um pronome demonstrativo.)

18 – E. Vejamos uma por uma (já corrigidas): a) *Tudo que fizeram a fim de angariar a simpatia do diretor pela proposta não deu bons frutos, por isso não lhes restou, conforme estavam todos de acordo, outra ideia a não ser agregar valor ao projeto inicial.* (*A fim de*: finalidade; *restou* (verbo)... *outra ideia* (sujeito)...; de acordo com a nova reforma, *ideia* se escreve sem acento.) b) *Os jornalistas não creem que existam documentos espúrios em meio àqueles já examinados, e isso porque já haviam feito cuidadosa checagem, todavia, a transparência impondo, voltarão à tarefa de imediato.* (*Porque* explica, logo é junto sem acento; *voltar* exige preposição *a* + *a* (*tarefa*) = à tarefa (crase!).) c) *A questão ficou cada vez mais descaracterizada quando, logo depois da visita, o antropólogo defendeu que aquelas dificuldades não se restringiam às nações indígenas daquela região, sendo mais universal.* (*Logo depois da visita* é adjunto adverbial deslocado, logo devem-se usar vírgulas; o verbo *restringir* exige a preposição *a*.) d) *A manutenção e apoio ao grupo de escoteiros dependem de ele aceitar a contrapartida dos empresários, que não é, aliás, nada abusiva, visto que eles executam as tarefas solicitadas cotidianamente, sem desgaste exaustivo.* (Não há contração antes de verbo no infinitivo segundo a maioria dos gramáticos (de ele aceitar...); *abusiva*, concordando com *contrapartida*.)

19 – A. Vejamos uma por uma (já corrigidas): b) *Por mais que queiramos negar envolvimento dos menores no distúrbio, pode haver fatos que desconheçamos, por isso acataremos as orientações que advenham do episódio.* (*Pode haver*, no singular, pois o verbo *haver* (=*existir*) não permite que o auxiliar da locução verbal varie.) c) *Pelo que dissestes sobre a incrustação das joias, mereceis parabéns, e também pela competência, pois, sem tê-las sequer mostrado à interessada, tornou-a uma feliz compradora.* (Uniformidade de tratamento (*vós dissestes; vós mereceis*); privilegia-se a ênclise após pausa não antecedida de intercalação.) d) *A especialista à qual se devem as pesquisas educacionais diz que cada uma das escolas que se propuseram a fornecer dados declararam o motivo particular que as*

pôs em movimento. (O sujeito de *dever*, acompanhado de partícula apassivadora, é *pesquisas*; *propor* no futuro do subjuntivo é *propuseram.*) e) *As terras de que essa espécie de vinho provém são as do tipo mais recomendável para a cultura da videira, motivo pelo qual são tão valorizadas e desejadas por viticultores.* (*Provém* é derivado do verbo *vir*, que, na 3ª pessoa do plural, recebe acento circunflexo, mas não é o caso, pois seu sujeito é *espécie*; *recomendável* concorda com *tipo.*)

20 – D. Vejamos uma por uma (já corrigidas): a) *Não quero e não devo contar qual foi a confusão em que me meti, nem por que idas e vindas acabei percebendo o real perigo que corria.* (Usa-se *por que*, pois equivale a "por quais".) b) *Todos estando bastante, ou excessivamente, contrariados, nesse diapasão, nada se podia fazer para acalmar o representante dos funcionários, de cujo apoio sustentaria o evento.* (O trecho *"Todos estando... diapasão"* deve ser separado por vírgula, pois se trata de uma oração reduzida deslocada; o nome *apoio* exige a preposição *de*, que fica antes do relativo *cujo* obrigatoriamente.) c) *O debate seguia acalorado entre o jornalista e o entrevistado, sendo, por essa razão, o convite feito a um mediador, pois de sua presença dependia o impasse.* (*Por essa razão* é um adjunto adverbial deslocado, por isso as vírgulas; o pronome possessivo *sua* provoca possível ambiguidade.) e) *O indivíduo contribui com a cidadania, quando se posiciona a favor dos direitos, porém corrompe a ética, se faz (algo) contra os preceitos morais.* (O verbo *corromper* rege seu complemento sem preposição; o verbo fazer precisa manter correlação verbal com corrompe.)

21 – D. Vejamos uma por uma (corrigidas): a) Houve (verbo haver com sentido de existir não varia) *muitas mudanças nas condições externas e internas da economia, que contribuíram para a estagnação da indústria brasileira. Do lado externo, os altos preços das matérias-primas exportadas pelo Brasil encorpam a entrada de divisas e* valorizam (o verbo concorda com o núcleo do sujeito – *preços*) *o real.* b) *Internamente, a renda do trabalho* ampliada por políticas salariais e previdenciárias generosas (a oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de particípio não é separada por vírgula) *estimula o consumo e o setor de serviços. O resultado seria a especialização da economia nos setores primário e terciário,* cuja forte geração de emprego, (houve truncamento sintático, ou seja, a estrutura sintática não está completa, pois falta verbo na oração adjetiva iniciada pelo pronome relativo *cujo*) *em troca de menor competitividade industrial.* c) *A perda de mercado para importações, por sua vez, não* seria (o verbo deve concordar com o núcleo

do sujeito – *perda*) *um problema, já que boa parte delas seria compras de bens de capital para investimento e modernização do parque industrial.* e) *É temerário considerar que* (não pode haver vírgula após a conjunção integrante separando a oração principal da subordinada) *um país de renda média e com baixa escolaridade, como o Brasil,* (expressão intercalada deve vir entre vírgulas no meio da frase) *possa manter tal padrão de crescimento. Serviços que geram renda, hoje, são atividades complexas como* design *industrial e* marketing*, de alto conteúdo intelectual.*

22 – E. Vejamos o(s) erro(s) corrigido(s): *O investimento externo direto mudou de patamar.* Até o ano passado*,* (faltou uma vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado) *eles cobriam praticamente o deficit em conta corrente,* o (nada exige a preposição *a* antes do pronome demonstrativo *o*) *que limitava o efeito, para explicação da valorização da moeda, de tsunamis monetários e capitais especulativos.*

23 – A. Vejamos uma por uma (corrigidas). b) *Mas há também os fatores que não dependem diretamente dos agentes econômicos, como o ambiente institucional para a realização de negócios, a infraestrutura de uso comum, as prioridades e a execução da política econômica, o que se* reflete (o verbo deve concordar com o antecedente do pronome relativo – *o*) *no crédito e na carga tributária.* c) *São vários os fatores que contribuem para os saltos de produtividade. Alguns* relacionados *ao* (o adjetivo exige a preposição *a*) *processo produtivo, como a inovação* (não há crase, pois não há exigência da preposição *a*), *a melhoria da gestão dos recursos disponíveis, a atualização tecnológica, a motivação dos que produzem, a utilização dos insumos (bens e serviços) mais adequados para* se chegar (como o *se* é uma partícula de indeterminação do sujeito, o verbo deve ficar na 3ª pessoa do singular) *ao resultado final.* d) *Com uma taxa de investimento relativamente baixa,* cuja proporção do Produto Interno Bruto (PIB) (note que houve truncamento sintático de novo, uma vez que a oração iniciada por *cuja* está sem verbo; além disso, como a pseudo-oração adjetiva é explicativa, deveria vir entre vírgulas, como eu coloquei aqui*), pouco acima dos 19%, o Brasil conseguiu avançar socialmente sem um crescimento econômico tão forte.* e) *A estabilidade monetária abriu caminhos para ganhos de produtividade que* tornaram (o verbo concorda com o antecedente do pronome relativo – *ganhos*) *factíveis tais avanços, mas é preciso definir prioridades claras nos gastos públicos.*

24 – D. Vejamos o(s) erro(s) corrigido(s): *Não se deve contemplar o Brasil como uma ilha de tranquilidade, de estabilidade, de equilíbrio, no meio da infindável crise internacional. A experiência europeia mostra os elevados custos de* se adiar (o verbo concorda com o núcleo sujeito – *enfrentamento*) *constantemente o enfrentamento dos problemas de competitividade.* A alternativa c) está errada também, pois a sigla, com função de aposto, deveria vir entre travessões, vírgulas ou parênteses, segundo consulta aos principais manuais de redação. Apesar disso, temos visto alguns textos da ESAF com uso da sigla após o nome por extenso antecedida de apenas um travessão. Pelo visto, a ESAF considera o uso de um (1) travessão antes de sigla correto.

25 – C. Vejamos uma por uma (corrigidas): a) *Por tornar mais acentuada a perda de competitividade da indústria brasileira, a valorização do real em relação ao dólar* vem (o verbo concorda com o núcleo do sujeito (*valorização*) ficando no singular, sem acento circunflexo*) despertando reações cada vez mais ácidas de dirigentes empresariais, mas está muito longe de ser o único, ou o* principal (não há vírgula entre adjunto adnominal e seu nome*) problema que prejudica o desempenho do setor manufatureiro.* b) *Questões estruturais e modelos de gestão empresarial inadequados* têm (o verbo concorda, no plural, com os núcleos do sujeito composto – *questões e modelos*) *sobre a atividade industrial efeitos negativos muito mais profundos e duradouros e, por isso, mais nocivos do que a taxa de câmbio.* d) *Mesmo, porém, que a questão cambial venha a ser superada, a qualidade da atividade industrial continuará prejudicada por deficiências históricas, e,* por isso, (expressão intercalada vem entre vírgulas) *muito* conhecida (concordância nominal com o substantivo *qualidade*), *mas* tolerada (idem à anterior) *por governantes, empresários, trabalhadores e pela sociedade.* (A expressão *que tem sido* não mantém paralelismo sintático com *muito conhecida* – verbo no particípio). e) *Pesquisas e estudos recentes não deixam dúvidas quanto aos impactos do câmbio valorizado sobre a produtividade da indústria brasileira quando* comparados *com* os *de outros países.* (Ambos os termos devem concordar com *impactos.*)

26 – B. Vejamos o erro: É provável que a importância da educação como determinante do rendimento das pessoas e da sua desigualdade está superestimada nas análises econométricas, simplesmente porque não se dispõe (VTI acompanhado de partícula de indeterminação do sujeito fica na 3ª pessoa do singular) *de boas medidas*

para vários outros determinantes da renda, que estão positivamente correlacionados com a escolaridade.

27 – E. Vejamos os desvios das demais opções: a) O que se dissipa é a diferença entre a demanda e a oferta globais, e não *"uma ampliação do déficit em conta corrente"*, como dá a entender esta opção. Não houve preservação da coerência do texto. b) *Daí naturalmente resulta que a* diferença *entre a demanda e a oferta globais, inexoravelmente,* se dissipa (cuidado com a concordância!) *por um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis* (os serviços) *e uma ampliação externa do déficit em conta corrente.* c) O que se dissipa, no texto original, é a diferença entre a demanda e a oferta globais, não *"o resultado natural da..."*. Além disso, há erro de concordância: *O* resultado *natural da diferença entre a demanda interna* ***e*** *a* oferta *global se* dissipam. d) *"a diferença entre a demanda que dissipa a oferta global dissipa"* (construção absurda!). Falta uma vírgula antes de *externamente.*

28 – E. Vejamos os problemas: a) *A valorização do real e o custo Brasil, que têm reduzido a competitividade de nossos produtos industriais no mercado internacional, ao mesmo tempo que torna o mercado interno mais vulnerável à concorrência de produtos de outros países com consequências ruins não só para a balança comercial, mas também para os níveis de emprego e de renda para a arrecadação de tributos.* (Houve truncamento sintático, pois falta uma parte da frase, o verbo da oração principal do sujeito *"A valorização do real e o custo Brasil"*.) b) *No custo Brasil,* (adjunto adverbial deslocado exige vírgula*)* constam *os elevados* preços (cuidado com a concordância) *da energia elétrica e do gás natural, a insuficiência e relativamente precária malha de transportes, o baixo nível de investimentos em tecnologia e uma estrutura tributária que incide sobre a produção e o consumo, e não sobre a renda e a riqueza.* (As vírgulas separam termos enumerados; a última vírgula vem antes do *e*, pois ele equivale a *mas.*) c) *O fato é que o setor industrial ficou* estagnado (erro de ortografia) *em 2011, puxando para baixo o crescimento do PIB, sendo o mais baixo entre todos os países sul-americanos. E as perspectivas são de novo crescimento do produto industrial próximo a zero – com um tímido crescimento do PIB.* d) *O elevado custo de nossa logística é outra* causa *que não* vem (observe a concordância!) *sendo devidamente enfrentada. O* barateamento *do custo da energia e dos transportes* requer (observe a concordância!) *a ampliação dos investimentos públicos, necessidade que se choca com um dos pilares da política econômica.*

29 – D. O trecho tem um erro de concordância. Segundo a ESAF, por mais que o sujeito composto esteja posposto ao verbo, tal banca não aceita a concordância atrativa. Já vimos isso no capítulo de *Concordância*. Logo, o trecho deveria ser reescrito assim*: "*... foram *precisamente [a* elevação *dos salários e a crescente* formalização *do trabalho (sujeito)]...".*

30 – ERRADO. ***Necessita-se*** (verbo transitivo indireto seguido da partícula de indeterminação do sujeito deve ficar na 3ª pessoa do singular) *tanto da criação de métodos transparentes e previsíveis quanto da definição clara do que se considere violação ética, cujas alegações* ***[desse tipo]*** (expressão indicativa de posse totalmente descartável, pois o pronome *cujas* já indica posse) ***sejam submetidas*** (esta locução verbal fica no plural e, no caso do particípio, concordando em gênero e número com *alegações*) à investigação.

31 – ERRADO. *Independentemente das razões que* ***as*** *levem* (o pronome relativo exige a próclise) *a sujeitar, por exemplo, suas posses ou sua moradia ao trabalho pericial,* ***a*** *toda pessoa* (não há crase antes do pronome indefinido *toda*) *estão garantidos os direitos de: ser autor de seu destino e de optar* ***pelo*** (a contração, por bem da eufonia, deve acontecer) *caminho de sua conveniência.*

32 – ERRADO. *Mas,* (esta vírgula deve ser colocada para marcar a intercalação da oração adverbial reduzida) *apesar da grande importância da ética deontológica, ela parece que é insuficiente para se aprofundarem reflexões éticas quanto* ***a*** *condutas* (não há crase diante de palavra pluralizada com sentido genérico) *profissionais,* ***em vista de*** (a maioria dos gramáticos recomenda que não se flexione elementos de uma locução prepositiva) *se entender que ela seja atendida quando os códigos são simplesmente obedecidos.*

33 – ERRADO. O erro está na colocação pronominal, pois o pronome relativo atrai o pronome oblíquo átono: *Para um coronel que se queixava da vida em quartel.*

34 – CERTO. Se fizermos a comparação entre os textos, veremos que a paráfrase está perfeita, pois as estruturas são sinônimas. Veja: *A antropologia tem demonstrado (1) que muitas atividades (2) atribuídas (3) às mulheres (4) em uma cultura (5) podem ser atribuídas (6) aos homens em outra (7). Segundo a antropologia (1), várias atividades (2) que*

são atribuídas (3) ao sexo feminino (4) em dada cultura (5) podem atribuir-se (6) ao sexo masculino em outra (7).

35 – ERRADO. *A espécie humana distingue-se entre si no que concerne* à *anatomia e* à *fisiologia* (o verbo concernir exige a preposição *a* + *a* (artigo) = à), *por meio do dimorfismo sexual, embora seja falso crer que as diferenças de comportamento* ***verificadas*** (concorda com *diferenças*) *entre as pessoas de sexo distinto* ***determinem****-se* (concorda com *diferenças*) *de forma biológica.*

36 – CERTO. Compare e veja (mero uso de sinônimos): *Carregar (1) cerca de (2) vinte litros de água (3) sobre a cabeça (4) implica (5), na verdade (6), um esforço físico considerável (7). Para que se carreguem (1) aproximadamente (2) vinte litros d'água (3) na cabeça (4), requer-se (5), na realidade (6), um imenso esforço físico (7).*

37 – CERTO. Quando o pronome oblíquo faz parte de uma locução verbal cujo verbo principal está no infinitivo e houver uma palavra atrativa antes da locução, o pronome pode ficar antes do verbo auxiliar ou depois do verbo principal. Logo, ambas as formas estão corretas.

38 – ERRADO. *Compreender, pois, o modo* ***por que*** (= *pelos quais*; usa-se separado e sem acento) *tais materialidades influenciam* ***a*** (o verbo *influenciar* é transitivo direto e não exige a preposição *em*) *elaboração do ato comunicativo é essencial para entender-se como elas chegam* ***a*** (não há crase antes de verbo) *afetar* ***a*** (o verbo afetar é transitivo direto e não exige a preposição *em*) própria organização do tecido social.

39 – CERTO. Novamente, sinônimos: *"a pequena causa (1), ou o motivo irrelevante (2), pode produzir (3) um grande efeito (4)"/"a causa pouco significativa (1), ou o pequeno motivo (2), pode provocar (3) um resultado de extensa repercussão (4)".*

40 – ERRADO. *Porém, estudando-se os impérios, antigos ou recentes, permite-se que* ***sejam acessadas*** (concorda com *raízes*) *as raízes do mundo contemporâneo, e* ***aprofundados*** (concorda com *modos*), pela nossa compreensão, os modos como está organizado o poder político.

41 – ERRADO. *Contudo, estudar os impérios, antigos ou recentes, proporciona-nos o acesso às raízes do mundo contemporâneo e leva-nos* ***a*** (não há crase antes de verbo) *aprofundar a compreensão dos modos conforme* ***os quais*** (não há preposição sendo exigida por nenhum elemento) ***se*** *organiza* (a próclise é obrigatória por causa do pronome relativo) *o poder político.*

42 – A. As expressões *"passeá" (passear), "saí" (sair), "brincá" (brincar), "di" (de), (gostava muito)... "di" (de) vôlei, "andá" (andar), "a palhaça"* ou *"fases mais gostosas"* marcam a informalidade e, portanto, o registro coloquial. As reticências, próprias da língua escrita indicam as pausas organizadoras do discurso oral, que entrecortam o fluxo contínuo da fala.

43 – A. Autoexplicativa. Ou seja, o entrevistado, apesar de ser um dos maiores críticos da gramática normativa no Brasil, é capaz de adaptar-se ao contexto comunicativo em que se insere, respeitando as regras gramaticais da língua culta.

44 – A. Só um detalhe sobre a a): *Quando falamos em prova, no direito, tem-se a idéia* (segundo a nova ortografia, esta palavra é sem acento) *de que existe algo a ser defendido ou algo que venha a ser contestado. Dentro dessa linha cognoscível, entende-se que vai existir sempre um agente acusador e um agente acusado.* Veja os desvios das demais: b) *Pois bem, a prova é o meio de resolução desse conflito existente, da qual* [é dela que (construção redundante e, portanto, dispensável)] *o juiz irá extrair aqueles meios exequíveis à resolução pendente.* c) *O juiz não tem o ônus de buscar a verdade – ele somente apresenta* <u>às</u> *partes* (o verbo apresentar é VTDI, por isso cuidado com a regência: apresenta-se algo **a** alguém*) a verdade mais justa diante do caso em questão. A parte é quem tem o ônus de buscar a verdade, daí as provas, serem de suma importância para a resolução do litígio.* d) *Devido à atribuição de pontos a cada tipo de prova, o sistema tarifal de provas passou a facilitar as decisões dos juízes, que somente se encarregavam da somatória dos pontos que cada parte* obtivera (conjugação verbal) *mediante suas provas apresentadas e decidia o caso a favor de quem* somara (correlação verbal) *mais pontos.* e) *Para adquirir força probatória no processo judicial, os meios "moralmente legítimos" de obtenção de provas devem estar* (locução verbal apresenta verbo principal no infinitivo não flexionado) *em congruência com os aspectos lícitos do nosso ordenamento legal.*

45 – E. *Até a semana passada* (não há obrigatoriedade no uso do acento grave), *a estimativa que* prevalecia (erro de ortografia) *era de que o ciclo de redução da Selic pararia em 7,5%. Atualmente,* (a vírgula aqui é facultativa, pois o adjunto adverbial deslocado é de curta extensão) *a taxa está em 8%. Com a mudança,* (vírgula marca adjunto adverbial deslocado de certa extensão) *o mercado financeiro passa a trabalhar com a perspectiva de que o Banco Central reduza a taxa mais duas vezes.*

Capítulo 37

Gabarito

1 – CERTO. A mudança de posição dos vocábulos altera o propósito argumentativo do texto original, que tem como foco o *riso*, e não a *seriedade*, e altera a estrutura sintática. Veja que nem todos os argumentos usados no texto servem para *seriedade*: *"É, de alguma maneira,* ***o aspecto festivo do mundo inteiro****, em todos os seus níveis,…"*. Isso seria um contrassenso. Sobre a estrutura sintática, seria preciso mudanças na estrutura, quanto à sintaxe de concordância: *"ele abarca a totalidade…"* viraria *"…ela abarca a totalidade…"* etc.

2 – CERTO. Questão de sinonímia. Note também que o enunciado nem fala de sentido, mas sim de correção gramatical. De qualquer forma, a mudança de sinônimos (*seguindo* = *aderindo*) em nada prejudicou o trecho.

3 – A. Mero uso de expressões sinônimas, isto é, *em vez de* = *em lugar de, só* = *tão somente*. Não confunda *em vez de/em lugar de* com *ao invés de/ao contrário de*!

4 – E. Relação de causa e consequência e transformação entre orações reduzidas. Como o máximo de conhecimento é também o mínimo, nunca faltará perguntas a fazer e respostas pela metade.

5 – A. Observe que houve manutenção de sentido com a substituição de um conectivo por outro (ambos de valor causal) e substituição de verbo por advérbio: *Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos* por conta d*os crimes de grande repercussão e que* parecem *ser de difícil solução./Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia*

técnica vem ganhando destaque nos últimos anos em virtude de *crimes de grande repercussão e de solução* aparentemente *difícil.*

6 – B. Questão de sinonímia e de nominalização. Observe: *Outro benefício* decorrente *de ter amigos é* manter *a saúde em ordem./Outro benefício* resultante *de ter amigos é a* manutenção *da saúde em ordem.*

7 – D. Em todas as opções, há possibilidades de paralelismo (repetição de preposição). A melhor resposta é a opção D. Digo "melhor resposta", pois o enunciado pede "a reescrita que não preserva a correção gramatical **e** o sentido original do texto. No entanto, só há mudança de sentido, e não incorreção na reescritura *"Repare que esses grandes artistas dificilmente se submetem às adaptações feitas diretamente de uma obra"*. A crase está adequada, pois houve determinação, com o uso de artigo definido feminino plural antes de *adaptações.* A mudança de sentido ocorre porque, na reescritura, o artigo define, torna conhecida as *adaptações.* Na primeira frase, a ausência de artigo definido implica uma ideia genérica a respeito de *adaptações.*

8 – A. Substituição de pronomes e uso de advérbio anafórico. O *cujo* estabelece relação de posse entre o termo antecedente e o consequente (*o moralismo desse país = cujo moralismo*). O verbo *representar* está no futuro do pretérito (representaria) devido à correlação com a forma de pretérito imperfeito do subjuntivo do verbo *promover* (*promovesse*). O uso do advérbio *lá* refere-se aos EUA (*lá = nesse país*).

9 – D. Trabalha-se transformação de oração desenvolvida condicional para reduzida condicional e uso de conectivo condicional. Na letra D, entretanto, a ideia de "Assaltando, não reaja" é igual a "Se for assaltar, não reaja", o que provoca mudança de sentido em relação à frase original.

10 – B. Ocorre nominalização e transformação de oração desenvolvida para reduzida. Compare: *A coordenadora exigiu* que adiasse *o encontro até que as* infrações que o funcionário cometeu fossem solucionadas./*A coordenadora exigiu o* adiamento *do encontro até a* solução *das* infrações cometidas pelo funcionário.

11 – B. Na reescritura, o adjetivo *regulares* deveria vir no singular, pois tem como referente o sujeito oculto do verbo dar. Ou seja, a reescritura que não

desrespeitaria a correta morfossintaxe do padrão formal escrito da língua portuguesa seria esta: *Se dá certo ou não, sendo* regular *ou não, é outra questão.*

12 – E. O uso de sinônimos e a inversão de termos manteve o sentido básico entre o período do enunciado e a reescrita da letra E: "*A solução foi muito simples (1): de todos os trabalhadores (2), sindicalizados ou não (3), era descontado anualmente (4), na folha de pagamento (5), o salário de um dia de trabalho (6).*"/*Foi simples a solução adotada (1) – seria descontado anualmente (4), na folha de pagamento (5) de todos os trabalhadores (2), sindicalizados ou não (3), o valor equivalente a um dia de trabalho (6).*

13 – A. O uso de sinônimos e a inversão de termos manteve o sentido básico entre as frases: *Colocava sob minha análise (1) um texto que já nascera das vozes do folclore (2), e propunha-me entender as relações (3) deste texto com suas variantes intertextuais (4).*/*Submetia a meu escrutínio (1) um texto que, como se não bastasse haver nascido das vozes da cultura popular (2), eu desejava interpretar (3) tendo em vista as relações que mantém com suas variantes intertextuais (4).* Observe que as demais opções apresentam, além de mudança de sentido, desvios gramaticais: b) *recaptulado* > *recapitulado.* c) *implica... num...* > *implica... um...* d) *perca* > *perda.* e) *há* = *existir, e não* = *permanecer*; além disso, *pegada* (com sentido de *junto*) é coloquialismo.

14 – D. I – Para que exista poeta, é preciso que exista essa consciência. Este é o sentido do trecho *Sem essa consciência, não há poeta.* Quando se diz *"Não há essa consciência em quem não seja poeta"*, está-se querendo dizer que não existe essa consciência em quem não é poeta. Logo, na reescritura proposta, se há mudança de sentido, a paráfrase está errada. II – A expressão aditiva *"não só... como*" é bem substituída por um conectivo sinônimo, *além de*, mantendo-se o sentido. III – Por uma questão de correlação verbal, é preciso fazer a alteração no tempo e no modo verbal ante a reescritura.

15 – D. Note que houve mudança de posição dos termos da frase e uso de sinônimos. Compare: *Devemos evitar, especialmente, (1) posturas que venham a contribuir (2) – ainda que indiretamente – (3) para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos (4).*/*Posturas que contribuam (2), mesmo que de maneira indireta, (3) para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos (4), devem ser especialmente evitadas (1).*

16 – A. Note que houve passagem de voz ativa para passiva, mudança de posição dos vocábulos e diferente modo de estabelecer relação de posse. Compare: *... o incontestável Grande Detetive,* cuja *brilhante inteligência dedutiva (1) é capaz de superar qualquer adversário (2)...*/*Qualquer adversário pode ser superado (2) pela brilhante inteligência dedutiva* do incontestável Grande Detetive *(1).*

17 – E. A construção de valor hipotético *caso se verifique* é sinônima da *na hipótese de ser*, e *a inocência do investigado*, da *o investigado dado por inocente.* Veja as demais: a) Na primeira frase, o advérbio de tempo *ainda* caracteriza o adjetivo *rotineiros.* Na segunda frase, *ainda* caracteriza o verbo no gerúndio, *prevenindo.* b) *Demais de* é expressão não existente na língua; o certo é *ademais de*, sinônima de *além de.* c) Não houve concordância correta, devendo ser: *no risco de se manterem criminosos na impunidade*, pois o *se* é apassivador. d) Não há concordância: "Dirigidos imediatamente pelo MP, serão produzidas somente as provas...".

18 – ERRADO. A substituição de locução adjetiva por adjetivo gerou incoerência. Soma de indivíduos = conjunto de indivíduos; soma individual = os indivíduos somam alguma coisa.

19 – ERRADO. Apesar de não ter falado nada na teoria deste capítulo sobre transposição de vozes verbais, já passamos pelo capítulo de vozes verbais, certo? Saiba que ela é trabalhada em prova em questões de reescritura, como ocorreu aqui. O Cespe/UnB, particularmente, adora esse tipo de paráfrase. Outra coisa: note que o enunciado diz: "Prejudica-se a correção gramatical". Nada se fala sobre sentido. É claro que não há erro gramatical em substituir *são considerados* por *consideram-se*, pois há uma simples passagem de voz passiva analítica (*são considerados*) para a voz passiva sintética (*consideram-se*). Note também que se manteve o mesmo número, modo e tempo verbais na passagem. Isso é primordial. Revise vozes verbais (teoria e questões), se, a essa altura do campeonato, você ainda tiver dificuldades.

20 – CERTO. Podemos usar *nos quais* no lugar de *onde* para retomar palavra de valor locativo, como *municípios.*

21 – CERTO. Tais expressões são sinônimas. Você, pelo seu conhecimento vocabular, teria de saber que *cooptado* é o mesmo que *atraído; Cooptar é* "atrair (alguém) e fazer participar de um movimento, ideologia, partido, ideal etc.".

22 – CERTO. A forma de presente do indicativo "facilita" tem aspecto durativo, como "vem facilitando" e "tem facilitado", logo tais locuções substituem bem o verbo simples.

23 – C. Há uma relação de causa e consequência entre *"vêm se sentindo menos pobres"* e *"vêm comprando"*, logo a reescrita adequada é com *porque*, conjunção causal.

24 – C. Houve uso de sinônimos e substituição de conectivo de mesmo valor semântico. Compare: *"O* simples *estabelecimento do princípio da igualdade,* no entanto*, não* logrou eliminar *as* diferenciações *existentes."/O* mero *estabelecimento do princípio da igualdade,* entretanto*, não* conseguiu abolir *as* discriminações *existentes*. Fácil!

25 – ERRADO. O que é passiva e modelada é a periferia colonial, não as colônias. Além disso, não se trata de um centro científico, mas sim de um centro de atividade científica. Houve inversão de foco, por isso houve mudança de sentido.

26 – B. Há uma relação de causa e consequência entre os períodos, logo usa-se o conectivo *porque*.

27 – B. Transformação perfeita de oração subordinada adverbial concessiva reduzida de gerúndio (se a oração reduzida de gerúndio vier iniciada pela preposição acidental *mesmo*, será concessiva) para desenvolvida: *Mesmo não havendo.../Embora não haja...*

28 – B. Se *a conectividade é, de longe, o maior disfarce que a solidão humana encontrou*, isso significa que nenhum disfarce de nossa solidão chegou a ser mais eficaz do que o da conectividade atual. A paráfrase explica o sentido da frase original. Veja os equívocos nas demais opções: (A) A expressão *de longe* intensifica o conteúdo semântico da oração em que se encontra, já *à distância* serve apenas para marcar a noção de espaço na oração em que se encontra. (C) Além de haver mudança de sentido, pois nada se fala de preferência no texto original, há um desvio de

regência do adjetivo *preferível*, que exige a preposição *a*: *Nossa dissimulada solidão é preferível, como sempre foi, à nossa ansiedade de comunicação.* (D) O texto original nada fala de necessidade de imersão na solidão. (E) Nada se fala sobre *geral e efetiva conectividade* no texto original, além disso nada se fala sobre superação da solidão.

29 – A. Só houve inversão na posição dos termos, o sentido não mudou. Veja os problemas das demais alternativas. (B) *Todo o = inteiro/ todo = qualquer*, mudança de sentido. (C) O substantivo *fato* exige a preposição *de*, que, segundo a maioria dos gramáticos e das bancas, deve vir explícita antes de oração objetiva indireta ou completiva nominal. Lembre-se deste posicionamento da Consulplan, em futuras questões. Sobre o verbo *implicar* (= *acarretar*), ele é VTD, não exige complemento preposicionado por *em*, segundo a maioria dos gramáticos e das bancas. Cuidado! (D) Precisamente falando, *por meio de* e *através de* têm sentidos diferentes. O primeiro indica o meio pelo qual uma ação se realiza; o segundo indica que algo atravessou algo. Hoje em dia, usamos indiferentemente os dois, indicando a mesma coisa, mas deve-se evitar, pois assim ensinam os grandes mestres e o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República.* Além disso, há um desvio de colocação pronominal em *que faz-se*, pois o vocábulo *que* atrai o pronome oblíquo.

30 – C. O verbo *dever* indica obrigatoriedade, o que mudaria o sentido de *poder*, no contexto.

31 – D. Houve inversão de termos, mas a ideia de contraste se manteve entre o fato de a educação não ser *um processo de consumo de aulas*, mas sim (= senão) de *acúmulo de conhecimento.*

32 – E. Note os conectivos concessivos iniciando as orações desenvolvidas: *Ainda que, Conquanto, A despeito de, Posto que...* Lembrou-se da dica do *mesmo*, em um dos comentários anteriores, iniciando oração reduzida de gerúndio (sempre concessiva)? Já a oração reduzida de infinitivo iniciada por *Visto* é sempre causal. Fica a dica!

33 – E. *Pela baixa qualificação dos alunos (causa), o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado (consequência)/O aumento nas vagas do ensino superior não*

trará o resultado desejado (causa), portanto é baixa a qualificação dos alunos (consequência). Moleza!

34 – C. Substituição de conectivos de mesmo valor semântico e transformação de oração reduzida. A preposição acidental *Segundo* indica conformidade, assim como *Consoante*, *De acordo com* e *Em conformidade com*. Só nessa percepção já eliminamos a (A) e a (D). O erro na (B) é o uso de *conquanto*, que indica concessão, no lugar da oração adjetiva *"sendo 13.310..."*. O erro na (E) é o uso de *cujo*, que deve vir entre dois nomes estabelecendo relação de posse entre eles, o que não é o caso na opção. Por eliminação, ficamos com a (C), que se inicia, na parte final da reescritura, acertadamente com o pronome relativo *dos quais*.

35 – A. No texto original, o falante viu muita coisa não pessoalmente, e a reescrita da opção (A) apresenta o avesso disso, o que prova a alteração de sentido.

36 – B. Mera questão de sinônimos, em que *acabar completamente* é o mesmo que *aniquilar*. (A) demolir. (C) exterminar. (D) saldar. (E) apaixonar.

37 – C. Com *ou antes*, passa-se a ideia que só os *best-sellers* foram recusados, e não os clássicos e os *best-sellers*, por isso há mudança de sentido.

38 – E. Coerentemente, houve apenas mudança na posição do sujeito, *os editores*, do verbo *aprender*.

39 – C. Tanto *uma vez que* como *porquanto* são conectivos causais.

40 – A. Tanto *não obstante* quanto *apesar de* são conectivos concessivos.

41 – A. O verbo *haver*, com sentido de *ocorrer* fica na 3ª pessoa do singular, pois é um verbo impessoal. Note que, na reescritura, se manteve o mesmo modo e o mesmo tempo entre eles. Nas demais opções, houve erro de concordância (B e C) e mudança de tempo verbal (D e E).

ELSEVIER

MARCELO ROSENTHAL

Gramática para Concursos

Teoria e mais de 1000 questões

6ª Edição

SÉRIE PROVAS & CONCURSOS

- Livro em duas cores para facilitar o aprendizado

Inclui:

- Questões recentes de concursos para fixação

CAMPUS CONCURSOS

Cadastre-se em **www.elsevier.com.br** para conhecer nosso catálogo completo, ter acesso a serviços exclusivos no site e receber informações sobre nossos lançamentos e promoções.

MARCELO ROSENTHAL

Gramática para Concursos

Teoria e mais de 1000 questões

6ª Edição

SÉRIE PROVAS & CONCURSOS

ELSEVIER

CAMPUS CONCURSOS

© 2013, Elsevier Editora Ltda.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Revisão: Irênio Silveira Chaves
Editoração Eletrônica: SBNigri Artes e Textos Ltda.
Epub: SBNigri Artes e Textos Ltda.

Coordenador da Série: Sylvio Motta

Elsevier Editora Ltda.
Conhecimento sem Fronteiras
Rua Sete de Setembro, 111 – 16º andar
20050-006 – Centro – Rio de Janeiro – RJ – Brasil

Rua Quintana, 753 – 8º andar
04569-011 – Brooklin – São Paulo – SP – Brasil

Serviço de Atendimento ao Cliente
0800-0265340
atendimento1@elsevier.com

ISBN 978-85-352-7045-7
ISBN (versão eletrônica) 978-85-352-7046-4

Nota: Muito zelo e técnica foram empregados na edição desta obra. No entanto, podem ocorrer erros de digitação, impressão ou dúvida conceitual. Em qualquer das hipóteses, solicitamos a comunicação ao nosso Serviço de Atendimento ao Cliente, para que possamos esclarecer ou encaminhar a questão.
Nem a editora nem o autor assumem qualquer responsabilidade por eventuais danos ou perdas a pessoas ou bens, originados do uso desta publicação.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R727g Rosenthal, Marcelo
Gramática para concursos / Marcelo Rosenthal. – 6. ed. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.
584 p. – (Provas e concursos)

ISBN 978-85-352-7045-7

1. Língua portuguesa – Gramática. 2. Língua portuguesa – Problemas, questões, exercícios. 3. Serviço público – Brasil – Concursos. I. Título.

13-2116. CDD: 469.5
CDU: 811.134.3'36

Dedicatórias

À minha mulher Vânia, à minha filha Júlia, aos meus pais Cláudio (in memoriam) *e Edwiges* (in memoriam), *à minha irmã Edwiges Maria e família, a todos os meus grandes amigos, sobretudo Maurício Bueno. Também não posso deixar de lembrar-me de três amigos tão importantes na minha vida: Mauro Lasmar, Maria Suely da Silva e José Ricardo Pereira Ribeiro – os quais me deram a flor mais bela do meu pequeno jardim.*

À memória do meu grande amigo Marco Aurélio Ribeiro de Brito, companheiro da pelada à Copa do Mundo.

Agradecimentos

Ao amigo e professor Paulo Paranhos, que não fez somente um trabalho de revisão, como também emitiu opiniões sobre a teoria, ofereceu-me soluções para problemas que se apresentaram, além de muito gentilmente fazer o prefácio deste livro.

À minha amiga e assistente Lilian Furtado, que colaborou bastante com pesquisa de questões de provas, digitação, revisão e formatação do texto.

Por fim, ao meu grande amigo Fernando Figueiredo, por quem nunca neguei nutrir grande admiração e de quem, em conversas informais, "arranquei" importantíssimas informações sobre a nossa língua. A objetividade de seu trabalho aliada a um grande conhecimento teórico é, para mim, um norte.

O Autor

Marcelo Rosenthal

- Formado em Letras (Português-Alemão) pela UFRJ.
- Ex-professor de Língua Portuguesa do União Concursos.
- Ex-professor de Língua Portuguesa do Pré-Concursos.
- Ex-professor de Língua Portuguesa da Degrau Cultural.
- Ex-professor de Língua Portuguesa do Curso Gabarito.
- Ex-professor de Língua Portuguesa do Curso Metta.
- Ex-professor de Língua Portuguesa do Curso Decisum.
- Professor de Língua Portuguesa da Academia do Concurso Público.
- Professor de Língua Portuguesa da Companhia dos Módulos.
- Técnico Judiciário do Tribunal Regional do Trabalho da Primeira Região.
- Professor em aulas telepresenciais disponíveis pela internet do curso Concurso Virtual – www.concursovirtual.com.br

Apresentação

O meu maior objetivo, ao escrever este material, foi ser objetivo. Sou funcionário público e passei no concurso estudando apenas em apostilas e livros especializados. Então, veio-me o seguinte raciocínio: se hoje eu fosse candidato, que informações me seriam necessárias para ter verdadeira possibilidade de aprovação?

Com esta preocupação de mostrar efetivamente o que cai em provas, comecei a trabalhar. Expus as divergências entre os principais autores e o que as bancas seguem, procurei aprofundar-me em temas comumente explorados nos concursos, porém pouco desenvolvidos nas gramáticas. Além disso, comentei gabaritos de questões, que se revelaram, pela minha experiência profissional, de extrema dificuldade para o candidato.

Por fim, volto a ressaltar a finalidade deste livro: transformar-se em uma literatura prática e específica na área de concursos, onde todos poderão dirimir suas dúvidas e esclarecer pontos de nossa língua que não constam – ou são analisados apenas superficialmente – nas obras tradicionais.

ENTRE O SONO e o sonho,
Entre mim e o que em mim
É o quem eu me suponho,
Corre um rio sem fim.
(Fernando Pessoa)

Prefácio

Até que enfim apareceu uma verdadeira gramática para o concursando. Teoria na medida certa, exercícios retirados das provas das principais bancas, abordagem de temas polêmicos exigidos pelas bancas.

Sim, porque gramáticas – e algumas muito boas – existem várias. Algumas bastante completas e complexas, que, como um dicionário e um catálogo telefônico, todos devem ter uma para consultas. Não são dirigidas a concursos, abordam assuntos que não são importantes para o concursando e, geralmente, não têm exercícios.

Há também as gramáticas escolares, que podem servir para o estudo de alguns pontos, mas são dirigidas ao ensino médio, que têm características muito diferentes. Além de não terem gabarito para os exercícios.

E os livros voltados para concursos? Teoria mínima, exercícios muitos. Mais parecem coletâneas de provas – algumas bastante defasadas – com gabarito. Raramente comentado.

O Professor Rosenthal conseguiu atingir o ponto de equilíbrio entre teoria e prática. Abordagem teórica de todos os principais conteúdos exigidos em concursos públicos na medida certa para o estudo do concursando. Exercícios em boa quantidade, sem exageros, de todos os conteúdos. Interessantes os gabaritos comentados letra a letra em questões dos conteúdos mais complexos.

A correta utilização da gramática como ferramenta para a interpretação de textos. Afinal, a Língua existe para comunicar e não para

"gramaticar". Exemplo disso é a utilização de funções agentes e pacientes para o entendimento de frases com alteração semântica.

Importante também a abordagem de pontos complexos – de que muitos autores fogem – como a concordância do adjetivo adjunto e do adjetivo predicativo. A semântica dos tempos verbais. Os valores relacionais e semânticos das preposições. Paralelismo sintático.

Enfim, um livro que pode ser honestamente chamado de GRAMÁTICA PARA CONCURSOS.

Prof. Paulo Paranhos

Sumário

Capa

Cadastro

Folha de Rosto

Créditos

Dedicatórias

Agradecimentos

O Autor

Apresentação

Prefácio

Capítulo 1 – Fonologia

1.1. Letra e Fonema

1.2. Ditongo

1.2.1. Ditongo decrescente

1.2.2. Ditongo crescente

1.2.3. Ditongo oral

1.2.4. Ditongo nasal

1.2.5. Ditongo fonético

1.3. Tritongo

1.4. Hiato

1.5. Glide

1.6. Dígrafo

1.7. Letra diacrítica

1.8. Encontro consonantal

1.9. Exercícios

Capítulo 2 – Ortografia

2.1. Palavras que se escrevem com “ESA”

2.2. Palavras que se escrevem com “EZA”

2.3. Palavras que se escrevem com “ÊS”

2.4. Palavras que se escrevem com “EZ”

2.5. Palavras que se escrevem com “OSO”, “OSA”

2.6. Palavras que se escrevem com “ISAR”

2.7. Palavras que se escrevem com “IZAR”

2.8. Palavras que se escrevem com “S”

2.9. Palavras que se escrevem com “Z”

2.10. Palavras que se escrevem com “X”

2.11. Palavras que se escrevem com “CH”

2.12. Palavras que se escrevem com “Ç” ou “C”

2.13. Palavras que se escrevem com “SS”

2.14. Palavras que se escrevem com “SC”

2.15. Palavras que se escrevem com “G”

2.16. Palavras que se escrevem com “J”

2.17. Palavras especiais

2.18. uso do porquê

2.18.1. Porque

2.18.2. Porquê

2.18.3. Por que

2.18.4. Por quê

2.19. Uso do “mal”

2.19.1. Mal (antônimo de bem)

2.19.2. Mal (conjução subordinativa temporal)

2.19.3. Mau (antônimo de bom)

2.20. Uso do hífen em prefixos – regra geral

2.21. Parônimos

2.22. Homônimos

2.23. Casos especiais

2.23.1. Abaixo / a baixo

2.23.2. Acerca de/ cerca de/ a cerca de/ há cerca de

2.23.3. Acima / a cima

2.23.4. Afim / a fim de

2.23.5. Afora / a fora

2.23.6. Ao encontro de / de encontro a

2.23.7. Aparte / à parte

2.23.8. Apedido ou a-pedido / a pedido

2.23.9. Bem-posto / bem posto

2.23.10. Conquanto / com quanto

2.23.11. Contudo / com tudo

2.23.12. Dantes / de antes

2.23.13. Debaixo / de baixo

2.23.14. Demais / de mais

2.23.15. Desapercebido / despercebido

2.23.16. Detrás / de trás

2.23.17. Devagar / de vagar

2.23.18. Dia-a-dia / dia a dia

2.23.19. Em vez de / ao invés de

2.23.20. Enfim / em fim

2.23.21. Enquanto / em quanto

2.23.22. Malgrado / mau grado

2.23.23. Nenhum / nem um

2.23.24. Porventura / por ventura

2.23.25. Porquanto / por quanto

2.23.26. Portanto / por tanto

2.23.27. Sem-cerimônia / sem cerimônia

2.23.28. Sem-fim / sem fim

2.23.29. Sem-número / sem número

2.23.30. Se não / senão

2.23.31. Sobretudo / sobre tudo

2.23.32. Tampouco / tão pouco

2.24. Formas variantes

2.25. Exercícios

Capítulo 3 – Regras de Acentuação

3.1. Monossílabos tônicos

3.2. Oxítonas

3.3. Paroxítonas

3.4. Proparoxítonas

3.5. Ditongos abertos ÉI(S), ÉU(S), ÓI(S)

3.6. “I” e “U”, quando isolados numa sílaba

3.7. “OO” ou “EE”

3.8. Acento diferencial

3.8.1. Intensidade

3.8.2. Timbre

3.8.3. Número / pessoa

3.9. Trema

3.10. Exercícios

Capítulo 4 – Estrutura dos Nomes

4.1. Radical

4.2. Afixos

4.3. Vogal temática

4.4. Desinências

4.4.1. De gênero

4.4.2. De número

4.4.3. De grau

4.5. Vogais e consoantes de ligação

4.6. Formação dos nomes

4.6.1. Composição

4.6.1.1. Justaposição

4.6.1.2. Aglutinação

4.6.2. Derivação

4.6.2.1. Sufixal

4.6.2.2. Prefixal

4.6.2.3. Prefixal e sufixal (derivação sucessiva)

4.6.2.4. Parassintética

4.6.2.5. Regressiva

4.6.3. Conversão

4.6.4. Hibridismo

4.6.5. Reduplicação

4.6.6. Abreviação

4.6.7. Sigla

4.6.8. Neologismo

4.7. Prefixos latinos

4.8. Prefixos gregos

4.9. Relação de sufixos

4.10. Correspondência entre prefixos gregos e latinos

4.11. Latinismos

4.12. Exercícios

Capítulo 5 – Substantivo

5.1. Substantivo concreto

5.2. Substantivo abstrato

5.3. Substantivo simples

5.4. Substantivo composto

5.5. Substantivo primitivo

5.6. Substantivo derivado

5.7. Substantivo comum

5.8. Substantivo próprio

5.9. Coletivo

5.10. Flexão nominal

5.10.1. Gênero

5.10.1.1. Comum de dois gêneros

5.10.1.2. Sobrecomum

5.10.1.3. Epiceno ou promíscuo

5.10.1.4. Heterônimo ou desconexo

5.10.1.5. Lista especial de femininos

5.10.1.6. Casos especiais de gênero dos substantivos

5.10.1.7. Substantivos que mudam de sentido com a mudança do gênero

5.10.2. Número

5.10.2.1. Plural de alguns substantivos

5.10.2.2. Regras do plural de substantivos simples

5.10.2.3. Plural dos substantivos compostos

5.10.2.4. Relação de substantivos compostos no plural

5.10.2.5. Plural com metafonia

5.10.3. Grau

5.10.3.1. Aumentativos

5.10.3.2. Diminutivos

5.11. Exercícios

Capítulo 6 – Adjetivo

6.1. Adjetivo restritivo

6.2. Adjetivo explicativo

6.3. Grau dos adjetivos

6.3.1. Comparativo

6.3.2. Superlativo

6.4. Formação dos superlativos absolutos sintéticos

6.5. Relação de superlativos absolutos sintéticos

6.6. Locuções adjetivas

6.6.1. Lista de locuções adjetivas

6.7. Adjetivo com valor subjetivo ou indicativo de “qualidade”

6.8. Adjetivo com valor objetivo ou indicativo de “característica”

6.9. Exercícios

Capítulo 7 – Artigo

7.1. Artigo definido

7.2. Artigo indefinido

7.3. Exercícios

Capítulo 8 – Advérbio

8.1. Graus do advérbio

8.1.1. Comparativo

8.1.2. Superlativo

8.2. Locução adverbial

8.3. Palavras denotativas ou partículas expletivas

8.4. Exercícios

Capítulo 9 – Pronome

9.1. Pronomes pessoais retos

9.2. Pronomes pessoais oblíquos

9.3. Pronomes possessivos

9.4. Pronomes demonstrativos

9.4.1. Usos especiais de pronomes demonstrativos

9.4.2. Casos especiais de pronome demonstrativo

9.5. Pronomes indefinidos

9.6. Pronomes relativos

9.7. Pronomes interrogativos

9.8. Pronomes de tratamento

9.9. Pronome reflexivo

9.10. Pronome recíproco

9.11. Pronome parte integrante do verbo

9.12. Estudo da colocação dos pronomes

9.13. Contração dos pronomes oblíquos átonos em verbos transitivos diretos e indiretos

9.14. Exercícios

Capítulo 10 – Conjunções

10.1. Conjunções coordenativas

10.1.1. Aditivas

10.1.2. Adversativas

10.1.3. Alternativas

10.1.4. Conclusivas

10.1.5. Explicativas

10.2. Conjunções subordinativas

10.2.1. Causais

10.2.2. Concessivas

10.2.3. Condicionais

10.2.4. Temporais

10.2.5. Consecutivas

10.2.6. Finais

10.2.7. Proporcionais

10.2.8. Conformativas

10.2.9. Comparativas

10.2.10. Integrantes

10.3. Exercícios

Capítulo 11 – Preposição

11.1. Essenciais

11.2. Acidentais

11.3. Locuções prepositivas

11.4. Combinação

11.5. Contração

11.6. Valores semânticos das preposições

11.7. Exercícios

Capítulo 12 – Interjeição

Capítulo 13 – Numeral

13.1. Numeral substantivo

13.2. Numeral adjetivo

13.3. Classificação

13.3.1. Multiplicativo

13.3.2. Fracionário

13.3.3. Ordinais

13.3.4. Cardinais

13.4. Exercícios

Capítulo 14 – Verbo

14.1. Verbos regulares

14.2. Verbos irregulares

14.3. Verbos anômalos

14.4. Os valores semânticos dos verbos e as ideais correlações

14.4.1. Modo indicativo

14.4.2. Modo subjuntivo

14.4.3. Modo imperativo

14.4.3.1. Correlação de Tempos

14.5. Estrutura dos verbos

14.5.1. Radical

14.5.2. Vogal temática

14.5.3. Tema

14.5.4. Desinência modo-temporal

14.5.5. Desinência número-pessoal

14.5.5.1. Exercícios

14.6. Formação de imperativo

14.6.1. Exercícios

14.7. Formas nominais

14.7.1. Gerúndio

14.7.1.1. Exercícios

14.7.2. Particípio

14.7.2.1. Particípios Duplos

14.7.2.2. Exercícios

14.7.3. Infinitivo

14.7.3.1. Exercícios

14.8. Falsos derivados

14.8.1. Exercícios

14.9. Verbos impessoais

14.9.1. Exercícios

14.10. Verbos defectivos

14.10.1. Exercícios

14.11. Formas rizotônicas e arrizotônicas verbais

14.11.1. Rizotônicas

14.11.2. Arrizotônicas

14.12. Verbos terminados em IAR

14.13. Verbos terminados em EAR

14.14. Verbos terminados em GUAR

14.14.1. Exercícios

14.15. Verbos terminados em Uir

14.15.1. Exercício

14.16. Verbos prazer, aprazer e desprazer

14.16.1. Exercícios

14.17. Vozes verbais

14.17.1. Voz ativa

14.17.2. Voz passiva

14.17.3. Voz reflexiva

14.17.4. Voz reflexiva com valor recíproco

14.17.4.1. Exercícios

14.18. Tempos compostos

14.18.1. Exercícios

14.19. Exercícios de revisão

Capítulo 15 – Sujeito

15.1. Sujeito simples

15.2. Sujeito composto

15.3. Sujeito inexistente ou oração sem sujeito

15.4. Sujeito indeterminado

15.5. Exercícios

Capítulo 16 – Predicado

16.1. Predicado nominal

16.2. Predicado verbal

16.3. Predicado verbo-nominal

16.4. Exercícios

Capítulo 17 – Predicativo

17.1. Do sujeito

17.2. Do objeto

17.3. Exercícios

Capítulo 18 – Objeto

18.1. Direto

18.2. Indireto

18.3. Direto preposicionado

18.4. Pleonástico

18.5. Objeto direto interno ou cognato

18.6. Exercícios

Capítulo 19 – Complemento Nominal e Adjunto Adnominal

19.1. Complemento nominal

19.1.1. Exercícios

19.2. Adjunto adnominal

19.3. Complemento nominal X adjunto adnominal

19.4. Exercícios

19.5. Exercícios com gabarito comentado acerca de complemento nominal e adjunto adnominal

Capítulo 20 – Adjunto Adverbial

20.1. Classificação

20.2. Exercícios

Capítulo 21 – Agente da Passiva, Aposto e Vocativo

21.1. Agente da Passiva

21.2. Aposto

21.2.1. Aposto denominativo

21.2.2. Aposto explicativo

21.2.3. Aposto enumerativo

21.2.4. Aposto resumitivo

21.2.5. Aposto distributivo

21.3. Vocativo

21.3.1. Exercícios

21.3.2. Análise sintática do pronome oblíquo

21.3.2.1. Exercícios

21.3.3. Análise sintática do pronome relativo

21.3.3.1. Exercícios

21.3.4. Análise sintática de pronome demonstrativo e pronome relativo juntos

21.3.4.1. Exercícios

21.3.5. Exercícios

Capítulo 22 – Classificação de Orações

22.1. Orações coordenadas

22.1.1. Assindéticas

22.1.2. Sindéticas

22.1.2.1. Aditivas

22.1.2.2. Adversativas

22.1.2.3. Alternativas

22.1.2.4. Conclusivas

22.1.2.5. Explicativas

22.2. Exercícios

22.3. Orações subordinadas

22.3.1. Substantivas

22.3.1.1. Subjetivas

22.3.1.2. Objetivas diretas

22.3.1.3. Objetivas indiretas

22.3.1.4. Completivas nominais

22.3.1.5. Predicativas

22.3.1.6. Apositivas

22.3.1.7. Agentes da passiva

22.4. Exercícios

22.5. Orações subordinadas adjetivas

22.6. Exercícios

22.7. Orações subordinadas adverbiais

22.7.1. Causais

22.7.2. Concessivas

22.7.3. Condicionais

22.7.4. Temporais

22.7.5. Consecutivas

22.7.6. Finais

22.7.7. Proporcionais

22.7.8. Conformativas

22.7.9. Comparativas

22.7.10. Modais

22.8. Orações reduzidas

22.9. Exercícios

Capítulo 23 – Paralelismo Sintático

23.1. Exercícios com gabarito comentado sobre paralelismo

Capítulo 24 – Pontuação

24.1. Uso de vírgula

24.2. Uso de ponto e vírgula

24.3. Uso do ponto

24.4. Uso de dois-pontos

24.5. Uso de exclamação

24.6. Uso de interrogação

24.7. Uso de reticências

24.8. Uso de aspas

24.9. Uso de parênteses

24.10. Uso de travessão

24.11. Exercícios

Capítulo 25 – Crase

25.1. Primeira regra básica

25.2. Segunda regra básica

25.3. Terceira regra básica

25.4. Casos Especiais

25.5. Exercícios

Capítulo 26 – Regência

26.1. Regência verbal

26.2. Regência nominal

26.3. Exercícios

Capítulo 27 – Concordância

27.1. Concordância verbal

27.2. Exercícios

27.3. Concordância nominal

27.4. Exercícios

Capítulo 28 – Estilística

28.1. Figuras de som

28.1.1. Aliteração

28.1.2. Onomatopeia

28.2. Figuras de construção ou sintaxe

28.2.1. Anacoluto

28.2.2. Anáfora

28.2.3. Anástrofe ou inversão

28.2.4. Assíndeto

28.2.5. Elipse

28.2.6. Hipálage

28.2.7. Hipérbato

28.2.8. Pleonasmo ou redundância

28.2.9. Polissíndeto

28.2.10. Silepse

28.2.11. Zeugma

28.2.12. Repetição ou reduplicação

28.3. Figuras de pensamento

28.3.1. Antítese

28.3.2. Eufemismo

28.3.3. Hipérbole

28.3.4. Ironia

28.3.5. Paradoxo ou oxímoro

28.3.6. Prosopopeia, personificação ou animismo

28.4. Figuras de palavras

28.4.1. Antonomásia

28.4.2. Catacrese

28.4.3. Comparação ou símile

28.4.4. Metáfora

28.4.5. Metonímia

28.4.6. Sinestesia

28.5. Vícios de linguagem

28.5.1. Ambiguidade

28.5.2. Barbarismo

28.5.3. Cacófato

28.5.4. Solecismo

28.6. Exercícios

Capítulo 29 – Coesão e Coerência Textual

29.1. Coesão sequencial

29.2. Coesão referencial

29.3. Coerência textual

29.4. Exercícios com gabarito comentado

Capítulo 20 – Teoria Argumentativa

30.1. Denotação

30.2. Conotação

30.3. Descrição

30.4. Narração

30.5. Dissertação

30.6. Tese

30.7. Argumento

30.8. Recorrência textual

30.9. Inferência textual

30.10. Exercícios com gabarito comentado sobre teoria argumentativa

30.11. Alteração de funções sintáticas em questões de interpretação

30.12. Exercícios com gabarito comentado sobre alteração de funções sintáticas

Capítulo 31 – Questões Comentadas de Concursos

Apêndice: exercícios de provas com gabarito comentado

Esaf

NCE

Gabarito

Bibliografia

Capítulo 1

Fonologia

Fonologia é o estudo dos sons.

1.1. Letra e Fonema

Letra – É uma representação gráfica do fonema, que é uma formação sonora.

Fonema – É uma formação sonora.

Obs.: Cabe ressaltar que nem sempre uma letra corresponde a um fonema. Por exemplo, a letra "X" pode representar vários sons diferentes, como em TÁXI, EXATO, MUXOXO.

É também interessante observar que existem vocábulos com mais letras do que fonemas, mas também podem existir outros com mais fonemas do que letras.

Ex.: TÁXI – 4 letras e 5 fonemas.

HOJE – 4 letras e 3 fonemas.

1.2. Ditongo

Encontro de uma VOGAL com uma SEMIVOGAL. Ex.: pai, dói, réu, quanto.

1.2.1. Ditongo decrescente

É quando a sequência específica é VOGAL + SEMIVOGAL. Ex.: seis, meu.

1.2.2. Ditongo crescente

É quando a sequência específica é SEMIVOGAL + VOGAL. Ex.: quanto, silêncio.

BIZU

Facilita ao candidato observar que a semivogal terá sempre o som de "i" ou "u", mesmo que não estejam representados por estas letras. Ex.: caos – a letra "o" aqui é uma representação gráfica do fonema "u", por isso não é uma vogal, e sim uma semivogal, formando, portanto, um ditongo decrescente.

1.2.3. Ditongo oral

É o ditongo pronunciado pela boca sem que o som passe pela narina.

Ex.: viu, boi.

1.2.4. Ditongo nasal

É o ditongo cujo som passa pela narina.

Ex.: não, muito.

1.2.5. Ditongo fonético

É o caso dos ditongos perceptíveis pela pronúncia.

Ex.: Ele tem – A pronúncia desta palavra inclui o fonema "I" apesar de não estar escrito, diferentemente do que ocorre

em tempo, onde não há o som deste "I". É sutil a diferença: "TEIM" e "TEMPO". O mesmo fenômeno ocorre com "estavam", que se pronuncia com o acréscimo do fonema "U", o mesmo não sucedendo com "vantagem". Nós pronunciamos "ESTAVÃU" e "VANTAGEM".

1.3. Tritongo

É o encontro sequencial de uma semivogal + uma vogal + uma semivogal.

Ex.: Paraguai, apazigueis.

1.4. Hiato

É o encontro de duas vogais.

Ex.: hiato, uísque.

1.5. Glide

É a sequência de um ditongo + hiato.

Ex.: boia, seio.

Obs.: É sempre importante perceber que em uma sílaba só pode haver uma vogal – nunca mais do que uma, nunca menos do que uma. Então, em um ditongo, o que ocorre é o encontro de uma vogal com uma semivogal e, no tritongo, de uma vogal com duas semivogais.

1.6. Dígrafo

O nome já explica do que se trata: dupla grafia, formando, contudo, apenas um fonema. Os casos são: RR, SS, CH, LH, NH, GU, QU, SC, XC, SÇ e as NASALIZAÇÕES representadas pelas letras M e N.

Ex.: carro, osso, enchova, molho, unha, jogue, querido, oscilação, exceder, nasço, campo, tonto.

Obs.: As letras ocorrentes nos dígrafos RR, SS, SC, XC, SÇ não podem ficar na mesma sílaba.

Ex.: ex-ce-len-te; guer-ra; as-sas-si-no; nas-cer.

Obs.: "AM" e "EM", em fim de palavra, não formam dígrafos, mas sim ditongos.

Ex.: compravam (vãu), também (beim).

Obs.: Os dígrafos consonantais são aqueles em que a consoante se pronuncia: RR, SS, CH, LH, NH, SC, XC, SÇ, GU e QU – repare que, nesses dois últimos casos, pronunciam-se as consoantes G (GUE) e Q (QUE).

Todos os casos de nasalização formam os dígrafos vocálicos, pois são as vogais nasalizadas que são pronunciadas.

1.7. Letra diacrítica

É a letra não pronunciada nos dígrafos. Nos dígrafos SC, XC, e SÇ, a primeira letra é a diacrítica. As letras M e N nas nasalizações são as diacríticas. Nos demais dígrafos, a segunda letra será a diacrítica.

1.8. Encontro consonantal

É o encontro de consoantes pronunciadas, podendo estar na mesma sílaba ou não. É importante destacar que os dígrafos não constituem encontros consonantais.

Ex.: cratera, corte.

Obs.: A palavra MARCHA possui um dígrafo (CH) e um encontro consonantal (formada pelo R e pelo X que está representado pelo dígrafo CH).

1.9. Exercícios

1. (Analista de Sistemas – Furnas – Funrio) Qual dos provérbios abaixo está acompanhado da correta identificação de dígrafos e encontros consonantais?

a) Quem semeia vento colhe tempestade – quatro dígrafos e dois encontros consonantais.

b) Mais vale um pássaro na mão do que dois voando – quatro dígrafos e nenhum encontro consonantal.

c) Em terra de sapo, mosquito não dá rasante – três dígrafos e dois encontros consonantais.

d) Farinha pouca, meu pirão primeiro – dois dígrafos e um encontro consonantal.

e) Quanto mais eu rezo, mais assombração me aparece – quatro dígrafos e dois encontros consonantais.

2. (Analista MPOG – Funrio) A única opção em que todas as palavras contêm hiato é:

a) aguardente – historiador – impõem – realidade;

b) desmiolado – incoerente – proibido – seriedade;

c) açaí – alaúde – caraminguás – destruímos;

d) lambari – minhoca – numeroso – polidez;

e) enxaguei – paraguaio – piauiense – saguão.

3. Assinale a opção em que aparece uma letra diacrítica:

a) móvel

b) táxi

c) animais

d) nunca

e) qualidade

4. Assinale a opção em que há mais fonemas do que letras:

a) nexo

b) silêncio

c) máximo

d) ninguém

e) guerra

5. Assinale a opção em que ocorre um ditongo fonético:

a) cueca

b) vadio

c) ninguém
d) biônico
e) hediondo

6. (PUC-SP) Nas palavras ANJINHO, CARROCINHAS, NOSSA e RECOLHENDO, podemos detectar oralmente a seguinte quantidade de fonemas:
a) três, quatro, dois, quatro;
b) cinco, nove, quatro, oito;
c) seis, dez, cinco nove;
d) três, seis, dois, cinco;
e) sete, onze, cinco, dez.

7. (DEPEN – Funrio) Qual a única série de palavras que contém dígrafos consonantais?
a) através – problemas – crateras – caboclos.
b) ternura – caspa – resultado – êxtase.
c) farrista – aquecido – exceto – milharal.
d) tampas – ventania – sintoma – fundação.
e) hálito – hélice – hino – humilde.

8. (TRE-MG) Ambas as palavras contêm exemplo de hiato em:
a) árduo / mãe
b) área / chapéu
c) diário / quota
d) pavio / moer
e) luar / anzóis

9. (Uni-Rio) Assinale a opção em que o vocábulo apresenta ao mesmo tempo um encontro consonantal, um dígrafo consonantal e um ditongo fonético:
a) ninguém
b) coalhou
c) iam
d) nenhum
e) murcham

10. (PUC) Um mesmo fonema pode ser grafado de diferentes maneiras. Qual a lista de palavras que exemplifica essa afirmação?
a) paciente – centro – existência.

b) existência – meses – batizaram.
c) projeto – prejudicando – propõe.
d) quem – quando – psiquiatra.
e) coisa – incomoda – continuidade.

11. (NCE) "... uma vacina experimental atingiu as condições exigidas..."
A letra em destaque no trecho acima transcrito representa o mesmo som da letra destacada em:
a) tó**x**ico;
b) en**x**ame;
c) má**x**imo;
d) ino**x**idável;
e) ine**x**orável.

12. (NCE) "Nas noites de Nova Lima, quando buscava repouso..." Quantos fonemas e letras existem na palavra destacada?
a) 4 fonemas / 5 letras / 1 dígrafo
b) 6 fonemas / 4 letras / 1 dígrafo
c) 5 fonemas / 6 letras
d) 6 fonemas / 6 letras
e) 4 fonemas / 6 letras / 1 dígrafo

Capítulo 2

Ortografia

2.1. Palavras que se escrevem com "ESA"

burguesa, chinesa, despesa, escocesa, francesa, inglesa, japonesa, holandesa, mesa, pequinesa, portuguesa etc.

BIZU

Se conseguirmos completar a frase "ELA É", a palavra será sempre com **"S"**.

Ex.: Ela é chinesa. Ela é pequinesa.

2.2. Palavras que se escrevem com "EZA"

alteza, avareza, beleza, crueza, fineza, firmeza, lerdeza, proeza, pureza, singeleza, tristeza etc.

2.3. Palavras que se escrevem com "ÊS"

burguês, chinês, cortês, escocês, francês, inglês, irlandês, montanhês, pedrês, português etc.

BIZU

Se conseguirmos completar a frase "ELE É", a palavra será com "S".

Ex.: Ele é cortês. Ele é burguês. Ele é francês.

2.4. Palavras que se escrevem com "EZ"

altivez, embriaguez, estupidez, intrepidez, palidez, morbidez, pequenez, talvez, vez, viuvez etc.

2.5. Palavras que se escrevem com "OSO", "OSA"

audacioso(a), brioso(a), cauteloso(a), criterioso(a), delicioso(a), formoso(a), gostoso(a), perigoso(a), pomposo(a), teimoso(a), valioso(a) etc.

2.6. Palavras que se escrevem com "ISAR"

alisar, analisar, avisar, bisar, paralisar, pesquisar, pisar etc.

BIZU

Para que estes vocábulos se escrevam com **"S"**, é necessário que no próprio radical já haja a letra **"S"**.

Ex.: AVISAR-AVISO, ANALISAR-ANÁLISE, BISAR-BIS, PARALISAR-PARALISIA.

2.7. Palavras que se escrevem com "IZAR"

amenizar, avalizar, catequizar, desmobilizar, despersonalizar, esterilizar, estigmatizar, finalizar, generalizar, harmonizar, poetizar, profetizar, racionalizar, sensacionalizar, urbanizar etc.

BIZUS

Apesar de CATEQUIZAR se derivar de CATEQUESE, aquele termo se escreve com **Z** e este, com **S**.
As palavras POETIZAR e PROFETIZAR não se derivam de POETISA e PROFETISA, mas sim de POETA e PROFETA. Por isso as primeiras se escrevem com **Z** e as últimas, com **S**.

2.8. Palavras que se escrevem com "S"

anis, atrás, brasa, compreensão, conversível, coser (costurar), esôfago, esotérico, esoterismo, espectador, esplêndido, estender, esterco, estéril, estorvo, extravasar, fusível, gás, gasolina, guisado, heresia, hesitar, hipnose, hipocrisia, imersão, misto, revés, sesta, asilo, isolar, isquemia, oscular, querosene, quis, quiser, puser, siso, poetisa, profetisa, sacerdotisa, submerso, usina, usufruir, usura, usurpar, versátil, inserto (inserido), consertar (reparar), servo (servente), serração (ato de serrar), intensão (intensidade).

2.9. Palavras que se escrevem com "Z"

azar, azougue, azenha, azeitona, azeite, azinhavre, balizar, bizantino, bizarro, buzina, cozer (cozinhar), dezena, dizimar, fuzil, aprazível, deslize, falaz, fezes, fugaz, gazeta, giz, gozar, hipnotizar, tez, algazarra, foz, prazerosamente, ojeriza, perspicaz, proeza, desprezar, vazar, revezar, xadrez, azia, aziago.

2.10. Palavras que se escrevem com "X"

bexiga, coxo, engraxar, sintaxe, caxumba, faxina, maxixe, muxoxo, paxá, praxe, xale, xícara, excitante, xavante, xereta, baixo, trouxe, enxada, enxaguar, enxame, enxaqueca, enxerto, enxotar, enxoval, enxugar, enxurrada, enxuto, seixo, faixa, exacerbar, exotérmico, exorcismo, expletivo, expirar, expelir, expectativa, expor, explicar, extasiar, exterminar, extensão, extenso, extorsivo, exuberante, exalar, exaltar, exame, exarar, exaustão, exéquias, exílio, exímio, êxito, êxodo, exonerar, exótico, exumação, broxa (pincel), buxo (arbusto ornamental), xá (título de soberano do Oriente), xeque (incidente no xadrez), coxa (parte da perna), taxa (tributo), quixotesco.

2.11. Palavras que se escrevem com "CH"

enchova, encharcar, encher, enchiqueirar, enchoçar, enchente, enchouriçar, chave, chuchu, chicote, chifre, chispar, chimpanzé, choupana, chorumela, chulo, chumaço, chusma, chavão, charuto, champanha, chacina, chantagem, chaminé, chicana, chibata, chiar, brocha (prego), bucho (estômago de animais), chá (arbusto), cheque (ordem de pagamento), cocha (gamela), tacha (prego).

2.12. Palavras que se escrevem com "Ç" ou "C"

à beça, almaço, terçol, ressurreição, exceção, cessação, açucena, joça, camurça, mormaço, presunção, torção, trança, soçobrar, troço, pança, maçarico, maciço, ruço (grisalho), aguçar, caçula, seção (departamento), retenção, abstenção, disfarçar, alcançar, cetim, incentivo, acento (sinal gráfico), caçar, céticos, cela (aposento), cerração (nevoeiro), cervo (veado), decertar (lutar), empoçar (formar poça), intenção (propósito), paço (palácio), sucinto, silêncio.

2.13. Palavras que se escrevem com "SS"

admissão, demissionário, transmissão, emissor, expressão, expresso, impressionismo, compressor, assado, passar, ingressar, progresso, sucesso, discussão, repercussão, promessa, remessa, agressivo, transgressão, antiquíssimo, tenacíssimo, excesso, dissensão, sossego, pêssego, massagem, secessão, necessário, escasso, escassez, sessão (reunião), cessão (ceder), sessar (peneirar), russo (natural da Rússia), passo (passada), empossar (dar posse), cassar (anular), dissertar (discorrer).

2.14. Palavras que se escrevem com "SC"

abscissa, abscesso, adolescente, ascensão, ascensorista, consciência, cônscio, descendente, descensão, descentralizar, descente (vazante), discente, disciplina, discípulo, isósceles, nascer, obsceno, oscilação, piscina, rescindir, rescisão, ressuscitar, suscitar.

2.15. Palavras que se escrevem com "G"

angelical, gíria, tigela, rigidez, monge, ogiva, agiota, herege, genuíno, algemas, gergelim, gesso, egípcio, gironda, infringir, bugiganga, viagem (substantivo), vagem, estiagem, folhagem, geringonça, ginete, gengiva, sargento, agir, coragem, ferrugem, tragédia, gesto.

2.16. Palavras que se escrevem com "J"

igrejinha, laje, lajeado, varejista, sarjeta, gorjeta, anjinho, canjica, viajem (verbo), encorajem (verbo), enferrujem (verbo), cafajeste, cerejeira, injeção, enrijecer, berinjela, jejuar, jérsei, interjeição, jesuíta, jiboia, lambujem, majestade, jirau, ultraje, traje, ojeriza, jenipapo, pajé, pajem, jeito, jiló.

2.17. Palavras especiais

aborígine, sesta, empecilho, disenteria, digladiar, dilapidar, discrepância, terebintina, cabeleireiro, manteigueira, manteiga, bandeja, nódoa, botequim, poleiro, tábua, polir, impingir, incesto, incólume, inconteste, incontinenti, corpóreo, indelével, empório, desperdício, desprezo, dessecar, despensa (armário de cozinha), dispensa (licença), discernir, privilégio, dissecar, aterrissar, amerissar, hilaridade, descortino, beneficência, beneficente, prazerosamente, destilação, abóboda, caranguejo, impigem, mendigo, mortadela, óbolo, octogésimo, dignitário, meritíssimo, focinho, destilar, sequer, discrição (discreto), descrição (descrever), bulir, bueiro, ureter, mocambo, sortir (abastecer), surtir (dar resultado), lombriga, ansiar, arriar, lampião, discriminar (isolar), descriminar (inocentar), dentifrício, paletó, periquito, creolina, bodega, soar (som), suar (transpirar), peão (pessoa), pião (brinquedo), espontâneo, uísque, goela, zoada, pexote, encarnação, rédea, descortinar.

2.18. uso do porquê

2.18.1. Porque

Escrevemos **PORQUE** (junto e sem acento): – quando for conjunção e puder ser substituído por: **visto que, uma vez que.** Dará a ideia de resposta.

Ex.: "Albernaz, também, porque via na sua festa, com um número de folclore, meio de chamar a atenção sobre sua casa, atrair gente..." (Lima Barreto)

"Fi-lo, porque qui-lo" (Jânio Quadros).

2.18.2. Porquê

Escrevemos **PORQUÊ** (junto e com acento):

– quando for **substantivo** e, neste caso, poderá ser substituído por **o motivo, a razão...**

Ex.: Não sei o porquê (motivo) de sua presença aqui.
Explicaram-me o porquê (a razão) de tudo isto ter acontecido.

– quando for uma conjunção em final de frase interrompida.
Ex.: Ele faltou, porquê...
Maria está triste, porquê...

2.18.3. Por que

Escrevemos **POR QUE** (separado e sem acento):
– quando houver uma interrogativa direta
Ex.: Por que ele não veio?
Por que chove tanto no Rio de Janeiro?

– quando houver uma interrogativa indireta, e, neste caso, o termo poderá ser substituído por **POR QUE RAZÃO**, **POR QUE MOTIVO**.
Ex.: Perguntei por que estava de castigo. (Raul Pompéia)
Não explicaram por que (por que motivo) esta tragédia ocorreu.

– quando o **que** for pronome relativo e puder ser substituído por **qual**.
Ex.: Não conheço o caminho por que (pelo qual) vocês vieram.
As dificuldades por que (pelas quais) passei jamais serão esquecidas.

2.18.4. Por quê

Escrevemos **POR QUÊ** (separado e com acento) quando estiver no fim de uma oração interrogativa direta ou indireta.
Ex.: Ele não veio por quê?
Ele não veio nem disse por quê.

2.19. Uso do "mal"

2.19.1. Mal (antônimo de bem)

Escrevemos **MAL** quando este termo for **substantivo** ou **advérbio**, e, nos dois casos, puder ser substituído pelo antônimo **BEM.**

Ex.: Não devemos praticar o mal (bem).
Eles falam muito mal (bem) de você.
Perivaldo foi mal (bem) utilizado nesta partida.
Ele foi mal (bem) criado pelos pais.
Ele foi mal (bem) educado pelos pais.

2.19.2. Mal (conjução subordinativa temporal)

Escrevemos **MAL** quando este termo for conjunção subordinativa temporal e puder ser substituído por **LOGO QUE**, **ASSIM QUE.**

Ex.: Mal (assim que) ele chegou, todos saíram.
Mal (logo que) o Flamengo fez o gol, o Bangu empatou.

2.19.3. Mau (antônimo de bom)

Escrevemos **MAU** quando este termo for adjetivo e puder ser substituído pelo seu antônimo **BOM.**

Ex.: Ele é um mau (bom) menino.
Hoje foi um mau (bom) dia.

Obs.: **MAL** (podendo ser substituído por **BEM**) poderá fazer parte de um adjetivo composto, estando ligado a um segundo termo (adjetivo). Haverá hífen se este segundo termo começar por **H** ou por **vogal.**

Ex.: Ele é muito mal-educado.
Ele é mal-humorado.
Houve um mal-entendido.
Ele é malcriado.

Quando **MAU** (podendo ser substituído por **BOM**) estiver ligado a um substantivo, funcionará como adjetivo. A sua forma feminina é: **MÁ.**

Ex.: Ela praticou uma má-educação.
Ele recebeu uma má educação dos pais.
Mariazinha fez uma má-criação.
A má criação dos jovens é reflexo dos problemas econômicos dos pais.
Ele tem um grande mau humor.
As más-criações serão punidas.

ATENÇÃO:

Preste atenção ao fato de que, no primeiro, no terceiro e no sexto exemplos, má-educação, má-criação e más-criações formam apenas uma palavra, pois são atitudes, diferentemente do que ocorre nos exemplos da segunda e quarta frases. Portanto, quando for uma atitude, caracteriza-se a composição.

2.20. Uso do hífen em prefixos – regra geral

– emprega-se o hífen, quando, após o prefixo, aparecer a mesma letra ou H.

Ex.: Arqui-inimigo, arqui-inteligente, micro-ondas, auto-ônibus, infra-hepático, anti-inflamatório, contra-almirante, sobre-humano, sobre-estimar, ad-digital, sub-biblioteca, sub-humano, inter-regional, super-revista, super-homem

Acrescentem-se os seguintes casos:

a) Nos prefixos terminados em D ou B (ab, ad, ob, sob, sub), além da situação prevista na regra geral (mesma letra ou H), vindo R, usa-se o hífen.

Ex.: ad-referendar, sub-reitor, sob-roda

b) No prefixo CIRCUM, além da situação prevista na regra geral (mesma letra ou H), vindo B, N, P ou VOGAL, também se usa o hífen.
Ex.: circum-escolar, circum-hospitalar, circum-navageção

c) No prefixo PAN, além da situação prevista na regra geral (mesma letra ou H), vindo B, M, P ou VOGAL, também se usa o hífen.
Ex.: pan-harmônico, pan-brasileiro, pan-mágico, pan-americano

d) Emprega-se o hífen, quando o primeiro termo for acentuado (pré, pró, pós).
Ex.: pós-graduação, pré-história, pró-europeu

e) Emprega-se o hífen com os prefixos ex (anterioridade), sota, soto, vice, vizo.
Ex.: ex-presidente, sota-capitão, soto-almirante, vice-governador, vizo-rei

Obs.: Segundo Evanildo Bechara, "nos casos em que não houver perda do som da vogal final do 1º elemento, e o elemento seguinte começar com "h", serão usadas as duas formas gráficas: *bi-hebdomadário* e *biebdomadário; carbo-hidrato* e *carboidrato; zoo-hematina* e *zooematina*." Tal possibilidade foi explorada pela Fundação Getúlio Vargas, em questões de ortografia, mencionando a correção da ortografia em "megaipótese" e "socioistórico".

NÃO SE USA O HÍFEN NOS PREFIXOS

a) Nas aglutinações dos prefixos co, pro, pre e re com vocábulos iniciados por O ou E:
Ex.: cooperar, coedição, preeleito, preeminência, reelaborar, reedição, proeminente

Obs.: Há alternância entre PRE e PRÉ – que permite as duas ortografias – nos seguintes casos: preembrião / pré-embrião; preesclerótico / pré-esclerótico; preeleito / pré-eleito.

b) Quando, após os prefixos DES e IN, se o segundo elemento perder o H inicial.
Ex.: desumano, inábil

c) Quando a situação não se enquadrar nos itens iniciais A a E deste capítulo.
Ex.: infraestrutura, extraoficial, intrauterino, contraespião, semiárido, adjunto, sublinha, supermercado, antiaéreo, neoimperialismo, pseudoepígrafe, extraescolar, autoaprendizado, contraindicado, autoestima

Obs.: Sendo o prefixo concluído em vogal, e o elemento seguinte iniciado por R ou S, tais consoantes deverão ocorrer dobradas.
Ex.: antirreligioso, contrarrazões, microssistema, minissaia, contrarregra, extrarregular, antissemita, semisselvagem, extrassolar, ultrassecreto

EMPREGO DE HÍFEN NOS COMPOSTOS

a) Emprega-se hífen nas palavras compostas por justaposição, em que os elementos mantêm uma unidade semântica, mas constituem uma tonicidade própria. O primeiro elemento será representado por uma forma substantiva, adjetiva, numeral ou verbal:

Afro-brasileiro, Amor-perfeito, Ano-luz, Arco-íris, Boa-fé, Conta-gotas, Decreto-lei, Guarda-noturno, Luso-brasileiro, Má-fé, Médico-cirurgião, Mesa-redonda, Norte-americano, Porta-aviões,

Porta-retrato, Primeiro-ministro, Quebra-mar, Segunda-feira, Sul-africano, Tenente-coronel, Tio-avô, Vaga-lume, Verbo-nominal

Obs.: Não se usa hífen em palavras compostas cuja noção de composição se perdeu:

Paraquedas, Mandachuva, Girassol, Pontapé

Obs.: Outros compostos com a forma verbal "PARA" e "MANDA" continuarão sendo separados por hífen: para-brisa, para-lama, para-choque, manda-tudo.

b) Emprega-se hífen nas formas compostas por grã- ou grão- quando formarem nomes geográficos, ou nas formas verbais e nos compostos ligados por artigo:

Grã-Bretanha, Grão-Pará, Passa-Quatro, Trás-os-Montes, Baía de Todos-os-Santos

c) Emprega-se hífen em compostos que designam espécies botânicas e zoológicas:

Andorinha-do-mar, Cobra-capelo, João-de-barro, Erva-doce

Obs.: Quando os compostos acima tiverem aplicação diferente, não se usará hífen:

Bico de papagaio (nariz adunco), Bola de neve (aquilo que toma vulto rapidamente), Não me toques (melindres)

d) Emprega-se hífen quando o primeiro elemento estiver representado pelas formas além, aquém, recém, bem e sem:

Além-mar, Aquém-mar, Recém-casado, Bem-humorado, Sem-vergonha

Obs.: O advérbio BEM, em muitas situações, ocorre aglutinado ao termo seguinte. Tal situação se dá, quando o significado primitivo dos termos é alterado.

Ex.: bendito (= abençoado), benfeito (= benefício), benfeitor

e) Emprega-se hífen nas palavras terminadas por sufixos de origem tupi-guarani que representam formas adjetivas (-açu = grande; -guaçu = grande; -mirim = pequeno):

Capim-açu, Ceará-mirim, Amoré-guaçu

f) Emprega-se hífen quando o primeiro elemento for "mal" e o segundo elemento começar por vogal, h ou l:

Mal-entendido, Mal-humorado, Mal-limpo

Obs.: Malcriado, malgrado, malvisto etc. Quando mal significar doença, empregar-se-á o hífen: mal-caduco.

NÃO SE EMPREGA O HÍFEN NAS SEGUINTES COMPOSIÇÕES

a) Nas formas empregadas adjetivamente com afro-; anglo-; franco-; indo-; luso-; sino- e semelhantes. Estas continuarão a ser grafadas sem hífen em:

Afrodescendente, Anglomania, Eurocêntrico, Eurodeputado

Obs.: Torna-se necessário, como já o era, o emprego do hífen, quando houver mais de uma etnia. Afro-brasileiro, anglo-saxão, euro-asiático.

b) Nas locuções

– substantivas – cão de guarda, fim de semana, mão de obra, sala de jantar

– adjetivas – cor de café com lei, cor de vinho

– pronominais – eu próprio, ninguém mesmo
– adverbiais – à parte, à vontade, depois de amanhã
– prepositivas – a fim de, ao encontro de, apesar de, com objetivo de, de encontro a
– conjuntivas – a fim de que, à medida que

Obs.: Em face de serem termos consagrados pelo uso, conservou-se o hífen em: água-de-colônia, mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao deus-dará, à queima-roupa.

2.21. Parônimos

Palavras com sons parecidos.

absolver	perdoar
absorver	aspirar, sorver
arrear	pôr arreios
arriar	descer
cavaleiro	que cavalga
cavalheiro	cortês
comprimento	extensão
cumprimento	saudação
cumprimento	ato de cumprir
conjectura	suposição, hipótese
conjuntura	oportunidade, situação

deferir	atender
diferir	retardar, divergir
descrição	ato de descrever
discrição	qualidade de discreto
descriminar	inocentar
discriminar	distinguir
despensa	onde se guardam mantimentos
dispensa	ato de dispensar
docente	relativo a professores
discente	relativo a alunos
emigrar	deixar uma região
imigrar	entrar numa região
eminência	excelência
iminência	qualidade de iminente
eminente	elevado
iminente	prestes a ocorrer
estada	permanência de pessoas
estadia	permanência de veículos
flagrante	evidente

fragrante	perfumado
fluir	correr
fruir	desfrutar
imergir	afundar
emergir	vir à tona
inflação	alta de preços
infração	violação
infligir	aplicar pena
infringir	violar
mandado	ordem judicial
mandato	procuração
peão	amansador de cavalgadura
pião	tipo de brinquedo
precedente	que vem antes
procedente	proveniente, que tem fundamento
prescrever	determinar
proscrever	banir, abolir
ratificar	confirmar
retificar	corrigir

soar	produzir som
suar	transpirar
sortir	abastecer
surtir	produzir efeito
sustar	suspender
suster	sustentar
tráfico	negociação
tráfego	trânsito
vultoso	volumoso
vultuoso	congestão na face

2.22. Homônimos

Palavras com a mesma pronúncia.

acender	pôr fogo
ascender	subir
acento	sinal gráfico
assento	onde se senta, lugar
acerto	ato de acertar
asserto	afirmação

caçar	capturar animais
cassar	tornar sem efeito
cela	quarto pequeno
sela	arreio
censo	recenseamento
senso	juízo
cerração	nevoeiro
serração	ato de serrar
cerrar	fechar
serrar	cortar
cervo	veado
servo	criado
chá	bebida
xá	soberano do irã
cheque	ordem de pagamento
xeque	lance no jogo de xadrez
cito	do verbo citar
sito	situado
concertar	ajustar,combinar

consertar	reparar, corrigir
concerto	sessão musical
conserto	reparo
coser	costurar
cozer	cozinhar
esperto	perspicaz
experto	perito
espiar	observar
expiar	pagar pena
espirar	soprar, exalar
expirar	terminar
estrato	camada
extrato	o que se extrai de
incerto	não certo
inserto	inserido
incipiente	principiante
insipiente	ignorante
laço	nó
lasso	frouxo

ruço	grisalho
russo	natural da Rússia
tacha	prego
taxa	imposto, tributo

2.23. Casos especiais

2.23.1. Abaixo / a baixo

Abaixo: Interjeição

Ex.: Abaixo o presidente!

Advérbio (embaixo, em categoria inferior, depois)

Ex.: Abaixo de Deus, as mães.

A baixo: contrário a “de alto”

Ex.: Rasgou os lençóis de alto a baixo.

2.23.2. Acerca de/ cerca de/ a cerca de/ há cerca de

Acerca de: a respeito de.

Ex.: Falamos acerca do filme.

Cerca de: durante, aproximadamente.

Ex.: Falamos cerca de dez minutos.

A cerca de: ideia de distância.

Ex.: Fiquei a cerca de 15 metros da porta.

Há cerca de: existe aproximadamente, aproximadamente no passado.

Ex.: Há cerca de cem pessoas no estádio.

2.23.3. Acima / a cima

Acima: anterior, em grau de categoria superior.

Ex.: De dezoito anos acima.

Em graduação superior.

Ex.: Muito acima do general.

De preferência, em lugar superior, em cima.

Ex.: Buscamos, acima de tudo, a paz.

De cima (interjeição).

Ex.: Acima coração!

A cima: contrário a "de baixo".

Ex.: Costurou a saia de baixo a cima.

2.23.4. Afim / a fim de

Afim: semelhança, parentesco, afinidade.

Ex.: São duas mães afins.

A fim de: com o propósito de, com o objetivo de, com a finalidade de.

Ex.: Estudou a fim de passar no concurso.

2.23.5. Afora / a fora

Afora: o mesmo que "fora", à exceção de, exceto.

Ex.: Todos farão o concurso, afora eles.

A fora: com a ideia de "para fora".

Ex.: Pela rua a fora.

2.23.6. Ao encontro de / de encontro a

Ao encontro de: a favor de, encontrar-se, concordar.

Ex.: Nós não discutimos, visto que minhas ideias foram ao encontro das dele.

De encontro a: Meu carro foi de encontro a um poste.

2.23.7. Aparte / à parte

Aparte: verbo = separar.

Ex.: Não aparte as provas.

substantivo: interrupção.

Ex.: O padre recebeu um aparte.

À parte: locução adverbial = de lado.

Ex.: O resultado será mostrado à parte.

2.23.8. Apedido ou a-pedido / a pedido

Apedido ou a-pedido: substantivo = publicação especial em jornal.

Ex.: Lemos no jornal o apedido do condomínio.

A pedido: locução adverbial = solicitação.

Ex.: Viemos aqui a pedido do diretor.

2.23.9. Bem-posto / bem posto

Bem-posto: elegante.

Ex.: O noivo estava extremamente bem-posto.

Bem posto: posto corretamente.

Ex.: O livro está bem posto na estante.

2.23.10. Conquanto / com quanto

Conquanto: embora; mesmo que.

Ex.: Conquanto João estivesse cansado, ainda saiu de casa.

Com quanto: com que quantitativo.

Ex.: Com quanto dinheiro eles saíram de casa?

2.23.11. Contudo / com tudo

Contudo: entretanto, porém.

Ex.: Maria estava cansada, contudo foi ao teatro.

Com tudo: preposição + pronome = total.

Ex.: Ela saiu de casa com tudo.

2.23.12. Dantes / de antes

Dantes: advérbio = antigamente.

Ex.: Dantes se comia melhor.

De antes: preposição + advérbio = em tempo anterior.

Ex.: Os problemas já vêm de antes de você chegar.

2.23.13. Debaixo / de baixo

Debaixo: em situação inferior.

Ex.: Tomara que não caia quando alguém estiver debaixo.

Na dependência, em decadência.

Ex.: Ficamos debaixo e tivemos que nos render.

Sob:

Ex.: Jaz agora debaixo da terra.

No tempo de; por ocasião de.

Ex.: O sucesso dessas músicas caiu debaixo desse cantor.

Em situação inferior a.

Ex.: Escondam-se debaixo da escada.

De baixo: a parte inferior.

Ex.: Comprei roupa de baixo.

Contrário a “a cima”.

Ex.: Examinamos de baixo a cima.

2.23.14. Demais / de mais

Demais: pronome indefinido = outros.

Ex.: Chame os demais candidatos.

Advérbio de intensidade = excessivamente.

Ex.: A mulher fala demais.

Palavra continuativa = além disso.

Ex.: Demais quem trabalha aqui é ela.

De mais: locução adjetiva = muito.

Ex.: Comi doce de mais.

2.23.15. Desapercebido / despercebido

Desapercebido: desavisado.

Ex.: Eu fui ao local errado por estar desapercebido.

Despercebido: sem ser notado, sem perceber a presença.

Ex.: Passei despercebido pela frente do prédio.

2.23.16. Detrás / de trás

Detrás: pela retaguarda.

Ex.: Um atleta não pode cometer uma falta por detrás.

De trás: atrás.

Ex.: Esse som vem lá de trás.

2.23.17. Devagar / de vagar

Devagar: lentamente; sem pressa.

Ex.: Devagar se vai ao longe.

De vagar: de descanso.

Ex.: Escrevo nos momentos de vagar.

2.23.18. Dia-a-dia / dia a dia

Dia-a-dia: substantivo.

Ex.: O dia-a-dia de um casal pode criar problemas.

Dia a dia: locução adverbial = dia por dia.

Ex.: Estudamos dia a dia.

2.23.19. Em vez de / ao invés de

Em vez de: em lugar de.

Ex.: Em vez de fazer Direito, fez Letras.

Ao invés de: ao contrário de.

Ex.: Ao invés de descansar, pôs-se a trabalhar a madrugada inteira.

2.23.20. Enfim / em fim

Enfim: afinal, finalmente.

Ex.: Enfim todos chegaram.

Em fim: no fim.

Ex.: Eles estão em fim de carreira.

2.23.21. Enquanto / em quanto

Enquanto: conjunção = ao mesmo tempo que, em concomitância com.

Ex.: “Enquanto jantava, falei em voz baixa a Casimiro Lopes. (Graciliano Ramos)

Em quanto: preposição + pronome = qual, por quanto.

Ex.: Em quanto tempo se faz a viagem de Rio a São Pedro?

2.23.22. Malgrado / mau grado

Malgrado: embora, ainda que (se não estiver seguido de preposição).

Ex.: Malgrado João quase não tenha estudado, fez excelente teste.

Mau grado: contra a vontade.

Ex.: Paulo cuida do filho de mau grado.

Apesar de (se estiver seguido de preposição).

Ex.: Mau grado ao tempo, sairei.

2.23.23. Nenhum / nem um

Nenhum: ninguém, nada.

Ex.: Nenhum tem razão naquele discurso.

Nem um: um só que fosse.

Ex.: Não bebemos nem uma cerveja.

2.23.24. Porventura / por ventura

Porventura: por acaso.

Ex.: Se porventura não chover, irei à praia.

Por ventura: por sorte.

Ex.: Como não estudei, só passarei por ventura.

2.23.25. Porquanto / por quanto

Porquanto: conjunção = visto que.

Ex.: Apresso-me, porquanto o tempo voa.

Por quanto: designa quantidade, preço.

Ex.: Por quanto venderam o carro?

2.23.26. Portanto / por tanto

Portanto: então, logo.

Ex.: Eles se preparam à beça para o concurso, portanto passarão.

Por tanto: por muita quantidade.

Ex.: "Por tanto amor, por tanta emoção, a vida me fez assim." (Milton Nascimento)

2.23.27. Sem-cerimônia / sem cerimônia

Sem-cerimônia: descortesia.

Ex.: A sem-cerimônia fez com que todos se retirassem.

Sem cerimônia: à vontade.

Ex.: Beba sua cervejinha sem cerimônias.

2.23.28. Sem-fim / sem fim

Sem-fim: número ou quantidade indeterminada.

Ex.: Foi um sem-fim de livros e alunos.

Sem fim: sem término.

Ex.: É uma curva sem fim.

2.23.29. Sem-número / sem número

Sem-número: grande quantidade.

Ex.: Há um sem-número de recados para você.

Sem número: ausência de numeração.

Ex.: A turma ainda está sem número.

2.23.30. Se não / senão

BIZU

Se a palavra "não" puder ser extraída da frase, alterando o seu sentido, porém não gerando erro, o termo "se não" é separado.

Ex.: Se não chover, iremos à praia.

– Observe que o advérbio "não" pode ser extraído, que o período continua correto gramaticalmente.

Ex.: Se chover, iremos à praia.

Por outro lado, se o termo "não" não puder ser suprimido, "senão" é junto.

Ex.: É bom você estudar, senão será reprovado.

– Observe que o termo "não" não pode ser suprimido, pois a frase ficará sem sentido:

Ex.: É bom você estudar, se será reprovado.

2.23.31. Sobretudo / sobre tudo

Sobretudo: especialmente, principalmente.

Ex.: Deves estudar todas as matérias, sobretudo conjunções.

Casacão, capa:

Ex.: O meu sobretudo está molhado.

Sobre tudo: a respeito de tudo, acerca de tudo.

Ex.: Eles conversaram sobre tudo.

2.23.32. Tampouco / tão pouco

Tampouco: também não, nem.

Ex.: Eles não bebem tampouco fumam.

Tão pouco: muito pouco.

Ex.: Ele comeu tão pouco, que logo sentirá fome.

2.24. Formas variantes

cociente	quociente
cotidiano	quotidiano
líquido	líquido
secção	seção
intato	intacto
esperdício	desperdício
antiguidade	antiguidade
sanguíneo	sanguíneo
liquidação	liquidação
líquido	líquido

2.25. Exercícios

Do exercício 1 ao 20, marque a opção em que aparece uma palavra escrita erradamente.

1. a) acensorista
b) decente
c) descente
d) docente
e) discente

2. a) paisinho
b) paisezinhos
c) paizinho
d) paizinhos
e) florzinhas

3. a) espectativa
b) esterco
c) espectador
d) estender
e) extenso

4. a) aneizinhos
b) anãozinhos
c) coraçõezinhos
d) projeteizinhos
e) projetinhos

5. a) êxito
b) exílio
c) exímio
d) exitar
e) esotérico

6. a) pagé
b) ojeriza
c) jirau
d) berinjela
e) tigela

7. a) esôfago

b) azar

c) vazar

d) extravazar

e) avisar

8. a) cafajeste

b) jenipapo

c) anginho

d) angelical

e) gergelim

9. a) embriaguez

b) burguez

c) pedrês

d) cortês

e) montanhês

10. a) gengibre

b) jeito

c) sargeta

d) encorajei

e) monge

11. a) realeza

b) beleza

c) pequineza

d) marquesa

e) princesa

12. a) majestade

b) jesto

c) gorjeta

d) jiló

e) laje

13. a) realizar

b) bisar

14. a) chícara

b) chuchu

c) catequisar

d) poetizar

e) poetisa

c) enchova

d) enxoval

e) xampu

15. a) pesquisar

b) paralizar

c) visar

d) simbolizar

e) analisar

16. a) lampião

b) poleiro

c) tábua

d) goela

e) boeiro

17. a) ascensão

b) excessão

c) descensão

d) contenção

e) admissão

18. a) disenteria

b) degladiar

c) dilapidar

d) empecilho

e) privilégio

19. a) cessação

b) sensação

c) cessão

d) ressucitar

20. a) manteigueira

b) bandeija

c) cabeleireiro

d) rédea

e) ressurreição e) uísque

21. (Petrobrás – Administrador – Cesgranrio) Um professor de gramática tradicional, ao corrigir uma redação, leu o trecho a seguir e percebeu algumas inadequações gramaticais em sua estrutura.
Os grevistas sabiam o porque da greve, mas não entendiam porque havia tanta repressão.
O professor corrigirá essas inadequações, produzindo o seguinte texto:
a) Os grevistas sabiam o por quê da greve, mas não entendiam porque havia tanta repressão.
b) Os grevistas sabiam o porque da greve, mas não entendiam porquê havia tanta repressão.
c) Os grevistas sabiam o porquê da greve, mas não entendiam por que havia tanta repressão.
d) Os grevistas sabiam o por que da greve, mas não entendiam porque havia tanta repressão.
e) Os grevistas sabiam o porquê da greve, mas não entendiam porquê havia tanta repressão.

22. (Uni-Rio) Assinale o item em que uma das palavras não é variante da outra, como as demais:
a) exceção – excessão
b) cousa – coisa
c) secção – seção
d) catorze – quatorze
e) quotidiano – cotidiano

23. (Transpreto – Administrador – Cesgranrio) O elemento em destaque está grafado de acordo com a norma-padrão em:
a) O marciano desintegrou-se **por que** era necessário.
b) O marciano desintegrou-se **porquê**?
c) Não se sabe **por que** o marciano se desintegrou.
d) O marciano desintegrou-se, e não se sabe o **porque**.
e) **Por quê** o marciano se desintegrou?

24. (Transpetro – Administrador – Cesgranrio) Ao escrever frases, que deveriam estar de acordo com a norma-padrão, um funcionário se equivocou constantemente na ortografia. Ele só NÃO se enganou em:

a) O homem foi acusado de estuprar várias vítimas.

b) A belesa da duquesa era realmente de se admirar.

c) Porque o sapato deslisou na lama, a mulher foi ao chão.

d) Sem exitar, as crianças correram para os brinquedos do parque.

e) Sem maiores pretenções, o time venceu o jogo e se classificou para a final.

25. (Técnico Judiciário – TRF – 1ª Região – FCC) As palavras estão corretamente grafadas na seguinte frase:

a) Que eles viajem sempre é muito bom, mas não é boa a ansiedade com que enfrentam o excesso de passageiros nos aeroportos.

b) Comete muitos deslises, talvez por sua espontaneidade, mas nada que ponha em cheque sua reputação de pessoa cortês.

c) Ele era rabugento e tinha ojeriza ao hábito do sócio de descançar após o almoço sob a frondoza árvore do pátio.

d) Não sei se isso influe, mas a persistência dessa mágoa pode estar sendo o grande impecilho na superação dessa sua crise.

e) O diretor exitou ao aprovar a retenção dessa alta quantia, mas não quiz ser taxado de conivente na concessão de privilégios ilegítimos.

26. (PUC) Assinale o grupo de palavras que completa corretamente as frases abaixo.
Aquela tinha por objetivo descobrir a melhor maneira de o processo de vacinação no país.
Não sei você vai e, portanto, não saberei o encontrar.

a) pesquiza – modernizar – aonde – onde

b) pesquisa – modernizar – aonde – onde

c) pesquisa – modernisar – aonde – aonde

d) pesquiza – modernizar – onde – aonde

e) pesquisa – modernizar – onde – onde

27. Em consonância com o novo acordo ortográfico, que vocábulo a seguir perdeu o hífen?

a) anti-higiênico;

b) ex-almirante;

c) auto-sugestão

d) sub-reino

e) semicírculo

28. Em consonância com o novo acordo ortográfico, que vocábulo passou a ter hífen?
a) antiinflacionário
b) antiético
c) supracitado
d) sobreloja
e) hipermercado

29. (Técnico Judiciário – TRF-1ª Região – FCC) A palavra destacada está empregada corretamente em:
a) Ele é o guardião dos reptis que estão sendo estudados.
b) Com esse cálculo financeiro, o banco aleja os clientes.
c) Se eu me abster, haverá empate na votação.
d) Os guarda-noturnos serão postos na formalidade.
e) Essa máquina mói todos os detritos.

30. Analista Legislativo Senado Federal – FGV – A palavra *megadiversidade* foi grafada corretamente no texto. Assinale a alternativa em que, compondo-se palavra com o elemento *mega*-, obedeceu-se às regras de ortografia.
a) mega-homenagem
b) megaipótese
c) mega sucesso
d) megaritual
e) mega-evento

31. (TRE-MG) "A das atividades industriais provocou frequentes entre os operários. A solução foi a do governo nas negociações".
a) paralisação – discussões – intercessão
b) paralisação – discursões – intersessão
c) paralisação – discussões – interseção
d) paralização – discursões – intercessão
e) paralização – discussões – interseção

32. (TRE-MG) A palavra nos parênteses não preenche adequadamente a lacuna do enunciado em:
a) O crime foi bárbaro. Somente após a do assunto é que foi possível prendê-lo. (descrição)

b) Só seria possível o acusado, se conseguíssemos mais provas que o inocentassem. (descriminar)
c) As negociações só vão os resultados esperados, caso todos compareçam. (sortir)
d) O corpo estava , apenas a cabeça estava fora da água, que subia cada vez mais. (imerso)
e) Como a mercadoria estava muito pesada, o recurso foi o cofre ali mesmo, na escada. (arriar)

33. (TRE-RJ) A alternativa em que a segunda palavra se escreve com a mesma letra ou dígrafo sublinhado na primeira é:
a) "tensão" / absten ão
b) "exterior " / e tender
c) "sucessiva" / exce ão
d) "florescimento" / su inta
e) "empiricismo" / mpecilho

34. (TRE-RJ) "Comprida" tem significado distinto de seu parônimo "cumprida". Das sentenças abaixo, aquela em que houve troca na escolha dos parônimos entre parênteses é:
a) O acúmulo de vultosas quantias era sinal de bênção divina. (vultosas / vultuosas)
b) Muda-se a ética antes que se consuma a generalização do pecado. (consuma / consume)
c) A expressão "dar um jeito" traz sempre subentendida a intenção de burlar a lei. (subentendida / subtendida)
d) O descumprimento da lei dificilmente passa despercebido na "Common Law" anglo-saxônica. (desapercebido / despercebido)
e) Antes de mais nada, faz-se necessário discriminar que leis favorecem a institucionalização do jeito. (descriminar / discriminar)

35. Qual vocábulo denuncia já estar sendo empregado o novo acordo ortográfico?
a) pan-americano
b) sub-base
c) subsolo
d) arqui-inimigo
e) extra-orçamentário

36. (Técnico Judiciário – TRE-PE – FCC) O par grifado que constitui exemplo de parônimos está em:
a) No espaço de uma noite, o rio havia transbordado e inundado o quintal da casa.
Pela manhã, foi possível constatar a força destrutiva das águas.

b) O rio se convertera em um caudaloso fluxo de águas sujas.
O menino se assustou com a violência barrenta das águas.
c) Famílias eminentes podiam ir para o campo, fugindo do bulício da cidade.
Eram iminentes os riscos causados pela inundação das águas barrentas do rio.
d) Era urgente a necessidade de obras para a contenção do rio.
Havia heroísmo na concentração dos homens que lutavam contra a corrente.
e) No pomar atrás da casa havia frutas, entre elas, mangas e cajus.
Em mangas de camisa, homens tentavam salvar o que as águas levavam.

37. (TRE-RO) extin...ão; conce...ão; suspen...ão; ob...ecar; can...ado. Para completar corretamente as palavras acima usam-se, respectivamente:
a) c – ç – s – sc – s
b) ç – ss – s – c – s
c) s – ss – s – sc – s
d) s – c – s – sc – ç
e) s – c – ç – s – ç

38. (TFC) Indique a alternativa em que não há erro de grafia.
a) Porque chegou atrazado perdeu grande parte do explêndido espetáculo.
b) Pediu-lhe que ascendesse a luz, pois a claridade não era impecilho a seu repouso.
c) Ele não é uma exceção, também é muito ambicioso.
d) Quizera eu que todas as espécies animais estivessem livres de extinção.
e) Não poderia advinhar que sua música viesse a ter tanto hêsito.

39. (TFC) Indique o segmento totalmente correto quanto à grafia.
a) Há intensão de se alcançar um consenso para evitar as divergências entre os parlamentares.
b) É preciso cessarem as disensões para se obter a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases na Educação.
c) Um aquário pode ser tido como um ecossistema, no qual os escrementos dos peixes, depois de decompostos, fornecerão elementos essenciais à vida das plantas.
d) O Sol é o responsável pela emissão de luz, indispensável para a fotossíntese, processo pelo qual as plantas produzem o alimento orgânico primário, assim como praticamente todo o oxigênio na atmosfera.
e) Pesquizas recentes têm atribuído a choques meteóricos a súbita extinção dos dinossauros da face da Terra.

40. (Inspetor da PC-RJ – FGV) Em inospitaleiras (L.82), ao se juntar o prefixo à palavra hospitaleiras, houve perda da letra h.
Assinale a alternativa em que a junção dos dois elementos se deu de forma incorreta, provocando erroneamente a perda da letra h.
a) subumano
b) megaomenagem
c) socioistórico
d) multiabilidoso
e) panispânico

41. (Esaf) Considerando a diversidade de grafia da forma PORQUE, pode-se afirmar que está incorreta a frase:
a) Assino esta revista especializada há muitos anos, mas este mês ela chamou minha atenção de modo especial, e vocês vão logo entender por quê.
b) A decisão final sobre os reajustes das prestações do SFH sairá ainda este mês. Persistem algumas dúvidas porque a indexação voltou só para a parcela do salário até três mínimos.
c) Conforme informação da Caixa Econômica Federal, os mutuários desejam saber porque aqueles que têm data-base em setembro e repasse em sessenta dias terão, em novembro, correção mais elevada.
d) Muitos desconhecem também os motivos por que se aplicarão a todos os mutuários com contratos de equivalência salarial plena as antecipações bimestrais e quadrimestrais pelo INPC.
e) Por que se aplica o índice da poupança de setembro/90 a agosto/91 mais 3% de ganho real, descontando-se as antecipações?

42. (FCMPA-MG) Assinale o item em que a palavra destacada está incorretamente aplicada.
a) Trouxeram-me um ramalhete de flores fragrantes.
b) A justiça infligiu a pena merecida aos desordeiros.
c) Promoveram uma festa beneficiente para a creche.
d) Devemos ser fiéis ao cumprimento do dever.
e) A cessão de terras compete ao Estado.

43. (Técnico Judiciário – 14ª R – FCC) Das frases abaixo só NÃO há erros de ortografia em:
a) Carbohidratos ricos em fibras são importantes aliados para manter estável o nivel de energia do organismo.

b) Sabe-se que uma substancia encontrada no guaraná pode estimular a função cerebral e auxiliar na concentrasão.
c) Consumir alimentos ricos em vitaminas e minerais pode ajudar a reduzir os efeitos negativos do estresse.
d) O consumo de proteínas e gorduras em exceço pode ser nossivo para o processo digestivo.
e) Manter o organismo mau hidratado pode prejudicar a eliminação de toxínas e provocar sérios problemas de saúde.

44. (TRT) você brinca? ? Ora, me agrada. A experiência passei, foi desagradável. Depois você saberá o .
a) Porque – porquê – porque – porque – por que
b) Por que – porquê – porque – porque – porque
c) Por que – porquê – porque – porque – por quê
d) Porque – porque – por quê – porque – por que
e) Por que – por quê – porque – por que – porquê

45. (Esaf) Marque a alternativa cujas palavras preenchem corretamente as respectivas lacunas, na frase seguinte: "Necessitando o número do cartão do PIS, a data de meu nascimento."
a) ratificar – proscrevi
b) prescrever – discriminei
c) descriminar – retifiquei
d) proscrever – prescrevi
e) retificar – ratifiquei

46. (Unisinos) A frase onde os homônimos e/ou parônimos em destaque estão com significação invertida é:
a) Era iminente a queda do eminente deputado.
b) A justiça infringe uma pena a quem inflige a lei.
c) Vultosa quantia foi gasta para curar sua vultuosa face.
d) O mandado de segurança impediu a cassação do mandato.
e) O nosso censo depende exclusivamente do senso de responsabilidade do IBGE.

47. (Mack) Na oração "Em sua vida, nunca teve muito , apresentava-se sempre no de tarefas " as palavras adequadas para preenchimento das lacunas são:
a) censo – lasso – cumprimento – eminentes

b) senso – lasso – cumprimento – iminentes
c) senso – laço – comprimento – iminentes
d) senso – laço – cumprimento – eminentes
e) censo – lasso – comprimento – iminentes

48. (TFC) Indique a letra na qual as palavras complementam, corretamente, os espaços das frases abaixo.
1. Quem possui deficiência auditiva não consegue os sons com nitidez.
2. Hoje são muitos os governos que passaram a combater o de entorpecentes com rigor.
3. O diretor do presídio pesado castigo aos prisioneiros revoltosos.
a) discriminar – tráfico – infligiu
b) discriminar – tráfico – infringiu
c) descriminar – tráfego – infringiu
d) descriminar – tráfego – infligiu
e) descriminar – tráfico – infringiu

49. (Fuvest) No último da orquestra sinfônica, houve entre os convidados, apesar de ser uma festa .
a) conserto – flagrantes descriminações – beneficente
b) concerto – fragrantes discriminações – beneficiente
c) conserto – flagrantes descriminações – beneficiente
d) concerto – fragrantes discriminações – beneficente
e) concerto – flagrantes discriminações – beneficente

50. (TRE-RJ) A grafia da palavra sublinhada está incorreta em:
a) O deputado defendeu a <u>descriminação</u> da maconha.
b) Sua <u>ascensão</u> à presidência da firma surpreendeu a todos.
c) Todos o julgavam, com razão, demasiadamente <u>pretensioso</u>.
d) Os deputados não queriam acabar com os próprios <u>previlégios</u>.
e) A disputa entre os <u>cônjuges</u> só poderia ser resolvida nos tribunais.

51. (TRE-MG) "Por diversas vezes em prosseguir as investigações. Só conseguiu
a situação com a colaboração de seus assessores". As lacunas do período dado ficam corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) hesitou – amenizar
b) hesitou – amenisar
c) hezitou – amenizar

d) exitou – amenizar
e) exitou – amenisar

52. (TRE-MG) A palavra sublinhada está empregada inadequadamente em:
a) Os moradores sempre o consideraram, pelas suas atitudes, um homem sério e descente.
b) Sempre foi muito místico, por isso não se cansavam de lhe chamar de ascético.
c) Comentava-se que o príncipe só poderia ascender ao trono após a maioridade.
d) Na última publicação do jornalista, a seção de esportes estava ótima.
e) Sabe apreciar uma pintura. Não há dúvida de que possui senso artístico.

53. (Técnico Judiciário – Tribunal Regional Eleitoral – NCE) Pesquisa é vocábulo grafado com S, como se pode ver no texto. O item em que há um vocábulo erradamente grafado com essa letra é.
a) paralisia / análise / atraso;
b) gasoso / baronesa / arrasar;
c) besouro / adeusinho / bis;
d) brasão / freguês / guloseima;
e) marquês / pesadelo / anõesinhos.

54. (Analista Judiciário – Tribunal Regional Eleitoral – NCE) Como se pode ver no texto, obscenamente é um vocábulo grafado com SC. O item abaixo em que um dos vocábulos está erroneamente grafado é:
a) ressuscitar / ascensão / piscina;
b) adolescente / discente / indescente;
c) convalescer / crescer / rescindir;
d) abscesso / florescente / transcender;
e) renascença / piscicultura / miscelânea.

55. (Analista Judiciário – Tribunal Regional do Trabalho) "... Cônscio de sua insignificância como indivíduo...". O item em que uma das palavras indicadas não deve ser escrita com SC é:
a) suscitar, ascender, ascessório;
b) rescindir, transcendência, renascer;
c) discente, descendência, enflorescer;
d) seiscentos, prescindir, acrescentar;
e) discernir, remanescer, fascismo.

56. (Técnico Judiciário – TJ – NCE) "A Carta proíbe a discriminação entre o homem e a mulher...". O vocábulo sublinhado era denominado parônimo (de descriminação). O item abaixo em que houve erro porque houve troca entre parônimos é:

a) Os assertos do discurso presidencial necessitam de confirmação.
b) As conjeturas do economista português foram importantes para nossa reflexão.
c) O ministro pretendia proscrever, para o presidente, uma certa cautela nos discursos.
d) Na iminente situação de perigo, o ministro preferiu adotar uma solução mais drástica.
e) O corrupto pretendia rapar todas as contribuições da campanha eleitoral.

57. (NCE) "E, em vez das simples anotações que seriam preciosas como documento...". A frase abaixo em que em lugar de em vez de seria mais adequado dizer ao invés de é:

a) Em vez de ler, preferiu dormir.
b) Em vez de churrasco, quis feijoada.
c) Em vez de sair, entrou.
d) Em vez de um caderno, encontrou um livro.
e) Em vez de anotações, encontrou um diário completo.

58. (Inspetor da Polícia Civil-RJ/FGV) "Mas porque na verdade não me queres mais" (verso 35). No verso acima, utilizou-se a forma correta *porque*. Assinale a alternativa em que não se tenha utilizado corretamente uma das quatro formas do porquê.

a) É necessário avaliar por quê, ontem, fomos derrotados.
b) Depois de entender por quê, prosseguiu.
c) Não sei por quê nem como.
d) Não entendemos as privações por que passamos.
e) Deve haver um porquê para nossa derrota.

Capítulo 3

Regras de Acentuação

3.1. Monossílabos tônicos

Os monossílabos tônicos terminados em A(S), E(S), O(S) são acentuados.

Ex.: pá, pé, pó, sós.

Obs.: Monossílabos terminados em outras letras não receberão acento, exceto "têm", "vêm" e "pôr".

3.2. Oxítonas

As palavras oxítonas terminadas em A(S), E(S), O(S), EM, ENS são acentuadas.

Ex.: sofá, rapé, cipó, avô, vocês, também, parabéns.

3.3. Paroxítonas

As palavras paroxítonas terminadas em I(S), L, R, X, PS, N, UM, UNS, US, Ã(S), DITONGO(S) são acentuadas.

Para memorizar esta regra: UM ROUXINOL FOI AO (ditongo) INAM (ã)PS. Nesta frase, estão contidas todas as terminações dos paroxítonos acentuados.

Ex.: táxi, biquíni, biquínis, júri, júris, móvel, inflamável, revólver, fêmur, tórax, fênix, bíceps, fórceps, hífen, pólen, abdômen, álbum, fórum, álbuns, bônus, ânus, ímã, órfã, órfãs, móveis, inflamáveis...

Obs.: Atenção para o fato de "hífen" possuir acento, mas "item" não. O primeiro é paroxítono terminado em ***N***, o segundo é paroxítono terminado em ***M***. Hifens, polens e abdomens não levam acento, pois não há regra dizendo que paroxítono terminado em ***ENS*** leva acento. No entanto, estas palavras possuem outra forma de plural, com ***ES:*** pólenes, hífenes e abdômenes. Esta forma alternativa de plural se acentua, pois os vocábulos tornam-se proparoxítonos (observe a regra a seguir).

3.4. Proparoxítonas

Todas as palavras proparoxítonas são acentuadas.

Ex.: Matemática, tóxico, cantaríamos, buscávamos.

Obs.: As palavras paroxítonas terminadas em ditongos crescentes podem ser consideradas também proparoxítonas, e os ditongos crescentes também podem ser interpretados como hiatos.

Ex.: armário, tênue, séries, glória, rádio, oxigênio, sódio, óleo, paciência.

Portanto, estas palavras podem tanto fazer parte da regra das palavras paroxítonas como das proparoxítonas.

Obs.: Era comum, em antigas épocas, a indicação de que alibi, deficit e habitat não seriam acentuados em função do latinismo. Hoje, os dicionários já registram esses vocábulos com acento. Ultimamente, tal questionamento não se tem feito presente nos concursos.

3.5. Ditongos abertos ÉI(S), ÉU(S), ÓI(S)

Serão acentuados os ditongos abertos e tônicos ÉI(S), ÉU(S) e ÓI(S), quando se localizarem na última sílaba ou for a única sílaba.

Ex.: céu, réis, anéis, herói

Obs.: De acordo com a nova ortografia, boia, heroica, geleia etc. perderam o acento, pois o ditongo não ocorre na última sílaba.

3.6. "I" e "U", quando isolados numa sílaba

Acentuam-se "i" e "u", quando isolados numa sílaba, que não a primeira, sendo, no máximo, seguidos de "S".

Ex.: saída, baú, saúva, país, paúra, raízes

Obs.: Se, depois da vogal "i", ocorrer o dígrafo "NH", não haverá acento.

Ex.: rainha, moinho, tainha, sainha

Obs.: De acordo com a nova ortografia, perdeu o acento o I e o U se precedidos de ditongo.

Ex.: feiura, pauis, boiuna

3.7. "OO" ou "EE"

Pelo novo acordo ortográfico, não mais se acentuam os vocábulos que apresentem "OO" ou "EE".

Ex.: voo, enjoo, coo, moo, veem, leem, creem, deem.

3.8. Acento diferencial

3.8.1. Intensidade

pôr (verbo) – por (preposição)

3.8.2. Timbre

pôde (verbo no pretérito perfeito) – pode (verbo no presente)

3.8.3. Número / pessoa

Obs.: Haverá nos verbos "ter" e "vir" acento diferencial nos seguintes casos:

ele tem – eles têm
ele vem – eles vêm

Quando um verbo se derivar de "ter" e "vir", a terceira pessoa do singular somente se distinguirá da terceira pessoa do plural no Presente do Indicativo através do acento. Aquela terá acento agudo e esta terá acento circunflexo.

ele contém – eles contêm
ele convém – eles convêm

Obs.: Perderam o acento diferencial de intensidade os seguintes vocábulos

para (verbo) – pera (fruta) – polo (substantivo) – pelo (substantivo) – pelo (verbo) – coa (verbo)

3.9. Trema

Pelo novo acordo ortográfico, não mais se emprega o trema.
Ex.: eloquente, tranquilo, aguentar, linguiça.

3.10. Exercícios

Do exercício 1 ao 8, marque a opção em que a ortografia correta do vocábulo é sem acento.

1. a) biquini
b) bau
c) urubu
d) sauva
e) balaustre

2. a) raizes
b) biceps
c) rainha
d) poluido
e) analitico

3. a) polens
b) polen
c) abdomen
d) polenes
e) abdomenes

4. a) hifen
b) hifenes
c) item
d) album
e) albuns

5. a) climax
b) xerox
c) latex
d) cortex
e) ônix

6. a) revel
b) consul
c) estencil
d) dificil
e) têxtil

7. a) faceis

b) jogueis

c) estencis

d) repteis

e) texteis

8. a) rubrica

b) ve

c) ves

d) o porque

e) fenix

9. Na frase "Ele mantem, ou melhor, eles mantem a esperança de pegar este onibus e sair deste pais para so voltar quando a violencia estiver totalmente erradicada e as aguas despoluidas", temos:

a) 4 acentos agudos e 3 circunflexos
b) 4 acentos agudos e 4 circunflexos
c) 5 acentos agudos e 2 circunflexos
d) 4 acentos agudos e 3 circunflexos
e) 5 acentos agudos e 3 circunflexos

10. (Uni-Rio) Assinale a única palavra corretamente acentuada na lista abaixo:

a) gratuíto
b) nóvel
c) décano
d) récem
e) ínterim

11. (Uni-Rio) A palavra que é acentuada de acordo com a mesma regra observada em PARVOÍCE é:

a) constituíram
b) lunático
c) estréia
d) consórcio
e) troféus

12. (UFF) Assinale a opção em que se justifique erroneamente o emprego do acento gráfico.

a) Pôde – acento diferencial para distinguir a forma do pretérito perfeito do presente do indicativo.
b) Ninguém – palavra oxítona terminada em em.
c) Idéia – palavra paroxítona terminada em ditongo oral.
d) Massapê – palavra oxítona terminada em e.
e) Só – monossílabo tônico terminado em o.

13. (Cesgranrio) Assinale a opção em que se erra quanto à explicação do uso do acento gráfico nas palavras destacadas:
a) Porém – também – os vocábulos terminados em – recebem acento agudo, que os marca como oxítonos.
b) Chapéu – idéia – o acento recai sobre a primeira vogal do hiato para indicar a sílaba tônica.
c) Três – chá – só – os monossílabos tônicos terminados em A, E, O são acentuados. Leva-se em conta nesta regra a tonicidade dos monossílabos na frase.
d) Título – hábitos – acentuam-se em português as palavras proparoxítonas.
e) Renânia – dicionário – as palavras paroxítonas terminadas em ditongo oral são acentuadas.

14. (Técnico Judiciário – TRE-SP – FCC) É preciso corrigir deslizes relativos à ortografia oficial e à acentuação gráfica da frase:
a) As obras modernistas não se distinguem apenas pela temática inovadora, mas igualmente pela apreensão do ritmo alucinante da existência moderna.
b) Ainda que celebrassem as máquinas e os aparelhos da civilização moderna, a ficção e a poesia modernista também valorizavam as coisas mais quotidianas e prosaicas.
c) Longe de ser uma excessão, a pintura modernista foi responsável, antes mesmo da literatura, por intensas polêmicas entre artistas e críticos concervadores.
d) No que se refere à poesia modernista, nada parece caracterizar melhor essa extraordinária produção poética do que a opção quase incondicional pelo verso livre.
e) O escândalo não era apenas uma consequência da produção modernista: parecia mesmo um dos objetivos precípuos de artistas dispostos a surpreender e a chocar.

15. (TRT-RJ – CESPE-UnB) Com referência à ortografia oficial e às regras de acentuação de palavras, assinale a opção incorreta.
a) Os vocábulos lágrima e Gênesis seguem a mesma regra de acentuação.
b) As palavras oásis e lápis são acentuadas pelo mesmo motivo.
c) A grafia correta do verbo correspondente a ressurreição é ressucitar.

d) Apesar de a grafia correta do verbo poetizar exigir o emprego da letra "z", o feminino de poeta é grafado com s.
e) O vocábulo traz corresponde apenas a uma das formas do verbo trazer; a forma trás é empregada na indicação de lugar (equivale a parte posterior).

16. (Petrobrás – Técnico Ambiental – Cesgranrio)
O conjunto de palavras paroxítonas que deve receber acentuação é o seguinte:
a) amavel – docil – fossil
b) ideia – heroi – jiboia
c) onix – xerox – tambem
d) levedo – outrem – sinonimo
e) acrobata – alea – recém

17. Auxiliar Portuário – FGV – Assinale a palavra que NÃO tenha sido acentuada pela mesma regra que as demais:
a) sensíveis
b) países
c) consequência
d) comércio
e) seminário

18. (Eletronorte – NCE) Duas palavras que são acentuadas em função da mesma regra são:
a) sanduíche / rápido
b) água / família
c) pátria / saída
d) você / três
e) cafeína / café

19. (NCE) A forma verbal "há" leva acento ortográfico porque:
a) é um monossílabo átono;
b) é forma verbal;
c) é palavra sem valor semântico;
d) é monossílabo tônico terminado em "a";
e) a vogal "a" tem timbre aberto.

20. (CM-Redator / Revisor) Todas as palavras estão acentuadas de acordo com as normas do sistema ortográfico vigente em:
a) ínterim – rúbrica – item
b) arguíste – guarani – fluido
c) delinquência – ambíguo – quinquenal
d) constituía – gratuíto – iníquo
e) prototipo – ímã – raízes

21. (CM – 1º Grau) Apesar de todas as palavras abaixo rimarem com chinês, a opção em que há erro ortográfico, porque uma das palavras é grafada com sufixo distinto dos demais é:
a) burguês – japonês
b) marquês – embriaguês
c) dinamarquês – pequinês
d) pedrês – português
e) holandês – escocês

22. (CM – 1º Grau) Os acentos das palavras subúrbio e revólver explicam-se, respectivamente, porque se têm de acentuar os:
a) paroxítonos terminados em ditongo e os terminados em "r";
b) paroxítonos terminados em ditongo oral e os terminados em "r";
c) proparoxítonos terminados em ditongo oral e os paroxítonos terminados em "r";
d) proparoxítonos terminados em ditongo e os paroxítonos terminados em "r";
e) paroxítonos terminados em ditongo oral e os oxítonos terminados em "r".

23. (AFA) Observe a acentuação destas palavras: além, artística, botânica, cadavérica, é, está, fácil, gênio, há, imutável, já, Luís, ponderável, só, também, vocabulário.
Assinale a opção em que a acentuação de cada palavra se explica por uma regra específica, distinta das regras das demais palavras da alternativa:
a) Há – já – é – só
b) Botânica – além – fácil – Luís
c) Imutável – está – cadavérica – artística
d) Também – gênio – ponderável – vocabulário

24. (NCE) A alternativa em que as duas palavras destacadas recebem acento gráfico pela mesma razão é:
a) público – órgãos

b) também – vêem
c) é – à
d) polêmicas – difícil
e) língua – controvérsias

25. (TJ) Em que item a seguir os vocábulos não têm sua acentuação gráfica justificada pela mesma regra?
a) silêncio – escritórios
b) próxima – trânsito
c) pôr – é
d) fácil – impossível
e) vários – pátio

26. (NCE) Que par de palavras abaixo não tem sua acentuação gráfica justificada com base na mesma regra?
a) súditos – fábrica
b) denúncia – consciência
c) está – já
d) útil – agradável
e) país – saúde

27. (UFRJ) O vocábulo "pôs" leva acento gráfico pelo mesmo motivo de uma das palavras a seguir. Qual?
a) pôr
b) está
c) três
d) compôs
e) têm

28. (NCE) Violência é palavra que recebe acento gráfico pela mesma razão de uma das palavras a seguir. Qual?
a) aí
b) é
c) válidos
d) idéia
e) vácuo

29. Que vocábulo, de acordo com as novas regras ortográficas, perdeu o acento?
a) saída
b) saúva
c) baú
d) bocaiúva
e) saí

30. (UFRJ-Magistério) O vocábulo abaixo que possui acento diferencial por razão distinta dos demais é:
a) pára
b) pôr
c) têm
d) pêra
e) pólo

31. Que vocábulo, de acordo com as novas regras ortográficas, não perdeu o acento.
a) pêlo (substantivo)
b) pélo (verbo)
c) pôr (verbo)
d) pára (verbo)
e) pólo (substantivo)

32. (Advogado – Senado Federal – FGV) Assinale a alternativa em que a palavra indicada tenha sido acentuada por regra distinta das demais.
a) instituídas
b) transparência
c) remuneratório
d) Judiciário
e) Ministério

33. (Técnico Legislativo – Senado Federal – FGV) Assinale a alternativa em que a palavra tenha sido acentuada seguindo a mesma regra que *saúde*.
a) indústria
b) licitatória
c) aí
d) até
e) têm

34. (Analista de Informática Legislativa – Senado Federal – FGV) A palavra *êxito* recebeu acento por se tratar de proparoxítona. Nas alternativas a seguir, em que todas as palavras estão propositalmente grafadas sem acento, uma naturalmente não receberia acento por não se tratar de proparoxítona. Assinale-a.

a) interim
b) rubrica
c) recondito
d) arquetipo
e) lugubre

35. (FNDE-FGV) Assinale a alternativa em que a palavra indicada tenha sido acentuada seguindo a mesma regra que *suíço*.

a) níveis
b) possuíam
c) família
d) cenário
e) diálogo

36. (Administrador – Docas – FGV) Assinale a palavra que tenha sido acentuada por regra DISTINTA das demais.

a) relógio
b) deficiências
c) distância
d) nível
e) níveis

37. (Administrador – Docas – BA – FGV) Assinale a palavra que foi acentuada seguindo a mesma regra que *três* (L.23).

a) prevê (L.32)
b) até (L.40)
c) além (L.34)
d) é (L.16)
e) país (L.17)

38. (Inspetor PC – RJ – FGV) Assinale a alternativa em que o termo tenha sido acentuado seguindo regra distinta dos demais.

a) difíceis (L.55)
b) próprio (L.3)
c) concluída (L.49)
d) consequências (L.37)
e) solidários (L.85)

39. (UEG) Indique o par em que o acento gráfico não tem a mesma função:
a) círculo – líquido
b) notícia – proprietário
c) pôr – pára
d) água – pára
e) difíceis – amáveis

40. (BNDES – Administração – Cesgranrio – adaptada) As palavras que se acentuam pela mesma regra de "prévia" e "até", respectivamente, são:
a) raízes e só
b) inútil e baú
c) infindáveis e você
d) menestréis e sofá
e) hífen e saída

41. (TRE-MT) Segue a mesma regra de acentuação de país a palavra:
a) saúde
b) aliás
c) táxi
d) grêmios
e) heróis

42. (TRE-ES) "Aí" é acentuada pelo mesmo motivo de:
a) aquí
b) dá
c) é
d) baú
e) porém

43. (NCE) A palavra <u>países</u> leva acento porque:
a) é proparoxítona

b) é paroxítona com hiato
c) o "i" é tônico como segunda vogal do hiato
d) apresenta ditongo aberto
e) é paroxítona terminada em "s"

44. (TRE-RJ) A alternativa que apresenta erro quanto à acentuação em um dos vocábulos é:
a) lápis – júri
b) bônus – hífen
c) ânsia – série
d) raízes – amável
e) Anhangabaú – bambú

45. (Analista Judiciário – TRT) No primeiro parágrafo do texto, há uma série de palavras acentuadas graficamente; se agruparmos essas palavras segundo a regra que justifica seus acentos, teríamos os seguintes grupos:
a) (1) é; (2) típico, século, jurídica, características; (3) possível; (4) ciência, própria, doutrinária;
b) (1) é; (2) típico, século, possível; (3) jurídica, características; (4) ciência, própria, doutrinária;
c) (1) é, século; (2) típica, jurídica, características, ciência, próprias, doutrinária; (3) possível;
d) (1) é, século, ciência; (2) típico, jurídico, características, possível; (3) próprias; (4) doutrinárias;
e) (1) é, possível.

46. Que alternativa apresenta vocábulos grafados em consonância com o novo acordo ortográfico.
a) polo, coa, vêem
b) idéias, réis, véu
c) herói, heróico, céu
d) pôr, tranquilo, sóis
e) dêem, enjôo, para

47. (TTN) Assinale o trecho que apresenta erro de acentuação gráfica.
a) Inequivocamente, estudos sociológicos mostram que, para ser eficaz, o chicote, anátema da sociedade colonial, não precisava bater sobre as costas de todos os escravos.

b) A diferença de ótica entre os díspares movimentos que reivindicam um mesmo amor à natureza se enraízam para além das firulas das discussões político-partidárias.
c) No âmago do famoso santuário, erguido sob a égide dos conquistadores, repousam enormes caixas cilíndricas de oração em forma de mantras, onde o novel na fé se purifica.
d) O alvo da diatribe, o fenômeno da reprovação escolar, é uma tolice inaceitável, mesmo em um paradígma de educação deficitária em relação aos menos favorecidos.
e) Assustada por antigas endemias rurais, a, até então, álacre sociedade brasileira tem, enfim, consciência do horror que seria pôr filhos em um mundo tão inóspito.

48. Que alternativa apresenta vocábulos grafados em consonância com o novo acordo ortográfico.
a) doem, peras, boléia
b) Apazigue, apazígue, apazígua
c) averíguem, averiguem, averiguam
d) crêem, vôo, menestréis
e) pôde, pôr, intervêm

49. (Inspetor de Polícia – Polícia Civil – NCE) O item em que aparece um par de vocábulos acentuados graficamente por motivos distintos é:
a) há – pôr
b) universitários – raciocínio
c) cocaína – heroína
d) lógica – hábito
e) demonstrá-la – aliás

50. (Tribunal Regional do Trabalho) Duas palavras do texto que recebem acento gráfico em razão de regras ortográficas diferentes são:
a) salário – importância
b) é – mês
c) difícil – hábil
d) inexistência – médio
e) diminuído – jurídicos

Capítulo 4

Estrutura dos Nomes

4.1. Radical

Indica o significado dos termos.

Ex.: ferrugem, ferreiro, ferrinho – O radical é FERR, o que faz compreender ser algo relativo a ferro.

4.2. Afixos

Dividem-se em dois tipos: Prefixos que se localizam antes do radical e Sufixos, após.

INFELIZ – Prefixo IN; REELEITO – Prefixo RE.

PENSAMENTO – Sufixo MENTO; ROTAÇÃO – Sufixo – ÇÃO.

4.3. Vogal temática

Localiza-se após o radical nos nomes que não sejam oxítonos ou terminados em consoantes .

Ex.: carro, planta, vida, espaço.

Obs.: São atemáticos os nomes oxítonos ou terminados em consoantes.

Ex.: café, urubu, fêmur, lápis.

4.4. Desinências

4.4.1. De gênero

Indica a contrapartida de gênero masculino/feminino.

Ex.: menino, menina; gato, gata.

Obs.: Há autores que só reconhecem desinência de gênero nos substantivos femininos em contrapartida aos substantivos masculinos, pois a desinência de gênero serviria – na concepção deles – para diferençar o feminino do masculino e não o masculino do feminino.

4.4.2. De número

Indica o plural.

Ex.: casas, meninos.

4.4.3. De grau

Indica o aumentativo ou o diminutivo dos nomes.

Ex.: garotão, garotinho.

4.5. Vogais e consoantes de ligação

Fazem a ligação entre o radical e o sufixo, desinência ou outro radical.

Ex.: cafezinho, gasômetro.

4.6. Formação dos nomes

4.6.1. Composição

Há mais de um radical.

4.6.1.1. Justaposição

Não há perda de fonemas.

Ex.: minissaia, pé de moleque.

4.6.1.2. Aglutinação

Há perda de fonemas.

Ex.: planalto, aguardente.

4.6.2. Derivação

Há apenas um radical.

4.6.2.1. Sufixal

Radical + sufixo.

Ex.: cafeteira, livraria.

4.6.2.2. Prefixal

Prefixo + radical.

Ex.: prefixo, dissílabo.

4.6.2.3. Prefixal e sufixal (derivação sucessiva)

Prefixo + radical + sufixo. Ocorre quando uma palavra possui prefixo e sufixo, sem que um exija a presença do outro.

Ex.: deslealdade, infelizmente.

Observe que estas palavras possuem prefixo e sufixo, porém também existiriam sem a presença de um deles: desleal e lealdade, infeliz e felizmente.

4.6.2.4. Parassintética

Prefixo + radical + sufixo. Acontece quando uma palavra possui prefixo e sufixo obrigatoriamente ao mesmo tempo, ou seja, um exige a presença do outro. A derivação parassintética é formadora de verbo.

Ex.: anoitecer, enlouquecer.

Observe que estas palavras não podem existir somente com prefixo e radical ou radical e sufixo: anoite e noitecer, enlouco e louquecer.

4.6.2.5. Regressiva

Substantivo que se forma de verbo, perdendo fonema.

Ex.: jogo (derivado de jogar), toque (derivado de tocar).

4.6.3. Conversão

Palavra utilizada em classe gramatical diferente da de origem.

Ex.: gilete (substantivo simples), Gillette (substantivo próprio); o falar (substantivo), falar (verbo).

Obs.: Necessário se faz informar que a efetivação deste caso só pode ser observada no contexto.

4.6.4. Hibridismo

Palavra formada por morfemas de origens diferentes.

Ex.: burocracia (francês e grego); sociologia (latim e grego).

4.6.5. Reduplicação

Repetição de parte da palavra.

Ex.: tico-tico, reco-reco.

4.6.6. Abreviação

Parte da palavra pelo todo.

Ex.: moto (motocicleta), pneu (pneumático).

4.6.7. Sigla

Iniciais das palavras.

Ex.: CRF (Clube de Regatas do Flamengo), PT (Partido dos Trabalhadores).

4.6.8. Neologismo

Formação de novas palavras.

Ex.: Nhenhenhém, imexível.

Obs.: Quando um vocábulo já passou por vários processos de formação, deve-se levar em consideração apenas a última fase. Por exemplo: a palavra ENTERRAR, por parassíntese, formou-se de TERRA e, por sua vez, por regressão, forma ENTERRO. Sendo assim, para a palavra ENTERRO, deve-se avaliar somente o último passo: a regressão. Já a palavra EMPOBRECER, por parassíntese, deriva-se de POBRE. Acrescendo-se o sufixo, forma EMPOBRECIMENTO. Para este vocábulo, leva-se em conta só o último processo: sufixal.

4.7. Prefixos latinos

PREFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
Ab, abs	afastamento, separação	abusar, abster-se
Ad, a	aproximação	adjunto, abeirar
Ambi	duplicidade	ambidestro

PREFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
Ante	anterioridade	antevéspera
Bene, ben	bem, muito bom	benevolência
Bis, bi	duas vezes	bisavó
Circun	movimento em torno	circunferência
Cis	posição aquém	cisalpino
Com, co	companhia	compartilhar
Contra	oposição	contradição
De	movimento para baixo	decomposição
De, dês	ação contrária, privação	defeito
Di, dis	movimento para vários lados	digerir, discordar
Ex, e, es	movimento para fora	extração, expor
Extra	fora de	extraordinário
In, i	movimento para dentro	ingerir
In, i	negação	inativo
Inter, entre	posição intermediária	intervir
Intro, intra	movimento para dentro	introdução
Per	movimento através	perfeito

PREFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
Pro	movimento para a frente	progredir
Re	movimento para trás, repetição	reabrir
Retro	movimento para trás	retroceder
Semi	metade	semideus
Sub, sus, su	posição de inferioridade	submeter, subalterno
Super, supra, sobre	posição em cima, excesso	superpor, sobrepor
Trans, tras	através de, além de	transposição
Tres, tras	mudança	tresnoitar
Ultra	posição além do limite	ultrarromântico
Vice, vis	substituição	vice-presidente
Soto, sota	posição inferior	soto-mestre

4.8. Prefixos gregos

PREFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
A, na	negação, privação	ateu, anarquia
Ana	repetição	anagrama

PREFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
Anfi	duplicidade	anfíbio
Anti	oposição	antiaéreo
Apo	afastamento	apogeu
Arqui, arce	superioridade	arcebispo
Cata	movimento para baixo	catarata
Di	duas vezes	ditongo
Dia	movimento através de	diálogo
Dis	dificuldade	disenteria
Ec, ex	movimento para fora	eczema, êxodo
Endo	movimento para dentro	endovenoso
Epi	posição superior	epiderme
Eu, ev	perfeição, excelência	eufônico
Hemi	metade	hemisfério
Hiper	posição superior, excesso	hipertenso
Hipo	posição inferior	hipotético
Meta	posterioridade, mudança	metátese
Para	proximidade, ao lado de	paradigma
Peri	posição em torno de	perímetro

PREFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
Pro	anterioridade	profecia
Sim, sin	simultaneidade, companhia	simpático, sinônimo

4.9. Relação de sufixos

SUFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
-ada, -agem, -al	coleção	boiada, ramagem, laranjal
-ame, -edo, -io	agrupamento	vasilhame, arvoredo, mulherio
-aço, -aça, -ão, -arra	aumentativo	ricaço, barcaça, bocarra
-orra, -aréu, -ázio	aumentativo	cabeçorra, povaréu, copázio
-acho, -ejo, -ela, -eta	diminutivo	riacho, lugarejo, ruela, saleta
-ete, -eto, -ico, -iço	diminutivo	artiguete, poemeto, burrico
-isco, -(z)inho	diminutivo	chuvisco, animalzinho
-ota, -ote, -(c)ula	diminutivo	flâmula, gotícula

SUFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
-(c)ulo, -ucho	diminutivo	papelucho
-dade, -dão	qualidade	paulada, maldade, escuridão
-ação	ação	esperança, oração, detenção
-ência, -ez, -eza	estado	imponência, altivez, beleza
-ície, -mento, -(t)ude	estado, qualidade	calvície, ferimento, quietude
-ume	quantidade, coletivo	negrume, cardume
-ario, -eiro, -dor	profissão	bibliotecário, pedreiro
-nte	agente	vendedor, ajudante
-douro	lugar	bebedouro, dormitório
-al, -ar, -eo	referência, relação	imperial, escolar, férreo
-ano, -ão, -eiro	naturalidade, origem	curitibano, alemão
-ense, -eu, -ino		paraense, europeu, florentino
-ês, -esa		chinês, chinesa

SUFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
-oso, -udo, -ia, -ismo	abundância, ciência, escola, sistema político	gorduroso, narigudo, astronomia, romantismo, comunismo
ança (ância), ença (ência)	ação ou resultado da ação	Esperança, lembrança, importância, obediência, crença, regência
ura	qualidade	brancura, feiúra
-esa, -isa, -essa	título	baronesa, sacerdotisa, condessa
-ar, -ear, -entar	ação	cantar, guerrear, afugentar
-ficar, -izar	factitivo	dignificar, civilizar
-ecer, -escer	início de ação	amanhecer, amadurecer, florescer
-icar, -itar	ação pouco intensa	bebericar, adocicar
-iscar, -inhar	frequência	chuviscar, escrevinhar
-ear, -ejar	ação repetitiva	espernear, apedrejar

4.10. Correspondência entre prefixos gregos e latinos

PREFIXO LATINO	SIGNIFICADO	PREFIXO GREGO

Ab	afastamento	apo
Ad	proximidade, ao lado	para
Ambi	duplicidade	anfi
Bene	bem, bom	eu
Bi	dois	di
Circum	em torno de	peri
Contra	ação contrária	anti
Cum	simultaneidade	sin
De	movimento de cima para baixo	cata
Des, in	privação, negação	a, na
Ex	movimento para fora	ec, ex
In	interioridade	em
Intra	posição interior	endo
Semi	metade	hemi
Sub	sob, inferior	hipo
Super	sobre, excesso	epi
Trans	através de	dia

4.11. Latinismos

A fortiori	com tanto mais razão
Ab absurdo	por absurdo
Ab initio	desde o princípio
Ad hoc	para isso
Ad instar	à semelhança, à maneira de
Ad honores	pela honra
Ad libitum	à vontade, a seu bel-prazer
Ad referendum	sujeito à aprovação
Ad usum	segundo o costume
Alibi	meio de defesa que o réu apresenta, provando estar em outro local no momento do crime
A priori	antes de qualquer momento
A posteriori	após argumentação
Apud	junto de
Alter ego	outro eu
Curriculum vitae	correr da vida, conjunto de informações pessoais
Data venia	com a devida permissão

De facto	de fato
Errata	especificação dos erros expressos
Et alii	e outros
Ex aequo	com igualdade
Ex autorit-ate legis	por força da lei
Ex abrupto	de súbito
Ex cathedra	em virtude de autoridade decorrente do título
Ex consensu	com o consentimento
Ex jure	segundo o direito
Ex more	conforme o costume
Ex officio	por obrigação da lei, por dever do cargo
Exempli gratia	por exemplo
Ex lege	de acordo com a lei
Ex nunc	de agora em diante
Ex tunc	desde então, com efeito retroativo
Ex-vi	por força, por efeito
Fac simile	cópia

Habeas corpus	liberdade de locomoção
Hic et nunc	aqui e agora
Honoris causa	por motivo de honra
Ibidem	no mesmo lugar
Idem	igualmente, também
In fine	no fim
In limine	preliminarmente
In albis	sem noção daquilo que deveria saber
In extenso	na íntegra
In limine	desde logo, no início
In loco	no lugar
In sito	no lugar
In totum	totalmente
Ipsis literis	pelas mesmas letras
Ipsis verbis	pelas mesmas palavras – textualmente
Ipso facto	por isso mesmo, pelo próprio fato
Ipso jure	de acordo com o direito
Lato sensu	em sentido amplo

Mutatis mutandis	mudando o que deve ser mudado
Opus	obra musical classificada e numerada
Pari passu	simultaneamente
Passim	aqui e ali, em toda parte
Prima facie	à primeira vista
Pro labore	o pagamento por serviço prestado
Quorum	número mínimo de pessoas presentes exigido por lei ou estatuto para que um órgão funcione
Res non verba	fatos, não palavras
Sic	assim mesmo, escrito desta maneira
Sine die	sem data fixa
Sine jure	sem direito
Sine qua non	indispensável
Sub judice	sob a apreciação judicial
Sui generis	peculiar, sem igual
Status quo	estado em que se encontrava certa questão
Stricto sensu	em sentido restrito

Urbi et orbi	em toda parte
Ut infra	conforme abaixo
Ut retro	conforme atrás
Ut supra	conforme acima
Verbi gratia	por exemplo
Verbo ad verbum	palavra por palavra

4.12. Exercícios

1. (Fiscal – Sefaz – RJ – FGV) Assinale a alternativa em que o elemento *in-* tenha valor idêntico ao de *insuflados*.

a) influxos
b) intermediação
c) inaplicável
d) inúmeras
e) inferir

2. (UFF) A alternativa em que todos os sufixos têm, fundamentalmente, o mesmo valor que o sufixo presente no substantivo percursionista é:

a) barbeiro, bancário, cantor
b) estudante, formigueiro, vestiário
c) jogador, noticiário, pedinte
d) cinzeiro, poetastro, colaborador
e) operário, fazendeiro, budismo

3. (Cesgranrio) Assinale a série de vocábulos em que todos os sufixos exprimem noção de qualidade:

a) sensibilidade – delicadeza – docemente
b) decoração – bronzeado – selvagem
c) franqueza – doçura – ferocidade

d) sentimento – rapidamente – majestosa
e) dourado – vegetação – beleza

4. (PUC) Assinale o vocábulo cujo prefixo é semanticamente diferente do de "intocável":
a) afônico
b) ilegal
c) desconfortável
d) anônimo
e) imigrante

5. (Fiscal – ICMS-RJ – FGV) Com relação aos processos de formação de palavras, analise as afirmativas a seguir:
I. *estruturador*, *civilizacional* **e** *renováveis* **são adjetivos formados por derivação sufixal.**
II. *hominização*, *dilapidação* **e** *autodestruição* **são substantivos formados por composição e derivação.**
III. *autodestruição*, *contrapartida* **e** *responsabilidade* **são substantivos formados por composição.**
Assinale:
a) se somente a afirmativa I estiver correta;
b) se somente a afirmativa II estiver correta;
c) se somente a afirmativa III estiver correta;
d) se somente as afirmativas I e II estiverem corretas;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

6. (Uni-Rio) Numere a coluna da direita, relacionando-a com a da esquerda, pelo significado do prefixo. A seguir, assinale a resposta correta:

1) desesperança	( ) repetição
2) contramarcha	( ) oposição
3) redobra	( ) privação, negação
4) influir	( ) passar além de
5) translúcido	( ) movimento para dentro

a) 3-5-2-1-4
b) 2-3-4-5-1
c) 3-2-1-5-4
d) 4-3-2-1-5
e) 5-4-3-1-2

7. (Uni-Rio) Assinale a opção em que os prefixos têm o mesmo significado:
a) contradizer – antídoto
b) desfolhar – epiderme
c) decapitar – homicídio
d) supercílio – acéfalo
e) semimorto – perianto

8. (Analista de Controle Interno – Sefaz-RJ – FGV) Assinale a palavra formada pelo mesmo processo que corresponsabilidade.
a) necessidades
b) qualificação
c) imprescindível
d) irrestrita
e) governamental

9. (Cesgranrio) Considerando o valor dos sufixos, assinale o par de vocábulos que guardam entre si a mesma relação semântica existente entre "elaborar" / "elaboração".
a) criar / criativo.
b) navegar / navegante.
c) lavar / lavatório.
d) cobrar / cobrança.
e) quebrar / quebradiço.

10. (Fiscal ICMS-RJ – FGV) Assinale a alternativa em que a palavra indicada não seja formada pelo mesmo processo que <u>injustiça</u>.
a) tecnologias
b) auto-organização
c) antielisão
d) ilícito
e) internacional

11. (UGF) Assinale o vocábulo cujo elemento mórfico destacado não corresponde à classificação do "a" de "pequena".

a) perfumadas
b) violenta
c) louca
d) criança
e) formosa

12. (PUC) Na palavra "espantoso", o sufixo OSO acrescenta ao radical o valor semântico de aquilo que provoca ou produz. Assinale a palavra cujo sufixo tem este mesmo significado:

a) apetitoso
b) medroso
c) venenoso
d) vaidoso
e) gostoso

13. (Fuvest) Assinalar a alternativa que registra a palavra que tem sufixo formador de advérbio:

a) Desesperança
b) Pessimismo
c) Empobrecimento
d) Extremamente
e) Sociedade

14. (Fuvest) Assinalar a alternativa em que a primeira palavra apresenta sufixo formador de advérbio e, a segunda, sufixo formador de substantivo:

a) Perfeitamente – varrendo
b) Provavelmente – erro
c) Lentamente – explicação
d) Atrevimento – ignorância
e) Proveniente – furtado

15. (Gama Filho) Assinale a opção em que há erro na identificação do processo de formação de palavra em destaque:

a) semeador – derivação sufixal
b) inimiga – derivação prefixal

c) funerária – hibridismo
d) enterro – derivação regressiva
e) tumba – moenda – composição por justaposição

16. (Uni-Rio) Dentre as palavras abaixo, assinale a única que destoa das demais quanto ao seu processo de formação:
a) dose
b) força
c) marca
d) alegria
e) sonho

17. (Unificado) As palavras "esquartejar", "desculpa" e "irreconhecível" foram formadas, respectivamente, pelos processos de:
a) sufixação, prefixação, parassíntese
b) sufixação, derivação regressiva, prefixação
c) composição por aglutinação, prefixação, sufixação
d) parassíntese, derivação regressiva, prefixação
e) parassíntese, derivação imprópria, parassíntese

18. (NCE) Currículo é a forma portuguesa correspondente ao latinismo *curriculum*; o item abaixo que apresenta um latinismo de significação incorreta é:
a) *a priori* – antecipadamente
b) *alibi* – declaração
c) *sine die* – sem data certa
d) *quantum* – quantidade
e) *et alii* – e outros

19. (UFF) Assinale a opção em que as duas palavras sublinhadas são formadas por um mesmo processo e apresentam a mesma estrutura.
a) "Jamais a Receita vai me pegar por má-fé ou sonegação" (PC Farias/*Exame*, 10/6/1992).
b) "Um deles, peça-chave na cena política nacional, engoliu em seco. 'A nação traumatizada', afirma" (*Exame*, 10/6/1992).
c) " É mais barato investir num superprojeto que se adapte às exigências futuras do que refazer o produto para atender as especificações localizadas" (*Exame*, 10/6/1992).
d) "Verdadeiro tratado sobre o desencanto nacional bruto, o documento que me foi passado pela agência é de tirar o fôlego" (J. Betting / *O Globo*, 6/9/1992).

e) "O leitor de jornais sente que a página policial esfria, se comparada ao noticiário econômico e político em matéria de teor escandaloso" (*Jornal do Brasil*, 9/9/1993).

20. (PUC) Qual a única das opções abaixo que apresenta uma explicação incorreta na análise dos elementos mórficos e/ou na identificação do significado?

a) "Tudo passa a estar condenado a fracassar redondissimamente".

Sufixo -íssimo, com valor de superlativo, e sufixo -mente, formador de advérbio; significado: completamente, inteiramente.

b) "Sociedade como um todo essa alienadona de si mesma".

Sufixo -ona, formador de adjetivo e substantivo atribuindo valor intensivo; significado: muito alienada.

c) "E façamos uma goiabada".

Sufixo -ada, formador de substantivo; significado: o doce feito de goiaba.

d) "Goiabada bem palatável".

Sufixo -vel, formador de adjetivo; significado: do tipo próprio ao palato, comestível, comível.

e) "16 milhões de desempregados sabem disso".

Vocábulo formado por parassintetismo; significado: desocupados, pessoas sem profissão.

21. (Uni-Rio) Assinale a opção em que o vocábulo destacado é formado por derivação regressiva:

a) Opressão

b) Deficiente (adj.)

c) Tribo

d) Adestrar (verbo)

e) Manejo (substantivo)

22. (Unificado) Assinale a opção em que o processo de formação de palavras está indevidamente caracterizado.

a) Pai-nosso: composição por justaposição.

b) Aventuroso: derivação sufixal.

c) Embonecar: composição por aglutinação.

d) Descanso: derivação regressiva.

e) Incerto: derivação prefixal.

23. As palavras "sinceramente", "florzinha" e "homenzarrão" são formadas por derivação:

a) parassintética
b) prefixal
c) imprópria
d) regressiva
e) sufixal

24. (PUC) Considerando o processo de formação de palavras, relacione a coluna da direita com a da esquerda.

(1) Derivação imprópria	( ) Desenredo
(2) Prefixação	( ) Narrador
(3) Prefixação e sufixação	( ) Infinitamente
(4) Sufixação	( ) O voar
(5) Composição por justaposição	( ) Pão-de-mel

a) 3-4-2-5-1
b) 2-4-3-5-1
c) 2-4-3-1-5
d) 4-1-5-2-3
e) 4-1-5-3-2

25. (Cesgranrio) Assinale a opção em que nem todas as palavras provêm de um mesmo radical.
a) Noite, anoitecer, noitada
b) Terra, terreno, aterrorizado
c) Incrível, crente, crer
d) Festa, festeiro, festejar
e) Riqueza, ricaço, enriquecer

26. (UFSC) Assinale a alternativa em que o elemento mórfico em destaque está corretamente analisado.
a) Menina –A: desinência nominal de gênero.
b) Vendeste –E: vogal de ligação.

c) Gasômetro –O: Vogal temática de 2ª conjugação.
d) Amassem –SSE: desinência de 2ª pessoa do plural.
e) Cantaríeis –IS: desinência do imperfeito do subjuntivo.

27. (FCMSCSP) Em qual dos exemplos abaixo está presente um caso de derivação parassintética?
a) Lá vem ele, vitorioso do COMBATE.
b) Ora, vá PLANTAR batatas!
c) Começou o ATAQUE.
d) Assustado, continuou a se DISTANCIAR do animal.
e) Não vou mais me ENTRISTECER, vou é cantar.

28. (Unesp) As palavras "perda", "corredor" e "saca-rolha" são formadas, respectivamente, por:
a) derivação regressiva, derivação sufixal, composição por justaposição;
b) derivação regressiva, derivação sufixal, derivação parassintética;
c) composição por aglutinação, derivação parassintética, derivação regressiva;
d) derivação parassintética, composição por justaposição, composição por aglutinação;
e) derivação por justaposição, composição por aglutinação, derivação prefixal.

29. (Unisinos-RS) A palavra "incorruptível" é formada pelo seguinte processo:
a) derivação prefixal;
b) derivação parassintética;
c) derivação sufixal;
d) derivação prefixal e sufixal;
e) aglutinação.

30. (Inspetor de Polícia – Polícia Civil – NCE) "Inúmeros", "ilícita", "impropriedade" têm em comum:
a) o prefixo negativo;
b) a classe gramatical;
c) o gênero;
d) o número;
e) a forma gráfica.

31. (Ministério Público do Rio de Janeiro – NCE) <u>Fertilização</u> se relaciona a <u>fertilizar</u> como:

a) feliz a infeliz;
b) casamento a casar;
c) fértil a fertilidade;
d) tribo a índios;
e) contente a contentamento.

32. (Ministério Público do Rio de Janeiro – NCE) Pedestres, como sabemos, são os que andam a pé; o vocábulo abaixo que não pertence à mesma família de palavras é:
a) pedestal;
b) pedicure;
c) pedal;
d) pedalinho;
e) pedante.

33. (Ministério Público do Rio de Janeiro – NCE) Assim como "engrandecimento", derivado de "engrandecer", outros verbos possuem substantivos derivados de verbos com o sufixo – mento. O item em que todos os verbos citados possuem substantivos desse tipo é:
a) esmagar – coroar – desenvolver
b) descobrir – prover – entregar
c) receber – pagar – publicar
d) preparar – envolver – reter
e) deslocar – colocar – alocar

34. (Ministério Público do Rio de Janeiro – NCE) A relação entre verbo e substantivo inadequada é:
a) pretender – pretensão
b) adquirir – aquisição
c) agredir – agressão
d) perder – perdida
e) recusar – recusa

35. (INPI – NCE) "Passageiros" é uma palavra formada por:
a) derivação prefixal;
b) derivação sufixal;
c) derivação regressiva;
d) derivação parassintética;

e) composição.

36. (INPI – NCE) A palavra que não é formada por derivação sufixal é:
a) compadrismo
b) camaradagem
c) nacional
d) aproximação
e) vantagens

37. (INPI – NCE) Agrário se refere a campo; o vocábulo abaixo em que esse radical tem significado diferente é:
a) agricultor
b) agridoce
c) agrimensor
d) agreste
e) agrícola

38. (Auxiliar de Almoxarifado – NCE) A alternativa que mostra adjetivo e substantivo cognato (da mesma família de palavras) de forma correta é:
a) frágil / fragilidade
b) pureza / apuro
c) constante / continuidade
d) permanente / pertences
e) predador / pedra

39. (Técnico Judiciário Juramentado – TJ – NCE) Os vocábulos "apagão" e "caladão", presentes no texto, aparecem grafados entre aspas porque são:
a) termos de cunho popular;
b) neologismos;
c) vocábulos que perderam velhos sentidos;
d) de presença comum na mídia;
e) referentes a acontecimentos recentes.

40. (Técnico Judiciário Juramentado – TJ – NCE) O vocábulo abaixo cujo prefixo apresenta o mesmo valor semântico do prefixo presente no vocábulo "erradicar" é:
a) discriminação
b) admissão

c) incapacidade
d) redistribuição
e) exportar

41. (Auxiliar de Cartório – NCE) Hibernação está para inverno, considerados os vários aspectos de sua formação, como:
a) crescimento está para crescer;
b) diminuição está para diminuir;
c) mensal está para mês;
d) liberdade está para livre;
e) animação está para alma.

42. (Auxiliar de Cartório – NCE) Os vocábulos que não possuem formação completamente idêntica são:
a) hibernação / entorpecimento
b) parcial / letárgico
c) explicação / diminuição
d) intensidade / completamente
e) sanguínea / normais

43. (Auxilar de Cartório – NCE) O radical de origem grega "fobia" significa "medo, aversão"; o vocábulo abaixo que tem sua significação corretamente indicada é:
a) agorafobia – medo dos tempos atuais
b) acrofobia – medo de lugares altos
c) claustrofobia – medo de lugares religiosos
d) hidrofobia – medo de chuva
e) fotofobia – medo de aparecer em público

44. (BB) A palavra "aguardente" formou-se por:
a) hibridismo;
b) aglutinação;
c) justaposição;
d) parassíntese;
e) derivação regressiva.

45. (ETF-SP) Assinalar a alternativa que indique corretamente o processo de formação das palavras sem-terra, sertanista e desconhecido.

a) Composição por justaposição, derivação por sufixação, derivação por prefixação e sufixação.
b) Composição por aglutinação, derivação por sufixação e derivação por parassíntese.
c) Composição por aglutinação, derivação por sufixação e derivação por sufixação.
d) Composição por justaposição, derivação por sufixação e composição por aglutinação.
e) Composição por aglutinação, derivação por sufixação e derivação por prefixação.

46. (NCE) Tevê é uma forma abreviada de televisão; qual das palavras destacadas a seguir também é uma abreviação?
a) Bom
b) Pneu
c) Só
d) Um
e) Caso

47. (NCE) A palavra "milionarismo" não aparece em nenhum dicionário e, por isso mesmo, como deve ser designada?
a) Idiotismo
b) Neologismo
c) Regionalismo
d) Dialeto
e) Popularismo

48. (Ministério Público – RJ – NCE) Corporativismo, populismo, capitalismo mostram que o sufixo "-ismo" tem valor de:
a) coletivo ou grupo;
b) qualidade ou característica;
c) doutrina ou sistema;
d) quantidade ou intensidade;
e) aspecto pejorativo ou negativo.

49. (Ministério Público – RJ – NCE) Subtributação só pode significar:
a) sonegação de impostos;
b) ausência de fiscalização no pagamento dos impostos;
c) taxação injusta, por exagerada;
d) impostos reduzidos;
e) dispensa de pagamento de impostos.

50. (IBGE – NCE) A sigla CPI, presente no texto, significa:
a) Centro de Proteção ao Investidor;
b) Comissão Parlamentar de Inquérito;
c) Cooperativa Parlamentar de Investigação;
d) Casa do Pequeno Investidor;
e) Comissão Privada de Investigação.

51. (CPBS – NCE) Nos vocábulos "imperceptível" e "subterrâneo", os prefixos IM e SUB indicam, respectivamente:
a) dentro de – sobre
b) negação – abaixo de
c) proximidade – sob
d) movimento para dentro – acima de
e) oposição – dentro de

52. (Fiscal – ICMS – RJ – FGV) Assinale a alternativa em que o elemento *in* tenha valor idêntico ao de *insuflados*.
a) Influxos.
b) Intermediação.
c) Insuflados.
d) Inúmeros.
e) Inferir.

53. (Técnico Judiciário Juramentado – TJ – NCE) "... que substituem o Estado em certas regiões (*vide* o PCC) e com a parte corrupta da polícia ..." *Vide* é forma latina correspondente ao verbo "ver". O latinismo a seguir que tem seu significado corretamente indicado é:
a) *sic* – nunca
b) *et allii* – e assim
c) *ad hoc* – isto é
d) *latu sensu* – em sentido restrito
e) *verbi gratia* – por exemplo

54. (TJ – NCE) Etc. é uma expressão latina. O livro *Não perca o seu latim*, de Paulo Rónai, indica vocábulos e expressões latinas bastante comuns em textos jurídicos. O item cujo latinismo tem seu significado incorretamente indicado é:

a) *Alibi* – ausência do acusado no lugar do crime, provada pela sua presença noutro lugar.
b) *Habeas corpus* – garantia constitucional outorgada em favor de quem sofre ou está na iminência de sofrer coação ou violência.
c) *Quorum* – número máximo de pessoas presentes para que um órgão funcione.
d) *Ad hoc* – designado para executar determinada tarefa.
e) *A priori* – anteriormente à experiência.

55. (NCE) O vocábulo "pesquisa" é formado por derivação regressiva. Em que item a seguir a palavra destacada é formada por esse mesmo processo?
a) Houve erros de previsão grosseiros.
b) O motivo é evidente.
c) O eleitor poderia ir à urna.
d) O estudo dos resultados mostrou falhas.
e) O feriado das eleições foi aproveitado.

56. (NCE) No vocábulo "lentamente", como se classifica morfologicamente o elemento "a" em termos diacrônicos?
a) Desinência de gênero
b) Sufixo
c) Desinência número-pessoal
d) Desinência modo-temporal
e) Vogal de ligação

57. (NCE) Assinale o item que o sufixo – mente não apresenta o mesmo valor semântico presente na palavra "lentamente".
a) Rapidamente
b) Finalmente
c) Sutilmente
d) Infelizmente
e) Corajosamente

58. (NCE) Silicose é um vocábulo que apresenta o sufixo OSE indicativo de doença. Em que palavra abaixo esse mesmo sufixo tem valor diferente?
a) Trombose
b) Tuberculose
c) Dermatose
d) Diagnose

e) Psicose

59. (NCE) A palavra "entoação" foi formada por:
a) derivação sufixal
b) derivação prefixal e sufixal
c) parassínteses
d) aglutinação
e) justaposição

60. (NCE) "Omissão" e "intromissão" são vocábulos que diferem pelo prefixo que se junta ao mesmo radical. O mesmo ocorre em:
a) querer / requerer
b) deter / conter
c) haver / reaver
d) contratempo / passatempo
e) finalizar / finalidade

61. (NCE) Há evidente equívoco na indicação do valor semântico do sufixo formador das palavras em:
a) dimensionamento, questionamento (ato ou efeito de)
b) estritamente, explicitamente (modo)
c) autoritarismo; corporativismo (instrumento de ação)
d) responsabilidade, hostilidade (qualidade ou estado)
e) pesquisador, professor (agente)

62. (Coppe) A opção em que os prefixos guardam entre si o mesmo tipo de relação semântica que o observado entre os prefixos de ''imobilismo" e "desagregador" é:
a) hemisfério / semimorto
b) antítese / antebraço
c) emergente / importação
d) afonia / eufonia
e) cisandino / translado

63. (NCE) O vocábulo televisão é um hibridismo, já que contém elementos de línguas diversas. Assinale o item em que o vocábulo dado também pode ser visto como hibridismo.
a) perfume
b) catálogo

c) burocracia
d) hipopótamo
e) antropófago

Capítulo 5

Substantivo

Substantivo é o termo que dá nome aos seres.

Ex.: flor, palavra, amor.

5.1. Substantivo concreto

É aquele que, depois da sua existência estar consumada ou deduzida, torna-se independente.

Ex.: bola, Deus, alma, demônio, Saci Pererê, caminho, luz.

5.2. Substantivo abstrato

É aquele que depende e sempre dependerá de um substantivo concreto para existir. Em suma, refere-se a sentimentos, ações ou acontecimentos.

Ex.: crença, felicidade, futebol, caminhada, casamento.

5.3. Substantivo simples

É aquele que contém apenas um radical.

Ex.: saia, flor.

5.4. Substantivo composto

É aquele que contém mais de um radical.

Ex.: minissaia, flor-de-lis.

5.5. Substantivo primitivo

É o substantivo possuindo somente radical, sem afixos.

Ex.: menino, livro.

5.6. Substantivo derivado

É o substantivo possuindo afixos.

Ex.: meninice, livraria.

5.7. Substantivo comum

É o que generaliza, ou seja, não individualiza os seres dentro de um agrupamento específico.

Ex.: país, clube, matéria.

5.8. Substantivo próprio

É o que individualiza os seres dentro de um agrupamento.

Ex.: Brasil, Flamengo, Português.

5.9. Coletivo

Ideia de agrupamento

academia	sábios, artistas
alcateia	lobos

acervo	bens, livros...
armento	bois, vacas, ovelhas

arquipélago	ilhas
atlas	cartas geográficas
biblioteca	livros
cáfila	camelos
cardume	peixes
colmeia, enxame	abelhas
concílio	prelados, deuses
congresso	sábios
discoteca	discos
esquadra	navios
fato	cabras
feixe	luzes, capim
horda	nômades
júri	jurados
manada	animais pesados
mó	pessoas

assembleia	deputados
bandeira	garimpeiros
cabido	cônegos
caravana	viajantes
clero	eclesiáticos
comboio	caminhões
confraria	religiosos
constelação	estrelas
elenco	atores
esquadrilha	aviões
fauna	animais
girândola	foguetes
junta	bois, médicos salteadores
legião	soldados, anjos
matilha	cães
molho	chaves

ninhada	pintos
panapaná	borboletas
quadrilha	ladrões
repertório	peças teatrais
réstia	cebolas
tropel	cavalos

nuvem	gafanhotos
pelotão	soldados
ramalhete	flores
resma	papéis
revoada	pássaros
turba	desordeiros

5.10. Flexão nominal

5.10.1. Gênero

5.10.1.1. Comum de dois gêneros

Designa os indivíduos dos dois sexos mantendo a mesma forma, e o gênero é indicado pelo artigo, adjetivo etc.

Ex.: o acrobata, a acrobata;
o artista, a artista;
o amante, a amante;
o intérprete, a intérprete.

5.10.1.2. Sobrecomum

Possui a mesma forma para o masculino ou feminino e, diferentemente do COMUM-DE-DOIS-GÊNEROS, não varia de gênero.

Ex.: a criança (pode ser um menino ou uma menina);
a testemunha;
o algoz;
o monstro;
a vítima.

5.10.1.3. Epiceno ou promíscuo

Designa animais que possuem apenas uma forma para o masculino e para o feminino.

Ex.: girafa (pode ser girafa macho ou fêmea);
tainha;
avestruz;
barata;
águia.

5.10.1.4. Heterônimo ou desconexo

Designa substantivos cujos femininos se formam com um radical completamente diferente do masculino.

Ex.: homem – mulher
boi – vaca
carneiro – ovelha

5.10.1.5. Lista especial de femininos

abade	abadessa
afegão	afegã
alcaide	alcaidessa, alcaidina
aldeão	aldeã
anfitrião	anfitriã, anfitrioa
ateu	ateia
bispo	episcopisa

bode	cabra
bretão	bretã, bretoa
búfalo	búfala
cação	caçonete
capitari	tartaruga
castelão	castelã
cavaleiro	amazona
cavalheiro	dama
caxaréu, caxarelo	baleia
cônego	cônega, canonisa
confrade	confreira
corujão, bufo	coruja
corvo	corvacha
cupim	arará
czar	czarina
deus	deusa, deia, diva
elefante	aliá, elefanta
embaixador	embaixadora (profissão)
ermitão	ermitoa, ermitã

esquimó	esquimoa
etíope	etiopisa
faisão	faisoa
formigão	formiga
frade	freira
frei	sóror
general	generala
hortelão	horteloa
ilhéu	ilhoa
jacaré	jacaroa
javali	javalina, gironda
jogral	jogralesa
landgrave	landgravina
lebrão	lebre
macharrão	onça
macho, mu, mulo	mula
maestro	maestrina
marajá	marani
marechal	marechala

melro	mélroa, melra
mestre	mestra
monge	monja
papa	papisa
pardal	pardaleja, pardoca, pardaloca
parente	parenta
pavão	pavoa
perdigão	perdiz
pierrô	pierrete
píton	pitonisa
rinoceronte	abada
semideus	semideusa
sultão	sultana
tabaréu	tabaroa
tabelião	tabelioa, tabeliã
tecelão	tecelã, teceloa
temporão	temporã
tigre	tigresa
tubarão	tintureira

varão	varoa, virago
veado	veada, cerva, corça
visconde	viscondessa
zangão ou zângão	abelha

5.10.1.6. Casos especiais de gênero dos substantivos

o ágape	a aluvião
o aneurisma	o apêndice
a áspide	o avestruz
o diabetes	o epítome
o estratagema	a faringe
o gambá	o ou a hélice
a laringe	o lança-perfume
a omoplata	o radical
a ordenança	o ou a personagem
a sentinela	o soprano
o saca-rolhas	o telefonema
a tíbia	a tormenta
a alface	o champanha

5.10.1.7. Substantivos que mudam de sentido com a mudança do gênero

O cabeça (o líder, o chefe)	a cabeça (parte do corpo)
O caixa (trabalhador)	a caixa (objeto)
O capital (dinheiro)	a capital (cidade principal)
O cura (vigário de aldeia)	a cura (restabelecimento de doença)
O guarda (policial)	a guarda (posse)
O guia (pessoa que orienta)	a guia (ato de guiar)
O lente (o professor)	a lente (objeto de vidro)
O língua (o intérprete)	a língua (parte do corpo, idioma)
O moral (ânimo, caráter)	a moral (moral de um fato, conclusão)
O voga (o remador)	a voga (moda, popularidade)

5.10.2. Número

5.10.2.1. Plural de alguns substantivos

abdômen	abdomens, abdômenes
ancião	anciãos, anciães, anciões
anil	anis
ás	ases
atlas	os atlas

aval	avales, avais
cal	cales, cais
capitão	capitães
caráter	caracteres
charlatão	charlatões, charlatãos
cirurgião	cirurgiães, cirurgiões
cônsul	cônsules
corrimão	corrimãos, corrimões
cós	coses, os cós
cútis	as cútis
ermitão	ermitãos, ermitães, ermitões
escrivão	escrivães
éter	éteres
fel	feles, féis
fênix	os fênix, fênices
fóssil	fósseis
fuzil	fuzis
giz	gizes
gravidez	gravidezes

guardião	guardiães, guardiões
hangar	hangares
hífen	hifens, hífenes
hortelão	hortelões, hortelães
lápis	os lápis
látex	os látex
oásis	os oásis
obus	obuses
ônix	os ônix
paiol	paióis
peão	peões, peães
pires	os pires
projetil	projetis
projétil	projéteis
sacristão	sacristães, sacristãos
sílex	os sílex
sultão	sultãos, sultães, sultões
tecelão	tecelões
tênis	os tênis

til	tis
tórax	os tórax
vilão	vilãos, vilães, vilões
vintém	vinténs
vulcão	vulcãos, vulcões

5.10.2.2. Regras do plural de substantivos simples

1) Aos substantivos terminados em vogal ou ditongo oral acrescenta-se ***S***.

Ex.: pé – pés
palavra – palavras
lei – leis
troféu – troféus

2) Aos substantivos terminados nos ditongos nasais ***átonos*** ou na vogal nasal ***ã*** acrescenta-se ***S***.

Ex.: órfão – órfãos
bênção – bênçãos
ímã – ímãs
órfã – órfãs

3) Ocorre com os substantivos terminados em ***EM*** a retirada da última letra e a colocação de ***NS***.

Ex.: homem – homens
vintém – vinténs

4) Aos substantivos terminados em ***S (na sílaba tônica), Z (na sílaba tônica) e R***, acrescenta-se ***ES***.

Ex.: francês – franceses
ás – ases

luz – luzes
rapaz – rapazes
algoz – algozes
dor – dores
caráter – caracteres
júnior – juniores

Obs.: ***Cós*** pode ter duas formas para o plural: ***coses*** ou ***cós***.

5) Os substantivos terminados em ***EN*** normalmente terão duas formas de plural. Poder-se-á acrescentar somente ***S***, como também ***ES***.

ATENÇÃO:

Os paroxítonos terminados em EN, sofrendo o acréscimo de S, perderão o acento. Acrescendo ES, o acento será mantido.

Ex.: abdômen – abdomens, abdômenes
hífen – hifens, hífenes
pólen – polens, pólenes

6) Os substantivos terminados em ***AL, OL, UL*** perderão a última letra e receberão ***IS***.

Ex.: jornal – jornais
paiol – paióis
anzol – anzóis
azul – azuis

Obs.: cônsul – cônsules
mal – males
cal – cales, cais
aval – avales, avais
real – réis (moeda), reais

7) Os substantivos terminados em ***IL (tônico)*** perderão a última letra e receberão ***IS***.

Ex.: anil – anis
fuzil – fuzis
projetil – projetis

8) Os substantivos terminados em ***IL (átono)*** perderão a última letra e receberão ***EIS***.

Ex.: fóssil – fósseis
projétil – projéteis

9) Os substantivos terminados em ***EL*** perderão a última letra e receberão ***EIS***.

Ex.: anel – anéis
nível – níveis
móvel – móveis
papel – papéis

Obs.: mel – meles, méis
fel – feles, féis

10) Os substantivos terminados em ***S (na sílaba átona)*** e ***X*** não variam no plural.

Ex.: lápis – os lápis
tênis – os tênis
pires – os pires
tórax – os tórax
sílex – os sílex

5.10.2.3. Plural dos substantivos compostos

1) Quando houver **preposição**, somente o primeiro termo irá para o plural.

Ex.: pão de ló; pães de ló

mula sem cabeça; mulas sem cabeça

2) Quando houver ***substantivo + substantivo (ou adjetivo)***, os dois termos irão para o plural.

Ex.: baixo-relevo; baixos-relevos
obra-prima; obras-primas
cirurgião-dentista; cirurgiões-dentistas
pronto-socorro; prontos-socorros
couve-flor; couves-flores
boa-noite; boas-noites

Obs.: Quando o segundo termo indicar uma **finalidade**, **formato**, **cor** ou **especificação** qualquer do primeiro termo, somente este varia.

Ex.: navio-escola; navios-escola
bomba-relógio; bombas-relógio
pombo-correio; pombos-correio
manga-rosa; mangas-rosa
banana-prata; bananas-prata
decreto-lei; decretos-lei ou decretos-leis

3) Os ***verbos*** e ***advérbios*** serão invariáveis.

Ex.: para-queda; para-quedas
caça-níquel; caça-níqueis
vira-lata; vira-latas
todo-poderoso; todo-poderosos
abaixo-assinado; abaixo-assinados
bota-fora; bota-fora
alto-falantes

Obs.: ***GUARDA*** significando ***POLICIAL*** é substantivo; portanto, se flexiona no plural. Quando ***GUARDA*** significar ***PROTEGER***, será verbo; por conseguinte não possui forma pluralizada.

Ex.: guarda-chuva; guarda-chuvas

guarda-noturno; guardas-noturnos
guarda-mor; guardas-mores
guarda-municipal; guardas-municipais
guarda-roupa; guarda-roupas
guarda-sol; guarda-sóis

Obs.: Segundo Rocha Lima e Evanildo Bechara, quando os ***verbos*** forem ***iguais***, ambos podem variar. Este ainda aceita também que apenas o último termo seja flexionado. Já o Professor Celso Cunha, na *Gramática da Língua Portuguesa,* não se pronuncia a respeito de tal situação, donde se conclui que o NCE interpretou que este gramático já o inserira nos casos de verbos, formando substantivos compostos, ou seja, sendo invariáveis.

Enfim, segundo Rocha Lima, somente "os piscas-piscas", "os quebras-quebras"; segundo Evanildo Bechara, "os piscas-piscas", "os pisca-piscas", "os quebras-quebras", "os quebra-quebras"; segundo o NCE, "os pisca-pisca", "os quebra-quebra".

4) Quando houver ***numeral***, os dois termos irão para o plural.

Ex.: meio-dia; meios-dias
meia-noite; meias-noites
segunda-feira; segundas-feiras
quinta-feira; quintas-feiras.

5) Quando houver ***onomatopeia***, somente o segundo termo irá para o plural.

Ex.: tique-taque; tique-taques
reco-reco; reco-recos
tico-tico; tico-ticos.

6) Os termos ***VICE, PSEUDO, SUPER, GRÃO (significando grande)*** serão invariáveis.

Ex.: vice-presidente; vice-presidentes
vice-reitor; vice-reitores
pseudorrepresentação; pseudorrepresentações
super-homem; super-homens
grão-duque; grão-duques
grã-duquesa; grã-duquesas
grã-fino; grã-finos
grão-mestre; grão-mestres.

Obs.: grão-de-bico; grãos-de-bico. GRÃO, neste caso, significa, semente, e, como há preposição, somente o primeiro elemento irá para o plural.

5.10.2.4. Relação de substantivos compostos no plural

1)	abaixo-assinado	abaixo-assinados
2)	água-furtada	águas-furtadas
3)	água-marinha	águas-marinhas
4)	alto-relevo	altos-relevos
5)	amor-perfeito	amores-perfeitos
6)	arranha-céu	arranha-céus
7)	assistente-técnico	assistentes-técnicos
8)	auxiliar-judiciário	auxiliares-judiciários
9)	ave-maria	ave-marias
10)	banana-maçã	bananas-maçã

11)	banana-ouro	bananas-ouro
12)	bem-estar	bem-estares
13)	bomba-relógio	bombas-relógio
14)	bom-dia	bons-dias
15)	caça-níquel	caça-níqueis
16)	cavalo-vapor	cavalos-vapor
17)	cirurgião-dentista	cirurgiões-dentistas
18)	conta-gota	conta-gotas
19)	dona-de-casa	donas-de-casa
20)	erva-doce	ervas-doces
21)	ganha-perde	ganha-perde
22)	grã-duquesa	grã-duquesas
23)	grão-de-bico	grãos-de-bico
24)	grão-mestre	grão-mestres
25)	guarda-chuva	guarda-chuvas
26)	guarda-civil	guardas-civis
27)	guarda-sol	guarda-sóis
28)	guarda-volante	guarda-volantes
29)	joão-de-barro	joões-de-barro

30)	lesa-pátria	lesas-pátrias
31)	leva-e-traz	leva-e-traz
32)	livro-caixa	livros-caixa
33)	manga-rosa	mangas-rosa
34)	mata-pasto	mata-pastos
35)	mau-humor	maus-humores
36)	meia-noite	meias-noites
37)	meio-dia	meios-dias
38)	mestre-sala	mestres-sala
39)	mula-sem-cabeça	mulas-sem-cabeça
40)	navio-escola	navios-escola
41)	obra-prima	obras-primas
42)	pai-nosso	pais-nossos
43)	papel-moeda	papéis-moeda
44)	paraqueda	paraquedas
45)	pé de moleque	pés de moleque
46)	pombo-correio	pombos-correio
47)	pôr-do-sol	pores-do-sol
48)	porta-bandeira	porta-bandeiras

49)	pseudorrepresentação	pseudorrepresentações
50)	reco-reco	reco-recos
51)	segunda-feira	segundas-feiras
52)	sempre-viva	sempre-vivas
53)	super-homem	super-homens
54)	tenente-coronel	tenentes-coronéis
55)	tico-tico	tico-ticos
56)	tique-taque	tique-taques
57)	vice-presidente	vice-presidentes
58)	vira-lata	vira-latas

5.10.2.5. Plural com metafonia

Existem substantivos e adjetivos cujas formas de plural se fazem com alteração na vogal tônica, transformando-a de fechada em aberta.

1)	aposto (ô)	apostos (ó)
2)	caroço	caroços
3)	coro	coros
4)	corno	cornos
5)	corpo	corpos

6)	corvo	corvos
7)	despojo	despojos
8)	destroço	destroços
9)	esforço	esforços
10)	estorvo	estorvos
11)	fogo	fogos
12)	forno	fornos
13)	forro	forros
14)	fosso	fossos
15)	imposto	impostos
16)	miolo	miolos
17)	olho	olhos
18)	osso	ossos
19)	ovo	ovos
20)	poço	poços
21)	porco	porcos
22)	porto	portos
23)	posto	postos
24)	povo	povos

25)	socorro	socorros
26)	tijolo	tijolos
27)	torno	tornos
28)	troco	trocos
29)	troço	troços

Obs.: Os adjetivos terminados em OSO também sofrerão a alteração citada acima.

Ex.: nervoso – nervosos

Não sofrem alteração fonética as formas plurais dos seguintes substantivos:

1)	adorno	adornos
2)	almoço	almoços
3)	bojo	bojos
4)	bolso	bolsos
5)	esposo	esposos
6)	estojo	estojos
7)	globo	globos
8)	gosto	gostos
9)	moço	moços

10)	pescoço	pescoços
11)	polvo	polvos
12)	reboco	rebocos
13)	sogro	sogros
14)	soro	soros

5.10.3. Grau

5.10.3.1. Aumentativos

bala	balázio, balaço
beiço	beiçorra
boca	bocarra, boqueirão
cabeça	cabeçorra, cabeçalho
cão	canzarrão
copo	copázio
corpo	corpanzil
cruz	cruzeiro
espanto	espantalho
faca	facalhaz, facalhão, facão
fatia	fatacaz

forno	fornalha
fumo	fumaça
galé	galera, galeão
ladrão	ladravaz
lenço	lençalho
macho	machacaz, machão
mão	manzorra, manopla
navio	naviarra
pedinte	pedinchão, pidão
penha	penhasco
povo	povaréu
prato	pratarraz, pratalho
ramo	ramalho
roedor	roaz
sapato	sapatorra, sapatão
truão	truanaz
vaga	vagalhão
verga	vergalhão
voz	vozeirão

5.10.3.2. Diminutivos

asa	aselha
banco	banqueta
barraca	barraquim
barril	barrilete
cabra	capréola
cal	caliça
capa	capuz
carro	carreta
cavalo	cavalete, cavalicoque
cela	célula
cinto	cintilho
corda	cordel
corpo	corpúsculo
febre	febrícula
flauta	flautim
flor	flósculo, florículo
fogo	fogacho
forma	fórmula

galé	galeota, galeote
globo	glóbulo
grão	grânulo
homem	homúnculo
lobo	lobato
moça	moçoila
mole	molécula
núcleo	nucléolo
ópus	opúsculo
palácio	palacete
pele	película
porção	porciúncula
questão	questiúncula
rabo	rabicho
rei	régulo
riso	risota
sela	selim
verão	veranico
verme	vermículo

verso	versículo
via	viela
vidro	vidrilho

5.11. Exercícios

1. (Cesgranrio) Há um "quer que seja de satânico na pupila da onça" funciona como:
a) substantivo;
b) adjetivo;
c) advérbio;
d) pronome;
e) verbo.

2. (Cesgranrio) Assinale a palavra que pode ser empregada nos dois gêneros, como "motorista":
a) indivíduo;
b) criança;
c) testemunho;
d) intérprete;
e) vítima.

3. (Cesgranrio) Assinale a opção cujo substantivo não tem o plural em "ãos" como "artesãos":
a) cidadão;
b) pagão;
c) cristão;
d) charlatão;
e) irmão.

4. (Cesgranrio) Assinale a opção em que todos os substantivos, quando no plural, apresentam mudança de timbre da vogal tônica, conforme acontece com "povo (ô) / povos (ó)":
a) tijolo, piloto, adorno;
b) ovo, pescoço, olho;

c) globo, posto, bolo;
d) esforço, imposto, jogo;
e) osso, cachorro, transtorno.

5. (Uni-Rio) Fogem a galope os "anjos-aviões".
A flexão no plural de ambos os elementos da composição ocorre no seguinte vocábulo:
a) pé de moleque;
b) guarda-chuva;
c) sempre-viva;
d) verde-amarelo;
e) pai-nosso.

6. (Uni-Rio) Assinale a palavra que difere em gênero (masculino ou feminino) das demais do grupo:
a) análise;
b) cal;
c) libido;
d) milhar;
e) síndrome.

7. (Cesgranrio) Assinale a palavra que só pode ser empregada em um gênero:
a) eletricista;
b) colega;
c) chefe;
d) testemunha;
e) servente.

8. (Uni-Rio) Nas palavras abaixo, há uma com erro de flexão. Assinale-a:
a) irmãozinhos;
b) exportaçõezinhas;
c) lençoizinhos;
d) papelzinhos;
e) heroizinhos.

9. (Fesp) Assinale a alternativa que contenha substantivos, respectivamente, abstrato, concreto e concreto:
a) fada, fé, menino;

b) fé, fada, beijo;
c) beijo, fada, menino;
d) amor, pulo, menino;
e) menino, amor, pulo.

10. (FMU/Fiam – SP) Indique a alternativa em que só aparecem substantivos abstratos:
a) tempo, angústia, saudade, ausência, esperança.
b) angústia, sorriso, luz, ausência, esperança, inimizade.
c) inimigo, luto, luz, esperança, espaço, tempo.
d) angústia, saudade, ausência, esperança, inimizade.
e) espaço, olhos, luz, lábios, ausência, esperança, angústia.

11. (Cesgranrio) Assinale o par de vocábulos que formam o plural como "órfão" e "mata-burro", respectivamente.
a) cristão / guarda-roupa
b) questão / abaixo-assinado
c) alemão / beija-flor
d) tabelião / sexta-feira
e) cidadão / salário-família

12. (Carlos Chagas) Assinale a alternativa em que as formas do plural de todos os substantivos se apresentam de maneira correta:
a) alto-falantes, coraçãozinhos, afazeres, víveres;
b) espadas, frutas-pão, pé de moleques, peixe-bois;
c) vaivéns, animaizinhos, beija-flores, águas-de-colônia;
d) animalzinhos, vaivéns, salários-família, pastelzinhos;
e) guardas-chuvas, guarda-costas, guardas-civis, couves-flores.

13. (TRE-RJ) Segue a mesma regra de formação do plural de "cidadão" o seguinte substantivo:
a) botão;
b) vulcão;
c) cristão;
d) tabelião;
e) escrivão.

14. (TTN) Há <u>erro</u> de flexão no item:

a) "A pessoa humana é vivência das condições espaço-temporais". (L.M. de Almeida)
b) A família Caymmi encontra paralelo com dois clãs do cinema mundial.
c) Hábeis artesãos utilizam técnicas sofisticadíssimas no trabalho com metais.
d) Nos revés da vida precisa-se de coragem para manter a vontade de ser feliz.
e) Ainda hoje alguns cânones da Igreja são discutidos por muitos fiéis.

15. (TRE-SP) As crianças colhiam e no jardim.
a) amor-perfeitos – sempres-vivas
b) amor-perfeitos – sempre-vivas
c) amores-perfeitos – sempre-vivas
d) amores-perfeitos – sempres-vivas
e) amor-perfeitos – sempres-viva

16. (TRE-SP) Os requereram aumento dos .
a) escrivãos – salários-família
b) escrivães – salários-famílias
c) escrivães – salário-famílias
d) escrivães – salários-família
e) escrivãos – salários-famílias

17. (TRE-SP) Será que esses precisam ter as firmas reconhecidas por ?
a) abaixo-assinados – tabeliães
b) abaixos-assinados – tabeliães
c) abaixos-assinado – tabeliões
d) abaixos-assinados – tabeliões
e) abaixo-assinados – tabelião s

18. (TRE-SP) Sua carreira foi sempre muito desigual e cheia de .
a) vaisvéns
b) vaisvém
c) vaivéns
d) vais-e-vens
e) vai-vens

19. (NCE) No termo <u>o bem</u> ocorre uma:
a) adverbialização;
b) adjetivação;

c) pronominalização;
d) substantivação;
e) quatificação

20. (TRE-MT) O termo que faz o plural como "cidadão" é:
a) limão
b) órgão
c) guardião
d) espertalhão
e) balão

21. (Oficial de Cartório da Polícia Civil – NCE) Em muitos casos, as formas nominais dos verbos podem ser substituídas por substantivos cognatos; o segmento abaixo em que a substituição foi feita de forma <u>inadequada</u> é:
a) "... a resultante possibilidade de se planejar, com dados concretos, as medidas..." – a resultante possibilidade de planejamento, com dados concretos, das medidas;
b) "... as medidas destinadas a superar as deficiências existentes"– as medidas destinadas à superioridade das medidas existentes;
c) "... oportunidades para intervir, e tudo o mais" – oportunidades para intervenção, e tudo o mais;
d) "Ninguém procura pesquisar a verdade..." – Ninguém procura a pesquisa da verdade;
e) "Ainda não se procurou verificar a realidade..." – Ainda não se procurou a verificação da realidade.

22. (Técnico Judiciário – TRT) O plural de "café-concerto" é "cafés-concerto". A palavra a seguir que faz o plural do mesmo modo é:
a) segunda-feira;
b) tenente-coronel;
c) quebra-cabeça;
d) caneta-tinteiro;
e) sempre-viva.

23. (Inpi – NCE) O plural correto de "porta-voz" é:
a) os porta-voz;
b) porta-vozes;
c) portas-vozes;
d) portam-vozes;

e) portas-voz.

24. (Inpi – NCE) Gatos, aves e cães no diminutivo plural teriam como formas corretas:
a) gatinhos, avesinhas, cãesinhos;
b) gatinhos, avezinhas, cãezinhos;
c) gatosinhos, avesinhas, cãeszinhos;
d) gatitos, avesitas, cãozitos;
e) gatinhos, avezinhas, cãeszinhos.

25. (Inpi – NCE) "Matérias-primas" faz plural da mesma forma que:
a) porta-voz;
b) guarda-comida;
c) bem-te-vi;
d) aluno-mestre;
e) pisca-pisca.

26. (IBGE – NCE) Consideração tem por plural "considerações"; o vocábulo abaixo que faz o plural da mesma forma é:
a) cidadão;
b) escrivão;
c) irmão;
d) chapelão;
e) ademão.

27. (Auxiliar de Almoxarifado – NCE) "Revoada" é um substantivo de ideia coletiva, como:
a) bananada;
b) colherada;
c) pincelada;
d) mesada;
e) boiada.

28. (Eletronorte – NCE) "Alface", como mostra o texto, é uma palavra do gênero feminino, assim como:
a) mármore;
b) guaraná;
c) champanha;
d) clã;

e) hélice.

29. (Técnico Judiciário Juramentado – TJ – NCE) "Eclipse" é palavra masculina; o vocábulo feminino entre os que estão abaixo é:
a) mármore;
b) alface;
c) telefonema;
d) prisma;
e) cataclisma.

30. (Eletrobrás – NCE) A forma de infinitivo que aparece substantivada nos segmentos abaixo é:
a) "como entender a resistência da miséria...";
b) "no decorrer das últimas décadas...";
c) "... desde que se passou a registrá-las...";
d) "... começa a exercitar seus músculos";
e) "... por ter se tornado um forte oponente...".

31. (CBMERJ – NCE) O vocábulo "televisão" tem por plural "televisões". Entre os itens abaixo, aquele que apresenta uma forma de plural em –ões errada é:
a) apagões;
b) corrimões;
c) cidadões;
d) vulcões;
e) anões.

32. (CBMERJ – NCE) Já os substantivos "meias-verdades" e "asas-delta" fazem o plural da mesma forma, respectivamente de:
a) guarda-noturno; caneta-tinteiro;
b) segunda-feira; boa-vida;
c) pão-de-ló; navio-escola;
d) guarda-pó; tenente-coronel;
e) abaixo-assinado; banana-maçã.

33. (SUS) O plural metafônico ocorre em morto / mortos.
O par de palavras que também apresenta plural metafônico é:
a) forno e imposto;

b) bolso e ansioso;
c) primoroso e piolho;
d) porco e trono.

34. (NCE) O vocábulo cachorro, no plural, mantém a mesma pronuncia de "o" fechado na segunda sílaba; o vocábulo que muda o timbre da vogal "o" para aberto no plural é:
a) contorno;
b) bolso;
c) bolo;
d) rolo;
e) fofo.

Capítulo 6

Adjetivo

Adjetivo é o termo variável que indica qualidade aos seres.

Ex.: inteligente, possível, feio.

6.1. Adjetivo restritivo

Confere qualidade mutável do ser.

Ex.: água fria, pedra bonita.

6.2. Adjetivo explicativo

Confere qualidade óbvia do ser.

Ex.: fogo quente, pedra dura.

6.3. Grau dos adjetivos

6.3.1. Comparativo

Superioridade – ANALÍTICO: mais ... (do) que.

Ex.: Ele é mais feio (do) que eu.

SINTÉTICO: MAIOR, MENOR, MELHOR, PIOR

Ex.: Maria é menor (do) que João.

Igualdade – tão ... quanto.

Ex.: Ele é tão inteligente quanto eu.

Inferioridade – menos ... (do) que.

Ex.: Ela é menos problemática do que Perivaldo.

Obs.: Há uma situação em que se podem usar MAIS GRANDE, MAIS PEQUENO, MAIS BOM, MAIS RUIM. Tal ocorre quando houver comparação de duas qualidades do mesmo ser.

Ex.: Joana é mais grande do que forte. Luiz é mais bom que inteligente.

6.3.2. Superlativo

Relativo: indica a comparação de alguém com o todo.

– SUPERIODADE:

Ex.: Ele é o aluno mais inteligente de todos.

– INFERIORIDADE:

Ex.: Maria é a menos feia da turma.

Absoluto: exprime uma qualidade exagerada do ser.

– ANALÍTICO (com mais de uma palavra)

Ex.: muito pobre, extremamente feio, estudioso à beça.

– SINTÉTICO (com apenas uma palavra)

Ex.: paupérrimo, feiíssimo.

6.4. Formação dos superlativos absolutos sintéticos

1) Quando o adjetivo terminar em **RE** ou **RO**, o superlativo absoluto sintético se findará em **ÉRRIMO**.

Ex.: pobre – paupérrimo
magro – macérrimo
acre – acérrimo
negro – nigérrimo.

Exceção: nobre – nobilíssimo

2) Quando o adjetivo terminar em **IO**, o superlativo absoluto sintético se findará em **IÍSSIMO**.

Ex.: macio – maciíssimo
feio – feiíssimo.

Exceções: sábio – sapientíssimo
frio – frigidíssimo.

Obs.: Está consagrada na linguagem jurídica a expressão "sumaríssimo", apesar de a gramática prever "sumariíssimo".

3) Quando o adjetivo terminar em **Z**, o superlativo absoluto sintético se findará em **CÍSSIMO**.

Ex.: loquaz – loquacíssimo
atroz – atrocíssimo
feliz – felicíssimo
feroz – ferocíssimo.

4) Quando o adjetivo terminar em **VEL**, o superlativo absoluto sintético se findará em **BILÍSSIMO**.

Ex.: amável – amabilíssimo
terrível – terribilíssimo
imóvel – imobilíssimo.

5) Quando o adjetivo terminar em **SOM NASAL**, o superlativo absoluto sintético se findará em **NÍSSIMO**.

Ex.: pagão – paganíssimo
cristão – cristianíssimo
são – saníssimo
comum – comuníssimo.

6.5. Relação de superlativos absolutos sintéticos

acre	acérrimo
afável	afabilíssimo
ágil	agílimo
agudo	acutíssimo
alto	sumo, supremo, altíssimo
amargo	amaríssimo
antigo	antiquíssimo
áspero	aspérrimo
atroz	atrocíssimo
benéfico	beneficentíssimo
benévolo	benevolentíssimo
bom	ótimo, boníssimo
célebre	celebérrimo
célere	celérrimo, celeríssimo
chão	chaníssimo
comum	comuníssimo
cortês	cortesíssimo
cristão	cristianíssimo

cruel	crudelíssimo
doce	dulcíssimo
dócil	docílimo
eficaz	eficacíssimo
fácil	facílimo
fiel	fidelíssimo
frágil	fragílimo
frio	frigidíssimo
geral	generalíssimo
grande	máximo, grandessíssimo
hábil	habilíssimo
humilde	humílimo
incrível	incredibilíssimo
íntegro	integérrimo
jovem	juveníssimo
livre	libérrimo
loquaz	loquacíssimo
macio	maciíssimo
magnífico	magnificentíssimo

magro	macérrimo
maléfico	maleficentíssimo
malévolo	malevolentíssimo
mau	péssimo
mísero	misérrimo
miúdo	minutíssimo
negro	nigérrimo
nobre	nobilíssimo
pagão	paganíssimo
pequeno	mínimo
perspicaz	perspicacíssimo
pessoal	personalíssimo
pródigo	prodigalíssimo
próprio	propriíssimo
provável	probabilíssimo
pulcro	pulquérrimo
ruim	péssimo
sábio	sapientíssimo
sagrado	sacratíssimo

símil, semelhante	simílimo
senil	senílimo
sério	seriíssimo
simples	simplicíssimo
soberbo	superbíssimo
terrível	terribilíssimo
vadio	vadiíssimo
vão	vaníssimo

6.6. Locuções adjetivas

Conjunto de palavras que equivalem a um adjetivo.

6.6.1. Lista de locuções adjetivas

de abelha	apícola
de águia	aquilino
de chumbo	plúmbeo
de cidade	citadino
de cobra	viperino
de fogo	ígneo
de garganta	gutural

de gelo	glacial
de homem	humano
de inverno	hibernal
de lebre	leporino
de macaco	simiesco
de morte	mortal
de nádegas	glúteo
de paixão	passional
de veias	venoso

Obs.: Os adjetivos compostos, por regra, possuem flexão apenas no último elemento.

Ex.: luso-brasileiros, ítalo-americanos, socioeconômicos, azul-claros.

Exceções: – surdo-mudo // surdos-mudos; claro-escuro // claros-escuros – quando nas cores o segundo elemento for substantivo, nenhum se flexiona.

Ex.: camisas azul-petróleo, uniformes verde-oliva.

6.7. Adjetivo com valor subjetivo ou indicativo de "qualidade"

Ocorre quando a qualificação expressa a opinião de quem o utilizou, ou seja, possui nítido valor opinativo.

Ex.: boa compra, cerveja gostosa, bem valioso.

6.8. Adjetivo com valor objetivo ou indicativo de "característica"

Ocorre quando o adjetivo não expõe a opinião de quem o usou. É uma qualidade inerente ao ser.

Ex.: problemas gástricos, indicadores sociais, povo brasileiro.

Obs.: O adjetivo pode se formar através do particípio dos verbos.

Ex.: O aluno preparado passa nos concursos.

6.9. Exercícios

1. (Técnico Judiciário – TRE-PA – FGV) Assinale a palavra que, no texto, NÃO tenha valor adjetivo.

a) melhor – Aliás, o melhor para a democracia seria separar os fundos partidários dos destinados às campanhas eleitorais.

b) muitas – Enfim, as máquinas partidárias muitas vezes se tornam aparelhos ou feudos controlados por poucos e financiados por todos nós.

c) extraordinária – qual a razão para se aumentar de forma tão extraordinária a dotação dos partidos?

d) minhas – Obviamente, minhas propostas são românticas.

e) nove – Isso porque foi aprovado a nove dias do fim do ano o reforço de R$ 100 milhões.

2. (Perito da Polícia Civil – RJ – FGV) Assinale a alternativa em que o segundo termo não funciona como adjetivo do primeiro.

a) Preservação ambiental.

b) Código Florestal.

c) Interesses divergentes.

d) Base aliada.

e) Diversas regiões.

3. (NCE) Em que item a seguir o adjetivo tem valor claramente subjetivo?

a) Próxima sexta-feira.

b) Bom espaço.

c) Líderes comunitários.

d) Panos brancos.

e) Oração silenciosa.

4. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a locução grifada tem valor adjetivo.
a) "Via aos pés o lado adormecido".
b) "O menino de propósito afrontou a vertigem".
c) "Enquanto o Barão de pé, na margem sorria com orgulho".
d) "Conhecendo a força de atração do abismo".
e) "A ideia de vingança agora o enchia de horror".

5. (Cesgranrio) Assinale a opção em que o termo grifado, quando posposto ao substantivo, muda de significação e passa a pertencer a outra classe de palavras:
a) complicada solução;
b) certos lugares;
c) inapreciável valor;
d) engenhosos métodos;
e) extraordinária capacidade.

6. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a locução grifada tem valor adjetivo.
a) "Comprou o papel de seda".
b) "Cortou-o com amor".
c) "Mudava de cor".
d) "Gritava com maldade".
e) "Salteou-o com atiradeiras".

7. (Univ. Fed. de Juiz de Fora-MG) A respeito da frase: "eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor..." (Machado de Assis), são feitas as seguintes afirmações:
I. No primeiro caso, AUTOR é substantivo; DEFUNTO é adjetivo.
II. No segundo caso, DEFUNTO é substantivo; AUTOR é adjetivo.
III. Em ambos os casos, tem-se um substantivo composto.
Assinale:
a) Se I e II forem verdadeiras.
b) Se I e III forem verdadeiras.
c) Se II e III forem verdadeiras.
d) Se todas forem verdadeiras.
e) Se todas forem falsas.

8. (Cesgranrio) Assinale a opção em que ambos os termos não admitem flexão de gênero:
a) inglesa pálida;

b) jovem leitor;
c) alguns mestres;
d) semelhante criatura;
e) moça ideal.

9. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a mudança na ordem dos termos pode alterar o sentido fundamental da expressão:
a) própria usina / usina própria;
b) eminentes físicos / físicos eminentes;
c) rápido desfecho / desfecho rápido;
d) parcelas ponderáveis / ponderáveis parcelas;
e) separação rígida / rígida separação.

10. (Analista de Controle Interno – Sefaz-RJ – FGV) Assinale a palavra que, no texto, NÃO desempenhe papel adjetivo.
a) suficiente – participação cidadã pode representar um alerta, mas não é o suficiente.
b) alguns – Apresentar alguns fatores.
c) sua – Entre a sociedade, a empresa e o Estado, está o profissional contábil, que, por sua vez, é o elo entre Fisco e contribuinte.
d) própria – contribuir de forma direta e irrestrita para a própria sustentação.
e) diversos – Entende-se que a arrecadação incidente sobre os diversos setores produtivos é necessária.

11. (Perito da Polícia Civil – NCE) "Qualquer assaltante" apresenta sentido diferente de "um assaltante qualquer". O par abaixo que não apresenta diferença significativa de sentido é:
a) pobre homem/homem pobre;
b) funcionário competente/competente funcionário;
c) grande mulher/mulher grande;
d) folha branca/branca folha;
e) bom menino/menino bom.

12. (Perito da Polícia Civil – NCE) "... bem <u>da humanidade</u>...", "... obra <u>de destruição</u>...", "... novos meios <u>de matar</u>..."; as expressões sublinhadas são, respectivamente, correspondentes a:
a) humano, destrutiva, mortíferos;
b) humanitário, destruidora, homicidas;

c) humanista, destrutiva, assassinos;
d) humano, destruidora, violentos;
e) humanitário, destruidora, mortais.

13. (Inspetor da Polícia Civil – NCE) O adjetivo cuja expressão correspondente é indicada erradamente é:
a) debates universitários – debates de universidades;
b) professor brilhante – professor de brilho;
c) comentário marginal – comentário à margem;
d) atitudes humanas – atitudes do homem;
e) substâncias ilícitas – substâncias fora da lei.

14. (Ministério Público RJ – NCE) Ao designar como hindus os nascidos na Índia, o autor do texto:
a) preferiu esta designação à de indianos;
b) errou, pois hindu se aplica somente aos adeptos do hinduísmo;
c) quer referir-se somente a uma parte dos habitantes da Índia;
d) designa somente os que adoram a vaca como símbolo religioso;
e) errou, visto que o vocábulo é grafado sem a letra H.

15. (Ministério Público RJ – NCE) Em "O homem <u>urbano</u> do Ocidente...", o vocábulo sublinhado se aplica ao homem:
a) civilizado;
b) culto;
c) não-rural;
d) adulto;
e) contemporâneo.

16. (Ministério Público RJ – NCE) O adjetivo abaixo de valor nitidamente subjetivo é:
a) imprensa brasileira;
b) proposta milionária;
c) incitamento racista;
d) jovem negro;
e) brilhante futuro.

17. (IBGE – NCE) "... me parece <u>infundada</u> a acusação." O adjetivo sublinhado corresponde semanticamente a:

a) sem fundos;
b) sem fundações;
c) sem fundamento;
d) sem finalidade;
e) sem fingimento.

18. (Auxiliar de Cartório – TJ – NCE) Em "... entorpecimento completo ou parcial...", a relação semântica existente entre os adjetivos "completo" e "parcial", repete-se em:
a) inverno e verão;
b) tranquilo e agitado;
c) paralisados e imóveis;
d) branco e claro;
e) amarelo e amarelado.

19. (Auxiliar de Cartório – TJ – NCE) O item em que a correspondência entre adjetivo e substantivo está incorreta, levando-se em conta os valores semânticos dos adjetivos no texto, é:
a) completo / completude;
b) letárgico / letargia;
c) imóveis / imobilismo;
d) sanguínea / sangue;
e) normais / normatividade.

20. (NCE) Nos segmentos "torres gêmeas", "manchete ruim", "jornal brasileiro" e "filme açucarado", os adjetivos de caráter claramente objetivo são:
a) gêmeas / ruim;
b) gêmeas / brasileiro;
c) ruim / brasileiro;
d) brasileiro / açucarado;
e) ruim / açucarado.

21. (Eletrobrás – NCE) O item em que o adjetivo sublinhado, quando deslocado para antes ou depois do substantivo por ele determinado, não apresenta possibilidade de qualquer modificação de sentido é:
a) fato novo;
b) mal velho;
c) poupanças populares;

d) antigas realizações;
e) espantosas propostas.

22. (Cepel – NCE) Em "... com folhas de um verde limpo.", caso houvesse o adjetivo "verde-limpo", esse segmento do texto seria corretamente escrito:
a) folhas verdes-limpo;
b) folhas verdes-limpas;
c) folhas verde-limpas;
d) folhas verde-limpo;
e) folhas verdes-limpos.

23. (Corregedoria da Justiça – RJ – NCE) Em "... exposto ao frio da noite..." e "... de sua incômoda presença...", os dois segmentos sublinhados possuem substantivos e adjetivos, mas com estruturações diferentes (substantivo + locução; adjetivo + substantivo). Se reescrevermos os dois segmentos, trocando as estruturas adotadas, teremos:
a) frio noturno / presença incômoda;
b) frieza da noite / presente incômodo;
c) fria noite / o incômoda da presença;
d) frieza noturna / o incômodo presente;
e) noturno frio / presença da incomodidade.

24. (Engepron – NCE) Entre os itens abaixo, o adjetivo sublinhado que mostra um caráter subjetivo, ou seja, uma opinião do autor, é:
a) multidão imensa;
b) espetáculo emocionante;
c) sentido elevatório;
d) imprensa política;
e) aeronauta brasileiro.

25. (ANTT – NCE) A frase que não apresenta qualquer exemplo de comparativo ou superlativo é:
a) "atender rapidamente os feridos";
b) "registram-se os mais elevados índices";
c) "para salvar o maior número de vítimas";
d) "dirigir nas estradas não é tarefa das mais fáceis";
e) "exigiu a maior concentração de máquinas rodoviárias".

26. (Administrador – MEC – FGV) "Trata-se da construção de uma alternativa à lógica dominante, ao ajustamento de todas as sociedades..."

No trecho acima há:

a) quatro adjetivos;

b) três adjetivos;

c) dois adjetivos;

d) um adjetivo;

e) nenhum adjetivo.

Capítulo 7

Artigo

Artigo é a palavra variável que fica anteposta ao substantivo, indicando seu gênero e número.

7.1. Artigo definido

Indica os seres dentro de uma espécie, individualizando-os: O, A, OS, AS.

7.2. Artigo indefinido

Indica seres quaisquer numa espécie, generalizando-os. UM, UMA, UNS, UMAS

BIZU

O artigo anteposto a qualquer palavra tem o poder de substantivá-la.

Ex.: O azul é a cor mais bonita.

7.3. Exercícios

1. (Univ. Fed. Pará) Observe o uso do artigo nas seguintes frases:

I. "... perdia a sua musculatura estudando em Belém".
II. "... até invejou o fumar do vaqueiro".
III. "... dela a escola era um lombo de búfalo".
IV. "De repente foi ouvido que andava pelo Por Enquanto uma pequena..."
Em quais delas foi usado o recurso da substantivação?
a) Em I e II.
b) Em I e III.
c) Em II e III.
d) Em II e IV.
e) Em III e IV.

2. (Analista de Controle Interno – Sefaz-RJ – FGV) "Ah, filho! Basta ser uma boa pessoa, fazer o bem ao próximo, não mentir e comer os legumes!"
Na fala da mãe, há:
a) um artigo;
b) dois artigos;
c) três artigos;
d) cinco artigos;
e) quatro artigos.

3. (Esan-SP) Em qual dos casos o artigo denota familiaridade?
a) O Amazonas é um rio imenso.
b) D. Manoel, o Venturoso, era bastante esperto.
c) O Antônio comunicou-se com o João.
d) O professor João Ribeiro está doente.
e) Os Lusíadas são um poema épico.

4. (ITA) Determine o caso em que o artigo tem valor de qualificativo.
a) Estes são os candidatos de que lhe falei.
b) Procure-o, ele é o médico.
c) Certeza e exatidão, estas qualidades não as tenho.
d) Os problemas que o afligem não me deixam descuidado.
e) Muita é a procura; pouca a oferta.

5. (Técnico Legislativo – Senado Federal – FGV) "...existe a percepção de que algo tem que ser feito a mais para de fato levar a saúde a toda a população."
A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:

I. *Em levar a saúde a toda a população*, **há uma preposição e dois artigos.**
II. *Em levar a saúde a toda a população*, **a última ocorrência da palavra** *a* **poderia ser suprimida sem provocar grave alteração de sentido.**
III. *Em levar a saúde a toda a população*, **a primeira ocorrência da palavra** *a* **poderia ser suprimida sem provocar grave alteração de sentido.**
Assinale:
a) se somente os itens II e III estiverem corretos;
b) se todos os itens estiverem corretos;
c) se nenhum item estiver correto;
d) se somente os itens I e II estiverem corretos;
e) se somente os itens I e III estiverem corretos.

6. (Inspetor de Polícia Civil – FGV) "Ora, as mazelas da imigração só podem ser resolvidas com a integração dos estrangeiros às sociedades, associada a uma enfática cooperação internacional, a fim de extrair da miséria e da desesperança a larga franja demográfica em que nascerá o futuro ser humano a expulsar."
No trecho acima, há:
a) 7 artigos definidos e 3 ocorrências da preposição *a;*
b) 8 artigos definidos e 4 ocorrências da preposição *a;*
c) 9 artigos definidos e 4 ocorrências da preposição *a;*
d) 9 artigos definidos e 3 ocorrências da preposição *a;*
e) 8 artigos definidos e 2 ocorrências da preposição *a.*

7. (Perito da Polícia Civil-RJ/FGV) "Atinge toda a região e a si mesmo, pois o Equador é credor no âmbito do CCR, e a efetiva realização da ameaça de não honrar compromisso assumido o impedirá de receber aquilo que lhe é devido" (L.50-53).
No trecho acima há:
a) sete artigos;
b) seis artigos;
c) cinco artigos;
d) quatro artigos;
e) três artigos.

Capítulo 8

Advérbio

Advérbio é a palavra geralmente invariável que modifica a ideia do verbo. Os advérbios de intensidade, além de modificarem a ideia do verbo, também podem modificar a ideia de um adjetivo ou de outro advérbio.

Ex.: Xuxa canta bem.

Observe que "bem" é advérbio porque está modificando a ideia do verbo "cantar". É também importante ressaltar o fato de o advérbio ser invariável, e, ao passar toda a frase para o plural, somente o advérbio não acompanhará.

Ex.: Xuxa e Angélica cantam bem.

O sujeito foi para o plural, o verbo também, mas o advérbio não se modificou.

Ex.: Xuxa e Angélica cantam muito bem.

Nessa frase, há dois advérbios: BEM é advérbio de modo, modificando a ideia do verbo "cantar", e MUITO é advérbio, modificando a ideia do outro advérbio "bem", acrescendo valor de intensidade.

Ex.: Elas são muito bonitas.

"Muito" é advérbio, pois intensifica a ideia do adjetivo "bonitas".

O advérbio pode passar uma série de ideias a serem observadas a seguir:

– de modo

Ex.: Estou bem.

Agi erradamente.

– de lugar

Ex.: Ele ficou aqui.

– de tempo

Ex.: Cheguei ontem.

– de intensidade

Ex.: "Que rica que era a Titi" (Eça de Queirós).

– de negação

Ex.: Ele não virá.

– de afirmação

Ex.: Certamente ele virá.

– de dúvida

Ex.: Talvez ele venha.

Advérbio Interrogativo – COMO, ONDE, QUANDO, POR QUE.

Como este fato aconteceu?

Onde ele estava?

Quando ele morreu?

Por que ninguém me contou nada?

8.1. Graus do advérbio

8.1.1. Comparativo

De superioridade

Ex.: Eu falo mais do que você.

De igualdade

Ex.: Eu falo tanto quanto você.

De inferioridade

Ex.: Eu falo menos do que você.

8.1.2. Superlativo

Absoluto sintético

Ex.: Cheguei tardíssimo.

Absoluto analítico

Ex.: Cheguei tarde à beça.

8.2. Locução adverbial

Conjunto de duas ou mais palavras que funcionam como advérbio. Normalmente se forma através da associação de preposição com substantivo, verbo ou advérbio.

Ex.: Eu te vi cara a cara.
Ele veio de longe.
Ele fez o trabalho às pressas.

Obs.: Os advérbios terminados em MENTE se originam de formas adjetivas femininas, pois o sufixo em questão se derivou do substantivo MENTE significando "cérebro".

Ex.: Positivamente – mente positiva
Contrariamente – mente contrária

8.3. Palavras denotativas ou partículas expletivas

Palavras ou locuções invariáveis – o que pode levar o usuário da língua à classificação errônea de advérbio – que não modificam o verbo, nem o adjetivo, nem o advérbio.

1 – **De exclusão** – apenas, exceto, só, somente...

Ex.: Todos foram à praia, exceto João.

2 – **De inclusão** – até, até mesmo, mesmo, inclusive...

Ex.: Todos sambaram, inclusive Fritz.

3 – **De explicação** – por exemplo, ou seja, isto é...

Ex.: A situação estava complicada. Por exemplo, ninguém quis se comprometer.

4 – **De realce** – se, é que...

Ex.: "Foi-se a noite" (Castro Alves).

Ex.: "A cor é que tem cor nas asas de borboleta" (Fernando Pessoa).

5 – **De retificação** – isto é, ou seja, ou melhor, aliás...

Ex.: Ninguém veio, aliás Manoel veio.

8.4. Exercícios

1. (Unificado) "Duma feita os canhamboras perceberam que não tinham mais escravos..." A locução sublinhada denota nesse contexto:

a) tempo;
b) oposição;
c) conclusão;
d) comparação;
e) consequência.

2. (Auditor – Sefaz-RJ – FGV) Assinale a palavra que, no texto, NÃO tenha valor adverbial.

a) mais – ganhem cada vez mais espaço no Brasil.
b) bastante – dessa possibilidade vem se dando de forma bastante tímida.
c) penal – sob pena de serem responsabilizadas penal e administrativamente.
d) só – ... não só das empresas estrangeiras situadas no Brasil, mas também...
e) antes – que pretendem implementar, o quanto antes, práticas administrativas.

3. (UFF) A expressão assinalada tem valor adverbial em:

a) "A história do casamento de Maria Benedita é curta".
b) "Se não fosse a epidemia das Alagoas talvez não chegasse a haver casamento".

c) "... não contendo o respeito que aquele bêbado tinha ao princípio da propriedade".
d) "... não é preciso estar embriagado para acender um charuto nas misérias alheias".
e) "Sem pedir licença à dona das ruínas".

4. (Uni-Rio) Assinale a opção em que a expressão sublinhada não tem o mesmo valor gramatical identificado em:
"Nunca mais andarei de bicicleta".
a) Ela percorreu a estrada a pé.
b) Encontrei meu inimigo cara a cara.
c) Nosso tio vagava pelas ruas com fome.
d) Enfrentamos sempre o perigo de frente.
e) João terminou a pesquisa às pressas.

5. (Uni-Rio) Assinale a frase em que as palavras destacadas correspondem, pela ordem, a substantivo, adjetivo, advérbio.
a) FELIZ a NAÇÃO que emprega BASTANTES recursos na educação.
b) As ESCOLAS organizadas fazem um EXTRAORDINÁRIO BEM à educação.
c) O GOVERNO que acultura SEU povo passa à HISTÓRIA.
d) Educação e CULTURA fazem FORTE um país BEM promissor.
e) A PREPARAÇÃO da JUVENTUDE forja o AMANHÃ de um país.

6. (CBMERJ – NCE) Os advérbios terminados em –mente são formados pela junção desse sufixo à forma feminina de adjetivo. Os dois exemplos abaixo em que não é possível indicar formalmente o gênero do adjetivo são:
a) simplesmente / aproximadamente
b) aproximadamente / diariamente
c) diariamente / normalmente
d) normalmente / simplesmente
e) simplesmente / diariamente

7. (NCE) Nos quatro segmentos a seguir, há advérbios terminados pelo sufixo – mente.
1) "... extirpou definitivamente o sebastianismo da vida nacional"
2) "Finalmente, a superexposição das mazelas..."
3) "... que ajudou simbolicamente a desfraldar..."
4) "... que os recursos públicos se destinem majoritariamente..."
Assinale o item em que o comentário sobre seu emprego ou formação não esteja correto:
a) Todos os advérbios apresentados foram formados a partir de adjetivos.

b) Os advérbios se distribuem em advérbios de tempo e de modo.
c) Todos os advérbios são formados a partir da forma feminina dos adjetivos primitivos.
d) Nem todos os adjetivos primitivos mostram distinção formal de gênero de substantivo.
e) Todos os advérbios se referem aos verbos das orações em que estão inseridos.

8. (NCE) "Devagar se vai ao longe, mas quando se chega lá não se encontra mais ninguém" (Millôr Fernandes).
Indique a circunstância apontada corretamente.
a) Devagar – circunstância de modo.
b) Lá – circunstância de finalidade.
c) Mais – circunstância de intensidade.
d) Longe – circunstância de tempo.
e) Quando – circunstância de lugar.

9. (NCE) Na palavra "ansiosamente", o adjetivo que serve de base para a formação do advérbio está no gênero feminino. A que se deve esse fato?
a) Porque todos os advérbios são formados com a forma feminina dos adjetivos.
b) Porque, historicamente, corresponde a uma concordância com o substantivo "mente".
c) Porque mantém o gênero da palavra "ânsia".
d) Porque, desse modo, se evita a repetição desagradável do som da vogal "o".
e) Porque a forma feminina facilita a pronúncia pela inclusão de uma vogal entre duas consoantes.

10. (NCE) <u>De repente</u> foi assaltada por um adolescente". A expressão destacada tem valor de:
a) substantivo;
b) adjetivo;
c) adverbial;
d) pronominal;
e) verbal.

Capítulo 9

Pronome

Pronome é o termo que substitui o nome. Como NOME engloba substantivos e adjetivos, evidentemente o pronome funciona como substantivo ou adjetivo.

O pronome será substantivo quando substituir um substantivo.

Ex.: Sinfronésia morreu. Alguém morreu.

? O pronome ALGUÉM substitui o substantivo SINFRONÉSIA; portanto, é um pronome substantivo.

O pronome será adjetivo quando acompanhar um substantivo.

Ex.: Minha cadela é bonita.

? MINHA é um pronome adjetivo porque acompanha o substantivo CADELA.

9.1. Pronomes pessoais retos

Trata-se do pronome pessoal que funciona como sujeito ou predicativo do sujeito. EU e TU são sempre pronomes retos, enquanto ELE, ELA, NÓS, VÓS, ELES e ELAS são pronomes retos se funcionarem como sujeito ou predicativo ou são pronomes oblíquos caso possuam outra função sintática.

Ex.: Eles fizeram o trabalho.

? ELES é pronome reto porque funciona como sujeito.

Entreguei a eles o trabalho.

? ELES é pronome oblíquo porque funciona como objeto indireto.

9.2. Pronomes pessoais oblíquos

ME, MIM, COMIGO, TE, TI, CONTIGO, LHE, O, A, SE, SI, CONSIGO, NOS, CONOSCO, VOS, CONVOSCO, LHES, OS, AS.

BIZU

Como já se advertira, os pronomes pessoais EU e TU só podem ser retos, visto que inevitavelmente funcionam como sujeito ou predicativo do sujeito. Cabe ressaltar que, ao contrário do que aprendemos nas escolas, é possível usar "MIM" ou "TI" antes de verbos no infinitivo. Tal ocorre quando se puder separar o pronome do verbo, evidenciando-se que aquele não será sujeito deste.

Ex.: É importante para mim fazer esse trabalho.

? Observe que é exequível separar o pronome MIM do verbo FAZER, como podemos constatar a seguir:

Fazer esse trabalho é importante para mim.

Sendo assim, o uso de MIM, e não de EU, torna-se obrigatório. Em contrapartida, se não for admissível separar o pronome pessoal do verbo, torna-se patente que o pronome funciona como sujeito, então só pode ser utilizado o pronome pessoal reto (EU).

Ex.: Ele trouxe o material para eu fazer o trabalho.

? Observe que a frase não possui sentido, separando-se o pronome pessoal do verbo FAZER; portanto este pronome pessoal há de ser reto, e a utilização de EU faz-se "imperiosa".

Obs.: As formas COMIGO, CONTIGO, CONSIGO, CONOSCO e CONVOSCO, regidas de preposição COM, apresentam-se com as preposições aglutinadas aos pronomes.

Ex.: Ele brincou conosco ontem.

? Observe, contudo, que se torna equivocada a contração das preposições com os pronomes oblíquos átonos quando após aparecer MESMOS, PRÓPRIOS, OUTROS, AMBOS, TODOS ou NUMERAIS.

Ex.: Eles viajarão com nós todos. Manoel e Joaquim foram injustos com eles próprios.

Obs.: Os pronomes oblíquos tônicos obrigatoriamente vêm após preposição, mesmo que o verbo seja transitivo direto.

Ex.: Ele viu a nós ontem. Eu ouvirei a ti sempre.

Obs.: Com a preposição ATÉ, usam-se as formas oblíquas tônicas MIM, TI etc.

Ex.: Ele veio até mim.

Observe, porém, que, se o termo ATÉ indicar valor de inclusão, usa-se a forma reta EU, TU, ELE...

Ex.: Todos foram à praia, até eu.

9.3. Pronomes possessivos

Dão ideia de posse.

MEU, MINHA, MEUS, MINHAS, TEU, TUA, TEUS, TUAS, SEU, SUA, SEUS, SUAS, NOSSO, NOSSA, NOSSOS, NOSSAS, VOSSO, VOSSAS.

Obs.: Há casos em que um pronome oblíquo tem valor possessivo.

Ex.: "O beijo de Capitu fechava-me os lábios" (Machado de Assis).

? fechava os meus lábios

"Ainda hei de tirar-te a vergonha" (Raul Pompéia).

? Ainda hei de tirar a tua vergonha.

9.4. Pronomes demonstrativos

Situam a pessoa ou a coisa designada em relação ao espaço.

Os casos mais comuns são ISTO, ISSO, AQUILO, ESTE(S), ESSE(S), AQUELE(S), ESTA(S), ESSA(S), AQUELA(S).

Ex.: Aquele cachorro é meu.
Não gosto desta situação.

9.4.1. Usos especiais de pronomes demonstrativos

Quando há três termos já citados, para evitarmos a repetição destes termos, usam-se os pronomes demonstrativos AQUELE(S), AQUELA(S), AQUILO, referentes ao primeiro; ESSE(S), ESSA(S), ISSO, ao segundo; ESTE(S), ESTA(S), ISTO, ao último.

Ex.: Ayrton Senna, Xuxa e Pelé são os brasileiros mais conhecidos no mundo. Este (Pelé) é o atleta do século, aquele (Ayrton Senna) foi o maior piloto de todos os tempos e essa (Xuxa) é a apresentadora mais requisitada da América do Sul.

Obs.: Havendo apenas dois seres, AQUELE se referirá ao mais longínquo e ESTE, ao mais próximo.

Ex.: Fernanda Montenegro e Paulo Gracindo foram os maiores atores brasileiros. Este foi o protagonista de *O Bem Amado* e aquela, de *Central do Brasil*.

É também interessante ressaltar que devem ser usados ESTE(S), ESTA(S), ISTO para algo que esteja próximo de quem esteja falando; ESSE(S), ESSA(S), ISSO para algo que esteja próximo da pessoa com quem se está falando; e AQUELE(S), AQUELA(S), AQUILO, para algo que esteja próximo de uma terceira pessoa sobre a qual se está falando.

Ex.: Este (próximo de quem está falando) lápis é meu.

Esse (próximo da pessoa com quem se está falando) lápis é seu.

Aquele (próximo de uma terceira pessoa sobre a qual se está falando) lápis é do Manoel.

9.4.2. Casos especiais de pronome demonstrativo

1) O, A, OS, AS serão pronomes demonstrativos quando antecederem o pronome relativo "QUE" ou a preposição "de" e puderem ser substituídos por AQUILO, AQUELE(S), AQUELA(S).

Ex.: "O (aquilo) que estragou tudo foi esse ciúme, Paulo" (Graciliano Ramos).

Vi bem a (aquela) que saiu.

"Mas que melhor metafísica que a (aquela) delas" (Fernando Pessoa).

Obs.: Vale observar que, confirmando serem O, A, OS, AS pronomes demonstrativos, também se ratifica ser o "que" pronome relativo. Aproveitando o penúltimo exemplo, conclui-se que A é pronome demonstrativo e QUE, pronome relativo.

BIZU

Muito raramente "o" poderá ser pronome demonstrativo, não precedendo a preposição "de" ou o pronome relativo "que". Tal se dá quando for remissivo a uma ação ou a uma oração.

Ex.: – João, eu soube que você brigou com a sua namorada.

– Paulo, eu não <u>o</u> fiz.

? Perceba que, nessa situação, o pronome demonstrativo "o" refere-se ao ato de brigar com a namorada, podendo ser substituído, inclusive, pela palavra "isso" – Eu não fiz isso.

Ex.: – João, você viu o Carlos?
– Paulo, eu não **o** vi.

Já, neste caso, o pronome oblíquo é referente a Carlos, e não a uma ação – Eu não vi Carlos.

TAL é pronome demonstrativo quando significar "ESTE", "ESSE", "AQUELE".

Ex.: Tal (esta) foi a decisão, mas não a aguardávamos.
Você me veio com tal (aquele) cansaço.
Mesmo quando significar "IDÊNTICO", "IGUAL".

Ex.: Na mesma (IGUAL, IDÊNTICA) hora em que eu a vi ontem, eu a vi hoje.

PRÓPRIO, quando fizer referência a algo já mencionado.
Ex.: Ele fez mal aos outros e a si próprio (ele).

SEMELHANTE, quando for sinônimo de TAL.
Ex.: Nunca diria semelhantes (tais) palavras.

9.5. Pronomes indefinidos

Referem-se, de forma vaga, à 3ª pessoa:

TODO, TODOS, TODA, TODAS, TUDO, ALGUM, ALGUNS, ALGUMA, ALGUMAS, ALGUÉM, ALGO, NENHUM, NENHUNS, NENHUMA, NENHUMAS, NINGUÉM, NADA, OUTRO, OUTRA, OUTROS, OUTRAS, OUTREM, MUITO, MUITA, MUITOS, MUITAS, POUCO, POUCA, POUCOS, POUCAS, QUANTO, QUANTA, QUANTOS, QUANTAS, MAIS, MENOS, BASTANTE, BASTANTES, CADA, QUALQUER, QUAISQUER, TANTO, TANTA, TANTOS, TANTAS, DEMAIS, VÁRIOS, VÁRIAS, QUE (QUAL), QUEM, UM, UMA, UNS, UMAS.

Ex.: Já não tenho mais tempo.

Eu vi que (qual) aluno fugiu de sala.

Obs.: É importante não confundir o pronome indefinido QUE com o pronome relativo QUE. Aquele ocorrerá quando puder ser substituído por QUAL ou QUAIS; já este, por O QUAL, A QUAL, OS QUAIS, AS QUAIS.

É também essencial não misturar pronome indefinido com advérbio. Aquele é variável e se liga a um substantivo. Já o advérbio é invariável e relaciona-se com verbo, adjetivo ou outro advérbio. Convém ressaltar que o vocábulo "certo" será pronome indefinido, quando equivaler a "qualquer" ou "algum" e **não** for antônimo de "errado".

Ex.: Estamos bastante confiantes.

? Observe que "bastante" é invariável e intensifica o adjetivo "confiantes".

Possuímos bastantes alunos em sala.

? O termo "bastantes" liga-se ao substantivo "alunos" e é variável, portanto classificando-se como pronome indefinido.

Ela possui menos preocupação do que nós.

? Como o vocábulo "menos" determina o substantivo "preocupação", classifica-se pronome indefinido.

Ela está menos preocupada do que nós.

? Como o termo "menos" está ligado ao adjetivo "preocupada", evidencia-se ser advérbio.

Certos trabalhos não deveriam ser feitos.

? "Certos", nessa frase, aproxima-se semanticamente de "alguns" e não é antônimo de "errado", portanto é pronome indefinido.

Foram feitos os trabalhos certos.

? "Certos" nessa frase é antônimo de errado, classificando-se como adjetivo.

9.6. Pronomes relativos

São pronomes relativos “o qual”, “a qual”, “os quais”, “as quais”, ou quaisquer outros termos que possam ser substituídos por estes mencionados. A finalidade do pronome relativo é evitar a repetição do termo antecedente na oração em que ocorre.

Ex.: Não conheço o lugar onde ele mora.

? “Onde” é pronome relativo porque pode ser substituído por “no qual” e refere-se ao antecedente “lugar”.

Falei as palavras que você queria ouvir.

? “Que” é pronome relativo porque pode ser substituído por “as quais” e refere-se ao termo “as palavras”.

Nas estruturas em que O, A, OS, AS aparecerem antes de “que” – e puderem ser substituídos por AQUILO, AQUELE(S), AQUELA(S) –, O, A, OS, AS serão pronomes demonstrativos e o QUE será relativo. Nessa situação o antecedente do relativo será sempre o demonstrativo.

Obs.: Ainda será o antecedente do pronome relativo somente o demonstrativo, mesmo quando este estiver combinado a uma preposição.

Ex.: “Fora de mim, alheio ao que penso” (Fernando Pessoa) – ao que penso (àquilo que penso).

Necessitamos daquelas (de + aquelas) que chegaram geladas.

Também são pronomes relativos CUJO, CUJA, CUJOS, CUJAS.

Ex.: É bonita a cidade por cujas ruas passei.

Conheci um escritor de cujos livros gosto muito.

Obs.: Existem alguns pronomes relativos que ocorrem sem antecedentes. Alguns gramáticos, no caso, interpretam que existe um antecedente implícito. A esses pronomes cabe a denominação de “relativos indefinidos”.

Ex.: “Quem com ferro fere com ferro será ferido”.

? O pronome relativo indefinido QUEM poderia ser substituído por "aquele que", havendo então um antecedente implícito para o relativo "que" ou "quem" que seria "aquele".

"O único mistério é haver quem pense no mistério" (Fernando Pessoa).

? ... haver aquele que pense...

Esta interpretação causou uma dúvida quanto à classificação da oração. Ao fim das orações adjetivas, esse assunto será retomado e aprofundado.

9.7. Pronomes interrogativos

Aparecem em interrogações diretas ou indiretas: QUE, QUEM, O QUE.

Ex.: Que fazes aqui?

Não sei quem faltou à aula.

9.8. Pronomes de tratamento

Locuções que valem pelo PRONOME PESSOAL, designando especificamente a pessoa com quem se fala.

VOSSA ALTEZA – V.A. – príncipes, arquiduques, duques

VOSSA EMINÊNCIA – V. Emª. – cardeais

VOSSA EXCELÊNCIA – V. Exª. – altas autoridades do governo e das classes armadas

VOSSA MAGNIFICÊNCIA – V. Magª. – reitores das universidades

VOSSA MAJESTADE – V. M. – reis, imperadores

VOSSA EXCELÊNCIA REVERENDÍSSIMA – V. Exª. Revmª. – bispos e arcebispos

VOSSA PATERNIDADE – V.P. – abades, superiores de conventos

VOSSA REVERENDÍSSIMA – V. Revmª. – sacerdotes em geral

VOSSA SANTIDADE – V.S. – papas

VOSSA SENHORIA – V. Sª. – funcionários públicos graduados, oficiais até coronel, pessoas de cerimônia.

VOCÊ – qualquer pessoa.

9.9. Pronome reflexivo

Quando o objeto direto (ou indireto) é a mesma pessoa do sujeito.

Ex.: "Fez-se de desentendido" (Fernando Sabino).

Obs.: O reflexivo relativo à terceira pessoa – tanto do singular quanto do plural. – se apresenta de três formas diferentes: SE, SI, CONSIGO.

Ex.: Eles se inscreveram no concurso.

Ele só gosta de si mesmo.

Eles só se preocupam com eles mesmos.

9.10. Pronome recíproco

Quando sujeitos e objetos trocam atos recíprocos.

Ex.: "Olharam-se e morreram dando um grito" (Castro Alves). – (Um olhou para o outro que olhou para um)

Vocês se amam. (Você ama Maria, Maria ama você.)

9.11. Pronome parte integrante do verbo

Existem alguns verbos que são denominados como pronominais. Esta situação implica que necessariamente verbo e pronome oblíquo estejam sempre na mesma pessoa. Ressalte-se, contudo, que não se trata de voz reflexiva, pois neste caso há uma efetiva coincidência entre o ser agente e o ser paciente. A parte integrante do verbo não representa semanticamente um ser, portanto não possui função sintática.

Ex.: Ele se referiu ao trabalho. Nós nos referimos à partida de futebol. Nós nos interessamos por música. Tu te lembras do fato?

9.12. Estudo da colocação dos pronomes

1) Nunca se pode começar uma oração por pronomes oblíquos.

Ex.: "Me come, me cospe, me beija..." (Raul Seixas).

Esta frase está errada, pois ela está se iniciando por pronome oblíquo. O certo seria: "Come-me, cospe-me, beija-me...".

É óbvio que o autor aí fez valer a licença poética. Certamente o texto não teria o mesmo valor se o rigor gramatical fosse obedecido. Inclusive é interessante lembrar que até já há autores compreendendo que o uso do pronome oblíquo átono poderia iniciar orações, já que, no Brasil, o pronome átono não é tão átono. No entanto, o que vale ainda é a forma tradicional. O NCE, no concurso da CVM-2005, admitiu não ser grave o pronome oblíquo iniciar orações.

2) Os pronomes oblíquos são atraídos por conjunções subordinativas, advérbios, pronomes interrogativos, relativos e indefinidos, expressões exclamativas (Deus os ajude!) e preposição EM com verbo no gerúndio.

Ex.: Ela sempre ajudou-te.

? Esta frase está errada, pois o pronome oblíquo deveria vir antes do verbo uma vez que o advérbio SEMPRE o está atraindo.

Obs.: Ressalte-se que o único obstáculo para um pronome oblíquo posicionar-se antes de verbo é se estiver iniciando oração. Preste atenção aos exemplos a seguir:

Ex.: "E quando ele punha-se a contar histórias de castidade..." (Raul Pompeia).

? O pronome pessoal reto "ELE" não atrai o pronome oblíquo "se", no entanto não há nada que obste esse posicionamento. Poderia também localizar-se antes do verbo, ou seja, também estaria escorreito "ele se punha".

Ex.: "Pernambuco! Um dia eu vi-te" (Castro Alves).

? Também a construção poderia se dar assim: “Um dia eu te vi”.

Alguém nos viu.

? Já neste exemplo, “ALGUÉM” é pronome indefinido, por conseguinte atrai o pronome oblíquo, não admitindo outro posicionamento para o pronome.

Outros exemplos:

Em se tratando de político, nunca poderemos confiar neles.
Quem te viu lá?
Não viajei, pois me cansei muito no dia anterior.

3) Colocação pronominal em locuções verbais.

A tradição gramatical orienta que, estando o último verbo no infinitivo ou gerúndio, o pronome tanto poderá aparecer antes como depois da locução.

Ex.: Não te posso ver daqui. / Não posso ver-te daqui.
Não te estou vendo. / Não estou vendo-te.

Obs.: Neste caso, mesmo que haja termo atraindo o pronome oblíquo, a gramática não faz qualquer oposição ao uso do pronome após a locução verbal.

Contudo, o uso do dia a dia gera uma situação peculiar. O único lugar onde não deveria estar o pronome é o que todos usam, ou seja, entre os verbos. Por isso, os gramáticos mais modernos já aceitam tal posicionamento com duas ressalvas:

1ª – Se houver termo que atraia o pronome oblíquo, este não poderá estar ligado ao primeiro verbo com hífen.

Ex.: Não estou te vendo daqui. (certo)
Não estou-te vendo daqui. (errado)
Ele está nos vendo daqui. (certo)
Ele está-nos vendo daqui. (certo)

2ª – O que ocorre aqui é a influência da Linguística, isso é, a gramática se amoldando ao uso popular. Então, cabe vislumbrar mais um caso interessante: com os pronomes oblíquos O, A, OS, AS, a forma tradicional (antes ou depois da locução) se torna a única. Tal ocorre em razão de a orientação gramatical coincidir com o uso diário da população.

Ex.: Não o pude ver. (certo)
Não pude vê-lo. (certo)
Não pude o ver. (errado)

Obs.: O NCE, em algumas provas, solicitou ao candidato a análise de questões em que poderia haver mais de uma opção correta. Sendo assim, o candidato deveria ter o discernimento para escolher a alternativa mais adequada. O estudo da colocação pronominal em locuções verbais (com último verbo no infinitivo ou gerúndio) foi abordado na prova para o Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro em 2004, e a banca fez valer a visão tradicional, ou seja, apesar de o uso do pronome oblíquo entre os verbos já estar deveras difundida, a forma conservadora – com o pronome oblíquo átono antes ou depois da locução – acabou por prevalecer.

Quando o último verbo encontrar-se no particípio, o pronome deverá vir antes ou no meio da locução.

Ele nos tem visto diariamente. / Ele tem-nos visto diariamente.

4) O verbo no infinitivo admite a colocação de pronome átono ao seu fim, mesmo havendo termo que o atraia.

Ex.: Não encontrar-te amanhã será triste.

5) O objeto direto e o predicativo de 3ª pessoa são substituídos pelos pronomes oblíquos **O, A, OS** e ***AS.***

Ex.: Eu comprei o carro. – Eu o comprei.
"Nada somos que valha

Somo-lo mais que em vão" (Fernando Pessoa).

6) O objeto indireto, o complemento nominal e o adjunto adnominal (com ideia de posse), ou seja, os termos preposicionados de 3ª pessoa – representando pessoa ou termo no campo semântico de pessoa – são substituídos pelos pronomes oblíquos ***LHE*** e ***LHES***.

Ex.: Eu entreguei o material aos alunos. Eu lhes entreguei o material. Roubei o fruto da árvore. Roubei-lhe o fruto.

7) Os verbos, terminados em **R, S** ou **Z,** ligados aos pronomes oblíquos **O, A, OS, AS,** perderão sua última letra, e ao pronome oblíquo será acrescentada a letra ***L***. Encontramos as pessoas. O termo AS PESSOAS é objeto direto, por isso é substituído por AS.

Ex.: Encontramos + AS = Encontramo-las.

8) Aos pronomes oblíquos **O, A, OS** e **AS,** ligados a verbos que terminem em som nasal, será acrescentada a letra ***N***.

Ex: Põe as cartas. Põe-nas. Encontraram os meninos. Encontraram-nos.

9) Quando o verbo estiver na 1ª pessoa do plural e o pronome oblíquo também na 1ª pessoa do plural, o verbo perde o ***S*** final.

Ex.: Ajoelhamos + nos = ajoelhamo-nos, encontramos + nos = encontramo-nos.

REGRAS

1) Ocorre **próclise** quando o pronome oblíquo aparece antes do verbo.

Ex.: Eu te explico tudo.

Observe que o pronome oblíquo TE vem antes do verbo EXPLICAR.

2) Ocorre **ênclise** quando o pronome oblíquo aparece depois do verbo.

Ex.: Explico-te tudo.

Observe que o pronome oblíquo TE aparece depois do verbo EXPLICAR.

3) Ocorre **apossínclise** quando há a intercalação de vocábulo entre o pronome átono e o verbo.

Ex.: "... se me não enganou é gente da polícia" (Bernardo Guimarães).

"Se me ainda amas, por amor não ames:
Traíras-me comigo" (Fernando Pessoa).

4) Poderá ocorrer a **mesóclise** somente no futuro do presente do indicativo e no futuro do pretérito, onde exatamente nunca poderá haver a ênclise.

Ex.: Obedecerei ao paciente.

? AO PACIENTE é objeto indireto; portanto, pode ser substituído pelo pronome oblíquo LHE. Como o verbo está no futuro do presente do indicativo, não pode ser usada a ênclise; no entanto a próclise também está descartada pelo fato de se iniciar a oração por pronome oblíquo; portanto não se pode usar o pronome oblíquo nem antes nem depois do verbo, apenas restando o interior do verbo. Ao dividir o verbo para se proceder à mesóclise, vai-se até a letra R do infinitivo, coloca-se o pronome oblíquo e, por fim, o restante do verbo.

Ex.: Obedecer-lhe-ei.

Compraríamos o carro. Comprá-lo-íamos.

? Observe que O CARRO é objeto direto, portanto o substituímos pelo pronome oblíquo O; e, na divisão do verbo, este pronome oblíquo caiu exatamente depois da letra R, ocorrendo o mesmo fenômeno da regra 7, ou seja, extrai-se esta última letra do verbo e ao pronome oblíquo acrescenta-se a letra L.

BIZU

É fundamental o candidato atentar-se à presença do pronome apassivador SE, transformando objeto direto em sujeito.

Ex.: Admitiu-se a falha.

? Se não houvesse o pronome SE, o termo A FALHA seria objeto direto; contudo, como há a partícula apassivadora, o objeto direto transforma-se em sujeito, exigindo que a substituição se faça não por um pronome oblíquo, e sim por um pronome reto.

Admitiu-se ela.

Obs.: Às vezes, também ocorre a presença do pronome apassivador com outro pronome átono, ambos ligados ao mesmo verbo.

Ex.: "Afigurou-se-lhe estar nos braços..." (Aluísio de Azevedo).

"Fez-se-me desesperada necessidade a companhia da boa senhora" (Raul Pompeia).

9.13. Contração dos pronomes oblíquos átonos em verbos transitivos diretos e indiretos

OD OI

Ex.: Pediram um favor a mim.

ME + O, A, OS, AS = MO, MA, MOS, MAS

Pediram-mo.

Ex.: "O que me dás. Dás-mo" (Fernando Pessoa).

OD OI

Entregarei os documentos a ti.

TE + O, A, OS, AS = TO, TA, TOS, TAS

Entregar-tos-ei.

OD OI

Indico a saída a todos.

LHE(S) + O, A, OS, AS = LHO, LHA, LHOS, LHAS

Indico-lha.

OD OI

Avisaram a notícia a nós.

NOS + O, A, OS, AS = NO-LO, NO-LA, NO-LOS, NO-LAS

Avisaram-no-la.

OD OI

Explicarei as matérias a vós.

VOS + O, A, OS, AS = VO-LO, VO-LA, VO-LOS, VO-LAS

Explicar-vo-las-ei.

BIZU

Os pronomes podem ter valor **anafórico (anáfora)** ou **dêitico (dêixis).**

Anafórico será o termo que fizer referência a termos anteriores. Todo pronome relativo é por natureza anafórico, pois sempre será remissivo a termos antecedentes.

Ex.: O candidato **que** estuda passa.

O pronome relativo "que" é remissivo a "o candidato".

O livro, não **o** li ontem.

O pronome oblíquo "o" refere-se a "o livro".

João e Paulo não compareceram à aula. Este, por se encontrar doente; e aquele, em razão de não ter acordado.

? Os pronomes demonstrativos “este” (referindo-se a Paulo) e “aquele” (referindo-se a João) possuem valor anafórico, já que são alusivos a termos anteriores.

Dêitico será o elemento que tem por objetivo localizar o fato no tempo ou no espaço, mas não defini-lo. Enfim, é qualquer referência de lugar ou de tempo. Interessante torna-se observar que o NCE foi a banca que explorou tal tema e, nas questões de concursos até então, só utilizou situação de valor espacial. É essencial informar que o advérbio também poderá ter valor dêitico.

Serão dêiticas expressões como cá, aqui, lá, onde, os pronomes demonstrativos quando localizam o bem em referência ao emissor, receptor ou terceiros.

Ex.: Este material é muito bom.

? O pronome demonstrativo “este” indica que o material está mais próximo do emissor da mensagem ou é de sua posse.

Esse material é muito bom.

? O pronome demonstrativo “esse” indica que o material está mais próximo do receptor da mensagem ou é de sua posse.

9.14. Exercícios

1. (Corregedoria geral da Justiça – RJ – NCE) Em “... para SE defender contra o frio da noite”, o valor morfossintático da palavra em maiúsculas neste segmento está repetido em:

a) Vou contar um fato: quero saber SE o conheces.
b) Os meninos SE ajudam uns aos outros.
c) Todas as pessoas passam por ele, sem saber do que SE trata.
d) Cada um deles SE incumbe de sua tarefa.
e) Quando SE olha para ele, a cena é triste.

2. Assinale a opção em que o termo sublinhado tem a sua classe gramatical incorretamente indicada.

a) Ele estava muito nervoso. – advérbio

b) Muito político deveria ser expulso do Congresso. – pronome indefinido

c) Maria possui menos calma do que nós. – pronome indefinido

d) Ela é menos calma do que nós. – advérbio

e) Ele está todo preocupado com a situação política do país. – pronome indefinido

3. (TCU-Esaf) A alternativa em que há erro na substituição do termo sublinhado por pronome pessoal reto ou oblíquo é:

a) Ouvira o pastor advertir o povo =
Ouvira-o advertir o povo.

b) Carregamos cargas pesadas em caminhões =
Carregamo-las em caminhões.

c) Integrando-se a ferrovia nos sistemas =
Integrando-se ela nos sistemas.

d) Contemplavam melancólicos o êxodo da mão de obra =
Contemplavam-na melancólicos.

e) Nos aterros de Tabatinga, por onde rodavam as rodas de carretel dos comboios =
Nos aterros de Tabatinga, por onde rodavam elas.

4. (TCU) Assinale a alternativa incorreta quanto à colocação dos termos na oração.

a) Está prevista a possibilidade de o chefe do setor tomar decisões a este respeito, sem prévia consulta a superiores.

b) Encaminhar-se-á a decisão do grupo, após a reunião da próxima semana.

c) Não estabelecer-se-á qualquer norma, sem consulta ao órgão superior.

d) Quanto aos programas de treinamento, há necessidade de promovê-los periodicamente.

5. (Banco do Brasil) "O funcionário que se inscrever, fará a prova amanhã". Com relação à colocação do pronome "SE":

1 – Ocorre próclise em função do pronome relativo.

2 – Deveria ocorrer ênclise.

3 – A mesóclise é impraticável.

4 – Tanto a ênclise quanto a próclise são aceitáveis.

a) Está correta apenas a primeira afirmativa.

b) Apenas a terceira afirmativa está correta.

c) Somente a segunda afirmativa está correta.

d) São corretas a primeira e a terceira afirmativas.
e) A quarta afirmativa é a única correta.

6. (TCEMG – Eng. Perito – FCC) As estrelas brilham no céu, e quem fica a observar <u>as estrelas</u>, sentindo a magia <u>das estrelas</u>, considera <u>as estrelas</u> signos de um grande mistério.
Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, respectivamente, por:
a) lhes observar – sentindo a magia delas – considera-as
b) as observar – sentindo sua magia – lhes considera
c) observá-las – sentindo-as a magia – as considera
d) observá-las – sentindo-lhes a magia – considera-as
e) lhes observar – sentindo-lhes a magia – considera-lhes

7. (Cesgranrio) Assinale a opção em que o pronome LHE apresenta o mesmo valor significativo que possui em "assanhando-lhe os desejos".
a) O resultado do jogo lhe era indiferente.
b) Sobreveio-lhe uma desgraça.
c) Não lhe disse que viajaria hoje.
d) Chamavam-lhe carinhosamente de Mané.
e) O médico teve de engessar-lhe a perna.

8. (Técnico Judiciário – TRE-RN – FCC) A reconstrução de um segmento do texto, com um diferente emprego pronominal, que mantém a correção e o sentido originais é:
a) *não havia meio de alcançá-la* = não havia como alcançar-lhe.
b) *o jarro era pesado demais para ele* = o jarro lhe era por demais pesado.
c) *atirando-as dentro do jarro* = atirando-lhes para dentro do jarro.
d) *O corvo, então, tentou virá-lo* = O corvo, então, lhe tentou virar.
e) *pegando-as uma a uma* = pegando-lhes uma a uma.

9. (Técnico Judiciário – TRE-PE – FCC)
... nem por isso deixa de cultuar <u>Delacroix</u> ...
Cézanne admira a <u>maestria plástica de Rubens</u> ...
... já encontramos <u>a chave do enigma cézanneano</u>.
A substituição dos elementos grifados nas frases acima pelos pronomes correspondentes, com os necessários ajustes, terá como resultado, respectivamente:
a) nem por isso deixa de cultuar-lhe / Cézanne a admira / já a encontramos;

b) nem por isso deixa de cultuá-lo / Cézanne lhe admira / já lhe encontramos;
c) nem por isso deixa de lhe cultuar / Cézanne a admira / já encontramos-na;
d) nem por isso deixa de a cultuar / Cézanne lhe admira / já lhe encontramos;
e) nem por isso deixa de cultuá-lo / Cézanne a admira / já a encontramos.

10. (Fiscal da Receita Estadual – AP – FGV) Em termos antropológicos, o jeitinho *pode ser atribuído a um suposto caráter emocional do brasileiro / o que favorecia boas relações de comércio e tráfico de influência*.
Quanto ao emprego de pronomes pessoais, os trechos sublinhados foram corretamente reescritos em:
a) pode ser-lhes atribuído / as favorecia;
b) pode ser a ele atribuído / lhes favorecia;
c) pode ser atribuído a ele / as favorecia;
d) pode-o ser atribuído / as favorecia;
e) pode sê-lo atribuído / lhes favorecia.

11. (NCE) O pronome "LHES" tem com o verbo que se prende na frase "tampouco deve, como os políticos, se amoldar aos desejos de seus eleitores para ganhar-lhes os votos" as mesmas relações sintáticas e de sentido que se encontram no exemplo da opção:
a) Se seus irmão quiserem, posso emprestar-lhes meu carro.
b) Os uniformes das crianças já estão desbotados, mas só lhes posso comprar outro no mês que vem.
c) Eles são nossos amigos; não lhes podemos negar ajuda num momento tão difícil.
d) Os romanos, crendo-se superiores aos povos germânicos, chamavam-lhes bárbaros.
e) O policial ameaçava os detidos a fim de arrancar-lhes uma confissão.

12. (Cesgranrio) Assinale a opção em que houve erro, ao se substituir a expressão grifada pelo pronome oblíquo.
a) "Estimam seu torrão" / estimam-no.
b) Fazer conhecidos seus costumes / fazê-los conhecidos.
c) "Viu os partidos de cana" / viu-os.
d) "Sorver o ar ácido" / sorver-lhe.
e) "O homem tirava tudo da terra". / o homem tirava-lhe tudo.

13. (TRT) Se substituirmos as palavras sublinhadas em: 1 – com a aprovação dos que presenciaram a cena e 2 – a violência começa a gerar expectativas por pronomes

pessoais, as substituições corretas, de acordo com a norma culta, estarão na seguinte alternativa:

a) 1– com a aprovação dos que presenciaram-na.
2– a violência começa a as gerar.
b) 1– com a aprovação dos que a presenciaram.
2– a violência começa a gerar-lhes.
c) 1– com a aprovação dos que presenciaram ela.
2– a violência começa a gerar a elas.
d) 1– com a aprovação dos que a presenciaram.
2– a violência começa a gerá-las.
e) 1– com a aprovação dos que a presenciaram.
2– a violência começa a gerar-las.

14. (Cesgranrio) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da frase abaixo:
Dialeto social popular não se confunde com linguagem especial, pois , ao contrário _____, é de uso restrito e pode funcionar como signo de grupo.

a) esse/daquela;
b) essa/desse;
c) aquele/dessa;
d) esta/daquele;
e) este/desta.

15. (Analista Judiciário – TJ – FCC) ***constituindo [...] um índice de uma época; indiciam os fatos históricos; portam a marca do homem;***
Substituindo-se os elementos grifados acima por um pronome, fazendo-se as alterações necessárias, o resultado correto será, respectivamente:

a) constituindo-o – indiciam-nos – portam-na
b) constituindo-lhe – indiciam-nos – portam-lhe
c) lhe constituindo – lhe indiciam – portam-no
d) constituindo-o – o indiciam – portam-lhe
e) constituindo-a – os indiciam – portam-na

16. Assinale a opção em que o pronome oblíquo possui nítido valor possessivo.

a) Chegaram ao ônibus, sentaram-se e iniciaram a viagem.
b) Compreendo-te e considero que te será desagradável tal excursão.
c) Escutaram-nos atentamente as últimas palavras.
d) Avisar-vos-emos todas as notícias.

e) Consideramos-te pronto para a execução deste serviço.

17. (TRT) A substituição do termo sublinhado por um pronome pessoal só está correta, de acordo com a norma culta, na seguinte alternativa.

a) O movimento visa a encontrar soluções.

O movimento visa a encontrar elas.

b) A campanha apresentou vários desdobramentos.

A campanha apresentou-lhes.

c) Esses momentos históricos apresentam facetas negativas.

Esses momentos históricos apresentam-as.

d) Assistimos ao desfile de corruptos.

Assistimo-lo.

e) O movimento busca reverter a deterioração.

O movimento busca revertê-la.

18. (NCE) "A descoberta da América pelos europeus, nos fins do século quinze, deu lugar a uma transplantação da cultura europeia para este Continente. Tal empreendimento constitui, porém, uma aventura impregnada de duplicidade".

"Proclamavam os europeus ao aqui chegarem para expandir nestas plagas o cristianismo..."

"... movia-os o propósito de exploração e fortuna. A história do período colonial é a história desses dois objetivos a se ajudarem mutuamente na tarefa real e não confessada da espoliação continental".

"Nascemos, assim, divididos entre propósitos reais e propósitos proclamados. A essa duplicidade da própria sociedade nascente, dividida entre senhores e escravos..."

A seguir, cada um deles é classificado quanto à função textual, na ordem em que ocorrem. Assinale a opção correta:

a) dêitico; dêitico; anafórico; anafórico, anafórico;

b) dêitico; anafórico; anafórico; anafórico, dêitico;

c) anafórico; dêitico; dêitico, anafórico; dêitico;

d) dêitico; dêitico; dêitico; anafórico; dêitico;

e) anafórico; dêitico; dêitico; anafórico; anafórico.

19. (Suesc) "Quaresma, comparando outras terras com o Brasil, não podia deixar de valorizar as belezas naturais em detrimento ".

Assinale a opção que completa corretamente as lacunas na frase acima:

a) deste – daquela

b) destes – deste
c) deste – daquelas
d) desses – daquelas
e) desse – dessas

20. (Esaf) Substituindo o segmento sublinhado pelo pronome correspondente, houve erro em um item. Assinale-o.
a) Não vimos sair os grevistas.
Não os vimos sair.
b) Conduz a noiva ao altar.
Conduze-a ao altar.
c) Mantém-se sempre ótima posição.
Mantém-se ela sempre.
d) Propusemos essa medida ao diretor.
Propusemos-lhe essa medida.
e) Visamos a um emprego melhor.
Visamos a ele.

21. (Esaf) Indique a letra que corresponde a erro de natureza ortográfica ou gramatical ou a alguma impropriedade vocabular.
A Amazônia ainda sob o aspecto estritamente físico, conhecê-mo-la (A) aos fragmentos. Mais de um século de perseverantes pesquisas e uma literatura inestimável, de numerosas monografias, mostram-no-la (B) sob incontáveis aspectos parcelados. O espírito humano, deparando-o (C) maior dos problemas fisiográficos, e versando-o, tem-se atido (D) a um processo obrigatoriamente analítico, que se, por um lado, é o único apto a facultar elementos seguros determinantes de uma síntese ulterior, por outro, impossibilita o descortino (E) desafogado do conjunto.
a) A
b) B
c) C
d) D
e) E

22. (CM-2º Grau) Observando as recomendações quanto à colocação dos pronomes oblíquos átonos, pode-se afirmar que está correta a frase:
a) O dinheiro que entreguei-lhe era meu.
b) No curso de Pedagogia estudaria-se provavelmente História da Educação.

c) Nunca enganamo-nos a esse respeito.
d) Em tempos de vacas magras, compra-se o indispensável.
e) Caso procurem-me, diga que viajei.

23. (CM-3º Grau) A colocação proclítica ou enclítica do pronome oblíquo é facultativa na frase:
a) Essa medida nos proporcionou uma qualidade de vida melhor.
b) Abrigamos nessa casa as pessoas que se encontrarem em apuros.
c) Não se poupariam esforços nesse sentido.
d) Atravessaram por entre as árvores, sem que ninguém se desse conta.
e) "... certa auréola que te faz divina!" (Cruz e Souza).

24. (CM-redator/revisor) Consoante as normas da língua vigente, o pronome está colocado com erro em:
a) As reuniões tornavam-se eventos de grande repercussão.
b) As reuniões se tornavam eventos de grande repercussão.
c) As reuniões se tornariam eventos de grande repercussão.
d) As reuniões tornariam-se eventos de grande repercussão.
e) As reuniões tornar-se-ão eventos de grande repercussão.

25. (TTN) Assinale a frase em que a colocação do pronome pessoal oblíquo não obedece às normas do português padrão.
a) Essas vitórias pouco importam; alcançaram-nas os que tinham mais dinheiro.
b) Entregaram-me a encomenda ontem, resta agora a vocês oferecerem-na ao chefe.
c) Ele me evitava constantemente!... Ter-lhe-iam falado a meu respeito?
d) Estamos nos sentindo desolados: temos prevenido-o várias vezes e ele não nos escuta.
e) O Presidente cumprimentou o Vice dizendo: – Fostes incumbidos de difícil missão, mas cumpriste-la com denodo e eficiência.

26. Assinale a opção em que não ocorre falha de natureza morfossintática.
a) Nunca haverá problemas entre tu e eles.
b) Será interessante para tu a leitura de jornais.
c) É necessário para eu estudar sempre.
d) Será bom para ti fazer essa viagem.
e) Já comprei as passagens para mim fazer essa viagem.

27. (Coope) O pronome lhe está empregado em desacordo com as normas da língua culta em:

a) O irmão do capitão pôs-lhe a mão no peito.
b) Tudo quanto o amigo lhe relatara não passava de ficção.
c) Pediu ao irmão que lhe visitasse na fazenda.
d) De repente veio-lhe uma vontade imensa de chorar.
e) Não era possível proibi-lo de fazer o que lhe era necessário.

28. (Pref. Santos – ADV – FCC) Meus olhos estão bastante usados, mas não considero meus olhos inaptos para ver as miragens que seduzem meus olhos, e não atribuo a meus olhos o poder de alguma autêntica revelação.
Evitam-se as repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados por, respectivamente:

a) não lhes considero – que seduzem-os – não lhes atribuo
b) não considero-os – que seduzem-nos – não os atribuo
c) não os considero – que lhes seduzem – não atribuo-lhes
d) não os considero – que os seduzem – lhes atribuo
e) não lhes considero – que os seduzem – não lhes atribuo

29. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC). A substituição do elemento grifado pelo pronome correspondente, com os necessários ajustes no segmento, foi realizada de modo INCORRETO em:

a) *virão apenas aguçar antigos dilemas* = virão apenas aguçá-los
b) *que passou pelos eventos da abolição e da República* = que passou por eles
c) Como esperar *transformações sociais profundas* = Como esperá-las
d) *percorre o país* = percorre-o
e) *que atinge a intelectualidade brasileira* = que lhe atinge

30. (DNOCS-FCC) O e-mail veio para ficar, ainda que alguns considerem o e-mail uma invasão de privacidade, ou mesmo atribuam ao e-mail os desleixos linguísticos que costumam caracterizar o e-mail.
Evitam-se as viciosas repetições do trecho acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) lhe considerem – lhe atribuam – caracterizá-lo.
b) o considerem – lhe atribuam – caracterizá-lo.
c) considerem-no – o atribuam – caracterizar-lhe.
d) considerem-lhe – atribuam-no – o caracterizar.

e) o considerem – atribuam-no – lhe caracterizar.

31. (Sefaz-SP-FCC) A informalidade é instável, mas como muitos consideram a informalidade o único meio de sobreviver, tendem a atribuir à informalidade um caráter permanente, receando substituir a informalidade pelo risco de uma outra situação desconhecida. Evitam-se as viciosas repetições do texto acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) a consideram – atribuir-lhe – substituí-la
b) a consideram – atribuí-la – a substituir
c) lhe consideram – atribuir-lhe – substituir-lhe
d) consideram-na – atribuir a ela – lhe substituir
e) consideram-lhe – atribuí-la – substituí-la

32. (Mack) "Este inferno de amar – como eu amo! – / Quem mo pôs aqui n'alma ... quem foi? / Esta chama que alenta e consome, / Que é a vida – e que a vida destrói – / Como é que se veio a atear, / Quando – ai quando se há-de apagar?" (Almeida Garret).
No texto, os pronomes eu – quem – este, são, respectivamente:

a) indefinido – pessoal – indefinido
b) pessoal – interrogativo – demonstrativo
c) pessoal – indefinido – demonstrativo
d) interrogativo – pessoal – indefinido
e) indefinido – pessoal – interrogativo

33. (UF-MA) Identifique a oração em que a palavra "certo" é pronome indefinido.

a) Certo, perdeste o juízo.
b) Certo rapaz te procurou.
c) Escolheste o rapaz certo.
d) Marque o conceito certo.
e) Não deixe o certo pelo errado.

34. (UnB) Assinale a melhor resposta. O resultado das combinações: "põe + o", "reténs + as", "deduz + a", é:

a) pões-lo, reténs-la, dedu-la
b) põe-no, retém-nas, dedu-la
c) pões-lo, retém-las, deduz-la
d) põe-no, retém-las, dedu-la
e) põe-lo, retém-las, dedu-la

35. (UM-SP) "Ninguém atinge a perfeição alicerçado na busca de valores materiais, nem mesmo os que consideram tal atitude um privilégio dado pela existência." Os pronomes destacados no período acima classificam-se, respectivamente, como:
a) indefinido – demonstrativo – relativo – demonstrativo;
b) indefinido – pessoal oblíquo – relativo – indefinido;
c) de tratamento – demonstrativo – indefinido – demonstrativo;
d) de tratamento – pessoal oblíquo – indefinido – demonstrativo;
e) demonstrativo – demonstrativo – relativo – demonstrativo.

36. (Agente Fiscal-PR) Distinga o item no qual a colocação dos pronomes está exata.
a) Vender-no-la-íamos por quê? Devolvida-me a carta, partirei. Eles e elas se desculparam. Deram-nos. O que não deve dizer-me?
b) Tenho queixado-me com razão. Deram-nos. Depois de devolvido-lhe o recibo, ficarei sossegado. O que não se deve dizer? Tens a obrigação de me pagares tudo.
c) Deus te abençoe! Será proveitoso estudando a lição, e não decorando-a. O que não deve-se dizer? Irei quando convidar-me-ão. Se se quiser, tudo irá bem.
d) Valha-me Jesus! Ó João, se levante! Tenho alcançado-te nas provas. Não se as procuram. O que me preocupa, é esta prova.
e) Peça e dar-se-lhe-á. Por que vo-las venderíamos? O livro, meus amigos, hei de devolver-lho. A carta e o dinheiro não os remeterei logo. O que se não deve dizer?

37. (TRF-4R-FCC-2010) Houve muitas discussões sobre medidas para se minimizar o aquecimento global, já que todos consideram <u>o aquecimento global</u> uma questão crucial para a humanidade, embora poucos tomem medidas concretas para reduzir <u>o aquecimento global</u>, não havendo sequer consenso quanto às verbas necessárias para mitigar os efeitos <u>do aquecimento global</u>.
Evitam-se as viciosas repetições do período acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:
a) lhe consideram – reduzi-lo – mitigá-los aos efeitos
b) o consideram – reduzi-lo – mitigar-lhe os efeitos
c) consideram-no – reduzir-lhe – mitigar-lhes os efeitos
d) o consideram – reduzir-lhe – mitigar-lhe os efeitos
e) consideram-lhe – o reduzir – mitigar-lhe seus efeitos

38. (Fiscal – ICMS – FGV) Em "exauri-los" e "poder-se-á", construiu-se corretamente a junção do pronome à forma verbal. Assinale a alternativa em que isso não ocorreu.

a) cancelaríamos + as = cancelá-las-íamos
b) permitireis + os = permiti-los-eis
c) fizestes + lhes = fizeste-lhes
d) encontraram + os = encontraram-nos
e) aprenderás + as = aprendê-las-ás

39. (TRT) Indique a opção incorreta.
a) Receba Vossa Excelência os cumprimentos de seus subordinados.
b) Sua Excelência, o Ministro da Justiça, chegou acompanhado de outras autoridades.
c) Reiteramos nosso apreço a Vossa Senhoria e vossos subordinados.
d) Solicitamos a Sua Senhoria que encaminhasse suas sugestões por escrito.
e) Concordamos com Vossa Excelência e com seus subordinados.

40. Assinale a opção em que o pronome oblíquo possui nítido valor possessivo.
a) Pegamos-lhe as mãos e sentimos toda a sua preocupação.
b) Encontramo-lo desacordado e demos-lhe todo socorro.
c) Enviar-lhe-emos as cartas para sua análise.
d) Admitamos nossas falhas e todos as perdoarão.
e) Perdoar-lhe-ei ainda que não admita seus erros.

41. (Esaf) O pronome pessoal está empregado incorretamente em:
a) Não consegui entendê-lo naquela confusão.
b) É para mim fiscalizar aqueles volumes.
c) Tudo ficou esclarecido entre mim e ti.
d) Por favor, mande-o entrar e sentar-se.
e) Fizeram-no esperar demais hoje.

42. (Esaf) Assinale a frase em que o pronome oblíquo átono está colocado incorretamente.
a) O guarda chamou-nos a atenção para os pivetes.
b) Quantas lágrimas se derramaram pelo jovem casal!
c) Ninguém nos convencerá de que esta notícia seja verdade.
d) As pessoas afastaram-se daquele pacote suspeito.
e) O vizinho cumprimentou o casal, se retirando imediatamente.

43. (TRE-MT) Segundo a norma culta, há erro (de uso ou de colocação) na substituição do termo sublinhado por um pronome, em:

a) O ministro não teve muitos escrúpulos naquela hora. / O ministro não teve-os naquela hora.
b) Ele estava pronto para salvar a Itália. / Ele estava pronto para salvá-la.
c) Eles terminaram as provas hoje. / Eles terminaram-nas hoje.
d) Todos queriam que o professor entregasse o livro ao melhor aluno. / Todos queriam que o professor lhe entregasse o livro.
e) Ele nunca perdoaria ao irmão aquela omissão. / Ele nunca lhe perdoaria aquela omissão.

44. (TRE-MG) Assinale a opção em que a colocação do pronome sublinhado esteja correta, segundo o registro escrito culto.
a) Os vizinhos haviam pedido-me muita atenção ao atravessar a rua.
b) Mesmo considerando que éramos famosos, ninguém veio receber-nos.
c) Faria-me um grande favor não contando as novidades a meus pais.
d) Pelo que pudemos entender, ninguém vai-nos denunciar ao delegado.
e) O aluno logo interessou-se pelo assunto, assim que a arguição começou.

45. (TRE-RO) Observe as frases.
I. "Política só se ganha com muito dinheiro".
II. "Acaba logo esquecendo-se do pouco que aprendeu".
III. "Que a mão não me para mais quieta".
IV. "Pé-de-Meia prefere carregar-lhe a mão durante o serviço todo".
A colocação do pronome oblíquo átono não está de acordo com a preferência da norma culta da língua:
a) somente na I;
b) somente na II;
c) somente na III;
d) somente na II e na IV;
e) somente na III e na IV.

46. (Fuvest) "Ensinar-me-lo-ias, se o soubesses, mas não sabes-o." A frase acima estaria de acordo com a norma gramatical, usando-se, onde estão as formas sublinhadas:
a) Ensinar-mo-ias – o soubesses – o sabes;
b) Ensinarias-mo – soubesse-lo – sabe-lo;
c) Ensinarias-mo – soubesses-lo – o sabes;
d) Ensinar-mo-ias – soubesses-o – sabe-lo;
e) Ensinarias-mo – soubesse-lo – o sabes.

47. (TRE-MT) A substituição do termo sublinhado por um pronome pessoal está correta em todas as alternativas, exceto em:

a) O governo deu ênfase às questões econômicas. O governo deu ênfase a elas.

b) Os ministros defenderam o plano de estabilização. Os ministros defenderam-no.

c) A companhia recebeu os avisos. A companhia recebeu-os.

d) Ele diz as frases em tom bem baixo. Ele diz-las em tom baixo.

e) Ele recusou a dar maiores explicações. Ele recusou a dá-las.

48. (TRE-RJ) A frase em que há erro quanto ao emprego do pronome "lhe" é:

a) Nunca lhe diria mentira.

b) Ter-lhe-iam falado a meu respeito?

c) Louvemos-lhe, porque ele o merece.

d) De Fernando só lhe conhecia a fama.

e) Sei que não lhe agrada essa conversa.

49. (TRE-MG) Assinale a opção em que a colocação do pronome oblíquo está incorreta quanto à norma culta da língua.

a) Não pude dar-lhe os cumprimentos, por estar fora da cidade.

b) Agora tem-se dado muito apoio técnico ao pequeno empresário.

c) Ter-lhe-íamos pedido ajuda, se o víssemos antes do resultado.

d) Como me propiciou momentos agradáveis, fui bastante paciente.

e) Quem o levará a tomar decisões tão importantes para o País?

50. Assinale a opção em que há um termo sublinhado com classificação gramatical errônea:

a) Entregou-me as folhas. – pronome substantivo pessoal oblíquo

b) Roubaram-me os documentos. – pronome adjetivo pessoal oblíquo

c) Os materiais serão úteis a nós. – pronome substantivo pessoal oblíquo

d) Eles voltarão mais tarde. – pronome substantivo pessoal reto

e) A ele daremos as dicas. – pronome substantivo pessoal reto

51. Assinale a opção em que há um pronome inadequadamente utilizado.

a) Custou a mim acordar cedo.

b) Convém a mim dizer a verdade.

c) Será conveniente para mim estudar.

d) Foi fundamental para eu ter hábito de estudo.

e) Sempre haverá livros para eu ler.

52. (Cespe-UnB) Quanto à correção da substituição do trecho sublinhado pela forma apresentada em negrito, julgue os itens abaixo.

a) "Já fez sua declaração de imposto de renda?" / Já a fez?

b) "Os decretos-leis (...) abanam o rabo negativamente". / Os decretos-leis abanam-lhe negativamente.

c) "Mas se tiveres alguma dúvida" / Mas se tiveres ela.

d) "Os decretos-leis tentam barrar um senhor distinto". / Os decretos leis tentam barrá-lo.

e) "Agora é só (...) encheres este formulário-sanfona". / Agora é só (...) o encheres.

53. (NCE) "Os pronomes demonstrativos situam a pessoa ou a coisa designada relativamente às pessoas gramaticais. [...] A capacidade de mostrar um objeto sem nomeá-lo chama-se função dêitica [...], é a que caracteriza fundamentalmente esta classe de pronomes".

(CUNHA. Celso F. da; CINTRA, L. F. Lindley, *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 319.)

Os demonstrativos empregam-se também como elemento de coesão textual e têm, neste caso, em geral, função anafórica.

Assinale o item em que a função exercida pelo demonstrativo está incorretamente identificada.

a) "[...] a habitação conjugal, e a esta se recusa a voltar" (art. 234 – Código Civil) – função anafórica.

b) "Salvo disposição especial deste código e não tendo sido ajustado da época para o pagamento, o credor pode exigi-lo imediatamente" (art. 952 – Código Civil) – função dêitica.

c) A cessão de crédito não vale em relação ao devedor, senão quando a este notificada [...] – função anafórica.

d) "Cabe ao juiz suprir a outorga da mulher, quando esta a denegue sem motivo justo, ou lhe seja impossível dá-la (arts. 235, 238 e 239)" (art. 237 – Código Civil) – função dêitica.

e) "As terras de que trata este artigo tradicionalmente são inalienáveis e indisponíveis, e os direitos sobre elas, imprescritíveis" (§ 4º – Constituição da República Federativa do Brasil – texto 1) – função dêitica.

54. (NCE) O trecho "Então, incapazes de trazê-lo para a nossa domesticidade, consideramo-lo um elemento da paisagem, e pintamo-lo" vem reescrito abaixo com alterações no emprego dos pronomes pessoais. A frase que continua gramaticalmente correta no uso culto após essas alterações é:

a) Então, incapazes de o trazer para a nossa domesticidade, o consideramos um elemento da paisagem, e lhe pintamos.
b) Então, incapazes de trazer-lhe para a nossa domesticidade, consideramo-lo um elemento da paisagem, e o pintamos.
c) Então, incapazes de o trazer para a nossa domesticidade, lhe consideramos um elemento da paisagem, e pintamo-lo.
d) Então, incapazes de o trazer para a nossa domesticidade, o consideramo-lo um elemento da paisagem e pintamos-lhe.
e) Então, incapazes de o trazer para a nossa domesticidade, consideramo-lo um elemento da paisagem e o pintamos.

55. (Analista Judiciário – TRE-PE – FCC) Os mais fortes empreendiam a conquista colonial, legitimavam a conquista colonial, atribuindo à conquista colonial o mérito de uma transformação civilizadora que tornava a conquista colonial uma espécie de benemerência.
Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:
a) legitimavam-na – atribuindo-lhe – a tornava
b) a legitimavam – atribuindo-na – tornava-lhe
c) legitimavam-na – lhe atribuindo – lhe tornava
d) legitimavam-lhe – a atribuindo – a tornava
e) legitimavam-a – lhe atribuindo – tornava-a

56. (TRF-2ª Região – FCC) Amemos as ilhas, mas não emprestemos às ilhas o condão mágico da felicidade, pois quando fantasiamos as ilhas esquecemo-nos de que, ao habitar ilhas, leva-se para elas tudo o que já nos habita.
Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:
a) lhes emprestemos – lhes fantasiamos – habitá-las
b) emprestemos-lhes – as fantasiamos – habitar-lhes
c) as emprestemos – fantasiamo-las – as habitar
d) lhes emprestemos – as fantasiamos – habitá-las
e) as emprestemos – lhes fantasiamos – habitar-lhes

Capítulo 10
Conjunções

A conjunção é o principal elemento de coesão textual. É muito importante observar que a nomenclatura das conjunções possui o sufixo "ativo" – contendo valor agente –, ou seja, é ela – conjunção – quem coordena ou subordina, e a oração, por consequência, ficará coordenada ou subordinada. Enfim, faz a ligação entre termos independentes ou orações.

Quando o termo é formado por mais de uma palavra, denomina-se locução conjuntiva ou conjuncional.

10.1. Conjunções coordenativas

10.1.1. Aditivas

Estabelecem ideia de adição. As conjunções mais comuns são E, NEM, TAMPOUCO.

Ex.: "... deixou a parede como estava e só respirou aliviado..." (Luis Fernando Veríssimo).

? A conjunção E estabelece uma relação de soma, pois o sujeito pratica as duas ações (deixar e respirar).

"Não há justiça nem há religião" (Graciliano Ramos).

? A conjunção NEM – sinônima de TAMPOUCO – estabelece uma relação de adição – adição negativa –, pois, neste caso, ocorre a soma de

elementos negados. Então, segundo o texto, não existem os dois elementos.

10.1.2. Adversativas

Estabelecem uma relação de adversidade, contrariedade, oposição, ressalva. A ideia de adversidade normalmente cria uma expectativa que não se concretiza. As conjunções mais comuns são: MAS, PORÉM, CONTUDO, TODAVIA, ENTRETANTO, NO ENTANTO, NÃO OBSTANTE.

Ex.: Ela foi ao cinema, contudo não se divertiu.

"Quis despedir; receei, porém, que o momento fosse impróprio..." (Graciliano Ramos).

? Observe que as conjunções CONTUDO e PORÉM introduzem uma oposição à expectativa criada na oração anterior.

BIZU

É também deveras aconselhável perceber as ideias que passam as orações, pois pode haver situações nas quais as conjunções introduzam ideias inesperadas.

Ex.: Ela não estudou e passou.

? Observe que a conjunção E, que normalmente é aditiva, aqui introduz uma ideia que estabelece uma relação de contrariedade, afinal foi criada uma expectativa na primeira oração (que ela não passe, pois ela não estudou) não confirmada na segunda. É também interessante observar que aí a conjunção E é sinônima de MAS, PORÉM, CONTUDO.

Obs.: Ele não só estuda, mas também trabalha.

? Analise que, se houver um condicionamento de que, ao observar a existência da conjunção MAS, já considerá-la adversativa, o candidato estará incorrendo em um erro grave nesta frase, pois o MAS, no caso,

não é sinônimo de PORÉM, CONTUDO, TODAVIA. Muito pelo contrário, MAS TAMBÉM introduz uma ideia que estabelece uma relação de soma, afinal o sujeito (ele) estuda e trabalha (faz as duas ações). As estruturas iniciadas por "não só", "não somente" e "não apenas" inevitavelmente conduzirão a expressões aditivas. Volvendo ao exemplo, quando se diz "Ele não só estuda", o advérbio NÃO exerce a função de um elemento de negação, isto é, está negando... Mas não nega a ação de estudar, e sim o termo de restrição "só". Se o "não" fosse extraído do período, "ele só estudaria e não teria mais nenhuma outra atividade". Outros sinônimos de "mas também" são "como também" e "outrossim". Nas locuções MAS TAMBÉM e COMO TAMBÉM, o termo TAMBÉM pode ficar implícito.

Ex.: Ele não apenas nada, mas corre.

10.1.3. Alternativas

Introduzem uma ideia de opção, alternância. As conjunções mais comuns são OU...OU, ORA...ORA, QUER...QUER, SEJA...SEJA.

Ex.: "Ou paga ou eu mando sangrá-lo devagarinho" (Graciliano Ramos).

? Observe que a conjunção OU estabelece uma opção, escolha. Se a pessoa pagar, o outro não mandará sangrá-lo; caso não pague, o outro mandará sangrá-lo.

Ora estudo ora trabalho.

? Observe que, nesta frase, o sujeito EU possui duas atividades: estudar e trabalhar. Contudo é interessante perceber que os fatos não acontecem simultaneamente, ou seja, eles se alternam.

"Quer no prazer, quer na dor" (Castro Alves).

Obs.: Importa salientar que às vezes a conjunção OU pode ter valor aditivo.

Ex.: Gostava de encher o apartamento de amigos, ou sair com a turma...” (Luis Fernando Veríssimo).

? A conjunção OU no exemplo introduz mais uma atividade que dá prazer ao sujeito tácito.

10.1.4. Conclusivas

Introduzem uma ideia de conclusão, dedução. As conjunções mais comuns são LOGO, PORTANTO, ENTÃO, POR CONSEGUINTE.

Ex.: “Penso, logo existo” (Descartes).

? Observe que, nesta frase, a conjunção LOGO introduz uma ideia de conclusão, pois o que está dito nesta frase é uma dedução, uma filosofia, algo que não pode ser comprovado.

Estudei muito, portanto vou passar no concurso.

? Observe que a conjunção PORTANTO introduz uma dedução, algo que só estará comprovado quando da publicação da lista dos aprovados.

Obs.: Outros conectores que também exprimem ideia de conclusão são DESTARTE e DESSARTE. Esses vocábulos se originaram das formas aglutinadas “desta parte” e “dessa parte”, significando “sendo assim”, “dessa forma”. Normalmente introduzem parágrafos ou períodos que estejam fechando uma ideia.

Ex.: Está chovendo à beça. Destarte, não irei à praia.

10.1.5. Explicativas

Introduzem uma ideia de EXPLICAÇÃO relacionada normalmente a uma ordem, advertência, sugestão ou solicitação. Dessarte, para que haja uma oração explicativa, há a necessidade quase sempre de um verbo no imperativo. As conjunções mais comuns são: QUE, PORQUE, POIS, JÁ QUE, VISTO QUE, UMA VEZ QUE, DADO QUE, PORQUANTO, COMO.

Ex.: “Ouvi, que não vereis com vãs façanhas...” (Camões).

"E não tenha medo, que eles não são de nada" (Fernando Sabino).

? Observe que as conjunções PORQUE e QUE iniciam explicações para ordens indicadas na oração anterior (foi efetuada a ordem OUVI, pois o sujeito VÓS não poderá ver vãs façanhas; foi dada a ordem para o sujeito não ter medo, com a justificativa de que eles não são de nada).

Obs.: É muito comum haver a confusão entre este caso que estamos analisando e o seguinte (conjunção subordinativa causal). No próximo caso, começaremos a analisar a relação causa-efeito. Na explicação, não pode haver tal relação. Só é admissível uma conjunção ser explicativa, mesmo sem verbo no imperativo, se o fato por ela introduzido não gerar um efeito.

Ex.: Choveu, porque as ruas estão alagadas.

? Não se pode analisar o "porque" como causal, porquanto haveria a indicação de que "as ruas estarem alagadas" seria causa e "chover", consequência. Esta interpretação não faz sentido. Cabe aí apenas a ideia de explicação.

Ele vai viajar, já que vi suas malas prontas.

? Não se pode dizer que "ver as malas estarem prontas" seja causa e "ele viajar", efeito. Então, a função da segunda oração é apenas de explicar, ou seja, o que me esclarece que ele vai viajar é o fato de suas malas estarem prontas.

10.2. Conjunções subordinativas

10.2.1. Causais

Introduzem uma ideia de CAUSA. É fundamental relatar que aqui se inicia a relação causa-efeito. Toda causa representa o fato anterior. Já o efeito, o fato posterior. Aí é onde se difere da ideia de explicação. Lá não há relação causa-efeito, e sim apenas uma justificativa para uma ordem,

solicitação ou conselho. Também se torna importante frisar que os conectores são os mesmos, daí a dificuldade de observar a diferença.

Ex.: "Alegres vinham todos, porque creem..." (Camões).

"E como a barba me vinha, basta e negra, aceitei com orgulho a alcunha de Raposão" (Machado de Assis).

Não cheguei atrasado, porquanto não queria ser demitido.

? As conjunções PORQUE, COMO e PORQUANTO conferem à oração em que ocorrem uma ideia de causa, já a outra oração encerrará valor de consequência.

Obs.: Como já foi dito anteriormente, é de extrema importância o candidato não se condicionar a que uma conjunção possuirá sempre a mesma classificação. Analise o conector POIS nas três frases a seguir.

Ex.: Ele ainda não fez os quadros; não devem, pois, ter chegado as tintas.

Ele ainda não fez os quadros, pois ainda não chegaram as tintas.

Faça os quadros, pois já chegaram as tintas.

? Observe que o primeiro POIS está numa oração que contém ideia de dedução, podendo ser substituído por PORTANTO, LOGO, ENTÃO. Não se possui a informação de as tintas não terem chegado, então o que se fez foi uma dedução, uma conclusão. Sendo assim, o primeiro POIS é uma CONJUNÇÃO COORDENATIVA CONCLUSIVA.

? Observe que o segundo POIS introduz uma ideia de causa na primeira oração, podendo ser permutado por PORQUE, JÁ QUE, PORQUANTO, e a outra oração representa o efeito. Além disso, não há nenhum verbo no imperativo, só restando a hipótese de ser SUBORDINATIVA CAUSAL.

? Já o terceiro POIS, mesmo sendo substituído pelas mesmas conjunções do exemplo anterior, apenas indica uma justificativa, uma explicação para a ordem citada na primeira oração, não estabelecendo entre as duas a relação causa-efeito.

10.2.2. Concessivas

Introduzem uma oração cujo fato ocorrente não altera o fato da outra oração. As conjunções são: EMBORA, MESMO QUE, AINDA QUE, CONQUANTO, MALGRADO, SE BEM QUE, POR MAIS QUE, POR MENOS QUE, POSTO QUE.

Ex.: "Nem mesmo a afilhada a tirava dessa reserva, embora a estimasse mais que a todos" (Lima Barreto).

? A conjunção EMBORA introduz uma oração contendo um fato incapaz de modificar o fato da outra. O fato de "estimá-la mais que a todos" não o impede de "continuar reservado".

Ex.: Conquanto fosse tarde, ainda saí de casa.

? Observe que a conjunção CONQUANTO introduz uma oração que não muda o fato da outra oração. O fato de ser tarde não cerceia o fato de eu sair.

Obs.: Ocorre uma situação curiosa com a conjunção POSTO QUE: Vinícius de Moraes, na última estrofe do "Soneto de Orfeu", utilizou esta conjunção com valor causal (licença poética). Este uso influenciou tanto a cultura, que se tornou muito mais utilizado do que no próprio sentido original e exigido pela norma culta.

"Eu possa dizer do meu amor (que tive)
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure".

BIZU

É importante também chamar a atenção do candidato para o fato de que as conjunções concessivas podem indicar um fato concreto ou hipotético.

Ex.: Ainda que eu volte cansado do trabalho, irei à boate.

? A primeira oração indica um fato hipotético (não sei se estarei cansado ou não) que não altera o desfecho.

Embora eu esteja cansado, irei à boate.

? A primeira oração indica um fato concreto (eu estou cansado) que não altera o desfecho.

10.2.3. Condicionais

Introduzem uma ideia de condição. Esta ideia é exatamente oposta à da concessão. Um fato sempre vai depender do outro. As conjunções são SE, CASO, A NÃO SER QUE, A MENOS QUE, DESDE QUE, CONTANTO QUE.

BIZU

Caro candidato, ultimamente têm caído bastantes questões em concursos em que é solicitada a relação causa-efeito. E, em muitas dessas situações, a causa é representada por conectores condicionais. Tal é possível, pois há uma proximidade significativa entre as duas ideias. Ambas representam os fatos anteriores e geram uma consequência, distinguindo-se apenas pelo fato de a causa ser fato prévio concreto, e a condição, fato prévio hipotético.

Ex.: Contanto que não chova, vou à praia.

? Observe que a conjunção CONTANTO QUE introduz uma condição (não chover) para eu ir à praia. Observe que aí reside a oposição à concessão, pois, enquanto a condição prevê uma suposição para a realização da consequência, a concessão demonstra a anulação da hipótese (MESMO QUE CHOVA, VOU À PRAIA – vou à praia independentemente de chover ou não). Lembremos também que a condição não chover gera a consequência de ir ou não à praia.

Caso haja uma solução, tentarei até o fim.

? A conjunção CASO sugere a condição que poderá gerar o efeito de eu tentar até o fim; se não houver solução, não tentarei até o fim.

10.2.4. Temporais

Indicam uma marcação de tempo. As conjunções mais comuns são: QUANDO, MAL, LOGO QUE, APENAS (sinônimo de quando), DESDE QUE, NO MOMENTO QUE, ENQUANTO.

Ex.: "Quando você foi embora, fez-se noite em meu viver..." (Milton Nascimento).

? A conjunção QUANDO indica apenas o momento em que o fato da segunda oração teve início, não estabelecendo entre eles uma necessária relação causa-efeito.

Apenas ele chegou, todos saíram.

? A conjunção APENAS designa somente a hora em que todos saíram, não sendo necessariamente a causa de todos saírem.

"Mal o pai colocou o papel na máquina, o menino começou a empurrar uma cadeira pela sala" (Fernando Sabino).

? A conjunção MAL explicita que, logo após a ação do pai, ocorreu a ação do menino.

"Enquanto jantava, falei em voz baixa a Casimiro Lopes" (Graciliano Ramos).

? Conjunção ENQUANTO sugere que as duas ações ocorreram (***jantar*** e ***falar baixo a Casimiro Lopes***) simultaneamente.

Obs.: Vale a pena analisar a conjunção DESDE QUE nas frases a seguir.

Ex.: Desde que economizemos, compraremos tudo.

? A locução conjuncional DESDE QUE introduz uma condição para que possamos comprar tudo, portanto a locução conjuncional é subordinativa condicional.

Desde que voltou, nossos problemas começaram.

? A locução conjuncional DESDE QUE indica apenas o momento em que se iniciaram os problemas, não sendo a volta da pessoa necessariamente a causa.

10.2.5. Consecutivas

Introduzem uma ideia de consequência. Normalmente na oração principal aparecerá um elemento que dê intensificação (tão, tal, tamanho, tanto). A conjunção mais comum é QUE.

Ex.: "Abraçou-me com tal ímpeto, que não pude evitá-lo" (Machado de Assis).

Ex.: "... e era tão linda, morena e dourada pelo sol, que eu ia, no silêncio do ar, atirar-lhe um beijo..." (Eça de Queirós).

? Observe, nas duas frases, que apareceu a expressão de intensidade (TAL, TÃO) na oração principal e a conjunção QUE introduzindo valor de consequência, na primeira frase (não pude evitá-lo) e na segunda (eu ia, no silêncio do ar, atirar-lhe um beijo...).

10.2.6. Finais

Introduzem uma ideia de finalidade, objetivo.

Todas as conjunções finais podem ser substituídas pela palavra OBJETIVO. É interessante citar que a conjunção PORQUE pode significar PARA QUE, A FIM DE QUE, COM OBJETIVO DE QUE, DE TAL SORTE QUE...

BIZU

Você deve ficar atento ao fato de que as bancas têm relacionado, principalmente em questões de interpretação de textos, a ideia de finalidade à de consequência. Tal é efetivamente cabível visto que ambas representam fatos posteriores. Tome cuidado, pois, no primeiro momento, a finalidade passa a sensação de que se trata de fato anterior, mas é justamente o oposto, como ficará esclarecido nos exemplos a seguir.

Ex.: Vim aqui para que (com o objetivo de que) pudesse analisar o problema.

? Atenção: o primeiro fato a acontecer é "vir aqui" e o segundo fato "poder analisar o problema", então "poder analisar o problema" não faz com que "eu venha aqui, e sim "vir aqui" é que faz com que "eu possa analisar o problema".

João deve estudar a fim de que (com o objetivo de que) tenha a sua vaga assegurada no concurso.

? Atenção: o fato anterior é "João dever estudar", o posterior é "ter a vaga assegurada". O posterior não leva à ocorrência do anterior; o anterior é que leva à ocorrência do posterior.

10.2.7. Proporcionais

Introduzem uma ideia de proporção. As conjunções mais comuns são: À MEDIDA QUE, À PROPORÇÃO QUE, AO PASSO QUE, QUANTO.

Ex.: Quanto mais como, mais engordo.

? A conjunção QUANTO introduz a proporção entre comer e engordar. Se comer pouco, engorda-se pouco; se comer muito, engorda-se muito.

> "À medida, porém, que as horas se passavam, sentiam-me cair num estado de perplexidade e covardia" (Graciliano Ramos).

? A conjunção À MEDIDA QUE introduz a proporção entre as horas se passarem e a pessoa sentir-se cair num estado de perplexidade e covardia. Quanto mais as horas foram se passando, mais ele se sentia perplexo.

> "O trovador, à proporção que lia, ia mudando de fisionomia" (Lima Barreto).

? A conjunção À PROPORÇÃO QUE indica que dois fatos aconteciam simultânea e proporcionalmente.

10.2.8. Conformativas

Introduzem uma ideia de conformidade, de estar de acordo. As conjunções mais comuns são: DE ACORDO COM QUE, CONFORME, COMO, SEGUNDO, CONSOANTE, EM CONSONÂNCIA COM QUE.

Ex.: Agi conforme me foi ordenado.

? A conjunção CONFORME introduz a conformidade da ação com o que foi ordenado.

> Fez a obra como manda a lei.

? A conjunção COMO introduz a conformidade da realização da obra com o que manda a lei.

10.2.9. Comparativas

Introduzem uma ideia de comparação. Esta comparação pode ser de superioridade, igualdade ou inferioridade. As conjunções mais comuns são (DO) QUE, COMO, CONFORME.

Ex.: Agi conforme você agiu.

? A conjunção CONFORME estabelece uma comparação de igualdade entre a ação do sujeito da primeira oração (eu) e o sujeito da segunda (você).

"D. Glória vê máquinas e homens que funcionam como as máquinas" (Graciliano Ramos).

? A conjunção COMO introduz uma comparação de igualdade da forma como são vistos o homem e a máquina.

Obs.: O conector TAL QUAL, de valor comparativo, registra uma situação peculiar. TAL concorda com o primeiro elemento e QUAL com o segundo.

Ex.: Ela é tal qual a mãe.
Elas são tais qual a mãe.
Ela é tal quais as amigas.
Elas são tais quais as amigas.
"E as raízes se torcem quais serpentes" (Castro Alves).

Ex.: "Mais do que palavra
Diarreia é arma que fere e mata" (Ferreira Goulart).

Observe que o texto demonstra a importância maior da diarreia como arma do que como mera palavra.

Ex.: "Mostra ser mais velho do que seus comparsas uma boa dezena de anos" (Bernardo Guimarães).

? A conjunção DO QUE denuncia que a idade do cidadão citado é superior à de seus comparsas.

João bebe menos do que Maria.

? A conjunção DO QUE indica que João bebe uma quantidade inferior à Maria.

Nestes dois exemplos, o leitor deve observar que a conjunção pode ser QUE ou DO QUE. O termo DO é totalmente dispensável tanto semântica

como sintaticamente. A Esaf e a UnB cobram bastante essa informação em concursos.

10.2.10. Integrantes

Introduzem orações que podem ser substituídas pela palavra ISSO.

Ex.: Ele dizia que não adiantava pegar cor na praia...” (Luis Fernando Veríssimo).

? Observe que a segunda oração é introduzida por uma conjunção subordinativa integrante, podendo (a segunda oração) ser substituída inteiramente pela palavra ISSO: ELE DIZIA ISSO.

Ex.: Ele não disse se vem.

? SE é conjunção integrante, pois a oração que ela introduz pode ser substituída pela palavra ISSO: Ele não disse isso.

10.3. Exercícios

1. Dê a classificação completa das CONJUNÇÕES e LOCUÇÕES CONJUNTIVAS sublinhadas nas frases a seguir.

1) Malgrado estivesse triste, recebeu os amigos com sorrisos.

2) A não ser que ele esteja doente, sua ausência torna-se inexplicável.

3) Como a criança dormiu, os pais puderam ver televisão.

4) Ele não somente esteve aqui, como cumprimentou todos.

5) Ele esteve aqui, mas não cumprimentou ninguém.

6) A direção do curso não nos participou se haverá aula.

7) A direção nos lembrou o horário das aulas porque não nos atrasássemos.

8) Ele bebeu, que passou mal.

9) Segundo informou a direção, no próximo sábado haverá aula.

10) Eles já tomaram todas as precauções, portanto não haverá mais problemas.

11) Ficaremos aqui ou voltaremos para casa.

12) Estudem bastante, porquanto o edital será publicado na próxima semana.

13) Os candidatos devem estudar como os já aprovados.

14) Mal a criança começou a ver o desenho, dormiu.

15) Quanto mais estudamos, mais possibilidades temos de passar.

16) À medida que os políticos enriquecem, o povo empobrece.

17) Fizemos muito mais do que efetivamente deveríamos fazer.

18) Ora estudamos ora trabalhamos.

19) Os alunos do simulado vêm estudando bastante, logo os primeiros lugares serão conquistados por eles.

20) Não necessitamos de que nos falem o óbvio.

21) Posto que o traficante diga a verdade, ninguém acreditará nele.

22) Desde que ele se sinta bem aqui, poderá ficar.

23) Desde que ele chegou aqui, começou a passar mal.

24) João quase não estudou e fez excelente prova.

25) Maria não lavou as roupas tampouco as passou.

26) Uma vez que o material ainda não chegou, a aula será adiada.

27) Não percas a paciência, visto que Maria é apenas uma criança.

28) Consoante as regras estabeleciam, não poderá haver mais faltas.

29) As crianças tanto fizeram, que ficaram de castigo.

30) Estarei presente em todas as reuniões do condomínio para que não falem mal de mim.

2. (Fecap) Classifique as palavras como nas construções seguintes, numerando, convenientemente, os parênteses.

1) preposição
2) conj. subord. causal
3) conj. subord. conformativa
4) conj. coord. aditiva
5) adv. interrogativo de modo

( ) Perguntamos como chegaste aqui.
( ) Percorrera as salas como eu mandara.
( ) Tinha-o como amigo.
( ) Como estivesse frio, fiquei em casa.
( ) Tanto ele como o irmão são meus amigos.

a) 2 – 4 – 5 – 3 – 1
b) 4 – 5 – 3 – 1 – 2
c) 5 – 3 – 1 – 2 – 4
d) 3 – 1 – 2 – 4 – 5
e) 1 – 2 – 4 – 5 – 3

3. (AFC – CGU – Esaf) Assinale a opção em que o preenchimento da lacuna com o conectivo abaixo resulta em erro gramatical ou incoerência textual no seguinte fragmento.

A dívida pública brasileira é uma velha herança. _____(A)_____aumentou consideravelmente nos anos 80, _____(B)_____ os juros internacionais subiram muito. Mais de 40 países foram arrastados pela crise da dívida, a partir de 1982. _____(C)_____ seus governos foram capazes de reorganizar as contas públicas e de reduzir o peso da dívida. _____(D)_____o Brasil continuou prisioneiro do endividamento inflado naquele período e, além disso, permitiu o aumento de seu peso nos anos seguintes. _____(E)_____, a carga tributária brasileira é maior que a de todos ou quase todos os países emergentes e até

mais pesada que a de algumas economias avançadas, como os EUA e o Japão. ***(Adaptado de O Estado de São Paulo, Notas & Informações. 21 de abril de 2012)***

a) Portanto
b) quando
c) Porém
d) Mas
e) No entanto

4. (UM-SP) Assinale a alternativa em que a palavra "como" assume valor de conjunção subordinativa conformativa.

a) Como ele mesmo afirmou, viveu sempre tropeçando nos embrulhos da vida.
b) Como não tivesse condições necessárias para competir, participou com muita insegurança das atividades esportivas.
c) As frustrações caminham rápidas como as tempestades das matas devastadoras.
d) Indaguei-me apreensiva como papai tinha assumido aquela contínua postura de contemplação.
e) Como as leis eram tentativas naquele vilarejo, todos os moradores tentavam um meio de obediência às normas morais.

5. (Analista de Controle Interno – Sefaz-RJ – FGV) ***Entre a sociedade, a empresa e o Estado, está o profissional contábil, que, por sua vez, é o elo entre Fisco e contribuinte. É de fundamental importância que esse profissional aprimore seu entendimento tributário, percebendo sua necessidade. Ratifica-se, assim, o conceito de que a conscientização tributária pode representar um ponto de partida para a formação cidadã como uma das formas eficazes de atender às demandas sociais, com maior controle sobre a coisa pública.***

As ocorrências do QUE no período acima classificam-se, respectivamente, como

a) pronome relativo – pronome relativo – pronome relativo
b) pronome relativo – conjunção – conjunção
c) conjunção – conjunção – conjunção
d) conjunção – pronome relativo – pronome relativo
e) pronome relativo – pronome relativo – conjunção

6. (Analista de Controle Interno – Sefaz-RJ – FGV) ***Ao analisar o progresso da humanidade, percebe-se que o desenvolvimento social e econômico foi*** **possível porque o homem sistema-tizou formas de organização entre os povos.**

Assinale a alternativa em que a alteração da estrutura destacada no período acima tenha provocado alteração sintática e semântica.

a) porquanto o homem tenha sistematizado formas de organização entre os povos
b) pois o homem sistematizou formas de organização entre os povos
c) conquanto o homem tenha sistematizado formas de organização entre os povos
d) já que o homem sistematizou formas de organização entre os povos
e) uma vez que o homem sistematizou formas de organização entre os povos

7. (Analista de Controle Interno – Sefaz-RJ – FGV) ***Nesse sentido, se a evasão tributária é uma doença social, seu combate ou tratamento não pode ficar restrito aos seus agentes; é necessário o envolvimento de toda a sociedade*****.**

Assinale o termo que NÃO poderia ser colocado após o ponto-e-vírgula sob pena de provocar grave alteração de sentido.

a) portanto,
b) não obstante,
c) logo,
d) nesse sentido,
e) assim,

8. (TRE-RJ) O conectivo sublinhado estabelece uma ligação malfeita (coesão inadequada), quanto ao sentido, em:

a) Li este livro, *mas* não o entendi.
b) Como chegou atrasado, proibiram-no de entrar.
c) Ainda que ele queira, ninguém o ajudará em suas tarefas.
d) Estudou muito pouco para o concurso, pois conseguiu passar.
e) Tudo terminará bem, desde que o chefe permita a saída de todos.

9. (TRE-MT) Na frase "De um ano que, afinal, também não teve muitos escrúpulos, pois só se contradisse", a palavra pois pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:

a) portanto;
b) por conseguinte;
c) visto que;
d) caso;
e) ainda que.

10. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a conjunção "e" está empregada com valor adversativo.

a) "Deixou viúva e órfãos miúdos".
b) "Para diminuir a mortalidade e aumentar a produção, proibi a aguardente".
c) "Tenho visto criaturas que trabalham demais e não progridem".
d) "Iniciei a pomicultura e a avicultura".
e) "Perdi dois caboclos e levei um tiro de emboscada".

11. (Fiscal – Sefaz-RJ – FGV)
Diga que você me adora
Que você lamenta e chora
A nossa separação
Às pessoas que eu detesto
Diga sempre que eu não presto
No trecho acima há quantas ocorrências, respectivamente, de pronomes e conjunções?
a) Sete e cinco.
b) Cinco e cinco.
c) Seis e cinco.
d) Sete e quatro.
e) Seis e quatro.

12. (Técnico Judiciário – TRE-PA – FGV) *Ficam hibernando à espera do momento eleitoral <u>quando</u> deveriam estar em praça pública em busca de militantes e se expondo ao debate.*
A conjunção quando, no período acima, tem valor:
a) proporciona;
b) comparativo;
c) consecutivo;
d) temporal;
e) concessivo.

13. (TFC) Assinale a única opção que provoca mudança de sentido, se colocada no lugar da palavra destacada no texto abaixo.
"<u>Malgrado</u> fosse muito inteligente, não obteve bons resultados nas provas do concurso".
a) Embora.
b) Se bem que.
c) Dado que.
d) Ainda que.
e) Não obstante.

14. (Piloto Policial – Polícia Civil-RJ – FGV) Leia o seguinte texto, início do romance *Olhai os lírios do campo*, de Érico Veríssimo:

O médico sai do quarto n. 122.(*) A enfermeira vem ao seu encontro.

— Irmã Isolda – diz ele em voz baixa –, avise o Dr. Eugênio(*). É um caso perdido. Questão de horas, talvez de minutos. E ela sabe que vai morrer...

Os conectores que poderiam ser empregados de forma adequada ao sentido do texto no lugar dos asteriscos são:

a) enquanto, e;
b) quando, mas;
c) visto que, logo;
d) e, pois;
e) assim que, porque.

15. (Técnico Judiciário – TRE-AP – FCC) *A própria legislação admite que a identidade seja confirmada em recinto policial. A imposição de multa, porém, parece abusiva.*

Propõe-se a organização das frases acima num só bloco, iniciado por "A imposição de multa parece abusiva". Para que o sentido original se mantenha, as frases terão de ser conectadas por meio de:

a) ainda que;
b) mas;
c) dado que;
d) contanto que;
e) visto que.

16. (Analista – Fiocruz – FGV) "Caso a pessoa esteja dirigindo, no entanto, falar ao telefone pode se tornar uma tragédia"; a conjunção sublinhada pode ser substituída por todos os conectivos abaixo, mantendo-se o sentido original, exceto em:

a) porém
b) todavia
c) apesar de
d) entretanto
e) contudo

17. (Fiscal da Receita Estadual – AP – FGV) *Deve-se isso ao fato de as instituições brasileiras terem sido concebidas de forma coercitiva e unilateral, não havendo diálogo entre governantes e governados, mas apenas a imposição de uma lei e de uma ordem*

consideradas artificiais, quando não inconvenientes aos interesses das elites políticas e econômicas de então.

A respeito do uso do vocábulo quando no fragmento acima, pode-se afirmar que se trata de uma conjunção:

a) subordinativa com valor semântico de condição;
b) coordenativa com valor semântico de tempo;
c) coordenativa com valor semântico de finalidade;
d) subordinativa com valor semântico de concessão;
e) coordenativa com valor semântico de explicação.

18. (NCE) "Como os dados se referem a um único país e apenas às adoções legais, pode-se constatar que este país vive hoje dramaticamente uma verdadeira diáspora da infância abandonada". O segmento destacado dá ideia de:

a) causa;
b) comparação;
c) conformidade;
d) condição;
e) concessão.

19. (NCE) "A língua é um bem que percorre as gerações, passando de uma à outra, e será tão mais bem transmitida quanto mais estável for, ou, pelo menos, quanto menos interferências arbitrárias sofrer". As duas últimas orações subordinadas do período estabelecem com a sua principal uma relação de:

a) proporcionalidade;
b) temporalidade;
c) consequência;
d) comparação;
e) causalidade.

20. (NCE – TJ) Vocábulos que iniciam parágrafos como "mas" (3º §), "para que" (6º§) colaboram para que se mantenha no texto:

a) a coerência argumentativa;
b) a coesão formal;
c) a argumentação lógica;
d) a organização narrativa;
e) a estruturação enunciativa.

21. (NCE – TJ) Em "Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material....", a presença do segmento "não são apenas de ordem material" indica que, na continuidade do texto, haverá:

a) um termo de valor aditivo e pertencente a uma outra ordem;
b) um termo de valor adversativo e pertencente a uma ordem diferente da citada;
c) um termo de valor explicativo e pertencente à mesma ordem já referida;
d) um termo de valor concessivo e pertencente a uma ordem diversa;
e) um termo de valor conclusivo e pertencente à ordem citada anteriormente.

22. (AFTN – Esaf) Escreva diante de cada texto, adaptado de Aliomar Baleeiro, o número do operador lógico que preenche corretamente a lacuna.

( ) É característica da taxa a especialização do serviço em proveito direto ou por ato do contribuinte, , na aplicação do imposto, não se procura apurar se há qualquer interesse, direto ou indireto, por parte de quem o paga.
( ) Em 1896, Amaro Cavalcânti ponderava que a palavra "taxa", sem embargo de ser igualmente usada como sinônimo geral de impostos, não devia ser assim entendida ou empregada; , na sua acepção própria, designa o gênero de contribuição que os indivíduos pagam por um serviço diretamente recebido.
( ) O pagamento das taxas é facultativo; é, por assim dizer, o preço do serviço obtido e em que cada um o exige ou dele tira proveito.
( ) As taxas se devem revestir sempre do caráter de contraprestação inerente a essa espécie de tributos. Ao adotar-se interpretação outra, malograr-se-ão todas as cautelas da Constituição, que estabeleceu e quer uma rígida discriminação de competência, , prevendo a reedição de velhos abusos fiscais mascarados com o nome de taxas, preceituou proibição inequívoca.
( ) As despesas de administração da justiça poderiam ser pagas convenientemente por uma contribuição particular, que a ocasião o exigisse.
( ) Enquanto pelas taxas, o indivíduo procura obter um serviço que lhe é útil pessoalmente, o Estado, , procura, pelo imposto, os meios de satisfazer as despesas necessárias da administração.
( ) Os clássicos, assim como os contemporâneos, não divergem sobre a noção básica de taxa, se separem acerca de outros pontos acessórios.

(1) embora
(2) ao passo que
(3) à medida
(4) tanto assim que
(5) na medida

(6) visto como
(7) ao contrário
A sequência numérica correta é:
a) 6, 5, 1, 3, 4, 7, 2;
b) 1, 7, 5, 4, 2, 3, 6;
c) 2, 6, 5, 4, 3, 7, 1;
d) 1, 3, 2, 6, 5, 7, 4;
e) 2, 5, 6, 7, 4, 3, 1.

23. (NCE-TJ) "... ficaria louca se continuasse sozinha". A relação entre essas duas orações mostra que:
a) a segunda só se realiza se a primeira não se realizar;
b) a primeira se realiza contanto que a segunda não se realize;
c) a segunda é consequência da primeira;
d) a primeira é motivada pela segunda;
e) a primeira é uma hipótese para a realização da segunda.

24. (UCMG) Em "Orai porque não entreis em tentação", o valor da conjunção do período é de:
a) causa;
b) condição;
c) conformidade;
d) explicação;
e) finalidade.

25. (Oficial de Justiça – NCE) Nos itens abaixo, o emprego da conjunção OU (em maiúsculas) só tem nítido valor alternativo em:
a) "Quantos foram presos OU espancados pela liberdade de dizer o que pensam?"
b) "BMW OU bicicleta, o que conta é a sensação de poder sentar-se ao veículo e resolver em que direção partir."
c) "É a liberdade de escolher os canais (restritos em países totalitários), de ver um programa imbecil ou um jogo, OU estar tão perto das notícias quanto um presidente da República..."
d) "... só nos preocupamos com o que não temos OU com o que está ameaçado."
e) "É estar próximo de reis, heróis, criminosos, superatletas OU cafajestes..."

26. (TRF – Esaf) O globalismo é uma configuração histórico social abrangente, convivendo com as mais diversas formas sociais de vida e trabalho, mas também assinalando condições e possibilidades, impasses e perspectivas, dilemas e horizontes. no âmbito do globalismo emergem ou ressurgem localismos, provincianismos, nacionalismos, regionalismos, colonialismos, imperialismos, etnicismos, racismos e fundamentalismos; se reavivam os debates, as pesquisas e as aflições sobre a identidade e a diversidade, a integração e a fragmentação. Mas o que se desenvolve e predomina, recobrindo e impregnando as mais diferentes situações, é o globalismo. A despeito de tudo o que preexiste e subsiste, em todas as suas peculiaridades, generalizam-se as relações, os processos e as estruturas que constituem o globalismo (*A Era do Globalismo*, Octávio Ianni).
Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas, assegurando a coerência da informação.
a) Tanto é assim que / assim como
b) A fim de que / desde que
c) Contanto que / ainda que
d) Contudo / mas não
e) Por pouco que / sempre que

27. (TFC – Esaf) Indique a sequência que preenche corretamente as lacunas.
A Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco) estima que há 880 milhões de analfabetos adultos e 115 milhões de jovens em idade escolar fora da escola, entre a população mundial. A Unesco, , não divulgou os números para cada país pesquisado. Em setembro do ano passado, o Ministério da Educação divulgou os dados mais recentes sobre o Brasil, 14,7% da população entre 14 e 49 anos de idade continua analfabeta. Houve uma grande redução do problema, , há 20 anos, mais de 30% da população naquela faixa etária não sabia ler e escrever.
O Ministério relacionou a queda dos índices de analfabetismo com o aumento da escolaridade: em 1980, apenas 49% das crianças entre 7 e 14 anos estavam na escola, percentual que subiu para 96% no ano passado. O Brasil reduziu pela metade o percentual de analfabetos na população, dobrou o número de crianças em idade escolar nas salas de aula. Esse avanço é relevante, a simples alfabetização já não é mais suficiente para a conquista de emprego num mercado de trabalho competitivo. (*O Estado de S. Paulo* – Notas e Informações, 22/4/2000, p. A3)
a) porém – onde – pois – porque – contudo.
b) entretanto – apesar de – já que – por que – mas.
c) apesar de – entretanto – pois – por que – mas.
d) no entanto – onde – apesar de – já que – por que.

e) pois – porque – apesar de – já que – entretanto.

28. (AFRF – Esaf) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.
A economia lida com o problema usar de maneira mais eficiente possível todos os recursos disponíveis de um país, alcançar o nível mais alto possível de satisfação da procura ilimitada da sociedade por bens e serviços. O objetivo máximo da economia é satisfazer as necessidades humanas de produtos. A questão é que, as necessidades sejam praticamente ilimitadas, os recursos (naturais, mão de obra, capital e tecnologia) são escassos. (Adaptado de *Enciclopédia Compacta de Conhecimentos Gerais – Isto É*, p. 204 e 205)
a) como / para / assim.
b) de / de qual / desta forma.
c) de como / de modo a / embora.
d) de que / em que / para que.
e) por que / porque / enquanto.

29. (TRT-RJ) "... o Brasil é um país onde há leis que pegam e leis que não pegam, como se isso fosse uma originalidade brasileira como a jabuticaba". A alternativa em que se expressa a mesma ideia contida nesse segmento do texto é:
a) Como a jabuticaba, é uma originalidade brasileira o fato de haver leis que pegam e leis que não pegam.
b) Apesar de não ser uma originalidade brasileira, como a jabuticaba, há no país leis que pegam e leis que não pegam.
c) No Brasil há leis que pegam e leis que não pegam, como a jabuticaba, mas isso não é uma originalidade brasileira.
d) Como a jabuticaba, há no Brasil leis que pegam e leis que não pegam, embora isso não seja uma originalidade brasileira.
e) O Brasil é um país onde há leis que pegam e leis que não pegam e isso é marca da originalidade brasileira, como a jabuticaba.

30. (Eletrobrás – NCE) "Se você disser ao cidadão desprevenido que o leite, por ser essencial, deve sair das mãos dos particulares para cooperativas ou entidades estatais, se você disser que os bancos, vivendo exclusivamente das poupanças populares, não têm nenhuma razão de estar em mãos privadas, o cidadão o olhará com olhos perplexos de quem vê alguém propondo algo muito perigoso." O comentário correto a respeito deste segmento do texto é:

a) os dois segmentos iniciados pela conjunção SE indicam condições para que se realize a consequência citada;
b) o cidadão só olhará com espanto o autor das ideias citadas se elas já estiverem transformadas em realidade;
c) os adjetivos estatais e privadas são sinônimos no contexto em que estão inseridos;
d) o segmento poupanças populares equivale semanticamente a popularidade das poupanças;
e) o "algo muito perigoso" a que alude o texto se localiza no terreno cultural.

31. (MPOG-Esaf) Assinale a opção que preenche as lacunas do texto, tornando-o coeso e coerente.
Apesar de diferenças ideológicas ou acadêmicas a respeito da natureza das atividades que o Estado deve desempenhar, parece haver um consenso formado a respeito de como o Estado deve desempenhar essas atividades.
1 vigora o ideal de um governo representativo, em que os cidadãos elegem seus representantes, sob o regime de um mandato imperativo.
2 , há diversos exemplos de disfunções dos arranjos institucionais do Estado, que o tornam muito mais identificado com os interesses das elites.
3 , ao longo do século XX, o desenvolvimento de um Estado social democrático de direito resultou num processo de consolidação de estruturas voltadas também à prestação de serviços e implementação de políticas sociais.

	1	2	3
a)	Não mais	Mesmo assim	Portanto
b)	Entretanto	Diante disso	Mesmo assim
c)	Para sempre	Sendo assim	Nesse sentido
d)	Ainda	Entretanto	Não obstante
e)	Embora	Portanto	Entretanto

32. (Aud. Tesouro Mun. Fortaleza – Esaf) Assinale a opção que completa de forma coesa e coerente as lacunas do texto abaixo.

Sendo a síntese de fatores objetivos e subjetivos que não se esgotam no processo de trabalho propriamente dito, os elementos constitutivos da cultura do trabalho precisam ser considerados em sua historicidade, não apenas condicionada pela realidade externa, 1 pelas diferentes motivações que orientam a ação coletiva. 2 a cultura do trabalho resulta da dinâmica interna de um determinado sistema cultural, temos que considerar que, também nos empreendimentos populares, ela é o resultado de suas inter-relações com os outros sistemas.

a)	já como	Haja visto que
b)	mas também	Se
c)	mas não	Apesar de
d)	mas também	Embora
e)	entretanto	Se

33. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) ***Não direi mal dos tradutores, e Godofredo Rangel era dos bons.***

O tipo de articulação lógica que se estabelece entre os dois segmentos é equivalente ao que se estabelece entre os segmentos destacados em:

a) Ele não é mau tradutor, // mesmo assim a editora o dispensou.
b) Seu texto não chegou a ser criticado, // até porque não lhe faltavam altas virtudes.
c) Foi muito elogiado como tradutor, // no entanto lhe faltavam dotes de criador.
d) Há muito rigor na crítica aos tradutores, // não importa quanto venham a esforçar-se.
e) Vem colhendo os frutos de sua tradução, // razão pela qual pensa em fazer uma nova carreira.

34. (MP – NCE) "O homem contemporâneo não é onívoro como seu antepassado pré-histórico". Esse segmento traz uma ambiguidade que desapareceria se fosse reescrito, mantendo-se o sentido pretendido no texto, da seguinte forma:

a) O homem contemporâneo não é onívoro como era seu antepassado pré-histórico.
b) Como seu antepassado pré-histórico, o homem contemporâneo não é onívoro.
c) O homem contemporâneo, como seu antepassado pré-histórico, não é onívoro.
d) O homem contemporâneo e seu antepassado pré-histórico não são onívoros.

e) O antepassado pré-histórico do homem contemporâneo não é onívoro como ele.

35. (Auxiliar de Cartório – NCE) O segmento "Quando hibernam..." mostra:
a) um tempo que se realizam os fatos citados a seguir;
b) uma condição para que os fatos seguintes se realizem;
c) um lugar em que se realizam os fatos apontados na continuidade do texto;
d) uma situação concessiva, quando relacionada aos fatos seguintes;
e) uma explicação causadora dos fatos citados a seguir.

36. (BNDES-NCE) Na frase "Ou vai ou racha!", a conjunção OU tem o mesmo valor significativo que apresenta na seguinte frase:
a) O turista compreendia inglês ou francês com facilidade.
b) As vaias ou aplausos não perturbaram o presidente.
c) O empregado faz o que deve ou perde o emprego.
d) Na hora da premiação, chorava ou ria.
e) Morávamos no segundo ou no terceiro andar.

37. (NCE) No último parágrafo do texto, o autor declara chegar a uma conclusão e, para isso, utiliza a conjunção conclusiva portanto; a relação entre conectivo e valor semântico corretamente colocada entre os abaixo, é:
a) tal qual = comparação;
b) mesmo que = adversidade;
c) onde = tempo;
d) para que = direção;
e) à proporção que = lugar.

38. (Secretaria de Fazenda – PI – Esaf) O secretário da Receita Federal, na audiência pública na comissão especial da Câmara, <u>disse apreciar</u>(1) a proposta de emenda constitucional que prorroga a CPMF, <u>uma vez que</u>(2) 4.516 pessoas físicas isentas de tributação ou omissas movimentaram, juntas, mais de R$ 25 bilhões no ano passado com operações individuais <u>que</u>(3) ultrapassaram R$ 10 milhões. Afirmou também que outras 2.449 pessoas jurídicas imunes, inativas, isentas, omissas ou optantes do imposto Simples movimentaram, juntas, R$ 147 bilhões. A movimentação desses "contribuintes" é desproporcional e ofende o senso comum. Desse total, 857 contribuintes já foram fiscalizados, <u>que</u>(4) resultou num lançamento tributário da ordem de R$ 400 milhões, além de outras iniciativas de ordem judicial. Qualquer tipo de imposto está sujeito à sonegação,

mas a CPMF é mais resistente que qualquer outro, tanto à sonegação quanto à(5) elisão fiscal (Adaptado de Nelson Breve, www.estadao.com.br – 6/11/2001).

Para que o texto fique correto, é necessário substituir:

a) "disse apreciar"(1) por disse que apreciava;

b) "uma vez que"(2) por já que;

c) "que"(3) por as quais;

d) "que"(4) por o que;

e) "quanto à"(5) por como à.

39. (NCE) A substituição da locução grifada pelo elemento à direita altera sensivelmente o sentido do enunciado em:

a) "Por enquanto, para ver-se o que deve ser visto, será útil entender latim" / Por ora.

b) "O que faria o governo em face de mais uma estremeção no circuito financeiro internacional" / frente a.

c) "Nada mudaria na política econômica, afirmou, desde que mantida a condição *ceteris paribus*" / posto que.

d) "Tarefa gigantesca, ainda mais porque precisamos tomar iniciativas agora / especialmente.

e) "o que menos se tem é alguma coisa parecida com a placidez do *ceteris paribus* – a não ser que se use a expressão, retorcendo-a para referência ao próprio quadro de incertezas" / a menos que.

40. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – FCC) ***Mais brasileira, mais tradicional, mais poética, incomparavelmente, é a festa de Nossa Senhora da Glória. O pequeno oiteiro da Glória, com a sua capelinha duas vezes secular, é um dos sítios mais aprazíveis, mais ingenuamente pitorescos da cidade. As velhas casas da encosta cederam lugar a construções modernas. Entretanto a igrejinha tem tanto caráter na sua simplicidade que ela só e mais uma meia dúzia de palmeiras bastam a guardar a fisionomia tradicional da colina.***

(Manuel Bandeira. Fragmento de Crônicas da Província do Brasil. In: Poesia completa e prosa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, v. único, 1993. p. 449)

A articulação sintático-semântica entre as orações do período grifado acima denota relação de

a) condição e ressalva.

b) consequência e temporalidade.

c) causa e consequência.

d) fato real e temporalidade.

e) constatação e sua causa imediata.

41. (NCE) Em "Numa pólis bem constituída, todos correm para as assembleias; sob um mau governo...", que conjunção poderia substituir adequadamente o ponto e vírgula entre os dois termos destacados?

a) mesmo que
b) visto que
c) sem que
d) embora
e) todavia

42. (NCE) O sentido de "As reuniões cresceram, assumiram fortes dimensões políticas e tornaram-se eventos de grande repercussão, <u>ainda que</u> prejudicadas pela censura vigente" fica sensivelmente alterado com a substituição da locução sublinhada por:

a) conquanto;
b) posto que;
c) visto como;
d) não obstante;
e) malgrado.

43. (Técnico Judiciário – TRE-SP – FCC) ***Mas, <u>embora ele não tivesse sido nomeado</u>, todos sabiam quem era o comandante*.**

Em relação à frase em que está inserido, o segmento grifado acima possui um sentido:

a) condicional;
b) causal;
c) concessivo;
d) comparativo;
e) conclusivo.

44. (NCE) Em "tampouco deve (...) se amoldar aos desejos de seus eleitores...", "tampouco" é substituível, sem prejuízo do sentido, por:

a) sobretudo não;
b) ainda assim não;
c) também não;
d) apesar disso não;
e) particularmente não.

45. (Coppe) Na frase "As crendices variam, a matemática é a mesma para toda a humanidade, sendo, , confiável e útil, a crendices estão envoltas nas trevas da vaguidade e da superstição", as lacunas podem ser preenchidas, respectivamente, por:

a) embora, por conseguinte, enquanto;

b) no entanto, logo, ao passo que;

c) mas, portanto, ao passo que;

d) ainda que, portanto, à medida que;

e) porém, logo, ao passo que.

Capítulo 11

Preposição

Preposição é a palavra invariável que relaciona dois termos, subordinando o segundo ao primeiro.

11.1. Essenciais

Funcionam apenas como preposição.

A, ANTE, APÓS, ATÉ, COM, CONTRA, DE, DESDE, EM, ENTRE, PARA, PER, PERANTE, POR, SEM, SOB, SOBRE, TRÁS.

11.2. Acidentais

Palavras que, excepcionalmente, podem funcionar como preposição.

CONFORME, SEGUNDO, CONSOANTE, MEDIANTE, FORA, EXCETO, SALVO, DURANTE, TIRANTE, FEITO, QUE (sinônimo de DE).

> Ex.: "Já em 1876, segundo o testemunho de um sacerdote, que ali fora..." (Euclides da Cunha).
>
> Ex.: Tenho que estudar.

QUE acidentalmente funciona como sinônimo da preposição DE: Tenho de estudar. Esse, inclusive, é o entendimento da FGV. Já o Cespe, na prova de Escrivão – PF 2002, classificou o QUE como conjunção.

Obs.: Somente com preposições essenciais, utilizam-se pronomes oblíquos tônicos.

Ex.: Sem ti, não iremos à praia.

Já com preposições acidentais, utilizam-se os pronomes retos.

Ex.: Todos foram à praia, exceto tu.

11.3. Locuções prepositivas

Mais de uma palavra com função de preposição (a última palavra deve ser uma preposição essencial).

ABAIXO DE, JUNTO DE, COM OBJETIVO DE, CERCA DE, ACERCA DE, AO ENCONTRO DE (a favor de), DE ENCONTRO A (contra).

Obs.: A gramática admite a ocorrência de duas preposições em sequência em apenas dois casos: "para com" e "até a".

Ex.: "E me fiz todo gratidão para com ele..." (Raul Pompeia).

"Desde a porta até ao fundo do quintal" (Machado de Assis).

11.4. Combinação

Junção de preposição com outra classe gramatical sem alteração fonética.

AO, AONDE.

11.5. Contração

Junção de preposição com outra classe gramatical com alteração fonética.

ÀS, DA, DOS, NO, DAQUELE.

Obs.: É importantíssimo ressaltar que, quando o termo posterior à preposição funcionar como sujeito, não poderá haver a combinação ou a contração.

Ex.: Não houve possibilidade de o professor resolver o problema.

Observe que "o professor" é sujeito do verbo "resolver", sendo assim não se pode unir a preposição DE ao artigo O.

Não gostamos do problema criado.

"Do problema criado" é objeto indireto, portanto a combinação da preposição com artigo será obrigatória.

BIZU

Chamo a atenção para o fato de a Esaf explorar casos de combinação ou contração facultativas. Isso ocorre quando o elemento seguinte à preposição não funcionar como sujeito e a sonoridade da combinação for desagradável. Tal situação já levou ao quase desuso as contrações COM + O, A, OS, AS – COO, COA, COOS, COAS. Também serão facultativas

contrações de preposição com artigos indefinidos (um, uma, uns, umas – quando não participarem do sujeito) e pronomes indefinidos (outro, outra, outros, outras – quando não participarem do sujeito), e da preposição DE com o termo ONDE.

Ex: "No cimo dum outeiro" (Fernando Pessoa) – DUM ou DE UM

"Não há certeza doutra, mas suspeita" (Camões) – DOUTRA ou DE OUTRA

"Quem eram? Donde vinham? – Pouco importa?" (Castro Alves) – DONDE ou DE ONDE

11.6. Valores semânticos das preposições

A

Condição – A continuarem os sintomas, procure um médico!

Concessão – Ela nada comia a não ser sanduíche.

Direção – "Levaram-no à Capital da Bahia" (Euclides da Cunha).

Tempo – "Ao voltar, bem escovado, bem perfumado, achei a lancha atulhada" (Eça de Queirós).

Fim – "Ela despedaçou o lacre a ler a Seixas o papel" (José de Alencar).

Instrumento – Fizemos a prova a lápis.

Meio – Andar a cavalo.

Modo – Falar aos gritos.

Lugar – "Dormindo imenso ao luar" (Castro Alves).

Semelhança, conformidade – Maria saiu aos avós.

ANTE

Posição anterior ou frontal – Quedou-se ante o quadro, admirando-o.

Causa – Ante o desfecho inevitável, todos se prepararam para o pior.

APÓS

Tempo posterior – As aulas terão início após as festas de fim de ano.

Lugar posterior – João está após Pedro.

ATÉ

Limite de lugar – Iremos até Copacabana.

Limite de tempo – As aulas começarão até às duas horas.

COM

Companhia – "Dom Casmurro, domingo vou jantar com você" (Machado de Assis).

Soma – Quando unimos o conhecimento de Paulo com a esperteza de João, teremos o ser humano ideal.

Modo – "Puxei, com a mão a tremer, a minha chávena de chá..." (Eça de Queirós).

Instrumento – Fizemos o trabalho com o computador.
Condição – Com sorte, não pegaremos engarrafamento.
Causa – Ele empobreceu com o Plano Collor.

DE

Posse – Lápis de João.
Finalidade – "E o coração... é instrumento de sopro ou de percussão?" (Fernando Sabino).
Origem – "Afirmava-se que o fogo começara de uma sala" (Raul Pompeia).
Matéria – "A *urbs* monstruosa, de barro..." (Euclides da Cunha).
Causa – "A filha, pode ser que pálida de medo, dissimulava..." (Machado de Assis).
Modo – Ele vive de pequenos furtos.
Assunto – "Falamos dos colegas..." (Raul Pompeia).
Lugar – Estávamos de longe analisando o problema.
Tempo – "Acordo de noite, subitamente" (Fernando Pessoa).
Meio – "... coça a cabeça, irresoluto: de ônibus ou de táxi?" (Fernando Sabino).

DESDE

Afastamento de um lugar – Estou correndo desde o início da rua.
Início de um tempo – Desde a chegada dele, tivemos problemas.

EM

Lugar – "Os navios no mar apodreciam" (Castro Alves).
Modo – É bom viver uns tempos em paz.
Tempo – Em duas horas, ele estará presente.
Causa – Ele estava triste em não poder viajar.
Finalidade – Ela veio aqui em auxílio.
Matéria – A estátua é feita em ouro.

ENTRE

Posição intermediária no espaço – Moramos entre Copacabana e Ipanema.

Posição intermediária no tempo – Entre duas e três horas, estaremos lá.

PARA

Direção – "Foi assim que me encaminhei para o *undiscovered country* de Hamlet..." (Machado de Assis).

Finalidade – "... escrava rebelde e insensata, não terás mãos nem pés para pôr em prática teus sinistros intentos" (Bernardo Guimarães).

Conformidade – Para João, Flamengo é o melhor time do campeonato.

Restrição – Proibido para menores.

PER (DESUSO) / **POR**

Lugar – Viajamos por estradas inóspitas.

Causa – "O parasita, feliz por ver quanto o amigo aviltava a mulher..." (Aluísio de Azevedo).

Tempo – "Eu sei que vou te amar / por toda a minha vida" (Vinicius de Moraes).

Agente – O trabalho foi feito por João.

Meio – Nós nos falamos por telefone.

Comparação – "Sabe que o tomam por outro" (Fernando Sabino).

PERANTE

Diante de – Ficamos perante o professor durante duas horas.

SEM

Ausência (falta) – "Sem ela o que é a vida?" (Castro Alves).

Condição – Sem passaporte, não poderão viajar.

SOB

Posição inferior – Conversamos sob a ponte.

Proteção – Estávamos sob o amparo da lei.

Sujeição – "Fazia-se a crítica dos novos sob um ponto de vista inteiramente deles" (Raul Pompeia).

SOBRE

Posição superior – "O pé direito sobre um monte enorme de carvões..." (Raul Pompeia).

Assunto – "Documento iniludível permitindo o corpo de delito sobre os desmando de um povo" (Euclides da Cunha).

Preferência (acima de) – Amar a Deus sobre todas as coisas.

TRÁS

(DESUSO) – atrás de, depois de...

ATENÇÃO: As preposições podem ter valor nocional ou relacional. Este assunto, que é uma das preferências do NCE, será desenvolvido no capítulo de sintaxe, mais particularmente na comparação entre complemento nominal e adjunto adnominal.

11.7. Exercícios

1. (Analista Judiciário – TRE-PE – FCC) A oração sublinhada exprime uma finalidade em:

a) Ele trabalha por trabalhar, e não por qualquer razão mais nobre.

b) Kucinski escreveu um livro por sentir-se indignado com as atitudes de seus colegas.

c) Há jornalistas que perseguem valores éticos para orientá-los no exercício de sua profissão.

d) A ideia de trabalhar para a comunidade não está comovendo os jovens profissionais.

e) Ele dedicou parte de sua vida ao jornalismo enquanto acreditava na alta relevância de sua profissão.

2. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a preposição COM exprime a mesma ideia que possui em "Surge a lua cheia para chorar com os poetas".

a) O menino machucou-se com a faca.
b) Ela se afastou com um súbito choro.
c) Tinha empobrecido com as secas.
d) Deve-se rir com alguém, não de alguém.
e) Ele se confundiu com a minha resposta.

3. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a preposição DE exprime a mesma ideia que possui em "a cair de fome".
a) De tanto chorar, os seus olhos ficaram inchados.
b) De noite, todos os gatos são pardos.
c) Chegaram hoje cedo de Pernambuco.
d) Devemos nutrir o espírito de boas leituras.
e) Carregava no bolso um relógio de ouro.

4. (UFF) A opção em que a preposição destacada tem valor indicado entre parênteses é:
a) "Vou-me embora de Pasárgada" (movimento de afastamento de um ponto).
b) "Tem prostitutas para a gente namorar" (direção).
c) Já comprei ida sem volta" (posição de inferioridade).
d) "Andarei de bicicleta" (posse).
e) Em Pasárgada tem tudo" (posição no interior de dois limites indicados).

5. (Fiscal – SEFAZ-RJ – FGV) ***É certo que a mudança do enfoque sobre o tema, no âmbito das empresas – principalmente, as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos de postura administrativa decorrentes da adoção de critérios de responsabilização penal da pessoa jurídica em seus países de origem. Tais mudanças, inevitavelmente, terão que abranger as práticas administrativas de suas congêneres espalhadas pelo mundo, a fim de evitar respingos de responsabilização em sua matriz.***
No trecho acima, as ocorrências da palavra QUE classificam-se, respectivamente, como:
a) pronome relativo e preposição;
b) conjunção integrante e preposição;
c) conjunção integrante e conjunção integrante;
d) pronome relativo e conjunção integrante;
e) preposição e pronome relativo.

6. (Perito da Polícia Civil – RJ – FGV) "*Por* precaução, a maioria dos médicos recomenda evitar a combinação de bebida e remédios".
A preposição "*por*", no fragmento acima, tem valor de:

a) meio;
b) modo;
c) condição;
d) consequência;
e) causa.

7. (UFF) Em "Ela despedaçou o lacre a ler a Seixas o papel", a preposição assinalada introduz uma ideia de:
a) consequência;
b) causa;
c) condição;
d) fim;
e) modo.

8. (Técnico Judiciário – TRE-PA – FGV) ***Aliás, o melhor para a democracia seria separar os fundos partidários dos destinados às campanhas eleitorais*****. A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:**
I. Há três preposições.
II. Há quatro artigos.
III. Há um pronome demonstrativo.
Assinale:
a) se todas as afirmativas estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se nenhuma afirmativa estiver correta;
d) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
e) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

9. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) ***A despeito do sucesso, o ganha-pão do escritor seria obtido...***
O elemento grifado acima pode ser corretamente substituído, sem alteração do sentido original, por:
a) Em razão do
b) Conquanto o
c) Em que pese o
d) Em vista do
e) A partir do

10. (Técnico Judiciário – TRT-14ªRegião – FCC)
Logo, são eles que veem,
não eu que, mesmo cônscio
do logro, lhes sou grato
por anteciparem em mim
o Édipo curioso
de suas próprias trevas.
(José Paulo Paes)
"por anteciparem em mim"
O segmento acima introduz no contexto noção de:
a) condição;
b) consequência;
c) ressalva;
d) causa;
e) temporalidade.

11. (Fiscal – ICMS – RJ – FGV) ***É certo que a mudança do enfoque sobre o tema, no âmbito das empresas – principalmente, as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos de postura administrativa decorrentes da adoção de critérios de responsabilização penal da pessoa jurídica em seus países de origem. Tais mudanças, inevitavelmente, terão que abranger as práticas administrativas de suas congêneres espalhadas pelo mundo, a fim de evitar respingos de responsabilização em sua matriz.***
No trecho acima, as ocorrências da palavra QUE classificam-se, respectivamente, como:
a) Pronome relativo e preposição;
b) Conjunção integrante e preposição;
c) Conjunção integrante e conjunção integrante;
d) Pronome relativo e conjunção integrante;
e) Preposição e pronome relativo.

12. (TJ) "Nas empresas, que saiam para a rua."
"... definam um bom espaço para se encontrar..."
Qual a noção indicada pela preposição PARA, respectivamente, nos dois casos acima?
a) lugar / finalidade
b) finalidade / tempo
c) condição / modo
d) tempo / lugar
e) direção / finalidade

13. (Fundec) Observe o valor das preposições empregadas e, depois de enumerar de acordo, aponte a alternativa correta.

1 – Morrer a três passos do cemitério	**( ) Proximidade**
2 – Escrever a lápis	**( ) Instrumento**
3 – Falar aos gritos	**( ) Modo**
4 – Estar ao telefone	**( ) Distância**
5 – Voltar a pé	**( ) Meio**

a) 2 – 1 – 4 – 5 – 3
b) 2 – 3 – 5 – 4 – 1
c) 4 – 2 – 3 – 1 – 5
d) 4 – 1 – 5 – 3 – 2

14. O segmento do texto cujo elemento destacado tem seu valor semântico incorretamente indicado é:
a) "EM oito anos..." = tempo;
b) "... visitantes DE outros estados..." = origem;
c) "... da economia DA cidade..." = propriedade;
d) "... não sabe lidar, POR falta de ação integrada..." = causa;
e) "... falar EM dinheiro mal aplicado..." = oposição.

15. (TRT) A alternativa abaixo em que o conectivo em destaque tem seu valor semântico erradamente indicado é:
a) "... não há polícia suficiente para fazê-la ser cumprida" = finalidade;
b) "... uma originalidade brasileira como a jabuticaba." = comparação;
c) "... muita lei que não pega por falta dessa sintonia" = causa;
d) "... existe uma lei óbvia segundo a qual..." = ordenação;
e) "... mas raramente usam capacete" = adversidade.

16. (NCE) "De uma colina, onde se descortinava toda a cidade, dois homens mantinham silêncio olhando os dois corpos que balançavam lado a lado no patíbulo da praça". O item

em que a preposição sublinhada (sozinha ou combinada) tem o mesmo valor semântico da preposição de (no segmento do texto) é:

a) "... era o juiz mais sábio e justo de todo o país".

b) "... que perdoou ao frio assassino do filho?"

c) "Qual a razão desta sentença, senhor juiz?"

d) "E o juiz, do fundo de sua sabedoria, disse..."

e) "... no patíbulo da praça".

17. (ANA – NCE) "Morrerão de doenças", o valor semântico da preposição sublinhada repete-se em:

a) As águas ficarão contaminadas de bactérias.

b) Os estudos mostraram a contaminação das águas.

c) As águas contaminadas são a causa de doenças.

d) A água dos rios é mais contaminada que a marinha.

e) Os habitantes do Sul padecem de frio.

18. (Radiobrás – NCE) O item em que o valor do vocábulo em maiúsculas está erradamente indicado é:

a) "... quando se trata de carta PARA namorada..." – destinação;

b) "... e ATÉ entre os ambulantes" – inclusão;

c) "... seguem na letra à mão DE Paulo" – posse;

d) "... há meses NA cidade, ... – lugar;

e) "Eles confiam em mim PORQUE sou mais velho" – explicação.

19. (Engepron – NCE) O item em que o valor da preposição está incorretamente identificado é:

a) "Foi a 23 de outubro de 1906" = tempo;

b) "reservada a essas tentativas" = finalidade;

c) "nas margens do Sena, em Neuilly" = lugar;

d) "tomava um valor suficiente para erguê-lo" = direção;

e) "foi calculada em 35 quilômetros" = aproximação.

20. (TCES – NCE) Em que frase a seguir, o valor semântico da preposição de é idêntico àquele com que aparece no título (Dos Deputados ou Representantes)?

a) Os deputados são representantes do povo.

b) Os políticos falavam de política.

c) Os interesses do Estado são discutidos na assembleia.

d) Toda a legitimidade provém das eleições.
e) A eleição de deputados é essencial à democracia.

21. (Cor. Geral – RJ – NCE) "Na realidade, o fenômeno do quarto de Lucila se reproduz com velocidade em outras casas de todo o país, em resposta a um apelo irresistível..." Qual das preposições a seguir poderia substituir a preposição em nessa frase, conservando-se o seu significado?
a) para
b) de
c) por
d) com
e) como

22. (TJ – RJ – NCE) Indique o item em que o valor nocional da preposição destacada não está corretamente indicado:
a) "Para quem mora na favela..." – lugar.
b) "... para ele, "a rua" também é familiar." – direção.
c) "... condição para obter crédito..." – finalidade.
d) "... para não ser olhado com medo..." – modo.
e) "... identificada apenas por seu estereótipo..." – meio.

23. (UnB / Cespe – SMF / Maceió – AL – Fiscal de Tributos Municipais) Para o presidente da OAB, pesou na decisão de mudança do decreto o parecer elaborado por dois advogados, que contém o seguinte trecho: "O decreto pune os bons contribuintes, deles retirando qualquer garantia, visto que sempre dependerão de humores da fiscalização, pródiga em ofertar à lei distorcida interpretação. É que o fisco, até por dever de ofício, sempre tem por 'suspeitos' todos os cidadãos."
Silvana de Freitas. *In: Internet:* <http://www.folha.com.br>. Acesso em 28/12/2002 (com adaptações).
1) A expressão "visto que" (l. 4) pode ser corretamente substituída por "porquanto", mantendo-se a correção sintática e semântica do período.
2) As preposições "Para" (l. 1) e "por" (l. 6) podem ser substituídas por "segundo" e "como", respectivamente, sem prejuízo à correção gramatical das orações em que ocorrem.

Capítulo 12

Interjeição

Expressão que traduz os sentimentos e as reações das pessoas.

INTERJEIÇÕES MAIS COMUNS:

De exclamação – Viva!

De admiração – Oh!

De alívio – Ah!

De aplauso – Bravo!

De desejo – Oxalá!

De dor – Ai! Ui!

De chamamento – Psiu!

De satisfação – Oba!

De solicitação de silêncio – Chi!

Capítulo 13
Numeral

São palavras que dão ideia de quantidade ou ordem dos seres.

13.1. Numeral substantivo

Não funciona ao lado de um substantivo.

Ex.: Os primeiros já chegaram.

13.2. Numeral adjetivo

Funciona ao lado de um substantivo.

Ex.: Os primeiros concorrentes já chegaram.

13.3. Classificação

13.3.1. Multiplicativo

Indica multiplicação.

Ex.: dobro, triplo, quádruplo...

13.3.2. Fracionário

Indica a ideia de divisão.

Ex.: metade, um terço, quinze avos...

13.3.3. Ordinais	13.3.4. Cardinais
primeiro	um
segundo	dois
terceiro	três
quarto	quatro
quinto	cinco
sexto	seis
sétimo	sete
oitavo	oito
nono	nove
décimo	dez
décimo primeiro ou undécimo	onze
décimo segundo ou duodécimo	doze
décimo terceiro	treze
décimo quarto	quatorze ou catorze
vigésimo	vinte
vigésimo primeiro	vinte e um
trigésimo	trinta

quadragésimo	quarenta
quinquagésimo	cinquenta
sexagésimo	sessenta
septuagésimo ou setuagésimo	setenta
octogésimo	oitenta
nonagésimo	noventa
centésimo	cem
ducentésimo	duzentos
trecentésimo	trezentos
quadringentésimo	quatrocentos
quingentésimo	quinhentos
seiscentésimo, sexcentésimo	seiscentos
septingentésimo, setingentésimo	setecentos
octingentésimo	oitocentos
nongentésimo, noningentésimo	novecentos
milésimo	mil
dez milésimos	dez mil
cem milésimos	cem mil
milionésimo	um milhão

bilionésimo	um bilhão

Observações

1– Para designar séculos, reis, papas, capítulos, contos, devem ser empregados os ordinais até décimo e os cardinais para os demais. Também é interessante ressaltar que, nestes casos, a escrita deve ser em algarismos romanos.

Ex.: D. Pedro I (primeiro)
Século XX (vinte)

2– Com a preposição EM, as palavras "página", "folha" e "capítulo" ficarão no singular e, consequentemente, o numeral será invariável.

Ex.: Na página vinte e dois...; na folha trinta e um...

Já com a preposição A, tanto se podem usar os vocábulos "página", "folha" e "capítulo" no singular ou no plural. Usando-se no singular, a consequência é a mesma da ocorrida com a preposição EM. No entanto, com o termo no plural, o numeral o acompanha.

Ex.: à pagina dois, a páginas duas, à folha vinte e um, a folhas vinte e uma...

13.4. Exercícios

1. (Uni-Rio) Para CEM, a língua só tem uma forma de ordinal, CENTÉSIMO, usado pelo autor. Assinale o item, em que o ordinal correspondente ao cardinal admite duas formas:

a) 100
b) 90
c) 13
d) 7
e) 600

2. (Puccamp-SP) Os ordinais referentes aos números 80, 300, 700 e 90 são, respectivamente:

a) octagésimo, trecentésimo, septingentésimo, nongentésimo;
b) octogésimo, trecentésimo, septingentésimo, nonagésimo;
c) octingentésimo, tricentésimo, septuagésimo, nonagésimo;
d) octogésimo, tricentésimo, septuagésimo, nongentésimo;
e) nenhuma das respostas anteriores.

3. (Univ. Fed. de Juiz de Fora – MG) Marque o emprego incorreto do numeral.
a) século III (três)
b) página 102 (cento e dois)
c) 80o (octogésimo)
d) capítulo XI (onze)
e) X tomo (décimo)

4. (Fupe) Indique o item em que os numerais estão corretamente empregados:
a) Ao Papa Paulo Seis sucedeu João Paulo Primeiro.
b) Após o parágrafo nono, virá o parágrafo décimo.
c) Depois do capítulo sexto, li o capítulo décimo primeiro.
d) Antes do artigo dez vem o artigo nono.
e) O artigo vigésimo segundo foi revogado.

5. (FMU) Sabendo-se que os numerais podem ser cardinais, ordinais, multiplicativos e fracionários, podemos dar os seguintes exemplos:
a) um (cardinal), primeiro (ordinal), Leão onze (multiplicativo) e meio (fracionário);
b) um (cardinal), milésimo (ordinal), undécuplo (multiplicativo) e meio fracionário);
c) um (ordinal), primeiro (cardinal), Leão onze (multiplicativo) e meio (fracionário);
d) um (ordinal), primeiro (cardinal), cêntuplo (multiplicativo) e centésimo (fracionário);
e) um (cardinal), primeiro (ordinal), duplo (multiplicativo), não existindo numeral denominado fracionário.

6. (Unesp) Assinale o caso em que não haja expressão numérica de sentido indefinido.
a) Ele é o duodécimo colocado.
b) Quer que veja este filme pela milésima vez?
c) "Na guerra os meus dedos dispararam mil mortes".
d) "A vida tem uma só entrada; a saída é por cem portas".
e) n.d.a.

7. (Corregedoria Geral da justiça – RJ – NCE) "Mas estamos em pleno século XX..." O item abaixo em que devemos ler o algarismo romano como ordinal é:

a) no século XI antes de Cristo;

b) o papa recebeu o nome de João XXIII;

c) no século XII da nossa era;

d) Inocêncio X foi papa;

e) Luís XVI foi rei da França.

8. (Infraero – NCE) O algarismo romano XIX é lido como numeral cardinal; o item em que o algarismo romano deve ser lido como ordinal é:

a) Luís XVI;

b) João XXIII;

c) Pio X;

d) século XXI;

e) casa II.

Capítulo 14

Verbo

Verbo é o termo variável de número e pessoa que pode expressar ideia de estado, qualidade, ação, acontecimento etc., localizando seu tempo.

14.1. Verbos regulares

São aqueles que não sofrem alterações fonéticas no radical e seguem o modelo de desinências dos verbos de 1ª, 2ª e 3ª conjugação, elencados a seguir.

1ª Conjugação – Cantar –

Indicativo

Presente				Pretérito Perfeito				Pretérito
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD
Cant	-	-	o	Cant	e	-	i	Cant
Cant	a	-	s	Cant	a	-	ste	Cant
Cant	a	-	-	Cant	o	-	u	Cant
Cant	a	-	mos	Cant	a	-	mos	Cant

Cant	a	-	is	Cant	a	-	stes	Cant
Cant	a	-	m	Cant	a	-	ram	Cant
Pretérito Mais-que-Perfeito				Futuro do Presente				Futuro d
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD
Cant	a	ra	-	Cant	a	re	i	Cant
Cant	a	ra	s	Cant	a	rá	s	Cant
Cant	a	ra	-	Cant	a	rá	-	Cant
Cant	á	ra	mos	Cant	a	re	mos	Cant
Cant	á	re	is	Cant	a	re	is	Cant
Cant	a	ra	m	Cant	a	rã	o	Cant

Subjuntivo

Presente				Pretérito Imperfeito				Futuro
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD
Cant	-	e	-	Cant	a	sse	-	Cant
Cant	-	e	s	Cant	a	sse	s	Cant
Cant	-	e	-	Cant	a	sse	-	Cant

Cant	-	e	mos	Cant	á	sse	mos	Cant
Cant	-	e	is	Cant	á	sse	is	Cant
Cant	-	e	m	Cant	a	sse	m	Cant

Imperativo

Afirmativo				Negativo				
RAD	VT	DMT	DNP		RAD	VT	DMT	DNP
Cant	a	-	-	não	Cant	-	e	s
Cant	-	e	-	não	Cant	-	e	-
Cant	-	e	mos	não	Cant	-	e	mos
Cant	a	-	i	não	Cant	-	e	is
Cant	-	e	m	não	Cant	-	e	m

2ª Conjugação – Vender –

Indicativo

Presente				Pretérito Perfeito				Pretéri
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD
Vend	-	-	o	Vend	-	-	i	Vend

Vend	e	-	s	Vend	e	-	ste	Vend
Vend	e	-	-	Vend	e	-	u	Vend
Vend	e	-	mos	Vend	e	-	mos	Vend
Vend	e	-	is	Vend	e	-	stes	Vend
Vend	e	-	m	Vend	e	-	ram	Vend

Pretérito Mais-que-Perfeito				Futuro do Presente				Futuro
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD
Vend	e	ra	-	Vend	e	re	i	Vend
Vend	e	ra	s	Vend	e	rá	s	Vend
Vend	e	ra	-	Vend	e	rá	-	Vend
Vend	ê	ra	mos	Vend	e	re	mos	Vend
Vend	ê	re	is	Vend	e	re	is	Vend
Vend	e	ra	m	Vend	e	rã	o	Vend

Subjuntivo

Presente				Pretérito Imperfeito				Futuro
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD

Vend	-	a	-	Vend	e	sse	-	Vend
Vend	-	a	s	Vend	e	sse	s	Vend
Vend	-	a	-	Vend	e	sse	-	Vend
Vend	-	a	mos	Vend	ê	sse	mos	Vend
Vend	-	a	is	Vend	ê	sse	is	Vend
Vend	-	a	m	Vend	e	sse	m	Vend

Imperativo

Afirmativo				Negativo				
RAD	VT	DMT	DNP		RAD	VT	DMT	DNP
Vend	e	-	-	não	Vend	-	a	s
Vend	-	a	-	não	Vend	-	a	-
Vend	-	a	mos	não	Vend	-	a	mos
Vend	e	-	i	não	Vend	-	a	is
Vend	-	a	m	não	Vend	-	a	m

3ª Conjugação – Partir –

Indicativo

Presente				Pretérito Perfeito				Pretérito
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD
Part	-	-	o	Part	-	-	i	Part
Part	e	-	s	Part	i	-	ste	Part
Part	e	-	-	Part	i	-	u	Part
Part	i	-	mos	Part	i	-	mos	Part
Part	-	-	is	Part	i	-	stes	Part
Part	e	-	m	Part	i	-	ram	Part

Pretérito Mais-que-Perfeito				Futuro do Presente				Futuro
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD
Part	i	ra	-	Part	i	re	i	Part
Part	i	ra	s	Part	i	rá	s	Part
Part	i	ra	-	Part	i	rá	-	Part
Part	í	ra	mos	Part	i	re	mos	Part
Part	í	re	is	Part	i	re	is	Part
Part	i	ra	m	Part	i	rã	o	Part

Subjuntivo

Presente				Pretérito Imperfeito				Futuro
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD
Part	-	a	-	Part	i	sse	-	Part
Part	-	a	s	Part	i	sse	s	Part
Part	-	a	-	Part	i	sse	-	Part
Part	-	a	mos	Part	í	sse	mos	Part
Part	-	a	is	Part	í	sse	is	Part
Part	-	a	m	Part	i	sse	m	Part

Imperativo

Afirmativo				Negativo				
RAD	VT	DMT	DNP		RAD	VT	DMT	DNP
Part	e	-	-	não	Part	-	a	s
Part	-	a	-	não	Part	-	a	-
Part	-	a	mos	não	Part	-	a	mos
Part	-	-	i	não	Part	-	a	is

Part	-	a	m	não	Part	-	a	m

14.2. Verbos irregulares

São verbos que sofrem alterações nos radicais ou nas desinências, contudo ainda guardam alguma característica das formas infinitivas.

Estar

Indicativo

Presente: estou, estás, está, estamos, estais, estão

Pretérito Perfeito: estive, estiveste, esteve, estivemos, estivestes, estiveram

Pretérito Imperfeito: estava, estavas, estava, estávamos, estáveis, estavam

Pretérito Mais-que-Perfeito: estivera, estiveras, estivera, estivéramos, estivéreis, estiveram

Futuro do Presente: estarei, estarás, estará, estaremos, estareis, estarão

Futuro do Pretérito: estaria, estarias, estaria, estaríamos, estaríeis, estariam

Subjuntivo

Presente: esteja, estejas, esteja, estejamos, estejais, estejam

Pretérito Imperfeito: estivesse, estivesses, estivesse, estivéssemos, estivésseis, estivessem

Futuro: estiver, estiveres, estiver, estivermos, estiverdes, estiverem

Imperativo

Afirmativo: está, esteja, estejamos, estai, estejam

Negativo: estejas, esteja, estejamos, estejais, estejam

Haver

Indicativo

Presente: hei, hás, há, havemos (ou hemos), haveis (ou heis), hão

Pretérito Perfeito: houve, houveste, houve, houvemos, houvestes, houveram

Pretérito Imperfeito: havia, havias, havia, havíamos, havíeis, haviam

Pretérito Mais-que-Perfeito: houvera, houveras, houvera, houvéramos, houvéreis, houveram

Futuro do Presente: haverei, haverás, haverá, haveremos, havereis, haverão

Futuro do Pretérito: haveria, haverias, haveria, haveríamos, haveríeis, haveriam

Subjuntivo

Presente: haja, hajas, haja, hajamos, hajais, hajam

Pretérito Imperfeito: houvesse, houvesses, houvesse, houvéssemos, houvésseis, houvessem

Futuro: houver, houveres, houver, houvermos, houverdes, houverem

Imperativo

Afirmativo: há, haja, hajamos, havei, hajam

Negativo: hajas, haja, hajamos, hajais, hajam

Ver

Indicativo

Presente: vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem

Pretérito Perfeito: vi, viste, viu, vimos, vistes, viram

Pretérito Imperfeito: via, vias, via, víamos, víeis, viam

Pretérito Mais-que-Perfeito: vira, viras, vira, víramos, víreis, viram

Futuro do Presente: verei, verás, verá, veremos, vereis, verão

Futuro do pretérito: veria, verias, veria, veríamos, veríeis, veriam

Subjuntivo

Presente: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam
Pretérito Imperfeito: visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem
Futuro: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem

Imperativo
Afirmativo: vê, veja, vejamos, vede, vejam
Negativo: vejas, veja, vejamos, vejais, vejam

Obs.: Por este verbo se conjugam os verbos ANTEVER, ENTREVER, PREVER e REVER.

Vir

Indicativo:
Presente: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm
Pretérito Perfeito: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram
Pretérito Imperfeito: vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham
Pretérito Mais-que-Perfeito: viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram
Futuro do Presente: virei, virás, virá, viremos, vireis, virão
Futuro do Pretérito: viria, virias, viria, viríamos, viríeis, viriam

Subjuntivo:
Presente: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham
Pretérito Imperfeito: viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem
Futuro: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem

Imperativo:
Afirmativo: vem, venha, venhamos, vinde, venham
Negativo: venhas, venha, venhamos, venhais, venham

Obs.: Por este verbo se conjugam ADVIR, CONVIR, INTERVIR, PROVIR, RECONVIR, SOBREVIR, AVIR-SE, DESAVIR-SE e DESCONVIR.

Ter

Indicativo

Presente: tenho, tens, tem, temos, tendes, têm

Pretérito Perfeito: tive, tiveste, teve, tivemos, tivestes, tiveram

Pretérito Imperfeito: tinha, tinhas, tinha, tínhamos, tínheis, tinham

Pretérito Mais-que-Perfeito: tivera, tiveras, tivera, tivéramos, tivéreis, tiveram

Futuro do Presente: terei, terás, terá, teremos, tereis, terão

Futuro do Pretérito: teria, terias, teria, teríamos, teríeis, teriam

Subjuntivo

Presente: tenha, tenhas, tenha, tenhamos, tenhais, tenham

Pretérito Imperfeito: tivesse, tivesses, tivesse, tivéssemos, tivésseis, tivessem

Futuro: tiver, tiveres, tiver, tivermos, tiverdes, tiverem

Imperativo

Afirmativo: tem, tenha, tenhamos, tende, tenham

Negativo: tenhas, tenha, tenhamos, tenhais, tenham

Obs.: Por este verbo se conjugam ABSTER-SE, CONTER, ENTRETER, MANTER, OBTER, RETER e SUSTER.

Pôr

Indicativo

Presente: ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem

Pretérito Perfeito: pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram

Pretérito Imperfeito: punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham

Pretérito Mais-que-perfeito: pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram

Futuro do Presente: porei, porás, porá, poremos, poreis, porão
Futuro do Pretérito: poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poriam

Subjuntivo
Presente: ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham
Pretérito Imperfeito: pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, puséssеis, pusessem
Futuro: puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem

Imperativo
Afirmativo: põe, ponha, ponhamos, ponde, ponham
Negativo: ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham

Obs.: Por este verbo se conjugam ANTEPOR, APOR, COMPOR, CONTRAPOR, DECOMPOR, DEPOR, DESCOMPOR, DISPOR, ENTREPOR, EXPOR, IMPOR, INDISPOR, INTERPOR, JUSTAPOR, OPOR, POSPOR, PREPOR, PROPOR, PREDISPOR, PRESSUPOR, RECOMPOR, REPOR, SOBREPOR, SOTOPOR, SUPERPOR, SUPOR, TRANSPOR.

Crer

Indicativo
Presente: creio, crês, crê, cremos, credes, creem
Pretérito Perfeito: cri, creste, creu, cremos, crestes, creram
Pretérito Imperfeito: cria, crias, cria, críamos, críeis, criam
Pretérito Mais-que-Perfeito: crera, creras, crera, crêramos, crêreis, creram
Futuro do Presente: crerei, crerás, crerá, creremos, crereis, crerão
Futuro do Pretérito: creria, crerias, creria, creríamos, creríeis, creriam

Subjuntivo
Presente: creia, creias, creia, creiamos, creiais, creiam

Pretérito Imperfeito: cresse, cresses, cresse, crêssemos, crêsseis, cressem

Futuro: crer, creres, crer, crermos, crerdes, crerem

Imperativo

Afirmativo: crê, creia, creiamos, crede, creiam

Negativo: creias, creia, creiamos, creiais, creiam

Obs.: Conforme este verbo, também se conjugarão LER, RELER, TRESLER e DESCRER.

Rir

Indicativo

Presente: rio, ris, ri, rimos, rides, riem

Pretérito Perfeito: ri, riste, riu, rimos, ristes, riram

Pretérito Imperfeito: ria, rias, ria, ríamos, ríeis, riam

Pretérito Mais-que-Perfeito: rira, riras, rira, ríramos, ríreis, riram

Futuro do Presente: rirei, rirás, rirá, riremos, rireis, rirão

Futuro do Pretérito: riria, ririas, riria, riríamos, riríeis, ririam

Subjuntivo

Presente: ria, rias, ria, riamos, riais, riam

Pretérito Imperfeito: risse, risses, risse, ríssemos, rísseis, rissem

Futuro: rir, rires, rir, rirmos, rirdes, rirem

Imperativo:

Afirmativo: ri, ria, riamos, ride, riam

Negativo: rias, ria, riamos, riais, riam

Obs.: O verbo SORRIR se conjuga tal qual RIR.

Medir

Indicativo

Presente: meço, medes, mede, medimos, medis, medem

Pretérito Perfeito: medi, mediste, mediu, medimos, medistes, mediram

Pretérito Imperfeito: media, medias, media, medíamos, medíeis, mediam

Pretérito Mais-que-Perfeito: medira, mediras, medira, medíramos, medíreis, mediram

Futuro do Presente: medirei, medirás, medirá, mediremos, medireis, medirão

Futuro do Pretérito: mediria, medirias, mediria, mediríamos, mediríeis, mediriam

Subjuntivo

Presente: meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam

Pretérito Imperfeito: medisse, medisses, medisse, medíssemos, medísseis, medissem

Futuro: medir, medires, medir, medirmos, medirdes, medirem

Imperativo

Afirmativo: mede, meça, meçamos, medi, meçam

Negativo: meças, meça, meçamos, meçais, meçam

Obs.: Tal qual o verbo MEDIR, conjugamos os verbos PEDIR, DESPEDIR, EXPEDIR, IMPEDIR, DESIMPEDIR, DESMEDIR-SE, COMEDIR-SE e DESCOMEDIR-SE.

Caber

Indicativo

Presente: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem

Pretérito Perfeito: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam

Pretérito Imperfeito: cabia, cabias, cabia, cabíamos, cabíeis, cabiam

Pretérito Mais-que-Perfeito: coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam

Futuro do Presente: caberei, caberás, caberá, caberemos, cabereis, caberão

Futuro do Pretérito: caberia, caberias, caberia, caberíamos, caberíeis, caberiam

Subjuntivo

Presente: caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam

Pretérito Imperfeito: coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem

Futuro: couber, couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem

Obs.: Este verbo, em razão de seu significado, não possui imperativo.
O verbo DESCABER se conjuga tal qual CABER.

Fazer

Indicativo

Presente: faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem

Pretérito Perfeito: fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram

Pretérito Imperfeito: fazia, fazias, fazia, fazíamos, fazíeis, faziam

Pretérito Mais-que-Perfeito: fizera, fizeras, fizera, fizéramos, fizéreis, fizeram

Futuro do Presente: farei, farás, fará, faremos, fareis, farão

Futuro do Pretérito: faria, farias, faria, faríamos, faríeis, fariam

Subjuntivo

Presente: faça, faças, faça, façamos, façais, façam

Pretérito Imperfeito: fizesse, fizesses, fizesse, fizéssemos, fizésseis, fizessem

Futuro: fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem

Imperativo

Afirmativo: faze (ou faz), faça, façamos, fazei, façam

Negativo: faças, faça, façamos, façais, façam

Obs.: Conforme FAZER também se conjugam DESFAZER, REFAZER, AFAZER, CONTRAFAZER, LIQUEFAZER, PERFAZER, RAREFAZER e SATISFAZER.

Dizer

Indicativo

Presente: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem

Pretérito Perfeito: disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram

Pretérito Imperfeito: dizia, dizias, dizia, dizíamos, dizíeis, diziam

Pretérito Mais-que-Perfeito: dissera, disseras, dissera, disséramos, dissé-reis, disseram

Futuro do Presente: direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão

Futuro do Pretérito: diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam

Subjuntivo

Presente: diga, digas, diga, digamos, digais, digam

Pretérito Imperfeito: dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissés-seis, dissessem

Futuro: disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem

Imperativo

Afirmativo: dize (ou diz), diga, digamos, dizei, digam

Negativo: digas, diga, digamos, digais, digam

Obs.: Conforme este verbo também se conjugam BENDIZER, CONDIZER, CONTRADIZER, DESDIZER, ENTREDIZER, INTERDIZER, MALDIZER, PREDIZER, REDIZER e TRESDIZER.

Trazer

Indicativo

Presente: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem

Pretérito Perfeito: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram

Pretérito Imperfeito: trazia, trazias, trazia, trazíamos, trazíeis, traziam

Pretérito Mais-que-Perfeito: trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram

Futuro do Presente: trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão

Futuro do Pretérito: traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam

Subjuntivo

Presente: traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam

Pretérito Imperfeito: trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem

Futuro: trouxer, trouxeres, trouxer, trouxermos, trouxerdes, trouxerem

Imperativo

Afirmativo: traze (ou traz), traga, tragamos, trazei, tragam

Negativo: tragas, traga, tragamos, tragais, tragam

Saber

Indicativo

Presente: sei, sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem

Pretérito Perfeito: soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, souberam

Pretérito Imperfeito: sabia, sabias, sabia, sabíamos, sabíeis, sabiam

Pretérito Mais-que-Perfeito: soubera, souberas, soubera, soubéramos, soubéreis, souberam

Futuro do Presente: saberei, saberás, saberá, saberemos, sabereis, saberão

Futuro do Pretérito: saberia, saberias, saberia, saberíamos, saberíeis, saberiam

Subjuntivo

Presente: saiba, saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam

Pretérito Imperfeito: soubesse, soubesses, soubesse, soubéssemos, soubésseis, soubessem

Futuro: souber, souberes, souber, soubermos, souberdes, souberem

Imperativo

Afirmativo: sabe, saiba, saibamos, sabei, saibam

Negativo: saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam

Valer

Indicativo

Presente: valho, vales, vale, valemos, valeis, valem

Pretérito Perfeito: vali, valeste, valeu, valemos, valestes, valeram

Pretérito Imperfeito: valia, valias, valia, valíamos, valíeis, valiam

Pretérito Mais-que-Perfeito: valera, valeras, valera, valêramos, valêreis, valeram

Futuro do Presente: valerei, valerás, valerá, valeremos, valereis, valerão

Futuro do Pretérito: valeria, valerias, valeria, valeríamos, valeríeis, valeriam

Subjuntivo

Presente: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham

Pretérito Imperfeito: valesse, valesses, valesse, valêssemos, valêsseis, valessem

Futuro: valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valerem

Imperativo

Afirmativo: vale, valha, valhamos, valei, valham

Negativo: valhas, valha, valhamos, valhais, valham

Obs.: Conforme VALER, são conjugados DESVALER e EQUIVALER.

Poder

Indicativo

Presente: posso, podes, pode, podemos, podeis, podem

Pretérito Perfeito: pude, pudeste, pôde, pudemos, pudestes, puderam

Pretérito Imperfeito: podia, podias, podia, podíamos, podíeis, podiam

Pretérito Mais-que-Perfeito: pudera, puderas, pudera, pudéramos, pudéreis, puderam

Futuro do Presente: poderei, poderás, poderá, poderemos, podereis, poderão

Futuro do Pretérito: poderia, poderias, poderia, poderíamos, poderíeis, poderiam

Subjuntivo

Presente: possa, possas, possa, possamos, possais, possam

Pretérito Imperfeito: pudesse, pudesses, pudesse, pudéssemos, pudésseis, pudessem

Futuro: puder, puderes, puder, pudermos, puderdes, puderem

Imperativo

Afirmativo: pode, possa, possamos, podei, possam

Negativo: possas, possa, possamos, possais, possam

Obs.: Há autores que defendem, por motivos semânticos, não existir o imperativo deste verbo.

14.3. Verbos anômalos

São verbos que possuem pessoas e, às vezes, tempos inteiros não guardando elementos da estrutura infinitiva dos verbos. Por exemplo, o presente do subjuntivo do verbo IR é VÁ. Nesta forma verbal (vá), não há sequer uma letra da forma infinitiva (IR).

Ser

Indicativo

Presente: sou, és, é, somos, sois, são
Pretérito Perfeito: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram
Pretérito Imperfeito: era, eras, era, éramos, éreis, eram
Pretérito Mais-que-Perfeito: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram
Futuro do Presente: serei, serás, será, seremos, sereis, serão
Futuro do Pretérito: seria, serias, seria, seríamos, seríeis, seriam

Subjuntivo

Presente: seja, sejas, seja, sejamos, sejais, sejam
Pretérito Imperfeito: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem
Futuro: for, fores, for, formos, fordes, forem

Imperativo

Afirmativo: sê, seja, sejamos, sede, sejam
Negativo: sejas, seja, sejamos, sejais, sejam

Ir

Indicativo

Presente: vou, vais, vai, vamos, ides, vão
Pretérito Perfeito: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram
Pretérito Imperfeito: ia, ias, ia, íamos, íeis, iam
Pretérito Mais-que-Perfeito: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram
Futuro do Presente: irei, irás, irá, iremos, ireis, irão

Futuro do Pretérito: iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam

Subjuntivo
Presente: vá, vás, vá, vamos, vades, vão
Pretérito imperfeito: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem
Futuro: for, fores, for, formos, fordes, forem

Imperativo
Afirmativo: vai, vá, vamos, ide, vão
Negativo: vás, vá, vamos, vades, vão

14.4. Os valores semânticos dos verbos e as ideais correlações

1º PASSO. O usuário da língua deve compreender que a ideia de presente não é o momento em que se vive, ou o do recebimento da mensagem. Toda referência de tempo presente é o momento em que o texto é confeccionado, ou seja, o momento quando o autor produz o texto.

14.4.1. Modo indicativo

Indica um evento real, não hipotético.

Presente – Indica um hábito presente. Não há necessidade efetiva de o fato estar ocorrendo. Para a sua conjugação, é recomendável o uso de "atualmente".

Ex.: Leio jornal todos os dias.

Pretérito perfeito – Indica um evento passado isolado, pontual. Pode-se usar o termo "ontem" para efetuar a sua conjugação.

Ex.: Você leu o jornal do último sábado?

Pretérito imperfeito – Denota um evento habitual, costumeiro no passado. Para a sua conjugação, é interessante o uso de "antigamente".

Ex.: Nós nos encontrávamos diariamente.

Pretérito mais-que-perfeito – Denota uma ação passada anterior a outro fato também passado. É importante frisar que, para o seu uso ser perfeito, é fundamental já haver outro elemento também com ideia de passado.

Ex.: Quando eu entrei na sala, ela já desligara a televisão.

? Observe que a ação de desligar a televisão é pretérita e ainda anterior a outra ação passada: a de entrar na sala.

Futuro do presente – Indica uma ação futura em relação ao momento em que o texto foi confeccionado ou em relação a uma condição futura. Por consequência, acabará coligado ao futuro do subjuntivo. Para a sua conjugação, pode ser utilizado "amanhã".

Ex.: Na próxima semana, faremos a prova.

Se você estudar, aprenderá a matéria.

Futuro do pretérito – Indica uma consequência futura de um fato passado. É importante compreender que, nesta situação, a referência não é o momento em que o autor confeccionou o texto. Diferentemente do futuro do presente (futuro em relação ao momento presente – momento da criação do texto), o evento é um efeito futuro de um fato que não ocorreu. Sendo assim, a consequência poderia ser certa, provável ou duvidosa, em conformidade com os elementos que o texto oferecer. Torna-se, por fim, fundamental concluir que, por este tempo representar uma consequência futura de fato passado, é natural que fique coligado ao pretérito imperfeito do subjuntivo.

Ex.: Se você trouxesse uma cerveja, eu a beberia.

? Preste atenção a esta explicação: a condição não ocorreu, portanto o efeito também não. Imagine a seguinte situação: o autor da frase gosta de todas as marcas de cerveja, portanto se o outro trouxesse a cerveja, ele com

certeza beberia. Digamos que ele goste apenas de 50% das marcas, então, se o outro trouxesse a cerveja, possivelmente (dúvida) o autor da frase beberia. Por fim, imaginemos que o texto indique que há a aprovação de quase todas as cervejas, portanto, se o outro trouxesse a cerveja, o autor provavelmente a beberia. Destarte, torna-se fundamental o contexto para se concluir se a consequência é certa, provável ou duvidosa.

Obs.: O futuro do pretérito também pode indicar uma ideia de polidez. É muito comum a resposta GOSTARIA quando alguém nos oferece algo. Este uso indica uma forma mais educada de expressão.

Os verbos no pretérito imperfeito do indicativo, mormente de segunda e terceira conjugação, tornam-se parecidos com os do futuro do pretérito. Então em várias ocasiões, percebe-se que o pretérito imperfeito acaba substituindo o futuro do pretérito. Nas questões de correlação, tal fato parece ser admitido pelo NCE, o mesmo já não ocorrendo com a Esaf.

Ex.: A consequência de tal fato é que, até mesmo quando o verbo indicar ideia de polidez, faz-se possível o verbo no pretérito imperfeito, substituindo o futuro do pretérito. Leitor, imagine a seguinte situação: se alguém perguntar se você deseja água (e você está com sede), o que você responderia? Provavelmente, "eu aceitaria" ou "eu aceitava", ambos com valor de polidez.

Obs.: Mais raro é o uso do futuro do presente do indicativo com valor de polidez. Caro candidato a um cargo público, pense na seguinte situação. Você está assistindo a uma aula e percebe que o professor equivocou-se. Como chamar a atenção dele? Você poderia dizer: – Professor, o senhor está enganado! Você também poderia dizer o mesmo de forma mais polida: – Professor, o senhor não estará (estaria) enganado?

14.4.2. Modo subjuntivo

Indica evento hipotético, possível, duvidoso.

Presente – Fato atual expressando possibilidade, dúvida. Pode-se utilizar MARIA QUER QUE para a sua conjugação neste tempo.

Ex.: Talvez ele venha.

Pretérito imperfeito – Mostra uma situação hipotética no passado que geraria um efeito futuro. É recomendável utilizar "se ontem" para a conjugação verbal neste tempo.

Ex.: Se ele estudasse, aprenderia a matéria.

Futuro – Indica uma condição futura anterior a uma consequência também futura. Podem-se utilizar as estruturas "se amanhã" ou o consagrado "quando" para conjugação verbal neste tempo.

Ex.: Se ele voltar aqui, todos ficarão felizes.

14.4.3. Modo imperativo

Indica ideia de ordem (quem recebe é obrigado a cumpri-la), solicitação (quem recebe o pedido não é o beneficiado), conselho (quem recebe a sugestão é o beneficiado).

Ex.: Por favor, pega um copo de cerveja.

? Pedido, solicitação (quem pediu é o beneficiado)

Ex.: Soldado, venha aqui!

? Ordem (o soldado é obrigado a cumprir a ordem)

Ex.: Não te atrases, que serás demitido.

? Conselho, sugestão (quem recebe o conselho é o beneficiado pelo próprio conselho)

BIZU

Torna-se fundamental lembrar ao leitor que a língua não é uma ciência exata. Verbos podem ser usados em um determinado tempo – mormente o presente – com valor semântico de outro.

Ex.: "Se, até amanhã à tarde, você não tiver devolvido a cadeira, a mesa e a máquina de escrever, mando um caminhão buscar em sua casa e conto para os jornais, faço um barulho louco" (Fernando Sabino). – "Mando", "conto" e "faço" estão no presente do indicativo com valor de futuro do presente.

Ex.: No dia primeiro de maio de 1994, morre o piloto Ayrton Senna.

Observe que o verbo no presente do indicativo tem ideia de pretérito perfeito. Esta situação também foi registrada como presente histórico.

Ex.: Se eu te vejo amanhã, eu te entregarei o material.

? VEJO no presente do indicativo possui gritante valor de futuro do subjuntivo.

Obs.: As questões relativas a esse assunto aparecerão no final do capítulo, quando você já estiver bem familiarizado com a conjugação verbal.

14.4.3.1. Correlação de Tempos

1. (TRT-14ª Região – FCC) Está adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase:

a) Um fim talvez justificaria os meios caso estes implicarem sacrifícios que não se distribuam desigualmente.

b) Ele acredita que haverão de justificar-se todos os meios quando os fins representarem um ganho de alcance coletivo.

c) Tão logo fossem denunciados os horrores do stalinismo, os comunistas devem ter revisto suas antigas convicções.
d) Será que alguém acreditou que uma sociedade sem classes e sem preconceitos possa ter-se formado num regime autoritário?
e) Se a catequese pudesse propagar a fé religiosa sem recorrer à intimidação, talvez os convertidos tenham sido mais numerosos.

2. (TRT-24ª Região – FCC) Está plenamente adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase:
a) As leis de perfeição teriam por objeto mais a bondade do homem que as seguisse do que a da sociedade na qual fossem observadas.
b) As leis de perfeição tinham por objeto mais a bondade dos homens que as seguir do que a da sociedade na qual serão observadas.
c) As leis de perfeição terão por objeto mais a bondade dos homens que as tivessem seguido do que a da sociedade na qual terão sido observadas.
d) As leis de perfeição teriam por objeto mais a bondade do homem que as siga do que a da sociedade na qual têm sido observadas.
e) As leis de perfeição terão tido por objeto mais a bondade do homem que viesse a segui-las do que a da sociedade na qual fossem observadas.

3. (TRT-23ª Região – FCC) Está adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase:
a) Os criminosos que tenham ultrajado a pátria seriam forçados a servi-la pelo tempo que se julgava necessário.
b) Os que vierem a ultrajar a pátria deveriam ser submetidos a um castigo que trouxera consigo uma clara lição.
c) Ninguém seria indiferente a uma vultosa soma que venha a receber como indenização ao delito que o prejudique.
d) O próprio criminoso, se mantivesse alguma dose de decência, possa tirar proveito da lição a que seja submetido.
e) Sempre houve povos que, por forte convicção, evitaram a guerra, ainda quando fossem provocados.

4. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) Está adequada a correlação entre tempos e modos verbais em:
a) Os cientistas devem, a partir de agora, tratar de mudar o ser humano, mesmo que até hoje não revelariam mais do que um pálido esforço ao buscar compreendê-lo.

b) O que for de esquerda ou de direita teria sido agora relativizado pelas descobertas do DNA, cujas projeções têm esvaziado essa clássica divisão.
c) Se os cientistas vierem a se preocupar com as questões ideológicas de que as futuras descobertas se revestissem, terão corrido o risco de partidarizar a ciência.
d) Felizes são as moscas, que nem precisavam saber nada de política ou de DNA para irem levando sua vida em conformidade com o que a natureza lhes determinasse como destino.
e) A esquerda já chegou a glorificar a ação de líderes personalistas, cujo autoritarismo obviamente excedia os limites de uma sociedade que se queria justa e igualitária

5. (Analista Judiciário – TRE-SP – FCC) Está inadequada a correlação entre tempos e modos verbais no seguinte caso:
a) Muitos se lembrariam da alegria voraz com que eram disputadas as toneladas da vítima.
b) Foi salva graças à religião ecológica que andava na moda e que por um momento estabelecera uma trégua entre todos.
c) Um malvado sugere que se dê por perdida a batalha e comecemos logo a repartir os bifes.
d) Depois de se haver debatido por três dias na areia da praia a jubarte acabara sendo salva por uma traineira que vinha socorrê-la.
e) Já informado do salvamento da baleia, o cronista teve um sonho em que o animal lhe surgiu com a força de um símbolo.

6. (Analista Infraero – FCC) Está adequada a correlação entre os tempos e os modos verbais na seguinte frase:
a) Seria mesmo possível que alguém tome o bilhete como cartão de embarque, ou não reconhecesse as mensagens dos monitores?
b) A quantos não terá ocorrido confundir o bilhete com o cartão de embarque, ou se embaralhando com as mensagens dos monitores?
c) É possível que um novato venha a confundir o bilhete com o cartão de embarque, ou que ignorasse as siglas que desfilem nos monitores.
d) Não estranha que um novato confunda o bilhete com o cartão de embarque, ou demonstre ignorar as siglas que desfilam nos monitores.
e) Não deveria estranhar que um novato confundira o bilhete com o cartão de embarque, ou que ignora as siglas que desfilam nos monitores.

7. (Área Juridica – TRF-4ª Região – FCC) Está correta a articulação entre os tempos e modos verbais na frase:

a) Embora a leitura nos faça conhecer a particularidade do Afeganistão, o que tornaria o romance irresistível será a história singular de Amir, o protagonista.
b) Mesmo que a leitura nos fazia conhecer a particularidade do Afeganistão, o que torna o romance irresistível teria sido a história singular de Amir, o protagonista.
c) Tanto mais a leitura nos fazia conhecer a particularidade do Afeganistão, tanto mais a história singular de Amir, o protagonista, tornou o romance irresistível.
d) Se a leitura nos fazia conhecer a particularidade do Afeganistão, o que tornava o romance irresistível era a história singular de Amir, o protagonista.
e) A leitura nos faria conhecer a particularidade do Afeganistão, mas fora a história singular de Amir, o protagonista, que tornasse o romance irresistível.

8. (Analista Judiciário – TRT-11ª Região – FCC). ***Estamos vivendo uma época em que a bandeira da discriminação se apresenta em seu sentido mais positivo: trata-se de aplicar políticas afirmativas para promover aqueles que vêm sofrendo discriminações históricas*****.**
Mantém-se adequada correlação entre tempos e modos verbais com a substituição das formas sublinhadas no trecho acima, na ordem dada, por:
a) Estávamos – apresentava – tratava-se – vinham
b) Estaríamos – apresentara – tratava-se – viessem
c) Estaremos – apresente – tratar-se-ia – venham
d) Estávamos – apresentou – tratar-se-á – venham
e) Estaremos – apresentara – tratava-se – viessem

9. (Técnico Judiciário – TRE-SP – FCC) Se eu perder esse trem, que sai agora às onze horas, só ..... pegar outro trem amanhã de manhã.
A forma verbal que preenche corretamente a lacuna da frase acima, em que foram reescritos em prosa alguns versos de Adoniran, é:
a) conseguiria.
b) conseguirei.
c) conseguia.
d) consegui.
e) consiga.

10. (Fiscal – ISS-SP – Esaf) Está bem observada a correlação entre os tempos e modos verbais na construção do período:
a) Se não variassem de cultura para cultura, as regras de convívio terão alcançado, efetivamente, a chamada validade universal.

b) Tendo cabido ao homo sapiens discriminar critérios de convívio, conseguiu ele criar uma organização social que, até hoje, não abdica de punir quem os desrespeite.
c) A relação de equilíbrio entre direitos e deveres comuns estava sendo prejudicada caso se viesse a permitir a existência de privilégios.
d) Para que não se consagrasse o péssimo exemplo da impunidade, faz-se necessária a sanção dos que vierem a cometer delitos.
e) Enquanto os animais continuam regulando-se pela "lei da selva", os homens estariam sempre se esforçando para tê-la superado.

14.5. Estrutura dos verbos

14.5.1. Radical

Onde está contido o significado dos verbos. Posiciona-se até a última letra antes da vogal temática.

Ex.: Cantar – radical CANT, Vender – radical VEND.

14.5.2. Vogal temática

Vogal que se posta logo após o radical. Serve para indicar a conjugação dos verbos.

Ex.: Cantar é de 1ª conjugação porque, depois do radical, ocorre "A"; vender é de 2ª, porque depois vem "E"; e partir é de 3ª, porque depois vem "I".

BIZU

Nunca haverá vogal temática no presente do subjuntivo. Observe que, neste tempo, depois do radical, jamais virá a letra corresponde à conjugação.

Ex.: CANTE (verbo cantar – 1ª conjugação, vogal temática A)
VENDA (verbo vender – 2ª conjugação, vogal temática E)
PARTA (verbo partir – 3ª conjugação, vogal temática I).

Observações:

Os verbos de 1ª conjugação (VOGAL TEMÁTICA – A) apresentarão, excepcionalmente, "E" e "O" como vogais temáticas alomórficas (forma diferente) na primeira e na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo.

Ex.: Cantei – E – vogal temática alomórfica; cantou – O – vogal temática alomórfica.

Os verbos de 2ª conjugação (VOGAL TEMÁTICA – E) apresentarão, excepcionalmente, "I" como vogal temática alomórfica em todo o pretérito imperfeito do indicativo.

Ex.: Vendia, vendias, vendia, vendíamos, vendíeis, vendiam. Também no particípio apresentarão "I" como vogal temática alomórfica.

Ex.: Vendido, bebido.

Os verbos de 3ª conjugação (VOGAL TEMÁTICA – I) apresentarão, excepcionalmente, "I" como desinência número-pessoal na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo.

Ex.: PARTI – "I" – desinência número-pessoal.

Também apresentarão E como vogal temática alomórfica na 2ª e 3ª singular e 3ª do plural do presente do indicativo. Ex.: partes, parte, partem, abres, abre, abrem.

O verbo PÔR e seus derivados são de 2ª conjugação, porque se originam do latim *POER*.

14.5.3. Tema

É a soma do radical com a vogal temática.

Ex.: Em cantar, o radical é CANT e a vogal temática é A, portanto o tema é CANTA; em vender, o radical é VEND e a vogal temática é E, portanto o tema é VENDE.

14.5.4. Desinência modo-temporal

Como o próprio nome diz, serve para designar tempo e modo dos verbos. Observe, por exemplo, que, no pretérito imperfeito do subjuntivo, logo após o tema, aparecerá em todas as pessoas SSE (cantasse, cantasses, cantasse, cantássemos, cantásseis, cantassem). É importante que o candidato perceba que este fato não é uma mera coincidência e sim que o SSE faz com que o verbo esteja no pretérito imperfeito (tempo) do subjuntivo (modo). O mesmo ocorre com "A" no presente do subjuntivo dos verbos de 2ª e 3ª conjugações (parta, partas, parta, partamos, partais, partam), "R" no futuro do subjuntivo (vender, venderes, vender, vendermos, venderdes, venderem).

Observações:

O presente e o pretérito perfeito do indicativo nunca possuirão desinência modo-temporal.

É comum, na 2ª pessoa do plural, haver a alteração de "A" em "E" na desinência modo-temporal.

Ex.: canta**va**, canta**vas**, canta**va**, cantá**va**mos, cantá**ve**is, canta**vam** (pretérito imperfeito do indicativo); canta**ra**, canta**ras**, canta**ra**, cantá**ra**mos, cantá**re**is, canta**ram** (pretérito mais-que-perfeito do indicativo); canta**ria**, canta**rias**, canta**ria**, canta**ría**mos, canta**ríe**is, canta**riam** (futuro do pretérito do indicativo); vendi**a**, vendi**as**, vendi**a**, vendí**a**mos, vendí**e**is, vendi**am** (pretérito imperfeito do indicativo).

No futuro do indicativo, RE e RA revezar-se-ão na DMT (canta**re**i, canta**rá**s, canta**rá**, canta**re**mos, canta**re**is, canta**rã**o).

14.5.5. Desinência número-pessoal

Serve para designar pessoa (1ª, 2ª ou 3ª) e número (singular ou plural) dos verbos.

Ex.: MOS – observe que independentemente do verbo e do tempo, MOS é sempre desinência número-pessoal, pois demarca a 1ª pessoa do plural (cantaremos, fizemos, estávamos, queremos, fomos).

14.5.5.1. Exercícios

1. Destaque todos os elementos das formas verbais abaixo, conforme o exemplo.

a) COMPRÁSSEMOS – COMPR (RADICAL), A (VOGAL TEMÁTICA), COMPRA (TEMA), SSE (DMT) e MOS (DNP).

b) ENCONTREI

c) VENCIDO

d) GARANTI

e) GARANTEM

f) GARANTE

g) ENTENDIA

h) AGUENTOU

i) PASSASSEM

j) PASSEM

k) QUERO

l) VENCÍEIS

m) PEDIU

n) ENTENDAMOS

o) ADMITIA

p) ADMITI

q) COMEU

r) COMIAS

2. (Facha) Assinale o item em que houve erro ao se destacar e/ou classificar elemento mórfico do vocábulo ABOTOAM.

a) radical – abot.

b) vogal temática – a.

c) desinência número-pessoal – m.
d) desinência modo-temporal – zero.
e) tema – abotoa.

3. (Facha) Aponte o tópico onde se erra na caracterização do elemento mórfico.
a) Em "sabemos", a desinência número-pessoal é MOS.
b) Em "identifica", a desinência número-pessoal é ZERO.
c) Em "encontrou", a vogal temática está modificada.
d) Em "pensou", a desinência número-pessoal é U.
e) Em "põe", a vogal temática é ZERO.

4. (UFPB) Os elementos mórficos sublinhados são, respectivamente, vogal temática, desinência modo-temporal e desinência número-pessoal, em:
a) compr<u>e</u>m – sent<u>i</u>rão – sopr<u>a</u>m
b) prometeu – compra<u>va</u> – sentire<u>m</u>
c) sent<u>i</u>am – sopra<u>mos</u> – prometer<u>a</u>
d) prometamos – compra<u>ría</u>mos – senti<u>ra</u>
e) compr<u>a</u>reis – senti<u>sse</u> – prometes<u>te</u>

5. (UFPB) Os elementos mórficos sublinhados são, respectivamente, vogal temática, desinência número-pessoal e desinência modo-temporal, em:
a) cant<u>a</u>ste – mandara<u>m</u> – ench<u>a</u>
b) importa<u>va</u> – redij<u>o</u> – vencer<u>a</u>
c) class<u>e</u> – aprend<u>e</u>r – arrum<u>e</u>
d) ficav<u>a</u>m – saí<u>sse</u> – preferi<u>ste</u>
e) judia<u>ção</u> – corr<u>i</u> – desafiara<u>s</u>

6. (UFPB) Os elementos estruturais sublinhados nas formas verbais FICA<u>RA</u> – <u>TOM</u>ANDO – PEDISSE<u>M</u> – <u>CONHECE</u>SSE são, respectivamente:
a) desinência número-pessoal; tema; desinência modo-temporal; radical;
b) desinência modo-temporal; radical; desinência número-pessoal; tema;
c) radical; desinência modo-temporal; tema; desinência número-pessoal;
d) desinência modo-temporal; tema; desinência número-pessoal; radical;
e) tema; radical; desinência modo-temporal; desinência número-pessoal.

14.6. Formação de imperativo

Inicialmente, é prudente compreender que, por motivos semânticos, não há a primeira pessoa do singular. Não faz sentido ordenar, advertir, aconselhar ou suplicar a si mesmo.

O imperativo negativo é uma réplica do presente do subjuntivo, excluindo-se a 1ª pessoa do singular.

Ex.: presente do subjuntivo do verbo DIZER – Maria quer que eu diga; Maria quer que tu digas; Maria quer que ele diga; Maria quer que nós digamos; Maria quer que vós digais; Maria quer que eles digam. Portanto, o imperativo negativo é: não digas tu, não diga você, não digamos nós, não digais vós, não digam vocês.

O imperativo afirmativo possui a seguinte formação: as duas segundas pessoas advêm do presente do indicativo sem "s"; e as outras pessoas, do presente do subjuntivo.

Ex.: mede tu (origina-se de tu medes – presente do indicativo sem "s")

meça você ou ele (origina-se de Maria quer que ele meça – presente do subjuntivo)

meçamos nós (origina-se de Maria quer que nós meçamos – presente do subjuntivo)

medi vós (origina-se de vós medis – presente do indicativo sem "s")

meçam vocês ou eles (origina-se de Maria quer que eles meçam – presente do subjuntivo)

Obs.: 1– O verbo "ser" é exceção na formação das duas segundas pessoas do imperativo afirmativo. As formas são "sê" tu e "sede" vós.

Obs.: 2– Alguns autores têm admitido para os verbos "dizer", "fazer", "trazer", "querer" e os terminados em "uzir" duas formas de imperativo afirmativo na 2ª pessoa do singular. São elas: dize e diz,

faze e faz, traze e traz, quere e quer, e produze e produz. Tal se justifica em função de as formas oficiais DIZE, FAZE, TRAZE, QUERE e PRODUZE estarem em desuso na variante brasileira da Língua Portuguesa. É conveniente esclarecer que, numa prova, a forma preferencial, mesmo em desuso, é a tradicional (DIZE, FAZE, TRAZE, QUERE, PRODUZE).

14.6.1. Exercícios

1. (EPCar) Observe: "Procura curtir sem queixa o mal que te crucia".
Se convertêssemos a afirmação em negação e o singular em plural, a opção correta seria a letra:
a) Não procura curtir sem queixa o mal que os crucia.
b) Não procurai curtir sem queixa o mal que vos crucia.
c) Não procureis curtir sem queixa o mal que vos cruciais.
d) Não procurai curtir sem queixa o mal que vos cruciais.
e) Não procureis curtir sem queixa o mal que vos crucia.

2. (MEC – FGV) *"Pense num bairro de periferia, (...) mas imagine uma vizinhança de gente simpática, (...) e você localiza em Rio Branco (...)"* **(L.1-5)**
Assinale a alternativa em que, passando-se a forma você para vós, as alterações foram efetuadas seguindo a norma culta.
a) Pensais num bairro de periferia, (...) mas imaginais uma vizinhança de gente simpática, (...) e vós localizais em Rio Branco (...)
b) Pensai num bairro de periferia, (...) mas imaginai uma vizinhança de gente simpática, (...) e vós localizai em Rio Branco (...)
c) Penseis num bairro de periferia, (...) mas imagineis uma vizinhança de gente simpática, (...) e vós localizais em Rio Branco (...)
d) Penseis num bairro de periferia, (...) mas imagineis uma vizinhança de gente simpática, (...) e vós localizeis em Rio Branco (...)
e) Pensai num bairro de periferia, (...) mas imaginai uma vizinhança de gente simpática, (...) e vós localizais em Rio Branco (...)

3. (Fiscal – Sefaz-RJ – FGV) Assinale a alternativa em que a alteração da fala do homem do quadrinho NÃO tenha sido feita com adequação à norma culta. Não leve em conta possível alteração de sentido.

a) Quando tu voltares, traz um copo de água bem gelada para mim!
b) Quando vós voltardes, trazei um copo de água bem gelada para mim!
c) Quando tu voltares, não tragas um copo de água bem gelada para mim!
d) Quando vós voltardes, não tragais um copo de água bem gelada para mim!
e) Quando vós voltardes, não trazeis um copo de água bem gelada para mim!

4. (Fiscal – ICMS – RJ – FGV) Assinale a alternativa em que a alteração da fala do homem do quadrinho NÃO tenha sido feita com adequação à norma culta. Não leve em conta possível alteração de sentido.
a) Quando tu voltares, traz um copo de água bem gelada para mim.
b) Quando vós voltardes, trazei um copo de água bem gelada para mim.
c) Quando tu voltares, não tragas um copo de água bem gelada para mim.
d) Quando vós voltardes, não tragais um copo de água bem gelada para mim.
e) Quando vós voltardes, não trazeis um copo de água bem gelada para mim.

5. Assinale a opção escorreita.
a) Sê estudioso e passará no concurso!
b) Diz a verdade e não será castigado!
c) Produza bastante e terás o reconhecimento de todos!
d) Faz os exercícios e aprenderá a matéria!
e) Traze a cerveja e serás bem recebido!

6. Assinale a opção incorreta.
a) Sede flamenguistas e sereis mais felizes!
b) Quere a sorte e tu a terás!
c) Vem logo e não te atrases!
d) Impõe-te e conquistarás o respeito de todos!
e) Veja o jornal, mas não vejas a novela!

7. Assinale a opção que completa adequadamente as lacunas.
bastante, os obstáculos e nunca !
a) Estuda – vence – desistas
b) Estude – vence – desista
c) Estuda – vença – desistas
d) Estude – vence – desiste
e) Estude – vença – desistas

8. Assinale a opção que completa inadequadamente as lacunas.
os ingressos cedo ao estádio e não com ninguém!
a) Garante – chega – brigues
b) Garanta – chegue – brigue
c) Garantam – cheguem – briguem
d) Garanti – chegai – brigueis
e) Garantes – chegues – brigues

9. Estando os verbos no imperativo, assinale a opção que completa inadequadamente as lacunas.
a janela, mas não a porta!
a) Abre – abras
b) Abra – abra
c) Abramos – abramos
d) Abri – abri
e) Abram – abram

10. (Auxiliar de Necropsia – NCE) Se colocarmos a forma verbal do título – saiba – na segunda pessoa do singular do imperativo negativo, a forma correta será:
a) não sabe;
b) não sabes;
c) não saiba;
d) não saibas;
e) não soubeste.

11. (Papiloscopista – NCE) Se a forma verbal "tenha" estivesse na forma negativa da mesma pessoa do imperativo, sua forma correta seria:
a) não tem;
b) não tenhas;
c) não tende;
d) não tenha;
e) não tens.

12. (MP – NCE) "Recuse o convite e não troque o Brasil pela Itália". Se, em lugar da terceira pessoa, o autor do texto empregasse a segunda pessoa do singular, as formas convenientes dos verbos seriam:
a) recusa / não troca

b) recusas / não trocas
c) recusa / não troques
d) recuse / não troca
e) recuses / não trocas

13. (NCE) Em qual das seguintes alternativas procedeu-se corretamente à mudança do tratamento VÓS para TU, ao se reescrever o enunciado "Disponde de mim e crede-me / amigo muito agradecido"?
a) Dispõe de mim, e crê-me amigo...
b) Disponha de mim, e creia-me amigo...
c) Dispõe de mim, e creia-me amigo...
d) Disponha de mim, e crês-me amigo...
e) Disponha de mim, e crê-me amigo...

14. (Inspetor da Polícia Civil – RJ – FGV) "Então despes a luva para eu ler-te a mão" (verso 6) Assinale a alternativa em que, passando-se o primeiro verbo do verso acima para o imperativo e alterando-se a pessoa do discurso, manteve-se adequação à norma culta.
a) Então dispais a luva para eu ler-vos a mão.
b) Então despe a luva para eu ler-vos a mão.
c) Então despi a luva para eu ler-vos a mão.
d) Então despis a luva para eu ler-vos a mão.
e) Então dispai a luva para eu ler-vos a mão.

15. (NCE) Assinale a alternativa gramaticalmente correta.
a) Não chores, cala, suporta a tua dor.
b) Não chore, cala, suporta a tua dor.
c) Não chora, cale, suporte a sua dor.
d) Não chores, cales, suportes a sua dor.
e) Não chores, cale, suporte a tua dor

16. (TTN) Assinale a sentença que contém erro na forma verbal.
a) "Examinai todas as coisas e retende o que for melhor" (extraído de um marcador de páginas).
b) Detenhamo-nos nos aspectos centrais do pensamento marxista para que saibamos extrair dele o que melhor se aproveita para os dias atuais.
c) Para que elaboremos propostas inovadoras, é preciso que ponhamos nossa criatividade a serviço da geração de ideias inusitadas.

d) Mas não caiamos na tentação de julgar todos os dirigentes políticos como se fossem uns aproveitadores, que usam os cargos apenas para se locupletarem.
e) Se almejardes o saber, vades aos livros e conviveis com os sábios.

14.7. Formas nominais

As formas nominais têm essa nomenclatura, pois, apesar de continuarem a ser verbos, possuem valor de substantivo, adjetivo ou de advérbio.

Ex.: Exercícios resolvidos (resolvidos – valor adjetivo); ler (a leitura – valor substantivo) jornais é sempre conveniente; estudando (Se estudares – valor adverbial), passarás.

14.7.1. Gerúndio

Indica, na maioria das vezes, uma ação simultânea à outra oração exposta no período. São formas de gerúndio: cantando, vendendo, partindo, sendo, estando, havendo, vendo, vindo, tendo, pondo, indo...

Ex.: Ele recebeu João, dando-lhe um abraço.

Observe que há uma ideia de concomitância entre o ato de "receber" e o ato de "dar o abraço".

14.7.1.1. Exercícios

1. (PC-NCE) "Ele se saía muito bem tecendo considerações críticas sobre o provão..." O gerúndio "tecendo" mostra uma ação:
a) que antecede a do verbo da oração anterior;
b) posterior à do verbo da oração anterior;
c) que é a consequência da ação da oração anterior;
d) simultânea à do verbo da oração anterior;
e) que mostra oposição à ação da oração anterior.

2. (NCE) "... que a roubou, ameaçando cortar a garganta do garoto". O bom uso do gerúndio requer que sua ação seja simultânea à do verbo principal, como ocorre nesse segmento do texto. Assim, é exemplo de mau uso do gerúndio a frase:
a) O assaltante gritou, abrindo a porta.

b) O motorista acovardou-se, abaixando o vidro.
c) O assaltante entrou, sentando-se no banco traseiro.
d) O marginal ameaçou-o, mostrando a arma.
e) O motorista obedeceu, acelerando o carro.

3. (NCE – MPE – RJ) Uma das regras do emprego do gerúndio recomenda que ele seja empregado quando indicar "contemporaneidade entre a ação expressa pelo verbo principal e o gerúndio". Observe as seguintes frases:
I. "Quero registrar a triste situação por que passam milhões de crianças brasileiras, em sua maioria desassistidas, desnutridas, sem educação básica, CAMINHANDO rumo a um futuro incerto e infeliz".
II. "Os menores de Brasil desassistidos em seus lares ganham as ruas em busca de uma forma de vida, CAINDO nas malhas da prostituição..."
III. Mesmo assim, tal atividade deve ser reconhecidamente leve, EXCLUINDO-SE, por exemplo, o trabalho exercido nas indústrias, nas oficinas e na agricultura".
A(s) frase(s) em que essa norma foi desrespeitada é(são):
a) I – III
b) I – II
c) II – III
d) I
e) II

14.7.2. Particípio

Cantado, vendido, partido, sido, estado, havido, visto, vindo, tido, posto, ido... Existem verbos com formas abundantes de particípio. Eis uma relação deles.

14.7.2.1. Particípios Duplos

	REGULAR	IRREGULAR
acender	acendido	aceso
aceitar	aceitado	aceito

	REGULAR	IRREGULAR
assentar	assentado	assento, assente
benzer	benzido	bento
concluir	concluído	concluso
desenvolver	desenvolvido	desenvolto
eleger	elegido	eleito
entregar	entregado	entregue
enxugar	enxugado	enxuto
erigir	erigido	ereto
expressar	expressado	expresso
exprimir	exprimido	expresso
expulsar	expulsado	expulso
extinguir	extinguido	extinto
findar	findado	findo
frigir	frigido	frito
ganhar	ganhado	ganho
gastar	gastado	gasto
imergir	imergido	imerso
imprimir	imprimido	impresso

	REGULAR	IRREGULAR
inserir	inserido	inserto
isentar	isentado	isento
juntar	juntado	junto
limpar	limpado	limpo
matar	matado	morto
morrer	morrido	morto
omitir	omitido	omisso
pagar	pagado	pago
pegar	pegado	pego
prender	prendido	preso
romper	rompido	roto
submergir	submergido	submerso
suspender	suspendido	suspenso
tingir	tingido	tinto

1) É preferencial o uso do particípio regular quando o auxiliar for "ter" ou "haver". Em contrapartida, a utilização do irregular torna-se mais interessante, sendo o auxiliar "ser" ou "estar".
2) Para se chegar ao gerúndio, basta usar o verbo ESTAR como auxiliar.
   Ex.: Estou cantando; estás fazendo...
3) Para se chegar ao particípio, basta usar o verbo TER como auxiliar.
   Ex.: Tenho feito; tivesse dito...
4) Os verbos VIR e derivados possuem formas coincidentes no particípio e no gerúndio. Caso haja dificuldades para reconhecer o tempo do verbo, substitua pelo verbo IR; se aparecer INDO, é gerúndio; se aparecer IDO, é particípio.
   Ex.: Quando ela saiu, eu já tinha vindo (ido – portanto, o verbo está no particípio).
   Eu já estou vindo (indo – portanto, o verbo está no gerúndio).

14.7.2.2. Exercícios

1. (MP-NCE) "Noticiando" é forma do gerúndio do verbo noticiar. A frase em que a forma verbal destacada pode não estar no gerúndio é:

a) As notícias estão chegando da Itália cada vez mais rapidamente.
b) Transformando-se o ódio em amor, acabam-se as guerras.
c) Vindo o resultado, os clientes começaram a protestar.
d) Os jogadores italianos estão reclamando dos estrangeiros.
e) O atleta viajou, completando sua missão.

2. (Administrador – Transpetro) A forma verbal em destaque está empregada de acordo com a norma-padrão em:

a) O diretor foi **trago** ao auditório para uma reunião.
b) O aluno foi **suspendido** por três dias pela direção da escola.
c) O réu tinha sido **isento** da culpa, quando nova prova incriminatória o condenou.
d) A autoridade havia **extinto** a lei, quando novo crime tornou a justificar o seu uso.

e) Pedro já tinha **pegado** os ingressos na recepção, quando soube que o espetáculo fora cancelado.

14.7.3. Infinitivo

Forma nominal que só posiciona o tempo do fato em combinação com outro verbo exposto no contexto.

Infinitivo impessoal – cantar, vender, partir, ser, estar, haver, ver, vir, ter, pôr, ir...

Infinitivo pessoal – cantar (eu), cantares (tu), cantar (ele), cantarmos (nós), cantardes (vós), cantarem (eles)

BIZUS

1) Todos os verbos no infinitivo pessoal são regulares, inclusive os irregulares e os anômalos. Para conjugarmos os verbos neste tempo, basta acrescentar à forma infinitiva as seguintes desinências: 0 (nada), es, 0 (nada), mos, des, em.
2) Dificilmente cai em prova a distinção entre o infinitivo pessoal e impessoal. Tal se deve ao fato de os principais autores informarem não haver regras, e sim tendências. Contudo, dois tópicos são óbvios: quando o sujeito estiver explícito, e imediatamente anterior ao verbo, este estará no infinitivo pessoal, ou seja, flexionar-se-á; quando houver locução verbal, o verbo principal (no infinitivo) nunca se flexiona.
3) Atenção à distinção entre o futuro do subjuntivo e o infinitivo pessoal. A terminação desses dois tempos é idêntica, ficando, inclusive, todos os verbos regulares iguais nesses tempos. Existem dois caminhos para diferençar um tempo do outro.
   a) Se o verbo estiver ligado a uma preposição ou a uma locução prepositiva, o verbo estará no infinitivo pessoal. Se o verbo

estiver ligado a uma conjunção ou a uma locução conjuntiva, o verbo estará no futuro do subjuntivo.

b) Observe que as terminações, como já fora esclarecido, são coincidentes (R – RES – R – RMOS – RDES – REM). Portanto, aparecendo uma forma verbal com uma dessas terminações, basta substituí-la pela expressão FAZER O TRABALHO. Caso apareça FAZER O TRABALHO, o verbo estará no infinitivo pessoal; caso apareça FIZER O TRABALHO, o verbo estará no futuro do subjuntivo.

Ex.: Se saíres (FIZER O TRABALHO) agora, perderás o último capítulo da novela.

– A forma verbal "saíres" encontra-se no futuro do subjuntivo.

Para saíres (fazer o trabalho) agora, é necessário que tenhas terminado os exercícios.

– Observe que ao substituir SAÍRES por FAZER (sem a preocupação com a concordância), fica fácil concluir que o verbo está no infinitivo pessoal.

Assim que terminarmos (FIZER O EXERCÍCIO) o exercício, voltaremos para casa.

? A forma verbal "terminarmos", por ser substituída por FIZER, está no futuro do subjuntivo.

Convém terminarmos (FAZERMOS O TRABALHO) o exercício.

? Quando substituímos "TERMINARMOS" por "FAZER", logo se deduz que o verbo está no infinitivo.

Obs.: Muita atenção com os verbos irregulares, principalmente os derivados do TER, PÔR, VIR e VER.

É muito comum cair em prova questão com frases contendo a seguinte estrutura:

Assim que exporem a opinião, todos ouvirão.

? Nesta situação, o caminho que considero mais fácil para o candidato é, ao observar a terminação do verbo (REM), substituí-lo pelo FAZER, resultando em FIZER O TRABALHO. Então, logo se detecta que o verbo está no futuro do subjuntivo. Sendo assim, não se deve trabalhar com EXPOR, mas com o verbo PÔR, conjugando como se aprende nas escolas, ou seja, usando o QUANDO. Quando eu puser, quando tu puseres, quando ele puser, quando nós pusermos, quando vós puserdes, quando eles puserem. Se a forma correta é "quando eles puserem", o certo é "Assim que expuserem".

Ex.: Depois de exporem suas opiniões, todos ouvirão.

? Ao observar a terminação REM, automaticamente deve ser feita a substituição por FAZER. O resultado será "Depois de fazer o trabalho...", logo a forma verbal encontra-se no infinitivo pessoal. Como todos os verbos no infinitivo pessoal são regulares, basta acrescentar as desinências já mencionadas à forma infinitiva: EXPOR, EXPORES, EXPOR, EXPORMOS, EXPORDES, EXPOREM.

Se ele manter a calma, fará boa prova.

? A terminação "R" denuncia que o verbo está no futuro do subjuntivo ou no infinitivo pessoal. Dessa forma, torna-se interessante substituí-lo pelo verbo FAZER, resultando "Se ela fizer o trabalho..." Então, o verbo MANTER deveria estar no futuro do subjuntivo. Com a exceção do infinitivo, em que todos os verbos são regulares, convém ao usuário da língua o emprego do verbo (TER) no futuro do subjuntivo: quando eu tiver, quando tu tiveres, quando ele tiver... Então, a forma verbal correta é MANTIVER.

Antes de se abster na votação, o eleitor deve analisar as duas propostas de administração.

? Novamente temos a terminação R, já implicando a ocorrência do futuro do subjuntivo ou do infinitivo pessoal. Nosso passo prévio é substituir por FAZER OU FIZER. Na frase, a substituição resulta em ANTES DE FAZER O TRABALHO, logo o verbo está no infinitivo pessoal. Neste tempo, todos os verbos são regulares, portanto só nos resta acrescer à forma infinitiva ABSTER aquelas terminações já aludidas. O infinitivo pessoal do verbo "abster" é ABSTER, ABSTERES, ABSTER, ABSTERMOS, ABSTERDES, ABSTEREM. Fica claro, então, que a frase está perfeita.

BIZU

Também é deveras conveniente chamar a atenção para a conjugação do futuro do subjuntivo do verbo VER: o correto é VIR, VIRES, VIR, VIRMOS, VIRDES, VIREM.

Ex.: Se eu te vir amanhã, entregar-te-ei o material.

Será muito bom se nós nos virmos.

Já no infinitivo pessoal, todos os verbos são regulares, e o verbo VER não será exceção: VER, VERES, VER, VERMOS, VERDES, VEREM.

Também é interessante observar a conjugação do verbo VIR no futuro do subjuntivo: VIER, VIERES, VIER, VIERMOS, VIERDES, VIEREM.

Se eles vierem ao Rio, nós os encontraremos.

No infinitivo pessoal, todos os verbos são regulares: VIR, VIRES, VIR, VIRMOS, VIRDES, VIREM.

Se você é bom observador, percebeu que o futuro do subjuntivo do verbo VER é idêntico ao infinitivo pessoal do verbo VIR. De vez em quando, as bancas fazem comentário a respeito dessa coincidência.

14.7.3.1. Exercícios

1. Assinale a opção em que o verbo PÔR ou um de seus derivados esteja incorretamente flexionado.

a) Para expormos nossos trabalhos, torna-se mister que os entreguemos com antecedência.

b) Não haverá consequências, se repusermos os bens que foram extraviados.

c) Uma das missões do setor de recursos humanos é pôr as pessoas certas em lugares certos.

d) João da Silva foi contratado para compor o elenco da peça *Uma missão nas estrelas*.

e) Sentir-te-ás deveras melhor assim que expores toda a tua frustração.

2. Assinale a opção em que o verbo TER ou um de seus derivados esteja indevidamente flexionado.

a) Os atletas se houveram aquém do esperado em virtude de não manterem a calma nos momentos decisivos.

b) Os deputados foram elogiados por não se absterem na votação do *Impeachment* do Presidente.

c) As obras serão retomadas se o setor responsável obtiver os recursos para tal.

d) As crianças somente sairão depois que se entreterem.

e) A revolta atingirá proporções inimagináveis, se a polícia não contiver a força da população.

3. Assinale a alternativa em que haja uma forma verbal inadequadamente conjugada.

a) Não ocorrerão outros desenlaces se a equipe econômica sustiver o atual índice de inflação.

b) Sempre que retem a documentação dos funcionários, a empresa transgride as normas da legislação trabalhista.

c) Sempre que retiver a documentação dos funcionários, a empresa transgredirá as normas da legislação trabalhista.

d) A população e o governo mantêm-se atentos aos focos de desestabilização política.

e) Quando a sociedade realmente detém o poder, não ocorrem as distorções significativas quanto à distribuição de renda.

4. Há uma opção contendo uma falha quanto à flexão verbal. Assinale-a.

a) Se propuseres um contrato para uma grande estrela da televisão, espera um "não" como resposta.

b) Para te opores a nossas reivindicações, expõe teus argumentos.
c) Se os advogados interpuserem recurso à decisão do Colegiado, cometerão um equívoco substancioso.
d) O estudo de legislação ambiental pressupõe conhecimentos em outros áreas do conhecimento.
e) Se o usuário da língua compuser um período com um sujeito composto que se pospõem ao verbo, poderá este ser flexionado em concordância com a soma dos núcleos ou só com o mais próximo.

5. Indique a alternativa que possua uma inadequação de uma forma verbal.
a) Se você se predispuser a fazer este trabalho, faça-o com esmero.
b) Para transpordes todos os obstáculos, sede sempre otimistas e nunca desistais de vossos sonhos!
c) Devolvam tudo aquilo que obterem de forma ilícita.
d) Mantém-te calmo sempre que estiveres em situação conflituosa.
e) Depois de estarem há um mês em um hospital do município, os traficantes serão transferidos para o presídio da Frei Caneca.

6. Nos períodos abaixo, ocorre um verbo indevidamente conjugado. Indique-o.
a) Para ires de avião a São Paulo, é necessário que adquiras a passagem com antecedência.
b) Se fores a Minas, traze uma boa cachaça caseira!
c) Se intervires no tumulto, faze-o com decisão!
d) Não foste convidado, por não convires ao sistema.
e) Assim que os documentos provierem da direção geral, remetê-los-emos para a presidência.

7. Há uma alternativa contendo uma falha quanto à flexão verbal. Assinale-a.
a) Mesmo que expusessem seus motivos, não obteriam êxito em suas reivindicações.
b) Eles sairiam ainda que muito se entretivessem.
c) Se prevíssemos que haveria tão poucos inscritos no concurso, não desistiríamos.
d) Se João se houvesse bem na prova, conquistaria a vaga.
e) Os pais não se oporiam se as escolas intervissem na relação de seus alunos com a própria família.

8. Assinale a opção que completa adequadamente as lacunas.
Sempre que a São Paulo e que o tempo está nublado, rapidamente para o Rio de Janeiro.

a) fores – veres – vem
b) fores – vires – venha
c) ires – vires – vem
d) fordes – virdes – vinde
e) ires – veres – venha

9. (TRT) As lacunas das frases: 1 – "Não sem teus pais" e 2 – "Se eles te , te chamarão", são completadas, corretamente, pelas formas verbais:
a) vás – virem
b) vá – verem
c) ide – vir
d) vás – verem

10. (TRT) As lacunas da frase "se tu aqui e nos , não saberás o que fazer" são preenchidas, corretamente, por:
a) vieres – vires
b) vieres – vir
c) vieres – vireis
d) vires – veres
e) vires – vires

11. (Cesgranrio) Assinale o período em que aparece forma verbal incorretamente empregada em relação à norma culta da língua.
a) Se o compadre trouxesse a rabeca, a gente do ofício ficaria exultante.
b) Quando verem o Leonardo, ficarão surpresos com os trajes que usava.
c) Leonardo propusera que se dançasse o minuete da corte.
d) Se o Leonardo quiser, a festa terá ares aristocráticos.
e) O Leonardo não interveio na decisão da escolha do padrinho do filho.

12. (UF de São Carlos) Indique a alternativa que completa corretamente as lacunas das frases:
I – Se nos a fazer um esforço conjunto, teremos um país sério.
II – o televisor ligado, para te informares dos últimos acontecimentos.
III – Não havia programa que o povo, após o último noticiário.
a) propormos – Mantenha – entretesse
b) propusermos – Mantém – entretesse

c) propormos – Mantém – entretivesse
d) propormos – Mantém – entretesse
e) propusermos – Mantém – entretivesse

13. (Faap) Assinale a resposta correspondente à alternativa que completa corretamente os espaços em branco: Se você o , por favor -lhe que para apressar o processo.
a) ver – peça – intervenha
b) vir – peça – intervém
c) vir – peça – intervenha
d) ver – pede – intervenha
e) vir – peças – interviesse

14. (BB-UnB) Flexão verbal incorreta:
a) Se vir o tal colega, falar-lhe-ei.
b) Se eu pôr o verbo no plural, erro de novo.
c) Se eu vier cedo, aguardo-o.
d) Se a duplicata estiver certa, paguem-na.
e) Se eu for tarde, esperem-me.

15. (FGV) Assinale o item em que há erro quanto à flexão verbal.
a) Quando eu vir o resultado, ficarei tranquilo.
b) Aceito o lugar para o qual me proporem.
c) Quando estudar o problema, ficará sabendo a verdade.
d) Sairás assim que te convier.
e) O fato está patente a quem se detiver a observá-lo.

16. (Dasp) Assinale a única alternativa em que há erro de flexão verbal.
a) Quando eu o vir, acertarei as contas.
b) Se ele propor um aumento de verba, direi que não teremos recursos.
c) O governo interveio na região.
d) Os funcionários vêm aqui hoje.
e) Na tentativa de solucionar o problema, eles se desavieram.

17. (Med-Santos) Assinale a letra correspondente à frase inteiramente correta para tratamento "o senhor": "Quando nos debates, ser moderado nas expressões e bem nas suas ideias".
a) intervier – procure – suas – coloque

b) intervier – procure – suas – coloca
c) intervir – procura – tuas – coloques
d) intervieres – procure – suas – coloque
e) intervier – procures – suas – coloque

18. (NCE) Assinale a opção que preencha as lacunas corretamente.
I – Ficareis maravilhados, se o resultado. (ver)
II – Sereis perdoados, se o que tirastes. (repor)
III – Não dê atenção a quem lhe negócios ilícitos. (propor)
IV – Nós lhe daremos o recado assim que o . (ver)
a) virdes – repuserdes – propuser – virmos
b) vires – repordes – propor – vermos
c) veres – repuserdes – propuserdes – virmos
d) vês – repordes – propordes – vermos
e) ver – repuseres – propor – vemos

19. (TRT – 23ª Região – FCC) O verbo corretamente empregado e flexionado está grifado em:
a) É de se imaginar que, se os viajantes setecentistas antevessem as dificuldades que iriam deparar, muitos deles desistiriam da aventura antes mesmo de embarcar.
b) O que quer que os compelisse, cabe admirar a coragem desses homens que partiam para o desconhecido sem saber o que os aguardava a cada volta do rio.
c) Caso não se surtisse com os mantimentos necessários para o longo percurso, o viajante corria o risco de literalmente morrer de fome antes de chegar ao destino.
d) Se não maldiziam os santos, é bastante provável que muitos dos viajantes maldizessem ao menos o destino diante das terríveis tribulações que deviam enfrentar.
e) Na história da humanidade, desbravadores foram não raro aqueles que sobreporam o desejo de enriquecer à relativa segurança de uma vida sedentária.

20. (Administrador – Petrobras – Cesgranrio) O seguinte verbo em destaque NÃO está conjugado de acordo com a norma-padrão:
a) Se essa tarefa não **couber** a ele, pedimos a outro.
b) **Baniram** os exercícios que não ajudavam a escrever bem.
c) Assim que **dispormos** do gabarito, saberemos o resultado.
d) **Cremos** em nossa capacidade para a realização da prova.
e) Todos **líamos** muito durante a época de escola.

21. (TRE-SP) Ele que a sensatez dos convidados a euforia geral e as dúvidas.
a) supusera – freasse – desfizesse
b) supora – freasse – desfizesse
c) supusera – freiasse – desfazesse
d) supora – freiasse – desfizesse
e) supora – freiasse – desfazesse

22. (TRE-SP) Tendo na operação, os funcionários se a serviços essenciais e executaram as tarefas que lhes .
a) intervido – ativeram – caberam
b) intervido – ateram – couberam
c) intervindo – ateram – caberam
d) intervindo – ativeram – couberam
e) intervido – ativeram – couberam

23. (TRE-MT)
I – Os leitores de jornal não os artigos mais longos.
II – Se eles a programação, já será ótimo.
III – Quando ele , receba-o com delicadeza.
As formas que preenchem, corretamente, as lacunas das frases acima são:
a) leem – obtiverem – vir
b) lêem – obtiverem – vier
c) leem – obterem – vier
d) lêem – obterem – ver
e) lêm – obtiverem – vir

24. (TRE-MT) Só está correta a forma verbal grifada na frase:
a) Embora ele esteje indicado, o Senado ainda não o aprovou.
b) Ele passeiava diariamente no parque.
c) Quando eles trouxerem a permissão, poderão entrar.
d) Se mantermos as posições, o inimigo não avançará.
e) Os deputados se entretiam com esses discursos.

25. (Fiscal – Sefaz-RJ – FGV) Na frase do 4o parágrafo do texto "*A liberdade supõe a operação sobre alternativas;*", o verbo irregular foi flexionado corretamente.
Assinale a alternativa em que se apresenta flexão incorreta da forma verbal.
a) Eles impunham condições para que o acordo fosse assinado.

b) O julgador interveio na polêmica sobre os critérios de seleção.
c) Não foi confirmado se a banca quereria dar à redação caráter eliminatório.
d) Se os autores se disporem a ratear o valor, a publicação da revista será certa.
e) É necessário que atentemos para a questão da mudança de paradigma científico.

26. (NCE) "Saibam quantos esta virem que, no ano (...), aos (...)..."
No texto, a forma verbal VIREM:
a) Corresponde à forma correta e atual do verbo VER, que, no futuro do subjuntivo, é homônimo do verbo VIR.
b) Corresponde a uma forma arcaica do verbo VER, que ficou fixada na linguagem jurídica, e a flexão correta atual, no futuro do subjuntivo, é VEREM.
c) Corresponde à forma correta e atual do infinitivo flexionado do verbo VIR.
d) Corresponde à forma correta e atual do verbo VER, que se encontra flexionado no futuro do subjuntivo.
e) Corresponde a uma forma que pertence única e exclusivamente à linguagem jurídica, uma vez que a flexão do verbo VER, no futuro do subjuntivo, na terceira pessoa do plural é VEREM.

27. (UFRJ-NCE) Se nós FIZERMOS. A forma verbal sublinhada pertence ao futuro do subjuntivo do verbo FAZER; a alternativa em que há erro na conjugação desse mesmo tempo é:
a) Quando os políticos intervierem no processo, tudo ficará melhor.
b) Quando vocês o verem, digam-lhe que estive aqui.
c) Só sairei quando houver bom tempo.
d) Quando forem aprovados, serão empregados.
e) Se couber recurso, eu o farei.

14.8. Falsos derivados

Existem dois verbos bastante perigosos para o candidato a um concurso público: REQUERER e PROVER.

O verbo REQUERER não se deriva integralmente do verbo QUERER, então você deve ficar atento às diferenças entre os dois verbos.

Querer e Requerer

Indicativo

Presente	Presente	Pretérito Perfeito	Pretérito Perfeito
quero	requeiro	quis	requeri
queres	requeres	quiseste	requereste
quer	requere (ou requer)	quis	requereu
queremos	requeremos	quisemos	requeremos
quereis	requereis	quisestes	requerestes
querem	requerem	quiseram	requereram

Pretérito Imperfeito	Pretérito Imperfeito	Pretérito Mais-que-Perfeito	Pretérito Mais-que-Perfeito
queria	requeria	quisera	requerera
querias	requerias	quiseras	requereras
queria	requeria	quisera	requerera
queríamos	requeríamos	quiséramos	requerêramos
queríeis	requeríeis	quiséreis	requerêreis
queriam	requeriam	quiseram	requereram

Futuro do Presente	Futuro do Presente	Futuro do Pretérito	Futuro do Pretérito
quererei	requererei	quereria	requereria
quererás	requererás	quererias	requererias
quererá	requererá	quereria	requereria
quereremos	requereremos	quereríamos	requereríamos
querereis	requerereis	quereríeis	requereríeis
quererão	requererão	quereriam	requereriam

Subjuntivo

Presente	Presente
queira	requeira
queiras	requeiras
queira	requeira
queiramos	requeiramos
queirais	requeirais
queiram	requeiram

Pretérito Imperfeito	Pretérito Imperfeito
quisesse	requeresse
quisesses	requeresses
quisesse	requeresse
quiséssemos	requerêssemos
quisésseis	requerêsseis
quisessem	requeressem

Futuro	Futuro
quiser	requerer
quiseres	requereres
quiser	requerer
quisermos	requerermos
quiserdes	requererdes
quiserem	requererem

Imperativo

Afirmativo	Afirmativo	Negativo	Negativo

quere (ou quer)	requere	não queiras	não requeiras
queira	requeira	não queira	não requeira
queiramos	requeiramos	não queiramos	não requeiramos
querei	requerei	não queirais	não requeirais
queiram	requeiram	não queiram	não requeiram

Obs.: Os verbos BENQUERER, DESQUERER e MALQUERER são conjugados como o verbo QUERER.

Prover

Indicativo

Presente: provejo, provês, provê, provemos, provedes, proveem

Pretérito Perfeito: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram

Pretérito Imperfeito: provia, provias, provia, províamos, províeis, proviam

Pretérito Mais-que-Perfeito: provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram

Futuro do Presente: proverei, proverás, proverá, proveremos, provereis, proverão

Futuro do Pretérito: proveria, proverias, proveria, proveríamos, proveríeis, proveriam

Subjuntivo

Presente: proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam

Pretérito Imperfeito: provesse, provesses, provesse, provêssemos, provêsseis, provessem

Futuro: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, preverem

Imperativo

Afirmativo: provê, proveja, provejamos, provede, provejam

Negativo: provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam

BIZU

Sempre é importante lembrar que o caso do verbo PROVER é uma exceção. Os verbos REVER, ANTEVER, PREVER derivam-se integralmente do VER. É muito bom não confundir PROVER (abastecer) com PREVER (antever – fazer uma previsão) e PROVIR (vir de), que se deriva totalmente do verbo VIR.

14.8.1. Exercícios

1. (TRF) Assinale a opção que completa adequadamente as lacunas.
Se eles de recursos o setor e se aos inconvenientes de um período de transição, a reforma se viabilizará.

a) proverem – dispuserem;
b) provirem – dispuserem;
c) provierem – dispuserem;
d) proverem – disporem;
e) provirem – disporem.

2. (NCE) Requerimento é substantivo derivado do verbo REQUERER; a alternativa em que a forma deste verbo está conjugada corretamente é:

a) eu requero;
b) ela requis;
c) se eles requizessem;
d) ele requereu;

e) eles requiseram.

3. (Técnico Judiciário – TJ – FCC) Está adequada a flexão de todos os verbos da frase:
a) É possível que ele requera imediatamente sua aposentadoria;
otimista, espera que o pedido não lhe seja denegado.
b) O autor estaria disposto a trabalhar no que lhe conviesse,
depois de aposentado, para assim imunizar-se contra os males do ócio.
c) Se o autor manter com disciplina o cômputo diário do que resta para aposentar-se, fará contas pelos próximos seis meses e 28 dias.
d) Se nos propormos a trabalhar depois de aposentados, evitaremos os males que costumam acometer os ociosos.
e) Os que haverem de se aposentar proximamente serão submissos a uma averiguação, a fim de serem saldadas as dívidas pendentes.

4. (Técnico Judiciário – TRE-AP – FCC) Está corretamente empregada a palavra destacada na frase
a) Constitue uma grande tarefa transportar todo aquele material.
b) As pessoas mais conscientes requereram anulação daquele privilégio.
c) Os fiscais reteram o material dos artistas.
d) Quando ele vir até aqui, trataremos do assunto.
e) Se eles porem as pastas na caixa ainda hoje, pode despachá-la imediatamente.

5. (Fuvest) Ele a seca e a casa de mantimentos.
a) preveu – proveu
b) provera – provira
c) previra – previera
d) preveu – provera
e) previu – proveu

6. (TTN) Assinale a alternativa que apresenta incorreção verbal.
a) Observa-se que muitos boatos provêm de algumas pessoas insensatas.
b) Se você quiser reaver os objetos roubados, tome as providências com urgência.
c) Prevendo novos aumentos de preços, muitos consumidores proveram suas casas.
d) O Ministro da Fazenda previu as despesas com o funcionalismo público, em 1989.
e) No jogo de domingo, quando o juiz interviu numa cobrança de falta, foi inábil.

7. (AJ-TRT-UFRJ-NCE) "... vieram a significar, no plano social,..." O item a seguir em que o verbo destacado está conjugado erradamente é:

a) Se o virmos por lá, daremos o recado.
b) Os advogados interviram na discussão.
c) A empregada proveu a despensa com o necessário.
d) Quando vimos para cá, sentimo-nos contentes.
e) Os aparelhos provieram dos Estados Unidos.

8. (TRT-Fundec) Das frases abaixo, a única correta quanto à flexão verbal, de acordo com a norma culta da língua, é:

a) Se proporem uma outra crônica, argumente que não há mais espaço nesta edição.
b) Com a cooperação de todos, o jornalista creu que havia condição de escrever a reportagem.
c) Os candidatos só poderão se inscrever no concurso de crônicas, se o requiserem.
d) Os alunos de minha escola jamais obteram incentivo para redigir textos em crônicas.

9. (Oficial de Justiça) Tendo em conta a flexão verbal, é correto afirmar que as formas PROVÉM, PROVEM, PROVEEM e PROVÊM, referem-se, respectivamente, aos seguintes verbos:

a) prover, provir,provar e provir;
b) provir, provar, prover e provir;
c) provar, prover, provir e prover;
d) provir, provar, provir e prover.

10. (TRE-RJ) "E quando os mórmons se viram frente ao problema de povoar um deserto, não hesitaram em sancionar a poligamia". Das sentenças abaixo, construídas com verbos derivados de ver, aquela cuja lacuna se completa corretamente com a forma entre parênteses é:

a) Os mórmons as dificuldades a serem enfrentadas. (anteveram)
b) Quando os mórmons as dificuldades a enfrentar, agem corajosamente. (entrevêm)
c) Os mórmons já se tinham dos recursos necessários para seguir para o deserto. (provisto)
d) Se os mórmons as dificuldades que enfrentariam, talvez tivessem desistido. (prevessem)
e) Sempre que os mórmons a história da colonização do deserto, sentir-se-ão honrados. (revirem)

11. (Analista Judiciário – TST – FCC) A flexão de todas as formas verbais está plenamente adequada na frase:

a) Os que virem a desrespeitar quem não tem fé deverão merecer o repúdio público de todos os homens de bem.

b) Deixar de professar uma fé não constitue delito algum, ao contrário do que julgam os fanáticos de sempre.

c) Ninguém quererá condenar um ateu que se imbui do valor da ética e da moral no convívio com seus semelhantes.

d) Se não nos dispormos a praticar a tolerância, que razão teremos para nos vangloriarmos de nossa fé religiosa?

e) Quem requiser respeito para a fé que professa deve dispor-se a respeitar quem não adotou uma religião.

12.

a) Ela requereu que eu intervisse na questão.

b) Ela requis que eu intervisse na questão.

c) Ela requis que eu interviesse na questão.

d) Ela requereu que eu intervisse na questão.

e) Ela requereu que eu interviesse na questão.

13.

a) A polícia deteve a carga dos milhões de caixas de remédio.

b) A polícia deteu a carga dos milhões de caixas de remédio.

c) A polícia deteu a carga das milhões de caixas de remédios.

d) A polícia deteve a carga das milhões de caixas de remédio.

e) A polícia deteve a carga dos milhões das caixas de remédio.

14.

a) Não venha agora com os teus problemas de desinteria e astigmatismo.

b) Não venhas agora com os teus problemas de desinteria e estigmatismo.

c) Não venha agora com os seus problemas de disenteria e astigmatismo.

d) Não venha agora com os seus problemas de desinteria e astigmatismo.

e) Não venhas agora com os teus problemas de disenteria e estigmatismo.

14.9. Verbos impessoais

São verbos impessoais aqueles que não possuem pessoa (sujeito). Sendo assim, o sujeito é inexistente – oração sem sujeito –, obrigando o verbo a se restringir à terceira pessoa do singular.

a) Verbos, no sentido denotativo, que indicam fenômenos da natureza.

Ex: chover, trovejar, nevar, ventar...

Esses verbos só podem ser conjugados na 3ª pessoa do singular e também são chamados de verbos impessoais.

Obs.: Às vezes, um desses verbos pode estar no sentido conotativo, cabendo a sua flexão.

Ex.: Choveram laranjas na feira.

? Nesse caso, a forma verbal "choveram" não é impessoal, o sujeito é LARANJAS, por isso a concordância entre eles.

b) Verbo HAVER, nos sentidos de EXISTIR e de tempo decorrido, e verbo FAZER, também no sentido de tempo decorrido, só podem ser conjugados na 3ª pessoa do singular e também são verbos impessoais.

Ex.: Havia 20 alunos em sala.

Deve haver 30 anos da chegada do homem à Lua.

Faz 20 dias que ela chegou...

Obs.: É relevante saber que os verbos auxiliares pegam as características dos verbos principais.

Ex.: Pode (no singular devido à presença do verbo principal HAVER no sentido de existir) haver problemas.

Deve (no singular devido à presença do verbo principal FAZER no sentido de tempo passado) fazer três semanas que João viajou.

"... houve templos, houve cultos, houve leis" (Raul Pompeia).

c) O verbo TRATAR, acompanhado do pronome SE, quando semanticamente não puder ter sujeito.

Ex.: Trata-se de uma discussão descabida.

? Observe que NINGUÉM PODE TRATAR DA DISCUSSÃO, sendo assim, como semanticamente o verbo não pode ter referente, o verbo se torna impessoal.

d) Os verbos BASTAR e CHEGAR, no sentido de PARAR.

Ex.: Chega de confusão.

Basta de briga.

Obs.: O verbo TER, no sentido de EXISTIR, HAVER, OCORRER, em tese, não poderia ser empregado. Contudo, não há como se negar que seu uso já se encontra consagrado, inclusive se registrando exemplos de textos de Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade: "Em Pasárgada tem tudo", "Tem uma pedra no meio do caminho". A maioria das bancas ainda não admite tal uso, mas o NCE, no concurso da Polícia Civil de 2001, indicou que o verbo TER estaria sendo utilizado como impessoal, não entrando no mérito se o uso estaria correto ou não. O Professor Celso Cunha, na página 142 da *Gramática da Língua Portuguesa*, classifica o uso do verbo TER, na acepção de EXISTIR, como coloquial.

14.9.1. Exercícios

1. (Administrador – Petrobras – Cesgranrio) De acordo com a norma-padrão, a frase que não precisa ser corrigida pelo Professor Carlos Góis, mencionado pelo Texto II, é:

a) Houveram muitos acertos naquela prova.

b) Existia poucos alunos com dúvidas na sala.

c) Ocorreram poucas dúvidas sobre a matéria.

d) Devem haver muitos aprovados este ano.

e) Vão fazer dois anos que estudei a matéria.

2. (Administrador – Transpreto – Cesgranrio) Os alunos, em uma aula de Português, receberam como tarefa passar a frase abaixo para o plural e para o passado (pretérito perfeito e imperfeito), levando-se em conta a norma-padrão da língua.
Há opinião contrária à do diretor.
Acertaram a tarefa aqueles que escreveram:
a) Houve opiniões contrárias às dos diretores / Havia opiniões contrárias às dos diretores.
b) Houve opiniões contrárias à dos diretores / Haviam opiniões contrárias à dos diretores.
c) Houveram opiniões contrárias à dos diretores / Haviam opiniões contrárias à dos diretores.
d) Houveram opiniões contrárias às dos diretores / Haviam opiniões contrárias às dos diretores.
e) Houveram opiniões contrárias às dos diretores / Havia opiniões contrárias às dos diretores.

3. (NCE) "... mas não havia infraestrutura para recrutar os cerca de 20 mil voluntários necessários".
O verbo HAVER presente nesse trecho do texto é impessoal. A alternativa em que o verbo HAVER foi mal utilizado é:
a) Não me haviam alertado para o perigo os técnicos do laboratório.
b) Refaria esses trabalhos e quantos mais houvessem para fazer.
c) Pouco mais de mil pessoas havia nas salas de aula.
d) Houveram por bem sair mais cedo os professores.
e) É provável que haja falhas graves nesse projeto.

4. (Magistério-NCE) "... de há muito acomete o frágil organismo social no qual vivemos".
O item abaixo em que a forma do verbo "haver" está <u>erradamente</u> empregada no lugar da preposição a é:
a) Os jornais brasileiros, há vários meses, só falam de corrupção.
b) Há bastante gente a quem se pode acusar de corrupção.
c) O Brasil está há algumas semanas de começar a economia de luz.
d) De há meses para cá o frio tem aumentado.
e) O país sofre de corrupção há várias décadas.

5. O verbo sublinhado <u>não</u> é impessoal na frase:
a) <u>Houve</u> momentos de indecisão.
b) A criança <u>amanheceu</u> gripada.
c) No inverno, <u>anoitece</u> mais cedo.

d) Faz muito tempo que não o vejo.
e) Basta de tolices.

6. (Senado Federal – FGV) "...há outras formas de garantir a transparência..." Assinale a alternativa em que, alterando-se o trecho acima, manteve-se adequação à norma culta.
a) ...há de existir outras formas de garantir a transparência...
b) ...hão de haver outras formas de garantir a transparência...
c) ...devem existir outras formas de garantir a transparência...
d) ...devem haver outras formas de garantir a transparência...
e) ...podem haver outras formas de garantir a transparência...

7. (Fiscal – Sefaz-RJ – FGV) No Brasil, por exemplo, existem regras de criminal compliance... Assinale a alternativa em que a alteração do trecho acima tenha provocado INADEQUAÇÃO quanto à norma culta. Não leve em conta a alteração de sentido.
a) No Brasil, por exemplo, haverá regras de *criminal compliance*...
b) No Brasil, por exemplo, deve haver regras de *criminal compliance*...
c) No Brasil, por exemplo, há de existir regras de *criminal compliance*...
d) No Brasil, por exemplo, devem existir regras de *criminal compliance*...
e) No Brasil, por exemplo, poderão existir regras de *criminal compliance*...

8. (UFRJ-NCE) "... há três décadas ele mantém sua fama em ascendência". Nesta frase o verbo HAVER não varia, pois se trata de uma oração sem sujeito. Assinale a opção que completar corretamente a frase? "Quantos dias que não o vemos? bem uns dez".
a) faz – hão de haver
b) fazem – há de haver
c) fazem – hão de haver
d) faz – há de haver
e) fazem – hão de haverem

14.10. Verbos defectivos

São os que, por algum tipo de anomalia, não apresentam todas as pessoas em sua conjugação.

1) São defectivos abolir, banir, colorir, demolir, exaurir, explodir, extorquir, falir, acontecer, suceder, ocorrer, doer.

2) Há verbos que nossos ouvidos nos induzem a considerar que sejam defectivos, mão não o são: ADERIR, COMPETIR e POLIR. Existem as formas verbais ***EU COMPITO***, Maria quer que ***EU COMPITA... EU ADIRO***, Maria quer que ***TU ADIRAS, EU PULO, TU PULES...***

3) Caro candidato, se você fizer prova para a área fiscal, sobretudo se o concurso for organizado pela Esaf, fique atento aos verbos EMERGIR e IMERGIR. Há uma divergência entre o que ensina Celso Cunha e o que informa Evanildo Bechara. Este indica serem os dois verbos apenas irregulares, conjugando-se tais quais SUBMERGIR e ASPERGIR (EMERJO, MARIA QUER QUE EU EMERJA, TU EMERJAS...). Já aquele entende que SUBMERGIR e ASPERGIR possuem conjugação completa, mas EMERGIR e IMERGIR, não. Estes dois verbos não poderiam ser conjugados quando, após o radical, aparecessem as letras A ou O. Este assunto caiu na prova de Analista de Finanças e Controle (Esaf), com a banca demonstrando claramente a opção por considerar os verbos defectivos, conforme Celso Cunha.

4) O verbo ADEQUAR ou (ADEQUAR-SE como mais utilizado) não pode ser conjugado em todo o presente do subjuntivo, e no presente do indicativo só existem as formas de 1ª pessoa do plural e de 2ª pessoa do plural. Por consequência, o imperativo também só conterá a forma de 2ª pessoa do plural do afirmativo. É bom esclarecer que nas pessoas existentes o verbo ADEQUAR-SE segue o modelo dos verbos regulares de 1ª conjugação.

5) Precaver e reaver só existem onde, na conjugação do verbo HAVER, houver a letra **V.**

– O verbo REAVER só existe onde no verbo HAVER aparecer a letra V, ficando exatamente igual ao HAVER.

– O verbo PRECAVER também só existe onde no verbo HAVER aparecer a letra V. Contudo onde este verbo existir, funcionará como um verbo regular de segunda conjugação, seguindo o modelo do verbo VENDER.

Ex: HAVER REAVER

Presente do Indicativo

hei	não há forma	não há forma
hás	não há forma	não há forma
há	não há forma	não há forma
havemos	reavemos	precavemos
haveis	reaveis	precaveis
hão	não há forma	não há forma

Pretérito Perfeito do Indicativo

houve	reouve	precavi
houveste	reouveste	precaveste
houve	reouve	precaveu
houvemos	reouvemos	precavemos

houvestes	reouvestes	precavestes
houveram	reouveram	precaveram

14.10.1. Exercícios

1. (Escriturário – BB – Cesgranrio) O verbo entre parênteses está conjugado de acordo com a norma-padrão em:

a) Desse jeito, ele fale a loja do pai. (falir)
b) O príncipe branda a sua espada às margens do rio. (brandir)
c) Os jardins florem na primavera. (florir)
d) Eu me precavejo dos resfriados com boa alimentação. (precaver)
e) Nós reouvemos os objetos roubados na rua. (reaver).

2. (CEE – Tecnológica-SP) Aponte a frase correta.

a) Avançaram sobre ele, não se conteram.
b) Não repilais quem de vós se aproxima.
c) Se você não prever a ocasião, como agarrá-la?
d) Requiseram inutilmente, não lhe deferiram o pedido.
e) Busquei por muito tempo, mas não reavi o que perdera.

3. (UnB-DF) Assinale o item que contém as formas verbais corretas.

a) reouve – intervi
b) reouve – intervim
c) rehouve – intervim
d) reavi – intervi
e) rehavi – intervim

4. (ITA) Assinale o caso em que o verbo destacado estiver correto.

a) **Eu me precavo** deve ser substituído por **eu me precavejo**.
b) **Eu me precavenho** contra os dias de chuva.
c) **Eu reavi** o que perdera há dois anos.
d) Problemas graves **me reteram** no escritório.
e) Nenhuma das frases acima.

5. (ITA) Vi, mas não ; o policial viu, e também não , dois agentes secretos viram, e não . Se todos nós , talvez tantas mortes.

a) intervir – interviu – intervieram – tivéssemos intervido – teríamos evitado

b) me precavi – se precaveio – se precaveram – nos precavíssemos – não teria havido

c) me contive – se conteve – contiveram – houvéssemos contido – tivéssemos impedido

d) me precavi – se precaveu – precaviram – precavêssemo-nos – não houvesse

e) intervim – interveio – intervieram – tivéssemos intervindo – houvéssemos evitado

6. (ANS – Analista – FCC) Tendo como parâmetro a norma culta da língua, assinale a alternativa que contém forma verbal corretamente empregada.

a) Portugal proveu o Brasil de uma estrutura encontrada apenas em metrópoles.

b) A Inglaterra conviu em que seria mais prudente ajudar na vinda de D. João VI para o Brasil.

c) As grandes nações se precavêem de infortúnios com planejamento.

d) Algumas ex-colônias requiseram a emancipação política antes que nosso país o fizesse.

e) Quando os historiadores reverem o episódio, certamente encontrarão passagens difíceis de interpretar

7. (DNOCS – FCC) É preciso corrigir uma forma verbal flexionada na frase:

a) O e-mail interveio de tal forma em nossa vida que ninguém imagina viver sem se valer dele a todo momento.

b) Se uma mensagem eletrônica contiver algum vírus, o usuário incauto será prejudicado, ao abri-la.

c) Caso não nos disponhamos a receber todo e qualquer e-mail, será preciso que nos munamos de algum filtro oferecido pela Internet.

d) Se uma mensagem provier de um desconhecido, será preciso submetê-la a um antivírus específico.

e) Ele se precaveio e instalou em seu computador um poderoso antivírus, para evitar que algum e-mail o contaminasse.

8. (AFTN) Indique o período correto.

a) Se você reaver seus cruzados retidos, empreste-me algum dinheiro.

b) Se tu reaveres teus cruzados retidos, poderás me emprestar uma parte?

c) Caso você reaveja seus cruzados retidos, pode emprestar-me uns cem mil?

d) Se eu reavesse meus cruzados retidos, emprestar-te-ia uma parte.

e) Todos neste país reaveremos os cruzados bloqueados, nos prazos estipulados pela lei.

9. (Esaf) Assinale a alternativa que apresenta um verbo incorretamente flexionado.
a) O enxoval conviria às noivas dos bairros mais pobres.
b) Não despeças os carregadores antes do desembarque.
c) Os policiais interviram nos protestos dos grevistas.
d) A noiva precaveu-se contra os prejuízos da mudança.
e) Eu expeço, primeiramente, as malas dos estudantes

10. (TRF) Das opções que se seguem, a que está correta quanto à flexão verbal é:
a) Se o governo se precavisse, evitaria acidentes como esse.
b) Com um pouco de sorte, talvez o senhor reaveja os documentos extraviados.
c) Meus filhos só vêm televisão depois que terminam os deveres escolares.
d) As autoridades interviram no rumo dos acontecimentos.
e) A empresa que projetou a usina não se precaveu como deveria.

11. (FCC) Marque a opção cujo verbo apresenta correta flexão.
a) "Se eu reavesse meu dinheiro retido, emprestar-te-ia uma parte".
b) "Toda dúvida que sobrevir deverá ser imediatamente esclarecida. Isso, sim, é transparência".
c) "A impunidade só terá fim quando se desfazer da cobertura política e todos forem iguais perante a lei..."
d) "Se alguém se deter em olhar na tevê, detalhadamente, o rosto do presidente, vai verificar que estão aparecendo alguns fios de cabelos brancos em sua cabeça".
e) Chefonildo interveio imediatamente, pois esses servidores não parecia serem culpados. Quando reouveram o material perdido, desavieram-se na sua distribuição.

12. (Esaf) Assinale a opção em que a mudança de pessoa verbal provoca erro.
a) Requeremos a pavimentação da rua Vicente de Carvalho.
Requeiro a pavimentação da rua Vicente de Carvalho.
b) Apesar do espaço pequeno, temos certeza de que cabemos aí.
Apesar do espaço pequeno, tenho certeza de que caibo aí.
c) Se não nos precavemos a tempo, seremos ludibriados.
Se não me precavenho a tempo, serei ludibriado.
d) Graças ao seu auxílio, reaveremos os documentos.
Graças ao seu auxílio, reaverei os documentos.
e) Nós valemos tanto quanto acreditamos ser nosso valor.
Eu valho tanto quanto acredito ser meu valor.

13. Leia com atenção as frases a seguir, tendo em vista o verbo destacado.
I. Eles adequam suas necessidades ao material disponível.
II. Finalmente reavi meus documentos.
III. Assim que eles proporem o acordo, aceitaremos.
IV. Ele se precaveu para não ter problemas mais tarde.
V. Sempre que proveres a despensa, poderás viajar com tranquilidade.
Estão corretas as formas verbais empregadas em:
a) I e II;
b) II e IV;
c) III e V;
d) IV e V;
e) I e V.

14.11. Formas rizotônicas e arrizotônicas verbais

14.11.1. Rizotônicas

São as formas verbais em que a sílaba tônica recai totalmente sobre o radical.

Ex.: fales, brigo, parte, faze, indica, olho.

A sílaba tônica dessas formas verbais é respectivamente: ***fa, bri, par, fa, di, o*** e recaem sobre os radicais ***fal, brig, part, faz, indic, olh.***

14.11.2. Arrizotônicas

São as formas verbais em que a sílaba tônica não recai sobre o radical.

Ex.: falei, brigamos, parti, fazia, indicou, olharei.

A sílaba tônica dessas formas verbais é respectivamente: ***lei, ga, ti, zi, cou, rei*** e não recai sobre os radicais ***fal, brig, part, faz, indic, olh.***

14.12. Verbos terminados em IAR

Os verbos terminados em ***IAR*** são REGULARES, com **exceção** de: **MEDIAR, ANSIAR, REMEDIAR, INCENDIAR, ODIAR** e **INTERMEDIAR,** que terão o acréscimo da letra **E** nas formas rizotônicas.

Ex.: REMEDIAR (PRESENTE DO INDICATIVO)

remedeio	remediamos
remedeias	remediais
remedeia	remedeiam

REMEDIAR (PRESENTE DO SUBJUNTIVO)

remedeie	remediemos
remedeies	remedieis
remedeie	remedeiem

Analisando este verbo, podemos observar que o radical é **REMEDI,** portanto é justamente quando a sílaba tônica recai sobre **DI,** que se torna necessário o acréscimo da letra **E** entre as letras **D** e **I.**

Obs.: Já o verbo **MOBILIAR** conjuga-se incidindo-se sílaba tônica em BI nas formas rizotônicas.

Presente do Indicativo: mobílio, mobílias, mobília, mobiliamos, mobiliais, mobíliam

Presente do Subjuntivo: mobílie, mobílies, mobílie, mobiliemos, mobilieis, mobíliem

Imperativo Afirmativo: mobília, mobílie, mobiliemos, mobiliai, mobíliem

Imperativo Negativo: mobílies, mobílie, mobiliemos, mobilieis, mobíliem

14.13. Verbos terminados em EAR

Os verbos terminados em **EAR** terão o acréscimo da letra **I** nas formas rizotônicas.

Ex.: NOMEAR (PRESENTE DO INDICATIVO)

nomeio	nomeamos
nomeias	nomeais
nomeia	nomeiam

NOMEAR (PRESENTE DO SUBJUNTIVO)

nomeie	nomeemos
nomeies	nomeeis
nomeie	nomeiem

Analisando este verbo, podemos observar que seu radical é **NOME**, portanto é justamente quando a sílaba tônica recai sobre **ME**, que se torna fundamental a inserção da letra I nesta sílaba.

14.14. Verbos terminados em GUAR

1) AGUAR, APANIGUAR, APAZIGUAR, APROPINQUAR, AVERIGUAR, DESAGUAR, ENXAGUAR, OBLIQUAR, DELINQUIR e afins poderão ou não ser acentuados nas formas rizotônicas.

Obs.: Com a reforma ortográfica, a flexão passsa a admitir as seguintes formas:

AVERIGUAR

PRESENTE DO INDICATIVO	PRESENTE DO INDICATIVO
eu averiguo	eu averíguo
tu averiguas	tu averíguas
ele averigua	ele averígua
nós averiguamos	nós averiguamos
vós averiguais	vós averiguais
eles averiguam	eles averíguam

AVERIGUAR

PRESENTE DO SUBJUNTIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO
eu averigue	eu averígue
tu averigues	tu averígues
ele averigue	ele averígue
nós averiguemos	nós averiguemos
vós averigueis	vós averigueis

eles averiguem	eles averíguem

14.14.1. Exercícios

1. (Cesgranrio) Assinale a forma errada do verbo pontear.
a) ponteias
b) ponteiamos
c) pontearei
d) ponteiam
e) ponteie

2. (ITA) Examinando as afirmações de que a terceira pessoa do singular do presente do indicativo é:
Progredir é progrede.
Ansiar é ansia.
Remediar é remedia.
Transgredir é transgride.
Verifica-se que:
a) apenas uma está correta;
b) apenas duas estão corretas;
c) todas estão corretas;
d) três estão corretas;
e) nenhuma está correta.

3. (Analista – TCE-CE – FCC) Estão corretamente grafadas e flexionadas todas formas verbais da frase:
a) Por vezes, é a intuição de um juiz que intermedia o que está no processo e o espírito da lei.
b) Se não se dispuser a examinar bem o caso e não se prover da melhor intuição, poderá proceder injustamente.
c) A intuição costuma acessorar os juízes, nos casos mais complexos que se lhes apresentam.
d) É frequente que um juiz remedie uma omissão da lei valendo-se do que lhe diz sua intuição.
e) Caso a intuição do juiz não intervisse naquele caso, o réu seria injustamente condenado.

4. (Analista Judiciário – TRE-PE – FCC) Numa carta em que um velho jornalista se dirigisse a um recém-contratado do jornal, seria plenamente aceitável a redação da seguinte frase:

a) Não temais, meu caro, a concorrência de teus colegas: confia em teus próprios valores, aferre-se a eles e segue em frente.

b) Os valores que nortearão suas decisões profissionais não devem, meu caro, desmerecer os valores pessoais de que você se orgulha.

c) Se te vierem ameaçar as piores tentações, fuja delas, amigo, não as dê qualquer atenção, e não terás motivo de arrependimento.

d) Aprenderás com o tempo, meu jovem, que mesmo nas pequenas decisões que adotar, devem inspirá-lo os valores maiores da ética.

e) Bem-vindo seja, colega, e atenta para que a ansiedade da competição não lhe desvie da missão que a comunidade nos confiou.

5. (TRF – 2ª Região – FCC) O emprego, a grafia e a flexão dos verbos estão corretos em:

a) A revalorização e a nova proeminência de Paraty não prescindiram e não requiseram mais do que o esquecimento e a passagem do tempo.

b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre renegada a um segundo plano, eis que ela imerge do esquecimento, em 1974.

c) A cada novo ciclo econômico retificava-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, sobreviram longos anos de esquecimento.

d) A Casa Azul envidará todos os esforços, refreando as ações predatórias, para que a cidade não sucumba aos atropelos do turismo selvagem.

e) Paraty imbuiu da sorte e do destino os meios para que obtesse, agora em definitivo, o prestígio de um polo turístico de inegável valor histórico.

6. (TRE-MT) Só está correta a forma verbal grifada na frase:

a) Embora ele <u>esteje</u> indicado, o Senado ainda não o aprovou.

b) Ele <u>passeiava</u> diariamente no parque.

c) Quando eles <u>trouxerem</u> a permissão, poderão entrar.

d) Se <u>mantermos</u> as posições, o inimigo não avançará.

e) Os deputados se <u>entretiam</u> com esses discursos.

7. Observe e analise as formas verbais das frases a seguir:

1 – Eu me precavi na época do pacote econômico.

2 – Ele já proveu a geladeira com muitas frutas.

3 – Os inspetores intermedeiam na discussão dos alunos.

4 – Desejamos que eles floreiem os ambientes.
5 – Eles desejam que nós vamos ao teatro.
Estão corretas as frases:
a) todas;
b) 1, 2, 4, 5;
c) 1, 2, 3, 4;
d) 1, 2, 3, 5;
e) 3, 4, 5.

8. (CM) A flexão do verbo "macaquear" está em desacordo com a norma culta na opção:
a) Nós macaqueiamos a visão do Português.
b) O brasileiro macaqueia a visão do Português.
c) Talvez macaqueemos a visão do Português.
d) É possível que os brasileiros macaqueiem a visão do Português.
e) Os brasileiros macaqueiam a visão do Português.

9. (TJ-NCE) "Para outras, é apenas o prazer de saber que a distância não mais cerceia a comunicação, por boba que seja." A frase abaixo em que há uma forma, ligada aos verbos terminados em – ear, grafada erradamente é:
a) É perigoso que passeiemos à noite.
b) A civilização sofre freadas em seu progresso.
c) O homem receoso não luta pela liberdade.
d) Todos nós ceamos no Natal.
e) É injusto que os países totalitários cerceiem a comunicação.

10. (Epcar) Em apenas uma das frases a forma verbal está incorreta. Assinale-a.
a) Desejo que me ouçais com atenção.
b) Se eles se precavessem, não sofreriam o acidente.
c) Se intervissem, o conflito cessaria.
d) Não odieis vosso irmão.
e) Trá-lo-ei assim que me pedires.

11. (UFRJ) "... que aqui viveram e ainda vivem..." Este mesmo fragmento, com o verbo "ansiar" nos mesmos tempos e pessoas do verbo VIVER, ficaria:
a) ... que aqui ansiaram e ainda anseiam...
b) ... que aqui ansiavam a ainda anseiam...
c) ... que aqui ansiaram e ainda ansiam...

d) ... que aqui ansiarão e ainda anseiem...
e) ... que aqui anseiaram e ainda ansiam...

12. (PM – Bahia – Técnico – FCC) Está correta a flexão do verbo sublinhado na frase:
a) Se alguém ver o outro como um aliado, só terá a ganhar.
b) Quando convir, adotar-se-ão medidas repressivas.
c) Quando o caso requiser, adotam-se medidas mais duras.
d) O tolo acha melhor que se remedeie uma situação em vez de a prever.
e) Aquelas ações repressivas não proviram da vontade da população.

13. (Escrivão de Policia Civil do Estado do Maranhão – FCC) O verbo corretamente flexionado está grifado na frase:
a) As tropas americanas não conteram os ataques da população enfurecida à Biblioteca Nacional.
b) Saqueadores de museus contrabandeiam obras de raro valor arqueológico no mercado internacional.
c) Nazistas se proporam a destruir, em enormes fogueiras, livros considerados perigosos na Alemanha.
d) O problema que sobreviu à invasão americana no Iraque foi a destruição de peças arqueológicas raríssimas.
e) Os invasores do Iraque não antevieram as funestas consequências dos saques, como o contrabando de obras valiosas.

14. (MPE – Pernambuco – Técnico ministerial – Área Administrativa – FCC) O verbo grifado está corretamente flexionado na frase:
a) Veem sendo adotadas medidas para a reprodução de músicas sem o pagamento dos respectivos direitos autorais.
b) Na disputa jurídica, as artistas reaveram o direito de receber os valores decorrentes da divulgação de sua obra.
c) Grandes indústrias intermediam os interesses dos compositores, firmando-se no mercado com extraordinários lucros.
d) Alguns amigos do cantor proporam-se a financiar a gravação de suas músicas, na certeza de sucesso imediato.
e) O disco manteve-se em primeiro lugar nas vendas durante semanas, garantindo a recuperação dos gastos da produção.

15. (TRE-Amapá – Téc. Judiciário – FCC) Está corretamente flexionada a forma verbal sublinhada na frase:

a) Se alguém propor medidas para a economia de energia, que seja ouvido com atenção.
b) Caso uma represa contenhe pouco volume de água, as turbinas da usina desligam-se.
c) Seria preciso que refizéssemos os cálculos da energia que estamos gastando.
d) Só damos valor às coisas quando elas já escasseiaram.
e) Se não determos os desperdícios, pagaremos cada vez mais caros por eles.

Nas questões de 16 e 17, marque a opção em que há forma verbal incorreta.

16. (NCE – UFRJ)

a) Se nos **convirem** as respostas, não o processaremos.
b) Para que eles **reouvessem** o que perderam, era necessário calma.
c) Os policiais que **intervieram** na proposta, serão afastados.
d) Quando **propusermos** medidas eficazes, seremos contratados.
e) Para **preverem** as falhas, deverão estudar muito mais.

17. (NCE – UFRJ)

a) Só **previram** as questões referentes ao orçamento dos novos estados.
b) Os cidadãos que **supuseram** tal medida, abandonarão a cidade.
c) Se **requiséssemos** a documentação necessária, haveria desordem.
d) Talvez nós **nomeemos** pessoas mais interessadas no projeto.
e) Não **magoem** aqueles amigos que sempre estiveram com vocês.

14.15. Verbos terminados em Uir

Não apresentam alterações vocálicas no radical, havendo apenas a substituição do "e" pelo "i" na 2ª e na 3ª do singular.

Ex.: Presente do Indicativo – obstruo, obstruis, obstrui, obstruímos, obstruís, obstruem

Obs.: Nos verbos "arguir" e "redarguir", se o "u" for tônico seguido de "e" ou "i" , possuirá acento agudo; caso seja átono, possuirá trema.

Ex.: Presente do Indicativo – Arguo, argúis, argúi, arguimos, arguis, argúem

Pretérito Imperfeito do Subjuntivo – arguisse, arguisses, arguisse, arguíssemos, arguísseis, arguissem

Obs.: ARGUIR e REDARGUIR perdem o acento agudo nas formas rizotônicas.

ARGUIR	REDARGUIR
PRESENTE DO INDICATIVO	**PRESENTE DO INDICATIVO**
eu arguo	eu redarguo
tu arguis	tu redarguis
ele argui	ele redargui
nós arguímos	nós redarguímos
vós arguís	vós redarguís
eles arguem	eles redarguem

ARGUIR	REDARGUIR
PRESENTE DO SUBJUNTIVO	**PRESENTE DO SUBJUNTIVO**
eu argua	eu redargua
tu arguas	tu redarguas
ele argua	ele redargua
nós arguamos	nós redarguamos
vós arguais	vós redarguais

eles arguam	eles redarguam

Obs.: O verbo DELINQUIR, antes defectivo, agora passa a ter todas as suas formas conjugadas.

Obs.: Já em conformidade com a reforma ortográfica.

Obs.: Os verbos CONTRUIR, DESTRUIR, RECONSTRUIR, bem como ENTUPIR (e cognatos) admitem O ou U na segunda pessoa do singular, na terceira pessoa do singular e na terceira pessoa do plural do presente do indicativo.

Ex.: tu constróis (construis), ele constrói (construi), eles constroem (construem)

14.15.1. Exercício

1. (NCE) "A sociedade mantém as Forças Armadas inoperantes no caso".
"Devem as Forças Armadas intervir no processo..."
"... construir e conservar estradas..."
Que item a seguir mostra as formas correspondentes dos verbos das frases acima – MANTER, INTERVIR e CONSTRUIR – na terceira pessoa do plural do presente do indicativo?

a) mantêm – intervêm – construem
b) mantém – intervêm – constroem
c) mantêem – intervêem – constroem
d) mantêm – intervêem – constroem
e) mantém – intervém – constroem

14.16. Verbos prazer, aprazer e desprazer

Têm uma característica peculiar. No pretérito perfeito do indicativo, no pretérito mais-que-perfeito do indicativo, no pretérito imperfeito do subjuntivo e no futuro do subjuntivo, seguem o modelo do verbo HAVER.

Ex.: Pretérito perfeito do indicativo – Eu houve (aprouve), tu houveste (aprouveste), ele houve (aprouve), nós houvemos (aprouvemos), vós houvestes (aprouvestes), eles houveram (aprouveram)

Pretérito mais-que-perfeito – Eu houvera (aprouvera), tu houveras (aprouveras), ele houvera (aprouvera), nós houvéramos (aprouvéramos), vós houvéreis (aprouvéreis), eles houveram (aprouveram)

Pretérito imperfeito do subjuntivo – Se ontem eu houvesse (aprouvesse), tu houvesses (aprouvesses), ele houvesse (aprouvesse), houvéssemos (aprouvéssemos), houvésseis (aprouvésseis), houvessem (aprouvessem)

Futuro do subjuntivo – Quando eu houver (aprouver), tu houveres (aprouveres), ele houver (aprouver), houvermos (aprouvermos), houverdes (aprouverdes), houverem (aprouverem).

Obs.: Nos demais tempos, estes verbos seguirão o modelo dos verbos regulares de 2ª conjugação.

O verbo PRAZER só é conjugado na 3ª pessoa do singular e na 3ª pessoa do plural em todos os tempos.

O verbo comprazer denuncia uma divergência entre os gramáticos Celso Ferreira da Cunha e Evanildo Bechara. Segundo Cunha, este verbo seria regular em todos os tempos e pessoas; já Bechara considera que o verbo também guarda a mesma irregularidade apresentada pelos verbos PRAZER, APRAZER e DESPRAZER.

14.16.1. Exercícios

1. (MPU – Técnico – Área Adm. – FCC) Todas as formas verbais estão corretamente flexionadas na frase:

a) O cronista dá a entender que jamais interveio para libertar um inseto.
b) Se não convisse matar para comer, a natureza não o determinaria.
c) Nunca me aprouveu matar para comer; aguardo que matem por mim.
d) Se a natureza revesse sua principal lei, que tipo de vida haveria?
e) Se a vida não se compor com a morte, romper-se-á todo o equilíbrio.

2. (TCEMG – Eng. Perito – FCC) Todos os verbos estão corretamente empregados e flexionados na frase:
a) Se eu voltar à mesma escola e os alunos proporem as mesmas perguntas, os debates não deixarão de ter o mesmo calor da primeira vez.
b) Se o autor do texto não retesse o mesmo entusiasmo de menino pelas perguntas, não haveria todo aquele magnetismo durante o colóquio.
c) Ao autor aprouve suspender a palestra convencional e deter-se nas perguntas fundamentais que as crianças lhe propuseram.
d) Imergia das questões formuladas aquela vitalidade própria das crianças que não se resiguinam à passividade diante dos mistérios do mundo.
e) Seria interessante que os cientistas convissem em que é fundamental não perder o contato com a curiosidade que se constitue ainda na infância.

3. (CM) Considerando-se a norma culta da língua, há <u>erro</u> quanto à escolha da forma verbal empregada em:
a) Se o país reouver o clima natural dos anos 60.
b) Se o governo revir a atual apolítica econômica.
c) Se lhe aprouver reunir o grupo para discutir.
d) Se a emenda não convier ao governo.
e) Se os jovens se absterem de votar.

4. (TRT-20 R. – FCC) Estão corretamente flexionadas as formas verbais da frase:
a) Temos a impressão de que um bêbado, andando na rua, somente executará os movimentos que lhe aprazer.
b) As teorias do acaso não granjeam muitos adeptos numa época em que imperam os determinismos de todo tipo.
c) Pode-se considerar aleatório todo fenômeno ou comportamento que não provir, aparentemente, de um padrão já definido.
d) Os exemplos que o leitor se propor a acompanhar no livro convencê-lo-ão do importante papel do acaso em nossa vida.

e) Se não conviesse aos físicos estudar a aleatoriedade, esta ficaria adstrita ao campo das crendices e superstições.

14.17. Vozes verbais

A nomenclatura das vozes se baseia nos sujeitos, isto é, se o verbo concordar com o ser que pratica a ação, a voz é ativa; se o verbo concordar com o sujeito que sofre a ação, a voz é passiva. Se o sujeito pratica e recebe a mesma ação verbal, a voz é reflexiva.

14.17.1. Voz ativa

Ex.: "Eles andam de bicicleta." Observe que a forma verbal ANDAM está na 3ª pessoa do plural porque o sujeito ELES está na 3ª pessoa do plural. O verbo é obrigado a concordar com o sujeito, e como neste caso o sujeito é ativo, a voz é ativa.

14.17.2. Voz passiva

Ex.: "O trabalho foi feito por mim." Observe que a forma verbal **FOI FEITO** está na 3ª pessoa do singular, porque o sujeito **O TRABALHO** também está na 3ª pessoa do singular. Como, neste caso, o sujeito é passivo, a voz é passiva.

Obs.: Só existe voz passiva com verbo transitivo direto (ou transitivo direto e indireto), pois só o objeto direto da voz ativa pode transformar-se em sujeito da passiva. A frase dada como exemplo nasceu desta: "Eu fiz o trabalho." **O TRABALHO,** que era o objeto direto da voz ativa, passa a ser o sujeito da passiva.

A voz passiva pode ser analítica ou sintética.
Será ***Analítica*** – também chamada de "com auxiliar" –, quando houver VERBO SER + VERBO TRANSITIVO DIRETO (no particípio).

Ex.: O carro será (verbo SER) comprado (VTD – particípio) por Manoel (agente da passiva).

Obs.: Podem também ser utilizados outros verbos auxiliares, como ESTAR, FICAR, ANDAR, IR, VIR, VIVER...

Ex.: Ele vai acompanhado dos amigos.

A dúvida ficou esclarecida.

Será ***Sintética*** – também chamada de "pronominal" –, quando houver VERBO TRANSITIVO DIRETO + PRONOME "SE".

Ex.: Vendem-se (VTD + PRONOME "SE") carros (SUJEITO).

Aluga-se (VTD + PRONOME "SE") vaga (SUJEITO).

BIZUS

1) Preste atenção ao fato de que só o objeto direto da voz ativa pode transformar-se em sujeito da passiva.

Ex.: Assistimos ao filme (objeto indireto). Não devemos dizer "O filme foi assistido por nós".

Esta frase está errada, porque não se pode passar o objeto indireto da voz ativa para sujeito da passiva.

Ex.: Pagamos o salário (objeto direto) ao empregado (objeto indireto).

Está perfeita a seguinte frase: "O salário foi pago ao empregado por nós", pois o objeto direto da voz ativa pode transformar-se em sujeito da passiva; no entanto não se deve dizer "O empregado foi pago por nós", pois o que era objeto indireto da voz ativa não pode ser alterado para sujeito da passiva. Tal se dá pelo fato de o objeto indireto ser termo preposicionado, fator impeditivo de transformá-lo em sujeito.

Obs.: São admitidos como exceções os verbos OBEDECER e DESOBEDECER. Estes verbos são os únicos transitivos indiretos que admitem voz passiva.

Ex.: Obedeço ao regulamento. – O regulamento é obedecido por mim.

Não desobedecerás à lei. – A lei não será desobedecida por ti.

Esta situação se justifica pelo histórico desses verbos. OBEDECER e DESOBEDECER eram transitivos diretos, sem uso de preposição. Contudo, começaram a ser utilizados com a preposição A e a gramática registrou essa alteração. O verbo passou a ser transitivo indireto, entretanto manteve a antiga possibilidade de reescritura na voz passiva.

2) Fundamental se faz observar que, na transcrição da voz ativa para a passiva ou vice-versa, o tempo verbal da frase original há de ser mantido. Tal se justifica pelo fato de, caso ocorra a mudança no tempo do verbo, obviamente será alterado o sentido da frase. Então, não se trata meramente de uma vaidade gramatical, mas sim de uma exigência semântica.

Ex.: João fazia exercícios diariamente. – Observe que, na frase origi-nal, a forma verbal "fazia" encontra-se no pretérito imperfeito, logo a sua reescritura há de se dar com o verbo auxiliar "ser" também no pretérito imperfeito do indicativo, objetivando, assim, respeitar o sentido do período. – Exercícios eram (pretérito imperfeito do indicativo) feitos por João diariamente.

3) É importante o usuário da língua aprender a distinguir o índice de indeterminação do sujeito do pronome apassivador. Este se relaciona com verbos transitivos diretos e resultará na formação da voz passiva. Já aquele estará ligado

a verbos que não sejam transitivos diretos e não implicará a formação de voz passiva. As principais consequências são que, sendo o pronome SE apassivador, o termo que funcionaria como objeto direto se transforma em sujeito, portanto o verbo se torna obrigado a concordar com ele. Já o pronome SE, sendo índice de indeterminação do sujeito, indica que evidentemente o sujeito é indeterminado e, por consequência, o verbo necessariamente flexiona-se apenas na terceira pessoa do singular.

Ex.: Fez-se o trabalho.

– Se não houvesse o pronome SE, o termo "o trabalho" seria objeto direto. Então o verbo é transitivo direto que, ligado ao pronome SE, forma a voz passiva sintética, alterando a função sintática de "o trabalho" para sujeito. Dessa forma, se o termo for flexionado para o plural, o verbo vai acompanhá-lo. – Fizeram-se os trabalhos.

Precisa-se de cerveja.

– Se não ocorresse o pronome SE, o termo "de cerveja" funcionaria como objeto indireto. Portanto, o verbo é transitivo indireto que, relacionado ao pronome "se", NÃO forma a voz passiva. Aquele termo que seria objeto indireto continua sendo objeto indireto, então o verbo não se flexiona. – Precisa-se de cervejas.

Ouve-se bem daqui.

– BEM funciona como adjunto adverbial de modo, DAQUI, como adjunto adverbial de lugar. Não há nessa frase nenhum termo que complemente a ideia do verbo, o qual, por conseguinte é intransitivo. Verbo intransitivo ligado ao pronome SE não caracteriza a voz passiva. O SE é

índice de indeterminação do sujeito e, dessa forma, o verbo só se conjuga na terceira pessoa do singular.
Daqui se ouve bem a música.
– BEM continua funcionando como adjunto adverbial de modo, DAQUI, como adjunto adverbial de lugar. Porém, nessa frase, há a ocorrência de "a música", que, sem a presença do "SE", funcionaria como objeto direto. Portanto, se haveria objeto direto é porque o verbo é transitivo direto que, ligado ao pronome SE, forma a voz passiva. Aquele termo que seria objeto direto é alterado para sujeito, obrigando o verbo a acompanhá-lo.
Daqui se ouvem bem as músicas.

Obs.: Há a ideia passiva em estruturas como: Só me batizei com dez anos. / Como tu te chamas?

14.17.3. Voz reflexiva

É quando há coincidência entre o ser que pratica a ação e o que sofre a ação.

Ex.: O rapaz se entregou à polícia.

? Observe que a pessoa que pratica a ação é a mesma que a sofre. O rapaz entregou e o rapaz foi entregue.

Eu me vi numa situação complicada.

? Observe que quem vê e quem é visto é o mesmo ser.

14.17.4. Voz reflexiva com valor recíproco

Expressa um tipo de reflexividade, em que um ser pratica a ação em outrem e dele sofre a mesma ação.

Ex.: Eles se beijaram.

? A ação indica que um beijou o outro.

14.17.4.1. Exercícios

1. (Carlos Chagas-BA) Transpondo para a voz passiva a frase: "Haveriam de comprar, ainda, um trator maior", obtém-se a forma verbal:
a) comprariam
b) comprar-se-ia
c) teria sido comprado
d) ter-se-ia comprado
e) haveria de ser comprado

2. (FMU) Leia a seguinte passagem na voz passiva: "O receio é substituído pelo pavor, pelo respeito, pela emoção ..." Se passarmos para a voz ativa, teremos:
a) O pavor e o respeito substituíram-se pela emoção e o receio.
b) O pavor e o receio substituem a emoção e o respeito.
c) O pavor, o respeito e a emoção são substituídos pelo receio.
d) O pavor, o respeito e a emoção substituem-se.
e) O pavor, o respeito e a emoção substituem o receio.

3. (TRT-RJ – Cespe-UnB) O texto apresenta uma oração na voz passiva no trecho
a) "A série de dados do CAGED tem início em 1992"
b) "o crescimento no número de empregos formais criados foi de 38,7%".
c) "'Pode haver uma diminuição na escalada de compra de bens duráveis'".
d) 'Os preços dos bens duráveis (...) não estão aumentando'.
e) "No caso da indústria de transformação, por exemplo, foram criadas 146 mil vagas".

4. (Administrador – Petrobras – Cesgranrio) No Texto I, a frase "os alunos desfizeram o equívoco antes que ele se criasse" apresenta voz passiva pronominal no trecho em destaque.
A seguinte frase apresenta idêntico fenômeno:
a) Necessita-se de muito estudo para a realização das provas.
b) É-se bastante exigente com Língua portuguesa nesta escola.
c) Vive-se sempre em busca de melhores oportunidades.
d) Acredita-se na possibilidade de superação do aluno.
e) Criou-se um método de estudo diferente no curso.

5. (Analista Judiciário – Informática – TJ – FCC) A frase que admite transposição para a voz PASSIVA é:

a) *Quando a Bem-amada vier com seus olhos tristes...*
b) *O chapéu dele está aí...*
c) *... chegou à conclusão de que o funcionário...*
d) *Leio a reclamação de um repórter irritado...*
e) *... precisava falar com um delegado...*

6. (Analista Judiciário — TJ-RJ – FCC) ***... antiga Selinunte, que foi fundada no século VI a.C. por colonos gregos e arrasada por Haníbal em 409 a.C.***
Reescrevendo-se a frase acima na voz ativa, as formas verbais resultantes serão, respectivamente:
a) fundou – arrasou
b) fundaram – arrasou
c) fundou – arrasaram
d) fundam – arrasa
e) fundariam – arrasaria

7. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) Transpondo-se para a voz passiva a frase "O estilo e o assunto do artigo viriam a sensibilizar a leitora", obtém-se a forma verbal:
a) vinha sendo sensibilizada.
b) veio a ser sensibilizada.
c) viria a ser sensibilizada.
d) vêm sensibilizando-a.
e) viriam a ser sensibilizados.

8. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – FCC) O verbo que NÃO admite transposição para a voz passiva está em:
a) *... a República aterrou aquela zona ...*
b) *O Cais do Valongo ficava longe da vista dos cariocas ...*
c) *... a prefeitura pôs em execução uma ampla reforma...*
d) *... uma equipe de pesquisadores do Museu Nacional encontrou o piso do Cais do Valongo.*
e) *... e a cobriu com ruas e praças.*

9. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – FCC) ***As ruas estavam ocupadas pela multidão...***
A forma verbal resultante da transposição da frase acima para a voz ativa é:
a) ocupava-se;
b) ocupavam;

c) ocupou;
d) ocupa;
e) ocupava.

10. (Técnico Judiciário – TRE-SP – FCC) ... ***ao fazer isto, ele exprimiu a realidade tão paulista do italiano recoberto pela terra e do brasileiro das raízes europeias*****.**
Transpondo-se a frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante será:
a) foi expressa;
b) exprimia-se;
c) é exprimida;
d) vem sendo exprimida;
e) era expressa.

11. (TRE-SP) Transpondo para a voz passiva a frase "O auxiliar judiciário estava organizando os arquivos", obtém-se a forma verbal:
a) foram sendo organizados;
b) estavam sendo organizados;
c) foram organizados;
d) tinham sido organizados;
e) eram organizados.

12. (TRE-SP) Transpondo para a voz ativa a frase "Os pretendentes ao cargo teriam sido cadastrados pelo coordenador", obtém-se a forma:
a) cadastraria;
b) terá cadastrado;
c) seriam cadastrados;
d) teria cadastrado;
e) tinha cadastrado.

13. (Técnico Judiciário – TRE-RN – FCC) ... ***viu pedrinhas ali perto*****. (3º parágrafo)**
A passagem para a voz passiva da frase acima resulta na seguinte forma verbal:
a) são vistas;
b) tinha visto;
c) foram vistas;
d) viu-se;
e) é visto.

14. (NCE) "O Governo de nosso Estado combate e denuncia todas as formas de violência". Qual seria a forma adequada dessa mesma frase se a começássemos de outra forma: "O Governo de nosso Estado pretende que..." e se o restante do período fosse colocado na voz passiva pronominal?

a) Que se combata e se denuncie todas as formas de violência.
b) Que todas as formas de violência sejam denunciadas e combatidas.
c) Que todas as formas de violência se combatam e se denuncie.
d) Que se combatam e se denunciem todas as formas de violência.
e) Que se combate e se denuncia todas as formas de violência.

15. (TJ-NCE) A frase "desliguem o motor" corresponde, na voz passiva com auxiliar, a "que o motor seja desligado".
Qual a correspondência do mesmo tipo inadequadamente realizada?

a) abram as portas – as portas sejam abertas.
b) se afastem das mesas – as mesas sejam afastadas.
c) interrompam a refeição – a refeição seja interrompida.
d) definam um bom espaço – um bom espaço seja definido.
e) ritualizem o ato de parar – o ato de parar seja ritualizado.

16. (NCE) A única frase que está na voz passiva é:

a) Muitos cidadãos estão buscando novas soluções para velhos problemas.
b) A luta contra a corrupção é de todos nós.
c) Os depoimentos na CPI foram acompanhados por grande público.
d) Estamos vivendo um momento de incertezas.
e) Toda a população vai colaborar com o Viva Rio.

17. (NCE) Qual a forma de voz ativa da frase "... para não ser olhado com medo"?

a) Para que não o olhem com medo.
b) Para que não o olhassem com medo.
c) Para não o olharem com medo.
d) Para que não fosse olhado com medo.
e) Para que alguém não o olhe com medo.

18. (NCE) Em que item a seguir <u>não</u> ocorre um verbo na forma de voz passiva?

a) Das fendas de uma rocha se desprendiam emanações...
b) ... que eram tidas como profecias, oráculos.
c) E precisavam ser interpretadas.

d) Tinham duplo sentido, eram ambíguos.
e) E lhes foi dito que a profecia estava certa.

19. (NCE) A eletricidade era empregada para acender lâmpadas. Redigiu-se, de outra forma, a frase acima. Assinale a alternativa em que se verifica uma perfeita correspondência entre as duas formas de redação.
a) Empregou-se a eletricidade para acender lâmpadas.
b) A eletricidade poderia ser empregada para acender lâmpadas.
c) Empregava-se a eletricidade para acender lâmpadas.
d) Para acender lâmpadas, emprega-se a eletricidade.
e) A eletricidade será empregada para acender lâmpadas.

20. (Analista Judiciário – TST – FCC) Transpondo-se para a voz passiva a construção Os ateus despertariam a ira de qualquer fanático, a forma verbal obtida será:
a) seria despertada.
b) teria sido despertada.
c) despertar-se-á.
d) fora despertada.
e) teriam despertado.

21. (NCE) "O controle de várias formas de energia deu ao homem um enorme poder..." No trecho acima, o verbo "dar" pode causar a impressão de que o homem é um ser passivo. Na realidade, porém, sabe-se que o homem procura ser agente. Que alternativa mostra mais claramente o caráter ativo do homem?
a) O controle de várias formas de energia concedeu ao homem um enorme poder.
b) Ao homem foi dado poder pelo controle de várias formas de energia.
c) O homem conquistou um enorme poder com o controle de várias formas de energia.
d) Deu-se ao homem um enorme poder de controlar várias formas de energia.
e) O homem herdou o controle de várias formas de energia.

22. (Magistério-NCE) "... que é discutido em todos os lugares". Esta frase está na voz passiva analítica e sua forma correspondente na voz ativa é:
a) que se discutiu em todos os lugares;
b) que discutem em todos os lugares;
c) que foi discutido em todos os lugares;
d) que se discute em todos os lugares;
e) que discutiram em todos os lugares.

23. (Magistério-NCE) "Trata-se de um mal endêmico na sociedade brasileira..." Se colocarmos "mal endêmico" no plural, a forma correta do verbo "tratar-se" será:
a) trata-se;
b) tratam-se;
c) são tratados;
d) trataram-se;
e) tratou-se.

24. (Técnico de Necropsia) "O projeto foi recebido com ceticismo pela comunidade científica".Colocando-se esse segmento do texto na voz ativa, tem-se como forma correta:
a) Recebeu-se o projeto com ceticismo.
b) Receberam o projeto com ceticismo.
c) A comunidade científica recebeu o projeto com ceticismo.
d) A comunidade científica foi recebida com ceticismo pelo projeto.
e) Receberam-se com ceticismo o projeto pela comunidade científica.

25. (NCE) "... todos procurem conhecer seus direitos e exijam que eles sejam respeitados..." Se reescrevermos as orações sublinhadas, conservando-se as vozes verbais, teríamos como resposta adequada:
a) todos procurem conhecer seus direitos e exijam serem respeitados;
b) todos procurem conhecer seus direitos e exigir ser respeitados;
c) todos procuram conhecer seus direitos e exijam respeitá-los;
d) todos procurem que se conheçam os direitos e exijam que eles sejam respeitados;
e) todos procurem que conheçam seus direitos e exijam que eles se respeitem.

26. (PF) A Língua Portuguesa possibilita diferentes maneiras de se dizer a mesma coisa, com pequenas alterações morfossintáticas. Uma delas diz respeito à mudança da voz verbal, da ativa para a passiva ou vice-versa. Julgue se as reescrituras que se seguem, mudando-se a voz, mantêm o mesmo sentido das respectivas passagens no texto.
1. "Por ser uma palavra de entendimento eminentemente técnico, não encontramos significado para toxicologia nos dicionários da língua portuguesa". / Para a palavra toxicologia, não foi encontrado por nós significado nos dicionários da língua portuguesa, por ser de entendimento eminentemente técnico.
2. "Pelo entendimento, concluímos que toxicologia é o estudo analítico dos riscos oferecidos por produtos químicos ao ser humano". / Foi concluído por nós, pelo entendimento,

que toxicologia é o estudo analítico dos riscos que produtos químicos oferecem ao ser humano.
3. "A análise toxicológica de produtos químicos está relacionada, em medicina do Trabalho, ao trabalho realizado por profissionais da saúde ocupacional". / O trabalho que profissionais de saúde ocupacional realizam relaciona a análise toxicológica de produtos químicos pela Medicina do Trabalho.
4. "Estando elas, ou não, dentro dos limites de tolerância fixados pela legislação pertinente". / A legislação pertinente fixará limites de tolerância onde elas podem estar, ou não.
5. "No Brasil, poucos são os produtos químicos cujos limites de tolerância são fixados". / Fixa-se poucos limites de tolerância para os produtos químicos, no Brasil.

27. (PF) A língua possibilita diferentes maneiras de se dizer a mesma coisa, com pequenas alterações morfossintáticas. Uma delas diz respeito à mudança da voz verbal, da ativa para a passiva, ou vice-versa. Julgue se as reescrituras que se seguem, feitas em voz passiva, mantêm o mesmo sentido das respectivas passagens no texto.
1. "As crianças não recebem números ao nascer". / *Números não são atribuídos às crianças ao nascer*.
2. "A numeração pura e simples viria garantir identidade insofismável". / *Identidade insofismável viria ser garantida pela numeração pura e simples*.
3. "Fruir a graça das coisas naturais e o que lhes acrescentou a imaginação humana. / *A fruição da graça pelas coisas naturais foi acrescentada ao prazer pela vida por conta da imaginação humana*.
4. "Território quase só mistério que aos poucos se foi desbravando, mantendo ainda bolsões de sombra". / *Território quase só mistério, aos poucos foi sendo desbravado, mantendo ainda bolsões de sombra*.
5. "Meu querido e desconhecido irmão no 100.000.000, onde quer que estejas nascendo, fica de olho no futuro, presta atenção nas coisas para que não façam de ti subproduto de consumo, e boa viagem pelo século XXI adentro". / *Onde quer que estejas por nascer, meu querido e desconhecido irmão no 100.000.000, olha bem o futuro, presta atenção nas coisas, para que não sejas feito um subproduto de consumo e viajes bem pelo século XXI adentro*.

28. (BC – Esaf) Analise os itens a respeito das formas verbais no texto.
Uma profunda transformação tecnológica será promovida nos bancos brasileiros neste primeiro semestre para que eles se adaptem às normas determinadas pelo Banco Central (BC), que preveem a reestruturação do Sistema de Pagamentos Brasileiro (SPB). O novo modelo entra em vigor no dia 1o de outubro, quando já deve estar em funcionamento

a transferência de grandes valores com liquidação bruta em tempo real e o monitoramento on line da conta reservas bancárias mantida no BC, que se livrará da obrigação de cobrir os saldos negativos deixados pelos bancos nas operações dia-a-dia. Se, de um lado, as cerca de 170 instituiçõs financeiras movimentam-se para modernizar seu aparato tecnológico, de outro as indústrias de software travam uma batalha para conquistar uma fatia dos investimentos que serão feitos (*Gazeta Mercantil*, 20/2/2001, com adaptações).

I. Mantém-se a correção gramática e a ideia de voz passiva ao se substituir a expressão verbal "será promovida" (l. 1) por promover-se-á.

II. O emprego do modo verbal de "adaptem" (l. 2) é exigência da estrutura sintática iniciada por "para que".

III. O emprego de "preveem" (l. 3) segue as regras de conjugação de outros verbos do mesmo paradigma, como prevenir e vir.

IV. O emprego do tempo presente em "entra em vigor" (l. 3/4) desrespeita as regras da conjugação verbal e da coerência textual porque o texto pede que aí se empregue o futuro entrará.

Estão corretos apenas os itens:

a) I e II;
b) I, II e IV;
c) II e III;
d) II, III e IV;
e) III e IV.

14.18. Tempos compostos

Os tempos compostos serão formados através do verbo auxiliar TER ou HAVER acompanhado do verbo principal no particípio. Para o candidato, torna-se deveras importante saber o tempo do verbo auxiliar, mas não como fim, e sim como meio. Utilize a tabela e os exemplos a seguir para esclarecimentos sobre o assunto.

TEMPOS COMPOSTOS	**VERBOS AUXILIARES**	
	INDICATIVO	SUBJUNTIVO

PRETÉRITO PERFEITO	PRESENTE tenho / hei	PRESENTE tenha / haja
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO	PRETÉRITO IMPERFEITO tinha / havia	PRETÉRITO IMPERFEITO tivesse / houvesse
FUTURO	FUTURO terei / haverei	FUTURO tiver / houver
FUTURO DO PRETÉRITO	FUTURO DO PRETÉRITO teria / haveria	_____

Ex.: Na forma verbal TENHO DITO, você deve atentar-se para o tempo do verbo auxiliar "tenho" (presente do indicativo). Aplique essa informação na tabela acima e poderá concluir que a locução está no pretérito perfeito composto do indicativo.

Já na forma verbal sublinhada na frase "Eu desejo que eles já tenham feito o exercício.", como o verbo auxiliar "tenham" encontra-se no presente do subjuntivo, a composição estará no pretérito perfeito do subjuntivo – tempo este que não existe nas formas verbais simples.

Na frase "Quando eu recebi o dinheiro, elas já tinham vendido o apartamento.", como o verbo auxiliar "tinham" está no pretérito imperfeito do indicativo, a composição está no pretérito mais-que-perfeito do indicativo.

No fragmento "se eles houvessem estudado...", o verbo auxiliar "houvessem" está no pretérito imperfeito do subjuntivo, levando-nos a concluir que a forma verbal composta encontra-se no pretérito mais-que-perfeito composto do

subjuntivo – outra forma verbal que não contém correspondência nos tempos simples.

No período "Quando o professor chegar, eu já terei feito todos os exercícios.", o verbo auxiliar "terei" encontra-se no futuro do presente do indicativo, levando a composição ao futuro composto do indicativo.

Na frase "Se ele tiver feito os exercícios, haverá aprendido a matéria", o verbo auxiliar "tiver" está no futuro do subjuntivo, portanto a composição está no futuro composto do subjuntivo.

No período "Se você houvesse trazido água, eu a teria bebido", o verbo auxiliar "teria" encontra-se no futuro do pretérito do indicativo, portanto a forma verbal composta está no futuro do pretérito composto do indicativo.

Obs.:

1) É importante frisar que verbos auxiliares em um determinado modo (indicativo ou subjuntivo) só podem formar tempos compostos no mesmo modo verbal.

2) É fundamental compreender que, entre as formas verbais simples e compostas, há uma correspondência de nomenclatura; no entanto, inexiste correspondência semântica. O pretérito perfeito simples do indicativo e o pretérito perfeito composto do indicativo possuem valores diferentes.

Ex.: O pretérito perfeito simples do indicativo, como já foi dito no início do capítulo, indica uma ideia de evento passado já realizado, finalizado, não costumeiro (Li jornal ontem.). Já o pretérito perfeito composto do indicativo demonstra um fato que tem seu início em um ponto passado, mas que se estende, pelo menos, até o momento presente – momento da confecção do texto (Tenho lido jornal).

O futuro do presente simples do indicativo demonstra um evento que se inicia em um ponto futuro em relação ao momento em que o texto foi escrito (Farei o trabalho amanhã).

Já o futuro composto do indicativo explicita um evento futuro em relação ao momento do texto, porém necessariamente anterior a um outro evento exposto (Quando você chegar, eu já terei feito o trabalho).

Dentre os tempos simples e compostos, o único que possui sempre o mesmo valor semântico é o pretérito mais-que-perfeito do indicativo – evento passado anterior a outro evento passado (Quando Maria me indicou a rua certa, eu já entrara na errada). Neste caso, a substituição de "entrara" por "tinha entrado" (pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo) não gera prejuízo semântico para o período.

3) Além dos tempos já mencionados na tabela, há mais dois outros: o infinitivo composto – com o verbo auxiliar no infinitivo (ter/haver feito) – e o gerúndio composto – com o verbo auxiliar no gerúndio (tendo/havendo feito).

14.18.1. Exercícios

1. Dê os tempos, respectivamente, em que se encontram as seguintes formas verbais compostas:

1 – HOUVÉSSEMOS FEITO

2 – TENHAMOS EXPLICADO

3 – TENS LEMBRADO

4 – HAVIAM TRAZIDO

a) Pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo – pretérito perfeito do subjuntivo – pretérito perfeito do indicativo – pretérito mais-que-perfeito do indicativo.

b) Pretérito mais-que-perfeito do indicativo – pretérito perfeito do indicativo – pretérito perfeito do subjuntivo – pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo.

c) Pretérito imperfeito do subjuntivo – presente do subjuntivo – presente do indicativo-pretérito imperfeito do indicativo.

d) Pretérito mais-que-perfeito do indicativo – presente do indicativo – presente do subjuntivo, pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo.
e) Pretérito perfeito do indicativo – pretérito mais-que-perfeito do indicativo – pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo – pretérito perfeito do subjuntivo.

2. (Uni-Rio) Em "Basta que ele tenha existido", a forma verbal está no:
a) perfeito composto do indicativo;
b) mais-que-perfeito composto do subjuntivo;
c) presente composto do subjuntivo;
d) mais-que-perfeito composto do indicativo;
e) perfeito composto do subjuntivo.

3. (Professor Superior/Fesp) Nas orações apresentadas abaixo, os tempos verbais destacados classificam-se, respectivamente, como:
I – Se dependesse de mim, teria vetado.
II – Nunca ouvi dizer que uma dessas trocas tenha tido resultado aproveitável.
a) particípio composto e pretérito perfeito composto do indicativo;
b) pretérito perfeito composto do indicativo e pretérito imperfeito do subjuntivo;
c) futuro do pretérito composto do indicativo e presente composto do indicativo;
d) futuro do pretérito composto do indicativo e pretérito perfeito composto do subjuntivo;
e) futuro do presente composto do indicativo e pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo.

4. (Técnico Judiciário – TRE-SP – FCC) ***Já tenho lido que ele usa uma língua misturada de italiano e português*.**
No segmento grifado acima, Antonio Candido usou determinada forma verbal que poderia ser substituída, sem prejuízo para correção e a lógica, por:
a) li;
b) lia;
c) lera;
d) leria;
e) leio.

5. (Fuvest) Passando-se o verbo do trecho: "aquilo que o auditório já sabe" para o futuro composto do subjuntivo, obtém-se a forma verbal:
a) terá sabido;
b) ter sabido;

c) tiver sabido;
d) tenha sabido;
e) souber.

6. Marque a opção em que a forma verbal do tempo composto corresponde à forma verbal do tempo simples, modificando o modo, na frase abaixo:
"Quando eu cheguei, ela já saíra".
a) tinha saído
b) tenha saído
c) tem saído
d) tivesse saído
e) teria saído

7. (Faap) "Os infantes não chegariam lá, ou, se chegassem, seria a duras penas ..." As formas verbais compostas correspondentes às formas simples destacadas são, respectivamente:
a) tinha chegado – tivessem chegado
b) não há – tinha chegado
c) teriam chegado – têm chegado
d) terão chegado – tivessem chegado
e) teriam chegado – não há

8. (NCE) "Cidadezinha que não coube no mapa..."
Assinale o item que apresenta o tempo composto correspondente à forma verbal sublinhada:
a) tivesse cabido
b) tinha cabido
c) têm cabido
d) tenha cabido
e) tem cabido

9. (UFRJ) A forma verbal "expôs" corresponde à terceira pessoa do singular do pretérito perfeito simples do indicativo. Como seria a forma dessa mesma pessoa no pretérito perfeito composto do indicativo?
a) havia exposto
b) tinha exposto
c) tem exposto

d) teve exposto
e) foi exposto

10. (Analista – TRE-TO – FCC) ***Minha outra mulher teve uma educação rigorosa, mas mesmo assim mamãe nunca entendeu por que eu escolhera justamente aquela, entre tantas meninas de uma família distinta*.**
O verbo grifado na frase acima pode ser substituído, sem que se altere o sentido e a correção originais, e o modo verbal, por:
a) escolheria;
b) havia escolhido;
c) houvera escolhido;
d) escolhesse;
e) teria escolhido.

14.19. Exercícios de revisão

1. (Analista Judiciário – Informática – TJ-RJ – FCC) ... ***dia em que a circulação duplicava*.**
O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está em:
a) ... *e já fez muitas moçoilas e rapazes barbados chorarem*.
b) ... *editaria a obra às próprias custas* ...
c) ... *a produção jornalística é pouco divulgada*.
d) *Macedo era mesmo um agitador.*
e) *Nosso escritor usaria de suas boas relações* ...

2. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) Ambos os segmentos do texto têm o verbo empregado nos mesmos tempo e modo:
a) *O humor que perdura na* Belle Époque *brasileira... // ... embora nem sempre esta imagem corresponda à realidade*.
b) ... *transformações sociais que elas traziam. // ... esta mesma ansiedade expressava-se*...
c) *Abre-se um espaço para a representação humorística... //... que seriam a própria negação do progresso*...
d) ... *embora nem sempre esta imagem corresponda à realidade. // ... uma atmosfera que ansiava por cosmopolitismo*...
e) ... *transformações sociais que elas traziam. // ... que seriam a própria negação do progresso*...

3. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – FCC) Fomos uma geração de bons meninos.
O verbo empregado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:
a) Nos anos de 1970 e 80 ainda surgiram heróis interessantes...
b) Os heróis eram o exemplo máximo de bravura, doação pessoal e virtude.
c) Atualmente não sei.
d) Gibis abasteciam de ética o vasto campo da fantasia infantil...
e) ... mas alguns parecem cheios de rancor...

4. (AFC – Esaf) Assinale a opção que foi transcrita com problemas na correlação dos tempos verbais.
a) Em setembro de 1998, pesquisa realizada com o apoio do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) procurou medir a capacidade do trabalhador brasileiro de entender o que lê e estabelecer relações entre quantidades expressas em números, com critérios semelhantes aos usados nos países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), que reúne os 29 principais países industrializados.
b) Seria assustador que 82% dos entrevistados não entenderam a conta de juros reais que incidam, por exemplo, na prestação de um eletrodoméstico. Na era da informática, que tipo de oportunidade profissional pode ter uma pessoa com tais carências de qualificação?
c) A pesquisa, realizada em várias cidades brasileiras, entre a população de baixa escolaridade, entre 15 e 55 anos, mostrou que, entre 69% e 81% (conforme a região) dos 2 mil entrevistados, quando solicitados a analisar texto informativo simples, apenas reconheciam o tema, sem assimilar o sentido do texto.
d) A oferta de escolaridade combate o analfabetismo absoluto, como prova o caso brasileiro, mas não garante capacidade de apreensão, compreensão e concentração que os empregos modernos exigem.
e) Por isso a Unesco insiste em que é preciso "educação de qualidade". Alfabetizar custa pouco – o Comunidade Solidária gasta US$ 34 *per capita*. Educar para o moderno mercado de trabalho tem custo bem mais elevado, mas são poucos os países dispostos a pagá-lo.
(*O Estado de S. Paulo* – Notas e Informações, 22/4/2000, p. A3, com adaptações).

5. (AFC – Esaf) Assinale a opção em que a correlação entre tempos e modos verbais constitui erro de sintaxe.
a) Há pelo menos dois séculos, desde que Adam Smith inaugurou a profissão, os economistas consomem boa parte de seu tempo, enaltecendo os benefícios do livre comércio e pregando a liberdade econômica.

b) O mundo perfeito, garantem, é aquele em que não há nenhum tipo de obstáculo ao fluxo de mercadorias, pessoas e ideias.
c) Deixada sem amarras, a economia funcionaria de maneira harmoniosa, regida por uma mão invisível que a fazia viver sempre em equilíbrio.
d) Presa, seria como uma máquina com areia nas engrenagens, cujo atrito traria desperdício de energia e empobreceria os cidadãos.
e) A virada do milênio reservou um paradoxo e tanto para os seguidores do economista escocês. Nunca como agora o mundo aderiu com tanta garra a suas teses.
(Adaptado de *Exame*, 1/11/2000, p.135)

6. (AFC – Esaf) Assinale a opção em que a flexão verbal constitui erro de construção sintática:
a) A luz elétrica aumentou o número de horas de trabalho, e as estradas de ferro permitiram que os produtos e as pessoas circularem muito mais fácil e rapidamente.
b) As invenções de maior impacto científico e social não são as que promovem necessariamente os maiores ganhos econômicos.
c) A prensa tipográfica, para alguns a invenção mais importante do milênio, teve pouco efeito mensurável sobre o crescimento da produção per capita.
d) Cientificamente falando, talvez a *Internet* não seja tão significativa quanto a prensa, o telégrafo ou a eletricidade, mas seu impacto econômico é provavelmente muito maior.
e) Um dos motivos disso seria o fato de que o custo das comunicações nas tecnologias anteriores nunca caiu tanto como agora.
(Adaptado de *Negócios Exame*, p. 94.)

Leia o texto seguinte para responder à questão 7 (TFC – Esaf).

1 **O saber produzido pelo Iluminismo não conduzia à emancipação e sim à técnica e ciência moderna que mantêm com seu objeto uma relação ditatorial. Se Kant ainda podia acreditar que a razão humana permitiria emancipar os homens de seus entraves, auxiliando-os a dominar e controlar a natureza externa e interna, temos de reconhecer**

5 **hoje que essa razão iluminista foi abortada. A razão que hoje se manifesta na ciência e na técnica é uma razão instrumental, repressiva. Enquanto o mito original se transformava em Iluminismo, a natureza se convertia em cega objetividade.**

Inicialmente a razão instrumental da ciência e técnica positivista tinha sido parte integrante da razão iluminista, mas no decorrer do tempo ela se autonomizou,

10 voltando-se inclusive contra as suas tendências emancipatórias.

(B. Freitag, *A Teoria Crítica Ontem e Hoje*, p. 35, com adaptações).

7. Indique a afirmação <u>incorreta</u> a respeito do emprego das formas verbais no texto:
a) O verbo "mantêm" (l. 2) refere-se tanto a "técnica" quanto a "ciência moderna".
b) O emprego do futuro do pretérito em "permitiria" (l. 3) ressalta a possibilidade de ocorrer a ação expressa pelo verbo seguinte, "emancipar" (l. 3), não sua ocorrência real.
c) Conserva-se a correção gramatical da oração retirando-se a vírgula e substituindo-se a forma de gerúndio "auxiliando-os" (l. 3) por e *auxiliá-los*.
d) Conserva-se a correção gramatical ao substituir "foi abortada" (l.5) por *abortou-se*.
e) A locução verbal "tinha sido" (l.8) está no singular para concordar com "técnica positivista" (l.8).

8. (Sefaz – Pará – Esaf) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas.
Pela primeira vez na história, uma dúzia de países – sem guerra nem violência, somente com negociações e entendimento democrático – parte essencial de sua soberania para uma moeda única ao bem-estar
coletivo. problemas no horizonte. Mas esse empreendimento admirável do Velho Mundo já está servindo aos interesses dos brasileiros.
(Luiz Felipe de Alencastro, *Veja*, 16/1/2002, p. 22.)
a) abandonam – criarem – com o visto – A
b) abandona – criar – visando – Há
c) abandonaram – criarem – com vistas – A
d) abandona – criarem – com vista – Haverão
e) abandonam – criar – para visar – Haverão

9. (Sefaz – Pará – Esaf) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas.
Se a Espanha – a segunda maior investidora na Argentina (25,7% dos investimentos estrangeiros) e no Brasil (15,6% dos investimentos) – não escorada pelo euro, a peseta e a economia espanhola rolado ladeira abaixo. No contexto pós-Guerra Fria, em que a hegemonia americana que as nações se esborrachem, a crise argentina uma dimensão muito mais ampla, atingindo o Brasil em cheio.

(Luiz Felipe de Alencastro, *Veja*, 16/1/2002, p. 22.)
a) está – terão – deixava – tomava
b) esteve – terão – deixa – tomava
c) estava – teriam – deixava – tomou
d) estivesse – teriam – deixa – tomaria
e) estivessem – teria – deixou – tomaria

10. (Sefaz – Pará – Esaf) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas.
No primeiro mundo, as taxas de crescimento para a metade em relação ao que foram nos primeiros 20 anos após a Segunda Guerra Mundial, enquanto as taxas de desemprego , principalmente na Europa, e o milagre japonês
que aos anos 80, afinal nos anos 90. Na América Latina e no Leste Europeu, que se recusam a realizar o ajustamento fiscal nos anos 70, a crise se desencadeia nos anos 80 com muito mais violência.
a) reduzem – aumenta – sobreviveria – soçobraria
b) reduzem-se – aumenta – sobrevive – soçobra
c) reduziram – aumentam – sobrevivera – soçobram
d) reduziam – aumentaram – sobrevivera – soçobra
e) reduzem-se – aumentam – sobrevivera – soçobra

11. (AFC – Esaf) Indique a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.
É preciso que a discussão da reforma tributária norteada pela mesma premissa básica que inspirou várias propostas de reforma, defendidas tanto pelo Executivo como pelo Congresso, a partir do final de 1997. Por divergentes que , tais propostas partiram todas do mesmo diagnóstico. De que a reforma que necessária a eliminação dos tributos cumulativos, bem como do IPI, ICMS e ISS, e a introdução de uma forma de taxação indireta, centrada em esquema amplo e coerente de impostos sobre valor adicionado. A grande questão – e é nisso que as propostas é como fazer essa mudança.
(Adaptado de Rogério L. F. Werneck, *Estado de S. Paulo*, 27/10/2000.)
a) volta a ser – tenham sido – fazia-se – requer – divergem
b) volte a serem – fossem – se fez – requeresse – divergiram
c) volte a ser – tenham sido – se fazia – requeria – divergem
d) volte sendo – eram – se faria – requeriam – divergirão
e) voltem a ser – tivessem sido – fazia – requerem – diverge

12. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – FCC) ... *justamente onde funcionavam as principais repartições públicas da Colônia*.

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está em:

a) *O tráfico negreiro, por si só, era um dos setores mais dinâmicos da economia.*

b) *O Valongo deixou de ser porto negreiro em 1831...*

c) *Os historiadores estimam...*

d) ... *a prefeitura pôs em execução uma ampla reforma da decadente zona portuária.*

e) ... *os burocratas começaram a ficar perturbados...*

TEXTO (MP) – RACISMO

O Globo, 13/7/2001

A imprensa brasileira vem noticiando uma proposta milionária do Lazio da Itália, que pretende adquirir o passe do zagueiro Juan por 10 milhões de dólares. Este é o time cuja torcida já agrediu o jogador brasileiro Antonio Carlos, do Roma, e perdeu o mando de campo por incitamento racista em pleno estádio.

Aqui fica uma sugestão a este jovem negro, atleta brasileiro de 22 anos, com um brilhante futuro profissional: recuse o convite e não troque o Brasil pela Itália, pois moedas não resgatam a dignidade. Diga não aos xenófobos e racistas.

13. (MP) "A imprensa brasileira vem noticiando..." Com a utilização do tempo verbal destacado, o autor do texto quer referir-se a uma ação que:

a) acaba de terminar;

b) acaba de começar;

c) se iniciou antes de outra ação passada;

d) se iniciou há pouco tempo e permanece no presente;

e) se repete no passado e no presente.

14. (MP) Considerando que a ação de agredir o jogador brasileiro Antonio Carlos ocorreu antes de o Lazio perder o mando do campo, ação também passada, o verbo "agredir" deveria estar no:

a) mais-que-perfeito do indicativo;

b) imperfeito do indicativo;

c) futuro do pretérito;

d) imperfeito do subjuntivo;

e) presente do subjuntivo.

15. (TRT) "... porque o trabalhador não tem interesse no resultado". A frase a seguir em que o verbo ter ou derivado é conjugado e grafado de forma correta é:

a) A lei não contem exceções.
b) Os advogados têem cópias das leis.
c) A leitura dos documentos entreteu os advogados.
d) Quando deter o marginal, o policial ficará satisfeito.
e) Quando retém os documentos, a escola contraria as leis.

16. (TRT) "... vieram a significar, no plano social..." O item a seguir em que o verbo destacado está conjugado erradamente é:
a) Se o virmos por lá, daremos o recado.
b) Os advogados interviram na discussão.
c) A empregada proveu a despensa com o necessário.
d) Quando vimos para cá, sentimo-nos contentes.
e) Os aparelhos provieram dos Estados Unidos.

17. (Fiscal de Rendas – SP)
Um dia ele chegou tão diferente do seu jeito de sempre chegar
Olhou-a de um jeito muito mais quente do que sempre costuma olhar
E não maldisse a vida quanto era o seu jeito de sempre falar.
(Trecho de Valsinha, de Chico Buarque de Holanda e Vinícius de Moraes).
Quanto ao tempo verbal, "maldisse" está para "maldizer" assim como:
a) previsse está prever;
b) proviu está para prover;
c) interveio está para intervir;
d) reouvesse está para reaver;
e) precavesse está para precaver.

18. (Bacen) Assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, as lacunas da frase abaixo.
Se que não pode mais amar-me, -me então.
Suas palavras amenas -me; nosso amor.
a) vir – esqueça – detiveram – protejamos
b) vires – esqueça – deteram – protejamos
c) veres – esquece – detiveram – protejamos
d) ver – esqueça – deteram – protejamos
e) vir – esquece – deteram – protejemos

19. (TRF) Das frases abaixo, a que contém erro de flexão verbal é:

a) Aqui se hastia a bandeira todo dia.
b) Nosso esforço será no sentido de obter outras propostas orçamentárias e aprovar a que melhor convier à Instituição.
c) Tais espetáculos incendeiam os espíritos e acirram os conflitos.
d) Se os municípios da região não se provessem do indispensável, grandes tragédias adviriam na época da seca.
e) Esperamos que eles vão até lá e que investiguem por eles mesmos.

20. (TRF) A respeito da frase "As negociações deverão ser concluídas até outubro", pode-se dizer que:
a) Está na voz passiva analítica, e na voz ativa ficaria "As negociações deverão concluir-se até outubro".
b) Está na voz passiva sintética, e na voz passiva analítica ficaria "Deverão concluir as negociações até outubro".
c) Está na voz passiva sintética, e na passiva analítica ficaria "As negociações deverão concluir-se até outubro".
d) Está na voz passiva analítica, e na voz passiva sintética ficaria "Dever-se-ão concluir as negociações até outubro".
e) Está na voz passiva analítica, e na voz reflexiva ficaria "As negociações deverão concluir-se até outubro".

21. (Fiscal de Rendas – SP) As lacunas dos trechos abaixo estão preenchidos, correta e respectivamente em:
É esperto: recorreria ao governo, se lhe . Com as reformas que virão, é bom que o contribuinte a ideia de sonegar impostos. dele quando afirma que os recursos não do Estado.
a) convesse – repele – Diverjo – provém
b) convisse – repile – Divirjo – provem
c) convisse – repila – Diverjo – provém
d) conviesse – repila – Divirjo – provêm
e) conviesse – repele – Divirjo – provém

22. (TRF) Das frases abaixo, a que contém erro na flexão verbal é:
a) O acidente ocorreu porque o Rui não conseguir freiar o carro.
b) Se a comunidade nos provesse do equipamento de que necessitamos para prestar a ela mesma esse serviço, todos sairíamos ganhando.
c) Os espíritos se incendeiam toda vez que se fala em fazer justiça.

d) Se a associação se mantivesse coerente com sua própria doutrina, cresceria sua credibilidade.
e) Quem se interpuser entre o Ricardo e a Cristina não contará com o meu apoio.

23. (TRF) A opção em que a explicação dada para o sentido da forma verbal grifada está incorreta é:
a) No século III a. C. chega o latim à Península Ibérica: presente histórico.
b) Furacão mata 20 adultos e 3 crianças na Califórnia (manchete de jornal): presente com valor de pretérito.
c) Eu aceitaria um cafezinho: futuro do pretérito indicando momento posterior a um tempo passado.
d) Eu aceitava um cafezinho: pretérito imperfeito para indicar polidez.
e) Eu aceito um cafezinho: presente simultâneo ao momento da fala.

24. (PUC) Uma das alternativas abaixo está errada quando à correspondência no emprego dos tempos verbais. Assinale qual é esta alternativa.
a) Porque arrumara carona, chegou cedo à cidade.
b) Se tivesse arrumado carona, chegaria cedo à cidade.
c) Embora arrume carona, chegará tarde.
d) Embora tenha arrumado carona, chegou tarde.
e) Se arrumar carona, chegaria cedo à cidade.

25. (Cesgranrio) Não há devida correlação temporal das formas verbais em:
a) Seria conveniente que o leitor ficasse sem saber quem era Miss Dollar.
b) É conveniente que o leitor ficaria sem saber quem é Miss Dollar.
c) Era conveniente que o leitor ficasse sem saber quem é Miss Dollar.
d) Será conveniente que o leitor fique sem saber quem era Miss Dollar.
e) Foi conveniente que o leitor ficasse sem saber quem era Miss Dollar.

26. (NCE) Qual o valor do futuro do pretérito na frase seguinte: "Quando chegamos ao colégio em 1916, a cidade teria apenas uns cinquenta mil habitantes"?
a) Fato futuro, anterior a outro fato futuro.
b) Fato futuro, relacionado com o passado.
c) Suposição, relativamente a um momento futuro.
d) Suposição, relativamente a um momento passado.
e) Configuração de um fato já passado.

27. (Técnico Judiciário – TRE-SP – FCC) ... ***em que as melhores cadências do samba e da canção se aliaram com naturalidade às deformações normais de português brasileiro*****...**
O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:
a) *São Paulo muda muito...*
b) ... *para nos porem no Alto da Mooca...*
c) *Talvez João Rubinato não exista...*
d) ... *Adoniran não a deixará acabar...*
e) *Mas a cidade que nossa geração conheceu...*

28. (TRT – Fundec) Das frases abaixo, a única correta quanto à flexão verbal, de acordo com a norma culta da língua, é:
a) Se proporem uma outra crônica, argumente que não há mais espaço nesta edição.
b) Com a cooperação de todos, o jornalista creu que havia condição de escrever a reportagem.
c) Os candidatos só poderão se inscrever no concurso de crônicas, se o requiserem.
d) Os alunos de minha escola jamais obteram incentivo para redigir textos em crônicas.
e) Se o autor da crônica intervir na questão, não ocorrerão outras críticas ferinas.

29. (TRT – Fundec) Das alterações feitas na frase "Os pais não têm onde deixar suas crianças quando vão para a lavoura", aquela que está <u>incorreta</u> quanto à flexão verbal, de acordo com as normas da língua culta, é:
a) Os pais só entretêm as crianças quando se dispõem a brincar com elas.
b) Os pais só reveem as crianças quando refazem o caminho de volta para casa.
c) Os pais reouveram as crianças depois que se dispuseram a voltar para casa.
d) Os pais não se dispunham a ficar com as crianças quando estas lhes contradiziam as ordens.
e) Os pais desdisseram as crianças quando interviram em seus maus costumes.

30. (TRT – Fundec) Onde <u>se adotam</u> novos métodos.
A forma verbal que tem o mesmo sentido da grifada na frase acima é:
a) tinham adotado;
b) tem sido adotado;
c) se adotou;
d) é adotado;
e) são adotados.

31. (TRT – Fundec) de alguns estudos sobre o stress no trabalho, com resultados semelhantes, não os países.

a) Acabam – ser concluídos – importam.
b) Acaba – ser concluído – importam.
c) Acaba – ser concluído – importa.
d) Acabam – ser concluído – importam.
e) Acaba – ser concluídos – importa.

32. (TRT – Fundec) A reciclagem do lixo inorgânico também poderia gerar lucros.
Transpondo a frase acima para a voz passiva, a forma verbal passa a ser:

a) poderia ser gerado;
b) teriam podido gerar;
c) tinham gerado;
d) poderiam ser gerados;
e) pode ser gerado.

33. (Fundec – Proderj) Na correlação entre os dois verbos sublinhados no trecho "Do décimo andar à rua, <u>seria</u> a vertigem, se <u>chegássemos</u> muito à janela...", o enunciador manifesta uma atitude de:

a) Certeza, pois sabe que o fato não pode acontecer.
b) Subjetividade, pois não sabe se o fato tem possibilidade de acontecer.
c) Dúvida quanto à possibilidade de um fato acontecer, pois não há hipótese de o outro também acontecer.
d) Certeza quanto à possibilidade de um fato acontecer, na condição de também o outro acontecer.
e) Descrença sobre a realização do fato, pois está condicionado à realização de outro fato.

A CIÊNCIA

A ciência permanecerá sempre a satisfação do desejo mais alto da nossa natureza, a curioidade; ela fornecerá sempre ao homem o único meio que ele possui para melhorar a própria sorte (Renan).

34. (PC – NCE) O emprego do futuro do presente do indicativo no segmento significa:

a) certeza dos fatos futuros;
b) possibilidade de fatos futuros;
c) incerteza dos fatos futuros;
d) dúvida sobre os fatos futuros;

e) desejo do autor sobre os fatos futuros.

35. (Administrador – Petrobras – Cesgranrio) No poema, o verso "O português são dois" está de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa. A frase em que também se respeita a norma-padrão, com relação à concordância, é:
a) Na reunião, houveram muitos imprevistos.
b) Estranhou-se as mudanças na empresa.
c) Devem fazer cinco meses que não o vejo.
d) Precisam-se de vendedores nesta loja.
e) Pensou-se muito nas sugestões dos funcionários.

36. (Administrador – Transpetro – Cesgranrio) Num anúncio que contenha a frase "Vende-se filhotes de *pedigree*.", para adequá-lo à norma-padrão, será necessário redigi-lo da seguinte forma:
a) Vende-se filhotes que têm *pedigree*.
b) Vende-se filhotes os quais tem *pedigree*.
c) Vendem-se filhotes que tem *pedigree*.
d) Vendem-se filhotes que têm *pedigree*.
e) Vendem-se filhotes os quais tem *pedigree*.

37. (Técnico Ambiental – Petrobras – Cesgranrio) Na frase "Os brasileiros encaram o futuro com otimismo", que forma verbal substitui encaram, mantendo-se grafada corretamente?
a) Vem
b) Vêm
c) Veem
d) Vede
e) Venhem

38. (CNEN – NCE) "Um programa de educação infantil encontra a sua essência na proposta da vida regida pela castidade". O uso do presente do indicativo neste segmento do texto se justifica porque:
a) enuncia um fato atual;
b) indica estados permanentes;
c) expressa uma ação habitual;
d) dá vivacidade a fatos ocorridos;
e) marca um fato futuro, mas próximo.

39. (MP – NCE) "... uma liberdade até agora desconhecidas". O advérbio agora se refere a(o):
a) momento em que o texto é lido;
b) momento em que a lei exista;
c) momento em que o texto foi escrito;
d) momento futuro de liberdade e segurança;
e) qualquer momento.

40. (INPI – NCE) "As aeromoças ainda teriam tentado prendê-lo num compartimento na traseira, mas estava bloqueado". O emprego da forma verbal teriam tentado indica que a ação:
a) é uma possibilidade e não uma certeza;
b) ocorreu após largo espaço de tempo;
c) vai ocorrer num futuro próximo;
d) vai ocorrer num futuro distante;
e) ocorreu várias vezes no passado.

41. (INPI – NCE) "... desses mesmos sentimentos que têm levado o Brasil à beira do abismo..." A forma verbal têm levado indica uma ação:
a) que já terminou;
b) anterior a outra ação passada;
c) habitual no passado;
d) iniciada no passado que continua no presente;
e) iniciada no presente que continua no futuro.

42. (IBGE – NCE) "... que realmente havia levado a máquina para casa..." A forma verbal sublinhada equivale a:
a) levava;
b) levou;
c) leva;
d) levara;
e) levasse.

43. (NCE) "De repente foi assaltada por um adolescente..." Esta frase, na voz passiva analítica, tem como correspondente na voz ativa a frase:
a) De repente assaltou-se um adolescente.

b) Um adolescente, de repente, assaltou (a senhora)..."
c) De repente, uma senhora foi assaltada..."
d) De repente, um adolescente assalta (uma senhora)..."
e) Um adolescente foi assaltado por uma senhora, de repente.

44. (Técnico Judiciário – TRE-PE – FCC) Nos meses de verão, saíamos para um arrabalde mais afastado do bulício da Cidade, quase sempre Monteiro ou Caxangá.
A frase em que ambos os verbos grifados estão flexionados nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima é:
a) Atrás de casa, na funda ribanceira, corria o rio, à cuja beira se especava o banheiro de palha.
b) Talvez tivéssemos que voltar para o Recife, as águas tinham subido muito durante a noite...
c) Enquanto esperávamos o trem na Estação de Caxangá, fomos dar uma espiada ao rio à entrada da ponte.
d) ... que o riozinho manso onde eu me banhava sem medo todos os dias se pudesse converter naquele caudal furioso de águas sujas.
e) No dia seguinte, soubemos que tínhamos saído a tempo.

45. (Engepron – NCE) "Os aperfeiçoamentos do aparelho, com o tempo viriam, certamente, como depois vieram..." O emprego do futuro do pretérito, no caso, se justifica porque se trata de:
a) uma ação provável;
b) uma ação futura em relação ao tempo passado;
c) uma ação completamente passada;
d) um fato hipotético;
e) um fato que é fruto da imaginação humana.

46. (Técnico Judiciário – TRE-RN – FCC)
I. Nos versos *Agora eu era o herói e A gente agora já não tinha medo*, o uso do advérbio *agora* mostra-se inadequado, pois os verbos conjugados no pretérito imperfeito designam fatos transcorridos no tempo passado.
II. Em *Finja que agora eu era o seu brinquedo e Sim, me dê a mão*, os verbos grifados estão flexionados no mesmo modo.
III. Substituindo-se a expressão a *gente* pelo pronome *nós* nos versos *A gente agora já não tinha medo e Acho que a gente nem tinha nascido*, a forma verbal resultante, sem alterar o contexto, será *teríamos*.

Está correto o que se afirma em:
a) I, apenas;
b) II, apenas;
c) III, apenas;
d) I e II, apenas;
e) I, II e III.

47. (CBMERJ – NCE) "Mais uma vez vindos das casas e das fábricas". A forma VINDO corresponde ao particípio e ao gerúndio do verbo VIR. Assinale a frase abaixo em que a forma corresponde ao particípio.
a) Vindo em crescimento, a poluição preocupa.
b) O lixo estava vindo para o aterro sanitário.
c) O lixo é recolhido, vindo, em seguida, para o aterro.
d) O lixo tem vindo todos os dias para o aterro.
e) Os caminhões estão vindo para o trabalho.

48. (Eletronorte – NCE) "Rodeados" é um adjetivo pertencente à mesma família do verbo "rodear". O item que apresenta uma forma equivocada desse verbo é:
a) Espero que vocês se rodeiem de pessoas capazes.
b) Não duvido de que nós nos rodeemos de espíritos fraternos.
c) O novo Papa se rodeará de líderes competentes.
d) Todos os presidentes se rodiavam de ministros inteligentes.
e) Nós nos rodeamos de coisas boas e caras.

49. (Eletronorte – NCE) "Quem foi neste verão..." A identificação do verão a que se refere o texto só é possível se soubermos:
a) a data da publicação do artigo;
b) quem é o autor do texto;
c) que estação predominava nessa época;
d) em que mês foi escrito o texto;
e) em que jornal ou revista o texto foi publicado.

50. (Esaf) Assinale a opção que resulta correta após a mudança dos tempos verbais do trecho a seguir.
"Se analisarmos o que aconteceu ao longo deste século, vamos perceber que aquelas características sofreram uma reversão".

a) Se analisamos o que aconteceu ao longo deste século, perceberíamos que aquelas características sofreram uma reversão.
b) Se analisássemos o que aconteceu ao longo deste século, perceberíamos que aquelas características sofreram uma reversão.
c) Se analisarmos o que aconteceu ao longo deste século, iríamos perceber que aquelas características sofreram uma reversão.
d) Se analisássemos o que aconteceu ao longo deste século, perceberemos que aquelas características sofreram uma reversão.
e) Se analisarmos o que aconteceu ao longo deste século, íamos perceber que aquelas características sofreram uma reversão.

51. (Esaf) Assinale a opção com erro.
a) O exército foi ao sítio de Canudos – no alto sertão baiano, a 400 km de Salvador – há quase cem anos, para caçar o maior de todos os subversivos de começo da República, líder de um movimento que provocou 20 mil mortes.
b) Fazem cem anos que Antônio Conselheiro, acossado pelas forças políticas da Bahia, encerrou sua longa peregrinação pelo sertão e instalou-se no povoado de Canudos, às margens do rio Vasa-Barris, de onde jamais sairia.
c) Começou a escrever-se, aí, um dos capítulos mais amargos e sangrentos da história do país.
d) A Guerra dos Canudos, ocorrida entre 1896 e 1897, é apontada por historiadores como o grande genocídio da história do Brasil.
e) Foram necessárias quatro expedições do governo federal para acabar com o arraial – tido como foco de sediciosos monarquistas.

Capítulo 15

Sujeito

Sujeito é o termo com o qual o verbo é obrigado a concordar. Caso o sujeito se flexione, o verbo deverá acompanhá-lo em número e pessoa.

"O mar sem fim é portuguez" (*sic*) (Fernando Pessoa).

? "O mar sem fim" é sujeito, pois, se passarmos este termo para o plural, o verbo será obrigado a acompanhá-lo: "Os mares sem fim são portugueses."

15.1. Sujeito simples

Há apenas um núcleo.

Ex.: "Começou a circular o expresso 2222..." (Gilberto Gil).

? O sujeito desta oração absoluta é O EXPRESSO 2222, contudo o seu núcleo é apenas EXPRESSO.

15.2. Sujeito composto

Há mais de um núcleo.

Ex.: "João e Maria se entreolharam" (Luis Fernando Veríssimo).

? JOÃO e MARIA são os núcleos do sujeito.

15.3. Sujeito inexistente ou oração sem sujeito

Ocorre com os verbos impessoais, ou seja, verbos que não possuem pessoa (sujeito).

– Verbos que indicam fenômenos da natureza em seu sentido denotativo.

Ex.: Ventou.

Choverá bastante amanhã.

Não nevou ontem.

Obs.: Na frase "Choverá laranja na feira amanhã", o verbo CHOVER está no sentido conotativo e possui um sujeito simples (laranja), inclusive podendo se perceber que, caso LARANJA seja flexionado para o plural, o verbo o acompanhará (CHOVERAM LARANJAS).

– Verbo HAVER no sentido de EXISTIR e de TEMPO PASSADO.

Ex.: "Onde há músculos em fúria em cada galho" (Castro Alves).

Deve haver muitos carros no estacionamento.

Havia muitos problemas. Tem que haver soluções.

Ele esteve aqui há cinco dias.

Eu voltei há três anos.

? Observe que, nestas frases, o verbo é obrigado a permanecer na 3ª pessoa do singular.

– Verbo FAZER no sentido de TEMPO PASSADO.

Ex.: Faz vinte anos que a tragédia ocorreu.

Deve fazer quinze dias que João voltou de São Pedro.

? Observe que, nestas frases, o verbo é obrigado a permanecer na 3ª pessoa do singular.

– o Verbo TRATAR, quando acompanhado do pronome SE não tendo referente.

Ex.: Trata-se de uma discussão descabida.

? Repare que no exemplo não pode haver um elemento agente para o verbo TRATAR. A Esaf já utilizou este caso em prova.

– O verbo TER no sentido de EXISTIR, embora ainda seja considerado errado pela gramática – mesmo já ocorrendo tantos registros de seu uso na literatura –, já foi citado pelo NCE no concurso da Polícia Civil de 2001. É importante frisar que a banca não questionou o mérito de a frase estar certa ou errada, apenas indicou que, na frase "Nesta rua tem um bosque.", o verbo "TER" estaria sendo utilizado como impessoal. O gramático Celso Cunha o cita como linguagem coloquial.

– Verbos CHEGAR e BASTAR no sentido de PARAR.

Ex.: Chega de confusão! Basta de brigas!

15.4. Sujeito indeterminado

O sujeito existe, contudo não se torna possível identificá-lo.

– Verbos na 3ª pessoa do plural que não possuam determinante.

Ex.: "Ali pelas nove bateram na porta" (Luis Fernando Veríssimo). Roubaram meu carro.

Picharam o muro.

? Observe que alguém praticou essas ações, todavia inexiste a possibilidade de identificá-lo. Além disso, os três verbos na 3ª pessoa do plural (BATERAM, ROUBARAM e PICHARAM), não havendo qualquer elemento no contexto com quem estejam concordando, indicam que seus sujeitos são indeterminados.

Ex.: Eles aprontaram, quebraram a vidraça, roubaram meu carro, picharam o muro.

? Observe que as quatro formas verbais que aí aparecem (APRONTARAM, QUEBRARAM, ROUBARAM e PICHARAM) estão na terceira do plural, concordando com o termo ELES que aparece explícito na 1ª oração, portanto em todas as orações o sujeito é simples (eles).

Não pode haver sujeito indeterminado com outras pessoas do discurso, porque já ficaria óbvia ao menos uma das pessoas do sujeito.

Ex.: Fizemos o trabalho.

? O sujeito é simples NÓS e nunca poderia ser considerado indeterminado, pois ao menos uma pessoa fica reconhecida nesta frase (EU – inserido semanticamente no pronome NÓS).

Ex.: Fizeste todo o trabalho.

? TU é sujeito simples – identificável –, porquanto é a própria pessoa com quem se está falando.

– Verbos que não sejam transitivos diretos na 3ª pessoa do singular, ligados ao pronome SE.

Ex.: Precisa-se de muitas cervejas.

Assistiu-se a vários filmes.

? Observe que os verbos são transitivos indiretos (PRECISAR e ASSISTIR) e ficam obrigatoriamente na 3ª pessoa do singular quando relacionados com o pronome SE.

Obs.: Se o verbo for TRANSITIVO DIRETO relacionado com o pronome SE, o assunto recairá sobre VOZ PASSIVA e o sujeito será o termo paciente. Ex.: Fez-se o trabalho. Fizeram-se os trabalhos.

? Observe que o verbo FAZER é transitivo direto ligado ao pronome SE, fazendo com que o termo paciente se transforme em sujeito, portanto obrigando o próprio verbo a concordar com O TRABALHO – FEZ (SINGULAR) e OS TRABALHOS – FIZERAM (PLURAL).

– Verbos no infinitivo (3ª pessoa do singular) sem que haja a determinação explícita do sujeito.

Ex.: Convém estudar bastante. É fundamental ler jornal diariamente.

Obs.: A NGB não prevê a denominação SUJEITO OCULTO, apesar de Celso Cunha registrá-la. O NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO

indica quatro acepções para a palavra OCULTO: 1) escondido, encoberto; 2) não devassado, inexplorado, desconhecido; 3) não manifesto, recôndito, secreto; 4) misterioso, sobrenatural.

Ex.: Na frase "Compramos um carro.", não se pode dizer que o sujeito é oculto – segundo os sentidos apontados no dicionário –, pois, apesar de o sujeito não ocorrer explícito, torna-se evidente, através da desinência número-pessoal, que se trata da pessoa "nós". É cabível, por outro lado, denominar este sujeito de desinencial.

15.5. Exercícios

1. Correlacione.

(1) SUJEITO SIMPLES

(2) SUJEITO COMPOSTO

(3) SUJEITO INDETERMINADO

(4) SUJEITO INEXISTENTE

( ) Admitiu-se o erro.

( ) Chegou-se a uma triste conclusão.

( ) Faz três meses da volta de Manoel.

( ) Choveram pedras nesta briga terrível.

( ) Ventava todos os dias em Granada.

( ) Derrubaram mais um governo na América Central.

( ) Tim Maia e sua banda não compareceram a outro espetáculo.

( ) Não se pedem favores nesta firma.

( ) Não se acreditou em nenhuma de suas palavras.

( ) Não voltarão mais para o Brasil meu irmão e sua esposa.

( ) Aqui se trata de doenças incuráveis.

( ) Trata-se de uma interpretação da lei.

2. (IME) Nas seguintes orações:

"Pede-se silêncio"; "A caverna anoitecia aos poucos"; "Fazia um calor tremendo naquela tarde"; o sujeito se classifica, respectivamente, como:

a) indeterminado, inexistente, simples;

b) oculto, simples, inexistente;

c) inexistente, inexistente, inexistente;
d) oculto, inexistente, simples;
e) simples, simples, inexistente.

3. (Analista Judiciário – TRE-PE – FCC)
O termo sublinhado em Sabe-se quão barbaramente os ingleses subjugaram os hindus exerce a função de ....., a mesma função sintática que é exercida por ..... na frase Cometeram-se incontáveis violências contra os hindus.
Preenchem corretamente as lacunas do enunciado acima, respectivamente:
a) objeto direto – **os hindus**.
b) sujeito – **os hindus**
c) sujeito – **violências**
d) agente da passiva – **os hindus**
e) agente da passiva – **violências**

4. (Unificado) Entre as frases abaixo, somente uma apresenta sujeito indeterminado. Assinale-a.
a) Há a marca da vida nas pessoas.
b) Não se necessita de lavadeira.
c) Vai um sujeito pela rua.
d) Não se engomou seu paletó.
e) Pede-se um pouco de paciência.

5. (FMU)
"Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heroico brado retumbante..."
O sujeito da afirmação com que se inicia o Hino Nacional é:
a) indeterminado;
b) um povo heroico;
c) as margens plácidas do Ipiranga;
d) do Ipiranga;
e) o brado retumbante.

6. (Técnico Judiciário – TRE-PA – FGV) ***Mas, afinal, qual a razão para se aumentar de forma tão extraordinária a dotação dos partidos?***
Assinale a alternativa que desempenhe, no texto, função sintática idêntica ao do termo grifado no período acima.

a) as dívidas de campanha- Muito simples: a necessidade de eles pagarem as dívidas de campanha.
b) meros instrumentos de tomada do poder – E não ser meros instrumentos de tomada do poder.
c) um agravante – No caso dos partidos políticos brasileiros, existe um agravante.
d) aparelhos ou feudos – Enfim, as máquinas partidárias muitas vezes se tornam aparelhos ou feudos controlados por poucos e financiados por todos nós.
e) suas propostas – Ambas as propostas visam trazer partidos e candidatos para as ruas, oferecendo suas propostas e buscando recursos para a sua existência e para as campanhas eleitorais.

7. (FMU) Há crianças sem carinho / Disseram-me a verdade / Construíram-se represas. Os sujeitos das orações acima são, respectivamente:
a) inexistente, indeterminado, simples;
b) indeterminado, implícito, indeterminado;
c) simples, indeterminado, indeterminado;
d) inexistente, inexistente, simples;
e) indeterminado, simples, inexistente;

8. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – FCC) ... ***das varandas pendiam colchas, toalhas bordadas e outros adereços*****.**
O segmento grifado exerce na frase acima a função de:
a) sujeito;
b) objeto direto;
c) objeto indireto;
d) adjunto adverbial;
e) adjunto adnominal

9. (UM-SP) O sujeito é simples e determinado em:
a) Há somente um candidato ao novo cargo, doutor?
b) Vive-se bem ao ar livre.
c) Na reunião de alunos, só havia pais.
d) Que calor, filho!
e) Viam-se eleitores indecisos durante a pesquisa.

10. (UM – SP) Preencha a segunda coluna conforme o código estabelecido na primeira e assinale a alternativa correta de acordo com essa relação.

(1) sujeito determinado simples
(2) sujeito indeterminado
(3) sujeito desinencial (implícito na terminação verbal)
(4) sujeito paciente
(5) sujeito inexistente
( ) Era um mistério curioso aquela vida.
( ) No auge da rebelião, houve um tiroteio de quinze minutos entre policiais e bandidos.
( ) Quando se dispõe de força interna, vive-se melhor.
( ) Corrigiram-se os artigos após a última emenda do jornalista.
( ) Nem quererá despejá-lo imediatamente.
a) 5 – 3 – 2 – 1 – 4
b) 5 – 3 – 2 – 4 – 1
c) 1 – 5 – 2 – 4 – 3
d) 1 – 3 – 5 – 2 – 4
e) 1 – 5 – 3 – 2 – 4

11. (Proc. Geral da Justiça – RJ – NCE) "O Brasil não conseguirá resolver os problemas da miséria e da infância abandonada em 1994..."
Se transformarmos esta oração do texto numa oração de sujeito indeterminado, qual seria uma de sua possíveis formas?
a) Não conseguiremos resolver os problemas da miséria e da infância abandonada em 1994.
b) Não se conseguirá resolver os problemas da miséria e da infância abandonada em 1994.
c) Não se conseguirão resolver os problemas da miséria e da infância abandonada em 1994.
d) Os problemas da miséria e da infância abandonada não conseguirão ser resolvidos em 1994.
e) Não conseguirão resolver os problemas da miséria e da infância em 1994.

12. (An. Jud. – TRE – RJ – NCE) O segmento do texto que apresenta um sujeito posposto ao verbo é:
a) "Anestesiada e derrotada, a sociedade nem está percebendo a enorme inversão de valores em curso."
b) "Parece aceitar como normal que um grupo de criminosos estenda faixas pela cidade e nelas fale de paz."
c) "Há um coro, embora surdo, que tenta retratar criminosos como coitadinhos..."

d) “Coitadinhos e vítimas de um sistema ineficiente, aqui, são os parentes dos abatidos pela violência...”
e) “Mas não merecem um micrograma que seja de privilégios...”

13. (INPI – NCE) O segmento do texto em que o sujeito está posposto ao verbo é:
a) Isto não acontecerá de novo...
b) Segundo os relatos, o animal foi embarcado no dia 17 de outubro...
c) E mais, nele viajou por seis horas.
d) ... garante um representante da empresa.
e) Há coisas que só acontecem nos Estados Unidos.

Capítulo 16

Predicado

O predicado representa a soma de todos os elementos da oração, exceto o sujeito e o vocativo.

Ex.: Sinfronésia morreu. SINFRONÉSIA é sujeito; MORREU, predicado.

16.1. Predicado nominal

Ocorre quando o núcleo é o predicativo. Há a necessidade de um verbo de ligação relacional, ou seja, verbos que expressem apenas a relação de estado ou qualidade entre o sujeito e o elemento que o adjetiva. São verbos de ligação SER, ESTAR ou qualquer outro que contenha o mesmo valor semântico. Contudo, ainda há uma outra condição para o verbo ser de ligação: a necessidade da existência do predicativo. Aí ocorre uma outra exigência: como muito bem esclarece Celso Cunha, somente o substantivo, o adjetivo, o pronome, o numeral e a oração (como veremos em orações substantivas) podem funcionar como predicativo. Normalmente o predicativo varia em gênero e número consoante o termo que qualifica.

Ex.: Maria está cansada.

? ESTÁ é verbo de ligação, pois há um termo variável (CANSADO – CANSADA – CANSADOS – CANSADAS) qualificando o sujeito. Como há, então, o verbo de ligação, o predicado é nominal. CANSADA é o predicativo do sujeito, portanto é o núcleo do predicado nominal.

"Eu sou uma escrava" (Bernardo Guimarães).

? O verbo SER é de ligação, pois o termo UMA ESCRAVA é variável e funciona como predicativo do sujeito.

"Os meses de verão em Lisboa eram depois dolorosos" (Eça de Queirós).

? Observe que o adjetivo "dolorosos" já está flexionado no plural, concordando com o núcleo do sujeito "meses".

? "O resto está no escritório, na minha banca" (Graciliano Ramos).

ESTÁ não é verbo de ligação, uma vez que inexiste o predicativo (NO ESCRITÓRIO é adjunto adverbial de lugar, ou seja, não funciona como predicativo). "ESTÁ" é verbo intransitivo e o predicado é verbal.

Obs.: O Professor Evanildo Bechara aduz que outras classes gramaticais também poderiam funcionar como predicativo, dentre eles o advérbio, expondo os seguintes exemplos: "Os vizinhos estão bem"; "Os jovens são assim".

16.2. Predicado verbal

Ocorre quando o núcleo é um verbo que não seja de ligação, ou seja, um verbo transitivo direto, verbo transitivo indireto, verbo transitivo direto e indireto ou verbo intransitivo (verbos nocionais que expressam ação, fenômeno ou movimento).

Ex.: "Tenho cá meus motivos..." (Bernardo Guimarães).

? TENHO é verbo transitivo direto, funcionando como núcleo do predicado verbal.

16.3. Predicado verbo-nominal

Ocorre quando há dois núcleos: um verbal (que não seja verbo de ligação) e outro nominal (predicativo).

Ex.: "Uma das religiosas apanhou-o ligeira e cheia de misericórdia" (Eça de Queirós).

? APANHOU é verbo transitivo direto, formalizando o predicado verbal e LIGEIRA E CHEIA (termos variáveis que qualificam UMA DAS RELIGIOSAS), predicativos do sujeito, formalizando o predicado nominal. Temos, portanto, três núcleos, um verbal (COMPREI) e dois nominais (LIGEIRA e CHEIA); sendo assim, o predicado é verbo-nominal.

"Quaresma vinha desanimado" (Lima Barreto).

? VINHA é verbo intransitivo, já caracterizando, portanto, o núcleo do predicado verbal e DESANIMADO é predicativo do sujeito, núcleo do predicado nominal. Logo o predicado é verbo-nominal.

Obs.: O predicado verbo-nominal também pode ser caracterizado com a ocorrência do predicativo do objeto. O predicativo, no caso, em vez de qualificar o sujeito, qualifica o objeto – mais adiante veremos a diferença entre predicativo do objeto e adjunto adnominal.

Ex.: Considero este assunto interessante.

? Observe que "interessante" está qualificando o objeto direto "este assunto".

Chamei ao aluno de amigo.

? O predicativo do objeto "de amigo" que se encontra preposicionado qualifica o objeto indireto "ao aluno".

16.4. Exercícios

1. Correlacione.

(1) PREDICADO NOMINAL

(2) PREDICADO VERBAL

(3) PREDICADO VERBO-NOMINAL

( ) Ficarei aqui.

( ) Ficarei extremamente assustado.

( ) Ela anda muito perturbada ultimamente.

( ) Ela anda muito bem.
( ) Ela anda todos os dias em volta do Maracanã.
( ) Ela anda todos os dias apressada em volta do Maracanã.
( ) Ele sempre chega atrasado ao trabalho.
( ) Permaneceu calado diante do problema.
( ) Permaneceu no Rio de Janeiro por motivos particulares.
( ) Ele pedirá este favor a você extremamente envergonhado.
( ) Achamos o livro muito bom.

2. (Rural) Assinale a passagem onde se indica erroneamente a predicação do verbo em destaque.
a) "Também não cantarei o mundo futuro" (transitivo direto).
b) "Estou preso à vida" (de ligação).
c) "Vamos de mãos dadas" (transitivo indireto).
d) "Não direi os suspiros ao anoitecer" (transitivo direto).
e) "Não fugirei para as ilhas" (intransitivo).

3. (IME) Numa oração do tipo: "As meninas assistiram alegres ao espetáculo", temos:
a) predicado verbal;
b) predicado verbo-nominal;
c) predicado nominal.

4. (Unificado) Em relação à predicação verbal, marque a opção em que a classificação apresentada corresponde ao verbo do respectivo exemplo.
a) Verbo transitivo direto – "entrava a polícia".
b) Verbo transitivo direto – "Quer entregar-ma?..."
c) Verbo de ligação – "Onde está ela?"
d) Verbo intransitivo – "ia atrás, pálido, com as mãos cruzadas nas costas".
e) Verbo transitivo direto e indireto – "parava à porta da rua uma carruagem".

5. Correlacione corretamente a 1a coluna de acordo com a 2a e assinale a opção que corresponde à sequência correta.
( ) Ele anda muito bem, principalmente depois que recebeu as notícias alegres.
( ) Ele andou ontem pela cidade inteira.
( ) Ele anda extremamente desgastado porque está trabalhando demasiadamente.
( ) O prefeito andou ontem pela cidade muito preocupado com os engarrafamentos.
(1) Predicado nominal

(2) Predicado verbal
(3) Predicado verbo-nominal
a) 2 – 2 – 1 – 3
b) 1 – 2 – 1 – 3
c) 1 – 2 – 3 – 2
d) 2 – 2 – 3 – 2

6. (Cespe-UnB) "Mas hoje ele fez um negócio que me deixou 'encucado'..."
No trecho, a oração sublinhada contém um predicado:
a) Verbal com adjunto adverbial de modo;
b) Nominal com predicativo do sujeito;
c) Verbo-nominal com predicativo do objeto indireto;
d) Verbal com adjunto adnominal do objeto direto;
e) Verbo-nominal com predicativo do objeto direto.

7. (PUC) Na oração: "A inspiração é fugaz, violenta", podemos afirmar que o predicado é:
a) Verbo-nominal, porque o verbo é de ligação e vem seguido de dois predicativos.
b) Nominal, porque o verbo é de ligação.
c) Verbal, porque o verbo é de ligação e são atribuídas duas caracterizações ao sujeito.
d) Verbo-nominal, porque o verbo é de ligação e vem seguido de dois advérbios de modo.
e) Nominal, porque o verbo tem sua significação completada por dois nomes que funcionam como adjuntos adnominais.

8. (TTN) Observe as duas orações abaixo:
I – Os fiscais ficaram preocupados com o alto índice de sonegação fiscal.
II – Houve uma sensível queda na arrecadação do ICM em alguns Estados.
Quanto ao predicado, elas classificam-se, respectivamente, como:
a) nominal e verbo-nominal;
b) verbo-nominal e verbal;
c) nominal e verbal;
d) verbal e verbo-nominal;
e) verbal e nominal.

9. (Unimep-SP)
I. Pedro está adoentado.
II. Pedro está no hospital.
a) O predicado é verbal em I e II.

b) O predicado é nominal em I e II.
c) O predicado é verbo-nominal em I e II.
d) O predicado é verbal em I e nominal em II.
e) O predicado é nominal em I e verbal em II.

Capítulo 17

Predicativo

Predicativo é o vocábulo variável que possui como função qualificar um ser.

17.1. Do sujeito

Palavra variável que dá qualidade ao sujeito, estando afastado deste por verbo. Somente o substantivo, o adjetivo, o numeral, o pronome e uma oração podem funcionar como predicativo.

Ex.: Maria devia ser bonita.

? BONITA é um termo variável que dá qualidade ao sujeito MARIA, estando afastado deste termo por verbo (DEVE SER).

17.2. Do objeto

Palavra variável que dá qualidade ao OBJETO.

Ex.: "... e acabou alcunhando-me Dom Casmurro" (Machado de Assis).

? DOM CASMURRO qualifica o objeto direto ME.

Para diferençar PREDICATIVO DO OBJETO do ADJUNTO ADNOMINAL: passar para a voz passiva e observar a função sintática que passa a ter o termo que dava qualidade ao núcleo do objeto direto. Caso passe a ser predicativo do sujeito, o termo era predicativo do objeto. Caso, na transformação da ativa para a passiva, fique certificado que o termo é adjunto adnominal, é porque ele já o era na voz ativa.

Ex.: Considerei a criança bonita.

? BONITA é predicativo do objeto, pois dá qualidade ao objeto direto CRIANÇA e, ao passarmos esta frase para a voz passiva (A criança foi considerada bonita por mim.), o termo BONITA passa a ser predicativo do sujeito.

Vi uma criança bonita.

? BONITA é adjunto adnominal, pois, ao ser passada esta frase da voz ativa para a voz passiva (Uma criança bonita foi vista por mim.), BONITA continua adjunto adnominal.

– **Predicativo preposicionado do sujeito** – Ele foi apelidado de enrolado por João.

? DE ENROLADO é predicativo preposicionado do sujeito ELE.

– **Predicativo preposicionado do objeto** – Chamei Paulo de servidor público.

? DE SERVIDOR PÚBLICO é predicativo preposicionado do objeto, pois dá qualidade ao objeto direto PAULO.

17.3. Exercícios

1. Correlacione.

(1) Predicativo do sujeito

(2) Predicativo do objeto

(3) Predicativo preposicionado do sujeito
(4) Predicativo preposicionado do objeto
(5) Adjunto adnominal
( ) Li um livro bastante interessante.
( ) Achei o livro bastante interessante.
( ) Ele sempre foi muito mal-humorado.
( ) Chamei-os de diferentes.
( ) Eles eram chamados de diferentes por todos.
( ) Encontrei-os mortos.
( ) Bebi uma cerveja geladíssima.

2. (Técnico Judiciário – TRE-SP – FCC) ***Este conceito é relativo, pois em arte não há originalidade absoluta.***
... a sua contribuição maior foi a liberdade de criação e expressão.
Ambos os elementos acima grifados exercem nas respectivas frases a função de:
a) adjunto adverbial;
b) objeto direto;
c) complemento nominal;
d) predicativo;
e) objeto indireto.

3. (Auditor – Sefaz-RJ – FGV) Porém, sofrendo o Brasil os influxos de modelos legislativos estrangeiros, assim como estando as matrizes das empresas transnacionais que aqui operam sujeitas às normas de seus países de origem, não tardará para que as práticas que envolvem o criminal compliance sejam estendidas a diversos outros segmentos da economia.
A palavra sujeitas exerce, no texto, função sintática de:
a) complemento nominal;
b) objeto direto;
c) predicativo do objeto;
d) predicativo do sujeito;
e) adjunto adverbial de modo.

4. (Inspetor da Polícia Civil – RJ/FGV) "...o Estado pode considerar *desnecessária* a tradução dos documentos..." (L.37-38)
No trecho acima, o termo destacado exerce função sintática de:
a) adjunto adnominal;

b) adjunto adverbial;
c) complemento nominal;
d) predicativo do objeto;
e) predicativo do sujeito.

Capítulo 18

Objeto

O objeto é o complemento de verbo.

18.1. Direto

Complemento de verbo transitivo direto.

Ex.: "... fomos para o Hotel de Josafat firmar o nosso contrato, bebendo vasta cerveja" (Eça de Queirós).

? Observe que os termos O NOSSO CONTRATO e VASTA CERVEJA complementam, respectivamente, a ideia dos verbos FIRMAR e BEBENDO sem preposição.

18.2. Indireto

Complemento de verbo transitivo indireto.

Ex.: Assistirei a um bom filme. "De nada mais necessitava aquela gente" (Euclides da Cunha).

Os termos A UM BOM FILME e DE NADA MAIS complementam, respectivamente, a ideia das formas verbais ASSISTIREI e NECESSITAVA com as preposições A e DE.

18.3. Direto preposicionado

Complemento de verbo transitivo direto, todavia contendo, excepcionalmente, preposição. Ocorre em duas ocasiões.

a) Com valor enfático.

Ex.: "... Preciso usar da linguagem dos homens..." (Fernando Pessoa).

? O verbo USAR é transitivo direto, contudo a preposição DE é utilizada para dar ênfase à frase e poderia ser retirada (usar a linguagem).

Amo a meus familiares acima de tudo.

? O verbo AMAR é transitivo direto, entretanto está sendo usada a preposição A, dando mais estilo à frase.

b) A segunda possibilidade de seu uso é motivado pela necessidade de se reconhecerem as funções sintáticas dos termos, quando não estão na ordem natural da frase (SUJEITO-VERBO-OBJETO).

Ex.: O Flamengo vencerá o Fluminense.

? A interpretação desta frase é bastante simples e não causa problemas, pois está redigida em sua ordem natural. Logo, o sujeito é O FLAMENGO; em seguida aparece o verbo transitivo direto VENCERÁ; e, por fim, o objeto direto FLUMINENSE. FLAMENGO, por ser sujeito, pratica a ação de VENCER, e FLUMINENSE, por ser objeto direto, sofre a ação verbal de ser vencido.

No entanto, se a frase fosse "Venceu o Flamengo o Fluminense", com a ordem natural desfeita, torna-se impossível determinar o que exatamente ocorreu. Não se sabe quem é quem, ou seja, se FLAMENGO é sujeito ou objeto direto, e FLUMINENSE, também. A língua, então, para esclarecer esta dúvida, recorre ao uso da preposição para distinguir sujeito e objeto. Como o sujeito nunca poderá ser preposicionado, caberá ao objeto a companhia da preposição. "Venceu o Flamengo ao Fluminense" ou "Venceu ao Fluminense o Flamengo". Em ambas as frases, FLAMENGO é

sujeito, pois não aparece preposicionado e, por outro lado, FLUMINENSE, nas duas frases, é o objeto, mesmo com a inversão dos termos.

18.4. Pleonástico

Como o próprio nome diz, é quando o objeto aparece repetido na oração.

Ex.: Ao amigo, dar-lhe-ei a camisa.

? LHE repete o objeto indireto AO AMIGO.

O dinheiro, entrego-o amanhã ao João.

? O pronome oblíquo O repete o objeto direto O DINHEIRO.

18.5. Objeto direto interno ou cognato

Ocorre com verbos que normalmente seriam intransitivos, mas que excepcionalmente possuem complemento. Este tem o mesmo radical do verbo, daí as nomenclaturas COGNATO (mesma natureza – radical) ou INTERNO (partes internas do verbo e do complemento são idênticas).

Ex.: Sonhei sonhos terríveis.

Morreu uma morte gloriosa.

? Observe que os verbos SONHAR e MORRER, normalmente, são intransitivos; contudo nessas frases funcionam como transitivos diretos e seus complementos (SONHOS e MORTE) têm o mesmo radical dos verbos.

> "Acresce que chovia – peneirava – uma chuvinha miúda, triste e constante..." (Machado de Assis).

Obs.: Rocha Lima faz distinção entre objeto indireto e complemento relativo. Ambos seriam preposicionados, complementando a ideia de verbo. No entanto, o primeiro diria respeito à pessoa ou à coisa a que se destina a ação, regendo com as preposições A ou PARA e podendo ser substituído pelos pronomes átonos LHE ou LHES.

Já o segundo não representa a pessoa ou a coisa a quem se destina a ação ou que tira proveito da situação, e sim o ser sobre o qual recai a ação.

Ex.: Entregarei o material para os alunos.

? A expressão "para os alunos" indica a quem se destina a ação de entregar o material, portanto funcionando como objeto indireto.

Necessito de água.

? O termo "de água" representa o ser sobre o qual recai a ação verbal.

Nos concursos públicos, não é feita tal distinção, sendo os dois casos absorvidos pelo objeto indireto

18.6. Exercícios

1. Correlacione.

(1) OBJETO DIRETO
(2) OBJETO INDIRETO
(3) OBJETO DIRETO PREPOSICIONADO
(4) OBJETO DIRETO PLEONÁSTICO
(5) OBJETO INDIRETO PLEONÁSTICO
(6) OBJETO DIRETO COGNATO

( ) A meus pais, dei-lhes um belo presente.
( ) Não queríamos uma solução tão complicada.
( ) Não concordo com esta posição do Governo.
( ) Nós deveríamos viver uma vida mais livre.
( ) Nunca mais beberei desta água.
( ) Não deves admitir o erro.
( ) As manchas, devemos retirá-las por precaução.
( ) Chorei um choro compulsivo com a morte de Ayrton Senna.
( ) Interessei-me pela resposta que você me daria.
( ) Todos deveriam amar ao próximo como a si mesmo.

2. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) Os verbos que exigem o mesmo tipo de complemento estão empregados nos segmentos transcritos em:

a) *A vida é triste e complicada. // ... mergulhemos de corpo e alma no cafezinho.*
b) *... alguém dará o nosso recado sem endereço. // A vida é triste e complicada.*
c) *Tinha razão o rapaz... // Depois de esperar duas ou três horas...*
d) *Para quem espera nervosamente... // Depois de esperar duas ou três horas...*
e) *Tinha razão o rapaz... // ... mergulhemos de corpo e alma no cafezinho.*

3. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) ... *embora nem sempre esta imagem corresponda à realidade*.
O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está empregado em:
a) *... uma atmosfera* [...] *percorre o país numa ânsia sôfrega pela europeização e pela modernização.*
b) *Há, em princípio, a produção humorística...*
c) *... um humor* [...] *que vê a si próprio como civilizador e cultor de gestos nobres...*
d) *... seu efeito desconcertante foi, por isso mesmo, maior e mais profundo.*
e) *... intelectualidade brasileira, que passou pelos eventos da abolição e da República.*

4. (Técnico Judiciário – TRE-SP – FCC) ... *João Rubinato, que adotou o nome de um amigo funcionário do Correio*...
O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está empregado em:
a) *... que já acabou com a garoa...*
b) *... e produziu uma obra radicalmente brasileira...*
c) *... a que se sobrepôs à velha cidadezinha provinciana...*
d) *Adoniran Barbosa é um paulista de cerne...*
e) *... e depois fugir, com ela e conosco, para a terra da poesia...*

5. (MPU) ... *para aprovar, até o final de 2009, um texto... (2o parágrafo do Texto II)*
O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o do grifado acima está na frase:
a) *De fato, o resultado é modesto.*
b) *... como fugir aos temas...*
c) *... já respondem por 20% do total das emissões globais.*
d) *... que já estão na atmosfera...*
e) *... só prejudica formas insustentáveis de desenvolvimento.*

6. (Analista Judiciário – TRT – 1ª R- FCC) ... *em diversos pontos controversos, desempatou controvérsias*...

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está em:

a) *Os milhares de africanos que morreram por conta da viagem ou de padecimentos posteriores...*

b) *Entre 1758 e 1851, por aquelas pedras passaram pelo menos 600 mil escravos trazidos d'África.*

c) *A própria construção do cais teve o propósito de...*

d) *... mas as melhores descrições* [...] *saíram todas da pena de viajantes estrangeiros.*

e) *Os negros ficavam expostos no térreo de sobrados...*

7. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) Atentando-se para a sintaxe, é INCORRETO afirmar que, em:

a) ... *vê a si próprio como civilizador e cultor de gestos nobres, embora nem sempre esta imagem corresponda à realidade*, o elemento grifado introduz uma oração subordinada adverbial concessiva.

b) *Há, em princípio, a produção humorística*, o verbo grifado é impessoal e o sujeito da oração, inexistente.

c) ... *desilusão republicana que atinge a intelectualidade brasileira*, o segmento grifado exerce a função de objeto direto.

d) *Abre-se um espaço para a representação humorística*, o segmento grifado exerce a função de sujeito.

e) *O advento da República viria proclamar, inicialmente, uma atitude de repúdio*, o segmento grifado desempenha o papel de predicativo do sujeito.

8. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – FCC) Atentando-se para a sintaxe, é correto afirmar:

a) Em *A lei e a ordem eram a regra*, o segmento grifado é complemento verbal de eram.

b) Na frase *Na televisão, os heróis urram, gritam, destroem, torturam, tão estridentes quanto os arqui-inimigos maléficos*, o segmento grifado é complemento verbal dos verbos destroem e torturam.

c) Na frase *Éramos viciados em gibis*, estamos diante de um sujeito indeterminado.

d) Em *Gibis abasteciam de ética o vasto campo da fantasia infantil*, o segmento grifado exerce a função de objeto indireto.

e) Na frase *Eles eram o lado certo que combatia o lado errado*, o segmento grifado exerce a função de predicativo do sujeito.

Capítulo 19

Complemento Nominal e Adjunto Adnominal

19.1. Complemento nominal

Complemento nominal é o termo preposicionado que complementa a ideia de substantivo abstrato, adjetivo e advérbio.

Ex.: Não tenho interesse por bebidas alcoólicas.

POR BEBIDAS ALCOÓLICAS é complemento nominal, pois complementa a ideia do substantivo abstrato INTERESSE.

Obs.: É bom perceber que o complemento nominal se parece bastante com o objeto indireto, contudo o complemento nominal completa com preposição a ideia de UM NOME e o objeto indireto completa com preposição a ideia de um verbo.

Ex.: Sou contrário a suas opiniões.

A SUAS OPINIÕES é complemento nominal, pois completa com preposição a ideia do adjetivo CONTRÁRIO.

Agi favoravelmente a seu interesse.

A SEU INTERESSE é complemento nominal, pois completa a ideia de um advérbio (FAVORAVELMENTE).

Moro perto de você.

DE VOCÊ é complemento nominal, pois completa a ideia de um advérbio (PERTO).

19.1.1. Exercícios

1. Correlacione.

(1) Complemento nominal

(2) Objeto indireto

( ) Sinto necessidade de uma água gelada.

( ) Necessito de uma água gelada.

( ) Não confio em você.

( ) Não tenho confiança em você.

( ) Ele não se interessou pelos documentos.

( ) Ele não manifestou interesse pelos documentos.

19.2. Adjunto adnominal

Termo acessório que tem função adjetiva e está sempre ligado a um substantivo.

Funcionam como adjuntos adnominais:

– os artigos. Os homens devem estar preparados para a guerra.

– os adjetivos. Bons homens estão acompanhados de maus amigos.

– os numerais adjetivos. O primeiro quadro era desejado por três compradores.

– os pronomes adjetivos. Aqueles ladrões levaram meu relógio.

– as locuções adjetivas. A torcida do Flamengo (flamenguista) cantou músicas de provocação (provocativas).

19.3. Complemento nominal X adjunto adnominal

Tal estudo restringe-se a elementos preposicionados, portanto torna-se fundamental observar a que termo o elemento preposicionado está atrelado. Este assunto cai reiteradamente nos concursos organizados pelo NCE.

– Quando o termo preposicionado está ligado a um substantivo concreto, geralmente, é adjunto adnominal.

Ex.: "Se a modernidade alterou a face do mundo..." (Luiz Paulo da Moita Lopes).

"O que o colono do Maranhão pretendia..." (Carlos de Laet).

? Os termos sublinhados estão atrelados aos vocábulos FACE e COLONO (substantivos concretos), funcionando como adjuntos adnominais.

Obs.: Quando o elemento preposicionado está atrelado a um substantivo concreto, estabelecendo um nome oficial para o termo, é aposto.

Ex.: A Praia de Copacabana anda bastante poluída.

? O termo "de Copacabana" está atrelado à palavra "Praia", sendo oficialmente o nome da praia. Neste caso, o termo é aposto.

– Quando o termo preposicionado está ligado a um advérbio, é complemento nominal.

Ex.: "... era atirado dentro da caverna..." (Luis Fernando Veríssimo).

Agi contrariamente aos interesses dos empresários.

? Os termos sublinhados estão complementando a ideia iniciada por advérbios (DENTRO e CONTRARIAMENTE), funcionando como complemento nominal. A regência de DENTRO e CONTRARIAMENTE exige respectivamente a ocorrência das preposições DE e A.

– Quando o termo preposicionado complementa a ideia de um adjetivo, normalmente será complemento nominal.

Ex.: Ele é útil à empresa.

Somos adeptos da generosidade.

? Os adjetivos ÚTIL e ADEPTOS exigem as preposições A e DE, respectivamente, indicando que os termos a eles ligados funcionem como complementos nominais.

Obs.: Se o termo preposicionado (com preposição PARA), complementando a ideia de adjetivo ou de verbo, acrescentar ao período um

valor de fim, será classificado como adjunto adverbial de finalidade.

Ex.: "... necessária para trabalhar com aplicações..." (André Gurgel).

"O cavaleiro estava pronto para entrar na caverna..." (Luis Fernando Veríssimo)

? Nestes exemplos, a preposição PARA introduz termos complementando adjetivos (NECESSÁRIA e PRONTO), acrescentando ao período valor de finalidade. "... necessária para (a fim de / com o objetivo de) trabalhar com aplicações..."

– Quando o termo preposicionado (exceto DE) complementa substantivo abstrato é complemento nominal.

Ex.: Sentimos confiança em você.

"O direito à educação, ao trabalho, ao salário justo..." (Jaime Pinsky).

"Tenho interesse por música".

Obs.: Neste caso, o complemento nominal parece-se demasiadamente com o objeto indireto.

Ex.: Confiamos em você.

Interesso-me por música.

? Atente-se ao fator que distingue as duas funções sintáticas: O termo "em você", na primeira ocasião, conclui a ideia iniciada por "confiança" (substantivo abstrato – nome), portanto sendo complemento nominal; já na segunda ocasião, complementa "Confiamos" (verbo), classificando-se, pois, como objeto indireto.

? Quando o termo preposicionado (preposição DE) relaciona-se com um substantivo abstrato, torna-se necessário analisar se tal elemento possui valor agente ou paciente em relação ao nome. O valor "agente" ocorre ao se interpretar o elemento como o praticante da ação ou como o

possuidor da ideia constante no substantivo. Tal se concretizando, o termo preposicionado é classificado como adjunto adnominal. Contudo, se o termo preposicionado sofrer a ação exposta no substantivo, será complemento nominal.

Ex.: "As necessidades do povo não são satisfeitas pelo professor."

? Observe que, neste caso, o termo "do povo" acrescenta ao período um valor de posse (as necessidades são do povo; o povo necessita), funcionando, então, como adjunto adnominal.

"Sentimos necessidade de tempo para o exercício."

? O termo "de tempo" é paciente de "necessidade" (o tempo não necessita; alguém necessita de tempo), trabalhando como complemento nominal.

"A explicação da matéria foi interessante."

? A matéria não explicou e sim foi explicada, funcionando, assim, como complemento nominal.

"A explicação do professor foi interessante."

? O professor explicou, a explicação é do professor, logo o termo sublinhado possui nítido valor agente, sendo adjunto adnominal.

"... que têm afetado a compreensão da classe social, do gênero, da sexualidade..." (Luiz Paulo da Moita Lopes).

? Os termos sublinhados complementam o substantivo abstrato "compreensão", informando o que deveria ser compreendido (valor paciente), funcionando, por conseguinte, como complemento nominal.

"... vermos a multiplicidade da vida humana..."

? É nítido o valor agente (a multiplicidade é da vida humana, a vida humana é múltipla, a vida humana possui multiplicidade), funcionando, logo, como adjunto adnominal.

Há situações em que o termo preposicionado tanto pode ter valor agente como valor paciente, precisando, portanto, de contexto para a

definição de sua função sintática. Numa questão de vestibular da Fuvest, tal foi retratado do seguinte modo:

"A matança dos marginais escandalizou a população". Explique os dois sentidos que podem ser atribuídos à frase e uma possível mudança de função sintática decorrente desta mudança de interpretação do período".

? O candidato teria que explicar que "os marginais" tanto poderiam matar como poderiam ser mortos. Na primeira interpretação, seria adjunto adnominal; na segunda, complemento nominal.

"O julgamento do professor ocorrerá amanhã".

? Esta frase dá margem à dupla interpretação, podendo "o professor" julgar ou ser julgado, justificando-se, assim, a necessidade de contexto para dirimir a dúvida quanto à função sintática do elemento sublinhado.

O NCE da UFRJ, banca organizadora de concursos, costuma confeccionar questões referentes a este assunto. Contudo, nem sempre são utilizadas as nomenclaturas complemento nominal e adjunto adnominal. Em muitas oportunidades, é solicitado ao candidato a opção em que o termo preposicionado possui valor agente ou paciente. Sendo assim, é aconselhável ao concursando observar que o termo, tendo a função sintática de adjunto adnominal ou aposto (nomenclaturas oficiais), possuirá valor agente. Por outro lado, caso o termo preposicionado funcione como complemento nominal ou objeto indireto, possuirá valor paciente.

Ex.: "Trata-se de um fenômeno..." (M. Lúcia de Arruda & Martins Aranha).

? O termo sublinhado complementa com preposição a ideia de um verbo, compondo um objeto indireto, possuindo, portanto, valor paciente.

"Antes o lazer era privilégio dos nobres..." (M. Lúcia de Arruda & Martins Aranha).

? O termo sublinhado tem valor possessivo, constituindo um adjunto adnominal, contendo, pois, valor agente.

"A mecanização, a divisão e organização das tarefas..." (M. Lúcia de Arruda & Martins Aranha).

? Interpretando-se o período, depreende-se que "as tarefas" são mecanizadas, divididas e organizadas. Destarte, classifica-se o termo como complemento nominal, possuindo, então, valor paciente.

Outras nomenclaturas também bastante citadas pela aludida banca são preposição nocional e preposição relacional.

A preposição nocional acrescenta ao período um valor semântico, introduzindo o adjunto adnominal, o aposto (nomenclatura oficial) e o adjunto adverbial.

Ex.: "... não para de atormentá-lo com pergunta de todo jaez" (Dom Lucas Moreira Neves).

? A preposição COM introduz um adjunto adverbial de modo, sendo, portanto, nocional.

"Controlava a vida do lugar" (Luiz Fernando Veríssimo).

? O termo sublinhado indica valor de posse (o lugar tem vida), funcionando como adjunto adnominal e consequentemente a preposição é nocional.

"Morre-se mais na violência do Rio e de São Paulo" (João Ubaldo Ribeiro).

? Perceba que o termo grifado possui valor agente (posse – Rio e São Paulo possuem a violência), funcionando como adjunto adnominal. Desta forma, as ocorrências da preposição DE têm valor nocional.

"... isso foi bom para amenizar o ideologismo que nos cegava" (Arnaldo Jabor).

? Observe que o termo preposicionado acrescenta ao período valor de FINALIDADE, podendo, inclusive, substituir-se a preposição PARA por A FIM DE, COM O OBJETIVO DE, COM A FINALIDADE DE. Destarte, neste caso, a preposição é nocional.

A preposição relacional é uma exigência do termo antecedente, não acrescentando ao período qualquer valor semântico. Somente a regência nominal ou verbal pode exigir a presença de uma preposição, portanto a preposição relacional introduzirá o objeto indireto ou o complemento nominal.

Ele é essencial para o grupo.

? O termo sublinhado funciona como complemento nominal, pois a preposição PARA ocorre tão somente em função da exigência feita pelo adjetivo "essencial", classificando-se, pois, como relacional.

"Há categorias de pessoas que, lá com suas razões, têm raiva ou ressentimento da imprensa" (João Ubaldo Ribeiro).

? O termo sublinhado funciona como complemento nominal (a imprensa é paciente de ressentimento), portanto a preposição que o introduz é relacional.

"... já escrevi em defesa de policiais..." (João Ubaldo Ribeiro).

? Observe que neste período o termo sublinhado possui nítido valor paciente (os policiais não se defendem, eles são defendidos), funcionando como complemento nominal. Destarte, a preposição é relacional.

"O Senhor deu esta autoridade à Igreja..." (Dom Eugenio Sales).

? O termo sublinhado funciona como objeto indireto, pois complementa a ideia do verbo DAR. Como é uma exigência gramatical do verbo, a preposição não acrescenta ao período qualquer valor semântico, classificando-se como relacional.

19.4. Exercícios

1. Correlacione.

(1) Complemento nominal

(2) Adjunto adnominal

( ) A construção da ponte foi benéfica a todos.

( ) A construção do engenheiro foi elogiada por todos.

( ) A invenção da vacina demonstra os avanços da medicina.
( ) A invenção de Sabin resolveu o problema da poliomielite.
( ) Ninguém entendeu a resolução do problema.
( ) Ninguém entendeu a resolução do professor.

2. (NCE) Indique o item em que os dois elementos precedidos da preposição DE desempenham a mesma função sintática.
a) "... os problemas da miséria..." / "A tomada de consciência..."
b) "Assaltos e sequestros de parentes..." / "... a superexposição das mazelas brasileiras..."
c) "... deu-se conta da existência..." / "... sequência inédita de presidentes desastrados..."
d) "O escândalo do Orçamento..." / "... extirpou definitivamente o sebastianismo da vida nacional."
e) "... Brasil do Primeiro Mundo..." / "... com a transferência de tarefas e recursos..."

Leia o texto a seguir e responda às questões 3 e 4.
"Se é para o bem de todos e felicidade geral da Nação, diga ao povo que fico!" (D. Pedro I).

3. (ICMS-RJ/FGV) "No Brasil, o debate sobre ética tributária só recentemente ganhou vulto em decorrência do aumento da carga tributária, da expansão da 'indústria de liminares', do visível aperfeiçoamento da administração fiscal, da estabilidade econômica e da crescente inserção do país na economia globalizada."
No trecho grifado do excerto acima, em relação às ocorrências e complemento nominal, é correto afirmar que há:
a) Quatro casos.
b) Cinco casos.
c) Oito casos.
d) Seis casos.
e) Dois casos.

4. (AFRM – Angra dos Reis – FGV) Já há evidências de que mudanças climáticas introduziram epidemias em regiões anteriormente livres delas.
Em relação à estrutura sintática do período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. Há, em todo o período, dois casos de complemento nominal.
II. Há, em todo o período, dois casos de objeto direto.
III. Há, em todo o período, dois casos de adjunto adnominal.
Assinale:
a) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;

b) se todas as afirmativas estiverem corretas;
c) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
d) se nenhuma afirmativa estiver correta;
e) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.

5. (CM – RJ – NCE) Algumas preposições são empregadas de forma obrigatória devido à presença de termos anteriores que as exigem; o item abaixo em que a preposição destacada está nesse caso é:
a) um conjunto DE pessoas;
b) necessidade DE se ajudarem;
c) os meios DE transportes;
d) a base DE suas esperanças;
e) grande quantidade DE alimentos.

6. (Perito da Polícia Civil – RJ – FGV) Na expressão "votação *do Código Florestal*", o termo sublinhado é paciente do termo anterior, ou seja, o Código Florestal é votado. Assinale a alternativa em que o termo destacado exerce essa mesma função.
a) Exploração *de terras*.
b) Competitividade *do setor*.
c) Tamanho *de interesses divergentes*.
d) Funcionamento *da base aliada*.
e) Leque *de simpatizantes*.

7. (CBPS – NCS) O termo que funciona como complemento do termo anterior é:
a) "Soube de tudo isso..."
b) "Amanhece na ilha de Heron"
c) "Sobre a imensa faixa de areia..."
d) "... os tufos de algas..."
e) "Alguns grãos de areia..."

8. (Magistério – NCE) O item em que a preposição de (do, da, dos, das) tem valor predominantemente gramatical, e não semântico, é:
a) ... a nova geração de intelectuais...
b) ... porta-voz da frustração...
c) ... encontrar um nome de cientista...
d) ... o filho direto do protesto...
e) ... resgatar o homem de seus males...

9. (Técnico Judiciário – TRE-PA – FGV) ***Partidos são fundamentais para a consolidação da democracia e o permanente desenvolvimento da cidadania e devem existir – de verdade – em bases cotidianas*.**

Os termos sublinhados no período acima classificam-se, respectivamente, como:

a) adjunto adnominal e adjunto adnominal;

b) complemento nominal e complemento nominal;

c) adjunto adnominal e complemento nominal;

d) complemento nominal e adjunto adnominal;

e) objeto indireto e objeto indireto.

10. (Auditor – Sefaz-RJ – FGV) No Brasil, por exemplo, existem regras de *criminal compliance* previstas na Lei dos Crimes de Lavagem de Dinheiro – Lei 9.613, de 3 de março de 1998 – que sujeitam as pessoas físicas e jurídicas que tenham como atividade principal ou acessória a captação, intermediação e aplicação de recursos financeiros, compra e venda de moeda estrangeira ou ouro ou títulos ou valores mobiliários, à obrigação de comunicar aos órgãos oficiais sobre as operações tidas como "suspeitas", sob pena de serem responsabilizadas penal e administrativamente.

Assinale o termo que, no texto, desempenhe função sintática idêntica à de *à obrigação*.

a) às normas – que aqui operam sujeitas às normas de seus países de origem.

b) de ajustamentos – É certo que a mudança do enfoque sobre o tema, no âmbito das empresas – principalmente, as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos.

c) a diversas obrigações – Tem-se, *grosso modo*, por *compliance* a submissão ou a obediência a diversas obrigações impostas às empresas privadas.

d) da adoção – decorrerá também de ajustamentos de postura administrativa decorrentes da adoção de critérios.

e) dessa possibilidade – é certo que a adoção, na prática, dessa possibilidade vem se dando de forma bastante tímida.

11. (Polícia Civil – DF – NCE)

I – "agências DE TURISMO"

II – "grau crescente DE INSEGURANÇA"

III – "trabalho DE INVESTIGAÇÃO POLICIAL"

IV – "por falta DE AÇÃO INTEGRADA"

Entre os segmentos acima, em maiúsculas, aquele que apresenta função distinta da função dos demais é:

a) I;

b) II;
c) III;
d) IV;
e) nenhum deles.

12. (Analista de Informática Legislativa – Senado Federal – FGV) "Entretanto, após algumas décadas de excessivo crescimento dos gastos governamentais e da crise financeira que se abateu sobre inúmeros governos..." (L.7-9)
Assinale a alternativa que indique corretamente a quantidade de complementos nominais no trecho acima.
a) Nenhum.
b) Dois.
c) Um.
d) Três.
e) Quatro.

13. (Proc. Geral da Just. – RJ – NCE) Em que item abaixo a preposição destacada, isolada ou em combinação com artigo, tem valor puramente gramatical e não nocional, como nos demais casos?
a) "... como o ano em que o Brasil do Primeiro Mundo deu-se conta da existência..."
b) ... constituir um lembrete muito eficaz para as elites de que o Haiti é aqui".
c) "... fortaleceu a tese da necessidade de descentralização e despolitização das políticas sociais, com a transferência de tarefas e recursos aos municípios".
d) "... passou a duvidar até da existência de Deus".
e) "... os vícios do modelo centralista..."

14. (NCE-UFRJ) O caso em que o segmento precedido da preposição DE tem valor paciente e não de agente do termo anterior é:
a) ... gastar rios de dinheiro com regozijo.
b) O festival de autocongratulação consumia boa parte...
c) ... o cotidiano brasileiro está cheio de dores de problemática das agências.
d) É melhor que a imaginação das agências.
e) ... estamos no país da solucionática.

Obs.: Em virtude da complexidade deste assunto, expomos mais 12 exercícios com gabarito comentado para você poder tirar todas as dúvidas.

19.5. Exercícios com gabarito comentado acerca de complemento nominal e adjunto adnominal

1. (U-Bauru) Assinale a alternativa em que a expressão grifada tem a função de complemento nominal.

a) A curiosidade do homem incentiva-o à pesquisa.

b) A cidade de Londres merece ser conhecida por todos.

c) O respeito ao próximo é dever de todos.

d) O coitado do velho mendigava pela cidade.

e) O receio de errar dificulta o aprendizado das línguas.

Resposta: Alternativa E.

Na opção A, a curiosidade é do homem (posse – valor agente – adjunto adnominal).

Na letra B, o termo sublinhado está atrelado ao termo CIDADE que é substantivo concreto, já impossibilitando o fato de o termo ser complemento nominal. Porém é interessante observar que Londres é o nome da cidade, funcionando, portanto, como aposto.

Na opção C, TODOS possuem o dever (o dever é de todos – posse – adjunto adnominal) de respeitar o próximo.

Na opção D, o termo DO VELHO está atrelado ao substantivo concreto COITADO (adjetivo substantivado representando uma pessoa, por isso, concreto), funcionando como adjunto adnominal.

A opção E, que é a resposta, apresenta um termo que possui nítido valor paciente em relação ao termo receio, afinal ERRAR não possui receio, não receia. Se a frase fosse "O receio do professor é o adiamento das provas.", o termo DO PROFESSOR estaria ligado a RECEIO, contudo estabelecendo valor de posse, pois indicaria que o receio seria do professor, ou seja, o professor é quem receia, funcionando, assim, como adjunto adnominal.

2. (NCE-UFRJ) "O eleitor deu pouquíssima importância às eleições para governador". O termo destacado exerce a função de complemento nominal de "eleições". Que termo destacado a seguir exerce essa mesma função?

a) Votos **em branco**.

b) Manchetes **dos jornais**.

c) Institutos **de pesquisa**.

d) Interrupção **para o dever cívico**.
e) Comportamento **do grupo**.
Resposta: Alternativa D.
As opções A, B e C podem ser excluídas rapidamente, em virtude de os termos destacados estarem atrelados a substantivos concretos, sendo, então, adjuntos adnominais. Na opção E, o termo DO GRUPO possui nítido valor agente (o comportamento é do grupo, o grupo se comporta), também funcionando como adjunto adnominal. A opção D apresenta um termo que complementa a ideia de INTERRUPÇÃO de forma passiva, funcionando como complemento nominal.

3. (NCE-UFRJ) As preposições podem ser usadas com valor relacional (uma exigência gramatical) ou valor nocional (contribuição de sentido). Em que frase a seguir o uso da preposição é uma exigência do termo anterior?
a) Eleições para governador.
b) Os votos de cabrestos.
c) Caixas de fósforo.
d) Folha em branco.
e) Dia sem trabalho
Resposta: Alternativa A.
Nas opções B, C, D e E, os termos preposicionados estão atrelados a substantivos concretos, funcionando como adjunto adnominal. Sendo assim, a preposição é nocional. Já na opção A, o termo preposicionado complementa de forma passiva a ideia do substantivo abstrato "eleições", funcionando, assim, como complemento nominal. Neste caso, a preposição que introduz o complemento nominal possui valor apenas gramatical (relacional).

4. (NCE-UFRJ) Em quantas frases abaixo o termo destacado não é agente, mas paciente do termo anterior?
1) "No campo <u>da educação</u>...
2) "... como instrumento <u>de manutenção</u>..."
3) "... manutenção <u>de</u> <u>*status*</u>..."
4) "... pântano <u>de pobreza</u>..."
a) Quatro.
b) Três.
c) Duas.
d) Uma.
e) Nenhuma.
Resposta: Alternativa D.

Nos itens 1, 2 e 4, os termos sublinhados estão atrelados a substantivos concretos, funcionando como adjunto adnominal (valor agente). No item 3, o termo sublinhado está atrelado ao termo MANUTENÇÃO que é substantivo abstrato. Observe que semanticamente "O *STATUS* NÃO MANTÉM E SIM É MANTIDO", então o termo sublinhado funciona como complemento nominal (valor paciente).

5. (NCE-UFRJ) Em que item a seguir a preposição destacada, em lugar de valor nocional, tem valor puramente gramatical?

a) "... a questão das Forças Armadas de um país..."
b) "As Forças Armadas são insuficientes para combater a desordem".
c) "As tentativas de comprometê-las..."
d) "... nem mantém uma indústria de armamento..."
e) "... oferece condições de topografia e miséria..."

Resposta: Alternativa C.

As opções A e D logo são eliminadas, pois os termos preposicionados estão atrelados a substantivos concretos, funcionando como adjunto adnominal. A opção B apresenta uma oração reduzida com valor de finalidade – sendo a preposição PARA nocional – atrelada a um adjetivo (insuficientes). A opção E apresenta termos com valor de posse (adjunto adnominal – preposição nocional), afinal TOPOGRAFIA E MISÉRIA possuem suas próprias condições. Na opção C, COMPROMETER não faz TENTATIVAS, e sim alguém faz TENTATIVAS DE COMPROMETER. Portanto, COMPROMETÊ-LAS é passivo em relação à ação contida no substantivo abstrato, sendo complemento nominal, portanto a preposição é relacional.

6. (NCE-UFRJ) "A diminuição do amor à pátria, a ação do interesse particular, a imensidão dos Estados, as conquistas, os abusos do Governo fizeram..." Assinale o item em que se classificam corretamente as funções sintáticas dos termos destacados:

a) Todos os elementos são complementos nominais.
b) Todos os elementos são adjuntos adnominais.
c) Só dois elementos são adjuntos adnominais.
d) Só um elemento é complemento nominal.
e) Só um elemento é adjunto adnominal.

Resposta: Alternativa D.

O termo À PÁTRIA complementa a ideia do substantivo abstrato com valor paciente, sendo, portanto, complemento nominal. Os demais termos preposicionados possuem nítido valor agente (O INTERESSE PARTICULAR AGE, A IMENSIDÃO É DOS ESTADOS, O GOVERNO ABUSA), classificando-se, assim, como adjuntos adnominais.

7. (NCE-UFRJ) As salas de aula estão cheias de crianças e jovens... Em que item a seguir o elemento destacado desempenha a mesma função sintática do termo sublinhado na frase dada?

a) Os meios de comunicação e nas tecnologias...
b) ... mudaram a vida das pessoas nos séculos...
c) Interferindo na organização de seus afazeres diários...
d) Determinando o ritmo de trabalho...
e) ... os modernos instrumentos da comunicação...

Resposta: Alternativa C.

Na frase do enunciado, o termo sublinhado funciona como complemento nominal, dado que é preposicionado e está completando a ideia de um adjetivo. Sendo assim, o que se deseja na questão é a alternativa em que o termo sublinhado possua a função de complemento nominal. As opções A e E podem ser imediatamente descartadas, pois os substantivos MEIOS e INSTRUMENTOS são substantivos concretos, sendo os termos destacados adjuntos adnominais. Já as opções B e E também podem ser eliminadas, porquanto os termos DAS PESSOAS (a vida é das pessoas) e DE TRABALHO (o trabalho possui seu próprio ritmo) têm valor de posse, funcionando como adjunto adnominal. Por fim, na opção C, o termo AFAZERES DIÁRIOS não ORGANIZAM, e sim SÃO ORGANIZADOS, possuindo valor paciente, classificando-se como complemento nominal.

8. (UFRJ-NCE) Algumas preposições são empregadas de forma obrigatória devido à presença de termos anteriores que as exigem. O item abaixo em que a preposição destacada está nesse caso é:

a) Um conjunto DE pessoas.
b) Necessidade DE se ajudarem.
c) Os meios DE transportes.
d) A base DE suas esperanças.
e) Grande quantidade DE alimentos.

Resposta: Alternativa B.

As opções A, C e D apresentam termos que estão atrelados a substantivos concretos, funcionando, portanto, como adjunto adnominal, e a preposição, por consequência, será nocional. Na opção E, a preposição DE introduz um termo (adjunto adnominal) que tem valor de posse em relação ao termo QUANTIDADE (os alimentos possuem quantidade), classificando-se como nocional. Já na opção B, a preposição DE introduz um elemento passivo (complemento nominal) em relação ao substantivo abstrato NECESSIDADE, classificando-se como relacional.

9. (NCE-UFRJ) O termo que funciona como adjunto adnominal, entre os sublinhados abaixo, é:

a) "... trazer o cigarro para mais perto do adolescente, mas..."
b) "Penso que o cigarro é atraente para o adolescente..."
c) "... como sugerem as propagandas de cigarro..."
d) "... e abre um canal de comunicação numa linguagem comum..."
e) "... é uma fase carregada de situações estressantes."

Resposta: Alternativa D.

Na opção A, o termo sublinhado complementa a ideia do advérbio PERTO, funcionando como complemento nominal.
Nas opções B e E, os termos destacados complementam a ideia dos adjetivos ATRAENTE e CARREGADA, funcionando como complemento nominal.
Na opção C, CIGARRO não propaga e sim é propagado, tendo valor paciente, funcionando como complemento nominal.
Na opção D, o termo destacado está atrelado ao substantivo concreto CANAIS, funcionando como adjunto adnominal.

10. (NCE-UFRJ) O item em que a preposição DE (combinada ou não) é uma exigência da estruturação gramatical da frase e não da necessidade de acrescentar-se um novo dado semântico ao texto é:

a) "Corrupção é a grande questão do país".
b) "Trata-se de um mal endêmico na sociedade brasileira..."
c) "... é outra razão para a amargura de nossa gente".
d) "... pode abrir a porta desse futuro..."
e) "... se elegeram com a bandeira da luta anticorrupção".

Resposta: Alternativa B.

As opções D e E podem ser descartadas de imediato, pois as preposições introduzem termos que estão atrelados a substantivos concretos (mesmo sendo utilizados com valor conotativo, os substantivos PORTA e BANDEIRA continuam nesses contextos sendo concretos). Na opção A, a preposição DE introduz elemento com valor agente, pois é o país quem questiona. Na opção C, a preposição DE introduz termo que possui nítido valor de posse (a amargura é de nossa gente). Na opção B, a preposição DE introduz um objeto indireto, ou seja, a preposição é fruto da regência verbal, podendo ser classificada como relacional.

11. (NCE-UFRJ) O item a seguir em que o termo destacado representa um agente e não um paciente do termo anterior é:

a) Código de trânsito.

b) Educação para o trânsito.

c) Formação do magistério.

d) Treinamento de professores.

e) Atender a mais esta nova exigência.

Resposta: Alternativa A.

A opção B apresenta termo introduzido por preposição PARA que complementa substantivo abstrato, funcionando como complemento nominal, tendo, consequentemente, valor paciente.

As opções C e D apresentam termos que complementam substantivo abstrato com preposição DE. Neste caso, torna-se necessário interpretar o sentido: O MAGISTÉRIO É FORMADO, OS PROFESSORES SÃO TREINADOS. Portanto, os termos destacados possuem valor paciente, funcionando como complementos nominais.

A opção E apresenta um mero objeto indireto, portanto o termo destacado tem valor paciente.

A opção A apresenta um termo atrelado a um substantivo concreto, funcionando como adjunto adnominal, possuindo, portanto, valor agente.

12. (NCE-UFRJ) Que elemento do texto, precedido da preposição DE exerce função sintática de adjunto adnominal e não de complemento nominal?

a) "... tom da voz..."

b) "... pertinho do céu..."

c) "... percepção de uma cidade..."

d) "... cuidado de não ser reconhecido..."

e) "... distinto do que é utilizado..."

Resposta: Alternativa A.

Na opção B, o termo DO CÉU complementa a regência do advérbio PERTINHO.

Na opção C, seria necessário o contexto, para a compreensão de que A CIDADE PERCEBE ou A CIDADE É PERCEBIDA

Na opção D, a oração reduzida complementa a ideia de CUIDADO.

Na opção E, o pronome demonstrativo O combinado à preposição DE complementa a ideia do adjetivo DISTINTO.

A opção A apresenta um termo que contém valor de posse em relação ao vocábulo TOM: a voz possui tom.

Capítulo 20

Adjunto Adverbial

Adjunto adverbial é o termo que modifica a ideia de verbo, adjetivo e de outro advérbio. O trabalho aqui se baseia na semântica, pois o mais importante é a percepção da ideia que passa o adjunto adverbial.

20.1. Classificação

1) LUGAR – "Corre o rio e entra no mar" (Fernando Pessoa) "Aqui – os filhos que vos pedem pão..." (Castro Alves).
2) TEMPO – "Canto nest'hora, como o bardo antigo" (Castro Alves). Às duas horas acordarei.
3) MODO – Fez o trabalho apressadamente. Ele passa bem.
4) INTENSIDADE – "Das priscas eras, que bem longe vão" (Castro Alves). Ele estuda à beça.
5) AFIRMAÇÃO – Sim, ele virá. Com certeza ele virá.
6) NEGAÇÃO – Jamais isto será feito. "Vi que não há natureza" (Fernando Pessoa).
7) DÚVIDA – Possivelmente ele virá. "Talvez por isso entraram os objetos..." (Machado de Assis).
8) IRONIA – Certamente a noite virará dia. Dida nunca "engolirá um frango".
9) CONCESSÃO – Embora cansado, fiz todo o trabalho. "Não obstante a defesa do escudeiro, Pery conseguiu amarrá-lo..." (José de Alencar).

10) CONDIÇÃO – Sem você, não farei o trabalho. Com sorte, chegarei à solução.
11) FINALIDADE – Pedir-te-ei em casamento. Visitou o estabelecimento para fiscalização.
12) ASSUNTO – "Falai-lhe dos cabelos" (Castro Alves). "Não falo de amor quase nada..." (Raul Seixas).
13) MEIO – Vim de ônibus. Mandei notícias por um bilhete.
14) INSTRUMENTO – Ele assassinou o inimigo com uma faca. Fiz a prova à caneta.
15) CAUSA – Eu, de enternecido, esquecera a merenda (Eça de Queirós). Empobreceu com as secas.
16) DE COMPANHIA – Irei ao cinema com minha mulher. Somente saio em companhia de meus irmãos.
17) PREÇO – O passe de Robinho custa R$ 50.000.000,00.

20.2. Exercícios

1. Correlacione.

1) LUGAR
2) TEMPO
3) MODO
4) INTENSIDADE
5) AFIRMAÇÃO
6) NEGAÇÃO
7) DÚVIDA
8) IRONIA
9) CONCESSÃO
10) CONDIÇÃO
11) FINALIDADE
12) ASSUNTO
13) MEIO
14) INSTRUMENTO
15) CAUSA
16) DE COMPANHIA
17) PREÇO

I. ( )( ) Iremos à praia de ônibus.
II. ( )( )( ) Mesmo com dor de cabeça, foi ao teatro comigo.
III. ( )( )( ) Conversamos sobre o problema por telefone para resolver o problema.
IV. ( )( ) Na faculdade eu era mais feliz.
V. ( )( ) Na faculdade eu estudava bastante.
VI. ( )( ) Sem o material, não poderás acompanhar a aula.
VII. ( ) Ele empobreceu com o plano econômico.
VIII. ( )( )( ) Certamente, no próximo ano, o salário mínimo valerá mil dólares.
IX. ( )( )( ) No Nordeste, o povo ainda morre de fome.
X. ( )( ) "Apesar de você, amanhã há de ser novo dia..." (Chico Buarque)
XI. ( )( ) Fizemos a prova a lápis para não sermos eliminados do concurso.
XII. ( )( ) Agiu rapidamente para a solução do problema.
XIII.( )( )( ) De forma alguma, voltarás de São Paulo de ônibus.
XIV.( )( )( ) Embora com dificuldades, certamente o povo brasileiro lutará por uma vida melhor.
XV. ( )( ) Eles agiram violentamente por medo.

2. (UFF) A expressão destacada tem valor adverbial em:
a) "A história *do casamento* de Maria Benedita é curta".
b) "Se não fosse a epidemia *das Alagoas*, talvez não chegasse a haver esse casamento".
c) "... não contando a respeito que aquele bêbado tinha ao princípio *da propriedade*".
d) "... não é preciso estar embriagado para acender um charuto *nas misérias alheias*".
e) "Sem pedir licença à dona *das ruínas*".

3. (Unificado)
V.7 – "No povo meu poema está maduro..."
V.13 – "Ao povo seu poema aqui devolvo..."
Os termos "NO POVO" (v.7) e AO POVO (v.13) exercem, respectivamente, as funções sintáticas de:
a) objeto indireto e adjunto adverbial;
b) objeto indireto e complemento nominal;
c) complemento nominal e objeto indireto;
d) adjunto adverbial e adjunto adverbial;
a) adjunto adverbial e objeto indireto.

4. (FTM-Aracaju) Das expressões destacadas abaixo, com as ideias de tempo ou lugar, a única que tem a função sintática do adjunto adverbial é:

a) "Já ouvi os poetas de Aracaju".
b) "... atravessar os subúrbios escuros e sujos".
c) "... passar a noite de inverno debaixo da ponte".
d) "Queria agora caminhar com os ladrões pela noite".
e) "... sentindo no coração as pancadas dos pés das mulheres da noite".

5. (Agência Saúde Pública – NCE) O item em que o termo sublinhado não está devidamente classificado segundo o seu valor semântico é:
a) "... falam sobre a existência de Atlântida,..." = assunto.
b) Na época, muito estudiosos chegaram..." = tempo.
c) "Nessa ilha, segundo descrição feita ao filósofo Platão..." = conformidade.
d) "... ninguém se preocupou muito..." = intensidade.
e) "... tratou de passar a notícia adiante..." = lugar.

6. (Secretaria de Saúde do Piauí – NCE) O segmento que apresenta o correto valor do elemento sublinhado é:
a) "... carregando em seu bico..." = instrumento.
b) "... água do rio..." = tempo.
c) "... se alastrava na floresta..." = lugar.
d) "... apagar aquele incêndio com essas gotinhas d'água?" = companhia.
e) "Estou apenas fazendo a minha parte" = oposição.

Capítulo 21

Agente da Passiva, Aposto e Vocativo

21.1. Agente da Passiva

Agente da passiva é o termo que pratica a ação na VOZ PASSIVA.

O agente da passiva é introduzido pela preposição POR. Excepcionalmente a preposição DE, sendo sinônima de POR, também pode iniciar o agente da passiva.

Ex.: O trabalho foi feito por todos.

"O João da Costa, moço do comércio, estimado do patrão e dos colegas..." (Aluísio de Azevedo).

21.2. Aposto

Aposto é o termo de natureza substantiva que repete algo já designado com fins de algum tipo de esclarecimento.

Ex.: Pelé, Rei do Futebol, fez o milésimo gol num jogo contra o Vasco. REI DO FUTEBOL é aposto de Pelé.

21.2.1. Aposto denominativo

Ex.: Praia de Copacabana, Presidente Lula.

21.2.2. Aposto explicativo

Ex.: Xuxa, a rainha dos baixinhos, está extremamente famosa também na Argentina.

21.2.3. Aposto enumerativo

Ex.: Comprei frutas: laranja, maçã, pêra.

21.2.4. Aposto resumitivo

Ex.: Na festa havia Ferrari, BMW, Peugeot, enfim só carros estrangeiros.

21.2.5. Aposto distributivo

Ex.: Eles, cada um de seu jeito, resolveram os problemas. Vieram dois rapazes; este, de calças compridas e aquele, de bermudas.

21.3. Vocativo

Vocativo é o termo que indica um chamamento (pessoa com quem se fala).

Ex.: Pressentimentos de que, Isaura? (Bernardo Guimarães).

21.3.1. Exercícios

1. Correlacione.

(1) AGENTE DA PASSIVA

(2) APOSTO

(3) VOCATIVO

( ) "Jesus Cristo, Jesus Cristo, eu estou aqui" (Roberto Carlos).

( ) Jesus Cristo, o ser mais sábio de todos os tempos, deu-nos grandes ensinamentos.

( ) Eu fui ensinado pela vida.

( ) Manoel já era conhecido de todos.

( ) Tu moras na rua Barata Ribeiro?
( ) Que fazes aqui, Manoel?

21.3.2. Análise sintática do pronome oblíquo

BIZU

Substitui-se o pronome oblíquo pela palavra MENINO. A função sintática que tiver a palavra MENINO será a mesma função sintática do pronome oblíquo.

Ex.: "Nós queríamos que você nos ensinasse umas cantigas" (Lima Barreto).

? Substituindo-se NOS por AO MENINO (... ensinasse umas cantigas AO MENINO), chega-se à conclusão de que AO MENINO é objeto indireto, portanto NOS é OBJETO INDIRETO.

Ex.: "Então a Adélia, ..., puxou-me a face" (Eça de Queirós).

? Puxou a face DO MENINO – adjunto adnominal, NOS – adjunto adnominal.

Ex.: "... envolvendo-a na sua cama de prata..." (Aluísio de Azevedo).

? Envolvendo O MENINO – objeto direto, A – objeto direto.

Ex.: "... pode a sorte não te ser favorável..." (José de Alencar).

? Não ser favorável AO MENINO – complemento nominal, TE – complemento nominal.

É importante citar que, nos casos dos verbos causativos (verbos que indicam a causa da outra ação – mandar, deixar, fazer...) e sensitivos (verbos que sugerem os sentidos – ver, ouvir, observar, escutar), o pronome

oblíquo átono funcionará como sujeito do verbo seguinte no infinitivo. A situação é tão atípica, que nem o verbo será obrigado a concordar com o sujeito – o estudo da flexão do verbo seguinte receberá uma análise mais aprofundada no capítulo de concordância.

Ex.: "Marcela... mandou-o a uma loja na vizinhança, comprar o vidro" (Machado de Assis).

"A vista de uma sota faz-me às vezes estremecer o coração em emoções mais vivas..." (Bernardo Guimarães).

"É o meu maior prazer vê-lo brilhar" (Lamartine Babo).

"Deixou-se ficar espiando..." (Aluísio de Azevedo).

Obs.: Há alguns pronomes oblíquos átonos que não possuem função sintática. São aqueles que não representam um ser: o pronome apassivador, o índice de indeterminação do sujeito e a parte integrante dos verbos (nos verbos pronominais).

Ex.: Fez-se o trabalho.

– O pronome apassivador SE não representa uma pessoa, não podendo, portanto, possuir função sintática.

Ex.: Precisa-se de mais operários.

– O índice de indeterminação do sujeito SE, demarcando o sujeito (agente) indeterminado e sendo o elemento paciente "de mais operários", não representa um ser, não possuindo função sintática.

Ex.: Eu me referi a seu trabalho.

? Observe que o termo agente da ação é o pronome reto EU (mesmo que não aparecesse explícito), já o elemento paciente é "a seu trabalho". Então o pronome oblíquo ME só tem valor estrutural, não substituindo uma pessoa. Sendo assim, não possui função sintática.

21.3.2.1. Exercícios

1. Dê a função sintática dos termos sublinhados.

a) Viram-me ontem.
b) Entregaram-me os documentos.
c) Roubaram-me os documentos.
d) Roubaram-me.
e) Ele me é extremamente útil.
f) Maria sempre nos será extremamente agradável.
g) Desculpe por pisar-te o pé.
h) Dar-vos-ei todos os jornais.
i) Deixar-nos-ão ficar aqui.
j) Ele te viu estudar ontem.

21.3.3. Análise sintática do pronome relativo

BIZU

1º passo – isolar a oração em que aparece o pronome relativo.
2º passo – formar uma nova frase somente com aquela oração já isolada, substituindo o pronome relativo pelo termo antecedente.
3º passo – ao reconhecer a função sintática que terá este termo substitutivo do pronome relativo, estará também sendo reconhecida a função sintática do próprio pronome relativo.

Ex.: Roubaram as canetas que comprei ontem.

? A oração em que aparece o pronome relativo é QUE COMPREI ONTEM. Forma-se uma nova frase somente com esta oração, mas deve ser substituído o pronome relativo pelo termo antecedente (AS CANETAS).

A frase fica: COMPREI ONTEM AS CANETAS. A função sintática de AS CANETAS é objeto direto, portanto QUE também será objeto direto.

As crianças a quem entreguei as provas já estão mais aliviadas.

? Isole a oração em que aparece o pronome relativo – A QUEM ENTREGUEI AS PROVAS. Forma-se uma nova frase com esta oração,

substituindo-se o pronome relativo QUEM pelo termo antecedente AS CRIANÇAS – ENTREGUEI AS PROVAS ÀS CRIANÇAS. ÀS CRIANÇAS é objeto indireto, portanto A QUEM é objeto indireto.

Obs.: Os pronomes relativos CUJO, CUJA, CUJOS, CUJAS quase sempre funcionam como adjuntos adnominais, até porque encerram valor de posse. Muito raramente podem também funcionar como complemento nominal, desde que possuam valor paciente.

Ex.: O réu de cujo julgamento participei foi condenado a dez anos de prisão.

? Observe que o pronome relativo "cujo" refere-se ao termo o réu. Substituindo-se o termo pelo antecedente, resultaria "Participei do julgamento do réu". "O réu" não julgou e, sim, foi julgado, possuindo nítido valor paciente, funcionando, então, como complemento nominal.

21.3.3.1. Exercícios

1. Dê a função sintática do pronome relativo:

a) Falei as palavras que você queria ouvir.
b) Falei as palavras que deveriam ser faladas.
c) As cervejas de que sinto necessidade já estão geladas.
d) As cervejas de que necessito já estão geladas.
e) É linda a cidade em que moro.
f) Meu pai é a única pessoa em quem confio.
g) Meu pai é a única pessoa em quem tenho confiança.
h) As crianças que estavam desaparecidas foram encontradas.
i) As soluções que eu dei não te agradaram.
j) As soluções a que sempre fui favorável finalmente foram tomadas.
k) Futebol é o único assunto por que efetivamente me interesso.
l) Futebol é o único assunto por que efetivamente tenho interesse.
m) É muito bonito o local para onde vou.

21.3.4. Análise sintática de pronome demonstrativo e pronome relativo juntos

BIZU

1º passo – Relembrar que, quando O, A, OS, AS – combinados ou não com preposição – aparecerem antes de QUE e puderem ser substituídos por AQUILO, AQUELE(S), AQUELA(S), serão pronomes demonstrativos e QUE será relativo.
2º passo – É fundamental o candidato ficar ciente de que pronome demonstrativo e pronome relativo não podem ficar na mesma oração, até porque o antecedente do pronome relativo será o demonstrativo – e só o demonstrativo, mesmo que combinado a uma preposição –, portanto os dois pronomes representam o mesmo ser.
3º passo – Isolar a oração principal e substituir O, A, OS, AS por AQUILO, AQUELE(S), AQUELA(S) para determinar a função do demonstrativo.
4º passo – Isolar a oração subordinada e substituir o pronome relativo pelo antecedente – o pronome demonstrativo O, A, OS, AS. No fim, substitua O, A, OS, AS por AQUILO, AQUELE(S), AQUELA(S).

Ex.: "O que eu não quero perder é a sua missão nova" (Machado de Assis).

? Na frase, o pronome demonstrativo O aparece antes do relativo QUE. Pronome demonstrativo e pronome relativo não podem ficar na mesma oração, logo a primeira oração é: "O é a sua missão nova". Substituindo o pronome demonstrativo O por AQUILO teremos "Aquilo é a sua missão nova". AQUILO funciona como sujeito, função esta do

demonstrativo O. Isolando a oração subordinada "que eu não quero perder", substituir o relativo "que" pelo antecedente, o demonstrativo O. Por fim, substituir O por AQUILO, ficando a frase "eu não quero perder aquilo". AQUILO funciona como objeto direto, função esta do pronome relativo QUE.

Ex.: "Não sabeis que ele é protegido e amado pelos que pouco se importam se morremos ou vivemos" (José de Alencar).

? ... amado POR AQUELES – agente da passiva, PELOS – agente da passiva; AQUELES pouco se importam... – sujeito, QUE – sujeito.

Ex.: Não gostei do que eles disseram.

? Na frase, o pronome demonstrativo O aparece combinado com a preposição DE. Para determinar a função do demonstrativo, basta isolar a oração principal e substituir O por AQUILO, não se esquecendo de combinar com a preposição ocorrente na primeira oração: "Não gostei daquilo". DAQUILO funciona como objeto indireto, função sintática de DO. Agora vamos passar para a função do relativo: isolemos a segunda oração e substituamos o pronome relativo QUE pelo antecedente O (FUNDAMENTAL ficar atento ao fato de que o antecedente do pronome relativo é só o demonstrativo e não o demonstrativo combinado com a preposição. Sendo assim, o antecedente não é o "do" – de + o – e sim somente "o". Este caso de reconhecimento do antecedente do relativo já foi utilizado em várias oportunidades em concursos públicos). Depois troquemos O por AQUILO, ficando a frase "Eles disseram aquilo". AQUILO é objeto direto, função do relativo.

Ex.: As que estudam passam.

? Na frase, o pronome demonstrativo AS aparece antes do relativo QUE. É sempre muito importante lembrar que demonstrativo e relativo não podem ficar na mesma oração, portanto a primeira oração é "As passam". Substituamos o demonstrativo AS por AQUELAS, ficando o período "Aquelas passam". AQUELAS funciona como sujeito, função do

demonstrativo AS. Vejamos agora a função do relativo: isolemos a oração intercalada "que estudam" e substituamos o QUE pelo antecedente, o demonstrativo AS. Por fim, alteremos AS por AQUELAS, resultando: "Aquelas estudam". AQUELAS funciona como sujeito, então é a função do relativo.

21.3.4.1. Exercícios

1. Dê a função sintática tanto do pronome relativo quanto do pronome demonstrativo nas frases a seguir.

I. Tens certeza do que se disse?

II. Confiamos no que os professores ensinam.

III. Não sabemos o que ele será na empresa.

IV. Aos que sempre fazem o que querem eu dou atenção.

21.3.5. Exercícios

1. (AFTN) Leia o trecho abaixo e identifique a opção que faz correspondência incorreta entre as duas colunas: "Ainda quando a vida mais não fosse que a urna da saudade, o sacrário da memória dos bons, isso bastava para a reputarmos um benefício celeste, e cobrirmos de reconhecimento a generosidade de quem no-la doou" (Ruy Barbosa).

	Termos destacados:	Função sintática da oração:
a)	a	objeto direto
b)	um benefício celeste	predicativo do objeto direto
c)	a generosidade	objeto direto
d)	quem	objeto indireto
e)	no	objeto indireto

2. (TFC) Assinale a letra em que a função sintática indicada pelo termo do texto NÃO está correta.

Com franqueza, estava arrependido de ter vindo. Agora que ficava preso, ardia por andar lá fora, e recapitulava o campo e o morro, pensava nos outros meninos vadios, o Chico Telha, o Américo, o Carlos das Escadinhas, a fina flor do bairro e do gênero humano. Para cúmulo de desespero, vi através das vidraças da escola, no claro azul do céu, por cima do morro do Livramento, um papagaio de papel, alto e largo, preso de uma corda imensa, que bojava no ar, uma cousa soberba. E eu na escola, sentado, pernas unidas, com o livro de leitura e a gramática nos joelhos.

a)	com franqueza (l. 1)	adjunto adverbial
b)	o campo e o morro (l. 2)	objetos diretos
c)	um papagaio de papel (l. 5)	sujeito
d)	alto e largo (l. 5)	adjuntos adnominais
e)	a fina flor do bairro (l. 3)	aposto

3. (UF-MG) Em todas as alternativas, o termo destacado está corretamente classificado, exceto em:

a) Ele sabia o **que** ignorava e não se atrevia a julgar tudo. (sujeito)

b) O padeiro ofereceu-lhe alguma coisa e perguntou amavelmente o **que** havia de novo. (objeto direto)

c) Eu não sei **que** mal me faz essa mulher com seu rosto à Botticelli. (adjunto adnominal)

d) É um sentimento perfeitamente imbecil, **de que** até hoje não me pude libertar. (objeto indireto)

e) Era um galope para a riqueza, **em que** se atropelava a todos, os amigos e inimigos. (adjunto adverbial)

4. (PUC) Não revelou o que descobrira a ninguém. Assinale a alternativa em que se analisa a classe gramatical e a função sintática das palavras destacadas, respeitando a ordem em que elas ocorrem:

a) artigo, adjunto adnominal, conjunção integrante, conectivo;

b) pronome demonstrativo, sujeito, conjunção integrante, conectivo;

c) artigo, adjunto adnominal, pronome relativo, sujeito;
d) pronome demonstrativo, objeto direto, pronome relativo, objeto direto;
e) artigo, adjunto adnominal, pronome relativo, objeto direto.

5. (UF-Uberlândia) Todos os itens abaixo apresentam o pronome relativo com função de objeto direto, exceto:
a) "Aurélia não se deixava inebriar pelo culto que lhe rendiam".
b) "Está fadigada de ontem? perguntou a viúva com a expressão de afetada ternura que exigia o seu cargo".
c) "... com a riqueza que lhe deixou seu avô, sozinha no mundo, por força que havia de ser enganada".
d) "... O Lemos não estava de todo restabelecido do atordoamento que sofrera".
e) "Não o entendiam assim aquelas três criaturas, que se desviviam pelo ente querido".

6. (FEI-SP) Em: "Usando do direito <u>que</u> <u>lhe</u> confere a Constituição", as palavras grifadas exercem a função respectivamente de:
a) objeto direto e objeto direto;
b) sujeito e objeto direto;
c) objeto indireto e sujeito;
d) sujeito e sujeito;
e) objeto direto e objeto indireto.

7. (UFF) Numa das alternativas abaixo, a função sintática do pronome relativo é a mesma que seu antecedente exerce na oração principal. Assinale-a.
a) Depois disso, entrou-se na era do vale-tudo, que desembocou nos aniquilamentos de Hiroshima e Nagasaki.
b) Hiroshima desapareceu sob o clarão de uma explosão que provocou, quase instantaneamente, a morte de cem mil pessoas.
c) Como não houve qualquer ataque, muitos japoneses que estavam em terra imaginaram tratar-se de uma provocação.
d) As bombas que os EUA jogaram sobre o Japão tinham como alvo a URSS.
e) A bordo do navio Augusta, que retornava para os EUA, Truman autorizou o bombardeio.

8. (UFF) Assinale a opção em que um <u>pronome relativo</u> apresenta <u>a mesma função sintática</u> do *<u>que</u>* no fragmento "e em vez de nos guardarem as fazendas, são os que maior estrago nos fazem nelas".
a) "O primeiro réu que condenei era um moço limpo".

b) "Contestou que lhe coubesse a iniciativa ou inspiração do crime".
c) "Alguém foi que lembrou esse modo de sacudir".
d) "Mas Deus, que via os corações, diria ao criminoso verdadeiro o merecido castigo".
e) "Ao contrário, o defensor mostrou que o abatimento e a palidez significavam a lástima da inocência caluniada.

9. (Rural) Em "Descobririas o menino que sustenta esse homem", a análise correta é:
a) TU – sujeito de "descobririas"; O MENINO – sujeito de "sustenta".
b) O MENINO – objeto direto; ESSE HOMEM – sujeito.
c) QUE – sujeito; ESSE HOMEM – objeto direto.
d) O MENINO – sujeito; ESSE HOMEM – objeto direto.
e) QUE – objeto direto; O MENINO – sujeito.

10. (Mack) Nas frases abaixo, o pronome oblíquo está corretamente classificado, exceto em:
a) "Fugia-lhe é certo, metia o papel no bolso ..." (objeto indireto).
b) "... ou pedir-me à noite a bênção do costume" (objeto indireto).
c) "Todas essas ações eram repulsivas: eu tolerava-as ..." (objeto direto).
d) "... que vivia mais perto de mim que ninguém" (objeto indireto).
e) "... eu jurava matá-los a ambos ..." (objeto direto).

11. (NCE) "... pois ninguém se interessa pelo que nelas acontece..." Assinale o comentário incorreto sobre os elementos participantes desse trecho:
a) a segunda oração depende semanticamente da primeira;
b) o antecedente do relativo QUE é o pronome demonstrativo O;
c) o uso da preposição EM (nelas) indica semanticamente lugar;
d) o pronome indefinido NINGUÉM indetermina o sujeito da oração;
e) o uso do pronome pessoal ELAS evita a repetição de termos idênticos.

12. (NCE) "O exemplo de Los Angeles, onde grupos sociais se organizaram para buscar soluções para seus problemas..." Assinale o comentário incorreto sobre o segmento destacado:
a) ONDE é um advérbio de lugar.
b) ONDE se refere a Los Angeles.
c) GRUPOS SOCIAIS exerce a função de sujeito.
d) O pronome SE se refere a "GRUPOS SOCIAIS".
e) O pronome SE exerce a função de objeto direto.

13. Nas frases "Não tememos o que o deputado vai dizer na CPI" e "Gostamos do que se disse na CPI", o termo QUE exerce, respectivamente, a função de:
a) objeto direto – sujeito;
b) objeto direto – objeto direto;
c) sujeito – sujeito;
d) sujeito – objeto direto;
e) complemento nominal – complemento nominal.

14. (NCE) Assinale o comentário inadequado sobre a oração daquele lugar onde se matam pobres de fome e crianças à bala.
a) A frase se encontra na voz passiva sintética ou pronominal.
b) O uso do demonstrativo AQUELE tem valor pejorativo.
c) A conjunção coordenada une de fome e à bala.
d) ONDE tem sentido dêitico.
e) De fome e à bala têm função de adjuntos adverbiais.

15. (Farias Brito) "Um prólogo a um livro de versos é cousa que se não lê, e quase sempre com razão" (Silvio Romero). O verbo "lê":
a) está na voz passiva e seu sujeito é "que";
b) está na voz ativa, seu sujeito é "cousa" e seu objeto direto é "versos";
c) está na voz reflexiva, e o sujeito "versos" pratica e recebe a ação, ao mesmo tempo;
d) sugere reciprocidade de ação, pois há troca de ações entre os "versos" e quem os lê;
e) funciona acidentalmente como verbo de ligação, com predicativo oculto.

16. "Não tenho confiança no que você diz". Em relação a este período só não podemos afirmar:
a) a segunda oração é subordinada adjetiva restritiva;
b) a função sintática de "no" é complemento nominal;
c) "que" funciona como objeto direto;
d) "no" é a contração da preposição EM com o artigo o;
e) "confiança" é objeto direto da primeira oração.

17. (NCE) A única alternativa em que a palavra SE exerce função sintática é:
a) "Ao se debruçar sobre ela..."
b) "... experimenta-se o sabor do infinito..."
c) "... destrancam-se as portas..."

d) "... a pessoa se inscreve no enredo do mundo".
e) "Num momento em que se percebe que a passagem pela escola..."

18. (Cespe – UnB)
Ninguém fica indiferente à publicidade televisiva.
Não deixe seus pulmões correrem o risco de uma golfada de livre.
A publicidade é usada com a finalidade de iludir as pessoas.
Considerando os trechos acima, assinale o item que contém, respectivamente, a função sintática dos termos sublinhados:
a) complemento nominal / objeto direto / predicativo do sujeito
b) complemento nominal / sujeito / objeto direto
c) objeto indireto / objeto direto / adjunto adverbial
d) complemento nominal / objeto direto / adjunto adnominal
e) adjunto adnominal / sujeito / complemento nominal

19. (Bacen – Esaf) Assinale a opção incorreta a respeito das estruturas linguísticas do texto abaixo.
Temos uma legislação processual com dispositivos que permitem ao devedor, a pretexto de questionar uma cláusula contratual ou uma garantia dada em uma operação, deixar de pagar o principal. O que isso traz de consequência? Traz um aumento muito grande de inadimplência, que se traduz em um aumento de custo para o tomador. O prejuízo operacional sofrido pela instituição financeira, em decorrência dessa inadimplência, faz com que os bons pagadores acabem arcando com parte dessa conta, suportando uma taxa de juro maior e até desestimulando outros tomadores, que gostariam de expandir ou crescer seus empreendimentos com apoio no crédito.
(Gabriel Jorge Ferreira, em entrevista à *Resenha BM&F*, com adaptações.)
a) A forma verbal "Temos", ao iniciar o texto, indica que autor e leitores partilham a situação que vem descrita a seguir.
b) A oração "deixar de pagar o principal" (l. 2 e 3), apesar de não ter sujeito gramatical, refere-se semanticamente a "devedor"(l. 1).
c) O pronome "que" (l. 4) refere-se a "inadimplência" (l. 3) e constitui o sujeito da oração em que ocorre.
d) A oração reduzida "sofrido pela instituição financeira" (l. 4 e 5) corresponde à ideia que também pode ser expressa pela oração que a instituição financeira sofreu.
e) "Dessa inadimplência" (l. 5) constitui o sujeito da oração que tem como predicado "faz" (l. 5).

20. (Cespe-UnB) Considerando-se o trecho "Havia os que tinham medo, havia os que falavam de castigo", marque o item em que a afirmação está correta.

a) Ambas as palavras sublinhadas são pronomes pessoais retos e funcionam como sujeito do verbo "haver".

b) Ambas as palavras sublinhadas são pronomes pessoais oblíquos e funcionam como sujeito do verbo "haver".

c) Apenas a primeira palavra sublinhada é pronome demonstrativo e funciona como sujeito do verbo "haver".

d) Ambas as palavras sublinhadas são pronomes demonstrativos e funcionam como objeto direto.

e) Apenas a segunda palavra sublinhada é pronome demonstrativo e funciona como sujeito da oração seguinte.

21. Assinale a opção em que o pronome oblíquo possui função sintática.

a) Eu já me esqueci de tudo.

b) Eles se recordaram do passado.

c) Tu te lembras do ocorrido?

d) Lembraram-me que haverá expediente.

e) Vive-se bem no Rio de Janeiro.

22. Assinale a opção em que o pronome oblíquo possui função sintática.

a) Ele se referia simplesmente ao ócio.

b) Ajoelhamo-nos e rezamos por nossos pecados.

c) Entendeu-se finalmente que aquela seria a melhor opção.

d) Já não se assiste a filmes tão bons como antigamente.

e) Eles se amaram como dois animais (Alceu Valença).

23. (NCE – TRT) No segmento "... surgiram as condições sociais que tornaram possível o aparecimento do Direito do Trabalho...", o pronome relativo "que" retoma um termo anterior que passa a ser sujeito da oração seguinte. Em quantos segmentos a seguir essa mesma estrutura se repete?

1º – "... representam a base que possibilitou o desenvolvimento da nova economia".

2º – "... igual ao patrão que o contratava".

3º – "... era muito inferior ao que se exigia do artesão qualificado na época precedente".

4º – "... para efetuar as simples tarefas que as máquinas ainda eram incapazes de fazer".

a) 1

b) 2

c) 3
d) 4
e) nenhum

24. (TJ – NCE) "... com hábitos que tornam necessários muitos bens produzidos pela indústria,..." O comentário adequado à estrutura desse segmento do texto é:
a) A forma "necessários" poderia ser substituída, de modo correto, por "necessário".
b) O pronome "que" refere-se a "hábitos" e é sujeito do verbo seguinte.
c) "Pela indústria" representa o paciente da ação verbal.
d) O pronome indefinido "muitos" concorda com "produzidos".
e) O verbo "tornar" está no plural porque concorda com o sujeito "bens".

Capítulo 22

Classificação de Orações

Amigo leitor, as orações coordenadas e as subordinadas adverbiais já foram analisadas no estudo de conjunções. Faremos aqui uma revisão. É bom lembrar que as conjunções são o principal elemento de coesão textual – daí inclusive se justificam as nomenclaturas "coordenativa" ou "subordinativa". O sufixo "ativo" possui valor agente, indicando que a conjunção coordena ou subordina; por consequência, a oração ficará coordenada ou subordinada. Cabe, neste momento, a análise também de orações sem conjunções, sobretudo as reduzidas.

22.1. Orações coordenadas

Principal característica: são independentes.

22.1.1. Assindéticas

Sem uso de conectivos.

Ex.: Maria lava, passa, prepara a comida...

A frase é composta por três orações e não há conectivo ligando-as, portanto as três orações são coordenadas assindéticas.

22.1.2. Sindéticas

Com uso de conectivos. A seguir, veremos uma relação de orações coordenadas sindéticas.

22.1.2.1. Aditivas

Dão ideia de adição, soma, acréscimo. As conjunções e locuções conjuntivas mais comuns são: E, NEM, MAS TAMBÉM, COMO TAMBÉM, OUTROSSIM, TAMPOUCO.

Ex.: "... ainda há tempo de salvar o Brasil e já conseguiu a adesão de todos os Homens..." (Luis Fernando Verissimo).

"O outro homem não o saudamos, nem ele nos viu" (Eça de Queirós).

22.1.2.2. Adversativas

Expõem ideia de contrariedade, adversidade, oposição à expectativa criada na outra oração. As conjunções mais comuns são:

MAS, PORÉM, CONTUDO, TODAVIA, ENTRETANTO, NO ENTANTO e NÃO OBSTANTE.

Ex.: Maria não estava triste, contudo chorou copiosamente.

"Não me queixo, mas sofro" (José de Alencar).

Obs.: É mais importante o candidato preocupar-se com a ideia que passa a oração do que decorar conjunções. Observe os exemplos seguintes:

Foi à praia e não tomou banho de mar.

Não só foi à praia mas também tomou banho de mar.

? Na primeira frase, apesar de aparecer a conjunção E, a ideia que ocorre é de adversidade, pois é criada uma expectativa na primeira oração, contudo a segunda não concretiza a expectativa criada. Quando se fala FOI

À PRAIA, espera-se que a pessoa TOME BANHO DE MAR, no entanto tal não ocorre.

Já na segunda frase, apesar de aparecer a palavra MAS, a ideia é de soma, pois o indivíduo foi à praia e tomou banho de mar, ou seja, praticou as duas ações. É sempre interessante não esquecer que estruturas iniciadas por "não apenas", "não só" ou "não somente", inevitavelmente, vão desembocar em orações aditivas. Isso acontece, pois, como o termo "não" tem a função de negar os elementos restritivos "somente", "só" e "apenas", além de a ação exposta naquela oração se efetivar, também a ação exposta na oração seguinte se realizará. Voltando ao exemplo "Ele não só foi à praia", se não houvesse o "não", ele somente teria ido à praia e não haveria feito mais nada. Mas como o "não" negou o "só", "Ele não só foi à praia", como também realizou outra ação.

22.1.2.3. Alternativas

Relatam ideia de opção, escolha, alternância. As conjunções mais comuns são: OU...OU, ORA...ORA, QUER...QUER.

Ex.: "Ser ou não ser..." (W. Shakespeare).

"Ou porque o amor antigo o obrigava,
ou porque a gente forte o merecia" (Camões).

Ora eu vejo um bom filme ora eu ouço música.

"É o meu maior prazer vê-lo brilhar seja na terra seja no mar" (Lamartine Babo).

? Nas duas primeiras frases, a conjunção OU introduz uma ideia de opção, escolha que se contrapõe à oração anterior.

Na duas últimas frases, as conjunções ORA e SEJA introduzem nas orações a ideia de fatos que se alternam.

Obs.: Às vezes, a conjunção "ou" pode possuir valor aditivo, como na frase:

"Estamos preparados para dormir ou para ficar acordados."

? Observe que, na realidade, nós estamos preparados para as duas ações: dormir e ficar acordados.

22.1.2.4. Conclusivas

Expressam ideia de CONCLUSÃO, DEDUÇÃO, SUPOSIÇÃO. As conjunções mais comuns são: ENTÃO, LOGO, PORTANTO.

"Penso, logo existo" (R. Descartes).

Minha mulher preparou o almoço, logo a comida está insuportável.

? Nas duas frases, observe que a ideia que fica mais clara é a de dedução; no primeiro caso, uma dedução filosófica e, no segundo caso, uma dedução baseada provavelmente em experiências anteriores que levam o sujeito (EU – IMPLÍCITO) a chegar a esta conclusão.

22.1.2.5. Explicativas

Designam valor de EXPLICAÇÃO. As conjunções mais comuns são QUE, PORQUE, JÁ QUE, VISTO QUE, PORQUANTO...

Obs.: Normalmente o verbo da outra oração se encontra no **IMPERATIVO.**

Ex.: Vem logo, que já está tarde.

Não fales mais nada, porque tuas palavras podem ser prejudiciais a ti.

? Nas duas frases, QUE e PORQUE introduzem uma explicação para a ordem (daí o uso do IMPERATIVO) que ocorre na oração anterior.

Obs.: Ocorre mais raramente o fato de uma oração coordenada explicativa aparecer numa situação em que o verbo da outra oração não esteja no imperativo. Tal acontece quando não houver uma relação causa-efeito.

Manoel esteve aqui, uma vez que eu vi a chave dele.

? Não se pode dizer que “eu ver a chave dele” é a causa de “Manoel ter estado aqui”. Então o fato de a chave de Manoel estar ali, no máximo, esclarece ou explica que ele esteve ali.

João bebeu cerveja, visto que deixou o copo sujo na pia.

? É inviável compreender que “João ter deixado o copo sujo na pia” seja a causa de “ele ter bebido cerveja”. No entanto, o fato de haver o copo sujo na pia esclarece ou explica que João bebeu cerveja.

22.2. Exercícios

1. Correlacione:

(1) O. C. S. ADITIVA

(2) O. C. S. ADVERSATIVA

(3) O. C. S. ALTERNATIVA

(4) O. C. S. CONCLUSIVA

(5) O. C. S. EXPLICATIVA

( ) Não falem muito, porque já estão atrapalhando a concentração do professor.

( ) Não veio à escola, portanto deve estar muito doente.

( ) Ou ele estuda ou sai do colégio.

( ) O professor não só come muito, mas também bebe demasiadamente.

( ) Sinfrô colocou o seu melhor vestido e não foi à festa.

( ) Não sei nem quero saber dos seus problemas.

( ) Falei a verdade, entretanto ninguém acredita em mim.

( ) Ora ele diz uma coisa ora ele diz outra.

( ) Ele não assistiu às aulas, portanto não tem condições de fazer a prova.

( ) Fale a verdade, que não será castigado.

2. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a conjunção E está empregada com valor adversativo:

a) “Deixou viúva e órfãos miúdos”.

b) “Para diminuir a mortalidade e aumentar a produção, proibi a aguardente”.

c) “Tenho visto criaturas que trabalham demais e não progridem”.

d) “Iniciei a pomicultura e a avicultura”.

e) “Perdi dois caboclos e levei um tiro de emboscada”.

3. (NCE) "Na verdade, a palavra escrita não apenas permanece..." O segmento sublinhado indica que, na progressão do texto, vai aparecer um segmento com valor de:
a) comparação;
b) retificação;
c) condição;
d) adição;
e) alternância.

22.3. Orações subordinadas

A oração subordinada é apenas uma função sintática da oração principal.

22.3.1. Substantivas

Podem ser substituídas pela palavra "ISSO". Funcionam como substantivos. O termo que normalmente introduz as orações subordinadas substantivas é a conjunção integrante.

22.3.1.1. Subjetivas

Funcionam como sujeito da oração principal.

Ex.: Convém que você volte logo (isso).

? Isso convém.

ISSO é sujeito, portanto a oração QUE VOCÊ VOLTE LOGO é sujeito da oração principal. A oração é subordinada substantiva subjetiva.

Obs.: A única diferença entre a oração subordinada substantiva subjetiva e um sujeito não oracional é que o primeiro contém verbo, por isso forma uma oração. Cada oração possui seu sujeito, seu predicado... Então, se uma oração for subjetiva, inevitavelmente (mesmo ela tendo o seu próprio sujeito) funcionará como sujeito da outra. Sendo assim, caso seja determinado identificar o sujeito das duas orações na frase dada como exemplo, a resposta seria:

QUE VOCÊ VOLTE LOGO – sujeito da oração principal e VOCÊ, sujeito da oração subordinada.

Outros exemplos: É importante que tudo se resolva.

Dir-se-ia que estava debaixo do império de algum terrível pressentimento (Bernardo Guimarães).

Será fundamental resolver o trabalho.

BIZU

Não é coincidência o fato de, em todos os exemplos, o verbo da oração principal estar sempre na terceira pessoa do singular. Tal se justifica em virtude de o verbo ser obrigado a concordar com o sujeito – que no caso é oracional (a pessoa da oração é a terceira pessoa do singular, ainda que todos os vocábulos nela presentes estejam no plural).

22.3.1.2. Objetivas diretas

Funcionam como objeto direto da oração principal.

Ex.: "Eu disse que havia muitos herdeiros à coroa de Portugal" (Carlos Olavo).

? A oração sublinhada pode ser substituída pela palavra ISSO ("Eu disse isso"). ISSO é objeto direto, portanto a oração é subordinada substantiva objetiva direta.

Obs.: Se a banca pedir, na frase utilizada como exemplo, todos os complementos verbais, o candidato deve lembrar-se de que complemento de verbo é objeto e, se a oração subordinada substantiva é objetiva direta, é porque ela funciona como objeto direto da oração principal. Portanto, a resposta completa seria: "que havia

muitos herdeiros à coroa de Portugal" – objeto direto da oração principal; MUITOS HERDEIROS – objeto direto da oração subordinada.

Outros exemplos: Garanto que tudo será resolvido.
Peço que tenham calma.
Permiti que todos saíssem.
Ele perguntou se estava tudo bem.

22.3.1.3. Objetivas indiretas

Funcionam como objeto indireto da oração principal.

Ex.: Necessito de que tenham calma (disso).

? DISSO é objeto indireto, pois está completando a ideia do verbo NECESSITO com a preposição DE, portanto a oração é subordinada substantiva objetiva indireta.

Outros exemplos: Não devo concordar com que faças isso.
Pedi um favor a quem estava presente.
Lembrei-me de que ainda não descansei.
Interessei-me por que viesses logo.

22.3.1.4. Completivas nominais

Funcionam como complemento nominal da oração principal.

Ex.: Tenho certeza de que tudo se resolverá (disso).

? DISSO é complemento nominal, pois completa a ideia do nome CERTEZA com a preposição DE, portanto a oração é subordinada substantiva completiva nominal.

Outros exemplos: Manifestei interesse por que viesses logo.
Sinto necessidade de que me deem uma cerveja.
ou contrário a que tomes uma posição intransigente.

22.3.1.5. Predicativas

Funcionam como predicativo do sujeito da oração principal.

Ex.: "O certo é que ele ... esbarrou com um velho amigo" (Fernando Sabino).

? A oração QUE ELE ... ESBARROU COM UM VELHO AMIGO pode ser substituída pela palavra ISSO e funciona como predicativo do sujeito da oração principal, portanto a oração é subordinada substantiva predicativa.

Outros exemplos: Meus votos são que você se restabeleça logo.
O meu pedido é que não perturbem.
O provável é que tudo acabe bem.

22.3.1.6. Apositivas

Funcionam como aposto da oração principal. Neste caso, a substituição da oração pela palavra ISSO torna-se inviável, contudo a percepção de que a oração é apositiva não é das mais difíceis, até porque normalmente esta oração aparecerá depois de dois-pontos. É também importante lembrar que a oração apositiva é apenas um aposto que possui um verbo, formando uma oração.

Ex.: Só digo cinco palavras: que o Flamengo será campeão.

QUE O FLA SERÁ CAMPEÃO é um aposto que forma uma oração, pois possui verbo. Logo, a oração é subordinada substantiva apositiva.

Obs.: Os DOIS-PONTOS serão substituídos por uma vírgula quando a oração apositiva estiver anteposta à oração principal.

Ex.: Que tragam cerveja, só peço esse favor.

? Observe que, se invertermos o posicionamento das duas orações, os DOIS-PONTOS aparecem na frase – Só peço este favor: QUE TRAGAM CERVEJA.

Outros exemplos: Só tenho certeza de um fato: que todos nós, um dia, morreremos.

Que a Princesa morreu, foi essa a única notícia de que tivemos conhecimento.

Só entendi uma coisa: que ele não virá.

22.3.1.7. Agentes da passiva

Funcionam como agente da passiva da oração principal. Aqui também se torna inviável a substituição da oração pela palavra ISSO. É bastante fácil identificar esta oração, pois apresentará sempre a mesma estrutura. Para que haja um agente da passiva oracional, é necessário haver uma voz passiva analítica (verbo SER + VTD no particípio) e depois POR QUEM.

Ex.: O exercício foi resolvido por quem estudou.

? POR QUEM ESTUDOU funciona como agente da passiva, da mesma forma que PELO ALUNO. Distinguem-se os dois pelo fato de o primeiro possuir um verbo, formando, assim, uma oração, que terá a função de agente da passiva.

Outros exemplos: O campeonato será vencido por quem acumular mais pontos.

A resposta é dada por quem pesquisa.

O pedido foi feito por quem tinha interesse.

Obs.: A Nomenclatura Gramatical Brasileira não prevê esta oração. Contudo, vários gramáticos – dentre eles, Celso Cunha – reconhecem a sua existência.

BIZU

É fundamental explicar que as bancas não têm solicitado ao candidato a classificação das orações como se fazia tradicionalmente.

Isso não quer dizer que o assunto não caia em prova. Neste momento, aqui será esclarecido como o assunto se faz presente nos concursos. Como já fora informado, a oração subordinada é apenas uma função sintática da oração principal. Logo se uma oração é subjetiva, funciona como sujeito... então a oração subordinada é sujeito da oração principal, exigindo, inclusive, que o verbo da oração principal esteja na terceira pessoa do singular, para que se faça a perfeita concordância (é bom realçar o fato de que a pessoa de qualquer oração é a terceira do singular – corresponde a um fato –, mesmo que todos os termos nela presentes estejam no plural. Então, sendo a oração subjetiva, o verbo da oração principal estará sempre na terceira pessoa do singular). Na frase "Convém que vocês estudem bastante", a forma verbal "Convém" encontra-se na terceira pessoa do singular para concordar com o seu sujeito – a oração subordinada – "que vocês estudem".

Às vezes, é solicitado ao candidato o reconhecimento de termos que contenham a mesma função sintática. Na frase "Garanto que eles farão o trabalho", os termos "que eles farão o trabalho" e "o trabalho" possuem a mesma função. Explica-se: a oração "que eles farão o trabalho" é objetiva direta, logo funciona como objeto direto da oração principal e o termo "o trabalho" também é objeto direto, só que da oração subordinada.

É também um caso ocorrente em concursos o pedido de substituição de uma oração por uma forma nominal correspondente. Se a oração for substantiva, torna-se necessário transformar o verbo – a fim de excluir a oração – em substantivo.

Ex.: É certo que ele vem.

? Para que se proceda à substituição da oração subordinada por uma forma nominal correspondente, é necessário que se transforme o verbo VIR em substantivo, resultando "vinda". Portanto, o resultado é: "É certa a vinda dele".

Obs.: Os autores Rocha Lima e Evanildo Bechara registram ainda a denominação oração subordinada substantiva completiva relativa – funcionaria como a objetiva indireta, contudo o complemento não seria a pessoa ou a coisa a que se destina a ação, mas a coisa sobre a qual recai a ação. Nas provas, esta classificação é absorvida pela oração subordinada substantiva objetiva indireta.

Convém informar que, o complemento sendo oracional, é comum a preposição ser suprimida.

Ex.: Acredito (em) que haverá aula.

Gostariamos (de) que ele viesse.

Importantíssimo é o leitor, desde já, possuir o conceito de oração reduzida. Trata-se de oração sem conjunção ou pronome relativo – a preposição é mantida quando houver –, e o verbo estará numa das formas nominais: infinitivo, gerúndio ou particípio. No caso das orações subordinadas substantivas, só há a redução com verbos no infinitivo.

Ex.:

ORAÇÃO DESENVOLVIDA	ORAÇÃO REDUZIDA
Convém que estudemos bastante.	Convém estudarmos bastante.
Não há necessidade de que ele venha.	Não há necessidade de ele vir.
Garanto que João fará o trabalho.	Garanto João fazer o trabalho.
O certo é que vocês não parem.	O certo é vocês não pararem.

? No primeiro par, as orações subordinadas substantivas são subjetivas. No segundo, as orações são completivas nominais, no terceiro, são objetivas diretas. No quarto, são predicativas.

Obs.: É possível em alguns casos a omissão da conjunção integrante. Normalmente, tal ocorre quando o verbo exprimir uma solicitação ou ordem.

Ex.: Solicito a V. Sª. (que) indique o endereço.

Determinamos (que) seja convocada a testemunha.

Pode-se, nestes períodos, extrair a conjunção integrante sem prejuízo semântico ou sintático.

Obs.: As orações interrogativas indiretas se unem às principais através de pronomes ou advérbios interrogativos, sem a presença da conjunção integrante. Tal ocorre quase sempre com orações subordinadas substantivas objetivas diretas.

Ex.: Perguntei para onde eles iriam.

? Substituindo a segunda oração "para onde eles iriam" pela palavra "isso", percebe-se que a oração funciona como objeto direto, mesmo havendo a preposição PARA. Esta preposição é decorrente da interrogação (Para onde eles vão?) e não da regência do verbo "perguntar".

Ex.: "Às vezes você me pergunta por que eu sou tão calado..." (Raul Seixas).

A oração "por que eu sou tão calado" funciona como objeto direto do verbo "pergunta". A preposição POR não é decorrente da regência do verbo "perguntar" e sim do questionamento (Por que eu sou tão calado?).

Ex.: "Agora eu lhes mostro com quantos paus se faz uma canoa" (Graciliano Ramos).

? A preposição COM não é decorrente da regência do verbo da oração anterior e sim do questionamento (Com quantos paus se faz uma

canoa?). A oração "com quantos paus se faz uma canoa funciona como objeto direto da forma verbal "mostra".

Obs.: Há também a ocorrência de orações justapostas, sem a presença da conjunção integrante. Basta, no caso, apenas a sua natural sequência. Normalmente, essas situações acontecem em orações objetivas diretas ou apositivas e funcionam de forma quase independente.

Ex.: Fiz apenas este pedido: tragam o material.

? Observe que as duas orações são praticamente independentes, não havendo necessidade da conjunção integrante. A segunda oração é subordinada substantiva apositiva.

Ele disse aos parentes: não demorem muito!

? As duas orações são praticamente independentes, sendo que a segunda funciona como objeto direto da primeira.

22.4. Exercícios

1. Correlacione.

(1) ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA SUBJETIVA
(2) ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA OBJETIVA DIRETA
(3) ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA OBJETIVA INDIRETA
(4) ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA COMPLETIVA NOMINAL
(5) ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA PREDICATIVA
(6) ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA APOSITIVA
(7) ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA AGENTE DA PASSIVA

( ) Não concordo com que falem palavrões aqui.
( ) Ele não informou se haverá aula.
( ) O esperado é que ele ainda chegue.
( ) Compreendeu-se que amanhã haverá aula.
( ) A matéria foi entendida por quem a estudou.
( ) Convém que todos estudem bastante.
( ) Avisamos a seguinte notícia: que no feriado não haverá aula.
( ) Tínhamos esperança de que houvesse aula.
( ) Somos favoráveis a que se mantenha o corpo docente.

( ) Precisamos de que tudo se resolva rapidamente.
( ) Pedi que chegassem logo.
( ) O fundamental é que todos estejam presentes.
( ) É fundamental que todos estejam presentes.
( ) O assunto foi mencionado por quem o pesquisou.
( ) As minhas intenções são que tudo se resolva.
( ) Tens certeza de que ele ainda virá?
( ) Ele não esclareceu sobre o que fala o livro.

2. (Analista de Controle Interno – Sefaz-RJ – FGV) Ao analisar o progresso da humanidade, percebe-se que o desenvolvimento social e econômico foi possível porque o homem sistematizou formas de organização entre os povos.
Assinale a alternativa em que a oração desempenhe função sintática DISTINTA da de *que o desenvolvimento social e econômico foi possível*.
a) Entende-se que a arrecadação incidente sobre os diversos setores produtivos é necessária para a manutenção da máquina governamental, para a sustentação do Estado em suas atribuições sociais e para aplicação na melhoria da qualidade de vida da população.
b) É imprescindível que a tributação seja suportável.
c) É dever do Estado manter as necessidades básicas da população.
d) É de fundamental importância que esse profissional aprimore seu entendimento tributário.
e) Entretanto, interesses diversos sempre deixaram a sociedade à margem do processo, como se ela não precisasse participar de forma efetiva das decisões econômicas e, em contrapartida, contribuir de forma direta e irrestrita para a própria sustentação.

3. (PUC-Rio)
"Espia se ele está na esquina".
Qual das opções abaixo não analisa corretamente esse período?
a) Período composto por subordinação.
b) Conjunção integrante iniciando a 2ª oração.
c) Verbo da 1ª oração: transitivo direto.
d) Verbo da 2ª oração: de ligação.
e) Frase em discurso direto.

4. (Técnico Judiciário – TJ – FCC) *Os historiadores estimam que 4 milhões de africanos foram trazidos à força para o Brasil*.

A função sintática do segmento grifado acima é a mesma do segmento também grifado em:

a) *Os negros vindos da África trabalharam nas lavouras de cana-de-açúcar e café...*

b) *O Valongo deixou de ser porto negreiro em 1831...*

c) *Sobre ele, o Império construiu o Cais da Imperatriz...*

d) *... justamente onde funcionavam as principais repartições públicas da Colônia.*

e) *... os burocratas começaram a ficar perturbados com as cenas degradantes do mercado de escravos.*

5. Se suprimirmos o pronome indefindo "Ninguém" e acrescentarmos "se" à forma verbal "informou", na frase "Ninguém informou que haverá aula", o sujeito da oração principal é:

a) ninguém;

b) aula;

c) indeterminado;

d) que haverá aula;

e) inexistente.

6. (NCE) "... Quer sempre que alguém lhe dê atenção e que todos a respeitem". Transformando a última oração em forma nominal, temos como forma adequada:

a) (quer) que seja respeitada por todos;

b) (quer) que haja respeito por parte de todos;

c) (quer) respeito de todos;

d) (quer) que se respeite a todos;

e) (quer) que todos sejam respeitados.

7. (NCE – Oficial de Justiça – TJ) "Causa certo desconforto intelectual ver substituídas por objetos de consumo as discussões sobre liberdade e o heroísmo dos atos que levaram à sua preservação em múltiplos domínios da existência humana." O comentário correto a respeito desse segmento do texto é:

a) Os sujeitos de "causa" e "levaram" estão pospostos.

b "Substituídas" é adjetivo que só se refere semanticamente ao substantivo "discussões".

c) O pronome "sua" se refere semanticamente a "heroísmo".

d) "Substituídas" e "heroísmo" são vocábulos acentuados pela mesma razão.

e) O pronome relativo "que" tem por antecedente "heroísmo".

8. (NCE – Técnico Judiciário Juramentado – TJ) "... é necessário diminuir as distâncias sociais..." Se reescrevermos esse segmento do texto com a transformação da oração reduzida em forma nominal, teremos:

a) É necessária a diminuição das distâncias sociais.
b) É necessário que diminuamos as distâncias sociais.
c) É necessário que as distâncias sociais sejam diminuídas.
d) Há necessidade de se diminuírem as distâncias sociais.
e) Há necessidade da diminuição das distâncias sociais.

9. Em relação ao texto abaixo, assinale a opção em que dois termos não possuam a mesma função sintática.

Houve um tempo em que a interpretação dos militares brasileiros sobre Lei e Ordem era rasgar as leis e ferir a ordem. Hoje em dia, eles demonstram com convicção terem aprendido o que não podem fazer. Acompanham com atenção os índices de popularidade das Forças Armadas, que vem aumentando ano após ano desde 94.

Numa pesquisa feita em maio, registrou-se que 75% dos brasileiros confiam nas Forças Armadas, e só 20% não confiam.

a) "um tempo" (l. 1) – "rasgar as leis e ferir a ordem" (l. 2)
b) "terem aprendido o" (l. 3) – "que" (l. 2/3)
c) "em que" (l. 1) – "Hoje em dia" (l. 2)
d) "o" (l. 3) – os índices de popularidade das Forças Armadas (l. 3/4)
e) "que 75% dos brasileiros confiam nas Forças Armadas" (l. 5/6) – "75% dos brasileiros" (l. 5)

22.5. Orações subordinadas adjetivas

O pronome relativo sempre introduz uma oração subordinada adjetiva. São pronomes relativos O QUAL, A QUAL, OS QUAIS, AS QUAIS ou quaisquer outros termos que possam ser substituídos por estes já mencionados. São também pronomes relativos CUJO, CUJA, CUJOS e CUJAS.

Ex.: Roubaram o relógio que (O QUAL) comprei ontem.

? A oração sublinhada introduzida pelo pronome relativo QUE é subordinada adjetiva.

O bairro onde (NO QUAL) moro é muito bonito.

? ONDE MORO é uma oração subordinada adjetiva, pois ONDE é pronome relativo, fato que é constatado pela possibilidade de substituição por NO QUAL.

A oração subordinada adjetiva pode ser restritiva ou explicativa. Será restritiva quando não estiver isolada através de vírgula, travessão ou parênteses, e será explicativa se as pontuações aludidas procederem ao seu isolamento.

Ex.: Os operários que (os quais) fizeram greve foram demitidos.
Os operários – que (os quais) fizeram greve – foram demitidos.

Obs.: É fundamental lembrar que, nos atuais concursos públicos, é muito difícil as bancas solicitarem ao candidato a classificação de uma oração, o que não significa o assunto quedar-se ausente nas provas. A exigência hoje é a percepção de que a pontuação altera muito mais do que uma mera classificação de oração, modificando também o seu valor semântico. Então, retornando às duas frases, utilizadas no exemplo, tem-se: em ambas, o QUE é pronome relativo; contudo, na primeira frase, o pronome relativo não é precedido de pontuação, portanto a oração é subordinada adjetiva restritiva. Sendo assim, a ideia é de restrição. As palavras que melhor expressam essa ideia são SOMENTE, SÓ, APENAS. A ideia contida na primeira frase é "somente os operários que fizeram greve serão demitidos"; já na segunda frase, a oração adjetiva é isolada através de travessões, por conseguinte a oração é subordinada adjetiva explicativa. Portanto, o candidato deve condicionar-se à ideia de explicação, à ideia de "porquê". A frase deve ser interpretada como: "Os operários foram demitidos porque fizeram greve".

Ex.: Os professores cujos alunos são bagunceiros ficam glabros mais cedo.

? Nem todos os professores ficam glabros mais cedo, somente aquele que tem seus alunos bagunceiros. Portanto a oração CUJOS ALUNOS SÃO BAGUNCEIROS é subordinada adjetiva restritiva.

> Os professores, cujos alunos são bagunceiros, ficam glabros mais cedo.

? A interpretação desta frase é que "os professores ficam glabros mais cedo, pois seus alunos são bagunceiros".

> "O Capitão, que a tudo estava atento,
> Tanto com estas se alegrou..." (Camões).

? O sentido dos dois versos é "O Capitão, visto que a tudo estava atento, tanto com estas se alegrou..."

Obs.: As orações, contendo pronomes indefinidos relativos – pronomes relativos sem antecedentes –, segundo Evanildo Bechara, tanto podem ser classificadas como subordinadas substantivas quanto subordinadas adjetivas. Para Rocha Lima, só cabe a classificação de oração adjetiva. O NCE já a interpretou como oração substantiva.
Ex.: Quem fuma muito morre cedo.

? Para esta frase, caberiam duas interpretações, sendo a primeira: "AQUELE QUE FUMA MUITO MORRE CEDO". A oração "que fuma muito" seria subordinada adjetiva restritiva. Então o pronome relativo indefinido QUEM englobaria os dois termos: o antecedente implícito AQUELE e o relativo QUE. A outra interpretação cabível é a de que, como ocorre com adjetivos que, com a presença de artigo, são substantivados, a oração adjetiva, nessa estrutura, fica substantivada, já que se substitui um ser. Então, a oração QUEM FUMA MUITO representa um ser que funciona como sujeito da oração seguinte. Segundo esta visão, a oração é subordinada substantiva subjetiva – tese esta adotada pelo NCE.

Obs.: Não podemos esquecer que, como já se informou nas orações subordinadas substantivas, toda oração subordinada é apenas uma

função sintática da oração principal. Toda oração subordinada adjetiva é adjunto adnominal da principal.

22.6. Exercícios

1. (Uni-Rio) Assinale o item em que há uma oração, quanto à classificação, idêntica à segunda do período: "Pernoitamos depois junto a um açude lamacento, onde patos nadavam".

a) "As virilhas suadas ardiam-me, o chouto do animal sacolejava-me..".

b) "De onde vinham as figuras desconhecidas para encontrar-nos?"

c) "Fiz o resto da viagem com um moço alegre, que tentou explicar-me as chaminés dos banguês..."

d) "Os mais graúdos percebiam que a viagem era alegre".

e) "Surgiam regatos, cresceram tanto que se transformaram em rios..."

2. (UE-BA) Meu pai, <u>que havia arrancado três dentes</u>, não pôde viajar naquele dia.

A oração grifada classifica-se como subordinada:

a) adverbial temporal;

b) substantiva predicativa;

c) adjetiva restritiva;

d) substantiva apositiva;

e) adjetiva explicativa.

3. (EU-Ponta Grossa-PR)

"Quando o enterro passou

Os homens que se achavam no café

Tiraram o chapéu maquinalmente"

(Manuel Bandeira)

A oração <u>que se achavam no café</u> é:

a) subordinada adverbial condicional;

b) coordenada sindética adversativa;

c) subordinada substantiva subjetiva;

d) subordinada substantiva objetiva direta;

e) subordinada adjetiva restritiva.

4. Maria disse que não virá.

Maria disse o que todos deveriam dizer.

Em relação às frases acima, o único comentário falso é:

a) A segunda oração da primeira frase é subordinada substantiva objetiva direta.

b) O QUE que introduz a segunda oração do primeiro período é conjunção subordinativa integrante.

c) O termo O que surge na segunda oração é pronome demonstrativo.

d) O termo QUE ocorrente na segunda frase é pronome relativo.

e) A primeira oração da segunda frase é MARIA DISSE.

5. Os viajantes, que possuírem passaporte, poderão viajar.

Em relação a esta frase, o único comentário falso é que:

a) Somente os viajantes que possuírem passaporte poderão viajar.

b) Os viajantes poderão viajar porque possuem passaporte.

c) QUE é pronome relativo como classe gramatical e sujeito como função sintática.

d) A segunda oração é QUE POSSUÍREM PASSAPORTE.

e) A oração subordinada é adjetiva explicativa.

6. (PUC) Assinale o período em que há uma oração adjetiva restritiva.

a) A casa onde estou é ótima.

b) Brasília, que é capital do Brasil, é linda.

c) Penso que você é de bom coração.

d) Vê-se que você é de bom coração.

e) Nada obsta a que você se empregue.

7. (Faap) "Não compreendíamos a razão por que o ladrão não montava a cavalo". A oração em destaque é:

a) subordinada adjetiva restritiva;

b) subordinada adjetiva explicativa;

c) subordinada adverbial causal;

d) substantiva objetiva direta;

e) substantiva completiva nominal.

8. (UFPA) Assinale a opção que apresenta um período com oração subordinada adjetiva.

a) Ele falou que compraria a casa.

b) Não fale alto, que ele pode ouvir.

c) Vamos embora, que o dia está amanhecendo.

d) Em time que ganha não se mexe.

e) Parece que a prova não está difícil.

9. (Farias Brito) "O homem que cala e ouve não dissipa o que sabe e aprende o que ignora" (Marquês de Maricá: Máximas). Separando por barras (/) as orações desse período, teremos:

a) O homem que cala / e ouve / não dissipa o que sabe / e aprende o que ignora.
b) O homem / que cala e ouve / não dissipa / o que sabe e aprende / o que ignora.
c) O homem que / cala e ouve / não dissipa o que sabe / e aprende o que ignora.
d) O homem que cala e ouve / não dissipa o que sabe / e aprende o que ignora.
e) O homem / que cala / e ouve / não dissipa o / que sabe / e aprende o / que ignora.

10. (PC-NCE) "Há poucos dias, assistindo a um desses debates universitários que a gente pensa que não vão dar em nada, ouvi um raciocínio que não me saiu mais da cabeça". O comentário correto sobre esse segmento do texto é:

a) Os três quês do texto pertencem à idêntica classe gramatical.
b) A expressão a gente, por dar ideia de quantidade, deve levar o verbo para o plural.
c) A forma verbal vão deveria ser substituída pela forma vai.
d) A forma verbal vão dar transmite ideia de possibilidade.
e) A última oração do texto restringe o sentido do substantivo raciocínio.

11. (PC-NCE) "O que me interessou foi um comentário marginal que ele fez – e o exemplo que escolheu para ilustrar seu comentário". A forma menos adequada de reescrevermos o texto acima, respeitando-se o sentido original, é:

a) Interessou-me um comentário marginal que ele fez – e o exemplo escolhido para ilustrar seu comentário.
b) Interessaram-me não só um comentário marginal que ele fez, como também o exemplo que escolheu para a ilustração de seu comentário.
c) O que me interessou foram um comentário marginal (que ele fez) e o exemplo (que escolheu para ilustrar seu comentário).
d) Um comentário marginal que ele fez e o exemplo que escolheu para ilustrar seu comentário foi o que me interessou.
e) Um comentário marginal feito por ele e o exemplo escolhido para a ilustração de seu comentário foi o que me interessou.

12. (NCE) "Quem fala em flor não diz tudo". Assinale o comentário correto sobre o verso destacado.

a) O sujeito da segunda oração é a oração anterior.
b) O sujeito da primeira oração é a segunda da oração.

c) O objeto direto da primeira oração é a segunda oração.
d) O objeto direto da segunda é a primeira oração.
e) O período formado pelo verso é composto de uma oração absoluta.

22.7. Orações subordinadas adverbiais

Relembrando o que já se informou nas orações substantivas e nas adjetivas, a oração subordinada é apenas uma função sintática da oração principal, cabendo à subordinada adverbial a função de adjunto adverbial. Então, se uma oração é subordinada adverbial causal, conclui-se que funciona como adjunto adverbial de causa; se uma oração é subordinada adverbial temporal, é um adjunto adverbial de tempo...

22.7.1. Causais

Possuem uma ideia de CAUSA, RAZÃO, MOTIVO. São diferentes das ORAÇÕES COORDENADAS EXPLICATIVAS, pois estabelecem a relação causa-efeito. As conjunções mais comuns são: POIS, PORQUE, COMO, JÁ QUE, VISTO QUE, PORQUANTO...

Ex.: Trabalho muito porque preciso de dinheiro.
Como estava frio, saí de casaco.
Já que ele foi embora, vou também.

? As conjunções PORQUE, COMO e JÁ QUE introduzem uma ideia de causa para o fato que ocorre na outra oração.

Relembremos a diferença semântica que sugere a conjunção POIS nas frases a seguir.

Ele ainda não chegou; está, pois, preso no trânsito.
Ele ainda não chegou, pois está preso no trânsito.
Volte logo, pois está tarde.

? Observe que o primeiro POIS está numa oração que tem ideia de dedução. Não se tem a informação de que ELE ESTÁ PRESO NO

TRÂNSITO, então se procede a esta dedução. Sendo assim, o primeiro POIS é uma CONJUNÇÃO COORDENATIVA CONCLUSIVA.

? Observe que o segundo POIS introduz uma ideia de causa para a primeira oração, tendo a segunda oração o valor de consequência.

? Já o terceiro POIS também introduz uma ideia de EXPLICAÇÃO para a ordem inserida na primeira oração.

22.7.2. Concessivas

Possuem uma oração cujo fato não modifica o evento da outra oração. As conjunções mais comuns são: EMBORA, MESMO QUE, AINDA QUE, CONQUANTO (sinônimo de embora), MALGRADO...

Ex.: "Ainda que não haja brisa nenhuma, parece
Que passa, um momento, uma leve brisa" (Fernando Pessoa).

? A conjunção AINDA QUE introduz uma oração incapaz de modificar o evento da outra oração, ou seja, o fato de não haver brisa acaba por não alterar o efeito: parecer que passa uma leve brisa.

Malgrado ele admitisse o erro, não o reparou.

? Observe que a conjunção MALGRADO introduz uma oração que não muda o evento da outra oração. O fato de ser tarde não me impede de sair.

Mesmo que ele venha, não resolverá o problema.

? Observe que o fato de ele vir (ou não) não altera a consequência: o problema não será resolvido.

É bom não olvidar que algumas conjunções concessivas introduzem fatos concretos e outras fatos hipotéticos que não alteram o efeito. Revendo o terceiro exemplo, observe que a conjunção MESMO QUE introduz uma situação hipotética (não se sabe se ele virá ou não) que não altera o outro fato (o problema não será resolvido). Já no segundo exemplo, o fato concreto de a pessoa já admitir o erro não altera o fato de não repará-lo.

22.7.3. Condicionais

Possuem uma ideia de condição, hipótese. Esta ideia é exatamente oposta à da concessão. Um fato sempre vai depender do outro. As conjunções mais comuns são SE, CASO, CONTANTO QUE, A NÃO SER QUE, A MENOS QUE...

Obs.: É fundamental relembrar que a ideia de condição está intimamente ligada à ideia de causa. Tal se justifica por ambas representarem fatos anteriores que gerarão efeitos. Diferem-se apenas quanto ao fato de a condição designar uma situação incerta e a causa indicar uma certeza.

Ex.: "Eu teria um desgosto profundo, se faltasse o Flamengo no mundo" (Lamartine Babo).

? Observe que a conjunção SE introduz uma condição (se faltasse o Flamengo no mundo) para que eu tivesse um desgosto profundo. Cumpre observar a proximidade dos valores de causa e condição. A segunda oração (se faltasse o Flamengo no mundo) gera uma consequência (Eu teria um desgosto profundo).

Caso você melhore, volte logo para casa.

? A conjunção CASO introduz a condição para que ele volte para casa. A pessoa melhorando (não é sabido se vai melhorar ou não) gera a consequência de poder voltar para casa. Observe como a condição expressa uma ideia oposta à concessão. Na frase "Mesmo que você melhore, não

voltará para casa.", o fato de a pessoa melhorar – ou não – não altera o efeito: não poderá voltar para casa.

22.7.4. Temporais

Possuem uma ideia de marcação de tempo. É como se uma oração possuísse a função de marcar o tempo do outro fato. As conjunções mais comuns são: QUANDO, MAL, LOGO QUE, APENAS (sinônimo de quando).

Ex.: "Assim que resolveu estudar, seu rendimento melhorou."

? Observe que a conjunção ASSIM QUE introduz uma marcação temporal, funcionando como "A partir do dia em que".

Ex.: Apenas ele limpou a casa, as moscas sumiram.

? Antes de o sujeito ELE limpar a casa, as moscas existiam; depois que a casa foi limpa, as moscas sumiram.

Obs.: Vale a pena analisar a conjunção DESDE QUE nas frases a seguir.

Ex.: Desde que economizemos, compraremos tudo.

? A locução conjuncional DESDE QUE introduz uma condição para que possamos comprar tudo, portanto a locução conjuncional é subordinativa condicional.

Ex.: Desde que ele chegou, nunca mais houve problemas.

? Observe que a conjunção DESDE QUE marca o início da época em que os problemas se findaram, significando "A partir do dia em que ele chegou..."

Obs.: Há casos de orações temporais sem conectores.

Ex.: Ele chegou há (faz) duas semanas.

22.7.5. Consecutivas

Possuem uma ideia de consequência. Normalmente na oração principal aparecerá um destes elementos de intensidade (tão, tal, tamanho, tanto). A conjunção mais comum é QUE.

Ex.: "Amo tanto e de tanto amar, acho que ela é bonita" (Chico Buarque).

"... e com tamanho empenho a lamentou, que a boa mulher o escolheu para confidente das suas desventuras" (Aluísio de Azevedo).

? Observe, nas duas frases, que apareceu o advérbio de intensidade (TANTO, TÃO) na oração principal e as consequências introduzidas pela conjunção QUE – implícita no primeiro exemplo, antes de "acho" – são na primeira frase (acho que ela é bonita) e na segunda frase (a boa mulher o escolheu para confidente das suas desventuras).

22.7.6. Finais

Possuem uma ideia de finalidade, objetivo. Todas as conjunções finais podem ser substituídas pela palavra OBJETIVO.

BIZU

É imperioso relembrar que a ideia de finalidade está relacionada à ideia de consequência, pois ambas representam os fatos posteriores. Diferem quanto ao fato de que a consequência é fato certo e o objetivo é fato esperado, expectativa.

Ex.: "Dai vós fervor ao nosso atrevimento,
Para que estes meus versos vossos sejam" (Camões).

? Nos versos, o fato anterior é "Dai vós fervor ao nosso atrevimento" (representa a causa), e o fato posterior é "para que estes meus versos vossos sejam" (representa a expectativa de consequência que pode se efetivar ou não).

Ex.: Venha logo a fim de que (com o objetivo de que) possa encontrar-nos.

? Na frase, o fato anterior é a pessoa vir e o posterior, poder encontrar-nos. Logo "vir aqui" leva à possibilidade de "encontrar-nos" e não "encontrar-nos" que levaria à possibilidade de "a pessoa vir logo".

22.7.7. Proporcionais

Possuem uma ideia de proporção. As conjunções mais comuns são: À MEDIDA QUE, À PROPORÇÃO QUE, QUANTO.

Ex.: Quanto menos ele reclama, mais ele conquista a simpatia de todos.

? A conjunção QUANTO introduz a proporção entre ELE MENOS RECLAMAR e ELE CONQUISTAR A SIMPATIA DE TODOS. Se reclamar pouco, conquista mais a simpatia de todos; se ele reclamar muito, ele conquista menos a simpatia de todos.

Ex.: À medida que engolia uma troça, uma pilhéria, vinha-lhe meditar sobre a sua lembrança" (Lima Barreto).

? A conjunção À MEDIDA QUE introduz a proporção entre ENGOLIR E VIR-LHE MEDITAR.

22.7.8. Conformativas

Possuem uma ideia de conformidade, de estar de acordo. As conjunções mais comuns são: DE ACORDO COM QUE, CONFORME, COMO.

Ex.: Agi conforme me foi ordenado.

? A conjunção CONFORME introduz a conformidade da ação com o que foi ordenado.

Bebi apenas dois copos de cerveja, como manda a lei.

? A conjunção COMO introduz a conformidade de BEBER DOIS COPOS DE CERVEJA com o que manda a lei.

22.7.9. Comparativas

Possuem uma ideia de comparação. Esta comparação pode ser de superioridade, igualdade ou inferioridade. As conjunções mais comuns são (DO) QUE, COMO, CONFORME.

Ex.: Agi conforme você agiu.

? A conjunção CONFORME estabelece uma comparação de igualdade entre a ação do sujeito da primeira oração (eu) e o sujeito da segunda (você).

"Viver contigo qual Jacó vivera" (Castro Alves).

? A conjunção QUAL introduz uma comparação de igualdade da forma como alguém e Jacó viveram com a outra pessoa.

"... às vezes mais fétidos do que a evaporação de um lameiro" (Aluísio de Azevedo).

? A conjunção DO QUE introduz uma ideia de que algo mencionado anteriormente seja mais fétido que o lameiro, estando o verbo da segunda oração subentendido.

"Interdizia-o menos por debelar um vício que para previnir desordens" (Euclides da Cunha).

? A conjunção QUE indica ter ocorrido a ação menos por um motivo do que pelo outro.

Obs.: Convém lembrar que o termo "do", nas expressões comparativas de superioridade ou de inferioridade "do que", pode ser extraído sem prejuízo semântico ou gramatical.

22.7.10. Modais

Acrescentam ao período valor de modo. É interessante esclarecer que esta oração não está prevista na NGB, contudo os principais gramáticos a citam, como Evanildo Bechara e Rocha Lima.

Ex.: Não estudava sem que reclamasse.

? Observe que a oração "sem que reclamasse" indica o modo como estudava (reclamando).

22.8. Orações reduzidas

As orações podem ser reduzidas de infinitivo, gerúndio e particípio. A oração reduzida funciona como a desenvolvida, contudo não possui conectivo (conjunção, pronome relativo etc.) e seu verbo tem que estar reduzido, ou seja, no infinitivo, gerúndio ou particípio.

Ex.: É importante responder as perguntas (isso).

? Esta oração funciona como QUE RESPONDAM AS QUESTÕES. As únicas diferenças são que, em RESPONDER AS QUESTÕES, não há o conectivo QUE, e o verbo RESPONDER está na forma reduzida (infinitivo). ISSO é importante. ISSO é sujeito, portanto a oração é subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo.

> "Não sou digna de ouvir de sua boca essa palavra doce" (Bernardo Guimarães).

? Esta oração funciona como DE QUE OUÇA DE SUA BOCA ESSA PALAVRA DOCE. A diferença é que não há o conectivo (QUE) e o verbo está no infinitivo (OUVIR). DISSO funciona como complemento nominal, a oração é subordinada substantiva completiva nominal reduzida de infinitivo.

> As crianças vindas de São Paulo já estão abrigadas.

? VINDAS DE SÃO PAULO = QUE (as quais) VIERAM DE SÃO PAULO. QUE seria pronome relativo, portanto a oração é subordinada adjetiva restritiva reduzida de particípio.

Chegando o inverno, comprarei um casaco.

? CHEGANDO O INVERNO = QUANDO O INVERNO CHEGAR. Antes de o inverno chegar, não comprarei um casaco; assim que o inverno chegar, comprarei um casaco. A oração é subordinada adverbial temporal reduzida de gerúndio.

Ele veio aqui para me ver.

? PARA ME VER = PARA QUE (com o objetivo de que) ME VISSE. A oração é subordinada adverbial final reduzida de infinitivo.

Desaparecida a causa, cessará o efeito.

? DESAPARECIDA A CAUSA (SE A CAUSA ESTIVER DESAPARECIDA). A oração é subordinada adverbial condicional reduzida de particípio. Também se pode interpretar a oração reduzida como temporal, pois é cabivel desenvolvê-la assim: "Quando desaparecer a causa, cessará o efeito."

Não sendo professor, deu aulas maravilhosas.

? NÃO SENDO PROFESSOR = EMBORA NÃO FOSSE PROFESSOR. A oração é subordinada adverbial concessiva reduzida de gerúndio.

Fazendo os exercícios, poderão sair.

? A oração reduzida de gerúndio FAZENDO OS EXERCÍCIOS pode indicar ideia de condição ou tempo. Pode-se interpretá-la como "Se fizerem os exercícios", possuindo valor de condição; também se pode interpretá-la como "Depois que fizerem os exercícios", caracterizando-se o valor de tempo.

Ele bebe cerveja sorrindo.

? A oração reduzida de gerúndio "sorrindo" indica o modo como ele bebe cerveja. Esta oração não está prevista na NGB.

Feitos os trabalhos, puderam sair.

? A oração reduzida de particípio pode indicar duas ideias: "depois que os trabalhos foram feitos", sugerindo valor de tempo; contudo também

cabe a interpretação "Visto que fizeram os trabalhos", encerrando valor de causa.

22.9. Exercícios

1. (Fiscal – ICMS-RJ – FGV) ***Esposamos a ideia de que os sofrimentos atuais possuem uma significação que transcende a crise civilizacional*.**

Com relação à frase transcrita, analise as afirmativas a seguir:

I. O primeiro *que* é uma conjunção integrante e serve para articular um complemento oracional ao substantivo abstrato *ideia*.

II. O segundo *que* é um pronome interrogativo cujo uso se justifica em razão da seguinte pergunta: que significação transcende a crise civilizacional?

III. As duas ocorrências de *que* promovem a estruturação do período composto, já que introduzem a oração subordinada substantiva e a subordinada adjetiva, respectivamente.

Assinale:

a) se somente a afirmativa I estiver correta;

b) se somente a afirmativa II estiver correta;

c) se somente a afirmativa III estiver correta;

d) se somente as afirmativas I e III estiverem corretas;

e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

2. (Analista de Controle – TCE-PR – FCC) A oração sublinhada exerce a função de sujeito dentro do seguinte período:

a) Montesquieu preferiu guiar-se pelos valores civis, em vez de se deixar levar pelo finalismo religioso.

b) A um espírito sensível e religioso não convém ler um filósofo como Montesquieu buscando apoio espiritual.

c) Um estudo sério da história das ciências jurídicas não pode prescindir dos métodos de que se vale Montesquieu em **O espírito das leis**.

d) As ciências humanas deveriam libertar-se da religião, assim como ocorreu com as ciências naturais.

e) O método de Montesquieu valorizou as instituições humanas e solapou o finalismo teológico e moral.

3. (Unimep)

I. Mário estudou muito e foi reprovado!

II. Mário estudou muito e foi aprovado!

Em I e II, a conjunção E tem, respectivamente, valor:
a) aditivo e conclusivo;
b) adversativo e aditivo;
c) aditivo e aditivo;
d) adversativo e conclusivo;
e) concessivo e causal.

4. (UC-MG) A classificação da oração grifada está correta em todas as opções, exceto em:
a) Ela sabia que ele estava fazendo o certo – subordinada substantiva objetiva indireta.
b) Era a primeira vez que ficava assim tão perto de uma mulher – subordinada substantiva subjetiva.
c) Mas não estava neles modificar um namoro que nascera difícil, cercado, travado – subordinada adjetiva.
d) O momento foi tão intenso que ela teve medo – subordinada adverbial consecutiva.
e) Solta que você está me machucando – coordenada sindética explicativa.

5. (Analista de Controle Interno – Sefaz-RJ – FGV) Ah, filho! Basta ser uma boa pessoa, fazer o bem ao próximo, não mentir e comer os legumes!
Em relação à fala da mãe, analise as afirmativas a seguir:
I. Há quatro orações.
II. Todas as orações da fala são coordenadas.
III. Todas as orações são desenvolvidas.
Assinale:
a) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas I e III estiverem correta;
c) se nenhuma afirmativa estiver correta;
d) se todas as afirmativas estiverem corretas;
e) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.

6. (Esansp) Na frase "Como anoitecesse, recolhi-me pouco depois e deitei-me" (Monteiro Lobato), a oração destacada é:
a) coordenada sindética explicativa;
b) subordinada adverbial causal;
c) subordinada adverbial conformativa;
d) subordinada adjetiva explicativa;
e) subordinada adverbial final.

7. (Auditor – Sefaz-RJ – FGV) *Na Espanha, por exemplo, a recentíssima reforma do Código Penal – que atende diretivas da União Europeia sobre o tema – trouxe, no artigo 31 bis, não só a possibilidade de responsabilização penal da pessoa jurídica (por delitos que sejam cometidos no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização será aferida nos casos concretos (ela será aplicável [...], em função da inoperância de controles empresariais, sobre atividades desempenhadas pelas pessoas físicas que as dirigem ou que agem em seu nome).*

A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:

I. Há uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração coordenada sindética alternativa.

II. Há três orações na voz passiva, mas somente uma com agente da passiva explícito.

III. Há quatro orações subordinadas adjetivas desenvolvidas e uma oração subordinada adjetiva reduzida.

Assinale:

a) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;

b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;

c) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;

d) se nenhuma afirmativa estiver correta;

e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

8. (Técnico Judiciário – TRE-PA – FGV) *Minha proposta é a de que o fundo partidário seja composto por uma quantia mínima para o partido manter uma estrutura básica.*

A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:

I. O período poderia ser redigido, sem incorrer em inadequação gramatical ou semântica, da seguinte maneira: *Minha proposta é que o fundo partidário seja composto por uma quantia mínima para o partido manter uma estrutura básica.*

II. O período é composto por três orações.

III. No período há uma oração reduzida de particípio.

Assinale:

a) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;

b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;

c) se nenhuma afirmativa estiver correta;

d) se todas as afirmativas estiverem corretas;

e) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.

9. (Analista – Fiocruz – FGV) "Qualquer dúvida, por mais banal que seja, torna-se umaurgência inadiável"; a oração sublinhada não equivale a:

a) embora seja muito banal

b) apesar de ser muito banal

c) contanto que seja muito banal

d) mesmo sendo muito banal

e) ainda que seja muito banal

10. (Senado Federal – FGV) "*Mas o fato é que transparência deixou de ser um processo de observação cristalina* para assumir um discurso de políticas de averiguação de custos engessadas que pouco ou quase nada retratam as necessidades de populações distintas."

A oração grifada no trecho acima classifica-se como:

a) subordinada substantiva predicativa;

b) subordinada adjetiva restritiva;

c) subordinada substantiva subjetiva;

d) subordinada substantiva objetiva direta;

e) subordinada adjetiva explicativa.

11. (Analista de Controle Interno – Sefaz-RJ – FGV) *Ao analisar o progresso da humanidade, percebe-se que o desenvolvimento social e econômico foi possível porque o homem sistematizou formas de organização entre os povos*.

A oração sublinhada no período acima tem valor:

a) causal;

b) concessivo;

c) comparativo;

d) temporal;

e) consecutivo.

12. (Perito da Polícia Civil-RJ – FGV) "Na dúvida, deve-se optar pela segurança de não consumir álcool usando medicamentos". A oração reduzida de gerúndio – *usando medicamentos* – pode ser adequadamente substituída por:

a) depois de usar medicamentos;

b) quando se usam medicamentos;

c) antes de usar medicamentos;

d) apesar de usar medicamentos;

e) logo que se usam medicamentos.

13. "Aqueles com aptidão a ajudá-los, se não estimulados por cenários competitivos, estarão fadados a não encontrar motivação para o exercício de suas funções."
A respeito do período acima, analise os itens a seguir:
I. O período é composto por quatro orações.
II. Há três orações reduzidas.
III. Há uma oração coordenada.
Assinale:
a) se todos os itens estiverem corretos;
b) se somente o item II estiver correto;
c) se somente o item III estiver correto;
d) se somente o item I estiver correto;
e) se nenhum item estiver correto.

14. *Vê-se, pois, que o plano ético permeia todas as ações humanas*.
Com relação à frase transcrita e a análise sintática tradicional, considere as afirmativas a seguir.
I. O vocábulo *que* é uma conjunção integrante e presta-se a articular a oração subjetiva ao núcleo verbal que a subordina.
II. A forma verbal *vê-se* está na voz ativa e seu sujeito recebe a classificação de sujeito indeterminado.
III. O período estrutura-se por coordenação, sendo a segunda oração coordenada sindética conclusiva introduzida pela conjunção *pois*.
Assinale:
a) se somente a afirmativa I estiver correta;
b) se somente a afirmativa II estiver correta;
c) se somente a afirmativa III estiver correta;
d) se somente as afirmativas I e III estiverem corretas;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

Leia o texto a seguir para responder às questões 15 a 19 (NCE – TRT).

Texto 1 – A amamentação do filho
Délio Maranhão e Luiz Inácio B. Carvalho
Para amamentar o próprio filho, até que este complete seis meses de idade, terá a mulher direito, durante a jornada, a dois descansos especiais, de meia hora cada um. Quando o exigir a saúde da criança, tais descansos poderão continuar, além dos seis meses, a critério da autoridade competente (art. 396 da Consolidação)

Tratando-se de descansos especiais, serão concedidos sem prejuízo do intervalo normal para o repouso e alimentação, dentro da jornada, e nesta computados.

15. No desenvolvimento do texto acima, muitos termos referem-se a termos anteriores; o item em que a referência a um termo anterior não está correta é:
a) "... até que este complete seis meses de idade,..." – o próprio filho.
b) "... durante a jornada..." – de amamentação do filho.
c) "... de meia hora cada um." – descanso especial.
d) "... tais descansos poderão continuar..." – os descansos especiais.
e) "... além dos seis meses..." – seis meses de idade do filho.

16. O item em que o elemento destacado não tem sua significação corretamente indicada é:
a) "Para amamentar" – finalidade.
b) "... até que este complete..." – tempo.
c) "... durante a jornada..." – tempo.
d) "... a critério da autoridade competente" – conformidade.
e) "... sem prejuízo do intervalo normal..." – condição.

17. "Para amamentar o próprio filho, até que este complete seis meses de idade, terá a mulher direito, durante a jornada, a dois descansos especiais, de meia hora cada um". O comentário correto a respeito da estrutura sintática desse período é:
a) O sujeito do verbo da oração principal está proposto.
b) A oração subordinada do período indica finalidade.
c) O complemento nominal de "direito" é "durante a jornada".
d) "Para amamentar o próprio filho" é adjunto ligado à oração subordinada.
e) "Especiais" é predicativo do sujeito.

18. "Quando o exigir a saúde da criança..." Colocando-se a oração em ordem direta e substituindo-se o pronome oblíquo por seu correspondente semântico, teremos a seguinte oração:
a) Quando exigir o amamentar a saúde da criança...
b) Quando a saúde da criança exigir tais medidas...
c) Quando o amamentar for exigido pela saúde da criança...
d) Quando a saúde da criança o exigir...
e) Quando a saúde da criança exigi-lo...

19. "Tratando-se de descansos especiais..." O item em que se inclui adequadamente uma conjunção à oração reduzida desse segmento é:

a) Mesmo que se trate de descansos especiais...
b) Já que se trata de descansos especiais...
c) Ainda que se trate de descansos especiais...
d) Quando se trate de descansos especiais...
e) No momento em que se trate de descansos especiais...

20. (MP – NCE – com adaptações) A oração "usando os recursos naturais de seu meio ambiente" no período "Os índios brasileiros proveem sua subsistência usando os recursos naturais de seu meio ambiente" transmite ideia de:

a) modo;
b) finalidade;
c) meio;
d) tempo;
e) condição.

21. (MP – NCE) "Sempre que se reúnem para lamuriar, os empresários falam no Custo Brasil, no preço que pagam para fazer negócios num país com regras obsoletas e vícios incrustados". O comentário <u>incorreto</u> feito sobre os conectores desse segmento do texto é:

a) A expressão sempre que tem valor de tempo.
b) O conectivo para tem ideia de finalidade.
c) A preposição em no termo no Custo Brasil tem valor de assunto.
d) A preposição em no termo num país tem valor de lugar.
e) A preposição com tem valor de companhia.

22. (MP – NCE) "... no preço que pagam para fazer negócios..." A forma desenvolvida da oração reduzida iniciada por para fazer é:

a) ... para que se façam negócios...
b) ... para que fizessem negócios...
c) ... para que façam negócios...
d) ... para fazerem negócios...
e) ... para que sejam feitos negócios...

23. (IBGE – NCE) "Tendo sido designado por Vossa Senhoria para apurar as denúncias de irregularidades ocorridas no aeroporto de Marília, submeto à apreciação de Vossa Senhoria o relatório das diligências que nesse sentido efetuei."
"Tendo sido designado por Vossa Senhoria..." Esta oração inicial do texto tem valor:
a) concessivo;
b) temporal;
c) conclusivo;
d) causal;
e) consecutivo.

24. (NCE) "Como controlamos a produção de nosso próprio alimento, somos a primeira espécie na história ..." A oração sublinhada apresenta, em relação à seguinte, o valor de:
a) condição;
b) modo;
c) comparação;
d) conclusão;
e) causa.

25. (Eletrobrás – NCE) "... que o leite, por ser essencial, deve sair das mãos dos particulares..." O item abaixo que não substitui de forma adequada o termo sublinhado é:
a) visto;
b) em razão de;
c) devido a;
d) em virtude de;
e) apesar de.

26. (ANTT – NCE) "Com a duplicação, o movimento diário da estrada elevou-se a duzentos mil veículos". O conector "com" só não pode ser substituído de forma adequada por:
a) a partir de;
b) por causa de;
c) em razão de;
d) apesar de;
e) depois de.

27. (ANTT – NCE) "... onde, nas suas magníficas estradas, registram-se os maiores índices (de acidentes)". A relação entre os dois segmentos desse fragmento é bem expressa em:

a) ... embora as suas magníficas estradas, registram...
b) ... por causa de sua magníficas estradas, registram...
c) ... em vista de suas magníficas estradas, registram...
d) ... depois de suas magníficas estradas, registram...
e) ... a partir de suas magníficas estradas, registram...

28. (CBMERJ – NCE) "Para escapar dos escorchantes tributos, os donos de minas e os grandes senhores de terra colocavam ouro em pó..." O conectivo PARA só não pode ser substituído por:
a) a fim de;
b) com o intuito de;
c) com o fim de;
d) à vista de;
e) na intenção de.

29. (CBMERJ – NCE) "As imagens maiores, devidamente recheadas, eram enviadas a parentes distantes, inclusive de além-mar, como se fossem presentes". Neste segmento do texto, o conectivo COMO dá ideia de:
a) modo;
b) finalidade;
c) conformidade;
d) meio;
e) comparação.

30. (NCE) "POR maior que tenha sido a indignação..."; "... não sabe lidar, POR falta de ação integrada..." As duas ocorrências do vocábulo em maiúsculas correspondem semanticamente às ideias de, respectivamente:
a) meio – modo;
b) causa – meio;
c) concessão – causa;
d) modo – explicação;
e) explicação – concessão.

31. (NCE) Leia atentamente o trecho abaixo:
"... serão feitos, a cada seis meses, exames laboratoriais para detectar a presença do HIV e de outros vírus causadores de doenças sexualmente transmissíveis no sangue dos voluntários".

A alternativa em que a substituição do trecho em destaque implica alteração do significado do texto é:

a) ... a fim de que se detecte a presença do HIV e de outros vírus causadores de doenças sexualmente transmissíveis no sangue dos voluntários.

b) ... para que se detecte a presença do HIV e de outros vírus causadores de doenças sexualmente transmissíveis no sangue dos voluntários.

c) ... porque se detecte a presença do HIV e de outros vírus causadores de doenças sexualmente transmissíveis no sangue dos voluntários.

d) ... conquanto se detecte a presença do HIV e de outros vírus causadores de doenças sexualmente transmissíveis no sangue dos voluntários.

e) ... de tal sorte que se detecte a presença do HIV e de outros vírus causadores de doenças sexualmente transmissíveis no sangue dos voluntários.

32. (BNDES – NCE) Na frase "Ou vai ou racha!", a conjunção OU tem o mesmo valor significativo que apresenta na seguinte frase:

a) O turista compreendia inglês ou francês com facilidade.

b) As vaias ou os aplausos não perturbaram o presidente.

c) O empregado faz o que deve ou perde o emprego.

d) Na hora da premiação, chorava ou ria.

e) Morávamos no segundo ou no terceiro andar.

33. (PF – Cespe-UnB) Julgue se os itens seguintes apresentam relações de sentido que correspondem à estrutura semântica dada pela fórmula genérica abaixo, em que X é uma estrutura linguística que expressa condição ou concessão, e Y é uma estrutura linguística afirmativa.

X, não Y.

1) Apesar da proteção da justiça e do Estado, não parece que a resolução dos conflitos se desvie do âmbito privado.

2) Embora a nossa concepção de violência tenha sido ampliada, não é possível afirmar que nossa sensibilidade e tolerância em relação a ela estejam igualmente distribuídas.

3) Se alguns autores propõem que estamos vivendo um movimento de pacificação progressiva da vida em sociedade, não estão afirmando que esse processo seja fácil.

4) Não devemos pensar na pacificação da sociedade de forma isolada, mas sim dentro de um conceito mais geral das transformações econômicas que afetam o mundo.

5) Violência, direitos, justiça e o papel do Estado, se analisados como problemas fundamentais, estão dentro do quadro das transformações ocorridas, não só econômicas como também políticas.

Leia o texto abaixo para responder às questões 33 e 34.

A economia brasileira, há alguns anos, apresentava fortes barreiras protecionistas, e controles cambiais provocavam a valorização artificial do câmbio comercial, havendo ágio expressivo no mercado livre. A realidade hoje é outra. As barreiras tarifárias foram muito reduzidas, a taxa de câmbio é flutuante e não há diferença significativa entre o mercado oficial e o paralelo. Os modelos econométricos disponíveis, por menos precisos que sejam, são unânimes em apontar para uma desvalorização do real acima do seu equilíbrio de longo prazo, e não o contrário. Logo, onde está o problema? Por que gastar escassos recursos públicos – pois não se faz política industrial sem eles – para poupar divisas quando o mercado já está bem sinalizado nesta direção? Pode até haver outras razões para justificar a política proposta. Mas economia de divisas não é uma delas.

34. (AFC – Esaf) Assinale a opção em que as duas expressões exercem a mesma função sintática no texto.

a) "controles cambiais" (l. 2) = "fortes barreiras protecionistas" (l. 1)
b) "a valorização artificial do câmbio comercial" (l. 2) = "A economia brasileira" (l. 1)
c) "há alguns anos" (l. 1) = "hoje" (l. 3)
d) "a taxa de câmbio" (l. 4) = "diferença significativa" (l. 4)
e) "escassos recursos públicos" (l. 7/8) = "o mercado" (l. 9)

35. (AFC – Esaf) Julgue as asserções abaixo e marque a opção correspondente.

I. Caso a expressão "diferença significativa" (l. 4) seja colocada no plural a forma verbal que a antecede deve ser obrigatoriamente flexionada.
II. Se o artigo em "o paralelo" (l. 5) for eliminado, prejudica-se a compreensão de que existe, antes de "paralelo" elipse da palavra "mercado" (l. 4).
III. A expressão "por menos precisos que sejam" (l. 5) permite a inferência de que o leitor pode considerar "Os modelos econométricos" (l. 5) pouco precisos.
IV. A grafia de "Por que" (l. 7) justifica-se por se tratar de conjunção explicativa.
V. O termo "delas" (l. 10) refere-se ao antecedente "outras razões" (l. 9).

A quantidade de item(ns) <u>incorreto(s)</u> é:

a) 1;
b) 2;
c) 3;
d) 4;
e) 5.

Capítulo 23

Paralelismo Sintático

Quando dois ou mais termos estão ligados a uma mesma expressão e são equivalentes sintaticamente, ocorre o paralelismo sintático. Nas situações de paralelismo, o termo repetido pode ser extraído do período.

Ex.: "A das Dores, sim, afirmavam que fora casada e que largara o marido para meter-se com um homem do comércio" (Aluísio de Azevedo).

? As duas orações objetivas diretas (que fora casada) e (e que largara o marido...) complementam a ideia do verbo "afirmavam", podendo a segunda conjunção integrante (que) ser suprimida do período.

Ex.: Gosto de ler, de ouvir música ou de ver um bom filme.

? As orações reduzidas "de ler", "de ouvir música", e "ou de ver um bom filme" funcionam como objeto indireto do verbo gostar. Essas três orações são equivalentes sintaticamente e só é obrigatória a presença da primeira preposição DE, podendo as demais ser suprimidas do período.

Ex.: "Não sabe se é bom ou ruim" (Raul Seixas).

? As orações "se é bom" e "ou ruim" completam a ideia do verbo "saber", funcionando como objeto direto. Perceba que o autor da frase fez a opção por não repetir a expressão "se é", que poderia ser inserida sem prejuízo gramatical ou semântico.

Ex.: O candidato que estuda e que faz exercícios passa.

? As orações “que estuda” e “e que faz exercícios” são subordinadas adjetivas, com os pronomes relativos “QUE” tendo como antecedente o termo “O candidato”. O segundo pronome relativo poderia ser extraído da frase sem alterar o sentido, tampouco prejudicar a correção.

Ex.: “... mostraria a Isabel como eu a estimo e quanto a desejo feliz” (José de Alencar).

? As orações “como eu a estimo” e “e quanto a desejo feliz” são equivalentes sintaticamente e complementam de forma direta a ideia da forma verbal “mostraria”.

Obs.: Nos exemplos mencionados, as orações em paralelismo, além de serem subordinadas, como explicado, são também coordenadas entre si.

23.1. Exercícios com gabarito comentado sobre paralelismo

1. (MP – NCE) “Para os pedestres... / Para os comerciantes... / Para os que moram ou trabalham no centro da cidade... Para o próprio automobilista...” Os segmentos do texto são um exemplo de:

a) redundância;
b) construção paralela;
c) exemplificação;
d) repetição desnecessária;
e) pleonasmo.

Resposta: Alternativa B.

Observe que, mesmo o período não estando completo, as três estruturas iniciadas pela preposição PARA são equivalentes sintaticamente e estão em paralelismo.

2. (AFRF – Esaf) Considere o seguinte período do texto para analisar os esquemas propostos abaixo: “Descumprir a lei gera o risco da punição prevista pelo Código Penal ou de sofrer sanções civis”.

A = descumprir a lei
B = gera o risco
C = da punição prevista pelo Código Penal
D = de sofrer sanções civis

Considerando que as setas representam relações sintáticas entre as expressões linguísticas, assinale a opção que corresponde à estrutura do período.

a) 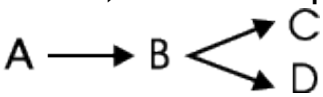

b)

c) 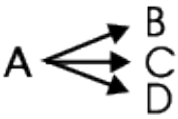

d) 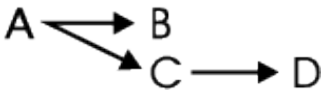

e) 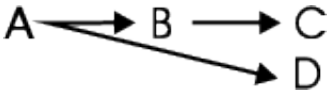

Resposta: Alternativa A.

As estruturas C e D são paralelas e complementam o sentido do vocábulo "risco" (B). Descumprir a lei gera dois riscos: o risco da punição prevista pelo Código Penal e o risco de sofrer sanções civis. Portanto C e D estão ligados a B, denunciando que a resposta seja a alternativa A.

3. (PF – UnB) Lembremos que a modernidade se caracteriza não apenas por um novo modo de produção e de vida, mas também por uma nova forma de relacionamento entre os homens na sociedade, o que influi até mesmo no julgamento que fazemos uns dos outros. Essa forma de relacionamento, que vem desde a Revolução Industrial, é intermediada pelo trabalho, e os parâmetros para julgar as pessoas são o dinheiro e a propriedade.

Entretanto, trabalho e dinheiro não estão disponíveis para todos. Em cidades superpopulosas, em meio às crises das indústrias, frequentemente os trabalhadores se veem sem meios de sobreviver. Essa relação entre os homens é, portanto, uma relação desigual, em que geralmente os trabalhadores estão em desvantagem, já que não possuem meios estáveis de sobrevivência e dependem de empregadores.

Andréa Buoro *et al. Violência urbana – dilemas e desafios*. São Paulo: Atual, 1999, p. 26.

Com respeito às ideias do texto, julgue os itens a seguir.

1) A argumentação do texto reforça a ideia de que os parâmetros do dinheiro e da propriedade são justos e igualitários.

2) O segundo parágrafo é um comentário que apresenta ideias desfavoráveis à situação apresentada no primeiro.
3) O emprego do tempo e modo verbais de "Lembremos" (l. 1) indica uma sugestão para o raciocínio que se segue.
4) A expressão "mas também" (l. 2) introduz a complementação da ideia iniciada pela expressão antecedente "não apenas" (l. 1).
5) Pelas relações semânticas, a estrutura linguística localizada após a última vírgula do texto corresponde ao seguinte esquema:

já que → **não possuem meios estáveis de sobrevivência**
já que → **dependem de empregadores**

Resposta: E – C – C – C – C
O item 1 contraria totalmente a argumentação do texto, visto que nele se expôs que "Essa relação entre os homens é, portanto, uma relação desigual, em que geralmente os trabalhadores estão em desvantagem". ERRADO
Já o item 2 indica uma constatação adequada ao verbete, uma vez que, ao iniciar o segundo parágrafo através da conjunção coordenativa adversativa ENTRETANTO, torna-se evidente que algo presente no segundo parágrafo está em oposição ao primeiro. CERTO
O item 3 refere-se à semântica de verbos. O verbo no imperativo pode passar uma ideia de ordem, sugestão ou pedido. Como as pessoas não são obrigadas a realizar o que autor orienta, não se trata de uma ordem. O que distingue o conselho (sugestão) do pedido é quem se beneficia da orientação. Como os beneficiados são as próprias pessoas que receberam a orientação, o imperativo indica uma sugestão ou conselho. CERTO
O item 4 apresenta a estrutura "não apenas", em que o elemento de negação "não" nega a restrição "apenas", obrigando o uso de conector aditivo. CERTO
O item 5 demonstra o paralelismo ocorrente entre duas orações subordinadas adverbiais causais e coordenadas entre si. A conjunção JÁ QUE introduz a ideia de causa para as duas orações, podendo, inclusive, ser inserida antes da última oração. CERTO

4. (Auditor do Tesouro Municipal – Prefeitura de Fortaleza – Esaf) Em relação ao texto, assinale a opção incorreta.
A concentração do capital, que se encontra na origem do capitalismo, permitiu a invenção de meios automáticos de produção e distribuição, ou seja, em que o trabalho humano é substituído por "forças naturais" de animais domesticados, da água corrente, do vento etc. Em seguida, foram inventadas formas mais complexas de captação e governo da energia do vapor, da eletricidade, de derivados do petróleo etc.

a) A expressão "que se encontra na origem do capitalismo" (l. 1 e 2) está entre vírgulas por se tratar de oração de natureza explicativa.
b) Pode-se, sem prejuízo para o período, inserir a preposição de antes da palavra "distribuição" (l. 2).
c) De acordo com a norma escrita culta, "em que" (l. 2) pode ser substituído por nos quais, e a coesão textual é mantida.
d) A expressão "foram inventadas" (l. 4) pode ser substituída, sem prejuízo para a correção do período, pela estrutura inventaram-se.
e) A palavra "governo" (l. 5) está sendo empregada com o sentido de propriedade oficial.
Resposta: Alternativa E.
A opção A trabalha a oração subordinada adjetiva, isolada através de vírgulas, classificada, então, como explicativa.
A opção B abrange o conhecimento de paralelismo, mostrando que os termos "de produção" e "distribuição" estão ligados a "meios automáticos" e a preposição DE poderia ser repetido antes do último componente.
A opção C sugere a substituição do pronome relativo "em que" por "nos quais", que pode ser feita, em virtude de o antecedente do pronome ser o termo "meios automáticos".
A opção D apresenta uma perfeita proposta de substituição da voz passiva analítica pela voz passiva sintética, principalmente, levando-se em conta que o tempo do verbo foi mantido.
A resposta é a opção E, porquanto o termo "governo" está sendo utilizado no valor de "administração".

5. (TRF – Esaf) Assinale o segmento do texto em que há erro de paralelismo sintático.
a) Estão participando da operação em Barretos cerca de 18 auditores da Receita. Ainda fazem parte da equipe especialistas em programas de computadores para acessar arquivos que possam conter dados importantes nas empresas.
b) Quanto aos documentos que forem recolhidos pelos agentes, todos serão analisados. Caso haja indício de sonegação, será instaurado processo no Ministério Público.
c) Além da ação judicial, poderão ser feitas autuações nos estabelecimentos em que as irregularidades se comprovarem. O valor das autuações ainda não foi divulgado pelo delegado, mas ele garantiu que a cobrança pode ser retroativa.
d) O presidente do clube Os Independentes afirma não ter receio quanto à arrecadação de impostos e que achando normal a atitude dos auditores da Receita Federal. "Sabemos que eles estão fazendo isso com todas as entidades sem fins lucrativos".

e) Disse, ainda, que o escritório que cuida da contabilidade do clube Os Independentes está acompanhando o caso ao lado da Receita Federal. Ele não acredita que a fiscalização da Receita Federal possa causar algum dano à imagem do clube.
(Rogério Pagnan, *Folha de S. Paulo*, 15/8/2000, p. F2, com adaptações.)

Resposta: Alternativa D.

A alternativa apresenta uma situação de incoerência no paralelismo sintático. O verbo AFIRMA possui dois complementos: NÃO TER RECEIO QUANTO À ARRECADAÇÃO FEDERAL e QUE ACHANDO NORMAL. Observe que não houve o mesmo critério nas duas complementações: a primeira apresenta uma estrutura reduzida de infinitivo e a segunda é introduzida por conjunção integrante, indicando que a última oração estaria desenvolvida e com verbo no gerúndio, não proporcionando sentido ao período.

6. (AFRF – 2005) Leia o texto para responder à questão.

Olhamos e não vemos. Não conseguimos olhar nada pela primeira vez. Já o primeiro olhar é preconceituoso – dá informação falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada, anterior ao ato de olhar. O economista cheio de teorias pensa que sabe o remédio para a inflação, a origem da miséria, o segredo da estabilidade e quanto desaforo a democracia aguenta. Erra como o médico, o astrônomo ou o caixa que aceita o cheque do homem elegante, de terno e cabelo com brilhantina que parece ser rico, mas é estelionatário.

Só que no caso do economista, não é apenas o paciente que fica com dor de cabeça, ou mais um cheque sem fundo. São 10% de desempregados. Um deles acaba apontando um revólver para a sua cabeça. Nada é visto pela primeira vez. Ninguém olha atentamente como as corujas, antes de propor ou piar.

(João Sayad. A primeira vez. *Revista TAM*, julho de 2005, com adaptações.)

Assinale o esquema que representa corretamente a estrutura sintático-semântica do período sintático do texto (desconsidere a pontuação e as letras maiúsculas).

a) (l. 1 e 2) o primeiro olhar → é preconceituoso
dá informação → falsa
ou verdadeira
mas sempre pré-fabricada

b) (l. 3 e 4) O economista → cheio de teorias
pensa que sabe
o remédio para → a inflação
a origem da miséria
o segredo da estabilidade
e quanto desaforo

c) (l. 4 e 5) Erra como → o medido
o astrônomo
ou o caixa
que aceita o cheque do homem elegante

d) (l. 7 e 8) não é apenas o paciente → com dor de cabeça
ou mais um cheque sem fundo

e) (l. 8, 9 e 10) são 10% de desempregados → um deles apontando → um revólver para sua cabeça
Nada é visto pela primeira vez
Ninguém olha atentamente como...

Resposta: Alternativa A.

Nesta questão de paralelismo sintático, a única alternativa que respeita a equivalência sintática é a A. Isso se justifica pelo fato de as formas verbais "é" e "dá", ambas na linha 2, possuírem um mesmo referente – o sujeito "o primeiro olhar" (l. 1). Posteriormente, o objeto direto "informação" (l. 2) é qualificado por três adjuntos adnominais: "falsa", "verdadeira" e "mas sempre pré-fabricada".

A alternativa B não apresenta equivalência sintática entre as expressões "cheio de teorias" (l. 3) e "pensa que sabe o remédio para" (l. 3), visto que o primeiro apenas qualifica seu referente e o segundo indica a ação realizada pelo sujeito.

Na alternativa C, os termos "o médico" (l. 5), "o astrônomo" (l. 5) e "ou o caixa" (l. 5) estão, de forma paralela, comparados ao "economista" quanto ao fato de errar. Contudo, o último termo citado "que aceita o cheque do homem elegante" (l. 5/6) não é mais um ser comparado ao economista, mas sim uma qualificação para o termo "o caixa".

Na alternativa D, a perfeita equivalência sintática seria relacionar os termos "o paciente que fica com dor de cabeça" (l. 7/8) e "ou mais um cheque sem fundo" (l. 8) a "não é apenas" (l. 7).

Na alternativa E, ocorrem várias falhas de designação de paralelismo. As duas últimas frases guardam grande independência, não se relacionando com elementos anteriores.

Também não são equivalentes "um revólver" (l. 9) e "para sua cabeça" (l. 9), que possuem funções distintas.

7. (Depen – Funrio) Chama-se adequação sintática a construção coerente de períodos e orações, observadas as relações existentes entre seus termos e a sua organização. Qual o parágrafo dentre os abaixo transcritos que preserva o princípio do paralelismo sintático, segundo o qual quaisquer elementos da frase coordenados entre si devem apresentar estrutura gramatical similar?

a) Aqui não pretendemos defender a ideia de mais intervenção do Estado na economia ou que ele volte a produzir aço em grande quantidade.

b) Aqui não pretendemos defender a ideia de que o Estado intervenha mais na economia ou que volte a produzir aço em grande quantidade.

c) Aqui não pretendemos defender a ideia de que o Estado intervenha mais na economia ou a volta de uma produção de aço em grande quantidade.

d) Aqui não pretendemos defender a ideia de que a intervenção do Estado deva ser maior na economia ou uma produção de aço voltando a ter quantidade.

e) Aqui não pretendemos defender a ideia de um Estado intervindo mais na economia ou que ele volte à produção de aço em grande quantidade.

Resposta: Alternativa B.

Existem dois termos complementando sintaticamente o sentido do vocábulo IDEIA. Em face da lógica, tais complementos devem manter estrutura o mais semelhante possível. Na alternativa A, o primeiro complemento tem como núcleo INTERVENÇÃO; já o segundo complemento é oracional, sendo o núcleo o verbo VOLTE A PRODUZIR. Na alternativa B, os dois complementos são oracionais, tendo como núcleos, respectivamente, as formas verbais INTERVENHA e VOLTE A PRODUZIR. Na alternativa C, o primeiro complemento é oracional (verbo INTERVENHA); o segundo é não oracional, sendo o núcleo o substantivo VOLTA. Na D, embora os complementos sejam oracionais, o primeiro complemento se dá com o verbo no presente do subjuntivo, formando uma oração desenvolvida, o segundo se realiza com a forma verbal VOLTANDO no gerúndio, o que caracteriza a oração reduzida. Na E, o primeiro complemento é oracional, porém reduzido de gerúndio INTERVINDO; já o segundo é desenvolvido, com a presença da conjunção integrante e o verbo no presente do subjuntivo – VOLTE.

8. (TRT-SC/Cetro) Na famosa obra *Comunicação em prosa moderna*, Othon M. Garcia afirma que "quaisquer elementos da frase – sejam orações sejam termos dela –, coordenados entre si devam, em princípio pelo menos, apresentar estrutura gramatical idêntica, pois não se podem coordenar frases que não comportem constituintes do mesmo tipo".

Assinale a alternativa em que a reescritura do terceiro parágrafo respeita a recomendação do famoso estudioso:

a) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório não só por seu modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo, mas também por oferecer na rede pública de saúde terapias de interrupção do tabagismo.

b) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório não só por ter um modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo, mas também pelo oferecimento, na rede pública de saúde, de terapias de interrupção do tabagismo.

c) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório por seu modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo e pelo oferecimento, na rede pública de saúde, de terapias de interrupção do tabagismo.

d) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório por ter um modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo e pelo oferecimento na rede pública de saúde, de terapias de interrupção do tabagismo.

e) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório não apenas por seu modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo como também por oferecer na rede pública de saúde terapias de interrupção do tabagismo.

Resposta: Alternativa C.

Elementos em paralelismo devem guardar estrutura gramatical bem similar. Repare que a preposição POR introduz duas causas para o Brasil receber a menção elogiosa. Essas duas causas estão conectadas ou pelo par NÃO SÓ ... MAS (COMO) (TAMBÉM) ou pela conjunção E. Na alternativa A, a primeira causa possui como núcleo MODELO (não oracional); a segunda causa, OFERECER (oracional). Na B, a primeira causa tem como núcleo TER (oracional); a segunda causa tem como núcleo OFERECIMENTO (não oracional). Na alternativa C, as duas causas somadas têm como núcleos elementos não oracionais (MODELO e OFERECIMENTO). Na alternativa D, a primeira causa é baseada em termo oracional (TER); a segunda causa tem como núcleo o substantivo OFERECIMENTO. Na E, a primeira causa possui como núcleo o substantivo MODELO; a segunda, o verbo OFERECER.

9. (Petrobras – Cesgranrio) Observe as sentenças abaixo, retiradas de uma reclamação, feita por uma secretária, sobre um móvel enviado com defeitos. Qual delas não tem erro de paralelismo?

a) O produto logo no início mostrou má-qualidade no acabamento e que tinha as gavetas emperradas.

b) O novo móvel deve estar dentro dos critérios previamente combinados, e que seja enviado o mais rapidamente possível.

c) Além disso, o manual de instalação tem mais de 150 páginas e pouca clareza.
d) Assim, gostaríamos de pedir a troca do móvel enviado, que não foi aprovado pela gerência e por outros interessados.
e) Recomendamos a V.S. retirar o móvel inadequado e que envie outro, de melhor qualidade, para substituí-lo.

Resposta: Alternativa D.

Na alternativa A, há dois objetos diretos complementando o verbo MOSTROU. O primeiro objeto é não oracional (má-qualidade no acabamento); o segundo complemento é oracional (que tinha as gavetas emperradas). Na alternativa B, nem há coerência textual. Como há o verbo auxiliar DEVE, formando no primeiro termo a locução DEVE ESTAR, o segundo termo também deveria formar a locução (DEVE SER). Na alternativa C, o primeiro complemento para TEM é um substantivo concreto (PÁGINAS) apresentado com elemento numérico preciso (150); o segundo complemento é um substantivo abstrato (CLAREZA), apresentado com inexatidão (POUCA CLAREZA). Na alternativa D, os dois agentes da passiva são apresentados com substantivos concretos (GERÊNCIA e INTERESSADOS). Na alternativa E, os dois objetos diretos de RECOMENDAMOS são oracionais, contudo o primeiro é reduzido de infinitivo (RETIRAR) e o segundo é desenvolvido (QUE ENVIE OUTRO).

Capítulo 24

Pontuação

A pontuação serve para marcar a pausa e a entoação. Aqui ficará explicado em que momentos deverão ser utilizados estes sinais gráficos.

24.1. Uso de vírgula

A vírgula deve ser utilizada para:

a) isolar o vocativo;

Ex.: Manoel, venha cá!

Venha cá, Manoel!

Diga, Manoel, a verdade!

b) separar as orações coordenadas assindéticas;

Ex.: Ele bebeu, bebeu, bebeu e dormiu.

Maria lava, passa, prepara a comida, arruma a casa e é uma boa mãe.

c) separar orações ligadas pela conjunção E com sujeitos diferentes;

Ex.: Maria lava, e Joana passa.

"Insisti no oferecimento da madeira, e ele estremeceu" (Graciliano Ramos).

"Abriu-lhe logo uma conta corrente, e a quitandeira,..., dava um pulo até à venda..." (Aluísio de Azevedo).

Obs.: Esta vírgula já foi obrigatória, agora é considerada facultativa.

Se o sujeito das duas orações fosse o mesmo, não haveria vírgula.

Ex.: Maria lava e passa.

Ele já chegou e já foi embora.

d) separar termos com a mesma função sintática ou elementos de uma enumeração;

Ex.: Maria, Manoel, Pedro, Paulo e Renato saíram.

Comprei banana, maçã, pera, abacaxi, abacate e laranja.

e) indicar a supressão do verbo;

Ex.: Ele foi à praia, e eu, também.

Ele disse a verdade: contudo ela, não.

f) é importantíssimo esclarecer que entre sujeito e verbo não pode haver vírgula, da mesma forma que entre verbo e complemento. Todavia, caso haja um termo intercalando aquelas funções, a orientação gramatical indica o seu isolamento;

– conjunção: Ex.: Ele disse, todavia, a verdade.

– aposto: Ex.: Pelé, Rei do Futebol, foi demitido do Santos.

Obs.: Os adjuntos adverbiais intercalando uma sequência lógica (sujeito-verbo ou verbo-complemento) ou mesmo no início de orações poderão aparecer isolados, ou seja, a(s) vírgula(s) é(são) facultativa(s):

Ex.: Ele, com toda certeza, virá. OU Ele com toda certeza virá.

O NCE tem exigido ultimamente dos candidatos a escolha pela opção mais adequada. Há a assunção de que pode haver opções corretas, e o candidato é obrigado a discernir qual é a melhor. No exemplo anterior, as duas formas estão corretas; contudo, se você tiver que optar por uma das duas, escolha a

estrutura com vírgula, já que o adjunto adverbial interrompeu uma sequência lógica.

Caso o adjunto adverbial ocorra após o complemento, ou seja, no lugar previsto pela gramática, não deverá estar isolado.

Ex.: Ele virá com toda certeza.

g) separar as orações subordinadas antepostas às principais;

Ex.: Se chover, não vou à praia.

"Quando você foi embora, fez-se noite em meu viver..." (Milton Nascimento).

Embora estivesse triste, não chorou.

Que João não virá, nós já sabemos.

Obs.: Agostinho Dias Carneiro, em seu livro *Redação em Construção*, alega, tal qual Celso Cunha, que a vírgula é obrigatória para separar orações adverbiais, principalmente se antepostas à principal. No concurso para Técnico Judiciário do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, em 2004, houve uma questão com duas opções extremamente parecidas: 1) "Os juízes intervieram quando viram os réus frente a frente"; 2) "Os juízes intervieram, quando viram os réus frente a frente". Portanto, a diferença entre as alternativas se deu tão somente quanto ao uso da vírgula. Seguindo-se Celso Cunha e Agostinho Dias Carneiro, a resposta deveria ser a que contém a vírgula, pois, relembrando o que asseveram, tal pontuação é obrigatória, principalmente se a oração adverbial vier anteposta à principal. Como a oração subordinada está posposta à principal, chega-se à conclusão, através da redação dos brilhantes autores, de que a vírgula é opcional, sendo a construção preferencial com a vírgula. No entanto, a banca optou pela alternativa sem a vírgula, fato que me fez concluir que o critério utilizado foi o respeito à ordem das orações (principal – subordinada adverbial).

Ex.: Não vou à praia(,) se chover.
"Deus fala, quando a turba está quieta" (Castro Alves).

h) separar as orações coordenadas adversativas, conclusivas e explicativas;

Ex.: Choveu à beça ontem, no entanto fui à praia.
Ele estudou bastante, portanto passará no concurso.
Volta logo, pois está tarde.

i) isolar conjunção coordenativa adversativa ou conclusiva deslocada;

Ex.: A chuva, no entanto, não atrapalhou a festa.
João deve, portanto, chegar mais tarde.

Obs.: Se a conjunção coordenativa adversativa ou conclusiva iniciar período, a vírgula será facultativa.

Ex.: Entretanto(,) todos retornaram cedo para casa.
Então(,) ele fará o trabalho.

j) isolar os termos **DIGO, DIGO MELHOR, OU SEJA, ISTO É;**

Ex.: A vida é triste, ou melhor, muito triste.
Comprei uma caneta, isto é, um lápis.

k) separar as orações subordinadas adjetivas explicativas;

Ex.: Os alunos, que fizeram bagunça, foram expulsos.

BIZU

As orações subordinadas adjetivas, quando isoladas por vírgula, serão explicativas; quando não, serão restritivas. A frase acima significa que os alunos foram expulsos porque fizeram bagunça. Se a frase fosse "Os alunos que fizeram bagunça foram expulsos", significaria que somente aqueles alunos que fizeram bagunça foram expulsos. O melhor, portanto, neste caso, é o leitor se condicionar a perceber a presença da vírgula. Havendo a vírgula, há a ideia de

explicação, de por quê. Não havendo, a ideia é de restrição. Portanto, as vírgulas modificam completamente o sentido das orações subordinadas adjetivas. É importante também esclarecer que a oração explicativa também pode encontrar-se isolada através de travessões ou parênteses.

l) separar, nas datas, o nome do local;

Ex.: Rio de Janeiro, 19 de agosto de 1994.

m) separar as orações reduzidas quando iniciarem uma frase;

Ex.: Dadas as explicações, todos o desculparam.

Ao analisar a situação do país, quase se suicidou.

Percebendo os erros, corrigiu-os.

n) Uso de vírgula antes de **ETC**.

Em tese, não deveria ser aceito, pois é coerente a ausência da vírgula em função de "*et*" em "*et coetera*" significar "e". Como é óbvio que, em "Ele comprou camisa, bermuda, gravata e outros", não há vírgula antes de "e", também não deve haver vírgula antes de "**et**". No entanto, como este uso se encontra deveras difundido, Evanildo Bechara o admite, e na *Gramática da Língua Portuguesa*, Celso Cunha, conquanto não tenha realizado análise sobre seu uso no livro, empregou a vírgula antes de "etc." em várias oportunidades.

Ex.: Ele comprou camisa, bermuda, gravata (,) etc.

24.2. Uso de ponto e vírgula

O ponto e vírgula deve ser utilizado para:

a) separar os itens de uma enumeração;

Ex.: Zico, jogador do Flamengo, foi vendido para a Udinese; Falcão, jogador do Internacional, para o Roma; Sócrates, do Corinthians, para a Fiorentina.

b) separar orações coordenadas assindéticas ou sindéticas adversativas e conclusivas. Normalmente aparecem em frases em que já tenha aparecido a vírgula.

Ex.: Comprei laranja, maçã, pera e banana; no entanto, não comprei nenhum legume.

Falei, falei, falei, e ele ficou calado; logo, ele compreendeu tudo.

"Pensei em prometer algumas dezenas de padre-nossos; tinha, porém, outra promessa em aberto e outro favor pendente" (Machado de Assis).

Obs.: É importante esclarecer que todas as ocorrências de ponto e vírgula podem ser substituídas pelo ponto.

24.3. Uso do ponto

O ponto deve ser utilizado para:

a) indicar o fim de uma frase;

Ex.: Falei e disse.

b) marcar uma abreviação.

Ex.: V. Ex.ª

24.4. Uso de dois-pontos

Os dois-pontos devem ser utilizados para:

a) indicar a introdução de uma fala;

Ex.: Descartes disse: "Penso, logo existo".

b) introduzir um aposto ou uma oração subordinada substantiva apositiva;

Ex.: Comprei frutas: laranja, maçã, pera e manga.

Só disse algumas palavras: que não voltes mais.

c) introduzir um exemplo ou observação.

Ex.: Exemplo: Observação:

24.5. Uso de exclamação

O ponto de exclamação deve ser utilizado para:

a) indicar surpresa, espanto, dor, alegria e ordem.

Ex.: Que espetáculo!

Vá agora!

24.6. Uso de interrogação

O ponto de interrogação deve ser utilizado para:

a) indicar uma interrogativa ***direta***.

Ex.: Por que ele não veio?

Quando Maricota falará contigo?

24.7. Uso de reticências

As reticências devem ser utilizadas para:

a) indicar uma interrupção de um pensamento;

Ex.: Ele não veio, porque...

b) indicar uma ideia de continuidade;

Ex.: Talvez os filhos dos filhos... dos nossos filhos tenham um mundo melhor.

c) pode também indicar uma ideia de ironia.

Ex.: Os políticos são certamente cidadãos muito honestos...

24.8. Uso de aspas

As aspas devem ser utilizadas para:

a) indicar uma citação;

Ex.: "Jogo é jogo, treino é treino", dizia Didi.

b) indicar neologismos, estrangeirismos, gírias etc.

Ex.: Dario dizia que havia sempre uma "solucionática" para toda problemática.

Magri disse que a economia é "imexível".

Os políticos gastam uma fortuna com "outdoor".

– "Bicho", foi sensacional.

c) citar obras artísticas ou científicas.

Ex.: Li "Dom Casmurro" três vezes.

24.9. Uso de parênteses

Os parênteses devem ser utilizados para:

a) acrescentar ao texto comentários ou explicações acessórias.

Ex.: Ayrton Senna (1960-1994) foi o maior ídolo do automobilismo nacional.

As imagens tácitas (implícitas), às vezes, são mais bonitas.

24.10. Uso de travessão

O travessão deve ser utilizado para:

a) ligar palavras que formam uma cadeia na frase;

Ex.: A estrada Rio – São Paulo não está muito bem cuidada.

b) indicar a mudança de interlocutor nos diálogos;

Ex.: – Manoel, porque você faltou?

– João, faltei porque estava doente.

c) acrescentar ideia de explicação ao texto.

Ex.: O candidato – que estuda – passa.

Ronaldo Gaúcho, melhor atleta de 2004 e 2005, é o expoente da seleção brasileira na Copa de 2006.

Obs.: Os parênteses, o(s) travessão(ões) e a(s) vírgulas podem ser utilizados para acrescentar valor de explicação ao período indistintamente.

Ex.: Lula – um ex-operário – chegou à presidência.
Lula (um ex-operário) chegou à presidência.
Lula, um ex-operário, chegou à presidência.

24.11. Exercícios

1. (Analista de Planejamento e Orçamento – MPOG – Esaf) Em relação ao emprego dos sinais de pontuação no texto, assinale a opção correta.

O modo solidário de produção e distribuição parece à primeira vista um híbrido entre o capitalismo e a pequena produção de mercadorias. Mas, na realidade, ele constitui uma síntese que supera ambos. A unidade típica da economia solidária é a cooperativa de produção, cujos princípios organizativos são: posse coletiva dos meios de produção pelas pessoas que as utilizam para produzir; gestão democrática da empresa ou por participação direta (quando o número de cooperadores não é demasiado) ou por representação; repartição da receita líquida entre os cooperadores por critérios aprovados após discussões e negociações entre todos; destinação do excedente anual (denominado sobras) também por critérios acertados entre todos os cooperadores. A cota básica do capital de cada cooperador não é remunerada, somas adicionais emprestadas à cooperativa proporcionam a menor taxa de juros do mercado.

(*Paul Singer*)

a) Se a expressão "à primeira vista" (l.1) estivesse entre vírgulas, o período ficaria gramaticalmente prejudicado.

b) O sinal de dois-pontos (l.4) justifica-se por anteceder citação de depoimento alheio ao autor do texto.

c) As três ocorrências de sinal de ponto e vírgula (l.5, 7 e 9) têm justificativas gramaticais diferentes.

d) Se o emprego de parênteses (l.6, 7 e 9) for substituído por vírgulas, a coerência do texto fica prejudicada.

e) Os parênteses que isolam a expressão "denominado sobras" (l.9) podem, sem prejuízo para o texto, ser substituídos por travessões ou por vírgulas.

2. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) *O caso Montaigne na tradição literária da amizade não é propriamente uma exceção. Como os povos felizes, que – já se disse – não têm história: os sentimentos vitais, contentes e continentes, poucas vezes, enquanto vigem, dublam-se em reflexão e discurso. Por isso, certamente, a clave da perda marca tanto essa literatura e a tinge tão estranhamente de melancolia. (É que talvez os relevos dos grandes sentimentos humanos só se deixem mesmo apalpar pelo avesso: a falta permite, mais facilmente, sondar a profundidade do pleno, a dor, do contentamento.)*

Atente para as afirmações seguintes sobre a pontuação empregada na frase acima, transcrita do 1o parágrafo do texto.

I. O uso dos parênteses para isolar a frase justifica-se por se tratar de uma digressão que, embora relacionada à reflexão feita no parágrafo, interrompe momentaneamente o fluxo do pensamento.

II. Os dois-pontos introduzem um segmento que constitui, de certo modo, uma ressalva ao que se afirma no segmento imediatamente anterior.

III. As vírgulas que isolam o segmento *mais facilmente* poderiam ser retiradas sem prejuízo para a correção e a lógica.

Está correto o que se afirma em:

a) I, apenas;
b) I e II, apenas;
c) I e III, apenas;
d) II e III, apenas;
e) I, II e III.

3. (AFTE – Esaf) Marque a assertiva errada em relação ao texto seguinte:

O ano de 2003 é marcado pela recessão econômica no Brasil e em vários países do mundo. Aqui, o clima foi de expectativa em relação a um novo governo que assumiu o País diante de um grave quadro de desigualdade social. O Brasil assistiu, estarrecido, no outro lado do mundo, a uma invasão no Oriente Médio promovida pela dupla Bush/Blair. E o terrorismo só recrudesceu. De que forma todos esses acontecimentos podem ter influído no imaginário do executivo brasileiro?

(*Carta Capital*, no 307)

a) A substituição de "é marcado" (l.1) por marca-se mantém a informação original e a correção gramatical do período.
b) A vírgula depois de "Aqui" (l.2) pode ser dispensada sem prejuízo da correção por tratar-se de pontuação facultativa.

c) "Expectador" é uma palavra cognata de "Expectativa", mas ao contrário dessa pode também ser grafada com "s" na primeira sílaba, sem alteração de sentido.
d) Se as vírgulas que estão isolando "estarrecido" (l.3) forem substituídas por travessões, o período permanece correto.
e) A preposição "a" em "a uma invasão" (l.4) caracteriza a escrita formal, culta e, geralmente, é dispensada se usado um estilo menos formal.

Leia o texto a seguir para responder à questão 4.

Enquanto o patrimônio tradicional continua sendo responsabilidade dos Estados, a promoção da cultura moderna é cada vez mais tarefa de empresas e órgãos privados. Dessa diferença derivam dois estilos de ação cultural. Enquanto os governos pensam sua política em termos de proteção e preservação do patrimônio histórico, as iniciativas inovadoras ficam nas mãos da sociedade civil, especialmente daqueles que dispõem de poder econômico para financiar arriscando. Uns e outros buscam na arte dois tipos de ganho simbólico: os Estados, legitimidade e consenso ao aparecer como representantes da história nacional; as empresas, obter lucro e construir através da cultura de ponta, renovadora, uma imagem "não interessada" de sua expansão econômica.
(Nestor Garcia Canclini. *Culturas Híbridas*, p. 33, com adaptações)

4. (AFRF – Esaf) Assinale a alteração na pontuação que provoca incoerência textual ou erro gramatical no texto.
a) A substituição do ponto final depois de "cultural" (l.3) por **dois-pontos**.
b) A substituição dos dois-pontos depois de "simbólico" (l.7) pelo sinal de **ponto e vírgula**.
c) A substituição do sinal de ponto-e-vírgula depois de "nacional" (l.8) pela conjunção **e**.
d) A inserção de uma vírgula depois de "construir" (l.8).
e) A retirada da vírgula depois de "ponta" (l.8).

5. (AFRF – Esaf) No texto abaixo foram substituídos sinais de pontuação por números. Assinale a sequência de sinais de pontuação que devem ser inseridos nos espaços indicados para que o texto se torne coerente e gramaticalmente correto. Desconsidere a necessidade de transformar letras minúsculas em maiúsculas.
Os seres humanos sofrem sempre conflitos de interesse com os ressentimentos, facções, coalizões e instáveis alianças que os acompanham (1) no entanto, o que mais interessa nesses fenômenos conflituosos não é o quanto eles nos separam, mas quão frequentemente eles são neutralizados, perdoados e desculpados. Nos seres humanos (2) com seu extraordinário dom narrativo, uma das principais formas de manutenção da paz é o dom

humano de apresentar (3) dramatizar e explicar as circunstâncias atenuantes em torno de violações que ameaçam introduzir conflito na habitualidade da vida (4) o objetivo de tal narrativa não é reconciliar, não é legitimar, nem mesmo desculpar, mas antes (5) explicar.
(Jerome Bruner. *Atos de significação*, com adaptações)

a) ; , . : .

b) ; - ; . ;

c) , ; - ; :

d) , . : ; :

e) . , , . ,

6. (Susep – Esaf) Os trechos abaixo constituem um texto. Assinale a opção em que o emprego dos sinais de pontuação está correto.
a) A preservação do crescimento da China, por suas particularidades se faz com redução dos efeitos irradiadores sobre as demais economias.
b) Isto porque a estabilidade do crescimento do PIB chinês, mascara um fato crucial, qual seja, a forte redução do investimento nessa economia.
c) Um longo período de aumento do investimento, durante o qual chegou-se a incrementos acima de 40% ao ano termina por engendrar um excesso de capacidade de produção em vários segmentos, cuja digestão demandará algum tempo.
d) Isto obviamente, não significa desaceleração no sentido tradicional, ou seja, do produto corrente, mas implica menor efeito irradiador sobre as economias das quais a China importa máquinas e equipamentos.
e) Outro aspecto do desenvolvimento recente na China é a redução do coeficiente importado em razão da entrada em operação de plantas produtoras de *commodities* industriais.

7. (TRF) Considere os períodos I, II e III, pontuados de duas maneiras diferentes.
I. Entregues os documentos pelo correio, seguirão outras informações relativas ao processo.

Entregues os documentos, pelo correio seguirão outras informações, relativas ao processo.
II. A audiência será marcada de imediato pelo advogado e o promotor conjuntamente.
A audiência será marcada, de imediato, pelo advogado e o promotor conjuntamente.
III. É bom que se arquivem os processos que estão com o prazo vencido.
É bom que se arquivem os processos, que estão com o prazo vencido.
Com a pontuação diferente, ocorreu alteração de significado em:
a) I, somente;
b) II, somente;
c) I e II;
d) I e III;
e) II e III.

8. (ANA – Esaf) Em relação à pontuação do texto, assinale a opção correta.
A água pode ter diversas finalidades, como: abastecimento humano, dessedentação animal, irrigação, indústria, geração de energia elétrica, lazer, navegação etc. Muitas vezes, esses usos podem ser concorrentes, o que gera conflitos entre setores usuários ou mesmo impactos ambientais.
Nesse sentido, é necessário gerir e regular os recursos hídricos, acomodando as demandas econômicas, sociais e ambientais por água em níveis sustentáveis, para permitir a convivência dos usos atuais e futuros da água sem conflitos. Por isso, a outorga é fundamental, pois, ordenando e regularizando o uso da água, é possível assegurar ao usuário o efetivo acesso a ela, bem como realizar o controle quantitativo e qualitativo dos usos desse precioso recurso.
(*José Machado* *http://www.ana.gov.br/SalaImprensa/artigos/set.2008.pdf*)
a) As vírgulas da linha dois justificam-se porque isolam elementos de mesma função gramatical componentes de uma enumeração.
b) O emprego do sinal de dois-pontos (l.1) justifica-se por anteceder oração subordinada adjetiva restritiva.
c) A vírgula após "Muitas vezes" (l.4) justifica-se para isolar conjunção temporal.
d) O emprego de vírgula após "hídricos" (l.8) justifica-se para isolar oração subordinada adverbial comparativa.
e) O emprego de vírgula após "fundamental" (l.11) justifica-se por isolar oração subordinada adverbial condicional.

9. (ARF – Esaf) Assinale o trecho do texto adaptado de Boris Fausto (Memória e História) em que, na transcrição, foram plenamente atendidas as regras de pontuação.

a) Em uma fila no banco, na época em que, no Brasil, houve congelamento dos depósitos bancários, uma jovem, de traços orientais, permanecia calada e, aparentemente, atenta aos movimentos de todos, como se a qualquer momento, alguém pudesse passar à sua frente.
b) Pensei, ainda, em lembrá-la de que, por outro lado, a experiência dos japoneses no Brasil estava longe de representar um desastre. No entanto, bastou olhar para a neta do sol nascente e, logo, perceber que ela se transportara para outras esferas, alheia à fila e a tudo o mais que a rodeava.
c) Não era nada disso. A jovem decifrou o enigma, em tom suspiroso, explicando que, no começo dos anos de 1930, grande parte da família decidira emigrar para a Califórnia, mas seu avô meio aventureiro, optara infelizmente, pelo Brasil.
d) Tentei esboçar um discurso sociológico, ponderando, que os imigrantes japoneses localizados na costa do Pacífico, tinham atravessado momentos adversos, especialmente, no curso da Segunda Guerra Mundial, quando muitos deles foram transferidos para campos de confinamento no meio-oeste americano.
e) De repente, sua voz se ergueu enigmática: "A culpa de tudo isso é do meu avô." Nos segundos seguintes, a melhor hipótese que me passou pela cabeça, foi a de um avô conservador, aconselhando a neta a poupar, em vez de gastar, apoiado em uma versão japonesa da fábula da cigarra e da formiga.

10. (ARF – Esaf) Assinale a justificativa correta para o emprego de vírgula.
A economia real nos Estados Unidos e na Europa segue em compasso de espera. Isso significa que o produto e o emprego seguem em declínio, (1) mas a uma velocidade menor. Seja como for, as injeções de liquidez, os programas de compra de ativos podres, (2) as garantias oferecidas pelas autoridades e a capitalização das instituições financeiras não fizeram pouco. Além de construir um piso para a deflação de ativos, as intervenções de provimento de liquidez suscitaram, (3) diriam os keynesianos, (3) um movimento global no interior da circulação financeira. O inchaço da circulação financeira teve efeitos mesquinhos sobre a circulação industrial, (4) ou seja, (4) sobre a movimentação do crédito e da moeda destinada a impulsionar a produção e o emprego. Observa-se, (5) no entanto, (5) um rearranjo dentro do estoque de riqueza que responde aos preços esperados dos ativos "especulativos" por parte dos investidores que sobreviveram ao colapso da liquidez. Agarrados aos salva-vidas lançados com generosidade pelo gestor em última instância do dinheiro – esse bem público objeto da cobiça privada – os senhores da finança tratam de restaurar as práticas e operações de "normalização dos mercados", isto é, aquelas que levaram à crise.
(Luiz Gonzaga Beluzzo, adaptado do *Valor Econômico* de 14 de outubro de 2009)

a) (1) A vírgula separa oração coordenada assindética.
b) (2) A vírgula separa elementos de mesma função sintática componentes de uma enumeração.
c) (3) As vírgulas isolam uma expressão apositiva.
d) (4) As vírgulas isolam conjunção coordenativa conclusiva.
e) (5) As vírgulas isolam conjunção subordinativa concessiva intercalada na oração principal.

11. (DNOCS – FCC) A pontuação desta frase está inteiramente correta:
a) A dialética sendo uma verdade mais séria, do que se costuma crer, manifesta-se no processo de resistência, da cultura popular.
b) De fato a cultura de massa com a enorme força de que dispõe, costuma apropriar-se das formas da cultura popular, inapelavelmente.
c) A socialização, proveniente das boas relações comunitárias constitui, sem dúvida, uma bela forma de autopreservação, na cultura popular.
d) As escolas de samba, nas festas promovidas para turistas, constituem matéria-prima e *mão de obra*, simultaneamente, para o capital.
e) Costumam, as diferentes manifestações de cultura popular, descaracterizar-se de vez que não resistem, às pressões da cultura de massa.

12. (TCM – CE) Está plenamente adequada a pontuação da seguinte frase:
a) A rotina, afirmam alguns, é inimiga da criatividade, mas essa tese, segundo o cronista, é uma falácia: basta ver o que já ocorreu em nossa literatura.
b) A rotina, afirmam alguns: é inimiga da criatividade; mas essa tese segundo o cronista é uma falácia, basta ver o que já ocorreu em nossa literatura.
c) A rotina – afirmam alguns – é inimiga da criatividade: mas essa tese, segundo o cronista, é uma falácia, basta ver o que já ocorreu, em nossa literatura.
d) A rotina, afirmam alguns, é inimiga da criatividade; mas essa tese segundo o cronista, é uma falácia, basta ver, o que já ocorreu em nossa literatura.
e) A rotina, afirmam alguns, é inimiga da criatividade mas, essa tese, segundo o cronista, é uma falácia: basta ver o que já ocorreu, em nossa literatura.

13. (MPE – RN – FCC) É preciso corrigir a pontuação da frase:
a) Não obstante a imagem de candura, as crianças podem ser perversas por conta dos instintos, manifestação que, aliás, nos comandam a todos.
b) Não apenas as crianças, também os adultos cedem aos instintos primitivos, de cuja manifestação, muitas vezes, tendemos a nos envergonhar.

c) O autor não se mostra nada simpático à tese da bondade natural, proposta e defendida por Rousseau, embora admita o grande prestígio de que goza esse filósofo.
d) No século 18, marcado pela ação dos pensadores iluministas, pedagogos como Rousseau, desejosos de mudanças, propuseram teses revolucionárias.
e) Deve-se à aparência meiga das crianças, boa parte da crença de que elas são seres angelicais, e por isso, incapazes de cometer crueldades.

14. (MPE – SE – FCC) A pontuação está inteiramente correta na frase:
a) Nosso admirável poeta Carlos Drummond de Andrade, em um poema antológico, foi capaz de definir em um único verso um atributo do tédio: esse sentimento mortal que, se descuidarmos, pode tomar conta de nós.
b) Nosso admirável poeta, Carlos Drummond de Andrade, em um poema antológico foi capaz de definir em um único verso: um atributo do tédio; esse sentimento mortal que se descuidarmos, pode tomar conta de nós.
c) Nosso admirável poeta Carlos Drummond de Andrade em um poema antológico, foi capaz de definir em um único verso, um atributo do tédio, esse sentimento mortal, que se descuidarmos pode tomar conta de nós.
d) Nosso admirável poeta, Carlos Drummond de Andrade em um poema antológico foi capaz de definir em um único verso, um atributo do tédio; esse sentimento mortal, que se descuidarmos pode tomar conta de nós.
e) Nosso admirável poeta Carlos Drummond de Andrade, em um poema antológico foi capaz, de definir em um único verso, um atributo do tédio, esse sentimento mortal que, se descuidarmos pode tomar conta de nós.

15. (AFTN) Indique o trecho que apresenta <u>erro</u> quanto ao emprego dos sinais de pontuação.
a) "Interferências demagógicas de governos, levaram o Sistema Brasileiro de Habitação à falência em que hoje se encontra". (*Folha de São Paulo*, 05/10/1989, p. A-4.)
b) "Mas a disputa pelos direitos do livro – a ser editado no Brasil, evidentemente, pela Marco Zero, da qual Márcio de Souza é diretor – apenas começou". (*Leia*, agosto / 1989, p. 14.)
c) "O convite veio de Jofre Rodrigues, sócio principal da produtora J. N. Filmes. Assim que a notícia foi divulgada na Europa, editoras alemãs, francesas e americanas começaram a assediar o agente literário Thomas Colchio, que responde pelo escritor brasileiro na França". (*Leia*, agosto / 1994, p. 14.)

d) "Ao lado da disputa pelos direitos de filmagem da vida do líder seringueiro Chico Mendes, arma-se uma outra briga: o alvo, agora, é o argumento do filme, que será escrito pelo romancista amazonense Márcio de Souza". (*Leia*, agosto / 1994, p. 14.)
e) "O bom humor voltou à vida de Arraes depois do encontro com Brizola na semana passada. Exatamente o que conversaram os dois políticos ninguém sabe". (*Folha de São Paulo*, 5/10/1989, p. A-4.)

16. (TRF-2ª Região – FCC) A pontuação está plenamente adequada na frase:
a) O cronista, diante da possibilidade de habitar uma ilha, enumera uma série de argumentos que, a princípio, desqualificariam as supostas vantagens de um insulamento, mas, ao fim e ao cabo, convence-se de que está na ilha a última chance de desfrutarmos nossa liberdade.
b) O cronista diante da possibilidade, de habitar uma ilha, enumera uma série de argumentos, que a princípio desqualificariam as supostas vantagens de um insulamento, mas ao fim e ao cabo, convence-se de que está na ilha a última chance de desfrutarmos nossa liberdade.
c) O cronista diante da possibilidade de habitar uma ilha enumera uma série de argumentos, que a princípio, desqualificariam as supostas vantagens de um insulamento; mas ao fim e ao cabo convence-se, de que está na ilha a última chance de desfrutarmos nossa liberdade.
d) O cronista, diante da possibilidade de habitar uma ilha enumera uma série de argumentos, que a princípio, desqualificariam as supostas vantagens de um insulamento mas, ao fim e ao cabo convence-se de que está na ilha, a última chance de desfrutarmos nossa liberdade.
e) O cronista, diante da possibilidade de habitar uma ilha enumera uma série de argumentos que a princípio, desqualificariam as supostas vantagens de um insulamento; mas ao fim e ao cabo, convence-se de que, está na ilha, a última chance de desfrutarmos nossa liberdade.

17. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) A supressão das vírgulas altera o sentido da seguinte frase:
a) Meninos de rua são, quase sempre, vistos como párias sociais, e não como vítimas.
b) Saber que, felizmente, há instituições como o SAID é motivo para alento e renovação de esperanças.
c) Não há, hoje em dia, quem possa alegar desconhecimento da situação dos jovens viciados.

d) Aqui e ali, podemos nos deparar com o trágico quadro de menores entregues ao destino das ruas.
e) Os menores de rua, que o vício das drogas arrebatou, demandam com urgência que os resgatemos desse inferno.

18. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – FCC) Está plenamente adequada a pontuação da seguinte frase:
a) Embora ansioso, por aposentar-se, o autor não parece convicto de que, o ócio lhe fará bem; tanto assim que vez ou outra imagina atividades, que passará a exercer.
b) Embora ansioso por aposentar-se o autor, não parece convicto, de que o ócio lhe fará bem, tanto assim que vez ou outra, imagina atividades que passará a exercer.
c) Embora ansioso por aposentar-se, o autor, não parece convicto de que o ócio lhe fará bem, tanto assim que, vez ou outra, imagina atividades, que passará a exercer.
d) Embora ansioso por aposentar-se, o autor não parece convicto de que o ócio lhe fará bem, tanto assim que, vez ou outra, imagina atividades que passará a exercer.
e) Embora ansioso, por aposentar-se, o autor não parece convicto de que o ócio lhe fará bem: tanto assim, que vez ou outra, imagina atividades que passará a exercer.

(AFTN) Nas questões 19 e 20, marque o texto em que os sinais de pontuação não foram usados corretamente.
19.
a) Denis de Rougemont tornou o Romance de Tristão e Isolda, datado do século XVII, como o "nascimento da paixão" no Ocidente.
b) Contra o casamento de interesse e contra a concepção cristã do casamento feliz por amor, a paixão é um estado amoroso que parece se alimentar da sua própria impossibilidade, encontrando a sua máxima realização no seu obstáculo supremo, que é a morte.
c) Rastreando os enigmas da paixão, contidos em Tristão e Isolda, Rougemont aponta as fontes do mito nas heresias de fundo maniqueístas, para as quais a morte, representa a passagem da Noite da matéria para o Dia luminoso do espírito.
d) Vivendo, no seu transporte febril, a promessa vigente de uma libertação dos limites da existência e da infelicidade do viver, os amantes, que se buscam e que se afastam, mais fiéis à própria paixão do que ao desejo da presença do outro, buscam transfigurar a morte em triunfo.
e) Implícito no código cortês da poesia trovadoresca, recorrente numa longa tradição literária, alimentado na ficção de massas (e dissipado do seu fundamento místico), o amor-paixão vigora em contradição com as normas sociais e a ortodoxia religiosa. (José Miguel Winsk; com adaptações)

20.

a) Uma das articulações clássicas da tradição marxista, a que junta a pobreza à dominação, se desfez nas sociedades desenvolvidas: cada vez mais se torna possível a satisfação das necessidades econômicas sem que as exigências políticas sejam atendidas.

b) Neste sentido, faz-se problemática a conceituação de progresso.

c) Mais complexas ainda, se tornam as definições sobre o conceito se pensarmos em um outro elemento, dificilmente presente nas reflexões tradicionais da filosofia política – a questão da felicidade.

d) Esta, juntamente com o tema da paixão, foi reduzida, na nossa tradição, ao domínio da subjetividade, do psicológico.

e) Propomo-nos a pensar a dimensão da paixão na política e tomamos, como ponto de partida, alguns artigos de Walter Benjamin (Kátia Muricy; com adaptações).

21. (Sefaz – SP – FCC) A pontuação está plenamente adequada na frase:

a) Aos que condenam a nostalgia argumentando, contra o passadismo, pode-se responder com a frase de um pensador: segundo o qual a saudade de tempos melhores, longe de ser reacionária, instiga-nos a esperar mais do presente.

b) Aos que condenam a nostalgia, argumentando contra o passadismo, pode-se responder, com a frase de um pensador, segundo o qual a saudade de tempos melhores longe de ser reacionária, instiga-nos a esperar mais do presente.

c) Aos que condenam a nostalgia argumentando contra o passadismo, pode-se responder com a frase, de um pensador, segundo o qual: a saudade de tempos melhores, longe de ser reacionária, instiga-nos a esperar mais do presente.

d) Aos que condenam a nostalgia argumentando contra o passadismo, pode-se responder com a frase de um pensador, segundo o qual a saudade de tempos melhores, longe de ser reacionária, instiga-nos a esperar mais do presente.

e) Aos que condenam a nostalgia, argumentando contra o passadismo pode-se responder com a frase de um pensador, segundo o qual, a saudade de tempos melhores, longe de ser reacionária instiga-nos a esperar mais do presente.

22. (TFC) Assinale o período corretamente pontuado.

a) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis, que, num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.

b) Os carros modernos, são feitos com chapas bastante flexíveis que, num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.

c) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis, que num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.
d) Os carros modernos são feitos, com chapas bastante flexíveis, que, num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.
e) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis que num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.

23. (TRT – 8R – FCC) Desconsiderada a sua organização em versos, a primeira estrofe da canção está corretamente pontuada em:
a) Quando eu me encontrava preso na cela de uma cadeia, foi que vi, pela primeira vez, as tais fotografias em que apareces: inteira. Porém, lá não estavas, nua e sim coberta de nuvens...
b) Quando eu me encontrava preso, na cela de uma cadeia foi que vi pela primeira vez, as tais fotografias, em que apareces inteira: porém, lá não estavas nua, e sim coberta de nuvens...
c) Quando eu me encontrava preso na cela de uma cadeia, foi que vi pela primeira vez as tais fotografias em que apareces inteira. Porém, lá não estavas nua e, sim, coberta de nuvens...
d) Quando eu me encontrava, preso na cela de uma cadeia, foi que vi pela primeira vez as tais fotografias em que apareces inteira, porém: lá não estavas nua e sim coberta de nuvens...
e) Quando eu me encontrava preso na cela, de uma cadeia, foi que vi pela primeira vez as tais fotografias em que apareces, inteira. Porém, lá, não estavas nua e sim, coberta de nuvens...

24. (Analista Judiciário – TRE-SP – FCC) Está inteiramente adequada a pontuação do seguinte período:
a) Em qualquer escalão do governo costuma haver mais cedo, ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado, por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança que ficam ao sabor, das conveniências políticas.
b) Em qualquer escalão, do governo, costuma haver mais cedo ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.
c) Em qualquer escalão do governo, costuma haver, mais cedo ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

d) Em qualquer escalão do governo costuma haver, mais cedo ou mais tarde, atritos, entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso e o pessoal, indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.
e) Em qualquer escalão do governo costuma haver mais cedo, ou mais tarde atritos, entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado, por concurso, e o pessoal indicado, para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

25. (Técnico Judiciário – TRE-SP – FCC) Está inteiramente correta e adequada a pontuação da seguinte frase:
a) Mesmo nas obras modernistas que, por um motivo ou outro, parecem hoje datadas, pode-se reconhecer a importância que tiveram, na época, para a busca da liberdade de criação e expressão, conquista que Mário de Andrade não se cansou de acentuar.
b) Mesmo nas obras modernistas, que por um motivo, ou outro, parecem hoje datadas pode-se reconhecer a importância que tiveram na época, para a busca da liberdade de criação e expressão, conquista que Mário de Andrade não se cansou, de acentuar.
c) Mesmo nas obras modernistas, que por um motivo ou outro, parecem hoje datadas, pode-se reconhecer a importância que tiveram, na época, para a busca da liberdade de criação e expressão: conquista, que Mário de Andrade não se cansou de acentuar.
d) Mesmo nas obras modernistas que, por um motivo ou outro, parecem hoje datadas pode-se reconhecer, a importância que tiveram na época, para a busca da liberdade de criação e expressão, conquista que, Mário de Andrade, não se cansou de acentuar.
e) Mesmo nas obras modernistas que por um motivo ou outro, parecem hoje datadas, pode-se reconhecer a importância que tiveram, na época para a busca da liberdade de criação e expressão; conquista que Mário de Andrade não se cansou de acentuar.

26. (TTN) Assinale a alternativa que apresenta o emprego correto dos sinais de pontuação.
a) Na Suíça, delegados de 103 países, grande parte deles com as vestes africanas, determinaram a proibição total da caça aos elefantes. (Trechos da *Isto é / Senhor*, 25/10/1989.)
b) Na Suíça, delegados de 103 países, grande parte deles com suas vestes africanas, determinaram a proibição total, da caça aos elefantes.
c) Na Suíça delegados de 103 países, grande parte deles com suas vestes africanas determinaram a proibição total, da caça aos elefantes.
d) Na Suíça, delegados de 103 países, grande parte deles com suas vestes africanas determinaram a proibição, total da caça aos elefantes.
e) Na Suíça, delegados de 103 países grande parte deles com suas vestes africanas determinaram, a proibição total da caça aos elefantes.

27. (Técnico Judiciário – TRE-SP – FCC) ***Esta cidade que está acabando, que já acabou com a garoa, os bondes, o trem da Cantareira, as cantigas do Bexiga, Adoniran não a deixará acabar...***

Mantendo-se, em linhas gerais, o sentido original, uma redação alternativa para a frase acima, em que se respeitam as regras de pontuação, é:

a) Adoniran não deixará acabar, a cidade que está acabando, e que já acabou com a garoa, os bondes, o trem da Cantareira, as cantigas do Bexiga...

b) Adoniran não deixará acabar a cidade, que está acabando e que já acabou, com a garoa, os bondes, o trem da Cantareira, as cantigas do Bexiga...

c) Adoniran, não deixará acabar a cidade, que está acabando – e que já acabou – com a garoa, os bondes, o trem da Cantareira, as cantigas do Bexiga...

d) Adoniran não deixará acabar a cidade que está acabando e que já acabou com a garoa, os bondes, o trem da Cantareira, as cantigas do Bexiga...

e) Adoniran, não deixará acabar a cidade que está acabando e que, já acabou, com a garoa, os bondes, o trem da Cantareira, as cantigas do Bexiga...

28. (TRE – AL – FCC) A pontuação está inteiramente adequada na frase:

a) Será preciso, talvez, redefinir a infância já que as crianças de hoje, ao que tudo indica nada mais têm a ver com as de ontem.

b) Será preciso, talvez redefinir a infância: já que as crianças, de hoje, ao que tudo indica nada têm a ver, com as de ontem.

c) Será preciso, talvez: redefinir a infância, já que as crianças de hoje ao que tudo indica, nada têm a ver com as de ontem.

d) Será preciso, talvez redefinir a infância? – já que as crianças de hoje ao que tudo indica, nada têm a ver com as de ontem.

e) Será preciso, talvez, redefinir a infância, já que as crianças de hoje, ao que tudo indica, nada têm a ver com as de ontem.

29. (TTN) Marque o texto onde ocorre <u>erro</u> de pontuação.

a) Os estabelecimentos fundados por portugueses, lá pelos anos de 1618, começavam no Pará, quase sob o Equador, e terminavam em Cananeia, além do trópico.

b) Entre uma e outra capitania havia longos espaços desertos, de dezenas de léguas de extensão. A população de língua europeia, cabia folgadamente em cinco algarismos.

c) A camada ínfima da população era formada por escravos, filhos da terra, africanos ou seus descendentes.

d) Os filhos da terra eram menos numerosos pela pouca densidade originária da população indígena, pelos grandes êxodos que os afastaram da costa, pelas constantes epidemias que os dizimaram, pelos embaraços, nem sempre inúteis, opostos ao seu escravizamento.
e) Acima desta população, sem terra e sem liberdade, seguiam-se os portugueses de nascimento ou origem, sem terra, porém livres: feitores, mestres de açúcar, oficiais mecânicos, vivendo dos seus salários ou do feitio de obras encomendadas. (Capistrano de Abreu, com adaptações.)

30. (TTN) Indique o trecho em que os sinais de pontuação estão bem empregados.
a) O principal dado da pesquisa do DataFolha sobre a sucessão presidencial, publicada ontem, é o fato de que, pela primeira vez desde abril, os números indicam que haverá um segundo turno.
b) O principal dado, da pesquisa do DataFolha, sobre a sucessão presidencial, publicada ontem, é o fato de que pela primeira vez, desde abril, os números indicam que haverá um segundo turno.
c) O principal dado da pesquisa do DataFolha sobre a sucessão presidencial publicada ontem, é o fato de, que pela primeira vez, desde abril, os números indicam que haverá um segundo turno.
d) O principal dado da pesquisa do DataFolha, sobre a sucessão presidencial, publicada ontem é o fato de, que pela primeira vez, desde abril, os números indicam que haverá um segundo turno.
e) O principal dado da pesquisa do DataFolha sobre a sucessão presidencial publicada, ontem, é o fato de que pela primeira vez, desde abril os números indicam que haverá um segundo turno.

(AFTN) Nos textos apresentados nas questões 31 e 32, marque o período em que ocorre <u>erro</u> de pontuação.

31.
a) Em todas as culturas, o processo pelo qual a lei geral suplanta a lei particular, faz-se acompanhar de crises mais ou menos graves e prolongadas, que podem afetar, profundamente, a estrutura da sociedade. (Sérgio Buarque de Holanda, com adaptações.)
b) Ninguém exprimiu, com mais intensidade, a oposição e mesmo a incompatibilidade fundamental entre o Estado e a família do que Sófocles.
c) Creonte encarna a noção abstrata, impessoal da Cidade em luta contra essa realidade concreta e tangível que é a família.

d) Antígona, sepultando Polinice contra as ordenações do Estado, atrai sobre si a cólera do irmão, que não age em nome de sua vontade pessoal, mas da suposta vontade geral dos cidadãos.
e) O conflito entre Antígona e Creonte é de todas as épocas, e preserva-se sua veemência ainda em nossos dias.

32.
a) No período colonial, haverá forçosamente de ocupar-se de sujeitos e obras de escasso ou até nenhum valor literário, como são quase todas as dessa época. (José Veríssimo, com adaptações.)
b) Por um mau patriotismo, sentimento funesto a toda a história, que necessariamente vicia, e também por vaidade da erudição, presumiram os nossos historiadores literários avultar e valorizar o seu assunto, ou o seu próprio conhecimento dele, com fartos róis de autores e obras, acompanhados de elogios desmarcados e impertinentes qualificativos.
c) Não obstante o pregão patriótico, tais nomes e obras continuaram desconhecidos, eles e elas não lidos.
d) Igualmente não desejo continuar a fazer da história da nossa literatura um cemitério, enchendo-o de autores de todo mortos, alguns ao nascer.
e) Não quero cair no mesmo engano e supor que a crítica ou história literária, têm faculdades para dar vida e mérito ao que de si não tem.

33. (AFTE – RN – Esaf) Marque a versão do fragmento de texto de Delfim Netto (em *Carta Capital*) que está em desacordo com as normas de emprego dos sinais de pontuação.
a) É um pesadelo a Ata da última reunião do Conselho de Política Monetária (Copom)! O parágrafo 26 lembra que as metas inflacionárias são fixadas pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) e que, ao BC, resta cumpri-las. Estabelecido esse *hedge*, o "ambiente" da ata é de um radicalismo absoluto: obedecê-las, custe o que custar!
b) É um pesadelo a Ata da última reunião do Conselho de Política Monetária (Copom): o parágrafo 26 lembra que as metas inflacionárias são fixadas pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) e que, ao BC, resta cumpri-las. Estabelecido esse *hedge*, o "ambiente" da ata é de um radicalismo absoluto: obedecê-las, custe o que custar!
c) É um pesadelo a Ata da última reunião do Conselho de Política Monetária (Copom). O parágrafo 26 lembra que as metas inflacionárias são fixadas pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) e que, ao BC, resta cumpri-las. Estabelecido esse *hedge*, o "ambiente" da ata é de um radicalismo absoluto: obedecê-las, custe o que custar!
d) É um pesadelo a Ata da última reunião do Conselho de Política Monetária (Copom)! O parágrafo 26 lembra que, as metas inflacionárias são fixadas pelo Conselho Monetário

Nacional (CMN) e que, ao BC, resta cumpri-las. Estabelecido esse *hedge*, o "ambiente" da ata é de um radicalismo absoluto: obedecê-las, custe o que custar!
e) É um pesadelo a Ata da última reunião do Conselho de Política Monetária (Copom)! O parágrafo 26 lembra que as metas inflacionárias são fixadas pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) e que, ao BC, resta cumpri-las. Estabelecido esse *hedge*, o "ambiente" da ata é de um radicalismo absoluto. Obedecê-las, custe o que custar!

34. (Fiscal ICMS-RJ – FGV) ***O risco não vem de alguma ameaça cósmica – o choque de algum meteoro ou asteroide rasante – nem de algum cataclismo natural produzido pela própria Terra – um terremoto sem proporções ou algum deslocamento fenomenal de placas tectônicas*****.**
Assinale a alternativa que apresente a função correta dos travessões empregados no fragmento acima:
a) Destacar o argumento que constitui a informação mais relevante do período.
b) Introduzir discurso direto, indicando a mudança de interlocutor.
c) Isolar informação aposta que exemplifica o enunciado anterior.
d) Marcar a aceleração da voz na melodia típica das orações restritivas.
e) Assinalar a pausa máxima da voz numa entoação ascendente.

35. (Comissário da Justiça da Criança e da Juventude – NCE)
Governo
Creio no governo pelo povo; creio, porém, que o governo do povo tem uma base de sua legitimidade na cultura da inteligência nacional pelo desenvolvimento nacional do ensino, no qual as maiores liberalidades do Tesouro substituirão sempre o mais reprodutivo emprego da riqueza pública...
(Rui Barbosa)
As vírgulas que separam a conjunção porém se devem:
a) ao deslocamento da conjunção para o meio da frase;
b) à necessidade de destacar uma ideia essencial ao texto;
c) ao fato de uma conjunção adversativa vir sempre entre vírgulas;
d) à presença de um sujeito posposto;
e) a uma característica estilística de Rui Barbosa.

36. (TRT – 9ª Região – NCE) Observe o uso das vírgulas em "Sabe-se que o governo, para enfrentar a crise, adotará uma pluralidade de medidas". A justificativa para o emprego de vírgulas neste exemplo é a mesma válida para a opção:

a) "... com a qual se pretende conferir a tais medidas, por maldosas que sejam, um atestado de bom comportamento".
b) "Nos últimos anos, substituiu-se o 'em desenvolvimento' por 'emergente', palavra que igualmente se opõe ao 'sub'."
c) "O terceiro, 'conjunto de medidas' em lugar de 'pacote', fala exclusivamente à sensibilidade brasileira (...)".
d) "O que isso tudo quer dizer é que quando é difícil modificar a sociedade, ou o governo, modifica-se a linguagem".
e) "'Excluído', dirá o leitor, tem um sentido diverso".

37. (Auditor – Sefaz-RJ – FGV) ***Porém, sofrendo o Brasil os influxos de modelos legislativos estrangeiros, assim como estando as matrizes das empresas transnacionais que aqui operam sujeitas às normas de seus países de origem, não tardará para que as práticas que envolvem o criminal compliance sejam estendidas a diversos outros segmentos da economia.***
Assinale a alternativa em que a alteração do período acima tenha mantido adequação quanto ao seu sentido original e correção quanto à pontuação.
a) Sofrendo o Brasil, no entanto, os influxos de modelos legislativos estrangeiros – assim como estando as matrizes das empresas transnacionais que aqui operam sujeitas às normas de seus países de origem –, não tardará para que as práticas que envolvem o *criminal compliance* sejam estendidas a diversos outros segmentos da economia.
b) Entretanto, sofrendo o Brasil os influxos de modelos legislativos estrangeiros, – assim como estando as matrizes das empresas transnacionais que aqui operam sujeitas às normas de seus países de origem – não tardará para que as práticas que envolvem o *criminal compliance* sejam estendidas a diversos outros segmentos da economia.
c) Sofrendo, contudo, o Brasil os influxos de modelos legislativos estrangeiros – assim como estando as matrizes das empresas transnacionais que aqui operam sujeitas às normas de seus países de origem – não tardará para que as práticas que envolvem o *criminal compliance* sejam estendidas a diversos outros segmentos da economia.
d) Todavia, sofrendo o Brasil os influxos de modelos legislativos estrangeiros, – assim como estando as atrizes das empresas transnacionais que aqui operam sujeitas às normas de seus países de origem –, não tardará para que as práticas que envolvem o *criminal compliance* sejam estendidas a diversos outros segmentos da economia.
e) Contudo, sofrendo o Brasil os influxos de modelos legislativos estrangeiros – assim como estando as matrizes das empresas transnacionais que aqui operam sujeitas às normas de seus países de origem, não tardará para que as práticas que envolvem o *criminal compliance* sejam estendidas a diversos outros segmentos da economia.

38. (AFC – Esaf) Assinale o diagnóstico correto acerca do emprego das vírgulas no trecho seguinte.

A nova disciplina das sociedades limitadas, está presente no Código Civil de 2002, que inovou em relação ao diploma anterior e tratou de matéria de cunho eminentemente comercial, revogando, assim, neste aspecto, o vetusto Código Comercial que datava do século passado.

a) O trecho está corretamente pontuado: não sobram nem faltam vírgulas.

b) O erro de pontuação está no mau emprego da vírgula colocada após a palavra "limitadas". Sendo ela eliminada, o trecho torna-se gramaticalmente correto.

c) Para o trecho ficar corretamente pontuado, é preciso eliminar a vírgula colocada após a palavra "limitadas" e inserir uma vírgula após a palavra "comercial".

d) Há três erros de pontuação: ausência de vírgula após a palavra "presente", presença da vírgula depois de "2002" e presença da vírgula depois da palavra "revogando".

e) Basta uma vírgula isolando a oração adjetiva explicativa "que datava do século passado" para o trecho ficar corretamente pontuado.

39. (TRF – 4ª Região – FCC) Há <u>incorreções</u> na pontuação da seguinte frase:

a) A tarefa tem de ser levada a termo, apesar da dimensão dela; caso contrário, as crianças e os adolescentes infratores poderão tornar-se criminosos reincidentes.

b) Por mais precária que seja, a estrutura familiar, afastar dela um jovem, não é melhor do que interná-lo, no sistema atual da Febem.

c) Restituir o sistema da Febem a um estado operacional é medida emergencial a ser tomada pelo Estado, numa primeira linha de atuação.

d) As ações adotadas pelo governador, a partir da rebelião de outubro de 1999, não surtiram o efeito pretendido, em vista da que acaba de ocorrer.

e) Apesar de a construção de unidades mais funcionais ser uma boa medida, o prazo estipulado para a realização das obras não atende, de modo algum, à emergência da situação.

40. (TRT – 24ª Região – FCC) Modificando-se a ordem interna de frases do texto, a pontuação estará correta em:

a) Poderíamos lembrar recuando no tempo, que na África do Sul, o regime do *apartheid* representou um manifesto escárnio contra a Declaração dos Direitos Humanos.

b) Que tal informação não é improcedente por sua própria experiência, qualquer cidadão pode verificar.

c) No Brasil, costuma-se dizer, que há leis que "pegam" e leis que "não pegam".

d) Como deixar de reconhecer, a partir de então, que já "não pega" a arbitragem da própria Organização das Nações Unidas?
e) A contrapelo das decisões da ONU se deu a invasão do Iraque: mas confiná-la, aos limites do território nacional, talvez seja injusto.

41. (Analista Judiciário – TRE-PE – FCC) Está plenamente adequada a pontuação da frase:
a) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo tentar justificar, suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
b) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho; pois os velhos jornalistas igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
c) Não cabe aos jovens, ao menos, os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois, os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
d) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
e) Não cabe aos jovens, ao menos, os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados não costumavam abdicar, dos princípios éticos.

42. (Técnico Judiciário – TRE-RN – FCC)
Eu enfrentava os batalhões
Os alemães e seus canhões
Guardava o meu bodoque
E ensaiava um rock
Para as matinês
Os versos acima estão corretamente pontuados em:
a) Eu enfrentava, os batalhões – os alemães e seus canhões –, guardava o meu bodoque e ensaiava um rock: para as matinês.
b) Eu enfrentava, os batalhões, os alemães e seus canhões. Guardava o meu bodoque e ensaiava um rock, para as matinês.
c) Eu enfrentava: os batalhões, os alemães e seus canhões – guardava o meu bodoque e ensaiava, um rock para as matinês.
d) Eu enfrentava os batalhões; os alemães e seus canhões: guardava o meu bodoque e ensaiava um rock – para as matinês.

e) Eu enfrentava os batalhões, os alemães e seus canhões; guardava o meu bodoque e ensaiava um rock para as matinês.

43. (TRF – 5ª Região – Fundec) Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:

a) De acordo com Marilena Chauí – a autora do texto –, é preciso desconfiar das afirmações que, aparentemente óbvias, não resistem a uma análise mais concreta e mais rigorosa.

b) De acordo com Marilena Chauí, a autora do texto: é preciso desconfiar das afirmações que aparentemente óbvias, não resistem a uma análise, mais concreta e mais rigorosa.

c) De acordo com Marilena Chauí, a autora do texto; é preciso: desconfiar das afirmações que, aparentemente óbvias não resistem, a uma análise mais concreta, e mais rigorosa.

d) De acordo com Marilena Chauí, a autora do texto, é preciso desconfiar, das afirmações, que aparentemente óbvias não resistem a uma análise, mais concreta e mais rigorosa.

e) De acordo com Marilena Chauí, – a autora do texto – é preciso desconfiar das afirmações, que, aparentemente óbvias não resistem a uma análise mais concreta e, mais rigorosa.

44. (AFRF – Esaf) Marque o trecho com pontuação correta.

a) Com efeito pareceu, a Nabuco, que carecendo o Brasil, como os demais países do continente, de um desenho institucional capaz de lhe conferir a consistência que ele, ainda, não podia extrair de sua invertebrada sociedade havia sido a Monarquia, que permitira a construção do Estado de direito no Brasil.

b) Com efeito pareceu a Nabuco que carecendo o Brasil (como os demais países do continente), de um desenho institucional capaz de lhe conferir a consistência, que ele ainda não podia extrair de sua invertebrada sociedade, havia sido a Monarquia que permitira a construção do Estado de direito no Brasil.

c) Com efeito, pareceu a Nabuco que, carecendo o Brasil, como os demais países do continente, de um desenho institucional capaz de lhe conferir a consistência que ele ainda não podia extrair de sua invertebrada sociedade, havia sido a Monarquia que permitira a construção do Estado de direito no Brasil.

d) Com efeito, pareceu a Nabuco, que carecendo o Brasil, como os demais países do continente, de um desenho institucional, capaz de lhe conferir a consistência, que ele ainda não podia extrair de sua invertebrada sociedade, havia sido a Monarquia, que permitira a construção do Estado de direito no Brasil.

e) Com efeito: pareceu a Nabuco que, carecendo o Brasil – como os demais países do continente – de um desenho institucional, capaz de lhe conferir a consistência, que ele ainda

não podia extrair de sua invertebrada sociedade havia sido a Monarquia, que permitira a construção do Estado de direito no Brasil. *(Christian Edward Cyril Lynch, "O Império é que era a República: a monarquia republicana de Joaquim Nabuco". Lua Nova: Revista de Cultura e Política, nº 85, 2012)*

45. (TRT – 5ª Região – Fundec) Está inteiramente adequada a pontuação do seguinte período:

a) Poucos imaginam entre os turistas estrangeiros: que assistindo ao desfile carnavalesco estão presenciando um espetáculo – cuja euforia se assenta, sobre regras bem estabelecidas.

b) Poucos imaginam, entre os turistas estrangeiros, que, assistindo ao desfile carnavalesco, estão presenciando um espetáculo cuja euforia se assenta sobre regras bem estabelecidas.

c) Poucos imaginam, entre os turistas estrangeiros, que assistindo ao desfile carnavalesco, estão presenciando um espetáculo cuja euforia, se assenta sobre regras bem estabelecidas.

d) Poucos imaginam – entre os turistas estrangeiros – que assistindo ao desfile carnavalesco estão presenciando um espetáculo cuja euforia, se assenta sobre regras bem estabelecidas.

e) Poucos imaginam entre os turistas estrangeiros que, assistindo ao desfile carnavalesco estão, presenciando, um espetáculo cuja euforia se assenta: sobre regras bem estabelecidas.

46. (INSS – Esaf) Assinale a opção incorreta quanto ao emprego dos sinais de pontuação.

a) O governo conseguiu uma vitória importante na área dos acidentes de trabalho: o Programa Nacional de Redução dos Acidentes Fatais do Trabalho reduziu em 34,27% o número de mortes entre 1999 e 2001.

b) Os ministros comemoraram a redução que só foi possível, devido à ação integrada desenvolvida pelo governo, e amparada no engajamento de toda a sociedade.

c) O governo continuará agindo para reduzir ainda mais o número de acidentes e de mortes. Um decreto já encaminhado para exame do Presidente da República, por exemplo, reclassifica os 593 setores da economia de acordo com o grau de risco que oferecem aos trabalhadores.

d) Hoje as empresas contribuem com alíquotas de 1% a 3% sobre a folha de salários para o custeio do acidente de trabalho, de acordo com a atividade que desenvolvem.

e) Ao analisar os dados dos últimos quatro anos, a Previdência constatou que muitos segmentos estão classificados erradamente, ou seja, são responsáveis por um grande

número de acidentes, mas estão listados, por exemplo, na área de menor risco, com alíquota mínima.
(*O Estado de S. Paulo*.)

Nas questões 47 e 48 (MPU – Esaf), baseadas em Machado de Assis, assinale o item em que uma das sentenças não foi pontuada corretamente.

47.

a) Longa foi a agonia, longa e cruel, de uma crueldade minuciosa, fria, repisada, que me encheu de dor e estupefação. / Longa foi a agonia, longa e cruel, de uma crueldade minuciosa e fria, repisada, que me encheu de dor e estupefação.

b) Conhecia a morte de oitiva; quando muito, tinha-a visto já petrificada no rosto de algum cadáver, que acompanhei ao cemitério. / Conhecia a morte de oitiva, quando muito; tinha-a visto já petrificada no rosto de algum cadáver, que acompanhei ao cemitério.

c) Às vezes caçava, outras dormia, outras lia, lia muito, outras enfim não fazia nada. / Às vezes caçava; outras dormia, outras lia, lia muito, outras, enfim, não fazia nada.

d) Fiquei prostrado. E contudo era eu, nesse tempo, um fiel compêndio de trivialidade e presunção. / Fiquei prostrado. E, contudo, era eu, nesse tempo, um fiel compêndio de trivialidade e presunção.

e) Talvez espante ao leitor, a franqueza com que lhe exponho e realço a minha mediocridade; advirta que a franqueza é a primeira virtude de um defunto. / Talvez espante ao leitor a franqueza com que lhe exponho e realço a minha mediocridade; advirta que a franqueza é a primeira virtude de um defunto.

48.

a) Assim eu, Brás Cubas, descobri uma lei sublime, a lei da equivalência das janelas, e estabeleci que o modo de compensar uma janela fechada, é abrir outra. / Assim eu, Brás Cubas, descobri uma lei sublime, a lei da equivalência das janelas, e estabeleci que o modo de compensar uma janela fechada é abrir outra.

b) Este ar não é só puro. É balsâmico; é uma transpiração dos eternos jardins. / Este ar não é só puro. É balsâmico, é uma transpiração dos eternos jardins.

c) Vi, claramente vista, a meia dobra da véspera, redonda, brilhante, multiplicando-se por si mesma por dez. / Vi, claramente vista, a meia dobra da véspera, redonda, brilhante, multiplicando-se, por si mesma, por dez.

d) Fizeste bem, Cubas; andaste perfeitamente. / Fizeste bem, Cubas. Andaste perfeitamente.

e) E eu espraiava todo o meu ser na contemplação daquele ato, revia-me nele, achava-me bom, talvez, grande. / E eu espraiava todo o meu ser na contemplação daquele ato, revia-me nele, achava-me bom, talvez grande.

49. (IRB – Esaf) Os trechos abaixo constituem um texto. Assinale a opção que apresenta erro no emprego dos sinais de pontuação.

a) No Brasil, mesmo depois da Proclamação da República, o Estado continuou sendo um organização nacional frágil, com baixa capacidade de incorporação social e mobilização política interna, e sem vontade ou pretensões expansivas.

b) Do ponto de vista estritamente econômico, foi uma economia "primário-exportadora", até a crise mundial de 1930, seguindo uma trajetória de crescimento e modernização restrita a suas atividades ligadas à exportação e submetendo-se quase que inteiramente, às regras e políticas liberais impostas pelo padrão-ouro.

c) Essa forma de inserção econômica internacional permitiu que o Brasil crescesse até os anos 30, graças à complementaridade entre a sua economia e a economia mundial.

d) Cresceu, sobretudo, devido à integração do País com as finanças inglesas, o que permitiu que o país obtivesse o financiamento externo indispensável para evitar crises mais agudas no balanço de pagamentos.

e) Essa primeira experiência liberal de desenvolvimento demonstrou ter um limite crônico de "restrição externa", que era trazido pelos seus problemas de balanço de pagamentos e pela fragilidade da sua moeda.

(Adaptado de José Luís Fiori, *Brasil: Inserção Mundial e Desenvolvimento*.)

50. (TRF) Assinale a opção em que o texto foi transcrito com erro no emprego dos sinais de pontuação.

a) Em célebre artigo, Keynes ironizou a ideia de que a busca do interesse privado levaria necessariamente ao bem-estar coletivo: "Não é uma dedução correta dos princípios da teoria econômica afirmar que o egoísmo esclarecido leva sempre ao interesse público. Nem é verdade que o autointeresse é, em geral, esclarecido".

b) O "amor ao dinheiro" é o sentimento que domina o indivíduo na economia mercantil-capitalista. Objeto do desejo, o dinheiro é também o refúgio para conter a incontornável incerteza quanto ao futuro.

c) Nos momentos em que o medo do futuro é superado pelo otimismo quanto aos resultados dos novos empreendimentos, os espíritos animais atropelam qualquer cálculo racional e produzem nova riqueza e novas fontes de trabalho.

d) Mas o sucesso não aplaca senão, excita o desejo suscitando a febre de investimentos excessivos e mal dirigidos – bolhas especulativas nos mercados de ações; tudo isso, apoiado no endividamento imprudente.
e) Na reversão da exuberância irracional, o medo do futuro vai predominar. A busca obsessiva e irracional pela riqueza concentra-se, então, na posse do dinheiro em si (ou substitutos próximos, como os títulos da dívida pública) como riqueza inerte.
(Luiz Gonzaga Belluzzo, com modificações.)

Capítulo 25
Crase

A crase indica a união de sons idênticos. Um tipo de crase é demarcado pelo acento grave: a junção de ***A*** (preposição) + ***A*** (quase sempre artigo). Logo, se temos um artigo ***A*** ou ***AS,*** evidencia-se a ocorrência de um termo que admite a presença deles. Por este motivo, nunca poderá haver crase antes de verbo, pronomes pessoais ou quaisquer outras palavras que impossibilitem a utilização do artigo.

Há três regras básicas que precisam ser compreendidas por todos aqueles que queiram utilizar corretamente o acento grave.

25.1. Primeira regra básica

Se substituirmos o substantivo feminino por um substantivo masculino e o termo que preceder este substantivo alterar-se de A para AO , fica clara a ocorrência da crase.

Ex.: Entregamos a carta a professora.
Entregamos o dinheiro ao professor.

? Percebemos que antes do primeiro substantivo (carta-dinheiro) só há o artigo, pois passamos de A para O, então não devendo haver crase neste caso. No entanto, antes do segundo substantivo (professora-professor), o termo passou de A para AO, o que caracteriza a existência tanto da preposição quanto do artigo, consequentemente formalizando a crase. Portanto, a frase correta seria:

"Entregamos a carta à professora".

25.2. Segunda regra básica

Quando houver verbos que derem ideia de locomoção, não se deve aplicar aquela primeira regra básica. O procedimento mais adequado para este caso é o de transformar a frase "ir a", "locomover-se a", "dirigir-se a", por "volto". Aparecendo depois deste verbo a palavra "de", não há crase; aparecendo "da", há crase.

Ex.: Fui a Copacabana.
Fui à Urca.

? Em "Fui a Copacabana", não há crase porque eu substituo por "volto de Copacabana"; no entanto, em "fui a Urca", substituo por "volto da Urca", caracterizando o uso da crase. Portanto, o correto seria "Vou à Urca".

"Vamos à missa?" (Fernando Sabino). // Eu volto da missa.
"Já o leitor compreendeu que era a Razão que voltava a casa" (Machado de Assis). // Voltava de casa.
"Antes de ir à casa do Conselheiro Dutra..." (Machado de Assis). // Volta da casa do Conselheiro Dutra.

25.3. Terceira regra básica

Pode haver também a utilização do acento grave, quando se junta a preposição A aos pronomes demonstrativos AQUILO, AQUELE, AQUELES, AQUELA e AQUELAS.

A dica para discernir se há crase ou não antes destes pronomes demonstrativos é substituí-los por outros pronomes demonstrativos (isto, este, estes, esta, estas, isso, esse, esses, essa, essas). Caso apareça a preposição A, revela-se a necessidade da crase; caso contrário, a crase não existirá.

Ex.: Eu me referi aquilo. (Eu me referi a isso)

? Na substituição, apareceu a preposição, Logo, há a crase. O certo é: "Eu me referi àquilo".

Vendi aqueles biscoitos. (Vendi estes biscoitos)

? Na substituição não apareceu a preposição. Então não há a crase e a frase já está correta.

Aquele lugar eu não vou. (*A* este lugar não vou)

? Na substituição apareceu a preposição. Portanto, há a crase. O certo é: "Àquele lugar eu não vou".

Aquele livro eu não li. (Este livro eu não li)

? Na substituição não apareceu a preposição, portanto não há a crase e a frase já está correta.

"Que importa àquele a quem já nada importa" (Fernando Pessoa).

25.4. Casos Especiais

1) Nunca haverá crase antes da palavra terra, quando esta significar terra firme, solo, chão.

Ex.: Depois de dois meses no mar, voltei a terra.

? Não houve crase nesta frase, pois a palavra terra aí significa terra firme.

2) As locuções adverbiais, prepositivas e conjuntivas centradas em elementos femininos possuem acento grave: à toda, à tona, à janela, à beça, à direita (ou à esquerda), à solta, à vontade, às claras, às vezes, às custas de, à força, à uma, à procura, à cata, à mesa, às segundas, à medida que, à proporção que, à beira de, à mercê de, à toa, às escondidas...

Ex.: "E esta palavra não vinha à toa" (Machado de Assis).

"Já viste às vezes, quando o sol de Maio" (Castro Alves).

Obs.: Evanildo Bechara aduz que locuções adverbiais femininas regidas de preposição A, por motivo de clareza, devem ocorrer com acento grave.

Ex.: Fiz o teste a caneta.

Segundo Bechara, o A possui acento grave, mesmo inexistindo a crase.

No concurso do Banco de Brasil de São Paulo (Cespe-UnB-2002), tal questionamento foi feito – preencher à máquina – e, por fim, o item acabou anulado.

Obs.: A expressão "à luz" em "dar à luz" possui acento grave, pois se trata de um mero objeto indireto.

Ex.: Dar um bebê à luz (ao mundo).

3) Utilização de crase com palavra implícita.

Ex.: Ele se veste à (moda de) Luís XV.

Ele foi à (indústria) Fiat.

4) Antes de hora:

a) hora do relógio – usa-se a crase;

Ex.: Ele chegou às duas e quinze. Ele chegou à uma. Ele virá às três.

Ex.: "... às oito horas, o diretor aparecia a uma porta..." (Raul Pompeia).

b) tempo passado – usa-se o verbo "haver";

Ex.: Ele chegou há uma hora atrás. Ele já chegou há quinze minutos.

c) tempo futuro – usa-se a preposição *A*.

Ex.: Ele chegará daqui a dez minutos.

5) O verbo PREFERIR pressupõe a ideia de que, numa comparação, um elemento é o escolhido e outro, preterido. Sendo assim, este verbo não admite a presença de MAIS ou MENOS. Outro aspecto

interessante a ser observado é a impossibilidade de reger com a expressão DO QUE, tornando-se obrigatório o uso da preposição A. Por fim, como já se informara, dois seres são comparados, então a coerência gramatical exige a utilização do mesmo critério. Se o primeiro estiver acompanhado de artigo, o segundo também o será. Caso contrário, nenhum deles estará precedido de artigo.

Ex.: Prefiro televisão a rádio.

Prefiro a televisão ao rádio.

Prefiro rádio a televisão.

Prefiro o rádio à televisão.

6) Este caso é deveras parecido com o anterior, diferençando-se apenas pelo fato de não mais tratar-se de comparação, mas sim de designar o limite mínimo e o máximo da duração de um tempo. Destarte, se no limite mínimo ocorrer o artigo, no máximo também existirá; caso contrário, ambos não serão precedidos de artigo.

Observe: "Trabalho de domingo a sábado".

? Antes do termo DOMINGO há apenas a ocorrência da preposição DE, por isso apenas a ocorrência da preposição A antes do termo sábado.

"Trabalho do domingo ao sábado".

? Antes do termo DOMINGO há a ocorrência da contração da preposição DE com o artigo O, sendo assim antes do termo sábado a ocorrência do artigo se faz necessária.

"Trabalho de segunda a sexta".

? Não há artigo antes de SEGUNDA e SEXTA, somente as preposições DE e A.

"Trabalho da segunda à sexta".

? Há o artigo antes de ambos os termos, daí a explicação da existência da crase.

"Trabalho de duas a oito horas".

? Não há artigo antes de duas nem antes de oito.

"Trabalho das duas às oito horas".

Há artigo contraído com a preposição antes de duas e antes de oito, justificando assim a ocorrência do acento grave.

Obs.: É importante também esclarecer que estes dois últimos exemplos aludidos possuem valores semânticos diferentes. Em "Trabalho de duas a oito horas", o significado da frase indica que o período mínimo de trabalho é de duas horas e o máximo de oito. Já em "Trabalho das duas às oito horas", o valor do período é de que o meu trabalho tem início impreterivelmente às duas e finaliza-se também impreterivelmente às oito horas.

7) O uso do artigo antes de pronome possessivo é facultativo.

Ex.: Pedi um favor a (ou ao) meu tio.

Pedi um favor a (ou à minha tia).

Pedi um favor a (ou às) minhas primas.

"Tu voltas à tua tribo" (José de Alencar).

Fui a (ou às) suas casas.

"... o susto que causaria a minha mãe fez rejeitá-la..." (Machado de Assis).

Obs.: Antes de pronome substantivo possessivo, o artigo torna-se obrigatório.

Ex.: Irei a(à) sua casa e você virá à minha.

? O primeiro pronome possessivo tem valor adjetivo (determina o substantivo), por isso a crase é facultativa. Já o segundo é substantivo (substitui o substantivo), obrigando a presença do artigo, o que acaba por exigir a presença do acento grave.

8) Normalmente é facultativo o uso do artigo antes de substantivos no plural.

Ex.: Sou contrário a atos grosseiros.

Sou contrário aos atos grosseiros.

Sou contrário a ações grosseiras.
Sou contrário às ações grosseiras.

9) Não há crase antes de Nossa Senhora e nomes de santos (não podem possuir artigos).

Ex.: Fui a Santa Maria.
Pedi ajuda a Santa Edwiges.
Referi-me a Nossa Senhora.
Pedi um favor à santa.

10) Antes de Virgem Santíssima, pode haver crase.

Ex.: Sempre orei à Virgem Santíssima.

11) Não haverá crase entre termos idênticos.

Ex.: Cara a cara.
Olho a olho.
Boca a boca.

12) Utilização de crase antes de qual. Para que haja crase antes desta palavra é fundamental que a regência peça a preposição A e o termo antecedente seja um substantivo feminino.

Ex.: Esta foi a notícia à qual fiz referência.

? Observe que "fazer referência" exige a preposição A e o termo antecedente do pronome relativo é um substantivo feminino.

Ex.: É linda a cidade à qual fui ontem.

Obs.: É importante esclarecer que neste caso não há ocorrência da contração de preposição com pronome relativo, mas sim da preposição A com a parte integrante do pronome relativo A (A QUAL).

13) Somente pode haver crase antes do ***que*** quando houver uma palavra implícita feminina e a regência exigir a preposição A.

Aludi a essa novela e à (novela) que acabou nesta semana.
Fui à Cidade Maravilhosa e à (cidade) que tu me recomendaste.

Obs.: Gramaticalmente, a existência deste caso de crase demarca a ocorrência do encontro da preposição A com o pronome demonstrativo A. A leitura dos exemplos acima também se poderia proceder da seguinte forma: "Aludi a essa novela e à (àquela) que acabou nesta semana". Fui à Cidade Maravilhosa e à (àquela) que tu recomendaste.

14) O artigo é facultativo antes de África, Europa, Espanha, França, Holanda, Escócia etc.

Ex.: Fui à (ou a) França.

– Volta da (ou de) França.

Quero ir à (ou a) Espanha.

– Volta da (ou de) Espanha.

Obs.: A forma sem artigo está em desuso.

15) Depois da preposição ATÉ, o uso da preposição A é facultativo.

Ex.: Fui até o (ou ao) Leblon. Fui até a (ou à) Urca.

"Desde a porta até ao fundo do quintal..." (Machado de Assis).

"Cambaleei até à pedra" (Raul Pompeia).

16) Antes de pronome de tratamento, não há artigo.

Ex.: Peço ajuda a Vossa Excelência.

Obs.: Os pronomes de tratamento SENHORA, SENHORITA, DAMA, DONA e MADAME admitem a presença de artigo. Haverá a crase se a regência exigir a preposição A.

Ex.: Eu vi a senhora (o senhor) ontem.

Peço um favor à senhora (ao senhor).

17) Em situações de paralelismo sintático, em que dois ou mais elementos estão complementando com preposição a ideia de um termo, há várias possibilidades de construção do período:

– pode utilizar-se somente a primeira preposição;

– pode utilizar-se somente a preposição antes de cada elemento;

– pode utilizar-se a preposição e o artigo antes apenas do primeiro elemento;
– pode utilizar-se a preposição e o artigo antes do todos os elementos.

Então são possíveis as seguintes construções:

Ex.: Estes materiais são destinados a alunos, professores e direção.

Estes materiais são destinados a alunos, a professores e a direção.

Estes materiais são destinados aos alunos, professores e direção.

Estes materiais são destinados aos alunos, aos professores e à direção.

"Esse encerramento em si mesmo deu-lhe não sei que ar de estranho a tudo, às competições, às ambições..." (Lima Barreto).

"... geralmente estranho à indústria pouco abstrata dos tecelões e à trama concreta das lançadeiras" (Raul Pompeia).

18) Antes de nome próprio, o uso do artigo é facultativo.

Ex.: Entreguei o material a (ao) João. // Entreguei o material a (à) Maria. // "Pery pediu, então, a (à) Cecy que escrevesse para Álvaro..." (José de Alencar).

25.5. Exercícios

1. (AFC – CGU – Esaf) No que diz respeito ao uso do sinal de crase, assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto abaixo.

Uma mera observação __(1)__olho nu já basta para constatar que parcela relevante do spread está ligada direta ou indiretamente, __(2)__ políticas públicas, sejam tributárias regulatórias ou de outra natureza. Parece, pois, difícil avançar na questão dos *spreads*, sem que tais políticas sejam, no mínimo, reavaliadas, obviamente não perdendo de vista os legítimos objetivos de cada uma delas. Por outro lado, o aumento da eficiência do sistema bancário é igualmente relevante para __(3)__ queda dos *spreads*. Isso sugere que

"parte da bola", pelo menos, está com os bancos, públicos e privados, que devem se tornar cada vez mais eficientes nas funções de intermediários financeiros. Em suma, é necessário um permanente diálogo entre o setor bancário e o governo, com vistas __(4)__ implementação de medidas sustentáveis para redução de *spread*, objetivo que deve ser atingido sem ameaças __(5)__ estabilidade financeira. (Adaptado de Gustavo Loyola, Baixar "*spreads*" exige medidas sustentáveis. O Estado de São Paulo, 21 de abril de 2012)

	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
a)	à	às	a	à	à
b)	a	as	a	à	a
c)	a	às	a	à	à
d)	a	a	à	a	a
e)	à	a	à	a	à

2. (Administrador – Petrobras – Cesgranrio) A palavra a, na língua portuguesa, pode ser grafada de três formas distintas entre si, sem que a pronúncia se altere: a, à, há. No entanto, significado e classe gramatical dessas palavras variam.
A frase abaixo deverá sofrer algumas alterações nas palavras em destaque para adequar-se à norma-padrão.
A muito tempo não vejo a parte da minha família a qual foi deixada de herança a fazenda a que todos devotavam grande afeto.
De acordo com a norma-padrão, a correção implicaria, respectivamente, esta sequência de palavras:
a) A – a – à – há – à
b) À – à – a – a – a
c) Há – a – à – a – a
d) Há – à – à – a – a
e) Há – a – a – à – à

3. (Administrador – Casa da Moeda – Cesgranrio)Observa-se o uso adequado do acento grave no trecho "estamos nos referindo à não ativação de elementos" .
Verifica-se um DESRESPEITO à norma-padrão quanto ao emprego desse acento em:

a) O professor se reportou àquele texto de Machado de Assis.
b) Sonhamos em viajar à terra de Gonçalves Dias.
c) Ele sempre fazia alusão à palavras de seu poeta favorito.
d) Os alunos compreenderam o poema à custa de muito empenho.
e) Prefiro as poesias de Drummond às de Olavo Bilac.

4. (Analista de Controle Interno – Sefaz-RJ – FGV) ***Ratifica-se, assim, o conceito de que a conscientização tributária pode representar um ponto de partida para a formação cidadã como uma das formas eficazes de atender às demandas sociais, com maior controle sobre a coisa pública*.**
No período acima, empregou-se corretamente o acento grave para indicar o fenômeno da crase. Assinale a alternativa em que o acento grave tenha sido empregado corretamente.
a) Em visita ao Rio, fomos à Copacabana da Bossa Nova.
b) Esta prova vai de 13h às 18h.
c) Finalmente fiquei face à face com a tão esperada prova.
d) Os candidatos somente podem deixar o local de prova à partir das 15h.
e) Pedimos um bife à cavalo.

5. (Técnico Judiciário – TRE-RN – FCC) Graças ..... resistência de portugueses e espanhóis, a Inglaterra furou o bloqueio imposto por Napoleão e deu início ..... campanha vitoriosa que causaria ..... queda do imperador francês.
Preenchem as lacunas da frase acima, na ordem dada,
a) a – à – a
b) à – a – a
c) à – à – a
d) a – a – à
e) à – a – à

6. (AFRF – Esaf) Indique a opção que corresponde a erro gramatical na transcrição do texto.
A(1) seca nos Estados Unidos prenuncia mais uma fase de preços altos para os alimentos, com perspectivas de bons ganhos para os exportadores e de graves dificuldades para as(2) economias pobres e dependentes da importação de comida. Um dia depois de anunciada no Brasil a maior safra de grãos e oleaginosas de todos os tempos, o governo americano confirmou grandes perdas nas lavouras de soja e milho. A(3) longa estiagem, excepcionalmente severa, afeta mais de 60% do país e a maior parte das regiões agrícolas. O mercado reagiu imediatamente às(4) novas estimativas, divulgadas pelo Departamento

de Agricultura dos Estados Unidos, com indicações de redução dos estoques na temporada 2012-2013. O Brasil será um dos países em condições de aproveitar às(5) oportunidades abertas pela quebra da safra americana.
(*O Brasil e a seca nos EUA*, *Editorial*, *O Estado de S. Paulo*, *12/8/2012*)
a) A (1)
b) as (2)
c) A (3)
d) às (4)
e) às (5)

7. (TRF – Auxiliar Judiciário) A alternativa com erro no emprego do acento indicativo da crase é:
a) A maioria dos homens passa de uma condição à outra.
b) Explicava sua experiência à sua filha.
c) Deveria explicar sua experiência à essa gente.
d) Esperou do meio-dia às quatro horas.
e) Vivenciou desde os projetos ambiciosos às experiências sem importância.

8. (UFRJ-Corregedoria Geral da Justiça) "... necessidade de se ajudarem umas às outras..." O acento grave indicativo da crase, neste caso, é resultante da:
a) presença simultânea de uma preposição e de um artigo definido feminino;
b) necessidade de se indicar a presença de um complemento diferente do anterior;
c) combinação de uma preposição com um pronome indefinido;
d) contração de uma preposição com um pronome demonstrativo;
e) obrigação de evitar-se a ambiguidade.

9. (TTN) Preencha as lacunas da frase abaixo e assinale a alternativa correta.
"Comunicamos Vossa Senhoria que encaminhamos petição anexa Divisão de Fiscalização que está apta prestar informações solicitadas".
a) a – a – à – a – as
b) à – a – à – a – às
c) a – à – a – à – as
d) à – à – a – à – às
e) à – a – à – à – as

10. (Analista Tributário – Esaf) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto adaptado do *Jornal do Brasil*, Editorial, 7/10/2009.

Vários, e de distintos naipes, foram os questionamentos __1__ construção do IDH como tal. Por que não mortalidade infantil de crianças abaixo de 5 anos de idade em vez de expectativa de vida? Por que não incluir outros indicadores, tais como nível de pobreza, déficit habitacional, acesso __2__ água potável e saneamento básico? Por que não acrescentar outras dimensões relacionadas __3__ meio ambiente (que afeta o padrão de vida desta e das próximas gerações), aos direitos civis e políticos, __4__ segurança pessoal e no trabalho, __5__ facilidade de locomoção? Qual a confiabilidade dos dados fornecidos por quase duas centenas de países? Há uma escassez de informação em relação __6__ maioria das dimensões sugeridas para uma comparação internacional, sem contar __7__ confiabilidade dos dados.

a) na – da – no – na – de – a – uma
b) da – à – com o – com a – da – com a – da
c) a – na – pelo – da – na – da – à
d) pela – de – a – em – com a – pela – com a
e) à – a – ao – à – à – à – a

11. (TRF 4a Região – Técnico Judiciário – Espec. Informática – FCC) A presença de núcleos habitacionais próximos ..... regiões costeiras oferece riscos ..... manutenção do ecossistema marinho, com prejuízos incalculáveis ..... diversas espécies.
As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:

a) as – à – à
b) as – a – a
c) às – à – à
d) às – a – a
e) às – à – a

12. (TCE-MG – Auxi. Cont. externo – FCC) A reação ..... sensação de medo é essencial para nossa segurança física e o temor ..... medidas de controle social impede-nos de fazer o mal ..... outras pessoas.
As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:

a) à – a – a
b) à – à – a
c) à – à – à
d) a – a – à
e) a – a – a

13. (SEP) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto abaixo.

Ao acabar a Segunda Guerra Mundial, o mundo esperava nunca mais assistir __1__ tragédias humanitárias como a que dizimou a vida de seis milhões de pessoas entre 1939 e 1945. __2__ esperanças, porém, mostraram-se vãs.
Gaza serve de exemplo. Encurralada, __3__ população da faixa de 362km² (1,5 milhão de pessoas) protagoniza o horror que escandaliza __4__ consciências civilizadas dos cinco continentes e mobiliza protestos nas principais cidades da Terra. O cenário assusta. Homens, mulheres e crianças que se concentram numa das regiões de maior densidade populacional do planeta são as vítimas de uma guerra na qual não são soldados. Submetidos __5__ uma chuva de mísseis __6__ onze dias, tiveram o território invadido também por terra. Tanques, armas e os militares mais bem treinados do mundo abrem caminho no terreno em que cada centímetro é disputado por milhares de pessoas. O apagão, aliado ao frio e __7__ falta de água potável, acrescenta desespero ao ambiente digno do inferno de Dante.
(*Correio Braziliense, Editorial, 6/1/2009.*)
a) à – Às – a – umas – à – a – à
b) a – Essas – uma – às – a – há – a
c) a – As – a – as – a – há – à
d) à – Umas – à – à – a – a – uma
e) às – Tais – essa – essas – à – a – a

14. (Administrador – MEC – FGV) "O movimento altermundialista deverá também responder à nova situação mundial nascida da crise escancarada da fase neoliberal da globalização capitalista." No trecho acima, empregou-se corretamente o acento grave indicativo de crase. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.
a) Eles visaram à premiação no concurso.
b) Sempre nos referimos à Florianópolis dos açorianos.
c) Nossos cursos vão de 8h às 18h.
d) A solução foi sair à francesa.
e) Fizemos uma longa visita à casa nova dos nossos amigos.

15. (Analista Legislativo – Senado Federal – FGV) "É sabido que a terra não pertence aos índios; antes, são eles que pertencem à terra."
No período acima, utilizou-se corretamente o acento indicativo de crase antes da palavra *terra*. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.
a) Voltarei à terra natal.
b) A sonda espacial retornará em breve à Terra.
c) Quando chegamos à terra, ainda sentíamos em nosso corpo o balanço do mar.

d) Eu me referia à terra dos meus antepassados.
e) Havendo descuido, a areia será misturada à terra.

16. (Polícia Legislativa – Senado Federal – FGV) Assinale a alternativa em que se tenha optado corretamente por utilizar ou não o acento grave indicativo de crase.
a) Vou à Brasília dos meus sonhos.
b) Nosso expediente é de segunda à sexta.
c) Pretendo viajar a Paraíba.
d) Ele gosta de bife à cavalo.
e) Ele tem dinheiro à valer.

17. (Técnico Legislativo – Senado Federal – FGV) "É um atentado às liberdades constitucionais!"
Na frase acima, utilizou-se corretamente o acento grave para indicar a crase. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.
a) O evento vai da segunda à sexta.
b) Fomos à Bahia.
c) Ela sempre sai às pressas.
d) Sempre pedimos filé à Osvaldo Aranha.
e) Nós nos enfrentamos cara à cara.

18. (FGV) Em *à tarde*, *à Grécia* e *às quatro horas da tarde*, utilizou-se corretamente o acento indicativo da crase.
Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.
a) Dirigimo-nos a Fortaleza dos nossos antepassados.
b) Eles se referiram às horas que passamos juntos.
c) Sempre nos falamos à noite.
d) Eles se encontraram à uma hora da manhã.
e) A ida à Itália fez bem aos noivos.

19. (Ass. Leg. – FCC) Orientação espiritual ..... todas as pessoas é um dos propósitos ..... que escritores e pensadores vêm se dedicando, porque a perplexidade e a dúvida são inevitáveis ..... condição humana.
As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) à – a – à
b) à – à – a
c) a – a – à

d) a – à – à
e) a – a – a

20. (Def. Púb.-SP – FCC) O grau de emoção em torno de uma situação qualquer determina o tempo de armazenamento e as características relacionadas ..... ela, permitindo sua associação ..... outros fatos ocorridos durante ..... vida.
As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) à – a – a
b) a – a – a
c) a – à – à
d) a – a – à
e) à – à – a

21. (Técnico Judiciário – TRE-PE – FCC)
Ainda que riqueza [...] à custa do trabalho escravo ...
A sociedade colonial no Brasil [...] desenvolveu-se [...] à sombra das grandes plantações de açúcar ...
Do mesmo modo que nas frases acima, está correto o emprego da crase em:
a) combate à fome.
b) vendas à prazo.
c) escrito à lápis.
d) avião à jato.
e) defender à unhas e dentes.

22. (TFC) Marque o item que se completa de forma correta com a sequência seguinte – há; à(s).
a) algum tempo, a tecnologia revolucionária em áreas que vão da cirurgia plástica armas nucleares.
b) O raio *laser* se revela altura de um bisturi de alta precisão anos.
c) quem afirme que áreas da medicina em que o uso do raio *laser* é imprescindível.
d) A novidade surgiu na França onde o *laser* está sendo usado na restauração da Catedral de Amiens, recuperando vestígios das cores aplicadas sete séculos.
e) Debaixo da fuligem que conferiu um tom acinzentalado igreja, o *laser* revelou uma gama de dourados, azuis e vermelhos existentes épocas da feitura de obras góticas.
(Adap. de *Veja*, 10/3/1993).

23. (TRE-MT) O uso do acento grave (indicativo de crase ou não) está <u>incorreto</u> em:

a) Primeiro vou à feira, depois é que vou trabalhar.
b) Às vezes não podemos fazer o que nos foi ordenado.
c) Não devemos fazer referências àqueles casos.
d) Sairemos às cinco da manhã.
e) Isto não seria útil à ela.

24. (TRE-MG) O acento grave, indicador de crase, está empregado incorretamente em:
a) Tal lei se aplica, necessariamente, à mulheres de índole violenta.
b) As novelas, às quais assisti, problematizam a questão da droga.
c) Entregou as chaves da loja àquele senhor que nos desacatou na praça.
d) O delegado disse ao prefeito e aos vereadores que estava à procura dos foragidos.
e) O bom atendimento às pessoas pobres deve ser prioridade da nova administração.

25. (TRE-RJ) "A tensão social poderia levar-nos a duas extremas posições". Das expressões que substituem a sublinhada na passagem acima, aquela cujo a pode ter o acento grave indicativo de crase é:
a) a mesma posição;
b) a certa posição;
c) a alguma posição;
d) a qualquer posição;
e) a posições distintas.

26. (TRE-RO)
I. O povo da região vai votar à pé ou à cavalo.
II. Pedimos à V. Excelência que não se esqueça do povão, que não o elegeu à toa.
III. O cabo eleitoral dirigiu-se à ela e ensinou-lhe a copiar o nome.
IV. Permaneceram reunidos à noite, face a face, a conversar.
A ocorrência de crase está corretamente indicada:
a) somente na I;
b) somente na II;
c) somente na III;
d) somente na IV;
e) somente na II e na IV.

27. (ATRFB – Esaf) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical na transcrição do texto abaixo.

A pequena reação da indústria em junho (crescimento de 0,2% em relação a maio) não foi suficiente para compensar a (1) queda da produção no primeiro semestre, da ordem de 3,8%, quando comparada à (2) produção do mesmo período de 2011. Segundo o IBGE, responsável por essa estatística, a indústria brasileira hoje produz o mesmo que há (3) três anos. Mesmo que o setor tenha passado por um ponto de inflexão, como acredita o ministro da Fazenda, Guido Mantega, é pouco provável que a (4) produção chegue à (5) registrar crescimento em 2012. Os especialistas projetam uma queda de até 2%, o que contribuirá para o fraco desempenho do Produto Interno Bruto (PIB) este ano.
(Editorial, O Globo, 3/8/2012)

a) (1) a
b) (2) à
c) (3) há
d) (4) a
e) (5) à

28. (TRE-RJ) O "a" (sublinhado) que deverá levar o acento grave indicativo de crase está na seguinte alternativa:

a) Eles entregam pizza a domicílio.
b) O menino não quis ir a casa dos tios.
c) A encomenda foi entregue a uma pessoa estranha.
d) As moças começaram a gritar logo no início do filme.
e) O fiscal não se referia a candidatas, mas a candidatos.

29. (TRE-MG) O uso da crase está incorreto em:

a) Chegaram a argumentar cara à cara que não aceitariam sugestões.
b) Já demos nossa contribuição à associação beneficente do bairro.
c) À custa de sacrifício, os estudantes conseguiram ser aprovados.
d) Transmita àqueles jovens nossa mensagem de esperança no futuro.
e) Esta construção é igual à que meu primo construiu na periferia.

30. (TTN) Assinale o item que preenche corretamente as lacunas da frase: "Em virtude de investigações psicológicas que me referi, nota-se crescente aceitação de que é preciso pôr termo indulgência e inação com que temos assistido escalada da pornoviolência." (S. Pfrom)

a) à – a – à – a
b) a – à – à – à
c) a – a – a – à

d) à – à – a – a
e) a – à – a – à

31. (TTN) Marque a letra cuja sequência preenche corretamente, pela ordem de aparecimento, as lacunas abaixo: "O exame das propostas da reforma fiscal, primeira abordagem, leva conclusão de que carga tributária continuará incidir mais sobre salários e menos sobre lucros e grandes fortunas".
a) à – à – a – a
b) à – a – à – a
c) a – a – a – à
d) a – à – a – a
e) a – a – à – a

32. (AFTN) Assinale a frase na qual a palavra não deve receber o acento indicativo de crase.
a) Os apelos a internacionalização da Amazônia ganham contornos de avalanche.
b) Toda manhã a esta hora, depois de ler o jornal do dia, fico deprimida.
c) Aquela hora morta da madrugada todos estavam recolhidos ao leito.
d) Muitas das reivindicações dos sindicatos trabalhistas, são semelhantes as da classe patronal.
e) Os petroleiros apresentaram ao Ministro uma pauta de reivindicações igual a que haviam divulgado no ano anterior.

33. (TRF – 4R – Técnico Judiciário – FCC) Os elefantes apresentam necessidades parecidas com ..... dos seres humanos e, para oferecer ..... eles os cuidados exigidos, os especialistas têm recorrido até mesmo ..... táticas inovadoras.
As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) as – a – à
b) as – a – a
c) as – à – à
d) às – à – a
e) às – a – a

34. (Gov. BA – Soldado da PM – FCC) O uso do sinal da crase é injustificável em:
a) Lembrem-se às autoridades de terem sempre em mente o valor da prevenção.
b) Não cabe às pessoas de boa-fé repudiar medidas de prevenção ao crime.
c) É penoso assistir às cenas de violência que se multiplicam nas metrópoles.

d) Atribui-se às medidas preventivas uma eficácia maior que a da repressão.
e) À inteligência da prevenção opõem-se aqueles que preferem a força da repressão.

35. (Fiscal da Receita Estadual – AP – FGV) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas do fragmento a seguir:
O texto refere-se _____ teses antropológicas, cujos temas interessam _____ todos que se dispuserem _____ investigar a história do jeitinho brasileiro.
a) as – à – à.
b) às– a – à.
c) às – a – a.
d) as – à – a.
e) às – à – a.

36. (Analista Judiciário – TRT-RJ – FCC) ... pessoas de fora, estranhas ..... cidade, a vida urbana exerce uma constante atração, apesar dos congestionamentos e dos altos índices de violência, inevitáveis sob... condições urbanas de alta densidade demográfica.
Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:
a) Às – à – as
b) As – à – às
c) As – a – às
d) Às – a – às
e) As – à – as

37. (TRT) No trecho "Do décimo andar à rua", foi usado adequadamente o acento indicativo da crase. O mesmo <u>não</u> ocorre na frase:
a) Há muito não se assistia à peças com tanto senso crítico com estas.
b) Chegando-se à varanda, era possível admirar a paisagem.
c) Do Leblon a Ipanema e de Jacarepaguá à Barra, todas as vias expressa estavam engarrafadas.
d) O povo referia-se às nossas praias como redutos de esgoto e mau cheiro.
e) As ondas dirigiam-se à direita e à esquerda do palanque sobre a areia.

38. (TRF) Atente para as seguintes frases:
I. À qualquer hora estamos dispostos a assistir à cenas de guerra.
II. Àquela hora da noite, ainda estávamos atentos à transmissão das cenas da guerra.
III. Daqui a uma hora esse canal passará a transmitir a comunicação que o Presidente fará à Nação.

Quanto à necessidade de usar-se o sinal de crase, está inteiramente correto o que se lê em:

a) I, II e III;

b) I e II, somente;

c) I e III, somente;

d) II, somente;

e) II e III, somente.

39. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) ... ***e chegou à conclusão de que o funcionário passou o dia inteiro tomando café*****.**

Do mesmo modo que se justifica o sinal indicativo de crase em destaque na frase acima, está correto o seu emprego em:

a) e chegou à uma conclusão totalmente inesperada.

b) e chegou então à tirar conclusões precipitadas.

c) e chegou à tempo de ouvir as conclusões finais.

d) e chegou finalmente à inevitável conclusão.

e) e chegou à conclusões as mais disparatadas.

40. (AFC – Esaf) Assinale a opção que preenche de forma correta as lacunas do texto.

João Paulo II, com a acuidade de sua inteligência e a abrangência e profundidade de sua vivência, cultura e saber, clamou com forte carisma, como verdadeiro herdeiro dos profetas bíblicos, 1 perenidade e atualidade dos valores que nos foram transmitidos pelo povo da Aliança e levados 2 perfeição por Jesus Cristo, que revelou a vocação 3 transcendência da humanidade, seu sentido maior e definitivo. O hedonismo e o utilitarismo induzem 4 relativização do

respeito 5 vida humana, em especial 6 dos mais frágeis e indefesos.

(Paulo Leão, "A fé não teme a razão", *Folha de S. Paulo*, 9/4/2005, com adaptações.)

	1	2	3	4	5	6
a)	a	à	à	a	à	à
b)	a	à	à	à	à	a
c)	à	à	a	a	a	à
d)	à	a	a	a	a	à

e) à a à a à à

41. (AFPS – Esaf) Assinale a opção que preenche de forma correta as lacunas do texto.
Está em exame na Casa Civil anteprojeto de lei que instituirá um sistema de incentivo (1) redução dos acidentes e de punição das empresas que submetem seus trabalhadores (2) risco. (3) intenção é reduzir pela metade ou dobrar (4) alíquotas de contribuição para cobertura de acidentes trabalhistas, dependendo do caso. Uma empresa que esteja abaixo da média nacional de acidentes, por exemplo, pode vir (5) pagar menos. O contrário acontecerá (6) empresa que tiver registrado número de acidentes muito acima da média do seu setor. Ela poderá ter (7) alíquota duplicada.
(*O Estado de S.Paulo*.)

	1	2	3	4	5	6	7
a)	a	à	À	às	à	a	à
b)	à	a	A	às	à	a	a
c)	a	à	A	as	a	a	à
d)	à	a	A	as	a	à	a
e)	a	à	À	às	à	à	à

42. (Bacen – Esaf) Para que o fragmento de texto abaixo respeite as regras de regência da norma culta, assinale a opção que preenche corretamente as lacunas na ordem indicada.
Desde julho de 2000 a revista *Banco Hoje* vem estimulando debate em torno das transformações que envolvem implementação do SPD. O esforço empreendido é muito inferior vantagens no que diz respeito evolução do sistema financeiro nacional e oportunidades de integração com o mercado global.
(*Banco Hoje*, março de 2001, com adaptações)
a) à – as – à – às
b) a – às – a – às
c) à – às – à – as
d) a – às – à – às

e) a – às – a – as

43. (TRF – FCC) A necessidade ou não do sinal de crase está inteiramente observada na frase:

a) Deve-se à luta das feministas o respeito aos direitos que cabem também às outras parcelas de injustiçados que integram a nossa sociedade.

b) Encontra-se a disposição dos interessados a nova edição do Código Civil, à qual, aliás, já se fizeram objeções à torto e à direito.

c) À vista do que dispõe o novo código, não caberá à ninguém a condição "natural" de cabeça de casal, à qual, até então, se reservava para o homem.

d) Pode ser que à curto prazo o novo código esteja obsoleto em vários pontos, à exemplo do que ocorreu com o antigo.

e) Não se impute à uma mulher a culpa de não ter lutado por seus direitos; todas as pressões sociais sempre a conduziram àquela "virtuosa" resignação.

44. (TRE / SP – AJ – FCC) Há falta ou ocorrência indevida do sinal de crase no período:

a) Não se estenderam os benefícios da tecnologia àqueles que sempre viveram à margem do progresso.

b) Ao pensamento do autor opõem-se àqueles que preferem a exclusividade à universalização dos benefícios trazidos pela tecnologia.

c) É sobretudo à luz da ética e da política que se revela claramente a exclusão que tem sido imposta à grande maioria da população do planeta.

d) Não se devem levar àqueles que estão excluídos informações falsas, como a de que os avanços tecnológicos servem a todas as pessoas.

e) Quando se atribui a não importa quem seja algum direito exclusivo, a essa exclusividade corresponderão muitas exclusões.

45. (TRT – FCC) Quanto à necessidade ou não de utilização do sinal de crase, está inteiramente correta a frase:

a) Quem está à alguma distância de Campo Grande não pode avaliar à contento o mérito da polêmica à que se refere o texto.

b) Não é aqueles que se instalam nos gabinetes oficiais que cabe a interdição do uso de uma língua à cuja preservação estejam devotados milhares de falantes.

c) Quem visa à restringir a utilização de uma língua das minorias deveria também se ater à toda e qualquer má utilização das chamadas línguas oficiais.

d) As decisões que se tomam à revelia do interesse das populações são semelhantes àquelas tomadas na vigência dos atos institucionais da ditadura militar.

e) Quem se manifeste contrário à uma única manifestação de arbitrariedade está manifestando sua hostilidade à todas as medidas arbitrárias.

46. (TRF – 4ª Região – Auxiliar Judiciário – FCC) Gostaria de ter ido ..... ruazinha, onde encontraria amigos reunidos ..... sombra das árvores, ... conversar alegremente.
As lacunas da frase acima estão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) àquela – à – a
b) àquela – à – à
c) àquela – a – a
d) aquela – à – a
e) aquela – a – à

47. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – FCC) Diz o autor que ..... pelo menos cinco anos vem contando os dias para sua aposentadoria (daqui ..... seis meses, segundo seus cálculos), ... partir da qual pensa em dedicar-se ..... jardinagem.
Completam adequadamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:
a) há – a – a – à
b) a – há – a – à
c) há – a – à – a
d) a – há – à – à
e) há – há – a – a

48. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC)
Você é ..... favor da alegria?
Nenhum bem é superior ..... alegria de viver aqui e agora.
Não há bem preferível ..... felicidade da pessoa que está diante de nós, aqui e agora.
(Reflexões de Pierre Levy. O fogo liberador. São Paulo: Iluminuras, 2001)
Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:
a) à – à – à
b) a – à – a
c) à – a – à
d) à – à – a
e) a – à – à

49. (NCE-Corregedoria Geral da Justiça) "... necessidade de se ajudarem umas às outras..." O acento grave indicativo da crase, neste caso, é resultante da:
a) Presença simultânea de uma preposição e de um artigo definido feminino.

b) Necessidade de se indicar a presença de um complemento diferente do anterior.
c) Combinação de uma preposição com um pronome indefinido.
d) Contração de uma preposição com um pronome demonstrativo.
e) Obrigação de evitar-se a ambiguidade.

50. (AFTE – RN) Marque o item que preenche de forma correta as lacunas do texto seguinte.
Institucionalizada partir das lutas antiabsolutistas, no século 18, e da expansão dos movimentos constitucionalistas, no século 19, democracia representativa foi consolidada ao longo de um processo histórico marcado pelo reconhecimento de três gerações de direitos humanos: os relativos cidadania civil e política, os relativos cidadania social e econômica e os relativos cidadania "pós-material", que se caracterizam pelo direito qualidade de vida, um meio ambiente saudável, tutela dos interesses difusos e ao reconhecimento da diferença e da subjetividade.
(Baseado em Mário Antônio Lobato de Paiva, em www.ambitojurídico.com.br)
a) a – à – à – a – à – à – a – a
b) a – a – à – à – à – à – a – à
c) à – a – a – à – à – a – a – à
d) à – a – a – à – à – à – a – à
e) a – à – à – a – à – à – a – à

Capítulo 26

Regência

26.1. Regência verbal

1) **ACEDER, ALUDIR** e **ANUIR** – verbos transitivos indiretos – exigem sempre a preposição *A*.

Ex.: Ninguém anuiu ao meu pedido.

Ele acedeu à chamada.

2) **AGRADAR**

a) no sentido de satisfazer – verbo transitivo indireto (a);

Ex.: O professor agrada a todos os alunos.

b) no sentido de acariciar – verbo transitivo direto.

Ex.: O rapaz agradou os cabelos da namorada.

3) **AJUDAR** – no sentido de assistir, atender, prestar ajuda – verbo transitivo direto.

Ex.: Ajudaremos os desabrigados.

Devemos ajudar todos.

Obs.: Já há autores aceitando a construção com preposição A. No entanto, tal possibilidade ainda não se verificou nas provas.

4) **ASPIRAR**

a) no sentido de respirar, puxar o ar, sorver – o verbo será transitivo direto;

Ex.: Aspiro o ar.
Aspiro a fumaça.

b) no sentido de desejar, querer – o verbo será transitivo indireto, regendo a preposição A.
Ex.: Aspiro ao cargo.
Aspiro à chefia.

5) **ASSISTIR**

a) no sentido de ver, presenciar – verbo transitivo indireto, exigindo a preposição **A;**
Ex.: Assisto ao filme.
Assisto à novela.

Obs.: Celso Cunha classifica como coloquial o uso do verbo "assistir" nesta acepção sem preposição, ou seja, como transitivo direto.

b) no sentido de dar assistência, ajudar, atender – pode tanto ser considerado verbo transitivo direto como verbo transitivo indireto;
Ex.: O médico assiste ao paciente.
O médico assiste o paciente.
O médico assiste a paciente.
O médico assiste à paciente.

Substituindo pelos pronomes oblíquos correspondentes, tanto estaria correto dizermos "O médico o assistiu"; "O médico a assistiu" e também "O médico lhe assistiu".

c) no sentido de caber, pertencer, ser pertinente – o verbo será transitivo indireto (a);
Ex.: Esse direito não assiste ao grupo.

d) no sentido de morar – o verbo será intransitivo, contudo exige a ocorrência da preposição ***EM*** (no adjunto adverbial de lugar).
Ex.: Assisto em Copacabana.

6) **ATENDER**

a) no sentido de deferir – verbo transitivo direto;

Ex.: Atendemos o teu pedido.

b) no sentido de dar atenção – verbo transitivo direto ou indireto.

Ex.: Não atenderemos a (à) turma.

7) **AVISAR, INFORMAR, PARTICIPAR, ALERTAR, ALARMAR, ADVERTIR, LEMBRAR...**

Estes verbos são duplamente bitransitivos, pois tanto podemos dizer "Quem informa, informa alguma coisa a alguém" como também poderíamos dizer "Quem informa, informa alguém de alguma coisa".

Ex.: Informei o fato ao povo. Informei o povo do fato.

Avisei a notícia a todos. Avisei todos da notícia.

"Maria lembrou a João que naquela noite eles tinham ficado de jantar na casa de Pedro e Luíza" (Luis Fernando Veríssimo).

8) **CHAMAR**

a) Será transitivo direto no sentido de mandar vir;

Ex.: Chamei o menino.

Chamei-o.

"... certa influência política o chamou" (Euclides da Cunha).

b) Poderá ser transitivo direto ou indireto no sentido de apelidar/qualificar.

Ex.: Chamei o rapaz de mestre.

Chamei ao rapaz de mestre.

Chamei-o de mestre.

Chamei-lhe de mestre.

Obs.: Nestes casos, é possível suprimir a preposição DE, pois a gramática permite que o predicativo do objeto "de mestre" ocorra preposicionado ou não.

Ex.: "Chamavam-lhe Pombinha" (Aluísio de Azevedo).

9) **CHEGAR**

Não se pode dizer na língua culta "chegar em", pois o correto é "**chegar a**".

Ex.: "... em chegando a casa, ficarei boa" (Bernardo Guimarães).

"Ao chegar à Santa Cruz, no alto..." (Euclides da Cunha).

Nunca se poderá dizer "Cheguei em casa".

10) **CUSTAR**

a) no sentido de ter valor – verbo intransitivo (adjunto adverbial de preço);

Ex.: Romário custa U$ 6.000.000,00. A casa custou trezentos milhões de cruzeiros reais.

b) no sentido de ser difícil, demorar – verbo transitivo indireto, regendo a preposição A.

Obs.: Neste caso, o verbo só pode ser conjugado na terceira pessoa do singular, tendo como sujeito a coisa que é difícil (expressa por um verbo no infinito) e a pessoa para a qual a coisa é difícil é objeto indireto.

Ex.: Custa-me ver a verdade. Custou-nos solucionar este caso. "... pouco me custa fazer-lhe a vontade" (Bernardo Guimarães).

Portanto, seria totalmente errado dizer: "Eu custo a ver a verdade". "Nós custamos a solucionar este caso".

11) **GOSTAR**

a) no sentido de ter afeição, aprovar, adorar. – verbo transitivo indireto exigindo a preposição de.

Ex.: Gostamos muito de você. Gostavas muito de futebol.

b) no sentido de **provar** – verbo transitivo direto.

Ex.: Gostei a cerveja, mas não a aprovei. Gostamos a sensação da paz e aprovamos.

12) **IMPLICAR**

a) no sentido de ter implicância – verbo transitivo indireto, regendo a preposição com;

Ex.: Todos implicam com o topete do Itamar.

b) no sentido de resultar, acarretar – a gramática tradicional classifica-o como transitivo direto, contudo a forma transitiva indireta, regendo a preposição EM, está totalmente difundida no Brasil, e algumas bancas – como Esaf e NCE – já admitem também esta construção.

Ex.: A conquista da Copa do Mundo implicou a (na) felicidade de todos os brasileiros por aproximadamente cinco minutos, porém infelizmente logo após a vida voltou ao normal.

Obs.: Apesar de muitos gramáticos assegurarem que este verbo – na acepção de resultar, importar – seja apenas transitivo direto (Evanildo Bechara cita apenas esta construção), bancas já realizaram questões admitindo "gritantemente" as duas possibilidades de regência. Isso talvez aconteça em virtude de Rocha Lima admitir o uso da preposição, esclarecendo: "Está ganhando foros de cidade na língua culta a sintaxe 'implicar em'. Tal procedimento implica desdouro (ou: em desdouro) para você".

Os sinônimos de IMPLICAR não sofrem o mesmo fenômeno. RESULTAR é transitivo indireto, exigindo a preposição EM; ACARRETAR somente pode ser transitivo direto.

13) **INSURGIR**

a) no sentido de rebelar-se, revoltar-se – verbo pronominal transitivo indireto, exigindo a presença da preposição contra;

Ex.: "Insurge-se contra a Igreja Romana" (Euclides da Cunha).

b) no sentido de sair, emergir – verbo transitivo indireto, exigindo a ocorrência da preposição de.

Ex.: Ele insurgiu do fundo do mar.

14) **LEMBRAR** e **ESQUECER**

a) Utilizando-se o pronome oblíquo, será obrigatório o uso da preposição DE. Neste caso, o verbo é transitivo indireto.

Ex.: Lembro-me de você. Esquecemo-nos do mundo. "João Nogueira lembrou-se de que era homem de responsabilidade" (Graciliano Ramos). "Cala-te, Isaura... até quando pretendes lembrar-te desse maldito incidente?" (Bernardo Guimarães).

"Lembrava-se das pesadas chuteiras" (Fernando Sabino).

b) Não se utilizando o pronome oblíquo também não se poderá usar a preposição. Neste caso, o verbo é transitivo direto.

Ex.: Lembro o fato. Esquecemos o mundo.

"E os filhos d'águias o Poder esquece" (Castro Alves).

Obs.: O que não se pode fazer é utilizar a preposição sem utilizar o pronome oblíquo e vice-versa.

Ex.: Lembro do fato. Esquecemos do mundo.

Estas duas últimas frases estão, por este motivo, totalmente erradas.

O verbo LEMBRAR também pode ser utilizado no sentido de INFORMAR, AVISAR, ALERTAR... A regência de LEMBRAR se fará tal quais estes verbos.

Ex.: Lembramos (avisamos) o encontro aos amigos. / Lembramos (informamos) os amigos do encontro.

O verbo ESQUECER também pode ser utilizado na acepção de "cair no esquecimento", tornando-se o elemento olvidado sujeito do verbo e a pessoa que efetivamente não se recorda objeto.

Ex.: "Nunca me esqueceu o seminário, creia" (Machado de Assis).

15) **NAMORAR**

Exige complemento sem preposição. Portanto, é errado dizer "João namora com Maria". A forma correta é: "João namora Maria".

16) **OBEDECER** e **DESOBEDECER**

Serão sempre transitivos indiretos, regendo a preposição A.

Ex.: "Até hoje lhe desobedecemos" (José de Alencar).

"Obedecia à finalidade irresistível de velhos impulsos ancestrais" (Euclides da Cunha).

Desobedeço aos pais.

Desobedeço-lhes.

Obs.: Torna-se sempre conveniente lembrar que estes dois verbos são os únicos transitivos indiretos que admitem construção na voz passiva.

Ex.: O regulamento é obedecido por mim. – As leis são desobedecidas por nós.

17) **PAGAR** e **PERDOAR** Ambos são bitransitivos, pedindo objeto direto para a coisa que se paga ou perdoa e objeto indireto para a pessoa a quem se paga ou perdoa.

Ex.: Paguei o salário ao empregado. Perdoei o pecado ao pecador.

Obs.: É mister relembrar o fato de que só existe voz passiva com verbo transitivo direto, pois somente o objeto direto da voz ativa pode passar a ser sujeito da voz passiva. Quando o verbo é transitivo direto e indireto, somente seu objeto direto pode passar a ser sujeito da voz passiva. Portanto, pode-se dizer: "O salário foi pago"; "O pecado foi perdoado"; mas nunca poderá ser dito: "O empregado foi pago". "O pecador foi perdoado". Nestas duas últimas frases, os objetos indiretos da voz ativa se transformaram

em sujeitos da voz passiva, o que é proibido na Língua Portuguesa.

18) **PENSAR**

a) no sentido de **raciocinar** – verbo transitivo indireto, regendo a preposição em;

Ex.: "Pensar no sentido das cousas" (Fernando Pessoa).

b) vale a pena observar este verbo em um sentido especial: "Cuidar, aplicar curativos". Neste sentido, é transitivo direto.

Ex.: Pensamos as nossas feridas.

O médico pensou meus machucados.

19) **PREFERIR**

Nunca se poderá utilizar a palavra MAIS, e a preposição obrigatória é A. A construção correta é: "preferir uma coisa a outra" e NUNCA "preferir mais uma coisa do que outra"

Ex.: Prefiro cerveja a refrigerante.

Prefiro a cerveja ao refrigerante.

Prefiro refrigerante a cerveja.

Prefiro o refrigerante à cerveja.

"Capitu preferia tudo ao seminário" (Machado de Assis).

Obs.: Vale a pena observar que, na comparação dos termos, se utilizamos artigo antes de um dos termos, temos que utilizar artigo antes do outro; se não utilizarmos artigo antes de um dos termos, não podemos utilizar artigo antes do outro. Não se esqueça de que a **PREPOSICÃO A É OBRIGATÓRIA.**

20) **PRESIDIR**

a) no sentido de administrar – verbo transitivo direto;

Ex.: Lula preside o Brasil.

b) no sentido de coordenar, organizar – verbo transitivo direto ou indireto (com preposição A).

Ex.: O professor preside o (ao) encontro dos mestres no fim de ano.

21) **PROCEDER**

a) no sentido de agir – verbo intransitivo;
Ex.: Ele procedeu bem.

b) no sentido de realizar – verbo transitivo indireto, regendo a preposição a;
Ex.: O Governo procedeu a eleições gerais.

c) no sentido de ser pertinente – verbo intransitivo;
Ex.: Esse argumento não procede.

d) no sentido de ser oriundo – verbo intransitivo, com adjunto adverbial de lugar exigindo a preposição DE.
Ex.: Ele procedeu de São Paulo.

22) **QUERER**

a) no sentido de desejar será verbo transitivo direto;
Ex.: Eu quero dinheiro. Eu o quero.

b) no sentido de amar, gostar de será verbo transitivo indireto e exigirá a preposição **A**.
Ex.: A mãe quer ao filho. A mãe lhe quer.

23) **RESPONDER**

a) no sentido de dar a resposta em referência ao questionamento – verbo transitivo indireto;
Ex.: Ele respondeu a todas as perguntas.

b) no sentido de expressar efetivamente qual é a resposta – verbo transitivo direto;
Ex.: Ele não respondeu se haverá aula.

c) no sentido de responder algo a alguém – verbo transitivo direto e indireto;

Ex.: Ele respondeu a pergunta ao professor.

"Não soube responder a um amigo" (Fernando Sabino).

d) no sentido de ser responsável, responsabilizar-se – complemento com preposição POR.

Ex.: Ele respondeu pela turma.

24) **SERVIR**

a) no sentido de ser útil – verbo transitivo indireto;

Ex.: Ele serve para o trabalho a ser executado.

b) no sentido de pôr a mesa – verbo intransitivo ou transitivo direto ou transitivo direto e indireto;

Ex.: Ela servirá às sete da manhã. Ele servirá o jantar às dezenove horas. O empregado serviu jantar ao patrão.

c) no sentido de prestar serviços militares – verbo intransitivo;

Ex.: Ele serviu no exército.

d) no sentido de prestar serviços, ajudar – verbo transitivo direto ou indireto com preposição A;

Ex.: Ele servirá ao Flamengo nos próximos dois anos. Ele sempre servirá os pobres.

e) no sentido de atender a necessidade – verbo transitivo indireto.

Ex.: Esse posicionamento serve ao grupo.

25) **SIMPATIZAR**

O verbo é transitivo indireto (preposição COM), mas não admite a ocorrência do pronome parte integrante.

Portanto é errado "Simpatizo-me contigo". O correto é "Simpatizo contigo".

26) **SITUAR** – verbo intransitivo que exige a presença da preposição EM. É usado principalmente nas formas de particípio (sito / situado).

Ex.: O banco, sito na rua Barata Ribeiro, já sofreu vários assaltos.

Obs.: Não se pode dizer "sito à rua".

27) **USUFRUIR** – no sentido de utilizar-se, gozar de – verbo transitivo direto

Ex.: Não há tempo para usufruirmos nossa casa de praia.

Obs.: Este verbo vem sendo utilizado com muita frequência com preposição DE.

Ex.: Não há tempo para usufruirmos de nossa casa de praia.

28) **VISAR**

a) no sentido de mirar – o verbo será transitivo direto;

Ex.: O arqueiro visou o alvo. O arqueiro visou a maçã.

b) no sentido de desejar – a maioria das gramáticas considera o verbo neste valor como transitivo indireto. O professor Celso Cunha admite a dupla possibilidade (indireto ou direto), inclusive relatando que a transitividade direta é dominante na linguagem coloquial, tendendo também a sê-lo na linguagem literária. A Coppe, no concurso para o Tribunal Regional Federal, fez uma questão mencionando esta dupla possibilidade de regência;

Ex.: Visei ao cargo (o cargo).

Visei à posição (a posição).

"Todos os seus atos, todos, fosse o mais simples, visavam um interesse primário" (Aluísio de Azevedo).

"Visava uma delinquência especial" (Euclides da Cunha).

c) no sentido de dar visto – o verbo será transitivo direto.

Ex.: O gerente visou o cheque. O chefe visou toda a documentação.

BIZU

A construção com dois ou mais verbos e apenas um complemento estará correta se os dois verbos possuírem a mesma regência.

Ex.: Quero e beberei uma cerveja.
Gosto e preciso de trabalho.

? Observe que, nos dois exemplos, os verbos contêm a mesma transitividade (QUERER e BEBER são transitivos diretos e GOSTAR e PRECISAR são transitivos indiretos, exigindo a preposição DE).

"Isaura estava com o ouvido aguçado e do interior da casa ouvira e compreendera tudo" (Bernardo Guimarães). TUDO é objeto direto tanto do verbo OUVIRA quanto do "COMPREENDERA".

26.2. Regência nominal

1) Adjetivos que pedem a preposição **A**:

acessível, adequado, alheio, análogo, anterior, apto, atento, avesso, compreensível, desagradável, desatento, desfavorável, desleal, equivalente, estranho, favorável, fiel, grato, habituado, hostil, idêntico, imediato, indiferente, inerente, inferior, insensível, leal, necessário, nocivo, obediente, oneroso, oposto, paralelo, peculiar, posterior, prejudicial, prestes, propício, próximo, sensível, semelhante, superior, útil, visível.

2) Substantivos que pedem a preposição **A**:

adesão, agradecimento, alusão, ameaça, amizade, apelo, aplicação, aspiração, semelhante, adaptação, aviso, amor, confissão, convite, declaração, descida, obediência, exposição, gratidão, horror, humilhação, lamentação, pagamento, perdão, redução, referência, renúncia, submissão, temor.

3) Adjetivos que pedem preposição **DE**:

acusado, afastado, amante, ameaçado, ávido, carente, ciente, cheio, curioso, desconfiado, descendente, desgostoso, despojado, destituído, diferente, difícil, digno, indigno, excluído, exonerado, fugido, isento,

merecedor, natural, passível, preservado, proibido, revestido, sedento, sujo, suspeito, tachado, vazio.

4) Substantivos que pedem preposição **DE**:

absolvição, abundância, afastamento, aparência, ascensão, aprendizagem, busca, carência, certeza, ciência, compreensão, contenção, conspiração, continuação, cessão, decoração, desperdício, despedida, eleição, encomenda, embelezamento, necessidade, urgência, vinda.

5) Adjetivos que pedem outras preposições:

aborrecido com, afável com (para com), ansioso de (por), apaixonado de (por), apoiado em, apto a (para), assustado com, atento a (em), capaz de (para), comparado a (com), conforme a (com), cruel com (para com), eleito a (por, em, como), último a (de, em), responsável por, rico de (em).

6) Alguns substantivos que pedem outras preposições:

aborrecimento com, abundância de (em), cautela com, acordo com, admiração por, ânsia por, paixão por, apoio em, atestado contra (a favor), batalha com (contra), briga com, casamento com, coincidência com, combate com (contra), concordância com (em), conspiração contra (com, para), crueldade com (para com), vício em (com, de), vinculação com, união com.

26.3. Exercícios

1. (Técnico Judiciário – TRE-RN – FCC)

O clima pouco favorável ao cultivo da cana levou a atividade econômica para a pecuária.

O mesmo tipo de regência nominal que se observa acima ocorre no segmento também grifado em:

a) *O litoral oriental compõe o Polo Costa das Dunas – com belas praias, falésias, dunas e o maior cajueiro do mundo...*

b) *Os 410 quilômetros de praias garantem um lugar especial para o turismo na economia estadual.*

c) *A ocupação portuguesa só se efetivou no final do século, com a fundação do Forte dos Reis Magos e da Vila de Natal.*
d) *Em Caicó há vários açudes e formações rochosas naturais que desafiam a imaginação do homem.*
e) *Em Santa Cruz, a subida ao Monte Carmelo desvenda toda a beleza do sertão potiguar ...*

2. (TRE-MG) A preposição nos parênteses não preenche corretamente a lacuna do período em:
a) O perigo o qual informaram a mulher era conhecido de quase todos. (sobre)
b) A menina que ele deparou trouxe-lhe muita esperança. (com)
c) O triste acontecimento que lembramos esclareceu a verdade. (de)
d) O jovem que chamamos de imprudente saiu às pressas. (a)
e) A verdade que ansiávamos surgiria a qualquer momento. (por)

3. (TTN) Marque a alternativa incorreta quanto à regência verbal.
a) Na verdade, não simpatizo com suas ideias inovadoras.
b) Para trabalhar, muitos preferem a empresa privada ao serviço público.
c) Lamentavelmente, não conheço a lei que te referes.
d) Existem muitos meios a que podemos recorrer neste caso.
e) Se todos chegam à mesma conclusão, devem estar certos.

4. (AFC – CGU) Assinale o trecho do texto adaptado do *Jornal do Commercio* (PE), de 12/01/2008, que apresenta erro de regência.
a) Depois de um longo período em que apresentou taxas de crescimento econômico que não iam além dos 3%, o Brasil fecha o ano de 2007 com uma expansão de 5,3%, certamente a maior taxa registrada na última década.
b) Os dados ainda não são definitivos, mas tudo sugere que serão confirmados. A entidade responsável pelo estudo foi a conhecida Comissão Econômica para a América Latina (Cepal).
c) Não há dúvida de que os números são bons, num momento em que atingimos um bom superávit em conta-corrente, em que se revela queda no desemprego e até se anuncia a ampliação de nossas reservas monetárias, além da descoberta de novas fontes de petróleo.
d) Mesmo assim, olhando-se para os vizinhos de continente, percebe-se que nossa performance é inferior a que foi atribuída a Argentina (8,6%) e a alguns outros países com participação menor no conjunto dos bens produzidos pela América Latina.

e) Nem é preciso olhar os exemplos da China, Índia e Rússia, com crescimento acima desses patamares. Ao conjunto inteiro da América Latina, o organismo internacional está atribuindo um crescimento médio, em 2007, de 5,6%, um pouco maior do que o do Brasil.

5. (Técnico Judiciário – TRE-PE – FCC) ... *as casas de Portugal enviaram ramos para o ultramar...*

O verbo que também é empregado com a mesma regência do grifado acima está em:

a) *Observa Oliveira Martins que a população colonial no Brasil...*

b) *... iniciaram os portugueses a colonização em larga escala dos trópicos...*

c) *... importou numa nova fase e num novo tipo de colonização...*

d) *... perversão de instinto econômico que cedo desviou o português da atividade...*

e) *O colonizador português do Brasil foi o primeiro, dentre...*

6. (TRE-RJ) "porque implica em cobrar o tempo" / porque implica cobrar o tempo. A construção do verbo implicar com a preposição em resulta, provavelmente, de um cruzamento sintático com verbo sinônimo (importar), sendo considerada errônea por alguns gramáticos. A alternativa em que há erro de regência na segunda das sentenças é:

a) Preferimos pagar juros a ficar sem o produto. / Preferimos pagar juros do que ficar sem o produto.

b) Esquecemos facilmente o belo arrazoado aquiniano. / Esquecemo-nos facilmente do belo arrazoado aquiniano.

c) Queremos informar-lhes que nossos juros são baixos. / Queremos informá-los de que nossos juros são baixos.

d) Ainda nos lembramos da belíssima aula de filosofia tomista. / Ainda nos lembra a belíssima aula de filosofia tomista.

e) Se cobrar juros é pecado, chamamos de pecadores todos os banqueiros. / Se cobrar juros é pecado, chamamos pecadores a todos os banqueiros.

7. (TRE-RJ) A desigualdade jurídica do feudalismo alude o autor se faz presente ainda hoje nos países terras existe visível descompasso entre a riqueza e a pobreza. Tendo em vista o emprego dos pronomes relativos, completam-se corretamente as lacunas da sentença acima com:

a) a qual / cujas

b) a que / em cujas

c) à qual / em cuja as

d) o qual / por cujas

e) ao qual / cuja as

8. (Cesgranrio) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da seguinte frase: Toda comunidade, aspirações e necessidades devem vincular-se os temas da pesquisa científica, possui uma cultura própria, precisa ser preservada.
a) cujas / de que
b) a cujas / que
c) cujas / pela qual
d) cuja / que
e) a cujas / de que

9. (TTN) Há erro de regência no item:
a) Algumas ideias vinham ao encontro das reivindicações dos funcionários, contentando-os, outras não.
b) Todos aspiravam a uma promoção funcional, entretanto poucos se dedicavam àquele trabalho, por ser desgastante.
c) Continuaram em silêncio, enquanto o relator procedia à leitura do texto final.
d) No momento este Departamento não pode prescindir de seus serviços devido ao grande volume de trabalho.
e) Informamos a V. Senhoria sobre os prazos de entrega das novas propostas, às quais devem ser respondidas com urgência.

10. (TTN) Considere o texto abaixo.
– "Eu queria saber é quem está no aparelho.
– Ah, sim. No aparelho não está ninguém.
– Como não está, se você está me respondendo?
– Eu estou fora do aparelho. Dentro do aparelho não cabe ninguém.
– Engraçadinho! Então, quem está ao aparelho?
– Agora melhorou. Estou eu, para servi-lo".
(C. Drummond de Andrade)
Marque o par de verbos com problema de regência idêntico ao do texto.
a) Meditar um assunto – meditar sobre um assunto.
b) Sentar à mesa – sentar na mesa.
c) Estar em casa – estar na casa.
d) Assistir o doente – assistir ao doente.
e) Chamar o padre – chamar pelo padre.

11. (TTN) Assinale a alternativa incorreta quanto à regência.

a) Creio que os trabalhadores estão muito conscientes de suas obrigações para com a Pátria.

b) O filme a que me refiro aborda corajosamente a problemática dos direitos humanos.

c) Esta nova adaptação teatral do grande romance não está agradando ao público; eu, porém, prefiro esta àquela.

d) O trabalho inovador de Gláuber Rocha que lhe falei chama-se *Deus e o Diabo na Terra do Sol*.

e) José crê que a classe operária está em condições de desempenhar um papel importante na condução dos problemas nacionais.

12. (TRT) Assinale a alternativa que completa convenientemente as lacunas abaixo.

I. Certifiquei de que o prazo esgotara-se.

II. Recebi em meu escritório.

III. Informo que as notas fiscais estão rasuradas.

IV. Avisei de que tudo fora resolvido.

a) o – o – lhe – o

b) o – o – o – o

c) lhe – lhe – lhe – o

d) o – lhe – lhe – o

e) lhe – lhe – o – o

13. (TTN) Assinale o trecho que apresenta sintaxe de regência correta.

a) A rigorosa seca que assola os estados do Nordeste impede que essa região desenvolva e atinja os níveis de crescimento socioeconômicos desejados.

b) Se o Brasil tornasse independente dos empréstimos externos, poderia voltar a crescer no mesmo ritmo de desenvolvimento das décadas anteriores.

c) Surpreende-nos o fato de o Estado de São Paulo, que muito se difere do sul do país, ter engrossado as estatísticas favoráveis à criação de um Brasil do sul.

d) É reducionista atribuirmos apenas à seca a razão que leva a população do norte e nordeste a se migrar para o sul.

e) A pretendida separação que pleiteiam os estados do sul acarretará, se vier a se concretizar, a perda da identidade nacional.

14. (Administrador – Petrobras – Cesgranrio) Segundo diria o Professor Carlos Góis, mencionado no Texto II, a frase cuja regência do verbo respeita a norma-padrão é:

a) Esquecemo-nos daquelas regras gramaticais.

b) Os professores avisaram aos alunos da prova.
c) Deve-se obedecer o português padrão.
d) Assistimos uma aula brilhante.
e) Todos aspiram o término do curso.

15. (Administrador – Transpetro – Cesgranrio) A frase Compramos apostilas que nos serão úteis nos estudos está reescrita de acordo com a norma-padrão em:
a) Compramos apostilas cujas nos serão úteis nos estudos.
b) Compramos apostilas as cujas nos serão úteis nos estudos.
c) Compramos apostilas a qual nos serão úteis nos estudos.
d) Compramos apostilas as quais nos serão úteis nos estudos.
e) Compramos apostilas às quais nos serão úteis nos estudos.

16. (Escriturário – BB – Cesgranrio) A frase em que a presença ou ausência da preposição está de acordo com a norma-padrão é:
a) A certeza que a sorte chegará para mim é grande.
b) Preciso de que me arranjem um emprego.
c) Convidei à Maria para vir ao escritório.
d) A necessidade que ele viesse me ajudar me fez chamá-lo.
e) Às dez horas em ponto, estarei à sua casa.

17. (Esaf) Observe as palavras sublinhadas e indique a frase que apresenta regência nominal correta.
a) Por ser muito estudioso, ele tinha grande <u>amor</u> a seus livros.
b) Havia muitos anos que não via o filho, por isso estava <u>ansioso</u> em vê-lo.
c) <u>Alheio</u> para com o julgamento, o réu permanecia calado.
d) Coitado! Foi preso porque era <u>suspeito</u> por um crime que não cometeu.
e) Tínhamos o <u>propósito</u> em dizer toda a verdade, mas nos impediram de fazê-lo.

18. (Esaf) A frase que apresenta <u>erro</u> de regência do verbo ASSISTIR é:
a) Não fui ver o filme, embora quisesse assistir-lhe.
b) Não lhe assiste o direito de humilhar ninguém.
c) Ele assiste às aulas sempre com muita serenidade.
d) Aqueles médicos assistem os doentes com dedicação.
e) Assistiu aos jogos da Seleção sem nenhum entusiasmo.

19. (Esaf) Observe, nos períodos abaixo, a regência dos verbos e dos nomes.

I. As constantes faltas ao trabalho implicaram a sua demissão.
II. Procederemos à abertura do inquérito.
III. O cargo a que aspiramos é disputado por todos.
IV. Prefiro mais estudar do que trabalhar.
V. Sua atitude é incompatível ao ambiente.
Assinale a sequência que corresponde aos períodos corretos.
a) I, II e IV.
b) II, III e IV.
c) II, IV e V.
d) I, II e III.
e) I, III e IV.

20. (AFT) Avalie as afirmações abaixo, a respeito do emprego das estruturas linguísticas no texto, para assinalar a opção correta.
Quando se ouve a palavra "preço", as primeiras imagens que invadem nossa mente são as de cartazes de liquidação, máquinas registradoras, cheques e cartões de crédito. Mesmo nas sociedades orientais, menos capitalistas que a nossa, a ideia de preço é sempre ligada à noção de objeto de valor.
Porém, diferentemente do que a mídia informa, nem tudo pode ser comprado e parcelado em três vezes no cartão. As coisas realmente importantes da vida têm seu preço, isso é certo, mas a forma de pagamento é bem diversa das praticadas nos *shopping centers*.
Na infinita negociação que é viver, se sairá melhor aquele que possuir uma sólida corrente de reservas emocionais e de bom-senso do que aquele que confia apenas em sua coleção de cartões de plástico. Lucrará mais aquele que souber responder com sabedoria a pergunta: vale a pena pagar o preço?
I. Para a coerência textual, o vocábulo "as" (l.1) tanto pode ser interpretado como um pronome, substituindo o substantivo "imagens" (l.1), quanto como um artigo definido que deixa implícita a concordância com "imagens".
II. O acento indicativo de crase em "à noção" (l.3) decorre da presença da preposição a, exigida por "ligada" (l.6) e do artigo determinante de "noção".
III. Por ser expressa a comparação em estrutura oracional, o termo "do que" (l.5) por ser escrito apenas como "que", sem prejuízo da correção gramatical do texto.
IV. A retirada do pronome em "isso é certo" (l.6) resulta em erro gramatical, por que a oração fica sem sujeito; o que prejudica a coesão textual.
V. Devido ao emprego da vírgula, mantém-se a coerência textual e a correção gramatical ao empregar o pronome átono depois do verbo em "se sairá" (l. 8).

VI. As regras gramaticais possibilitam também o emprego do acento indicador de crase em "a pergunta" (l. 10): à pergunta.

Estão corretos apenas os itens:

a) I, II e VI;

b) I, II, III e V;

c) I, IV e VI;

d) II, III, V e VI;

e) III, IV e V.

21. (Susep) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical inserido no texto.

O etanol ainda está longe de ter um mercado global. Apresentado desde o(1) início da década como a grande solução energética para o mundo, para substituir uma fonte não renovável (o petróleo) e reduzir a emissão (2) de poluentes, o etanol ainda não conquistou os fabricantes de veículos e os consumidores do mundo inteiro. Falta uma padronização internacional para transformar-lhe (3) em uma *commodity* facilmente comercializável nos diferentes mercados e ainda persistem barreiras protecionistas em muitos países. Nos EUA, por exemplo, há uma tarifa de importação de US$ 0,54 por galão. Para entrar na União Europeia, o etanol brasileiro paga 19 centavos de euro por litro. É grande o potencial de mercado para o etanol brasileiro nos EUA. Na União Europeia, o potencial é menor, pois lá (4) o programa energético prevê a utilização de 10% de combustíveis renováveis no consumo total em 2020. Cálculos da União da Indústria da Cana-de-Açúcar – Única indicam que isso resultaria na demanda de 14 bilhões de litros de etanol por ano (outra parte seria atendida (5) por biodiesel).

(*O Estado de S. Paulo*, Editorial, 18/02/2010, com adaptações)

a) 1

b) 2

c) 3

d) 4

e) 5

22. (AFTN) Assinale a única frase cuja lacuna não deve ser preenchida por um pronome relativo preposicionado.

a) O relator da emenda constitucional apresentou proposições todos simpatizavam.

b) Recordaram com carinho a ponte trocaram o primeiro beijo.

c) Fui ver hoje o filme mais gosto.

d) Guimarães Rosa é o escritor brasileiro mais gosto.

e) Esta é a região fronteira agrícola deve ser aplicada.

23. (TRE-MT) Há erro de regência verbal, de acordo com a norma culta, em:
a) O informante não precisou do dinheiro ganho.
b) Eles se referiram sobre o outro governo.
c) Todos preferiram o elogio à censura.
d) Eis o ponto de que discordo.
e) Seu telefone não atende às chamadas.

24. (TRE-MT)
I. O livro me refiro não está traduzido.
II. Os candidatos cartões foram extraviados, poderão fazer a prova.
Os termos que completam, respectivamente, as lacunas das frases acima são:
a) que – cujos os
b) ao qual – dos quais
c) onde – cujos
d) a que – cujos
e) que – dos quais

25. (TRE-MG) Observe a regência dos verbos das frases reescritas nos itens a seguir:
I. Chamaremos os inimigos de hipócritas. Chamaremos aos inimigos de hipócritas;
II. Informei-lhe o meu desprezo por tudo. Informei-lhe do meu desprezo por tudo;
III. O funcionário esqueceu o importante acontecimento. O funcionário esqueceu-se o importante acontecimento.
A frase reescrita está com a regência correta em:
a) I apenas;
b) II apenas;
c) III apenas;
d) I e III apenas;
e) I, II e III.

26. (Técnico Judiciário – TRE-AP – FCC) O segmento grifado está empregado corretamente em:
a) A incompatibilidade da encomenda e a prestação de serviços gerou o conflito.
b) A curiosidade é inata do ser humano.
c) Foi sempre devotado pela ciência.
d) A sua declaração o indispôs com os colegas.
e) Compenetrou-se sobre a necessidade de estudar.

27. (Bacen – Esaf) Os trechos a seguir constituem um texto. Assinale a opção que apresenta erro de regência.

a) Desde abril, já é possível perceber algum decréscimo da atividade econômica, com queda da produção de bens de consumo duráveis, especialmente eletrodomésticos, e do faturamento real do comércio varejista.

b) Apesar da queda da inflação em maio, espera-se aceleração no terceiro trimestre, fenômeno igual ao observado nos dois últimos anos, em decorrência da concentração de aumentos dos preços administrados.

c) Os principais focos de incerteza em relação às perspectivas para a taxa de inflação nos próximos anos referem-se a evolução do preço internacional do petróleo, o comportamento dos preços administrados domésticos e o ambiente econômico externo.

d) Desde maio, porém, entraram em foco outros fatores: o racionamento de energia elétrica, a intensificação da instabilidade política interna e a depreciação acentuada da taxa de câmbio.

e) A mais nova fonte de incerteza é o choque derivado da limitação de oferta de energia elétrica no País, pois há grande dificuldade em se avaliar seus efeitos com o grau de precisão desejável.

(Trechos adaptados do *Relatório de Inflação* – Banco Central do Brasil, junho de 2001– volume 3, nº 2, p. 7 e 8.)

28. (Bacen – Esaf) Assinale a opção em que a regência está de acordo com as regras da norma culta.

a) As funções de autoridade monetária foram sendo transferidas progressivamente do Banco do Brasil para o BC, enquanto as atividades atípicas exercidas por esse último, como as relacionadas ao fomento e à administração da dívida pública federal, foram transferidas para o Tesouro Nacional.

b) A Constituição de 1988 consagra dispositivos importantes para a atuação do BC, como ao do exercício exclusivo da competência da União para emitir moeda e o da necessidade de aprovação prévia pelo Senado Federal, em votação secreta, após arguição pública, dos designados pelo Presidente da República para os cargos de presidente e diretores.

c) A Constituição vedou o BC a concessão direta ou indireta de empréstimos ao Tesouro Nacional. A Constituição de 1988 prevê ainda, em seu artigo 192, a elaboração de Lei Complementar do Sistema Financeiro Nacional, que deverá substituir a Lei nº 4.595, abrangendo vários e importantes aspectos da estruturação e atuação do Banco Central.

d) Em 1998 o Banco Central retomou o processo de Planejamento Institucional, com à realização de um encontro de planejamento ao nível estratégico, contando pela

participação do Presidente e diretores, e de encontros de planejamento no nível tático, que contaram com a participação do corpo gerencial das unidades especial, centrais e regionais.
e) No encontro ao nível estratégico foram definidos a missão do Banco, seus macroprocessos e os objetivos estratégicos para o horizonte de três anos, além das diretrizes balizadoras das ações para assegurar à estabilidade do poder de compra da moeda nacional.

29. (Ass. Leg. – FCC) ***... que faz com que em certas ocasiões...*** **(último parágrafo)**
A lacuna que deverá ser corretamente preenchida pela expressão grifada acima está em:
a) O mercado editorial de autoajuda, ... abrange várias categorias, cresce a olhos vistos em todo o mundo.
b) O conteúdo dos livros de autoajuda, ... os leitores acreditam, serve de inspiração para o sucesso na vida e na carreira profissional.
c) Os leitores estão convictos ..... essas publicações serão a inspiração para uma vida mais harmônica e feliz.
d) Os livros de autoajuda procuram conduzir as pessoas a obterem com tenacidade tudo aquilo ..... sonham.
e) A literatura de autoajuda constitui, no momento, os meios ..... as pessoas recorrem para viver melhor.

30. (TRT – Fundec) Sobre a regência do verbo assistir na oração "a Região Metropolitana finalmente assistia ao início de um capítulo bom da novela protagonizada por mais de 3 milhões de pessoas", pode-se afirmar que:
a) Está correta, porque o verbo foi empregado como transitivo indireto, no sentido de ser do direito.
b) É semelhante à regência do verbo amar em frases como "Deve-se amar ao próximo".
c) Admite a construção passiva, que seria: "O início de um capítulo bom da novela protagonizada por mais de 3 milhões de pessoas era assistido finalmente pela Região Metropolitana.
d) Está consoante com a língua escrita padrão, mas divergente dos hábitos da língua falada no Brasil.
e) É a recomendada pela norma culta da língua, mas não é a habitualmente praticada pelos escritores contemporâneos.

31. (Proderj – FEC) No trecho "... asseguramos que as comunidades locais devem usufruir de benefícios decorrentes da exploração de recursos naturais encontrados em suas terras", observa-se que o verbo em destaque está regido pela preposição de, numa

variante "de" regência da língua contemporânea. Das frases abaixo, aquela em que foi usada uma regência que contraria as normas da língua culta, pois não admite variante, é:

a) Poucos países abstiveram-se de participar da conferência.

b) Muitas vezes é difícil resistir as tentações da riqueza fácil e imediata.

c) Os mais jovens têm de suceder aos mais velhos nas lutas pelo meio ambiente.

d) Devemos prezar as ideias favoráveis às fontes renováveis de energia.

e) A plateia gostaria de que todos os países abraçassem a proposta brasileira.

32. (Proderj – FEC) De acordo com as normas de regência verbal do português contemporâneo, a oração "... que visam o bem público" também poderia estar expressa na forma "... que visam ao bem público", caracterizando-se como um caso de dupla regência. Dos casos abaixo relacionados, o que apresenta erro, por não se caracterizar como um caso de dupla regência, é o que está na opção:

a) Os companheiros o abraçaram num gesto de fraternidade. / Os companheiros lhe abraçaram num gesto de fraternidade.

b) A decisão implica uma reformulação dos planos. / A decisão implica numa reformulação dos planos.

c) Todos estão usufruindo as garantias oferecidas pela empresa. / Todos estão usufruindo das garantias oferecidas pela empresa.

d) Os interessados assistiram à palestra com toda a atenção. / Os interessados assistiram a palestra com toda a atenção.

e) Os colegas o chamavam de benfeitor da humanidade. / Os colegas lhe chamavam de benfeitor da humanidade.

33. (Esaf) Aponte o trecho correto quanto à regência.

a) Quando se desativa uma linha de trem, estão-se isolando muitas localidades que perderão o único meio de transporte que dispõem.

b) Em muitas cidades pequenas, no interior do País, prevalece a ideia, a qual se desconfia o próprio Prefeito seja adepto, de que o trem é meio de transporte obsoleto.

c) Como é interesse do País de que o preço do frete diminua, são urgentes e imprescindíveis investimentos em nosso sistema ferroviário.

d) A partir dos anos 50, o baixo custo do petróleo justificou a opção do transporte de carga por rodovias, às quais foram ganhando cada vez mais preferência.

e) No Brasil, dadas suas dimensões continentais, deve-se dar preferência às ferrovias para a movimentação de cargas.

34. (TRF-12ª – FCC) Está correto o emprego do elemento sublinhado em:

a) A obra de ficção **A guerra dos mundos**, em cuja Orson Welles se baseou, ganhou dramática adaptação radiofônica.
b) A tecnologia de ponta, sobre a qual por vezes pairam desconfianças, leva-nos apenas aonde queremos ir.
c) O cotidiano contemporâneo deixa-se afetar pelas conquistas técnicas, de cujas muita gente alimenta sérias desconfianças.
d) A segunda metade da década de 90, aonde se consolidou a multimídia, foi um marco na vida contemporânea.
e) O homem do nosso tempo, diante dos admiráveis recursos nos quais jamais sonhou alcançar, é por vezes um deslumbrado.

35. (TRE – SP – AJ – FCC) Está correto o emprego de ambas as expressões sublinhadas na frase:
a) O autor do texto, de cuja convicção é que estamos longe do desenvolvimento social, desconfia dos avanços tecnológicos com os quais muita gente demonstra plena admiração.
b) A modernidade técnica, na qual o autor faz suas restrições, não trouxe consigo o desenvolvimento social pelo qual tantos aspiram.
c) Muita gente acredita de que a tecnologia serve a todos, quando o que os fatos têm demonstrado é de que ela acaba servindo aos mesmos privilegiados de sempre.
d) O escritor a cujo nome se faz referência no texto foi um dos expoentes do movimento abolicionista brasileiro, ao qual aderiram muitos outros homens ilustres do século XIX.
e) É tal a velocidade em cuja vêm ocorrendo os avanços tecnológicos que os homens nem têm tempo para pensar nos excluídos, naqueles para quem essa velocidade não beneficia.

36. (Fiscal da Receita Estadual – AP – FGV) De acordo com a norma padrão, o pronome relativo está corretamente empregado apenas na seguinte alternativa:
a) Essas são algumas ideias por cujos os ensinamentos procuro me guiar.
b) Aquelas são as mais antigas histórias de comércio as quais se tem memória.
c) Apresentou um projeto que a principal filosofia dele é a democratização do saber.
d) O comportamento ético por que um povo se orienta define seu caráter.
e) O filósofo onde me refiro defendeu tese recentemente.

37. (TRF-4ª Região – FCC) Está correto o emprego do elemento sublinhado em:
a) A obra de ficção **A guerra dos mundos**, em cuja Orson Welles se baseou, ganhou dramática adaptação radiofônica.
b) A tecnologia de ponta, sobre a qual por vezes pairam desconfianças, leva-nos apenas aonde queremos ir.

c) O cotidiano contemporâneo deixa-se afetar pelas conquistas técnicas, de cujas muita gente alimenta sérias desconfianças.
d) A segunda metade da década de 90, aonde se consolidou a multimídia, foi um marco na vida contemporânea.
e) O homem do nosso tempo, diante dos admiráveis recursos nos quais jamais sonhou alcançar, é por vezes um deslumbrado.

38. (Analista Judiciário – TRT-1R – FCC) ... *condição da qual os habitantes das cidades consideram difícil, talvez impossível, fugir*. (último parágrafo) Mantendo-se a correção e a lógica, o verbo grifado acima pode ser substituído, sem qualquer outra alteração na frase em que se encontra, APENAS por:
a) escapar;
b) afastar;
c) evadir;
d) evitar;
e) prevenir.

39. (Analista Judiciário – TRT-24ª Região) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:
a) Os recursos da internet, dos quais podemos nos valer a qualquer momento, permitem veicular mensagens por cujo conteúdo seremos responsáveis.
b) Artistas plásticos, que suas obras lhes interessa divulgar, frequentam os espaços da internet, mediante aos quais promovem a divulgação de seu trabalho.
c) Jornalistas veteranos, de cujas colunas tantos leitores já frequentaram, passaram a criar seus próprios blogs, pelos quais acrescentam uma dose de subjetivismo.
d) É comum que, num blog, os assuntos públicos, a cujo interesse social ninguém duvida, coabitem aos assuntos particulares, que a poucos interessará.
e) As múltiplas formas de linguagem com que o autor de um blog pode lançar mão obrigam-no a se familiarizar com técnicas de que jamais cogitou dominar.

40. (Fiscal – ICMS – FGV) *O leitor já viu onde quero chegar*. (L. 40)
Assinale a alternativa cuja estrutura seja equivalente semanticamente à apresentada acima, mas que dela se diferencie quanto à adequação da linguagem ao padrão normativo.
a) Já observou o leitor onde quero chegar.
b) O leitor já viu aonde quero chegar.
c) Quero chegar onde o leitor já viu.

d) Em que ponto quero chegar o leitor já viu.
e) O leitor já viu em cujo local quero chegar.

41. (Fiscal – ICMS – FGV) Assinale a alternativa em que, alterando-se o trecho "a fim de que o estado realize as funções a que constitucionalmente está vinculado", não se obedeceu à norma culta. Despreze as alterações de sentido.
a) A fim de que o Estado realize as funções às quais constantemente se refere.
b) A fim de que o Estado realize as funções às quais prefere à instabilidade.
c) A fim de que o Estado realize as funções de cujos objetivos constantemente nos lembramos.
d) A fim de que o Estado realize as funções cujas implicações quase sempre esquecemos.
e) A fim de que o Estado realize as funções as quais se dispôs a efetivar.

42. (FNDE – FGV) Assinale a alternativa em que, alterando-se o trecho *construção de um diálogo (...) que as novas tecnologias permitem* (L.89-92), não se obedeceu às regras gramaticais de regência verbal. Ignore as alterações de sentido em relação ao texto original.
a) Construção de um diálogo (...) a que as novas tecnologias aludem.
b) Construção de um diálogo (...) que as novas tecnologias carecem.
c) Construção de um diálogo (...) a que as novas tecnologias procedem.
d) Construção de um diálogo (...) a que as novas tecnologias se referem.
e) Construção de um diálogo (...) que as novas tecnologias atingem.

43. (TRT-20ª – FCC) ... *além do que lhes permitem os recursos <u>de que</u> dispõem...* A expressão pronominal grifada acima deverá preencher corretamente a lacuna da frase:
a) A nova classe média desenvolveu padrões de consumo ..... só serão sustentáveis se houver salários dignos.
b) Os novos valores sociais, ... se deparam os autores do estudo incluem a valorização da educação.
c) As oscilações de renda familiar, ... o estudo se refere, oferecem riscos à manutenção dos padrões de consumo.
d) Foi realizado um estudo recente, ... se encontram informações importantes sobre a mobilidade social brasileira.
e) A amplitude da ascensão social ..... se fala é condizente com a redução das desigualdades de renda da população.

44. (Analista Judiciário – TRT – 23ª Região) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

a) Os argumentos de que devemos nos agarrar devem se pautar nos limites da racionalidade e da justiça.
b) Os casos históricos em que Voltaire recorre em seu texto ajudam-no a demonstrar de que a pena de morte é ineficaz.
c) A pena de talião é um recurso de cuja eficácia muitos defendem, ninguém se abale em tentar demonstrá-la.
d) Os castigos a que se submetem os criminosos devem corresponder à gravidade de que se reveste o crime.
e) As ideias liberais, de cuja propagação Voltaire se lançou, estimulam legisladores em quem não falte o senso de justiça.

45. (Técnico Judiciário – TRT-23ª Região – FCC) ... *e com o tempo em que você pode trabalhar*.
O segmento grifado na frase acima preenche corretamente a lacuna da frase:
a) Muitos escritores afirmam não saber lidar com a fama ..... almejam em determinado momento de suas carreiras.
b) Alguns escritores menores tentam demonstrar em suas obras uma erudição ..... não possuem de fato.
c) Não por coincidência, o jornalismo é uma profissão ..... vários escritores recorrem em determinado momento de suas vidas.
d) O mercado cinematográfico internacional .... muitos roteiristas iniciantes tentam se inserir é por demais competitivo e estressante.
e) Dizem que o trabalho árduo e diário e uma disciplina tenaz são as principais armas ..... um jovem escritor deve se valer.

46. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) ... *e que vem de certa harmonia misteriosa a que tendem o branco, o preto, o roxo e o moreno*...
O segmento grifado preenche corretamente a lacuna da frase:
a) As autoridades contavam ..... se fizessem consultas à população para definir os projetos de melhoria de toda a área.
b) As transformações ..... se refere o historiador descaracterizaram toda a área destinada, de início, a pesquisas.
c) A necessidade de inovações foi o argumento ..... se valeram os urbanistas para defender o projeto apresentado.
d) A ninguém ocorreu demonstrar ..... não seria possível impedir a derrubada de algumas antigas construções.

e) Seriam necessários novos e diferentes projetos urbanísticos, ... permanecessem intocadas as construções originais.

47. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) Está INADEQUADO o emprego do elemento sublinhado na frase:

a) A traição a que por vezes está sujeita nossa audição pode ter resultados divertidos.

b) Os sons das palavras, a cujos poucas vezes dedicamos plena atenção, podem ser bastante enganosos.

c) A melodia e o ritmo de uma frase, em cujo embalo podemos nos equivocar, valem pelo efeito poético.

d) E afinal, por onde andará dona Ondirá, senhora misteriosa de quem o leitor foi fã cativo, quando menino?

e) E dona Quiçás, a quem Nat King Cole jamais teve a honra de ser apresentado, morará ainda em Madri?

48. (Analista Judiciário – TRE-SP – FCC) Está correto o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

a) A argumentação na qual se valeu o ministro baseava-se numa analogia em cuja pretendia confundir função técnica com função política.

b) As funções para cujo desempenho exige-se alta habilitação jamais caberão a quem se promova apenas pela aclamação do voto.

c) Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto do que a promoção pelo mérito onde nem todos confiam.

d) A má reputação de que se imputa ao "assembleísmo" é análoga àquela em que se reveste a "meritocracia".

e) A convicção de cuja não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo à natureza do caso.

49. (Técnico Judiciário – TRE-SP – FCC) ... *procurava incorporar à escrita o ritmo da fala*... O verbo empregado no texto com a mesma regência do grifado acima está em:

a) *... consagrar literariamente o vocabulário usual.*

b) ... *dar estado de literatura aos fatos da civilização moderna.*

c) *No Brasil, ele significou principalmente libertação dos modelos acadêmicos...*

d) ... *que a sua contribuição maior foi a liberdade de criação e expressão.*

e) ... *os modernistas promoveram uma valorização diferente do léxico...*

50. (AFRF – Esaf) Marque a opção em que ambos os períodos estão gramaticalmente corretos.

a) O racismo no sentido de prática discriminatória em razão da etinia de uma pessoa ou grupo, atenta, primeiro, contra a própria organização política brasileira. / O racismo, no sentido de prática discriminatória, em razão da etnia de uma pessoa ou grupo, atenta, primeiro, contra a própria organização política brasileira.

b) A prática do racismo é definida como crime na Lei nº 7.716/1989, isto é, nessa lei estão definidas várias condutas que implicam tratamento discriminatório, motivado pelo preconceito racial. / A prática do racismo é definida como crime na lei nº 7.716/1989, isto é, nessa Lei estão definidas várias condutas que implicam em tratamento discriminatório, motivado pelo preconceito racial.

c) O racismo é crime de ação múltipla ou de conteúdo variado, de maneira que a prática, no mesmo contexto de ação, de mais de um núcleo acarreta uma única incriminação. / O racismo é crime de ação múltipla ou de conteúdo variado, de maneira que a prática no mesmo contexto de ação, de mais de um núcleo, acarreta em uma única incriminação.

d) O incitamento à discriminação não afasta a possibilidade de cometimento também de injúria, motivada pela discriminação ou qualquer outro crime contra a honra, previsto no CPB ou mesmo na Lei de Imprensa. / O incitamento à descriminação não afasta a possibilidade de cometimento também de injúria, motivado pela descriminação ou quaisquer outro crime contra a honra, previsto no CPB ou mesmo na Lei de Imprensa.

e) A prática de tortura motivada pelo racismo, crime que tem por sujeito passivo o indivíduo, não afasta a incriminação de eventual crime de racismo previsto na legislação brasileira, que tem por sujeito passivo primário a coletividade, com lesões jurídicas da mesma forma diferenciadas: o primeiro, a integridade física, saúde e liberdade individual, e os demais, a paz pública. / A prática de tortura motivada pelo racismo, crime que tem por sujeito passivo o indivíduo, não afasta a incriminação de eventual crime de racismo previsto na legislação brasileira, que tem por sujeito passivo primário a coletividade, com lesões jurídicas da mesma forma diferenciadas, o primeiro a integridade física, saúde e liberdade individual, e os demais a paz pública.

(Baseado em Carlos Frederico de Oliveira Pereira)

Capítulo 27

Concordância

27.1. Concordância verbal

O conceito geral é o verbo ser obrigado a concordar com o sujeito. Aqui serão analisadas situações especiais de concordância.

1) **DOIS OU MAIS NÚCLEOS DE SUJEITO E UM VERBO**

a) SUJEITO COMPOSTO ANTEPOSTO AO VERBO – concordância por soma.

Ex.: Eu e tu (NÓS) fomos ao cinema.
Ele e tu (VÓS) fostes ao cinema.
Ela e eu (NÓS) iremos ao Maracanã.

b) SUJEITO COMPOSTO POSPOSTO AO VERBO – concordância pode ser por soma ou atrativa.

Ex.: Fomos (ou FUI) eu e tu ao cinema.
Fostes (ou FOSTE) tu e ele ao cinema.
Iremos (ou IRÁ) ele e eu o cinema.
"e veio a guerra, a violência, a invasão..." (Raul Pompéia).

– A forma verbal "veio" poderia ser substituída por VIERAM.

Obs.: A soma se dará pela hierarquia das pessoas. A primeira pessoa se sobrepõe às demais, e a segunda, à terceira. No entanto, como a segunda pessoa do plural está em desuso na língua corrente no

Brasil, a forma coloquial VOCÊS (3ª pessoa do plural) a tem substituído.

Ex.: Tu e João fareis (ou farão – forma que vem sendo aceita) o trabalho.

2) **QUEM** – o verbo tanto poderá concordar com o pronome relativo QUEM (terceira pessoa do singular) como também poderá fazê-lo com o antecedente do QUEM.

Ex.: Fui eu quem fez (ou FIZ) o trabalho.

Fomos nós quem fez (ou FIZEMOS) o trabalho.

Fostes vós quem fez (ou FIZESTES) o trabalho.

Obs.: O Professor Celso Cunha indica que a concordância com a 3ª pessoa do singular é a construção prevista pela regra, mas sendo também aceita a concordância com o antecedente do QUEM.

3) **QUE** – o verbo concordará com o termo antecedente do pronome relativo QUE (quando este for o sujeito da oração).

Ex.: Fui eu que fiz o trabalho.

Fomos nós que fizemos o trabalho.

Fostes vós que fizestes o trabalho.

Obs.: Se o antecedente do pronome relativo QUE funcionar como predicativo do sujeito, o verbo tanto poderá concordar com o predicativo como poderá concordar com o sujeito da oração anterior.

Ex.: Eu fui o primeiro que chegou – concordância com o predicativo "o primeiro".

Eu fui o primeiro que cheguei – concordância com o sujeito da oração anterior.

4) **UM E OUTRO** – o verbo tanto poderá estar na terceira pessoa do singular como na terceira pessoa do plural, mas o substantivo ficará sempre no singular.

Ex.: Um e outro aluno fez (ou FIZERAM) o trabalho.

Obs.: O usuário da língua incorrerá em erro se flexionar o substantivo no plural.

BIZU

A utilização da expressão NEM UM NEM OUTRO como sujeito causa uma divergência entre os professores Celso Cunha e Evanildo Bechara. Este indica que o verbo somente poderá flexionar-se no singular (Nem um nem outro compareceu ao trabalho); já aquele informa que, funcionando como pronome substantivo, poderá levar o verbo para o singular ou plural (Nem um nem outro compareceu – ou compareceram – ao trabalho). Ainda segundo Cunha, se a expressão funcionar como pronome adjetivo – determinando um substantivo –, o verbo apenas poderá ocorrer no singular (Nem um nem outro funcionário compareceu ao trabalho).

5) **UNS DE NÓS, ALGUNS DE NÓS, POUCOS DE NÓS, MUITOS DE NÓS, QUAISQUER DE NÓS** – o verbo tanto poderá estar na primeira pessoa do plural como na terceira pessoa do plural.

Ex.: Uns de nós trabalhamos (ou TRABALHARAM) aqui.
Muitos de nós estamos (ou ESTÃO) insatisfeitos.
Quaisquer de nós podemos (ou PODEM) fazer este trabalho.

6) **UNS DE VÓS, ALGUNS DE VÓS, POUCOS DE VÓS, MUITOS DE VÓS, QUAISQUER DE VÓS** – o verbo tanto poderá estar na segunda pessoa do plural como na terceira pessoa do plural.

Ex.: Uns de vós trabalhastes (ou TRABALHARAM) aqui.
Muitos de vós estais (ou ESTÃO) insatisfeitos.

Quaisquer de vós podeis (ou PODEM) fazer este trabalho.

Obs.: Em relação aos casos 5 e 6, se o primeiro termo estiver no singular, o verbo só poderá estar no singular.

Ex.: Um de nós poderá fazer este trabalho. Algum de vós esteve aqui?

? Esta única possibilidade de concordância ocorre por motivos semânticos. Quando dizemos "Uns de nós poderão (poderemos) fazer o trabalho, interpreta-se que "uns poderão fazer o trabalho" ou "nós poderemos fazer o trabalho; no entanto, quando se diz "Um de nós poderá fazer o trabalho", é importante ressaltar que só esse "um" poderá fazer o trabalho, os outros elementos (participantes do NÓS), não.

O NCE já questionou qual das duas construções possíveis (ESCRIVÃO – PC – 2001) seria a mais adequada e indicou como resposta a que fazia a concordância com o verbo na terceira pessoa do plural. Interpretei a opção feita pela banca como uma preferência pela concordância com o núcleo do sujeito (UNS, ALGUNS, MUITOS, POUCOS, QUAISQUER) e não com o adjunto adnominal (DE NÓS, DE VÓS). É também possível que a escolha pela terceira pessoa do plural, em detrimento da segunda pessoa do plural, tenha ocorrido em virtude de "vós" estar em desuso na variante brasileira da língua portuguesa.

7) **COLETIVO** – apesar de o coletivo dar uma ideia pluralizada, o verbo deverá estar na terceira pessoa do singular, a não ser que o próprio coletivo esteja no plural.

Ex.: O cardume viajou por todo o oceano.

Os cardumes viajaram por todo o oceano.

Obs.: Se o termo **coletivo** possuir um adjunto adnominal, o verbo tanto poderá concordar com o coletivo como também poderá concordar com o adjunto adnominal.

Ex.: A manada de elefantes destruiu (ou DESTRUÍRAM) toda a floresta.

O cardume de tainhas está chegando à costa brasileira (ou estão).

Se houver distanciamento entre o coletivo e o verbo, torna-se opcional a flexão do verbo no singular ou no plural.

Ex.: O grupo invadiu a minha residência à meia-noite. Roubaram tudo.

8) **UM TERÇO, 30%, A METADE, A MAIOR PARTE, A MENOR PARTE, UMA PARTE, A MAIORIA DE, A MINORIA DE... –** estes termos ou quaisquer outros que indicarem ideia partitiva ou fracionária, quando possuírem um adjunto adnominal, admitirão que o verbo tanto concorde com estes termos em negrito, como também com o adjunto adnominal.

Ex.: A maior parte dos alunos fez (ou FIZERAM) o trabalho.

Um terço dos fumantes tem (ou TÊM) problemas respiratórios.

9) **PRONOME DE TRATAMENTO –** o verbo deverá estar na terceira pessoa.

Ex.: V. Sª. está se sentindo bem?

V. Exª. deveria obedecer às vontades do povo da mesma forma que o povo lhe obedece.

Obs.: O pronome de tratamento V. Exª., como já se disse, é de terceira pessoa. Logo, quando outro pronome for referente ao ser V. Exª., deverá estar flexionado também na terceira pessoa, não cabendo o uso do oblíquo "vos" ou do possessivo "vosso".

10) **UM DOS QUE –** o verbo tanto poderá estar na terceira pessoa do singular como na terceira pessoa do plural.

Ex.: Ele é um dos que mais estuda (ou ESTUDAM).

Manoel foi um dos que fez (ou FIZERAM) o trabalho.

Obs.: O motivo de haver a dupla possibilidade de concordância se dá em virtude de o pronome relativo QUE poder ter como antecedente UM ou OS (combinado à preposição DE).

– SEM QUE –

Já a estrutura UM DOS só admite a construção com o verbo na terceira pessoa do singular. Isso se justifica através da semântica. Quando se diz "Manoel foi um dos que fez o trabalho", não só Manoel fez o trabalho, como outros também o fizeram. No entanto, quando se informa "Um dos alunos fez o trabalho", só cabe a interpretação de que "um" fez o trabalho, não os demais.

11) **MAIS DE UM –** apesar de a ideia ser pluralizada, o verbo estará na terceira pessoa do singular.

Ex.: Mais de um atleta brasileiro recebeu cartão amarelo.
Mais de uma moça viajou para Paris.

12) **MENOS DE DOIS –** apesar de a ideia ser de singular, o verbo estará na terceira pessoa do plural.

Ex.: Menos de dois homens ainda se encontram presos.
Menos de duas pessoas tentaram fugir.

13) **CERCA DE, PERTO DE –** o verbo concordará sempre com o numeral.

Ex.: Cerca de 70 alunos estavam presentes.

14) **OU –** se houver nítida ideia de exclusão, a concordância do verbo se dará atrativamente. Se ocorrer a possibilidade de soma dos núcleos, o verbo pode concordar com o termo mais próximo ou com a adição.

Ex.: Ele ou tu serás eleito para representante da turma. Ele ou tu farás (fareis) o trabalho.

15) **GRADAÇÃO –** quando houver dois ou mais termos no mesmo campo semântico, o verbo poderá concordar com a soma deles ou com o mais próximo.

Ex.: A tristeza, a angústia, o sofrimento tomou (tomaram) conta dos vascaínos depois que o Pet acertou aquele belíssimo chute no último minuto do jogo.

16) **VERBOS PARECER e COSTUMAR –** estes verbos poderão ou não formar uma locução com a forma verbal seguinte. Se não formarem, os verbos PARECER e COSTUMAR deverão ocorrer na terceira pessoa do singular, caso contrário, eles concordarão com o sujeito.

Ex.: Eles parecem fazer o trabalho.

? O verbo PARECEM concordou com o sujeito ELES, formando assim uma locução verbal com o FAZER.

Eles parece fazerem o trabalho.

? Nesta estrutura, o verbo PARECE forma sozinho uma oração, por isso o verbo FAZEREM é obrigado a concordar com ELES.

Os alunos pareciam estar cansados.

? O verbo PARECIAM concorda com OS ALUNOS, formando assim com o ESTAR uma locução verbal.

Os alunos parecia estarem cansados.

? Nesta estrutura, o verbo PARECIA forma sozinho uma oração principal, e o verbo ESTAREM, por consequência, é obrigado a concordar com OS ALUNOS.

Obs.: Na frase "Os alunos parece que estudam bastante", a forma verbal "parece" somente poderá ocorrer no singular. Tal ocorre em função de haver duas orações: 1ª – que os alunos estudam bastante; 2ª – Parece. A primeira oração é sujeito da segunda (Isso parece), portanto o verbo "parecer" deve ficar na terceira pessoa do singular para concordar com o sujeito oracional.

17) **TÍTULOS NO PLURAL**

a) quando o título estiver precedido de artigo, o verbo concordará com ele;

Ex.: Os Estados Unidos são sempre contrários a qualquer movimento ambientalista.

O *Os Lusíadas* é uma das maiores obras literárias de todos os tempos.

b) não havendo artigo ou outro determinante – segundo Celso Cunha –, o verbo deverá vir no singular.

Ex.: Estados Unidos contraria o interesse do resto do mundo.

Obs.: O Professor Evanildo Bechara considera que o verbo deverá estar no plural, exceto com o verbo SER, situação que torna a flexão em número facultativa.

Ex.: Estados Unidos contrariam o interesse do restante do mundo.

Estados Unidos são (é) a maior potência bélica do planeta.

18) **VERBOS CAUSATIVOS E SENSITIVOS COM SUJEITO NO PLURAL**

a) quando o sujeito (substantivo no plural) estiver postado entre os dois verbos, sendo o primeiro causativo ou sensitivo, deverá o segundo (no infinitivo) estar no plural;

Ex.: Ele mandou os alunos fazerem os exercícios.

b) quando o sujeito (substantivo no plural) estiver postado após os dois verbos, preferencialmente o segundo deverá estar no singular, podendo, também, ocorrer no plural;

Ex.: Ele viu entrar (ou entrarem) as crianças.

"Vi sair daquelas folhas muitos perfis de seminaristas" (Machado de Assis).

"Manda sair os dois!" (José de Alencar).

c) quando o sujeito for pronome oblíquo, a concordância normalmente se faz com singular, admitindo-se o plural, forma mais rara.

Ex.: Nós deixamo-los partir (ou partirem).

19) **VERBO SER**

a) predominância da pessoa sobre a coisa;

Ex.: A vida são os homens.

A criança é as minhas esperanças.

b) predominância do pronome pessoal sobre o nome;

Ex.: O errado aqui sou eu.

Loucos somos nós.

c) predominância do pronome pessoal ou nome sobre pronomes interrogativos;

Ex.: Quem és tu?

Que são tristezas?

d) predominância do plural sobre singular ou palavra invariável;

Ex.: Tudo são flores.

A vida eram uns problemas.

Obs.: Já também são aceitas as formas deste item concordando com o outro termo. Ou seja, também poderíamos dizer:

Ex.: Tudo é flores

A vida era uns problemas.

O NCE indicou na prova de CNEN em 2002 a preferência pela forma singular na seguinte estrutura "Greves é algo..."

e) predomina o singular quando houver **é muito, é pouco, é mais de**;

Ex.: Três mil reais é mais do que preciso.

Cinco mil reais é muito pouco.

f) predomina a concordância do verbo com o numeral indicado pela **distância, hora** ou **data**;

Ex.: De Copacabana ao Centro são 10 quilômetros.

Eram duas horas.

Hoje são 28 de abril.

Obs.: Também podemos utilizar neste último exemplo a palavra dia. Neste caso, o verbo concordará com este termo.

Ex.: Hoje é dia 28 de abril.

Já há autores mais modernos que também aceitam "Hoje é 28 de abril", baseando-se no fato de a palavra dia estar implícita na frase.

g) A expressão **ERA UMA VEZ** é invariável.

Ex.: Era uma vez cinco milhões de eleitores.

20) **SUJEITOS LIGADOS PELA PREPOSIÇÃO COM** – poderá vir o verbo no singular – caso se queira realçar somente o primeiro núcleo – ou no plural, concordando com a soma.

Ex.: João com Maria foi (foram) ao teatro.

21) **SUJEITOS LIGADOS POR CONJUNÇÃO COMPARATIVA OU POR PRONOME INDEFINIDO MAIS** – este caso é bastante parecido com o anterior. Destacando-se apenas o primeiro sujeito, o verbo deverá ocorrer no singular. Sendo a intenção realçar o sujeito composto, o verbo estará no plural.

Ex.: O professor, como o aluno, deve (devem) atentar-se sempre aos novos materiais publicados.

Ex.: "... e à noite lá estava ele rente, mais a Bertoleza, a removerem tábuas, tijolos..." (Aluísio de Azevedo).

22) **SUJEITOS LIGADOS PELA CONJUNÇÃO NEM** – poderá o verbo ocorrer no singular, destacando-se apenas um dos núcleos, ou no plural, em concordância com a soma.

Ex.: Nem o professor nem o diretor compreendeu (compreenderam) a reivindicação dos alunos.

23) **SUJEITOS RESUMIDOS POR PRONOME INDEFINIDO** – a concordância se dá com o pronome indefinido.

Ex.: A chuva, os ventos, o cansaço, a pouca visibilidade, nada o fazia desistir.

24) **SUJEITO ORACIONAL** – o verbo da oração principal ocorrerá na terceira pessoa do singular.

Ex.: Convém estudarmos bastante. / É importante que todos leiam este livro.

Obs.: Este caso já fora amplamente analisado em orações substantivas.

25) **SOAR, BATER, DAR** – concorda com o numeral indicador de hora.

Ex.: Soaram cinco horas da tarde. / Bateu meio-dia no meu relógio.

Obs.: Se a palavra "relógio" for transformada em sujeito, o verbo o acompanha.

Ex.: O relógio deu quatro horas.

26) **SILEPSE** – concordância ideológica.

Ex.: Todos (3ª pessoa do plural) estamos (1ª pessoa do plural, o emissor da mensagem está se incluindo) muito insatisfeitos com as denúncias de corrupção no governo.

O povo (3ª do singular) iremos (o autor da frase se inclui) às urnas no próximo ano.

27) **HAVER** – no sentido de EXISTIR ou de TEMPO DECORRIDO, é impessoal, portanto só poderá ocorrer na terceira pessoa do singular.

Ex.: Há muitos alunos em sala. Deve haver soluções. Ele já chegou há muitos dias.

Obs.: O verbo EXISTIR, mesmo sendo sinônimo de HAVER, é pessoal, contendo sujeito e sendo obrigado a concordar com ele.

Ex.: Existem problemas a serem resolvidos. Devem existir soluções. Hão de existir soluções.

É importante relembrar que o termo "soluções" na frase "Deve haver soluções" funciona como objeto direto; já na frase "Devem existir soluções", funciona como sujeito.

28) **FAZER** – no sentido de TEMPO DECORRIDO ou METEOROLÓGICO, é impessoal, só podendo ocorrer na terceira pessoa do singular.

Ex.: Faz vinte anos que não o vejo. Vai fazer quatro semanas que iniciamos o trabalho. Tudo nos leva a crer que nos próximos anos fará invernos muito frios.

29) **VERBO + SE** – neste assunto, é importante o candidato relembrar a distinção entre pronome apassivador e índice de indeterminação do sujeito. Caso o pronome SE esteja relacionado a um verbo transitivo direto, fica caracterizada a voz passiva sintética, obrigando o verbo a concordar com o sujeito (antigo objeto direto da voz ativa). Caso o pronome SE esteja relacionado a um verbo que não seja transitivo direto, funciona como índice de indeterminação do sujeito, limitando o verbo a flexionar-se tão somente na terceira pessoa do singular.

Ex.: Aspira-se bom ar em São Pedro. Aspiram-se bons ares em São Pedro.

Aspira-se a bom cargo nesta empresa. Aspira-se a bons cargos nesta empresa.

27.2. Exercícios

1. (Auditor – Sefaz-RJ – FGV) ***Que você pagou pra mim.***

Assinale a alternativa em que a alteração do verso acima tenha sido feita de acordo com a norma culta. Não leve em conta possível alteração de sentido.

a) Que Vossa Excelência pagou pra mim.

b) Que vós pagaste pra mim.

c) Que Vossa Senhoria pagastes pra mim.

d) Que tu pagastes pra mim.
e) Que tu pagáreis pra mim.

2. (Pref. SP – FCC) As normas de concordância verbal estão plenamente observadas na frase:
a) Não deveriam caber aos jovens estudantes o peso das responsabilidades políticas que o autor a eles pretende atribuir.
b) É fatal que venham a decepcionar-se com os jovens todo aquele que os vê como sujeitos políticos já inteiramente constituídos.
c) O embate a que se costumam lançar os jovens estudantes são quase sempre marcados por uma natural imaturidade política.
d) Não se devem confiar a um jovem os atributos políticos que mesmo ao político mais experiente costumam faltar.
e) Creio que nenhuma referência a autores como Nelson Rodrigues ou Maquiavel poderão trazer alento aos jovens idealistas.

3. (AFTN) Indique o único segmento que apresenta concordância verbal condizente com as normas do português padrão.
a) O funcionamento dos dois hemisférios cerebrais são necessários tanto para as atividades artísticas como para as científicas.
b) As diferentes divisões e subdivisões a que se submetem a área de ciências humanas provocam uma indesejável pulverização de domínios do conhecimento.
c) Normalmente, a aplicação de métodos quantitativos e exatos acabam por distorcer as linhas de raciocínio em ciências humanas.
d) Uma das premissas básicas do conjunto de assunções teóricas e epistemológicas do trabalho que ora vem a lume é a concepção da Arte como uma entre as muitas formas por meio das quais o conhecimento humano se expressa.
e) Não existem fórmulas precisas ou exatas para avaliar uma obra de arte, não existe um padrão de medida ou quantificação, tampouco podem haver modelos rígidos pré-estabelecidos.

4. (Def. Pública-SP – FCC) A concordância verbal e nominal está inteiramente correta na frase:
a) As mais recentes descobertas da ciência pode levar ao desenvolvimento de tratamentos que controlem a perda de memória, melhorando a capacidade cerebral.
b) Os pesquisadores descobriram que existe situações que favorece a memorização mais duradoura, possibilitando a realização das tarefas cotidianas no trabalho, por exemplo.

c) Está sendo feito estudos sobre a capacidade do cérebro humano de reter informações e processá-las, o que torna possível as lembranças do que aconteceu.
d) A visão de uma obra de arte dispara a comunicação entre neurônios, e o tamanho do impacto causado pela imagem é o que define como será guardada na memória.
e) Memória implícita é aquela que se refere aos conhecimentos, hábitos e habilidades, como andar de bicicleta, que é evocado de maneira automática.

5. (TRT-9R – FCC) As normas de concordância verbal estão plenamente acatadas na frase:
a) Não devem os leitores de hoje imaginar que cabiam aos filósofos antigos preocupar-se com questões que já não fazem sentido.
b) Leitores de hoje, não devemos imaginar que a um filósofo clássico ocorressem tão somente questões específicas de sua época histórica.
c) Nenhum de nossos desejos, de acordo com Sêneca, deveriam transpor nossos limites, fronteiras que se deve sempre determinar.
d) A cada um dos princípios do estoicismo devem corresponder, como se postulavam entre os estoicos, lúcida e consequente iniciativa nossa.
e) Àqueles que não temem refletir sobre a morte reserva-se as recompensas de uma vida mais lúcida e mais intensa.

6. (Fiscal – ICMS – FGV) "... mostram que um terço dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição...".
Assinale a alternativa em que, ao se alterar o termo "um terço", não se tenha mantido a concordância em conformidade com a norma culta. Desconsidere a possibilidade de concordância atrativa.
a) Mostram que 0,27% dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.
b) Mostram que menos de 2% dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foram tributados apenas por aquela contribuição.
c) Mostram que grande parte dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.
d) Mostram que três quartos dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foram tributados apenas por aquela contribuição.
e) Mostram que 1,6 milhão dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.

7. (Alesp – FCC) A concordância verbal e nominal está inteiramente correta em:

a) Presume-se que já tenha sido extinto muitas espécies da fauna e da flora com a destruição de enormes extensões de florestas.
b) Os desequilíbrios no ecossistema de uma floresta pode pôr em risco a sobrevivência de certas espécie de plantas.
c) Deve valer para todos os países as medidas de segurança a ser tomada em relação à preservação de florestas.
d) Para a restauração de áreas ocupadas por atividades agrícolas, é observado os tipos de uso do solo e as características do entorno para traçar o projeto de ação.
e) Projetos desenvolvidos por especialistas mostram que é possível conciliar restauração de florestas nativas com o manejo sustentável de seus recursos naturais.

8. (MPE – SE – FCC) Há uma transgressão das normas de concordância verbal na frase:
a) Não é à variação dos esquemas táticos que se deve imputar o fato de conviverem, em uma Copa do Mundo, a tristeza e a exaltação.
b) Entre paixões opostas costumam movimentar-se, nos dramáticos jogos da Copa, o sentimento dos torcedores mais fanáticos.
c) Sempre haverá nos versos de Carlos Drummond de Andrade reflexões poéticas que se enraízam nas experiências da vida.
d) Não coube aos brasileiros, na Copa de 2010, vivenciar os dramas que caracterizam as partidas a que leva o emparelhamento final.
e) A alternância entre paixões intensas e opostas, como ocorre ao longo da Copa do Mundo, não faz bem aos cardíacos.

9. (Sefaz – SP – FCC) As normas de concordância verbal encontram-se plenamente observadas na frase:
a) Apenas se submetem às condições de baixa remuneração e falta de garantias trabalhistas quem não tem acesso às vantagens de um emprego formal.
b) Incluem-se entre as tantas vantagens que proporcionam o trabalho assalariado a pensão para os que se acidentam e o seguro para os que perdem o emprego.
c) Não deveria causar espanto a ninguém, com um crescimento econômico anual em torno de 7%, os índices de redução da informalidade, no ciclo da industrialização nacional.
d) Acredita-se serem possíveis que as atividades laborais do mercado informal possam, num certo momento, propiciar a transição para o emprego assalariado formal.
e) Caso não os afetasse a redução do desenvolvimento econômico, nos últimos anos, seriam outros os índices de ocupação de postos do trabalho formal no Brasil.

10. (AFTN) Indique a única frase que passaria a apresentar erro de concordância verbal, se tivesse o verbo sublinhado no singular:

a) "Um dos soldadinhos que me acompanhavam chorava como um desgraçado" (G. Ramos).

b) "Os sentenciados houveram do poder público a comutação da pena" (G. Góis).

c) "E quanto enfim cuidava e quanto via, eram tudo memórias de alegria" (Camões).

d) "O conselho se reuniu, e decidiram recomeçar a guerra" (B. Guimarães).

e) "Um turbilhão de sentimentos nos acodem" (L. Coelho).

11. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) Com as alterações propostas entre parênteses para o segmento grifado nas frases abaixo, o verbo que se mantém corretamente no singular é:

a) a modernização do Rio se teria feito **(as obras de modernização)**

b) Mas nunca se esquece ele de que **(esses autores)**

c) por que vem passando a mais bela das cidades do Brasil **(as mais belas cidades do Brasil)**

d) continua a haver um Rio de Janeiro do tempo dos Franceses **(tradições no Rio de Janeiro)**

e) do que a cidade parece ter de eterno **(as belezas da cidade)**

12. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do singular para preencher adequadamente a lacuna da frase:

a) Não ..... (**corresponder**) aos surpreendentes desdobramentos da descoberta do DNA análoga evolução no plano das questões éticas.

b) Mesmo a um pesquisador de ponta não ..... (**haver**) de convir as disputas éticas, pois ele ainda engatinha nessa nova descoberta.

c) De todas as projeções que se ..... (**fazer**) a partir da manipulação do DNA, a mais assustadora é a programação de tipos pessoais.

d) A um direitista não ..... (**deixar**) de assustar, quando isso não lhe convém, iniciativas econômicas que o Estado reivindica para si.

e) Não ..... (**parecer**) uma incongruência, para os esquerdistas, os excessos personalistas do líder de um movimento socialista.

13. (TRF – Esaf) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

A história política e econômica do planeta, desde meados da década de 70, vêm registrando (1) – na contramão da proposta keynesiana – uma intensificação das pressões para a liberalização das contas de capital e para a desregulamentação financeira. E ainda pior,

a utopia do Estado racional transfigurou-se (2) no pesadelo do Estado plutocrático (3), arena onde as gangues privadas se engalfinham (4) para impor (5) seus interesses.
(Luiz Gonzaga Belluzzo, com modificações.)
a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

14. (TTN) Assinale o período que apresenta erro de concordância verbal.
a) As relações dos ecologistas com uma grande empresa que desrespeitava as normas de preservação ambiental, começa a melhorar, para o benefício da humanidade.
b) Até 1995, 50% de recursos energéticos e de matéria-prima serão economizados por uma empresa que pretende investir 160 milhões de dólares no projeto.
c) Hoje não só o grupo dos ecologistas carrega a bandeira ambientalista, mas também aqueles empresários que centram seus objetivos no uso racional dos recursos naturais.
d) Os Estados Unidos são o país mais rico e poluidor do mundo, entretanto não defendem a tese do "desenvolvimento sustentável", a exemplo de muitas nações ricas.
e) É preciso ver que águas contaminadas, ar carregado de poluentes e florestas devastadas exigem o manejo correto da natureza, num país povoado de miseráveis.

15. (TTN) Marque o trecho que contém erro quanto à sintaxe de concordância.
a) O projeto de integração que vêm realizando as frágeis democracia uruguaia, argentina e brasileira é um esforço inegavelmente significativo para o cone sul.
b) Há registros de um sistema de exames competitivos elaborado por chineses, há mais de 2.000 anos antes de Cristo, para selecionar crianças superdotadas.
c) Grande número de programas têm sido direcionados, nos EUA, para áreas consideradas prioritárias pelo Estado, como matemática e ciências.
d) Ignorância, preconceito e tradição mantêm vivas uma série de ideias que dificultam a implementação de programas direcionados às crianças superdotadas.
e) São extremamente importantes, para se criar um ambiente favorável ao desenvolvimento dos superdotados, a criação de uma variedade de experiências de aprendizagem enriquecedoras e estimulantes.

16. (Analista Judiciário – TRF-2ª Região – FCC) As normas de concordância verbal estão plenamente observadas na frase:

a) Evitem-se, sempre que possível, qualquer excesso no convívio humano: nem proximidade por demais estreita, nem distância exagerada.
b) Os vários atrativos de que dispõem a vida nas ilhas não são, segundo o cronista, exclusividade delas.
c) Cabem aos poetas imaginar espaços mágicos nos quais realizemos nossos desejos, como a Pasárgada de Manuel Bandeira.
d) Muita gente haveriam de levar para uma ilha os mesmos vícios a que se houvesse rendido nos atropelos da vida urbana.
e) A poucas pessoas conviria trocar a rotina dos *shoppings* pela serenidade absoluta de uma pequena ilha.

17. (TTN) Indique o trecho em que ocorre erro de concordância verbal, segundo o padrão culto da Língua Portuguesa.
a) O momento é grave. Cabe aos políticos a obrigação de manter a serenidade e o equilíbrio nos debates; que certamente passarão para o plenário da Câmara e do Senado. (*Jornal de Brasília*, 27/8/1992.)
b) A outra das terras por elas exploradas, pela mesma época, os portugueses deram o nome de Brasil, porque havia ali muito do pau conhecido por esse nome. Foi sorte. Havia também muitos macacos, nessa mesma terra, e muitos papagaios. (*Veja*, nº 134, 6/7/1994.)
c) Os cheques pré-datados, que permite aos lojistas financiar seus clientes nas compras a prazo, em alguns casos representam até a metade dos cheques recebidos pelo comércio. (*O Globo*, 15/1/1994.)
d) Os desarranjos na economia se expressam na ordem social por desequilíbrios calamitosos. São o desemprego generalizado, as pressões inflacionárias, a queda do produto, a depressão das massas e, síntese dialética, a violência (*Correio Brasiliense*, 8/7/1994.)
e) Mas, se, para além das palavras, se considerarem os atos do Executivo e as atuais negociações, parece que as pressões já começam a ter efeito. Há dez dias o país foi surpreendido com a nova versão do Orçamento que prevê uma elevação de mais de U$ 10 bilhões nos gastos do governo e igual aumento na estimativa das receitas. (*Folha de São Paulo*, 13/5/1994.)

18. (AFTN) Está correta a concordância verbal na sentença:
a) As discussões que se trata sobre a questão do endividamento externo serão o tema central do encontro.
b) Durante o seminário, apresentou-se três propostas diferentes de revisão da lei salarial.
c) Incluir-se no parecer do relator as alterações aceitas de comum acordo para todos os partidos.

d) Seria ingênuo pensar que as restrições palacianas ao projeto decorre apenas de idiossincrasias pessoais.
e) Positivamente falta clareza e seriedade na condução dos negócios públicos.

19. (AFRF – Esaf) Assinale a opção que apresenta erro de concordância verbal.
a) A Internet não é um acontecimento sem paralelo na História da humanidade.
b) Ela tem muito em comum com o telégrafo, inventado na década de 1830, que acarretou também uma redução brutal nos custos de comunicação e aumentou o fluxo de informações na economia.
c) Mas em hipótese alguma a Internet virou totalmente de cabeça para baixo os pressupostos econômicos tradicionais.
d) O valor da tecnologia da informação e da Internet residem em sua capacidade de armazenar, analisar e transmitir informações instantaneamente, seja para onde for, a um custo ínfimo.
e) A tecnologia da informação e a Internet amplificam o poder da mente da mesma forma que as tecnologias da Revolução Industrial amplificaram o poder dos músculos.

20. (Técnico Ambiental – Petrobras – Cesgranrio) A concordância está de acordo com a norma-padrão em:
a) Vai acontecer muitas inovações no século XXI.
b) Existe cientistas que investigam produtos para 2050.
c) A maioria dos brasileiros acredita que o mundo vai melhorar.
d) O passeio aos planetas e às estações espaciais vão ser normais no futuro.
e) Daqui a alguns anos, provavelmente haverão lojas com robôs vendedores.

21. (Técnico Judiciário – TRE-PA – FGV) ***Desse valor, R$ 265 milhões são oriundos do Orçamento da União*****...**
Assinale a alternativa em que se tenha mantido correção gramatical ao se alterar o trecho acima.
a) Desse valor, R$ 1,9 milhões são oriundos do Orçamento da União...
b) Desse valor, R$ 0,25 milhões são oriundos do Orçamento da União...
c) Desse valor, R$ 1,3 milhões é oriundo do Orçamento da União...
d) Desse valor, R$ 0,98 milhão são oriundos do Orçamento da União...
e) Desse valor, R$ 1,25 milhão é oriundo do Orçamento da União...

22. (Técnico Judiciário – TRE-RN – FCC) Com a substituição dos segmentos grifados pela expressão entre parênteses ao final da transcrição, o verbo que deverá ser colocado no plural está em:

a) *... em breve, o local vai abrigar um complexo voltado principalmente para o turismo religioso. (a região do Agreste/Trairi).*

b) *A ocupação portuguesa só se efetivou no final do século, com a fundação do Forte dos Reis Magos e da Vila de Natal. (A ocupação pelos portugueses).*

c) *A região é grande produtora de sal, petróleo e frutas... (A região de dunas, falésias e praias desertas).*

d) *O turismo de aventura encontra seu espaço no Polo Serrano ... (O turismo voltado para atividades de aventura).*

e) *... e começou a ganhar importância a extração do sal ... (os recursos obtidos com a extração do sal).*

23. (Analista de Gestão em Saúde – Fiocruz – FGV) "A maioria dessas pesquisas aponta para um aumento..."; no caso desse segmento do texto, há uma dupla possibilidade de concordância, como no seguinte trecho:

a) As pesquisas sobre o tema privilegiaram a estética.

b) Um milhão de pesquisas já mostrou essa verdade.

c) Bandos de pesquisadores trabalhavam sobre o tema.

d) Os telefones celulares são um problema para a segurança.

e) Milhares de telefones celulares são empregados no Brasil.

24. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) Quanto às normas de concordância verbal, está plenamente correta a frase:

a) Há desculpas que a ninguém compete pedir, mas Godofredo Rangel parecia pedi-las, quando se lhe reconheciam qualidades de escritor.

b) O isolamento em que vivem os artistas nas pequenas cidades do interior acabam por torná-los uns melancólicos.

c) Por que não se reconhece os atributos de um bom tradutor, que bem poderia lhe propiciar o mesmo prestígio devido a um ficcionista?

d) Os sociólogos costumam condenar os estereótipos, mas Drummond vale-se deles para admitirem os laços singulares de sua amizade.

e) Não faltam aos mineiros de grande sensibilidade, afirma Drummond, ainda quando distantes, o calor dos grandes afetos.

25. (Técnico judiciário – TJ-RJ – FCC) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do plural para preencher de modo adequado a lacuna desta frase:

a) Será que um dia se ..... (**atingir**) a cifra de inimagináveis vinte bilhões de habitantes?

b) Infelizmente não ..... (**caber**) aos homens, desde a sua criação, escolher a solidariedade como seu atributo natural.

c) Não é difícil imaginar o que nos ..... (**reservar**) o adensamento das aglomerações urbanas.

d) Aos jornais se ..... (**impor**) reduzir as páginas, o mesmo ocorrendo com o palavreado de seus articulistas.

e) Até mesmo a regime de emagrecimento ..... (**dever**) submeter-se os homens do futuro.

26. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – FCC) Com as alterações propostas entre parênteses para o segmento grifado nas frases abaixo, o verbo que poderá permanecer corretamente empregado no singular está em:

a) *1 milhão entrou no país pelo Valongo* **(1 milhão de escravos).**

b) *Quando foi proibida a importação de escravos* **(as atividades escravocratas).**

c) *O Império construiu o Cais da Imperatriz* **(os representantes do Império).**

d) *O maior porto de chegada de escravos desapareceu* **(Os portos).**

e) *O Valongo deixou de ser porto negreiro em 1831* **(As adjacências do Valongo).**

27. (Analista Judiciário – TRE-SP – FCC) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do plural para preencher de modo adequado a lacuna da seguinte frase:

a) As acusações que ..... (**promover**) quem defende o "assembleísmo" baseiam-se na decantada "soberania" das assembleias.

b) Não ..... (**convir**) aos radicais da meritocracia admitir que pode haver boas resoluções obtidas pelo critério do voto.

c) Por que ..... (**haver**) de caber a um simples passageiro as responsabilidades do comando de uma aeronave?

d) O que aos bons políticos não ..... (**poder**) faltar, sobretudo nos momentos de decisão, é o espírito público.

e) Não ..... (**caber**) às associações de classe, em assembleias, avaliar o mérito técnico, julgar a qualificação profissional de alguém.

28. (Analista Judiciário – TRT-1ª Região – FCC) O verbo que pode ser empregado corretamente também no singular, sem outra alteração na frase, está grifado em:

a) *... por aquelas pedras passaram pelo menos 600 mil escravos trazidos d'África.*

b) *Metade deles tinham entre 10 e 19 anos.*
c) *Em 1817, contaram-se 50 salas...*
d) *Os milhares de africanos que morreram por conta da viagem [...] foram jogados numa área...*
e) *... os dois pesados volumes da obra estão criteriosamente ilustrados.*

29. (AFC – Esaf) Assinale a opção sem erro de concordância.
a) O peso do reajuste de 10% da tabela de Imposto de Renda das pessoas físicas nas contas públicas – inserido em medida provisória que tem provocado tantas dissensões no Congresso – poderia ser amortecido com folga se não tivesse sido criado, há dez anos, dois mecanismos para aliviar o bolso de grandes empresas.
b) No campo dos benefícios dos transgênicos está a maior produtividade e o menor uso de defensivos agrícolas. Por outro lado, passível de discussão e pendente de provas científicas estão os malefícios ao meio ambiente e à saúde do homem.
c) Estudo comprovou que fatores hormonais podem aumentar a susceptibilidade de meninas à infestação por piolhos. A incidência discriminada por grau de intensidade de infestação e idade mostram que, entre os seis e oito anos, a parasitose alcança o nível máximo.
d) Em áreas de integração econômica que já alcançaram a fase de mercado comum (definida na União Europeia como fusão de mercados nacionais), o processo de eliminação de barreiras alfandegárias impede o uso de instrumentos fiscais que possam dificultar a livre circulação de mercadorias, ou seja, exclui-se o uso do tributo com fins de controle fiscal.
e) Os intercâmbios econômicos entre os Estados, no cenário mundial, quando não inseridos em blocos de integração (como, por exemplo, as trocas comerciais entre Brasil e Espanha), também se veem afetados por novas perspectivas da fiscalidade e pela exigência de se excluir esses controles.

30. (Bacen – Esaf) Assinale a opção em que o trecho foi transcrito com erro de concordância verbal.
a) Antes da criação do Banco Central, as autoridades monetárias brasileiras eram a Superintendência da Moeda e do Crédito – Sumoc, o Banco do Brasil – BB e o Tesouro Nacional que, em conjunto, exerciam funções típicas de um banco central, paralelamente ao desempenho de suas atribuições próprias.
b) A Sumoc, criada com a finalidade de exercer o controle monetário e preparar a organização de um banco central, fixava os percentuais de reservas obrigatórias dos bancos, as taxas do redesconto e da assistência financeira de liquidez, bem como os juros sobre depósitos bancários.

c) Além de receberem os depósitos compulsórios e voluntários dos bancos comerciais, o Banco do Brasil, por sua vez, desempenhava as funções de controlador das operações de comércio exterior, executor de operações cambiais em nome de empresas públicas e do Tesouro Nacional, executor das normas estabelecidas pela Sumoc e pelo Banco de Crédito Agrícola, Comercial e Industrial.
d) O Tesouro Nacional era o órgão emissor de papel-moeda, cujo processamento, por ser complexo, acabava envolvendo diversos órgãos do governo. No ato da criação do Banco Central, no entanto, não ocorreu o seu completo aprimoramento institucional.
e) Embora o Tesouro Nacional fosse o banco emissor, realizava as emissões em função das necessidades do Banco do Brasil e não detinha com exclusividade os depósitos das instituições financeiras, que recolhiam suas reservas voluntárias ao Banco do Brasil, além de diversas outras disfunções.
(Trechos adaptados de http://www.bcb.gov.br – Histórico.)

31. (TRF – 1ª Região – FCC) As normas de concordância verbal estão inteiramente respeitadas somente na frase:
a) Quando se fatigam os corpos, as almas restam mais sossegadas e limpas.
b) O que aflige o autor é os compromissos e os ofícios vãos, com os quais se envolvem permanentemente.
c) Não dura senão um rápido instante os vislumbres de uma vida mais simples.
d) Todas as coisas que se sonha nascem de carências reais.
e) Se houvessem mais coisas simples em nossa vida, não sonharíamos tanto com elas.

32. (TRF – 1ª Região – FCC) Para preencher de modo correto a lacuna da frase, o verbo indicado entre parênteses deverá adotar uma forma do plural em:
a) As normas que num código legal se (estipular) devem acompanhar a prática das ações sociais.
b) As recentes alterações que (haver) no Código Civil brasileiro são elogiáveis em muitos aspectos.
c) Não nos (dizer) respeito definir o que é ou não é legítimo, se não distinguimos entre o que é e o que não é um fato social.
d) Se dos postulados dos códigos (nascer) todo direito, a justiça humana seria uma simples convenção.
e) Ao longo das lutas feministas tanta coisa se (conquistar) que muitos dispositivos legais se tornaram imediatamente obsoletos.

33. (TTN) Indique o texto que contém defeito na estrutura sintática.

a) O culto dos deuses africanos no Brasil abrangem diferentes ritos, aos quais se convencionara denominar "nações".
b) As culturas negras que mais contribuíram para a consolidação das religiões africanas no Brasil vieram de diferentes regiões, cada uma com deuses, rituais e línguas próprias.
c) As nações, são portanto, organizações originárias de diferentes etnias, troncos linguísticos e regiões africanas, que se constituíram no Brasil através de agrupamentos de escravos de diversas origens, em processos de sincretismo às vezes originados na África.
d) Hoje, em São Paulo, podem ser encontradas casas de três vertentes básicas. As matrizes culturais predominantes são banto, iorubá e fon. Há também variações angolas do tipo congo.
e) Num terreiro pode ser encontrado mais de um rito, além da umbanda e do candomblé, este em geral incorporado como rito paralelo.
(Reginaldo Prandi e Vagner Gonçalves, com adaptações.)

34. (TRF – 5ª Região – FCC) Para preencher corretamente a lacuna, o verbo indicado entre parênteses deverá ser flexionado numa forma do plural na seguinte frase:
a) A menos que se (perder) no tempo, essas imagens "higienizadas" testemunharão para sempre a insensibilidade de nossa época.
b) Uma das marcas dessas transmissões jornalísticas (estar) nas semelhanças que guardam com as imagens de um jogo eletrônico.
c) Mesmo que não (criar) outros efeitos, esse tipo de transmissão já seria nocivo por implicar a banalização da violência.
d) Se tudo o que as câmeras captassem (chegar) até nós, sem uma edição maliciosa, nossas reações seriam bem outras.
e) As pessoas a quem se (dirigir) esse tipo de telejornalismo são vistas mais como consumidores de entretenimento do que como cidadãos.

35. (Analista Judiciário – TRT-14ª Região – FCC) Estão plenamente observadas as normas de concordância verbal na frase:
a) Destinam-se aos homens-placa um lugar visível nas ruas e nas praças, ao passo que lhes é suprimida a visibilidade social.
b) As duas tábuas em que se comprimem o famigerado homem-placa carregam ditos que soam irônicos, como "compro ouro".
c) Não se compara aos vexames dos homens-placa a exposição pública a que se submetem os guardadores de carros.
d) Ao se revogarem o emprego de carros-placa na propaganda imobiliária, poupou-se a todos uma demonstração de mau gosto.

e) Não sensibilizavam aos possíveis interessados em apartamentos de luxo a visão grotesca daqueles velhos carros-placa.

36. (Sefaz-SP – FCC) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do plural para preencher corretamente a lacuna da frase:

a) Sempre ..... (**poder**) caber a quem tenha escrito um belo poema os aplausos de um leitor que se disporá a parodiá-lo.

b) Não ..... (**costumar**) haver, nas viagens de trem, passageiros vociferando por causa de um contratempo.

c) O ritmo dos trens, que ao dos negócios e ao dos amores ..... (**chegar**) a se associar, era uma medida do tempo e da vida.

d) Eram inesquecíveis os momentos que uma parada do trem, nos confins do mundo, nos ..... (**permitir**) desfrutar.

e) A nenhum dos passageiros ..... (**perturbar**), de fato, a vagarosidade daqueles trens cheios de poesia.

37. (TRT – 24ª Região – FCC) Na reconstrução de uma frase do texto, desrespeitou-se a concordância verbal em:

a) Às economias nacionais não se permite, modernamente, que se desenvolvam de modo autônomo e competente.

b) Ainda não se encontraram, para essas duas tendências contraditórias, quaisquer possibilidades de harmonização.

c) Quando não se está ligado ao progresso da vida moderna, como ocorre com boa parte dos brasileiros, paga-se com as consequências do atraso.

d) Devem-se às oscilações dos líderes da economia mundial boa parcela do desequilíbrio da nossa própria economia.

e) Devido à dificuldade de se ajustarem ao ritmo variável da economia mundial, há medidas que, mesmo necessárias, deixamos de tomar.

38. (TRT – 24ª Região – FCC) Para se atender às normas de concordância, é preciso <u>corrigir</u> a forma verbal sublinhada na frase:

a) Não nos <u>parece</u> que sejam irrelevantes quaisquer medidas que visem à preservação de línguas utilizadas pelas minorias.

b) Que não se <u>meça</u> esforços para se preservar ou resgatar um fato cultural que ajude a compreender o nosso passado histórico.

c) <u>Tem havido</u> muitas pressões para garantir os direitos das minorias, tais como a utilização e a veiculação de línguas que resistem ao desaparecimento.

d) As populações a quem interessa preservar seus direitos históricos devem unir-se e mobilizar-se contra medidas autoritárias.
e) Caso politicamente não convenha às autoridades do Ministério das Comunicações proibir o programa "Nheengatu", este será mantido em sua forma original.

39. (Analista Judiciário – TST – FCC) As normas de concordância verbal estão plenamente acatadas em:
a) Aos ateus não se devem dispensar o mesmo tratamento de que foram vítimas os primeiros adeptos do cristianismo.
b) Nunca faltaram aos homens de todas as épocas o recurso das crenças no sobrenatural e a empolgação pelas artes da magia.
c) Não se deixam levar pelas crenças transcendentes quem só costuma atender as exigências do pensamento racional.
d) Poupem-se da ira dos fanáticos de sempre aquele tipo de pesquisador que se baseia tão somente nos fenômenos que se podem avaliar.
e) Nunca se abrandaram nos homens e mulheres que não se valem da fé religiosa a reação hostil dos que se proclamam filhos de Deus.

40. (TRF – 1ª Região – FCC) O verbo indicado entre parênteses adotará obrigatoriamente uma forma do plural para preencher de modo correto a lacuna da frase:
a) Foi nos anos 80 que (ocorrer) a pesquisa dos estudiosos americanos.
b) (resultar) do excesso de exercícios algumas complicações para a nossa vida.
c) Mesmo quando (prejudicar-se) com os excessos, o atleta compulsivo os comete.
d) (acarretar) uma série de malefícios essa ginástica feita de modo compulsivo.
e) Quando (praticar) tantos exercícios, o atleta compulsivo não avalia os efeitos.

41. (TRT – 20ª Região – FCC) A concordância está feita corretamente em:
a) Os poucos anos de escolaridade do trabalhador são insuficientes para um bom uso das inovações tecnológicas.
b) O número de postos de trabalho geralmente aumentam quando as empresas elevam a produtividade.
c) Os trabalhadores que perdem o emprego pode ser admitido em novos postos, dependendo do nível de escolaridade.
d) Existe vários efeitos que é resultante da aplicação da tecnologia, capazes de gerar novos empregos.
e) A recuperação de novos postos de trabalho nas empresas são possíveis para candidatos com formação adequada a eles.

42. (TRT – 21ª Região – FCC) As formas verbais sublinhadas respeitam as normas de concordância na frase:

a) Não caberiam aos caboclos ter consciência de todas as coisas que o progresso lhes trariam.

b) Entre os diversos fatores que determinam o estresse, um dos mais importantes está nos hábitos alimentares.

c) Toda a comunidade de Aracampinas acabaram por se envolver em tanta melhoria que passaram a ficar ao seu alcance.

d) Tão logo surgiu, as primeiras manifestações de estresse deixou bem claro que se deviam às novidades do cotidiano.

e) Fogão a gás, televisão, luz elétrica, tudo fascinavam os caboclos, a quem ninguém advertiram da outra face da moeda.

43. (TRT – 21ª Região – FCC) O verbo indicado entre parêntenses deverá se flexionar numa forma do plural para completar corretamente a lacuna da frase.

a) Por mais que se (haver) beneficiado com o progresso, os caboclos não deixaram de sofrer algumas de suas desvantagens.

b) Em todas as vezes que se (falar) dos benefícios do progresso, costuma-se omitir o quanto ele pode ser prejudicial.

c) Até mesmo às fraldas descartáveis (ter) acesso, agora, a mulher que vive em Aracampinas.

d) Entre as novidades com que se (entusiasmar) o morador de Aracampinas estão a televisão e o telefone.

e) Pouca gente (poder) censurar a atração que têm os moradores pelas novidades que chegaram a Aracampinas.

44. (TRT – 24ª Região – FCC) As normas de concordância estão inteiramente respeitadas na frase:

a) Muitos julgam imprescindíveis que se consulte os especialistas para que se avalie com precisão os livros de uma velha biblioteca.

b) Qualquer um dos que entram desprevenidos numa velha biblioteca podem se defrontar com surpresas de que jamais se esquecerá.

c) Mesmo que hajam passado cem anos, as fotos revelam instantâneos de um presente perdido, no qual não se contava com os efeitos do tempo.

d) Nada do que se lê nos grandes livros, mesmo quando extinta a época em que foram escritos, parecem envelhecidos para quem os compreende.

e) Lá estão, como se fosse hoje, a imagem das jovens e sorridentes senhorinhas daqueles tempos, inteiramente alheias ao passar do tempo.

45. (TRT – 24ª Região – FCC) O verbo indicado entre parênteses adotará, obrigatoriamente, uma forma no plural, ao se flexionar na seguinte frase:
a) À grande maioria dos livros de uma biblioteca (caber) um destino dos mais melancólicos.
b) É comum que livros antigos, na perspectiva de um herdeiro pouco afeito às letras, (representar) mais um incômodo do que uma dádiva.
c) (costumar) haver muitas surpresas para quem se propõe a vasculhar uma antiga biblioteca.
d) Pouca gente, tendo o compromisso de avaliar uma biblioteca, (saber) separar com rigor os livros valiosos dos que não o são.
e) (ocorrer) a muitos imaginar que uma velha biblioteca valerá mais pela quantidade do que pela qualidade dos livros.

46. (TRT – 24ª Região – FCC) O verbo indicado entre parênteses deverá ser flexionado numa forma do singular para preencher corretamente a lacuna da seguinte frase:
I. Ninguém, entre nós, (habilitar-se) a tempo de se inscrever no próximo concurso.
II. A quitação de todas as prestações restantes só se (dar) se ganharmos a causa.
III. Por mais que nos (ameaçar) de recorrer à justiça, nossos fiadores sabem que não nos é possível quitar essa dívida.
Atende ao enunciado da questão somente o que está em:
a) I e II;
b) I e III;
c) II e III;
d) II;
e) III.

47. (AFC – Esaf) Assinale a norma gramatical que justifica, com correção e propriedade, a flexão plural do verbo ser no período abaixo:
"Já é mais do que conhecido que o principal problema do sistema tributário nacional são justamente as contribuições, e não os impostos propriamente ditos".
(Revista CNT, "Lixo tributário".)
a) "Com os verbos ser e parecer a concordância se faz de preferência com o predicativo, se este é plural" (Luiz Antonio Sacconi).

b) "Nas frases em que ocorre a locução invariável é que, o verbo concorda com o substantivo ou pronome que a precede, pois são eles efetivamente o seu sujeito" (Celso Cunha & Lindley Cintra).
c) "Se tanto o sujeito como o predicativo forem personativos e nenhum dos dois for pronome pessoal, a concordância será facultativa (pode-se concordar com o sujeito ou o predicativo)" (Dileta S. Martins & Lúbia S. Zilberknop).
d) "Expressões de sentido quantitativo (...) acompanhadas de complemento no plural admitem concordância verbal no singular ou no plural" (*Manual de Redação da Presidência da República*).
e) "Se o sujeito composto tem os seus núcleos ligados por série aditiva enfática (...), o verbo concorda com o mais próximo ou vai ao plural (o que é mais comum quando o verbo vem antes do sujeito)" (Evanildo Bechara).

48. (TRT – 7ª Região – Esaf) Para cada verbo sublinhado no texto, fez-se corresponder uma regra gramatical (com letra idêntica). Indique a regra que não explica nem se aplica à concordância verbal empregada.
Pelo menos 90% dos brasileiros são(a) pobres. O que não quer dizer que os 10% restantes sejam(b) ricos. No século vinte, o Brasil foi um entre os cinco países que mais cresceram(c) no mundo. Junto com nossas mazelas, cresceram(d) também o número de brasileiros e a expectativa de vida. Somos, na América Latina, um dos dois países que menos acreditam(e) na democracia. (Octaciano Nogueira, "A tentação de sonhar", *Folha de S. Paulo*, 23/11/2003, p. 21.)
a) Quando o predicado é constituído de verbo de ligação, o verbo e o predicativo deixam-se influenciar pelo número e pelo gênero do partitivo (Napoleão Mendes de Almeida).
b) Se o número percentual vem determinado por artigo ou por pronome adjetivo, faz-se com eles a concordância (Luiz Antonio Sacconi).
c) A expressão mais de um pede o verbo no singular, a não ser que esteja repetida ou haja ideia de reciprocidade (Hileta Martins & Lubia Zilberknop).
d) Se o sujeito for composto, o verbo irá, normalmente, para o plural, qualquer que seja a sua posição em relação ao sujeito (Evanildo Bechara).
e) Quando o relativo que vem antecedido das expressões um dos, uma das (+ substantivo), o verbo de que ele é sujeito vai para a 3a pessoa do plural (Celso Cunha & Lindley Cintra).

49. (AFRF – Esaf) Assinale a opção em que o trecho do texto foi transcrito com erro de concordância.
a) A Superintendência da Receita Federal em Minas Gerais montou equipe de auditores para fiscalizar os integrantes da "máfia" de adulteração de combustíveis. Foram

concluídas nos dois últimos meses as primeiras sete ações fiscais, com lançamentos de crédito tributário no valor aproximado de 2 milhões de reais. Outras duas ações fiscais estarão sendo encerradas em breve e vão gerar créditos tributários da ordem de 6 milhões de reais.

b) As fiscalizações já concluídas se referem a empresas, abrangendo também os seus respectivos sócios, sobre os quais pesa a acusação da prática de adulteração de combustíveis, fato este que envolveu até mesmo o assassinato do Promotor que investigava o caso.

c) No decorrer dos trabalhos já encerrados, foram constatados fortes indícios da prática de crime contra a ordem tributária, e, ainda, fraude, sonegação e conluio, tendo em vista a utilização de "laranjas" na constituição das empresas, além da prática do uso de "notas calçadas" e de "livros paralelos".

d) De acordo com as investigações realizadas, a sistemática utilizada para a distribuição irregular dos solventes adquiridos pelas empresas, assim como de combustíveis já adulterados, envolvem a emissão de notas fiscais calçadas e paralelas, além da utilização de empresas "fantasmas" ou inabilitadas, como destinatárias fictícias das mercadorias nas notas fiscais.

e) O trabalho continua e se estende por todo o Estado. Já estão em andamento dezoito outras ações fiscais em pessoas físicas e jurídicas, podendo, após o término do trabalho de pesquisa da equipe, outras ações serem incluídas. Estes programas fazem parte de um esforço coordenado da Receita Federal com outros órgãos, no combate às atividades ilícitas.

(Adaptado de www.receita.fazenda.gov.br, 9/9/2003.)

50. (IRB – Esaf) Assinale o período inteiramente correto quanto às regras gramaticais de concordância.

a) Tornar as regras entre os países que aderirem à Alca – Área de Livre Comércio das Américas – mais eficiente, para permitir, entre outros pontos, que as empresas de seguro consigam, mais facilmente, autorização para operarem nos países que fizerem parte do acordo.

b) Essa é uma das metas do grupo que se reuniu no início desse mês em Miami, nos Estados Unidos, para discutirem a importância de os Governos envolvidos nesse processo iniciarem, o mais breve possível, as negociações visando harmonizar seus sistemas de seguro.

c) Constava também, na pauta de discussão, questões relacionadas com as dificuldades enfrentadas pelo mercado segurador, como a falta de um ambiente regulatório em que predominem a clareza e a estabilidade, o acesso aos mercados e a transparência das negociações.

d) Formado por executivos de várias associações, o grupo determinou ainda que se deve enfatizar as operações de resseguro, mas sempre de acordo com os padrões internacionais de regulamentação da atividade.
e) Os executivos acreditam que o sucesso das negociações, que devem continuar ao longo desse ano, poderão aumentar significativamente as opções de novos produtos disponíveis nos mercados que fizerem parte da Alca, o que, consequentemente, contribuirá para fortalecer o mercado segurador nesses países.
(Baseado em "Brasil e Estados Unidos discutem seguro na Alca", Fenaseg *On-line*.)

27.3. Concordância nominal

O conceito básico é que o adjetivo (ou qualquer outro termo com valor adjetivo) concorde com o termo determinado.

1) **DOIS OU MAIS SUBSTANTIVOS E UM ADJETIVO**

a) **SUBSTANTIVOS ANTEPOSTOS AO ADJETIVO –** poderá haver dois tipos de concordância. A concordância poderá ser por proximidade ou por soma. Na concordância por soma, se um dos substantivos for masculino, este gênero prevalecerá.

Ex.: Aluno e aluna bonita (concordância por proximidade).
Aluno e aluna bonitos (concordância por soma).
Aluna e aluno bonito (concordância por proximidade).
Aluna e aluno bonitos (concordância por soma).

Obs.: Na soma, o termo masculino sempre prevalecerá. Para que haja a forma feminina e plural, na adição dos núcleos, é necessário que todos os elementos, sem exceção, sejam femininos.

b) **SUBSTANTIVOS POSPOSTOS AO ADJETIVO –** há duas visões deveras divergentes.

1 – O Professor Evanildo Bechara assevera que tanto o adjetivo poderá concordar com o mais próximo dos substantivos como poderá concordar com a ideia somada

Ex.: Lerei interessante (interessantes) jornal e livro.

2 – O Professor Celso Cunha indica que, se o adjetivo possuir função predicativa, poderá ocorrer no singular ou no plural em coerência com a concordância verbal.

Ex.: É simpática a aluna e o aluno. / São simpáticos a aluna e o aluno.

? Observe que, no primeiro exemplo, "simpática" está no singular concordando com o mais próximo dos núcleos (aluna), tal qual o verbo SER; já, no segundo exemplo, "simpáticos" está no plural, pois concorda com a soma dos núcleos, como também acontece com o verbo SER.

Ex.: Considerei interessante (interessantes) o livro e o jornal.

? Como interessante(s) funciona nesta frase como predicativo do objeto, tanto poderá ocorrer no singular, concordando com "o livro" ou no plural, com "o livro e o jornal". É interessante, neste momento, você rever a diferença entre predicativo do objeto e adjunto adnominal.

Celso Cunha, ao citar o adjunto adnominal antecedendo dois ou mais substantivos, assegura que a concordância dele se fará apenas com o mais próximo dos núcleos.

Ex.: Lerei interessante livro e jornal.

? É justamente neste ponto a divergência entre os dois autores. Enquanto Bechara admite a dupla possibilidade de concordância – "interessante" ou "interessantes", independentemente da função sintática do adjetivo –, Celso Cunha aceita somente a concordância atrativa quando o adjunto adnominal – "interessante" – preceder dois ou mais substantivos. Apesar de, particularmente, eu considerar a visão de Evanildo Bechara mais prática e objetiva, não posso omitir que o NCE segue gritantemente a visão de Celso Cunha.

Além disso, o Professor Celso Cunha cita exceções para a regra de adjetivo (adjunto adnominal) precedendo substantivos: sendo os substantivos nomes próprios ou indicadores de parentesco, o adjetivo deverá estar flexionado no plural.

Ex.: Vi, na semana passada, os simpáticos mãe e pai do Aníbal. / Os insuperáveis Carlos e João estarão presentes em nossa festa.

2) **VERBO SER**

Quando o sujeito do verbo "ser" possuir um adjunto adnominal, o predicativo do sujeito terá o mesmo gênero desse adjunto adnominal. Quando o verbo "ser" não possuir nenhum determinante, o predicativo ficará no masculino (neutro).

Ex.: Cerveja é bom.
A cerveja é boa.
Entrada é proibido.
A entrada é proibida.

3) **ALERTA** – é advérbio e, consequentemente, invariável.

Ex.: Devemos estar sempre alerta.
Os bombeiros ficarão alerta.

4) **QUITE** – é adjetivo, portanto variável.

Ex.: Estou quite.
Estamos quites.

5) **BASTANTE** – quando advérbio, é invariável; quando pronome indefinido, variável.

Ex.: Ele está bastante cansado. Eles estão bastante cansados.
Bastante dia neste ano fez frio. Bastantes dias neste ano fez frio.

BIZU

BASTANTE funciona exatamente como MUITO. Se MUITO puder ser flexionado, BASTANTE também poderá sê-lo.

6) **MEIO** – quando numeral, é variável; quando advérbio, é invariável.

Ex.: Comi meia batata e meio tomate.

Meio-dia; meios-dias; meia-noite; meias-noites.

Ela está meio cansada. Elas estão meio cansadas.

"Agora era um moço de meia-idade" (Fernando Sabino).

7) **HAJA(M) VISTA** – o termo serve para exemplificação. Caso o exemplificado esteja no singular, o verbo somente poderá estar no singular; caso o elemento exemplificado esteja no plural, o verbo tanto poderá vir no singular como no plural.

Ex.: Os últimos fatos foram alegres, haja vista o nascimento de João.

A literatura brasileira é muito rica, haja(m) vista os maravilhosos livros de Machado de Assis.

8) **SÓ** – quando significar sozinho, será variável e, quando significar somente, será invariável.

Ex.: Ele fez o trabalho só. Eles fizeram o trabalho sós. SÓ – SOZINHO

Só ele fez o trabalho. Só eles fizeram o trabalho. SÓ – SOMENTE

"Estávamos a um canto mal iluminado do pátio, quase sós" (Raul Pompéia).

"Só os relógios do céu terão marcado esse tempo" (Machado de Assis).

Obs.: A locução adjetiva "a sós" é invariável.

Ex.: "Ficando a sós com um de cada vez..." (Aluísio de Azevedo).

9) **MUITO OBRIGADA** – As mulheres devem dizer.

MUITO OBRIGADO – Os homens devem dizer.

Ex.: Disse a moça muito obrigada. Ele disse à moça muito obrigado.

10) **ANEXO, INCLUSO, APENSO** são variáveis.

Ex.: A lista de preços inclusa foi aprovada pela diretoria.

As fotografias estavam anexas à carta.

A petição segue apensa ao processo.

11) **EM ANEXO, EM INCLUSO, EM APENSO –** são invariáveis.

Ex.: A lista de preços em incluso foi aprovada pela diretoria.

As fotografias estavam em anexo à carta.

A petição segue em apenso ao processo.

12) **SALVO –** quando significar exceto, será invariável. Quando for o particípio verbal, será variável.

Ex.: Salvo Maria, todos acreditavam em você. Salvo Maria e João, todos acreditavam em você.

Salva Maria, passei a me preocupar com os outros doentes. Salvas Maria e Joana, passei a me preocupar com os outros doentes.

13) **LESO –** é adjetivo, por isso, variável.

Ex.: Foi um crime de lesa-pátria. Foi um crime de leso-patriotismo.

14) **PSEUDO –** é prefixo, por isso, é invariável.

Ex.: Pseudopatriotas. Pseudorrepresentações.

15) **MESMO –** Quando significar "próprio" é variável. Porém quando significar até mesmo é invariável.

Ex.: Ela mesma (própria) fez o almoço. / Mesmo (até mesmo) ela fez o almoço.

16) **POSSÍVEL**

a) nas estruturas com **o mais, o menos, o melhor, o pior, quanto,** o adjetivo possível estará no singular;

Ex.: Fiz todos os esforços quanto possível. / São alunos o mais estudiosos possível.

b) já nas estruturas com **os mais, os menos, os melhores, os piores**, possível virá no plural.

Ex.: São alunos os mais possíveis estudiosos.

17) **TODO**

a) quando for pronome indefinido é variável;

Ex.: Toda pessoa deve investir em ações.

b) quando for advérbio é invariável.

Ex.: Ela está todo preocupada.

Obs.: A população vem adotando a variação, com o respaldo de vários autores, para o advérbio TODO há longa data "Ela está toda preocupada." No adjetivo composto "todo-poderosa", TODO não se pode flexionar.

18) **DADO, VISTO –** Formas adjetivadas variáveis.

Ex.: Dadas as dificuldades, não viajaremos amanhã.

19) **CONCORDÂNCIA COM NUMERAIS**

a) os cardinais aparecendo como ordinais, não há flexão;

Ex.: A camisa dez de Pelé é histórica. / Foi arrancada a página dois do livro

b) na linguagem jurídica é utilizada a seguinte expressão:

Ex.: O documento está a folhas trinta e um do processo.

20) **SILEPSE –** concordância ideológica.

Ex.: V. Exª. é deveras simpático (o adjetivo está na forma masculina, pois o ser a que se refere é homem).

21) **MONSTRO –** funcionando como adjetivo é invariável.

Ex.: Estou com uma dor de cabeça monstro.

27.4. Exercícios

1. (CVM – Esaf) Os períodos seguintes compõem um texto. Marque o que contém erro de estruturação sintática.

a) O filósofo alemão Jügen Habermas vem insistindo: o fim do Estado Nacional como instância reguladora do mercado também torna obsoleta as formas tradicionais do exercício de cidadania.

b) Sofrendo o impacto direto do movimento de globalização econômica, os cidadãos, os tribunais, os parlamentos continuam ilhados nos territórios nacionais.

c) Caso não apareçam instâncias supranacionais de exercício de cidadania, afirma Habermas, haverá uma regressão política no Ocidente.

d) O filósofo alemão fez essas declarações em Paris, pensando sobretudo na Europa, onde medrou e estendeu-se o conceito moderno de democracia.

e) Mas os brasileiros, envolvidos no Mercosul, deveriam ficar atentos ao problema. Convenhamos, a tradição e a prática democrática não são o forte de nossos países. (Luiz Felipe de Alencastro, *Veja*)

2. (Sefaz – APOFP-SP) Os trechos abaixo constituem sequencialmente um texto adaptado do Editorial do *Correio Braziliense* de 6/1/2009.

Assinale a opção em que o segmento está gramaticalmente correto.

a) Antes dos conflitos, Gaza estava estrangulada. Sitiada entre o mar e o muro construído por Israel (que controlam entradas e saídas de pessoas e produtos), a estreita faixa depende totalmente de Telavive.

b) Representantes do Hamas aceitaram ir ao Egito para negociar uma solução. Até agora as iniciativas foram inútil.

c) A resposta desproporcional já fez centenas de mortos e milhares de feridos entre os civis. No vácuo da transição de governo nos Estados Unidos e dos feriados de fim de ano, os países da Europa faz tentativas de obter trégua afim de abrir espaço para a diplomacia.

d) O bloqueio de dezoito meses escasseou alimentos, agasalhos, remédios. O cessar-fogo, que previa o levantamento do cerco, não obteve êxito. Essa a razão, segundo o Hamas, grupo que controla Gaza, de romper a trégua com lançamento de foguetes contra o país vizinho.

e) Também inútil foram às resoluções da ONU, sistematicamente desrespeitadas ao longo de sessenta anos. No meio do tiroteio, milhões de inocentes. Eles pagam a conta de outros.

3. (Sefaz – APOFP-SP) Os trechos abaixo constituem sequencialmente um texto adaptado do Editorial do *Estado de Minas* de 6/1/2009. Assinale a opção em que o segmento está gramaticalmente correto.

a) Como um rotundo e vergonhoso fracasso – é assim que as autoridades e a própria sociedade deveria encarar os números que provam, mais uma vez, a incontrolável capacidade do motorista brasileiro e das estradas que corta o país de transformar o descanso, o lazer e a viagem em tragédias.

b) Até parece que nunca divulgou-se qualquer coisa à respeito do perigo que se esconde nas curvas mal feitas e no excesso de velocidade nas rodovias, ou sobre a carona para a morte que representa o efeito da bebida sob o motorista.

c) Foi 124 mortes, no período de 20 de dezembro até 4 de janeiro, somente nas estradas que corta o território mineiro. Nas rodovias estaduais, morreram 35 pessoas e 475 ficaram feridas. Na malha rodoviária federal mineira, a tragédia teve dimensão alarmante: 89 mortes, representando aumento de 53% em relação ao ano passado.

d) Afinal, tão inaceitável quanto o tamanho da tragédia é o conformismo com a sua macabra repetição. Se os números deste fim e começo de ano não servirem de combustível para uma reação firme e produtiva, então é por que já se perderam até mesmo o compromisso com a vida.

e) As estatísticas estão aí a desafiar o bom senso e, sobretudo, a honestidade que todos temos de ter para reconhecer que têm faltado indignação e atitude suficientes para se exigir e para se construir o fim dessa barbárie.

4. (Susep) Os trechos a seguir constituem um texto adaptado de *O Estado de S. Paulo*, Editorial, 18/02/2010. Assinale a opção gramaticalmente correta.

a) A decisão da Agência de Proteção Ambiental (EPA) dos Estados Unidos de considerar o etanol produzido à partir da cana-de-açúcar um biocombustível avançado, que reduz a emissão de dióxido de carbono em pelo menos 40% na comparação com a gasolina, derruba uma das principais barreiras à entrada do álcool brasileiro no mercado americano e, desse modo, pode representar a abertura do mercado global para o produto nacional.

b) Para entrar no mercado americano, no entanto o etanol brasileiro precisa vencer outros obstáculos, alguns criados pela política externa do Brasil, como a aproximação ao Irã, que causou a perda do apoio ao produto brasileiro até agora dada pelo Congresso Americano.

c) A certificação do etanol de cana como biocombustível avançado pela EPA é importante para o Brasil. O Ato de Segurança e Independência Energética, de 2007, que define regras para os EUA alcançarem as metas de segurança energética e redução da emissão de gases de efeito estufa, estabelecem um consumo mínimo de biocombustíveis de 45 bilhões de litros em 2010 e de 136 bilhões de litros daqui a 12 anos.

d) Do total de biocombustíveis a ser consumido em 2022, 80 bilhões de litros está reservado para os avançados, que são o celulósico (ainda em fase experimental) e o diesel de biomassa, entre outros. A EPA incluiu o etanol de cana-de-açúcar entre os biocombustíveis avançados, ao reconhecerem que, em relação à gasolina, ele reduz a emissão de dióxido de carbono em 61%, bem mais que o mínimo exigido de 40%.
e) Por isso, do total de 80 bilhões que serão consumidos anualmente daqui a 12 anos, o etanol responderá por 15 bilhões de litros. Esse volume corresponde a três vezes o total exportado pelo Brasil em 2008. Em decisão anterior, a EPA contabilizara os efeitos de emissões associadas ao desmatamento provocado pela expansão das áreas plantadas com cana, e considerara que a redução da emissão de dióxido de carbono em relação à gasolina seria de apenas 26%.

5. (Analista Tributário da Receita Federal) Assinale o trecho do texto adaptado de Maria Rita Kehl (*O tempo e o cão: a atualidade das depressões*. São Paulo: Boitempo, 2009) em que, na transcrição, foram plenamente atendidas as regras de concordância e regência da norma escrita formal da Língua Portuguesa.
a) Paradoxalmente, as mesmas inovações tecnológicas destinadas a nos poupar o tempo de certas tarefas manuais e aumentar o tempo ocioso vem produzindo um sentimento crescente de encurtamento à temporalidade. Tal sentimento talvez esteja relacionado com o encolhimento da duração.
b) A vivência contemporânea da temporalidade é dominada por um subproduto das ideologias da produtividade, às quais reza que se devem aproveitar, ao máximo, cada momento da vida.
c) Desligado do frágil fio que ata o presente à experiência passada, voltado, sofregamente, para o futuro, o indivíduo sofre com o encurtamento da duração. Assim, desvalorizam-se o tempo vivido e o saber que sustenta os atos significativos da existência.
d) Segundo Bergson, a duração se mede pela sensação de continuidade entre o instante presente, o passado imediato e o futuro próximos; no entanto, nada indica que o registro psíquico dessas duas formas do tempo que alongam o presente devam limitar-se em curtos períodos antes e depois do brevíssimo instante.
e) Talvez a medida do transcorrer do tempo não individual não se assemelhe com o desenrolar de um fio, mas do tecer de uma rede que abriga e embala um grande número de pessoas ligado entre si pela experiência.

6. (Analista Tributário da Receita Federal) Assinale a opção em que o trecho do texto de Emir Sader (*A nova toupeira: os caminhos da esquerda latino-americana*) foi transcrito com correção gramatical.

a) Atualmente, as alternativas de contraposição a hegemonia enfrentam os dois pilares centrais do sistema dominante: o modelo neoliberal e a hegemonia imperial estadunidense. É no confronto com aqueles que se tem de medir o processo de construção de "outro mundo possível", para se analisar seus avanços, revezes, obstáculos e perspectivas.
b) De certa maneira, pode-se resumir os eixos que articulam o poder atual no mundo à partir de três grandes monopólios: o das armas, o do dinheiro e o da palavra. O primeiro reflete a política de militarização dos conflitos, em que os Estados Unidos acreditam dispor de superioridade inquestionável.
c) A região tem-se mostrado refratária a política de guerra infinita promovida pelos Estados Unidos. Internamente, a Colômbia, epicentro regional da política estadunidense, permanece isolada. No entanto, em seu conjunto, a América Latina produziu espaços de autonomia relativa no tocante a hegemonia econômica e política dos Estados Unidos, o que a torna o elo mais frágil da cadeia neoliberal no século XXI.
d) O terceiro trata-se do monopólio da mídia privada no processo – profundamente seletivo e antidemocrático – de formação da opinião pública. Palco inicial da implantação do modelo neoliberal e sua vítima privilegiada, a América Latina passa por uma espécie de ressaca do neoliberalismo, com governos que rompem com o modelo e com outros que buscam readequações que lhe permitam não sucumbir com ele.
e) O segundo retrata a política neoliberal de mercantilização de todas as relações sociais e dos recursos naturais, que tem buscado produzir um mundo em que tudo tem preço, tudo se vende, tudo se compra e cuja utopia são os grandes centros de compras.

7. (Aneel – Esaf) Assinale a opção gramaticalmente correta.
a) A liberação dos recursos abre uma nova fase do programa "Luz para Todos", que é coordenado pelo Ministério de Minas e Energia e foi lançado em novembro de 2003.
b) Durante esse período, foram instalados comitês gestores estaduais, assinados os termos de compromisso com os estados e finalizados as negociações com as concessionárias para definição das condições contratuais e do valor das obras.
c) A próxima etapa será a assinatura dos contratos entre as concessionárias e os governos estaduais, também parceiro do programa.
d) O acesso à energia elétrica será gratuita para todos os consumidores. As famílias de baixa renda cadastradas nos programas sociais do Governo Federal receberão gratuitamente as ligações internas de suas residências.
e) Hoje, mais de 12 milhões de brasileiros não tem acesso à energia elétrica, o equivalente à soma da população dos Estados do Piauí, Mato Grosso do Sul, Amazonas e Distrito Federal.

8. (Maranhão – Sepog – Agente de Polícia – Biólogo – FCC) A concordância está inteiramente correta na frase:

a) Ao longo da História, líderes religiosos e políticos, de vastíssimo conhecimento, ordenaram a destruição de livros.

b) Paixões humanas podem serem destrutivas, como documenta diversas obras históricas em épocas e lugares diferentes.

c) Conta a História que teria sido destruído obras importantes e significativas para o desenvolvimento cultural da humanidade.

d) É assustador os relatos de danos causados a instituições culturais no Iraque, após a invasão do exército americano.

e) A queima de livros em diferentes épocas históricas atestam a força destruidora do fanatismo, tanto político quanto religioso.

9. (TRE MS – TJ – Área Adm. – FCC) A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:

a) Observa-se, na Amazônia, algumas clareiras de desmatamento, que parece surgir sem ligação com a presença humana, embora possam ser avistadas áreas de pastagens.

b) Imagens de satélites indica a existência de enormes áreas de pastagens em locais onde era antes apenas matas de transição, entre a floresta fechada e o cerrado.

c) Pequenos animais da floresta, assim como os pássaros, é vetor que disseminam sementes, indispensável para a permanência da mata principal.

d) Parques indígenas da Amazônia oferece vasta extensão de mata preservada, que se tornam de grande interesse para a conservação da biodiversidade.

e) Nas áreas desmatadas para a abertura de pastos e depois abandonadas, arbustos formam uma variada mata secundária, à medida que as invadem.

10. (MPU /An. – Área Arq. – FCC) A concordância está totalmente de acordo com a norma-padrão da língua em:

a) Acredito que as orientações dele, porque parecem pouco claro, não terão de serem seguidas antes de um esclarecimento maior.

b) Considerou digna de ser encaminhada a julgamento dos avaliadores a última versão do projeto-piloto, pois, se podem existir fragilidades, elas certamente hão de ser mínimas.

c) Elas se consideraram responsável pelo erro e julgaram legítimo as cobranças que lhe serão feitas de agora em diante.

d) Dado as contingências do momento, os diretores houveram por bem atender aos prazos, e prometeram reavaliar, tanto quanto fossem, as demais exigências do contrato.

e) Devem fazer mais de três meses que não os vejo; tantos dias de afastamento poderia ser entendido como descaso, mas quero dizer que lhes dedico muito afeto.

11. (TCE – MG/Eng. Perito – FCC) Quanto à concordância verbal, a frase inteiramente correta é:

a) Entre as questões essenciais, que a todo cientista deve importar, estão as que se prendem à origem e ao destino do ser humano.

b) Não houvesse outras razões, bastaria a propriedade das perguntas que lhe dirigiu o público para fazê-lo sentir-se um professor privilegiado.

c) Só é dado alimentarem a curiosidade e a insatisfação ao cientista que não abdica de fazer as perguntas fundamentais.

d) Diante do interesse que representavam cada uma das perguntas que lhe cabiam responder, o professor sentiu-se um privilegiado.

e) O autor considerou um privilégio o fato de o interrogarem, com perguntas tão instigantes, aquele público curioso que encontrou na escola.

12. (Administrador – Casa da Moeda – Cesgranrio) No que se refere ao fenômeno da concordância nominal, no subtítulo do texto, o termo textuais também admite a forma singular.

O período em que, conforme a norma-padrão, o termo destacado pode assumir tanto a forma singular quanto a plural é:

a) **Bastantes** poemas foram lidos na aula.

b) Custam **caro** os jornais de domingo.

c) Vendem-se quadros e esculturas **usados**.

d) Compramos livro e jornal **velhos**.

e) Na estante, dicionário e livros **jogados**.

13. (Fiscal – ISS – RJ) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado de *O Estado de S. Paulo*, Editorial, de 1/6/2010.

Assinale a opção em que não foram inseridos erros gramaticais e o trecho foi transcrito de forma gramaticalmente correta.

a) Os consumidores pagam juros maiores porque obtém crédito com prazos maiores e prestações menores. Alguns fatos recentes estão contribuindo para um aumento da demanda, assim como, das pressões inflacionárias.

b) A economia brasileira vive um processo de aquecimento que as últimas modificações da conjuntura estão agravando. O aquecimento tem sua origem no inchaço cada vez maior da demanda doméstica, que até agora não foi afetada pelo aumento da taxa Selic.

c) À política de "bondades" do governo, em vigor nos últimos meses, veio se acrescentar à do Legislativo, que se aproveita do período eleitoral para propor medidas mais condescendentes. Isso aumenta perigosamente o poder aquisitivo da população.
d) Chegamos, agora, a uma situação de quase pleno emprego, em que os salários não são mais determinados pela qualificação da mão de obra, mas pela dificuldade de contratar os trabalhadores necessários. O resultado é um aumento salarial duradouro, cujo peso na formação de preços.
e) É claro que a indústria tem dificuldades em acompanhar o ritmo de crescimento da demanda doméstica, recorrendo para isso à importações, que nem sempre têm preços menores do que os apresentados pela produção nacional.

14. (Analista de Controle Interno – Sefaz-RJ – FGV) ***Nesse sentido, se a evasão tributária é uma doença social, seu combate ou tratamento não pode ficar restrito aos seus agentes; é necessário o envolvimento de toda a sociedade*****. Assinale a alternativa em que a alteração do trecho destacado no período acima NÃO tenha sido feita de acordo com a norma culta. Não leve em conta alteração de sentido.**
a) é necessária a discussão aberta entre todos os membros da sociedade
b) é necessário debate com toda a sociedade
c) é necessário abertura política para se discutir a questão
d) é necessária participação de toda a sociedade
e) é necessária a organização de um debate público a respeito da questão.

15. (Fiscal da Receita Estadual – AP – FGV) Assinale a alternativa que apresenta uma concordância nominal incorreta.
a) Persistência é necessário à obtenção de resultados positivos na carreira profissional.
b) As questões definidas serão bastantes para a arguição do doutorando.
c) Vão incluídos na pasta do congressista a programação e o mapa dos locais dos eventos.
d) Consideraram-se satisfatórios os resumos encaminhados à organização do simpósio.
e) Anexo à tese vão as cópias dos documentos históricos referidos no artigo.

16. (Técnico Judiciário – 23ª Região – FCC) A concordância verbal e nominal está inteiramente correta em:
a) O interesse pelos acontecimentos que envolveram os cangaceiros e seus hábitos peculiares levam sempre a novas interpretações desse fenômeno do sertão brasileiro.
b) A roupa com proteção de couro e o chapéu de abas viradas, que facilitavam a visão de emboscadas, traziam adereços que buscava resguardar os integrantes do bando.

c) Consta que os cangaceiros, num gesto de grandeza, quando pretendia invadir uma determinada fazenda, informava ao dono o dia e a hora desse ataque.
d) A vestimenta adotada pelos cangaceiros eram uma adaptação da roupa dos vaqueiros sertanejos, adequado ao ambiente, com o calor do dia e o frio da noite.
e) Para esses guerreiros surgidos com o cangaço, os elementos que compunham seu traje criavam uma espécie de blindagem contra os perigos que corriam.

17. (Oficial de Defensoria Pública – Defensoria Pública-SP – FCC) A concordância verbal e nominal está inteiramente correta na frase:
a) As mais recentes descobertas da ciência pode levar ao desenvolvimento de tratamentos que controlem a perda de memória, melhorando a capacidade cerebral.
b) Os pesquisadores descobriram que existe situações que favorece a memorização mais duradoura, possibilitando a realização das tarefas cotidianas no trabalho, por exemplo.
c) Está sendo feito estudos sobre a capacidade do cérebro humano de reter informações e processá-las, o que torna possível as lembranças do que aconteceu.
d) A visão de uma obra de arte dispara a comunicação entre neurônios, e o tamanho do impacto causado pela imagem é o que define como será guardada na memória.
e) Memória implícita é aquela que se refere aos conhecimentos, hábitos e habilidades, como andar de bicicleta, que é evocado de maneira automática.

18. (Esaf) Levando em consideração as regras de concordância nominal, escreva (1) para as frases corretas e (2) para as incorretas.
( ) Quando a senhora terminou de abrir as malas, já era meio-dia e meia.
( ) A própria sogra presenciou a abertura das malas; sim, ela mesmo.
( ) Anexo àquela carta destinada ao pai da moça, foram remetidas as joias.
( ) Ao final da tarde, a senhora mostrava-se meio apreensiva.
( ) Naquelas bagagens havia joias muito preciosas.
A sequência correta é:
a) 1, 1, 2, 2, 1;
b) 2, 1, 1, 2, 2;
c) 1, 2, 1, 2, 1;
d) 2, 2, 1, 1, 2;
e) 1, 2, 2, 1, 1.

19. (Esaf) Aponte o trecho correto, no tocante à concordância.
a) Muitos com certeza ficaram surpresos com a quantidade de cartazes que, de uma hora para outra, foi espalhado pelos quatro cantos da universidade.

b) Mais uma vez as chapas se formaram às escondidas dos estudantes, sem que se tivessem qualquer acesso às informações.
c) Nossa postura sempre foi a de procurar ampliar as possibilidades da participação do maior número possíveis de estudantes neste processo.
d) O caminho mais correto seria a formação de uma chapa ampla que englobasse todas as posições e correntes de pensamento, e que estas representassem o fruto das discussões que foi levado nas reuniões de cada departamento.
e) Obedecendo ao prazo legal, a discussão será restrita e o espaço destinado às campanhas eleitorais será expressamente curto; não concordamos em limitações ou restrições às discussões necessariamente sérias.

20. (AFTN – Esaf) Marque o conjunto que apresenta uma concordância não compatível com a norma padrão:
a) Atitudes e gestos belicosos / belicosas atitudes e gestos.
b) Amor e ira eternos / eterna ira e vingança.
c) Os preocupados pai e mãe / os famosos Machado e Alencar.
d) Seguem em anexo as fotos / Seguem anexas as fotos.
e) Os candidatos não eram nenhum bobocas / Não votaram em candidato nenhum.

21. (Área Administrativa – TRF- 4ª Região – FCC) A concordância verbo-nominal está Inteiramente correta na frase:
a) Em todas as épocas, ocorreram ataques de elefantes em várias regiões, porém a média de pessoas expostas a eles era quase insignificante.
b) O sentimento familiar entre manadas de elefantes são intensos, e muitas vezes os ataques de um animal constitui reação a uma iniciativa humana.
c) Elefantes que desenvolvem comportamento agressivo acaba abatidos a tiro para que se evite os ataques a pessoas e a propriedades.
d) Imagens do cérebro de elefantes apresentadas em estudo recente apontou a importância do convívio com animais mais velhos durante a infância.
e) Nos últimos anos, na Índia, foi morta mais de 500 pessoas, atacadas por elefantes em fúria, aparentemente explicáveis por stress pós-traumático.

22. (TFC – Esaf) Assinale a opção em que não há erro.
a) Seguem anexo os formulários pedidos.
b) Não vou comprar esta camisa. Ela está muito caro!
c) Estas questões são bastantes difíceis.
d) Eu lhes peço que as deixem sós.

e) Estando pronto os preparativos para o início da corrida, foi dada a largada.

23. (TRE – MT) De acordo com a norma culta, só está incorreta a concordância do termo grifado em:
a) Remeto-lhe anexo as certidões.
b) No shopping ela comprou vestidos e roupas caras.
c) Na reunião foi discutida a política latino-americana.
d) É meio-dia e meia.
e) Bons argumentos foram apresentados na exposição do conferencista.

24. (TRE – RO) Marque a opção em que está correta a concordância.
a) Informatizou-se algumas juntas apuradoras.
b) Ler o quê? Escrever o quê? Aí as coisas ficaram bastantes esquisitas.
c) Fazem alguns anos que a fraude eleitoral se instalou em alguns Estados.
d) Seria necessário os computadores para se evitar as fraudes das eleições passadas.
e) Deveriam existir, em todos os Estados, eleições informatizadas.

25. (TRE – RJ) Com relação ao adjetivo sublinhado, há erro de concordância nominal em:
a) Estavam atrasados a irmã e o irmão.
b) A loja vendera carros e moto usadas.
c) Ele comprou mamões e mangas maduras.
d) As listas de preço seguiam anexas a esta carta.
e) Os trabalhadores não quiseram fazer horas extras.

26. (Fiscal – ISS – RJ) Assinale a opção em que, ao ser transcrito, o fragmento do editorial adaptado da Revista *Veja*, de 4 de agosto, 2010, desrespeitou a gramática da norma culta.
a) Assim, resistiu as intempéries desencadeadas pela crise internacional e continua no rumo certo. Os indicadores são tão bons que uma bravata se espalhou pelos cinco continentes como se for realidade.
b) O Brasil vai muito bem graças ao permanente compromisso com a estabilidade, o dinamismo da iniciativa privada, a racionalidade e a regulação avançada do eficiente sistema bancário.
c) Um dos resultados é que entidades filantrópicas dos países de fato ricos estão desistindo de investir em projetos sociais brasileiros, enquanto aumentam suas verbas para aqueles em andamento na África.
d) Segundo ela, o Brasil se tornou uma nação rica, de Primeiro Mundo, que não precisa da ajuda de ninguém e ainda empresta dinheiro aos países ricos.

e) Certos clichês comportam verdades. Um deles é o de que o Brasil é um país de contrastes. Pegue-se o caso dos indicadores gerais de economia.

27. (TTN – Esaf) A concordância nominal está incorreta no item:
a) "É um filme para aquelas pessoas que têm uma certa curiosidade sobre si mesmas" (Spielberg).
b) "Salvo alguns desastres, obtêm-se bons resultados, desde que não se tente filosofar no palco de maneira confusa" (T. Guimarães).
c) Ficavam bastantes contrariados com a negligência de algum companheiro durante o treinamento.
d) A folhas vinte e uma do processo, encontra-se o comprovante de pagamento.
e) Estando o carnê e a procuração anexos ao processo, faltavam-lhe dados para explicar o caso.

28. (TRE – RJ) "A aplicação das máquinas agrícolas tornará também a batata mais barata".
Na função de predicativo, "barato" e "caro" são adjetivos e concordam em gênero e número com o substantivo a que se referem; na função de adjunto adverbial de intensidade (ou preço), são advérbios que admitem facultativamente a concordância atrativa.
Das frases abaixo, aquela em que há erro de concordância nominal, por não se observar uma das normas acima, é:
a) Com o uso de certas máquinas os legumes estão ficando muito mais caro.
b) A batata está sendo vendida mais barata com o uso de certas máquinas.
c) O uso de certas máquinas faz com que custem mais barato as batatas.
d) A batata está custando mais cara com o uso de certas máquinas.
e) O uso de certas máquinas deixa muito mais baratos os legumes.

29. (Of. Just. – TJ – NCE) "Parece possível distinguir duas tendências fundamentais..." A frase a seguir em que o adjetivo "possível" apresenta gênero de modelo idêntico ao da frase destacada do texto é:
a) É possível a admiração ou a recusa diante de um grupo estranho.
b) Torna-se possível a observação dos fatos destacados no texto.
c) Parece possível a desconfiança diante do que é novo.
d) É possível que ninguém seja profeta em sua terra.
e) Continua possível a existência das duas tendências citadas no texto.

30. (TRE) Julgamos ao espírito humano as indagações constantes sobre o que é verdade. Ocorre porém que, em nosso presente estágio evolutivo, as verdades são variadas .
As palavras ou expressões que completam corretamente as lacunas da passagem acima são:
a) natural / o mais / possível
b) naturais / o mais / possível
c) natural / as mais / possíveis
d) natural / o mais / possíveis
e) naturais / as mais / possível

31. (Agente de Documentação – TCE-PB – FCC) A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:
a) No século XX, a produção em massa permitiu que objetos, antes de posse restrita a reis, fossem acessíveis a toda a população.
b) Sempre existiu colecionadores de objetos, que exerce maior poder de atração sobre pessoas quanto mais estranho ele é.
c) No século XIX, foi dividido as áreas temáticas da ciência, surgindo então os colecionadores especializados em reunir um único tipo de objetos.
d) Permaneceu imutável por séculos as razões que levam algumas pessoas a colecionar objetos, algumas delas de gosto duvidoso.
e) O costume de enviar marinheiros pelo mundo para encontrar objetos exóticos mudaram a paisagem de alguns países e modernizaram a Europa.

32. (Of. Just. – TJ – NCE) O caso a seguir em que a concordância do vocábulo "possível" é equivocada, segundo a norma culta da língua portuguesa, é:
a) Dentro do possível, observaram-se duas tendências na reação ao grupo estranho.
b) As observações do autor do texto foram a mais pertinentes possíveis.
c) É possível que duas tendências existam.
d) Os estrangeiros tornaram possível a admiração por suas obras.
e) Foi possível observar os fatos descritos.

33. (Analista Judiciário – TRT 4ª Região – FCC) As normas de concordância verbal e nominal estão plenamente atendidas na frase:
a) Reservam-se os artistas o direito (ou privilégio?) de escolherem o gênero e a forma que lhes pareçam os mais adequados ao seu intento de expressão.
b) Não se reconhecia na crônica, antes de Rubem Braga, quaisquer méritos que pudessem alçá-la à altura dos chamados grandes gêneros literários.

c) Não cabem aos críticos ou aos historiadores da literatura estipular se o gênero de uma ou outra obra é maior ou menor em si mesmos.
d) Uma vez submetido ao poder de sedução de seu estilo admirável, é possível que custassem aos leitores de Rubem Braga ficar aguardando a crônica seguinte.
e) Não lhe bastassem, além do estilo límpido, ter os olhos de um grande fotógrafo, Rubem Braga ainda frequentava as alturas da poesia lírica.

34. (Aux. Cart. TJ – NCE) "... seja promovida nas escolas de Primeiro, Segundo e Terceiro Grau". O item a seguir em que ocorre um caso de concordância nominal idêntico ao que está destacado nessa frase do texto é:
a) Procedimento, trabalho e amor cristão.
b) A lei mostrava um novo objetivo e tática.
c) O governo merece eterno agradecimento e elogio.
d) O ministro mostrou bela cultura e talento.
e) Esta e aquela motivação da lei são justas.

35. (CBMERJ – NCE) "Mulheres e homens bonitos". A única forma <u>errada</u> entre as que estão abaixo, mantendo-se o sentido original é:
a) bonitas mulheres e homens;
b) bonitos homens e mulheres;
c) homens e mulheres bonitas;
d) homens e mulheres bonitos;
e) bonitos mulheres e homens.

36. (Técnico em Regulação de Saúde Suplementar – ANS – FCC) A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:
a) O desenvolvimento de técnicas de produção e de distribuição de alimentos permitiu a expansão da espécie humana em todo o planeta.
b) Ocorreu mudanças expressivas, ao longo dos tempos, na relação do homem com os alimentos, que foi se tornando mais variados e disponíveis.
c) Os hábitos alimentares, parte significativa da cultura de cada país, tornou-se uma das principais atividades econômicas do homem.
d) Com o início da agricultura, a tarefa de conseguir alimentos passaram a exigir menos esforço e os períodos de escassez de comida foi menos frequente.
e) A visão de uma cesta repleta de pães quentinhos são tão apetitosos que fica difícil resistir à tentação de comer mais que o necessário.

37. (Analista Judiciário – TRE-PB – FCC) A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:

a) Segundo alguns cientistas, as mais brilhantes fórmulas da física ou da biologia é comparável ao que de melhor foi feito na literatura do século XX.

b) O princípio da economia aproxima a poesia, com seu inigualável poder de síntese, das equações matemáticas, que resumem grande quantidade de informações.

c) Nem sempre as informações que se encontra disponível para um cientista pode orientá-lo na busca de soluções para o problema que tentam resolver.

d) Cientistas, em toda a História, defende a ideia de que tanto a estética científica quanto a artística se caracteriza pela busca da ordem em seu mais alto grau.

e) A emoção é um dos ingredientes mais importantes da estética científica, embora se pensem que deve estar distantes dos objetivos dos pesquisadores.

38. (Secretário de Procuradoria e Promotoria – NCE) "... caminhando rumo a um <u>futuro incerto e infeliz</u>". Se trocarmos as classes dos vocábulos sublinhados, escrevendo substantivos em lugar de adjetivos e vice-versa, teremos como forma correta desse mesmo segmento:

a) Caminhando rumo à incerteza e à infelicidade futuras.

b) Caminhando rumo a incerteza e a infelicidade futura.

c) Caminhando incerta e infelizmente para o futuro.

d) Caminhando rumo à incerteza do futuro e à infelicidade.

e) Caminhando rumo às futuras incerteza e infelicidade.

39. (Secretário de Procuradoria – NCE) "O Brasil tem hoje grande força e grande fraqueza".

Observe a seguir diversas formas de se reescrever a frase inicial do texto, sem a repetição do adjetivo grande.

I. O Brasil tem hoje força e fraqueza grandes.

II. O Brasil tem hoje força e fraqueza grande.

III. O Brasil tem hoje grande força e fraqueza.

IV. O Brasil tem hoje grandes força e fraqueza.

As frases que têm forma adequada são somente:

a) I – II – III – IV;

b) I – II – III;

c) I – IV;

d) II – III;

e) I – III.

40. (Auxiliar de Cartório – NCE) "... respiração e circulação sanguínea". Na *Nova gramática do português contemporâneo*, p. 265, o Prof. Celso Cunha diz: "(Quando o adjetivo vem depois dos substantivos), se os substantivos são do mesmo gênero e do singular, o adjetivo toma o gênero dos substantivos e, quanto ao número, vai: para o singular (concordância mais comum) ou para o plural (concordância mais rara)". Assim sendo:
a) O adjetivo sanguínea poderia também aparecer com a forma sanguíneas.
b) O autor preferiu a concordância mais rara à comum.
c) O autor do texto cometeu um erro de concordância.
d) Razões semânticas fazem que a única forma possível do adjetivo seja sanguínea.
e) A única forma correta do adjetivo é sanguíneas.

41. (Técnico Jud. Juramentado – NCE) "O terceiro e o quarto objetivos..." O caso de concordância nominal presente neste segmento do texto encontra-se referido no item:
a) O adjetivo, quer em função de adjunto adnominal, quer em função de predicativo, desde que se refira a um único substantivo, com ele concorda em gênero e número.
b) quando o adjetivo se associa a mais de um substantivo, o adjetivo concorda em gênero e número com o substantivo mais próximo.
c) se os substantivos são de gêneros diferentes e do singular, o adjetivo pode concordar com o substantivo mas próximo.
d) É possível que o adjetivo predicativo concorde com o sujeito mais próximo se estiver anteposto aos substantivos.
e) no caso de uma só palavra determinada e mais de uma determinante, a palavra determinada irá para o plural ou ficará no singular.

42. (TJ – SP – Vunesp) De acordo com a norma culta, a concordância nominal e verbal está correta em:
a) As características do solo são as mais variadas possível.
b) A olhos vistos Lúcia envelhecia mais do que rapidamente.
c) Envio-lhe, em anexos, a declaração de bens solicitada.
d) Ela parecia meia confusa ao dar aquelas explicações.
e) Qualquer que sejam as dúvidas, procure saná-las logo.

43. (Técnico Judiciário – Espec. Informática – TRF 4ª Região – FCC) A concordância verbonominal está inteiramente correta na frase:
a) Sistemas integrados de arrecadação e controle da visitação pública deve ser instalada em todos os parques nacionais.

b) Nações, mesmo de extensão menor que a do Brasil, está se tornando um dos destinos preferidos de turismo internacional.
c) O Brasil exibe um enorme potencial turístico, com suas belezas naturais, que não se encontra devidamente explorado.
d) A presença de turistas em áreas protegidas pelo Ibama, que permanece sem planos de conservação, são irregulares.
e) O Brasil tem vários parques nacionais, mas é poucos os que estão oficialmente abertos à visitação de turistas, nacional ou internacional.

44. (Assistente Administrativo – FGV) Assinale a alternativa em que não ocorra erro de concordância verbal ou nominal.
a) Elas mesmo decidiram resolver o problema que afligia a todos.
b) Quando ela disse "obrigado", todos aplaudiram.
c) Os coordenadores do projeto decidiram ficar só.
d) Ganharam bastantes elogios da diretoria.
e) Havia pedido emprestado cinco pares de meia.

45. (An. Jud. – Fundec) Está incorreta a forma como se fez a concordância nominal na frase:
a) Os trens e as estações foram reformadas.
b) Os engenheiros construíram um viaduto e uma passarela nova.
c) Pela ferrovia trafegavam vagões e locomotivas refrigerados.
d) Os planos previam projetos e estruturas recém idealizadas.
e) Os índices social e econômico de desenvolvimento da Região Metropolitana são baixíssimos.

46. (TRE – NCE) "... pelos governos federal, estadual e municipal." O item abaixo que exemplifica o mesmo tipo de concordância nominal do segmento retirado do texto é:
a) Vivia em tranquilos bosques e montanhas.
b) A professora estava com um vestido e um chapéu escuro.
c) Passou quarta, quinta e sexta trabalhosas no Rio.
d) Viu as bandeiras brasileira e francesa.
e) Era novo o livro e a caneta.

47. (TRT – 7ª Região – Esaf) Julgue os itens como certos ou errados quanto à concordância nominal ou verbal, colocando C ou E nos parênteses. Assinale, a seguir, a opção que contém a sequência correta. O artigo 1.725 do novo Código Civil informa que, não havendo

estipulação em contrato escrito, os bens móveis e imóveis onerosamente adquiridos por um ou por ambos os companheiros, no período em que durar a união estável, são considerados fruto do trabalho e da colaboração comum. Mesmo que se equivoque os companheiros na aquisição de quaisquer bens, as regras para transação por contrato escrito entre os adquirentes, encontrados nesse artigo, podem ser alteradas, modificando, por exemplo, os percentuais ou cotas condominiais entre eles existente.
(Baseado em "A união estável no novo Código Civil", Álvaro Villaça Azevedo, *Correio Braziliense*, 17/11/2003.)
( ) ambos os companheiros
( ) fruto
( ) equivoque
( ) encontrados
( ) existente
a) E – C – C – E – C
b) C – C – E – C – C
c) C – E – E – E – E
d) E – C – E – C – C
e) C – E – C – C – E

48. (TRT-20ª Região – FCC) A concordância está feita corretamente em:
a) Os poucos anos de escolaridade do trabalhador são insuficientes para um bom uso das inovações tecnológicas.
b) O número de postos de trabalho geralmente aumentam quando as empresas elevam a produtividade.
c) Os trabalhadores que perdem o emprego pode ser admitido em novos postos, dependendo do nível de escolaridade.
d) Existe vários efeitos que é resultante da aplicação da tecnologia, capazes de gerar novos empregos.
e) A recuperação de novos postos de trabalho nas empresas são possíveis para candidatos com formação adequada a eles.

49. (TRT – An. Jud.) "Crianças de dez, oito e até seis anos de idade tinham inteligência bastante para serem treinadas..." A frase a seguir em que a palavra bastante está <u>incorretamente</u> empregada é:
a) Não houve chuvas bastante para resolver o problema da agricultura.
b) Tinha bastantes chances de conseguir o emprego.
c) Não trabalhou nesses dias o bastante para repor o tempo perdido.

d) Não possuía amigos bastante competentes para o trabalho.
e) As novas tecnologias eram bastante prejudiciais aos trabalhadores.

50. (NCE) "... as revistas e os jornais brasileiros..." Com o deslocamento dos termos da frase, a única forma incorreta é:
a) as brasileiras revistas e jornais;
b) os brasileiros jornais e revistas;
c) os brasileiros revistas e jornais;
d) os jornais e as revistas brasileiras;
e) os jornais e as revistas brasileiros.

Capítulo 28

Estilística

28.1. Figuras de som

28.1.1. Aliteração

Indica a repetição de fonemas (consoantes) idênticos ou semelhantes no início de palavras de uma frase ou de versos de uma poesia.

Ex.: "O rato roeu a roupa do rei de Roma".

28.1.2. Onomatopeia

Figura que procura representar graficamente sons.

Ex.: Zum-zum, trim, atchhhim...

28.2. Figuras de construção ou sintaxe

28.2.1. Anacoluto

Consiste no aparecimento de um termo no início de um período que não terá ligação sintática com o restante dos termos posteriores.

Ex.: "Eles, o seu único desejo é exterminar-nos" (Garret).

"O Presidente, estes cidadãos não quiseram ouvir-nos".

28.2.2. Anáfora

Consiste na repetição de uma ou mais palavras no início de diferentes versos ou frases.

Ex.: "Depois eu dou. Depois eu deixo. Depois eu levo. Depois eu conto" (F. Sabino).

"É pau... É pedra... É o fim do caminho... É um pedaço de toco..." (Tom Jobim).

Não sei, não vi, não quero saber.

Alguém falou, alguém gritou, alguém brigou.

28.2.3. Anástrofe ou inversão

Consiste na inversão da ordem direta da frase.

Ex.: Ao Flu o Fla vencerá (a ordem natural seria "O Fla vencerá o Flu").

"Sabe mortos enterrar?" (J.C. Melo Neto) (Sabe enterrar mortos?)

Obs.: É um tipo de inversão mais brando que o HIPÉRBATO.

28.2.4. Assíndeto

Consiste na construção de sequência de orações coordenadas aditivas; não apresentando, contudo, conjunção.

Ex.: "Vim, vi, venci" (Julio César).

Ele lava, passa, prepara a comida, massageia os pés do marido.

28.2.5. Elipse

Consiste na omissão de um termo facilmente subentendido.

Ex.: "Na terra, tanta guerra, tanto engano" (Camões).

Na terra há tanta guerra, há tanto engano.

"Uma de suas funções, como membro da presidência da Câmara, era a de zelar pelos móveis e demais pertences" (Fernando Sabino).

? ... era a (função) de zelar...

28.2.6. Hipálage

Consiste em atribuir a um ser ou coisa uma qualidade ou ação que logicamente pertence a outro ser que também está expresso na mesma frase.

Ex.: "O voo negro dos urubus fazia..." (G. Ramos) (Negro, na verdade, é qualificativo para "urubus").

O movimento pesado dos elefantes... (o movimento não é pesado, e sim os elefantes).

28.2.7. Hipérbato

Indica inversão de termos dentro de orações ou versos. Esta inversão é mais significativa do que a anástrofe.

Ex.: "Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
de um povo heroico brado retumbante..."

– As margens plácidas do Ipiranga ouviram o brado retumbante de um povo heroico.

"É esta de teu querido pai a mesma barba
a mesma boca e testa (T. A. Gonzaga).

– É esta a mesma barba, a mesma boca e testa de teu querido pai.

28.2.8. Pleonasmo ou redundância

Emprego de palavras ou expressões de significado equivalente, com a finalidade de reforçar uma ideia.

Ex.: Vi com meus próprios olhos a terrível cena.

Perdoe-me pelo amor divino de Deus.

28.2.9. Polissíndeto

Consiste na repetição intencional de conjunções, ligando palavras ou orações de período.

Ex.: Ele fala, e reclama, e bebe, e xinga...

Maria não lava, nem passa, nem trabalha, nem faz a comida.

28.2.10. Silepse

Também conhecida como concordância ideológica, esta figura ocorre quando a concordância se faz não com a palavra expressa na frase, mas com a ideia que esta palavra sugere.

a) de gênero

Ex.: Vossa Majestade é muito bondoso.

Sua Santidade estava abatido.

b) de número

Ex.: Coisa curiosa é aquela gente. Divertem-se com tão pouco.

A banda Flor chegou ao sucesso depois de cinco anos. Já gravaram oito discos.

c) de pessoa

Ex.: Os brasileiros somos muito desconfiados.

28.2.11. Zeugma

É a omissão de uma palavra já expressa anteriormente na oração. Trata-se de um caso especial de elipse.

Ex.: Na França há tanta riqueza, no Brasil tanta pobreza. (... no Brasil há tanta pobreza.)

Eu fiz os salgados, Maria os doces. (... Maria fez os doces.)

28.2.12. Repetição ou reduplicação

Consiste na repetição proposital de palavras ou expressões, tanto na poesia quanto na prosa.

Ex.: "Cantei, Cantei, Cantei,
Como é cruel cantar assim..." (Chico Buarque).

28.3. Figuras de pensamento

28.3.1. Antítese

Consiste na colocação, lado a lado, de termos opostos, mas que não causam ideias sem nexo.

Ex.: "Cabelos longos, ideias curtas".
Uma exposição clara para uma ideia tão complicada.

28.3.2. Eufemismo

Indica a atenuação ou suavização de ideias consideradas desagradáveis, cruéis ou ofensivas.

Ex.: Ele entregou a alma a Deus (em vez de: Ele morreu).
Ela sofre de doença ruim (em vez de: câncer).

28.3.3. Hipérbole

Consiste no exagero proposital das coisas.

Ex.: Ele morreu de medo quando me viu.
Nós chegamos aqui há um século.

28.3.4. Ironia

Consiste em expressar o contrário do que se pensa, mas dando a entender o real pensamento. Normalmente, a ironia adquire traços humorísticos.

Ex.: Aqueles amorosos bandidos mataram a família inteira.

Os confiáveis deputados precisam receber o "mensalão", pois seus salários são muitos baixos.

28.3.5. Paradoxo ou oxímoro

Trata-se de uma figura que relaciona duas palavras antônimas, dando conceitos contraditórios. "Aparentemente" a frase fica sem sentido.

Ex.: "Amor é fogo que não se vê
É ferida que dói e não se sente
É um contentamento descontente
É dor que desatina sem doer" (Camões).
Sinto-me solitário nesta multidão...

28.3.6. Prosopopeia, personificação ou animismo

Consiste em atribuir vida ou qualidades humanas a seres inanimados, irracionais, mortos ou abstratos.

Ex.: "As rosas não falam..." (Cartola).
Uma talhada de melancia com seus alegres caroços (C. Lispector).

28.4. Figuras de palavras

28.4.1. Antonomásia

Indica a substituição de nome próprio por nome comum ou por expressão ligada ao termo substituído.

Ex.: Rei do Futebol (em lugar de Pelé).
Cidade Maravilhosa (em vez de Rio de Janeiro).

28.4.2. Catacrese

É uma figura que consiste no uso impróprio de vocábulo por falta de outro mais específico para a designação de um ser ou de uma ação.

Ex.: O pé do vaso está quebrado (pé – parte que serve para sustentar o corpo humano).

Embarcou naquele avião gigantesco (embarcar significa entrar num navio).

28.4.3. Comparação ou símile

Como o próprio nome indica, formaliza-se uma ideia de comparação. Contudo, é fundamental ressaltar que há a necessidade de um conectivo explicitando a comparação.

Ex.: "Beijou sua mulher como se fosse a única" (Chico Buarque).

Ele agiu feito os santos.

28.4.4. Metáfora

Atribuição a uma pessoa ou coisa de uma qualidade que não lhe cabe logicamente. Essa transferência de significado de um termo para outro baseia-se na semelhança de características que o emissor da mensagem encontra entre os dois termos comparados. É uma comparação de ordem subjetiva, sem o conectivo que indica esta comparação.

Ex.: Maria é uma flor.

Vê-se que Carlos é uma fera enjaulada.

28.4.5. Metonímia

É a substituição de sentido de um termo por outro que com ele apresenta relação lógica e constante.

a) autor – obra

Ex.: Ele nunca leu Machado de Assis (os livros de Machado de Assis).

b) conteúdo – continente

Ex.: Comi dois pratos (não se comem os pratos; come-se o conteúdo dos pratos).

c) inventor – invento

Ex.: Graham Bell permitiu que a humanidade se comunicasse melhor (na realidade, o invento de Graham Bell, o telefone).

d) símbolo – coisa simbolizada

Ex.: Nunca abandones a cruz (cruz – símbolo da religião).

e) instrumento – pessoa que o utiliza

Ex.: Ele é um grande raquete (ele é um grande jogador de tênis).

Obs.: Existe um tipo especial de metonímia chamado sinédoque, que se baseia em outras relações.

a) parte – todo

Ex.: Os seus olhos espertos indicavam a porta de entrada.

b) matéria – objeto

Ex.: O cristal tinia sobre a mesa de jantar.

c) marca do produto substitui o produto.

Ex.: O Ford quase nos atropelou.

28.4.6. Sinestesia

Consiste na fusão de sensações percebidas por diferentes órgãos do sentido.

Ex.: Comia o sabor (gosto) vermelho (visão) da fruta.
Claro (visão) perfume (olfato) vagava pelo ar.

28.5. Vícios de linguagem

28.5.1. Ambiguidade

Ocorre sempre que uma palavra admite duas ou mais interpretações.

Ex.: "O julgamento do professor ocorrerá amanhã" (não se sabe se o professor julgou ou foi julgado).

"Flamengo venceu o Palmeiras jogando em casa" (não fica evidenciado quem jogou em casa).

28.5.2. Barbarismo

Consiste em grafia ou pronúncia inadequada ao padrão culto da língua.

Ex.: "degladiar", "previlégio", "necrópsia", "rúbrica".

28.5.3. Cacófato

Indica uma formação sonora desagradável. Tal se dá por formação de palavrões ou repetição excessiva de uma estrutura fonética.

Ex.: Já está pronto o álbum da Maria. Não percebemos como estava a boca dela.

Devemos depreender a devida demanda de um delicado momento político.

28.5.4. Solecismo

Falha de ordem sintática.

Ex.: Haviam muitas pessoas no auditório. Procederemos as aulas de apoio à partir de julho.

28.6. Exercícios

1. (PUC-SP)

"O pavão é um arco-íris de plumas".

"... de tudo que ele suscita e esplende e estremece e delira..."
Enquanto procedimento estilístico, temos, respectivamente:
a) metáfora e polissíndeto;
b) comparação e repetição;
c) metonímia e aliteração;
d) hipérbole e anacoluto;
e) anáfora e metáfora.

2. (Fuvest-SP) Identifique a figura de linguagem presente no verso em destaque.
"Quando a indesejada das gentes chegar
(Não sei se dura ou coroável),
Talvez eu tenha medo.
Talvez eu sorria e diga:
– Alô, iniludível".
a) Clímax.
b) Eufemismo.
c) Sínquise.
d) Catacrese.
e) Pleonasmo.

3. (UM-SP) Aponte a figura: "Naquela terrível luta, muitos adormeceram para sempre".
a) Antítese.
b) Eufemismo.
c) Anacoluto.
d) Prosopopeia.
e) Pleonasmo.

4. (FMU-SP) Em "Dizem que os cariocas somos pouco dados aos jardins públicos", há:
a) pleonasmo;
b) hipérbato de pessoa;
c) silepse de gênero;
d) silepse de pessoa;
e) silepse de número.

5. Qual é a figura de linguagem presente no seguinte fragmento: "Uma pessoa de cabeça desarrumada é assim: defende a pena de morte e o ensino gratuito nas universidades

públicas. É a favor do aborto e se diz católico. Votou Lula em 2002 e José Serra em 2004. È contra as cotas nas universidades e milita numa ONG de defesa da Mata Atlântica"?

a) Antítese.

b) Metáfora.

c) Paradoxo.

d) Metonímia.

e) Hipérbole.

6. (TRE – NCE) "Que paz? Não foram esses mesmos adoráveis senhores que decapitaram ou mandaram decapitar seus próprios companheiros de comunidade durante as recentes rebeliões?" – "Não foram esses mesmos adoráveis senhores..." Neste segmento, ocorre um exemplo de uma figura denominada:

a) metáfora;

b) metonímia;

c) ironia;

d) eufemismo;

e) hipérbole.

7. (INPI – NCE) Embarcar, na sua origem, era empregado com referência a barco, mas no texto aparece com referência a avião. O item abaixo em que a palavra sublinhada também mostra desvio do sentido original é:

a) O avião vai <u>decolar</u> com o porco a bordo.

b) O porco chegou a <u>enterrar</u> as patas na comida.

c) Os passageiros "<u>humanos</u>" estranharam o fato.

d) A <u>poltrona</u> ficou estragada por causa do peso do porco.

e) A investigação do <u>incidente</u> vai demorar.

8. (IBGE – NCE) Em "Vossa Senhoria parece preocupado com o furto da máquina de escrever", há uma figura conhecida por:

a) metáfora;

b) silepse de gênero;

c) silepse de número;

d) silepse de pessoa;

e) catacrese.

A expressão surgiu em Minas Gerais, nos tempos do Brasil colonial e designa o sujeito sonso, fingido. Naquela época, auge da mineração, eram elevadíssimos os impostos cobrados pelo rei de Portugal, nosso avozinho, tão bonzinho...

9. (CFC – NCE) "nosso avozinho, tão bonzinho"; no contexto em que aparecem, esses segmentos são exemplos de:

a) metáfora;
b) ironia;
c) hipérbole;
d) eufemismo;
e) comparação.

10. (TJ-NCE) "Como pode ver na entrevista, ganhar dinheiro no Brasil é sopa". Nesta frase, aparece uma figura sintática e uma figura de palavra. Assinale a alternativa que identifique essas figuras.

a) Hipérbato e metáfora.
b) Silepse e metonímia.
c) Elipse e metonínia.
d) Elipse e metáfora.
e) Anacoluto e catacrese.

11. (Oficial de Justiça Avaliador – TJ – NCE) "E acoplado a ele vem a web, com sua cacofonia de informações, excessivas e desencontradas..." Cacofonia (neste segmento usado figuradamente) é "qualquer efeito desagradável ao ouvido em uma sequência de palavras" (Michaelis – *Moderno dicionário da língua portuguesa*, SP, Melhoramentos, 1998). O item abaixo que pode ser exemplo de cacofonia é:

a) A liberdade, como a concebo, não se confunde com o consumismo.
b) Uma das liberdades modernas é a de ir e vir.
c) A natureza humana se preocupa quando aparece algum perigo.
d) Quando não se pode desfrutar o luxo, começa-se a desdenhar dele.
e) A liberdade foi corrompida pela sociedade de consumo.

(ANTT – NCE)

O Professor Desfontaines está longe de desprezar as coisas efêmeras. E por isso me trouxe a frase de quatro pétalas, que guardei como flor ressequida em velho livro, e que o chofer lhe entregara.

12. "... e que o chofer lhe entregara". Esse segmento mostra uma ambiguidade que é sanada pela reescritura abaixo desse mesmo segmento:

a) E que lhe fora entregue pelo chofer.

b) E que lhe entregara o chofer.

c) Frase essa que o chofer lhe entregara.

d) Livro esse que o chofer lhe entregara.

e) Cujo chofer lhe entregara.

13. (PC – NCE) "... e o exemplo que escolheu para ilustrar SEU comentário". O item abaixo em que o uso do possessivo SEU gera ambiguidade é:

a) O publicitário fez comentários sobre SEU *outdoor*.

b) O cronista levou o cachorro em SEU automóvel.

c) O jornalista transportou as mercadorias em SEU horário de trabalho.

d) O secretário viu o professor do debate em SEU escritório.

e) O jornalista nada dizia sobre SEU texto.

Capítulo 29

Coesão e Coerência Textual

Ao observar um texto bem construído, bem definido, quando não há possibilidade de o leitor perder a sequência dos fatos, tampouco a relação entre os conjuntos, constata-se que há coesão. Qualquer elemento que faça a ligação entre os vários fragmentos do texto possui função coesiva. Enfim, essa conexão interna entre os vários enunciados do texto denomina-se coesão.

29.1. Coesão sequencial

É a coesão normalmente feita por conjunções, ligando termos, orações ou períodos, estabelecendo entre eles uma relação de sentido. Quando uma oração é introduzida pela conjunção TODAVIA, já se sabe que o fragmento está em oposição a algo citado anteriormente. Ao observar a presença da conjunção ENQUANTO, já se imagina que dois fatos estão acontecendo simultaneamente. A ocorrência do conector PORQUE sugere que a ideia introduzida indicará uma causa para um fato anteriormente relatado. Já o conector ENTÃO indica que a oração em que ocorre é uma conclusão para algo citado anteriormente.

Ex.: Chovia muito, todavia fui à praia.

Enquanto eu falava, ela dormia.

Voltei cedo para casa, porque estava cansado.

Ele não chegou, então deve estar parado no trânsito.

29.2. Coesão referencial

É a conexão feita através de termos (normalmente os pronomes) que fazem referência a elementos anteriormente citados no texto.

Ex.: Lula, Pelé e Xuxa são extremamente famosos. Esse foi o principal jogador de futebol de todos os tempos, aquele é o atual Presidente do Brasil e esta, apresentadora de programas infantis.

Observe que os pronomes demonstrativos Esse (referente a Pelé), aquele (a Lula) e esta (a Xuxa) ligam o segundo período ao anterior.

Adeus, nepotes (Luiz Garcia, *O Globo*, 25/10/2005)

De vez em quando, uma boa notícia: a sentença de morte para o nepotismo no Judiciário, por exemplo. A decisão do Conselho Nacional de Justiça, anunciada terça-feira, não abre exceções: é proibido a juízes de todas as instâncias e a chefes de seções e departamentos a nomeação de parentes até terceiro grau.

Também está vedado o velho golpe do nepotismo cruzado: você nomeia o meu e eu nomeio o seu.

O Ministério Público vai pelo mesmo caminho. Enquanto isso, aqui no Estado do Rio já está em vigor emenda constitucional que proíbe dar um jeito na vida de cônjuge, companheiro e parente até terceiro grau: pai, mãe, avós, filhos, netos, bisnetos, tios, sobrinhos, primos e até sogros e cunhados. E vale para Executivo, Legislativo e Judiciário, sem esquecer Ministério Público e Tribunal de Contas.

Não acabou: o projeto de lei que corre no Congresso, também rigoroso e abrangente, tem chances de ser aprovado até o fim do ano. Pelo menos foi o que previu outro dia, quase prometendo, o deputado Aldo Rebelo.

> Portanto, há sinais suficientes de que pode ir longe a *blitz* contra os nepotes. Assim se chamavam sobrinhos de papas, nomeados conselheiros do Vaticano, num tempo, muito antigo, lá onde o Renascimento fazia a curva, em que — diziam pessoas de má-fé (ou de nenhuma fé) — papas tinham sobrinhos que muitas vezes eram a cara dos tios.

Comentários sobre o texto: na linha 2, o termo "a decisão" refere-se ao fim do nepotismo (l. 1/2); no início do segundo parágrafo, o termo "também" indica que o fato a ser anunciado é acrescido ao evento anterior já anunciado. Repare que os pronomes "você", "meu", "eu" e "seu", além de denunciarem a coesão efetiva entre os seres, designam a relação eu-meu e você-seu invertida. No início do terceiro parágrafo, a expressão "mesmo caminho" é referente também ao fim do nepotismo. Depois o elemento "E vale" sugere que Executivo, Legislativo e Judiciário, sem esquecer Ministério Público e Tribunal de Contas, também serão enquadrados na emenda constitucional. O quarto parágrafo, ao iniciar-se com "Não acabou", já sugere que o fato anterior abrangerá outros órgãos. O último parágrafo é iniciado através da conjunção conclusiva PORTANTO, indicando que o texto já ofereceu elementos suficientes para iniciar-se a conclusão. O termo "Assim" refere-se a "nepotes". Por fim, o termo "tios" está relacionado, ironicamente, aos "papas". Vê-se, então, que o texto possui vários elementos que têm como função ligar unidades, encadeando-as, criando uma sequência lógica.

29.3. Coerência textual

É a ocorrência de um texto que, além de apresentar-se coeso, há de fazer sentido. Um texto pode ser coeso sem ser coerente, mas nunca poderá ser coerente sem ser coeso. O autor de um texto pode fazer uso de elementos coesivos, contudo o texto pode não possuir sentido. O estudo de coerência prevê a ocorrência de uma linha de raciocínio, lógica no

pensamento, harmonia entre fatos e, principalmente, não pode haver contradição.

Ex.: Lula, Pelé e Xuxa são extremamente famosos. Esse foi jogador de futebol, aquele é o atual Presidente do Brasil e esta é muito bonita.

? Observe que o texto é coeso, pois, tal qual no exemplo anterior, utilizam-se pronomes demonstrativos para ligar a segunda frase à primeira. No entanto, o texto não é coerente, porquanto não houve a manutenção de uma linha de raciocínio. Enquanto os dois primeiros foram apresentados pela profissão, a referência à última diz respeito não à sua profissão, mas à beleza física.

BIZU

A Esaf já fez muitas provas em que era exigido do candidato a montagem ou a continuação do texto. É recomendável no caso usar primeiramente a coesão e depois a coerência. Nas questões de montagem de textos, o passo prévio é observar se há, nos tópicos, elementos remissivos (termos que façam referência a expressões anteriores). Caso isso ocorra, o tópico não pode iniciar o texto. Por exemplo: se você se deparar com o tópico "Entretanto, não houve tempo para resolver o problema", já se pode ter a certeza de que não pode estar no início do texto, já que a conjunção ENTRETANTO indica uma oposição a algo outrora aludido. Caso se posicione no princípio, vai opor-se a quê? Também o tópico "Eles não indicaram a saída" não pode postar-se no início do verbete, uma vez que o pronome pessoal ELES refere-se a pessoas já mencionadas. Outra estrutura que não pode localizar-se no início é: "Não conseguiram demonstrá-la". Aí ocorrem dois fatos que obstam o posicionamento inicial: o verbo na terceira plural

referindo-se a pessoas já apresentadas no texto, e o pronome oblíquo A em DEMONSTRÁ-LA, que indica a ocorrência de elemento feminino e singular antecedente. A partir de então, você deve partir para as alternativas. Há questões que, ao se vislumbrar o primeiro tópico, já se chega à resposta.

29.4. Exercícios com gabarito comentado

1. (Auditor do Tribunal de Contas do Estado do Paraná) Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os de forma a comporem um texto coeso e coerente e assinale a opção correta.

( ) Cada um desses casos analisados tem suas peculiaridades próprias dentro de um Brasil que se configura como um continente, com realidades bastante distintas entre si.

( ) Anteviu o grande jurista o importante papel a ser reservado a esses tribunais, aliadas que estariam a seus integrantes, a competência técnica, a imparcialidade profissional e a sensibilidade social, no trabalho de cunho educativo, orientado em seminários.

( ) Surgiram as Cortes de Contas do Brasil pela inspiração de Rui Barbosa, cujo sesquicentenário comemorou-se em 1999.

( ) O exame exaustivo de processos, que consome horas de leitura, análise e reflexão sobre o caso, é tantas vezes incomodado pela celeridade com que se cobra o seu pronunciamento – uma exigência que muitas vezes não se justifica, já que os pareceres emitidos pelas Cortes de Contas não se amoldam a modelos estereótipos que obedeçam ao resultado do sempre-igual de equações matemáticas.

( ) Atuam eles de maneira construtiva, sem se eximirem, quando pertinente, de indicar as irregularidades que encontram no exercício de sua atividade de fiscalização.

(Itens adaptados de Ubiratan Aguiar, XX Congresso dos Tribunais de Contas do Brasil, Sessão Solene de Abertura, 12/10/1999 – www.tcu.gov.br)

a) 4 – 5 – 3 – 2 – 1

b) 5 – 2 – 1 – 4 – 3

c) 3 – 1 – 2 – 5 – 4

d) 3 – 4 – 5 – 1 – 2

e) 1 – 4 – 5 – 3 – 2

Resposta: Alternativa B.

Observe que o primeiro tópico não pode dar início ao texto, já que a expressão "Cada um desses casos analisados" indica que já foram mencionados anteriormente "esses casos analisados".
O segundo tópico também não poderá iniciá-lo, pois a expressão "Anteviu o grande jurista" sugere que este jurista já fora citado.
O terceiro não possui elementos remissivos, podendo iniciar o texto.
O quarto tópico não pode introduzir o texto, porquanto a expressão "análise e reflexão sobre o caso" indica que um caso já fora relatado.
O último tópico também não pode dar início, visto que o pronome "eles" refere-se a seres já aludidos.
Então, somente o terceiro tópico poderá iniciar o texto. Dentre as opções, só há uma indicando esse posicionamento: a alternativa B.

2. (TRF – 2003) Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e, em seguida, assinale a sequência correspondente.
( ) As operações de compra de imóveis pelas *off shores* também estão sendo monitoradas pela Receita. Os dados serão comparados com as declarações de Imposto de Renda dos residentes no Brasil e até com o cadastro de imóveis das prefeituras.
( ) Sem identificação dos donos, cujos nomes são mantidos em sigilo pela legislação dos países onde estão registradas, muitas dessas empresas fazem negócios no Brasil, como a participação em empreendimentos comerciais ou industriais, compra e aluguel de imóveis.
( ) Além de não saber quem são os proprietários dessas *off shores*, pois não há mecanismos legais que permitem acesso aos verdadeiros donos, o governo também não tem conhecimento da origem desse dinheiro aplicado no País, sem o recolhimento dos impostos devidos.
( ) A Receita Federal está fechando o cerco contra as empresas estrangeiras sediadas em paraísos fiscais que atuam no Brasil, conhecidas como *off shores*.
( ) Para reduzir essa evasão fiscal, a Receita está identificando as pessoas físicas que alugam imóveis de luxo pertencentes a pessoas jurídicas ou mesmo físicas que atuam em paraísos fiscais. Toda remessa de aluguel é tributada.
(Adaptado de Ana D'Angelo, Andrea Cordeiro e Vicente Nunes, *Correio Braziliense*, 8/9/2003.)
a) 1, 2, 4, 3, 5
b) 2, 3, 5, 4, 1
c) 5, 2, 3, 1, 4
d) 1, 5, 4, 3, 2

e) 3, 2, 1, 5, 4

O primeiro tópico não pode dar início ao texto, pois o elemento "também" indica que esse fato está sendo acrescido a eventos anteriores.

O segundo tópico também não poderá iniciá-lo, pois a expressão "Sem identificação dos donos" indica que esses seres são donos de algo já citado.

O terceiro tópico também não pode dar início ao texto, pois a oração "Além de não saber quem são os proprietários dessas ***off shores***" sugere que as ***off shores*** já foram anteriormente mencionadas.

O quarto tópico pode iniciar o texto, já que não há qualquer elemento que faça a remissão a termos anteriores.

A oração "Para reduzir essa evasão fiscal" indica que a ocorrência fiscal já fora relatada em fragmento anterior do texto, não podendo, portanto, iniciá-lo.

Então, como somente o quarto tópico pode iniciar o texto, e só há uma opção (C) indicando isso, será a resposta.

(Técnico da Receita Federal – TRF – Esaf)

3. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e, em seguida, assinale a sequência correspondente.

( ) Em geral, esta firma é constituída apenas para atuar como subsidiária da estrangeira, intermediando seus negócios. Caso a empresa compre imóvel no Brasil, tem que haver registro, tem que existir um responsável, com CPF, o que permite o controle.

( ) O investidor estrangeiro entra no Brasil via Bolsa de Valores, fundos de investimentos ou como sócio de uma empresa brasileira.

( ) O secretário da Receita admite, no entanto, que não há mecanismos para controlar a atuação de brasileiros que mandam dinheiro ilícito para os paraísos fiscais e o repatriam por meio de negócios realizados em nome das *off shores*.

( ) E também a contabilidade da empresa, em tais países, não precisa ser auditada. Os donos dos recursos podem movimentar dinheiro ou constituir empresas por vários meios que omitem seus nomes, como o sistema de ações ao portador.

( ) Esses países conhecidos como paraísos fiscais têm como principais atrativos a legislação tributária branda, com direito até a isenção de impostos, e garantia de sigilo bancário, comercial e societário.

(Adaptado de Ana D'Angelo, Andrea Cordeiro e Vicente Nunes, *Correio Braziliense*, 8/9/2003.)

a) 1, 2, 4, 3, 5

b) 2, 1, 3, 5, 4

c) 3, 2, 1, 5, 4

d) 1, 5, 4, 3, 2
e) 5, 2, 3, 1, 4
O primeiro tópico inicia-se com "esta firma", o que já denuncia que a firma já fora citada; portanto não poderá iniciar o texto.
O segundo tópico não tem elemento que mencione passagens anteriores, portanto pode iniciar o texto.
A conjunção NO ENTANTO sugere que o terceiro tópico se opõe a algo já aludido.
O fragmento "E também a contabilidade da empresa, em tais países" possui vários elementos que denunciam ser este tópico uma continuidade, como a conjunção E que indica que a ideia introduzida está sendo adicionada a algo já relatado. Depois o pronome demonstrativo "tais" denunciando que os países já foram mencionados.
O último tópico é iniciado por "Esses países", o que já deixa claro que os países já foram anteriormente relatados.
Como somente o segundo tópico pode iniciar o texto, já se chega à resposta. (B)

4. (AFRF – Esaf) Os trechos a seguir foram adaptados de um texto de Gilson Schwartz, mas estão desordenados. Numere-os de forma que constituam um texto coeso e coerente e assinale a opção correta correspondente.
( ) No caso do Brasil, que já tem fundos setoriais em apoio ao desenvolvimento tecnológico, resta saber como será a distribuição desses recursos e que impacto terão no sistema econômico.
( ) Entretanto, criar a cultura organizacional necessária nessas redes para que os recursos e as políticas públicas tenham mais eficácia não é algo trivial.
( ) As pesquisas que se fazem internacionalmente sugerem que o segredo do desenvolvimento com base na inovação tecnológica está menos no volume de recursos e mais na qualidade das redes que se formam para recebê-los.
( ) Claro que a existência desses recursos para investir é condição necessária, mas não é suficiente. As políticas públicas brasileiras teriam, provavelmente, mais chance de êxito se incluíssem entre os seus objetivos a própria mudança cultural e comportamental das suas organizações.
( ) Exige, por exemplo, a formação de grupos articulados de cooperação para produção de conhecimento, ou seja, sistemas incompatíveis com as práticas institucionais e empresariais.
a) 3, 4, 1, 5, 2
b) 2, 5, 4, 3, 1
c) 4, 2, 1, 5, 3
d) 3, 4, 2, 1, 5

e) 5, 1, 3, 2, 4

O primeiro tópico não pode estar iniciando o texto, porque a expressão "No caso do Brasil" indica que o caso já foi citado em outros lugares ou de forma generalizada.

A conjunção ENTRETANTO no início do segundo tópico já descarta qualquer possibilidade de iniciar o texto.

O terceiro tópico não possui elementos remissivos, podendo iniciar o texto.

Como no princípio do quarto tópico aparece o termo "desses recursos", já ocorre a indicação de que os recursos já foram citadas em passagens anteriores.

A expressão "Exige, por exemplo," indica que algo anteriormente citado servirá de elemento a ser exemplificado.

Sendo assim, há duas possibilidades de resposta: A e C. A sequência da opção C (3º tópico – 2º tópico) é melhor do que da A (3º tópico – 5º tópico), visto que o fragmento "Entretanto criar a cultura organizacional nessas redes", citado no segundo tópico, indica que as redes já deveriam ter sidos citadas, o que efetivamente ocorre no terceiro tópico (menos no volume de recursos e mais na qualidade das redes que se formam para recebê-los).

5. (Auditor Fiscal da Receita Estadual – RN – Esaf) Os fragmentos abaixo compõem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os para que constituam um texto coeso e coerente e indique a opção que apresenta a sequência correta.

A – Mas é necessário ressaltar que juízes e tribunais com essa configuração, ou seja, real e efetivamente independentes, somente existem nos países em que vigora o Estado Democrático de Direito.

B – O Judiciário tem a função de promover a paz social, restabelecendo a ordem e até mesmo punindo os infratores, independentemente da camada social a que pertençam.

C – Essas prerrogativas, isso é, as garantias da magistratura, não constituem privilégio pessoal do magistrado, mas direito do cidadão.

D – E é exatamente por isto que os órgãos do Judiciário, os tribunais e os magistrados devem gozar de prerrogativas para o exercício dessa missão, sob pena de somente poderem exercê-la em relação aos pobres e às pessoas que não tenham qualquer influência político-social.

E – Evidentemente esse cidadão, que eventualmente tenha um direito violado, somente terá proclamada a justiça a seu favor se houver juízes e tribunais independentes, isentos da possibilidade de interferências e pressões indevidas de quem quer que seja.

a) A, C, D, E, B

b) B, D, C, E, A

c) C, B, E, A, D

d) D, A, B, C, E

e) B, E, C, D, A

O primeiro tópico não pode iniciar o texto, em virtude de a conjunção MAS sugerir adversidade a algo já ocorrido.

O segundo tópico, não possuindo elementos citados, remissivos a passagens anteriores, pode dar início ao texto.

A expressão "Essas prerrogativas" no início do terceiro tópico já indica que as expressões já foram mencionadas.

O fragmento "E é exatamente por isto", no início do quarto tópico, possui dois elementos coesivos: a conjunção "E", denunciando haver uma adição entre a ideia que está sendo introduzida e ideias anteriores e o termo "por isto", indicando que um evento anterior é causa para o que se propõe no tópico.

No último tópico, o termo "Esse cidadão" sugere que o cidadão já fora citado.

Então somente o segundo tópico poderá dar início ao texto, excluindo, por conseguinte, as opções A, C e D. Na opção E, a sequência dos tópicos é B-E. No início do tópico E, o termo ESSE CIDADÃO sugere que o cidadão já deveria ter sido citado, o que não ocorre no tópico B. Então a opção E está excluída. Já a sequência B-D é perfeita. Observe que "por isto" (tópico D) faz referência à função de promover a paz social que o Judiciário possui (tópico B). Depois o termo "dessa missão" (tópico D) também é referente à função (tópico B). Por isso, a resposta é a opção B.

6. (Analista de Finanças e Controle – Esaf) Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão fora da sequência correta. Ordene-os de forma a comporem um texto que respeita a progressão das ideias, a coesão e a coerência do texto. Assinale, a seguir, a opção correta.

( ) O Ministro da Fazenda argumentou que não há como abrir mão da atual carga de tributos enquanto o país tiver de investir em projetos sociais e manter em ordem seus compromissos fiscais.

( ) Além disso, é preciso que o governo federal demonstre capacidade política para levar adiante uma verdadeira reforma tributária, que simplifique e racionalize o atual sistema.

( ) Podem ser adotadas medidas, no entanto, que auxiliem na redução da carga tributária e no aumento de eficiência das políticas públicas, tais como cortes de despesas correntes e melhora na qualidade dos gastos sociais.

( ) A despeito das crescentes críticas de diversos setores da sociedade à elevação da carga tributária, o governo reafirmou que não irá diminuir o peso dos impostos no curto prazo.

( ) É preciso que os recursos empregados pelo governo em saúde, educação, auxílio-desemprego e outros benefícios sociais cheguem aos destinatários sem as perdas que a burocracia estatal hoje impõe.

(Adaptado do editorial "Cortar despesas", *Folha de S. Paulo*, 13/3/2005.)

a) 4 – 5 – 3 – 2 – 1

b) 5 – 4 – 3 – 1 – 2

c) 2 – 5 – 3 – 1 – 4

d) 1 – 3 – 2 – 4 – 5

e) 3 – 5 – 1 – 4 – 2

O primeiro tópico não pode iniciar o texto, visto que a estrutura "O Ministro da Fazenda argumentou" indica que a tese já fora mencionada anteriormente.

O segundo tópico também não poderá iniciar o texto, pois o termo "Além disso" sugere que este fragmento estará sendo acrescido a algo anteriormente aludido.

No terceiro tópico, a presença de "No entanto" denuncia a adversidade a algo já relatado.

O quarto tópico não faz referência a elementos citados em outros fragmentos textuais, portanto pode dar início ao texto.

O quinto tópico também pode dar início ao texto, pois não possui elementos remissivos.

Ficam excluídas as opções D e E.

A opção A indica a sequência último-penúltimo recortes. Observe que o texto não fica coeso tampouco coerente. "É preciso que os recursos empregados pelo governo em saúde, educação, auxílio-desemprego e outros benefícios sociais cheguem aos destinatários sem as perdas que a burocracia estatal hoje impõe. A despeito das crescentes críticas de diversos setores da sociedade à elevação da carga tributária, o governo reafirmou que não irá diminuir o peso dos impostos no curto prazo". O primeiro período fala sobre as necessidades de se fazer chegarem ao destinatário recursos sem perdas burocráticas. O segundo período, sem qualquer ligação com o primeiro, já muda o enfoque completamente, expressando as críticas que a sociedade faz à elevação da carga tributária. A opção B inverte a relação dos dois tópicos anteriormente citados na opção A, ou seja, indica a sequência penúltimo-último. "A despeito das crescentes críticas de diversos setores da sociedade à elevação da carga tributária, o governo reafirmou que não irá diminuir o peso dos impostos no curto prazo. É preciso que os recursos empregados pelo governo em saúde, educação, auxílio-desemprego e outros benefícios sociais cheguem aos destinatários sem as perdas que a burocracia estatal hoje impõe". O texto continua incoerente, pois o primeiro tópico somente indica a crítica da sociedade à alta carga tributária e o segundo, sem coesão com o primeiro, já fala sobre a necessidade de os recursos chegarem a seus destinatários. A resposta é a opção C. A opção C indica a sequência penúltimo-primeiro tópicos, constituindo-se assim: "A despeito das crescentes críticas de diversos setores da

sociedade à elevação da carga tributária, o governo reafirmou que não irá diminuir o peso dos impostos no curto prazo. O Ministro da Fazenda argumentou que não há como abrir mão da atual carga de tributos enquanto o país tiver de investir em projetos sociais e manter em ordem seus compromissos fiscais". Observe como o texto fica coeso e coerente. O quarto tópico indica que a sociedade critica a alta carga tributária e que o governo não irá diminuir o peso dos impostos no curto prazo. O primeiro tópico esclarece o porquê de não diminuir o valor dos impostos. A resposta é a opção C.

7. (AFRF – Esaf) Marque, em cada item, o período que inicia o respectivo texto de forma coesa e coerente. Depois, escolha a sequência correta.

(Itens baseados em Emir Sader)

I

O abandono da tematização do capitalismo, do imperialismo, das relações centro-periferia, de conceitos como exploração, alienação, dominação, abriu caminho para o triunfo do liberalismo.

(X) O socialismo, em consequência desses fatores, desapareceu do horizonte histórico, em virtude de ter ganho atualidade política com a vitória da Revolução Soviética de 1917.

(Y) O triunfo do neoliberalismo se consolidou quando o pensamento social passou a ser dominado por teses conservadoras.

II

Compravam um passaporte para o camarote dos vencedores. Mas, como "há uma dignidade que o vencedor não pode alcançar", como dizia Borges, o que ganharam em prestígio perderam em capacidade de análise.

(X) Os que abandonaram Marx com soltura de corpo e com alívio, como se se desvencilhassem de um peso, na verdade não trocavam um autor por outro, mas uma classe por outra.

(Y) Eles substituíram a exploração de classes e de países pela temática do totalitarismo, aperfeiçoando suas análises políticas ao vinculá-las à dimensão social.

III

No mundo contemporâneo, tais modos nos permitem compreender a etapa atual do capitalismo, em sua fase de hegemonia política norte-americana.

(X) Para atender a atualidade, são necessários modos de compreensão férteis, capazes de dar conta das relações entre a objetividade e a subjetividade, entre os homens como produtores e como produtos da história.

(Y) Trata-se de uma compreensão míope, que ignora componentes essenciais ao fenômeno do capitalismo que estamos vivendo.

IV

Quem pode entender a política militarista dos EUA e do seu complexo militar-industrial sem a atualização da noção de imperialismo?

(X) Quem pode entender hoje a crise econômica internacional fora dos esquemas da superprodução, essencial ao capitalismo?

(Y) Portanto, é a unipolaridade vigente há uma década que busca impor a dicotomia livre mercado/protecionismo.

V

Nunca as relações mercantis tiveram tanta universalidade, seja dentro de cada país, seja nas novas fronteiras do capitalismo.

(X) O capitalismo dá mostras de enfrentar forte declínio, que leva os especialistas a preverem profunda fragmentação na ordem econômica interna de cada nação.

(Y) Assiste-se ao capitalismo em plena fase imperialista consolidada, em que as formas de dominação se multiplicam.

a) X,X,Y,Y,X

b) Y,X,X,X,Y

c) Y,Y,X,X,Y

d) X,Y,Y,X,Y

e) X,Y,Y,X,X

Esta questão exige que o candidato leia o enunciado com bastante calma e perceba haver a solicitação tão somente do início do texto em cada item, ou seja, não pode haver em X ou Y elementos remissivos. Por exemplo, no item 1, o fragmento "Em consequência desses fatores" indica que os fatores já deveriam ter sido citadas anteriormente. Então, o item 1 só pode ser iniciado por Y. Sobraram apenas as opções B e C. No item 2, X não apresenta elementos remissivos, podendo iniciar o texto. Já Y é introduzido "Eles substituíram", indicando que o pronome ELES refere-se a elementos que teoricamente já deveriam ter sido mencionados. O segundo item é X. Portanto, já se chega à resposta. Opção B.

Capítulo 30

Teoria Argumentativa

Amigo leitor, é inegável que o trabalho de interpretação requer um pouco de intuição e de experiência pessoal, mormente o hábito da leitura. Se não o tens, que passes a tê-lo. No entanto, além do aspecto instintivo e da bagagem cultural, há algumas técnicas de interpretação fundamentais para quem deseja fazer uma boa prova de concurso público. Este capítulo trabalhará, de forma resumida e objetiva, as técnicas cabíveis para que o candidato chegue à resposta correta nas questões de concursos públicos. Deixo bem claro aqui que não pretendo me alongar em demasia quanto aos elementos teóricos, mas passar somente as informações mais importantes para o candidato acertar questões deste assunto (considerado verdadeiro tabu, com respostas que às vezes os mais despreparados acham ininteligíveis) em concursos públicos. O primeiro passo é retornar ao capítulo de conjunções e lê-lo com todo carinho, refazer os exercícios etc. Depois, dar uma passada pelas preposições, observar as relações causa-efeito em conjunções e preposições. Após é interessante rever a semântica de verbos, os valores de prefixos e sufixos, os homônimos e parônimos, latinismos, restrição e explicação nas orações adjetivas... Não há mais hoje em dia como se falar em interpretação sem falar em gramática, tal qual não há como se falar em gramática sem falar em interpretação. As questões de gramática são contextualizadas.

30.1. Denotação

Vocabulário utilizado no sentido oficial – valor que se encontra registrado nos dicionários.

30.2. Conotação

Vocabulário utilizado no sentido figurado, contextual – valor que não se encontra registrado nos dicionários.

Obs.: Os dicionários registram várias acepções que as palavras denotam. Porém, quando os vocábulos carregam valores outros que recebem das estruturas textuais, indica-se a ocorrência da conotação.

Ex.: Estou com fome e degustarei um abacaxi.

? O vocábulo "abacaxi" está no sentido denotativo, oficial, representando a fruta.

Ex.: A denúncia de corrupção é um abacaxi para o governo.

? O termo "abacaxi" está sendo utilizado no sentido figurado, significando "problema".

Ex.: A medicina aos poucos está superando o câncer.

? "Câncer" está no sentido denotativo e oficial que se encontra registrado nos dicionários.

Ex.: A classe política é um câncer para o nosso país.

? "Câncer está no sentido conotativo, não significando oficialmente a doença.

30.3. Descrição

Texto ou fragmento de texto que tem por fim formar a imagem de um ser, de um objeto, de um lugar ou uma ambiente em um determinado momento. É fundamental perceber que a descrição não indica uma sequência temporal. Pelo contrário, na descrição de uma situação, os fatos ocorrem

simultaneamente, podendo-se, inclusive, inverter a ordem dos eventos. Compara-se a descrição à fotografia.

Ex: O professor tem aproximadamente quarenta anos, um metro e oitenta, noventa quilos, cabelos castanhos e ralos, barba espessa e usa óculos.

Enquanto o professor explicava a matéria, os alunos das primeiras fileiras prestavam atenção. Já os das fileiras intermediárias dormiam e os das fileiras do fundo jogavam bolinhas de papel uns nos outros.

? Observe que, nos dois exemplos, procurou-se fazer uma descrição. No primeiro caso, de uma pessoa; no segundo, de um ambiente. Repare que, neste, a ordem dos fatos poderia ser invertida, pois os eventos são concomitantes. "Enquanto o professor explicava a matéria, os alunos das fileiras do fundo jogavam bolinhas de papel uns nos outros. Já os das fileiras intermediárias dormiam e os das primeiras fileiras prestavam atenção."

"A sala era pequena e de telha vã. Pelas paredes, velhos cromos de folhinhas, registros de santos, recortes de ilustrações de jornais baralhavam-se e subiam por elas até dous terços da altura. Ao lado de uma Nossa Senhora da Penha, havia um retrato de Vitor Emanuel – uma cabeça de mulher em posição de sonho – parecia olhar um São João Batista ao lado. No alto da porta que levava ao interior da casa, uma lamparina, numa cantoneira, enchia de fuligem a Conceição de louça" (Lima Barreto).

? A intenção deste fragmento de texto é formar a imagem da sala, desde o seu tamanho até os elementos que a compõem.

30.4. Narração

Texto ou fragmento de texto que tem por fim relatar uma sequência de fatos ou ações. Ao contrário da descrição – onde os fatos ocorrem simultaneamente –, a narração sugere eventos acontecendo em sucessão. Compara-se a um filme.

Ex.: "Os aimorés haviam reiniciado a luta, cada vez mais sequiosos de vingança. Os selvagens, não querendo que ninguém se salvasse, principalmente Pery, abateram uma árvore que era um ponto de comunicação praticável entre a residência de D. Antônio de Mariz e a cabana do índio.

Ao primeiro golpe do machado de pedra sobre o tronco, Pery estremeceu e ia despedaçar a cabeça do inimigo com a clavina; conteve-se, porém, e acabou de torcer uma corda com os filamentos de uma das palmeiras que serviam de esteio à sua cabana. A árvore, afinal, caiu e os aimorés, mais tranquilos, continuavam os preparativos para o combate final que contavam dar durante a madrugada" (José de Alencar).

Este fragmento de texto narra sequencialmente os fatos que se sucederam. Uma fotografia não indicaria todo o ocorrido. Haveria a necessidade de um filme para demonstrar a sucessão de acontecimentos: Pery estremeceu; depois foi despedaçar a cabeça do inimigo; posteriormente se conteve; finalmente, torceu uma corda.

Obs.: Também é importante esclarecer que o texto é considerado narrativo quando o autor mencionar dizeres de terceiros. O dizer é também uma ação. Da mesma maneira que se entende como narração o fato de acordar, levantar, escovar os dentes, beber um café, vestir-se e sair para trabalhar, também se compreende como narração o fato de um autor informar o que terceiros dizem, informam, esclarecem, citam etc.

Um pouco de bom-senso sempre ajuda

(Augusto Nunes – 28/10/2005 – com adaptações.)

Em Mato Grosso, a febre aftosa provoca o extermínio de milhares de cabeças de gado. Em Portugal, ao lado de Marisa Letícia, o Presidente Lula diz que está tudo dominado. Na fronteira com o Paraguai, técnicos do Ministério da Agricultura confirmam o aparecimento de novos focos da doença.

> Na Espanha, Lula declara que o problema, restrito a um único rebanho, já foi resolvido.
> De volta ao Brasil, esbanjou felicidade. "Nós precisamos viajar o mundo e ir conhecendo as pessoas", ensinou em lulês na quinta-feira. Qualificou de "excepcionais" os resultados do giro europeu.
> "Nada é mais prazeroso para um ser humano do que deitar todo santo dia com a cabeça no travesseiro e dizer: hoje valeu a pena governar este país", aplaudiu-se. Contratempos sempre haverá. "Não acredito em nenhum país que não tenha problema", disse em Moscou. "Se não tivesse problema, não tinha política, tudo se resolvia num convento."

Observe que o autor do texto narra, de forma irônica, os dizeres do Presidente Lula. Este fragmento é predominantemente narrativo.

30.5. Dissertação

Texto que se caracteriza pela interpretação e análise da realidade por meio de conceitos abstratos. Difere-se aí da descrição e da narração, visto que nestes há a predominância de elementos concretos. Na dissertação, não há a preocupação com a formação da imagem de um objeto, de um ser ou de uma situação, tampouco indica-se a sequência de ações. Neste tipo de verbete, o esperado é uma tomada de posição do autor em relação a um assunto e os meios utilizados para a defesa dessa posição. Enfim, a dissertação pressupõe a indicação de uma opinião (tese) acerca do tema proposto e os recursos (argumentos) para apoiar a opinião.

30.6. Tese

É a opinião do autor do texto sobre um determinado assunto. Existem as teses abrangentes e as específicas. As teses abrangentes normalmente – é fundamental o leitor compreender o uso do vocabulário "normalmente" e

não "sempre"; trata-se aqui de estudo de língua, e não de ciência exata – posicionam-se no parágrafo introdutório (onde se expõe a opinião geral – tópico frasal – do autor e a subdivisão dos tópicos apresentados) e no último parágrafo (quando se retoma a introdução e faz-se o fechamento) dos textos dissertativos. Como o texto há de ser coeso, os parágrafos do desenvolvimento devem se remeter ao introdutório e reapresentar os tópicos expostos. Então, por exemplo, no segundo parágrafo, o primeiro tópico exibido na introdução deverá ser reapresentado e após será iniciada a argumentação. Como cada parágrafo do desenvolvimento deve ser uma análise de cada tópico apresentado, pode-se entender que os tópicos indicarão as subdivisões da introdução abrangente. Daí denominá-la de específica, cabendo também outros nomes: individual, pequena, desdobramento de tese etc.

30.7. Argumento

É o meio utilizado para a defesa da tese. O argumento funciona como um meio de convencimento de que a opinião é cabível, consistente e coerente. Existem vários recursos de argumentação:

- **exemplos** – normalmente são fatos narrados que exemplificam, justificam ou esclarecem a tese apresentada. Tem-se uma opinião sobre determinado tema e apresenta-se um exemplo que comprove tal posicionamento;
- **dados estatísticos** – informações colhidas junto a órgãos de pesquisa capazes de dar fundamento a uma tese apresentada. O autor do texto demonstra seu posicionamento acerca de um assunto e, ao defendê-lo, utiliza-se de dados e elementos numéricos para o apoio a seu parecer;
- **analogias** – a tese é defendida através de comparações. Obviamente, para haver a coerência textual, a comparação terá de ser sempre favorável à opinião exposta pelo autor;

- **evidências –** a tese é defendida por uma certeza manifesta, por uma unidade cuja expressão não apresenta dúvida quanto à sua verdade ou quanto à sua falsidade;
- **informações de terceiros –** a tese é apoiada por informações de terceiros (normalmente algum especialista no assunto). É sempre importante lembrar que "informações de terceiros" são recursos narrativos de argumentação. Normalmente quando há no texto a referência a dizeres de autoridades no objeto tratado, as bancas questionam o motivo de tal. Dentre as opções, indicam que se sucede para dar importância ao assunto em voga. Essa explicação não é correta, pois a justificativa de esclarecer a procedência da informação é dar-lhe valor, autoridade, importância. Destarte, no caso, a importância é da informação que funciona como recurso de argumentação e não do tema desenvolvido.

O Brasil das cabeças desarrumadas

Elio Gaspari (*O Globo*)

O resultado do referendo fez um bem ao país. Instaurou o império das cabeças desarrumadas, e o Brasil precisa delas.

Uma pessoa de cabeça desarrumada é assim: defende a pena de morte e o ensino gratuito nas universidades públicas. É a favor do aborto e se diz católico. Votou Lula em 2002 e José Serra em 2004. É contra as cotas nas universidades e milita numa ONG de defesa da Mata Atlântica. Por desarrumada, essa cabeça pode pensar tudo ao contrário e não faz a menor diferença. A desarrumação determina e incentiva o debate. Opõe-se a um mundo de ideias ordenadas no qual a pessoa deve se preocupar em "pensar direito", entendendo-se que sempre haverá alguém explicando o que vem a ser "pensar direito".

Houve uma época em que a expressão "raciocinar em bloco" designava, com alguma ironia, inteligências ou culturas privilegiadas, sacerdotes do bem-pensar. Aceitando-se as virtudes do mestre, esperava-se sua opinião e ia-se atrás. Essa atitude tanto pode colocar uma pessoa na condição de

discípulo de um grande pensador como pode embalá-la na treva da ignorância. O segundo caso ocorre com maior frequência.

As cabeças arrumadas brasileiras, atraídas pela construção de modelos intelectuais harmônicos, dão pouca atenção ao funcionamento da sociedade. Preferem evitar o assunto. Alguns exemplos.

O bem-pensar urbano do Rio de Janeiro legislou que é proibido construir apartamentos com menos de 30 metros quadrados. Coisa de gente muito bem educada. Faltou dizer onde vai morar uma família que não tem dinheiro para essa metragem. Na favela, por certo. A discussão dessa lei de incentivo à favelização está fora do debate urbano carioca.

O bem-pensar tributário estabeleceu que os serviços de telefonia devem ser taxados com mão de ferro, pois vai-se tomar dinheiro do andar de cima para custear investimentos que atenderão ao de baixo. Deu no seguinte: o patrão fala com Paris de graça pelo *Skype* e a empregada paga R$ 5 por um telefonema de dez minutos para Bangu. Um imposto destinado a buscar justiça produz injustiça, mas o tema está fora da agenda dos teletecas.

O bem-pensar diplomático levou Lula a propor uma cruzada mundial contra a fome. Fez isso em Genebra, Paris e Nova York. Passados dois anos, contou que gostaria de arrumar recursos para combater a desnutrição da África, aumentando as taxas de embarque nos aeroportos brasileiros. Falta dizer aos usuários do Galeão que eles pagam uma das taxas mais altas do mundo, o dobro do que se cobra no Aeroporto Kennedy.

Num caso mais farisaico, tome-se o exemplo da legislação penal brasileira. Bem pensada, faz inveja a um advogado sueco. São muitos os doutores que fazem palestras pelo mundo descrevendo essa joia de modernidade. Jamais um ministro da Justiça contará que as maravilhas são parolas. O que vale mesmo é a lei da massa. O bandido que entra na prisão passa a uma nova instância judicial, a de seus pares. Maltratou a mãe? Morre. Estupro? Se não morrer, sofre o que fez. Respeito, só para os estelionatários.

No Brasil das cabeças desarrumadas cada tema poderá ser discutido e avaliado isoladamente. Muitas opiniões resultarão contraditórias, mas é esse exercício do juízo individual que enriquece o debate público.

Harmonia e nexo podem ser desejáveis, mas é preferível conviver com pessoas de cabeça desarrumada cujas opiniões não formam um nexo final do que aturar gente que tem muito nexo mas não se responsabiliza pelas opiniões que dá.

? Observe: o tópico frasal apresenta dois elementos a serem desenvolvidos: "Instaurou o império das cabeças desarrumadas, e o Brasil precisa delas". O segundo parágrafo reapresenta apenas o primeiro tópico da tese abrangente (a tese particular): "Uma pessoa de cabeça desarrumada é assim". A partir daí, o autor começa a utilizar o recurso da exemplificação para a defesa da pequena tese: "defende a pena de morte e o ensino gratuito nas universidades públicas. É a favor do aborto e se diz católico. Votou Lula em 2002 e José Serra em 2004. É contra as cotas nas universidades e milita numa Ong de defesa da Mata Atlântica".

? O sexto parágrafo retoma a segunda parte do tópico frasal da introdução "e o Brasil precisa delas."): "As cabeças arrumadas brasileiras, atraídas pela construção de modelos intelectuais harmônicos, dão pouca atenção ao funcionamento da sociedade. Preferem evitar o assunto". Observe que o próprio autor do texto indica que a tese está se findando, pois ao fim deste parágrafo, ele escreve "alguns exemplos:". Então, a partir daí até o antepenúltimo parágrafo, ocorrerão apenas exemplos para defender o fato de o Brasil precisar de cabeças desarrumadas. Os dois últimos parágrafos retomam o parágrafo introdutório sem a preocupação de oferecer outros argumentos, indicando tão somente a conclusão de tudo o que se defendeu.

A nova política (*Merval Pereira*)

O referendo sobre o desarmamento revelou, além da intensidade do sentimento negativo do eleitorado em relação à atuação do Poder Público, a vitalidade da chamada "sociedade global", fenômeno que caracteriza as sociedades modernas que, com os meios tecnológicos de que dispõem hoje, podem existir independentemente das instituições políticas e do sistema de comunicação de massa, segundo análise do sociólogo Manuel Castells, da Universidade Southern Califórnia, nos Estados Unidos, um dos seus principais teóricos.

Segundo ele, a crise de legitimidade política, caracterizada por um distanciamento crescente entre os cidadãos e seus representantes, faz com que a sociedade civil tente preencher o "vazio de representação", através de "mobilizações espontâneas usando sistemas autônomos de comunicação".

Internet e comunicação sem fio, como os telefones celulares, "proveem um espaço público como instrumento de organização e meio de debate, diálogo e decisões coletivas", ressalta Castells. A sociedade civil representada nesses debates, como aconteceu no referendo especialmente através da *Internet*, seria "um canal para a transformação do Estado".

Miguel Darcy de Oliveira, fundador da Comunitas, uma organização da sociedade civil de interesse público para o fortalecimento da sociedade civil e a promoção do desenvolvimento social no Brasil, acha que o debate sobre desarmamento revelou dois fenômenos convergentes: o poder da *Internet* como ambiente para a formação de opiniões, e a capacidade do cidadão de pensar pela própria cabeça, confrontar pontos de vista, deliberar e tomar posição.

Para Miguel Darcy, a importância da *Internet* está em ser "o espaço por excelência para a livre expressão e debate. Cada um expõe seu ponto de vista, muitas vezes numa linguagem bem mais simples e direta do que a usada em textos escritos. Abre-se assim fórum de ideias aberto à contribuição de múltiplos participantes. Uma opinião não tem mais peso ou autoridade do que uma outra. Não há instância de controle do que pode ou não ser dito, do que é ou não politicamente correto. O que conta é o debate que se instala e se irradia com grande velocidade". Ele ressalta que,

durante a campanha do referendo, o movimento na *Internet* cresceu de maneira espontânea e inesperada.

"Amigos e colegas trocaram *e-mails* sobre os pontos de vista em discussão. Idéias foram confrontadas numa grande conversação que começou no ambiente virtual e se prolongou nos espaços de trabalho, na família, na escola. Gente que habitualmente pensava do mesmo modo se via agora defendendo posições conflitantes. Apelos emocionais e argumentos simplistas foram questionados. Cada um se viu diante do desafio de elaborar, sustentar e, eventualmente, modificar sua opinião."

Apesar de a penetração da *Internet* ainda ser pequena no Brasil, sua capacidade de formação de opinião foi demonstrada durante a campanha do referendo, tornando-se um exemplo eloquente da emergência de um espaço público de debate e deliberação "que ninguém controla e que é altamente democrático". Assim como Castells, Miguel Darcy de Oliveira classifica a participação de muitos neste campo argumentativo como "a melhor resposta dos cidadãos à crise da velha política e sua contribuição à invenção de uma democracia que se alicerça numa sociedade civil e numa opinião pública participante".

O secretário municipal de Urbanismo do Rio, Alfredo Sirkis, diz que a vitória do "Não" no referendo não deve ser vista como da direita ou do conservadorismo. Ele diz que votou nulo, e classificou o referendo de "inócuo, demagógico, meramente midiático, um faz-de-conta, bem à moda brasileira, onde a vitória eventual do 'Sim' em nada mudaria a situação de violência fora do controle, nem contribuiria para o desarmamento em nada minimamente efetivo".

Um dos maiores desafios da esquerda é a questão da segurança e da violência, admite Sirkis. "Se não soubermos tratar disso, não teremos futuro. Foi a lição aprendida por Clinton e Blair, que protagonizaram as duas únicas experiências bem-sucedidas à esquerda (nos respectivos contextos) que garantiram seu sucesso e reeleição." Sem uma política clara em relação à segurança, Sirkis diz que a esquerda conseguirá "dentro de algum tempo,

aí sim, empurrar para a direita todo esse imenso contingente que votou 'Não'".

Já o cientista político Bolívar Lamounier acha que o resultado do plebiscito certamente vai deixar muitas almas boas chocadas e quiçá desiludidas com o recurso à chamada "democracia direta", muito usada principalmente por governos populistas, como o de Chávez, na Venezuela. Não é à toa que o Presidente Lula chegou a pensar em colocar seu governo a julgamento público junto com o referendo das armas. Seria um erro político grosseiro, mas revela o espírito de sua política. Em seu livro recentemente lançado, *Da independência a Lula: dois séculos de política brasileira*, Bolívar Lamounier critica a "democracia direta".

Ele lembra que a utopia da democracia "direta" nutre-se de práticas vigentes num pequeno grupo de países, como nos Estados Unidos. Segundo Lamounier, de "direta" ela tem muito pouco: "no mais das vezes, trata-se de uma guerra entre *lobbies*, dissidências dos partidos e, não raro, de grupos racistas em geral muito bem financiados; ou então, visa amplificar a ressonância de propostas ou campanhas promovidas ao mesmo tempo através dos canais políticos normais". Segundo ele, "a possibilidade de manipulação é inerente ao instrumento, pois a autoridade incumbida de propor os quesitos pode ficar muito aquém da neutralidade".

O cientista político lembra que "desde que começaram a ser realizados, há cerca de dois séculos, plebiscitos e referendos foram quase sempre um jogo de cartas marcadas, com o objetivo de legitimar decisões autoritárias, ratificar ocupações de território alheio, e assim por diante".

Observe que este texto é dissertativo, pois revela a opinião do autor do texto logo em seu início: "O referendo sobre o desarmamento revelou, além da intensidade do sentimento negativo do eleitorado em relação à atuação do poder público, a vitalidade da chamada 'sociedade global'." A partir daí, são utilizados depoimentos de terceiros como recurso de argumentação. Logo após a vírgula em que se encerra a tese do autor, inicia-se sua defesa: "fenômeno que caracteriza as sociedades modernas que, com os

meios tecnológicos de que dispõem hoje, podem existir independentemente das instituições políticas e do sistema de comunicação de massa, segundo análise do sociólogo Manuel Castells, da Universidade Southern Califórnia, nos Estados Unidos, um dos seus principais teóricos".

Até o fim do texto, o autor não volta a emitir opiniões nem para concluir o texto. A partir da análise de Manuel Castells, o texto segue com uma longa narração em que são utilizados apenas depoimentos de peritos acerca do tema tratado. Deduz-se, portanto, que o recurso argumentativo utilizado foi a informação de terceiros. É fundamental chamar a atenção do leitor que o autor do texto apresenta cada um de seus depoentes. Tal identificação se faz necessária visto que confere credibilidade às informações. Então, ao dizer que Manuel Castells é sociólogo da Universidade Southern Califórnia, nos Estados Unidos, e um dos seus principais teóricos, a informação ganha peso, a argumentação se torna válida, a defesa da opinião ganha autoridade. Enfim, a identificação do depoente se torna necessária não para produzir credibilidade para o tema e sim para o argumento.

É importante não esquecer que as questões de interpretação são confeccionadas com a intenção de deixar o candidato em dúvida entre duas opções. São, normalmente, estas opções coerentes com texto, porém, às vezes, não o são com as perguntas formuladas. Você terá que aprender a responder exatamente o que está sendo perguntado. O estudo a seguir é referente aos enunciados das questões.

30.8. Recorrência textual

Ocorre quando a banca exige algo que esteja claro no texto. Enunciados que se apresentam como "Segundo o texto", "De acordo com o texto", "O autor diz que" impõem que as respostas estejam explícitas no texto. Sendo assim, é possível que uma opção esteja efetivamente em conformidade com as ideias expostas no texto, e a outra seja uma dedução, às vezes

até coerente, decorrente dos elementos do texto. Se o enunciado foi um daqueles mencionados, a resposta haverá de ser a primeira opção.

É importante observar que toda questão relativa a valor semântico dos vocábulos (sinonímia) é de recorrência textual, pois não se deseja saber o sinônimo da palavra isoladamente, mas sim no contexto. Por exemplo, as palavras "participar" e "informar" são sinônimas? A resposta certa é "talvez", "dependendo do contexto". Na frase "Participei de uma festa ontem", o verbo PARTICIPAR não é sinônimo de "INFORMAR". No entanto, na frase "Participei a todos que o deputado foi processado", o verbo PARTICIPAR já se torna sinônimo de INFORMAR.

30.9. Inferência textual

Ocorre quando a banca exige do candidato algo que esteja além do texto. Enunciados que se apresentam como "Deduz-se...", "Depreende-se...", "Conclui-se", "Infere-se", "O que o autor quis dizer com..." impõem que a resposta correta não seja algo que esteja explícito, mas sim subentendido. É uma dedução. Perceba a diferença entre "O que o autor informou...?" e "O que o autor pretendeu dizer com...?" No primeiro caso, a banca exige algo que o autor informou, ou seja, algo explícito no texto; já, no segundo caso, o candidato deve imaginar o que o autor pretendeu dizer.

BIZU

Como já se mencionara, o fundamental é o candidato aprender a responder ao que está sendo perguntado. Portanto, se no enunciado da questão houver a proposição "Segundo o fragmento X", você irá se restringir a responder sobre o fragmento X, mesmo que este fragmento se oponha ao restante do texto. Se a banca expuser um fragmento finalizado com reticências (XXXX...), você

deverá retornar ao texto e observar onde aquela ideia acabará. Se for proposta uma inferência acerca da totalidade do texto, e não de um fragmento, o candidato deverá procurar a resposta no tópico frasal (normalmente no início do texto), onde estará presente a tese abrangente.

30.10. Exercícios com gabarito comentado sobre teoria argumentativa

A FOME

Cerca de vinte milhões de crianças e mais de vinte milhões de adultos morrem anualmente de fome e subnutrição. A informação é do diretor-geral da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO), Edouard Sadema, segundo o qual, se observássemos um minuto de silêncio por cada pessoa que morreu no ano passado por causas relacionadas com a fome, estaríamos em pé, calados, ainda depois de acabado o século... Ele citou, entre a lista de paradoxos que o panorama econômico mundial oferece, o ato de que os gastos militares de todo o mundo aumentaram em proporções colossais, e sua quantia foi superior vinte vezes ao total de assistência oficial ao desenvolvimento. O custo de um só porta-aviões nuclear, disse ele, é superior ao Produto Nacional Bruto (PNB) de 53 países. Os países em desenvolvimento gastam anualmente com importação de armas o equivalente a suas importações totais de alimentos. (Caderno econômico do jornal *A Tarde*, Salvador.)

1. Por que o jornalista dá, no primeiro texto, a fonte de sua informação?

a) Porque quer demonstrar a importância do tema tratado.
b) Porque é obrigado a declarar como chegou a essa informação.
c) Porque quer dar autoridade ao que informa.
d) Porque todo texto jornalístico faz isso.
e) Porque quer provocar sensacionalismo.

Resposta: Alternativa C.

Não se pode dizer que o texto seja dissertativo, pois a opinião do autor do texto não aparece de forma explícita. Aqui só há narração (o autor está narrando todos os dizeres do diretor-geral da ONU) e argumentação (O recurso utilizado foi o conjunto de informações fornecido pelo diretor-geral da ONU). Como já se informara, ao identificar o fornecedor da informação, não se expõe a importância do tema, mas sim da informação. Quando se diz

que a informação é prestada pelo diretor-geral da ONU, ganha peso, credibilidade, autoridade e se torna um significativo recurso de argumentação.

(Técnico Judiciário Juramentado – TJ – RJ – NCE)
TEXTO – VIVER EM SOCIEDADE
Dalmo de Abreu Dallari

A sociedade humana é um conjunto de pessoas ligadas pela necessidade de se ajudarem umas às outras, a fim de que possam garantir a continuidade da vida e satisfazer seus interesses e desejos.
Sem vida em sociedade, as pessoas não conseguiriam sobreviver, pois o ser humano, durante muito tempo, necessita de outros para conseguir alimentação e abrigo. E no mundo moderno, com a grande maioria das pessoas morando na cidade, com hábitos que tornam necessários muitos bens produzidos pela indústria, não há quem não necessite dos outros muitas vezes por dia.
Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material, como os alimentos, a roupa, a moradia, os meios de transporte e os cuidados de saúde. Elas são também de ordem espiritual e psicológica. Toda pessoa humana necessita de afeto, precisa amar e sentir-se amada, quer sempre que alguém lhe dê atenção e que todos a respeitem. Além disso, todo ser humano tem suas crenças, tem sua fé em alguma coisa, que é a base de suas esperanças.
Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos. Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitada de dar e receber afeto. E muito provavelmente ficaria louca se continuasse sozinha por muito tempo.
Mas, justamente porque vivendo em sociedade é que a pessoa humana pode satisfazer suas necessidades, é preciso que a sociedade seja organizada de tal modo que sirva, realmente, para esse fim. E não basta que a vida social permita apenas a satisfação de algumas necessidades da pessoa humana ou de todas as necessidades de apenas algumas pessoas. A sociedade organizada com justiça é aquela em que se procura fazer com que todas as pessoas possam satisfazer todas as suas necessidades, é aquela em que todos, desde o momento em que nascem, têm as mesmas oportunidades, aquela em que os benefícios e encargos são repartidos igualmente entre todos.

Para que essa repartição se faça com justiça, é preciso que todos procurem conhecer seus direitos e exijam que eles sejam respeitados, como também devem conhecer e cumprir seus deveres e suas responsabilidades sociais.

2. Segundo o primeiro parágrafo do texto:
a) As pessoas se ajudam mutuamente a fim de formar uma sociedade.
b) A garantia da continuidade da vida é dada pela satisfação dos desejos das pessoas.
c) A satisfação dos interesses e desejos das pessoas leva à vida em sociedade.
d) Não seria possível a sobrevivência se não existisse sociedade.
e) Sem a ajuda mútua, as pessoas levariam uma vida isenta de desejos.
Resposta: Alternativa D.
Normalmente o candidato fica em dúvida entre as opções C e D. A tendência é marcar a alternativa C. No entanto, esta opção possui uma falha técnica: houve a inversão da relação causa-efeito. Lembre-se do que foi exposto em conjunções. O conector "a fim de que" acrescenta ao período valor de finalidade (a ideia de finalidade está relacionada à de consequência). O que ocorre anteriormente é "a existência da sociedade" e depois "a satisfação de interesses e desejos", portanto não se pode dizer que a satisfação dos interesses leva à vida em sociedade, mas sim que a sociedade é que leva à satisfação de interesses e desejos. Já se ouviu muito que a opção D não poderia ser a resposta, já que o enunciado (de recorrência) exige uma resposta presente no primeiro parágrafo e a resposta estaria no segundo. Todavia, este argumento se torna insuficiente à medida que se observa a ideia já presente no primeiro parágrafo (sociedade existe para garantir a continuidade da vida). Enfim, é fundamental perceber a organização do texto. O primeiro parágrafo apresenta dois tópicos a serem desenvolvidos (tese abrangente): a sociedade existe para garantir a continuidade da vida e a sociedade existe para satisfazer interesses e desejos. O segundo parágrafo retoma apenas o primeiro tópico (tese particular) da tese abrangente, modificando as palavras, e somente a partir da conjunção "pois" inicia-se a argumentação.

3. "... pois o ser humano, durante muito tempo, necessita de outros para conseguir alimentação e abrigo". A expressão "durante muito tempo" se refere certamente ao período:
a) da velhice;
b) da gravidez;
c) de doenças;
d) da infância;
e) do trabalho.
Resposta: Alternativa D.

Observe que a questão é de inferência textual. Na pergunta, não está mencionado que a resposta estaria no texto, além de a expressão "certamente" indicar que se trata de uma dedução. Então, façamos a dedução... Em que período de nossas vidas, certamente, precisaríamos de alguém para conseguir alimentação e moradia. Com certeza, o período em que todos são dependentes é a infância, pois na velhice (caso cheguemos a ela) há a possibilidade de mantermo-nos independentes. Mas quando crianças, não.

4. "Elas são também de ordem espiritual e psicológica". As palavras que exemplificam, respectivamente, na continuidade do texto as necessidades espiritual e psicológica, são:

a) afeto / atenção;
b) crenças / afeto;
c) fé / crenças;
d) amar / ser amada;
e) atenção / esperanças.

Resposta: Alternativa B.

Observe que, nesta questão, estão sendo solicitadas ao candidato palavras que sirvam de exemplo para uma tese específica. O terceiro parágrafo representa o segundo tópico apresentado na introdução (satisfazer interesses e desejos), mudando-se apenas os vocábulos: "Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material, como os alimentos, a roupa, a moradia, os meios de transporte e os cuidados de saúde. Elas são também de ordem espiritual e psicológica". Então a tese específica é que há interesses de ordem espiritual e psicológica. Os exemplos, que servem de argumentos, não respeitam a ordem da tese, vindo primeiro os de ordem psicológica (toda pessoa humana necessita de afeto, precisa amar e sentir-se amada, quer sempre que alguém lhe dê atenção e que todos a respeitem) e depois os de ordem espiritual (além disso, todo ser humano tem suas crenças, tem sua fé em alguma coisa, que é a base de suas esperanças).

5. "Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida..." Este segmento do texto teria redação mais clara se:

a) Substituíssemos a primeira vírgula pela conjunção aditiva E.
b) Repetíssemos o sujeito na segunda oração.
c) Deslocássemos as ocorrências do advérbio "não" para antes de "apenas".
d) Mudássemos a ordem das orações, de modo a colocar a última como primeira.
e) Omitíssemos o substantivo "seres".

Resposta: Alternativa C.

Primeiramente, observe a presença de reticências. Já é um indício de que se deve retornar àquele fragmento do texto. Além disso, você já leu o texto e, no primeiro parágrafo, o autor

já manifestou que a sociedade existe para garantir a continuidade da vida. No início do segundo parágrafo, ele assevera que "Sem vida em sociedade, as pessoas não conseguiriam sobreviver". Então, como as pessoas vivem juntas, vivem em sociedade, fica evidenciado que a intenção do autor não era negar o verbo VIVER. O objetivo dele era negar o elemento de restrição "apenas", pois o advérbio "não", ao negar o apenas, na realidade estaria negando o fato de haver apenas um motivo para os seres humanos viverem em sociedade – porque escolhem esse modo de vida –, indicando haver outro motivo – mas (mas também, indicando ideia de soma) porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana.

6. "Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia..." O uso do futuro do pretérito, nesse segmento, tem valor de:

a) probabilidade;
b) certeza;
c) dúvida;
d) conclusão;
e) condição.

Resposta: Alternativa A.

É fundamental perceber que o enunciado da questão já demonstra que o futuro do pretérito pode passar várias ideias. A expressão "O uso do futuro do pretérito, nesse segmento, tem valor de" indica que este mesmo tempo, em outros fragmentos, pode ter valores diferentes. O futuro do pretérito designa uma consequência futura (que pode ser certa, provável ou duvidosa) de um fato passado. Portanto, o contexto tem que oferecer algum elemento que denuncie de forma precisa esta ideia. O segmento apontado é extraído com reticências já convocando o candidato a retornar ao texto e observar onde a ideia é finalizada. No fim do mesmo parágrafo, ocorre outro verbo no futuro do pretérito (ficaria) antecedido do adjunto adverbial "provavelmente". A palavra-chave "provavelmente" esclarece que a visão do autor do texto é que muito provavelmente a pessoa ficaria louca se continuasse sozinha. Se não chega a ser uma certeza que a pessoa ficaria louca, também não é uma dúvida o fato de ela estar em pouco tempo sentido falta de companhia, mas sim uma situação extremamente provável.

7. "... ficaria louca se continuasse sozinha". A relação entre essas duas orações mostra que:

a) A segunda só se realiza se a primeira não realizar-se.
b) A primeira se realiza contanto que a segunda não se realize.
c) A segunda é consequência da primeira.

d) A primeira é motivada pela segunda.
e) A primeira é uma hipótese para a realização da segunda.

Resposta Alternativa D.

É fundamental lembrar que a ideia de condição está extremamente relacionada à ideia de causa. Há duas orações: "ficaria louca" e "se continuasse sozinha". Primeiro a pessoa tem que continuar sozinha para depois ficar louca. Então a segunda oração é uma condição (hipótese) para a realização da primeira, oposto do que indica a opção E. As duas primeiras opções são absurdas. Por fim, o candidato fica em dúvida entre as opções C e D. Conforme já se esclarecera, o fato anterior é "se continuasse sozinha", o posterior é "ficaria louca", logo o fato de "continuar sozinha" motiva o fato de a pessoa enlouquecer.

(PC – RJ – NCE)
TEXTO – DROGAS: A MÍDIA ESTÁ DENTRO
Eugênio Bucci

Há poucos dias, assistindo a um desses debates universitários que a gente pensa que não vão dar em nada, ouvi um raciocínio que não me saiu mais da cabeça. Ouvi-o de um professor – um professor brilhante, é bom que se diga. Ele se saía muito bem, tecendo considerações críticas sobre o provão. Aliás, o debate era sobre o provão, mas isso não vem ao caso. O que me interessou foi um comentário marginal que ele fez – e o exemplo que escolheu para ilustrar seu comentário. Primeiro, ele disse que a publicidade não pode tudo, ou melhor, que nem todas as atitudes humanas são ditadas pela propaganda. Sim, a tese é óbvia, ninguém discorda disso, mas o mais interessante veio depois. Para corroborar sua constatação, o professor lembrou que muita gente cheira cocaína e, no entanto, não há propaganda de cocaína na TV. Qual a conclusão lógica? Isso mesmo: nem todo hábito de consumo é ditado pela publicidade.

A favor da mesma tese, poderíamos dizer que, muitas vezes, a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público. Inúmeros esforços publicitários não resultam em nada. Continuemos no campo das substâncias ilícitas. Existem insistentes campanhas antidrogas nos meios de comunicação, algumas um tanto soporíferas, outras mais terroristas, e todas fracassam. Moral da história? Nem que seja para consumir produtos químicos ilegais, ainda somos minimamente livres diante do poder da mídia. Temos alguma autonomia para formar nossas decisões.

Tudo certo? Creio que não. Concordo que a mídia não pode tudo, concordo que as pessoas conseguem guardar alguma independência em sua relação com a publicidade, mas acho que o professor cometeu duas impropriedades: anunciou uma tese fácil demais e, para demonstrá-la, escolheu um exemplo ingênuo demais. Embora não vejamos um comercial

promovendo explicitamente o consumo de cocaína, ou de maconha, ou de heroína, ou de crack, a verdade é que os meios de comunicação nos bombardeiam, durante 24 horas por dia, com a propaganda não de drogas, mas do efeito das drogas. A publicidade, nesse sentido, não refreia, mas reforça o desejo pelo efeito das drogas. Por favor, não se pode culpar os publicitários por isso – eles, assim como todo mundo, não sabem o que fazem.

8. DROGAS: A MÍDIA ESTÁ DENTRO. Com esse título o autor:
a) Condena a mídia por sua participação na difusão do consumo de drogas.
b) Mostra que a mídia se envolve, de algum modo, com o tema das drogas.
c) Faz um jogo de palavras, denunciando o incentivo ao consumo de drogas pela mídia.
d) Demonstra a utilidade da mídia em campanhas antidrogas.
e) Indica que a mídia é bastante conhecedora do tema das drogas.
Resposta: Alternativa B.
A opção A é negada pelo fragmento "Não se pode culpar os publicitários por isso". A opção C expõe uma inverdade: a mídia incentiva o consumo de drogas (muito pelo contrário, a mídia propaga, segundo o texto, de forma equivocada, os malefícios da droga). As opções D e E contradizem o texto (eles, assim como todo mundo, não sabem o que fazem). Sobrou apenas a opção B.

9. A expressão destacada que tem seu significado corretamente expresso é:
a) "... que a gente pensa que <u>não vão dar em nada</u>"– que não vão chegar a ser publicados.
b) "... ouvi um raciocínio que <u>não me saiu mais da cabeça</u>"– que me deixou com dor de cabeça.
c) "... o debate era sobre o provão, mas <u>isso não vem ao caso</u>"– tem pouca importância.
d) "... um professor brilhante, <u>é bom que se diga</u>" – é importante destacar isso.
e) "Ele <u>se saía muito bem</u>..." – ele desviava do assunto principal.
Resposta: Alternativa D.
As questões de significado são de recorrência, portanto o candidato deverá buscar a mais fiel à ideia contida no texto. As opções A, B e E são absurdas, logo restando as alternativas C e D. A opção C possui uma falha, quando se diz que o assunto possui pouca importância... não foi isso que o autor quis dizer. A expressão "isso não vem ao caso" sugere apenas que, neste momento, o assunto "provão" não será analisado, podendo sê-lo em outra hora. A opção D é bastante fidedigna, pois indica ser essencial informar que o professor era brilhante, tal qual o texto original esclarecera.

10. "O que me interessou foi um comentário <u>marginal</u>..." O vocábulo destacado significa:
a) subliminar;

b) maldoso;
c) anormal;
d) desprezível;
e) paralelo.

Resposta: Alternativa E.

Outra questão de sinonímia. O termo "marginal" no contexto (a questão é de recorrência) tem valor de "à margem", ou seja, o que não é o principal. Portanto, a resposta é a opção E.

11. "Primeiro, ele disse que a publicidade não pode tudo, ou melhor, que nem todas as atitudes humanas são ditadas pela propaganda". A expressão "ou melhor" indica:

a) retificação;
b) esclarecimento;
c) alternância;
d) incerteza;
e) ratificação.

Resposta: Alternativa B.

A expressão OU MELHOR indica que a informação anterior será apenas melhorada, não corrigida. Portanto não é uma retificação. Também não se pode dizer que a informação será confirmada, pois, mesmo não sendo corrigida, ela sofrerá alterações. Então, a resposta não pode ser a opção E. As opções C e D são absurdas. A que melhor responde a questão é a opção B, pois OU MELHOR sugere que ocorrerá algum tipo de esclarecimento para a informação prestada anteriormente.

12. "Sim a tese é óbvia..."; "Para corroborar sua constatação, o professor lembrou que muita gente cheira cocaína e, no entanto, não há propaganda de cocaína na TV". Em termos argumentativos, podemos dizer, com base nestes dois segmentos, que:

a) A tese é acompanhada de argumento que a defende.
b) A tese leva a uma conclusão explícita.
c) A tese parte de uma premissa falsa.
d) A tese não é acompanhada de dados que a comprovem.
e) A tese é falaciosa e não pode ser provada.

Resposta: Alternativa A.

Neste momento da prova, haverá uma sequência de questões envolvendo TESE e ARGUMENTO. O professor apresentado no texto aduz a seguinte tese: "ele disse que a publicidade não pode tudo, ou melhor, que nem todas as atitudes humanas são ditadas pela propaganda". Quando assevera que "muita gente cheira cocaína e, no entanto, não há

propaganda de cocaína na TV", ele está indicando o argumento que defende a sua tese. É fundamental esclarecer que a tese não leva a uma conclusão, e sim, a tese é baseada em argumentos. A resposta é a opção A.

13. "Para corroborar sua constatação..." No caso do professor citado no texto, seu pensamento é apoiado por:

a) opinião própria;
b) estatística;
c) testemunho de autoridade;
d) evidência;
e) analogia.

Resposta: Alternativa D.

O pensamento do professor é apoiado por um exemplo: "muita gente cheira cocaína e, no entanto, não há propaganda de cocaína na TV". A melhor resposta seria "exemplo". Contudo, não há esta opção. A opção A é excluída em virtude da tese não poder ser apoiada em opinião, já que ambas indicam a mesma ideia. Não há elementos numéricos, comparações ou informações prestadas ao professor por terceiros, eliminando-se, por conseguinte, as alternativas B, C e E. Portanto, sobra a opção D. Dentre os recursos de argumentação, a evidência é apresentada como uma certeza manifesta, da qual não há como se discordar. E realmente, não há como negar que "muita gente cheira cocaína e, no entanto, não há propaganda de cocaína na TV".

14. Muitas vezes a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público; esta afirmação:

a) Funciona como mais um argumento para a tese emitida pelo professor.
b) Desmoraliza o falso argumento citado pelo professor no debate.
c) Confirma a tese de que a publicidade pode tudo.
d) É mais um argumento do professor em defesa do que pensa.
e) Representa mais uma dúvida do jornalista sobre o tema debatido.

Resposta: Alternativa A.

Nesta questão, normalmente o candidato fica em dúvida entre as opções A e D. Apesar de serem extremamente parecidas, ocorre uma diferença sutil, porém fundamental. A opção D possui uma falha técnica: o professor expõe uma tese (a publicidade não pode tudo, ou melhor, nem todas as atitudes humanas são ditadas pela propaganda. Depois indica um argumento: "muita gente cheira cocaína e, no entanto, não há propaganda de cocaína na TV". Já o fragmento "Muitas vezes a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público" não é afirmado pelo professor, mas sim pelo autor do texto. Portanto, não é mais

um argumento do professor – é do autor do texto – para a tese emitida pelo professor. A opção A é a resposta, pois não há a indicação de quem é o argumento (então, errado não está) para a tese emitida pelo professor. É interessante observar que o autor do texto não se opõe à tese do professor – tanto é que ele diz: a tese é óbvia, ninguém discute –, discordando, sim, do exemplo utilizado para apoiar seu pensamento: o fato de muita gente cheirar cocaína e não haver propaganda de cocaína na TV.

15. Toda publicidade muda hábitos / X é publicidade contrária ao consumo de cocaína / X vai mudar o hábito de consumo da cocaína. Este silogismo, considerando-se o que é dito no texto, não é verdadeiro porque:

a) A premissa não é verdadeira.
b) Um dos termos do silogismo possui ambiguidade.
c) A conclusão não é uma decorrência lógica da premissa.
d) A premissa não é suficiente para a conclusão.
e) A organização dos termos está fora da disposição padrão.

Resposta: Alternativa A.

O estudo de lógica indica que silogismo pressupõe a ocorrência de duas premissas (uma geral e outra específica) para se chegar a uma conclusão. Por exemplo: premissa geral (todo gordo come muito); premissa específica (João é gordo); conclusão (logo, João come muito). O silogismo proposto é equivocado, pois a primeira premissa contradiz o texto: "Muitas vezes a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público".

(MP – RJ – NCE)
TEXTO: RECURSOS HUMANOS

Li que a espécie humana é um sucesso sem precedentes. Nenhuma outra com uma proporção parecida de peso e volume se iguala à nossa em termos de sobrevivência e proliferação. E tudo se deve à agricultura. Como controlamos a produção do nosso próprio alimento, somos a primeira espécie na história do planeta a poder viver fora de seu ecossistema de nascença. Isso nos deu mobilidade e a sociabilidade que nos salvaram do processo de seleção, que limitou outros bichos de tamanho equivalente e que acontece quando uma linhagem genética dependente de um ecossistema restrito fica geograficamente isolada e só evolui como outra espécie. É por isso que não temos mudado muito, mas também não nos extinguimos.
Luís Fernando Veríssimo

16. Segundo o texto, o sucesso da espécie humana é medido:

a) Por sua capacidade de viver fora de seu ecossistema.
b) Por sua sobrevivência e proliferação.
c) Por possibilidade de produzir seu próprio alimento.
d) Por sua inalterabilidade e resistência à extinção.
e) Por sua agricultura.

Resposta: Alternativa B.

Nesta questão é fundamental o candidato atentar-se ao que está sendo perguntado. Se a pergunta fosse "Segundo o texto, o sucesso da espécie humana é devido", a banca intencionaria que o candidato esclarecesse o motivo do sucesso da espécie humana, e a resposta seria "à agricultura". Contudo, o que se interroga é o meio de medição do sucesso da espécie, ou seja, em que critérios comparativos o homem supera outros animais de acordo com o texto. O fragmento que denuncia a resposta é: "Nenhuma outra com uma proporção parecida de peso e volume se iguala à nossa em termos de sobrevivência e proliferação". Portanto a resposta é a opção B.

17. Dizer que a espécie humana "é um sucesso sem precedentes" equivale a dizer que:

a) Não há explicações possíveis para esse sucesso.
b) Poucas espécies tiveram sucesso semelhante.
c) Nada ocorreu antes que pudesse explicar esse fato.
d) Nenhuma outra espécie já atingiu tal sucesso.
e) Nosso sucesso é independente de nossos antepassados.

Resposta: Alternativa D.

O significado de "sem precedentes" indica que nunca houve anteriormente algo igual ao citado, sendo assim como o texto sugere que a espécie humana é um sucesso sem precedentes, é porque nenhuma outra espécie chegara a tal sucesso.

18. "Nenhuma outra com uma proporção parecida de peso e volume se iguala à nossa em termos de sobrevivência e proliferação". Pode-se inferir desse segmento que:

a) Não há outras espécies com a mesma proporção de peso e volume que a espécie humana.
b) Só a espécie humana vai sobreviver.
c) Só a espécie humana proliferou de forma tão rápida e ampla.
d) Sobrevivência e proliferação são valores que medem o sucesso de uma espécie.
e) Nossa proporção de peso e volume ajudou a nossa espécie a ter sucesso.

Resposta: Alternativa D.

É determinado ao candidato que proceda à inferência tão-somente deste fragmento. Portanto, torna-se fundamental ater-se apenas a este trecho. A opção A é inadequada,

pois o fragmento não sugere que inexistam outras espécies com a mesma proporção e volume, esclarecendo, sim, que não há espécies de mesma proporção e volume que tenham atingido tamanho sucesso em termos de sobrevivência e proliferação. A opção B é absurda, porquanto, em momento algum, o fragmento indica que as outras espécies não sobreviverão (apenas não tiveram o mesmo sucesso que a humana). O sucesso da proliferação não necessariamente está relacionada à velocidade com que isso ocorrera, excluindo-se, assim, a alternativa C. A opção E também acaba eliminada, em virtude de o trecho jamais sugerir que a proporção de peso e volume ajudou a espécie humana a ter o sucesso mencionado, até mesmo porque nele é admitida a possibilidade de ocorrência de outras espécies com a mesma proporção de peso e volume e, no entanto, não atingiram o mesmo sucesso da humana. Enfim, se o que difere a espécie humana das demais é o sucesso quanto à proliferação e sobrevivência, é porque esses dois elementos são utilizados como critérios de comparações entre as espécies.

(Auditor Fiscal da Receita Federal – AFRF)
Leia o texto abaixo para responder às questões 19 e 20.

Em artigo publicado na década de 90, o Professor Paul Krugman explicava que todos aqueles países que falavam inglês haviam tido um desempenho econômico acima da média de seus vizinhos e que o inglês estava se tornando rapidamente a língua franca dos negócios, do turismo e da *internet*. Assim, os processos de fusão de empresas, tão comuns naquele tempo, só teriam sucesso se utilizassem o inglês como língua de integração das corporações.
Essa visão nos preocupou quando resolvemos integrar todas as áreas de consultoria espalhadas pela América Latina em uma única divisão de consultoria. Mas ficou uma pergunta no ar: "que língua oficial adotar"? O espanhol ou o português acirraria a rivalidade que já era bastante grande no campo dos esportes. Adotar o inglês teria a vantagem da neutralidade e da facilidade de interação com nossos colegas de outras regiões, mas com perda significativa na agilidade da comunicação e no andamento das reuniões. Foi adotada então uma postura única: haveria três línguas oficiais. Essa pequena sutileza significava, na verdade, que todos eram obrigados a entender as três línguas, mas poderiam se expressar no idioma em que se sentissem mais à vontade. Hoje, cinco anos depois, sentimos que essa decisão foi fundamental para o nosso processo de integração, e a lição aprendida é que muitas vezes a criatividade local pode ser mais efetiva que verdades importadas.
(José Luiz Rossi, "Integração cultural na América Latina", *Classe Especial*, 89/2001, com adaptações.)

19. Marque a opção incorreta a respeito do emprego das estruturas linguísticas do texto.

a) As duas ocorrências da conjunção "que" (l.2/3) têm a função de demarcar o início das duas orações ligadas por "e" (l.3), mas, sintaticamente, o terceiro que pode ser omitido.

b) A preposição "em" (l.7), exigida pelas regras de regência do verbo "integrar" (l.6), pode sofrer contração com o artigo que a segue, sem prejudicar a correção e as ideias do texto.

c) Para preservar a correção gramatical, se fosse usada a expressão Ao se adotar, em lugar de somente "Adotar" (l.9), seria obrigatória a mudança de "teria" (l.9) para haveria.

d) Preserva-se a correção gramatical do texto e o sentido do adjetivo da estrutura "com perda significativa" (l.10) ao substituí-la por significaria perder.

e) Mantém-se a estrutura sintática de voz passiva e a ideia de passividade ao empregar Adotou-se em lugar de "Foi adotada" (l.11).

Resposta: Questão Anulada

O gabarito provisório indicou como resposta a alternativa D. Realmente, a opção D indica um comentário, tanto no aspecto semântico como no aspecto sintático, absurdo em relação ao texto. O adjetivo "significativa" tem valor de "substanciosa", "grande" e alterando-se para "significaria perder", o adjetivo perde tal sentido. Além disso, há mudança na regência, visto que a estrutura "perda significativa" exige a preposição EM e "significaria perder" não trabalha com preposição.

A opção E está perfeita, uma vez que há tão somente a proposta de substituição da voz passiva analítica pela voz passiva sintética, havendo ainda o cuidado de manter-se o tempo do verbo.

Na opção C, quando a banca propõe a substituição de "ADOTAR" por "AO SE ADOTAR", torna-se essencial o candidato atentar-se à alteração do sentido do verbo TERIA. Na frase, "Adotar o Inglês teria a vantagem da neutralidade", "teria" significa "possuiria; Já em "Ao se adotar o Inglês, teria a vantagem da neutralidade", "teria" passa a significar "haveria", "ocorreria", o que a gramática normativa ainda não admite.

Na opção B, a análise recai sobre a combinação facultativa de preposição com artigo indefinido. Como o termo "em uma única divisão de consultoria" não funciona como sujeito, a contração da preposição com o artigo indefinido é opcional.

A opção A foi o motivo de a questão ser anulada. A opção A foi muito bem imaginada, contudo infelizmente houve um engano quanto à designação da linha do primeiro "que". O "que" que deveria ser citado é o primeiro, não o segundo do período. A alternativa trabalhou o paralelismo sintático, em que duas orações subordinadas substantivas objetivas diretas estão ligadas ao mesmo verbo, repetindo-se a conjunção integrante. A segunda conjunção poderia ser omitida. A alternativa acabou sendo a justificativa da anulação, visto

que, em vez de a conjunção ser citada, foi mencionado, por engano, o pronome relativo "que".

20. Marque a opção em que, de acordo com as ideias do texto, existe uma relação de condição do tipo Se X então Y.

a) X = falássemos inglês
Y = teríamos desempenho econômico acima da média
b) X = adotássemos inglês como língua oficial
Y = agilizaríamos a comunicação
c) X = empregássemos espanhol ou português
Y = exarcebaríamos a rivalidade
d) X = houvesse três línguas oficiais
Y = teríamos facilidade de interação com outras regiões
e) X = entendêssemos as três línguas
Y = deveríamos nos expressar nas três línguas

Resposta: Alternativa C.

As alternativas B, D e E estão em oposição ao texto, ficando o candidato em dúvida entre as opções A e C. O enunciado da questão "de acordo com as ideias do texto" indica que está sendo solicitado ao candidato uma alternativa de recorrência textual. A opção A, apesar de ser coerente com o texto, é uma inferência, porquanto o texto apenas assevera que todos os países que falavam inglês tiveram desempenho econômico acima da média, não sugerindo que, se outros também o falassem, também obteriam desempenho acima da média dos vizinhos. A opção C não é uma inferência, é algo que está efetivamente em consonância com as ideias do texto, alterando-se tão somente os vocábulos. O texto informa que "o Espanhol ou o Português acirraria a rivalidade, que já era bastante grande no campo dos esportes." Ou seja, a rivalidade já existia, apenas aumentaria (ou exacerbaria, conforme apontado na opção C).

(Sefa – Pará – esaf) Leia o texto abaixo para responder às questões 21 e 22.

1 **Não é preciso ser adepto da tradição intelectual para reconhecer os inconvenientes da praxe de preterição do influxo interno, a que falta a convicção não só das teorias, mas também das suas implicações menos próximas, de sua relação com o movimento social**

3 **conjunto, e da relevância do próprio trabalho e dos assuntos estudados. Percepções e teses notáveis a respeito da cultura do país são decapitadas periodicamente, e problemas a muito custo identificados e assumidos ficam sem o desdobramento que lhes**

6 **poderia corresponder. O prejuízo acarretado pode se comprovar pela via contrária, lembrando a estatura isolada de uns poucos escritores como Machado de Assis, Mário de Andrade e, hoje, Antônio Cândido, cuja qualidade se prende a este ponto.**

(SCHWARZ, Roberto, *Cultura e política*, p. 110.)

21. Em relação às estruturas do texto, assinale a opção <u>incorreta</u>.

a) A substituição de "a que" (l. 2) por à qual não acarreta prejuízo à correção gramatical do período.

b) O emprego de "mas também" (l. 2) é exigência decorrente do emprego de "não só" (l. 4).

c) A estrutura sintática do período em que ocorrem estabelece as seguintes relações de dependência entre os termos:

falta a convicção

- das teorias (l. 2)
- das suas implicações menos próximas (l. 2 e 3)
- de sua relação com o movimento social conjunto (l. 3)
- da relevância (l. 3)
- do próprio trabalho e (l. 3 e 4)
- dos assuntos estudados (l. 4).

d) Em "a muito custo" (l. 5) o "a" funciona como uma preposição.

e) O emprego do pronome "lhes", em "lhes poderia" (l. 6), está empregado de forma proclítica em virtude da presença do "que" (l. 6).

Resposta: Alternativa C.

A opção A está perfeita, já que o pronome relativo "que" precedido da preposição "a" é referente ao termo "praxe de preterição do influxo interno", cujo o núcleo é "praxe", admitindo, portanto, a substituição pelo pronome relativo "a qual" que, somado à preposição "a", resulta em "à qual". A estrutura iniciada por "não só" (o elemento de negação "não" negando o termo restrição "só") desemboca inevitavelmente no conector aditivo, logo a opção B está certa. A opção D assevera corretamente que "a" é preposição, em virtude de os termos seguintes serem masculinos. Como o pronome relativo sempre atrai o pronome oblíquo átono, o comentário proferido na opção E se dá com extrema correção. A

alternativa C é de paralelismo, estabelecendo relações inadequadas entre os termos. Observe que os quatro primeiros elementos realmente estão relacionados ao vocábulo "convicção", contudo os dois últimos "do próprio trabalho" e "dos assuntos estudados" estão ligados ao termo "relevância".

22. Assinale a opção que continua o texto de forma coesa e coerente.

a) Com aquela praxe de conciliar o estrangeiro com o autóctone, a convivência familiar e estabilizada entre concepções em princípio incompatíveis esteve no centro da inquietação ideológico-moral do Brasil desde sempre.

b) A certos intelectuais tal herança colonial de preocupar-se apenas com o que vem do próprio país parecia um resíduo que logo seria superado pela marcha desse progresso.

c) Outros intelectuais viam naquele movimento o país autêntico, o Brasil genuíno, original, o berço a ser protegido e preservado contra imitações absurdas.

d) A nenhum deles faltou informação nem abertura para a atualidade. Entretanto, souberam retomar criticamente o trabalho dos predecessores, entendido não como peso morto, mas como elemento dinâmico, subjacente às contradições contemporâneas.

e) Outros ainda desejavam harmonizar esse progresso com trabalho escravo, para não abrir mão de nenhum dos dois, e outros mais consideravam que esta conciliação já existia e era desmoralizante.

(Adaptado de SCHWARZ, Roberto, *Cultura e política*.)

Resposta: Alternativa D.

O texto fala sobre a incoveniência de preterir o movimento cultural do Brasil Esclarece que falta convicção a essa prática e afirma que percepções e teses acerca da cultura do país são decapitadas e acabam não tendo as consequências que deveriam ter. A partir daí, é dado um exemplo em oposição a essa tese, mostrando a atitude isolada de alguns autores que possuíam o grande mérito justamente de rever percepções e teses, dando-lhes o adequado desdobramento. Como a questão solicita uma continuidade do texto, é óbvio que haverá de se dar de forma coesa. O texto, sendo encerrado na citação dos três autores, só poderá ter sequência, citando algo relativo a eles. A opção D é iniciada por "A nenhum deles" – o pronome deles refere-se aos três autores –, demonstrando a coesão textual, e termina dizendo que retomaram criticamente a obra de outros autores (não decapitaram a tese deles), também demonstrando coerência.

23. (AFC – Esaf) Julgue como verdadeiras (V) ou falsas (F) as assertivas que comparam os dois parágrafos abaixo. Indique, a seguir, a sequência correta.

A despeito do bom desempenho da economia brasileira em 2004, em torno de 37% dos consumidores reduziram gastos em bens e serviços, segundo pesquisa do instituto

ACNielsen, enquanto outros 24% optaram por excluir integralmente determinados produtos de seu consumo.

Embora a pesquisa identifique um quadro melhor do que o de 2003, os resultados parecem sinalizar que a renda média dos brasileiros continua relativamente deprimida, o que inibe o dinamismo do consumo doméstico, sobretudo nas camadas de baixa renda.

(Editorial "Evolução do consumo", da *Folha de S. Paulo*, 11/4/2005.)

( ) Ambos iniciam com frase ou oração que têm valor adverbial de concessão.

( ) O tópico em torno do qual gira o primeiro parágrafo é o bom desempenho da economia; no segundo parágrafo, o assunto central é o dinamismo da economia brasileira.

( ) Ambos avaliam positivamente o desempenho da economia brasileira no ano de 2004.

( ) As informações contidas no primeiro parágrafo exibem resultados de pesquisa sobre o consumo doméstico no ano de 2004; no segundo parágrafo, é fornecida uma interpretação dos dados revelados pela pesquisa.

A sequência correta é:

a) V – F – V – V

b) V – V – V – F

c) F – V – F – F

d) F – F – V – V

e) V – V – F – F

Resposta: Alternativa A.

Os dois primeiros itens são suficientes para se chegar à resposta. O primeiro item está correto, visto que os conectores "A despeito de" e "Embora" possuem efetivamente valor concessivo. Já o segundo item apresenta uma falha: o primeiro tópico tem como paráfrase o fato de os consumidores reduzirem gastos em bens e serviços, mesmo ocorrendo o bom desempenho da economia brasileira em 2004.

24. (AFC – Esaf)

Em novembro do ano passado, a Revolta da Vacina fez cem anos. A obrigatoriedade da vacinação obrigatória antivariólica foi estabelecida por lei em 31 de outubro de 1904, e cercava o cidadão por todos os lados. Exigia atestado de vacinação para matrícula em escola, emprego, hospedagem, viagem, casamento, e previa multas para os recalcitrantes. A reação começara desde a aprovação do projeto. Oradores operários argumentavam que era grave ofensa à honra do chefe de família ter seu lar, em sua ausência, invadido por médicos, perante os quais sua mulher e filhas seriam obrigadas a se desvendarem para receberem a vacina no braço. Finda a resistência, a polícia varreu a área conflagrada, prendendo os suspeitos de sempre. O saldo final de vítimas foi de 30 mortos, 110 feridos e 945 presos.

Analisando essa revolta popular, José Murilo de Carvalho afirma que ela "é emblemática da dificuldade de relacionamento entre governo e povo no Brasil. Seu aspecto mais interessante é que não teve um lado errado e um lado certo, bons e maus".
Assinale a opção que analisa a revolta da vacina com a mesma interpretação que lhe dá José Murilo de Carvalho.
a) Quando o drástico, posto que necessário, projeto de regulamentação da lei de obrigatoriedade da vacina contra a varíola vazou para a imprensa, os políticos da oposição cerraram fileira contra a vacina, na ânsia de enfraquecer o Presidente Rodrigues Alves.
b) A revolta foi um trágico desencontro entre a política bem intencionada e esclarecida de Oswaldo Cruz, Diretor-Geral da Saúde Pública, e valores populares que tinham a ver com a dignidade pessoal e a inviolabilidade do lar.
c) A assim chamada "Revolta da Vacina" colocou em confronto, cada qual em sua trincheira, militares e políticos da oposição que queriam derrubar o governo, de um lado; de outro, jornais governistas e autoridades que apoiavam Rodrigues Alves.
d) Os positivistas tratavam a obrigatoriedade da vacina como despotismo sanitário e estigmatizavam a vacina como sendo o túmulo da liberdade.
e) A revolta foi consequência do obscurantismo popular, da ação ensandecida de uma "turba-multa irresponsável de analfabetos", segundo palavras de Olavo Bilac.
Resposta: Alternativa B.
A opção A indica que a lei da obrigatoriedade da vacina vazou para a imprensa, fato não ocorrido no texto.
A opção C torna-se absurda ao sugerir que a revolta tinha cunho político.
A opção D cita os positivistas, que, em momento algum, foram mencionados no texto.
A opção E sugere que a revolta se deu com os analfabetos, fato que contradiz o texto.

(AFC – Esaf) Leia o texto para responder às questões 25 e 26.
O que leva um compositor popular consagrado, uma glória da MPB, a escrever romances? Para responder a essa pergunta, convém lembrarmos algumas características da personalidade de Chico Buarque de Holanda. Primeiro, a forte presença de um pai que, além de ser um historiador notável, era um fino crítico literário. Depois, o fato de Chico ter se dado conta de que sua genial produção musical não bastava para dizer tudo que ele tinha a nos dizer.
Não se pode dizer que o que o Chico nos diz nos romances não tem nada a ver com o que ele passa aos seus ouvintes através das suas canções. No recém-lançado *Budapeste*, por exemplo, eu, pessoalmente, vejo um clima de bem-humorada resignação do personagem com suas limitações, um clima que me parece que encontrei, em alguns momentos, na sua obra musical. Uma coisa, porém, são as imagens sugestivas das canções; outra é a

complexa construção de um romance. A distância entre ambas talvez pudesse ser comparada àquela que vai das delicadas e rústicas capelas românicas às imponentes catedrais góticas.
Chico Buarque percorreu esse caminho com toda a humildade de quem queria aprender a fazer melhor, mas também com a autoconfiança de quem sabia que podia se tornar um mestre romancista.
Valeu a pena. A autodisciplina lhe permitiu mergulhar mais fundo na confusão da nossa realidade, nas ambiguidades do nosso tempo. A ficção, às vezes, possibilita uma percepção mais aguda das questões em que estamos todos tropeçando. No caso deste romance mais recente de Chico Buarque, temos um rico material para repensarmos, sorrindo, o problema da nossa identidade: quem somos nós, afinal?
(Leandro Konder, *Jornal do Brasil*, 18/10/2003.)

25. Em relação às ideias do texto, assinale a opção que apresenta inferência incorreta.
a) Um compositor consagrado pode considerar sua produção musical insuficiente para expressar suas ideias.
b) A convivência com pessoas que produzem obras importantes na história e na crítica literária pode contribuir para estimular a escrita de romances.
c) Chico Buarque não precisou aprender a escrever romances, pois isso já fazia parte de sua vida como compositor e como herdeiro de um talento familiar.
d) Algumas características da obra musical de Chico Buarque permanecem em sua obra romanesca.
e) A construção romanesca é muito mais complexa que a elaboração de canções da música popular.
Resposta: Alternativa C.
Há contradição entre o fragmento "Uma coisa, porém, são as imagens sugestivas das canções; outra é a complexa construção de um romance. A distância entre ambas talvez pudesse ser comparada àquela que vai das delicadas e rústicas capelas românicas às imponentes catedrais góticas. Chico Buarque percorreu esse caminho com toda a humildade de quem queria aprender a fazer melhor". Perceba que o texto assevera que a mesma distância existente entre fazer canções e romances ocorre entre delicadas e rústicas capelas com imponentes catedrais góticas. Destarte, compor canções fazia parte de sua rotina, o mesmo não se pode dizer de escrever romances.

26. Em relação ao texto, assinale a opção correta.
a) A pergunta inicial contém o pressuposto de que, para o senso comum, uma pessoa consagrada como compositor deve sempre se aventurar a escrever romances.

b) Da expressão "seus ouvintes" (l.8) no segundo parágrafo, infere-se que o autor do texto lê os romances, mas não ouve as músicas de Chico Buarque.
c) O sinal indicativo de crase em "àquela que vai das delicadas..." (l.13) é opcional.
d) Em "autodisciplina lhe" (l.17) o pronome é fator de coesão textual que se refere a "tempo" (l.18).
e) A literatura pode desvelar de forma mais esclarecedora algumas questões complexas da nossa realidade.

Resposta: Alternativa E.

A opção A é incorreta, visto que o texto sugere apenas que existem características na personalidade de Chico Buarque – sem mencionar outros compositores – que o levaram a escrever romances.
A opção B é absurda, pois, se o autor compara as composições com o livro, obviamente conhece os dois tipos de obra de Chico Buarque.
A opção C não pode ser a resposta, uma vez que a crase é obrigatória, pois é resultado da soma da preposição A, regida por "comparada", com o pronome demonstrativo "aquela".
A opção D é inadequada, porquanto o pronome oblíquo "lhe" refere-se ao próprio Chico Buarque.

(AFRF – Esaf) Leia o texto seguinte para responder às questões de 27 a 29.

Vinte e quatro séculos atrás, Sócrates, Platão e Aristóteles lançaram as bases do estudo científico da sociedade e da política. Muito se aprendeu depois disso, mas os princípios que eles formularam conservam toda a sua força de exigências incontornáveis. O mais importante é a distinção entre o discurso dos agentes e o discurso do cientista que o analisa.

Doxa (opinião) e episteme (ciência) são os termos que os designam respectivamente, mas estas palavras tanto se desgastaram pelo uso que, para torná-las novamente úteis, é preciso explicar o seu sentido em termos atualizados. Foi o que fez Edmund Husserl com a distinção entre discurso "pré-analítico" e o discurso tornado consciente pela análise de seus significados embutidos. Por exemplo, na linguagem corrente, podemos opor o comunismo ao anticomunismo como duas ideologias. No entanto, comunismo é uma ideologia, mas o anticomunismo não é uma ideologia, é a simples rejeição de uma ideologia.

É analisando e decompondo compactados verbais como esse e comparando-os com os dados disponíveis que o estudioso pode chegar a compreender a situação em termos bem diferentes daqueles do agente político. Mas também é certo que os próprios conceitos científicos daí obtidos podem incorporar-se depois no discurso político, tornando-se expressões da doxa. É isso, precisamente, o que se denomina uma ideologia: um discurso de ação política composto de conceitos científicos esvaziados de seu conteúdo analítico e

imantados de carga simbólica. Então, é preciso novas e novas análises para neutralizar a mutação da ciência em ideologia. (Olavo de Carvalho, com cortes.)

27. Indique o item que está de acordo com as ideias desenvolvidas no texto.

a) É no conhecimento produzido pelos filósofos da Grécia Antiga que se encontram as mais consistentes análises científicas a respeito de política e sociedade.

b) Boa parte da produção científica do mundo contemporâneo distancia-se dos axiomas formulados por Sócrates, Platão e Aristóteles, devido à incompatibilidade entre princípios filosóficos e rigor formal da ciência.

c) Os discursos dos agentes políticos devem ser rechaçados porque se fundamentam na "doxa", não contemplando, portanto, os conceitos científicos vigentes.

d) O discurso "pré-analítico" prescinde de análise da realidade concreta e caracteriza-se por abordar os significados implícitos dos enunciados produzidos na instância pública.

e) O esvaziamento de significado a que os conceitos científicos estão sujeitos pelo seu uso em instâncias sociais não exclusivamente científicas gera a necessidade de renovação de terminologia na ciência.

Resposta: Alternativa E.

A opção A é inadequada, dado que o texto indica que os filósofos lançaram as bases do estudo da sociedade e da política e não as mais consistentes análises científicas.

A opção B torna-se errada, já que o motivo indicado no item "devido à incompatibilidade entre princípios filosóficos e rigor formal da ciência" não é o mesmo apontado no texto (essas palavras se desgastaram tanto pelo uso).

Em momento algum, o texto sugere que os discursos dos agentes políticos devem ser rechaçados, por isso a opção C deve ser descartada.

A opção D deve ser excluída em virtude de o discurso pré-analítico não fazer abordagem aos significados implícitos dos enunciados produzidos na instância pública.

28. Assinale o item que expressa uma ideia depreendida dos sentidos explícitos e implícitos que compõem a rede temática do texto.

a) Apesar de os princípios filosóficos carregarem em si uma regulação e se basearem exclusivamente na "doxa", eles sobrevivem às contingências históricas, como bem o demonstra a atualidade dos princípios formulados na Grécia Antiga.

b) Por meio do conhecimento científico, as sociedades buscam interpretações da realidade que não se orientem na ideologia, cabendo, portanto, à "episteme" a análise crítica dos discursos que circulam na sociedade.

c) A formação da corrente de pensamento anticomunista exemplifica a supremacia do discurso epistemológico e representa a reação da sociedade a análises subjetivas dos fatos históricos.
d) A ciência tende a tornar-se cada vez mais dogmática e menos neutra, intensificando, portanto, seus procedimentos persecutórios perante os discursos dos agentes políticos que banalizam conceitos científicos.
e) Os filósofos gregos previram a mutação da ciência em ideologia, ao analisarem a força simbólica que esta assume nos discursos hegemônicos dos agentes políticos.
Resposta: Alternativa B.
Em momento algum, o texto indica que os filósofos se baseiam "exclusivamente" na doxa, por isso a opção A deve ser descartada.
A opção C contradiz totalmente o texto, pois a corrente de pensamento anticomunista é exemplo da doxa, não do discurso epistemológico.
Em momento algum, o texto sugere que a ciência vai tornar-se persecutória, portanto sendo excluída a alternativa D.
A opção E vai de encontro às ideias do verbete, em virtude de o autor, não os filósofos gregos, esclarecer que deve haver novas análises para neutralizar a mutação da ciência em ideologia.

29. Marque com (V) as afirmações verdadeiras e com (F) as falsas. Indique, em seguida, a sequência correta.
( ) Mantém-se a correção gramatical substituindo-se a expressão "Vinte e quatro séculos atrás" (l. 1) por "Há vinte e quatro séculos" ou por "Fazem vinte e quatro séculos".
( ) A oração "Muito se aprendeu depois disso" (l. 3) poderia ser substituída por "Aprenderam-se muitas coisas depois", preservando-se o sentido e a correção gramatical do texto.
( ) Compromete-se a clareza do texto e há prejuízo para a correção gramatical do período se o pronome da expressão "estas palavras" (l. 7) for substituído por "essas".
( ) A oração "que é preciso explicar o seu sentido em termos atualizados" (l. 6 e 7) expressa consequência, sendo correto, portanto, substituir "que" pelo conector "porquanto".
( ) No segundo parágrafo, predomina a articulação semântica e sintática de oposição na produção de sentido dos enunciados.
a) F, V, F, F, V
b) F, F, F, F, V
c) V, V, V, F, F
d) F, F, V, V, V

e) V, F, F, V, V

Resposta: Alternativa A.

Os dois primeiros itens já são suficientes para se chegar à resposta. O primeiro tópico é indevido, já que são propostas duas substituições, estando a primeira correta e a segunda, errada. O verbo "fazer" no sentido de tempo passado é impessoal, não podendo ser conjugado no plural. Sendo assim, o certo é "faz vinte e quatro séculos..."

O segundo tópico é perfeito, porquanto, caso se substitua "Muito" por "muitas coisas", não há alteração semântica. Além disso, o pronome SE é apassivador, transformando "muitas coisas" em sujeito, então o verbo deve ser flexionado no plural.

(AFRF – Esaf) Questões 30, 31 e 32.

Falar em direitos humanos pressupõe localizar a realidade que os faz emergir no contexto sociopolítico e histórico-estrutural do processo contraditório de criação das sociedades. Implica, em suma, desvendar, a cada momento deste processo, o que venha a resultar como direitos novos até então escondidos sob a lógica perversa de regimes políticos, sociais e econômicos, injustos e comprometedores da liberdade humana.

Este ponto de vista referencial determina a dimensão do problema dos direitos humanos na América Latina. Neste contexto, a fiel abordagem acerca das condições presentes e dos caminhos futuros dos direitos humanos passa, necessariamente, pela reflexão em torno das relações econômicas internacionais entre países periféricos e países centrais.

As desarticulações que desta situação resultam não chegam a modificar a base estrutural destas relações: a extrema dependência a que estão submetidos os países periféricos, tanto no que concerne ao agravamento das condições de trabalho e de vida (degradação dos salários e dos benefícios sociais), quanto na dependência tecnológica, cultural e ideológica.

(Núcleo de Estudos para a Paz e Direitos Humanos, UnB. *In: Introdução Crítica ao Direito*, com adaptações.)

30. Assinale a opção que não estabelece uma continuidade coerente e gramaticalmente correta para o texto.

a) Nesta parte do mundo, imensas parcelas da população não têm minimamente garantida sua sobrevivência material. Como, pois, reivindicar direitos fundamentais se a estrutura da sociedade não permite o desenvolvimento da consciência em sua razão plena?

b) Por conseguinte, a questão dos Direitos tem significado político, enquanto realização histórica de uma sociedade de plena superação das desigualdades, como organização social da liberdade.

c) Assim, pois, a opressão substitui a liberdade. A percepção da complexidade da realidade latino-americana remete diretamente a uma compreensão da questão do homem ao substitui-lo pela questão da tecnologia.
d) Na América Latina, por isso, a luta pelos direitos humanos engloba e unifica em um mesmo momento histórico, atual, a reivindicação dos direitos pessoais.
e) Não nos esqueçamos que a construção do autoritarismo, que marcou profundamente nossas estruturas sociais, configurou o sistema político imprescindível para a manutenção e reprodução dessa dependência.
Resposta: Alternativa C.
O candidato deve atentar-se ao enunciado. Lá está solicitada a opção que não estabelece uma continuidade coerente e "gramaticalmente correta". Você deve partir direto para as opções e observar se há alguma com erro. Se houver, marque-a. Caso contrário, retorne ao texto e veja a que não é coerente a ele. Nesta questão, nem haveria a necessidade de tal, visto que a opção C contém gritante falha de ortografia (substituí-lo).

31. Assinale a opção em que, no texto, a expressão que antecede a barra não retoma a ideia da segunda expressão que sucede a barra.
a) "Realidade" (l. 1) / "contexto sociopolítico e histórico-estrutural do processo" (l. 1 e 2).
b) "Deste processo" (l. 3) / "processo contraditório de criação das sociedades" (l. 2).
c) "Este ponto de vista referencial" (l. 7) / ideias expressas no primeiro parágrafo.
d) "Neste contexto" (l. 8) / discussão sobre os direitos humanos na América Latina.
e) "Desta situação" (l. 12) / relações econômicas internacionais entre países periféricos e países centrais.
Resposta: Alternativa A.
O enunciado da questão determina ao candidato que encontre a opção em que a primeira expressão "retome a ideia já citada anteriormente". A opção A indica um termo que faria menção a algo localizado posteriormente. É óbvio que um elemento anterior não pode retomar o posterior.

32. Analise os seguintes itens a respeito do emprego das estruturas linguísticas do texto, para, em seguida, assinalar a opção correta.
I. O paralelismo sintático e semântico entre "pressupõe" (l. 1) e "Implica" (l. 3) evidencia que remetem ao mesmo sujeito oracional.
II. O tempo e modo verbal em que "venha" (l. 4) está empregado indicam incerteza, dúvida a respeito do que pode vir a ser resultante em termos de "direitos novos" (l. 4).

III. As regras de regência nominal permitem que "dependência" (l. 13) também seja empregada com a preposição com; por isso está igualmente correto: a extrema dependência com que estão submetidos...
IV. "Concerne" (l. 14) apresenta dois complementos sintáticos: (a) "agravamento das condições de trabalho e de vida" (l. 14/15), e (b) "dependência tecnológica, cultural e ideológica" (l. 16/17).
Estão corretos apenas:
a) I e II.
b) I, II e III.
c) I e III.
d) II, III e IV.
e) II e IV.
Resposta: Alternativa A.
A análise dos três primeiros tópicos já é suficiente para se chegar à resposta.
O tópico I está correto, visto que "Falar em direitos humanos" é sujeito tanto do verbo "pressupõe" como do verbo "implica".
O tópico II também está correto, já que a forma verbal "venha", estando no modo subjuntivo, indica uma situação hipotética, não uma certeza, podendo no contexto, inclusive, ser acrescentada a palavra "porventura" (Implica, em suma, desvendar, a cada momento deste processo, o que, porventura, venha a resultar como direitos novos).
O tópico III possui uma grave falha, pois o termo que exige a presença da preposição "a" não é dependência, e sim "submetidos".

O texto abaixo serve de base para as questões 33 e 34.
Santo Agostinho (354-430), um dos grandes formuladores do catolicismo, uniu a teologia à filosofia. Sua contribuição para o estudo das taxas de juros, ainda que involuntária, foi tremenda. Em suas *Confissões*, o bispo de Hipona, filho de Santa Mônica, conta que, ainda adolescente, clamou a Deus que lhe concedesse a castidade e a continência e fez uma ressalva – ansiava por essa graça, mas não de imediato. Ele admitiu que receava perder a concupiscência natural da puberdade. A atitude de Santo Agostinho traduz impecavelmente a urgência do ser humano em viver o aqui e agora. Essa atitude alia-se ao desejo de adiar quanto puder a dor e arcar com as consequências do desfrute presente – sejam elas de ordem financeira ou de saúde. É justamente essa urgência que explica a predisposição das pessoas, empresas e países a pagar altas taxas de juros para usufruir o mais rápido possível seu objeto de desejo.
("Viver agora, pagar depois" (Fragmento). *In*: Economia e Negócios, *Revista Veja*, 30/3/2005, p. 90.)

33. (AFRE – MG) Assinale a opção correta com base no que se depreende do texto.

a) Na adolescência, o bispo de Hipona foi concupiscente.

b) O clamor de Santo Agostinho a Deus incluía o adiamento dos prazeres libidinosos.

c) A predisposição para o pagamento de altas taxas de juros é causa da urgência de se querer viver intensamente o momento presente.

d) A atitude tomada pelo filósofo católico, na adolescência, diferenciava-o dos demais homens e prenunciava a santificação futura.

e) O teólogo e filósofo do catolicismo contribuiu significativamente para a formulação do conceito das taxas de juros, ainda que fosse contrário à matéria.

Resposta: Alternativa A.

Observe que você não precisará saber o significado da palavra "concupiscente" para acertar a questão. No enunciado, é exigido do candidato uma inferência (dedução). No texto, está indicado que Santo Agostinho tinha medo de perder a concupiscência natural da puberdade. Então, podemos depreender que, se ele tinha medo de perder a concupiscência, é porque ele a possuía no período da puberdade (adolescência).

34. Julgue as afirmações a respeito do texto como verdadeiras (V) ou falsas (F), para marcar, a seguir, a opção correta.

( ) Em virtude do paralelismo sintático, o acento grave, em "à filosofia" (l.2), poderia ser eliminado.

( ) Estaria garantida a correção gramatical do texto se o pronome possessivo que inicia um período, na linha 2, fosse substituído, nessa mesma posição, pelo pronome "cujo", flexionado no feminino (cuja), e o ponto fosse substituído por uma vírgula.

( ) Haveria alteração do sentido original do texto se a expressão "ainda adolescente" (l.4) fosse deslocada para a posição imediatamente posterior à forma verbal "conta" (l.4).

( ) Dada a relação de sentido que se estabelece no período, a conjunção "e" (l.5 – 2ª ocorrência) poderia ser substituída, mantendo-se a coerência textual, pela conjunção "mas" precedida de vírgula.

( ) O complemento verbal "seu objeto de desejo" (l. 12) poderia vir precedido da preposição "de", atendendo-se à regência do verbo "usufruir".

A sequência correta obtida é:

a) V, F, F, V, V;

b) F, V, V, V, F;

c) V, V, F, F, V;

d) V, F, V, F, F;

e) F, F, V, V, V.

Resposta: Alternativa E.

A análise das duas primeiras afirmações já é suficiente para se chegar à resposta.

A primeira afirmação é falsa, visto que os termos não se encontram em paralelismo sintático. Um termo é objeto direto e o outro, indireto. O verbo "unir" exige um elemento sem preposição e outro, com.

A segunda afirmação também é falsa, porquanto o período quedar-se-ia totalmente incoerente com a substituição proposta. O pronome relativo "cujo" liga o termo seguinte ao antecedente, estabelecendo a ideia de posse, fato que não pode ocorrer com os termos "contribuição" e "filosofia".

30.11. Alteração de funções sintáticas em questões de interpretação

Muitas questões de interpretação de textos são resolvidas através do conhecimento gramatical. Por exemplo, existem funções sintáticas que possuem o mesmo valor semântico, como o sujeito ativo, o agente da passiva e o adjunto adnominal. Estas três funções sintáticas possuem valor ativo (agente, de quem pratica a ação), e as bancas tão somente reescrevem as frases alterando as funções sintáticas, sem modificar, contudo, a ideia contida. Em contrapartida, há também as funções sintáticas com valor paciente: os objetos, o sujeito passivo e o complemento nominal.

Ex.: **O professor** errou e causou estranheza a todos.
O erro **do professor** causou estranheza a todos.
O erro cometido **pelo professor** causou estranheza a todos.

? Observe que o termo "professor", acompanhado ou não de preposição, funciona, na primeira frase, como sujeito ativo; na segunda, como adjunto adnominal; na terceira, como agente da passiva. Mesmo este termo tendo funções sintáticas distintas, mantém o mesmo valor semântico. Nas três frases, é o professor que erra.

Ex.: Ler **jornais** é importante.
Jornais serem lidos é importante.
A leitura **de jornais** é importante.

? Observe que o termo "jornais", acompanhado ou não de preposição, funciona, na primeira frase, como objeto direto; na segunda, como sujeito passivo; na terceira, como complemento nominal. Apesar de o termo possuir funções sintáticas diferentes, a ideia dos três períodos é a mesma: jornais devem ser lidos.

30.12. Exercícios com gabarito comentado sobre alteração de funções sintáticas

1. (Of. Just. – TJ – NCE) "Como conciliar a liberdade com a inevitável ação restritiva do Estado?" Nesse segmento do texto, o articulista afirma que:

a) o Estado age obrigatoriamente contra a liberdade;
b) é impossível haver liberdade e governo ditatorial;
c) ainda não se chegou a unir os cidadãos e o governo;
d) cidadãos e governo devem trabalhar juntos pela liberdade;
e) o Estado é o responsável pela liberdade da população.

Resposta: Alternativa A.

Observe que o termo "do Estado" possui valor agente, funcionando como adjunto adnominal. Se você transformá-lo em sujeito ativo, o resultado será: "O Estado age inevitavelmente restringindo a liberdade". A alternativa A apenas substituiu "inevitavelmente" por um sinônimo: "obrigatoriamente".

2. (Of. Just. – TJ – NCE) "O primeiro templo da liberdade burguesa é o supermercado. Em <u>que pesem as angustiantes restrições do contracheque</u>, são as prateleiras abundantemente supridas que satisfazem a liberdade do consumo..." O segmento sublinhado corresponde semanticamente a:

a) As despesas do supermercado são muito pesadas no orçamento doméstico.
b) Os salários não permitem que se compre tudo o que se deseja.
c) As limitações de crédito impedem que se compre o necessário.
d) A inflação prejudica o acesso da população aos bens de consumo.
e) A satisfação de comprar só é permitida após o recebimento do salário.

Resposta: Alternativa B.

O termo "do contracheque" possui valor agente, funcionando como adjunto adnominal. Reescrevendo-se o período, transformando o adjunto adnominal em sujeito ativo, o resultado será: "o contracheque restringe o consumo". No texto, "contracheque" está sendo

utilizado como sinônimo de "salário", "restringir" e "não permitir" são equivalentes, "consumir" e "comprar" possuem o mesmo valor.

3. (Of. Just. – TJ – NCE) "Não houve ideal comunista que resistisse às tentações do supermercado". Com esse segmento do texto, o autor quer dizer que:

a) Todo ideal comunista se opõe aos ideais capitalistas.
b) A ideologia comunista sofre pressões por parte dos consumidores.
c) Os supermercados socialistas são menos variados que os do mundo capitalista.
d) O ideal comunista ainda resiste à procura desenfreada por bens de consumo.
e) As tentações do supermercado abalaram as estruturas capitalistas.

Resposta: Alternativa B.

É uma questão de inferência textual, pois você terá que deduzir o que o autor quis dizer neste segmento. Observe que o termo "do supermercado" tem valor agente, funcionando como adjunto adnominal. Transformando-o em sujeito de voz ativa, o resultado será: "O supermercado tentou (os consumidores) e não houve ideal comunista que resistisse a essa tentação (criada pelos supermercados)". Depreende-se, então, que a tentação criada aos consumidores pelos supermercados fez com que a ideologia comunista sofresse pressões até não mais resistir.

4. (MP – NCE) "... pois moedas não resgatam a dignidade". Reescrevendo-se este segmento do texto, mantendo-se o seu sentido original, a única forma inadequada é:

a) Visto que a dignidade não é resgatada por moedas.
b) Porque moedas não são o resgate da dignidade.
c) Porquanto a dignidade não se resgata com moedas.
d) Já que por moedas não é resgatada a dignidade.
e) Pela razão de que a dignidade não é resgatada por moedas.

Resposta: Alternativa C.

Questão muito bem imaginada, levando o candidato a pensar que a resposta sairia pela conector. As conjunções VISTO QUE, PORQUE, PORQUANTO, JÁ QUE e PELA RAZÃO DE QUE têm valor explicativo. Portanto, não se atinge a resposta por este caminho. O termo "dignidade", por possuir valor paciente, é objeto direto, podendo alterar sua função sintática para complemento nominal ou sujeito passivo. Nas opções A, D e E, "dignidade" se transforma em sujeito de voz passiva analítica; na C, em sujeito de voz passiva sintética; na B, em complemento nominal. Mais uma vez não chegamos à resposta. Partamos agora para uma última análise: "Moedas" funciona como sujeito ativo, podendo transformar-se em agente da passiva ou adjunto adnominal. Nas alternativas A, D e E, o termo se transformou em agente da passiva. Na opção B, continuou sendo sujeito da voz ativa. Na

alternativa C, o sujeito ativo (termo que praticava a ação) foi transformado em adjunto adverbial de instrumento, ou seja, o termo perdeu sua carga semântica – de praticar a ação – e passou a ter o valor de ser um instrumento utilizado para se praticar a ação.

5. (Técnico Judiciário Juramentado – TJ – NCE) "... a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana". Reescrevendo-se este segmento do texto com a manutenção de seu sentido original, temos como forma adequada:

a) A natureza humana necessita da vida em sociedade.

b) A vida em sociedade necessita da natureza humana.

c) A necessidade da natureza humana é uma vida em sociedade.

d) Uma necessidade da natureza humana é a vida em sociedade.

e) A natureza humana é necessária à vida em sociedade.

Resposta: Alternativa A.

As alternativas B e E são absurdas, contradizendo totalmente a ideia do segmento, não merecendo grandes análises. Normalmente, o candidato fica em dúvida entre as opções A, D e E. Quando o texto diz "... a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana", fica claro que "uma necessidade da natureza humana" está apenas qualificando "a vida em sociedade", não entrando no mérito se existem outras necessidades ou não. A simples inversão proposta na alternativa D sugere uma situação sutilmente diferente do texto, pois quando se informa que "uma necessidade da natureza humana é a vida em sociedade", torna-se evidente a existência de várias necessidades, uma delas é a vida em sociedade. Na opção C, por sua vez, sendo redigido que "a necessidade da natureza humana é uma vida em sociedade", há a sugestão de que a única necessidade da natureza é uma vida em sociedade, distanciando-se semanticamente da ideia exposta no texto. A alternativa A não altera o sentido original, modificando tão somente a função sintática de alguns elementos. O termo "da natureza humana", possuindo valor agente, funciona como adjunto adnominal e é transformado em sujeito ativo – se é uma necessidade da natureza humana, obviamente a natureza humana necessita. Por fim, fica evidente que, tal qual ocorre no segmento original, diz-se apenas que a natureza humana necessita da vida em sociedade, não sugerindo se necessita também de mais alguma coisa ou não.

Capítulo 31

Questões Comentadas de Concursos

A intenção, neste capítulo, é mostrar a você questões polêmicas, interessantes ou que possuam diversos assuntos cobrados simultaneamente. Essa é a nova "cara" das provas de Língua Portuguesa nos concursos, onde, em apenas uma questão, são exigidas do candidato, por exemplo, noções de regência, concordância, topologia pronominal, classificação de orações, funções sintáticas e, até mesmo, interpretação de textos. Sendo assim, foi feita essa seleção abaixo, com gabarito comentado item a item, enriquecendo mais ainda seu conhecimento e aumentando suas possibilidades de aprovação.

Leia o texto para responder à questão 1.

O advento da moderna indústria tecnológica fez com que o contexto em que passa a dispor-se a máquina mudasse completamente de configuração. Entretanto, tal mudança obedece a certas coordenadas que começam a ser pensadas já na antiga Grécia, que novamente se relacionam com a questão da verdade. É que a verdade, a partir de Platão e Aristóteles, passa a ser determinada de um modo novo, verificando-se uma transmutação em sua própria essência. Desde então, entende-se usualmente a verdade como sendo o resultado de uma adequação, ou seja, a verdade pode ser constatada sempre que a ideia que o sujeito forma de determinado objeto coincida com esse objeto.

(Gerd Bornheim. *Racionalidade e acaso*. fragmento)

1. (AFRF – Esaf) Assinale a opção correta a respeito do uso das estruturas linguísticas do texto.

a) Mantém-se a coerência da argumentação ao substituir "fez" (l. 1) por **faz**; mas para que a correção gramatical seja mantida, torna-se obrigatória então a substituição de "mudasse" (l. 2) para **mude**.
b) Preservam-se as relações de sentido entre "contexto" (l. 1) e "máquina" (l. 2) com a substituição do pronome relativo "que" (l. 1) por **qual**, mantendo-se obrigatória a presença de "em".
c) Tanto a supressão da preposição no termo "a certas coordenadas" (l. 3) como sua substituição por **às** preservam as relações de sentido e respeitam as regras de regência verbal.
d) A construção da textualidade mostra que o advérbio "então" (l. 6) refere-se ao tempo de "Platão e Aristóteles" (l. 5); por isso, preservam-se a coerência e a correção do texto ao substituir "Desde então" (l. 6) por **Adiante desses filósofos**.
e) A expressão "ou seja" (l. 7) permite a troca de lugar entre os termos "adequação" (l. 7) e "verdade pode ser constatada sempre que a ideia que o sujeito forma de determinado objeto coincida com esse objeto" (l. 7, 8 e 9), sem prejudicar a correção gramatical do texto.
Gabarito: Alternativa A.
A substituição de "fez" por "faz" acarretou a mudança na estrutura temporal, passando todo o contexto do passado para o presente, exigindo, consequentemente, a correlação presente do indicativo – presente do subjuntivo.
Na alternativa B, o pronome relativo "que" deveria ser substituído por "o qual" e não por somente "qual", resultando "no qual".
Na alternativa C, apesar de a regência do verbo "obedecer" exigir a presença da preposição A e normalmente o artigo ser facultativo antes de substantivos no plural, a ocorrência do pronome indefinido "certas" proíbe o uso do artigo, não sendo possível "às".
A proposta de reescritura feita na alternativa D é absurda, pois "Adiante" significa "em frente", "frente a".
A reescritura proposta na alternativa E é descabida, pois observe o resultado: "Desde então, entende-se usualmente a verdade como sendo o resultado de a verdade pode ser constatada sempre que a ideia que o sujeito forma de determinado objeto coincida com esse objeto, ou seja, uma adequação. A estrutura "de a verdade" exige que o verbo seguinte esteja no infinitivo, reduzindo a oração.

Leia o fragmento de texto abaixo para responder à questão 2.
O enquadramento pós-estruturalista da teoria da comunicação analisa o modo como a comunicação eletronicamente mediada (o que eu chamo modo de informação) desafia, e ao mesmo tempo reforça, os sistemas de dominação emergentes na sociedade e cultura pós-moderna. A minha tese é que o modo de informação decreta uma reconfiguração

radical da linguagem, que constitui sujeitos fora do padrão do indivíduo racional e autônomo. Esse sujeito familiar moderno é deslocado pelo "modo de informação" em favor de um que seja múltiplo, disseminado e descentrado, interpelado continuamente como uma identidade instável. Na cultura, essa instabilidade coloca tanto perigos como desafios que se tornam parte de um movimento político – ou se estão relacionados com as políticas feministas, minorias étnicas/raciais, posições gays e lésbicas, podem conduzir a um desafio fundamental às instituições e estruturas sociais modernas.
(Haik Poster. *A segunda era dos mídia*)

2. (AFRF – Esaf) Julgue como falsos (F) ou verdadeiros (V) os seguintes itens a respeito das estruturas linguísticas do texto.
( ) Preservam-se as relações semânticas e a correção gramatical do texto ao deslocar "pós-estruturalista" (l. 1) para depois de " teoria da comunicação" (l. 1).
( ) Preserva-se a correção gramatical e a coerência, mas alteram-se as relações semânticas do texto ao substituir "o que" (l. 2) por a que.
( ) "Esse sujeito familiar" (l. 6) corresponde ao "indivíduo racional e autônomo" (l. 6).
( ) Preservam-se as relações semânticas e a correção gramatical do texto ao substituir "como" (l. 8) pela preposição por.
( ) O desenvolvimento da textualidade mostra que, na linha 9, se o termo "desafios" fosse substituído por o desafio, a flexão de plural em "que se tornam" deveria ser substituída pela flexão de singular.
A sequência obtida é:
a) V-F-V-V-F
b) V-V-F-F-V
c) F-V-V-F-F
d) F-F-V-V-V
e) F-V-V-F-V
Gabarito: Alternativa C.
O primeiro item é errado, pois o deslocamento de "pós-estruturalista" altera o sentido do texto, tendo em vista que o termo qualificava "enquadramento", passando a adjetivar "teoria da comunicação." (l. 1)
A análise apresentada no segundo item é adequada, visto que, alterando-se "o que" por "a que", apesar de haver pequena alteração no sentido do texto, ainda assim é conservada sua coerência: "o" em "o que" funciona como pronome demonstrativo, sendo referente à "comunicação eletronicamente mediada" (l. 2). Já em "a que" é o pronome relativo "que" que possui como antecedente "comunicação eletronicamente mediada". Também é importante frisar que ocorre alteração de ordem sintática, porquanto a regência do verbo

"chamar", no sentido de qualificar, tanto pode ser transitivo direto como transitivo indireto, regendo a preposição "a". Sendo assim, no primeiro caso, o verbo era transitivo direto e no segundo, transitivo indireto.

O terceiro item apresenta uma informação verdadeira, uma vez que o texto procura demonstrar a transformação que o "sujeito familiar" acaba sofrendo por imposição da comunicação eletronicamente mediada. Ele sofre uma reconfiguração, saindo do padrão racional e autônomo, constituindo-se em um múltiplo, descentrado, disseminado e instável, formando, por fim, o que o texto denomina de sujeito familiar moderno.

O quarto item possui um erro, pois, ao substituir-se "como" por "por", a ideia de comparação se desfaz, e o valor agente é inserido: O sentido "Ele é interpelado tal qual uma identidade instável" é substituído por "Uma identidade instável o interpela.

O último item contém um comentário falso, dado que o pronome relativo "que" poderia ter como antecedente "desafio" ou a composição "tanto perigos como desafio", podendo o verbo ocorrer no singular ou no plural.

Leia o texto para responder à questão 3.

Boa parte de nossa infelicidade ou aflição nasce do fato de vivermos rodeados (por vezes esmagados ou algemados) por mitos. Nem falo dos belos, grandiosos ou enigmáticos mitos da Antiguidade Grega. Falo, sim, dos mitinhos bobos que inventou nosso inconsciente medroso, sempre beirando precipícios com olhos míopes e passo temeroso. Inventam-se os mitos, ou deixamos que aflorem, e construímos em cima deles a nossa desgraça.

(Lya Luft, "Faxina nos mitos". *Veja*, 20 de abril, 2005, com adaptações)

3. (Técnico da Receita Federal – Esaf) Julgue os seguintes itens a respeito das estruturas linguísticas do texto:

I. De acordo com as regras gramaticais, o verbo da primeira oração do texto poderia ser empregado tanto no singular quanto no plural.

II. É pela flexão de número no verbo da oração subordinada, "que inventou nosso inconsciente medroso"(l. 3/4), que são identificados o sujeito e o objeto dessa oração.

III. A ideia de "sempre beirando precipícios com olhos míopes e passo temeroso"(l. 4 e 5) constitui uma forma figurativa para explicar "mitinhos"(l. 3).

IV. O desenvolvimento do texto mostra que inventar e deixar aflorar são empregados para indicar a passividade dos mitos na sua criação.

Estão corretos apenas:

a) I e II;

b) I e III;

c) II e III;

d) III e IV;
e) II e IV.

Gabarito: Alternativa E.

O primeiro comentário é inadequado, visto que a forma verbal "nasce" concorda com "Boa parte". A concordância atrativa, no plural, seria cabível, se o termo mais próximo estivesse no plural.

O segundo comentário é perfeito, porquanto só há a certeza de que "nosso inconsciente medroso" funciona como sujeito, em virtude de a forma verbal "inventou" estar no singular. Se o verbo estivesse no plural, haveria a indicação de que o pronome relativo "que", referente a "os mitinhos bobos", seria sujeito. Contudo, também não há como negar que esta possibilidade gramatical geraria incoerência textual.

O termo "sempre beirando precipícios com olhos míopes e passo temeroso", constante no terceiro item, qualifica "nosso inconsciente medroso", não possuindo qualquer relação com "mitinhos".

O último período apresenta uma assertiva verdadeira, porquanto o termo "os mitos" funciona como sujeito paciente de "inventaram-se". Também há a ideia passiva na segunda estrutura, já que a ideia é de "deixar" aflorar os mitos.

4. (Técnico da Receita Federal – Esaf) No trecho abaixo, foram inseridos erros no que respeita ao emprego da norma gramatical padrão. Para eliminá-los do trecho, foram propostas seis alterações. Analise-as e responda ao que se pede.

O ministro da Controladoria Geral da União, Waldir Pires, escreveu uma longa carta a Oded Grajew, na qual reconhece que o Brasil ainda carece de ações preventivas no combate à corrupção. Diante de uma máquina estatal pouco transparente e que reage as tentativas de publicidade das suas ações, o País surpreende-se com os casos de corrupção, e só os descobre quando já são esquemas consolidados e milionários.

Waldir Pires afirma que vem mudando essa realidade. Criou o Portal da Transparência e o sistema de auditoria por sorteio, estabeleceu convênio para troca de informações com o Ministério Público, articulou-se com a Polícia Federal em diversas operações que a PF realizou nos últimos anos.

A carta do ministro para Oded, tornada pública, gerou uma segunda carta, dessa vez do presidente da União Nacional dos Analistas e Técnicos de Finanças e Controle (Unacon), Fernando Antunes, que reconhece o desejo real da CGU de tornar o Estado brasileiro mais transparente. Consequentemente admite a existência de uma queda-de-braço entre setores do governo. Nem a todos interessa a publicidade dos atos governamentais.

(Adaptado de Rudolfo Lago, *Correio Braziliense*, 24/10/2005)

Alterações propostas:

I. Usar o acento grave para indicar ocorrência de crase na expressão "reage as tentativas" (l. 4).
II. Alterar a configuração morfossintática do final do primeiro parágrafo para: só descobrindo-os quando já são esquemas consolidados e milionários.
III. Desenvolver a oração reduzida da linha 11 na seguinte oração adverbial: quando se tornou pública.
IV. Substituir "Consequentemente" (l. 14) por Mas.
V. Reescrever a última oração do terceiro parágrafo assim: Não são todos que se interessam pela publicidade dos atos governamentais.
Indique a opção que relaciona apenas as alterações necessárias para eliminar os erros gramaticais do trecho.
a) I, IV e V.
b) I, II, III, e IV.
c) I e IV.
d) II e IV.
e) III, IV e V.
Gabarito: Alternativa C.
O primeiro comentário é adequado, visto que a preposição "a" é exigência do verbo "reagir". A frase tanto ficaria correta com "a" como com "às", lembrando ser o artigo facultativo antes de substantivo no plural.
O segundo comentário não é correto, uma vez que o termo invariável "só" atrai o pronome oblíquo, exigindo a próclise. Além disso, a questão exige que a reescritura se faça necessária, ou seja, a frase original teria que estar errada, o que não ocorre neste caso.
No terceiro comentário, a proposta de reescritura é adequada, contudo a estrutura original também era. Sendo assim, não é necessária a alteração.
O quarto item apresenta uma alteração efetivamente necessária, já que é claro não ocorrer uma relação de causa-efeito, mas sim a oposição entre a ideia exposta anteriormente – o desejo real da CGU de tornar o Estado brasileiro mais transparente – e o fato de a publicidade dos atos governamentais não ser de interesse de todos os setores do governo. Sendo assim, faz-se necessária a substituição de "consequentemente" por um conector de caráter adversativo.
No último item, apesar de a reescritura proposta no último item estar perfeita, ela se torna desnecessária, dado que o texto original também já se encontrava escorreito.

5. (Tribunal de Justiça da Bahia – 2005 – Cespe – UnB)
Não há dúvida de que, no início do século XXI, os Estados Unidos da América chegaram mais perto do que nunca da possibilidade de constituição de um "império mundial". Mas,

se o mundo chegasse a esse ponto e constituísse um império global, isso significaria – ao mesmo tempo e por definição – o fim do sistema político interestatal. E o mais provável, do ponto de vista econômico, é que tal transformação viesse a significar também o fim do capitalismo. Em uma linguagem mais próxima da física e da termodinâmica do que da dialética hegeliana, pode-se dizer que a expansão do poder global na direção do império mundial é, ao mesmo tempo, uma força que levaria o sistema mundial à entropia, ao provocar sua homogeneização interna e o desaparecimento das hierarquias e conflitos responsáveis pelo dinamismo e pela ordem do próprio sistema.
(José Luís Fiori. *Correio Braziliense*, 25/12/2004 – com adaptações).
Em relação ao texto acima, julgue os itens que se seguem.

1 O emprego da preposição "de" em "Não há dúvida de que" (l. 1) justifica-se pela regência da forma verbal "há".

2 Como na sequência há um complemento oracional, a omissão da preposição "de" em "Não há dúvida de que" (l. 1) também estaria de acordo com as exigências da norma escrita culta.

3 Como o primeiro período do texto apresenta ideia relativa a um único país, o emprego do verbo chegar no singular — chegou — estaria de acordo com as exigências de concordância da norma escrita culta, sem necessidade de outras alterações no texto.

4 Mantêm-se a correção gramatical do período e as informações originais do texto ao se eliminar a palavra sublinhada em "mais perto do que nunca" (l. 2).

5 O emprego do futuro do pretérito em "significaria" (l. 4) é decorrente do emprego de estrutura antecedente que tem valor condicional, formada por verbo no imperfeito do subjuntivo.

6 Pelos sentidos do texto, é correto inferir que a palavra "entropia" (l. 9) está sendo empregada com o significado de equilíbrio, organização.

7 Para o trecho "que levaria (...) à entropia" (l. 8-9), estaria também de acordo com as exigências da norma escrita culta qualquer uma das seguintes reescrituras: que levaria a entropia ao sistema mundial, que levaria à entropia o sistema mundial, que iria levar o sistema mundial à entropia.

8 **Infere-se das informações e dos sentidos do texto que o dinamismo e a ordem do sistema político interestatal em vigor atualmente no mundo podem prescindir de hierarquias e conflitos.**

Gabarito 1: Errado. O uso da preposição "de" é decorrente da regência de "dúvida".
Gabarito 2: Certo. Nas orações subordinadas substantivas objetivas indiretas e nas orações subordinadas substantivas completivas nominais, é comum a preposição ser suprimida, vide comentário realizado no ***bizu*** do item 24.3.1.7.
Gabarito 3: Errado. Quando o título é precedido de determinante, no caso o artigo, o verbo é obrigado a concordar com o determinante, só cabendo o verbo no plural.
Gabarito 4: Certo. Neste livro, há o esclarecimento de que, nas conjunções comparativas, a palavra "do" em "do que" é totalmente dispensável, sem gerar problemas tanto no aspecto semântico quanto no sintático.
Gabarito 5: Certo. O uso do futuro do pretérito em consequência da ocorrência do pretérito imperfeito do subjuntivo é correto. Cabe lembrar o capítulo de aspectos verbais, onde há a informação de que, quando se cria uma condição passada – pretérito imperfeito do subjuntivo –, a consequência deve ocorrer posteriormente (a essa condição passada), daí o emprego do futuro do pretérito.
Gabarito 6: Errado. O significado de "entropia" é medida de quantidade de desordem de um sistema", pois a argumentação do texto justamente sugere que a homogeneização do sistema, o desaparecimento das hierarquias e conflitos são responsáveis pelo dinamismo e pela ordem do próprio sistema. Ou seja, caso não haja heterogeneidade, hierarquia e conflitos, o sistema entrará em desordem.
Gabarito 7: Anulado. Todas as propostas de reescritura estão de acordo com a norma culta. No entanto, a primeira redação altera o sentido do texto, invertendo os objetos. Em virtude disso, o item foi anulado, pois, pela visão meramente gramatical, o item satisfaz a exigência; contudo, pelo aspecto semântico, a ideia original, na primeira estrutura, é alterada.
Gabarito 8: Errado. A interpretação do item encontra-se em desacordo com o texto, visto que o texto adverte que o dinamismo e a ordem do sistema são frutos das hierarquias e dos conflitos, não podendo, portanto, prescindir deles.

Leia o texto abaixo para responder às questões 6 a 9.
O QUE É... DECISÃO

1 No mundo corporativo, há algo vagamente conhecido como "processo decisório", que são aqueles insondáveis critérios adotados pela alta direção da empresa para chegar a decisões que o funcionário não consegue entender. Tudo começa com a própria origem da palavra "decisão", que se formou a partir do verbo latino *caedere* (cortar). Dependendo do prefixo que se utiliza, a palavra assume um significado diferente: "incisão" é cortar para dentro, "rescisão" é cortar de novo, "concisão" é o que já foi cortado, e assim por diante. E *dis caedere*, de onde veio "decisão", significa "cortar fora". Decidir é, portanto, extirpar de uma situação tudo o que está atrapalhando e ficar só com o que interessa.

10 E, por falar em cortar, todo mundo já deve ter ouvido a célebre história do não menos célebre rei Salomão, mas permitam-me recontá-la, transportando os acontecimentos para uma empresa moderna. Então, está um dia o rei Salomão em seu palácio, quando duas mulheres são introduzidas na sala do trono. Aos berros e puxões de cabelo, as duas disputam a maternidade de uma criança recém-nascida. Ambas possuem argumentos sólidos: testemunhos da gravidez recente, depoimentos das parteiras, certidões de nascimento. Mas, obviamente, uma das duas está mentindo: havia perdido o seu bebê e, para compensar a dor, surrupiara o filho da outra. Como os testes de DNA só seriam inventados dali a milênios, nenhuma das autoridades imperiais consultadas pelas litigantes havia conseguido dar uma solução satisfatória ao impasse.

21 Então Salomão, em sua sabedoria, chama um guarda, manda-o cortar a criança ao meio e dar metade para cada uma das reclamantes. Diante da catástrofe iminente, a verdadeira mãe suplica: "Não! Se for assim, ó meu Senhor, dê a criança inteira e viva à outra!", enquanto a falsa mãe faz aquela cara de "tudo bem, corta aí". Pronto. Salomão manda entregar o bebê à mãe em pânico, e a história se encerra com essa salomônica demonstração de conhecimento da natureza humana.

27 Mas isso aconteceu antigamente. Se fosse hoje, com certeza as duas mulheres optariam pela primeira alternativa (porque ambas teriam feito um curso de Tomada de Decisões). Aí é que entram os processos decisórios dos salomões corporativos. Um gerente salomão perguntaria à mãe putativa A: "Se eu lhe der esse menino, ó mulher, o que dele esperas no futuro?" E ela diria: "Quero que ele cresça com liberdade, que aprenda a cantar com os pássaros e que possa viver 100 anos de felicidade". E a mesma pergunta seria feita à mãe putativa B, que de pronto responderia: "Que o menino cresça forte e obediente e que possa um dia, por Vossa glória e pela glória

de Vosso reino, morrer no campo de batalha". Então, sem piscar, o gerente salomão ordenaria que o bebê fosse entregue à mãe putativa B.

38 Por quê? Porque na salomônica lógica das empresas, a decisão dificilmente favorece o funcionário que tem o argumento mais racional, mais sensato, mais justo ou mais humano. A balança sempre pende para os putativos que trazem mais benefício para o sistema.

(GEHRINGER, Max. *Você* S/A, jan. 2002)
(Transpetro – Petrobras – Cesgranrio)

6. Indique a opção na qual as frases "Se fosse hoje, com certeza as duas mulheres optariam pela primeira alternativa..." (l. 27-28) e "Aí é que entram os processos decisórios dos salomões corporativos." (l. 29-30) aparecem reescritas em um único período, sem alteração do sentido original.
a) Caso isso acontecesse nos dias atuais, as duas mulheres fariam a mesma escolha influenciadas pelas decisões de seu gerente salomão.
b) No mundo de hoje, as duas mulheres levariam em consideração para decidir os critérios do rei Salomão e escolheriam a primeira opção.
c) Atualmente, as duas mulheres poderiam escolher a primeira possibilidade levando em conta os interesses do sistema empresarial.
d) Com a nova mentalidade, a escolha das duas mulheres seria por não dividir a criança, já que conheceriam as regras empresariais.
e) Uma vez que hoje as duas mulheres optariam pela mesma alternativa, os "salomões corporativos" recorreriam a processos de decisão.
Gabarito: Alternativa E.
Normalmente, nesta questão, o candidato teria dúvida entre as alternativas A e E. No entanto, a opção A possui uma falha: retornando ao texto, torna-se evidente que as mulheres fariam a mesma escolha em virtude de terem realizado um curso de Tomada de Decisões. A resposta (alternativa E) denuncia um fato já bastante comentado no capítulo de conjunções: a relação entre condição e causa. No texto original, a conjunção "Se" possui valor de condição. Na reescritura, o conector "Uma vez que" acrescenta ao período um valor de causa. As duas conjunções introduzem situações anteriores, gerando grande proximidade de ideias. Também é mister informar que, no contexto, o termo "Aí" possui a ideia de "neste caso". Sendo assim, os processos decisórios seriam utilizados no caso de as duas mulheres fazerem a mesma opção.

7. Com base no período "Como os testes de DNA só seriam inventados dali a milênios, nenhuma das autoridades imperiais consultadas pelas litigantes havia conseguido dar uma solução satisfatória ao impasse." (l. 18-20), pode-se inferir que:

a) os testes de DNA poderiam contribuir para a solução do problema;

b) as soluções encontradas pelas autoridades não satisfizeram às litigantes;

c) as supostas mães das crianças consultaram as autoridades para resolver o impasse;

d) só dali a muitos anos os cientistas inventariam os testes de DNA;

e) não havia autoridade imperial capaz de resolver o impasse.

Gabarito: Alternativa A.

Esta questão foi muito bem imaginada, possuindo quatro alternativas coerentes com o texto. A solução é observar o enunciado: lá a banca solicita ao candidato uma inferência textual (pode-se inferir que), não servindo como resposta algo explícito no texto. A alternativa B está explícita, visto que está presente no texto que as autoridades imperiais consultadas não deram uma solução satisfatória. A opção C também está explícita, dado que o texto fornece a informação de que houve autoridades imperiais consultadas pelas mães-litigantes. A alternativa D também é recorrente ao texto, porquanto está exposto que os testes de DNA somente seriam inventados dali a milênios. A alternativa E é a única incoerente, dado que no texto fica evidente que nenhuma das autoridades imperiais "consultadas" conseguiu dar uma solução para o impasse, o que não quer dizer que obrigatoriamente nenhuma autoridade imperial conseguiria dá-la, havendo a possibilidade de autoridades não consultadas fazerem-no. A alternativa A é a resposta, em conformidade com a exigência feita no enunciado, ou seja, uma inferência (dedução) a partir dos elementos do texto. Pode-se deduzir que o impasse, nos dias atuais, poderia ser solucionado através dos testes de DNA. É fundamental frisar que o texto não informa que os testes de DNA poderiam contribuir para a solução do problema, no entanto é uma conclusão que o leitor poderia extrair do fragmento.

8. Por meio de uma carta, os funcionários aos superiores.

Com respeito à regência, a forma verbal que preenche adequadamente a lacuna acima é:

a) chamaram;

b) convidaram;

c) cumprimentaram;

d) pressionaram;

e) responderam.

Gabarito: Alternativa E.

Questão de regência em que os verbos apresentados nas alternativas B, C e D somente poderiam funcionar sem preposição. O verbo "chamar", no sentido de mandar vir, convocar, é transitivo direto, regendo, portanto, sem preposição. No entanto, também é cabível o uso da preposição "por" (chamar pelos superiores). Se este verbo estivesse no sentido de "qualificar", tanto poderia ser transitivo direto como indireto, regendo a preposição A. A alternativa E é a única que contém um verbo que, neste contexto, rege a preposição, sendo, portanto, a resposta.

9. Assinale a opção em que o sinal de dois-pontos tem a mesma função apresentada em "Mas, obviamente, uma das duas está mentindo: havia perdido o seu bebê e, para compensar a dor, surrupiara o filho da outra." (l. 16-18)

a) O diretor apresentou dados convincentes: a pesquisa de opinião, o último balanço da empresa e cartas de clientes.

b) Os critérios adotados para admissão de funcionários são sempre os mesmos: organização, competência e capacidade de trabalhar em equipe.

c) Tomar decisões em momentos de crise pode ser danoso: muitas vezes um impulso substitui o bom-senso.

d) Dois motivos o levaram a pedir demissão: uma nova oferta de trabalho e a possibilidade de trabalhar no exterior.

e) Quando soube que não seria promovido, ele fez o seguinte: mandou uma carta para a vice-presidência e marcou uma reunião com a equipe.

Gabarito: Alternativa C.

O sinal de dois-pontos no texto original tem como função introduzir uma causa para a ideia exposta na oração anterior, podendo inclusive ser substituído por uma conjunção subordinativa causal: "Mas, obviamente, uma das duas está mentindo, porque havia perdido o seu bebê e, para compensar a dor, surrupiara o filho da outra." Nas alternativas A, B, D e E, o sinal de dois-pontos está sendo utilizado tão somente para introduzir apostos. Na alternativa C, o sinal de dois-pontos efetivamente possui o mesmo caráter da frase do enunciado: Tomar decisões em momentos de crise pode ser danoso, porque muitas vezes um impulso substitui o bom-senso.

10. (Técnico Judiciário – Concurso TRE-AL – Cespe – UnB) Na cidade de Atenas, considerava-se cidadão (thetes) qualquer ateniense maior de 18 anos que tivesse prestado serviço militar e que fosse homem livre. Da reforma de Clistenes em diante, os homens da cidade não usariam mais o nome da família, mas, sim, o do demos a que pertenciam. Manifestariam sua fidelidade não mais à família (gens) em que haviam nascido, mas à comunidade (demói) – em que viviam, transferindo sua afeição de uma instância

menor para uma maior. O objetivo do sistema era a participação de todos nos assuntos públicos, determinando que a representação popular se fizesse não por eleição, mas por sorteio.
(Internet: http://www.educaterra.terra.com.br/voltaire/politica/democracia2.htm.
Acesso em 16/7/2004 (com adaptações).)
Considerando o texto acima, julgue os itens a seguir.

1. **A estrutura em voz passiva "considerava-se" (l. 1) poderia ser substituída por outra forma de passiva, era considerado, sem comprometer a coerência do texto.**

2. **A correção gramatical e a coerência textual seriam mantidas ao se retirar o pronome "que" (l. 2).**

3. **O emprego de futuro do pretérito em "usariam" (l. 3) e "Manifestariam" (l. 4) indica que as ações expressas por essas formas verbais devem ser consideradas a partir da "reforma de Clistenes" (l. 2-3).**

4. **Por se tratar de uso opcional, a retirada da preposição em "a que" (l. 4) preservaria a correção gramatical e a coerência do texto.**

5. **Mantém-se o respeito às regras de regência da forma verbal "transferindo" (l. 6) e à correção gramatical do período ao se substituir a preposição "para" (l. 6) por à.**

6. **De acordo com a argumentação do texto, a expressão "instância menor" (l. 6) deve ser compreendida como a comunidade do cidadão.**

7. **Depreende-se do texto que a representação popular por meio de sorteio era considerada mais adequada do que a eleição, para propiciar a participação de todos os cidadãos nos assuntos públicos de Atenas.**

Gabarito 1: Certo. O comentário é adequado, uma vez que o verbo "considerar" é transitivo direto que, com a presença do pronome apassivador "se", forma a voz passiva sintética. É feita a proposta de alteração para a voz passiva analítica, acrescentando-se o verbo auxiliar "ser" no mesmo tempo da estrutura original, o pretérito imperfeito do indicativo. Sendo assim, está havendo apenas a substituição de uma forma passiva por outra e a coerência textual não fica prejudicada, visto que os tempos verbais são respeitados.
Gabarito 2: Certo. Questão de paralelismo sintático, em que há duas orações subordinadas adjetivas, introduzidas por pronomes relativos, relacionadas a apenas uma oração

principal. Como os dois pronomes relativos QUE, na linha 2, são referentes a "qualquer ateniense maior de 18 anos" (linhas 1-2), basta usar apenas o primeiro, ficando o segundo subentendido. É sempre importante lembrar que, em situações de paralelismo, o elemento repetido pode ser suprimido.

Gabarito 3: Certo. O tempo futuro do pretérito, como a própria nomenclatura sugere, indica uma consequência futura de um fato passado. Fica claro que o fato passado é a "reforma de Clistenes que gera dois efeitos:

"Os homens da cidade não usariam mais o nome da família, mas, sim, o do demos a que pertenciam"; e "manifestariam sua fidelidade não mais à família (*gens*) em que haviam nascido, mas à comunidade (*demói*) em que viviam".

Gabarito 4: Errado. A preposição "a" não pode ser extraída, pois sua ocorrência é exigida pela regência do verbo "pertencer": algo pertencer **a** alguém.

Gabarito 5: Errado. Este comentário nunca poderia ser adequado, visto que não se pode usar "a" com acento grave antecedendo artigo indefinido.

Gabarito 6: Errado. A instância menor, citada no texto, é a família, a que anteriormente o cidadão era fiel e cujo nome usava. Da reforma de Clistenes em diante, o homem passa a usar o nome da comunidade a que pertenciam (demói), sendo fiel a ela.

Gabarito 7: Certo. É cabível inferir do último período "O objetivo do sistema era a participação de todos nos assuntos públicos, determinando que a representação popular se fizesse não por eleição, mas por sorteio." que o sorteio propiciaria participação mais efetiva da comunidade nos assuntos públicos, se comparado ao sistema de eleições.

11. (Administrador – BNDES – NCE) Em texto da *Folha de São Paulo*, um morador das margens de uma grande rodovia declarava o seguinte:

Hoje já passaram por aqui milhares de caminhões e automóveis, mas eu e minha família já estamos habituados com isso; os garotos até brincam, jogando pedra nos pneus.

Há, nesse texto, um conjunto de palavras cujo significado depende da enunciação, ou seja, da situação em que o texto foi produzido. Entre as alternativas abaixo, aquela que indica um termo que não está nesse caso é:

a) hoje;
b) aqui;
c) eu;
d) minha família;
e) isso.

Gabarito: Alternativa E.

Questão que trabalha o plano da enunciação – segundo o **dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**, o significado de *enunciado* é: "Ato individual de utilização da língua pelo

falante ao produzir um enunciado num dado contexto comunicativo". A situação referida teve um narrador, ocorreu num determinado tempo e lugar. Se essa mesma estória fosse contada por outro narrador, em lugar diferente e no dia seguinte, por exemplo, várias palavras necessariamente sofreriam alteração: "**Ontem** já passaram por **lá** milhares de caminhões e automóveis, mas **João** e **sua família** já estavam habituados com **isso**; os garotos até brincavam, jogando pedra nos pneus." Pode-se, portanto, observar que o único vocábulo que não sofreu alteração foi "isso".

12. (Administrador – BNDES – NCE) Uma indicação de como tomar-se determinado medicamento registrava: "tomar dois comprimidos, de dois tipos diferentes a cada duas horas". A frase, por ser ambígua, pode gerar confusão: tomar um ou dois comprimidos de cada tipo? A frase abaixo que não traz qualquer possibilidade de ambiguidade é:

a) Pedro e José encontraram-se com João.
b) A perturbação do chefe prejudicou o projeto.
c) O gerente falou com o cliente que mora perto do banco.
d) O funcionário, em sua sala, falou com o chefe.
e) Pedro encontrou o irmão entrando na loja.

Gabarito: Alternativa D.

A alternativa A gera uma dúvida: não se sabe se Pedro e José juntos encontraram-se com João, ou se cada um separadamente encontrou-se com João.

A alternativa B também possui uma ambiguidade: sem contexto, não há como se determinar se o chefe estava perturbando ou sendo perturbado. Inclusive tal situação cria dúvida quanto à função sintática de "do chefe": com valor agente (o chefe perturbando os outros e, por isso, prejudicando o projeto) – adjunto adnominal; com valor paciente (o chefe sendo perturbado e, por isso, prejudicando o projeto) – complemento nominal. Na alternativa C, não fica determinado quem mora perto do banco: o gerente ou o cliente. A opção E apresenta também uma ambiguidade, pois não se sabe quem entrou na loja: Pedro ou o irmão.

Leia o texto abaixo para responder às questões 13 e 14.

Falei de esquisitices. Aqui está uma, que prova ao mesmo tempo a capacidade política deste povo e a grande observação de seus legisladores. Refiro-me ao processo eleitoral. Assisti a uma eleição que aqui se fez em fins de novembro. Como em toda a parte, este povo andou em busca da verdade eleitoral. Reformou muito e sempre; esbarrava-se, porém, diante de vícios e paixões, que as leis não podem eliminar. Vários processos foram experimentados, todos deixados ao cabo de alguns anos. É curioso que alguns deles

coincidissem com os nossos de um e de outro mundo. Os males não eram gerais, mas eram grandes. Havia eleições boas e pacíficas, mas a violência, a corrupção e a fraude inutilizavam em algumas partes as leis e os esforços leais dos governos. Votos vendidos, votos inventados, votos destruídos, era difícil que todas as eleições fossem puras e seguras. Para a violência havia aqui uma classe de homens, felizmente extinta, a que chamam pela língua do país, *Kapangas* ou *kapengas*. Eram esbirros particulares, assalariados para amedrontar os eleitores e, quando fosse preciso, quebrar as urnas e as cabeças. Às vezes quebravam só as cabeças e metiam nas urnas maços de cédulas. Estas cédulas eram depois apuradas com as outras, pela razão especiosa de que mais valia atribuir a um candidato algum pequeno saldo de votos que tirar-lhe os que deveras lhe foram dados pela vontade soberana do país. A corrupção era menor que a fraude; mas a fraude tinha todas as formas. Enfim, muitos eleitores, tomados de susto ou de descrença, não acudiam às urnas.

(Machado de Assis. *A semana.* In: *Obra completa*. VIII. Rio de Janeiro: Aguilar. 1973. p. 757)

13. (Analista Judiciário – TRE – RJ – Cespe/UnB) Em relação ao texto, assinale a opção incorreta.

a) Após o termo "uma" (l. 1), subentende-se a elipse da palavra **esquisitice**.

b) Caso a expressão "aqui se faz" (l. 3) seja substituída por **aqui foi feita**, prejudica-se a correção gramatical do período.

c) Em "esbarrava-se" (l. 5), o termo "se" indica indeterminação do sujeito.

d) O emprego da vírgula após "paixões" (l. 5) justifica-se porque a oração subsequente é explicativa.

Gabarito: Alternativa B.

A alternativa A apresenta um comentário correto, visto que o artigo indefinido "uma" realmente sugere a ocorrência do termo presente no período anterior: "Falei de esquisitices. Aqui está uma **esquisitice**". A alternativa B é a resposta. Analisemo-la. O enunciado da questão solicita a opção errada. A substituição "aqui se fez" por "aqui foi feita" é perfeita, uma vez que houve tão-somente a reconstrução da frase com a voz passiva sintética no lugar da analítica, inclusive havendo o cuidado de se conservar o tempo verbal: o pretérito perfeito do indicativo (FEZ – FOI). Como nesta alternativa, está afirmado que a alteração prejudica a correção gramatical, fato que não ocorre, acaba por ser a resposta para o enunciado. A alternativa C apresenta uma assertiva adequada, porquanto o pronome "se", ligado a um verbo intransitivo, na terceira pessoa do singular, com a indefinição (não a inexistência) do autor da ação de "esbarrar", funciona como índice de indeterminação do sujeito. O assunto presente na alternativa D vem sendo bastante explorado pelas bancas. O

candidato deve estar sempre atento à ocorrência de pontuação antes de pronome relativo. A palavra seguinte a "paixões" é o relativo "que", o qual, por sua vez, é precedido de vírgula. Não podemos esquecer que pronomes relativos, precedidos de vírgula, travessão ou parênteses, introduzem orações subordinadas adjetivas explicativas. Caso contrário, a oração será subordinada adjetiva restritiva.

14. (Analista Judiciário – TRE – RJ – Cespe/UnB) De acordo com o texto, julgue os itens a seguir.
I. A reiteração da palavra "votos" (l. 10-11) confere ênfase à ideia apresentada no período.
II. Pelos sentidos do texto, conclui-se que a palavras "esbirros" (l. 13) está sendo empregada com o mesmo significado que tem atualmente a palavra capanga.
III. A expressão "lhe foram dados" (l. 18) pode, sem prejuízo para a correção gramatical do período, ser substituída por foram dados a ele.
IV. A palavra "corrupção" (l. 19) está sendo empregada como sinônima de "fraude" (l. 19).
A quantidade de itens certos é igual a:
a) 1;
b) 2;
c) 3;
d) 4.
Gabarito: Alternativa C.
Há três itens corretos.
Item I – correto. Não era necessário o autor do texto escrever três vezes a palavra **votos**. Bastava a primeira. Como o autor reiterou o uso, torna-se evidente sua intenção de enfatizar, destacar a ideia presente naquele período.
Item II – correto. Mesmo que o candidato desconheça o significado da palavra "esbirros", torna-se bastante fácil deduzi-lo. A frase "Eram esbirros particulares, assalariados para amedrontar os eleitores e, quando fosse preciso, quebrar as urnas e as cabeças." possui o objetivo de definir o sentido de "*kapangas*" ou "*kapengas*", ocorrentes no sentido anterior.
Item III – correto. Como o pronome oblíquo é remissivo a "candidato", e o verbo "dar" rege, em referência à pessoa, a preposição "a", não há qualquer inconveniência gramatical ou semântica a substituição proposta.
Item IV – incorreto. A frase "A corrupção era menor que a fraude; mas a fraude tinha todas as formas." apresenta uma comparação entre "corrupção" e "fraude", ou seja, se um elemento é maior ou menor do que o outro, obviamente eles não podem funcionar como o mesmo ser.

Leia o texto abaixo para responder às questões 15 e 16.

Uma das condições principais da pós-modernidade é o fato de ninguém poder ou dever discuti-la como condição histórico-geográfica. Com efeito, nunca é fácil elaborar uma avaliação crítica de uma situação avassaladoramente presente. Os termos do debate, da descrição e da representação são, com frequência, tão circunscritos que parece não haver como escapar de interpretações que não sejam tão autorreferenciais. É convencional nestes dias, por exemplo, descartar toda sugestão de que a "economia" (como quer que se entenda essa palavra vaga) possa ser determinante da vida cultural, mesmo "em última instância". O estranho na produção cultural pós-moderna é o ponto até o qual a mera procura de lucros é determinante em primeira instância.
(David Harvey. *Condição pós-moderna*, p. 301, com adaptações)

15. (AFC – Esaf) Assinale a relação lógica que não se depreende do texto.
a) Ser uma situação presente é causa de não se poder discutir a pós-modernidade.
b) Elaborar uma avaliação crítica implica debater, descrever e representar.
c) Se há produção cultural, há a busca de lucros.
d) Se a pós-modernidade fosse uma condição histórico-geográfica, a economia seria determinante na vida cultural.
e) Interpretações autorreferenciais são frequentes como resultado de avaliações de uma situação presente.
Gabarito: Alternativa D.
A alternativa A apresenta uma dedução correta, visto que a relação causa-efeito se evidencia nos dois primeiros períodos. Infere-se do verbete que é muito mais fácil proceder a uma avaliação efetivamente crítica dos fatos pretéritos do que dos fatos presentes, então se torna espinhoso discutir a pós-modernidade, pois é justamente a época em que vivemos e, por isso, acabamos não sendo isentos.
A alternativa B é uma inferência do segundo e do terceiro período. "Os termos do debate, da descrição e da representação", que estruturam a elaboração da avaliação crítica, acabam se tornando prejudicados, em virtude de a análise ser relativa a tempo presente.
A alternativa C é uma conclusão do último período. Lá se informa que a mera procura de lucros é determinante em primeira instância na produção cultural pós-moderna.
A alternativa D é a resposta, pois expõe uma inferência inadequada ao texto. Inicialmente não se pode afirmar que a pós-modernidade é uma condição histórico-geográfica, e sim o fato de ninguém poder ou dever discutir a pós-modernidade. Também é indevido concluir do texto que a economia não é determinante na vida cultural, pois a visão não é dele e sim de terceiros (verbo "descartar" no infinitivo impessoal, indeterminando o sujeito da oração): "É convencional nestes dias, por exemplo, descartar toda sugestão de que a

"economia" (como quer que se entenda essa palavra vaga) possa ser determinante da vida cultural, mesmo "em última instância". E depreende-se que essa visão errônea de terceiros ocorre justamente pela dificuldade de se ter uma visão crítica dos fatos, quando eles ainda são presentes.

A alternativa E apresenta uma inferência perfeita do verbete, porquanto fica implícito que justamente a dificuldade de se fazer uma análise crítica da pós-modernidade provém do fato de estarmos vivendo esse período, fato que acaba por comprometer o estudo devido justamente ao nosso envolvimento que acaba por excluir a isenção do exame, gerando interpretações autorreferenciais.

16. (AFC – Esaf) Avalie as seguintes afirmações a respeito das estruturas linguísticas do texto para assinalar a opção correta.

I. O singular do verbo da primeira oração do texto deve-se à expressão "Uma das" (l. 1); se, em seu lugar, fossem empregados termos que mantivessem o sujeito no plural, como por exemplo, Entre as, o verbo deveria ser flexionado necessariamente no plural.

II. Na linha 4, a opção pelo verbo "parece", iniciando a oração, exige o emprego de uma forma impessoal de verbo no seu desenvolvimento: daí o uso de singular em "não haver como escapar" (l. 4/5).

III. O emprego da preposição da preposição de é obrigatória antes do pronome relativo "que" (l. 6), pois aí se inicia uma oração subordinada que completa a ideia de "sugestão" (l. 7).

IV. A palavra "mesmo" (l. 7), empregada com valor adverbial de ainda que, sugere que o autor antecipa uma rejeição ao argumento que explicita na oração anterior.

A quantidade de itens corretos é:

a) 0;
b) 1;
c) 2;
d) 3;
e) 4.

Gabarito: Alternativa B (Atenção: gabarito alterado no recurso de C para B)

Item I – Errado. O comentário não é procedente, uma vez que a substituição proposta causa, até mesmo, incoerência. Além disso, o verbo poderia concordar com o termo "o fato".

Item II – Errado – A ocorrência do verbo "parecer" não exige necessariamente a presença de um verbo impessoal, por exemplo: Parece estarem presentes mais pessoas hoje do que ontem.

Item III – Errado. A banca considerou, inicialmente, este item correto, alterando-o após a análise dos recursos. Há alguns problemas importantes a serem examinados: o "que" citado não é pronome relativo, mas sim conjunção integrante; também é interessante observar que, na visão inicial com o item correto, fica indicado que o uso da preposição nas orações completivas nominais seria obrigatória, contrariando, até mesmo, a visão do Cespe-UnB, conforme se evidencia no item 2 da questão 5 deste capítulo.
Item IV – Certo. A assertiva é pertinente, pois é característica da concessão sugerir uma oposição – ou rejeição – ao outro fato exposto.

Leia o seguinte texto para responder à questão 17.

A entrada dos anos 2000 têm trazido a reversão das expectativas de que haveria a inauguração de tempos de fraternidade, harmonia e entendimento da humanidade. Os resultados das cúpulas mundiais alimentaram esperanças que novos tempos trariam novas perspectivas referentes a qualidade de vida e relacionamento humano em todos os níveis. Contudo, o movimento que se observa em nível mundial sinaliza perdas que ainda não podemos avaliar. O recrudescimento do conservadorismo e de práticas autoritárias, efetivadas à sombra do medo, tem representado fonte de frustração dos ideais historicamente buscados.
(Roseli Fischmann, *Correio Braziliense*. 26/8/2002, com adaptações)
17. (Auditor Fiscal da Previdência Social – Esaf) Para que o texto fique gramaticalmente correto é obrigatória:
I. A retirada do acento de "têm" (l. 1).
II. A retirada da preposição antes de "que haveria (l. 1).
III. A inserção da preposição de diante de "que novos tempos" (l. 3).
IV. A inserção do sinal indicativo de crase em "a qualidade" (l. 4).
V. A substituição da expressão "em nível mundial" (l. 5) por mundialmente.
VI. A substituição de "efetivadas" (l. 7) por efetivados.
VII. A inserção do acento circunflexo em "tem" (l. 7).
a) Apenas I e III estão corretos.
b) Apenas I, IV e V estão corretos.
c) Apenas II, III, IV e V estão corretos.
d) Apenas III, IV, V, VI e VII estão corretos.
e) Todos os itens estão corretos.
Gabarito: Alternativa A.

A alteração proposta no item I é obrigatória, visto que o sujeito de "têm trazido" é "A entrada dos anos 2000", cujo núcleo é "entrada", impossibilitando o verbo de flexionar-se no plural.
A alteração proposta no item II não é necessária, visto que "expectativas" rege a preposição DE, EXPECTATIVAS DE...
A alteração proposta no item III é obrigatória na visão da Esaf, contradizendo o Cespe-UnB. Realmente o nome "expectativas" rege a preposição "de"; contudo a sua complementação se dá com uma oração, não com termo não oracional. É normal nas orações subordinadas substantivas objetivas indiretas e completivas nominais, a preposição ser suprimida, como foi mostrado no item 2 da questão 5 deste capítulo. No entanto, a Esaf considera, pelo menos na completiva nominal, obrigatória a inserção da preposição. Observe também o item III da questão 16 deste capítulo.
A alteração proposta no item IV não se faz necessária, porquanto a frase original já está escorreita. Há aqui uma estrutura paralela, em que o autor preteriu o artigo, utilizando, apenas em uma oportunidade, a preposição "A" – exigência de "referentes" – regendo "qualidade de vida" e "relacionamento humano" (observar o item 17 do capítulo 25.4).
A alteração proposta no item V também não é necessária, visto que a estrutura original está correta, e a proposição de reescritura também o está; sendo assim, não é obrigatória a alteração.
A alteração proposta no item VI também não é necessária, já que a construção original está correta.
O adjetivo "efetivadas" concorda atrativamente com "práticas autoritárias", e "efetivados" concorda por soma com "conservadorismo" e "práticas autoritárias".
A alteração proposta no item VII é inadequada, uma vez que o verbo "tem representado" concorda com "recrudescimento", devendo, portanto, flexionar-se no singular, ou seja, sem acento.

18. (Auditor Fiscal do Trabalho – Esaf) Julgue como verdadeiros (V) ou falsos (F) os itens a respeito do texto abaixo.
Uma única inovação ocorrida no século XV teve enorme influência para o progresso, a inclusão social e a redução da pobreza. Foi a invenção do conceito de capital social pelo frei Luca Paccioli, o criador da contabilidade. Antes de Luca Paccioli, um comerciante ou produtor que não pagasse suas dívidas poderia ter todas os bens pessoais, como casa, móveis e poupança, arrestados por um juiz ou credor.
Muitos cientistas políticos e sociólogos usam o termo capital social de forma equivocada, numa tentativa deliberada de confundir o leitor.
(Adaptado de Stephen Kanitz, "O Capital social". *Veja*. 12 de abril, 2006)

( ) Depreende-se da expressão "Uma única inovação" (l. 1) que as demais inovações ocorridas no século XV não resistem até hoje.
( ) Preservam-se a coerência textual e a correção gramatical ao trocar "invenção (l. 2) por criação e "criador" (l. 3) por inventor, respectivamente.
( ) Apesar de se classificar como artigo indefinido, o artigo "um" (l. 3) tem a função de determinar, no texto, "comerciante" (l. 4) e "produtor" (l. 4).
( ) Por integrar uma enumeração, a vírgula depois de "poupança" (l. 5) é facultativa e pode ser suprimida sem que se prejudique a correção gramatical do texto.
( ) Por constituir um valor oposto às informações do primeiro parágrafo, o período final do texto admite ser iniciado pelo conectivo. No entanto, seguido de vírgula, fazendo-se os ajustes nas iniciais maiúsculas.
A sequência correta é:
a) V V F V F
b) F V F F V
c) V F F F V
d) F V V F F
e) F F V V F
Gabarito: Alternativa B.
O primeiro comentário é absurdo, haja vista o descabimento de tal inferência. No início do texto, houve tão somente o destaque ao fato de a invenção do conceito de capital social possuir substanciosa importância para o progresso, a inclusão social e a redução da pobreza, não induzindo à compreensão de inexistirem outras invenções ocorridas no século passado que resistissem até hoje.
O segundo comentário é perfeito, até porque, no contexto, há a sinonímia entre os vocábulos.
O terceiro comentário é incorreto, visto que, como a própria nomenclatura sugere, o artigo indefinido não define, não determina. Observando-se o contexto, fica constatado que qualquer (não um específico ou determinado) comerciante ou produtor que não pagasse suas dívidas poderia ter todos os bens pessoais arrestados.
A afirmação contida no quarto item não se coaduna com a norma gramatical, uma vez que, havendo uma vírgula a finalizar o fragmento intercalado "como casa, móveis e poupança", não pode ser extraída aquela que o inicia.
O último item expõe uma assertiva correta, dado que há uma oposição entre o efetivo significado de capital social, criado por Luca Paccioli, e o sentido errôneo utilizado por muitos cientistas políticos e sociólogos. Sendo assim, é escorreito o uso da conjunção adversativa introduzindo o parágrafo conclusivo.

19. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – NCE) A VERDADE E A FANTASIA – Presidente do TJ/RJ

Um espectro ronda a Justiça brasileira neste final de ano: a Reforma do Judiciário. Espectro porque a realidade do Judiciário e a necessidade da sua reforma foram, nos últimos meses, deformados pelo "manto diáfano da fantasia".

Comemoramos o nosso dia (8 de dezembro) sob o fogo cruzado da má-vontade e da desinformação. O Judiciário não pode ser culpabilizado pelo que a mídia chama com exagero de impunidade. A polícia não prende, não investiga e nós, presos à aplicação da lei, pagamos o pato. Além disso, há um cipoal de leis, medidas provisórias que acabam por atravancar nossos corredores.

Temos oferecido à sociedade ideias e propostas de melhoria da prestação de Justiça. Um exemplo: o julgamento virtual, que acelera a tramitação, elimina papel e dispensa deslocamentos de advogados...

Entre o segundo e o terceiro parágrafos do texto, em função dos significados por eles veiculados, poderíamos inserir o conectivo:

a) apesar de;

b) porque;

c) ainda que;

d) contanto que;

e) nem.

Gabarito: Alternativa A.

Fica claro que a relação existente entre os parágrafos é de concessão: o fato de o Judiciário oferecer à sociedade ideias e propostas de melhorias do seu próprio trabalho não impede que a Justiça seja culpabilizada pelo que a mídia chama de impunidade. Sendo assim, haveria duas alternativas com conectores concessivos: A e C. No entanto, há uma pequena diferença entre os conectores: A locução prepositiva APESAR DE introduz um **fato concreto** que não altera o desfecho; já a locução conjuntiva AINDA QUE introduz um **fato hipotético** que não altera o desfecho. Se o terceiro parágrafo se iniciasse com AINDA QUE, haveria uma pequena alteração do sentido original, visto que não há hipótese, e sim, situação concreta. Não há dúvidas de que o Judiciário tem oferecido ideias e propostas (Apesar de o Judiciário oferecer à sociedade ideias e propostas de melhorias do seu próprio trabalho, a Justiça acaba sendo culpabilizada pelo que a mídia chama de impunidade). Se a resposta fosse "Ainda que o Judiciário ofereça à sociedade ideias e propostas de melhorias do seu próprio trabalho, a Justiça acabará sendo culpabilizada pelo que a mídia chama de impunidade", não haveria a certeza de a Justiça ter oferecido ou não à sociedade ideias e propostas). Caro candidato, nos Capítulos 10.2.2 e 22.7.2, este assunto foi abordado.

20. (AGU – NCE) Os adjetivos são uma classe de palavra que determina palavras em função substantiva e indicam características ou qualidades desses substantivos; o item com um adjetivo sublinhado com valor de característica é:

a) "Há um caminho **simples**: proibir";

b) "Pois cidadãos **responsáveis** e consumidores **conscientes** se forjam com informação";

c) "Não poderia haver reivindicação mais **justa**...";

d) "Sejam elas **ilegais**, **perigosas** ou socialmente condenáveis;

e) Para todo problema **complicado** há uma solução...".

Gabarito: Alternativa D.

O adjetivo com valor de característica é o que possui um atributo objetivo, ou seja, independe da opinião de seu usuário. Perceba que os adjetivos "simples" **(A)**, "responsáveis" **(B),** "conscientes" **(B),** "justa" **(C),** "perigosas" **(D)** e "complicado" **(E)** possuem valor subjetivo, ou seja, é uma adjetivação que sugere a opinião de quem o utiliza; portanto, o que pode ser simples, responsável, consciente, justo, perigoso e complicado para uns, pode não ser necessariamente para outros. Já o adjetivo "ilegais" **(opção D)** é uma adjetivação indiscutível, isto é, não há possibilidade de uma atitude ser considerada legal por uns e ilegal por outros.

21. (Agente de Polícia Federal – Cespe – UnB) A vida humana como valor jurídico

Vivemos sob a égide de uma Constituição que orienta o Estado no sentido da dignidade da pessoa humana, tendo como normas a promoção do bem comum, a garantia da integridade física e moral do cidadão e a proteção incondicional do direito à vida. Essa proteção é de tal forma solene que o atentado a essa integridade eleva-se à condição de ato de lesa-humanidade: um atentado contra todos os homens.

Afirma-se que a Constituição do Brasil protege a vida e que tudo aquilo que soa diferente é contrário ao Direito e por isso não pode realizar-se. Todavia, dizer que a vida depende da proteção da Carta Maior é superfetação porque a vida está acima das normas e compõe todos os artigos, parágrafos, incisos e alíneas de todas as constituintes.

A cada dia que passa, a consciência atual, despertada e aturdida pela insensibilidade e pela indiferença do mundo tecnicista, começa a se reencontrar com a mais lógica de suas normas: a tutela da vida. Essa consciência de que a vida humana necessita de uma imperiosa proteção vai criando uma série de regras que se ajustam mais e mais com cada agressão sofrida, não apenas no sentido de se criar dispositivos legais, mas como maneira de estabelecer formas mais fraternas de convivência. Este, sim, seria o melhor caminho.

Tudo isso vai sedimentando a ideia de que a vida de todo ser humano é ornada de especial dignidade, o que deve ser colocado de forma clara em defesa da proteção das

necessidades e da sobrevivência de cada um. Esses direitos fundamentais e irrecusáveis da pessoa humana devem ser definidos por um conjunto de normas que possibilitem que cada um tenha condições de desenvolver suas aptidões e suas possibilidades.
(Internet: http://www.dhnet.org.br/denuncia/tortura/textos/pericia.htm. Acesso em ago./2004 – com adaptações.)
Considerando as ideias e a estrutura do texto acima, julgue os itens de 1 a 5.

1 **O texto defende que a sociedade brasileira, apesar de vítima da violência do contexto tecnológico atual, tem por valor superafetado a proteção do direito à vida, garantido constitucionalmente.**

2 **Entre os pilares que sustentam a Carta Magna brasileira — a dignidade da pessoa, o respeito ao cidadão, a garantia da sua integridade, o fortalecimento do bem comum e o resguardo do direito à vida —, sobreleva-se este último, pela qualidade de incondicional.**

3 **É redundante afirmar que a Constituição do Brasil dá especial ênfase à defesa à existência no país, uma vez que a vida sobreleva-se a constituições sociais e está pressuposta em vários dispositivos legais.**

4 **O texto argumenta que é universal e incontestável a consciência de que urge o estabelecimento de formas mais fraternas de convivência no mundo atual.**

5 **O texto estrutura-se de forma dissertativa, com léxico predominantemente denotativo, apesar de haver palavras empregadas em sentido conotativo, a exemplo de "soa" e "ornada".**

Gabarito 1: Errado. O texto informa justamente o contrário, como esclarece o seguinte fragmento: "dizer que a vida depende da proteção da Carta Maior é superfetação (redundância) porque a vida está acima das normas e compõe todos os artigos, parágrafos, incisos e alíneas de todas as constituintes". Observe que no texto original, a palavra é "superfetação" que significa redundância, pleonasmo. No item, já aparece "superafetado", alterando completamente o sentido do texto. Portanto, a vida encontra-se sobre as normas.
Gabarito 2: Certo. Em conformidade com o texto, observa-se que a proteção incondicional do direito à vida é de tal forma solene que o atentado a essa integridade eleva-se à condição de ato de lesa-humanidade: um atentado contra todos os homens.

Gabarito 3: Errado. Realmente há redundância em tal atitude, no entanto a causa apontada é errada. "A vida sobreleva-se **às normas (não a constituições sociais)** e compõe todos os artigos, parágrafos, incisos e alíneas de todas as constituintes".
Gabarito 4: Errado. Não há no texto qualquer referência à necessidade de se ter percepção de que urge o estabelecimento de formas mais fraternas de convivência no mundo atual, mas sim de que é fundamental a concepção de que a vida humana precisa ser efetivamente protegida, sobretudo em virtude da consciência atual, que se encontra despertada e aturdida pela insensibilidade e pela indiferença do mundo tecnicista.
Gabarito 5: Certo. O texto é dissertativo, dado que nele está exposta a opinião do autor, seguida de argumentação que a defende. O vocabulário utilizado é predominantemente dissertativo, ou seja, as palavras não são utilizadas no sentido figurado, exceto "soa" e "ornada", cujos significados oficiais são respectivamente: ornamentar, enfeitar, adornar; emitir ou produzir som. No entanto, os vocábulos foram utilizados nos seguintes sentidos: que se fala, que se diz; é baseada, é fundamentada.

O Presidente da República, no uso da atribuição que lhe confere o art. 55, item I, da Constituição Federal, DECRETA:
Art. 1º. A Carreira Policial Federal far-se-á nas categorias funcionais de Delegado de Polícia Federal, Perito Criminal Federal, Censor Federal, Escrivão de Polícia Federal, Agente de Polícia Federal e Papiloscopista Policial Federal, mediante progressão funcional, de conformidade com as normas estabelecidas pelo Poder Executivo.
Art. 2º. A hierarquia na Carreira Policial Federal se estabelece primordialmente das classes mais elevadas para as menores e, na mesma classe, pelo padrão superior.
Art. 3º. O ingresso nas categorias funcionais da Carreira Policial Federal ocorrerá sempre no padrão I das classes iniciais, mediante nomeação ou progressão funcional.
(Internet: http://www.apcf.org.br. Acesso em ago./2004 – com adaptações.)
Quanto ao texto acima, julgue os itens a seguir.

6 **A colocação e a grafia de "DECRETA:" e a repetição de "Art." nos parágrafos, alterando o padrão regular, indica que se trata de um tipo específico de redação: é um texto legal, oficial.**

7 **No "Art. 1º.", a expressão verbal "far-se-á" equivale, sintática e semanticamente, ao desdobramento é feita.**

8 **No texto, as expressões grafadas com inicial maiúscula constituem unidades de sentido, classificadas como substantivos compostos, em que o recorrente adjetivo "Federal" faz parte do nome próprio.**

9 **A palavra "mediante", nos arts. 1º e 3º, está empregada com o sentido de por intermédio de.**

10 **Confrontando a redação dos dois últimos períodos, constata-se não haver paralelismo sintático com referência ao tempo verbal, uma vez que em um está sendo empregado o presente e no outro, o futuro do presente do modo indicativo.**

Gabarito 6: Certo. Trata-se efetivamente de redação oficial, em que o texto é caracterizado pela impessoalidade – os verbos são empregados na pessoa neutra, ou seja, a terceira pessoa do singular – e segue o padrão das normas da ABNT.
Gabarito 7: Errado. A equivalência sintática ocorre, visto que apenas está havendo alteração da voz passiva sintética para analítica. Contudo, semanticamente os sentidos diferem-se porquanto, na frase original, está sendo utilizado o futuro do presente do indicativo e, na reescritura, o presente do indicativo.
Gabarito 8: Certo. A Polícia Federal é um órgão, portanto o substantivo **Polícia** e o adjetivo **Federal** juntos formam apenas uma unidade significativa, caracterizando a composição. Tal ocorre também em todos os outros exemplos.
Gabarito 9: Certo. A ideia de meio se faz presente, também sendo cabível a substituição por "através de".
Gabarito 10: Certo. O paralelismo prevê equivalência sintática, portanto as estrutura devem ser similares e, consequentemente, os verbos deveriam ocorrer no mesmo tempo.

Ben Hur, um senhor de aspecto venerando, prepara-se para comemorar os seus 86 anos de vida. Homem grande e de olhar calmo, perito aposentado da Polícia Federal, é um perito à moda antiga: entrou para a Polícia Federal em 1955, após um curso ministrado pelo PCF Villanova (hoje, uma referência para os profissionais da área).
Foram 71 anos dedicados ao serviço público, pois antes trabalhou como guarda civil patrulhando o trânsito em uma motocicleta. Uma de suas memórias mais queridas foi ter participado da inauguração de um dos maiores estádios de futebol do mundo – o Maracanã –, em 1950.
A Polícia Federal foi minha casa, minha vida, orgulha-se o perito aposentado. Ele diz ainda que gostava muito do trabalho que realizava: "Fazia com muito amor e respeito".

Das 1.260 perícias realizadas, nenhum laudo cancelado. "Apenas um foi contestado, mas fui ao juiz e expliquei tudo. Deu tudo certo", afirmou. Ben Hur lembra que as técnicas periciais eram outras.

"A perícia no meu tempo era feita à mão. Também não tínhamos máquina fotográfica para auxiliar no trabalho", disse ele. Entre uma lembrança e outra, não esquece de elogiar seus atuais colegas. "Os peritos sempre foram muito respeitados".

Depois de tantos anos servindo a sociedade, hoje o perito aposentado aproveita seu descanso curtindo os netos, sem nunca deixar de reverenciar a querida esposa, falecida no início da década de 90, a quem ele, até hoje, dedica muito amor e carinho.

(*Idem*, *ibidem* – com adaptações.)

Os fragmentos seguintes, na ordem em que são apresentados, correspondem a reescrituras sucessivas dos parágrafos do texto acima. Julgue-os quanto à correção gramatical e à manutenção das ideias originais.

11 Ben Hur, um senhor de olhar calmo e venerável aparência, perito aposentado, ingressou na Polícia Federal à maneira de antigamente: depois de um curso ministrado por um profissional mais experiente que hoje é considerado uma referência na área da perícia.

12 Ben Hur trabalhou, inicialmente como guarda-civil, patrulhando o trânsito de motocicleta. Desta época, uma de suas recordações mais queridas foi ter tomado parte da inauguração do Maracanã, em 1950.

13 O perito aposentado afirmou, vaidosamente, que a Polícia Federal era a sua casa, a sua vida, e que apreciava muito da atividade que realizava com amor e respeito. Não teve cancelado sequer um dos mil, duzentos e sessenta laudos periciais realizados; apenas uma vez foi contestado, mas ele foi ao juiz e explicou tudo, saindo vitorioso ao final.

14 As técnicas periciais antigamente eram outras: a perícia era feita à mão, não existiam máquina fotográfica para auxiliar o trabalho; mesmo assim, os peritos sempre eram muito elogiados.

15 Por ser uma pessoa muito afetuosa, Ben Hur serviu à sociedade brasileira muitos anos, e agora, aposentado, aproveita o descanso, para cuidar dos netos e lembrar da querida esposa, falecida no início dos anos 90, cujo carinho e amor, até hoje, ele dedica.

Gabarito 11: Certo. Os vocábulos "venerando" e "venerável" são sinônimos tais quais "aspecto" e "aparência". Ben Hur é um perito à moda antiga, visto que ingressou no órgão à moda antiga, isto é, fazendo um curso com o perito Villanova – donde é cabível inferir que se para ingressar na função de perícia da Polícia Federal era necessário fazer um curso com Villanova, é porque este obviamente era mais experiente do que aquele. Por fim, também ficou explícito no período que Villanova é ainda hoje uma referência para os peritos.
Gabarito 12: Errado. Não é necessário proceder a grandes análises. Logo no início do período há uma falha de pontuação: já que foi utilizada uma vírgula antes do adjunto adverbial "inicialmente", que se encontra intercalado, deveria haver outra após.
Gabarito 13: Errado. Há falha de regência, pois o verbo "apreciar" é transitivo direto, não admitindo, pois, a presença da preposição DE.
Gabarito 14: Errado. Há falha de concordância verbal, pois, sendo o sujeito de "existiam" "máquina fotográfica", o verbo deveria encontrar-se no singular.
Gabarito 15: Errado. Há falha de regência verbal e de uso de pronome relativo. Os verbos "lembrar", "recordar" e "esquecer" regem a preposição "de" quando forem pronominais. Portanto, haveria duas formas de escrever o período: "lembrar-se da querida esposa" ou "lembrar a querida esposa". A utilização de "cujo" não é cabível, até por não haver a ideia de posse, devendo ser substituído por "a quem" ou "à qual". A preposição A é exigida pela regência do verbo "dedicar": dedicar carinho e amor **à** esposa.

22. (Delegado de Polícia Federal – Cespe – UnB) A análise que a sociedade costuma fazer da violência urbana é fundamentada em fatores emocionais, quase sempre gerados por um crime chocante, pela falta de segurança nas ruas do bairro, por preconceito social ou por discriminação. As conclusões dos estudos científicos não são levadas em conta na definição de políticas públicas. Como reflexo dessa atitude, o tratamento da violência evoluiu pouco no decorrer do século XX, ao contrário do que ocorreu com o tratamento das infecções, do câncer ou da Aids. Nos últimos anos, entretanto, estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais precisos para avaliar a influência dos fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes sociais da violência urbana: pobreza, impunidade, acesso a armamento, narcotráfico, intolerância social, ruptura de laços familiares, imigração, corrupção de autoridades ou descrédito na justiça.
(Dráuzio Varella. Internet: http://www.drauziovarella.com.br – com adaptações.)
Em relação ao texto acima, julgue os itens que se seguem.

1 **As informações do texto indicam que, além da consideração de "fatores emocionais" (l. 2) que geram violência, as políticas públicas voltadas para a segurança dos**

cidadãos baseiam-se frequentemente nas "conclusões dos estudos científicos" (l. 4) que focalizam esse tema.

2 A expressão "Como reflexo dessa atitude" (l. 5) introduz uma ideia que é uma consequência em relação à informação antecedente. Portanto poderia, sem prejuízo da correção e do sentido do texto, ser substituída pela palavra Consequentemente.

3 A substituição do termo "estão sendo desenvolvidos" (l. 7-8) por estavam se desenvolvendo provoca alterações estruturais sem alterar semanticamente a informação original nem transgredir as normas da escrita culta.

4 Na linha 9, o emprego do sinal indicativo de crase em "às raízes" justifica-se pela regência de "associados" e pela presença de artigo; o sinal deveria ser eliminado caso o artigo fosse suprimido.

5 Na linha 10, estaria gramaticalmente correta a inserção, entre a palavra "urbana" e o sinal de dois-pontos, de qualquer uma das seguintes expressões, antecedidas de vírgula: como, tais como, quais sejam, entre as quais se destacam.

6 É correto inferir do texto que houve evolução no tratamento de certas doenças porque estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais exatos para avaliar seus fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes da violência.

Gabarito 1: Errado. Na definição de políticas públicas, somente são levados em conta fatores emocionais que geram violência, não se dando importância às conclusões dos estudos científicos.

Gabarito 2: Certo. Reflexo, nesse contexto, é sinônimo de efeito, consequência. O termo "dessa atitude" é remissivo ao fato exposto no período antecedente. Destarte, "As conclusões dos estudos científicos não são levadas em conta na definição de políticas públicas" são as causas de "o tratamento da violência evoluir pouco no decorrer do século XX".

Gabarito 3: Errado. Não há alterações estruturais, uma vez que apenas ocorreu a transposição da voz passiva analítica para voz passiva sintética. No item, também é informado que não ocorreu alteração de ordem semântica, o que é uma inverdade: "estão sendo desenvolvidas" indica um fato presente; "estavam se desenvolvendo" indica um fato pretérito.

Gabarito 4: Certo. A regência do adjetivo "associados" exige a preposição "a" e, como o artigo é geralmente facultativo antes de substantivo no plural, pode-se construir a estrutura das seguintes formas: "associados às" e "associados a".

Gabarito 5: Certo. Observe que as inserções mantêm a correção gramatical e o sentido do texto: "Nos últimos anos, entretanto, estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais precisos para avaliar a influência dos fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes sociais da violência urbana**, como**: pobreza, impunidade, acesso a armamento, narcotráfico, intolerância social, ruptura de laços familiares, imigração, corrupção de autoridades ou descrédito na justiça."; "Nos últimos anos, entretanto, estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais precisos para avaliar a influência dos fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes sociais da violência urbana**, tais como**: pobreza, impunidade, acesso a armamento, narcotráfico, intolerância social, ruptura de laços familiares, imigração, corrupção de autoridades ou descrédito na justiça."; "Nos últimos anos, entretanto, estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais precisos para avaliar a influência dos fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes sociais da violência urbana**, quais sejam**: pobreza, impunidade, acesso a armamento, narcotráfico, intolerância social, ruptura de laços familiares, imigração, corrupção de autoridades ou descrédito na justiça."; "Nos últimos anos, entretanto, estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais precisos para avaliar a influência dos fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes sociais da violência urbana**, entre as quais se destacam**: pobreza, impunidade, acesso a armamento, narcotráfico, intolerância social, ruptura de laços familiares, imigração, corrupção de autoridades ou descrédito na justiça.".

Gabarito 6: Errado. A evolução de que trata esse item é referente à evolução do tratamento da violência nos últimos tempos, passando a levar em consideração as análises científicas mais precisas capazes de avaliar a influência dos fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes sociais da violência urbana.

Diversos municípios brasileiros, especialmente aqueles que se urbanizaram de forma muito rápida, não oferecem à população espaços públicos para a prática de atividades culturais, esportivas e de lazer. A ausência desses espaços limita a criação e o fortalecimento de redes de relações sociais. Em um tecido social esgarçado, a violência é cada vez maior, ameaçando a vida e enclausurando ainda mais as pessoas nos espaços domésticos.

(Internet: http://www.polis.org.br – com adaptações.)

Considerando o texto I, julgue os seguintes itens.

7 **A expressão "tecido social esgarçado" (l. 4) está empregada em sentido figurado e representa a ideia de que as estruturas sociais estão fortalecidas em suas instituições oficiais.**

8 **A inserção da palavra consequentemente, entre vírgulas, antes de "cada vez" (l. 5) torna explícita a relação entre ideias desse período e aquelas apresentadas anteriormente no texto.**

9 **A expressão "ainda mais" (l. 5) reforça a ideia implícita de que há dois motivos para o enclausuramento das pessoas: a falta de espaços públicos que favoreçam as relações sociais com atividades culturais, esportivas e de lazer e o aumento da ameaça de violência.**

Gabarito 7: Errado. É fato que "tecido social esgarçado" está sendo utilizado conotativamente, no entanto o sentido contextual indicado não está correto. O termo, no texto, significa estrutura social rompida, desgastada.
Gabarito 8: Certo. Existe a relação causa-efeito entre haver "um tecido social esgarçado" e consequentemente "a violência ser cada vez maior".
Gabarito 9: Certo. Realmente a falta de espaços públicos que favoreçam as relações sociais com atividades culturais, por si só, já geraria o enclausuramento das pessoas. Além disso, ainda ocorre o aumento da violência, criando mais um motivo para as pessoas não saírem de suas casas.

Entre os primatas, o aumento da densidade populacional não conduz necessariamente à violência desenfreada. Diante da redução do espaço físico, criamos leis mais fortes para controlar os impulsos individuais e impedir a barbárie. Tal estratégia de sobrevivência tem lógica evolucionista: descendemos de ancestrais que tiveram sucesso na defesa da integridade de seus grupos; os incapazes de fazê-lo não deixaram descendentes. Definitivamente, não somos como os ratos.
(Dráuzio Varella. Internet: http://www.drauziovarella.com.br – com adaptações.)

Acerca dos textos I e II, julgue os itens a seguir.

10 **Tanto no texto I como no II, a questão do espaço físico como um dos fatores intervenientes no processo de intensificação da violência é vista sob o prisma da densidade populacional excessiva.**

11 **Como a escolha de estruturas gramaticais pode evidenciar informações pressupostas e significações implícitas, no texto II, o emprego da forma verbal em primeira pessoa — "criamos"— autoriza a inferência de que os seres humanos pertencem à ordem dos primatas.**

12 **Por funcionar como um recurso coesivo de substituição de ideias já apresentadas, no texto II, a expressão "Tal estratégia de sobrevivência" retoma o termo antecedente "violência desenfreada".**

Gabarito 10: Errado. A ideia indicada no item vai ao encontro da exposta no texto I, no entanto o texto II a contradiz: "Entre os primatas, o aumento da densidade populacional não conduz necessariamente à violência desenfreada.". E como os homens descendem desses primatas, obtiveram sucesso na defesa da integridade de seus grupos.
Gabarito 11: Certo. É possível inferir tal informação, já que o aumento da densidade populacional, entre os primatas, não conduz necessariamente à violência desenfreada e, por isso, criamos (inclui autor, leitores e todos os seres humanos – primatas são os macacos, os antropóides e os homens) leis mais fortes para controlar os impulsos individuais e impedir a barbárie.
Gabarito 12: Errado. "Tal estratégia de sobrevivência" é remissivo à criação de leis mais fortes para controlar os impulsos individuais e impedir a barbárie.

Os fragmentos contidos nos itens subsequentes foram adaptados de um texto escrito por Ângela Lacerda para a Agência Estado. Julgue-os quanto à correção gramatical.

13 **O programa Escola Aberta, que usa as escolas nos fins de semana para atividades culturais, sociais e esportivas de alunos e jovens da comunidade reduziu os índices de violência registrados nos estabelecimentos e melhorou o aproveitamento escolar.**

14 **Em Pernambuco e no Rio de Janeiro, primeiros estados a adotarem o programa recomendado pela Unesco, o índice de redução de criminalidade para as escolas que implantaram o Escola Aberta desde o ano 2000 foi de 60% em relação às escolas que não o adotaram.**

15 **A maior redução da violência observada nos locais onde o programa tem mais tempo de existência mostram, segundo a Unesco, que os resultados vão se**

tornando melhores a longo prazo, ou seja, a proporção que a comunidade se apropiaria do programa.

Gabarito 13: Errado. A oração subordinada adjetiva explicativa está intercalada e é iniciada com vírgula no início, contudo não é concluída com o mesmo sinal de pontuação.
Gabarito 14: Certo. Não há qualquer falha de ordem gramatical.
Gabarito 15: Errado. Há três falhas: a forma verbal "mostram" deveria estar no singular, concordando com "a maior redução da violência"; "a proporção que" deveria estar com acento grave: À PROPORÇÃO QUE; e a ortografia de "apropiaria", sendo APROPRIARIA a forma correta.

23. (MPOG) Assinale a opção correta a respeito do uso das estruturas linguísticas no texto.
Os economistas brasileiros se concentram, no exame das causas da crise, na proposta de meios e modos de contorná-la. Com isso, não levam em conta dois pontos. O primeiro é que as medidas contra a crise, que vêm sendo adotadas tanto em países subdesenvolvidos como desenvolvidos, são fundamentalmente corretas. O segundo ponto é que a crise atual, como todas as anteriores, acabará, mais cedo ou mais tarde, por ser corrigida. E, quando isso ocorrer, se voltará às fórmulas neoliberais apenas com regulamentação mais estrita da atividade bancária.
(Adaptado de João Paulo Magalhães, *O que fazer depois da crise*. Correio Braziliense, 12 de setembro, 2009)
a) Seriam preservadas a correção gramatical e a coerência do texto ao usar o pronome em "contorná-la"(l.2) antes do verbo, escrevendo: **modos de a contornar**.
b) Para evitar as três ocorrências consecutivas de "que" (l.3 e 5), a retirada dessa conjunção antes de "a crise atual"(l .5) manteria a correção gramatical e a coerência do texto.
c) Na linha 3, o acento circunflexo em "vêm" indica que a concordância se faz com "medidas", mas estaria igualmente correto e coerente com a argumentação escrever o verbo sem acento, optando, então, pela concordância com "crise".
d) O pronome em "quando isso"(l.6) resume e retoma, em relações de coesão, o mesmo referente do pronome em "Com isso"(l.2), ou seja, o exame da crise feito pelos economistas.
e) Seriam respeitadas as regras gramaticais e as relações entre os argumentos ao empregar o verbo em "se voltará"(l.6) no plural, escrevendo **voltarão-se**.
Gabarito: Alternativa A

O único impedimento para o emprego da próclise é se o pronome oblíquo iniciar oração, o que não é o caso. Portanto, tanto se pode trabalhar com a próclise como com a ênclise, estando as construções MODOS DE CONTORNÁ-LA ou MODOS DE A CONTORNAR corretas.
Na alternativa B, para que seja suprimida a conjunção integrante, seria necessário reduzir a oração e transpor a forma verbal SÃO para o infinitivo: O primeiro é as medidas ... serem fundamentalmente corretas.
O início do comentário na alternativa C está correto. No entanto, a sequência apresenta comentário errado, pois se VEM estiver no singular, haveria incoerência e falha de concordância nominal, pois "adotadas" também deveria ocorrer no singular. Além disso, a intelecção do período seria absurda: A CRISE VEM SENDO ADOTADAS.
A alternativa D apresenta falha de coesão, pois o termo ISSO, nas duas ocorrências, é remissivo a termos distintos: No primeiro caso, refere-se a "Os economistas brasileiros se concentram, no exame das causas da crise, na proposta de meios e modos de contorná-la."; Já, no segundo caso, refere-se a "O segundo ponto é que a crise atual, como todas as anteriores, acabará, mais cedo ou mais tarde, por ser corrigida.".
Na alternativa E, há falha grosseira: verbos no futuro do presente do indicativo nunca admitem ênclise.

24. (APOFP) Em relação ao texto abaixo, assinale a opção correta.
A invasão israelense intensifica o ambiente de privações e ameaças à integridade física em que vivem os habitantes de Gaza. Além dos intensos bombardeios aéreos, que mataram centenas de palestinos – entre eles várias mulheres e crianças –, faltam víveres e medicamentos, e os cortes no fornecimento de água e luz são constantes. Ao que consta, pois Israel impede a entrada da imprensa no território invadido, o objetivo inicial da ação terrestre é isolar o norte da faixa litorânea, de onde parte a maioria dos ataques com foguetes contra o sul israelense, do restante do território palestino. A cidade de Gaza, com mais de 400 mil habitantes, foi sitiada. Além dos intoleráveis danos, humanos e materiais, que impõe aos palestinos, o estrangulamento militar desfechado por Israel está repleto de incertezas quanto à sua eficácia.
(*Folha de S. Paulo*, Editorial, 5/1/2009)
a) O sinal indicativo de crase em "à integridade"(l.1) justifica-se pela regência de "intensifica"(l.1) e pela presença de artigo definido feminino singular.
b) O segmento "de onde parte a maioria dos ataques com foguetes contra o sul israelense"(l.6 e 7) está entre vírgulas por tratar-se de oração subordinada adjetiva explicativa.
c) O emprego de vírgula após "aéreos"(l.2) justifica-se para isolar a oração de natureza restritiva subsequente.

d) A expressão "Ao que consta"(l.5) indica que os autores têm certeza absoluta da informação apresentada.
e) O pronome relativo "que"(l.2) retoma o sentido do termo antecedente: "integridade física".
Gabarito : Alternativa B.
Na alternativa A, há comentário incorreto visto que a presença da preposição A é decorrente da regência de AMEAÇAS.
O comentário da alternativa B é perfeito, pois ONDE – por poder ser substituído por O QUAL, formando DO QUAL – é pronome relativo antecedido de vírgula, caracterizando a oração subordinada adjetiva explicativa.
Já o comentário da alternativa C é absurdo, uma vez que a presença da vírgula nunca poderá indicar a presença de uma restrição. É justamente o oposto: a ausência da pontuação é que poderá caracterizar a restrição.
A alternativa D apresenta comentário inadequado, porquanto o autor, ao empregar a expressão "ao que consta" sugere ser uma informação de terceiros pela qual ele não se responsabiliza. Sendo assim, fica no campo da possibilidade, da hipótese, e não da certeza.
A alternativa E também apresenta comentário errado, pois o pronome relativo refere-se a "ambiente", inclusive podendo ser substituído por O QUAL, formando NO QUAL.

25. (AFTE-RN – Esaf) Marque a assertiva errada em relação ao seguinte texto:
O momento é de resgatar a essências, guiar-se pelo bom-senso e praticar a ética junto a consumidores, fornecedores, acionistas e comunidade. Num mundo estarrecido pelas guerras, pelo terrorismo e pelo imperialismo a qualquer preço, ganham admiração o diálogo, a transparência e a contribuição para uma sociedade melhor. Fora e dentro do meio empresarial.
a) Seria também correto escrever-se: o momento é de se resgatarem as essências.
b) Em "praticar a ética" seria correto empregar-se um índice de indeterminação do sujeito.
c) A preposição em "a consumidores" poderia ser contraída ao artigo definido masculino plural.
d) A forma "num" como em "num mundo" só poderia ser empregada em linguagem oral.
e) A forma verbal "ganham" poderia estar corretamente flexionada no singular.
Gabarito: Alternativa D.
Alternativa A. O comentário é correto, uma vez que, ao se acrescentar o pronome "se" à forma verbal "resgatarem", o termo "as essências", que funcionava como objeto direto, passa a ser sujeito, fazendo com que o verbo também se flexione.
Alternativa B. Alternativa polêmica, porquanto, havendo o acréscimo do pronome "SE", não ocorre a indeterminação do sujeito, e sim a voz passiva sintética: "praticar-se a ética".

Sob o ponto de vista semântico, o agente da ação de "praticar" está indeterminado, contudo o sujeito sintático passa a ser "a ética", tal qual aconteceu na alternativa A. Inclusive, passando-se o termo "a ética" para o plural, a forma verbal "praticar" deve acompanhar: "praticarem-se as éticas". Caro candidato, esta situação já foi explorada em outras provas realizadas pela Esaf, portanto você deve ter cuidado sempre que o verbo transitivo direto (na terceira pessoa do singular) estiver acompanhado do pronome SE. É possível que a Esaf classifique o SE como pronome apassivador, sendo o termo paciente sujeito; como também é possível que o classifique como índice de indeterminação do sujeito, tornando-se, por conseguinte, o sujeito indeterminado.

Alternativa C. Questão de paralelismo sintático, em que tanto se pode usar apenas a preposição "a" antes do bloco de termos que complementam a ideia de "junto" como também se pode empregar a preposição "a" combinada ao "os" (aos) antes do bloco: "aos consumidores, fornecedores, acionistas e comunidade". Ocorrem duas outras possibilidades de reescritura; pode haver a utilização apenas da preposição antes de cada termo: "a consumidores, a fornecedores, a acionistas e a comunidade"; pode haver a combinação de preposição e artigo antes de cada termo: "aos consumidores, aos fornecedores, aos acionistas e à comunidade".

Alternativa D: A combinação da preposição com artigo indefinido, não funcionando como sujeito, é de caráter facultativo. Destarte, tal emprego é correto não apenas na linguagem oral, mas também na escrita.

Alternativa E: Quando o verbo encontra-se antes de sujeito composto, tanto poderá concordar com a soma dos núcleos, conforme se observa no texto original, como poderá concordar com o mais próximo, consoante se propõe na alternativa.

26. (Auditor-Fiscal do Trabalho – Esaf) Assinale a opção de proposta de alteração para o texto que resulta em erro gramatical e/ou incoerência textual.

No atual estágio da sociedade brasileira, se se deseja um regime democrático, não basta abolir a necessidade de bens básicos. É necessário que o processo produtivo seja capaz de continuar, com eficiência, a produção e a oferta de bens considerados supérfluos. Em se tratando de um compromisso democrático, uma hierarquia de prioridades deve colocar o básico sobre o supérfluo. O que deve servir como incentivo para a proposta de casar democracia, fim da apartação e eficiência econômica em geral é o fato de que o potencial econômico do país permite otimismo quanto à possibilidade de atender todas essas necessidades, dentro de uma estratégia em que o tempo não será muito longo.

(Adaptado de Cristovam Buarque. *Da modernidade técnica à modernidade ética*, p. 29)

a) Substituir a relação expressa por "em que o tempo" (l. 18 e 19) pela relação expressa por **cujo tempo**.

b) Inserir o pronome indicativo de indeterminação de sujeito depois de "abolir"(l. 3), resultando em: **abolir-se**.
c) Retirar a preposição da expressão "Em se tratando" (l. 8), deslocando-se o pronome para depois do verbo e fazendo-se os ajustes nas iniciais maiúsculas; o que resulta em **Tratando-se**.
d) Inserir a preposição **a** antes de "todas essas necessidades"(l. 17).
e) Substituir o conectivo de valor condicional "se" (l. 2) por **caso**, resultando em: **caso se**.
Gabarito: Alternativa E.
A substituição de **se** por caso, levando à estrutura **caso se**, exigiria a alteração do tempo verbal do presente do indicativo – deseja – para o presente do subjuntivo – deseje.
As demais opções.
a) A substituição de **em que o** por **cujo** mantém a correção gramatical.
b) Inserir a partícula **se** após **abolir**, resultando em **abolir-se**, não provoca erro gramatical; mas, de acordo com as melhores gramáticas, essa partícula é **um pronome apassivador** e não "pronome indicativo de indeterminação do sujeito". O pronome indica a indeterminação do agente da ação verbal. Ainda segundo o entendimento gramatical predominante, com verbos que não admitem voz passiva, indicará a indeterminação do sujeito da voz ativa; com verbos que admitem voz passiva, indicará a indeterminação do agente da passiva. Essa divergência entre o entendimento da Esaf e o das gramáticas normalmente indicadas como modelo – Celso Cunha, Rocha Lima, Evanildo Bechara, Domingos Paschoal Cegalla etc. – pode também ser verificada na prova **da Enap**, a seguir.
c) A preposição "em" antes de gerúndio força a próclise; se a retirarmos, o verbo "tratando" iniciará o período, tornando a ênclise obrigatória, pois não é admitido pela norma culta que pronome oblíquo inicie frase ou período .
d) O verbo atender admite duas regências: transitivo direto ou transitivo indireto regendo a preposição a.

Leia o texto abaixo para responder à questão 27
As pesquisas desenvolvidas nos vários centros nacionais e internacionais, tanto em animais quanto em seres humanos, têm demonstrado que o tratamento regenerativo com células-tronco está deixando de ser uma utopia, podendo tornar-se importante recurso para o tratamento de diversas doenças. As pesquisas mostram que essas células têm potencial capaz de reparar as alterações determinadas pelas doenças que provocam perda ou diminuição da capacidade funcional de determinados órgãos do nosso corpo. Assim, especula-se que os transplantes de células-tronco possam vir a beneficiar doenças do coração, doenças neurovegetativas, degeneração celular ligada ao envelhecimento e a tratar certas formas de câncer, como as leucemias.

(*O Globo*, 11/3/2006. José Barbosa Filho e Roberto Benchimol Barbosa)

27. (Enap – Esaf) Assinale a opção correta em relação às formas verbais do texto.

a) "Têm"(l. 4) está no plural para concordar com "seres humanos".

b) "Está deixando de ser" (l. 5 e 6) concorda com "células-tronco".

c) "Provocam" (l. 12) está no plural para concordar com "pesquisas"(l. 9).

d) "Especula-se"(l. 14/15) apresenta sujeito explícito.

e) "A tratar" (l. 19) forma locução verbal com "possam vir"(l. 16).

Gabarito: Alternativa E.

Alternativa A: "Têm" (l. 3) está no plural para concordar com o núcleo do sujeito "pesquisas" (l. 1).

Alternativa B: O comentário realizado não poderia estar correto jamais, visto que um verbo não pode estar flexionado no singular (está deixando de ser) com objetivo de concordar com um termo no plural (células-tronco). Nem há necessidade de retornar ao texto.

Alternativa C: O sujeito de provocam (l. 9) é o pronome relativo "que", cujo antecedente é "doenças".

Alternativa D: Alternativa polêmica. Mais uma vez a Esaf classifica o pronome apassivador SE como índice de indeterminação do sujeito. O verbo "especular" é transitivo direto que, atrelado ao pronome SE, caracteriza a voz passiva sintética, fazendo com que a oração seguinte, que se classificaria como objetiva direta, se transforme em subjetiva. Sendo assim, a oração iniciada através da conjunção integrante "que" (l. 11) funciona como sujeito da oração anterior. No entanto, é sempre bom lembrar, como já ocorrera em outras provas, que a construção de verbo na terceira pessoa do singular, mesmo sendo transitivo direto, atrelado ao pronome SE, e estando o agente da ação indeterminado, é considerada, por vezes, pela Esaf não como formadora de voz passiva sintética, mas sim de voz ativa, classificando-se o SE como índice de indeterminação do sujeito e, consequentemente, o sujeito passa a ser indeterminado.

Alternativa E: O termo "a tratar" (l. 14), assim como "a beneficiar", forma com os auxiliares "possam vir" uma locução.

28. (Sefaz-MG – NCE – 2007) O item cuja reformulação ALTERA o sentido original do segmento é:

a) "Os tempos mudam" – mudam os tempos.

b) "... os astrônomos descobrem novos objetos" – novos objetos são descobertos pelos astrônomos.

c) "... de que se suspeitava" – do que era suspeitado.

d) "... ele é apenas um dentre inúmeros universos" – dentre inúmeros universos ele é somente um.
e) "... como uma bolha em um enorme tanque borbulhante de cerveja" – como uma bolha de cerveja em um enorme tanque borbulhante.
Gabarito: Alternativa E.
É fundamental você atentar-se ao comando da questão. Exige-se uma alternativa em que haja alteração do sentido original. O candidato é induzido a marcar a opção C, visto que o erro gramatical é crasso. Contudo, é imperioso repetir, não se pede erro gramatical. Apesar de a alternativa C apresentar falha grosseira, não se pode aduzir que a ideia original foi alterada. Já na alternativa E, tal ocorre. Na frase original, "o tanque é que é de cerveja"; já na reescritura, "a bolha é que passa a ser de cerveja".

29. (Eletronuclear – NCE) "A febre é um sinal de alerta de que algo vai mal no organismo." Uma maneira ERRADA de reescrever-se essa mesma frase porque altera o seu sentido original é:
a) A febre alerta para o fato de que algo vai mal no organismo.
b) A febre sinaliza de que, no organismo, algo vai mal.
c) Quando algo vai mal no organismo, a febre nos alerta para esse fato.
d) Se algo vai mal no organismo, a febre aparece como um sinal de alerta.
e) Algo que vai mal no organismo alerta para o sinal da febre.
Gabarito: Alternativa E.
Outra questão que exige do candidato grande atenção ao que se exige no comando da questão. Repito: o grande segredo está na interpretação do enunciado. O candidato é totalmente induzido a marcar a alternativa B, visto que o verbo sinalizar é transitivo direto, sendo o emprego da preposição da preposição DE absurdo. Essa alternativa contém falha gramatical que, entretanto, não compromete o sentido original. Já alternativa E apresenta informação que vai de encontro ao período, senão vejamos: ideia original – A febre alerta para a existência de algo errado no organismo; reescritura – algo errado no organismo alerta para a existência da febre.

30. (Analista Legislativo – Senado Federal – FGV) "... *aspirava-se*, antes de tudo, à restauração plena das liberdades e garantias individuais e à edificação de uma democracia sem adjetivos."
Assinale a alternativa em que a substituição da forma verbal no trecho acima não tenha provocado inadequação à norma culta. Despreze as alterações de sentido.
a) ... implicava-se, antes de tudo, na restauração plena das liberdades e garantias individuais e na edificação de uma democracia sem adjetivos.

b) ... visava-se, antes de tudo, à restauração plena das liberdades e garantias individuais e à edificação de uma democracia sem adjetivos.
c) ... almejava-se, antes de tudo, a restauração plena das liberdades e garantias individuais e à edificação de uma democracia sem adjetivos.
d) ... procedia-se, antes de tudo, a restauração plena das liberdades e garantias individuais e a edificação de uma democracia sem adjetivos.
e) ... buscava-se, antes de tudo, à restauração plena das liberdades e garantias individuais e à edificação de uma democracia sem adjetivos.
Gabarito: Alternativa B.
É interessante comentar essa questão, porquanto fica denunciada a visão da Fundação Getúlio Vargas quanto à regência do verbo IMPLICAR. Como a alternativa A, segundo a banca, apresenta inadequação gramatical, conclui-se que ela não admite o emprego da preposição EM, em consonância com a visão de Evanildo Bechara, mas em oposição à de Rocha Lima e Celso Pedro Luft. Também é fundamental ressaltar que esse posicionamento é divergente de outras bancas, como a Esaf (AFRF-2002).

31. (Perito Criminal da Polícia Civil – RJ – FGV) "O público brasileiro tem ouvido, com alguma frequência, notícias a respeito de possível rebelião de países vizinhos contra aquilo que seus governantes chamam de dívidas ilegítimas."
A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:
I. Seria igualmente correto redigir o trecho da seguinte forma: O público brasileiro tem ouvido, com alguma frequência, notícias a respeito de possível rebelião de países vizinhos contra o que seus governantes chamam de dívidas ilegítimas.
II. Seria igualmente correto redigir o trecho da seguinte forma: O público brasileiro tem ouvido, com alguma frequência, notícias a respeito de possível rebelião de países vizinhos contra aquilo que seus governantes chamam dívidas ilegítimas.
III. No trecho, há uma palavra com grafia incorreta.
Assinale:
a) Se apenas os itens I e II estiverem corretos.
b) Se apenas os itens I e III estiverem corretos.
c) Se apenas os itens II e III estiverem corretos.
d) Se nenhum item estiver correto.
e) Se todos os itens estiverem corretos.
Gabarito: Alternativa A.
É imperioso chamar a atenção do candidato para o fato de que esta questão já aborda as novas regras de ortografia – item III. Mas antes de chegar a esse item, façamos uma análise dos dois primeiros:

Item I – O comentário se faz com correção, porquanto "o" pode funcionar como pronome demonstrativo, capacitado a substituir "aquilo".

Item II – A análise também é perfeita, pois o predicativo do objeto "de dívidas ilegítimas" pode ocorrer tanto com preposição como sem. Também é interessante ressaltar que o verbo "chamar" na acepção de "qualificar" pode ser transitivo direto ou indireto, sendo, por conseguinte a preposição "a" – a ser inserida antes de "que" – opcional. Sendo assim, haveria quatro formas diferentes de redigir o fragmento: contra aquilo **que** seus governantes chamam de **dívidas ilegítimas**; contra aquilo **que** seus governantes chamam **dívidas ilegítimas**; contra aquilo a **que** seus governantes chamam **de dívidas ilegítimas**; contra aquilo **a que** seus governantes chamam **dívidas ilegítimas**.

Item III – Consoante o novo acordo ortográfico, o trema torna-se desnecessário. Destarte, a partir de 1º de janeiro de 2009 – a prova foi realizada em 2009 –, não há desacerto em grafar "frequência" sem trema. É importante frisar que, se "frequência" estivesse redigido com trema, também não se poderia considerar incorreto, uma vez que a antiga ortografia ainda é válida até o fim de 2012. Sendo assim, como não há nenhum vocábulo no trecho com grafia errônea, o item III apresenta comentário inadequado.

Apêndice: exercícios de provas com gabarito comentado

Esaf

1. (AFTE – RN – Esaf) Marque o item em que um dos trechos apresenta erro gramatical:

a) Não se pretende aqui negar o óbvio: que, em termos de línguas, passado histórico, tradições culturais, problemas comuns, os povos da América Latina são menos diferentes entre si do que em outros continentes. / Não se pretende aqui negar o óbvio: em termos de línguas, passado histórico, tradições culturais, problemas comuns, os povos da América Latina são menos diferentes entre si do que em outros continentes.

b) Na Europa, Ásia e África, às vezes, um só país abriga cem idiomas e etnias distintas. / Na Europa, Ásia e África, por vezes, um só país abriga cem idiomas e etnias distintas.

c) A unidade básica na América Latina não tem impedido, contudo, que se venha acentuando, nos últimos tempos, tendência à crescente diversificação entre o México, a América Central e o Caribe, de um lado, e a América do Sul, do outro. / Não obstante a unidade básica a América Latina não tem impedido, contudo, que se acentuem, nos últimos tempos, tendência à crescente diversificação entre o México, a América Central e o Caribe, de um lado, e a América do Sul, do outro.

d) A diferenciação vem-se fazendo mais nítida em dois setores fundamentais: o grau de instabilidade política e a dependência econômica e comercial em relação aos Estados Unidos. / As diferenças vêm-se configurando mais nítidas em dois setores fundamentais: o grau de instabilidade política e a dependência econômica e comercial em relação aos Estados Unidos.

e) Até os anos 80, a América Central era o "homem doente" do continente, com o sandinismo no poder na Nicarágua, a guerrilha fortemente organizada em El Salvador e a guerra

civil com tinturas de genocídio na Guatemala. / Até os anos 80, a América Central era o "homem doente" do continente: o sandinismo no poder na Nicarágua, a guerrilha fortemente organizada em El Salvador e a guerra civil com tinturas de genocídio na Guatemala.
Resposta: Opção C, há duas falhas gramaticais na segunda frase. Inicialmente, após o vocábulo "básica", deveria haver uma vírgula, pois ocorre um adjunto adverbial com corpo extenso antecipado. Outro erro é flexionar "acentuem" no plural, visto que seu sujeito é "crescente diversificação" no singular.

Nas questões 2 e 3 (AFTE – RN), marque a sequência do texto com erro gramatical.
2.
a) Em 1946, visando impulsionar a liberalização comercial e combater práticas protecionistas adotadas desde a década de 30, 23 países, posteriormente denominados fundadores, iniciaram negociações tarifárias.
b) A primeira rodada de negociações resultou em 45.000 concessões, e o conjunto de normas e concessões tarifárias estabelecido passou a ser denominado Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio – Gatt.
c) Os membros fundadores, juntamente com outros países, formaram um grupo em que elaborou o projeto de criação da Organização Internacional do Comércio – OIC, sendo os Estados Unidos um dos países mais atuantes no convencimento da ideia do liberalismo comercial regulamentado em bases multilaterais.
d) O foro de discussões, que se estendeu de novembro de 1947 a março de 1948, ocorreu em Havana, Cuba, e culminou com a assinatura da Carta de Havana, na qual constava a criação da OIC.
e) O projeto de criação da OIC era ambicioso, pois, além de estabelecer disciplinas para o comércio de bens, continha normas sobre emprego, práticas comerciais restritivas, investimentos estrangeiros e serviços.
Resposta: A opção C apresenta um erro de regência, uma vez que o pronome relativo "que", ao funcionar como sujeito do verbo elaborou", não permitiria a presença da preposição "em".

3.
a) A geografia ainda conta, e muito, apesar de tudo o que se diz sobre a globalização e seu suposto efeito de anular a distância.
b) Não é novidade que, desde os primórdios coloniais, os ianques sempre dispensaram, para o bem e para o mal, atenção prioritária ao seu entorno físico imediato, boa parte dos quais – da Flórida e Porto Rico a Louisiana, Texas, Califórnia – compraram, anexaram ou associaram.

c) A Doutrina Monroe, a política do *big stick*, as guerras contra o México e a Espanha, as repetidas intervenções e ocupações na Nicarágua, no Haiti, em Cuba e no Panamá tiveram basicamente por cenário essas extensões terrestres e marítimas do norte.
d) Nesse sentido, existe uma linha de continuidade histórica do passado com o padrão recente. O *big stick* e as intervenções sobreviveram no apoio aos "contras", nas operações clandestinas de financiamento e orientação ao combate musculoso da guerrilha, chegando diretamente ao uso da força em Granada e no Panamá.
e) Mais ao sul, exceto em episódios como a queda de Allende e, em razão das drogas e da guerrilha colombiana, os métodos são mais sutis.
(Baseado em Rubens Ricupero)
Resposta: A opção B indica a presença do pronome relativo "dos quais" no plural, devendo ser remissivo a algo que deveria estar no plural. Não há antecedente no plural prejudicando inclusive a coerência do texto.

4. (An. Compras – Pref. Recife – Esaf) Marque o item sublinhado cujo emprego fere as normas da gramática normativa.
Em 1994, quando o Real nasceu, os bancos estimavam de que(A) a população "bancarizável" (os que têm(B) rendimento para ter uma conta em banco) somava(C) 44 milhões de brasileiros. Com a estabilidade da moeda, muitos analistas previram(D) a ampliação desse(E) número. Hoje, o setor aponta para os mesmos 44 milhões.
a) A
b) B
c) C
d) D
e) E
Resposta: A opção A apresenta uma falha de regência verbal, porquanto o verbo "estimar" é transitivo direto, não permitindo a ocorrência da preposição DE.

5. (MPOG – Esaf) Assinale a opção em que o trecho do texto foi transcrito com erro gramatical.
a) Tornou-se indispensável a profissionalização do corpo de funcionários, para que submetidos aos deveres objetivos de seus cargos, com competências claras e vinculação hierárquica, sejam merecedores de remuneração e benefícios condignos.
b) A organização do corpo de funcionários em carreiras, com as inerentes perspectivas de ascensão por meio de promoções, permitiria aferir, simultaneamente, o mérito e o direito para que os melhores galgassem as posições mais importantes.

c) No entanto, os burocratas inclinam-se a desempenhar suas tarefas administrativas seguindo critérios utilitários e materiais, distanciando-se eventualmente dos interesses da sociedade.
d) A autorreprodução da burocracia é um exemplo de disfunção, assim como a subordinação dos burocratas ao Governo, e não ao Estado, que dá origem à tecnocracia.
e) A elevação da conscientização e do controle social, o papel da imprensa e a mobilização dos servidores em defesa de uma gestão pública comprometida com a transparência são de grande valia para o aperfeiçoamento do Estado.
Resposta: A opção A apresenta uma falha de pontuação, já que a conjunção "para que" introduz uma ideia de finalidade cuja sequência é "sejam merecedores..." Como há uma intercalação entre o conector e a continuação, deveria haver uma vírgula antes de "submetidos", até porque já ocorre entra antes de "sejam".

6. (MPOG – Esaf) Assinale a opção em que uma das duas versões do texto apresenta erro gramatical.
a) A economia deveria ocupar-se em garantir sustentavelmente a sobrevivência para todos os indivíduos e todas as sociedades, libertando assim o tempo, a energia e a criatividade dos seres humanos para as tarefas superiores do seu desenvolvimento. / A economia deveria ocupar-se da garantia sustentável da sobrevivência para todos os indivíduos e todas as sociedades, e libertar, assim, o tempo, a energia e a criatividade dos seres humanos para as tarefas superiores do seu desenvolvimento.
b) O conhecimento e a criatividade criam valor nos produtos que geram, e geram produtos que vão muito além daqueles que garantem a sobrevivência física do trabalhador. / Produtos com valor e que vão muito além daqueles que garantem a sobrevivência física do trabalhador são criados pelo conhecimento e criatividade.
c) É preciso esforço para que o trabalho, conhecimento e criatividade humanos se libertem dos grilhões que hoje os amarram e subordinam à simples necessidade de sobreviver. / Para que o trabalho, conhecimento e criatividade, hoje amarrados e subordinados por grilhões à simples necessidade de sobreviver, sejam libertados, é preciso esforço.
d) O trabalho, o conhecimento e a criatividade são meios para o ser humano estabelecer relações consigo próprio, com o mundo e com as outras pessoas. / Alguns dos meios pelos quais o ser humano estabeleça relações consigo próprio, com o mundo e com as outras pessoas são o trabalho, o conhecimento e a criatividade.
e) A única política de desenvolvimento que faz sentido é aquela que tenha como referencial as necessidades, aspirações e recursos de cada povo e nação. / A política de desenvolvimento que tenha como referencial as necessidades, aspirações e recursos de cada povo e nação é a única que faz sentido.

Resposta: Na opção D, segunda frase, a estrutura frasal não permite que a forma verbal "estabeleça" se conjugue no presente do subjuntivo, devendo ocorrer no presente do indicativo: "estabelece".

7. (Aneel – Esaf) Entre as diferentes versões do trecho, assinale a gramaticalmente incorreta.

a) Há milhões de pneus descartados em nosso País que podem se tornar uma grande fonte alternativa de combustível para as cimenteiras. O processo de trituração é caro, mas compensa, pois, enquanto o pneu gera 8.200 kcal, o carvão gera 6.280 kcal.

b) Podem se tornar uma grande fonte alternativa de combustível para as cimenteiras os milhões de pneus descartados em nosso País. O processo de trituração, embora seja caro, compensa. O pneu gera 8.200 kcal, enquanto o carvão gera 6.280 kcal.

c) Em nosso País, os milhões de pneus descartados podem se tornarem uma grande fonte alternativa de combustível para as cimenteiras. O processo de trituração é caro, mas compensa, pois, enquanto o pneu gera 8.200 kcal, o carvão gera 6.280 kcal.

d) Uma grande fonte alternativa de combustível para as cimenteiras pode vir dos milhões de pneus descartados em nosso País. Embora o processo de trituração seja caro, compensa: o pneu gera 8.200 kcal, enquanto o carvão gera 6.280 kcal.

e) Há milhões de pneus descartados em nosso País. Eles podem se tornar uma grande fonte alternativa de combustível para as cimenteiras. O processo de trituração compensa, embora seja caro, já que o pneu gera 8.200 kcal, enquanto o carvão gera 6.280 kcal.

Resposta: Na opção C ocorre uma locução verbal, estando o último verbo também flexionado, formalizando uma das falhas mais condenadas pela gramática.

8. (Aneel – Esaf) Assinale a opção em que uma das versões do trecho está gramaticalmente incorreta.

a) O acesso à energia elétrica também contribuirá para a integração das políticas sociais do Governo Federal, ao possibilitar que as regiões atendidas se beneficiem de serviços básicos de saúde, educação, abastecimento de água e comunicação. / Ao possibilitar que as regiões atendidas se beneficiem de serviços básicos de saúde, educação, abastecimento de água e comunicação, o acesso à energia elétrica também contribuirá para a integração das políticas sociais do Governo Federal.

b) A comunidade de Nazaré, em Novo Santo Antônio (PI), foi a primeira localidade atendida pelo projeto "Luz para Todos" por estar localizada no município com menor índice de atendimento no País (8%). / A primeira localidade atendida pelo projeto "Luz para Todos" foi a comunidade de Nazaré, por estar localizada no município com menor índice de atendimento no país (8%): Novo Santo Antônio (PI).

c) O acesso à energia elétrica permitiu a instalação de um centro comunitário para produção de farinha, bombeamento de água para abastecimento da localidade, instalação de computadores na escola e de antena parabólica para transmissão de programas educativos. / A instalação de um centro comunitário para produção de farinha, bombeamento de água para abastecimento da localidade, instalação de computadores na escola e de antena parabólica para transmissão de programas educativos foi possível pelo acesso à energia elétrica.
d) Com a universalização do acesso à energia elétrica, o Governo Federal pode utilizar-lhe como instrumento para o desenvolvimento econômico das comunidades e para a redução da pobreza e da fome. / O Governo Federal pode utilizar a universalização do acesso à energia elétrica como instrumento para o desenvolvimento econômico das comunidades e para a redução da pobreza e da fome.
e) O uso de recursos públicos reduzirá significativamente os impactos tarifários nas contas de luz, já que a implantação do programa resulta de uma parceria com as concessionárias de energia elétrica e os governos estaduais. / A implantação do programa resulta de uma parceria entre as concessionárias de energia elétrica e os governos estaduais, de modo que o uso de recursos públicos reduzirá significativamente os impactos tarifários nas contas de luz.
Resposta: A opção D possui uma falha de regência verbal logo na primeira frase. Como o verbo "utilizar" é transitivo direto, o pronome oblíquo não poderia ser "lhe". O correto seria "pode utilizá-lo".

9. (Aneel – Esaf) Assinale a opção gramaticalmente correta.
a) A liberação dos recursos abre uma nova fase do programa "Luz para Todos", que é coordenado pelo Ministério de Minas e Energia e foi lançado em novembro de 2003.
b) Durante esse período, foram instalados comitês gestores estaduais, assinados os termos de compromisso com os estados e finalizados as negociações com as concessionárias para definição das condições contratuais e do valor das obras.
c) A próxima etapa será a assinatura dos contratos entre as concessionárias e os governos estaduais, também parceiro do programa.
d) O acesso à energia elétrica será gratuita para todos os consumidores. As famílias de baixa renda cadastradas nos programas sociais do Governo Federal receberão gratuitamente as ligações internas de suas residências.
e) Hoje, mais de 12 milhões de brasileiros não tem acesso à energia elétrica, o equivalente à soma da população dos Estados do Piauí, Mato Grosso do Sul, Amazonas e Distrito Federal.

Resposta: A única opção que não contém erro gramatical é a opção A. A opção B possui falha de concordância nominal, pois "finalizados" deveria estar na forma feminina, visto que está qualificando o substantivo "negociações". A opção C também apresenta duas falhas de concordância nominal, pois o termo "parceiro" no singular é referente a "governos estaduais", devendo ocorrer no plural: "parceiros"; e "será gratuita" é inadequado (deveria ser "será gratuito"), pois se refere a "acesso". Na opção D, o erro é de regência, uma vez que "as famílias receberam as ligações" na residência, devendo aparecer a preposição "em", e não a preposição "de". Na opção E, a falha é de concordância verbal, pois sendo o sujeito "mais de 12 milhões", a forma verbal "tem" deveria estar no plural "têm".

10. (Aneel – Esaf) Assinale o trecho que apresenta erro gramatical.

a) A energia elétrica pode ser obtida de várias maneiras, mas aquela obtida por meio da usina hidrelétrica é a mais conhecida e explorada no Brasil.

b) Pode-se obter energia das marés: constrói-se uma barragem para represar a água das marés quando essas estiverem altas; ao entrarem em queda geram energia, como nas usinas hidrelétricas.

c) A energia eólica é proveniente dos ventos, que possibilitam a movimentação de uma turbina ligada a um gerador que produz energia elétrica. O grande potencial eólico brasileiro encontra-se no Norte e Nordeste, parte da Bahia e de Minas Gerais e no Sul.

d) A energia nuclear é gerada pela radiação do elemento urânio, que é colocado em um recipiente próprio para gerar calor, que por sua vez aquecerá uma serpentina com água, produzindo vapor. As turbinas, ligadas a um gerador elétrico, produzem eletricidade por meio do vapor.

e) As usinas de biomassa utilizam resíduos orgânicos como carburantes. Há dois tipos: por vapor d'água e por gaseificação. As usinas por vapor d'água, que é mais utilizada e mais baratas, queimam material carburante em uma caldeira.

Resposta: A opção E apresenta grave falha de concordância, dado que "é mais utilizada" é referente ao antecedente do pronome relativo "que", ou seja, "as usinas por vapor d'água", devendo, pois, ocorrer no plural: "são mais utilizadas".

11. (MPU – Esaf) Os trechos abaixo compõem um texto. Assinale o fragmento que apresenta incorreção gramatical.

a) Um filme não é apenas um filme, mas também a maneira como ele se comunica com o público. O título do novo documentário de Maria Augusta Ramos vem todo escrito em letras minúsculas: justiça.

b) A primeira informação que recebemos é a de que o filme talvez não se refira ao sistema judiciário, comumente grafado como Justiça, mas a uma acepção mais genérica da palavra.
c) O filme parece ver a justiça como categoria abstrata, ou então como substantivo que designa não só a justiça criminal, mas também a justiça social. A grafia pode sugerir, ainda, uma crítica ao sistema judiciário.
d) Como se o título afirmasse: "do jeito que é feita no Brasil, a chamada justiça não merece uma maiúscula". De fato, não é alheia às intenções da realizadora o desejo de que o filme contribua para as discussões em torno da reforma judiciária brasileira.
e) O filme, vencedor do Festival Vision du Réel (Nyon, Suíça, 2004), mostra o horror das cadeias apinhadas de homens, o drama das visitas familiares sem o menor espaço para privacidade, o coro assustador dos simpatizantes do Comando Vermelho.
Resposta: A opção D apresenta erro de concordância, visto que o adjetivo "alheia" qualifica o substantivo "desejo", devendo ocorrer na forma masculina: "alheio".

12. (MPU – Esaf) Indique a opção em que o trecho está incorreto gramaticalmente.
a) As transformações tecnológicas, já que não existe sociedade civilizada sem lei, apenas tornam mais complexas as regras que, muitas vezes, incomodam e atrapalham, mas que continuarão sendo uma garantia fundamental de desenvolvimento com justiça.
b) Não existe sociedade civilizada sem lei e as transformações tecnológicas apenas tornam mais complexas as regras que, muitas vezes, incomodam e atrapalham, mas que continuarão sendo uma garantia fundamental de desenvolvimento com justiça.
c) Não existe sociedade civilizada sem lei, por isso as transformações tecnológicas apenas tornam mais complexas as regras que, muitas vezes, incomodam e atrapalham, mas que, no entanto, continuarão sendo uma garantia fundamental de desenvolvimento com justiça.
d) Não existe sociedade civilizada sem lei. As transformações tecnológicas apenas tornam mais complexas as regras que, muitas vezes incomodam e atrapalham, mas que, continuarão sendo garantias fundamentais de desenvolvimento com justiça.
e) As transformações tecnológicas apenas tornam mais complexas as regras que, muitas vezes, incomodam e atrapalham, mas que continuarão sendo uma garantia fundamental de desenvolvimento com justiça. Não existe sociedade civilizada sem lei.
Resposta: A opção D apresenta uma falha de pontuação, porquanto o adjunto adverbial "muitas vezes" interrompe uma sequência lógica. A gramática até admite que o adjunto adverbial deslocado, contendo corpo pequeno, não esteja isolado por vírgula, contudo se ao fim dele a pontuação aparecer, o mesmo deveria ocorrer em seu início. Enfim, ou se coloca a vírgula antes e depois de "muitas vezes", ou nenhuma vírgula.

13. (TRF – Esaf) Assinale o trecho do texto que foi transcrito com erro.

a) Os direitos humanos, a grande conquista moderna, procedem da ideia de que o governo está a serviço dos cidadãos, e não o contrário. Cada indivíduo, antes mesmo de fazer parte do poder político, já detêm direitos que são seus, pelo simples ato de nascer.

b) É esse vínculo dos direitos humanos ao nascimento que permite dizer que eles são direitos naturais. Já o Estado é um instrumento para realizar fins comuns às pessoas.

c) Vários teóricos da política, ao longo dos séculos XVII e XVIII, afirmaram que o Estado nasceria de um contrato. Eles foram indevidamente contestados depois que os avanços da história mostraram que seria impossível a pessoas isoladas entre si desenvolverem a sofisticação necessária para adotar o conjunto de regras e leis que forma um Estado.

d) O que os contratualistas pretendiam não era tanto afirmar uma verdade histórica, ou sequer uma hipótese, mas expressar uma ideia filosófica forte, revolucionária: o indivíduo tem prioridade sobre o Estado.

e) Mesmo que cada um de nós, em sua vida, nasça dentro de um Estado — e, portanto, depois dele –, este último somente tem validade como ferramenta ou meio para promover fins que são os nossos.

Resposta: A opção A apresenta contém grande falha de concordância verbal, pois a forma verbal "detêm" deveria estar no singular (detém", concordando com o seu sujeito "cada indivíduo").

Nas questões 14 e 15, assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia das palavras.

14. (TRF – Esaf) O Tribunal de Contas da União, por meio do (1) Acórdão (2) nº 1.137, de 13 de agosto de 2003, apresentou o resultado de trabalhos de inspeção realizados junto aos Órgãos Centrais, à (3) Delegacia da Receita Federal em Brasília e à Delegacia Especial de Instituições Financeiras em São Paulo, tendo por objeto avaliar o controle exercido pela Superintendência da Receita Federal sobre à (4) rede arrecadadora de receitas federais. Em diversos trechos de seu relatório, aquele Tribunal reconhece os benefícios advindos (5) do Projeto de Reestruturação do Controle da Rede Arrecadadora de Receitas Federais – Projeto Nova Rarf.

a) 1

b) 2

c) 3

d) 4

e) 5

Resposta: A opção D contém falha gritante de regência, já que a preposição "sobre" não admite a ocorrência de outra preposição. Sendo assim, o "à" não poderia estar com acento grave.

15. (TRF – Esaf) A sociedade humana, desde os seus primórdios, soube desenvolver as dimensões essenciais de sua atividade prática — e já por isso o homem pôde (1)ser definido como tendo sido, desde a sua origem, um animal técnico, ou seja, uma criatura afeita à fainas (2) da transformação da natureza. Foi a filosofia grega, no entanto, e apenas ela, que conseguiu estabelecer aquelas categorias fundamentais para o desdobramento da tecnologia. Não que esse desdobramento estivesse desde sempre (3) na mira daqueles primeiros pensadores gregos. Em verdade (4), a ligação entre esse pensamento das categorias de base e a sua subserviência ao desenvolvimento da tecnologia só viria a manifestar-se (5) dois milênios mais tarde.

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

Resposta: Na opção B, o substantivo "fainas", estando no plural, só poderia admitir o artigo no plural. Portanto, pode-se omitir o artigo, ficando a estrutura "Afeita a fainas" ou utilizar o artigo, ficando "afeito às fainas".

16. (TRF – Esaf) Assinale a opção em que o trecho do texto foi transcrito com erro de sintaxe.

a) As empresas do setor imobiliário que deixaram de prestar contas das transações realizadas em 2002 vão ser alvo de investigação da Receita Federal. Imobiliárias, construtoras e incorporadoras tinham prazo limitado para entregar a Declaração de Informação sobre Atividades Imobiliárias – Dimob.
b) A estimativa é de que metade das empresas não declarou, mas o coordenador geral de Fiscalização da Receita acredita que muitas delas ainda vão cumprir a exigência. Até o prazo foram entregues 21.395 declarações, mas nos registros da Receita constam em cerca de 40 mil empresas que estariam obrigadas a declarar.
c) O coordenador diz que os dados da Dimob serão confrontados com as informações da declaração das empresas e das pessoas físicas. O coordenador afirma ainda que as informações serão cruzadas com os dados da CPMF, que têm sido instrumento indispensável ao trabalho de fiscalização do órgão.

d) Na declaração, as imobiliárias só devem informar as operações realizadas no ano passado. As empresas que não tiveram atividades em 2002 estão desobrigadas de prestar contas. Quem deixou de entregar a declaração no prazo pagará multa mínima de R$ 5 mil por mês-calendário. Em caso de omissão ou informação de dados incorretos ou incompletos, a multa será de 5% sobre o valor da transação.
e) Essa declaração foi criada em fevereiro de 2003 para identificar as operações de venda e aluguel de imóveis. A Receita quer saber, por exemplo, a data, o valor da transação e a comissão paga ao corretor. No ano passado, foram fiscalizadas 495 empresas do setor, cujas autuações somaram R$ 1,2 bilhão.
Resposta: A opção B contém erro de regência, visto que o termo "cerca de 40 mil empresas" funciona como sujeito, portanto não admitindo a ocorrência da preposição "em".

Nas questões 17 e 18, marque o item sublinhado que represente impropriedade vocabular, erro gramatical ou ortográfico.
17. (An. Com. Ext. – Esaf) A democracia, segundo Aristóteles, é forma de governo. Esse entendimento milenar (A) assim se conservou entre os publicistas (B) romanos e os teólogos da Idade Média. Não discreparam (C) também do juízo aristotélico pensadores políticos do tomo (D) de Montesquieu e Rousseau, presos as heranças (E) clássicas.
a) A
b) B
c) C
d) D
e) E
Resposta: A opção E apresenta erro de regência, uma vez que o adjetivo "presos" exige a ocorrência da preposição "a", portanto poderiam existir duas formas corretas de redigir: somente a preposição "a" ou somando a preposição A com o artigo AS, formando "ÀS".

18. (An. Com. Ext. – Esaf) Há (A) tempos está em tramitação no Congresso proposta para reforma do sistema financeiro que concede independência plena ao Banco Central. São fortes as pressões para que a matéria seja aprovada ainda sob (B) o atual governo. A iniciativa contempla contradição insanável (C). Não existe fórmula política capaz de aumentar a independência do BC. Nenhuma agência governamental superaria-o (D) em matéria de liberdade. Atua independentemente (E) de qualquer controle externo.
a) A
b) B
c) C
d) D

e) E

Resposta: A opção D possui uma terrível falha de topologia pronominal. Verbos no futuro do pretérito não admitem ênclise. Como o adjetivo "governamental" não atrai o pronome oblíquo, tanto poderia ser usada a próclise "o superaria" como a mesóclise "superá-lo-ia".

19. (AFRF – Esaf) Assinale a opção em que uma das duas formas de redação do texto, independentemente de alteração semântica, apresenta erro gramatical ou problema de sintaxe.

a) A globalização é a manifestação hodierna das ambiguidades que marcaram os primórdios dos tempos modernos. / Das ambiguidades que foram marcas dos primórdios dos tempos modernos, a globalização é a manifestação contemporânea.

b) De forma semelhante ao que aconteceu no passado, o mundo atravessa um período de transição que parece completar a "grande transformação" iniciada no século XVI. / O mundo atravessa um período de transição – de forma semelhante ao acontecido no passado – que parece ser complemento da "grande transformação" iniciada no século XVI.

c) Com a navegação em rede, estreitando os laços entre os povos e reunindo-os numa única sociedade, o processo de internacionalização econômico-político tende a fechar o ciclo que começou com a circunavegação. / O processo de internacionalização econômico-político que começou com a circunavegação tende a fechar o ciclo com a navegação em rede, estreitando os laços entre os povos, reunindo-os numa única sociedade.

d) Conquanto intensas modificações tenham ocorrido ao longo desses quinhentos anos, a história volta a se repetir. / Volta-se a ser repetida a história, apesar das intensas modificações ocorridas ao longo desses quinhentos anos.

e) A globalização não se dá nos mesmos níveis para todos os países e todas as pessoas, e tem beneficiado os países centrais em detrimento da grande maioria das regiões mais carentes. / Beneficiando os países centrais em prejuízo da grande maioria das regiões mais carentes, a globalização não ocorre nos mesmos níveis para todos os países e todas as pessoas.

Resposta: A opção D contém erro na reescritura. A estrutura "volta a ser repetida" já está na voz passiva, não admitindo, pois, a presença do pronome apassivador "se".

20. (AFRF – Esaf) O texto adaptado de Hindenburgo Pereira Diniz, "Advertência importante", (*Correio Braziliense*, 17/3/2003) foi fragmentado para compor as opções abaixo. Assinale o trecho que foi transcrito desrespeitando as regras gramaticais:

a) Tendo em vista as limitações da estrutura empresarial brasileira e a conveniência de resguardarem-se certos segmentos sob controle nativo, jamais acreditei que o progresso floresça beneficamente entre nós sem a presença ativa do Estado nas áreas da segurança

(interna e externa), educação, saúde, infraestrutura, tecnologia e promoção de fomento financeiro de longo prazo às atividades produtivas conduzidas pela iniciativa privada.
b) Por certo, a mesma conclusão não é necessariamente válida nas economias ricas, animadas por atores e coadjuvantes sadios e preparados, dotadas de condições estruturais avançadas e eficazes, centros de iniciativas privadas importantes e florescentes.
c) Da mesma forma, é preciso considerar-se a situação do equilíbrio monetário interno. Sem dinheiro relativamente estável, fica difícil, mesmo para leigos conscientes, imaginar solução respeitável preocupada apenas com a importância maior do crescimento material.
d) Desequilibrando-se monetariamente demais, as proporções dos valores relativos desaparecem as condições de utilizar a moeda como meio eficiente de promover à expansão econômica. Contudo, não cabe deixar de priorizar melhor destino a metas permanentes.
e) Portanto, nesta etapa ainda inicial da história da humanidade (do *homo economicus*), tudo recomenda cuidado com a sanidade desse instrumento essencial à realização completa de nossas necessidades materiais e dos sonhos que estimulam a ação dos empreendedores.
Resposta: A opção D, além de apresentar uma estrutura de péssima qualidade, por isso comprometendo o sentido do texto, contém algumas falhas gramaticais: não se sabe quem é o sujeito do verbo "desaparecem" e a regência do verbo "promover" não admite a ocorrência da preposição "a", portanto o uso da crase é equivocado.

NCE

(ANP – NCE)
As questões de 1 a 6 mostram uma mesma ideia escrita de cinco formas distintas. Você deve assinalar a forma mais adequada, levando em consideração sua correção, precisão, clareza e elegância.
1.
a) Os guardas-civis intervieram na discussão dos espectadores.
b) Os guarda-civis interviram na discursão dos expectadores.
c) Os guardas-civis interviram na discussão dos expectadores.
d) Os guarda-civis intervieram na discursão dos espectadores.
e) Os guarda-civil interviram na discussão dos expectadores.
Resposta: Opção A. A ortografia correta dos termos é guardas-civis (guarda quando for sinônimo" de "policial" faz com que os dois termos se flexionem), discussão e espectadores (expectador é sinônimo de aquele que aguarda com expectativa). O verbo "intervir"

deriva-se do verbo "vir". No pretérito perfeito, a forma correta é "eles vieram", portanto "eles intervieram".

2.

a) Os policiais averíguam onde querem trabalhar os escrivãos.
b) Os policiais averíguam aonde querem trabalhar os escrivãos.
c) Os policiais averiguam onde querem trabalhar os escrivães.
d) Os policiais averiguam aonde querem trabalhar os escrivães.
e) Os policiais averiguam onde querem trabalhar os escrivões.

Resposta: Opção C. O verbo AVERIGUAR possui obrigatoriamente o "u" tônico nas formas rizotônicas. Portanto, "averiguam" com acento não existe. Quando a regência exige a preposição A, utiliza-se "aonde"; quando a regência exige a preposição EM, usa-se "onde". O sentido na frase é: "eles vão trabalhar em (ONDE) um lugar". Por fim, o plural de "escrivão" é "escrivães".

3.

a) Quando nos vermos de novo, eu te cumprimentarei.
b) Quando nos vermos de novo, eu cumprimentar-te-ei.
c) Quando virmo-nos de novo, eu te comprimentarei.
d) Quando nos virmos de novo, eu te cumprimentarei.
e) Eu te cumprimentarei quando nos vermos de novo.

Resposta: Opção D. "Quando" é uma conjunção subordinativa, portanto atrai o pronome oblíquo NOS, excluindo a opção C. Ocorre a dúvida "virmos" ou "vermos". Observe que os dois verbos terminam em RMOS. Dessa forma, há a necessidade de se identificar se o verbo está no futuro do subjuntivo ou no infinitivo pessoal. No capítulo de verbos, ficou esclarecido que o melhor caminho é substituir pelo verbo "fazer". Caso apareça "fazer", o verbo está no infinitivo pessoal; caso apareça "fizer, o verbo está no futuro do subjuntivo. A frase alterada assim fica: "Quando fizer de novo...", o que nos indica estar o verbo "ver" no futuro do subjuntivo. Futuro do subjuntivo do verbo VER: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem. Sendo assim, eliminam-se as alternativas A, B e E.

4.

a) Vossa Excelência, o Presidente, vem com os ministros a reunião?
b) Sua Excelência, o Presidente, vem com os ministros à reunião?
c) Vossa Excelência, o Presidente, vêm com os ministros para a reunião?
d) Vossa Excelência, o Presidente, vem com os ministros na reunião?
e) Sua Excelência, o Presidente, vêm com os ministros para a reunião?

Resposta: Opção B. A ocorrência do aposto explicativo, o Presidente, denuncia que não se está falando diretamente com o Presidente, mas algo a respeito dele. Dessa forma, não se pode utilizar Vossa Excelência (pronome de tratamento usado para se dirigir à própria autoridade) e sim "Sua Excelência". Além disso, o pronome de tratamento está no singular, e o verbo presente na opção E (vêm) encontra-se no plural.

5.

a) Se liga aos teus amigos para sobreviveres.
b) Ligue-se aos teus amigos para sobreviver.
c) Liga-te aos teus amigos para sobreviver.
d) Liga-se aos seus amigos para sobreviveres.
e) Se ligue a teus amigos para sobreviver.

Resposta: Opção C. Nunca se pode iniciar oração através de pronome oblíquo átono, portanto excluem-se as opções A e E. A opção D possui uma falha de concordância: o verbo "liga" está na segunda pessoa do singular do imperativo afirmativo e o pronome reflexivo "se" encontra-se na terceira. A opção B até teve um início escorreito, contudo a sequência se deu de forma desastrosa. A expressão "Ligue-se" está perfeita, pois verbo no imperativo e pronome reflexivo estão na terceira pessoa do singular, porém o pronome possessivo "teus" em seguida, referente ao mesmo ser, encontra-se na segunda pessoa do singular.

6.

a) Prefiro isso que fazer aquilo.
b) Prefiro isso a fazer aquilo.
c) Prefiro isso do que fazer aquilo.
d) Prefiro isso do que a fazer aquilo.
e) Prefiro isso a que fazer aquilo.

Resposta: Opção B. A regência do verbo PREFERIR não admite a preposição DE, e sim somente a preposição A. Também é incorreto o uso de "que".

(TJ – Técnico Judiciário – NCE)

Da questão 7 à questão 12, você terá cinco formas da mesma frase. Você deve indicar a de forma mais adequada e correta, segundo a norma culta.

7.

a) O Tribunal funciona, aos sábados, das 7 as 12 horas.
b) O Tribunal funciona aos sábados de 7 à 12 horas.

c) O Tribunal funciona, aos sábados, de 7 às 12 horas.
d) O Tribunal funciona, aos sábados, das 7 às 12 horas.
e) O Tribunal, aos sábados, funciona, de 7 à 12 horas.
Resposta: Opção D. A gramática exige o uso do artigo antes de hora(s), no sentido de hora exata. Portanto, a única opção em que há o artigo antes de sete (combinado com a preposição "de") e de 12 (combinado com a preposição "a") é a resposta.

8.
a) Se alguém vir o processo, retire-o do pacote em que está.
b) Se alguém ver o processo, retira-o do pacote em que está.
c) Se alguém ver o processo, retire ele do pacote em que está.
d) Se alguém vir o processo, retira-o do pacote em que está.
e) Se alguém ver o processo, retire-o do pacote em que está.
Resposta: Opção A. Questão bastante polêmica, visto que duas opções estão corretas gramaticalmente. Inicialmente, eliminemos as alternativas incorretas. A dúvida "ver" ou "vir" se esclarece, com a substituição pelo verbo FAZER (se alguém fizer). Portanto está o verbo no futuro do subjuntivo. O futuro do subjuntivo do verbo VER é "vir, vires, vir, virmos, virdes, virem". Estão excluídas as opções B, C e E. As opções A e D estão corretas, visto que não necessariamente a mesma pessoa que verá o pacote será aquela que deverá retirá-lo. Então, o outro verbo, que está no imperativo, tanto poderia aparecer na segunda pessoa do singular como na terceira. Sendo assim, o candidato será a obrigado a escolher qual das duas corretas é a mais adequada. A banca optou pela opção A, por fazer a concordância com o sujeito da oração anterior.

9.
a) O promotor esqueceu vários papeizinhos na gaveta.
b) O promotor se esqueceu de vários papeiszinhos na gaveta.
c) O promotor esqueceu-se de vários papeiszinhos na gaveta.
d) O promotor esqueceu vários papeiszinhos na gaveta.
e) O promotor se esqueceu vários papeizinhos na gaveta.
Resposta: Opção A. A regência do verbo ESQUECER admite duas possibilidades: com pronome oblíquo, o verbo é transitivo indireto, exigindo a presença da preposição DE; sem pronome oblíquo, o verbo é transitivo direto, não admitindo o uso de preposições. Portanto, a opção E já está excluída. Quando se flexiona um substantivo no plural e diminutivo concomitantemente, deve-se inicialmente passá-lo para o plural (papéis). Após, insere-se "ZINHO" entre PAPÉI e o S. Como a sílaba tônica passa a ser "zi", o vocábulo acaba por perder o acento.

10.

a) Parecem ter havido bastantes erros no processo.

b) Parece ter havido bastante erros no processo.

c) Parecem ter havido bastante erros no processo.

d) Parece ter havido bastantes erros no processo.

e) Parece terem havido bastante erros no processo.

Resposta: Opção D. O verbo HAVER ocorre no sentido de EXISTIR. Nesse caso, ele é impessoal. Esta característica dele é passada para os auxiliares, portanto estes não podem ser flexionados. Destarte, as opções A, C e D já estão eliminadas. A opção B acaba também excluída, visto que BASTANTE, nesta frase, funciona como pronome indefinido, concordando com o substantivo ERROS, tornando-se, portanto, variável.

11.

a) Os juízes interviram quando viram os réus frente a frente.

b) Os juízes intervieram quando viram os réus frente à frente.

c) Os juízes intervieram, quando viram os réus frente a frente.

d) Os juízes interviram, quando viram os réus frente à frente.

e) Os juízes intervieram quando viram os réus frente a frente.

Resposta: Opção E. Trata-se de outra questão extremamente polêmica, visto que duas alternativas estão corretas gramaticalmente. Inicialmente, vamos excluir as erradas. O verbo INTERVIR deriva-se do verbo VIR, cuja forma na terceira pessoa do plural do pretérito perfeito é VIERAM. Logo, a forma correta é INTERVIERAM. Sendo assim, as alternativas A e D estão eliminadas. A opção B também deve ser excluída, já que não se justifica o uso de crase em "frente à frente" (no interior de termos repetidos, não há acento grave). Portanto, estão corretas as opções C e E. A única diferença existente entre as opções é o uso da vírgula. O critério utilizado para indicar que a alternativa A é a mais adequada provavelmente é a ordem das orações. Toda oração subordinada adverbial é um adjunto adverbial. Logo, se o adjunto adverbial oracional posiciona-se ao fim da oração principal, não há motivo para o emprego de pontuação a fim de isolar as orações.

12.

a) Espero que lhes tenha prevenido de que quero apartes durante a sessão.

b) Espero que os tenha prevenido que quero apartes durante a seção.

c) Espero que os tenha prevenido de que quero apartes durante a sessão.

d) Espero que lhes tenha prevenido que quero apartes durante a seção.

e) Espero que os tenha prevenido de que quero apartes durante a seção.

Resposta: Opção C. As opções A e B são excluídas por erros de regência verbal. Na opção A, há dois objetos indiretos ligados ao verbo PREVENIR (lhes / de que quero apartes durante a sessão) e a opção B possui dois objetos diretos atrelados ao verbo PREVENIR (os / que quero apartes durante a seção). As opções D e E são excluídas em função de falha de ortografia. É cabível somente o vocábulo "sessão", em virtude de o período indicar que os apartes ocorrerão durante a reunião.

(Papiloscopista – NCE)

Nas questões 13 a 15, há uma forma da frase considerada como correta, levando-se em conta a norma culta da língua. Assinale-a em cada questão.

13.

a) Não houve mais brigas entre eu e ela.
b) Não houveram mais brigas entre eu e ela.
c) Não houve mais brigas entre ela e eu.
d) Não houve mais brigas entre mim e ela.
e) Não houveram mais brigas entre ela e mim.

Resposta: Opção D. Podemos logo excluir as alternativas B e D, uma vez que o verbo HAVER, no sentido de EXISTIR, é impessoal, podendo ser conjugado apenas na terceira pessoa do singular. O termo, sendo preposicionado, fato que já serve para indicar que não funciona como sujeito, sugere que o pronome não seja reto, mas sim oblíquo. Sendo assim, todas as opções em que o pronome EU foi utilizado devem ser excluídas.

14.

a) Ela requereu que eu intervisse na questão.
b) Ela requis que eu intervisse na questão.
c) Ela requis que eu interviesse na questão.
d) Ela requereu que eu intervisse na questão.
e) Ela requereu que eu interviesse na questão.

Resposta: Opção E. É fundamental recordar que o verbo REQUERER não se deriva integralmente do verbo QUERER. No pretérito perfeito, este verbo funciona como regular de segunda conjugação, podendo-se utilizar o verbo VENDER como paradigma (VENDEU – REQUEREU). Já o verbo INTERVIR deriva-se integralmente do verbo VIR. A terminação SSE – denuncia estar o verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo (SE ELE VIESSE – SE ELE INTERVIESSE).

15.

a) Não devem haver respostas à perguntas maleducadas.

b) Não deve haver respostas à perguntas maueducadas.
c) Não deve haver respostas a perguntas mal-educadas.
d) Não devem haver respostas às perguntas maleducadas.
e) Não devem haver respostas a perguntas maueducadas.
Resposta: Opção C. As alternativas A, D e E devem ser excluídas, visto que o verbo HAVER, no sentido de EXISTIR, é impessoal. Essa característica é transferida para o auxiliar que, obrigatoriamente, deve ocorrer na terceira pessoa do singular. Como "mal", no caso, faz parte de um adjetivo composto, deve ser redigido com hífen; como é antônimo de BEM, deve ser escrito com "L".

(CNEN – NCE) As questões 16 a 18 apresentam a mesma formulação, ou seja, deve-se marcar o item cuja frase se apresenta redigida da forma mais adequada, considerando-se clareza, elegância, precisão e correção.
16.
a) Em anexo, seguem os documentos comprovadores de que o imóvel referido estava situado na Rua Santa Clara.
b) Anexo, seguem os documentos comprovadores de que o imóvel referido estava situado à Rua Santa Clara.
c) Anexos seguem os documentos comprovadores de que o imóvel referido estava situado à Rua Santa Clara.
d) Em anexos, seguem os documentos comprovadores de que o imóvel referido estava situado na Rua Santa Clara.
e) Anexo seguem os documentos comprovadores de que o imóvel referido estava situado na Rua Santa Clara.
Resposta: Opção A. Com a preposição EM, ANEXO é invariável; já sem a preposição, ANEXO deve concordar com o elemento que determina, ou seja, EM ANEXO ou ANEXOS SEGUEM OS DOCUMENTOS. Excluem-se as alternativas B, D e E. SITUADO e SITO são formas de particípio do verbo SITUAR. Este verbo sugere um valor de algo estático, parado, portanto, não admitindo o uso da preposição A, devendo-se usar em seu lugar a preposição EM.

17.
a) Ao se ouvir os primeiros votos, iniciou-se os quebras-quebras.
b) Ao se ouvirem os primeiros votos, iniciaram-se os quebra-quebra.
c) Ao se ouvir os primeiros votos, iniciaram-se os quebra-quebras.
d) Ao se ouvir os primeiros votos, iniciou-se os quebra-quebra.
e) Ao se ouvirem os primeiros votos, iniciou-se os quebra-quebra.

Resposta: Opção B. Mais uma questão polêmica. Nas duas orações, o pronome SE é apassivador, pois está ligado a verbos transitivos diretos. Então, os termos "os primeiros votos" e "os quebra-quebra(s)", que eram objetos diretos sem o pronome SE, transformam-se em sujeitos de voz passiva, exigindo que os verbos também se flexionem no plural. Aí, já se chega à resposta (opção B). O problema está em "os quebra-quebra". Não há autores que defendam o uso invariável de substantivos compostos no plural formados por verbos idênticos.

18.

a) Eram espetáculos de artistas famosos e todos tinham desejo de assisti-los pela TV.

b) Eram espetáculos de artistas famosos e todos tinham desejo de assistir a eles pela TV.

c) Eram espetáculos de artistas famosos e todos tinham desejo de assistir-lhes pela tevê.

d) Era espetáculos de artistas famosos e todos tinham desejos de assisti-los pela televisão.

e) Eram espetáculos de artistas famosos e todos tinham desejos de assistir-los pela TV.

Resposta: Opção B. O verbo ASSISTIR no sentido de VER é transitivo indireto, não admitindo o uso do pronome oblíquo O. Sendo assim, as alternativas A, D e E ficam excluídas. A opção C também se elimina, visto que o verbo ASSISTIR, em tal acepção, não tem como complemento pessoa, portanto não aceitando o uso do pronome oblíquo LHES.

(Inspetor da Polícia Civil – NCE) As questões 19 e 20 apresentam a mesma formulação, ou seja, deve-se marcar o item cuja frase se apresenta redigida da forma mais adequada, considerando-se clareza, elegância, precisão e correção.

19.

a) Quais de vós pretendem fazer da exceção uma regra a fim de melhorarem nossa imagem?

b) Quais de vós pretendeis fazer da exceção uma regra afim de melhorarem nossa imagem?

c) Quais de vós pretendem fazer da excessão uma regra a fim de melhorar nossa imagem?

d) Quais de vós pretendeis fazer da exceção uma regra a fim de melhorardes nossa imagem?

e) Quais de vós pretendem fazer da excessão uma regra afim de melhorarem nossa imagem?

Resposta: Opção A. Questão polêmica, havendo duas alternativas corretas: A e D. As opções C e E são, de imediato, excluídas em função da ortografia de "exceção". A alternativa B contém uma falha de concordância, visto que o primeiro verbo se encontra na segunda pessoa do plural e o segundo verbo encontra-se na terceira pessoa do plural,

estando ambos a referir-se aos mesmos seres. A estrutura QUAIS DE VÓS admite tanto o uso do verbo na terceira pessoa do plural, como na segunda pessoa do plural, estando, pois, as alternativas A e E escorreitas. O critério usado para dizer-se que a opção A é a mais adequada se deu, provavelmente, pela escolha da concordância com o núcleo do sujeito e não com o adjunto adnominal. Outra interpretação cabível é o fato de a segunda pessoa do plural estar em desuso na variante brasileira da língua portuguesa, devendo privilegiar-se a terceira pessoa do plural.

20.

a) O juiz chegou antes deles decidirem sobre o custo dos telefonemas e cartas enviadas.
b) O juíz chegou antes de eles decidirem sobre o custo das telefonemas e cartas enviadas.
c) O juiz chegou antes de eles decidirem sobre o custo dos telefonemas e cartas enviadas.
d) O juíz chegou antes deles decidirem sobre o custo das telefonemas e cartas enviados.
e) O juíz chegou antes deles decidirem sobre o custo dos telefonemas e cartas enviados.

Resposta: Opção C. Como o pronome "eles" funciona como sujeito do verbo "decidirem", não poderá estar contraído com a preposição DE. TELEFONEMA é substantivo masculino, só podendo ser precedido do artigo "o". Além disso, "enviadas" teria que estar na forma feminina, visto que, por motivos semânticos, somente poderia referir-se ao termo "cartas".

Gabarito

CAPÍTULO 1

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
B	B	D	A	C	B	C	D	E	B	E	C

CAPÍTULO 2

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
A	E	A	B	D	A	D	C	B	C	C	B
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
C	A	B	E	B	B	D	B	C	A	C	A
25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36

A	B	C	A	E	B	A	C	E	B	D	C
37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
B	C	D	E	C	C	C	E	E	B	B	A
49	50	51	52	53	54	55	56	57	58		
E	D	A	A	E	B	A	C	C	C		

CAPÍTULO 3

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
C	C	A	C	B	A	B	A	E	E	A	C
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
B	C	C	A	B	B	D	C	B	B	B	E
25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
C	C	C	E	D	C	C	A	C	B	B	D
37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48

D	C	D	C	A	D	C	E	A	D	D	E
49	50	49	50	49	50	49	50	49	50	49	50
A	E	A	E	A	E	A	E	A	E	A	E

CAPÍTULO 4

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
A	A	C	E	A	C	A	C	D	A	D	A
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
D	C	C	D	D	B	E	E	E	C	E	C
25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
B	A	E	A	D	A	B	E	A	D	B	E
37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
B	A	B	E	E	D	B	B	A	B	B	C
49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60

D	B	B	A	E	C	D	A	B	D	A	B
61	62	63	61	62	63	61	62	63	61	62	63
C	A	C	C	A	C	C	A	C	C	A	C

CAPÍTULO 5

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
A	D	B	D	E	D	D	D	C	D	A	C
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
C	D	C	D	A	C	D	B	B	D	B	B
25	26	27	28	29	30	31	32	33	34		
D	D	E	E	B	B	C	A	A	A		

CAPÍTULO 6

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
A	E	B	D	B	A	A	D	A	A	D	A

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
A	A	C	E	C	B	E	B	E	C	C	B
25	26	25	26	25	26	25	26	25	26	25	26
A	D	A	D	A	D	A	D	A	D	A	D

CAPÍTULO 7

1	2	3	4	5	6	7
D	E	C	B	E	C	B

CAPÍTULO 8

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
A	A	D	C	D	D	C	A	B	C

CAPÍTULO 9

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
D	E	D	C	D	D	E	B	E	C	E	D

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
D	D	A	C	E	E	C	B	A	D	A	D
25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
D	D	C	D	E	B	A	B	B	D	A	E
37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
B	C	C	A	B	E	A	B	B	A	D	C
49	50	51	52	53	54	55	56				
B	E	D	C-E-E-C-C	D	E	A	D				

CAPÍTULO 10

1)

1	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONCESSIVA
2	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONDICIONAL
3	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CAUSAL
4	CONJUNÇÃO COORDENATIVA ADITIVA

5	CONJUNÇÃO COORDENATIVA ADVERSATIVA
6	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA INTEGRANTE
7	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA FINAL
8	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONSECUTIVA
9	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONFORMATIVA
10	CONJUNÇÃO COORDENATIVA CONCLUSIVA
11	CONJUNÇÃO COORDENATIVA ALTERNATIVA
12	CONJUNÇÃO COORDENATIVA EXPLICATIVA
13	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA COMPARATIVA
14	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA TEMPORAL
15	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA PROPORCIONAL
16	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA PROPORCIONAL
17	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA COMPARATIVA
18	CONJUNÇÃO COORDENATIVA ALTERNATIVA
19	CONJUNÇÃO COORDENATIVA CONCLUSIVA
20	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA INTEGRANTE
21	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONCESSIVA
22	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONDICIONAL
23	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA TEMPORAL
24	CONJUNÇÃO COORDENATIVA ADVERSATIVA

25	CONJUNÇÃO COORDENATIVA ADITIVA
26	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CAUSAL
27	CONJUNÇÃO COORDENATIVA EXPLICATIVA
28	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONFORMATIVA
29	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONSECUTIVA
30	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA FINAL

2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
C	A	A	B	C	B	D	C	C	D	E	C
14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25
D	A	C	A	A	A	B	A	C	D	E	B
26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37
A	A	C	B	A	D	B	B	A	A	C	A
38	39	40	41	42	43	44	45				
D	C	C	E	C	C	C	C				

CAPÍTULO 11

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
C	D	A	A	B	E	D	A	C	D	B	E
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	
C	E	D	D	E	E	D	B	E	B	1-C; 2-C.	

CAPÍTULO 13

1	2	3	4	5	6	7	8
E	B	A	B	B	A	D	C

CAPÍTULO 14
SEÇÃO 14.4.3.1

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
B	A	E	E	D	D	D	A	B	B

SEÇÃO 14.5
1)

b	RD-ENCONTR, VT ALOMÓRFICA-E, DNP-I;
c	RD-VENC, VT ALOMÓRFICA-I, DMT-DO;
d	RD-GARANT, DNP-I;
e	RD-GARANT, VT ALOMÓRFICA-E, DNP-M;
f	RD-GARANT, VT ALOMÓFICA-E;
g	RD-ENTEND; V T ALOMÓRFICA-I, DMT-A;
h	RD-AGUENT; VT ALOMÓRFICA-O, DNP-U;
i	RD-PASS; VT-A; DMT-SSE; DNP-M;
j	RD-PASS, DMT-E, DNP-M;
k	RD-QUER; DNP-O;
l	RD-VENC, VT ALOMÓRFICA-I, DMT-E, DNP-IS;
m	RD-PED, VT-I, DNP-U;
n	RD-ENTEND, DMT-A, DNP-MOS;
o	RD- ADMIT, VT-I, DMT-A;
p	RD- ADMIT, DNP-I;
q	RD-COM, VT-E, DNP-U;
r	RD-COM, VT ALOMÓRFICA-I, DMT-A, DNP-S;

2	3	4	5	6

A	E	E	A	B

SEÇÃO 14.6.1

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
E	E	E	E	E	E	A	E	D	D	D	C
13	14	15	16	13	14	15	16	13	14	15	16
A	C	A	E	A	C	A	E	A	C	A	E

SEÇÃO 14.7.1

1	2	3
D	C	A

SEÇÃO 14.7.2

1	2
C	E

SEÇÃO 14.7.3

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
E	D	B	E	C	C	E	D	A	A	B	E
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
C	B	B	B	A	A	B	C	A	D	B	C
25	26	27	25	26	27	25	26	27	25	26	27
D	D	B	D	D	B	D	D	B	D	D	B

SEÇÃO 14.8.1

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
A	D	B	B	E	E	B	B	B	E	C	E
13	14										
A	C										

SEÇÃO 14.9.1

1	2	3	4	5	6	7	8

C	A	B	C	B	C	C	D

SEÇÃO 14.10.1

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
E	B	B	E	E	A	E	E	C	E	E	C	D

SEÇÃO 14.14.1

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
B	A	B	B	D	C	A	A	A	C	A	D
13	14	15	16	17							
B	E	C	A	C							

SEÇÃO 14.15.1

1
A

SEÇÃO 14.16.1

1	2	3	4
A	C	E	E

SEÇÃO 14.17.4.1

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
E	E	E	E	D	B	C	B	E	A	B	D
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
C	D	B	C	C	D	C	A	C	B	A	C
25	26	27	28	25	26	27	28	25	26	27	28
A	C-C-E-E-E	E-C-E-C-E	A	A	C-C-E-E-E	E-C-E-C-E	A	A	C-C-E-E-E	E-C-E-C-E	A

SEÇÃO 14.18.1

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
A	E	D	A	C	D	E	E	C	B

SEÇÃO 14.19

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
D	B	A	B	C	A	E	B	D	E	C	A
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
D	A	E	B	C	A	A	D	D	A	C	E
25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
B	D	E	B	E	E	A	D	D	A	E	D
37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
C	B	C	A	D	D	B	A	B	B	D	D
49	50	51	49	50	51	49	50	51	49	50	51
A	B	B	A	B	B	A	B	B	A	B	B

CAPÍTULO 15

1	2	3	4	5	6	7	8	9
1,3,4,1,4,3,2,1,3,2,3,4	E	C	B	C	C	A	A	E

10	11	12	13					
C	E	D	D					

CAPÍTULO 16

1	2	3	4	5	6	7	8	9
2,1,1,2,2,3,3,1,2,3,3	C	B	D	A	E	B	C	E

CAPÍTULO 17

1	2	3	4
5,2,1,4,3,2,5	D	D	D

CAPÍTULO 18

1	2	3	4	5	6	7	8
5,1,2,6,3,1,4,6,2,3	C	E	B	E	C	E	D

CAPÍTULO 19
SEÇÃO 19.1.1

1
1,2,2,1,2,1

SEÇÃO 19.4

1	2	3	4	5	6	7	8	9
1-2-1-2-1-2	B	E	B	B	A	A	E	B
10	11	12	13	14				
B	E	A	D	C				

CAPÍTULO 20

1		
I – 1, 13;	VI – 10, 6;	XI – 14, 11;
II – 9, 1, 16;	VII – 15;	XII – 3, 11
III – 12, 13, 11;	VIII – 8, 2, 17;	XIII – 6, 1, 13;
IV – 2, 4;	IX – 1, 2, 15;	XIV – 9, 5, 11;
V – 1, 4	X – 9, 2;	XV – 3, 15;

2	3	4	5	6

D	E	D	E	C

CAPÍTULO 21
SEÇÃO 21.3.1

1
3,2,1,1,2,3

SEÇÃO 21.3.2.1

1
a) objeto direto; b) objeto indireto; c) adjunto adnominal; d) objeto direto; e) complemento nominal; f) complemento nominal; g) adjunto adnominal; h) objeto indireto; i) sujeito; j) sujeito.

SEÇÃO 21.3.3.1

1
a) objeto direto; b) sujeito; c) complemento nominal; d) objeto indireto; e) adjunto adverbial de lugar; f) objeto indireto; g) complemento nominal; h) sujeito; i) objeto direto; j) complemento nominal; k) objeto indireto; l) complemento nominal; m) adjunto adverbial de lugar.

SEÇÃO 21.3.4.1

1
I – complemento nominal – sujeito; II – objeto indireto – objeto direto; III – objeto direto – predicativo do sujeito; IV – objeto indireto – sujeito – objeto direto – objeto direto.

SEÇÃO 21.3.5

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
D	C	A	D	E	E	C	D	C	D	D	A
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
A	C	A	D	D	B	E	D	D	E	C	B

CAPÍTULO 22
SEÇÃO 22.2

1	2	3
5-4-3-1-2-1-2-3-4-5	C	D

SEÇÃO 22.4

1	2	3	4	5	6	7	8	9
3,2,5,1,7,1,6,4,4,3,2,5,1,7,5,4,2	E	D	C	D	C	D	A	A

SEÇÃO 22.6

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
C	E	E	E	A	A	A	D	E	E	C	A

SEÇÃO 22.9

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
D	B	B	A	C	B	E	E	C	A	D	B
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
D	D	B	E	A	B	B	C	E	B	D	E
25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	
E	D	A	D	E	C	D	C	C-C-C-E-E	C	B	

CAPÍTULO 24.11

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
E	C	C	E	E	E	D	A	B	B	D	A

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
E	A	A	A	E	D	C	C	D	A	C	C
25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
A	A	D	E	B	A	A	E	D	C	A	A
37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
A	C	B	D	D	E	A	C	B	B	E	A
49	50	49	50	49	50	49	50	49	50	49	50
B	D	B	D	B	D	B	D	B	D	B	D

CAPÍTULO 25

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
C	C	C	A	C	E	C	A	A	E	E	A
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
C	C	C	A	E	A	C	B	A	A	E	A

25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
A	D	E	B	A	B	A	B	B	A	C	A
37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
A	E	D	B	D	D	A	B	D	A	A	E
49	50	49	50	49	50	49	50	49	50	49	50
A	B	A	B	A	B	A	B	A	B	A	B

CAPÍTULO 26

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
C	C	C	D	D	A	D	B	E	B	D	A
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
E	A	D	B	A	A	D	A	C	E	B	D
25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
A	D	C	A	D	E	B	A	E	B	D	D

37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
B	A	A	B	B	B	E	D	D	B	B	B
49	50	49	50	49	50	49	50	49	50	49	50
B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B

CAPÍTULO 27
SEÇÃO 27.2

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
A	D	D	D	B	C	E	B	E	B	D	A
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
A	A	E	E	C	E	D	C	E	E	B	A
25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
E	A	C	B	D	C	A	A	A	A	C	A
37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48

D	B	B	B	A	B	A	C	B	A	A	C
49	50	49	50	49	50	49	50	49	50	49	50
D	B	D	B	D	B	D	B	D	B	D	B

SEÇÃO 27.4

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
A	D	E	E	C	E	A	A	E	B	B	D
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
B	D	E	E	D	E	E	E	A	D	A	E
25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
B	A	C	A	D	B	A	B	A	E	E	A
37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
B	A	B	D	E	B	C	D	A	D	C	A
49	50	49	50	49	50	49	50	49	50	49	50

A	C	A	C	A	C	A	C	A	C	A	C

CAPÍTULO 28
SEÇÃO 28.6

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
A	B	B	D	C	C	B	B	B	D	A	C	D

Bibliografia

Alencar, José de. *O Guarani*. 7. ed. São Paulo: Minerva, 1965.

Alves, Castro. *Espumas Flutuantes*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

Aquino, Renato Monteiro de. *Interpretação de Textos* (Série Provas e Concusos). Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2005.

Aquino, Renato Monteiro de. *Português para Concursos* (Série Provas e Concursos). Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2005.

Assis, Joaquim Maria Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Edição única. São Paulo: Abril Cultural, 1998.

Assis, Joaquim Maria Machado de. *Dom Casmurro*. Edição única. São Paulo: Abril Cultural, 1998.

Barreto, Afonso Henriques de Lima. *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1987.

Bechara, Evanildo. *Gramática Escolar da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

Bechara, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

Câmara JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 35. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

Camões, Luís Vaz de. *Os Lusíadas*. Edição única. São Paulo: Abril Cultural, 1997.

Carneiro, Agostinho Dias. *Redação em Construção*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2003.

Cunha, Celso Ferreira da. *Gramática da Língua Portuguesa*. 10. ed. [s.l.]: FAE, 1984.

Cunha, Celso Ferreira da; CINTRA, Luís Filipe Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

Cunha, Euclides da. *Os Sertões*. Edição única. Editora Abril, 1969.

Dubois, Jean. *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 1993.

Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

Figueiredo, Fernando. *Português no Concurso Público*. 2. ed. Edição do autor. [s.l.], 1999.

Garcia, Othon Moacyr. *Comunicação em Prosa Moderna*. 20. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

Guimarães, Bernardo. *A Escrava Isaura*. Edição especial. [s.l.]: Sociedade Comercial e Editorial Santiago. Publicações Europa América, 1998.

Ida, Manuel Said Ali. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. 6. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1966.

Lima, Carlos Henrique de Rocha Lima. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 25. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.

Luft, Celso Pedro. *Moderna Gramática Brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Globo, 2002.

Pessoa, Fernando. Poemas Escolhidos. *O Globo*, Klick Editora, 1997.

Pompéia, Raul. O Ateneu. *O Globo*, Klick Editora, 1997.

Queirós, Eça de. A relíquia. *O Globo*, Klick Editora, 1997.

Queirós, Eça de. *O Primo Basílio*. Edição única. São Paulo: Abril Cultural, 1969.

Ramos, Graciliano. *São Bernardo*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.

Reis, Otelo. *Breviário da Conjugação de Verbos*. 54. ed. [s.l.]: Editora Villa Rica, 2001.

Ribeiro, Manoel Pinto. *Gramática Aplicada da Língua Portuguesa*. 15. ed. Rio de Janeiro: Metáfora Editora, 2005.

Sabino, Fernando. *A Mulher do Vizinho*. Edição Integral. São Paulo: Círculo do Livro, 1962.

VerÍssimo, Luis Fernando. *As Mentiras que os Homens Contam*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

@Created by PDF to ePub

REDAÇÃO

Competência 1: sua redação e a gramática

Professor Rômulo

REDAÇÃO

Este conteúdo pertence ao PROENEM. Está vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito. Todos os direitos reservados.

Tema: A questão da inclusão das pessoas com deficiência

No que se refere à inclusão de idosos e pessoas com deficiência no Brasil, pode-se perceber que muitos ainda encontram diversos problemas adaptativos em meio à sociedade brasileira. Isso se evidencia não apenas pelos obstáculos enfrentados por grande parte dos cadeirantes, mas também pelas dificuldades vivenciadas pelos idosos nas grandes cidades.

Na Roma Antiga, tanto nobres como plebeus tinha permissão para sacrificar os filhos que nasciam com algum tipo de deficiência. Já em Atenas, influenciada por Aristóteles, a sociedade amparava os deficientes. Hoje, no Brasil ,pode-se perceber que os cadeirantes enfrentam diversos problemas para se locomoverem nas metrópoles, tendo em vista a dificuldade que muitos passam para utilizarem os transportes públicos e a falta de acessibilidade as rampas.

Este conteúdo pertence ao PROENEM. Está vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito. Todos os direitos reservados.

Além disso ,pesquisas feitas pelo portal G1 apontaram que cerca de 40% das pessoas da terceira idade sofrem com algum tipo de deficit de atenção .Ademais ,os idosos também encontram diversos bloqueios na cidades do país, visto que as calçadas não são construídas de forma linear e muitos ambulantes ocupam esses espaços ,por conseguinte ,acabam tendo que se arriscarem em meio ao trânsito.

Segundo o escritor Sebastião Barros , a maior deficiência não está no corpo do deficiente, mas, na alma das pessoas que não os respeitam. Desse modo , o Governo deve fiscalizar de forma intensa os motoristas que estacionam nas vagas para deficientes, aplicando multas financeiras e colocando agentes de trânsito para realizarem rondas , a fim de tornar o sistema de lei existente mais eficaz.

Este conteúdo pertence ao PROENEM. Está vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito. Todos os direitos reservados.

Outrossim, o Ministério da Infraestutura deve construir calçadas lineares e implantar sistemas sonoros para orientar os idosos ,com a finalidade de promover a mobilidade urbana para todos.

Regras práticas para o emprego de letras

1. Representação do fonema /z/

a) Dependendo da sílaba inicial da palavra, pode ser representado pelas letras z, x, s:

Sílaba inicial a à usa-se z - azar, azia, azedo, azougue, azêmola... Exceções: Ásia, asa, asilo, asinino.

1. Sílaba inicial e à usa-se x - exame, exemplo, exímio, êxodo, exumar...

Exceções: esôfago, esotérico.

Este conteúdo pertence ao PROENEM. Está vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito. Todos os direitos reservados.

2. Sílaba inicial i à usa-se s - isento, isolado, Isabel, Isaura, Isidoro...

3. Sílaba inicial o à usa-se s - hosana, Osório, Osíris, Oséias...

Exceção: ozônio

4. Sílaba inicial u à usa-se s - usar, usina, usura, usufruto...

b) No segmento final da palavra (sílaba ou sufixo) pode ser representado pelas letras z e s:

1. Letra z à se o fonema /z/ não vier entre vogais:

az, oz - (adj. oxítonos) audaz, loquaz, veloz, atroz...

iz, uz - (pal. oxítonas) cicatriz, matriz, cuscuz, mastruz...

Exceções: anis, abatis, obus.

ez, eza - (subst. abstratos) maciez, embriaguez, avareza...

Este conteúdo pertence ao PROENEM. Está vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito. Todos os direitos reservados.

2. Letra s - se o fonema /z/ vier entre vogais:

asa - casa, brasa...

ase - frase, crase...

aso - vaso, caso...

Exceções: gaze, prazo.

ês(a) - camponês, marquesa...

ese - tese, catequese...

esia - maresia, burguesia...

eso - ileso, obeso, indefeso...

isa - poetisa, pesquisa...

Exceções: baliza, coriza, ojeriza.

Este conteúdo pertence ao PROENEM. Está vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito. Todos os direitos reservados.

êS(a) - camponês, marquesa...
ese - tese, catequese...
esia - maresia, burguesia...
eso - ileso, obeso, indefeso...
isa - poetisa, pesquisa...

Exceções: baliza, coriza, ojeriza.

ise - valise, análise, hemoptise...
Exceções: deslize.

iso - aviso, liso, riso, siso...
Exceções: guizo, granizo.

oso(a) - gostoso, jeitoso, meloso...
Exceções: gozo.

ose - hipnose, sacarose, apoteose...
uso(a) - fuso, musa, medusa...
Exceções: cafuzo(a).

Este conteúdo pertence ao PROENEM. Está vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito. Todos os direitos reservados.

c) Verbos:

1. Terminação izar - derivados de nomes sem "s" na última sílaba:

utilizar, avalizar, dinamizar, centralizar...

- cognatos (derivados com mesmo radical) com sufixo "ismo":

(batismo) batizar - (catecismo) catequizar...

2. Terminação isar - derivados de nomes com "s" na última sílaba:

avisar, analisar, pesquisar, alisar, bisar...

3. Verbos pôr e querer - com "s" em todas as flexões:

pus, pusesse, pusera, quis, quisesse, quisera...

Este conteúdo pertence ao PROENEM. Está vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito. Todos os direitos reservados.

d) Nas derivações sufixais:

Letra z à se não houver "s" na última sílaba da palavra primitiva: Marzinho, canzarrão, balázio, bambuzal, pobrezinho...

Letra s à se houver "s" na última sílaba da palavra primitiva: japonesinho, braseiro, parafusinho, camiseiro, extasiado...

e) Depois de ditongos:

Letra s - lousa, coisa, aplauso, clausura, maisena, Creusa...

Este conteúdo pertence ao PROENEM. Está vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito. Todos os direitos reservados.

2. Representação do fonema /x/

Emprego da letra X

a) depois das sílabas iniciais:

me - mexerico, mexicano, mexer...

Exceções: mecha

la - laxante...
li - lixa...
lu - luxo...
gra - graxa...
bru - bruxa...
en - enxame, enxoval, enxurrada...

Exceções: enchova.

Este conteúdo pertence ao PROENEM. Está vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito. Todos os direitos reservados.

OBSERVAÇÃO
Quando en for prefixo, prevalece a grafia da palavra primitiva: encharcar, enchapelar, encher, enxadrista...

b) depois de ditongos:
caixa, ameixa, frouxo, queixo...

Exceções: recauchutar:

Este conteúdo pertence ao PROENEM. Está vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito. Todos os direitos reservados.

3. OUTROS CASOS DE ORTOGRAFIA

1. Letra g

Palavras terminadas em:

- ágio - presságio
- égio - privilégio
- ígio - vestígio
- ógio - relógio
- úgio - refúgio

- agem - viagem
- ege - herege
- igem - vertigem
- oge - paragoge
- ugem - penugem

Exceções: pajem, lajem, lambujem.

Este conteúdo pertence ao PROENEM. Está vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito. Todos os direitos reservados.

2. Letra c (ç)

a) nos sufixos: barcaça, viração, cansaço, bonança, roliço

b) depois de ditongos: louça, foice, beiço, afeição.

c) cognatas com "t": exceto à exceção, isento à isenção.

d) derivações do verbo "ter": deter à detenção, obter à obtenção.

3. Letra s / ss

Nas derivações, a partir das terminações verbais:

ender - pretender à pretensão; ascender à ascensão.

ergir - imergir à imersão; submergir à submersão.

Este conteúdo pertence ao PROENEM. Está vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito. Todos os direitos reservados.

erter - inverter à inversão; perverter à perversão.

pelir - repelir à repulsa; compelir àcompulsão.

correr -discorrer à discurso; percorrer à percurso.

ceder - ceder à cessão; conceder à concessão.

gredir - agredir > agressão; regredir > regresso.

primir - exprimir à expressão; comprimir à compressa; permitir à permissão; discutir à discussão.

Este conteúdo pertence ao PROENEM. Está vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito. Todos os direitos reservados.

Maiúsculas e minúsculas

Emprega-se a inicial maiúscula:

a) nas citações diretas: Como escreveu Rui Barbosa: "A pátria é a família amplificada."

b) nos substantivos próprios e siglas: Antônio, Brasil, Rio de Janeiro, FGTS (Fundo de Garantia do Tempo de Serviço)...

c) em nomes de vias e lugares públicos: Avenida Beira Rio, Esplanada dos Ministérios, Praça dos Três Poderes, Rodovia dos Imigrantes...

d) altos conceitos religiosos, políticos ou nacionalistas: a Igreja, o Estado, a Nação, a República, o Senado, a Capital...

e) nomes de artes, ciências e disciplinas: a Música, a Matemática, a Pintura, o Português...

Este conteúdo pertence ao PROENEM. Está vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito. Todos os direitos reservados.

f) nomes de obras: Os Lusíadas, Os Sertões, a Nona Sinfonia, a Divina Comédia, o Diário...

g) nomes de altos cargos, dignidades ou postos: Papa, Presidente, Governador, Ministro...

h) nomes de expressões de tratamento: Dom, Senhor, Vossa Excelência, Ilustríssimo Senhor...

i) nomes de épocas e fatos históricos: a Revolução Francesa, a Renascença, o Fico, Descobrimento do Brasil, a Idade Média...

j) nomes de atos de autoridades políticas: o Decreto-Lei n° 200, a Lei n° 7.625, o Aviso n° 12...

Este conteúdo pertence ao PROENEM. Está vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito. Todos os direitos reservados.

Emprega-se inicial minúscula:

a) nomes de povos: gaúchos, cariocas, chilenos, aimorés, capixabas, porto-alegranse, potiguara...

b) nomes dos meses e dias da semana: janeiro, fevereiro, março, segunda-feira, sábado...

c) partículas átonas no interior de locuções ou expressões com iniciais maiúsculas: Memorial de Aires, Uma Jangada para Ulisses, Vestida para Matar...

d) nomes comuns que acompanham os geográficos: o rio Amazonas, o oceano Pacífico, a baía da Guanabara, o canal de Suez...

e) nomes de festas pagãs ou populares: o carnaval, a vaquejada, o rodeio...

f) nomes próprios formando compostos: agrião-do-brasil, joão-ninguém, deus-nos-acuda...

Este conteúdo pertence ao PROENEM. Está vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito. Todos os direitos reservados.

TEXTO

No que se refere aos avanços que a tecnologia tem gerado em diversas áreas das atividades humanas, é possível afirmar que a educação formal no Brasil tem sido impactada sobremaneira pela inserção dessas modernas ferramentas pedagógicas.

Isso se evidencia não só pelas modificações que os novos recursos empregados no modelo presencial tem apresentado como pelo crescente desenvolvimento de plataformas virtuais de ensino.

Este conteúdo pertence ao PROENEM. Está vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito. Todos os direitos reservados.

TEXTO 2

Relativo à modalidade clássica, em que ocorre o movimento pendular discente-escola, vemos que a inserção dos meios tecnológicos na ministração dos conteúdos tem dado nova dinâmica ao "aprender", aguçando o interesse dos alunos e os mantendo mais focados e participativos, em grande parte graças à utilização de recursos como vídeos, animações, jogos pedagógicos, entre outros.

Essa nova metodologia, reforça o conceito criado pelo educador Paulo Freire de que a constante procura, gera a reinvenção diuturna do saber.

Este conteúdo pertence ao PROENEM. Está vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito. Todos os direitos reservados.

TEXTO 3

Nesse sentido, ganha bastante importância uma nova e pujante forma de transmissão de saberes, a virtual. Com ela, pessoas que não tinham acesso aos estudos por várias causas, tais como a falta de tempo e de acesso, na localidade de residência, têm a possibilidade de integrar plataformas à distância, assistindo aulas gravadas em mídias digitais, transmitidas via satélite, ou pela internet

Com o advento dessas novas técnicas, houve uma quebra de paradigma das relações de ensino-aprendizagem, gerando a inclusão de muitos, até então marginalizados do processo.

Este conteúdo pertence ao PROENEM. Está vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito. Todos os direitos reservados.

TEXTO 4

Os modernos meios pedagógicos têm, portanto, gerado transformações significativas na construção do conhecimento científico formalizado, no país.

Para isso, o governo deve investir na modernização dos laboratórios e salas de aula das escolas públicas; cabendo à população a cobrança por programas de inclusão digital, além de se comprometer com o uso racional dos novos equipamentos; contribuindo para dirimir a exclusão criada pelo anacrônico sistema de educacional brasileiro.

Este conteúdo pertence ao PROENEM. Está vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito. Todos os direitos reservados.

REDAÇÃO

Tema: A questão da inclusão das pessoas com deficiência

As barreiras impostas pelo preconceito

A estrutura, das sociedades desde os seus primórdios, sempre inabilitou os portadores de deficiência, na antiguidade clássica a sociedade espartana descartava crianças que nascessem com qualquer tipo de defeito fisiológico.

Este conteúdo pertence ao PROENEM. Está vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito. Todos os direitos reservados.

A legislação brasileira procura introduzir o deficiente no convívio social de forma justa, porém, as leis não são correntemente compridas, essas pessoas são menosprezadas, vistas como incapazes e suas necessidades não são devidamente atendidas, essa problemática está ligada com a omissão no comprimento das regras de inclusão em consonância com o prejulgamento da sociedade.

Relativo ao não comprimento da jurisprudência, a constituição oferece um aparato muito vasto aos deficientes, promovendo cotas em vagas de concursos públicos e universidades, exige também que haja contratações pelo setor privado. Entretanto, grande parte dos prédios públicos e privados não possuem uma estrutura adequada para a locomoção dos portadores de necessidades especiais, o que é exigido nas leis, isso acarreta em transtornos no cotidiano desses indivíduos.

Este conteúdo pertence ao PROENEM. Está vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito. Todos os direitos reservados.

Como disse a arquiteta humanista Thaís Frota, se um lugar não está preparado para receber todas as pessoas, esse lugar é deficiente. As necessidades especiais não podem ser um motivo de exclusão e sim de aprimoramento para obtenção do convívio igualitário.

Outrossim, o preconceito das pessoas faz com que o deficiente seja enxergado como incapaz, esse é um dos motivos pelo qual a empregabilidade e a inclusão em qualquer meio social são dificultadas.

Este conteúdo pertence ao PROENEM. Está vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito. Todos os direitos reservados.

Deficiência não é motivo de desmerecimento, apenas demanda de tratamentos que atendam certas limitações, nas paraolimpíadas os atletas brasileiros ao demostrarem sua capacidade rompem o paradigma social no qual essas pessoas são classificadas como inferiores, comprovando o quanto podem ser produtivos.

O Governo, portanto, deve através do órgão competente realizar uma fiscalização rigorosa no comprimento das leis que exigem a adaptação na estrutura das edificações.

Este conteúdo pertence ao PROENEM. Está vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito. Todos os direitos reservados.

Os governantes dos Estados poderiam realizar projetos de expansão do modelo arquitetônico de cidades como Brasília, onde foi implementado nos locais públicos, rampas, corrimões, sinalizadores táteis e auditivos, a sociedade por sua precisa renovar seus conceitos em relação ao assunto e não ficar preza a essas raízes histórias.

Com atitudes como essas, a exclusão dessa parcela de pessoas seria claramente reduzida.

Este conteúdo pertence ao PROENEM. Está vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito. Todos os direitos reservados.

O E-BOOK QUE AJUDOU A APROVAR MAIS DE
200 NOVOS SERVIDORES DO INSS EM 2016

"Considero a presença do professor Bruno Cunha, através dos pacotes de questões inéditas, elaboradas e comentadas por ele mesmo, um dos fatores decisivos para a minha aprovação no concurso do INSS".
Rômulo Longa
Técnico do Seguro Social

"No decorrer da minha preparação, pude adquirir os e-books de Bruno Cunha. Obrigado por somar em meus estudos e me ajudar na aprovação".
Thomas Alves
Técnico do Seguro Social

Prof. Bruno Cunha
/professorbrunocunha

:: PREFÁCIO

"Se as coisas são inatingíveis... ora!
Não é motivo para não querê-las...
Que tristes os caminhos, se não fora
A presença distante das estrelas!"

Mário Quintana

Futuros colegas,

Um sonho, para que se torne realidade, é preciso um punhado de temor e outro tanto de extrema coragem. **Esse e-book ajudou a nomear mais de 200 novos técnicos e analistas do INSS no último concurso CESPE.**

Neste e-book, você terá 500 questões estilo CESPE criadas e comentadas ou fundamentadas por mim, Técnico do Seguro Social. Elas estão organizadas por assunto e na comodidade de você primeiro responder as questões e, posteriormente, consultar o gabarito comentado. Após responder às 430 primeiras questões, você terá um "simuladão" de 70 questões para praticar como se estivesse na hora da prova!

Desejo de coração muito sucesso em sua caminhada de aprovação e que eu, com muita alegria, possa fazer parte e comemorar junto contigo a sua vitória.

Este segundo trabalho em e-book (o primeiro foi 600 dúvidas de alunos sobre Direito Previdenciário sanadas por mim em 319 páginas) é dedicado aos Professores Flaviano Lima, Ítalo Romano, Jeane Tavares (a famosa Juju), a você, meu futuro colega, a minha filha Ana Carolina, a todas as pessoas que eu amo e as que um dia amei. Espero que goste e aproveite este vasto material em seus estudos.

Bruno Cunha

Técnico do Seguro Social concursado

Gerente de Agência da Previdência Social

:: SUMÁRIO

A SEGURIDADE SOCIAL NA CONSTITUIÇÃO FEDERAL :: 5

EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA SEGURIDADE SOCIAL :: 10

LEGISLAÇÃO PREVIDENCIÁRIA :: 15

INSCRIÇÃO E FILIAÇÃO :: 20

MANUTENÇÃO E PERDA DA QUALIDADE DE SEGURADO :: 25

SEGURADOS :: 30

CONTRIBUIÇÃO DAS EMPRESAS E DOS SEGURADOS :: 38

DEPENDENTES :: 43

CARÊNCIA :: 48

SALÁRIO DE CONTRIBUIÇÃO :: 53

SALÁRIO DE BENEFÍCIO :: 58

CONTAGEM RECÍPROCA :: 63

RENDA MENSAL :: 65

BENEFÍCIOS PREVIDENCIÁRIOS

APOSENTADORIA POR IDADE :: 69

APOSENTADORIA POR INVALIDEZ :: 74

APOSENTADORIA POR TEMPO DE CONTRIBUIÇÃO :: 79

APOSENTADORIA ESPECIAL :: 84

APOSENTADORIA DO PORTADOR DE DEFICIÊNCIA :: 89

AUXÍLIO DOENÇA :: 91

AUXÍLIO ACIDENTE :: 96

SALÁRIO MATERNIDADE :: 101

SALÁRIO FAMÍLIA :: 106

PENSÃO POR MORTE :: 111

AUXÍLIO RECLUSÃO ::116

PRAZOS :: 121

ABONO ANUAL :: 126

ACUMULAÇÃO DE BENEFÍCIOS :: 129

JUSTIFICAÇÃO ADMISNISTRATIVA :: 134

DECADÊNCIA E PRESCRIÇÃO :: 136

BPC LOAS :: 138

CRIMES :: 144

SIMULADÃO :: 147

:: A SEGURIDADE SOCIAL NA CONSTITUIÇÃO FEDERAL

É vedado o aporte de recursos a entidade de previdência privada por sociedade de economia mista federal, ainda que na qualidade de patrocinadora. ( )

A seguridade social compreende um conjunto integrado de ações de iniciativa dos Poderes Públicos e da sociedade, destinadas a assegurar os direitos relativos à saúde, à educação e à assistência social. ( )

A seguridade social tem, entre seus objetivos, a universalidade da cobertura e do atendimento bem como a seletividade e a equivalência na prestação dos benefícios e serviços. ( )

Acerca da previdência social na Constituição Federal, julgue o item que se segue.

A previdência social será organizada sob a forma de regime geral, de caráter contributivo e de filiação obrigatória, observados critérios que preservem o equilíbrio financeiro e atuarial, e atenderá, nos termos da lei, a proteção ao trabalhador em situação de desemprego involuntário ( )

Nenhum benefício que substitua o salário de contribuição ou o rendimento do trabalho do segurado terá valor mensal inferior ao salário mínimo, salvo pensão por morte e auxílio reclusão devidos aos dependentes dos segurados. ( )

É assegurada aposentadoria no regime geral de previdência social com trinta anos de contribuição, se homem, e vinte e cinco anos de contribuição, se mulher. ( )

Lei ordinária disciplinará a relação entre a União, Estados, Distrito Federal ou Municípios, inclusive suas autarquias, fundações, sociedades de economia mista e empresas controladas direta ou indiretamente, enquanto patrocinadoras de entidades fechadas de previdência privada, e suas respectivas entidades fechadas de previdência privada. ( )

Acerca da assistência social na Constituição Federal, julgue o item que se segue.

É facultado aos Estados e ao Distrito Federal vincular a programa de apoio à inclusão e promoção social até cinco centésimos por cento de sua receita tributária líquida, vedada a aplicação desses recursos no pagamento de despesas com pessoal e encargos sociais. ( )

Acerca da saúde na Constituição Federal, julgue o item que se segue.

As ações e serviços públicos de saúde integram uma rede regionalizada e hierarquizada e constituem um sistema único. ( )

A seguridade social é organizada sob a forma de regime geral único de caráter contributivo, observados os critérios que preservem o equilíbrio financeiro e atuarial. ( )

A seguridade social será financiada por toda a sociedade, de forma direta e indireta, nos termos da lei, mediante recursos provenientes dos orçamentos da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, e das seguintes contribuições sociais sobre a receita de concursos de prognósticos. ( )

Dentro os princípios e objetivos da seguridade social está presente a diversidade na forma de participação no custeio. ( )

A ordem social tem como base o primado do trabalho, e como objetivo o bem-estar e a justiça sociais. ( )

Está inserido entre os princípios e objetivos da seguridade social o caráter democrático e descentralizado da administração, mediante gestão tripartite, com participação dos trabalhadores, dos empregadores, dos aposentados e do Governo nos órgãos colegiados. ( )

Acerca do SUS na Constituição Federal, julgue o item que se segue.

Ao sistema único de saúde compete colaborar na proteção do meio ambiente, nele compreendido o do trabalho. ( )

:: GABARITO COMENTADO

É vedado o aporte de recursos a entidade de previdência privada por sociedade de economia mista federal, ainda que na qualidade de patrocinadora. (E)

É exatamente o que está expresso no texto constitucional. Logo, você precisa ficar afiado nele. O aporte de recursos é expressamente vedado, porém é permitido na qualidade de PATROCINADOR sendo que a sua contribuição não poderá exceder a do segurado.

CF art.202. § 3º É vedado o aporte de recursos a entidade de previdência privada pela União, Estados, Distrito Federal e Municípios, suas autarquias, fundações, empresas públicas, sociedades de economia mista e outras entidades públicas, salvo na qualidade de patrocinador, situação na qual, em hipótese alguma, sua contribuição normal poderá exceder a do segurado.

A seguridade social compreende um conjunto integrado de ações de iniciativa dos Poderes Públicos e da sociedade, destinadas a assegurar os direitos relativos à saúde, à educação e à assistência social. (E)

Questão fácil e clássica em provas de Direito Previdenciário. Os três pilares da seguridade social são: SAÚDE, PREVIDÊNCIA SOCIAL E ASSISTÊNCIA SOCIAL.

CF. artigo 194.

A seguridade social tem, entre seus objetivos, a universalidade da cobertura e do atendimento bem como a seletividade e a equivalência na prestação dos benefícios e serviços. (E)

O examinador tentará confundi-lo quanto às palavras dos objetivos constitucionais da seguridade. Fique atento! Constituição Federal artigo 194, III - seletividade e distributividade na prestação dos benefícios e serviços;

Acerca da previdência social na Constituição Federal, julgue os itens que se seguem.

A previdência social será organizada sob a forma de regime geral, de caráter contributivo e de filiação obrigatória, observados critérios que preservem o equilíbrio financeiro e atuarial, e atenderá, nos termos da lei, a proteção ao trabalhador em situação de desemprego involuntário (C)

Nessa você ficou com raiva e deu vontade de quebrar tudo em sua volta, não foi? Sabemos que o seguro desemprego não é benefício previdenciário, mas ai vai uma dica. Se encontrar na questão a expressão "Constituição Federal" sugerindo cobrir a situação de desemprego involuntário, você marcará CORRETO e do contrário estará ERRADO.

Nenhum benefício que substitua o salário de contribuição ou o rendimento do trabalho do segurado terá valor mensal inferior ao salário mínimo, salvo pensão por morte e auxílio reclusão devidos aos dependentes dos segurados. (E)

Todos os benefícios que substituem a renda mensal não podem ter valor abaixo do salário mínimo. O salário família e o auxílio acidente não substituem, logo pode ser devidos abaixo do salário mínimo. CF, art. 201, parágrafo 2.

É assegurada aposentadoria no regime geral de previdência social com trinta anos de contribuição, se homem, e vinte e cinco anos de contribuição, se mulher. (E)

CF, art 201, parágrafo 7. Os referidos tempos serão de 35 anos para homem e 30 anos para mulher, em regra.

Lei ordinária disciplinará a relação entre a União, Estados, Distrito Federal ou Municípios, inclusive suas autarquias, fundações, sociedades de economia mista e empresas controladas direta ou indiretamente, enquanto patrocinadoras de entidades fechadas de previdência privada, e suas respectivas entidades fechadas de previdência privada. (E)

CF, art 202, parágrafo 4. LEI COMPLEMENTAR. Fique atento, pois o CESPE gosta de confundi-lo quanto a LEI COMPLEMENTAR, LEI ORDINÁRIA ou SOMENTE LEI. Quando vier apenas a expressão LEI, trata-se de LEI ORDINÁRIA. No seu estudo de Direito Constitucional procure verificar a diferença entre estas duas expressões.

Acerca da assistência social na Constituição Federal, julgue o item que se segue.

É facultado aos Estados e ao Distrito Federal vincular a programa de apoio à inclusão e promoção social até cinco centésimos por cento de sua receita tributária líquida, vedada a aplicação desses recursos no pagamento de despesas com pessoal e encargos sociais. (E)

Você, desatento, cai no detalhe. O texto do parágrafo único do artigo 204 da CF nos diz que é facultado aos Estados e ao Distrito Federal vincular a programa de apoio à inclusão e promoção social até cinco décimos por cento (0,5) e não cinco centésimos por cento (0,05) como sugeriu a questão.

Acerca da saúde na Constituição Federal, julgue o item que se segue.

As ações e serviços públicos de saúde integram uma rede regionalizada e hierarquizada e constituem um sistema único. (C)

CF, art. 198. Do contrário, o examinador tenta confundi-lo. Ex. uma rede única e descentralizada.

A seguridade social é organizada sob a forma de regime geral único de caráter contributivo, observados os critérios que preservem o equilíbrio financeiro e atuarial. (E)

Não confunda! A seguridade social é composta por seus três pilares que não são todos de caráter contributivo. O caráter contributivo é da PREVIDÊNCIA SOCIAL.

A seguridade social será financiada por toda a sociedade, de forma direta e indireta, nos termos da lei, mediante recursos provenientes dos orçamentos da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, e das seguintes contribuições sociais sobre a receita de concursos de prognósticos. (C)

CF, artigo 195

Dentro os princípios e objetivos da seguridade social está presente a diversidade na forma de participação no custeio. (E)

Essa você caiu? Veja que se não estiver atento, até tem sentido misturar a EQUIDADE com a DIVERSIDADE! Mas o correto é a EQUIDADE na forma de participação no custeio. Quem ganha mais, em regra, contribui com mais! Ex: empregados com alíquotas de 8, 9 e 11%.

A ordem social tem como base o primado do trabalho, e como objetivo o bem-estar e a justiça sociais. (C)

CF, art. 193. No estudo da Constituição Federal para o INSS é comum que o candidato esqueça de ler o artigo 193. Não você!

Está inserido entre os princípios e objetivos da seguridade social o caráter democrático e descentralizado da administração, mediante gestão tripartite, com participação dos trabalhadores, dos empregadores, dos aposentados e do Governo nos órgãos colegiados. (E)

CF, art. 194, VII. Essa é uma das maiores pegadinhas das bancas de concurso público. A GESTÃO é QUADRIPARTITE composta pelos trabalhadores, dos empregadores, dos aposentados e do Governo.

Acerca do SUS na Constituição Federal, julgue o item que se segue.

Ao sistema único de saúde compete colaborar na proteção do meio ambiente, nele compreendido o do trabalho. (C)

CF, artigo 200, VIII.

:: EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA SEGURIDADE SOCIAL

O INSS, importante órgão na estrutura da seguridade social brasileira, foi instituído no Brasil durante o Governo de do Presidente José Sarney, 1985, como autarquia federal, mediante fusão do Instituto de Administração da Previdência e Assistência Social com o Instituto Nacional de Previdência Social. ( )

A Constituição de 1934 foi a primeira a dispor sobre a tríplice forma de custeio. ( )

Com relação à origem e à evolução legislativa da Seguridade Social no Brasil, julgue o item abaixo.
O seguro-desemprego veio previsto pela primeira vez na CF/1967. ( )

A Constituição do México de 1917, foi o primeiro diploma legal de magnitude constitucional em que se tratou de tema previdenciário. ( )

A doutrina majoritária considera a Lei Ely Chaves o marco da previdência social brasileira que criou os Institutos de Aposentadoria e Pensão. ( )

Na evolução da previdência social brasileira, o modelo das caixas de aposentadoria e pensão, que eram criadas na estrutura de cada empresa, posteriormente, foram substituídas pelos institutos de aposentadoria e pensão, que abrangiam determinadas categorias profissionais. ( )

A DATAPREV, dentre as entidades que compunham o SINPAS (Sistema Nacional de Previdência e Assistência Social, a partir de sua criação em 1977, é o ÚNICO órgão em funcionamento atualmente. ( )

A partir do ano de 2015, houve a fusão do Ministério do Trabalho e Emprego com o Ministério da Previdência Social nascendo o Ministério do Trabalho e Previdência Social.

( )

Foi através do Plano *Beveridge* construído na Alemanha em 1942, que marca a participação de todas as categorias de trabalhadores na saúde, previdência social e assistência social. ( )

A criação do Fator Previdenciário, um fator multiplicativo que leva em conta o tempo de contribuição, a idade do segurado e a expectativa de vida do segurado, foi criado em 1999. ( )

No século 18, estabeleceu-se o Plano de Beneficência dos Órfãos e Viúvas dos Oficiais da Marinha. ( )

O INSS comemora no dia 24 de janeiro o seu aniversário em alusão ao marco da previdência social brasileira, Lei Eloy Chaves. ( )

O primeiro ordenamento legal editado foi na Alemanha por Otto Von Bismark em 1883 com a instituição do auxílio doença. ( )

O seguro de invalidez e velhice foi criado na Alemanha em 1889. ( )

A Constituição de 1824 estabeleceu a aposentadoria por invalidez para os servidores públicos e custeada pelos cofres públicos. ( )

:: GABARITO COMENTADO

O INSS, importante órgão na estrutura da seguridade social brasileira, foi instituído no Brasil durante o Governo de do Presidente José Sarney, 1985, como autarquia federal, mediante fusão do Instituto de Administração da Previdência e Assistência Social com o Instituto Nacional de Previdência Social. (E)

O INSS foi criado no Governo Fernando Collor, 1990, pela fusão do IAPAS e INPS.

A Constituição de 1934 foi a primeira a dispor sobre a tríplice forma de custeio. (C)

A Constituição de 1934 foi a primeira a dispor sobre a tríplice forma de custeio com contribuição do Governo, empregadores e trabalhadores.

Com relação à origem e à evolução legislativa da Seguridade Social no Brasil, julgue o item abaixo.
O seguro-desemprego veio previsto pela primeira vez na CF/1967. (C)

Constituição Federal de 1967, artigo 158.

A Constituição do México de 1917, foi o primeiro diploma legal de magnitude constitucional em que se tratou de tema previdenciário. (C)
As primeiras leis previdenciárias surgem na Alemanha, mas a Constituição do México foi a primeira a incluir o tema previdenciário

A doutrina majoritária considera a Lei Ely Chaves o marco da previdência social brasileira que criou os Institutos de Aposentadoria e Pensão. (E)

Realmente, a doutrina majoritária considera a Lei Ely Chaves o marco da previdência social brasileira, porém foram criadas as Caixas de Aposentadoria e Pensão e não os Institutos de Aposentadoria e Pensão. Estes foram criados posteriormente.

Na evolução da previdência social brasileira, o modelo das caixas de aposentadoria e pensão, que eram criadas na estrutura de cada empresa, posteriormente, foram reunidas e substituídas pelos institutos de aposentadoria e pensão, que abrangiam determinadas categorias profissionais. (C)

Com o progresso e a necessidade de ampliação do sistema, as CAP´s foram reunidas e surgiram os IAP´s que abrangiam categorias profissionais.

A DATAPREV, dentre as entidades que compunham o SINPAS (Sistema Nacional de Previdência e Assistência Social, a partir de sua criação em 1977, é o ÚNICO órgão em funcionamento atualmente. (C)

O SINPAS reuniu diversos órgão em prol da integração das área de assistência social, previdência social, assistência médica e gestão de entidades ligadas ao Ministério da Previdência e Assistência Social. A DATAPREV é a única entidade em funcionamento hoje. Ela é responsável pelo processamento de dados do INSS.

A partir do ano de 2015, houve a fusão do Ministério do Trabalho e Emprego com o Ministério da Previdência Social nascendo o Ministério do Trabalho e Previdência Social.

(C)

Diante da crise econômica, iniciada em 2015, o Governo Federal, com o intuito de corte de gastos, fundiu o Ministério do Trabalho e Emprego com o Ministério da Previdência Social.

Foi através do Plano *Beveridge* criado na Alemanha em 1942, que marca a participação de todas as categorias de trabalhadores na saúde, previdência social e assistência social. (E)

Quase tudo está correto na assertiva, porém o Plano *Beveridge* foi criado na Inglaterra e não na Alemanha.

A criação do Fator Previdenciário, um fator multiplicativo que leva em conta o tempo de contribuição, a idade do segurado e a expectativa de vida do segurado, foi criado em 1999.

(E)

A grande pegadinha desta questão é que EXPECTATIVA DE VIDA é DIFERENTE de EXPECTATIVA DE SOBREVIDA.

No século 18, estabeleceu-se o Plano de Beneficência dos Órfãos e Viúvas dos Oficiais da Marinha. (C)

No período marcado pelo regime monárquico, pois houve iniciativas de natureza protecionista dos Órfãos e Viúvas dos Oficiais da Marinha.

O INSS comemora no dia 24 de janeiro o seu aniversário em alusão ao marco da previdência social brasileira, Lei Eloy Chaves. (C)

Em homenagem à Lei Eloy Chaves de 24 de janeiro de 1923 é comemorado o aniversário do INSS.

O primeiro ordenamento legal editado foi na Alemanha por Otto Von Bismark em 1883 com a instituição do auxílio doença. (E)

A questão estaria totalmente se não fosse a troca de auxílio doença pelo correto SEGURO DOENÇA.

O seguro de invalidez e velhice foi criado na Alemanha em 1889. (C)

A Constituição de 1824 estabeleceu a aposentadoria por invalidez para os servidores públicos e custeada pelos cofres públicos. (E)

Foi a partir da Constituição de 1891 que estabeleceu a aposentadoria por invalidez para os servidores públicos e custeada pelos cofres públicos.

:: LEGISLAÇÃO PREVIDENCIÁRIA

A Seguridade Social constitui um sistema protetivo onde tem na legislação previdenciária um conjunto de normas que visam a organizá-la. ( )

O Direito Previdenciário é considerado pela doutrina majoritária como ramo do Direito Privado, visto que marca a relação entre particulares (segurados) e o Estado exercendo o seu Poder de Império. ( )

Dentre as formas de interpretação da legislação previdenciária, a teleológica aduz que o a compreensão da norma é assimilada através de simples leitura do texto legislativo. ( )

A interpretação teleológica das normas previdenciárias consiste na análise da norma no contexto desse ramo do direito ou do ordenamento jurídico como um todo, e não, isoladamente. Busca-se, com isso, a integração da norma com os princípios norteadores e demais institutos aplicáveis. ( )

Acerca da legislação previdenciária, especialmente no que se refere às suas fontes, autonomia, vigência e interpretação, julgue o item que se segue.

As fontes formais do direito previdenciário incluem a Carta Magna e as Leis n.º 8.212/1991 e n.º 8.213/1991. ( )

A vigência da lei de natureza previdenciária segue a regulamentação da Lei de Introdução às Normas do Direito Brasileiro, de modo que, salvo disposição contrária, entra em vigor trinta dias depois de oficialmente publicada. ( )

Diante de um conflito de normas, a norma geral prevalece sobre norma específica. ( )

Acerca da legislação previdenciária, especialmente no que se refere às integração, julgue o item que se segue.

A analogia é um conjunto uniforme de decisões reiteradas do Poder Judiciário na solução de caso concreto. ( )

Acerca da legislação previdenciária, especialmente no que se refere às interpretação, julgue o item que se segue.

A interpretação autêntica é realizada pelo próprio autor da norma editando um novo ato normativo dirimindo dúvidas do ato anterior. ( )

A legislação previdenciária, sempre, submete-se a uma das regras gerais presentes na Lei de Introdução ao Código Civil, passando a viger, a partir de 45 dias após a sua publicação.

( )

Uma das principais leis que trata de matéria previdenciária é a Lei 8.742 de 1993 que dispõe sobre a organização da Assistência Social no Brasil. ( )

A Constituição Federal promulgada em 1988 constitui fonte material de norma no Direito Previdenciário. ( )

Acerca da legislação previdenciária, a doutrina majoritária entende que não há hierarquia entre leis ordinárias e leis complementares. ( )

Acerca da legislação previdenciária, especialmente no que se refere às interpretação, julgue os itens que se seguem.

O método de interpretação histórica prioriza a análise das discussões existentes, quando da elaboração da norma, a fim de descobrir as razões de sua elaboração. ( )

Através do método sistemático, a interpretação da norma levará em conta o sistema normativo no qual está inserida. Haverá o confronto do conteúdo de normas, para que não existam contradições. ( )

:: GABARITO COMENTADO

A Seguridade Social constitui um sistema protetivo onde tem na legislação previdenciária um conjunto de normas que visam a organizá-la. (C)

A legislação previdenciária tem caráter primordial na estrutura e organização dos pormenores os quais permeiam a Seguridade Social.

O Direito Previdenciário é considerado pela doutrina majoritária como ramo do Direito Privado, visto que marca a relação entre particulares (segurados) e o Estado exercendo o seu Poder de Império. (E)

O Direito Previdenciário é considerado como ramo do Direito Público e não do Privado, apesar que fontes da doutrina queiram aproximá-lo do Direito Privado em virtude de similaridades do ramo previdenciário e do trabalho.

Dentre as formas de interpretação da legislação previdenciária, a teleológica aduz que o a compreensão da norma é assimilada através de simples leitura do texto legislativo. (E)

A questão tenta confundi-lo com a forma de interpretação teleológica e a gramatical. A teleológica busca o fim desejado para a lei e apenas a leitura da norma não é suficiente.

A interpretação teleológica das normas previdenciárias consiste na análise da norma no contexto desse ramo do direito ou do ordenamento jurídico como um todo, e não, isoladamente. Busca-se, com isso, a integração da norma com os princípios norteadores e demais institutos aplicáveis. (E)

A interpretação teleológica das normas previdenciárias busca encontrar o fim pretendido pelo legislador. A interpretação referida na questão é a SISTEMÁTICA.

Acerca da legislação previdenciária, especialmente no que se refere às suas fontes, autonomia, vigência e interpretação, julgue o item que se segue.

As fontes formais do direito previdenciário incluem a Carta Magna e as Leis n.º 8.212/1991 e n.º 8.213/1991. (C)

As fontes formais divididas em estatais (Constituição Federal ou Carta Magna ou Lei Maior, lei ordinárias, complementares, etc) e não-estatais (costume e doutrina).

A vigência da lei de natureza previdenciária segue a regulamentação da Lei de Introdução às Normas do Direito Brasileiro, de modo que, salvo disposição contrária, entra em vigor trinta dias depois de oficialmente publicada. (E)

Entra em vigor, salvo contrário, após 45 dias de acordo com a Lei de Introdução às Normas do Direito Brasileiro.

Diante de um conflito de normas, a norma geral prevalece sobre norma específica. (E)

É justamente o contrário! Normas com mesma hierarquia, prevalecerá o entendimento de norma específica sobre a geral.

A analogia é um conjunto uniforme de decisões reiteradas do Poder Judiciário na solução de caso concreto. (E)

Este é o conceito de jurisprudência. A analogia busca norma próxima que supra uma lacuna deixada pela legislação.

Acerca da legislação previdenciária, especialmente no que se refere às interpretação, julgue o item que se segue.

A interpretação autêntica é realizada pelo próprio autor da norma editando um novo ato normativo dirimindo dúvidas do ato anterior. (C)

Este é o conceito da interpretação autêntica.

A legislação previdenciária, sempre, submete-se a uma das regras gerais presentes na Lei de Introdução ao Código Civil, passando a viger, a partir de 45 dias após a sua publicação. (E)

Um exemplo deste erro é o princípio da anterioridade nonagesimal, que é quando não haverá cobrança de tributo senão decorridos no mínimo 90 dias após a promulgação da lei que o instituiu.

Uma das principais leis que trata de matéria previdenciária é a Lei 8.742 de 1993 que dispõe sobre a organização da Assistência Social no Brasil. (E)

A lei do LOAS trata da organização da Assistência Social no Brasil, porém não é matéria previdenciária.

A Constituição Federal promulgada em 1988 constitui fonte material de norma no Direito Previdenciário. (E)

A Lei Maior constitui fonte FORMAL de norma no Direito Previdenciário.

Acerca da legislação previdenciária, a doutrina majoritária entende que não há hierarquia entre leis ordinárias e leis complementares. (C)

A grande maioria da doutrina orienta que não há entre leis ordinárias e leis complementares.

Acerca da legislação previdenciária, especialmente no que se refere às interpretação, julgue os itens que se seguem.

O método de interpretação histórica prioriza a análise das discussões existentes, quando da elaboração da norma, a fim de descobrir as razões de sua elaboração. (C)

Através do método sistemático, a interpretação da norma levará em conta o sistema normativo no qual está inserida. Haverá o confronto do conteúdo de normas, para que não existam contradições. (C)

Estes são os conceitos dos métodos de interpretação histórico e sistemático.

:: INSCRIÇÃO E FILIAÇÃO

Durante o exercício do mandato eletivo, o dirigente sindical perde a filiação ao RGPS. ( )

Quanto ao segurado facultativo, a filiação nesta qualidade, representa ato volitivo, gerando efeito somente a partir da inscrição e do primeiro recolhimento ( )

Segundo disposição constitucional, a previdência social deverá ser organizada sob a forma de regime geral, de caráter contributivo, porém de filiação facultativa. ( )

A filiação na qualidade de segurado facultativo representa ato volitivo, gerando efeito somente a partir da inscrição e do primeiro recolhimento da contribuição previdenciária, não podendo retroagir, salvo no caso do segurado facultativo Micro Empreendedor Individual. ( )

Considerando que a previdência social é de filiação facultativa, é correto afirmar que a contratação de um empregado não implica sua adesão automática ao RGPS. Porém, as contribuições feitas ao referido regime, têm caráter compulsório. ( )

No Regime Geral de Previdência Social não é permitida a filiação *post mortem* de segurado, salvo em especial o segurado facultativo. ( )

Acerca da inscrição e filiação no RGPS, especialmente, julgue os itens que se seguem.

Considera-se filiação de segurado para os efeitos da previdência social o ato pelo qual o segurado é cadastrado no Regime Geral de Previdência Social, mediante comprovação dos dados pessoais e de outros elementos necessários e úteis a sua caracterização. ( )

A inscrição do segurado facultativo exige a idade mínima de 14 anos. ( )

A inscrição do segurado empregado doméstico exige a idade mínima de 18 anos. ( )

A inscrição do segurado trabalhador avulso será efetuada diretamente no Instituto Nacional do Seguro Social. ( )

Os dados constantes do Cadastro Nacional de Informações Sociais CNIS relativos a vínculos, remunerações e contribuições valem como prova de filiação à previdência social, tempo de contribuição e salários de contribuição. ( )

Filiação é o vínculo que se estabelece entre pessoas que contribuem para a previdência social e esta, do qual decorrem direitos e obrigações. ( )

A filiação do trabalhador rural contratado por produtor rural pessoa física por prazo de até dois meses dentro do período de um ano, para o exercício de atividades de natureza temporária, decorre automaticamente de sua inclusão no CNIS, mediante identificação específica. ( )

Considera-se inscrição de segurado facultativo a apresentação de documento de identidade e declaração expressa de que não exerce atividade que o enquadre na categoria de segurado obrigatório. ( )

A inscrição no RGPS exige idade mínima de 16 anos sem exceções. ( )

:: GABARITO COMENTADO

Durante o exercício do mandato eletivo, o dirigente sindical perde a filiação ao RGPS. (E)

O dirigente sindical, durante o mandato eletivo, mantém o mesmo enquadramento no RGPS antes da investidura. Lei 8212, artigo 12, parágrafo 5.

§ 5º O dirigente sindical mantém, durante o exercício do mandato eletivo, o mesmo enquadramento no Regime Geral de Previdência Social RGPS de antes da investidura.

Quanto ao segurado facultativo, a filiação nesta qualidade, representa ato volitivo, gerando efeito somente a partir da inscrição e do primeiro recolhimento (C)

Surgindo a partir da Constituição de 1988, o segurado facultativo tem a sua inscrição e filiação, em regra, no mesmo momento com ato de sua própria vontade (volitivo). Decreto 3048, artigo 11, parágrafo 3.

Segundo disposição constitucional, a previdência social deverá ser organizada sob a forma de regime geral, de caráter contributivo, porém de filiação facultativa. (E)

A previdência social tem caráter contributivo e de filiação OBRIGATÓRIA. Os segurados obrigatórios, apenas pelo exercício de atividade já estarão filiados ao RGPS. A sua inscrição é o ato jurídico perante o INSS o qual corrobora a sua existência no referido regime.

CF, artigo 201.

A filiação na qualidade de segurado facultativo representa ato volitivo, gerando efeito somente a partir da inscrição e do primeiro recolhimento da contribuição previdenciária, não podendo retroagir, salvo no caso do segurado facultativo Micro Empreendedor Individual. (E)

O texto do Decreto 3048, artigo 11, parágrafo 3, vem todo certinho até indicar que o MEI é um segurado facultativo, porém ele está na categoria de Contribuinte Individual.

Considerando que a previdência social é de filiação facultativa, é correto afirmar que a contratação de um empregado não implica sua adesão automática ao RGPS. Porém, as contribuições feitas ao referido regime, têm caráter compulsório. (E)

CF, artigo 201. Martelando a sua cabeça para fixar. Regime contributivo de filiação obrigatória!

No Regime Geral de Previdência Social não é permitida a filiação *post mortem* de segurado, salvo em especial o segurado facultativo. (E)

Você precisa tomar muito cuidado com a leitura rápida da questão. A palavra ESPECIAL aparece para confundi-lo. A filiação *post mortem* só é permitida para o segurado especial até porque, em regra, ele não verte contribuições mensais para o RGPS. Decreto 3048,artigo 18, V,parágrafo 5.

Considera-se filiação de segurado para os efeitos da previdência social o ato pelo qual o segurado é cadastrado no Regime Geral de Previdência Social, mediante comprovação dos dados pessoais e de outros elementos necessários e úteis a sua caracterização. (E)

Decreto 3048, artigo 18. O ato formal de cadastro no RGPS, quando efetivamente a autarquia conhece o segurado é a INSCRIÇÃO. A filiação surge a partir do exercício de atividade ou concomitante à inscrição para os segurados facultativos. Ressalta-se que para estes, a filiação não ocorrerá antes da inscrição, visto que não exercem atividade.

A inscrição do segurado facultativo exige a idade mínima de 14 anos. (E)

Essa foi fácil, não? A inscrição do segurado facultativo exige a idade mínima de 16 anos. Decreto 3048, artigo 18, parágrafo 1.

A inscrição do segurado empregado doméstico exige a idade mínima de 18 anos. (C)

Essa você caiu e quebrou a cara no chão! A inscrição aos 18 anos, para empregado doméstico, é uma exceção à regra trazida pela Lei Complementar 150, artigo 1, Parágrafo único. *É vedada a contratação de menor de 18 (dezoito) anos para desempenho de trabalho doméstico, de acordo com a Convenção no 182, de 1999, da Organização Internacional do Trabalho (OIT) e com o Decreto no 6.481, de 12 de junho de 2008.*

A inscrição do segurado trabalhador avulso será efetuada diretamente no Instituto Nacional do Seguro Social. (E)

A inscrição do segurado trabalhador avulso será feita pelo sindicato ou órgão gestor de mão de obra como diz o Decreto 3048, artigo 18, parágrafo 1.

Os dados constantes do Cadastro Nacional de Informações Sociais CNIS relativos a vínculos, remunerações e contribuições valem como prova de filiação à previdência social, tempo de contribuição e salários de contribuição. (C)

Lembre-se que o CESPE adora colocar a literalidade de artigos e não foi diferente com o 19 do Decreto 3048. Fique ligado!

Filiação é o vínculo que se estabelece entre pessoas que contribuem para a previdência social e esta, do qual decorrem direitos e obrigações. (C)

Este é o conceito dado pelo artigo 20 do Decreto 3048. A filiação ocorre com o simples exercício de atividade para os segurados obrigatórios.

A filiação do trabalhador rural contratado por produtor rural pessoa física por prazo de até dois meses dentro do período de um ano, para o exercício de atividades de natureza temporária, decorre automaticamente de sua inclusão no CNIS, mediante identificação específica. (E)

O CNIS é o Cadastro Nacional de Informações Sociais. É onde estão as informações dos segurados, porém é na inclusão da GFIP que o trabalhador rural contratado por produtor rural pessoa física por prazo de até dois meses dentro do período de um ano que decorre a filiação deste.

Considera-se inscrição de segurado facultativo a apresentação de documento de identidade e declaração expressa de que não exerce atividade que o enquadre na categoria de segurado obrigatório. (C)

Decreto 3048, artigo 18, V. Deve o segurado facultativo (aquele que não exerce atividade remunerada, apresentar no INSS o seu documento de identidade e declaração expressa de que não exerce atividade que o enquadre na categoria de segurado obrigatório.

A inscrição no RGPS exige idade mínima de 16 anos sem exceções. (E)

A idade mínima para inscrição no RGPS realmente é de 16 anos, porém há exceções! São elas: o menor aprendiz aos 14 anos, empregado doméstico aos 18 anos (Lei Complementar 150/15) e o garimpeiro igualmente aos 18 anos (Lei 11.685/08).

:: MANUTENÇÃO E PERDA DA QUALIDADE DE SEGURADO

Edna, segurada empregada, foi demitida do emprego como costureira em uma grande fábrica, onde trabalhou durante 11 anos. Ela acaba de receber a primeira parcela do seu seguro-desemprego. É correto afirmar que Edna manterá a sua qualidade de segurado por 24 meses.
( )

Em regra, mantêm a qualidade de segurado por até doze meses, independentemente de contribuições, o segurado empregado, o avulso, o doméstico e o facultativo. ( )

Leovigildo, segurado facultativo, teve cessado o seu auxílio-doença. É correto afirma que ele manterá a sua qualidade de segurado por até 12 meses. ( )

Soldado Joaquim, segurado incorporado às Forças Armadas para prestar serviço militar manterá a sua qualidade de segurado no RGPS por até seis meses. ( )

Sérgio é síndico de condomínio e, pelo cargo que exerce, não paga mensalmente a taxa condominial. É correto afirmar que, caso Sérgio cesse contribuições para o RGPS, ele manterá a sua qualidade de segurado por até 12 meses. ( )

Dirceu, segurado do RGPS, foi preso na operação Lava Jato e permanecerá recluso por muitos anos. É correto afirmar que ele, após o livramento, manterá a sua qualidade de segurado por até 12 meses.
( )

Suponha que Nilton, segurado facultativo, tenha recolhido sua última contribuição previdenciária em janeiro de 2017 e falecido em 17/9/2017. Nesse caso, Nilton perdera a qualidade de segurado antes da data do óbito. ( )

Uma pessoa que tenha perdido a qualidade de segurado não fará jus à concessão de aposentadoria por idade ao completar sessenta e cinco anos, se homem, ou sessenta anos, se mulher, caso tenha recolhido o número mínimo de contribuições mensais exigido na data do requerimento desse benefício quando ele ainda mantinha a qualidade de segurado. ( )

Ana Paula, vendedora de água de coco na praia, após um ano de contribuição para o RGPS, interrompeu-as. Teve o seu último recolhimento em 15 de janeiro de 2016 referente ao mês de dezembro de 2015. É correto afirmar que Ana Paula perderá a sua qualidade de segurada no dia 16 de fevereiro de 2017 caso este dia seja útil. ( )

Washington, segurado empregado, é demitido do seu primeiro emprego onde trabalhou por 2 meses. É correto afirmar que Washington perderá a sua qualidade de segurado após 12 meses e 45 dias após a sua demissão. ( )

O segurado em gozo de benefício previdenciário mantém a qualidade de segurado, por 12 meses, independentemente de contribuições. ( )

A perda da qualidade de segurado prejudica o direito à aposentadoria mesmo se todos os requisitos para a sua concessão já tiverem sido preenchidos e estiverem de acordo com a legislação em vigor à época em que esses requisitos foram atendidos. ( )

Daniel trabalhou para a empresa Tupi desde 2000, ininterruptamente, tendo contribuído mensalmente para o custeio da seguridade social, durante todo este período, na condição de segurado obrigatório. Em 31/1/2015, Daniel foi demitido sem justa causa e receberá o seu seguro-desemprego. Nessa circunstância e considerando a legislação previdenciária em vigor, Daniel manterá sua qualidade de segurado, independentemente de contribuições, em 16/3/2017. ( )

Manterá pelo máximo de até três meses após a cessação das contribuições, o segurado que deixar de exercer atividade remunerada abrangida pela previdência social. ( )

Manterá a condição de segurado, por até 12 meses, o acometido de doença de segregação compulsória. ( )

:: GABARITO COMENTADO

Edna, segurada empregada, foi demitida do emprego como costureira em uma grande fábrica, onde trabalhou durante 11 anos. Ela acaba de receber a primeira parcela do seu seguro-desemprego. É correto afirmar que Edna manterá a sua qualidade de segurado por 24 meses. (E)

Edna mantém a qualidade de segurado por 36 meses. Doze meses por estar sem emprego, mais doze meses por ter contribuído por MAIS de 120 contribuições mensais e mais 12 meses por estar recebendo seguro-desemprego ou cadastro no SINE.
Lei 8213, artigo 15.

Em regra, mantêm a qualidade de segurado por até doze meses, independentemente de contribuições, o segurado empregado, o avulso, o doméstico e o facultativo. (E)

A questão estaria correta pelo empregado e trabalhador avulso manterem a sua qualidade de segurado por até 12 meses em regra, mas o segurado facultativo tem até 6 meses mantendo a sua qualidade de segurado.

Leovigildo, segurado facultativo, teve cessado o seu auxílio-doença. É correto afirma que ele manterá a sua qualidade de segurado por até 12 meses. (C)

Decreto 3048, artigo 13, II. O segurado facultativo, em regra, mantém a qualidade de segurado por até 6 meses, porém se ele recebia benefício por incapacidade e teve cessado o seu benefício, ele manterá a sua qualidade de segurado por até doze meses.

Soldado Joaquim, segurado incorporado às Forças Armadas para prestar serviço militar manterá a sua qualidade de segurado no RGPS por até seis meses. (E)

O soldado Joaquim manterá a sua qualidade de segurado por até 3 meses e não 6 meses. Quem mantém, em regra, a qualidade de segurado por até 6 meses é o segurado facultativo.
Decreto 3048, artigo 13, V.

Sérgio é síndico de condomínio e, pelo cargo que exerce, não paga mensalmente a taxa condominial. É correto afirmar que, caso Sérgio cesse contribuições para o RGPS, ele manterá a sua qualidade de segurado por até 12 meses. (C)

Decreto 3048, artigo 13, II. Esta questão exige que você entenda de SEGURADOS e MANUTENÇÃO DA QUALIDADE DE SEGURADO. Sérgio não paga a taxa condominial. Logo, ele é CONTRIBUINTE INDIVIDUAL. Sendo segurado obrigatório, presume-se que exerce atividade remunerada. Sérgio manterá a sua qualidade de segurado por até 12 meses.

Dirceu, segurado do RGPS, foi preso na operação Lava Jato e permanecerá recluso por muitos anos. É correto afirmar que ele, após o livramento, manterá a sua qualidade de segurado por até 12 meses. (C)

Decreto 3048, artigo 13, IV.

Suponha que Nilton, segurado facultativo, tenha recolhido sua última contribuição previdenciária em janeiro de 2017 e falecido em 17/9/2017. Nesse caso, Nilton perdera a qualidade de segurado antes da data do óbito. (C)

Nilton poderia manter a sua qualidade de segurado por até 6 meses, logo, morreu sem qualidade de segurado. Decreto 3048, artigo 13, VI.

Uma pessoa que tenha perdido a qualidade de segurado não fará jus à concessão de aposentadoria por idade ao completar sessenta e cinco anos, se homem, ou sessenta anos, se mulher, caso tenha recolhido o número mínimo de contribuições mensais exigido na data do requerimento desse benefício quando ele ainda mantinha a qualidade de segurado. (E)

Ele FARÁ JUS à concessão de aposentadoria por idade! Apesar de ter perdido a qualidade de segurado, a pessoa em questão cumpria os requisitos para a aposentadoria por idade. Por exemplo, homem aos 65 anos e ao menos 180 contribuições mensais.
Decreto 3048, artigo 13, parágrafo 6.

Ana Paula, vendedora de água de coco na praia, após um ano de contribuição para o RGPS, interrompeu-as. Teve o seu último recolhimento em 15 de janeiro de 2016 referente ao mês de dezembro de 2015. É correto afirmar que Ana Paula perderá a sua qualidade de segurada no dia 16 de fevereiro de 2017 caso este dia seja útil. (C)

Decreto 3048, artigo 14. Ana Paula teve a sua última contribuição sobre a competência dezembro/15 em janeiro de 2016. O contribuinte individual mantém a sua qualidade de segurado por 12 meses. Logo, Ana Paula perderá a sua qualidade de segurado se não verter contribuição até 15 de fevereiro de 2017.

Washington, segurado empregado, é demitido do seu primeiro emprego onde trabalhou por 2 meses. É correto afirmar que Washington perderá a sua qualidade de segurado após 12 meses e 45 dias após a sua demissão. (E)

Apesar de ser segurado empregado, leva-se em conta para a perda da qualidade de segurado o mês posterior ao mês seguinte da contribuição, mais 12 meses. Ou seja, o dia 16 como um contribuinte individual. Isso acontece, porque a legislação utiliza como parâmetro a data do recolhimento do contribuinte individual seja qual for a categoria do segurado.

O segurado em gozo de benefício previdenciário mantém a qualidade de segurado, por 12 meses, independentemente de contribuições. (E)

O segurado em gozo de benefício previdenciário mantém a qualidade de segurado, sem limite de prazo, independentemente de contribuições. Decreto 3048, artigo 13, I.

A perda da qualidade de segurado prejudica o direito à aposentadoria mesmo se todos os requisitos para a sua concessão já tiverem sido preenchidos e estiverem de acordo com a legislação em vigor à época em que esses requisitos foram atendidos. (E)

O contrário! A perda da qualidade de segurado não prejudicará o indivíduo se todos os requisitos para a concessão de sua aposentadoria já tiverem sido preenchidos e estiverem de acordo com a legislação em vigor à época em que esses requisitos foram atendidos. Decreto 3048, artigo 13, parágrafo 6.

Daniel trabalhou para a empresa Tupi desde 2000, ininterruptamente, tendo contribuído mensalmente para o custeio da seguridade social, durante todo este período, na condição de segurado obrigatório. Em 31/1/2015, Daniel foi demitido sem justa causa e receberá o seu seguro-desemprego. Nessa circunstância e considerando a legislação previdenciária em vigor, Daniel manterá sua qualidade de segurado, independentemente de contribuições, em 16/3/2017. (C)

Correto. Daniel manterá a sua qualidade de segurado por 36 meses, logo, 24 meses depois ele ainda terá mantida a sua qualidade. A casca de banana está na palavra "EM". Decreto 3048, artigo 13.

Manterá pelo máximo de até três meses após a cessação das contribuições, o segurado que deixar de exercer atividade remunerada abrangida pela previdência social. (E)

O segurado que deixar de exercer atividade remunerada abrangida pela previdência social, manterá por 12 meses a sua qualidade de segurado. Decreto 3048, artigo 13, II.

Manterá a condição de segurado, por até 12 meses, o acometido de doença de segregação compulsória. (C)

Decreto 3048, artigo 13, III.

:: SEGURADOS

É considerado segurado obrigatório da previdência social como trabalhador avulso:

O trabalhador que presta serviço de natureza rural definido em Regulamento, sem vínculo empregatício, a diversas empresas. ( )

Cornélio é garimpeiro. É correto afirmar que Cornélio é segurado obrigatório do RGPS na categoria segurado especial. ( )

Padre Cícero desenvolve as missas na cidade de Juazeiro do Norte no Ceará. É correto afirmar que ele é segurado obrigatório do RGPS na categoria contribuinte individual. ( )

Thomas, de cidadania estadunidense, está domiciliado e contratado no Brasil para trabalhar em empresa domiciliada na Inglaterra, mas que possui maioria do capital votante pertencente a empresa brasileira de capital nacional. É correto afirmar que Thomas é segurado obrigatório do RGPS na categoria contribuinte individual. ( )

Steven, nascido em El Salvador, sem residência permanente no Brasil, presta serviço no Brasil a missão diplomática. É correto afirmar que Steven é segurado obrigatório do RGPS na categoria empregado. ( )

Joana reside e trabalha para a União na Espanha para organismo oficial brasileiro e é segurada da previdência social espanhola. É correto afirmar que, para as leis brasileiras, Joana também é segurada obrigatória do RGPS na categoria empregado. ( )

Gentil Pinto trabalha, eventualmente, para várias empresas prestando serviço de encanador. É correto afirmar que Gentil é segurado obrigatório do RGPS na categoria trabalhador avulso.
( )

Para o RGPS, o menor aprendiz é enquadrado na categoria segurado facultativo, caso o exercício do seu trabalho não esteja de acordo com a lei. ( )

Tiririca é Deputado Federal pelo Estado de São Paulo e Auditor Fiscal da Receita Federal do Brasil. É correto afirmar que o Deputado Tiririca é segurado obrigatório do RGPS na categoria empregado. ( )

O brasileiro civil que trabalha no exterior para organismo oficial internacional do qual o Brasil é membro efetivo, ainda que lá domiciliado e contratado, salvo quando coberto por regime próprio de previdência, é segurado obrigatório da previdência social, na qualidade de contribuinte individual. ( )

O bolsista da Fundação Habitacional do Exército contratado em conformidade com a lei é segurado facultativo do RGPS. ( )

O fato de um dos integrantes do seu núcleo familiar desempenhar atividade urbana por mais de 120 dias no ano civil, implica, a descaracterização do trabalhador rural como segurado especial. ( )

Josué, que é segurado especial da seguridade social, por ser, na forma da legislação especial, considerado pequeno produtor rural, foi eleito vereador do município onde reside e trabalha. Nessa situação, Josué passará a ser segurado na condição de empregado do RGPS. ( )

Para o segurado obrigatório do RGPS na categoria trabalhador avulso, a atividade de movimentação de mercadorias nas instalações de uso público, compreendendo o recebimento, conferência, transporte interno, abertura de volumes para conferência aduaneira, manipulação, arrumação e entrega, bem como o carregamento e descarga de embarcações, quando efetuados por aparelhamento portuário é definida como estiva. ( )

Sérgio é bolsista, está vinculado ao regime de previdência social inglês, e se dedica, em tempo integral, a pesquisa, em curso de especialização, em Londres (Inglaterra). É correto afirmar que Sérgio não é segurado facultativo do RGPS brasileiro. ( )

É correto afirmar que o empregado doméstico tem direito ao seguro-desemprego limitado ao teto previdenciário. ( )

O empregador doméstico é obrigado a arrecadar e a recolher a contribuição do segurado empregado a seu serviço, assim como a parcela a seu cargo, até o dia 7 do mês seguinte ao da competência e quando não houver expediente bancário no dia 7 do mês, o recolhimento deverá ser realizado no dia imediatamente posterior, para que não haja incidência de juros e multa. ( )

É de responsabilidade do empregador o arquivamento de documentos comprobatórios do cumprimento das obrigações fiscais, trabalhistas e previdenciárias, enquanto essas não prescreverem. ( )

O empregador doméstico deve efetuar o recolhimento mensal, mediante documento único de arrecadação, de 20% de contribuição previdenciária do empregado doméstico que lhe presta serviço. ( )

É correto afirmar que o garimpeiro está enquadrado na categoria segurado especial do RGPS. ( )

É correto afirmar que todo segurado que exercer, concomitantemente, mais de uma atividade remunerada sujeita ao Regime Geral de Previdência Social é obrigatoriamente filiado em relação a cada uma delas. ( )

O dirigente sindical mantém, durante o exercício do mandato eletivo, o mesmo enquadramento no RGPS de antes da investidura. ( )

A outorga, por meio de contrato escrito de parceria, meação ou comodato, de até 50% de imóvel rural cuja área total não seja superior a 4 (quatro) módulos fiscais, desde que outorgante e outorgado continuem a exercer a respectiva atividade, individualmente ou em regime de economia familiar descaracteriza a condição de segurado especial no RGPS. ( )

Mariza recebe pensão por morte do RGPS em virtude do falecimento de seu companheiro José. É correto afirmar que, pelo fato de receber pensão por morte, Mariza perde a sua qualidade de segurada especial. ( )

É correto afirmar que o brasileiro ou o estrangeiro domiciliado e contratado no Brasil para trabalhar como empregado em sucursal ou agência de empresa nacional no exterior é segurado na categoria empregado do RGPS. ( )

:: GABARITO COMENTADO

É considerado segurado obrigatório da previdência social como trabalhador avulso:

O trabalhador que presta serviço de natureza rural definido em Regulamento, sem vínculo empregatício, a diversas empresas. (C)

Lei 8213, artigo 11, VI. Nós, às vezes, achamos que o trabalhador avulso é somente aquele que trabalha nos porto, não é? Mas ele também pode ser um trabalhador avulso rural como diz o artigo 11 da lei de benefícios: como trabalhador avulso: quem presta, a diversas empresas, sem vínculo empregatício, serviço de natureza urbana ou rural definidos no Regulamento.

Cornélio é garimpeiro. É correto afirmar que Cornélio é segurado obrigatório do RGPS na categoria segurado especial. (E)

Esta é uma casca de banana recorrente nos concursos públicos onde o disciplina Direito Previdenciário aparece. O garimpeiro é um CONTRIBUINTE INDIVIDUAL como diz o artigo 11, V,b da lei 8213.

Padre Cícero desenvolve as missas na cidade de Juazeiro do Norte no Ceará. É correto afirmar que ele é segurado obrigatório do RGPS na categoria contribuinte individual. (C)

O ministro de confissão religiosa e o membro de instituto de vida consagrada, de congregação ou de ordem religiosa é segurado obrigatório do RGPS na categoria contribuinte individual. Lei 8213, artigo 11, V, c.

Thomas, de cidadania estadunidense, está domiciliado e contratado no Brasil para trabalhar em empresa domiciliada na Inglaterra, mas que possui maioria do capital votante pertencente a empresa brasileira de capital nacional. É correto afirmar que Thomas é segurado obrigatório do RGPS na categoria contribuinte individual. (E)

Thomas é segurado obrigatório do RGPS na categoria EMPREGADO como confere a Lei 8213, artigo 11, I, f.

Steven, nascido em El Salvador, sem residência permanente no Brasil, presta serviço no Brasil a missão diplomática. É correto afirmar que Steven é segurado obrigatório do RGPS na categoria empregado. (E)

Steven não é segurado empregado, pois, apesar de prestar serviço a missão diplomática no Brasil, não possui residência permanente no Brasil. Lei 8213, artigo 11, I, d.

Joana reside e trabalha para a União na Espanha para organismo oficial brasileiro e é segurada da previdência social espanhola. É correto afirmar que, para as leis brasileiras, Joana também é segurada obrigatória do RGPS na categoria empregado. (E)

Lei 8213, artigo 11, I,e. O brasileiro civil que trabalha para a União, no exterior, em organismos oficiais brasileiros ou internacionais dos quais o Brasil seja membro efetivo, ainda que lá domiciliado e contratado, salvo se segurado na forma da legislação vigente do país do domicílio. Joana já é amparada pela previdência espanhola, logo, ela não será segurada obrigatória do RGPS brasileiro.

Gentil Pinto trabalha, eventualmente, para várias empresas prestando serviço de encanador. É correto afirmar que Gentil é segurado obrigatório do RGPS na categoria trabalhador avulso. (E)

Muitos concurseiros, no início do estudo do Direito Previdenciário, erram este tipo de questão achando que o trabalhador que presta serviços eventuais é o AVULSO. Falso! Este tipo de segurado é enquadrado na categoria CONTRIBUINTE INDIVUDUAL para o Regime Geral de Previdência Social. Lei 8213, artigo 11, V,g.

Para o RGPS, o menor aprendiz é enquadrado na categoria segurado facultativo, caso o exercício do seu trabalho não esteja de acordo com a lei. (E)

Não confunda! Esta é a definição para o ESTAGIÁRIO. O menor aprendiz é segurado obrigatório do RGPS na categoria empregado.

Tiririca é Deputado Federal pelo Estado de São Paulo e Auditor Fiscal da Receita Federal do Brasil. É correto afirmar que o Deputado Tiririca é segurado obrigatório do RGPS na categoria empregado. (E)

O ilustre deputado não é empregado para o RGPS, pois ele está vinculado ao Regime Próprio de Previdência Social da União. Lei 8213, artigo 11, I,h.

O brasileiro civil que trabalha no exterior para organismo oficial internacional do qual o Brasil é membro efetivo, ainda que lá domiciliado e contratado, salvo quando coberto por regime próprio de previdência, é segurado obrigatório da previdência social, na qualidade de contribuinte individual. (C)

Este é o texto, que o CESPE costuma cobrar, do artigo 11, V,e da lei 8213.

O bolsista da Fundação Habitacional do Exército contratado em conformidade com a lei é segurado facultativo do RGPS. (E)

Este tipo de BOLSISTA não é SEGURADO FACULTATIVO. Ele é CONTRIBUINTE INDIVIDUAL. Logo, tenha muito cuidado com esta pegadinha na sua prova CESPE. Decreto 3048, artigo 9, parágrafo 15, XIII.

O fato de um dos integrantes do seu núcleo familiar desempenhar atividade urbana implica, por si só, a descaracterização do trabalhador rural como segurado especial. (E)

O fato de um dos integrantes do seu núcleo familiar desempenhar atividade urbana por mais de 120 dias no ano civil, implica, a descaracterização do trabalhador rural como segurado especial. (C)

Lei 8213, artigo 11, parágrafo 9. O membro do grupo familiar em questão perdeu a sua qualidade de segurado por desempenhar atividade urbana por mais de 120 dias no ano civil. Para retomar a sua qualidade de segurado, ele deve comprovar com prova documental de retorno à atividade rurícola.

Josué, que é segurado especial da seguridade social, por ser, na forma da legislação especial, considerado pequeno produtor rural, foi eleito vereador do município onde reside e trabalha. Nessa situação, Josué passará a ser segurado na condição de empregado do RGPS. (E)

Josué estará mantido na categoria de segurado especial, de acordo com o artigo 9, VII, parágrafo 8 do Decreto 3048. Exercício de mandato de vereador do município onde desenvolve a atividade rural, ou de dirigente de cooperativa rural constituída exclusivamente por segurados especiais.

Para o segurado obrigatório do RGPS na categoria trabalhador avulso, a atividade de movimentação de mercadorias nas instalações de uso público, compreendendo o recebimento, conferência, transporte interno, abertura de volumes para conferência aduaneira, manipulação, arrumação e entrega, bem como o carregamento e descarga de embarcações, quando efetuados por aparelhamento portuário é definida como estiva. (E)

O conceito do parágrafo 7 do artigo 9 do Decreto 3048 é de CAPATAZIA e não de estiva.

Sérgio é bolsista, está vinculado ao regime de previdência social inglês, e se dedica, em tempo integral, a pesquisa, em curso de especialização, em Londres (Inglaterra). É correto afirmar que Sérgio não é segurado facultativo do RGPS brasileiro. (C)

Sérgio está vinculado a regime de previdência social estrangeiro. Logo, Sérgio não é segurado do RGPS brasileiro.
Decreto 3048, artigo 11, parágrafo 1, VIII.

É correto afirmar que o empregado doméstico tem direito ao seguro-desemprego limitado ao teto previdenciário. (E)

O seguro desemprego para o empregado doméstico é limitado a um salário mínimo.

O empregador doméstico é obrigado a arrecadar e a recolher a contribuição do segurado empregado a seu serviço, assim como a parcela a seu cargo, até o dia 7 do mês seguinte ao da competência e quando não houver expediente bancário no dia 7 do mês, o recolhimento

deverá ser realizado no dia imediatamente posterior, para que não haja incidência de juros e multa. (E)

Lei 13.202/15. O recolhimento será ANTECIPADO em caso do dia 7 do mês não ser dia útil.

É de responsabilidade do empregador o arquivamento de documentos comprobatórios do cumprimento das obrigações fiscais, trabalhistas e previdenciárias, enquanto essas não prescreverem. (C)

Lei Complementar 150/15, artigo 42.

O empregador doméstico deve efetuar o recolhimento mensal, mediante documento único de arrecadação, de 20% de contribuição previdenciária do empregado doméstico que lhe presta serviço. (E)

8% de contribuição patronal previdenciária para a seguridade social, a cargo do empregador doméstico e 0,8% de contribuição social para financiamento do seguro contra acidentes do trabalho. Esses valores inteiram 8,8% de contribuição PREVIDENCIÁRIA. Lei Complementar 150/15, artigo 34.

É correto afirmar que o garimpeiro está enquadrado na categoria segurado especial do RGPS. (E)

O garimpeiro é contribuinte individual. Lei 8213, artigo 11, V, b.

É correto afirmar que todo segurado que exercer, concomitantemente, mais de uma atividade remunerada sujeita ao Regime Geral de Previdência Social é obrigatoriamente filiado em relação a cada uma delas. (C)

Lei 8213, artigo 11, VII, parágrafo 2.

O dirigente sindical mantém, durante o exercício do mandato eletivo, o mesmo enquadramento no RGPS de antes da investidura. (C)

Lei 8213, artigo 11, VII, parágrafo 4.

A outorga, por meio de contrato escrito de parceria, meação ou comodato, de até 50% de imóvel rural cuja área total não seja superior a 4 (quatro) módulos fiscais, desde que outorgante e outorgado continuem a exercer a respectiva atividade, individualmente ou em regime de economia familiar descaracteriza a condição de segurado especial no RGPS. (E)

O contrário, NÃO DESCARACTERIZA. Lei 8213, artigo 11, VII, parágrafo 8.

Mariza recebe pensão por morte do RGPS em virtude do falecimento de seu companheiro José. É correto afirmar que, pelo fato de receber pensão por morte, Mariza perde a sua qualidade de segurada especial. (E)

Esta é uma exceção para não perder a qualidade de segurado especial no RGPS. Lei 8213, artigo 11, VII, parágrafo 9, I.

É correto afirmar que o brasileiro ou o estrangeiro domiciliado e contratado no Brasil para trabalhar como empregado em sucursal ou agência de empresa nacional no exterior é segurado na categoria empregado do RGPS. (C)

Lei 8213, artigo 11, I, c.

:: CONTRIBUIÇÃO DAS EMPRESAS E DOS SEGURADOS

Oriovaldo, dono de uma empresa do ramo de calçados, tem a contribuição de sua empresa em relação aos seus empregados inscritos no RGPS limitada ao somatório dos salários de contribuição da totalidade destes empregados. ( )

A contribuição do servidor público federal de cargo efetivo, que possui apenas este vínculo de trabalho, ao RGPS, incide sobre a sua remuneração integral. ( )

Sidney, taxista, auferiu no mês de outubro de 2017, dez mil reais em valor bruto referente ao transporte rodoviário. É correto afirmar que a sua contribuição de 20% para o RGPS até o dia 15 de novembro de 2017 foi de 400 reais. ( )

Se uma dona de casa, segurada facultativa do RGPS, inscrita no CadÚnico, contribuiu em maio de 2017 sobre dois salários mínimos, então a alíquota incidente sobre seu salário de contribuição foi de 5%. ( )

A contribuição empresarial da associação desportiva que mantém equipe de futebol profissional destinada à Seguridade Social, corresponde a cinco por cento da receita líquida, decorrente dos espetáculos desportivos de que participem em todo território nacional em qualquer modalidade desportiva, inclusive jogos internacionais, e de qualquer forma de patrocínio, licenciamento de uso de marcas e símbolos, publicidade, propaganda e de transmissão de espetáculos desportivos. ( )

A alíquota de contribuição para o SAT incide sobre a remuneração paga ou creditada pelas empresas sobre a folha de pagamento a empregados e avulsos, levando-se em consideração a atividade preponderante e o risco de acidente de trabalho seja ele considerado leve, médio ou grave. ( )

No caso de instituições financeiras, haverá uma contribuição adicional de 2% sobre a remuneração de seus empregados e trabalhadores avulsos. ( )

É correto afirmar que a contribuição previdenciária que o empregador doméstico deve pagar quanto ao empregado doméstico que lhe presta serviço é de 8,8%. ( )

É correto afirmar que as alíquotas do SAT serão acrescidas de 6%, 9% e 12%, respectivamente, se a atividade exercida pelo segurado justificar a concessão de aposentadoria especial após 25, 20 ou 15 anos de contribuição. ( )

A contribuição da gratificação natalina dos empregados das empresas incidirá sobre o valor líquido da gratificação. ( )

É correto afirma que a contribuição do produtor rural pessoa física, em substituição à sua cota patronal, relativa à prestação de serviços de empregados e avulsos é de 1,3%. ( )

É correto afirmar que a contribuição da agroindústria em substituição à sua cota patronal, relativa à prestação de serviços de empregados e avulsos é de 2,5%. ( )

O contribuinte individual optante pelo sistema especial de inclusão previdenciária, contribuirá com 11% do total de rendimentos auferidos no mês, respeitando o teto previdenciário como sendo o seu salário de contribuição. ( )

É correto afirmar que o sistema especial de inclusão previdenciária terá alíquotas e carências inferiores às vigentes para os demais segurados do regime geral de previdência social. ( )

É correto afirmar que o contribuinte individual, que presta serviço a empresa, tem retido 20% de sua remuneração respeitado o teto previdenciário. ( )

:: GABARITO COMENTADO

Oriovaldo, dono de uma empresa do ramo de calçados, tem a contribuição de sua empresa em relação aos seus empregados inscritos no RGPS limitada ao somatório dos salários de contribuição da totalidade destes empregados. (E)

A contribuição da empresa não se limitará à soma dos salários de contribuição dos empregados. Vai muito além disso, sobre a folha de salários e rendimentos, à receita ou faturamento e o lucro. CF, artigo 195, I - do empregador, da empresa e da entidade a ela equiparada na forma da lei, incidentes sobre: a) a folha de salários e demais rendimentos do trabalho pagos ou creditados, a qualquer título, à pessoa física que lhe preste serviço, mesmo sem vínculo empregatício; b) a receita ou o faturamento; c) o lucro.

A contribuição do servidor público federal de cargo efetivo, que possui apenas este vínculo de trabalho, ao RGPS, incide sobre a sua remuneração integral. (E)

O servidor público federal de cargo efetivo está inscrito no RPPS da União. Ele não contribui para o RGPS. Apenas assim faria, caso tivesse um vínculo na iniciativa privada, por exemplo, professor de faculdade particular.

Sidney, taxista, auferiu no mês de outubro de 2017, dez mil reais em valor bruto referente ao transporte rodoviário. É correto afirmar que a sua contribuição de 20% para o RGPS até o dia 15 de novembro de 2017 foi de 400 reais. (C)

Incidirá 20% sobre o valor bruto auferido e desse valor, teremos o salário de contribuição de Sidney onde este contribuirá com 20% do valor. A questão está correta. Assim, o legislador protege o fretista de seus gastos com gasolina, pedágio, etc.

Decreto 3048, artigo 9,V, parágrafo 15.

Se uma dona de casa, segurada facultativa do RGPS, inscrita no CadÚnico, contribuiu em maio de 2017 sobre dois salários mínimos, então a alíquota incidente sobre seu salário de contribuição foi de 5%. (E)

A dona de casa de baixa renda, inscrita no CadÚnico, contribui sobre 5% de um salário mínimo e não de dois.

CF, artigo 201, § 12. Lei disporá sobre sistema especial de inclusão previdenciária para atender a trabalhadores de baixa renda e àqueles sem renda própria que se dediquem exclusivamente ao trabalho doméstico no âmbito de sua residência, desde que pertencentes a famílias de baixa renda, garantindo-lhes acesso a benefícios de valor igual a um salário-mínimo.

A contribuição empresarial da associação desportiva que mantém equipe de futebol profissional destinada à Seguridade Social, corresponde a cinco por cento da receita líquida, decorrente dos espetáculos desportivos de que participem em todo território nacional em qualquer modalidade desportiva, inclusive jogos internacionais, e de qualquer forma de patrocínio, licenciamento de uso de marcas e símbolos, publicidade, propaganda e de transmissão de espetáculos desportivos. (E)

O texto acima estaria totalmente correto de acordo com o parágrafo 6 do artigo 22 da Lei 8.212 se não fosse a palavra LÍQUIDA. A contribuição empresarial da associação desportiva que mantém equipe de futebol profissional destinada à Seguridade Social, corresponde a cinco por cento da receita BRUTA.

A alíquota de contribuição para o SAT incide sobre a remuneração paga ou creditada pelas empresas sobre a folha de pagamento a empregados e avulsos, levando-se em consideração a atividade preponderante e o risco de acidente de trabalho seja ele considerado leve, médio ou grave. (C)

Na contribuição do SAT será avaliada a atividade preponderante de seu empregado a qual será levado em conta o seu risco de acidente de trabalho aplicando porcentagens entre 1, 2 ou 3 porcento.

No caso de instituições financeiras, haverá uma contribuição adicional de 2% sobre a remuneração de seus empregados e trabalhadores avulsos. (E)

As empresas contribuem com 20% sobre a remuneração paga, devida ou creditada aos segurados empregados e trabalhadores avulsos que lhe prestam serviço durante o mês. As instituições financeiras têm uma contribuição adicional de 2,5% sobre a remuneração destes trabalhadores. Lei 8212, I, parágrafo primeiro.

É correto afirmar que a contribuição previdenciária que o empregador doméstico deve pagar quanto ao empregado doméstico que lhe presta serviço é de 8,8%. (C)

O empregador doméstico tem um montante mensal de pagamento de 20% sobre os valores que deve pelo empregado doméstico que lhe presta serviço, porém apenas 8,8% são de contribuição previdenciária. São eles, 8% de sua contribuição patronal e 0,8% de contribuição para financiamento do seguro contra acidente do trabalho. Lei Complementar 150, artigo 34.

É correto afirmar que as alíquotas do SAT serão acrescidas de 6%, 9% e 12%, respectivamente, se a atividade exercida pelo segurado justificar a concessão de aposentadoria especial após 25, 20 ou 15 anos de contribuição. (C)

O adicional SAT, criado para financiamento da aposentadoria especial, terão alíquotas acrescidas de 6%, 9% e 12%, respectivamente, se a atividade exercida pelo segurado justificar a concessão de aposentadoria especial após 25, 20 ou 15 anos de contribuição. Lei 8213, artigo 57, parágrafos 6 e 7.

A contribuição da gratificação natalina dos empregados das empresas incidirá sobre o valor líquido da gratificação. (E)

Decreto 3048, artigo 214, parágrafo 7. A contribuição da gratificação natalina dos empregados das empresas incidirá sobre o valor BRUTO da gratificação.

É correto afirma que a contribuição do produtor rural pessoa física, em substituição à sua cota patronal, relativa à prestação de serviços de empregados e avulsos é de 1,3%. (C)

Lei 8212, artigo 25,I. Você agora se perguntou: por que não contabilizar a alíquota 0,2 do SENAR? Não é costume do CESPE cobrar esta alíquota e sim apenas a da receita bruta da comercialização da produção rural (1,2%) e 0,1% da receita vinda da comercialização para financiamento do SAT.

É correto afirmar que a contribuição da agroindústria em substituição à sua cota patronal, relativa à prestação de serviços de empregados e avulsos é de 2,5%. (E)

Lei 8212, artigo 22-A. Faltou a contribuição da agroindústria para financiamento do SAT de 0,1%. O total será de 2,6%. Mais uma vez, a alíquota agora de 0,25% para o SENAR não entraria na assertiva.

O contribuinte individual optante pelo sistema especial de inclusão previdenciária, contribuirá com 11% do total de rendimentos auferidos no mês, respeitando o teto previdenciário como sendo o seu salário de contribuição. (E)

O contribuinte individual optante pelo sistema especial de inclusão previdenciária, contribuirá com 11% sobre o salário mínimo. CF, artigo 201, parágrafo 12.

É correto afirmar que o sistema especial de inclusão previdenciária terá alíquotas e carências inferiores às vigentes para os demais segurados do regime geral de previdência social. (C)

CF, artigo 201, parágrafo 13. Você está se perguntando como? Não há carências inferiores para esta proteção. Verdade, mas este é o texto constitucional e cabe a você memorizá-lo. Apenas há alíquotas inferiores.

É correto afirmar que o contribuinte individual, que presta serviço a empresa, tem retido 20% de sua remuneração respeitado o teto previdenciário. (E)

O contribuinte individual, que presta serviço a empresa, tem retido 11% de sua remuneração respeitado o teto previdenciário. Lei 8212, artigo 21, I, parágrafo 2.

:: DEPENDENTES

É correto afirmar que são dependentes de primeira classe, do segurado falecido, os pais deste desde que comprovem dependência econômica. ( )

A dependência econômica do menor sob guarda, quando dependente do segurado falecido, deve ser comprovada. ( )

Aparecida, 14 anos, irmã não emancipada de Josevaldo, dependente economicamente deste desde o nascimento. Josevaldo, segurado do RGPS, sem filhos e sem companheira, morre após ter contraído uma grave pneumonia. É correto afirmar que Aparecida terá direito a receber pensão por morte de Josevaldo até completar 21 anos. ( )

Acerca dos dependentes do RGPS é correto afirmar que a existência de dependente de primeira classe exclui do direito às prestações aos dependentes de segunda classe. ( )

O enteado e o menor sob guarda, equiparam-se a filho mediante declaração do segurado e desde que comprovada a dependência econômica deste. ( )

Josefa, 17 anos, depende economicamente de seu irmão Nilton, segurado obrigatório do RGPS. Certo dia, instalando uma antena na laje de casa, Nilton morre eletrocutado. Não tendo Nilton outros dependentes, Josefa passa a receber pensão por morte. Aos 18 anos, Josefa contraiu matrimônio e se emancipou. É correto afirmar que o referido benefício gozado por Josefa será cessado após a sua emancipação. ( )

São beneficiários do Regime Geral de Previdência Social, na condição de dependentes do segurado o cônjuge, a companheira, o companheiro e o filho emancipado de qualquer condição, menor de vinte e um anos ou inválido. ( )

Acerca dos dependentes dos segurados do RGPS, os dependentes de classes distintas concorrem em igualdade de condições. ( )

Carla, 17 anos, acaba de saber que seu pai, Milton, segurado obrigatório do RGPS, acaba de falecer. É correto afirmar que Carla é dependente de Milton e receberá pensão por morte até que complete 24 anos ou conclua ensino superior. ( )

Dirceu, segurado obrigatório do RGPS, foi condenado a 10 anos de reclusão em regime fechado. É comprovado que ele é segurado de baixa renda, porém sua filha, Maria Antônia de 18 anos, não é considerada baixa renda. É correto afirmar que prescinde o direito de Maria Antônia receber auxílio-reclusão em virtude do cárcere de Dirceu. ( )

Acerca dos dependentes dos segurados do RGPS é correto afirmar que a dependência do enteado do segurado é presumida. ( )

No RGPS, considera-se companheira ou companheiro a pessoa que mantenha união estável com o segurado ou segurada por no mínimo 2 anos. ( )

A perda da qualidade de dependente findará pela cessação da invalidez. ( )

Flávio, segurado obrigatório do RGPS, morreu em virtude de um acidente de avião. Dona Lourdes, sua mãe, era a única familiar de Flávio. É correto afirmar que a dependência econômica de Dona Lourdes é presumida. ( )

Acerca dos dependentes dos segurados do RGPS é correto afirmar que a dependência do ex-cônjuge do segurado é presumida. ( )

:: GABARITO COMENTADO

É correto afirmar que são dependentes de primeira classe, do segurado falecido, os pais deste desde que comprovem dependência econômica. (E)

Os pais são dependentes de SEGUNDA classe. Lei 8213, artigo 16, II.

A dependência econômica do menor sob guarda, quando dependente do segurado falecido, deve ser comprovada. (E)

A dependência econômica a ser comprovada é a do MENOR SOB TUTELA e não a do menor sob guarda. Este nem sequer é dependente de segurado do RGPS. Lei 8213, artigo 16.

Aparecida, 14 anos, irmã não emancipada de Josevaldo, dependente economicamente deste desde o nascimento. Josevaldo, segurado do RGPS, sem filhos e sem companheira, morre após ter contraído uma grave pneumonia. É correto afirmar que Aparecida terá direito a receber pensão por morte de Josevaldo até completar 21 anos. (C)

Correto. Aparecida é dependente economicamente de Josevaldo, não existem dependentes de primeira e segunda classes e ela não se emancipou antes da concessão do benefício.

Acerca dos dependentes do RGPS é correto afirmar que a existência de dependente de primeira classe exclui do direito às prestações aos dependentes de segunda classe. (C)

Correto. Lei 8213, artigo 16, parágrafo 1.

O enteado e o menor sob guarda, equiparam-se a filho mediante declaração do segurado e desde que comprovada a dependência econômica deste. (E)

Lembre-se sempre que o dependente enteado pode ser menor sob TUTELA e não menor sob guarda. É neste ponto que o CESPE tentará confundi-lo. Lei 8213, artigo 16, parágrafo 2.

Josefa, 17 anos, depende economicamente de seu irmão Nilton, segurado obrigatório do RGPS. Certo dia, instalando uma antena na laje de casa, Nilton morre eletrocutado. Não tendo Nilton outros dependentes, Josefa passa a receber pensão por morte. Aos 18 anos, Josefa contraiu matrimônio e se emancipou. É correto afirmar que o referido benefício gozado por Josefa será cessado após a sua emancipação. (E)

Perceba que a emancipação de Josefa ocorreu após o início do recebimento da pensão por morte. Logo, a sua cota parte não será extinta. Lei 8213, artigo 16, III.

São beneficiários do Regime Geral de Previdência Social, na condição de dependentes do segurado o cônjuge, a companheira, o companheiro e o filho emancipado de qualquer condição, menor de vinte e um anos ou inválido. (E)

O filho deverá estar na condição de NÃO EMANCIPADO. Decreto 3048, artigo 16, I.

Acerca dos dependentes dos segurados do RGPS, os dependentes de classes distintas concorrem em igualdade de condições. (E)

Existe uma "hierarquia" entre as três classes de dependentes no RGPS. Os dependentes de uma mesma classe concorrem em igualdade de condições, mas, por exemplo, o direito do dependente de classe dois é extinto havendo dependente de classe um. Decreto 3048, artigo 16, parágrafo 1.

Carla, 17 anos, acaba de saber que seu pai, Milton, segurado obrigatório do RGPS, acaba de falecer. É correto afirmar que Carla é dependente de Milton e receberá pensão por morte até que complete 24 anos ou conclua ensino superior. (E)

Carla, nestas condições, receberá pensão por morte até completar 21 anos de idade. Decreto 3048, artigo 16, I.

Dirceu, segurado obrigatório do RGPS, foi condenado a 10 anos de reclusão em regime fechado. É comprovado que ele é segurado de baixa renda, porém sua filha, Maria Antônia de 18 anos, não é considerada baixa renda. É correto afirmar que prescinde o direito de Maria Antônia receber auxílio-reclusão em virtude do cárcere de Dirceu. (E)

Maria Antônia terá direito a receber auxílio-reclusão. Observe que a condição de baixa renda deve partir do SEGURADO.

Acerca dos dependentes dos segurados do RGPS é correto afirmar que a dependência do enteado do segurado é presumida. (E)

O enteado deve ter comprovada a sua dependência econômica com o segurado. Decreto 3048, artigo 16, parágrafo 3.

No RGPS, considera-se companheira ou companheiro a pessoa que mantenha união estável com o segurado ou segurada por no mínimo 2 anos. (E)

Considera-se companheira ou companheiro a pessoa que mantenha união estável com o segurado ou segurada. Apenas é preciso comprovar a união estável por 2 anos, quanto às condições exigidas de 18 contribuições e 2 anos de união estável, para o dependente cônjuge ou companheiro se enquadrar na tabela IDADExTEMPO ou recebimento por 4 meses na pensão por morte. Lei 8213, artigo 77,V,C e Decreto 3048, artigo 16, parágrafo 5.

A perda da qualidade de dependente findará pela cessação da invalidez. (C)

Decreto 3048, artigo 17, IV.

Flávio, segurado obrigatório do RGPS, morreu em virtude de um acidente de avião. Dona Lourdes, sua mãe, era a única familiar de Flávio. É correto afirmar que a dependência econômica de Dona Lourdes é presumida. (E)

A dependência econômica dos pais, dependentes de classe dois, deve ser comprovada. Decreto 3048, artigo 16, parágrafo 7.

Acerca dos dependentes dos segurados do RGPS é correto afirmar que a dependência do ex-cônjuge do segurado é presumida. (E)

Deve ser comprovada a prestação de alimentos.

:: CARÊNCIA

O salário-maternidade pago à segurada empregada, à segurada doméstica e à segurada avulsa, a pensão por morte para os dependentes do segurado prescindem de carência. ( )

Havendo perda da qualidade de segurado, as contribuições anteriores só serão computadas para efeito de carência depois que o segurado contar, a partir da nova filiação à previdência social, com, no mínimo, um terço do número de contribuições exigidas para o cumprimento da carência definida para o benefício a ser requerido. ( )

A carência necessária para a concessão do benefício da aposentadoria por invalidez segue os mesmos moldes da aposentadoria por idade. ( )

A concessão do benefício de auxílio-doença, em regra, exige período de carência de dez contribuições mensais. Todavia, a lei prevê casos em que a concessão do referido benefício independe de carência, entre os quais se inclui a situação na qual o segurado venha a ser vítima de moléstia profissional ou do trabalho. ( )

De acordo com a legislação previdenciária, o período de carência corresponde ao número mínimo de contribuições mensais indispensáveis para que o segurado faça jus ao benefício aposentadoria por idade é de 180 contribuições mensais. ( )

A carência é contada, nos casos dos segurados empregados, empregados domésticos e dos trabalhadores avulsos, a partir da data de filiação ao RGPS, enquanto que, no caso do segurado facultativo, conta-se a carência a partir da data do efetivo pagamento da primeira contribuição sem atraso. ( )

Se uma empregada doméstica estiver devidamente inscrita na previdência social, será considerado, para efeito do início da contagem do período de carência dessa segurada, o dia em que sua carteira de trabalho tenha sido assinada. ( )

Júlia, segurada especial, teve o seu primeiro filho no dia 21 de agosto de 2017. É correto afirmar que, ao ter comprovado o efetivo exercício de atividade nos 12 meses anteriores ao nascimento da criança, Júlia terá direito ao benefício salário maternidade. ( )

Jaime, segurado empregado do regime geral da previdência social, teve sua capacidade laborativa reduzida por sequelas decorrentes de grave acidente. Nessa situação, não haverá carência para que Jaime receba o benefício de auxílio acidente. ( )

A concessão de auxílio-doença independe de carência nos casos em que o segurado ficar incapacitado para seu trabalho por mais de trinta dias consecutivos devido a alguma doença profissional ou a um acidente de qualquer natureza. ( )

Para fazer jus à aposentadoria por idade prevista no RGPS, como professor, deve o requerente comprovar ter exercido, exclusivamente, a referida atividade por 30 anos , se homem, e 25 anos, se mulher. ( )

Vitória, contribuinte individual, há oito meses fez sua inscrição na previdência social passando a recolher regularmente as suas contribuições mensais. Dois meses depois da inscrição, descobriu que estava grávida de 1 mês, vindo seu filho a nascer, prematuramente, com sete meses. Nessa situação, não há nada que impeça Vitória de receber o salário-maternidade, pois a carência do benefício será reduzida na quantidade de meses em que o parto foi antecipado. ( )

Samuel, segurado facultativo do RGPS, havia recolhido dez contribuições mensais quando, devido a crise financeira do país, teve de deixar de recolher novas contribuições durante onze meses. Após se restabelecer financeiramente, Samuel voltou a contribuir, mas, após quatro meses de contribuição, ele foi acometido por uma doença que o incapacitou por vinte dias. Nessa situação, embora a doença de Samuel exija carência para o gozo do benefício de auxílio-doença, este perceberá o referido auxílio devido ao fato de ter readquirido a qualidade de segurado a partir do recolhimento de metade do número de contribuições exigidas para o gozo do auxílio-doença. ( )

Caso ocorra a perda da qualidade de segurado, as contribuições anteriores à perda não poderão ser computadas para efeito de carência. ( )

É correto afirmar que não há carência para o benefício auxílio-reclusão requerido pelo segurado de baixa renda. ( )

:: GABARITO COMENTADO

O salário-maternidade pago à segurada empregada, à segurada doméstica e à segurada avulsa, a pensão por morte para os dependentes do segurado prescindem de carência. (C)

Os referidos benefícios dispensam carência. Decreto 3048, artigo 30.

Havendo perda da qualidade de segurado, as contribuições anteriores só serão computadas para efeito de carência depois que o segurado contar, a partir da nova filiação à previdência social, com, no mínimo, um terço do número de contribuições exigidas para o cumprimento da carência definida para o benefício a ser requerido. (E)

Lei 8213/91 Art. 27-A. No caso de perda da qualidade de segurado, para efeito de carência para a concessão dos benefícios de que trata esta Lei, o segurado deverá contar, a partir da nova filiação à Previdência Social, com METADE dos períodos previstos nos incisos I e III do caput do art. 25 desta Lei.

A carência necessária para a concessão do benefício da aposentadoria por invalidez segue os mesmos moldes da aposentadoria por idade. (E)

A aposentadoria por invalidez tem carência de 12 meses e a aposentadoria por idade 180 contribuições mensais. Decreto 3048, artigo 29.

A concessão do benefício de auxílio-doença, em regra, exige período de carência de dez contribuições mensais. Todavia, a lei prevê casos em que a concessão do referido benefício independe de carência, entre os quais se inclui a situação na qual o segurado venha a ser vítima de moléstia profissional ou do trabalho. (E)

O auxílio doença exige 12 meses de carência e não 10 meses. Decreto 3048, artigo 29, I.

De acordo com a legislação previdenciária, o período de carência corresponde ao número mínimo de contribuições mensais indispensáveis para que o segurado faça jus ao benefício aposentadoria por idade é de 180 contribuições mensais. (C)

Decreto 3048, artigo 29, II.

A carência é contada, nos casos dos segurados empregados, empregados domésticos e dos trabalhadores avulsos, a partir da data de filiação ao RGPS, enquanto que, no caso do segurado facultativo, conta-se a carência a partir da data do efetivo pagamento da primeira contribuição sem atraso. (C)

Esta foi uma alteração trazida pela Lei Complementar 150/2015 onde inclui o empregado doméstico no rol dos segurados que possuem carência a partir da data de filiação ao RGPS. Lei 8213, artigo 27.

Se uma empregada doméstica estiver devidamente inscrita na previdência social, será considerado, para efeito do início da contagem do período de carência dessa segurada, o dia em que sua carteira de trabalho tenha sido assinada. (E)

Hoje, o empregado doméstico goza da automaticidade de suas contribuições. A sua filiação, o seu exercício de atividade laboral é o suficiente e não a comprovação por sua carteira de trabalho assinada. Lei 8213, artigo 27.

Júlia, segurada especial, teve o seu primeiro filho no dia 21 de agosto de 2017. É correto afirmar que, ao ter comprovado o efetivo exercício de atividade nos 12 meses anteriores ao nascimento da criança, Júlia terá direito ao benefício salário maternidade. (C)

Júlia precisava de apenas 10 meses de carência. Com 12, ela terá direito ao benefício pleiteado. Lei 8213, artigo 25, III.

Jaime, segurado empregado do regime geral da previdência social, teve sua capacidade laborativa reduzida por sequelas decorrentes de grave acidente. Nessa situação, não haverá carência para que Jaime receba o benefício de auxílio acidente. (C)

Lei 8213, artigo 26, I. O auxílio acidente dispensa carência.

A concessão de auxílio-doença independe de carência nos casos em que o segurado ficar incapacitado para seu trabalho por mais de trinta dias consecutivos devido a alguma doença profissional ou a um acidente de qualquer natureza. (E)

A Medida Provisória 664 orientou que era necessário que o segurado incapacitado precisasse de 30 dias para buscar o INSS e o pagamento destes 30 primeiros dias eram de responsabilidade da empresa. Porém na conversão da MP 664 em Lei 13.135/15, este prazo voltou ao que era antes, 15 dias.

Para fazer jus à aposentadoria por idade prevista no RGPS, como professor, deve o requerente comprovar ter exercido, exclusivamente, a referida atividade por 30 anos , se homem, e 25 anos, se mulher. (E)

A redução de 5 anos para o professor que exerce sua atividade no ensino infantil, fundamental e médio, refere-se à aposentadoria por tempo de contribuição e não aposentadoria por idade. CF, artigo 40, parágrafo 5.

Vitória, contribuinte individual, há oito meses fez sua inscrição na previdência social passando a recolher regularmente as suas contribuições mensais. Dois meses depois da inscrição, descobriu que estava grávida de 1 mês, vindo seu filho a nascer, prematuramente, com sete meses. Nessa situação, não há nada que impeça Vitória de receber o salário-maternidade, pois a carência do benefício será reduzida na quantidade de meses em que o parto foi antecipado. (C)

Lei 8213, artigo 25, parágrafo único. Em caso de parto antecipado, o período de carência a que se refere o inciso III será reduzido em número de contribuições equivalente ao número de meses em que o parto foi antecipado.

Samuel, segurado facultativo do RGPS, havia recolhido dez contribuições mensais quando, devido a crise financeira do país, teve de deixar de recolher novas contribuições durante onze meses. Após se restabelecer financeiramente, Samuel voltou a contribuir, mas, após quatro meses de contribuição, ele foi acometido por uma doença que o incapacitou por vinte dias. Nessa situação, embora a doença de Samuel exija carência para o gozo do benefício de auxílio-doença, este perceberá o referido auxílio devido ao fato de ter readquirido a qualidade de segurado a partir do recolhimento de metade do número de contribuições exigidas para o gozo do auxílio-doença. (E)

Samuel readquiriu a qualidade de segurado a partir do primeiro recolhimento e não como foi exposto na questão. Lei 8213, artigo 27, II.

Caso ocorra a perda da qualidade de segurado, as contribuições anteriores à perda não poderão ser computadas para efeito de carência. (E)

Nos casos das aposentadorias por idade, tempo de contribuição e especial, se o indivíduo tiver implementado os requisitos para estes benefícios, não será considerada a perda da qualidade de segurado. Decreto 3048, artigo 13, parágrafos 5 e 6.

É correto afirmar que não há carência para o benefício auxílio-reclusão requerido pelo segurado de baixa renda. (E)

O direito do auxílio reclusão é do dependente do segurado e não dele mesmo.

:: SALÁRIO DE CONTRIBUIÇÃO

É correto afirmar que o total das diárias pagas ao empregado da empresa integra o seu salário de contribuição. ( )

Não integram o salário de contribuição os benefícios da previdência social, exceto o salário família. ( )

É correto afirmar que não integram o salário de contribuição a participação nos lucros ou resultados da empresa, quando paga ou creditada de acordo com lei complementar. ( )

É correto afirmar que as parcelas destinadas à assistência ao trabalhador da agroindústria canavieira não integram o salário de contribuição. ( )

É ilegítima a incidência de contribuição previdenciária sobre o valor relativo a plano educacional, ou bolsa de estudo, que vise à educação básica de empregados e seus dependentes e, desde que vinculada às atividades desenvolvidas pela empresa, à educação profissional e tecnológica de empregados e não seja utilizado em substituição de parcela salarial como também, o valor mensal do plano educacional ou bolsa de estudo, considerado individualmente, não ultrapasse 5% (cinco por cento) da remuneração do segurado a que se destina ou o valor correspondente a uma vez e meia o valor do limite mínimo mensal do salário de contribuição, o que for maior. ( )

É correto afirmar que as gorjetas integram o salário de contribuição do segurado empregado filiado ao RGPS. ( )

Daniela advogava para diversas empresas, sem manter vínculo de emprego, auferindo valores fixos mensais de cada uma delas. Nessa situação, o salário de contribuição de Daniela corresponde à soma de todas as remunerações percebidas, limitada ao teto do Ministro do STF. ( )

Os aposentados do RGPS, assim como os do RPPS não estarão imunes à incidência de contribuição previdenciária sobre seus proventos de aposentadoria. ( )

A contribuição dos segurados especiais para a previdência social, optantes por contribuir como se contribuinte individual fosse, é feita com base na venda de sua produção rural. ( )

Raul é vendedor em uma grande empresa que comercializa tecidos. A título de incentivo, essa empresa oferece aos empregados do setor de produção um plano de previdência privada. Nessa situação, incide contribuição previdenciária sobre os valores pagos, pela empresa, a título de contribuição para a previdência privada, a Raul. ( )

Francisco trabalha em uma empresa onde pagam a ele, a cada mês, um valor referente à participação nos lucros, que é apurado mensalmente. Nessa situação, incide contribuição previdenciária sobre o valor recebido mensalmente por Francisco a título de participação nos lucros. ( )

Adriano trabalha na gerência comercial de uma grande rede de lojas e visita regularmente cada uma das lojas da rede. Para atendimento a necessidades do trabalho que faz durante as viagens, Adriano recebe diárias que excedem, todos os meses, 50% de sua remuneração normal. Nessa situação, não incide contribuição previdenciária sobre os valores recebidos por Adriano a título dessas diárias. ( )

O salário de contribuição do empregado doméstico é o valor correspondente a um salário mínimo, ainda que ele receba mensalmente de seu empregador valor superior. ( )

O salário-família, o salário maternidade e o auxilio acidente não integram a base da contribuição previdenciária de segurado do RGPS. ( )

É correto afirmar que a ajuda de custo recebida pelo trabalhador, em parcela única, exclusivamente, em decorrência de local de trabalho, não incide contribuição previdenciária.
( )

:: GABARITO COMENTADO

É correto afirmar que o total das diárias pagas ao empregado da empresa integra o seu salário de contribuição. (E)

Lei 8212, artigo 28, parágrafo 8 foi revogado pela Lei 13.467/2017, logo os valores recebidos em diárias não incidem salário de contribuição.

Não integram o salário de contribuição os benefícios da previdência social, exceto o salário família. (E)

Dos benefícios previdenciário apenas o salário MATERNIDADE integra o salário de contribuição do segurado. Lei 8212, artigo 28, parágrafo 2.

É correto afirmar que não integram o salário de contribuição a participação nos lucros ou resultados da empresa, quando paga ou creditada de acordo com lei complementar. (E)

De acordo com lei específica. Lei 8212, artigo 28, parágrafo 9, j.

É correto afirmar que as parcelas destinadas à assistência ao trabalhador da agroindústria canavieira não integram o salário de contribuição. (C)

Lei 8212, artigo 28, parágrafo 9, o.

É ilegítima a incidência de contribuição previdenciária sobre o valor relativo a plano educacional, ou bolsa de estudo, que vise à educação básica de empregados e seus dependentes e, desde que vinculada às atividades desenvolvidas pela empresa, à educação profissional e tecnológica de empregados e não seja utilizado em substituição de parcela salarial como também, o valor mensal do plano educacional ou bolsa de estudo, considerado individualmente, não ultrapasse 5% (cinco por cento) da remuneração do segurado a que se destina ou o valor correspondente a uma vez e meia o valor do limite mínimo mensal do salário de contribuição, o que for maior. (C)

Lei 8212, artigo 28, parágrafo 9, t.

É correto afirmar que as gorjetas integram o salário de contribuição do segurado empregado filiado ao RGPS. (C)

Lei 8212, artigo 2, I. As gorjetas integram o salário de contribuição do segurado empregado filiado ao RGPS.

Daniela advogava para diversas empresas, sem manter vínculo de emprego, auferindo valores fixos mensais de cada uma delas. Nessa situação, o salário de contribuição de Daniela corresponde à soma de todas as remunerações percebidas, limitada ao teto do Ministro do STF. (E)

O salário de contribuição de Daniela corresponde à soma de todas as remunerações percebidas, limitada ao teto PREVIDENCIÁRIO.

Os aposentados do RGPS, assim como os do RPPS não estarão imunes à incidência de contribuição previdenciária sobre seus proventos de aposentadoria. (E)
Não há incidência de contribuição previdenciária para os aposentados do RGPS, mas apenas se estes voltarem a exercer atividade remunerada. No caso do RPPS, há sim incidência de contribuição previdenciária para o RPPS.

A contribuição dos segurados especiais para a previdência social, optantes por contribuir como se contribuinte individual fosse, é feita com base na venda de sua produção rural. (E)

Eles contribuirão como contribuintes individuais fossem. A contribuição estará limitada entre os valores mínimos e máximos previdenciários. Lei 8212, artigo 25, parágrafo 1.

Raul é vendedor em uma grande empresa que comercializa tecidos. A título de incentivo, essa empresa oferece aos empregados do setor de produção um plano de previdência privada. Nessa situação, incide contribuição previdenciária sobre os valores pagos, pela empresa, a título de contribuição para a previdência privada, a Raul. (C)

Só não incidiria se este benefício fosse oferecido à TOTALIDADE dos empregados da empresa, mas, no caso, foi oferecido apenas para os empregados do setor de produção. Logo, incidirá contribuição. Decreto 3048, artigo 214, XV

Francisco trabalha em uma empresa onde pagam a ele, a cada mês, um valor referente à participação nos lucros, que é apurado mensalmente. Nessa situação, incide contribuição previdenciária sobre o valor recebido mensalmente por Francisco a título de participação nos lucros. (C)

Lei 8212, artigo 28, parágrafo 9, j. A Participação nos lucros ou resultados da empresa, quando paga ou creditada de acordo com lei específica. Diz a Lei: Não pode antecipar em mais de duas parcelas por ano e mais de um por trimestre.

Adriano trabalha na gerência comercial de uma grande rede de lojas e visita regularmente cada uma das lojas da rede. Para atendimento a necessidades do trabalho que faz durante as viagens, Adriano recebe diárias que excedem, todos os meses, 50% de sua remuneração normal. Nessa situação, não incide contribuição previdenciária sobre os valores recebidos por Adriano a título dessas diárias. (C)

Lei 8212, artigo 28, parágrafo 8 foi revogado pela Lei 13.467/2017, logo os valores recebidos em diárias não incidem salário de contribuição.

O salário de contribuição do empregado doméstico é o valor correspondente a um salário mínimo, ainda que ele receba mensalmente de seu empregador valor superior. (E)

O salário de contribuição do empregado doméstico, no que se refere a sua contribuição previdenciária é limitado ao teto, mas a sua remuneração não tem limite. Questão totalmente errada.

O salário-família, o salário maternidade e o auxilio acidente não integram a base da contribuição previdenciária de segurado do RGPS. (E)

O salário maternidade é o único benefício previdenciário que integra o salário de contribuição do segurado. Lei 8212, artigo 28, parágrafo 2.

É correto afirmar que a ajuda de custo recebida pelo trabalhador, em parcela única, exclusivamente, em decorrência de local de trabalho, não incide contribuição previdenciária. (C)

Lei 8212, parágrafo 9, g. A ajuda de custo, em parcela única, recebida exclusivamente em decorrência de mudança de local de trabalho do empregado não incide no salário de contribuição do trabalhador.

:: SALÁRIO DE BENEFÍCIO

A renda mensal inicial do salário-maternidade é calculada com base no salário de benefício. ( )

A renda mensal dos benefícios do RGPS, inclusive o salário-maternidade, será calculado com base no salário de benefício. ( )

Em regra, a renda mensal do benefício de prestação continuada que substituir os salários-de-contribuição ou o rendimento do trabalho do segurado não terá valor inferior ao do salário mínimo, nem superior ao do limite máximo do salário-de-contribuição. ( )

Tonha trabalha como empregada doméstica na casa da família Passos quatro horas diárias recebendo há um ano metade de um salário mínimo por mês. É correto afirma que, caso Tonha requeira auxílio doença no INSS, e seja aprovado o benefício, ela terá direito a receber 91% do seu salário de benefício, ou seja, 91% de meio salário mínimo. ( )

O salário de benefício consiste para as aposentadorias por invalidez e especial, auxílio doença e auxílio acidente na média aritmética simples dos maiores salários de contribuição correspondentes a oitenta por cento de todo o período contributivo. ( )

O INSS terá até cento e oitenta dias, contados da data do pedido, para fornecer ao segurado as informações constantes do CNIS sobre contribuições e remunerações utilizadas no cálculo do salário de benefício. ( )

Serão considerados para cálculo do salário de benefício os ganhos habituais do segurado empregado, a qualquer título, sob forma de moeda corrente ou de utilidades, sobre os quais tenha incidido contribuição previdenciária. ( )

O fator previdenciário será calculado considerando-se a idade, a expectativa de vida e o tempo de contribuição do segurado ao se aposentar. ( )

No cálculo do salário de benefício serão considerados os salário de contribuição vertidos para regime próprio de previdência social de segurado oriundo desse regime, após a sua filiação ao Regime Geral de Previdência Social. ( )

Em regra, O salário de benefício do segurado especial consiste no valor equivalente ao salário mínimo. ( )

Todos os salários de contribuição utilizados no cálculo do salário de benefício serão corrigidos, mês a mês, de acordo com a inflação, referente ao período decorrido a partir da primeira competência do salário de contribuição que compõe o período básico de cálculo até o mês anterior ao do início do benefício, de modo a preservar o seu valor real. ( )

Rosa sempre contribuiu para a Previdência Social com base em valor equivalente um salário mínimo. Em virtude de ter sido acometida de enfermidade incapacitante, Rosa passou a perceber benefício previdenciário denominado auxílio-doença. Nessa situação, o valor do auxílio-doença de Rosa será equivalente a 91% do valor de seu salário-de-contribuição. ( )

O salário de benefício do segurado que contribui em razão de atividades concomitantes será calculado com base na soma dos salários de contribuição das atividades exercidas até a data do requerimento ou do óbito ou no período básico de cálculo. ( )

É correto afirmar que, dentre os benefícios do RGPS, sempre será pago o valor mínimo de benefício, quando não houver salário de contribuição no período básico de cálculo. ( )

Se, no período básico de cálculo, o segurado tiver recebido benefício por incapacidade, será considerado como salário de contribuição, no período, o salário de benefício que serviu de base para o cálculo da renda mensal, reajustado nas mesmas épocas e nas mesmas bases dos benefícios em geral, não podendo ser inferior ao salário mínimo nem superior ao limite máximo do salário de contribuição. ( )

:: GABARITO COMENTADO

A renda mensal inicial do salário-maternidade é calculada com base no salário de benefício. (E)

O salário maternidade tem fórmulas próprias de cálculo de sua renda mensal.

A renda mensal dos benefícios do RGPS, inclusive o salário-maternidade, será calculado com base no salário de benefício. (E)

O salário maternidade tem fórmulas próprias de cálculo de sua renda mensal.

Em regra, a renda mensal do benefício de prestação continuada que substituir os salários-de-contribuição ou o rendimento do trabalho do segurado não terá valor inferior ao do salário mínimo, nem superior ao do limite máximo do salário-de-contribuição. (C)

CF, artigo 201, parágrafo2. Excetua à regra os caso de salário maternidade limitados até o subsídio do Ministro do STF r o adicional de 25% pago ao aposentado por invalidez que será abordado em tópico próprio.

Tonha trabalha como empregada doméstica na casa da família Passos quatro horas diárias recebendo há um ano metade de um salário mínimo por mês. É correto afirma que, caso Tonha requeira auxílio doença no INSS, e seja aprovado o benefício, ela terá direito a receber 91% do seu salário de benefício, ou seja, 91% de meio salário mínimo.

(E)

A Lei Complementar 150 permite que o empregador pague ao seu empregado doméstico valores abaixo do salário mínimo pelo número de horas trabalhadas, porém a Constituição Federal em seu artigo 201, parágrafo 2 nos orienta que nenhum benefício que substitua o salário de contribuição ou o rendimento do trabalho do segurado terá valor mensal inferior ao salário mínimo.

O salário de benefício consiste para as aposentadorias por invalidez e especial, auxílio doença e auxílio acidente na média aritmética simples dos maiores salários de contribuição correspondentes a oitenta por cento de todo o período contributivo. (C)

Decreto 3048, artigo 31, II

O INSS terá até cento e oitenta dias, contados da data do pedido, para fornecer ao segurado as informações constantes do CNIS sobre contribuições e remunerações utilizadas no cálculo do salário de benefício. (C)

Decreto 3048, artigo 31, parágrafo único.

Serão considerados para cálculo do salário de benefício os ganhos habituais do segurado empregado, a qualquer título, sob forma de moeda corrente ou de utilidades, sobre os quais tenha incidido contribuição previdenciária. (C)

Decreto 3048, artigo 32, parágrafo 4.

O fator previdenciário será calculado considerando-se a idade, a expectativa de vida e o tempo de contribuição do segurado ao se aposentar. (E)

É muito comum o concurseiro considerar a expectativa de VIDA como sinônimo de expectativa de SOBREVIDA. Para alguns, elas são sinônimo e significam a esperança de vida do brasileiro avaliada por tábua pelo IBGE, mas para a sua prova, não esqueça: SOBREVIDA. Decreto 3048, artigo 32, parágrafo 11.

No cálculo do salário de benefício serão considerados os salário de contribuição vertidos para regime próprio de previdência social de segurado oriundo desse regime, após a sua filiação ao Regime Geral de Previdência Social. (C)

Decreto 3048, artigo 32, parágrafo 15

Em regra, o salário de benefício do segurado especial consiste no valor equivalente ao salário mínimo. (C)

Em regra, o segurado especial recebe um salário mínimo em seus benefícios, mas para aquele segurado especial que verte suas contribuições facultativamente como se um contribuinte individual fosse, ele poderá ter benefícios no valor de até o teto previdenciário.

Todos os salários de contribuição utilizados no cálculo do salário de benefício serão corrigidos, mês a mês, de acordo com a inflação, referente ao período decorrido a partir da primeira competência do salário de contribuição que compõe o período básico de cálculo até o mês anterior ao do início do benefício, de modo a preservar o seu valor real. (E)

Os salários de contribuição utilizados no cálculo do salário de benefício serão corrigidos, mês a mês, de acordo com o INPC (Índice Nacional de Preço ao Consumidor). Decreto 3048, artigo 33.

Rosa sempre contribuiu para a Previdência Social com base em valor equivalente um salário mínimo. Em virtude de ter sido acometida de enfermidade incapacitante, Rosa passou a perceber benefício previdenciário denominado auxílio-doença. Nessa situação, o valor do auxílio-doença de Rosa será equivalente a 91% do valor do salário-de-contribuição. (E)

O valor do auxílio-doença de Rosa será equivalente a 91% do valor de seu salário de benefício. Os seus salários de contribuição comporão o cálculo do salário de benefício.

O salário de benefício do segurado que contribui em razão de atividades concomitantes será calculado com base na soma dos salários de contribuição das atividades exercidas até a data do requerimento ou do óbito ou no período básico de cálculo. (C)

Decreto 3048, artigo 34.

É correto afirmar que, dentre os benefícios do RGPS, sempre será pago o valor mínimo de benefício, quando não houver salário de contribuição no período básico de cálculo. (E)

Exceto para o salário família e o auxílio acidente será pago o valor mínimo de benefício, quando não houver salário de contribuição no período básico de cálculo. Decreto 3048, artigo 32, parágrafo 7.

Se, no período básico de cálculo, o segurado tiver recebido benefício por incapacidade, será considerado como salário de contribuição, no período, o salário de benefício que serviu de base para o cálculo da renda mensal, reajustado nas mesmas épocas e nas mesmas bases dos benefícios em geral, não podendo ser inferior ao salário mínimo nem superior ao limite máximo do salário de contribuição. (C)

Decreto 3048, artigo 32, parágrafo 6.

:: CONTAGEM RECÍPROCA

O segurado do RGPS que houver contribuído por dez anos para o INSS e houver perdido a qualidade de segurado não poderá ter esse tempo de contribuição averbado no serviço público federal. ( )

Para efeito de aposentadoria, é admissível a contagem recíproca dos tempos de contribuição prestada no serviço público federal, hipótese em que os esses regimes se compensarão financeiramente, segundo critérios estabelecidos em lei. ( )

Gerson trabalha como Técnico do Seguro Social durante a manhã e tarde e dá aulas de Zumba à noite em uma academia da cidade onde reside. É correto afirmar que, as atividades realizadas concomitantemente em empresa privada e no serviço público poderão ser reciprocamente consideradas, e os respectivos tempos de contribuição, averbados para efeito de aposentadoria. ( )

No que respeita à contagem recíproca, é correto afirmar que o tempo de serviço anterior ou posterior à obrigatoriedade de filiação à previdência social será contado mediante indenização da contribuição correspondente ao período respectivo, desde que com acréscimo de juros moratórios de 0,5% ao mês, capitalizados, mensalmente, e multa de 10%. ( )

Lázaro, servidor público federal da Caixa Econômica Federal passou em concurso público no Banco do Brasil e lá entrou em exercício. É correto afirmar que a Lázaro é assegurada a contagem recíproca do tempo de contribuição na atividade privada e do tempo de serviço na administração pública, hipótese em que os diferentes sistemas de previdência social se compensarão financeiramente. ( )

:: GABARITO COMENTADO

O segurado do RGPS que houver contribuído por dez anos para o INSS e houver perdido a qualidade de segurado não poderá ter esse tempo de contribuição averbado no serviço público federal. (E)

O segurado que houver contribuído por dez anos para o INSS e houver perdido a qualidade de segurado PODERÁ ter esse tempo de contribuição averbado no serviço público federal mesmo que anterior à perda da qualidade de segurado. Lei 8213, artigo 55.

Para efeito de aposentadoria, é admissível a contagem recíproca dos tempos de contribuição prestada no serviço público federal, hipótese em que os esses regimes se compensarão financeiramente, segundo critérios estabelecidos em lei. (C)

Lei 8213, artigo 94.

Gerson trabalha como Técnico do Seguro Social durante a manhã e tarde e dá aulas de Zumba à noite em uma academia da cidade onde reside. É correto afirmar que, as atividades realizadas concomitantemente em empresa privada e no serviço público poderão ser reciprocamente consideradas, e os respectivos tempos de contribuição, averbados para efeito de aposentadoria. (E)

Lei 8213, artigo 96, II. É vedada a contagem de tempo de serviço público com o de atividade privada, quando concomitantes.

No que respeita à contagem recíproca, é correto afirmar que o tempo de serviço anterior ou posterior à obrigatoriedade de filiação à previdência social será contado mediante indenização da contribuição correspondente ao período respectivo, desde que com acréscimo de juros moratórios de 0,5% ao mês, capitalizados, mensalmente, e multa de 10%. (E)

O texto está quase todo certinho, mas a capitalização é anual e não mensal. Lei 8213, artigo 96, IV.

Lázaro, servidor público federal da Caixa Econômica Federal passou em concurso público no Banco do Brasil e lá entrou em exercício. É correto afirmar que a Lázaro é assegurada a contagem recíproca do tempo de contribuição na atividade privada e do tempo de serviço na administração pública, hipótese em que os diferentes sistemas de previdência social se compensarão financeiramente. (E)

Uma questão muito mais de Direito Administrativo que Direito Previdenciário, mas como noções de Direito Administrativo também faz parte de sua prova... Caixa Econômica Federal é empresa pública e está regida pelo RGPS assim como o Banco do Brasil que é uma sociedade de economia mista. Logo, não há o que se falar em contagem recíproca, visto que os dois banco são previdenciariamente regidos pelo RGPS.

:: RENDA MENSAL

O segurado empregado doméstico que tenha cumprido todas as condições para a concessão do benefício pleiteado, mas não possa comprovar o valor dos seus salários de contribuição no período básico de cálculo, será concedido o benefício de valor mínimo, devendo esta renda ser recalculada quando da apresentação de prova dos salários de contribuição. ( )

É devido abono anual ao segurado em gozo de salário família devendo este ser calculado pela média dos proventos pagos durante o ano ao segurado. ( )

Os professores, após trinta anos de trabalho, têm direito à aposentadoria por tempo de contribuição, com renda mensal correspondente à totalidade de seu salário-benefício.
( )

É correto afirmar que a renda mensal do benefício aposentadoria por idade é igual a 70% do salário de benefício mais 1% deste a cada grupo de 12 contribuições não podendo ultrapassar 100%. ( )

É correto afirmar que a renda mensal da aposentadoria por invalidez corresponde a 91% do salário de benefício. ( )

No cálculo do valor da renda mensal do benefício, serão computados para o segurado facultativo os salários-de-contribuição referentes aos meses de contribuições efetivamente recolhidas. ( )

Apenas para o segurado empregado e o trabalhador avulso, o valor mensal do auxílio-acidente será considerado como salário de contribuição para fins de concessão de qualquer aposentadoria. ( )

Considere que Josué seja um segurado do RGPS de baixa renda que ainda não se aposentou e tenha sido condenado pela prática de crime que determinou o início do cumprimento da pena em regime fechado. É correto afirmar que a renda mensal inicial do auxílio-reclusão devida aos seus dependentes é calculada de acordo com o modelo de cálculo a ser utilizado em caso de aposentadoria por invalidez. ( )

O auxílio-doença deve ser equivalente a uma renda mensal igual a 90% do salário de benefício.
( )

A renda mensal de qualquer benefício não deve ser inferior a um salário mínimo. ( )

:: GABARITO COMENTADO

O segurado empregado doméstico que tenha cumprido todas as condições para a concessão do benefício pleiteado, mas não possa comprovar o valor dos seus salários de contribuição no período básico de cálculo, será concedido o benefício de valor mínimo, devendo esta renda ser recalculada quando da apresentação de prova dos salários de contribuição. (C)

A Lei Complementar 150 alterou o artigo 35 da lei de benefícios incluindo o empregado doméstico na automaticidade previdenciária. Lei 8213, artigo 35. Ao segurado empregado, inclusive o doméstico, e ao trabalhador avulso que tenham cumprido todas as condições para a concessão do benefício pleiteado, mas não possam comprovar o valor de seus salários de contribuição no período básico de cálculo, será concedido o benefício de valor mínimo, devendo esta renda ser recalculada quando da apresentação de prova dos salários de contribuição.

É devido abono anual ao segurado em gozo de salário família devendo este ser calculado pela média dos proventos pagos durante o ano ao segurado. (E)

Não é devido abono anual para o segurado em gozo do benefício salário família. Lei 8213, artigo 40.

Os professores, após trinta anos de trabalho, têm direito à aposentadoria por tempo de contribuição, com renda mensal correspondente à totalidade de seu salário-benefício. (E)

Nem todos os professores têm direito a referida redução e deve-se exercer a atividade, exclusivamente, nesta profissão. Leva-se em consideração, também, as atividade de coordenação e direção na área de ensino. Lei 8213, artigo 56, O professor, após 30 (trinta) anos, e a professora, após 25 (vinte e cinco) anos de efetivo exercício em funções de magistério poderão aposentar-se por tempo de serviço, com renda mensal correspondente a 100% (cem por cento) do salário-de-benefício, observado o disposto na Seção III deste Capítulo.

É correto afirmar que a renda mensal do benefício aposentadoria por idade é igual a 70% do salário de benefício mais 1% deste a cada grupo de 12 contribuições não podendo ultrapassar 100%. (C)

Lei 8213, artigo 50.

É correto afirmar que a renda mensal da aposentadoria por invalidez corresponde a 91% do salário de benefício. (E)

Confunde-se na questão o percentual da renda mensal do auxílio-doença e da aposentadoria por invalidez. Lei 8213, artigo 44. A aposentadoria por invalidez, inclusive a decorrente de acidente do trabalho, consistirá numa renda mensal correspondente a 100% (cem por cento) do salário-de-benefício.

No cálculo do valor da renda mensal do benefício, serão computados para o segurado facultativo os salários-de-contribuição referentes aos meses de contribuições efetivamente recolhidas. (C)

Lei 8213, artigo 34, III.

Apenas para o segurado empregado e o trabalhador avulso, o valor mensal do auxílio-acidente será considerado como salário de contribuição para fins de concessão de qualquer aposentadoria. (E)

Lei 8213, artigo 34, II. Para o segurado empregado, inclusive o doméstico, o trabalhador avulso e o segurado especial, o valor mensal do auxílio-acidente, considerado como salário de contribuição para fins de concessão de qualquer aposentadoria. Logo, a questão subtraiu o empregado doméstico (incluído pela Lei Complementar 150) e o segurado especial no cálculo do salário de contribuição para fins de concessão de qualquer aposentadoria,o valor mensal do auxílio acidente.

Considere que Josué seja um segurado do RGPS de baixa renda que ainda não se aposentou e tenha sido condenado pela prática de crime que determinou o início do cumprimento da pena em regime fechado. É correto afirmar que a renda mensal inicial do auxílio-reclusão devida aos seus dependentes é calculada de acordo com o modelo de cálculo a ser utilizado em caso de aposentadoria por invalidez. (C)

Decreto 3048, artigo 39, parágrafo 3. O valor mensal da pensão por morte ou do auxílio reclusão será de cem por cento do valor da aposentadoria que o segurado recebia ou daquela a que teria direito se estivesse aposentado por invalidez na data de seu falecimento, observado o disposto no § 8º do art. 32.

O auxílio-doença deve ser equivalente a uma renda mensal igual a 90% do salário de benefício. (E)

Essa é mamão com açúcar, não é? A renda mensal do auxílio doença é de 91% do salário de benefício.

A renda mensal de qualquer benefício não deve ser inferior a um salário mínimo. (E)

Apenas a renda mensal dos benefícios que substituem a renda mensal não deve ser inferior a um salário mínimo. Por exemplo, o salário família e o auxílio acidente não substituem, logo, podem ser inferiores ao salário mínimo.

:: APOSENTADORIA POR IDADE

Assim como na aposentadoria por tempo de contribuição, o fator previdenciário na aposentadoria por idade só será aplicado quando for mais vantajoso ao segurado. ( )

Caso Jurema requeira, em agência da previdência social, aposentadoria por idade, mas apresente documentação incompleta, o servidor do INSS deverá instruí-la acerca da documentação correta a apresentar e emitir exigência de documentação em processo. ( )

Para fazer jus à aposentadoria por idade prevista no RGPS, como trabalhador rural, deve o requerente comprovar, além da carência exigida em lei, ter completado sessenta anos de idade, se homem, e cinquenta anos de idade, se mulher. ( )

Um indivíduo que tenha perdido a qualidade de segurado fará jus à concessão de aposentadoria por idade ao completar sessenta e cinco anos, se homem, ou sessenta anos, se mulher, caso tenha recolhido o número mínimo de contribuições mensais exigido na data do requerimento desse benefício quando ele ainda mantinha a qualidade de segurado. ( )

Considere que Vilma, com 55 anos de idade, perdeu o emprego há quatro anos e não conseguiu retornar ao mercado de trabalho, perdendo, por isso, a qualidade de segurado do RGPS, apesar de ter contribuído por mais de 16 anos. Nessa situação hipotética, Vilma poderá requerer o benefício de aposentadoria por idade pelo fato de ter contribuído por tempo superior à carência. ( )

A aposentadoria por idade será devida ao segurado empregado, inclusive o doméstico, a partir da data do desligamento do emprego, quando requerida até essa data ou até 30 dias depois dela. ( )

A aposentadoria por idade é devida ao segurado empregado, contribuinte individual e facultativo, a partir da data do desligamento do emprego, quando requerida até essa data ou até 90 dias depois dela. ( )

A aposentadoria por idade pode ser requerida pela empresa, desde que o segurado empregado tenha cumprido o período de carência e completado 75 anos de idade para ambos os sexos, sendo compulsória, caso em que será garantida ao empregado a indenização prevista na legislação trabalhista, considerada como data da rescisão do contrato de trabalho a imediatamente anterior à do início da aposentadoria. ( )

Para fins de aposentadoria por idade, é necessário que o trabalhador rural comprove apenas a atividade rurícola contínua, no período imediatamente anterior ao requerimento administrativo ou judicial, por período equivalente a 15 anos de carência. ( )

Segurado especial, na condição de trabalhador rural, faz jus à percepção de aposentadoria por idade, uma vez cumprido o período de carência. ( )

Para a concessão da aposentadoria por idade rural, o tamanho da propriedade rural não é capaz, por si só, de descaracterizar o segurado especial e, consequente, redução de 5 anos na idade, se preenchidos os demais requisitos. ( )

Para a concessão de aposentadoria rural por idade, não se exige que o início de prova material corresponda a todo o período equivalente à carência do benefício, sendo que, para a comprovação de tempo de serviço rural, é indispensável documento em nome do próprio interessado. ( )

Os aposentados do RGPS deverão contribuir para o financiamento desse mesmo regime com proventos de seus respectivos benefícios. ( )

O salário-de-benefício da aposentadoria por idade é apurado pela média aritmética simples dos maiores salários-de-contribuição correspondentes a 80% de todo o período contributivo, multiplicada pelo fator previdenciário. ( )

O segurado que, aposentado sob o RGPS, permanecer em atividade sujeita a esse regime, ou a ele retornar, terá direito, dentre outros benefícios, ao salário maternidade. ( )

:: GABARITO COMENTADO

Assim como na aposentadoria por tempo de contribuição, o fator previdenciário na aposentadoria por idade só será aplicado quando for mais vantajoso ao segurado. (E)

Na aposentadoria por tempo de contribuição, o fator previdenciário é OBRIGATÓRIO, quando o segurado não obtiver os pontos necessários da nova regra do 85/95 advindo da Lei 13.183/15.

Caso Jurema requeira, em agência da previdência social, aposentadoria por idade, mas apresente documentação incompleta, o servidor do INSS deverá instruí-la acerca da documentação correta a apresentar e emitir exigência de documentação em processo. (C)

O servidor do INSS irá identificá-la e tomar a providência cabíveis para dar continuidade no processo concessório. Lei 8213, artigo 105.

Para fazer jus à aposentadoria por idade prevista no RGPS, como trabalhador rural, deve o requerente comprovar, além da carência exigida em lei, ter completado sessenta anos de idade, se homem, e cinquenta anos de idade, se mulher. (E)

Primeiro que o requerente deve, em regra, comprovar o efetivo exercício de sua atividade rural por no mínimo 15 anos e segundo que é exigido a mulher trabalhadora rural, no mínimo, 55 anos de idade e não 50.

Um indivíduo que tenha perdido a qualidade de segurado fará jus à concessão de aposentadoria por idade ao completar sessenta e cinco anos, se homem, ou sessenta anos, se mulher, caso tenha recolhido o número mínimo de contribuições mensais exigido na data do requerimento desse benefício quando ele ainda mantinha a qualidade de segurado. (C)

Decreto 3048, artigo 13, parágrafo 6.

Considere que Vilma, com 55 anos de idade, perdeu o emprego há quatro anos e não conseguiu retornar ao mercado de trabalho, perdendo, por isso, a qualidade de segurado do RGPS, apesar de ter contribuído por mais de 16 anos. Nessa situação hipotética, Vilma poderá requerer o benefício de aposentadoria por idade pelo fato de ter contribuído por tempo superior à carência. (E)

Lembre-se que Vilma, mulher, na aposentadoria por idade, precisa de, ao menos, 60 anos de idade e, no mínimo, 180 contribuições mensais. Logo, ela não tem a idade necessária para a concessão da aposentadoria, apesar de ter o tempo de contribuição suficiente. Decreto 3048, artigo 51.

A aposentadoria por idade será devida ao segurado empregado, inclusive o doméstico, a partir da data do desligamento do emprego, quando requerida até essa data ou até 30 dias depois dela. (E)

Lei 8213, artigo 49, da data do desligamento do emprego, quando requerida até essa data ou até 90 (noventa) dias depois dela.

A aposentadoria por idade é devida ao segurado empregado, contribuinte individual e facultativo, a partir da data do desligamento do emprego, quando requerida até essa data ou até 90 dias depois dela. (E)

Para o contribuinte individual e facultativo é a partir da data do requerimento. Lei 8213, artigo 49, II.

A aposentadoria por idade pode ser requerida pela empresa, desde que o segurado empregado tenha cumprido o período de carência e completado 75 anos de idade para ambos os sexos, sendo compulsória, caso em que será garantida ao empregado a indenização prevista na legislação trabalhista, considerada como data da rescisão do contrato de trabalho a imediatamente anterior à do início da aposentadoria. (E)

A aposentadoria por idade pode ser requerida pela empresa, desde que o segurado empregado tenha cumprido o período de carência e completado 70 (setenta) anos de idade, se do sexo masculino, ou 65 (sessenta e cinco) anos, se do sexo feminino. Lei 8213, artigo 51.

Para fins de aposentadoria por idade, é necessário que o trabalhador rural comprove apenas a atividade rurícola contínua, no período imediatamente anterior ao requerimento administrativo ou judicial, por período equivalente a 15 anos de carência. (E)

Além da comprovação da atividade poder ser descontínua, exige-se também a idade mínima que para homem é de 60 anos e 55 para mulher.

Segurado especial, na condição de trabalhador rural, faz jus à percepção de aposentadoria por idade, uma vez cumprido o período de carência. (E)

Os requisitos são completos (idade + exercício de atividade rural mínimo de 15 anos contínuo ou não).

Para a concessão da aposentadoria por idade rural, o tamanho da propriedade rural não é capaz, por si só, de descaracterizar o segurado especial e, consequente, redução de 5 anos na idade, se preenchidos os demais requisitos. (E)

O tamanho da propriedade é condição para enquadrar o segurado como segurado especial ou segurado contribuinte individual. Caso a propriedade tenha mais de 4 módulos fiscais, o segurado será classificado na categoria de CONTRIBUINTE INDIVIDUAL e abaixo de 4 módulos fiscais, SEGURADO ESPECIAL.

Para a concessão de aposentadoria rural por idade, não se exige que o início de prova material corresponda a todo o período equivalente à carência do benefício, sendo que, para a comprovação de tempo de serviço rural, é dispensável documento em nome do próprio interessado. (C)

Assertiva correta. No caso de um membro do grupo familiar solteiro, as terras do pai ou mãe servem de prova para ele e assim como a documentação daqueles.

Os aposentados do RGPS deverão contribuir para o financiamento desse mesmo regime com proventos de seus respectivos benefícios. (E)

Os aposentados do RGPS, apenas contribuem caso retornem à atividade. Lei 8213, artigo 18, parágrafo 2.

O salário-de-benefício da aposentadoria por idade é apurado pela média aritmética simples dos maiores salários-de-contribuição correspondentes a 80% de todo o período contributivo, multiplicada pelo fator previdenciário. (C)

Entenda que este é o texto do artigo 29, I da Lei 8213. A concessão do benefício é que terá a aplicação do fator previdenciário caso ele seja mais benéfico para a renda mensal do segurado.

O segurado que, aposentado sob o RGPS, permanecer em atividade sujeita a esse regime, ou a ele retornar, terá direito, dentre outros benefícios, ao salário maternidade. (C)

Decreto 3048, artigo 103.

:: APOSENTADORIA POR INVALIDEZ

A aposentadoria por invalidez, uma vez cumprida, quando for o caso, a carência exigida, será devida ao segurado que, apenas em gozo de auxílio-doença, for considerado incapaz e insusceptível de reabilitação para o exercício de atividade que lhe garanta a subsistência, e ser-lhe-á paga enquanto permanecer nesta condição. ( )

Sem ressalvas, a doença ou lesão de que o segurado já era portador ao filiar-se ao Regime Geral de Previdência Social não lhe conferirá direito à aposentadoria por invalidez. ( )

A aposentadoria por invalidez será devida ao segurado empregado doméstico, a contar do décimo sexto dia do afastamento da atividade ou a partir da entrada do requerimento, se entre o afastamento e a entrada do requerimento decorrerem mais de trinta dias. ( )

A aposentadoria por invalidez, inclusive a decorrente de acidente do trabalho, consistirá numa renda mensal correspondente a 100% (cem por cento) do salário-de-benefício. ( )

O valor da aposentadoria por invalidez do segurado que necessitar da assistência permanente de outra pessoa será acrescido de 25% e será incorporado na pensão dos seus dependentes em caso de morte o segurado. ( )

A aposentadoria por invalidez é encerrada apenas com a morte do segurado. ( )

Rivelino era empregado em uma empresa, quando por motivos de doença foi aposentado por invalidez. Quatro anos após a concessão do referido benefício, Rivelino, recuperado, teve direito a retornar à função que desempenhava na empresa que trabalhava quando se aposentou. É correto afirmar que a aposentadoria por invalidez de Rivelino será cessada de imediato. ( )

Elriley, contribuinte individual, aposentou-se por invalidez há 3 anos. É correto afirmar que, recuperado, a aposentadoria por invalidez de Elriley será cessada após 3 meses. ( )

Acerca da aposentadoria por invalidez, quando a recuperação for parcial ou ocorrer após 5 anos da concessão da aposentadoria ou ainda quando o segurado for declarado apto para o exercício de trabalho diverso do qual habitualmente exercia, a aposentadoria será mantida, sem prejuízo da volta à atividade, no seu valor integral, durante 12 meses contados da data em que for verificada a recuperação da capacidade. ( )

Antônio, aposentado por invalidez, retornou à sua atividade laboral voluntariamente. Nessa situação, o seu benefício de aposentadoria por invalidez será cancelado a partir da data desse retorno. ( )

O aposentado por invalidez que retornar voluntariamente à atividade terá sua aposentadoria automaticamente cessada, a partir da data do requerimento. ( )

É correto afirmar que independe de carência a concessão de aposentadoria por invalidez ao segurado que, após filiar-se ao RGPS, for acometido de espondiloartrose anquilosante. ( )

A aposentadoria por invalidez, uma vez cumprida, quando for o caso, a carência exigida, será devida, sem ressalvas, ao segurado que, estando ou não em gozo de auxílio-doença, for considerado incapaz e insuscetível de reabilitação para o exercício de atividade que lhe garanta a subsistência, ainda que a incapacidade decorra de doença ou lesão anterior à sua filiação ao RGPS. ( )

Dejair sofreu grave acidente que o deixou incapaz para o trabalho, não havendo qualquer condição de reabilitação, conforme exame médico pericial realizado pela previdência social. Nessa situação, Dejair não poderá receber imediatamente o benefício de aposentadoria por invalidez, pois esta somente lhe será concedida após o período de doze meses relativo ao auxílio-doença que Dejair já esteja recebendo. ( )

É correto afirmar que a concessão de aposentadoria por invalidez dependerá da verificação da condição de incapacidade mediante exame médico-pericial a cargo da Previdência Social, podendo o segurado, às custas do INSS, fazer-se acompanhar de médico de sua confiança. ( )

:: GABARITO COMENTADO

A aposentadoria por invalidez, uma vez cumprida, quando for o caso, a carência exigida, será devida ao segurado que, apenas em gozo de auxílio-doença, for considerado incapaz e insusceptível de reabilitação para o exercício de atividade que lhe garanta a subsistência, e ser-lhe-á paga enquanto permanecer nesta condição. (E)

Lei 8213, artigo 42. A aposentadoria por invalidez, uma vez cumprida, quando for o caso, a carência exigida, será devida ao segurado que, estando ou não em gozo de auxílio-doença.

Sem ressalvas, a doença ou lesão de que o segurado já era portador ao filiar-se ao Regime Geral de Previdência Social não lhe conferirá direito à aposentadoria por invalidez. (E)

Lei 8213, artigo 42, parágrafo 2. quando a incapacidade sobrevier por motivo de progressão ou agravamento dessa doença ou lesão poderá conferir aposentadoria por invalidez ao segurado.

A aposentadoria por invalidez será devida ao segurado empregado doméstico, a contar do décimo sexto dia do afastamento da atividade ou a partir da entrada do requerimento, se entre o afastamento e a entrada do requerimento decorrerem mais de trinta dias. (E)

Apesar de inúmeros direitos terem sido igualados entre segurados empregados e empregados doméstico, permanece mantido o texto do artigo 43, I, a da Lei 8213 (início da incapacidade).

A aposentadoria por invalidez, inclusive a decorrente de acidente do trabalho, consistirá numa renda mensal correspondente a 100% (cem por cento) do salário-de-benefício. (C)

Lei 8213, artigo 44.

O valor da aposentadoria por invalidez do segurado que necessitar da assistência permanente de outra pessoa será acrescido de 25% e será incorporado na pensão dos seus dependentes em caso de morte o segurado. (E)

Não haverá incorporação em pensão por morte ao dependente o valor dos 25% adicionais outrora recebido por segurado em sua aposentadoria por invalidez. Lei 8213, artigo 45.

A aposentadoria por invalidez é encerrada apenas com a morte do segurado. (E)

Existem outras possibilidades de cessação da aposentadoria por invalidez. Por exemplo, com o fim da invalidez com a aptidão do segurado para o trabalho.

Rivelino era empregado em uma empresa, quando por motivos de doença foi aposentado por invalidez. Quatro anos após a concessão do referido benefício, Rivelino, recuperado, teve direito a retornar à função que desempenhava na empresa que trabalhava quando se aposentou. É correto afirmar que a aposentadoria por invalidez de Rivelino será cessada de imediato. (C)

Lei 8213, artigo 47, I,a.

Elriley, contribuinte individual, aposentou-se por invalidez há 3 anos. É correto afirmar que, recuperado, a aposentadoria por invalidez de Elriley será cessada após 3 meses. (C)

Classificado na categoria CONTRIBUINTE INDIVIDUAL, a aposentadoria de Elriley será cessada após tantos meses quantos forem os anos de duração da sua aposentadoria por invalidez. Lei 8213, artigo 47, I,b.

Acerca da aposentadoria por invalidez, quando a recuperação for parcial ou ocorrer após 5 anos da concessão da aposentadoria ou ainda quando o segurado for declarado apto para o exercício de trabalho diverso do qual habitualmente exercia, a aposentadoria será mantida, sem prejuízo da volta à atividade, no seu valor integral, durante 12 meses contados da data em que for verificada a recuperação da capacidade. (E)

Lei 8213, artigo 47, II, a. , A aposentadoria será mantida, sem prejuízo da volta à atividade, no seu valor integral, durante 6 meses contados da data em que for verificada a recuperação da capacidade.

Antônio, aposentado por invalidez, retornou à sua atividade laboral voluntariamente. Nessa situação, o seu benefício de aposentadoria por invalidez será cancelado a partir da data desse retorno. (C)

Lei 8213, artigo 46.

O aposentado por invalidez que retornar voluntariamente à atividade terá sua aposentadoria automaticamente cessada, a partir da data do requerimento. (E)

Decreto 3048, artigo 48. A partir da data do retorno.

É correto afirmar que independe de carência a concessão de aposentadoria por invalidez ao segurado que, após filiar-se ao RGPS, for acometido de espondiloartrose anquilosante. (C)

Lei 8213, artigo 151.

A aposentadoria por invalidez, uma vez cumprida, quando for o caso, a carência exigida, será devida, sem ressalvas, ao segurado que, estando ou não em gozo de auxílio-doença, for considerado incapaz e insuscetível de reabilitação para o exercício de atividade que lhe garanta a subsistência, ainda que a incapacidade decorra de doença ou lesão anterior à sua filiação ao RGPS. (E)

Lei 8213, artigo 42, parágrafo 2. Existe ressalva. A doença ou lesão de que o segurado já era portador ao filiar-se ao Regime Geral de Previdência Social não lhe conferirá direito à aposentadoria por invalidez, salvo quando a incapacidade sobrevier por motivo de progressão ou agravamento dessa doença ou lesão.

Dejair sofreu grave acidente que o deixou incapaz para o trabalho, não havendo qualquer condição de reabilitação, conforme exame médico pericial realizado pela previdência social. Nessa situação, Dejair não poderá receber imediatamente o benefício de aposentadoria por invalidez, pois esta somente lhe será concedida após o período de doze meses relativo ao auxílio-doença que Dejair já esteja recebendo. (E)

Não é preciso estar em gozo de auxílio doença para gozar da aposentadoria por invalidez! Lei 8213, artigo 42.

É correto afirmar que a concessão de aposentadoria por invalidez dependerá da verificação da condição de incapacidade mediante exame médico-pericial a cargo da Previdência Social, podendo o segurado, às custas do INSS, fazer-se acompanhar de médico de sua confiança.

(E)

Lei 8213, artigo 42, parágrafo primeiro. O segurado poderá se fazer acompanhar de médico de sua confiança, mas o próprio segurado arcará com as despesas pela contratação do seu médico de confiança.

:: APOSENTADORIA POR TEMPO DE CONTRIBUIÇÃO

Helena, 45 anos, é professora exerceu por 20 anos a sua profissão em unidade escolar e por mais 5 anos a função na coordenação pedagógica. É correto afirmar que Helena poderá se aposentar, por tempo de contribuição e o fator previdenciário apenas será aplicado se for vantajoso para sua aposentadoria. ( )

É correto afirmar que a renda mensal da aposentado ria por tempo de contribuição do segurado será o equivalente a 100% do seu salário de contribuição. ( )

Considera- se tempo de contribuição o tempo, contado de mês a mês, desde o início até a data do requerimento ou do desligamento de atividade abrangida pela previdência social, descontados os períodos legalmente estabelecidos como de suspensão de contrato de trabalho, de interrupção de exercício e de desligamento da atividade. ( )

É correto afirmar que são contados como tempo de contribuição o período em que o segurado esteve recebendo auxílio doença ou aposentadoria por invalidez, entre períodos de atividade. ( )

No RGPS, não será computado como tempo de contribuição o já considerado para concessão de qualquer aposentadoria ou por outro regime de previdência social. ( )

É vedada a conversão de tempo de serviço de magistério, exercido em qualquer época, em tempo de serviço comum. ( )

Cirilo, 50 anos, em 2016, segurado especial, contribuiu facultativamente, como contribuinte individual, durante 36 anos, ininterruptamente, para o RGPS. É correto afirmar que Cirilo deverá pleitear aposentadoria por tempo de contribuição mesmo sendo um segurado especial. ( )

A prova exclusivamente testemunhal é insuficiente para a comprovação de atividade rurícola, com vistas à obtenção da aposentadoria por tempo de contribuição. ( )

O contribuinte individual que trabalha por conta própria, sem relação de emprego, poderá fazer jus à aposentadoria por tempo de contribuição caso contribua com 20% do seu salário de contribuição. ( )

O fator previdenciário é utilizado para o cálculo da renda mensal inicial das aposentadorias por tempo de contribuição e especial. ( )

Para o segurado filiado à previdência social até 28 de novembro de 1999, inclusive o oriundo de regime próprio de previdência social, que vier a cumprir as condições exigidas para a concessão dos benefícios do Regime Geral de Previdência Social, no cálculo do salário de benefício será considerada a média aritmética simples dos maiores salários de contribuição,

correspondentes a, no mínimo, oitenta por cento de todo o período contributivo decorrido desde a competência junho de 1994. ( )

Durvalino, 55 anos de idade, segurado obrigatório da Previdência Social como contribuinte individual, em 31 de dezembro de 2016 completou 35 anos de contribuição previdenciária e fez aniversário. É correto afirmar que, em 1 de janeiro de 2020, Durvalino poderá ter o fator previdenciário como multiplicador facultativo em sua aposentadoria por tempo de contribuição, tendo Durvalino, nos períodos elencados, contribuído regularmente para o RGPS. ( )

Cabe ao contribuinte individual comprovar a interrupção ou o encerramento da atividade pela qual vinha contribuindo, sobpena de ser considerado em débito no período sem contribuição. ( )

Em regra, a aposentadoria por tempo de contribuição será devida ao segurado após trinta e cinco anos de contribuição, se homem, ou trinta anos, se mulher. ( )

Considera-se função de magistério a exercida por professor, quando exercida em estabelecimento de educação básica em seus diversos níveis e modalidades, incluídas, além do exercício da docência, as funções de direção de unidade escolar e as de coordenação e assessoramento pedagógico. ( )

:: GABARITO COMENTADO

Helena, 45 anos, é professora exerceu por 20 anos a sua profissão em unidade escolar e por mais 5 anos a função na coordenação pedagógica. É correto afirmar que Helena poderá se aposentar, por tempo de contribuição e o fator previdenciário apenas será aplicado se for vantajoso para sua aposentadoria. (E)

A primeira parte da assertiva está correta. Helena trabalhou 25 anos exclusivamente como professora e incluindo o tempo em função pedagógica, mas Helena não tem os 85 pontos necessários para ter o fator previdenciário como facultativo no cálculo de sua aposentadoria.

Lei 8213, artigo 29-C e Decreto 3048, artigo 56, parágrafo 1.

É correto afirmar que a renda mensal da aposentadoria por tempo de contribuição do segurado será o equivalente a 100% do seu salário de contribuição. (E)

A renda mensal deste benefício será o equivalente a 100% do salário de benefício. Decreto 3048, artigo 57.

Considera-se tempo de contribuição o tempo, contado de mês a mês, desde o início até a data do requerimento ou do desligamento de atividade abrangida pela previdência social, descontados os períodos legalmente estabelecidos como de suspensão de contrato de trabalho, de interrupção de exercício e de desligamento da atividade. (E)

A grande falha desta assertiva é que a aposentadoria por tempo de contribuição é contada data a data, ou seja, dia a dia. Já a aposentadoria por idade é contada competência por competência. Decreto 3048, artigo 59.

É correto afirmar que são contados como tempo de contribuição o período em que o segurado esteve recebendo auxílio doença ou aposentadoria por invalidez, entre períodos de atividade. (C)
Decreto 3048, artigo 60, III.

No RGPS, não será computado como tempo de contribuição o já considerado para concessão de qualquer aposentadoria ou por outro regime de previdência social. (C)
Decreto 3048, artigo 60, parágrafo 1.

É vedada a conversão de tempo de serviço de magistério, exercido em qualquer época, em tempo de serviço comum. (C)

Decreto 3048, artigo 61, parágrafo 2.

Cirilo, 50 anos, em 2016, segurado especial, contribuiu facultativamente, como contribuinte individual, durante 36 anos, ininterruptamente, para o RGPS. É correto afirmar que Cirilo deverá pleitear aposentadoria por tempo de contribuição mesmo sendo um segurado especial. (E)

Cirilo PODERÁ pleitear uma aposentadoria por tempo de contribuição até porque já possui a carência mínima da aposentadoria, mas ele não será obrigado, pois, contribuindo, sujeita-se às regras daqueles que efetuar contribuições mensais e não como um segurado especial que comprova a sua atividade rural. Ademais, Cirilo não terá os 95 anos, em 2016, necessários para ter facultativo o fator previdenciário.
Decreto 3048, artigo 200, parágrafo 2. Lei 8213, artigo 29-C

A prova exclusivamente testemunhal é insuficiente para a comprovação de atividade rurícola, com vistas à obtenção da aposentadoria por tempo de contribuição. (C)
Decreto 3048, artigo 63

O contribuinte individual que trabalha por conta própria, sem relação de emprego, poderá fazer jus à aposentadoria por tempo de contribuição caso contribua com 20% do seu salário de contribuição. (C)
Lei 8212, artigo 21, parágrafo 2

O fator previdenciário é utilizado para o cálculo da renda mensal inicial das aposentadorias por tempo de contribuição e especial. (E)

O fator previdenciário é utilizado para o cálculo da renda mensal inicial das aposentadorias por tempo de contribuição e por idade.

Para o segurado filiado à previdência social até 28 de novembro de 1999, inclusive o oriundo de regime próprio de previdência social, que vier a cumprir as condições exigidas para a concessão dos benefícios do Regime Geral de Previdência Social, no cálculo do salário de benefício será considerada a média aritmética simples dos maiores salários de contribuição, correspondentes a, no mínimo, oitenta por cento de todo o período contributivo decorrido desde a competência junho de 1994. (E)

Decreto 3048, artigo 188-A. A pegadinha está no mês da competência. Será o mês de início do Plano Real, JULHO de 1994.

Durvalino, 55 anos de idade, segurado obrigatório da Previdência Social como contribuinte individual, em 31 de dezembro de 2016 completou 35 anos de contribuição previdenciária e fez aniversário. É correto afirmar que, em 1 de janeiro de 2020, Durvalino poderá ter o fator previdenciário como multiplicador facultativo em sua aposentadoria por tempo de contribuição, tendo Durvalino, nos períodos elencados, contribuído regularmente para o RGPS. (C)

Perceba que Durvanilo precisará, em 1 de janeiro de 2020 de 96 pontos, já que apenas haverá acréscimo na pontuação em 31 de dezembro do mesmo ano. Logo, ele terá 58 anos de idade e 38 anos de contribuição. Suficientes para inteirar os 96 pontos. Lei 8213, 29-C.

Cabe ao contribuinte individual comprovar a interrupção ou o encerramento da atividade pela qual vinha contribuindo, sob pena de ser considerado em débito no período sem contribuição. (C)

Decreto 3048, artigo 59, parágrafo 1.

Em regra, a aposentadoria por tempo de contribuição será devida ao segurado após trinta e cinco anos de contribuição, se homem, ou trinta anos, se mulher. (C)

Decreto 3048, artigo 56

Considera-se função de magistério a exercida por professor, quando exercida em estabelecimento de educação básica em seus diversos níveis e modalidades, incluídas, além do exercício da docência, as funções de direção de unidade escolar e as de coordenação e assessoramento pedagógico. (C)

Decreto 3048, artigo 56, parágrafo 2

:: APOSENTADORIA ESPECIAL

A aposentadoria especial, uma vez cumprida a carência exigida, será devida ao segurado empregado, trabalhador avulso e contribuinte individual, este somente quando cooperado filiado a cooperativa de trabalho ou de produção, que tenha trabalhado durante quinze, vinte ou vinte e cinco anos, conforme o caso, sujeito a condições especiais que prejudiquem a saúde ou a integridade física. ( )

Considera-se tempo de trabalho intermitente aquele que é exercido de forma não ocasional, permanente, no qual a exposição do empregado, do trabalhador avulso ou do cooperado ao agente nocivo seja indissociável da produção do bem ou da prestação do serviço. ( )

Para o segurado que houver exercido duas ou mais atividades sujeitas a condições especiais prejudiciais à saúde ou à integridade física, sem completar em qualquer delas o prazo mínimo exigido para a aposentadoria especial, os respectivos períodos de exercício serão somados após conversão, devendo ser considerada a atividade preponderante para efeito de enquadramento.( )

É correto afirmar que a avaliação qualitativa de riscos e agentes nocivos será comprovada mediante descrição das circunstâncias de exposição ocupacional a determinado agente nocivo ou associação de agentes nocivos presentes no ambiente de trabalho durante toda a jornada. ( )

A aposentadoria especial será devida apenas ao segurado que tiver trabalhado por, pelo menos, vinte anos sujeito a condições especiais que lhe prejudiquem a saúde ou a integridade física. ( )

Ednelson goza de aposentadoria especial por ter estado trabalhando exposto a agentes nocivos durante um período que, de acordo com a lei pertinente, lhe garantiu o referido direito. Nessa situação, as despesas relativas ao pagamento da aposentadoria de Ednelson devem ser custeadas com recursos arrecadados pela cobrança do adicional GIRALT. ( )

No que se refere à aposentadoria especial, julgue o item a seguir:
A comprovação da efetiva exposição do segurado aos agentes nocivos será feita mediante formulário, na forma estabelecida pelo Instituto Nacional do Seguro Social - INSS, emitido pela empresa ou seu preposto, com base em laudo técnico de condições ambientais do trabalho expedido por médico do trabalho ou engenheiro de segurança do trabalho nos termos da legislação trabalhista. ( )

Natália trabalha, há dez anos, exposta, de forma não-ocasional nem intermitente, a agentes químicos nocivos. Nessa situação, Natália terá direito a requerer, no futuro, aposentadoria especial, sendo-lhe possível, a fim de completar a carência, converter tempo comum trabalhado anteriormente, isto é, tempo em que não esteve exposto aos agentes nocivos, em tempo de contribuição para a aposentadoria do tipo especial. ( )

Otávio trabalhou por 7 anos em uma mineradora exercendo atividade que possibilita aposentadoria especial em 15 anos. Otávio, posteriormente, foi transferido para uma outra mineradora onde trabalhou por 14 anos em contato com agente que confere aposentadoria especial em 25 anos. É correto afirma que Otávio já poderá requerer a sua aposentadoria especial. ( )

Itamar trabalhou durante 10 anos em atividade exposto a agente nocivo que permite aposentadoria especial em 25 anos. Saiu deste emprego e passou a trabalhar como professor universitário. É correto afirmar que Itamar precisa trabalhar por mais 20 anos para ter direito a sua aposentadoria por tempo de contribuição. ( )

A data de início da aposentadoria especial será fixada da mesma forma que a da aposentadoria por idade. ( )

É correto afirmar que o segurado que requerer aposentadoria especial, deverá comprovar, além do tempo de trabalho, exposição aos agentes nocivos químicos, físicos, biológicos ou associação de agentes prejudiciais à saúde ou à integridade física, pelo período equivalente ao exigido para a concessão do benefício. ( )

A relação dos agentes nocivos químicos, físicos e biológicos ou associação de agentes prejudiciais à saúde ou à integridade física considerados para fins de concessão da aposentadoria especial de será definida pelo Poder Legislativo. ( )

Acerca da aposentadoria especial, a empresa que não mantiver laudo técnico atualizado com referência aos agentes nocivos existentes no ambiente de trabalho de seus trabalhadores ou que emitir documento de comprovação de efetiva exposição em desacordo com o respectivo laudo estará sujeita a multa variável expressa em lei. ( )

É correto afirma que, sobre a aposentadoria especial, a empresa deverá elaborar e manter atualizado perfil profissiográfico abrangendo as atividades desenvolvidas pelo trabalhador e fornecer a este, quando da rescisão do contrato de trabalho. ( )

:: GABARITO COMENTADO

A aposentadoria especial, uma vez cumprida a carência exigida, será devida ao segurado empregado, trabalhador avulso e contribuinte individual, este somente quando cooperado filiado a cooperativa de trabalho ou de produção, que tenha trabalhado durante quinze, vinte ou vinte e cinco anos, conforme o caso, sujeito a condições especiais que prejudiquem a saúde ou a integridade física. (C)

Decreto 3048, artigo 64.

Considera-se tempo de trabalho intermitente aquele que é exercido de forma não ocasional, permanente, no qual a exposição do empregado, do trabalhador avulso ou do cooperado ao agente nocivo seja indissociável da produção do bem ou da prestação do serviço. (E)

Houve uma troca de palavras para confundir o candidato apressado. Considera-se tempo de trabalho permanente aquele que é exercido de forma não ocasional nem intermitente, no qual a exposição do empregado, do trabalhador avulso ou do cooperado ao agente nocivo seja indissociável da produção do bem ou da prestação do serviço. Decreto 3048, artigo 65.

Para o segurado que houver exercido duas ou mais atividades sujeitas a condições especiais prejudiciais à saúde ou à integridade física, sem completar em qualquer delas o prazo mínimo exigido para a aposentadoria especial, os respectivos períodos de exercício serão somados após conversão, devendo ser considerada a atividade preponderante para efeito de enquadramento.(C)

Decreto 3048, artigo 66

É correto afirmar que a avaliação qualitativa de riscos e agentes nocivos será comprovada mediante descrição das circunstâncias de exposição ocupacional a determinado agente nocivo ou associação de agentes nocivos presentes no ambiente de trabalho durante toda a jornada. (C)

Decreto 3048, artigo 68, parágrafo 2.

A aposentadoria especial será devida apenas ao segurado que tiver trabalhado por, pelo menos, vinte anos sujeito a condições especiais que lhe prejudiquem a saúde ou a integridade física. (E)

Conforme nos orienta o artigo 57 da Lei 8213, a aposentadoria especial será devida, uma vez cumprida a carência exigida nesta Lei, ao segurado que tiver trabalhado sujeito a condições especiais que prejudiquem a saúde ou a integridade física, durante 15 (quinze), 20 (vinte) ou 25 (vinte e cinco) anos, conforme dispuser a lei. Não será devida ao segurado que tiver trabalhado por, pelo menos, vinte anos.

Ednelson goza de aposentadoria especial por ter estado trabalhando exposto a agentes nocivos durante um período que, de acordo com a lei pertinente, lhe garantiu o referido direito. Nessa situação, as despesas relativas ao pagamento da aposentadoria de Ednelson devem ser custeadas com recursos arrecadados pela cobrança do adicional GIRALT. (C)

Decreto 3048, artigo 202, parágrafo 1. As alíquotas GIRALT são acrescidas de 6%, 9% ou 12% se a atividade que o segurado exerce na empresa proporcionar aposentadoria especial após 25, 20 ou 15 anos de contribuição. Se a empresa tiver 200 empregados e 20 nesta condição, este complemento incidirá apenas sobre os 20 funcionários expostos aos agentes nocivos que prejudiquem a saúde e a integridade física.

No que se refere à aposentadoria especial, julgue o item a seguir:
A comprovação da efetiva exposição do segurado aos agentes nocivos será feita mediante formulário, na forma estabelecida pelo Instituto Nacional do Seguro Social - INSS, emitido pela empresa ou seu preposto, com base em laudo técnico de condições ambientais do trabalho expedido por médico do trabalho ou engenheiro de segurança do trabalho nos termos da legislação trabalhista. (C)

Lei 8213, artigo 58, parágrafo 1

Natália trabalha, há dez anos, exposta, de forma não-ocasional nem intermitente, a agentes químicos nocivos. Nessa situação, Natália terá direito a requerer, no futuro, aposentadoria especial, sendo-lhe possível, a fim de completar a carência, converter tempo comum trabalhado anteriormente, isto é, tempo em que não esteve exposto aos agentes nocivos, em tempo de contribuição para a aposentadoria do tipo especial. (E)

Não é possível a conversão de tempo comum em tempo especial.
Lei 8213, artigos 66 e 70.

Otávio trabalhou por 7 anos em uma mineradora exercendo atividade que possibilita aposentadoria especial em 15 anos. Otávio, posteriormente, foi transferido para uma outra mineradora onde trabalhou por 14 anos em contato com agente que confere aposentadoria especial em 25 anos. É correto afirma que Otávio já poderá requerer a sua aposentadoria especial. (C)

Memorizando a tabela, nós temos que de 15 anos para 25 anos multiplicamos por 1,67, ou seja, 7x1,67=11,69 Logo, 11,69+14=25,69. Otávio terá direito a sua aposentadoria especial.

Decreto 3048, artigo 66, parágrafo 2.

Itamar trabalhou durante 10 anos em atividade exposto a agente nocivo que permite aposentadoria especial em 25 anos. Saiu deste emprego e passou a trabalhar como professor universitário. É correto afirmar que Itamar precisa trabalhar por mais 20 anos para ter direito a sua aposentadoria por tempo de contribuição. (E)

Seguindo a tabela do artigo 70 do Decreto 3048, Itamar, quem trabalhou por 10 anos exposto a agente nocivo terá convertido 10x1,40=14 anos. Logo, para chegar aos 35 anos de contribuição, Itamar deverá trabalhar por mais 21 anos para ter direito à aposentadoria por tempo de contribuição.

A data de início da aposentadoria especial será fixada da mesma forma que a da aposentadoria por idade. (C)

Lei 8213, artigo 57, parágrafo 2.
A aposentadoria especial será devida ao segurado empregado, inclusive o doméstico, a partir da data do desligamento do emprego, quando requerida até essa data ou até 90 (noventa) dias ou depois dela da data do requerimento, quando não houver desligamento do emprego ou quando for requerida após o prazo previsto citado anteriormente. Para os demais segurados, da data da entrada do requerimento.

É correto afirmar que o segurado que requerer aposentadoria especial, deverá comprovar, além do tempo de trabalho, exposição aos agentes nocivos químicos, físicos, biológicos ou associação de agentes prejudiciais à saúde ou à integridade física, pelo período equivalente ao exigido para a concessão do benefício. (C)

Lei 8213, artigo 57, parágrafo 4

A relação dos agentes nocivos químicos, físicos e biológicos ou associação de agentes prejudiciais à saúde ou à integridade física considerados para fins de concessão da aposentadoria especial será definida pelo Poder Legislativo. (E)

Lei 8213, artigo 58. A relação será definida pelo Poder Executivo.

Acerca da aposentadoria especial, a empresa que não mantiver laudo técnico atualizado com referência aos agentes nocivos existentes no ambiente de trabalho de seus trabalhadores ou que emitir documento de comprovação de efetiva exposição em desacordo com o respectivo laudo estará sujeita a multa variável expressa em lei. (C)

Lei 8213, artigo 58, parágrafo 3.

É correto afirma que, sobre a aposentadoria especial, a empresa deverá elaborar e manter atualizado perfil profissiográfico abrangendo as atividades desenvolvidas pelo trabalhador e fornecer a este, quando da rescisão do contrato de trabalho. (C)

Lei 8213, artigo 58, parágrafo 4.

:: APOSENTADORIA DO PORTADOR DE DEFICIÊNCIA

É correto afirmar que, para o reconhecimento do direito à aposentadoria da pessoa com deficiência, considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas. ( )

É assegurada a concessão de aposentadoria pelo RGPS ao segurado com deficiência aos 60 (sessenta) anos de idade, se homem, e 55 (cinquenta e cinco) anos de idade, se mulher, independentemente do grau de deficiência, desde que cumprido tempo mínimo de contribuição de 15 (quinze) anos, porém mesmo que não comprovada a existência de deficiência durante todo o período. ( )

Gildivan, deficiente desde o nascimento, tendo constatada sua deficiência leve, contribui para o RGPS há 29 anos nesta condição. É correto afirmar que Gildivan já terá direito a gozar aposentadoria da pessoa com deficiência por tempo de contribuição. ( )

Carlota, deficiente desde o nascimento, tendo constatada sua deficiência moderada, contribui para o RGPS há 24 anos nesta condição. É correto afirmar que Carlota já terá direito a gozar aposentadoria da pessoa com deficiência por tempo de contribuição. ( )

Deilza, contribuinte individual, trabalhou durante 15 anos e contribuiu, ininterruptamente, para o RGPS. Certo dia, Deilza sofre um grave acidente o qual a deixa com uma deficiência moderada. É correto afirmar que Deilza, para se aposentar por tempo de contribuição como pessoa com deficiência, deverá verter contribuições ao RGPS por mais 9 anos. ( )

:: GABARITO COMENTADO

É correto afirmar que, para o reconhecimento do direito à aposentadoria da pessoa com deficiência, considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas. (C)

Perceba que este é o texto que você precisa memorizar do artigo 2 da Lei Complementar 142.

É assegurada a concessão de aposentadoria pelo RGPS ao segurado com deficiência aos 60 (sessenta) anos de idade, se homem, e 55 (cinquenta e cinco) anos de idade, se mulher, independentemente do grau de deficiência, desde que cumprido tempo mínimo de contribuição de 15 (quinze) anos, porém mesmo que não comprovada a existência de deficiência durante todo o período. (E)

Deverá haver a comprovação da deficiência por igual período. Lei Complementar 142, artigo 3, IV.

Gildivan, deficiente desde o nascimento, tendo constatada sua deficiência leve, contribui para o RGPS há 29 anos nesta condição. É correto afirmar que Gildivan já terá direito a gozar aposentadoria da pessoa com deficiência por tempo de contribuição. (E)

No caso da deficiência LEVE é preciso comprová-la, se homem, por 33 anos e não 29 anos. Lei Complementar 142, artigo3, II.

Carlota, deficiente desde o nascimento, tendo constatada sua deficiência moderada, contribui para o RGPS há 24 anos nesta condição. É correto afirmar que Carlota já terá direito a gozar aposentadoria da pessoa com deficiência por tempo de contribuição. (C)

Lei Complementar 142, artigo3, II.

Deilza, contribuinte individual, trabalhou durante 15 anos e contribuiu, ininterruptamente, para o RGPS. Certo dia, Deilza sofre um grave acidente o qual a deixa com uma deficiência moderada. É correto afirmar que Deilza, para se aposentar por tempo de contribuição como pessoa com deficiência, deverá verter contribuições ao RGPS por mais 9 anos. (E)

Uma mulher, para ter direito à aposentadoria por tempo de contribuição, deve contribuir para o RGPS por 30 anos. Perceba que Deilza já havia contribuído com metade do tempo (15 anos). Como a Lei Complementar 142 confere o direito a aposentadoria à pessoa com deficiência moderada, mulher, aos 24 anos de contribuição, Deilza deverá verter contribuições por mais 12 anos para ter direito a sua aposentadoria. Lei Complementar 142, artigo 7.

:: AUXÍLIO DOENÇA

Acerca da concessão do benefício auxílio-doença acidentário, dispensa-se o período de carência. ( )

Gustavo, motorista particular em residência de família, ficou incapacitado para as suas atividades laborais por 10 dias. É correto afirmar que Gustavo poderá receber auxílio doença a partir da data do início de sua incapacidade. ( )

O auxílio-doença será devido ao segurado empregado a contar do trigésimo primeiro dia do afastamento da atividade. ( )

O auxílio-doença é encerrado apenas com a morte do segurado, de forma que o segurado poderá recebê-lo conjuntamente com qualquer outro benefício, inclusive com salário maternidade. ( )

Zé Renato, segurado empregado do RGPS, em um dia de trabalho, no horário de almoço, no percurso entre o trabalho e sua casa, sofre um grave acidente. É correto afirmar que Zé Renato, além do auxílio doença, deverá ser mantido como licenciado pela empresa onde trabalha. ( )

Um segurado do RGPS, que esteja recebendo auxílio-doença, é obrigado a submeter-se a exame pelo médico perito da previdência social e a realizar o processo de reabilitação profissional para desenvolver novas competências. ( )

Maria Claudia, segurada empregada do RGPS, em seu primeiro emprego, no primeiro mês, é diagnosticada com neoplasia maligna. A doença determinou o seu afastamento do trabalho por seis meses. É correto afirmar que Maria Claudia não terá direito ao auxílio-doença pelo fato de não ter cumprido a carência de doze contribuições. ( )

O segurado contribuinte individual do RGPS que sofrer acidente que o impeça de trabalhar por mais de 15 dias tem direito ao benefício de auxílio-doença com início a partir do dia da incapacidade, desde que o auxílio tenha sido requerido até trinta dias após a ocorrência do infortúnio. ( )

O segurado do RGPS que durante o gozo do auxílio-doença vier a exercer atividade que lhe garanta subsistência, o benefício deverá ser cancelado a partir do retorno à atividade. ( )

O segurado empregado doméstico, em gozo de auxílio-doença, será considerado pelo empregador doméstico como licenciado. ( )

João, segurado empregado do RGPS, sofreu acidente do trabalho e terá garantida, por no máximo doze meses, a manutenção do seu contrato de trabalho na empresa onde trabalha.
( )

Suponha que Diogo, segurado empregado do RGPS, requereu auxílio doença e foi concedido. Quando foi feito o cálculo da Renda Mensal do benefício, observou-se o salário de benefício no valor de três mil reais. Mas quando calculados os seus 12 últimos salários de contribuição, observou-se o valor da renda mensal de quatro mil reais. É correto afirmar que a renda mensal do auxílio doença ao qual Diogo terá direito será de 3 mil reais. ( )

A concessão do benefício de auxílio-doença, em regra, exige período de carência de doze contribuições mensais. Todavia, a lei prevê casos em que a concessão do referido benefício independe de carência, entre os quais se inclui a situação na qual o segurado venha a ser vítima de acidente do trabalho. ( )

A concessão do benefício de auxílio-doença, em regra, exige período de carência de doze contribuições mensais. Todavia, a lei prevê casos em que a concessão do referido benefício independe de carência, entre os quais se inclui a situação na qual o segurado venha a ser vítima de moléstia profissional ou do trabalho. ( )

Quando o acidentado não se afastar do trabalho no dia do acidente, os quinze dias de responsabilidade da empresa pela sua remuneração integral são contados a partir da data do afastamento. ( )

:: GABARITO COMENTADO

Acerca da concessão do benefício auxílio-doença acidentário, dispensa-se o período de carência. (C)

Lei 8213, artigo 26, II. O caso em questão, configurou-se acidente de qualquer natureza, logo, a carência será dispensada.

Gustavo, motorista particular em residência de família, ficou incapacitado para as suas atividades laborais por 10 dias. É correto afirmar que Gustavo poderá receber auxílio doença a partir da data do início de sua incapacidade. (E)

Lei 8213, artigo 59. Este artigo nos orienta que independente da categoria do segurado , a incapacidade deve ocorrer por mais de 15 dias. O auxílio-doença será devido ao segurado que, havendo cumprido, quando for o caso, o período de carência exigido nesta Lei, ficar incapacitado para o seu trabalho ou para a sua atividade habitual por mais de 15 (quinze) dias consecutivos.

O auxílio-doença será devido ao segurado empregado a contar do trigésimo primeiro dia do afastamento da atividade. (E)

Fiquem ligados nas atualizações previdenciárias. A Medida Provisória 664 foi convertida em Lei 13.135, mas não migrou a alteração de 16 para 31 dias do afastamento da atividade para o segurado empregado. Logo, permaneceu o entendimento original da Lei 8213, artigo 60.

O auxílio-doença é encerrado apenas com a morte do segurado, de forma que o segurado poderá recebê-lo conjuntamente com qualquer outro benefício, inclusive com salário maternidade. (E)

Auxílio doença além de não ser cumulativo com o salário maternidade, não é encerrado apenas com a morte do segurado. Decreto 3048, artigo 167, IV. Artigo 75, parágrafo 2, artigo 78.

Zé Renato, segurado empregado do RGPS, em um dia de trabalho, no horário de almoço, no percurso entre o trabalho e sua casa, sofre um grave acidente. É correto afirmar que Zé Renato, além do auxílio doença, deverá ser mantido como licenciado pela empresa onde trabalha. (C)

Decreto 3048, artigo 80.

Um segurado do RGPS, que esteja recebendo auxílio-doença, é obrigado a submeter-se a exame pelo médico perito da previdência social e a realizar o processo de reabilitação profissional para desenvolver novas competências. (C)

Lei 8213, artigo 101.

Maria Claudia, segurada empregada do RGPS, em seu primeiro emprego, no primeiro mês, é diagnosticada com neoplasia maligna. A doença determinou o seu afastamento do trabalho por seis meses. É correto afirmar que Maria Claudia não terá direito ao auxílio-doença pelo fato de não ter cumprido a carência de doze contribuições. (E)

Neoplasia maligna (câncer) está entre as doenças de lista que prescinde carência no auxílio doença. Lei 8213, artigo 151.

O segurado contribuinte individual do RGPS que sofrer acidente que o impeça de trabalhar por mais de 15 dias tem direito ao benefício de auxílio-doença com início a partir do dia da incapacidade, desde que o auxílio tenha sido requerido até trinta dias após a ocorrência do infortúnio. (C)

Lei 8213, artigo 60.

O segurado do RGPS que durante o gozo do auxílio-doença vier a exercer atividade que lhe garanta subsistência, o benefício deverá ser cancelado a partir do retorno à atividade. (E)

O texto de lei diz que o benefício PODERÁ ser cancelado. Lei 8213, artigo 60, parágrafo 6.

O segurado empregado doméstico, em gozo de auxílio-doença, será considerado pelo empregador doméstico como licenciado. (C)

Lei 8213, artigo 63.

João, segurado empregado do RGPS, sofreu acidente do trabalho e terá garantida, por no máximo doze meses, a manutenção do seu contrato de trabalho na empresa onde trabalha. (E)

João terá garantida a manutenção do seu contrato de trabalho por NO MÍNIMO 12 meses e não até 12 meses. Lei 8213, artigo 118.

Suponha que Diogo, segurado empregado do RGPS, requereu auxílio doença e foi concedido. Quando foi feito o cálculo da Renda Mensal do benefício, observou-se o salário de benefício no valor de três mil reais. Mas quando calculados os seus 12 últimos salários de contribuição, observou-se o valor da renda mensal de quatro mil reais. É correto afirmar que a renda mensal do auxílio doença ao qual Diogo terá direito será de 3 mil reais. (E)

A renda mensal do auxílio doença de Diogo será de 91% do salário de benefício (R$3000,00). Perceba que o fator limitador do cálculo dos seus 12 últimos salários de contribuição não foi observado, visto que ele seria superior à renda mensal original.
Lei 8213, artigo 29, parágrafo 10.

A concessão do benefício de auxílio-doença, em regra, exige período de carência de doze contribuições mensais. Todavia, a lei prevê casos em que a concessão do referido

benefício independe de carência, entre os quais se inclui a situação na qual o segurado venha a ser vítima de acidente do trabalho. (C)

Lei 8213, artigo 26, II.

A concessão do benefício de auxílio-doença, em regra, exige período de carência de doze contribuições mensais. Todavia, a lei prevê casos em que a concessão do referido benefício independe de carência, entre os quais se inclui a situação na qual o segurado venha a ser vítima de moléstia profissional ou do trabalho. (C)

Decreto 3048, artigo 72, parágrafo 3.

Quando o acidentado não se afastar do trabalho no dia do acidente, os quinze dias de responsabilidade da empresa pela sua remuneração integral são contados a partir da data do afastamento. (C)

Decreto 3048, artigo 72, parágrafo 1.

:: AUXÍLIO ACIDENTE

O auxílio-acidente será devido a partir do dia seguinte ao da cessação do auxílio-doença, independentemente de qualquer remuneração ou rendimento auferido pelo acidentado, vedada, em regra, sua acumulação com qualquer aposentadoria. ( )

Para concessão do benefício, por incapacidade, auxílio-acidente fundamentado na redução da capacidade laboral sendo necessário que a sequela decorra da atividade exercida acarrete redução da capacidade para o trabalho habitualmente exercido. ( )

É correto afirmar que o segurado do RGPS em gozo de auxílio acidente, manterá a sua qualidade de segurado até que este seja cessado. ( )

O segurado do RGPS empregado e o empregado doméstico não fazem jus ao benefício de auxílio-acidente. ( )

É vedado o recebimento conjunto do seguro-desemprego com qualquer benefício de prestação continuada da previdência social, exceto pensão por morte, auxílio-acidente e auxílio reclusão. ( )

A perda da audição, em qualquer grau, somente proporcionará a concessão do auxílio-acidente, quando, além do reconhecimento de causalidade entre o trabalho e a doença, resultar, comprovadamente, na redução ou perda da capacidade para o trabalho que habitualmente exercia. ( )

Dentre os segurado do RGPS é correto afirmar que apenas são beneficiados do auxílio-acidente os segurados o empregado, trabalhador avulso e o especial. ( )

O auxílio acidente é um benefício concedido pelo INSS destinado aos segurado de baixa renda. ( )

Não será concedido o benefício do RGPS auxílio acidente quando o requerente não apresentar danos funcionais ou redução da capacidade funcional sem repercussão na capacidade laborativa. ( )

O auxílio acidente mensal corresponderá a 91% do salário de benefício que deu origem ao auxílio doença do segurado, corrigido até o mês anterior ao do início do auxílio acidente e será devido até a véspera de início de qualquer aposentadoria ou até a data do óbito do segurado. ( )

Raquel recebe auxílio-acidente decorrente da consolidação de lesões que a deixaram com sequelas definitivas. Nessa situação, Raquel poderá cumular o benefício que atualmente recebe com o auxílio-doença decorrente de outro evento. ( )

Maria, empregada doméstica, após ter sofrido grave acidente quando caiu do primeiro andar da casa de sua patroa, recebeu auxílio-doença por seis meses. Depois desse período, foi comprovadamente constatada a redução de sua capacidade laborativa. Nessa situação,

Maria terá direito ao auxílio-acidente correspondente a 50% do salário de benefício do auxílio-doença que recebia. ( )

Acerca do benefício do RGPS auxílio acidente é correto afirmar que o empregador doméstico deverá comunicar o acidente do trabalho à Previdência Social até o primeiro dia útil seguinte ao da ocorrência e, em caso de morte, de imediato, à autoridade competente, sob pena de multa variável entre o limite mínimo e o limite máximo do salário de contribuição, sucessivamente aumentada nas reincidências, aplicada e cobrada pela Previdência Social. ( )

O auxílio-acidente, antes das mudanças promovidas pela Constituição de 1988, tinha natureza de seguro privado. Atualmente, consiste em um benefício por incapacidade concedido ao segurado, quando, após a consolidação das lesões decorrentes de acidente de qualquer natureza, resultem sequelas que impliquem a redução da capacidade para o trabalho que era exercido anteriormente. ( )

É correto afirmar que o auxílio acidente não poderá ter valor inferior ao salário mínimo.
( )

:: GABARITO COMENTADO

O auxílio-acidente será devido a partir do dia seguinte ao da cessação do auxílio-doença, independentemente de qualquer remuneração ou rendimento auferido pelo acidentado, vedada, em regra, a sua acumulação com qualquer aposentadoria. (C)

Existem exceção para acumulação de aposentadoria com auxílio acidente, mas para a sua prova CESPE do INSS, não pode acumular e eu não vou colocar mais coisa em sua cabeça! Decreto 3048, artigo 104, parágrafo 2.

Para concessão do benefício, por incapacidade, auxílio-acidente fundamentado na redução da capacidade laboral sendo necessário que a sequela decorra da atividade exercida acarrete redução da capacidade para o trabalho habitualmente exercido. (E)

Auxílio acidente não é benefício por incapacidade como a aposentadoria por invalidez e o auxílio doença. Ele é um benefício INDENIZATÓRIO.

É correto afirmar que o segurado do RGPS em gozo de auxílio acidente, manterá a sua qualidade de segurado até que este seja cessado. (C)

Decreto 3048, artigo 13, I. Mantém a qualidade de segurado, independentemente de contribuições, sem limite de prazo, o segurado que está em gozo de benefício.

O segurado do RGPS empregado e o empregado doméstico não fazem jus ao benefício de auxílio-acidente. (E)

A partir da edição da Lei Complementar 150, o empregado doméstico tem direito ao auxílio acidente. O empregado já fazia jus dentro da legislação previdenciária.

É vedado o recebimento conjunto do seguro-desemprego com qualquer benefício de prestação continuada da previdência social, exceto pensão por morte, auxílio-acidente e auxílio reclusão. (C)

Decreto 3048, artigo 167, parágrafo 2.

A perda da audição, em qualquer grau, somente proporcionará a concessão do auxílio-acidente, quando, além do reconhecimento de causalidade entre o trabalho e a doença, resultar, comprovadamente, na redução ou perda da capacidade para o trabalho que habitualmente exercia. (C)

Decreto 3048, artigo 104, parágrafo 5.

Dentre os segurado do RGPS é correto afirmar que apenas são beneficiados do auxílio-acidente os segurados o empregado, trabalhador avulso e o especial. (E)

A partir da edição da Lei Complementar 150, o empregado doméstico também tem direito ao auxílio acidente para além dos segurados citados na assertiva.

O auxílio acidente é um benefício concedido pelo INSS destinado aos segurado de baixa renda. (E)

Os benefícios do RGPS destinados a segurados de baixa renda são: salário família e auxílio reclusão.

Não será concedido o benefício do RGPS auxílio acidente quando o requerente não apresentar danos funcionais ou redução da capacidade funcional sem repercussão na capacidade laborativa. (C)

Decreto 3048, artigo 104, parágrafo 4, I.

O auxílio acidente mensal corresponderá a 91% do salário de benefício que deu origem ao auxílio doença do segurado, corrigido até o mês anterior ao do início do auxílio acidente e será devido até a véspera de início de qualquer aposentadoria ou até a data do óbito do segurado. (E)

Decreto 3048, artigo 104, parágrafo 1. O auxílio acidente corresponde a 50% do salário de benefício que deu origem ao auxílio doença do segurado.

Raquel recebe auxílio-acidente decorrente da consolidação de lesões que a deixaram com sequelas definitivas. Nessa situação, Raquel poderá cumular o benefício que atualmente recebe com o auxílio-doença decorrente de outro evento. (C)

Esta é uma exceção de acumulação de auxílio doença com auxílio acidente. Decreto 3048, artigo 104, parágrafo 6.

Maria, empregada doméstica, após ter sofrido grave acidente quando caiu do primeiro andar da casa de sua patroa, recebeu auxílio-doença por seis meses. Depois desse período, foi comprovadamente constatada a redução de sua capacidade laborativa. Nessa situação, Maria terá direito ao auxílio-acidente correspondente a 50% do salário de benefício do auxílio-doença que recebia. (C)

A partir da edição da Lei Complementar 150, Maria terá direito ao auxílio acidente. LC 150, artigo 37, parágrafo 1.

Acerca do benefício do RGPS auxílio acidente é correto afirmar que o empregador doméstico deverá comunicar o acidente do trabalho à Previdência Social até o primeiro dia útil seguinte ao da ocorrência e, em caso de morte, de imediato, à autoridade competente, sob pena de multa variável entre o limite mínimo e o limite máximo do salário de contribuição, sucessivamente aumentada nas reincidências, aplicada e cobrada pela Previdência Social. (C)

Lei 8213, artigo 22.

O auxílio-acidente, antes das mudanças promovidas pela Constituição de 1988, tinha natureza de seguro privado. Atualmente, consiste em um benefício por incapacidade concedido ao segurado, quando, após a consolidação das lesões decorrentes de acidente de qualquer natureza, resultem sequelas que impliquem a redução da capacidade para o trabalho que era exercido anteriormente. (E)

O auxílio acidente é um benefício de caráter indenizatório e não se configura um benefício por incapacidade.

É correto afirmar que o auxílio acidente não poderá ter valor inferior ao salário mínimo. (E)

Como o benefício do RGPS, auxílio acidente, não substitui a renda mensal do trabalhador, ele poderá sim ter valor menor que o salário mínimo nacional.

:: SALÁRIO MATERNIDADE

Maristela, segurada especial, 22 anos de idade, em 21 de agosto de 2017, requereu salário maternidade do seu filho Igor nascido quando ela tinha 16 anos e nove meses de idade. É correto afirmar que, caso Maristela comprove o efetivo exercício de sua atividade rural nos 10 meses que antecederam o seu parto o qual não houve antecipação, ela terá direito ao benefício do RGPS salário maternidade por 120 dias no valor de um salário mínimo. ( )

Não é considerado salário de contribuição o salário-maternidade. ( )

O salário-maternidade é devido à segurada da Previdência Social, durante 120 (cento e vinte) dias, com início no período entre 28 (vinte e oito) dias antes do parto e a data de ocorrência deste. ( )

O salário maternidade ao segurado ou à segurada do RGPS adotante será pago pela previdência social. ( )

Reginaldo e Regina, segurados do RGPS, adotaram Lucas de 6 anos de idade. É correto afirmar que ambos os pais adotivos irão receber salário maternidade pela adoção de Lucas. ( )

É correto afirmar que o salário maternidade, pago diretamente pela previdência social ao segurado especial por 120 dias e no valor de dois salários mínimos. ( )

O salário-maternidade para a segurada empregada ou trabalhadora avulsa consistirá numa renda mensal igual a sua remuneração integral. ( )

É correto afirmar que Joana, trabalhadora avulsa e segurada obrigatória da Previdência Social, caso tenha um filho, receberá o benefício do RGPS salário maternidade diretamente pelo Órgão Gestor de Mão de Obra ao qual está filiada. ( )

O salário-maternidade pago à segurada empregada, à segurada empregada doméstica e à segurada trabalhadora avulsa prescindem de carência. ( )

Uma profissional liberal que seja segurada contribuinte individual da previdência social há cinco meses e esteja grávida de seis meses terá direito ao salário-maternidade, caso o seu filho nasça antecipadamente aos 7 meses de gestação. ( )

Bete, impossibilitada de ter filhos, adotou gêmeos recém-nascidos cuja mãe falecera logo após o parto e que não tinham parentes que pudessem cuidar delas. Nessa situação, Rute terá direito a dois salários-maternidade. ( )

Suzana, grávida de nove meses de seu terceiro filho, trabalha em duas empresas de *fast food*. Nessa situação, Suzana terá direito ao salário-maternidade em relação a cada uma das empresas. ( )

Para fins de obtenção de salário-maternidade, Lucicleide, segurada especial, comprovou o exercício de atividade rural, de forma descontínua, nos dez meses anteriores ao início do benefício. Nessa situação, Lucicleide tem direito ao salário-maternidade no valor de um salário mínimo. ( )

Ao segurado ou segurada da Previdência Social que adotar ou obtiver guarda judicial para fins de adoção de criança é devido salário-maternidade pelo período de 180 dias. ( )

Alessandra, segurada obrigatória do RGPS faleceu enquanto recebia parcela referente a 60 dias do salário maternidade. É correto afirmar que Júlio, sem qualidade de segurado do RGPS, esposo de Alessandra, terá direito de receber os dias restantes aos quais ela tinha direito do benefício em questão referentes aos nascimento do filho que ambos tiveram em comum. ( )

:: GABARITO COMENTADO

Maristela, segurada especial, 22 anos de idade, em 21 de agosto de 2017, requereu salário maternidade do seu filho Igor nascido quando ela tinha 16 anos e nove meses de idade. É correto afirmar que, caso Maristela comprove o efetivo exercício de sua atividade rural nos 10 meses que antecederam o seu parto o qual não houve antecipação, ela terá direito ao benefício do RGPS salário maternidade por 120 dias no valor de um salário mínimo. (E)

Maristela não poderá gozar do salário maternidade por alguns motivos: ela precisaria de uma carência de 10 meses, mas tinha menos de 16 anos (idade inicial de inscrição) e prescreveu o limite de 5 anos para o requerimento do seu salário maternidade. Lei 8213, artigo 25, III.

Não é considerado salário de contribuição o salário-maternidade. (E)

Contrário! O salário maternidade é o único benefício onde incidirá salário contribuição do segurado. Lei 8212, artigo 28, parágrafo 2.

O salário-maternidade é devido à segurada da Previdência Social, durante 120 (cento e vinte) dias, com início no período entre 28 (vinte e oito) dias antes do parto e a data de ocorrência deste. (C)

Lei 8213, artigo 71.

O salário maternidade ao segurado ou à segurada do RGPS adotante será pago pela previdência social. (C)

Lei 8213, artigo 71-A, parágrafo 1.

Reginaldo e Regina, segurados do RGPS, adotaram Lucas de 6 anos de idade. É correto afirmar que ambos os pais adotivos irão receber salário maternidade pela adoção de Lucas. (E)

O artigo 71-A, parágrafo 2 da lei 8213 deixa claro que, em caso de adoção para um fato gerador, o salário maternidade será devido para apenas um dos pais e não os dois pais adotivos.

É correto afirmar que o salário maternidade, pago diretamente pela previdência social ao segurado especial por 120 dias e no valor de dois salários mínimos. (E)

O salário maternidade, para o segurado especial, em regra, será pago no valor de um salário mínimo durante 120 dias.

O salário-maternidade para a segurada empregada ou trabalhadora avulsa consistirá numa renda mensal igual a sua remuneração integral. (C)
Lei 8213, artigo 72.

É correto afirmar que Joana, trabalhadora avulsa e segurada obrigatória da Previdência Social, caso tenha um filho, receberá o benefício do RGPS salário maternidade diretamente pelo Órgão Gestor de Mão de Obra ao qual está filiada. (E)

Joana receberá o salário maternidade diretamente pela previdência social. Lei 8213, artigo 72, parágrafo 3.

O salário-maternidade pago à segurada empregada, à segurada empregada doméstica e à segurada trabalhadora avulsa prescindem de carência. (C)

Não há carência para as seguradas elencadas na assertiva. Lei 8213, artigo 26, VI.

Uma profissional liberal que seja segurada contribuinte individual da previdência social há cinco meses e esteja grávida de seis meses terá direito ao salário-maternidade, caso o seu filho nasça antecipadamente aos 7 meses de gestação. (E)

Perceba pelo texto da assertiva que, quando a contribuinte individual em questão começou a verter contribuições, ela já estava grávida há um mês. Mesmo que fosse antecipado o parto, ela não teria carência exigida pelo benefício. Logo, não haverá carência suficiente para que ela receba o benefício de salário maternidade. Lei 8213, artigo 25, parágrafo único.

Bete, impossibilitada de ter filhos, adotou gêmeos recém-nascidos cuja mãe falecera logo após o parto e que não tinham parentes que pudessem cuidar delas. Nessa situação, Rute terá direito a dois salários-maternidade. (E)

Decreto 3048, artigo 93-A, parágrafo 4. Bete terá direito a apenas um salário maternidade.

Suzana, grávida de nove meses de seu terceiro filho, trabalha em duas empresas de *fast food*. Nessa situação, Suzana terá direito ao salário-maternidade em relação a cada uma das empresas. (C)

Decreto 3048, artigo 98

Para fins de obtenção de salário-maternidade, Lucicleide, segurada especial, comprovou o exercício de atividade rural, de forma descontínua, nos dez meses anteriores ao início do benefício. Nessa situação, Lucicleide tem direito ao salário-maternidade no valor de um salário mínimo. (C)

Em regra, os benefícios devidos ao segurado especial são concedidos no valor de um salário mínimo. Perceba que a comprovação da carência para a atividade rural pode ser contínua ou não.

Ao segurado ou segurada da Previdência Social que adotar ou obtiver guarda judicial para fins de adoção de criança é devido salário-maternidade pelo período de 180 dias. (E)

Lei 8213, artigo 71-A. Algumas empresas permitem licença maternidade de sua funcionária por até 180 dias, mas o salário maternidade do RGPS tem o limite de gozo de 120 dias. É, então, o que cabe ao referido artigo da lei de benefícios.

Alessandra, segurada obrigatória do RGPS faleceu enquanto recebia parcela referente a 60 dias do salário maternidade. É correto afirmar que Júlio, sem qualidade de segurado do RGPS, esposo de Alessandra, terá direito de receber os dias restantes aos quais ela tinha direito do benefício em questão referentes aos nascimento do filho que ambos tiveram em comum. (E)

Era preciso que Júlio fosse segurado da previdência social para que tivesse direito ao restante do gozo do salário maternidade. Lei 8213, artigo 71-B

:: SALÁRIO FAMÍLIA

O aposentado por invalidez ou por idade e os demais aposentados com 65 (sessenta e cinco) anos ou mais de idade, se do sexo masculino, ou 60 (sessenta) anos ou mais, se do feminino, terão direito ao salário-família, pago juntamente com a aposentadoria. ( )

Lucas faz aniversário de 14 anos no dia 21 de agosto de 2017. É correto afirmar que Maurício, segurado de baixa renda e empregado do RGPS, não mais perceberá salário família por seu filho Lucas ter completado 14 anos de idade. ( )

O pagamento do salário-família é condicionado à apresentação da certidão de nascimento do filho ou da documentação relativa ao equiparado ou ao inválido, e à apresentação anual de atestado de vacinação obrigatória e de comprovação de frequência à escola do filho ou equiparado, exceto para o segurado empregado doméstico. ( )

O pagamento do salário-família é condicionado à apresentação apenas da certidão de nascimento do filho ou da documentação relativa ao equiparado ou ao inválido, no caso dos dependentes do segurado empregado doméstico ( )

As cotas do salário-família serão pagas pela empresa ou pelo empregador doméstico, mensalmente, junto com o salário. ( )

O salário família será pago mensalmente ao empregado e trabalhador avulso aposentados por invalidez pelo INSS, exceto se estiverem em gozo de auxílio doença. ( )

Para o segurado empregado de baixa renda, quando o salário do empregado não for mensal, o salário família será pago juntamente com o último pagamento relativo ao mês. ( )

O salário família, benefício do RGPS, prescinde carência. ( )

Mário e sua esposa Nélida têm, juntos, um filho menor de 14 anos, trabalham e são segurados do regime geral da previdência social, além de serem considerados trabalhadores de baixa renda. Nessa situação, o salário-família somente será pago a um dos cônjuges. ( )

Florentina, que é empregada doméstica e segurada do RGPS, tem três filhos, mas não recebe salário-família. Nessa situação, apesar de ser considerada trabalhadora de baixa renda, Florentina não tem o direito de receber esse benefício. ( )

Rodolfo é presidente da agência de publicidade A4 Comunicação e recebe remuneração em decorrência do trabalho que desempenha. Nessa situação, Rodolfo é considerado contribuinte individual da previdência social, e, como tal, não faz jus ao benefício denominado salário-família, em observância ao princípio da universalidade de cobertura e atendimento que rege a seguridade social. ( )

É correto afirma que, se o segurado não apresentar o atestado de vacinação obrigatória e a comprovação de frequência escolar do filho ou equiparado, nas datas definidas pelo Instituto Nacional do Seguro Social, o benefício do salário família será cancelado. ( )

É correto afirma que, a invalidez do filho ou equiparado maior de quatorze anos de idade deve ser verificada em entrevista social a cargo da previdência social. ( )

O direito ao salário família cessa automaticamente por morte do filho ou equiparado, a contar da data do óbito. ( )

O salário-família é devido ao segurado empregado, exceto ao doméstico, e ao segurado trabalhador avulso, na proporção do número de filhos e independentemente da renda do segurado. ( )

:: GABARITO COMENTADO

O aposentado por invalidez ou por idade e os demais aposentados com 65 (sessenta e cinco) anos ou mais de idade, se do sexo masculino, ou 60 (sessenta) anos ou mais, se do feminino, terão direito ao salário-família, pago juntamente com a aposentadoria. (C)

Lei 8213, artigo 65, parágrafo único.

Lucas faz aniversário de 14 anos no dia 21 de agosto de 2017. É correto afirmar que Maurício, segurado de baixa renda e empregado do RGPS, não mais perceberá salário família por seu filho Lucas ter completado 14 anos de idade. (C)

A cota parte do salário família se encerra ao dependente do segurado de baixa renda completar 14 anos. Lei 8213, artigo 66.

O pagamento do salário-família é condicionado à apresentação da certidão de nascimento do filho ou da documentação relativa ao equiparado ou ao inválido, e à apresentação anual de atestado de vacinação obrigatória e de comprovação de frequência à escola do filho ou equiparado, exceto para o segurado empregado doméstico. (C)

Lei 8213, artigo 67. Para o empregado doméstico basta a apresentação da certidão de nascimento. Lei 8213, artigo 67, parágrafo único.

O pagamento do salário-família é condicionado à apresentação apenas da certidão de nascimento do filho ou da documentação relativa ao equiparado ou ao inválido, no caso dos dependentes do segurado empregado doméstico (C)

Lei 8213, artigo 67. Parágrafo único.

As cotas do salário-família serão pagas pela empresa ou pelo empregador doméstico, mensalmente, junto com o salário. (C)

Lei 8213, artigo 68.

O salário família será pago mensalmente ao empregado e trabalhador avulso aposentados por invalidez pelo INSS, exceto se estiverem em gozo de auxílio doença. (E)

Decreto 3048, artigo 82, II. O segurado em gozo de auxílio doença terá direito ao salário família pago mensalmente pelo INSS.

Para o segurado empregado de baixa renda, quando o salário do empregado não for mensal, o salário família será pago juntamente com o último pagamento relativo ao mês. (C)

Decreto 3048, artigo 82, parágrafo 1.

O salário família, benefício do RGPS, prescinde carência. (C)

O benefício de salário família, além de não substituir a renda mensal do segurado, ele dispensa a carência. Lei 8213, artigo 26, I.

Mário e sua esposa Nélida têm, juntos, um filho menor de 14 anos, trabalham e são segurados do regime geral da previdência social, além de serem considerados trabalhadores de baixa renda. Nessa situação, o salário-família somente será pago a um dos cônjuges. (E)

Decreto 3048, artigo 82, parágrafo 3. O salário família será devido aos dois pais empregados. Perceba que cada um está em um emprego e não seria justo pagar para apenas um deles.

Florentina, que é empregada doméstica e segurada do RGPS, tem três filhos, mas não recebe salário-família. Nessa situação, apesar de ser considerada trabalhadora de baixa renda, Florentina não tem o direito de receber esse benefício. (E)

A partir da Lei Complementar 150/15, o salário família também é direto do empregado doméstico. Lei 8213, artigo 65.

Rodolfo é presidente da agência de publicidade A4 Comunicação e recebe remuneração em decorrência do trabalho que desempenha. Nessa situação, Rodolfo é considerado contribuinte individual da previdência social, e, como tal, não faz jus ao benefício denominado salário-família, em observância ao princípio da universalidade de cobertura e atendimento que rege a seguridade social. (E)

Realmente, Rodolfo não fará jus ao benefício por se tratar de contribuinte individual e não ser segurado de baixa renda, porém, este critério observa o princípio da seguridade social distributividade e não da universalidade de cobertura e atendimento.

É correto afirma que, se o segurado não apresentar o atestado de vacinação obrigatória e a comprovação de frequência escolar do filho ou equiparado, nas datas definidas pelo Instituto Nacional do Seguro Social, o benefício do salário família será cancelado. (E)

Decreto 3048, artigo 84, parágrafo 2. O benefício será suspenso até que documentação seja apresentada.

É correto afirma que, a invalidez do filho ou equiparado maior de quatorze anos de idade deve ser verificada em entrevista social a cargo da previdência social. (E)

Decreto 3048, artigo 85. A invalidez do filho ou equiparado maior de quatorze anos de idade deve ser verificada em exame médico-pericial a cargo da previdência social.

O direito ao salário família cessa automaticamente por morte do filho ou equiparado, a contar da data do óbito. (E)

Decreto 3048, artigo 88. A cessação ocorrerá a partir do MÊS SEGUINTE ao óbito e não apartir da data do óbito.

O salário-família é devido ao segurado empregado, exceto ao doméstico, e ao segurado trabalhador avulso, na proporção do número de filhos e independentemente da renda do segurado. (E)

A partir da Lei Complementar 150/15, o empregado doméstico, de baixa renda, tem direito ao benefício da previdência social denominado salário família.

:: PENSÃO POR MORTE

A pensão por morte será devida ao conjunto dos dependentes do segurado que falecer, aposentado ou não, a contar da data do óbito, quando requerida até trinta dias depois deste.

( )

Manuel deu entrada na pensão por morte de sua esposa Maria que foi brutalmente assassinada de forma dolosa. Manuel, 45 anos, era casado há 10 anos com Maria, que era segurada empregada há mais de 4 anos em uma pequena empresa. Após alguns anos, Manuel foi condenado, em trânsito em julgado, pela morte de Maria. É correto afirmar que a cota parte do benefício recebido por Manuel será cessada. ( )

O valor mensal da pensão por morte será de cem por cento do valor da aposentadoria que o segurado recebia ou daquela a que teria direito se estivesse aposentado por invalidez na data de seu falecimento. ( )

A concessão da pensão por morte não será protelada pela falta de habilitação de outro possível dependente. ( )

O cônjuge ausente não exclui do direito à pensão por morte o companheiro ou a companheira, que somente fará jus ao benefício a partir da data de sua habilitação e independente de dependência econômica. ( )

Dona Florinda foi até o INSS e deu entrada no benefício do RGPS, pensão por morte, em virtude do falecimento do Professor Girafales, o seu companheiro há mais de 2 anos. É correto afirmar que, tendo sido verificada a perda da qualidade de segurado do Professor Girafales, será preciso verter seis contribuições mensais, para que seja respeitada a regra do MEIO, visto que a carência para a pensão por morte no RGPS é de 18 contribuições mensais. ( )

Roberto, segurado obrigatório do RGPS, desapareceu após um trágico acidente de avião onde o seu corpo nunca foi encontrado. É correto afirmar que os seus dependentes terão direito a pensão por morte provisória mediante, após 6 meses da ausência, prova do desaparecimento do segurado. ( )

A pensão por morte, havendo mais de um pensionista, será rateada de forma que o cônjuge os companheiro sempre perceba 50% do benefício. ( )

Catarina, segurada obrigatória do RGPS, morreu após um grave acidente de carro. Tendo Catarina vertido menos de 18 contribuições mensais e tendo um ano de união estável com Renata é correto afirmar que Renata perceberá pensão por morte previdenciária pelo período de 4 meses. ( )

Gilberto, segurado obrigatório do RGPS, faleceu de causas naturais e deixou apenas o seu companheiro Mathias, 29 anos e 11 meses, como dependente. Eles viviam em união estável há mais de 2 anos e Gilberto era empregado em uma empresa há 20 anos. É correto afirmar que Mathias perceberá pensão por morte pelo prazo de 15 anos. ( )

É correto afirmar que na pensão por morte do RGPS, com a extinção da parte do último pensionista, a pensão será gozada pelos seus herdeiros. ( )

O cônjuge divorciado ou separado judicialmente ou de fato que recebia pensão de alimentos concorrerá em igualdade de condições com os demais dependentes habilitados do segurado falecido. ( )

O pensionista inválido está obrigado, independentemente de sua idade e sob pena de suspensão do benefício, a submeter-se a exame médico a cargo da previdência social, processo de reabilitação profissional por ela prescrito e custeado e tratamento dispensado gratuitamente, incluído o cirúrgico e a transfusão de sangue. ( )

A pensão por morte poderá ser concedida, em caráter provisório, por morte presumida mediante sentença declaratória de ausência, expedida por autoridade judiciária, a contar da data de sua emissão. ( )

É correto afirmar que, na pensão por morte do RGPS, o dependente menor de idade que se invalidar antes de completar vinte e um anos deverá ser submetido a exame médico pericial, não se extinguindo a respectiva cota se confirmada a invalidez. ( )

:: GABARITO COMENTADO

A pensão por morte será devida ao conjunto dos dependentes do segurado que falecer, aposentado ou não, a contar da data do óbito, quando requerida até trinta dias depois deste. (E)

A Lei 13.183/15, de 4 de novembro de 2015, alterou o prazo para requerimento da pensão por morte para ser cotada a partir da data do óbito. Agora, o prazo é de 90 dias.

Manuel deu entrada na pensão por morte de sua esposa Maria que foi brutalmente assassinada de forma dolosa. Manuel, 45 anos, era casado há 10 anos com Maria, que era segurada empregada há mais de 4 anos em uma pequena empresa. Após alguns anos, Manuel foi condenado, em trânsito em julgado, pela morte de Maria. É correto afirmar que a cota parte do benefício recebido por Manuel será cessada. (C)

Lei 8213, artigo 74, parágrafo 1.

O valor mensal da pensão por morte será de cem por cento do valor da aposentadoria que o segurado recebia ou daquela a que teria direito se estivesse aposentado por invalidez na data de seu falecimento. (C)

Lei 8213, artigo 75.

A concessão da pensão por morte não será protelada pela falta de habilitação de outro possível dependente. (C)

Lei 8213, artigo 76.

O cônjuge ausente não exclui do direito à pensão por morte o companheiro ou a companheira, que somente fará jus ao benefício a partir da data de sua habilitação e independente de dependência econômica. (E)

É exigida a comprovação de dependência econômica no caso do cônjuge ausente. Lei 8213, artigo 76, parágrafo 1.

Dona Florinda foi até o INSS e deu entrada no benefício do RGPS, pensão por morte, em virtude do falecimento do Professor Girafales, o seu companheiro há mais de 2 anos. É correto afirmar que, tendo sido verificada a perda da qualidade de segurado do Professor Girafales, será preciso verter nove contribuições mensais, para que seja respeitada a regra do MEIO, visto que a carência para a pensão por morte no RGPS é de 18 contribuições mensais. (E)

Não há carência para o benefício do RGPS pensão por morte. O que, realmente, há são condições para a concessão do referido benefício para o cônjuge ou companheiro expressas no artigo 77, V da Lei 8213. Também não há o que se falar em regra do MEIO para a pensão por

morte, pois não há carência. Lembre-se que as referidas condições não se aplicam aos demais possíveis dependentes do segurado. Elas serão aplicadas tão somente para o cônjuge ou companheiro. Não esqueça, também, de memorizar a tabela IDADE x TEMPO Lei 8213, artigo 77, V, c.

Roberto, segurado obrigatório do RGPS, desapareceu após um trágico acidente de avião onde o seu corpo nunca foi encontrado. É correto afirmar que os seus dependentes terão direito a pensão por morte provisória mediante, após 6 meses da ausência, prova do desaparecimento do segurado. (E)

Trata-se de morte presumida. Lei 8213, artigo 78, parágrafo 1.

A pensão por morte, havendo mais de um pensionista, será rateada de forma que o cônjuge os companheiro sempre perceba 50% do benefício. (E)

Havendo mais de um pensionista, a pensão será rateada de forma igualitária. Lei 8213, artigo 77 CAPUT.

Catarina, segurada obrigatória do RGPS, morreu após um grave acidente de carro. Tendo Catarina vertido menos de 18 contribuições mensais e tendo um ano de união estável com Renata é correto afirmar que Renata perceberá pensão por morte previdenciária pelo período de 4 meses. (E)

Renata perceberá pensão por morte pelo período expresso na tabela IDADE x TEMPO Lei 8213, artigo 77, V, c. Perceba que a morte ocorreu em decorrência de acidente de qualquer natureza. Logo, será respeitada a tabela do referido artigo. Estude também o artigo 77, parágrafo 2-A da Lei 8213.

Gilberto, segurado obrigatório do RGPS, faleceu de causas naturais e deixou apenas o seu companheiro Mathias, 29 anos e 11 meses, como dependente. Eles viviam em união estável há mais de 2 anos e Gilberto era empregado em uma empresa há 20 anos. É correto afirmar que Mathias perceberá pensão por morte pelo prazo de 15 anos. (E)

Mathias, na data do óbito, não tinha completado 30 anos para ter direito à pensão por 15 anos. Mathias receberá pensão por morte pelo instituidor Gilberto por 10 anos. Lei 8213, artigo 77, V, c.

É correto afirmar que na pensão por morte do RGPS, com a extinção da parte do último pensionista, a pensão será gozada pelos seus herdeiros. (E)

Com a extinção da parte do último pensionista, a pensão será EXTINTA. Lei 8213, artigo 77, parágrafo 3.

O cônjuge divorciado ou separado judicialmente ou de fato que recebia pensão de alimentos concorrerá em igualdade de condições com os demais dependentes habilitados do segurado falecido. (C)

Decreto 3048, artigo 111.

O pensionista inválido está obrigado, independentemente de sua idade e sob pena de suspensão do benefício, a submeter-se a exame médico a cargo da previdência social, processo de reabilitação profissional por ela prescrito e custeado e tratamento dispensado gratuitamente, incluído o cirúrgico e a transfusão de sangue. (E)

Os tratamentos cirúrgico e transfusão de sangue são facultativos e não obrigatórios. Decreto 3048, artigo 109.

A pensão por morte poderá ser concedida, em caráter provisório, por morte presumida mediante sentença declaratória de ausência, expedida por autoridade judiciária, a contar da data de sua emissão. (C)

Decreto 3048, artigo 112, I.

É correto afirmar que, na pensão por morte do RGPS, o dependente menor de idade que se invalidar antes de completar vinte e um anos deverá ser submetido a exame médico pericial, não se extinguindo a respectiva cota se confirmada a invalidez. (C)

Decreto 3048, artigo 115.

:: AUXÍLIO RECLUSÃO

É correto afirmar que o requerimento do auxílio-reclusão deverá ser instruído com certidão do efetivo recolhimento à prisão, sendo obrigatória, para a manutenção do benefício, a apresentação de declaração de permanência na condição de presidiário. ( )

É devido auxílio reclusão aos dependentes do segurado desde que haja salário de contribuição na data do seu efetivo recolhimento à prisão e esteja mantida a qualidade de segurado. ( )

O pedido de auxílio reclusão deve ser instruído com certidão do efetivo recolhimento do segurado à prisão, desde que firmada pelo juiz competente. ( )

A data de início do benefício do RGPS auxílio reclusão será fixada na data do efetivo recolhimento do segurado à prisão, se requerido até trinta dias depois da prisão. ( )

O auxílio reclusão é devido, apenas, durante o período em que o segurado estiver recolhido à prisão sob regime fechado ou semiaberto. ( )

Célia, segurada obrigatória do RGPS, baixa renda, foi condenada em trânsito em julgado há 10 anos de reclusão. Tendo Célia apenas um filho de 5 anos é correto afirmar que Gabriel, filho de Célia, receberá auxílio reclusão até completar 21 anos de idade. ( )

Caetano, aposentado do RGPS, baixa tenda, foi condenado há 20 anos de reclusão. É correto afirmar que Zenilda, 65 anos, sua esposa há mais de 35 anos, receberá auxílio reclusão, em virtude da prisão de Caetano, até que ele permaneça recluso. ( )

A concessão de auxílio-reclusão depende de carência de 18 meses. ( )

É correto afirmar que o beneficiário do benefício auxílio reclusão deverá apresentar trimestralmente atestado de que o segurado continua detido ou recluso, assinado pela autoridade competente. ( )

Zé pequeno, perigoso traficante de drogas, morre durante cumprimento de pena na prisão. É correto afirmar que o auxílio reclusão que os seus dependentes vinham recebendo será cessado automaticamente. ( )

É permitida a continuação da concessão do auxílio reclusão aos dependentes do segurado por um mês após a soltura do segurado. ( )

O auxílio-reclusão será devido, nas mesmas condições da pensão por morte, aos dependentes do segurado recolhido à prisão, exceto se esta se deu em decorrência do cometimento de crime hediondo. ( )

Juscelino, segurado do RGPS em gozo de auxílio doença, foi condenado em trânsito em julgado há 20 anos de reclusão. É correto afirmar que os seus dependentes terão direito benefício auxilio reclusão. ( )

Aplicam- se ao auxílio reclusão as normas referentes à pensão por morte, sendo necessária, no caso de qualificação de dependentes após a reclusão ou detenção do segurado, a preexistência da dependência econômica. ( )

O segurado recolhido à prisão sob regime fechado ou semiaberto, que, nesta condição, preste serviço, dentro ou fora da unidade penal, a uma ou mais empresas, com ou sem intermediação da organização carcerária ou entidade afim, ou que exerce atividade artesanal por conta própria se filiará ao RGPS na qualidade de segurado contribuinte individual. ( )

:: GABARITO COMENTADO

É correto afirmar que o requerimento do auxílio-reclusão deverá ser instruído com certidão do efetivo recolhimento à prisão, sendo obrigatória, para a manutenção do benefício, a apresentação de declaração de permanência na condição de presidiário. (C)

Lei 8213, artigo 80, parágrafo único. A referida declaração é feita, em regra, pelo dependente de três em três meses apresentada em um agência da previdência social.

É devido auxílio reclusão aos dependentes do segurado desde que haja salário de contribuição na data do seu efetivo recolhimento à prisão e esteja mantida a qualidade de segurado. (E)

É devido auxílio reclusão aos dependentes do segurado INDEPENDENTE de que haja salário de contribuição na data do seu efetivo recolhimento à prisão e desde que mantida a qualidade de segurado. Decreto 3048, artigo 116, parágrafo 1.

O pedido de auxílio reclusão deve ser instruído com certidão do efetivo recolhimento do segurado à prisão, desde que firmada pelo juiz competente. (E)

Não é necessário que seja, obrigatoriamente, um juiz. Poderá ser firmada pela autoridade competente. Decreto 3048, artigo 116, parágrafo 2.

A data de início do benefício do RGPS auxílio reclusão será fixada na data do efetivo recolhimento do segurado à prisão, se requerido até trinta dias depois da prisão. (E)

Lei 8213, artigo 80. O auxílio-reclusão será devido, nas mesmas condições da pensão por morte, aos dependentes do segurado recolhido à prisão, que não receber remuneração da empresa nem estiver em gozo de auxílio-doença, de aposentadoria ou de abono de permanência em serviço. Sendo assim, o prazo do requerimento do início do auxílio reclusão foi alterado assim como a pensão por morte. Alteram-se os 30 dias para 90 dias do artigo 74, I da lei de benefícios 8213.

O auxílio reclusão é devido, apenas, durante o período em que o segurado estiver recolhido à prisão sob regime fechado ou semiaberto. (C)

Decreto 3048, artigo 116, parágrafo 5.

Célia, segurada obrigatória do RGPS, baixa renda, foi condenada em trânsito em julgado há 10 anos de reclusão. Tendo Célia apenas um filho de 5 anos é correto afirmar que Gabriel, filho de Célia, receberá auxílio reclusão até completar 21 anos de idade. (E)

Gabriel receberá o benefício de auxílio reclusão enquanto Célia estiver reclusa. Pelo exposto na assertiva, Gabriel receberá até os seus 15 anos. Decreto 3048, artigo 116, parágrafo 5.

Caetano, aposentado do RGPS, baixa tenda, foi condenado há 20 anos de reclusão. É correto afirmar que Zenilda, 65 anos, sua esposa há mais de 35 anos, receberá auxílio reclusão, em virtude da prisão de Caetano, até que ele permaneça recluso. (E)

Não confere auxílio reclusão aos dependentes do segurado de baixa renda que estiver em gozo de aposentadoria. Decreto 3048, artigo 116.

A concessão de auxílio-reclusão depende de carência de 18 meses. (E)

O benefício do RGPS auxílio reclusão independe de carência. Lei 8213, artigo 26, I.

É correto afirmar que o beneficiário do benefício auxílio reclusão deverá apresentar trimestralmente atestado de que o segurado continua detido ou recluso, assinado pela autoridade competente. (C)

Decreto 3048, artigo 117, parágrafo 1.

Zé pequeno, perigoso traficante de drogas, morre durante cumprimento de pena na prisão. É correto afirmar que o auxílio reclusão que os seus dependentes vinham recebendo será cessado automaticamente. (E)

O auxílio reclusão será convertido em pensão por morte. Decreto 3048, artigo 118.

É permitida a continuação da concessão do auxílio reclusão aos dependentes do segurado por um mês após a soltura do segurado. (E)

É vedada a concessão do auxílio reclusão após a soltura do segurado. Decreto 3048, artigo 119.

O auxílio-reclusão será devido, nas mesmas condições da pensão por morte, aos dependentes do segurado recolhido à prisão, exceto se esta se deu em decorrência do cometimento de crime hediondo. (E)

Não existe esta exceção dentro da legislação previdenciária. Lei 8213, artigo 80.

Juscelino, segurado do RGPS em gozo de auxílio doença, foi condenado em trânsito em julgado há 20 anos de reclusão. É correto afirmar que os seus dependentes terão direito benefício auxilio reclusão. (E)

Está errada por dois motivos. A assertiva não cita que Juscelino é segurado de baixa renda como também, ele está em gozo de auxílio doença. Lei 8213, artigo 80.

Aplicam- se ao auxílio reclusão as normas referentes à pensão por morte, sendo necessária, no caso de qualificação de dependentes após a reclusão ou detenção do segurado, a preexistência da dependência econômica. (C)

Decreto 3048, artigo 116, parágrafo 3.

O segurado recolhido à prisão sob regime fechado ou semiaberto, que, nesta condição, preste serviço, dentro ou fora da unidade penal, a uma ou mais empresas, com ou sem intermediação da organização carcerária ou entidade afim, ou que exerce atividade artesanal por conta própria se filiará ao RGPS na qualidade de segurado contribuinte individual. (E)

Decreto 3048, artigo 11, XI. O segurado recluso que trabalhar poderá se filiar ao RGPS na qualidade de segurado FACULTATIVO.

:: PRAZOS

Uma norma legal que apenas altere o prazo de recolhimento das contribuições sociais destinadas à previdência social não se sujeitará ao princípio da anterioridade. ( )

Joaquim, segurado especial do regime geral, contribui para o sistema na proporção do resultado da comercialização de sua produção. Nessa situação, Joaquim somente terá direito à aposentadoria por contribuição caso promova, pelo prazo legal, os devidos recolhimentos como se contribuinte individual fosse. ( )

Paulo, afastado de suas atividades laborais, tem recebido auxílio doença. Nessa situação, a condição de segurado de Paulo será mantida sem limite de prazo, enquanto estiver no gozo do benefício, independentemente de contribuição para a previdência social. ( )

Não descaracterizará a qualidade de segurado especial a exploração da atividade turística da propriedade rural, salvo com hospedagem, por não mais de 120 (cento e vinte) dias ao ano. ( )

É correto afirmar que o CNPS (Conselho Nacional de Previdência Social), reunir-se-á, ordinariamente, uma vez por mês, por convocação de seu Presidente, não podendo ser adiada a reunião por mais de 10 dias se houver requerimento nesse sentido da maioria dos conselheiros. ( )

A aposentadoria por idade será devida da data do requerimento, quando não houver desligamento do emprego ou quando for requerida após o desligamento do emprego ou quando for requerida após o desligamento em prazo superior a 90 dias ( )

É coreto afirmar, segundo a pensão por morte do RGPS, que após 3 meses de ausência por morte presumida do segurado, declarada pela autoridade judicial competente, será concedida pensão provisória. ( )

É de dez anos o prazo de decadência de todo e qualquer direito ou ação do segurado ou beneficiário para a revisão do ato de concessão de benefício, a contar do dia primeiro do mês seguinte ao do recebimento da primeira prestação ou, quando for o caso, do dia em que tomar conhecimento da decisão indeferitória definitiva no âmbito judicial. ( )

Sobre a procuração, o benefício será pago diretamente ao beneficiário, salvo em caso de ausência, moléstia contagiosa ou impossibilidade de locomoção, quando será pago a procurador, cujo mandato não terá prazo superior a 6 meses, podendo ser renovado. ( )

O segurado que sofreu acidente do trabalho tem garantida, pelo prazo mínimo de doze meses, a manutenção do seu contrato de trabalho na empresa, após a cessação do auxílio-doença acidentário, desde que esteja recebendo auxílio-acidente. ( )

Acerca da contribuição empresarial da associação desportiva que mantém equipe de futebol profissional destinada à Seguridade Social, caberá à entidade promotora do espetáculo a responsabilidade de efetuar o desconto de cinco por cento da receita bruta decorrente dos espetáculos desportivos e o respectivo recolhimento no prazo de até dois dias úteis após a realização do evento. ( )

O prazo de validade da Certidão Negativa de Débito CND é de sessenta dias, contados da sua emissão, podendo ser ampliado por regulamento para até cento e oitenta dias. ( )

Verificada a recuperação da capacidade de trabalho do aposentado por invalidez, quando a recuperação ocorrer dentro de 5 anos, contados da data do início da aposentadoria por invalidez ou do auxílio-doença que a antecedeu sem interrupção, o benefício cessará de imediato, para o segurado empregado que tiver direito a retornar à função que desempenhava na empresa quando se aposentou. ( )

O segurado incorporado às Forças Armadas para prestar serviço militar mantém a qualidade de segurado, independentemente de contribuições, até 6 meses após o licenciamento. ( )

Mantém a qualidade de segurado, independentemente de contribuições até 12 meses após o livramento, o segurado retido ou recluso. ( )

:: GABARITO COMENTADO

Uma norma legal que apenas altere o prazo de recolhimento das contribuições sociais destinadas à previdência social não se sujeitará ao princípio da anterioridade. (C)

Quando houver apenas a alteração do PRAZO de uma contribuição e não ocorrer uma criação ou majoração, a norma legal não se sujeitará ao princípio da anterioridade. Lembre-se do prazo de recolhimento do empregado doméstico trazido pela Lei Complementar 150/15. Ele foi alterado do dia 15 para o dia 7. Logo, não houve a necessidade de se respeitar o princípio da anterioridade.

Joaquim, segurado especial do regime geral, contribui para o sistema na proporção do resultado da comercialização de sua produção. Nessa situação, Joaquim somente terá direito à aposentadoria por contribuição caso promova, pelo prazo legal, os devidos recolhimentos como se contribuinte individual fosse. (C)

Para ter direito à aposentadoria por tempo de contribuição, Joaquim poderá contribuir facultativamente como se contribuinte individual fosse. Lei 8212, artigo 25, parágrafo 1.

Paulo, afastado de suas atividades laborais, tem recebido auxílio doença. Nessa situação, a condição de segurado de Paulo será mantida sem limite de prazo, enquanto estiver no gozo do benefício, independentemente de contribuição para a previdência social. (C)

Lei 8213, artigo 15, I.

Não descaracterizará a qualidade de segurado especial a exploração da atividade turística da propriedade rural, salvo com hospedagem, por não mais de 120 (cento e vinte) dias ao ano. (E)

A exploração da atividade turística da propriedade rural, INCLUSIVE COM HOSPEDAGEM, por não mais de 120 (cento e vinte) dias ao ano. Lei 8213, artigo 11, parágrafo 8, II.

É correto afirmar que o CNPS (Conselho Nacional de Previdência Social), reunir-se-á, ordinariamente, uma vez por mês, por convocação de seu Presidente, não podendo ser adiada a reunião por mais de 10 dias se houver requerimento nesse sentido da maioria dos conselheiros. (E)

O CNPS reunir-se-á, ordinariamente, uma vez por mês, por convocação de seu Presidente, não podendo ser adiada a reunião por mais de 15 (QUINZE) DIAS se houver requerimento nesse sentido da maioria dos conselheiros. Lei 8213, artigo 3, parágrafo 3.

A aposentadoria por idade será devida da data do requerimento, quando não houver desligamento do emprego ou quando for requerida após o desligamento do emprego ou quando for requerida após o desligamento em prazo superior a 90 dias (C)

Lei 8213, artigo 49, I, b.

É coreto afirmar, segundo a pensão por morte do RGPS, que após 3 meses de ausência por morte presumida do segurado, declarada pela autoridade judicial competente, será concedida pensão provisória. (E)

Após 6 meses de ausência por morte presumida do segurado, declarada pela autoridade judicial competente, será concedida pensão provisória. Lei 8213, artigo 78.

É de dez anos o prazo de decadência de todo e qualquer direito ou ação do segurado ou beneficiário para a revisão do ato de concessão de benefício, a contar do dia primeiro do mês seguinte ao do recebimento da primeira prestação ou, quando for o caso, do dia em que tomar conhecimento da decisão indeferitória definitiva no âmbito judicial. (E)

Do dia em que tomar conhecimento da decisão indeferitória definitiva no âmbito ADMINISTRATIVO. Lei 8213, artigo 103.

Sobre a procuração, o benefício será pago diretamente ao beneficiário, salvo em caso de ausência, moléstia contagiosa ou impossibilidade de locomoção, quando será pago a procurador, cujo mandato não terá prazo superior a 6 meses, podendo ser renovado. (E)

o benefício será pago diretamente ao beneficiário, salvo em caso de ausência, moléstia contagiosa ou impossibilidade de locomoção, quando será pago a procurador, cujo mandato não terá prazo superior a 12 MESES, podendo ser renovado. Lei 8213, artigo 109.

O segurado que sofreu acidente do trabalho tem garantida, pelo prazo mínimo de doze meses, a manutenção do seu contrato de trabalho na empresa, após a cessação do auxílio-doença acidentário, desde que esteja recebendo auxílio-acidente. (E)

Independe se esteja ou não em gozo de auxílio acidente, o segurado que sofreu acidente do trabalho tem garantida, pelo prazo mínimo de doze meses, a manutenção do seu contrato de trabalho na empresa, após a cessação do auxílio-doença acidentário. Lei 8213, artigo 118.

Acerca da contribuição empresarial da associação desportiva que mantém equipe de futebol profissional destinada à Seguridade Social, caberá à entidade promotora do espetáculo a responsabilidade de efetuar o desconto de cinco por cento da receita bruta decorrente dos espetáculos desportivos e o respectivo recolhimento no prazo de até dois dias úteis após a realização do evento. (C)

Lei 8212, artigo 22, parágrafo 7

O prazo de validade da Certidão Negativa de Débito CND é de sessenta dias, contados da sua emissão, podendo ser ampliado por regulamento para até cento e oitenta dias. (C)

Lei 8212, artigo 47, parágrafo 5.

Verificada a recuperação da capacidade de trabalho do aposentado por invalidez, quando a recuperação ocorrer dentro de 5 anos, contados da data do início da aposentadoria por invalidez ou do auxílio-doença que a antecedeu sem interrupção, o benefício cessará de imediato, para o segurado empregado que tiver direito a retornar à função que desempenhava na empresa quando se aposentou. (C)

Lei 8213, artigo 47, I, a.

O segurado incorporado às Forças Armadas para prestar serviço militar mantém a qualidade de segurado, independentemente de contribuições, até 6 meses após o licenciamento. (E)

Ele manterá a qualidade de segurado pelo prazo de 3 meses após o licenciamento. Lei 8213, artigo 15, V.

Mantém a qualidade de segurado, independentemente de contribuições até 12 meses após o livramento, o segurado retido ou recluso. (C)

Lei 8213, artigo 15, IV.

:: ABONO ANUAL

Em relação ao abono anual a ser pago aos segurados da Previdência Social, é correto afirmar que ele é calculado mediante aplicação do fator previdenciário sobre a última remuneração recebida pelo trabalhador. ( )

É correto afirmar que o abono anual somente pode ser recebido cumulativamente com o benefício mensal e com a gratificação de natal. ( )

É correto afirmar que o valor do abono anual deve ser calculado da mesma forma que a gratificação de natal dos trabalhadores. ( )

Sobre o abono anual é correto afirmar que o valor base para seu cálculo consiste na remuneração do 1.º mês do ano em que o trabalhador receber qualquer benefício. ( )

É devido abono anual ao segurado que, durante o ano, tenha recebido auxílio-doença, auxílio-acidente ou aposentadoria, pensão por morte, auxílio-reclusão ou salário-família, devendo o abono ser calculado pela média dos proventos pagos durante o ano ao segurado. ( )

Em regra, é correto afirmar que o abono anual integra o salário de contribuição. ( )

É correto afirmar que todos os benefícios do RGPS darão direito ao recebimento do abono anual pelo segurado. ( )

O abono anual será calculado da mesma forma que a gratificação natalina dos trabalhadores, tendo por base o valor da renda mensal do benefício do mês de dezembro de cada ano. ( )

O valor do abono anual correspondente ao período de duração do salário maternidade será pago, em cada exercício, juntamente com a última parcela do benefício nele devida. ( )

É devido abono anual ao segurado e ao dependente da Previdência Social que, durante o ano, recebeu auxílio-doença, auxílio-acidente ou aposentadoria, pensão por morte ou auxílio-reclusão. ( )

:: GABARITO COMENTADO

Em relação ao abono anual a ser pago aos segurados da Previdência Social, é correto afirmar que ele é calculado mediante aplicação do fator previdenciário sobre a última remuneração recebida pelo trabalhador. (E)

Não há relação direta do abono anual com o fator previdenciário.

É correto afirmar que o abono anual somente pode ser recebido cumulativamente com o benefício mensal e com a gratificação de natal. (E)

O abono anual será recebido tendo POR BASE a gratificação natalina dor trabalhadores. Não há a referida cumulação.

É correto afirmar que o valor do abono anual deve ser calculado da mesma forma que a gratificação de natal dos trabalhadores. (E)

Ter por base não significa que será calculado da mesma forma. Exemplo: a segurada recebe salário maternidade e, posteriormente o abono anual. Ora, ela receberá o seu abono anual em avos, ou seja, 4/12. Isso não quer dizer que, se ela fosse uma trabalhadora, receberia 4/12 e sim a proporção de seu trabalho na empresa. Lei 8213, artigo 40, parágrafo único.

Sobre o abono anual é correto afirmar que o valor base para seu cálculo consiste na remuneração do 1.º mês do ano em que o trabalhador receber qualquer benefício. (E)

Não há essa relação. O segurado receberá o valor proporcional do gozo do benefício.

É devido abono anual ao segurado que, durante o ano, tenha recebido auxílio-doença, auxílio-acidente ou aposentadoria, pensão por morte, auxílio-reclusão ou salário-família, devendo o abono ser calculado pela média dos proventos pagos durante o ano ao segurado. (E)

O benefício do RGPS salário família não garante abono anual. Lei 8213, artigo 40

Em regra, é correto afirmar que o abono anual integra o salário de contribuição. (E)

Correto. Abono anual em regra não integra o salário de contribuição.

É correto afirmar que todos os benefícios do RGPS darão direito ao recebimento do abono anual pelo segurado. (E)

Segurado em gozo apenas do salário família não faz jus a abono anual.

O abono anual será calculado da mesma forma que a gratificação natalina dos trabalhadores, tendo por base o valor da renda mensal do benefício do mês de dezembro de cada ano. (C)

Lei 8213, artigo 40, parágrafo único.

O valor do abono anual correspondente ao período de duração do salário maternidade será pago, em cada exercício, juntamente com a última parcela do benefício nele devida. (C)

Decreto 3048, artigo 120, parágrafo 2.

É devido abono anual ao segurado e ao dependente da Previdência Social que, durante o ano, recebeu auxílio-doença, auxílio-acidente ou aposentadoria, pensão por morte ou auxílio-reclusão. (C)

Em verdade, o abono anual não é devido ao dependente, porém este é o texto da lei. Lei 8213, artigo 40.

:: ACUMULAÇÃO DE BENEFÍCIOS

Leonardo, 10 anos, único filho de Joana e Sérgio, perde os seus pais em um trágico acidente de carro. É correto afirmar que Leonardo poderá acumular as duas pensões por morte provenientes de seus pais, segurados do RGPS. ( )

Joziel, 65 anos, segurado do RGPS há mais de 25 anos, está em gozo de auxílio doença há 2 anos. É correto afirmar que, da entrada do pedido de aposentadoria por idade de Joziel, a aposentadoria sendo concedida, ele poderá acumular o auxílio doença, que já recebe, com a aposentadoria por idade. ( )

Francisco, professor aposentado da Universidade Federal da Bahia, deu entrada na aposentadoria por idade no RGPS por cumprir os requisitos para a concessão desta. É correto afirmar que Francisco poderá acumular a aposentadoria de professor do RPPS do Executivo Federal com a aposentadoria por idade do RGPS. ( )

Cacilda, grávida, segurada empregada do RGPS, está em gozo de auxílio doença há um ano. É correto afirmar que, quando o seu filho nascer, Cacilda poderá acumular o auxílio doença recebido com o salário maternidade requerido. ( )

Tobias, 20 anos, desempregado, está em gozo de seguro desemprego. Com o falecimento de seu pai Adroaldo, segurado do RGPS, sendo Tobias único dependente de Adroaldo, Tobias não poderá acumular o seguro desemprego com a pensão por morte proveniente de seu pai. ( )

Emiliano, 65 anos, segurado do RGPS ininterruptamente por 20 anos, recebe auxílio acidente do RGPS desde 2010. É correto afirmar que Emiliano poderá acumular o auxílio acidente com a aposentadoria por idade requerida. ( )

É permitida a acumulação de aposentadoria por idade do RGPS com a pensão especial dos portadores de deficiência por Síndrome da Talidomida. ( )

O segurado recluso não faz jus aos benefícios de auxílio doença durante a percepção, pelos seus dependentes, do auxílio reclusão, permitida a opção, desde que manifestada, também, pelos dependentes, pelo benefício mais vantajoso. ( )

Bento, aposentado especial do RGPS, retorna à atividade laborativa como vendedor de seguros. É correto afirmar que Bento não terá prejudicado o recebimento de sua aposentadoria especial a qual será mantida no seu valor integral. ( )

Cátia recebe pensão por morte em virtude do falecimento de seu primeiro companheiro. É correto afirmar que, caso o seu atual esposo, segurado obrigatório do RGPS há 30 anos, faleça com quem Cátia está casada há 3 anos, Cátia poderá acumular a pensão por morte já recebida com a pensão por morte deixada por seu atual esposo. ( )

No RGPS não é permitida a acumulação de salário maternidade com auxílio doença. ( )

No RGPS é permitida a acumulação de mais de uma pensão deixada por cônjuge. ( )

Ronaldo, 65 anos, professor universitário aposentado dos RPPS´s estadual e federal, deu entrada em aposentadoria por idade no RGPS, pois já possui os requisitos para a concessão como professor neste regime. É correto afirmar que Ronaldo poderá acumular as três aposentadorias. ( )

No RGPS é permitida a acumulação de aposentadoria com auxílio doença. ( )

No RGPS é permitida a acumulação de mais de uma pensão deixada por companheiro ou companheira. ( )

Vitória recebe pensão por morte pelo falecimento de seu primeiro marido. É correto afirmar que, pela reclusão de seu atual marido, Justino, com quem é casada há 5 anos, segurado obrigatório de baixa renda há 10 anos, Vitória poderá acumular a pensão por morte já recebida com auxílio reclusão. ( )

No RGPS não é permitida a acumulação de auxílio acidente com qualquer aposentadoria. ( )

O direito adquirido não é levado em consideração nos casos de acumulação de benefícios no RGPS. ( )

O segurado aposentado por invalidez no RGPS que retornar ao trabalho poderá sempre acumular a referida aposentadoria como a remuneração auferida pelo retorno à atividade laborativa. ( )

Jesuíno recebe BPC LOAS por ser portador de deficiência. É correto afirmar que Jesuíno poderá acumular o referido benefício assistencial com auxílio doença do RGPS. ( )

:: GABARITO COMENTADO

Leonardo, 10 anos, único filho de Joana e Sérgio, perde os seus pais em um trágico acidente de carro. É correto afirmar que Leonardo poderá acumular as duas pensões por morte provenientes de seus pais, segurados do RGPS. (C)

Não há vedação na legislação para que filho recebe pensões de seus pais falecidos. Perceba que, pelo exposto, Leonardo receberá pensão de seus pais até que complete 21 anos, em regra.

Joziel, 65 anos, segurado do RGPS há mais de 25 anos, está em gozo de auxílio doença há 2 anos. É correto afirmar que, da entrada do pedido de aposentadoria por idade de Joziel, a aposentadoria sendo concedida, ele poderá acumular o auxílio doença, que já recebe, com a aposentadoria por idade. (E)

A aposentadoria de Joziel é inacumulável com auxílio doença. Decreto 3048, artigo 167, I.

Francisco, professor aposentado da Universidade Federal da Bahia, deu entrada na aposentadoria por idade no RGPS por cumprir os requisitos para a concessão desta. É correto afirmar que Francisco poderá acumular a aposentadoria de professor do RPPS do Executivo Federal com a aposentadoria por idade do RGPS. (C)

Sendo regimes distintos e Francisco cumprindo os requisitos de concessão, não há óbice na acumulação dos referidos benefícios.

Cacilda, grávida, segurada empregada do RGPS, está em gozo de auxílio doença há um ano. É correto afirmar que, quando o seu filho nascer, Cacilda poderá acumular o auxílio doença recebido com o salário maternidade requerido. (E)

Salário maternidade não pode ser acumulado com auxílio doença. Decreto 3048, artigo 167, IV.

Tobias, 20 anos, desempregado, está em gozo de seguro desemprego. Com o falecimento de seu pai Adroaldo, segurado do RGPS, sendo Tobias único dependente de Adroaldo, Tobias não poderá acumular o seguro desemprego com a pensão por morte proveniente de seu pai. (E)

Decreto 3048, artigo 167, parágrafo 2.

Emiliano, 65 anos, segurado do RGPS ininterruptamente por 20 anos, recebe auxílio acidente do RGPS desde 2010. É correto afirmar que Emiliano poderá acumular o auxílio acidente com a aposentadoria por idade requerida. (E)

Decreto 3048, artigo 167, IX.

É permitida a acumulação de aposentadoria por idade do RGPS com a pensão especial dos portadores de deficiência por Síndrome da Talidomida. (C)

Decreto 3048, artigo 167, parágrafo 3.

O segurado recluso não faz jus aos benefícios de auxílio doença durante a percepção, pelos seus dependentes, do auxílio reclusão, permitida a opção, desde que manifestada, também, pelos dependentes, pelo benefício mais vantajoso. (C)

Decreto 3048, artigo 167, parágrafo 3.

Bento, aposentado especial do RGPS, retorna à atividade laborativa como vendedor de seguros. É correto afirmar que Bento não terá prejudicado o recebimento de sua aposentadoria especial a qual será mantida no seu valor integral. (C)

Perceba que a nova atividade exercida por Bento não está relacionada com o exercício de atividade ou operação que o sujeite aos agentes nocivos. Logo, Bento não terá prejudicado o recebimento de sua aposentadoria especial a qual será mantida no seu valor integral. Lei 8213, artigo 57, parágrafo 8.

Cátia recebe pensão por morte em virtude do falecimento de seu primeiro companheiro. É correto afirmar que, caso o seu atual esposo, segurado obrigatório do RGPS há 30 anos, faleça, com quem Cátia está casada há 3 anos, Cátia poderá acumular a pensão por morte já recebida com a pensão por morte deixada por seu atual esposo. (E)

Cátia não acumulará as pensões, porem poderá optar pela mais vantajosa. Decreto 3048, artigo 167, VI e parágrafo 1.

No RGPS não é permitida a acumulação de salário maternidade com auxílio doença. (C)

Decreto 3048, artigo 167, IV.

No RGPS é permitida a acumulação de mais de uma pensão deixada por cônjuge. (E)

Decreto 3048, artigo 167, VI.

Ronaldo, 65 anos, professor universitário aposentado dos RPPS´s estadual e federal, deu entrada em aposentadoria por idade no RGPS, pois já possui os requisitos para a concessão como professor neste regime. É correto afirmar que Ronaldo poderá acumular as três aposentadorias. (C)

Perceba que o RPPS estadual é distinto do federal. Tendo cumprido os requisitos da aposentadoria do RGPS e sabendo que os tempos dos três regimes não são concomitantes, Ronaldo poderá gozar das três aposentadorias. Constituição Federal, artigo 37, XVI.

No RGPS é permitida a acumulação de aposentadoria com auxílio doença. (E)

Decreto 3048, artigo 167, I.

No RGPS é permitida a acumulação de mais de uma pensão deixada por companheiro ou companheira. (E)

Decreto 3048, artigo 167, VII.

Vitória recebe pensão por morte pelo falecimento de seu primeiro marido. É correto afirmar que, pela reclusão de seu atual marido, Justino, com quem é casada há 5 anos, segurado obrigatório de baixa renda há 10 anos, Vitória poderá acumular a pensão por morte já recebida com auxílio reclusão. (E)

Sendo o auxílio reclusão devido nas mesmas condições da pensão por morte, a referida acumulação não será possível. Decreto 3048, artigo 116 e artigo 167, VI.

No RGPS não é permitida a acumulação de auxílio acidente com qualquer aposentadoria. (C)

Decreto 3048, artigo 167, IX.

O direito adquirido não é levado em consideração nos casos de acumulação de benefícios no RGPS. (E)

Contrário. O texto do artigo 167 do Decreto 3048 expões que SALVONO CASO DE DIREITO ADQUIRIDO. Logo, é levado sim em consideração na análise das acumulações do RGPS.

O segurado aposentado por invalidez no RGPS que retornar ao trabalho sempre poderá acumular a referida aposentadoria como a remuneração auferida pelo retorno à atividade laborativa. (E)

Deverá ser analisado o artigo 46 e 47 da Lei 8213.

Jesuíno recebe BPC LOAS por ser portador de deficiência. É correto afirmar que Jesuíno poderá acumular o referido benefício assistencial com auxílio doença do RGPS. (E)

O BPC LOAS é não-acumulável, em regra, com o recebimento de benefícios do RGPS. Decreto 6214, artigo 5.

:: JUSTIFICAÇÃO ADMINISTRATIVA

A propósito do processo de justificação administrativa, a comprovação do tempo de serviço para fins previdenciários deve realizar-se com base em início de prova material, não sendo admitida a prova exclusivamente testemunhal, sem exceção. ( )

Deve-se admitir a justificação administrativa ainda que o fato a comprovar dependa de registro público de casamento, de idade ou de óbito. ( )

A justificação administrativa, utilizada para a comprovação de relação de parentesco, dentre outros, deve, para produzir efeito, estar baseada em início de prova material, não sendo admitida prova exclusivamente testemunhal. ( )

O cônjuge separado de fato que tenha recebido pensão de alimentos de segurado do RGPS não faz jus à pensão por morte do segurado, caso este tenha mantido, em vida, união estável provada, por meio de justificação administrativa, no INSS. ( )

A comprovação realizada mediante justificação administrativa ou judicial só produz efeito perante a previdência social quando baseada em início de prova material. ( )

:: GABARITO COMENTADO

A propósito do processo de justificação administrativa, a comprovação do tempo de serviço para fins previdenciários deve realizar-se com base em início de prova material, não sendo admitida a prova exclusivamente testemunhal, sem exceção. (E)

Existe exceção: motivo de força maior ou caso fortuito. Lei 8213, artigo 55, parágrafo 3.

Deve-se admitir a justificação administrativa ainda que o fato a comprovar dependa de registro público de casamento, de idade ou de óbito. (E)

Não se admite justificação administrativa para comprovação de registro público.

A justificação administrativa, utilizada para a comprovação de relação de parentesco,dentre outros, deve, para produzir efeito, estar baseada em início de prova material, não sendo admitida prova exclusivamente testemunhal. (C)

Decreto 3048, artigo 143.

O cônjuge separado de fato que tenha recebido pensão de alimentos de segurado do RGPS não faz jus à pensão por morte do segurado, caso este tenha mantido, em vida, união estável provada, por meio de justificação administrativa, no INSS. (E)

Tendo sido homologada a justificação administrativa do segurado com a companheiro perante o INSS, não há sentido o cônjuge separado de fato não receber por esse motivo. Decreto 3048, artigo 142.

A comprovação realizada mediante justificação administrativa ou judicial só produz efeito perante a previdência social quando baseada em início de prova material. (C)

Faz-se necessário o início de prova material para que comece um processo de justificação administrativa. Por isso, provas exclusivamente testemunhais não são admitidas.

:: DECADÊNCIA E PRESCRIÇÃO

O prazo de decadência de todo e qualquer direito ou ação do segurado para a revisão do ato de concessão de benefício é de dez anos, a contar do dia primeiro do mês seguinte ao do recebimento da primeira prestação. ( )

A ação para haver prestações devidas pela previdência social prescreve em cinco anos, a contar da data em que deveriam ter sido pagas. ( )

O direito de requerer pensão por morte decai após cinco anos da morte do segurado. ( )

O direito da Previdência Social de anular os atos administrativos de que decorram efeitos favoráveis para os seus beneficiários decai em dez anos, contados da data em que foram praticados, em qualquer hipótese. ( )

As ações referentes à prestação por acidente do trabalho prescrevem em 5 anos contados da data em que for reconhecida pela Previdência Social, a incapacidade permanente ou o agravamento das sequelas do acidente. ( )

:: GABARITO COMENTADO

O prazo de decadência de todo e qualquer direito ou ação do segurado para a revisão do ato de concessão de benefício é de dez anos, a contar do dia primeiro do mês seguinte ao do recebimento da primeira prestação. (C)

Lei 8213, artigo 103.

A ação para haver prestações devidas pela previdência social prescreve em cinco anos, a contar da data em que deveriam ter sido pagas. (C)

Lei 8213, artigo 103. Parágrafo único.

O direito de requerer pensão por morte decai após cinco anos da morte do segurado. (E)

O direito de requerer benefício no RGPS não decai. Apenas o salário maternidade tem a prerrogativa de ser requerido em até 5 anos do fato gerador do benefício.

O direito da Previdência Social de anular os atos administrativos de que decorram efeitos favoráveis para os seus beneficiários decai em dez anos, contados da data em que foram praticados, em qualquer hipótese. (E)

Lei 8213, artigo 103-A. Salvado comprovada a má-fé.

As ações referentes à prestação por acidente do trabalho prescrevem em 5 anos contados da data em que for reconhecida pela Previdência Social, a incapacidade permanente ou o agravamento das sequelas do acidente. (C)

Lei 8213, artigo 104, II.

:: BPC LOAS

No que se refere ao Benefício de Prestação Continuada, LOAS, julgue os itens seguintes: Para os fins do reconhecimento do direito ao benefício, considera-se família incapaz de prover a manutenção da pessoa com deficiência ou do idoso, aquela cuja renda líquida familiar dividida pelo número de seus integrantes seja inferior a um quarto do salário mínimo.
( )

O Benefício de Prestação Continuada será devido com o cumprimento de todos os requisitos legais e regulamentares exigidos para a sua concessão, devendo o seu pagamento ser efetuado em até trinta dias após cumpridas as exigências. ( )

O valor do Benefício de Prestação Continuada concedido a deficiente não será computado no cálculo da renda mensal bruta familiar, para fins de concessão do Benefício de Prestação Continuada a outro deficiente da mesma família. ( )

Para o Benefício de Prestação Continuada, incide contribuição previdenciária do beneficiário e, consequentemente, gera pagamento de abono anual. ( )

No que concerne aos procedimentos do BPC LOAS, o instrumento de procuração poderá ser outorgado em formulário próprio do INSS, mediante comprovação do motivo da ausência do beneficiário, e sua validade deverá ser renovada a cada doze meses. ( )

O Benefício de Prestação Continuada é a garantia de um salário mínimo mensal à pessoa com deficiência e ao idoso, com idade de sessenta e cinco anos ou mais se homem e 60 anos ou mais se mulher, que comprovem não possuir meios para prover a própria manutenção e nem de tê-la provida por sua família. ( )

Considera-se família para cálculo da renda per capita: conjunto de pessoas composto pelo requerente, o cônjuge, o companheiro, a companheira, os pais e, na ausência de um deles, a madrasta ou o padrasto, os irmãos solteiros, os filhos e enteados solteiros e os menores sob guarda, desde que vivam sob o mesmo teto. ( )

O beneficiário do BPC LOAS não pode acumular o Benefício de Prestação Continuada com qualquer outro benefício no âmbito da Seguridade Social ou de outro regime, exceto o seguro desemprego. ( )

Para fins de identificação da pessoa com deficiência e do idoso e de comprovação da idade do idoso, a carteira de reservista poderá ser apresentada para tal finalidade. ( )

Para fins de reconhecimento do direito ao Benefício de Prestação Continuada às crianças e adolescentes menores de dezoito anos de idade, deve ser avaliada a existência da deficiência e o seu impacto na limitação do desempenho de atividade e restrição da participação social, compatível com a idade. ( )

É correto afirmar que a assistência social é Política de Seguridade Social contributiva, que provê os mínimos sociais, realizada através de um conjunto integrado de ações de iniciativa pública e da sociedade, para garantir o atendimento às necessidades básicas. ( )

É correto afirmar que a assistência social tem como um dos seus objetivos a proteção social, que visa à garantia da vida, à redução de danos e à prevenção da incidência de riscos, especialmente, o amparo às crianças e aos adolescentes carentes. ( )

O BPC LOAS, conclusos os requisitos para a concessão, garante um salário mínimo de benefício mensal à pessoa com deficiência e ao idoso que comprovem não possuir meios de prover a própria manutenção ou de tê-la provida por sua família. ( )

Consideram-se entidades e organizações de assistência social aquelas sem fins lucrativos que, isolada ou cumulativamente, prestam atendimento e assessoramento aos beneficiários abrangidos por esta Lei, bem como as que atuam na defesa e garantia de direitos. ( )

É princípio da assistência social a universalização dos direitos sociais, a fim de tornar o destinatário da ação assistencial alcançável pelas demais políticas públicas. ( )

Samuel, 65 anos, sem renda, deu entrada no INSS pelo Benefício de Prestação Continuada LOAS para idoso. Na sua casa vivem ele, o filho Ícaro e a nora Samantha que recebem um salário mínimo, cada, em seus empregos. É correto afirmar que Samuel terá negado o benefício pleiteado, pois a renda mensal per capita de sua família é superior a 1/4 (um quarto) do salário mínimo. ( )

Acerca do BPC LOAS, na hipótese de não existirem serviços no município de residência do beneficiário, fica assegurado, na forma prevista em regulamento, o seu encaminhamento ao município mais próximo que contar com tal estrutura. ( )

O benefício de prestação continuada deve ser revisto anualmente para avaliação da continuidade das condições que lhe deram origem. ( )

Acerca do BPC LOAS, a contratação de pessoa com deficiência como aprendiz não acarreta a suspensão do benefício de prestação continuada, limitado a 2 anos o recebimento concomitante da remuneração e do benefício. ( )

À luz do Decreto n.º 6.214/2007 é correto afirmar que são requisitos imprescindíveis para a concessão, a manutenção e a revisão do BPC LOAS as inscrições no Cadastro de Pessoas Físicas - CPF e no Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal - CadÚnico. ( )

:: GABARITO COMENTADO

No que se refere ao Benefício de Prestação Continuada, LOAS, julgue os itens seguintes: Para os fins do reconhecimento do direito ao benefício, considera-se família incapaz de prover a manutenção da pessoa com deficiência ou do idoso, aquela cuja renda líquida familiar dividida pelo número de seus integrantes seja inferior a um quarto do salário mínimo.
(E)

O único erro da assertiva está no termo LÍQUIDA, pois o texto do decreto diz que a renda BRUTA familiar. Isso faz toda a diferença, pois se trata de um cálculo. Decreto 6214, artigo 4, IV.

O Benefício de Prestação Continuada será devido com o cumprimento de todos os requisitos legais e regulamentares exigidos para a sua concessão, devendo o seu pagamento ser efetuado em até trinta dias após cumpridas as exigências. (E)

45 dias. Decreto 6214, artigo 20. O Benefício de Prestação Continuada será devido com o cumprimento de todos os requisitos legais e regulamentares exigidos para a sua concessão, devendo o seu pagamento ser efetuado em até quarenta e cinco dias após cumpridas as exigências.

O valor do Benefício de Prestação Continuada concedido a deficiente não será computado no cálculo da renda mensal bruta familiar, para fins de concessão do Benefício de Prestação Continuada a outro deficiente da mesma família. (E)

O valor do Benefício de Prestação Continuada que não será computado no cálculo da renda mensal bruta familiar, para fins de concessão do Benefício de Prestação Continuada é o de outro IDOSO e não deficiente.
Decreto 6214, artigo 19, parágrafo único.

Para o Benefício de Prestação Continuada, incide contribuição previdenciária do beneficiário e, consequentemente, gera pagamento de abono anual. (E)

Não incide contribuição previdenciária e muito menos dá direito ao abono anual a quem usufrui desse benefício assistencial. Decreto 6214, artigo 22.

No que concerne aos procedimentos do BPC LOAS, o instrumento de procuração poderá ser outorgado em formulário próprio do INSS, mediante comprovação do motivo da ausência do beneficiário, e sua validade deverá ser renovada a cada doze meses. (C)

Decreto 6214, artigo 28, parágrafo 1.

O Benefício de Prestação Continuada é a garantia de um salário mínimo mensal à pessoa com deficiência e ao idoso, com idade de sessenta e cinco anos ou mais se homem e 60 anos ou mais se mulher, que comprovem não possuir meios para prover a própria manutenção e nem de tê-la provida por sua família. (E)

A idade para ter acesso ao BPC LOAS do idoso é de 65 anos para ambos os sexos. Decreto 6214, artigo 1.

Considera-se família para cálculo da renda per capita: conjunto de pessoas composto pelo requerente, o cônjuge, o companheiro, a companheira, os pais e, na ausência de um deles, a madrasta ou o padrasto, os irmãos solteiros, os filhos e enteados solteiros e os menores sob guarda, desde que vivam sob o mesmo teto. (E)

Menores sob tutela. Decreto 6214, artigo 4, V. Família para cálculo da renda per capita: conjunto de pessoas composto pelo requerente, o cônjuge, o companheiro, a companheira, os pais e, na ausência de um deles, a madrasta ou o padrasto, os irmãos solteiros, os filhos e enteados solteiros e os menores tutelados, desde que vivam sob o mesmo teto.

O beneficiário do BPC LOAS não pode acumular o Benefício de Prestação Continuada com qualquer outro benefício no âmbito da Seguridade Social ou de outro regime, exceto o seguro desemprego. (E)

Decreto 6214, artigo 5. O beneficiário do BPC LOAS não pode acumular o Benefício de Prestação Continuada com qualquer outro benefício no âmbito da Seguridade Social ou de outro regime, INCLUSIVE o seguro desemprego.

Para fins de identificação da pessoa com deficiência e do idoso e de comprovação da idade do idoso, a carteira de reservista poderá ser apresentada para tal finalidade. (C)

Decreto 6214, artigo 10, III.

Para fins de reconhecimento do direito ao Benefício de Prestação Continuada às crianças e adolescentes menores de dezoito anos de idade, deve ser avaliada a existência da deficiência e o seu impacto na limitação do desempenho de atividade e restrição da participação social, compatível com a idade. (E)

Infelizmente, você precisará memorizar o texto do decreto para a sua prova. Crianças e adolescentes menores de 16 anos e não 18 anos. Decreto 6214, artigo 4, parágrafo 1.

É correto afirmar que a assistência social é Política de Seguridade Social contributiva, que provê os mínimos sociais, realizada através de um conjunto integrado de ações de iniciativa pública e da sociedade, para garantir o atendimento às necessidades básicas. (E)

A assistência social não tem caráter contributivo. Lei 8742, artigo 1.

É correto afirmar que a assistência social tem como um dos seus objetivos a proteção social, que visa à garantia da vida, à redução de danos e à prevenção da incidência de riscos, especialmente, o amparo às crianças e aos adolescentes carentes. (C)

Lei 8742, artigo 2, I, b.

O BPC LOAS, conclusos os requisitos para a concessão, garante um salário mínimo de benefício mensal à pessoa com deficiência e ao idoso que comprovem não possuir meios de prover a própria manutenção ou de tê-la provida por sua família. (C)

Lei 8742, artigo 2, I, e.

Consideram-se entidades e organizações de assistência social aquelas sem fins lucrativos que, isolada ou cumulativamente, prestam atendimento e assessoramento aos beneficiários abrangidos por esta Lei, bem como as que atuam na defesa e garantia de direitos. (C)

Lei 8742, artigo 3.

É princípio da assistência social a universalização dos direitos sociais, a fim de tornar o destinatário da ação assistencial alcançável pelas demais políticas públicas. (C)

Lei 8742, artigo 4, II.

Samuel, 65 anos, sem renda, deu entrada no INSS pelo Benefício de Prestação Continuada LOAS para idoso. Na sua casa vivem ele, o filho Ícaro e a nora Samantha que recebem um salário mínimo, cada, em seus empregos. É correto afirmar que Samuel terá negado o benefício pleiteado, pois a renda mensal per capita de sua família é superior a 1/4 (um quarto) do salário mínimo. (E)

Perceba que o filho é casado e a nora, igualmente, não entra no grupo familiar. Logo, não há óbice do recebimento do BPC LOAS para Samuel. Lei 8742, artigo 20, parágrafo 1.

Acerca do BPC LOAS, na hipótese de não existirem serviços no município de residência do beneficiário, fica assegurado, na forma prevista em regulamento, o seu encaminhamento ao município mais próximo que contar com tal estrutura. (C)

Lei 8742, artigo 20, parágrafo 7.

O benefício de prestação continuada deve ser revisto anualmente para avaliação da continuidade das condições que lhe deram origem. (E)

A revisão será BIENAL. Lei 8742, artigo 21.

Acerca do BPC LOAS, a contratação de pessoa com deficiência como aprendiz não acarreta a suspensão do benefício de prestação continuada, limitado a 2 anos o recebimento concomitante da remuneração e do benefício. (C)

Lei 8742, artigo 21, parágrafo 2.

À luz do Decreto n.º 6.214/2007 é correto afirmar que são requisitos imprescindíveis para a concessão, a manutenção e a revisão do BPC LOAS as inscrições no Cadastro de Pessoas Físicas - CPF e no Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal - CadÚnico. (C)

Decreto n.º 6.214/2007, artigo 12. A partir do Decreto 8.805/2016, tornou-se indispensável o CPF e a inscrição no CadÚnico dos componentes do grupo familiar do requerente.

:: CRIMES

Madalena, empregada doméstica, trabalha na casa de Dilma há dois anos. Madalena dirige-se ao INSS requerer auxílio doença, mas recebe a informação do servidor Dauber, que Dilma não tem recolhido as contribuições previdenciárias de Madalena. Madalena alega que, todos os meses, Dilma desconta de seu salário os valores referentes a sua contribuição à previdência social. É correto afirmar que Dilma vem cometendo crime de apropriação indébita previdenciária. ( )

Omitir de folha de pagamento da empresa contribuições previdenciárias devidas por empregado, configura crime de sonegação fiscal previdenciária. ( )

Deixar de lançar mensalmente em títulos próprios da contabilidade da empresa as quantias descontadas dos segurados ou as devidas pelo empregador ou pelo tomador de serviço incorre em crime de estelionato. ( )

Ernesto mantinha uma pequena granja em um sítio de sua propriedade e contava com o auxílio de dois empregados, que percebiam remuneração mensal equivalente a um salário mínimo. Por exercer o negócio por conta própria e informalmente, Ernesto nunca efetuou os registros devidos nas carteiras de trabalho de seus empregados, tampouco recolheu as contribuições previdenciárias correspondentes. Nessa situação, se for flagrado pela fiscalização, Ernesto responderá pelo crime de sonegação de contribuição previdenciária, podendo o juiz restringir a pena de reclusão prevista (de um terço até a metade) ou apenas aplicar a pena de multa. ( )

Acerca dos crimes previdenciários, se, até antes do início da ação fiscal, o infrator confessar a dívida e efetuar espontaneamente o pagamento integral dos valores devidos, prestando as devidas informações ao órgão da previdência social, a punibilidade de sua conduta poderá ser extinta. ( )

Falsificação de documento público é um crime previdenciário com pena de detenção de 2 a 6 anos. ( )

Dentre outros, são crimes previdenciários: sonegação fiscal, inserção de dados falsos em sistema de informação e modificação não autorizada de sistema de informação. ( )

João, servidor público de cargo efetivo, fez diversas alterações no sistema de informação do INSS. É correto afirmar que João incorreu em crime de inserção de dados falsos em sistema de informação. ( )

É correto afirmar que divulgar, sem justa causa, informações sigilosas ou reservadas não contidas nos sistemas de informações da Administração Pública incorre em crime previdenciário. ( )

No crime de sonegação previdenciária é facultado ao juiz deixar de aplicar a pena ou aplicar somente multa se o agente for primário e de bons antecedentes, sem exceções.
( )

:: GABARITO COMENTADO

Madalena, empregada doméstica, trabalha na casa de Dilma há dois anos. Madalena dirige-se ao INSS requerer auxílio doença, mas recebe a informação do servidor Dauber, que Dilma não tem recolhido as contribuições previdenciárias de Madalena. Madalena alega que, todos os meses, Dilma desconta de seu salário os valores referentes a sua contribuição à previdência social. É correto afirmar que Dilma vem cometendo crime de apropriação indébita previdenciária. (C)

Descontar do trabalhador as contribuições previdenciárias e não pagar à previdência social incorre em crime de apropriação indébita previdenciária. Código Penal Brasileiro, Art. 168-A - Deixar de repassar à previdência social as contribuições recolhidas dos contribuintes, no prazo é forma legal ou convencional: Pena - reclusão, de 2 (dois) a 5 (cinco) anos, e multa.

Omitir de folha de pagamento da empresa contribuições previdenciárias devidas por empregado, configura crime de sonegação fiscal previdenciária. (C)

Código Penal Brasileiro, Art. 337-A - Suprimir ou reduzir contribuição social previdenciária e qualquer acessório, mediante as seguintes condutas: I - omitir de folha de pagamento da empresa ou de documento de informações previsto pela legislação previdenciária segurados empregado, empresário, trabalhador avulso ou trabalhador autônomo ou a este equiparado que lhe prestem serviços.

Deixar de lançar mensalmente em títulos próprios da contabilidade da empresa as quantias descontadas dos segurados ou as devidas pelo empregador ou pelo tomador de serviço incorre em crime de estelionato. (E)

Incorre em crime de sonegação fiscal previdenciária. Código Penal Brasileiro, Art. 337-A - Suprimir ou reduzir contribuição social previdenciária e qualquer acessório, mediante as seguintes condutas: II - deixar de lançar mensalmente nos títulos próprios da contabilidade da empresa as quantias descontadas dos segurados ou as devidas pelo empregador ou pelo tomador de serviços.

Ernesto mantinha uma pequena granja em um sítio de sua propriedade e contava com o auxílio de dois empregados, que percebiam remuneração mensal equivalente a um salário mínimo. Por exercer o negócio por conta própria e informalmente, Ernesto nunca efetuou os registros devidos nas carteiras de trabalho de seus empregados, tampouco recolheu as contribuições previdenciárias correspondentes. Nessa situação, se for flagrado pela fiscalização, Ernesto responderá pelo crime de sonegação de contribuição previdenciária, podendo o juiz restringir a pena de reclusão prevista (de um terço até a metade) ou apenas aplicar a pena de multa. (C)

Correto. Código Penal Brasileiro, artigo 168-A, §2º, : "É extinta a punibilidade se o agente, espontaneamente, declara, confessa e efetua o pagamento das contribuições, importâncias ou valores e presta as informações devidas à previdência social, na forma devida em lei ou regulamento, antes do início da ação fiscal".

Acerca dos crimes previdenciários, se, até antes do início da ação fiscal, o infrator confessar a dívida e efetuar espontaneamente o pagamento integral dos valores devidos, prestando as devidas informações ao órgão da previdência social, a punibilidade de sua conduta poderá ser extinta. (C)

Correto. Código Penal Brasileiro, artigo 168-A, §2º, : "É extinta a punibilidade se o agente, espontaneamente, declara, confessa e efetua o pagamento das contribuições, importâncias ou valores e presta as informações devidas à previdência social, na forma devida em lei ou regulamento, antes do início da ação fiscal".

Falsificação de documento público é um crime previdenciário com pena de detenção de 2 a 6 anos. (E)

Código Penal Brasileiro, artigo 297. A pena é de RECLUSÃO e não de detenção.

Dentre outros, são crimes previdenciários: sonegação fiscal, inserção de dados falsos em sistema de informação e modificação não autorizada de sistema de informação. (C)

Todos são configurados no Código Penal Brasileiro como crimes. Leia os artigos 337-A, 313-A e 313-B.

João, servidor público de cargo efetivo, fez diversas alterações no sistema de informação do INSS. É correto afirmar que João incorreu em crime de inserção de dados falsos em sistema de informação. (E)

Modificar ou alterar, o funcionário, sistema de informação ou programa de informática se autorização ou solicitação de autoridade competente, artigo 313-B, Código Penal brasileiro, crime de modificação não autorizada de sistema de informação.

É correto afirmar que divulgar, sem justa causa, informações sigilosas ou reservadas não contidas nos sistemas de informações da Administração Pública incorre em crime previdenciário. (C)

Crime de divulgação de informações sigilosas ou reservadas. Código Penal Brasileiro, artigo 153.

No crime de sonegação previdenciária é facultado ao juiz deixar de aplicar a pena ou aplicar somente multa se o agente for primário e de bons antecedentes, sem exceções. (E)

Há exceções e uma delas é que o valor das contribuições devidas, inclusive acessórios, seja igual ou inferior àquele estabelecido pela previdência social, administrativamente, como sendo o mínimo para ajuizamento de suas ações fiscais. Código Penal Brasileiro, artigo 337-A, parágrafo 2.

:: SIMULADÃO

1. A seguridade social será financiada por toda a sociedade, de forma direta e indireta, nos termos da lei, mediante recursos provenientes dos orçamentos da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios. ( )

2. É correto afirmar que todas as entidades beneficentes de assistência social são isentas de contribuição para a seguridade social. ( )

3. As ações e serviços públicos de saúde integram uma rede regionalizada e hierarquizada e constituem um sistema único, organizado de acordo com, dentre outras diretrizes, a participação da comunidade. ( )

4. Para efeito de aposentadoria, é assegurada a contagem recíproca do tempo de contribuição na administração pública e na atividade privada, rural e urbana, hipótese em que os diversos regimes de previdência social se compensarão financeiramente, segundo critérios estabelecidos em lei. ( )

5. O sistema especial de inclusão previdenciária garantirá alíquotas inferiores, exceto carências, às vigentes para os demais segurados do regime geral de previdência social. ( )

6. É correto afirmar que foi através da Constituição Brasileira de 1824 que foi trato o tema socorros públicos sendo este o primeiro ato securitário previsto em Constituição no Brasil. ( )

7. Foi a partir da Constituição Brasileira de 1988 que as atividades de saúde, previdência social e assistência social foram reunidas. ( )

8. O Conselho Nacional de Previdência Social (CNPS) é composto por seis representantes do Governo Federal e nove representantes da sociedade civil, tendo mandato de 2 anos e não sendo permitida a recondução. ( )

9. José trabalha em uma empresa de serviços gerais em caráter não eventual, com subordinação e remuneração. É correto afirmar que José é segurado empregado da previdência social. ( )

10. Rafael, é servidor público de cargo comissionado da União.É correto afirmar que Rafael não se enquadra em qualquer categoria do RGPS por ter vínculo com o RPPS do Executivo Federal. ( )

11. É correto afirmar que o ministro de confissão religiosa é segurado obrigatório na categoria trabalhador avulso do RGPS, pois não tem vínculo empregatício com empresas. ( )

12. Serafim mora em meio urbano, próximo de sua fazendinha onde trabalha em regime de economia familiar. Tendo contratado, em 2017, duas pessoas para ajudá-lo no plantio pelo período de 60 dias cada um e morar no centro da cidade onde mora. É correto afirmar que Serafim perdeu a sua qualidade de segurado especial do RGPS. ( )

13. É correto afirmar que para serem considerados segurados especiais, o cônjuge ou companheiro e os filhos maiores de 18 anos ou os a estes equiparados deverão ter participação ativa nas atividades rurais do grupo familiar. ( )

14. Mariana é segurada especial e trabalha na lida rural há muitos anos. É correto afirmar que, se Mariana receber programa assistencial oficial do governo, Mariana perderá a sua qualidade de segurada especial do RGPS. ( )

15. Jegueson, segurado especial, trabalha, juntamente, com seus pais na lavoura e, também, produz redes artesanais para complementar o sustento da família auferindo, mensalmente, o equivalente a um salário mínimo. É correto afirmar que Jegueson não perderá a sua qualidade de segurado especial da previdência social. ( )

16. Para o RGPS, Consideram-se empresa a firma individual ou sociedade que assume o risco de atividade econômica urbana ou rural, com fins lucrativos ou não, bem como os órgãos e entidades da administração pública direta, indireta ou fundacional. ( )

17. É correto afirmar que mantém a qualidade de segurado, independentemente de contribuições, até 6 meses, o segurado facultativo que estiver em gozo de benefício. ( )

18. O menor sob guarda, equiparam-se a filho mediante declaração do segurado e desde que comprovada a dependência econômica. ( )

19. É correto afirmar que a dependência econômica dos pais do segurado do RGPS falecido é presumida. ( )

20. Maneca, invalido aos 10 anos de idade, perdeu o seu pai Josevaldo, segurado obrigatório do RGPS, morto por uma doença fatal, e, então, Maneca passou a perceber pensão por morte previdenciária. Maneca, aos 20 anos, concluiu curso de nível superior em universidade federal. É correto afirmar que Maneca terá cessada a sua cota parte de pensão por morte. ( )

21. Nos casos de impossibilidade de realização de perícia médica pelo órgão ou setor próprio competente, assim como de efetiva incapacidade física ou técnica de implementação das atividades e de atendimento adequado à clientela da previdência social, o INSS poderá, sem ônus para os segurados, celebrar, nos termos do regulamento, convênios, termos de execução descentralizada, termos de fomento ou de colaboração, contratos não onerosos ou acordos de cooperação técnica para realização de perícia médica, por delegação ou simples cooperação técnica, sob sua coordenação e supervisão órgãos e entidades públicos ou que integrem o Sistema Único de Saúde. ( )

22. É correto afirmar que caso o segurado, durante o gozo do auxílio-doença, venha a exercer atividade diversa daquela que gerou o benefício, deverá ser verificada a incapacidade para cada uma das atividades exercidas. ( )

23. Nilton, segurado obrigatório do RGPS em gozo de auxílio doença, foi declarado insusceptível de recuperação para sua atividade habitual. É correto afirmar que o auxílio doença gozado por Nilton será, automaticamente, convertido em aposentadoria por invalidez. ( )

24. Onofre, aposentado por idade do RGPS, 55 anos de idade, baixa renda, deu entrada no INSS para usufruir do benefício salário família. É correto afirmar que Onofre tem direito ao referido benefício do RGPS. ( )

25. Acerca do benefício do RGPS salário família é correto afirmar que o empregador doméstico, de baixa renda, deverá apresentar apenas a certidão de nascimento do seu filho menor de 14 anos para ter direito ao referido benefício. ( )

26. É correto afirmar que, no que concerne ao benefício salário família, o empregado doméstico conservará durante 10 anos os comprovantes de pagamento e as cópias das certidões correspondentes, para fiscalização da Previdência Social. ( )

27. É correto afirmar que o benefício do RGPS salário maternidade devido à segurada desempregada, em período de graça, consistirá numa renda mensal 1/12 da soma dos 12 últimos salários de contribuição, apurados em um período não superior a 15 meses. ( )

28. Janaína, segurada empregada do RGPS está em gozo de salário maternidade. É correto afirmar que a renda mensal do referido benefício de Janaína é igual ao seu salário de contribuição. ( )

29. Etelvina, segurada obrigatória do RGPS, faleceu em um trágico acidente automobilístico. Tendo apenas o seu pai Malaquias, 40 anos, como familiar e, comprovadamente, seu dependente economicamente. É correto afirmar que Malaquias receberá pensão por morte de Etelvina durante 15 anos. ( )

30. César, segurado obrigatório do RGPS, faleceu em um trágico acidente de motocicleta. Tendo apenas um filho com 23 anos e inválido aos 15 anos, como dependente. É correto afirmar que, o filho de César não terá direito ao benefício de pensão por morte. ( )

31. Gertrudes que era pensionista de Rogério, faleceu. Gertrudes tinha apenas um filho, Marcos de 18 anos de idade. É correto afirmar que a pensão conferida a Gertrudes pelo falecimento de Rogério será usufruída por Marcos até ele completar 21 anos de idade. ( )

32. Acerca da inscrição no RGPS. É correto afirmar que Incumbe ao dependente promover a sua inscrição quando do requerimento do benefício a que estiver habilitado. ( )

33. É correto afirmar no RGPS que, presentes os pressupostos da filiação, admite-se a inscrição *post mortem* do segurado contribuinte individual. ( )

34. Acerca da inscrição no RGPS. É correto afirmar que a comprovação dos dados pessoais e de outros elementos necessários e úteis à caracterização do segurado poderá ser exigida quando da concessão do benefício. ( )

35. Flausino, 62 anos, segurado obrigatório do RGPS em gozo de auxílio doença, foi comunicado que deveria se submeter a exame médico a cargo da previdência social. É correto afirmar que, ao faltar ao referido exame, Faustino correrá o risco de ter suspenso o seu benefício. ( )

36. Tempo de contribuição é o número mínimo de contribuições mensais indispensáveis para que o beneficiário faça jus ao benefício, consideradas a partir do transcurso do primeiro dia dos meses de suas competências. ( )

37. É correto afirmar que, em regra, o benefício salário maternidade tem carência de 10 meses para a segurada empregada doméstica. ( )

38. Paulo deu entrada no INSS na aposentadoria por tempo de contribuição. É correto afirmar que basta comprovar a carência de 180 contribuições e a idade mínima de 65 anos que Paulo já estará apto para ter o referido benefício deferido. ( )

39. Gerson, 60 anos, trabalhou durante 8 anos como cobrador de ônibus e, posteriormente, deixou a cidade grande para se dedicar às atividades rurícolas em sua pequena fazenda na qual permaneceu trabalhando por 7 anos. Desde que deixou a cidade grande, Gerson não mais lá voltou. Estando regular a sua atividade urbana nos 8 primeiros anos e tendo comprovado o efetivo exercício da atividade rural durante os 7 anos seguintes, é correto afirmar que Gerson poderá averbar o tempo de atividade urbana com o tempo de atividade rural e poderá se aposentar através da chamada aposentadoria híbrida ou mista. ( )

40. É correto afirmar que o garimpeiro, contribuinte individual que trabalhe em regime de economia familiar, terá redução de 5 anos nos critérios de concessão da aposentadoria por idade. ( )

41. Aos segurados especiais é garantido aposentadoria por idade no valor de um salário mínimo ao completar 60 anos se homem e 55 anos se mulher. ( )

42. O CNPS reunir-se-á, ordinariamente, uma vez por ano, por convocação de seu Presidente, não podendo ser adiada a reunião por mais de dias se houver requerimento nesse sentido da maioria dos conselheiros. ( )

43. Dentre seu princípios e objetivos, a previdência social, rege-se pelo princípio da previdência complementar facultativa, custeada por contribuição adicional. ( )

44. É correto afirmar que compete ao Conselho Nacional de Previdência Social participar, acompanhar e avaliar sistematicamente a gestão previdenciária. ( )

45. Todo benefício que substituir o salário de contribuição ou o rendimento do trabalho do segurado não terá valor mensal inferior ao salário mínimo. ( )

46. No RGPS, Equipara-se também ao acidente do trabalho o acidente sofrido pelo segurado no local e no horário do trabalho em consequência de ofensa verbal intencional, inclusive de terceiro, por motivo de disputa relacionada ao trabalho. ( )

47. É correto afirmar que não é considerada doença do trabalho a doença endêmica adquirida por segurado habitante de região em que ela se desenvolva, salvo

comprovação de que é resultante de exposição ou contato direto determinado pela natureza do trabalho. ( )

48. É correto afirmar que, para o empregado doméstico, acidente do trabalho é o que ocorre pelo exercício do trabalho a serviço de empregador doméstico, provocando lesão corporal ou perturbação funcional que cause a morte ou a perda ou redução, permanente ou temporária, da capacidade para o trabalho. ( )

49. Acerca do acidente do trabalho, o empregado é o responsável pela adoção e uso das medidas individuais de proteção e segurança de sua saúde. ( )

50. É correto afirmar que o fator previdenciário será calculado considerando-se a idade, a expectativa de sobrevida e o tempo de contribuição do segurado ao se aposentar. ( )

51. É correto afirmar que o MEI (Micro Empreendedor Individual), que fatura até R$60.000,00 por ano, poderá contribuir para o RGPS com 5% do salário mínimo estando incluído no Sistema de Inclusão Previdenciária. ( )

52. É correto afirmar que, um dos requisitos para ser MEI (Micro Empreendedor Individual) é que ele contrate apenas um empregado a seu serviço e que este tenha como limite de remuneração o salário mínimo ou piso salarial da categoria. ( )

53. É correto afirmar que a cota patronal do MEI é de 3% e incidirá sobre a remuneração do seu empregado. ( )

54. Glivanilde, empregada doméstica e segurada do RGPS, é responsável pelo recolhimento de sua contribuição previdenciária realizada através de guia própria fornecida pelo INSS. ( )

55. É correto afirmar que o contribuinte individual que presta serviço à empresa é responsável pelo recolhimento de 20% de sua remuneração até o limite do teto previdenciário. ( )

56. É correto afirmar que o auxílio-doença não poderá exceder a média aritmética simples dos últimos 12 salários de contribuição, inclusive em caso de remuneração variável, ou, se não alcançado o número de 12 (doze), a média aritmética simples dos salários de contribuição existentes. ( )

57. Magda, segurada obrigatória do RGPS, deu entrada em auxílio doença no INSS. Após um cálculo preliminar de sua renda mensal, obteve-se o valor de R$2.730,00. Calculada a média aritmética simples dos seus últimos 12 salários de contribuição, chegou-se ao valor de mil reais. É correto afirmar que a renda mensal do auxílio doença requerido por Magda será no valor de mil reais. ( )

58. Júlia trabalha na empresa OK com turno reduzido, 4 horas diárias recebendo 500 reais mensais. É correto afirmar que, caso necessite de auxílio doença, Júlia receberá, a título de renda mensal, o valor de 500 reais. ( )

59. É correto afirmar que o salário maternidade do RGPS é direito da segurada, correspondente a 2 semanas em caso de aborto não criminoso e comprovado mediante atestado médico. ( )

60. Acerca do benefício auxílio doença, O INSS poderá estabelecer, mediante avaliação médico pericial, o prazo que entender suficiente para a recuperação da capacidade para o trabalho do segurado, dispensada nessa hipótese a realização de nova perícia. ( )

61. É correto afirmar que a assistência social, rege-se pelo princípio da supremacia do atendimento às necessidades sociais sobre as exigências de rentabilidade econômica. ( )

62. A gestão das ações na área de assistência social é organizada sob a forma de sistema descentralizado e participativo, denominado Sistema Único de Assistência Social (Suas). ( )

63. São tipos de proteção da assistência social: proteção social básica e especial. ( )

64. Sobre a organização da Assistência Social é correto afirmar que a União apoiará financeiramente o aprimoramento à gestão centralizada dos serviços, programas, projetos e benefícios de assistência social, por meio do Índice de Gestão Descentralizada (IGD) do Sistema Único de Assistência Social (Suas). ( )

65. Acerca do BPC LOAS é correto afirmar que o avô e o sobrinho fazem parte do grupo familiar do qual o requerente está inserido. ( )

66. Edson, 65 anos, tem renda mensal declarada no valor de um salário mínimo e sustenta a sua esposa, que não tem qualquer renda e quatro filhos, igualmente sem renda. É correto afirmar que Edson terá direito ao BPC LOAS para o idoso no valor de um salário mínimo. ( )

67. O BPC LOAS será cancelado quando se constatar irregularidade na sua concessão ou utilização. ( )

68. O benefício de prestação continuada será suspenso pelo órgão concedente quando a pessoa com deficiência exercer atividade remunerada, exceto na condição de microempreendedor individual. ( )

69. A cerca do BPC LOAS, a contratação de pessoa com deficiência como aprendiz acarreta a suspensão do benefício de prestação continuada. ( )

70. Na organização dos serviços da assistência social serão criados programas de amparo às pessoas que vivem em situação de rua. ( )

:: SIMULADÃO

1. **A seguridade social será financiada por toda a sociedade, de forma direta e indireta, nos termos da lei, mediante recursos provenientes dos orçamentos da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios. (C)**

Constituição Federal, artigo 195

2. **É correto afirmar que todas as entidades beneficentes de assistência social são isentas de contribuição para a seguridade social. (E)**

As entidade beneficentes de assistência social que atendam às exigências estabelecidas em lei e não TODAS. Constituição Federal, artigo 195, parágrafo 7.

3. **As ações e serviços públicos de saúde integram uma rede regionalizada e hierarquizada e constituem um sistema único, organizado de acordo com, dentre outras diretrizes, a participação da comunidade. (C)**

Constituição Federal, artigo 198, parágrafo 3.

4. **Para efeito de aposentadoria, é assegurada a contagem recíproca do tempo de contribuição na administração pública e na atividade privada, rural e urbana, hipótese em que os diversos regimes de previdência social se compensarão financeiramente, segundo critérios estabelecidos em lei. (C)**

Constituição Federal, artigo 201, parágrafo 9. Essa é uma forma restrita da Carta Magna aplicar a compensação de regimes previdenciários, mas, também, entende-se que para a concessão de benefícios se aplica a referida compensação.

5. **O sistema especial de inclusão previdenciária garantirá alíquotas inferiores, exceto carências, às vigentes para os demais segurados do regime geral de previdência social. (E)**

A Carta Magna nos orienta que também para carências haverá inserida a disposição do sistema especial de inclusão, porém, até o momento do seu edital, não houve pontos da legislação contemplando as referidas carências inferiores.

6. **É correto afirmar que foi através da Constituição Brasileira de 1824 que foi trato o tema socorros públicos sendo este o primeiro ato securitário previsto em Constituição no Brasil.**

(C)

Através do artigo 179, XXXI da Constituição Brasileira de 1824 que foi trato o tema socorros públicos sendo este o primeiro ato securitário previsto em Constituição no Brasil.

7. **Foi a partir da Constituição Brasileira de 1988 que as atividades de saúde, previdência social e assistência social foram reunidas. (C)**

A CF de 1988 foi a primeira constituição a reunir os pilares atuais da seguridade social: saúde, previdência social e assistência social.

8. **O Conselho Nacional de Previdência Social (CNPS) é composto por seis representantes do Governo Federal e nove representantes da sociedade civil, tendo mandato de 2 anos e não sendo permitida a recondução. (E)**

A assertiva está quase completa, mas a recondução dos referidos membros é permitida, de imediato, apenas uma vez. Lei 8213, artigo 3, parágrafo 1.

9. **José trabalha em uma empresa de serviços gerais em caráter não eventual, com subordinação e remuneração. É correto afirmar que José é segurado empregado da previdência social. (C)**

Lei 8213, artigo 11, I, a.

10. **Rafael, é servidor público de cargo comissionado da União. É correto afirmar que Rafael não se enquadra em qualquer categoria do RGPS por ter vínculo com o RPPS do Executivo Federal. (E)**

Rafael é segurado empregado do RGPS, pois não tem vínculo de cargo efetivo com a União e sim um cargo comissionado de livre nomeação e exoneração. Lei 8213, artigo 11, I, g.

11. **É correto afirmar que o ministro de confissão religiosa é segurado obrigatório na categoria trabalhador avulso do RGPS, pois não tem vínculo empregatício com empresas. (E)**

Essa foi bem fácil! O ministro de confissão religiosa é CONTRIBUINTE INDIVIDUAL Lei 8213, artigo 11, V, c.

12. **Serafim mora em meio urbano, próximo de sua fazendinha onde trabalha em regime de economia familiar. Tendo contratado, em 2017, duas pessoas para ajudá-lo no plantio pelo período de 60 dias cada um e morar no centro da cidade onde mora. É correto afirmar que Serafim perdeu a sua qualidade de segurado especial do RGPS. (E)**

Lei 8213, artigo 11, VII, parágrafo 7. Serafim não perderá a sua qualidade de segurado especial, pois utiliza a ajuda de terceiro pelo que é permitido pela legislação 120 pessoas/dia no ano civil.

13. **É correto afirmar que para serem considerados segurados especiais, o cônjuge ou companheiro e os filhos maiores de 18 anos ou os a estes equiparados deverão ter participação ativa nas atividades rurais do grupo familiar. (E)**

Lei 8213, artigo 11, VII, parágrafo 6. Os filhos maiores de 16 anos e não 18 anos.

14. **Mariana é segurada especial e trabalha na lida rural há muitos anos. É correto afirmar que, se Mariana receber programa assistencial oficial do governo, Mariana perderá a sua qualidade de segurada especial do RGPS. (E)**

Quantos e quantos segurados especiais no Brasil recebem BOLSA FAMÍLIA (programa assistencial oficial do governo)? O segurado especial não perderá a sua qualidade no RGPS por estar em gozo do referido benefício. Lei 8213, artigo 11, VII, parágrafo 8, IV.

15. **Jegueson, segurado especial, trabalha, juntamente, com seus pais na lavoura e, também, produz redes artesanais para complementar o sustento da família auferindo, mensalmente, o equivalente a um salário mínimo. É correto afirmar que Jegueson não perderá a sua qualidade de segurado especial da previdência social. (C)**

Lei 8213, artigo 11, VII, parágrafo 9, VII.

16. **Para o RGPS, Consideram-se empresa a firma individual ou sociedade que assume o risco de atividade econômica urbana ou rural, com fins lucrativos ou não, bem como os órgãos e entidades da administração pública direta, indireta ou fundacional. (C)**

Lei 8213, artigo 14, I.

17. **É correto afirmar que mantém a qualidade de segurado, independentemente de contribuições, até 6 meses, o segurado facultativo que estiver em gozo de benefício. (E)**

O segurado em gozo de benefício mantém a sua qualidade de segurado enquanto estiver em gozo do benefício. Lei 8213, artigo 15, I.

18. **O menor sob guarda, equiparam-se a filho mediante declaração do segurado e desde que comprovada a dependência econômica. (E)**

Quando a questão se referir a menor no tópico DEPENDENTES do seu estudo, não esqueça que é o MENOR SOB TUTELA. Lei 8213, artigo 16, parágrafo 2.

19. **É correto afirmar que a dependência econômica dos pais do segurado do RGPS falecido é presumida. (E)**

Os pais do segurado do RGPS não têm dependência econômica presumida. Esta deve ser COMPROVADA. Lei 8213, artigo 16, parágrafo 4.

20. **Maneca, invalido aos 10 anos de idade, perdeu o seu pai Josevaldo, segurado obrigatório do RGPS, morto por uma doença fatal, e, então, Maneca passou a perceber pensão por morte previdenciária. Maneca, aos 20 anos, concluiu curso de nível superior em universidade federal. É correto afirmar que Maneca terá cessada a sua cota parte de pensão por morte. (E)**

Perceba que Maneca já recebia pensão por morte de seu pai, logo, mesmo que cole grau em nível superior, não terá a sua cota parte do benefício cessada. Decreto 3048, artigo 114, II.

21. **Nos casos de impossibilidade de realização de perícia médica pelo órgão ou setor próprio competente, assim como de efetiva incapacidade física ou técnica de implementação das atividades e de atendimento adequado à clientela da previdência social, o INSS poderá, sem ônus para os segurados, celebrar, nos termos do regulamento, convênios, termos de execução descentralizada, termos de fomento ou de colaboração, contratos não onerosos ou acordos de cooperação técnica para realização de perícia médica, por delegação ou simples cooperação técnica, sob sua coordenação e supervisão órgãos e entidades públicos ou que integrem o Sistema Único de Saúde. (C)**

Lei 8213, artigo 60, parágrafo 5.

22. **É correto afirmar que, caso o segurado, durante o gozo do auxílio-doença, venha a exercer atividade diversa daquela que gerou o benefício, deverá ser verificada a incapacidade para cada uma das atividades exercidas. (C)**

Lei 8213, artigo 60, parágrafo 7.

23. **Nilton, segurado obrigatório do RGPS em gozo de auxílio doença, foi declarado insusceptível de recuperação para sua atividade habitual. É correto afirmar que o auxílio doença gozado por Nilton será, automaticamente, convertido em aposentadoria por invalidez. (E)**

Lei 8213, artigo 62. Nilton deverá submeter-se a processo de reabilitação profissional para o exercício de outra atividade.

24. **Onofre, aposentado por idade do RGPS, 55 anos de idade, baixa renda, deu entrada no INSS para usufruir do benefício salário família. É correto afirmar que Onofre tem direito ao referido benefício do RGPS. (E)**

Lei 8213, artigo 65, parágrafo único. Para ter direito ao salário família , Onofre deveria ter 65 anos ou mais.

25. **Acerca do benefício do RGPS salário família é correto afirmar que o empregador doméstico, de baixa renda, deverá apresentar apenas a certidão de nascimento do seu filho menor de 14 anos para ter direito ao referido benefício. (E)**

Lei 8213, artigo 67, parágrafo único. Quem deve apresentar a documentação é o empregado doméstico e não o empregador.

26. **É correto afirmar que, no que concerne ao benefício salário família, o empregado doméstico conservará durante 10 anos os comprovantes de pagamento e as cópias das certidões correspondentes, para fiscalização da Previdência Social. (E)**

Lei 8213, artigo 68, parágrafo 1. Mais uma vez a pegadinha: EMPREGADOR DOMÉSTICO.

27. **É correto afirmar que o benefício do RGPS salário maternidade devido à segurada desempregada, em período de graça, consistirá numa renda mensal 1/12 da soma dos 12 últimos salários de contribuição, apurados em um período não superior a 15 meses. (C)**

Lei 8213, artigo 71-B parágrafo 2 , III. A segurada DESEMPREGADA tem o cálculo da renda mensal do salário maternidade diferente da segurada empregada. Fique atento!

28. **Janaína, segurada empregada do RGPS está em gozo de salário maternidade. É correto afirmar que a renda mensal do referido benefício de Janaína é igual ao seu salário de contribuição. (E)**

Lei 8213, artigo 72. O salário-maternidade para a segurada empregada ou trabalhadora avulsa consistirá numa renda mensal igual a sua remuneração integral.

29. **Etelvina, segurada obrigatória do RGPS, faleceu em um trágico acidente automobilístico. Tendo apenas o seu pai Malaquias, 40 anos, como familiar e, comprovadamente, seu dependente economicamente. É correto afirmar que Malaquias receberá pensão por morte de Etelvina durante 15 anos. (E)**

Os critérios relativos à tabela idade e tempo de gozo do benefício são relativos à relação do segurado com o seu dependente cônjuge ou companheiro. Para os pais não haverá a nova limitação imposta pela legislação. Apenas deve comprovar a dependência econômica com o segurado de cujus.

30. **César, segurado obrigatório do RGPS, faleceu em um trágico acidente de motocicleta. Tendo apenas um filho com 23 anos e inválido aos 15 anos, como dependente. É correto afirmar que, o filho de César não terá direito ao benefício de pensão por morte. (E)**

No exposto, o filho receberá a pensão enquanto permanecer inválido. Decreto 3048, artigo 108. A pensão por morte somente será devida ao filho e ao irmão cuja invalidez tenha ocorrido antes da emancipação ou de completar a idade de vinte e um anos, desde que reconhecida ou comprovada, pela perícia médica do INSS, a continuidade da invalidez até a data do óbito do segurado.

31. **Gertrudes que era pensionista de Rogério, faleceu. Gertrudes tinha apenas um filho, Marcos de 18 anos de idade. É correto afirmar que a pensão conferida a Gertrudes pelo falecimento de Rogério será usufruída por Marcos até ele completar 21 anos de idade. (E)**

Decreto 3048, Decreto 3048. Artigo 114, parágrafo 1. Não existe pensão de pensão. O cota será extinta com o falecimento do pensionista.

32. **Acerca da inscrição no RGPS. É correto afirmar que Incumbe ao dependente promover a sua inscrição quando do requerimento do benefício a que estiver habilitado. (C)**

Lei 8213, artigo 17 parágrafo 1. A inscrição de dependente caberá ao próprio dependente quando da ocorrência do fato gerador do benefício.

33. **É correto afirmar no RGPS que, presentes os pressupostos da filiação, admite-se a inscrição *post mortem* do segurado contribuinte individual. (E)**

Decreto 3048, artigo 18, V, parágrafo 5. Admite-se a inscrição *post mortem* do segurado segurado especial. Apenas dessa categoria é admitida inscrição *post mortem*.

34. **Acerca da inscrição no RGPS. É correto afirmar que a comprovação dos dados pessoais e de outros elementos necessários e úteis à caracterização do segurado poderá ser exigida quando da concessão do benefício. (C)**

Decreto 3048, artigo 18, V, parágrafo 6.

35. **Flausino, 62 anos, segurado obrigatório do RGPS em gozo de auxílio doença, foi comunicado que deveria se submeter a exame médico a cargo da previdência social. É correto afirmar que, ao faltar ao referido exame, Faustino correrá o risco de ter suspenso o seu benefício. (C)**

Lei 8213, artigo 101, parágrafo 1. O aposentado por invalidez e o pensionista inválido estarão isentos do exame de que trata o caput após completarem 60 anos de idade e não o segurado em gozo de auxílio doença.

36. **Tempo de contribuição é o número mínimo de contribuições mensais indispensáveis para que o beneficiário faça jus ao benefício, consideradas a partir do transcurso do primeiro dia dos meses de suas competências. (E)**

Lei 8213, artigo 24. Esta é a definição de carência. Tempo de contribuição o tempo, contado de data a data, desde o início até a data do requerimento ou do desligamento de atividade abrangida pela previdência social, descontados os períodos legalmente estabelecidos como de suspensão de contrato de trabalho, de interrupção de exercício e de desligamento da atividade. Decreto 3048, artigo 59.

37. **É correto afirmar que, em regra, o benefício salário maternidade tem carência de 10 meses para a segurada empregada doméstica. (E)**

Não há carência ao referido benefício para as seguradas empregadas, trabalhadoras avulsas e empregadas domésticas.

38. **Paulo deu entrada no INSS na aposentadoria por tempo de contribuição. É correto afirmar que basta comprovar a carência de 180 contribuições e a idade mínima de 65 anos que Paulo já estará apto para ter o referido benefício deferido. (E)**

Paulo deverá comprovar as suas contribuições durante 35 anos de trabalho, em regra, e a sua idade independe para este benefício. A assertiva expõe a regra da aposentadoria por idade urbana.

39. **Gerson, 60 anos, trabalhou durante 8 anos como cobrador de ônibus e, posteriormente, deixou a cidade grande para se dedicar às atividades rurícolas em sua pequena fazenda na qual permaneceu trabalhando por 7 anos. Desde que deixou a cidade grande, Gerson não mais lá voltou. Estando regular a sua atividade urbana nos 8 primeiros anos e tendo comprovado o efetivo exercício da atividade rural durante os 7 anos seguintes, é correto afirmar que Gerson poderá averbar o tempo de atividade urbana com o tempo de atividade rural e poderá se aposentar através da chamada aposentadoria híbrida ou mista. (E)**

A aposentadoria híbrida ou mista está presente no artigo 48 da Lei 8213. Para Gerson se aposentar, ele precisará ter 65 anos e não 60 anos de idade.

40. **É correto afirmar que o garimpeiro, contribuinte individual que trabalhe em regime de economia familiar, terá redução de 5 anos nos critérios de concessão da aposentadoria por idade. (C)**

Apesar do garimpeiro não ser segurado especial, a ele é conferido o benefício de ter redução de 5 anos em sua idade em sua aposentadoria. CF, artigo 201, parágrafo 7, II.

41. **Aos segurados especiais é garantido aposentadoria por idade no valor de um salário mínimo ao completar 60 anos se homem e 55 anos se mulher. (E)**

Lei 8213, artigo 39. Além da idade é preciso a comprovação do efetivo exercício de atividade rural por no mínimo 15 anos contínuos ou não.

42. O CNPS reunir-se-á, ordinariamente, uma vez por ano, por convocação de seu Presidente, não podendo ser adiada a reunião por mais de dias se houver requerimento nesse sentido da maioria dos conselheiros. (E)

Lei 8213, artigo 3, parágrafo 3. O CNPS reunir-se-á, ordinariamente, uma vez por mês.

43. Dentre seu princípios e objetivos, a previdência social, rege-se pelo princípio da previdência complementar facultativa, custeada por contribuição adicional. (C)

Lei 8213, artigo 2, VII.

44. É correto afirmar que compete ao Conselho Nacional de Previdência Social participar, acompanhar e avaliar sistematicamente a gestão previdenciária. (C)

Lei 8213, artigo 4, II.

45. Todo benefício que substituir o salário de contribuição ou o rendimento do trabalho do segurado não terá valor mensal inferior ao salário mínimo nem superior ao do limite máximo do salário-de-contribuição. (C)

Os benefícios que substituem o salário de contribuição ou o rendimento do trabalho do segurado não poderão ter valor mensal inferior ao salário mínimo e nem superior ao do limite máximo do salário-de-contribuição. Lei 8213, artigo 33.

46. No RGPS, Equipara-se também ao acidente do trabalho o acidente sofrido pelo segurado no local e no horário do trabalho em consequência de ofensa verbal intencional, inclusive de terceiro, por motivo de disputa relacionada ao trabalho. (E)

O único erro da assertiva é que a agressão não será verbal e sim física para ser configurado o acidente do trabalho. Lei 8213, artigo 21, II, b.

47. É correto afirmar que não é considerada doença do trabalho a doença endêmica adquirida por segurado habitante de região em que ela se desenvolva, salvo comprovação de que é resultante de exposição ou contato direto determinado pela natureza do trabalho. (C)

Lei 8213, artigo 20, parágrafo 1, d.

48. É correto afirmar que, para o empregado doméstico, acidente do trabalho é o que ocorre pelo exercício do trabalho a serviço de empregador doméstico, provocando lesão corporal ou perturbação funcional que cause a morte ou a perda ou redução, permanente ou temporária, da capacidade para o trabalho. (C)

Lei 8213, artigo 19.

49. **Acerca do acidente do trabalho, o empregado é o responsável pela adoção e uso das medidas individuais de proteção e segurança de sua saúde. (E)**

A responsabilidade pela adoção e uso das medidas individuais de proteção e segurança de sua saúde é da EMPRESA. Lei 8213, artigo 19, parágrafo 1.

50. **É correto afirmar que o fator previdenciário será calculado considerando-se a idade, a expectativa de sobrevida e o tempo de contribuição do segurado ao se aposentar. (C)**

Lei 8213, artigo 29, parágrafo 7.

51. **É correto afirmar que o MEI (Micro Empreendedor Individual), que fatura até R$60.000,00 por ano, poderá contribuir para o RGPS com 5% do salário mínimo estando incluído no Sistema de Inclusão Previdenciária. (E)**

A configuração do MEI, dentre outros, está no faturamento anual limitado a 81 mil reais. Decreto 3048, artigo 9.

52. **É correto afirmar que, um dos requisitos para ser MEI (Micro Empreendedor Individual) é que ele contrate apenas um empregado a seu serviço e que este tenha como limite de remuneração o salário mínimo ou piso salarial da categoria. (C)**

Estes são os critérios para a pessoa ser enquadrada como MEI no Brasil. Decreto 3048, artigo 9.

53. **É correto afirmar que a cota patronal do MEI é de 3% e incidirá sobre a remuneração do seu empregado. (E)**

A cota patronal será sobre o salário de contribuição de seu empregado e limitada ao salário mínimo ou piso salarial da categoria.

54. **Glivanilde, empregada doméstica e segurada do RGPS, é responsável pelo recolhimento de sua contribuição previdenciária realizada através de guia própria fornecida pelo INSS. (E)**

A partir da Lei Complementar 150/15, a responsabilidade pelo recolhimento das contribuições do empregado doméstico é do EMPREGADOR doméstico através do sítio da internet chamado E-SOCIAL.

55. **É correto afirmar que o contribuinte individual que presta serviço à empresa é responsável pelo recolhimento de 20% de sua remuneração até o limite do teto previdenciário. (E)**

A responsabilidade é da empresa em recolher os 11% do contribuinte individual que lhe prestou serviço.

56. **É correto afirmar que o auxílio-doença não poderá exceder a média aritmética simples dos últimos 12 salários de contribuição, inclusive em caso de remuneração variável, ou, se não alcançado o número de 12 (doze), a média aritmética simples dos salários de contribuição existentes. (C)**

Lei 8213, artigo 29, parágrafo 10.

57. **Magda, segurada obrigatória do RGPS, deu entrada em auxílio doença no INSS. Após um cálculo preliminar de sua renda mensal, obteve-se o valor de R$2.730,00. Calculada a média aritmética simples dos seus últimos 12 salários de contribuição, chegou-se ao valor de mil reais. É correto afirmar que a renda mensal do auxílio doença requerido por Magda será no valor de mil reais. (C)**

Lei 8213, artigo 29, parágrafo 10. Este é o limitador trazido pela Lei 13.135/15 buscando amenizar os cofres públicos quanto a concessão dos benefícios previdenciário e, no exposto, o auxílio doença.

58. **Júlia trabalha na empresa OK com turno reduzido, 4 horas diárias recebendo 500 reais mensais. É correto afirmar que, caso necessite de auxílio doença, Júlia receberá, a título de renda mensal, o valor de 500 reais. (E)**

O auxílio doença é um benefício do RGPS que substitui a renda do trabalhador. Logo, o valor da renda mensal do auxílio doença de Magda será de um salário mínimo. CF, art. 201, parágrafo 2.

59. **É correto afirmar que o salário maternidade do RGPS é direito da segurada, correspondente a 2 semanas em caso de aborto não criminoso e comprovado mediante atestado médico. (C)**

Decreto 3048, artigo 93, parágrafo 5.

60. **Acerca do benefício auxílio doença, O INSS poderá estabelecer, mediante avaliação médico pericial, o prazo que entender suficiente para a recuperação da capacidade para o trabalho do segurado, dispensada nessa hipótese a realização de nova perícia. (C)**

Decreto 3048, artigo 78, parágrafo 1.

61. **É correto afirmar que a assistência social, rege-se pelo princípio da supremacia do atendimento às necessidades sociais sobre as exigências de rentabilidade econômica. (C)**

Lei 8742, artigo 4, I.

62. A gestão das ações na área de assistência social é organizada sob a forma de sistema descentralizado e participativo, denominado Sistema Único de Assistência Social (Suas). (C)

Lei 8742, artigo 6.

63. São tipos de proteção da assistência social: proteção social básica e especial. (C)

Lei 8742, artigo 6-A.

64. Sobre a organização da Assistência Social é correto afirmar que a União apoiará financeiramente o aprimoramento à gestão centralizada dos serviços, programas, projetos e benefícios de assistência social, por meio do Índice de Gestão Descentralizada (IGD) do Sistema Único de Assistência Social (Suas). (E)

Lei 8742, artigo 12-A. A organização da Assistência Social é correto afirmar que a União apoiará financeiramente o aprimoramento à gestão DESCENTRALIZADA dos serviços, programas, projetos e benefícios de assistência social.

65. Acerca do BPC LOAS é correto afirmar que o avô e o sobrinho fazem parte do grupo familiar do qual o requerente está inserido. (E)

Fazem parte do grupo familiar do requerente ao BPC LOAS o cônjuge ou companheiro, os pais e, na ausência de um deles, a madrasta ou o padrasto, os irmãos solteiros, os filhos e enteados solteiros e os menores tutelados, desde que vivam sob o mesmo teto. Lei 8742, artigo 20, parágrafo 1.

66. Edson, 65 anos, tem renda mensal declarada no valor de um salário mínimo e sustenta a sua esposa, que não tem qualquer renda e quatro filhos, igualmente sem renda. É correto afirmar que Edson terá direito ao BPC LOAS para o idoso no valor de um salário mínimo. (C)

A confusa redação da Lei 8742 permite que apenas pelo fato da renda per capita do grupo familiar ser inferior a um quarto do salário mínimo, o requerente terá direito ao benefício mesmo contrariando o artigo 1 do Decreto 6214.

67. O BPC LOAS será cancelado quando se constatar irregularidade na sua concessão ou utilização. (C)

Lei 8742, artigo 21, parágrafo 2.

68. O benefício de prestação continuada será suspenso pelo órgão concedente quando a pessoa com deficiência exercer atividade remunerada, exceto na condição de microempreendedor individual. (E)

Inclusive na condição de microempreendedor individual. Lei 8742, artigo 21-A.

69. **A cerca do BPC LOAS, a contratação de pessoa com deficiência como aprendiz acarreta a suspensão do benefício de prestação continuada. (E)**

A contratação de pessoa com deficiência como aprendiz não acarreta a suspensão do benefício de prestação continuada. Lei 8742, artigo 21-A, parágrafo 2.

70. **Na organização dos serviços da assistência social serão criados programas de amparo às pessoas que vivem em situação de rua. (C)**

Lei 8742, artigo 23, parágrafo 2, II.

Agora que você finalizou o seu e-book, que Deus esteja te iluminando e que a sua merecida vitória venha para realizar o seu sonho.
Grande abraço,
Prof. Bruno Cunha

O E-BOOK QUE AJUDOU A APROVAR MAIS DE
200 NOVOS SERVIDORES DO INSS EM 2016

"Considero a presença do professor Bruno Cunha, através dos pacotes de questões inéditas, elaboradas e comentadas por ele mesmo, um dos fatores decisivos para a minha aprovação no concurso do INSS".
Rômulo Longa
Técnico do Seguro Social

"No decorrer da minha preparação, pude adquirir os e-books de Bruno Cunha. Obrigado por somar em meus estudos e me ajudar na aprovação".
Thomas Alves
Técnico do Seguro Social

Prof. Bruno Cunha
/professorbrunocunha

:: PREFÁCIO

"Se as coisas são inatingíveis... ora!
Não é motivo para não querê-las...
Que tristes os caminhos, se não fora
A presença distante das estrelas!"

Mário Quintana

Futuros colegas,

Um sonho, para que se torne realidade, é preciso um punhado de temor e outro tanto de extrema coragem. **Esse e-book ajudou a nomear mais de 200 novos técnicos e analistas do INSS no último concurso CESPE.**

Neste e-book, você terá 500 questões estilo CESPE criadas e comentadas ou fundamentadas por mim, Técnico do Seguro Social. Elas estão organizadas por assunto e na comodidade de você primeiro responder as questões e, posteriormente, consultar o gabarito comentado. Após responder às 430 primeiras questões, você terá um "simuladão" de 70 questões para praticar como se estivesse na hora da prova!

Desejo de coração muito sucesso em sua caminhada de aprovação e que eu, com muita alegria, possa fazer parte e comemorar junto contigo a sua vitória.

Este segundo trabalho em e-book (o primeiro foi 600 dúvidas de alunos sobre Direito Previdenciário sanadas por mim em 319 páginas) é dedicado aos Professores Flaviano Lima, Ítalo Romano, Jeane Tavares (a famosa Juju), a você, meu futuro colega, a minha filha Ana Carolina, a todas as pessoas que eu amo e as que um dia amei. Espero que goste e aproveite este vasto material em seus estudos.

Bruno Cunha

Técnico do Seguro Social concursado

Gerente de Agência da Previdência Social

:: SUMÁRIO

A SEGURIDADE SOCIAL NA CONSTITUIÇÃO FEDERAL :: 5

EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA SEGURIDADE SOCIAL :: 10

LEGISLAÇÃO PREVIDENCIÁRIA :: 15

INSCRIÇÃO E FILIAÇÃO :: 20

MANUTENÇÃO E PERDA DA QUALIDADE DE SEGURADO :: 25

SEGURADOS :: 30

CONTRIBUIÇÃO DAS EMPRESAS E DOS SEGURADOS :: 38

DEPENDENTES :: 43

CARÊNCIA :: 48

SALÁRIO DE CONTRIBUIÇÃO :: 53

SALÁRIO DE BENEFÍCIO :: 58

CONTAGEM RECÍPROCA :: 63

RENDA MENSAL :: 65

BENEFÍCIOS PREVIDENCIÁRIOS

APOSENTADORIA POR IDADE :: 69

APOSENTADORIA POR INVALIDEZ :: 74

APOSENTADORIA POR TEMPO DE CONTRIBUIÇÃO :: 79

APOSENTADORIA ESPECIAL :: 84

APOSENTADORIA DO PORTADOR DE DEFICIÊNCIA :: 89

AUXÍLIO DOENÇA :: 91

AUXÍLIO ACIDENTE :: 96

SALÁRIO MATERNIDADE :: 101

SALÁRIO FAMÍLIA :: 106

PENSÃO POR MORTE :: 111

AUXÍLIO RECLUSÃO ::116

PRAZOS :: 121

ABONO ANUAL :: 126

ACUMULAÇÃO DE BENEFÍCIOS :: 129

JUSTIFICAÇÃO ADMISNISTRATIVA :: 134

DECADÊNCIA E PRESCRIÇÃO :: 136

BPC LOAS :: 138

CRIMES :: 144

SIMULADÃO :: 147

:: A SEGURIDADE SOCIAL NA CONSTITUIÇÃO FEDERAL

É vedado o aporte de recursos a entidade de previdência privada por sociedade de economia mista federal, ainda que na qualidade de patrocinadora. ( )

A seguridade social compreende um conjunto integrado de ações de iniciativa dos Poderes Públicos e da sociedade, destinadas a assegurar os direitos relativos à saúde, à educação e à assistência social. ( )

A seguridade social tem, entre seus objetivos, a universalidade da cobertura e do atendimento bem como a seletividade e a equivalência na prestação dos benefícios e serviços. ( )

Acerca da previdência social na Constituição Federal, julgue o item que se segue.

A previdência social será organizada sob a forma de regime geral, de caráter contributivo e de filiação obrigatória, observados critérios que preservem o equilíbrio financeiro e atuarial, e atenderá, nos termos da lei, a proteção ao trabalhador em situação de desemprego involuntário ( )

Nenhum benefício que substitua o salário de contribuição ou o rendimento do trabalho do segurado terá valor mensal inferior ao salário mínimo, salvo pensão por morte e auxílio reclusão devidos aos dependentes dos segurados. ( )

É assegurada aposentadoria no regime geral de previdência social com trinta anos de contribuição, se homem, e vinte e cinco anos de contribuição, se mulher. ( )

Lei ordinária disciplinará a relação entre a União, Estados, Distrito Federal ou Municípios, inclusive suas autarquias, fundações, sociedades de economia mista e empresas controladas direta ou indiretamente, enquanto patrocinadoras de entidades fechadas de previdência privada, e suas respectivas entidades fechadas de previdência privada. ( )

Acerca da assistência social na Constituição Federal, julgue o item que se segue.

É facultado aos Estados e ao Distrito Federal vincular a programa de apoio à inclusão e promoção social até cinco centésimos por cento de sua receita tributária líquida, vedada a aplicação desses recursos no pagamento de despesas com pessoal e encargos sociais. ( )

Acerca da saúde na Constituição Federal, julgue o item que se segue.

As ações e serviços públicos de saúde integram uma rede regionalizada e hierarquizada e constituem um sistema único. ( )

A seguridade social é organizada sob a forma de regime geral único de caráter contributivo, observados os critérios que preservem o equilíbrio financeiro e atuarial. ( )

A seguridade social será financiada por toda a sociedade, de forma direta e indireta, nos termos da lei, mediante recursos provenientes dos orçamentos da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, e das seguintes contribuições sociais sobre a receita de concursos de prognósticos. ( )

Dentro os princípios e objetivos da seguridade social está presente a diversidade na forma de participação no custeio. ( )

A ordem social tem como base o primado do trabalho, e como objetivo o bem-estar e a justiça sociais. ( )

Está inserido entre os princípios e objetivos da seguridade social o caráter democrático e descentralizado da administração, mediante gestão tripartite, com participação dos trabalhadores, dos empregadores, dos aposentados e do Governo nos órgãos colegiados. ( )

Acerca do SUS na Constituição Federal, julgue o item que se segue.

Ao sistema único de saúde compete colaborar na proteção do meio ambiente, nele compreendido o do trabalho. ( )

:: GABARITO COMENTADO

É vedado o aporte de recursos a entidade de previdência privada por sociedade de economia mista federal, ainda que na qualidade de patrocinadora. (E)

É exatamente o que está expresso no texto constitucional. Logo, você precisa ficar afiado nele. O aporte de recursos é expressamente vedado, porém é permitido na qualidade de PATROCINADOR sendo que a sua contribuição não poderá exceder a do segurado.

CF art.202. § 3º É vedado o aporte de recursos a entidade de previdência privada pela União, Estados, Distrito Federal e Municípios, suas autarquias, fundações, empresas públicas, sociedades de economia mista e outras entidades públicas, salvo na qualidade de patrocinador, situação na qual, em hipótese alguma, sua contribuição normal poderá exceder a do segurado.

A seguridade social compreende um conjunto integrado de ações de iniciativa dos Poderes Públicos e da sociedade, destinadas a assegurar os direitos relativos à saúde, à educação e à assistência social. (E)

Questão fácil e clássica em provas de Direito Previdenciário. Os três pilares da seguridade social são: SAÚDE, PREVIDÊNCIA SOCIAL E ASSISTÊNCIA SOCIAL.

CF. artigo 194.

A seguridade social tem, entre seus objetivos, a universalidade da cobertura e do atendimento bem como a seletividade e a equivalência na prestação dos benefícios e serviços. (E)

O examinador tentará confundi-lo quanto às palavras dos objetivos constitucionais da seguridade. Fique atento! Constituição Federal artigo 194, III - seletividade e distributividade na prestação dos benefícios e serviços;

Acerca da previdência social na Constituição Federal, julgue os itens que se seguem.

A previdência social será organizada sob a forma de regime geral, de caráter contributivo e de filiação obrigatória, observados critérios que preservem o equilíbrio financeiro e atuarial, e atenderá, nos termos da lei, a proteção ao trabalhador em situação de desemprego involuntário (C)

Nessa você ficou com raiva e deu vontade de quebrar tudo em sua volta, não foi? Sabemos que o seguro desemprego não é benefício previdenciário, mas ai vai uma dica. Se encontrar na questão a expressão "Constituição Federal" sugerindo cobrir a situação de desemprego involuntário, você marcará CORRETO e do contrário estará ERRADO.

Nenhum benefício que substitua o salário de contribuição ou o rendimento do trabalho do segurado terá valor mensal inferior ao salário mínimo, salvo pensão por morte e auxílio reclusão devidos aos dependentes dos segurados. (E)

Todos os benefícios que substituem a renda mensal não podem ter valor abaixo do salário mínimo. O salário família e o auxílio acidente não substituem, logo pode ser devidos abaixo do salário mínimo. CF, art. 201, parágrafo 2.

É assegurada aposentadoria no regime geral de previdência social com trinta anos de contribuição, se homem, e vinte e cinco anos de contribuição, se mulher. (E)

CF, art 201, parágrafo 7. Os referidos tempos serão de 35 anos para homem e 30 anos para mulher, em regra.

Lei ordinária disciplinará a relação entre a União, Estados, Distrito Federal ou Municípios, inclusive suas autarquias, fundações, sociedades de economia mista e empresas controladas direta ou indiretamente, enquanto patrocinadoras de entidades fechadas de previdência privada, e suas respectivas entidades fechadas de previdência privada. (E)

CF, art 202, parágrafo 4. LEI COMPLEMENTAR. Fique atento, pois o CESPE gosta de confundi-lo quanto a LEI COMPLEMENTAR, LEI ORDINÁRIA ou SOMENTE LEI. Quando vier apenas a expressão LEI, trata-se de LEI ORDINÁRIA. No seu estudo de Direito Constitucional procure verificar a diferença entre estas duas expressões.

Acerca da assistência social na Constituição Federal, julgue o item que se segue.

É facultado aos Estados e ao Distrito Federal vincular a programa de apoio à inclusão e promoção social até cinco centésimos por cento de sua receita tributária líquida, vedada a aplicação desses recursos no pagamento de despesas com pessoal e encargos sociais. (E)

Você, desatento, cai no detalhe. O texto do parágrafo único do artigo 204 da CF nos diz que é facultado aos Estados e ao Distrito Federal vincular a programa de apoio à inclusão e promoção social até cinco décimos por cento (0,5) e não cinco centésimos por cento (0,05) como sugeriu a questão.

Acerca da saúde na Constituição Federal, julgue o item que se segue.

As ações e serviços públicos de saúde integram uma rede regionalizada e hierarquizada e constituem um sistema único. (C)

CF, art. 198. Do contrário, o examinador tenta confundi-lo. Ex. uma rede única e descentralizada.

A seguridade social é organizada sob a forma de regime geral único de caráter contributivo, observados os critérios que preservem o equilíbrio financeiro e atuarial. (E)

Não confunda! A seguridade social é composta por seus três pilares que não são todos de caráter contributivo. O caráter contributivo é da PREVIDÊNCIA SOCIAL.

A seguridade social será financiada por toda a sociedade, de forma direta e indireta, nos termos da lei, mediante recursos provenientes dos orçamentos da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, e das seguintes contribuições sociais sobre a receita de concursos de prognósticos. (C)

CF, artigo 195

Dentro os princípios e objetivos da seguridade social está presente a diversidade na forma de participação no custeio. (E)

Essa você caiu? Veja que se não estiver atento, até tem sentido misturar a EQUIDADE com a DIVERSIDADE! Mas o correto é a EQUIDADE na forma de participação no custeio. Quem ganha mais, em regra, contribui com mais! Ex: empregados com alíquotas de 8, 9 e 11%.

A ordem social tem como base o primado do trabalho, e como objetivo o bem-estar e a justiça sociais. (C)

CF, art. 193. No estudo da Constituição Federal para o INSS é comum que o candidato esqueça de ler o artigo 193. Não você!

Está inserido entre os princípios e objetivos da seguridade social o caráter democrático e descentralizado da administração, mediante gestão tripartite, com participação dos trabalhadores, dos empregadores, dos aposentados e do Governo nos órgãos colegiados. (E)

CF, art. 194, VII. Essa é uma das maiores pegadinhas das bancas de concurso público. A GESTÃO é QUADRIPARTITE composta pelos trabalhadores, dos empregadores, dos aposentados e do Governo.

Acerca do SUS na Constituição Federal, julgue o item que se segue.

Ao sistema único de saúde compete colaborar na proteção do meio ambiente, nele compreendido o do trabalho. (C)

CF, artigo 200, VIII.

:: EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA SEGURIDADE SOCIAL

O INSS, importante órgão na estrutura da seguridade social brasileira, foi instituído no Brasil durante o Governo de do Presidente José Sarney, 1985, como autarquia federal, mediante fusão do Instituto de Administração da Previdência e Assistência Social com o Instituto Nacional de Previdência Social. ( )

A Constituição de 1934 foi a primeira a dispor sobre a tríplice forma de custeio. ( )

Com relação à origem e à evolução legislativa da Seguridade Social no Brasil, julgue o item abaixo.
O seguro-desemprego veio previsto pela primeira vez na CF/1967. ( )

A Constituição do México de 1917, foi o primeiro diploma legal de magnitude constitucional em que se tratou de tema previdenciário. ( )

A doutrina majoritária considera a Lei Ely Chaves o marco da previdência social brasileira que criou os Institutos de Aposentadoria e Pensão. ( )

Na evolução da previdência social brasileira, o modelo das caixas de aposentadoria e pensão, que eram criadas na estrutura de cada empresa, posteriormente, foram substituídas pelos institutos de aposentadoria e pensão, que abrangiam determinadas categorias profissionais. ( )

A DATAPREV, dentre as entidades que compunham o SINPAS (Sistema Nacional de Previdência e Assistência Social, a partir de sua criação em 1977, é o ÚNICO órgão em funcionamento atualmente. ( )

A partir do ano de 2015, houve a fusão do Ministério do Trabalho e Emprego com o Ministério da Previdência Social nascendo o Ministério do Trabalho e Previdência Social.

( )

Foi através do Plano *Beveridge* construído na Alemanha em 1942, que marca a participação de todas as categorias de trabalhadores na saúde, previdência social e assistência social. ( )

A criação do Fator Previdenciário, um fator multiplicativo que leva em conta o tempo de contribuição, a idade do segurado e a expectativa de vida do segurado, foi criado em 1999. ( )

No século 18, estabeleceu-se o Plano de Beneficência dos Órfãos e Viúvas dos Oficiais da Marinha. ( )

O INSS comemora no dia 24 de janeiro o seu aniversário em alusão ao marco da previdência social brasileira, Lei Eloy Chaves. ( )

O primeiro ordenamento legal editado foi na Alemanha por Otto Von Bismark em 1883 com a instituição do auxílio doença. ( )

O seguro de invalidez e velhice foi criado na Alemanha em 1889. ( )

A Constituição de 1824 estabeleceu a aposentadoria por invalidez para os servidores públicos e custeada pelos cofres públicos. ( )

:: GABARITO COMENTADO

O INSS, importante órgão na estrutura da seguridade social brasileira, foi instituído no Brasil durante o Governo de do Presidente José Sarney, 1985, como autarquia federal, mediante fusão do Instituto de Administração da Previdência e Assistência Social com o Instituto Nacional de Previdência Social. (E)

O INSS foi criado no Governo Fernando Collor, 1990, pela fusão do IAPAS e INPS.

A Constituição de 1934 foi a primeira a dispor sobre a tríplice forma de custeio. (C)

A Constituição de 1934 foi a primeira a dispor sobre a tríplice forma de custeio com contribuição do Governo, empregadores e trabalhadores.

Com relação à origem e à evolução legislativa da Seguridade Social no Brasil, julgue o item abaixo.
O seguro-desemprego veio previsto pela primeira vez na CF/1967. (C)

Constituição Federal de 1967, artigo 158.

A Constituição do México de 1917, foi o primeiro diploma legal de magnitude constitucional em que se tratou de tema previdenciário. (C)
As primeiras leis previdenciárias surgem na Alemanha, mas a Constituição do México foi a primeira a incluir o tema previdenciário

A doutrina majoritária considera a Lei Ely Chaves o marco da previdência social brasileira que criou os Institutos de Aposentadoria e Pensão. (E)

Realmente, a doutrina majoritária considera a Lei Ely Chaves o marco da previdência social brasileira, porém foram criadas as Caixas de Aposentadoria e Pensão e não os Institutos de Aposentadoria e Pensão. Estes foram criados posteriormente.

Na evolução da previdência social brasileira, o modelo das caixas de aposentadoria e pensão, que eram criadas na estrutura de cada empresa, posteriormente, foram reunidas e substituídas pelos institutos de aposentadoria e pensão, que abrangiam determinadas categorias profissionais. (C)

Com o progresso e a necessidade de ampliação do sistema, as CAP´s foram reunidas e surgiram os IAP´s que abrangiam categorias profissionais.

A DATAPREV, dentre as entidades que compunham o SINPAS (Sistema Nacional de Previdência e Assistência Social, a partir de sua criação em 1977, é o ÚNICO órgão em funcionamento atualmente. (C)

O SINPAS reuniu diversos órgão em prol da integração das área de assistência social, previdência social, assistência médica e gestão de entidades ligadas ao Ministério da Previdência e Assistência Social. A DATAPREV é a única entidade em funcionamento hoje. Ela é responsável pelo processamento de dados do INSS.

A partir do ano de 2015, houve a fusão do Ministério do Trabalho e Emprego com o Ministério da Previdência Social nascendo o Ministério do Trabalho e Previdência Social.

(C)

Diante da crise econômica, iniciada em 2015, o Governo Federal, com o intuito de corte de gastos, fundiu o Ministério do Trabalho e Emprego com o Ministério da Previdência Social.

Foi através do Plano *Beveridge* criado na Alemanha em 1942, que marca a participação de todas as categorias de trabalhadores na saúde, previdência social e assistência social. (E)

Quase tudo está correto na assertiva, porém o Plano *Beveridge* foi criado na Inglaterra e não na Alemanha.

A criação do Fator Previdenciário, um fator multiplicativo que leva em conta o tempo de contribuição, a idade do segurado e a expectativa de vida do segurado, foi criado em 1999.

(E)

A grande pegadinha desta questão é que EXPECTATIVA DE VIDA é DIFERENTE de EXPECTATIVA DE SOBREVIDA.

No século 18, estabeleceu-se o Plano de Beneficência dos Órfãos e Viúvas dos Oficiais da Marinha. (C)

No período marcado pelo regime monárquico, pois houve iniciativas de natureza protecionista dos Órfãos e Viúvas dos Oficiais da Marinha.

O INSS comemora no dia 24 de janeiro o seu aniversário em alusão ao marco da previdência social brasileira, Lei Eloy Chaves. (C)

Em homenagem à Lei Eloy Chaves de 24 de janeiro de 1923 é comemorado o aniversário do INSS.

O primeiro ordenamento legal editado foi na Alemanha por Otto Von Bismark em 1883 com a instituição do auxílio doença. (E)

A questão estaria totalmente se não fosse a troca de auxílio doença pelo correto SEGURO DOENÇA.

O seguro de invalidez e velhice foi criado na Alemanha em 1889. (C)

A Constituição de 1824 estabeleceu a aposentadoria por invalidez para os servidores públicos e custeada pelos cofres públicos. (E)

Foi a partir da Constituição de 1891 que estabeleceu a aposentadoria por invalidez para os servidores públicos e custeada pelos cofres públicos.

:: LEGISLAÇÃO PREVIDENCIÁRIA

A Seguridade Social constitui um sistema protetivo onde tem na legislação previdenciária um conjunto de normas que visam a organizá-la. ( )

O Direito Previdenciário é considerado pela doutrina majoritária como ramo do Direito Privado, visto que marca a relação entre particulares (segurados) e o Estado exercendo o seu Poder de Império. ( )

Dentre as formas de interpretação da legislação previdenciária, a teleológica aduz que o a compreensão da norma é assimilada através de simples leitura do texto legislativo. ( )

A interpretação teleológica das normas previdenciárias consiste na análise da norma no contexto desse ramo do direito ou do ordenamento jurídico como um todo, e não, isoladamente. Busca-se, com isso, a integração da norma com os princípios norteadores e demais institutos aplicáveis. ( )

Acerca da legislação previdenciária, especialmente no que se refere às suas fontes, autonomia, vigência e interpretação, julgue o item que se segue.

As fontes formais do direito previdenciário incluem a Carta Magna e as Leis n.º 8.212/1991 e n.º 8.213/1991. ( )

A vigência da lei de natureza previdenciária segue a regulamentação da Lei de Introdução às Normas do Direito Brasileiro, de modo que, salvo disposição contrária, entra em vigor trinta dias depois de oficialmente publicada. ( )

Diante de um conflito de normas, a norma geral prevalece sobre norma específica. ( )

Acerca da legislação previdenciária, especialmente no que se refere às integração, julgue o item que se segue.

A analogia é um conjunto uniforme de decisões reiteradas do Poder Judiciário na solução de caso concreto. ( )

Acerca da legislação previdenciária, especialmente no que se refere às interpretação, julgue o item que se segue.

A interpretação autêntica é realizada pelo próprio autor da norma editando um novo ato normativo dirimindo dúvidas do ato anterior. ( )

A legislação previdenciária, sempre, submete-se a uma das regras gerais presentes na Lei de Introdução ao Código Civil, passando a viger, a partir de 45 dias após a sua publicação.

( )

Uma das principais leis que trata de matéria previdenciária é a Lei 8.742 de 1993 que dispõe sobre a organização da Assistência Social no Brasil. ( )

A Constituição Federal promulgada em 1988 constitui fonte material de norma no Direito Previdenciário. ( )

Acerca da legislação previdenciária, a doutrina majoritária entende que não há hierarquia entre leis ordinárias e leis complementares. ( )

Acerca da legislação previdenciária, especialmente no que se refere às interpretação, julgue os itens que se seguem.

O método de interpretação histórica prioriza a análise das discussões existentes, quando da elaboração da norma, a fim de descobrir as razões de sua elaboração. ( )

Através do método sistemático, a interpretação da norma levará em conta o sistema normativo no qual está inserida. Haverá o confronto do conteúdo de normas, para que não existam contradições. ( )

:: GABARITO COMENTADO

A Seguridade Social constitui um sistema protetivo onde tem na legislação previdenciária um conjunto de normas que visam a organizá-la. (C)

A legislação previdenciária tem caráter primordial na estrutura e organização dos pormenores os quais permeiam a Seguridade Social.

O Direito Previdenciário é considerado pela doutrina majoritária como ramo do Direito Privado, visto que marca a relação entre particulares (segurados) e o Estado exercendo o seu Poder de Império. (E)

O Direito Previdenciário é considerado como ramo do Direito Público e não do Privado, apesar que fontes da doutrina queiram aproximá-lo do Direito Privado em virtude de similaridades do ramo previdenciário e do trabalho.

Dentre as formas de interpretação da legislação previdenciária, a teleológica aduz que o a compreensão da norma é assimilada através de simples leitura do texto legislativo. (E)

A questão tenta confundi-lo com a forma de interpretação teleológica e a gramatical. A teleológica busca o fim desejado para a lei e apenas a leitura da norma não é suficiente.

A interpretação teleológica das normas previdenciárias consiste na análise da norma no contexto desse ramo do direito ou do ordenamento jurídico como um todo, e não, isoladamente. Busca-se, com isso, a integração da norma com os princípios norteadores e demais institutos aplicáveis. (E)

A interpretação teleológica das normas previdenciárias busca encontrar o fim pretendido pelo legislador. A interpretação referida na questão é a SISTEMÁTICA.

Acerca da legislação previdenciária, especialmente no que se refere às suas fontes, autonomia, vigência e interpretação, julgue o item que se segue.

As fontes formais do direito previdenciário incluem a Carta Magna e as Leis n.º 8.212/1991 e n.º 8.213/1991. (C)

As fontes formais divididas em estatais (Constituição Federal ou Carta Magna ou Lei Maior, lei ordinárias, complementares, etc) e não-estatais (costume e doutrina).

A vigência da lei de natureza previdenciária segue a regulamentação da Lei de Introdução às Normas do Direito Brasileiro, de modo que, salvo disposição contrária, entra em vigor trinta dias depois de oficialmente publicada. (E)

Entra em vigor, salvo contrário, após 45 dias de acordo com a Lei de Introdução às Normas do Direito Brasileiro.

Diante de um conflito de normas, a norma geral prevalece sobre norma específica. (E)

É justamente o contrário! Normas com mesma hierarquia, prevalecerá o entendimento de norma específica sobre a geral.

A analogia é um conjunto uniforme de decisões reiteradas do Poder Judiciário na solução de caso concreto. (E)

Este é o conceito de jurisprudência. A analogia busca norma próxima que supra uma lacuna deixada pela legislação.

Acerca da legislação previdenciária, especialmente no que se refere às interpretação, julgue o item que se segue.

A interpretação autêntica é realizada pelo próprio autor da norma editando um novo ato normativo dirimindo dúvidas do ato anterior. (C)

Este é o conceito da interpretação autêntica.

A legislação previdenciária, sempre, submete-se a uma das regras gerais presentes na Lei de Introdução ao Código Civil, passando a viger, a partir de 45 dias após a sua publicação. (E)

Um exemplo deste erro é o princípio da anterioridade nonagesimal, que é quando não haverá cobrança de tributo senão decorridos no mínimo 90 dias após a promulgação da lei que o instituiu.

Uma das principais leis que trata de matéria previdenciária é a Lei 8.742 de 1993 que dispõe sobre a organização da Assistência Social no Brasil. (E)

A lei do LOAS trata da organização da Assistência Social no Brasil, porém não é matéria previdenciária.

A Constituição Federal promulgada em 1988 constitui fonte material de norma no Direito Previdenciário. (E)

A Lei Maior constitui fonte FORMAL de norma no Direito Previdenciário.

Acerca da legislação previdenciária, a doutrina majoritária entende que não há hierarquia entre leis ordinárias e leis complementares. (C)

A grande maioria da doutrina orienta que não há entre leis ordinárias e leis complementares.

Acerca da legislação previdenciária, especialmente no que se refere às interpretação, julgue os itens que se seguem.

O método de interpretação histórica prioriza a análise das discussões existentes, quando da elaboração da norma, a fim de descobrir as razões de sua elaboração. (C)

Através do método sistemático, a interpretação da norma levará em conta o sistema normativo no qual está inserida. Haverá o confronto do conteúdo de normas, para que não existam contradições. (C)

Estes são os conceitos dos métodos de interpretação histórico e sistemático.

:: INSCRIÇÃO E FILIAÇÃO

Durante o exercício do mandato eletivo, o dirigente sindical perde a filiação ao RGPS. ( )

Quanto ao segurado facultativo, a filiação nesta qualidade, representa ato volitivo, gerando efeito somente a partir da inscrição e do primeiro recolhimento ( )

Segundo disposição constitucional, a previdência social deverá ser organizada sob a forma de regime geral, de caráter contributivo, porém de filiação facultativa. ( )

A filiação na qualidade de segurado facultativo representa ato volitivo, gerando efeito somente a partir da inscrição e do primeiro recolhimento da contribuição previdenciária, não podendo retroagir, salvo no caso do segurado facultativo Micro Empreendedor Individual. ( )

Considerando que a previdência social é de filiação facultativa, é correto afirmar que a contratação de um empregado não implica sua adesão automática ao RGPS. Porém, as contribuições feitas ao referido regime, têm caráter compulsório. ( )

No Regime Geral de Previdência Social não é permitida a filiação *post mortem* de segurado, salvo em especial o segurado facultativo. ( )

Acerca da inscrição e filiação no RGPS, especialmente, julgue os itens que se seguem.

Considera-se filiação de segurado para os efeitos da previdência social o ato pelo qual o segurado é cadastrado no Regime Geral de Previdência Social, mediante comprovação dos dados pessoais e de outros elementos necessários e úteis a sua caracterização. ( )

A inscrição do segurado facultativo exige a idade mínima de 14 anos. ( )

A inscrição do segurado empregado doméstico exige a idade mínima de 18 anos. ( )

A inscrição do segurado trabalhador avulso será efetuada diretamente no Instituto Nacional do Seguro Social. ( )

Os dados constantes do Cadastro Nacional de Informações Sociais CNIS relativos a vínculos, remunerações e contribuições valem como prova de filiação à previdência social, tempo de contribuição e salários de contribuição. ( )

Filiação é o vínculo que se estabelece entre pessoas que contribuem para a previdência social e esta, do qual decorrem direitos e obrigações. ( )

A filiação do trabalhador rural contratado por produtor rural pessoa física por prazo de até dois meses dentro do período de um ano, para o exercício de atividades de natureza temporária, decorre automaticamente de sua inclusão no CNIS, mediante identificação específica. ( )

Considera-se inscrição de segurado facultativo a apresentação de documento de identidade e declaração expressa de que não exerce atividade que o enquadre na categoria de segurado obrigatório. ( )

A inscrição no RGPS exige idade mínima de 16 anos sem exceções. ( )

:: GABARITO COMENTADO

Durante o exercício do mandato eletivo, o dirigente sindical perde a filiação ao RGPS. (E)

O dirigente sindical, durante o mandato eletivo, mantém o mesmo enquadramento no RGPS antes da investidura. Lei 8212, artigo 12, parágrafo 5.

§ 5º O dirigente sindical mantém, durante o exercício do mandato eletivo, o mesmo enquadramento no Regime Geral de Previdência Social RGPS de antes da investidura.

Quanto ao segurado facultativo, a filiação nesta qualidade, representa ato volitivo, gerando efeito somente a partir da inscrição e do primeiro recolhimento (C)

Surgindo a partir da Constituição de 1988, o segurado facultativo tem a sua inscrição e filiação, em regra, no mesmo momento com ato de sua própria vontade (volitivo). Decreto 3048, artigo 11, parágrafo 3.

Segundo disposição constitucional, a previdência social deverá ser organizada sob a forma de regime geral, de caráter contributivo, porém de filiação facultativa. (E)

A previdência social tem caráter contributivo e de filiação OBRIGATÓRIA. Os segurados obrigatórios, apenas pelo exercício de atividade já estarão filiados ao RGPS. A sua inscrição é o ato jurídico perante o INSS o qual corrobora a sua existência no referido regime.

CF, artigo 201.

A filiação na qualidade de segurado facultativo representa ato volitivo, gerando efeito somente a partir da inscrição e do primeiro recolhimento da contribuição previdenciária, não podendo retroagir, salvo no caso do segurado facultativo Micro Empreendedor Individual. (E)

O texto do Decreto 3048, artigo 11, parágrafo 3, vem todo certinho até indicar que o MEI é um segurado facultativo, porém ele está na categoria de Contribuinte Individual.

Considerando que a previdência social é de filiação facultativa, é correto afirmar que a contratação de um empregado não implica sua adesão automática ao RGPS. Porém, as contribuições feitas ao referido regime, têm caráter compulsório. (E)

CF, artigo 201. Martelando a sua cabeça para fixar. Regime contributivo de filiação obrigatória!

No Regime Geral de Previdência Social não é permitida a filiação *post mortem* de segurado, salvo em especial o segurado facultativo. (E)

Você precisa tomar muito cuidado com a leitura rápida da questão. A palavra ESPECIAL aparece para confundi-lo. A filiação *post mortem* só é permitida para o segurado especial até porque, em regra, ele não verte contribuições mensais para o RGPS. Decreto 3048,artigo 18, V,parágrafo 5.

Considera-se filiação de segurado para os efeitos da previdência social o ato pelo qual o segurado é cadastrado no Regime Geral de Previdência Social, mediante comprovação dos dados pessoais e de outros elementos necessários e úteis a sua caracterização. (E)

Decreto 3048, artigo 18. O ato formal de cadastro no RGPS, quando efetivamente a autarquia conhece o segurado é a INSCRIÇÃO. A filiação surge a partir do exercício de atividade ou concomitante à inscrição para os segurados facultativos. Ressalta-se que para estes, a filiação não ocorrerá antes da inscrição, visto que não exercem atividade.

A inscrição do segurado facultativo exige a idade mínima de 14 anos. (E)

Essa foi fácil, não? A inscrição do segurado facultativo exige a idade mínima de 16 anos. Decreto 3048, artigo 18, parágrafo 1.

A inscrição do segurado empregado doméstico exige a idade mínima de 18 anos. (C)

Essa você caiu e quebrou a cara no chão! A inscrição aos 18 anos, para empregado doméstico, é uma exceção à regra trazida pela Lei Complementar 150, artigo 1, Parágrafo único. *É vedada a contratação de menor de 18 (dezoito) anos para desempenho de trabalho doméstico, de acordo com a Convenção no 182, de 1999, da Organização Internacional do Trabalho (OIT) e com o Decreto no 6.481, de 12 de junho de 2008.*

A inscrição do segurado trabalhador avulso será efetuada diretamente no Instituto Nacional do Seguro Social. (E)

A inscrição do segurado trabalhador avulso será feita pelo sindicato ou órgão gestor de mão de obra como diz o Decreto 3048, artigo 18, parágrafo 1.

Os dados constantes do Cadastro Nacional de Informações Sociais CNIS relativos a vínculos, remunerações e contribuições valem como prova de filiação à previdência social, tempo de contribuição e salários de contribuição. (C)

Lembre-se que o CESPE adora colocar a literalidade de artigos e não foi diferente com o 19 do Decreto 3048. Fique ligado!

Filiação é o vínculo que se estabelece entre pessoas que contribuem para a previdência social e esta, do qual decorrem direitos e obrigações. (C)

Este é o conceito dado pelo artigo 20 do Decreto 3048. A filiação ocorre com o simples exercício de atividade para os segurados obrigatórios.

A filiação do trabalhador rural contratado por produtor rural pessoa física por prazo de até dois meses dentro do período de um ano, para o exercício de atividades de natureza temporária, decorre automaticamente de sua inclusão no CNIS, mediante identificação específica. (E)

O CNIS é o Cadastro Nacional de Informações Sociais. É onde estão as informações dos segurados, porém é na inclusão da GFIP que o trabalhador rural contratado por produtor rural pessoa física por prazo de até dois meses dentro do período de um ano que decorre a filiação deste.

Considera-se inscrição de segurado facultativo a apresentação de documento de identidade e declaração expressa de que não exerce atividade que o enquadre na categoria de segurado obrigatório. (C)

Decreto 3048, artigo 18, V. Deve o segurado facultativo (aquele que não exerce atividade remunerada, apresentar no INSS o seu documento de identidade e declaração expressa de que não exerce atividade que o enquadre na categoria de segurado obrigatório.

A inscrição no RGPS exige idade mínima de 16 anos sem exceções. (E)

A idade mínima para inscrição no RGPS realmente é de 16 anos, porém há exceções! São elas: o menor aprendiz aos 14 anos, empregado doméstico aos 18 anos (Lei Complementar 150/15) e o garimpeiro igualmente aos 18 anos (Lei 11.685/08).

:: MANUTENÇÃO E PERDA DA QUALIDADE DE SEGURADO

Edna, segurada empregada, foi demitida do emprego como costureira em uma grande fábrica, onde trabalhou durante 11 anos. Ela acaba de receber a primeira parcela do seu seguro-desemprego. É correto afirmar que Edna manterá a sua qualidade de segurado por 24 meses.
( )

Em regra, mantêm a qualidade de segurado por até doze meses, independentemente de contribuições, o segurado empregado, o avulso, o doméstico e o facultativo. ( )

Leovigildo, segurado facultativo, teve cessado o seu auxílio-doença. É correto afirma que ele manterá a sua qualidade de segurado por até 12 meses. ( )

Soldado Joaquim, segurado incorporado às Forças Armadas para prestar serviço militar manterá a sua qualidade de segurado no RGPS por até seis meses. ( )

Sérgio é síndico de condomínio e, pelo cargo que exerce, não paga mensalmente a taxa condominial. É correto afirmar que, caso Sérgio cesse contribuições para o RGPS, ele manterá a sua qualidade de segurado por até 12 meses. ( )

Dirceu, segurado do RGPS, foi preso na operação Lava Jato e permanecerá recluso por muitos anos. É correto afirmar que ele, após o livramento, manterá a sua qualidade de segurado por até 12 meses.
( )

Suponha que Nilton, segurado facultativo, tenha recolhido sua última contribuição previdenciária em janeiro de 2017 e falecido em 17/9/2017. Nesse caso, Nilton perdera a qualidade de segurado antes da data do óbito. ( )

Uma pessoa que tenha perdido a qualidade de segurado não fará jus à concessão de aposentadoria por idade ao completar sessenta e cinco anos, se homem, ou sessenta anos, se mulher, caso tenha recolhido o número mínimo de contribuições mensais exigido na data do requerimento desse benefício quando ele ainda mantinha a qualidade de segurado. ( )

Ana Paula, vendedora de água de coco na praia, após um ano de contribuição para o RGPS, interrompeu-as. Teve o seu último recolhimento em 15 de janeiro de 2016 referente ao mês de dezembro de 2015. É correto afirmar que Ana Paula perderá a sua qualidade de segurada no dia 16 de fevereiro de 2017 caso este dia seja útil. ( )

Washington, segurado empregado, é demitido do seu primeiro emprego onde trabalhou por 2 meses. É correto afirmar que Washington perderá a sua qualidade de segurado após 12 meses e 45 dias após a sua demissão. ( )

O segurado em gozo de benefício previdenciário mantém a qualidade de segurado, por 12 meses, independentemente de contribuições. ( )

A perda da qualidade de segurado prejudica o direito à aposentadoria mesmo se todos os requisitos para a sua concessão já tiverem sido preenchidos e estiverem de acordo com a legislação em vigor à época em que esses requisitos foram atendidos. ( )

Daniel trabalhou para a empresa Tupi desde 2000, ininterruptamente, tendo contribuído mensalmente para o custeio da seguridade social, durante todo este período, na condição de segurado obrigatório. Em 31/1/2015, Daniel foi demitido sem justa causa e receberá o seu seguro-desemprego. Nessa circunstância e considerando a legislação previdenciária em vigor, Daniel manterá sua qualidade de segurado, independentemente de contribuições, em 16/3/2017. ( )

Manterá pelo máximo de até três meses após a cessação das contribuições, o segurado que deixar de exercer atividade remunerada abrangida pela previdência social. ( )

Manterá a condição de segurado, por até 12 meses, o acometido de doença de segregação compulsória. ( )

:: GABARITO COMENTADO

Edna, segurada empregada, foi demitida do emprego como costureira em uma grande fábrica, onde trabalhou durante 11 anos. Ela acaba de receber a primeira parcela do seu seguro-desemprego. É correto afirmar que Edna manterá a sua qualidade de segurado por 24 meses. (E)

Edna mantém a qualidade de segurado por 36 meses. Doze meses por estar sem emprego, mais doze meses por ter contribuído por MAIS de 120 contribuições mensais e mais 12 meses por estar recebendo seguro-desemprego ou cadastro no SINE.
Lei 8213, artigo 15.

Em regra, mantêm a qualidade de segurado por até doze meses, independentemente de contribuições, o segurado empregado, o avulso, o doméstico e o facultativo. (E)

A questão estaria correta pelo empregado e trabalhador avulso manterem a sua qualidade de segurado por até 12 meses em regra, mas o segurado facultativo tem até 6 meses mantendo a sua qualidade de segurado.

Leovigildo, segurado facultativo, teve cessado o seu auxílio-doença. É correto afirma que ele manterá a sua qualidade de segurado por até 12 meses. (C)

Decreto 3048, artigo 13, II. O segurado facultativo, em regra, mantém a qualidade de segurado por até 6 meses, porém se ele recebia benefício por incapacidade e teve cessado o seu benefício, ele manterá a sua qualidade de segurado por até doze meses.

Soldado Joaquim, segurado incorporado às Forças Armadas para prestar serviço militar manterá a sua qualidade de segurado no RGPS por até seis meses. (E)

O soldado Joaquim manterá a sua qualidade de segurado por até 3 meses e não 6 meses. Quem mantém, em regra, a qualidade de segurado por até 6 meses é o segurado facultativo.
Decreto 3048, artigo 13, V.

Sérgio é síndico de condomínio e, pelo cargo que exerce, não paga mensalmente a taxa condominial. É correto afirmar que, caso Sérgio cesse contribuições para o RGPS, ele manterá a sua qualidade de segurado por até 12 meses. (C)

Decreto 3048, artigo 13, II. Esta questão exige que você entenda de SEGURADOS e MANUTENÇÃO DA QUALIDADE DE SEGURADO. Sérgio não paga a taxa condominial. Logo, ele é CONTRIBUINTE INDIVIDUAL. Sendo segurado obrigatório, presume-se que exerce atividade remunerada. Sérgio manterá a sua qualidade de segurado por até 12 meses.

Dirceu, segurado do RGPS, foi preso na operação Lava Jato e permanecerá recluso por muitos anos. É correto afirmar que ele, após o livramento, manterá a sua qualidade de segurado por até 12 meses. (C)

Decreto 3048, artigo 13, IV.

Suponha que Nilton, segurado facultativo, tenha recolhido sua última contribuição previdenciária em janeiro de 2017 e falecido em 17/9/2017. Nesse caso, Nilton perdera a qualidade de segurado antes da data do óbito. (C)

Nilton poderia manter a sua qualidade de segurado por até 6 meses, logo, morreu sem qualidade de segurado. Decreto 3048, artigo 13, VI.

Uma pessoa que tenha perdido a qualidade de segurado não fará jus à concessão de aposentadoria por idade ao completar sessenta e cinco anos, se homem, ou sessenta anos, se mulher, caso tenha recolhido o número mínimo de contribuições mensais exigido na data do requerimento desse benefício quando ele ainda mantinha a qualidade de segurado. (E)

Ele FARÁ JUS à concessão de aposentadoria por idade! Apesar de ter perdido a qualidade de segurado, a pessoa em questão cumpria os requisitos para a aposentadoria por idade. Por exemplo, homem aos 65 anos e ao menos 180 contribuições mensais.
Decreto 3048, artigo 13, parágrafo 6.

Ana Paula, vendedora de água de coco na praia, após um ano de contribuição para o RGPS, interrompeu-as. Teve o seu último recolhimento em 15 de janeiro de 2016 referente ao mês de dezembro de 2015. É correto afirmar que Ana Paula perderá a sua qualidade de segurada no dia 16 de fevereiro de 2017 caso este dia seja útil. (C)

Decreto 3048, artigo 14. Ana Paula teve a sua última contribuição sobre a competência dezembro/15 em janeiro de 2016. O contribuinte individual mantém a sua qualidade de segurado por 12 meses. Logo, Ana Paula perderá a sua qualidade de segurado se não verter contribuição até 15 de fevereiro de 2017.

Washington, segurado empregado, é demitido do seu primeiro emprego onde trabalhou por 2 meses. É correto afirmar que Washington perderá a sua qualidade de segurado após 12 meses e 45 dias após a sua demissão. (E)

Apesar de ser segurado empregado, leva-se em conta para a perda da qualidade de segurado o mês posterior ao mês seguinte da contribuição, mais 12 meses. Ou seja, o dia 16 como um contribuinte individual. Isso acontece, porque a legislação utiliza como parâmetro a data do recolhimento do contribuinte individual seja qual for a categoria do segurado.

O segurado em gozo de benefício previdenciário mantém a qualidade de segurado, por 12 meses, independentemente de contribuições. (E)

O segurado em gozo de benefício previdenciário mantém a qualidade de segurado, sem limite de prazo, independentemente de contribuições. Decreto 3048, artigo 13, I.

A perda da qualidade de segurado prejudica o direito à aposentadoria mesmo se todos os requisitos para a sua concessão já tiverem sido preenchidos e estiverem de acordo com a legislação em vigor à época em que esses requisitos foram atendidos. (E)

O contrário! A perda da qualidade de segurado não prejudicará o indivíduo se todos os requisitos para a concessão de sua aposentadoria já tiverem sido preenchidos e estiverem de acordo com a legislação em vigor à época em que esses requisitos foram atendidos. Decreto 3048, artigo 13, parágrafo 6.

Daniel trabalhou para a empresa Tupi desde 2000, ininterruptamente, tendo contribuído mensalmente para o custeio da seguridade social, durante todo este período, na condição de segurado obrigatório. Em 31/1/2015, Daniel foi demitido sem justa causa e receberá o seu seguro-desemprego. Nessa circunstância e considerando a legislação previdenciária em vigor, Daniel manterá sua qualidade de segurado, independentemente de contribuições, em 16/3/2017. (C)

Correto. Daniel manterá a sua qualidade de segurado por 36 meses, logo, 24 meses depois ele ainda terá mantida a sua qualidade. A casca de banana está na palavra "EM". Decreto 3048, artigo 13.

Manterá pelo máximo de até três meses após a cessação das contribuições, o segurado que deixar de exercer atividade remunerada abrangida pela previdência social. (E)

O segurado que deixar de exercer atividade remunerada abrangida pela previdência social, manterá por 12 meses a sua qualidade de segurado. Decreto 3048, artigo 13, II.

Manterá a condição de segurado, por até 12 meses, o acometido de doença de segregação compulsória. (C)

Decreto 3048, artigo 13, III.

:: SEGURADOS

É considerado segurado obrigatório da previdência social como trabalhador avulso:

O trabalhador que presta serviço de natureza rural definido em Regulamento, sem vínculo empregatício, a diversas empresas. ( )

Cornélio é garimpeiro. É correto afirmar que Cornélio é segurado obrigatório do RGPS na categoria segurado especial. ( )

Padre Cícero desenvolve as missas na cidade de Juazeiro do Norte no Ceará. É correto afirmar que ele é segurado obrigatório do RGPS na categoria contribuinte individual. ( )

Thomas, de cidadania estadunidense, está domiciliado e contratado no Brasil para trabalhar em empresa domiciliada na Inglaterra, mas que possui maioria do capital votante pertencente a empresa brasileira de capital nacional. É correto afirmar que Thomas é segurado obrigatório do RGPS na categoria contribuinte individual. ( )

Steven, nascido em El Salvador, sem residência permanente no Brasil, presta serviço no Brasil a missão diplomática. É correto afirmar que Steven é segurado obrigatório do RGPS na categoria empregado. ( )

Joana reside e trabalha para a União na Espanha para organismo oficial brasileiro e é segurada da previdência social espanhola. É correto afirmar que, para as leis brasileiras, Joana também é segurada obrigatória do RGPS na categoria empregado. ( )

Gentil Pinto trabalha, eventualmente, para várias empresas prestando serviço de encanador. É correto afirmar que Gentil é segurado obrigatório do RGPS na categoria trabalhador avulso.
( )

Para o RGPS, o menor aprendiz é enquadrado na categoria segurado facultativo, caso o exercício do seu trabalho não esteja de acordo com a lei. ( )

Tiririca é Deputado Federal pelo Estado de São Paulo e Auditor Fiscal da Receita Federal do Brasil. É correto afirmar que o Deputado Tiririca é segurado obrigatório do RGPS na categoria empregado. ( )

O brasileiro civil que trabalha no exterior para organismo oficial internacional do qual o Brasil é membro efetivo, ainda que lá domiciliado e contratado, salvo quando coberto por regime próprio de previdência, é segurado obrigatório da previdência social, na qualidade de contribuinte individual. ( )

O bolsista da Fundação Habitacional do Exército contratado em conformidade com a lei é segurado facultativo do RGPS. ( )

O fato de um dos integrantes do seu núcleo familiar desempenhar atividade urbana por mais de 120 dias no ano civil, implica, a descaracterização do trabalhador rural como segurado especial. ( )

Josué, que é segurado especial da seguridade social, por ser, na forma da legislação especial, considerado pequeno produtor rural, foi eleito vereador do município onde reside e trabalha. Nessa situação, Josué passará a ser segurado na condição de empregado do RGPS. ( )

Para o segurado obrigatório do RGPS na categoria trabalhador avulso, a atividade de movimentação de mercadorias nas instalações de uso público, compreendendo o recebimento, conferência, transporte interno, abertura de volumes para conferência aduaneira, manipulação, arrumação e entrega, bem como o carregamento e descarga de embarcações, quando efetuados por aparelhamento portuário é definida como estiva. ( )

Sérgio é bolsista, está vinculado ao regime de previdência social inglês, e se dedica, em tempo integral, a pesquisa, em curso de especialização, em Londres (Inglaterra). É correto afirmar que Sérgio não é segurado facultativo do RGPS brasileiro. ( )

É correto afirmar que o empregado doméstico tem direito ao seguro-desemprego limitado ao teto previdenciário. ( )

O empregador doméstico é obrigado a arrecadar e a recolher a contribuição do segurado empregado a seu serviço, assim como a parcela a seu cargo, até o dia 7 do mês seguinte ao da competência e quando não houver expediente bancário no dia 7 do mês, o recolhimento deverá ser realizado no dia imediatamente posterior, para que não haja incidência de juros e multa. ( )

É de responsabilidade do empregador o arquivamento de documentos comprobatórios do cumprimento das obrigações fiscais, trabalhistas e previdenciárias, enquanto essas não prescreverem. ( )

O empregador doméstico deve efetuar o recolhimento mensal, mediante documento único de arrecadação, de 20% de contribuição previdenciária do empregado doméstico que lhe presta serviço. ( )

É correto afirmar que o garimpeiro está enquadrado na categoria segurado especial do RGPS. ( )

É correto afirmar que todo segurado que exercer, concomitantemente, mais de uma atividade remunerada sujeita ao Regime Geral de Previdência Social é obrigatoriamente filiado em relação a cada uma delas. ( )

O dirigente sindical mantém, durante o exercício do mandato eletivo, o mesmo enquadramento no RGPS de antes da investidura. ( )

A outorga, por meio de contrato escrito de parceria, meação ou comodato, de até 50% de imóvel rural cuja área total não seja superior a 4 (quatro) módulos fiscais, desde que outorgante e outorgado continuem a exercer a respectiva atividade, individualmente ou em regime de economia familiar descaracteriza a condição de segurado especial no RGPS. ( )

Mariza recebe pensão por morte do RGPS em virtude do falecimento de seu companheiro José. É correto afirmar que, pelo fato de receber pensão por morte, Mariza perde a sua qualidade de segurada especial. ( )

É correto afirmar que o brasileiro ou o estrangeiro domiciliado e contratado no Brasil para trabalhar como empregado em sucursal ou agência de empresa nacional no exterior é segurado na categoria empregado do RGPS. ( )

:: GABARITO COMENTADO

É considerado segurado obrigatório da previdência social como trabalhador avulso:

O trabalhador que presta serviço de natureza rural definido em Regulamento, sem vínculo empregatício, a diversas empresas. (C)

Lei 8213, artigo 11, VI. Nós, às vezes, achamos que o trabalhador avulso é somente aquele que trabalha nos porto, não é? Mas ele também pode ser um trabalhador avulso rural como diz o artigo 11 da lei de benefícios: como trabalhador avulso: quem presta, a diversas empresas, sem vínculo empregatício, serviço de natureza urbana ou rural definidos no Regulamento.

Cornélio é garimpeiro. É correto afirmar que Cornélio é segurado obrigatório do RGPS na categoria segurado especial. (E)

Esta é uma casca de banana recorrente nos concursos públicos onde o disciplina Direito Previdenciário aparece. O garimpeiro é um CONTRIBUINTE INDIVIDUAL como diz o artigo 11, V,b da lei 8213.

Padre Cícero desenvolve as missas na cidade de Juazeiro do Norte no Ceará. É correto afirmar que ele é segurado obrigatório do RGPS na categoria contribuinte individual. (C)

O ministro de confissão religiosa e o membro de instituto de vida consagrada, de congregação ou de ordem religiosa é segurado obrigatório do RGPS na categoria contribuinte individual. Lei 8213, artigo 11, V, c.

Thomas, de cidadania estadunidense, está domiciliado e contratado no Brasil para trabalhar em empresa domiciliada na Inglaterra, mas que possui maioria do capital votante pertencente a empresa brasileira de capital nacional. É correto afirmar que Thomas é segurado obrigatório do RGPS na categoria contribuinte individual. (E)

Thomas é segurado obrigatório do RGPS na categoria EMPREGADO como confere a Lei 8213, artigo 11, I, f.

Steven, nascido em El Salvador, sem residência permanente no Brasil, presta serviço no Brasil a missão diplomática. É correto afirmar que Steven é segurado obrigatório do RGPS na categoria empregado. (E)

Steven não é segurado empregado, pois, apesar de prestar serviço a missão diplomática no Brasil, não possui residência permanente no Brasil. Lei 8213, artigo 11, I, d.

Joana reside e trabalha para a União na Espanha para organismo oficial brasileiro e é segurada da previdência social espanhola. É correto afirmar que, para as leis brasileiras, Joana também é segurada obrigatória do RGPS na categoria empregado. (E)

Lei 8213, artigo 11, I,e. O brasileiro civil que trabalha para a União, no exterior, em organismos oficiais brasileiros ou internacionais dos quais o Brasil seja membro efetivo, ainda que lá domiciliado e contratado, salvo se segurado na forma da legislação vigente do país do domicílio. Joana já é amparada pela previdência espanhola, logo, ela não será segurada obrigatória do RGPS brasileiro.

Gentil Pinto trabalha, eventualmente, para várias empresas prestando serviço de encanador. É correto afirmar que Gentil é segurado obrigatório do RGPS na categoria trabalhador avulso. (E)

Muitos concurseiros, no início do estudo do Direito Previdenciário, erram este tipo de questão achando que o trabalhador que presta serviços eventuais é o AVULSO. Falso! Este tipo de segurado é enquadrado na categoria CONTRIBUINTE INDIVUDUAL para o Regime Geral de Previdência Social. Lei 8213, artigo 11, V,g.

Para o RGPS, o menor aprendiz é enquadrado na categoria segurado facultativo, caso o exercício do seu trabalho não esteja de acordo com a lei. (E)

Não confunda! Esta é a definição para o ESTAGIÁRIO. O menor aprendiz é segurado obrigatório do RGPS na categoria empregado.

Tiririca é Deputado Federal pelo Estado de São Paulo e Auditor Fiscal da Receita Federal do Brasil. É correto afirmar que o Deputado Tiririca é segurado obrigatório do RGPS na categoria empregado. (E)

O ilustre deputado não é empregado para o RGPS, pois ele está vinculado ao Regime Próprio de Previdência Social da União. Lei 8213, artigo 11, I,h.

O brasileiro civil que trabalha no exterior para organismo oficial internacional do qual o Brasil é membro efetivo, ainda que lá domiciliado e contratado, salvo quando coberto por regime próprio de previdência, é segurado obrigatório da previdência social, na qualidade de contribuinte individual. (C)

Este é o texto, que o CESPE costuma cobrar, do artigo 11, V,e da lei 8213.

O bolsista da Fundação Habitacional do Exército contratado em conformidade com a lei é segurado facultativo do RGPS. (E)

Este tipo de BOLSISTA não é SEGURADO FACULTATIVO. Ele é CONTRIBUINTE INDIVIDUAL. Logo, tenha muito cuidado com esta pegadinha na sua prova CESPE. Decreto 3048, artigo 9, parágrafo 15, XIII.

O fato de um dos integrantes do seu núcleo familiar desempenhar atividade urbana implica, por si só, a descaracterização do trabalhador rural como segurado especial. (E)

O fato de um dos integrantes do seu núcleo familiar desempenhar atividade urbana por mais de 120 dias no ano civil, implica, a descaracterização do trabalhador rural como segurado especial. (C)

Lei 8213, artigo 11, parágrafo 9. O membro do grupo familiar em questão perdeu a sua qualidade de segurado por desempenhar atividade urbana por mais de 120 dias no ano civil. Para retomar a sua qualidade de segurado, ele deve comprovar com prova documental de retorno à atividade rurícola.

Josué, que é segurado especial da seguridade social, por ser, na forma da legislação especial, considerado pequeno produtor rural, foi eleito vereador do município onde reside e trabalha. Nessa situação, Josué passará a ser segurado na condição de empregado do RGPS. (E)

Josué estará mantido na categoria de segurado especial, de acordo com o artigo 9, VII, parágrafo 8 do Decreto 3048. Exercício de mandato de vereador do município onde desenvolve a atividade rural, ou de dirigente de cooperativa rural constituída exclusivamente por segurados especiais.

Para o segurado obrigatório do RGPS na categoria trabalhador avulso, a atividade de movimentação de mercadorias nas instalações de uso público, compreendendo o recebimento, conferência, transporte interno, abertura de volumes para conferência aduaneira, manipulação, arrumação e entrega, bem como o carregamento e descarga de embarcações, quando efetuados por aparelhamento portuário é definida como estiva. (E)

O conceito do parágrafo 7 do artigo 9 do Decreto 3048 é de CAPATAZIA e não de estiva.

Sérgio é bolsista, está vinculado ao regime de previdência social inglês, e se dedica, em tempo integral, a pesquisa, em curso de especialização, em Londres (Inglaterra). É correto afirmar que Sérgio não é segurado facultativo do RGPS brasileiro. (C)

Sérgio está vinculado a regime de previdência social estrangeiro. Logo, Sérgio não é segurado do RGPS brasileiro.
Decreto 3048, artigo 11, parágrafo 1, VIII.

É correto afirmar que o empregado doméstico tem direito ao seguro-desemprego limitado ao teto previdenciário. (E)

O seguro desemprego para o empregado doméstico é limitado a um salário mínimo.

O empregador doméstico é obrigado a arrecadar e a recolher a contribuição do segurado empregado a seu serviço, assim como a parcela a seu cargo, até o dia 7 do mês seguinte ao da competência e quando não houver expediente bancário no dia 7 do mês, o recolhimento

deverá ser realizado no dia imediatamente posterior, para que não haja incidência de juros e multa. (E)

Lei 13.202/15. O recolhimento será ANTECIPADO em caso do dia 7 do mês não ser dia útil.

É de responsabilidade do empregador o arquivamento de documentos comprobatórios do cumprimento das obrigações fiscais, trabalhistas e previdenciárias, enquanto essas não prescreverem. (C)

Lei Complementar 150/15, artigo 42.

O empregador doméstico deve efetuar o recolhimento mensal, mediante documento único de arrecadação, de 20% de contribuição previdenciária do empregado doméstico que lhe presta serviço. (E)

8% de contribuição patronal previdenciária para a seguridade social, a cargo do empregador doméstico e 0,8% de contribuição social para financiamento do seguro contra acidentes do trabalho. Esses valores inteiram 8,8% de contribuição PREVIDENCIÁRIA. Lei Complementar 150/15, artigo 34.

É correto afirmar que o garimpeiro está enquadrado na categoria segurado especial do RGPS. (E)

O garimpeiro é contribuinte individual. Lei 8213, artigo 11, V, b.

É correto afirmar que todo segurado que exercer, concomitantemente, mais de uma atividade remunerada sujeita ao Regime Geral de Previdência Social é obrigatoriamente filiado em relação a cada uma delas. (C)

Lei 8213, artigo 11, VII, parágrafo 2.

O dirigente sindical mantém, durante o exercício do mandato eletivo, o mesmo enquadramento no RGPS de antes da investidura. (C)

Lei 8213, artigo 11, VII, parágrafo 4.

A outorga, por meio de contrato escrito de parceria, meação ou comodato, de até 50% de imóvel rural cuja área total não seja superior a 4 (quatro) módulos fiscais, desde que outorgante e outorgado continuem a exercer a respectiva atividade, individualmente ou em regime de economia familiar descaracteriza a condição de segurado especial no RGPS. (E)

O contrário, NÃO DESCARACTERIZA. Lei 8213, artigo 11, VII, parágrafo 8.

Mariza recebe pensão por morte do RGPS em virtude do falecimento de seu companheiro José. É correto afirmar que, pelo fato de receber pensão por morte, Mariza perde a sua qualidade de segurada especial. (E)

Esta é uma exceção para não perder a qualidade de segurado especial no RGPS. Lei 8213, artigo 11, VII, parágrafo 9, I.

É correto afirmar que o brasileiro ou o estrangeiro domiciliado e contratado no Brasil para trabalhar como empregado em sucursal ou agência de empresa nacional no exterior é segurado na categoria empregado do RGPS. (C)

Lei 8213, artigo 11, I, c.

:: CONTRIBUIÇÃO DAS EMPRESAS E DOS SEGURADOS

Oriovaldo, dono de uma empresa do ramo de calçados, tem a contribuição de sua empresa em relação aos seus empregados inscritos no RGPS limitada ao somatório dos salários de contribuição da totalidade destes empregados. ( )

A contribuição do servidor público federal de cargo efetivo, que possui apenas este vínculo de trabalho, ao RGPS, incide sobre a sua remuneração integral. ( )

Sidney, taxista, auferiu no mês de outubro de 2017, dez mil reais em valor bruto referente ao transporte rodoviário. É correto afirmar que a sua contribuição de 20% para o RGPS até o dia 15 de novembro de 2017 foi de 400 reais. ( )

Se uma dona de casa, segurada facultativa do RGPS, inscrita no CadÚnico, contribuiu em maio de 2017 sobre dois salários mínimos, então a alíquota incidente sobre seu salário de contribuição foi de 5%. ( )

A contribuição empresarial da associação desportiva que mantém equipe de futebol profissional destinada à Seguridade Social, corresponde a cinco por cento da receita líquida, decorrente dos espetáculos desportivos de que participem em todo território nacional em qualquer modalidade desportiva, inclusive jogos internacionais, e de qualquer forma de patrocínio, licenciamento de uso de marcas e símbolos, publicidade, propaganda e de transmissão de espetáculos desportivos. ( )

A alíquota de contribuição para o SAT incide sobre a remuneração paga ou creditada pelas empresas sobre a folha de pagamento a empregados e avulsos, levando-se em consideração a atividade preponderante e o risco de acidente de trabalho seja ele considerado leve, médio ou grave. ( )

No caso de instituições financeiras, haverá uma contribuição adicional de 2% sobre a remuneração de seus empregados e trabalhadores avulsos. ( )

É correto afirmar que a contribuição previdenciária que o empregador doméstico deve pagar quanto ao empregado doméstico que lhe presta serviço é de 8,8%. ( )

É correto afirmar que as alíquotas do SAT serão acrescidas de 6%, 9% e 12%, respectivamente, se a atividade exercida pelo segurado justificar a concessão de aposentadoria especial após 25, 20 ou 15 anos de contribuição. ( )

A contribuição da gratificação natalina dos empregados das empresas incidirá sobre o valor líquido da gratificação. ( )

É correto afirma que a contribuição do produtor rural pessoa física, em substituição à sua cota patronal, relativa à prestação de serviços de empregados e avulsos é de 1,3%. ( )

É correto afirmar que a contribuição da agroindústria em substituição à sua cota patronal, relativa à prestação de serviços de empregados e avulsos é de 2,5%. ( )

O contribuinte individual optante pelo sistema especial de inclusão previdenciária, contribuirá com 11% do total de rendimentos auferidos no mês, respeitando o teto previdenciário como sendo o seu salário de contribuição. ( )

É correto afirmar que o sistema especial de inclusão previdenciária terá alíquotas e carências inferiores às vigentes para os demais segurados do regime geral de previdência social. ( )

É correto afirmar que o contribuinte individual, que presta serviço a empresa, tem retido 20% de sua remuneração respeitado o teto previdenciário. ( )

:: GABARITO COMENTADO

Oriovaldo, dono de uma empresa do ramo de calçados, tem a contribuição de sua empresa em relação aos seus empregados inscritos no RGPS limitada ao somatório dos salários de contribuição da totalidade destes empregados. (E)

A contribuição da empresa não se limitará à soma dos salários de contribuição dos empregados. Vai muito além disso, sobre a folha de salários e rendimentos, à receita ou faturamento e o lucro. CF, artigo 195, I - do empregador, da empresa e da entidade a ela equiparada na forma da lei, incidentes sobre: a) a folha de salários e demais rendimentos do trabalho pagos ou creditados, a qualquer título, à pessoa física que lhe preste serviço, mesmo sem vínculo empregatício; b) a receita ou o faturamento; c) o lucro.

A contribuição do servidor público federal de cargo efetivo, que possui apenas este vínculo de trabalho, ao RGPS, incide sobre a sua remuneração integral. (E)

O servidor público federal de cargo efetivo está inscrito no RPPS da União. Ele não contribui para o RGPS. Apenas assim faria, caso tivesse um vínculo na iniciativa privada, por exemplo, professor de faculdade particular.

Sidney, taxista, auferiu no mês de outubro de 2017, dez mil reais em valor bruto referente ao transporte rodoviário. É correto afirmar que a sua contribuição de 20% para o RGPS até o dia 15 de novembro de 2017 foi de 400 reais. (C)

Incidirá 20% sobre o valor bruto auferido e desse valor, teremos o salário de contribuição de Sidney onde este contribuirá com 20% do valor. A questão está correta. Assim, o legislador protege o fretista de seus gastos com gasolina, pedágio, etc.

Decreto 3048, artigo 9,V, parágrafo 15.

Se uma dona de casa, segurada facultativa do RGPS, inscrita no CadÚnico, contribuiu em maio de 2017 sobre dois salários mínimos, então a alíquota incidente sobre seu salário de contribuição foi de 5%. (E)

A dona de casa de baixa renda, inscrita no CadÚnico, contribui sobre 5% de um salário mínimo e não de dois.

CF, artigo 201, § 12. Lei disporá sobre sistema especial de inclusão previdenciária para atender a trabalhadores de baixa renda e àqueles sem renda própria que se dediquem exclusivamente ao trabalho doméstico no âmbito de sua residência, desde que pertencentes a famílias de baixa renda, garantindo-lhes acesso a benefícios de valor igual a um salário-mínimo.

A contribuição empresarial da associação desportiva que mantém equipe de futebol profissional destinada à Seguridade Social, corresponde a cinco por cento da receita líquida, decorrente dos espetáculos desportivos de que participem em todo território nacional em qualquer modalidade desportiva, inclusive jogos internacionais, e de qualquer forma de patrocínio, licenciamento de uso de marcas e símbolos, publicidade, propaganda e de transmissão de espetáculos desportivos. (E)

O texto acima estaria totalmente correto de acordo com o parágrafo 6 do artigo 22 da Lei 8.212 se não fosse a palavra LÍQUIDA. A contribuição empresarial da associação desportiva que mantém equipe de futebol profissional destinada à Seguridade Social, corresponde a cinco por cento da receita BRUTA.

A alíquota de contribuição para o SAT incide sobre a remuneração paga ou creditada pelas empresas sobre a folha de pagamento a empregados e avulsos, levando-se em consideração a atividade preponderante e o risco de acidente de trabalho seja ele considerado leve, médio ou grave. (C)

Na contribuição do SAT será avaliada a atividade preponderante de seu empregado a qual será levado em conta o seu risco de acidente de trabalho aplicando porcentagens entre 1, 2 ou 3 porcento.

No caso de instituições financeiras, haverá uma contribuição adicional de 2% sobre a remuneração de seus empregados e trabalhadores avulsos. (E)

As empresas contribuem com 20% sobre a remuneração paga, devida ou creditada aos segurados empregados e trabalhadores avulsos que lhe prestam serviço durante o mês. As instituições financeiras têm uma contribuição adicional de 2,5% sobre a remuneração destes trabalhadores. Lei 8212, I, parágrafo primeiro.

É correto afirmar que a contribuição previdenciária que o empregador doméstico deve pagar quanto ao empregado doméstico que lhe presta serviço é de 8,8%. (C)

O empregador doméstico tem um montante mensal de pagamento de 20% sobre os valores que deve pelo empregado doméstico que lhe presta serviço, porém apenas 8,8% são de contribuição previdenciária. São eles, 8% de sua contribuição patronal e 0,8% de contribuição para financiamento do seguro contra acidente do trabalho. Lei Complementar 150, artigo 34.

É correto afirmar que as alíquotas do SAT serão acrescidas de 6%, 9% e 12%, respectivamente, se a atividade exercida pelo segurado justificar a concessão de aposentadoria especial após 25, 20 ou 15 anos de contribuição. (C)

O adicional SAT, criado para financiamento da aposentadoria especial, terão alíquotas acrescidas de 6%, 9% e 12%, respectivamente, se a atividade exercida pelo segurado justificar a concessão de aposentadoria especial após 25, 20 ou 15 anos de contribuição. Lei 8213, artigo 57, parágrafos 6 e 7.

A contribuição da gratificação natalina dos empregados das empresas incidirá sobre o valor líquido da gratificação. (E)

Decreto 3048, artigo 214, parágrafo 7. A contribuição da gratificação natalina dos empregados das empresas incidirá sobre o valor BRUTO da gratificação.

É correto afirma que a contribuição do produtor rural pessoa física, em substituição à sua cota patronal, relativa à prestação de serviços de empregados e avulsos é de 1,3%. (C)

Lei 8212, artigo 25,I. Você agora se perguntou: por que não contabilizar a alíquota 0,2 do SENAR? Não é costume do CESPE cobrar esta alíquota e sim apenas a da receita bruta da comercialização da produção rural (1,2%) e 0,1% da receita vinda da comercialização para financiamento do SAT.

É correto afirmar que a contribuição da agroindústria em substituição à sua cota patronal, relativa à prestação de serviços de empregados e avulsos é de 2,5%. (E)

Lei 8212, artigo 22-A. Faltou a contribuição da agroindústria para financiamento do SAT de 0,1%. O total será de 2,6%. Mais uma vez, a alíquota agora de 0,25% para o SENAR não entraria na assertiva.

O contribuinte individual optante pelo sistema especial de inclusão previdenciária, contribuirá com 11% do total de rendimentos auferidos no mês, respeitando o teto previdenciário como sendo o seu salário de contribuição. (E)

O contribuinte individual optante pelo sistema especial de inclusão previdenciária, contribuirá com 11% sobre o salário mínimo. CF, artigo 201, parágrafo 12.

É correto afirmar que o sistema especial de inclusão previdenciária terá alíquotas e carências inferiores às vigentes para os demais segurados do regime geral de previdência social. (C)

CF, artigo 201, parágrafo 13. Você está se perguntando como? Não há carências inferiores para esta proteção. Verdade, mas este é o texto constitucional e cabe a você memorizá-lo. Apenas há alíquotas inferiores.

É correto afirmar que o contribuinte individual, que presta serviço a empresa, tem retido 20% de sua remuneração respeitado o teto previdenciário. (E)

O contribuinte individual, que presta serviço a empresa, tem retido 11% de sua remuneração respeitado o teto previdenciário. Lei 8212, artigo 21, I, parágrafo 2.

:: DEPENDENTES

É correto afirmar que são dependentes de primeira classe, do segurado falecido, os pais deste desde que comprovem dependência econômica. ( )

A dependência econômica do menor sob guarda, quando dependente do segurado falecido, deve ser comprovada. ( )

Aparecida, 14 anos, irmã não emancipada de Josevaldo, dependente economicamente deste desde o nascimento. Josevaldo, segurado do RGPS, sem filhos e sem companheira, morre após ter contraído uma grave pneumonia. É correto afirmar que Aparecida terá direito a receber pensão por morte de Josevaldo até completar 21 anos. ( )

Acerca dos dependentes do RGPS é correto afirmar que a existência de dependente de primeira classe exclui do direito às prestações aos dependentes de segunda classe. ( )

O enteado e o menor sob guarda, equiparam-se a filho mediante declaração do segurado e desde que comprovada a dependência econômica deste. ( )

Josefa, 17 anos, depende economicamente de seu irmão Nilton, segurado obrigatório do RGPS. Certo dia, instalando uma antena na laje de casa, Nilton morre eletrocutado. Não tendo Nilton outros dependentes, Josefa passa a receber pensão por morte. Aos 18 anos, Josefa contraiu matrimônio e se emancipou. É correto afirmar que o referido benefício gozado por Josefa será cessado após a sua emancipação. ( )

São beneficiários do Regime Geral de Previdência Social, na condição de dependentes do segurado o cônjuge, a companheira, o companheiro e o filho emancipado de qualquer condição, menor de vinte e um anos ou inválido. ( )

Acerca dos dependentes dos segurados do RGPS, os dependentes de classes distintas concorrem em igualdade de condições. ( )

Carla, 17 anos, acaba de saber que seu pai, Milton, segurado obrigatório do RGPS, acaba de falecer. É correto afirmar que Carla é dependente de Milton e receberá pensão por morte até que complete 24 anos ou conclua ensino superior. ( )

Dirceu, segurado obrigatório do RGPS, foi condenado a 10 anos de reclusão em regime fechado. É comprovado que ele é segurado de baixa renda, porém sua filha, Maria Antônia de 18 anos, não é considerada baixa renda. É correto afirmar que prescinde o direito de Maria Antônia receber auxílio-reclusão em virtude do cárcere de Dirceu. ( )

Acerca dos dependentes dos segurados do RGPS é correto afirmar que a dependência do enteado do segurado é presumida. ( )

No RGPS, considera-se companheira ou companheiro a pessoa que mantenha união estável com o segurado ou segurada por no mínimo 2 anos. ( )

A perda da qualidade de dependente findará pela cessação da invalidez. ( )

Flávio, segurado obrigatório do RGPS, morreu em virtude de um acidente de avião. Dona Lourdes, sua mãe, era a única familiar de Flávio. É correto afirmar que a dependência econômica de Dona Lourdes é presumida. ( )

Acerca dos dependentes dos segurados do RGPS é correto afirmar que a dependência do ex-cônjuge do segurado é presumida. ( )

:: GABARITO COMENTADO

É correto afirmar que são dependentes de primeira classe, do segurado falecido, os pais deste desde que comprovem dependência econômica. (E)

Os pais são dependentes de SEGUNDA classe. Lei 8213, artigo 16, II.

A dependência econômica do menor sob guarda, quando dependente do segurado falecido, deve ser comprovada. (E)

A dependência econômica a ser comprovada é a do MENOR SOB TUTELA e não a do menor sob guarda. Este nem sequer é dependente de segurado do RGPS. Lei 8213, artigo 16.

Aparecida, 14 anos, irmã não emancipada de Josevaldo, dependente economicamente deste desde o nascimento. Josevaldo, segurado do RGPS, sem filhos e sem companheira, morre após ter contraído uma grave pneumonia. É correto afirmar que Aparecida terá direito a receber pensão por morte de Josevaldo até completar 21 anos. (C)

Correto. Aparecida é dependente economicamente de Josevaldo, não existem dependentes de primeira e segunda classes e ela não se emancipou antes da concessão do benefício.

Acerca dos dependentes do RGPS é correto afirmar que a existência de dependente de primeira classe exclui do direito às prestações aos dependentes de segunda classe. (C)

Correto. Lei 8213, artigo 16, parágrafo 1.

O enteado e o menor sob guarda, equiparam-se a filho mediante declaração do segurado e desde que comprovada a dependência econômica deste. (E)

Lembre-se sempre que o dependente enteado pode ser menor sob TUTELA e não menor sob guarda. É neste ponto que o CESPE tentará confundi-lo. Lei 8213, artigo 16, parágrafo 2.

Josefa, 17 anos, depende economicamente de seu irmão Nilton, segurado obrigatório do RGPS. Certo dia, instalando uma antena na laje de casa, Nilton morre eletrocutado. Não tendo Nilton outros dependentes, Josefa passa a receber pensão por morte. Aos 18 anos, Josefa contraiu matrimônio e se emancipou. É correto afirmar que o referido benefício gozado por Josefa será cessado após a sua emancipação. (E)

Perceba que a emancipação de Josefa ocorreu após o início do recebimento da pensão por morte. Logo, a sua cota parte não será extinta. Lei 8213, artigo 16, III.

São beneficiários do Regime Geral de Previdência Social, na condição de dependentes do segurado o cônjuge, a companheira, o companheiro e o filho emancipado de qualquer condição, menor de vinte e um anos ou inválido. (E)

O filho deverá estar na condição de NÃO EMANCIPADO. Decreto 3048, artigo 16, I.

Acerca dos dependentes dos segurados do RGPS, os dependentes de classes distintas concorrem em igualdade de condições. (E)

Existe uma "hierarquia" entre as três classes de dependentes no RGPS. Os dependentes de uma mesma classe concorrem em igualdade de condições, mas, por exemplo, o direito do dependente de classe dois é extinto havendo dependente de classe um. Decreto 3048, artigo 16, parágrafo 1.

Carla, 17 anos, acaba de saber que seu pai, Milton, segurado obrigatório do RGPS, acaba de falecer. É correto afirmar que Carla é dependente de Milton e receberá pensão por morte até que complete 24 anos ou conclua ensino superior. (E)

Carla, nestas condições, receberá pensão por morte até completar 21 anos de idade. Decreto 3048, artigo 16, I.

Dirceu, segurado obrigatório do RGPS, foi condenado a 10 anos de reclusão em regime fechado. É comprovado que ele é segurado de baixa renda, porém sua filha, Maria Antônia de 18 anos, não é considerada baixa renda. É correto afirmar que prescinde o direito de Maria Antônia receber auxílio-reclusão em virtude do cárcere de Dirceu. (E)

Maria Antônia terá direito a receber auxílio-reclusão. Observe que a condição de baixa renda deve partir do SEGURADO.

Acerca dos dependentes dos segurados do RGPS é correto afirmar que a dependência do enteado do segurado é presumida. (E)

O enteado deve ter comprovada a sua dependência econômica com o segurado. Decreto 3048, artigo 16, parágrafo 3.

No RGPS, considera-se companheira ou companheiro a pessoa que mantenha união estável com o segurado ou segurada por no mínimo 2 anos. (E)

Considera-se companheira ou companheiro a pessoa que mantenha união estável com o segurado ou segurada. Apenas é preciso comprovar a união estável por 2 anos, quanto às condições exigidas de 18 contribuições e 2 anos de união estável, para o dependente cônjuge ou companheiro se enquadrar na tabela IDADExTEMPO ou recebimento por 4 meses na pensão por morte. Lei 8213, artigo 77,V,C e Decreto 3048, artigo 16, parágrafo 5.

A perda da qualidade de dependente findará pela cessação da invalidez. (C)

Decreto 3048, artigo 17, IV.

Flávio, segurado obrigatório do RGPS, morreu em virtude de um acidente de avião. Dona Lourdes, sua mãe, era a única familiar de Flávio. É correto afirmar que a dependência econômica de Dona Lourdes é presumida. (E)

A dependência econômica dos pais, dependentes de classe dois, deve ser comprovada. Decreto 3048, artigo 16, parágrafo 7.

Acerca dos dependentes dos segurados do RGPS é correto afirmar que a dependência do ex-cônjuge do segurado é presumida. (E)

Deve ser comprovada a prestação de alimentos.

:: CARÊNCIA

O salário-maternidade pago à segurada empregada, à segurada doméstica e à segurada avulsa, a pensão por morte para os dependentes do segurado prescindem de carência. ( )

Havendo perda da qualidade de segurado, as contribuições anteriores só serão computadas para efeito de carência depois que o segurado contar, a partir da nova filiação à previdência social, com, no mínimo, um terço do número de contribuições exigidas para o cumprimento da carência definida para o benefício a ser requerido. ( )

A carência necessária para a concessão do benefício da aposentadoria por invalidez segue os mesmos moldes da aposentadoria por idade. ( )

A concessão do benefício de auxílio-doença, em regra, exige período de carência de dez contribuições mensais. Todavia, a lei prevê casos em que a concessão do referido benefício independe de carência, entre os quais se inclui a situação na qual o segurado venha a ser vítima de moléstia profissional ou do trabalho. ( )

De acordo com a legislação previdenciária, o período de carência corresponde ao número mínimo de contribuições mensais indispensáveis para que o segurado faça jus ao benefício aposentadoria por idade é de 180 contribuições mensais. ( )

A carência é contada, nos casos dos segurados empregados, empregados domésticos e dos trabalhadores avulsos, a partir da data de filiação ao RGPS, enquanto que, no caso do segurado facultativo, conta-se a carência a partir da data do efetivo pagamento da primeira contribuição sem atraso. ( )

Se uma empregada doméstica estiver devidamente inscrita na previdência social, será considerado, para efeito do início da contagem do período de carência dessa segurada, o dia em que sua carteira de trabalho tenha sido assinada. ( )

Júlia, segurada especial, teve o seu primeiro filho no dia 21 de agosto de 2017. É correto afirmar que, ao ter comprovado o efetivo exercício de atividade nos 12 meses anteriores ao nascimento da criança, Júlia terá direito ao benefício salário maternidade. ( )

Jaime, segurado empregado do regime geral da previdência social, teve sua capacidade laborativa reduzida por sequelas decorrentes de grave acidente. Nessa situação, não haverá carência para que Jaime receba o benefício de auxílio acidente. ( )

A concessão de auxílio-doença independe de carência nos casos em que o segurado ficar incapacitado para seu trabalho por mais de trinta dias consecutivos devido a alguma doença profissional ou a um acidente de qualquer natureza. ( )

Para fazer jus à aposentadoria por idade prevista no RGPS, como professor, deve o requerente comprovar ter exercido, exclusivamente, a referida atividade por 30 anos , se homem, e 25 anos, se mulher. ( )

Vitória, contribuinte individual, há oito meses fez sua inscrição na previdência social passando a recolher regularmente as suas contribuições mensais. Dois meses depois da inscrição, descobriu que estava grávida de 1 mês, vindo seu filho a nascer, prematuramente, com sete meses. Nessa situação, não há nada que impeça Vitória de receber o salário-maternidade, pois a carência do benefício será reduzida na quantidade de meses em que o parto foi antecipado. ( )

Samuel, segurado facultativo do RGPS, havia recolhido dez contribuições mensais quando, devido a crise financeira do país, teve de deixar de recolher novas contribuições durante onze meses. Após se restabelecer financeiramente, Samuel voltou a contribuir, mas, após quatro meses de contribuição, ele foi acometido por uma doença que o incapacitou por vinte dias. Nessa situação, embora a doença de Samuel exija carência para o gozo do benefício de auxílio-doença, este perceberá o referido auxílio devido ao fato de ter readquirido a qualidade de segurado a partir do recolhimento de metade do número de contribuições exigidas para o gozo do auxílio-doença. ( )

Caso ocorra a perda da qualidade de segurado, as contribuições anteriores à perda não poderão ser computadas para efeito de carência. ( )

É correto afirmar que não há carência para o benefício auxílio-reclusão requerido pelo segurado de baixa renda. ( )

:: GABARITO COMENTADO

O salário-maternidade pago à segurada empregada, à segurada doméstica e à segurada avulsa, a pensão por morte para os dependentes do segurado prescindem de carência. (C)

Os referidos benefícios dispensam carência. Decreto 3048, artigo 30.

Havendo perda da qualidade de segurado, as contribuições anteriores só serão computadas para efeito de carência depois que o segurado contar, a partir da nova filiação à previdência social, com, no mínimo, um terço do número de contribuições exigidas para o cumprimento da carência definida para o benefício a ser requerido. (E)

Lei 8213/91 Art. 27-A. No caso de perda da qualidade de segurado, para efeito de carência para a concessão dos benefícios de que trata esta Lei, o segurado deverá contar, a partir da nova filiação à Previdência Social, com METADE dos períodos previstos nos incisos I e III do caput do art. 25 desta Lei.

A carência necessária para a concessão do benefício da aposentadoria por invalidez segue os mesmos moldes da aposentadoria por idade. (E)

A aposentadoria por invalidez tem carência de 12 meses e a aposentadoria por idade 180 contribuições mensais. Decreto 3048, artigo 29.

A concessão do benefício de auxílio-doença, em regra, exige período de carência de dez contribuições mensais. Todavia, a lei prevê casos em que a concessão do referido benefício independe de carência, entre os quais se inclui a situação na qual o segurado venha a ser vítima de moléstia profissional ou do trabalho. (E)

O auxílio doença exige 12 meses de carência e não 10 meses. Decreto 3048, artigo 29, I.

De acordo com a legislação previdenciária, o período de carência corresponde ao número mínimo de contribuições mensais indispensáveis para que o segurado faça jus ao benefício aposentadoria por idade é de 180 contribuições mensais. (C)

Decreto 3048, artigo 29, II.

A carência é contada, nos casos dos segurados empregados, empregados domésticos e dos trabalhadores avulsos, a partir da data de filiação ao RGPS, enquanto que, no caso do segurado facultativo, conta-se a carência a partir da data do efetivo pagamento da primeira contribuição sem atraso. (C)

Esta foi uma alteração trazida pela Lei Complementar 150/2015 onde inclui o empregado doméstico no rol dos segurados que possuem carência a partir da data de filiação ao RGPS. Lei 8213, artigo 27.

Se uma empregada doméstica estiver devidamente inscrita na previdência social, será considerado, para efeito do início da contagem do período de carência dessa segurada, o dia em que sua carteira de trabalho tenha sido assinada. (E)

Hoje, o empregado doméstico goza da automaticidade de suas contribuições. A sua filiação, o seu exercício de atividade laboral é o suficiente e não a comprovação por sua carteira de trabalho assinada. Lei 8213, artigo 27.

Júlia, segurada especial, teve o seu primeiro filho no dia 21 de agosto de 2017. É correto afirmar que, ao ter comprovado o efetivo exercício de atividade nos 12 meses anteriores ao nascimento da criança, Júlia terá direito ao benefício salário maternidade. (C)

Júlia precisava de apenas 10 meses de carência. Com 12, ela terá direito ao benefício pleiteado. Lei 8213, artigo 25, III.

Jaime, segurado empregado do regime geral da previdência social, teve sua capacidade laborativa reduzida por sequelas decorrentes de grave acidente. Nessa situação, não haverá carência para que Jaime receba o benefício de auxílio acidente. (C)

Lei 8213, artigo 26, I. O auxílio acidente dispensa carência.

A concessão de auxílio-doença independe de carência nos casos em que o segurado ficar incapacitado para seu trabalho por mais de trinta dias consecutivos devido a alguma doença profissional ou a um acidente de qualquer natureza. (E)

A Medida Provisória 664 orientou que era necessário que o segurado incapacitado precisasse de 30 dias para buscar o INSS e o pagamento destes 30 primeiros dias eram de responsabilidade da empresa. Porém na conversão da MP 664 em Lei 13.135/15, este prazo voltou ao que era antes, 15 dias.

Para fazer jus à aposentadoria por idade prevista no RGPS, como professor, deve o requerente comprovar ter exercido, exclusivamente, a referida atividade por 30 anos , se homem, e 25 anos, se mulher. (E)

A redução de 5 anos para o professor que exerce sua atividade no ensino infantil, fundamental e médio, refere-se à aposentadoria por tempo de contribuição e não aposentadoria por idade. CF, artigo 40, parágrafo 5.

Vitória, contribuinte individual, há oito meses fez sua inscrição na previdência social passando a recolher regularmente as suas contribuições mensais. Dois meses depois da inscrição, descobriu que estava grávida de 1 mês, vindo seu filho a nascer, prematuramente, com sete meses. Nessa situação, não há nada que impeça Vitória de receber o salário-maternidade, pois a carência do benefício será reduzida na quantidade de meses em que o parto foi antecipado. (C)

Lei 8213, artigo 25, parágrafo único. Em caso de parto antecipado, o período de carência a que se refere o inciso III será reduzido em número de contribuições equivalente ao número de meses em que o parto foi antecipado.

Samuel, segurado facultativo do RGPS, havia recolhido dez contribuições mensais quando, devido a crise financeira do país, teve de deixar de recolher novas contribuições durante onze meses. Após se restabelecer financeiramente, Samuel voltou a contribuir, mas, após quatro meses de contribuição, ele foi acometido por uma doença que o incapacitou por vinte dias. Nessa situação, embora a doença de Samuel exija carência para o gozo do benefício de auxílio-doença, este perceberá o referido auxílio devido ao fato de ter readquirido a qualidade de segurado a partir do recolhimento de metade do número de contribuições exigidas para o gozo do auxílio-doença. (E)

Samuel readquiriu a qualidade de segurado a partir do primeiro recolhimento e não como foi exposto na questão. Lei 8213, artigo 27, II.

Caso ocorra a perda da qualidade de segurado, as contribuições anteriores à perda não poderão ser computadas para efeito de carência. (E)

Nos casos das aposentadorias por idade, tempo de contribuição e especial, se o indivíduo tiver implementado os requisitos para estes benefícios, não será considerada a perda da qualidade de segurado. Decreto 3048, artigo 13, parágrafos 5 e 6.

É correto afirmar que não há carência para o benefício auxílio-reclusão requerido pelo segurado de baixa renda. (E)

O direito do auxílio reclusão é do dependente do segurado e não dele mesmo.

:: SALÁRIO DE CONTRIBUIÇÃO

É correto afirmar que o total das diárias pagas ao empregado da empresa integra o seu salário de contribuição. ( )

Não integram o salário de contribuição os benefícios da previdência social, exceto o salário família. ( )

É correto afirmar que não integram o salário de contribuição a participação nos lucros ou resultados da empresa, quando paga ou creditada de acordo com lei complementar. ( )

É correto afirmar que as parcelas destinadas à assistência ao trabalhador da agroindústria canavieira não integram o salário de contribuição. ( )

É ilegítima a incidência de contribuição previdenciária sobre o valor relativo a plano educacional, ou bolsa de estudo, que vise à educação básica de empregados e seus dependentes e, desde que vinculada às atividades desenvolvidas pela empresa, à educação profissional e tecnológica de empregados e não seja utilizado em substituição de parcela salarial como também, o valor mensal do plano educacional ou bolsa de estudo, considerado individualmente, não ultrapasse 5% (cinco por cento) da remuneração do segurado a que se destina ou o valor correspondente a uma vez e meia o valor do limite mínimo mensal do salário de contribuição, o que for maior. ( )

É correto afirmar que as gorjetas integram o salário de contribuição do segurado empregado filiado ao RGPS. ( )

Daniela advogava para diversas empresas, sem manter vínculo de emprego, auferindo valores fixos mensais de cada uma delas. Nessa situação, o salário de contribuição de Daniela corresponde à soma de todas as remunerações percebidas, limitada ao teto do Ministro do STF. ( )

Os aposentados do RGPS, assim como os do RPPS não estarão imunes à incidência de contribuição previdenciária sobre seus proventos de aposentadoria. ( )

A contribuição dos segurados especiais para a previdência social, optantes por contribuir como se contribuinte individual fosse, é feita com base na venda de sua produção rural. ( )

Raul é vendedor em uma grande empresa que comercializa tecidos. A título de incentivo, essa empresa oferece aos empregados do setor de produção um plano de previdência privada. Nessa situação, incide contribuição previdenciária sobre os valores pagos, pela empresa, a título de contribuição para a previdência privada, a Raul. ( )

Francisco trabalha em uma empresa onde pagam a ele, a cada mês, um valor referente à participação nos lucros, que é apurado mensalmente. Nessa situação, incide contribuição previdenciária sobre o valor recebido mensalmente por Francisco a título de participação nos lucros. ( )

Adriano trabalha na gerência comercial de uma grande rede de lojas e visita regularmente cada uma das lojas da rede. Para atendimento a necessidades do trabalho que faz durante as viagens, Adriano recebe diárias que excedem, todos os meses, 50% de sua remuneração normal. Nessa situação, não incide contribuição previdenciária sobre os valores recebidos por Adriano a título dessas diárias. ( )

O salário de contribuição do empregado doméstico é o valor correspondente a um salário mínimo, ainda que ele receba mensalmente de seu empregador valor superior. ( )

O salário-família, o salário maternidade e o auxilio acidente não integram a base da contribuição previdenciária de segurado do RGPS. ( )

É correto afirmar que a ajuda de custo recebida pelo trabalhador, em parcela única, exclusivamente, em decorrência de local de trabalho, não incide contribuição previdenciária.
( )

:: GABARITO COMENTADO

É correto afirmar que o total das diárias pagas ao empregado da empresa integra o seu salário de contribuição. (E)

Lei 8212, artigo 28, parágrafo 8 foi revogado pela Lei 13.467/2017, logo os valores recebidos em diárias não incidem salário de contribuição.

Não integram o salário de contribuição os benefícios da previdência social, exceto o salário família. (E)

Dos benefícios previdenciário apenas o salário MATERNIDADE integra o salário de contribuição do segurado. Lei 8212, artigo 28, parágrafo 2.

É correto afirmar que não integram o salário de contribuição a participação nos lucros ou resultados da empresa, quando paga ou creditada de acordo com lei complementar. (E)

De acordo com lei específica. Lei 8212, artigo 28, parágrafo 9, j.

É correto afirmar que as parcelas destinadas à assistência ao trabalhador da agroindústria canavieira não integram o salário de contribuição. (C)

Lei 8212, artigo 28, parágrafo 9, o.

É ilegítima a incidência de contribuição previdenciária sobre o valor relativo a plano educacional, ou bolsa de estudo, que vise à educação básica de empregados e seus dependentes e, desde que vinculada às atividades desenvolvidas pela empresa, à educação profissional e tecnológica de empregados e não seja utilizado em substituição de parcela salarial como também, o valor mensal do plano educacional ou bolsa de estudo, considerado individualmente, não ultrapasse 5% (cinco por cento) da remuneração do segurado a que se destina ou o valor correspondente a uma vez e meia o valor do limite mínimo mensal do salário de contribuição, o que for maior. (C)

Lei 8212, artigo 28, parágrafo 9, t.

É correto afirmar que as gorjetas integram o salário de contribuição do segurado empregado filiado ao RGPS. (C)

Lei 8212, artigo 2, I. As gorjetas integram o salário de contribuição do segurado empregado filiado ao RGPS.

Daniela advogava para diversas empresas, sem manter vínculo de emprego, auferindo valores fixos mensais de cada uma delas. Nessa situação, o salário de contribuição de Daniela corresponde à soma de todas as remunerações percebidas, limitada ao teto do Ministro do STF. (E)

O salário de contribuição de Daniela corresponde à soma de todas as remunerações percebidas, limitada ao teto PREVIDENCIÁRIO.

Os aposentados do RGPS, assim como os do RPPS não estarão imunes à incidência de contribuição previdenciária sobre seus proventos de aposentadoria. (E)
Não há incidência de contribuição previdenciária para os aposentados do RGPS, mas apenas se estes voltarem a exercer atividade remunerada. No caso do RPPS, há sim incidência de contribuição previdenciária para o RPPS.

A contribuição dos segurados especiais para a previdência social, optantes por contribuir como se contribuinte individual fosse, é feita com base na venda de sua produção rural. (E)

Eles contribuirão como contribuintes individuais fossem. A contribuição estará limitada entre os valores mínimos e máximos previdenciários. Lei 8212, artigo 25, parágrafo 1.

Raul é vendedor em uma grande empresa que comercializa tecidos. A título de incentivo, essa empresa oferece aos empregados do setor de produção um plano de previdência privada. Nessa situação, incide contribuição previdenciária sobre os valores pagos, pela empresa, a título de contribuição para a previdência privada, a Raul. (C)

Só não incidiria se este benefício fosse oferecido à TOTALIDADE dos empregados da empresa, mas, no caso, foi oferecido apenas para os empregados do setor de produção. Logo, incidirá contribuição. Decreto 3048, artigo 214, XV

Francisco trabalha em uma empresa onde pagam a ele, a cada mês, um valor referente à participação nos lucros, que é apurado mensalmente. Nessa situação, incide contribuição previdenciária sobre o valor recebido mensalmente por Francisco a título de participação nos lucros. (C)

Lei 8212, artigo 28, parágrafo 9, j. A Participação nos lucros ou resultados da empresa, quando paga ou creditada de acordo com lei específica. Diz a Lei: Não pode antecipar em mais de duas parcelas por ano e mais de um por trimestre.

Adriano trabalha na gerência comercial de uma grande rede de lojas e visita regularmente cada uma das lojas da rede. Para atendimento a necessidades do trabalho que faz durante as viagens, Adriano recebe diárias que excedem, todos os meses, 50% de sua remuneração normal. Nessa situação, não incide contribuição previdenciária sobre os valores recebidos por Adriano a título dessas diárias. (C)

Lei 8212, artigo 28, parágrafo 8 foi revogado pela Lei 13.467/2017, logo os valores recebidos em diárias não incidem salário de contribuição.

O salário de contribuição do empregado doméstico é o valor correspondente a um salário mínimo, ainda que ele receba mensalmente de seu empregador valor superior. (E)

O salário de contribuição do empregado doméstico, no que se refere a sua contribuição previdenciária é limitado ao teto, mas a sua remuneração não tem limite. Questão totalmente errada.

O salário-família, o salário maternidade e o auxilio acidente não integram a base da contribuição previdenciária de segurado do RGPS. (E)

O salário maternidade é o único benefício previdenciário que integra o salário de contribuição do segurado. Lei 8212, artigo 28, parágrafo 2.

É correto afirmar que a ajuda de custo recebida pelo trabalhador, em parcela única, exclusivamente, em decorrência de local de trabalho, não incide contribuição previdenciária. (C)

Lei 8212, parágrafo 9, g. A ajuda de custo, em parcela única, recebida exclusivamente em decorrência de mudança de local de trabalho do empregado não incide no salário de contribuição do trabalhador.

:: SALÁRIO DE BENEFÍCIO

A renda mensal inicial do salário-maternidade é calculada com base no salário de benefício. ( )

A renda mensal dos benefícios do RGPS, inclusive o salário-maternidade, será calculado com base no salário de benefício. ( )

Em regra, a renda mensal do benefício de prestação continuada que substituir os salários-de-contribuição ou o rendimento do trabalho do segurado não terá valor inferior ao do salário mínimo, nem superior ao do limite máximo do salário-de-contribuição. ( )

Tonha trabalha como empregada doméstica na casa da família Passos quatro horas diárias recebendo há um ano metade de um salário mínimo por mês. É correto afirma que, caso Tonha requeira auxílio doença no INSS, e seja aprovado o benefício, ela terá direito a receber 91% do seu salário de benefício, ou seja, 91% de meio salário mínimo. ( )

O salário de benefício consiste para as aposentadorias por invalidez e especial, auxílio doença e auxílio acidente na média aritmética simples dos maiores salários de contribuição correspondentes a oitenta por cento de todo o período contributivo. ( )

O INSS terá até cento e oitenta dias, contados da data do pedido, para fornecer ao segurado as informações constantes do CNIS sobre contribuições e remunerações utilizadas no cálculo do salário de benefício. ( )

Serão considerados para cálculo do salário de benefício os ganhos habituais do segurado empregado, a qualquer título, sob forma de moeda corrente ou de utilidades, sobre os quais tenha incidido contribuição previdenciária. ( )

O fator previdenciário será calculado considerando-se a idade, a expectativa de vida e o tempo de contribuição do segurado ao se aposentar. ( )

No cálculo do salário de benefício serão considerados os salário de contribuição vertidos para regime próprio de previdência social de segurado oriundo desse regime, após a sua filiação ao Regime Geral de Previdência Social. ( )

Em regra, O salário de benefício do segurado especial consiste no valor equivalente ao salário mínimo. ( )

Todos os salários de contribuição utilizados no cálculo do salário de benefício serão corrigidos, mês a mês, de acordo com a inflação, referente ao período decorrido a partir da primeira competência do salário de contribuição que compõe o período básico de cálculo até o mês anterior ao do início do benefício, de modo a preservar o seu valor real. ( )

Rosa sempre contribuiu para a Previdência Social com base em valor equivalente um salário mínimo. Em virtude de ter sido acometida de enfermidade incapacitante, Rosa passou a perceber benefício previdenciário denominado auxílio-doença. Nessa situação, o valor do auxílio-doença de Rosa será equivalente a 91% do valor de seu salário-de-contribuição. ( )

O salário de benefício do segurado que contribui em razão de atividades concomitantes será calculado com base na soma dos salários de contribuição das atividades exercidas até a data do requerimento ou do óbito ou no período básico de cálculo. ( )

É correto afirmar que, dentre os benefícios do RGPS, sempre será pago o valor mínimo de benefício, quando não houver salário de contribuição no período básico de cálculo. ( )

Se, no período básico de cálculo, o segurado tiver recebido benefício por incapacidade, será considerado como salário de contribuição, no período, o salário de benefício que serviu de base para o cálculo da renda mensal, reajustado nas mesmas épocas e nas mesmas bases dos benefícios em geral, não podendo ser inferior ao salário mínimo nem superior ao limite máximo do salário de contribuição. ( )

:: GABARITO COMENTADO

A renda mensal inicial do salário-maternidade é calculada com base no salário de benefício. (E)

O salário maternidade tem fórmulas próprias de cálculo de sua renda mensal.

A renda mensal dos benefícios do RGPS, inclusive o salário-maternidade, será calculado com base no salário de benefício. (E)

O salário maternidade tem fórmulas próprias de cálculo de sua renda mensal.

Em regra, a renda mensal do benefício de prestação continuada que substituir os salários-de-contribuição ou o rendimento do trabalho do segurado não terá valor inferior ao do salário mínimo, nem superior ao do limite máximo do salário-de-contribuição. (C)

CF, artigo 201, parágrafo2. Excetua à regra os caso de salário maternidade limitados até o subsídio do Ministro do STF r o adicional de 25% pago ao aposentado por invalidez que será abordado em tópico próprio.

Tonha trabalha como empregada doméstica na casa da família Passos quatro horas diárias recebendo há um ano metade de um salário mínimo por mês. É correto afirma que, caso Tonha requeira auxílio doença no INSS, e seja aprovado o benefício, ela terá direito a receber 91% do seu salário de benefício, ou seja, 91% de meio salário mínimo.

(E)

A Lei Complementar 150 permite que o empregador pague ao seu empregado doméstico valores abaixo do salário mínimo pelo número de horas trabalhadas, porém a Constituição Federal em seu artigo 201, parágrafo 2 nos orienta que nenhum benefício que substitua o salário de contribuição ou o rendimento do trabalho do segurado terá valor mensal inferior ao salário mínimo.

O salário de benefício consiste para as aposentadorias por invalidez e especial, auxílio doença e auxílio acidente na média aritmética simples dos maiores salários de contribuição correspondentes a oitenta por cento de todo o período contributivo. (C)

Decreto 3048, artigo 31, II

O INSS terá até cento e oitenta dias, contados da data do pedido, para fornecer ao segurado as informações constantes do CNIS sobre contribuições e remunerações utilizadas no cálculo do salário de benefício. (C)

Decreto 3048, artigo 31, parágrafo único.

Serão considerados para cálculo do salário de benefício os ganhos habituais do segurado empregado, a qualquer título, sob forma de moeda corrente ou de utilidades, sobre os quais tenha incidido contribuição previdenciária. (C)

Decreto 3048, artigo 32, parágrafo 4.

O fator previdenciário será calculado considerando-se a idade, a expectativa de vida e o tempo de contribuição do segurado ao se aposentar. (E)

É muito comum o concurseiro considerar a expectativa de VIDA como sinônimo de expectativa de SOBREVIDA. Para alguns, elas são sinônimo e significam a esperança de vida do brasileiro avaliada por tábua pelo IBGE, mas para a sua prova, não esqueça: SOBREVIDA. Decreto 3048, artigo 32, parágrafo 11.

No cálculo do salário de benefício serão considerados os salário de contribuição vertidos para regime próprio de previdência social de segurado oriundo desse regime, após a sua filiação ao Regime Geral de Previdência Social. (C)

Decreto 3048, artigo 32, parágrafo 15

Em regra, o salário de benefício do segurado especial consiste no valor equivalente ao salário mínimo. (C)

Em regra, o segurado especial recebe um salário mínimo em seus benefícios, mas para aquele segurado especial que verte suas contribuições facultativamente como se um contribuinte individual fosse, ele poderá ter benefícios no valor de até o teto previdenciário.

Todos os salários de contribuição utilizados no cálculo do salário de benefício serão corrigidos, mês a mês, de acordo com a inflação, referente ao período decorrido a partir da primeira competência do salário de contribuição que compõe o período básico de cálculo até o mês anterior ao do início do benefício, de modo a preservar o seu valor real. (E)

Os salários de contribuição utilizados no cálculo do salário de benefício serão corrigidos, mês a mês, de acordo com o INPC (Índice Nacional de Preço ao Consumidor). Decreto 3048, artigo 33.

Rosa sempre contribuiu para a Previdência Social com base em valor equivalente um salário mínimo. Em virtude de ter sido acometida de enfermidade incapacitante, Rosa passou a perceber benefício previdenciário denominado auxílio-doença. Nessa situação, o valor do auxílio-doença de Rosa será equivalente a 91% do valor do salário-de-contribuição. (E)

O valor do auxílio-doença de Rosa será equivalente a 91% do valor de seu salário de benefício. Os seus salários de contribuição comporão o cálculo do salário de benefício.

O salário de benefício do segurado que contribui em razão de atividades concomitantes será calculado com base na soma dos salários de contribuição das atividades exercidas até a data do requerimento ou do óbito ou no período básico de cálculo. (C)

Decreto 3048, artigo 34.

É correto afirmar que, dentre os benefícios do RGPS, sempre será pago o valor mínimo de benefício, quando não houver salário de contribuição no período básico de cálculo. (E)

Exceto para o salário família e o auxílio acidente será pago o valor mínimo de benefício, quando não houver salário de contribuição no período básico de cálculo. Decreto 3048, artigo 32, parágrafo 7.

Se, no período básico de cálculo, o segurado tiver recebido benefício por incapacidade, será considerado como salário de contribuição, no período, o salário de benefício que serviu de base para o cálculo da renda mensal, reajustado nas mesmas épocas e nas mesmas bases dos benefícios em geral, não podendo ser inferior ao salário mínimo nem superior ao limite máximo do salário de contribuição. (C)

Decreto 3048, artigo 32, parágrafo 6.

:: CONTAGEM RECÍPROCA

O segurado do RGPS que houver contribuído por dez anos para o INSS e houver perdido a qualidade de segurado não poderá ter esse tempo de contribuição averbado no serviço público federal. ( )

Para efeito de aposentadoria, é admissível a contagem recíproca dos tempos de contribuição prestada no serviço público federal, hipótese em que os esses regimes se compensarão financeiramente, segundo critérios estabelecidos em lei. ( )

Gerson trabalha como Técnico do Seguro Social durante a manhã e tarde e dá aulas de Zumba à noite em uma academia da cidade onde reside. É correto afirmar que, as atividades realizadas concomitantemente em empresa privada e no serviço público poderão ser reciprocamente consideradas, e os respectivos tempos de contribuição, averbados para efeito de aposentadoria. ( )

No que respeita à contagem recíproca, é correto afirmar que o tempo de serviço anterior ou posterior à obrigatoriedade de filiação à previdência social será contado mediante indenização da contribuição correspondente ao período respectivo, desde que com acréscimo de juros moratórios de 0,5% ao mês, capitalizados, mensalmente, e multa de 10%. ( )

Lázaro, servidor público federal da Caixa Econômica Federal passou em concurso público no Banco do Brasil e lá entrou em exercício. É correto afirmar que a Lázaro é assegurada a contagem recíproca do tempo de contribuição na atividade privada e do tempo de serviço na administração pública, hipótese em que os diferentes sistemas de previdência social se compensarão financeiramente. ( )

:: GABARITO COMENTADO

O segurado do RGPS que houver contribuído por dez anos para o INSS e houver perdido a qualidade de segurado não poderá ter esse tempo de contribuição averbado no serviço público federal. (E)

O segurado que houver contribuído por dez anos para o INSS e houver perdido a qualidade de segurado PODERÁ ter esse tempo de contribuição averbado no serviço público federal mesmo que anterior à perda da qualidade de segurado. Lei 8213, artigo 55.

Para efeito de aposentadoria, é admissível a contagem recíproca dos tempos de contribuição prestada no serviço público federal, hipótese em que os esses regimes se compensarão financeiramente, segundo critérios estabelecidos em lei. (C)

Lei 8213, artigo 94.

Gerson trabalha como Técnico do Seguro Social durante a manhã e tarde e dá aulas de Zumba à noite em uma academia da cidade onde reside. É correto afirmar que, as atividades realizadas concomitantemente em empresa privada e no serviço público poderão ser reciprocamente consideradas, e os respectivos tempos de contribuição, averbados para efeito de aposentadoria. (E)

Lei 8213, artigo 96, II. É vedada a contagem de tempo de serviço público com o de atividade privada, quando concomitantes.

No que respeita à contagem recíproca, é correto afirmar que o tempo de serviço anterior ou posterior à obrigatoriedade de filiação à previdência social será contado mediante indenização da contribuição correspondente ao período respectivo, desde que com acréscimo de juros moratórios de 0,5% ao mês, capitalizados, mensalmente, e multa de 10%. (E)

O texto está quase todo certinho, mas a capitalização é anual e não mensal. Lei 8213, artigo 96, IV.

Lázaro, servidor público federal da Caixa Econômica Federal passou em concurso público no Banco do Brasil e lá entrou em exercício. É correto afirmar que a Lázaro é assegurada a contagem recíproca do tempo de contribuição na atividade privada e do tempo de serviço na administração pública, hipótese em que os diferentes sistemas de previdência social se compensarão financeiramente. (E)

Uma questão muito mais de Direito Administrativo que Direito Previdenciário, mas como noções de Direito Administrativo também faz parte de sua prova... Caixa Econômica Federal é empresa pública e está regida pelo RGPS assim como o Banco do Brasil que é uma sociedade de economia mista. Logo, não há o que se falar em contagem recíproca, visto que os dois banco são previdenciariamente regidos pelo RGPS.

:: RENDA MENSAL

O segurado empregado doméstico que tenha cumprido todas as condições para a concessão do benefício pleiteado, mas não possa comprovar o valor dos seus salários de contribuição no período básico de cálculo, será concedido o benefício de valor mínimo, devendo esta renda ser recalculada quando da apresentação de prova dos salários de contribuição. ( )

É devido abono anual ao segurado em gozo de salário família devendo este ser calculado pela média dos proventos pagos durante o ano ao segurado. ( )

Os professores, após trinta anos de trabalho, têm direito à aposentadoria por tempo de contribuição, com renda mensal correspondente à totalidade de seu salário-benefício.
( )

É correto afirmar que a renda mensal do benefício aposentadoria por idade é igual a 70% do salário de benefício mais 1% deste a cada grupo de 12 contribuições não podendo ultrapassar 100%. ( )

É correto afirmar que a renda mensal da aposentadoria por invalidez corresponde a 91% do salário de benefício. ( )

No cálculo do valor da renda mensal do benefício, serão computados para o segurado facultativo os salários-de-contribuição referentes aos meses de contribuições efetivamente recolhidas. ( )

Apenas para o segurado empregado e o trabalhador avulso, o valor mensal do auxílio-acidente será considerado como salário de contribuição para fins de concessão de qualquer aposentadoria. ( )

Considere que Josué seja um segurado do RGPS de baixa renda que ainda não se aposentou e tenha sido condenado pela prática de crime que determinou o início do cumprimento da pena em regime fechado. É correto afirmar que a renda mensal inicial do auxílio-reclusão devida aos seus dependentes é calculada de acordo com o modelo de cálculo a ser utilizado em caso de aposentadoria por invalidez. ( )

O auxílio-doença deve ser equivalente a uma renda mensal igual a 90% do salário de benefício.
( )

A renda mensal de qualquer benefício não deve ser inferior a um salário mínimo. ( )

:: GABARITO COMENTADO

O segurado empregado doméstico que tenha cumprido todas as condições para a concessão do benefício pleiteado, mas não possa comprovar o valor dos seus salários de contribuição no período básico de cálculo, será concedido o benefício de valor mínimo, devendo esta renda ser recalculada quando da apresentação de prova dos salários de contribuição. (C)

A Lei Complementar 150 alterou o artigo 35 da lei de benefícios incluindo o empregado doméstico na automaticidade previdenciária. Lei 8213, artigo 35. Ao segurado empregado, inclusive o doméstico, e ao trabalhador avulso que tenham cumprido todas as condições para a concessão do benefício pleiteado, mas não possam comprovar o valor de seus salários de contribuição no período básico de cálculo, será concedido o benefício de valor mínimo, devendo esta renda ser recalculada quando da apresentação de prova dos salários de contribuição.

É devido abono anual ao segurado em gozo de salário família devendo este ser calculado pela média dos proventos pagos durante o ano ao segurado. (E)

Não é devido abono anual para o segurado em gozo do benefício salário família. Lei 8213, artigo 40.

Os professores, após trinta anos de trabalho, têm direito à aposentadoria por tempo de contribuição, com renda mensal correspondente à totalidade de seu salário-benefício. (E)

Nem todos os professores têm direito a referida redução e deve-se exercer a atividade, exclusivamente, nesta profissão. Leva-se em consideração, também, as atividade de coordenação e direção na área de ensino. Lei 8213, artigo 56, O professor, após 30 (trinta) anos, e a professora, após 25 (vinte e cinco) anos de efetivo exercício em funções de magistério poderão aposentar-se por tempo de serviço, com renda mensal correspondente a 100% (cem por cento) do salário-de-benefício, observado o disposto na Seção III deste Capítulo.

É correto afirmar que a renda mensal do benefício aposentadoria por idade é igual a 70% do salário de benefício mais 1% deste a cada grupo de 12 contribuições não podendo ultrapassar 100%. (C)

Lei 8213, artigo 50.

É correto afirmar que a renda mensal da aposentadoria por invalidez corresponde a 91% do salário de benefício. (E)

Confunde-se na questão o percentual da renda mensal do auxílio-doença e da aposentadoria por invalidez. Lei 8213, artigo 44. A aposentadoria por invalidez, inclusive a decorrente de acidente do trabalho, consistirá numa renda mensal correspondente a 100% (cem por cento) do salário-de-benefício.

No cálculo do valor da renda mensal do benefício, serão computados para o segurado facultativo os salários-de-contribuição referentes aos meses de contribuições efetivamente recolhidas. (C)

Lei 8213, artigo 34, III.

Apenas para o segurado empregado e o trabalhador avulso, o valor mensal do auxílio-acidente será considerado como salário de contribuição para fins de concessão de qualquer aposentadoria. (E)

Lei 8213, artigo 34, II. Para o segurado empregado, inclusive o doméstico, o trabalhador avulso e o segurado especial, o valor mensal do auxílio-acidente, considerado como salário de contribuição para fins de concessão de qualquer aposentadoria. Logo, a questão subtraiu o empregado doméstico (incluído pela Lei Complementar 150) e o segurado especial no cálculo do salário de contribuição para fins de concessão de qualquer aposentadoria,o valor mensal do auxílio acidente.

Considere que Josué seja um segurado do RGPS de baixa renda que ainda não se aposentou e tenha sido condenado pela prática de crime que determinou o início do cumprimento da pena em regime fechado. É correto afirmar que a renda mensal inicial do auxílio-reclusão devida aos seus dependentes é calculada de acordo com o modelo de cálculo a ser utilizado em caso de aposentadoria por invalidez. (C)

Decreto 3048, artigo 39, parágrafo 3. O valor mensal da pensão por morte ou do auxílio reclusão será de cem por cento do valor da aposentadoria que o segurado recebia ou daquela a que teria direito se estivesse aposentado por invalidez na data de seu falecimento, observado o disposto no § 8º do art. 32.

O auxílio-doença deve ser equivalente a uma renda mensal igual a 90% do salário de benefício. (E)

Essa é mamão com açúcar, não é? A renda mensal do auxílio doença é de 91% do salário de benefício.

A renda mensal de qualquer benefício não deve ser inferior a um salário mínimo. (E)

Apenas a renda mensal dos benefícios que substituem a renda mensal não deve ser inferior a um salário mínimo. Por exemplo, o salário família e o auxílio acidente não substituem, logo, podem ser inferiores ao salário mínimo.

:: APOSENTADORIA POR IDADE

Assim como na aposentadoria por tempo de contribuição, o fator previdenciário na aposentadoria por idade só será aplicado quando for mais vantajoso ao segurado. ( )

Caso Jurema requeira, em agência da previdência social, aposentadoria por idade, mas apresente documentação incompleta, o servidor do INSS deverá instruí-la acerca da documentação correta a apresentar e emitir exigência de documentação em processo. ( )

Para fazer jus à aposentadoria por idade prevista no RGPS, como trabalhador rural, deve o requerente comprovar, além da carência exigida em lei, ter completado sessenta anos de idade, se homem, e cinquenta anos de idade, se mulher. ( )

Um indivíduo que tenha perdido a qualidade de segurado fará jus à concessão de aposentadoria por idade ao completar sessenta e cinco anos, se homem, ou sessenta anos, se mulher, caso tenha recolhido o número mínimo de contribuições mensais exigido na data do requerimento desse benefício quando ele ainda mantinha a qualidade de segurado. ( )

Considere que Vilma, com 55 anos de idade, perdeu o emprego há quatro anos e não conseguiu retornar ao mercado de trabalho, perdendo, por isso, a qualidade de segurado do RGPS, apesar de ter contribuído por mais de 16 anos. Nessa situação hipotética, Vilma poderá requerer o benefício de aposentadoria por idade pelo fato de ter contribuído por tempo superior à carência. ( )

A aposentadoria por idade será devida ao segurado empregado, inclusive o doméstico, a partir da data do desligamento do emprego, quando requerida até essa data ou até 30 dias depois dela. ( )

A aposentadoria por idade é devida ao segurado empregado, contribuinte individual e facultativo, a partir da data do desligamento do emprego, quando requerida até essa data ou até 90 dias depois dela. ( )

A aposentadoria por idade pode ser requerida pela empresa, desde que o segurado empregado tenha cumprido o período de carência e completado 75 anos de idade para ambos os sexos, sendo compulsória, caso em que será garantida ao empregado a indenização prevista na legislação trabalhista, considerada como data da rescisão do contrato de trabalho a imediatamente anterior à do início da aposentadoria. ( )

Para fins de aposentadoria por idade, é necessário que o trabalhador rural comprove apenas a atividade rurícola contínua, no período imediatamente anterior ao requerimento administrativo ou judicial, por período equivalente a 15 anos de carência. ( )

Segurado especial, na condição de trabalhador rural, faz jus à percepção de aposentadoria por idade, uma vez cumprido o período de carência. ( )

Para a concessão da aposentadoria por idade rural, o tamanho da propriedade rural não é capaz, por si só, de descaracterizar o segurado especial e, consequente, redução de 5 anos na idade, se preenchidos os demais requisitos. ( )

Para a concessão de aposentadoria rural por idade, não se exige que o início de prova material corresponda a todo o período equivalente à carência do benefício, sendo que, para a comprovação de tempo de serviço rural, é indispensável documento em nome do próprio interessado. ( )

Os aposentados do RGPS deverão contribuir para o financiamento desse mesmo regime com proventos de seus respectivos benefícios. ( )

O salário-de-benefício da aposentadoria por idade é apurado pela média aritmética simples dos maiores salários-de-contribuição correspondentes a 80% de todo o período contributivo, multiplicada pelo fator previdenciário. ( )

O segurado que, aposentado sob o RGPS, permanecer em atividade sujeita a esse regime, ou a ele retornar, terá direito, dentre outros benefícios, ao salário maternidade. ( )

:: GABARITO COMENTADO

Assim como na aposentadoria por tempo de contribuição, o fator previdenciário na aposentadoria por idade só será aplicado quando for mais vantajoso ao segurado. (E)

Na aposentadoria por tempo de contribuição, o fator previdenciário é OBRIGATÓRIO, quando o segurado não obtiver os pontos necessários da nova regra do 85/95 advindo da Lei 13.183/15.

Caso Jurema requeira, em agência da previdência social, aposentadoria por idade, mas apresente documentação incompleta, o servidor do INSS deverá instruí-la acerca da documentação correta a apresentar e emitir exigência de documentação em processo. (C)

O servidor do INSS irá identificá-la e tomar a providência cabíveis para dar continuidade no processo concessório. Lei 8213, artigo 105.

Para fazer jus à aposentadoria por idade prevista no RGPS, como trabalhador rural, deve o requerente comprovar, além da carência exigida em lei, ter completado sessenta anos de idade, se homem, e cinquenta anos de idade, se mulher. (E)

Primeiro que o requerente deve, em regra, comprovar o efetivo exercício de sua atividade rural por no mínimo 15 anos e segundo que é exigido a mulher trabalhadora rural, no mínimo, 55 anos de idade e não 50.

Um indivíduo que tenha perdido a qualidade de segurado fará jus à concessão de aposentadoria por idade ao completar sessenta e cinco anos, se homem, ou sessenta anos, se mulher, caso tenha recolhido o número mínimo de contribuições mensais exigido na data do requerimento desse benefício quando ele ainda mantinha a qualidade de segurado. (C)

Decreto 3048, artigo 13, parágrafo 6.

Considere que Vilma, com 55 anos de idade, perdeu o emprego há quatro anos e não conseguiu retornar ao mercado de trabalho, perdendo, por isso, a qualidade de segurado do RGPS, apesar de ter contribuído por mais de 16 anos. Nessa situação hipotética, Vilma poderá requerer o benefício de aposentadoria por idade pelo fato de ter contribuído por tempo superior à carência. (E)

Lembre-se que Vilma, mulher, na aposentadoria por idade, precisa de, ao menos, 60 anos de idade e, no mínimo, 180 contribuições mensais. Logo, ela não tem a idade necessária para a concessão da aposentadoria, apesar de ter o tempo de contribuição suficiente. Decreto 3048, artigo 51.

A aposentadoria por idade será devida ao segurado empregado, inclusive o doméstico, a partir da data do desligamento do emprego, quando requerida até essa data ou até 30 dias depois dela. (E)

Lei 8213, artigo 49, da data do desligamento do emprego, quando requerida até essa data ou até 90 (noventa) dias depois dela.

A aposentadoria por idade é devida ao segurado empregado, contribuinte individual e facultativo, a partir da data do desligamento do emprego, quando requerida até essa data ou até 90 dias depois dela. (E)

Para o contribuinte individual e facultativo é a partir da data do requerimento. Lei 8213, artigo 49, II.

A aposentadoria por idade pode ser requerida pela empresa, desde que o segurado empregado tenha cumprido o período de carência e completado 75 anos de idade para ambos os sexos, sendo compulsória, caso em que será garantida ao empregado a indenização prevista na legislação trabalhista, considerada como data da rescisão do contrato de trabalho a imediatamente anterior à do início da aposentadoria. (E)

A aposentadoria por idade pode ser requerida pela empresa, desde que o segurado empregado tenha cumprido o período de carência e completado 70 (setenta) anos de idade, se do sexo masculino, ou 65 (sessenta e cinco) anos, se do sexo feminino. Lei 8213, artigo 51.

Para fins de aposentadoria por idade, é necessário que o trabalhador rural comprove apenas a atividade rurícola contínua, no período imediatamente anterior ao requerimento administrativo ou judicial, por período equivalente a 15 anos de carência. (E)

Além da comprovação da atividade poder ser descontínua, exige-se também a idade mínima que para homem é de 60 anos e 55 para mulher.

Segurado especial, na condição de trabalhador rural, faz jus à percepção de aposentadoria por idade, uma vez cumprido o período de carência. (E)

Os requisitos são completos (idade + exercício de atividade rural mínimo de 15 anos contínuo ou não).

Para a concessão da aposentadoria por idade rural, o tamanho da propriedade rural não é capaz, por si só, de descaracterizar o segurado especial e, consequente, redução de 5 anos na idade, se preenchidos os demais requisitos. (E)

O tamanho da propriedade é condição para enquadrar o segurado como segurado especial ou segurado contribuinte individual. Caso a propriedade tenha mais de 4 módulos fiscais, o segurado será classificado na categoria de CONTRIBUINTE INDIVIDUAL e abaixo de 4 módulos fiscais, SEGURADO ESPECIAL.

Para a concessão de aposentadoria rural por idade, não se exige que o início de prova material corresponda a todo o período equivalente à carência do benefício, sendo que, para a comprovação de tempo de serviço rural, é dispensável documento em nome do próprio interessado. (C)

Assertiva correta. No caso de um membro do grupo familiar solteiro, as terras do pai ou mãe servem de prova para ele e assim como a documentação daqueles.

Os aposentados do RGPS deverão contribuir para o financiamento desse mesmo regime com proventos de seus respectivos benefícios. (E)

Os aposentados do RGPS, apenas contribuem caso retornem à atividade. Lei 8213, artigo 18, parágrafo 2.

O salário-de-benefício da aposentadoria por idade é apurado pela média aritmética simples dos maiores salários-de-contribuição correspondentes a 80% de todo o período contributivo, multiplicada pelo fator previdenciário. (C)

Entenda que este é o texto do artigo 29, I da Lei 8213. A concessão do benefício é que terá a aplicação do fator previdenciário caso ele seja mais benéfico para a renda mensal do segurado.

O segurado que, aposentado sob o RGPS, permanecer em atividade sujeita a esse regime, ou a ele retornar, terá direito, dentre outros benefícios, ao salário maternidade. (C)

Decreto 3048, artigo 103.

:: APOSENTADORIA POR INVALIDEZ

A aposentadoria por invalidez, uma vez cumprida, quando for o caso, a carência exigida, será devida ao segurado que, apenas em gozo de auxílio-doença, for considerado incapaz e insusceptível de reabilitação para o exercício de atividade que lhe garanta a subsistência, e ser-lhe-á paga enquanto permanecer nesta condição. ( )

Sem ressalvas, a doença ou lesão de que o segurado já era portador ao filiar-se ao Regime Geral de Previdência Social não lhe conferirá direito à aposentadoria por invalidez. ( )

A aposentadoria por invalidez será devida ao segurado empregado doméstico, a contar do décimo sexto dia do afastamento da atividade ou a partir da entrada do requerimento, se entre o afastamento e a entrada do requerimento decorrerem mais de trinta dias. ( )

A aposentadoria por invalidez, inclusive a decorrente de acidente do trabalho, consistirá numa renda mensal correspondente a 100% (cem por cento) do salário-de-benefício. ( )

O valor da aposentadoria por invalidez do segurado que necessitar da assistência permanente de outra pessoa será acrescido de 25% e será incorporado na pensão dos seus dependentes em caso de morte o segurado. ( )

A aposentadoria por invalidez é encerrada apenas com a morte do segurado. ( )

Rivelino era empregado em uma empresa, quando por motivos de doença foi aposentado por invalidez. Quatro anos após a concessão do referido benefício, Rivelino, recuperado, teve direito a retornar à função que desempenhava na empresa que trabalhava quando se aposentou. É correto afirmar que a aposentadoria por invalidez de Rivelino será cessada de imediato. ( )

Elriley, contribuinte individual, aposentou-se por invalidez há 3 anos. É correto afirmar que, recuperado, a aposentadoria por invalidez de Elriley será cessada após 3 meses. ( )

Acerca da aposentadoria por invalidez, quando a recuperação for parcial ou ocorrer após 5 anos da concessão da aposentadoria ou ainda quando o segurado for declarado apto para o exercício de trabalho diverso do qual habitualmente exercia, a aposentadoria será mantida, sem prejuízo da volta à atividade, no seu valor integral, durante 12 meses contados da data em que for verificada a recuperação da capacidade. ( )

Antônio, aposentado por invalidez, retornou à sua atividade laboral voluntariamente. Nessa situação, o seu benefício de aposentadoria por invalidez será cancelado a partir da data desse retorno. ( )

O aposentado por invalidez que retornar voluntariamente à atividade terá sua aposentadoria automaticamente cessada, a partir da data do requerimento. ( )

É correto afirmar que independe de carência a concessão de aposentadoria por invalidez ao segurado que, após filiar-se ao RGPS, for acometido de espondiloartrose anquilosante. ( )

A aposentadoria por invalidez, uma vez cumprida, quando for o caso, a carência exigida, será devida, sem ressalvas, ao segurado que, estando ou não em gozo de auxílio-doença, for considerado incapaz e insuscetível de reabilitação para o exercício de atividade que lhe garanta a subsistência, ainda que a incapacidade decorra de doença ou lesão anterior à sua filiação ao RGPS. ( )

Dejair sofreu grave acidente que o deixou incapaz para o trabalho, não havendo qualquer condição de reabilitação, conforme exame médico pericial realizado pela previdência social. Nessa situação, Dejair não poderá receber imediatamente o benefício de aposentadoria por invalidez, pois esta somente lhe será concedida após o período de doze meses relativo ao auxílio-doença que Dejair já esteja recebendo. ( )

É correto afirmar que a concessão de aposentadoria por invalidez dependerá da verificação da condição de incapacidade mediante exame médico-pericial a cargo da Previdência Social, podendo o segurado, às custas do INSS, fazer-se acompanhar de médico de sua confiança. ( )

:: GABARITO COMENTADO

A aposentadoria por invalidez, uma vez cumprida, quando for o caso, a carência exigida, será devida ao segurado que, apenas em gozo de auxílio-doença, for considerado incapaz e insusceptível de reabilitação para o exercício de atividade que lhe garanta a subsistência, e ser-lhe-á paga enquanto permanecer nesta condição. (E)

Lei 8213, artigo 42. A aposentadoria por invalidez, uma vez cumprida, quando for o caso, a carência exigida, será devida ao segurado que, estando ou não em gozo de auxílio-doença.

Sem ressalvas, a doença ou lesão de que o segurado já era portador ao filiar-se ao Regime Geral de Previdência Social não lhe conferirá direito à aposentadoria por invalidez. (E)

Lei 8213, artigo 42, parágrafo 2. quando a incapacidade sobrevier por motivo de progressão ou agravamento dessa doença ou lesão poderá conferir aposentadoria por invalidez ao segurado.

A aposentadoria por invalidez será devida ao segurado empregado doméstico, a contar do décimo sexto dia do afastamento da atividade ou a partir da entrada do requerimento, se entre o afastamento e a entrada do requerimento decorrerem mais de trinta dias. (E)

Apesar de inúmeros direitos terem sido igualados entre segurados empregados e empregados doméstico, permanece mantido o texto do artigo 43, I, a da Lei 8213 (início da incapacidade).

A aposentadoria por invalidez, inclusive a decorrente de acidente do trabalho, consistirá numa renda mensal correspondente a 100% (cem por cento) do salário-de-benefício. (C)

Lei 8213, artigo 44.

O valor da aposentadoria por invalidez do segurado que necessitar da assistência permanente de outra pessoa será acrescido de 25% e será incorporado na pensão dos seus dependentes em caso de morte o segurado. (E)

Não haverá incorporação em pensão por morte ao dependente o valor dos 25% adicionais outrora recebido por segurado em sua aposentadoria por invalidez. Lei 8213, artigo 45.

A aposentadoria por invalidez é encerrada apenas com a morte do segurado. (E)

Existem outras possibilidades de cessação da aposentadoria por invalidez. Por exemplo, com o fim da invalidez com a aptidão do segurado para o trabalho.

Rivelino era empregado em uma empresa, quando por motivos de doença foi aposentado por invalidez. Quatro anos após a concessão do referido benefício, Rivelino, recuperado, teve direito a retornar à função que desempenhava na empresa que trabalhava quando se aposentou. É correto afirmar que a aposentadoria por invalidez de Rivelino será cessada de imediato. (C)

Lei 8213, artigo 47, I,a.

Elriley, contribuinte individual, aposentou-se por invalidez há 3 anos. É correto afirmar que, recuperado, a aposentadoria por invalidez de Elriley será cessada após 3 meses. (C)

Classificado na categoria CONTRIBUINTE INDIVIDUAL, a aposentadoria de Elriley será cessada após tantos meses quantos forem os anos de duração da sua aposentadoria por invalidez. Lei 8213, artigo 47, I,b.

Acerca da aposentadoria por invalidez, quando a recuperação for parcial ou ocorrer após 5 anos da concessão da aposentadoria ou ainda quando o segurado for declarado apto para o exercício de trabalho diverso do qual habitualmente exercia, a aposentadoria será mantida, sem prejuízo da volta à atividade, no seu valor integral, durante 12 meses contados da data em que for verificada a recuperação da capacidade. (E)

Lei 8213, artigo 47, II, a. , A aposentadoria será mantida, sem prejuízo da volta à atividade, no seu valor integral, durante 6 meses contados da data em que for verificada a recuperação da capacidade.

Antônio, aposentado por invalidez, retornou à sua atividade laboral voluntariamente. Nessa situação, o seu benefício de aposentadoria por invalidez será cancelado a partir da data desse retorno. (C)

Lei 8213, artigo 46.

O aposentado por invalidez que retornar voluntariamente à atividade terá sua aposentadoria automaticamente cessada, a partir da data do requerimento. (E)

Decreto 3048, artigo 48. A partir da data do retorno.

É correto afirmar que independe de carência a concessão de aposentadoria por invalidez ao segurado que, após filiar-se ao RGPS, for acometido de espondiloartrose anquilosante. (C)

Lei 8213, artigo 151.

A aposentadoria por invalidez, uma vez cumprida, quando for o caso, a carência exigida, será devida, sem ressalvas, ao segurado que, estando ou não em gozo de auxílio-doença, for considerado incapaz e insuscetível de reabilitação para o exercício de atividade que lhe garanta a subsistência, ainda que a incapacidade decorra de doença ou lesão anterior à sua filiação ao RGPS. (E)

Lei 8213, artigo 42, parágrafo 2. Existe ressalva. A doença ou lesão de que o segurado já era portador ao filiar-se ao Regime Geral de Previdência Social não lhe conferirá direito à aposentadoria por invalidez, salvo quando a incapacidade sobrevier por motivo de progressão ou agravamento dessa doença ou lesão.

Dejair sofreu grave acidente que o deixou incapaz para o trabalho, não havendo qualquer condição de reabilitação, conforme exame médico pericial realizado pela previdência social. Nessa situação, Dejair não poderá receber imediatamente o benefício de aposentadoria por invalidez, pois esta somente lhe será concedida após o período de doze meses relativo ao auxílio-doença que Dejair já esteja recebendo. (E)

Não é preciso estar em gozo de auxílio doença para gozar da aposentadoria por invalidez! Lei 8213, artigo 42.

É correto afirmar que a concessão de aposentadoria por invalidez dependerá da verificação da condição de incapacidade mediante exame médico-pericial a cargo da Previdência Social, podendo o segurado, às custas do INSS, fazer-se acompanhar de médico de sua confiança.

(E)

Lei 8213, artigo 42, parágrafo primeiro. O segurado poderá se fazer acompanhar de médico de sua confiança, mas o próprio segurado arcará com as despesas pela contratação do seu médico de confiança.

:: APOSENTADORIA POR TEMPO DE CONTRIBUIÇÃO

Helena, 45 anos, é professora exerceu por 20 anos a sua profissão em unidade escolar e por mais 5 anos a função na coordenação pedagógica. É correto afirmar que Helena poderá se aposentar, por tempo de contribuição e o fator previdenciário apenas será aplicado se for vantajoso para sua aposentadoria. ( )

É correto afirmar que a renda mensal da aposentado ria por tempo de contribuição do segurado será o equivalente a 100% do seu salário de contribuição. ( )

Considera- se tempo de contribuição o tempo, contado de mês a mês, desde o início até a data do requerimento ou do desligamento de atividade abrangida pela previdência social, descontados os períodos legalmente estabelecidos como de suspensão de contrato de trabalho, de interrupção de exercício e de desligamento da atividade. ( )

É correto afirmar que são contados como tempo de contribuição o período em que o segurado esteve recebendo auxílio doença ou aposentadoria por invalidez, entre períodos de atividade. ( )

No RGPS, não será computado como tempo de contribuição o já considerado para concessão de qualquer aposentadoria ou por outro regime de previdência social. ( )

É vedada a conversão de tempo de serviço de magistério, exercido em qualquer época, em tempo de serviço comum. ( )

Cirilo, 50 anos, em 2016, segurado especial, contribuiu facultativamente, como contribuinte individual, durante 36 anos, ininterruptamente, para o RGPS. É correto afirmar que Cirilo deverá pleitear aposentadoria por tempo de contribuição mesmo sendo um segurado especial. ( )

A prova exclusivamente testemunhal é insuficiente para a comprovação de atividade rurícola, com vistas à obtenção da aposentadoria por tempo de contribuição. ( )

O contribuinte individual que trabalha por conta própria, sem relação de emprego, poderá fazer jus à aposentadoria por tempo de contribuição caso contribua com 20% do seu salário de contribuição. ( )

O fator previdenciário é utilizado para o cálculo da renda mensal inicial das aposentadorias por tempo de contribuição e especial. ( )

Para o segurado filiado à previdência social até 28 de novembro de 1999, inclusive o oriundo de regime próprio de previdência social, que vier a cumprir as condições exigidas para a concessão dos benefícios do Regime Geral de Previdência Social, no cálculo do salário de benefício será considerada a média aritmética simples dos maiores salários de contribuição,

correspondentes a, no mínimo, oitenta por cento de todo o período contributivo decorrido desde a competência junho de 1994. ( )

Durvalino, 55 anos de idade, segurado obrigatório da Previdência Social como contribuinte individual, em 31 de dezembro de 2016 completou 35 anos de contribuição previdenciária e fez aniversário. É correto afirmar que, em 1 de janeiro de 2020, Durvalino poderá ter o fator previdenciário como multiplicador facultativo em sua aposentadoria por tempo de contribuição, tendo Durvalino, nos períodos elencados, contribuído regularmente para o RGPS. ( )

Cabe ao contribuinte individual comprovar a interrupção ou o encerramento da atividade pela qual vinha contribuindo, sobpena de ser considerado em débito no período sem contribuição. ( )

Em regra, a aposentadoria por tempo de contribuição será devida ao segurado após trinta e cinco anos de contribuição, se homem, ou trinta anos, se mulher. ( )

Considera-se função de magistério a exercida por professor, quando exercida em estabelecimento de educação básica em seus diversos níveis e modalidades, incluídas, além do exercício da docência, as funções de direção de unidade escolar e as de coordenação e assessoramento pedagógico. ( )

:: GABARITO COMENTADO

Helena, 45 anos, é professora exerceu por 20 anos a sua profissão em unidade escolar e por mais 5 anos a função na coordenação pedagógica. É correto afirmar que Helena poderá se aposentar, por tempo de contribuição e o fator previdenciário apenas será aplicado se for vantajoso para sua aposentadoria. (E)

A primeira parte da assertiva está correta. Helena trabalhou 25 anos exclusivamente como professora e incluindo o tempo em função pedagógica, mas Helena não tem os 85 pontos necessários para ter o fator previdenciário como facultativo no cálculo de sua aposentadoria.

Lei 8213, artigo 29-C e Decreto 3048, artigo 56, parágrafo 1.

É correto afirmar que a renda mensal da aposentadoria por tempo de contribuição do segurado será o equivalente a 100% do seu salário de contribuição. (E)

A renda mensal deste benefício será o equivalente a 100% do salário de benefício. Decreto 3048, artigo 57.

Considera-se tempo de contribuição o tempo, contado de mês a mês, desde o início até a data do requerimento ou do desligamento de atividade abrangida pela previdência social, descontados os períodos legalmente estabelecidos como de suspensão de contrato de trabalho, de interrupção de exercício e de desligamento da atividade. (E)

A grande falha desta assertiva é que a aposentadoria por tempo de contribuição é contada data a data, ou seja, dia a dia. Já a aposentadoria por idade é contada competência por competência. Decreto 3048, artigo 59.

É correto afirmar que são contados como tempo de contribuição o período em que o segurado esteve recebendo auxílio doença ou aposentadoria por invalidez, entre períodos de atividade. (C)
Decreto 3048, artigo 60, III.

No RGPS, não será computado como tempo de contribuição o já considerado para concessão de qualquer aposentadoria ou por outro regime de previdência social. (C)
Decreto 3048, artigo 60, parágrafo 1.

É vedada a conversão de tempo de serviço de magistério, exercido em qualquer época, em tempo de serviço comum. (C)

Decreto 3048, artigo 61, parágrafo 2.

Cirilo, 50 anos, em 2016, segurado especial, contribuiu facultativamente, como contribuinte individual, durante 36 anos, ininterruptamente, para o RGPS. É correto afirmar que Cirilo deverá pleitear aposentadoria por tempo de contribuição mesmo sendo um segurado especial. (E)

Cirilo PODERÁ pleitear uma aposentadoria por tempo de contribuição até porque já possui a carência mínima da aposentadoria, mas ele não será obrigado, pois, contribuindo, sujeita-se às regras daqueles que efetuar contribuições mensais e não como um segurado especial que comprova a sua atividade rural. Ademais, Cirilo não terá os 95 anos, em 2016, necessários para ter facultativo o fator previdenciário.
Decreto 3048, artigo 200, parágrafo 2. Lei 8213, artigo 29-C

A prova exclusivamente testemunhal é insuficiente para a comprovação de atividade rurícola, com vistas à obtenção da aposentadoria por tempo de contribuição. (C)
Decreto 3048, artigo 63

O contribuinte individual que trabalha por conta própria, sem relação de emprego, poderá fazer jus à aposentadoria por tempo de contribuição caso contribua com 20% do seu salário de contribuição. (C)
Lei 8212, artigo 21, parágrafo 2

O fator previdenciário é utilizado para o cálculo da renda mensal inicial das aposentadorias por tempo de contribuição e especial. (E)

O fator previdenciário é utilizado para o cálculo da renda mensal inicial das aposentadorias por tempo de contribuição e por idade.

Para o segurado filiado à previdência social até 28 de novembro de 1999, inclusive o oriundo de regime próprio de previdência social, que vier a cumprir as condições exigidas para a concessão dos benefícios do Regime Geral de Previdência Social, no cálculo do salário de benefício será considerada a média aritmética simples dos maiores salários de contribuição, correspondentes a, no mínimo, oitenta por cento de todo o período contributivo decorrido desde a competência junho de 1994. (E)

Decreto 3048, artigo 188-A. A pegadinha está no mês da competência. Será o mês de início do Plano Real, JULHO de 1994.

Durvalino, 55 anos de idade, segurado obrigatório da Previdência Social como contribuinte individual, em 31 de dezembro de 2016 completou 35 anos de contribuição previdenciária e fez aniversário. É correto afirmar que, em 1 de janeiro de 2020, Durvalino poderá ter o fator previdenciário como multiplicador facultativo em sua aposentadoria por tempo de contribuição, tendo Durvalino, nos períodos elencados, contribuído regularmente para o RGPS. (C)

Perceba que Durvanilo precisará, em 1 de janeiro de 2020 de 96 pontos, já que apenas haverá acréscimo na pontuação em 31 de dezembro do mesmo ano. Logo, ele terá 58 anos de idade e 38 anos de contribuição. Suficientes para inteirar os 96 pontos. Lei 8213, 29-C.

Cabe ao contribuinte individual comprovar a interrupção ou o encerramento da atividade pela qual vinha contribuindo, sob pena de ser considerado em débito no período sem contribuição. (C)

Decreto 3048, artigo 59, parágrafo 1.

Em regra, a aposentadoria por tempo de contribuição será devida ao segurado após trinta e cinco anos de contribuição, se homem, ou trinta anos, se mulher. (C)

Decreto 3048, artigo 56

Considera-se função de magistério a exercida por professor, quando exercida em estabelecimento de educação básica em seus diversos níveis e modalidades, incluídas, além do exercício da docência, as funções de direção de unidade escolar e as de coordenação e assessoramento pedagógico. (C)

Decreto 3048, artigo 56, parágrafo 2

:: APOSENTADORIA ESPECIAL

A aposentadoria especial, uma vez cumprida a carência exigida, será devida ao segurado empregado, trabalhador avulso e contribuinte individual, este somente quando cooperado filiado a cooperativa de trabalho ou de produção, que tenha trabalhado durante quinze, vinte ou vinte e cinco anos, conforme o caso, sujeito a condições especiais que prejudiquem a saúde ou a integridade física. ( )

Considera-se tempo de trabalho intermitente aquele que é exercido de forma não ocasional, permanente, no qual a exposição do empregado, do trabalhador avulso ou do cooperado ao agente nocivo seja indissociável da produção do bem ou da prestação do serviço. ( )

Para o segurado que houver exercido duas ou mais atividades sujeitas a condições especiais prejudiciais à saúde ou à integridade física, sem completar em qualquer delas o prazo mínimo exigido para a aposentadoria especial, os respectivos períodos de exercício serão somados após conversão, devendo ser considerada a atividade preponderante para efeito de enquadramento.( )

É correto afirmar que a avaliação qualitativa de riscos e agentes nocivos será comprovada mediante descrição das circunstâncias de exposição ocupacional a determinado agente nocivo ou associação de agentes nocivos presentes no ambiente de trabalho durante toda a jornada. ( )

A aposentadoria especial será devida apenas ao segurado que tiver trabalhado por, pelo menos, vinte anos sujeito a condições especiais que lhe prejudiquem a saúde ou a integridade física. ( )

Ednelson goza de aposentadoria especial por ter estado trabalhando exposto a agentes nocivos durante um período que, de acordo com a lei pertinente, lhe garantiu o referido direito. Nessa situação, as despesas relativas ao pagamento da aposentadoria de Ednelson devem ser custeadas com recursos arrecadados pela cobrança do adicional GIRALT. ( )

No que se refere à aposentadoria especial, julgue o item a seguir:
A comprovação da efetiva exposição do segurado aos agentes nocivos será feita mediante formulário, na forma estabelecida pelo Instituto Nacional do Seguro Social - INSS, emitido pela empresa ou seu preposto, com base em laudo técnico de condições ambientais do trabalho expedido por médico do trabalho ou engenheiro de segurança do trabalho nos termos da legislação trabalhista. ( )

Natália trabalha, há dez anos, exposta, de forma não-ocasional nem intermitente, a agentes químicos nocivos. Nessa situação, Natália terá direito a requerer, no futuro, aposentadoria especial, sendo-lhe possível, a fim de completar a carência, converter tempo comum trabalhado anteriormente, isto é, tempo em que não esteve exposto aos agentes nocivos, em tempo de contribuição para a aposentadoria do tipo especial. ( )

Otávio trabalhou por 7 anos em uma mineradora exercendo atividade que possibilita aposentadoria especial em 15 anos. Otávio, posteriormente, foi transferido para uma outra mineradora onde trabalhou por 14 anos em contato com agente que confere aposentadoria especial em 25 anos. É correto afirma que Otávio já poderá requerer a sua aposentadoria especial. ( )

Itamar trabalhou durante 10 anos em atividade exposto a agente nocivo que permite aposentadoria especial em 25 anos. Saiu deste emprego e passou a trabalhar como professor universitário. É correto afirmar que Itamar precisa trabalhar por mais 20 anos para ter direito a sua aposentadoria por tempo de contribuição. ( )

A data de início da aposentadoria especial será fixada da mesma forma que a da aposentadoria por idade. ( )

É correto afirmar que o segurado que requerer aposentadoria especial, deverá comprovar, além do tempo de trabalho, exposição aos agentes nocivos químicos, físicos, biológicos ou associação de agentes prejudiciais à saúde ou à integridade física, pelo período equivalente ao exigido para a concessão do benefício. ( )

A relação dos agentes nocivos químicos, físicos e biológicos ou associação de agentes prejudiciais à saúde ou à integridade física considerados para fins de concessão da aposentadoria especial de será definida pelo Poder Legislativo. ( )

Acerca da aposentadoria especial, a empresa que não mantiver laudo técnico atualizado com referência aos agentes nocivos existentes no ambiente de trabalho de seus trabalhadores ou que emitir documento de comprovação de efetiva exposição em desacordo com o respectivo laudo estará sujeita a multa variável expressa em lei. ( )

É correto afirma que, sobre a aposentadoria especial, a empresa deverá elaborar e manter atualizado perfil profissiográfico abrangendo as atividades desenvolvidas pelo trabalhador e fornecer a este, quando da rescisão do contrato de trabalho. ( )

:: GABARITO COMENTADO

A aposentadoria especial, uma vez cumprida a carência exigida, será devida ao segurado empregado, trabalhador avulso e contribuinte individual, este somente quando cooperado filiado a cooperativa de trabalho ou de produção, que tenha trabalhado durante quinze, vinte ou vinte e cinco anos, conforme o caso, sujeito a condições especiais que prejudiquem a saúde ou a integridade física. (C)

Decreto 3048, artigo 64.

Considera-se tempo de trabalho intermitente aquele que é exercido de forma não ocasional, permanente, no qual a exposição do empregado, do trabalhador avulso ou do cooperado ao agente nocivo seja indissociável da produção do bem ou da prestação do serviço. (E)

Houve uma troca de palavras para confundir o candidato apressado. Considera-se tempo de trabalho permanente aquele que é exercido de forma não ocasional nem intermitente, no qual a exposição do empregado, do trabalhador avulso ou do cooperado ao agente nocivo seja indissociável da produção do bem ou da prestação do serviço. Decreto 3048, artigo 65.

Para o segurado que houver exercido duas ou mais atividades sujeitas a condições especiais prejudiciais à saúde ou à integridade física, sem completar em qualquer delas o prazo mínimo exigido para a aposentadoria especial, os respectivos períodos de exercício serão somados após conversão, devendo ser considerada a atividade preponderante para efeito de enquadramento.(C)

Decreto 3048, artigo 66

É correto afirmar que a avaliação qualitativa de riscos e agentes nocivos será comprovada mediante descrição das circunstâncias de exposição ocupacional a determinado agente nocivo ou associação de agentes nocivos presentes no ambiente de trabalho durante toda a jornada. (C)

Decreto 3048, artigo 68, parágrafo 2.

A aposentadoria especial será devida apenas ao segurado que tiver trabalhado por, pelo menos, vinte anos sujeito a condições especiais que lhe prejudiquem a saúde ou a integridade física. (E)

Conforme nos orienta o artigo 57 da Lei 8213, a aposentadoria especial será devida, uma vez cumprida a carência exigida nesta Lei, ao segurado que tiver trabalhado sujeito a condições especiais que prejudiquem a saúde ou a integridade física, durante 15 (quinze), 20 (vinte) ou 25 (vinte e cinco) anos, conforme dispuser a lei. Não será devida ao segurado que tiver trabalhado por, pelo menos, vinte anos.

Ednelson goza de aposentadoria especial por ter estado trabalhando exposto a agentes nocivos durante um período que, de acordo com a lei pertinente, lhe garantiu o referido direito. Nessa situação, as despesas relativas ao pagamento da aposentadoria de Ednelson devem ser custeadas com recursos arrecadados pela cobrança do adicional GIRALT. (C)

Decreto 3048, artigo 202, parágrafo 1. As alíquotas GIRALT são acrescidas de 6%, 9% ou 12% se a atividade que o segurado exerce na empresa proporcionar aposentadoria especial após 25, 20 ou 15 anos de contribuição. Se a empresa tiver 200 empregados e 20 nesta condição, este complemento incidirá apenas sobre os 20 funcionários expostos aos agentes nocivos que prejudiquem a saúde e a integridade física.

No que se refere à aposentadoria especial, julgue o item a seguir:
A comprovação da efetiva exposição do segurado aos agentes nocivos será feita mediante formulário, na forma estabelecida pelo Instituto Nacional do Seguro Social - INSS, emitido pela empresa ou seu preposto, com base em laudo técnico de condições ambientais do trabalho expedido por médico do trabalho ou engenheiro de segurança do trabalho nos termos da legislação trabalhista. (C)

Lei 8213, artigo 58, parágrafo 1

Natália trabalha, há dez anos, exposta, de forma não-ocasional nem intermitente, a agentes químicos nocivos. Nessa situação, Natália terá direito a requerer, no futuro, aposentadoria especial, sendo-lhe possível, a fim de completar a carência, converter tempo comum trabalhado anteriormente, isto é, tempo em que não esteve exposto aos agentes nocivos, em tempo de contribuição para a aposentadoria do tipo especial. (E)

Não é possível a conversão de tempo comum em tempo especial.
Lei 8213, artigos 66 e 70.

Otávio trabalhou por 7 anos em uma mineradora exercendo atividade que possibilita aposentadoria especial em 15 anos. Otávio, posteriormente, foi transferido para uma outra mineradora onde trabalhou por 14 anos em contato com agente que confere aposentadoria especial em 25 anos. É correto afirma que Otávio já poderá requerer a sua aposentadoria especial. (C)

Memorizando a tabela, nós temos que de 15 anos para 25 anos multiplicamos por 1,67, ou seja, 7x1,67=11,69 Logo, 11,69+14=25,69. Otávio terá direito a sua aposentadoria especial.

Decreto 3048, artigo 66, parágrafo 2.

Itamar trabalhou durante 10 anos em atividade exposto a agente nocivo que permite aposentadoria especial em 25 anos. Saiu deste emprego e passou a trabalhar como professor universitário. É correto afirmar que Itamar precisa trabalhar por mais 20 anos para ter direito a sua aposentadoria por tempo de contribuição. (E)

Seguindo a tabela do artigo 70 do Decreto 3048, Itamar, quem trabalhou por 10 anos exposto a agente nocivo terá convertido 10x1,40=14 anos. Logo, para chegar aos 35 anos de contribuição, Itamar deverá trabalhar por mais 21 anos para ter direito à aposentadoria por tempo de contribuição.

A data de início da aposentadoria especial será fixada da mesma forma que a da aposentadoria por idade. (C)

Lei 8213, artigo 57, parágrafo 2.
A aposentadoria especial será devida ao segurado empregado, inclusive o doméstico, a partir da data do desligamento do emprego, quando requerida até essa data ou até 90 (noventa) dias ou depois dela da data do requerimento, quando não houver desligamento do emprego ou quando for requerida após o prazo previsto citado anteriormente. Para os demais segurados, da data da entrada do requerimento.

É correto afirmar que o segurado que requerer aposentadoria especial, deverá comprovar, além do tempo de trabalho, exposição aos agentes nocivos químicos, físicos, biológicos ou associação de agentes prejudiciais à saúde ou à integridade física, pelo período equivalente ao exigido para a concessão do benefício. (C)

Lei 8213, artigo 57, parágrafo 4

A relação dos agentes nocivos químicos, físicos e biológicos ou associação de agentes prejudiciais à saúde ou à integridade física considerados para fins de concessão da aposentadoria especial será definida pelo Poder Legislativo. (E)

Lei 8213, artigo 58. A relação será definida pelo Poder Executivo.

Acerca da aposentadoria especial, a empresa que não mantiver laudo técnico atualizado com referência aos agentes nocivos existentes no ambiente de trabalho de seus trabalhadores ou que emitir documento de comprovação de efetiva exposição em desacordo com o respectivo laudo estará sujeita a multa variável expressa em lei. (C)

Lei 8213, artigo 58, parágrafo 3.

É correto afirma que, sobre a aposentadoria especial, a empresa deverá elaborar e manter atualizado perfil profissiográfico abrangendo as atividades desenvolvidas pelo trabalhador e fornecer a este, quando da rescisão do contrato de trabalho. (C)

Lei 8213, artigo 58, parágrafo 4.

:: APOSENTADORIA DO PORTADOR DE DEFICIÊNCIA

É correto afirmar que, para o reconhecimento do direito à aposentadoria da pessoa com deficiência, considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas. ( )

É assegurada a concessão de aposentadoria pelo RGPS ao segurado com deficiência aos 60 (sessenta) anos de idade, se homem, e 55 (cinquenta e cinco) anos de idade, se mulher, independentemente do grau de deficiência, desde que cumprido tempo mínimo de contribuição de 15 (quinze) anos, porém mesmo que não comprovada a existência de deficiência durante todo o período. ( )

Gildivan, deficiente desde o nascimento, tendo constatada sua deficiência leve, contribui para o RGPS há 29 anos nesta condição. É correto afirmar que Gildivan já terá direito a gozar aposentadoria da pessoa com deficiência por tempo de contribuição. ( )

Carlota, deficiente desde o nascimento, tendo constatada sua deficiência moderada, contribui para o RGPS há 24 anos nesta condição. É correto afirmar que Carlota já terá direito a gozar aposentadoria da pessoa com deficiência por tempo de contribuição. ( )

Deilza, contribuinte individual, trabalhou durante 15 anos e contribuiu, ininterruptamente, para o RGPS. Certo dia, Deilza sofre um grave acidente o qual a deixa com uma deficiência moderada. É correto afirmar que Deilza, para se aposentar por tempo de contribuição como pessoa com deficiência, deverá verter contribuições ao RGPS por mais 9 anos. ( )

:: GABARITO COMENTADO

É correto afirmar que, para o reconhecimento do direito à aposentadoria da pessoa com deficiência, considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas. (C)

Perceba que este é o texto que você precisa memorizar do artigo 2 da Lei Complementar 142.

É assegurada a concessão de aposentadoria pelo RGPS ao segurado com deficiência aos 60 (sessenta) anos de idade, se homem, e 55 (cinquenta e cinco) anos de idade, se mulher, independentemente do grau de deficiência, desde que cumprido tempo mínimo de contribuição de 15 (quinze) anos, porém mesmo que não comprovada a existência de deficiência durante todo o período. (E)

Deverá haver a comprovação da deficiência por igual período. Lei Complementar 142, artigo 3, IV.

Gildivan, deficiente desde o nascimento, tendo constatada sua deficiência leve, contribui para o RGPS há 29 anos nesta condição. É correto afirmar que Gildivan já terá direito a gozar aposentadoria da pessoa com deficiência por tempo de contribuição. (E)

No caso da deficiência LEVE é preciso comprová-la, se homem, por 33 anos e não 29 anos. Lei Complementar 142, artigo3, II.

Carlota, deficiente desde o nascimento, tendo constatada sua deficiência moderada, contribui para o RGPS há 24 anos nesta condição. É correto afirmar que Carlota já terá direito a gozar aposentadoria da pessoa com deficiência por tempo de contribuição. (C)

Lei Complementar 142, artigo3, II.

Deilza, contribuinte individual, trabalhou durante 15 anos e contribuiu, ininterruptamente, para o RGPS. Certo dia, Deilza sofre um grave acidente o qual a deixa com uma deficiência moderada. É correto afirmar que Deilza, para se aposentar por tempo de contribuição como pessoa com deficiência, deverá verter contribuições ao RGPS por mais 9 anos. (E)

Uma mulher, para ter direito à aposentadoria por tempo de contribuição, deve contribuir para o RGPS por 30 anos. Perceba que Deilza já havia contribuído com metade do tempo (15 anos). Como a Lei Complementar 142 confere o direito a aposentadoria à pessoa com deficiência moderada, mulher, aos 24 anos de contribuição, Deilza deverá verter contribuições por mais 12 anos para ter direito a sua aposentadoria. Lei Complementar 142, artigo 7.

:: AUXÍLIO DOENÇA

Acerca da concessão do benefício auxílio-doença acidentário, dispensa-se o período de carência. ( )

Gustavo, motorista particular em residência de família, ficou incapacitado para as suas atividades laborais por 10 dias. É correto afirmar que Gustavo poderá receber auxílio doença a partir da data do início de sua incapacidade. ( )

O auxílio-doença será devido ao segurado empregado a contar do trigésimo primeiro dia do afastamento da atividade. ( )

O auxílio-doença é encerrado apenas com a morte do segurado, de forma que o segurado poderá recebê-lo conjuntamente com qualquer outro benefício, inclusive com salário maternidade. ( )

Zé Renato, segurado empregado do RGPS, em um dia de trabalho, no horário de almoço, no percurso entre o trabalho e sua casa, sofre um grave acidente. É correto afirmar que Zé Renato, além do auxílio doença, deverá ser mantido como licenciado pela empresa onde trabalha. ( )

Um segurado do RGPS, que esteja recebendo auxílio-doença, é obrigado a submeter-se a exame pelo médico perito da previdência social e a realizar o processo de reabilitação profissional para desenvolver novas competências. ( )

Maria Claudia, segurada empregada do RGPS, em seu primeiro emprego, no primeiro mês, é diagnosticada com neoplasia maligna. A doença determinou o seu afastamento do trabalho por seis meses. É correto afirmar que Maria Claudia não terá direito ao auxílio-doença pelo fato de não ter cumprido a carência de doze contribuições. ( )

O segurado contribuinte individual do RGPS que sofrer acidente que o impeça de trabalhar por mais de 15 dias tem direito ao benefício de auxílio-doença com início a partir do dia da incapacidade, desde que o auxílio tenha sido requerido até trinta dias após a ocorrência do infortúnio. ( )

O segurado do RGPS que durante o gozo do auxílio-doença vier a exercer atividade que lhe garanta subsistência, o benefício deverá ser cancelado a partir do retorno à atividade. ( )

O segurado empregado doméstico, em gozo de auxílio-doença, será considerado pelo empregador doméstico como licenciado. ( )

João, segurado empregado do RGPS, sofreu acidente do trabalho e terá garantida, por no máximo doze meses, a manutenção do seu contrato de trabalho na empresa onde trabalha.
( )

Suponha que Diogo, segurado empregado do RGPS, requereu auxílio doença e foi concedido. Quando foi feito o cálculo da Renda Mensal do benefício, observou-se o salário de benefício no valor de três mil reais. Mas quando calculados os seus 12 últimos salários de contribuição, observou-se o valor da renda mensal de quatro mil reais. É correto afirmar que a renda mensal do auxílio doença ao qual Diogo terá direito será de 3 mil reais. ( )

A concessão do benefício de auxílio-doença, em regra, exige período de carência de doze contribuições mensais. Todavia, a lei prevê casos em que a concessão do referido benefício independe de carência, entre os quais se inclui a situação na qual o segurado venha a ser vítima de acidente do trabalho. ( )

A concessão do benefício de auxílio-doença, em regra, exige período de carência de doze contribuições mensais. Todavia, a lei prevê casos em que a concessão do referido benefício independe de carência, entre os quais se inclui a situação na qual o segurado venha a ser vítima de moléstia profissional ou do trabalho. ( )

Quando o acidentado não se afastar do trabalho no dia do acidente, os quinze dias de responsabilidade da empresa pela sua remuneração integral são contados a partir da data do afastamento. ( )

:: GABARITO COMENTADO

Acerca da concessão do benefício auxílio-doença acidentário, dispensa-se o período de carência. (C)

Lei 8213, artigo 26, II. O caso em questão, configurou-se acidente de qualquer natureza, logo, a carência será dispensada.

Gustavo, motorista particular em residência de família, ficou incapacitado para as suas atividades laborais por 10 dias. É correto afirmar que Gustavo poderá receber auxílio doença a partir da data do início de sua incapacidade. (E)

Lei 8213, artigo 59. Este artigo nos orienta que independente da categoria do segurado , a incapacidade deve ocorrer por mais de 15 dias. O auxílio-doença será devido ao segurado que, havendo cumprido, quando for o caso, o período de carência exigido nesta Lei, ficar incapacitado para o seu trabalho ou para a sua atividade habitual por mais de 15 (quinze) dias consecutivos.

O auxílio-doença será devido ao segurado empregado a contar do trigésimo primeiro dia do afastamento da atividade. (E)

Fiquem ligados nas atualizações previdenciárias. A Medida Provisória 664 foi convertida em Lei 13.135, mas não migrou a alteração de 16 para 31 dias do afastamento da atividade para o segurado empregado. Logo, permaneceu o entendimento original da Lei 8213, artigo 60.

O auxílio-doença é encerrado apenas com a morte do segurado, de forma que o segurado poderá recebê-lo conjuntamente com qualquer outro benefício, inclusive com salário maternidade. (E)

Auxílio doença além de não ser cumulativo com o salário maternidade, não é encerrado apenas com a morte do segurado. Decreto 3048, artigo 167, IV. Artigo 75, parágrafo 2, artigo 78.

Zé Renato, segurado empregado do RGPS, em um dia de trabalho, no horário de almoço, no percurso entre o trabalho e sua casa, sofre um grave acidente. É correto afirmar que Zé Renato, além do auxílio doença, deverá ser mantido como licenciado pela empresa onde trabalha. (C)

Decreto 3048, artigo 80.

Um segurado do RGPS, que esteja recebendo auxílio-doença, é obrigado a submeter-se a exame pelo médico perito da previdência social e a realizar o processo de reabilitação profissional para desenvolver novas competências. (C)

Lei 8213, artigo 101.

Maria Claudia, segurada empregada do RGPS, em seu primeiro emprego, no primeiro mês, é diagnosticada com neoplasia maligna. A doença determinou o seu afastamento do trabalho por seis meses. É correto afirmar que Maria Claudia não terá direito ao auxílio-doença pelo fato de não ter cumprido a carência de doze contribuições. (E)

Neoplasia maligna (câncer) está entre as doenças de lista que prescinde carência no auxílio doença. Lei 8213, artigo 151.

O segurado contribuinte individual do RGPS que sofrer acidente que o impeça de trabalhar por mais de 15 dias tem direito ao benefício de auxílio-doença com início a partir do dia da incapacidade, desde que o auxílio tenha sido requerido até trinta dias após a ocorrência do infortúnio. (C)

Lei 8213, artigo 60.

O segurado do RGPS que durante o gozo do auxílio-doença vier a exercer atividade que lhe garanta subsistência, o benefício deverá ser cancelado a partir do retorno à atividade. (E)

O texto de lei diz que o benefício PODERÁ ser cancelado. Lei 8213, artigo 60, parágrafo 6.

O segurado empregado doméstico, em gozo de auxílio-doença, será considerado pelo empregador doméstico como licenciado. (C)

Lei 8213, artigo 63.

João, segurado empregado do RGPS, sofreu acidente do trabalho e terá garantida, por no máximo doze meses, a manutenção do seu contrato de trabalho na empresa onde trabalha. (E)

João terá garantida a manutenção do seu contrato de trabalho por NO MÍNIMO 12 meses e não até 12 meses. Lei 8213, artigo 118.

Suponha que Diogo, segurado empregado do RGPS, requereu auxílio doença e foi concedido. Quando foi feito o cálculo da Renda Mensal do benefício, observou-se o salário de benefício no valor de três mil reais. Mas quando calculados os seus 12 últimos salários de contribuição, observou-se o valor da renda mensal de quatro mil reais. É correto afirmar que a renda mensal do auxílio doença ao qual Diogo terá direito será de 3 mil reais. (E)

A renda mensal do auxílio doença de Diogo será de 91% do salário de benefício (R$3000,00). Perceba que o fator limitador do cálculo dos seus 12 últimos salários de contribuição não foi observado, visto que ele seria superior à renda mensal original.
Lei 8213, artigo 29, parágrafo 10.

A concessão do benefício de auxílio-doença, em regra, exige período de carência de doze contribuições mensais. Todavia, a lei prevê casos em que a concessão do referido

benefício independe de carência, entre os quais se inclui a situação na qual o segurado venha a ser vítima de acidente do trabalho. (C)

Lei 8213, artigo 26, II.

A concessão do benefício de auxílio-doença, em regra, exige período de carência de doze contribuições mensais. Todavia, a lei prevê casos em que a concessão do referido benefício independe de carência, entre os quais se inclui a situação na qual o segurado venha a ser vítima de moléstia profissional ou do trabalho. (C)

Decreto 3048, artigo 72, parágrafo 3.

Quando o acidentado não se afastar do trabalho no dia do acidente, os quinze dias de responsabilidade da empresa pela sua remuneração integral são contados a partir da data do afastamento. (C)

Decreto 3048, artigo 72, parágrafo 1.

:: AUXÍLIO ACIDENTE

O auxílio-acidente será devido a partir do dia seguinte ao da cessação do auxílio-doença, independentemente de qualquer remuneração ou rendimento auferido pelo acidentado, vedada, em regra, sua acumulação com qualquer aposentadoria. ( )

Para concessão do benefício, por incapacidade, auxílio-acidente fundamentado na redução da capacidade laboral sendo necessário que a sequela decorra da atividade exercida acarrete redução da capacidade para o trabalho habitualmente exercido. ( )

É correto afirmar que o segurado do RGPS em gozo de auxílio acidente, manterá a sua qualidade de segurado até que este seja cessado. ( )

O segurado do RGPS empregado e o empregado doméstico não fazem jus ao benefício de auxílio-acidente. ( )

É vedado o recebimento conjunto do seguro-desemprego com qualquer benefício de prestação continuada da previdência social, exceto pensão por morte, auxílio-acidente e auxílio reclusão. ( )

A perda da audição, em qualquer grau, somente proporcionará a concessão do auxílio-acidente, quando, além do reconhecimento de causalidade entre o trabalho e a doença, resultar, comprovadamente, na redução ou perda da capacidade para o trabalho que habitualmente exercia. ( )

Dentre os segurado do RGPS é correto afirmar que apenas são beneficiados do auxílio-acidente os segurados o empregado, trabalhador avulso e o especial. ( )

O auxílio acidente é um benefício concedido pelo INSS destinado aos segurado de baixa renda. ( )

Não será concedido o benefício do RGPS auxílio acidente quando o requerente não apresentar danos funcionais ou redução da capacidade funcional sem repercussão na capacidade laborativa. ( )

O auxílio acidente mensal corresponderá a 91% do salário de benefício que deu origem ao auxílio doença do segurado, corrigido até o mês anterior ao do início do auxílio acidente e será devido até a véspera de início de qualquer aposentadoria ou até a data do óbito do segurado. ( )

Raquel recebe auxílio-acidente decorrente da consolidação de lesões que a deixaram com sequelas definitivas. Nessa situação, Raquel poderá cumular o benefício que atualmente recebe com o auxílio-doença decorrente de outro evento. ( )

Maria, empregada doméstica, após ter sofrido grave acidente quando caiu do primeiro andar da casa de sua patroa, recebeu auxílio-doença por seis meses. Depois desse período, foi comprovadamente constatada a redução de sua capacidade laborativa. Nessa situação,

Maria terá direito ao auxílio-acidente correspondente a 50% do salário de benefício do auxílio-doença que recebia. ( )

Acerca do benefício do RGPS auxílio acidente é correto afirmar que o empregador doméstico deverá comunicar o acidente do trabalho à Previdência Social até o primeiro dia útil seguinte ao da ocorrência e, em caso de morte, de imediato, à autoridade competente, sob pena de multa variável entre o limite mínimo e o limite máximo do salário de contribuição, sucessivamente aumentada nas reincidências, aplicada e cobrada pela Previdência Social. ( )

O auxílio-acidente, antes das mudanças promovidas pela Constituição de 1988, tinha natureza de seguro privado. Atualmente, consiste em um benefício por incapacidade concedido ao segurado, quando, após a consolidação das lesões decorrentes de acidente de qualquer natureza, resultem sequelas que impliquem a redução da capacidade para o trabalho que era exercido anteriormente. ( )

É correto afirmar que o auxílio acidente não poderá ter valor inferior ao salário mínimo.
( )

:: GABARITO COMENTADO

O auxílio-acidente será devido a partir do dia seguinte ao da cessação do auxílio-doença, independentemente de qualquer remuneração ou rendimento auferido pelo acidentado, vedada, em regra, a sua acumulação com qualquer aposentadoria. (C)

Existem exceção para acumulação de aposentadoria com auxílio acidente, mas para a sua prova CESPE do INSS, não pode acumular e eu não vou colocar mais coisa em sua cabeça! Decreto 3048, artigo 104, parágrafo 2.

Para concessão do benefício, por incapacidade, auxílio-acidente fundamentado na redução da capacidade laboral sendo necessário que a sequela decorra da atividade exercida acarrete redução da capacidade para o trabalho habitualmente exercido. (E)

Auxílio acidente não é benefício por incapacidade como a aposentadoria por invalidez e o auxílio doença. Ele é um benefício INDENIZATÓRIO.

É correto afirmar que o segurado do RGPS em gozo de auxílio acidente, manterá a sua qualidade de segurado até que este seja cessado. (C)

Decreto 3048, artigo 13, I. Mantém a qualidade de segurado, independentemente de contribuições, sem limite de prazo, o segurado que está em gozo de benefício.

O segurado do RGPS empregado e o empregado doméstico não fazem jus ao benefício de auxílio-acidente. (E)

A partir da edição da Lei Complementar 150, o empregado doméstico tem direito ao auxílio acidente. O empregado já fazia jus dentro da legislação previdenciária.

É vedado o recebimento conjunto do seguro-desemprego com qualquer benefício de prestação continuada da previdência social, exceto pensão por morte, auxílio-acidente e auxílio reclusão. (C)

Decreto 3048, artigo 167, parágrafo 2.

A perda da audição, em qualquer grau, somente proporcionará a concessão do auxílio-acidente, quando, além do reconhecimento de causalidade entre o trabalho e a doença, resultar, comprovadamente, na redução ou perda da capacidade para o trabalho que habitualmente exercia. (C)

Decreto 3048, artigo 104, parágrafo 5.

Dentre os segurado do RGPS é correto afirmar que apenas são beneficiados do auxílio-acidente os segurados o empregado, trabalhador avulso e o especial. (E)

A partir da edição da Lei Complementar 150, o empregado doméstico também tem direito ao auxílio acidente para além dos segurados citados na assertiva.

O auxílio acidente é um benefício concedido pelo INSS destinado aos segurado de baixa renda. (E)

Os benefícios do RGPS destinados a segurados de baixa renda são: salário família e auxílio reclusão.

Não será concedido o benefício do RGPS auxílio acidente quando o requerente não apresentar danos funcionais ou redução da capacidade funcional sem repercussão na capacidade laborativa. (C)

Decreto 3048, artigo 104, parágrafo 4, I.

O auxílio acidente mensal corresponderá a 91% do salário de benefício que deu origem ao auxílio doença do segurado, corrigido até o mês anterior ao do início do auxílio acidente e será devido até a véspera de início de qualquer aposentadoria ou até a data do óbito do segurado. (E)

Decreto 3048, artigo 104, parágrafo 1. O auxílio acidente corresponde a 50% do salário de benefício que deu origem ao auxílio doença do segurado.

Raquel recebe auxílio-acidente decorrente da consolidação de lesões que a deixaram com sequelas definitivas. Nessa situação, Raquel poderá cumular o benefício que atualmente recebe com o auxílio-doença decorrente de outro evento. (C)

Esta é uma exceção de acumulação de auxílio doença com auxílio acidente. Decreto 3048, artigo 104, parágrafo 6.

Maria, empregada doméstica, após ter sofrido grave acidente quando caiu do primeiro andar da casa de sua patroa, recebeu auxílio-doença por seis meses. Depois desse período, foi comprovadamente constatada a redução de sua capacidade laborativa. Nessa situação, Maria terá direito ao auxílio-acidente correspondente a 50% do salário de benefício do auxílio-doença que recebia. (C)

A partir da edição da Lei Complementar 150, Maria terá direito ao auxílio acidente. LC 150, artigo 37, parágrafo 1.

Acerca do benefício do RGPS auxílio acidente é correto afirmar que o empregador doméstico deverá comunicar o acidente do trabalho à Previdência Social até o primeiro dia útil seguinte ao da ocorrência e, em caso de morte, de imediato, à autoridade competente, sob pena de multa variável entre o limite mínimo e o limite máximo do salário de contribuição, sucessivamente aumentada nas reincidências, aplicada e cobrada pela Previdência Social. (C)

Lei 8213, artigo 22.

O auxílio-acidente, antes das mudanças promovidas pela Constituição de 1988, tinha natureza de seguro privado. Atualmente, consiste em um benefício por incapacidade concedido ao segurado, quando, após a consolidação das lesões decorrentes de acidente de qualquer natureza, resultem sequelas que impliquem a redução da capacidade para o trabalho que era exercido anteriormente. (E)

O auxílio acidente é um benefício de caráter indenizatório e não se configura um benefício por incapacidade.

É correto afirmar que o auxílio acidente não poderá ter valor inferior ao salário mínimo. (E)

Como o benefício do RGPS, auxílio acidente, não substitui a renda mensal do trabalhador, ele poderá sim ter valor menor que o salário mínimo nacional.

:: SALÁRIO MATERNIDADE

Maristela, segurada especial, 22 anos de idade, em 21 de agosto de 2017, requereu salário maternidade do seu filho Igor nascido quando ela tinha 16 anos e nove meses de idade. É correto afirmar que, caso Maristela comprove o efetivo exercício de sua atividade rural nos 10 meses que antecederam o seu parto o qual não houve antecipação, ela terá direito ao benefício do RGPS salário maternidade por 120 dias no valor de um salário mínimo. ( )

Não é considerado salário de contribuição o salário-maternidade. ( )

O salário-maternidade é devido à segurada da Previdência Social, durante 120 (cento e vinte) dias, com início no período entre 28 (vinte e oito) dias antes do parto e a data de ocorrência deste. ( )

O salário maternidade ao segurado ou à segurada do RGPS adotante será pago pela previdência social. ( )

Reginaldo e Regina, segurados do RGPS, adotaram Lucas de 6 anos de idade. É correto afirmar que ambos os pais adotivos irão receber salário maternidade pela adoção de Lucas. ( )

É correto afirmar que o salário maternidade, pago diretamente pela previdência social ao segurado especial por 120 dias e no valor de dois salários mínimos. ( )

O salário-maternidade para a segurada empregada ou trabalhadora avulsa consistirá numa renda mensal igual a sua remuneração integral. ( )

É correto afirmar que Joana, trabalhadora avulsa e segurada obrigatória da Previdência Social, caso tenha um filho, receberá o benefício do RGPS salário maternidade diretamente pelo Órgão Gestor de Mão de Obra ao qual está filiada. ( )

O salário-maternidade pago à segurada empregada, à segurada empregada doméstica e à segurada trabalhadora avulsa prescindem de carência. ( )

Uma profissional liberal que seja segurada contribuinte individual da previdência social há cinco meses e esteja grávida de seis meses terá direito ao salário-maternidade, caso o seu filho nasça antecipadamente aos 7 meses de gestação. ( )

Bete, impossibilitada de ter filhos, adotou gêmeos recém-nascidos cuja mãe falecera logo após o parto e que não tinham parentes que pudessem cuidar delas. Nessa situação, Rute terá direito a dois salários-maternidade. ( )

Suzana, grávida de nove meses de seu terceiro filho, trabalha em duas empresas de *fast food*. Nessa situação, Suzana terá direito ao salário-maternidade em relação a cada uma das empresas. ( )

Para fins de obtenção de salário-maternidade, Lucicleide, segurada especial, comprovou o exercício de atividade rural, de forma descontínua, nos dez meses anteriores ao início do benefício. Nessa situação, Lucicleide tem direito ao salário-maternidade no valor de um salário mínimo. ( )

Ao segurado ou segurada da Previdência Social que adotar ou obtiver guarda judicial para fins de adoção de criança é devido salário-maternidade pelo período de 180 dias. ( )

Alessandra, segurada obrigatória do RGPS faleceu enquanto recebia parcela referente a 60 dias do salário maternidade. É correto afirmar que Júlio, sem qualidade de segurado do RGPS, esposo de Alessandra, terá direito de receber os dias restantes aos quais ela tinha direito do benefício em questão referentes aos nascimento do filho que ambos tiveram em comum. ( )

:: GABARITO COMENTADO

Maristela, segurada especial, 22 anos de idade, em 21 de agosto de 2017, requereu salário maternidade do seu filho Igor nascido quando ela tinha 16 anos e nove meses de idade. É correto afirmar que, caso Maristela comprove o efetivo exercício de sua atividade rural nos 10 meses que antecederam o seu parto o qual não houve antecipação, ela terá direito ao benefício do RGPS salário maternidade por 120 dias no valor de um salário mínimo. (E)

Maristela não poderá gozar do salário maternidade por alguns motivos: ela precisaria de uma carência de 10 meses, mas tinha menos de 16 anos (idade inicial de inscrição) e prescreveu o limite de 5 anos para o requerimento do seu salário maternidade. Lei 8213, artigo 25, III.

Não é considerado salário de contribuição o salário-maternidade. (E)

Contrário! O salário maternidade é o único benefício onde incidirá salário contribuição do segurado. Lei 8212, artigo 28, parágrafo 2.

O salário-maternidade é devido à segurada da Previdência Social, durante 120 (cento e vinte) dias, com início no período entre 28 (vinte e oito) dias antes do parto e a data de ocorrência deste. (C)

Lei 8213, artigo 71.

O salário maternidade ao segurado ou à segurada do RGPS adotante será pago pela previdência social. (C)

Lei 8213, artigo 71-A, parágrafo 1.

Reginaldo e Regina, segurados do RGPS, adotaram Lucas de 6 anos de idade. É correto afirmar que ambos os pais adotivos irão receber salário maternidade pela adoção de Lucas. (E)

O artigo 71-A, parágrafo 2 da lei 8213 deixa claro que, em caso de adoção para um fato gerador, o salário maternidade será devido para apenas um dos pais e não os dois pais adotivos.

É correto afirmar que o salário maternidade, pago diretamente pela previdência social ao segurado especial por 120 dias e no valor de dois salários mínimos. (E)

O salário maternidade, para o segurado especial, em regra, será pago no valor de um salário mínimo durante 120 dias.

O salário-maternidade para a segurada empregada ou trabalhadora avulsa consistirá numa renda mensal igual a sua remuneração integral. (C)
Lei 8213, artigo 72.

É correto afirmar que Joana, trabalhadora avulsa e segurada obrigatória da Previdência Social, caso tenha um filho, receberá o benefício do RGPS salário maternidade diretamente pelo Órgão Gestor de Mão de Obra ao qual está filiada. (E)

Joana receberá o salário maternidade diretamente pela previdência social. Lei 8213, artigo 72, parágrafo 3.

O salário-maternidade pago à segurada empregada, à segurada empregada doméstica e à segurada trabalhadora avulsa prescindem de carência. (C)

Não há carência para as seguradas elencadas na assertiva. Lei 8213, artigo 26, VI.

Uma profissional liberal que seja segurada contribuinte individual da previdência social há cinco meses e esteja grávida de seis meses terá direito ao salário-maternidade, caso o seu filho nasça antecipadamente aos 7 meses de gestação. (E)

Perceba pelo texto da assertiva que, quando a contribuinte individual em questão começou a verter contribuições, ela já estava grávida há um mês. Mesmo que fosse antecipado o parto, ela não teria carência exigida pelo benefício. Logo, não haverá carência suficiente para que ela receba o benefício de salário maternidade. Lei 8213, artigo 25, parágrafo único.

Bete, impossibilitada de ter filhos, adotou gêmeos recém-nascidos cuja mãe falecera logo após o parto e que não tinham parentes que pudessem cuidar delas. Nessa situação, Rute terá direito a dois salários-maternidade. (E)

Decreto 3048, artigo 93-A, parágrafo 4. Bete terá direito a apenas um salário maternidade.

Suzana, grávida de nove meses de seu terceiro filho, trabalha em duas empresas de *fast food*. Nessa situação, Suzana terá direito ao salário-maternidade em relação a cada uma das empresas. (C)

Decreto 3048, artigo 98

Para fins de obtenção de salário-maternidade, Lucicleide, segurada especial, comprovou o exercício de atividade rural, de forma descontínua, nos dez meses anteriores ao início do benefício. Nessa situação, Lucicleide tem direito ao salário-maternidade no valor de um salário mínimo. (C)

Em regra, os benefícios devidos ao segurado especial são concedidos no valor de um salário mínimo. Perceba que a comprovação da carência para a atividade rural pode ser contínua ou não.

Ao segurado ou segurada da Previdência Social que adotar ou obtiver guarda judicial para fins de adoção de criança é devido salário-maternidade pelo período de 180 dias. (E)

Lei 8213, artigo 71-A. Algumas empresas permitem licença maternidade de sua funcionária por até 180 dias, mas o salário maternidade do RGPS tem o limite de gozo de 120 dias. É, então, o que cabe ao referido artigo da lei de benefícios.

Alessandra, segurada obrigatória do RGPS faleceu enquanto recebia parcela referente a 60 dias do salário maternidade. É correto afirmar que Júlio, sem qualidade de segurado do RGPS, esposo de Alessandra, terá direito de receber os dias restantes aos quais ela tinha direito do benefício em questão referentes aos nascimento do filho que ambos tiveram em comum. (E)

Era preciso que Júlio fosse segurado da previdência social para que tivesse direito ao restante do gozo do salário maternidade. Lei 8213, artigo 71-B

:: SALÁRIO FAMÍLIA

O aposentado por invalidez ou por idade e os demais aposentados com 65 (sessenta e cinco) anos ou mais de idade, se do sexo masculino, ou 60 (sessenta) anos ou mais, se do feminino, terão direito ao salário-família, pago juntamente com a aposentadoria. ( )

Lucas faz aniversário de 14 anos no dia 21 de agosto de 2017. É correto afirmar que Maurício, segurado de baixa renda e empregado do RGPS, não mais perceberá salário família por seu filho Lucas ter completado 14 anos de idade. ( )

O pagamento do salário-família é condicionado à apresentação da certidão de nascimento do filho ou da documentação relativa ao equiparado ou ao inválido, e à apresentação anual de atestado de vacinação obrigatória e de comprovação de frequência à escola do filho ou equiparado, exceto para o segurado empregado doméstico. ( )

O pagamento do salário-família é condicionado à apresentação apenas da certidão de nascimento do filho ou da documentação relativa ao equiparado ou ao inválido, no caso dos dependentes do segurado empregado doméstico ( )

As cotas do salário-família serão pagas pela empresa ou pelo empregador doméstico, mensalmente, junto com o salário. ( )

O salário família será pago mensalmente ao empregado e trabalhador avulso aposentados por invalidez pelo INSS, exceto se estiverem em gozo de auxílio doença. ( )

Para o segurado empregado de baixa renda, quando o salário do empregado não for mensal, o salário família será pago juntamente com o último pagamento relativo ao mês. ( )

O salário família, benefício do RGPS, prescinde carência. ( )

Mário e sua esposa Nélida têm, juntos, um filho menor de 14 anos, trabalham e são segurados do regime geral da previdência social, além de serem considerados trabalhadores de baixa renda. Nessa situação, o salário-família somente será pago a um dos cônjuges. ( )

Florentina, que é empregada doméstica e segurada do RGPS, tem três filhos, mas não recebe salário-família. Nessa situação, apesar de ser considerada trabalhadora de baixa renda, Florentina não tem o direito de receber esse benefício. ( )

Rodolfo é presidente da agência de publicidade A4 Comunicação e recebe remuneração em decorrência do trabalho que desempenha. Nessa situação, Rodolfo é considerado contribuinte individual da previdência social, e, como tal, não faz jus ao benefício denominado salário-família, em observância ao princípio da universalidade de cobertura e atendimento que rege a seguridade social. ( )

É correto afirma que, se o segurado não apresentar o atestado de vacinação obrigatória e a comprovação de frequência escolar do filho ou equiparado, nas datas definidas pelo Instituto Nacional do Seguro Social, o benefício do salário família será cancelado. ( )

É correto afirma que, a invalidez do filho ou equiparado maior de quatorze anos de idade deve ser verificada em entrevista social a cargo da previdência social. ( )

O direito ao salário família cessa automaticamente por morte do filho ou equiparado, a contar da data do óbito. ( )

O salário-família é devido ao segurado empregado, exceto ao doméstico, e ao segurado trabalhador avulso, na proporção do número de filhos e independentemente da renda do segurado. ( )

:: GABARITO COMENTADO

O aposentado por invalidez ou por idade e os demais aposentados com 65 (sessenta e cinco) anos ou mais de idade, se do sexo masculino, ou 60 (sessenta) anos ou mais, se do feminino, terão direito ao salário-família, pago juntamente com a aposentadoria. (C)

Lei 8213, artigo 65, parágrafo único.

Lucas faz aniversário de 14 anos no dia 21 de agosto de 2017. É correto afirmar que Maurício, segurado de baixa renda e empregado do RGPS, não mais perceberá salário família por seu filho Lucas ter completado 14 anos de idade. (C)

A cota parte do salário família se encerra ao dependente do segurado de baixa renda completar 14 anos. Lei 8213, artigo 66.

O pagamento do salário-família é condicionado à apresentação da certidão de nascimento do filho ou da documentação relativa ao equiparado ou ao inválido, e à apresentação anual de atestado de vacinação obrigatória e de comprovação de frequência à escola do filho ou equiparado, exceto para o segurado empregado doméstico. (C)

Lei 8213, artigo 67. Para o empregado doméstico basta a apresentação da certidão de nascimento. Lei 8213, artigo 67, parágrafo único.

O pagamento do salário-família é condicionado à apresentação apenas da certidão de nascimento do filho ou da documentação relativa ao equiparado ou ao inválido, no caso dos dependentes do segurado empregado doméstico (C)

Lei 8213, artigo 67. Parágrafo único.

As cotas do salário-família serão pagas pela empresa ou pelo empregador doméstico, mensalmente, junto com o salário. (C)

Lei 8213, artigo 68.

O salário família será pago mensalmente ao empregado e trabalhador avulso aposentados por invalidez pelo INSS, exceto se estiverem em gozo de auxílio doença. (E)

Decreto 3048, artigo 82, II. O segurado em gozo de auxílio doença terá direito ao salário família pago mensalmente pelo INSS.

Para o segurado empregado de baixa renda, quando o salário do empregado não for mensal, o salário família será pago juntamente com o último pagamento relativo ao mês. (C)

Decreto 3048, artigo 82, parágrafo 1.

O salário família, benefício do RGPS, prescinde carência. (C)

O benefício de salário família, além de não substituir a renda mensal do segurado, ele dispensa a carência. Lei 8213, artigo 26, I.

Mário e sua esposa Nélida têm, juntos, um filho menor de 14 anos, trabalham e são segurados do regime geral da previdência social, além de serem considerados trabalhadores de baixa renda. Nessa situação, o salário-família somente será pago a um dos cônjuges. (E)

Decreto 3048, artigo 82, parágrafo 3. O salário família será devido aos dois pais empregados. Perceba que cada um está em um emprego e não seria justo pagar para apenas um deles.

Florentina, que é empregada doméstica e segurada do RGPS, tem três filhos, mas não recebe salário-família. Nessa situação, apesar de ser considerada trabalhadora de baixa renda, Florentina não tem o direito de receber esse benefício. (E)

A partir da Lei Complementar 150/15, o salário família também é direto do empregado doméstico. Lei 8213, artigo 65.

Rodolfo é presidente da agência de publicidade A4 Comunicação e recebe remuneração em decorrência do trabalho que desempenha. Nessa situação, Rodolfo é considerado contribuinte individual da previdência social, e, como tal, não faz jus ao benefício denominado salário-família, em observância ao princípio da universalidade de cobertura e atendimento que rege a seguridade social. (E)

Realmente, Rodolfo não fará jus ao benefício por se tratar de contribuinte individual e não ser segurado de baixa renda, porém, este critério observa o princípio da seguridade social distributividade e não da universalidade de cobertura e atendimento.

É correto afirma que, se o segurado não apresentar o atestado de vacinação obrigatória e a comprovação de frequência escolar do filho ou equiparado, nas datas definidas pelo Instituto Nacional do Seguro Social, o benefício do salário família será cancelado. (E)

Decreto 3048, artigo 84, parágrafo 2. O benefício será suspenso até que documentação seja apresentada.

É correto afirma que, a invalidez do filho ou equiparado maior de quatorze anos de idade deve ser verificada em entrevista social a cargo da previdência social. (E)

Decreto 3048, artigo 85. A invalidez do filho ou equiparado maior de quatorze anos de idade deve ser verificada em exame médico-pericial a cargo da previdência social.

O direito ao salário família cessa automaticamente por morte do filho ou equiparado, a contar da data do óbito. (E)

Decreto 3048, artigo 88. A cessação ocorrerá a partir do MÊS SEGUINTE ao óbito e não apartir da data do óbito.

O salário-família é devido ao segurado empregado, exceto ao doméstico, e ao segurado trabalhador avulso, na proporção do número de filhos e independentemente da renda do segurado. (E)

A partir da Lei Complementar 150/15, o empregado doméstico, de baixa renda, tem direito ao benefício da previdência social denominado salário família.

:: PENSÃO POR MORTE

A pensão por morte será devida ao conjunto dos dependentes do segurado que falecer, aposentado ou não, a contar da data do óbito, quando requerida até trinta dias depois deste.

( )

Manuel deu entrada na pensão por morte de sua esposa Maria que foi brutalmente assassinada de forma dolosa. Manuel, 45 anos, era casado há 10 anos com Maria, que era segurada empregada há mais de 4 anos em uma pequena empresa. Após alguns anos, Manuel foi condenado, em trânsito em julgado, pela morte de Maria. É correto afirmar que a cota parte do benefício recebido por Manuel será cessada. ( )

O valor mensal da pensão por morte será de cem por cento do valor da aposentadoria que o segurado recebia ou daquela a que teria direito se estivesse aposentado por invalidez na data de seu falecimento. ( )

A concessão da pensão por morte não será protelada pela falta de habilitação de outro possível dependente. ( )

O cônjuge ausente não exclui do direito à pensão por morte o companheiro ou a companheira, que somente fará jus ao benefício a partir da data de sua habilitação e independente de dependência econômica. ( )

Dona Florinda foi até o INSS e deu entrada no benefício do RGPS, pensão por morte, em virtude do falecimento do Professor Girafales, o seu companheiro há mais de 2 anos. É correto afirmar que, tendo sido verificada a perda da qualidade de segurado do Professor Girafales, será preciso verter seis contribuições mensais, para que seja respeitada a regra do MEIO, visto que a carência para a pensão por morte no RGPS é de 18 contribuições mensais. ( )

Roberto, segurado obrigatório do RGPS, desapareceu após um trágico acidente de avião onde o seu corpo nunca foi encontrado. É correto afirmar que os seus dependentes terão direito a pensão por morte provisória mediante, após 6 meses da ausência, prova do desaparecimento do segurado. ( )

A pensão por morte, havendo mais de um pensionista, será rateada de forma que o cônjuge os companheiro sempre perceba 50% do benefício. ( )

Catarina, segurada obrigatória do RGPS, morreu após um grave acidente de carro. Tendo Catarina vertido menos de 18 contribuições mensais e tendo um ano de união estável com Renata é correto afirmar que Renata perceberá pensão por morte previdenciária pelo período de 4 meses. ( )

Gilberto, segurado obrigatório do RGPS, faleceu de causas naturais e deixou apenas o seu companheiro Mathias, 29 anos e 11 meses, como dependente. Eles viviam em união estável há mais de 2 anos e Gilberto era empregado em uma empresa há 20 anos. É correto afirmar que Mathias perceberá pensão por morte pelo prazo de 15 anos. ( )

É correto afirmar que na pensão por morte do RGPS, com a extinção da parte do último pensionista, a pensão será gozada pelos seus herdeiros. ( )

O cônjuge divorciado ou separado judicialmente ou de fato que recebia pensão de alimentos concorrerá em igualdade de condições com os demais dependentes habilitados do segurado falecido. ( )

O pensionista inválido está obrigado, independentemente de sua idade e sob pena de suspensão do benefício, a submeter-se a exame médico a cargo da previdência social, processo de reabilitação profissional por ela prescrito e custeado e tratamento dispensado gratuitamente, incluído o cirúrgico e a transfusão de sangue. ( )

A pensão por morte poderá ser concedida, em caráter provisório, por morte presumida mediante sentença declaratória de ausência, expedida por autoridade judiciária, a contar da data de sua emissão. ( )

É correto afirmar que, na pensão por morte do RGPS, o dependente menor de idade que se invalidar antes de completar vinte e um anos deverá ser submetido a exame médico pericial, não se extinguindo a respectiva cota se confirmada a invalidez. ( )

:: GABARITO COMENTADO

A pensão por morte será devida ao conjunto dos dependentes do segurado que falecer, aposentado ou não, a contar da data do óbito, quando requerida até trinta dias depois deste. (E)

A Lei 13.183/15, de 4 de novembro de 2015, alterou o prazo para requerimento da pensão por morte para ser cotada a partir da data do óbito. Agora, o prazo é de 90 dias.

Manuel deu entrada na pensão por morte de sua esposa Maria que foi brutalmente assassinada de forma dolosa. Manuel, 45 anos, era casado há 10 anos com Maria, que era segurada empregada há mais de 4 anos em uma pequena empresa. Após alguns anos, Manuel foi condenado, em trânsito em julgado, pela morte de Maria. É correto afirmar que a cota parte do benefício recebido por Manuel será cessada. (C)

Lei 8213, artigo 74, parágrafo 1.

O valor mensal da pensão por morte será de cem por cento do valor da aposentadoria que o segurado recebia ou daquela a que teria direito se estivesse aposentado por invalidez na data de seu falecimento. (C)

Lei 8213, artigo 75.

A concessão da pensão por morte não será protelada pela falta de habilitação de outro possível dependente. (C)

Lei 8213, artigo 76.

O cônjuge ausente não exclui do direito à pensão por morte o companheiro ou a companheira, que somente fará jus ao benefício a partir da data de sua habilitação e independente de dependência econômica. (E)

É exigida a comprovação de dependência econômica no caso do cônjuge ausente. Lei 8213, artigo 76, parágrafo 1.

Dona Florinda foi até o INSS e deu entrada no benefício do RGPS, pensão por morte, em virtude do falecimento do Professor Girafales, o seu companheiro há mais de 2 anos. É correto afirmar que, tendo sido verificada a perda da qualidade de segurado do Professor Girafales, será preciso verter nove contribuições mensais, para que seja respeitada a regra do MEIO, visto que a carência para a pensão por morte no RGPS é de 18 contribuições mensais. (E)

Não há carência para o benefício do RGPS pensão por morte. O que, realmente, há são condições para a concessão do referido benefício para o cônjuge ou companheiro expressas no artigo 77, V da Lei 8213. Também não há o que se falar em regra do MEIO para a pensão por

morte, pois não há carência. Lembre-se que as referidas condições não se aplicam aos demais possíveis dependentes do segurado. Elas serão aplicadas tão somente para o cônjuge ou companheiro. Não esqueça, também, de memorizar a tabela IDADE x TEMPO Lei 8213, artigo 77, V, c.

Roberto, segurado obrigatório do RGPS, desapareceu após um trágico acidente de avião onde o seu corpo nunca foi encontrado. É correto afirmar que os seus dependentes terão direito a pensão por morte provisória mediante, após 6 meses da ausência, prova do desaparecimento do segurado. (E)

Trata-se de morte presumida. Lei 8213, artigo 78, parágrafo 1.

A pensão por morte, havendo mais de um pensionista, será rateada de forma que o cônjuge os companheiro sempre perceba 50% do benefício. (E)

Havendo mais de um pensionista, a pensão será rateada de forma igualitária. Lei 8213, artigo 77 CAPUT.

Catarina, segurada obrigatória do RGPS, morreu após um grave acidente de carro. Tendo Catarina vertido menos de 18 contribuições mensais e tendo um ano de união estável com Renata é correto afirmar que Renata perceberá pensão por morte previdenciária pelo período de 4 meses. (E)

Renata perceberá pensão por morte pelo período expresso na tabela IDADE x TEMPO Lei 8213, artigo 77, V, c. Perceba que a morte ocorreu em decorrência de acidente de qualquer natureza. Logo, será respeitada a tabela do referido artigo. Estude também o artigo 77, parágrafo 2-A da Lei 8213.

Gilberto, segurado obrigatório do RGPS, faleceu de causas naturais e deixou apenas o seu companheiro Mathias, 29 anos e 11 meses, como dependente. Eles viviam em união estável há mais de 2 anos e Gilberto era empregado em uma empresa há 20 anos. É correto afirmar que Mathias perceberá pensão por morte pelo prazo de 15 anos. (E)

Mathias, na data do óbito, não tinha completado 30 anos para ter direito à pensão por 15 anos. Mathias receberá pensão por morte pelo instituidor Gilberto por 10 anos. Lei 8213, artigo 77, V, c.

É correto afirmar que na pensão por morte do RGPS, com a extinção da parte do último pensionista, a pensão será gozada pelos seus herdeiros. (E)

Com a extinção da parte do último pensionista, a pensão será EXTINTA. Lei 8213, artigo 77, parágrafo 3.

O cônjuge divorciado ou separado judicialmente ou de fato que recebia pensão de alimentos concorrerá em igualdade de condições com os demais dependentes habilitados do segurado falecido. (C)

Decreto 3048, artigo 111.

O pensionista inválido está obrigado, independentemente de sua idade e sob pena de suspensão do benefício, a submeter-se a exame médico a cargo da previdência social, processo de reabilitação profissional por ela prescrito e custeado e tratamento dispensado gratuitamente, incluído o cirúrgico e a transfusão de sangue. (E)

Os tratamentos cirúrgico e transfusão de sangue são facultativos e não obrigatórios. Decreto 3048, artigo 109.

A pensão por morte poderá ser concedida, em caráter provisório, por morte presumida mediante sentença declaratória de ausência, expedida por autoridade judiciária, a contar da data de sua emissão. (C)

Decreto 3048, artigo 112, I.

É correto afirmar que, na pensão por morte do RGPS, o dependente menor de idade que se invalidar antes de completar vinte e um anos deverá ser submetido a exame médico pericial, não se extinguindo a respectiva cota se confirmada a invalidez. (C)

Decreto 3048, artigo 115.

:: AUXÍLIO RECLUSÃO

É correto afirmar que o requerimento do auxílio-reclusão deverá ser instruído com certidão do efetivo recolhimento à prisão, sendo obrigatória, para a manutenção do benefício, a apresentação de declaração de permanência na condição de presidiário. ( )

É devido auxílio reclusão aos dependentes do segurado desde que haja salário de contribuição na data do seu efetivo recolhimento à prisão e esteja mantida a qualidade de segurado. ( )

O pedido de auxílio reclusão deve ser instruído com certidão do efetivo recolhimento do segurado à prisão, desde que firmada pelo juiz competente. ( )

A data de início do benefício do RGPS auxílio reclusão será fixada na data do efetivo recolhimento do segurado à prisão, se requerido até trinta dias depois da prisão. ( )

O auxílio reclusão é devido, apenas, durante o período em que o segurado estiver recolhido à prisão sob regime fechado ou semiaberto. ( )

Célia, segurada obrigatória do RGPS, baixa renda, foi condenada em trânsito em julgado há 10 anos de reclusão. Tendo Célia apenas um filho de 5 anos é correto afirmar que Gabriel, filho de Célia, receberá auxílio reclusão até completar 21 anos de idade. ( )

Caetano, aposentado do RGPS, baixa tenda, foi condenado há 20 anos de reclusão. É correto afirmar que Zenilda, 65 anos, sua esposa há mais de 35 anos, receberá auxílio reclusão, em virtude da prisão de Caetano, até que ele permaneça recluso. ( )

A concessão de auxílio-reclusão depende de carência de 18 meses. ( )

É correto afirmar que o beneficiário do benefício auxílio reclusão deverá apresentar trimestralmente atestado de que o segurado continua detido ou recluso, assinado pela autoridade competente. ( )

Zé pequeno, perigoso traficante de drogas, morre durante cumprimento de pena na prisão. É correto afirmar que o auxílio reclusão que os seus dependentes vinham recebendo será cessado automaticamente. ( )

É permitida a continuação da concessão do auxílio reclusão aos dependentes do segurado por um mês após a soltura do segurado. ( )

O auxílio-reclusão será devido, nas mesmas condições da pensão por morte, aos dependentes do segurado recolhido à prisão, exceto se esta se deu em decorrência do cometimento de crime hediondo. ( )

Juscelino, segurado do RGPS em gozo de auxílio doença, foi condenado em trânsito em julgado há 20 anos de reclusão. É correto afirmar que os seus dependentes terão direito benefício auxilio reclusão. ( )

Aplicam- se ao auxílio reclusão as normas referentes à pensão por morte, sendo necessária, no caso de qualificação de dependentes após a reclusão ou detenção do segurado, a preexistência da dependência econômica. ( )

O segurado recolhido à prisão sob regime fechado ou semiaberto, que, nesta condição, preste serviço, dentro ou fora da unidade penal, a uma ou mais empresas, com ou sem intermediação da organização carcerária ou entidade afim, ou que exerce atividade artesanal por conta própria se filiará ao RGPS na qualidade de segurado contribuinte individual. ( )

:: GABARITO COMENTADO

É correto afirmar que o requerimento do auxílio-reclusão deverá ser instruído com certidão do efetivo recolhimento à prisão, sendo obrigatória, para a manutenção do benefício, a apresentação de declaração de permanência na condição de presidiário. (C)

Lei 8213, artigo 80, parágrafo único. A referida declaração é feita, em regra, pelo dependente de três em três meses apresentada em um agência da previdência social.

É devido auxílio reclusão aos dependentes do segurado desde que haja salário de contribuição na data do seu efetivo recolhimento à prisão e esteja mantida a qualidade de segurado. (E)

É devido auxílio reclusão aos dependentes do segurado INDEPENDENTE de que haja salário de contribuição na data do seu efetivo recolhimento à prisão e desde que mantida a qualidade de segurado. Decreto 3048, artigo 116, parágrafo 1.

O pedido de auxílio reclusão deve ser instruído com certidão do efetivo recolhimento do segurado à prisão, desde que firmada pelo juiz competente. (E)

Não é necessário que seja, obrigatoriamente, um juiz. Poderá ser firmada pela autoridade competente. Decreto 3048, artigo 116, parágrafo 2.

A data de início do benefício do RGPS auxílio reclusão será fixada na data do efetivo recolhimento do segurado à prisão, se requerido até trinta dias depois da prisão. (E)

Lei 8213, artigo 80. O auxílio-reclusão será devido, nas mesmas condições da pensão por morte, aos dependentes do segurado recolhido à prisão, que não receber remuneração da empresa nem estiver em gozo de auxílio-doença, de aposentadoria ou de abono de permanência em serviço. Sendo assim, o prazo do requerimento do início do auxílio reclusão foi alterado assim como a pensão por morte. Alteram-se os 30 dias para 90 dias do artigo 74, I da lei de benefícios 8213.

O auxílio reclusão é devido, apenas, durante o período em que o segurado estiver recolhido à prisão sob regime fechado ou semiaberto. (C)

Decreto 3048, artigo 116, parágrafo 5.

Célia, segurada obrigatória do RGPS, baixa renda, foi condenada em trânsito em julgado há 10 anos de reclusão. Tendo Célia apenas um filho de 5 anos é correto afirmar que Gabriel, filho de Célia, receberá auxílio reclusão até completar 21 anos de idade. (E)

Gabriel receberá o benefício de auxílio reclusão enquanto Célia estiver reclusa. Pelo exposto na assertiva, Gabriel receberá até os seus 15 anos. Decreto 3048, artigo 116, parágrafo 5.

Caetano, aposentado do RGPS, baixa tenda, foi condenado há 20 anos de reclusão. É correto afirmar que Zenilda, 65 anos, sua esposa há mais de 35 anos, receberá auxílio reclusão, em virtude da prisão de Caetano, até que ele permaneça recluso. (E)

Não confere auxílio reclusão aos dependentes do segurado de baixa renda que estiver em gozo de aposentadoria. Decreto 3048, artigo 116.

A concessão de auxílio-reclusão depende de carência de 18 meses. (E)

O benefício do RGPS auxílio reclusão independe de carência. Lei 8213, artigo 26, I.

É correto afirmar que o beneficiário do benefício auxílio reclusão deverá apresentar trimestralmente atestado de que o segurado continua detido ou recluso, assinado pela autoridade competente. (C)

Decreto 3048, artigo 117, parágrafo 1.

Zé pequeno, perigoso traficante de drogas, morre durante cumprimento de pena na prisão. É correto afirmar que o auxílio reclusão que os seus dependentes vinham recebendo será cessado automaticamente. (E)

O auxílio reclusão será convertido em pensão por morte. Decreto 3048, artigo 118.

É permitida a continuação da concessão do auxílio reclusão aos dependentes do segurado por um mês após a soltura do segurado. (E)

É vedada a concessão do auxílio reclusão após a soltura do segurado. Decreto 3048, artigo 119.

O auxílio-reclusão será devido, nas mesmas condições da pensão por morte, aos dependentes do segurado recolhido à prisão, exceto se esta se deu em decorrência do cometimento de crime hediondo. (E)

Não existe esta exceção dentro da legislação previdenciária. Lei 8213, artigo 80.

Juscelino, segurado do RGPS em gozo de auxílio doença, foi condenado em trânsito em julgado há 20 anos de reclusão. É correto afirmar que os seus dependentes terão direito benefício auxilio reclusão. (E)

Está errada por dois motivos. A assertiva não cita que Juscelino é segurado de baixa renda como também, ele está em gozo de auxílio doença. Lei 8213, artigo 80.

Aplicam- se ao auxílio reclusão as normas referentes à pensão por morte, sendo necessária, no caso de qualificação de dependentes após a reclusão ou detenção do segurado, a preexistência da dependência econômica. (C)

Decreto 3048, artigo 116, parágrafo 3.

O segurado recolhido à prisão sob regime fechado ou semiaberto, que, nesta condição, preste serviço, dentro ou fora da unidade penal, a uma ou mais empresas, com ou sem intermediação da organização carcerária ou entidade afim, ou que exerce atividade artesanal por conta própria se filiará ao RGPS na qualidade de segurado contribuinte individual. (E)

Decreto 3048, artigo 11, XI. O segurado recluso que trabalhar poderá se filiar ao RGPS na qualidade de segurado FACULTATIVO.

:: PRAZOS

Uma norma legal que apenas altere o prazo de recolhimento das contribuições sociais destinadas à previdência social não se sujeitará ao princípio da anterioridade. ( )

Joaquim, segurado especial do regime geral, contribui para o sistema na proporção do resultado da comercialização de sua produção. Nessa situação, Joaquim somente terá direito à aposentadoria por contribuição caso promova, pelo prazo legal, os devidos recolhimentos como se contribuinte individual fosse. ( )

Paulo, afastado de suas atividades laborais, tem recebido auxílio doença. Nessa situação, a condição de segurado de Paulo será mantida sem limite de prazo, enquanto estiver no gozo do benefício, independentemente de contribuição para a previdência social. ( )

Não descaracterizará a qualidade de segurado especial a exploração da atividade turística da propriedade rural, salvo com hospedagem, por não mais de 120 (cento e vinte) dias ao ano. ( )

É correto afirmar que o CNPS (Conselho Nacional de Previdência Social), reunir-se-á, ordinariamente, uma vez por mês, por convocação de seu Presidente, não podendo ser adiada a reunião por mais de 10 dias se houver requerimento nesse sentido da maioria dos conselheiros. ( )

A aposentadoria por idade será devida da data do requerimento, quando não houver desligamento do emprego ou quando for requerida após o desligamento do emprego ou quando for requerida após o desligamento em prazo superior a 90 dias ( )

É coreto afirmar, segundo a pensão por morte do RGPS, que após 3 meses de ausência por morte presumida do segurado, declarada pela autoridade judicial competente, será concedida pensão provisória. ( )

É de dez anos o prazo de decadência de todo e qualquer direito ou ação do segurado ou beneficiário para a revisão do ato de concessão de benefício, a contar do dia primeiro do mês seguinte ao do recebimento da primeira prestação ou, quando for o caso, do dia em que tomar conhecimento da decisão indeferitória definitiva no âmbito judicial. ( )

Sobre a procuração, o benefício será pago diretamente ao beneficiário, salvo em caso de ausência, moléstia contagiosa ou impossibilidade de locomoção, quando será pago a procurador, cujo mandato não terá prazo superior a 6 meses, podendo ser renovado. ( )

O segurado que sofreu acidente do trabalho tem garantida, pelo prazo mínimo de doze meses, a manutenção do seu contrato de trabalho na empresa, após a cessação do auxílio-doença acidentário, desde que esteja recebendo auxílio-acidente. ( )

Acerca da contribuição empresarial da associação desportiva que mantém equipe de futebol profissional destinada à Seguridade Social, caberá à entidade promotora do espetáculo a responsabilidade de efetuar o desconto de cinco por cento da receita bruta decorrente dos espetáculos desportivos e o respectivo recolhimento no prazo de até dois dias úteis após a realização do evento. ( )

O prazo de validade da Certidão Negativa de Débito CND é de sessenta dias, contados da sua emissão, podendo ser ampliado por regulamento para até cento e oitenta dias. ( )

Verificada a recuperação da capacidade de trabalho do aposentado por invalidez, quando a recuperação ocorrer dentro de 5 anos, contados da data do início da aposentadoria por invalidez ou do auxílio-doença que a antecedeu sem interrupção, o benefício cessará de imediato, para o segurado empregado que tiver direito a retornar à função que desempenhava na empresa quando se aposentou. ( )

O segurado incorporado às Forças Armadas para prestar serviço militar mantém a qualidade de segurado, independentemente de contribuições, até 6 meses após o licenciamento. ( )

Mantém a qualidade de segurado, independentemente de contribuições até 12 meses após o livramento, o segurado retido ou recluso. ( )

:: GABARITO COMENTADO

Uma norma legal que apenas altere o prazo de recolhimento das contribuições sociais destinadas à previdência social não se sujeitará ao princípio da anterioridade. (C)

Quando houver apenas a alteração do PRAZO de uma contribuição e não ocorrer uma criação ou majoração, a norma legal não se sujeitará ao princípio da anterioridade. Lembre-se do prazo de recolhimento do empregado doméstico trazido pela Lei Complementar 150/15. Ele foi alterado do dia 15 para o dia 7. Logo, não houve a necessidade de se respeitar o princípio da anterioridade.

Joaquim, segurado especial do regime geral, contribui para o sistema na proporção do resultado da comercialização de sua produção. Nessa situação, Joaquim somente terá direito à aposentadoria por contribuição caso promova, pelo prazo legal, os devidos recolhimentos como se contribuinte individual fosse. (C)

Para ter direito à aposentadoria por tempo de contribuição, Joaquim poderá contribuir facultativamente como se contribuinte individual fosse. Lei 8212, artigo 25, parágrafo 1.

Paulo, afastado de suas atividades laborais, tem recebido auxílio doença. Nessa situação, a condição de segurado de Paulo será mantida sem limite de prazo, enquanto estiver no gozo do benefício, independentemente de contribuição para a previdência social. (C)

Lei 8213, artigo 15, I.

Não descaracterizará a qualidade de segurado especial a exploração da atividade turística da propriedade rural, salvo com hospedagem, por não mais de 120 (cento e vinte) dias ao ano. (E)

A exploração da atividade turística da propriedade rural, INCLUSIVE COM HOSPEDAGEM, por não mais de 120 (cento e vinte) dias ao ano. Lei 8213, artigo 11, parágrafo 8, II.

É correto afirmar que o CNPS (Conselho Nacional de Previdência Social), reunir-se-á, ordinariamente, uma vez por mês, por convocação de seu Presidente, não podendo ser adiada a reunião por mais de 10 dias se houver requerimento nesse sentido da maioria dos conselheiros. (E)

O CNPS reunir-se-á, ordinariamente, uma vez por mês, por convocação de seu Presidente, não podendo ser adiada a reunião por mais de 15 (QUINZE) DIAS se houver requerimento nesse sentido da maioria dos conselheiros. Lei 8213, artigo 3, parágrafo 3.

A aposentadoria por idade será devida da data do requerimento, quando não houver desligamento do emprego ou quando for requerida após o desligamento do emprego ou quando for requerida após o desligamento em prazo superior a 90 dias (C)

Lei 8213, artigo 49, I, b.

É coreto afirmar, segundo a pensão por morte do RGPS, que após 3 meses de ausência por morte presumida do segurado, declarada pela autoridade judicial competente, será concedida pensão provisória. (E)

Após 6 meses de ausência por morte presumida do segurado, declarada pela autoridade judicial competente, será concedida pensão provisória. Lei 8213, artigo 78.

É de dez anos o prazo de decadência de todo e qualquer direito ou ação do segurado ou beneficiário para a revisão do ato de concessão de benefício, a contar do dia primeiro do mês seguinte ao do recebimento da primeira prestação ou, quando for o caso, do dia em que tomar conhecimento da decisão indeferitória definitiva no âmbito judicial. (E)

Do dia em que tomar conhecimento da decisão indeferitória definitiva no âmbito ADMINISTRATIVO. Lei 8213, artigo 103.

Sobre a procuração, o benefício será pago diretamente ao beneficiário, salvo em caso de ausência, moléstia contagiosa ou impossibilidade de locomoção, quando será pago a procurador, cujo mandato não terá prazo superior a 6 meses, podendo ser renovado. (E)

o benefício será pago diretamente ao beneficiário, salvo em caso de ausência, moléstia contagiosa ou impossibilidade de locomoção, quando será pago a procurador, cujo mandato não terá prazo superior a 12 MESES, podendo ser renovado. Lei 8213, artigo 109.

O segurado que sofreu acidente do trabalho tem garantida, pelo prazo mínimo de doze meses, a manutenção do seu contrato de trabalho na empresa, após a cessação do auxílio-doença acidentário, desde que esteja recebendo auxílio-acidente. (E)

Independe se esteja ou não em gozo de auxílio acidente, o segurado que sofreu acidente do trabalho tem garantida, pelo prazo mínimo de doze meses, a manutenção do seu contrato de trabalho na empresa, após a cessação do auxílio-doença acidentário. Lei 8213, artigo 118.

Acerca da contribuição empresarial da associação desportiva que mantém equipe de futebol profissional destinada à Seguridade Social, caberá à entidade promotora do espetáculo a responsabilidade de efetuar o desconto de cinco por cento da receita bruta decorrente dos espetáculos desportivos e o respectivo recolhimento no prazo de até dois dias úteis após a realização do evento. (C)

Lei 8212, artigo 22, parágrafo 7

O prazo de validade da Certidão Negativa de Débito CND é de sessenta dias, contados da sua emissão, podendo ser ampliado por regulamento para até cento e oitenta dias. (C)

Lei 8212, artigo 47, parágrafo 5.

Verificada a recuperação da capacidade de trabalho do aposentado por invalidez, quando a recuperação ocorrer dentro de 5 anos, contados da data do início da aposentadoria por invalidez ou do auxílio-doença que a antecedeu sem interrupção, o benefício cessará de imediato, para o segurado empregado que tiver direito a retornar à função que desempenhava na empresa quando se aposentou. (C)

Lei 8213, artigo 47, I, a.

O segurado incorporado às Forças Armadas para prestar serviço militar mantém a qualidade de segurado, independentemente de contribuições, até 6 meses após o licenciamento. (E)

Ele manterá a qualidade de segurado pelo prazo de 3 meses após o licenciamento. Lei 8213, artigo 15, V.

Mantém a qualidade de segurado, independentemente de contribuições até 12 meses após o livramento, o segurado retido ou recluso. (C)

Lei 8213, artigo 15, IV.

:: ABONO ANUAL

Em relação ao abono anual a ser pago aos segurados da Previdência Social, é correto afirmar que ele é calculado mediante aplicação do fator previdenciário sobre a última remuneração recebida pelo trabalhador. ( )

É correto afirmar que o abono anual somente pode ser recebido cumulativamente com o benefício mensal e com a gratificação de natal. ( )

É correto afirmar que o valor do abono anual deve ser calculado da mesma forma que a gratificação de natal dos trabalhadores. ( )

Sobre o abono anual é correto afirmar que o valor base para seu cálculo consiste na remuneração do 1.º mês do ano em que o trabalhador receber qualquer benefício. ( )

É devido abono anual ao segurado que, durante o ano, tenha recebido auxílio-doença, auxílio-acidente ou aposentadoria, pensão por morte, auxílio-reclusão ou salário-família, devendo o abono ser calculado pela média dos proventos pagos durante o ano ao segurado. ( )

Em regra, é correto afirmar que o abono anual integra o salário de contribuição. ( )

É correto afirmar que todos os benefícios do RGPS darão direito ao recebimento do abono anual pelo segurado. ( )

O abono anual será calculado da mesma forma que a gratificação natalina dos trabalhadores, tendo por base o valor da renda mensal do benefício do mês de dezembro de cada ano. ( )

O valor do abono anual correspondente ao período de duração do salário maternidade será pago, em cada exercício, juntamente com a última parcela do benefício nele devida. ( )

É devido abono anual ao segurado e ao dependente da Previdência Social que, durante o ano, recebeu auxílio-doença, auxílio-acidente ou aposentadoria, pensão por morte ou auxílio-reclusão. ( )

:: GABARITO COMENTADO

Em relação ao abono anual a ser pago aos segurados da Previdência Social, é correto afirmar que ele é calculado mediante aplicação do fator previdenciário sobre a última remuneração recebida pelo trabalhador. (E)

Não há relação direta do abono anual com o fator previdenciário.

É correto afirmar que o abono anual somente pode ser recebido cumulativamente com o benefício mensal e com a gratificação de natal. (E)

O abono anual será recebido tendo POR BASE a gratificação natalina dor trabalhadores. Não há a referida cumulação.

É correto afirmar que o valor do abono anual deve ser calculado da mesma forma que a gratificação de natal dos trabalhadores. (E)

Ter por base não significa que será calculado da mesma forma. Exemplo: a segurada recebe salário maternidade e, posteriormente o abono anual. Ora, ela receberá o seu abono anual em avos, ou seja, 4/12. Isso não quer dizer que, se ela fosse uma trabalhadora, receberia 4/12 e sim a proporção de seu trabalho na empresa. Lei 8213, artigo 40, parágrafo único.

Sobre o abono anual é correto afirmar que o valor base para seu cálculo consiste na remuneração do 1.º mês do ano em que o trabalhador receber qualquer benefício. (E)

Não há essa relação. O segurado receberá o valor proporcional do gozo do benefício.

É devido abono anual ao segurado que, durante o ano, tenha recebido auxílio-doença, auxílio-acidente ou aposentadoria, pensão por morte, auxílio-reclusão ou salário-família, devendo o abono ser calculado pela média dos proventos pagos durante o ano ao segurado. (E)

O benefício do RGPS salário família não garante abono anual. Lei 8213, artigo 40

Em regra, é correto afirmar que o abono anual integra o salário de contribuição. (E)

Correto. Abono anual em regra não integra o salário de contribuição.

É correto afirmar que todos os benefícios do RGPS darão direito ao recebimento do abono anual pelo segurado. (E)

Segurado em gozo apenas do salário família não faz jus a abono anual.

O abono anual será calculado da mesma forma que a gratificação natalina dos trabalhadores, tendo por base o valor da renda mensal do benefício do mês de dezembro de cada ano. (C)

Lei 8213, artigo 40, parágrafo único.

O valor do abono anual correspondente ao período de duração do salário maternidade será pago, em cada exercício, juntamente com a última parcela do benefício nele devida. (C)

Decreto 3048, artigo 120, parágrafo 2.

É devido abono anual ao segurado e ao dependente da Previdência Social que, durante o ano, recebeu auxílio-doença, auxílio-acidente ou aposentadoria, pensão por morte ou auxílio-reclusão. (C)

Em verdade, o abono anual não é devido ao dependente, porém este é o texto da lei. Lei 8213, artigo 40.

:: ACUMULAÇÃO DE BENEFÍCIOS

Leonardo, 10 anos, único filho de Joana e Sérgio, perde os seus pais em um trágico acidente de carro. É correto afirmar que Leonardo poderá acumular as duas pensões por morte provenientes de seus pais, segurados do RGPS. ( )

Joziel, 65 anos, segurado do RGPS há mais de 25 anos, está em gozo de auxílio doença há 2 anos. É correto afirmar que, da entrada do pedido de aposentadoria por idade de Joziel, a aposentadoria sendo concedida, ele poderá acumular o auxílio doença, que já recebe, com a aposentadoria por idade. ( )

Francisco, professor aposentado da Universidade Federal da Bahia, deu entrada na aposentadoria por idade no RGPS por cumprir os requisitos para a concessão desta. É correto afirmar que Francisco poderá acumular a aposentadoria de professor do RPPS do Executivo Federal com a aposentadoria por idade do RGPS. ( )

Cacilda, grávida, segurada empregada do RGPS, está em gozo de auxílio doença há um ano. É correto afirmar que, quando o seu filho nascer, Cacilda poderá acumular o auxílio doença recebido com o salário maternidade requerido. ( )

Tobias, 20 anos, desempregado, está em gozo de seguro desemprego. Com o falecimento de seu pai Adroaldo, segurado do RGPS, sendo Tobias único dependente de Adroaldo, Tobias não poderá acumular o seguro desemprego com a pensão por morte proveniente de seu pai. ( )

Emiliano, 65 anos, segurado do RGPS ininterruptamente por 20 anos, recebe auxílio acidente do RGPS desde 2010. É correto afirmar que Emiliano poderá acumular o auxílio acidente com a aposentadoria por idade requerida. ( )

É permitida a acumulação de aposentadoria por idade do RGPS com a pensão especial dos portadores de deficiência por Síndrome da Talidomida. ( )

O segurado recluso não faz jus aos benefícios de auxílio doença durante a percepção, pelos seus dependentes, do auxílio reclusão, permitida a opção, desde que manifestada, também, pelos dependentes, pelo benefício mais vantajoso. ( )

Bento, aposentado especial do RGPS, retorna à atividade laborativa como vendedor de seguros. É correto afirmar que Bento não terá prejudicado o recebimento de sua aposentadoria especial a qual será mantida no seu valor integral. ( )

Cátia recebe pensão por morte em virtude do falecimento de seu primeiro companheiro. É correto afirmar que, caso o seu atual esposo, segurado obrigatório do RGPS há 30 anos, faleça com quem Cátia está casada há 3 anos, Cátia poderá acumular a pensão por morte já recebida com a pensão por morte deixada por seu atual esposo. ( )

No RGPS não é permitida a acumulação de salário maternidade com auxílio doença. ( )

No RGPS é permitida a acumulação de mais de uma pensão deixada por cônjuge. ( )

Ronaldo, 65 anos, professor universitário aposentado dos RPPS´s estadual e federal, deu entrada em aposentadoria por idade no RGPS, pois já possui os requisitos para a concessão como professor neste regime. É correto afirmar que Ronaldo poderá acumular as três aposentadorias. ( )

No RGPS é permitida a acumulação de aposentadoria com auxílio doença. ( )

No RGPS é permitida a acumulação de mais de uma pensão deixada por companheiro ou companheira. ( )

Vitória recebe pensão por morte pelo falecimento de seu primeiro marido. É correto afirmar que, pela reclusão de seu atual marido, Justino, com quem é casada há 5 anos, segurado obrigatório de baixa renda há 10 anos, Vitória poderá acumular a pensão por morte já recebida com auxílio reclusão. ( )

No RGPS não é permitida a acumulação de auxílio acidente com qualquer aposentadoria. ( )

O direito adquirido não é levado em consideração nos casos de acumulação de benefícios no RGPS. ( )

O segurado aposentado por invalidez no RGPS que retornar ao trabalho poderá sempre acumular a referida aposentadoria como a remuneração auferida pelo retorno à atividade laborativa. ( )

Jesuíno recebe BPC LOAS por ser portador de deficiência. É correto afirmar que Jesuíno poderá acumular o referido benefício assistencial com auxílio doença do RGPS. ( )

:: GABARITO COMENTADO

Leonardo, 10 anos, único filho de Joana e Sérgio, perde os seus pais em um trágico acidente de carro. É correto afirmar que Leonardo poderá acumular as duas pensões por morte provenientes de seus pais, segurados do RGPS. (C)

Não há vedação na legislação para que filho recebe pensões de seus pais falecidos. Perceba que, pelo exposto, Leonardo receberá pensão de seus pais até que complete 21 anos, em regra.

Joziel, 65 anos, segurado do RGPS há mais de 25 anos, está em gozo de auxílio doença há 2 anos. É correto afirmar que, da entrada do pedido de aposentadoria por idade de Joziel, a aposentadoria sendo concedida, ele poderá acumular o auxílio doença, que já recebe, com a aposentadoria por idade. (E)

A aposentadoria de Joziel é inacumulável com auxílio doença. Decreto 3048, artigo 167, I.

Francisco, professor aposentado da Universidade Federal da Bahia, deu entrada na aposentadoria por idade no RGPS por cumprir os requisitos para a concessão desta. É correto afirmar que Francisco poderá acumular a aposentadoria de professor do RPPS do Executivo Federal com a aposentadoria por idade do RGPS. (C)

Sendo regimes distintos e Francisco cumprindo os requisitos de concessão, não há óbice na acumulação dos referidos benefícios.

Cacilda, grávida, segurada empregada do RGPS, está em gozo de auxílio doença há um ano. É correto afirmar que, quando o seu filho nascer, Cacilda poderá acumular o auxílio doença recebido com o salário maternidade requerido. (E)

Salário maternidade não pode ser acumulado com auxílio doença. Decreto 3048, artigo 167, IV.

Tobias, 20 anos, desempregado, está em gozo de seguro desemprego. Com o falecimento de seu pai Adroaldo, segurado do RGPS, sendo Tobias único dependente de Adroaldo, Tobias não poderá acumular o seguro desemprego com a pensão por morte proveniente de seu pai. (E)

Decreto 3048, artigo 167, parágrafo 2.

Emiliano, 65 anos, segurado do RGPS ininterruptamente por 20 anos, recebe auxílio acidente do RGPS desde 2010. É correto afirmar que Emiliano poderá acumular o auxílio acidente com a aposentadoria por idade requerida. (E)

Decreto 3048, artigo 167, IX.

É permitida a acumulação de aposentadoria por idade do RGPS com a pensão especial dos portadores de deficiência por Síndrome da Talidomida. (C)

Decreto 3048, artigo 167, parágrafo 3.

O segurado recluso não faz jus aos benefícios de auxílio doença durante a percepção, pelos seus dependentes, do auxílio reclusão, permitida a opção, desde que manifestada, também, pelos dependentes, pelo benefício mais vantajoso. (C)

Decreto 3048, artigo 167, parágrafo 3.

Bento, aposentado especial do RGPS, retorna à atividade laborativa como vendedor de seguros. É correto afirmar que Bento não terá prejudicado o recebimento de sua aposentadoria especial a qual será mantida no seu valor integral. (C)

Perceba que a nova atividade exercida por Bento não está relacionada com o exercício de atividade ou operação que o sujeite aos agentes nocivos. Logo, Bento não terá prejudicado o recebimento de sua aposentadoria especial a qual será mantida no seu valor integral. Lei 8213, artigo 57, parágrafo 8.

Cátia recebe pensão por morte em virtude do falecimento de seu primeiro companheiro. É correto afirmar que, caso o seu atual esposo, segurado obrigatório do RGPS há 30 anos, faleça, com quem Cátia está casada há 3 anos, Cátia poderá acumular a pensão por morte já recebida com a pensão por morte deixada por seu atual esposo. (E)

Cátia não acumulará as pensões, porem poderá optar pela mais vantajosa. Decreto 3048, artigo 167, VI e parágrafo 1.

No RGPS não é permitida a acumulação de salário maternidade com auxílio doença. (C)

Decreto 3048, artigo 167, IV.

No RGPS é permitida a acumulação de mais de uma pensão deixada por cônjuge. (E)

Decreto 3048, artigo 167, VI.

Ronaldo, 65 anos, professor universitário aposentado dos RPPS´s estadual e federal, deu entrada em aposentadoria por idade no RGPS, pois já possui os requisitos para a concessão como professor neste regime. É correto afirmar que Ronaldo poderá acumular as três aposentadorias. (C)

Perceba que o RPPS estadual é distinto do federal. Tendo cumprido os requisitos da aposentadoria do RGPS e sabendo que os tempos dos três regimes não são concomitantes, Ronaldo poderá gozar das três aposentadorias. Constituição Federal, artigo 37, XVI.

No RGPS é permitida a acumulação de aposentadoria com auxílio doença. (E)

Decreto 3048, artigo 167, I.

No RGPS é permitida a acumulação de mais de uma pensão deixada por companheiro ou companheira. (E)

Decreto 3048, artigo 167, VII.

Vitória recebe pensão por morte pelo falecimento de seu primeiro marido. É correto afirmar que, pela reclusão de seu atual marido, Justino, com quem é casada há 5 anos, segurado obrigatório de baixa renda há 10 anos, Vitória poderá acumular a pensão por morte já recebida com auxílio reclusão. (E)

Sendo o auxílio reclusão devido nas mesmas condições da pensão por morte, a referida acumulação não será possível. Decreto 3048, artigo 116 e artigo 167, VI.

No RGPS não é permitida a acumulação de auxílio acidente com qualquer aposentadoria. (C)

Decreto 3048, artigo 167, IX.

O direito adquirido não é levado em consideração nos casos de acumulação de benefícios no RGPS. (E)

Contrário. O texto do artigo 167 do Decreto 3048 expões que SALVONO CASO DE DIREITO ADQUIRIDO. Logo, é levado sim em consideração na análise das acumulações do RGPS.

O segurado aposentado por invalidez no RGPS que retornar ao trabalho sempre poderá acumular a referida aposentadoria como a remuneração auferida pelo retorno à atividade laborativa. (E)

Deverá ser analisado o artigo 46 e 47 da Lei 8213.

Jesuíno recebe BPC LOAS por ser portador de deficiência. É correto afirmar que Jesuíno poderá acumular o referido benefício assistencial com auxílio doença do RGPS. (E)

O BPC LOAS é não-acumulável, em regra, com o recebimento de benefícios do RGPS. Decreto 6214, artigo 5.

:: JUSTIFICAÇÃO ADMINISTRATIVA

A propósito do processo de justificação administrativa, a comprovação do tempo de serviço para fins previdenciários deve realizar-se com base em início de prova material, não sendo admitida a prova exclusivamente testemunhal, sem exceção. ( )

Deve-se admitir a justificação administrativa ainda que o fato a comprovar dependa de registro público de casamento, de idade ou de óbito. ( )

A justificação administrativa, utilizada para a comprovação de relação de parentesco, dentre outros, deve, para produzir efeito, estar baseada em início de prova material, não sendo admitida prova exclusivamente testemunhal. ( )

O cônjuge separado de fato que tenha recebido pensão de alimentos de segurado do RGPS não faz jus à pensão por morte do segurado, caso este tenha mantido, em vida, união estável provada, por meio de justificação administrativa, no INSS. ( )

A comprovação realizada mediante justificação administrativa ou judicial só produz efeito perante a previdência social quando baseada em início de prova material. ( )

:: GABARITO COMENTADO

A propósito do processo de justificação administrativa, a comprovação do tempo de serviço para fins previdenciários deve realizar-se com base em início de prova material, não sendo admitida a prova exclusivamente testemunhal, sem exceção. (E)

Existe exceção: motivo de força maior ou caso fortuito. Lei 8213, artigo 55, parágrafo 3.

Deve-se admitir a justificação administrativa ainda que o fato a comprovar dependa de registro público de casamento, de idade ou de óbito. (E)

Não se admite justificação administrativa para comprovação de registro público.

A justificação administrativa, utilizada para a comprovação de relação de parentesco,dentre outros, deve, para produzir efeito, estar baseada em início de prova material, não sendo admitida prova exclusivamente testemunhal. (C)

Decreto 3048, artigo 143.

O cônjuge separado de fato que tenha recebido pensão de alimentos de segurado do RGPS não faz jus à pensão por morte do segurado, caso este tenha mantido, em vida, união estável provada, por meio de justificação administrativa, no INSS. (E)

Tendo sido homologada a justificação administrativa do segurado com a companheiro perante o INSS, não há sentido o cônjuge separado de fato não receber por esse motivo. Decreto 3048, artigo 142.

A comprovação realizada mediante justificação administrativa ou judicial só produz efeito perante a previdência social quando baseada em início de prova material. (C)

Faz-se necessário o início de prova material para que comece um processo de justificação administrativa. Por isso, provas exclusivamente testemunhais não são admitidas.

:: DECADÊNCIA E PRESCRIÇÃO

O prazo de decadência de todo e qualquer direito ou ação do segurado para a revisão do ato de concessão de benefício é de dez anos, a contar do dia primeiro do mês seguinte ao do recebimento da primeira prestação. ( )

A ação para haver prestações devidas pela previdência social prescreve em cinco anos, a contar da data em que deveriam ter sido pagas. ( )

O direito de requerer pensão por morte decai após cinco anos da morte do segurado. ( )

O direito da Previdência Social de anular os atos administrativos de que decorram efeitos favoráveis para os seus beneficiários decai em dez anos, contados da data em que foram praticados, em qualquer hipótese. ( )

As ações referentes à prestação por acidente do trabalho prescrevem em 5 anos contados da data em que for reconhecida pela Previdência Social, a incapacidade permanente ou o agravamento das sequelas do acidente. ( )

:: GABARITO COMENTADO

O prazo de decadência de todo e qualquer direito ou ação do segurado para a revisão do ato de concessão de benefício é de dez anos, a contar do dia primeiro do mês seguinte ao do recebimento da primeira prestação. (C)

Lei 8213, artigo 103.

A ação para haver prestações devidas pela previdência social prescreve em cinco anos, a contar da data em que deveriam ter sido pagas. (C)

Lei 8213, artigo 103. Parágrafo único.

O direito de requerer pensão por morte decai após cinco anos da morte do segurado. (E)

O direito de requerer benefício no RGPS não decai. Apenas o salário maternidade tem a prerrogativa de ser requerido em até 5 anos do fato gerador do benefício.

O direito da Previdência Social de anular os atos administrativos de que decorram efeitos favoráveis para os seus beneficiários decai em dez anos, contados da data em que foram praticados, em qualquer hipótese. (E)

Lei 8213, artigo 103-A. Salvado comprovada a má-fé.

As ações referentes à prestação por acidente do trabalho prescrevem em 5 anos contados da data em que for reconhecida pela Previdência Social, a incapacidade permanente ou o agravamento das sequelas do acidente. (C)

Lei 8213, artigo 104, II.

:: BPC LOAS

No que se refere ao Benefício de Prestação Continuada, LOAS, julgue os itens seguintes: Para os fins do reconhecimento do direito ao benefício, considera-se família incapaz de prover a manutenção da pessoa com deficiência ou do idoso, aquela cuja renda líquida familiar dividida pelo número de seus integrantes seja inferior a um quarto do salário mínimo.
( )

O Benefício de Prestação Continuada será devido com o cumprimento de todos os requisitos legais e regulamentares exigidos para a sua concessão, devendo o seu pagamento ser efetuado em até trinta dias após cumpridas as exigências. ( )

O valor do Benefício de Prestação Continuada concedido a deficiente não será computado no cálculo da renda mensal bruta familiar, para fins de concessão do Benefício de Prestação Continuada a outro deficiente da mesma família. ( )

Para o Benefício de Prestação Continuada, incide contribuição previdenciária do beneficiário e, consequentemente, gera pagamento de abono anual. ( )

No que concerne aos procedimentos do BPC LOAS, o instrumento de procuração poderá ser outorgado em formulário próprio do INSS, mediante comprovação do motivo da ausência do beneficiário, e sua validade deverá ser renovada a cada doze meses. ( )

O Benefício de Prestação Continuada é a garantia de um salário mínimo mensal à pessoa com deficiência e ao idoso, com idade de sessenta e cinco anos ou mais se homem e 60 anos ou mais se mulher, que comprovem não possuir meios para prover a própria manutenção e nem de tê-la provida por sua família. ( )

Considera-se família para cálculo da renda per capita: conjunto de pessoas composto pelo requerente, o cônjuge, o companheiro, a companheira, os pais e, na ausência de um deles, a madrasta ou o padrasto, os irmãos solteiros, os filhos e enteados solteiros e os menores sob guarda, desde que vivam sob o mesmo teto. ( )

O beneficiário do BPC LOAS não pode acumular o Benefício de Prestação Continuada com qualquer outro benefício no âmbito da Seguridade Social ou de outro regime, exceto o seguro desemprego. ( )

Para fins de identificação da pessoa com deficiência e do idoso e de comprovação da idade do idoso, a carteira de reservista poderá ser apresentada para tal finalidade. ( )

Para fins de reconhecimento do direito ao Benefício de Prestação Continuada às crianças e adolescentes menores de dezoito anos de idade, deve ser avaliada a existência da deficiência e o seu impacto na limitação do desempenho de atividade e restrição da participação social, compatível com a idade. ( )

É correto afirmar que a assistência social é Política de Seguridade Social contributiva, que provê os mínimos sociais, realizada através de um conjunto integrado de ações de iniciativa pública e da sociedade, para garantir o atendimento às necessidades básicas. ( )

É correto afirmar que a assistência social tem como um dos seus objetivos a proteção social, que visa à garantia da vida, à redução de danos e à prevenção da incidência de riscos, especialmente, o amparo às crianças e aos adolescentes carentes. ( )

O BPC LOAS, conclusos os requisitos para a concessão, garante um salário mínimo de benefício mensal à pessoa com deficiência e ao idoso que comprovem não possuir meios de prover a própria manutenção ou de tê-la provida por sua família. ( )

Consideram-se entidades e organizações de assistência social aquelas sem fins lucrativos que, isolada ou cumulativamente, prestam atendimento e assessoramento aos beneficiários abrangidos por esta Lei, bem como as que atuam na defesa e garantia de direitos. ( )

É princípio da assistência social a universalização dos direitos sociais, a fim de tornar o destinatário da ação assistencial alcançável pelas demais políticas públicas. ( )

Samuel, 65 anos, sem renda, deu entrada no INSS pelo Benefício de Prestação Continuada LOAS para idoso. Na sua casa vivem ele, o filho Ícaro e a nora Samantha que recebem um salário mínimo, cada, em seus empregos. É correto afirmar que Samuel terá negado o benefício pleiteado, pois a renda mensal per capita de sua família é superior a 1/4 (um quarto) do salário mínimo. ( )

Acerca do BPC LOAS, na hipótese de não existirem serviços no município de residência do beneficiário, fica assegurado, na forma prevista em regulamento, o seu encaminhamento ao município mais próximo que contar com tal estrutura. ( )

O benefício de prestação continuada deve ser revisto anualmente para avaliação da continuidade das condições que lhe deram origem. ( )

Acerca do BPC LOAS, a contratação de pessoa com deficiência como aprendiz não acarreta a suspensão do benefício de prestação continuada, limitado a 2 anos o recebimento concomitante da remuneração e do benefício. ( )

À luz do Decreto n.º 6.214/2007 é correto afirmar que são requisitos imprescindíveis para a concessão, a manutenção e a revisão do BPC LOAS as inscrições no Cadastro de Pessoas Físicas - CPF e no Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal - CadÚnico. ( )

:: GABARITO COMENTADO

No que se refere ao Benefício de Prestação Continuada, LOAS, julgue os itens seguintes: Para os fins do reconhecimento do direito ao benefício, considera-se família incapaz de prover a manutenção da pessoa com deficiência ou do idoso, aquela cuja renda líquida familiar dividida pelo número de seus integrantes seja inferior a um quarto do salário mínimo.
(E)

O único erro da assertiva está no termo LÍQUIDA, pois o texto do decreto diz que a renda BRUTA familiar. Isso faz toda a diferença, pois se trata de um cálculo. Decreto 6214, artigo 4, IV.

O Benefício de Prestação Continuada será devido com o cumprimento de todos os requisitos legais e regulamentares exigidos para a sua concessão, devendo o seu pagamento ser efetuado em até trinta dias após cumpridas as exigências. (E)

45 dias. Decreto 6214, artigo 20. O Benefício de Prestação Continuada será devido com o cumprimento de todos os requisitos legais e regulamentares exigidos para a sua concessão, devendo o seu pagamento ser efetuado em até quarenta e cinco dias após cumpridas as exigências.

O valor do Benefício de Prestação Continuada concedido a deficiente não será computado no cálculo da renda mensal bruta familiar, para fins de concessão do Benefício de Prestação Continuada a outro deficiente da mesma família. (E)

O valor do Benefício de Prestação Continuada que não será computado no cálculo da renda mensal bruta familiar, para fins de concessão do Benefício de Prestação Continuada é o de outro IDOSO e não deficiente.
Decreto 6214, artigo 19, parágrafo único.

Para o Benefício de Prestação Continuada, incide contribuição previdenciária do beneficiário e, consequentemente, gera pagamento de abono anual. (E)

Não incide contribuição previdenciária e muito menos dá direito ao abono anual a quem usufrui desse benefício assistencial. Decreto 6214, artigo 22.

No que concerne aos procedimentos do BPC LOAS, o instrumento de procuração poderá ser outorgado em formulário próprio do INSS, mediante comprovação do motivo da ausência do beneficiário, e sua validade deverá ser renovada a cada doze meses. (C)

Decreto 6214, artigo 28, parágrafo 1.

O Benefício de Prestação Continuada é a garantia de um salário mínimo mensal à pessoa com deficiência e ao idoso, com idade de sessenta e cinco anos ou mais se homem e 60 anos ou mais se mulher, que comprovem não possuir meios para prover a própria manutenção e nem de tê-la provida por sua família. (E)

A idade para ter acesso ao BPC LOAS do idoso é de 65 anos para ambos os sexos. Decreto 6214, artigo 1.

Considera-se família para cálculo da renda per capita: conjunto de pessoas composto pelo requerente, o cônjuge, o companheiro, a companheira, os pais e, na ausência de um deles, a madrasta ou o padrasto, os irmãos solteiros, os filhos e enteados solteiros e os menores sob guarda, desde que vivam sob o mesmo teto. (E)

Menores sob tutela. Decreto 6214, artigo 4, V. Família para cálculo da renda per capita: conjunto de pessoas composto pelo requerente, o cônjuge, o companheiro, a companheira, os pais e, na ausência de um deles, a madrasta ou o padrasto, os irmãos solteiros, os filhos e enteados solteiros e os menores tutelados, desde que vivam sob o mesmo teto.

O beneficiário do BPC LOAS não pode acumular o Benefício de Prestação Continuada com qualquer outro benefício no âmbito da Seguridade Social ou de outro regime, exceto o seguro desemprego. (E)

Decreto 6214, artigo 5. O beneficiário do BPC LOAS não pode acumular o Benefício de Prestação Continuada com qualquer outro benefício no âmbito da Seguridade Social ou de outro regime, INCLUSIVE o seguro desemprego.

Para fins de identificação da pessoa com deficiência e do idoso e de comprovação da idade do idoso, a carteira de reservista poderá ser apresentada para tal finalidade. (C)

Decreto 6214, artigo 10, III.

Para fins de reconhecimento do direito ao Benefício de Prestação Continuada às crianças e adolescentes menores de dezoito anos de idade, deve ser avaliada a existência da deficiência e o seu impacto na limitação do desempenho de atividade e restrição da participação social, compatível com a idade. (E)

Infelizmente, você precisará memorizar o texto do decreto para a sua prova. Crianças e adolescentes menores de 16 anos e não 18 anos. Decreto 6214, artigo 4, parágrafo 1.

É correto afirmar que a assistência social é Política de Seguridade Social contributiva, que provê os mínimos sociais, realizada através de um conjunto integrado de ações de iniciativa pública e da sociedade, para garantir o atendimento às necessidades básicas. (E)

A assistência social não tem caráter contributivo. Lei 8742, artigo 1.

É correto afirmar que a assistência social tem como um dos seus objetivos a proteção social, que visa à garantia da vida, à redução de danos e à prevenção da incidência de riscos, especialmente, o amparo às crianças e aos adolescentes carentes. (C)

Lei 8742, artigo 2, I, b.

O BPC LOAS, conclusos os requisitos para a concessão, garante um salário mínimo de benefício mensal à pessoa com deficiência e ao idoso que comprovem não possuir meios de prover a própria manutenção ou de tê-la provida por sua família. (C)

Lei 8742, artigo 2, I, e.

Consideram-se entidades e organizações de assistência social aquelas sem fins lucrativos que, isolada ou cumulativamente, prestam atendimento e assessoramento aos beneficiários abrangidos por esta Lei, bem como as que atuam na defesa e garantia de direitos. (C)

Lei 8742, artigo 3.

É princípio da assistência social a universalização dos direitos sociais, a fim de tornar o destinatário da ação assistencial alcançável pelas demais políticas públicas. (C)

Lei 8742, artigo 4, II.

Samuel, 65 anos, sem renda, deu entrada no INSS pelo Benefício de Prestação Continuada LOAS para idoso. Na sua casa vivem ele, o filho Ícaro e a nora Samantha que recebem um salário mínimo, cada, em seus empregos. É correto afirmar que Samuel terá negado o benefício pleiteado, pois a renda mensal per capita de sua família é superior a 1/4 (um quarto) do salário mínimo. (E)

Perceba que o filho é casado e a nora, igualmente, não entra no grupo familiar. Logo, não há óbice do recebimento do BPC LOAS para Samuel. Lei 8742, artigo 20, parágrafo 1.

Acerca do BPC LOAS, na hipótese de não existirem serviços no município de residência do beneficiário, fica assegurado, na forma prevista em regulamento, o seu encaminhamento ao município mais próximo que contar com tal estrutura. (C)

Lei 8742, artigo 20, parágrafo 7.

O benefício de prestação continuada deve ser revisto anualmente para avaliação da continuidade das condições que lhe deram origem. (E)

A revisão será BIENAL. Lei 8742, artigo 21.

Acerca do BPC LOAS, a contratação de pessoa com deficiência como aprendiz não acarreta a suspensão do benefício de prestação continuada, limitado a 2 anos o recebimento concomitante da remuneração e do benefício. (C)

Lei 8742, artigo 21, parágrafo 2.

À luz do Decreto n.º 6.214/2007 é correto afirmar que são requisitos imprescindíveis para a concessão, a manutenção e a revisão do BPC LOAS as inscrições no Cadastro de Pessoas Físicas - CPF e no Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal - CadÚnico. (C)

Decreto n.º 6.214/2007, artigo 12. A partir do Decreto 8.805/2016, tornou-se indispensável o CPF e a inscrição no CadÚnico dos componentes do grupo familiar do requerente.

:: CRIMES

Madalena, empregada doméstica, trabalha na casa de Dilma há dois anos. Madalena dirige-se ao INSS requerer auxílio doença, mas recebe a informação do servidor Dauber, que Dilma não tem recolhido as contribuições previdenciárias de Madalena. Madalena alega que, todos os meses, Dilma desconta de seu salário os valores referentes a sua contribuição à previdência social. É correto afirmar que Dilma vem cometendo crime de apropriação indébita previdenciária. ( )

Omitir de folha de pagamento da empresa contribuições previdenciárias devidas por empregado, configura crime de sonegação fiscal previdenciária. ( )

Deixar de lançar mensalmente em títulos próprios da contabilidade da empresa as quantias descontadas dos segurados ou as devidas pelo empregador ou pelo tomador de serviço incorre em crime de estelionato. ( )

Ernesto mantinha uma pequena granja em um sítio de sua propriedade e contava com o auxílio de dois empregados, que percebiam remuneração mensal equivalente a um salário mínimo. Por exercer o negócio por conta própria e informalmente, Ernesto nunca efetuou os registros devidos nas carteiras de trabalho de seus empregados, tampouco recolheu as contribuições previdenciárias correspondentes. Nessa situação, se for flagrado pela fiscalização, Ernesto responderá pelo crime de sonegação de contribuição previdenciária, podendo o juiz restringir a pena de reclusão prevista (de um terço até a metade) ou apenas aplicar a pena de multa. ( )

Acerca dos crimes previdenciários, se, até antes do início da ação fiscal, o infrator confessar a dívida e efetuar espontaneamente o pagamento integral dos valores devidos, prestando as devidas informações ao órgão da previdência social, a punibilidade de sua conduta poderá ser extinta. ( )

Falsificação de documento público é um crime previdenciário com pena de detenção de 2 a 6 anos. ( )

Dentre outros, são crimes previdenciários: sonegação fiscal, inserção de dados falsos em sistema de informação e modificação não autorizada de sistema de informação. ( )

João, servidor público de cargo efetivo, fez diversas alterações no sistema de informação do INSS. É correto afirmar que João incorreu em crime de inserção de dados falsos em sistema de informação. ( )

É correto afirmar que divulgar, sem justa causa, informações sigilosas ou reservadas não contidas nos sistemas de informações da Administração Pública incorre em crime previdenciário. ( )

No crime de sonegação previdenciária é facultado ao juiz deixar de aplicar a pena ou aplicar somente multa se o agente for primário e de bons antecedentes, sem exceções.
( )

:: GABARITO COMENTADO

Madalena, empregada doméstica, trabalha na casa de Dilma há dois anos. Madalena dirige-se ao INSS requerer auxílio doença, mas recebe a informação do servidor Dauber, que Dilma não tem recolhido as contribuições previdenciárias de Madalena. Madalena alega que, todos os meses, Dilma desconta de seu salário os valores referentes a sua contribuição à previdência social. É correto afirmar que Dilma vem cometendo crime de apropriação indébita previdenciária. (C)

Descontar do trabalhador as contribuições previdenciárias e não pagar à previdência social incorre em crime de apropriação indébita previdenciária. Código Penal Brasileiro, Art. 168-A - Deixar de repassar à previdência social as contribuições recolhidas dos contribuintes, no prazo é forma legal ou convencional: Pena - reclusão, de 2 (dois) a 5 (cinco) anos, e multa.

Omitir de folha de pagamento da empresa contribuições previdenciárias devidas por empregado, configura crime de sonegação fiscal previdenciária. (C)

Código Penal Brasileiro, Art. 337-A - Suprimir ou reduzir contribuição social previdenciária e qualquer acessório, mediante as seguintes condutas: I - omitir de folha de pagamento da empresa ou de documento de informações previsto pela legislação previdenciária segurados empregado, empresário, trabalhador avulso ou trabalhador autônomo ou a este equiparado que lhe prestem serviços.

Deixar de lançar mensalmente em títulos próprios da contabilidade da empresa as quantias descontadas dos segurados ou as devidas pelo empregador ou pelo tomador de serviço incorre em crime de estelionato. (E)

Incorre em crime de sonegação fiscal previdenciária. Código Penal Brasileiro, Art. 337-A - Suprimir ou reduzir contribuição social previdenciária e qualquer acessório, mediante as seguintes condutas: II - deixar de lançar mensalmente nos títulos próprios da contabilidade da empresa as quantias descontadas dos segurados ou as devidas pelo empregador ou pelo tomador de serviços.

Ernesto mantinha uma pequena granja em um sítio de sua propriedade e contava com o auxílio de dois empregados, que percebiam remuneração mensal equivalente a um salário mínimo. Por exercer o negócio por conta própria e informalmente, Ernesto nunca efetuou os registros devidos nas carteiras de trabalho de seus empregados, tampouco recolheu as contribuições previdenciárias correspondentes. Nessa situação, se for flagrado pela fiscalização, Ernesto responderá pelo crime de sonegação de contribuição previdenciária, podendo o juiz restringir a pena de reclusão prevista (de um terço até a metade) ou apenas aplicar a pena de multa. (C)

Correto. Código Penal Brasileiro, artigo 168-A, §2º, : "É extinta a punibilidade se o agente, espontaneamente, declara, confessa e efetua o pagamento das contribuições, importâncias ou valores e presta as informações devidas à previdência social, na forma devida em lei ou regulamento, antes do início da ação fiscal".

Acerca dos crimes previdenciários, se, até antes do início da ação fiscal, o infrator confessar a dívida e efetuar espontaneamente o pagamento integral dos valores devidos, prestando as devidas informações ao órgão da previdência social, a punibilidade de sua conduta poderá ser extinta. (C)

Correto. Código Penal Brasileiro, artigo 168-A, §2º, : "É extinta a punibilidade se o agente, espontaneamente, declara, confessa e efetua o pagamento das contribuições, importâncias ou valores e presta as informações devidas à previdência social, na forma devida em lei ou regulamento, antes do início da ação fiscal".

Falsificação de documento público é um crime previdenciário com pena de detenção de 2 a 6 anos. (E)

Código Penal Brasileiro, artigo 297. A pena é de RECLUSÃO e não de detenção.

Dentre outros, são crimes previdenciários: sonegação fiscal, inserção de dados falsos em sistema de informação e modificação não autorizada de sistema de informação. (C)

Todos são configurados no Código Penal Brasileiro como crimes. Leia os artigos 337-A, 313-A e 313-B.

João, servidor público de cargo efetivo, fez diversas alterações no sistema de informação do INSS. É correto afirmar que João incorreu em crime de inserção de dados falsos em sistema de informação. (E)

Modificar ou alterar, o funcionário, sistema de informação ou programa de informática se autorização ou solicitação de autoridade competente, artigo 313-B, Código Penal brasileiro, crime de modificação não autorizada de sistema de informação.

É correto afirmar que divulgar, sem justa causa, informações sigilosas ou reservadas não contidas nos sistemas de informações da Administração Pública incorre em crime previdenciário. (C)

Crime de divulgação de informações sigilosas ou reservadas. Código Penal Brasileiro, artigo 153.

No crime de sonegação previdenciária é facultado ao juiz deixar de aplicar a pena ou aplicar somente multa se o agente for primário e de bons antecedentes, sem exceções. (E)

Há exceções e uma delas é que o valor das contribuições devidas, inclusive acessórios, seja igual ou inferior àquele estabelecido pela previdência social, administrativamente, como sendo o mínimo para ajuizamento de suas ações fiscais. Código Penal Brasileiro, artigo 337-A, parágrafo 2.

:: SIMULADÃO

1. A seguridade social será financiada por toda a sociedade, de forma direta e indireta, nos termos da lei, mediante recursos provenientes dos orçamentos da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios. ( )

2. É correto afirmar que todas as entidades beneficentes de assistência social são isentas de contribuição para a seguridade social. ( )

3. As ações e serviços públicos de saúde integram uma rede regionalizada e hierarquizada e constituem um sistema único, organizado de acordo com, dentre outras diretrizes, a participação da comunidade. ( )

4. Para efeito de aposentadoria, é assegurada a contagem recíproca do tempo de contribuição na administração pública e na atividade privada, rural e urbana, hipótese em que os diversos regimes de previdência social se compensarão financeiramente, segundo critérios estabelecidos em lei. ( )

5. O sistema especial de inclusão previdenciária garantirá alíquotas inferiores, exceto carências, às vigentes para os demais segurados do regime geral de previdência social. ( )

6. É correto afirmar que foi através da Constituição Brasileira de 1824 que foi trato o tema socorros públicos sendo este o primeiro ato securitário previsto em Constituição no Brasil. ( )

7. Foi a partir da Constituição Brasileira de 1988 que as atividades de saúde, previdência social e assistência social foram reunidas. ( )

8. O Conselho Nacional de Previdência Social (CNPS) é composto por seis representantes do Governo Federal e nove representantes da sociedade civil, tendo mandato de 2 anos e não sendo permitida a recondução. ( )

9. José trabalha em uma empresa de serviços gerais em caráter não eventual, com subordinação e remuneração. É correto afirmar que José é segurado empregado da previdência social. ( )

10. Rafael, é servidor público de cargo comissionado da União.É correto afirmar que Rafael não se enquadra em qualquer categoria do RGPS por ter vínculo com o RPPS do Executivo Federal. ( )

11. É correto afirmar que o ministro de confissão religiosa é segurado obrigatório na categoria trabalhador avulso do RGPS, pois não tem vínculo empregatício com empresas. ( )

12. Serafim mora em meio urbano, próximo de sua fazendinha onde trabalha em regime de economia familiar. Tendo contratado, em 2017, duas pessoas para ajudá-lo no plantio pelo período de 60 dias cada um e morar no centro da cidade onde mora. É correto afirmar que Serafim perdeu a sua qualidade de segurado especial do RGPS. ( )

13. É correto afirmar que para serem considerados segurados especiais, o cônjuge ou companheiro e os filhos maiores de 18 anos ou os a estes equiparados deverão ter participação ativa nas atividades rurais do grupo familiar. ( )

14. Mariana é segurada especial e trabalha na lida rural há muitos anos. É correto afirmar que, se Mariana receber programa assistencial oficial do governo, Mariana perderá a sua qualidade de segurada especial do RGPS. ( )

15. Jegueson, segurado especial, trabalha, juntamente, com seus pais na lavoura e, também, produz redes artesanais para complementar o sustento da família auferindo, mensalmente, o equivalente a um salário mínimo. É correto afirmar que Jegueson não perderá a sua qualidade de segurado especial da previdência social. ( )

16. Para o RGPS, Consideram-se empresa a firma individual ou sociedade que assume o risco de atividade econômica urbana ou rural, com fins lucrativos ou não, bem como os órgãos e entidades da administração pública direta, indireta ou fundacional. ( )

17. É correto afirmar que mantém a qualidade de segurado, independentemente de contribuições, até 6 meses, o segurado facultativo que estiver em gozo de benefício. ( )

18. O menor sob guarda, equiparam-se a filho mediante declaração do segurado e desde que comprovada a dependência econômica. ( )

19. É correto afirmar que a dependência econômica dos pais do segurado do RGPS falecido é presumida. ( )

20. Maneca, invalido aos 10 anos de idade, perdeu o seu pai Josevaldo, segurado obrigatório do RGPS, morto por uma doença fatal, e, então, Maneca passou a perceber pensão por morte previdenciária. Maneca, aos 20 anos, concluiu curso de nível superior em universidade federal. É correto afirmar que Maneca terá cessada a sua cota parte de pensão por morte. ( )

21. Nos casos de impossibilidade de realização de perícia médica pelo órgão ou setor próprio competente, assim como de efetiva incapacidade física ou técnica de implementação das atividades e de atendimento adequado à clientela da previdência social, o INSS poderá, sem ônus para os segurados, celebrar, nos termos do regulamento, convênios, termos de execução descentralizada, termos de fomento ou de colaboração, contratos não onerosos ou acordos de cooperação técnica para realização de perícia médica, por delegação ou simples cooperação técnica, sob sua coordenação e supervisão órgãos e entidades públicos ou que integrem o Sistema Único de Saúde. ( )

22. É correto afirmar que caso o segurado, durante o gozo do auxílio-doença, venha a exercer atividade diversa daquela que gerou o benefício, deverá ser verificada a incapacidade para cada uma das atividades exercidas. ( )

23. Nilton, segurado obrigatório do RGPS em gozo de auxílio doença, foi declarado insusceptível de recuperação para sua atividade habitual. É correto afirmar que o auxílio doença gozado por Nilton será, automaticamente, convertido em aposentadoria por invalidez. ( )

24. Onofre, aposentado por idade do RGPS, 55 anos de idade, baixa renda, deu entrada no INSS para usufruir do benefício salário família. É correto afirmar que Onofre tem direito ao referido benefício do RGPS. ( )

25. Acerca do benefício do RGPS salário família é correto afirmar que o empregador doméstico, de baixa renda, deverá apresentar apenas a certidão de nascimento do seu filho menor de 14 anos para ter direito ao referido benefício. ( )

26. É correto afirmar que, no que concerne ao benefício salário família, o empregado doméstico conservará durante 10 anos os comprovantes de pagamento e as cópias das certidões correspondentes, para fiscalização da Previdência Social. ( )

27. É correto afirmar que o benefício do RGPS salário maternidade devido à segurada desempregada, em período de graça, consistirá numa renda mensal 1/12 da soma dos 12 últimos salários de contribuição, apurados em um período não superior a 15 meses. ( )

28. Janaína, segurada empregada do RGPS está em gozo de salário maternidade. É correto afirmar que a renda mensal do referido benefício de Janaína é igual ao seu salário de contribuição. ( )

29. Etelvina, segurada obrigatória do RGPS, faleceu em um trágico acidente automobilístico. Tendo apenas o seu pai Malaquias, 40 anos, como familiar e, comprovadamente, seu dependente economicamente. É correto afirmar que Malaquias receberá pensão por morte de Etelvina durante 15 anos. ( )

30. César, segurado obrigatório do RGPS, faleceu em um trágico acidente de motocicleta. Tendo apenas um filho com 23 anos e inválido aos 15 anos, como dependente. É correto afirmar que, o filho de César não terá direito ao benefício de pensão por morte. ( )

31. Gertrudes que era pensionista de Rogério, faleceu. Gertrudes tinha apenas um filho, Marcos de 18 anos de idade. É correto afirmar que a pensão conferida a Gertrudes pelo falecimento de Rogério será usufruída por Marcos até ele completar 21 anos de idade. ( )

32. Acerca da inscrição no RGPS. É correto afirmar que Incumbe ao dependente promover a sua inscrição quando do requerimento do benefício a que estiver habilitado. ( )

33. É correto afirmar no RGPS que, presentes os pressupostos da filiação, admite-se a inscrição *post mortem* do segurado contribuinte individual. ( )

34. Acerca da inscrição no RGPS. É correto afirmar que a comprovação dos dados pessoais e de outros elementos necessários e úteis à caracterização do segurado poderá ser exigida quando da concessão do benefício. ( )

35. Flausino, 62 anos, segurado obrigatório do RGPS em gozo de auxílio doença, foi comunicado que deveria se submeter a exame médico a cargo da previdência social. É correto afirmar que, ao faltar ao referido exame, Faustino correrá o risco de ter suspenso o seu benefício. ( )

36. Tempo de contribuição é o número mínimo de contribuições mensais indispensáveis para que o beneficiário faça jus ao benefício, consideradas a partir do transcurso do primeiro dia dos meses de suas competências. ( )

37. É correto afirmar que, em regra, o benefício salário maternidade tem carência de 10 meses para a segurada empregada doméstica. ( )

38. Paulo deu entrada no INSS na aposentadoria por tempo de contribuição. É correto afirmar que basta comprovar a carência de 180 contribuições e a idade mínima de 65 anos que Paulo já estará apto para ter o referido benefício deferido. ( )

39. Gerson, 60 anos, trabalhou durante 8 anos como cobrador de ônibus e, posteriormente, deixou a cidade grande para se dedicar às atividades rurícolas em sua pequena fazenda na qual permaneceu trabalhando por 7 anos. Desde que deixou a cidade grande, Gerson não mais lá voltou. Estando regular a sua atividade urbana nos 8 primeiros anos e tendo comprovado o efetivo exercício da atividade rural durante os 7 anos seguintes, é correto afirmar que Gerson poderá averbar o tempo de atividade urbana com o tempo de atividade rural e poderá se aposentar através da chamada aposentadoria híbrida ou mista. ( )

40. É correto afirmar que o garimpeiro, contribuinte individual que trabalhe em regime de economia familiar, terá redução de 5 anos nos critérios de concessão da aposentadoria por idade. ( )

41. Aos segurados especiais é garantido aposentadoria por idade no valor de um salário mínimo ao completar 60 anos se homem e 55 anos se mulher. ( )

42. O CNPS reunir-se-á, ordinariamente, uma vez por ano, por convocação de seu Presidente, não podendo ser adiada a reunião por mais de dias se houver requerimento nesse sentido da maioria dos conselheiros. ( )

43. Dentre seu princípios e objetivos, a previdência social, rege-se pelo princípio da previdência complementar facultativa, custeada por contribuição adicional. ( )

44. É correto afirmar que compete ao Conselho Nacional de Previdência Social participar, acompanhar e avaliar sistematicamente a gestão previdenciária. ( )

45. Todo benefício que substituir o salário de contribuição ou o rendimento do trabalho do segurado não terá valor mensal inferior ao salário mínimo. ( )

46. No RGPS, Equipara-se também ao acidente do trabalho o acidente sofrido pelo segurado no local e no horário do trabalho em consequência de ofensa verbal intencional, inclusive de terceiro, por motivo de disputa relacionada ao trabalho. ( )

47. É correto afirmar que não é considerada doença do trabalho a doença endêmica adquirida por segurado habitante de região em que ela se desenvolva, salvo

comprovação de que é resultante de exposição ou contato direto determinado pela natureza do trabalho. ( )

48. É correto afirmar que, para o empregado doméstico, acidente do trabalho é o que ocorre pelo exercício do trabalho a serviço de empregador doméstico, provocando lesão corporal ou perturbação funcional que cause a morte ou a perda ou redução, permanente ou temporária, da capacidade para o trabalho. ( )

49. Acerca do acidente do trabalho, o empregado é o responsável pela adoção e uso das medidas individuais de proteção e segurança de sua saúde. ( )

50. É correto afirmar que o fator previdenciário será calculado considerando-se a idade, a expectativa de sobrevida e o tempo de contribuição do segurado ao se aposentar. ( )

51. É correto afirmar que o MEI (Micro Empreendedor Individual), que fatura até R$60.000,00 por ano, poderá contribuir para o RGPS com 5% do salário mínimo estando incluído no Sistema de Inclusão Previdenciária. ( )

52. É correto afirmar que, um dos requisitos para ser MEI (Micro Empreendedor Individual) é que ele contrate apenas um empregado a seu serviço e que este tenha como limite de remuneração o salário mínimo ou piso salarial da categoria. ( )

53. É correto afirmar que a cota patronal do MEI é de 3% e incidirá sobre a remuneração do seu empregado. ( )

54. Glivanilde, empregada doméstica e segurada do RGPS, é responsável pelo recolhimento de sua contribuição previdenciária realizada através de guia própria fornecida pelo INSS. ( )

55. É correto afirmar que o contribuinte individual que presta serviço à empresa é responsável pelo recolhimento de 20% de sua remuneração até o limite do teto previdenciário. ( )

56. É correto afirmar que o auxílio-doença não poderá exceder a média aritmética simples dos últimos 12 salários de contribuição, inclusive em caso de remuneração variável, ou, se não alcançado o número de 12 (doze), a média aritmética simples dos salários de contribuição existentes. ( )

57. Magda, segurada obrigatória do RGPS, deu entrada em auxílio doença no INSS. Após um cálculo preliminar de sua renda mensal, obteve-se o valor de R$2.730,00. Calculada a média aritmética simples dos seus últimos 12 salários de contribuição, chegou-se ao valor de mil reais. É correto afirmar que a renda mensal do auxílio doença requerido por Magda será no valor de mil reais. ( )

58. Júlia trabalha na empresa OK com turno reduzido, 4 horas diárias recebendo 500 reais mensais. É correto afirmar que, caso necessite de auxílio doença, Júlia receberá, a título de renda mensal, o valor de 500 reais. ( )

59. É correto afirmar que o salário maternidade do RGPS é direito da segurada, correspondente a 2 semanas em caso de aborto não criminoso e comprovado mediante atestado médico. ( )

60. Acerca do benefício auxílio doença, O INSS poderá estabelecer, mediante avaliação médico pericial, o prazo que entender suficiente para a recuperação da capacidade para o trabalho do segurado, dispensada nessa hipótese a realização de nova perícia. ( )

61. É correto afirmar que a assistência social, rege-se pelo princípio da supremacia do atendimento às necessidades sociais sobre as exigências de rentabilidade econômica. ( )

62. A gestão das ações na área de assistência social é organizada sob a forma de sistema descentralizado e participativo, denominado Sistema Único de Assistência Social (Suas). ( )

63. São tipos de proteção da assistência social: proteção social básica e especial. ( )

64. Sobre a organização da Assistência Social é correto afirmar que a União apoiará financeiramente o aprimoramento à gestão centralizada dos serviços, programas, projetos e benefícios de assistência social, por meio do Índice de Gestão Descentralizada (IGD) do Sistema Único de Assistência Social (Suas). ( )

65. Acerca do BPC LOAS é correto afirmar que o avô e o sobrinho fazem parte do grupo familiar do qual o requerente está inserido. ( )

66. Edson, 65 anos, tem renda mensal declarada no valor de um salário mínimo e sustenta a sua esposa, que não tem qualquer renda e quatro filhos, igualmente sem renda. É correto afirmar que Edson terá direito ao BPC LOAS para o idoso no valor de um salário mínimo. ( )

67. O BPC LOAS será cancelado quando se constatar irregularidade na sua concessão ou utilização. ( )

68. O benefício de prestação continuada será suspenso pelo órgão concedente quando a pessoa com deficiência exercer atividade remunerada, exceto na condição de microempreendedor individual. ( )

69. A cerca do BPC LOAS, a contratação de pessoa com deficiência como aprendiz acarreta a suspensão do benefício de prestação continuada. ( )

70. Na organização dos serviços da assistência social serão criados programas de amparo às pessoas que vivem em situação de rua. ( )

:: SIMULADÃO

1. **A seguridade social será financiada por toda a sociedade, de forma direta e indireta, nos termos da lei, mediante recursos provenientes dos orçamentos da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios. (C)**

Constituição Federal, artigo 195

2. **É correto afirmar que todas as entidades beneficentes de assistência social são isentas de contribuição para a seguridade social. (E)**

As entidade beneficentes de assistência social que atendam às exigências estabelecidas em lei e não TODAS. Constituição Federal, artigo 195, parágrafo 7.

3. **As ações e serviços públicos de saúde integram uma rede regionalizada e hierarquizada e constituem um sistema único, organizado de acordo com, dentre outras diretrizes, a participação da comunidade. (C)**

Constituição Federal, artigo 198, parágrafo 3.

4. **Para efeito de aposentadoria, é assegurada a contagem recíproca do tempo de contribuição na administração pública e na atividade privada, rural e urbana, hipótese em que os diversos regimes de previdência social se compensarão financeiramente, segundo critérios estabelecidos em lei. (C)**

Constituição Federal, artigo 201, parágrafo 9. Essa é uma forma restrita da Carta Magna aplicar a compensação de regimes previdenciários, mas, também, entende-se que para a concessão de benefícios se aplica a referida compensação.

5. **O sistema especial de inclusão previdenciária garantirá alíquotas inferiores, exceto carências, às vigentes para os demais segurados do regime geral de previdência social. (E)**

A Carta Magna nos orienta que também para carências haverá inserida a disposição do sistema especial de inclusão, porém, até o momento do seu edital, não houve pontos da legislação contemplando as referidas carências inferiores.

6. **É correto afirmar que foi através da Constituição Brasileira de 1824 que foi trato o tema socorros públicos sendo este o primeiro ato securitário previsto em Constituição no Brasil.**

(C)

Através do artigo 179, XXXI da Constituição Brasileira de 1824 que foi trato o tema socorros públicos sendo este o primeiro ato securitário previsto em Constituição no Brasil.

7. **Foi a partir da Constituição Brasileira de 1988 que as atividades de saúde, previdência social e assistência social foram reunidas. (C)**

A CF de 1988 foi a primeira constituição a reunir os pilares atuais da seguridade social: saúde, previdência social e assistência social.

8. **O Conselho Nacional de Previdência Social (CNPS) é composto por seis representantes do Governo Federal e nove representantes da sociedade civil, tendo mandato de 2 anos e não sendo permitida a recondução. (E)**

A assertiva está quase completa, mas a recondução dos referidos membros é permitida, de imediato, apenas uma vez. Lei 8213, artigo 3, parágrafo 1.

9. **José trabalha em uma empresa de serviços gerais em caráter não eventual, com subordinação e remuneração. É correto afirmar que José é segurado empregado da previdência social. (C)**

Lei 8213, artigo 11, I, a.

10. **Rafael, é servidor público de cargo comissionado da União. É correto afirmar que Rafael não se enquadra em qualquer categoria do RGPS por ter vínculo com o RPPS do Executivo Federal. (E)**

Rafael é segurado empregado do RGPS, pois não tem vínculo de cargo efetivo com a União e sim um cargo comissionado de livre nomeação e exoneração. Lei 8213, artigo 11, I, g.

11. **É correto afirmar que o ministro de confissão religiosa é segurado obrigatório na categoria trabalhador avulso do RGPS, pois não tem vínculo empregatício com empresas. (E)**

Essa foi bem fácil! O ministro de confissão religiosa é CONTRIBUINTE INDIVIDUAL Lei 8213, artigo 11, V, c.

12. **Serafim mora em meio urbano, próximo de sua fazendinha onde trabalha em regime de economia familiar. Tendo contratado, em 2017, duas pessoas para ajudá-lo no plantio pelo período de 60 dias cada um e morar no centro da cidade onde mora. É correto afirmar que Serafim perdeu a sua qualidade de segurado especial do RGPS. (E)**

Lei 8213, artigo 11, VII, parágrafo 7. Serafim não perderá a sua qualidade de segurado especial, pois utiliza a ajuda de terceiro pelo que é permitido pela legislação 120 pessoas/dia no ano civil.

13. **É correto afirmar que para serem considerados segurados especiais, o cônjuge ou companheiro e os filhos maiores de 18 anos ou os a estes equiparados deverão ter participação ativa nas atividades rurais do grupo familiar. (E)**

Lei 8213, artigo 11, VII, parágrafo 6. Os filhos maiores de 16 anos e não 18 anos.

14. **Mariana é segurada especial e trabalha na lida rural há muitos anos. É correto afirmar que, se Mariana receber programa assistencial oficial do governo, Mariana perderá a sua qualidade de segurada especial do RGPS. (E)**

Quantos e quantos segurados especiais no Brasil recebem BOLSA FAMÍLIA (programa assistencial oficial do governo)? O segurado especial não perderá a sua qualidade no RGPS por estar em gozo do referido benefício. Lei 8213, artigo 11, VII, parágrafo 8, IV.

15. **Jegueson, segurado especial, trabalha, juntamente, com seus pais na lavoura e, também, produz redes artesanais para complementar o sustento da família auferindo, mensalmente, o equivalente a um salário mínimo. É correto afirmar que Jegueson não perderá a sua qualidade de segurado especial da previdência social. (C)**

Lei 8213, artigo 11, VII, parágrafo 9, VII.

16. **Para o RGPS, Consideram-se empresa a firma individual ou sociedade que assume o risco de atividade econômica urbana ou rural, com fins lucrativos ou não, bem como os órgãos e entidades da administração pública direta, indireta ou fundacional. (C)**

Lei 8213, artigo 14, I.

17. **É correto afirmar que mantém a qualidade de segurado, independentemente de contribuições, até 6 meses, o segurado facultativo que estiver em gozo de benefício. (E)**

O segurado em gozo de benefício mantém a sua qualidade de segurado enquanto estiver em gozo do benefício. Lei 8213, artigo 15, I.

18. **O menor sob guarda, equiparam-se a filho mediante declaração do segurado e desde que comprovada a dependência econômica. (E)**

Quando a questão se referir a menor no tópico DEPENDENTES do seu estudo, não esqueça que é o MENOR SOB TUTELA. Lei 8213, artigo 16, parágrafo 2.

19. **É correto afirmar que a dependência econômica dos pais do segurado do RGPS falecido é presumida. (E)**

Os pais do segurado do RGPS não têm dependência econômica presumida. Esta deve ser COMPROVADA. Lei 8213, artigo 16, parágrafo 4.

20. **Maneca, invalido aos 10 anos de idade, perdeu o seu pai Josevaldo, segurado obrigatório do RGPS, morto por uma doença fatal, e, então, Maneca passou a perceber pensão por morte previdenciária. Maneca, aos 20 anos, concluiu curso de nível superior em universidade federal. É correto afirmar que Maneca terá cessada a sua cota parte de pensão por morte. (E)**

Perceba que Maneca já recebia pensão por morte de seu pai, logo, mesmo que cole grau em nível superior, não terá a sua cota parte do benefício cessada. Decreto 3048, artigo 114, II.

21. **Nos casos de impossibilidade de realização de perícia médica pelo órgão ou setor próprio competente, assim como de efetiva incapacidade física ou técnica de implementação das atividades e de atendimento adequado à clientela da previdência social, o INSS poderá, sem ônus para os segurados, celebrar, nos termos do regulamento, convênios, termos de execução descentralizada, termos de fomento ou de colaboração, contratos não onerosos ou acordos de cooperação técnica para realização de perícia médica, por delegação ou simples cooperação técnica, sob sua coordenação e supervisão órgãos e entidades públicos ou que integrem o Sistema Único de Saúde. (C)**

Lei 8213, artigo 60, parágrafo 5.

22. **É correto afirmar que, caso o segurado, durante o gozo do auxílio-doença, venha a exercer atividade diversa daquela que gerou o benefício, deverá ser verificada a incapacidade para cada uma das atividades exercidas. (C)**

Lei 8213, artigo 60, parágrafo 7.

23. **Nilton, segurado obrigatório do RGPS em gozo de auxílio doença, foi declarado insusceptível de recuperação para sua atividade habitual. É correto afirmar que o auxílio doença gozado por Nilton será, automaticamente, convertido em aposentadoria por invalidez. (E)**

Lei 8213, artigo 62. Nilton deverá submeter-se a processo de reabilitação profissional para o exercício de outra atividade.

24. **Onofre, aposentado por idade do RGPS, 55 anos de idade, baixa renda, deu entrada no INSS para usufruir do benefício salário família. É correto afirmar que Onofre tem direito ao referido benefício do RGPS. (E)**

Lei 8213, artigo 65, parágrafo único. Para ter direito ao salário família , Onofre deveria ter 65 anos ou mais.

25. **Acerca do benefício do RGPS salário família é correto afirmar que o empregador doméstico, de baixa renda, deverá apresentar apenas a certidão de nascimento do seu filho menor de 14 anos para ter direito ao referido benefício. (E)**

Lei 8213, artigo 67, parágrafo único. Quem deve apresentar a documentação é o empregado doméstico e não o empregador.

26. **É correto afirmar que, no que concerne ao benefício salário família, o empregado doméstico conservará durante 10 anos os comprovantes de pagamento e as cópias das certidões correspondentes, para fiscalização da Previdência Social. (E)**

Lei 8213, artigo 68, parágrafo 1. Mais uma vez a pegadinha: EMPREGADOR DOMÉSTICO.

27. **É correto afirmar que o benefício do RGPS salário maternidade devido à segurada desempregada, em período de graça, consistirá numa renda mensal 1/12 da soma dos 12 últimos salários de contribuição, apurados em um período não superior a 15 meses. (C)**

Lei 8213, artigo 71-B parágrafo 2 , III. A segurada DESEMPREGADA tem o cálculo da renda mensal do salário maternidade diferente da segurada empregada. Fique atento!

28. **Janaína, segurada empregada do RGPS está em gozo de salário maternidade. É correto afirmar que a renda mensal do referido benefício de Janaína é igual ao seu salário de contribuição. (E)**

Lei 8213, artigo 72. O salário-maternidade para a segurada empregada ou trabalhadora avulsa consistirá numa renda mensal igual a sua remuneração integral.

29. **Etelvina, segurada obrigatória do RGPS, faleceu em um trágico acidente automobilístico. Tendo apenas o seu pai Malaquias, 40 anos, como familiar e, comprovadamente, seu dependente economicamente. É correto afirmar que Malaquias receberá pensão por morte de Etelvina durante 15 anos. (E)**

Os critérios relativos à tabela idade e tempo de gozo do benefício são relativos à relação do segurado com o seu dependente cônjuge ou companheiro. Para os pais não haverá a nova limitação imposta pela legislação. Apenas deve comprovar a dependência econômica com o segurado de cujus.

30. **César, segurado obrigatório do RGPS, faleceu em um trágico acidente de motocicleta. Tendo apenas um filho com 23 anos e inválido aos 15 anos, como dependente. É correto afirmar que, o filho de César não terá direito ao benefício de pensão por morte. (E)**

No exposto, o filho receberá a pensão enquanto permanecer inválido. Decreto 3048, artigo 108. A pensão por morte somente será devida ao filho e ao irmão cuja invalidez tenha ocorrido antes da emancipação ou de completar a idade de vinte e um anos, desde que reconhecida ou comprovada, pela perícia médica do INSS, a continuidade da invalidez até a data do óbito do segurado.

31. **Gertrudes que era pensionista de Rogério, faleceu. Gertrudes tinha apenas um filho, Marcos de 18 anos de idade. É correto afirmar que a pensão conferida a Gertrudes pelo falecimento de Rogério será usufruída por Marcos até ele completar 21 anos de idade. (E)**

Decreto 3048, Decreto 3048. Artigo 114, parágrafo 1. Não existe pensão de pensão. O cota será extinta com o falecimento do pensionista.

32. **Acerca da inscrição no RGPS. É correto afirmar que Incumbe ao dependente promover a sua inscrição quando do requerimento do benefício a que estiver habilitado. (C)**

Lei 8213, artigo 17 parágrafo 1. A inscrição de dependente caberá ao próprio dependente quando da ocorrência do fato gerador do benefício.

33. **É correto afirmar no RGPS que, presentes os pressupostos da filiação, admite-se a inscrição *post mortem* do segurado contribuinte individual. (E)**

Decreto 3048, artigo 18, V, parágrafo 5. Admite-se a inscrição *post mortem* do segurado segurado especial. Apenas dessa categoria é admitida inscrição *post mortem*.

34. **Acerca da inscrição no RGPS. É correto afirmar que a comprovação dos dados pessoais e de outros elementos necessários e úteis à caracterização do segurado poderá ser exigida quando da concessão do benefício. (C)**

Decreto 3048, artigo 18, V, parágrafo 6.

35. **Flausino, 62 anos, segurado obrigatório do RGPS em gozo de auxílio doença, foi comunicado que deveria se submeter a exame médico a cargo da previdência social. É correto afirmar que, ao faltar ao referido exame, Faustino correrá o risco de ter suspenso o seu benefício. (C)**

Lei 8213, artigo 101, parágrafo 1. O aposentado por invalidez e o pensionista inválido estarão isentos do exame de que trata o caput após completarem 60 anos de idade e não o segurado em gozo de auxílio doença.

36. **Tempo de contribuição é o número mínimo de contribuições mensais indispensáveis para que o beneficiário faça jus ao benefício, consideradas a partir do transcurso do primeiro dia dos meses de suas competências. (E)**

Lei 8213, artigo 24. Esta é a definição de carência. Tempo de contribuição o tempo, contado de data a data, desde o início até a data do requerimento ou do desligamento de atividade abrangida pela previdência social, descontados os períodos legalmente estabelecidos como de suspensão de contrato de trabalho, de interrupção de exercício e de desligamento da atividade. Decreto 3048, artigo 59.

37. **É correto afirmar que, em regra, o benefício salário maternidade tem carência de 10 meses para a segurada empregada doméstica. (E)**

Não há carência ao referido benefício para as seguradas empregadas, trabalhadoras avulsas e empregadas domésticas.

38. **Paulo deu entrada no INSS na aposentadoria por tempo de contribuição. É correto afirmar que basta comprovar a carência de 180 contribuições e a idade mínima de 65 anos que Paulo já estará apto para ter o referido benefício deferido. (E)**

Paulo deverá comprovar as suas contribuições durante 35 anos de trabalho, em regra, e a sua idade independe para este benefício. A assertiva expõe a regra da aposentadoria por idade urbana.

39. **Gerson, 60 anos, trabalhou durante 8 anos como cobrador de ônibus e, posteriormente, deixou a cidade grande para se dedicar às atividades rurícolas em sua pequena fazenda na qual permaneceu trabalhando por 7 anos. Desde que deixou a cidade grande, Gerson não mais lá voltou. Estando regular a sua atividade urbana nos 8 primeiros anos e tendo comprovado o efetivo exercício da atividade rural durante os 7 anos seguintes, é correto afirmar que Gerson poderá averbar o tempo de atividade urbana com o tempo de atividade rural e poderá se aposentar através da chamada aposentadoria híbrida ou mista. (E)**

A aposentadoria híbrida ou mista está presente no artigo 48 da Lei 8213. Para Gerson se aposentar, ele precisará ter 65 anos e não 60 anos de idade.

40. **É correto afirmar que o garimpeiro, contribuinte individual que trabalhe em regime de economia familiar, terá redução de 5 anos nos critérios de concessão da aposentadoria por idade. (C)**

Apesar do garimpeiro não ser segurado especial, a ele é conferido o benefício de ter redução de 5 anos em sua idade em sua aposentadoria. CF, artigo 201, parágrafo 7, II.

41. **Aos segurados especiais é garantido aposentadoria por idade no valor de um salário mínimo ao completar 60 anos se homem e 55 anos se mulher. (E)**

Lei 8213, artigo 39. Além da idade é preciso a comprovação do efetivo exercício de atividade rural por no mínimo 15 anos contínuos ou não.

42. O CNPS reunir-se-á, ordinariamente, uma vez por ano, por convocação de seu Presidente, não podendo ser adiada a reunião por mais de dias se houver requerimento nesse sentido da maioria dos conselheiros. (E)

Lei 8213, artigo 3, parágrafo 3. O CNPS reunir-se-á, ordinariamente, uma vez por mês.

43. Dentre seu princípios e objetivos, a previdência social, rege-se pelo princípio da previdência complementar facultativa, custeada por contribuição adicional. (C)

Lei 8213, artigo 2, VII.

44. É correto afirmar que compete ao Conselho Nacional de Previdência Social participar, acompanhar e avaliar sistematicamente a gestão previdenciária. (C)

Lei 8213, artigo 4, II.

45. Todo benefício que substituir o salário de contribuição ou o rendimento do trabalho do segurado não terá valor mensal inferior ao salário mínimo nem superior ao do limite máximo do salário-de-contribuição. (C)

Os benefícios que substituem o salário de contribuição ou o rendimento do trabalho do segurado não poderão ter valor mensal inferior ao salário mínimo e nem superior ao do limite máximo do salário-de-contribuição. Lei 8213, artigo 33.

46. No RGPS, Equipara-se também ao acidente do trabalho o acidente sofrido pelo segurado no local e no horário do trabalho em consequência de ofensa verbal intencional, inclusive de terceiro, por motivo de disputa relacionada ao trabalho. (E)

O único erro da assertiva é que a agressão não será verbal e sim física para ser configurado o acidente do trabalho. Lei 8213, artigo 21, II, b.

47. É correto afirmar que não é considerada doença do trabalho a doença endêmica adquirida por segurado habitante de região em que ela se desenvolva, salvo comprovação de que é resultante de exposição ou contato direto determinado pela natureza do trabalho. (C)

Lei 8213, artigo 20, parágrafo 1, d.

48. É correto afirmar que, para o empregado doméstico, acidente do trabalho é o que ocorre pelo exercício do trabalho a serviço de empregador doméstico, provocando lesão corporal ou perturbação funcional que cause a morte ou a perda ou redução, permanente ou temporária, da capacidade para o trabalho. (C)

Lei 8213, artigo 19.

49. **Acerca do acidente do trabalho, o empregado é o responsável pela adoção e uso das medidas individuais de proteção e segurança de sua saúde. (E)**

A responsabilidade pela adoção e uso das medidas individuais de proteção e segurança de sua saúde é da EMPRESA. Lei 8213, artigo 19, parágrafo 1.

50. **É correto afirmar que o fator previdenciário será calculado considerando-se a idade, a expectativa de sobrevida e o tempo de contribuição do segurado ao se aposentar. (C)**

Lei 8213, artigo 29, parágrafo 7.

51. **É correto afirmar que o MEI (Micro Empreendedor Individual), que fatura até R$60.000,00 por ano, poderá contribuir para o RGPS com 5% do salário mínimo estando incluído no Sistema de Inclusão Previdenciária. (E)**

A configuração do MEI, dentre outros, está no faturamento anual limitado a 81 mil reais. Decreto 3048, artigo 9.

52. **É correto afirmar que, um dos requisitos para ser MEI (Micro Empreendedor Individual) é que ele contrate apenas um empregado a seu serviço e que este tenha como limite de remuneração o salário mínimo ou piso salarial da categoria. (C)**

Estes são os critérios para a pessoa ser enquadrada como MEI no Brasil. Decreto 3048, artigo 9.

53. **É correto afirmar que a cota patronal do MEI é de 3% e incidirá sobre a remuneração do seu empregado. (E)**

A cota patronal será sobre o salário de contribuição de seu empregado e limitada ao salário mínimo ou piso salarial da categoria.

54. **Glivanilde, empregada doméstica e segurada do RGPS, é responsável pelo recolhimento de sua contribuição previdenciária realizada através de guia própria fornecida pelo INSS. (E)**

A partir da Lei Complementar 150/15, a responsabilidade pelo recolhimento das contribuições do empregado doméstico é do EMPREGADOR doméstico através do sítio da internet chamado E-SOCIAL.

55. **É correto afirmar que o contribuinte individual que presta serviço à empresa é responsável pelo recolhimento de 20% de sua remuneração até o limite do teto previdenciário. (E)**

A responsabilidade é da empresa em recolher os 11% do contribuinte individual que lhe prestou serviço.

56. **É correto afirmar que o auxílio-doença não poderá exceder a média aritmética simples dos últimos 12 salários de contribuição, inclusive em caso de remuneração variável, ou, se não alcançado o número de 12 (doze), a média aritmética simples dos salários de contribuição existentes. (C)**

Lei 8213, artigo 29, parágrafo 10.

57. **Magda, segurada obrigatória do RGPS, deu entrada em auxílio doença no INSS. Após um cálculo preliminar de sua renda mensal, obteve-se o valor de R$2.730,00. Calculada a média aritmética simples dos seus últimos 12 salários de contribuição, chegou-se ao valor de mil reais. É correto afirmar que a renda mensal do auxílio doença requerido por Magda será no valor de mil reais. (C)**

Lei 8213, artigo 29, parágrafo 10. Este é o limitador trazido pela Lei 13.135/15 buscando amenizar os cofres públicos quanto a concessão dos benefícios previdenciário e, no exposto, o auxílio doença.

58. **Júlia trabalha na empresa OK com turno reduzido, 4 horas diárias recebendo 500 reais mensais. É correto afirmar que, caso necessite de auxílio doença, Júlia receberá, a título de renda mensal, o valor de 500 reais. (E)**

O auxílio doença é um benefício do RGPS que substitui a renda do trabalhador. Logo, o valor da renda mensal do auxílio doença de Magda será de um salário mínimo. CF, art. 201, parágrafo 2.

59. **É correto afirmar que o salário maternidade do RGPS é direito da segurada, correspondente a 2 semanas em caso de aborto não criminoso e comprovado mediante atestado médico. (C)**

Decreto 3048, artigo 93, parágrafo 5.

60. **Acerca do benefício auxílio doença, O INSS poderá estabelecer, mediante avaliação médico pericial, o prazo que entender suficiente para a recuperação da capacidade para o trabalho do segurado, dispensada nessa hipótese a realização de nova perícia. (C)**

Decreto 3048, artigo 78, parágrafo 1.

61. **É correto afirmar que a assistência social, rege-se pelo princípio da supremacia do atendimento às necessidades sociais sobre as exigências de rentabilidade econômica. (C)**

Lei 8742, artigo 4, I.

62. A gestão das ações na área de assistência social é organizada sob a forma de sistema descentralizado e participativo, denominado Sistema Único de Assistência Social (Suas). (C)

Lei 8742, artigo 6.

63. São tipos de proteção da assistência social: proteção social básica e especial. (C)

Lei 8742, artigo 6-A.

64. Sobre a organização da Assistência Social é correto afirmar que a União apoiará financeiramente o aprimoramento à gestão centralizada dos serviços, programas, projetos e benefícios de assistência social, por meio do Índice de Gestão Descentralizada (IGD) do Sistema Único de Assistência Social (Suas). (E)

Lei 8742, artigo 12-A. A organização da Assistência Social é correto afirmar que a União apoiará financeiramente o aprimoramento à gestão DESCENTRALIZADA dos serviços, programas, projetos e benefícios de assistência social.

65. Acerca do BPC LOAS é correto afirmar que o avô e o sobrinho fazem parte do grupo familiar do qual o requerente está inserido. (E)

Fazem parte do grupo familiar do requerente ao BPC LOAS o cônjuge ou companheiro, os pais e, na ausência de um deles, a madrasta ou o padrasto, os irmãos solteiros, os filhos e enteados solteiros e os menores tutelados, desde que vivam sob o mesmo teto. Lei 8742, artigo 20, parágrafo 1.

66. Edson, 65 anos, tem renda mensal declarada no valor de um salário mínimo e sustenta a sua esposa, que não tem qualquer renda e quatro filhos, igualmente sem renda. É correto afirmar que Edson terá direito ao BPC LOAS para o idoso no valor de um salário mínimo. (C)

A confusa redação da Lei 8742 permite que apenas pelo fato da renda per capita do grupo familiar ser inferior a um quarto do salário mínimo, o requerente terá direito ao benefício mesmo contrariando o artigo 1 do Decreto 6214.

67. O BPC LOAS será cancelado quando se constatar irregularidade na sua concessão ou utilização. (C)

Lei 8742, artigo 21, parágrafo 2.

68. O benefício de prestação continuada será suspenso pelo órgão concedente quando a pessoa com deficiência exercer atividade remunerada, exceto na condição de microempreendedor individual. (E)

Inclusive na condição de microempreendedor individual. Lei 8742, artigo 21-A.

69. **A cerca do BPC LOAS, a contratação de pessoa com deficiência como aprendiz acarreta a suspensão do benefício de prestação continuada. (E)**

A contratação de pessoa com deficiência como aprendiz não acarreta a suspensão do benefício de prestação continuada. Lei 8742, artigo 21-A, parágrafo 2.

70. **Na organização dos serviços da assistência social serão criados programas de amparo às pessoas que vivem em situação de rua. (C)**

Lei 8742, artigo 23, parágrafo 2, II.

Agora que você finalizou o seu e-book, que Deus esteja te iluminando e que a sua merecida vitória venha para realizar o seu sonho.
Grande abraço,
Prof. Bruno Cunha

Manual de português jurídico

9ª edição

Eduardo Sabbag

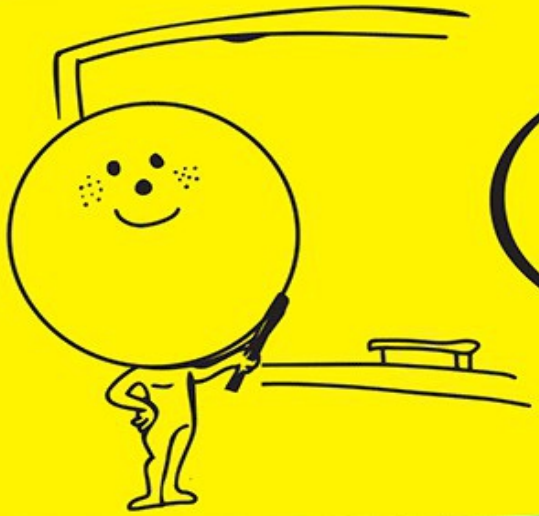

INDISPENSÁVEL

- ✓ técnicas de redação forense
- ✓ principais tópicos de gramática

Editora Saraiva

inclui conteúdo extra em formato de áudio

Manual de português jurídico

9ª edição

Eduardo Sabbag

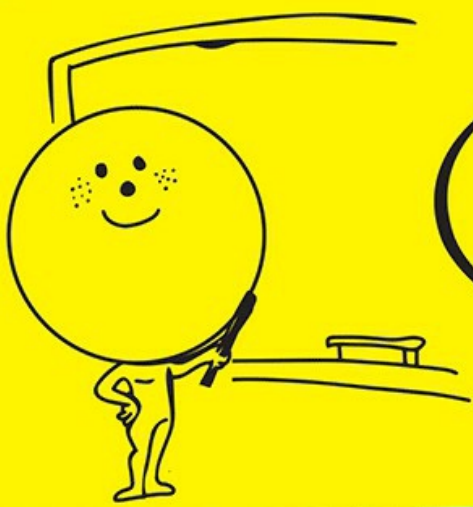

INDISPENSÁVEL

- ✓ técnicas de redação forense
- ✓ principais tópicos de gramática

Editora Saraiva

inclui conteúdo extra em formato de áudio

ISBN 978-85-472-0857-8

Sabbag, Eduardo
Manual de português jurídico / Eduardo Sabbag. — 9. ed. rev. e ampl. — São Paulo : Saraiva, 2016.
Bibliografia.
1. Redação forense I. Título.
16-0373 CDU-340.113.2

Índices para catálogo sistemático:

1. Redação forense : Direito 340.113.2

Direção editorial Flávia Alves Bravin **Gerência editorial** Thaís de Camargo Rodrigues **Assistência editorial** Deborah Caetano de Freitas Viadana **Preparação de originais** Ana Cristina Garcia (coord.) | Luciana Cordeiro Shirakawa **Coordenação geral** Clarissa Boraschi Maria **Produção do E-pub** Guilherme Henrique Martins Salvador **Projeto gráfico (livro impresso)** IDÉE arte e comunicação **Arte, diagramação e revisão (livro impresso)** Know-how Editorial **Ilustrações** Eklisleno Fontenele Ximenes | IDÉE arte e comunicação **Serviços editoriais (livro impresso)** Elaine Cristina da Silva | Kelli Priscila Pinto | Tatiana dos Santos Romão **Serviços editoriais (livro digital)** Surane Vellenich **Capa** Idée arte e comunicação

Data de fechamento da edição: 14-7-2016

Dúvidas?

Acesse www.editorasaraiva.com.br/direito

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Saraiva.
A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei n. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

SUMÁRIO

LEGENDAS UTILIZADAS NO LIVRO

PREFÁCIO

NOTA DO AUTOR

1 A REDAÇÃO FORENSE

2 A COMUNICAÇÃO JURÍDICA

3 A BOA LINGUAGEM

4 DA PETIÇÃO INICIAL

5 COMO ENRIQUECER A LINGUAGEM DO FORO

6 LATIMACETES

7 GRAFIMACETES

8 PROBLEMAS GERAIS DA LÍNGUA CULTA

9 PRONUNMACETES E TIMBREMACETES

10 ORTOGRAFIA

11 ACENTUAÇÃO GRÁFICA

12 CRASE

13 REGÊNCIAS NOMINAL E VERBAL

14 CONCORDÂNCIA NOMINAL

15 CONCORDÂNCIA VERBAL

16 PONTUAÇÃO

17 VERBOS

18 MEMORIMACETES

19 GLOSSÁRIO

20 ÍNDICE REMISSIVO

21 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A meus pais, Nicolino (in memoriam) *e Stella, pela incansável luta.*

A meus irmãos, pela lição de vida.

LEGENDAS UTILIZADAS NO LIVRO

JURISMACETES

Referem-se aos vocábulos de grafia e pronúncia peculiares, devendo o leitor observá-los com maior atenção quando pretender confeccionar as peças prático-profissionais em concursos da área jurídica, bem como no dia a dia forense (v. Capítulos 1 ao 6).

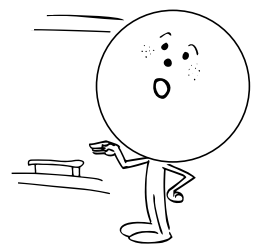

CURIOSIMACETES

Trata-se das curiosidades surpreendentes de nosso léxico (v. Capítulos 7, 8 e 10 a 17).

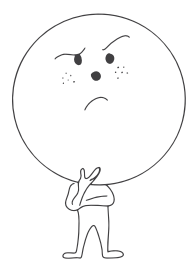

A HORA DO ESPANTO

AS "PÉROLAS" DO PORTUGUÊS

Esta seção, cujo nome alude a um famoso filme de terror, traz os erros cometidos por desatentos usuários do idioma. Todos eles são reais e foram coletados ao longo de nossa vida docente. As "pérolas" e suas respectivas correções estão discriminadas em pequenas dicas ao final dos Capítulos, em toda a extensão da obra, permitindo momentos de rápida descontração durante a leitura do texto.

PRONUNMACETES

Oferecem ao leitor o domínio e a segurança necessária no discurso oral.

A necessidade de falar bem passa pela capacidade de convencer, à medida que se imprime maior autoridade no que se exprime. Quem fala bem, enuncia algo com domínio e altivez. Por outro lado, o erro de pronúncia, deslocando a sílaba tônica (silabada), faz ruir o melhor dos argumentos defendidos. A propósito, a silabada ocorre em pronúncias do tipo "Nóbel" (em vez de "Nobel", sem acento); "interím" (em vez de "ínterim"); "rúbrica" (em vez de "rubrica") etc. Bem a propósito, o mestre Paulinho da Viola chancela, afirmando: "... coisas da Língua, minha nega". Os **Pronunmacetes** foram inseridos no Capítulo 9, ao lado dos **Timbremacetes**.

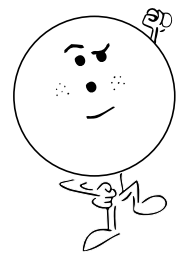

TIMBREMACETES

Esta seção objetiva ofertar ao leitor o conhecimento do timbre correto das palavras, separadas em colunas de fácil visualização – colunas de timbre fechado e de timbre aberto. Por meio de rápida leitura, poderá o cultor do idioma se inteirar dos meandros da prosódia de nosso léxico, angariando o domínio fonético dos vocábulos guerreados. Os **Timbremacetes** foram inseridos no Capítulo 9, ao lado dos **Pronunmacetes**.

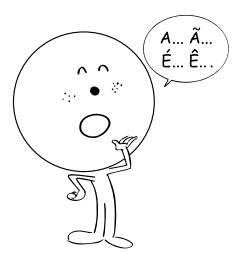

GRAFIMACETES

Compreendem as palavras de grafia complexa. Infelizmente, muitas delas têm a grafia "assassinada" diariamente pelos meios de comunicação de massa. Os **Grafimacetes** foram inseridos no Capítulo 7.

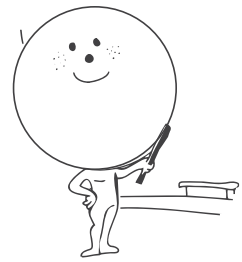

LATIMACETES

O emprego de expressões latinas na linguagem forense não é mero diletantismo. O advogado deve conhecer as expressões mais correntes, porquanto, se não as usar, deve compreendê-las quando lê doutrina, razões e julgados, uma vez que muitos autores as empregam, bem como o fazem os Tribunais (v. Capítulo 6).

VOLP

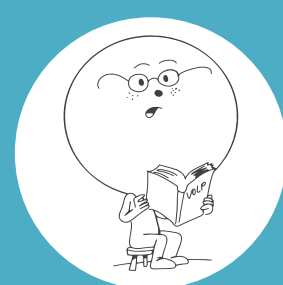

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA O VOLP É PRODUTO DE COMPILAÇÃO DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS **(ABL), A QUEM COMPETE A RESPONSABILIDADE LEGAL DE EDITAR O** VOCABULÁRIO**, COMO INSTRUMENTO NORMATIZADOR OFICIAL. O VOLP APENAS LISTA AS PALAVRAS. SEU OBJETIVO É CONSOLIDAR A GRAFIA DELAS (O MODO COMO ELAS SÃO ESCRITAS), CLASSIFICÁ-LAS SEGUNDO O GÊNERO (MASCULINO OU FEMININO) E CATEGORIA MORFOLÓGICA (SUBSTANTIVO, ADJETIVO ETC.). RESSALTE-SE QUE A ABL ANUNCIOU O LANÇAMENTO DO VOLP 2009 , EM SUA 5ª EDIÇÃO, COM QUASE 390 MIL PALAVRAS USADAS NO PORTUGUÊS CULTO CONTEMPORÂNEO DO BRASIL, PRETENDENDO "FAZER UM REGISTRO O MAIS COMPLETO POSSÍVEL NÃO SÓ DOS VOCÁBULOS DE USO COMUM COMO TAMBÉM DA TERMINOLOGIA CIENTÍFICA E TÉCNICA"*. RECOMENDAMOS AO LEITOR QUE ACESSE A PÁGINA DA ABL (WWW.ACADEMIA.ORG.BR) E APRECIE O GRATUITO SISTEMA DE BUSCA DE PALAVRAS NAQUELE PORTAL.**

* Comissão e equipe de lexicografia da ABL, in Nota Editorial da 5ª Edição, 5. ed., São Paulo: Global, 2009, LV.

PREFÁCIO

É com imensa satisfação que atendo ao convite do Professor Eduardo de Moraes Sabbag, apresentando ao público sua obra *Manual de português jurídico*.

A língua portuguesa, tão rica e bela, é hoje submetida a constantes agressões por parte de muitos brasileiros. E quando as agressões provêm dos que exercem profissões jurídicas, os maus-tratos têm consequências ainda piores. Justamente os que deveriam manejar a Língua com mais habilidade cometem às vezes erros crassos de gramática e de sintaxe: o "posto que" ou o "eis que" no lugar de *uma vez que*, o verbo "tratar-se" com sujeito pessoal, as crases colocadas a bel-prazer, o uso da próclise e da ênclise sem que obedeçam a qualquer regra, o futuro do infinitivo quando o sujeito é o mesmo, a expressão "de encontro" no lugar de *ao encontro* ou vice-versa, a utilização indevida das preposições ou a falta delas quando necessárias, a vírgula entre o sujeito e o verbo, os erros de concordância, sem falar em pecadilhos menores como os galicismos, que já entraram em nosso vernáculo e são perdoáveis. E o latim, Deus nos acuda quando alguns profissionais do Direito se arriscam com as formas "inaudita altera pars", "data máxima vênia" com acentos, o horrível "data maxima permissa vênia", "a quo" referido ao feminino, "querela nulitatis", e outras pérolas mais.

Além do que a Língua Portuguesa é insidiosa: quem ainda não teve dúvidas entre o por quê, por que, porque e porquê atire a primeira pedra!

A obra de Eduardo Sabbag é clara, exaustiva e amena, dando regras e dicas na mesma proporção, com a criatividade dos diversos macetes. Enriquece o vocabulário e ensina a redigir bem, numa linguagem rica, sem ser hermética – pois a redação forense há de ser clara e enxuta. Para que usar "exordial", quando o termo técnico é *inicial*, "Pretório Excelso" quando se trata do *Supremo Tribunal Federal*, para que períodos longos e confusos quando podem ser concisos e sintéticos? A linguagem forense, conquanto técnica, deve ser compreendida pelos consumidores de justiça, e não apenas pelos iniciados. Deve ser correta, simples e direta.

Tenho certeza de que a obra ora apresentada, que se lê com facilidade e prazer, será de grande utilidade para profissionais do Direito, estudantes e candidatos a concursos. Sua leitura é um verdadeiro deleite para quem escreve bem. E certamente contribuirá para o enriquecimento e a correção do português usado não só na linguagem forense, mas até mesmo na linguagem em geral.

Obrigada, Eduardo, e parabéns!

São Paulo, 22 de março de 2005.

Ada Pellegrini Grinover

Professora Titular da Faculdade de Direito da USP

Titular da Cadeira n. 9 da Academia Paulista de Letras

NOTA DO AUTOR

A consulta a gramáticas é, para muitos, penosa e enfadonha. Qual o motivo? Entre outros, podemos indicar o fato de que tais livros apresentam-se, geralmente, em volumes avantajados, os quais acabam trazendo desânimo ao consulente. Diante disso, procuramos adotar nesta obra uma linguagem objetiva, sem sacrificar o aprofundamento, acerca da redação forense e da gramática da Língua Portuguesa.

O atual trabalho fornecerá ao leitor uma solução rápida à dúvida gramatical, que tende a surgir com frequência no cotidiano do usuário da Língua.

A obra foi dividida em duas partes: redação forense e gramática. Nos capítulos iniciais, o estudioso terá contato com as regras norteadoras da boa linguagem jurídica, as quais, por sua vez, devem apresentar-se consentâneas com os ditames impostos pelas normas gramaticais – estudadas, em profundidade, posteriormente, na segunda parte da obra.

No decorrer do estudo, poderá o leitor encontrar os temas mais intrigantes da redação forense – reunidos no intuito de promover a assimilação das técnicas da boa linguagem e dos modos de expressão nos petitórios –, sem prejuízo daqueles afetos à gramática normativa, aliás, expostos com o fito de criar os principais sustentáculos gramaticais: a *ortografia*, a *acentuação*, a *crase*, a *regência*, a *concordância* e os *verbos*.

A todo momento, o leitor poderá se valer de instrutivas notas de rodapé, fruto de amplo trabalho investigativo, que incrementam os ensinamentos veiculados neste trabalho literário.

Ressalte-se que os temas ensinados são acompanhados de numerosos exemplos – frases confeccionadas pelo autor e inúmeras colhidas da literatura nacional –, com o objetivo de enriquecer o ensinamento, além de lhe imprimir autoridade.

Frise-se que, para determinar o que é correto, tomaram-se por base as novas regras gramaticais estabelecidas pelo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto n. 6.583/2008), vigente desde o início de 2009, e o padrão culto da Língua Portuguesa utilizada hodiernamente no Brasil.

Ao final da obra, terá o estudioso acesso a um sugestivo glossário, criado a partir dos vocábulos utilizados no livro, para que enriqueça o arcabouço vocabular, ofertando-lhe versatilidade na sinonímia e na ampliação do horizonte lexical da Língua.

Por fim, o leitor também encontrará importante ferramenta de busca: um amplo e meticuloso índice remissivo – o qual passa a enriquecer esta 9ª edição –, com mais de 2.000 (duas mil!) remissões a termos e expressões espalhados na obra. Com esse recurso, será possível encontrar a solução às dúvidas com extrema rapidez.

Esta 9ª edição ainda traz duas grandes novidades: a primeira é a disponibilização de lições de gramática (conteúdo extra) em formato de áudio para *download*, a fim de que o leitor possa revisar os principais pontos da matéria de maneira resumida, em linguagem simples e objetiva, em consonância com o dinamismo do estudante de hoje. A segunda importante novidade é o incremento de cerca de 200 questões dos mais recentes concursos públicos do Brasil, de modo que o leitor possa testar os conhecimentos e se sentir confiante acerca do seu aprendizado.

Deixo registrados os sinceros agradecimentos a todos os leitores amigos que nos enviam pontuais sugestões para a obra, em especial, ao Poeta João Lover.

Encerro esta nota agradecendo, ainda, quaisquer observações e correções que aprouverem ao leitor colaborador e amigo, a fim de que aprimoremos os apontamentos aqui expendidos.

Um abraço e bons estudos!

Professor Eduardo Sabbag

www.professorsabbag.com.br

www.facebook.com/professorsabbag

www.twitter.com/professorsabbag

www.instagram.com/professorsabbag

1 A REDAÇÃO FORENSE

O escrever corretamente assume no campo do Direito valor maior do que em qualquer outro setor. O advogado que arrazoa ou peticiona ou o juiz que sentencia ou despacha têm de empregar linguagem escorreita e técnica. A boa linguagem é um dever do advogado para consigo mesmo.

O *Direito* é a profissão da palavra, e o operador do Direito, mais do que qualquer outro profissional, precisa saber usá-la com conhecimento, tática e habilidade. Deve-se prestar muita atenção à principal ferramenta de trabalho, que é a palavra escrita e falada, procurando transmitir melhor o pensamento com elegância, brevidade e clareza.

Nesse contexto surge a redação forense ou o português jurídico. Mas o que têm a traduzir tais expressões?

Os operadores do Direito são profissionais da comunicação que se valem, cotidianamente, de enunciados comunicativos para levarem a cabo a exteriorização das normas jurídicas, como as decisões judiciais, os textos doutrinários e as petições.

Nascimento (1992: XII) preconiza que "a linguagem é um meio de transmissão de ideias. Quanto melhor for o meio, melhor será a transmissão. Em Direito, a transmissão terá que ser perfeita, a fim de alcançar seus altos objetivos".

Nesse diapasão, despontam as normas gramaticais, que servirão de lastro para a veiculação da mensagem jurídica no dia a dia do operador do Direito. Portanto, não é inoportuno concluir que, se sobeja o domínio das classes gramaticais, realça-se a precisão na linguagem jurídica.

Entretanto, tudo se apresentaria simples, se não convivêssemos com um idioma marcadamente complexo, cujo desconhecimento atinge até aqueles que dele necessitam para exercerem seus misteres.

O operador do Direito vive do Direito e da Língua Portuguesa, primacialmente. Um erro em petição, sentença ou acórdão tem o condão de retirar-lhe a pujança e a autoridade, além de espelhar a incapacidade do anunciante. Ademais, há "efeitos colaterais" demasiado incômodos: o cliente, se perceber o erro, pode se questionar: "como é possível o meu advogado não saber concordância verbal ou ortografia, se vive da arte de convencer outrem?". A situação será, no mínimo, embaraçosa.

Essa é a razão que nos levou à confecção da presente obra – a necessidade de o profissional dominar as questões afetas à Língua pátria, sanando dúvidas do vernáculo em suas atividades diárias de escrita. Daí se falar no chamado *português jurídico* – expressão que pode criar uma falsa ideia acerca de seu significado. É patente que a Língua Portuguesa é uma só: advogados, juízes, médicos, dentistas e outros profissionais, todos eles falam o mesmo português. O que se denomina "português jurídico" é, então, a aplicação das regras gramaticais aos recursos expressivos mais usuais no discurso jurídico. É a exteriorização jurídica do sistema gramatical. Traduz-se no empréstimo das ferramentas gramaticais pelo Direito, que se incumbe de produzir um objeto final: o *português jurídico*.

É imperioso que o operador do Direito, que se vale das ferramentas acima mencionadas, mantenha constante preocupação em expressar as ideias com clareza e precisão, sem sacrificar o estilo solene que deve nortear a linguagem forense. Para levar a cabo tal mister, não pode se valer da fala pedante[1], com dizeres mirabolantes e terminologia "enrolativa", que vem de encontro à precisão necessária e à assimilação do argumento exposto. A linguagem hermética e "centrípeta" só agrada ao remetente, não ao destinatário.

Tal modo egoísta de transmissão de ideias, não raro nos ambientes forenses, deve ser banido com presteza. Estamos

chegando a um ponto em que a convivência com a prolixidade no redigir, adotada por centenas de aplicadores do Direito menos avisados, gera estranheza ao leitor do texto, quando, diversamente, encontra-o enxuto e despido de rodeios. Parafraseando o insigne Padre Antonio [2] Vieira, *"o estilo há de ser fácil e muito natural"*.

Com efeito, o culto à boa linguagem rareia no dia a dia do operador do Direito, quer se passe nos bancos acadêmicos, quer se desenrole nos recantos profissionais. Têm-se encontrado, às escâncaras, narrativas pobres ou rebarbativas em conteúdo.

Nessa esteira, preconiza o eminente gramático Cegalla (1999: 12): A função dos adjetivos é caracterizar os substantivos. Devem ser adequados e usados com parcimônia. A adjetivação excessiva torna a frase [3] chocha. Além de sóbria e precisa, a adjetivação há de ser, no mesmo texto, diversificada. Para caracterizar um crime bárbaro, por exemplo, não faltam sinônimos para evitar a repetição do adjetivo: odioso, nefando, execrável, hediondo, abominável, *etc.*

Portanto, é questão de urgência: devemos evitar a terminologia pernóstica utilizada em textos jurídicos, procurando alcançar o conceito de precisão e objetividade na exposição do pensamento, que, necessariamente, passa pelo paradigma de *boa linguagem*, cujos pilares conheceremos em breve, na presente obra. Aliás, o dito popular é claro: *"Quem muito fala, muito erra e muito enfada"*.

Ademais, não se pode confundir a linguagem polida ou solene com expressões de subserviência, oriundas de um anacronismo extemporâneo, tais como os termos [4] "suplicante" e "suplicado" [5]. Tais vocábulos são resquícios de vassalagem, vindos do tempo da *Casa de Suplicação*, já ultrapassada pela inexorabilidade dos séculos, mas não por alguns profissionais menos avisados.

Como enfatiza Cândido Dinamarco, *"o Juiz é homem de seu tempo",* que exerce uma das mais nobres atribuições conferidas às pessoas na sociedade organizada. Por seu turno, o advogado exercita nobre mister ao meio social. Ambos, juiz e advogado – e outros operadores do Direito – não necessitam expressar-se com a utilização de linguagem esotérica e retórica, quando não servil, sob pena de lhes servir o rótulo de "chatos". Quem é o chato? Walter Winchell define com argúcia: *"Chato: um sujeito que envolve uma ideia de dois minutos num palavreado de duas horas"*.

Em entrevista ao jornal *O Estado de S. Paulo* (dez. 1999, p. 38), o meritíssimo Juiz de Direito José Renato Nalini, então conselheiro da Escola Paulista da Magistratura, afirmou: Se o português é essencial para qualquer carreira, em relação ao Direito ele é um pressuposto. A única arma do bacharel é a linguagem. Do mau conhecimento ou da inadequada utilização desse instrumento, poderão derivar vulnerações e mesmo o perecimento de direitos alheios, como a liberdade, a honra e o patrimônio das pessoas.

Nadólskis, Marcondes e Toledo (1997: 7) asseveram, no mesmo diapasão: Todo cidadão deve zelar pelo vernáculo, mas o advogado é o grande profissional da palavra. É a palavra que dá forma final a seu trabalho. Se ele não sabe usá-la com perícia, os testemunhos, os documentos, o apoio legal, a bibliografia jurídica, as provas factuais não se transformam em argumentos e não lhe permitem defender, acusar, contestar, exigir, exortar, tergiversar, persuadir, convencer com eficiência. Seu sucesso na profissão é diretamente proporcional a seu desempenho linguístico, a sua habilidade em manejar palavras.

E prosseguem os renomados autores: Muito mais que a parafernália retórica é o respeito a esta verossimilhança que persuade e convence, dando foros de verdade aos textos jurídicos, porque um discurso vazio, por mais retumbante que seja, não convence ninguém, é "címbalo que tine", "bronze que soa", cujo som não persiste (1, Co, 13). (...) O advogado é o homem da palavra, e a palavra é a "terra" que lhe cabe submeter e dominar (Gen, 2).

Sabe-se que o advogado despreparado possui vocabulário limitado. Desconhece o sentido das palavras e raramente consulta o dicionário. Esse distanciamento do vernáculo é maléfico, porque o retira do "mundo das letras", alienando-o em um

ambiente de "falso conhecimento" do léxico, o que é de todo condenável. É comum encontrar operadores do Direito que opinam sobre regência de verbos, concordância de nomes, uso de crase e ortografia, sem que se deem ao trabalho de se dedicar à penosa tarefa de assimilar as bases da gramática do idioma doméstico. Encaixam-se, portanto, no perfil de ousados corretores que, no afã de corrigirem, extravasam, na verdade, um descaso com a língua, ao contrário do que pensam exteriorizar: domínio do português. Não é por acaso[6] que, segundo os árabes, "nascemos com dois olhos, dois ouvidos, duas narinas e… uma boca". É para ter mais cuidado no falar.

Em entrevista ao *Jornal do Advogado* (OAB), em 8 de junho de 2001, Miguel Reale, ao ser inquirido sobre quais eram os pré-requisitos para o exercício da carreira de advogado, respondeu: Em primeiro lugar, saber dizer o Direito. Nos concursos feitos para a Magistratura, para o Ministério Público e assim por diante, a maior parte das reprovações são devidas à forma como se escreve. Há uma falha absoluta na capacidade de expressão. Então, o primeiro conselho que dou é aprender a Língua Portuguesa. Em segundo lugar, pensar o Direito como uma ciência que envolve a responsabilidade do advogado por aquilo que diz e defende. Em terceiro lugar, vem o preparo adequado, o conhecimento técnico da matéria.

Nesse passo, Nascimento (1992: 248-249) relembra com precisão que "embasando as qualidades da linguagem do Direito está a Gramática, *lato sensu*[7]. Não há advogado sem gramática, visto como a intelecção, ou a interpretação de leis, sentenças, acórdãos, contratos, escrituras e testamentos se reduz à análise do texto à luz da gramática".

Como se nota, o desconhecimento do vernáculo torna o advogado um frágil defensor de interesses alheios, não sendo capaz de convencer sobre o que arrazoa, nem postular adequadamente o que intenciona. Pode até mesmo se ver privado de prosseguir na lide, caso elabore uma petição inicial ininteligível ou em dissonância das normas cultas da Língua Portuguesa, uma vez que o Código de Processo Civil, no art. 156, obriga o uso do vernáculo em todos os atos e termos do processo.

Ao se referirem sobre a possibilidade de se considerar "inepta"[8] uma petição inicial, Nadólskis, Marcondes e Toledo (1997: 21) citam De Plácido e Silva, para quem a petição assim se revela "quando não se mostra fundada na razão e se apresenta confusa, ou inconcludente, ou contraditória, ou desconexa, ou absurda".

E prosseguem os renomados autores, afirmando que estas considerações levam a inferir que o advogado, além de conhecer o ordenamento legal, tem de dominar as técnicas redacionais, a fim de construir um texto coeso e coerente, livre de ambíguas ou múltiplas interpretações, sem contar a exigência de um padrão culto de língua. Não há necessidade de rebuscamentos. Bastam[9] a clareza e a correção.

Desse modo, o aplicador do Direito deve atrelar à linguagem jurídica um razoável conhecimento das normas de rigor[10] do nosso léxico, a fim de que logre se destacar na arte de convencer outrem – ofício primacial do causídico.

Segundo Damião e Henriques (2000: 27), "o ato comunicativo jurídico, conclui-se, exige a construção de um discurso que possa convencer o julgador da veracidade do 'real' que pretende provar. Em razão disso, a linguagem jurídica vale-se dos princípios da lógica clássica para organização do pensamento. (…) O discurso jurídico constrói uma linguagem própria que, no dizer de Reale (1965: 8), 'é uma linguagem científica'".

A propósito[11] do termo *linguagem jurídica*, faz-se mister elucidar que é gênero do qual exsurge espécie conhecida por *linguagem forense*. Esta representa a linguagem do advogado, enquanto aquela refere-se à linguagem jurisprudencial, doutrinária ou legislativa. Há três funções para a *linguagem forense*: tomar cautela, escrever e responder. Na verdade, as três palavras (verbos) encerram o nobre mister do advogado, podendo ser assimiladas, consoante a língua latina, em *cavere*, *scribere et respondere*. Não há como conceber o dia a dia do advogado despido dessas funções: sempre deve redigir as peças (*scribere*), tomando cautela com o procedimento nas ações (*cavere*) e com a resposta aos atos processuais (*respondere*).

Por meio de uma linguagem jurídica breve, clara e precisa, o operador do Direito reúne atributos à formação da *elegantia juris*, como denomina Jhering, ou beleza funcional (ou *estética funcional*). A dificuldade a ser suplantada pelo causídico em seu eminente trabalho diuturno 12 é conciliar a brevidade com a clareza, alcançando-se o conceito da *elegantia juris*.

JURISMACETES

1. FAZER JUS A SITUAÇÃO: ELE FEZ JUS À VITÓRIA.

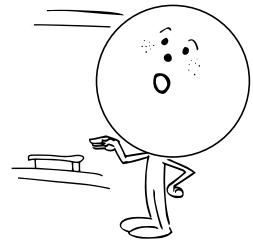

Comentário: a expressão idiomática **fazer jus a**, no sentido de "merecer", é bastante encontradiça na linguagem forense. O problema está na grafia do monossílabo **jus**, que deve ser grafado sem acento e com -s. Cuidado com o equivocado -z, criando-se um "juz" de "outro planeta"... A dúvida, talvez, nasça da infundada associação a outros monossílabos, terminados em -z, como fiz, diz, faz, paz. Aproveitando o ensejo, vale notar a semelhança com pus, grafado com -s, quer no sentido de "secreção", quer como "1ª pessoa do singular (eu) do pretérito perfeito do indicativo do verbo pôr". Por derradeiro, não é inoportuno relembrar que os tempos derivados dos verbos pôr e querer serão sempre grafados com -s, como pus, pusera, puséssemos, puser, quis, quisera, quiséssemos, quisestes.

2. RIXA SITUAÇÃO: O CRIME DE RIXA TEM PREVISÃO NO ART. 135 DO CÓDIGO PENAL.

Comentário: o substantivo **rixa** deve ser grafado com -x. Dele derivam nomes como rixentos e rixosos. Grafam-se, ademais, com -x: xampu, xícara, xaxim, lagartixa, coaxar, bruxa, xucro, xingar, extravasar, extemporâneo.

3. VIVER À CUSTA DE – ESTAR EM VIA DE SITUAÇÃO: O GENRO VIVE À CUSTA DO SOGRO.

Comentário: a locução prepositiva **à custa de** é escrita sem o -s ("custas"). Há quem admita a forma "às custas de", porém, à luz do português jurídico, é preferível a utilização de à custa de (sem o -s). O que existe é **custas**, como substantivo designativo de "despesas processuais". Com propriedade, Jucá Filho (1963: 178) estabelece clara distinção, citando dois exemplos: "Consegui-o à custa de muito bom dinheiro; e Ele foi condenado às custas do processo".

Diga-se, ainda, que a expressão "às custas de" é de péssima sonoridade, denotando total falta de familiaridade com as normas cultas da Língua Portuguesa. Portanto, com correção: • Ele vive à custa do pai.

- O serviço foi feito à minha custa.
- Fez concessões à custa do amigo.
- O réu vivia à custa de sua companheira.
- "À custa de quem se vestem estes Narcisos e Adônis?" 13.

Uma locução equivalente que pode ser utilizada é **a expensas de** (sem crase) ou **às expensas de** (com crase). Expensas são gastos ou despesas. Observe as frases abaixo: • "O posto policial foi instalado a expensas da Companhia" 14.

- O noivo desempregado vive às expensas da noiva paciente.

O mesmo se diga da locução prepositiva **em via de**, equivalente a "prestes a", que deve ser escrita sem o -s. A expressão "em vias de" já está dicionarizada e, portanto, pode ser aceita em Português, embora não represente forma adequada à luz do português jurídico. Logo: • O jovem está em via de completar a maioridade.

- O namoro está em via de romper-se.
- O barraco, em virtude das fortes chuvas, estava em via de desabar.

com vista a é biforme, podendo ser utilizada com -s (**com vistas a**). Uma e outra significam "a fim de, com o propósito de", sendo chanceladas pelos dicionários em ambas as formas.

4. À MEDIDA QUE – NA MEDIDA EM QUE À MEDIDA QUE ESTUDAVA, PERCEBIA QUE O ESTUDO É MISTER CUMULATIVO.

à medida que deve ser grafada com o sinal indicador da crase e, principalmente, sem a inoportuna preposição "em", criando a inadequada expressão "à medida em que". Com efeito, a locução vernácula à medida que possui timbre de imutabilidade, sendo cristalizada. Portanto, não se pode alterar aquilo que se nos apresenta fossilizado no léxico. Nesse passo, veja-se que a crase ocorre, de modo similar, em às pressas, à custa de, à risca, à vista, à proporção que, entre outras locuções adverbiais, prepositivas ou conjuntivas. Por seu turno, a expressão em análise, não obstante considerada galicismo pelos puristas, é forma vernácula, tendo as seguintes variações: à proporção que, conforme, ao mesmo tempo que, entre outras, que delineiam uma ideia de variação do estado de coisas em razão proporcional. Exemplos: • Ele chorava à medida que relia seu nome na lista de aprovados.

- A carga tributária do Brasil subia à medida que os tributos eram majorados.
- As taxas de juros irão baixar à medida que os preços dos bens de consumo caírem.

Ressalte-se que, paralelamente à locução em comento, exsurge outra, bastante semelhante, todavia com sentido diverso: **na medida em que**. Essa locução conjuntiva causal traz em seu bojo a preposição "em", agora plenamente cabível. Tendo o sentido de "tendo em vista que", introduz uma oração com a ideia de causa. Exemplificando: • Ele bateu todos os recordes olímpicos na medida em que treinou com obstinação.

- Ele não passou no concurso na medida em que vivia na folia.
- "A regra da igualdade não consiste senão em quinhoar desigualmente aos desiguais, na medida em que se desigualam" (Rui Barbosa).

5. FORO (Ô) O TERMO FORO (Ô) CONTÉM VÁRIAS ACEPÇÕES, A SABER: A) O PODER JUDICIÁRIO, O JUÍZO. EXEMPLO: • OS CONTRATANTES ELEGEM O FORO DESTA CIDADE PARA DIRIMIR QUAISQUER QUESTÕES ORIUNDAS DO CONTRATO.

b) O prédio no qual funcionam as repartições do Poder Judiciário. Exemplo: • O foro da Comarca estava localizado no bairro de Pinheiros.

c) O poder de julgar, ou seja, a alçada ou jurisdição. Exemplos: • Foro civil – Foro criminal – Foro trabalhista – Foro militar – Foro judicial.

d) A quantia que o enfiteuta paga ao senhorio direto pelo uso de um imóvel foreiro. Exemplo: • O foro pago pelo enfiteuta onerou em demasia suas reservas.

e) O direito, na forma plural, como "foros" (pronuncie "fóros"). Exemplo: • Ele adquiriu foros de cidadania.

f) O juízo da própria consciência, na expressão idiomática **foro (ô) íntimo**.

foro (ó): designação da praça romana, cercada de prédios públicos, onde as pessoas se reuniam para discutir os negócios públicos. No foro (/ó/) romano, competiam aos pretores os julgamentos das demandas ou causas.

A HORA DO ESPANTO

AS "PÉROLAS" DO PORTUGUÊS 1. ASALTO CORREÇÃO: ESCREVE-SE ASSALTO**, COM DOIS "SS".**

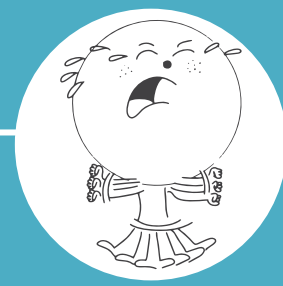

2. Aperfeiçoação Correção: o VOLP somente admite aperfeiçoamento**, ficando outros vocábulos adstritos ao campo da invencionice.**

2 A COMUNICAÇÃO JURÍDICA

O texto jurídico na petição é uma forma de comunicação entre o advogado (transmissor) e o juiz (receptor), por meio da mensagem (pretensão aduzida pelo transmissor).

Na linguagem escrita, diferentemente da despretensiosa e possível linguagem falada do dia a dia, cabe ao operador do Direito a irrestrita adesão às normas da gramática, devendo o transmissor preocupar-se com a clareza e a objetividade. Esse cuidado no redigir remete aquele que lida com a linguagem jurídica, na qualidade de transmissor da mensagem, à chamada norma culta, aquela de maior prestígio, por meio da qual deverá observar as normas gramaticais em sua plenitude. Dessa forma, o profissional do Direito deve ficar circunscrito ao rigor da linguagem formal.

A *norma culta*, segundo os notáveis dizeres de Dino Preti (1987:54), ocupa o patamar do ideal linguístico de uma comunidade, como a norma de maior prestígio social. Trata-se da norma-padrão, utilizada pelas pessoas cultas e escolarizadas, servindo como o veículo de todo complexo cultural, científico e artístico que se viabiliza na forma escrita. É a norma tradicionalmente observada nos ambientes acadêmicos (conferências, universidades, reuniões formais) e escolares, embora se possa – e deva-se – deixar claro que tanto a norma popular como a norma culta serão apropriadas, dependendo do contexto em que se estabelecerem.

Devemos evitar os maus hábitos da linguagem descomprometida, veiculada com descaso no exprimir. Como nós representamos o mundo intelectualmente por palavras, não podemos corromper nosso pensamento com vocábulos ruins ou incorretos, falseando nossa visão, e prejudicando o propósito comunicacional.

Hodiernamente, é evidente a deturpação da linguagem por aqueles que a deveriam mimar. Refiro-me aos vários meios de comunicação escrita e falada (jornais, revistas e periódicos; universidades e centros de informação) e, fundamentalmente, àqueles de comunicação televisiva e auditiva (tevê e rádio). Apresentam-se dia a dia com uma linguagem distante das normas cultas, incapaz de convencer, quanto menos seduzir. Aliás, nos últimos tempos, não é raro deparar o cultor do idioma, para o seu mais genuíno desespero, com a mensagem falaciosa propagada por esses meios de comunicação de que "não importa a linguagem correta, mas, sim, a comunicação...". Tirante a absurdez do enunciado, é de se indagar: o que é "comunicação", senão a informação transmitida com linguagem escorreita e preocupada com o êxito comunicacional? Afinal, a boa linguagem é aquela que consegue expressar adequadamente um assunto querido, no contexto situacional pertinente. Essa adequação nasce, necessariamente, a partir da obediência ao rigor linguístico, responsável pela formação de uma mensagem que convence e seduz.

Portanto, a proliferação da linguagem desconexa, com desprezo à etimologia e à semântica, torna o emissor incapaz de representar a realidade por meio de palavras, inviabilizando uma comunicação adequada entre as pessoas.

Um exemplo retumbante de linguagem "nova", sem nexo etimológico nem semântico, que tem corrompido as estruturas basilares da boa linguagem é aquela utilizada na Internet e nos *sites* (em Portugal, é dito *sítios*), por internautas e seus usuários. Ali não se comunicam por palavras, balbuciam-nas. A estrutura frasal (sujeito, verbo e complemento) é inexistente. Quer-se comunicar com o menor número de toques no teclado, nem que sejam cinco, quatro, dois ou, o que é incrível, um toque. Deturpa-se o pensamento e sua tradicional manifestação. Corrompe-se a boa linguagem, por meio de uma manifestação "automática" do pensar. Pergunta-se: *para onde teriam ido a linguagem literária, o sentido das palavras, a arte de*

escrever e se comunicar e a técnica da redação?

Visto que[15] é inequívoco o descaso com nosso léxico, é imperioso que nos conscientizemos da necessidade de uma "realfabetização", que nos municie a tomar novos rumos na formação de um processo linguístico satisfatório na arte da comunicação. O trabalho é árduo, haja vista a propaganda ideológica contrária que, manipuladoramente irreal, leva o aplicador do vernáculo a crer que "falar ou escrever bem" é "falar ou escrever simples, mesmo que o 'simples' atente contra as regras gramaticais". Pelo menos no contexto do discurso jurídico, em que a linguagem solene é indispensável, não se pode admitir argumento desse jaez, uma vez que "falar ou escrever bem no mundo do Direito" é se pautar na arte do convencimento com sedução, à luz das normas cultas da Língua Portuguesa.

Luis Fernando Verissimo, defendendo a tese de que a linguagem é meio de comunicação, considera indispensável obtê-la, independentemente da obediência cega às normas de rigor da Gramática. Mostrando no trecho a seguir uma divertida "implicância" com a Gramática, o ínclito escritor reconhece ser indispensável a intimidade com o léxico, até porque seu ofício é escrever, mas traz algumas ressalvas. Daí intitular seu interessante artigo, com o humor que lhe é característico, de "O Gigolô das Palavras". Observe um trecho do artigo extraído da obra de Rodríguez (2000: 278):

> (...) a linguagem, qualquer linguagem, é um meio de comunicação e que deve ser julgada exclusivamente como tal. Respeitadas algumas regras básicas da Gramática, para evitar os vexames mais gritantes, as outras são dispensáveis. A sintaxe é uma questão de uso, não de princípios. Escrever bem é escrever claro, não necessariamente certo. Por exemplo: dizer 'escrever claro' não é certo, mas é claro, certo? O importante é comunicar. (E quando possível surpreender, iluminar, divertir, comover... Mas aí entramos na área do talento, que também não tem nada a ver com a Gramática.)
>
> A Gramática é o esqueleto da língua. Só predomina nas línguas mortas, e aí é de interesse restrito a necrólogos e professores de Latim, gente em geral pouco comunicativa. Aquela sombria gravidade que a gente nota nas fotografias em grupo dos membros da Academia Brasileira de Letras é de reprovação pelo Português ainda estar vivo. Eles só estão esperando, fardados, que o Português morra para poderem carregar o caixão e escrever sua autópsia definitiva. É o esqueleto que nos traz de pé, certo, mas ele não informa nada, como a Gramática é a estrutura da língua, mas sozinha não diz nada, não tem futuro. As múmias conversam entre si em Gramática pura.

Concordar ou não com a tese exposta por Verissimo é uma questão de posicionamento pessoal e, sobretudo, situacional. É claro que, assim pensando, não estamos negando o fato de que a língua é propensa a variações. Não advogamos a tese da existência de uma única norma linguística possível, em que a língua seria representada por uma entidade monolítica, imutável – a própria norma linguística gramatical ou dicionarizada. Com efeito, a ideia de "monólito" é expressiva, porquanto tal palavra refere-se àquilo que forma um só bloco, um todo rígido, homogêneo, impenetrável. Assim, a língua teria uma única face de realização, e aquilo que pretendesse desafiar os cânones da gramática normativa seria tachado de "erro crasso". Sabemos da impraticabilidade dessa visão e não a endossamos. É evidente a existência de mais de uma norma linguística possível, em que a língua será representada por conjunto de normas, no lugar de uma entidade monoliticamente prescritiva ou dicionarizada. Nesse passo, as faces de realização da língua estabelecem, com a gramática normativa e com os dicionários, um diálogo de maior ou menor aproximação.

A questão que nos aflige é outra: *o que se espera de um operador do Direito no seu trato com a escrita e com a fala?* A nosso ver, o problema da norma linguística tem de considerar a língua efetivamente realizada, observando cada interação em sua integralidade e complexidade. Ou seja: é a própria sociedade que deve configurar "o que e como" se espera que se diga/escreva, em cada interação. Se esta requer um registro mais elaborado do falante – como o que deve prevalecer no mundo do Direito –, este deverá utilizar recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais mais elaborados, sob pena de sofrer uma "sanção social". Por outro lado, se a interação requer um registro menos comprometido com a tradição (algo próximo do coloquial) – o que não é comum no discurso do Direito –, o falante deverá utilizar recursos lexicais menos sofisticados,

também sob pena de "sanção social", caso a isso desobedeça. Portanto, tudo dependerá de cada interação ou situação de comunicação. Não há um registro linguístico único para todas as interações. Há um registro linguístico adequado para cada interação (cf. Leite, 2005: 196-197).

Na atualidade, é possível encontrar escritores famosos, mestres e até doutores, na área jurídica ou não, que, por não terem adquirido os rudimentos gramaticais, permanecem "analfabetos", incapazes de completar uma frase, redigir um período compreensível e, muito menos, desenvolver uma dissertação, embora escrevam teses eruditas, ainda que se espere deles uma linguagem de prestígio.

Parafraseando uma tirada famosa de Churchill, deles se poderia dizer que *"quando se sentam para escrever não sabem o que vão dizer; quando escrevem, não sabem o que estão dizendo; e, quando terminam, não sabem o que disseram"*. Muito menos seus leitores – infelizes destinatários da mensagem.

Ao redigir as peças, ao advogado compete buscar a clareza a todo custo, imprimindo nas palavras um sentido próprio e denotativo, a fim de que não se permita mais de uma interpretação ao que se expõe. *"A palavra é a porta de entrada para o mundo"*, nas palavras de Cecília Meireles, devendo o advogado atravessá-la por meio de uma linguagem satisfatória.

A linguagem conotativa precisa ser evitada, relatando-se os fatos como foram de verdade, e não como deveriam ter sido.

Vamos diferençar "denotação" de "conotação":

- Denotação: linguagem referencial que reflete o mundo objetivo, representando a realidade.
- Conotação: linguagem figurativa que alcança o mundo subjetivo, diferente da realidade posta. Designa tudo o que o termo possa avocar, com interpretações diferentes e múltiplas, dependendo do contexto em que se conferir. Por meio da linguagem conotativa, transcende-se a realidade.

Portanto, a linguagem denotativa é aquela que deve nortear os petitórios, sendo exteriorizada por meio do idioma nacional – o português. Com efeito, é patente a imprescindibilidade do uso do idioma nacional nos atos processuais, além de corresponder a uma exigência que decorre de razões vinculadas à própria soberania nacional, como projeção caracterizadora da norma inserida na Constituição Federal, art. 13, *caput*, que proclama ser a Língua Portuguesa o idioma oficial da República Federativa do Brasil.

Dessarte, os arrazoados demandam conteúdo acessível a todos, nada impedindo que se valha o culto causídico de frases ou expressões em outro idioma, para as quais, dependendo do caso, deve proceder à imediata tradução na peça.

É tempo, pois, de se mudar a linguagem jurídica, livrando-a de excessos, dos "entulhos literários" e da adjetivação presunçosa. Confeccionar uma narrativa clara e concisa dos fatos é burlar as extravagâncias de linguagem, a serviço da Justiça [16] e da imagem de quem a emite. Aliás, Guimarães Rosa não poupa justeza quando assevera que *"o idioma é o espelho da personalidade"*.

Parafraseando, nesse ínterim, a expressão latina *Dat mihi factum, dabo tibi jus* e adequando-a à mensagem querida, ter-se-ia: "Dá-me os fatos" com simplicidade e clareza, e "eu te darei o direito", com praticidade e bom senso.

À guisa de exemplificação, conta-se que um assessor de Franklin Roosevelt, ao ajudá-lo na elaboração de um discurso, escreveu: "Esforçar-nos-emos para criar uma sociedade mais inclusiva". O presidente americano, ao lê-la em voz alta, achou-a vazia e pretensiosa, substituindo-a por: "Vamos construir um país em que ninguém fique de fora". Aula de simplicidade, não acha?

Devemos, dessa forma, evitar expressões como "vem à presença de Vossa Excelência com o mais inclinado respeito ...".

Basta ir à presença ou estar na presença, pois o advogado tem o dever de postular o direito de seu cliente, e o magistrado, o dever de prestar a jurisdição.

Ou ainda: "fulano de tal vem à presença rutilante, refulgente, briosa, resplandecente, preclara e esplendorosa de Vossa Excelência ...". Perguntar-se-ia: isso é real? Porque, a princípio, não se acreditaria que algum advogado tenha escrito dessa forma em petição... Dir-se-á: que mente criativa! Todavia, infelizmente, é real! Bem que Miguel de Cervantes, em seu romance *Dom Quixote* (1605), já havia prelecionado, no século XVII: *"A pena é a língua da mente"*.

Em petições ou sentenças, chega-se, às vezes, ao ridículo de falar com o objetivo de não ser entendido, como denota esta pérola de linguagem a seguir demonstrada:

> "Declinam estes autos saga de prosaico certame suburbano, em que a destra contrariedade do ofendido logrou frustrar sanhuda venida de um adolescente. Foi na Vila Esperança, nesta urbe, em noturna e insone hora undevicésima...".

Seria bem mais simples e clara a transcrição:

> Os autos tratam de um trivial conflito, na Vila Esperança, às 19h, ocasião em que o ofendido conseguiu evitar o repentino e furioso ataque de um adolescente.

Ou, ainda, esta outra, que ressuscita uma "múmia" do vernáculo: o obsoleto termo suso. Vejamos:

> "Impende aludir ao venerando argumento suso mencionado ...".

A propósito, a palavra "suso" – com o significado de antes, acima –, não obstante ser do jargão jurídico, padece de insustentabilidade. Por que não se falar, simplesmente, "acima"? Sem contar a falta de sonoridade do vocábulo, que tem sofrível prosódia.

Rodríguez (2000: 38), ao tecer comentários sobre jargão [17], preleciona que, "ao cuidarmos da seleção das palavras, devemo-nos ater ao chamado vocabulário jurídico. Todos sabemos que o advogado tem, por assim dizer, uma linguagem própria, peculiar a sua classe. Isso importa em afirmar que algumas palavras do universo do léxico português, apesar de serem, em tese, acessíveis a qualquer falante, são mais utilizadas pelos advogados, por uma série de motivos". Portanto, o renomado autor entende que o jargão representa a gíria profissional ou a ornamentação que dá forma à linguagem, em aplicação, em

nosso caso, ao Direito.

Deve, portanto, o profissional do Direito agir, pensar e escrever na atualidade, e para a atualidade, sem qualquer prejuízo à qualidade das petições ou para a eficácia dos julgados. Dessa forma, ter-se-á aproximado do conceito da comunicação perfeita, respeitando o destinatário da mensagem, a si próprio e o próprio idioma nacional. Afinal, parafraseando Caetano Veloso, sempre é bom lembrar: *"Minha pátria é minha língua"*.

JURISMACETES

1. A LIBIDO DESENFREADA E O DÓ DA VÍTIMA DO CRIME SEXUAL

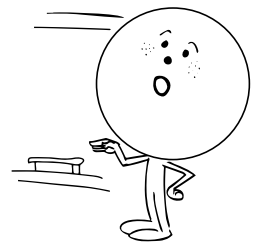

Situação: A libido incontida do estuprador levou-o ao cometimento do crime de estupro.

Comentário: a **libido** (ou **concupiscência**) designa o apetite sexual. A preocupação, à luz da Língua Portuguesa, é que o nobre usuário do idioma saiba que libido é substantivo feminino, portanto, grafando-se, sempre a libido, minha libido, sua libido, aquela libido (com determinantes desse gênero feminino). No exemplo em epígrafe, trouxemos à baila outro substantivo de gênero comumente "assassinado", a saber, **dó** – um substantivo masculino. Portanto, diga sempre: o dó; um dó, na acepção de "pena, compaixão, comiseração".

2. EXCEÇÃO

Situação: "A exceção só é regra se a regra for exceção" (o Autor).

Comentário: o vocábulo **exceção**, a par de outros, como excesso, excessivo, excessivamente, excepcionar, deve consumir a atenção do aplicador do Direito, sob pena de o erro ortográfico patentear um inequívoco desleixo do usuário com relação à língua aplicada em seu dia a dia. Insistimos com frequência em salas de aula e auditórios, nos quais proferimos aulas e palestras, que o advogado, juiz ou promotor que escorregar nas palavras em estudo estará fadado à crítica severa e merecida. Saliente-se que a ferramenta de trabalho do operador do Direito é a palavra, e ela deve ser manuseada com domínio e segurança.

3. EXCESSO

Situação: Sua Excelência estava com um excesso de trabalho, o que a motivou a tomar uma excepcional e excêntrica providência.

Comentário: a frase disposta acima traz à baila o dígrafo -xc e seu uso em vocábulos de nosso léxico. Como se notou, **excesso**, a par de excelência, excepcional, excêntrica, entre outros vocábulos, é grafado com -xc. Com efeito, deve-se tomar cuidado com a grafia de tais palavras, principalmente quando formadas com mais de um dígrafo, como "excesso" ("xc" e "ss"). Aliás, os nomes derivados são escritos da mesma forma: excessivo e excessivamente.

4. INTERCESSÃO DO JUIZ

Situação: Houve a intercessão do juiz na seção eleitoral, a qual ficou desfalcada com a saída do funcionário para fazer uma secção da perna.

Comentário: o verbo interceder, derivado de ceder, provoca o surgimento do substantivo **intercessão** (ceder – cessão). Nesse passo, não é demasiado relembrar que sessão (com "três 'esses'") designa o tempo que dura uma reunião, apresentação (sessão de Júri, sessão de cinema); seção (ou secção), o departamento ou a divisão (seção eleitoral, seção de brinquedos, seção de eletrodomésticos). Usa-se, de modo restrito, secção para corte em operação médica (secção do osso, secção da ferida) e, também, ceção para frescura.

A HORA DO ESPANTO

AS "PÉROLAS" DO PORTUGUÊS

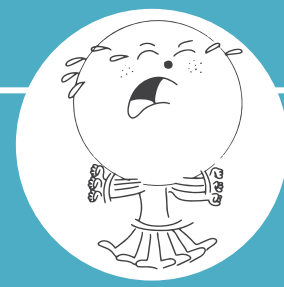

1. Serve para prosperá

Correção: o verbo adequado é prosperar (-rar), devendo ser pronun-ciado o "erre" final, em abono da boa sonoridade das letras.

2. Bom-censo

Correção: a expressão correta é bom senso, sem hífen, para o VOLP.

3 A BOA LINGUAGEM

O pensamento humano organiza-se, articula-se e ganha nitidez à medida que o indivíduo exercita a linguagem. Quanto mais [18] nos esforçamos para exprimir nossas ideias de modo claro, mais alcançamos essa virtude rara na comunicação.

Isso nos leva a admitir que a escrita pode ser aprimorada ao longo do tempo. É sabido que não se consegue fluência em um idioma sem contínuo esforço. É importante também frisar – com uma boa dose de ufanismo, é claro – que há idiomas e idiomas, isto é, não há parâmetros de comparação entre nosso riquíssimo vernáculo e outras línguas do globo. Espalhados pelos cinco continentes, somos mais de 240 milhões de cultores de um idioma sedutor e rico. Nesse passo, Analu Fernandes obtempera: *"A língua portuguesa não é difícil. É rica"*.

Essa riqueza, que se mostra pelo brilho de uma gramática lógica e empolgante, tem que ser perscrutada e assimilada, cotidianamente. À proporção que se aperfeiçoa a linguagem, aprimora-se o modo de pensar porque o desenvolvimento da linguagem permite a organização do pensamento e a exteriorização deste em toda a sua complexidade. O esforço trará a consecução do resultado querido: o sucesso na transmissão do pensar. Aliás, *"o que é escrito sem esforço é geralmente lido sem prazer"* (Samuel Johnson).

Como se pode notar, a boa linguagem passa por organização das ideias, com o propósito de que o pensamento, uma vez disciplinado, possa se traduzir em convencimento de outrem. Mas como se devem organizar as ideias? É o que veremos no próximo tópico.

3.1. A ORGANIZAÇÃO DAS IDEIAS

A expressão do pensamento é uma manifestação humana, que pode se representar pela exteriorização da fala, de gestos, da escrita ou de comportamento. O objeto principal da presente obra é analisar a expressão do pensamento pela escrita, que exige igualmente uma disciplina no pensar. É vital, para uma escrita a contento, que se conceba de antemão a ideia querida, refletindo-a em um processo de "ruminação mental", com o fito de manifestá-la com a clareza e a objetividade da boa linguagem. Com efeito, aquilo que se pretende enunciar deve ser bem concebido, com uma detida reflexão da manifestação pretendida. Repise-se que a *reflexão* é pré-requisito para a *expressão*.

É necessário pensar detidamente sobre um assunto, uma ideia, antes de expressá-la. O pensamento, em sua origem, é uma massa disforme que, aos poucos, vai ganhando ordem e corporificação, na busca das palavras exatas que servirão para transmiti-lo.

Em nosso dia a dia, no entanto, não nos dedicamos a essa prática, acabando por cultivar hábitos impulsivos de exteriorização de ideias, o que torna o texto escrito tradutor de lampejos mentais irrefletidos.

O mestre Câmara Jr. (1996:10) ensina:

> A precisão lógica da exposição linguística importa, antes de tudo, no problema da composição, que consiste em ajustar e concatenar os pensamentos. O próprio raciocínio ainda não exteriorizado depende disso para desenvolver-se. Antes de nos fazermos entender pelos outros, temos de nos entender a nós mesmos (...).

No mesmo rumo, Confúcio, de há muito, prelecionava que, *"se a linguagem não tem sentido, a ação torna-se impossível e, consequentemente, todos os assuntos humanos se desintegram e torna-se impossível e inútil seu manejo"*.

Ainda, a corroborar o exposto, a maior de todas as poetisas brasileiras – Cecília Meireles – assevera, com riqueza de pensamento, que *"a palavra é a porta de entrada para o mundo"*. Portanto, entendemos que, se não a usarmos com perspicácia, com organização, seremos alvo de uma "babelização" na transmissão do pensamento em nosso cotidiano.

Posto isso, é crucial que busquemos a arte na comunicação, mantendo organizadamente a conexão entre as palavras e a realidade que designam. Vale dizer, somente pelo caminho de uma linguagem correta e inteligível é que se pode avançar na trilha que assegura a adequada comunicação.

3.2. QUALIDADES DA BOA LINGUAGEM

O operador do Direito, em seu dia a dia, deve utilizar uma linguagem castiça, procurando construir um texto balizado em parâmetros que sustentem a boa comunicação. Nos dias atuais, o ato de comunicar precisa ser eficiente e rápido. Assim, esteja atento para as virtudes de estilo ou qualidades da boa linguagem. Veja a seguir os fatores que influem positivamente no processo de manifestação verbal.

3.2.1. Correção: traduz-se na obediência à disciplina gramatical, com respeito às normas linguísticas. A correção deve ser conquistada com o uso de uma linguagem escorreita, livre de vícios, formando uma imagem favorável do comunicador perante os receptores das mensagens. Há, pois, a necessidade de uma linguagem inatacável, quer sob o aspecto técnico-jurídico, quer à luz da própria casticidade do idioma.

Nascimento (1992:3) preconiza que "a correção é um pressuposto. É inadmissível o advogado escrever com erros ortográficos ou sintáticos". Exemplo: Na oração "Assim, requer o Autor à Vossa Excelência …", há vício gramatical quanto ao acento grave indicador da crase, uma vez que se deve grafar "*Assim, requer o Autor a Vossa Excelência* …", sem o sinal indicador, uma vez que não há crase antes de pronome de tratamento (ressalvado o caso – conquanto tratado com certa polêmica – de *senhora, senhorita, dona* e *madame*).

Nesse passo, há impropriedades que são verdadeiras "encruzilhadas diante das quais tantas vezes param perplexos os usuários da língua portuguesa" (Domingos Paschoal Cegalla). O pronome "se", por exemplo, e, mais precisamente, a flexão verbal – causa verdadeira "tragédia" na vida dos operadores do Direito menos cautelosos. No lugar de *compram-se casas, alugam-se apartamentos* e *trata-se de problemas*, aparecem graves situações com as equivocadas formas "compra-se casas", "aluga-se apartamentos" e "tratam-se de problemas".

No entanto, o estudioso e aplicador do idioma deve sempre ter parcimônia, a fim de que a preocupação exacerbada com o purismo ou com aquilo que não deve ser dito não sacrifique a espontaneidade, podando a ideia a ser transmitida.

A obediência ao rigor gramatical não deve provocar a abertura de um "abismo" entre o anunciante e o leitor da mensagem. O segredo da boa comunicação está na receita: *simplicidade com propriedade* – a primeira indicando uma preocupação com quem lê; a segunda, uma preocupação de quem escreve.

3.2.2. Concisão: é qualidade inerente à objetividade e à justeza de sentido no redigir. Como se sabe, falar muito, com prolixidade, é fácil; o difícil é falar tudo, com concisão… É dizer muito em poucas palavras, evitando períodos extensos. A sobriedade no dizer, expondo o sentido retilíneo do pensamento, sem digressões desnecessárias e manifestações supérfluas,

representa o ideal na exposição do pensar. Quem fala em demasia abusa de frases "obesas", que mais parecem "pinheirinho de Natal" – cheias de enfeites e badulaques. Deve-se evitar a vazão à verborragia e à egolatria.

Nos dias atuais, com ofícios ou varas superlotadas de processos, uma constante no ambiente forense, a prolixidade no redigir é um danoso escudo contra o esvaziamento dos cartórios. Não há mais como tolerar petições gigantes, repetitivas, que tornam o estilo moroso e maçante, vindo de encontro aos interesses perquiridos pelo próprio subscritor do petitório, embora, às vezes, este não se deixe perceber. Deve o cauteloso peticionário redigir com concisão, substituindo por sinônimos as palavras repetidas, desmembrando períodos longos, procurando construir frases curtas, com objetividade.

Mais uma vez, vem à baila a argúcia de Nascimento (1992: 238), segundo o qual "a repetição, quer das ideias, quer de formas, gera a monotonia. Esta leva nosso leitor forçado, o juiz, a desinteressar-se da leitura. O abade Th. Moreaux demonstrou cientificamente que as repetições tornam o leitor desinteressado da leitura (*Science et Style*)".

É sabido que a frase longa é um labirinto de ideias várias que, desordenadamente, expõem-se sem sequência definida, frustrando-se o mister comunicativo. O cipoal de informações não leva a lugar qualquer, pois o leitor se cansa com facilidade ao acompanhar longos raciocínios sem pausas. A frase deve conter uma ideia principal e clara, que a norteie, em uma relação de causa-consequência, adição, comparação etc., não se podendo servir como veículo de períodos extensos e pouco nítidos ao leitor.

A propósito, a prolixidade – vício que se opõe à concisão – é visível em três comportamentos distintos do anunciante:

- nasce, pois, da necessidade de enfatizar alguma ideia ou fato do texto. Esse desejo provoca no redator desavisado a tentação da repetição desnecessária da mensagem e, com isso, gera confusão, em vez de clareza;
- surge no intuito de alongar o texto, preenchendo o trabalho com ideias que sobejam, frases caudalosas e dados inúteis. Dessa forma, procede-se a um preenchimento intencional de espaço e, necessariamente, ocupa-se o texto com menos informação e mais papel. Esse excesso é facilmente perceptível, servindo para retirar a autoridade da mensagem pretendida. Reitere-se que uma petição, em juízo, não é mais ou menos persuasiva se ocupar maior ou menor espaço, se contiver mais ou menos caracteres digitados. A qualidade do petitório não se mostra pela quantidade de vocábulos, mas pela pujança teórico-jurídica e pela vitalidade gramatical do subscritor;
- desponta na falsa impressão de que o texto confeccionado com frases maiores traduzirá maior conhecimento do elaborador, "impressionando" o destinatário com a obscuridade. O desejo de "causar impressão" denota uma extravagância desnecessária, além de provocar um natural afastamento do leitor, diante do eixo temático proposto.

Nessa esteira, segue com propriedade Rodríguez (2000: 4):

> Tem-se aconselhado aos operadores do Direito que sejam cada vez menos prolixos em suas exposições, e que, portanto, façam petições mais sucintas, objetivas, sem grandes delongas na exposição. (...) Na verdade, escrever bem é escrever com clareza, ordem e método, sem precisar delongar-se em ideias de pouca relevância para o resultado final da demanda. Um dos fatores pelo qual se constrói o bom texto é a seleção dos argumentos e elementos a serem enunciados, ou seja, a capacidade de delongar-se naquilo que é mais importante, e ser sucinto quanto ao que é, no contexto, periférico.

E prossegue o renomado autor (Rodríguez, 2000: 357):

> A frase deve ter uma ideia completa, sem grandes excessos. É que todo texto tem um ritmo que deve ser estabelecido e observado. Isso não significa dizer que uma petição deve-se preocupar com o tamanho das orações como aspecto mais relevante de sua enunciação, mas sim que um modo de tornar a leitura agradável e clara, principalmente nos textos mais longos, é manter frases de tamanho médio, que enunciem uma ideia completa, sem prolongar-se em detalhes.

Portanto, deve-se buscar transmitir o máximo de ideias com o mínimo de palavras, evitando a "enrolação". Pense que, quase sempre, o leitor do seu texto tem pouco tempo e quase nenhuma paciência disponível. A linguagem direta, sem rebuscamentos e excesso de adjetivações, comunica melhor.

Não é desnecessário salientar que, em concursos públicos, nos quais se exige a elaboração de peças escritas, deve o

examinando procurar se valer de um "rascunho", para, em ulterior momento, transpor as suas ideias para as páginas de correção definitiva. Recomenda-se que, depois de escrever na folha de rascunho tudo a que tinha direito, aí, sim, será o momento de "enxugar" o texto, melhorando frases, cortando outras, corrigindo grafias *etc.* E aparecerá, também, a grande oportunidade de eliminar detalhamentos desnecessários que, além de prejudicar o ritmo do texto, demonstram falta de confiança no que o anunciante escreveu anteriormente.

Segue um retumbante exemplo, em um pedido de petição, que denota a falta de concisão do operador do Direito:

> "Protesta, assim, o reconvinte pela produção de todos os meios de prova permitidos em Direito, sem exceção, especialmente, depoimentos pessoais, por parte da reconvinda, por parte de funcionários, por parte da Autoridade Policial e Investigadores, de vizinhos, de testemunhas outras, da juntada de novos documentos, prova pericial, expedição de ofícios e tantas quantas necessárias no decorrer da instrução processual".

Na verdade, o pedido poderia ter sido bem mais simples: 19

> "Protesta, assim, o reconvinte pela produção de todos os meios de prova permitidos em Direito, **incluindo** 2 depoimentos pessoais, a juntada de novos documentos, provas periciais e outras que se fizerem necessárias".

Nesse rumo, observe, nas frases adiante, como é possível aperfeiçoar frases, substituindo palavras ou expressões por outras mais fortes e adequadas, no intuito de conferir maior expressividade à ideia a ser transmitida. Vamos a elas:

1. Nesta lista há o seu nome.

   Prefira: *Nesta lista figura o seu nome.*

2. Devemos ter esperança.

   Prefira: *Devemos alimentar esperança.*

3. Ter boa reputação.

   Prefira: *Gozar de boa reputação.*

4. Ele teve uma ideia genial.

   Prefira: *Ele concebeu uma ideia genial.*

5. Ele só diz seus desgostos ao amigo.

   Prefira: *Ele só confia seus desgostos ao amigo.*

Além disso, recomenda-se que, ao enxugar o texto, proceda o cultor da boa linguagem à supressão de termos, como "coisa"

ou *pronomes demonstrativos* em demasia.

Exemplos:

1. A vaidade é coisa deplorável.

   Substitua "coisa" por "*vício*".

2. A guerra é uma coisa terrível.

   Substitua "coisa" por "*flagelo*".

3. Ele pratica a filantropia; isso o torna um bom homem.

   Substitua "isso" por "*essa virtude*".

Nesse rumo, é vital elucidar que a *concisão* passa por táticas simples, às vezes imperceptíveis por sua singeleza. Nosso léxico [20] é farto de termos variados. Podemos usar à vontade a substituição, na busca da objetividade da transmissão do pensamento. A propósito, veja que o *advérbio de intensidade* "muito" é, frequentemente, desnecessário, podendo ser substituído, como se notará nos exemplos a seguir:

1. Água muito clara.

   Troque por: *Água límpida*.

2. Estilo muito conciso.

   Troque por: *Estilo lacônico*.

Nas peças forenses, é comum encontrarmos *expressões supérfluas*, cuja simples supressão importará em aperfeiçoamento da frase. Observe os exemplos a seguir:

1. A prova pericial realizada concluiu que o resultado era inábil.

   Enxugando: *A prova pericial concluiu que o resultado era inábil*.

2. As testemunhas ouvidas deixam claro que o autor é inimputável.

   Enxugando: *As testemunhas deixam claro que o autor é inimputável*.

3. O acusado foi citado por edital, por não ter sido encontrado pessoalmente.

   Enxugando: *O acusado foi citado por edital, por não ter sido encontrado*.

Na linguagem forense, deve-se evitar o uso excessivo de *advérbios de modo*. O exemplo típico ocorre com a forma "brevemente" – produto da falta de tirocínio de quem emprega ou tem coragem de fazê-lo. Evite "brevemente", devendo o termo ser substituído por "sucintamente". Vamos conhecer outros dislates:

1. Possui um imóvel precariamente…

   Corrigindo: *Possui um imóvel a título precário*.

2. Tocantemente à medida de segurança…

   Corrigindo: *No tocante à medida de segurança…*

3. O crédito foi apresentado retardatariamente…

   Corrigindo: *O credor se habilitou na recuperação judicial como retardatário*.

4. Ele se mudou para aquela cidade e pretende montar localmente seu negócio.

   Corrigindo: *Ele se mudou para aquela cidade, onde pretende montar seu negócio*.

5. Contra essa decisão, o autor agravou retidamente.

   Corrigindo: *Contra essa decisão, o autor interpôs agravo retido.*

6. Eles foram editaliciamente citados.

   Corrigindo: *Eles foram citados por edital.*

7. Tangentemente a esse caso…

   Corrigindo: *No que tange a esse caso…*

Por fim, o abuso de *artigos indefinidos* pode sacrificar a concisão do texto. Observe a arguta observação de Cegalla (1999: 37):

> Evite-se o uso dos artigos indefinidos sempre que desnecessários. Nos exemplos seguintes, não passam de recheios: Ela ainda guarda um certo ressentimento contra o ex-namorado. / Um tal gesto é digno de nossos aplausos. / O homem tinha uma cara de poucos amigos. / (...) Agora ele goza de uma ótima saúde (destaques nossos).

Portanto, é de crucial importância a elaboração de um texto conciso, que pode ser alcançado mediante a utilização das táticas aqui ofertadas e de um treino constante.

3.2.3. Clareza: esse atributo é a limpidez de pensamento e a simplicidade da forma; opõe-se à obscuridade. A clareza se evidencia na exteriorização cristalina do pensar, da vontade e dos desejos. Trata-se de virtude essencial da comunicação, e seu oposto é a obscuridade e a ambiguidade (ou anfibologia) – vício de linguagem que consiste em deixar uma frase com mais de um sentido.

Nascimento (1992: 3-4) preconiza que "a clareza deve ser adquirida por meio do estudo do sentido das palavras (semântica), de sua colocação e da ordem das orações no período. Os romanos diziam que, quando o texto é claro, cessa a interpretação ('In claris interpretato cessat'). É até um princípio de hermenêutica".

Obtém-se a clareza com auxílio da concisão, que, a ela associada, permite lastrear o texto com vocábulos de alta frequência ou inteligíveis ao receptor comum, com períodos curtos e ordem direta. Nesse rumo, Shenstone assevera: *"Frases longas numa composição curta são como móveis grandes numa casa pequena"*.

Como já se tratou em tópicos precedentes, há certos profissionais que se esmeram na linguagem rebuscada, quase incompreensível, na vã ilusão de que com isso impressionam. Ledo engano. Não perca de vista a adequação do nível de linguagem ao público a quem se dirige: conforme os destinatários, você precisará empregar linguagem acessível, fazendo-se entender. O ideal é o falante ser *"poliglota na sua própria língua"*, consoante os lúcidos dizeres de Evanildo Bechara.

À guisa de reforço, é bom enfatizar que, além da prolixidade, é comum a falta de clareza dos concursandos, quando elaboram as respostas às questões dissertativas de concursos públicos. Recomenda-se, nesse caso – e, mais uma vez –, que o concursando recorra, em primeiro lugar, ao uso do *rascunho* e, após rever o texto, manifeste suas ideias com a clareza suficente. Por essa razão, o treino é fundamental. Aliás, se o êxito na empreitada requer técnica, mais verdadeiro é afirmar que ele não prescinde da apuração da técnica pelo incessante treino. Nesse sentido, vale mencionar as precisas palavras de Rodríguez (2000: 1-2):

> Mas engana-se aquele que entende que o estudo do advogado deve-se cingir às questões jurídicas e que, embora reconheça os outros aspectos que complementam sua atividade, a exemplo da boa redação, prefere pensar sejam estes adquiridos, somente, com a prática e a experiência diária. Ou, então, que nasçam com a índole de cada um, com um dom inerente à personalidade. Nessa linha equivocada de pensamento, a escrita, longe de ser uma técnica, consistiria em uma arte, uma virtude inerente àquele que, por alguma desconhecida razão idiossincrática, consegue expor no papel suas ideias com clareza e, assim, persuadir aquele a quem as suas petições são dirigidas.

Redigir é exteriorizar, em palavras, ideias, em ordem e método. Para nosso objetivo, aqui, significa expor fatos de forma clara, bem como combinar conceitos e ideias, com o objetivo de persuadir. E a competência para fazê-lo não é, nitidamente, uma questão de arte, mas de técnica apurada.

Frise-se, em tempo, que, em prol da clareza, a caligrafia[21] é fundamental. Claro que, naquelas provas que requerem respostas manuscritas – as provas dissertativas de concursos, por exemplo –, não se pretende que o examinando lapide uma "obra de arte", mas não se pode esquecer de que a letra é o veículo por meio do qual o anunciante se apresenta… e apresenta os seus pensamentos. A tolerância do examinador, em provas escritas, variará com a maior ou menor facilidade de entender o texto que for elaborado. Todavia, sempre é bom enfatizar: caligrafia sem correção não há prosperar-se.

Exemplo:

"O pensamento do ilustre doutrinador vem de encontro aos argumentos expendidos pelo Autor, o que confirma a robustez da tese defendida".

Na verdade, se há intenção de corroborar a tese defendida com a doutrina do ilustre fulano, beltrano ou sicrano, é melhor que ela venha "ao encontro de", e não "de encontro a"…, a não ser que se queira desdizer o que se disse… Portanto, corrigindo com clareza:

"O pensamento do ilustre doutrinador vem ao encontro dos argumentos expendidos pelo Autor, o que confirma a robustez da tese defendida".

Observe, ainda, o trecho abaixo e, com esforço, tente entender a mensagem que se quis transmitir:

"Vê-se que não há nos autos prova de que a Reclamada deu causa ao suposto dano para que a Autora possa ter seu pedido atendido, falecendo a mesma a tutela judicial perseguida".

Pergunta-se: falecendo quem? O quê? Quem é "a mesma"? A perseguida ou a falecida?… Só rindo ou, quem sabe, chorando… Quanta falta de clareza e simplicidade!

Veja, também, nesse rumo, a propaganda veiculada por uma grande rede de lojas, com o propósito de atrair clientes:

"Seguro contra desemprego grátis".

Pensando bem, não seria melhor escrever *Seguro grátis contra o desemprego?* Note que coube ao leitor uma função que não lhe

compete – decifrar a propaganda –, haja vista não se saber se é grátis o desemprego ou o seguro. Veja o prejuízo que a falta de clareza pode provocar.

Ainda ilustrando o vício, insta mencionar o exemplo abaixo:

> "Não vou demitir funcionários nomeados pelo ex-ministro".

Uma pergunta se faz urgente: ex-ministro pode nomear alguém? Melhor se haveria o elaborador da "pérola" se empregasse o vocábulo "então". Observe como uma simples tática pode aclarar o sentido a transmitir: "*Não vou demitir funcionários nomeados pelo então ministro*".

E podemos citar mais exemplos:

Veja este: é comum ouvirmos a seguinte notícia lacônica sobre o estado de saúde de alguém que se encontra hospitalizado:

> "Seu estado de saúde é estável".

Pergunta-se: estável?... Isso é bom ou ruim, pois quem possui a dúvida deseja saber exatamente isso. Observe que o adjetivo "estável" não é claramente satisfatório. Com efeito, "estável" significa sem alteração, devendo se referir a certo parâmetro ou quadro comparativo. Se ontem o paciente estava mal e hoje continua estável, pode saber que seu estado de saúde não é bom. No entanto, se estava bem e continua estável, pode-se afirmar que seu estado clínico é bom. Esse é mais um exemplo de como os nomes e signos precisam ser transmitidos com clareza. É por isso que Celso Cunha defende que *"ser claro é uma gentileza com o leitor"*.

A falta de clareza, a par da ambiguidade, mostra-se patente nas orações a seguir expostas. Aprecie, tentando aclará-las:

1. **"Haverá um seminário sobre homossexualidade na Câmara dos Deputados".**

   Todos sabem que o seminário será na Câmara, porém a dúvida paira: o tema do seminário é "homossexualidade" ou "homossexualidade na Câmara"? Caso se confirme este último, não seria seminário, mas discriminação sexual, não acha? Quanta ambiguidade!

   Vamos consertar, com uma simples inversão[22] de termos, fazendo exsurgir o "poder" da vírgula: "*Na Câmara dos Deputados, haverá um seminário sobre homossexualidade*".

2. **"O presidente receberá o cardeal fortalecido".**

   Quem está fortalecido? O cardeal ou o presidente? Seria melhor que se construísse: "*Fortalecido, o presidente receberá o cardeal*". Veja quão poderoso é o "milagre" provocado por uma simples inversão (com vírgula)! Todavia, há orações tão obscuras que a singela inversão não é suficiente para a clarificação do contexto. Deve-se, então, proceder a uma "faxina" mais minuciosa.

3. **"Médico defende ambulatório de denúncia".**

Sabe-se que existem ambulatórios ou "*hospital para atendimento de enfermos que se podem locomover*" (Aurélio), mas um "ambulatório de denúncia" é novidade! E, infelizmente, é o que parece anunciar a distorcida frase ao ouvinte. Vamos proceder à correção: "*Médico rebate denúncia contra ambulatório*".

4. **"Não é justo esquecer que famílias inteiras foram expulsas dos locais onde viviam há décadas e outras acabaram vendendo casas construídas com os maiores sacrifícios durante anos por qualquer preço para se livrar dos riscos e dos estragos provocados pelos tiroteios constantes" (Exemplo de Cegalla, 1999: 129).**

O problema está em descobrir se as casas é que foram "construídas" a qualquer preço ou se as casas foram "vendidas" a qualquer preço. Além disso, a falta das vírgulas contribui para o desconforto provocado na detecção do sentido querido, além de outras falhas cometidas, como a ausência da conjunção "que" antes da palavra "outras". Portanto, vamos corrigir, conferindo clareza ao texto: "*Não é justo esquecer que famílias inteiras foram expulsas dos locais onde viviam há décadas(,) e (que) outras acabaram vendendo(,) (por qualquer preço)(,) casas construídas com os maiores sacrifícios durante anos(,) para se livrar(em) dos riscos e dos estragos provocados pelos tiroteios constantes*".

5. **"Mando-lhe um cão pelo meu motorista que tem as orelhas cortadas e marcas nas patas".**

Questiona-se: que motorista é esse com patas...e marcas nelas, além de orelhas cortadas? Seria um tanto assustador, não é mesmo? Confesso que, particularmente, prefiro guiar meu carro sozinho... Seria melhor afirmar: "*Pelo meu motorista, mando-lhe um cão que tem as orelhas cortadas e marcas nas patas*".

6. **"Apesar da irritação com a exclusão do ministério das discussões, o conteúdo da medida não foi mal recebida no Ministério" [23].**

Observe que o lapso cometido pelo ilustre jornalista foi multifacetado: titubeou na clareza, com a má colocação do complemento nominal "do ministério das discussões", continuou laborando em erro na concordância nominal (usou "recebida", em vez de "recebido") e, por fim, "escorregou" na ortografia, ao grafar "ministério" com inicial minúscula. Por fim, o tal "ministério das discussões" é um tanto hilário! Só conseguiremos justificar tal expressão no provável intuito jornalístico de provocar risos no leitor; caso contrário, é sinal de considerável falta de percepção do razoável. O esquecimento da vírgula depois da palavra "ministério" fez surgir o "ministério das discussões".

7. **"O ministro da Fazenda qualificou os compradores de motos que pagavam ágio aos revendedores de ignorantes" [24].**

A sentença é de elaboração ousada: "revendedores de ignorantes"? E o que é pior: não se trata de "vendedores", mas de "revendedores"! Isso, certamente, vai gerar uma dupla "venda"... e uma "dupla indagação": *o que se deu, verdadeiramente? Venda ou revenda de ignorantes?* Confesso que não tenho interesse na "compra", nem mesmo em liquidação... E você, teria? Note que a ambiguidade e a falta de clareza podem levar o elaborador da mensagem ao ridículo. Melhor se houvera o emissor se tivesse afirmado: "*O ministro da Fazenda qualificou de ignorantes os compradores de motos que pagavam ágio aos revendedores*".

E Rodríguez (2000: 18) nos brinda com um oportuno exemplo que evidencia a ocorrência da ambiguidade:

"Como a fuga foi negada, exigiu a presença da imprensa, do juiz corregedor Maurício Lemos Porto Alves e de seu pai, Osias Hermes Alves".

Segundo o autor, "no modo como foi escrita, a frase traz uma ambiguidade. Perceba-se que não é possível identificar se *Osias* é pai do preso ou pai do juiz corregedor. O pronome 'seu', no caso, pode fazer referência tanto ao fugitivo quanto ao 'juiz corregedor', termo este que lhe é imediatamente anterior" (grifos nossos).

Outras vezes, a falta de clareza se dá em virtude da má ordenação da frase. Alguns exemplos a seguir porão em evidência o defeito e a sua correção:

1. Em que pese a concordância do réu, não pode ser o acordo entabulado entre as partes homologado.

   Ordenando: *Em que pese a concordância do réu, não pode ser homologado o acordo entabulado entre as partes*.

2. Na avaliação de seus ministros, a estratégia contra as greves adotada foi um sucesso.

   Ordenando: *Na avaliação de seus ministros, a estratégia adotada contra as greves foi um sucesso*.

3. As provas de que o acusado tenha abordado a vítima, encostando em suas costas um punhal e tapando-lhe a boca, obrigando-a a entregar-lhe um par de brincos e um relógio, são exuberantes.

   Ordenando: *São exuberantes as provas de que o acusado abordou a vítima, encostou-lhe nas costas um punhal e, tapando-lhe a boca, a obrigou a lhe entregar um par de brincos e um relógio*.

É relevante destacar o mau uso de *adjetivos e locuções adjetivas* em petitórios, quer pela impropriedade, quer pela desarmonia textual. Há que se notar que o uso de locuções adjetivas deve ocorrer em virtude da falta de adjetivo adequado, evitando que se sacrifiquem o estilo e a harmonia.

Um exemplo retumbante de inadequação dessas expressões ocorre com a expressão "materialidade delitiva" – locução inapropriada, por ser evidente que a "materialidade" não pode ser qualificada de "delitiva"; o "fato" é que pode ser delituoso. Portanto, substitua por "materialidade do fato delituoso". A seguir, observe alguns pitorescos exemplos de impropriedade no uso dos adjetivos:

1. Laudo avaliatório.

   Prefira: *Laudo de avaliação*.

2. Anotação no documento laboral.

   Prefira: *Anotação da caderneta de trabalho*.

3. Testemunhas acusatórias.

   Prefira: *Testemunhas arroladas pela acusação*.

4. Processar e julgar o pedido falencial.

   Prefira: *Processar e julgar o pedido de falência / pedido falimentar*.

5. Irresignado com o auto flagrancial.

   Prefira: *Irresignado com o auto de prisão em flagrante*.

6. O depoimento vitimário.

   Prefira: *O depoimento da vítima*.

7. Apreenderam dois pacotes canábicos.

Prefira: *Apreenderam dois pacotes de maconha.*

8. Insuficiência probatória.

   Prefira: *Insuficiência de provas*.

9. Acolho a manifestação ministerial.

   Prefira: *Acolho a manifestação do Ministério Público*.

10. Depoimentos testemunhais.

    Prefira: *Depoimentos da testemunha.*

11. Diploma do Anonimato.

    Prefira: *Lei das Sociedades Anônimas*.

Insta mencionar, ademais, quão importantes são as palavras e preposições apropriadas para a clareza da mensagem. É comum encontrarmos nos rótulos dos remédios os dizeres:

"Ao persistirem os sintomas, consulte o médico".

Com o tempo, tal enunciado foi modificado para: "A persistirem os sintomas, consulte o médico". Daí, surge a indagação: *o que a mudança de uma letra pode efetivamente significar, quanto à clareza do enunciado?* Vejamos. Nos dizeres "Ao persistirem os sintomas, consulte o médico", evidencia-se o aspecto temporal, isto é, quando persistirem os sintomas, deve o doente procurar o médico. O mesmo raciocínio se nota em enunciados, como: "Ao sair, apague a luz"; "Ao sair, leve seus pertences". Por outro lado, o enunciado "A persistirem os sintomas, consulte o médico" transmite uma *ideia de condição*, isto é, se persistirem os sintomas, deve o doente procurar o médico.

A propósito, o mesmo entendimento se nota nas frases a seguir explicitadas:

- *A continuar assim, prefiro desistir* (ou seja: Se continuar assim, prefiro desistir).
- *A desaparecer o envolvido, tudo dará errado* (ou seja: Se desaparecer o envolvido, tudo dará errado).
- "*... a não sermos nós, já teria voltado para casa*" (Machado de Assis, abrilhantando a sentença com o sentido de "... se não fôssemos nós, já teria voltado para casa").

A Lei Complementar n. 95, de 26-2-1998, sob os efeitos do art. 59 da Constituição Federal, estabelece regras para elaboração, redação e consolidação de uma lei. Em seu art. 11, inciso I, tratando da *clareza* – e também do preciosismo –, assim dispõe:

Art. 11. As disposições normativas serão redigidas com **clareza**, precisão e ordem lógica, observadas, para esse propósito, as seguintes normas:

I – para a obtenção de clareza:

a) usar as palavras e as expressões em seu sentido comum, salvo quando a norma versar sobre assunto técnico, hipótese em que se empregará a nomenclatura própria da área em que se esteja legislando;

b) usar frases curtas e concisas;

c) construir as orações na ordem direta, evitando preciosismo, neologismo e adjetivações dispensáveis;

d) buscar a uniformidade do tempo verbal em todo o texto das normas legais, dando preferência ao tempo presente ou ao futuro simples do presente;

e) usar os recursos de pontuação de forma judiciosa, evitando os abusos de caráter estilístico.

Acerca do *preciosismo*, mencionado na alínea *c* do inciso I do art. 11, sabe-se que seu uso prejudica o propósito daquele que pretende se comunicar com clareza, e o legislador deve sempre evitá-lo. No trabalho jurídico do dia a dia, também, é crucial evitar a linguagem muito rebuscada, principalmente quando o discurso inteiro não a sustenta. Em cada item a seguir, existe ao menos um termo que caracteriza *preciosismo*. Observe as frases, identificando-o:

- O homicida dizia sofrer ameaças de morte por seus infensos do bairro (infensos).
- Tais querelas judiciais só têm por consequência mangrar o desenvolvimento da sociedade (mangrar).
- Quer o acusado vestir-se com o cretone da primariedade, a fim de enganar os ouvintes (cretone).
- São Paulo não se livra da récova de migrantes que vêm aqui trabalhar duramente (récova).
- O advogado da parte *ex adversa* apresentou-se recru em matéria jurídica (recru).
- O excesso de recursos é que caracteriza a tranquibérnia que forma a azoada corriqueira no sério trabalho do Poder Judiciário (tranquibérnia, azoada).
- O réu pretende a peragração da linha processual, mas seus argumentos são totalmente baldos de maior razão (peragração, baldos).
- A acusação enjambra-se em seus próprios fundamentos (enjambra-se).
- A cavilação e o dobrez do réu ressaltam em seu próprio depoimento, marcado pela fluidez do começo ao fim (cavilação, dobrez).
- O banco concedeu empréstimos a qualquer peralvilho janota que lhe aparecesse à frente (peralvilho, janota).
- A operação é delicada, por conta da trimegista quantia que envolve a venda imobiliária (trimegista).
- Não fosse a velutina maviosidade da atual mulher, com quem vive o autor, jamais superaria o tantálico sacrifício de não poder ver seus filhos (velutina, maviosidade, tantálico).
- A vítima passou anos macambúzio e ensimesmado, enquanto o inimigo saía às ruas a festejar longânime e prazenteiro (macambúzio, ensimesmado, longânime, prazenteiro).
- Sua ficha de antecedentes revela quão furbesco é seu comportamento no dia a dia (furbesco).
- O tema proposto será matéria cevatícia para os operadores do Direito, no ano que se aproxima (cevatícia).
- Estes requerentes procuram ser lhanos e polidos no trato, ao contrário da parte adversa, que tem o hábito de

emborrascar os humores de todos os partícipes, tornando demasiado dissímeis as formas de atuação das partes no decorrer da lide (lhanos, emborrascar, dissímeis).

Em tempo, será possível ao curioso leitor "traduzir" os preciosismos supramencionados, consultando o nosso sugestivo glossário disposto ao final desta obra. Boa sorte!

3.2.4. Precisão: refere-se à escolha do termo próprio, da palavra 25 exata, do conhecimento do vocabulário. Na construção do texto, é fundamental colocar a palavra certa no lugar devido.

Para Oliveira (2001: 9), "a utilização de vocábulos semanticamente 'justos' confere ao texto não apenas a especificidade inerente ao padrão culto do idioma, como também outorga-lhe riqueza de expressão, além da ampliação imperativa do vocabulário".

Na mesma direção, segue Nascimento (1992: 4), para quem "a precisão requer o conhecimento dos termos e de seu valor. Um dicionário de sinônimos, um dicionário analógico, o aprendizado de figuras, o estudo de expressões usadas em direito resolvem o problema da precisão".

A expressão precisa revela-se vital para o leitor atingir o objetivo de comunicar exatamente o que pretende e evitar mal-entendidos. A prática constante da leitura e da escrita e exercícios com sinônimos ajudam a desenvolver a precisão.

O contrário da comunicação exata é a *imprecisão* ou mesmo a *obscuridade*, muitas vezes causadas pela inadequação vocabular. A impropriedade dos termos torna a linguagem fluida 26, imprecisa e obscura. Exemplo:

"O relevante fundamento do pedido apresenta-se cristalino, devendo ser concedida a liminar, que virá retificar a pujança da argumentação expendida nos autos".

No período acima, há um erro atinente ao conceito de *retificar*, em contraponto à acepção de *ratificar*. O verbo "retificar" significa "consertar, reparar". Por outro lado, "ratificar" quer dizer "confirmar, corroborar o/a". Por conseguinte, na frase supracitada, a liminar concedida irá confirmar a pujança da argumentação exposta, despontando a necessidade de uso do verbo *ratificar*, e não "retificar". Portanto, corrigindo, com precisão: "*O relevante fundamento do pedido apresenta-se cristalino, devendo ser concedida a liminar, que virá ratificar a pujança da argumentação expendida nos autos*".

Por fim, outro defeito da redação forense, prejudicial à precisão do texto, consiste no abusivo emprego da locução sendo que 27, com valor conjuncional. Essa expressão pode ser bem empregada, quando for sinônima de "uma vez que", "porque", "porquanto" etc., haja vista representar uma *locução conjuntiva causal*. Do contrário, o uso será agramatical, afeando-se o estilo. Note o uso correto: *Sendo que o juiz deu o apito final, o time tornou-se campeão.*

Cegalla (1999: 370), a par de vários outros gramáticos, corrobora o seu uso, ressalvando, todavia, o abuso condenável do termo em situações que refogem ao sentido ora estudado. Tal excesso ocorre quando se nota a substituição de conjunções coordenativas aditivas e adversativas pela expressão "sendo que", evidenciando uma impropriedade no uso de conectivos. Observe o emprego inadequado nas elocuções a seguir, com as devidas correções:

1. O homem disparou quatro tiros, sendo que duas balas atingiram a vítima.

Corrigindo: *O homem disparou contra a vítima quatro tiros, dos quais dois a atingiram.*

2. O réu mentiu quando disse que não estava na cidade, sendo que foi visto várias vezes por testemunhas.

Corrigindo: *O réu mentiu quando disse que não estava na cidade, contudo foi visto várias vezes por testemunhas.*

3. Nada foi requerido pela defesa, sendo que o Dr. Promotor, nesta fase, requereu certidões.

Corrigindo: *Nada foi requerido pela defesa, entretanto o Dr. Promotor, nesta fase, requereu certidões.*

4. As duplicatas estavam em seu poder, sendo que a quitação nos títulos foi dada posteriormente.

Corrigindo: *As duplicatas, cuja quitação foi dada posteriormente, estavam em seu poder.*

5. Nesta fase processual, é bastante a autoria, sendo que a alegação da legítima defesa não está configurada.

Corrigindo: *Nesta fase processual, é bastante a autoria, todavia a alegação da legítima defesa não está configurada.*

6. Obteve o referido bem por contrato particular, celebrado entre João e José, sendo que este, por seu turno, o teria adquirido de João.

Corrigindo: *Obteve o referido bem por contrato particular, celebrado entre João e José, o qual, por seu turno, o teria adquirido de João.*

7. Dois carros vinham pela pista contrária, tendo o primeiro desviado à direita, indo parar no acostamento, sendo que o segundo, não conseguindo parar, atingiu a traseira do veículo conduzido pelo acusado.

Corrigindo: *Dois carros vinham pela pista contrária, o primeiro desviou à direita e parou no acostamento. Enquanto isso, o segundo não conseguiu parar e atingiu a traseira do veículo que o acusado conduzia.*

8. As violentas agressões físicas a que foi submetida a autora tornaram a vida em comum insuportável, sendo que, durante a última agressão, a autora quase foi estrangulada.

Corrigindo: *A vida em comum se tornou insuportável, em virtude das violentas agressões físicas a que foi submetida a autora, na última das quais quase foi estrangulada.*

9. Os réus foram citados, sendo que apenas um deles contestou.

Corrigindo: *Os réus foram citados, mas apenas um deles contestou.*

10. É de rigor o reconhecimento da prescrição, sendo que o prazo prescricional deve ser contado a partir do fato gerador.

Corrigindo: *É de rigor o reconhecimento da prescrição, cujo prazo deve ser contado a partir do fato gerador.*

Vale a pena repisar que a Lei Complementar n. 95/98, em seu art. 11, inciso II, refere-se à *precisão* do texto jurídico:

> **Art. 11.** As disposições normativas serão redigidas com clareza, precisão e ordem lógica, observadas, para esse propósito, as seguintes normas:
>
> (...)
>
> **II – para a obtenção de precisão:**
>
> **a**) articular a linguagem, técnica ou comum, de modo a ensejar perfeita compreensão do objetivo da lei e a permitir que seu texto evidencie com clareza o conteúdo e o alcance que o legislador pretende dar à norma;
>
> **b**) expressar a ideia, quando repetida no texto, por meio das mesmas palavras, evitando o emprego de sinonímia com propósito meramente estilístico;

c) evitar o emprego de expressão ou palavra que confira duplo sentido ao texto;

d) escolher termos que tenham o mesmo sentido e significado na maior parte do território nacional, evitando o uso de expressões locais ou regionais;

e) usar apenas siglas consagradas pelo uso, observado o princípio de que a primeira referência no texto seja acompanhada de explicitação de seu significado;

f) grafar por extenso quaisquer referências a números e percentuais, exceto data, número de lei e nos casos em que houver prejuízo para a compreensão do texto;

g) indicar, expressamente, o dispositivo objeto de remissão, em vez de usar as expressões "anterior", "seguinte" ou equivalentes.

Desse modo, a precisão e a clareza – esta, anteriormente estudada – revelam-se como atributos determinantes da boa linguagem.

3.2.5. Naturalidade: quanto à naturalidade no ato de redigir, a escrita deve correr simples e espontânea, sem que se perceba o esforço da arte e a preocupação do estilo. Para se alcançar a naturalidade, deve-se evitar o artificialismo e a afetação, que remetem o emissor da rebuscada mensagem ao maléfico campo da linguagem intangível, com emprego de expressões empoladas e vocábulos inacessíveis para a maioria das pessoas. Nessa toada, por exemplo, prefira a utilização de "morrer" a "falecer"; de "caixão" a "féretro"; o uso da expressão "com fulcro no artigo tal" à utilização da forma "com espeque no artigo tal".

Em tom de gracejo, imagine, por exemplo, em um bate-papo informal entre amigos, alguém dizer:

"– Você ver-se-á em maus lençóis se continuar a insistir naquilo".

Ou, ainda:

"– Hoje não tomarei nenhum tipo de bebida. Abster-me-ei de tais prazeres levianos nos próximos dias".

Fica fácil perceber que sobra erudição, mas faltam praticidade e naturalidade à comunicação.

Ou, ainda, suponha ouvir-se nos corredores dos tribunais:

"As taxas revelam-se escorchantes, fazendo-se mister rechaçá-las, tendo em vista o indizível e sublime pronunciamento do ilustre membro do **Parquet**".

Da mesma forma, o enunciado deu várias voltas para dizer algo bem simples: "*As taxas são abusivas, devendo ser afastadas, conforme entendimento do Ministério Público*".

Nesse passo, Rodríguez (2000: 34-35), tratando da simplicidade *versus* rebuscamento no texto, assim dispõe:

> Nem sempre, no entanto, escrever com palavras mais rebuscadas é mais difícil. Foi o saudoso José Paulo Paes, poeta também conhecido por suas obras voltadas ao público infantil, que afirmou que quem escreve para crianças deve escrever da mesma forma que escreve para adultos. Só que melhor.
>
> Tem razão o poeta. Em alguns casos, escrever com palavras mais simples pode-se tornar tarefa mais complicada, pois o importante é selecionar os vocábulos adequados à transmissão de uma ideia, para cada momento.
>
> Mas nem sempre o advogado se dirige a pessoas de grande vastidão vocabular. Um tribuno do júri nos contou, certa vez, que, em uma de suas defesas, fez uma citação jurisprudencial. Ressaltou, em extensa sustentação, que as jurisprudências dos tribunais eram todas favoráveis a sua tese, explanando-as todas durante a fala. No fim de seu texto oral, como conclusão, pediu aos jurados que não decidissem em desconformidade com a jurisprudência, como que pedindo para que apoiassem sua tese, na votação. Já terminada sua fala, foi surpreendido por uma questão formulada pelo jurado: mas, afinal, o que significa "jurisprudência"?

Posto isso, fica evidente que o texto simples é mais natural e, como tal, mais recomendável.

3.2.6. Originalidade: trata-se da qualidade inata ao escritor, um dom natural. É o "ser você mesmo", o estilo de cada um e, como já dizia, magistralmente, o ínclito naturalista francês Georges Louis Leclerc, Conde de Buffon (1707-1788): "*O estilo é o próprio homem*".

Segundo Oliveira (2001: 10), "a utilização de recursos estilísticos mais apurados confia inexoravelmente ao texto um grau maior de elaboração e, digamos, 'frescor' semânticos, elementos inseparáveis da criatividade".

Origina-se da visão pessoal do mundo e das coisas, sem a imitação subserviente, denotadora de um estilo postiço, artificial e pasteurizado. Com o tempo, o estilo vai-se definindo, mediante certas preferências vocabulares e de construção frasal. Essa definição há de evidenciar a "marca" do emissor e mostrar sua visão do mundo.

Como exemplo de *originalidade*, embora não seja o padrão de linguagem que se espera em um texto jurídico, vejamos alguns trechos da brilhante sentença prolatada pelo Juiz de Direito Ronaldo Tovani, substituto da Comarca de Varginha, Minas Gerais, que concedeu liberdade provisória a Alceu da Costa, vulgo "Rolinha", preso em flagrante por ter furtado duas galinhas e ter perguntado ao delegado: "– *Desde quando furto é crime neste Brasil de bandidos?*". O ilustre magistrado, com muita originalidade, lavrou então sua sentença em versos e afirmou, antes, que lei no país é para pobre, enquanto mantém impunes os "charmosos" autores das fraudes do antigo INAMPS. Apreciemos alguns trechos da criativa manifestação:

"No dia cinco de outubro Do ano ainda fluente Em Carmo da Cachoeira Terra de boa gente Ocorreu um fato inédito Que me deixou descontente. O jovem Alceu da Costa Conhecido por "Rolinha"Aproveitando a madrugada Resolveu sair da	Desta forma é que concedo A esse homem da simplória Com base no CPP Liberdade provisória Para que volte para casa E passe a viver na glória. Se virar homem honesto E sair dessa sua trilha Permaneça em Cachoeira Ao lado de sua família

linha Subtraindo de outrem Duas saborosas galinhas.(...)	Devendo, se ao contrário,Mudar-se para Brasília".

No mesmo rumo, faz-se mister trazer à baila trechos da sentença prolatada em versos pelo Juiz de Direito Rubens Sérgio Salfer, na Comarca de São Miguel do Oeste, em Santa Catarina. O nobre magistrado decidiu uma causa acerca da contenda de dois fazendeiros. É que os animais (dois porcos) de propriedade de um foram fatalmente atacados pelo animal de estimação (um cachorro) de outro. Se a situação se apresenta pitoresca, não menos original foi a sentença prolatada. Vejamos:

"Visto e analisado
Todo o processado
Os relatórios são dispensados
Conforme a Lei dos Juizados.

Abrão Prestes dos Santos é agricultor
Gilmar Henzel tem o mesmo labor
São vizinhos na Linha Cordilheira
Bem próximo à fronteira.

O segundo é o reclamado
Dono do cão apontado
Causador destas intrigas
Entre famílias amigas.

Sobreveio o despacho inicial
Na forma da Lei Especial
Citando-se o requerido
Intimando-se o ofendido.

Chega o momento esperado
Pelo juiz designado
Para julgar a questão
Posta em discussão. (...)

Apresentadas as razões derradeiras
Tudo sem brincadeiras
Prolato esta sentença
Para geral sabença.

Expressa o artigo trezentos e trinta e três
Em casos deste jaez
Que incumbe ao autor
Evidenciar o seu clamor.

Os testemunhos colhidos
Neste Juízo ouvidos
Vieram em socorro
Do mencionado cachorro.

O primeiro é o reclamante
Vem a Juízo confiante
Propor ação de cobrança
Em face da vizinhança.

Diz o requerente
Que encontra-se descontente
Por ver mortos dois suínos
Por afiados dentes caninos. (...)

Os porquinhos coitados
Morreram estraçalhados
Sem que ninguém apontou
Qual 'bichano' lhes matou.

Compete a quem alega
Em caso de refrega
Provar o que sustenta
Na liça que ostenta. (...)

Sem medos em minha mente
Julgo improcedente
O pedido formulado pelo autor
Lamentando a sua dor. (...)

São Miguel do Oeste

Não fica no Norte, Sul ou Leste
Não fica na Argentina
Fica em Santa Catarina.

Rubens Sérgio é o meu nome
Salfer o sobrenome
Sou Juiz de Direito
Judicando escorreito".

Conforme se afirmou, conquanto não seja o padrão de linguagem que se espera em um texto jurídico, é indiscutível a originalidade das sentenças em epígrafe, ressaltando que ambas vêm brilhantemente de encontro à mesmice que campeia a maioria dos petitórios nos ambientes forenses, arrebatando-a para longe.

3.2.7. Nobreza: a linguagem nobre é aquela que não é chula e torpe, que não enxovalha o petitório. A arte literária não merece ser prostituída. Esta não dispensa o véu do pudor e do decoro. Nesse passo, não se pode admitir no texto jurídico a presença de palavrões e chocantes pornografias, que só vêm atentar contra a nobreza do petitório, maculando a sua essência.

A propósito, há causídicos que extrapolam o limite do bom senso e da boa educação. Costumo afirmar, em tom jocoso, que as peças processuais não são "estádio de futebol", onde se pode livremente extravasar a possível indignação com xingamentos ao árbitro e ao adversário. O texto nobre é aquele que qualquer pessoa pode ler "sem censura". Aliás, seguindo as palavras do eminente jornalista e escritor Josué Machado, *"não basta escrever certo. Elegância e fluência também contam"*.

Com relação à utilização da gíria, é de se notar que deve ser evitada no discurso jurídico, salvo situações particulares e justificadas. Mas a utilização ou não do vocabulário gírio, como índice de cultura, deve sempre ser analisada com cautela.

Acerca do tema, reiteramos aqui nosso entendimento. O uso da gíria é perfeitamente válido, desde que a situação de comunicação lhe abra alas. É evidente, a olhos vistos, que a gíria, própria da linguagem dos morros, ganhou trânsito livre em nosso cotidiano, o que já na década de 1930, segundo Preti (2009: 45), foi registrado por Noel Rosa, no samba *O cinema falado*:

> "A gíria que o nosso morro criou bem cedo a cidade aprendeu e usou".

A propósito, vale a pena citarmos o fragmento de Manuel Bandeira (2005: 24), que corrobora a importância dessa língua do povo:

> "(...) A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros Vinha da boca do povo na língua errada do povo Língua certa do povo Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil Ao passo que nós O que fazemos É macaquear A sintaxe lusíada (...)".

Tal análise nos leva a refletir sobre quem pode ser considerado *culto* perante o léxico. A resposta é simples: o falante será tanto mais culto quanto melhor souber adequar a sua fala às situações de comunicação. O falante "culto", voltado para seu interlocutor, é aquele que fala pensando "para quem fala", "em qual ambiente fala" e "sobre o que fala".

De modo oposto, a *incultura* do falante desponta quando este se vale de um único registro para todas as situações de comunicação. Desse modo, é possível ser um falante *culto*, ainda que use gíria, bastando que esta bem sirva ao contexto situacional. A esse propósito, Preti (2009: 43) afirma:

> Seria temerário afirmar que a gíria está ausente do vocabulário dos falantes cultos, embora estes estejam mais atentos à adequação entre

sua fala e a situação de interação, o que faz com que se substitua o vocábulo gírio por um culto ou menos estigmatizado.

Observe que, neste tópico, aplica-se perfeitamente a distinção entre *padrão formal* e *coloquial*. Assim, no discurso jurídico, enquanto não cabe o primeiro na comunicação oral, o segundo não se compatibiliza com o texto escrito. Vejamos alguns abusos em petição:

"Este é um fato somente imaginável entre os dementes de um hospício...!"

"Dito e feito! Mandaram o cheque para o pau!"

Em tempo, na linguagem oral do dia a dia, tem sido bastante frequente o uso da expressão fazer uma colocação, no sentido de "emitir uma opinião, ideia ou sugestão". Esse é um dos condenáveis modismos ou chavões [28] em voga, que deve ser abolido em caráter emergencial, por ser eufonicamente desarmônico e rude. É clichê modernoso, tradutor de expressão que, se colocada ao lado daquelas que podem substituí-la, apresentar-se-á reprovável, não se justificando em nosso léxico. Nesse diapasão, impende transcrever as lúcidas palavras do renomado jornalista e escritor Moacir Werneck de Castro [29]:

> E não é de hoje que se esbarra a cada momento com expressões como "proposta", "colocação", "a nível de" – por aí afora. Os linguistas, sociólogos, comunicadores... estão chamados a estudar esse fenômeno alarmante que é a busca da originalidade, visando uma pobre fábrica de clichês modernosos. Portanto, substitua a vitanda [30] expressão por "fazer uma exposição", "fazer um esclarecimento", "fazer um comentário" ou, simplesmente, por verbos, como: "explicar", "explanar" ou "argumentar".

Nesse rumo, segue uma lista de lugares-comuns ou clichês que retiram a robustez argumentativa da ideia a ser transmitida, devendo ser evitados no padrão formal (linguagem escrita): [31]

A cada dia que passa	A duras penas	A olho nu
A sete chaves	A todo vapor	A toque de caixa
Abrir com chave de ouro	Acertar os ponteiros	Deu o tiro de misericórdia
Alto e bom som	Antes de mais nada	Ao apagar das luzes
Arregaçar as mangas	Ataque fulminante	Atingir em cheio
Baixar a guarda	Cair como uma luva	Aparar as arestas
Chover no molhado	Colocar um ponto final	De mão beijada
Do Oiapoque ao Chuí 14	Ele dispensa apresentação	Divisor de águas

Erro gritante	Efeito dominó	Em ponto de bala
Em sã consciência	Eminência parda	Encostar contra a parede
Estar no páreo	Faca de dois gumes	Fazer das tripas coração
Fazer vistas grossas	Fez por merecer	Fugir da raia
Gerar polêmica	Hora da verdade	Lavar a alma
Leque de opções	Lugar ao sol	Luz no fim do túnel
Menina dos olhos	Na ordem do dia	No fundo do poço
Ovelha negra	Isto é óbvio e ululante	Pelo andar da carruagem
Em petição de miséria	Requinte de crueldade	Saraivada de golpes
Sentir na pele	Separar o joio do trigo	Trazer à tona
Trocar farpas	Página virada	Voltar à estaca zero
Parece que foi ontem	A vida é uma luta	A escalada da violência
A ciranda de preços	A corrida armamentista	Apostar todas as fichas
Tecer comentários	A nível de	Administrar a vantagem
Reverter a situação	Agradar a gregos e troianos	Via de regra 15
A pressa é inimiga da perfeição	Passar em brancas nuvens	Botar a boca no trombone
Pode tirar o cavalo da chuva		

3.2.8. Harmonia: a prosa harmônica prima pela adequada escolha e disposição dos vocábulos, pelos períodos não muito longos e pela ausência de cacofonias. Representa o componente musical da frase. A confecção cuidadosa dos períodos imprime ao texto o equilíbrio melódico e rítmico, permitindo uma leitura com prazer. [32]

Na busca do texto bem escrito, evite as cacofonias e a repetição vocabular – daí a importância dos exercícios com

sinônimos e do uso constante do dicionário, que, aliás, existe para ser consultado. Ele não é adereço, mas objeto de consulta, sob pena de cultivarmos o que tenho apelidado de *substituísmo*: condenável hábito de substituir as palavras, diante da dúvida semântica, trocando-as por outras de fácil escrita ou significado, em vez de consultar o nosso querido "paizão" – o dicionário –, a fim de esclarecer a dúvida.

Em sentido oposto à pertinência[33] das palavras do insigne escritor italiano Dante Alighieri (1265-1321), para quem *"a dúvida agrada não menos que o saber"*, os *substituístas* nunca dirimem a dúvida, deixando de enfrentá-la, mas perpetuam o desconhecimento, adotando uma postura arredia. Isso nos faz lembrar a história da secretária de um ex-presidente da República que, ao redigir um memorando para marcar a reunião para uma dada sexta-feira, viu-se na dúvida se tal dia da semana se escrevia com -x ou -s. Perguntando ao presidente, este evasivamente respondeu: "Mude para sábado". E ninguém abriu o dicionário para conferir a grafia do tal dia. Hilário? Diz-se ser fato histórico!

Sabe-se que o *vocabulário* é expressão da personalidade do homem e de seus conhecimentos linguísticos, representando o inventário vocabular que facilita a tarefa comunicativa, principalmente redacional, por ampliar o leque utilizável na escolha da palavra mais adequada. Para tanto, a consulta frequente a dicionários e a leitura de autores renomados são atividades imprescindíveis à riqueza lexical e, por consequência, à produção e compreensão das imagens verbais. Sobre o tema, Damião e Henriques (2000: 38) recomendam em boa hora:

> Alguns dicionários, muito úteis a quem milita na área jurídica: de Direito (Plácido e Silva e Pedro Nunes); de definições (Caldas Aulete, Laudelino Freire, Aurélio); de etimologia (Antenor Nascentes, José Pedro Machado); de sinônimos e antônimos (Francisco Fernandes, Antenor Nascentes); de Filosofia (André Lalande, Régis Jolivet); de Linguística (Dubois, Zélio dos Santos Jota) e Dicionário Analógico da Língua Portuguesa (Francisco dos Santos Azevedo), além dos dicionários especializados do vocabulário jurídico.

E, ainda, os renomados autores (Damião e Henriques, 2000: 52) complementam:

> Exercício obrigatório ao profissional do Direito é, assim, perscrutar com zelo os dicionários de palavras análogas e, firmada uma família ideológica, pesquisar os dicionários especializados para informar-se sobre os usos das palavras.
>
> Aparentemente penosa, gratificante é a tarefa, porque o profissional, ou mesmo o estudante, vai aprimorando sua linguagem, de sorte a não realizar trocas impensadas de palavras; ao contrário, vai ajustando com precisão crescente as palavras às ideias, nomeando o pensamento de maneira lógica e designando corretamente a ideia na linguagem jurídica.

Frise-se que, atualmente, há excelentes *dicionários eletrônicos*, que muito nos auxiliam no aprimoramento do repertório lexical – o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, por exemplo –, em face de suas convidativas ferramentas eletrônicas de busca.

Da mesma forma, não há como prescindir dos clássicos dicionários de *regência verbal* e *nominal* de Celso Pedro Luft e o de verbos de Francisco da Silva Borba.

Diante do exposto, é fundamental ao operador do Direito, evitando o prejudicial distanciamento dos postulados estudados, preservar a boa linguagem e, com isso, alcançar o que se busca no discurso jurídico: o êxito na arte do convencimento.

1. Supracitado ou Supramencionado

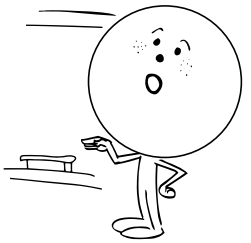

Situação: O autor foi representado nos autos pelos supramencionados advogados que subscrevem a petição anexa.

Comentário: o prefixo **supra**- atrairá o hífen se a palavra posterior iniciar-se com h-ou idêntica vogal. Assim sendo, deve o operador do Direito memorizar tal regra, escrevendo com acerto: supra-atmosférico, supra-auricular, supra-anal, supra-histórico, supra-humano, supracitado, supramencionado, entre outros.

2. Haja vista o ocorrido

Situação: Haja vista os acontecimentos, tomaremos as providências cabíveis.

Comentário: trata-se de locução estereotipada, uma espécie de "fóssil sintático". Assim, é melhor mantê-la toda invariável – portanto, **haja vista**. Significa "veja-se, tendo em vista, oferecer-se à vista, aos olhos''. Exemplos:

- O candidato estava preparado para o concurso, haja vista as notas que tirou.
- A invasão do Iraque de nada adiantou, haja vista a forte pressão imposta pelos rebeldes aos EUA.

Em outro giro, sabe-se que a forma "haja visto" não pode ser usada como sinônima de haja vista, no entanto, caso imaginemos o **haja visto** como tempo verbal sucedâneo de "tenha visto", sua utilização será legítima. Exemplos:

- É imperioso que ele haja visto (tenha visto) o cometimento do ilícito.
- Espero que ele haja visto (tenha visto) o filme.
- Talvez ele haja visto (tenha visto) o resultado das provas antes dos colegas.
- Convém que eu haja visto (tenha visto) o texto antes de responder ao teste.

Nos outros casos, como se enfatizou, há consenso em que a expressão deve ser fixa:

- Haja vista o acidente; Haja vista a tempestade; Haja vista os acidentes; Haja vista as tempestades.

Ressalte-se, ainda, que há registros gramaticais que legitimam o uso invariável do verbo "haver", mas com o termo "vista" acompanhado da preposição "a" ou "de". Exemplos:

- Haja vista ao acidente; Haja vista à tempestade.
- Haja vista dos acidentes; Haja vista das tempestades.

Frise-se, ademais, que há quem tolere o verbo "haver" variável e o termo "vista" sem preposição. Exemplos:

- Hajam vista os acidentes; Hajam vista as tempestades.

3. ARTIGO INSERTO NO CAPÍTULO

Situação: Os doze parágrafos do art. 62 da Constituição foram insertos após a Emenda Constitucional n. 32/2001.

Comentário: o adjetivo **inserto** tem a acepção "daquilo que se inseriu; o que foi introduzido, inserido, incluído". Na verdade, é forma participial irregular do verbo inserir, cujas formações são inserido (particípio regular) e inserto (particípio irregular). Portanto, não se deve titubear diante dos adjetivos inserto e **incerto**. Este tem a acepção de "incorreto, aquilo que não é certo", enquanto aquele, como se viu, tem o sentido de "introduzido". Assim, aprecie a frase correta: Era certo que o incerto inciso estava inserto no texto.

4. MERITÍSSIMO

Situação: O advogado perguntou ao Meritíssimo Juiz: – Vossa Excelência está passando bem?

Comentário: o vocábulo **meritíssimo** pode conter duas acepções: (a) no sentido "do que é muito merecedor, muito digno ou digníssimo". Aqui se mostra como o superlativo absoluto sintético de meritório ou merecedor. Exemplo: Seu sucesso é meritíssimo; e (b) no sentido de "designar o tratamento dispensado a juízes em geral, devendo-se usar a inicial maiúscula" (Meritíssimo) ou a forma abreviada ("MM.").

Ressalte-se que, no discurso direto, usa-se "Meritíssimo Senhor" ou "Vossa Excelência" (Exemplo: Obrigado, Meritíssimo Senhor, pela atenção dispensada). Com efeito, em discurso direto, usa-se o pronome possessivo "Vossa" (Exemplo: Vossa Excelência me permite esclarecer?). Por outro lado, quando a forma ocorre em discurso indireto, usa-se o pronome possessivo "Sua" (Exemplo: O Promotor, referindo-se ao Juiz, disse que Sua Excelência prolatou a sentença).

Não é demasiado enfatizar que o verbo e os pronomes devem concordar na terceira pessoa com as formas de tratamento na função de "sujeito" (Exemplo: Vossa Excelência entende que o critério prevalecente é o finalístico).

A HORA DO ESPANTO

AS "PÉROLAS" DO PORTUGUÊS

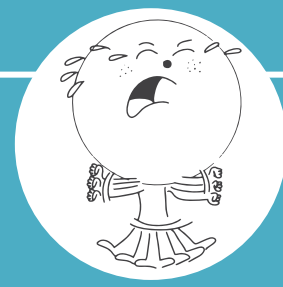

1. Adiquirimos

Correção: o verbo em apreço é adquirir, grafado com -d mudo. Não se deve pronunciar "adi-", sob pena de se "adquirir" um "i", inexplicável e gratuitamente.

2. Naturaiz

Correção: escreve-se, com correção, naturais, na qualidade de adjetivo plural de "natural".

VOLP

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA

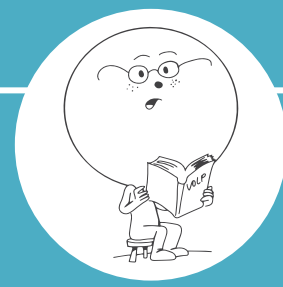

1. Bom senso

O termo, conforme já se mencionou, é grafado sem o hífen. Outros vocábulos, todavia, exigem o hífen: bom-tom, bom-moço, bom-mocismo, bom-talher, bom-bocado, bom-copo, bom-é (substantivo feminino; plural bom-és) e bom-homem.

4 DA PETIÇÃO INICIAL

Na lição de Nascimento (1992: 205), "o silogismo é um raciocínio, mediante o qual 'da posição de duas coisas, decorre outra, só por estas terem sido postas' (Aristóteles); ou, mais simplesmente, é um argumento dedutivo formado de três proposições encadeadas, de tal modo que das duas primeiras se infere necessariamente a terceira" (*H. Geenne*). Essas proposições chamam-se "premissa maior", "premissa menor" e "conclusão". Exemplos:

Todo cidadão brasileiro pode votar (premissa maior).

Pedro é cidadão brasileiro (premissa menor).

Logo, Pedro pode votar (conclusão).

Na petição inicial[34], a "premissa menor" precede a "premissa maior":

O FATO ..... Premissa menor

O DIREITO ..... Premissa maior

O PEDIDO ..... Conclusão

Além disso, a inicial[35] deve ser redigida com ideias concatenadas, isto é, articuladas, a saber: disposição da matéria em artigos ou parágrafos, separados e correlacionados. Tais artigos são hoje impropriamente denominados "itens" e são numerados ou enunciados por letras na ordem do abecedário. Segundo os cânones da boa disposição, quando se usam números, colocam-se pontos; quando letras, parêntesis. Exemplo: 1. 2. 3. ou a) b) c). Nos petitórios, recomenda-se essa regra.

4.1. A ARTICULAÇÃO NA PETIÇÃO

A articulação no petitório serve para explicar a necessidade de delimitar as partes da dissertação (tese, desenvolvimento, argumentação e conclusão).

A troca de parágrafos não implica uma mudança de assunto, que deve ser o mesmo em toda a extensão da dissertação na petição. Entretanto, pergunta-se:

O que tem a ver uma dissertação com a petição?

A resposta a essa indagação é muito simples: tudo. Com efeito, a técnica do convencimento desenvolvida nas petições e recursos não está divorciada da técnica dissertativa. Pelo contrário, podemos afirmar, categoricamente, que a petição é uma "dissertação" apresentada ao juiz, na tentativa de convencê-lo acerca de um determinado ponto de vista.

Para desenvolvermos uma dissertação, precisamos organizar as ideias, acomodando-as numa estrutura discursiva, convincente e persuasiva. Vamos conhecê-la.

TESE, DESENVOLVIMENTO, ARGUMENTAÇÃO E CONCLUSÃO

Tese: é a exposição do tema, por meio da elaboração do parágrafo introdutório. Neste se transmite a ideia central (ou ideia-núcleo), delineando o que se pretende expor nos articulados que serão a seguir expostos. Na introdução define-se o problema, o objeto.

Damião e Henriques (2000: 136) denominam a "tese" de *tópico frasal* – exórdio ou introdução do tema e asseveram: "Cumprem-lhe as funções de delimitar o tema e fixar os objetivos da redação, e não se deve redigi-lo com mais de duas frases".

Encerrando a ideia-central, o tópico frasal deve ser mais genérico do que o desenvolvimento, e não pode conter ideias conclusivas. Lembre-se, no entanto, que no texto narrativo é frequente a diluição da ideia-chave no desenvolvimento do parágrafo, podendo, até, surgir no final do texto. Todavia, o cuidado de enunciar de pronto a ideia-núcleo garante a unidade do parágrafo, sua coerência, facilitando a tarefa de realçar o tema.

Desenvolvimento ou argumentação: é a exposição detalhada dos argumentos norteadores da tese. Representa os parágrafos seguintes à introdução ou tese, nos quais se fará o desenvolvimento da linha argumentativa, por meio de uma visão crítica do tema ora proposto. Seguindo o fio do discurso, deve-se unir os parágrafos com elementos de ligação (conectivos de passagens de pensamento, como "portanto", "embora", "desse modo", entre outros).

Conclusão: condensa a essência do conteúdo desenvolvido, reafirmando o posicionamento exposto na "tese", permitindo-se uma efetiva "retomada" daquela. Segundo Oliveira (2001: 56), "a conclusão deve traduzir plenamente sua proposição inicial. Tudo em seu texto deve apontar para a conclusão de sua argumentação. Esse é o espaço dedicado à união das ideias lançadas ao longo do texto".

Damião e Henriques (2000: 141) denominam a "conclusão" de *fecho redacional*. Os renomados autores entendem que

> uma boa redação termina de forma incisiva, dando ao leitor a sensação de ter sido esgotado o plano do autor, logrando o emissor obter o objetivo pretendido. Há, assim, correlação entre introdução e conclusão, porque esta última resolve a proposta do texto. (...) A conclusão é, pois, o remate das ideias desenvolvidas, podendo ser um resumo delas (síntese), apresentar uma proposta e até mesmo constituir-se em conclusão-surpresa.

É fato que a montagem de qualquer linha argumentativa passa pela feitura de um "esboço" dos fatos que se pretende narrar. Após esse mister preambular, deve o causídico construir as "teses" ventiladas, que serão sustentadas com "argumentos". Com efeito, a confecção de qualquer argumento se traduz no "trinômio" *esboço – tese – argumento*, que deve lastrear a exposição da ideia querida, sob pena de sacrificar a ordem no pensamento e a sua aposição no petitório.

Nesse ínterim, enfatize que é possível a coexistência de argumentos em uma tese – hipótese em que deve o peticionário se valer de uma estrutura textual predeterminada.

Diante do exposto, conclui-se que é possível notar a mesma estrutura dissertativa nas petições. Vejamos:

Introdução: é a apresentação da linha argumentativa que se pretende seguir, expondo sucintamente os elementos fáticos que a sustentam.

Desenvolvimento: é a exposição detalhada dos argumentos norteadores da tese, concatenados em linguagem crítica e dialética.

Conclusão: é o fechamento textual, conhecido como "arremate" ou "fecho", por meio do qual se procede à retomada da tese, chegando-se a conclusões pretendidas, em um nítido iter silogístico, trilhado pelo causídico.

Portanto, evidencia-se que a estrutura supracitada – "introdução, desenvolvimento e conclusão" – propicia ao magistrado, destinatário da mensagem, uma rápida intelecção do propósito ideológico-jurídico, aclarando a necessidade de acolhimento da pretensão.

É indubitável que, se a cada tese o causídico se valer da estrutura mencionada, proporcionará ao destinatário da petição uma leitura rápida e aprazível, evitando que se releia o texto, em uma enfadonha e sacrificante tentativa de entendimento.

Interessante é observar a lógica de Aristóteles (384-322 a.C.) que, em *Arte Retórica*, corrobora a estrutura acima ventilada. Para o filósofo, a dissertação, como todo plano redacional, tem começo, meio e fim, sendo estruturada em três partes bem definidas:

a) Exórdio: é a parte introdutória, que objetiva enunciar a ideia-chave, indicando a tese a ser postulada, chamada pelos escolásticos de *status quaestionis* (= anúncio do tema).

b) Desenvolvimento: compreende dois momentos: a explanação das ideias e as provas comprobatórias de sua veracidade (demonstração na dissertação expositiva). É a fase da reflexão, da fundamentação do trabalho. No discurso jurídico, a matéria probante é mola mestra da dissertação argumentativa.

c) Peroração: é o fecho, o coroamento discursivo. Demonstradas as provas, cumpre ao redator retomar o tópico frasal para mostrar ter sido ele exposto, com eficácia, no desenvolvimento.

Vamos, agora, aprofundar a estrutura do texto dissertativo.

4.2. A DISSERTAÇÃO – DEDUÇÃO E INDUÇÃO

Podemos desenvolver uma dissertação, encaminhando nosso raciocínio "indutivamente", ou seja, partindo de um fato particular para uma generalização, ou "dedutivamente", tomando um princípio geral para chegar a uma conclusão particularizante.

Pelo *método dedutivo*, opera-se o raciocínio silogístico: parte-se de uma premissa de caráter geral para se chegar a uma conclusão particular.

A dedução leva-nos a tomar fatos ou ideias gerais para alcançar uma conclusão singularizada.Portanto, *deduz-se* quando se parte da *generalização* em direção à *particularização*.

A linguagem deve ter a clareza de um pensamento disciplinado, visando à concatenação e ordenação de ideias. Concatenar ideias é buscar seu encadeamento, formando a tessitura redacional, à medida que se empregam termos adequados. A linguagem adequada formará o repertório linguístico que se espera de um advogado.

Uma dissertação bem redigida apresenta perfeita articulação de ideias. Para obtê-la, é necessário promover o encadeamento semântico (significado ou ideias) e o encadeamento sintático (mecanismos que ligam uma oração à outra). Tal coesão é obtida por meio de *elementos de ligação* – conectivos de integração harmoniosa de orações e parágrafos em torno de um mesmo assunto –, que se traduzem no *eixo temático*. Esses elementos de ligação podem ser advérbios, conjunções, preposições, pronomes *etc.* Há elementos ou conectores:

a) de adição, continuação: *outrossim, ademais, vale ressaltar também;*

b) de resumo, recapitulação, conclusão: *em suma, em resumo;*

c) de causa e consequência: *por isso, de fato, com efeito.*

Nesse passo, Rodríguez (2000: 263) preleciona que

> para cada tese se traceja um percurso argumentativo, uma linha de raciocínio que deve ser transmitida ao leitor. No desenvolver dos argumentos, é necessário que se observe um fator de textualidade denominado coerência. Não basta selecionar, entre os vários tipos de argumentos, os mais persuasivos e adequados ao caso concreto, mas é necessário ver se esses argumentos se coadunam, se pertencem a uma linha de raciocínio único. Se os argumentos não pertencerem a essa linha única de raciocínio, está-se diante da falta de coerência, que, em seu grau máximo, se denomina contradição.

A estratégia argumentativa ou percurso argumentativo que melhor contribui para tornar o texto persuasivo e convincente é a "exemplificação", que ilustra e fundamenta as ideias-núcleo. Sem a exemplificação correspondente a cada ideia-núcleo citada, a argumentação fica inócua. Daí o peticionário se valer de argumentos doutrinários e jurisprudenciais.

Um dos objetivos da dissertação é *convencer alguém de que determinado ponto de vista é praticamente inquestionável.* Portanto, "dissertar" é expor ideias a respeito de um determinado assunto, apresentando provas que justifiquem e convençam o leitor da validade do ponto de vista de quem as defende.

A título de revisão, veja o quadro abaixo:

Estrutura Sinóptica da Dissertação
a) introdução: parágrafo introdutório – ideia central, ideia-núcleo – **tese**; **b) desenvolvimento:** vários parágrafos – reforçar o primeiro parágrafo – **argumentação**; **c) conclusão:** condensa a essência do conteúdo desenvolvido, reafirmando a tese – **retomada da tese**.

Tomaremos, a título de ilustração, dissertações elogiáveis, elaboradas em provas de vestibulares e concursos de renome, que merecem a transcrição, na íntegra – ainda que fora do contexto da petição –, por preencherem os requisitos acima expostos com total fidelidade. Vamos aos exemplos.

Dissertação nota 10, em exame no vestibular para ingresso na Universidade de São Paulo (Fuvest), publicada no *Jornal do Brasil*, em 10 de outubro de 1990 (Oliveira, 2001: 57-58):

> **Tema: Terra de Cegos:** há um conto de H. G. Wells, chamado "A Terra dos Cegos", que narra o esforço de um homem com visão normal para persuadir uma população cega de que ele possui um sentido do qual ela é destituída; fracassa, e afinal a população decide arrancar-lhe os olhos para curá-lo de sua ilusão. Discuta a ideia central do conto de Wells, comparando-a com a do ditado popular "Em terra de cego quem tem um olho é rei". Em sua opinião, essas ideias são antagônicas ou você vê um modo

de conciliá-las?

A audácia de se enxergar à frente

A capacidade de estar à frente de seu tempo quase nunca confere ao seu possuidor alguma vantagem. A dureza das sociedades humanas em aceitar certas noções desmente, não raro, o ditado popular que diz que "Em terra de cego quem tem um olho é rei".

Exemplos, a História é pródiga em nos apresentar. Sócrates foi obrigado, pela sociedade ateniense, a tomar cicuta, em razão de suas ideias. Giordanno Bruno, que concebeu a Terra como um simples planeta, tal qual sabemos hoje, foi chamado herege e queimado. Darwin debateu-se contra a incompreensão e condenação de suas ideias, mais tarde aceitas.

Ainda hoje, temos exemplos de procedimentos similares. Oscar Arias, presidente da Costa Rica e prêmio Nobel da Paz, ainda há pouco tempo se debatia contra a sociedade de seu país, que teimava em colocar obstáculos à sua atuação. Em tempo: o mérito de Oscar Arias nem era o de estar à frente de seu tempo, mas simplesmente o de analisar os problemas do presente.

Esse mal não será curado tão cedo. Isso porque as pessoas que conseguem enxergar à frente apresentam ao homem o que ele odeia desde os tempos imemoriais: a necessidade de rever as próprias convicções. Enquanto esse ódio – ou será medo? – não for superado, a humanidade continuará cega para o futuro e para si mesma.

A redação anterior, é bom frisar, acha-se em um parâmetro de exigência de nível médio.

A propósito, aproveita o Autor[36] o momento para trazer à baila algumas redações de sua autoria, algumas mais antigas, outras mais recentes.

1ª Proposta de Redação:

Um quadro: tela e moldura (o Autor, 1991)

O homem é um ser eminentemente social e, como consequência dessa natureza, está sujeito às imposições ou determinações da sociedade que o abriga. Inegavelmente discriminadoras, tais determinações visam ao benefício de um pequeno grupo, que denominamos "elite", em detrimento da grande parte restante, essencialmente inconsciente, que chamamos de "massa".

Toda tela precisa de uma moldura para se constituir num verdadeiro quadro. Essa realidade em pedaços vem levar-nos a refletir sobre o grupo minoritário, porém poderoso, que vive à custa da massa oprimida, constituindo o verdadeiro sistema capitalista, que, mediante reflexão radical, seria um "egossistema".

Há a necessidade de ter a massa envolvida, enlaçada nos efeitos paralisantes do eficiente mecanismo usado pela elite – o discurso ideológico. Esse envolvimento gera passividade, e esta, legitimação dos valores. Há a necessidade de todos se envolverem com o sistema manipuladoramente

paternalista, e o não envolvimento pode causar amargas consequências ao arrojado indivíduo que o tentar. Não será "este perturbador da ordem" perseguido pela elite como subversivo, assim como o alvo o é pelo cartucho? Não o seria, se todos não "tirassem sempre o chapéu" e "comessem só o que 'eles' dão", sem saber se o que está ingerindo é bom ou ruim, benéfico ou maléfico.

Assim, resta-nos concluir que todas as diretrizes que seguimos são a moldura da tela que o "pintor", o sistema capitalista, deseja retratar – a manipulação ideológica. E mediante o desenho em que nos baseamos, entende-se que tal manipulação está para o sistema assim como a tela, para a moldura.

2ª Proposta de Redação:

A enxada e a caneta (o Autor, 1991)

A caneta e a enxada são instrumentos úteis ao homem. Justificam, aparentemente, uma relação de oposição entre o engajamento e a alienação que, segundo Hegel, tendem a uma aproximação. Mas em que medida a enxada caracteriza o ser dominado diante da caneta, como ser dominador?

O sistema capitalista a que somos submetidos é estruturado, fundamentalmente, pela exploração do homem pelo homem, no qual o "poder" é análogo ao "ter". Uma minoria elitizada domina uma massa alienada, segundo os interesses egoisticamente unilaterais da classe dominante.

Embora a caneta e a enxada mostrem interesses opostos e conflitantes, há profunda identificação, na medida em que ambos os instrumentos coexistem, isto é, não há dominador sem dominado e nem elite sem massa, em nossa sociedade. Enquanto a caneta simbolizar a consciência e a enxada, a ignorância, o primeiro prevalecerá sobre o segundo, pois o conhecimento gera dominação, e esta, passividade.

Assim, ambos são a antítese que se sintetizam na estrutura social capitalista.

3ª Proposta de Redação:

Com base na letra de *Lenine* e nas *três frases para reflexão*, escreva o que significa, para você, "estar vivo":

Canção: VIVO (Lenine / Carlos Rennó)

Precário, provisório, perecível;Falível, transitório, transitivo;Efêmero, fugaz e passageiro Eis aqui um vivo, eis aqui um vivo!

Impuro, imperfeito, impermanente;Incerto, incompleto, inconstante;Instável, variável, defectivo Eis aqui um vivo, eis aqui...

Do tóxico, do trânsito nocivo;Da droga, do indigesto digestivo;Do câncer vil, do servo e do servil;Da mente o mal doente coletivo;Do sangue o mal do soro positivo;E apesar dessas e outras...O vivo afirma firme afirmativo O que mais vale a pena é estar vivo!

É estar vivo / Vivo / É estar vivo

Não feito, não perfeito, não completo;Não satisfeito nunca, não contente;Não acabado, não definitivo Eis aqui um vivo, eis-me aqui.

E apesar...Do tráfico, do tráfego equívoco;	

Frases:

1. "A arrogância é o reino – sem a coroa" **(provérbio judaico).**

2. "Quanto maiores somos em humildade, tanto mais próximos estamos da grandeza" **(Rabindranath Tagore: poeta e escritor índio).**

3. "Creio que não valho tudo isso" **(observação: frase proferida por Zinedine Zidane, ao ser contratado pelo Real Madri por US$ 65 milhões).**

A felicidade no estar vivo (o Autor, 2011)

A associação da felicidade à mera condição de "estar vivo" é tarefa árdua para o ser humano. Pensa-se: não há felicidade porque se está vivo, mas pela possibilidade de consumir enquanto ser vivo.

Ciente de sua incompletude e imperfeição, o ser humano tende a buscar, arrogantemente, a plenitude da vida pela lógica do prazer imediato, em que o ato de comprar serve como "termômetro" de felicidade. Compram-se bens materiais, e o dinheiro, no imaginário do ser alienado, será também capaz de comprar os bens imateriais – até a felicidade. Tudo isso lhe dá uma sensação de menor precariedade, embora sua dependência do consumo – a "transitividade" que o marca – prenda-o ao "complemento" de uma falsa noção de felicidade.

O "vivo" manipulável será objeto do sistema no qual se insere, que o levará alienadamente à condição de vítima de seu próprio erro. A doença, o vício, a dificuldade de se impor como ser socialmente emancipado, tudo isso traduz-se no produto de escolhas equivocadas, que lhe foram ofertadas pelo sistema ao qual se liga. Os erros cometidos recrudescem as lacunas em seu âmago, tornando-o "defectivo" e, consequentemente, mais propenso à dominação.

"Estar vivo" será sempre bastante para quem, conscientemente, consome para viver, e não para aqueles que, alienadamente, vivem para consumir.

4ª Proposta de Redação:

Leia o artigo a seguir, retirado do Editorial da *Folha de S. Paulo* (de 6-12-1995) e elabore um texto dissertativo a seu respeito:

"A preocupação da comitiva presidencial com o vestuário durante a visita de Fernando Henrique Cardoso à Ásia trata diretamente do conceito de leis suntuárias.

Na sua origem, essas leis tinham uma inspiração moral e visavam a impor limites aos impulsos humanos. Assim, na sóbria Esparta, eram proibidos o álcool, o uso de móveis feitos com ferramentas sofisticadas e a possessão de ouro e prata.

Essas leis passaram a afetar também o vestuário. Na Roma republicana, em 215 a.C., a Lex Oppia proibia as mulheres de usar mais de meia onça de ouro. No judaísmo, a lei mosaica condena o uso de linho e lã no mesmo artigo, prática condenável no

Ocidente até hoje.

Na Europa, as leis suntuárias deixaram um pouco de lado a preocupação moralizante para passar a diferenciar as classes sociais. Em 1337 o rei Eduardo 3º, da Inglaterra, proibiu qualquer um com título inferior a cavaleiro de usar peles.

A partir do século 17, as leis suntuárias acabaram perdendo também um pouco do sentido de diferenciação social para converter-se num instrumento de guerra comercial. A Inglaterra, por exemplo, proibia a importação de seda francesa e a França, a de lã inglesa. Essa prática rapidamente evoluiu para os impostos sobre a importação.

Seria tolice, entretanto, acreditar que as leis suntuárias morreram. Elas apenas deixaram de ser leis positivas e foram transferidas para o mercado. As grifes continuam aí, indicando quem pertence a que classe. A tirania é a mesma, mas a eficiência é maior. Mesmo um pobre sempre poderá sonhar em vestir um Giorgio Armani".

Vocabulário:

Lei suntuária: lei que, em caráter excepcional, o governo promulga em época de crise, para restringir o luxo e os gastos imoderados.

Suntuosidade: grande luxo, magnificência, aparato, pompa (Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa).

As leis suntuárias continuam legítimas (o Autor, 2010)

No plano histórico, as sociedades sempre tenderam a se organizar por meio de estamentos ou classes, indicando a diferença natural entre os grupos, bem como a dominação de um sobre o outro. É natural que a dominação gera passividade, uma vez que há de prevalecer a ética do dominador, por meio da imposição de valores e simbologia própria, hábeis a demarcar a posição ocupada por aquele que pertence à sociedade estratificada.

Nesse contexto, inserem-se as leis suntuárias. No passado remoto, as leis suntuárias, positivas e escritas, tinham um viés inibitório de consumo, passando, com o tempo, a servir à diferenciação de classes sociais. A partir do século XVII, transformaram-se em instrumentos de proteção do mercado interno, assumindo o papel que é hoje realizado pela tributação extrafiscal. Na atualidade, as leis suntuárias, não mais escritas, permanecem como meios de restrição de liberdade, entretanto a ultrapassada lógica moralizante, originariamente justificadora dessas normas, cedeu passo a outro tipo de coibição, diante da tirania das leis do mercado: "a coibição da coibição".

Vivemos em uma sociedade em que a ascensão social liga-se à ideia de posse de objetos, capazes de legitimar o indivíduo como um ser superior. Somos instados a consumir, desenfreadamente, em um incentivo à aquisição do que não é necessário, sob a opressão imposta pelas práticas tidas como "da moda". Daí o desejo de adquirir roupas de "grife", carros de luxo, objetos de valor, entre tantos bens suntuosos e supérfluos.

Na perspectiva da lei de mercado, fomentar o consumo, associando-o à elevação social do adquirente do bem, é prática natural. O desejo de consumir indica a possibilidade de alteração do "status quo" do indivíduo nos estamentos da sociedade, promovendo-se a mobilidade social tão desejada. Curiosamente, ao mesmo tempo em que o consumo se faz necessário, a diferenciação de classes se mostra vital em uma estrutura socialmente estratificada, uma vez que é desta que irradia o desejo

no indivíduo de ascensão social, levando-o à prática consumista.

Assim, as leis suntuárias permanecem atuais. A diferença é que o "não faça" do passado deu lugar ao "use", "consuma", "vista-se" do presente, denotadores de um falso engajamento, e, sim, de uma induvidosa alienação. Não há dúvida de que a liberdade do indivíduo vai até onde seu consumo chega.

A redação seguinte foi extraída do concurso público de admissão à carreira de diplomata do *Instituto Rio Branco*, em Brasília, para o qual é necessário possuir nível universitário; daí a elaboração maior, tanto no estilo quanto no conteúdo desenvolvido, assim como nas ilustrações.

O trabalho apresentado – citado por Oliveira (2001: 59-61) – é de autoria da concursanda Giuliana Sampaio Ciccu, que conquistou 49 pontos de 60 possíveis.

Nacionalismo e globalização: o papel da cultura e política do idioma

A cultura é o principal elemento em que se baseia o conceito de nação. Profundamente arraigada nas diversas sociedades, cada cultura tem condições de manter sua individualidade, a despeito do intercâmbio progressivamente maior entre os países, decorrente do processo de globalização. O Estado tem um papel a cumprir para assegurar esta permanência: cabe a ele providenciar acesso à educação e incentivar manifestações culturais genuínas do povo.

Desde as unificações italiana e alemã, alguns fatores têm sido considerados fundamentais para que um Estado possa ser propriamente considerado como tal. Somente quando há entre o povo um nível mínimo de homogeneidade poderá haver estabilidade suficiente para que a unidade política se mantenha. Assim, história, religião, raça e, em especial, língua comuns são indispensáveis para que surja um sentimento de identidade que caracterize e particularize uma nação.

A história fornece várias evidências da fragilidade de um Estado constituído na ausência de um substrato cultural comum. A antiga Iugoslávia, por exemplo, esfacelou-se logo após o fim do regime comunista do Marechal Tito, que mantinha o país unido por meio da força. A fragmentação observada ocorreu, sobretudo, em virtude das diferenças religiosas e culturais entre os povos que habitavam aquele território.

A identidade cultural é, portanto, essencial para a vida do Estado. Com o fim da Guerra Fria, acelerou-se o processo de globalização, tanto nos planos econômico e político quanto no âmbito cultural. No Brasil, a influência estrangeira começou a evidenciar-se de maneira mais pronunciada, principalmente no que diz respeito à presença da língua inglesa.

Vocábulos ingleses passaram a ser utilizados, mesmo quando há termos correspondentes na língua nacional.

Tal influência, embora não configure ameaça à cultura brasileira, não pode tampouco ser considerada positiva. Alguns países, como a França, adotaram métodos legais para pôr fim à tendência, elaborando lei que proíbe o uso do inglês em diversas ocasiões. Esta, porém, não parece ser a solução mais adequada para o problema.

O melhor caminho para garantir a unidade cultural é a educação. Um povo que conheça suas tradições e sua história certamente encontrará motivos para se orgulhar do patrimônio que herdou e não sentirá necessidade de adotar ou imitar outras culturas. Permitirá somente o intercâmbio natural, com mútuas influências, que caracteriza uma cultura viva.

Estabelecer contatos permanentes com povos de cultura semelhante é igualmente importante para estimular a consciência cultural de cada povo. Desse modo, a criação da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, reunindo os sete países lusófonos do mundo, representa iniciativa de grande relevância e deve ser prioritária no plano da política do idioma. Não se trata de anular o que há de específico no português falado na Europa, América e África, mas de ressaltar significativo traço cultural que aproxima os diversos países.

Não há motivos, portanto, para temer os efeitos da globalização sobre a cultura nacional. Desde que o Estado contribua de modo eficaz para estimular a consciência cultural do povo, esta tende a manter-se, ainda que haja intensos contatos com outras culturas.

4.2.1. A petição à luz da dissertação

Observemos, agora, a sequência de articulados que devem compor a linha argumentativa de um petitório:

DO DIREITO

De acordo com o art. 150, I, da CF, é vedado aos Entes tributantes, entre eles os Municípios, aumentar tributo sem lei que o estabeleça.

A corroborar o exposto acima, impende destacar a dicção dos §§ 1º e 2º do art. 97 do CTN, que destacam a necessidade de lei para atualização em bases de cálculo de impostos, com índices acima da correção monetária do período.

O Decreto, na realidade, não atualizou apenas a base de cálculo do imposto, mas, sim, estabeleceu um aumento real, portanto acima da correção monetária do período, o que somente poderia ter sido exigido por meio de ato emanado do Poder Legislativo Municipal, isto é, lei, jamais um ato do Poder Executivo.

Citar DOUTRINA...

Citar JURISPRUDÊNCIA...

Com efeito, fica demonstrada, à saciedade, que a majoração da base de cálculo do IPTU, ou seja, a atualização do valor venal dos imóveis acima da correção monetária oficial, mediante Decreto do Poder Executivo, viola frontalmente o princípio da legalidade, consagrado no art. 150, I, da CF, combinado com o art. 97, §§ 1º e 2º, do CTN.

4.3. A REDAÇÃO DE PETIÇÕES

O presente item versará sobre o detalhamento da petição, a fim de que o eminente leitor possa angariar meios de expressão consentâneos com a forma solene dos petitórios. Portanto, deverá assimilar as dicas ofertadas e, fundamentalmente, aplicá-las em seu dia a dia, na elaboração de peças e arrazoados. Vamos, então, a elas.

4.3.1. O endereçamento

Sabemos que é por meio de petições que o advogado se comunica com o Poder Judiciário, importando muito a qualidade delas, não apenas para o resultado da ação, como também para a apresentação do trabalho jurídico.

A petição inicia-se com o *endereçamento*. Ele é necessário para que se conheça a Vara a que se deve encaminhar o petitório, além de indicar a pessoa a quem deve ser dirigido o texto, comumente o juiz ou o desembargador responsável pela instrução e pelo julgamento do processo.

O endereçamento deve, por isso, vir logo no início da página, desta forma: 37

- Excelentíssimo Senhor Doutor Juiz de Direito da __ Vara Criminal do Foro Regional de Santo Amaro, São Paulo.

Ou:

- Excelentíssimo Senhor Doutor Desembargador Presidente do Egrégio 4 Tribunal de Justiça de São Paulo.

No cabeçalho da petição (endereçamento ou vocativo), não use abreviaturas. A redação forense as repele quando usadas sem critério nas petições. Assim, evite a forma "Exmo. Sr. Dr. Juiz ...", preferindo "Excelentíssimo Senhor Doutor Juiz...".

É de destacar que a abreviatura prejudica o estilo solene da linguagem do foro, despindo-a de rigor. Ademais, a visualização do texto com abreviaturas torna-se áspera e desagradável ao olhar do leitor, devendo o aplicador do Direito usá-las somente em casos extremos. Queremos mencionar que existe tranquila tolerância com relação a certas abreviaturas, como: "art." para artigo; "p." para página; ou mesmo "CF" para Constituição Federal. Todavia, deve-se, *exempli gratia*, evitar "r. sentença", preferindo "respeitável sentença". Da mesma forma, substitua "v. acórdão" por "venerando acórdão" e, por fim, "V. Exa." por "Vossa Excelência".

A esse propósito, Rodríguez (2000: 61-62) ensina que

> existem adjetivos que, devido às formalidades do discurso jurídico, encontram-se impregnados na redação de peças enviadas ao Poder Judiciário. Esses adjetivos podem ser entendidos como forma de referência, e devem ser utilizados para que, no mínimo, se demonstre conhecimento da linguagem usual no foro. São os principais:

SUBSTANTIVO	ADJETIVO	SUBSTANTIVO	ADJETIVO
Acórdão	Venerando acórdão	Juiz	Meritíssimo Juiz
Câmara, Turma Julgadora	Colenda Câmara	Juízo	Digníssimo Juízo
Defensor / Relator	Culto Defensor / Nobre Relator	Julgador	Ínclito Julgador
Sentença	Respeitável sentença	Patrono	Culto Patrono

Tribunal	Egrégio Tribunal	Procurador, Promotor de Justiça	Nobre Procurador / Douto Promotor de Justiça

Não obstante, a adjetivação que se impinge a alguns termos forenses, no intuito de imprimir elegância ao texto e respeito à autoridade mencionada, pode vir a se tornar repetitiva, em razão do número de retomadas que o autor tem de fazer em sua exposição. Nesse ínterim, surge a opção pela abreviação desses adjetivos, de índole excepcional, a fim de que tal adjetivação hermética não prejudique a "musicalidade" ou "harmonia" textuais. Exemplo:

A r. sentença de fls. 20, a par do v. acórdão de fls., não satisfez os interesses do postulante, à medida que se pretendeu provar a essa C. Corte o dolo do autor.

4.3.2. Sugestões de melhoria

Como se notou nos tópicos precedentes, a petição é articulada com parágrafos, que devem estar concatenados por adequados elementos de ligação.

Tais elementos visam imprimir uma ordem lógica ao texto, ofertando-lhe unicidade em torno do eixo temático. Observe alguns exemplos.

4.3.2.1. Para citar artigos, comece com os seguintes conectivos de passagens:

- *Segundo o comando inserto no artigo tal, o Autor …;*
- *Consoante a inteligência do artigo tal, o Embargante …;*
- *"Ex vi" do disposto na literalidade do artigo tal, o Réu …* (*Ex vi*: por força de; leia-se com a sílaba tônica em "éx");
- *Conforme se depreende do alcance do artigo tal …*;
- *Consoante a dicção do artigo tal …*

Observe que o texto ganha elegância, denotando o convívio do emissor com a melhor linguagem do foro. Com efeito, é indiscutível que as formas citadas são preferíveis à simples enunciação: "O artigo tal reza que …". Portanto, use-as sem receio de transparecer afetação, uma vez que tal vício está longe de ser localizado nas expressões supracitadas, mas, sim, em modos intangíveis de exteriorização do pensamento, que permeiam alguns petitórios, dando a nítida impressão de que vieram tão somente para confundir, e não para veicular pensamentos.

4.3.2.2. Para mencionar o caso concreto, utilize as formas abaixo:

- *No caso em tela, há que se destacar…;*
- *No vertente caso, faz-se mister enaltecer…;*
- *No caso "sub examine", urge mencionar…* (pronuncie "sub eczâmine");
- *No caso em comento, é mister frisar…*;
- *No caso em tela, esclareça-se que… .*

Note que são formas estereotipadas, de que pode se valer o aplicador do Direito, a fim de que conduza a petição com linguagem técnica. É imperioso afirmar que o conhecimento de múltiplas formas é de vital importância, à medida que pode o ilustre causídico diversificar o texto, variando-as. Aliás, enquanto a repetição de palavras ou termos traduz-se em condenável pobreza vocabular, a diversificação de vocábulos, que se materializa no domínio da sinonímia [38], denota o controle amplo do léxico, conferindo zelo ao redigir.

Não é difícil imaginar que todos os falantes da Língua compreendem um universo de vocábulos significativamente maior do que o rol de palavras emitidas no dia a dia. É episódio natural em qualquer idioma: entende-se, todavia não se emprega.

Nesse passo, evidencia-se o "perigo", no momento da construção da petição, à medida que se deve proceder à boa seleção de vocábulos conhecidos e, decorrencial e apropriadamente, inseri-los no corpo da petição.

Na prática, a "seleção" e o "emprego" das palavras traduzem-se no domínio do léxico. É sabido que o léxico ativo representa o rol de palavras conhecidas e, realmente, empregadas na conversação cotidiana, enquanto o léxico passivo se traduz no conjunto de vocábulos que o leitor conhece, identificando seu significado, todavia não os utiliza efetivamente em seu texto, por motivo de insegurança ou por falta de prática.

O desenvolvimento do *léxico ativo* desponta a partir do "convívio vocabular insistido" – expressão por nós empregada, no intuito de demonstrar que o conhecimento das palavras e de seus sinônimos é fundamental para a desejada desenvoltura na confecção do texto. Recomendamos, a todo tempo, que se parafraseiem textos. O que é isso, afinal? A paráfrase representa a maneira diferente de dizer algo que foi dito, valendo-se da sinonímia. Conhecida como "metáfrase", é eficiente recurso para o fortalecimento vocabular, à medida que se traduz o texto na "mesma língua", procedendo à alteração de palavras, no mister de confecção de um novo texto. Com efeito, é essa substituição de palavras por outras do mesmo teor que provoca, paulatinamente, o robustecimento do vocabulário ativo do usuário da Língua.

Construir a paráfrase de um texto significa "traduzi-lo na mesma língua". Ou seja, escrever as mesmas ideias que nele constam, com palavras diferentes. O grande segredo da boa paráfrase, então, é a utilização dos sinônimos. Vejamos um interessante exercício de paráfrase, extraído da obra de Rodríguez (2000: 121):

Texto original:

"Não há dúvida nenhuma que fiscal do Juizado de Menores é um cara frustrado. É um tipo que sonhou um dia ser policial e, tendo ido parar noutra repartição da vida, se apresentou voluntariamente ao Juizado para a necessária fiscalização dos menores que driblam os pais e saem por aí como se já fossem cocorocas, quando ainda devem esperar alguns anos para isso.

Se tem algum leitor aí duvidando do que diz aqui o filho de Dona Dulce, o que nos parece um pouco difícil, pois jamais enganei ninguém no setor jornalístico, que esse duvidador repare no jeito dos fiscais do Juizado, quando invadem um bar para inspecionar. Reparem na cara de 'tira', a transpirar abuso de autoridade, que eles usam. Morem no jeito arbitrário, tão comum ao policial carreira" **(PONTE PRETA, Stanislaw, in Primo Altamirando e Elas, Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1962, pp. 115-116)**.

Paráfrase

Tenho absoluta certeza de que fiscal do Juizado de Menores é pessoa malograda, desiludida. É alguém que aspirava à carreira policial mas, tendo-se desencaminhado para outra vida, ofereceu seus préstimos para a indispensável vigilância dos garotos que enganam os pais e saem a passear fingindo ser maiores, ainda não sendo.

Se algum leitor duvida de minhas palavras – o que considero improvável, pois minhas palavras têm tido muita credibilidade – que esse descrente atente-se à cara de "tira", a exalar arbitrariedade, que eles exibem. Percebam o modo despótico, inerente ao policial típico.

4.3.2.3. Para citar doutrina, os elementos de ligação podem ser:

- *Nesse sentido, necessário se faz mencionar o entendimento do ilustre Fulano que preconiza, "in verbis": (citar a doutrina).*
- *A esse propósito, faz-se mister trazer à colação o entendimento do eminente Fulano que assevera, "ipsis litteris": (citar a doutrina).*
- *Nesse diapasão, impende destacar o entendimento do ínclito Fulano, que aduz, "verbis": (citar a doutrina).*
- *A corroborar o exposto acima, insta transcrever o entendimento do renomado Fulano, que preleciona, "ad litteram": (citar a doutrina).*

- *Nesse passo, é de todo oportuno trazer à baila o entendimento do preclaro mestre, que obtempera, "verbo ad verbum": (citar a doutrina).*

Observe que os enunciados supracitados vêm ao encontro do que objetiva o modesto trabalho literário a que agora se dedica, nobre amigo leitor: municiá-lo com linguagem técnica e múltipla.

Note que os exemplos trazem a lume o mesmo contexto, com modos diversos de expressão. Confira na tabela a seguir a variedade de expressões utilizadas, confrontando-as com os modelos anteriormente mencionados:

Elemento de ligação I	Elemento de ligação II	Qualificativo	Verbo	Latim*
Nesse sentido ⇒	necessário se faz mencionar ⇒	Ilustre Fulano ⇒	Preconiza ⇒	In verbis
A esse propósito ⇒	faz-se mister trazer à colação ⇒	Eminente Fulano ⇒	Assevera ⇒	Ipsis litteris
Nesse diapasão ⇒	impende destacar o ⇒	Renomado Fulano ⇒	Aduz ⇒	Verbis
A corroborar o exposto acima ⇒	insta transcrever ⇒	Ínclito Fulano ⇒	Preleciona ⇒	Ad litteram
Nesse passo ⇒	é de todo oportuno trazer à baila** ⇒	Preclaro Fulano ⇒	Obtempera ⇒	Verbo ad verbum

* As expressões latinas utilizadas (**in verbis**, **ipsis litteris**, **verbis**, **ad litteram** e **verbo ad verbum**) têm a acepção de "sem alteração" ou "literalmente", de modo que devem transitar com tranquilidade nos textos jurídicos, à medida que, inexoravelmente, valer-se-á o nobre causídico de fiéis citações de doutrina, jurisprudência, entre outros argumentos ab auctoritatem. Ressalte-se que há, ainda, a forma ad litteris et verbis, na acepção de "literalmente".

** A forma **"vir à baila"** pode ser grafada como "vir à balha". Primitivamente, a expressão significava "vir à dança", "vir ao baile", "aparecer" ou "ser visto". Desse modo semanticamente restrito, a expressão evoluiu para um sentido genérico, aplicando-se também ao campo das ideias.

Dessa forma, na elaboração da peça prático-profissional, deve o aplicador da redação jurídica demonstrar domínio da linguagem simples, porém técnica, peculiar ao estilo forense. Para tanto, faz-se mister que utilize expressões tradutoras de uma desenvoltura adequada na elaboração de parágrafos componentes do trabalho escrito.

Aprecie o quadro a seguir, com algumas "fórmulas", para utilização na introdução de articulados.

Nesse raciocínio,	o douto (Autor)	assevera
Nessa esteira,	o ínclito (...)	ministra
Nesse passo,	o ilustre (...)	preleciona
Nesse rumo,	o culto (...)	aduz
Nesse diapasão,	o eminente (...)	entende
A esse propósito,	o renomado (...)	leciona
Na mesma toada,	o preclaro (...)	obtempera

Ou, ainda:

- *Outrossim, merece ser trazido à baila o entendimento do ilustre doutrinador … .*
- *Ademais, merece ser trazido a lume o magistério do renomado catedrático … .*
- *Além disso, imperioso se faz trazer à colação os dizeres do renomado escritor … .*
- *À guisa de corroboração, necessário se faz trazer à baila o entendimento do eminente professor … .*
- *A ratificar o acima expendido, é de todo oportuno gizar (= delinear) o magistério do ínclito autor … .*

Veja, em tempo, outras "fórmulas" a serem usadas na petição para citar doutrina:

- *Nesse raciocínio, o festejado Autor preleciona, de modo esclarecedor, no sentido de que … .*
- *Nos respeitáveis dizeres do eminente Autor … .*
- *Com muita propriedade, o douto Fulano traça as seguintes explanações sobre o assunto … .*
- *Em consonância com o magistério do Fulano… .*
- *Sobre tal aspecto, merece ser trazido (ou necessário se faz trazer) à baila o excelente magistério do Fulano … .*
- *Também por este prisma é o entendimento do respeitável Autor, que perfilha o mesmo pensar, ao asseverar que … .*
- *Nesse rumo, ainda, as Impetrantes pedem vênia para transcrever as lapidares explanações tecidas pelo ilustre Fulano sobre o tema ora analisado … .*
- *Escudado nesse sólido embasamento doutrinário, a Autora entende que … .*
- *É de todo oportuno gizar as palavras do ilustre Autor, que assevera … .*
- *Em consonância com os dizeres do douto Autor, há que se notar o posicionamento do Fulano, em total corroboração ao acima expendido, que preconiza … .*
- *A tese defendida pelo Autor apresenta-se agasalhada pela melhor doutrina, como se pode notar da transcrição abaixo …*

.

- *Empós as clarividentes lições do renomado Autor … .*
- *No dizer sempre expressivo do preclaro Fulano … .*
- *Em assonância com a lição sempre precisa do Autor … .*

Ressalte-se que, para a citação de doutrinas, é necessário demasiada atenção, pois se trata de "argumentos de autoridade" (*ab auctoritatem*), que visam imprimir vigor na argumentação expendida. A esse propósito, Rodríguez (2000: 231-232) aduz que

> argumento de autoridade é aquele que usa da lição de pessoa conhecida e reconhecida em determinada área do saber para corroborar a afirmação do autor sobre certa matéria. (...) São argumentos de autoridade, via de regra, as citações de doutrina nas petições. Esse tipo de argumento traz duplo efeito. O primeiro deles é a presunção de acerto no raciocínio que o argumentante toma de empréstimo. Como a autoridade cujo pronunciamento é citado é (ou ao menos deve ser) pessoa conhecida (ou seja, cujo nome o leitor conheça) e reconhecida (o leitor deve conhecer a pessoa citada e reconhecê-la como autoridade em determinado assunto), o leitor passa a presumir que seu raciocínio tenha bons fundamentos (...).

E cita o autor um exemplo:

> "Como assenta Joel de Figueiredo Dias, professor catedrático da Universidade de Coimbra e presidente do Instituto de Direito Penal Econômico Europeu (...)".
>
> Essa apresentação, ainda que o leitor não conheça o professor citado, passa-lhe o *status* de autoridade, dando maior força ao argumento (destaque nosso).

Damião e Henriques (2000: 162) asseveram, acerca do argumento de autoridade, que sua

> intenção é mais confirmatória do que comprobatória. O argumento apoia-se na validade das declarações de um especialista da questão (que partilha da opinião do redator). É largamente explorado no discurso jurídico com o emprego de fórmulas estereotipadas como "estribando-se na autoridade de ...".

No mesmo diapasão, Ferraz Jr. (1991: 309) preconiza que "tal argumento domina a argumentação jurídica. Na esfera religiosa, a palavra de Deus é o argumento mais forte".

Assim, deve o anunciante observar as importantes regras abaixo para citação de doutrina:

1. utilize aspas (começo e fim);
2. se for destacar algo, indique com a expressão "grifos nossos", "destaques nossos" ou "sublinhas nossas";
3. utilize recurso que dê destaque ao trecho de citação: geralmente, quando a citação é um tanto extensa, procura-se mudar a fonte (o tipo de letra), ou a paragrafação, impondo uma margem bem maior para o texto citado. Assim, a própria estética da petição demonstra que aquele trecho é recorte de outra obra;
4. se for pular um trecho, use reticências entre parêntesis ou colchetes (...)/[...], ou utilize a expressão latina "omissis";
5. quando houver erro do doutrinador, jamais corrija. Insira apenas o termo sic ("assim", em latim), entre parêntesis, "debitando na conta" de outrem o erro de que não é dono. Exemplo: O título foi enviado à (sic) Cartório;
6. ao final (ou no início), deve detalhar a fonte, indicando autor, nome da obra, edição, cidade, editora, volume, ano e página.

É interessante observar que o causídico, quando depara com um argumento de autoridade, deve proceder de modo adequado, preocupando-se em combatê-lo, tendo em conta, em primeiro lugar, que, ao lado do argumento de autoridade mencionado, deve haver a fundamentação da tese, sob pena de esvaziar a força persuasiva da citação. Nesse passo, Rodríguez (2000: 234-236) leciona que

> um dos modos de desconstituir a força persuasiva de um argumento de autoridade é expor que não é a autoridade que, por si, constitui a tese, mas sim os argumentos que usa para fundamentá-la. Isso é muito bem expresso no aforismo latino "Amicus Platus, sedi magia mica veritas" ("Gosto de Platão, mas prefiro a verdade"). A expressão indica que, ainda que Platão tenha um conjunto de ideias que representaram conhecimento fabuloso para os de sua época, muitas vezes pode-se dele discordar.

E prossegue o autor:

> O segundo modo de combater o argumento de autoridade não é desconstituir-lhe a fundamentação, mas encontrar outra autoridade que defenda a tese contrária. Para nosso bem, o Direito permite doutrinas com entendimentos mais variados, portanto não é raro que aquele que cita a lição de renomado autor para fundamentar sua tese depare, em contestação, com citação da lição de outro renomado autor, defendendo a tese contrária. Vale a pena pesquisar.

4.3.2.4. Quanto à citação de jurisprudência

Seguindo a ordem dos articulados de uma petição, deverá o eminente aplicador do Direito citar a jurisprudência nos petitórios, logo após a doutrina. O modelo abaixo foi delineado com riqueza de detalhes, com vistas a[39] enriquecer o vocabulário, podendo ser apreciado com parcimônia, caso o ilustre leitor não pretenda se valer de todo o delineamento vocabular propositadamente empregado, na forma transcrita a seguir:

> "Ademais, a corroborar o posicionamento doutrinário expendido nos tópicos supracitados, impende trazer à colação a judiciosa ementa do venerando acórdão proferido pela colenda Turma do Egrégio Tribunal Regional Federal, cuja transcrição segue em anexo, **ipsis litteris**: ...".

Ou, ainda, com maior brevidade:

> "Nesse contexto, urge trazer à baila a respeitável ementa da judiciosa decisão proferida pelo Egrégio Tribunal, cuja transcrição segue abaixo, **in verbis**: (citar a jurisprudência)".

Ressalte-se que deve o autor do petitório "preparar" o leitor para a apresentação da jurisprudência no texto. Geralmente, utilizam-se fórmulas introdutórias, como: *"É assim que decidem nossos Tribunais"; ou "A jurisprudência pátria é assente nesse sentido, da qual se depreende que ...",* entre outras formas.

Outras "fórmulas" a serem usadas na petição para citar jurisprudência:

- *Lapidar nesse sentido o entendimento expendido pela egrégia __Turma do egrégio TRF da __ Região, na ementa de decisão proferida nos autos da Apelação, conforme se nota a seguir ... .*
- *É altamente ilustrativo transcrever os clarividentes excertos dos votos de alguns dos ínclitos Ministros que participaram do julgamento...*

- *Escudado nesse sólido embasamento jurisprudencial, a Autora entende que… .*
- *É necessário não perder de vista a posição que a jurisprudência pátria vem assumindo diante da matéria "sub examine", conforme se depreende da ementa abaixo transcrita… .*
- *A esse propósito, vale mencionar o venerando acórdão exarado pela __Turma, de cuja dicção depreende-se a rigidez dos argumentos ora apresentados pelo Autor… .*
- *A esse propósito, mister destacar que os argumentos perfilados pelas Impetrantes foram esposados por esta Colenda Corte, como se observa das decisões a seguir transcritas… .*
- *Com efeito, é ancilar o entendimento jurisprudencial… .*
- *Em abono dessa disposição doutrinária, mister se faz trazer à colação a judiciosa ementa… .*

Como se nota, a citação de jurisprudência é técnica que veicula o chamado argumento *a simili* ou "por analogia", segundo o qual as decisões dos magistrados funcionam como fonte do próprio Direito, em um processo analógico de convencimento. Nesse passo, Rodríguez (2000: 239) leciona que

> a justiça deve tratar de maneira idêntica situações semelhantes. Por isso, no Direito o argumento por analogia assume grande relevância e, como se sabe, é bastante persuasivo. (...)
>
> Por mais que o direito permita teses e entendimentos diversos sobre a mesma lei ou valoração diferente para as mesmas provas, é claro a todos que o sentido de justiça encontra-se exatamente nessa pretensa homogeneidade de decisões. Por isso, sempre o juiz será de algum modo influenciado a decidir de acordo com o que já decidiram seus iguais, não por qualquer subordinação ou por falta de independência funcional para seguir seu próprio convencimento, mas principalmente para manter a equidade no Judiciário como um todo.

Frise-se que a citação da jurisprudência deve ser precisa e, da mesma forma que o argumento por analogia deve prevalecer por uma identidade de fatos e fundamentos, o argumento de autoridade não pode se pautar apenas em citações descomprometidas de ementas, mas em enumerações contundentes de pronunciamentos de tribunais, adaptáveis com precisão ao caso concreto.

Assim, deve o anunciante observar as importantes regras abaixo para citar jurisprudência:

1. utilize aspas (começo e fim);
2. se for destacar algo, indique com a expressão "grifos nossos" ou "sublinhas nossas";
3. utilize recurso que dê destaque ao trecho de citação: geralmente, quando a citação é um tanto extensa, procura-se mudar a fonte (o tipo de letra), ou a paragrafação, impondo uma margem bem maior para o texto citado. Assim, a própria estética da petição demonstra que aquele trecho é recorte de outra obra;
4. se for pular um trecho, use colchetes ou reticências entre parêntesis (...), ou utilize a expressão latina "omissis";
5. ao final (ou no início), deve detalhar a fonte, indicando qual o relator da decisão, o número dos autos em que se encontra, a data e o órgão da publicação ou a revista autorizada de jurisprudência;
6. não fazer citações muito longas se não for aproveitar seu conteúdo;
7. não faça citações desatualizadas, que traduzam posicionamentos jurisprudenciais superados.

4.3.2.5. Quanto à conclusão do texto:

Por fim, para terminar o texto, devem ser empregados os elementos de ligação que são hábeis a concluir o pensamento. Por

si sós[40], devem transparecer ao leitor que o emissor da mensagem está no derradeiro pensar, pronto para proceder ao fecho do raciocínio, arrematando o pensamento com elementos de finalização que se reportam à tese acima ventilada. Observe:

- *Posto isso, merece a Impetrante a concessão do provimento pleiteado, uma vez que … .*
- *Por derradeiro, logrou a Autora provar a veracidade dos fatos, merecendo a procedência do pedido … .*
- *Em face do exposto, insta mencionar… (e não "Face ao exposto, …".*
- *Do exposto, é de se destacar que … .*
- *Perante o exposto, evidente se faz a necessidade de procedência… (e não "Perante ao exposto, …".*
- *"Ex positis", desponta cristalina a prova de que … .*
- *Em suma, não há dúvida de que … .*
- *É de se concluir, destarte,… (ou dessarte).*
- *Desse modo, inexorável a conclusão de que … .*
- *Solicita, afinal[41] (e não "a final"), o julgamento procedente do pedido … .*

Não obstante o largo uso no meio jornalístico e na literatura moderna, as expressões "frente a" e "face a" – neologismos derivados do francês, portanto, francesismos[42] – devem ser evitadas. A razão está no fato de que a locução preposicional deve conter a preposição "a" ou "em", antes da palavra "face", e não após o vocábulo. Logo, as locuções neológicas "frente a", "face a" e "ante a" devem ser substituídas por "em frente de", "em face de" e "ante" (sem a preposição "a") ou "perante" (sem a preposição "a"). Aliás, não há como sustentar gramaticalmente as formações vocabulares "perante a" ou "ante a", uma vez que "perante" e "ante" são preposições, não havendo espaço para outra preposição na expressão. Perguntar-se-á: o que faz o "a", preposição, ali, ao lado do "perante" ou "ante"?

Observe as erronias abaixo delineadas, bem como as oportunas correções:

Evite…	Troque por…
Face às dificuldades, …	Em face das dificuldades, … Diante das dificuldades, … Ante as dificuldades, …
Perante ao ocorrido, …	Perante o* ocorrido, …
Ante a isso, …	Ante isso, …
* A preposição "**perante**" tem a acepção de "diante de", "ante". Diz-se: perante o juiz (e não "perante ao juiz"), perante elas (e não "perante a elas"), perante o qual (e não "perante ao qual").	

Como se enunciou acima, há vários registros na imprensa que denotam a preferência pelo uso ora condenado. Exemplos: 43

"Yeltsin se mobiliza face à oposição" 10.

"Face às perspectivas que se abriam à sua frente, Henri ficou muito emocionado" 44.

"O dólar teve nova desvalorização frente ao iene" 45.

Por outro lado, Vivaldo Coaraci 46 enuncia interessante frase, com a expressão adequadamente utilizada:

- "Não seria o primeiro que, em face da viuvez, se acolhia ao altar" (destaque nosso).

Na mesma esteira, Vinicius de Moraes, no *Soneto de Fidelidade*, brilhou, como de costume, ao expor a locução com propriedade:

- *"De tudo ao meu amor serei atento*

  Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto

  Que mesmo em face do maior encanto

  Dele se encante mais meu pensamento" (destaque nosso).

Por outro lado, o jornal *O Estado de S. Paulo*, de 30-5-1994, titubeou, ao divulgar notícia com os sofríveis dizeres:

"Ante a esta possibilidade perigosa, policiais da 3ª Delegacia, de Salvador, foram chamados".

Seria mais prudente se tivesse divulgado: *"Ante esta possibilidade perigosa, policiais da 3ª Delegacia, de Salvador, foram chamados"*.

4.3.2.6. Quanto ao pedido da petição:

"Fórmulas" a serem usadas na confecção do pedido na petição: 47

- Ex positis, serve-se o Autor da presente para requerer a Vossa Excelência que 14 se digne de:

a) conceder a liminar;

b) julgar procedente o pedido;

c) citar;

d) condenar o Réu;

e) autorizar a produção de provas.

Observação: o verbo “dignar-se” é pronominal e pode ser acompanhado, diretamente, do verbo que compõe a locução verbal. Exemplo: “… se digne citar” ou “digne-se citar”.

Ademais, ressalte-se que a preposição “de” é facultativa, podendo ser empregada, caso deseje o aplicador do Direito. Exemplo: “… se digne de citar” ou “digne-se de citar”.

Por fim, o verbo “dignar-se” não admite a preposição “a”, embora seja forma aceita por lexicógrafos de nomeada 48. Vamos analisar a frase abaixo:

Do exposto, é a presente para requerer se digne Vossa Excelência a conceder a liminar … .

Troque por:

- Do exposto, é a presente para requerer se digne Vossa Excelência conceder a liminar ...; **Ou**:
- Do exposto, é a presente para requerer se digne Vossa Excelência de conceder a liminar ...; **Ou**:
- Do exposto, é a presente para requerer digne-se Vossa Excelência conceder a liminar ...; **Ou**:
- Do exposto, é a presente para requerer digne-se Vossa Excelência de conceder a liminar … .

Observação: a omissão da conjunção integrante **QUE** foi intencional, apenas com propósito estilístico. Nada obsta a que se escreva a oração com a conjunção: Do exposto, é a presente para requerer QUE se digne Vossa Excelência **a** conceder a liminar … .

Observe outros casos equivocados em que o verbo veio acompanhado da preposição “a”:

O paciente esperou pacientemente, até que o médico se dignasse a atendê-lo.

Ele estava com as mãos desocupadas, porém não se dignou a me cumprimentar.

O cirurgião não se dignou a pegar o bisturi.

Por derradeiro, segue uma lista de expressões estereotipadas de fecho ou conclusão em petitórios: *destarte, dessarte, em suma, em remate, por conseguinte, em análise última, concluindo, em derradeiro, por fim, por conseguinte, finalmente, por tais razões, do exposto, pelo exposto, por tudo isso, em razão disso, em síntese, enfim, posto isto (isso), assim, consequentemente etc.*

1. Veredicto e Detector

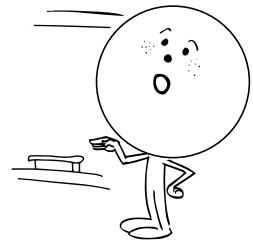

Situação: Os ouvintes passaram pelos detectores de metais, para que pudessem entrar no Tribunal do Júri, de onde emanou o veredicto.

Comentário: em alguns locais públicos, usam-se "detectores" de metais para evitar que pessoas trafeguem armadas. Portanto, detectam-se pessoas.

De acordo com o VOLP 2009, o substantivo em exame é de dupla prosódia – detector ou detetor. Nessa esteira, ao verbo se dá o mesmo tratamento: detectar e detetar. A propósito, existem outras palavras derivadas: detetado, detetabilidade, detetador, detetante e detetável – todas sem o -c.

Na verdade, foi o VOLP 2004 que inovou ao dar tal tratamento a esses termos – que, até então, não recebiam a dupla prosódia –, em abono da uniformidade com outros vocábulos que já contavam com a dupla pronunciação: contacto e contato; corrupto e corruto; corrupção e corrução; aspecto e aspeto; expectativa e expetativa; expectorar e expetorar; secção e seção; intersecção e interseção etc.

No tocante à forma **veredicto**, o Vocabulário Ortográfico reconhece, na mesma esteira, as formas "veredito" e "veredicto".

Posto isso, fique com **detectar** ou **detetar**, **detector** ou **detetor** e **veredito** ou **veredicto**... e fique com o VOLP.

2. CUSTAS, NÚPCIAS, PÊSAMES, ÓCULOS, OLHEIRAS

Situação: No comovente enterro, era possível ver as profundas olheiras dos familiares, que se retraíam atrás dos óculos escuros.

Comentário: há certos substantivos que só se usam no plural – os vocábulos ou **palavras pluralícias**. Diríamos, jocosamente, que sofrem elas de "complexo de superioridade". Eis alguns: suspensórios, arredores, bodas, anais, férias escolares, damas (o jogo), condolências, pêsames, exéquias, núpcias, algemas, trevas, antolhos, belas-artes, belas-letras, calendas, cãs, esponsais, fezes, matinas, parabéns, primícias, víveres, cadeiras e costas (partes do corpo humano), olheiras (o VOLP e o Houaiss admitem a forma no singular, também).

Portanto, diga:

- Onde estão os meus óculos? Onde estão minhas calças? Adquira aqui seus óculos.

Interessante é compartilhar a suscitação de dúvida levantada por Celso Pedro Luft que, intrigado com o assunto em comento, atribui-lhe um inusitado desrespeito à lógica. Afirma o renomado gramático que se "quebrei o pires amarelo", por que não "quebrei 'o' óculos escuro"? O raciocínio merece nosso aval. Entretanto, o melhor é que usemos tudo no plural (os meus óculos escuros, teus óculos novos). Caso contrário, deve-se optar pelo uso irrestrito no singular – o meu óculo escuro, teu óculo novo (forma pouco sonora, uma vez que "óculo" é cada aro e, como se sabe, hoje em dia, ninguém usa mais pincenê ("óculos sem haste", que se prende ao nariz por meio de uma mola).

3. UMA AGRAVANTE – UMA ATENUANTE

Situação: O advogado alegou algumas atenuantes, para justificar o pedido de redução de pena. Todavia, o fato de ele dirigir alcoolizado é uma agravante no caso de colisão.

Comentário: a palavra **agravante** pode ter a acepção de adjetivo ou substantivo.

Como adjetivo, deve concordar com o substantivo. Exemplos:

- Essa é uma situação agravante.

- Esse é um fenômeno agravante.

Por outro lado, as palavras **agravante** e **atenuante**, como substantivos, são do gênero feminino. Exemplos:

- O comportamento do suspeito é uma agravante que deve ser levada em conta.
- O advogado alegou a existência de algumas atenuantes, o que justificou o pedido de redução de pena do preso.

Ressalte-se que existe "agravante" como substantivo masculino, mas aí se trata de alguém do sexo masculino que interpõe um agravo (ou seja: um recurso para aumentar a pena de um veredicto).

- O agravante protocolizou o recurso a destempo.

À semelhança de "atenuante" e "agravante", aprecie outros substantivos femininos (e seus significados):

A abusão (superstição; ilusão) – A aguardente – A alcíone (ave fabulosa) – A alface – A aluvião (grande quantidade) – A áspide (espécie de víbora) – A bacanal (festim licencioso; orgia) – A cal – A cataplasma (papa medicamentosa) – A clâmide (espécie de manto) – A cólera (ira, raiva; doença infeciosa) – A comichão (coceira; desejo ardente) – A couve – A couve-flor – A derme – A dinamite – A ênfase – A entorse (lesão articular) – A faringe – A ferrugem – A filoxera (tipo de inseto; doença) – A gênese – A hélice – A jaçanã (espécie de papagaio) – A juriti (ave) – A libido – A mascote – A omoplata – A ordenança – A pane – A sentinela – A sucuri – A ubá (espécie de canoa).

4. Propositado ou Proposital

Situação: O ladrão se aproximou propositadamente da vítima.

Comentário: o dicionarista Aurélio registra os adjetivos proposital e propositado como sinônimos. Antônio Houaiss faz uso do termo propositadamente, e não "propositalmente", quando define as diversas acepções do verbete proposital. O gramático Napoleão Mendes de Almeida (1999: 448), a quem fazemos coro, diz textualmente: "Não são consideradas de bom uso – a advertência é de João Ribeiro – proposital e propositalmente, convindo dizer propositado (ofensa propositada) e propositadamente: agiu propositadamente".

É mister, pois, seguir o exemplo dos grandes mestres e fazer uso do vocábulo propositadamente. Desse modo, entendemos que, no sentido de "acintosamente, de propósito", o advérbio propositadamente é forma preferível a "propositalmente". No mesmo rumo, prefira despropositadamente à expressão "despropositalmente". Ainda, prefira a forma despropositado ao adjetivo "desproposital".

Frise-se que propositado é adjetivo designativo "daquilo que é feito com alguma intenção, em que há propósito; não casual". Por sua vez, "proposital" é adjetivo com o sentido de "premeditado, deliberado, feito por querer; propositadamente; intencional".

Em tempo, à guisa de fortalecimento vocabular, aprecie as variações etimológicas da palavra **propósito**, como substantivo masculino, indicando a "intenção de fazer algo; projeto; desígnio; objetivo; finalidade" (Houaiss).

- **A propósito de:** tem o mesmo sentido de "oportunamente; por falar nisso; aliás".

  Exemplo: A propósito, acho que fomos apresentados na última reunião.

- **De bons (ou maus) propósitos:** é o mesmo que "bem-intencionado ou mal-intencionado".

  Exemplo: Os irmãos eram pessoas de bons propósitos.

- **De propósito:** é o mesmo que "propositadamente; por querer".

  Exemplo: Ele esqueceu o compromisso de propósito.

- **Fora de propósito:** tem a mesma acepção de "algo que não é adequado".

Exemplo: Sua intervenção é totalmente fora de propósito.

- **Ter propósito:** na acepção de "ter razão de ser; ser sensato; ter sentido".

  Exemplo: Tem propósito fazer tanta dieta assim?

A HORA DO ESPANTO

AS "PÉROLAS" DO PORTUGUÊS

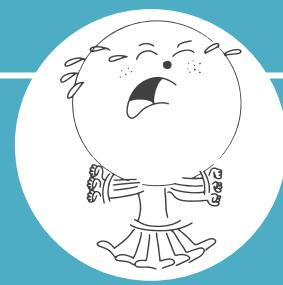

1. Basta nascermos e pronto

Correção: não seria "nascermos", como forma designativa da 1ª pessoa do plural (nós) do futuro do subjuntivo do verbo nascer? A estrutura verbal criada por este desatento usuário é bastante criativa (nascermos!?).

2. Tenção nervosa

Correção: como qualidade do que é "tenso", somente existe "tensão", com -s. A forma "tenção", com cê-cedilha, tem a acepção de "intenção", sendo também dicionarizada. Portanto, não "troque as bolas", sob pena de provocar uma "tensão geral"...

5 COMO ENRIQUECER A LINGUAGEM DO FORO

Este capítulo traz as principais ferramentas para a construção do texto jurídico, analisado em uma perspectiva essencialmente prática. O leitor poderá se aproximar das principais questões que incomodam o operador do Direito no momento da elaboração da petição, da sentença, do parecer, enfim, dos mais diversos textos jurídicos.

Nesse ínterim, procuramos enfrentar a problemática afeta aos *defeitos das petições, clichês, arcaísmos, pronomes demonstrativos inadequados*, sem embargo de indicar o melhor caminho a seguir – o que ocorre, sobretudo ao término do Capítulo, com as dezenas de fórmulas (composições frásticas) as quais recomendamos serem usadas no texto jurídico. Passemos, então, a esse importante estudo.

1. Evite a expressão "através de" usada sem adequação.

Essa locução preposicional significa "de um para o outro lado", na acepção de transpor obstáculo. A locução traz ínsita a ideia de "passar por", "de lado a lado". Não deve reger situações relacionadas com pessoa, pois, parafraseando Nascimento (1992: 144), "constitui emprego desconhecido na boa linguagem a locução preposicional 'através de' regendo nome de pessoa fora do sentido físico; bem como seu uso para indicar 'instrumento', 'meio' ou 'veículo' não é correto".

Portanto, é erronia usar a expressão como indicadora de meio. Em português, as preposições que indicam relações de "meio" são: *por meio de, por intermédio de, mediante, graças a, mercê de*, entre outras.

A locução somente deve ser usada para travessia de algo ou para representar o deslocamento de algo "através" de alguma coisa (no sentido de atravessar). Exemplos: • *Irei ao outro lado do rio através da ponte.*

- *A bala passou através da parede.*
- *Vejo o hospital através da janela.*
- *"Laços que se prolongam através das eras" (Alexandre Herculano).*
- *A vida prossegue através das vicissitudes.*
- *Através dos tempos, os conceitos mudam.*
- *Passou através de campos e matas (ou seja: lado a lado).*
- *Andou através da multidão na Rua da Consolação (= por entre).*
- *Conservou a fé através do tempo* (ou seja: no decurso do tempo).
- *O conceito de elegância mudou através dos tempos* (frase correta, uma vez que mostra que o conceito atravessou o tempo, ao longo dos anos).

Jamais, então:

"... vem através do advogado abaixo assinado".

"... provado através de testemunhas idôneas...".

"... foi resolvido através de acordo".

"Chegaram a um bom termo através do acordo".

Há "remédios" para a "enfermidade" demonstrada: prefira o uso de "por meio de", "por intermédio de", "mediante", "graças a", "servindo-se de".

2. Evite, também, o uso indiscriminado do pronome onde, que equivale a "em que", referindo-se a lugar físico. Deve ser usado apenas para "local", e não para outras situações. Vejamos o uso correto: • *A estrada onde ocorreu o acidente.*

    • *O prédio onde ele trabalha.*

O uso inadequado apresenta-se nas orações a seguir:

"A lei viola o art. 5º, onde está consagrado ...".

"Este é o instituto da Prescrição, onde há o prazo...".

"Estes são os autos onde estão as provas".

Procedendo à correção: "A lei viola o art. 5º, no qual (em que) está consagrado...".

"Este é o instituto da Prescrição, no qual (em que) há o prazo...".

"Estes são os autos, nos quais (em que) estão as provas".

Importante: existe uma praxe condenável de se usar a forma "onde" em excesso nos textos escritos. Costumamos denominar o fenômeno de "ondismo". Como pronome relativo, "onde" deve conter sempre um antecedente que se refira a lugar, podendo ser substituído por "em que", "no(a) qual" ou "nos(as) quais".

Exemplo: Minha terra tem palmeiras. O sabiá canta nas palmeiras.

Portanto, "Minha terra tem palmeiras, onde canta o sabiá" (verso da poesia *Canção do Exílio*, de Gonçalves Dias).

3. Evite expressões clichês (frases feitas e preciosismos ou arcaísmos) usadas de modo corriqueiro, porém irrefletido, pelos operadores do Direito menos avisados. É fato inequívoco da Língua atual do Brasil o uso inadequado de tais expressões – os famosos chavões, lugares-comuns ou hipérboles desnecessárias, que denotam uma pobreza de estilo e tornam a leitura cansativa.

Nesse passo, Damião e Henriques (2000: 58) afirmam que palavras, expressões e tipos de construção sintática caem em desuso, saem de circulação. A essas formas que cumprem sua missão em determinada fase da história e, depois, desaparecem na escuridão dos tempos, dá-se o nome de arcaísmos. Costumam ser divididos em "léxicos", "morfológicos" e "sintáticos"; o presente trabalho interessa-se pelos primeiros (arcaísmos léxicos).

Utilizar a linguagem culta não significa lançar mão de linguagem rebuscada e preciosismos inoportunos. Deve o advogado

ter bom senso. Como pretende convencer os juízes, cidadãos comuns[49], com uma linguagem obsoleta e, às vezes, denotadora de pedantismo? São exemplos: • "*... vem, com espeque no art. ..., ajuizar a presente ...*".

- *"Argumentos baldos de maior razão".*
- *"A exordial ministerial apresentou uma miríade de falsas afirmações, que não passam de bazófias que devem ser repelidas por esse Douto Areópago".*
- *"O autor procura aproveitar-se da indústria do dano moral, partindo para uma aventura jurídica sem fundamento".*
- *"O réu pretende acobertar-se com o manto da impunidade*".

Damião e Henriques (2000: 24) referem-se à linguagem culta como sendo aquela que em latim, era o "sermo urbanus" ou "sermo eruditus". Utilizam-na as classes intelectuais da sociedade, mais na forma escrita e, menos, na oral. É de uso nos meios diplomáticos e científicos; nos discursos e sermões; nos tratados jurídicos e nas sessões do tribunal. O vocabulário é rico e são observadas as normas gramaticais em sua plenitude.

> Esta linguagem, usam-na os juristas quando nos diferentes misteres de sua profissão. Não é mais a linguagem de Rui Barbosa, mas dela se aproxima.

Portanto, nota-se que a linguagem culta deve dispor de vocabulário selecionado e ritualizado, sendo exemplos corriqueiros vocábulos, como *outrossim, estribar, militar* (verbo), *supedâneo, incontinenti, dessarte, tutela, arguir, acoimar.* Alguns termos fruem predileção especial por parte de certos autores: *incontinenti*[50] e *supedâneo* (Miguel Reale) ou *dessarte* (Magalhães Noronha).

Nesse rumo, segue o escritor e pensador extraordinariamente fecundo Mário Ferreira dos Santos (1954: 29), versando sobre a linguagem do Direito: "Deve-se escrever com as palavras que usamos na linguagem comum. Por isso convém evitar-se os arcaísmos, expressões raras e obsoletas. Quando o discurso, a palestra ou o relato refiram-se a temas científicos e filosóficos deve ser empregada a terminologia em uso nessas ciências. A finalidade dessa regra é garantir a clareza, que é uma das qualidades principais de um bom estilo".

Evite elementos arcaicos, tais como: • Lídimo: De Plácido e Silva (1978) registra o termo com o sentido de *legítimo*, em se tratando do filho procedente do legítimo casamento. Artur de Almeida Torres (1959: 163) considera que, hoje, ninguém mais diria "filho lídimo, prole lídima, sucessão lídima".

- Pertenças: substantivo usado no plural cujo sentido é de benfeitorias.
- Avença: com o significado de *acordo*, *contrato*, *ajuste*; o termo aparece em Jaime Barros (1967: 110).
- Usança: equivale a *uso*; é termo frequente no Direito Comercial.
- Defeso: significa *proibido*; representa forma arcaica e acepção usada até o século XVI e mantida no Direito.

O preciosismo, na definição de Napoleão Mendes de Almeida (1999: 517), é o "uso de palavras, expressões e construções ou antigas (mais propriamente o vício se denomina, então, 'arcaísmo') ou inusitadas, esquisitas, rebuscadas, de forma que o pensamento se torne de difícil compreensão".

É sobremodo importante assinalar que, no ambiente forense, subsistem os jargões e os arcaísmos, realidades léxicas distintas, que merecem consideração. Com efeito, o *jargão* é termo usual na linguagem do operador do Direito, que recebe a chancela do usuário da linguagem forense, como se fosse uma "gíria profissional". Por outro lado, o *arcaísmo* é despido dessa "naturalidade" no uso, na medida em que representa o "preciosismo" – conjunto de expressões raras e obscuras,

despidas de clareza, que acabam por traduzir certa dose de rebuscamento indesejável e pedantismo no emissor.

Evidencia-se o preciosismo no uso de expressões como "aferro", "pertinácia", "com espeque em", ou verbos de raro uso, como "apropinquar-se", "obsecrar", "soer", entre outros. Sempre insistimos: a utilização de vocábulos desse porte somente seria considerada tolerável, caso o texto o "sustentasse", isto é, na hipótese de o eixo temático do fragmento vir permeado de linguagem burilada, denotando, sim, que o redator é exímio conhecedor do idioma. Caso contrário, se o termo raro vier solto, perdido e em total desarmonia com o conjunto vocabular demonstrado, afirmamos tratar-se de "plantio de palavras", na tentativa de provocar uma falsa sensação de erudição. Esse "plantio vocabular" indesejável coloca em perigo a unidade e concatenação do texto, provocando uma inevitável desconfiança no leitor, que tende a se afastar do foco apresentado.

Uma linguagem clássica somente se sustenta se outras passagens do texto denotarem erudição e sapiência. É inadmissível que o redator empregue o verbo "obsecrar" e, por exemplo, titubeie nos "pilares gramaticais", como a crase, a concordância ou a regência. Portanto, entendemos que a seleção adequada de palavras se pauta pela simplicidade, despida de arcaísmos, excetuado o uso de termos que, de fato, encontrarão sustentabilidade no conjunto apresentado. Afinal, o arcaísmo e o jargão são como uma "estrada de mão dupla": em uma "faixa de rolamento", vai o *arcaísmo*, seguido da incompreensão; na via contrária, vem o *jargão*, trazendo a reboque a fácil assimilabilidade.

É comum, outrossim, um problema de estilo nos petitórios: a hipérbole – figura de linguagem que consiste no exagero no modo de enunciar uma ideia, com efeito falsamente persuasivo. A linguagem hiperbólica nada acrescenta à persuasão do destinatário da mensagem, além de conter, dependendo da intensidade, uma carga hilariante em seu conteúdo. Observe o exemplo:

> "É preferível despencarem os céus sobre mim a que o Meritíssimo Juízo acate o teratológico pedido do Autor, que pretende fazer destes autos uma verdadeira comédia, uma sátira com todos os envolvidos nesta pitoresca demanda!"

4. Ao se referir às partes do processo, procure evitar insinuações hierárquicas, que denotem uma falta de paralelismo entre as partes. O tratamento deve ser polido, em um processo de "equivalência de funções", que liga o advogado ao juiz ou ao promotor, e estes àquele, sem dessemelhanças vãs.

Rodríguez (2000: 65-67), ao tecer comentários sobre a hierarquia entre os operadores do Direito no processo, preleciona: Sabe-se, no entanto, que, entre juiz, promotor e advogado, não há, na demanda, relação hierárquica, por força de dispositivo legal, como abaixo se lê: LEI N. 8.906, DE 4-7-1994 – DOU 5-7-1994

> Estatuto da Advocacia e a Ordem dos Advogados do Brasil – OAB. Dispõe sobre o Estatuto da Advocacia e a Ordem dos Advogados do Brasil – OAB. Título I – Da advocacia (artigos 1º a 43) Capítulo II – Dos Direitos do Advogado (artigos 6º e 7º) Art. 6º Não há hierarquia nem subordinação entre advogados, magistrados e membros do Ministério Público, devendo todos tratar-se com consideração e respeito recíprocos.
>
> Parágrafo único. As autoridades, os servidores públicos e os serventuários da justiça devem dispensar ao advogado, no exercício da profissão, tratamento compatível com a dignidade, a advocacia e condições adequadas a seu desempenho.

A paridade de tratamento entre os operadores do Direito vem ao encontro do bom andamento das lides processuais, que

demandam um funcionamento harmônico das partes do processo. As atitudes de respeito e consideração, mais encontradiças nos eventos orais do foro – audiências, júris, entre outros –, que traduzem o rito solene que caracteriza o ambiente forense, devem ser estendidas aos petitórios e sentenças. Essa é a razão por que devemos enaltecer as felizes construções de lúcidos magistrados que, em sentenças, mostram deferência ao patrono da causa, da mesma forma que o fazem com relação ao promotor de justiça. Não se pode admitir, mesmo que não se queira, qualquer indício de desigualdade ou subordinação nas formas de referência, sob pena de transformarmos o processo em "parte", e não em "partes", exaltando uma em detrimento de outra.

4.1. O paralelismo entre as partes processuais e o uso das iniciais maiúsculas Devem-se utilizar as iniciais maiúsculas em sinal de respeito e paridade entre os cargos e funções. Ademais, há a necessidade de paralelismo em toda a petição. Assim, utilize as iniciais maiúsculas em "Autor e Réu", "Impetrante e Impetrado", "Reclamante e Reclamado", "Embargante e Embargado" *etc.*

A cordialidade na escrita é tão identificável quanto na linguagem falada. Uma forma, visualmente recomendável, de denotar polidez no redigir está no emprego da letra maiúscula, hábil a revelar, entre outros atributos, o respeito a cargos e funções. Essa é a razão para que se escrevam na petição "Juiz" (com -j maiúsculo), "Promotor" (com -p maiúsculo), "Autor" (com -a maiúsculo), "Réu" (com -r maiúsculo), "Patrono" (com -p maiúsculo), entre outras expressões.

O uso linear das formas, em abono de um adequado paralelismo, vem ao encontro da harmonia na construção do texto. Nessa esteira, não se deve "desequilibrar" o tratamento, quando se faz menção a órgão e a seus cargos. Exemplo: evite referir-se, no mesmo texto, à Ordem dos Advogados do Brasil, com iniciais maiúsculas – o que, por óbvio, sabemos ser correto – e, simultaneamente, fazer referência a "advogado", com -a inicial, minúsculo, sob pena de ferir a harmonia das relações.

Posto isso, não é prudente utilizar um tratamento a uma parte sem o dar à outra, sob pena de chancelar um desnivelamento infausto, exceto se houver uma intenção clara de empreender a fatídica dessemelhança.

5. Evite a utilização do verbo restar como verbo de ligação. Ele não o é. Nenhum dicionário da Língua Portuguesa o registra como verbo de ligação. Assim, há equívoco quando se escrevem as expressões estereotipadas "resta provado", "resta demonstrado" ou "resta claro". O verbo "restar" deve ser utilizado para indicar "sobras" e só. Exemplo: *Comi dois chocolates dos três que ganhei. Restou um.*

O mesmo raciocínio vale para o verbo resultar, que tem sido utilizado impropriamente como verbo de ligação, sinônimo de "ficar". A construção é fruto de espanholismo. Registre-se que o *Dicionário Gramatical de Verbos do Português Contemporâneo do Brasil*, editado pela UNESP, admite tal uso: *"Foi um belo momento que resultou triste, mas passou"*. No entanto, insistimos, *concessa venia*, em rechaçar seu uso. "Resultar" significa "dar em resultado, seguir-se, originar-se, ser a consequência lógica, redundar". Não se deve usá-lo como verbo de ligação, criando orações como "a prova resultou irrelevante", em vez de "a prova resultou em completa irrelevância" ou, também admissível, "a prova não deu resultado". Júlio Nogueira assevera que "a nossa imprensa[51] parece disposta a dar ao verbo 'resultar' um emprego que ele só tem no espanhol: 'os esforços resultaram improfícuos'; 'a diligência resultou inútil'".

Nesse sentido, seguem Francisco Fernandes, em seu *Dicionário de Verbos e Regimes*[52], acompanhado de Napoleão Mendes de Almeida (*Dicionário de Questões Vernáculas*) e Cândido Jucá Filho (*Dicionário Escolar das Dificuldades da Língua Portuguesa*). Portanto, devemos evitar dar vazão ao estrangeirismo inoportuno, escrevendo à castelhana. Aprecie, pois, a correção das frases abaixo: 1. Os trabalhos resultaram improfícuos.

Troque por: *Os trabalhos foram improfícuos.*

2. As palavras resultaram proveitosas para mim.

   Troque por: *As palavras resultaram em proveito para mim.*

3. "A operação, porém – e os seus efeitos eram implacáveis –, resultou inútil" (Euclides da Cunha, *Os Sertões*, p. 316).

   Troque por: *"A operação, porém – e os seus efeitos eram implacáveis –, foi inútil".*

É imperioso frisar que escritores de nomeada, dicionaristas e até gramáticos cometeram pequenos deslizes no vernáculo. Desacertos, todos os podem cometer; o importante é enfrentá-los e, sobretudo, proceder à eventual correção deles.

6. É sobremodo elegante na linguagem forense a omissão de termos nas orações 53. Trata-se de elipse – supressão de um ou mais vocábulos, facilmente identificáveis pelo contexto. Exemplo: *"No mar (há) tanta tormenta, (há) tanto engano. Tantas vezes a morte (é) apercebida"* (Camões). Um exemplo retumbante na linguagem do foro é a omissão do verbo "ser". Exemplos: • *A sentença merece confirmada.*

   • *O recurso merece lido.*

   • *A petição merece anexada.*

   • *A opinião do promotor precisa ouvida.*

Na mesma esteira, vale mencionar a elegância da expressão "sobre", indicando "além de": • *Sobre exagerada, a afirmação é leviana.*

7. Evite a utilização do advérbio "eis", cujo significado, consoante o *Grande Dicionário Etimológico Prosódico da Língua Portuguesa*, de Francisco da Silveira Bueno, é "aqui está". Com efeito, a expressão "eis a luz" equivale a verbo, na 2ª pessoa do plural "vós", significando "vós tendes a luz" ou "vós vedes a luz". Deve-se repudiar a locução igualmente condenável eis que, haja vista nenhum gramático ou dicionário autorizar o seu uso, na função de *conjunção causal*, como reiteradamente vem sendo usada na linguagem forense. Edmundo Dantes Nascimento (1992: 131) assevera que "de fato observa-se o equívoco em arrazoados, petições, sentenças e acórdãos, porém constitui erro que não cometem os que atentam mais para a pureza da língua".

No entanto, vale mencionar que é correto e castiço o uso de "eis que" como *advérbio*, significando "de repente", "de supetão", "de inopino". Exemplo: *Estávamos de partida, mas eis que veio a chuva.*

Note que na frase acima descrita o "eis que" não poderia ser conjunção causal, até porque sucede à conjunção adversativa "mas". Assim, "eis que" é vício de linguagem que deve ser substituído no texto por expressões como: "porquanto", "uma vez que", ou outras que aprouverem ao cultor da boa linguagem. Observe a errônea construção:

"... deve ser condenado em honorários, eis que a ação foi julgada improcedente...".

Prefira:

"... deve ser condenado em honorários, uma vez que a ação foi julgada improcedente... ".

8. Evite a utilização do neologismo 54 inobstante, que circula nos meios forenses, bastando substituí-lo pelas formas

vernáculas já consagradas, quais sejam: “não obstante” ou “nada obstante”.

Há, ainda, outras expressões esdrúxulas, que devem ser evitadas, tais como: “fragilizar”, em vez de “enfraquecer”; “heliponto”, em vez de “heliporto”; ou “reverter[55] uma situação”, em vez de “mudar a situação”.

Da mesma forma, deve-se rechaçar o uso inadequado de invencionices, como “inacolher o pedido” ou “verbas impagas”. Com efeito, “in-” é prefixo latino de valor negativo que se deve ligar a advérbio (*inadvertidamente*), a adjetivo (*inapto*) e a substantivo (*inexatidão*). Dessa forma, a combinação do prefixo em comento com verbos é condenável. São, portanto, exemplos de erronia: “inocorrer”, “inacolher”, “impagar” ou “inaplicar”. Todavia, há exceções, designativas de verbos dotados de vernaculidade, com a chancela do VOLP, *verbi gratia*, inabilitar, inadimplir, inadmitir, inalienar, inexistir, inobservar, inutilizar, impermeabilizar, impossibilitar, improceder, impronunciar, impunir, incapacitar, entre outros.

9. Pronomes demonstrativos: ESSE, ESSA, ISSO e ESTE, ESTA, ISTO

Na petição, é comum a utilização de expressões formadas com os pronomes demonstrativos *esse, essa* ou *isso*, tais como “dessa forma”, “nesse rumo”, “a esse propósito”, “nesse diapasão”, “isso posto” e “nesses termos”.

A dúvida é singela: devo usar o pronome com dois -ss ou com -ste, preferindo-se “esse” a “este” ou “isso” a “isto”? Para obtermos a resposta, é necessário conhecer o emprego dos pronomes demonstrativos. Vejamos: É sabido que uma das funções do pronome grafado com dois -ss (isso) é referir-se a algo já dito. Exemplos: • *Liberdade, igualdade e fraternidade: esse é o lema da Revolução Francesa.*

- *“A vida é a melhor faculdade”. Esse dito popular é de todo verdadeiro.*
- *“Saddam Hussein: estadista ou louco?” Essa é uma pergunta difícil de responder.*
- *Nesse passo, reitero meus argumentos.*
- *Isso posto, julgo procedente o pedido.*
- *Nesses termos, pede deferimento.*
- *“A estrada do mar, larga e oscilante, essa, sim, o tentava*[56]*”.*
- *“Os operários, esses nunca apareciam ali*[57]*”.*

Por outro lado, os pronomes demonstrativos “este”, “esta” e “isto” podem indicar aquilo que ainda vai ser falado. Exemplos: • *Espero de fato isto: que se façam as pazes.*

- *Estes são alguns problemas difíceis: o trinta e um e o vinte e dois.*

Portanto, entendemos que devem prevalecer nas petições as formas “isso posto” e “posto isso” àquelas grafadas com o emprego do pronome “isto” (“isto posto” ou “posto isto”). Ainda, perscrutando a máxima correção na utilização das duas formas admitidas, somos da opinião que se deve preferir posto isso a “isso posto”, em virtude da[58] com-posição participial da primeira expressão. Com efeito, as orações reduzidas de particípio são formadas com o “verbo + sujeito”, e não o contrário. Exemplos: • Tomadas *as providências*, aceitei o pedido. (Sujeito da oração em destaque: as providências.) • Feitos os cálculos, apurou-se o débito. (Sujeito da oração em destaque: os cálculos.) Então, há que se dizer: *Posto isso, chegou-se à conclusão …* (na acepção de *Postas essas considerações, chegou-se à conclusão…*).

A corroborar a postura acima expendida, Nascimento (1992:24) preconiza que “é comum nos requerimentos a expressão final ‘posto isto’; ora, este e isto denotam o que vem a seguir, ao passo que esse e isso, o que já foi exposto (…)”.

Vamos assimilar com o quadro abaixo:

Pronomes Demonstrativos	
Este, Esta, Isto x Esse, Essa, Isso	
ESTE 59	**ESSE**
1) O objeto está perto da pessoa que fala. Exemplo: • Este livro que tenho em mão.	**1) O objeto está perto da pessoa com quem se fala.** Exemplo: • Esse livro que tens em mão.
2) O tempo está próximo da pessoa que fala. Refere-se a "esta semana", "este mês" ou "este ano". Exemplo: • Este ano é o ano da virada.	**2) O tempo está um pouco distante da pessoa que fala. Refere-se ao passado próximo.** Exemplo: • Estive em Natal em 1999. Nesse ano, visitei todo o Nordeste.
3) Refere-se a algo a ser dito. Exemplos: • Este é o lema da Revolução Francesa: liberdade, igualdade e fraternidade. • O militar disse esta frase: "Soldados, lutem até a morte". • O aluno fez esta pergunta: "Professor, qual é o porquê?". • Este é o resultado da disputa, porém não era o que esperávamos. • Isto deve ser destacado: nós venceremos! • A celeuma é esta: grafa-se com -s ou -z? • Este é o motivo da discórdia: falta de fé.	**3) Refere-se a algo já dito.** Exemplos: • Liberdade, igualdade e fraternidade: esse é o lema da Revolução Francesa. • "A vida é a melhor faculdade". Esse dito popular é de todo verdadeiro. • "Saddam Hussein: estadista ou louco?" Essa é uma pergunta difícil de responder. • Nesse passo, reitero meus argumentos apresentados alhures. • Isso posto, julgo procedente o pedido. • Nesses termos, pede deferimento. • "Pague já!" – isso foi dito anteontem.

10. Muito cuidado ao redigir a expressão *ad judicia* – forma adequada para designar as procurações. Não utilize *ad juditia* (com -t), pois é erro grave. A forma correta *ad judicia* (vem do latim *judicium-ii*), tendo a acepção de ação judicial, do processo ou litígio em discussão. Com essa cláusula, fica o advogado impedido de agir além dos estritos termos do mandato.

Nadólskis, Marcondes e Toledo (1997: 10) asseveram que "ad judicia" é a procuração pela qual se conferem poderes ao outorgado judicial a praticar, conforme o art. 38 do CPC, todos os atos do processo, salvo para receber a citação inicial, confessar, transigir, desistir, renunciar ao direito sobre o que se funda a ação, receber, dar quitação e firmar compromisso.

> Vê-se, portanto, que o mandatário pode, com a procuração "ad judicia", praticar todo e qualquer ato processual, tirante 60 os mencionados na segunda parte do artigo, para os quais necessita de poderes especiais, além daqueles constantes da cláusula "ad judicia".

Nascimento (1992: 85) assevera que "é uma cinca a expressão 'ad juditia', porém, correm as procurações impressas ou

datilografadas com o erro".

11. A favor e contra a tese...

É comum que os anunciantes, "sovinas" no redigir, empreguem poucas palavras na exteriorização da ideia, numa ânsia de economizar tempo e espaço. Com isso, perdem clareza e imprimem incorreção ao texto. Existem expressões antônimas, por exemplo, que não podem ser usadas com a conjunção aditiva "e", sob pena de permitir a existência de um só complemento para ambas as preposições, o que é insustentável. As boas normas de regência agradecem... Portanto, aprecie os exemplos: 1. O processo seguirá com ou sem o réu.

Troque por: *O processo seguirá com o réu ou sem ele.*

2. Elementos a favor e contra a tese dos apelantes.

Troque por: *Elementos a favor da tese dos apelantes e contra ela.*

3. Ele entrou e saiu de casa momentos depois.

Troque por: *Ele entrou na casa e saiu dela momentos depois.*

4. Vi e me apaixonei por Salvador.

Troque por: *Vi Salvador e me apaixonei por ela.*

5. Quero e preciso de mais dinheiro.

Troque por: *Quero mais dinheiro e preciso dele.*

6. Queremos, gostamos com intensidade, ou melhor, ansiamos ardentemente pela pacificação social.

Troque por: *Queremos a pacificação social, gostamos dela com intensidade, ou melhor, ansiamos ardentemente por ela.*

7. Respeite e obedeça às normas impostas.

Troque por: *Respeite as normas impostas e obedeça a elas.*

Note que deve haver uma repetição, em abono da correção gramatical. Não se sinta "constrangido" em fazê-lo. Pior do que repetir é "enxugar", desautorizadamente, chancelando uma erronia[61]. Observe mais alguns exemplos: • *"Os gritos da vítima antes da luta e durante a luta continuavam a repercutir"*[62].

• *Subiu no brinquedo e desceu dele sem ajuda dos pais.*

12. Seja polido ao redigir. Denota-se, com isso, domínio da boa técnica e se mantém o nível solene e respeitoso do discurso jurídico. Ao se referir à sentença, utilize "respeitável sentença", ou "sábia decisão", ou "judiciosa decisão".

Nessa esteira, utilize "egrégio Tribunal", "venerando acórdão", "culto Relator", "ínclito Julgador", "meritíssimo[63] Juiz", "digníssimo Juízo", "nobre Promotor" e "colenda Câmara".

Rodríguez (2000: 56), ao tecer comentários sobre a polidez no redigir, preleciona: E assim o ambiente forense preserva, em todo o mundo, muito dos protocolos e solenidades que nasceram em tempos antigos, e as formas de tratamento e de referência são provas disso. Elas se constituem algumas expressões cristalizadas, seja na própria gramática, seja na praxe do dia a dia, acabam se impregnando na linguagem e no vocabulário jurídico de modo indelével.

> (...) É certo que muitas vezes a expressão, usada apenas pela praxe, acaba se distanciando de seu valor original (responda o leitor: qual o significado exato da palavra "egrégio"? E "colenda"?), mas ainda assim continua tendo seu significado que, embora não seja propriamente técnico, é plenamente adequado ao protocolo, à linguagem específica do contexto forense.
>
> Essas formas de tratamento e de referência procuram manter o nível solene, sóbrio e respeitoso das relações com o Poder Judiciário.

Mostrar respeito 64, ainda que haja discórdia, com a parte contrária ou com o julgador, é essencial na disputa forense.

13. Como se escreve: "consta de fls." ou "consta em fls."?

O verbo constar, na acepção de "estar registrado", pode ser regido pelas preposições "de" (*constar de*) ou "em" (*constar em*), indiferentemente. Portanto, é adequado redigir: • *O documento consta dos autos.*

• *O nome da aluna não constava na lista.*

Frise-se, outrossim, que o tal verbo pode ser usado no sentido de "chegar ao conhecimento", mantendo-se, quer no modo indicativo, quer no modo subjuntivo, a 3ª pessoa do singular (ele). Exemplos: • *Não me consta que tenha chegado a mercadoria.*

• *Seu argumento não é inadequado, que me conste.*

Por fim, diga-se que na linguagem forense encontra-se a expressão constante de nos arts. 5º, LXXII, *a*, e 6º, § 5º, da Constituição Federal.

A propósito, dúvida maior surge ao peticionário com a fatídica expressão a folhas. De há muito 65, as expressões "a folhas" (ou, abreviadamente, *a fls.*) e "de folhas" (ou, abreviadamente, *de fls.*) foram consagradas no ambiente forense. Há quem prefira designar a expressão "a folhas" com artigo precedente, criando a forma também possível "às folhas".

Napoleão Mendes de Almeida, em seu *Dicionário de Questões Vernáculas*, disciplina que a forma "*a folhas vinte e duas*" significa "a vinte e duas folhas do início do trabalho", como quem diz "a vinte e duas braças", na linguagem marítima. Portanto, memorize a tabela a seguir:

Folha (fl.)	**Folhas (fls.)**
"...a folha 12" (a = preposição)	"...a folhas 12" (a = preposição)
"...à folha 12" (à = preposição + artigo)	"...às folhas 12" (às = preposição + artigo)

Observação: abaixo seguem as **formas errôneas** que devem ser evitadas. Note-as: **1. "O laudo se encontra à folhas 12"**

A erronia é patente, uma vez que não se justifica o "à", com o sinal indicador da crase, que representa a soma da preposição com o artigo definido feminino singular. No caso em tela, o vocábulo "folhas", se acompanhado por artigo, deve suceder à forma "às" [a (preposição) + as (artigo definido feminino plural)].

2. "O laudo se encontra as folhas 12"

O equívoco se patenteia, na medida em que o vocábulo "folhas", se acompanhado por artigo, deve suceder à forma "às" [a (preposição) + as (artigo definido feminino plural)], quando se quer delinear uma locução adverbial de lugar. É claro que a forma "as folhas" é plenamente cabível, mas apenas em situações dessemelhantes, verbi gratia, "as folhas do laudo foram anexadas nos autos".

14. Vistos ou vistos?

Na abertura das sentenças, a expressão vistos funciona como título, identificando a própria sentença. Tal termo objetiva revelar que os autos foram propriamente "vistos, relatados e discutidos", para, só então, dar a eles uma solução. Não há exigibilidade, pela regra gramatical, de as letras estarem todas maiúsculas. Bom é de lembrar, contudo, que as próprias gramáticas grafam inteiramente em maiúsculas os títulos e subtítulos, como medida de realce. Também, interessante se faz mencionar as variantes "Vistos etc." ou "Vistos, etc." (com vírgula) e, ainda, em maiúsculas "VISTOS ETC." ou "VISTOS, ETC." (com vírgula).

15. Pronúncia de artigos – numerais O Constituinte de 1988, ao tratar do tema do "Processo Legislativo", estabeleceu que seria editada lei complementar que dispusesse sobre "a elaboração, redação, alteração e consolidação das leis" (art. 59, parágrafo único, da CF).

Dando cumprimento ao comando constitucional, o Congresso Nacional aprovou a Lei Complementar n. 95, de 26-2-1998, que ditou normas gerais, estabelecendo padrões para a "elaboração", "a redação", a "alteração" e a "consolidação" da legislação federal.

O Decreto n. 2.954/99 veio a regulamentar a Lei Complementar n. 95/98.

Na linguagem do Foro, é mister adotar a seguinte regra, para a numeração e pronunciação de artigos de leis, decretos e portarias: 1. Até o número nove, utilizaremos *números ordinais*: • Art. 6º (sexto); • Art. 1º (primeiro); • Inciso IX (nono); • § 5º (quinto).

2. A partir do número dez, utilizaremos *números cardinais*: • Art. 10 (dez); • Art. 33 (trinta e três); • Inciso XXXIV (trinta e quatro).

É o que determina o art. 10, I e III, da Lei Complementar n. 95/98, disciplinando que, quanto aos artigos e parágrafos, deve-se empreender a numeração ordinal até o nono e a cardinal a partir deste. O curioso é que não se fez menção a "incisos", para os quais entendemos que, não obstante a omissão do legislador, vale a mesma regra.

Observações:

1. Na designação do primeiro dia do mês, é possível a utilização do número cardinal (um) ou ordinal (primeiro). Registre-se que há preferência pelo ordinal. Exemplo: • *Ele nasceu no dia primeiro (ou dia 1) de janeiro.*

2. Na designação de séculos, reis, papas e partes indicativas de obras, usam-se numerais ordinais até "décimo" e cardinais de onze em diante. Exemplos: • *Século V (quinto), Século Xll (doze), Século X (décimo), Canto IV (quarto), Capítulo XXI (vinte e um), Tomo XI (onze), Rei Eduardo ll (segundo), Papa João XXlll (vinte e três), Papa Pio X (décimo), Papa Pio Xll (doze).*

2.1. Se o numeral anteceder o substantivo, emprega-se, porém, o ordinal. Exemplos: • *Nono século, Quarto ato, Terceiro Canto, Vigésimo sexto capítulo, Décimo quarto tomo, III Salão do Automóvel (terceiro), VIII Copa do Mundo (oitava).*

3. Na numeração de páginas e de folhas de um livro, assim como na de casas, apartamentos, cabines de navio, poltronas de cinema, entre outras hipóteses, empregam-se os cardinais. Exemplos: • *Página 7 (sete), Folha 56 (cinquenta e seis), Cabine 2 (dois), Casa 3 (três), Apartamento 27 (vinte e sete).*

3.1. Se o numeral anteceder o substantivo, emprega-se, porém, o ordinal. Exemplos: • *Sétima página, Vigésima quinta folha, Quarta cabine, Segunda casa.*

Elementos de ligação importantes – rico vocabulário jurídico É bastante comum, no momento de feitura da peça, aquela situação em que ocorre a famosa "trava". Na verdade, "travar" é permitido, porém deve o cauteloso operador do Direito dispor de mecanismos "antitrava", capazes de lhe assegurar uma retomada tranquila do controle do texto, sem

delongas desnecessárias.

Abaixo, seguem "frases feitas", próprias da linguagem do foro, que todo aplicador da Linguagem Jurídica deve dominar, no intuito de marcar seus arrazoados e petições com um estilo nobre e retilíneo, caracterizador de nossa bela profissão. Procure memorizá-las e comece a adotar as fórmulas em seu dia a dia.

"FÓRMULAS" A SEREM USADAS NO TEXTO JURÍDICO

Esta seção visa enriquecer o arcabouço vocabular do aplicador do Direito, possibilitando-lhe contato com expressões elegantes da linguagem do Foro. Tais expressões podem ser aplicadas com propriedade em seu cotidiano e denotam o domínio do rico vocabulário jurídico: 1. Fica, portanto, cristalino que à Autora falece razão.

Comentário: a frase demonstra que falta à autora a razão de que precisa, tendo havido a utilização de recurso sobremodo elegante – verbo "falecer", na forma falece a.

Ademais, ressalte-se que o adjetivo cristalino tem a acepção de "evidente, claro, nítido, patente, indubitável ou irretorquível".

2. Ora, Excelência, não pode prosperar, "in casu", a falaciosa argumentação expendida pelo Réu.

Comentário: na oração, é importante destacar que o vocativo Excelência deve estar separado por vírgulas, e não com uma ou outra vírgula, tão somente.

Note-se ainda que o uso da expressão latina (*in casu*) exige aspas ou a grafia em itálico, diferençando o destaque do restante do texto. Por fim, o verbo expender tem o significado de "expor, transmitir" e não deve ser confundido com "despender", na acepção de gastar.

3. Com efeito, translúcida a agressão aos artigos em comento, não há que se falar em tributação constitucional.

Comentário: o exemplo traz à tona a expressão com efeito, no sentido de "efetivamente, com razão, de fato". Desponta, a seguir, o adjetivo translúcida, na acepção de "claro, evidente".

A expressão em comento tem o sentido de "em exame, em tela" – elementos vocabulares importantes na formação do eixo temático proposto. Ressalte-se que a expressão "em questão", bastante utilizada na linguagem coloquial, deve ser evitada, por ser antieufônica.

Por fim, a colocação pronominal na frase "... não há que se falar em ..." apresentou-se irretocável, delineando regra de próclise obrigatória, em face da atração exercida pela palavra *que*.

4. Diga-se, ademais, que, no vertente caso, revela-se descabida a exigência de se provar o irrefutável.

Comentário: uma forma elegante de expor o pensamento se vê na expressão diga-se, ademais, na acepção de "frise-se, além disso". O pronome "se" imprime uma agradável harmonia prosódica ao texto, como se nota, à frente, na expressão revela-se descabida, no sentido de "apresenta-se inoportuna".

Por fim, o adjetivo irrefutável quer exprimir a ideia de "inatacável, irretorquível, indiscutível, incontestável".

5. "Data venia", torna-se desnecessário salientar que o Reclamado era hipossuficiente, fazendo horas extras seguidas vezes.

Comentário: observe que a expressão latina *data venia* é grafada sem acento (circunflexo).

Nesse passo, é necessário notar a interessante grafia das palavras hipossuficiente, com o sentido de "carente, debilitado" e despiciendo, na acepção de desnecessário. Portanto, quando se afirma "não é despiciendo", quer-se dizer, *a contrario sensu*, que "é necessário".

Com relação ao adjetivo extra, a concordância nominal será simples: uma hora extra; duas horas extras.

6. Com fulcro em tais considerações, pode-se afirmar que a Agravante se faz merecedora da concessão dos efeitos da antecipação da tutela recursal.

Comentário: o período se inicia pela expressão com fulcro, que tem o sentido de "com base, com suporte, com supedâneo" *etc.*

Por fim, observe o uso adequado do pronome proclítico "se", atraído pelo "que" (conjunção integrante), em um nítido caso de próclise obrigatória ("*...que se faz merecedora...*", e não "...que faz-se merecedora...").

7. Conforme é cediço, a violação ao direito apresenta-se irretorquível, não encontrando guarida em nosso ordenamento jurídico.

Comentário: a expressão como é cediço, usual em ambientes forenses, tem o sentido de "como é pacífico" ou "como é assente", isto é, aquilo que já se apresenta sedimentado e aceito. Nesse diapasão, aquilo que é cediço necessariamente sê-lo-á 66 irretorquível ou indiscutível.

Por fim, o substantivo guarida (e não "guarita", com -t!) tem o sentido jurídico de "amparo, sustento, suporte". Logo, "não encontrar guarida" é o mesmo que estar insulado no raciocínio, despido de sustentação.

8. À luz do expendido, dessume-se que o direito é líquido e certo, fazendo jus a Impetrante à liminar pleiteada.

Comentário: a expressão à luz do expendido tem o sentido de "à luz do exposto", na medida em que o verbo "expender" significa "expor, detalhar, esmiuçar".

O verbo dessumir tem a acepção de "inferir, concluir".

Ressalte-se, por fim, a interessante expressão fazer jus a, composta do vocábulo "jus" (grafa-se com -s) e acompanhada da crase ("*fazer jus à liminar*"), se anteceder palavra feminina.

9. Dessarte, deflui do artigo em comento, de maneira inolvidável, que o comportamento doloso

apresenta-se estreme de dúvidas.

Comentário: o elemento de ligação hábil a veicular finalização de raciocínio – dessarte (que significa "dessa forma", "portanto", "assim") – é variante da forma mais encontradiça "destarte", entre outras expressões.

O adjetivo inolvidável representa aquilo que não se olvida, o que é inesquecível. Diga-se, nesse passo, que o verbo "olvidar" significa esquecer ou deixar cair no esquecimento.

Por derradeiro, o adjetivo estreme (grafa-se com -s) significa "despido, isento, genuíno, o que não tem mistura". A expressão "estreme de dúvidas" tem a acepção de "despido de dúvidas, indubitável, irretorquível, indiscutível".

10. Sua prova é inexoravelmente robusta, isto é, há nítida indiscrepância nos autos quanto à veracidade dos fatos.

Comentário: o advérbio inexoravelmente tem a acepção de "indiscutivelmente, implacavelmente, rigidamente, indubitavelmente". Derivado do adjetivo "inexorável", com o sentido de "irretorquível", deve ser pronunciado com adequação: o -x tem som prosódico de "z", como em "exame". Portanto, pronuncie "ineZOravelmente".

Com relação ao substantivo indiscrepância, diga-se que se apresenta como sinônimo de "certeza, indiscutibilidade ou indubitabilidade".

Por derradeiro, o adjetivo robusta, como qualificativo de prova, é de todo oportuno, quando se quer evidenciar a pujança do elemento probante. Pode-se usar, alternativamente, *prova sobeja, prova eloquente, prova iniludível* (que não admite dúvidas). Observe as frases abaixo: • *As provas devem ser sobejamente analisadas (excessivamente).*

- *Este processo encerra provas sobejas de uma tentativa de homicídio.*

11. Nosso ordenamento é marcado pelo primado da Constituição sobre os demais instrumentos normativos.

Comentário: o vocábulo primado tem o sentido de "excelência, primazia ou prevalência".

Note os exemplos:

- *A ordem social tem como base o primado do trabalho.*
- *O primado da norma especial sobre a regra geral é básico em nosso ordenamento.*

12. De fato, cristalina a presença dos pressupostos autorizadores da tutela antecipatória, merece a Autora a obtenção do provimento emergencial que promova o adiantamento dos efeitos da sentença.

Comentário: o adjetivo cristalino tem a acepção de "patente, indubitável e indiscrepante". Deve ser usado nos petitórios, porém não se pode ultrapassar os limites impostos pelo bom senso. Já deparamos com arrazoados, nos quais o causídico, talvez em razão de um entusiasmo excessivo com a beleza prosódica e semântica do vocábulo em epígrafe, usou-o repetidas vezes, denotando pobreza vocabular.

No caso citado, o incauto operador do Direito usara o adjetivo a torto e a direito, evidenciando uma "fossilização sinonímica" e uma certa fissura com o termo. Nesse passo, ressalte-se que o modelo traz a lume a forma provimento emergencial para designação de tutela antecipada, como recurso de sinonímia, a fim de não provocar a repetição desta expressão, em prejuízo da sonoridade do texto, e imprimir elegância no pensamento exteriorizado.

13. É bem verdade que o Autor não logrou provar os fatos; no entanto, mais indubitável ainda se apresenta a falta de nexo na argumentação trazida aos autos.

Comentário: a expressão é bem verdade traduz-se em importante elemento de ligação de petitórios, marcando concatenação no texto. É viável sua utilização no momento em que se pretende reforçar uma ideia anteriormente defendida, podendo ser substituída por expressões igualmente recomendáveis, por exemplo, *com efeito* (ou seja: *efetivamente, de fato*), *com toda razão, de fato, não há dúvida de que…, oportuno se torna dizer que… ou inadequado seria esquecer que…* . Observe os exemplos a seguir: • *Oportuno se torna dizer que não houve dolo ensejador da aplicação da Teoria da Despersonalização da Pessoa Jurídica ou postulado do "Disregard of Legal Entity".*

- *Com efeito, a teoria tripartida dos tributos não prevalece à luz da melhor doutrina e jurisprudência. Inadequado seria esquecer que a Reclamante agia de modo evasivo, evitando que a ora Reclamada a encontrasse no ambiente de trabalho.*

14. É sobremodo importante assinalar que a Emenda Constitucional n. 42 representa o passo inicial à reforma tributária no Brasil.

Comentário: na frase acima ventilada, o advérbio sobremodo se destaca, na condição de sinônimo de "sobremaneira", isto é, "excessivamente, extraordinariamente". Portanto, seu uso é recomendado, além de representar forma elegante e sonora.

15. À guisa de exemplificação, urge trazer aos autos situações semelhantes à que se lhe apresenta, Excelência, no intuito de se evidenciar a ocorrência habitual do fato.

Comentário: a expressão à guisa de tem a acepção de "à maneira de" ou "à feição de", traduzindo-se em forma recomendável na confecção de textos jurídicos, como importante elemento de ligação na introdução do que se pretende exemplificar. Exemplo: • *À guisa de esclarecimentos, vale mencionar que o pai não se ausentava do lar, como se afirmou nos autos.*

Evidencia-se, outrossim, no trecho acima expendido, o uso apropriado da crase: *"… situações semelhantes à que se lhe apresenta".* Trata-se de elipse do termo, obrigando a presença do sinal grave indicador porque o vocábulo "semelhantes" exige a preposição "a", e temos a contração com o "a" seguinte. Sem a omissão propositada, ter-se-ia: *"… situações semelhantes à [situação] que se lhe apresenta".*

16. Não obstante o texto apresentar-se bastante sumariado, devemos tratar ambos os conceitos de forma díspar.

Comentário: o adjetivo sumariado tem o sentido de "sintetizado, resumido ou conciso". A concisão, como se sabe, segue caminho oposto ao do vício da prolixidade.

Por outro lado, o adjetivo díspar, cujo plural forma "díspares", tem a acepção de "desigual ou dessemelhante".

17. Embora a questão seja interpretável, foi defendida com notável brilhantismo, no intuito de evidenciar que o contrato apresenta-se eivado de nulidade.

Comentário: como adjetivo derivado do verbo "interpretar", a forma interpretável designa o "objeto passível de análise

exegética". Quer-se exprimir "aquilo que pode ser analisado à luz da ciência da interpretação, isto é, a hermenêutica".

Portanto, "interpretar" é a atividade de descoberta do ânimo das palavras, clarificando-as ou as desnudando. Por outro lado, eivado é qualificativo com sentido de "manchado, contaminado, maculado ou impuro". O substantivo feminino "eiva" significa "mancha, mácula, vício". Nesse rumo, o verbo "eivar" tem a acepção de "manchar, macular, viciar ou anular". Bastante utilizado no meio forense, o adjetivo em comento pode ser empregado em expressões estereotipadas, tais como: *eivado de nulidade, eivado de inconstitucionalidade, eivado de arbitrariedade, eivado de ilegitimidade*. É interessante observar que "estar eivado de" é expressão antônima de "estar estreme de". Portanto, aprecie as frases, analisando o efeito "presença" *versus* "ausência": • *O contrato apresenta-se eivado de nulidade.*

• *O contrato apresenta-se estreme de nulidade.*

18. A defesa vai brandir o seguinte argumento, citando uma variedade inexaurível de exemplos.

Comentário: o verbo brandir tem o sentido de "acenar com". Pode ser empregado na linguagem forense para exprimir "aquilo que se pretende expor, exprimir ou expender". Por outro lado, o adjetivo inexaurível representa "aquilo dotado de inesgotabilidade, isto é, o que é infindável, inacabável ou interminável".

Na frase trazida à baila, utilizou-se a expressão "variedade inexaurível de exemplos", no sentido de "presença de farto rol exemplificativo ou grande quantidade de exemplos". Podemos, alternativamente, usar a expressão em situações várias, tais como: *variedade inexaurível de espécies de aves, de argumentos contrários, de animais em extinção, de razões, de desculpas, entre outras.*

19. O uso inadequado da expressão alienígena por nós incorporada resultou num cipoal de contradições.

Comentário: o adjetivo alienígena tem a acepção de estrangeiro ou aquilo que não é nacional ou doméstico. A forma ora estudada ("expressão alienígena") quer exprimir termos ou vocábulos não consagrados pela Língua Portuguesa. Aliás, como é sabido, circunda-nos um excesso de estrangeirismos, que transitam em abundância no cotidiano do usuário do idioma.

Nesse passo, mencione-se que o termo cipoal representa uma "situação intrincada, uma complicação" (exemplo: *um cipoal burocrático para obter o documento*). Com efeito, como substantivo masculino designativo do "emaranhado de cipós, difícil de atravessar", traduz-se, figuradamente, em "algo difícil de transpor ou resolver".

20. Assim que procedermos a um cotejo entre as classificações, deveremos pugnar pela defesa da teoria mais adequada.

Comentário: o verbo proceder, no sentido de "executar", é transitivo indireto, sendo acompanhado pela preposição "a". Portanto, deve-se falar "proceder a um cotejo", e não "proceder um cotejo". Ressalte-se que, se o objeto indireto a que se refere o verbo for representado por palavra feminina, exsurgirá o fenônemo indicador da crase: ele procedeu à feitura do exame; *ele procedeu à colheita de provas.*

Nesse passo, o substantivo cotejo vem a lume como sinônimo de "confronto ou comparação", sendo expressão bastante comum na linguagem forense. Exemplo: *No cotejo entre as causas e consequências, inferimos tratar-se de matéria dúbia.*

O verbo pugnar, por outro lado, tem o sentido de "defender, sustentar, combater, pelejar ou brigar". Exemplo: *Eles pugnam pela emancipação da colônia.*

21. Para que o Autor atinja esse desiderato, deve procurar reunir copiosa produção jurisprudencial.

Comentário: o substantivo desiderato significa "o que se deseja" ou "ao que aspira". É "aspiração, objetivo ou meta".

Nesse passo, frise-se que o adjetivo copioso quer dizer "farto, abundante". Pode ser utilizado em frases, como: *copiosa tempestade, cabelos copiosos, discurso copioso e enfadonho.*

Ressalte-se que a vírgula utilizada no enunciado em exame está apropriada, na medida em que separa oração subordinada adverbial final anteposta.

22. Em abono dessa posição doutrinária, podemos citar o clarividente exemplo trazido aos autos, sem se esquecer de que é comum a incidência de abusos que ocorrem sob o agasalho de alguns autores.

Comentário: a locução em abono de significa "em apoio de, com respaldo em, baseado na", traduzindo-se em expressão de ratificação, confirmação ou corroboração.

O adjetivo clarividente tem o sentido de "nítido, o que se vê com clareza".

O período traz a lume o verbo esquecer, em sua forma pronominal (esquecer-se), cuja regência exige a preposição "de", apropriadamente empregada.

Por fim, em linguagem figurada, temos o substantivo agasalho, no sentido de "manto, proteção".

23. Esta posição o torna insulado, resultando em manifesta absurdidade.

Comentário: o adjetivo insulado é de uso demasiadamente elegante, podendo ser utilizado na linguagem forense para exteriorizar o pensamento segregado ou "ilhado" de alguém, a que se pretende fazer menção. Esse adjetivo mostra a desvinculação do pensamento de um com relação a outros, em certo momento de confronto. Dir-se-á que "*fulano age de tal forma, no entanto seu agir apresenta-se insulado*".

Por fim, mencione-se que "absurdo" é "o que se opõe à razão e ao bom senso; o que é destituído de sentido, de racionalidade". Como sinônimo do termo, podemos encontrar "absurdez" ou absurdidade.

24. Isso vem roborar, com mais uma prova, a tese – dissecada pelo causídico com paciência beneditina – de que o crime foi doloso.

Comentário: o verbo roborar, como sinônimo de "corroborar", tem a acepção de "confirmar ou ratificar". É importante enaltecer que não são verbos transitivos indiretos, isto é, regidos pela preposição "com". Portanto, evite construções como: "*O depoimento veio corroborar com a verdade dos fatos*", trocando por "*O depoimento veio corroborar a verdade dos fatos*".

Ademais, o verbo dissecar significa "examinar, considerar com minúcia ou esmiuçar". Exemplo: *dissecar as emoções do coração humano.*

Por fim, o adjetivo beneditino refere-se, figuradamente, "àquele que se devota incansavelmente a trabalho meticuloso". Daí se falar em *paciência beneditina.*

25. Manifestação visceralmente contrária à doutrina.

Comentário: o advérbio visceralmente significa "profundamente", podendo ser utilizado na linguagem forense. Há sinônimos vários, como: *literalmente, ineludivelmente, categoricamente ou diametralmente*. Todos têm o condão de imprimir força de expressão à mensagem querida. Observe as frases abaixo: • *Isto é literalmente contra a doutrina (*rigorosamente*).*

- *Problema de ordem precipuamente jurídica (*principalmente*).*
- *A lei estabeleceu ineludivelmente que o comportamento era proibido (*eludir: evitar; ineludível: inevitável; ineludivelmente: inevitavelmente*).*
- *Constar categoricamente das cláusulas do contrato (*indiscutivelmente*).*
- *Sugiro-lhe um caminho diametralmente oposto (*"diâmetro": relativo à linha que passa pelo centro de uma circunferência e a divide ao meio*).*

Ressalte-se que a crase está apropriadamente empregada, à luz da regência nominal do termo "contrária", que requer a preposição "a". Exemplo: • *Ele é contrário ao tema, ao discurso, à propaganda, à festa, à personagem etc.*

26. Ele se arvorou em dono da razão, decidindo consentâneo à jurisprudência e evitando ferir os elementos cardeais do conceito do instituto.

Comentário: o verbo pronominal arvorar-se tem o sentido de assumir por autoridade própria qualquer ofício ou encargo. Nesse sentido, o verbo "arvorar-se", com transitividade indireta, deve ser escrito na forma pronominal, com a preposição "em". Exemplos: • *Ele se arvorou em chefe da corriola (*ou seja: *quadrilha).*

- *Ela se arvora em juízo dos meus atos.*
- *"Às vezes, se mostram atrevidos, arvoram-se em censores* 67*".*
- *Ele se arvorou no direito de alterar a lei.*

Em outro giro: consentâneo designa "algo que cabe bem a determinado caso ou situação; é algo apropriado, adequado, conveniente". Frise-se que se pode usar "consentâneo a" ou "consentâneo com". Exemplos: *resposta consentânea com a provocação; um desvario consentâneo à sua juventude.*

Nesse rumo, diga-se que o adjetivo cardeal significa "principal, fulcral, crucial, elementar".

27. Isso é írrito e nulo, vindo reforçar e acoroçoar a ideia já existente.

Comentário: o adjetivo írrito tem o sentido de "nulo, sem efeito", traduzindo-se "naquilo que, por ter sido feito contra o que estabelece o Direito, não produz efeito jurídico algum e é passível de anulação". No entanto, a expressão írrito e nulo encerra um pleonasmo, em face da prolixidade dos termos. Assim, prefira "írrito" ou "nulo", evitando usar as expressões em conjunto.

Nesse passo, o verbo acoroçoar significa "estimular, encorajar". Tem a acepção de "fazer sentir ou sentir coragem, ânimo, vontade; animar(-se)". Exemplos: • *O esforço inicial acoroçoou-nos a continuar a luta.*

- *A vida acoroçoou os menores ao crime.*

28. O contrato de compra e venda se ultima com a tradição da coisa, havendo inúmeros julgados

do STF que desacolhem a pretensão.

Comentário: o verbo ultimar é transitivo direto, podendo ser pronominal ou, simplesmente, estar acompanhado do pronome oblíquo átono (ultimar-se). Tem a acepção de "pôr termo a" ou "chegar ao fim; completar(-se), concluir(-se), finalizar(-se), terminar(-se)". Exemplos: • *Os funcionários já ultimam os preparativos para a festa.*

- *Ultimaram-se os projetos para o evento.*
- *Ultimamos a venda do terreno.*

Nesse ínterim, diga-se que o verbo desacolher tem o sentido de "rejeitar o acolhimento de (alguma coisa); repelir, rejeitar". Exemplos: *desacolheu a proposta, desacolho a sugestão.* A forma "inacolher" é inexistente.

29. Erro e dolo infirmam o ato jurídico, podendo se constituir burla aos demais licitantes.

Comentário: infirmar é verbo transitivo direto, no sentido de "enfraquecer, tirar a força, a autoridade ou a eficácia". Exemplo: *infirmar os argumentos de outrem.* Em sentido jurídico, tem a acepção de "retirar a força de (um ato jurídico) ou declará-lo nulo ou inválido". Exemplo: *infirmar um contrato.*

O substantivo burla, derivado do verbo burlar, significa "artifício usado para enganar; logro, embuste, ação dolosa; fraude". Exemplo: *o sonegador cometeu uma burla na declaração de bens.*

30. Há uma pletora de partidos, desvirtuando-se da vontade inequívoca do legislador, que se estriba em um pluralismo político contido.

Comentário: o substantivo pletora tem o sentido de superabundância de efeitos nocivos. Podemos, ademais, usar o adjetivo *pletórico* – "aquilo que se encontra em estado exuberante, estuante". Exemplo: *Isto pode gerar uma gratidão pletórica.*

Em outro giro, desponta o verbo estribar-se, que tem o sentido de "apoiar-se ou apoiar (alguma coisa) sobre; assentar(-se)". Exemplos: • *A casa estriba sobre robustos pilares.*

- *Ele estribou estátuas sobre colunas.*
- *Devemos estribar-nos em nossas experiências.*

Em sentido figurado, o verbo pode ter a acepção de "usar (algo) como fundamento; basear(-se), fundamentar(-se)". Exemplos: • *A proposta estribava na teoria econômica.*

- *Estribava-se em Reale para afirmá-lo.*
- *Há outros direitos que se estribam nesse princípio.*
- *Texto estribado no Direito Civil.*

31. O poder do juiz de perquirição da verdade deve ser norteado por decisões tomadas sob o crivo do contraditório.

Comentário: o ato de "perquirir" significa "efetuar investigação escrupulosa; inquirir de maneira minuciosa; esquadrinhar, indagar". Assim, a perquirição é a busca detalhada.

Com relação ao substantivo crivo, faz-se oportuno perquirir sua origem. É substantivo que representa uma espécie de

coador (filtro) utilizado para se separar a parte mais fina de diversas substâncias. Essa é a razão por que se usa a expressão *objeto crivado de buracos*. Em uma análise histórica, podemos encontrar o substantivo como designativo das grelhas das fornalhas dos engenhos de açúcar. Na verdade, "crivo" seria cada uma das barras dessa grelha. Posto isso, nota-se que o termo apresenta-se vocacionado a traduzir "amparo", "proteção", a par do substantivo "égide". Assim, pode-se falar: *sob o crivo do contraditório; sob a égide da ampla defesa etc.*

32. Isso foi feito ao arrepio legal e sem amparo no Direito Civil, cujos artigos consignam algumas regras paradoxais.

Comentário: o substantivo arrepio, no vertente caso, tem a acepção de "desvio do caminho normal" e compõe a conhecida expressão "*ao arrepio da lei*", bastante utilizada nos meios forenses. Exemplo: *Não deve o juiz julgar e decidir ao arrepio da lei.* "Ao arrepio de" significa "em sentido oposto, contra".

Nesse passo, registre-se que se mencionou "Direito Civil". Pergunta-se: qual a diferença entre civil e cível? Vejamos: • civil: refere-se a cidadãos e se relaciona com eles; regula-se pelo Direito Civil, excluindo o Direito do Trabalho, Direito Comercial e Direito Penal; • cível: é adjetivo de amplitude maior, abrangendo o Direito Civil, Comercial e do Trabalho; utilizado como oposição à forma "criminal". Exemplos: *causa cível, vara cível, ações cíveis*.

Ressalte-se que o termo "cível" pode assumir a feição de substantivo, na acepção de Tribunal ou jurisdição em que se julgam causas cíveis. Exemplo: *os magistrados do cível.*

Por fim, o adjetivo paradoxal, derivado de "paradoxo", traduz-se na "aparente falta de nexo ou de lógica. É o que veicula contradição".

33. Deve justificar documental e testemunhalmente o procedimento.

Comentário: quando dois ou mais advérbios terminados em *-mente* modificam a mesma palavra, pode-se, para tornar mais leve o enunciado, atrelar o sufixo apenas ao último deles: • *"O outro respondeu, vaga e maquinalmente ..."* 68.

- *Decidir-se inteira e irrevogavelmente a favor.*
- *A apelante vem, respeitosa e tempestivamente, perante Vossa Excelência, apresentar o recurso de Apelação.*
- *"Está lá na sua cidadezinha, criando agora os netos, como criara os filhos, pacífica, honrada e banalmente"* 69.

No entanto, se a intenção é realçar as circunstâncias expressas pelos advérbios, costuma-se usar o sufixo "-mente" para todos. Exemplo: • *"O mar chora, como sempre, longamente, monotonamente"* 70.

34. Princípios que municiam o advogado de elementos para a sustentação de que, usando de argumentos insubsistentes, sua alegação não prosperará.

Comentário: o verbo municiar tem o sentido de "prover do que é necessário; abastecer, guarnecer".

O adjetivo insubsistente, por outro lado, significa "não subsistente; que não pode subsistir, que não tem fundamento ou valor, que não tem razão de ser".

Por fim, evidencia-se o verbo prosperar, no sentido de "dar bom resultado (para); melhorar, desenvolver(-se)".

35. Deste dispositivo legal, deflui que o princípio se dessume do ordenamento jurídico como um

todo.

Comentário: o verbo defluir, como transitivo indireto, significa "derivar, vir de (alguém ou algo); emanar". Exemplo: *No concurso, as fórmulas defluíam de sua mente.*

Nesse passo, destaca-se o verbo dessumir (pronominal *dessumir-se*), com a preposição "de", no sentido de "inferir ou deduzir". Exemplo: *Trata-se de norma que se dessume do princípio da legalidade.*

36. O contrato indigitado, do qual se faz mister expungir-se a parte reveladora de nulidade, é draconiano, não tendo suporte legal.

Comentário: o adjetivo indigitado tem o sentido "daquilo que se indigitou, isto é, o que foi apontado com o dedo; indicado, assinalado". Exemplo: *os erros indigitados pelo corretor.*

Nesse passo, expungir é verbo bitransitivo, no sentido de "apagar, delir, eliminar, tornar limpo, isento, livre". Exemplos: • *Expungiu do texto as menções ao autor.*

• *Os policiais expungiram os torcedores indesejáveis do estádio.*

Note, ainda, a correção quanto à próclise na frase, em razão da presença do pronome relativo "o qual". Observe: • "*... do qual se faz mister expungir-se...",* e não "... do qual faz-se mister expungir-se ...".

Por derradeiro, os nomes "Dracon" e draconiano são relativos a *Drácon*, legislador de Atenas, no século VII a.C., famoso pela dureza cruel das leis a ele atribuídas. Usa-se para qualificar ato que é excessivamente rigoroso ou drástico. Exemplos: *contrato draconiano; medidas draconianas.* Observe a frase: *Punir o réu com uma sanção não pouco "draconiana".*

37. Entre as hipóteses aventadas, enfatize que a regra insculpida nos artigos comentados, a que o costume deu guarida, está em total corroboração com a assente jurisprudência do Tribunal.

Comentário: o adjetivo aventado tem o sentido de "tornar do conhecimento de outrem; enunciado, relatado, aduzido, ventilado". Exemplo: *aventou suas propostas.*

Nesse passo, o verbo insculpir, em sentido figurado, significa "fixar(-se) na memória de (alguém); gravar(-se), inscrever(-se)". Exemplo: *As campanhas eleitorais visam insculpir-se heróis na mente do povo.* Assim, uma regra insculpida tem a acepção de "fixada, gravada".

Ressalte-se, ademais, que o substantivo guarida[71], figuradamente, representa "algo que oferece amparo ou acolhimento".

O substantivo corroboração, derivado do verbo "corroborar", tem o sentido de "confirmação, concordância, ratificação". Exemplo: *Obteve a corroboração de seu projeto.*

Por derradeiro, note-se que assente significa, em sentido figurado, "fundamentado, baseado". Exemplo: *O trabalho está assente em anos de pesquisa.*

38. Temos exemplos eloquentes de que a teoria ora debatida, longe de desafiar as meninges do intérprete, desfruta de endosso generalizado, haja vista sua cartesiana logicidade.

Comentário: o substantivo *eloquência* tem, figuradamente, o sentido de "expressividade". Exemplo: *a eloquência de seus hábitos e gestos*. Nesse passo, o uso do adjetivo eloquente deve sinalizar o sentido de "expressivo, notável, significativo". Daí se falar em *exemplos eloquentes*.

O advérbio ora tem o significado de "agora, nesta ocasião, neste momento". Exemplo: *O senador, ora na tribuna, verberou seu ponto de vista.* É importante assinalar que o termo ora pode ser utilizado como conjunção alternativa, no início de duas frases sequentes, como: *ora estudava, ora dormia.* Outrossim, pode ser utilizado como partícula expletiva em frases como: *ora vamos!, ora essa!, ora bolas!.* Por fim, enuncie-se que a expressão "por ora" tem o sentido de "por enquanto, por agora". Exemplo: *Por ora, os projetos foram suspensos.*

Quanto ao adjetivo cartesiano, seu uso na oração tem sentido pejorativo – diz-se do espírito "sistemático" em excesso. "Sistematizar" é "reduzir (fatos, conceitos, opiniões etc.) a um corpo de doutrina, de modo metódico, ordenado, coerente".

O substantivo feminino logicidade tem a acepção de "atributo do que é determinado pelo conhecimento lógico e/ou do que apresenta lógica". Exemplo: *a logicidade de suas ponderações.*

39. O eminente magistrado, dono de invulgar erudição jurídica, resolveu a questão sob o mais cristalino signo da justiça.

Comentário: o adjetivo invulgar representa "o que não é vulgar ou comum; aquilo que foge ao padrão encontradiço; portanto, algo invulgar é especial, raro, incomum".

Nesse ínterim, ressalte-se que signo tem a acepção de "sinal indicativo; indício, marca, símbolo". Exemplo: *Era possível ver nos olhos da vítima o signo do desespero.*

Figuradamente, entretanto, "signo" significa "elemento de projeção ou importância; expoente, luminar". Daí se falar em *signo da justiça.*

40. Isso foi feito adrede para mostrar que esta é uma conduta que se afina com a lei, não representando procedimento despido do característico da liceidade.

Comentário: o termo adrede (pronuncie "drê") tem a acepção de "propositado ou de propósito". Seu uso é demasiado raro, no entanto é expressão encontradiça em alguns manuais de Direito.

Em sentido figurado, o verbo afinar – verbo transitivo indireto e pronominal ("afinar-se com") – tem a acepção de "pôr-se em harmonia com; ajustar-se, conciliar-se". Exemplo: *O comportamento da filha afinava-se com o dos pais.*

O substantivo liceidade se traduz na "qualidade e requisito do que é lícito". É sinônimo de "licitude".

41. Furto-me a criticar esta teoria, por achar que o ato vem inquinado de vícios.

Comentário: o verbo furtar, como bitransitivo e pronominal, pode ter o sentido de "deixar de fazer ou cumprir; fugir à responsabilidade; escapar-se". Exemplo: *Não me furto de minhas obrigações.*

O adjetivo inquinado representa "aquilo que tem nódoas, que é manchado, maculado ou sujo". Derivado do verbo "inquinar", cujo significado é o de "tornar(-se) sujo; manchar(-se), poluir(-se)". Ademais, pode ter a acepção de "pôr tacha em" ou qualificar. Exemplo: *Inquinar de fraudulento o negócio* (ou seja: tachá-lo de fraudulento).

42. Há a presunção irrefragável, oriunda do arcabouço jurídico vigente, de que todos conhecem a lei.

Comentário: o adjetivo irrefragável representa "o que não se pode recusar, que não se pode contestar; é, pois,

irrefutável, incontestável, indiscutível, irretorquível". Exemplo: *O candidato sofreu uma derrota irrefragável nas urnas.*

O substantivo arcabouço tem a acepção de "esqueleto, delineamento inicial, esboço". Exemplos: *arcabouço de um projeto; arcabouço de um romance.*

43. Dessa regra decorre corolário importante: o ato, não obstante colidente com a lei, é passível de defesa.

Comentário: segundo a lógica, corolário é a *"proposição que deriva, em um encadeamento dedutivo, de uma asserção precedente, produzindo um acréscimo de conhecimento por meio da explicitação de aspectos que, no enunciado anterior, se mantinham latentes ou obscuros"* (Houaiss). Com efeito, é a verdade que decorre de outra, que é sua consequência necessária ou continuação natural. Exemplo: *O corolário dessa medida foi a perda de espaço na política.* É termo sinônimo de "ilação" 72 – substantivo feminino que designa a ação de "inferir, de concluir; inferência".

Em outro giro, ressalte-se que passível é o "objeto suscetível de experimentar boas ou más sensações ou alvo de certas ações". Exemplos: *passível de crítica; passível de dor; o Juiz não é passível de remoção, em razão de sua inamovibilidade.* Portanto, o termo indica alguém ou aquilo que é "apto, capaz, suscetível, suscetivo".

44. As regras sufragadas pela jurisprudência proporcionaram uma retumbante defesa do advogado, que se valeu da analogia como um poderoso adminículo.

Comentário: o verbo sufragar tem o sentido de "apoiar ou aprovar com sufrágio ou votar (em) e eleger". Exemplos: *sufragar vereadores; sufragar uma escolha.*

Em outro giro, diga-se que o adjetivo retumbante designa "aquilo que retumba; que provoca grande som, grande ressonância". A retumbância é a "grandiloquência" – modo afetado de se expressar, que abusa de palavras pomposas, rebuscadas. Portanto, retumbante é "altissonante, altíssono, bombástico, grandíloco (ou grandíloquo)".

O substantivo adminículo tem a acepção de "ajuda, de amparo, auxílio, subsídio". Juridicamente, é termo designativo de "qualquer elemento que, mesmo secundário, contribua para estabelecer a prova efetiva de algo".

45. A indicação da mezinha adequada visa manutenir a boa saúde.

Comentário: a frase é composta de termos arcaicos – são os arcaísmos, isto é, palavras da Língua que caíram em desuso. Há referência às expressões "mezinha" e "manutenir".

Vamos analisá-las:

- mezinha: o substantivo feminino "mezinha" ou "meizinha" (com -z) tem a acepção de remédio, medicamento ou mesmo "remédio caseiro"; • manutenir: este verbo representa um arcaísmo que se mantém no vocabulário jurídico, condimentando o estilo com certa pitada de austera majestade. Em sentido jurídico, portanto, significa "conservar alguém, por meio de mandado de manutenção, na posse de algo". Ressalte-se que pode ter a acepção de "fazer permanecer ou manter em determinado estado, situação; preservar, conservar". Exemplos: • *Manutenir o desejo a todo custo* (como transitivo direto).

  - *Para manutenir-se, utilizava expedientes reprováveis* (como verbo pronominal).

Vamos conhecer outros arcaísmos:

- vossa mercê (em vez de "você"): forma de tratamento dada a pessoas que não tinham senhoria, as quais não se tratava por "tu"; há registros de "vosmecê", "vossemecê"; • boticário (em vez de "farmacêutico"): proprietário ou

administrador de botica (loja, taberna, farmácia); • usança (em vez de "usos", "costumes"): é a tradição, prática, costume há muito tempo observados. Exemplos: *práticas que refogem às nossas usanças; uma oração segundo a usança dos maias; usanças do dia a dia forense;* • avença (em vez de "acordo"): é o acordo, convenção entre os litigantes; aveniência; • peitar 73 (em vez de "subornar"): como verbo transitivo direto, "peitar" pode ter a acepção de "dar uma coisa (bem, valia, dinheiro etc.) para que se faça outra, ilícita; subornar com peita(s); corromper com dádivas" *etc.* Exemplo: *Peitei vários políticos, na expectativa de retorno.*

46. O magno princípio está disciplinado em preciso artigo no texto constitucional, não devendo prevalecer a tese mirabolante ventilada pelo advogado rabulista.

Comentário: o adjetivo magno tem o sentido de "algo que, em razão da importância, se sobrepõe a tudo que lhe é congênere, isto é, designa aquilo que tem grande relevância". Exemplo: *magnas questões; Carta Magna* (como menção à Constituição Federal).

Quanto ao termo mirabolante, pode ser definido como "algo extravagante e fantástico; maluco, delirante". Exemplos: *Ele possui ideias mirabolantes; o plano do invasor era mirabolante.*

O verbo ventilar (transitivo direto) significa, figuradamente, "trazer à mente, cogitar, presumir, imaginar". Exemplos: *Ele deixou de ventilar tal hipótese.*

Por derradeiro, diga-se que "rábula" ou rabulista é expressão pejorativa que designa "o advogado de limitada cultura, chicaneiro, isto é, aquele que é dado a chicanas forenses ou sutilezas capciosas em questões judiciais". Os verbos oriundos do adjetivo são: rabular ou rabulejar. Observe a frase: *Há advogados que vivem rabulejando pelos Tribunais de Júri.*

47. Ele anuiu em permanecer solerte e, no sopesar dos argumentos, ficou claro que a norma foi adjudicada à competência de outrem.

Comentário: o verbo anuir tem o sentido de "consentir (com gestos ou palavras), estar de acordo, aprovar ou assentir", podendo ser transitivo indireto (preposições "a", "em" e "com") ou intransitivo. Exemplos: *Ela anuiu ao meu requerimento; Sua face amiga era demonstração de que anuíra; Todos anuíram com a cabeça.*

O adjetivo solerte designa "aquele que procede com desembaraço, iniciativa e sabedoria; esperto, diligente, sagaz".

Quanto ao verbo sopesar, do qual deriva a expressão verbal "no sopesar dos argumentos", diga-se que tem o sentido de "equilibrar o peso de, pôr contrapeso em; contrabalançar, contrapesar". Exemplo: *sopesar os produtos da balança.* Pode-se, ainda, ganhar definição de "procurar entender (algo) para levá-lo em conta; considerar, interpretar, avaliar". Exemplo: *A equipe sopesará a proposta ofertada.*

Em outro giro, o substantivo feminino adjudicação, em sentido jurídico, designa "o ato judicial que dá a alguém a posse e a propriedade de determinados bens; é a atribuição da coisa adjudicada ao adjudicatário". O verbo que a tal substantivo se prende – adjudicar –, entre vários sentidos possíveis aceitos pelos lexicógrafos, equivale a "entregar legalmente (algo) a". Exemplo: *O candidato adjudicou a sucessão presidencial ao novo político.*

48. Há uma crescente e deletéria prática de se buscar ressarcimento por danos morais, sem fundadas razões, criando-se pelejas judiciais inoportunas.

Comentário: o adjetivo deletério designa "aquilo que possui um efeito destrutivo; danoso, nocivo". Em sentido

figurado, pode significar "aquilo que conduz à imoralidade, à corrupção; o que é degradante".

Diga-se, ainda, que o substantivo peleja se traduz na "ação ou efeito de pelejar" (peleja *ê* – verbo pelejar). Tem o sentido de "defesa apaixonada de pontos de vista contrários; discussão, briga, disputa".

49. O ato visante a receber a importância pleiteada sofreu os empecilhos impostos pelo obsoletismo notável da máquina administrativa do Governo.

Comentário: visante é adjetivo derivado do verbo "visar" e tem o sentido "daquilo a que se visa; que tem por finalidade". Exemplo: *eram regras visantes ao aprendizado.* O verbo "visar" possui várias acepções. Vamos a elas: • Verbo transitivo direto: na acepção de "dirigir a vista para (um ponto determinado); mirar". Exemplos: *visava a fruta do último galho; visou o ocupante do lugar da mesa.*

- Verbo transitivo direto: no sentido de "dirigir-se (projétil, tiro)". Exemplo: *Embora visasse o ladrão, o tiro atingiu o cidadão.*
- Verbo transitivo direto e transitivo indireto: em sentido figurado, o verbo significa "ter (algo) como desígnio, ter por fim ou objetivo; mirar (a), propor-se". Exemplos: *as medidas visam assegurar o cumprimento da lei; toda atitude que vise ao mandamento legal deverá ser apoiada; não há ação que vise à consecução do ato.*

Ressalte-se, ademais, que o verbo pleitear (transitivo direto) tem a acepção de "manifestar-se a favor de; defender, requerer". Exemplo: *Os jovens pleiteavam seus direitos.*

Nesse passo, diga-se que o substantivo masculino obsoletismo é designativo da "qualidade do que é 'obsoleto'" – adjetivo com significado de arcaico, antigo, que já não se usa, fora de moda, ultrapassado, antiquado". Há interessantes sinônimos, que merecem registro, para o substantivo "obsoleto". Note: • *Afonsino*: de tempos remotos, afonsinho, antigo.

- *Ferrugento*: que é velho, antigo ou está fora de uso.
- *Serôdio:* que ocorre fora do tempo; extemporâneo, tardio, serotino, serôtino.
- *Temporão*: que vem ou ocorre antes ou fora do tempo apropriado; forma o feminino "temporã".

50. Seria temerário dizer que o artigo não tem o condão de penalizar o infrator, em face da imprevisibilidade na arena dos negócios jurídicos.

Comentário: o adjetivo temerário tem a acepção de "precipitado, imprudente, arriscado, perigoso, audacioso". Exemplo: *projeto temerário, ação temerária.*

Nesse ínterim, ressalte-se que condão é substantivo masculino designativo de "atributo, aptidão, qualidade especial, capacidade, faculdade ou poder". Exemplos: *sua habilidade tem o condão de provocar risos; sua presença tinha o condão de provocar surpresa.*

O substantivo arena tem, figuradamente, o sentido na frase de "local de debate, de desafio, de luta". Usa-se, ademais, a par de "arena dos negócios jurídicos", a expressão "seara dos negócios", na acepção de "campo de atividade ou interesse relacionado com as transações negociais".

51. Ouvidas as partes, o juiz decidirá de plano, não acolhendo a arguição de que o fato se subsume à lei.

Comentário: a expressão idiomática de plano significa "de imediato, sem formalidades outras". A propósito, é imperioso mencionar que a preposição "de" apresenta vários significados interessantes. Alguns podem ser mencionados: • relacionando palavras por subordinação e expressando o assunto de que se trata. Exemplo: *Ela falou de você e não de nós;* • introduzindo objeto direto preposicionado. Exemplos: *ele comeu do pão; ela bebeu do vinho; ele provou do espaguete;* • compondo a formação de determinadas formas perifrásticas com verbos como ter, haver, parar, deixar *etc.* e o infinitivo do verbo principal. Exemplos: *hei de vencer; ele parou de sorrir.*

Com relação ao verbo arguir, sabe-se que é termo jurídico de alta rotatitividade, no sentido de "argumentar ou alegar como prova ou razão; utilizar um conjunto de ideias, fatos *etc.* como base para argumentação". Exemplo: *Arguindo as circunstâncias atenuantes, levou o magistrado à conclusão de que era detentor do direito de servidão.*

O verbo deriva do substantivo "arguição", cujo sentido se traduz em "alegação fundamentada; impugnação de argumentos contrários; citação de razões ou motivos para provar ou defender algo; argumentação". Ademais, o verbo "arguir" tem a acepção de "examinar, questionando ou interrogando". Exemplo: *Eles arguiram sobre o episódio.*

Em outro giro, desponta o verbo subsumir (pronuncie "subssumir"), no sentido de "incluir ou adaptar (alguma coisa) em algo maior, mais amplo, do qual aquela coisa seria parte ou componente".

52. A prova, posto que incontestável, por ser a verdade inconcussa, foi contestada com argumentos incontestes.

Comentário: o adjetivo inconcussa tem a acepção de "incontestável, irrefragável", sendo termo corrente no Direito com o sentido de "o que está firmado, provado; o irrefutável".

É comum na linguagem do foro encontrarmos as expressões "incontestável" e "inconteste", quase sempre usadas como sinônimas, o que, verdadeiramente, não o são. Podem ser adjetivos derivados do mesmo verbo – contestar –, porém há dessemelhanças sutis. Vamos à diferença: • Incontestável: refere-se "àquilo que não tem possibilidade de ser contestado, ao indubitável, ao irretorquível, ao indiscutível, ao irrefutável, ao inconcusso etc.".

• Inconteste: em qualquer dicionário, a palavra "conteste" designará aquilo que depõe ou afirma o mesmo que o outro. Portanto, se há *testemunhas contestes*, há uniformidade nos depoimentos, que são afins, concordes, contestes. Quando se tem "inconteste", com o prefixo *-in*, tem-se algo "não conteste, isto é, não uniforme, não harmônico, não concorde". Portanto, "inconteste" é "contradizente, contraditório, discorde, discrepante, destoante, divergente, desarmônico".

Não se esqueça, todavia, de que a palavra "incontestes" deve ser grafada sempre no plural, pois, obrigatoriamente, refere-se a mais de um substantivo. Exemplos: *provas incontestes, depoimentos incontestes, testemunhas incontestes.*

Por fim, ressalte-se que "incontestado" é adjetivo designativo "daquilo que não foi contestado, posto que (ainda que) contestável".

Vamos aos exemplos de recapitulação: • *A prova, posto que incontestável, foi contestada com argumentos incontestes.*

• *Sempre contestou as testemunhas incontestes com incontestáveis mecanismos.*

• *As diligências incontestadas são contestáveis, não se podendo valer o réu de provas incontestes.*

53. Fazer a petição cônscio de que se deve esgrimir argumentos poderosos contra a defesa.

Comentário: o adjetivo cônscio significa "o que sabe, que tem noção clara". Exemplos: *cônscio de seus deveres; cônscio de seus trabalhos.*

Por outro lado, o verbo esgrimir (transitivo indireto) tem o sentido de "travar combate contra; lutar". Exemplo: *O homem vivia a esgrimir contra os defeitos dos colegas.*

54. Deve-se devotar zelo ao assunto em tela, uma vez que sua prova é estreme de dúvidas, conquanto se saiba que os fatos militam contra tal hipótese.

Comentário: o adjetivo estreme (com -s) tem a acepção de "isento, puro, genuíno, caracterizado pela não contaminação". Fala-se em "ar estreme", em "vinho estreme". Nesse ínterim, surge a expressão estreme de, cujo sentido é de "salvo de, isento de ou despido de". Exemplo: *Sua prova é estreme de dúvidas,* i.e., *indiscrepante.*

A conjunção concessiva conquanto tem o condão de introduzir uma oração subordinada que contém a afirmação de um fato contrário ao da afirmação disposta na oração principal, mas que não é suficiente para anular este último. Significa "embora, se bem que, não obstante". Exemplos: *Não disputou a vaga, conquanto pudesse fazê-lo. Saí, conquanto estivesse me sentindo mal.*

O verbo militar, em sentido figurado, significa "influir, agir, lutar ativamente em favor de uma ideia ou causa". Exemplos: • *É preciso militar a favor da liberdade de imprensa.*

- *As provas militam contra as acusações do Ministério Público.*
- *"Esta circunstância milita em favor do réu"* 74.
- *Militam razões poderosas a seu favor, no entanto pretendo pensar antes de lhe dar a resposta.*
- *"Contra nós militam forças poderosas"*75.

55. Sobre inverdadeira, a alegação é maliciosa.

Comentário: a preposição sobre pode conter várias acepções. Um sentido erudito, bastante encontradiço na linguagem forense, dá-se no uso da preposição como sinônimo de "além de". É utilização elegante e recomendável. Vamos a alguns exemplos: • *Sobre intolerante, era dotada de singular ignorância.*

- *Sobre tapas, cusparadas.*
- *"A pergunta é, sobre ociosa, estólida"*76.

56. A ação há de ser julgada procedente, mercê do iterativo pronunciamento do STF, uma vez que tal comportamento não se apresenta consentâneo com o sistema jurídico vigente.

Comentário: há várias locuções formadas com o substantivo feminino mercê. Vamos conhecer algumas: • Mercê de: no sentido de "graças a, em virtude de", a expressão pode ser usada, como exemplo: • *A ação há de ser julgada favoravelmente à Autora, mercê do inequívoco pronunciamento do STF....*

Observe outros exemplos:

- *Ressalte-se que, mercê de significado semelhante àquele trazido há pouco, a prova ganhou robustez.*
- *Passou mercê de ajuda alheia.*

• À mercê de • no sentido de "ao capricho de; ao sabor de": *O planador ficou à mercê do vento.*

- na acepção de "total dependência de alguém ou algo": *Ele ficou à mercê do cunhado.*

Frise-se que o adjetivo iterativo[77] tem o sentido daquilo que expressa a repetição e a habitualidade. No ambiente forense, são comuns as frases: *"práticas iterativamente adotadas pelo contribuinte"; "posicionamento iterativo do Tribunal".*

Por fim, é imperioso trazer à baila o sentido do adjetivo consentâneo, isto é, "que cabe bem a determinado caso ou situação; apropriado, adequado, conveniente, congruente, concorde". Admite o termo as preposições "a" ou "com". Exemplos: *uma resposta consentânea com o ataque verbal; um desvario consentâneo à sua idade.*

57. A norma não pode engendrar óbices à concretude do princípio fundamental a cuja implementação se destina.

Comentário: o verbo engendrar tem o sentido de "formar, criar". Ao lado do substantivo óbice (= empecilho, obstáculo), tem a expressão composta *engendrar óbices* o sentido de "criar dificuldades".

O vocábulo implementação, no sentido de "realização ou execução", é vocábulo muito adotado pelos amantes do linguajar tecnicista e estrangeiro, adotado por alguns economistas. A ele se ligam o verbo "implementar" e o substantivo "implemento" – outros fastidiosos lugares-comuns que vêm incrementar o "economês". Não obstante tratar-se de expressão marcada pela fragilidade etimológica, o VOLP já previa o vocábulo na edição de 1999, confirmando-o na edição de 2004 e na mais recente publicação do compêndio. Dessa forma, é possível substituir "implementação" por "realização", na busca do vocábulo mais adequado, no entanto não se pode esquecer que conta a forma em análise com a chancela do VOLP.

58. O exercício da função pública, por si só, não coonesta uma prática arbitrária.

Comentário: a expressão por si só, quando referente a substantivo no singular (função), mantém-se no singular; entretanto, se estiver ligada a nome no plural, deve ser grafada como "por si sós".

Exemplo: *Os dados, por si sós, não são bastantes para o convencimento.*

Nesse ínterim, diga-se que o verbo coonestar tem o sentido de "legitimar, dar aparência de". É verbo transitivo direto, na acepção de "fazer que pareça honesto, honroso; disfarçar". Exemplos: • *Valeu-se de uma postura ingênua para coonestar seus gestos ignóbeis.*

• *A filantropia, por si mesma, não coonesta uma prática religiosa.*

59. A parte se valeu de argumento aríete para proceder ao convencimento do Magistrado, que aquiesceu ao nosso pedido.

Comentário: a expressão argumento aríete tem a acepção, figuradamente, de "argumento forte, contundente, decisivo, que abre caminho".

Nesse passo, o verbo aquiescer significa "concordar, anuir, ceder, consentir". É transitivo indireto (com preposição "a") e intransitivo. Exemplos: • *Ele aquiesceu ao pedido da parte.*

• *Depois de tudo, só lhe restou aquiescer.*

• *Ouvindo as suas explicações, aquiesci.*

• *O Juiz aquiesceu ao pedido do Autor.*

60. Atenta a circunstância de o réu ser primário, podemos requerer benefícios para o apenado perante o Juiz.

Comentário: o verbo no particípio (atenta) inaugura uma oração subordinada adverbial causal reduzida de particípio (o sentido é o de a circunstância ser levada em consideração, ser atendida). É forma participial irregular, plenamente aceita em nossa gramática, à semelhança de "anexo e anexado", "pago e pagado", "eleito e elegido", entre outros.

61. Ilaquear a boa-fé de outrem é se pautar por procedimentos com os quais não nos coadunamos em nosso dia a dia.

Comentário: o verbo ilaquear tem o sentido de "excluir o excesso; induzir a erro para tirar proveito próprio ou alheio".

Nesse rumo, o verbo coadunar tem regência complexa. Pode ser: a) *transitivo direto*, na acepção de "juntar, incorporar, pôr-se em harmonia". Exemplos: *procurou coadunar os projetos; coadunar os pontos de vista divergentes;* b) *bitransitivo*, no sentido de "combinar-se". Exemplo: *coadunar austeridade com bondade;* c) *pronominal* (preposição "com"). Grafa-se, pois, "ele se coaduna com", "nós nos coadunamos com", "eu me coaduno com". Exemplo: *Seu comportamento não se coadunava com os princípios que recebera.*

JURISMACETES

1. Advogado abaixo assinado

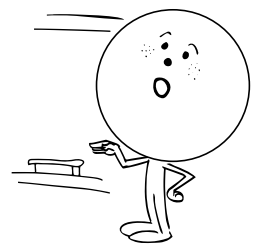

Situação: O advogado abaixo assinado assinará o abaixo-assinado em breve.

Comentário: o substantivo masculino **abaixo-assinado**, com hífen, designa o documento coletivo, de caráter público ou restrito, que torna manifesta a opinião de certo grupo, ou representa os interesses dos que o assinam. Forma o plural "abaixo-assinados".

Em outro giro, existe a forma **abaixo assinado**, sem hífen, segundo a qual se quer dizer que algo está assinado logo abaixo, isto é, embaixo, em posição subsequente. Não se deve inserir o hífen nesta forma, uma vez que a possui, exclusivamente, o substantivo.

2. Flagrante delito

Situação: O flagrante delito se deu há poucos minutos.

Comentário: o adjetivo **flagrante** tem a acepção de visto ou registrado no próprio momento da realização (flagrante delito). Ademais, pode ter a acepção de "evidente, manifesto, incontestável". Além disso, há a formação do substantivo "flagrante" na "ação notada e/ou registrada no momento da ocorrência".

Não se pode confundir esta formação com **fragrante**, com a sílaba inicial fra-, cujo significado está "no que exala bom odor, sendo aromático, cheiroso, perfumado". Exemplo: orquídeas fragrantes, insenso fragrante.

3. Ante o exposto

Situação: Ante o exposto, requer o Autor a Vossa Excelência que se digne de conceder o provimento emergencial pleiteado.

Comentário: a preposição é palavra gramatical invariável que subordina o elemento que introduz (consequente), marcando a sua função. Por via de regra, subordina o consequente à palavra determinada da frase (antecedente). Pode ser "simples" (a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, per, perante, por, sem, sob, sobre) ou "composta" (locuções prepositivas, cuja formação se faz, geralmente, por meio de um advérbio seguido de uma preposição, ou precedido e seguido de preposições: por sobre, ao lado de, por baixo de, etc.).

Ressalte-se que as preposições em geral não se usam no complemento de objeto direto (comi uma fruta), embora haja na Língua objetos diretos preposicionados (amar a Deus).

Na expressão supracitada **ante o exposto**, a par de "perante o exposto" ou "perante a Juíza", há a presença das preposições ante e perante, que rechaçam, por si sós, outra preposição. Esta é a razão pela qual seria incorreto grafar "ante ao" (ao = a+o), "perante ao" ou "perante à" (à = a+a), uma vez que nessas formas ter-se-ia a presença de duas preposições, o que não é tolerável.

Ademais, em razão de sua função, qualquer preposição rege sintagmas adverbiais: a limpo, ante o público, com dúvidas, contra os pareceres, de vista, entre amigos, por vontade própria, rente ao chão, sob tensão, sobre o campo.

4. BOA-FÉ E MÁ-FÉ

Situação: Não se trata de boas-fés ou más-fés, mas de boa índole.

Comentário: a **boa-fé** representa a "retidão ou pureza de intenções; é a convicção de agir ou portar-se com justiça, lisura e lealdade com relação a alguém ou a algo, com respeito ou fidelidade às exigências da honestidade".

A boa-fé, na acepção jurídica, representa, consoante o Houaiss, "o estado de consciência de quem crê, por erro ou equívoco, que age com correção e em conformidade com o direito, podendo ser levado a ter seus interesses prejudicados [configura uma circunstância que a lei leva em conta para proteger o faltoso das consequências da irregularidade cometida]". Note que boa-fé forma o plural boas-fés.

Em outro giro, **má-fé** representa "a disposição de espírito que inspira e alimenta ação maldosa, conscientemente praticada. É a deslealdade, fraude ou perfídia".

A má-fé, na acepção jurídica, representa, consoante o Houaiss, "o termo usado para caracterizar o que é feito contra a lei, sem justa causa, sem fundamento legal e com plena consciência disso". O plural é más-fés.

5. A olhos vistos

Situação: A oportunidade crescia a olhos vistos.

Comentário: trata-se de locução adverbial invariável, com o sentido de "visivelmente". Observe os exemplos: • As florestas, no Brasil, diminuem a olhos vistos.

- A China tem prosperado a olhos vistos.
- "Esta Juliana anda uma janota! Prospera a olhos vistos" 78.

A HORA DO ESPANTO

AS "PÉROLAS" DO PORTUGUÊS

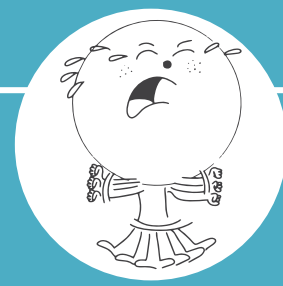

1. Assidentes Correção: grafa-se "acidentes", com -c. A criativa forma "assidentes" pode causar até "acidentes" por aí...

2. Arrazadas Correção: de certo modo, é desculpável o equívoco, uma vez que muitos desconhecem que o verbo "arrasar" grafa-se com -s. Portanto, utilize, sempre com -s, arraso, arrasar, arrasador **etc.**

6 LATIMACETES

Expressões latinas usadas na linguagem do foro O emprego de expressões latinas na linguagem forense não é mero diletantismo. O advogado deve conhecer as expressões mais correntes, porquanto, se não as usar, deve compreendê-las quando lê doutrina, razões e julgados, uma vez que muitos autores as empregam, bem como o fazem os Tribunais.

Para Rodríguez (2000:70-71), "podem-se firmar duas funções para as expressões e brocardos latinos. A primeira delas é a linguagem apurada, uma vez que o Direito atual mantém ou recupera, pela denominação original, os institutos que, na maioria das vezes, surgiram no Direito Romano. Assim, as expressões latinas revelam técnica da linguagem, pela referência específica a tais institutos. Por outro lado, servem as aludidas expressões – ainda no que atine à linguagem – para revelar erudição do enunciador, porque constituem termos de rara aplicação e conhecimento".

Urge lembrar que, caso se utilize o latim sem parcimônia, seu uso poderá se traduzir em preciosismo condenável. A objetividade e a clareza na transmissão da mensagem são fundamentais para que se alcance o objetivo da comunicação. Usar bem o latim é valer-se de sua terminologia com precisão, sem lançar mão de uma linguagem hermética e, assim, maléfica à concatenação textual, despida de sustentabilidade no discurso realizado. É mister usar adequadamente as expressões latinas, até porque o Direito e o latim são elementos indissociáveis em todos os ordenamentos calcados originariamente no Direito Romano. Todavia, é necessário usar o latim com a moderação dos cautos e com a convicção dos sábios. Vamos verificar alguns exemplos.

1. MUTATIS MUTANDIS

A expressão *mutatis mutandis* quer dizer "mudando o que deve ser mudado". Em outras palavras: "com a devida alteração dos pormenores", "com as devidas modificações" ou "com os devidos descontos". Usa-se quando se adapta uma citação ao contexto ou às circunstâncias. É uma expressão extremamente útil nos textos argumentativos, quando queremos ressaltar as semelhanças entre dois elementos sem deixar que as diferenças tornem a analogia obscura, ou seja, utilizadas pelo interlocutor para invalidar o raciocínio.

Vamos apreciar os exemplos:

A "Descoberta da América" também está mal explicada, uma vez que os "vikings" precederam os espanhóis (na América do Norte) por volta do ano 1000. Logo, pode-se afirmar, "mutatis mutandis", que a América foi redescoberta pelos europeus em 1492.

O desenvolvimento da linguagem de uma criança seguiria, "mutatis mutandis", as mesmas etapas por que passou o idioma na sua evolução histórica.

Tem o pai vários deveres para com o filho; "mutatis mutandis", tem o filho iguais deveres para com o pai.

Na escrita, a expressão "mutatis mutandis" vem sempre separada por vírgula, na medida em que se trata de locução adverbial intercalada, carecendo do sinal diacrítico em comento. Não se esqueça, por fim, de que é expressão latina, devendo ser grafada em itálico ou com aspas.

2. SIC

É advérbio, em latim. Sendo latinismo com significado de "assim", "desse jeito", costuma aparecer entre parêntesis ou colchetes (forma preferível), depois de uma palavra com a grafia incorreta ou inadequada para o contexto. Muitas vezes o renome, o respeito ou o saber de quem está sendo citado nos obriga a usá-lo, para avisar o leitor de que, conquanto estejamos conscientes da estranheza do que está escrito, optamos pela manutenção da literalidade textual.

É usado internacionalmente para indicar ao leitor que aquilo que ele acabou de ler, por mais errado ou estranho que pareça, é assim mesmo que se deve grafar. É o que ocorre quando se intercala um "sic" em texto de autoria própria, querendo frisar que é daquela forma que deve ler.

Nascimento (1992: 53) preconiza que "quando queremos citar alguém ou alguma coisa que nos parecem errados, usamos da conjunção latina 'SIC' (assim) sempre entre parêntesis para significar que se achava escrito como na citação feita. "Processe-se (*sic*) os agravos".

O "sic" é muito usado por profissionais da área jurídica, como magistrados e escrivães, que, ao lidarem diretamente com o público, precisam registrar nos autos do processo declarações e depoimentos com fidelidade. Assim, surge o "sic" para mostrar que o registro foi fiel, mas que o autor está atento para a incongruência do que foi dito pelo réu ou pela testemunha.

Note-se que, quando se trata de óbvio equívoco de digitação, que não se pode imaginar como "erro" do autor, não devemos utilizar o "sic". Se encontrar expressões do tipo "no Hosdital das Clínicas" (em vez de "hospital") ou "Cabral avistou nossa costa no ano de 2500", (em vez de 1500), proceda à correção sem estardalhaço.

Todavia, se desejar citar um autor em cujo texto aparece "excessão" com "ss", não é motivo para desmaio, por enquanto,

devendo optar o leitor por ignorar o erro do texto original, transcrevendo-o de forma correta ("exceção", pelo amor de Deus!) ou reproduzi-lo exatamente, acrescentando-lhe o "sic".

Ademais, o "sic" tem sido usado como uma forma de transmitir opinião sobre um autor ou seu modo de pensar. Por exemplo, se alguém diz "Esse foi o erro de Pontes de Miranda", posso citá-lo como "Esse foi o erro [*sic*] de Pontes de Miranda". Assim, demonstro minha indignação com o autor citado que se referiu a "erro" de Pontes de Miranda 79. Talvez fosse mais adequado evitar a expressão afeta a doutrinador de notório saber jurídico, para não denotar uma aparente arrogância do austero corretor. Poder-se-ia até mesmo combinar o "sic" com o ponto de exclamação ("Esse foi o erro [*sic!*] de Pontes de Miranda"); com a exclamação entre parêntesis ("Esse foi o erro [!] de Pontes de Miranda"); ou, finalmente, com a interrogação ("Esse foi o erro [?] de Pontes de Miranda"). Todavia, a parcimônia é o segredo do uso da expressão, que não pode ser utilizada a torto e a direito. Ao transcrever um trecho que contenha grafia antiga ou evidentes lapsos de datilografia ou digitação, é melhor consertá-los. Quando um mesmo caso se repete em várias passagens de um texto, usa-se [sic passim] – "está assim por toda parte".

Entretanto, se o autor cometeu muitos erros de ortografia, sintaxe, regência etc., evite-o. Perguntamos: qual a razão de citar um autor que não cuida do idioma com esmero? Não seria o caso de evitá-lo? Desse modo, a fórmula funciona como um poderoso instrumento retórico, criando uma salutar cumplicidade entre o leitor e o autor corretor, em benefício do autor destinatário do "sic".

Ressalte-se que o "sic" está presente em muitas frases célebres da tradição ocidental, entre elas o famoso *"Sic transit gloria mundi"* ("Assim passa a glória deste mundo") – palavras que são ditas (três vezes) na cerimônia de posse de um novo papa.

Deve ser escrito em negrito ou itálico e, preferencialmente, entre colchetes, e não entre parêntesis, pois os colchetes representam a pontuação recomendada para qualquer intromissão no texto que se lê. Portanto, grafe assim: [sic] ou [*sic*].

Já se produziu verbo dele derivado – "sicar" –, conquanto não encontre guarida nos dicionários e no VOLP. Ouve-se muito no mundo acadêmico: "*Eu o siquei duas vezes*"; "*Ninguém tem coragem de sicar um autor deste nível*".

Há quem afirme que desse advérbio latino teriam saído o "sim" do português e o "si" do espanhol, o que nos parece, em princípio, aceitável. Já se mencionou, por outro lado, tratar-se o símbolo [*sic*] de sigla da expressão "segundo informações colhidas", com o que não concordamos, por acreditá-la fruto da imaginação humana, sem, todavia, deixar de elogiar a "visão criativa" do inventor.

3. A PRIORI E A POSTERIORI

Essas expressões latinas têm sido empregadas de modo equivocado, em inúmeras situações nos ambientes forenses. Na verdade, há uma banalização das duas expressões como se fossem sinônimas de "antes" e "depois".

A priori (pronuncie "a priori") significa "anterior à experiência, anterior à verificação experimental, apresentado como hipótese, preconcebido, sem fundamento, de antemão". Nesse contexto, a expressão "a priori" representa o método que conclui pelas causas e princípios.

Faz parte de uma expressão de maior extensão, *"a priori ratione quam experientia"*, que significa "por um raciocínio anterior à experiência". Serve para indicar, por exemplo, um princípio que eu faço valer antes de mais nada e do qual não abro mão. Exemplo: *Não posso conceber, "a priori", que alguém seja impedido de manifestar seu entendimento nesta reunião.*

Também pode designar um raciocínio que se baseia em pressupostos, não levando em consideração o que a experiência posterior possa trazer: *É perigoso condenar "a priori" essa prática adotada pelo contribuinte* (entenda-se: sem ainda ter visto seus desdobramentos e suas consequências).

Julgar uma pessoa "a priori" é fazer uma opinião de alguém antes de realmente conhecê-lo:

Não me agrada fazer julgamentos "a priori", todavia o homem tem um comportamento intragável.

O raciocínio "a priori" opõe-se ao raciocínio a "posteriori". Na Filosofia e na Lógica, as duas expressões são usadas com significados bem definidos e especializados.

Segundo Kant [80], são a "priori" os elementos do conhecimento (intuições, conceitos, juízos) independentes da experiência. Assim, por exemplo, a proposição "todos os corpos são extensos" é uma afirmação necessária e universalmente verdadeira (os juízos "a priori" são universais e necessários), existam corpos ou não; é uma verdade que não depende da experiência. O conhecimento é *a posteriori* quando só é possível por meio da experiência.

Como se disse, "a priori" tem como antônima outra expressão latina: *a posteriori*, que significa "conhecimento, afirmação, verdade provenientes da experiência, ou que dela dependem". Quer dizer "de trás para diante", representando um método que conclui pelos efeitos e consequências.

Julgar "a posteriori" é julgar pela experiência. Argumentar "a posteriori" é argumentar passando do efeito à causa. A Universidade Estadual Paulista (UNESP), em seu vestibular realizado pela Fundação VUNESP, em dezembro de 2004, elaborou, como de costume, elogiável Prova de Língua Portuguesa, digna de admiração e louvor. Trouxe uma passagem de um texto escrito por Eça de Queirós (1845-1900) que exigiu a interpretação dos termos "a priori" e "a posteriori". Aprecie o trecho abaixo transcrito:

"Idealismo e Realismo

(...) Outrora uma novela romântica, em lugar de estudar o homem, inventava-o. Hoje o romance estuda-o na sua realidade social. Outrora no drama, no romance, concebia-se o jogo das paixões **a priori**; hoje, analisa-se **a posteriori**, por processos tão exactos como os da própria fisiologia. Desde que se descobriu que a lei que rege os corpos brutos é a mesma que rege os seres vivos, que a constituição intrínseca duma pedra obedeceu às mesmas leis que a constituição do espírito duma donzela, que há no mundo uma fenomenalidade única, que a lei que rege os movimentos dos mundos não difere da lei que rege as paixões humanas, o romance, em lugar de imaginar, tinha simplesmente de observar. **O verdadeiro autor do naturalismo não é, pois, 'Zola' – é 'Claude Bernard'. A arte tornou-se o estudo dos fenômenos vivos e não a idealização das imaginações inatas...**" (Eça de Queirós, Cartas Inéditas de Fradique Mendes. **In: Obras de Eça de Queirós**). (Destaques nossos)

Eça de Queirós, ao anunciar que "outrora no drama, no romance, concebia-se o jogo das paixões *a priori*; hoje, analisa-se *a posteriori*, por processos tão exatos como os da própria fisiologia", assume uma visão determinista, ao cotejar a literatura romântica, praticada no passado ("outrora"), e a arte realista, praticada no momento da elocução ("hoje"). Segundo o autor, a primeira prioriza a inspiração e a intuição, sem se pautar nas convicções da realidade exterior – é a arte apriorística e

subjetiva. A segunda, por seu turno, vislumbra a arte como produto da observação e análise do mundo sensível, a partir de uma postura de criticidade racional e científica – é a arte calcada na experimentação científica. Reitere-se que, para Eça de Queirós, as expressões "a priori" e "a posteriori" significam, respectivamente: antes ou independentemente da observação dos fatos; e depois ou em decorrência da observação dos fatos.

É importante enaltecer que um dos pilares do Naturalismo foi a adoção de princípios mecanicistas e deterministas, que influenciaram a cultura na segunda metade do século XIX. A corroborar, citem-se as palavras do fisiologista Claude Bernard 81 – *"O determinismo é absoluto tanto para os fenômenos dos corpos vivos como para os dos corpos brutos* 82" –, a par do trecho do soneto *Eu* (1935), de Augusto dos Anjos – *"(...) Duras leis as que os homens e a hórrida hidra / a uma só lei biológica vinculam (...)"*. Para Augusto dos Anjos 83, aliás, a diversidade da realidade se unifica por leis universais e absolutas, o que explicaria, por exemplo, a inexorabilidade das transformações, do amanhã e da morte.

4. IN CASU

A expressão *in casu* tem a acepção de "no caso", podendo ser livremente utilizada nos petitórios. Exemplo: *Não pode prosperar, "in casu", o argumento expendido pelo Réu.*

Ademais, pode ser substituída por expressões sinônimas, como: "no caso em tela", "no caso em comento", "no presente caso", "no vertente caso" ou, ainda, insistindo no latim, "no caso 'sub examine'"– expressão sobremodo elegante, que confere agradável som prosódico ao texto, devendo ser pronunciada como "sub eczâmine". Traduz-se por "no caso em exame".

Nos meios forenses, é comum a dúvida entre a grafia "sub examen" e "sub examine" quando se pretende dizer que a matéria está sendo examinada ou sob exame. Frise-se que, à luz do latim, é possível dirimir a dúvida por meio da análise de expressão latina similar: a locução adverbial "in limine" (ou seja, "desde logo, no início"), originada pelo substantivo "limen", que significa "limiar, entrada". O caso nominativo é "limen"; "liminis" é o genitivo e "limine", o ablativo (caso latino que representa as palavras na função de adjunto adverbial, em que aparece uma preposição, como *in*, *sub*, *de*).

Então, como "examen" e "limen" pertencem à mesma declinação (neutros da 3ª), temos, à semelhança de "limen", "liminis" e "limine" os termos "examen", "examinis" e "examine". Consequentemente, redija-se "sub examine".

5. VENIA CONCESSA

Na linguagem forense, quando se pretende exteriorizar o pensamento com polidez em sinal de respeito à opinião daquele com quem se fala, pode se valer o peticionário de expressões estereotipadas, que, como um "abre-alas", permitem a passagem da ideia contraposta com elegância e respeito 84. Portanto, é fórmula de cortesia com que se começa uma argumentação para discordar do interlocutor. Tais expressões são demasiado encontradiças no ambiente forense. Vamos conhecê-las: *data venia;*

data maxima venia (pronuncie "mákssima");

concessa venia;

permissa venia;

venia concessa.

Exemplos:

"Data venia" seu posicionamento, discordamos em gênero, número e grau.

O Autor, Excelência, "permissa venia", não logrou trazer aos autos depoimentos convincentes.

A respeitável sentença de fls., "concessa venia", merece ser reformada por esse meritíssimo Juízo "ad quem", a fim de que se alcance o desiderato da justiça.

Na verdade, "venia concessa", revela-se descabida a prova.

Observações: note que as expressões latinas não são grafadas com acento. Portanto, o termo latino "venia" não recebe o acento diacrítico. No entanto, caso o estudioso queira se valer da Língua Portuguesa, poderá empregar "vênia" (palavra com acento circunflexo), na acepção de "licença", que representa uma paroxítona terminada em ditongo crescente. Exemplo: *A parte pede vênia para demonstrar que, durante o convívio conjugal, a Ré se comportava como moça solteira, cultivando hábitos levianos e promíscuos, mais parecendo uma rapariga de lupanar.*

6. IN VERBIS

A expressão latina, que pode se encontrada na forma resumida *verbis*, tem a acepção de "literalmente, fielmente, de acordo com a literalidade ou 'nas palavras'". Muito usual na linguagem forense, que requer autenticidade da informação transmitida, essa forma pode ser expressa por termos sinônimos, como "ipsis litteris", "ipsis verbis", "ad litteram" ou "verbo ad verbum".

Vejamos alguns exemplos:

O artigo dispõe, "in verbis", que a exceção existe para incentivos fiscais destinados a promover o equilíbrio socioeconômico entre as diferentes regiões do País.

O art. 5º, "caput", da Constituição Federal, disciplina, "ad litteram": "Todos são iguais perante a lei".

7. EX POSITIS

Essa expressão representa um elemento de ligação de articulados em petição, dando a ideia de fecho de pensamento. Sabe-se que é de todo louvável que o peticionário se valha de elementos de ligação nos arrazoados, a fim de conferir a concatenação aos articulados do texto. No momento em que se pretende arrematar o raciocínio empreendido, encerrando-o, desponta oportuna a expressão em análise, como se pode notar nos exemplos a seguir: *"Ex positis", merece o Autor a concessão da tutela antecipada, uma vez cristalina a presença dos pressupostos autorizadores do provimento emergencial.*

Não resta dúvida, "ex positis", que se valeu a parte de expediente antiético, a fim de lograr trazer aos autos provas sobejas.

Observe que a pronúncia correta da expressão latina é "eks-pó-sitis", e não "eKsposí-tis". Tal expressão pode ser substituída por "do exposto", "ante o exposto", "perante o exposto", "em face do exposto", entre outras.

8. EX VI

Com o sentido de "por força de", a expressão imprime destacada elegância ao texto jurídico. Deve ser usada ao lado de artigos, incisos ou disposições legais. Os exemplos são oportunos. Confira-os: *"Ex vi" do art. 150, I, da CF, o princípio da*

legalidade tributária é aquele segundo o qual o tributo deve ser instituído ou majorado por meio de lei.

A lei, "ex vi" do art. 5º, XXXVI, da CF, não atingirá o ato jurídico perfeito, o direito adquirido e a coisa julgada.

A violência é presumida "ex vi legis".

"Ex vi" do Decreto n. ..., há que se notar ... .

A não discriminação em razão de idade, sexo ou cor subsiste, "ex vi" da Constituição, no inciso VI do art. 3º.

"Ex vi" de imposição constitucional extraída do art. 145 da CF, são tributos no Brasil: impostos, taxas e contribuições de melhoria.

Por fim, ressalte-se que há duas importantes expressões decorrentes do termo latino ora estudado: "ex vi legis" (ou seja, por força da lei) e "ex auctoritate legis" (ou seja, por autoridade da lei). Observe alguns exemplos: *A violência é presumida "ex vi legis".*

Não deve haver, "ex auctoritate legis", empecilhos ao livre acesso da autoridade fiscal no estabelecimento comercial.

Observação: a pronúncia deve ser feita com cautela. A sílaba tônica não se encontra em "*vi*", mas em "*ex*", devendo-se falar "éks-vi", e não "eks-ví".

9. IN ALBIS

O vocábulo latino tem a acepção de "em branco", isto é, refere-se a transcurso de prazo sem a tomada de providências pertinentes, do que resulta a conhecida expressão. Exemplos: *"O prazo transcorreu 'in albis'".*

A perda do prazo foi inevitável: houve o transcurso "in albis".

O prazo transcorreu "in albis", ficando nítida a revelia do interessado.

Houve o esgotamento "in albis" do prazo.

10. IN PARI CAUSA

A expressão tem a acepção de "igualmente, no mesmo caso". Exemplos:

O Tribunal decidiu "in pari causa" de modo favorável à tese ora ventilada nos autos.

O STJ "in pari causa" decidiu diversamente.

Os julgados proferidos pelo egrégio STF, "in pari causa", têm sido no sentido de que há crime preterdoloso na situação em comento.

11. IN FINE

Com a acepção de "no fim", tal expressão é comum na citação de artigos, quando se quer enfatizar a parte final do comando normativo. Acreditamos que a grafia da expressão não apresenta problemas maiores, no entanto, a pronúncia tem dado vazão a "assassinatos prosódicos" no ambiente forense. Queremos enfatizar que se deve pronunciar "*in fine*" como se falam /fino/, *fineza*. Jamais, portanto, pode-se emitir o terrível /*fáine*/, como se inglês fosse. Portanto, muita cautela!

12. V.G. E E.G.

É interessante observar que o acadêmico de Direito permanece cerca de meia dúzia de anos em bancos da faculdade, a fim de que assimile as letras jurídicas, no entanto, a informação rasa, menor, mais simples lhe falta às escâncaras. Não obstante encontrar o leitor as expressões abreviadas "v.g." e "*e.g.*" nos vários livros jurídicos pelos quais passou os olhos, desconhece-as, acreditando, talvez, que representem sinais gráficos desimportantes, quem sabe, talvez, um "erro de digitação"!

Percebe-se, pois, que o acadêmico de Direito, como regra, não recebe dos docentes das faculdades a tradução simples de tais vocábulos, embora aqueles acabem por exigir sapiência jurídica de quem nem sequer[85] captou o sentido semântico do que pretende assimilar.

Portanto, feita a observação, passemos a traduzir as fatídicas expressões.

Ambas são formas latinas, que ora se apresentam abreviadas, ora escritas por extenso. Logo, "v.g." representa "verbi gratia", na acepção de "por exemplo". Destaque-se que "e.g." indica "exempli gratia" (pronuncie "eczêmpli"), com o mesmo sentido de "por exemplo". Portanto são expressões latinas sinônimas. Vamos às frases: *A Constituição Federal, "verbi gratia", apresenta-se com erros de ortografia.*

> *Os tributos, "e.g.", impostos, taxas e contribuições de melhoria, têm previsão no art. 145 da CF.*

Ressalte-se, por derradeiro, que existem outras expressões que vêm a calhar. São elas: "ad exemplum", "exempli causa" e "verbi causa", todas com sentido de enumeração, isto é, no sentido de "por exemplo".

13. I.E.

A forma *i.e.* se encaixa na observação crítica retrocitada. Costuma ser igualmente desconhecida por acadêmicos de Direito, embora se revele expressão corrente em textos escritos. No sentido de "isto é", a forma latina abreviada de "id est" (pronuncie "idést") – "i.e." – deve ser usada com tranquilidade, haja vista marcar elegância no texto. Vamos ao exemplo: *O laudo vem corroborar, "i.e.", confirmar o ocorrido.*

14. APUD

O termo latino *apud* possui a acepção de "junto de, em, citado por, conforme ou segundo". Indica a fonte de uma citação indireta, quase sempre fazendo menção ao nome do autor a que se refere a obra. É a indicação de um documento ao qual não se teve acesso, mas do qual se tomou conhecimento apenas por citação em outro trabalho. Apenas deve ser usada na total impossibilidade de acesso ao documento original. A palavra "apud" deve vir sempre em itálico. Também pode ser substituída pela expressão "citado por". Exemplos: (Anderson, 1981 *apud* Arévalo, 1997, p. 73).

> Estudos de Zapeda (*apud* Melo, 1995, p. 5) mostram … .
>
> A Teoria Especial da Relatividade foi publicada no início do século (Einstein, 1905 *apud* Brody, 1999).
>
> A palavra "avô", *apud* Antônio Houaiss, segundo José Pedro Machado *in Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, foi empregada pela primeira vez em português no ano de 1024.
>
> "Segundo Neuman (*apud* Heller, 1999, p. 127): '*A dominação não tem poder, como tal, não inclui a dominação de outros seres humanos*'".

"De acordo com Neuman, '*a dominação não tem poder, como tal, não inclui a dominação de outros seres humanos*'" (*apud* Heller, 1999, p. 127).

"*A dominação não tem poder, como tal, não inclui a dominação de outros seres humanos*" (Neuman *apud* Heller, 1999, p. 127).

Portanto, memorize: quando se transcrevem palavras textuais ou conceitos de um autor, dito por um segundo autor, utiliza-se a expressão *apud* (citado por). Por exemplo, eu leio, no livro de Teixeira, algo que Oliveira havia dito, em 1999. Então, quem está dizendo é Oliveira *apud* Teixeira (1999). Exemplo: Segundo Oliveira *apud* (ou citado por) Teixeira (1999), "toda criança deve ser muito bem cuidada principalmente nos primeiros anos de vida...".

É importante lembrar que a referência que vai ao final do trabalho é de Teixeira, e não Oliveira.

Destaque-se, ademais, que, segundo as normas oriundas da Associação Brasileira de Normas Técnicas, NBR 10520, Rio de Janeiro, 2002, a indicação bibliográfica deve obedecer à seguinte sequência:

Indicar o autor da citação, seguido da data da obra original, a expressão latina "apud", o nome do autor consultado, a data da obra consultada e a página onde consta a citação.

Exemplos:

"*O homem é precisamente o que ainda não é. O homem não se define pelo que é, mas pelo que deseja ser*" (Ortega Y Gasset, 1963, *apud* Salvador, 1977, p. 160).

Segundo Silva (1983, *apud* Abreu, 1999, p. 3) *diz ser* ... .

Vamos conhecer outras expressões latinas úteis em citação:

1. Idem ou **id**. **Sentido:** mesmo autor. **Exemplo:** Lamprecht, 1962, p. 20 Id., 1964, p. 35	**3. Opus citatum, opere citato** ou **op. cit.** **Sentido:** obra citada. **Exemplo:** Gonçalves, 2000, p. 50 Lamprecht, 1962, p. 20 Gonçalves, op. cit., p. 216
2. Ibidem, ibid. ou **ib.** (pronuncie "ibídem") **Sentido:** na mesma obra, aí mesmo, no mesmo lugar. Emprega-se nas citações, para indicar que estas são da obra mencionada anteriormente. **Exemplo:**	**4. Passim** ou **Pass**. **Sentido:** por aqui e ali, em diversas passagens, indicando referência a vários trechos da obra. **Exemplo:** A prescrição vem tratada no Capítulo 7 (pp. 20-22 e passim). **Observação:** é possível combinar a forma "passim" com "sic" (sic passim), "supra" (supra passim), "infra" (infra passim) e "apud" (apud

Josué de Castro, Geografia da Fome, p. 249 Josué de Castro, ib., p. 272 **Observação:** caso se pretenda repetir o autor e a obra, utilize: "id., ib., p. 57". **Exemplo:** Rebelo da Silva, Contos e Lendas, p. 78 Id., ib., p. 57	passim).
	5. Loco citato ou **loc. cit**. **Sentido:** no trecho citado, usada para remissão a um trecho citado anteriormente. **Exemplo:** Silva; Souza; Santos, 1995, p. 99-115 Silva; Souza; Santos, 1995, loc. cit.

Por derradeiro, mencione-se que a expressão *apud acta* é bastante conhecida nos ambientes forenses. Tem a acepção de "nos autos". Revelado o nome, será o advogado indicado objeto de intimação para os demais atos do processo, independentemente de juntada do instrumento do mandato.

15. PARI PASSU

É locução latina que designa "lado a lado, a passo igual, em igual tempo". Pronuncia-se "pári pássu". Exemplos:

> *O sucesso e o esforço caminham "pari passu".*
>
> "*É por tais razões que as vicissitudes da palavra 'Direito' acompanham 'pari passu' a história …*" (Miguel Reale) "*À medida que forem adquirindo o vocabulário do Direito, … sentirão crescer 'pari passu' os seus conhecimentos jurídicos*" 86.

Não se deve dizer "a pari passu" – é erronia desmedida.

16. INAUDITA ALTERA PARTE

A expressão é utilizada em petitório no sentido de "sem ouvir a outra parte". Percebe-a, com frequência, nos pedidos de Mandado de Segurança, nos quais o impetrante requer a liminar sem a ouvida da parte contrária, isto é, *inaudita altera parte* (pronuncie "inaudíta áltera párte" – o sublinhado mostra a sílaba tônica). Pode ser substituída pela expressão sinônima – "altera inaudita" (pronuncie "áltera inaudíta"). Por outro lado, quando se quer ouvir a parte adversa, é de notar que existe uma expressão apropriada para o contexto querido. Vamos conhecê-la: "audiatur et altera pars". No entanto, não a confunda com a forma estereotipada, acima ventilada, *inaudita altera parte*.

Preliminarmente, observe-se que a primeira palavra se escreve "inaudita", com a letra "u" antes do "d", porque é palavra derivada do verbo "audire" (ou seja, ouvir). No caso, "inaudire" seria "não ouvir" e "inaudita" seria "não ouvida", sempre com "u". Há pessoas que escrevem "inaldita" (com -l), que é uma grafia errada, pelos motivos apontados.

A palavra *altera* significa literalmente "outra", devendo ser pronunciada como "áltera", proparoxítona.

Pars e *parte* são, na verdade, a mesma palavra, representando, tão somente, "casos" gramaticais diferentes, ou seja, *pars* está no *caso nominativo* (sujeito), enquanto parte está no *caso ablativo* (complemento verbal). Vejamos em que situações se usam uma ou outra. Observe o seguinte exemplo: "*A outra parte não ouvida será interrogada na próxima semana*".

A expressão "a outra parte" funciona como sujeito da oração. Neste caso, o correto é escrever assim:

Altera inaudita pars será interrogada na próxima semana.

Traduzindo: "pars" (caso nominativo – sujeito) = "a outra parte"

"altera inaudita" = "sem ouvir a outra parte"

Assim:

"Altera inaudita" + "pars" = "a outra parte não ouvida"

Considere ainda esta outra expressão: *Audiatur (et) altera pars* (ou seja: ouça-se também a outra parte).

A expressão "altera pars" funciona como agente da passiva, que equivale à função de sujeito. "Audiatur" (ou "Inaudiatur") é a voz passiva do verbo "audio" (ouvir), exigindo o sujeito no caso nominativo "altera pars". Traduzindo, pois, teremos "seja ouvida a outra parte". Agora observe este outro exemplo: "*O autor requer que, sem ouvir a outra parte, seja-lhe concedida a medida liminar pleiteada*".

A expressão "a outra parte", neste caso, não é sujeito da oração principal, mas está inserida numa oração reduzida subordinada à primeira, que corresponde em latim a um ablativo absoluto [87]. Neste caso, a grafia correta será: "*O autor requer que, 'inaudita altera parte', seja-lhe concedida a medida liminar pleiteada*".

O professor Paulo Fernandes [88], em artigo intitulado *"Nihil novi sub sole"*, traz à baila lúcidos dizeres ao afirmar: Veja-se, também, por outro lado, para se fazer uso, da palavra ou expressão latina nas petições, nos arrazoados ou mesmo nos pareceres, impõe-se um conhecimento do idioma de Cícero. Efetivamente todo jurista prima pelo uso das expressões latinas. Mas para manuseá-las, necessária a proficuidade, sob pena de haver surpresas. Senão vejamos: A expressão "inaudita altera pars" está errada! Nem por isso deixa de ser encontrada em petições, acórdãos, sentenças e pareceres. O certo é "inaudita altera parte", que quer dizer "sem ouvir a parte contrária". A expressão antagônica é "Inaudiatur et altera pars", cuja tradução é: "e também seja ouvida a outra parte".

> Conforme se observa, na grande maioria das vezes que esta expressão aparece nos textos jurídicos, será condizente com a segunda hipótese, sendo bastante raro o primeiro caso. Portanto, ao inserir esta expressão latina no texto, o leitor deve estar bem ciente da função sintática da locução "a outra parte", a fim de utilizar a grafia correta. Ambas as formas são corretas gramaticalmente, mas precisam ser utilizadas no contexto apropriado. Trocar uma pela outra constitui erro imperdoável de gramática.

17. IPSO FACTO

Trata-se de expressão latina que significa "por isso mesmo, em virtude desse mesmo fato". Portanto, aprecie as frases:

Ele não pagou; "ipso facto" não concorreu ao sorteio.

O aumento da carga tributária acarreta, "ipso facto", o crescimento do desemprego.

18. (DE) PER SE

A expressão latina *de per se* ou *per se* significa "por si, por si só, por si mesmo, por si próprio, espontaneamente, intrinsecamente, pela sua própria natureza". Exemplos: *Isto não constitui, de "per se", coação.*

Ato válido "per se", com relação aos demais que foram trazidos ao debate.

Muito comum em obras de caráter jurídico, a expressão latina "de per se" é composta de "per", que faz parte do léxico

português. É uma preposição (antiquada) sinônima de "por". Ao referi-la, o *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, após anotar que se trata de preposição antiga, acrescenta que "continua ainda hoje em uso nas locuções 'de per si' e 'de per meio'". A expressão "de per si" é, pois, uma locução adverbial de nossa Língua Portuguesa, tendo a acepção de "cada um por vez", "isoladamente". Exemplo: "No último instante, cada um, de per si, conseguiria libertar-se" 89.

Resumindo:

"**De per se**" = "**Per se**" (expressão em latim): escreva com aspas ou com itálico; significa "por si mesmo".

De per si (expressão em português): escreva sem aspas ou sem itálico; significa "cada um por vez, isoladamente".

Diga-se, por fim, que *per* também existe em latim. É uma preposição que pode ser encontrada na forma equivalente ao nosso "de per si", isto é, *per se* (latim). Esta expressão latina aparece com frequência na linguagem filosófica de Cícero.

19. SINE DIE

É locução latina (pronuncie "síne díe") que significa "sem dia, por tempo indeterminado, sem data marcada". O singular e plural são formados, sem alteração. Exemplos: *Devemos adiar "sine die" o evento.*

Os congressos foram postergados "sine die".

O simpósio foi prorrogado "sine die".

O início das reformas foi protelado "sine die".

A data do curso foi estabelecida "sine die".

20. SINE QUA NON

Esta expressão latina indica uma cláusula ou condição sem a qual não se fará tal coisa. Forma o plural *sine quibus non*. Bastante corriqueira na linguagem forense, a expressão tem a acepção de "exclusivo, singular, genuíno", tendente a demonstrar sua unicidade perante certa situação de confronto. Exemplos: *O preenchimento desse requisito é "conditio sine qua non" para a obtenção do texto.*

Trata-se de condição "sine qua non", sob pena de haver indeferimento do pedido.

"... Vieira, porém, acentua a nota do trabalho como condição 'sine qua non'..." (Alfredo Bosi).

"Tudo dependerá do cumprimento das condições 'sine quibus non'" 90.

21. PUNCTUM PRURIENS – PUNCTUM SALIENS

Com o sentido de "ponto desejado ou ponto principal", essa expressão pode ser utilizada com tranquilidade em textos forenses. Representa o aspecto crucial ou fulcral do tema discutido. É o ponto precípuo da situação posta. Exemplo: *Este é o "punctum pruriens" da controvérsia.*

22. HABEAS CORPUS

A tradução da expressão latina *habeas corpus* é "que tenha o teu corpo". A expressão completa é "habeas corpus ad subjiciendum", isto é, "que tenhas o teu corpo para submetê-lo (à Corte de Justiça)". Representa a medida judicial garantidora do direito constitucional de locomoção de quem está preso ilegalmente ou está ameaçado de o ser.

Não há consenso quanto ao uso do hífen nesta expressão latina. Prefere-se evitá-lo a utilizá-lo. Vamos conferir alguns detalhes quanto à hifenização do termo: O "Word" (editor de textos utilizado para a confecção de cartas, memorandos, documentos etc.) acentua automaticamente a palavra "hábeas". "Mas latim não tem acento!", surpreendem-se as pessoas. Pois é. No Brasil se vulgarizou o uso de "hábeas" como palavra proparoxítona no lugar de "habeas corpus", que é a expressão latina original e que, portanto, não levaria nem hífen nem acento. Para que se caracterize o latim em qualquer texto, as palavras devem ser escritas em itálico, entre aspas ou sublinhadas. A imprensa, no entanto, como evita o uso desse tipo de destaque, tem unido os dois vocábulos com hífen [habeas-corpus] ou utilizado "hábeas", simplesmente aportuguesando a palavra, como hábitat e outras. Os operadores do Direito devem usar o termo em latim, com o devido grifo.

Em sentido contrário, posicionou-se o ilustre professor e imortal Arnaldo Niskier (1992: ...), consoante os dizeres abaixo transcritos: A expressão habeas-corpus é latina, devendo ser escrita sempre com hífen. É um estrangeirismo; no caso, denominado latinismo e significa o direito de ir e vir das pessoas. É uma expressão jurídica; portanto, muito usada e conhecida por todos os advogados e pessoas que militam na Justiça.

Todavia, diga-se que, se é expressão latina, não pode ser escrita com hífen, que não existe em latim. Se quisermos usar o hífen, no afã de aportuguesar o presente termo latino, deveríamos escrever "hábeas córpus".

Faz-se mister entender o ponto de vista do ilustre Arnaldo Niskier, ex-presidente da Academia Brasileira de Letras: não poderia ter o ínclito professor diverso entendimento, haja vista a forma latina "habeas-corpus" (com hífen) estar registrada, a par de "hábeas", na página 389, do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, 3ª ed., 1999, da Academia Brasileira de Letras, sob a presidência do preclaro mestre. O curioso, nessa esteira, é notar que tanto o VOLP 2004 quanto o VOLP 2009 [91] suprimiram a forma latina do compêndio, apenas registrando "hábeas", como um substantivo masculino de dois números (o hábeas; os hábeas).

Portanto, tirante o episódio citado e o seu grau inofensivo de erronia, entendemos que, em abono do maior rigor, não se deve escrever o termo de outra forma que não seja a do puro latim – entre aspas ou itálico, sem hífen e sem acento: "habeas corpus" ou *habeas corpus*.

Assim, os estudantes e adeptos do latim, bem como os juristas, devem grafar *habeas corpus* (dando-lhe o devido destaque gráfico), na mais pura forma latina, evitando a forma aportuguesada. É o que nos parece mais recomendável.

23. AB INITIO

A expressão significa "desde o início, a partir do início, de início". Exemplo:

O processo foi anulado "ab initio".

24. AB IRATO

A expressão significa "em consequência de ira, de raiva". Exemplo:

Ato executado "ab irato" é passível de anulação.

25. ABSENTE REO

Significando "na ausência do réu, estando o réu ausente", há o exemplo:

Procedeu-se ao julgamento "absente reo".

26. AD CAUTELAM

No sentido de "para efeito de cautela, de prevenção", a expressão pode ser exemplificada nas frases a seguir:

Medidas "ad cautelam" (acauteladoras).

Nomeação "ad cautelam" (por precaução).

27. AD INSTAR

A expressão significa "à semelhança de, à medida de, à maneira de". Exemplo:

"Vê-se 'ad instar' dos exemplos apontados..." (Washington de Barros Monteiro).

28. AD LIBITUM

Com o sentido de "segundo a deliberação, vontade, arbítrio", há o exemplo:

"... o prenome pode ser escolhido 'ad libitum' dos interessados" (Washington de Barros Monteiro).

29. AD NUTUM

No sentido de "segundo o arbítrio, livremente", a expressão pode ser exemplificada:

"Assim sendo, mandato... não comporta revogação 'ad nutum'" (Washington de Barros Monteiro).

30. EX PROFESSO

A expressão latina significa "por profissão, por ofício". Exemplo:

"(...) mas não cuidaram 'ex professo' desse problema..." (Miguel Reale).

31. IN LOCO – IN SITU

Os termos latinos significam "no lugar, no próprio local". Exemplos:

Investigação "in loco".

A operação "in situ" provocará melhores resultados.

JURISMACETES

1. JÚRI

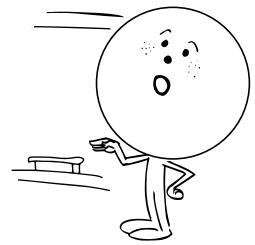

Situação: Os Júris ocorrerão à tarde.

Comentário: **júri** é palavra paroxítona, com acento. A regra é esta: toda paroxítona terminada em "i(s)" é acentuada, como táxi, safári, beribéri, cáli, cáqui (cor), lápis, miosótis, íris, tênis, cútis, biquíni (a palavra é acentuada, desde que a palavra "Bikini", nome de uma ilha do Oceano Pacífico, incorporou-se à nossa Língua e às nossas praias...) etc.

Observação: os prefixos paroxítonos, mesmo terminados em "i" ou "r", não são acentuados. Exemplos: **semi**, **anti**, **hiper**, **super etc**.

2. A FIM DE E AFIM

Situação: Ele chegou à casa noturna cedo, a fim de se sentar em lugar privilegiado.

Comentário: trata-se de locução prepositiva sinônima de "para, com o propósito de e com a intenção de". Exemplo: • Veio a fim de assistir ao filme. Saiu de casa a fim de procurar um pronto-socorro.

Ressalte-se que a forma "a fim de que", sinônima de "para que", é locução conjuncional que indica "finalidade". Exemplo: • Estudou arduamente, a fim de que conseguisse passar nas provas.

Em outro giro, frise-se que a expressão **estar a fim**, no Brasil, é sinônima de "estar com vontade de" (= disposto a, interessado em), devendo se restringir à linguagem coloquial (Exemplo: O estagiário está a fim de sair do escritório).

Outrossim, há a expressão **estar a fim de (alguém)** – brasileirismo que traduz a intenção de querer namorar uma determinada pessoa (exemplo: O Ricardo está a fim da Joana).

Não se pode confundir com o termo **afim** (do latim affinis, ou seja, "vizinho") – termo que pode assumir a feição de substantivo ou adjetivo.

a) Como substantivo, tem a acepção de parente por afinidade (comumente usado no plural): • Não podem casar os afins em linha reta;

- Os afins foram citados no testamento.

b) Como adjetivo, designa aquele **(1)** que tem parentesco ou que está ligado a alguém por afinidade (exemplo: parentes afins); **(2)** aquele que tem características comuns com outro elemento, apresentando semelhança (Exemplo: O português e o espanhol são línguas afins); ou **(3)** algo próximo ou limítrofe (Exemplo: São Paulo e Guarulhos são cidades afins).

3. GROSSO MODO (E NÃO "A GROSSO MODO")

Situação: O Direito Tributário, grosso modo, é matéria bem mais simples que a Língua Portuguesa.

Comentário: a expressão latina **grosso modo**, que significa "de modo impreciso, aproximadamente, grosseiramente",

deve ser grafada entre aspas ou em itálico, por representar expressão alienígena.

A pronúncia é latina, isto é, "grosso (ó) modo (ó)", além de se repudiar a forma "a grosso modo", com a partícula "a". Portanto, aprecie as frases:

- "Esta área linguística [do tupi-guarani] corresponde, 'grosso modo', aos territórios atuais do Brasil, do Paraguai e do Uruguai" 92.
- Os investidores colocaram à disposição da empresa, "grosso modo", dois milhões de reais.
- A avaliação preliminar revelou, "grosso modo", lucro superior a 100 mil dólares.

4. AFICIONADO DE / AO

Situação: Na infância, ele era um colecionador aficionado de revistas em quadrinhos.

Comentário: o adjetivo **aficionado** (e não "afik-cionado") designa aquele que é afeiçoado, entusiasta ou simpatizante de algo. Exemplo: os aficionados de motocicletas.

Às vezes, fico pensando no porquê da preferência popular pela pronúncia esdrúxula "afik-cionado". Estaria a provável lógica na comparação com a válida forma "ficção": na acepção de "construção ou criação imaginária, grande falácia, mentira". Exemplo: sua vida era uma ficção.

Até o presente momento, não encontrei lógica nessa infeliz preferência coloquial... Enquanto procuramos, é mister ficarmos com "aficionado"... e só.

A HORA DO ESPANTO

AS "PÉROLAS" DO PORTUGUÊS

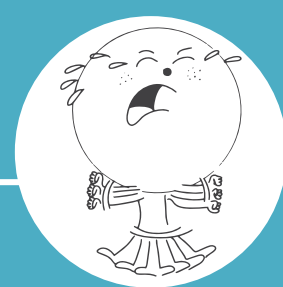

1. A vida é ariscada, pois um missil pode atingir a nossa cabeça.

Correção: a frase apresenta problemas na grafia das palavras arriscada e míssil. A primeira deve ser escrita com dois "erres", e a segunda, com acento agudo (paroxítona terminada em -l, à semelhança de túnel, estável, viável e outras). Diga-se, em tempo, que o tal "'missil' na cabeça", escrito sem o acento agudo, é quase uma bomba atômica...

2. Experiénte / Muitas vêzes

Correção: à luz das regras de acentuação, é terminantemente proibido acentuar os vocábulos. Portanto, escreva "experiente" (sem acento agudo) e "muitas vezes" (sem acento circunflexo).

7 GRAFIMACETES

Este capítulo visa municiar o leitor com palavras de grafia complexa. Infelizmente, muitas delas têm a grafia "assassinada" diariamente pelos meios de comunicação de massa. Como se sabe, o presente trabalho está lastreado no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa – o VOLP 2009 –, compêndio que veicula a palavra final sobre a ortografia dos vocábulos da língua portuguesa no Brasil. Diga-se que suas famosas instruções – aprovadas pela Academia Brasileira de Letras em 12 de agosto de 1943 e, mais tarde, modificadas pela Lei n. 5.765, de 18-12-1971 – tiveram por base o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa da Academia das Ciências de Lisboa (1940). Vamos, pois, às questões.

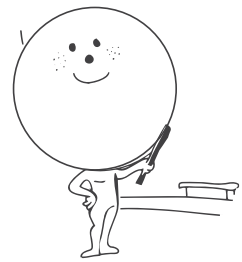

1. PRAXE – EXPLANAR – EXTEMPORÂNEO

Situação: *A praxe dos Tribunais tem sido no sentido de explanar os casos extemporâneos, a fim de que se possa padronizar os julgados.*

Comentário: deve-se ter cautela com o fonema da intrigante consoante "x", uma vez que tal letra pode conter inúmeros valores fonéticos ou sons, dependendo do vocábulo. Sabe-se que o "fonema" é o som distintivo que forma as sílabas na comunicação oral. Exemplos: *Praxe* (palavra de origem latina): pronuncie a letra como em *xale, xarope, enxada.*

Exame (palavra de origem latina): pronuncie a letra como em *exílio, exegese, exumação, êxodo e inexorável* 93.

Táxi: pronuncie a letra como em *fixo, tórax, maxissaia* (*ks* para Volp 2009 e Houaiss), *anorexia, orexia, máxime* 94 (pronuncie *"máksime"), filoxera (*pronuncie *"filokséra"), proxeneta (*pronuncie *"proksenêta") e tóxico* 95 (palavra de origem grega, com pronúncia "*tóksico*").

Próximo: pronuncie a letra como em *trouxer, auxiliar, aproximar, sintaxe* 96.

Hexacampeão: pronuncie a letra como em (*ks* ou *z*), devendo se pronunciar "*heKsacampeão*" 97 ou "*hezacampeão*" (VOLP 2009).

Posto isso, exercite os sons com a frase a seguir:

A praxe dos Tribunais tem sido no sentido de explanar, inexoravelmente, os casos extemporâneos, máxime a fim de que se possa padronizar os julgados.

2. EGRÉGIO – AGIOTAGEM – GESTO

Situação: *O egrégio Tribunal tem procurado coibir as ações de agiotagem no Estado. O gesto do "agiota", ao se defender, vem ao encontro de sua tese de defesa.*

Comentário: é mister não confundir a aplicação da letra "g" com a letra "j". Ambas são consoantes "palatais" [quando se encontram o dorso da língua e o palato (céu da boca)], devendo se empregar a letra "g" ou "j", de acordo com a origem da palavra ou com as regras específicas. Exemplo:

Vocábulo	Letra **G**	Letra **J**
Egrégio	Palavras terminadas em **-ágio, -égio, -ígio, -ógio, -úgio.** Exemplos: pedágio, egrégio, prodígio, relógio, refúgio.	
Engessar	Palavra derivada de gesso (origem grega).	
Gesso	Origem grega	
Jeito		Origem latina
Laranja		Palavras terminadas em **-ja** e **-aje**. Exemplos: lisonja, granja, laje, traje, ultraje.
Moji		Palavras de origem indígena ou africana. Exemplos: canjica, jiló, jiboia, pajé, jenipapo, jerimum, jirau, jequitibá.
Viagem	Substantivo terminado em **-agem**, **-igem**, **-ugem**. Exemplos: viagem, fuligem, penugem. Exceções: pajem, lajem, lambujem 6.	
Viaje		Formas derivadas de verbos terminados em **-jar** ou **-jear**. Exemplos: viaje, gorjeie.
Variedades do G	Algema, gengiva, gibi, herege, abigeato, monge, rabugice, tigela, pugilo.	
Variedades do J		Projétil, trajeto, berinjela, jiu-jítsu, alforje, cafajeste, enjeitar, enrijecer, gorjeta, jeca, jegue, jejum, jérsei, manjedoura, manjerona, rejeitar, trejeito, varejeira, varejista.

3. OJERIZA – OBJEÇÃO – PROJÉTIL

Situação: *Não faço objeção àqueles por quem tenho ojeriza, somente os quero distantes de mim.* Ou, ainda: *Não emprestarei, portanto, meus projéteis para o colega.* 98

Comentário: as palavras acima são grafadas com "j". Saliente-se que o vocábulo "projétil", uma paroxítona terminada em -l, pode ser grafado como "projetil", oxítona, sem acento. O interessante, como se disse, ocorre com as formas plurais, quais sejam: projéteis e projetis.

4. DEFESA – AGASALHO

Situação: *A boa defesa contra o frio está no agasalho de lã.*

Comentário: em nosso sistema ortográfico 99, há palavras escritas com "s" que deverão ser pronunciadas com som de *z*. Vamos a alguns exemplos:

Análise	Hesitar	Poetisa
Camponesa	Inglesa	Profetisa
Despesa	Lesado	Puser (verbo pôr)
Enviesar (de viés)	Lesão	Querosene
Frase	Leso8	Requisito
Gostoso	Maisena9	Vaselina
Heresia	Obséquio	

5. BALIZAR – FRAQUEZA

Situação: *Procure balizar sua vida com princípios de força e otimismo, rechaçando a fraqueza em suas ações.* 100101

Comentário: em nosso sistema ortográfico, há palavras escritas com "z", tais como: *aprazível, baliza, chafariz, ojeriza, fertilizar, limpeza etc.* A questão crucial é saber: "s" ou "z"? Vamos descobrir:

Vocábulo	Letra **S**	Letra **Z**

Analisar	Escreve-se com "s" quando o radical dos nomes correspondentes termina em "s". Exemplos: analisar (de análise); avisar (de aviso); alisar (de liso); improvisar (de improviso); pesquisar (de pesquisa); catalisar (de catálise); paralisar (de paralisia).	
Anarquizar		Escreve-se com "**z**" quando o radical dos nomes correspondentes não termina em "s". Exemplos: anarquizar (de anarquia); civilizar (de civil); amenizar (de ameno); colonizar (de colono); cicatrizar (de cicatriz); vulgarizar (de vulgar); canalizar (de canal). **Cuidado** com batizar (de batismo), catequizar (de catequese) e traumatizar (de traumatismo): tais verbos derivam do grego e vieram já formados para o nosso vernáculo.
Antropônimos	Teresa, Luís, Hortênsia, entre outros.	
Beleza		Usa-se o sufixo **-eza** nos substantivos abstratos derivados de adjetivos. Exemplos: beleza (de belo); pobreza (de pobre). E em palavras, como: Veneza. Muito cuidado, no entanto, com "rijeza" (de rijo).
Burguês	Usa-se o sufixo **-ês** nos adjetivos derivados de substantivos. Exemplos: burguês (de burgo); chinês (de China).	
Defesa	Usa-se o sufixo **-esa** nos substantivos cognatos de verbos terminados em -ender. Exemplos: defesa (defender); despesa (despender). E em palavras, como: framboesa, obesa, turquesa, sobremesa.**	
Estupidez		Usa-se o sufixo **-ez** nos substantivos femininos derivados de adjetivos: Exemplos: estupidez* (de estúpido); avidez (de ávido); mudez (de mudo); cupidez (de cúpido).
	Os derivados dos verbos "pôr" e "querer" serão	

Eu pus	grafados sempre com "s". Exemplos: pus, pusera, puséramos, puséssemos, quiséssemos.	
Variedades do S	Marquesa, diocese, metamorfose, afrancesar, pus, quiséssemos, gás, besouro, rês, reses, arrasar, ansioso, pretensão, pretensioso, siso, extravasar.	
Variedades do Z		Baliza, azar, vazamento, gaze, azáfama, prazeroso, cafuzo, ojeriza, regozijo, granizo, assaz, prezado.

* O plural de **estupidez** se forma como estupidezes. O mesmo se dá em: Invalidez – invalidezes;Sordidez – sordidezes;Gravidez – gravidezes;Malcriadez – malcriadezes.

** Quando o "s" está entre vogais (no substantivo) e tem som de z, seguramente é "s". Assemelha-se, pois, a um "sanduíche" – a consoante "s" no meio de duas vogais.

6. ATRAVÉS

Situação: *A bala passou pelo corredor através da parede. Como se esperava, o depoimento da vítima foi espontâneo.*

Comentário: a expressão através de ganhou poderosa estatura na linguagem cotidiana, sendo utilizada com prodigalidade condenável. Seu uso adequado deve ser restrito, devendo representar situações pelas quais se atravessa ou se transpõe. Logo, "*a bala passou através da parede*"; "*a luz passou através da janela*"; "*avançamos através da floresta*"; "*ele chegou à outra margem do rio através da ponte*". Entretanto, evite: "provar através dos argumentos" ou "através de testemunhas". A não ser que se queira, surpreendentemente, "atravessá-las"… o que não é recomendável. Assim, o uso de tal expressão não tem lugar[102] no bom português, devendo ser evitado. Vejamos alguns exemplos do uso inadequado da expressão "através de", colhidos nos autos de processo:

- "Isto deve ser feito através de escritura de retificação por instrumento público".
- "Os autos foram apensados aos da medida cautelar de sustação de protesto, através do qual a autora logrou a sustação liminar do protesto…".
- "A materialidade também está presente nos autos, através do laudo de fls. 30".
- "M.E.N, […], através de seu procurador, […]".
- "Através de alegações finais, a causa foi debatida…".
- "… incumbia à autora provar os fatos, através de perícia, que…".

Posto isso, não obstante a generalização do uso inadequado da locução, somos da opinião que[103] se deve substituí-la por expressões, sonora e etimologicamente, mais adequadas, tais como: "por meio de"; "por intermédio de"; "por".

7. OBSÉQUIO

Situação: *Mudarei minha opinião, em obséquio ao bom senso e à parcimônia.*

Comentário: o vocábulo obséquio tem separação silábica interessante. Aliás, palavras formadas com encontros consonantais podem tê-los separáveis ou inseparáveis. Vejamos: Vocábulos com encontros consonantais inseparáveis:

Mne-mô-ni-co, pneu-mo-ni-a, psi-ca-ná-lise, czar, pseu-dô-ni-mo, psi-co-se.

Vocábulos com encontros consonantais separáveis:

Pers-pi-caz; felds-pa-to; ap-ti-dão; of-tal-mo-lo-gi-a, ob-tu-so, ap-to, fúc-sia, sub-lo-car, ét-ni-co, cor—rup-ção, obs-tá-cu-lo.

O nome "obséquio" pode ser regido pelas preposições "a" ou "de" – portanto, use "em obséquio a" ou "em obséquio de".

8. ESPLÊNDIDO – EXTRAVASAR

Situação: *O carnaval é uma festa esplêndida, por meio da qual podemos extravasar nossas emoções.*

Comentário: o confronto entre o "s" e o "x" é demasiado relevante, merecendo citação. Saliente-se que o verbo *extravasar* é formado por *"extra"* + *"vaso"* + *"ar"*, com o sentido de "fazer transbordar". Grafa-se, pois, com -s, pois deriva de "vaso", ao passo que "vazar" se escreve com -z, por advir de "vazio". Abaixo seguem palavras grafadas com "x", e não "s", embora o pareçam ser:

Expectativa	Expoente	Êxtase
Exportação	Extrair	Expiar (= remir)

9. PRAZEROSO – RECEOSO – ALEIJAR

Situação: *O rapaz, inicialmente receoso, percebeu, em seguida, que sua opção render-lhe-ia um prazeroso passeio.*

Comentário: a título de memorização, deve o estudioso do vernáculo portar-se com parcimônia perante palavras como *receoso*, que, aparentemente, denotam carecer da semivogal *-i* para lhe conferir uma "boa" sonoridade ("receioso"). Não é o que deve ocorrer, pois se grafa "receoso", sem o -i. Na mesma esteira, temos:

Pronúncia e Grafia Incorretas	Pronúncia e Grafia Corretas
Afeiar	Afear
Estreiar	Estrear
Freiar / Freiada	Frear / Freada
Granjeiar	Granjear

Nomeiar	Nomear
Prazeiroso	Prazeroso
Prazeirosamente	Prazerosamente

Todavia, cuidado! O verbo aleijar deve ser grafado com *-i*. Portanto, não existe o tal "aléja".

Em outro giro, é de todo oportuno mencionar que os verbos terminados em -iar têm pronúncia peculiar. Vamos relembrar:

Regra 1: a maioria deles se conjuga regularmente. São eles: *criar, presenciar, copiar, abreviar etc.* Portanto: *eu crio, eu presencio, eu copio, eu abrevio*.

Regra 2: há aqueles, no entanto, em que o *-i* da penúltima sílaba se transforma em *-ei*. São apenas cinco verbos: *mediar*, *ansiar*, *remediar*, *incendiar* e *odiar*. Observe o quadro abaixo:

M	EDIAR (e intermediar)
A	**NSIAR**
R	**EMEDIAR**
I	**NCENDIAR**
O	**DIAR**
"MARIO"(palavra mnemônica)	

Vejamos as conjugações:

Eu medeio, eu intermedeio, eu anseio, eu remedeio, eu incendeio, eu odeio.

Importante:

O verbo *intermediar* provoca intrigantes celeumas no dia a dia do usuário da Língua. Como se assimilou, deve ser conjugado como *odiar, mediar, ansiar*, entre outros componentes da expressão mnemônica mArio. Não há razão, pois, para se propagar, indiscriminada e inexplicavelmente, o tal "intermedio", que nem sequer soa bem. Sempre aconselho em sala de aula, em tom jocoso: *"não intermedeiem esse 'desastre vocabular'!"*

A corroborar o exposto acima, observe o deslize da imprensa abaixo noticiado:

"*João Roberto Lupion intermedia venda de equipamentos para a hidrelétrica de Machadinho, na divisa dos Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina"* 104.

Todavia, o erro não é onipresente 105, o que nos permite citar acertos elogiáveis, dignos de registro: "*São funcionários que intermedeiam a entrega da criança a um casal ansioso por um filho"* 106.

"Intermedeia entre eles uma grande distância" (Celso Luft).

Registre-se, ademais, a correção com o verbo *mediar*. Observe os exemplos:

"*Poucos passos medeiam entre uns e outros"* 107.

Entre Guaxupé e São Paulo medeiam cerca de trezentos quilômetros.

10. MAGISTRAL – DOCENTE – INSULAR – JURÍDICO

Situação: *O magistral corpo docente manteve seu insular posicionamento acerca da discussão jurídica.*

Comentário: as locuções adjetivas podem ser plenamente substituídas por adjetivos simples, que imprimem leveza e suavidade no texto. Vamos conhecer alguns adjetivos importantes: 108

Adjetivos	Locuções Adjetivas	Adjetivos	Locuções Adjetivas
Acético	de vinagre	**Jurídico**	de Direito
Bélico	de guerra	**Lígneo**	de madeira
Cervical	de pescoço	**Luciferino**	de Lúcifer 16
Cítrico	de limão, laranja	**Magistral**	de mestre
Columbino	de pombo	**Murino**	de rato
Discente	do aluno	**Onírico**	de sonho

Docente	do professor	**Pecuniário**	de dinheiro
Ebúrneo	de marfim	**Plúmbeo**	de chumbo
Estival	de verão	**Pluvial**	de chuva
Filatélico	de selos	**Rupestre**	de rocha
Gutural	de garganta	**Simiesco**	de macaco
Hepático	de fígado	**Tritíceo**	de trigo
Hircino	de bode	**Vacum**	de vaca
Hirundino	de andorinha	**Vespertino**	de tarde
Insular	de ilha	**Vulpino**	de raposa

Outros adjetivos, com exemplos:

Adjetivos	Locuções Adjetivas
Coimbrã	de Coimbra (Portugal) (Exemplo: questão coimbrã)
Episcopal	de bispo (Exemplo: anel episcopal)
Femoral	de fêmur (ou coxa) (Exemplo: artéria femoral, e não "femural")
Frênico	de diafragma (Exemplo: músculo frênico)
Heráldico	de brasão (Exemplo: símbolo heráldico)
Palustre	de brejo (Exemplo: animal palustre)
Torácico	do tórax (Evite "toráxico", uma forma inexistente)

Venatório	de caça (Exemplo: cão venatório)

11. ACESSO – EXCESSO – DISSENSÃO

Situação: *A dissensão surgiu, em face do excesso de espectadores que trafegavam pelos acessos que levavam ao palco.*

Comentário: as palavras acima apresentam-se com o dígrafo -ss. O dígrafo é o grupo de duas letras que representam um só fonema ou som. Também conhecido como "digrama", o dígrafo pode ser *consonantal* (por exemplo, -rr e -ss representam os fonemas consonantais *r* e *s*, respectivamente) ou *vocálico* (-am e -an representam o som vocálico *ã*). Quando se escreve, por exemplo, "asseio" ou "cassar", ouve-se o fonema *s*, representado por dois "ss". Deve-se ter bastante cuidado com tais vocábulos. Vamos à assimilação de alguns:

Acesso	Dissenso	Obsessivo
Assaz	Escasso	Procissão
Carrossel	Massagista	Sessenta
Concussão	Meritíssimo	Submissão
Dissensão	Obsessão	Verossimilhança

12. MANDATO CASSADO – SESSÃO DE CINEMA – ESPECTADOR

Situação: *O acesso à sala da sessão de cinema foi criticado, com veemência, pelo Dr. Edgar, um dos espectadores e ex-vereador da cidade vizinha. Ele teve seu mandato cassado, há dois meses.*

Comentário: a matéria versa sobre a significação das palavras. Vamos dissecar:

- *Sinônimos:* são palavras que possuem significação aproximada, como *original* / *autêntico*; *único* / *singular*.
- *Antônimos*: são palavras de significação oposta, como *elegante* / *vulgar*.
- *Homônimos*: são palavras que podem apresentar a mesma grafia e a mesma pronúncia (homônimos perfeitos), como o substantivo *combate* e a forma verbal *combate* (ele). Segundo Dubois (1978: 326), "homonímia é a identidade fônica (homofonia) ou a identidade gráfica (homografia) de dois morfemas que não têm o mesmo sentido, de modo geral".

  a) *Homógrafos*: são palavras que apresentam a mesma grafia, mas pronúncias diferentes, como o substantivo *esforço* e a forma verbal *esforço* (eu).

  b) *Homófonos*: são palavras que possuem a mesma pronúncia, mas grafias diferentes, como *caçar* / *cassar*; *sessão* / *seção*.
- *Parônimos*: são palavras que apresentam grafias ou pronúncias semelhantes, sem que, no entanto, ocorra coincidência total. Costumam provocar dúvidas quanto ao seu emprego correto. É o caso, por exemplo, de pares como flagrante/fragrante, pleito/preito, vultoso/vultuoso.

aplicando...

CONCEITO	EXEMPLOS
Sinônimo	Antídoto e Contraveneno; Retificar e Consertar; Perigoso e Periclitante
Antônimo	Soberba e Humildade; Patente e Latente; Ativo e Inativo
Homônimo	Aço (substantivo) e Asso (verbo); Jogo (substantivo) e Jogo (verbo); Para (preposição) e Para (verbo)
Homônimo homógrafo	Colher (substantivo) e Colher (verbo); Providência (substantivo) e Providencia (verbo)
Homônimo homófono	Paço (palácio) e Passo (verbo) Conserto (reparo) e Concerto (sessão musical) Espectador (aquele que vê) e Expectador (aquele que tem expectativa) Esperto (arguto, sagaz) e Experto (perito, experimentado) Estático (imóvel) e Extático (em êxtase, absorto: olhos extáticos diante do acidente)
Parônimo	Vultoso (vulto) e Vultuoso (rubor) Suar (transpirar) e Soar (tilintar) Conjuntura (situação) e Conjetura (suposição) Espavorido (apavorado) e Esbaforido (ofegante)

Como exemplos de homônimos homófonos, têm-se:

- Acender: *alumiar, pôr fogo*

  Ascender: *subir*
- Acento: *tom de voz, sinal gráfico*

  Assento: *lugar de sentar-se*, verbo (*assentar*) • Caçar: *apanhar animais ou aves*

  Cassar: *anular*
- Cessão: *ato de ceder*

  Ceção: *frescura*

  Sessão: *reunião*

  Seção: *repartição*

- Cela: *cubículo, prisão*

  Sela: *arreio*

- Laço: *nó*

  Lasso: *frouxo*, *gasto*, *cansado*

- Tacha: *pequeno prego, labéu, mancha*

  Taxa: *imposto*, *tributo*, *percentagem*

Por fim, citem-se alguns exemplos de homônimos "homófonos-homógrafos":

Mato (bosque) e Mato (verbo)

Rio (verbo) e Rio (curso d´água)

Amo (verbo) e Amo (servo)

Canto (verbo) e Canto (ângulo)

13. A FIM DE – ACERCA

Conforme já explicamos, é crucial diferenciar a locução prepositiva a fim de do vocábulo afim. A expressão *a fim de* quer dizer "com o fito de, com o propósito de". Por outro lado, o vocábulo *afim* refere-se a "afinidade". Não se pode tolerar o tal "afim de", querendo expressar finalidade. Nesse caso, deve-se grafar "a fim de", separadamente. Exemplo: *Os irmãos têm ideias afins, por estarem sempre a fim da mesma coisa.* Concluindo, observe a frase: *Ele está a fim de você, por acreditar que ambos têm interesses afins.*

Por derradeiro, resta-nos a análise da expressão acerca. O problema está na coexistência de outras semelhantes: *a cerca de* e *há cerca de*. Como se achar nesse cipoal de expressões similares, que denotam a riqueza de nosso vernáculo? Vamos à solução: Acerca de: locução prepositiva que significa "sobre a/o", "a respeito de".

Exemplo: *A palestra será acerca de novos temas.*

A cerca de: locução prepositiva que significa distância próxima.

Exemplo: *O veículo se encontrava a cerca de 2 m.*

Há cerca de: nesse caso, quer-se referir a tempo passado, quando se usou o verbo haver.

Exemplo: *Há cerca de dois meses, estive em Macapá, Capital do Amapá.*

14. EMPECILHO – PRIVILÉGIO – EMINENTE JURISTA

Situação: *Não há empecilhos ao eminente jurista, que tem o privilégio de expor a matéria no tempo que lhe convier.*

Comentário: o grupo de palavras em comento traz a lume a problemática atinente ao uso das vogais -e ou -i. Com efeito, tais letras causam transtornos ao escritor desatento, que pode trocá-las com facilidade.

Vamos à diferenciação:

Vocábulo	Letra **E**	Letra **I**

Continue	Na sílaba final dos verbos terminados em **-uar**. Exemplos: Continuar – que ele continue; Habituar – que ele habitue; Pontuar – que ele pontue.	
Diminui		Na sílaba final dos verbos terminados em **-uir**. Exemplos: Diminuir – ele diminui; Influir – ele influi; Possuir – ele possui.
Magoe	Na sílaba final dos verbos terminados em **-oar**. Exemplos: Magoar – que ele magoe; Abençoar – que ele abençoe; Perdoar – que ele perdoe.	
Variedades do E	Cadeado, creolina, cumeeira, desperdício, empecilho, irrequieto, mexerica, mimeógrafo, sequer, seriema, areal (e não "areial").	
Variedades do I		Artimanha, crânio, digladiar, displicência, displicente, erisipela, frontispício, pátio, silvícola, dignitário.
Palavras importantes	Desplante (e não "displante") Cesárea (confronte: "cesariana")	Disenteria (e não "desinteria") Privilégio (e não "previlégio") Cesariana (confronte: "cesárea")

Vamos conhecer alguns parônimos interessantes que envolvem as letras "e" ou "i":

área – superfície	<>	**ária** – melodia, cantiga
arrear – pôr arreios, enfeitar	<>	**arriar** – abaixar, cair
deferir – conceder, atender (deferimento)	<>	**diferir** – ser diferente, adiar (diferimento)

descrição – ato de escrever	<>	**discrição** – qualidade de discreto
delatar – denunciar	<>	**dilatar** – alargar
descriminar – inocentar	<>	**discriminar** – separar
despensa – lugar onde se guardam alimentos	<>	**dispensa** – ato de dispensar, licença
dessecar – secar completamente, enxugar	<>	**dissecar** – analisar minuciosamente
destratar – insultar	<>	**distratar** – desfazer
docente – professor; relativo ao professor	<>	**discente** – estudante; relativo ao estudante
elidir – eliminar	<>	**ilidir** – refutar
emergir – vir à tona, sair	<>	**imergir** – mergulhar
emérito – insigne	<>	**imérito** – não merecido
eminente – importante, destacado	<>	**iminente** – prestes a ocorrer
emitir – gerar	<>	**imitir** – investir 17
estância – fazenda de criação; estrofe	<>	**instância** – insistência; jurisdição
intemerato – puro	<>	**intimorato** – corajoso
incontinente – imoderado, descontrolado	<>	**incontinenti** (latim) – imediatamente
preeminente – nobre, distinto	<>	**proeminente** – saliente
preceder – vir antes	<>	**proceder** – agir; originar-se
prescrever – receitar; expirar prazo	<>	**proscrever** – afastar, expulsar
ratificar – confirmar	<>	**retificar** – corrigir
recriar – criar novamente	<>	**recrear** – divertir

reincidir – tornar a cair, repetir	<>	**rescindir** – tornar sem efeito, dissolver
vadear – atravessar (rio) por onde "dá pé"	<>	**vadiar** – vagabundear, levar a vida de vadio
tráfego – movimento, trânsito	<>	**tráfico** – comércio

15. QUANTIA VULTOSA – RATIFICAR A DOUTRINA – PUNI-LOS

Situação: *A quantia vultosa subtraída é uma agravante que colabora para puni-los, segundo a melhor jurisprudência, que vem ratificar a doutrina, como se verá nos articulados adiante expostos.* 109

Comentário: as expressões parônimas vultoso e vultuoso são costumeiramente trocadas no ambiente forense. Não se justifica a equivocidade, uma vez que seus significados são substancialmente distintos. Vejamos: "vultoso" quer dizer volumoso. Deriva da palavra vulto. Por outro lado, "vultuoso" quer dizer ruborizado, vermelho. Refere-se à vultuosidade, geralmente atribuída à face vermelha da pessoa. Exemplos: *Ganhou um prêmio vultoso na loteria.*

Suas bochechas ficaram vultuosas com a piada obscena.

Nesse diapasão, evidenciam-se os verbos distintos: ratificar e retificar. Quando se pretende "confirmar, corroborar ou reforçar", há de *ratificar*; por outro lado, caso se pretenda "reparar ou consertar", urge *retificar*. Exemplos: *Ele corroborou* 110 *o argumento, ratificando-o.*

A oficina retificou o motor, trocando as peças.

Quanto à forma verbal puni-los, é relevante mencionar a ausência do acento agudo, embora evidente a tonicidade na sílaba -ni. É que se trata de oxítona terminada em -i, que repudia o acento agudo. As palavras oxítonas são aquelas que têm a última sílaba como a sílaba tônica. Não é excessivo afirmar que somente se acentuam as oxítonas terminadas em -a(s), -e(s), -o(s), -em e -ens. Exemplos: *Pará, café, cipó, desdém, vinténs.*

Nesse rumo, saliente-se que as vogais "i" e "u", seguidas ou não de -s, serão acentuadas quando precedidas de vogal átona com a qual formarem hiato. Exemplos:

Açaí	⇒	A-ça-í
Acaraí	⇒	A-ca-ra-í
Balaústre	⇒	Ba-la-ús-tre
Camboriú	⇒	Cam-bo-ri-ú

Egoísta	⇒	E-go-ís-ta
Instruí-los	⇒	Ins-tru-í-los
Jacareí	⇒	Ja-ca-re-í
Juízes	⇒	Ju-í-zes (mas Juiz, sem acento)
Raízes	⇒	Ra-í-zes (mas Raiz, sem acento)
Uísque	⇒	U-ís-que

É mister esclarecer que não se acentuam o “i” e o “u” quando:

1. Formam sílaba com as letras “l”, “m”, “n”, “r”, “z”, “i” ou “u”, isto é, sílaba com letra diversa de -s. Exemplos: *Ruim (Ru-im) – Trairdes (Tra-ir-des) – Juiz (Ju-iz) – Atraiu (A-tra-iu) – Paul (Pa-ul) – Pauis (Pa-u-is) – Cair (Ca-ir) – Sairmos (Sa-ir-mos) – Saindo (Sa-in-do) – Ainda (A-in-da) – Raul (Ra-ul) – Cauim (Cau-im) – Amendoim (A-men-do-im) – Contribuiu (Cont-tri-bu-iu) – Instruiu (ins-tru-iu) – Adail (A-da-il) – Demiurgo (De-mi-ur-go) – Ventoinha (Ven-to-i-nha).*

2. Seguidos de -nh. Exemplos: *Moinho – Lagoinha – Rainha.*

Vamos conhecer algumas *oxítonas* (acentuadas ou não) interessantes:

Bambu	Frenesi (ou Frenesim)	Masseter	Pacu	Saci
Bandô	Ialorixá	Mister	Parangolê	Sutil
Cajá	Jaó	Moji	Puni-los	Ureter 113
Cateter 111	Juriti	Nobel	Reduzi-los	Urubu
Colecionador	Má-criação 112	Obus	Ruim	Zebu

16. QUINQUÊNIO – CINQUENTA

Situação: *O quinquênio decadencial representa o lustro norteador da extinção do crédito tributário. No caso, houve a decadência, por exceder a autuação em cinquenta dias, após o término do prazo para lançamento.*

Consideração: com o novo Acordo, caiu o trema. Desse modo, escreveremos sem trema *quinquênio* (antes, qüinqüênio), *quiproquó* (antes, qüiproquó), *frequência* (antes, freqüência), *quinquelíngue* (antes, qüinqüelíngue), entre outros exemplos.

É importante frisar que o vocábulo "lustro" representa o período de cinco anos.

Quanto à indicação do número cardinal, temos cinquenta (e não "cincoenta").

17. BENEFICENTE – ENTREGAS EM DOMICÍLIO

Situação: *O supermercado, que auxilia em várias campanhas beneficentes, faz entregas em domicílio.*

Consideração: há erros que se cristalizam no dia a dia da comunicação oral. Isso se evidencia em coletividades que utilizam idiomas complexos para lograrem a comunicação. É o caso do Brasil e das demais nações lusófonas.

A pronúncia "beneficiente" (com "ci") é um "atentado à benemerência". Não se recomenda fazer "filantropia", assim… não se estará ajudando o próximo, mas o prejudicando, com uma linguagem atentatória ao vernáculo. Portanto, prefira *benefiCENte*, e a ajuda será dada com gramaticalidade.

Há outros equívocos que merecem destaque:

Grafia Incorreta	Grafia Correta
"Caixa toráxica"	Caixa torácica 114
"Frustado"	Frustrado
"Impecilho"	Empecilho
"Mendingo"	Mendigo
"Previlégio"	Privilégio
"Própio"	Próprio
"Psicultura"	Piscicultura
"Siclano"	Sicrano

"Supertição" ou "Superticioso"	Superstição ou Supersticioso
"Xipófagas"	Xifópagas 115

Nesse rumo, enfatize-se que os nomes residente, sito, situado, estabelecido e domiciliado devem ser regidos pela preposição "em", e não "a". As preposições podem representar uma relação de movimento ("preposições de movimento") ou de lugar ("preposições de quietação"). A preposição clássica de quietação é "em", que significa "lugar onde uma coisa está ou se põe". Por outro lado, "para" e "a" são as preposições norteadoras de movimento. Dessa forma, não se pode usar verbo de movimento com preposição de quietação ou vice-versa.

Os verbos em análise (*residir, situar, domiciliar, morar*) são de quietação, não admitindo a preposição a. Da mesma forma, os nomes derivados daqueles (*residente, situado, domiciliado*) não podem ser grafados ao lado de tal preposição.

Voltando ao tópico, no tocante ao vocábulo "entrega", preferimos que esta seja feita "em domicílio", pois a fatídica "entrega a domicílio" 116 ou, como preferem alguns ousados interlocutores, "entrega à domicílio" (com crase), traduz-se em expressão sobremodo equivocada. Explicando: o verbo *entregar*, nesta acepção, requer a preposição "em", assim como o nome "entregas" é regido por idêntica preposição. Veja o exemplo: *"Ela atua visitando os doentes em domicílio ou internados"* 117. Logo, obedeça à regência exigida pelo termo, sob pena de justificar uma erronia expressiva.

Nesse passo, impende destacar que a expressão "a domicílio" mostra-se sustentável, desde que o verbo exija a preposição "a". Exemplos: *Levam-se as compras a domicílio* (levar a).

As encomendas chegam a domicílio sempre às três horas (chegar a).

Os técnicos vão a domicílio proceder ao conserto (ir a).

18. TEVÊ EM CORES – DADAS AS OCORRÊNCIAS

Situação: *Dadas as últimas ocorrências, a aquisição da tevê em cores dependerá de verificação da situação de crédito do cliente.*

Consideração: a expressão tevê em cores causa celeuma, havendo divergência quanto à adequação ortográfica, até mesmo entre os autores de nossa disciplina.

Há aqueles que condenam com veemência a expressão "a cores", afirmando tratar-se de galicismo intolerável. É o caso de vários gramáticos, capitaneados por Napoleão Mendes de Almeida (1998: 2). Para tais estudiosos, quando nos valemos da expressão, dizemos transmissão em cores ou a cores? E revista em cores ou a cores? E, por fim, "tevê em branco e preto" ou "a branco e preto"? Respondendo às perguntas, é facilmente perceptível que diremos com acerto "transmissão em cores", "revista em cores" e "tevê em branco e preto". Logo, o paralelismo das formas dispensa mais comentários. Não há por que se falar em "tevê a cores", pois não se diz "tevê a branco e preto".

Por outro lado, Domingos Paschoal Cegalla (1999: 9) preconiza não se tratar de galicismo a forma "a cores", podendo ser livremente adotada. E aí surge a indagação: e nós, pobres mortais, "impotentes" diante da divergência entre gramáticos de nomeada, como ficamos? Somos da opinião de que, em face da falta de uniformidade quanto à adequação da expressão, deve o usuário do idioma se valer da livre escolha, optando pela forma que lhe aprouver.

Com relação à concordância nominal da expressão dado(s) / dada(s), vale mencionar: deve concordar com o termo a que se

refere. Exemplo: *Dada a situação ,…* (ou seja: a situação dada, apresentada).

Dados os documentos, … (ou seja: os documentos dados, apresentados).

Dadas as ocorrências, … (ou seja: as ocorrências dadas, apresentadas).

"Dado o suporte técnico, nossa 'tevê em cores' [118] *não apresentará problemas"* (ou seja: o suporte dado, apresentado).

Por falar em "ocorrência", trata-se de uma palavra paroxítona [119] terminada em ditongo (crescente), o que a torna alvo de acentuação obrigatória, ao lado de vocábulos, como: *his-tó-ria; sé-rie; pá-tio; tê-nue; vá-cuo; in-gê-nuo; á-gua; má-goa; cons-tân-cia; a-po-lí-neo; or-quí-dea.*

Mas o que é uma palavra *paroxítona*? Relembrando os fundamentos da Prosódia – parte da fonética que se destina ao estudo da acentuação tônica das palavras –, notaremos que o acento prosódico não pode ser deslocado, sob pena de se cometerem equívocos conhecidos como "silabadas".

Assim, *oxítonas* são as palavras que têm o acento na última sílaba; *paroxítonas* são as palavras que têm o acento na penúltima sílaba; e *proparoxítonas* são as palavras que têm o acento na antepenúltima sílaba.

Vamos conhecer algumas *paroxítonas* interessantes:

Abdome (ou Abdômen)	Avito	Cartomancia
Abside	Aziago	Celtibero
Acórdão	Azimute	Ciclope /cló/
Albúmen	Barbaria (ou Barbárie)	Cóccix ksiks
Alcácer	Bênção	Cútis
Algaravia	Bibliopola (Livreiro)	Descreem (Acordo)
Aljôfar	Bíceps	Dólmã
Almíscar	Bororos (Pronuncie "borôrus")	Druida
Ambrósia ou Ambrosia	Busílis	Eclampsia (E-clamp-si-a)
Antioquia (An-ti-o-qui-a)	Caracteres	Edito di
Enjoo (Acordo)	Imbele bé	Pudico di
Epicuro	Inaudito	Quiromancia

Erva-mate	Júri	Recorde cór
Estêncil	Lucúleo (Houaiss)	Refrega
Filantropo trô	Madagáscar 28	Rocio ci
Flúor	Malaca (Cidade da Malásia)	Rubrica bri
Fortuito tui	Médium	Safári
Gêiser	Misantropo	Serôdio
Gratuito tui	Nhoque (e não "inhoque")	Sótão
Homilia	Opimo	Subida (Subida honra)
Homizio zi	Opróbrio	Tênder
Hoplita	Órfão	Verossímil / Inverossímil
Ianomâmi (Com acento – VOLP 2009)	Órgão	Viquingue 29
Ibero	Penedia	Vômer
Ímã	Policromo	

Observações importantes sobre algumas paroxítonas:

BECCARIA

César Beccaria foi criminalista e economista italiano; viveu entre 1738 e 1794, tendo sido o introdutor da cátedra de Economia Política nos cursos de Direito. Não pronuncie "becária"... é forma prosódica condenável, ainda mais no meio jurídico... Diga "Beccaría" /rí/. [120] [121]

BIQUÍNI

As paroxítonas terminadas em -i devem ser acentuadas. Exemplos: *biquíni, beribéri, ravióli, táxi, báli, máxi, gueriguéri,*

martíni, júri, lápis-lazúli (plural *lápis-lazúlis*).

FLUIDO

O substantivo "fluido" deve ser pronunciado como "descuido", portanto, diga "flui-do", quer na acepção de adjetivo, quer no sentido de substantivo. Exemplos: • *O líquido é fluido* (adjetivo);

• *O fluido escorreu pelas mãos do químico* (substantivo).

Registre-se, todavia, que *fluído* (flu-í-do) – forma trissílaba, como em *ruído* – é tempo particípio do verbo *fluir*. Exemplos: • *As águas da enchente já haviam fluído quando transpusemos a ponte.*

• *Ao seu lado, não percebi que as horas haviam fluído tão rapidamente.*

HÍFEN 122

Não se acentuam as paroxítonas terminadas em -ens: *hifens, itens, edens, nuvens, liquens, abdomens, dolmens, polens*. Com relação à palavra hífen, vale mencionar que o vocábulo tem dupla prosódia. Vamos detalhar: • *Hífen* (paroxítona acentuada, terminada em -en). Plural: *Hífenes* (proparoxítona, com acento gráfico).

- *Hifem* (forma arcaica, paroxítona não acentuada, terminada em *-em*). Plural: *Hifens* (paroxítona não acentuada, terminada em *-ens*).

Daí, evidenciam as formas que, de fato, "pegaram": Hífen (no singular) e Hifens (no plural).

Observações:

- Hifem e hífenes ficaram reservadas à linguagem acadêmica, constando a última no VOLP 2009.

  O mesmo fenômeno linguístico ocorre com "líquen" (no singular, grafa-se *líquen*; no plural, *liquens*, sem acento).
- Liquem e líquenes ficaram reservadas à linguagem acadêmica. Não se acentuam as paroxítonas com terminação *-em*, por exemplo, *item, totem, subitem*. Todavia, acentuam-se as oxítonas com terminação *-em*, isto é, palavras como *também, ninguém,* (ele) *intervém,* (eles) *provêm* (verbo provir).

MAQUINARIA *RI*

Para a designação do conjunto de máquinas, há dois substantivos: um feminino (*a maquinaria*) e um masculino (*o maquinário*). Não pode haver confusão, nem mesmo imaginar-se existir o tal "maquinária" (termo condenável). Como mecanismo mnemônico, procure associar *maquinaria* a palavras de formação etimológica semelhante, como: *cavalaria, livraria, sorveteria.*

Portanto, memorize:

SUBSTANTIVO FEMININO	SUBSTANTIVO MASCULINO
(A) MA – QUI – NA – **RI** – A	**(O)** MA – QUI – **NÁ** – RIO
Sílaba Tônica: **RI**	Sílaba Tônica: **NÁ**

Por falar em vocábulos paroxítonos – representantes do maior número de palavras em nosso idioma –, é mister notar que a acentuação das palavras vocábulos e paroxítonos ocorre em virtude de serem palavras proparoxítonas… por sinal, uma outra palavra proparoxítona. Sabe-se que todas as proparoxítonas são acentuadas na vogal tônica.

SERÔDIO

Serôdio é adjetivo que significa "tardio, fora do tempo, que vem tarde". Exemplos: *paixão serôdia, movimento estudantil serôdio.*

Neste momento, vamos conhecer algumas *proparoxítonas* interessantes:

Aeródromo	Azáfama	Hégira
Aerolítico	Azêmola	Iídiche (com dois "is")
Aerólito (meteorito)	Biótipo (ou Biotipo)	Impávido
Aeróstato	Bólide	Ímprobo
Ágape	Chávena	Improvido
Álacre	Cotilédone	Ínclito
Álcali	Côvado	Íncubo
Alcíone	Crisântemo	Índigo
Alcoólatra	Écloga	Ínterim
Álibi (palavra já aportuguesada)	Édito (ordem judicial)	Ípsilon (ou Ipsilão)

Antífona	Êmbolo	Isóbare (adj. 2g. s.f.)
Aríete	Éolo	Isóbaro (adj. s.m.)
Arquétipo	Epóxido ks	Jerárquico
Autóctone	Guáiaco	Lídimo
Lôbrego	Pólipo (ou Polipo)	Sânscrito
Málaga (Cidade da Espanha)	Pórfiro	Semíramis
Miíase	Prófugo	Séquito
Munícipe	Prônubo	Sílfide
Náiade	Proparoxítona	Tômbola
Notívago	Púnico (= cartaginês)	Trânsfuga
Óbolo (e não "óbulo")	Quadrilátero	Úvula
Oxítona	Quadrúmano	Vermífugo
Paralelepípedo	Quérulo	Vérmina
Paroxítona	Rábano	Wattímetro
Périplo	Réprobo	Zênite
Plêiade	Rítmico	Zíngaro

Observações importantes, sobre algumas proparoxítonas:

ANTÁRTIDA

Denominação dada ao continente gelado. Essa forma – Antártida – é preferível à outra ("Antártica"). Reserve o vocábulo "antártica" para o adjetivo, e não para o substantivo que designa o continente. Exemplos: a) Se quero me referir às aves do

continente, posso falar "*aves antárticas*". Da mesma forma, "*geleiras antárticas*", "*baleias antárticas*".

b) Se quero me referir ao continente, devo usar "Antártida". Exemplo: *"Buraco de ozônio cresce na Antártida"* (*Jornal do Brasil*, de 3-11-1994, *apud* Cegalla, 1999, p. 27). Ou, ainda: "*Na Antártida, há muitas forças grandes em jogo: clima, frio, mar, etc.*" (Amir Klink).

Observação: não confunda o continente (Antártida) e o adjetivo (antártica) com uma marca de cerveja, cujo nome é "Antarctica" (com -c).

APÓCRIFOS

Apócrifo e Anônimo: o vocábulo *anônimo* quer dizer sem nome de autor, sem autoria. Por outro lado, *apócrifo* significa algo com autoria, mas sem autenticidade. É o caso, por exemplo, dos *evangelhos apócrifos* (Evangelho de São Pedro, Evangelho de São Tomé). Os autores são identificados, mas não há autenticidade.

ESPÉCIME

Espécime é substantivo masculino (*o espécime*). Não existe a forma no feminino, embora muitos artigos jornalísticos insistam na erronia. A forma variante *espécimen*, também no gênero masculino (*o espécimen*), apresenta o plural *espécimens*.

LÊVEDO

Segundo o VOLP, diferentemente dos dicionaristas, que se apresentam demasiado contraditórios, o vocábulo lêvedo (proparoxítono) é adjetivo (ou seja, *massa lêveda*), enquanto levedo (paroxítono) é substantivo. Dessa forma, devemos usar *lêvedo* para "fermentado" ou "levedado", enquanto *levedo* usaremos para o próprio "fermento", "levedura" ou "cogumelo", em total consonância com a pronúncia popular no Brasil. Todavia, há gramáticos de nomeada, aos quais fazem coro alguns dicionaristas, que abonam a forma *lêvedo* para o substantivo, criando-se o conhecido *lêvedo de cerveja*, no lugar de *levedo de cerveja*, conforme estamos a preconizar no presente trabalho. Assim, não obstante as divergências, recomendamos: *Pão lêvedo – Massa lêveda – Levedo de cerveja – Levedura de cerveja.*

ÓCULOS

Há substantivos que devem ser escritos no plural, sendo, por isso, chamados de vocábulos pluralícios. São eles: *os óculos, os parabéns, as felicitações, os cumprimentos, as saudações, os pêsames, as condolências, as olheiras* (a forma "olheira" é admitida pelo VOLP 2009 e Houaiss), *as cócegas, os afazeres, as custas, as férias, as núpcias, os antolhos, os arredores, as cãs, as exéquias, as fezes, os víveres, os lêmures* (ou seja, fantasmas), *as alvíssaras, os anais, as arras, as belas-artes, as calendas, os esponsais, os fastos, as matinas, as primícias, as copas* (naipe), *as espadas* (naipe), *os ouros* (naipe) *e os paus* (naipe), *as efemérides, as endoenças, os escombros, os idos, as primícias,* entre outros.

PALÍNDROMO

São as palavras, frases ou números que, se lidos da esquerda para a direita ou da direita para a esquerda, mantêm o sentido literal, ficando idênticos. Exemplo: *Ana* é vocábulo bivalente e exemplo de palíndromo, uma vez que as três letras formam a palavra "Ana", se unidas da esquerda para a direita ou vice-versa. O mesmo ocorre com *Amor e Roma*. Tente você mesmo! Agora se divirta com o rol privilegiado de palíndromos em nosso idioma:

- Irene ri.
- A diva em Argel alegra-me a vida.
- 1001.
- 11.
- "Tucano na Cut" (livro de Rômulo Pinheiro, acerca do assunto).
- Socorram-me, subi no ônibus em Marrocos.

Por fim, conheçamos algumas *oxítonas* interessantes: 123 124 125

Albornoz ós	Desdém	Ruim (ru-im – dissílaba)
Alcazar	Desdéns	Sassafrás
Algoz ô ou ó	Esmoler (pessoa esmoler)	Somali lí
Ananás	Fá-lo-á	Soror (ou sóror)
Bagdali	Masseter ter (Plural: masseteres)	Tarzã 31
Bê-á-bá (Plural: bê-á-bás)	Mister	Transistor 32
Bengali lí	Nobel	Ureter (plural: ureteres)
Cateter (Plural: cateteres)	Novel	Vê-lo-á(s)
Clister (Plural: clisteres)	Obus (Plural: obuses)	Vendê-lo-ei
Comprá-lo	Para-quê (substantivo masculino)	Xerox (ou xérox) 33
Condor (e não "côndor")	Projetil (ou projétil)	Zás-trás

19. ELES ESTÃO QUITES – ESTAR A PAR DO ASSUNTO

Situação: *Quando nos tornamos quites, todos ficaram a par do assunto.*

Consideração: quite é nome de concordância simples. Deve-se grafar *eu estou quite, eu e ele estamos quites* ou *nós estamos quites*. Portanto, evite a forma errônea "nós estamos quitE", sem a concordância adequada.

Com relação à forma estar a par, deve-se entendê-la como sinônima de "estar ciente". Assim, *o fulano está a par da disciplina*, e não "ao par da disciplina". Por sua vez, a expressão ao par é de uso bastante restrito, referindo-se apenas à linguagem cambial. Caldas Aulete distingue perfeitamente as expressões, asseverando que "ao par diz-se das ações, obrigações ou papéis de crédito, quando o valor venal se equipara ao capital". Exemplos: *"A moeda utilizada está ao par do dólar".*

"O dólar e o marco estão ao par" (portanto, têm o mesmo valor).

20. AONDE VOCÊ QUER CHEGAR?

Situação: *Saber onde se encontram as pessoas é difícil; mais complicado ainda é descobrir aonde você quer chegar com a insinuação.*

Consideração: a tendência no português atual é considerar os termos com sentidos distintos. Há quem pense que esta última expressão – aonde – não existe. Ledo engano. Existem ambas. Cada qual devendo ser empregada em situações específicas. Vejamos: • Onde se emprega como expressão designativa de lugar, estando ao lado de verbos *sem movimento* (os que não exigem preposição). Indica o lugar em que se está ou em que se passa algum fato. Exemplos: • *Onde está minha caneta?*

- *Onde colocou o caderno?*
- *Onde mora o fulano?*
- *Não sei onde começar a procurar.*
- *Não sabiam onde o genro se encontrava.*
- *"O único lugar onde o 'sucesso' vem antes do 'trabalho' é o dicionário"* (Albert Einstein).
- *Diz-se que o Maranhão é o Estado onde se fala o melhor português.*

• Aonde se emprega como expressão designativa de lugar, estando ao lado de verbos que indicam movimento ou aproximação, opondo-se a "donde", que exprime afastamento. Exemplos: • *Aonde você pensa que vai?* ("ir" – preposição "a": quem vai, vai a algum lugar).

- *Ele chegará aonde quiser* ("chegar" – preposição "a": quem chega, chega a algum lugar).
- *Aonde devo dirigir-me para obter informações?* ("dirigir-se" – preposição "a": quem se dirige, dirige-se a alguém ou a algum lugar).
- *O investigador descobriu aonde eram levadas as mulheres* ("levar" – preposição "a": quem leva, leva (algo) a algum lugar).
- *Não sei aonde ir para chegar ao fim dessa "novela"* ("ir" – preposição "a": quem vai, vai a algum lugar).

Observação: quando se tratar de verbos de movimento, manter-se-á o vocábulo "onde", se este advérbio vier precedido de preposição. Exemplos: • *Para onde iremos no domingo?*

• *Até onde chegou a água das enchentes?*

Importante: existe uma praxe condenável de se usar a forma "onde" em demasia nos textos escritos. Costumamos denominar o fenômeno de *ondismo*. Explicando: como pronome relativo, *onde* deve conter sempre um antecedente que se refira a lugar, podendo ser substituído por *em que* ou *no/na qual* (ou *nos/nas quais*). Exemplo: *Minha terra tem palmeiras. O sabiá canta nas palmeiras.* Portanto, é possível dizer, usando o pronome: *Minha terra tem palmeiras, onde canta o sabiá* (verso da poesia *Canção do Exílio,* de Gonçalves Dias). Todavia, vale a pena conhecer o intrigante uso anômalo do vocábulo "onde". Note a frase a seguir: "Este é o processo onde estão as provas". Trata-se de uma construção frástica equivocada, porquanto "onde" deve se referir a local físico, geralmente, cidades, pontos turísticos, países[126] etc., o que não ocorreu exatamente no caso citado. Nesse caso, substitua-o por "no qual", "em que". Portanto: *Este é o processo no qual estão as provas.*

21. O DÓ – O LANÇA-PERFUME

Situação: *O flagrante refere-se à apreensão de vários lança-perfumes. O desapontamento da vítima provocou muito dó de todos os espectadores.*

Comentário: os substantivos, palavras que designam os seres, podem ser masculinos ou femininos. No primeiro caso, devem ser acompanhados, no singular, de artigos o ou um; no segundo caso, se femininos, devem estar acompanhados, no singular, de a ou uma. Vamos conhecer alguns importantes substantivos, que provocam "espanto" no estudioso, quando revelam seu verdadeiro gênero. Verifique o quadro abaixo:

	Substantivo Masculino	Substantivo Feminino
Abusão		A abusão
Acne		A acne
Ágape	O ágape	
Aguardente		A aguardente
Alcíone		A alcíone
Alface		A alface
Antílope	O antílope	
Apóstolo	O apóstolo	

Areal	O areal	
Áspide		A áspide
Atenuante		A atenuante
Bólide		A bólide
Cal		A cal
Carrasco	O carrasco	
Cataplasma		A cataplasma
Cataclismo	O cataclismo	
Caudal	O caudal	
Celeuma		A celeuma
Champanhe	O champanhe	A champanhe (dois gêneros, para o VOLP)
Champanha	O champanha	
Comichão		A comichão
Contralto	O contralto	
Dó	O dó	
Entorse		A entorse
Fibroma	O fribroma	
Filoxera cs		A filoxera cs
Fleuma e Fleugma		A fleugma
Herpes	O herpes	

Hosana	O hosana	
Jaçanã		A jaçanã
Juriti		A juriti
Lança-perfume	O lança-perfume	
Lhama	O lhama	A lhama (dois gêneros, para o VOLP)
Libido		A libido
Matiz	O matiz	
Milhar	O milhar	
Neném	O neném (só masculino para o VOLP)	A neném (dois gêneros para o Houaiss)
Omelete	O omelete	A omelete (dois gêneros, para o VOLP)
Omoplata		A omoplata
Proclama	O proclama	
Púbis	O púbis	
Parasito	O parasito	
Soprano	O soprano	
Suéter	O suéter	
Trânsfuga	O trânsfuga	
Virago		A virago (mulher machona, varonil)

Outros casos:

Nome	Substantivo Masculino	Substantivo Feminino
Agravante	O agravante	A agravante

Será substantivo masculino apenas no caso de menção à figura masculina daquele que interpõe o recurso de Agravo de Instrumento. Exemplo: • O agravante procedeu à anexação das peças obrigatórias do recurso, conforme o artigo 511 do CPC.

Caso contrário, teremos a prevalência do gênero feminino: a agravante, uma agravante, múltiplas agravantes.

Aluvião		A aluvião

A **aluvião** designa, em sentido figurado, "um depósito de coisas". No sentido literal, tem a acepção de "depósito de cascalho que se forma após as chuvas com as enxurradas". Não obstante bons escritores terem usado tal substantivo na forma masculina, deve-se frisar que se trata de substantivo feminino (a aluvião), em virtude de sua origem latina (alluvione). O Aurélio admite ambas as formas. O VOLP 2009 registra tão somente a forma feminina, entendimento ao qual nos filiamos. Apreciemos nossos literatos de prol, adeptos da forma feminina: • "Durante esse tempo ia o poeta tirando do bolso uma aluvião de papéis" (Machado de Assis); • José Eduardo ocultara esse acontecimento para evitar uma aluvião de perguntas.

Bacanal		A bacanal

Os nomes de festas pagãs ou populares devem ser grafados com inicial minúscula. Exemplo: carnaval, bacanais. Diga-se que as festas em honra de Baco (ou Dioniso, na mitologia grega) – deus romano do vinho – eram encontros festivos e licenciosos, celebrados à noite e, até por volta de 198 a.C., exclusivos das mulheres.

Cólera	O cólera	A cólera

Cólera é substantivo feminino, preferencialmente, referindo-se à enfermidade infecciosa (ou seja, cólera morbo). No entanto, é oportuno tolerar, conforme a dicção do VOLP, a modalidade masculina (o cólera) – gênero bastante utilizado no meio médico. Registre-se que, no sentido de "estado de raiva e ira", é substantivo feminino, exclusivamente (a cólera). Vamos observar alguns exemplos: • "Vibrião da cólera chega à Zona Sul" 127.

• "A cólera-morbo dizimava a população" 128.

• "Com a rapidez da cólera ou da peste corre por todos os ângulos de Portugal uma coisa hedionda e torpe..." 129

Cônjuge	O cônjuge	

O termo designativo para cada um dos esposos é **cônjuge**. O substantivo é sobrecomum, isto é, aquele que se refere tanto a pessoas do sexo masculino quanto a pessoas do sexo feminino. Portanto, referindo-se a homem ou a mulher, o substantivo será sempre masculino: ele é o cônjuge; ela é o cônjuge.

Nome	Substantivo Masculino	Substantivo Feminino
Diabete (s)	O diabete (s)	A diabete (s)

O substantivo **diabete** ou **diabetes** pode ser masculino ou feminino, não havendo possibilidade de equívoco com a palavra. Observe as formas possíveis: O diabete – O diabetes – A diabete – A diabetes. A forma **o diabetes** é a que mais se apresenta fiel à etimologia do grego diabétes. Note que, mesmo com o -s presente, manteve-se a forma, no singular. Pela sua origem, o vocábulo é masculino, não obstante os dicionaristas preferirem considerá-lo como masculino ou feminino. Talvez se pense em usar o artigo feminino por se associar a palavra ao vocábulo feminino doença.

Grama (peso)	O grama	

Todas as palavras de origem grega terminadas em "ma" são masculinas. Exemplos: Problema – Trema – Fonema – Dilema – Grama – Panorama – Telegrama – Fantasma.

Mascote		A mascote

O vocábulo **mascote**, derivado como substantivo feminino do francês mascotte, assim se manteve em nosso idioma, sendo considerado como tal pela grande maioria dos lexicógrafos nacionais, com exceção de Antônio G. da Cunha (2003: 505), que o reputa comum de dois gêneros (o mascote / a mascote). Portanto, entendemos que o substantivo deve ser grafado no gênero feminino, a par da melhor literatura, que esposa idêntico pensar, conforme se nota dos exemplos abaixo delineados: • "A mascote dos Fuzileiros Navais é um carneiro" 130.

• "Em cinco anos, Edival nasce, enverga uma farda, faz a mascote do Corpo de Bombeiros, tira retrato..." 131.

Modelo	O modelo	A modelo

Caso se refira ao "indivíduo contratado por agência ou casa de modas para desfilar com as roupas que devem ser exibidas à clientela", segundo o Dicionário Houaiss, o vocábulo seria comum de dois gêneros: o modelo (para homem), a modelo (para mulher). Da mesma forma: o lotação (veículo), a lotação (ato de lotar ou capacidade de um espaço físico).

Nuança		A nuança

Prefira essa forma ao condenável galicismo "nuance". Trata-se verdadeiramente de substantivo feminino (a nuance), na acepção de "tom, tonalidade, gradação de cor ou matiz" (este, sim, um substantivo masculino). Exemplos: • As nuanças dos vestidos na passarela eram imperceptíveis.

• Eram muitas as nuanças da voz do exímio tenor.

• As nuanças do estilo e os matizes da forma são o diferencial do bom intérprete.

Nome	Substantivo Masculino	Substantivo Feminino
Ordenança	O ordenança	A ordenança

O substantivo **ordenança**, na acepção de "soldado posto às ordens de uma unidade", é admitido pelo VOLP e Houaiss nas formas masculina e feminina (substantivo de dois gêneros).

Parasita		A parasita

Parasita é substantivo feminino (a parasita), que significa o vegetal que se nutre da seiva alheia. Exemplos: • Devemos exterminar as parasitas, senão nossa plantação estará ameaçada.

• A erva-de-passarinho é uma danosa e temida parasita.

Por sua vez, **parasito** é substantivo masculino (o parasito), que significa o animal ou organismo que se nutre do sangue ou matéria alheios do outro, no qual se instala. Exemplos: • Os piolhos são parasitos; os vermes, também os são.

• O homem é um parasito; vive à custa do tio.

Observação: há registros de uso de parasita no feminino (a parasita) para este sentido. Ademais, frise-se que o VOLP 2009 abona o vocábulo parasita como adjetivo.

Personagem	O personagem	A personagem

O vocábulo **personagem** pode ser utilizado tanto no masculino quanto no feminino (o/a personagem). Diga-se que, originalmente do francês personnage, o substantivo é masculino, razão pela qual a crítica a esse gênero é prática arbitrária, mostrando-se divorciada do conhecimento dos fatos da linguagem. Portanto, há liberdade de gêneros e de uso. Aliás, já se consagrou o uso desse substantivo como comum-de-dois (o personagem, a personagem).

Praça (soldado)	O praça	

Os dicionários Aurélio e Houaiss admitem o substantivo como masculino ou feminino (o praça ou a praça), designativos do soldado. A preferência, no entanto, é pelo masculino.

Sentinela	O sentinela	A sentinela

Sentinela é substantivo feminino (VOLP). Exemplos:

• O pelotão possuía várias sentinelas que se revezavam no posto.

• "O cão era a sentinela da casa" (Aurélio).

• Interpelado pela sentinela, balbuciou palavras inconsistentes.

Há quem admita o uso no gênero masculino, pelo fato de que a função é tradicionalmente exercida por homens (guardas ou soldados). Tal posicionamento encontra guarida na boa literatura. Exemplo: • "A noite, para o sentinela, é sempre igual" 132.

Nome	Substantivo Masculino	Substantivo Feminino
Sósia	O sósia	A sósia

O substantivo **sósia**, na acepção de pessoa muito parecida com outra, pode vir acompanhado do artigo masculino ou feminino, dependendo da pessoa a que se refere. Exemplo: a sósia ou o sósia. Ou, ainda: Hoje vi o sósia de Gilberto Gil.

- Na tevê, apareceram várias sósias de Gal Costa.

Usucapião	O usucapião	A usucapião

O substantivo **usucapião** pode ser usado no gênero masculino ou feminino (VOLP). Os dicionaristas adotam ambas as formas. O verbo é usucapir (verbo defectivo; conjuga-se como abolir).

Aplicando...

Ele me entregou-o – Ele MO entregou Ele me entregou-a – Ele MA entregou Ele me entregou-os – Ele MOS entregou Ele me entregou-as – Ele MAS entregou		Ele nos mostra-o – Ele NO-LO mostra Ele nos mostra-a – Ele NO-LA mostra Ele nos mostra-os – Ele NO-LOS mostra Ele nos mostra-as – Ele NO-LAS mostra

Ele lhe/lhes remetia-o – Ele LHO remetia Ele lhe/lhes remetia-a – Ele LHA remetia Ele lhe/lhes remetia-os – Ele LHOS remetia Ele lhe/lhes remetia-as – Ele LHAS remetia

Exemplos:

Ele viu a moto e instou para que o dono lha vendesse.

O cargo é dele, ninguém lho pode tirar.

Se ela mostrasse seus belos lábios, eu lhos beijaria.

Retirou o envelope do bolso e entregou—lho.

Não dou aulas de Direito Empresarial, mas dar—lhas-ia, se os alunos quisessem.

Eu não o conhecia, por isso pedi ao jovem que mo indicasse.

As roupas de inverno, meu pai mas impôs sem possibilidade de diálogo.

Perdemos o início da aula; pedimos, pois, para que a colega no-lo apontasse, a fim de que localizássemos a matéria dada.

"O coração humano tem seus abismos e às vezes no-los mostra com crueza" 162.

Observação: repise-se que tais contrações pronominais são exclusivas da linguagem culta, sendo raro o seu uso.

32. O PRONOME VOSSA EXCELÊNCIA REQUER O VERBO NA TERCEIRA PESSOA?

Situação: *Vossa Excelência pode tirar o seu processo da mesa.*

Comentário: os pronomes de tratamento devem ser usados no trato solene e cerimonioso com as pessoas.

Na linguagem jurídica, transitam em abundância, uma vez que deve o causídico se referir ao magistrado, ao falar com ele, como *Vossa Excelência* e, quando se fala dele, como *Sua Excelência*. Observe o diálogo abaixo: • Diálogo entre uma secretária e o magistrado:

– *Vossa Excelência aceita um café?*

– *Sim, por favor* – disse o magistrado à secretária.

- Diálogo entre a secretária e uma copeira:

  – *Leve o café para Sua Excelência. Ele acabou de pedir* – falou a secretária à copeira.

Observe outro exemplo na seguinte frase:

- O presidente da República deve viajar para Cuba amanhã. Sua Excelência conversará longamente com o carismático líder Fidel Castro.

A explicação está no fato de que esses pronomes são de segunda pessoa, todavia se usam com as formas verbais de terceira pessoa. Incoerência? Não. Quando usamos os pronomes *você* ou *tu*, estamos nos dirigindo a alguém com quem falamos. Daí a razão de serem pronomes de segunda pessoa. Todavia, quando se referem à terceira pessoa, devem ser usados com o pronome possessivo *sua* ou *seu* (e não "vosso" ou "vossa"). Portanto: os pronomes possessivos utilizados (*meu, minha, teu, tua, seu, sua, nosso, vosso*), perante os pronomes de tratamento, são sempre os de terceira pessoa do singular ou plural. Portanto: *Vossa Excelência pretende mudar de comarca?* (e não "pretendeis").

Vossas Excelências, preclaros Juízes, são muito austeros consigo mesmos! (e não "sois").

Vossa Excelência, em sua obra doutrinária, expõe o mesmo posicionamento apresentado em razões de apelação (e não "vossa obra" e "expendes").

Rodríguez (2000: 59), ao tecer comentários sobre a distinção entre sua e vossa, preleciona: Existe fundamento para a distinção entre "sua" e "Vossa", ao referir-se a uma pessoa e ao dirigir-se diretamente a ela. Tal distinção ocorre porque a fórmula ou o pronome de tratamento constitui um recurso para a substituição da invocação da pessoa pela invocação de uma qualidade que lhe é inerente. Assim, quem diz "Sua Santidade, o Papa", em um recurso retórico, passa a não se referir diretamente ao Sumo Sacerdote, mas sim à santidade que ele representa. Ao rei, ao que tem de majestoso; ao juiz, à excelência que traz consigo. É assim que, referindo-se sobre o magistrado, diz-se "Sua Excelência = A excelência dele" e, ao se dirigir a ele, utiliza-se "Vossa Excelência = A excelência de vós".

Ressalte-se que o mesmo postulado vale para outras expressões de tratamento, tais como: Vossa Santidade, Vossa Senhoria, Vossa Majestade *etc.*

Como se nota, os vocábulos *vosso* e *vossa* têm uso de todo restrito, devendo compor os pronomes de tratamento e as preces. Observe: *"Pai Nosso, que estais no céu, santificado seja o Vosso Nome, venha a nós o Vosso reino, seja feita a Vossa vontade, …".*

"Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois vós entre as mulheres, bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus …".

A explicação está no fato de que as preces foram criadas em tempos antigos, em que era comum o uso do pronome pessoal de segunda pessoa do plural *vós*. Hodiernamente, ele sobrevive por insistência dos gramáticos e estudiosos, já que é de pouca praticidade.

À guisa de esclarecimento, vale ressaltar que o pronome você (contração de *vosmecê*, derivada de *Vossa Mercê*) é pronome de tratamento.

33. A LOCUÇÃO O QUÊ

Situação: *O advogado examinou o caso; após o quê, tomou as devidas providências.*

Comentário: a locução o quê parece-nos como pronome demonstrativo, podendo ser substituída por *isso*. Ressalte-se que o termo *quê* será acentuado nas seguintes situações: a) Quando for *substantivo*, na acepção de "alguma coisa" ou "qual coisa". Exemplos: *Notamos em sua face um quê de espanto.*

O professor respondeu com um não sei quê à pergunta.

"Trabalhar em quê, meu amigo?" (Graciliano Ramos).

b) Quando for *interjeição*. Exemplo:

Quê!? Aonde pensa que vai?

c) Quando *finaliza frase*. Exemplos:

Este livro serve pra quê?

Vai chorar agora pra quê?

Você não estudou ontem por quê?

d) Para formar a expressão *um não sei quê*. Exemplo:

Em seu semblante havia um não sei quê de desconfiança.

34. O PRONOME RELATIVO CUJO

Situação: *O objeto de que lhe falei era a luminária, cuja iluminação é agradável.*

Comentário: o termo cujo, como pronome relativo, tem a função de unir duas frases, sendo que uma delas indica posse. Os pronomes *cujo* e *cuja* significam "do qual" e "da qual", precedendo sempre um substantivo sem artigo. Assim, analise as duas orações: *O PSDB está disposto a negociar.*

O candidato do PSDB ganhou a presidência da Câmara.

Melhor seria, evitando-se a repetição:

O PSDB, cujo candidato ganhou a presidência da Câmara, está disposto a negociar.

Além disso, é necessário memorizar que tal pronome relativo não acompanha artigo. Portanto, observe as frases corretamente grafadas: *Ele foi ao cinema, cujo filme mencionei ontem* (e não "cujo o filme").

Epitácio, cujo filme foi ovacionado, sentiu-se prestigiado.

Ele foi ao teatro, a cuja peça me referi anteontem (e não "cuja a peça").

O "Titanic", cujo casco foi perfurado por um iceberg, *afundou lentamente.*

35. FULANO, BELTRANO E ...

Situação: *Ele cria* 163 *em tudo que fulano dizia ou sicrano afirmava.*

Comentário: as palavras fulano, beltrano e sicrano são consideradas *pronomes indefinidos*. O termo "siclano", com a sílaba *-cla* não existe. Também aparecendo como pronome, destaca-se a palavra outrem – uma paroxítona com tonicidade na sílaba ou- –, muito utilizada nos meios forenses.

36. A PREPOSIÇÃO ENTRE E OS PRONOMES PESSOAIS

Situação: *Entre mim e ela, não há desentendimento.*

Comentário: com a preposição entre, não podemos utilizar os pronomes pessoais do caso reto *eu* e *tu*, mas tão somente os pronomes pessoais do caso oblíquo *mim e ti*. Daí se falar com correção *entre mim e ti* (e não "entre eu e tu"). Portanto os pronomes retos da primeira e da segunda pessoa – *eu*, *tu* – não podem ser regidos por preposição. Esta, por sua vez, pode reger o pronome reto da terceira pessoa (*ele*, *ela*), sem qualquer restrição. Nesse rumo, atente-se para o fato de que com o termo *você*, igualmente, não há restrição, por se tratar de pronome de tratamento. Observe as frases corretas abaixo delineadas: *Ela estava entre mim e Cláudio.*

Ele se sentou entre mim e Pedro.

Não há o que resolver entre mim e ti.

Entre mim e você, há desavenças.

Entre mim e ti, há uma grande amizade.

Houve acordo entre os réus e mim.

Nada existe entre mim, ti e ela.

O caso de amor era entre mim e a Camélia.

Entre mim e ti, abriu-se intransponível abismo (O Autor).

Entre eles e mim, nunca houve discussões.

Entre os contratantes e mim, houve um acordo.

Houve alguma rusga entre os atletas e ti?

"No jantar, Lili ficou entre mim e ele, o padrinho" 164.

"… entre mim e ti está a cruz ensanguentada do Calvário" (Alexandre Herculano).

Ressalte-se que há um caso em que se admitiria o pronome reto: quando se achar distante da preposição. Exemplo: *Entre o local do acidente e eu, que consegui parar a tempo, mediram-se dez metros.*

Por outro lado, emprega-se *eu* quando este for sujeito de um verbo no infinitivo, até porque "'mim' não faz coisa alguma": *Isto é para eu fazer.*

Isto é para mim?

Importante: é relevante esclarecer a diferença entre *para mim* e *para eu*. Quando estiver diante de verbos no infinitivo, utilize o pronome do caso reto *eu*. No mais, poderá utilizar o pronome pessoal do caso oblíquo *mim*. Vamos reforçar: *Ele deu a caneta para mim.*

O formulário é para eu preencher.

Pediu para eu responder à correspondência.

Ele deu a caneta para eu guardar.

Não vá sem eu entregar-lhe a encomenda.

Tornou-se complicado para mim ser o alvo. (Sujeito: or. sub. subst. reduzida de infinitivo) *É difícil para mim vencer a batalha.* (Sujeito: or. sub. subst. reduzida de infinitivo) *É difícil para mim ler à noite.* (Sujeito: or. sub. subst. reduzida de infinitivo)

É complicado, para mim, estudar. ("Para mim", com vírgulas, significa "na minha opinião") *Para mim, estudar é um prazer.* ("Para mim", entre vírgulas, significa "na minha opinião") Neste momento, não é desnecessário relembrar o pronome consigo. Os pronomes *si* e *consigo* devem ser usados em sentido reflexivo, portanto, usa-se *consigo* quando

tal pronome se referir ao sujeito da oração. Aliás, não é raro ouvir, nos meios forenses, frases equivocadas, como "eu estava consigo", em vez de *eu estava com você*. Indaga-se: como é possível "eu" estar "consigo"? Portanto:

img2

Assim, é melhor evitar erronias, como:

1. "Eu trouxe um presente para si." Perguntar-se-ia: o presente é para quem? Se é pra mim, prefiro que "me" entregue, de fato. Logo, corrigindo: Eu trouxe um presente para você.
2. "Professor, nós queremos falar consigo." Questionar-se-ia: consigo? Já está falando... ou não? No entanto, se deseja falar "comigo", por que não usar: Professor, nós queremos falar com você (com o senhor).

Assim, apreciemos bons exemplos de grafia elogiável:

Ela é demasiado egoísta, ao pensar em si.

Os torcedores escolheram os lugares para si.

Guarde o cheque consigo.

A chuva traz consigo raios e problemas.

Os jogadores precisavam de mais confiança em si próprios.

Por fim, ressalte-se que devemos preferir conosco (a "com nós") e convosco (a "com vós"). Exemplos: *Ele se sentou conosco* (e não "Ele se sentou com nós").

Falei convosco (e não "Falei com vós").

Exceção: se tais pronomes vierem acompanhados de *numeral*, de *palavra reforçativa* ou *palavra determinativa*, como *próprios, mesmos, outros, todos* etc., deve-se usar a forma originária. Exemplos: *Nada acontece com nós todos.*

O barco virou com nós quatro.

Falaram com nós, que éramos seus amigos.

Falei com vós mesmos.

Contamos com vós todos.

Ele se dirigiu com nós próprios à Delegacia.

O homem foi com nós mesmos à lanchonete.

O espetáculo começou com nós todos de pé 165.

Os livros ficaram com nós todos.

Os amigos holandeses saíram com nós dois ontem à noite.

Queremos estar de bem com nós mesmos.

Preocupamo-nos muito com nós próprios.

37. OBEDECER-LHE – ASPIRAR A ELE

Situação: *Confie nos amigos, devendo obedecer-lhes. Aspire ao seu sucesso, seguindo estas regras básicas.*

Comentário: os verbos obedecer e aspirar (no sentido de "almejar, objetivar") são transitivos indiretos, necessitando de preposição para se ligarem a seus complementos (objetos indiretos). Entre os verbos transitivos indiretos, importa distinguir: 1. São verbos que, em geral, exigem a preposição *a* (pagar à médica; perdoar à mulher). Observe que, na ausência de preposição, passam a ser *transitivos diretos* (pagar a conta; perdoar a falha). Sem contar o fato de que podem ser *transitivos diretos e indiretos* (pagar a conta à médica). Além disso, constroem-se com os pronomes *lhe* ou *lhes*, quando o objeto for indicativo de pessoa ou ente personificado, tais como:

Agradar

Desagradar

Obedecer

Desobedecer

Agradecer

Aprazer

Caber

Interessar

Pagar

Perdoar

Querer

Resistir

Repugnar

Suceder	Valer etc.

Exemplos:

Obedeça à professora – *Obedeça-lhe*.

Não bata nos cavalos – *Não lhes bata*.

O namorado perdoou à namorada – *O namorado perdoou-lhe*.

O cliente pagou ao advogado – *O cliente pagou-lhe*.

Resistimos aos intrusos – *Resistimos-lhes*.

2. São verbos que não se constroem com os pronomes *lhe* ou *lhes*, devendo utilizar os pronomes pessoais do caso oblíquo precedidos de preposição (*a ele / a ela*). São eles:

Aludir (Aludir a ele)	Aspirar (Aspirar a ele) etc.	Recorrer (Recorrer a ele)
Anuir (Anuir a ele)	Assistir (Assistir a ele)	Referir-se (Referir-se a ele)

Observações:

a) O uso do pronome lhe em lugar de pronome possessivo: É elogiável o uso do pronome lhe em lugar de pronomes possessivos *seu* ou *sua*. Exemplos: *O gás irrita-lhe os olhos* (em vez de "O gás irrita os seus olhos").

Ninguém lhe ouvia os gritos (em vez de "Ninguém ouvia os seus gritos").

O chapéu protegia-lhe a testa (em vez de "O chapéu protegia a sua testa").

O guarda-chuva protegeu-lhe a cabeça (em vez de "O guarda-chuva protegeu a sua cabeça").

Observe alguns exemplos colhidos na literatura:

"Desde então ninguém mais lhe seguiu os passos" 166.

"Evaporam-se-lhe os vestidos, na paisagem" 167.

O verbo **recorrer**, em sentido jurídico, tem a acepção de "apelar ou interpor recurso" para instância superior. Nesse sentido, exige-se a preposição para, e não a preposição "a". Exemplos: • Ele recorreu da decisão para o Tribunal (e não "ele recorreu da decisão ao Tribunal").

• Ele recorre para o Supremo sempre.

b) O uso inadequado do pronome lhe com verbos de transitividade direta: Não se pode utilizar o pronome pessoal do caso oblíquo lhe com verbos transitivos diretos. É erronia grosseira que deve ser de todo evitada. Exemplos de equívocos: 1. "Ele lhe encontrou em casa".

Troque por *Ele o encontrou em casa.*

2. "Isto lhe preocupa muito".

Troque por *Isto o preocupa muito.*

3. "Presentearam-lhe com um lindo violino".

Troque por *Presentearam-no com um lindo violino.*

4. "A tela do cinema lhe impressionou pela grandiosidade".

Troque por *A tela do cinema o impressionou pela grandiosidade.*

5. "Deus lhe abençoe".

Troque por *Deus o abençoe.*

6. "Jamais lhe favoreci com privilégios indiscriminados".

Troque por *Jamais o favoreci com privilégios indiscriminados.*

38. QUAL É A MELHOR ESCOLHA: MELHOR OU MAIS BEM?

Situação: *O atleta está mais bem preparado do que na outra competição.*

Comentário: não obstante haver gramáticos que esposam posicionamento mais liberal, entendemos que, antes de particípio, isto é, das formas verbais terminadas em *-ado* e *-ido*, não se deve usar "melhor" ou "pior".

Assim, filiamo-nos à linha de pensamento de maior austeridade, que abona a melhor sonoridade da forma. Com efeito, falar *mais bem pago* é mais eufônico do que dizer "melhor pago". Além disso, ressalte-se que o superlativo de *bem* é *mais bem*, e não "melhor", por isso:

Textos bem escritos – Textos mais bem escritos

O homem bem vestido – O homem mais bem vestido

Vamos, assim, aos exemplos das formas recomendáveis:

No acórdão, o fato está mais bem interpretado.

Era a noiva mais bem vestida da noite.

Ele foi mais bem classificado no concurso do que o rival.

Este projeto é o mais bem desenvolvido que já vi.

Esta é uma das provas mais bem formuladas do mês.

Minas Gerais é um dos Estados mais bem localizados do País.

Este é o teste mais mal formulado que já vi.

Este é o comentário mais mal proferido em todas as sessões.

O trabalho foi mais bem feito do que o projeto.

A casa foi mais bem limpa do que o sobrado.

O pijama foi mais bem seco do que o avental.

"O operário americano é mais bem retribuído que o inglês; os seus salários deixam-lhe margem à economia" 168.

À guisa de complemento, citem-se dois exemplos com a forma *melhor*, embora tenhamos a preferência pelo outro modo: *"O pedido para que as placas fossem melhor acomodadas partiu do presidente da Federação Internacional de Vôlei"* 169.

"Se o colegial daquela geração andava melhor informado do que o de hoje sobre os grandes inventores era apenas porque lia mais" 170.

Por derradeiro, diga-se que as mesmas observações servem para a forma *mais mal*. Portanto, aprecie as formas corretas: *A obra é mais mal pintada do que a mostrada ontem.*

Os prédios foram os mais mal construídos no terreno.

Estes servidores são os mais mal remunerados.

39. VERBO SOER

Situação: *Como sói ocorrer, as chuvam vêm à tarde.*

Comentário: o verbo *soer* é pra lá de sofisticado. Usá-lo requer engenho e parcimônia. Ele quer dizer "ser comum, frequente, habitual". O verbo é defectivo, seguindo o modelo adotado pelo verbo *moer*. Assim:

Ele moeu – Ele soeu	Ele mói – Ele sói	Eu moí – Eu soí
Nós moemos – Nós soemos	Eles moem – Eles soem	Vós moeis – Tu soeis

Exemplos:

Sói chover forte em janeiro.

Sói nadar às seis da manhã.

Sói nevar em Nova Iorque.

Como sói acontecer, ele se atrasou mais uma vez.

40. ADJETIVOS PÁTRIOS: QUEM NASCE LÁ É O QUÊ?

Situação: *O cidadão soteropolitano tem algo em comum com o tricordiano: gostam de boa comida.*

Comentário: os adjetivos *pátrios* ou *gentílicos* designam o local de origem de alguém ou de alguma coisa. Há alguns nomes deveras interessantes, como *soteropolitano* (de *Salvador*) ou *tricordiano* (de *Três Corações*). Vamos conhecê-los: 171

Localidade	Adjetivo Pátrio
Bagdá	Bagdali 79 (oxítona, com sílaba tônica em lí)

Bahia	Baiano (sem -h)

Baviera	Bávaro (e não “Bavaro”, como se fosse paroxítona)

Buenos Aires

Portenho

Cairo

Cairota

Campinas

Campineiro

Campos

Campista	
Ceilão	Cingalês
Florença	

Florentino
Florianópolis

Florianopolitano

Guatemala

Guatemalteco

Israel

Israelense	
Jerusalém	Hierosolomita (ou hierosolimitano, jerosolimita, jerosomilitano, jerusalemita)

Judeia

Judeu ou Judaico

Lisboa

Lisboeta
Madagáscar

Malgaxe

Mali	Malês
Marajó	

Marajoara	
País de Gales	Galês

Pequim	Pequinês (e não "pequenez")
Piauí	

Piauiense
Rio de Janeiro (Cidade)

Carioca
Rio de Janeiro (Estado)

Fluminense

Rio Grande do Norte	Norte-rio-grandense, Rio-grandense-do-norte ou Potiguar (alcunha)

Salvador

Soteropolitano ou Salvadorense
São Paulo (Cidade)

Paulistano
São Paulo (Estado)

Paulista	
Somália	Somali (oxítona, com sílaba tônica em lí)
Taubaté	

Taubateense

Tunis

Tunisino ou Tunisiano

41. DEIXE-ME ENTRAR OU DEIXE EU ENTRAR?

Situação: *Deixe-me entrar; falarei a verdade.*

Comentário: o pronome do caso oblíquo (*me, te, se, lhe, o*) não funciona como sujeito, exceto em um caso – quando se tratar de orações reduzidas de infinitivo. Isso ocorre com os verbos *deixar, fazer, ouvir, mandar, sentir* e *ver*. Exemplos: *Deixe que eu entre* ou *Deixe-me entrar* (me: sujeito).

Mandou que saíssemos ou *Mandou-nos sair* (nos: sujeito).

Fez que se sentasse à mesa ou *Fê-lo sentar-se à mesa* (lo: sujeito).

42. Verbos abundantes

Situação: *O jovem, que tinha salvado a menina, conseguiu nadar.*

Consideração: em nosso léxico, há verbos considerados *abundantes* – formam o particípio de dois modos. Têm-se o *particípio regular* (terminação verbal em *-ado* e *-ido*, como em *expulsado* e *extinguido*) e o *particípio irregular* (mais conciso, como em *expulso* ou *extinto*). Quanto ao uso dos particípios, é prudente o conhecimento de algumas regras. Observe a frase:

- O estado de necessidade, inserto no Código Penal em seu artigo 24, deve ser minuciosamente discutido no presente caso.

Note que o verbo, no exemplo acima, é *inserir*. Ele admite, como particípio, as formas *inserido* e *inserto*. É importante registrar que a forma irregular do particípio (*inserto*) deve ser utilizada quando a oração tem sentido passivo, estando na voz passiva. Esta é a razão de se utilizar tal forma (e não "inserido") na frase acima. Por outro lado, observe a frase a seguir:

- Esse é o deputado que havia inserido a pena de morte no projeto de lei discutido na Câmara.

Na voz ativa, havendo verbo auxiliar, usa-se o particípio regular. Dessa forma, é possível aplicar o raciocínio a verbos de uso corriqueiro na linguagem forense, como: *contraditar, incorrer* e *extinguir*.

- Contraditar:

    - *O libelo está contradito em plenário.*
    - *O juiz deu o réu como indefeso porque o advogado não tinha contraditado o libelo.*
- Incorrer:
    - *O criminoso está (foi) incurso no artigo 121 do Código Penal.*
    - *Haverá ele incorrido em crime de homicídio.*
- Extinguir:
    - *A sociedade limitada foi extinta.*
    - *Ele havia extinguido a sociedade limitada.*

Observe alguns verbos abundantes:

Verbo Abundante	Particípio Regular	Particípio Irregular

Absolver

Absolvido

Absolto

Aceitar

Aceitado

Aceito

Acender

Acendido

Aceso

Anexar

Anexado

Anexo

Assentar

Assentado

Assente

Benzer

Benzido

Bento

Concluir	Concluído

Concluso

Contundir

Contundido

Contuso

Defender

Defendido

Defeso

Eleger

Elegido

Eleito

Emergir

Emergido

Emerso

Entregar

Entregado

Entregue

Envolver

Envolvido

Envolto

Enxugar

Enxugado

Enxuto
Erigir*

Erigido

Ereto

Espargir

Espargido

Esparso

Extinguir

Extinguido

Extinto

Expulsar

Expulsado

Expulso

Expelir

Expelido

Expulso

Expressar**

Expressado

Expresso

Exprimir

Exprimido

Expresso

Gastar

Gastado

Gasto

Findar

Findado

Findo

Frigir

Frigido

Frito

Fritar**

Fritado

Frito

Imprimir

Imprimido

Impresso

Incorrer

Incorrido

Incurso

Incluir	Incluído

Incluso

Inserir

Inserido

Inserto

Isentar

Isentado

Isento

Limpar

Limpado

Limpo

Matar

Matado

Morto

Ocultar

Ocultado

Oculto

Omitir

Omitido

Omisso

Prender

Prendido

Preso

Propender

Propendido

Propenso

Remitir

Remitido

Remisso

Romper

Rompido

Roto

Salvar

Salvado

Salvo

Segurar

Segurado

Seguro

Sepultar

Sepultado

Sepulto

Soltar

Soltado

Solto

Sujeitar

Sujeitado

Sujeito

Surgir

Surgido

Surto

Suspender

Suspendido

Suspenso

Submergir

Submergido

Submerso

Tingir

Tingido

Tinto
* O verbo **erigir**, quando utilizado na forma pronominal (erigir-se), terá o sentido de "arvorar-se, constituir-se", não devendo ser acompanhado da preposição "em", sob pena de chancela de galicismo. O mesmo se diga do verbo "constituir-se". Observe as erronias: "Ele se erigiu em censor dos alunos"."Todos se erigiram em juízes de meus atos"."O inimigo se erigia em crítico de meus pensamentos"."Ele se constituiu em chefe da quadrilha". ** O particípio irregular dos verbos [**expressar** e **exprimir**] e [**frigir** e **fritar**] são, respectivamente, expresso e frito. Portanto, há uma curiosa identidade.

Regra geral: use o particípio regular com os verbos *ter* e *haver* e o irregular, com os verbos *ser* e *estar*. Exemplos: *Ele havia matado dois pássaros.*

O tatu foi morto pelo caçador.

Os holandeses haviam elegido o candidato da oposição.

O candidato foi eleito em primeiro turno.

"Por que tinha ele suspendido a leitura?" (Graciliano Ramos).

"Foi temeridade haver aceitado o convite" (Ciro dos Anjos).

"Podia ter salvo a rapariga" (Erico Verissimo).

"Estará sepulto Churchill" (Rachel de Queiroz).

Ficou assentado o projeto.

A hipoteca foi remissa.

Está incurso no artigo 5º da Constituição Federal.

É prudente mencionar que as *formas irregulares* gozam de preferência na Língua atual, não sendo poucos os casos de prevalência sobre as *formas regulares* em confronto. Um exemplo ocorre com a formação "pagado" que, não obstante apropriada, pode causar má sonoridade ao ouvinte menos avisado, que tende a preferir *pago*. Quanto a nosso uso, recomendamos que fique com a regra. Dessa forma, não se equivocará.

Importante: "chego", como particípio, em vez de *chegado*, não existe em nosso idioma! Tal forma é produto da mirabolante imaginação humana, uma vez que o verbo *chegar* possui a forma do particípio como *chegado*, e não "chego". Já é chegada a hora de "'dizer chega' ao *chego*"!

43. A FOLHAS – DE FOLHAS

Situação: *Segue o documento a fls. 32.*

Comentário: de há muito, as expressões *a folhas* (a fls.) e *de folhas* (de fls.) foram consagradas no ambiente forense. Há quem prefira utilizar a expressão *a folhas* com o precedente artigo definido plural, criando a forma também possível *às*

folhas (a + as folhas = às folhas).

Napoleão Mendes de Almeida, em seu *Dicionário de Questões Vernáculas* (1998: 3-4), disciplina que a forma *a folhas vinte e duas* significa *"a vinte e duas folhas do início do trabalho"*, como quem diz *"a vinte e duas braças"*, na linguagem marítima. Portanto, memorize a tabela a seguir:

Folha (Fl.)	Folhas (Fls.)
... a folha 12 (a: preposição) ... à folha 12 (à: preposição + artigo)	... a folhas 12 (a: preposição) ... às folhas 12 (às: preposição + artigo plural)
Formas errôneas que devem ser evitadas: "... à folhas 12" (com crase); "... as folhas 12" (sem crase).	

44. FLEXÕES VERBAIS CURIOSAS

Situação: *Há um receio claro em não permitir que os países adiram à OTAN.*

Comentário: existem alguns verbos de pronúncia e grafia diferentes, em razão das peculiaridades de suas flexões. É mister se acostumar com eles. Na conjugação verbal, a primeira pessoa do *presente do indicativo* (eu) é quase sempre a causa da celeuma. E o problema está no fato de que começamos a conjugar o verbo por ela e... não podemos começar mal. Portanto, vamos conhecer alguns importantes verbos que aqui se encaixam.

Verbos	1ª pessoa do singular do presente do indicativo

Verbos	1ª pessoa do singular do presente do indicativo

Acudir

Eu acudo

Computar

Eu computo

Aderir

Eu adiro

Desarraigar	Eu desarraígo (ra-í)

Agir

Eu ajo	**(Des)embainhar**	Eu (des)embainho (ba-i)

Ajuizar	Eu ajuízo	**Desenraizar (enraizar)**	Eu desenraízo (ra-í)
Apiedar-se			

Eu me apiedo

Despir

Eu dispo

Arraigar	Eu arraígo (ar-ra-í-go)

Diagnosticar	Eu diagnostico (/tí/)
Arrear (pôr arreios)	

Eu arreio

Diferir

Eu difiro
Arriar (fazer descer)

Eu arrio

Digerir

Eu digiro

Arruinar	Eu arruíno (ru-í)

Discernir

Eu discirno

Bochechar

Eu bochecho

Divergir

Eu divirjo

Bulir

Eu bulo	**Enciumar-se**	Eu me enciúmo

Caber

Eu caibo

Enviuvar	Eu enviúvo

Cavoucar	Eu cavouco (/vôu/)

Epilogar

Eu epilogo

Cerzir

Eu cirzo

Estagnar

Eu estagno

Coagir

Eu coajo

Expelir

Eu expilo	
Colorar (colorir)	Eu coloro (/ló/)

Extinguir

Eu extingo

Comerciar

Eu comercio

Ferir

Eu firo

Compelir

Eu compilo

Filosofar

Eu filosofo

Competir

Eu compito

Franquear

Eu franqueio

Comprazer

Eu comprazo

Frigir

Eu frijo

Fruir

Eu fruo	**Munir (municiar, defender)**

Eu muno

Gerir*

Eu giro

Nascer	Eu nasço

Girar*

Eu giro

Obstar

Eu obsto

Granjear

Eu granjeio

Plagiar

Eu plagio

Hastear

Eu hasteio

Prognosticar

Eu prognostico

Haver

Eu hei

Prover

Eu provejo

Inferir

Eu infiro

Reivindicar

Eu reivindico

Infligir

Eu inflijo

Repelir

Eu repilo

Infringir

Eu infrinjo

Requerer

Eu requeiro

Ingerir	Eu ingiro (com -g)

Retrogradar	Eu retrogrado (/grá/)

Jazer

Eu jazo

Rir

Eu rio

Maquiar

Eu maquio

Ritmar

Eu ritmo

Mimeografar	Eu mimeografo (/grá/)

Roer	Eu roo (Acordo Ortográfico)

Mobiliar	Eu mobílio	**Sedar (acalmar)**

Eu sedo

Monologar

Eu monologo	**Soar (tilintar)**	Eu soo (Acordo Ortográfico)
Moscar-se (sumir)		

Eu me musco

Sortir

Eu surto
Mungir (ordenhar)

Eu munjo	**Suar (transpirar)**

Eu suo
Observações: ***1.** Há identidade entre as formas dos verbos [**girar** e **gerir**]: eu giro, indistintamente (ver observação final adiante, no próximo quadro). **2.** Nas flexões verbais terminadas em -guar, -quar e -quir, o Acordo Ortográfico previu a facultatividade. Assim, teremos: • **APAZIGUAR:** Eu apaziguo (/gu/) **OU** Eu apaziguo (/zí/); • **DELINQUIR:** Eu delinquo (/qu/) **OU** Eu delínquo (/lín/). • **ENXAGUAR:** Eu enxaguo (/gu/) **OU** Eu enxáguo (/xá/); • **MINGUAR:** Eu minguo (/gu/) **OU** Eu mínguo (/mín/); • **OBLIQUAR:** Eu obliquo (/qu/) **OU** Eu oblíquo (/blí/);

Observações finais sobre verbos: 172

Verbos	1ª pessoa do singular do presente do indicativo
Apiedar-se	

Eu me apiedo

O verbo pronominal **apiedar-se** deve ser conjugado, segundo a gramática moderna, como: eu me apiedo, tu te apiedas, ele se apieda, nós nos apiedamos, vós vos apiedais, eles se apiedam.

No presente do subjuntivo, veja a conjugação: que eu me apiede, que tu te apiedes, que ele se apiede, que nós nos apiedemos, que vós vos apiedeis, que eles se apiedem.

Observação: as formas apiado-me, apiada-se, apiada-te têm respaldo no antigo verbo **apiadar-se**, não devendo prevalecer sobre aqueloutras.

Apropinquar-se

Eu me apropínquo

O verbo **apropinquar-se** tem a acepção de "aproximar-se". Antes do Acordo, a conjugação, embora parecesse estranha, era um tanto simples: eu me apropínquo, tu te apropínquas, ele se apropínqua etc. Com o advento do Acordo, nas flexões verbais terminadas em -guar, -quar e -quir, estipulou-se a facultatividade. Assim, teremos: • O barco se apropínqua (/pín/) da ilha **OU** O barco se apropinqua (/qu/) da ilha .

• Espero que o ônibus se apropínque (/pín/) do ponto **OU** Espero que o ônibus se apropinque (/qu/) do ponto.

Eu desdigo

O verbo **desdizer** deve ser conjugado como "dizer": eu desdigo, nós desdizemos, ele desdisse, eu desdirei, quando eu desdisser, que eu desdiga. Exemplo: • "Desdigo-me do que escrevi a propósito das histórias de Luísa Velha" 80.

Doutorar-se

Eu me doutoro

O verbo **doutorar-se** não será sempre pronominal. No sentido de "conferir o grau de doutora", não há o pronome. Exemplo: A Universidade de São Paulo o doutorou em 1997. Todavia, no sentido de "receber o grau de doutor", o pronome é obrigatório. Exemplos: • Ele se doutora em breve.

• Eu me doutorarei no fim do ano.

Gerir

Eu giro

O verbo **gerir** conjuga-se como "ferir". Portanto: [Eu giro], tu geres, ele gere, nós gerimos, vós geris, eles gerem; que eu gira, que tu giras, que ele gira, que nós giramos, que vós girais, que eles giram. Observe que, na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, há uma semelhança entre o verbo **gerir** e o verbo **girar** (eu giro, para ambos). Este último assim se conjuga: [Eu giro], tu giras, ele gira, nós giramos, vós girais, eles giram; que eu gire, que tu gires, que ele gire, que nós giremos, que vós gireis, que eles girem.

Sotopor

Eu sotoponho

O verbo **sotopor** tem o sentido de "pôr debaixo, pôr em plano inferior ou subpor". Deve ser conjugado como pôr. Exemplos: • "Manuel, um homem difícil de lidar, sotopôs seus objetivos à vaidade" 81.

• O militar em combate deve sotopor sua vida à pátria.

• O político desonesto sotopunha as promessas de campanha aos interesses pessoais.

45. USA-SE O TRAVESSÃO COM A VÍRGULA?

Situação: *Quando chegou o Dr. Pedro – Juiz de Direito da cidade –, às 18h, muitos já haviam se retirado.* 173

Comentário: é possível o uso do travessão ao lado da vírgula [–,] quando um tiver que conviver com o outro, isto é, sem que se possa abrir mão de nenhum deles na estrutura frasal. Exemplo: *Após o pagamento das mensalidades – quatro de R$ 100,00 (– ,) os pais dos alunos devem voltar para outra reunião.*

Todavia, não há vírgula em:

Nadar – na opinião de médicos especialistas (–) é o melhor esporte.

Veja que, nesse exemplo supracitado, não há regra sintática que imponha a concomitância da vírgula e do travessão, pois se estaria separando sujeito e predicado.

46. A EXPRESSÃO LATINA ET CETERA (ETC.)

Situação: *Ele comprou maçãs, laranjas, bananas etc.*

Comentário: a expressão latina *et cetera* (*etc.*) significa "e o resto" ou "e outras coisas", devendo ser acompanhada do ponto final, por se tratar de abreviatura estereotipada (*etc.*). A dúvida maior surge com relação à vírgula que a precederia em enumerações. Usa-se ou não? Levando-se em conta que a tradução da expressão é "e outras coisas", já contendo em sua literalidade a partícula aditiva "e", não haveria razão para a inserção da vírgula, precedendo-a. No entanto, a praxe sacramentou o uso da vírgula antes de *etc.* (Exemplo: *A, B, C [,] etc.*).

A propósito, Nascimento (1992: 46) esposa idêntica opinião, quando disciplina que

> quanto à vírgula que precede a abreviatura, é hábito internacional. Sem dúvidas, têm razão os que entendem não haver vírgula, dada a presença da conjunção "e". Repugna a pontuação em uma série terminada por "e", para quem não perdeu o sentido da abreviatura, todavia, talvez, por esquecimento do significado passou-se à virgulação.

Problema maior criou-nos o VOLP, quando colocou vírgula antes do *etc.* nas *Instruções para a Organização do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*. Todavia, somos da opinião que há opção ao estudioso, podendo inseri-la ou omiti-la. Nesta obra, preferimos a omissão à inserção.

47. ELES TÊM DE ESTUDAR OU ELES TÊM QUE ESTUDAR?

Situação: *Com o horário de verão, muitos alunos têm de acordar mais cedo.*

Comentário: as formas ter de e ter que são igualmente aceitas, podendo ser usadas livremente.

Os gramáticos que abonam a distinção, considerando-as expressões singularmente diferentes, recomendam o uso da forma *ter de*, quando se quiser exprimir *obrigação* ou *necessidade*. Exemplos: *O médico tem de atender o paciente.*

O advogado tem de atender o réu.

O autor tem de cumprir o despacho.

Você tem de escolher a roupa para a festa.

"Quem embarcou com o diabo tem de navegar com ele" (Provérbio).

Por outro lado, o uso da forma *ter que* seria de rigor em frases nas quais não houvesse obrigação ou dever. Exemplos: *Nada mais temos que acrescentar à exposição.*

Tenho que aprender essa disciplina.

Tenho mais que fazer.

Você tem que estudar todos os dias para o concurso.

48. A BAIXO – ABAIXO

Situação: *O homem olhou para a donzela de cima a baixo.*

Comentário: a baixo é locução adverbial, que faz oposição à forma "de cima", em frases como: *O casaco rasgou-se de cima a baixo.*

"Só Lalu olhava-o de cima a baixo, observando o estado de suas roupas sujas e remendadas" 174.

Por outro lado, abaixo representa o antônimo de "acima", aparecendo em frases como: *O projeto foi por água abaixo.*

As torres do "World Trade Center" vieram abaixo.

Quito fica abaixo do Equador.

A vítima do naufrágio foi levada rio abaixo.

É oportuno diferençarmos, nesse ínterim, as expressões abaixo-assinado (com hífen) e abaixo assinado (sem hífen).

O termo *abaixo-assinado* (com hífen) representa o documento no qual as pessoas apõem suas assinaturas a fim de requererem algo. Como um substantivo composto, forma o plural *abaixo-assinados*.

Nesse rumo, *abaixo assinado* (sem hífen) equivale ao termo designativo daquele que assinou o documento logo abaixo, isto é, ao signatário do documento. Exemplo: *Todos que estão abaixo assinados vêm requerer a Vossa Excelência que se proceda à retificação do ato.*

Em tempo, não é inoportuno aclararmos a diferença entre os verbos baixar e abaixar. Vejamos:

Empregar-se-á BAIXAR:	Empregar-se-á ABAIXAR:
1. Se o verbo for intransitivo. Exemplos:	

• O nível das águas baixou. • O preço do gás baixou. • Quando a poeira baixar, tomaremos as providências. • O crápula baixou à merecida sepultura. • Os autos baixaram ao Tribunal de origem. **2.** Se o verbo contiver o sentido de "expedir": • O ministro baixou várias portarias. • O chefe da expedição baixará as instruções.	**1.** Se o verbo for transitivo direto. Exemplos: • O deputado abaixou a voz. • O irascível oponente abaixou o topete. • O "DJ" abaixou o volume do som. • O posto de gasolina abaixou o preço do combustível.

49. OS BICHOS SÃO "AMORAIS" OU "IMORAIS"?

Situação: *O incesto, mesmo não sendo crime tipificado no Código Penal, é imoral.*

Comentário: imoral é adjetivo que designa "aquilo que é contrário aos bons costumes, ao honesto, ao pudico". Portanto, equivale a "desonesto, impuro, devasso, lascivo, libertino, depravado". Dessa forma, observe os exemplos: *A desonestidade é imoral; mais imoral é quem se vale dela para se projetar na sociedade.*

As novelas de hoje veiculam tramas, às vezes, imorais.

O livro que li é imoral.

Por outro lado, amoral designa "a falta de senso moral, isto é, a ausência da consciência dos valores morais". Aliás, o vocábulo *moral*, segundo o Aurélio, representa o "conjunto de regras de conduta ou hábitos julgados válidos, quer de modo absoluto, quer para grupo ou pessoa determinada". Assim, *amoral* é "aquele ou aquilo despido de moralidade, isto é, afastado de qualquer preocupação com a moral". Exemplos: *Os jovens de hoje, por estarem alienados de princípios de espiritualidade, estão se tornando amorais.*

A guerra é amoral.

Na tevê, há programas tão imorais que fomentam a amoralidade na sociedade.

Os bichos, por não terem senso de moral, são amorais.

Portanto, memorize: aquilo que é *imoral* necessariamente é *amoral*; no entanto, o que é *amoral* não será, inevitavelmente, *imoral*.

Por derradeiro, não se esqueça de que o termo moral pode ser substantivo masculino [175], na acepção de "ânimo ou estado de espírito". Assim, memorize: *Os vietcongues abalavam dia a dia o moral das tropas americanas no Vietnã.*

O palhaço anda de moral abatido.

Após o insucesso no concurso público, o candidato ficou com o moral baixo.

50. HÁ PROBLEMA NA FRASE "ANTES QUERIA QUE A XINGASSEM DO QUE QUE XINGASSEM SUA MÃE"?

Situação: *Nunca Brito vem à loja.*

Comentário: as frases apontam um vício de linguagem conhecido como *cacofonia* ou *cacófato* – figura que indica o som desagradável ou vocábulo de sentido ridículo ou desaconselhável, resultante da sequência de sílabas formadoras das

palavras da frase. Exemplos:

"Por cada mil habitantes" (som de "porcada") – "Vai-a seguindo" (som de "vaia") – "Mande-me já isso" (som de "mijar") – "Cinco cada um" (som de "cocada") – "Pega a linha e agulha" (som de "galinha") – "Foi assaltada por rapazes adultos" (som de "porra") – "A boca dela espumava" (som de "cadela") – "Ela nunca ganhou um presente" (som de "caga") – "Nunca gaste além do que pode" (som de "cagaste") – "Na janela trina um pássaro" (som de "latrina") – "Uma mão lava a outra" (som de "mamão") – "O jogador marca gol" (som de "cagou") – "O boss tá aí" (boss: "palavra inglesa, na acepção de chefe, patrão, empregador") (som de "bosta").

A propósito da frase em análise, que norteia o item ora analisado, não obstante gramaticalmente apropriada, deve ser evitada, devido ao cacofônico encontro "que que".

Corrigindo: *Preferia que a xingassem a que xingassem sua mãe.*

Enfatize-se que há cacófatos inevitáveis, como se nota na máxima "uma mão lava a outra", não se devendo cultivar preocupação excessiva em rechaçá-los, em detrimento da naturalidade no texto. Todavia, se possível, procure evitá-los, usando expedientes simples, como: substitua os termos por sinônimos, mudando-os de lugar ou, em último caso, alterando a estrutura da frase. Exemplo: *Em vez de "pega a linha e agulha" (som de "galinha"), mude para "pega a agulha e linha".*

51. O VERBO AVIR(-SE)

Situação: *No ato de conciliação, os dois adversários políticos se avieram, trocando um longo abraço.*

Comentário: o verbo avir ou, na forma pronominal, avir-se, significa "reconciliar", devendo ser conjugado como vir. É verbo de pouco uso, no entanto é oportuno assimilá-lo. Posto isso, se é dito eles *vêm*, diz-se eles *avêm*; se é falado eles *vieram*, fala-se eles *avieram*; se é anunciado eles *virão*, anuncia-se eles *avirão*. Da mesma forma, diz-se, no modo subjuntivo, que eles *avenham*, quando eles *avierem* e se eles *aviessem*.

Nesse passo, registre-se que o antônimo do verbo é desavir ou, na forma pronominal, desavir-se. Tem a acepção de "pôr em desavença, indispor(-se), discordar". Exemplos: *As discussões constantes desavieram o marido e a esposa.*

O goleiro desaveio-se com o técnico.

O cliente se desaviera com o advogado.

Tendo-se desavindo com o gerente do supermercado, dirigiu-se ao Procon.

Diga-se, em tempo, que a forma pronominal *desavir-se* é mais comum. Portanto, pratique: *eu me desavenho*, *ele se desavém*, *eles se desavêm*, *eu me desavim*, *eles se desavieram*, *ainda que se desaviessem*, *se eu me desavier etc.*

Memorize, ainda, que o particípio e o gerúndio do verbo desavir(-se) possuem a mesma forma: *desavindo*.

52. AZÁLEA OU AZALEIA – ACRÓBATA OU ACROBATA

Situação: *O acróbata pulou de frondosa azálea (ou seja: arbusto).*

Comentário: o assunto em análise refere-se às chamadas palavras de dupla prosódia ou formas variantes. O que ocorre é que ambas as palavras são aceitas, uma vez que as normas do léxico e da prosódia as admitem, no entanto, uma, geralmente, "pega", enquanto à outra resta o esquecimento. Vamos conhecê-las: 176

Abdômen

ou

Abdome	Boêmio

ou	Boêmico (adjetivo)
Abóbada	

ou	Abóboda	Bujão de gás

ou	Botijão de gás
Aborígene	

ou	Aborígine

Cafetina

ou

Caftina
Acróbata

ou

Acrobata

Camionete

ou

Caminhonete
Adjutório

ou	Ajutório	Camioneta ê

ou	Caminhoneta (ê)
Albúmen	

ou

Albume	Carroçaria

ou

Carroceria

Aluguel

ou	Aluguer (Alugueres, no plural)

Catorze

ou

Quatorze
Chimpanzé

ou	Chipanzé

Ambrosia

ou	Ambrósia

Cobreiro

ou	Cobrelo (ê)

Apostila

ou

Apostilha

Cociente

ou

Quociente

Assoalho

ou

Soalho

Contato

ou

Contacto

Assoviar

ou

Assobiar

Contatar

ou

Contactar
Autópsia

ou	Autopsia (Acordo)

Cota

ou

Quota
Azálea

ou

Azaleia

Cotidiano

ou

Quotidiano

Babadouro

ou	Babadoiro (ou Babador)	Elucubração

ou	Lucubração
Bêbado	

ou	Bêbedo

Engambelar

ou

Engabelar
Bílis

ou

Bile

Estalar

ou

Estralar
Biópsia

ou

Biopsia

Espuma

ou

Escuma

Biotipo

ou	Biótipo 84

Flecha

ou

Frecha
Biquíni

ou

biquine	Floco(s)

ou	Froco(s)
Boêmia	

ou	Boemia (substantivo)	Hieróglifo

ou

Hieroglifo
Homília

ou

Homilia	Hífen

ou	Hifem (arcaico)
Húmus	

ou

Humo	Pólipo

ou

Polipo
Interseção

ou	Intersecção	Projétil

ou

Projetil

Intrincado

ou

Intricado

Rasto

ou

Rastro
Ípsilon

ou	Ipsilão

Respectivo

ou

Respetivo

Laje

ou

Lajem	Salmódia

ou

Salmodia

Louro

ou

Loiro	Seção

ou	Secção

Madagascar

ou	Madagáscar	Septuagenário

ou	Setuagenário

Maquiador

ou

Maquilador

Soror

ou	Sóror

Maquiagem

ou	Maquilagem (ou Maquilhagem)

Toucinho

ou

Toicinho

Maquiar

ou

Maquilar

Transpassar

ou	Traspassar (ou Trespassar)

Marimbondo

ou

Maribondo

Trasladar

ou

Transladar
Nefelíbata

ou

Nefelibata

TV a cabo

ou

TV por cabo
Oceânia

ou

Oceania

Vai e vem

ou	Vaivém
Ortoépia	

ou

Ortoepia

Verruga

ou

Berruga
Parêntese

ou	Parêntesis

Xerocar

ou

Xerocopiar

Percentagem

ou

Porcentagem	Xérox

ou

Xerox
Piaçaba

ou	Piaçava	Zangão

ou	Zângão

Algumas observações importantes sobre *palavras de dupla prosódia*:

Bálcãs

ou	Balcãs

A palavra tem pronúncia controversa. O Aurélio adota **Bálcãs** (paroxítona), enquanto o Houaiss abona **Balcãs** (oxítona). Preferimos a primeira forma, o que também recebe a chancela da literatura, como se nota no exemplo abaixo: • "As massas andavam extremamente preocupadas com a solução do conflito da China e a consolidação da democracia nos Bálcãs" 177.

Cacoépia

ou

Cacoepia

Ocorre a **cacoépia (ou cacoepia)** quando se pronuncia incorretamente uma palavra. Trata-se de erro de ortoépia (ou ortoepia). Observe os exemplos: falar "guspe", em vez de cuspe.

Câibra

ou	Câimbra
A forma **cãibra** (com til, sem -m) é preferível ao termo **câimbra** (com acento circunflexo, com -m), porém as duas formas são corretas e aceitas (VOLP).	
Dúplex	

ou

Duplex

Segundo o VOLP 2009, as formas **dúplex** (paroxítona) e **duplex** (oxítona) seriam adjetivos com formação única no plural: o/os dúplex; o/os duplex. Os dicionários, todavia, dão aos termos um tratamento mais minudente. Vejamos, conforme o Houaiss: **I. Dúplex (Plural: os dúplices)** – esta forma pode ser:

a) numeral;

b) adjetivo (Exemplos: blusa dúplex; apartamento dúplex);

c) substantivo masculino (Exemplo: Ele mora num luxuoso dúplex).

II. Duplex (Plural: o/os duplex) – forma mais usual que a outra, podendo ser: a) adjetivo (Exemplo: apartamento duplex);

b) substantivo masculino (Exemplo: Ele mora num luxuoso duplex).

Termoelétrica

ou	Termelétrica

O elemento de composição **termo-** une-se à palavra seguinte sem o hífen. Portanto: termoelétrica, termonuclear, termômetro, termodifusão, termostato, termodinâmica. Como se notou, trata-se de palavra de dupla prosódia: termoelétrica ou termelétrica (ou termeléctrica).

Terraplenagem

ou

Terraplanagem

Terraplenar é o "ato de nivelar o solo, enchendo-o de terra". Deve-se preferir a forma terraplenar (com -e) à outra – "terraplanar" (com -a). O motivo está no fato de que "terraPLEnar" deriva de "pleno, no sentido de "cheio", sendo o termo mais indicado para o nivelamento do solo, todavia, como se notou, a palavra é de dupla prosódia. Observe as palavras derivadas: terraplenagem (ou terraplanagem), terraplenamento (ou terraplanamento), terrapleno (ou terraplano) .

53. A PALAVRA "BASTANTES" EXISTE?

Situação: *Ele comprou bastantes pães de queijo, após ter procurado bastantes vezes nas padarias da cidade.*

Comentário: o termo bastante pode assumir variadas classes gramaticais em nosso idioma. Pode ser advérbio, adjetivo, pronome ou substantivo. Vamos detalhar.

1. Como advérbio: forma invariável, na acepção de "suficientemente", não sofrendo quaisquer alterações. Observe que o advérbio modifica o verbo, o adjetivo e o próprio advérbio, representando classe gramatical fossilizada, isto é, não passível de modificação. Exemplos: *Ele estuda bastante (e Eles estudam bastante).*

Ele era bastante otimista (e Eles eram bastante otimistas).

2. Como adjetivo: forma variável, no sentido de "suficiente". Exemplos: *Não há provas bastantes para condenar o acusado.*

Dois agentes são bastantes para deter o culpado.

Por meio de seus advogados e bastantes procuradores, tomará o Autor as devidas providências.

3. Como pronome indefinido: forma variável. Exemplos:

Ele prestou o concurso bastantes vezes.

Ele comprou bastantes pães.

Tomaremos bastantes comprimidos para a enfermidade.

"Um dia, há bastantes anos, lembrou-me reproduzir no Engenho novo a casa em que me criei na antiga Rua de Mata-Cavalos" 178.

4. Como substantivo: forma estereotipada, antecedida do artigo "o" [o bastante], no sentido de "quantidade suficiente". Exemplo: *Ele trabalha o bastante para viver.*

54. AS FORMAS "LONGES" E "NENHUNS" EXISTEM?

Situação: *Ele andou por longes terras sem encontrar nenhuns obstáculos.*

Comentário: o termo longe pode assumir a feição de advérbio, quando será invariável. Exemplo: *Seus gritos soaram longe.* Todavia, "longe" pode assumir a classe gramatical de adjetivo, devendo ser pluralizado. Observe as frases: *Eram*

longes cidades a que tínhamos de ir.

Longes obstáculos foram colocados para dificultarem a prova.

Registre-se que existe um sentido pouco conhecido, delineado pela forma pluralizada "longes", como s*ubstantivo masculino*, que designa "leve semelhança". Exemplo: *O filho tinha uns longes do jeito do pai.*

Por outro lado, nenhuns é forma pluralizada do pronome indefinido "nenhum". Veja que nada obsta a[179] que se pluralizem os pronomes, uma vez que são formas variáveis. Assim: *Algum objeto – Alguns objetos;*

Nenhum obstáculo – Nenhuns obstáculos;

Alguma ideia – Algumas ideias.

Portanto, aprecie a frase:

Nenhuns desafios instigavam o lutador.

55. ENTRA E SAI DA SALA – NATURAL E RESIDENTE EM

Situação: *José, natural e residente em Cuiabá, entra e sai da sala.*

Comentário: é comum aos anunciantes, concisos demais no redigir, que empreguem poucas palavras na exteriorização da ideia, numa ânsia de economizar tempo e espaço. Existem expressões antônimas que não podem ser usadas com a conjunção aditiva "e", sob pena de se permitir a existência de um só complemento para preposições diversas, o que é insustentável.

O *Metrô* de São Paulo, em certa ocasião, corrigiu erro semelhante em dada mensagem. Antes divulgaram "Ao toque da campainha, não entre nem saia do trem"; após, passaram a anunciar *Ao toque da campainha, não entre no trem nem saia dele.* Portanto, a escrever 1. "O processo seguirá com ou sem o réu", prefira *O processo seguirá com o réu ou sem ele.*

2. "Elementos a favor e contra a tese dos apelantes", prefira *Elementos a favor da tese dos apelantes e contra ela.*
3. "Ele entrou e saiu de casa momentos depois", prefira *Ele entrou na casa e saiu dela momentos depois.*
4. *"Ele entra e sai da sala",* prefira *Ele entra na sala e sai dela.*
5. *"Ele é natural e residente em Florianópolis",* prefira *Ele é natural de Florianópolis e residente na mesma cidade.*

56. "ALUGAM-SE CASAS" – "NECESSITA-SE DE EMPREGADOS"

Situação: *Colocarei o anúncio duplo "Vendem-se terrenos e necessita-se de advogados".*

Comentário: o assunto em epígrafe é palpitante. Trata-se do estudo da partícula "se" – uma intrincada matéria que transita em abundância nas provas de concursos e vestibulares do País afora. Vamos à análise.

1. Se: partícula apassivadora do sujeito

Há situações em que o sujeito da oração apresenta-se apassivado, isto é, na voz passiva. Isto é possível com a utilização da partícula "se", formando a *voz passiva sintética.* Observe a frase:

- Compram-se carros.

O sujeito da oração é "carros", despontando na forma apassivada. Assim, pode-se "inverter" facilmente a frase, transformando-a na *voz passiva analítica*: "*carros são comprados*". Observe que o verbo deve concordar com o sujeito, razão pela qual conjugamos "compram-se", e não "compra-se". Por fim, é curioso notar que tal fenônemo ocorre com verbos de *transitividade direta*, ou seja, aqueles que prescindem da preposição. Memorize os exemplos abaixo:

• Alugam-se casas.	• Doam-se terras.
• Arquivem-se os autos.	• Vendem-se terrenos.
• Construir-se-iam várias pontes.	• É mister que se contratem enfermeiras.
• Ainda se viam casas intactas após o terremoto.	• Ao se discutirem os planos, tomaram-se decisões.
• Todas as brigas se têm resolvido com diálogo.	• Quais desculpas se hão de suscitar?
• Usam-se becas para sustentações orais.	• Prolataram-se três sentenças.
• Ouviram-se oito tiros.	• Aqueceram-se os mercados.

2. Se: índice de indeterminação do sujeito

Há situações em que o sujeito da oração apresenta-se indeterminado, sem que se possa identificá-lo com precisão. É nesse contexto que a partícula "se" desponta, contribuindo para tal indeterminação, como se pode notar na frase a seguir exposta:

• Necessita-se de empregados.

Trata-se de oração com sujeito indeterminado. O complemento "de empregados" não é o sujeito, mas o objeto indireto do verbo que o rege – "necessitar". Aliás, a indeterminação do sujeito é peculiar aos *verbos transitivos indiretos* e *intransitivos*, sendo fácil ao estudioso identificá-la no caso concreto. Ademais, nem se tente proceder à "inversão" em tais orações, pois o resultado não será recomendável (evite "empregados são necessitados"). Portanto, assimile alguns exemplos dotados de correção:

• Precisa-se de copeiras. • Necessita-se de pintores. • Obedece-se a normas. • Trata-se de aparições misteriosas. • Respondeu-se a todas as dúvidas. • Chegou-se a vários acordos. • É raro o dia em que não se assiste a esses espetáculos.	• Procede-se a averiguações. • Morre-se bem às cinco. • Aspira-se a aprovações em concursos. • Acabe-se com tais abusos! • Recorre-se a médicos em tal caso. • Carece-se de melhores políticos. • Usou-se de ardilosos expedientes para iludi-lo.

Agora, vamos enfrentar algumas situações um pouco mais complicadas, diante do uso do "pronome 'se'":

1. Qual é a forma correta: *"Deve-se ler bons livros"* ou *"Devem-se ler bons livros"*?

Resposta: ambas as formas são vernáculas, podendo ser utilizadas. Nas locuções verbais formadas com os verbos auxiliares "poder" e "dever", tanto o singular quanto o plural são bem-vindos. Os exemplos são pródigos. Conheçamo-los: • *Pode-se colher estas plantas* ou *Podem-se colher estas plantas*.

• *Não se pode cortar estas árvores* ou *Não se podem cortar estas árvores*.

• *Deve-se ouvir boas músicas, MPB, é claro!* ou *Devem-se ouvir boas músicas, MPB, é claro!*.

Importante: nada obsta a que o pronome "se" apresente-se encliticamente ao segundo verbo da locução. Exemplos: • *Pode colher-se estas plantas* ou *Podem colher-se estas plantas*.

• *Deve praticar-se vários esportes* ou *Devem praticar-se vários esportes*.

Nesse diapasão, note os exemplos colhidos da literatura:

• *"Tenho nojo do Cantidinho, mas em política não se podem cultivar delicadezas de estômago"* 180.

• *"Pode-se comer sem inconvenientes certos peixes fritos"* 181.

• *"Era loura, mas podia-se ver massas castanhas por baixo da tintura dourada do cabelo"* 182.

2. Existem as formas "se + o", "se + a", "se + os", "se + as"?

Resposta: as formas supramencionadas não existem. Portanto, são erros:

• "O lustre ficou na vitrina, mas não se o vendeu".

• "A vida fica mais fácil, quando se a encara com bom humor".

• "Se o computador é simples demais, por que se o comprou?".

Para que tais frases ganhem foro de correção, basta retirar-lhes os pronomes oblíquos (*o, a, os, as*). Vejamos: • *O lustre ficou na vitrina, mas não se vendeu.*

• *A vida fica mais fácil, quando se encara com bom humor.*

• *Se o computador é simples demais, por que comprou?*

Cuidado: A frase *"Beijo-a, se a vejo"* apresenta-se correta, uma vez que o "se" não é pronome, mas conjunção.

57. USA-SE MINÚSCULA COM O SINAL "DOIS-PONTOS"?

Situação: *Quem quer vencer não luta: batalha.*

Comentário: o assunto em epígrafe é de muita importância. Tem-se notado uma tendência a usar a letra maiúscula após dois pontos. Todavia, a gramática recomenda caminho diverso, haja vista os dois-pontos não combinarem com maiúsculas, exceto no caso de citação (ou seja, uma transcrição exata daquilo afirmado por alguém). Exemplo: *Disse Gonçalves Dias: "A vida é combate, que os fracos abate, e que os fortes, os bravos, só pode exaltar".*

Não se tratando de citação, prevalecem as minúsculas. Vejamos:

Falou tudo que queria: o salário, as férias e as horas extras.

Ela é tudo: companhia, amizade e amor.

58. ENXAME – FARÂNDOLA – MATILHA – FATO

Situação: *O enxame de abelhas atacou a farândola de maltrapilhos e a matilha de cães. Só ficou a salvo o fato de cabras, que se esconderam nos quiosques* 183.

Comentário: trata-se de *substantivos coletivos*, designativos de seres da mesma espécie. Veja alguns *coletivos* que merecem destaque.

Acervo	De obras artísticas

Caravana

De viajantes
Alcateia (Acordo)

De lobos

Cardume

De peixes

Armada ou Esquadra

De navios de guerra

Clero

De sacerdotes
Arquipélago

De ilhas	**Colmeia** (Acordo)

De abelhas

Atilho

De espigas de milho	**Concílio**

De bispos

Banca

De examinadores

Conclave	De cardeais (para eleger o papa)

Cabido	De cônegos	**Congregação**

De professores
Cáfila

De camelos

Conselho

De ministros	
Consistório	De cardeais (sob a presidência do papa)

Matilha	De cães de caça
Constelação	

De estrelas

Ninhada

De pintos

Elenco

De artistas

Nuvem

De gafanhotos

Esquadrilha	De aviões	**Panapaná** 92

De borboletas

Enxame

De abelhas	**Pelotão**

De soldados

Enxoval

De roupas

Ramalhete

De flores
Farândola

De maltrapilhos

Resma

De papel

Fato

De cabras

Revoada	De pássaros
Girândola	De fogos de artifício

Vara

De porcos
Júri

De jurados	**Vocabulário**

59. CIÚMES OU CIÚME? SAUDADES OU SAUDADE?

Situação: *Os ciúmes eram intensos; a saudade, pungente.* 184

Comentário: é de estranhar o uso no plural de nomes como "ciúme" ou "saudade", já que ambos expressam conceitos abstratos que são "incontáveis". Não é possível falar "três ciúmes", "duas saudades".

Nesse diapasão, Almeida (1981: 286) preconiza que

> os substantivos que exprimem noções abstratas, vícios e virtudes empregam-se no singular: a prudência, a preguiça, a caridade, a ociosidade, a fortaleza.

Mais adiante, porém, ele acrescenta:

> Tratando-se de virtudes, vícios, de certas disposições, sentimentos e paixões, muito é para notado que, em alguns casos, a mesma palavra, empregada no singular ou plural, não designa de todo o ponto a mesma noção, mas dois aspectos diferentes por ela indicados nos dois números, como tão ao claro no-lo dão a ver os modelos do bom falar: "Deixando as armas e as armaduras, a liberdade e as liberdades da vida, se vestiu de um hábito religioso" (Vieira) (destaques nossos).

É possível, desse modo, que certos nomes abstratos, quando empregados no plural, adquiram sentido diferente. Exemplo: "liberdade", no singular, representa "o sentimento de independência, de permissão, de licença". Por sua vez, "liberdades", no plural, pode representar "direitos do indivíduo: liberdade de ir e vir, de pensamento, de expressão, de credo religioso etc.". Sem contar que "liberdades" pode ainda se traduzir em "permissividade", como em *"Não lhe dou essas liberdades!"*.

Dessa forma, se o plural de substantivos desse jaez não acarretar mudança de sentido, será indiferente usá-los no singular ou no plural: "o ciúme" ou "os ciúmes", "muita saudade" ou "muitas saudades", embora verifiquemos a tendência para pluralizar tais nomes.

É fato que o tempo propiciou a assimilação do plural em detrimento da forma singularizada de vocábulos, como "parabém" (usa-se "parabéns"), "pêsame" (usa-se "pêsames"), entre outros. A explicação para a pluralização prevalecente de tais nomes se lastreia na constatação de que, na mente dos falantes, o plural tende a expressar a continuidade das situações em que o sentimento ou a emoção ocorrem. Ademais, o plural traz ínsita a ideia de reforço, acentuando a intensidade do sentimento.

Posto isso, podemos admitir a pluralização de nomes abstratos designativos de sentimentos e emoções, com o cuidado de verificar se não mudam de sentido nessa condição. Entre os estudiosos, frise-se que esse posicionamento não desfruta da chancela de gramáticos de prol, como Luiz Antonio Sacconi, porém encontra guarida no pensamento de Napoleão Mendes de Almeida.

60. INDEPENDENTE(MENTE) – TAMPOUCO – EM QUE PESE A

Situação: *Dadas as dificuldades por que passa o homem, não deverá tomar as medidas recomendadas, independentemente de sua decisão. Tampouco continuará no projeto, em que pese à insistência dos amigos.*

Comentário: o correto é grafar o *advérbio de modo* com a terminação -mente. Portanto, escreva *independentemente*, e

não "independente". Este é adjetivo, não podendo ocupar, como regra 185, o lugar daquele. Exemplos: *O contrato seria assinado, independentemente da vontade das partes.*

O professor, independentemente de sua apoucada idade, sabia ensinar a contento.

"As coisas passaram a existir fora e independentemente de nós" 186.

Enfatize-se, à guisa de memorização, que, na sequência de dois ou mais advérbios de modo, coloca-se o sufixo *-mente* apenas no último deles. Observe: *O acusado estava profunda e inconsolavelmente triste.*

Agravou-se a situação do acusado lenta, mas gradualmente.

Todavia, em caso de ênfase, pode-se empregar de modo completo todos os advérbios. A propósito, Rui Barbosa legou-nos este pontual exemplo: *"Assim que, em suma, logicamente, juridicamente e tradicionalmente, não há outra maneira de nos exprimirmos".*

Quanto à expressão tampouco, vale dizer que ela tem valor negativo, equivalendo a "também não", "muito menos". Exemplos: *Ele não bebe, tampouco dança.*

Ela não gostou da festa, e nós, tampouco.

Veja que não se deve confundir "tampouco" com "tão pouco", que significa "tão pouca coisa". Exemplos:

Ganho tão pouco por mês, que vivo aperreado.

Tinha tão pouco entusiasmo, que me chamou a atenção.

Tinha tão pouco cuidado, que deixou o orgulho subir à cabeça.

A expressão em que pese a – escrita dessa forma, de modo estereotipado – significa "ainda que lhe custe, ainda que seja penoso, ainda que cause aborrecimento, apesar de ou não obstante". Trata-se, aliás, de locução clássica, tendo sido usada por Gonçalves Dias, Alexandre Herculano, Almeida Garret e outros autores portugueses e brasileiros. Exemplos: *Não concordo com seu argumento, em que pese ao discurso convincente.*

Em que pese aos admiradores da canção, ela denota incrível pobreza musical.

Em que pese à Cláudia, nossa inimiga, vamos à festa.

Em que pese aos adeptos do esquema, seremos rígidos na punição.

"Em que pese aos seus oito batalhões, magnificamente armados, a luta era desigual" 187.

"Parece que todos os cachorrinhos são iguais, em que pese à vaidade ou à ternura cega dos donos" 188.

Frise-se que a expressão deve ser usada com a preposição "a", uma vez que se trata de forma cristalizada. Sabe-se que o sujeito ("isto") fica implícito na expressão, uma vez que a forma não condensada seria "em que [isto] pese a".

Por outro lado, a expressão em que pese, escrita sem a preposição, tem sido acolhida por alguns gramáticos, seguidos por bons escritores, todos filiados à aplicação moderna e evoluída das normas gramaticais. Ressalte-se que, nesse caso, é possível o "em que pese", variável, desde que o sujeito seja *nome de coisa*. Exemplos: *Em que pesem os esforços dos instrutores, os atletas soçobraram.*

Em que pese a dificuldade apontada, vamos superá-la com obstinação.

Frise-se que, havendo referência a *nome de pessoa*, deverá ser utilizada a forma original "em que pese a" (*Em que pese aos governistas, não iremos à votação*).

Por fim, segundo alguns gramáticos, a pronúncia do "e" em "pese" deve ser com o timbre fechado (*ê*), como em *pêsames*. A praxe, no entanto, é pronunciá-la com o timbre aberto (/é/), como em *pedra*.

61. O MESMO FEZ... O MESMO FAZ... PERGUNTA-SE: QUEM É "O MESMO"?

Situação: *Quando entrei na sala para falar com o professor, o mesmo estava respondendo a perguntas dos alunos.*

Comentário: Napoleão Mendes de Almeida, em seu *Dicionário de Questões Vernáculas*, registra como erro o emprego do demonstrativo "mesmo" com função pronominal. Na mesma esteira, Aurélio Buarque de Holanda, em seu *Dicionário*, anota ser conveniente evitar o uso de "o mesmo" como equivalente do pronome "ele" ou "o". Recomenda-se dizer, apropriadamente, "*falei com ele*" ou "*falei-lhe*" (em vez de "falei com o mesmo"); ou "*já o tirei dos embaraços*" (em vez de "já tirei o mesmo dos embaraços"). No entanto, é prudente notar o uso legítimo da palavra "mesmo". Seguem abaixo alguns empregos aceitáveis: 1. Como "próprio", sendo variável (como palavra de realce):

Eu mesmo vou fazer o trabalho.

Eles mesmos constroem os seus barracos.

As mães mesmas compareceriam à reunião.

2. Como "até, ainda, realmente, de fato", sendo invariável (como preposição ou advérbio): *Não ficavam tranquilos dentro mesmo de suas casas.* [até]

Eles chegaram mesmo a agredir o pobre rapaz. [ainda]

O castelo está mesmo abandonado. [de fato]

Os dois suspeitos são mesmo atrevidos. [de fato]

3. Há sentidos pouco conhecidos, como:

a) indicando "simultaneidade":

- *Nesses dias, quase foi tudo o mesmo de sempre.*
- *O restante foi tudo o mesmo, nada mudou.*

b) como locução "assim mesmo", na acepção de "apesar disso, ainda assim, todavia": • *"Esta mulher assim mesmo não é tão feia como diziam"* 189.

c) como pronome neutro, na acepção de a "mesma coisa":

- *Cheguei atrasado, bati o ponto, e ele fez o mesmo.*
- *"Ele fez o mesmo com Isaac, por causa de seu pai, Abraão"* 190.
- *Dizem que ele fez o mesmo ao sair do partido político, abandonando a vida pública.*
- *"Pus o chapéu na cabeça e ele fez o mesmo"* (Caldas Aulete).

Não obstante os exemplos, esta forma é condenada por gramáticos de escol, capitaneados por Laudelino Freire 191, como um nítido galicismo, posto que 192 seja encontradiça em relatos literários, como: • *"Tivemos tempo para nos irmos aclimando e afazendo e haurindo poesia mesmo [até] dos penedos…". "Não importa; profanados, perdidos mesmo [de fato] esses lugares conservam a sua primitiva consagração"* 193.

Observação: "Mesmíssimo" e "Mesmissimamente". Embora não consagrados como legítimos pela gramática, são vocábulos dicionarizados, tanto o superlativo absoluto sintético "mesmíssimo" como o advérbio de modo "mesmissimamente". Exemplos: • *Advogado e Juiz cometeram o mesmíssimo erro.*

- *O dia a dia do funcionário era monótono: via as mesmíssimas coisas.*

A literatura também chancela o uso das expressões. Vejamos:

- *"Assim, mesmissimamente, escrevia Castilho"* 194.
- *"(...) Seu repertório de informações permanece, mesmissimamente, o mesmo"* 195.

62. SOLECISMO: O QUE É ISSO?

Situação: *Havia vários combatentes no pelotão.*

Comentário: o "solecismo" designa *erro de sintaxe* (concordância, regência, colocação de pronomes e termos na oração). Assim, teremos o solecismo nas situações seguintes: "haviam vários homens" (em vez de *havia vários homens*); "obedecia a lei" (em vez de *obedecia à lei*, com crase); "apontaria-se o erro" (em vez de *apontar-se-ia o erro*, em boa mesóclise).

63. ESTRANGEIRISMOS – DEVEMOS ACEITÁ-LOS OU NÃO?

Situação: *A performance do candidato provocou uma avalanche de inscrições.*

Comentário: a frase traz a lume a presença de "estrangeirismos" ("performance" e "avalanche"), ou seja, o uso de palavras ou construções próprias de línguas estrangeiras, podendo variar o nome de acordo com a proveniência da expressão (italianismo, francesismo, entre outros). O uso de tais termos deve ser contido, pois, muito ao contrário de demonstrar erudição, pode traduzir petulância e falta de praticidade.

É bem verdade que situações há em que não podemos abrir mão do uso, como é o caso da palavra francesa *sursis* (pronuncie *sursi*), na acepção de suspensão condicional da pena, representando vocábulo comum à linguagem jurídica. A propósito, ao usar palavras ou expressões que não sejam da Língua Portuguesa, recomenda-se dar destaque gráfico ou pôr aspas (ou negrito ou itálico).

Nesse passo, é importante notar que o comedimento no uso de estrangeirismos vem ao encontro da corroboração da riqueza de nosso idioma, tão fértil em palavras e expressões. A esse propósito, Cegalla (1999: 155) assevera: Os estrangeirismos ainda não assimilados ou pouco conhecidos, sem feição vernácula, devem ser usados com muita parcimônia. É prática reprovável permear, por exemplo, um texto jornalístico de palavras e expressões exóticas, de neologias estrangeiras, cujo sentido o leitor não tem a obrigação de conhecer. Quem assim procede, além de evidenciar mau gosto e pedantismo, está passando atestado de subserviência cultural.

Assim, questiona-se: por que empregar "*performance*", se temos *desempenho*; *"menu"*, em vez de *cardápio*; *"apartheid"*, em vez de *segregação racial*; *"week-end"*, em vez de *fim de semana*; *"outdoor"*, em lugar de *painel*?

A rejeitar a palavra estrangeira, é preferível aportuguesá-la, quando se é possível com alguns vocábulos já aceitos pelo VOLP: *garçom, voleibol, judô, cassino, nhoque, tênis, lanche, boné, buquê, cabaré, cachê, cartum, turismo, uísque, Nova Iorque, futebol, futevôlei, abajur, ateliê, batom, bibelô, bijuteria, garagem, estressar, estresse, leiaute, lêiser, turnê, náilon, xampu, copidesque, contêiner, estande, ofsete, blecaute, blêizer (plural blêizeres), cáiser (plural cáiseres) etc.*

Aliás, para Bechara (1997: 332-333), "entre os vícios de linguagem que devem ser combatidos inclui-se o estrangeirismo desnecessário, por se encontrarem no vernáculo vocábulos e giros equivalentes".

Em tempo, diga-se que há vários tipos de estrangeirismos: francesismo ou galicismo (do francês); anglicismo (do inglês); germanismo (do alemão), castelhanismo (do espanhol), italianismo (do italiano). Nesse passo, os estrangeirismos que não foram absorvidos pelo léxico devem ser escritos *em itálico* ou *entre aspas*, o que não tem sido observado muitas vezes pela

Imprensa, que negligentemente os escreve como se fossem as mais genuínas palavras portuguesas. Vejamos:

Estrangeirismo	Prefira, em português

Estrangeirismo	Prefira, em português

Bikini	biquíni ou biquine (sem acento)

kitchenette

quitinete
Black-out

blecaute

Manager	gerente, administrador
Boom (no mercado)	estouro, choque

Nylon	náilon

Box

boxe

Outdoor

painel

Club

clube

Picnic

piquenique
Cock-tail

coquetel

Record

recorde
Copy-desk

copidesque	Roast-beef

rosbife

Dandy	dândi

Surf

surfe

Drink

drinque

Water polo	polo aquático (Acordo)
Far-west	

faroeste	Week-end

fim de semana

Foxtrot

foxtrote

Whisky	uísque

Freezer

congelador

Writ	Mandado de Segurança

Jeep

jipe

Zipper	zíper

Jockey	jóquei		

a) Anglicismo

Acerca dos anglicismos, Cegalla (1999: 374) critica o uso demasiado de termos em inglês, no Brasil, com os seguintes dizeres: A nossa velha mania de preferir os termos ingleses aos vernáculos foi severamente censurada por um professor [196] da Universidade de São Paulo em um excelente artigo, do qual transcrevemos este trecho: "Há colegas universitários que falam um verdadeiro 'portuglês', mistura de português e inglês, em que artigo é 'paper', revista é 'journal', equipamento é 'hardware', cartaz é 'outdoor', folheto é 'leaflet', contínuo é 'office-boy', mercado aberto é 'open market', centro comercial é 'shopping center', vestíbulo é 'hall', e assim por diante. Forçoso é reconhecer que expressões novas são necessárias e aparecem normalmente na evolução natural de qualquer idioma. Mas há um meio-termo sadio entre o purismo exagerado, que rejeita qualquer inovação, e o descaso completo que, associado à ignorância, aceita novidades desnecessárias e até ridículas. Não podemos esquecer que o vernáculo é o maior fator de unidade nacional. Preservá-lo, pois, é reforçar os fundamentos de nossa nacionalidade".

b) Galicismo ou Francesismo

No âmbito dos galicismos, a formas como "vitrine", prefira *vitrina*. Observe a frase colhida da boa literatura doméstica: *"Aos sábados é a Rua do Ouvidor um mostruário, a vitrina ou o palco do Rio de Janeiro"* [197].

Aliás, a mesma coisa se diga de *gasolina, bobina, turbina e cabina*, em vez de, respectivamente, "gasoline", "bobine", "turbine" e "cabine". A terminação feminina "-ine" é estranha à língua portuguesa e familiar à língua francesa. Observe, ainda, outros exemplos no quadro a seguir: [198]

Francês	Prefira, em português	Francês	Prefira, em português
Abat-jour			

abajur

Cachet	cachê

Atelier	ateliê

Camionette	caminhonete 106

Avalanche

avalancha

Carroussel

carrossel

Baton

batom

Chalet	chalé

Bibelot	bibelô

Champagne

champanha ou champanhe

Bijouterie

bijuteria

Chassis	chassi (plural: chassis)

Boite

boate

Chauffeur

chofer

Bouquet	buquê

Chic

chique
Bric-à-brac

bricabraque

Cognac

conhaque

Buffet	bufê

Crachat	crachá

Cabaret	cabaré

Crepon

crepom	
Garçon	garçom ou garção

Tic

tique

Guidon	guidom ou Guidão

Tricot	tricô

Madame

madama ou madame	Vermout 107

vermute
Observações extras: • "Flamboyant" ("flamejante"): prefira as formas aportuguesadas adotadas pelo VOLP e Houaiss, isto é, flamboaiã ou flambuaiã; • "Garage": prefira garagem; • "Menu": prefira cardápio; • "Nuance": prefira nuança (substantivo feminino: a nuança).

Ainda, no plano dos francesismos, vale a pena analisarmos os seguintes vocábulos: [199]

- *Enquete*: à luz da edição do VOLP 1999, considerava-se o vocábulo como estrangeirismo, recomendando a substituição por "pesquisa ou sondagem". A novidade está no fato de que o VOLP 2009 procedeu ao aportuguesamento do vocábulo para "enquete" (substantivo feminino), não mais se tratando de vocábulo estrangeiro.
- *Manicure(a) / Pedicure(a/o)*: à luz da edição do VOLP 1999, considerava-se o vocábulo "manicure" como estrangeirismo, recomendando a substituição por "manicura" (feminino: *a manicura*) e "manicuro" (masculino: *o manicuro*). A novidade está no fato de que, a partir do VOLP 2009, houve o aportuguesamento do vocábulo retrocitado (masculino e feminino: *o/a manicure*) e do vocábulo pedicure/pedicura (masculino e feminino: *o/a pedicure*; e, ainda, *o/a pedicura*), a par das já consagradas formas "manicura" (feminino: *a manicura*), "manicuro" (masculino: *o manicuro*) e pedicuro (masculino: *o pedicuro*). Portanto, hoje é possível se falar em *o/a manicure*, *a manicura* e *o manicuro.* Além disso, também é possível se falar em *o/a pedicure, o/a pedicura* e *o pedicuro*. Portanto:

	Mãos	**Pés**

Mulher	**A** manicure – **A** manicura	**A** pedicure – **A** pedicura

Homem	**O** manicure – **O** manicuro	**O** pedicure – **O** pedicura – **O** pedicuro

- *Valise*: à luz da edição do VOLP 1999, considerava-se o vocábulo como estrangeirismo, recomendando a substituição por "maleta". A novidade está no fato de que o VOLP 2009 procedeu ao aportuguesamento do vocábulo para *valise* ou *valisa* – uma palavra de dupla prosódia.

c) Italianismo

Italiano	Prefira, em português

Gnocchi

nhoque

Imbroglio	imbróglio (Evite “imbrólio”, sem -g)

Lasagna

lasanha

Risotto

risoto

Spaghetti

espaguete

CURIOSIMACETES

1. LANCE OU LANÇO

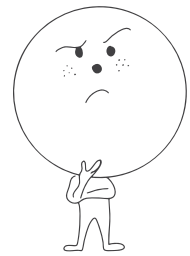

O lance (ou lanço) representa a oferta verbal de preço pela coisa apregoada em leilão ou hasta pública. Exemplo: "... anunciou-se a venda da quinta de Real de Oleiros.., a requerimento dos credores. José Maria Guimarães cobriu todos os lanços" 200 .

Ressalte-se, ainda, que lanço designa a parte da escada compreendida entre dois patamares. Evite "lance" para este sentido. Exemplo: "A cada lanço de escadaria vencido, alargava o panorama as suas riquezas de paisagem" 201.

2. INÉPCIAS

O substantivo feminino plural inépcias tem sentido peculiar em nosso idioma. Diferentemente de "inépcia", no sentido de "inaptidão", o termo inépcias, no plural, tem a acepção de "absurdos, tolices, asneiras". Exemplo: No discurso político, o candidato prometeu uma série de inépcias.

3. TOALETE: MASCULINO OU FEMININO?

Para o eminente Domingos Paschoal Cegalla (1999: 395-396), o substantivo "toalete" pode ser masculino ou feminino.

Será feminino:

a) na acepção de "lavar-se ou adornar-se". Exemplo:

Ele toma café após a toalete matinal;

b) na acepção de "traje para mulheres". Exemplo:

As toaletes das jovens americanas têm tamanhos avantajados.

Por outro lado, será masculino, na acepção de "aposento sanitário". Exemplos: O restaurante continha dois toaletes.

Onde fica o toalete, senhor?

Observação: o ínclito lexicógrafo Houaiss concebe o termo tão somente na forma feminina, até mesmo na acepção de "aposento sanitário". O eminente Aurélio, por sua vez, traz a acepção de "ato de adornar-se" (substantivo feminino) e "traje ou aposento sanitário" (substantivo masculino). A divergência não para por aí: o VOLP 2009 somente admitiu o vocábulo na forma feminina, ressaltando-se que edições anteriores previam a forma dupla (masculina e feminina).

Posto isso, fiquemos, assim, com o VOLP, seguido pelo Houaiss.

Por fim, não confunda com toalhete ê, um substantivo masculino designativo de "guardanapo ou toalha de mão".

A HORA DO ESPANTO

AS "PÉROLAS" DO PORTUGUÊS

1. Generalização edionda

Correção: onde está o -h? Sumiu? Grafa-se hediondo, com -h.

2. Supérfolo / Supérfulu

Correção: quanta criatividade!... Não sei qual é pior: "supérfolo" ou "supérfulu". Prefira a única forma – a correta: supérfluo ou supérflua.

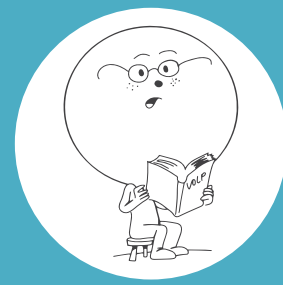

VOLP

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA

1. Lesa

Ao tratarmos, em tópico anterior, das palavras escritas com "s" e som de /z/, exemplificamos com o adjetivo "leso" ou "lesa". Lembre-se de que o VOLP registra com hífen: lesa-ortografia, lesa-felicidade, lesa-ciência, lesa-filologia, lesa-formosura, lesa-fradaria, lesa-humanidade, lesa-legalidade, lesa-literatura, lesa-moralidade, lesa-nação, lesa-penitência, lesa-poesia, lesa-pragmática, lesa-razão, lesa-seriedade, lesa-sociedade.

8 PROBLEMAS GERAIS DA LÍNGUA CULTA

A Língua Portuguesa é repleta de situações "limítrofes", no plano da ortografia, da acentuação e da semântica. Não raras vezes, o estudioso se vê diante de tais encruzilhadas, que o levam a refletir sobre a necessidade de conhecer a norma culta da Língua. Tais situações são inúmeras, porém as mais relevantes são tratadas neste capítulo: o problema das expressões semelhantes e seus significados diferentes (*mau* e *mal*; *a par* e *ao par*; *ao encontro de* e *de encontro a*; *na medida em que* e *à medida que*; *afim* e *a fim de*; *demais* e *de mais*; *todo* e *todo o*; *senão* e *se não*; *em princípio* e *a princípio*; a grafia e acentuação do pronome *que* e dos *porquês*; entre outras); os problemas dos parônimos; os pleonasmos viciosos; e a necessidade de ampliação do vocabulário.

8.1. AS EXPRESSÕES SEMELHANTES E SEUS SIGNIFICADOS DIFERENTES

8.1.1. Que e Quê

- *Que* é pronome, conjunção, advérbio ou partícula expletiva. Por se tratar de monossílabo átono, não é acentuado:
    - *(O) Que você pretende?*
    - *Você me pergunta (o) que farei. (O) Que posso fazer?*
    - *Que beleza! Que bela atitude!*
    - *Convém que o assunto seja discutido seriamente.*
    - *Quase que me esqueço de avisá-lo.*
- *Quê* representa um monossílabo tônico. Ele ocorre quando se encontra em final de frase, como pronome, imediatamente antes de um ponto (final, de interrogação ou exclamação), ou de reticências, ou quando *quê* é um substantivo (com o sentido de "alguma coisa, certa coisa"), ou uma interjeição (indicando surpresa, espanto):
    - *Afinal, você veio aqui fazer o quê?*
    - *Você precisa de quê? (= pronome)*
    - *Há um quê inexplicável em sua atitude* (como substantivo).
    - *Quê! Conseguiu chegar a tempo?!* (como interjeição, sempre com o ponto de exclamação).
    - *A letra quê tem charme.*
    - *Não sei os quês dos porquês.*
    - *Nenhum dos quês foi respondido.*
    - *Eles estão assustados com quê?*

8.1.2. Por que, Por quê, Porque e Porquê – Os Quatro Porquês

- A forma *por que* é a sequência de uma [preposição (por) + um pronome interrogativo (que)]. É uma expressão equivalente a "por qual razão, por qual motivo". Observe os exemplos:

- *Por que você age assim?*
- *Preciso saber por que você grita assim.*
- *Não sei por que você pensa isso.*
- *Não deixe de ler a matéria intitulada: "Por que os corruptos não vão para a cadeia". É impressionante!*

- Caso surja no final de uma frase, imediatamente antes de um ponto (final, de interrogação, de exclamação), ou de reticências, a sequência deve ser grafada *por quê*, pois o monossílabo "que" passa a ser tônico:
  - *Ainda não terminou? Por quê?*
  - *Você tem coragem de perguntar por quê?!*

Há casos em que *por que* representa a sequência [preposição + pronome relativo], equivalendo a "pelo qual" (ou alguma de suas flexões: pela qual, pelos quais, pelas quais). Em outros contextos, com maior sofisticação, *por que* equivale a "para que":

- *Estas são as reivindicações por que estamos lutando (= pelas quais).*
- *O túnel por que deveríamos passar desabou ontem (= pelo qual).*
- *Lutamos por que um dia este país seja melhor (= para que).*
- *Eu anseio por que o dia da decisão logo chegue (= para que).*
- *Ansiávamos por que a guerra terminasse logo (= para que).*

- Já a forma *porque* é uma conjunção, equivalendo a "pois, já que, uma vez que", como:
  - *A situação agravou-se porque muita gente se omitiu.*
  - *Sei que há algo errado porque ninguém apareceu agora.*
  - *Continuas implicando comigo? É porque discordo de ti.*

Porque também pode indicar finalidade, equivalendo a "a fim de". Trata-se de um uso pouco frequente na Língua atual:

- *Não julgues porque não te julguem.*

- A forma *porquê* representa um substantivo. Significa "causa, razão, motivo" e, normalmente, surge acompanhada de palavra determinante (um artigo, por exemplo). Como é um substantivo, pode ser pluralizado sem qualquer problema:
  - *Não é fácil encontrar o porquê de toda essa confusão.*
  - *Creio que os verdadeiros porquês não vieram à luz.*
  - *Queria saber o quê dos porquês.*
  - *Certos porquês deixavam-no intrigado.*

Observe as frases a seguir e aprecie a aplicação correta dos *porquês*:

1. *Por que "os porquês" levam acento?*
2. *Quero saber o porquê dos porquês.*
3. *A forma "porquê" leva acento por quê?*

8.1.3. Mas e Mais

- *Mas* é uma conjunção adversativa, equivalendo a "porém, contudo, entretanto":

- *Não conseguiu, mas tentou.*

- *Mais* é pronome ou advérbio de intensidade, opondo-se normalmente a "menos":
  - *Ele foi quem mais tentou; ainda assim, não conseguiu.*
  - *É um dos países mais miseráveis do planeta.*

8.1.4. Mal e Mau

- *Mal* pode ser advérbio ou substantivo. Como advérbio, significa "irregularmente, erradamente, de forma inconveniente ou desagradável". Opõe-se a "bem":
  - *Era previsível que ele se comportaria mal.*
  - *Era evidente que ele estava mal-intencionado, porque suas opiniões haviam repercutido mal na reunião anterior.*
  - *"Quem mal estuda mal acaba"* (o Autor).

Como substantivo, *mal* pode significar "doença, moléstia"; em alguns casos, significa "aquilo que é prejudicial ou nocivo":

- *A febre amarela é um mal que atormenta as populações pobres.*
- *O mal é que não se toma alguma atitude definitiva.*

O substantivo *mal* também pode designar um "conceito moral, ligado à ideia de maldade"; nesse sentido, a palavra também se opõe a "bem". Cite-se o verso da canção de Roberto Carlos e Erasmo Carlos, em música regravada pelos Titãs:

- *"Se o bem e o mal existem Você pode escolher É preciso saber viver"* [202].

- *Mau* é adjetivo. Significa "ruim, de má índole, de má qualidade". Opõe-se a "bom" e apresenta a forma feminina "má":
  - *Não é mau sujeito.*
  - *Trata-se de um mau administrador.*
  - *Tem um coração mau e uma má índole.*

8.1.5. A par e Ao par

- *A par* tem o sentido de "bem-informado, ciente":
  - *Mantenha-me a par de tudo o que acontecer.*
  - *É importante manter-se a par das decisões parlamentares.*

Importante: registre-se a ocorrência da locução preposicional "a par de", com acepção de "ao lado de, junto a". Exemplos:

- *As chuvas, a par dos ventos, prejudicam as plantações.*
- *A par de notória sabedoria, ele possuía inigualável carisma.*

- *Ao par* é uma expressão usada para indicar "relação de equivalência ou igualdade entre valores financeiros (geralmente, em operações cambiais)":
  - *As moedas fortes mantêm o câmbio praticamente ao par. (Logo, o valor de venda equivale ao valor nominal do papel de crédito.)*

8.1.6. Ao encontro de e De encontro a

- *Ao encontro de* indica "ser favorável a, aproximar-se de":
  - *Ainda bem que sua posição veio ao encontro da minha.*

- *Quando a viu, foi ao seu encontro e abraçou-a.*

- *De encontro a* indica "oposição, choque, colisão". Veja:
  - *Suas opiniões sempre vieram de encontro às minhas: pertencemos a mundos diferentes.*
  - *O caminhão foi de encontro ao muro, derrubando-o.*

Observe o erro na frase seguinte:

"O posicionamento exposto pela defesa vai de encontro ao mais recente posicionamento do STF".

Quem fez a afirmação depôs-se contra si próprio. Ir de encontro a alguma coisa significa ir contra ela.

A propósito, Rodríguez (2000: 387) leciona que

> se um comentarista esportivo, ao narrar uma corrida de fórmula um, diz que o carro de Ayrton Senna foi de encontro ao carro de Alain Prost, está afirmando que os carros chocaram-se. Todavia, se disser que Senna foi ao encontro de Prost, então sim estará dizendo que o brasileiro aproxima-se do francês, no intuito de ultrapassá-lo.

8.1.7. A e Há

- O verbo *haver* é usado em expressões que indicam tempo já transcorrido:
  - *Tais fatos aconteceram há dez anos.*

Nesse sentido, é equivalente ao verbo *fazer*: *"Tudo aconteceu faz dez anos"*.

- A preposição *a* surge em expressões em que a substituição pelo verbo *fazer* é impossível. Exemplo:
  - *O lançamento do satélite ocorrerá daqui a duas semanas.*

8.1.8. Acerca de, Há cerca de e A cerca de

- *Acerca de* significa "sobre, a respeito de" 203:
  - *Haverá uma palestra acerca das consequências das queimadas.*
- *Há cerca de* indica um "período aproximado de tempo já transcorrido".
  - *Os primeiros colonizadores surgiram há cerca de quinhentos anos.*
- *A cerca de* equivale à formação "à (a) distância de":
  - *O cadáver estava a cerca de poucos metros do veículo colidido.*

Observação: a formação "a cerca de" pode ser encontradiça em frases como:

- *A cerca de arame farpado impedia o acesso do ladrão.*

Nesse caso, *cerca* é substantivo, e não termo integrante de locução prepositiva.

8.1.9. Afim e A fim de

- *Afim* é um adjetivo que significa "igual, semelhante". Relaciona-se com a ideia de afinidade:
  - *Tiveram ideias afins durante o trabalho.*
  - *O português e o espanhol são línguas afins.*
- *A fim* surge na locução *a fim de*, que significa "para" e indica ideia de finalidade:
  - *Trouxe algumas flores a fim de nos agradar.*

Registre-se que é comum, na gíria, a expressão "estar a fim de" (ou seja: estar com vontade de):

- *Hoje estou com vontade de viajar (assim: Hoje estou a fim de viajar).*

Igualmente comum, na linguagem coloquial, é o sentido da expressão como "ter interesse em alguém; desejar alguém": *Não queria que soubessem que estava a fim da sua amiga.*

8.1.10. Demais e De mais

- *Demais* pode ser advérbio de intensidade, com o sentido de "muito"; aparece intensificando verbos, adjetivos ou outros advérbios:
    - *Aborreceram-nos muito: isso nos deixou indignados demais.*
    - *Estou até bem demais!*

Pode ser também pronome indefinido, equivalendo a "outros", "restantes":

- *Não coma todo o pudim! Deixe um pouco para os demais.*

- *De mais* opõe-se a "de menos". Refere-se sempre a um substantivo ou pronome:
    - *Não vejo nada de mais em sua atitude!*
    - *O concurso foi suspenso porque surgiram candidatos de mais.*
    - *"O país tem município de mais e governo de menos"* (*Veja*).

8.1.11. Todo e Todo o

É necessário distinguir os termos *todo* e *todo o* ou *toda* e *toda a*.

- Quando se quer dar o sentido de "qualquer um", utilize *todo*; se, por outro lado, pretender-se dar o sentido de "pleno, completo, em sua inteireza", utilize *todo o*.

A título de exemplo, quando se pretende enaltecer a beleza feminina, é possível fazê-lo de dois modos:

- *Toda mulher é bela* (no sentido de "qualquer mulher" é bela); ou
- *Toda a mulher é bela* (na acepção de que a mulher é bela em sua inteireza, "dos pés à cabeça").

Observe, ainda, outros exemplos:

- *Traga toda ferramenta que possuir* (qualquer ferramenta que possuir).
- *Percorri toda a Patagônia... nunca vi tamanha beleza...* (a Patagônia inteira).
- *Todo homem pode ajudar o hipossuficiente* (qualquer homem pode ajudar o hipossuficiente).
- *Há problemas técnicos de toda ordem na aeronave* (qualquer tipo, ordem).
- *Em toda parte havia vítimas* (qualquer parte).

Importante:

1. Urge ressaltar que o termo *todo*, seguido de numeral, tem disciplinamento específico. Vejamos:

    a) Se o numeral, que sucede a *todo*, acompanhar substantivo, haverá a presença do artigo. Exemplos:

    - *Todos os onze jogadores do time estavam abalados com o gol do adversário.*
    - *Todos os quatro atores eram sul-mato-grossenses.*

    b) Se o numeral, que sucede a *todo*, não acompanhar substantivo, não haverá a presença do artigo. Exemplos:

    - *Todos onze estavam abalados com o gol do adversário.*
    - *Todos quatro eram sul-mato-grossenses.*

- *"Era belo de verem-se todos cinco em redor da criança"* 204.
- *"Todos cinco participaram do concurso"* 205.

2. Frise-se que a expressão *todo o mundo* deve ser utilizada preferencialmente à forma *todo mundo*, no sentido de "todas as pessoas", não obstante serem ambas as formas corretas. Exemplos:

- *Todo o mundo sabe que o trânsito é problema sério na cidade de São Paulo.*
- *"Todo (o) mundo tem problemas; a diferença entre as pessoas está na capacidade de superação"* (o Autor).

Observação: é claro que se houver menção à Terra, a todos do planeta, a expressão "todo o mundo" deverá prevalecer:

- *As Olimpíadas serão transmitidas ao vivo para todo o mundo.*

8.1.12. Senão e Se não

- O termo *senão* pode conter várias acepções. Vamos a elas:

a) Termo que indica "a não ser":

- *Não fazia coisa alguma senão reclamar.*
- *Não lhe restava alternativa senão estudar.*
- *Ninguém, senão os alunos mais aplicados, compareceu à palestra.*

b) Termo equivalente a "mas, mas sim, mas também":

- *O problema não compete ao Senado, senão à Câmara dos Deputados.*
- *São obras não apenas instrutivas, senão divertidas.*

c) Termo equivalente a "caso contrário, do contrário":

- *Tome os remédios, senão a enfermidade deve piorar.*
- *É bom que ele coopere, senão não haverá como o ajudar.*
- *Argumentem sempre, senão levarão "gato por lebre".*

Observação: ressalte-se que, nessa hipótese, tolerar-se-ia a forma "se não", separada (antecedendo a vírgula), na medida em que se entendesse tratar-se de omissão de verbo. Exemplos:

- *Tome os remédios, se não (tomar), a enfermidade deve piorar.*
- *Argumentem sempre, se não (argumentarem), levarão "gato por lebre".*

d) Termo equivalente a "de repente, subitamente":

- *Eis senão quando surgem dois olhos verdes e hipnotizantes da multidão.*

e) Termo equivalente a "defeito, erro, mácula":

- *"Ele gosta de enxergar os senões alheios, todavia se esquece de ver os que lhe pertencem" (o Autor).*
- *A prova do candidato estava sem senões quaisquer.*

Observações:

I. Há situações em que se usa *senão* ligado a pronomes pessoais do caso oblíquo. Ressalte-se que a preposição é indispensável. Exemplo:

- *Senão a mim (e não "senão mim"); senão a ti (e não "senão ti"); senão a ele (e não "senão ele").*

II. É encontradiço o vocábulo *senão* com o sentido de "porque" explicativo, na linguagem dos petitórios. Veja-se:

- *"Há de se reformar a respeitável sentença. Senão vejamos: (...)*

Ressalte-se que não há vírgula após o termo *senão*, aqui empregado.

- *Se não*, por sua vez, surge em orações condicionais, representando o "se" a conjunção condicional. Pode ter as seguintes acepções:

  a) Termo equivalente a "caso não", como conjunção condicional:

  - *Se não houver aula, iremos ao cinema.*
  - *Se não perdoares, não serás perdoado.*
  - *Os prontos-socorros fecharão as portas, se não comprarem equipamentos adequados.*

  b) Termo equivalente a "quando não", como conjunção condicional:

  - *Estudar diariamente para ele parecia insuportável, se não impossível.*
  - *Pensei em chamá-lo para a reunião, se não para dissuadi-lo, ao menos para conhecê-lo.*
  - *"Não se nega que a múmia tenha sua beleza hierática – se não a múmia, pelo menos o seu sarcófago..."* [206].
  - *"Tudo acabou bem, se não ótima e magnificamente"* [207].

  c) Termo equivalente à conjunção integrante, ligando orações (inicia oração subordinada substantiva objetiva direta):

  - *Questionava se não era a hora oportuna.*
  - *Tolerava se não fossem mulheres bonitas.*

8.1.13. Na medida em que e À medida que

- *Na medida em que* exprime relação de causa e equivale a "porque, já que, uma vez que":

  - *Na medida em que os projetos foram abandonados, a população carente ficou entregue à própria sorte.*

- *À medida que* indica "proporção, desenvolvimento simultâneo e gradual". Equivale à forma "à proporção que":

  - *A ansiedade aumentava à medida que o prazo ia chegando ao fim.*

É errônea a expressão "à medida em que", devendo o estudioso evitá-la. A propósito, registre-se que, em um jornal do Rio de Janeiro, em 7-3-1997, um economista titubeou, afirmando:

"O BB e o BNDS também emprestaram dinheiro ao projeto à medida em que a situação financeira do Jari não melhorava".

Corrigindo:

O BB e o BNDS também emprestaram dinheiro ao projeto à medida que a situação financeira do Jari não melhorava.

8.1.14. Mais grande e Mais pequeno

Não será estranho notarem-se risadas entre os ouvintes, à sua volta, numa conversa qualquer, se anunciar a forma "mais grande". O tema, todavia, abre-se para discussão. É que as regras, por serem complexas, são assimiladas "em pedaços", dando a falsa impressão do conhecimento total do conceito. Na verdade, as formas *mais grande* e *mais pequeno* existem, podendo ser utilizadas com relativa liberdade quando se comparam qualidades ou atributos. Exemplos:

- *A casa é mais grande do que agradável.*
- *O salão é mais pequeno do que aconchegante.*
- *O carro é mais pequeno do que confortável.*

Nesse contexto, surgem as expressões, igualmente apropriadas, “mais bom” e “mais ruim”. Seu uso é adequado quando se confrontam duas qualidades do mesmo ser.

- *Ele é mais bom do que esperto.*
- *Ele era mais bom do que mau.*
- *Ele é mais ruim do que bom.*
- *Meu avô era mais bom do que ingênuo.*
- *Este teatro é mais bom do que arejado.*

Observações:

I. Se aprouver ao leitor, é permitido substituir a forma um tanto desagradável “mais bom” por “antes bom”. Exemplo:

- *Ele era antes bom do que mau.*

II. As expressões “menos bom” e “menos boa” são perfeitamente válidas. Exemplos:

- *Entre os discos ofertados, escolhi os menos bons, que eram mais baratos.*
- *As partes menos boas do filme eram as mais adequadas ao cochilo.*
- *“A obra não seria menos boa por isso”* [208].
- *A caçula era a menos boa de todas as irmãs, haja vista seu temperamento irascível.*

8.1.15. Em princípio e A princípio

São expressões bastante parecidas, mas não podem ser confundidas, uma vez que a preposição “faz a diferença”. Vejamos:

- *Em princípio* significa “em tese, teoricamente, de modo geral”. Exemplos:
  - *Em princípio, toda decisão precipitada é maléfica.*
  - *Estamos, em princípio, dispostos a negociar.*
  - *Em princípio, sua proposta é atraente.*
  - *Concordava em princípio com o posicionamento esposado pela doutrina.*
- *A princípio* quer dizer “no princípio, inicialmente”. Exemplos:
  - *A princípio, o atleta era o favorito. Depois deixou de sê-lo.*
  - *O excesso de dinheiro é, a princípio, excitante. Todavia, parafraseando o mestre Paulinho da Viola, como o “dinheiro na mão é vendaval”, tudo se esvai com rapidez.*
  - *A princípio, tudo parecia um mar de rosas; depois, o relacionamento soçobrou em tempestade incontida.*

8.2. A QUESTÃO DOS PARÔNIMOS E OS SIGNIFICADOS DAS PALAVRAS COMO SE EXPLICOU EM CAPÍTULO ANTERIOR, TEMOS OS VOCÁBULOS SINÔNIMOS, ANTÔNIMOS, HOMÔNIMOS **E** PARÔNIMOS [209]. **VAMOS CONHECER ALGUNS CASOS INTERESSANTES DE PARÔNIMOS:**

Absolver: inocentar		**Absorver:** esgotar, consumir
Acender: pôr fogo em		**Ascender:** elevar-se
ACERTO: ajuste		**Asserto:** proposição afirmativa (assertiva)
Amoral: sem o senso da moral		**Imoral:** contrário à moral
Caçar: perseguir		**Cassar:** anular
Cavaleiro: que anda a cavalo		**Cavalheiro:** educado
Censo: recenseamento		**Senso:** juízo, raciocínio
Comprimento: extensão		**Cumprimento:** saudação; ato de cumprir
Concerto: harmonia; sessão musical		**Conserto:** reparo
Costear: navegar junto à costa, passar ao lado de		**Custear:** arcar com as despesas de
Delatar: denunciar		**Dilatar:** alargar
Descrição: ato de escrever		**Discrição:** qualidade de discreto

Despensa: lugar onde se guardam alimentos		**Dispensa:** ato de dispensar, licença
Dessecar: secar completamente, enxugar		**Dissecar:** analisar minuciosamente
Destratar: insultar		**Distratar:** desfazer
Docente: professor; relativo ao professor		**Discente:** estudante; relativo ao estudante
Elidir: eliminar		**Ilidir:** refutar
Emergir: vir à tona, sair		**Mergir:** mergulhar
Emérito: insigne		**Imérito:** não merecido
Eminente: importante, destacado		**Iminente:** prestes a ocorrer
Empossar: dar posse		**Empoçar:** formar poça ô ou ó (VOLP 2009)
Estância: fazenda de criação; lugar de repouso; estrofe		**Instância:** insistência; jurisdição
Estreme: genuíno, puro		**Extremo:** distante
Evocar: lembrar		**Avocar:** chamar, atrair
Flagrante: evidente		**Fragrante:** aromático
Florescente: que floresce, próspero		**Fluorescente:** que tem fluorescência

Incerto: duvidoso		**Inserto:** inserido
Incipiente: que está no início		**Insipiente:** ignorante
Indefeso: sem defesa, desarmado		**Indefesso:** incansável, incessante
Intemerato: puro		**Intimorato:** corajoso
Intercessão: ato de interceder		**Interseção:** ato de cortar
Mandado: ordem judicial		**Mandato:** procuração; legislatura
Pleito: disputa		**Preito:** homenagem
Preceder: vir antes		**Proceder:** agir; originar-se
Preeminente: nobre, distinto		**Proeminente:** saliente
Prescrever: receitar; expirar prazo		**Proscrever:** afastar, expulsar
Ratificar: confirmar		**Retificar:** corrigir
Reincidir: tornar a cair, repetir		**Rescindir:** tornar sem efeito, dissolver
Remição: resgate		**Remissão:** perdão, menção a
Retaliar: revidar, exercer represália		**Retalhar:** cortar em pedaços
Soar: produzir som		**Suar:** transpirar

Sobrescrever: endereçar, escrever sobre		**Subscrever:** assinar; escrever embaixo de
Subvenção: ajuda, contribuição		**Subversão:** revolta, insubordinação
Tacha: tipo de prego, mácula		**Taxa:** tributo
Tachar: censurar, desaprovar, embebedar-se		**Taxar:** determinar a "taxa" de (tributo)
Tráfego: movimento, trânsito		**Tráfico:** comércio
Usuário: aquele que usa		**Usurário:** avaro; agiota
Viagem: jornada		**Viajem:** flexão de viajar (verbo)
Vultoso: grande, volumoso		**Vultuoso:** atacado de vultuosidade (vermelho e inchado)

Outros casos interessantes:

Cessão: ato de ceder **Ceção:** frescura	**Sessão:** tempo que dura uma reunião, apresentação; **Seção (ou secção)** 210 **:** departamento, divisão
Deferir: conceder, atender (deferimento)	**Diferir:** ser diferente, adiar (diferimento) 211
Descriminar: inocentar, descriminalizar 212	**Discriminar:** separar, distinguir, discernir 213
Despercebido 214 **:** sem ser notado	**Desapercebido:** desprevenido
Incontinente: imoderado, descontrolado 215	**Incontinenti (latim):** imediatamente 216

Infligir: aplicar pena ou castigo 217	**Infringir:** transgredir, violar
Óptico: deriva de "óptica", considerado relativo ao olho ou à parte da Física 218	**Ótico:** relativo ao ouvido, podendo ser vocábulo variante de "óptico" 219

Algumas observações importantes:

1. AFIM (Substantivo) Exemplos: • Afim em linha reta. • Ver art. 932, II, do CC.	**AFIM (Adjetivo)** Exemplos: • Disciplina afim. • Termos afins. • Ver art. 1.957 do CC.	**A FIM DE (Locução prepositiva)** Exemplos: • Ele está a fim de instaurar o inquérito policial. • Ver arts. 45 e 213 do CPC.

2. ELIDIR (Suspender, eliminar, excluir, suprimir) Exemplos: • Art. 138 do CTN. • Súmula 29 do STJ. **Uso inadequado:** Art. 157 do CTN: "onde se lê ILIDE, leia-se ELIDE".	**ILIDIR (Rebater, contestar)** Exemplos: • O advogado ilidiu os argumentos. • Ver art. 757 do CPC. • Ver art. 204, parágrafo único, do CTN. **Uso inadequado:** Art. 244, parágrafo único, do CP: "onde se lê ILIDIR, leia-se ELIDIR".

3. A PAR **Exemplos:** • Ele está a par do assunto. • Ver art. 2º, § 2º, da LINDB.	**AO PAR** Exemplo: • O dólar está ao par do euro. ("Vem de paridade, refere-se a ações e obrigações, papéis de crédito").

	AO INVÉS DE (Oposição)

4. EM VEZ DE (Substituição) Indica tão somente "substituição", sem assinalar contraste. Exemplo: • O Juiz condenou-o a dois anos, em vez de três.	Indica "oposição, sentido contrário", em frases antitéticas. É sinônima de "ao revés de". Exemplos: • O Juiz absolveu o réu, ao invés de condená-lo. • O réu foi absolvido ao revés de ser condenado. • Morreu ao invés de viver. • Saiu ao invés de ficar. • Comeu ao invés de fazer jejum. • Ao invés de vingar-se, perdoou ao delinquente. • Ver art. 73 do CP. • Ver art. 81, § 3º, do CP.

5. REMISSÃO **(Verbo remitir, no sentido de "perdoar")** • Houve a remissão dos pecados. Em sentido jurídico, pode significar "perdão do tributo ou multa" (art. 156, IV, do CTN) ou "perdão da pena" (graça ou indulto), no campo adstrito ao Direito Penal. **Codificação:** Art. 150, § 6º, da CF. Art. 403 do CPC.	**REMIÇÃO** **(Verbos remir ou redimir, no sentido de "resgatar, livrar, liberar a título oneroso, salvar")** • Ele deve remir os bens penhorados. • "Cristo veio à Terra para remir os homens" (Aurélio). No sentido jurídico, fala-se em "remir bens do executado" (ou seja, "exonerar da penhora embarganda os bens constritados, mediante depósito do valor da avaliação"). **Codificação:** Arts. 1.429 e 1.478 do CC; arts. 651 (787, parágrafo único, 788, 789 e 790 – revogados) do CPC; arts. 267, 272, 274 e 276 da Lei n. 6.015/73; art. 130 da Lei n. 7.210/84; art. 49 do ADCT.
Observações: **1.** Remissão e remição são vocábulos homônimos homófonos, e não sinônimos. **2.** O vocábulo remisso relaciona-se etimologicamente com "remitir" (particípio passado), mas adquiriu significado diverso, uma vez que nas leis aparece como adjetivo designativo de "descuidado, negligente ou relapso". É o que se nota nos arts. 578 do CCom; 695, § 3º (revogado), do CPC e 319, I (alterado), do CPP.	

8.3. O PROBLEMA DAS REDUNDÂNCIAS OU PLEONASMOS VICIOSOS

Deve-se evitar o uso de *pleonasmos viciosos* – emprego de palavras redundantes, com o fim de reforçar ou enfatizar a expressão. Na verdade, os pleonasmos são os excessos ou superfluidades no uso das palavras, sendo passíveis de correção. Não se confundem com os *pleonasmos estilísticos*, usados intencionalmente no texto para comunicar a expressão com mais vigor e intensidade. São exemplos de pleonasmos estilísticos ou eruditos: • *"Que me importa a mim a glória?"* [220].

- *"Sorriu para Holanda um sorriso ainda marcado de pavor"* [221].

É interessante observar que se encontram pleonasmos viciosos até mesmo em textos legais, como se nota nos dizeres insertos no art. 67, III, da Lei n. 8.245/91, o qual se refere a uma "sentença de primeira instância", como se houvesse sentença proferida em instância diversa.

Os exemplos a seguir são ilustrativos e representam o uso condenável de expressões que nada acrescentam à intelecção da ideia a ser transmitida.

1. "O projeto ainda vai levar mais um mês."

   Observe o exagero: o "ainda" dispensa o "mais".

2. "Estudou muito, mas não conseguiu, no entanto, tirar boa nota."

   Note a redundância: se já houve o uso da conjunção adversativa "mas", não há por que usar outra de igual natureza, isto é, "no entanto". Portanto, corrigindo: • *Estudou muito, mas não conseguiu tirar boa nota.* Ou então: • *Estudou muito, no entanto não conseguiu tirar boa nota.*

3. "O gerente vai manter a mesma equipe."

   Cuidado! O pleonasmo está evidente: o verbo "manter" traz a ideia de manutenção, dispensando-se o vocábulo "mesma".

4. "Ele ainda continua exigente."

   Fique atento: o tempo verbal "continua" traz a ideia de permanência.

5. "O preço do produto é barato."

   O termo "barato" já encerra a ideia de preço. É impropriedade de linguagem dizer "preço barato" ou "preço caro". Na verdade, os produtos, mercadorias ou serviços é que podem ser baratos ou caros, e não "os preços". Estes serão *baixos, módicos, altos, exorbitantes, escorchantes, extorsivos, abusivos*, entre outros qualificativos.

6. "Qual a sua experiência anterior?"

   Toda experiência é anterior. Notável redundância! Evite-a.

7. "Preciso fazer planos para o futuro."

   É melhor que se façam planos para o futuro, pois seria de todo contraproducente fazer planos para o passado. Afinal de contas, passado é passado. É o que nos ensina Roberto Carlos, na canção de Mauro Motta e Carlos Colla: *"Se você pretende"* (1989): *" [...] Não promete nada Eu te aceito assim Fica do meu lado Passado é passado Tá certo pra mim"*.

8. "Há várias goteiras no teto."

   Só há goteiras no teto... Não há como se formarem goteiras no chão, pois seria uma poça, e não goteira... O mesmo se diga de *"estrelas do céu", "labaredas de fogo",* entre outros pleonasmos retumbantes.

9. "Deve haver [222] menos desmatamentos, mais florestas arborizadas."

   Pergunto: há floresta não arborizada, sem árvores? Seria o quê? Uma selva de "pedras"?

10. "Seu discurso não passou de uma breve alocução."

    A alocução [223] é um substantivo feminino que significa uma "breve exposição, um rápido discurso". Portanto, a expressão "breve alocução" é pleonástica, devendo ser evitada.

11. "Ele exporá a matéria nos mínimos detalhes."

    O vocábulo "detalhe", na acepção de "pormenor ou particularidade", é galicismo já incorporado ao nosso idioma. Por representar "minúcia", o termo não deve ser acompanhado do adjetivo "mínimo". Todavia, há gramáticos

renomados que não veem na expressão em comento um exemplo de pleonasmo vicioso. É o caso de Cegalla (1999: 119), para quem "não nos parecem merecedoras de censura as expressões 'mínimos detalhes', 'pequenos detalhes', 'mínimos pormenores', ainda que redundantes".

12. "Rejubilei-me de alegria com a boa notícia."

O verbo "rejubilar(-se)" tem o sentido de "alegrar-se muito, sentir grande júbilo". Há superfluidade na expressão "rejubilar-se de alegria", uma vez que o verbo já contém a ideia de contentamento. É, pois, pleonasmo vicioso, que deve ser evitado.

13. "Dividimos o bolo em duas metades iguais."

Ao usarmos o substantivo plural "metades", não há necessidade de dizermos "duas" (porque "metades" são sempre duas) nem "iguais" (porque, sendo metades, são necessariamente iguais). Portanto, corrigindo a frase, teremos: "*Dividimos o bolo em metades*"; ou *"Dividimos o bolo em duas partes iguais"*. Ainda: *" A linha do Equador divide a terra em duas metades".*

Humberto Gessinger, na canção *Perfeita Simetria* (Engenheiros do Hawaii), valendo-se de licença poética 224, utilizou a forma "metades iguais". Nada mau para uma música que integrou o álbum cuja vendagem deu ao grupo o título de "melhor banda de rock do Brasil" (1990).

14. "O homem estava com hemorragia de sangue."

Toda hemorragia é de sangue. Aliás, a etimologia da palavra aponta para tal obviedade: *hemo* ("sangue") + *ragia* ("derramamento"). Portanto, literalmente, hemorragia significa derramamento de sangue. Assim, evite o pleonasmo vicioso em comento.

15. "Quando a polícia chegou, já não mais havia necessidade."

A formação [já (...) mais] comporta divergência quanto à provável redundância em seu bojo. Nas indicações temporais, se couber "já", o "mais" pode ser evitado. Diga-se que há gramáticos de prol que não reprovam tal formação, aos quais fazem coro importantes escritores. Observe os exemplos adiante, colhidos da literatura: • *"Já não se fazem mais frases como antigamente"* 225.

- *"Já não há mais razão para a revolta"* 226.

16. "Restou à equipe a outra alternativa."

Deve-se evitar a referência à "alternativa" como "outra" ou "única". O vocábulo já encerra, etimologicamente, o conceito de "outra" (*alter*, em latim). Com propriedade, Squarisi (2003) preconiza que "a alternativa se escolhe entre duas opções. Por isso evite dizer 'outra' alternativa e 'única alternativa'. (...) A alternativa é sempre outra. Se não há outra, só pode ser única".

17. "Há dois anos atrás, cheguei a São Paulo."

A sequência "[há (...) atrás]" é condenável, uma vez que se apresenta redundante. Se o anunciante já utiliza o verbo "haver", na acepção de "tempo transcorrido", não necessita de reiterar a ideia com o advérbio "atrás". Portanto, à errônea forma "há vinte anos atrás, ele chegou", sugerimos que prefira as formas adiante delineadas a fim de que fuja à redundância: *Há vinte anos, ele chegou*; ou *vinte anos atrás, ele chegou.*

18. "Deve-se evitar o uso abusivo do álcool."

Não se deve atrelar adjetivo a substantivo que possui o mesmo radical. Em vez de "uso abusivo", utilize "uso excessivo" ou "uso imoderado".

19. "Ele deverá voltar atrás em sua decisão."

O dicionário preconiza que a única forma de empregar o verbo “voltar” no sentido de “recuar, retroceder” é dar-lhe a companhia da preposição “atrás”. Tal posicionamento frui a chancela de gramáticos de nomeada, que não a consideram redundante, na acepção de “mudar de ideia, mudar de opinião”. Logo, “voltar atrás” não seria um pleonasmo vicioso; no entanto, deve-se evitar a expressão por lhe faltar boa sonoridade.

20. “O grupo revelou possuir um preconceito intolerante.”

O vocábulo “preconceito” significa “pré-conceito” ou conceito prévio, derivando do vocábulo “conceito”. Se já há preconceito, a intolerância é imanente, despontando o pleonasmo. Exemplos: “Ter preconceito sobre minorias raciais é indesculpável.”

“O grupo intolerante tem preconceito de certas minorias religiosas.”

21. “Há necessidade de um acordo amigável para ambos.”

Se o acordo nasce de concessões recíprocas, como imaginar um “acordo” inamistoso ou um “acordo” imposto por vontade de uma das partes? Não haverá meios...

A seguir, apresentamos um rol de expressões pleonásticas bastante utilizadas no dia a dia. Quanto ao uso, somos da opinião de que pode haver liberdade de expressão na linguagem informal, ressaltando-se, todavia, que são formas que contrariam o rigor gramatical apresentado até agora no livro, desafiando a chamada norma culta. Vamos a elas:

Acabamento final	Conviver junto	Criar novos
Elo de ligação	Encarar de frente	Erário público
Reincidir de novo	Subir pra cima	Descer pra baixo
Tornar a praticar	Canja de galinha	Introduzir você dentro da peça
Aumentar ainda mais	Novidade inédita	Vontade geral de todos
Já não há mais presidentes como antigamente	Horário individual para cada um	Acrescentar mais um detalhe
Anexar junto	Milênios de anos	Demente mental
Plebiscito popular	Minha opinião pessoal	Todos foram unânimes
Vereador municipal	Viúva do falecido	Unanimidade geral
Ultimato final	Templo sagrado	Repetir de novo
Protagonista principal	Previsão do futuro	O mais absoluto silêncio
Monopólio exclusivo	Melhorar mais	Infiltrar dentro

Brisa matinal da manhã	Ganhar de graça	Fato verídico
Conclusão final	Dar de graça	Consenso geral
Número exato	Adiar pra depois	Certeza absoluta
De sua livre escolha	Sugiro conjecturalmente	Interrompeu de uma vez
Multidão de pessoas	Superavit positivo	A seu critério pessoal
Surpresa inesperada	Frequentar constantemente	Compartilhar conosco
Gritar bem alto	Completamente vazio	Planejar antecipadamente
Expulsar para fora	Inflação galopante	Vítima fatal 227
Colocar as coisas em seus respectivos lugares	Habitat natural	

CURIOSIMACETES

1. AUTOMAÇÃO E AUTOMATIZAÇÃO

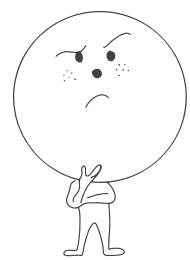

O processo de substituição do trabalho humano pelo trabalho da máquina recebe o nome de "automação", palavra derivada do inglês automation. No entanto, a forma mais consentânea com o nosso idioma é "automatização", devendo-se preferir esta àquela, conforme direção adotada pelo Aurélio. Talvez por desleixo ou desconhecimento do usuário, surgem formações vocabulares que não obedecem ao adequado processo de formação de palavras. Entretanto, apesar de possuírem origens distintas, os termos são aceitos pelo VOLP 2009 e pelos dicionários Houaiss e Aurélio como sinônimos.

A propósito, o Editorial do Jornal do Brasil, em 8 de julho de 1995, delineou a expressão com propriedade: • "A estrutura portuária moderna, com o uso máximo da automatização para movimentação de cargas em contêineres, tem peso considerável".

2. Carrasco

O substantivo masculino que designa o executor da pena de morte, também conhecido como "algoz, verdugo", só apresenta o gênero masculino. Portanto, aceita-se tão somente (o) carrasco (e não "a carrasca").

Como curiosidade, ressalte-se que a palavra deriva do sobrenome de Belchior Nunes Carrasco, homem que exerceu o mister de algoz na cidade de Lisboa, antes do século XV.

3. CESÁREA E CESARIANA

Como substantivos designativos da "incisão" (feita no ventre e útero maternos para a retirada do feto) ou do "procedimento cirúrgico" propriamente dito, derivam ambas de "César" ou Júlio César (Caius Julius Caesar) – estadista, general e escritor romano –, que teria nascido por meio de tal expediente cirúrgico, no ano 101 a.C.

4. Desadorar

O verbo transitivo direto desadorar é bastante curioso. Como se pode imaginar, sua acepção é de "detestar, não gostar de". Pode ser usado na forma pronominal, no sentido de detestar-se. Vamos aos exemplos: • Ele desadora pessoas hipócritas.

- Desadorava a vida leviana da irmã.
- "Os dois se desadoram desde os tempos do Caraça" 228.

A HORA DO ESPANTO

AS "PÉROLAS" DO PORTUGUÊS

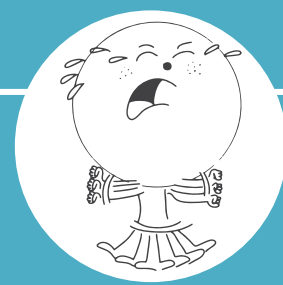

1. Ser humano apto há receber

Correção: a expressão adequada é "apto a receber", sem crase, uma vez que não se usa crase antes de verbo.

2. Não se deve sobrepassar em cima das pessoas Correção: acreditamos, em face da dúbia ideia que se quis transmitir, que o emissor da mensagem pretendeu dizer: "não se deve passar por cima das pessoas". "Sobrepassar em cima" é demais! Haja vontade de se impor sobre os outros...

3. Este problema o aflinge Correção: o verbo em comento é "afligir", com acepção de "angustiar, atormentar". Conjuga-se como "dirigir", portanto, as flexões verbais devem ser aflige **(com -g)**, aflijo **(com -j)**, afligia **(com -g) etc.**

9 PRONUNMACETES E TIMBREMACETES

PRONUNMACETES

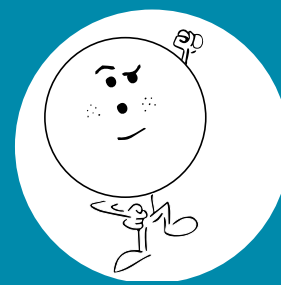

RUIM

Pronúncia: *ru-im*, e não "rúim".

Situação: *A laranjada estava ruim, mas a comida estava pior.*

Comentário: vocábulo oxítono, dissílabo e com a tonicidade na última sílaba (-im). Não se deve pronunciá-lo em uma sílaba ("rúim"), porque se poderia afirmar, em tom jocoso, que "'rúim' não é 'ruim' (*ru-im*), mas péssimo". Até mesmo com o substantivo "ruindade", a pronúncia deve ser respeitada: pronuncie *ru-in-da-de*, e não "rúin-dade".

Ressalte-se que, em português, os nomes terminados em -im são oxítonos: *amendoim, tuim, Caim, Serafim, capim, pasquim, curumim, rubim, jardim, Paim, jasmim, Joaquim*, entre outros. A exceção é "ínterim", uma palavra proparoxítona.

Maus-caracteres: o plural de mau-caráter.

Pronúncia: /ca-rac-te-res/, e não "cáateres".

Situação: *Na cela do cárcere, havia vários maus-caracteres; todos, no entanto, afirmavam ser inocentes.*

Comentário: o substantivo composto mau-caráter forma plural complexo (maus-caracteres). A acentuação gráfica ocorre em virtude de a palavra *caráter* ser paroxítona terminada em -r, assim como: *revólver (revólveres), hambúrguer (hambúrgueres), gângster (gângsteres), mártir (mártires), esfíncter (esfíncteres), Lúcifer (Lucíferes), Júpiter (Jupíteres), néctar (néctares), nenúfar (nenúfares), píer (píeres), pôster (pôsteres), trêiler (trêileres), zíper (zíperes), gêiser (gêiseres – pronuncie jêizeres, e não "gáizeres"), etc.*

O plural *maus-caracteres* justifica-se pelo fato de a palavra, no singular, ser de dupla prosódia (*caráter* ou *caractere*). Assim, temos que a forma *caracteres* serve indistintamente para formar o plural de *caractere* e de *caráter*.

RECORDE

Pronúncia: /recór-/, e não "ré-cor".

Situação: *Nas últimas Olimpíadas, os atletas bateram vários recordes.*

Comentário: a sílaba tônica se dá em "-cor" (como em *concorde*), e não em "ré", como se imagina (como em *réplica*). Aliás, de imaginação em demasia dispõem inúmeros jornalistas que insistem no famigerado "récorde", vocábulo de pronúncia inexistente em nosso vernáculo.

A propósito, o vocábulo em análise deve ser usado como *substantivo* ou *adjetivo*.

Como *substantivo*, teremos:

- *Há um livro de recordes: o "Guinness".*
- *O nadador bateu todos os recordes nas provas de natação.*
- *"Copacabana bateu o recorde de poluição sonora"* [229].

Como *adjetivo*, podemos citar:

- *Chegaremos a patamares recordes no fim do ano.*
- *"Fez o percurso em tempo recorde"* (Aurélio).

FORTUITO

Pronúncia: /for-tui-/, e não "for-tu-í".

Situação: *O caso fortuito é inexorável*[230]. *Sua inexorabilidade decorre de sua imprevisibilidade.*

Comentário: o vocábulo é trissílabo. Logo, não se pode transformá-lo em polissílabo, pronunciando-se "for-tu-í-to". Além de demonstrar má pronunciação, denotará pouca familiaridade com a adequada norma linguística. É importante enaltecer que não se trata de acento prosódico oscilante ou incerto – só há uma pronúncia para *fortuito*: /for-tui-to/. Da mesma forma, citem-se palavras, como: • Gratuito (pronúncia: /gra-tui-/, e não "gra-tu-í").

- Curto-circuito (pronúncia: /cir-cui-/, e não "cir-cu-í").
- *Druida* (pronúncia: /drui-/, e não "dru-í").

RUBRICA

Pronúncia: /ru-brí-/, e não "rú-bri-".

Situação: *Ponha sua rubrica no texto e se dirija àquela porta.*

Comentário: palavra paroxítona, com tonicidade na sílaba -bri. É comum se ouvir falar em "rúbrica", mas tal forma (proparoxítona) é inexistente.

ÍNTERIM

Pronúncia: /ín-te-/, e não "in-te-rím".

Situação: *Nesse ínterim, chegamos à conclusão de que havia a necessidade de reparos.*

Comentários: o substantivo masculino *ínterim* designa o espaço de tempo intermédio entre algo que se enuncia. Muito comum na expressão "nesse ínterim", que transita em abundância nos ambientes forenses, significa "nesse meio-tempo", "nesse contexto", "no atual estado das coisas". Sendo palavra proparoxítona, deve ser pronunciada como /ín-te-rim/, e não "in-te-rím".

OUTREM

Pronúncia: /ôu-trem/, e não "ou-trém".

Situação: *Não se deve subtrair coisa de outrem, sob pena de se tipificar conduta ilícita.*

Comentário: *outrem* é palavra paroxítona, devendo-se pronunciar *ôu-trem*, e não "ou-trém". Trata-se de palavra demasiado encontradiça nos textos legais, quando não se tem determinada a pessoa a quem se refere. Usa-se, pois, *outrem* no intuito de abranger terceiras pessoas não identificadas.

O GRAMA

Pronúncia: /duzentos gramas/, e não "duzentas gramas".

Situação: *O passageiro foi preso em flagrante com 992g (novecentos e noventa e dois gramas) de cocaína.*

Comentário: o substantivo *grama*, como unidade de medida, é masculino. Portanto, deve vir acompanhado de artigos masculinos, definidos ou indefinidos, no singular ou no plural (o, os, um, uns).

É indesculpável que se cometam equívocos dessa natureza em ambientes forenses ou mesmo em veículos de comunicação de massa, como tevê ou jornais. Pedir "duzentas" gramas de presunto na padaria é arriscar-se demais... Por que não pedir "duzentOs gramas", de "peito aberto", mostrando o quão sonora é a expressão e, finalmente, como é bom conhecer as regras da prosódia?

Ademais, vale relembrar que o verbo *pisar* tem regência interessante: é verbo transitivo direto, não exigindo a preposição "em". Portanto, é errôneo falar "pisar em", ou "pisar na", devendo-se trocar tais formas por "pisar o" ou "pisar a". Observe as frases corretamente grafadas: • *Ele pisou o excremento deixado pelo cão* (e não "...pisou no...").

- *Não pise a grama!* (e não "...pise na...").
- *O jogador pisou a bola* (e não "pisou na bola").

ESTUPRO

Pronúncia: /es-tu-/, e não "es-tru-".

Situação: *O estupro é crime bárbaro, que denota a tendência humana para o malefício.*

Comentário: embora tal palavra transite em excesso nos jornais difusores de informes policiais, sendo errônea e reiteradamente pronunciada pelos leitores comuns, faz-se necessário notar que o vocábulo *estupro* (do latim *stuprum*) deve ser na fala rigorosamente articulado pelos operadores do Direito. Não se pode tolerar silabada em tal palavra, principalmente se for cometida por advogado, juiz, promotor ou outro operador do Direito. A articulação deve ser correta e nítida, sob pena de se emitir fonema desaconselhável.

Em termos comparativos, um operador do Direito que fala "estrupo" (com *-tru*) é o mesmo que um médico de estômago (gastroenterologista) que não consegue falar o nome de sua especialidade; o mesmo que um músico que soçobra perante uma partitura; enfim, o mesmo que um jogador de futebol que põe as mãos na bola...

Aliás, a OAB/RJ, em sua prova realizada em setembro de 2005, trouxe a palavra "estrupo" digitada duas vezes na questão 26 do certame. Teria havido um "crime"? A propósito, parafraseando Arnaldo Niskier, "dizer ou escrever 'estrupo' é crime contra o vernáculo".

Entretanto, seguindo na contramão dos filólogos, gramáticos e dicionaristas, o VOLP registra, igualmente, estrupo. Curioso? Não, no mínimo, incrível! Tudo indica que a equipe de Lexicografia da ABL deverá rever este ponto nas

próximas edições do VOLP.

MENDIGO

Pronúncia: /men-di/, e não "men-din-".

Situação: *Na rua, havia vários mendigos. A mendicância grassava na cidade.*

Comentário: a palavra *mendigo* é trissílaba, não devendo ser pronunciada com a sílaba *-din*, sob pena de prejudicar a adequada pronunciação do substantivo. Utilize, pois, "mendigo". O mesmo fenômeno ocorre com os vocábulos derivados, como *mendicância* (e não "men-din-cân-cia").

HORA EXTRA

Pronúncia: /êx-tra/, e não "éx-tra".

Situação: *O empregado deverá ganhar duas horas extras.*

Comentário: o adjetivo *extra* deriva de *extraordinário*, mantendo a pronúncia com o timbre *ê*, fechado. Logo, não se deve falar "éxtra", sob pena de macular o timbre da vogal tônica em apreço.

Não é inoportuno dizer que a concordância nominal se faz de acordo com o nome a que se refere o vocábulo *extra*. Exemplos: *uma hora extra; duas horas extras*.

SEJA E ESTEJA

Pronúncia: /seja/ ou /esteja/, e não "seje" ou "esteje".

Situação: *Seja obediente! Não me faça perder a paciência!*

Comentário: as formas verbais seja e esteja fazem parte do tempo *presente do modo subjuntivo* dos verbos *ser* e *estar*. Deve-se ter cuidado para não cometer um erro de ortoépia ao pronunciar "esteje", em vez de esteja. Muito menos a forma sincopada "seje" (ou "teje") . Não se podem tolerar os tais "esteje", "seje" ou "teje" – "pragas" que se espalham sem controle. Não se deixe contaminar, pois pode pagar alto preço pelo "tropeço". Não é difícil enfrentar a conjugação do verbo *ser*, nesse tempo. Vejamos: *que eu seja, que tu sejas, ele seja, nós sejamos, vós sejais, eles sejam*. O mesmo para o verbo *estar*, como se nota: *que eu esteja, que tu estejas, ele esteja, nós estejamos, vós estejais, eles estejam*.

É oportuno mencionar que o advérbio *talvez*, quando vem antes do verbo, exige o *modo subjuntivo*. Exemplos: *Talvez seja oportuno frisar…; Talvez nasça parecido com o pai; Talvez esteja em casa…*

Não consigo esquecer uma história real, que me contaram, acerca de uma criança que, ao ser repreendida pela mãe, com um sonoro "*Seja obediente! Não me faça perder a paciência!*", respondeu, cabisbaixa: "*Sejo!*" [231]. Conta-se que a mãe ficou histérica, em face da duplicidade de problemas: o que lhe estava por causar a perda da paciência e, agora, o "erro" da criança, a ser enfrentado.

Entretanto, sempre é bom lembrar que a criança segue uma "lógica" diferente, raciocinando por associações; assim, na verdade, ela está sendo inteligente, na medida em que a resposta ao verbo "veja" é "vejo", o que a leva a crer que "sejo" é forma correta. Essa é a razão pela qual os especialistas afirmam que, do ponto de vista linguístico, a criança "pensa diferente", não cometendo "erros condenáveis", já que suas analogias – pertinentes, de certa forma – fazem parte do processo de aprendizagem. Mas como não somos crianças…

SUBTERFÚGIO

Pronúncia: /sub-ter-fú-gio/, e não "sub-ter-fúl-gio".

Situação: *O deputado, quando se via em situação complicada, armava-se de vários subterfúgios para escapar às indagações.*

Comentário: *subterfúgio* tem a acepção de "evasiva ou pretexto para escapar de uma dada situação difícil". Para memorizar a grafia do vocábulo, pense em *refúgio*. Curiosamente, no campo da pronunciação, e até mesmo da escrita, é comum a equivocada inserção de -l ("subterfúl-gio"). Tal forma não existe, assim como não existe "re-fúl-gio". Atente-se para a sua regra de acentuação: paroxítona terminada em ditongo, à semelhança de *pedágio, tênue, cárie, superfície,* entre outros.

ADVOGADO

Pronúncia: /ad-vo-/, e não "adevo-".

Situação: *O domínio da Língua Portuguesa, quer seja falada quer seja escrita, é vital para o sucesso do advogado em nosso país.*

Comentário: a palavra *advogado*, formada por quatro sílabas (ad-vo-ga-do) deve ser pronunciada com o "d" mudo, não se emitindo um insonoro "adevo-" (ou "adivo-"), em vez de um correto *ad-vo-*. Aliás, é comum tal deslize fonético em outras palavras, como *ab-so-lu-to* (e não "abissoluto"). Vamos aprofundar a matéria:

PRONÚNCIA CORRETA		PRONÚNCIA INCORRETA
Ad-vo-ga-do	**e não ...** ⇒	⇒ "AdEvogado"
Ab-so-lu-to	**e não...** ⇒	⇒ "AbIssoluto"
Psi-co-lo-gi-a	**e não ...** ⇒	⇒ "PISsicologia"
Eu op-to	**e não ...** ⇒	⇒ "Eu opIto"
Eu im-pug-no	**e não ...** ⇒	⇒ "Eu impuGUIno"
Eu re-pug-no	**e não ...** ⇒	⇒ "Eu repuGUIno"
Eu de-sig-no	**e não ...** ⇒	⇒ "Eu desiGUIno"
Eu rap-to	**e não ...** ⇒	⇒ "Eu rapIto"
Eu pug-no	**e não ...** ⇒	⇒ "Eu puGUIno"

Eu obs-to	**e não ...** ⇒	⇒ "Eu obIsto"
Ele im-preg-na	**e não ...** ⇒	⇒ "Ele impreGUIna"
Eu con-sig-no	**e não ...** ⇒	⇒ "Eu consiGUIno"
Ele se in-dig-na	**e não ...** ⇒	⇒ "Ele se indiGUIna"
Ele se per-sig-na	**e não ...** ⇒	⇒ "Ele se persiGUIna"
Ele se re-sig-na	**e não ...** ⇒	⇒ "Ele se resiGUIna"
Es-tag-nar	**e não ...** ⇒	⇒ "EstaGUInar"

FECHE A PORTA

Pronúncia: /fê-/, e não "fé-".

Situação: *Feche a porta, sem pisar a poça d'água.*

Comentário: a ortoépia (ou ortoepia, para o VOLP) ocupa-se da boa pronunciação dos vocábulos no ato da fala. Representa a fonética do dia a dia, aquela de cunho prático e dinâmico. Dedica-se a nortear a perfeita emissão das vogais e consoantes 232, além de tornar clara a pronúncia de algumas palavras, cujo timbre das vogais tônicas apresenta-se oscilante.

A propósito, vale a pena relembrar o "e" tônico, de pronúncia fechada *ê*, dos verbos *despejar* e *espelhar*: *Despejar: Eu despejo/pê/ – Ele despeja/pê/ – Que eu despeje/pê/ – Que eles despejem/pê/*

Espelhar: Eu espelho/pê/ – Ele espelha/pê/ – Que eu espelhe/pê/ – Que eles espelhem/pê/

É importante frisar que a cacoépia (ou cacoepia, para o VOLP) se ocupa da pronúncia equivocada. Não se pode menosprezar que no Brasil, um país de latas extensões, existem regionalismos ortoépicos, que não são considerados cacoepias (Exemplo: "còração", "fèlicidádi", entre outras).

ELE ROUBA – ELE SAÚDA

Pronúncia: /rou-ba/, e não "ró-ba"; *sa-ú-da*, e não "sau-da".

Situação: *"O político desonesto 'rouba' o povo a quem saúda, com alegria, na festa" – dizia o leitor.*

Comentário: existem alguns verbos que apresentam pronúncia delicada, merecendo destaque em nosso estudo. Ou se desprezam, na fala, os ditongos (sai o correto *rou-ba*, entra o insonoro "róba"); ou se desconhecem os hiatos (aparece um "sau-da", no lugar adequado de *sa-ú-da*). Assim, vamos conhecer alguns casos importantes, relacionados aos verbos *aleijar, inteirar, roubar, estourar, cavoucar e saudar*: 1. Aleijar, inteirar (verbos cujo radical termina em *-ei*): pronuncie "ei", como em *rei*, proferindo-o fechado. Portanto: Aleijar: *Eu aleijo/êi/ – Ele aleija/êi/ – Que eu aleije/êi/ – Que eles aleijem/êi/*

Inteirar: *Eu inteiro/êi/ – Ele inteira/êi/ – Que eu inteire/êi/ – Que eles inteirem/êi/*

Observação: o verbo *cear* – e não "ceiar"– tem a sílaba "ce-" modificada para "cei-", quando se torna tônica. Exemplo: Cear: *Eu ceio/êi/ – Ele ceia/êi/ – Que eu ceie/êi/ – Que eles ceiem/êi/*

Entretanto, note: *ceemos*/êe/, *ceamos*/êa/, *ceávamos*/êa/.

2. Roubar, estourar, cavoucar, afrouxar (verbos cujo radical termina em *-ou*): pronuncie "ou", como em "ouro", proferindo-o fechado. Portanto: Roubar: *Eu roubo/ôu/ – Ele rouba/ôu/ – Que eu roube/ôu/ – Que eles roubem/ôu/*

Estourar: *Eu estouro/ôu/ – Ele estoura/ôu/ – Que eu estoure/ôu/ – Que eles estourem/ôu/*

Cavoucar: *Eu cavouco/ôu/ – Ele cavouca/ôu/ – Que eu cavouque/ôu/ – Que eles cavouquem/ôu/*

Afrouxar: *Eu afrouxo/ôu/ – Ele afrouxa/ôu/ – Que eu afrouxe/ôu/ – Que eles afrouxem/ôu/*

3. Saudar – observe que há formação de hiatos em algumas pessoas (eu, tu, ele e eles), e ditongos em outras (nós e vós): Hiatos: *Eu saúdo (sa-ú-do); Tu saúdas (sa-ú-das); Ele saúda (sa-ú-da).*

Ditongos: *Nós saudamos (sau-da-mos); Vós saudais (sau-dais); Eles saúdam (sa-ú-dam).*

A SOBRANCELHA – A LAGARTIXA

Pronúncia: /so-bran-/, e não "som-bran-"; /la-gar/, e não "lar-ga".

Situação: *Ele fez um corte na altura da sobrancelha.*

Comentário: é comum a inserção de letras ou sílabas em palavras, veiculando-se equívocos palmares. Como se sabe, as sobrancelhas são pelos (sem acento diferencial, pelo Acordo) dispostos na parte superior aos cílios. São também conhecidas como *supercílios* ou *sobrolhos*. O termo não apresenta correlação etimológica com *sombra*, não se devendo falar "sombrancelha". Deriva, sim, do latim *supercilium*, com este, sim, mantendo relação. Aliás, à semelhança deste "-m" que aparece na má pronunciação do termo *sobrancelha*, cite-se o caso do vocábulo *lagartixa* (pronúncia: *la-gar-*, e não "lar-ga-") – pequeno insetívoro que causa problemas para ser escrito… e para ser pego.

ATERRISSAGEM

Pronúncia: /aterrissagem/

Situação: *Os helicópteros aterrissaram às 14h30min.*

Comentário: o verbo *aterrissar* (ou *aterrar*) significa descer à terra. A questão é confrontá-lo com a forma *aterrizar* (com *-z*) e decidir: qual forma é correta. Com efeito, para o VOLP e o Houaiss, as duas formas (*aterrissar* e *aterrizar*) são possíveis. O Dicionário Aurélio, por outro lado, admite tão somente *aterrissar*. Portanto, podemos utilizar ambas as formas, mas preferimos *aterrissar* à forma *aterrizar*. Fique à vontade e opte, como quiser.

FRUSTRAR – PROCRASTINAR

Pronúncia: *frustrar*, e não "fustrar" ou "frustar"; *procras-*, e não "pro-cas-".

Situação: *Você não deve se frustrar com pequenos insucessos no dia a dia. Afinal, "a vida é combate, que os fracos abate; que os fortes, os bravos, só pode exaltar"* (Gonçalves Dias, na poesia *Canção do Tamoio – Natalícia*).

Comentário: os vocábulos *frustrar, frustrado* e *frustração* devem ser pronunciados com clareza. As sílabas *frus-* e *tra-* devem ser nitidamente articuladas, a fim de que não se emitam sons contrários às regras da ortoépia.

O mesmo fato ocorre com o verbo *procrastinar*. Sua pronúncia é delicada, uma vez que deve o emissor pronunciar *procras*, e

não "pro-cas", sem o -r. O verbo significa "adiar, diferir; ou o retardamento ou protelação injustificável em praticar um ato". Do verbo podem derivar vocábulos, como *procrastinador, procrastinante* e *procrastinatório.* Exemplo: *O advogado procedia à realização de atos processuais, com o fito de procrastinar o andamento processual.*

INIMIGO FIGADAL

Pronúncia: /fi-ga-/, e não "fi-da-".

Situação: *Os povos vencidos nutriam um ódio figadal pelo inimigo.*

Comentário: o vocábulo *figadal* significa "íntimo, profundo, intenso". Deriva de "fígado", órgão que os antigos consideravam a "residência" do ódio. Dessa forma, pode-se falar em "inimigo figadal", "oponente figadal", "aversão figadal". É erronia grosseira trocar a forma em comento por "fidagal", com a sílaba -da, uma vez que tal forma é inexistente em nosso léxico.

A propósito, um termo de grafia próxima é *fidalgal*, relativo a *fidalgo*, ou seja, aquele que tem privilégio de nobreza. Pode-se falar em *atitude fidalgal*, referindo-se à maneira nobre como se agiu.

DISENTERIA

Pronúncia: /di-sen-/, e não "de-sin-".

Situação: *O neném tem disenteria há dez dias.*

Comentário: a palavra é formada pela soma de [*dis* + *énteron* + *ia*], sabendo-se que *énteron* significa intestino. O problema está menos no desarranjo intestinal em si, e mais no fato de que desde criança ouvimos falar outro nome, ou seja, a tal "de-sin-te-ri-a". E aí está o desafio a todos nós: convencer-nos de que o improvável é o correto e de que o equivocado termo que se cristalizou faz parte da invencionice humana... e de um verdadeiro *desarranjo vocabular.*

BENEFICENTE

Pronúncia: /be-ne-fi-cen-te/, e não "be-ne-fi-ci-en-te".

Situação: *A entidade filantrópica XYZ se dedica à beneficência, e suas festas beneficentes são muito animadas.*

Comentário: não confunda: a pronúncia correta das expressões é /beneficência/ ou /beneficente/, e não "benefiCIência" ou "benefiCIente". Tais cacoepias são verdadeiros barbarismos, que põem em xeque até mesmo o louvável trabalho de filantropia a ser realizado. Como se quer ajudar outrem em uma festa "beneficiente"? Assim não se ajuda tanto... Ajudar-se-á, todavia, em festa "beneficente", por meio da qual se realizará a atividade de benemerência.

ASTERISCO

Pronúncia: /-ris-co/, e não "-rís-ti-co".

Situação: *Não se esqueça de observar os asteriscos no texto, que o remeterão a notas de rodapé bastante importantes.*

Comentário: o vocábulo *asterisco* deriva do grego *asterískos*, significando "estrelinha". É sinal gráfico em forma de uma pequena estrela (*), usado para remissões. Não existe a forma "asterístico" – produto da mirabolante imaginação humana.

MENOS – SOMENOS

Pronúncia: /me-nos/, e não "me-nas".

Situação: *Na solenidade, havia menos pessoas do que eu imaginava.*

Comentário: a palavra *menos* é invariável, exigindo muita atenção daquele que a utiliza, a fim de evitar a constrangedora pronúncia "menas". Todo cuidado é pouco, pois toda palavra, como se sabe, é "um pássaro que foge da gaiola, não retornando jamais". Logo, é necessário cautela. Portanto, deve prevalecer a invariabilidade. Exemplos: • *Ele prestou o concurso menos vezes do que você* (e não: "…menas vezes…").

- *A árvore deu menos frutas do que o ano passado* (e não: "…menas frutas…").
- *Estas moças são menos delicadas do que aquelas que me apresentou* (e não: "…menas delicadas…").
- *Tinha mais bondade e menos vaidade* (e não: "…menas vaidade…").
- *Quanto menos pessoas houver, melhor será* (e não: "…menas pessoas…").

No plano da concordância, o verbo que antecede a expressão "menos de" deverá concordar com o substantivo a que se refere a própria expressão. Exemplos: • *Utilizou-se menos de um saco de cal* (utilizou concordou com um saco).

- *Utilizaram-se menos de quatro sacos de cal* (utilizaram concordou com quatro sacos).

Por fim, derivando-se de *menos*, desponta o adjetivo invariável em gênero e número *somenos*, na acepção de "inferior, de pouca importância". Exemplos: *comentário de somenos importância; nota de somenos relevância.*

EXSURGIR

Pronúncia: /essurgir/, e não "eks-surgir".

Situação: *Exsurgem evidências cristalinas do crime.*

Comentário: o verbo *exsurgir* significa "despontar, evidenciar, erguer-se". A pronúncia deve ser como em "osso", evitando-se o antissonoro "eks".

A MEU VER – A PONTO DE

Pronúncia: *a meu ver*, e não "ao meu ver"; *a ponto de*, e não "ao ponto de".

Situação: *A nosso ver, a situação está claudicando, a ponto de ser necessária a tomada urgente de providências.*

Comentário: As locuções devem ser usadas como se expôs: *a meu ver* e *a ponto de*, e não "ao meu ver" ou "ao ponto de". O Aurélio é claro: a expressão que deve ser usada é "a meu ver". Na mesma esteira, devem seguir: *a meu pensar, a meu sentir, a meu modo de ver, a meu bel-prazer, a seu modo.* Observe alguns exemplos: • *A meu ver, estamos na iminência de um conflito.*

- *Ele ficou tão irritado, a ponto de agredir o adversário.*
- *A nosso sentir, sua opinião está despida de sustentabilidade.*
- *Ele agiu, a seu modo, com arbítrio.*
- *O barraco estava a ponto de desabar.*
- *Ela está a ponto de pedir para mudar de setor.*

Observação: Poder-se-ia empregar a expressão *ao ponto de* em situação específica, como: • *Eles voltaram ao ponto de partida.*

- *A bisteca não está ao ponto de ser servida a todos.*

DESCARGO DE CONSCIÊNCIA

Pronúncia: /des-car-go/, e não "de-sen-car-go".

Situação: *Ele conferiu a mercadoria, apenas para descargo de consciência.*

Consideração: a expressão *descargo de consciência* pode soar mal a nossos ouvidos, mas não menos do que a pouco recomendável "desencargo de consciência". A questão é saber, independentemente de soar bem ou mal, qual delas deve prevalecer, em face do significado dos termos *descargo* e *desencargo*. O primeiro quer dizer "alívio"; o segundo, por outro lado, significa "retirar o encargo, o peso, a responsabilidade". Logo, quando se quer aliviar a consciência, prefira *descargo de consciência*, deixando aqueloutra expressão para situações como: *O pai, a partir de agora, tem o desencargo de cuidar da filha porque ela se casou.*

Vale ressaltar que os dicionários Aurélio e Houaiss registram *descargo* e *desencargo* como sinônimos. Logo, à luz dos dicionários, há plena liberdade na utilização de *descargo* ou *desencargo* de consciência.

Caso pretenda inovar, seguindo os passos de Machado de Assis, utilize *ventilar a consciência*. Aproveite… nosso léxico é generoso e pródigo.

AUTÓPSIA E AUTOPSIA – NECRÓPSIA E NECROPSIA

Pronúncia: *au-tóp-sia* ou *au-top-si-a*; *ne-cróp-sia* ou *ne-crop-si-a* (VOLP 2009) Situação: *O médico procedeu à necropsia do cadáver.*

Comentário: segundo a medicina legal, a *autópsia* é o termo designativo do exame médico-legal do cadáver, a fim de que se descubra a causa da morte. O exame anatômico é mencionado no art. 162, *caput*, do CPP. A acentuação da palavra se dá em razão de ser ela uma paroxítona terminada em ditongo, à semelhança de *óbvio, tênue, cárie*. Dela derivam o verbo *autopsiar* e o adjetivo *autópsico* ou *autopsiado*.

Todavia, quer se utilize *autópsia* (com acento gráfico), quer se utilize autopsia (sem acento gráfico), não chegaremos à melhor configuração conceitual do exame cadavérico, se partirmos da estrutura etimológica do radical dos vocábulos: *óps* (radical grego que designa "vista"; *autos* (radical grego que designa "próprio, mesmo"). Esta é a razão pela qual somos da opinião que a expressão mais fidedigna ao exame anatômico é *necropsia*. A *necropsia* (ne-crop-si-a), sem acento, formada por *óps* (radical grego que designa "vista") e por *necrós* (radical grego que designa "cadáver"), seria mais bem apropriada ao caso. Dela derivam o verbo *necropsiar* e o adjetivo *necrópsico*.

Por fim, o Vocábulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP) – veículo oficial da Academia Brasileira de Letras, responsável pela enumeração, grafia e pronúncia das palavras existentes em nosso léxico –, em sua edição de 2009, registra as formas "autópsia", "autopsia", "necrópsia" e "necropsia". Portanto, atualmente todas as quatro formas são admitidas.

A PERDA – A PERCA

Pronúncia: /a per-da/, e não "a per-ca".

Situação: *Espero que você não perca o prazo, senão vai haver a perda de minha paciência.*

Comentário: é comum entre os usuários da Língua Portuguesa a troca entre os termos "perda" e "perca". Fala-se,

equivocadamente, "perca do prazo", "percas e danos", entre outras expressões bastante comprometedoras, no entanto é fácil notar que uma delas representa verbo, enquanto a outra refere-se a substantivo. O nome *perda* é o substantivo, enquanto *perca* equivale à forma verbal. Passemos a detalhar: O verbo *perder*, quando conjugado no tempo presente do modo subjuntivo, provoca o surgimento da forma *perca (eu)*, na primeira e terceira pessoas do singular – eu e ele –, como se pode notar na conjugação a seguir*: (que) eu perca, (que) tu percas, (que) ele perca, (que) nós percamos, (que) vós percais, (que) eles percam.* Portanto, *perca* é verbo, não podendo estar acompanhado de artigo, como se notou nos equívocos supramencionados: "a perca do prazo" ou "as percas e danos".

A expressão *perda*, por outro lado, representa o substantivo com sentido de "falta, ausência, omissão". Se fulano perdeu algo, houve a *perda* de algo; se beltrano perdeu um episódio da novela, houve a *perda* do referido programa; se, por fim, sicrano perdeu o prazo, houve a *perda* do prazo. Assim, deve o atento falante perceber que, "se houver a 'perda' do compromisso, talvez 'perca' ele as novidades anunciadas"; ou que, "caso o funcionário 'perca' o prazo, pode haver a 'perda' da paciência do chefe".

SUBSÍDIO

Pronúncia: /sub-ssí-dio/, e não "sub-zí-dio".

Situação: *A argumentação expendida servirá como subsídio para o convencimento do cliente.*

Comentário: urge prestar demasiada atenção à pronúncia do vocábulo ora analisado. Entendemos que tal palavra é responsável pela principal equivocidade de pronúncia em nosso vernáculo, uma vez que se ouve, em programas de tevê, de rádio, em salas de aula ou em palestras, a forma *subsídio*, com o -s na forma prosódica de -z, como em "casa", "Isabel", "mesa", "isonomia" *etc.* Não devemos falar *sub-Zí-dio*, pela mesma razão de não podermos pronunciar *sub-zó-lo* (*subsolo*).

Note que a formação do fonema *z* ocorreria se tal consoante se encontrasse entre vogais (Exemplos: *casaz, vasoz, Pasárgadaz*), o que não se dá com o vocábulo. Na verdade, o fonema consentâneo com a norma culta é *ss*, como em *subsolo, subserviente, subserviência, ansiar, ansioso, ansiedade, subsistir* (/ssi/ ou *zi*; VOLP 2009), *subsistência* (/ssi/ ou *zi*; VOLP 2009), *subsistente* (/ssi/ ou *zi*; VOLP 2009) e *subsumir*.

Registre-se que a separação silábica do vocábulo em epígrafe deve ser: sub-sí-dio.

Portanto, sejamos coerentes com a prosódia de rigor, abonando-a. Pronunciemos /*sub-SSí-dio*/, sem medo de errar, mesmo que se enuncie a forma condenável à nossa volta, aos quatro ventos, a todo tempo… Haja ouvidos!

RORAIMA

Pronúncia: /Ro-rái-ma/ ou /Ro-rái-ma/.

Situação: *Há uma estrada importante que liga Manaus a Boa Vista, em Roraima.*

Comentário: o som da formação do ditongo -ai, quando seguido de -m ou -n, deve ser nasalado. É peculiar do português do Brasil que se nasalize tal ditongo. Portanto, podemos pronunciar a palavra *Roraima* com o ditongo nasalado *ãi*, em vez de pronunciá-la, oralmente, como em *gaita ái*. No mesmo diapasão, podemos falar: *andaime(ãi), aplainar(ãi), paina(ãi), bocaina(ãi), polaina(ãi), sotaina(ãi), faina(ãi), Rifaina(ãi), taino(ãi), comezaina(ãi) etc.*

Todavia, entendemos que não é pronúncia incorreta proferir *Roraima(ái), Jaime(ái), andaime(ái),* sem nasalar o ditongo. Portanto, opte como quiser, sabendo que se trata de questão de preferência.

SUBIDA HONRA

Pronúncia: /su-bi-da/, e não "sú-bi-da".

Situação: *Tive a subida honra de apresentar o Presidente.*

Comentário: o adjetivo *subido*, na forma paroxítona, com sílaba tônica em -bi, quer dizer "elevado, alto, excelente", sendo vocábulo que transita em abundância nos escritos clássicos. Há quem considere seu uso inadequado, mostrando-se como um chavão de mau gosto. De nossa parte, entendemos que a visão crítica é um tanto extremada, nada impedindo que se utilize a forma indicada.

Enfatize-se que não podemos confundir o adjetivo em análise com outro, de som diverso – *súbito* –, palavra proparoxítona que significa "inesperado, inopinado, repentino, de supetão". Podemos visualizar o confronto dos adjetivos analisados na frase abaixo transcrita: *O súbito encontro ocorreu quando conversava com tão subida autoridade.*

COMPANHIA

Pronúncia: /com-pa-nhi-a/, e não "com-pa-ni-a".

Situação: *Estávamos em companhia das melhores pessoas do grupo.*

Comentário: a pronúncia deve ser *compãNHia*, e não como se fala com certa frequência – "compania". Afinal, não há "companeiros", mas *compaNHeiros*. Portanto, devemos pronunciar o som de -nh, em todas as hipóteses: *companhia aérea, companhia limitada, companhia boa, andar em más companhias.*

IRASCÍVEL

Pronúncia: /i-ras-cí-vel/, e não "irra-".

Situação: *O jogador de futebol tinha um comportamento irascível.*

Comentário: o adjetivo *irascível*, na forma paroxítona, com sílaba tônica em -cí, quer dizer "irritadiço, irritável". O importante é ressaltar que não existe em nosso léxico a forma "iRRascível", com dois "rr". É produto da invencionice humana.

TIMBREMACETES

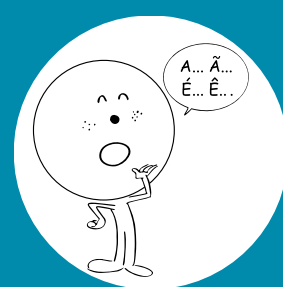

Palavra	Timbre aberto	Timbre fechado

Acerbo	Acerbo (é)	
Acervo	Acervo (é) (VOLP 2009)	Acervo (ê) (VOLP 2009)
Alcova		Alcova (ô)
Alforje		Alforje (ô)
Alentejo	Alentejo (é)	
Ambidestro	Ambidestro (é) (VOLP 2009)	Ambidestro (ê) (VOLP 2009)
Apodo		Apodo (ô)
Aresto	Aresto (é)	
Às avessas		Às avessas (ê) (VOLP 2009)
Avesso		Avesso (ê)
Blefe	Blefe (é) (VOLP 2009)	Blefe (ê) (VOLP 2009)
Caolho		Caolho (ô)
Cateto		Cateto (ê) 233
Cervo	Cervo (é) (VOLP 2009)	Cervo (ê) (VOLP 2009)
Consuetudinário	Consuetudinário 234	
Desporto		Desporto (ô)
Desportos	Desportos (ó)	
Destro	Destro (é) (VOLP 2009)	Destro (ê) (VOLP 2009)
Embandeirar		Eu embandeiro (ê)
Empoeirar		Eu empoeiro (ê)

Endoidar		Eu endoido (ô)
Ensebar		Eu ensebo (ê)
Entesourar		Eu entesouro (ô)
Equevo	Equevo é	
Esbravejar		Eu esbravejo (ê)
Esfíncter	Esfíncter 235 (paroxítona – VOLP 2009)	
Esfincter	Esfincter (oxítona)	
Esmero		Esmero (ê)
Espelhar		Eu espelho (ê)
Esquartejar		Eu esquartejo (ê)
Eu abiscoito (abiscoitar)		Eu abiscoito (ô)
Eu abrasileiro (abrasileirar)		Eu abrasileiro (ê)
Eu acoimo (acoimar)		Eu acoimo (ô)
Eu açoito (açoitar)		Eu açoito (ô)
Eu adejo (adejar)		Eu adejo (ê)
Eu afrouxo (afrouxar)		Eu afrouxo (ô)
Eu aleijo		Eu aleijo (ê)
Eu almejo		Eu almejo (ê)

Palavra	Timbre aberto	Timbre fechado

Eu alvejo		Eu alvejo (ê)
Eu amancebo (amancebar)		Eu amancebo (ê)
Eu amoito (amoitar)		Eu amoito (ô)
Eu apedrejo		Eu apedrejo (ê)
Eu arejo		Eu arejo (ê)
Eu bafejo (bafejar)		Eu bafejo (ê)
Eu bandeiro (bandeirar)		Eu bandeiro (ê)
Eu bochecho (bochechar)		Eu bochecho (ê)
Eu branquejo		Eu branquejo (ê)
Eu cacarejo		Eu cacarejo (ê)
Eu calejo		Eu calejo (ê)
Eu ceifo		Eu ceifo (ê)
Eu chamejo		Eu chamejo (ê)
Eu cortejo		Eu cortejo (ê)
Eu cotejo		Eu cotejo (ê)
Eu dardejo (dardejar)		Eu dardejo (ê)
Eu encabeço	Eu encabeço (é)	
Eu me esmero	Eu me esmero (é)	
Exegeta	Exegeta (é)	

Farejar		Eu farejo (ê)
Fechar		Eu fecho (ê)
Festejar		Eu festejo (ê)
Flamejar		Eu flamejo (ê)
Flechar	Eu flecho (é)	
Flerte		Flerte (ê)
Forcejar		Eu forcejo (ê)
Fraquejar		Eu fraquejo (ê)
Gaguejar		Eu gaguejo (ê)
Gargarejar		Eu gargarejo (ê)
Ginete		Ginete (ê)
Gotejar		Eu gotejo (ê)
Hetero-		Hetero- (ê)
Heterossexual		Heterossexual (ê)
Hissope	Hissope (ó)	
Incesto	Incesto (é)	
Inteirar		Eu inteiro (ê)
Joanete		Joanete (ê)
Lacrimejar		Eu lacrimejo (ê)
Latejar		Ele lateja (ê)

Mechar	Eu mecho (é)	
Mexer		Eu mexo (ê)
Motejar		Eu motejo (ê)
Nucleico	Nucleico (é)	
Odre		Odre (ô)
Ocre	Ocre (ó)	
O requebro		O requebro (ê)
Ornejar		Eu ornejo (ê)
Paredro	Paredro (é)	
Pelejar		Eu pelejo (ê)
Peloponeso	Peloponeso (é)	
Peneirar		Eu peneiro (ê)
Pestanejar		Eu pestanejo (ê)
Piloro	Piloro (ó)	
Porejar		Ele poreja (ê)
Praguejar		Eu praguejo (ê)
Preconceito	Preconceito	
Pretejar		Eu pretejo (ê)
Probo	Probo (ó)	
Proteico	Proteico (é)	

Rastejar		Eu rastejo (ê)
Refrega	Refrega (é)	
Relampejar		Ele relampeja (ê)
Requebrar	Ele requebra (é)	
Reses (plural de rês)		Reses (ê)
Reveses (plural de revés)	Reveses (é)	
Rio Tejo	Rio Tejo (é)	
Sacolejar		Eu sacolejo (ê)
Socorro		Socorro (ô)

Palavra	Timbre aberto	Timbre fechado
Socorros	Socorros (ó)	
Solfejar		Eu solfejo (ê)
Terço (oração)		Terço (ê)
Terso (= puro)	Terso (é) (linguagem tersa)	
Topete	Topete (é) (verbo topetar)	
Topete (substantivo)	Topete (é) (VOLP 2009)	Topete (ê) (VOLP 2009)
Traquejar		Eu traquejo (ê)
Trovejar		Eu trovejo (ê)
Velejar		Eu velejo (ê)

Algumas explicações necessárias:

Palavra	Timbre aberto	Timbre fechado
Abeto		**Abeto (ê)**
Trata-se de substantivo masculino (o abeto), com o timbre fechado ê, que representa a designação comum às árvores do gênero "Abies" (Cegalla, 1999: 9).		
Adrede		**Adrede (ê)**
É locução adverbial de raro uso, significando "de propósito, acintosamente". Veja o exemplo extraído da literatura nacional: • "Os coronéis eram os mandões. Acoitavam homicidas e os defendiam nos júris, sob o simulacro de conselhos de sentença adrede preparados" 236. Ressalte-se que não existe a forma "adredemente"... produto da invencionice humana. Vale a pena observar a pontual observação de Cegalla (1999: 13), ao se referir à palavra em comento, quando assevera que "as poucas vezes que a ouvimos foi com a vogal tônica aberta (adrede), contrariamente ao que ensinam os dicionários, que lhe registram a pronúncia 'adrêde'".		
Besta	**Besta (é)**	**Besta (ê)**
Segundo o eminente gramático Domingos Paschoal Cegalla, a pronúncia será aberta, como em festa, caso se trate de "arma, armamento". Exemplo: A besta(é) era preferível ao mosquetão. Caso haja referência ao "animal de carga", a vogal será fechada, como em cesta. Exemplo: A besta(ê) bebeu água à vontade. Essa é uma variação que deve ser seguida, conforme entendimento da ABL (no VOLP): o timbre fechado para o animal; o timbre aberto para o armamento.		
Controle		**Controle (ô)**
A pronúncia cotidiana é controle, com a vogal fechada ô. No entanto, há gramáticos de prol que, em abono da coerência eufônica, preconizam o timbre aberto da vogal. Comparam o vocábulo com palavras como gole, prole e fole, que têm o timbre aberto. No entanto, permissa venia, não recomendamos o "ousado" som prosódico, uma vez sedimentada a pronúncia com o timbre fechado, exceto no caso de forma verbal (que ele controle (ó) – 3ª pessoa do presente do subjuntivo).		
Dolo	**Dolo (ó)**	
O substantivo dolo, derivado do grego dólos e do latim dolus, significa a "má-fé, a astúcia, o ardil". Pronuncia-se com o timbre		

aberto, como em solo, e não como em bolo. Essa palavra "passa a perna" em muitos operadores do Direito e em Presidentes – Fernando Henrique Cardoso foi um dos que levou "rasteira" da palavra ao pronunciá-la como "bolo". Antonio Carlos Magalhães, por outro lado, já se mostrou mais atento ao falar dolo, com ó aberto, como "manda o figurino".

Molho de tomate / de chaves	Molho de chaves (ó)	Molho de tomate (ô)

Para os dicionários e estudiosos da prosódia, a pronúncia do vocábulo deve variar, conforme o significado do termo. Observe: **1.** Na acepção de "feixe ou reunião de objetos", profere-se molho **(ó)**, com a vogal tônica aberta. Portanto: molho de lenha, **molho de chaves**, molho de cenouras, molho de rabanetes.

2. No sentido de "condimento, caldo culinário ou tempero", o timbre é fechado **(ô)**. Portanto, diga molho (ô), com a vogal tônica fechada. Assim: **molho de tomate**, molhos finos, molhos picantes.

Ressalte-se a ocorrência de uma interessante expressão idiomática: aos molhos (ó), com a vogal tônica aberta, no sentido de "em grande quantidade". Portanto: O político distribuiu abraços e apertos de mão aos molhos.

Diga-se que a edição do VOLP 1999 ratificava a pronúncia distinta acima ventilada, ao prever, taxativamente, o timbre fechado para o sentido de "caldo" e silenciar a respeito da pronúncia afeta ao sentido de "feixe". O VOLP 2009 manteve a regra. Portanto, entendemos que a distinção permaneceu, devendo ser seguida pelo estudioso.

Obsoleto	Obsoleto (é) (VOLP 2009)	Obsoleto (ê) (VOLP 2009)

O adjetivo em análise não contava com a pronúncia definida na edição do VOLP 1999. Apenas os dicionários sinalizavam-na, indicando a preferência pelo timbre fechado (ê), a par da pronúncia com o timbre aberto (é), típica de Portugal, e não usual no Brasil.

A novidade está no fato de que o VOLP 2009 consagrou a pronúncia como oscilante, isto é, passou a admitir os timbres aberto (é) e fechado (ê).

Ressalte-se, por fim, que o substantivo cognato derivado de obsoleto é obsolescência – fato ou estado do que se tornou obsoleto. Exemplo: obsolescência da máquina.

Vitamina E	Vitamina E (é)	

A vogal **e**, em Vitamina E, deve ser pronunciada com o timbre aberto (é). Em português, não existe, para a referida vogal, a pronúncia com o timbre fechado. Portanto, pronuncie com o timbre aberto: vitamina E, turma E, TRE, IBGE, TSE. Claro está que tal pronúncia não abrange a conjunção **e** nas orações que dela precisam: O homem e o cavalo são importantes no campo.

Lembrete: neste Capítulo, em prol da organização editorial, deixamos de registrar as dicas afetas aos CURIOSIMACETES e HORAS DO ESPANTO – AS PÉROLAS DO PORTUGUÊS. Entretanto, não se preocupe: elas voltam nos Capítulos seguintes!

10 ORTOGRAFIA

Após o recente Acordo Ortográfico, o alfabeto do português passou a ter vinte e seis letras:

a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v, w, x, y, z.

Nome das letras: *á, bê, cê, dê, é, efe, gê, agá, i, jota, cá, ele, eme, ene, ó, pê, quê, erre, esse, tê, u, vê, dábliu (ou dabliú), xis, ípsilon (ou ipsilão), zê.*

Antes da vigência do Acordo Ortográfico, as letras k, y e w não faziam parte do alfabeto da Língua Portuguesa, somente aparecendo em casos especiais, como estrageirismos e abreviaturas. Todavia, com a implementação do Acordo, essas letras passam a fazer parte do nosso alfabeto de forma oficial.

10.1. A LETRA H

A letra H em início de palavra não tem valor fonético nem funciona como notação léxica, sendo tão somente uma letra decorativa. Parafraseando o dito popular, *"o 'h' é letra muda; não fala, mas ajuda"*. Entretanto, tal letra pode trazer problemas àqueles menos familiarizados com a norma etimológica e com a tradição escrita. Vamos memorizar algumas palavras escritas com a letra h:

Hábil (mas inábil, sem h)	Hemograma	Hialino
Haicai	Hemorroidas (ou hemorroides)	Hialurgia
Halo	Hendecassílabo	Hidatismo
Halterofilista	Heptacampeão	Hidrelétrica (ou hidroelétrica)
Haurir	Heptassílabo	Hidroavião
Hausto	Hera (planta)	Hidroterapia

Haver (mas reaver, sem -h)	Heráclio	Hidrovia
Hebdomadário	Herbívoro (mas erva, sem -h)	Hidroviário
Hélice (mas turboélice, sem -h)	Hérnia	Higidez
Heliogabálico	Hersílio	Hígido
Helminto	Hesíodo	Hílare (alegre)
Hemácia	Hesitar	Hilaridade (e não "hilariedade")
Hematoma	Hexacampeão	Hilário
Himeneu	Histeria	Hoplita
Hiperacidez	Histologista	Hulha
Hiper-rancoroso	Histrião	Humano (mas desumano, sem h)
Hipersensível	Hodômetro	Humificar
Hipocarpo	Holismo	Húmus
Hipoderme	Holofote	Huno (povo)
Hipopótamo	Homem (mas lobisomem, sem h)	Hurra
Hipotensão	Homilia lí	Hussardo
Hispidez	Homizio zí	Hussita

Observações:

a) Hiper-hidrose

O prefixo *hiper* (origem grega) só exige o hífen se a palavra posterior começar com r ou h.

Exemplos: *hiper-realista, hiper-reatividade, hiper-resposta, hiper-hidratação, hiper-humano, hiper-hedonismo.*

b) Bahia

O vocábulo *Bahia* escreve-se com o -h intermediário. Grafam-se, sem -h, os derivados *baiano, baianada, baianinha, baianismo* e *laranja da baía*. Além disso, escrevem-se sem a letra ora analisada o acidente geográfico "baía". A propósito, temos dois nomes próprios que podem ser aqui apresentados: *Baía de Guanabara* e *Baía de Todos os Santos*.

Diga-se que o h pode ser concebido como "medial", isto é, que não soa nem se escreve. Exemplos: *Alambra, desumano, enarmonia, exausto, filarmônico, inábil, inarmonia, inumano, lobisomem, niilismo, niilista, reabilitar, reaver, transumano* (/zu/), *turboélice*.

10.2. SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS

Quanto à significação das palavras, já se analisou nos capítulos precedentes a existência de vocábulos *sinônimos, antônimos, homônimos* e *parônimos*. À guisa de memorização, observe o quadro sinóptico abaixo:

CONCEITO	EXEMPLOS
Sinônimos	Antídoto e Contraveneno Retificar e Consertar Perigoso e Periclitante
Antônimos	Soberba e Humildade Patente e Latente Ativo e Inativo
Homônimos Perfeitos	Cedo (advérbio) e Cedo (verbo: eu cedo) Secretaria (substantivo) e Secretaria (verbo: ele secretaria)
Homônimos Homógrafos	Colher (substantivo) e Colher (verbo: eu irei colher) Jogo (substantivo) e Jogo (verbo: eu jogo)
Homônimos Homófonos	Paço (palácio) e Passo (verbo: eu passo) Conserto (reparo) e Concerto (sessão musical) Espectador (aquele que vê) e Expectador (aquele que tem expectativa) Esperto (arguto, sagaz) e Experto (perito, experimentado) Estático (imóvel) e Extático (em êxtase, absorto)
Parônimos	Vultoso (volumoso) e Vultuoso (rubor) Suar (transpirar) e Soar (tilintar) Conjuntura (situação) e Conjetura ou Conjectura (suposição) Espavorido (apavorado) e Esbaforido (ofegante)

Vamos revisar alguns *homônimos* interessantes:

1. acender – pôr fogo em ascender – elevar-se
2. acento – inflexão da voz assento – lugar para sentar-se

(eu) assento – verbo *assentar* conjugado na primeira pessoa do singular do presente do indicativo 3. acético – referente ao ácido acético (vinagre) ascético – referente ao ascetismo, místico

4. acerto – ajuste

(eu) acerto – verbo *acertar* conjugado na primeira pessoa do singular do presente do indicativo asserto – proposição afirmativa (assertiva)

5. caçar – perseguir cassar – anular
6. censo – recenseamento senso – juízo, raciocínio
7. cessão – ato de ceder sessão – tempo que dura uma reunião, apresentação seção (ou secção) – departamento, divisão 8. círio – grande vela de cera sírio – natural da Síria
9. (eu) cismo – verbo *cismar* conjugado na primeira pessoa do singular do presente do indicativo sismo – terremoto
10. concerto – harmonia, sessão musical conserto – reparo, conserto

(eu) conserto – verbo *consertar* conjugado na primeira pessoa do singular do presente do indicativo 11. empoçar – formar poça [ô] ou [ó] (VOLP 2009) empossar – dar posse a

12. insipiente – ignorante incipiente [237] – que está no início 13. incerto – duvidoso inserto – inserido
14. intercessão – ato de interceder interseção – ato de cortar
15. ruço – pardacento (adjetivo), nevoeiro espesso (substantivo), cheio de dificuldades (adjetivo) [238]

russo – natural da Rússia

16. cartucho – estojo de carga de projétil cartuxo – frade da ordem religiosa de Cartuxa

10.3. O FONEMA S

É sabido que há várias palavras em nosso vernáculo com o fonema *s*. Há palavras grafadas com "ç" (*endereço*), com "ss" (*massa*), com "sc" (*descer*), com "sç" (*eu desço*), com "x" (*próximo*), com "xc" (*excelente*) e, finalmente, com o próprio "s" (*sapato, subsídio*).

Vamos relembrar:

Fonema S 3 Rol de palavras grafadas com:						
C	Ç	S	SS	SC	X	XC

Acervo	Almaço	Ansiar	Acesso	Abscesso	Aproximar	Excedente
Acetinado	Alçar	Ansiedade	Admissão	Abscissa	Cóccix	Excelentíssimo
Acinte	Araçá	Ansioso	Aerossol	Adolescência	Ex-voto	Excelso
Acético	Açafate	Aspersão	Alvíssaras 239	Arborescer	Expectativa	Excelência
Alcance	Açafrão	Cós	Amissão	Ascensão	Expensa	Excentração
Ceifar	Açucena	Emersão	Amissível	Ascético	Experiente	Excentropíase
Celerado	Beiço	Esplendor	Asseio	Condescender	Expiar	Excepcional
Cerne	Caiçara	Espontâneo	Assunção	Consciência	Expirar	Excerto
Certame	Calabouço	Excursão	Asséptico	Convalescença	Expoente	Excessivo
Coincidência	Caução	Farsa	Bissemanal	Discernir	Expropriar	Excesso
Contracenar	Caçula	Gás	Carrossel	Enrubescer	Extasiado	Exceto
Criciúma	Contorção	Hortênsia	Concessão	Fascinação	Extemporâneo	Exceção
Célere	Exceção	Imersão	Escasso	Fascismo	Extra	Excipiente
Cê-cedilha	Iguaçu	Jus	Fissura	Florescer	Extravagante	Excitamento
Decerto	Linhaça	Misto	Impressão	Imprescindível	Inexpugnável	Excitar
Lance	Maçarico	Pretensioso	Intercessão 240	Lascívia	Máximo	Excitatriz
Maciço	Miçanga	Pretensão	Minissaia	Obsceno	Próximo	Excêntrico
Obcecação	Mulheraça	Propensão	Obsessão	Recrudescer	Sexta-feira	Excídio
Obcecado	Muçurana	Pus	Procissão	Remanescer	Sexto	Inexcedível
Súcia	Pança	Quis	Ressurreição	Rescisão	Têxtil	Inexcedibilidade

Sucinto	Paçoca	Reversão	Sessenta	Ressuscitar	Texto	Inexcitável
Tecelão	Soçobrar	Siso	Submissão	Suscetível	Trouxe	Inexcutido
Vicissitude	Turiaçu	Submersão	Sucessivo	Víscera	Trouxer	Êxcetra

Observações:

A título de memorização, reitere-se:

a) Ascensão e Assunção

Ascensão: na acepção de "subir ou elevar-se", é vocábulo usado em "ascensão da pipa", "ascensão da montanha", "ascensão a um cargo", "ascensão de Cristo".

Assunção: representa o "ato de assumir", de "tomar para si". Exemplos: "assunção de um encargo", "assunção da Virgem Maria ao céu".

Memorize:

Ascensão de Jesus Cristo e Assunção de Maria: ambas se referem à subida para o céu. Segundo os escritos bíblicos, Jesus subiu aos céus 40 dias depois da Páscoa, sem qualquer ajuda – é a *ascensão de Cristo*. Por outro lado, Maria seguiu o Filho, porém foi elevada ao Céu pelo poder de Deus – portanto, *assunção de Maria*.

b) Ascético, Acético e Asséptico Ascético: refere-se à "ascese", ao "místico", ao "contemplativo". Exemplo: *Certos grupos religiosos têm vida ascética.*

Acético: refere-se a um tipo de ácido (acético = vinagre).

Asséptico: designa "assepsia, limpeza".

c) Imprescindível

O verbo *prescindir* é transitivo indireto, tendo a acepção de "dispensar". Observe que a grafia é com -sc. Portanto, aprecie as frases: • *Ele prescinde de sua ajuda, por ser ela dispensável.*

• *O de que não se prescinde é o bom humor pela manhã.*

• *O livro de que se prescinde é necessário para mim.*

d) Recrudescer

O verbo *recrudescer* é intransitivo. Tem a acepção de "agravar-se, tornar-se mais intenso". Observe que a grafia é com -sc. Exemplos: • *As lutas entre gangues recrudesceram.*

• *As rivalidades entre as torcidas organizadas tendem a recrudescer.*

10.4. O EMPREGO DO Z

A consoante Z deverá ser utilizada nas seguintes hipóteses: • nos verbos formados pelo sufixo -izar.

Exemplos: *arborizar, industrializar, profetizar, utilizar, fertilizar, civilizar;* • nos substantivos abstratos derivados de

adjetivos.

Exemplos: *certeza, invalidez, leveza, madureza, honradez, frieza, pobreza, limpeza, avidez, rapidez, acidez*; • nos sufixos formadores de aumentativos e diminutivos.

Exemplos: *corpanzil, canzarrão (cão), florzinha, mãezinha, cafezinho, avezinha, cãozinho, cãozito, avezita*; • nas palavras de origem árabe, oriental e italiana.

Exemplos: *azeite, bazar, gazeta;* • nas demais hipóteses (variedades do Z): *azar, vazamento, giz, gaze, azáfama, abalizar, prazeroso, cafuzo, aprazível, ojeriza, regozijo, granizo, baliza, assaz, prezado, catequizar*.

10.5. O EMPREGO DO S

A consoante S deverá ser utilizada nas seguintes hipóteses: • no sufixo -ês indicador de origem, de procedência, de posição social.

Exemplos: *montês, francês, tailandês, japonês, marquês, calabrês*; • nos sufixos -esa e -isa formadores de femininos.

Exemplos: *duquesa, consulesa, calabresa, profetisa, sacerdotisa, poetisa*; • no sufixo -esa dos substantivos derivados de verbos terminados em -ender.

Exemplos: *defender – defesa; prender – presa; surpreender – surpresa*; • nos substantivos formados com os sufixos gregos -ese, -isa, -ose.

Exemplos: *diocese, pitonisa, virose*; • nos verbos derivados de palavra cujo radical termina em -s.

Exemplos: *analisar* (de análise); *atrasar* (de atrás).

Atenção: *catequese – catequizar*; • em todas as formas dos verbos pôr, querer, usar e seus derivados.

Exemplos: *puséssemos, compôs, quisermos, quis, usado, desusar*; • depois de ditongos.

Exemplos: *deusa, coisa, náusea, lousa*; • nos sufixos -oso, -osa, formadores de adjetivos qualificativos.

Exemplos: *formoso, prazeroso, apetitosa, pomposa*; • nas demais hipóteses (variedades do S): a*través, espontâneo, hesitar, abuso, ourivesaria, obus, cortesia, despesa, obséquio, asilo, siso, fusível, pêsames, evasão, agasalho, jus, esplêndido, gás, querosene, extravasar, grosa, gris, esplendor, groselha, vaselina, usura, casulo, maisena*.

10.6. O CONFRONTO ENTRE S E Z

Em nosso sistema ortográfico 241, há palavras escritas com S que deverão ser pronunciadas com som de *z*. Vamos a alguns exemplos:

Análise	Hesitar	Poetisa
Camponesa	Inglesa	Profetisa 242

Despesa	Lesado	Puser (verbo pôr)
Enviesar (de viés)	Lesão	Querosene
Frase	Leso	Requisito
Gostoso	Maisena 243	Vaselina
Heresia	Obséquio	

Em nosso sistema ortográfico, há palavras escritas com -z, tais como: *aprazível, baliza, chafariz, ojeriza, fertilizar, limpeza*, entre outras.

A questão crucial é saber se deve ser usado -s ou -z. Vamos descobrir:

Vocábulo	Letra S	Letra Z
Analisar	Escreve-se com **S** quando o radical dos nomes correspondentes termina em "s". Exemplos: analisar (de análise); avisar (de aviso); alisar (de liso); improvisar (de improviso); pesquisar (de pesquisa); catalisar (de catálise); paralisar (de paralisia).	

Vocábulo	Letra S	Letra Z
Anarquizar		Escreve-se com **Z** quando o radical dos nomes correspondentes não termina em "s". Exemplos: Anarquizar (de anarquia); civilizar (de civil); amenizar (de ameno); colonizar (de colono); cicatrizar (de cicatriz); vulgarizar (de vulgar); canalizar (de canal). Todavia, recomenda-se cuidado com batizar (de batismo), catequizar (de catequese) e traumatizar (de traumatismo): tais verbos derivam do grego e vieram já formados para o nosso vernáculo.
Beleza		Usa-se o sufixo **-eza** nos substantivos abstratos derivados de adjetivos. Exemplos: beleza (de belo); pobreza (de pobre). E, igualmente, em palavras, como Veneza. Entretanto, recomenda-se cuidado com "rijeza" (de rijo).
	Usa-se o sufixo -ês nos adjetivos	

Burguês	derivados de substantivos. Exemplos: burguês (de burgo); chinês (de China).	
Defesa	Usa-se o sufixo **-esa** nos substantivos cognatos de verbos terminados em -ender. Exemplos: defesa (defender); despesa (despender). E, igualmente, em palavras, como: framboesa, obesa, turquesa, sobremesa 244 .	
Estupidez		Usa-se o sufixo **-ez** nos substantivos femininos derivados de adjetivos. Exemplos: Estupidez 245 (de estúpido); avidez (de ávido); mudez (de mudo); cupidez (de cúpido).

Vocábulo	Letra S	Letra Z
Eu pus	Os derivados dos verbos "pôr" e "querer" serão grafados sempre com **s**. Exemplos: pus, pusera, puséramos, puséssemos, quiséssemos.	
Antropônimos	Teresa, Luís, Hortênsia, entre outros.	
Variedades do S	Marquesa, diocese, metamorfose, afrancesar, gás, besouro, rês, reses, arrasar, ansioso, pretensão, pretensioso, siso.	
Variedades do Z		Baliza, azar, vazamento, gaze, azáfama, prazeroso, cafuzo, ojeriza, regozijo, granizo, assaz, prezado.

10.7. O EMPREGO DO J

A consoante J deverá ser utilizada nas seguintes hipóteses: • na conjugação de verbos terminados em -jar.

Exemplos: *encorajar: encorajo, encorajei, encorajamos*; • nas palavras de origem tupi, africana ou árabe.

Exemplos: *jiboia, jeribita, canjica, alfanje, alforje, pajé, canjica, jiló, Moji, jenipapo, ajedra, ajenil, ajimez, jirau;* • nas palavras derivadas de outras que já contêm a letra J.

Exemplos: *varejo – varejista; brejo – brejeiro*; • nas demais hipóteses (variedades do J): *jeca, ojeriza, jejum, dejetar, jegue, traje, rijo, rijeza, dejeto, Jeremias, trejeito, objeção, Jerônimo, sarjeta, berinjela, majestade, cafajeste.*

10.8. O EMPREGO DO G

A consoante G deverá ser utilizada nas seguintes hipóteses: • nos substantivos terminados em -agem, -igem, -ugem.

Exemplos: *viagem, massagem, garagem, origem, vertigem, fuligem, ferrugem, lanugem, pelugem*. Exceções: *pajem, lajem, lambujem*; • nas palavras terminadas em -ágio, -égio, -ígio, -ógio, -úgio.

Exemplos: *contágio, egrégio, prodígio, relógio, refúgio*; • nas palavras derivadas de outras que se grafam com G.

Exemplos: *vertiginoso, selvageria, engessar;* • nas demais hipóteses (variedades do G): *algema, gibi, tigela, apogeu, aborígene (ou aborígine), herege, bege, auge, megera, gergelim, gengiva, rabugento, vagem, gesto, rabugice, mugir, alfageme, impingir, monge, viageiro*.

10.9. O CONFRONTO ENTRE G E J

Não se deve confundir a aplicação da letra G (antes de *-e* ou *-i*) com a letra J. Ambas são consoantes palatais (o som é produzido quando se encontram o dorso da língua e o "céu da boca"), representando o fonema / j /.

O emprego será de uma ou outra de acordo com a origem da palavra ou com regras específicas. Exemplos:

Vocábulo	Letra G	Letra J
Jeito		Origem latina
Gesso	Origem grega	
Egrégio	Palavras terminadas em **ágio, égio, ígio, ógio, úgio**. Exemplos: pedágio, egrégio, prodígio, relógio, refúgio.	
Engessar	Palavra derivada de gesso (origem grega).	
Laranja		Palavras terminadas em **-ja** e **-aje**. Exemplos: lisonja, granja, laje, traje, ultraje.
		Formas derivadas de verbos terminados em **-jar** ou **-jear**.

Viaje		Exemplos: viaje, gorjeie.
Moji		Palavras de origem indígena ou africana. Exemplos: canjica, jiló, jiboia, pajé, jenipapo, jerimum, jirau, jequitibá.
Variedades do G	Algema, gengiva, gibi, herege, abigeato, monge, rabugice, tigela, pugilo.	
Viagem	Substantivos terminados em **-agem, -igem** ou **-ugem**. Exemplos: viagem, fuligem, penugem. **Exceções**: pajem, lajem, lambujem 246 .	
Variedades do J		Projétil 247 , trajeto, berinjela, jiu-jítsu 248, alforje, cafajeste, enjeitar, enrijecer, gorjeta, jeca, jegue, jejum, jérsei, manjedoura, manjerona, rejeitar, trejeito, varejeira, varejista.

10.10. O EMPREGO DO X

A consoante X deverá ser utilizada nas seguintes hipóteses: • depois de ditongo.

Exemplos: *ameixa, faixa, caixa, peixe, baixo, frouxo, rouxinol, seixo*; • depois de inicial -en.

Exemplos: *enxada, enxotar, enxergar, enxame, enxaqueca, enxárcia, enxerto, enxó, enxovalhar, enxúndia e enxurrada*; Exceções: *encher* e seus derivados.

Se houver o prefixo em- seguido de palavra iniciada por -ch, esse dígrafo deverá ser mantido.

Exemplos: *chumaço – enchumaçar; charco – encharcar*; • depois de inicial me-.

Exemplos: *México, mexerico, mexerica, mexilhão.*

Exceções: *mecha, mechar, mechoacão, mechoacana*; • nos vocábulos de origem indígena ou africana.

Exemplos: *caxambu, caxinguelê, xará, maxixe, abacaxi, xavante, mixira, orixá.*

10.11. O CONFRONTO ENTRE S E X

O confronto entre o S e o X é deveras relevante, merecendo citação. Abaixo, seguem algumas palavras grafadas com X, e não s, embora o pareçam ser:

Expectativa	Expoente	Êxtase

Exportação	Extrair	Expiar (= remir)
Experiente	Expirar	Extasiado
Fênix	Têxtil	Texto

A propósito, o verbo *extravasar* é formado por *extra* + *vaso* + *ar*, com o sentido de "fazer transbordar". Grafa-se, assim, com S, pois deriva de "*vaso*", ao passo que *vazar* se escreve com Z por derivar de "vazio".

10.12. O CONFRONTO ENTRE X E CH

As palavras a seguir expostas apresentam dificuldades ao estudioso, uma vez que podem gerar equívocos com relação ao emprego de X ou CH. Vamos ao quadro comparativo:

Vocábulo	Letra X	Dígrafo CH
Enxada	Escreve-se com **X**, quando tal letra suceder à sílaba en-. Exemplo: enxada, enxamear, enxaqueca, enxó, enxovalhar, enxúndia, enxoval, enxaguar, enxurrada, enxuto.	
Enxada	**Exceções**: encharcar, encher (e derivados), enchova, enchumaçar (e derivados), enchiqueirar (e derivados), enchoçar (e derivados).	
Rouxinol	Escreve-se com **X**, quando tal letra suceder a ditongos. Exemplo: caixa, feixe, frouxo. **Exceções**: caucho, recauchutagem e cauchal.	
Xavante	Escreve-se com **X**, quando se tratar de palavra de origem indígena ou africana. Exemplo: abacaxi, orixá, caxambu.	
Variedades do CH		Pechincha, chuchu, mecha, mochila, cochilar, bucha, chulo, bochechar, bochecho, (cocha, coche, cocheira, cocho) 13, rechonchudo.
Variedades do X	Xampu, xícara, xaxim, rixa, lagartixa, coaxar, bruxa, xucro, xingar, extravasar, extemporâneo, (coxa, coxão, coxo) 14.	

Vamos conhecer alguns casos interessantes de *homônimos* que envolvem a letra X ou o dígrafo CH: 249250

1. Tacha – tipo de prego; mancha ou defeito; caldeira Taxa – tributo, índice
2. Tachar – censurar Taxar – determinar a taxa de (tributo)
3. Bucho – estômago Buxo – espécie de arbusto
4. Cocho – vasilha rústica de madeira Coxo – capenga, manco
5. Chá – planta ou bebida Xá – título do soberano da Pérsia (atual Irã)
6. Cheque – ordem de pagamento Xeque – lance no jogo de xadrez; usado na expressão "colocar em xeque".

10.13. O EMPREGO DO Ç

A consoante c com a cedilha (ou cê-cedilha: "Ç") deverá ser utilizada nas seguintes hipóteses: • depois de ditongos.

Exemplos: *ouço, eleição*;

• em palavras de origem tupi, árabe ou africana.

Exemplos: *paçoca, alcaçuz, miçanga*;

• em formas correlatas de palavras terminadas em -to ou -ter.

Exemplos: *ereto – ereção; correto – correção; deter – detenção; conter – contenção.*

10.14. O EMPREGO DO E

A vogal E deverá ser utilizada nas seguintes hipóteses: • a sílaba final de verbos terminados em -uar, -oar.

Exemplos: *continuar – continue; efetuar – efetue; pontuar – pontue; abençoar – abençoe; perdoar – perdoe; magoar – magoe*; • as palavras formadas com o prefixo ante- (ou seja, antes, anterior).

Exemplos: *antediluviano, antevéspera;* • nas demais hipóteses (variedades do E): *cadeado, irrequieto, receoso, desperdiçar, mimeógrafo, desperdício, disenteria, seriema, empecilho, sequer.*

10.15. O EMPREGO DO I

A vogal I deverá ser utilizada nas seguintes hipóteses: • a sílaba final de verbos terminados em -air, -oer, -uir.

Exemplos: *sair – sai; cair – cai; doer – dói; roer – rói; diminuir – diminui; possuir – possui;* • as palavras formadas com o prefixo anti- (= contra).

Exemplos: *antiaéreo, antiestético;* • nas demais hipóteses (variedades do I): *pátio, meritíssimo, digladiar, privilégio, terebintina, displicência, adivinhar, displicente, hilaridade.*

10.16. O CONFRONTO ENTRE E E I

Passemos à diferenciação das palavras que, compostas por E ou por I, costumam causar transtornos ao escritor desatento:

Vocábulo	Letra E	Letra I
Continue	Na sílaba final dos verbos terminados por **-uar**. Exemplos: Continuar – que ele continue; Habituar – que ele habitue; Pontuar – que ele pontue.	
Diminui		Na sílaba final dos verbos terminados em **-uir**. Exemplos: Diminuir – ele diminui; Influir – ele influi; Possuir – ele possui.
Magoe	Na sílaba final dos verbos terminados em **-oar**. Exemplos: Magoar – que ele magoe; Abençoar – que ele abençoe; Perdoar – que ele perdoe.	
Variedades do E	Cadeado, creolina, cumeeira, desperdício, empecilho, irrequieto, mexerica, mimeógrafo, sequer, seriema, areal (e não "areial").	
Variedades do I		Displicente, erisipela, frontispício, pátio, artimanha, crânio, digladiar, displicência, silvícola, dignitário.
Palavras Importantes	Desplante (e não "displante"), cesárea (confronte "cesariana")	Disenteria (e não "desinteria") Privilégio (e não "previlégio") Cesariana (confronte "cesárea")

Vamos rever alguns casos interessantes de *parônimos* que envolvem as letras E ou I:

Área – superfície		**Ária** – melodia, cantiga
Arrear – pôr arreios, enfeitar (Arrear as modelos para o desfile)		**Arriar** – abaixar, cair
Deferir (deferimento) – conceder, atender		**Diferir** (diferimento) – diferenciar, adiar
Delatar – denunciar		**Dilatar** – alargar
Descrição – ato de escrever		**Discrição** – qualidade de discreto
Descriminar – inocentar		**Discriminar** – separar
Despensa – lugar onde se guardam alimentos		**Dispensa** – ato de dispensar, licença
Dessecar – secar completamente, enxugar		**Dissecar** – analisar minuciosamente
Destratar – insultar		**Distratar** – desfazer
Docente – professor; relativo ao professor		**Discente** – estudante; relativo ao estudante
Elidir – eliminar		**Ilidir** – refutar
Emergir – vir à tona, sair		**Imergir** – mergulhar
Emérito – insigne		**Imérito** – não merecido

Eminente – importante, destacado		**Iminente** – prestes a ocorrer
Emitir – gerar		**Imitir** – investir (Ele imitiu parte do dinheiro em cultura)
Estância – fazenda de criação; estrofe		**Instância** – insistência; jurisdição
Incontinente – imoderado, descontrolado		"**Incontinenti**" (latim) – imediatamente
Intemerato – puro		**Intimorato** – corajoso
Preceder – vir antes		**Proceder** – agir; originar-se
Preeminente – nobre, distinto		**Proeminente** – saliente
Prescrever – receitar; expirar prazo		**Proscrever** – afastar, expulsar
Ratificar – confirmar		**Retificar** – corrigir
Recriar – criar novamente		**Recrear** – divertir
Reincidir – tornar a cair, repetir		**Rescindir** – tornar sem efeito, dissolver
Tráfego – movimento, trânsito		**Tráfico** – comércio
Vadear – atravessar (rio) por onde "dá pé"		**Vadiar** – vagabundear, levar a vida de vadio

Atenção: deve o estudioso do *vernáculo* 251 portar-se com parcimônia perante palavras como receoso, que parecem avocar a semivogal -i para lhe conferir uma "boa" sonoridade ("receioso"). Não é o que deve ocorrer, pois se grafa *receoso*, sem o -i.

Na mesma esteira, temos: 252

Pronúncia Incorreta	Pronúncia (e grafia) Correta
"Afeiar"	Afear
"Estreiar"	Estrear 16
"Freiar" / "Freiada"	Frear / Freada
"Granjeiar"	Granjear
"Nomeiar"	Nomear
"Prazeirosamente"	Prazerosamente
"Prazeiroso"	Prazeroso

Todavia, cuidado: o verbo *aleijar* deve ser grafado com -i. Portanto, não existe o tal "aléja".

10.17. O CONFRONTO ENTRE O E U

Passemos à diferenciação das palavras que, compostas por O ou por U, costumam causar transtornos ao escritor desatento. Vamos ao quadro comparativo:

Grafam-se com O	Grafam-se com U
Búss**O**la	B**U**eiro
C**O**stume	B**U**giganga
Eng**O**lir	B**U**lir

F**O**cinho	b**U**rb**U**rinho
G**O**ela	Coc**U**ruto
Mag**O**ar	C**U**rtume
M**O**ela	El**U**cubração17
Név**O**a	Ent**U**pir
Nód**O**a	Jab**U**ti
Ób**O**lo	Jab**U**ticaba
P**O**leiro	Lób**U**lo
P**O**lenta	Reb**U**liço
P**O**lir	Táb**U**a

Vamos conhecer alguns casos interessantes de *parônimos* que envolvem as letras O ou U: 253 254

Comprimento – extensão		**Cumprimento** – saudação, ato de cumprimentar
Costear – navegar junto à costa		**Custear** – arcar com as despesas de
Florescente – que floresce, próspero		**Fluorescente** 18 – que tem fluorescência (espécie de iluminação). A palavra deriva de "flúor", elemento químico.
Séptico – que causa infecção		**Cético** (ou **Céptico**) – descrente, que duvida
Soar – produzir som, tilintar		**Suar** – transpirar
Sobrescrever – endereçar,		

escrever sobre		**Subscrever** – assinar, escrever embaixo de
Sortir – abastecer, misturar		**Surtir** – produzir (efeito ou resultado)

10.18. PALAVRAS DE GRAFIA COMPLEXA

A *Ortografia* é o conjunto de regras que estabelecem a grafia correta das palavras, além de regulamentar o uso da crase, de sinais de pontuação e de sinais gráficos que destacam vogais tônicas abertas ou fechadas. É fundamental conhecermos tais regras para fazermos o correto uso da linguagem escrita.

Veja, a seguir, algumas observações importantes sobre o tema, sobretudo no âmbito de recorrentes palavras de grafia complexa.

Ansioso: a palavra é grafada com -s, da mesma forma que *ansiedade*.

Coincidência, reincidência: não se deve deturpar a acentuação prosódica em tais vocábulos. Uma "*reicidência*", sem o -n, na sílaba -in, pode tornar mais "grave" o ilícito. Assim como um "*reinvindicar*", com o -n, na sílaba rei-, pode prejudicar, indubitavelmente, o pleito. No entanto, o pior está por vir: a tal "*conhecidência*" (com -nh)... Não é possível que alguém esteja no campo da seriedade e escreva o vocábulo dessa forma... seria uma "pegadinha"? Posto isso, há que se ter muita atenção com as palavras ora guerreadas, a fim de que não cometamos erros que possam nos constranger perante outros e chancelar um distanciamento do estudo da Língua. Assim, memorize a separação silábica nas palavras, agora, corretamente grafadas: Reincidência: Re-in-ci-dên-cia [re-in (e não "rei")]; Coincidência: Co-in-ci-dên-cia [co-in (e não "coi" ou a inadequada "conhe")]; Reivindicar: Rei-vin-di-car [rei-vin (e não "rein")].

Exceção: a palavra é grafada com -xc e, após, cê-cedilha.

Excesso, excessivo: as palavras são grafadas com -xc e, após, dois "esses".

Frustrado, frustração: os vocábulos *frustrar*, *frustrado* e *frustração* devem ser pronunciados com clareza. As sílabas frus-e tra- precisam ser nitidamente articuladas, a fim de que não se emitam sons contrários às regras da *ortoépia* (segmento que se ocupa da boa pronunciação das palavras, no ato da fala).

Próprio, apropriado, problema: a sílaba pro-deve ser pronunciada de modo audível. Não se pode enunciar um simples "po" em vez de "pro", sob pena de se cometer um "indigesto" erro prosódico. A mesma pronúncia deve estar em *procrastinar*, *probatório*, *ímprobo*, *problema*, *propriedade*, *opróbrio etc.*

Sicrano: as formas *fulano*, *beltrano* e *sicrano* são consideradas, no plano morfológico, como *pronomes indefinidos*. O termo "siclano" (com -cla) não existe.

Empecilho: a palavra é grafada com -e, na sílaba inicial -em, e não com -i (como em *impe*...). Tem a acepção de obstáculo, óbice ou dificuldade.

Beneficente: a pronúncia (e a escrita) do vocábulo "beneficiente" (com -ci-) é um "atentado à benemerência". Não se recomenda fazer filantropia assim... Não se estará ajudando o próximo, mas o prejudicando, com uma linguagem

atentatória ao vernáculo. Portanto, prefira *benefiCENte*, e a salutar ajuda a outrem, certamente, virá carregada de gramaticalidade.

Asterisco: o termo *asterisco* deriva do grego *asterískos*, significando "estrelinha". É sinal gráfico em forma de uma pequena estrela (*), sendo usado para remissões. Não existe a forma "asterístico" (com -ti-), porquanto isso se traduz em produto da mirabolante imaginação humana.

Não fumante: com o Acordo Ortográfico, as palavras iniciadas pela partícula *não* perderam o hífen, que as ligava ao segundo elemento. Outro exemplo: *não agressão*.

Quase delito: com o Acordo Ortográfico, as palavras iniciadas pelo termo *quase* perderam o hífen, que as ligava ao segundo elemento.

Intercessão do juiz, cessão de direitos, sessão de júri, seções no andar do edifício: o verbo *interceder*, derivado de *ceder*, provoca o surgimento do substantivo *intercessão* (ceder – "cessão"; de cessão de direitos). Nesse passo, urge relembrar que *sessão* (com "três 'esses'") designa o tempo que dura uma reunião, uma apresentação (exemplos: sessão de júri, sessão de cinema), enquanto *seção* (ou *secção*) representa o departamento ou a divisão (*seção eleitoral*, *seção de brinquedos*, *seção de eletrodomésticos*). Ressalte-se que se usa, de modo restrito, *secção* para corte em operação médica (*secção do osso*, *secção da ferida*). Por derradeiro, frise-se que o VOLP registra, também, *ceção*, como sinônimo de frescura. Portanto, não confunda: *cessão* (e ceção) com *sessão* e, ainda, com *seção* (ou *secção*).

Má-fé, boa-fé: o vocábulo *boa-fé*, na acepção jurídica, representa, consoante o Dicionário Houaiss, "o estado de consciência de quem crê, por erro ou equívoco, que age com correção e em conformidade com o direito, podendo ser levado a ter seus interesses prejudicados [configura uma circunstância que a lei leva em conta para proteger o faltoso das consequências da irregularidade cometida]". Note que *boa-fé* forma o plural *boas-fés* (exemplo: Isso foi feito na melhor das boas-fés). A *má-fé*, na acepção jurídica, designa, consoante o Houaiss, "o termo usado para caracterizar o que é feito contra a lei, sem justa causa, sem fundamento legal e com plena consciência disso". O plural é *más-fés*.

10.19. O HÍFEN E O ACORDO ORTOGRÁFICO

Desde o dia 1º de janeiro de 2009, estão em vigor as novas regras de acentuação e ortografia impostas pelo Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. Sabe-se que o período de transição para a incorporação das mudanças ao nosso dia a dia deveria ir até 31 de dezembro de 2012, porém foi ampliado para 31 de dezembro de 2015, por força do Decreto n. 7.875/2012.

Nessa medida, se faz necessário enfrentar os pontos mais delicados das novas regras. Um deles refere-se ao uso do hífen, considerado um dos "vilões" do Acordo. O motivo é simples: antes das mudanças, o uso do hífen já se mostrava deveras complicado. Após o Acordo, espera-se que o usuário da Língua se mostre mais disposto a assimilá-lo.

Sendo assim, antes que este "sinalzinho" venha recriar problemas entre nós, vamos tratar dele com a merecida atenção.

Com boa parte dos prefixos (proto-, extra-, pseudo-, semi-, infra-, e outros), o hífen sempre foi utilizado antes de palavras que se iniciavam por H, R, S e vogal. Agora a regra mudou. Após o Acordo, o hífen só será utilizado se o segundo elemento iniciar-se por H ou por vogal idêntica àquela do final de certos prefixos. Traduzindo: I. Se antes o hífen era

obrigatório em *autoescola*, agora se escreve autoescola, pois *escola* se inicia pela vogal "e", que não é idêntica à vogal final "o" do prefixo auto-; II. Se antes o hífen era obrigatório em *contraindicação*, agora se escreve contraindicação, pois *indicação* se inicia pela vogal "i", que não é idêntica à vogal final "a" do prefixo contra-.

Em sala de aula, tenho usado um lúdico recurso para a memorização da regra. Refere-se à analogia com a canção de roda, de nossa infância, "Atirei o Pau no Gato".

Observe o quadro comparativo e tente entoar a "canção", aplicando-a à regra do hífen:

Cantiga de roda	**Regra do hífen (sugestão musical)**
Atirei o pau no gato (tô tô)	PROTO, EXTRA, PSEUDO, SEMI (mi)
Mas o gato (tô tô)	INFRA, SUPRA (prá)
Não morreu (reu reu)	INTRA, NEO, ULTRA
Dona Chica (cá)	CONTRA, AUTO (tô)
Admirou-se (se)	Levam hífen (fén)
Do berrô, do berrô que o gato deu	Antes de H
Miau!!!	E idêntica vogal!!!

Nota-se que o recurso musical é meramente subsidiário, em homenagem à melhor didática. Isso porque, como se pôde notar, a adaptação não é de todo simétrica, todavia é uma forma de se assimilar uma regra pouco convidativa, ainda mais em razão do extenso rol de prefixos a ela associados.

Buscando-se, ainda, auxiliar a memorização, demonstraremos abaixo algumas palavras que sofreram modificações com o Acordo, a fim de que o estudioso possa visualizar a mudança – e ratificar a grafia à luz do recurso musical acima sugerido:

Grafia ANTERIOR ao Acordo	**Grafia POSTERIOR ao Acordo**
Autoajuda	Autoajuda
Autoestima	Autoestima
Contraindicação	Contraindicação
Contraoferta	Contraoferta
Extraescolar	Extraescolar

Extraoficial	Extraoficial
Intraocular	Intraocular
Semiaberto	Semiaberto

Registre-se que o hífen deverá ocorrer nas palavras em que o segundo elemento iniciar-se por idêntica vogal, o que já se dava, normalmente, antes do Acordo. Note os exemplos: Semi-interno (vogal -i repetida) | Supra-auricular (vogal -a repetida) |

Contra-almirante (vogal -a repetida) | Auto-observação (vogal -o repetida) Da mesma forma, o hífen aparecerá nas palavras em que o segundo elemento iniciar-se pela consoante -h, o que também já ocorria, antes do Acordo. Observe os exemplos: Extra-humano | Semi-hospitalar | Semi-histórico | Ultra-hiperbólico Uma vez assimilada a regra acima, a partir do recurso mnemônico e musical ofertado, vale a pena destacar que a outros quatro prefixos poderá ser aplicada a mesma "canção". Por uma impossibilidade – ou dificuldade – de estruturação musical, tais prefixos não couberam naquele modelo apresentado. Note-os: ante- | anti- | arqui- | sobre-Desse modo, haverá o hífen se os prefixos destacados antecederem o -h ou uma idêntica vogal:

Anti-ibérico (vogal -i repetida)	Arqui-irmandade (vogal -i repetida)
Anti-inflamatório (vogal -i repetida)	Sobre-humano
Anteontem (vogais diferentes)	Sobreaviso (vogais diferentes)

Partindo-se para outra regra, sabe-se que o Acordo trouxe um desdobramento significativo: a queda do hífen, em todos os casos de palavras com os prefixos até agora estudados, quando o segundo elemento iniciar-se por -r ou -s. Aqui, aliás, haverá a duplicação da consoante. Observe:

Grafia ANTERIOR ao Acordo	**Grafia POSTERIOR ao Acordo**
Ante-sala	Antessala
Anti-republicano	Antirrepublicano
Anti-social	Antissocial

Contra-razões	Contrarrazões
Contra-regra	Contrarregra
Contra-senso	Contrassenso
Semi-selvagem	Semisselvagem
Supra-sumo	Suprassumo
Ultra-romântico	Ultrarromântico

À guisa de complemento, observe a grafia das importantes palavras abaixo e os respectivos comentários.

Antiaéreo – antiético – anti-inflamatório – antenupcial: as palavras formadas com os prefixos anti-e ante-serão grafadas com o hífen se o segundo elemento iniciar-se por -h ou idêntica vogal. Portanto, *antiaéreo*, *antiético* e *antenupcial* escrevem-se junto, sem hífen. Por outro lado, *anti-inflamatório* recebe atualmente o sinal, entretanto a forma antes do Acordo afastava-o.

Antissocial: o hífen existia antes do Acordo no prefixo anti-quando a palavra posterior iniciava-se apenas por -h, -r ou -s. Assim, escrevia-se "anti-social", para indicar os seres arredios a costumes sociais. Com a modificação introduzida pelo Acordo, a nosso ver, tais pessoas, geralmente "estranhas", ficarão bem mais esquisitas com a forma *antissocial*. Você não acha?

Autoestrada – autoescola: as palavras formadas com o prefixo auto-serão grafadas com o hífen se o segundo elemento iniciar-se por -h ou idêntica vogal. Tenho dito que, quem quer aprender a dirigir veículos, deve agora "se guiar" bem… Não mais há hífen para *autoescola*. Recomendo assim: "'tire a carteira' na autoescola e aproveite para também 'tirar o hífen'"!

Coautor – coautoria – codevedor – coobrigado – copiloto: diante do Acordo, uma novidade veio facilitar nossa vida: todas as palavras escritas com o prefixo co-perderam o hífen. Com as novas grafias, sem a presença do hífen, tenho dito que as lides agora deverão ter "mais unidos" os integrantes do mesmo lado da relação jurídico-processual… Escrevem-se, sem o sinal, *coautor* e *coautora*. Os operadores do Direito devem procurar se acostumar às formas, em plena "coautoria de esforço" para a assimilação da novidade… Da mesma forma, grafam-se *codevedor*, *coobrigado* e *copiloto*.

Coerdeiro – coabitar – coabilidade: a forma *coerdeiro*, agora escrita sem o hífen e sem o -h, é forma que tende a chocar o estudioso, em razão de seu exotismo. Tenho sugerido um macete: esquecendo-se da grafia imposta pela ABL, pense naquele carneirinho novo e tenro, chamado "cordeiro". Basta escrever este nome e inserir a vogal -e após a letra -o e antes da consoante -r! Descobrirá a forma recomendada: "coerdeiro" .

Contramandado: as palavras formadas com o prefixo contra-serão grafadas com o hífen se o segundo elemento iniciar-se por -h ou idêntica vogal. Portanto, *contramandado* escreve-se junto, sem hífen.

Contrarregra – contrarrazões: o hífen existia antes do Acordo nas palavras formadas pelo prefixo contra-quando o segundo elemento iniciava-se por -h, -r, -s ou vogal. Assim, escrevia-se "contra-razões", ainda que se tratasse de um neológico termo jurídico, não aceito pela Academia Brasileira de Letras, no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (4ª edição). Antes

nos preocupávamos com o prazo das ditas "contra-razões", no ambiente forense; agora, devemos prestar atenção ao prazo e também à grafia: recomenda-se escrever *contrarrazões*, sem o hífen e com a duplicação da letra -r. O mesmo raciocínio se estende a outros prefixos, quando antecederem as consoantes -s e -r. Portanto, agora se escreve *semissoberania* e *semisselvagem*, *arquirrival*, *contrarregra* e *contrassenso*, entre outros casos.

Corresponsável – corréu – corré: com a supressão do hífen em todas as palavras escritas com o prefixo co-, deu-se lugar a um termo de grafia pouco estética: *corresponsável*. Na mesma linha, seguem os vocábulos relacionados: *corresponsabilidade*, *corresponsabilizar*, *corresponsabilizante* e *corresponsabilizável*. Da mesma forma, o Acordo propiciou o surgimento de formas bem extravagantes: *corréu* e *corré*. De tão diferentes, dispensam comentários. Merecem, sim, que se dê "tempo ao tempo", a fim de que o operador do Direito possa acreditar que terá mesmo que as utilizar na lide. Paciência… Aliás, os latinos já diziam: "Com tempo e perseverança, tudo se alcança".

Extrajudicial – extraconjugal – extraoficial: as palavras formadas com o prefixo extra-serão grafadas com o hífen se o segundo elemento iniciar-se por -h ou idêntica vogal. Portanto, *extrajudicial*, *extraconjugal* e *extraoficial* escrevem-se junto, sem hífen. Frise-se que, antes do Acordo, esta última recebia o hífen.

Infracitado – inframencionado – infra-assinado – infraestrutura: as palavras formadas com o prefixo infra-serão grafadas com o hífen se o segundo elemento iniciar-se por -h ou idêntica vogal. Portanto, *infracitado* e *inframencionado* escrevem-se junto, sem hífen, todavia *infra-assinado* deve conter o sinal, em virtude da repetição da vogal -a. Por fim, quanto ao vocábulo *infraestrutura*, hoje grafado sem hífen, insta frisar que a grafia antiga impunha o sinal.

Microondas – microônibus – micro-organismo: antes do Acordo, escrevia-se "microondas", sem o hífen. Este sinalzinho apareceu agora para evitar "a briga" das duas vogais, separando-as, porém tem provocado bastante confusão por aí. Desse modo, agora se escreve com hífen (*microondas*). O mesmo fenômeno ocorreu com o ultrapassado "microônibus", que agora cede passo à forma hifenizada *microônibus*.

Paraquedas – paraquedismo: a curiosidade mostra sua força no vocábulo "paraquedas", assim escrito após o Acordo. Antes deste, grafava-se com o acento agudo no primeiro elemento (pára-) e com hífen ("pára-quedas"). Agora devemos suprimir o acento e unir tudo em *paraquedas*. O problema é que isso não vale para outras situações análogas, o que seria de todo razoável: é que os ultrapassados "pára-lama", "pára-choque" e "pára-brisa" perderam o acento no primeiro elemento, mas mantiveram o hífen, tornando, após o Acordo: *para-lama*, *para-choque* e *para-brisa*. Aqui se viu pouca uniformidade…

Pôr do sol: o acento diferencial permaneceu em *pôr* (verbo) e *por* (preposição). Assim, continuamos escrevendo, com correção, "vou <u>pôr</u> as mãos nesse canalha!" (com acento) e "luto <u>por</u> você" (sem acento). A partir desse dado, constata-se que a expressão *pôr do sol* permaneceu com o acento circunflexo, uma vez que o primeiro elemento *pôr*, neste vocábulo composto, designa uma substantivação do verbo, todavia, é importante enaltecer que a reforma ortográfica suprimiu os hifens (ou hífenes) que separavam os elementos. Portanto, após o Acordo, vamos grafar *pôr do sol* (ou *pôr de sol*), ambas com o acento circunflexo, mas sem os hifens (ou hífenes).

Prequestionamento – preexistente: o prefixo pré-pode ser encontrado na forma acentuada ou não acentuada. É de todo oportuno assimilar as palavras formadas com tal prefixo, que não levam o acento, nem mesmo o hífen. São elas: *prequestionamento*, *preexistente*, *preexistir*, *predeterminado*, *preordenar*, *preconcebido*, *predizer*, *preeminente*, *prepor*, *prejulgar*, *preaquecido*, *prenunciado*. Por outro lado, frise-se que o rol das palavras que trazem a forma acentuada é mais numeroso, compondo vocábulos, como: *pré-clássico*, *pré-vestibular*, *pré-carnavalesco*, *pré-operatório*, *pré-datado*, *pré-natal*, *pré-escolar*, *pré-*

história, *pré-estreia* (caiu o acento no termo *estreia*, como se verá adiante), entre outros.

Socioeconômico: a palavra deve ser grafada sem o hífen e com a tonicidade na sílaba *nô* – e com o respectivo acento gráfico –, por se tratar de um vocábulo proparoxítono. E o mais incrível: sempre foi assim! O que parece ser óbvio não o é para muitos – o próprio legislador constituinte, ao dispor sobre o *princípio da uniformidade geográfica*, no art. 151, I, da Constituição Federal, grafou a palavra com o hífen. E muitos o acompanham, sem prestar a devida atenção à grafia correta que, aliás, consta do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa.

Supracitado – supramencionado: as palavras formadas com o prefixo supra-serão grafadas com o hífen se o segundo elemento iniciar-se por -h ou idêntica vogal. Portanto, *supracitado* e *supramencionado* escrevem-se junto, sem hífen.

Tão somente – tão só: até o Acordo Ortográfico, admitiam-se as formas hifenizadas, para indicar o advérbio: "tão-somente" e "tão-só". Atualmente, as duas formas adverbializadas e sinônimas perderam o hífen, passando a ser *tão somente* e *tão só*.

Ultrassom: o hífen existia antes do Acordo nas palavras formadas pelo prefixo ultra-quando o segundo elemento iniciava-se por -h, -r, -s ou vogal. Assim, escrevia-se "ultra-som" e "ultra-sonografia". Com a mudança da regra, as palavras formadas com o mencionado prefixo passaram a ser grafadas com o hífen se o segundo elemento começar por -h ou idêntica vogal. Além disso, com o segundo elemento iniciando-se por -r ou -s, haverá a duplicação da consoante. Portanto, após o Acordo, escrevem-se: *ultrassom* e *ultrassonografia*.

10.20. ENRIQUEÇA SEU VOCABULÁRIO: ROL DE VOCÁBULOS DE GRAFIA COMPLEXA ESTA SEÇÃO COMPORTA UM PEQUENO GUIA ORTOGRÁFICO, NO INTUITO DE NORTEAR O USUÁRIO DA LÍNGUA, QUANDO SE DEFRONTA COM OS PROBLEMAS DA ORTOGRAFIA EM SEU DIA A DIA. O PRESENTE ROL VISA CONTRIBUIR PARA O MANEJO ADEQUADO DO NOSSO PRINCIPAL INSTRUMENTO DE COMUNICAÇÃO – A LÍNGUA NACIONAL. ADEMAIS, PODERÁ O NOBRE LEITOR ENRIQUECER O ARCABOUÇO VOCABULAR, CONSULTANDO O SIGNIFICADO DAS PALAVRAS MENOS CONHECIDAS NO DICIONÁRIO, AO TÉRMINO DA OBRA. VAMOS A ELAS:

Abscesso	Alizar (Substantivo)	Apostasia
Abscissa	Almaço	Aquiescência
Acreano	Altissonante	Ária (Canto)
Ádvena	Alvirrubro	Arquidiocese
Aeroclube	Ambidestro	Arrasar
Agroindústria	Ambrosia zí	Arroz-doce

Água de coco	Amesendar-se	Arte-final
Aguarrás	Amigo-oculto (Sorteio)	Asa-delta
Alcaçuz	Ananasal	Ascensorista
Álcoois (ou Alcoóis)	Aneizinhos (sem acento)	Asceta
Aldeamento	Ano-luz (Plural: Anos-luz)	Ascetismo
Alisar (Verbo)	Apascentar	Assessor
Assessoria	Bola de neve	Centroavante
Assis	Bororo	Cessar-fogo
Atarraxar	Bota-fora	Chacoalhar
Azaleia (ou Azálea)	Brasonar	Chá-mate
Azeviche	Broncopneumonia	Chilique
Ázimo	Bruaá	Chinchila
Azorrague	Buganvília	Chinfrim
Azougue (Mercúrio)	Bugio	Chocho
Baboseira	Buldogue	Chulé
Baixo-relevo	Bulevar	Cidade-satélite
Balão-sonda	Bumba meu boi	Cidra (Fruta)
Banana-da-terra	Busca-pé	Circunfuso
Banana-maçã	Busílis	Cisalhas
Banana-ouro	Butique	Cissiparidade

Banana-prata	Caça-níqueis	Coautor
Banguê (Engenho)	Cadafalso	Cochicho
Banho-maria	Cadarço	Cochinchina
Basa	Caixa-alta	Cocuruto
Bate-boca	Caixeiro-viajante	Coerdeiro
Bate-estaca	Calcanhar de aquiles	Coirmão
Bêbado (ou Bêbedo)	Cana-de-açúcar	Comezinho
Bege (Cor)	Capuchinho	Comiserar
Beisebol	Caranguejo	Complacência
Belchior (Comerciante)	Carne de sol	Complacente
Berbere	Carne-seca	Conchavo
Beribéri (Doença)	Carochinha	Condescendência
Bicho-da-seda	Carro-bomba	Condescendente
Bilboquê	Carro-forte	Conjectura (ou Conjetura)
Biorritmo	Cassação	Consciencioso
Bisonho	Cassiterita	Conta-corrente (VOLP e Houaiss)
Bissetriz	Catequese	Conta-giros
Bissexto	Catequizar	Conta-gotas
Blá-blá-blá (Pl.: blá-blá-blás)	Cátodo	Conto do vigário
Blasonar	Catrapus	Convalescer

Boa-vida	Cê-cedilha	Corresponsável
Cossaco	Esgazeado	Ganha-pão
Creolina	Esquistossomose	Garnisé
Criado-mudo	Estase (Estagnação)	Gaze (Tecido)
Cris	Estêncil	Gelosia (zí)
Crisol	Estorricado (ou Esturricado)	Genufletir (ou Genuflectir)
Crisolo	Estorricar (ou Esturricar)	Genuflexo / Genuflexório
Crochê	Estreme (Puro)	Gnu
Cupincha	Estripulia	Gozoso
Cutisar	Estroina	Granizo
Data-base (Aurélio)	Exangue	Guelra
Decreto-lei	Excentricidade	Guidom
Dedo-durar	Excipiente	Guta-percha
Dedo-duro	Excrescência	Haicai
Degenerescência	Execração	Halo
Dervixe	Execrar	Hangar
Desar	Êxtase (estado)	Haraquiri
Desídia (zí)	Fácies	Harpia
Despautério	Fac-símile	Haste
Devesa	Factótum	Hausto

Dissecação	Feiura	Hebdomadário
Dissecar	Fescenino	Heureca
Dólmã (Veste)	Filoxera	Hibisco
Efervescência	Fim de semana	Hidravião (ou Hidroavião)
Elixir	Fita cassete	Hieróglifo (ou Hieroglifo)
Elucubração	Fita métrica	Hileia
Empuxo	Flamboaiã	Himeneu
Enfarte (ou Infarto)	Fleuma	Hiperacidez
Enfisema	Fleumático	Hiper-humano
Enrubescer	Fora da lei	Hipersensível
Entabular	Fora de série	Hipotenusa
Entressafra	Frenesi(m) zí	Hirsuto
Enviesar	Frisa(r)	Hirto
Enxúndia	Frisante	Hombridade
Erisipela	Fuxicar	Homilia (ou Homília)
Escorraçar	Fuxico	Homizio
Hortifrutigranjeiro	Jus	Padre-nosso (ou Pai-nosso)
Hortigranjeiro	Jusante	Paisinho (de País)
Hulha	Lambujem	Paizinho (de Pai)
Húmus	Laxante	Pão de ló (Aurélio)

Hurra	Lenga-lenga	Pão-duro
Iate	Lhaneza	Parabélum
Idiossincrasia	Lixívia	Para-brisa
Iídiche	Lóbulo	Para-choque
Imarcescível	Lua de mel	Paralelepípedo
Imbróglio	Má vontade	Paraquedas
Impertérrito	Má-criação	Parêntese
Impetigo	Madressilva	Pau-brasil
Impigem	Maisena	Pauis
Impingir	Manteigueira	Pecha
Impudico	Mau gosto	Penico (Urinol)
Incognoscível	Mau humor	Piaçaba (ou Piaçava)
Inconsútil	Maxissaia	Pintassilgo
Incrustação	Mestre de obras	Piquenique
Incrustar	Miçanga	Pixaim
Indefeso	Mimeografar	Poncã (Tangerina)
Indo-europeu	Misto-quente	Porta-luvas
Inexpugnável	Mixórdia	Porta-malas
Inextricável	Mocassim	Pretensioso
Ingurgitar	Moto-próprio	Profligar

Inumano	Motosserra	Proscênio
Irisar	Mozarela (ou Muçarela)	Prostrar
Isolda (/ô/)	Multissecular	Proxeneta
Jângal	Nabucodonosor	Psitacismo
Jeca-tatu	Negus (/ú/)	Pusilânime
Jerimum	Obsolescência	Pústula
Jetom	Oceânia (ou Oceania)	Quadro-negro
Jia	Opróbrio	Quadrúmano
Jiu-jítsu (com acento; VOLP 2009)	Orangotango	Quíchua
João-de-barro	Pachorra	Quinquenal

Quinquênio	Saçaricar	Txucarramãe (Houaiss)
Quinta-essência (ou quintessência)	Sacrossanto	Vaivém256
Radiotáxi	Salva-vidas	Vaselina
Ranzinza	Sanguessuga	Vesano
Ravióli	Sassafrás	Vira-lata
Rechaçar	Secessão	Volibol ou Voleibol (VOLP)
Rechonchudo	Seiscentos	Xilindró
Recrudescer	Sem-sal	Xisto (Rocha)
Regurgitar	Sem-vergonha	Xixi

Reminiscência	Sobre-exceder	Xodó
Réprobo	Sobreloja	Xucro
Rês (Gado)	Soçobrar	Zás-trás
Rés (Rente)	Supetão	Ziguezague
Rés do chão	Terebintina	Ziguezaguear
Reses (Plural de Rês)	Tiziu	Zíper
Resvés	Tonitruante	Zum-zum257
Retesar	Trasanteontem255	Zum-zum-zum
Ricochete	Tresandar	
Rissole	Triz	

CURIOSIMACETES

1. ESTADA E ESTADIA OS TERMOS REFEREM-SE À PERMANÊNCIA DE ALGUÉM OU ALGO EM ALGUM LUGAR. A DISTINÇÃO SERÁ AFERIDA, DEPENDENDO DAQUILO QUE PERMANECE. EXEMPLO: PARA PESSOAS QUE PERMANECEM EM CIDADES A TURISMO, A PASSEIO OU A NEGÓCIOS, DEVE-SE UTILIZAR ESTADA**. POR OUTRO LADO, QUANDO SE TRATAR DE NAVIOS (EM PORTOS), AVIÕES (EM AEROPORTOS), VEÍCULOS (EM GARAGENS), DEVE-**

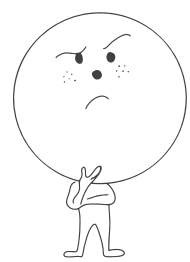

-se usar estadia. Portanto, aprecie as frases: • Tive uma breve e prazerosa estada em Teresina.

- Em minha estada em Divinópolis, pude conferir a hospitalidade mineira.
- As estadas em Araçatuba têm sido constantes; logo, mudar-me-ei para tão aprazível cidade.
- A estadia do cargueiro foi longa, em razão da greve da Receita Federal.
- Enquanto não solucionarem os problemas, a estadia da aeronave deve se protrair.
- O Transatlântico teve breve estadia nas Ilhas Gregas.
- A estadia dos veículos nos estabelecimentos evita numerosos furtos.

2. Favela

O substantivo feminino favela designa o conjunto de barracos e habitações construídas nos morros e periferias. A origem do termo favela é sobremodo interessante. Quem nos relata, com pertinência, é o eminente gramático Domingos Paschoal Cegalla (1999:165): "Perto do açude de Cocorobó, na Bahia, fica o Alto da Favela, uma pequena elevação onde acamparam as tropas federais no final da Guerra de Canudos. O nome 'Alto da Favela' deve-se a 'favela' ou 'faveleiro', arbusto abundante nesse morro. Terminada a Guerra de Canudos (1897), um contingente das tropas desmobilizadas instalou-se no morro do Santo Cristo, no Rio, onde construíram barracos e deram ao local o nome de 'Morro da Favela'".

3. Fleuma

O substantivo feminino (a fleuma) tem a acepção, segundo a medicina antiga, de um dos quatro humores do organismo (sangue, fleuma, bile amarela e bile negra).

Em sentido figurado, a fleuma representa serenidade, frieza de ânimo ou impassibilidade. Exemplos: • "O candidato a concursos públicos, em provas orais, precisa de fleuma e gana" (o Autor).

- Ele se portou como uma fleuma britânica.

Ressalte-se que a edição do VOLP 2004 chancelou os adjetivos sinônimos fleumático (derivado de fleuma), fleugmático (derivado de fleugma) e flegmático (derivado de flegma ê).

4. O IMÃ (OXÍTONA) E O ÍMÃ (PAROXÍTONA)

Os substantivos masculinos imã e ímã podem gerar dúvidas ao anunciante de tais vocábulos. Como oxítona, imã, com a sílaba tônica em -mã, indica o dirigente religioso muçulmano. Difere, pois, do ferro magnetizado, isto é, do ímã, uma paroxítona com a sílaba tônica em " í-".

5. IMBRÓGLIO

O substantivo masculino, derivado do italiano "imbroglio" (sem acento), tem a acepção de "confusão, trapalhada". O curioso é que o vocábulo, em nosso idioma, manteve forma esdrúxula: imbróglio (pronuncie "imbrólio"). Portanto, em português, grafa-se imbróglio, conforme o Aurélio, o Houaiss e o próprio VOLP. Entendemos, porém, que falta praticidade ao termo, que poderia ser mais bem grafado como "imbrólio" (sem -g). Todavia, até mesmo a literatura chancela a curiosa forma. Observe: • "O Dr. Cláudio conduzia os trabalhos com verdadeira perícia de automedonte, e esclarecia os imbróglios" 258.

A HORA DO ESPANTO

AS "PÉROLAS" DO PORTUGUÊS

1. Caresse

Correção: a 3ª pessoa do singular (ele) do presente do indicativo do verbo carecer é carece (com -c).

2. Plalsível

Correção: embora seja nítida a "tentação" de colocar o -l no vocábulo, no intuito de nele imprimir uma falsa "elegância", não o faça com relação ao adjetivo plausível, com -u.

3. Maxista

Correção: a doutrina dos filósofos alemães Karl Marx e Friedrich Engels é o marxismo, com -r. Ressalte-se que a pronúncia é com cs.

VOLP

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA

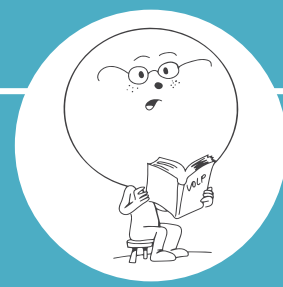

Parêntese Segundo o VOLP 2009, o substantivo pode assumir as seguintes variações: substantivo masculino (**o** parêntese), substantivo masculino plural (**os** parênteses) ou substantivo masculino de dois nú-meros (**o** parêntesis ou **os** parêntesis).

QUESTÕES

1. (2014/FCC/TJ-AP/Técnico Judiciário) Está redigida em conformidade com a norma-padrão da língua portuguesa a frase: (A) Ocupa-se as faixas de terra que vão do Amapá ao norte do Pará com várias comunidades indígenas.

(B) Faz pelo menos três séculos que esses povos partilham uma história de relações comerciais, políticas, matrimoniais e rituais.

(C) São comuns livros didáticos que, ao tratarem da condição dos índios do Brasil, contribui para divulgar uma história de perdas culturais.

(D) O acúmulo de experiências de contato entre diferentes povos permitiram que ocorresse processos de fusão e de separação de grupos.

(E) Com o avanço das frentes de colonização em suas terras, foi trazido uma série de novos conhecimentos e tecnologias.

2. (2014/FCC/TJ-AP/Técnico Judiciário) Todos os termos estão empregados e grafados corretamente em: (A) Os povos indígenas mencionados no texto detêm uma extensão de terras que vai do Amapá ao norte do Pará.

(B) Na opinião das autoras, o discurso dos livros didáticos trás uma visão, por vezes, distorcida da história dos índios brasileiros.

(C) Os povos indígenas do Amapá e do norte do Pará manteram uma história em comum ao longo do tempo.

(D) Alguns preconceitos serão desfeitos quando se fazer um estudo mais amplo a cerca dos povos indígenas do Brasil.

(E) As autoras se proporam a enfocar a história dos povos indígenas do Amapá e do norte do Pará por um novo viéz.

3. (2014/FCC/TJ-AP/Técnico Judiciário) A frase redigida com clareza e correção, de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está em: (A) Segundo a autora, o português de Dorica possue influência da língua indígena e do francês, e por isso às vezes prejudicava o entendimento do que ela queria dizer.

(B) Além das parteiras do Amapá, outras pessoas foram convidadas à fazer parte do livro de Eliane Brum, do qual foi elogiado por jornalistas e amantes da literatura.

(C) A autora emociona-se ao falar de Dorica, que o português é a segunda língua, mas que comunica-se com grande poesia nesse idioma.

(D) Dorica, Jovelina e outras parteiras reunem-se à fim de conduzir a jornalista em sua viagem pela floresta, embora revelando seus segredos.

(E) Em seu livro intitulado O olho da rua, Eliane Brum dedica-se à descrição do cotidiano de diversas personagens que compõem a sociedade brasileira.

4. (2013/VUNESP/TJ-SP/Médico Judiciário) Assinale a alternativa que completa, respectivamente, as lacunas das frases, com sentido coerente e atendendo às regras do português padrão.

Muitos temem que as radiações eletromagnéticas possam _____ doenças a quem mora nas proximidades das antenas de celulares.

Pacientes com câncer começam a se sentir mal quando entram na sala da quimioterapia, porque eles _____ a expectativa de sentir náusea após a sessão.

A bula dos remédios alerta para os riscos que o tratamento _____ traria aos pacientes.

(A) infringir … têm … possívelmente

(B) infligir … têm … possivelmente

(C) infligir … tem … possívelmente

(D) infringir … tem … possivelmente

(E) infringir … têm … possivelmente

5. (2013/VUNESP/TJ-SP/Escrevente Técnico Judiciário) Assinale a alternativa com as palavras acentuadas segundo as regras de acentuação, respectivamente, de intercâmbio e antropológico.

(A) Distúrbio e acórdão.

(B) Máquina e jiló.

(C) Alvará e Vândalo.

(D) Consciência e características.

(E) Órgão e órfãs.

6. (2013/TJ-GO/TJ-GO/Oficial de Justiça Avaliador) Marque a alternativa em que todas as palavras foram escritas corretamente:

(A) Progressão, omissão, pretenção, egrégio.

(B) Exceção, cessão, permição, profetizar.

(C) Pausa, ojeriza, maisena, apreensão.

(D) Analizar, cicatrizar, pesquisar, despesa.

7. (2013/MPE-MS/MPE-MS/Promotor de Justiça) Assinale a série em que todas as palavras estão grafadas corretamente: (A) pretensão, sucinto, regozijo, prazeirosamente.

(B) obsessão, supertição, oscilar, sopetão.

(C) propulsão, chuchu, frizar, insosso.

(D) coalizão, piche, deslize, lambujem.

(E) irascível, xícara, dissensão, irriquieto.

8. (2013/FEPESE/IPREV/Advogado/Questão adaptada) Assinale a opção com ortografia e acentuação corretas.

(A) ageitado, quizéssemos, reagir, fruir, lasso.

(B) cociente, quotidiano, amenisar, finjimento.

(C) (tu te) habituis, possue, sessão, diferir, paralise.

(D) obsecado, excessão, obsessivo, excepcional, preito.

(E) obcecação, espontâneo, empecilho, ascensão, excesso.

9. (2013/FCC/PGE-BA/Assistente de Procuradoria) Considere: No Brasil, a falta de educação entre as pessoas vem aumentando. Por uma _____, ainda que superficial, podemos _____ com _____ a falta de um _____ de discrição dos _____ de pais despreparados para educá-los.

As palavras que preenchem, respectivamente, as lacunas do texto acima estão corretamente grafadas em: (A) análise – enxergar – clareza – gesto – discípulos

(B) análise – enchergar – claresa – gesto – dicipulos

(C) análise – enchegar – clareza – jesto – disípulos

(D) análize – enxergar – clareza – jesto – discípulos

(E) análize – enxergar – claresa – gesto – dissípulos

10. (2013/VUNESP/TJ-SP/Advogado) De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, as lacunas do texto devem ser preenchidas, respectivamente, com: A Polícia Militar prendeu, nesta semana, um homem de 37 anos, acusado de _____ de drogas e _____ à avó de 74 anos de idade. Ele foi preso em _____ com uma pequena quantidade de drogas no bairro Irapuá II, em Floriano, após várias denúncias de vizinhos. De acordo com o Comandante do 3º BPM, o acusado era conhecido na região pela atuação no crime.

(A) tráfico … maltratos … flagrante

(B) tráfego … maltratos … fragrante

(C) tráfego … maus-trato … flagrante

(D) tráfico … maus-tratos … flagrante

(E) tráfico … mau-trato … fragrante

11. (2013/VUNESP/TJ-SP/Escrevente Técnico Judiciário) Assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, as lacunas do trecho a seguir, de acordo com a norma-padrão.

Além disso, __ certamente _____ entre nós _____ do fenômeno da corrupção e das fraudes.

(A) a … concenso … acerca

(B) há … consenso … acerca

(C) a … concenso … a cerca

(D) a … consenso … há cerca

(E) há … consenço … a cerca

12. (2014/IPAD/IPEM-PE/Analista) Assinale a alternativa cujo grupo de palavras está corretamente grafado, em concordância com o novo acordo ortográfico da língua portuguesa: (A) Asséquia, cacimba, acicate, loucinha.

(B) Acéquia, cacimba, acicate, loucinha.

(C) Asséquia, cassimba, assicate, louçinha.

(D) Asséquia, cacimba, acicate, louçinha.

(E) Acéquia, caçimba, assicate, loucinha.

13. (2013/VUNESP/TJ-SP/Escrevente Técnico Judiciário) Assinale a alternativa cujas palavras se apresentam flexionadas de acordo com a norma-padrão.

(A) Os tabeliãos devem preparar o documento.

(B) Esses cidadões tinham autorização para portar fuzis.

(C) Para autenticar as certidãos, procure o cartório local.

(D) Ao descer e subir escadas, segure-se nos corrimãos.

(E) Cuidado com os degrais, que são perigosos!

14. (2016/MPE-SC/MPE-SC/Promotor de Justiça) Analise as frases abaixo.

(A) Nossa reinvindicação é igual à dos servidores estaduais.

(B) O MPSC sediou o XX Congresso Nacional de Meio-Ambiente em abril.

As duas frases estão gramaticalmente corretas.

( ) Certo ( ) Errado

15. (2016/MPE-SC/Promotor de Justiça/Questão adaptada) No sistema ortográfico vigente, o emprego do hífen é determinado nas palavras iniciadas por prefixos tônicos como pós, pré e pró. Por esse motivo, pós-impressionismo é hifenizado.

( ) Certo ( ) Errado

16. (2016/MPE-SC/MPE-SC/Promotor de Justiça) Estão corretas as frases, quanto à hifenização: (A) O abaixo-assinado foi entregue à diretoria da empresa.

(B) Os abaixo assinados solicitaram aumento salarial.

( ) Certo ( ) Errado

17. (2014/FCC/TRT – 2ª Região/Analista Judiciário) A frase que está clara e em conformidade com a norma-padrão escrita é:

(A) Sempre taxado de inseguro, ousou levantar hipóteses que sortiram tal efeito entre seus pares, que passaram não só a lhe considerar um profissional responsável, como também a prognosticar-lhe um futuro bastante promissor.

(B) Em conversas insossas como essas que soem acontecer em situações formais, nada mais admissível que, se antevermos um assunto palpitante, nos agarremos à possibilidade de introduzi-lo e distendê-lo o máximo possível.

(C) Têm havido grandes discussões sobre as principais intervensões do poder público naquela área, mas o que observa-se é que todos buscam mesmo ocupar um discreto lugarzinho na administração.

(D) Continue a evitar comentários espontâneos que podem constituir risco, pois basta, segundo nos consta, a ponderação dos advogados para ver que o melhor jeito de enfrentar a polêmica é abster-se de declarações capciosas.

(E) Quaisquer que possa ser as opiniões dos líderes da comunidade, os últimos acontecimentos mostram que, quanto mais os jovens se aglutinem em prol de uma causa, mais se afastam daqueles.

18. (2016/UFMT/TJ-MT/Analista Judiciário) Na língua portuguesa, há muitas palavras parecidas, seja no modo de falar ou no de escrever. A palavra sessão, por exemplo, assemelha-se às palavras cessão e seção, mas cada uma apresenta sentido diferente. Esse caso, mesmo som, grafias diferentes, denomina-se homônimo homófono. Assinale a alternativa em que todas as palavras se encontram nesse caso.

(A) conserto, pleito, ótico

(B) cheque, descrição, manga

(C) serrar, ratificar, emergir

(D) taxa, cesta, assento

19. (2016/UFMT/TJ-MT/Analista Judiciário/Questão adaptada) A palavra radical pode ser empregada com várias acepções, por isso denomina-se polissêmica. Assinale o sentido dicionarizado que é mais adequado no contexto acima.

(A) Que existe intrinsecamente num indivíduo ou coisa.

(B) Brusco; violento; difícil.

(C) Que não é tradicional, comum ou usual.

(D) Que exige destreza, perícia ou coragem.

20. (2015/CAIP-IMES/IPREM/Procurador Jurídico/Questão adaptada) Analise os itens abaixo, coloque (C) para correto ou (E) para errado.

( ) As palavras seguintes, dependendo do contexto, podem ser usadas com ou sem acento. "hábito" – "silêncio" – "até" – "vário" – "está".

( ) Todas as palavras abaixo se escrevem com "sc" como "adolescência". fa__ínio – mi__igenação – plebi__ito – tran__ende.

( ) Todas as palavras, retiradas do texto, estão corretas quanto à divisão silábica. ci-rur-gião – a-pri-si-o-na-do – a-ma-re-lou – des-a-bro-chou.

( ) A pontuação está correta nos dois períodos abaixo. Os contratos e os outros documentos de natureza jurídica já foram redigidos? Os contratos e os outros documentos de natureza jurídica já foram redigidos!

( ) O uso do acento grave que indica a crase está correto na frase abaixo. Assuntos ligados à problemas jurídicos.

( ) O período abaixo se encontra na Voz Passiva. "… a roupa íntima, cuja brancura foi destronada pelo arco-íris;"

Assinale a alternativa correta.

(A) E – C – C – C – C – E.

(B) C – C – E – E – E – C.

(C) C – E – C – C – C – E.

(D) E – E – E – C – E – C.

21. (2015/FCC/TCE-AM/Auditor) Respeita a ortografia oficial vigente: (A) O culto à ignorância e à xenofobia é o responsável, em nosso dia-a-dia, por esta situação deplorável, que enserra a população local na bolha impenetrável de seus interesses e valores particulares.

(B) Incrementar a participação política é um desafio perene, aja vista a nova estratégia de controle político que aparelha muitos órgãos públicos, incluindo os do setor educacional.

(C) A soberania do mercado não é imprescindível para a democracia liberal – é uma alternativa a ela e a todo tipo de política, na medida em que elimina a necessidade de serem tomadas decisões que contemplem consensos coletivos.

(D) Foram mencionadas as estratégias para disperçar as cepas oligárquicas das altas esferas do poder e, sobretudo, para prover o controle jurídico das suas ações; mais, até o momento, não se obteve sucesso.

(E) Suas ideias íam de encontro às dos demais; ele sempre optava pelas vias mais polêmicas afim de obter atenção da audiência.

22. (2015/FCC/TRT – 3ª Região/Técnico Judiciário) Está redigida corretamente, quanto à ortografia e à acentuação gráfica, a frase: (A) A louza tradicional foi substituída por uma exposição em powerpoint na aula que teve como expectadores uma equipe de insígnes cientistas chineses.

(B) O intuito da aula de Xiaomei consistiu em exibir as habilidades da robô, que, além de dispor de um notável repertório de informações, traz funções de interação.

(C) O evento ocorrido na Universidade Jiujiang deve sucitar não apenas a curiosidade dos sinólogos, estudiosos da cultura chinesa, mas do publico de um modo geral.

(D) Xiaomei concluiu sua aula de maneira exitosa e os cientistas julgaram que a robô não teve um mal desempenho, embora ainda existam alguns ítens a ser aprimorados.

(E) O juri de cientistas que examinaram a atuação de Xiaomei era restrito, mas, graças às redes sociais, a notícia da robô se extendeu rapidamente pelo mundo todo.

23. (2015/FGV/DPE-RO/Analista da Defensoria Pública) O perfeito conhecimento ortográfico é indispensável ao bom redator; assinale a opção em que só uma das formas gráficas é considerada correta: (A) verruga / berruga;

(B) abóbada / abóboda;

(C) garagem / garage;

(D) selvícola / silvícola;

(E) delapidar / dilapidar.

24. (2015/FGV/DPE-RO/Analista da Defensoria Pública) A frase abaixo cuja lacuna deve ser preenchida pela primeira das palavras colocadas entre parênteses é: (A) O senador declarou que respeitava muito o seu _____. (mandado / mandato); (B) Muitos detalhes do crime passaram _____. (desapercebidos / despercebidos); (C) O _____ em computação fora trazido dos Estados Unidos. (esperto / experto); (D) Muitos dos acusados tinham receio de terem _____ os seus postos. (caçados / cassados); (E) O automóvel precisava de _____ urgente. (conserto / concerto).

25. (2015/FGV/TJ-BA/Analista Judiciário) "A história está repleta de erros memoráveis. Muitos foram cometidos por pessoas bem-intencionadas que simplesmente tomaram decisões equivocadas e acabaram sendo responsáveis por grandes tragédias. Outros, gerados por indivíduos motivados por ganância e poder, resultaram de escolhas egoístas e provocaram catástrofes igualmente terríveis."

(*As piores decisões da história*, Stephen Weir.) No texto, a palavra "bem-intencionada" aparece grafada com hífen; o Novo Acordo Ortográfico diz que "Nas palavras em que o primeiro elemento é bem-, a regra geral é o emprego do hífen, não importando se o segundo elemento começa por vogal ou consoante". Sobre esse caso, a afirmação correta é: (A) a palavra foi mal grafada, pois deve ser escrita sem hífen;

(B) a palavra foi bem grafada já que se trata da junção de um advérbio de modo + adjetivo; (C) a palavra foi bem grafada, pois se trata de um adjetivo composto com um elemento de valor prefixal; (D) a palavra foi mal grafada, visto que não se trata de um vocábulo, mas de dois; (E) a palavra foi bem grafada, pois houve mudanças nesse emprego, com as novas regras.

GABARITO

1. B
2. A
3. E
4. B
5. D
6. C
7. D
8. E
9. A
10. D
11. B
12. B
13. D
14. Errado
15. Certo
16. Certo
17. D
18. D
19. C
20. B
21. C
22. B
23. C
24. E
25. C

11 ACENTUAÇÃO GRÁFICA

Trata-se de sistema que demarca o acentuar na fala ou na escrita, permitindo a pronúncia das palavras com clareza e intensidade adequadas.

Em nosso idioma, a palavra que contiver duas ou mais sílabas, necessariamente, terá uma sílaba tônica. Esta hospeda o acento prosódico (o da fala) ou o acento gráfico (o da escrita).

Exemplo: *arquétipo* e *quero* ¦ que é a sílaba tônica. Na primeira palavra (*arquétipo*), a sílaba tônica recebe o acento gráfico, em função da regra das proparoxítonas; na segunda palavra (*quero*), a sílaba tônica recebe apenas o acento prosódico.

Passemos, agora, à importante classificação dos vocábulos quanto à posição da sílaba tônica: Oxítono: a sílaba tônica é a última.

Exemplos: *harém, gambá, pajé, Tietê, português, mister, ruim, Pará, ureter, cateter, masseter, Aracaju, novel, obus*.

Paroxítonos: a sílaba tônica é a penúltima.

Exemplos: *cânon, cônsul, hífen, elétron, alcácer, caracteres, pudico, avito, celtibero, recorde.*

Proparoxítonos: a sílaba tônica é a antepenúltima.

Exemplos: *arquétipo, aríete, lágrima, sófrego, rítmico, aeródromo, azáfama, aerólito, sátrapa.*

No plano da separação silábica, deve-se evitar a *silabada*, ou seja, o deslocamento equivocado da tonicidade da sílaba: "catéter" no lugar da legítima oxítona *cateter*; "récorde" no lugar da legítima paroxítona *recorde*; entre outros exemplos.

Ademais, para a boa compreensão do capítulo, urge relembrarmos os conceitos do *hiato* e do *ditongo*: Hiato: sequência de duas vogais que pertencem a sílabas diferentes.

Exemplos: *juízo (ju-í-zo); raízes (ra-í-zes); bainha (bai-nha); saí (sa-í); baú (ba-ú), instruí-los (ins-tru-í-los), Camboriú (Cam-bo-ri-ú).*

Ditongo: sequência de vogal e semivogal em uma só sílaba.

Exemplos: *avião (a-vi-ão), papagaio (pa-pa-gai-o), cadeira (ca-dei-ra).*

Oxítonos

1. Acentuam-se os vocábulos oxítonos terminados em:

- -a, -e, -o (seguidos ou não de -s): Exemplos: *gambá, vatapá, xarás, você, freguês, convés, vovô, robô, retrós.*

Observação: seguem esta regra os infinitivos seguidos de pronome. Exemplos: *contratá-lo*, *desejá-los-íamos*, *vendê-lo*, *compô-lo*,

predispô-la-ão.

- -em, -ens: Exemplos: *armazém, recém, vinténs, parabéns*.

Observação: não devem ser acentuados os monossílabos nem os paroxítonos terminados por -em ou -ens: *bem, trem, bens, trens, jovem, item, jovens, itens*.

2. Não levam acento os oxítonos terminados em -i(s), -u(s).

Exemplos: *puni-los*, *sacis*, *bambu*, *tatus*.

Observação: o -i e o -u levam acento quando precedidos de vogal átona com a qual formem hiato, seguidos ou não de -s. Exemplos: *instruí-los, país, Jaú, baús, Piauí, tuiuiú (tui-ui-ú), teiú-açu* (pl. *teiús-açus)*.

Por fim, conheçamos algumas oxítonas interessantes:

Albornoz	Comprá-lo	Projetil (ou a paroxítona Projétil)
Alcazar	Desdém	Ruim (ru-im)
Algoz ô	Desdéns	Somali lí
Ananás	Esmoler	Soror 259
Bagdali lí	Masseter (Plural: masseteres)	Tarzã 260
Bengali	Mister	Transistor 261
Cateter (Plural: cateteres)	Nobel bél	Ureter (Plural: ureteres)
Clister (Plural: clisteres)	Novel	Vendê-lo-ei
Condor (e não "côndor")	Obus	Xerox (ou xérox) 262

E mais:

Cajá	Má-criação	Saci

Colecionador	Moji	Sutil
Frenesi (ou Frenesim)	Pacu	Tuiuti
Juriti	Reduzi-los	Zebu

Paroxítonos

Conforme o recente Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, deixam de ser acentuados os ditongos abertos -éi, -ói e -éu das palavras paroxítonas.

Exemplos: *ideia, paranoico, Coreia.*

Observação: o acento permanece no caso de regra geral dos vocábulos paroxítonos terminados por -r (*Méier, destróier, gêiser*).

Além disso, deixaram de ser acentuadas as palavras paroxítonas com -i e -u tônicos que vierem depois de ditongo: Exemplos: *feiura, bocaiuva, boiuno, reiuno.*

Acentuam-se os paroxítonos terminados em: 263

- -l, -n, -r, -x, -ons, -ps Exemplos: *túnel, pólen, revólver, ônix, elétrons, tríceps.*
- -ã, -ãs, -ão, -ãos Exemplos: *ímã, ímãs, bênção, bênçãos.*

- -i, -is, -us, -um, -uns, -om Exemplos: *júri, lápis, bônus, álbum, médiuns, rádom, iândom.*
- encontros vocálicos 5 (ditongos crescentes) Exemplos: *história, série, pátio, água, tênue, ingênuo, mágoa, apolíneo, orquídea.*

Não se acentuam os paroxítonos terminados em:

- -ens

  Exemplos: *nuvens, imagens, itens, hifens, jovens, himens, liquens.*
- -r ou -i (nos prefixos) Exemplos: *super-homem, semi-intensivo, anti-inflamatório.*

Vamos conhecer algumas *paroxítonas* interessantes:

Abdome (ou Abdômen)	Caracteres	Flúor	Opróbrio

Acórdão	Cartomancia	Fortuito tui	Órfão
Albúmen (ou Albume)	Celtibero	Gratuito tui	Penedia
Algaravia	Ciclope cló	Homilia	Policromo
Aljôfar	Cóccix ksis	Homizio zí	Pudico
Almíscar	Cútis	Hoplita	Quiromancia
Ambrósia (ou Ambrosia)	Descreem	Ianomâmi	Recorde
Avaro	Dólmã(ou Dólman – VOLP 2009)	Ibero	Refrega
Avito	Druida	Ímã	Rocio cí
Aziago	Eclampsia (E-clam-psi-a)	Imbele bé	Rubrica
Azimute	Edito	Inaudito	Safári
Barbaria (ou Barbárie)	êiser	Lucúleo ou Lucúlio (VOLP 2009)	Serôdio 264
Bênção	Enjoo	Malaca (Cidade da Malásia)	Subida (subida honra)
Biquíni	Epicuro	Médium	Verossímil (e Inverossímil)
Bibliopola (= livreiro)	Erva-mate	Misantropo	Vômer
Bororos	Estêncil	Nhoque (e não "inhoque")	
Busílis	Filantropo	Opimo	

Observações:

Maquinaria *ri*: para a designação do conjunto de máquinas, há dois substantivos: um feminino – a *maquinaria* – e um masculino – o *maquinário*. Não existe, por exemplo, o termo "maquinária".

Como mecanismo mnemônico, procure associar *maquinaria* a palavras de estrutura semelhante, como: *cavalaria, livraria, sorveteria*. Portanto, memorize:

Substantivo Feminino	Substantivo Masculino
(A) MA – QUI – NA – RI – A	**(O) MA – QUI – NÁ – RIO**
Sílaba Tônica: RI	**Sílaba Tônica: NÁ**

Por falar em vocábulos paroxítonos – representantes do maior número de palavras em nosso idioma –, é mister notar que a acentuação das palavras *vocábulos* e *paroxítonos* ocorre em virtude de serem palavras *proparoxítonas*... por sinal, uma outra palavra proparoxítona. Sabe-se que todas as proparoxítonas são acentuadas na vogal tônica.

Proparoxítonos

Todos os vocábulos proparoxítonos são graficamente acentuados, sem exceção. Exemplos: *médico, ômega, álibi, aerólito, pêndulo, déssemos, álcool, cônjuge, míope, aeróstato, égide, quasímodo, término, bávaro, bárbaro, íngreme, sôfrego, chácara, xícara, ínterim, trânsfuga.*

Vamos conhecer algumas *proparoxítonas* interessantes:

Aeródromo	Azêmola	Ímprobo	Plêiade
Aerolítico	Cátedra	Improvido	Prônubo
Aerólito	Chávena	Ínclito	Proparoxítona
Aeróstato	Cotilédone	Índigo	Quadrilátero
Ágape	Crisântemo	Ínterim	Quadrúmano
Álacre	Écloga	Lídimo	Réprobo
Alcoólatra	Édito (ordem judicial)	Málaga (cidade da Espanha)	Rítmico
Álibi	Êmbolo	Munícipe	Sânscrito

Antífona	Éolo	Notívago	Semíramis
Aríete	Epóxido ks	Óbolo (e não "óbulo")	Sílfide
Arquétipo	Ériplo	Oxítona	Trânsfuga
Autóctone	Hégira	Paralelepípedo	Vermífugo
Azáfama	Impávido	Paroxítona	Zênite

Observações:

1. **Óculos**

Há substantivos que devem ser escritos no plural. Trata-se de vocábulos pluralícios. São eles: *os óculos, os parabéns, as felicitações, os cumprimentos, as saudações, os pêsames, as condolências*, *as cócegas, os afazeres, as custas, as férias, as núpcias, os anais, os antolhos, os arredores, as cãs, as exéquias, as fezes, os víveres*, *as alvíssaras, as arras, as belas-artes, as calendas, os esponsais, os fastos, as matinas*, *as efemérides, as endoenças, os escombros, os idos*, *as primícias*, *as copas* (naipe), *as espadas* (naipe), *os ouros* (naipe), *os paus* (naipe), *os lêmures* (fantasmas), *as olheiras* (a forma singular "olheira" é aceita pelo Houaiss e pelo VOLP 2009), *as hemorroidas* (ou as *hemorroides*) 265.

2. **Palíndromos Os** palíndromos **são as palavras, frases ou números que, se lidos da esquerda para a direita ou da direita para a esquerda, mantêm-se iguais. "Ana" é exemplo de palíndromo, uma vez que as três letras formam a palavra** Ana**, se unidas da esquerda para a direita ou vice-versa. O mesmo ocorre com** Amor e Roma**. Tente você mesmo! Não é interessante? Agora se divirta com o rol privilegiado de palíndromos em nosso idioma: • Irene ri.**
    - A diva em Argel alegra-me a vida.
    - 1001
    - 11
    - "Tucano na Cut" (livro de Rômulo Pinheiro, acerca do assunto) • Socorram-me, subi no ônibus em Marrocos.

3. **Apócrifos O vocábulo** anônimo **quer dizer sem nome de autor, ou seja, sem autoria. Por outro lado,** apócrifo **significa algo com autoria, mas sem autenticidade. É o caso, na linguagem bíblica, dos evangelhos apócrifos (Evangelho de São Pedro, Evangelho de São Tomé), em que os autores são identificados, mas não há autenticidade.**

4. **Antártida O vocábulo** Antártida **refere-se à denominação dada ao continente gelado. O nome** Antártida **é preferível ao vocábulo** Antártica**. A propósito, reserve o termo** antártica **para o adjetivo, e não para o substantivo designativo do continente. Assim: a) ao se referir às aves do continente, usa-se** aves antárticas**. Da mesma forma,** geleiras antárticas**,** baleias antárticas**. Aliás,**

a edição do VOLP 1999 previa, como adjetivos, as formas antártico **e** antártido**. Hoje, à luz do VOLP 2009, só temos o abono da primeira forma –** antártico**; b) ao se referir ao continente, usa-se** Antártida**. Exemplos: •** "Buraco de ozônio cresce na Antártida"[266]**.**

- *"Na Antártida, há muitas forças grandes em jogo: clima, frio, mar, etc."* (Amir Klink).

Observação: não confunda o continente (*Antártida*) e o adjetivo (*antártica*) com a cerveja, cujo nome comercial é "Antarctica" (com -c).

5. Espécime Espécime **é substantivo masculino (**o espécime**). Não existe a forma no feminino, embora muitos artigos jornalísticos insistam na erronia. A forma variante** espécimen **(plural** espécimens**) é admitida pelo VOLP, também no gênero masculino.**

6. Lêvedo

Segundo o VOLP, diferentemente dos dicionaristas, que se apresentam demasiado contraditórios, o vocábulo *lêvedo* (proparoxítono) é adjetivo (*massa lêveda*), enquanto *levedo* (paroxítono) é substantivo. Dessa forma, devemos usar *lêvedo* para a acepção de "fermentado ou levedado", enquanto utilizaremos *levedo* para o "fermento, levedura ou cogumelo", em total consonância com a pronúncia popular no Brasil. Todavia, há gramáticos de nomeada, com os quais fazem coro alguns dicionaristas, que abonam a forma "lêvedo" para o substantivo, gerando na linguagem comum o conhecido "lêvedo de cerveja", em vez de *levedo de cerveja*, como estamos a preconizar no presente trabalho. Assim, não obstante as divergências, recomendamos: *Pão lêvedo – Massa lêveda*

Levedo de cerveja – Levedura de cerveja

Hiatos

Conforme o recente Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, formas verbais que contenham -oo e -ee, em hiato, não comportam mais o acento circunflexo.

Exemplos: *enjoo, perdoo, voo, creem, deem, leem, veem, descreem, releem, preveem.*

Observações:

a) o acento permanece no caso de regra geral dos vocábulos paroxítonos terminados por -n (*Herôon*); b) embora saibamos que o tema não se refere a *hiatos*, mas, sim, à temática do *acento diferencial*, vale aqui registrar que o acento circunflexo permanece no plural de *ter* e *vir*, incluindo os seus derivados (*manter*, *reter*, *conter*, *convir*, *advir* etc.). Exemplos: • *Ele tem a melhor solução – Eles têm a melhor solução.*

- *Ela vem de outra cidade – Elas vêm de outra cidade.*
- *João mantém o domínio – João e Maria mantêm o domínio.*
- *O juiz intervém nos autos – Os desembargadores intervêm nos autos.*
- *A medida convém ao processo – As medidas convêm ao processo.*

- *O detalhe sobrevém à análise – Os detalhes sobrevêm à análise;* c) acentuam-se as letras -i e -u quando uma delas for a vogal tônica de um hiato, seguidas ou não de -s: Exemplos: *caí, país, balaústre, baú, ateísmo, juízes, uísque, saímos, tuiuiú* (tui-ui-ú), *teiú* (tei-ú), *Piauí* (Pi-au-í); *destruí-lo, influí* (1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo), *destruí-lo, influí* (1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo); d) quando -l, -u, -m, -n, -r ou -z, enfim, letra diversa de -s, formarem sílaba com o -i ou o -u, não deveremos acentuar. Exemplos: *Adail*, *paul*, *pauis*, *instruiu*, *ruim*, *amendoim*, *contribuinte*, *ainda*, *cair*, *demiurgo*, *juiz*.
- Se o -i for seguido de -nh, não recebe acento: Exemplos: *rainha, moinho, bainha, tainha, ventoinha.*
- O -i e o -u não recebem acento quando aparecem repetidos: Exemplos: *xiita, vadiice, juuna, sucuuba.*

Alguns *hiatos* interessantes:

Bocaiuva (Acordo)	Parvoíce	Timboúva
Corruíra	Piauí	Traíra
Desdeem (verbo desdar)	Reboo (verbo reboar)	Tucumãí
Feiura (Acordo)	Reiuno (Acordo)	Uísque
Hemorroíssa	Teiú	Voo

Ditongos

Acentua-se a vogal dos ditongos orais abertos tônicos -éi(s), -éu(s), -ói(s), nos vocábulos oxítonos e monossílabos. Exemplos: *anéis, réu, réis, róis, chapéu(s), solidéu(s), céu(s), dói, anzóis.*

Monossílabos

Acentuam-se os monossílabos tônicos:

- terminados em -a, -e, -o, seguidos ou não de -s.

  Exemplos: *pá(s), pé(s), pó(s), mês, nó(s), pôs.*

Formas Verbais

As formas verbais hifenizadas (*davam-lhe, cantá-lo-ei, puni-lo, transpô-lo, escrevem-nos, queriam-se*) gozam de autonomia gráfica. Ainda que tais conjuntos soem como proparoxítonos, é a forma verbal, sem o pronome, que decide se deve ou não haver acento.

Trema

Conforme o recente Acordo Ortográfico, o trema – sinal colocado sobre a letra u, átona, para indicar a sua pronúncia nos grupos -gue, -gui, -que e -qui – deixa de ser adotado, sendo mantido o seu uso apenas nas palavras de origem estrangeira (por exemplo, *Bündchen*).

Acento Diferencial

Conforme o recente Acordo Ortográfico, foram abolidos os acentos agudo e circunflexo usados na distinção das *paroxítonas homógrafas* – palavras diferentes no significado e na pronúncia, mas que se escrevem de modo idêntico. Exemplos: • *para* (verbo *parar*) / *para* (preposição) • *pelo* (/pé/; verbo *pelar*) / *pelo* (preposição) / *pelo* (substantivo) • *pero* (substantivo: variedade de maçã) / *pero* (conjunção arcaica) • *pera* (substantivo) / *pera* (preposição arcaica) • *pela* (/pé/; verbo *pelar*) / *pela* (preposição) • *polo* (/pó/; substantivo: modalidade esportiva) / *polo* (/pô/; substantivo: falcão ou gavião) / *polo* (preposição arcaica)

Dicas finais

1. Continua em vigência o acento diferencial entre: • pôde (3ª pessoa do singular do pret. perf. do indicativo: *Ontem ele pôde*) / pode (3ª pessoa do sing. do pres. do indicativo: *Hoje ele pode*); • pôr (verbo: *Vou pôr as mãos naquele canalha*) / por (preposição: *Luto por você*).

2. O hífen e o acento agudo deixam de ser empregados em certas palavras compostas: *paraquedas, paraquedismo, paraquedista.*

3. Deixa de existir o acento agudo na letra -u dos grupos verbais que contenham *que/qui/gue/gui/guem/gues/guis/quem/ques*.

   Exemplos: *apazigue, arguem, averigues, argui, arguis, oblique, obliquem, obliques.*

Observação: recomenda-se verificar os detalhes sobre a conjugação de tais verbos no Capítulo 17.

CURIOSIMACETES

1. IMPIO (PÍ) E ÍMPIO (ÍM)

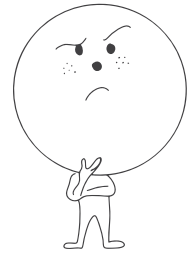

Os adjetivos são bem parecidos, no entanto têm significados dessemelhantes. Vejamos: a) **Impio** (im-pi-o) tem o sentido de "desumano, cruel, sem piedade". Exemplos: inimigo impio; fatalidade impia.

b) **Ímpio** (ím-pio) quer dizer "pessoa incrédula, antirreligiosa, contra Deus". Exemplo: O livro é ímpio, e o autor, impio.

2. INADIMPLÊNCIA OU INADIMPLEMENTO

Os substantivos inadimplência e inadimplemento designam a "falta de cumprimento de um contrato ou de parte dele" e são plenamente aceitos pelos dicionários e pelo VOLP. Embora considerados neologismos, são de uso generalizado e de formação etimológica regular, o que lhes imprime vernaculidade. Deles defluem vocábulos como adimplente, adimplência, adimplir, adimplemento, inadimplir, inadimplente – todos abonados pelo VOLP.

Enfatize que os verbos adimplir e inadimplir são defectivos, isto é, não possuem todas as formas. Assim, serão conjugados nas formas em que ao **-l** se segue a vogal **-i**. Exemplos:

img3

3. ÍNDEX OU ÍNDICE

Do vocábulo latino "index" (sem acento), derivaram dois substantivos masculinos para o nosso léxico: índice (proparoxítono) e índex (paroxítona acentuada, em razão da terminação em –x, à semelhança de tórax, fênix).

Registre-se que há em nosso idioma uma interessante expressão, pouco usada, mas que merece registro: pôr no índex, no sentido de assinalar alguém ou algo como nocivo ou indesejável. Exemplo: Vou pôr no índex o cunhado de Maria.

4. INDOCHINÊS

O adjetivo relativo à Indochina é indochinês, sem hífen. Exemplo: • O indochinês é o habitante de uma grande península asiática.

Por outro lado, indochinês é adjetivo relativo à Índia e à China. Exemplo: Tratado indochinês.

A HORA DO ESPANTO

AS "PÉROLAS" DO PORTUGUÊS

1. Jóvem / Vêncer Correção: da mesma forma, tais vocábulos não são acentuados. Por-tanto, grafam-se "jovem" (sem acento agudo) e "vencer" (sem acento circunflexo). Aliás, quanta criatividade do equivocado usuário da Língua com esse tal de "vêncer"...

2. Deboxe

Correção: o substantivo derivado do verbo debochar (zombar, escarnecer) é deboche, com -ch.

QUESTÕES

1. (2014/FCC/TJ-AP/Técnico Judiciário/Questão adaptada) Acentuam-se devido à mesma regra os seguintes vocábulos: (A) também, mantêm, experiências.

(B) indígenas, séculos, específico.

(C) acúmulo, importância, intercâmbio.

(D) políticas, história, Pará.

(E) até, três, índios.

2. (2014/FGV/TJ-RJ/Técnico de Atividade Judiciária/Questão adaptada) A correção na acentuação gráfica faz parte do cuidado com a norma culta na redação de um texto; a opção que apresenta um vocábulo do texto que é acentuado graficamente por razão distinta das demais é: (A) famílias;

(B) país;

(C) rodízio;

(D) água;

(E) desperdício.

3. (2016/FCC/TRF – 3ª Região/Analista Judiciário/Questão adaptada) Atente para as afirmativas abaixo.

I. Em ... *presta homenagem às potências dominantes*... o sinal indicativo de crase pode ser suprimido excluindo-se também o artigo definido, sem prejuízo para a correção.

II. O acento em "têm" é de caráter diferencial, em razão da semelhança com a forma singular "tem", diferentemente do acento aplicado a "porém", devido à tonicidade da última sílaba, terminada em "em".

III. Os acentos nos termos "excelência" e "necessário" devem-se à mesma razão.

Está correto o que consta em

(A) I, II e III.

(B) I, apenas.

(C) I e III, apenas.

(D) II, apenas.

(E) II e III, apenas.

4. (2015/Prefeitura do Rio de Janeiro – RJ/Analista Legislativo/Questão adaptada) "Um fotógrafo culto como Sebastião Salgado apoia seu assunto". Pela convenção ortográfica vigente, a palavra em destaque deixou de receber acento gráfico. Isso também aconteceu com os seguintes vocábulos: (A) juizes, bachareis, convem

(B) viuvo, bonus, assembleia

(C) heroico, feiura, releem

(D) orfã, consul, constituinte

5. (2016/MPE-SC/Promotor de Justiça/Questão adaptada) As palavras Atlântico, época, Pacífico são acentuadas graficamente por serem proparoxítonas.

( ) Certo ( ) Errado

6. (2016/MPE-SC/Promotor de Justiça/Questão adaptada) O acento gráfico em *navegação*, *através* e *Magalhães* obedece à mesma regra gramatical.

( ) Certo ( ) Errado

7. (2016/MPE-SC/Promotor de Justiça/Questão adaptada) Apesar de o trema ter desaparecido da língua portuguesa, ele se conserva em nomes estrangeiros, como em Schürmann.

( ) Certo ( ) Errado

8. (2016/CESPE/DPU/Analista/Questão adaptada) Os vocábulos "caráter", "intransferível" e "órgãos" são acentuados em decorrência da regra gramatical que classifica as palavras paroxítonas.

( ) Certo ( ) Errado

9. (2014/MPE-SC/Promotor de Justiça/Questão adaptada) O novo acordo ortográfico prevê que palavras paroxítonas com ditongos abertos "éi" e "ói" não são mais acentuadas. Servem de exemplo: paranoia, decibeis, ideia, asteroide, Coreia, Hanoi, carreteis, Troia, anzois, verborreia.

( ) Certo ( ) Errado

10. (2014/MPE-SC/Promotor de Justiça/Questão adaptada) A regra que explica a acentuação gráfica nas palavras Bocaiúva, Criciúma, feiúra, tuiuiú, heroísmo, Guaíba, Piauí e juízes, de acordo com o novo acordo ortográfico, é: "As vogais tônicas "i" e "u" que formarem sílabas sozinhas ou com "s" serão acentuadas, exceto quando seguidas de "nh".

( ) Certo ( ) Errado

11. (2014/MPE-SC/Promotor de Justiça/Questão adaptada) Na frase "As normas do estabelecimento preveem que o garçom para de trabalhar sempre que tiver que pôr a mão no vaso sanitário, sentir náuseas ou enjoos", a acentuação gráfica está de acordo com as regras em vigor atualmente.

( ) Certo ( ) Errado

12. (2014/FCC/TRF – 1ª Região/Analista Judiciário/Questão adaptada) Seguindo-se a regra determinada pelo novo acordo ortográfico, também deixaria de receber o acento agudo a palavra: (A) Tatuí.

(B) graúdo.

(C) baiúca.

(D) cafeína.

(E) Piauí.

13. (2014/FUNDATEC/SEFAZ-RS/Auditor Fiscal da Receita Estadual/Questão adaptada) Analise as afirmações que são feitas sobre acentuação gráfica.

I. Caso o acento das palavras 'trânsito' e 'específicos' seja retirado, essas continuam sendo palavras da língua portuguesa.

II. A regra que explica a acentuação das palavras 'vários' e 'país' não é a mesma.

III. Na palavra 'daí' há um ditongo decrescente.

IV. Acentua-se a palavra 'vêm' para diferenciá-la, em situação de uso, quanto à flexão de número.

Quais estão corretas?

(A) Apenas I e III.

(B) Apenas II e IV.

(C) Apenas I, II e IV.

(D) Apenas II, III e IV.

(E) I, II, III e IV.

14. (2014/FUNDATEC/SEFAZ-RS/Auditor Fiscal da Receita Estadual/Questão adaptada) Observe as palavras abaixo: – são, cumprimento, influencia, intenção.

Analise as afirmações abaixo:

I. Apenas uma palavra possui outra homônima.

II. Duas palavras possuem parônimos.

III. Em apenas uma palavra é possível inserir um acento circunflexo e obter outra palavra da língua portuguesa.

Quais estão corretas?

(A) Apenas I.

(B) Apenas II.

(C) Apenas III.

(D) Apenas I e II.

(E) I, II e III.

15. (2014/FUNDATEC/SEFAZ-RS/Técnico Tributário da Receita Estadual/Questão adaptada) Considere as assertivas abaixo sobre acentuação gráfica, letras e fonemas.

I. As palavras "irá" e "até" são acentuadas em virtude da mesma regra, e nenhuma delas possui mais letras do que fonemas.

II. Tanto em "países" quanto em "país" ocorre ditongo; e, em ambas, o número de letras difere do número de fonemas.

III. "vários" e "funcionário" continuariam a ser palavras da língua portuguesa caso o acento fosse retirado.

Quais estão incorretas?

(A) Apenas I.

(B) Apenas II.

(C) Apenas III.

(D) Apenas I e II.

(E) Apenas II e III.

16. (2014/ACAFE/PC-SC/Delegado de Polícia/Questão adaptada) Assinale a alternativa em que o acento gráfico é determinado pela mesma regra.

(A) índios, vácuo, mágoa, eloquência, espécie.

(B) Piauí, dendê, carijó, pôs, bênção.

(C) características, próprio, fracionários, sádico, encontrá-la-emos.

(D) louvável, jóquei, revólver, quiséssemos, conferência.

(E) renegá-la, período, juízes, maracujás, armazéns.

17. (2014/TJ-RS/Oficial de Justiça/Questão adaptada) Considere os pares de palavras a seguir.

I. saúde – indústrias

II. atrás – às

III. espécie – família

Em quais pares as palavras são acentuadas em virtude da mesma regra?

(A) Apenas I.

(B) Apenas II.

(C) Apenas III.

(D) Apenas I e III.

(E) Apenas II e III.

18. (2015/ESAF/Analista de Planejamento e Orçamento) Assinale a opção que contém erro de grafia.

(A) A doença Hanseníase, popularmente conhecida como lepra, chegou ao Brasil ainda no século 16. Por uma profunda falta de conhecimento sobre a doença, altamente infecciosa, as pessoas contaminadas eram isoladas compulsoriamente nos chamados leprosários. Lugares com pouca estrutura e sem lei, onde cada um deveria dar conta de si. O primeiro asilo-colônia ou sanatório para Hansenianos foi fundado em Recife no ano de 1714.

(B) Mas foi somente na década de 1920 que a doença se tornou um problema nacional. A fim de combate-la, foi criada a Inspetoria de Profilaxia e Combate à Lepra e Doenças Venéreas e, com isso, mais de dez estabelecimentos foram construídos. Segundo Guilherme Gorgulho Braz, jornalista e mestre em Divulgação Científica e cultura, "entre as décadas de 1920 e 1950, o Brasil contou com quarenta asilos-colônia, 80% deles inaugurados na Era Vargas, entre 1930 e 1945".

(C) "A hanseníase, ou lepra, foi estigmatizada em todo o mundo. Em grande parte, por ser, em muitos casos, uma doença degenerativa que evidencia quem é portador dela (manifestações cutâneas em partes do corpo que são visíveis, nas mãos e no rosto, por exemplo)", explica o pesquisador documental sobre a história da hanseníase no Brasil, Vicente Saul Moreira dos Santos.

(D) Em 1949, o isolamento de pacientes de hanseníase nos leprosários virou lei federal e vigorou até 1986. Totalmente isolados da sociedade considerada sadia, esses pacientes sofriam diversos tipos de alienação; aos que conseguiam alta, se reinserir fora dos leprosários não era tarefa fácil.

(E) O nome "lepra" não é mais utilizado. A "lepra" teve sua nomenclatura modificada gradualmente nos registros oficiais do Brasil para 'hanseníase', a partir da década de 1970, em grande parte graças ao esforço do médico Abrahão Rotberg (1912-2006), que foi diretor do Departamento de Dermatologia Sanitária de São Paulo, explica Guilherme.

(Adaptação da reportagem "A época dos leprosários", de Laís Modelli (revista *Caros Amigos*, ano XIX, n. 220, julho 2015.)

19. (2015/IESES/TRE-MA/Técnico Judiciário/Questão adaptada) Observe a acentuação da palavra "diluída". Agora escolha a alternativa que contenha uma palavra que seja acentuada pela mesma razão.

(A) Júri.

(B) Íris.

(C) Difícil.

(D) Concluíram.

20. (2015/IESES/TRE-MA/Analista Judiciário/Questão adaptada) Das alternativas a seguir, assinale a que apresente todas as palavras acentuadas (ou não) corretamente: (A) A estreia dos personagens em seus atos heroicos marcou a carreira dos atores, que agora têm suas vidas monitoradas por fãs e pela mídia.

(B) As raizes da carnaúba não resistiram às intempéries, o que resultou em uma moléstia que reduziu o número de árvores dessa espécie na região.

(C) A plateia ficou paranóica com a entrega do troféu para a equipe europeia.

(D) Todos os ítens metálicos que compunham o protótipo foram expostos à força de um imã com polos negativos e positivos.

21. (2015/CESPE/TCU/Auditor Federal de Controle Externo/Questão adaptada) Julgue o item a seguir.

As palavras "líquida", "público", "órgãos" e "episódicas" obedecem à mesma regra de acentuação gráfica.

( ) Certo ( ) Errado

22. (2014/Instituto AOCP/UFMT/Técnico em Segurança do Trabalho/Questão adaptada) Assinale a alternativa INCORRETA quanto ao que se afirma a seguir.

(A) Maringá acentua-se pela mesma regra de Paraná.

(B) Terra apresenta dígrafo, assim como fecho.

(C) Basta apresenta encontro consonantal, assim como pobres.

(D) Saída apresenta um hiato, assim como ideia.

(E) Esse apresenta três fonemas, assim como por.

23. (2015/CESPE/MPU/Técnico do MPU/Questão adaptada) Julgue o item a seguir.

A palavra "cível" recebe acento gráfico em decorrência da mesma regra que determina o emprego de acento em amável e útil.

( ) Certo ( ) Errado

24. (2014/FGV/TJ-RJ/Técnico de Atividade Judiciária) QUANTO FALTA PARA O DESASTRE?

Verão de 2015. As filas para pegar água se espalham por vários bairros. Famílias carregam baldes e aguardam a chegada dos caminhões-pipa. Nos canos e nas torneiras, nem uma gota. O rodízio no abastecimento força lugares com grandes aglomerações, como *shopping centers* e faculdades, a fechar. As chuvas abundantes da estação não vieram, as obras em andamento tardarão a ter efeito e o desperdício continuou alto. Por isso, São Paulo e várias cidades vizinhas, que formam a maior região metropolitana do país, entram na mais grave crise de falta d'água da história.

(*Época*, 16/06/2014)

A correção na acentuação gráfica faz parte do cuidado com a norma culta na redação de um texto; a opção que apresenta um vocábulo do texto 3 que é acentuado graficamente por razão distinta das demais é: (A) famílias;

(B) país;

(C) rodízio;

(D) água;

(E) desperdício.

25. (2013/FCC/PGE-BA/Assistente de Procuradoria) Todas as palavras estão acentuadas de acordo com as normas oficiais em:

(A) Aquí também se observam as preferencias musicais dos jovens que usam o transporte público.

(B) As raizes da falta de educação dos jóvens se devem também à falta de educação dos pais.

(C) Os ônibus contem uma verdadeira platéia ouvindo musicas altas nem sempre de carater muito agradável.

(D) Os passageiros não têm como evitar o terrível som do ruído das falas, ao celular, dentro dos ônibus.

(E) Alguem falando alto ao telefone, numa forma pouco rápida, revela um comportamento publico repreensível.

GABARITO

1. B

2. B

3. A

4. C

5. Certo

6. Errado

7. Certo

8. Certo

9. Errado

10. Errado

11. Certo

12. C

13. B

14. C

15. E

16. A

17. C

18. B

19. D

20. A

21. Errado

22. D

23. Certo

24. B

25. D

12 CRASE

A crase (do grego *krâsis*, ou seja, "mistura") é a fusão de duas vogais da mesma natureza. Assinalamos com o acento grave (`) o fenômeno da crase, que se traduz na fusão ou contração da preposição a com...

– o artigo definido feminino singular **a**, resultando em **À**; – o artigo definido feminino plural **as**, resultando em **ÀS**; – o pronome demonstrativo **aquela(s)**, **aquele(s)**, **aquilo**, resultando em **ÀQUELA(S)**, **ÀQUELE(S)**, **ÀQUILO**; – o pronome relativo **a qual**, **as quais**, resultando em **À QUAL, ÀS QUAIS**.

Observemos as frases abaixo:

Leve a encomenda *à* secretária.

(à = a1 + a2) a1 = preposição (da regência do verbo *levar*);a2 = artigo (que acompanha o substantivo feminino *secretária*).

Refiro-me *àquele* hóspede.

(àquele = a1 + aquele2) a1 = preposição (da regência do verbo *referir-se*);aquele2 = pronome demonstrativo.

Note a regra prática para se certificar de que haverá o sinal indicador da crase:

1º Passo: substitua a palavra antes da qual aparece o "a" ou "as" por um termo masculino.

2º Passo: se ocorrer "ao" ou "aos" como resultado, deve-se utilizar o sinal indicador da crase.

Exemplos:

- *Os papéis foram apresentados às autoridades / Os papéis foram apresentados aos juízes.*

No entanto, é imperioso dominar as regras específicas quanto à utilização do sinal indicativo da crase. Passemos ao detalhamento.

Casos obrigatórios de crase

1. Com o artigo “a”:

- *Dediquei-me à leitura.*

  [Dediquei-me (a + a) leitura].

- *Leve o livro à pessoa amada.*

  [Leve o livro (a + a) pessoa amada].

- *O candidato aspira à aprovação.*

  [O candidato aspira (a + a) aprovação].

2. Com nomes geográficos de cidades, países ou localidades que admitem o artigo definido feminino: • Vou à França – Vou à Colômbia – Vou à Argentina – Vou à Gávea Observações:

a) Para que se identifique a presença ou a ausência da crase, recomenda-se uma técnica: elabore uma frase com o verbo *voltar*, referindo-se ao ponto geográfico em exame. Se obtiver “volto de”, não haverá crase; se obtiver “volto da”, ter-se-á crase. Exemplos: • Vou a Roma – Volto de Roma (portanto, não há crase).

- *Vou à Argentina – Volto da Argentina (portanto, há crase).*

b) Quando o ponto geográfico vier acompanhado de qualificativo, a crase será obrigatória. Exemplos: • Vou à Brasília dos deputados.

- *Vou à Roma dos Césares.*
- *Vou à São Paulo da garoa.*
- *Vou à Florianópolis das 42 praias.*
- *Viajarei às 14h à Vacaria dos pinhais.*

3. Com os pronomes demonstrativos “aquele(s)”, “aquela(s)” e “aquilo”: • Resisti àquele doce.

  [Resisti (a + aquele) doce].

- *Cheguei àquele lugar.*

  [Cheguei (a + aquele) lugar].

- *Referi-me àquelas revistas.*

  [Referi-me (a + aquelas) revistas].

- *Fizeram alusão àquela testemunha.*

  [Fizeram alusão (a + aquela) testemunha].

- *Não dei importância àquilo.*

  [Não dei importância (a + aquilo)].

- *Prefiro isto àquilo.*

  [Prefiro isto (a + aquilo)].

Observações:

a) Há uma importante exceção: caso o pronome demonstrativo seja usado para entidade grafada com inicial maiúscula, fazendo-se questão de separar a preposição da inicial maiúscula de tal pronome. Exemplo: *Agradecemos a Aquele que nos protege*.

b) Usa-se, ademais, em formas, como: àqueloutro, àqueloutros, àqueloutra, àqueloutras. Exemplo: *Dirigimo-nos àqueloutro evento.*

4. Antes das formas pronominais compostas "a qual" e "as quais": • Esta é a festa à qual me referi.

- *Vi a casa do morro à qual eles se dirigiram.*
- *Fiz alusão às pesquisas às quais nos dedicamos.*
- *Deu valor às irmãs, às quais devia a vida.*

Observações:

a) Observe que, na frase *Esta voz é anterior à que você fez*, ocorre acento grave para indicar elipse de termo, o que obriga a presença do sinal grave indicador porque o vocábulo "anterior" exige a preposição "a", e temos a contração com o "a" seguinte. Procedendo à complementação, teremos: *Esta voz é anterior à [voz] que você fez*. Eis outro exemplo: *Não me refiro a ela; refiro-me à que encontramos ontem.* Complementando: *Não me refiro a ela; refiro-me à* [*mulher*] *que encontramos ontem.*

b) Não haverá a crase quando o "a" anterior for apenas uma preposição. Exemplos: • Esta é a pessoa a que fiz alusão.

- *Este é o autor a cuja obra ele se referiu.*
- *Esta é a donzela a que alude.*
- *Às cerimônias, a cujo início finalmente se procedeu, compareceram muitos curiosos.*

5. Antes de horas determinadas: • Chegou às duas horas.

- *Chegamos à uma hora da manhã. (ou à 1h)*

Ressalte-se que a crase será utilizada até mesmo com a expressão "zero hora". Exemplos: • À zero hora, avançaremos no campo de batalha.

- *"E tudo ia bem, até que, à zero hora do dia seguinte, o carro parou em Tamanduá-Mirim, diante de uma fila inerte de caminhões"* [267].

Observações:

a) O uso da expressão "a uma hora":

a.1) Caso se trate de *hora determinada*, a crase será obrigatória: • O baile acabou à uma hora da madrugada.

a.2) No entanto, tratando-se de *hora indeterminada*, não se usa a crase: • A tropa chegou ao campo de batalha a uma hora morta.

- *A uma hora destas, os larápios devem estar bem longe daqui.*
- *Irá a uma hora qualquer.*

a.3) Ademais, usa-se a forma "a uma hora", sem acento, para indicar distância no espaço ou no tempo: • A fazenda fica a uma hora daqui.

- *O atentado ocorreu a uma hora do início da apresentação.*
- *O metrô passará daqui a uma hora.*

a.4) Não haverá crase em expressões similares: “a duas horas daqui”, “a três quadras daqui” *etc.*

b) Recomenda-se a utilização do artigo na indicação de horas. Com efeito, o artigo evita a ambiguidade, evidenciando o sentido de marcação de horas, e não de duração do evento. Explicando: quando se escreve “o evento ocorre de 9h a 11h”, pode-se entender que o evento durará nove, dez ou até onze horas. Por outro lado, se a frase for “o evento ocorre das 9h às 11h”, ninguém duvidará que a duração do evento será de duas horas, começando às nove horas da manhã e finalizando às onze horas da manhã. Por esse motivo, entendemos que há equívoco na frase a seguir: “Quem voar entre 22h e 6h pode pagar 50% a menos” (*Diário de Pernambuco*).

Corrigindo: *Quem voar entre as 22h e as 6h pode pagar 50% a menos*.

(Observe que a preposição “entre” repudia a crase, repetindo-se, de modo elíptico, na oração: *Quem voar entre as 22h e [entre] as 6h pode pagar 50% a menos*).

Dica

Observe a frase: Espero desde as três horas.

A crase não ocorrerá, uma vez que “desde” já é preposição, não podendo ser seguida de outra. Além de “desde”, outros termos repelem a crase, por serem igualmente preposições. É o caso de “ante”, “após” e “perante”: • Ante a situação do crime, o ilícito se configurou.

• Após a decisão do júri, fui à igreja.

• Perante a juíza, comporte-se bem.

No quadro abaixo, vamos enfrentar a seguinte situação: a CRASE e as formações DE … A e DA(s) … À(s):

De … a	**Da(s) … à(s)**
Ele estuda de segunda a sexta.	O evento foi das 8h às 18h.
O curso será de 2 a 5 de maio.	Plantarão grama da quadra 10 à quadra 13.
Pegou chuva de Belém a Brasília.	O projeto é da página 8 à página 11.
Ele dançou de meia-noite a 2h30min.	Ele dançou da meia-noite às 2h30min.
Eles estudavam de 9h a 11h.	Viajou de moto da Bahia à Paraíba.

Comi em demasia de 1ª a 4ª séries.	Em Brasília, a vigilância se deu da SQS 310 à 312.
De hoje a domingo, rezarei as orações.	A viagem é da França à Alemanha.
Os namorados se viam de 8h30min a 11h30min.	A paralisação se deu da Rua da Consolação à Avenida Rebouças.

6. Com numerais ordinais femininos: • *Entregaram prêmios à primeira colocada.*

    • *Fizeram elogios ao primeiro e à segunda aluna da classe.*

7. Com termos que se apresentam ocultos: 7.1. Quando subentender a palavra *moda* ou *maneira*: • Usava sapatos à Luís XV.

    • *Escrevia à Machado de Assis.*

    • *Fez vários gols à Pelé.*

    • *Seus vestidos eram à Clodovil.*

    • *Vamos jogar à Corinthians.*

    • *Seu drible foi à Garrincha.*

    • *Bife à milanesa.*

    • *Era um quadro à Picasso.*

    • *Pedimos arroz à grega.*

    • *Seu estilo é à Erico Verissimo.*

    • *Farei uma bacalhoada à Portugal.*

    7.2. Quando subentender palavra feminina que determine *nome de empresa* ou *coisa*: • Referiu-se à Apolo (nave).

    • *Dirigiu-se à Gustavo Barroso (fragata).*

    • *Vou à Saraiva (editora).*

    • *Fez alusão à Carta Capital (revista).*

8. Antes de palavra feminina, nas locuções adjetivas, adverbiais, prepositivas ou conjuntivas: Observe o uso nas locuções:

- Adjetivas

    • *Foi um ótimo baile à fantasia.*

    • *É um sujeito à toa.*

- Adverbiais

    • *Fizemos tudo às escondidas.*

    • *Vivem viajando à noite.*

- Prepositivas

- *Estava à procura de um profissional.*
- *Andava à esquerda do jardim.*

- Conjuntivas
  - *A temperatura aumenta à proporção que nos aproximamos dos trópicos.*
  - *Ficamos mais maduros à medida que envelhecemos.*

Aprecie a lista com variados exemplos:

Eles se sentiram atraídos à primeira vista.	Eles usaram as roupas às avessas.
Prefiro que você aja sempre às claras.	Às vezes, chego ao trabalho esbaforido.
À medida que os juros baixaram, ele reagiu.	A embarcação estava à mercê das ondas.
À força de tanto estudar, acabou enlouquecido.	Vive à custa do pai (evite "às custas de...”).
Vive às expensas do pai (ou a expensas do...).	Foram ao espetáculo de comédia e riram à beça.
As embarcações ficaram à deriva.	As instalações estavam às moscas.
Ele correu tanto, e o esforço foi à toa.	Às turras, seguiu para o baile.
Chegou às pressas.	Ele seguiu à risca o problema.
Entrou à esquerda do pai.	Os erros foram cometidos às escâncaras.

Observação:

Nas locuções adverbiais que indicam meio ou instrumento, com substantivos femininos, não há consenso quanto à utilização do sinal indicador da crase. Por força da tradição, recomenda-se utilizá-lo, a fim de evitar dubiedade. Entretanto, em face do cambiante posicionamento dos gramáticos, preferimos defender aqui o uso facultativo. Exemplos:

Morto à [a] bala	Morto à [a] faca	Atacado à [a] navalha	Aberto à [a] foice
Escrito à [a] tinta	Elaborado à [a] mão	Feito à [a] máquina	Pagamento à [a] vista

Casos proibitivos de crase

1. Antes de palavra masculina: • Andava a pé.

    • *Pagamentos a prazo.*

    • *Vestir-se a caráter.*

    • *Andar a cavalo.*

    • *Caminhar a esmo.*

    • *Chegamos a tempo.*

    • *Morto a tiro.*

    • *Estamos a caminho.*

    • *O recurso foi interposto a destempo.*

    • *Fenômeno visível a olho nu.*

    • *A despeito da inexperiência, todos supuseram que ele seria candidato.*

    • *A princípio, tudo corria muito bem; com o passar do tempo, soçobrou.*

    • *O teste não deve ser feito a lápis.*

    • *Todos esses apetrechos pertencem a Alberto.*

2. Antes de verbo:

    • *Estava decidido a fugir.*

    • *A partir de domingo, tomaremos tal providência.*

    • *Ficou a ver navios.*

    • *Eles começaram a fazer os trabalhos.*

3. Antes de expressões em sentido genérico: 3.1. Quando se tratar de *palavras femininas genéricas*: • Não dê ouvidos a reclamações.

    • *Referi-me a mulheres, e não a meninas.*

    • *Não se prenda a coisas materiais.*

    • *Presto favores a pessoas dignas.*

    • *Ele é submisso a decisões do chefe.*

    3.2. Quando se tratar de *locuções de modo* (que exprimam a ideia de generalidade): • Pegaram-se a dentadas.

    • *Agrediram-se a bofetadas.*

    • *Progrediram a duras penas.*

    • *Reunião a portas fechadas.*

• *Jamais se submetia a humilhações.*

4. Antes de pronomes, em geral (indefinidos, demonstrativos, de tratamento ou pessoais): • Daqui a algumas horas, ele chegará.

• *A certa altura, cansou-o a demora.*

• *Estamos dispostos a qualquer coisa.*

• *Não entregue isto a ninguém.*

• *Leve o livro a ela.*

• *Disse isso a toda pessoa.*

• *Cheguei a esta conclusão.*

• *Pedi a ela que saísse.*

Observações:

a) Com os pronomes mesma, outra e própria, haverá crase: • Assistimos sempre às mesmas cenas.

• *Falou à mesma pessoa.*

• *Elas pensaram no que dizer uma à outra.*

• *Não fale nada às outras.*

• *Refiro-me à própria mulher.*

b) Não se usa crase antes de pronomes de tratamento:

• *Fique tranquilo: enviarei tudo a Vossa Senhoria.*

• *Leve a encomenda a Sua Excelência.*

c) Embora o tema seja tratado com certa polêmica, recomendamos a utilização do sinal indicador da crase antes de senhora, senhorita, dona, madame: • Referiu-se à senhora secretária.

• *Deu algumas moedas à senhorita.*

• *Encaminhou-se à dona Teresa.*

• *Dirigiu-se à madame Angélica.*

d) O termo sóror – utilizado para a indicação de freiras professoras – repele o artigo; logo, não haverá crase. Exemplos: • Fizeram menção a sóror Maria.

• *Quando se procura um santo para o Brasil, por que não se falar em "Sóror Joana Angélica"* [268]*?*

• *As "Cartas Portuguesas", escritas no século XVII, por Sóror Mariana Alcoforado (1640-1723), são um dos exemplos mais ardentes do amor desesperado de uma mulher pelo homem amado.*

5. Antes de quem e cujo(s), cuja(s): • Isto convém a quem nada sabe.

• *Ela é a autora a cuja peça me referi.*

6. Entre palavras repetidas: • Estavam cara a cara.

• *Ele ficou face a face.*

• *Ficou frente a frente com o inimigo.*

- *Gota a gota, a água acabou.*
- *Passo a passo, procedeu à análise dos medicamentos.*
- *Ele passou a máquina de ponta a ponta.*
- *Dia a dia, escreve muito.*

Casos específicos de crase

1. Antes de terra, casa e distância Observe o quadro explicativo:

Terra	Casa	Distância
Antes da palavra TERRA, como sinônimo de "terra firme, chão" (enfim, como oposição a "mar"). Exemplos: • Mandou o marinheiro a terra. • O navio está chegando a terra. • Tão logo desceram a terra, os aviadores relaxaram. • A tripulação do navio desceu a terra.	Antes da palavra CASA, como sinônimo de "lar". Exemplos: • Chegou a casa cedo. • Voltamos a casa. • Retornei a casa. • A casa, cheguei de inopino. • Sem perceber, a casa fui.	Antes da palavra DISTÂNCIA, quando indeterminada. Exemplos: • Fiquei a distância. • Estava a pequena distância do alvo. • O assaltante estava a distância. • A distância, fiquei imóvel e perplexo. • Aproxime-se, mas fique a distância.
Observação:	**Observação:**	**Observação:**
Se o termo TERRA vier particularizado ou se referir ao planeta, haverá a crase. Exemplos: • Voltou à terra natal. • Chegaram à terra dos pântanos. • Os astronautas regressaram à Terra. • A cápsula lunar voltou à Terra.	Se o termo CASA vier particularizado, haverá a crase. Exemplos: • Voltou à casa dos pais. • Iremos à Casa da Moeda. • Ele foi à casa nova. • À casa da noiva, cheguei à uma. • Ela foi à casa da sogra.	Se a palavra DISTÂNCIA vier especificada, haverá a crase. Exemplos: • Fiquei à distância de dez metros. • À distância de dois metros, permaneci. • Ele parou à distância de três metros.

2. A crase e seu uso facultativo A crase será facultativa em três importantes situações. Procure memorizá-las: I. Antes de pronome possessivo adjetivo feminino, no singular: • Refiro-me à (a) sua tia. (mas, com crase obrigatória, não obstante a controvérsia nesse caso: Refiro às suas tias.) • Não fez menção à (a) nossa empresa. (mas, com crase obrigatória, não obstante a controvérsia nesse caso: Não fez menção às nossas empresas.) II. Antes de nome próprio feminino:

    • *Declarou-se à (a) Jamile.*

    • *Dei o carro à (a) Rania.*

Observação:

Se houver intimidade, a crase será obrigatória. Exemplo:

    • *Fale à Miriam, minha irmã.*

Caso se trate de nomes femininos históricos ou emblemáticos, com os quais o anunciante não tenha intimidade, não se deve utilizar a crase. Exemplos: • Fiz alusão a Joana D'Arc.

    • *O pároco fez menção a Virgem Maria.*

    • *O professor aludiu a Maria Antonieta, a Rainha Austríaca.*

    • *Recorro a Santa Teresa.*

III. Depois da preposição *até*: • Fui até à (a) montanha.

    • *Ele chegou até à (a) porta, lentamente.*

    • *Andou a cavalo até à (a) entrada do sítio.*

3. A crase e a expressão *a uma (só) voz* A locução não receberá o acento grave indicador da crase. Exemplos: • Todos gritaram pelo homem, a uma voz.

    • *"Que significará isso? – perguntaram quase a uma voz"* 269.

    • *A resposta no samba de roda é sempre em coro, uníssono, coisa que o samba-enredo manteve.*

Observação: atente-se para o fato de que a expressão reduzida "à uma", no sentido de "a uma só voz", diferentemente, deve receber o sinal indicador da crase. Exemplo: • Todos gritaram à uma.

    • *Os guardas gritaram à uma: "Fora, todos!".*

    • *Todos berraram à uma: "Diretas já!".*

4. A crase e os pronomes adjetivos e substantivos O pronome pode ser adjetivo ou substantivo. Será *pronome adjetivo* quando modificar um substantivo expresso. Nesse caso, a crase será facultativa. Por outro lado, quando se tratar de pronome substantivo, a crase será obrigatória. Exemplo:

Este livro pertence à/a tua professora; aquele outro pertence à minha.

ANALISANDO:

Este livro pertence à/a (1) tua professora; aquele outro pertence à (2) minha.

(1) Pronome adjetivo, modificador de "professora": crase facultativa; (2) Pronome substantivo: crase obrigatória.

Veja mais um exemplo: *Vamos à (a) sua casa ou à minha.*

5. A crase e a expressão *dar à luz...*

À guisa de memorização, é imperioso recordar que não existe a forma "dar à luz a alguém", pois o correto é que "se dê alguém à luz". Aprecie, pois, as formas corretas: • Ela deu à luz gêmeos (e não "deu à luz a gêmeos").

- *A tia Elizete deu à luz Marlene e Marli (e não "...deu à luz a Marlene e Marli").*
- *Lígia deu à luz um casal de gêmeos.*

6. A crase e as expressões *dado(a)* e *devido* O termo *dado(a)* não requer o sinal indicador da crase (Exemplo: *dado o homem; dada a mulher*). Por outro lado, devemos escrever *devido a*, e não somente "devido". Dessa forma, observe as implicações quanto à crase: se digo *dada a situação*, direi *devido à situação* (com crase); se digo *dadas as ocorrências*, direi *devido às ocorrências* (com crase); se digo *dado o problema*, direi *devido ao problema*. Veja mais exemplos: • Dada a natureza da imunidade, há a necessidade de obedecer a requisitos.

- *Dadas as circunstâncias atenuantes, tudo pode melhorar.*
- *Devido às circunstâncias agravantes, tudo pode piorar.*

CURIOSIMACETES

1. INFENSO A

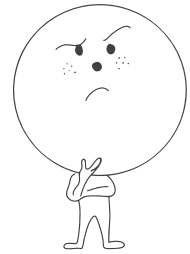

O adjetivo infenso significa "inimigo, contrário ou hostil". Pode ser utilizado em expressões, como: ser infenso a, mostrar-se infenso a. Portanto, aprecie as frases: • A revelação da MPB – Maria Rita – mostrou-se infensa às críticas.

- O advogado, infenso a atualizações, mostrou-se desnorteado.
- A mulher, infensa a intrigas, não se relacionava com as vizinhas.
- O policial, ouvido em audiência, mostrou-se infenso a conchavos.

2. VERBO JAZER

O verbo jazer significa "estar deitado, estar sepultado", sendo regular em todos os tempos. Ademais, conjuga-se normalmente em todas as formas, exceto quanto à terceira pessoa do singular do presente do indicativo (ele), cuja forma é "jaz", em vez de "jaze". Portanto, aprecie a conjugação: Eu jazo – Tu jazes – Ele jaz – Nós jazemos – Vós jazeis – Eles jazem.

Eu jazi – Tu jazeste – Ele jazeu – Nós jazemos – Vós jazestes – Eles jazeram.

Exemplos:

- Aqui jaz o corpo de um grande amigo.
- Aqui jazem os restos mortais do valente soldado.

- "... de tanta angústia se tomou, que os maus humores se lhe extravasaram, e ... jazeu uma semana no seu vasto leito, ..." 270 .
- "A fazenda jaz entre duas colinas". (Aurélio) • "... as semanas passavam, e todo esse belo material de experimentação, sob a luz branca da claraboia, jazia virgem e ocioso" 271.

3. LACÔNICO

O adjetivo lacônico, derivado do grego lakonikós, tem o sentido de "breve, conciso, expresso em poucas palavras", como o faziam os habitantes da Lacônia (região do sul da Grécia Antiga, hoje Peloponeso). Portanto, podemos usar tal adjetivo para resposta lacônica, linguagem lacônica.

A HORA DO ESPANTO

AS "PÉROLAS" DO PORTUGUÊS

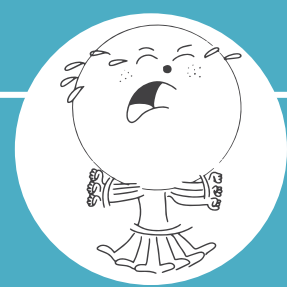

1. Não se fala outro assunto anonser ...

Correção: há situações em que é difícil descobrir o que se quis dizer, como se nota na forma "anonser". Seria a não ser? Quanta criatividade, não é mesmo? Portanto, corrigindo: Não se fala outro assunto a não ser ... .

2. Ao léo

Correção: a expressão idiomática aceita em nosso idioma é ao léu (com -u), na acepção de "à toa, a esmo, ao deus-dará, à vontade, ao acaso". A propósito, conta-se que, certa vez, um causídico desavisado usou, equivocadamente, a expressão "ao léo" em uma petição, sendo questionado, acertadamente, pelo Juiz sobre o ingresso de um novo interessado na lide: o "Léo" (de Leonardo...). Só rindo...

3. O direito tinha que ser engual para todos.

Correção: o adjetivo na acepção de idêntico ou análogo é igual, e não "engual". É difícil discernir o que é pior: a sonoridade ou a grafia da errônea forma.

QUESTÕES

1. (2015/VUNESP/TJ-SP/Escrevente Técnico Judiciário) O sinal indicativo de crase está empregado de acordo com a norma-padrão em: (A) Todos os documentos serão encaminhados às partes à partir da próxima semana.

(B) Todos tiveram de comparecer perante à autoridade, prestando contas à ela.

(C) Recusa-se à entregar às certidões antes do final do expediente.

(D) Encaminhamos à V.Exª os documentos à que se refere o Edital.

(E) O caso exige tratamento igual às partes, sem fazer exceção à ré.

2. (2015/VUNESP/Prefeitura de Caieiras – SP/Assessor Jurídico/Procurador Geral) O acento indicativo de crase está empregado corretamente na frase: (A) A autora faz referência à contribuição de alguns estudiosos para o entendimento do que seja a sorte.

(B) A autora atribui a sorte de algumas pessoas à uma tendência para buscar significados nos acontecimentos.

(C) A autora faz uma crítica à algumas pessoas que consideram os fatos corriqueiros como fruto de sorte ou azar.

(D) A autora recorre à pesquisas práticas para construir sua argumentação acerca da relação do homem com a sorte.

(E) A autora recusa-se à crer que todos os fatos rotineiros que nos frustram sejam simples reflexos da sorte.

3. (2014/VUNESP/TJ-SP/Escrevente Técnico Judiciário/Questão adaptada) __ quebra do compromisso entre Hong Kong e China, que atinge __ eleições marcadas para 2017, seguiram-se manifestações, pois, com o controle da cidade, haveria ameaça __ garantia de plenas liberdades.

(*Folha de S.Paulo*, 1º.10.2014. Adaptado) As lacunas devem ser preenchidas, correta e respectivamente, com:

(A) A … as … à

(B) À … às … à

(C) A … às … a

(D) A … às … à

(E) À … as … à

4. (2014/VUNESP/SAAE-SP/Procurador Jurídico) Leia o texto para responder à questão.

O Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente, ligado __ Presidência da República, aprovou resolução que, na prática, proíbe propaganda voltada __ menores de idade no Brasil. O texto, que o órgão considera ter força de lei, torna abusivo o direcionamento de publicidade __ esse público, com __ intenção de persuadi-lo "para o consumo de qualquer produto ou serviço".

(<http://www1.folha.uol.com.br>. Acesso em 24.3.2014. Adaptado) Considerando-se o uso do acento indicativo de crase, de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, as lacunas do texto devem ser preenchidas, respectivamente, com: (A) a … à … à … à

(B) à … a … a … a

(C) a … à … a … à

(D) à … a … à … a

(E) à … a … à … à

5. (2014/VUNESP/SAAE-SP/Fiscal Leiturista) A Organização Mundial de Saúde (OMS) atesta que o saneamento básico precário consiste ____ grave ameaça __ saúde humana. Apesar de disseminada no mundo, a falta de saneamento básico ainda é muito associada __ uma população de baixa renda, mais vulnerável devido __ condições de subnutrição e, muitas vezes, de higiene inadequada.

Assinale a alternativa que completa, correta e respectivamente, as lacunas do texto, segundo a norma-padrão da língua portuguesa.

(A) em … a … à … a

(B) em … à … a … a

(C) de … à … a … as

(D) em … à … à … às

(E) de … a … a … às

6. (2014/VUNESP/DESENVOLVESP/Advogado) Assinale a alternativa em que o acento indicativo de crase está empregado corretamente.

(A) Prefiro a solidão à ideia de ficar aqui contigo.

(B) Prefiro os perigos do mar à essa embarcação.

(C) Prefiro a morte à uma vida do teu lado.

(D) Prefiro o silêncio à qualquer conversa contigo.

(E) Prefiro os tubarões à você.

7. (2016/MPE-SC/Promotor de Justiça) "O americano Jackson Katz, 55, é um homem feminista – definição que lhe agrada. Dedica praticamente todo o seu tempo a combater a violência contra a mulher e a promover a igualdade entre os gêneros. (…) Em 1997, idealizou o primeiro projeto de prevenção à violência de gênero na história dos marines americanos. Katz – casado e pai de um filho – já prestou consultoria à Organização Mundial de Saúde e ao Exército americano."

(*Veja*, Rio de Janeiro: Abril, ano 49, n. 2, p. 13, jan. 2016.) No texto acima, o sinal indicativo de crase foi empregado corretamente, em todas as situações. Poderia ter ocorrido também diante dos verbos combater e promover, uma vez que o emprego desse acento é facultativo antes de verbos.

( ) Certo ( ) Errado

8. (2014/VUNESP/Câmara Municipal de São José dos Campos – SP/Técnico Legislativo) O acento indicativo de crase, em destaque nas frases, está empregado corretamente em: (A) A mesa farta dos nobres da Antiguidade já chegou à classe média.

(B) O acesso à alimentos de qualidade foi facilitado recentemente.

(C) O homem moderno habituou-se à uma vida sedentária.

(D) Sedentarismo e obesidade podem levar à várias doenças.

(E) Médicos aconselham seus pacientes à praticar atividade física.

9. (2014/FCC/TRF – 3ª Região/Analista Judiciário – Contadoria) Em nossa cultura, __ experiências _____ passamos soma-se __ dor, considerada como um elemento formador do caráter, contexto _____ *páthos* pode converter-se em *éthos*. Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada: (A) às – por que – a – no qual

(B) as – por que – a – do qual

(C) às – porque – a – em que

(D) às – pelas quais – à – de que

(E) as – que – à – com que

10. (2014/FCC/TRT – 19ª Região/Analista Judiciário) Sentava-se mais ou menos __ distância de cinco metros do professor, sem

grande interesse. Estudava de manhã, e __ tardes passava perambulando de uma praça __ outra, lendo algum livro, percebendo, vez ou outra, o comportamento dos outros, entregue somente __ discrição de si mesmo. Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada: (A) a – às – à – a

(B) à – as – a – à

(C) a – as – à – a

(D) à – às – a – à

(E) a – às – a – a

11. (2013/CESPE/STF/Analista Judiciário) Julgue o seguinte fragmento de texto quanto à correção gramatical: Após a promulgação da Constituição, em 15 de outubro de 1988, o país pode se reconhecer como um estado pleno de direito, em que todos são iguais perante às leis.

( ) Certo ( ) Errado

12. (2013/IBFC/MPE-SP/Analista de Promotoria I) Assinale a alternativa que completa, correta e respectivamente, as lacunas.

O Congresso acontecerá de 15 __ 20 de novembro e as inscrições estarão abertas __ partir da semana que vem. Os documentos devem ser enviados __ secretaria.

(A) à – a – a

(B) à – à – à

(C) a – à – à

(D) a – a – à

(E) à – a – à

13. (2013/FCC/AL-RN/Analista Legislativo) O sinal da crase está corretamente empregado em: (A) Chegando à cidade de seus avós, iriam dirigir-se a casa da família. A tarde fariam um passeio pela cidade e voltariam a casa à noitinha.

(B) O avião chegou a Roma às 6h00, mas os passageiros só desceram a terra às 6h30min. Alguns continuariam a viagem, pois iriam visitar à terra de seus antepassados.

(C) Deviam embarcar às 21h00, mas estavam atrasados por causa de um congestionamento que começara a 900 m do desembarque. Assim, chegados à distância de 100 m desse local, seguiram a pé para não perderem a viagem.

(D) Uma carta dirigida à Sua Excelência, o juiz da comarca, foi entregue à secretária, pois havia vários lugares a conhecer e pessoas à visitar.

(E) Terminada a viagem, todos chegariam à casa satisfeitos, após terem ido às compras para presentear seus familiares que os aguardavam à distância, em seus países.

14. (2013/FCC/PGE-BA/Assistente de Procuradoria) Considere: Ao comparar o processo de avaliação do ensino brasileiro __ estranha narrativa de Borges, o autor visa __ despertar os responsáveis para os males de uma educação que se acomoda __ condições mínimas estabelecidas para o funcionamento das instituições. Para ele, é fundamental que __ instituições se adequem __ necessidades das mudanças sociais e __ metas do crescimento econômico. A alternativa que completa corretamente as lacunas é (A) à – a – às – as – às – às

(B) a – à – às – as – às – às

(C) à – à – as – às – as – as

(D) a – a – às – as – a – a

(E) à – a – as – às – à – as

15. (2013/FCC/TRT – 18ª Região/Analista Judiciário) O sinal indicativo de crase está empregado corretamente na frase (A) As origens da poesia amorosa italiana geram controvérsias; as opiniões diferem conforme se dá mais relevo à novidade do conteúdo ou à novidade da forma artística.

(B) No século XVI, a literatura italiana antecipou-se à todas as outras literaturas europeias, criando novos gêneros e formas de expressão.

(C) Com os mestres de Dante, começa a poesia amorosa; Dante e Petrarca à continuam e Boccaccio fornece a ela novo requinte psicológico.

(D) Com a enorme influência da literatura francesa medieval não pode ser comparada à da literatura italiana do século XVI.

(E) As famílias florentinas dos Bardi e Peruzzi, comerciantes de lã, chegaram à conceder vultosos empréstimos à outras nações.

16. (2013/FCC/TRT – 12ª Região/Analista Judiciário) Entre as capitais brasileiras, somente o Rio de Janeiro é palco __ altura de Florianópolis na diversidade das belezas naturais. Com 400 mil habitantes, a cidade começa no continente e toma __ imensa Ilha de Santa Catarina, com cerca de 60 km de extensão, o que faz com que sejam longas as distâncias de uma praia __ outra.

(Adaptado de: <www.viagem.uol.com.br>) Preenchem corretamente as lacunas do texto acima, na ordem dada:

(A) à – à – a

(B) à – a – a

(C) a – à – à

(D) a – a – à

(E) à – à – à

17. (2013/FCC/TRT – 12ª Região/Analista Judiciário) No trabalho em equipe, respeito __ diretrizes é essencial, mas muitos profissionais decidem ignorar __ regras e tomam decisões de acordo com o que acham melhor. A resistência em aceitar regras geralmente está ligada __ adoção de novos procedimentos e sistemas.

(Adaptado de: <www.revistaalfa.abril.com.br>) Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

(A) às – as – à

(B) as – as – à

(C) as – às – à

(D) às – às – a

(E) as – às – a

18. (2012/VUNESP/TJ-SP/Escrevente Técnico Judiciário) No Brasil, as discussões sobre drogas parecem limitar-se __ aspectos jurídicos ou policiais. É como se suas únicas consequências estivessem em legalismos, tecnicalidades e estatísticas criminais.

Raro ler __ respeito envolvendo questões de saúde pública como programas de esclarecimento e prevenção, de tratamento para dependentes e de reintegração desses __ vida. Quantos de nós sabemos o nome de um médico ou clínica __ quem tentar encaminhar um drogado da nossa própria família?

(Ruy Castro, Da nossa própria família. *Folha de S.Paulo*, 17.9.2012. Adaptado) As lacunas do texto devem ser preenchidas, correta e respectivamente, com: (A) aos … à … a … a

(B) aos … a … à … a

(C) a … a … a … a

(D) a … a … à … à

(E) à … à … à … à

19. (2016/MPE-SC/Promotor de Justiça) A frase "Quando o juiz sentou na mesa, já havia tomado a decisão que mais gostava" está gramaticalmente correta quanto ao emprego de preposição.

( ) Certo ( ) Errado

20. (2012/FCC/TJ-RJ/Comissário da Infância e da Juventude) _____ Florença e Flandres deu-se a irradiação ____ cultura renascentista _____ toda a Europa.

(Adaptado do *Dicionário Houaiss*, verbete: irradiação) Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

(A) Por – da – à

(B) Da – à – por

(C) À – pela – de

(D) De – da – para

(E) Para – à – de

21. (2016/FGV/MPE-RJ/Analista do Ministério Público/Questão adaptada) Observe as quatro ocorrências do acento grave indicativo da crase: "vise à promoção de políticas de controle" (1), "tornando-os inacessíveis à grande massa populacional" (2), "Além disso, à medida que as cidades crescem" (3) e "que às vezes não contam com saneamento básico" (4).

Os casos de crase que correspondem à união de preposição + artigo definido são: (A) 1 e 2;

(B) 1 e 4;

(C) 2 e 3;

(D) 3 e 4;

(E) todos eles.

22. (2016/VUNESP/Prefeitura de São Paulo – SP/Analista Fiscal de Serviços) Nas universidades, as iniciativas de solidariedade visam oferecer apoio _____ precisa, com respeito ___ diferenças, entendendo-se que não se deve negar _____ um refugiado _____ esperança por uma vida melhor.

De acordo com a norma-padrão, as lacunas da frase devem ser preenchidas, respectivamente, com: (A) aquele que … à … a … à

(B) àquele que … às … a … a

(C) à quem … às … à … à

(D) a quem … as … à … a

(E) àquele que … as … a … à

23. (2016/MPE-SC/Promotor de Justiça) Em relação ao emprego do sinal de crase, estão corretas as frases: (A) Solicito a Vossa Excelência o exame do presente documento.

(B) A redação do contrato compete à Diretoria de Orçamento e Finanças.

( ) Certo ( ) Errado

24. (2016/MPE-SC/Promotor de Justiça) "Desde as primeiras viagens ao Atlântico Sul, os navegadores europeus reconheceram a importância dos portos de São Francisco, Ilha de Santa Catarina e Laguna, para as 'estações da aguada' de suas embarcações. À época, os navios eram impulsionados a vela, com pequeno calado e autonomia de navegação limitada. Assim, esses portos eram de grande importância, especialmente para os navegadores que se dirigiam para o Rio da Prata ou para o Pacífico, através do Estreito de Magalhães".

(Adaptado de SANTOS, Sílvio Coelho dos. *Nova História de Santa Catarina.* Florianópolis: edição do Autor, 1977, p. 43.)

No texto acima observa-se o emprego do acento indicador de crase, em à época. Em a importância e a vela esse acento é facultativo.

( ) Certo ( ) Errado

25. (2014/ESAF/Receita Federal/Auditor Fiscal da Receita Federal) Assinale a opção que preenche as lacunas do texto de forma gramaticalmente correta e textualmente coerente.

Sem __1__ pujança econômica de outrora, __2__ Europa registra nos últimos tempos o fortalecimento de pressões xenófobas e anti-imigração. Após __3__ crise global, iniciada em 2008, e o consequente aumento dos índices de desemprego no continente, grupos de extrema-direita conquistaram níveis inéditos de participação nos Parlamentos nacionais da Suécia e da Grécia. Não satisfeitos em exercer __4__ representação política, tais agremiações têm protagonizado lamentáveis episódios de agressão __5__ minorias de outras nacionalidades.

(Adaptado de *Folha de S.Paulo*, 12 de fevereiro de 2014.) (A) 1. à; 2. a; 3. à; 4. a; 5. as;

(B) 1. a; 2. a; 3. a; 4. a; 5. às;

(C) 1. a; 2. à; 3. a; 4. à; 5. as;

(D) 1. a; 2. a; 3. à; 4. a; 5. às;

(E) 1. à; 2. à; 3. a; 4. à; 5. as.

GABARITO

1. E

2. A

3. E

4. B

5. B

6. A
7. Errado
8. A
9. A
10. B
11. Errado
12. D
13. C
14. A
15. A
16. B
17. A
18. B
19. Errado
20. D
21. A
22. B
23. Certo
24. Errado
25. B

13 REGÊNCIAS NOMINAL E VERBAL

Regência Nominal

É a relação de dependência existente entre um *nome* (substantivo, adjetivo, advérbio) e seu *complemento*.

Certos substantivos e adjetivos admitem mais de uma regência. A escolha desta ou daquela preposição deve, no entanto, subordinar-se aos ditames da clareza e da eufonia e adequar-se aos diferentes matizes do pensamento.

Principais Regências de Substantivos e Adjetivos:

acessível a, para, pôr	diferente com, em, entre, por, de	natural a, em, de
acostumado a, com	difícil a, em, para, de	necessário a, em, para
adaptado a	digno de	negligente em
afável a, com, para com	entendido por, em	nocivo a
aflito com, por	equivalente de, a	ojeriza a, com, contra, por
agradável a, de, para	erudito em	paralelo a, com, de, entre
alheio a, de	escasso de	parco com, em, de
alienado de	essencial a, de, em, para	passível de
alusão a	estranho de, a	perito em
amante de	fácil a, em, para, de	permissível a
análogo a	favorável a	perpendicular a
ansioso de, para, por	fiel em, para com, a	pertinaz em

apto a, para	firme em	possível a, de
assíduo a, em	generoso em, para com, com	possuído por, de
atento a, em, para	grato para, por, a	posterior a
ausente a, de, em	hábil para, em	preferível a
aversão a, em, para, por	habituado com, em, a	prejudicial a
avesso a	hostil contra, para com, a	presente a
ávido de, por	horror de, diante de, por, a	prestes a, em, para
bacharel em, por	idêntico em, a	propenso a, para
benéfico a, para	impossível a, para, de	propício a, para
capaz de, para	impróprio a, de, para	próximo a, de
certo com, de, em, para	imune de, a	relacionado com
compatível a, com	inclinação a, para, por	residente em
compreensível a, para	incompatível com	responsável a, de, por
comum a, com, em, entre, para, de	inconsequente em, com	rico de, em
confiança em	indeciso entre, quanto a, sobre, em	seguro com, contra 2
constante de, em	independente de	semelhante a, em
contemporâneo a, de	indiferente a, com, diante de, em 1	sensível a, para
contíguo a	indigno de	sito em, entre
contrário a, de, em, por	inerente a, em	situado a, em, entre
curioso de, a, por	insaciável de	suspeito a, de

desatento a	junto a, com, de	transversal a
descontente com, de	leal a, com, em, para com	útil a, em, para
desejoso de	lento de, em	vinculado a
desfavorável a, para	liberal com, de, em, para com	versado em
devoto a, de	medo a, de	

Observe alguns deslizes de Regência Nominal: 272 273

1. "O lema era: Governo responsável com o dinheiro do povo."

   Corrigindo: O lema era: *Governo responsável pelo dinheiro do povo.*

2. "Ele tinha confiança de que sairia vitorioso."

   Corrigindo: *Ele tinha confiança em que sairia vitorioso.*

3. "Ela é igual eu."

   Corrigindo: *Ela é igual a mim.*

4. "Ele é bacharel de Direito."

   Corrigindo: *Ele é bacharel em Direito.*

5. "Ele é curioso com tudo que vê."

   Corrigindo: *Ele é curioso de tudo que vê.*

6. "Estamos curiosos em encontrar o segredo."

   Corrigindo: *Estamos curiosos de encontrar o segredo.*

7. "Ele está alienado com sua atividade política."

   Corrigindo: *Ele está alienado de sua atividade política.*

8. "Todos estavam ansiosos em vê-lo."

   Corrigindo: *Todos estavam ansiosos de / para vê-lo.*

9. "Ele era suspeito por um crime que não cometeu."

   Corrigindo: *Ele era suspeito de um crime que não cometeu.*

10. "Esta função não é compatível de sua dignidade."

    Corrigindo: *Esta função não é compatível com sua dignidade.*

11. "Estava inclinado em aceitar o convite."

    Corrigindo: *Estava inclinado a aceitar o convite.*

12. "Aquele que se mostra ávido à sabedoria enriquece sua alma" 274.

    Corrigindo: *Aquele que se mostra ávido de / por sabedoria enriquece sua alma.*

13. “Ele revela muita inclinação com as artes” 275.

Corrigindo: *Ele revela muita inclinação às artes.*

14. “Chamam ‘mitologia’ os, de todo tipo, relatos e lendas maravilhosas, cujos monumentos e textos figurados nos dão mostra que sua ocorrência deu-se nos países de língua grega (...)” 276.

Corrigindo: *Chamam “mitologia” os, de todo tipo, relatos e lendas maravilhosas, cujos monumentos e textos figurados nos dão mostra de que sua ocorrência deu-se nos países de língua grega (...).*

Regência Verbal

É a relação de dependência ou subordinação entre o verbo e os termos da oração. Observe a legenda abaixo, usada nos verbos a seguir detalhados:

VTD	**Verbo Transitivo Direto**: verbo que pede um complemento sem preposição obrigatória.
VTI	**Verbo Transitivo Indireto**: verbo que pede um complemento introduzido por preposição obrigatória.
VTDI	**Verbo Transitivo Direto e Indireto**: verbo que pede dois complementos, um sem a preposição obrigatória e o outro com ela.
VI	**Verbo Intransitivo**: verbo que não pede complemento. Pode vir acompanhado de um adjunto adverbial.

Seguem alguns verbos que despertam interesse quanto à regência verbal:

1. Abdicar

VI, no sentido de renunciar ao poder ou cargo em que se achava investido. Exemplo: • D. Pedro abdicou em 1831.

VTD, no sentido de renunciar voluntariamente a, resignar, desistir de. Exemplo: • Os funcionários abdicaram o cargo.

VTI, no sentido de desistir de, renunciar. Exemplo: • Abdicou de seus direitos.

2. Agradar

VTD, no sentido de acariciar. Exemplo: • O menino agradava seu animal de estimação.

VTI, no sentido de ser agradável a. Exemplo: • As novidades agradaram aos investidores.

3. Agradecer

VTD, no sentido de mostrar-se por grato, quando o objeto for coisa, desde que não personificada. Exemplo: • Agradeceu o presente.

VTI, no sentido de manifestar gratidão, quando o objeto for pessoa ou ser personificado. Exemplo: • Eu agradeci aos convidados.

VTDI, no sentido de manifestar gratidão e/ou recompensar, retribuir, quando se refere a coisas e pessoas. Exemplo: • Agradeço a Deus os acontecimentos da minha vida.

4. Ajudar

Seguido de um *infinitivo transitivo precedido da preposição a*, rege indiferentemente *objeto direto e objeto indireto*. Exemplo: • Ajudou *o / ao* amigo a resolver os exercícios.

Se o infinitivo preposicionado for *intransitivo*, rege apenas o *objeto direto*. Exemplo: • Ajudaram *o* ladrão a escapar.

Não seguido de infinitivo, geralmente rege *objeto direto*. Exemplo: • Ajudei-*o* demasiadamente.

5. Anuir

Rege as preposições a e em (não aceita *lhe(s)*). Exemplo: • Anuiu *a / em* tais propostas de contrato.

6. Ansiar

VTD, no sentido de angustiar, causar mal-estar, oprimir, almejar. Exemplo: • O excesso de problemas ansiava o homem.

VTI, no sentido de desejar com veemência, ardentemente, requerendo a preposição por (não aceita *lhe(s)*). Exemplo: • Anseio por uma nova visita de Solange.

7. Aspirar

VTD, no sentido de respirar, inspirar, sorver. Exemplo: • Nada como aspirar o puro ar das montanhas.

VTI, no sentido de pretender, desejar (não admite o pronome *lhe(s)*, mas apenas as formas *a ele(s)*, *a ela(s)*). Exemplo: • *Sempre aspiramos à felicidade / a ela.*

8. Assistir

VTI, no sentido de estar presente, presenciar (não admite o pronome *lhe(s)*, mas apenas as formas *a ele(s)*, *a ela(s)*). Exemplos: • Assistimos ao filme ontem / a ele ontem.

• *Assistimos à audiência / a ela.*

VTI, no sentido jurídico de caber. Exemplo: • Este direito não assiste ao acusado.

Observação: é possível a utilização do pronome *lhe*. Exemplo: • Este direito não lhe assiste.

VI, no sentido de residir, habitar. Exemplo: • Ele assiste em São Paulo há dois anos.

VTD, no sentido de amparar, dar assistência. Exemplos: • O advogado assiste o réu.

• *O médico assistiu o paciente.*

Observação: note o erro grosseiro que se cometeu em legislação específica, cujo teor assim se dispôs: "O art. 6º da MP 21.143-31 disciplina: 'À Corregedoria-Geral da União compete assistir <u>ao</u> Presidente da República …'".

Erro: no sentido de "prestar assistência", o verbo *assistir* é VTD, não requerendo a preposição "a". Portanto: *À Corregedoria-Geral da União compete assistir <u>o</u> Presidente da República …*

9. Atender

Com nome de pessoa, prefere-se objeto direto. Nos outros casos, utiliza-se, indiferentemente, objeto direto ou

objeto indireto, embora seja mais comum o uso deste último. Exemplos: • O juiz atendeu o advogado.

- *O juiz atendeu o/ao requerimento da parte.*
- *O advogado atendeu o cliente.*
- *O advogado atendeu o/ao pedido do cliente.*
- *O advogado atendeu a/à intimação.*

10. Chamar

VTD, no sentido de convocar. Todavia, o objeto pode vir preposicionado. Exemplo: • O rei chamou a corte. E também chamou pelos representantes do povo.

Construído com objeto seguido de predicativo, admite as seguintes regências: • Chamei-o incompetente.

- *Chamei-o de incompetente.*
- *Chamei-lhe covarde.*
- *Chamei-lhe de covarde.*

11. Chegar

VTI, no sentido de aproximar. Chega-se a algum lugar (e não em, na ou no), quando há indicação de destino. Portanto, note os exemplos: • O advogado chegou à conclusão certa.

- *O juiz chegou ao veredicto.*
- *Todos chegaram ao melhor entendimento acerca do caso.*

VI, acompanhado de adjunto adverbial de lugar – uma regência que ocorre na maioria das vezes: • Ele chegou à sala de aula.

- *Chegou a São Paulo.*
- *Ele chegou a casa cedo.*
- *"Ao chegar a casa, Tavares encontrou a irmã preocupada"* 277.

12. Consentir

VTD, no sentido de dar consenso ou aprovação a. Exemplo: • A maioria dos presentes consentiu a adoção das medidas.

VTDI, no sentido de permitir, admitir, tolerar. Exemplo: • Não consentia tal desapreço à pessoa do prefeito.

Observação: Conforme o disposto no Dicionário Gramatical de Verbos – UNESP, o verbo "consentir – com sujeito inativo expresso por nome abstrato e com complemento da forma 'com + nome abstrato' – significa 'estar em harmonia com', 'ser conforme': 'a justiça consente com a necessidade'".

13. Custar

No sentido de ser custoso, difícil, emprega-se na 3ª pessoa do singular, tendo como sujeito uma *oração reduzida de infinitivo*, a qual pode vir precedida da preposição a. Exemplos: • Custa-me dizer que consegui o objetivo.

- *Custa-me a dizer que consegui o objetivo.*

VTDI, no sentido de acarretar trabalhos, causar sofrimentos. Exemplo: • *A conquista do pão de cada dia custa ao pobre muito sofrimento.*

14. Declinar

VTD, no sentido de revelar, mostrar. Exemplos: • Ele declinou a identidade.

• *Todos declinaram os seus nomes.*

VTI, no sentido de discordar, requerendo a preposição de. Exemplos: • Ele declinou da lei.

• *Nós declinamos de seu posicionamento.*

• *A lei de que declino é esta.*

15. Deparar

VTD, no sentido de "enfrentar", em forma pouco usual: *Deparei uma situação.*

VTI, no mesmo sentido retrocitado, em forma mais comum (o verbo deve aparecer na forma não pronominal): • *Deparei com uma situação.*

• *Deparamos com uma nulidade.*

• *Este é o homem com quem deparei na rua.*

Pronominal, sem a preposição, na forma deparar-se. Exemplos: • *Depararam-se-me coisas estranhas.*

• *Deparou-se-me o documento no processo.*

• *O destino me deparou uma coisa surpreendente.*

16. Esquecer e Lembrar

Admitem três construções:

Esqueci / Lembrei os fatos.

Esqueci-me / Lembrei-me dos fatos.

Esqueceram-me / Lembraram-me os fatos.

Detalhando: "Os fatos", que, nas duas primeiras construções, é objeto, passa a ser sujeito na terceira. Portanto: • "Os fatos esqueceram-me" significa "Os fatos me fugiram da memória".

• *"Os fatos lembraram-me" equivale a "Os fatos me vieram à lembrança".*

17. Implicar

VTD, no sentido de acarretar, envolver (sem a preposição em). Exemplos: • A resolução da questão implica nova teoria.

• *Isso implica sérios problemas.*

VTI, no sentido de ter implicância, mostrar má disposição. Exemplo: • Ela sempre implicou com os meus hábitos.

VTI, no sentido de comprometer-se, envolver-se. Exemplos: • Implicou-se com negociações difíceis.

• *Implicou-se em negócios ilícitos.*

• *Implicou o colega em questões políticas (aqui o verbo passa a ser* VTDI*, com objeto direto "o colega").*

18. Importar

VTD, no sentido de ter como consequência ou resultado. Exemplo: • A decorrência do prazo importou preclusão (e não "... em preclusão").

VTI, no sentido de atingir (quantidade). Exemplo: • O prejuízo importa em 200 mil reais.

19. Informar

VTD, no sentido de informar alguém. Exemplo: • Nós os informamos.

VTI, no sentido de informar de / sobre algo. Exemplo: • Ele informou das mudanças.

VTDI, no sentido de informar alguém de/sobre algo ou informar a alguém algo. Exemplo: • Ele informou-o sobre isso.

• *Informamos ao Reitor a proposta.*

Observações:

1. As regras acima expostas são utilizáveis nos verbos *notificar*, *avisar*, *cientificar*, *prevenir* e *certificar*.
2. Note as frases abaixo:

• *Nós lhe informamos que chegaríamos cedo.*

• *Informamos-lhes que não há vagas.*

Embora corretas, é preferível empregar as formas com o, a, os, as. Vejamos: • Nós o informamos de que chegaríamos cedo.

• *Informamo-los de que não há vagas.*

• *Vim notificá-lo do prazo.*

• *Notificar o réu a entregar o prédio.*

• *Avisá-lo de que o título está vencido.*

20. Interessar

VTD, no sentido de ser do interesse de, ser proveitoso a. Exemplo: • O novo projeto de lei interessa as empresas particulares.

VTI, no sentido de ser interessante, útil, importante. Exemplo: • Suas ações interessam aos refugiados.

VI, no sentido de ter ou despertar interesse. Exemplo: • Não insistiu, pois notou que o resultado não interessava.

Como verbo pronominal, é VTI, regendo as preposições em e por. Exemplo: • Carla interessou-se por minha companhia.

21. Namorar

VI, no sentido de ter namorado(a), procurar conquistar, andar em galanteio. Exemplo: • Só havia namorado uma vez.

VTD, no sentido de desejar ardentemente, galantear, cortejar. Exemplo: • João namora a moça há muitos anos, e nada de casamento.

VTI [278], no sentido de manter relação de namoro; ser namorado (rege a preposição com). Exemplos: • Caio namora com Júlia.

• *"O Promotor namorava com a filha do coronel Quincas"* [279].

22. Obedecer e Desobedecer

VTI, regendo a preposição a. Exemplos: • Obedeçam aos sinais de trânsito.

• *Desobedeceu à lei.*

VI, no sentido de funcionar corretamente. Exemplo: • O freio da moto não mais obedece.

Fique Atento:

Embora seja comum a ocorrência dos verbos acima como VTD, essa regência não deve ser seguida, pois a norma culta prescreve

o objeto indireto como complemento. Logo, são **incorretos** os seguintes usos: • Obedeça a sinalização (sem crase).

• Não desobedeça seus professores (sem preposição).

23. Pagar e Perdoar

VTD, quando o objeto é coisa. Exemplos: • Você já pagou a conta de água.

• *Perdoarei suas ofensas injustas.*

VTI, quando o objeto é pessoa. Exemplos: • O chefe pagou aos empregados.

• *Helena perdoou ao noivo.*

VTDI, quando se refere a coisas e pessoas, simultaneamente. Exemplos: • Vou pagar o aluguel ao dono do imóvel.

• *Ela perdoou os erros ao pai.*

24. Preferir

VTD, no sentido de dar primazia a, escolher algo. Exemplo: • Prefiro comida mineira.

VTDI, no sentido de decidir entre uma coisa e outra. Exemplos: • *Prefiro cerveja alemã a irlandesa.*

• *A mulher prefere a macarronada à feijoada.*

• *À comida, prefiro a bebida.*

• *A bebidas, prefiro comidas.*

• *Prefiro você a ele.*

• *O time prefere a retranca à derrota.*

• *Preferimos um bom livro a um péssimo filme.*

• *Prefiro cerveja a vinho.*

• *Prefiro água a bebida.*

• *Prefiro a água à bebida.*

• *"O roteiro do filme oferece uma versão de como conseguimos um dia preferir a estrada à casa, a paixão e o sonho à regra, a aventura à repetição"* [280].

Memorize: o verbo preferir rejeita palavras de intensidade (como "mais", "muito mais" ou "mil vezes") e termos como "que" ou "do que". Portanto, evite formas como: • "Preferi mais você do que ele".

• "Preferi uma coisa do que outra".

• "Prefiro antes uma coisa do que outra".

• "Prefiro mil vezes chegar cedo do que me atrasar".

• "Prefiro muito mais chorar do que segurar as lágrimas".

• "Prefere mais ler do que nadar".

Observação: o mesmo direcionamento vale para "preferível". Portanto, uma coisa é preferível a outra (e não "do que outra").

25. Prevenir

VTD, no sentido de evitar dano, mal *etc.* Exemplo: • *A boa alimentação previne as doenças.*

VTDI, no sentido de avisar com antecedência de. Exemplo: • Irei prevenir o operário do risco.

26. Proceder

VI, no sentido de ter fundamento, portar-se de determinada maneira, conduzir-se, provir. Exemplos: • Os seus argumentos não procedem (não têm fundamento).

- *Ele procede de Fortaleza.*
- *O advogado de defesa procedeu bem.*

VTI, no sentido de dar início, realizar. Exemplo: • O professor procedeu à chamada no início da aula.

27. Proibir

VTD, no sentido de impedir que se faça. Exemplo: • As autoridades proibiram a venda de bebidas alcoólicas.

VTDI, no sentido de prescrever a abstenção de, tornar defeso. Exemplo: • A Igreja Católica proíbe aos fiéis a ingestão de carne em dias especiais.

28. Querer

VTD, no sentido de desejar, pretender. Exemplo: • A família queria muito uma casa nova. (= Quero-a).

VTI, no sentido de amar, estimar, ter afeto. Exemplo: • Quero a meus pais muito bem. (= Quero-lhes).

29. Renunciar

VTD, no sentido de não querer, rejeitar, recusar. Exemplo: • Os eremitas renunciavam, além de outras coisas, os bens materiais.

VTI, no sentido de desprezar, desistir de. Exemplo: • O rei deve renunciar ao poder.

VI, no sentido de resignar cargo ou função, abdicar. Exemplo: • O presidente renunciou.

30. Reparar

VTD, no sentido de fazer reparo ou conserto em, restaurar, refazer. Exemplo: • O pedreiro reparou a parede que estava danificada.

VTI, no sentido de fixar a vista ou a atenção, atentar, atender. Exemplo: • Ninguém reparou na nova cor do cabelo de Camila.

31. Responder

VTI, no sentido de dar resposta àquilo que se pergunta. Exemplo: • Ele respondeu aos quesitos.

Observação: a regência que encontra alicerce nas tradições do vernáculo é aquela que imprime transitividade indireta ao verbo *responder*. Por outro lado, há registros de uso do verbo com transitividade direta, principalmente em escritores modernos, porém não recomendamos, fazendo coro ao pensamento do ilustre gramático Domingos Paschoal Cegalla (1999: 357). Assim, aprecie as frases legítimas: • Respondeu ao questionário.

- *Ela respondeu a todas as questões.*
- *Respondi-lhe com autoridade.*
- *Eram bilhetes a que respondi com presteza.*
- *"Natural é que o leitor faça tais perguntas, às quais temos obrigação de responder"* [281].
- *"Não respondo a tais cartas"* [282].

32. Resultar e Restar

VTI ou VTDI: o verbo precisa de um complemento regido de preposição. Exemplos: • Tudo isto resulta em seu favor.

- *Se da ofensa resultar injúria.*

Observações:

a) não pode ser usado como verbo de ligação[283], vindo a substituir o verbo *ser*. Observe as frases incorretas: "A prova resultou irrelevante" (Troque por *A prova se tornou irrelevante*).

"Os esforços resultaram improfícuos" (Troque por *Os esforços se mostraram improfícuos*).

"A diligência resultou inútil" (Troque por *A diligência revelou-se inútil*).

Estão, pois, corretas:

- *A prova foi irrelevante.*
- *O brinquedo tornou-se um perigo.*
- *Os esforços vieram a ser improfícuos.*

b) a propósito, com relação ao verbo restar, vale a mesma regra: jamais funciona como "verbo de ligação". Observe, pois, as erronias: "O decreto restou revogado" (Troque por: *O decreto foi revogado*).

"A lei restou revogada" (Troque por: *A lei foi revogada*).

À guisa de complemento, sabe-se que o verbo restar pode ser: VI, no sentido de sobrar. Exemplo: *Restaram dez vagas.*

VTI ou VTDI, no sentido de subsistir como o resto. Exemplo: *Restou-lhe um mês de vida.*

33. Suceder

VI, no sentido de ocorrer, acontecer. Exemplo: • Sucederam acontecimentos estranhos naquela cidade.

VTI, no sentido de vir depois, substituir, seguir-se, acontecer algo com alguém. Exemplos: • A noite sucede ao dia.

- *O rei sucedeu ao tirano.*
- *Tibério sucedeu a César.*
- *Morto Nero, sucedeu-lhe Galba.*
- *"Sucedi-lhe no cargo de diretor do Arquivo Histórico…"*[284].

Observação: não obstante haver registros do uso da regência direta na acepção de "vir depois", "ser sucessor", deve-se preferir a regência indireta – forma chancelada até mesmo por escritores modernos.

34. Tratar

Cabem *objeto direto* e *objeto indireto*, porém este é mais usual. Exemplo: • Devemos tratar do processo.

Observações:

a) *Trata-se de* é invariável em pessoa e número. Exemplos: • Trata-se dos homens mais ricos do mundo.

- *Trata-se dos estados mais populosos.*

b) Não use o termo "tratativa"; troque-o por *acordo, negociação*.

c) Evite a construção viciosa "sujeito + trata-se de": Exemplo: • "O caso trata-se de denúncia caluniosa".

35. Visar

VTD, no sentido de dirigir o olhar para, apontar arma de fogo contra, pôr o sinal de visto em: Exemplos: • A criança visava os céus (= dirigir o olhar para).

- *Visou a gazela sem dó (= mirar).*

• *Visou o cheque (= pôr visto).*

VTI, no sentido de ter em vista, pretender, objetivar. Exemplo: • *Um bom capitalista visa a bons lucros.*

Observações:

a) Modernamente, aceita-se a *regência direta* para visar: • *Os estudantes visavam o sucesso.*

• *Não falamos isso visando você.*

b) Quando visar estiver no sentido de "objetivar", *seguido de infinitivo*, é facultativo o uso da preposição. Exemplos: • A lei visa resolver isso (ou A lei visa a resolver isso).

• *A conciliação visa a solucionar a questão (ou A conciliação visa solucionar a questão).*

CURIOSIMACETES

1. CADÊ?

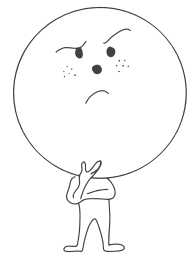

A forma interrogativa **cadê?**, a par de "quede", afetas à linguagem familiar, são variantes de "quedê?", no sentido de "que é (feito) de?" ou redução de "que é feito dele?". Exemplos: Quedê meu livro? Quede aquele homem? Cadê os pentes?

Todavia, a expressão vernácula é que é de?. Exemplos:

- Que é de agendas que compramos?
- Que é feito daquele homem do campo?
- "Que é deles, os processos, que nos mostram a certeza dos crimes?"

2. SÃO E SANTO

Deve-se empregar **Santo...** antes de nome iniciado por **vogal** ou **-h**. Exemplos: Santo Ângelo, Santo Expedito, Santo Anselmo, Santo Onofre, Santo Antônio, Santo Hilário, Santo Amaro, Santo Inácio, Santo Henrique. Por outro lado, antes de nomes iniciados por consoante, usa-se **São...**: São Francisco, São Sebastião, São Carlos, São José, São Pedro, São Tomé, São Benedito, São Bartolomeu, São Cristóvão, São Mateus.

Observação: apenas dois nomes iniciados por consoante exigem a forma **Santo...**: "Santo Tirso" e "Santo Cristo". Quanto a Tomás, pode-se grafar Santo Tomás ou São Tomás.

3. FILHA TEMPORÃ

O adjetivo designativo do filho que nasce muito depois do irmão que o precede imediatamente é temporão (masculino) ou temporã (feminino). A forma "temporona" é vulgar, devendo ser evitada. Portanto, memorize: filho temporão; filhos temporãos; filha temporã; filhas temporãs.

4. O ELEMENTO DE COMPOSIÇÃO "SESQUI-"

Oriundo do latim sesqui, tal prefixo tem a acepção de "um e meio". Portanto, quando dizemos sesquicentenário, pretendemos nos referir a 150 anos; quando falamos em sesquipedal, estamos com intenção de nos referir, figurativamente, a uma "palavra ou verso muito grandes" (bobagem sesquipedal, palavra sesquipedal).

A HORA DO ESPANTO

AS "PÉROLAS" DO PORTUGUÊS

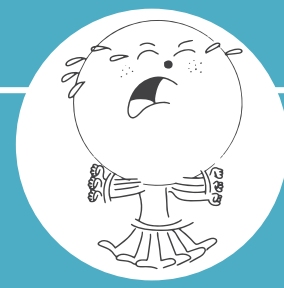

1. Utencílios

Correção: o substantivo é utensílios (com -s), não se podendo confundir.

2. Cadiados

Correção: grafa-se cadeado, com -e. O plural, portanto, forma cadeados.

QUESTÕES

1. (2015/VUNESP/PC-CE/Escrivão de Polícia Civil de 1ª Classe) Leia o texto.

Mesmo estando apta _____ desenvolver atividades na área de ensino, a maioria dos profissionais que conclui o ensino superior sente-se impelida _____ buscar outras áreas _____ que possa trabalhar, geralmente atraída _____ salários mais expressivos e melhores condições de trabalho.

Considerando-se as regras de regência, verbal e nominal, de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, as lacunas do texto devem ser preenchidas, correta e respectivamente, com: (A) a … de … de … por

(B) a … a … em … por

(C) em … por … a … de

(D) a … com … por … com

(E) por … a … em … com

2. (2014/UFMT/MPE-MT/Promotor de Justiça) O trecho abaixo foi extraído da reportagem da revista *Veja*, 26/06/2013, sobre os acontecimentos relativos às manifestações populares ocorridas na semana de 17 a 22 de junho. Quando se espalhou por São Paulo um protesto _____ o aumento de 20 centavos na passagem de ônibus, todo mundo sentiu _____ a coisa era bem maior. Tão maior, tão inebriante, mais mobilizadora, mais assustadora e mais apaixonante que, em uma semana, multidões bem acima de 1 milhão de pessoas jorraram Brasil afora na histórica noite de quinta-feira. Todos os parâmetros comparativos anteriores, _____ Diretas Já e Fora Collor, empalideceram diante do abismo aberto _____ representantes dos poderes, de um lado, e o poder dos que se sentem muito mal representados, de outro. A presidente acuada, as instituições em estado de estupor, os políticos desaparecidos e a turbamulta subindo a frágil passarela do Palácio Itamaraty criaram outro sentimento estarrecedor: é muito fácil quebrar o vidro _____ separa a ordem do caos.

Assinale a alternativa que preenche correta e respectivamente as lacunas do texto.

(A) sobre, que, entre as, com os, de que

(B) contra, que, como, entre os, que

(C) sobre, o qual, como, com os, em que

(D) contra, a qual, entre as, com, que

(E) sobre, o qual, entre as, como, em que

3. (2014/FCC/TRT – 16ª Região (MA)/Técnico Judiciário) O elemento em destaque está empregado corretamente em: (A) Mais que o luxo do produto, é a aparência de luxo de que conta para os consumidores.

(B) Os produtos e as marcas permitem com que as pessoas adquiram a visibilidade desejada.

(C) A visibilidade é uma das características pelas quais se estrutura a sociedade de consumo.

(D) Quanto mais se tem a impressão em que se é visto com os novos produtos, mais se quer adotá-los.

(E) Nas sociedades por cuja ordem social é abalada com guerras, a ostentação é particularmente visível.

4. (2014/IADES/SEAP-DF/Analista – Direito/Questão adaptada) Assinale a alternativa que reproduz integralmente o sentido do período "Quando desci ao porão do Cafofo, bar que Rênio Quintas e sócios tinham na comercial da 407 Norte, para assistir a um ensaio do Aborto Elétrico, o barulho já se espalhava por vários pontos da cidade".

(A) Quando desci ao porão do Cafofo, bar de Rênio Quintas e sócios na comercial da 407 Norte, para assistir a um ensaio do Aborto Elétrico, o barulho já se espalhava por certos pontos da cidade.

(B) Assim que desci ao porão do Cafofo, bar que Rênio Quintas e sócios tinham na comercial da 407 Norte, para assistir a um ensaio do Aborto Elétrico, o barulho já havia se espalhado por certos pontos da cidade.

(C) O barulho já estava totalmente espalhado por vários pontos da cidade quando desci ao porão do Cafofo, bar de Rênio Quintas e sócios na comercial da 407 Norte, para assistir a um ensaio do Aborto Elétrico.

(D) Logo que desci ao porão do Cafofo, bar de Rênio Quintas e sócios na comercial da 407 Norte, para assistir a um ensaio do Aborto Elétrico, o barulho já havia se espalhado por certos pontos da cidade.

(E) O barulho já se espalhava por diversos pontos da cidade quando desci ao porão do Cafofo, bar que Rênio Quintas e sócios tinham na comercial da 407 Norte, a fim de assistir a um ensaio do Aborto Elétrico.

5. (2014/VUNESP/PC-SP/Médico Legista) Considerando as regras de regência, de concordância e do emprego da crase, assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, as lacunas do texto a seguir.

Homens respondem pior __ vacina da gripe

Quanto maior o nível de testosterona, menor é a resposta __ imunização, revela novo estudo americano. [...]

Altos níveis do hormônio masculino _____ a um enfraquecimento do sistema imune.

Mulheres respondem melhor __ vacina contra a gripe do que os homens. [...]

Pesquisas experimentais [...] já tinham levantado suspeitas _____ poderia haver uma interação entre testosterona e a resposta autoimune.

(Excertos de artigo publicado na *Folha de S.Paulo*, 22.1.2014.) (A) a ... à ... está associado ... a ... que

(B) à ... à ... estão associados ... à ... de que

(C) à ... à ... está associado ... à ... de que

(D) à... a ... estão associado ... à ... a que

(E) à ... a ... estão associados ... a ... que

6. (2014/VUNESP/PC-SP/Investigador de Polícia) Merece apoio a proposta da Anvisa _____ cigarros sejam vendidos em embalagens genéricas, _____ conste só o nome do produto e o fabricante – além, é claro, dos já tradicionais alertas do Ministério da Saúde –, sem espaço para cores e outros elementos gráficos que possam caracterizar-se como mensagens

publicitárias.

As lacunas do texto devem ser preenchidas, correta e respectivamente, com:

(A) de que … nas quais

(B) que … das quais

(C) de que … aonde

(D) que … do qual

(E) de que … do qual

7. (2014/VUNESP/Câmara Municipal de São José dos Campos – SP/Técnico Legislativo) Assinale a alternativa que completa, correta e respectivamente, as lacunas da frase, de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa.

Atentem _____ caça esportiva e lembrem-se _____ o homem é o único animal que mata por diversão.

(A) da … de que

(B) para a … de que

(C) com a … de que

(D) sobre a … que

(E) perante a … que

8. (2014/FCC/TRT – 2ª Região (SP)/Técnico Judiciário) Observadas a regência e a flexão verbal, está correta a seguinte frase: (A) Ressentiu-se, com razão, da oposição da prima, e pensou que, se expusesse com calma seus motivos, poderia obter sua concordância.

(B) A casa que, na época, nos instalamos era a que podíamos pagar, mas tínhamos um pacto: se todos se mantessem firmes em seus empregos, moraríamos melhor.

(C) Aborreceu-se de tanta conferência de abaixo-assinados e requis transferência para outro setor da administração.

(D) Dizem que é ele que obstroi a discussão, por isso, para defender-se, aludiu o nome do responsável pelo atraso.

(E) Medio, sim, seu encontro com esse advogado mais experiente, pois sei como você está temeroso pelo poder de argumentação do promotor.

9. (2013/FCC/TRT – 15ª Região/Analista Judiciário) Não tenho dúvida _____ os ambientalistas estejam __ procura de soluções sustentáveis _____ agricultura e _____ pecuária, mas é preciso reconhecer …… não é fácil encontrá-las. Parece que não há muito a fazer, as armas _____ os ambientalistas combatem os desmandos não têm surtido os efeitos desejados.

As lacunas são preenchidas respectiva e corretamente por:

(A) de que – à – para a – a – que – com que

(B) que – a – na – na – de que – que

(C) em que – à – para a – a – de que – que

(D) de que – a – na – na – que – que

(E) que – a – para a – na – de que – com que

10. (2013/FUMARC/PC-MG/Técnico Assistente da Polícia Civil) Considerando o padrão culto da Língua Portuguesa, a regência

verbal NÃO está correta na frase: (A) O cargo a que aspiro é muito disputado.

(B) O filme que assisti é francês.

(C) A rua em que moro é asfaltada.

(D) O restaurante em que eu comia no tempo de colégio foi fechado.

11. (2013/VUNESP/PC-SP/Escrivão de Polícia Civil) Considerando as regras de regência verbal, assinale a alternativa correta.

(A) Ao ver a quantidade excessiva de prateleiras, o amigo comentou de que o livro estava acabando.

(B) Enquanto seu amigo continua encomendando livros de papel, o autor aderiu o livro digital.

(C) Álvaro convenceu-se de que o melhor a fazer seria sair para jantar.

(D) As estantes que o autor aludiu foram projetadas para armazenar livros e CDs.

(E) O único detalhe do apartamento que o amigo se ateve foi o número de estantes.

12. (2016/FGV/MPE-RJ/Analista do Ministério Público/Questão adaptada) Em "que vise à promoção de políticas de controle" emprega-se corretamente a regência do verbo visar, que muda de sentido conforme seja transitivo direto ou transitivo indireto.

O verbo abaixo em que NÃO ocorre a mesma possibilidade de dupla regência e duplo sentido é:

(A) aspirar;

(B) assistir;

(C) carecer;

(D) chamar;

(E) precisar.

13. (2016/FCC/TRF – 3ª Região/ Técnico Judiciário) Está correta a redação da seguinte frase: (A) No futuro, quando todos os que hoje circulam por São Paulo, já não estiverem mais aqui a paineira continuará a presenciar, as transformações em que o progresso sujeita a cidade.

(B) Há pessoas que se reúnem em parques com o simples propósito de abraçar árvores, alegando de que essa é uma prática terapeutica, que combate o estress e a depressão.

(C) Os trabalhadores de São Paulo frequentemente, passam pela paineira da Biblioteca Mario de Andrade e não reparam de que se trata de uma árvore centenária, que está ali antes deles.

(D) Ao se deparar com seu editor, Antonio teve a ideia de convencer-lhe de que a árvore estava sendo estudada por que faria parte de seu livro e, para tanto era necessário medir o seu perímetro.

(E) Por abrigar esculturas de insignes artistas brasileiros, o Cemitério da Consolação tornou-se um importante ponto turístico da cidade de São Paulo, do qual os paulistanos se orgulham.

14. (2016/VUNESP/IPSMI/Procurador) A alternativa que apresenta, nos parênteses, regência verbal de acordo com a norma-padrão, em substituição à expressão destacada no trecho do texto, é: (A) …empurram e atropelam as outras para entrar primeiro no vagão do trem (pisoteiam nas outras).

(B) …quando chega a casa já está na hora de ir para o trabalho. (dirigir-se no trabalho).

(C) passou tardes longas vendo pela milésima vez a segunda temporada de “Grey’s Anatomy” (assistindo pela milésima vez à segunda temporada).

(D) …e ambos perceberam que a felicidade é uma questão de tempo (conscientizaram-se que a felicidade).

(E) …se ela não tivesse tanto tempo não teria nem tempo para falar do tempo (dispusesse a tanto tempo).

15. (2016/Instituto Cidades/CONFERE/Auditor/Questão adaptada) Marque a opção em que se registra um ERRO de regência verbal no que diz respeito à norma-padrão: (A) “Imagino que grande parcela fique escondida nas entranhas públicas”.

(B) “É nítido que a máquina pública está comprometida”.

(C) “Desde criança escutamos falar sobre a tal da corrupção”.

(D) “Os corruptos visam o dinheiro público”.

16. (2016/VUNESP/MPE-SP/Oficial de Promotoria I/Questão adaptada) Assinale a alternativa correta quanto à regência verbal, de acordo com a norma-padrão.

(A) Todos perdoavam do defeito ao Joaquim por não ser culpa dele.

(B) Todos perdoavam o defeito para o Joaquim por não ser culpa dele.

(C) Todos perdoavam ao defeito do Joaquim por não ser culpa dele.

(D) Todos perdoavam o defeito ao Joaquim por não ser culpa dele.

(E) Todos perdoavam ao defeito no Joaquim por não ser culpa dele.

17. (2015/FGV/TJ-PI/Analista Judiciário/Escrivão Judicial/Questão adaptada) “Vivemos numa sociedade que tem o hábito de responsabilizar o Estado, autoridades e governos pelas mazelas do país. Em muitos casos são críticas absolutamente procedentes, mas, quando o tema é segurança no trânsito, não nos podemos esquecer que quem faz o trânsito são seres humanos, ou seja, somos nós”.

O desvio de norma culta presente nesse segmento de texto é:

(A) “Vivemos numa sociedade que tem o hábito”: deveria inserir a preposição “em” antes do “que”; (B) “críticas absolutamente procedentes”: o adjetivo “procedentes” deveria ser substituído por “precedentes”; (C) “Vivemos numa sociedade”: a forma verbal “Vivemos” deveria ser substituída por “vive-se”; (D) “não nos podemos esquecer que quem faz o trânsito”: deveria inserir-se a preposição “de” antes do “que”; (E) “quem faz o trânsito são seres humanos, ou seja, somos nós”: a forma verbal correta seria “fazemos” e não “faz”.

18. (2016/CESGRANRIO/Transpetro/Auditor/Questão adaptada) O período em que a regência do verbo em destaque está adequada à norma-padrão é: (A) O homem aspirava o mar como quem deseja o impossível.

(B) O menino se lembrou que a mãe também amava o mar.

(C) O menino preferia o mar do que o rio.

(D) Não duvidava que o pai conhecesse bem o mar.

(E) Santiago Kovadloff queria muito bem ao filho.

19. (2013/FCC/PGE-BA/Assistente de Procuradoria) Emprega-se corretamente a regência verbal em: (A) As pessoas preferem

expor suas vidas aos demais passageiros do ônibus do que revelar uma boa educação.

(B) A atitude de proibir a audição de música no celular sem fone de ouvidos visava ao conforto dos passageiros.

(C) Aqueles que ouvem, no ônibus, as músicas em alto som, não respeitam aos princípios da boa educação.

(D) Todos, nos ônibus, observam ao desrespeito dos que expõem detalhes de suas vidas aos passageiros vizinhos.

(E) Os passageiros do ônibus não tinham como escapar ao alto barulho do som das falas dos pouco discretos.

20. (2016/VUNESP/MPE-SP/Oficial de Promotoria/Questão adaptada) Assinale a alternativa correta quanto à pontuação e à regência, de acordo com a norma-padrão.

(A) De forma mais lenta, reagem, o emprego e o mercado de crédito, ante a mudança de direção da economia.

(B) O emprego e o mercado de crédito, reagem na mudança de direção da economia de forma mais lenta.

(C) O emprego e o mercado de crédito reagem, de forma mais lenta, para a mudança de direção da economia.

(D) Reagem à mudança de direção da economia, de forma mais lenta, o emprego e o mercado de crédito.

(E) Diante a mudança de direção da economia reagem o emprego e o mercado de crédito, de forma mais lenta.

21. (2015/CAIP-IMES/IPREM/Procurador Jurídico) Observe a regência do verbo "comunicar" nos períodos abaixo.

I. O procurador comunicou as decisões do conselho ao diretor.

II. O procurador comunicou-lhe as decisões do conselho.

III. Comunicou-se a decisão ao diretor.

IV. O diretor foi comunicado sobre as decisões do conselho.

A regência verbal está correta:

(A) nos itens I, II, III e IV.

(B) apenas nos itens I, II e III.

(C) apenas nos itens III e IV.

(D) apenas nos itens II e III.

22. (2015/FCC/TRT/4ª Região/Analista Judiciário/Questão adaptada) *Em nenhum momento da história a sociedade, como um todo, conseguiu sustentar facilmente os custos exorbitantes da ópera.*

Na frase acima, a locução verbal está empregada com regência idêntica à presente em: (A) O crítico elegeu o jovem cantor o maior artista da temporada.

(B) Apresentou-nos currículo repleto de menções honrosas.

(C) Sem falsa modéstia, recebeu a ovação com elegância e alegria.

(D) Tentou cantar de modo condizente com as recomendações do maestro.

(E) Jamais se afastou daquele velho conselho do pai.

23. (2015/VUNESP/SAEG/Advogado/Questão adaptada) Reescrevendo-se a frase – A encíclica papal investe contra a tendência à privatização dos recursos hídricos. – tem-se versão correta, quanto à regência e ao emprego do acento indicativo da crase, em: (A) A encíclica papal opõe-se na propensão à privatizar os recursos hídricos.

(B) A encíclica papal opõe-se à propensão a privatizar os recursos hídricos.

(C) A encíclica papal opõe-se à propensão à privatizar os recursos hídricos.

(D) A encíclica papal opõe-se a propensão à privatizar os recursos hídricos.

(E) A encíclica papal opõe-se na propensão a privatizar os recursos hídricos.

24. (2015/FCC/TRT – 15ª Região/Analista Judiciário/Questão adaptada) Possui a mesma regência do verbo presente no segmento *A escravidão que denunciava com dureza*, o que se encontra sublinhado em: (A) Quem fala, hoje, dos 30 milhões de escravos…

(B) … número que hoje oscila entre os 13 milhões e os 14 milhões…

(C) … antes de portugueses ou espanhóis comprarem negros na África rumo ao Novo Mundo.

(D) … o Global Slavery Index é um belo retrato da nossa miséria.

(E) Não é preciso assistir a 12 Anos de Escravidão…

25. (2015/FCC/TRE-RR/Analista/Questão adaptada) Não impressionou ao conde Afonso Celso, de quem contam que respondeu assim a um sujeito …

A expressão sublinhada acima preenche corretamente a lacuna existente em:

(A) O novo acadêmico demonstrou grande afeição …… compartilha das mesmas ideias literárias e aborda os mesmos temas.

(B) O discurso de recepção do novo integrante do grupo deveria ser pronunciado …… apresentasse maior afinidade entre ambos.

(C) Aqueles …… caberia manifestar apoio aos defensores da causa em discussão ainda não haviam conseguido chegar à tribuna.

(D) O acadêmico, …… todos esperavam um vigoroso aparte contrário ao pleito, permaneceu em silêncio na tumultuada sessão (E) Em decisão unânime, os acadêmicos ofereceram dados da agremiação …… desejasse participar da discussão daquele dia.

GABARITO

1. B

2. B

3. C

4. E

5. B

6. A

7. B

8. A

9. A

10. B

11. C

12. C

13. E

14. C

15. D

16. D

17. D

18. E

19. B

20. D

21. B

22. C

23. B

24. C

25. D

14 CONCORDÂNCIA NOMINAL

POR QUE ESTUDAR CONCORDÂNCIA?

É sabido que nossa comunicação pode se dar por meio das formas verbal ou escrita. O que falamos ou escrevemos precisa ser organizado de maneira lógica e precisa, a fim de que logremos êxito na transmissão da mensagem. Organizar as ideias é imprimir harmonia e precisão na comunicação, estabelecendo pontos comuns entre as palavras e, sobretudo, levando a cabo o lema "concordar é harmonizar".

Partindo-se do nome do verbo, têm-se dois tipos de concordância:

a) a *nominal*, por meio da qual adjetivos ou palavras adjetivas (artigo, numeral, pronome) alteram sua terminação em gênero e número para estabelecer concordância com o substantivo a que se referem;

b) a *verbal*, segundo a qual o verbo modifica sua terminação (desinência número-pessoal) para concordar, geralmente, com o sujeito da oração, e que será estudada no próximo capítulo.

Passemos a enfrentar as regras de concordância nominal.

Regra geral: os modificadores (pronomes, adjetivos, artigos ou numerais) concordam com o substantivo em gênero e número. Exemplos:

- *Cadeira macia* (a cadeira macia).
- *Os setecentos gramas de café* (os setecentos gramas).
- *Aquelas situações complicadas* (aquelas situações complicadas).

CASOS ESPECIAIS

1. Adjetivo posposto a dois ou mais substantivos

O adjetivo, o qual sintaticamente se coloca como *adjunto adnominal*, irá para o plural ou concordará com o substantivo mais próximo. Exemplos:

Prédio e apartamento velho.	**Casa e oficina antiga.**	**Tênis e meia bonita.**	**Prédio e casa antiga.**
Prédio e apartamento velhos.	**Casa e oficina antigas.**	**Tênis e meia bonitos.**	**Prédio e casa antigos.**

Observações:

a) Se os substantivos forem *antônimos*, deve prevalecer o *plural do grupo*, ou seja, o masculino (para palavras de gênero masculino ou aquelas de gênero masculino e feminino) ou o feminino (para palavras de gênero feminino). Exemplos:

- *Dia e noite frios.*
- *Amor e ódio insensatos.*
- *Andou por mares e terras desconhecidos.*
- *Havia um homem e uma mulher preocupados.*
- *Vales e montanhas frescos.*

b) Se os substantivos forem *sinônimos*, o adjetivo deve concordar com o substantivo mais próximo. Exemplos:

- *Crença e fé exagerada.*
- *Possuía ideia e pensamento verdadeiro.*
- *Tinha trabalho e atividade prolongada.*
- *Destemor e coragem bela.*

2. Adjetivo anteposto a dois ou mais substantivos

O adjetivo concorda com o substantivo mais próximo. Exemplos:

- *Preferiu o melhor lugar e hora.*
- *Época de novas atitudes e comportamentos.*
- *Período de claras decisões e bloqueios.*

Observação: se os substantivos forem *nomes próprios*, o adjetivo deverá ir para o plural. Exemplos:

- *Os famosos Jânio e Getúlio.*
- *Os ilustres Drummond e Clarice Lispector.*

3. Adjetivo como predicativo do objeto

O adjetivo concorda em gênero e número com o objeto. Exemplos:

- *A polícia considerou reincidente o homem.*
- *A polícia achou culpada a mulher.*
- *Considerei sua atitude e comportamento incorretos.*

4. Substantivo modificado por dois ou mais adjetivos no singular

Há dois tipos de construção. O que se deve é tomar cuidado com o emprego dos artigos. Exemplos:

- *As seleções brasileira e chilena.*
- *A seleção brasileira e a chilena.*
- *Gosto dos balés clássico e moderno.*
- *Gosto do balé clássico e do moderno.*
- *Falar os idiomas alemão e russo.*
- *Falar o idioma alemão e o russo.*
- *Gosto dos Direitos Civil e Tributário.*

- *Gosto do Direito Civil e do Tributário.*
- *A atitude prejudicou os comércios francês e italiano.*
- *A atitude prejudicou o comércio francês e o italiano.*

5. Adjetivo composto

Flexiona-se, normalmente, só o último elemento. Exemplos:

- *Dificuldades político-econômicas.*
- *Eram adeptos às social-democracias.*
- *Foram reuniões político-sociais.*
- *Discutiram-se as relações jurídico-tributárias.*
- *Elas são todo-poderosas.*

6. "Um e outro", "nem um nem outro", "um ou outro", seguidos de substantivo

O substantivo fica no singular. Exemplos:

- *Um e outro problema.*
- *Nem um nem outro presente.*
- *Uma ou outra sessão.*

Observação: se, em seguida, vier um adjetivo, este irá para o plural. Exemplos:

- *Um e outro cantor famosos.*
- *Uma ou outra solução inteligentes.*
- *Nem um nem outro canal eficazes.*
- *Um e outro problema africanos.*
- *Uma e outra escolha corretas.*
- *Um ou outro caso paralelos.*

7. Termos que concordam com o nome a que se referem

Leso • Crime de lesa-pátria. • Crime de lesos-direitos. • Comportamento de lesa-sociedade. • Atitude de leso-patriotismo.	**Algum** • Aluna alguma disse o que ocorreu. • Alunas algumas disseram o que houve. • Alguns alunos foram reprovados.

Anexo • O documento segue anexo. • Os documentos seguem anexos. **Quite**	**Extra** • As cotas extras não foram pagas. **Servido(a)** • Elas estão servidas.

• Já estou quite com a loja. • Nós estávamos quites. **Obrigado(a)** • Muito obrigada, disse Márcia. • Eles sempre dizem: muito obrigados. **Tal** • Que tais estes enfeites? • Eles são tais quais 285 os pais. **Todo(a)** • Elas ficaram todas feridas. **Nenhum** • Neste ano, não terei férias nenhumas. • Vocês não são nenhuns ignorantes.	**Agradecido(a)** • Eles ficaram agradecidos. **Grato(a)** • Todas estavam gratas pelo presente. **Próprio(a)** • Nós próprios faremos o serviço. **Mesmo(a)** • Elas mesmas 286 estiveram aqui. **Junto(a)** • As folhas seguem juntas. **Incluso(a)** • Estão inclusos as taxas e impostos

Anexo e Apenso: tais termos concordam, normalmente, com o vocábulo a que se referem (*memorandos anexos/apensos*). A dúvida, entretanto, pode surgir com a expressão invariável em anexo. Esta, a nosso ver, é dotada de gramaticalidade, embora suscite muitas críticas entre os gramáticos. Observe:

- *Seguem os relatórios anexos – Seguem os relatórios em anexo.*
- *Seguem as oferendas anexas – Seguem as oferendas em anexo.*

À semelhança da criticada expressão "em anexo", temos "em suspenso" e "em aberto". A recomendação é que se suprima a preposição "em", preferindo, por exemplo, *evento suspenso* (em vez de "evento em suspenso") e *prazo aberto* (em vez de "prazo em aberto").

8. O aposto

Concorda, em regra, com o termo fundamental em gênero e número. Exemplo:

- *Paulo, primo de Andréia, foi ao parque.*

Observação: é possível que a concordância não se dê de forma infalível. Exemplo: *As cordilheiras dos Andes, uma dádiva de Deus, apresenta perigos.*

9. Termos que permanecem invariáveis

- Alerta
    - *Fiquem alerta 287!*
- Em mão
    - *As encomendas foram entregues em mão 288.*
- De maneira que
    - *Estudaram, de maneira que 289 estão preparados.*
- Monstro
    - *Foram duas greves monstro.*

- Menos
    - *Esperava menos ideias.*
    - *Prestei o concurso menos vezes do que você.*
    - *Tenho menos possibilidades de êxito.*
    - *Comprei menos roupas nesta viagem.*
- Em via de
    - *As empresas estão em via de falir.*
- A olhos vistos
    - *A capital crescia a olhos vistos.*
- Pseudo
    - *Os homens citados são pseudo-heróis.*

10. Possível (o mais o menos possível — o pior o melhor possível — quanto possível)

Em *o mais possível*, *o melhor possível*, *o pior possível*, o adjetivo possível mantém-se invariável. Exemplos:

- *Visitei cidades o mais possível belas!*
- *Períodos o mais difíceis possível.*
- *Alunos o mais inteligentes possível.*
- *Visitei cidades o melhor possível!*
- *Atitudes o pior possível.*

Observações:

a) Com o plural *os mais*, *os menos*, *os piores*, *os melhores*, o adjetivo possível deve ir para o plural. Exemplos:

- *Estive em lugares os mais tentadores possíveis!*
- *Conheci alunos inteligentes os mais possíveis.*
- *Atitudes as menos insensatas possíveis.*
- *Períodos os piores possíveis.*
- *Escolhi os melhores lugares possíveis!*

b) A expressão quanto possível é invariável. Exemplos:

- *Procurei fazer tantas atividades quanto possível.*
- *Fabricam tantos vinhos quanto possível.*

11. Grão e Grã

Em nomes compostos, não apresentam plural. Exemplos:

- *Grã-cruzes – Grã-duquesas – Grão-duques*

12. Meio — só — bastante — caro — barato — longe

Quando forem *adjetivos*, concordam com o substantivo a que se referem. Exemplos:

- *Não se dirija a mim com meios-termos.*
- *Não suporto meias palavras.*

- *Comprou meia dúzia de lápis* 290.
- *É meio-dia e meia* 291.
- *Elas estão sós.*
- *Eles, por si sós, fizeram o trabalho.*
- *Há problemas bastantes.*
- *Comprei livros caros.*
- *Seus produtos são baratos.*
- *Levou-a a longes vales.*

Observações:

a) Quando forem *advérbios*, na acepção de "um tanto", "somente", "um pouco" e "muito", ficam invariáveis.

- *As garagens estavam meio abertas* (meio = advérbio).
- *Ela ficou meio tonta* (meio = advérbio).
- *Adquirimos só duas entradas* (só = advérbio).
- *Jorge e Fábio estão bastante cansados* (bastante = advérbio).
- *Isso custa caro* (caro = advérbio).
- *Comprou barato o tecido* (barato = advérbio).
- *Ele vende barato* (barato = advérbio).
- *Fiquem longe de mim*! (longe = advérbio).

b) A expressão a sós é invariável. Exemplos:

- *Precisamos conversar a sós em casa.*
- *Eu necessito estar a sós com você.*

Não confunda com o adjetivo só (*homem só*; *mulheres sós*), nem mesmo com a expressão por si só (*ele, por si só, venceu*; *elas, por si sós, venceram*).

13. Sujeito em grau absoluto

Quando o sujeito é tomado em grau absoluto, isto é, sem artigo ou pronome demonstrativo, o adjetivo fica no masculino singular. Exemplos:

- *É proibido entrada.*
- *Entrada é proibido.*
- *É necessário coragem.*
- *É preciso cautela.*
- *Água é necessário.*
- *Férias é preciso.*
- *Carne é bom.*
- *Cerveja é delicioso.*

Se há artigo ou pronome demonstrativo, o adjetivo concorda com o substantivo:

- *É proibida a entrada.*
- *É necessária a coragem.*
- *A carne é boa.*
- *A água é necessária.*
- *Nenhuma bebida é boa.*
- *Sua cerveja é deliciosa.*

Algo semelhante acontece na substituição do predicativo do sujeito por um pronome pessoal átono. Exemplos:

- *És a enfermeira daqui? Sou-a.*
- *És enfermeira? Sou-o.*

14. Concordância com nomes de cor

Se o termo que indica cor é *adjetivo*, concorda com o substantivo (gênero e número):

- *Comprou roupas azuis.*
- *Usava calças marrons.*

Se a palavra que indica cor é *substantivo*, fica invariável:

- *Comprava blusas laranja.*
- *Usava sapatos gelo.*

15. Adjetivos compostos que indicam cores

Se os adjetivos forem compostos pelas formações "(na) cor (de) + adjetivo" ou "adjetivo + substantivo", ficam invariáveis. Exemplos:

- *Trajavam roupas na cor azul.*
- *Tinham carros vermelho-sangue.*
- *Comprei tapetes verde-musgo.*

Observação: os termos *ultravioleta, azul-marinho, azul-celeste, azul-ferrete, azul-pavão* e *azul-turquesa* são invariáveis. Exemplos:

Raios ultravioleta – Saias azul-marinho – Ternos azul-celeste
Saias azul-ferrete – Vestidos azul-pavão – Roupas azul-turquesa

CURIOSIMACETES

1. OLHOS DE LINCE

O lince é um mamífero carnívoro, um felino a quem os antigos atribuíam penetrante visão, capaz de enxergar através de corpos opacos, bem como durante a escuridão. Daí a expressão **olhos de lince**, aplicável à pessoa de vista privilegiada.

2. MALGRADO OU MAU GRADO

Usa-se **malgrado** como sinônimo de "não obstante, apesar de". Exemplos:

- Não consegui convencê-la disso, malgrado intensos esforços.

- Malgrado a recomendação do médico, ingeriu os alimentos que deveria evitar.
- Malgrado a aparência serena, contorcia-se de preocupação.

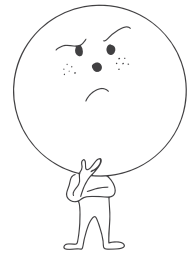

Por outro lado, a forma **mau grado** tem o significado de "a contragosto, contra a vontade". Como decorrência, temos a expressão fossilizada **de mau grado**, entre outras. Exemplos:

- (De) Mau grado meu, acalentou ela uma paixão.
- Chorei, de mau grado, na frente do inimigo.

3. MAESTRIA OU MESTRIA

A **mestria** significa "a qualidade ou habilidade do mestre, a perícia, a destreza". Exemplos: a mestria do escultor; a mestria do tenor; a mestria do advogado do Júri etc.

Por outro lado, **maestria** é substantivo derivado do português arcaico "maestre" (registros do século XII), que significa "mestre". Dessa forma, não há impropriedade no uso de maestria em lugar de mestria ou vice-versa. Ambas designam "perícia e habilidade".

4. MEA CULPA

A expressão latina **mea culpa** deve ser utilizada como forma de reconhecimento de culpa, de erro, de arrependimento. É usual nas expressões "fazer mea culpa" ou "dizer mea culpa". É expressão que possui o gênero de substantivo masculino.

Frise-se que existe a forma aportuguesada, com hífen (**mea-culpa**), admitida pelo VOLP e dicionários. Trata-se de um substantivo masculino de dois números (o mea-culpa; os mea-culpa). Na redação forense, deve-se preferir a forma latina à expressão hifenizada. Portanto, aprecie as frases:

- O namorado fez um "mea culpa" do compromisso de chegar ao evento sem atraso.
- Ele fez seu "mea culpa" na questão controvertida do contrato.

5. MOSCAR-SE

É verbo pronominal de raríssimo uso, significando, em sentido figurado, "sumir, desaparecer". A conjugação dos tempos é interessante: musco-me, musca-te, musca-se, muscamo-nos, muscai-vos, muscam-se; que eu me musque, que ele se musque, que eles se musquem, entre outras. Portanto:

- Musco-me quando ele aparece.
- Se ela me irritar, dir-lhe-ei: musque-se!
- Espero que ele não se musque nos intervalos das aulas.
- Musca-se das moscas – elas transmitem doenças.

A HORA DO ESPANTO

AS "PÉROLAS" DO PORTUGUÊS

1. Doenças venéricas

Correção: como se não bastasse a gravidade da enfermidade, há, ainda, a impropriedade vocabular. Grafa-se venéreo,

logo, doenças venéreas. A confusão pode, sim, gerar gargalhadas homéricas.

2. Espondo

Correção: o gerúndio do verbo expor é expondo (com -x). Não se exponha com o tal "espondo"...

QUESTÕES

1. (2014/VUNESP/TJ-PA/Analista Judiciário) Assinale a alternativa que apresenta a frase cuja redação está condizente com a norma-padrão da língua portuguesa.

(A) Existe algumas pessoas que questionam o Marco Civil da internet, alegando de que foi aprovado de maneira apressada.

(B) É importante mencionar de que as empresas de telecomunicações poderão vender velocidades diferentes, mas está proibido a venda de pacotes restritos.

(C) Os usuários devem estar atentos ao fato de que não haverá distinções no tratamento dos conteúdos que trafegam pela internet.

(D) Os clientes devem conhecer seus direitos para que este se cumpra, por exemplo: é evidente de que as empresas precisam oferecer a conexão contratada.

(E) Sempre pode ocorrer falhas técnicas, capaz de comprometer a qualidade dos serviços, mas as empresas devem ter consciência de que essas falhas precisam ser prontamente corrigidas.

2. (2014/Instituto INEAA/CREA-GO/Analista – Advogado) Assinale a frase correta quanto à concordância verbal e nominal.

(A) Segue, anexo, ata da reunião ordinária do Conselho Superior de 02 de maio de 2012 da Fundação Coelho Pitanga a ser analisada e após fazer todas as considerações pelos membros do conselho que acharem necessárias irei em busca das respectivas assinaturas dos conselheiros presentes.

(B) Esse profissional deve ficar responsável pela elaboração das escalas de trabalho semanais e sua manutenção, comunicação interna e externa, agendamento de compromissos da coordenação e da equipe em geral, registro e acompanhamento de assiduidade e demais tarefas que envolvam questões administrativas.

(C) Não será esquecido estes dois dias para quem pode estar nos dois encontros ou reencontros.

(D) No elenco, chamam a atenção também a presença de modelos, de uma bailarina e de uma dançarina.

(E) É deveres de todos cumprir a mandato.

3. (2014/ESAF/Receita Federal/Auditor Fiscal da Receita Federal) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia de palavra inserido na transcrição do texto.

A Receita Federal nem sempre teve esse (1) nome. Secretaria da Receita Federal é apenas a mais recente denominação da Administração Tributária Brasileira nestes cinco séculos de existência. Sua criação tornou-se (2) necessária para modernizar a máquina arrecadadora e fiscalizadora, bem como para promover uma maior integração entre o Fisco e os Contribuintes,

facilitando o cumprimento espontâneo (3) das obrigações tributárias e a solução dos eventuais problemas, bem como o acesso às (4) informações pessoais privativas de interesse de cada cidadão. O surgimento da Secretaria da Receita Federal representou um significativo avanço na facilitação do cumprimento das obrigações tributárias, contribuindo para o aumento da arrecadação a partir (5) do final dos anos 60.

(Adaptado de <http://receita.fazenda.gov.br/srf/historico.htm>. Acesso em: 17 mar. 2014.)

(A) (1)

(B) (2)

(C) (3)

(D) (4)

(E) (5)

4. (2014/VUNESP/Câmara Municipal de São José dos Campos – SP/Técnico Legislativo) A concordância está de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa em:

(A) Nestas férias de verão, as famílias têm lotado clubes e praias.

(B) Nestas férias de verão, clubes e praias tem sido lotado pelas famílias.

(C) Nestas férias de verão, clubes e praias ficam lotadas pelas famílias.

(D) Nestas férias de verão, as famílias mantém clubes e praias lotado.

(E) Nestas férias de verão, estão ficando lotado, pelas famílias, clubes e praias.

5. (2014/FCC/TRF – 3ª Região/Técnico Judiciário) A concordância verbal e nominal está inteiramente correta em:

(A) Muitas pessoas, em busca de paz e de silêncio, gostam de caminhar em meio à natureza, deixando para trás o barulho que lhes é imposto pela vida urbana.

(B) O contexto barulhento de nossas cidades e a irritação dele resultante propicia um crescente desconforto que levam muitas pessoas à procura de lugares silenciosos para viver melhor.

(C) É preciso haver certo controle dos ruídos que se produz habitualmente no interior das residências, de modo que não se exponha os vizinhos a sons que venham incomodá-los.

(D) Tornou-se comum atualmente muitas queixas de pessoas que se sente incomodadas pelo excesso de barulho a que estão sujeitas em sua rotina diária.

(E) A reprodução de sons por aparelhos cada vez mais possantes a espalham por todos os lugares e incomodam as pessoas, quando deveriam, ao contrário, evitar aborrecimentos.

6. (2013/IBFC/MPE-SP/Analista de Promotoria – Médico Clínico) Considere os períodos abaixo.

I. Ela tem lindos olhos verde-claros.

II. Os milhares de pessoas presentes adoraram o show.

III. Dado as circunstâncias, o melhor é agir rapidamente.

A concordância está correta somente em:

(A) Apenas I

(B) Apenas II

(C) Apenas III

(D) Apenas I e II

(E) Apenas II e III

7. (2013/IBFC/MPE-SP) Considere as orações abaixo.

I. É necessário paciência.

II. É necessária a participação de todos.

III. É proibido a entrada de pessoas estranhas.

A concordância está correta somente em:

(A) Apenas I

(B) Apenas II

(C) Apenas III

(D) Apenas I e II

(E) Apenas II e III

8. (2013/FCC/AL-RN/Analista Legislativo – Analista de Sistemas) O uso correto da concordância nominal e verbal está em:

(A) A surpresa é os prêmios e era preciso a coragem para descartar as grandes emoção e as lágrimas.

(B) Os falsos poetas perceberam que haviam muitas estruturas poéticas que ainda desconheciam.

(C) Aos poetas, foi-lhe penoso participar daquelas concentrações monstros na frente da academia.

(D) As artistas com seus trajes amarelo-laranja, haviam horas que aguardavam para se apresentarem.

(E) Eu mesma, na qualidade de defensora do meu cargo de programador, busco criatividade.

9. (2013/FCC/AL-RN/Analista Legislativo – Analista de Sistemas) A frase correta quanto à concordância nominal e verbal está em:

(A) Ostentando diplomas de "certificação verde", os madeireiros deixaram a ministra do Meio Ambiente meio apalermada.

(B) No passado, houveram muitos militares nacionalistas preocupados com a devastação da região amazônica.

(C) Ao meio dia e meio, os madeireiros reuniram-se com os representantes das tribos para que não vão existir novos conflitos.

(D) Já faziam vários meses que os madeireiros e os representantes do governo se reuniam em busca de soluções sustentáveis.

(E) Aqueles que vivenciaram a devastação da Amazônia nas décadas passadas tem razões para prever novas catástrofes ambientais.

10. (2013/FJG – RIO/PGM-RJ/Auxiliar de Procuradoria) Consideradas as regras básicas de concordância verbal e nominal, é correta a seguinte frase:

(A) A maioria dos povos indígenas enfrenta conflitos para manutenção da terra demarcada.

(B) A participação, nas decisões relativas aos povos indígenas, de seus representantes são fundamentais.

(C) Mais de um povo indígena lutam para preservar suas tradições próprias.

(D) 12,5% do território nacional está ocupado por terras indígenas.

11. (2013/FJG – RIO/PGM-RJ/Auxiliar de Procuradoria) Quanto à concordância nominal e verbal, está correta e adequada à situação formal, respeitando as regras gramaticais, a seguinte frase:

(A) Vem sendo muito criticado, na imprensa, recente e contínua invasões em terras demarcadas.

(B) As ações indígenas, pacíficas em sua maioria, visam à valorização de suas legítimas tradições.

(C) A população indígena demonstra-se meia decepcionada com recente atitudes da população brasileira.

(D) Comunidade tradicional indígena formalizou denúncia em documento oficial tendo anexo fotografias.

12. (2013/TJ-GO/TJ-GO/Oficial de Justiça Avaliador) Quanto à concordância nominal, assinale a alternativa incorreta:

(A) Estamos encaminhando anexas as correspondências.

(B) É proibida a entrada.

(C) É necessário bondade.

(D) Ela estava meia cansada.

13. (2016/FCC/TRF – 3ª Região/Técnico Judiciário/Questão adaptada) A alternativa em que a expressão sublinhada pode ser substituída pelo que se apresenta entre colchetes, respeitando-se a concordância, e sem quaisquer outras alterações no enunciado, é:

(A) A maioria das tecnologias necessárias para as cidades inteligentes já são <u>viáveis</u> economicamente em todo o mundo... [viável]

(B) A ideia de cidade inteligente sempre aparece <u>relacionada</u> à abertura de bases de dados por parte dos órgãos públicos. [relacionado]

(C) Em nome da eficiência administrativa, <u>podem-se</u> armazenar, por exemplo, enormes massas de dados de mobilidade urbana... [são possíveis]

(D) ... desde bases de dados de saúde e educação <u>públicas</u>, por exemplo, até os dados pessoais... [pública]

(E) Contudo, existem estudos que apontam que <u>bastariam</u> meros quatro pontos de dados... [bastaria]

14. (2016/IADES/PC-DF/Perito Criminal/Questão adaptada) De acordo com a norma-padrão e as questões gramaticais, assinale a alternativa correta.

(A) Do ponto de vista da regência, as construções "A sua arma de combate ao crime." e "Ligue 197 e denuncie" poderiam ser substituídas, respectivamente, pelas seguintes redações: A sua arma para combater o crime. e Ligue e informe à Polícia Civil do que você sabe.

(B) Na oração "Não se cale.", o pronome oblíquo poderia ter sido empregado depois do verbo.

(C) Caso o vocábulo sublinhado no período "Não é necessário identificação." estivesse determinado pelo pronome sua, a nova redação deveria ser Não é necessária sua identificação. Entretanto, se fosse apenas substituído pelo substantivo identificações, a construção deveria ser Não é necessário identificações.

(D) Se o termo sublinhado na oração "<u>Você</u> pode salvar uma vida." fosse substituído pela expressão A maior parte de vocês, o verbo "pode" deveria necessariamente passar a ser flexionado na terceira pessoa do plural.

(E) Caso o emissor julgasse conveniente, poderia substituir o período "Sua ligação não será gravada." por qualquer uma das seguintes redações: Fique certo de que sua ligação não será gravada. ou Tenha certeza que sua ligação não será gravada.

15. (2013/FCC/TRT – 12ª Região/Técnico Judiciário/Questão adaptada) A concordância verbal e nominal está inteiramente respeitada em:

(A) As tentativas de solução para a fome no mundo se baseia em medidas que se torna necessário, principalmente as destinadas a preservar as condições do meio ambiente.

(B) A ampliação de programas de assistência a famílias de baixa renda e o crescimento do salário mínimo, no Brasil, são fatores de melhoria das condições sociais e econômicas.

(C) Em vasta região da África, de acordo com dados obtidos pela ONU, uma em quatro pessoas na população de 856 milhões são subnutridos ou, até mesmo, não têm o que comer.

(D) O esgotamento dos estoques de espécies marinhas resultam tanto da pesca predatória quanto da exploração desmedida desses recursos, que já se mostra quase esgotados.

(E) Estudos do Banco Mundial indica que a alta dos preços de alimentos afetam principalmente as camadas mais pobres da população em várias regiões do planeta.

16. (2013/FCC/AL-RN/Analista Legislativo) O uso correto da concordância nominal e verbal está em:

(A) A surpresa é os prêmios e era preciso a coragem para descartar as grandes emoção e as lágrimas.

(B) Os falsos poetas perceberam que haviam muitas estruturas poéticas que ainda desconheciam.

(C) Aos poetas, foi-lhe penoso participar daquelas concentrações monstros na frente da academia.

(D) As artistas com seus trajes amarelo-laranja, haviam horas que aguardavam para se apresentarem.

(E) Eu mesma, na qualidade de defensora do meu cargo de programador, busco criatividade.

17. (2013/VUNESP/PC-SP/Agente de Polícia) Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal e nominal.

(A) Muito frequente, o desrespeito às leis e o consumo de álcool antes de dirigir tem provocado cada vez mais acidentes de trânsito.

(B) Com a nova lei seca e o aumento da fiscalização, espera-se que diminua os acidentes provocados por motoristas embriagados.

(C) Com a nova lei seca, tem sido intensificado a apreensão de carteiras de motorista e a condenação de condutores embriagados que se envolvem em acidentes.

(D) Insatisfeitos, alguns juristas têm reclamado do fato de, segundo eles, a nova lei possuir alguns conceitos pouco precisos.

(E) A fiscalização passa a ser considerado de fundamental importância para que a nova lei seca possa cumprir o seu papel.

18. (2013/FCC/MPE-MA/Técnico Ministerial) As normas de concordância verbal e nominal estão inteiramente respeitadas na frase:

(A) Já fazem séculos que, depois da argila, do papiro e do pergaminho, as pessoas, para transmitir seu conhecimento, se utiliza do papel.

(B) Durante séculos, o tipo da letra, o entrelinhamento e os espaços em branco de um livro impresso foi aperfeiçoado para estimular o hábito da leitura.

(C) É fundamental que as novas gerações, às voltas com a influência da tecnologia, sejam capazes de ler bem e de refletir, atentas aos aspectos relevantes de uma obra.

(D) Estudiosos do nosso tempo, tal como Sócrates na Antiguidade em relação à escrita, se preocupa com o possível impacto

do mundo digital na transmissão da cultura.

(E) No momento, existe algumas pesquisas em que já se busca dados que avaliem a extensão do impacto causado ao cérebro pela leitura digital.

19. (2013/TJ-GO/Oficial de Justiça Avaliador) Quanto à concordância nominal, assinale a alternativa incorreta:

(A) Estamos encaminhando anexas as correspondências.

(B) É proibida a entrada.

(C) É necessário bondade.

(D) Ela estava meia cansada.

20. (2013/VUNESP/PC-SP/Escrivão de Polícia Civil) Considerando a norma-padrão, assinale a alternativa correta quanto à concordância nominal.

(A) Foi formada, graças a Niemeyer, uma geração de novos arquitetos dedicados a dar continuidade a seus projetos.

(B) Já foram realizado, em diferentes universidades, vários estudos sobre a produção do arquiteto brasileiro.

(C) Considerado uma das criações mais inovadoras do século XX, a arquitetura de Niemeyer é singular.

(D) Seria celebrado, no Rio de Janeiro, uma grande festa em comemoração aos 105 anos de Oscar Niemeyer.

(E) As visitas a Brasília se tornaram frequente, em especial para se apreciar a arquitetura de Niemeyer.

21. (2013/VUNESP/PC-SP/Agente de Polícia/Questão adaptada) Considerando as regras de concordância nominal e verbal, de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, assinale a alternativa correta.

(A) A comunicação e a confiança dos filhos serão aumentadas se os pais responderem às perguntas feitas por eles com clareza e simplicidade.

(B) A comunicação e a confiança dos filhos será aumentadas se os pais responderem às perguntas feitas por eles com clareza e simplicidade.

(C) A comunicação e a confiança dos filhos será aumentada se os pais responderem às perguntas feitas por eles com clareza e simplicidade.

(D) A comunicação e a confiança dos filhos serão aumentada se os pais responderem às perguntas feitas por eles com clareza e simplicidade.

(E) A comunicação e a confiança dos filhos serão aumentadas se os pais responderem às perguntas feita por eles com clareza e simplicidade.

22. (2013/MPE-SC/MPE-SC/Promotor de Justiça/Questão adaptada) Em "Tampouco a doutrina e a jurisprudência trabalhista cuidam frequentemente da questão, posto que trata-se de um tema relativamente isolado e também em razão de não ser tão comum o fato de o profissional de nível singular postular diante da Justiça Especializada do Trabalho", em relação à concordância nominal, se a palavra trabalhista for flexionada em número não há agressão às normas da língua escrita, porém pode haver alteração semântica. (Extraído da Revista Visão Jurídica, número 82. p. 13).

( ) Certo ( ) Errado

23. (2016/VUNESP/Prefeitura de Rosana – SP/Procurador do Município/Questão adaptada) De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, a concordância verbal e nominal está correta em:

(A) Nesta locadora existe à disposição dos clientes filmes policiais renomados, tanto nacionais como estrangeiros.

(B) À porta do hotel, havia repórteres aguardando a entrevista com o ator escolhido para ser James Bond nos próximos filmes da série.

(C) Depois de ouvida atentamente as reprimendas do delegado, o velhinho justificou-se dizendo que importunava a vizinha apenas para divertir-se um pouco.

(D) A senhora indignou-se com as pedras que sujavam seu varal e, embora idosa, resolveu ela mesmo ir à delegacia.

(E) Graças à intervenção do delegado, o caso foi encerrado de forma que todos estivessem quite com a justiça.

24. (2015/FGV/PGE-RO/Analista da Procuradoria/Questão adaptada) Em "mães e pais contaminados"; a forma de reescrever-se esse mesmo segmento que mostra um desvio da norma culta é:

(A) pais e mães contaminadas;

(B) pais e mães contaminados;

(C) contaminados pais e mães;

(D) contaminadas mães e pais;

(E) contaminados mães e pais.

25. (2015/VUNESP/MPE-SP/Analista de Promotoria) Leia o texto.

O Procurador-Geral de Justiça, no uso de suas atribuições e atento aos recorrentes pedidos para designação de Promotores de Justiça para auxiliar na execução de inquéritos civis na área de tutela do patrimônio público, AVISA aos Promotores de Justiça interessados, cujas Promotorias de Justiça possuam feitos relacionados à mencionada área de atuação, que manifestem, no prazo de 05 (cinco) dias úteis, eventual interesse em receber auxílio do "PROJETO ESPECIAL – TUTELA COLETIVA".

(www.mpsp.mp.br. Adaptado)

Uma frase condizente com as informações do texto e redigida corretamente, no que se refere à concordância nominal padrão, está em:

(A) Estão autorizados a receber auxílio do "PROJETO ESPECIAL – TUTELA COLETIVA" os Promotores de Justiça cujos trabalhos sejam atinente à área de tutela do patrimônio público.

(B) O Procurador-Geral de Justiça torna conhecida a oportunidade para que determinados Promotores de Justiça solicitem auxílio do "PROJETO ESPECIAL – TUTELA COLETIVA".

(C) O "PROJETO ESPECIAL – TUTELA COLETIVA" atende a Promotores de Justiça atrelados a Promotorias de Justiça com inquéritos civis incluso na área de tutela do patrimônio público.

(D) A manifestação de interesse em receber auxílio do "PROJETO ESPECIAL – TUTELA COLETIVA" deve ser submetido ao Procurador-Geral de Justiça no prazo de cinco dias.

(E) O Procurador-Geral de Justiça faz saber: abertos aos Promotores de Justiça empenhados na execução de inquéritos civis na área de tutela do patrimônio a inscrição no "PROJETO ESPECIAL – TUTELA COLETIVA".

GABARITO

1. C
2. B
3. C
4. A
5. A
6. D
7. D
8. E
9. A
10. A
11. B
12. D
13. D
14. C
15. B
16. E
17. D
18. C
19. D
20. A
21. A
22. Certo
23. B
24. E
25. B

15 CONCORDÂNCIA VERBAL

A *concordância verbal* indica que o verbo modifica sua terminação para concordar, geralmente, com o sujeito da oração.

Vamos enfrentar as regras de concordância verbal: Regra geral: o verbo concorda com o sujeito em número e pessoa. Exemplos: • *Os dias estão chuvosos.* (Sujeito = dias estão) • *A quem pertencem esses utensílios?* (Sujeito = utensílios pertencem)

Casos especiais: sujeito simples

1. Substantivo coletivo O verbo fica na 3ª pessoa do singular. Exemplos: • A boiada, reticente, não cruzou o riacho.

- *O cardume continuava seu percurso.*
- *O bando voava.*
- *A plateia aplaudiu os atores.*
- *Já saiu o pessoal?*

Observação: se o coletivo for seguido de *adjunto adnominal* no plural, é facultativa a pluralização do verbo. Exemplos: • *Um bando de pássaros voava – Um bando de pássaros voavam.*

- *A manada de búfalos se dispersou – A manada de búfalos se dispersaram.*

2. Mais de um Quando o sujeito é introduzido pela expressão mais de um**, o verbo fica no singular. Exemplo:** • Mais de um jogador foi suspenso pela federação.

Observações: a) quando a expressão *mais de um* vem repetida ou se associa a um verbo, exprimindo reciprocidade, aquele deve ir para o plural. Exemplos: • *Mais de um prisioneiro agrediram-se durante o almoço.*

- *Mais de um aluno abraçaram-se.*
- *Mais de um candidato se cumprimentaram.*

Se repetida a locução, deve haver a concordância no plural. Exemplos: • *Mais de um candidato, mais de um representante faltaram ontem.*

- *Mais de uma casa, mais de um prédio desabaram na cidade alagada;* b) se a expressão *mais de um* se refere a coletivos, há plural. Exemplos: • *Mais de um cardume de piranhas nos atacaram.*
- *Mais de um bando de bêbados foram presos.*
- *Mais de uma classe de estudantes faltaram;* c) se há a utilização de expressões como *mais de dois*, *menos de dois*, entre outras, a concordância deve ser feita com o numeral, isto é, usa-se o plural. Exemplos: • *Mais de dois saíram.*
- *Menos de dez funcionários viajarão.*

- *Menos de dois litros foram consumidos.*

3. Expressões partitivas (a maioria de, a maior parte de, uma porção de, a metade de**, entre outras).**

O verbo pode concordar tanto com o núcleo dessas expressões como com o substantivo que as segue. Exemplos: • *A maioria dos funcionários chegou – A maioria dos funcionários chegaram.*

- *A maior parte das casas desmoronou – A maior parte das casas desmoronaram.*
- *Uma porção de alunos faltou – Uma porção de alunos faltaram.*

4. Expressões aproximativas (cerca de, perto de **etc.) O verbo concorda com o substantivo determinado por essas expressões. Exemplos:** • Cerca de quinze jogadores inscreveram-se no torneio.

- *Hoje, perto de 4 milhões e meio de angolanos correm o risco de contrair a tripanossomíase.*

5. Locuções pronominais: algum, alguns de nós, alguns de vós; qual, quais de nós, quais de vós**, entre outras.**

Observações: a) Quando o primeiro pronome da locução figura no *singular*, o verbo fica no singular. Exemplos: • *Qual de nós representará o grupo?*

- *Qual de nós votou conscientemente?*

b) Quando o primeiro pronome figura no *plural*, o verbo pode concordar com esse pronome ou com o pronome pessoal. Exemplos: • *Alguns de nós o acompanharão – Alguns de nós o acompanharemos.*

- *Quais de nós votaram conscientemente? – Quais de nós votamos conscientemente?*
- *Quantos de vós solucionaram o caso? – Quantos de vós solucionastes o caso?*

6. Um dos (...) que Quando o sujeito é formado pela expressão um dos (...) que**, o verbo se coloca, preferencialmente, no plural. Exemplos:** • Ele é um dos que mais trabalha – Ele é um dos que mais trabalham.

Observação: se houver nitidez na seletividade do objeto a que se refere, o singular será obrigatório. Exemplos: • *O Sol é um dos astros que aquece a Terra.*

- *Ela é uma das peças do autor que será apresentada hoje no teatro.*

7. Que e Quem a) Que: o verbo concorda com o antecedente dessa palavra: • Sou **eu que providencio** os materiais.

- Somos *nós que orientamos o acusado.*
- *Fui eu que descobri a fraude.*
- *Fomos nós que apresentamos a proposta.*
- *Sou eu que pago a conta.*
- *És tu que pagas o boleto.*
- *Fomos nós que inquirimos o candidato.*

b) Quem: o verbo vai para a 3ª pessoa do singular ou concorda com o antecedente desse pronome: • *Somos nós quem tomará as medidas – Somos nós quem tomaremos as medidas.*

- *Somos nós quem pagará a dívida – Somos nós quem pagaremos a dívida.*
- *Fui eu quem bateu nele – Fui eu quem bati nele.*
- *Serei eu quem comerá a fruta – Serei eu quem comerei a fruta.*

8. Substantivo próprio no plural a) Com o artigo no plural, o verbo vai para o plural. Exemplos: • Os Emirados Árabes sofreram duras críticas.

- *Os Andes ficam na América do Sul.*

- *Os EUA são o quarto maior país do mundo, em extensão territorial, depois da Rússia, China e Canadá.*

b) Sem artigo, o verbo fica no singular. Exemplo: • *Estados Unidos é um belo país.*

c) Com nomes de obras no plural, seguidos do verbo *ser*, este fica no singular, desde que o predicativo figure no singular. Exemplos: • *"Os Miseráveis" é uma célebre obra.*

- *"Os Sertões" é um livro esplêndido.*
- *"Os Lusíadas" revela a grandeza do povo português.*

9. Porcentagem a) O verbo pode concordar com o numeral ou com o substantivo a que se refere. A tendência atual é a concordância com o termo posposto ao número. Exemplos: • 63% da população apoia (ou apoiam).

- *12% da população está com o prefeito* (ou *estão).*
- *21% dos entrevistados aderiram ao projeto* (ou *aderiu).*
- *Dez por cento das pessoas estão inscritas no concurso* (ou *está).*

b) Se há determinantes no plural, é obrigatória a pluralização do verbo. Exemplos: • *Os 63% da população apoiam essas medidas.*

- *Os 10% das pessoas estão inscritas no concurso.*
- *Os 20% dos faltosos não afetarão o movimento.*
- *Os 200 g de presunto estavam estragados.*
- *Esses 2% do lucro já me bastam.*
- *Aqueles 4% passaram.*

c) Quando o verbo vem anteposto à expressão de porcentagem, a concordância se dá com o número. Exemplos: • *Serão importados 60% da produção alemã.*

- *Perderam-se 40% da lavoura.*

d) Com o uso do 1%, é recomendável que o verbo fique no singular. Exemplo: *Um por cento das pessoas ganha mais de 50 salários mínimos.*

Casos especiais: sujeito composto

1. Sujeito anteposto e sujeito posposto Anteposto: o verbo vai para o plural. Exemplo: • O pai e os filhos levaram a televisão.

Posposto: o verbo vai para o plural ou concorda com o núcleo mais próximo. Exemplos: • *Levaram a televisão o pai e os filhos – Levou a televisão o pai e os filhos.*

- *Discutiam muito o chefe e o empregado – Discutia muito o chefe e o empregado.*

2. Sujeito composto de pessoas diferentes O verbo vai para o plural da pessoa que prevalece:

1ª sobre a 2ª e 3ª Plural: NÓS

2ª sobre a 3ª Plural: VÓS

Exemplos:

- *Eu e meu irmão iremos ao espetáculo.*

1ª 3ª **1ª plural (nós)** • **Tu** e ele **sereis** bem tratados.

2ª 3ª **2ª plural (vós)** • Tu, ele e **eu participaremos** da assembleia.

2ª 3ª **1ª 1ª plural (nós) Fique atento:**

Quando há 2ª e 3ª pessoas, alguns autores aceitam que o verbo deve ficar na 3ª pessoa do plural. A questão é controvertida. Exemplo: Ele e tu são fortes candidatos à vaga (no lugar de "... sois fortes ...").

3. Um e outro; nem um nem outro É facultativa a pluralização do verbo, entretanto é mais comumente usado no plural. Exemplos: • Um e outro **jogou** futebol – Um e outro **jogaram** futebol.

- *Nem Fábio nem Rodrigo viajará com vocês – Nem Fábio nem Rodrigo viajarão com vocês.*

Observações: a) Quando houver reciprocidade, o plural será obrigatório: • *Um e outro se agrediram.*

- *Um e outro se odeiam há muito tempo.*

b) Um ou outro: o verbo deve permanecer na 3ª pessoa do singular.

- *Um ou outro conhece seus direitos.*
- *Um ou outro aluno passará no concurso.*

Importante: se a conjunção ou (*um ou outro*) apresenta valor excludente ao ligar os núcleos do sujeito, o verbo fica no singular (*Caetano ou Gil ocupará o cargo de Ministro da Cultura*). Se, ao contrário, indica inclusão, o verbo fica no plural (*Caetano ou Gil me agradam*).

4. Sujeito formado de infinitivos O verbo fica no singular. Entretanto, concordará no plural se os infinitivos forem determinados pelo artigo ou exprimirem ideias opostas. Exemplos: • Cantar e representar é característico do artista.

- *O comer e o beber são necessários à sobrevivência.*
- *Rir e chorar não devem fazer parte da personalidade.*
- *Estudar e trabalhar é importante.*

5. Cada Quando o sujeito apresenta núcleos antecedidos do pronome cada**, o verbo fica no singular. Exemplo:** • Cada aluno, cada professor, cada coordenador tinha sua versão dos fatos.

Observação: com as expressões *cada um*, *cada qual* e *nenhum* o verbo deve ficar no singular. Exemplos: • *Cada um fará o seu trabalho.*

- *Cada qual dos alunos sabe sua nota.*
- *Nenhum deles disse a verdade.*

- *Cada um é suas ações.*

6. Com

Quando se trata de conectivo aditivo, ligando os núcleos do sujeito, o verbo fica no plural. Exemplo: • *O João com o Roberto saíram pela manhã* (João e Roberto).

Quando introduz *adjunto adverbial de companhia*, o verbo concorda com o sujeito. Exemplo: • *João, com os primos, viajou ontem.*

7. Sujeito resumido (tudo, nada, nenhum, ninguém) Quando há sujeito resumido ou expressão equivalente, o verbo fica no singular. Exemplos: • Dinheiro, mulheres, poder, tudo era desejado por ele.

- *Jogos, espetáculos, viagens, nada pôde agradar-lhe.*
- *O professor, o aluno, nenhum foi visto depois do baile.*
- *Os alunos, os professores, ninguém obedeceu à ordem.*

Outros Casos

1. Verbos Dar, Soar, Bater Referindo-se às horas, esses verbos concordam com o sujeito. Exemplos: • Deu cinco horas o sino da capela.

- *Deu uma hora da tarde.*
- *Que horas deu o relógio?*
- *Soaram onze horas na igrejinha.*
- *O relógio da sala soou duas horas.*
- *Bateram cinco horas no relógio do mosteiro.*
- *Bateu cinco horas o despertador.*

2. Verbo Parecer + infinitivo Flexiona-se o verbo parecer **ou o infinitivo que o segue. Exemplos:** • Os quadros **parecem estar** prontos – Os quadros **parece estarem** prontos.

- *As pessoas pareciam entender o problema – As pessoas parecia entenderem o problema.*
- *As estrelas parecem brilhar mais – As estrelas parece brilharem mais.*

3. Expressão Haja vista Trata-se de relevante expressão, na acepção de "oferecer-se à vista, aos olhos". Há várias possibilidades: a) Fica invariável. Exemplo: • A seleção vai vencer o torneio, haja vista os resultados obtidos.

b) Não varia o verbo *haver*, e o termo *vista* rege a preposição *a*. Exemplo: • *A seleção vai vencer o torneio, haja vista aos resultados obtidos.*

c) Varia o verbo *haver*, e o termo *vista* não rege preposição. Exemplo: • *A seleção vai vencer o torneio, hajam vista os resultados obtidos.*

Fique atento:

Haja visto é tempo composto do verbo ver. Substitui-se por "tenha visto". Exemplos: • Espero que a reitoria já haja visto meu pedido.

• Penso que todos hajam visto o recado.

4. Os verbos impessoais a) Verbos que exprimem fenômenos da natureza ficam na 3ª pessoa do singular. Exemplos: • Choveu bastante na noite passada.

- *Trovejou muito durante a chuva.*
- *Neva, às vezes, no sul do Brasil.*
- *Geia nos Alpes Suíços, com frequência.*

Observação: o verbo será pessoal, caso não represente fenômenos meteorológicos. Exemplos: • *Choveram dólares.*

- *Os professores trovejaram com os alunos.*
- *Destruído o travesseiro, nevavam penas sobre a cama.*

b) Os verbos *fazer* e *estar*, quando indicam tempo ou clima, ficam na 3ª pessoa do singular. Exemplos: • *Faz muitos dias que voltei do interior.*

- *No sul, faz dias frios e chuvosos.*
- *Está noite e faz frio.*

c) O verbo *haver*, na indicação de "tempo decorrido, existência, ocorrência ou acontecimento", deve ficar na 3ª pessoa do singular. Exemplos: • *Houve muitos acontecimentos naquele dia.*

- *Havia anos que não nos encontrávamos.*
- *Houve bastantes acidentes.*

Observação: com os verbos *existir, ocorrer* e *acontecer* – verbos pessoais –, a concordância com o sujeito ocorre normalmente. Exemplos: • *Existem dias melhores.*

- *Ocorrerão festas no próximo mês.*
- *Acontecerão situações mais agradáveis.*

Fique atento:

Nas locuções verbais, a impessoalidade do verbo haver é transferida para o verbo auxiliar. Exemplos: • Deve haver muitas tarefas na lista.

• Deve fazer vários dias que não o vejo.

Do mesmo modo, a pessoalidade dos verbos existir, ocorrer e acontecer se transfere para o verbo auxiliar. Exemplos: • Devem existir muitas tarefas na lista.

• Vão ocorrer festas no próximo mês.

• Podem acontecer situações mais agradáveis.

5. O verbo ser a) Quando o verbo ser refere-se a expressões numéricas (é muito, é pouco, é suficiente, é bastante), fica no singular. Exemplos: • Para aproveitar tal lugar, três semanas é pouco tempo.

- *Cem reais de multa é muito para ele.*
- *Duzentos gramas de mortadela é suficiente.*

b) Quando os pronomes *isto, aquilo, isso, tudo* forem sujeito, o verbo pode concordar com o predicativo no plural. Exemplos: • *Tudo aquilo eram bobagens.*

- *Tudo eram amarguras neste momento.*
- *Isto são prazeres desnecessários.*

Observação: pode concordar com o sujeito ou com o predicativo quando o sujeito for palavra de sentido amplo, como *humanidade, ciência, mundo etc.* Exemplos: • *A vida são alegrias – A vida é alegrias.*

- *O mundo são os homens – O mundo é os homens.*
- *O projeto eram suas torturas – O projeto era suas torturas.*

c) Quando há indicação de *horas, distâncias* ou *datas*, o verbo concorda com o predicativo. Exemplos: • *Eram nove horas.*

- *Daqui ao centro são treze quilômetros.*
- *Hoje é 4 de julho* (o verbo concorda com a ideia implícita de "dia").
- *Hoje são 4 de julho.*
- *Hoje são trinta.*

6. Concordância irregular ou ideológica Ocorre quando a concordância se faz com a ideia inserta na frase. Recebe o nome de silepse.

a) Silepse de pessoa: a concordância se faz com a pessoa gramatical implícita. Exemplos: • *Todos os homens somos filhos de Deus* 292.

- *Todos sentimos sua perda.*
- *Os cinco decidimos assinar o manifesto.*

b) Silepse de gênero: a concordância se faz com o gênero gramatical implícito. Exemplos: • *Vossa Santidade é bondoso* (para pessoa do sexo masculino).

- *Vossa Excelência foi educada* (para pessoa do sexo feminino).
- *São Paulo é linda* (para cidade).
- *Cartago foi destruída* (para cidade).
- *A gente ficou convencido das suas boas intenções* (para homem).
- *"Que será de nós, com a bandidagem podendo andar soltos por aí"* 293 (Houaiss) (para eles, os bandidos).

c) Silepse de número: a concordância se faz com o número gramatical implícito. Exemplos: • *Povo desta maravilhosa cidade, eis meu apelo: votem em mim* 294*!*

- *Essa gente é incrível: acordam e labutam como ninguém.*
- *"A gente da cidade, aquele dia (uns por amigos, outros por parentes, outros por ver somente), concorria saudosos na vista e descontentes"* (Camões).

A *silepse de número* leva-nos a enfrentar o tema do *plural de modéstia*. Vamos detalhar.

O *plural de modéstia* ou *plural majestático* é o emprego da 1ª pessoa do plural no lugar da 1ª pessoa do singular. É o caso de *concordância irregular* ou *ideológica*, tecnicamente denominado *silepse de número* – técnica por meio da qual, em vez do pronome *eu*, emprega-se "nós". Entretanto, não se está referindo a mais de uma pessoa, senão a uma só. O verbo flexiona-se na 1ª pessoa do plural e assim concorda com o sujeito formalmente plural. Exemplo: em vez de afirmar "(Eu) quero manifestar minha satisfação", digo *"(Nós) queremos manifestar nossa satisfação"*.

A expressão ganhou lastro histórico, à medida que os antigos reis de Portugal adotavam a fórmula "*Nós, el-rei, fazemos saber…"*, procurando, num estilo de modéstia, diminuir a distância que os separava do povo. Até que, no início do século XVI, com D. João III, e a era do absolutismo real, passou a prevalecer o uso da 1ª pessoa: "*Eu, el-rei, faço saber que …"* .

Sabe-se que, nos altos escalões da Igreja, o uso do plural majestático era frequente, por representar uma ideia de humildade e solidariedade perante os fiéis. Todavia, com o crescimento patrimonial da Igreja, o que era *modéstia* passou a ser "falsa modéstia", e o uso da expressão passou a dar a impressão não de modéstia, mas de grandeza e majestade. Daí o nome *plural majestático*.

Com o passar dos séculos, ainda o utilizam escritores, oradores e políticos, que dessa forma pretendem fundir-se em simpatia com seus leitores, ouvintes e correligionários, parecendo com eles compartilhar suas ideias e afastando qualquer noção de importância pessoal, vaidade e orgulho. Assim, conseguem evitar um tom muito personalista no discurso e traduzem uma ideia de que falam não de modo individualista, mas como expressão da fala coletiva. Por falar em políticos, é interessante notar o comportamento de alguns dos nossos representantes legislativos, ou com pretensão de sê-lo. Os candidatos querem "fazer bonito" a toda prova. Contratam *marqueteiros* (termo consagrado no Houaiss e, mais recentemente, no VOLP 2009), que se incumbem de transformá-los naquilo que interessa ao eleitor desavisado: candidato "bonzinho", "trabalhador" e "competente". Ensaiam o discurso. Esbanjam próclises e mesóclises. Acertam formas rizotônicas e arrizotônicas. Sobretudo evitam o "eu". É que, em se tratando de campanha eleitoral, o "pronomezinho" pode dar a impressão de arrogância. Saída? Os sabidos recorrem a truques. Há aqueles que se referem a si próprios por meio da terceira pessoa. Para não dar "nomes aos bois", imagine o Autor, que aqui lhe dirige estas palavras, em um hipotético discurso eleitoral, como candidato, valendo-se da tática: "Sabbag fez isso, Sabbag fez aquilo". Interessante a manobra, não é mesmo? Alguns políticos famosos fazem uso do expediente.

Ressalte-se que não há necessidade do plural majestático em correspondência formal ou em um discurso, nos quais o anunciante esteja falando em seu próprio nome, e não no de uma coletividade ou da empresa de modo geral. Exemplos: • *Venho transmitir-lhe meus cumprimentos…*

- *Solicito a colaboração de todos…*

Para alguns, o plural de modéstia soa falso, sendo desnecessário. Não abonamos tal postura, uma vez que, quando ensinamos, aconselhamos ou fazemos sugestões aos ouvintes, e o "nós" tem o poder de afastar resistências desnecessárias. É como se o orador estivesse se incluindo no grupo para receber a mensagem, isto é, ele aconselha, mas ao mesmo tempo é aconselhado; ensina, mas, ao mesmo tempo, recebe os ensinamentos.

CURIOSIMACETES

1. MOSSA (Ó) E MOÇA (Ô) O SUBSTANTIVO FEMININO MOSSA (Ó) SIGNIFICA "MARCA DE PANCADA, CONTUSÃO". PORTANTO: ● O SOCO DEIXOU-LHE UMA MOSSA VISÍVEL NO ROSTO.

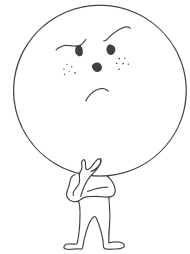

É interessante observar que há sentido figurado para o termo mossa (ó), na acepção de "abalo, choque, comoção". Exemplo: ● As brigas com a mulher já não lhe provocam mossa, haja vista estar na iminência de deixar a casa.

Por outro lado, **moça (ô)** significa, como é cediço, "jovem, menina".

2. NOBEL A PALAVRA NOBEL É OXÍTONA, COM A SÍLABA TÔNICA EM "BEL", CONQUANTO NÃO DESFRUTE DE REGISTRO LEXICOGRÁFICO. DAÍ SE RECOMENDAR A SUA ESCRITA COM DESTAQUE (ITÁLICO OU ASPAS). À GUISA DE CURIOSIDADE, A ORIGEM DO TERMO ADVÉM DE ALFRED BERNHARD NOBEL (1833-1896), UM CIENTISTA SUECO QUE INSTITUIU, NO FIM DA VIDA, UMA PRAXE DE PREMIAR OBRAS LITERÁRIAS OU CIENTÍFICAS. A PARTIR DE 1901, PORTANTO, OS CONHECIDOS PRÊMIOS NOBEL **COMEÇARAM A SER CONFERIDOS AOS PRIVILEGIADOS GANHADORES.**

Nesse passo, não confunda **nobel** com **novel**, outra palavra oxítona, na acepção de "novo ou novato" – esta, sim, dicionarizada. Formando o plural novéis, pode ser adjetivo (novel guerreiro, novel engenheiro) ou substantivo ("Os novéis no ofício de ensinar têm de percorrer o intrincado caminho da arte do altruísmo" – o Autor).

3. NÓ GÓRDIO ESTA EXPRESSÃO IDIOMÁTICA TEM A ACEPÇÃO DE "GRANDE DIFICULDADE, SITUAÇÃO MUITO DIFÍCIL". A FORMA CONSAGRADA É NÓ GÓRDIO, E NÃO OUTRAS INVENCIONICES QUE SE VEEM POR AÍ: "NÓ DE GÓRDIO" OU "NÓ GORDIANO". PODE SER USADA EM SITUAÇÕES COMO: ● O NÓ GÓRDIO DO FUTEBOL BRASILEIRO ESTÁ NA MERCANTILIZAÇÃO DO ESPORTE.

● A redução da carga tributária é o nó górdio da proposta de reforma tributária.

Observação: no sentido de "resolver uma situação difícil, por meio de decisão inesperada e enérgica", há a expressão idiomática **cortar o nó górdio**, cuja origem está adstrita à façanha de Alexandre, o Grande, rei da Macedônia, o qual, não conseguindo desatar o famoso nó de Górdio (= camponês da Frígia), inesperada e violentamente o cortou com um golpe de espada.

4. SUB-REPTÍCIO E OB-REPTÍCIO SUB-REPTÍCIO É ADJETIVO HIFENIZADO QUE SIGNIFICA (1) "OBTIDO POR MEIO DE SUB-REPÇÃO", OU SEJA, "ILICITAMENTE, POR MEIO DE FRAUDE" (DEPOIMENTO SUB-REPTÍCIO**). ADEMAIS, O TERMO PODE TER A ACEPÇÃO (2) DE "FEITO ÀS ESCONDIDAS, FURTIVAMENTE" (**TRÁFICO SUB-REPTÍCIO**). POR OUTRO LADO, OB-REPTÍCIO É ADJETIVO IGUALMENTE HIFENIZADO QUE SIGNIFICA "OBTIDO POR MEIO DE OB-REPÇÃO", OU SEJA, "ARDILOSAMENTE, DOLOSAMENTE, ILICITAMENTE, POR MEIO DE FRAUDE". PORTANTO, NESSE CONTEXTO,** OB-REPTÍCIO E SUB-REPTÍCIO **(SENTIDO 1) SÃO EXPRESSÕES SINÔNIMAS. EXEMPLO:** DOCUMENTO OB-REPTÍCIO; ARGUMENTO OB-REPTÍCIO**.**

5. OSTRACISMO O SUBSTANTIVO OSTRACISMO DERIVA DO GREGO OSTRAKISMÓS **(**ÓSTRAKON **= OSTRA). NA GRÉCIA ANTIGA, EM CIDADES COMO ATENAS, HAVIA A PRAXE DE CONDENAR, POR MEIO DE PLEBISCITO, CIDADÃOS AO "OSTRACISMO",** I.E.**, AO DESTERRO TEMPORÁRIO, AFASTANDO-OS DE SUAS FUNÇÕES, COMO MEIO DE SEGURANÇA PÚBLICA OU PARA EVITAR A SUA ATUAÇÃO E INFLUÊNCIA POLÍTICA. O VOCÁBULO, PORTANTO, REPRESENTA A PROSCRIÇÃO, O BANIMENTO, O EXÍLIO. O CURIOSO É NOTAR QUE O NOME DO CIDADÃO QUE SE QUERIA BANIR ERA ESCRITO EM CONCHAS DE OSTRAS, RAZÃO PELA QUAL SURGIU O NOME "OSTRACISMO". POR FIM, RESSALTE-SE QUE HÁ IMPROPRIEDADE NA UTILIZAÇÃO DO TERMO COMO SINÔNIMO DE "ESQUECIMENTO" (**O FATO CAIU NO OSTRACISMO**). REGISTRE-SE, TODAVIA,**

QUE O HOUAISS ADMITE O TERMO, EM SENTIDO FIGURADO, COMO "AFASTAMENTO" OU "REPULSA", DANDO O EXEMPLO: POR SUA BISBILHOTICE A SOCIEDADE CONDENOU-O AO OSTRACISMO.

A HORA DO ESPANTO

AS "PÉROLAS" DO PORTUGUÊS NESTA TERRA ENSI PLANTANDO TUDO DÁ CORREÇÃO: PARA PERCEBERMOS O EQUÍVOCO COMETIDO, URGE PERSCRUTAR A ORIGEM DA MÁXIMA EM TELA, QUE REMONTA OS IDOS DO DESCOBRIMENTO DO BRASIL. TUDO COMEÇOU COM UMA CARTA – ESCRITA POR PERO VAZ DE CAMINHA, ESCRIVÃO-MOR DA ARMADA DE PEDRO ÁLVARES CABRAL –, UMA ESPÉCIE DE "CERTIDÃO DE NASCIMENTO" DA NOSSA TERRA. FOI ELABORADA EM LINGUAGEM RICA DE DESCRIÇÃO, COLORIDO E ENCANTAMENTO. É SABIDO QUE CAMINHA NÃO ERA PROPRIAMENTE UM ESCRITOR, MAS SOUBE PRENDER A ATENÇÃO DO REI D. MANUEL, O VENTUROSO, COM O DETALHAMENTO, OS ACENOS DE RIQUEZA, A POSSIBILIDADE DA CRISTIANIZAÇÃO DOS ÍNDIOS E, SOBRETUDO, OBSERVANDO QUE NOSSA TERRA ERA FÉRTIL E QUE NELA, "EM SE PLANTANDO, TUDO DÁ". PORTANTO, EM RESPEITO À HISTÓRIA, NÃO DESVIRTUEMOS O PROVÉRBIO, COM MALABARISMOS VOCABULARES ("ENSI"). A FORMA CORRETA É: NESTA TERRA, EM SE PLANTANDO, TUDO DÁ.

Por falar na preposição "em" antes de gerúndio, é imperioso enaltecer que seu uso é simplesmente enfático, portanto, evitável, em orações que exprimem "tempo ou condição", como nas frases: • Em se tratando de pedras nos rins, devemos proceder à retirada.

- Em se plantando, tudo dá.
- Em aparecendo a ferida, tome os medicamentos.
- "Em chegando a hora, saberei como agir" (Aurélio).
- Em chegando ao curso, ligue-me.

QUESTÕES

1. (2014/FCC/TRT – 16ª Região/Analista Judiciário/Questão adaptada) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se de modo a concordar com o elemento sublinhado na frase: (A) As <u>características</u> a que (dever) atender um prefácio podem torná-lo um estraga-prazeres.

(B) Há <u>casos</u> em que o prefácio se (revelar) um componente inteiramente inútil de um livro.

(C) Às vezes, numa bibliografia (ganhar) mais destaque as <u>páginas</u> de um prefácio do que o texto principal de um livro.

(D) Não é incomum que se (recorrer) a <u>frases</u> de Machado de Assis para glosá-las, dada a graça que há nelas.

(E) O autor confessa o que a <u>muitos</u> (parecer) impensável: é possível gostar mais de um prefácio do que do restante da obra.

2. (2014/VUNESP/TJ-SP/Escrevente Técnico Judiciário) Pato manco. O termo da política norte-americana é usado para classificar executivos eleitos cuja aprovação popular e minoria no Legislativo os _____ incapacitados de alterar significativamente a vida dos governados. Se tudo correr como _____ as pesquisas de intenção de voto, as eleições de novembro nos EUA, com renovação completa da Casa dos Representantes e um terço do Senado, _____ o presidente Barack Obama refém de um Congresso dominado pela oposição.

(<www.cartacapital.com.br>, 6.10.2014. Adaptado.) Em conformidade com a norma-padrão da língua portuguesa, as lacunas do texto devem ser preenchidas, respectivamente, com: (A) deixam … indica … deixarão (B) deixa … indica … deixará (C) deixam … indicam … deixará (D) deixam … indicam … deixarão (E) deixa … indicam … deixarão **3.** (2014/FCC/TRT – 1ª Região (RJ)/Analista Judiciário/Questão adaptada) As normas de concordância verbal estão plenamente observadas na frase: (A) Costumam-se criticar os defeitos das coisas antigas, sem se atentarem aos perigos que deriva da má utilização das novas.

(B) Os vários processos de exclusão social, aos quais se aludem no texto, provam que carece de compreensão e tolerância os rumos da nossa história.

(C) Não se atribuam às tecnologias mais avançadas o ônus de serem também nocivas, já que toda a responsabilidade cabe a quem as manipulam.

(D) Caso não venha a faltar às novas tecnologias um autêntico padrão ético, não haveremos de temer as consequências que decorrerem de seu emprego.

(E) Muita gente, na vertigem dos dias atuais, passam a criticar sem razão as novas tecnologias, às quais não cabem ser responsáveis por seus efeitos.

4. (2014/FCC/TRT – 1ª Região (RJ)/Analista Judiciário/Questão adaptada) Todas as formas verbais estão adequadamente empregadas quanto ao sentido e corretamente flexionadas na frase: (A) Ainda ontem nos contemos diante do seu entusiasmo, desistindo de o dissuadir de que nós é que estávamos certos.

(B) O que contribue para a globalização não diminui os abismos que sempre se interporam entre as classes sociais.

(C) Muitas pessoas já se contraporam, no passado, aos abusos que adviram com as novidades tecnológicas.

(D) O que sobrevier à globalização proverá ou não de razão os argumentos utilizados pelo autor do texto.

(E) Se alguém se dispor a concordar com suas opiniões, satisfazer-se-á em se manter passivo diante da globalização?

5. (2014/VUNESP/TJ-PA/Auxiliar Judiciário) A questão deve ser respondida com base na norma-padrão da língua portuguesa.

Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal.

(A) Se um dos peladeiros não se atêm à regra, o time é prejudicado.

(B) A atitude de expor opiniões, ideias e emoções com confiança e sem intimidação chamam-se assertividade.

(C) Faz alguns meses que a empresa vem procurando aprimorar sua infraestrutura.

(D) Deveria existir áreas verdes em todas as regiões das grandes cidades.

(E) Houveram muitas queixas dos moradores, por isso se determinou que palavrão é falta.

6. (2014/FCC/TRT – 2ª Região/Técnico Judiciário) A frase em que a concordância respeita as regras da gramática normativa é: (A) É bilateral, sem dúvida alguma, os interesses pela exploração desse tipo de negócio, por isso os países envolvidos terão de fazer concessões mútuas.

(B) Cada um dos interessados em participar dos projetos devem apresentar uma proposta de ação e uma previsão de custos.

(C) Acordos luso-brasileiros têm sido recebidos com entusiasmo, o que sugere que haverá de serem cumpridos fielmente.

(D) Quanto mais discussão houver sobre as questões pendentes, mais se informarão, com certeza, os que têm de decidir os próximos passos do processo.

(E) Procede, por uma questão técnica, segundo os especialistas entrevistados, as medidas divulgadas ontem, pois a urgência de saneamento é indiscutível.

7. (2014/FCC/TRT – 2ª Região/Técnico Judiciário) De fato, são muitos os estímulos que _____ o sujeito poético na capital do Estado. Por isso, não é de espantar que na conferência "O movimento modernista" (1942) Mário de Andrade volte ao tema da loucura urbana – pessoas de várias partes do mundo, meios de locomoção e inventos que rapidamente _____ a feição da cidade. Era a Pauliceia _____ aos novos tempos.

(Adaptado de FONSECA, Maria Augusta. *Por que ler Mário de Andrade*. São Paulo: Globo, 2013.) Preenchem corretamente as lacunas do texto acima, na ordem dada, (A) enlouquece – transformou – ajustando (B) enlouquecem – transformaram – ajustando-se (C) enlouquecem – transforma – ajusta-se (D) enlouqueceu – transformara – ajustando-se (E) enlouqueceram – transformaram – ajustado **8.** (2014/FCC/TRF – 3ª Região/Analista Judiciário) As regras de concordância estão plenamente respeitadas em: (A) O crescimento indiscriminado que se observa na cidade de São Paulo fazem com que alguns de seus bairros sejam modificados em poucos anos.

(B) Devem-se às múltiplas ofertas de lazer e cultura a atração que São Paulo exerce sobre alguns turistas.

(C) Apesar de a cidade de São Paulo exibir belas alamedas arborizadas, deveriam haver mais áreas verdes na cidade.

(D) O ruído dos carros, que entram pelas janelas dos apartamentos, perturbam boa parte dos paulistanos.

(E) Na maioria dos bairros de São Paulo, encontram-se referências culinárias provenientes de diversas partes do planeta.

9. (2013/FAURGS/TJ-RS/Oficial Escrevente/Questão adaptada) Hoje há formadores de opinião por todos os lados, para onde você olhar, e por isso mesmo é cada vez mais difícil escolher quem vale a pena ouvir.

Assinale a alternativa que propõe uma conversão do trecho acima para o passado que esteja de acordo com a norma gramatical e que preserve a perspectiva modal e as relações de ordenamento entre estados e eventos expressas originalmente.

(A) Antigamente haviam formadores de opinião por todos os lados, para onde você olhasse, e por isso mesmo fosse cada vez mais difícil escolher quem valia a pena ouvir.

(B) Antigamente havia formadores de opinião por todos os lados, para onde você olhara, e por isso mesmo fora cada vez mais difícil escolher quem valesse a pena ouvir.

(C) Antigamente havia formadores de opinião por todos os lados, para onde você olhasse, e por isso mesmo era cada vez mais difícil escolher quem valia a pena ouvir.

(D) Antigamente houveram formadores de opinião por todos os lados, para onde você olhara, e por isso mesmo seria cada vez mais difícil escolher quem valia a pena ouvir.

(E) Antigamente haviam formadores de opinião por todos os lados, para onde você olhasse, e por isso mesmo seria cada vez mais difícil escolher quem valera a pena ouvir.

10. (2013/FCC/TRT – 15ª Região/Analista Judiciário) De acordo com as regras de concordância, a frase correta é: (A) Ainda existem pessoas menos esclarecidas que tem na exploração predatória dos recursos naturais sua renda.

(B) Naquela tarde, haviam muitos estudantes mais exaltados se manifestando por medidas que garantiam a sustentabilidade.

(C) Em outras épocas, não existia preocupações com a preservação das florestas, dos rios e, mesmo, da energia.

(D) Na situação atual, é impossível não haverem pessoas que se preocupem com agricultura e economia sustentável.

(E) Na ocasião, já fazia meses que os ambientalistas discutiam medidas para a contenção dos desmatamentos.

11. (2013/IBFC/MPE-SP/Analista de Promotoria I) Considere as orações abaixo.

I. Devem-se impor limites ao sensacionalismo.

II. Tratam-se de questões polêmicas.

III. Considerou-se, no julgamento, todas as provas apresentadas pela promotoria.

A concordância está correta somente em: (A) Apenas I

(B) Apenas II

(C) Apenas III

(D) Apenas I e II

(E) Apenas II e III

12. (2013/IBFC/MPE-SP/Analista de Promotoria I) Considere o período e as afirmações abaixo.

A imprensa é a voz da sociedade pois a denúncia de crimes e desigualdades mobilizam as pessoas.

I. Observa-se o uso de metáfora.

II. A pontuação está correta.

III. Há um problema de concordância verbal.

Está correto o que se afirma somente em: (A) Apenas I

(B) Apenas II

(C) Apenas III

(D) Apenas I e III

(E) Apenas II e III

13. (2013/IBFC/MPE-SP/Analista de Promotoria) Considere os períodos abaixo.

I. Podem haver congestionamentos nas estradas.

II. Verificou-se, na investigação, todas as possibilidades.

III. Trata-se de situações complexas.

A concordância está correta somente em: (A) Apenas I

(B) Apenas II

(C) Apenas III

(D) Apenas I e III

(E) Apenas II e III

14. (2013/FCC/MPE-SE/Analista – Direito) Urbanistas, como o arquiteto britânico Adrian Ellis, radicado nos Estados Unidos,

já _____ a era da "plutocratização" das metrópoles. Este mesmo arquiteto lembra que _____ mais tráfego aéreo entre Nova York e Londres do que entre a maior cidade americana e qualquer outro ponto dos EUA: "Essas são cidades globais, pontos nevrálgicos do mundo, que _____ todo o capital".

Preenchem, correta e respectivamente, as lacunas: (A) anuncia – existem – concentra (B) anunciam – existe – concentram (C) anunciam – existem – concentra (D) anuncia – existem – concentram (E) anuncia – existe – concentra

15. (2013/FCC/TRT – 18ª Região (GO)/Analista Judiciário – Psicologia) As normas de concordância estão plenamente respeitadas na frase: (A) Sobressai, na igreja projetada por Brunelleschi, os nove anéis circulares horizontais que se estende pelos oito lados da cúpula.

(B) Imagina-se que devam haver outras referências ao poeta Dante Alighieri nos projetos arquitetônicos de Brunelleschi.

(C) Famoso por sua ousadia, nunca inquietou Brunelleschi os nove anéis circulares horizontais que seriam embutidos ao longo dos oito lados da cúpula da igreja.

(D) Quando deparam com a Catedral de Florença, os turistas não imaginam que tantas intempéries, como a peste negra, por exemplo, detiveram sua construção.

(E) Cada um dos círculos que se encontra na cúpula da igreja projetados por Brunelleschi foram inspirados no Paraíso de Dante Alighieri.

16. (2013/FCC/TRT – 18ª Região (GO)/Analista Judiciário) O verbo empregado no plural que, sem prejuízo das normas de concordância verbal, também poderia ser empregado no singular está grifado neste fragmento de um poema de Cora Coralina: (A) Filhos, pequeninos e frágeis...eu os carregava, eu os alimentava?Não. Foram eles que me carregaram,que me alimentaram.

(B) Sobraram na fala goiana algumas expressões africanas, como Inhô, Inhá, Inhora, Sus Cristo. [...]

(C) Suas roseiras, jasmineiros, cravos e cravinas, escumilhas, onde beija-flores faziam seus ninhos delicados [...]

(D) Na Fazenda Paraíso, grandes terras de Sesmaria, nos dias da minha infância ali viviam meu avô, minha bisavó Antônia, que todos diziam Mãe Yayá, minha tia Bárbara, que era tia Nhá-Bá.

(E) E vinham os companheiros, eu vi, escondida na moita de bambu...

17. (2013/FCC/PGE-BA/Analista de Procuradoria) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do plural para preencher corretamente a lacuna da frase: (A) Já que a vida é um moinho, como afirmou mestre Cartola, que bons ventos nos _____ (soprar) esse moinho, com suas pás caprichosas.

(B) Vejo-a em todas as vitrines, multiplicando-se em tantos rostos quantos _____ (desejar) reconhecer meu olhar ansioso.

(C) Disse um compositor baiano que é doce morrer no mar, fazendo com que nos versos de sua poesia se _____ (representar) um sugestivo paradoxo.

(D) Na época da bossa-nova, o mar, o barquinho e um violão compuseram um trinômio que _____ (servir) a seus entusiastas como uma espécie de emblema.

(E) Houve tempos em que muitos sambas exaltavam o Brasil, como se _____ (faltar) a cada um de nós as devidas ênfases do sentimento nacionalista.

18. (2013/FCC/PGE-BA/Assistente de Procuradoria) A concordância verbal está correta em: (A) Haviam pessoas que não se importavam com seus vizinhos de viagem, falavam alto ao celular.

(B) Os usuários pareciam gostarem daquela bagunça: o som alto, mesmo de qualidade duvidosa.

(C) Já fazem meses que entro no ônibus, no mesmo horário, com as mesmas pessoas que sempre falam ao celular.

(D) Sempre havia pessoas que não se importavam em expor sua vida particular, pareciam até se divertir.

(E) Sempre vai existir passageiros que se incomodem com o som alto e com músicas de gosto duvidoso.

19. (2016/MPE-SC/Promotor de Justiça) Examine as frases abaixo para responder à Questão.

(A) Viveríamos bem melhor se não houvessem conflitos.

(B) Os deputados haviam abandonado a sala.

(C) Nossos alunos se houveram bem neste concurso público.

(D) Até hoje houve duas guerras mundiais.

(E) Deve haver muitas pessoas interessadas neste parecer.

Em e, a locução verbal Deve haver poderia ser substituída por Devem existir e a frase continuaria gramaticalmente correta.

( ) Certo ( ) Errado **20.** (2016/MPE-SC/Promotor de Justiça) Observe as frases abaixo.

(A) "Tudo isso são inverdades", disse o promotor.

(B) Hoje são 20 de junho.

(C) Os culpados pela elaboração do trabalho somos sempre nós.

Todas as frases estão corretas, pois a concordância do verbo ser pode ocorrer entre o verbo e o predicativo do sujeito.

( ) Certo ( ) Errado **21.** (2016/FCC/TRF – 3ª Região/Analista Judiciário) A respeito da concordância verbal, é correto afirmar: (A) Em "A aquisição de novas obras devem trazer benefícios a todos os frequentadores", a concordância está correta por se tratar de expressão partitiva.

(B) Em "Existe atualmente, no Brasil, cerca de 60 museus", a concordância está correta, uma vez que o núcleo do sujeito é "cerca".

(C) Na frase "Hão de se garantir as condições necessárias à conservação das obras de arte", o verbo "haver" deveria estar no singular, uma vez que é impessoal.

(D) Em "Acredita-se que 25% da população frequentem ambientes culturais", a concordância está correta, uma vez que a porcentagem é o núcleo do segmento nominal.

(E) Na frase "A maioria das pessoas não frequentam o museu", o verbo encontra-se no plural por concordar com "pessoas", ainda que pudesse, no singular, concordar com "maioria".

22. (2016/FCC/TRF – 3ª Região/Técnico Judiciário) A frase cuja redação está inteiramente correta é: (A) Obtido pela identificação por radiofrequência, os dados das placas de veículos são passíveis em oferecer informações valiosas acerca dos motoristas.

(B) Na cidade inteligente, a automatização da gestão de setores urbanos são facilitadores de serviços imprecindíveis, como saúde, educação e segurança.

(C) Londres e Barcelona estão entre as cidades que mais destaca-se em termos de inteligência, com avançados centros de operação de dados.

(D) São necessários viabilizar projetos de cidades inteligentes, amparados em políticas públicas que salvaguardam os dados abertos dos cidadãos.

(E) O aprimoramento de técnicas de informatização de dados permitiu que surgisse um novo conceito de cidade, concebido como espaço de fluxos.

23. (2016/UFMT/TJ-MT/Analista Judiciário) Leia as frases abaixo.

I. Enquanto houver leitores, haverá livros.

II. Mais de um terço dos jovens no Brasil nunca desliga o celular.

III. Vossa Senhoria tomou posse de seu mandato em dia auspicioso.

IV. Hoje são 08 de março, dia da mulher.

Sobre a concordância verbal empregada nas frases, assinale a afirmativa INCORRETA.

(A) Em II, o verbo desligar deveria ser pluralizado visto que a expressão mais de é indicativa de plural.

(B) O verbo haver no sentido de existir flexiona-se somente na 3ª pessoa do singular, como ocorre em I.

(C) Com pronomes de tratamento, a concordância verbal se dá na 3ª pessoa; em III, no singular, pois o pronome está no singular.

(D) Em IV, o verbo ser concorda com o numeral, mas também poderia concordar com a palavra dia, subentendida antes do numeral.

24. (2016/FGV/Prefeitura de Cuiabá – MT/Auditor Fiscal Tributário da Receita Municipal) Os porquês da diversidade Das coisas mais marcantes da adolescência, minha memória traz os tempos de estudo e dúvidas sobre o futuro. De forma contrária às principais críticas que se ouve hoje, meus anos de Ensino Médio foram, sim, muito significativos para uma formação dita cidadã, e não só voltada aos vestibulares. Hoje trabalhando com educação, tenho plena consciência de que um ensino inovador pode surgir a partir de práticas consideradas tradicionais e que uma roda de conversa na escola pode ser tão ou mais revolucionária quanto qualquer aplicativo educacional. Percebo que o que torna o aluno socialmente engajado é a reflexão constante, a troca de experiências, a diversidade de conhecimentos e opiniões que ele aplica e vê aplicarem a um objeto de estudo, de forma digital ou analógica. [...]

É disso que trata a educação: formar indivíduos engajados uns com os outros, socialmente e que saibam conviver. Está aí também a grande diferença da educação familiar, quando convivemos apenas com nossos pares. A escola nos permite entrar em contato de forma sistemática com outros mundos, outros olhares, outros saberes, opiniões diferentes das nossas, culturas até então desconhecidas. É o convívio com professores e colegas que nos dá suporte para refletir sobre nossas posições, sermos questionados sobre opiniões divergentes e, assim, pensarmos num projeto de vida de forma plena.

(Ivan Aguirra, Educatrix, Moderna, ano 5, n. 9, 2015.) "De forma contrária às principais críticas que se ouve hoje, meus anos de Ensino Médio foram, sim, muito significativos para uma formação dita cidadã, e não só voltada aos vestibulares".

Assinale a opção que indica o erro de norma culta presente no fragmento acima.

(A) O uso inadequado do acento grave em "às principais críticas".

(B) O erro de concordância na forma verbal "se ouve".

(C) O emprego incoerente do vocábulo "sim", entre vírgulas.

(D) O erro de concordância no emprego do vocábulo "muito".

(E) O mau uso da forma "aos" em lugar de "para os".

25. (2016/FCC/TRT – 14ª Região/Analista Judiciário/Questão adaptada) As exigências quanto à concordância verbal estão

plenamente atendidas na frase: (A) A muitos poderá parecer um excesso as lutas travadas pelas mulheres americanas contra a prática de graves atitudes machistas.

(B) Acaba por se constituir numa grande hipocrisia as atitudes de quem se diz reger por determinada moral e pratica outra, inteiramente diversa.

(C) É comum que aos homens ocorra estar no exercício de um direito quando, em suas práticas amorosas, impõem às mulheres o que as humilha e as desonra.

(D) Couberam às mulheres americanas, cansadas de se submeterem aos machistas, travar duras lutas contra o assédio sexual e outras práticas que as vitimam.

(E) A maioria dos homens não costuma levar a sério o "não" que, saindo das bocas das namoradas, ressoam como se fosse tão somente uma fingida evasiva.

GABARITO

1. C

2. D

3. D

4. D

5. C

6. D

7. B

8. E

9. C

10. E

11. A **12.** D

13. C

14. B

15. D

16. D

17. E

18. D

19. Certo **20.** Certo **21.** E

22. E

23. A **24.** B

25. C

16 PONTUAÇÃO

O VALOR ESTILÍSTICO DA PONTUAÇÃO A PONTUAÇÃO **É MAIS DO QUE SINAIS GRAMATICAIS USADOS PARA SEPARAR ORAÇÕES, INTRODUZIR DIÁLOGOS E CITAÇÕES OU INDICAR TIPOS DE FRASES. TAMBÉM, E PRINCIPALMENTE NA LINGUAGEM ORAL, A PONTUAÇÃO ASSUME PAPEL IMPORTANTÍSSIMO NO ATO COMUNICATIVO. O ORADOR DEVE TER EM MENTE OS SINAIS DE PONTUAÇÃO QUE MARCAM SEU PENSAMENTO E DIZÊ-LOS, NÃO EXPLICITAMENTE, MAS POR MEIO DO RITMO E DO TOM EM QUE ORDENA SUA FRASE, FAZENDO DA PONTUAÇÃO UM PRECIOSO MATERIAL SINTÁTICO DE CONTEÚDO PSÍQUICO E ESTILÍSTICO. É, ENTÃO, RECURSO UTILIZADO PELO ESCRITOR-FALANTE PARA REGER A LEITURA DO RECEPTOR, COMO SE FOSSE ELA A "BATUTA DO MAESTRO", TORNANDO O RITMO ORA LENTO, ORA RÁPIDO, ORA SUAVE, ORA AGITADO, ENFIM, ENCAMINHANDO AS IDEIAS PARA A DIREÇÃO SEMÂNTICA PERSEGUIDA PELO EMISSOR DA MENSAGEM.**

É preciso, assim, leitura esforçada de boas gramáticas para obter o redator (e também o orador) um aproveitamento eficaz dos sinais de pontuação que marcam, sobretudo, a pausa e a entonação. A propósito, a pausa cuida da duração frasal e encontra-se em estreita relação com a inflexão melódica.

Como este material não tem a pretensão de ser uma "gramática" compilada com a preocupação de açambarcar a plenitude das regras do vernáculo, e sim um *guia* voltado ao esclarecimento de dúvidas mais frequentes do dia a dia, nós nos ateremos aos usos da vírgula – o principal sinal de pontuação.

Vírgula

A *vírgula* (,) é o sinal de pontuação que indica uma pausa de pequena duração, sem marcar o término do enunciado. O seu uso deve obedecer às regras impostas pela pontuação adequada por força dos ditames da sintaxe. Assim, deve o usuário da Língua dominar as situações que tangenciam a aplicação do sinal, haja vista ser a vírgula o instrumento que desempenha crucial papel na estruturação do enunciado frasal.

Vamos conhecer os casos de aplicação da vírgula.

1. Para separar palavras e orações 295, dispostas em elementos enumerados: • *Livros, discos, revistas, jornais estavam espalhados.*

   • *Há livros, réguas, canetas e pastas.*

   • *Receptação, tráfico de drogas e estupro merecem penas mais rudes.*

- *Contestarei os fundamentos da sentença, do acórdão do despacho denegatório de seguimento de recurso especial.*
- *Falante, sorridente, simpático, conversador, o homem deixou todos à vontade.*
- *A terra, o mar, o céu, tudo apregoa a glória de Deus.*
- *Os homens chegam, olham, perguntam e prosseguem.*
- *"Um beijo pode ser uma vírgula, um ponto de interrogação ou um ponto de exclamação"* (Mistinguette).
- *"Sem você, sem amor, é tudo sofrimento (...)"* (verso da canção *Sem Você*, Tom Jobim e Vinicius de Moraes).

Observações: a) Em enumerações marcadas pela repetição da conjunção *e*, utilizada para introduzir cada um dos núcleos, teremos a ocorrência obrigatória da vírgula. Trata-se da presença do *polissíndeto*. Exemplos: • *E homens, e mulheres, e crianças, e todos, enfim, perseguem o mesmo ideal.*

- *E ia, e voltava, e ia, e voltava, e tentava outra vez.*
- *Exige atenção, e carinho, e dedicação, e devoção exclusiva.*
- *"E suspira, e geme, e sofre, e sua..."* (Olavo Bilac).

b) As enumerações podem ser finalizadas com a inserção de elementos, tais como *e*, *ou*, *nem*. Nesses casos, a vírgula cederá lugar a tais termos. Exemplos: • *Ônibus, automóveis* e *caminhões ficaram retidos no pedágio.*

- *Um touro, um búfalo* ou *um cavalo deve ter feito esse estrago.*
- *Não ocorreram protestos, reclamações* nem *intervenções durante a reunião.*

2. Para separar vocativos 296, apostos 297 e predicativos 298: a) Em caso de *vocativos*: • *Ora, Excelência, faz-se mister enaltecer a presença da prova.*

- *Meus queridos, prestem atenção ao que o professor vai lhes dizer.*
- *Jesus Cristo, que tristeza!*
- *Ninguém, meu jovem, vai sair.*
- *Motoristas, obedeçam às normas de trânsito.*
- *"Donde houveste, ó pélago revolto, esse rugido teu?"* (Gonçalves Dias).

b) Em caso de *apostos*: • *José, juiz de Direito, é educado.*

- *Apenas duas mulheres compareceram, a mãe e a filha.*
- *Faço-lhe um pedido, comparecer amanhã ao escritório.*
- *O Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, viajará amanhã.*
- *Os melhores alunos do Curso, estudantes obstinados e disciplinados, dedicavam-se, dia a dia, à empreitada escolhida.*

Observação: nesses casos de *apostos*, é possível substituir o uso das vírgulas pelo travessão. Exemplos: • *Apenas duas mulheres compareceram – a mãe e a filha.*

- *Faço-lhe um pedido – comparecer amanhã ao escritório.*
- *A Presidenta da República – Dilma Rousseff – viajará amanhã.*
- *Sócrates – o grande filósofo – discursou.*
- *A ordem do chefe – para que todos se calassem –, não obstante arbitrária, "venia concessa", parece, "grosso modo", ter sido cumprida.*

- *Os melhores alunos do curso – estudantes obstinados e disciplinados – dedicavam-se, dia a dia, à empreitada escolhida.*

c) Em caso de *predicativos* (antepostos ou intercalados): • *Lentos e tristes, os retirantes iam passando.*

- *Ansiosos pelo encontro, todos correram à escola.*
- *Linda e formosa, quero-a.*

3. Para separar orações intercaladas ou interferentes 299: • *A História, diz Cícero, é a mestra da vida.*

- *Há, segundo afirmam, provas suficientes no processo.*

4. Para separar certas expressões explicativas ou corretivas, tais como:

(,) isto é (,)	**(,) a saber (,)**	**(,) por exemplo (,)**	**(,) ou melhor(,)**
(,) i.e. (,) ("id est" = isto é)	**(,) v.g. (,) ("verbi gratia" = por exemplo)**	**(,) e.g. (,) ("exempli gratia" = por exemplo)**	**(,) "data venia" (,)**
(,) com a devida vênia (,)	**(,) "data maxima venia" (,)**	**(,) "concessa venia" (,)**	**(,) "permissa venia" (,)**

- *O amor, isto é, o mais forte e sublime dos sentimentos humanos.*
- *"O amor, por exemplo, é um sacerdócio"* (Machado de Assis).
- *Os requerentes, "data venia", discordaram de seu posicionamento.*
- *O governo disse que vai flexibilizar custas, ou seja, vai aumentar tarifas e taxas de juros.*
- *O fiscal disse que foi comprado, digo, que foi comprar flores no estabelecimento do indiciado.*
- *O indiciado, ou melhor, o declarante, diz desconhecer qualquer fato criminoso envolvendo seu irmão.*

5. Quando se tratar de orações subordinadas adverbiais 300:

Regra geral: • vírgula optativa: se a oração subordinada vier posposta à oração principal; **• vírgula obrigatória:** se a oração subordinada vier intercalada ou anteposta à oração principal.

Exemplos:

- *Decisões importantes devem ser tomadas, a fim de que se evitem mais danos* (vírgula optativa).
- *Logo estaríamos em casa, se tudo desse certo* (vírgula optativa).
- *Quando saímos de lá, fomos para casa* (vírgula obrigatória).
- *Fizemos, conforme fora combinado, todo o possível para vencer* (vírgula obrigatória).

6. Para separar adjuntos adverbiais 301: • *Os convidados, depois de algum tempo, chegaram ao clube.*

- *Muitos espíritos, sem dúvida, passarão a duvidar.*
- *"Eis que, aos poucos, lá para as bandas do Oriente, clareia um cantinho do céu"* (Visconde de Taunay).

Observações: a) se o adjunto adverbial estiver posposto (após o verbo e seus complementos), a vírgula será facultativa; no entanto, se vier anteposto ou intercalado, a vírgula será obrigatória. Exemplos: • *No outono passado, houve vários episódios semelhantes* (vírgula obrigatória).

- *Houve vários episódios semelhantes, no outono passado* (vírgula optativa).
- *Durante aquela semana, encontrei vários amigos* (vírgula obrigatória).
- *Encontrei, durante aquela semana, vários amigos* (vírgula obrigatória).
- *Encontrei vários amigos, durante aquela semana* (vírgula optativa).
- *Daqui a dois anos, depararemos com um cenário diferente* (vírgula obrigatória).
- *Depararemos, daqui a dois anos, com um cenário diferente* (vírgula obrigatória).
- *Depararemos com um cenário diferente, daqui a dois anos* (vírgula optativa).

Verifiquemos outros casos:

- *Recentemente, não tenho visto sentenças com esse teor.*
- *O reclamante, presumivelmente, fala a verdade.*
- *É o que, sucintamente, se tem a expender.*
- *Em breve relatório, a autoridade policial deu realce ao documento inidôneo.*
- *Ontem à noite, houve mais quatro homicídios no bairro.*
- *Faça, se possível, uma homenagem a seus amigos.*
- *O Promotor de Justiça, com fervor, postulava a condenação do réu;* b) os adjuntos adverbiais de pequena extensão terão tratamento diferenciado, isto é, serão acompanhados, facultativamente, pela vírgula, quer venham antepostos, quer venham pospostos ao verbo. Exemplos: • *Ontem, procedemos à análise do feito – Ontem procedemos à análise do feito.*

Nesse passo, teremos:

- *Procedemos à análise do feito, ontem – Procedemos à análise do feito ontem.*

7. Para indicar a supressão ou elipse[302] do termo: • *Uns dizem que se matou; outros, que foi morto.*

- *O pensamento é triste; o amor, insuficiente.*
- *Eu faço edículas; você, casas.*
- *Ele toma chope; ela, cerveja.*
- *Eu prefiro bolo; ela, torta; ele, bolachas.*
- *"Uma flor, o Quincas Borbas"* (Machado de Assis).
- *"Os jovens buscam a felicidade na novidade; os velhos, nos hábitos"* (P. Courty).
- *As preliminares foram rejeitadas, e o mérito, provido.*
- *Ele fica com os melhores casos e eu, com as sobras.*

Observação: aceita-se, quando se usa o advérbio não para acompanhar verbo omitido, que a vírgula demarcadora da omissão seja colocada antes da negação. Exemplo: • *Eu votei no atual candidato. Você, não.*

8. Para separar certas conjunções (intercaladas ou não), tais como: porém, contudo, pois, entretanto, portanto, entre outras: • *Os estudos, porém, foram encerrados.*

- *Eles, contudo, abandonaram a cidade.*
- *Meu amigo precisa de mim; devo, pois, ajudá-lo.*

9. Para separar o nome de locais e os instrumentos normativos, antes das datas que se seguem: • *São Paulo, 2 de janeiro de 2012.*

- *Lei n. 5.172, de 25 de outubro de 1966.*
- *Decreto n. 5.765, de 18 de dezembro de 1975.*

10. Para separar orações unidas pela conjunção "e", quando: a) Houver orações com sujeitos distintos: • *O concurso foi difícil, e os candidatos tiveram dificuldades.*

- *Uma mão lava a outra, e a poluição suja as duas.*
- *O desembargador deu voto a nosso favor, e o terceiro juiz pediu vista.*

b) Tal conjunção tiver o sentido de uma conjunção coordenativa adversativa (*mas*): • *Todo político promete, e não cumpre.*

- *Tivera a grande chance de sua vida, e a deixara escapar.*
- *Estudou, e foi reprovado.*
- *Quase morri de tanto estudar, e tirei nota baixa.*
- *Utilizei os seus serviços, e não os paguei.*

c) Tal conjunção for utilizada para introduzir cada um dos núcleos, à luz do chamado *polissíndeto*.

- *E homens, e mulheres, e crianças, e todos, enfim, perseguem o mesmo ideal.*
- *E ia, e voltava, e ia, e voltava, e tentava outra vez.*
- *Exige atenção, e carinho, e dedicação, e devoção exclusiva.*
- *"E suspira, e geme, e sofre, e sua…"* (Olavo Bilac).

11. Para separar objeto direto ou indireto antecipado[303], em períodos compostos por oração pleonástica: • *Dúvidas, ninguém as tem.*

- *Aos poderosos, nada lhes devo.*
- *Elas, eu não as quero.*
- *O dinheiro, o homem o trazia.*
- *O âmago do problema – muitos o veem, poucos o enxergam.*
- *Aqueles comentários, quem não os rebateu perdeu a chance.*

12. Para separar a oração principal da oração subordinada adjetiva explicativa[304]: • *A vida, que é combate, deve ser vivida com intensidade.*

Oração principal: A vida deve ser vivida com intensidade.

Oração subordinada adjetiva explicativa: que é combate.

Acompanhe outros exemplos:

- *O sol, que é uma estrela, aquece a Terra.*
- *Deus, que é nosso Pai, salvar-nos-á.*
- *Caio, que é honesto, livrar-se-á das dívidas só daqui a dez anos…*
- *Ele, que trabalhou duramente, não ganhou nada.*
- *Para uns, que são aprovados, a alegria é grande.*
- *Minha irmã, que já é falecida, sempre pedia que eu não entrasse na vida política.*
- *O artigo 43 do Código Penal, que trata das penas alternativas, foi alterado.*
- *Meu avô, que não sabe dizer não, acabou cedendo às minhas solicitações.*
- *O prefeito, que não tem sequer o primeiro grau completo, faz belos discursos.*
- *O governador aprovou a licitação, que desde já conta com suspeita de fraude.*
- *O discurso do Presidente, que era longo e tedioso, não surtiu o efeito pretendido.*
- *O advogado, que me pareceu muito sério, enviou sua proposta de acordo.*
- *A sentença de fls. 115, que decidiu o agravo, está muito bem fundamentada.*

Importante: quando se tratar de *oração subordinada adjetiva restritiva*, não há que se empregar a vírgula: • *Pedra que rola não cria limo.*

Oração principal: Pedra não cria limo.

Oração subordinada adjetiva restritiva: que rola.

Acompanhe outros exemplos:

- *Os animais que são carnívoros são perigosos.*
- *Ao término do trabalho, os homens que estavam no prédio foram embora.*
- *Meu primo que mora em Chicago escreveu dizendo que vai se mudar.*
- *A moça que trabalha no almoxarifado veio pedir aumento de salário.*
- *A decisão que indeferiu a produção de prova afronta vários princípios constitucionais.*
- *O homem que carregava uma mala preta veio conversar comigo ontem.*
- *O prédio onde moro tem sérios problemas de vazamento.*
- *Todos querem que seja condenado o homem que matou os próprios pais.*
- *O advogado disse que a sentença que me condenou é passível de nulidade.*
- *O acórdão que decidiu o agravo é visivelmente contraditório.*
- *O funcionário que me atendeu disse que tudo estava resolvido.*

Agora, perceba, nos exemplos adiante, a intenção de restringir ou de explicar, analisando a ausência e a presença da vírgula: *Meu sócio que faz direito previdenciário infelizmente não virá à reunião.*

Meu sócio, que comprou um carro novo, está em litígio com a vendedora de veículos.

O bairro onde moro está uma desordem.

O bairro do Tatuapé, onde moro há anos, está uma sujeira.

O país que tem o melhor carnaval é o que tem graves problemas sociais.

O Brasil, que tem o melhor carnaval do mundo, é o que tem graves problemas sociais.

O advogado que litiga nesta causa é muito sensato.

O doutor Roberto, que litiga nesta causa, é muito sensato.

Como se percebe, a vírgula pode alterar o sentido da frase. Observe que a pausa pode definir o sentido explicativo ou restritivo da oração subordinada adjetiva. Daí ser necessário atenção para que se evite a alteração grave no contexto de todo o período. Vejamos mais um exemplo: (1) *Ganham pouco dinheiro os fiéis que têm preguiça de trabalhar como decoradores* (restritiva).

(2) *Ganham pouco dinheiro os fiéis, que têm preguiça de trabalhar como decoradores* (explicativa).

Explicando: é perceptível como a vírgula altera totalmente o sentido da frase. Na primeira (frase 1), a oração adjetiva diz que somente os fiéis que têm preguiça ganham pouco dinheiro. Na segunda (frase 2), afirma-se que todos os fiéis têm preguiça e também ganham pouco dinheiro.

13. Antes de "mas também", "como também" (em correlação com "não só"): • *Não só escreve bem, como também fala cinco idiomas.*

14. Em frases de respostas, após o "sim" ou o "não" emitidos: • *Você é brasileiro? Sim, nasci no Brasil.*

• *Há dúvidas na explanação? Sim, várias.*

15. Para separar as ideias paralelas dos provérbios: • *Casa de ferreiro, espeto de pau.*

• *Mocidade ociosa, velhice vergonhosa.*

A não aplicação da vírgula

Passemos, agora, para os casos em que não se deve empregar a vírgula. A legenda [xxxxx] indica que não pode haver a vírgula no local indicado.

1. Entre sujeito 305 e predicado 306. Exemplos: • *Atletas de várias nacionalidades* [xxxxx] *participarão da grande maratona.*

• *Várias tentativas de estabelecer uma nova relação entre os setores produtivo e financeiro* [xxxxx] *resultaram em fracasso.*

• *O egrégio Tribunal Regional Federal da 4ª Região* [xxxxx] *decidiu favoravelmente ao meu constituinte.*

São, portanto, **erradas** as construções a seguir: • "O doutor Pedro Paulo **(,)** esteve aqui à sua procura".

• "Toda a jurisprudência **(,)** é favorável a meu cliente".

• "A sentença **(,)** não foi devidamente fundamentada".

• "A colenda Quarta Câmara de Férias do egrégio Primeiro Tribunal de Alçada Civil de São Paulo **(,)** julgou todos os processos que lhe foram submetidos".

Observação: se, entre o sujeito e o verbo, ocorrer a intercalação de um termo com pausas obrigatórias, terá(ão) lugar a(s) vírgula(s). Vejamos: *Meus olhos, devido à fumaça, ardiam muito.*

2. Entre o verbo e seus complementos: • *Dona Elza pediu ao diretor do colégio* [xxxxx] *que colocasse o filho em outra turma.*

São **erradas** as construções abaixo: • "Todos desejavam **(,)** sua ilustre presença".

• "Quero livrar-me **(,)** deste pesado fardo".

• "O réu confirmou **(,)** todo seu preciso depoimento".

3. Nas orações subordinadas substantivas: As orações subordinadas substantivas não são separadas da oração principal por vírgulas, exceção feita à subordinada apositiva. Esta, porque tem função de *aposto*, vem sempre isolada da oração principal por meio de vírgula, travessão ou dois pontos. Exemplos: • *Eu queria [xxxxx] que você soubesse de todos os problemas* (objetiva direta).

- *É impossível [xxxxx] que não haja prova sobeja* (subjetiva).
- *Só lhe faço uma observação: [xxxxx] que não desrespeite seus colegas* (apositiva).

Portanto, são **erradas** as construções a seguir: • "Não procede agora a afirmação **(,)** de que o autor não pode arcar com as despesas processuais".

• "Ele me inquiriu **(,)** se eu já havia terminado o trabalho".

• "A vítima diz **(,)** que todos os tiros foram efetuados por um só homem".

• "O Superior Tribunal de Justiça tem decidido **(,)** que não há crimes nesses atos".

• "Só haveria desentendimento se ele soubesse **(,)** que todos os recibos são inidôneos".

4. Antes de *oração adverbial consecutiva*, ou seja, aquela que exprime uma consequência, um efeito ou resultado: • *O vento soprou tão forte que arrancou mais de uma árvore.*

- *Fazia tanto frio que os dentes rangiam.*
- *A neblina era tão espessa que não se enxergava nada.*
- *"Bebia que era uma lástima!"* (Ribeiro Couto).
- *"Tenho medo disso que me pelo!"* (Coelho Neto).

Observação: registre-se, em tempo, que tal regra comporta controvérsias, havendo entendimento no sentido de que a vírgula deve ser empregada.

Por fim, vale a pena recapitularmos as regras até aqui estudadas, na trilha de Rodríguez (2000: 345-346), o qual enumera em sua obra vários exemplos de frases jurídicas com aplicação apropriada da vírgula. Aprecie alguns exemplos: [307]

• "Eu defendo o devedor principal. Meu amigo, o fiador.

• O oficial de justiça, funcionário dotado de fé pública, certificou a aludida citação.

- O réu, ou melhor, o ora apelante, pede justiça.
- Depois da tempestade, vem a calmaria.
- Porque você disse que viria, eu mandei fazer sua comida predileta.
- Tivesse o réu devolvido a quantia de que se apropriara, o resultado seria adverso.
- O autor, caso se venha a confirmar a sentença de primeira instância, deverá arcar com os ônus de sucumbência.
- Não se pode protocolar a petição, nem mesmo tirar cópia da sentença.
- Vou dar-lhe um conselho, que sempre mantenha o respeito para com a parte contrária.
- Todos os recibos estão juntados, mas isso não termina a controvérsia dos autos.
- Eu faço todas as audiências, e você cuida de sustentar a tese em plenário".

CURIOSIMACETES

1. OXALÁ É INTERJEIÇÃO DE ORIGEM ÁRABE, QUE EXPRESSA DESEJO, NA ACEPÇÃO DE "QUEIRA DEUS", "SE DEUS QUISER". EXIGE O VERBO NO MODO SUBJUNTIVO: • OXALÁ NÃO FIQUEMOS SEM CHUVA ESSE ANO!

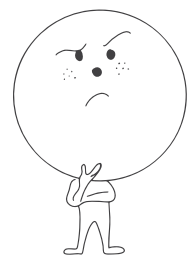

- Oxalá que caiam na prova os pontos estudados!
- Oxalá que viessem as luzes!
- "Oxalá que eu me enganasse" 13.

Ressalte-se, ainda, que o termo "oxalá" ("orixá" ou "orixalá") designa divindade africana das religiões afro-brasileiras.

2. PASSAR REVISTA A...

A expressão vernácula é **passar revista a...**, enquanto "passar revista em" é galicismo que deve ser evitado. Portanto, observe as frases legítimas: • O general passou revista aos pelotões.

- O fiscal de sala passou revista a todos os pertences dos candidatos.
- Os médicos passaram revista aos feridos em combate.
- Naquela ocasião, o tenente não imaginava que, pela última vez, passaria revista à sua tropa.

Todavia, é possível encontrar a forma **passar em revista** nos dicionários: • "O novo comandante passou em revista a tropa" (Borba, 1991).

- "A polícia rodoviária passou em revista minuciosa o ônibus suspeito" (Houaiss).

3. É VERNÁCULA A EXPRESSÃO "PERNAS PARA QUE TE QUERO!"?

É interessante notar como a linguagem popular imprime indumentária própria ao idioma falado e escrito, o qual pode tomar rumos estranhos com o passar dos tempos. A expressão idiomática em epígrafe é exclamação popular emitida ante um perigo ou situação iminente. Entretanto, a expressão dotada de vernaculidade é bem diferente da que compõe o título deste

curiosimacete. Diz-se, corretamente, "**Pernas, para que vos quero?**", embora saibamos que seu uso é raro. Observe, pois, que a forma vernácula impõe uma indagação, e não uma exclamação.

4. PROFLIGAR – PROPUGNAR – PROVECTO OS VERBOS EM EPÍGRAFE (PROFLIGAR **E** PROPUGNAR**) ESTÃO ADSTRITOS AO CAMPO DA ERUDIÇÃO, A PAR DO ADJETIVO** PROVECTO**, TODAVIA MERECEM SER MENCIONADOS NO PRESENTE TRABALHO LITERÁRIO.**

Profligar tem a acepção de "atacar duramente com palavras, verberar ou reprovar energicamente". Exemplos: • O noivo profligou o comportamento da futura esposa.

- A comunidade profligava a violência do ato.
- Profligou os fiéis com palavras que, por recato, abstenho-me de transmitir.

Propugnar quer dizer "lutar por, defender com vontade". Pode-se dizer propugnar uma causa ou, ainda, propugnar por uma causa. Exemplos: • As minorias propugnam pelos seus direitos na sociedade.

- Joaquim José da Silva Xavier, o "Tiradentes", propugnou a defesa dos interesses nacionais contra a Derrama.

Provecto contém o sentido de "bem-sucedido, adiantado, aquilo que progrediu". Exemplos: • O congresso reuniu provectos pesquisadores do Brasil.

- Em idade provecta, dorme-se menos.

5. PRÓVIDO E PROVIDO O ADJETIVO PRÓVIDO, PROPAROXÍTONO, TEM A ACEPÇÃO DE "PREVENIDO, PRUDENTE". EXEMPLOS: • O SOLDADO, PRÓVIDO COMBATENTE, NÃO FOI PEGO NA EMBOSCADA.

- O boxeador foi à lona quando, improvido e cansado, levou um golpe certeiro.

Por outro lado, **provido**, paroxítono não acentuado graficamente, é particípio do verbo prover, no sentido de "abastecer", além de representar o adjetivo, no sentido de "abastecido". Exemplos: • A Intendência havia provido os soldados no campo.

- A adega está provida de bons vinhos do Porto.
- O desempregado está provido de esperanças.

A HORA DO ESPANTO

AS "PÉROLAS" DO PORTUGUÊS 1. IMPOSSIVE CORREÇÃO: ONDE ESTÁ A LETRA -L? PREFIRA IMPOSSÍVEL**, ARTICULANDO COM ADEQUAÇÃO AS LETRAS.**

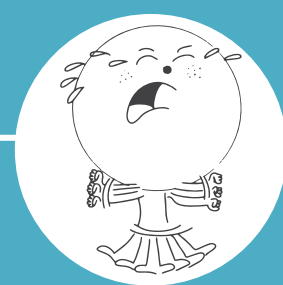

2. Hipidemia / Hepidemia Correção: grafa-se epidemia**, com -e, sem -h. Aliás, por que a letra -h? Seria -h... de "horror"?**

QUESTÕES

1. (2015/FCC/TRE-RR/Analista Judiciário) O crescimento da vida urbana aumentou a visibilidade das mulheres.

Hoje elas estão menos obrigadas a se consagrar exclusivamente à vida doméstica. Hoje as mulheres podem investir numa carreira.

A revolução das comunicações começou com o telefone e prossegue no Facebook.

O Facebook contribuiu para diluir as fronteiras entre o isolamento e a vida social.

As frases isoladas acima compõem um único parágrafo, devidamente pontuado, com clareza e lógica, em:

(A) Com o crescimento da vida urbana, aumentou-se a visibilidade das mulheres, às quais estão hoje menos obrigadas a se consagrar exclusivamente a vida doméstica, assim como podem investir numa carreira. Para diluir as fronteiras entre o isolamento e a vida social, veio a revolução das comunicações, tendo começado com o telefone e prossegue no Facebook, que contribuiu para esse fato.

(B) A visibilidade das mulheres, depois do crescimento da vida urbana, hoje estão menos obrigadas a se consagrar exclusivamente à vida doméstica e poder investir numa carreira. Em razão da revolução das comunicações, que começou com o telefone e prossegue no Facebook, o qual contribuiu para diluir as fronteiras entre o isolamento e a vida social.

(C) Hoje as mulheres estão menos obrigadas a se consagrar exclusivamente à vida doméstica, com o crescimento da vida urbana, que aumentou sua visibilidade, podendo investir numa carreira. E ainda a diluição das fronteiras entre o isolamento e a vida social com a revolução das comunicações que, tendo começado com o telefone, prossegue no Facebook, contribuiu para isso.

(D) O crescimento da vida urbana aumentou a visibilidade das mulheres, que hoje estão menos obrigadas a se consagrar exclusivamente à vida doméstica, além de poderem investir numa carreira. A revolução das comunicações, que começou com o telefone e prossegue no Facebook, contribuiu para diluir as fronteiras entre o isolamento e a vida social.

(E) A revolução das comunicações começou com o telefone e prossegue no Facebook. Que contribuiu para diluir as fronteiras entre o isolamento e a vida social. E ainda, com o crescimento da vida urbana aumentou a visibilidade das mulheres. Hoje elas estão menos obrigadas a se consagrar exclusivamente à vida doméstica; que podem investir numa carreira.

2. (2015/VUNESP/PC-CE/Escrivão de Polícia Civil de 1ª Classe) Assinale a alternativa correta quanto ao uso da vírgula, considerando-se a norma-padrão da língua portuguesa.

(A) Os amigos, apesar de terem esquecido de nos avisar, que demoraria tanto, informaram-nos de que a gravidez, era algo demorado.

(B) Os amigos, apesar de terem esquecido de nos avisar que demoraria tanto, informaram-nos de que a gravidez era algo demorado.

(C) Os amigos, apesar de terem esquecido, de nos avisar que demoraria tanto, informaram-nos de que a gravidez era algo demorado.

(D) Os amigos apesar de terem esquecido de nos avisar que, demoraria tanto, informaram-nos, de que a gravidez era algo demorado.

(E) Os amigos, apesar de, terem esquecido de nos avisar que demoraria tanto, informaram-nos de que a gravidez, era algo demorado.

3. (2014/FCC/TJ-AP/Técnico Judiciário) Está redigida em conformidade com a norma-padrão da língua portuguesa a frase:

(A) Ocupa-se as faixas de terra que vão do Amapá ao norte do Pará com várias comunidades indígenas.

(B) Faz pelo menos três séculos que esses povos partilham uma história de relações comerciais, políticas, matrimoniais e rituais.

(C) São comuns livros didáticos que, ao tratarem da condição dos índios do Brasil, contribui para divulgar uma história de perdas culturais.

(D) O acúmulo de experiências de contato entre diferentes povos permitiram que ocorresse processos de fusão e de separação de grupos.

(E) Com o avanço das frentes de colonização em suas terras, foi trazido uma série de novos conhecimentos e tecnologias.

4. (2014/FGV/TJ-RJ/Técnico de Atividade Judiciária)

Antes que a fonte seque

José Carlos Tórtima, *O Globo*, 4.10.2014

Na deslumbrada primeira visão da nossa terra, Pero Vaz de Caminha, o empolgado escrivão da frota de Cabral, não conteria a euforia ao anunciar, em sua célebre epístola ao rei Dom Manuel, que as águas da nova colônia eram não só muitas, mas "infindas". Só não imaginava Caminha que com sua bela carta de apresentação da ambicionada Índia Ocidental aos nossos ancestrais lusitanos poderia estar lançando as sementes da arraigada e onipresente cultura de esbanjamento do precioso líquido e do mito de sua inesgotabilidade. Cultura esta que até hoje se faz presente nas cenas de desperdício explícito nas cidades e no campo. E também na timidez de políticas públicas direcionadas à preservação e ao bom uso das reservas do mineral.

Quanto ao emprego ou omissão da vírgula, houve afastamento da orientação gramatical em:

(A) "na deslumbrada primeira visão da nossa terra, Pero Vaz de Caminha, o empolgado escrivão da frota de Cabral,…";

(B) "não conteria a euforia ao anunciar, em sua célebre epístola ao rei Dom Manuel, que as águas da nova colônia eram não só muitas, mas 'infindas'";

(C) "só não imaginava Caminha que com sua bela carta de apresentação da ambicionada Índia Ocidental aos nossos ancestrais lusitanos poderia estar lançando as sementes da arraigada e onipresente cultura de esbanjamento…";

(D) "cultura esta que até hoje se faz presente nas cenas de desperdício explícito nas cidades e no campo";

(E) "e também na timidez de políticas públicas direcionadas à preservação e ao bom uso das reservas do mineral".

5. (2014/FCC/TRT – 16ª Região/Analista Judiciário) Quanto à pontuação, a frase inteiramente correta é:

(A) Já pela má fama adquirida já por preconceito, sempre haverá por parte de certos leitores, alguma relutância diante da leitura de um prefácio.

(B) O autor do texto não hesita honestamente, de recorrer a experiências pessoais, para demonstrar sua tese, favorável em boa parte à existência mesma dos prefácios.

(C) A escritora Cecília Meireles tão talentosa quanto bonita, é citada no texto como parâmetro de excelência, na comparação com uma jovem, bela e pouco inspirada poetisa.

(D) Muita gente acabará por confessar tal como fez o autor, que um prefácio pode prender nossa atenção, com muito mais força, do que o texto principal de uma obra.

(E) O autor conclui, não sem razão, que as bibliografias que indicam apenas o prefácio de uma obra permitem deduzir, não há dúvida, que o restante do livro não importa muito.

6. (2014/UFMT/MPE-MT/Promotor de Justiça) O Instituto Cultural Flauta Mágica (ICFM) surgiu em 1998, quando o maestro Gilberto Mendes apresentou à Secretaria Municipal de Cuiabá/MT um projeto que visava trabalhar teoria e prática musical com crianças das escolas públicas do local. O trabalho tem como base a utilização de uma metodologia pautada no prazer que a música e a dança oferecem, além de focar na aprendizagem em grupo, o que, segundo a metodologia, proporciona um aprendizado mais prazeroso e rápido. Já no ano seguinte, o projeto contava com 40 alunos que, com apenas seis meses de aulas e ensaios, já realizavam apresentações para o público da cidade. O maestro usou sua metodologia como agente transformador de realidades, como elemento de desenvolvimento social e cultural na comunidade do bairro Jardim Vitória, na periferia de Cuiabá/MT.

Sobre o trecho dado, marque V para as afirmativas verdadeiras e F para as falsas.

( ) O verbo visar possui regências diferentes conforme o sentido que assume; no texto, o sentido é examinar, olhar, e exige preposição a.

( ) Os termos seguinte e cidade estabelecem coesão exofórica, pois retomam sentidos que se encontram fora do texto dado.

( ) Se o segmento com apenas seis meses de aulas e ensaios fosse colocado no final do período, não haveria exigência gramatical para o uso de vírgula.

( ) A palavra já, na primeira ocorrência, integra-se à expressão temporal no ano seguinte; na segunda, funciona como advérbio, indicando circunstância de tempo ao verbo realizar.

Assinale a sequência correta.

(A) F, V, V, V

(B) V, F, V, F

(C) V, F, F, F

(D) F, F, V, V

(E) F, V, F, V

7. (2014/VUNESP/PC-SP/Médico Legista) A pesquisa encontrou um dado curioso: homens com baixos níveis de testosterona tiveram uma resposta imunológica melhor a essa medida, similar _____.

Os dois-pontos empregados na frase apresentada têm a mesma função que em:

(A) A obra fala sobre o que é o 'sal da vida': não sentir culpa por se dar o direito ao descanso e de perceber os raros encantos simples da vida. (*ISTOÉ*, 15 de janeiro de 2014)

(B) Um rapaz que foi pai muito jovem, e era um pai maravilhoso, certa vez se queixou sorrindo: – "Todo dia a mesma coisa, levanta a tampa do vaso, escova os dentes,..." (Lya Luft)

(C) O repórter comentou a respeito de Nelson Ned: – "Sua especialidade eram as canções "estoura-peito", isto é, boleros e baladas românticas..." (*Veja*, 15 de janeiro de 2014. Adaptado)

(D) A gente precisa continuar acreditando que é preciso construir: a vida, o futuro, o caráter, a família, as amizades e os amores. (Lya Luft. Adaptado)

(E) ... resolveu lançar-se (Françoise) em outra seara após receber um cartão-postal de um amigo em férias com a seguinte mensagem: "Uma semana roubada de férias na Escócia." (*ISTOÉ*, 15 de janeiro de 2014)

8. (2014/FCC/Câmara Municipal de São Paulo – SP/Consultor Técnico Legislativo – Informática/Questão adaptada) Na redação das frases seguintes, a supressão da(s) vírgula(s) altera o sentido APENAS do que está em:

I. Neste texto, o autor avalia a importância da memória na representação ficcional.

II. As crianças, atingidas por traumas e embaladas por sonhos, guardam consigo a matéria da ficção.

III. A infância, rica como inferno ou como paraíso, tem inspirado contos e romances da mais alta expressão.

(A) I e II.

(B) II e III.

(C) I e III.

(D) II.

(E) III.

9. (2014/FCC/Câmara Municipal de São Paulo – SP/Consultor Técnico Legislativo – Informática) A frase *A infância, com seus sonhos e pesadelos, é prato cheio para a psicanálise, mas também para a literatura* está reescrita de modo a conservar o sentido, a correção e a clareza em:

(A) Por meio de seus sonhos e pesadelos, a infância não é apenas prato cheio para a literatura, e ainda o é para a psicanálise.

(B) Tanto a literatura como a psicanálise absorvem o prato cheio da infância, assim como seus sonhos e pesadelos.

(C) Por constituir um prato cheio tanto para a psicanálise como a literatura, a infância se apresenta com sonhos e pesadelos.

(D) Constituída por sonhos e pesadelos, não só a psicanálise, pois também a literatura, veem na infância o prato cheio.

(E) Tanto a psicanálise como a literatura encontram na infância, com os sonhos e pesadelos que ela encerra, um prato cheio.

10. (2013/FCC/PGE-BA/Analista de Procuradoria) A supressão da vírgula altera o sentido da seguinte frase:

(A) Na semana passada, os meninos da vizinhança organizaram a coleta de alimentos para os flagelados.

(B) Parabéns aos meninos da vizinhança, que organizaram a coleta de alimentos para os flagelados.

(C) Para assistir aos flagelados, os meninos da vizinhança organizaram a coleta de alimentos.

(D) Num ato de generosidade, os meninos da vizinhança dispuseram-se a organizar a coleta de alimentos.

(E) Os meninos da vizinhança passaram a organizar a coleta de alimentos, a pedido dos pais.

11. (2013/FCC/PGE-BA/Assistente de Procuradoria) No ônibus, então, é um terror. Sempre há um cristão – às vezes mais de um ao mesmo tempo – falando tão alto ao telefone que todo o ônibus pode ouvir. E o pior é que não é uma coisa rápida.

O fragmento acima está reescrito, sem prejuízo da correção e do sentido, em:

(A) No ônibus, então, é muito desagradável. Sempre haverá um religioso – às vezes mais de um ao mesmo tempo – falando tão alto no telefone que todo o mundo pode ouvir. E o pior é que não é coisa breve.

(B) No ônibus, então, é muito desagradável. Sempre existe alguém – às vezes mais de uma pessoa ao mesmo tempo – falando tão alto ao telefone que todos os passageiros podem ouvir. E o pior é que não é uma fala breve.

(C) No ônibus, então, é um terror. Sempre há uma pessoa – às vezes mais de uma ao mesmo tempo – falando tão alto no telefone que todos no ônibus pode ouvir. E o pior é que não é uma coisa rápida.

(D) No ônibus, então, é um verdadeiro terrorismo. Sempre há uma criatura – às vezes mais de uma ao mesmo tempo –

falando tão alto no telefone que todo o ônibus pode ouvir. E o pior é que não é uma coisa rápida.

(E) No ônibus, então, é muito desagradável. Sempre há pessoas – às vezes mais de uma ao mesmo tempo – falando tão alto no telefone que todos os passageiros podem em ouvir. E o pior é que não é uma fala breve.

12. (2013/VUNESP/PC-SP/Auxiliar de Papiloscopista Policial) Assinale a alternativa cuja frase está com pontuação correta, de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa.

(A) Rostos, de crianças e jovens, poderão ser, envelhecidos.

(B) Avatar, filme de ficção científica, teve o mesmo programa de computador.

(C) O estúdio Artes Forenses, vai poder facilitar o trabalho da polícia.

(D) Identificar criminosos; é uma tarefa difícil, e cara.

(E) Há pessoas, desaparecidas: faz muito tempo.

Os próximos itens apresentam fragmentos adaptados de textos diversos. Julgue-os quanto à correção gramatical.

13. (2013/CESPE/STF/Analista Judiciário) A Constituição de 1988, parece ter, de fato, inaugurado nova etapa da vida nacional, ao permitir que se questionem as ações de agentes públicos perante o Poder Judiciário, por exemplo, sem que isso signifique "insegurança jurídica".

( ) Certo ( ) Errado

14. (2013/CESPE/STF/Analista Judiciário) Nos últimos vinte anos, o STF concentrou-se, primordialmente, em seu papel de última instância do Poder Judiciário, deixando, em segundo plano, sua atribuição de corte constitucional.

( ) Certo ( ) Errado

15. (2013/CESPE/STF/Analista Judiciário) Quando olhamos para a argumentação usada nos votos dos ministros, em diversos acórdãos percebemos a pluralidade de concepções jurídicas existentes e a importância do papel que o STF deve ocupar na sociedade brasileira.

( ) Certo ( ) Errado

16. (2015/FGV/TJ-PI/Analista Judiciário/Questão adaptada) "Atualmente, a grande maioria dos casos de adultério é combinada por telefones pessoais, pois dessa forma não há tanto risco de outra pessoa atender às ligações".

A afirmação correta sobre a estrutura desse segmento do texto é:

(A) o vocábulo "adultério" apresenta uma terminação do mesmo valor de "necrotério";

(B) a forma verbal "é combinada" é exemplo de voz reflexiva;

(C) o termo "dessa forma" se refere a uma forma citada na continuidade futura do texto;

(D) a primeira vírgula do segmento marca a presença de um termo deslocado da ordem direta;

(E) "telefones pessoais" equivale semanticamente a telefones fixos.

17. (2016/MPE-SC/Promotor de Justiça/Questão adaptada) Em "Os bichos também sentem tristeza, alegria, raiva, amor" as

vírgulas separam elementos com mesma função sintática na frase.

( ) Certo ( ) Errado

18. (2016/MPE-SC/Promotor de Justiça) A frase abaixo está gramaticalmente correta.

O índice de casos da gripe H1N1 neste ano está preocupando o governo; contribuíram para isso o número de doentes infectados e o de óbitos.

( ) Certo ( ) Errado

19. (2016/UFMT/TJ-MT/Analista Judiciário) Leia o trecho abaixo do artigo Presidente: líder ou gerente?, de Maílson da Nóbrega, e responda à questão.

[...]

A meu juízo, o Brasil precisa de líderes políticos transformadores, capazes de empreender reformas e assim ampliar o potencial de crescimento e bem-estar. São pessoas aptas a mobilizar a sociedade e a classe política para enfrentar e resolver problemas, o que implica motivar, seduzir, agregar, organizar, orientar, focalizar. O líder virtuoso precisa ter visão de futuro, habilidade para construir maiorias no Congresso e capacidade para identificar e atacar os problemas mais relevantes de sua época.

Rever opiniões, reconhecer erros e considerar novas realidades são igualmente atributos do líder sensato e verdadeiro. Fluência verbal, carisma e capacidade de se comunicar são características requeridas nas modernas democracias de massas, pois é assim que o líder transmite mensagens, ideias, estímulos.

Valorizar a experiência administrativa para o exercício do cargo de presidente é menosprezar a boa política.

(Revista Veja, 17/09/2014.)

No trecho o que implica motivar, seduzir, agregar, organizar, orientar, focalizar, as ações são separadas por vírgula porque

(A) isolam o predicado verbal do sujeito.

(B) constituem uma sequência enumerativa com a mesma função sintática.

(C) constituem orações subordinadas substantivas.

(D) destacam que um termo foi usado fora de seu lugar canônico.

20. (2016/FCC/TRT – 23ª Região/Analista Judiciário)

Logrador

Você habita o próprio centro

de um coração que já foi meu.

Por dentro torço por que dentro

em pouco lá só more eu.

Livre de todos os negócios

e vícios que advêm de amar

lá seja o centro de alguns ócios
que escolherei por cultivar.

Para que os sócios vis do amor,
rancor, dor, ódio, solidão,
não mais consumam meu vigor,

amado e amor banir-se-ão
do centro rumo a um logrador
subúrbio desse coração.

(CÍCERO, Antonio. Guardar, Rio de Janeiro, Record, 1996, p. 71.)

Atente para as afirmativas abaixo relativas a pontuação.

I. Pode-se acrescentar uma vírgula imediatamente após amar, na segunda estrofe, sem prejuízo para a correção.

II. As vírgulas empregadas imediatamente antes de rancor e após solidão, na terceira estrofe, podem ser substituídas por travessões, sem prejuízo para a correção.

III. O último verso poderia vir precedido de dois-pontos ou travessão, já que constitui uma explicação do termo antecedente logrador.

Está correto o que consta em

(A) II e III, apenas.

(B) I e III, apenas.

(C) I, II e III.

(D) I e II, apenas.

(E) II, apenas.

21. (2016/FCC/TRT – 23ª Região/Técnico Judiciário) Está pontuada corretamente, a frase:

(A) Nascido em Cuiabá, em 1916 Manoel de Barros estreou, com o livro, *Poemas Concebidos sem Pecado* em 1937.

(B) Cronologicamente vinculado, à Geração de 45, mas formalmente, ao Modernismo brasileiro, Manoel de Barros criou um estilo próprio.

(C) Subvertendo a sintaxe e criando construções que não respeitam as normas da língua padrão, Manoel de Barros é comparado a Guimarães Rosa.

(D) Em 1986, o poeta Carlos Drummond de Andrade declarou, que Manoel de Barros era o maior poeta brasileiro vivo.

(E) Antonio Houaiss, um dos mais importantes filólogos e críticos brasileiros confessou nutrir, pela obra de Manoel de Barros grande admiração.

22. (2016/VUNESP/MPE-SP/Oficial de Promotoria/Questão adaptada) Assinale a alternativa correta quanto à pontuação e à regência, de acordo com a norma-padrão.

(A) De forma mais lenta, reagem, o emprego e o mercado de crédito, ante a mudança de direção da economia.

(B) O emprego e o mercado de crédito, reagem na mudança de direção da economia de forma mais lenta.

(C) O emprego e o mercado de crédito reagem, de forma mais lenta, para a mudança de direção da economia.

(D) Reagem à mudança de direção da economia, de forma mais lenta, o emprego e o mercado de crédito.

(E) Diante a mudança de direção da economia reagem o emprego e o mercado de crédito, de forma mais lenta.

23. (2015/FCC/TRT – 9ª Região/Analista Judiciário/Questão adaptada) Está plenamente adequada a pontuação da seguinte frase:

(A) Sob o ponto de vista dos chamados "estragos colaterais", entendidos como efeitos abrangentes da violência das guerras, os conflitos antigos não eram apoteoses tétricas, de vez que se limitavam, quase sempre, à conflagração entre soldados, poupando-se, assim, a população civil.

(B) Sob o ponto de vista, dos chamados "estragos colaterais" entendidos como efeitos abrangentes da violência das guerras, os conflitos antigos não eram apoteoses tétricas, de vez que se limitavam quase sempre, à conflagração entre soldados poupando-se assim a população civil.

(C) Sob o ponto de vista dos chamados "estragos colaterais", entendidos como efeitos abrangentes da violência das guerras, os conflitos antigos, não eram apoteoses tétricas, de vez que se limitavam quase sempre, à conflagração entre soldados poupando-se, assim, a população civil.

(D) Sob o ponto de vista, dos chamados "estragos colaterais", entendidos como efeitos abrangentes, da violência das guerras, os conflitos antigos não eram apoteoses tétricas de vez que, se limitavam, quase sempre, à conflagração entre soldados poupando-se assim, a população civil.

(E) Sob o ponto de vista dos chamados "estragos colaterais" entendidos como efeitos abrangentes, da violência das guerras, os conflitos antigos não eram apoteoses tétricas, de vez que, se limitavam, quase sempre à conflagração entre soldados, poupando-se assim a população civil.

24. (2016/FCC/TRF – 3ª Região/Analista Judiciário/Questão adaptada) Sem que se altere o sentido da frase, todas as vírgulas podem ser substituídas por travessão, EXCETO em:

(A) Não se trata de defender a tradição, família ou propriedade...

(B) Fiquei um pouco desconcertado pela atitude do meu amigo, um homem...

(C) Mas, como eu ia dizendo, estava voltando da Europa...

(D) ... como precipitada, entre nós, de que estaria morto...

(E) Mas a música brasileira, ao contrário de outras artes, já traz...

25. (2013/CESPE/STF/Analista) Julgue o próximo item quanto à correção gramatical.

Nos últimos vinte anos, o STF concentrou-se, primordialmente, em seu papel de última instância do Poder Judiciário, deixando, em segundo plano, sua atribuição de corte constitucional.

( ) Certo ( ) Errado

GABARITO

1. D

2. B

3. B
4. C
5. E
6. D
7. A
8. B
9. E
10. B
11. B
12. B
13. Errado
14. Certo
15. Errado
16. D
17. Certo
18. Certo
19. B
20. D
21. C
22. D
23. A
24. A
25. Certo

17 VERBOS

VERBOS REGULARES E IRREGULARES

Regulares: são os verbos conjugados de acordo com os seguintes paradigmas: AMAR (1ª conjugação) – desinência na 1ª pessoa do *presente do indicativo*: eu am-o; BEBER (2ª conjugação) – desinência na 1ª pessoa do *presente do indicativo*: eu beb-o; PARTIR (3ª conjugação) – desinência na 1ª pessoa do *presente do indicativo*: eu part-o.

Irregulares: são os verbos que não seguem os paradigmas supracitados, pois apresentam irregularidades: a) nas *desinências* Exemplo: verbo DAR – desinência na 1ª pessoa do *presente do indicativo*: *eu dou* (observe a irregularidade na desinência, comparando-o com o verbo AMAR: *eu am-o*); b) nos *radicais* Exemplo: verbo SUBIR – desinência na 1ª pessoa do *presente do indicativo*: eu *subo* (observe a irregularidade no radical "sub" em outras pessoas: *tu sobes, ele sobe* etc.); Entre os verbos irregulares, destacam-se os *anômalos*, os *defectivos* e os *abundantes*: a) Anômalos: são os verbos muito irregulares, contendo "anomalias" ou profundas alterações nos radicais. Em português, há dois verbos anômalos: *SER* e *IR*.

b) Defectivos: são verbos de conjugação incompleta, não apresentando todas as flexões. Há, no entanto, uma tendência natural para conjugar esses verbos como se fossem regulares. Exemplo: COMPUTAR. É defectivo, só sendo conjugado nas três pessoas do plural. Entretanto, a *gramática natural*[308], a consagrada pelo uso, conjuga-o em todas as pessoas.

c) Abundantes: apresentam mais de uma forma para uma mesma flexão. Exemplos: *havemos* e *hemos; haveis* e *heis*. Exemplificam também os *verbos abundantes* os casos de duplo particípio. Eis alguns:

Ganhar: ganhado / ganho	**Gastar:** gastado / gasto
Pagar: pagado / pago	**Benzer:** benzido / bento
Acender: acendido / aceso	**Morrer:** morrido / morto
Inserir: inserido / inserto	**Imprimir:** imprimido / impresso
Exprimir: exprimido / expresso	**Eleger:** elegido / eleito

Costumeiramente, defende-se que o *particípio regular* (terminado em -ado ou -ido) é acompanhado dos verbos *ter* e *haver*. De outra banda, o *particípio irregular* (de terminações variadas) é antecedido de *ser, estar* e *ficar*. Exemplos: • *Haviam imprimido o jornal; então, ele fora impresso.*

• *A conta estava paga, porque os irmãos a tinham pagado.*

- *Eu tinha acendido a luz, por isso ela ficou acesa.*

Verbos Irregulares

1. Medir

	Presente do Indicativo	Presente do Subjuntivo (Que)
Eu	Meço	Meça
Tu	Medes	Meças
Ele	Mede	Meça
Nós	Medimos	Meçamos
Vós	Medis	Meçais
Eles	Medem	Meçam

2. Moer

	Presente do Indicativo	Pretérito Perfeito do Indicativo	Presente do Subjuntivo (Que)
Eu	Moo (sem acento – Acordo)	Moí	Moa
Tu	Móis	Moeste	Moas
Ele	Mói	Moeu	Moa
Nós	Moemos	Moemos	Moamos

Vós	Moeis	Moestes	Moais
Eles	Moem	Moeram	Moam

3. Rir

	Presente do Indicativo	**Pretérito Perfeito do Indicativo**	**Presente do Subjuntivo (Que)**
Eu	Rio	Ri	Ria
Tu	Ris	Riste	Rias
Ele	Ri	Riu	Ria
Nós	Rimos	Rimos	Riamos (Ri-a-mos)
Vós	Rides	Ristes	Riais (Ri-ais)
Eles	Riem	Riram	Riam

Observação: a título de curiosidade, veja que *rio* pode ser *substantivo* (riacho) e *verbo* (1ª pessoa do singular do *presente do indicativo* do verbo *rir*).

4. Aderir

	Presente do Indicativo
Eu	Adiro
Tu	Aderes
Ele	Adere
Nós	Aderimos

Vós	Aderis
Eles	Aderem

Importante: conjugam-se, da mesma forma, COMPELIR (Eu compilo...), COMPETIR (Eu compito...), DESPIR (Eu dispo...), FERIR (Eu firo...), REPELIR (Eu repilo...).

5. Polir

	Presente do Indicativo	**Presente do Subjuntivo (Que)**
Eu	Pulo	Pula
Tu	Pules	Pulas
Ele	Pule	Pula
Nós	Polimos	Pulamos
Vós	Polis	Pulais
Eles	Pulem	Pulam

Importante: não confunda com as flexões verbais do verbo PULAR (regular). Observe o quadro comparativo:

	POLIR		**PULAR**	
	Presente do Indicativo	**Presente do Subjuntivo (Que)**	**Presente do Indicativo**	**Presente do Subjuntivo (Que)**
Eu	PULO **(1)**	PULA **(5)**	PULO **(1)**	Pule
Tu	PULES **(2)**	PULAS **(6)**	PULAS **(6)**	PULES **(2)**

Ele	PULE **(3)**	PULA **(5)**	PULA **(5)**	PULE **(3)**
Nós	Polimos	PULAMOS **(7)**	PULAMOS **(7)**	Pulemos
Vós	Polis	PULAIS **(8)**	PULAIS **(8)**	Puleis
Eles	PULEM **(4)**	PULAM **(9)**	PULAM **(9)**	PULEM **(4)**

Observação: note que há flexões idênticas para os verbos em destaque (POLIR e PULAR). São elas: (1) PULO: 1ª pessoa do singular do *presente do indicativo*, para POLIR e PULAR; (2) PULES: 2ª pessoa do singular do *presente do indicativo* do verbo POLIR e a 2ª pessoa do singular do *presente do subjuntivo* do verbo PULAR; (3) PULE: 3ª pessoa do singular do *presente do indicativo* do verbo POLIR e a 3ª pessoa do singular do *presente do subjuntivo* do verbo PULAR; (4) PULEM: 3ª pessoa do plural do *presente do indicativo* do verbo POLIR e a 3ª pessoa do plural do *presente do subjuntivo* do verbo PULAR; (5) PULA: 1ª pessoa do singular do *presente do subjuntivo* do verbo POLIR e a 3ª pessoa do singular do *presente do indicativo* do verbo PULAR; (6) PULAS: 2ª pessoa do singular do *presente do subjuntivo* do verbo POLIR e a 2ª pessoa do singular do *presente do indicativo* do verbo PULAR; (7) PULAMOS: 1ª pessoa do plural do *presente do subjuntivo* do verbo POLIR e a 1ª pessoa do plural do *presente do indicativo* do verbo PULAR; (8) PULAIS: 2ª pessoa do plural do *presente do subjuntivo* do verbo POLIR e a 2ª pessoa do plural do *presente do indicativo* do verbo PULAR; (9) PULAM: 3ª pessoa do plural do *presente do subjuntivo* do verbo POLIR e a 3ª pessoa do plural do *presente do indicativo* do verbo PULAR.

6. Perder

	Presente do Indicativo	**Presente do Subjuntivo (Que)**
Eu	Perco	Perca
Tu	Perdes	Percas
Ele	Perde	Perca
Nós	Perdemos	Percamos
Vós	Perdeis	Percais
Eles	Perdem	Percam

Observação: a título de curiosidade, veja que *perca* é *verbo* (1ª pessoa do singular do *presente do subjuntivo* do verbo *perder*).

Por outro lado, *perda* é *substantivo* (*perdas* e *danos*).

7. Caber

	Presente do Indicativo	Pretérito Perfeito do Indicativo	Presente do Subjuntivo (Que)
Eu	Caibo	Coube	Caiba
Tu	Cabes	Coubeste	Caibas
Ele	Cabe	Coube	Caiba
Nós	Cabemos	Coubemos	Caibamos
Vós	Cabeis	Coubestes	Caibais
Eles	Cabem	Couberam	Caibam

8. Ser

	Presente do Indicativo	Presente do Subjuntivo (Que)	Imperativo Afirmativo
Eu	Sou	Seja	----------
Tu	És	Sejas	Sê (tu)
Ele	É	Seja	Seja (você)
Nós	Somos	Sejamos	Sejamos (nós)
Vós	Sois	Sejais	Sede (vós)
Eles	São	Sejam	Sejam (vocês)

Observação: a título de curiosidade, veja que *sede* pode ser *substantivo* (vontade de beber água) e *verbo* (2ª pessoa do plural do *imperativo afirmativo* do verbo *ser*).

9. Averiguar

	Presente do Indicativo	Pretérito Perfeito do Indicativo	Presente do Subjuntivo (Que)
Eu	AveriGUo (ou AveRÍguo – Acordo)	Averiguei	AveriGUe (ou AveRÍgue – Acordo)
Tu	AveriGUas (ou AveRÍguas – Acordo)	Averiguaste	AveriGUes (ou AveRÍgues – Acordo)
Ele	AveriGUa (ou AveRÍgua – Acordo)	Averiguou	AveriGUe (ou AveRÍgue – Acordo)
Nós	AveriGUAmos	Averiguamos	AveriGUEmos (sem trema – Acordo)
Vós	AveriGUAis	Averiguastes	AveriGUEis (sem trema – Acordo)
Eles	AveriGUam (ou AveRÍguam – Acordo)	Averiguaram	AveriGUem (ou AveRÍguem – Acordo)

Importante: o Acordo Ortográfico trouxe importante mudança para certos verbos, sobretudo no campo da acentuação. Os verbos APAZIGUAR, AVERIGUAR, APANIGUAR, AGUAR, OBLIQUAR, ENXAGUAR, DESAGUAR, APROPINQUAR, DELINQUIR passam a oferecer dois paradigmas de acentuação, após o Acordo.

Vamos conhecer as particularidades a partir dos quadros explicativos a seguir, começando a análise pelos verbos APAZIGUAR, AVERIGUAR, APANIGUAR:

VERBO	ANTES DO ACORDO	APÓS O ACORDO (DOIS PARADIGMAS DE ACENTUAÇÃO)
APAZIGUAR	**Eu apaziguo**	**Eu apaziguo** (gu-o) **OU Eu apazíguo** (com acento em **-zí**)
	(Que) eu apazigúe (com acento em **-gú**)	**(Que) eu apazigue** (gu-e) **OU (Que) eu apazígue** (com acento em **-zí**)
AVERIGUAR	**Eu averiguo**	**Eu averiguo** (gu-o) **OU Eu averíguo** (com acento em **-rí**)
	(Que) eu averigúe (com acento em **-gú**)	**(Que) eu averigue** (gu-e) **OU (Que) eu averígue** (com acento em **-rí**)
APANIGUAR	**Eu apaniguo**	**Eu apaniguo** (gu-o) **OU Eu apaníguo** (com acento em **-ní**)
	(Que) eu apanigúe (com acento em **-gú**)	**(Que) eu apanigue** (gu-e) **OU (Que) eu apanígue** (com acento em **-ní**)

Da mesma forma, com os verbos AGUAR, ENXAGUAR e DESAGUAR:

VERBO	ANTES DO ACORDO	APÓS O ACORDO (DOIS PARADIGMAS DE ACENTUAÇÃO)
AGUAR	**Eu águo** (á-guo) **OU Eu aguo** (a-gu-o)	**Idem**
	(Que) eu ágüe (á-güe: com trema) **OU (Que) eu agúe** (a-gú-e: com acento em **-gú**)	**(Que) eu águe** (á-gue: sem trema) **OU (Que) eu ague** (a-gu-e: sem acento)
ENXAGUAR	**Eu enxáguo** (en-xá-guo) **OU Eu enxaguo** (en-xa-gu-o)	**Idem**
	(Que) eu enxágüe (en-xá-güe: com trema) **OU (Que) eu enxagúe** (en-xa-gú-e: com acento em **-gú**)	**(Que) eu enxágue** (en-xá-gue: sem trema) **OU (Que) eu enxague** (en-xa-gu-e: sem acento)
DESAGUAR	**Eu deságuo** (de-sá-guo) **OU Eu desaguo** (de-sa-gu-o)	**Idem**
	(Que) eu deságüe (de-sá-güe: com trema) **OU (Que) eu desagúe** (de-sa-gú-e: com acento em **-gú**)	**(Que) eu deságue** (de-sá-gue: sem trema) **OU (Que) eu desague** (de-sa-gu-e: sem acento)

Da mesma forma, com os verbos OBLIQUAR e APROPINQUAR:

VERBO	ANTES DO ACORDO	APÓS O ACORDO (DOIS PARADIGMAS DE ACENTUAÇÃO)
OBLIQUAR	**Eu obliquo** (o-bli-qu-o) **OU Eu oblíquo** (o-blí-quo)	**Idem**
	(Que) eu obliqúe (acento em **-qú**)	**(Que) eu oblique** (qu-e) **OU** **(Que) eu oblíque** (sem trema e com acento em **-blí**)
APROPINQUAR	**Eu apropinquo** (qu-o) **OU Eu apropínquo** (com acento em **-pín**)	**Idem**
	(Que) eu apropinqúe (acento em **-qú**)	**(Que) eu apropinque** (qu-e) **OU (Que) eu apropínque** (sem trema/com acento / **-pín**)

Na mesma linha de mudanças, com o verbo DELINQUIR:

VERBO	ANTES DO ACORDO	APÓS O ACORDO (DOIS PARADIGMAS DE ACENTUAÇÃO)			
DELINQUIR	Verbo defectivo	Presente do indicativo	**Eu delinquo** (de-lin-qu-o) **Tu delinquis** (de-lin-qu-is) **Ele delinqui** (de-lin-qu-i) **Nós delinquimos** (sem trema) **Vós delinquis** (sem trema) **Eles delinquem** (de-lin-qu-em)	OU	**Eu delínquo** (de-lín-quo) **Tu delínques** (de-lín-ques) **Ele delínque** (de-lín-que) **Nós delinquimos** (sem trema) **Vós delinquis** (sem trema) **Eles delínquem** (de-lín-quem)
		Presente do Subjuntivo	**(Que) Eu delinqua** (de-lin-qu-a) **(Que) Tu delinquas** (de-lin-qu-as) **(Que) Ele delinqua** (de-lin-qu-a) **(Que) Nós delinquamos** **(Que) Vós delinquais** **(Que) Eles delinquam** (...qu-am)	OU	**(Que) Eu delínqua** (de-lín-qua) **(Que) Tu delínquas** (de-lín-quas) **(Que) Ele delínqua** (de-lín-qua) **(Que) Nós delinquamos** **(Que) Vós delinquais** **(Que) Eles delínquam** (...quam)

10. Reaver

	Presente do Indicativo	Pretérito Perfeito do Indicativo
Eu	----------	Reouve
Tu	----------	Reouveste
Ele	----------	Reouve
Nós	Reavemos	Reouvemos
Vós	Reaveis	Reouvestes
Eles	----------	Reouveram

Importante: conjuga-se como *haver*, mas só possui as formas que mantêm a letra -v. Na 3ª pessoa do singular do *pretérito perfeito do indicativo*, não deve ser usada a forma "reaveu"! A forma correta é reouve. Ademais, "reaveja" e "reavejam" não existem!

Verbos defectivos

Os *verbos defectivos* não possuem a conjugação completa, ou por terem formas antieufônicas, ou por não terem sido assimiladas pelo uso 309. O problema dos verbos defectivos ocorre basicamente no "presente do indicativo" e suas formas derivadas.

São derivados do presente do indicativo: o *presente do subjuntivo* (normalmente, conjugado com um "que" antes dos pronomes: que eu faça, que tu faças etc.), o *imperativo afirmativo* e o *imperativo negativo*. Vale lembrar que: • nenhum dos imperativos apresenta a primeira pessoa do singular (eu); • as formas verbais do imperativo negativo são idênticas às do presente do subjuntivo; • as formas verbais do imperativo afirmativo são idênticas às do presente do subjuntivo somente para as terceiras pessoas (ele/eles) e para a primeira do plural (nós). As segundas pessoas (tu/vós), normalmente, procedem do presente do indicativo sem o "s" final. *Exemplo:* tu amas – ama tu; vós amais – amai vós.

ABOLIR (1º Grupo) • Não possuem a 1ª pessoa do presente do indicativo.

- Consequentemente, não possuem *presente do subjuntivo* e *imperativo negativo*.

	Presente do Indicativo	Pretérito Perfeito do Indicativo	Imperativo Afirmativo
Eu	----------	Aboli	----------
Tu	Aboles	Aboliste	Abole tu
Ele	Abole	Aboliu	----------
Nós	Abolimos	Abolimos	----------
Vós	Abolis	Abolistes	Aboli vós
Eles	Abolem	Aboliram	----------

- 1º GRUPO: da mesma forma, conjugam-se os verbos DEMOLIR (Tu demoles, Ele demole...), RETORQUIR (Tu retorques, Ele retorque...), COLORIR (Tu colores, Ele colore...), BANIR (Tu banes, Ele bane...), EXTORQUIR

(Tu extorques, Ele extorque...), USUCAPIR (Tu usucapes, Ele usucape...).

FALIR (2º Grupo) • No presente do indicativo, só possui as formas arrizotônicas, as quais são conjugadas apenas quando o radical é seguido de "i".

- Não possuem *presente do subjuntivo* e *imperativo negativo*.
- No imperativo afirmativo, só existe a 2ª pessoa do plural.

	Presente do Indicativo	Pretérito Perfeito do Indicativo	Imperativo Afirmativo
Eu	----------	Fali	----------
Tu	----------	Faliste	----------
Ele	----------	Faliu	----------
Nós	Falimos	Falimos	----------
Vós	Falis	Falistes	Fali (vós)
Eles	----------	Faliram	----------

- 2º GRUPO: da mesma forma, conjugam-se os verbos REMIR e EMPEDERNIR.

Importante: não confunda *fali*, com sílaba tônica em -li, com *fale*, de sílaba tônica em -fa. A primeira flexão indica a 1ª pessoa do singular do *pretérito perfeito do indicativo* do verbo *falir*, enquanto a segunda flexão indica a 1ª pessoa do singular do *presente do subjuntivo* do verbo *falar*.

ADEQUAR (3º Grupo) • Deriva do 2º Grupo, já apresentado, com o acréscimo de algumas formas no PRESENTE DO SUBJUNTIVO**.**

	Presente do Indicativo	Imperativo Afirmativo	Imperativo Negativo	Presente do Subjuntivo
Eu	----------	----------	----------	----------
Tu	----------	----------	----------	----------
Ele	----------	----------	----------	----------
Nós	Adequamos	Adequemos	(Não) Adequemos	Adequemos

Vós	Adequais	Adequai	(Não) Adequeis	Adequeis
Eles	----------	----------	----------	----------

Importante: para o Dicionário Houaiss, o verbo *adequar* admite uma segunda possibilidade de conjugação, com a sílaba tônica e graficamente acentuada nas formas *rizotônicas*. Vejamos:

	Presente do Indicativo	**Imperativo Afirmativo**	**Imperativo Negativo**	**Presente do Subjuntivo**
Eu	Adéquo	----------	(Não) Adéque	Adéque
Tu	Adéquas	Adéqua	(Não) Adéques	Adéques
Ele	Adéqua	Adéque	(Não) Adéque	Adéque
Nós	Adequamos	Adequemos	(Não) Adequemos	Adequemos
Vós	Adequais	Adequai	(Não) Adequeis	Adequeis
Eles	Adéquam	Adéquem	(Não) Adéquem	Adéquem

Ainda sobre o 3º Grupo...: PRECAVER e REAVER

- Derivam do 3º grupo, já apresentado, com a observação de que não possuem *presente do subjuntivo* e *imperativo negativo*.
- PRECAVER não deriva de VER, nem de VIR. Logo, não existem "precavejo" nem "precavenho", sendo errônea a forma: "Ele que se precavenha".

  Corrigindo: *Ele que se acautele* (ou *...que se previna...que se precate...que se cuide*).
- REAVER segue o modelo de HAVER, só apresentando as formas em que o verbo *haver* apresenta a letra *v*.

PRECAVER		
	Presente do Indicativo	**Imperativo Afirmativo**
Eu	----------	----------
Tu	----------	----------
Ele	----------	----------

Nós	Precavemos	----------
Vós	Precaveis	Precavei
Eles	----------	----------

REAVER		
	Presente do Indicativo	**Imperativo Afirmativo**
Eu	----------	----------
Tu	----------	----------
Ele	----------	----------
Nós	Reavemos	----------
Vós	Reaveis	Reavei
Eles	----------	----------

No tópico a seguir, o leitor disporá de alguns verbos e suas conjugações que, costumeiramente, "pregam peças" na linguagem escrita e falada. Conhecer verbos é "saber se expressar", uma vez que são termos designativos da ação nas orações. A conjugação correta de verbos, como REQUERER, VIGER, ARGUIR, VIR e VER, entre outros, representa, a nosso ver, uma "obrigação" ou "dever" para o operador do Direito preocupado com a boa linguagem. Vamos a eles:

REQUERER

- Verbo irregular.
- Verbo da 2ª conjugação.
- No *presente do indicativo* (à exceção da 1ª pessoa do singular – *eu requeiro*), no *presente do subjuntivo*, no *imperativo*

afirmativo e no *imperativo negativo*, tem conjugação idêntica à do verbo QUERER.

- Nos tempos restantes, tem conjugação regular.

Modo Indicativo						
	Presente	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-que--perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
Eu	Requeiro	Requeri	Requeria	Requerera	Requererei	Requereria
Tu	Requeres	Requereste	Requerias	Requereras	Requererás	Requererias
Ele	Requer	Requereu	Requeria	Requerera	Requererá	Requereria
Nós	Requeremos	Requeremos	Requeríamos	Requerêramos	Requereremos	Requereríamos
Vós	Requereis	Requerestes	Requeríeis	Requerêreis	Requereis	Requereríeis
Eles	Requerem	Requereram	Requeriam	Requereram	Requererão	Requereriam

Modo SUBJUNTIVO			
	Presente	**Futuro**	**Pretérito Imperfeito**
Eu	Requeira	Requerer	Requeresse
Tu	Requeiras	Requereres	Requeresses
Ele	Requeira	Requerer	Requeresse
Nós	Requeiramos	Requerermos	Requerêssemos
Vós	Requeirais	Requererdes	Requerêsseis
Eles	Requeiram	Requererem	Requeressem

Modo imperativo		
	Afirmativo	**Negativo**
Eu	----------	----------

Tu	Requere	Não requeiras
Ele	Requeira	Não requeira
Nós	Requeiramos	Não requeiramos
Vós	Requerei	Não requeirais
Eles	Requeiram	Não requeiram

Formas Nominais				
	Infinitivo Impessoal	**Infinitivo Pessoal**	**Gerúndio**	**Particípio**
Eu	Requerer	Requerer	Requerendo	
Tu		Requereres		
Ele		Requerer		Requerido
Nós		Requerermos		
Vós		Requererdes		
Eles		Requererem		

VigER

- Verbo defectivo.
- Verbo de 2ª conjugação.
- Faltam-lhe inúmeras formas e as delas derivadas.
- Por não ter particípio, não possui tempos compostos.

Modo Indicativo						
	Presente	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-que--perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**

Eu	----------	Vigi	Vigia	Vigera	Vigerei	Vigeria
Tu	Viges	Vigeste	Vigias	Vigeras	Vigerás	Vigerias
Ele	Vige	Vigeu	Vigia	Vigera	Vigerá	Vigeria
Nós	Vigemos	Vigemos	Vigíamos	Vigêramos	Vigeremos	Vigeríamos
Vós	Vigeis	Vigestes	Vigíeis	Vigêreis	Vigereis	Vigeríeis
Eles	Vigem	Vigeram	Vigiam	Vigeram	Vigerão	Vigeriam

Importante: para o *Dicionário Houaiss*, o verbo *viger* admite mais formas de conjugação:

Modo Indicativo						
	Presente	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-que--perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
Eu	Vijo	Vigi	Vigia	Vigera	Vigerei	Vigeria
Tu	Viges	Vigeste	Vigias	Vigeras	Vigerás	Vigerias
Ele	Vige	Vigeu	Vigia	Vigera	Vigerá	Vigeria
Nós	Vigemos	Vigemos	Vigíamos	Vigêramos	Vigeremos	Vigeríamos
Vós	Vigeis	Vigestes	Vigíeis	Vigêreis	Vigereis	Vigeríeis
Eles	Vigem	Vigeram	Vigiam	Vigeram	Vigerão	Vigeriam

Modo SUBJUNTIVO					**Modo imperativo**	
	Presente (Que)	**Futuro**	**Pretérito Imperfeito**			**Afirmativo**
Eu	Vija	Viger	Vigesse		**Eu**	----------
Tu	Vijas	Vigeres	Vigesses		**Tu**	Vige
Ele	Vija	Viger	Vigesse		**Ele**	Vija

Nós	Vijamos	Vigermos	Vigêssemos		**Nós**	Vijamos
Vós	Vijais	Vigerdes	Vigêsseis		**Vós**	Vigei
Eles	Vijam	Vigerem	Vigessem		**Eles**	Vijam

Formas Nominais				
	Infinitivo Impessoal	**Infinitivo Pessoal**	**Gerúndio**	**Particípio**
Eu	Viger	Viger	Vigendo	Vigido
Tu		Vigeres		
Ele		Viger		
Nós		Vigermos		
Vós		Vigerdes		
Eles		Vigerem		

ARGUIR

- Verbo irregular.
- Verbo de 3ª conjugação.
- Da mesma forma, conjuga-se REDARGUIR.
- Varia somente nas desinências.

ARGUIR (SEM TREMA – ACORDO)			
	Presente do Indicativo	**Pretérito Perfeito do Indicativo**	**Imperativo Afirmativo**
Eu	ArGUo	ArGUI (sem trema – Acordo)	----------
Tu	ArGUis (Ar-gu-is: sem acento – Acordo)	ArGUIste (sem trema – Acordo)	ArGUi (Ar-gu-i: sem acento – Acordo)
Ele	ArGUi (Ar-gui: sem acento – Acordo)	ArGUIu (sem trema – Acordo)	ArGUa
Nós	ArGUImos (sem trema – Acordo)	ArGUImos (sem trema – Acordo)	ArGUAmos
Vós	ArGUIs (Ar-guis: sem trema – Acordo)	ArGUIstes (sem trema – Acordo)	ArGUI (Ar-gui: sem trema – Acordo)
Eles	ArGUem (Ar-gu-em: sem acento – Acordo)	ArGUIram (sem trema – Acordo)	ArGUam

Importante: observe que o Acordo Ortográfico trouxe importante mudança para certos verbos, sobretudo no campo da acentuação. Reveja: Antes do Acordo: eu arguo, tu argúis (ar-gú-is: com acento), ele argúi (ar-gúi: com acento), nós argüimos (com trema), vós argüis (com trema), eles argúem (ar-gú-em: com acento).

Após o Acordo: eu arguo, tu arguis (ar-gu-is: sem acento), ele argui (ar-gui: sem acento), nós arguimos (sem trema), vós arguis (sem trema), eles arguem (ar-gu-em: sem acento).

Modo Indicativo *Sem trema – acordo						
	Presente	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-que--perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
Eu	Arguo	Argui*	Arguia*	Arguira*	Arguirei*	Arguiria*

Tu	Arguis	Arguiste*	Arguias*	Arguiras*	Arguirás*	Arguirias*
Ele	Argui	Arguiu*	Arguia*	Arguira*	Arguirá*	Arguiria*
Nós	Arguimos*	Arguimos*	Arguíamos*	Arguíramos*	Arguiremos*	Arguiríamos*
Vós	Arguis*	Arguistes*	Arguíeis*	Arguíreis*	Arguireis*	Arguiríeis*
Eles	Arguem	Arguiram*	Arguiam*	Arguiram*	Arguirão*	Arguiriam*

Modo SUBJUNTIVO * Sem trema – acordo			
	Presente	**Futuro**	**Pretérito Imperfeito**
Eu	Argua	Arguir*	Arguisse*
Tu	Arguas	Arguires*	Arguisses*
Ele	Argua	Arguir*	Arguisse*
Nós	Arguamos	Arguirmos*	Arguíssemos*
Vós	Arguais	Arguirdes*	Arguísseis*
Eles	Arguam	Arguirem*	Arguissem*

Modo imperativo * Sem trema – acordo		
	Afirmativo	**Negativo**
Eu	----------	----------
Tu	ArGUi	Não arGUas
Ele	ArGUa	Não arGUa

Nós	ArGUAmos	Não arGUAmos
Vós	ArGUI*	Não arGUAis
Eles	ArGUam	Não arGUam

Formas Nominais * Sem trema – acordo				
	Infinitivo Impessoal	**Infinitivo Pessoal**	**Gerúndio**	**Particípio**
Eu	Arguir*	Arguir*	Arguindo*	Arguido*
Tu		Arguires*		
Ele		Arguir*		
Nós		Arguirmos*		
Vós		Arguirdes*		
Eles		Arguirem*		

VIR

- Verbo irregular.
- Verbo de 3ª conjugação.
- Da mesma forma, conjugam-se INTERVIR, DESAVIR, PROVIR, CONVIR.
- Varia nas desinências.

Modo Indicativo						
	Presente	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-que--perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**

Eu	Venho	Vim	Vinha	Viera	Virei	Viria
Tu	Vens	Vieste	Vinhas	Vieras	Virás	Virias
Ele	Vem	Veio	Vinha	Viera	Virá	Viria
Nós	Vimos	Viemos	Vínhamos	Viéramos	Viremos	Viríamos
Vós	Vindes	Viestes	Vínheis	Viéreis	Vireis	Viríeis
Eles	Vêm	Vieram	Vinham	Vieram	Virão	Viriam

Importante: da mesma forma, não se pode confundir as flexões *vimos* e *viemos*, ambas afetas ao verbo *vir*. A primeira flexão indica a 1ª pessoa do plural do *presente do indicativo*, enquanto a segunda indica a 1ª pessoa do plural do *pretérito perfeito do indicativo*. Sendo assim, devemos falar *vimos hoje* e *viemos ontem*.

Modo SUBJUNTIVO			
	Presente	**Futuro**	**Pretérito Imperfeito**
Eu	Venha	Vier	Viesse
Tu	Venhas	Vieres	Viesses
Ele	Venha	Vier	Viesse
Nós	Venhamos	Viermos	Viéssemos
Vós	Venhais	Vierdes	Viésseis
Eles	Venham	Vierem	Viessem

Modo imperativo		
	Afirmativo	**Negativo**
Eu	----------	----------
Tu	Vem	Não venhas
Ele	Venha	Não venha

Nós	Venhamos	Não venhamos
Vós	Vinde	Não venhais
Eles	Venham	Não venham

Observação: o verbo *vir* é comumente alvo de transgressões, sobretudo no campo do *imperativo*, a par de outros verbos [310]. Observe a famosa frase de propaganda: "Vem pra Caixa você também". Como se sabe, o verbo *vir*, no imperativo afirmativo, deve formar *venha*, na terceira pessoa do singular (ele), desconsiderando-se o efeito de intimidade trazido pela outra forma. Portanto, o correto seria: *Venha pra Caixa você também.* Por outro lado, a frase tornar-se-ia legítima se a concordância fosse feita com a segunda pessoa do singular (tu): *Vem pra Caixa tu também.*

Formas Nominais				
	Infinitivo Impessoal	**Infinitivo Pessoal**	**Gerúndio**	**Particípio**
Eu	Vir	Vir	Vindo	Vindo
Tu		Vires		
Ele		Vir		
Nós		Virmos		
Vós		Virdes		
Eles		Virem		

VER

- Verbo irregular.
- Verbo de 2ª conjugação.
- Da mesma forma, conjugam-se ANTEVER, PREVER, REVER.
- Varia nas desinências.

Modo Indicativo						
	Presente	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-que--perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
Eu	Vejo	Vi	Via	Vira	Verei	Veria
Tu	Vês	Viste	Vias	Viras	Verás	Verias
Ele	Vê	Viu	Via	Vira	Verá	Veria
Nós	Vemos	Vimos	Víamos	Víramos	Veremos	Veríamos
Vós	Vedes	Vistes	Víeis	Víreis	Vereis	Veríeis
Eles	Veem (Acordo)	Viram	Viam	Viram	Verão	Veriam

Modo SUBJUNTIVO			
	Presente	**Futuro**	**Pretérito Imperfeito**
Eu	Veja	Vir	Visse
Tu	Vejas	Vires	Visses
Ele	Veja	Vir	Visse
Nós	Vejamos	Virmos	Víssemos
Vós	Vejais	Virdes	Vísseis
Eles	Vejam	Virem	Vissem

Modo imperativo		
	Afirmativo	**Negativo**
Eu	----------	----------

Tu	Vê	Não vejas
Ele	Veja	Não veja
Nós	Vejamos	Não vejamos
Vós	Vede	Não vejais
Eles	Vejam	Não vejam

Formas Nominais				
	Infinitivo Impessoal	**Infinitivo Pessoal**	**Gerúndio**	**Particípio**
Eu	Ver	Ver	Vendo	Visto
Tu		Veres		
Ele		Ver		
Nós		Vermos		
Vós		Verdes		
Eles		Verem		

FRASES PARA RECAPITULAÇÃO

À guisa de memorização, seguem algumas frases elaboradas com os verbos assimilados: 1. *Eu requeiro provas.* 2. *Eu requeri providências na semana passada.* 3. *Se ele requeresse o documento, não teria perdido o prazo.* 4. *A advogada requereu o exame pericial.*

5. *O decreto ainda vige.* 6. *A lei vigeu até ontem.* 7. *Todas as portarias vigeram até o ano passado.* 8. *A lei deve viger até o fim do ano.* 9. *A instrução normativa está vigendo para todos.*

10. *Eu arGUo diariamente sobre o problema. Ele também argui.* 11. *Eu arGUI na última petição.* 12. *ArGUa sempre com elegância.*

13. *Vimos, hoje, pela presente, requerer tal providência.* 14. *Nós viemos ontem aqui pra beber ou pra conversar.*

15. *Eu intervim ontem nos autos.* 16. *Ele interveio ontem nos autos.* 17. *Nós intervimos* [311], *hoje, às 14h30min.* (*Presente do indicativo*, e não no "pretérito perfeito").

18. *Quando você vir o meu cliente, avise-me.* 19. *Quando você vier aqui, estarei ocupado.*

os verbos Aprazer(-se), Prazer, Des(a)prazer e Comprazer(-se)

Para Houaiss, o verbo aprazer ("causar ou sentir prazer") é mais usado nas terceiras pessoas (do singular e do plural), como *verbo transitivo indireto* (VTI) ou *intransitivo* (VI). O eminente dicionarista entende que o verbo, na forma pronominal – aprazer-se ("contentar-se") –, apresenta a conjugação completa.

Assim, o verbo *aprazer* conteria, *e.g.*, as formas, na terceira pessoa do singular: *apraz, aprazia, aprazerá, aprazeria, aprouve, aprouvera, apraza, aprouvesse, aprouver* (no futuro do subjuntivo, sendo bastante utilizado em *quando lhe aprouver...*).

Em outro giro, o verbo aprazer-se conteria, respectivamente, nos tempos *presente, pretérito perfeito* e *futuro do indicativo*, as formas na 1ª pessoa do singular (eu) e nas 1ª e 2ª pessoas do plural (nós e vós):

Aprazo-me – Aprazemo-nos – Aprazeis-vos

Aprouve-me – Aprouvemo-nos – Aprouvestes-vos

Aprazer-me-ei – Aprazer-nos-emos – Aprazer-vos-eis

Note alguns exemplos preambulares:

- **Todas as manhãs, o sol lhe apraz** (aprazer – VTI).
- **Poucos são os comentários que aprazem** (aprazer – VI).
- **Todas as manhãs, eu me aprazo** (aprazer – Verbo Pronominal).

Para Houaiss, ainda, o verbo aprazer é defectivo, quando conjugado nas terceiras pessoas, e irregular, nos tempos derivados do *pretérito perfeito*. Por outro lado, o verbo aprazer-se é tão somente irregular. É fato, todavia, que modernamente a maioria dos gramáticos admite a conjugação completa ao verbo, repelindo a defectividade. Verifique mais alguns elucidativos exemplos: • *Espero que isso lhe apraza; caso contrário, faça como lhe aprouver.*

- *A cidade não lhe aprazia, entretanto mantinha a forma, para que aprouvesse à namorada.*
- *O usuário se inscreveria na organização privada da saúde que lhe aprouvesse.*

- *"Fácil é ao sabedor aprazer ao mau, se quiser errar"* (Provérbio).
- *Apraz-se assistir à televisão.*
- *Aprazer-me-ia comemorar a vitória do time.*
- *"Pois que aprouve ao dia findar, aceito a noite"* (Carlos Drummond de Andrade).
- *"Não de outro modo mais divino ou menos Deve aprazer-nos conduzir a vida, Quer sob o ouro de Apolo / Ou a prata de Diana"* ("Deixemos Lídia", Ricardo Reis, Fernando Pessoa).
- *"...É muito necessário ter em vista / um crédito de rosas na florista muito mais, muito mais que na modista! para aprazer ao grande amor..."* ("Para viver um grande Amor", Vinicius de Moraes).

Observações:

a) O verbo desprazer (ou desaprazer), no sentido de "desagradar", deve ser conjugado como *aprazer*. Portanto, diga-se: • *O beijo intenso lhe despraz.*

- *O contrato não lhe desprouve, mas agradou a ele.*
- *É provável que os tópicos desprazam os contratantes.*
- *"Nenhuma outra imputação me poderia tanto desaprazer e desconvir"* ("A Relíquia", Prólogo, Eça de Queirós).

b) O verbo prazer (VTI) é sinônimo de *aprazer*, devendo ser usado apenas na 3ª pessoa do singular. É, pois, irregular e defectivo (Cegalla): *praz, prazia, prouve, prouvera, prazerá, prazeria, praza, prouvesse, prazendo, prazido*. Exemplos: • *Prouvera a Deus* (ou seja, "queira Deus; tomara, oxalá").

- *Se a Deus prouver, que praza a todos.*
- *Prouve a Deus que o soldado não agonizasse* (ou seja, "agradou a Deus que o soldado não agonizasse").

verbo Subsumir

O verbo subsumir é um verbo bastante utilizado na linguagem forense. A pronúncia requer cuidados: enuncie a sílaba -su com o som de *s*, como em *subsolo*. O verbo forma o substantivo *subsunção*, na acepção de "concordância de um fato com a hipótese descritiva de uma norma". É comum falar-se que o *fato está subsumido na lei*. Não obstante o seu iterativo uso, a conjugação verbal oferece problemas ao usuário da Língua, uma vez que o verbo é *regular* para alguns e *irregular* para outros.

Como verbo *irregular* – o seu radical sofre modificação nos tempos verbais –, conjuga-se como *subir, sumir* ou *consumir*, entre outros. Tal uso recebe a chancela do Aurélio. Assim, o presente do indicativo se forma:

Eu subsumo	**Tu subsomes**	**Ele subsome**	**Nós subsumimos**	**Vós subsumis**	**Eles subsomem**

À guisa de memorização, associe-o, por exemplo, ao verbo *consumir*:

Consumo	**Subsumo**		**Consumimos**	**Subsumimos**
Consomes	**Subsomes**		**Consumis**	**Subsumis**
Consome	**Subsome**		**Consomem**	**Subsomem**

É interessante observar que, da conjugação do verbo (*irregular*), defluem formas pouco usuais: *subsumi* e *subsumiu* (pretérito perfeito do indicativo); *subsumíamos* (pretérito imperfeito do indicativo); *subsumamos* (presente do subjuntivo); *subsumisse* e *subsumíssemos* (pretérito imperfeito do subjuntivo); entre outras.

Observe alguns curiosos exemplos de emprego do *verbo irregular*: 1. "[…] Pedido de condenação em obrigação de não fazer que não pode ser acolhido, ante a forma em que deduzido. Requerimento de publicidade da decisão, que se subsome no atendido do disposto pelo artigo 564 do CPC, assegurado ao prejudicado a restituição do indébito. Antecipação da tutela, que se ratifica" (trecho da ementa do Acórdão 06746.000/00-1 AA, rel. Juiz – Pedro Luiz Serafini – TRF4, SDC, julgamento em 13-8-2001, publicado no *DOERS* de 10-9-2001 – destaque nosso).

> 2. "[...] Aliás, as previsões do texto constitucional e das leis administrativas, com relação a entes, responsabilidades e processos sujeitos aos mecanismos de controle, não se compadecem com realidades e conceitos do ordenamento jurídico binacional, que, por distintos e peculiares, àquelas não se subsomem. [...]" (trecho extraído de Parecer do Consultor-Geral da República Luiz Rafael Mayer, publicado no *DOU* de 19-10-1978 – destaque nosso).
>
> 3. "[...] Afinal de contas, os atos administrativos sujeitam-se ao controle de legalidade do Judiciário, e o tema atinente à arrecadação tributária subsome-se no âmbito do litígio entre as partes, não afetando os interesses envolvidos no juízo excepcional da suspensão. Para o ministro, a questão deve ser resolvida pelas vias ordinárias. [...]" (comentário do Presidente do STJ, Ministro Nilson Naves, Processo SS 1.204, *in Revista Consultor Jurídico*, 7-5-2003 – destaque nosso).
>
> 4. "[...] Assim, comprovada a existência de débito do contribuinte para com a Fazenda Estadual, acertada a lavratura do Auto de Infração em análise pelo servidor fazendário. Todavia, retifico o enquadramento legal da penalidade aplicada, visto que o caso concreto se subsome melhor ao dispositivo legal abaixo citado [...]" (voto proferido pelo Conselho de Recursos Fiscais da Secretaria das Finanças do Estado da Paraíba, em 3-5-2002, rel. Conselheira Patrícia Márcia de Arruda Barbosa, Acórdão 107CRF0722002, AI 2000.07888-30 – destaque nosso).

Ressalte-se, todavia, que o Dicionário Houaiss considera o verbo como *regular*, não havendo o abono das formas acima demonstradas. Como se disse, há gramáticos que têm pensamento diverso, concebendo-o *irregular*. Não se pode negar que, diferentemente do que até aqui se mostrou, a conjugação dicionarizada é demasiado simples. Vejamos:

Eu	**Tu**	**Ele**	**Nós**	**Vós**	

subsumo	subsumes	subsume	subsumimos	subsumis	Eles subsumem

Diante da divergência, entendemos que é importante registrar a oscilação na conjugação verbal, entretanto, recomendamos, em homenagem à simplicidade, que se considere o verbo como *regular*, chancelando o posicionamento do Houaiss.

Usos dos tempos verbais

I – O TEMPO PRESENTE

O tempo verbal presente identifica que o evento narrado é contemporâneo ao tempo da fala. Exemplo: • Os processos foram analisados em tempo hábil.

O tempo presente do indicativo, quanto ao evento em análise:

I – Ocorre, concomitantemente, ao tempo em que se fala.	**II –** Perdura no tempo, protraindo-se até o momento do ato da fala.	**III –** Traduz-se em ação habitual ou um fato corriqueiro.
Exemplo: • O professor encontra-se em sala de aula, portanto não pode atender ao telefone celular.	Exemplo: • A portaria determinou que se cumpram os deveres instrumentais do contribuinte.	Exemplo: • O nadador treina de oito as catorze horas, todos os dias da semana.

É importante assinalar que, por razão estilística, o tempo *presente do indicativo* pode vir a ser utilizado em substituição a outros tempos verbais. Vamos conhecer as possibilidades: 312

I – Em lugar do pretérito perfeito – fenômeno conhecido como "presente histórico" 5.	**II –** Em lugar do futuro, para enunciar um acontecimento próximo.	**III –** Em lugar do imperativo.
Exemplo: • O nadador chega ao treino, faz alongamento, aquece os músculos. Pula na água e tenta relaxar.	Exemplo: • Às 15h, tomo meu café, com maior tranquilidade.	Exemplo: • Você pega o documento, preenche-o e entrega-o ao homem do guichê.

II – O TEMPO PRETÉRITO PERFEITO

O pretérito perfeito identifica um tempo narrado anterior ao momento da fala do emissor. Exemplo: • O advogado requereu as provas antes do despacho deferitório.

III – O TEMPO FUTURO DO PRESENTE

O futuro do presente identifica que o evento narrado é posterior ao momento da enunciação. Exemplo: • Os advogados intervirão no feito, antes de qualquer providência suplementar.

Frise-se que o momento da fala, por si só, não determina a relação temporal a que se refere a situação. Em narrativas compostas de várias ações concomitantes, somente é possível identificar a relação temporal por meio do tempo verbal analisado em relação à outra ação narrada no texto. Com efeito, um evento determinado se contrapõe a outro, servindo-lhe como marco temporal, em uma nítida relação que traduz e determina o tempo verbal que deve ser empregado. Vamos às situações possíveis: 1. Quando o marco temporal estiver no passado, os fatos podem ser contemporâneos, anteriores ou posteriores a ele.

Exemplos:

- **No dia em que cheguei de viagem, o funcionário TRABALHOU muito.**
- **No dia em que cheguei de viagem, o funcionário TRABALHAVA muito.**
- **No dia em que cheguei de viagem, o funcionário TRABALHARA muito.**
- **No dia em que cheguei de viagem, o funcionário disse que TRABALHARIA muito.**

Compare, novamente, as hipóteses, examinando outras orações, à luz do marco temporal *pretérito*:

• Quando tomei o remédio, o médico AGUARDOU os efeitos (contemporaneidade, em relação ao evento passado); • Quando tomei o remédio, o médico AGUARDAVA os efeitos (contemporaneidade, com ação que ainda perdurava em relação ao evento no pretérito); • Quando tomei o remédio, o médico AGUARDARA (ou TINHA / HAVIA AGUARDADO) os efeitos (ação pretérita à ação pretérita); • Quando tomei o remédio, o médico disse que AGUARDARIA os efeitos (ação futura em relação a evento pretérito).

Explicando:

1.1. Quando o evento narrado for concomitante ao marco temporal passado, pode haver a utilização de dois tempos verbais – o *pretérito perfeito* e o *pretérito imperfeito*: 1.1.1. Pretérito Perfeito[313]: este tempo é válido para delimitar a duração do fato, em um espaço de tempo definido. Exemplo: • No dia em que cheguei de viagem, o funcionário

TRABALHOU muito.

Observe que o tempo verbal *trabalhou* delimita que a ação teve início e término no mesmo momento do marco temporal (*no dia em que cheguei de viagem*).

1.1.2. Pretérito Imperfeito: este tempo é válido para demonstrar que o evento ainda ocorria, quando se deu a ação do marco temporal passado. Exemplo: • No dia em que cheguei de viagem, o funcionário TRABALHAVA muito.

Note que a ação delimitada pela forma verbal *cheguei* refere-se ao passado, enquanto o verbo *trabalhar* (pretérito imperfeito – "trabalhava") indica que a ação se protraía no tempo, desenrolando-se no momento do marco temporal – é a contemporaneidade do ato de "trabalhar" em relação ao ato de "chegar".

1.2. Quando o evento narrado for anterior ao marco temporal passado, usamos o pretérito mais-que-perfeito. Exemplo: • No dia em que cheguei de viagem, o funcionário TRABALHARA muito.

O tempo verbal *pretérito mais-que-perfeito* 314 indica que, no momento da referência temporal (a chegada da viagem), a ação do verbo conjugado (trabalhar) já havia ocorrido completamente (o ato de "trabalhar" é anterior ao de "chegar").

1.3. Quando o evento narrado é posterior ao marco temporal passado, usamos o futuro do pretérito. Exemplo: • No dia em que cheguei de viagem, o funcionário disse que TRABALHARIA muito.

O tempo verbal *futuro do pretérito* indica que, no momento da referência temporal (a chegada da viagem), a ação do verbo conjugado (trabalhar) ainda estava por acontecer, isto é, tratava-se de evento futuro. É importante ressaltar que o futuro do pretérito, além de delimitar ação futura em relação a um evento no passado, pode também ser utilizado com outras funções, indicando: a) Hipótese irreal:

- *Se a vaca tossisse, TERÍAMOS êxito na demanda.*
- *Se o Promotor sentenciasse, PODERÍAMOS ter outro resultado.*

b) Aproximação ou imprecisão:

- *Naquela fase da vida, o jovem TERIA seus vintes anos de trabalho.*

c) Suposição:

- *Naquela ocasião, já TERIA tomado as providências.*

d) Suavização para indagação ou desejo:

- *PODERIA chamar o funcionário agora?*
- *Eu GOSTARIA de lhe dizer que não virei à reunião.*

e) Declaração, em relação a outros verbos no passado: • Garantiu que não TOMARIA medicamento sem receita médica.

- *Deliberou que não VIRIA sem mim à audiência.*

2. Quando o marco temporal for futuro, os eventos também podem ser contemporâneos, anteriores ou posteriores a ele.

Exemplos:

- **Quando a parte se manifestar, eu já HAVEREI CUMPRIDO o despacho do Juiz.**

- **Quando a parte se manifestar, eu ESTAREI CUMPRINDO o despacho do Juiz.**
- **Após a parte se manifestar, eu CUMPRIREI o despacho do Juiz.**

Compare, novamente, as hipóteses, examinando-as à luz do marco temporal *futuro*:

FRASE 1: Se o advogado alegar o fato, nós já HAVEREMOS TOMADO as cautelas necessárias (a ação narrada, relativa à "tomada das cautelas", é anterior à ação futura – a "alegação dos fatos").

FRASE 2: Se o advogado alegar o fato, nós ESTAREMOS TOMANDO as cautelas necessárias (a ação narrada, relativa à "tomada das cautelas", é futura e concomitante à ação, igualmente futura – a "alegação dos fatos").

FRASE 3: Depois de o advogado alegar o fato, nós TOMAREMOS as cautelas necessárias (a ação narrada, relativa à "tomada das cautelas", é futura e não concomitante à ação futura – a "alegação dos fatos").

Nas frases acima, temos o tempo da fala (I), o tempo futuro (II) e o futuro ao tempo futuro (III). Observe a representação abaixo: I – Hoje: tempo da fala.

II – Tempo para o advogado alegar o fato: tempo futuro.

III – Tempo para tomar providências: futuro "do futuro".

Detalhando:

FRASE 1: Se o advogado alegar o fato, nós já HAVEREMOS TOMADO as cautelas necessárias.

Quando a ação narrada for ANTERIOR a uma ação futura, faz-se mister utilizar o tempo "futuro do presente composto" (*futuro anterior*), constituído da seguinte formação composta:

FUTURO (VERBO AUXILIAR) + PARTICÍPIO (VERBO A CONJUGAR)

Exemplo:

- *Quando a parte se manifestar, eu já HAVEREI CUMPRIDO o despacho do Juiz.*

Evidencia-se, claramente, que o ato de "cumprir o despacho" é posterior ao ato da fala, mas, ainda assim, anterior a outro ato que funciona como marco temporal (a "manifestação da parte").

Quanto à FRASE 1 – *Se o advogado alegar o fato, nós já HAVEREMOS TOMADO as cautelas necessárias* –, evidencia-se que a ação narrada, relativa à "tomada das cautelas", é anterior à ação futura – a "alegação dos fatos".

Passemos à Frase 2:

FRASE 2: Se o advogado alegar o fato, nós ESTAREMOS TOMANDO as cautelas necessárias.

Quando a ação narrada for FUTURA E CONCOMITANTE à outra ação (também futura), é necessário fazer a seguinte construção:

FUTURO DO PRESENTE (VERBO ESTAR) + GERÚNDIO (VERBO A CONJUGAR)

Exemplo:

- *Quando a parte se manifestar, eu ESTAREI CUMPRINDO o despacho do Juiz.*

Trata-se da figura do "gerundismo", que será detalhado em item posterior, neste Capítulo.

Quanto à FRASE 2 – *Se o advogado alegar o fato, nós ESTAREMOS TOMANDO as cautelas necessárias* –, evidencia-se que a ação narrada, relativa à "tomada das cautelas", é futura e concomitante à ação, igualmente futura – a "alegação dos fatos".

Finalizemos com a Frase 3:

FRASE 3: Depois de o advogado alegar o fato, nós TOMAREMOS as cautelas necessárias.

Quando a ação narrada é POSTERIOR ao marco temporal futuro, pode-se utilizar a seguinte construção:

VERBO A CONJUGAR (FUTURO DO PRESENTE)

Exemplos:

- *Depois de ouvir as testemunhas, o juiz PROCEDERÁ ao julgamento da causa.*

• *Após a prolação da decisão, o advogado REQUERERÁ o diferimento do prazo.*

Os advérbios "depois" e "após" são termos designativos da ação futura, permitindo a inserção de uma nova ação ("proceder ao julgamento" e "requerer o diferimento"), a qual, por sua vez, será futura a uma ação já futura ("ouvir testemunhas" e "prolatar decisão"), em relação ao ato da fala.

Quanto à FRASE 3 – *Depois de o advogado alegar o fato, nós TOMAREMOS as cautelas necessárias* –, evidencia-se que a ação narrada, relativa à "tomada das cautelas", é futura e não concomitante à ação futura – a "alegação dos fatos".

O Gerúndio e o Gerundismo

O gerúndio é uma forma verbal conhecida como *forma nominal do verbo*, juntamente com o *infinitivo* e o *particípio*. Ela pode e deve ser usada para expressar uma ação em curso ou uma ação simultânea à outra, ou para exprimir a ideia de progressão indefinida. Combinado com os auxiliares *estar, andar, ir, vir*, o gerúndio marca uma *ação durativa*, com aspectos diferenciados: 1. O verbo *estar*, seguido de gerúndio, indica uma ação durativa, num momento rigoroso: • Estavam todos REPOUSANDO.

2. O verbo *andar*, seguido de gerúndio, indica uma ação durativa, em que predomina a ideia de intensidade ou de movimentos reiterados: • Ricardo ANDAVA ACORDANDO sem ânimo.

• *ANDEI PROCURANDO uma solução para o caso.*

3. O verbo *ir*, seguido de gerúndio, expressa uma ação durativa, que se realiza progressivamente ou por etapas sucessivas: • Dias de sorte VÊM SURGINDO no último mês.

• *VÃO-SE SURGINDO as situações uma a uma, a cada contrato assinado.*

4. O verbo *vir*, seguido de gerúndio, expressa uma ação durativa, que se desenvolve gradualmente em direção à época ou ao lugar em que nos encontramos: • O Tribunal não compreende como a arguição VEM SENDO suscitada no dia a dia.

• *A Gramática não explica como tal expressão VEM SENDO usada pelos falantes.*

O gerundismo é fenônemo linguístico recente no Brasil, traduzindo-se em inadequada maneira de falar e de escrever, em razão da má influência do idioma *inglês* na língua portuguesa. O gerundismo também é conhecido por *endorreia* – "é assim que os puristas chamam ao abuso do gerúndio e ao seu uso pouco vernáculo", consoante os dizeres de Rodrigues Lapa (1959: 177).

É possível afirmar que, topograficamente, o foco de propagação da curiosa "praga" se deu nos ambientes de *telemarketing*. No afã de traduzir expressões como "I am going to do something" [literalmente: Estou indo fazer algo] ou, ainda, "We will be sending you the catalog soon" [com o sentido de "Nós estaremos lhe enviando o catálogo em breve"] e, por fim, "We'll be sending it tomorrow" [com o significado de "Nós vamos estar mandando isso amanhã"], passou-se a conviver com esse abuso de forma com forte vocação à proliferação. Diga-se, em tempo, que, enquanto os falantes do inglês empregam corretamente o "we'll be sending it tomorrow", a adaptação servil feita pelo português soa esquisita: "nós vamos estar mandando isso amanhã".

Sabe-se que, pouco a pouco, a perigosa forma gerundial deixou o ambiente dos atendentes de *telemarketing* e se alastrou de modo incontido, alcançando o cotidiano dos escritórios, das reuniões, das conferências *etc.*

Tal aproximação mecânica da construção inglesa também pode ser percebida em livros. Em *O Código Da Vinci*, polêmico romance de Dan Brown, é possível encontrar alguns exemplos: • "Vou estar aterrissando antes de o sol nascer".

• "É melhor estarem me dizendo a verdade".

Observe alguns condenáveis exemplos de gerundismo:

1. "Espero que você possa estar recortando a fotografia".
2. "Acreditamos que você possa estar deixando o envelope na casa".
3. "É possível que ela pode estar espalhando a notícia".
4. "Eu vou estar passando por fax o documento".
5. "Ela vai estar mandando pelo correio o memorando".
6. "Nós vamos estar enviando pela Internet o relatório".
7. "Eu vou estar transferindo a sua ligação".
8. "Você pode estar respondendo a duas ou a três perguntas?".
9. "Eu vou estar confirmando os dados".
10. "Você vai estar sendo debitada em conta-corrente".

E, ainda, mais um exemplo curioso:

- "O importante é estar prometendo que a pessoa indicada vá estar adquirindo esta mercadoria, de modo que ela possa estar comprando e, quem sabe, consiga até mesmo estar se dando conta da maneira como as coisas ocorrem na empresa, a fim de que possa estar falando bem de nosso método de trabalho".

Enxugando o texto:

- O importante é prometer que a pessoa indicada vá adquirir esta mercadoria, de modo que ela possa comprar e, quem sabe, consiga até mesmo se dar conta da maneira como as coisas ocorrem na empresa, a fim de que possa falar bem de nosso método de trabalho.

Curiosamente, o assunto foi solicitado em interessante questão de vestibular da UFMG, na Prova de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, em 2002. Tratava-se de um texto de Elio Gaspari [315] sobre a figura do *gerundismo*, posto à discussão perante o vestibulando, cujo teor era o seguinte:

"Este artigo foi feito especialmente para que você possa estar recortando, estar imprimindo e estar fazendo diversas cópias, para estar deixando discretamente sobre a mesa de alguém que não consiga estar falando sem estar espalhando essa praga terrível da comunicação moderna, o gerundismo. (...) Mais do que estar repreendendo ou estar caçoando, o objetivo deste movimento é estar fazendo com que esteja caindo a ficha das pessoas que costumam estar falando desse jeito sem estar percebendo. Nós temos que estar nos

unindo para estar mostrando a nossos interlocutores que, sim!, pode estar existindo uma maneira de estar aprendendo a estar parando de estar falando desse jeito. (...) A única solução vai estar sendo submeter o gerundismo à mesma campanha de desmoralização à qual precisaram estar sendo expostos seus coleguinhas contagiosos como o ´a nível de´, o ´enquanto´, o ´pra se ter uma ideia´ e outros menos votados. A nível de linguagem, enquanto falante da língua, o que você acha de tá insistindo em tá falando desse jeito?".

Em hilariante passagem, satirizando com o humor que lhe é peculiar, o cronista Ricardo Freire [316] comenta:

"Nós temos que estar nos unindo para estar mostrando a nossos interlocutores que, sim, pode estar existindo uma maneira de estar aprendendo a estar parando de estar falando desse jeito. Até porque, caso contrário, todos nós vamos estar sendo obrigados a estar emigrando para algum lugar onde não vão estar nos obrigando a estar ouvindo frases assim o dia inteirinho. Sinceramente: nossa paciência está ficando a ponto de estar estourando".

E prossegue o autor:

> "E só existe uma forma de descontaminar um gerundista crônico: corrigindo o coitado. Na chincha. Com educação, claro. Por incrível que pareça, ninguém usa o gerundismo para irritar. Quando a teleatendente diz 'O senhor pode estar aguardando na linha, que eu vou estar transferindo a sua ligação', ela pensa que está falando bonito. Por sinal, ela não entende por que 'eu vou estar transferindo' é errado e 'ela está falando bonito' é certo. O que só aumenta a nossa responsabilidade como vigilantes e educadores. (...)".

De qualquer modo, é vital distinguir o bom do mau emprego gerundial. Condenar o *gerundismo*, sem análise detida, não é recomendável. Segundo Rodrigues Lapa (1959: 178), "o problema consiste em saber se de fato o uso do gerúndio traz vantagem estilística sobre os outros processos".

Casos há em que se necessita transmitir a ideia de movimento, de progressão, duração, continuidade – portanto, recomendar-se-á seu uso. Todavia, abusivo será o gerundismo e, portanto, condenável, se a ação em comento se individualizar no tempo, sem necessidade de se protrair. Nesse caso, é necessário evitá-lo, fazendo a troca da locução verbal [estar + gerúndio] por um simples infinitivo [flexionado ou não], desde que não se trate efetivamente de uma ação durativa. Observemos:

Gerundismo aceitável (a ação é durativa):

- *Os pagamentos das promissórias estarão ocorrendo nos dias 2 e 3 do referido mês.*
- *Não será possível vê-la nesses dias, pois vou estar viajando pelo Nordeste.*
- *Em outros artigos ela estará dando maior atenção a cada um desses assuntos.*
- *A jovem deve estar fazendo os exercícios agora.*

Gerundismo inaceitável (a ação não é durativa):

1. Vou aproveitar o 13º para estar pagando tudo [Trocar por: "... pagar tudo"].
2. À tarde, temos que estar discutindo a proposta do plano [Trocar por: "... discutir a proposta"].
3. As análises servem para estarmos aprofundando os estudos [Trocar por: "... aprofundarmos os estudos"].
4. Eles vão estar efetuando a cobrança em maio [Trocar por: "... efetuar a cobrança" / ... "efetuarão a cobrança"].

A Colocação Pronominal e a Conjugação dos Verbos

I. A ÊNCLISE

Se os pronomes o, a, os, as, me, te, se, nos, vos, lhe, lhes encontrarem-se *pospostos* à forma verbal, teremos a *ênclise*. Passemos a detalhar as situações possíveis:

1. Os pronomes conservam suas formas, unindo-se aos verbos por hífen, caso a forma verbal termine em vogal ou em ditongo oral. Exemplos:

- *Você compra o caderno – Você compra-o.*
- *Ele vende o livro – Ele vende-o.*
- *Faça a tarefa hoje – Faça-a hoje.*
- *Mande as flores ao jovem – Mande-as ao jovem.*
- *Evite a ressaca sempre – Evite-a sempre.*
- *Possuí motos na juventude – Possuí-as na juventude.*
- *Construí pontes como engenheiro – Construí-as como engenheiro.*

2. Caso a forma verbal termine em vogal + r, teremos alterações importantes em sua formação. Vamos assimilar os "passos":

1º Passo: suprime-se o **-r**.

2º Passo: o pronome que se seguir, seja **o**, **a**, **os**, **as**, toma a letra **-l**, criando-se **lo**, **la**, **los**, **las**, respectivamente.

3º Passo: acentua-se a forma verbal de acordo com as regras convencionais de acentuação.

Exemplo:

- *Você deve comprar o caderno – Você deve comprá-lo.*

  Analisando: o verbo *comprar* perde o -r, surgindo a forma verbal "compra" – uma oxítona terminada em -a, portanto, acentuada, obrigatoriamente. Logo, a forma correta é "comprá", com acento agudo, à qual se unirá a forma pronominal -lo, substitutiva do objeto direto (*o caderno*).

Observe outros exemplos:

- *Ele passará a vender o livro – Ele passará a vendê-lo.*
- *Todo genro deve mandar flores à sogra – Todo genro deve mandá-las à sogra.*
- *Evitar a ressaca é sagacidade – Evitá-la é sagacidade.*
- *Possuir motos é prazer indizível – Possuí-las é prazer indizível.*

Assim, memorize, quanto à acentuação:

Se a **última vogal do verbo**, após suprimir-se o **-r**, for:

- **A**, leva o acento agudo: AMAR – amá-lo, amá-la, amá-los, amá-las.
- **E** ou **O**, leva o acento circunflexo: VENDER – vendê-lo, vendê-la, vendê-los, vendê-las; PÔR: pô-lo, pô-la, pô-los, pô-las.

- **I**, não leva acento gráfico: ABRIR: abri-lo, abri-la, abri-los, abri-las.

3. Caso a forma verbal termine em grupo vocálico [-ai/-ui] + -r:

1º Passo: suprime-se o **-r**.

2º Passo: o pronome que se seguir, seja **o**, **a**, **os**, **as**, toma a letra **-l**, criando-se **lo**, **la**, **los**, **las**, respectivamente.

3º Passo: O **i** do grupo vocálico **-ai** ou **-ui** leva acento agudo.

Exemplo:

- *Você deve possuir os documentos – Você deve possuí-los.*

  Analisando: o verbo *possuir* perde o -r, surgindo a forma verbal "possuí", com separação silábica "pos-su-í". Segundo a boa acentuação, trata-se de um hiato, com acento agudo obrigatório no -í, a cuja forma se unirá o pronome -los, substitutivo do objeto direto (*os documentos*).

4. Caso a forma verbal termine em -s ou em -z:

1º Passo: suprimem-se essas consoantes.

2º Passo: o pronome que se seguir, seja **o**, **a**, **os**, **as**, toma a letra **-l**, criando-se **lo**, **la**, **los**, **las**, respectivamente.

3º Passo: acentua-se a forma verbal de acordo com as regras convencionais de acentuação.

Exemplo:

- *Ele fez as análises – Ele fê-las.*

  Analisando: *fez* perde a consoante -z, surgindo a forma verbal "fe" – um monossílabo tônico com terminação em -e, portanto, acentuado, obrigatoriamente. Logo, a forma correta é *fê*, com acento circunflexo, à qual se unirá a forma pronominal -las, substitutiva do objeto direto (*as análises*).

Observe outros exemplos:

- *A criança traz as pastas – A criança trá-las.*
- *O jovem faz as oferendas – O jovem fá-las.*

Assim, memorize, quanto à acentuação:

Se a **última vogal** – sendo tônica e precedendo o -s ou o -z (quer tome acento gráfico ou não) – for:

- **A**, leva acento agudo: dás – dá-lo; faz – fá-lo; traz – trá-lo.

- **E**, leva acento circunflexo: fez – fê-lo.
- **I** ou **U**, não leva acento gráfico: diz – di-lo; pus – pu-lo; traduz – tradu-lo.

Observação: se a última vogal que precede o -s é átona não toma acento gráfico. Exemplos:

- Tu compras – Tu compra-lo.
- Tu vendes – Tu vende-lo.
- Nós pusemos – Nós pusemo-lo.

É importante registrar que, com relação ao verbo **pôr** e seus derivados, a terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo (pôs, compôs, repôs, dispôs etc.) conserva o acento circunflexo, quando seguida dos pronomes **o, a, os, as**. Exemplos: pô-lo, repô-lo, compô-la, dispô-las, predispô-la, indispô-la.

5. Caso a forma verbal termine em -m ou em ditongo nasal:

1º Passo: não sofre modificação.

2º Passo: os pronomes **o**, **a**, **os**, **as** recebem um "n" eufônico e são unidos ao verbo por um hífen. Exemplos: **deram – deram-no; põe – põe-no.**

II. A PRÓCLISE

Se os pronomes o, a, os, as, me, te, se, nos, vos, lhe, lhes encontrarem-se *antepostos* à forma verbal, teremos a *próclise*. Observemos o quadro abaixo, o qual registra as situações possíveis:

CASOS DE PRÓCLISE OBRIGATÓRIA	
a) Quando aparecem certas partículas atrativas, tais como:	
a.1) Palavras negativas:	**a.4) Pronomes interrogativos:**
• Não me perturbe.	• Quem os interpelou?
• Jamais o condene.	**a.5) Pronomes demonstrativos:**
• Nunca o chame assim.	• Isso o deixa furioso.
• Isso não o interessa.	• Aquele o chama toda vez que este o repudia.
a.2) Pronomes relativos:	**a.6) Conjunções subordinativas:**
• A razão que lhe expus é a mesma de ontem.	• Se o vir hoje, informe-o disso.

• O homem que a ajudou é meu cunhado. **a.3) Pronomes indefinidos:** • Alguém a notou aqui? • Ninguém me perguntará nada?	• Se a encontrar, mande-lhe lembranças. **a.7) Advérbios:** • Sempre os vejo juntos. • Diariamente me ofendem.
b) Em frases exclamativas: • Como os atrapalham! **c) Em frases optativas (que exprimem desejo):** • Deus vos ajude. • Deus lhe pague a ajuda. **d) Quando unidos às seguintes formas verbais:** **d.1) Gerúndio, precedido da preposição "em":** • Em o vendo chorar, arrependi-me do que lhe dissera.	• Em o percebendo chegar, tome as providências. **d.2) Infinitivo pessoal, precedido de preposição:** • Proponho isso por o desejar muito. • Espero que prove o doce para o oferecer.

III. A MESÓCLISE

No *futuro do presente* e no *futuro do pretérito*, no modo indicativo, os pronomes o, a, os, as, me, te, se, nos, vos, lhe, lhes não podem vir "depois" da forma verbal, mas sim no "meio" dela. Temos, então, a *mesóclise*. Nesse caso, observam-se as seguintes regras para a sua construção:

1º Passo: suprime-se o **-r** que precede a desinência.

2º Passo: adiciona-se a letra **-l** ao pronome, o qual unimos ao verbo por um hífen e, finalmente, à desinência, também por hífen.

3º Passo: acentua-se a vogal que precede o **-r** suprimido (1º Passo), nas hipóteses abaixo mencionadas:

• Se a referida vogal for **A**, deve-se pôr acento agudo. Exemplos:

Comprarei (ele) – comprá-lo-ei

Compraria (ele) – comprá-lo-ia

Cantarei (ela) – cantá-la-ei

Cantaria (ela) – cantá-la-ia

Anunciaria (ela) – anunciá-la-ia

Vivenciarei (eles) – vivenciá-los-ei

• Se a referida vogal for **E** ou **O**, deve-se pôr acento circunflexo. Exemplos:

Terei (ele) – tê-lo-ei

Teria (ele) – tê-lo-ia

Porá (ele) – pô-lo-á

Poria (ele) – pô-lo-ia

• Se a referida vogal for **I**, não se deve pôr acento gráfico. Exemplos:

Abrirei (ele) – abri-lo-ei

Abriria (ele) – abri-lo-ia

Cumprirei (elas) – cumpri-las-ei

Portanto, à luz da mesóclise, os pronomes oblíquos átonos (me, te, se, lhe, nos, vos, o, a) não devem ser colocados depois do verbo, nos tempos *futuro do presente* e *futuro do pretérito*. Dependendo do caso, podem até ser antepostos ao verbo, porém jamais pospostos, na forma enclítica. Portanto:

- *Far-se-ia o trabalho* (e não "faria-se o trabalho").
- *Perdoar-se-á ao pecador* (e não "perdoará-se ao pecador").
- *A empresa conceder-lhe-á novo prazo* (e não "concederá-lhe…").
- *A libido desenfreada levá-lo-ia ao cometimento do estupro* (e não "…levaria-o…").
- *Banhar-me-ei na cachoeira, assim que chegar à fazenda* (e não "banharei-me …").
- *Anjos acolher-nos-ão no céu* (e não "acolherão-nos").

Aprecie, agora, os casos de antecipação correta do pronome, isto é, *próclise*, mesmo com o *futuro do presente* e *futuro do pretérito*. Atente para os termos atrativos do pronome:

- *Não lhe pedirei favores.*
- *Não se faria o projeto.*
- *Ninguém o levará daqui.*
- *Jamais a amaria como a amei, quando nos conhecemos.*

Por fim, frise-se que os elementos de vocábulos com hífen gozam de autonomia gráfica. Isso quer dizer que tais conjuntos verbais, ainda que pareçam proparoxítonos em análise geral, podem não o ser, devendo-se conceber a forma verbal "isoladamente", em face das regras de acentuação. Exemplos:

- Nós tínhamos os objetos – *Nós tínhamo-los* (com acento, proparoxítona).
- Nós compramos o bem – *Nós compramo-lo* (sem acento, paroxítona).
- Vós tínheis as ferramentas – *Vós tínhei-las* (com acento, paroxítona).

CURIOSIMACETES

1. O VERBO TRESANDAR: QUAL O SIGNIFICADO?

O verbo **tresandar** possui mais de um sentido: pode ter a acepção de "andar para trás, desandar". Exemplo:

- O time tresandou durante o campeonato, sendo rebaixado ao final.

Há, ainda, sentido diverso para o verbo em comento: "cheirar mal, exalar mau cheiro". Nessa acepção, é verbo intransitivo ou transitivo indireto. Exemplos:

- A rua, ao final da feira, tresandava a peixe.

- O campo de batalha tresandava – havia corpos por todo lado.

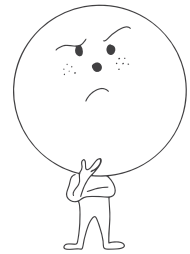

2. Avexar ou Vexar

Os dois verbos podem ser utilizados como sinônimos de "atormentar, molestar ou apoquentar". A pronúncia das formas verbais deve ser feita com o "ê" fechado, embora a enunciação frequente na fala nordestina se faça com o "é" aberto. Portanto, aprecie as frases:

- Não se avexe, homem, tudo vai melhorar!
- "Maus governantes vexam o povo" (Houaiss).
- "Esquece a sorte mesquinha que te vexa" 317.

3. POR QUE SE CHAMA "ENXADRISTA" AQUELE QUE JOGA XADREZ?

O vocábulo **xadrez**, oriundo do árabe, tem como forma arcaica enxadrez, vocábulo igualmente dicionarizado (VOLP). Portanto, o jogador de xadrez é enxadrista ou xadrezista. Tais palavras também encontram guarida no VOLP.

No sentido popular, o vocábulo xadrez pode significar "prisão ou cadeia", sendo comum a forma plural xadrezes.

Afora tal acepção, não se faz plural com o substantivo, sendo invariável. Exemplos: gravatas xadrez, camisas xadrez.

4. EXISTE DIFERENÇA ENTRE EXOTÉRICO (COM -X) E ESOTÉRICO (COM -S)?

Embora os termos venham do grego e se refiram aos ensinamentos filosóficos da antiguidade grega, sendo vocábulos homófonos, designam, com efeito, coisas opostas. José de Nicola e Ernani Terra (2000: 99) preconizam que esotérico refere-se aos ensinamentos dedicados, exclusivamente, aos discípulos já iniciados, o que confere a essas lições um caráter de doutrina secreta, restrita a um círculo fechado. Por extensão, o adjetivo **esotérico** (com -s) refere-se a "algo de difícil compreensão, hermético, secreto".

De outra banda, **exotérico** (com -x), apresentando, em sua formação, o prefixo ex-, pressupõe algo para fora. Portanto, refere-se aos "ensinamentos endereçados a público aberto, de forma irrestrita".

Posto isso, memorize: esotérico é adjetivo que designa "iniciático ou relativo à iniciação"; por sua vez, exotérico tem a acepção de "aberto a todos".

Por derradeiro, não confunda os vocábulos em estudo com **isotérico**, isto é, "de igual densidade".

5. COMO SE PRONUNCIA BELCHIOR?

O substantivo **belchior** tem o sentido de "negociante de objetos usados". É nome que, com o tempo, passou a designar todos os que compram e vendem roupas e trastes usados. A pronúncia é Belchior (com o **ch** de "CHInelo"). Isso mesmo! Talvez o espanto surja em razão de termos entre nossa música popular brasileira o conhecido cantor e compositor de nome Belchior, a que muitos dão a pronúncia de "Belkior".

A HORA DO ESPANTO

AS "PÉROLAS" DO PORTUGUÊS

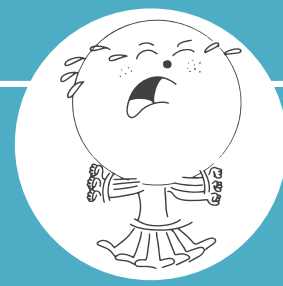

1. Passificação

Correção: o substantivo derivado do verbo pacificar é pacificação (com -c) – ato de apaziguar, tranquilizar ou restituir a paz. Aliás, para que a paz seja restituída... escrevamos "pacificação".

2. Exências humanas

Correção: é da essência humana o erro, porém "exência", com -x, é, no mínimo, "desumano"... .

QUESTÕES

1. (2015/VUNESP/PC-CE/Delegado de Polícia Civil de 1ª Classe)

Luiz Felipe Pondé afirma não _____ mais vovôs e vovós como antigamente, já que _____ cada vez mais _____ em copiar seus netos.

Assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, as lacunas, de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa.

(A) haver … encontra-se … empenhados

(B) haver … se encontram … empenhados

(C) haverem … se encontra … empenhado

(D) haverem … encontram-se … empenhados

(E) haver … encontra-se … empenhado

2. (2014/FCC/SABESP/Advogado) Nenhum fator isolado nessa coleção poderia tê-los derrubado tão severamente…

A transposição da frase acima para a voz passiva terá como resultado a forma verbal:

(A) poderiam ter vindo a derrubar.

(B) poderiam ter derrubado.

(C) poderia ter sido derrubado.

(D) poderiam ter sido derrubados.

(E) poderia terem sido derrubados.

3. (2014/FCC/TJ-AP/Técnico Judiciário) Quando visitou a Amazônia, Eliane Brum _____ com a índia Dorica, que, na ocasião, _____ à jornalista que as parteiras realizavam um trabalho que _____ paciência.

A alternativa que completa, correta e respectivamente, as lacunas da frase, preservando-se a correlação entre as formas verbais, é:

(A) conversava – revelando – exigiu

(B) tinha conversado – revelasse – exigira

(C) conversa – tinha revelado – teria exigido

(D) conversou – revelou – exigia

(E) conversara – revelaria – exigisse

4. (2014/FCC/TRT – 1ª Região/Analista Judiciário) Na frase "Dissesse alguém isso hoje, seria aplaudido por muitos, ao passo que uns poucos o condenariam com veemência", a correlação entre tempos e modos verbais continuará adequada caso se substituam as formas sublinhadas, na ordem dada, por

(A) Diria – será – condenem

(B) Diga – será – condenarão

(C) Diria – fosse – condenassem

(D) Diga – terá sido – condenem

(E) Teria dito – teria sido – condenassem

5. (2014/FCC/TRF – 4ª Região/Analista Judiciário – Área Judiciária) Ocorrem adequada transposição de voz verbal e perfeita correlação entre tempos e modos na seguinte passagem:

I. A vaidade, uma vez justificável, deixa de ser um vício abominável. = Se a justificarmos, a vaidade já não seria um vício abominável.

II. Ele toleraria a vaidade, desde que pudesse justificá-la. = A vaidade seria tolerada, desde que ela pudesse ser justificada por ele.

III. Ele não vê como poderia justificar a vaidade que eventualmente o assalta. = A vaidade não é vista justificada por ele, quando eventualmente é por ela assaltado.

Está correto o que consta APENAS em

(A) I e II.

(B) II e III.

(C) I.

(D) II.

(E) III.

6. (2014/FUNRIO/INSS/Analista) Assinale a alternativa que contém frase com desvio na flexão da forma verbal.

(A) Caso essa medida seja eficaz ou esteja de acordo com as normas, todos a aplaudiremos.

(B) Depois que sua irmã ver aquelas fotos, nunca mais nos perdoará.

(C) Eu não adiro ao programa enquanto nossos superiores não aderirem.

(D) Muitos esperavam que eu propusesse isso para você.

(E) Para que não bloqueemos o trânsito, vamos caminhar apenas pelas calçadas.

7. (2014/UFMT/MPE-MT/Promotor de Justiça) O sentimento religioso não mora no mundo das coisas que existem. Se Deus existisse, então o mundo seria um Paraíso… Deus mora no mundo das coisas que não existem, o mundo da saudade, da nostalgia. Os deuses que moram no mundo das coisas que existem não são deuses. São ídolos.

Sobre a linguagem do trecho, assinale a afirmativa correta.

(A) No trecho coisas que existem, existir pode ser substituído por haver, ficaria haviam.

(B) Em todas as ocorrências, o pronome que é relativo, funciona como elemento coesivo e retoma o sentido do mesmo antecedente.

(C) Em Se Deus existisse, existir pode ser substituído por haver, ficaria houvesse.

(D) No trecho Se Deus existisse, então o mundo seria um Paraíso…, a correlação correta entre as formas verbais é pretérito imperfeito do subjuntivo e futuro do presente do indicativo.

(E) Ideia de conformidade está presente no trecho Se Deus existisse, então o mundo seria um Paraíso…

8. (2014/FCC/TRT – 2ª Região/Analista Judiciário) Está plenamente adequada a correlação entre tempos e modos verbais em:

(A) Se alguém apelasse para a tal "questão de gosto", dificilmente nós, reputados polemistas, haveremos de concordar.

(B) Seria necessário que todos gostassem das fórmulas ditatoriais do gosto para que se impeça um debate calcado em princípios argumentativos.

(C) Caso um de nós a tome em sentido absoluto, a questão de gosto acabará por impedir que debatamos com alguma seriedade.

(D) Caso sejam levadas a sério, suas ponderações teriam soterrado as tais razões de gosto que alegassem os seus interlocutores.

(E) Somente nos restaria engolir em seco, se admitirmos que a tal da questão de gosto tivesse alguma relevância.

9. (2014/FUNRIO/INSS/Analista) A forma verbal que contém alomorfe de vogal temática é:

(A) eu ALIMENTO.

(B) (se) tu VIAJARES.

(C) ela ARRASOU.

(D) nós FINGIREMOS.

(E) (que) eles SUMAM.

10. (2014/FUNRIO/INSS/Analista) "Plínio dedicara-se aos estudos e certamente conseguiria a aprovação." Se substituirmos os verbos simples dessa frase por seus equivalentes compostos, a reescritura será:

(A) Plínio estava a dedicar-se aos estudos e certamente teria de conseguir a aprovação.

(B) Plínio estava se dedicando aos estudos e certamente iria conseguir a aprovação.

(C) Plínio havia se dedicado aos estudos e certamente teria conseguido a aprovação.

(D) Plínio tinha se dedicado aos estudos e certamente poderia conseguir a aprovação.

(E) Plínio vinha se dedicando aos estudos e certamente havia de conseguir a aprovação.

11. (2016/MPE-SC/Promotor de Justiça) Leia o texto abaixo e resolva as 2 (duas) questões seguintes.

"As emoções não são um privilégio humano. Os bichos também sentem tristeza, alegria, raiva, amor. Para compreender ainda mais o comportamento deles, os zoólogos tentam decifrar esses estados emocionais, estudando as suas expressões corporais.

Os elefantes são considerados excelentes modelos para o estudo dos sentimentos animais, pois parecem estar sempre com a emoção à flor da pele. Quando um deles morre, os outros fazem verdadeiros rituais fúnebres, formando um círculo em torno do cadáver, sobre o qual depositam folhas e galhos, enquanto choram copiosamente."

(Disponível em: <http:/super.abril.com.br/ciência/sentimento-animal>.)

Em "estudando as suas expressões corporais" e "formando um círculo em torno do cadáver" o gerúndio foi empregado com obediência às regras gramaticais.

( ) Certo ( ) Errado

12. (2016/MPE-SC/Promotor de Justiça) É correto afirmar que o mesmo ocorre no uso dessa forma nominal do verbo, em frases como "Estaremos estudando como melhor atendê-lo" e "Vou estar pesquisando o assunto em pauta".

( ) Certo ( ) Errado

13. (2016/MPE-SC/Promotor de Justiça) Transformando em voz passiva a frase "No julgamento de ações civis, o juiz examina detalhadamente as questões apresentadas", obtém-se a forma verbal "são examinadas".

( ) Certo ( ) Errado

14. (2016/MPE-SC/Promotor de Justiça) Observe as frases abaixo.

(A) Vossa Senhoria deseja que lhe indiquemos seu novo escritório?

(B) Vossa Senhoria desejais que vos indiquemos vosso novo escritório?

Ambas estão gramaticalmente corretas.

( ) Certo ( ) Errado

15. (2016/MPE-SC/Promotor de Justiça) "Desde as primeiras viagens ao Atlântico Sul, os navegadores europeus reconheceram a importância dos portos de São Francisco, Ilha de Santa Catarina e Laguna, para as 'estações da aguada' de suas embarcações. À época, os navios eram impulsionados a vela, com pequeno calado e autonomia de navegação limitada. Assim, esses portos eram de grande importância, especialmente para os navegadores que se dirigiam para o Rio da Prata ou para o Pacífico, através do Estreito de Magalhães."

(Adaptado de SANTOS, Sílvio Coelho dos. *Nova História de Santa Catarina*. Florianópolis: edição do Autor, 1977, p. 43.)

Em "os navegadores europeus reconheceram" a forma verbal encontra-se no pretérito perfeito do indicativo, tempo que indica ação ocorrida e concluída em determinado momento do passado.

( ) Certo ( ) Errado

16. (2016/MPE-SC/Promotor de Justiça/Questão adaptada) Os verbos de estado indicam: estado permanente, estado transitório, mudança de estado, aparência de estado e continuidade de estado. A frase que mostra um verbo de estado com valor de mudança de estado é:

(A) "áreas que antes eram baratas e de fácil acesso";

(B) "tornam-se mais caras";

(C) "habitantes que sofrem com esse processo são trabalhadores com baixos salários";

(D) "Além disso, à medida que as cidades crescem";

(E) "a grande maioria da população pobre busque por moradias em regiões ainda mais distantes".

17. (2016/FCC/TRF – 3ª Região/Analista Judiciário)

Estava mal chegando a São Paulo, quando um repórter me provocou: "Mas como, Chico, mais um samba? Você não acha que isso já está superado?" Não tive tempo de me defender ou de atacar os outros, coisa que anda muito em voga. Já era hora de enfrentar o dragão, como diz o Tom, enfrentar as luzes, os cartazes, e a plateia, onde distingui um caro colega regendo um coro pra frente, de franca oposição. Fiquei um pouco desconcertado pela atitude do meu amigo, um homem sabidamente isento de preconceitos. Foi-se o tempo em que ele me censurava amargamente, numa roda revolucionária, pelo meu desinteresse em participar de uma passeata cívica contra a guitarra elétrica. Nunca tive nada contra esse instrumento,

como nada tenho contra o tamborim. O importante é Mutantes e Martinho da Vila no mesmo palco.

Mas, como eu ia dizendo, estava voltando da Europa e de sua música estereotipada, onde samba, toada *etc.* são ritmos virgens para seus melhores músicos, indecifráveis para seus cérebros eletrônicos. "Só tenho uma opção, confessou-me um italiano – sangue novo ou a antimúsica. Veja, os Beatles, foram à Índia..." Donde se conclui como precipitada a opinião, entre nós, de que estaria morto o nosso ritmo, o lirismo e a malícia, a malemolência. É certo que se deve romper com as estruturas. Mas a música brasileira, ao contrário de outras artes, já traz dentro de si os elementos de renovação. Não se trata de defender a tradição, família ou propriedade de ninguém. Mas foi com o samba que João Gilberto rompeu as estruturas da nossa canção. E se o rompimento não foi universal, culpa é do brasileiro, que não tem vocação pra exportar coisa alguma.

Quanto a festival, acho justo que estejam todos ansiosos por um primeiro prêmio. Mas não é bom usar de qualquer recurso, nem se deve correr com estrondo atrás do sucesso, senão ele se assusta e foge logo. E não precisa dar muito tempo para se perceber "que nem toda loucura é genial, como nem toda lucidez é velha".

(Adaptado de: HOLANDA, Chico Buarque de, apud Adélia B. de Menezes, *Desenho Mágico*: poesia e política em Chico Buarque, São Paulo, Ateliê, 2002, p. 28-29.)

O verbo que pode ser indiferentemente flexionado no singular ou no plural encontra-se em:

(A) ... enfrentar as luzes, os cartazes, e a plateia... (1° parágrafo)

(B) Mas a música brasileira, ao contrário de outras artes, já traz dentro de si os elementos de renovação. (2° parágrafo)

(C) Veja, os Beatles, foram à Índia... (2° parágrafo)

(D) O importante é Mutantes e Martinho da Vila no mesmo palco. (1º parágrafo)

(E) ... onde samba, toada *etc.* são ritmos virgens para seus melhores músicos... (2º parágrafo)

18. (2016/VUNESP/IPSMI/Procurador) Assinale a alternativa em que a colocação pronominal e a conjugação dos verbos estão de acordo com a norma-padrão.

(A) Eles se disporão a colaborar comigo, se verem que não prejudicarei-os nos negócios.

(B) Propusemo-nos ajudá-lo, desde que se mantivesse calado.

(C) Tendo avisado-as do perigo que corriam, esperava que elas se contessem ao dirigir na estrada.

(D) Todos ali se predisporam a ajudar-nos, para que nos sentíssemos à vontade.

(E) Os que nunca enganaram-se são poucos, mas gostam de que se alardeiem seus méritos.

19. (2016/FGV/Prefeitura de Cuiabá – MT/Auditor Fiscal Tributário da Receita Municipal) "É disso que trata a educação: <u>formar indivíduos engajados</u>".

Colocando o segmento sublinhado na forma nominal, tem-se:

(A) "indivíduos engajados se formarem".

(B) "formarem-se indivíduos engajados".

(C) "o engajamento e formação de indivíduos".

(D) "que se formem indivíduos engajados".

(E) "a formação de indivíduos engajados".

20. (2016/UFMT/TJ-MT/Técnico Judiciário) Assinale o trecho que apresenta correlação entre os tempos e os modos verbais de acordo com a escrita padrão.

(A) Você quer que eu faço isso para você?

(B) Eu queria que ele me dava uma carona para o trabalho.

(C) Se eu fosse você, tinha vergonha de falar desse jeito.

(D) Ele não irá ao concerto caso esteja muito doente.

21. (2016/FCC/TRT – 14ª Região (RO e AC)/Analista Judiciário) Atente para as seguintes construções:

I. Haveria ainda mais hipocrisia, nas relações entre o homem e a mulher americanos, caso não venham a se organizar os atuais protestos contra o assédio sexual.

II. Não fossem as iniciativas das mulheres americanas, que não hesitam em processar os desrespeitadores machistas, não se demoveriam práticas detestáveis de discriminação e desrespeito.

III. Havendo ameaça de um processo, é natural que os homens americanos passem a acautelar-se quanto às atitudes que venham a tomar em suas relações com as mulheres.

A correlação entre tempos e modos verbais está plenamente respeitada APENAS em

(A) I.

(B) II.

(C) III.

(D) I e II.

(E) II e III.

22. (2016/FCC/TRT – 14ª Região/Analista Judiciário) A transposição de uma frase na voz ativa para sua exata correspondente na voz passiva ocorre em:

(A) As mulheres passaram a reagir contra a prática do assédio sexual = A prática do assédio sexual passou a ser objeto de reação das mulheres.

(B) A reação das mulheres traduz a intensidade de sua revolta = A reação das mulheres será traduzida pela intensidade de sua revolta.

(C) São históricos os preconceitos que vêm vitimando as mulheres = As mulheres teriam sido vitimadas por preconceitos históricos.

(D) Os machistas vêm seduzindo as mulheres com a complacência da sociedade = As mulheres vêm sendo seduzidas pelos machistas com a complacência da sociedade.

(E) Promessas e chantagens empregam os machistas em seu processo de sedução = Os machistas têm empregado promessas e chantagens em seu processo de sedução.

23. (2016/FCC/TRT – 14ª Região/Analista Judiciário) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se em uma forma do plural para preencher corretamente a lacuna da frase:

(A) Nem se …… (pensar) em dar ouvidos às pessoas que não acreditam no poder da arte de contar histórias.

(B) Aos meninos do bairro …… (parecer) melhor ouvir histórias do que se entreter com jogos eletrônicos.

(C) Das histórias que ouviram nada os …… (encantar) mais do que as inflexões do narrador.

(D) É improvável que nos anos futuros …… (deixar) de haver gratas recordações dessas histórias que ouvimos.

(E) Para a maioria dos alunos ainda se …… (conservar) os momentos mágicos daquela antiga sessão.

24. (2016/VUNESP/MPE-SP/Analista de promotoria) Para responder a questão, considere a seguinte passagem:

Mesmo quando envelhece, e não tem como ser trocado, ele se mantém atualizável e altamente customizado.

Assinale a alternativa em que o verbo está corretamente conjugado, seguindo o padrão de conjugação de "manter".

(A) Chegaria a conclusões mais acertadas, caso se detesse a examinar os dados com o cuidado necessário.

(B) Para que se abstessem de votar, seria necessário que os convencessem com bons argumentos.

(C) Acusam-nas de desonestas, porque reteram informações que teriam de ter disponibilizado.

(D) Pediu que nos contivéssemos diante das provocações, pois elas poderiam nos desestabilizar.

(E) Em vez de atender aos clientes, alguns dos rapazes se entretiam com o celular, trocando mensagens.

25. (2016/FGV/MPE-RJ/Técnico do Ministério Público)

O futuro da medicina

O avanço da tecnologia afetou as bases de boa parte das profissões. As vítimas se contam às dezenas e incluem músicos, jornalistas, carteiros *etc.* Um ofício relativamente poupado até aqui é o de médico. Até aqui. A crer no médico e "geek" Eric Topol, autor de "The Patient Will See You Now" (o paciente vai vê-lo agora), está no forno uma revolução da qual os médicos não escaparão, mas que terá impactos positivos para os pacientes.

Para Topol, o futuro está nos smartphones. O autor nos coloca a par de incríveis tecnologias, já disponíveis ou muito próximas disso, que terão grande impacto sobre a medicina. Já é possível, por exemplo, fotografar pintas suspeitas e enviar as imagens a um algoritmo que as analisa e diz com mais precisão do que um dermatologista se a mancha é inofensiva ou se pode ser um câncer, o que exige medidas adicionais.

Está para chegar ao mercado um apetrecho que transforma o celular num verdadeiro laboratório de análises clínicas, realizando mais de 50 exames a uma fração do custo atual. Também é possível, adquirindo lentes que custam centavos, transformar o smartphone num supermicroscópio que permite fazer diagnósticos ainda mais sofisticados.

Tudo isso aliado à democratização do conhecimento, diz Topol, fará com que as pessoas administrem mais sua própria saúde, recorrendo ao médico em menor número de ocasiões e de preferência por via eletrônica. É o momento, assegura o autor, de ampliar a autonomia do paciente e abandonar o paternalismo que desde Hipócrates assombra a medicina.

Concordando com as linhas gerais do pensamento de Topol, mas acho que, como todo entusiasta da tecnologia, ele provavelmente exagera. Acho improvável, por exemplo, que os hospitais caminhem para uma rápida extinção. Dando algum desconto para as previsões, "The Patient…" é uma excelente leitura para os interessados nas transformações da medicina.

(Folha de S.Paulo online – Coluna Hélio Schwartsman, 17 de janeiro de 2016.)

Em todos os segmentos abaixo há exemplos de formas de gerúndio; o valor semântico de uma dessas formas que está corretamente indicado é:

(A) "Está para chegar ao mercado um apetrecho que transforma o celular num verdadeiro laboratório de análises clínicas, <u>realizando</u> mais de 50 exames a uma fração do custo atual" / finalidade;

(B) "Também é possível, <u>adquirindo</u> lentes que custam centavos, transformar o smartphone num supermicroscópio" / meio;

(C) "..., fará com que as pessoas administrem mais sua própria saúde, recorrendo ao médico em menor número de ocasiões" / modo;

(D) "Dando algum desconto para as previsões, ..." / concessão;

(E) "Concordando com as linhas gerais do pensamento de Topol" / tempo.

GABARITO

1. B

2. D

3. D

4. B

5. D

6. B

7. C

8. C

9. C

10. C

11. Certo

12. Errado

13. Certo

14. Errado

15. Certo

16. B

17. D

18. B

19. E

20. D

21. E

22. D

23. E

24. D

25. B

18 MEMORIMACETES

Os MEMORIMACETES objetivam oferecer ao estudioso, mediante processo de memorização, a aprendizagem dos elementos gramaticais mais importantes de nosso idioma. Por meio do confronto entre o *acerto* e o *erro*, pode o leitor visualizar o melhor caminho a seguir, memorizando as dicas afetas àquele questionamento. Será possível perceber que, em alguns casos – em virtude da complexidade dos pontos gramaticais –, serão ofertadas explicações detalhadas acerca do tema, enriquecidas com exemplos e comentários. Passemos, então, a seu estudo.

Memorimacetes	
ERRO: Houveram confusões.	**ACERTO:** Houve confusões.

O verbo **haver** no sentido de "existir" é impessoal, não podendo concordar com o nome a que se refere. Exemplo: • No mês passado, havia muitas amoras na árvore.

Há construções pouco recomendáveis, documentadas até mesmo em alguns dos melhores escritores da Língua, especialmente do século passado, que não devem ser imitadas: "Houveram muitas lágrimas de alegria" 318.

"Ali haviam vários deputados que conversavam de política, e os quais se reuniram a Meneses" 319.

ERRO: Quando eu ver você,...	**ACERTO:** Quando eu vir você,...

O verbo **ver** apresenta problemas, em suas formas verbais, ao falante menos atento. O futuro do subjuntivo se forma com vir, isto é, deve-se dizer quando eu vir, tu vires, ele vir, nós virmos, vós virdes, eles virem. Não se pode falar "quando eu ver"... aliás, bem a propósito, tal erro se repete excessivamente em propaganda eleitoral na tevê, em época de eleições, quando os candidatos ensinam seus eleitores a votarem dessa forma: "Digite o número devagarinho. Depois, olhe bem: quando ver a foto do seu Candidato na tela, aperte 'confirma'". Haja paciência, não é mesmo?

ERRO: A nível de	**ACERTO:** Em nível de / Ao nível de

Evite esse modismo linguístico, que parece ser uma "praga" com alto poder de contaminação. Traduz-se, verdadeiramente, em expressão inútil que deve ser abolida, uma vez que se apresenta como um peso desnecessário na exposição da ideia. Exemplos de erronias: "Decisão a nível de diretoria".

"O preço do produto vai subir, tanto a nível de atacado quanto no varejo".

ERRO: Ele chegou atrasado, posto que perdeu a hora.	**ACERTO:** Ele chegou atrasado porque perdeu a hora.

A locução **posto que** indica "concessão", devendo ser traduzida como "embora, ainda que, mesmo que, conquanto". Ao contrário do que aparenta, a expressão não é sinônima de "porque". Enfatize-se que, não obstante dicionarizada, é expressão condenada na acepção causal, como sinônima de "porque". Muito cuidado!

Veja os exemplos de uso inadequado: "Discordamos de você, posto que a sua opinião é falha".

"Julgo procedente, posto que ficou provado nos autos o dolo".

Agora, aprecie as formas legítimas: • Posto que tenha se esforçado, não obteve o sucesso esperado.

- Posto que seja cego, o amor não é surdo.
- Não me convencerá, posto que a vaca tussa.
- Julgarei procedente, posto que não fique convencido.
- Posto que não ignore o que fiz, faça o que mando.
- Posto que não percebesse exatamente por quê, ela começou a chorar.
- "... o primeiro a entrar no jardim, e pisava firme, posto que cauteloso" 320
- "Posto que estivesse mais ou menos a par da situação, Emília, vendo a irmã em tal estado, começou também a oferecer resistência" 321.

Observe como a expressão posto que é bem utilizada, na linguagem mais antiga, com o valor concessivo, de "ainda que, embora", na passagem do conto O alienista, de Machado de Assis: • "... Pode crer-se que a intenção do Mateus era ser admirado e invejado, posto que ele não a confessasse a nenhuma pessoa, nem ao boticário, nem ao padre Lopes, seus grandes amigos".

Ademais, memorize que o tempo verbal deve estar no modo subjuntivo com a expressão em apreço. Logo, fala-se posto que fosse, e não "posto que era" ou "posto que é".

Por fim, registre-se que Vinicius de Moraes, no esplêndido Soneto de Fidelidade, "escorregou" ao usar a expressão. Mas vamos e venhamos... ele pode, nós, não! Com efeito, o artista, valendo-se da licença poética, pode "desafiar" a gramática. Tal manejo é permitido a alguns. Abramos alas, pois, à magnificência poética de Vinicius de Moraes: "(...) E assim, quando mais tarde me procure Quem sabe a morte, angústia de quem vive, Quem sabe a solidão, fim de quem ama, Eu possa dizer do amor (que tive) Que não seja imortal posto que é chama **[no sentido de "que não seja imortal 'porque' é chama"]**

Mas que seja infinito enquanto dure".

ERRO: Ele teve um infarte.	**ACERTO:** Ele teve um enfarte.

Há quatro variantes sinônimas para a expressão designativa desse problema cardiológico, que podem ser hoje livremente utilizadas. São elas:

ENFARTE ENFARTO INFARTE INFARTO

As formas enfarte e enfarto, ambas com en-, são oriundas da linguagem popular. Por outro lado, a expressão infarto encontra bases etimológicas em infarct (inglês) e infarctus (francês). Por sua vez, a forma infarte não fazia parte de nosso léxico, até a publicação da edição do VOLP 2009. Na atualidade, portanto, in dubio pro libertate.

ERRO: Obteve um empréstimo junto ao banco.	**ACERTO:** Obteve um empréstimo no banco.

As expressões junto a, junto com podem ser consideradas corretas, se vierem a exprimir proximidade ou contiguidade. Exemplos:
• Os lavradores estavam junto ao barracão.

• "E, magoados com a sua rudeza, ali ficamos junto de um tronco de oliveira seca..." 322.

• Nosso embaixador agirá junto ao governo argentino para entabular um amistoso diálogo.

Observações: 1. Fora desses casos, o uso de tais expressões não é recomendável. Exemplos de erronias: "Ele tentará obter um empréstimo junto ao banco" (troque por "no").

"Os insatisfeitos informaram o crime junto à Delegacia de Polícia" (troque por "na").

2. Com relação à expressão "junto com", embora transpareça um nítido pleonasmo, não há redundância, haja vista a consagração da forma, tão velha quanto Camões, que a utilizou em Os lusíadas, VII, 77. Portanto, sem recriminar, aprecie a frase: • "O rapaz saiu junto com a namorada" 323.

ERRO: Já acostumou com as manias dele?	**ACERTO:** Já se acostumou com as manias dele?

No sentido de "habituar-se", não se deve utilizar o verbo "acostumar" sem pronome. Este é de rigor, a par das preposições a ou com, uma vez que **acostumar-se** é transitivo indireto. Nessa mesma esteira, segue o verbo **desacostumar-se**, acompanhado da preposição de. Logo, observe as frases corretas: • Ela se acostumou a Nova Iorque.

• Eu me acostumei a isso.

• Eu me desacostumei de nadar.

• Devo desacostumá-lo de beber.

ERRO: Foi morto à sangue-frio.	**ACERTO:** Foi morto a sangue-frio.

Nas locuções adverbiais formadas com substantivos masculinos, a crase não é bem-vinda. Portanto, memorize: Estrada a leste – Escrito a lápis – Andar a pé – Andar a cavalo – Carro a gás – Transpor a nado – Berrou a seu gosto – Matou a sangue-frio – Vestir-se a caráter – Andar a esmo – Vendas a crédito – Compras a prazo – Estava a bordo do navio – Sorriu a muito custo – Veio a jato.

ERRO: Ele adivinha de sua mãe.	**ACERTO:** Ele advinha de sua mãe.

O verbo adivinhar, na acepção de "descobrir", deve, sim, ser grafado sempre com -i, quer nas formas verbais (eu adivinho, que nós adivinhemos etc.), quer como substantivo (o adivinho). De outra banda, o verbo **advir**, como sinônimo de "vir", na 1ª pessoa do singular (eu) do pretérito imperfeito do indicativo, forma eu advinho (com -d mudo). Portanto, muito cuidado com adivinhações por aí... Antes, divirta-se com a legítima frase: • Elas adivinham que os anjos advinham do céu.

ERRO: Calda do piano	**ACERTO:** Cauda do piano

A calda é o "líquido" (calda de chocolate). Por outro lado, **cauda** é "o prolongamento traseiro do piano, de vestido e de animais. Portanto, escreva, corretamente, cauda do piano.

ERRO: Ele lutou heroicamente e bravamente.	**ACERTO:** Ele lutou heroica e bravamente.

Se ocorrerem na frase dois ou mais advérbios de modo (terminados em -mente), em geral, só o último ganha este sufixo, mantendo-se os demais na forma feminina do adjetivo. Exemplos: • O assassino ouvia o juiz atenta e friamente.

• A vítima foi estrangulada covarde e barbaramente.

A repetição do sufixo -mente só se justificaria em situações específicas, nas quais se pretendesse dar ênfase ao elemento. Exemplo: • Ele foi demoradamente e calorosamente aplaudido.

Por fim, registre-se que o termo "heroica" (sem acento na sílaba -roi) perdeu o acento gráfico por força do Acordo Ortográfico, o qual suprimiu o acento nos ditongos abertos das paroxítonas.

ERRO: O festival terá músicas afro.	**ACERTO:** O festival terá músicas afras.

O termo **afro** deriva de "africano", podendo ser adjetivo. Como tal, deve concordar com o substantivo. Exemplos: carnaval afro; música afra; canções afras. Liga-se, também, a outros adjetivos, como: afro-brasileiro.

ERRO: Ele se comprouveu de um crime.	**ACERTO:** Ele se comprazeu (ou comprouve) de um crime.

O verbo **comprazer** (VTI ou VI), na acepção de "servir ou ser cortês", não apresenta grandes problemas na conjugação: comprazo, comprazia, comprazerei, comprazeria, compraza, entre outras formas.

No pretérito perfeito do indicativo e nos tempos dele derivados apresenta duas formas possíveis (regular e irregular), ganhando feição de verbo abundante: comprazi ou comprouve; comprazeu ou comprouve; comprazeram ou comprouveram; comprazera ou comprouvera; comprazesse ou comprouvesse; comprazer ou comprouver.

Por fim, o verbo também é possível, na forma pronominal – comprazer-se –, na acepção de "alegrar-se, sentir prazer, deleitar-se". Exemplos: • Comprazo-me com a sorte alheia.

• Diante dos clientes, sorria sempre para comprazer.

• Compraz às mulheres a má sorte das outras.

• Ele se comprazeu (ou comprouve) de um crime.

ERRO: Rir é o melhor remédio – um aforisma famoso.	**ACERTO:** "Rir é o melhor remédio" – um aforismo famoso.

Aforismo: substantivo masculino que se refere a "sentença, máxima, definição breve". Não existe "aforisma". Na mesma esteira, é oportuno aqui registrarmos o vocábulo **cataclismo** (não existe "cataclisma"), o qual deriva da palavra grega cataclismós, na acepção de "catástrofe, uma inundação, uma convulsão social". Sendo assim, aprecie a frase: • "Ainda bem não se refazia de um cataclismo, sobrevinha-lhe outro" 324 .

ERRO: A última vez em que viajei...	**ACERTO:** A última vez que viajei...

A expressão adverbial, tradutora de sentido temporal, **a última vez que...** é estereotipada e fixa. Portanto, não pode ser modificada, haja vista apresentar-se cristalizada. Com efeito, é inadequado antepor a preposição em ao pronome relativo que, em

virtude de tal pronome aparecer comumente como conjunção, o que basta para rechaçar a preposição. O mesmo se diga para as expressões a primeira vez que..., a segunda vez que..., a última vez que..., cada vez que... e todas as vezes que...

Portanto, aprecie as frases legítimas: • A última vez que fui ao cinema, assisti a um belo filme.

• Era a última vez que via o filho.

• A primeira vez que assisti à sua aula, apaixonei-me.

• Era a segunda vez que a gritava.

• Cada vez que a beijo, sinto vontade de me entregar.

• Todas as vezes que a vejo, perco o fôlego.

• "Era a primeira vez que Jorge se separava de Luísa" 325 .

• "Era a última vez que via o patrão" 326.

ERRO: A cidade foi arrasada pela avalanche.	**ACERTO:** A cidade foi arrasada pela avalancha.

A massa de gelo e neve que se desprende das montanhas recebe o nome, em português, de **avalancha**. O termo "avalanche" é francês, havendo, todavia, seu registro no Aurélio e no Houaiss. A edição do VOLP 2009 não traz indicação desse vocábulo. Assim, entendemos que é recomendável o uso de avalancha em detrimento de "avalanche", sabendo-se, todavia, que ambos são termos dicionarizados.

Ademais, em sentido figurado, é possível o uso da expressão avalancha na acepção de "grande quantidade de coisas que chegam de supetão". Exemplos: • Ele fez carga de uma avalancha de processos.

• Houve uma avalancha de protestos.

ERRO: Ele comprou botas azul-celestes.	**ACERTO:** Ele comprou botas azul-celeste.

Há adjetivos formados com o elemento **azul** que são invariáveis, quando pluralizados. Exemplos: azul-celeste, azul-marinho, azul-turquesa e azul-ferrete. Portanto, memorize: roupas azul-celeste; camisas azul-ferrete; ternos azul-marinho.

De outra banda, é interessante notar que, como substantivos, poderão ser pluralizados. Exemplos: • Os azuis-marinhos das telas variavam em tons sutis.

• Os azuis-celestes das paisagens que pintei impressionavam pela leveza.

ERRO: Ele se aproximou em câmera lenta.	**ACERTO:** Ele se aproximou em câmara lenta.

O substantivo câmera designa "o aparelho de filmar". Exemplo: câmera de TV, câmera de televisão. Além disso, pode ter a acepção de "pessoa que opera tais aparelhos" (O câmera estava exausto). Fora desses casos, emprega-se **câmara**. Exemplos: Câmara dos Deputados, Câmara de Gás, Câmara Frigorífica, Câmara Municipal e, igual e simplesmente, câmara (para câmara lenta, com o sentido de "lentamente").

ERRO: O sorvete é feito com raspas de côco.	**ACERTO:** O sorvete é feito com raspas de coco.

O fruto do coqueiro é o **coco**, sem acento circunflexo, como em soco. O plural é cocos. Ambos têm a vogal tônica fechada ô. A forma também tem a acepção (1) de "crânio" (sinônimo de cocuruto) e, também, (2) de "dança popular de Alagoas".

Por outro lado, a bactéria é coco, sem acento agudo, como em eu toco. O plural é cocos. Ambos têm a vogal tônica aberta ó. O termo também serve para designar "a medida japonesa de seis alqueires".

Em tempo, registre-se que, na acepção de excremento, há a forma cocô, dicionarizada e com acento circunflexo, como oxítona.

Por derradeiro, há a forma cocó, na acepção de "penteado feminino ou coque na cabeça".

Resumindo: há COco ô; há COco ó; há coCÔ; há coCÓ. Puxa... haja cocuruto!

ERRO: Ela deu à luz a gêmeos.	**ACERTO:** Ela deu à luz gêmeos.

O verbo parir pode ser substituído pela interessante expressão **dar à luz**. Tal formação designa que um ser dá algo/alguém à luz, o que, de pronto, rechaça a usual e inadequada forma "dar à luz A alguém/algo" (em vez de dar à luz alguém/algo). Portanto, memorize com correção: • Carla deu à luz uma menina.

• Ela estava prestes a dar à luz (e não prestes a dar a luz).

• Ela deu à luz trigêmeos.

ERRO: De certo ele reagiu ao assalto.	**ACERTO:** Decerto ele reagiu ao assalto.

Decerto é advérbio de modo com o sentido de "certamente, com certeza". Não confundir com "de certo", que se contrapõe a "de errado". Exemplo: O que há de certo no trabalho é que já começamos sua elaboração. Portanto, aprecie a boa frase: • Se houve voz inigualável em nossa MPB, essa voz foi decerto a de Elis Regina.

ERRO: Era um caso difícil de se destrinchar.	**ACERTO:** Era um caso difícil de destrinçar.

O verbo designativo do ato de "desenredar, deslindar ou resolver questões difíceis" é **destrinçar**. Todavia, insta mencionar a forma variante brasileira destrinchar, que surgiu provavelmente por influência de "trinchar", na acepção de "cortar em pedaços" (aves e animais). Portanto, prefira a forma mais refinada e elegante destrinçar, sabendo-se, todavia, da chancela pelo VOLP da forma coloquial destrinchar.

Por fim, ressalte-se que a forma correta é **difícil de destrinçar**, e não "difícil de se destrinçar", uma vez que é dispensável o pronome se em construções em que o infinitivo vem precedido de preposição de e por adjetivos como agradável, fácil, difícil ou possível. Portanto, memorize: teste difícil de fazer, conta fácil de calcular, osso duro de roer, fruta boa de comer. Todavia, se o infinitivo vier seguido de complemento, é preferível evitar a preposição de depois do termo "difícil", por exemplo: • Hoje em dia, é difícil conseguir um novo empregado (em vez de "... é difícil de conseguir um novo empregado").

ERRO: As torcidas se degladiavam.	**ACERTO:** As torcidas se digladiavam.

O verbo **digladiar**, com -i, pode ser aceito na forma pronominal **digladiar-se**. Tem a acepção de "combater, lutar, duelar, discutir". Exemplos: • Os lutadores se digladiavam no Coliseu.

• Tiradentes digladiou-se pelo fim da Derrama.

• Digladiaram-se os partidos no plenário.

• Os presos digladiaram na cela.

ERRO: Eles constróem a ponte.	**ACERTO:** Eles constroem a ponte.

O verbo construir pode ser conjugado no tempo presente do indicativo: eu construo, tu constróis (ou construis), ele constrói (ele construi), nós construímos, vós construís, eles constroem (ou construem). Aliás, ressalte-se que o acento vale para o ditongo aberto -ói (constrói, destrói, dói, mói, rói, sói), não estando presente em formas como: constroem, destroem, doem, moem, roem, soem (verbo soer).

ERRO: São fatos que não adiantam esconder.	**ACERTO:** São fatos que não adianta esconder.

Trata-se de concordância verbal de sujeito oracional. Refere-se a situações em que o sujeito é uma oração, fazendo-se necessária a concordância obrigatória na 3ª pessoa do singular. Observe os exemplos abaixo: • São piadas que não adianta contar (ou seja, contar piadas não adianta).

• São episódios de que não se esquece.

• Falaram sobre assuntos que não cabe a mim esclarecer.

• Os nadadores estão mais rápidos que se supunha.

ERRO: É capaz que chova hoje.	**ACERTO:** É provável que chova hoje.

A expressão "é capaz" deve ser evitada na linguagem culta, devendo ser substituída por é provável ou é possível. Portanto, memorize: • É provável que ocorra uma tempestade.

• É possível que ele chegue cedo.

• É provável que falte luz na cidade.

ERRO: Os assuntos da reunião devem ser discutidos entre si mesmas.	**ACERTO:** Os assuntos da reunião devem ser discutidos entre elas mesmas.

O uso da expressão **entre si** somente é cabível quando houver ideia de reciprocidade. Exemplos: • Eles brigaram entre si.

• As raças humanas diferem entre si.

• Israel e Palestina não conseguem comunicar-se entre si.

Todavia, se não houver ideia de reciprocidade, empregar-se-á entre eles ou entre elas. Exemplos: • O pastor europeu foi recebido pelos fiéis e permaneceu duas semanas entre eles.

• Os assuntos da pauta devem ser discutidos entre eles mesmos.

ERRO: O filme é um daqueles que nos entretiam nas sessões da tarde.	**ACERTO:** O filme é um daqueles que nos entretinham nas sessões da tarde.

O verbo **entreter** (ou **entreter-se**) conjuga-se como ter, devendo o estudioso se acautelar com as flexões na conjugação: eu me entretenho, eu me entretive, ele se entreteve, ele se entretém, eles se entretêm, eles se entretiveram, que eu me entretenha, se eu me entretivesse, quando eu me entretiver, eles se entretinham (e não "entreTIAM", como apareceu no cabeçalho deste item).

ERRO: Ovos estalados	**ACERTO:** Ovos estrelados

Com relação à saborosa comida ovos fritos, use o adjetivo pertinente, ou seja, **estrelado**, e não "estalado", que é fruto da imaginação humana. Observe o exemplo esclarecedor colhido de nossa rica literatura: • "Quando, passados instantes, voltou com um bife e dois ovos estrelados, ainda ria" 327 .

ERRO: Na cidade, géa todos os anos.	**ACERTO:** Na cidade, geia todos os anos.

O defectivo verbo **gear** somente possui as formas da terceira pessoa do singular (ele). Portanto, existem: geia, geou, geava, geara, geará, gearia, que geie, se geasse, quando gear. Assim, aprecie as frases corretas: • Quando gear, tomaremos as providências para proteger a lavoura.

• Geou muito à noite.

• Talvez geie esta noite (e não "gie").

• Às vezes, geia naquela cidade, a qual está localizada a poucos metros de altitude.

ERRO: Ele é deputado de São Paulo.	**ACERTO:** Ele é deputado por São Paulo.

O correto é dizer **deputado por São Paulo**, **senador por Pernambuco**, e não "deputado de" ou "senador de". Exemplos: • O cientista foi deputado por Minas Gerais e por São Paulo, entre 1950 e 1960.

• "(...) Com uma extensa experiência política, John Forbes Kerry acumulou quatro mandatos como senador por Massachussets" 328.

ERRO: Ele lhe incucava novos métodos.	**ACERTO:** Ele lhe inculcava novos métodos.

O verbo **inculcar** (in-CUL-car, e não "incucar") tem várias acepções.

No sentido de "repetir alguma coisa com insistência, no intuito de frisá-la, fazendo-a assimilável", é verbo transitivo direto. Exemplos: • Espero que os professores inculquem as matérias em sua cabeça.

• Há autores que inculcam idiossincrasias condenáveis nos leitores.

No sentido de "recomendar", o verbo terá uma transitividade direta e indireta. Exemplos: • Eles inculcam métodos aos intérpretes.

• Inculquei-lhe histórias mirabolantes.

Por fim, ressalte-se que o verbo pode aparecer na forma pronominal – **inculcar-se** –, no sentido de "impor-se, apresentar-se". Exemplos: • O juiz inculcou-se julgador de lides alheias.

• Aqueles que se inculcam sábios desconhecem que o sábio é o que sabe o quanto 329 não sabe (o Autor).

ERRO: A malcriação da menina era tamanha...	**ACERTO:** A má-criação da menina era tamanha...

Os substantivos femininos **má-criação** e **má-formação** devem ser assim grafados. É necessário ter muita cautela com as formas condenáveis, escritas sem o hífen: "malcriação" ou "malformação". Esta última, todavia, encontra guarida no VOLP, o que não nos autoriza rechaçá-la por completo. Portanto, podemos repelir a forma "malcriação" e tolerar **malformação** (prefira "má-

formação"), a par de malformado e malformar. Em regra, usa-se **mal**, como advérbio, quando acompanha adjetivos e verbos. Exemplos: malcriado, mal-educado, malquerer, maldizer, malfadado, malfadar, malfalado, malfeita(o), malfeitor, malferido, malferir, mal-estar (plural mal-estares) etc.

Por outro lado, usa-se **mau** ou **má**, como adjetivos, quando acompanham substantivos. Exemplos: má-criação, má-formação, má-educação, má-fé, mau-caráter, mau-caratismo, mau-olhado etc.

Ressalte-se que a forma plural dos substantivos ora estudados é **más-criações** e **más-formações** (ou **malformações**).

ERRO: O doente tomou a mesinha.	**ACERTO:** O doente tomou a mezinha.

A **mezinha**, com -z, significa "remédio caseiro", sendo considerado um arcaísmo. Por outro lado, mesinha, com -s, é "diminutivo de mesa". Portanto, aprecie as frases: • O doente tomou a mezinha recomendada pelo médico.

• A fabricação de mezinhas foi assimilada pelos Jesuítas no processo de colonização.

• Pegue a mezinha embaixo da mesinha.

ERRO: A sogra é muito "pão-dura".	**ACERTO:** A sogra é muito "pão-duro".

O feminino de **pão-duro** é igual ao masculino. Portanto: moça pão-duro; sogra pão-duro; cunhada pão-duro. Por outro lado, ressalte-se que o plural desse hifenizado substantivo se forma como **pães-duros**. Assim: tios pães-duros; amigos pães-duros. Por fim, em face dos conceitos acima expendidos, teremos: mulher "pão-duro" – mulheres "pães-duros".

ERRO: O filho morava "parede meia" com o pai.	**ACERTO:** O filho morava "paredes-meias" com o pai.

A expressão **paredes-meias** (ou **parede-meia**: correta, porém menos comum) designa "a parede comum entre dois prédios ou quartos contíguos". Exemplos:

• Os quartos ficavam paredes-meias uns dos outros.

• O mosteiro dos franciscanos fica paredes-meias com a Faculdade de Direito do Largo de São Francisco.

• "Viveu sempre paredes-meias com a loucura" 330 .

ERRO: Ela ficou pasmo.	**ACERTO:** Ela ficou pasma.

Pasmo é adjetivo que significa "pasmado, atônito, assombrado". A concordância será normal, prendendo-se ao termo a que se refere. Portanto: Ele está pasmo; Ela está pasma; Eles estão pasmos; Elas estão pasmas. Assim, aprecie as frases: • Pasmos, eles se renderam.

• Pasmem, senhores, a ideia é genial!

• "Ele ficou pasmo, sem palavras" 331 .

Ademais, pasmo pode ser um substantivo, significando "assombro ou espanto". Exemplo: • Provoquei-lhe pasmo com a narrativa.

ERRO: Ela é uma pequena questão: uma questãozinha.	**ACERTO:** Ela é uma pequena questão: uma questiúncula.

A formação de diminutivos para alguns substantivos deve ser feita com prudência. Observe alguns diminutivos importantes:

Substantivo	Diminutivo
Câmara	*Camarim*
Estátua	*Estatueta*
Espada	*Espadim*
Guerra	*Guerrilha*
Palácio	*Palacete*[332]
Papel	*Papelucho*
Ponte	*Pontilhão*
Verão	*Veranico*
Astro	*Asteroide* (Acordo)

332

Observação: há alguns diminutivos cujas formações são eruditas. Observe: versículo (de verso); edícula (pequena casa); **questiúncula** (de questão); opúsculo (de obra), porciúncula (porção), óvulo (ovo), aurícula (orelha), nódulo (nó), homúnculo (homem), fascículo (feixe), axículo (eixo), entre outros.

ERRO: Multi-secular	**ACERTO:** Multissecular

O prefixo **multi-** está arrolado entre aqueles que se ligam diretamente ao substantivo ou ao adjetivo, isto é, sem o uso de hífen e sem deixar espaço. Todavia, é preciso estar atento a um detalhe: para não desfigurar a pronúncia, dobra-se o -s ou o -r dos radicais iniciados com essas letras. Exemplos: multi + setorial = multissetorial; multi + secular = **multissecular**; multi + racial = multirracial; multi + religioso = multirreligioso; multi + rotação = multirrotação. Outros exemplos: • Foi elogiado o multiatendimento dispensado aos participantes do Simpósio.

- Eles prestam serviços a várias empresas simultaneamente utilizando o sistema de multiusuário.
- Trinta pessoas serão investigadas por uma equipe multidisciplinar de pesquisadores.
- Multiempresas montaram uma inédita multiestrutura para atrair os turistas do Nordeste.

ERRO: Tenho mais o que fazer.	**ACERTO:** Tenho mais que fazer.

A expressão **mais que fazer** é estereotipada, não havendo espaço para o artigo "o" – termo que, isoladamente, não tem função sintática ou classe gramatical, porquanto se revela integrante do próprio pronome interrogativo reforçado. Nesse rumo, a propósito, devemos preferir a forma **que queres aqui?** à expressão "o que queres aqui?"; **que é que a baiana tem?** à "o que é que a baiana tem?". Portanto, aprecie as frases: • Não há mais nada que fazer.

- O jovem tem mais que fazer.
- Ainda havia muito que fazer.
- Ele tem muito que aprender.
- Ela tem muito que dizer.
- Não tenho nada que acrescentar.
- Tenho muito que contar após a viagem.

Por sua vez, as formas **nada a opor** e **nada a dizer** podem ser, alternativamente, substituídas por nada que opor e nada que dizer, respectivamente. Há, todavia, liberdade no uso das formas.

ERRO: A postração do homem.	**ACERTO:** A PROstração do homem.

A sílaba pro-deve ser pronunciada de modo audível. Não se pode pronunciar um simples "po" em vez de "pro", sob pena de se cometer um erro prosódico. Ressalte-se que tal sílaba transita em abundância nas palavras componentes de nosso vernáculo, a saber: procedência, pronome, próprio, procrastinar, promover, probatório, apropinquar-se, ímprobo, problema, prosperar, pronto, pronúncia, profissional, processual, propositado, próspero, propriedade, apropriado, opróbrio, probo (pronuncie próbo) entre outras.

ERRO: Não a perdoar-se ao profissional...	**ACERTO:** Não há perdoar-se ao profissional...

Não há perdoar-se: louvável o emprego enclítico, por ser uso erudito diante do infinitivo impessoal, mesmo na presença do advérbio não, elemento que poderia deslocar o pronome. Lembre-se, também, de que outra forma exsurge – menos culta, mas igualmente correta: **não há de se perdoar**. Nesse caso, a presença da preposição de aconselha o uso normal da próclise em face da presença do advérbio de negação. O mesmo uso pode ser encontradiço em expressões não há falar-se ou não há de se falar.

ERRO: Comprei dois fax-simile.	**ACERTO:** Comprei dois fac-símiles.

O substantivo masculino, aceito pelo VOLP, **fac-símile** é derivado do latim fac simile (ou seja, faça igual). O plural é simples: **os fac-símiles** (Houaiss, Aurélio e Cegalla) – mantém-se o hífen e o primeiro elemento (fac) inalterado, acentuando-se o segundo elemento (símile). De acordo com o plano lexicográfico apresentado no VOLP, do termo fac-símile podem defluir interessantes sentenças, v.g., petição fac-similada, fac-similar o texto, farei uma fac-similação e o fac-similador está estragado.

Por outro lado, o vocábulo **fax** (pronuncie "ks") – abreviatura de fac-símile–, igualmente admitido pelo VOLP como substantivo masculino, designa o aparelho de transmissão, bem como da mensagem transmitida. Para o VOLP e o Houaiss, o plural forma os fax ou os faxes. Da mesma forma, o telex – os telex; o ônix – os ônix; o tórax – os tórax.

ERRO: Havia um índex, ou melhor, dois índexs.	**ACERTO:** Havia um índex, ou melhor, dois índices.

A **letra -x** é causa de inúmeras celeumas, sobretudo no campo da ortografia: vocábulos como "índex", "córtex", "códex", "cálix", "látex" e "apêndix" (alguns deles em pleno desuso) possuem a pluralização deveras controvertida. Vamos detalhar: **a) ÍNDEX** cs – O Aurélio admite as duas formas (**os índex** e **os índices**), sendo recomendado o uso preferencial de os índices – forma aceita com exclusividade pelo VOLP 2009 e pelo Houaiss.

b) CÓRTEX cs – A forma pluralizada córtices é aceita, exclusivamente, pelo VOLP 2009, Houaiss e Aurélio; **c) CÓDEX** cs – O Aurélio admite as duas formas (os códex e os códices), sendo recomendado o uso preferencial de os códices – forma aceita com exclusividade pelo VOLP e pelo Houaiss; **d) CÁLIX** is – O Aurélio admite as duas formas (os cálix e os cálices), sendo recomendado o uso preferencial de os cálices; o Houaiss sugere cálices, no plural; e o VOLP silenciou a respeito da pluralização do vocábulo em comento (embora registre cálice em seu rol de palavras); **e) LÁTEX** cs – O Aurélio admite a mesma forma para o singular e para o plural (o/os látex); o Houaiss sugere látices, no plural; e o VOLP silenciou a respeito da pluralização do vocábulo em comento (embora registre látice em seu rol de palavras); **f) APÊNDIX** cs – O Aurélio admite a mesma forma para o singular e para o plural (o/os apêndix); o Houaiss sugere apêndices, no plural; e o VOLP silenciou a respeito da pluralização do vocábulo em comento (embora registre apêndice em seu rol de palavras).

Notou a diversidade? Não é fácil a vida de professor de português! Que ginástica... Vamos memorizar a partir do quadro explicativo abaixo:

PLURAL			
	Aurélio	**Houaiss**	**VOLP**
Fac-símile	Fac-símiles	Fac-símiles	?
Fax	?	Fax ou Faxes	Fax ou Faxes
Córtex	Córtices	Córtices	Córtices (VOLP 2009)
Índex	Índex/Índices	Índices	Índices
Códex	Códex/Códices	Códices	Códices
Cálix	Cálix/Cálices	Cálices	?
Látex	Látex	Látices	?

Apêndix	Apêndix	Apêndices	?

ERRO: O subprocurador foi nomeado.	**ACERTO:** O subprocurador foi nomeado.

O prefixo **sub-** só exige hífen quando se associa à palavra que começa por **-r** ou **-b**: sub-base, sub-bibliotecário, sub-região, sub-ramo, sub-reitor, sub-reptício, sub-rogar, sub-biótipo (mas biótipo ou biotipo), sub-borato, sub-braquial. Por outro lado, tirante as hipóteses em epígrafe, o hífen não deverá ser utilizado: suboficial, subdelegado, subchefe, subgerente, subsolo, subterrâneo, subaxilar, subestimar, suborizontal, subacromial, subagudo, subalimentado, subabitação, subaórtico, subaponeurótico, subapical, subendocárdico, subepicárdico, subendotelial, subescapular, subespinhal, subicterícia, subliminar, sublingual, sublobular, suboccipital, subocular, suborbitário, subumbilical, subumano (ou sub-humano, também, para o VOLP) e subepático (ou sub-hepático, também, para o VOLP).

ERRO: A reicidência ocasiona a majoração da pena.	**ACERTO:** A rEINcidência ocasiona a majoração da pena.

Como sabemos, uma "reicidência", sem o -n, na sílaba -in, pode tornar "mais grave" o ilícito... Assim como um "reinvindicar", com o -n, na sílaba rei-, pode prejudicar, indubitavelmente, o pleito. Sem contar que o tal "conhecidência" (com -nh) pode ser, verdadeiramente, uma infeliz circunstância. Tais erros chancelam um distanciamento do estudo da Língua. Sendo assim, memorize o quadro abaixo e as grafias (e pronúncias) dos vocábulos:

	Separação Silábica e Grafia	**Pronúncia**
Reincidência	Re-in-ci-dên-cia	re-in (e não "rei")
Coincidência	Co-in-ci-dên-cia	co-in (e não "coi" ou "conhe")
Reivindicar	Rei-vin-di-car	rei-vin (e não "rein")

ERRO: Foi um evento apenas para artesões.	**ACERTO:** Foi um evento apenas para artesãos.

O plural de artesão ("artífice dedicado à feitura de obras de artesanato") é **artesãos**. O feminino é artesã. De outra banda, os arquitetos utilizam um termo específico para indicar o enfeite que se coloca nos tetos e abóbadas – **artesões** (sempre, no plural). Este último não encontra registro lexicográfico no VOLP.

ERRO: Sob o meu ponto de vista, devemos recuar.	**ACERTO:** A meu modo de ver, devemos recuar.

A expressão "(sob o) ponto de vista" é galicismo fraseológico já incorporado em nosso dia a dia, representando um estrangeirismo indesejável. Não obstante ter sido empregada por literatos de prol, como Machado de Assis, Camilo Castelo Branco e outros, é expressão que imprime monotonia ao texto, denotando falta de elegância e ausência de leveza ao estilo do anunciante. Nesse

rumo, diga-se que há expressões que superam, e muito, a guerreada forma, como, por exemplo: a toda luz, a todas as luzes, a qualquer luz, por qualquer face, a meu modo de ver, a esse respeito, no que tange a, entre outras. Exemplos:

• A todas as luzes, para a análise desse caso, há que recorrer a um especialista.

• Todas as soluções são inadequadas a qualquer luz que se considere.

• Por qualquer face que encaremos a situação, há problemas a serem enfrentados.

• São modos de ver de cada doutrinador.

Ademais, grafar a expressão com a partícula sob- não seria de todo aceitável, uma vez que o ponto de vista é do próprio observador, sendo preferível a forma **do ponto de vista** à expressão ora atacada ("sob o ponto de vista"). É de todo oportuno registrar que a preposição sob- tem o sentido de "debaixo de", devendo ser usada em frases, como: sob a direção de, sob medida, sob pena de, sob pretexto de (a pretexto de), entre outras formas. Observe as frases corretas: • A gestão da empresa ficou sob meu comando.

• Deve proceder dessa forma, sob pena de ser tachado de louco.

• Escondia o dinheiro sob o colchão.

Por outro lado, **sobre** traz, em princípio, a ideia de "em cima de", sendo forma que se usa em frases, como: o vinho está sobre a mesa; a nave pousou sobre o mar etc. Com efeito, a preposição sobre comporta várias acepções. Vejamos: • A respeito de: Falar sobre o tema.

• Acima de: Eu amo a Deus sobre todas as coisas.

• De encontro a: As tropas marcharam sobre a cidade vencida.

• Mediante, com a garantia de: O agiota empresta valores sobre hipoteca.

• Entre, dentre: Sobre os resgatados, havia várias mulheres.

Observação: mencione-se que há sentido pitoresco para a preposição sobre, na acepção de "além de". Tal acepção é frequente em bons autores das letras jurídicas. Vamos a alguns exemplos: • Sobre intolerante, era dotada de singular ignorância.

• Sobre tapas, cusparadas.

• "A melhor interpretação é aquela que, sobre se pautar na literalidade da norma, perscruta o ânimo das palavras" (o Autor).

• "A pergunta é, sobre ociosa, estólida" 333.

ERRO: É a hora do juiz sentenciar.	**ACERTO:** É a hora de o juiz sentenciar.

Não se pode fazer a contração da preposição de com o artigo o quando se tratar de sujeitos diversos. Na linguagem culta formal, sobretudo na modalidade escrita, recomenda-se não se proceder à contração. Vejamos: • Foi a maneira de o Juiz executar a sentença (e não: "Foi a maneira do Juiz executar ...").

Explicando: no plano sintático, Juiz é sujeito de executar. Como elemento independente na oração, o sujeito não pode ser regido por preposição, repelindo-a.

Assim:

• É hora de o espetáculo começar.

• É hora de o trem chegar.

• É tempo de a mídia mudar de rumo.

• Chegou o momento de ele agir.

• Está na hora de eu entrar.

• Está na hora de a onça beber água.

• Em caso de o avião balançar com o mau tempo.

• Você foi a causa de eles se retirarem.

• O fato de a mulher ser mais frágil torna-a mais sedutora.

• O fato de os professores ganharem mal não justifica a desídia no ensinar.

• "Você foi a causa de eles se retirarem" (Camilo Castelo Branco).

• "Antes de o sacerdote subir no altar" (Pe. Antônio Vieira).

• "... quando os ingleses se rirem de eles terem muito dinheiro e nós pouco" (Alexandre Herculano).

Ademais, há que se ter muita atenção com a expressão **apesar de**: • Apesar de o governo negar, corremos risco na operação.

• Apesar de ele ser exigente, nós o compreendemos.

• Apesar de a tevê anunciar o contrário, temos as nossas opiniões acerca do fato.

Igual atenção deve ter o anunciante com as expressões **depois de** e **em vez de**: • "Depois de o mundo acabar, deveremos sobreviver no caos do infinito" (o Autor).

• Somente depois de os grevistas retornarem ao trabalho, é que retomaremos o contato.

• "Em vez de a polícia prender os traficantes, eles é que prenderam os policiais" 334.

A mesma regra se estende a outras preposições, como: • O problema consiste em os alunos perceberem o fato.

• Li a notícia em "O Estado de S. Paulo".

• A nota foi publicada em "O Globo".

Como se notou nos exemplos retrocitados, recomenda-se não usar a contração da preposição com o artigo de títulos de revistas, jornais ou obras literárias. Exemplos:

• Os leitores de "O Estado de S. Paulo" – O autor de "Os Lusíadas" – O autor de "Os Sertões".

Observação: todavia, há bons escritores que fogem da imposição da regra, preferindo a contração: • "O primeiro fim das Farpas é promover o riso" 335 .

• "Mandou que fizéssemos a análise lógica de determinada estrofe dos Lusíadas" 336 .

A esse propósito, quanto ao dissenso sobre o tema, impende trazer à colação os lúcidos dizeres do ilustre gramático Domingos Paschoal Cegalla (1999: 32): "Deve-se ressaltar, porém, que há gramáticos que, baseados em exemplos de bons autores, defendem a contração, por soar mais natural e eufônica e por representar um fato da língua falada e escrita".

Vamos aos exemplos:

• "Também teve o português o bom senso de não desprezar de todo os curandeiros indígenas, apesar dos jesuítas declararem àqueles guerra de morte" 337 .

• "Apesar do STF ter transformado os empregados do Banco Central em funcionários públicos, o governo manterá tratamento diferenciado" 338 .

• "No momento do comboio partir, Carlos correria à portinhola, a balbuciar fugitivamente uma desculpa" 339 .

• "O modo dele falar soou-me agressivo" 340 .

• "O fato dela também sofrer simplificara o modo de se tratar uma moça" 341 .

• "Sabia apenas vagamente que, três dias depois dela chegar ao Porto, o pai tivera uma apoplexia" 342 .

• Ele se retirou, indignado pelo fato do seu presidente recusar que era chinês" 343.

E arremata o renomado gramático (Cegalla, 1999, p. 101): "Ambas as construções são legítimas, porém a primeira é mais natural e espontânea, evita os desagradáveis hiatos 'de o', 'de a', 'de ele', 'de esse', 'de aquele', etc. A outra é um gramaticalismo um tanto afetado, em choque com a língua falada".

Não obstante, data venia os respeitáveis pensamentos divergentes, ainda defendemos que se deve escolher a primeira forma, em detrimento da contração.

ERRO: Hão de haver soluções para o caso.	**ACERTO:** Há de haver soluções para o caso.

O verbo **HAVER** possui inúmeras acepções, tendo destacada relevância no dia a dia do operador do Direito. Vamos conhecer o caráter plurissignificativo deste verbo:

1. Conseguir, obter: • O sentenciado houve do Poder Público a comutação da pena.

• "Donde houveste, ó pélago revolto, esse rugido teu?" (Gonçalves Dias).

2. Julgar, entender: • Ele é tido e havido por prudente (Caldas Aulete).

3. Proceder, portar-se (na forma pronominal "haver-se"): • Ele se houve com habilidade.

• Os alunos não se houveram bem no concurso.

• Não sabia como haver-se com seus funcionários.

4. Acertar contas (na forma pronominal "haver-se"): • Comigo se haverá o inimigo...

5. Locução "haver mister (de)" (= precisar): • Os doentes haviam mister (de) medicamentos.

• Não há mister de justificar seu erro.

• Há mister de comprovar a veracidade do que afirmou em Juízo.

6. Locução "haver por bem" (= dignar-se): • O Juiz houve por bem reconsiderar o seu ato.

• Os desembargadores houveram por bem indeferir o pedido.

7. Locução "bem haja" (= seja feliz!): • Bem hajam os que buscam os porquês dos conceitos.

8. Locução "haja vista" (= tendo em vista): • Haja vista a presença de vários maus-caracteres na sala, prefiro retirar-me a enfrentá-los.

9. Na forma do futuro promissivo ("hei de..."), isto é, com promessa de realizar o ato: • Hei de expor meus pensamentos no momento azado.

10. Ter, possuir: • Pediu que o inimigo houvesse piedade deles.

11. O verbo "haver", seguido de infinitivo e precedido da partícula não, significa "não ser possível": • Não há convencê-la do meu amor irrestrito.

• Não há por que beijar sem ser beijado.

• Não há (como) negar o ocorrido.

• "Não havia descrer da sinceridade de ambos" (Machado de Assis).

• "Mas olha, Tomásia, que não há fiar nestas afeiçõezinhas" (Camilo Castelo Branco).

• "E não houve convencê-lo do contrário" (Viana Moog).

12. Na forma impessoal, sem se formar o plural: • Há inúmeros contratos.

• Houve três acidentes na rodovia.

• Deve haver situações favoráveis.

• Há de haver seis meses que ele chegou.

• Parecia haver muitos curiosos.

• Começou a haver reclamações.

• Vai haver disputas ferrenhas.

Alguns Memorimacetes Rápidos...

ERRO: O eletroencefalograma custa caro.	**ACERTO:** O eletroencefalograma custa caro.

Grafa-se, sem hífen, o substantivo **eletroencefalograma**. Procure soletrar a palavra, a fim de facilitar a memorização: e-le-tro-en-ce-fa-lo-gra-ma. Outras palavras há com semelhanças: eletrocardiograma, eletrossiderurgia, eletroímã etc.

ERRO: Hoje é dia sete de setembro.	**ACERTO:** Hoje é dia Sete de Setembro.

Recomenda-se que, quando se tratar de datas históricas, mantenham-se as iniciais maiúsculas. Exemplos: Primeiro de Abril, Sete de Setembro, Quinze de Novembro, Primeiro de Janeiro. Entretanto, no geral, os meses do ano são grafados com iniciais minúsculas.

ERRO: Ele apresentou queixa crime.	**ACERTO:** Ele apresentou queixa-crime.

Para o VOLP, o substantivo é hifenizado (**queixa-crime**), formando o plural queixas-crime ou queixas-crimes.

ERRO: Fique com sua quota parte.	**ACERTO:** Fique com sua quota-parte.

Para o VOLP, o substantivo é hifenizado (**quota-parte**), formando o plural quotas-parte ou quotas-partes.

ERRO: Exercício 2014, Ano Base 2013.	**ACERTO:** Exercício 2014, Ano-base 2013.

Para o VOLP, grafam-se com hífen: ano-base, ano-bom, ano-luz e ano-novo.

ERRO: Nada a opor / Nada a dizer.	**ACERTO:** Nada que opor / Nada que dizer.
ERRO: Pôr-do-sol e pôres-do-sol.	**ACERTO:** Pôr do/de sol (Acordo: sem hifens, com o circunflexo) e pores do/de sol (sem hifens e o circunflexo).
ERRO: Estávamos em vinte um na sala.	**ACERTO:** Estávamos vinte e um na sala.
ERRO: Ele é aficcionado...	**ACERTO:** Ele é aficionado...
ERRO: Cabelereiro.	**ACERTO:** CabeLEIreiro.
ERRO: Domiciliado à Rua tal...	**ACERTO:** Domiciliado na Rua tal...
ERRO: Éramos em três...	**ACERTO:** Éramos três...
ERRO: Quando eu deter,...	**ACERTO:** Quando eu detiver,...
ERRO: Quando ele vir até aqui,...	**ACERTO:** Quando ele vier até aqui,...
ERRO: Eu vou estar providenciando...	**ACERTO:** Eu vou providenciar... / Eu providenciarei...

ERRO: Ele quer que eu seje...	**ACERTO:** Ele quer que eu SEJA...
ERRO: Se eu pôr / trazer,...	**ACERTO:** Se eu puser,... / trouxer,...
ERRO: Entregas à domicílio.	**ACERTO:** Entregas em domicílio.
ERRO: Ele estava encapuçado.	**ACERTO:** Ele estava encapuzado (de capuz).
ERRO: Ele falou em alto e bom som.	**ACERTO:** Ele falou alto e bom som.
ERRO: Ele é ambidestro.	**ACERTO:** Ele é ambidestro (não se usa o hífen com o prefixo ambi-, como em ambivalente, ambiesquerdo, ambitendência).
ERRO: Macroeconomia.	**ACERTO:** Macroeconomia (não se usa o hífen com o prefixo macro-, como em macroeconômico, macrorregião, macrossomia, macrocefalia).
ERRO: Ele comprou fitas cor-de-rosas.	**ACERTO:** Ele comprou fitas cor-de-rosa (invariável, no plural).
ERRO: Fizemos dois bota-fora.	**ACERTO:** Fizemos dois bota-foras.
ERRO: Carangueijo.	**ACERTO:** CaranGUEjo (a sílaba é -gue, e não -guei).
ERRO: O conflito teve vários "cessar-fogos".	**ACERTO:** O conflito teve vários "cessar-fogo" (palavra invariável).
ERRO: Ciclo vicioso.	**ACERTO:** Círculo vicioso.
ERRO: Eles contradizeram perante o juiz.	**ACERTO:** Eles se contradisseram perante o juiz.

ERRO: O homem tinha notável descortínio.	**ACERTO:** O homem tinha notável descortino (descortino: "perspicácia, visão ampla").
ERRO: Eles estreiavam a voz.	**ACERTO:** Eles estreavam a voz.
ERRO: Ela fez "gato e sapato" dele.	**ACERTO:** Ela fez "gato-sapato" 344 dele (com hífen).
ERRO: Houve um grito lacinante.	**ACERTO:** Houve um grito lancinante (ou seja, "cortante, pungente, doloroso").
ERRO: Os espinhos lacinam-lhe as mãos.	**ACERTO:** Os espinhos lancinam-lhe as mãos (lancinar: "rasgar, dilacerar").
ERRO: Ele malversava com verbas da Prefeitura.	**ACERTO:** Ele malversava as verbas da Prefeitura (malversar é verbo transitivo direto).
ERRO: Não confio na metereologia.	**ACERTO:** Não confio na meteOROlogia.
ERRO: Ele rezou dois "padre nosso".	**ACERTO:** Ele rezou dois "padre-nossos" (ou "padres-nossos"). Vale a mesma solução para a sinônima expressão "pai-nosso".
ERRO: Ele é primeiroanista.	**ACERTO:** Ele é primeiranista.
ERRO: Ele recebeu seus pró labores.	**ACERTO:** Ele recebeu seus pró-labores (com hífen).
ERRO: Deus lhe proteja!	**ACERTO:** Deus o proteja! (proteger é verbo transitivo direto).
ERRO: O cavalo é um puro sangue.	**ACERTO:** O cavalo é um puro-sangue (com hífen; plural puros-sangues).
ERRO: Ele é redator chefe.	**ACERTO:** Ele é redator-chefe (com hífen).
ERRO: Houve várias reinvindicações.	**ACERTO:** Houve várias REIvindicações (sem -n).

ERRO: Ela é rodomoça.	**ACERTO:** Ela é rodomoça (sem hífen; o mesmo para rodoferroviário).
ERRO: Barbaridades sem nome.	**ACERTO:** Barbaridades sem-nomes (ou sem-nome) (Sem-nome: "indecente, revoltante, inominável").
ERRO: Mulheres sem vergonhas.	**ACERTO:** Mulheres sem-vergonhas (ou sem-vergonha).
ERRO: Tratado peru-boliviano.	**ACERTO:** Tratado perúvio-boliviano.
ERRO: Por os pingos nos "i".	**ACERTO:** Pôr os pingos nos is (ou "... nos ii").

ERRO: Por ventura, o senhor viu o homem?	**ACERTO:** Porventura, o senhor viu o homem? (porventura = por acaso).
ERRO: Kisto sebácio.	**ACERTO:** Quisto sebáceo.
ERRO: Ela me ligou um sem número de vezes.	**ACERTO:** Ela me ligou um sem-número de vezes (com hífen).
ERRO: A viagem oferecia paisagens "sem par".	**ACERTO:** A viagem oferecia paisagens "sem-par".
ERRO: O homem contava piadas "sem sal".	**ACERTO:** O homem contava piadas sem-sal (com hífen).
ERRO: Os "sem terra" invadiram a fazenda.	**ACERTO:** Os sem-terra invadiram a fazenda (com hífen) 345 .
ERRO: Devemos suprir-lhes de alimentos.	**ACERTO:** Devemos supri-los de alimentos.
ERRO: Que tal os novos professores?	**ACERTO:** Que tais os novos professores?

ERRO: As nações terceiras-mundistas.	**ACERTO:** As nações terceiro-mundistas (invariável no feminino, com a concordância tão somente do segundo elemento).
ERRO: Hormônio tiroido.	**ACERTO:** Hormônio tiróideo (ou tireóideo).
ERRO: Voz tonitroante.	**ACERTO:** Voz tonitruante (ou seja, "estrondosa, alta").
ERRO: Seus pais vieram lhe visitar.	**ACERTO:** Seus pais vieram visitá-la(o).
ERRO: Há vitinicultura na região.	**ACERTO:** Há vitivinicultura na região (VI-TI-VI-NI-cul-tu-ra).
ERRO: Automóvel zero quilômetro.	**ACERTO:** Automóvel zero-quilômetro (palavra hifenizada invariável: automóveis zero-quilômetro).
ERRO: Ela é mulher granfina.	**ACERTO:** Ela é mulher grã-fina 346.
ERRO: Se nós nos abstermos...	**ACERTO:** Se nós nos abstivermos...
ERRO: Ele tem um efisema.	**ACERTO:** Ele tem um enfisema.
ERRO: O erbanário é bonito.	**ACERTO:** O herbanário é bonito.
ERRO: Metiolate.	**ACERTO:** MeRtiolate (VOLP).
ERRO: Quero duzentas gramas de muzzarela.	**ACERTO:** Quero duzentos gramas de mozarela (muzarela ou muçarela).
ERRO: Decore os refrões das músicas.	**ACERTO:** Decore os refrãos (ou refrães) das músicas.
ERRO: O aluno repetiu de ano.	**ACERTO:** O aluno repetiu o ano (o verbo repetir é transitivo direto, não exigindo preposição).

ERRO: A família sentou na mesa para almoçar.	**ACERTO:** A família se sentou à mesa para almoçar (sentar "na mesa" significa "pôr as nádegas sobre a mesa").
ERRO: Há vários tróleibus na cidade.	**ACERTO:** Há vários trólebus na cidade (para o VOLP, uma palavra proparoxítona, sem -i, formando o plural os trólebus. Portanto, o/os trólebus).
ERRO: Ele é um fascínora.	**ACERTO:** Ele é um facínora (facínora: "aquele que comete um grave crime").
ERRO: Na vida, há vários percauços.	**ACERTO:** Na vida, há vários percalços.

Lembrete: neste Capítulo, em prol da organização editorial, deixamos de registrar as dicas afetas aos CURIOSIMACETES e HORAS DO ESPANTO – AS PÉROLAS DO PORTUGUÊS. Entretanto, desejando rever os tópicos, basta acompanhá-los nos Capítulos precedentes.

11 **Preciosismo ou rebuscamento**: é vício marcado pela afetação na linguagem, cuja casticidade pauta-se pelo artificialismo e por sutilezas excessivas. Não se deve sacrificar a ideia, fugindo do natural, a fim de causar "impressão", sem lograr transmitir o pensamento com clareza.

2 Grafa-se **Antônio**, com acento – paroxítona, terminada em ditongo crescente -io –, uma vez que, segundo norma da ABL, "os nomes próprios personativos, evocativos e de qualquer natureza, sendo portugueses ou aportuguesados, serão sujeitos às mesmas regras estabelecidas para os nomes comuns" (VOLP, Formulário Ortográfico, seção XI, p. LXXVI, 5. ed., 2009). Todavia, omitir-se-á o acento, se o interessado desejar, sponte sua, grafar o nome desse modo.

3 A **frase** é a menor unidade de um discurso, traduzindo-se em enunciado linguístico de sentido completo. Ao estabelecer uma comunicação, a frase é hábil a transmitir uma ideia, uma emoção, uma ordem ou um apelo. Ressalte-se que, em uma frase, a presença do verbo não é obrigatória (Exemplo: Boa-tarde!).

4 Segundo Nascimento (1992: 239), "**termo** é a expressão material da ideia falada ou escrita. De certa forma, podemos dizer que é a palavra, para simplificar a noção" (destaque nosso).

5 Os termos **suplicante** e **suplicado** caíram em desuso, devendo ser substituídos por autor e réu, não obstante terem sua vernaculidade aforada em autores de inquestionável autoridade. Traduzem uma postura genuflexa do ato de pedir justiça (genufletir: dobrar os joelhos, postura de subserviência; genuflexão: ato de genufletir). Tais nomes eram termos em voga nas antigas organizações judiciais de Portugal, quando os recursos eram dirigidos à Casa de Suplicação. Coisa do passado, portanto, e usada alhures...

6 A expressão **se acaso**, no sentido de "se porventura" é gramaticalmente adequada. Acaso significa "por acaso, porventura", não tendo nada que ver com a conjunção condicional caso. Exemplos: • Se acaso você chegasse a minha casa, iríamos jantar juntos.

- Se acaso você vir o Márcio, dê-lhe um forte abraço.
- Se acaso você vier amanhã, não se esqueça dos livros.
- "Se acaso me quiseres, sou dessas mulheres..." (verso da canção Folhetim, de Chico Buarque).

Observação: Há redundância viciosa em "se caso" – expressão condenável, formada por palavras de igual significado. Deve-se usá-las isoladamente, e não em conjunto, sob pena de chancelar superfluidade vitanda. Dizer "se caso..." é o mesmo que dizer "se se", haja vista tratar-se de duas conjunções condicionais, exprimindo ambas uma condição.

7 A expressão latina **lato sensu** (escreve-se lato, e não "latu") contrapõe-se à expressão **stricto sensu**. A primeira quer dizer "em sentido amplo", enquanto a segunda significa "em sentido estrito". Não se deve pôr a preposição "em" antes de tais expressões.

8 **Inepto e inapto**: o inapto é "aquele que não é apto", ou seja, "sem aptidão, incapaz". Exemplo: O deficiente físico foi considerado inapto para o exercício daquela função. Inepto, por sua vez, tem a acepção de "inábil, bobo, estúpido, tolo". Exemplos: • Suas ideias são ineptas, e quem as profere, mais ainda.

- A decisão foi de todo inepta e prejudicial.
- Um empregado inapto não é obrigatoriamente inepto.

9 O verbo **bastar** concorda normalmente com o sujeito, seguindo a regra geral de concordância verbal. Exemplos: • Bastavam poucos recursos para tocar o negócio.

- Não bastam dez horas de estudo.
- Como se não bastassem tantos telefonemas que fiz, houve reclamação (núcleo do sujeito: telefonemas).
- Como se não bastassem tantas propostas indecentes, fui mal atendida (núcleo do sujeito: propostas).

No entanto, se houver sujeito oracional, não há concordância no plural. Exemplos: • Os problemas, não basta evitá-los, porém, solucioná-los.

- Basta que eles assegurem a exatidão dos cálculos.

Por fim, ressalte-se que é invariável a expressão **basta de**, no sentido de "chega!". Exemplos: • Basta de engodo! Basta de enrolação!

- "Basta de clamares inocência" (verso da canção Basta de Clamares Inocência, de Cartola).

10 **A rigor**: a expressão a rigor, aceita por dicionaristas de prol (Aurélio, por exemplo), pode ser usada como **a)** locução adjetiva, usada na expressão "traje a rigor", como sinônimo de "cerimonioso"; **b)** locução adverbial, sinônima de "na verdade, a bem dizer ou rigorosamente falando". Exemplos: • A rigor, não é esse o caminho.

- "A rigor, o adjetivo só existe referido a um substantivo" (Celso Cunha, Gramática do Português Contemporâneo, p. 182, apud Cegalla, 1999, p. 36).

Observação: registre-se que há gramáticos que tacham a locução adverbial de galicismo, propondo que se diga **em rigor**, forma adotada por literatos de renome. Portanto, podem ser admitidas ambas as formas: a rigor e em rigor. Observe: • "Em rigor, o gato não nos afaga, mas afaga-se em nós" (Machado de Assis apud Cegalla, 1999, p. 138).

11 A locução adverbial **a propósito**, na acepção de "oportunamente, no momento certo", tem sinônimo erudito: **de molde**. Portanto: A sua chegada veio de molde.

12 O adjetivo **diuturno** tem o sentido daquilo "que vive muito tempo" ou "que tem longa duração". Não se deve confundir com "diário", com "cotidiano" ou, até mesmo, com "diurno". Observe o uso apropriado: • O projeto chegou ao fim depois de incansável trabalho diuturno.

- O recorde nas Olimpíadas foi à custa de treino diuturno.

13 Camilo Castelo Branco. A queda dum anjo, p. 51, apud Cegalla, 1999, p. 10.

14 Carlos Drummond de Andrade. Obra completa, p. 450, apud Cegalla, 1999, p. 14.

15 A expressão **visto que** (ou seja, "uma vez que, porquanto") pode ser utilizada sem problemas. Por falar em problema, este existe quando se emprega o tal de "eis que", que representa condenável impropriedade, quando em lugar de "porque, porquanto, uma vez que ou pois".

16 O profissional do Direito, conquanto a ciência jurídica busque a univocidade em sua terminologia, convive com um sem-número de palavras polissêmicas. O exemplo clássico é o termo **justiça**, que tanto exprime a vontade de dar a cada um o que é seu, quanto significa as regras em lei previstas e, ainda, o aparelhamento político-jurídico destinado à aplicação da norma do caso concreto. Damião e Henriques (2000: 47) ensinam acerca do vocábulo "justiça" (do latim justitia): "Provém de ius, jus que, por sua vez, é oriundo do sânscrito iu, cuja ideia expressava proteção, vínculo ou ordem. No Direito Romano, o jus não se identificava com a lex (lei), mas estendeu-se ao vocábulo 'direito' em português, diritto em italiano, derecho em espanhol, droit em francês e recht em

alemão, contaminando o sentido da aplicação da lei, porque ela busca o justo, tanto quanto o Direito procura pela Justiça. Inadequados são, pois, adjetivos comumente empregados nos fechos das peças processuais, e.g., lídima Justiça, porque só ocorre a aplicação da Justiça quando se declaram direitos devidos ao titular e a punição de quem não os respeita, sendo ela, desta sorte, sempre legítima".

17 Rodríguez (2000: 45), ainda, afirma sobre o **jargão**: "O jargão serve como um dos sinais distintivos da linguagem, mas utilizar algumas expressões em repetição, que não mais são que forma de revelar-se como membro de uma classe, a dos operadores do direito, no caso, não é sinal de boa expressão, de bom texto, de construção clara. Ao contrário, revela-se como pobreza de estilo, como falta de conhecimento ou de segurança para a utilização de outros termos de nossa língua que não somente se expressam com o mesmo valor, como também utilizam uma linguagem mais corrente e permitem troca por outros termos, sinônimos, que acabam por organizar uma construção textual, no mínimo, de leitura mais fluente. Ao redigir, então, o autor deve distinguir o que é termo técnico, insubstituível e com carga semântica determinada, daquilo que é propriamente um jargão. Não se afirma que o jargão não se possa utilizar nunca, pois ele, como qualquer outro termo, também é parte do universo de linguagem que o autor tem à sua disposição. Entretanto, ao contrário do termo técnico, a gíria profissional não deve ser repetida várias vezes em um texto, pois o leitor sabe que o jargão pode ser trocado por outras palavras de valor semelhante, do uso corrente da língua, ao contrário do termo técnico, cuja repetição se admite, em tese, por lhe faltarem sinônimos com a mesma carga de significado".

18 A expressão **quanto mais... tanto mais** correlaciona duas orações. Nada obsta a que se omita a palavra "tanto" na segunda oração (quanto mais... mais); todavia, não se pode omitir a palavra "quanto" na primeira oração. Assim, vamos aos exemplos: • Quanto mais dava aulas, tanto mais agitada se tornava a vida.

• Quanto mais tiros davam, mais revides ocorriam.

19 **Incluindo e Inclusive:** não é recomendável o uso do termo **inclusive** antes da ideia que se diz incluída. Note o erro: "Todos estavam ansiosos com o resultado, inclusive os próprios jurados".

Corrigindo: • Todos estavam ansiosos com o resultado; os próprios jurados, inclusive.

Entretanto, é correto o emprego da forma "incluindo" antes da ideia a que se refere: • Todos estavam ansiosos com o resultado, incluindo os próprios jurados.

20 Há gramáticos que não estabelecem diferenças entre as palavras **léxico**, **vocabulário** e **dicionário**. É o caso de Sousa da Silveira (1972: 2), para quem "o léxico de uma língua é o conjunto das palavras dessa língua: é o seu vocabulário, o seu dicionário". No entanto, os linguistas veem diferenças semânticas entre os vocábulos. Observe, a propósito, os traços distintivos colhidos da obra de Damião e Henriques (2000: 37-38): "**Léxico** reserva-se à língua como um conjunto sistêmico posto ao usuário; é um inventário aberto, com número infinito de palavras, podendo ser sempre acrescido e enriquecido não só pelo surgimento de novos vocábulos, mas também por mudanças de sentidos dos já existentes na língua. Esse conjunto de palavras pode ser organizado, por ordem alfabética, indicando nos verbetes o significado. Dá-se a ele o nome de **dicionário**: é o elemento concreto da língua e possui grande mobilidade, apesar de não registrar ele todas as possibilidades lexicais. **Vocabulário**, por sua vez, é o uso do falante, é a seleção e o emprego de palavras pertencentes ao léxico para realizar a comunicação humana. Explica-se: João é brasileiro, natural do Rio Grande do Sul, advogado. José é também brasileiro, natural do Rio Grande do Norte, médico. Ambos partilham o mesmo léxico português (língua), mas cada qual possui seu vocabulário próprio, um repertório fechado, sujeito a uma série de indicadores socioculturais" (destaques nossos).

21 Evite usar a expressão "bela caligrafia", uma vez que a concepção de belo já se encontra inserida no vocábulo **caligrafia**, de origem grega, que quer dizer, justamente, bela escrita. Logo, a expressão citada indica uma redundância inadequada. Prefira, pois, bela

escrita, bonita letra ou outras formas.

22 Exemplo retumbante de **inversão da ordem direta da oração** é o exórdio de nosso Hino Nacional. Se o famoso trecho inicial houvesse sido composto em ordem direta, teríamos: "As margens plácidas do Ipiranga ouviram o brado retumbante de um povo heroico". Muito diferente é, como se sabe, o trecho no original. Trata-se de mera questão de estilo, analisada estilisticamente no âmbito da **anástrofe**.

23 Jornal do Brasil, de 30-3-1995, apud Cegalla, 1999, p. 129.

24 Jornal do Brasil, de 13-2-1996, apud Cegalla, 1999, p. 129.

25 Costuma-se empregar o termo **palavra** como sinônimo de vocábulo. Na verdade, a linguística estabelece traços distintivos acerca dos termos, atribuindo à "palavra" o aspecto semântico e ao "vocábulo", apenas um sentido eufônico. Portanto, "fila" seria uma palavra; "fi-la" (verbo + pronome) seria um vocábulo com duas palavras. O problema da distinção é enfrentá-la à luz de seu caráter reducionista, uma vez que toda palavra será um vocábulo, se apresentada sob uma forma fônica. Não há como dissociar o conceito de palavra do som, até porque as palavras são signos linguísticos, compostos de elementos fônicos, determinantes de contextos vários, a depender da situação posta. Note, em tempo, a explicação didática de Rodríguez (2000: 27-28) acerca das definições de palavra, idioma, vocábulo, termo, léxico e vocabulário: Se pretendemos dar uma noção completa de texto, é preciso que comecemos, sistematicamente, pelo mais simples: a **palavra**. O texto é formado de palavras que se combinam, assumindo um sentido único e preciso. Palavra, então, é parte da linguagem, podendo ser constituída por sons ou por representação desses mesmos sons, servindo para expressar ideias. O conjunto de palavras próprias de um povo chama-se **idioma** ou **língua**. A palavra, com conjunto de letras que representam sons, é chamada **vocábulo**. Como representação de uma ideia, chama-se **termo**. Dessa forma, a palavra 'réu' é um 'vocábulo' enquanto composta pelas letras r-e-u, e um termo, enquanto encerra a ideia de componente do polo passivo do processo. Segundo o professor Napoleão Mendes de Almeida, in "Gramática Metódica da Língua Portuguesa", Editora Saraiva, 40ª edição, 1995, §§ 5 a 12, "conjunto de palavras é denominado **vocabulário** e o conjunto de palavras dispostas em ordem alfabética denomina-se **léxico** ou **dicionário**". Quando se diz que alguém tem bom vocabulário, significa afirmar-se que tem a sua disposição um grande conjunto de palavras que lhe servem para expressar ideias. Se as palavras são parte do modo de expressão de ideias, fica bastante claro que, quanto maior o vocabulário que uma pessoa conheça, maiores são as possibilidades de exteriorizar suas ideias com competência. Portanto, a aquisição de um bom vocabulário é essencial para a escrita e para a construção do texto (destaques nossos).

26 O adjetivo ou o substantivo **fluido** (flui-do; dissílabo) não recebe o acento agudo, pois a sílaba inicial comporta um ditongo. Em outro giro, há o verbo fluir, cuja forma participial é "fluído" (flu-í-do; trissílabo), com acento agudo, em razão do hiato.

27 A forma em análise (**sendo que**) é corrigida com veemência pelas bancas examinadoras dos concursos públicos, em especial nas fases dissertativas (Magistratura, Ministério Público, Procuradoria etc.), em que o candidato se submete à elaboração de textos ou peças manuscritas. Muita atenção, portanto!

28 **Chavões ou modismos:** são as expressões de impacto, que adornam e prejudicam o texto, devendo ser evitadas, por lhes faltar objetividade. É natural que se utilizem tais expressões no discurso oral, no padrão coloquial, a fim de poupar esforços na exposição do pensar. Todavia, na linguagem escrita, que obedece ao rigor prescritivo das normas cultas, tais expressões não são bem-vindas. O modismo veicula a trivialidade da ideia já demasiado conhecida e repisada. Seu caráter efêmero retira-lhe a força, e, por isso mesmo, deve ser evitado.

29 Jornal do Brasil, de 28-5-1994, apud Cegalla, 1999, p. 76.

30 A expressão **vitanda** é exemplo erudito do uso bastante frequente, na Língua Portuguesa, do "gerundivo latino". Ocorre em expressões como: crime nefando; argumento despiciendo e em inúmeras palavras (doutorando, venerando, colendo, memorando, subtraendo, minuendo, multiplicando etc.). No Direito, veem-se extraditando, interditando, usucapiendo, prestações vincendas, exequenda etc.

31 As mais atualizadas pesquisas cartográficas indicaram que o ponto mais setentrional do Brasil é o Monte Caburaí, em Roraima. Portanto, com todo o rigor geográfico, deve-se dizer "do Monte Caburaí ao Chuí".

32 A locução **via de regra** tem o sentido de "em geral, quase sempre", sendo variante de **por via de regra**. Deve-se preferir esta àquela, por se apresentar mais consonante com as normas cultas da Língua Portuguesa. Exemplos: • Por via de regra, os homens são machistas.

• Nos vestibulares mais difíceis, por via de regra, são aprovados candidatos de classes sociais mais abonadas.

33 Admitem-se as formas **pertinente e pertinência** (VOLP, Aurélio e Houaiss). Entretanto, não há registro de verbo ao qual pudesse pertencer a palavra "pertine". Assim, a expressão "no que pertine..." é condenável e inexistente.

34 Há inúmeros **sinônimos para petição inicial**: peça exordial, preambular, introdutória, prefacial, vestibular, inaugural, libelo cível, libelo cível inaugural, entre outros.

35 Vale lembrar o fenômeno linguístico chamado **braquiologia**: consiste em simplificar-se a expressão, eliminando o substantivo e substantivando o adjetivo. Na área jurídica, temos:

Petição Inicial – a inicial	Carta Rogatória – a rogatória
Carta Precatória – a precatória	Carta Remissória – a remissória
Sentença Absolutória – a absolutória	Nota Promissória – a promissória

36 O **Autor** desta obra foi aprovado no vestibular da FUVEST, para o Curso de Direito – USP, com nota máxima 10.0 (dez) em redação, com o tema "Vestibular" (dezembro de 1992). Na ocasião, pôde desenvolver a técnica redacional haurida dos precisos ensinamentos do ilustre professor e amigo Ailton Paulino dos Santos, conterrâneo de sua saudosa cidade natal – Guaxupé, em Minas Gerais.

37 O vocábulo **egrégio** é exemplo de homonímia reinterpretada – desvio semântico entendido pelos autores como polissemia, em razão de ser exemplo de palavra que assume relações psicológicas diferentes. Isso porque "egrégio" (ex grege) era usado para designar a ovelha separada do rebanho; hoje, fala-se em Egrégio Tribunal. O mesmo se dá com: • "hospício": que passou de hospedaria para hospital e, daí, para hospital de alienados; • "insolente": excessivo, fora do comum, cristalizou-se como grosseiro; • "formidável": que causa medo ("do latim formidare") e cujo sentido, hoje, é excelente; • "escrúpulo": antes, pedrinhas da areia que perturbavam quando entravam no sapato; hoje, perturbação da consciência.

38 O notável compositor Nando Reis, na canção Diariamente, dá-nos uma lição de **sinonímia**, com versos magistralmente burilados.

Vejamos: "Para calar a boca: Rícino Pra lavar a roupa: Omo Para viagem longa: Jato Para difíceis contas: Calculadora(...) Para lápis ter ponta: Apontador(...) Para trazer à tona: Homem-rã Para a melhor azeitona: Ibéria(...) Para embaixo da sombra: Guarda-sol Para todas as coisas: Dicionário(...) / Para limpar a lousa: Apagador(...) / Para uma voz muito rouca: Hortelã Para a cor roxa: Ataúde(...) Para aumentar a vitrola: Sábado(...) Para trancar bem a porta: Cadeado(...) Para os dias de folga: Namorado(...) Para a mulher que aborta: Repouso Para saber a resposta: Vide-o-Verso(...) Para o telefone que toca Para a água lá na poça Para a mesa que vai ser posta Diariamente" **(versos da canção Diariamente, de Nando Reis, na voz sublime de Marisa Monte).**

39 As formas **com vista a** e **com vistas a** são igualmente vernáculas.

40 O termo **só**, como adjetivo, sinônimo de "sozinho", varia em número. Exemplos: • Ele está só – Eles estão sós.

- Quando me vi só – Quando nos vimos sós.
- Só, eu caminhei – Sós, nós caminhamos.

Da mesma forma, deve ser regida a expressão **por si só**. Quando se referir a mais de uma pessoa, deve ser grafada como "por si sós". Exemplo: • Eles, por si sós, chegaram a casa.

Por fim, ressalte-se que o termo "só", como advérbio, sinônimo de "somente", não varia. Exemplo: • Eles só não passaram mal porque comeram pouco.

41 Na linguagem jurídica, é bastante comum a expressão **a final** com a significação de "por último, finalmente, no término da demanda". Tal emprego, porém, deve ser evitado, não só pela natural confusão com o advérbio afinal (sentido de "enfim"), quanto por requerer, nesta construção, a presença do artigo "o", em razão de a intenção semântica ser entendida assim: Solicita, ao final (ao término) do processo, seja considerado improcedente...

42 **Estrangeirismo:** uso de palavras ou construções próprias de línguas estrangeiras, podendo variar o nome, de acordo com a proveniência da expressão. O uso de tais expressões deve ser contido, pois, muito ao contrário de demonstrar erudição, pode traduzir petulância e falta de praticidade. Situações há em que não podemos abrir mão do uso, como é o caso da palavra francesa sursis (pronuncie "sursi"), na acepção de suspensão condicional da pena, representando vocábulo comum à linguagem jurídica. Frise-se que, ao usar palavras ou expressões que não sejam da Língua Portuguesa, não deixe de dar destaque gráfico (ou negrito ou itálico) ou pôr aspas.

Nesse passo, é importante notar que a parcimônia no uso de estrangeirismos vem ao encontro da corroboração do nosso idioma, tão rico em palavras e expressões sucedâneas. Seguindo essa direção, Cegalla ratifica (1999: 155): Os estrangeirismos ainda não assimilados ou pouco conhecidos, sem feição vernácula, devem ser usados com muita parcimônia. É prática reprovável permear, por exemplo, um texto jornalístico de palavras e expressões exóticas, de neologias estrangeiras, cujo sentido o leitor não tem a obrigação de conhecer. Quem assim procede, além de evidenciar mau gosto e pedantismo, está passando atestado de subserviência cultural.

Nesse sentido, Damião e Henriques (2000: 61-62) preconizam que os seres humanos não vivem insulados; o caráter social obriga-os ao intercâmbio político, econômico e cultural. A influência de uma língua em outra é decorrência normal de tal intercâmbio; é, pois, um fato que se há de considerar com naturalidade. Hoje, não há mais clima para os antigos caçadores de estrangeirismos, cacófatos e outros que tais. Algumas palavras estrangeiras não têm correspondentes adequados e hão de ser usadas; ninguém pensaria em substituir "outdoor" por "cartazão". Ressalte-se que, com a globalização, há crescente tolerância aos estrangeirismos, que podem ser assimilados pela cultura jurídica brasileira sem a necessidade de substituição por equivalências em português. Entretanto,

quando for possível e se fizer prudente, é mister vestir as formas estrangeiras de uma roupagem vernácula e, assim, incorporá-las ao nosso léxico, como ocorreu com "abajur", "bibelô", "chalé", "coquetel", "buquê" e tantas outras.

E finalizam os renomados autores: "No mundo jurídico, a tendência sempre foi a do aportuguesamento das palavras, mesmo quando o uso consagra o estrangeirismo, e.g., 'leasing' por arrendamento mercantil; 'franchising' por franquia; 'factoring' por faturização".

43 Jornal do Brasil, de 7-11-1992, apud Cegalla, 1999, p. 162.

44 Rubem Fonseca, Os prisioneiros, apud Cegalla, 1999, p. 162.

45 Folha de S. Paulo, de 18-8-1993, apud Cegalla, 1999, p. 175.

46 Todos contam sua vida, p. 77, apud Cegalla, 1999, p. 135.

47 Há situações em que é possível **omitir a conjunção que**. Tal partícula tem o condão de enlaçar as orações, mas é possível suprimi-la em abono da sonoridade. Aqui se dá o fenômeno da elipse. Exemplos:

- Ele propõe seja reformado o prédio.
- Peço a você me forneça mais dados sobre o acusado.
- "Pouco importa me batas pelo dobro" (Carlos Drummond de Andrade, Menino antigo, p. 157, apud Cegalla, 1999, p. 342).
- "Agora pedir-vos-ei a mercê que espero me concedais" (Alexandre Herculano, O monge de Cister, I, p. 124, apud Cegalla, 1999, p. 342).

48 O Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil, coordenado por Francisco da Silva Borba e editado pela UNESP, assevera: "**Dignar-se** – é modalizador precedendo oração infinitiva, introduzida ou não por a/de, para indicar volição: 'Ninguém se dignou a mostrar-lhe o que existe' (16-09-1966, 3)".

49 "Ressalte-se que há grande diferença entre a linguagem do advogado e a dos juízes. E, como Pierre Mimin, frisamos que 'há diferença entre a forma do arrazoado e a da sentença, uma vez que o advogado, tendo determinado interesse a defender, recorre a todos os argumentos que tenham probabilidade de serem acolhidos, ao contrário do magistrado que, encarregado de dizer o direito, não se apoia senão em argumentos exatos. Daí serem os arrazoados peças de eloquência, enquanto a sentença não tem necessidade senão de lógica'" (Le Style des Jugements, Paris, 1951, n. 87, p. 192).

E ainda sobre a linguagem dos juízes: "Há que se lembrar que a linguagem das decisões judiciais está comprometida com a linguagem literária e determinado nível de cultura. Por isso, importa que o prolator da sentença escolha com cuidado as palavras e dê atenção à propriedade dos termos; respeite as regras de pontuação; evite os pleonasmos e as palavras repetidas ou redundantes, e bem assim os solecismos e vulgarismos, que não coadunam com esse tipo de exposição escrita. Esses erros e vícios de linguagem desprestigiam quem os comete. Nos respeitáveis dizeres de J. Mattoso Câmara Jr., in Manual de Expressão Oral e Escrita (Editora Vozes, 6ª ed., p. 58), 'as grafias errôneas, às vezes irrelevantes em si mesmas, ganham vulto e importância, porque são tomadas como índice de cultura geral de quem escreve, mostrando nele, indiretamente, pouco manuseio de leituras e pouca sedimentação escolar'" (Des. Geraldo Amaral Arruda, Notas Sobre a Linguagem do Juiz, Corregedoria Geral de Justiça – TJSP, 1988).

50 O termo **incontinenti** é encontradiço entre os juristas. Miguel Reale (1986-1987) usa-o, pelo menos, dezessete vezes em seu livro de memórias.

51 Ao se referir à **imprensa**, evite as impróprias e corriqueiras expressões: "imprensa escrita", "imprensa falada" ou "imprensa televisionada". Quando se quer fazer menção a jornais, revistas, rádio ou televisão, diga-se, tão somente, "imprensa".

52 Atualmente, quanto a verbos e regimes, recomendamos a consulta a preciosos dicionários, como o de Celso Pedro Luft e o de Francisco da Silva Borba (Coordenador – UNESP).

53 No mesmo sentido são as lições de Napoleão Mendes de Almeida (Dicionário de Questões Vernáculas) e Evanildo Bechara (Moderna Gramática Portuguesa).

54 O **neologismo** é palavra ou termo novo, representando um fato linguístico inevitável na história evolutiva dos idiomas. A evolução do homem em sociedade exige novas formas de expressão, em um processo natural e incoercível. Em nosso idioma, as criações neológicas adentrarão as barreiras do léxico, incorporando-se à Língua, caso obedeçam aos processos de formação de palavras convencionais, além de se fazerem de todo necessárias. Nas três últimas décadas, houve vários neologismos, com a devida chancela do VOLP, incorporados à nossa Língua. Exemplos: pivete, fax, fac-símile, insumo, televisivo, terceiro-mundista, xerox (ou xérox), ecologia, clonagem, futevôlei, biônico, bipartidarismo, aidético, terceirizar, terceirização etc.

55 **Reverter uma situação** é neologismo semântico largamente empregado na imprensa, como se não existissem termos equivalentes mais apropriados ao uso. Nesta acepção, "reverter uma situação" quer dizer "fazê-la voltar à que era antes", e não mudá-la ou invertê-la.

56 Jorge Amado, apud Cegalla, 1999, p. 150.

57 Rachel de Queiroz, Caminho de pedras, 8ª ed., p. 36, apud Cegalla, 1999, p. 150.

58 A expressão **em virtude de** tem como sinônima a locução preposicional "por causa de". Exemplo: Os sem-terra abandonaram as terras ocupadas por causa da intervenção da polícia.

Observação: evite a expressão "por causa que", expressão comum na linguagem popular, porém estreme de boa eufonia e vernaculidade. Em linguagem burilada, diga-se, tão somente, "porque": Ele chegou ao evento demasiado esbaforido porque correu como atleta.

59 **Este versus Aquele**: no confronto de tais pronomes demonstrativos, vale a pena trazer à baila os ensinamentos de Nascimento (1992: 6): "Este" diz respeito à localização perto da 1ª pessoa; "esse", da 2ª pessoa; "aquele", da 3ª pessoa. Numa enumeração de dois substantivos usamos "este" para o segundo e "aquele" para o primeiro. Exemplo: As duas testemunhas, João e Paulo, nada esclarecem, pois "este" nem sabe o nome do réu e "aquele" não estava presente. No caso anterior, não se usa "esse".

60 **Tirante** designa adjetivo denotativo de exclusão, na acepção de "exceto", "salvo", "fora". Exemplos: • Com a colisão, todos saíram ilesos, tirante o garoto.

- "O marido, tirante as horas de comer, não saía da livraria" (Camilo Castelo Branco, A queda dum anjo, p. 62, apud Cegalla, 1999, p. 394).

61 No entanto, ressalte-se que "não há erro quando se empregam locuções preposicionais terminadas com a mesma preposição formadora da locução", segundo a oportuna explicação de Nascimento (1992: 161-162): "As locuções **'antes de'** e **'depois de'** – têm a mesma preposição formadora, razão por que podem ser usadas com a repetição de apenas o último elemento. Assim, a frase acima poderia ser escrita: '... antes e depois das férias'". (Destaques nossos) Assim, há emprego legítimo em: Além e aquém da costa; Antes e depois do anoitecer; Dentro e fora da casa; À direita e à esquerda do muro; Por baixo e por cima da mesa.

62 Machado de Assis, Várias histórias, p. 178.

63 O adjetivo **meritíssimo**, forma de tratamento dada a juízes, deriva do latim meritissimus, como superlativo de meritus, significando

"merecedor de grande mérito" ou "digníssimo". Como substantivo masculino, designa a pessoa do magistrado. A título de gracejo, sempre recomendamos evitar o tal "MEREtíssimo" ou, como querem alguns ousados e criativos operadores do Direito, "MERETRÍssimo". Só rindo...

64 É sobre tal respeito que o Professor Ives Gandra da Silva Martins (1999: 130) dita, em trecho de seu decálogo para os operadores do Direito: "Respeita teus julgadores como deseja que te respeitem. Só assim, em ambiente nobre e altaneiro, as disputas judiciais revelam, em seu momento conflitual, a grandeza do Direito".

65 As expressões **de há muito** e **de há pouco** estão adstritas à linguagem culta. Observe os esclarecedores exemplos: • "Já não se usam leões, e as fogueiras de há muito foram proscritas" (Carlos Drummond de Andrade. Obra completa, p. 645 apud Cegalla, 1999, p. 105).

• "Seja o que for, é alguma coisa que não a alegria de há pouco" (Machado de Assis, Quincas Borba, cap. 29, apud Cegalla, 1999, p. 105).

66 As formas verbais terminadas em -a, -e, -o, quando tônicas, seguidas de -lo, -la, -los, -las, são acentuadas: amá-lo, repô-los e comprá-la-íamos.

67 Ciro dos Anjos, Montanha, p. 105, apud Cegalla, 1999, p. 38.

68 Eça de Queirós, Obra de ficção, II, p. 25, apud Celso Cunha, 1983, p. 503.

69 Gilberto Amado, História da minha infância, 3ª ed., p. 170, apud Celso Cunha, 1983, p. 503.

70 Augusto Frederico Schimidt, O galo branco, p. 240, apud Celso Cunha, 1983, p. 504.

71 É sinônimo de **valhacouto** – substantivo que se traduz em "proteção, amparo, abrigada, abrigadouro, abrigo, acolhida, acolhimento, aprisco, asilo, couto, efúgio, refúgio, ninho, porto, recolhimento, tegúrio, tugúrio, teto".

72 Pode-se dizer que **corolário** ou **ilação** têm como sinônimos os termos conclusão, consequência, dedução, entrelinhas, indução, induzimento, inferência, resultado, solução.

73 Os dicionários Houaiss e Aurélio também registram **peitar** com o sentido de "ser contrário; enfrentar; chocar-se".

74 Antenor Nascentes, apud Cegalla, 1999, p. 262.

75 Antônio Houaiss, apud Cegalla, 1999, p. 262.

76 Camilo Castelo Branco, Doze casamentos felizes, p. 36, apud Cegalla, 1999, p. 377.

77 Diz-se, na gramática, que o **termo** é **iterativo** ou **frequentativo**, quando expressa ações repetidas. Exemplos: o verbo "corresponder-se" é frequentativo; a frase "volta e meia, ele aparece aqui" também tem conteúdo frequentativo; os termos pisca-pisca, vaivém (há registro de "vai e vem", no VOLP 2009), saltitar, entre outros, também podem ser citados como exemplos.

78 Eça de Queirós, O Primo Basílio, p. 219, apud Cegalla, 1999, p. 30.

79 **Pontes de Miranda** (Francisco Cavalcanti Pontes de Miranda) foi advogado, professor, diplomata e ínclito jurista. Nasceu em Macéio, Alagoas, em 23 de abril de 1892 e faleceu em 22 de dezembro de 1979. Bacharelou-se na Faculdade de Direito do Recife em 1911, com apenas 19 anos. Na área jurídica, foi advogado e desembargador do Tribunal de Justiça do Distrito Federal; como diplomata, foi

embaixador na Colômbia. Sua obra mais importante é o célebre Tratado de Direito Privado, em 60 volumes, concluído em 1970.

80 **Immanuel (ou Emanuel) Kant** (1724-1804) foi um filósofo alemão, comumente considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna; indiscutivelmente, um dos seus pensadores mais influentes. Ele observa que, para que se dê o conhecimento, são necessários dois tipos de condições: **empíricas** e "**a priori**". As primeiras (condições empíricas) são particulares e contingentes, quer dizer, referem-se a um sujeito e podem ser modificadas (exemplo: Para enxergar uma coisa, intervêm a agudeza visual e o tamanho do objeto); todavia, as "condições a 'priori'" são universais e necessárias (Exemplo: O espaço e o tempo, que estão sempre presentes, não procedem da experiência, mas a antecedem. Note que, para ver algo, urge ter, em primeira análise, um lugar e um tempo nos quais se ordenam as impressões recebidas pela vista). Portanto, se existem condições "a priori", isso significa que o sujeito desempenha um papel ativo no processo do conhecimento, traz algo para esse conhecimento e, portanto, não se limita a receber passivamente o que percebe. Por outro lado, os juízos podem ser **analíticos** ou **sintéticos**. Os juízos analíticos são aqueles cujo predicado está compreendido no conceito do sujeito e, portanto, não são extensivos e apresentam-se obstativos de algo novo ao conhecimento (Exemplo: O quadrado tem quatro lados iguais). Os juízos sintéticos, esses sim, ampliam o nosso conhecimento porque o predicado não faz parte do sujeito (Exemplo: Este livro é de Filosofia). Observe que, nesses exemplos, o primeiro – "juízo analítico" – também é um juízo "a priori", porque o fato de um quadrado ter quatro lados é uma característica essencial e não precisamos da experiência para o comprovar. No segundo caso, com o "juízo sintético", tem-se um juízo "a posteriori", pois necessitamos recorrer à realidade para o emitir: é necessária a experiência.

81 **Claude Bernard** (1813-1878), fisiologista francês, estabeleceu as condições metodológicas da pesquisa biológica na sua obra Introdução ao estudo da medicina experimental (1865). A título de curiosidade médica, o fisiologista foi responsável pelos primeiros trabalhos experimentais relacionados com o metabolismo dos glicídios, tendo descoberto, em 1848, o glicogênio hepático e provocado a aparição de glicose na urina com a excitação dos centros bulbares.

82 **Armand Cuvillier**, Pequeno vocabulário de língua filosófica. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1961.

83 **Augusto dos Anjos** (1884-1914) ocupa extrema singularidade na história da poesia brasileira e universal. Publicou um único livro (Eu), todavia a popularidade dos seus versos é notável. Quem não se lembra de ["Se a alguém causa ainda pena a tua chaga,/ Apedreja essa mão vil que te afaga,/ Escarra nessa boca que te beija (...)"]. Igualmente imortalizadas, ficaram frases de sua autoria, como ["Ah! Um urubu pousou na minha sorte!" e "A mão que afaga é a mesma que apedreja"]. Utilizando-se de um léxico cientificista inesperado, com palavras como diatomáceas, elefantíases, cinocéfalos, malacopterígios e outras do gênero, o poeta paraibano inspirou a argúcia e musicalidade de **Arnaldo Antunes**, na canção Budismo Moderno.

84 Aceitam-se **faltar ao respeito a alguém** ou **faltar com o respeito a alguém.** No sentido de "desacatar e ser indelicado", ambas as expressões são bem-vindas. Portanto: • Os filhos não podem faltar ao respeito aos seus pais.

- "Há em Nova Iorque uma polícia de proteção às senhoras, punindo os que lhes faltam ao respeito" (Ramalho Ortigão, A Holanda, p. 255, apud Cegalla, 1999: 164).

- Os alunos não podem faltar com o respeito ao professor.

85 **Sequer**, na acepção de "pelo menos" ou "ao menos", é termo que deve ser usado em frases negativas, isto é, ao lado de "não" ou "nem". É erronia atribuir-lhe, por si só, sentido negativo, vindo desacompanhado de tais elementos, como se nota nas frases a seguir: "O pedreiro sequer possuía o diploma do primário".

"A ousada garota sequer trocou olhares comigo".

Procedendo à correção: • O pedreiro nem sequer possuía o diploma do primário.

• A ousada garota nem sequer trocou olhares comigo.

86 Miguel Reale, Lições Preliminares de Direito, p. 9, apud Cegalla, 1999, p. 308.

87 Na gramática latina todas as frases incidentais são colocadas no **ablativo**, chamado de ablativo absoluto. Se eu disser: "Roma conquistou Albalonga", a frase estará completa, porque há o sujeito "Roma", o verbo "conquistou" e o objeto direto "Albalonga". Se eu, depois do sujeito Roma, colocar a frase incidental "reinante Rômulo", esta frase vai para o ablativo, e o sentido não muda se eu subtraí-la ou deixá-la. Apenas explico que Roma conquistou Albalonga durante o reinado de Rômulo. Então, se o juiz despachar: Concedo a liminar, a frase estará completa porque existem o sujeito oculto "eu", o verbo "concedo" e o objeto direto "a liminar". Se o juiz colocar, depois do sujeito oculto, ou do verbo, a frase incidental, "sem ouvir a outra parte", que em latim escreve-se "inaudita altera parte", no ablativo absoluto, a frase não mudará, quer eu deixe ou subtraia a frase incidental, ficando: Concedo, "inaudita altera parte", a liminar.

A frase "inaudita altera pars" estará correta se o verbo estiver na forma passiva, e a frase, em vez de ser incidental, tornar-se sujeito. Relembrando: "'Inaudita altera pars' será chamada aos autos", isto é, "A outra parte não ouvida será chamada aos autos".

88 Paulo Fernandes é advogado e professor especialista da UERN. O artigo foi extraído do site www.defato.com, seção "Artigos" em 2 de junho de 2003.

89 Fernando Namora, Domingo à tarde, p. 33, apud Cegalla, 1999, p. 109.

90 Para o Manual de Redação e Estilo do jornal O Estado de S. Paulo, a expressão é jornalisticamente inviável, devendo o leitor preferir, no bom português, "condições indispensáveis, essenciais, absolutamente necessárias".

91 Academia Brasileira de Letras. Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa. 5. ed. 2009, p. 419.

92 Darcy Ribeiro, O povo brasileiro, p. 122, apud Cegalla, 1999, p. 185.

93 No vocábulo **inexorável**, evite, com todas as forças, empregar o fonema ks, na formação prosódica "ineKSSorável".

94 A edição do VOLP 2009 trouxe uma pronúncia oscilante (ks ou ss) para o vocábulo **máximo** e seus derivados: maximalizar, maximiliano, maximização, maximizar, maximizável, entre outros.

95 A forma **tóxico**, impropriamente pronunciada com som de ch (como em chave), é, simplesmente, "o fim do mundo"... ou, pelo menos, do nosso "mundo jurídico"...

96 Os Dicionários Houaiss e Michaelis, a par do VOLP, registram a pronúncia ss para **sintaxe**. O Aurélio, por outro lado, admite os fonemas ss e ks, como em "táxi". De fato, esta é derivada do grego táxis, no sentido de "arranjo", devendo o -x, como em todos os vocábulos ligados a esse radical, ser proferido como "ks". Fiquemos, pois, com o VOLP, Houaiss e Michaelis.

97 O VOLP 2009 adota a pronúncia oscilante (ks ou z) para **hexacampeão**. O mesmo som se deve verificar em hexaedro, hexassílabo, hexágono, hexagonal, hexacampeonato, hexadecimal, hexacosagonal, hexassubstituição, entre outras.

98 **Lambujem:** é uma exceção à regra que manda grafar com "g" os substantivos terminados em -agem (aragem, viagem, garagem etc.). À guisa de curiosidade, lambujem deriva do verbo "lamber" e nos remete, mais propriamente, ao ato de lamber os cantos da boca (daí a ideia de "algo mais"). O mesmo fato ocorre com "pajem", grafado com "j", pois vem do francês paje (ou seja, criado,

aprendiz).

99 O **sistema ortográfico** em um país se lastreia em convenção. O nosso não é distinto: possui base histórica e fonética. Seu lastro histórico leva em conta a etimologia, isto é, a origem da palavra para determinar sua grafia; por outro lado, a base fonética leva em conta o som das palavras. O sistema adotado no Brasil – aprovado pela Academia Brasileira de Letras, em 12 de agosto de 1943 e simplificado pela Lei n. 5.765, de 18-12-1971 – pode ser considerado misto, pois ora privilegia a etimologia, ora a fonética.

100 O vocábulo **lesa** (/é/) pode se adaptar a várias classes gramaticais. Vejamos: • Verbo: 3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo lesar. Exemplos: O agiota lesa a sociedade; Ela lesa o marido.

- Adjetivo (leso ou lesa): significa "lesado, ferido". Exemplo: Ele está leso do tornozelo, de uma perna etc.

- Em palavras compostas, com hífen, concordando com o substantivo: nesse caso, tem a acepção de "lesado, que sofreu lesão, prejudicado física ou moralmente", antepondo-se a substantivos ao lado da expressão "crime de". Portanto: crime de lesa-pátria, crime de leso-patriotismo, crime de lesas-pátrias, crime de lesa-gramática, crime de leso-direito, crime de lesa-majestade, crime de (réus de) lesa-linguagem, crime de lesa-civilidade.

101 A forma **maisena** vem de maís, uma variedade de milho. Note que a famosa caixa amarela que compramos no supermercado traz a grafia estranha ("maizena", com -z). Enfatize que "Maizena" é marca registrada e, como todo nome comercial, foi inventada, não constituindo, necessariamente, erro. Cite-se, exemplificativamente, o termo "Antarctica", que apresenta adaptação vocabular semelhante.

102 A expressão **ter lugar** significa "ser admissível, ter cabimento, ser oportuno". Exemplos: • Os comentários dos colegas não têm lugar, haja vista serem inoportunos.

- Antes de palavra masculina, não tem lugar o uso da crase.

103 **Ser da opinião que**: essa expressão é equivalente a "julgar, achar", não devendo ser utilizada a preposição "de" antes do "que". Exemplo da erronia: "Somos da opinião de que devemos mudar os planos".

Procedendo à correção: Somos da opinião que devemos mudar os planos.

104 Jornal do Brasil, de 18-7-1996, apud Cegalla, 1999, p. 217.

105 A **onipresença** tem como sinônimo o termo ubiquidade – propriedade de quem é ubíquo.

106 Regina Eleutério, O Globo, de 8-12-1996, apud Cegalla, 1999, p. 217.

107 Alexandre Herculano, Eurico, o Presbítero, p. 216, apud Cegalla, 1999, p. 254.

108 Geralmente, grafa-se **Lúcifer** com inicial maiúscula (Houaiss).

109 Observe o exemplo quanto ao verbo **imitir**: Ele imitiu parte do dinheiro em cultura.

110 O verbo **corroborar** é transitivo direto, não se admitindo a preposição "com". Na acepção de "fortalecer", "ratificar", o verbo "corroborar" é encontradiço na linguagem forense. Logo, evite grafar "o advogado corroborou com a tese expendida", em vez de "o advogado corroborou a tese expendida".

111 O plural de **cateter** forma "catéteres".

112 Para a **classificação das palavras compostas**, considere-se a posição da sílaba tônica do último elemento.

113 A pronúncia de **ureter** é "ureter" tér.

114 Observe que se escreve **tórax**, enquanto o adjetivo se grafa **torácico**. Por quê? A razão está no fato de que o substantivo tórax vem do latim thorax (com "x") e, por isso, é grafado com "x". O adjetivo torácico vem do próprio adjetivo latino thoracicus (com "c") e, por essa razão, é escrito com "c".

115 **Xifópagos:** procure memorizar a palavra, procedendo, verbalmente, à separação silábica [xi-fó-pa-gos]. Tal expressão designa duas pessoas que nascem ligadas, geralmente, na altura do tórax, desde o apêndice xifoide até o umbigo. Remete-nos ao vocábulo "siamês", derivado de Sião (uma designação da atual Tailândia), na acepção de irmãos siameses. A origem deve-se ao caso dos irmãos gêmeos Chang e Eng, nascidos no Sião em 1811, ligados por uma membrana situada no tórax.

116 Ad argumentandum, é possível que se defenda, ainda que de modo minoritário, a expressão entrega a domicílio, considerando "a domicílio" como uma locução adjetiva, ou seja, um tipo de entrega.

117 D. Eugênio Sales, Jornal do Brasil, de 15-2-1997, apud Cegalla, 1999, p. 13 (destaque nosso).

118 **Aspas simples:** as aspas simples devem ser usadas quando estiverem dentro de outras aspas **("`x'")**. Exemplo: **"**O jovem falou em ´institucionalização` da academia**".**

119 **Ditongo ou hiato:** há postura minoritária de alguns gramáticos que consideram tais encontros consonantais (ia, ie, io, ua, ue, uo), quer como ditongos, quer como hiatos. Sendo hiatos, aceitar-se-iam as seguintes separações silábicas: his-tó-ri-a; sé-ri-e; pá-ti-o; tê-nu-e; vá-cu-o; in-gê-nu-o; á-gu-a; má-go-a; cons-tân-ci-a; a-polí-ne-o; or-quí-de-a.

120 O adjetivo pátrio é malgaxe. Aceita-se, também **Madagascar**, sem acento, e **Madagáscar**, com acento (VOLP 2009).

121 Para o VOLP 1999, aceitava-se o estrangeirismo **viking**; atualmente, com o VOLP 2009, só se admite **viquingue**.

122 Segundo A. Amaral, in Revista da Academia Paulista de Letras, 26 (73): 171-2 (1969), "o hífen veio do grego para o latim. Da locução adverbial 'hypohen' (= 'sob um' ou 'em um'), dada a contração p + h, adveio 'hífen'".

123 A palavra **tarzã** grafa-se com til ("ã"), e não com terminação "an" ou "am". Da mesma forma, escrevem-se: manhã, ímã, irmã, órfã, satã, ãatá, cristãmente, avelãzeira, chãmente, cãs, balangandã.

A vogal "ã" ocorre ainda em final interna, i. e., antes de sufixos: chãmente (chã + mente), avelãzinha, romãzeira etc. Casos como ãatá, tucumãí são excepcionais, mas compreensíveis.

124 Pronuncie **transistor** (tôr), como em pintor, castor ou Nestor. A influência do vocábulo inglês transistor colaborou para a adoção da forma **transístor**, hoje aceita pelo VOLP. Portanto, temos as formas dicionarizadas transistor e transístor. No entanto, a regra é que as palavras terminadas em -or sejam oxítonas.

125 O substantivo ou o adjetivo **xerox** tem acento prosódico oscilante, podendo formar xerox (oxítona, não acentuada) ou xérox (paroxítona acentuada em face da terminação em -x). A tendência é prevalecer a primeira forma (a oxítona xerox), em relação à segunda. Observe os exemplos: • "Se tiver o folheto, pode tirar xerox ou permitir que seja xerocado?" (Carlos Drummond de Andrade, Jornal do Brasil, de 26-05-1981, apud Cegalla, 1999, p. 418).

• "Imagine uma fila de pessoas em um serviço de xerox" (Lair Ribeiro, Comunicação Global, p. 97, apud Cegalla, 1999, p. 418).

126 O substantivo **país** (com acento) forma o plural países (com acento). Por outro lado, o substantivo **pai** (sem acento) forma o plural pais (sem acento). Vejamos: o país – os países; o pai – os pais. E o diminutivo plural? Vale a pena conhecê-lo nos dois casos. Sua formação é para lá de sofisticada. Temos que adotar três passos: **1º** Ponha a palavra primitiva no plural. **2º** Esconda o -s. **3º** Acresça o sufixo -zinhos. **Exemplos:** • **Coração:** coração(s) + zinhos = **coraçõezinhos** • **Animal:** animai(s) + zinhos = **animaizinhos** • **Chapéu:** chapéu(s) + zinhos = **chapeuzinhos** • **Farol:** farói(s) + zinhos = **faroizinhos** • **Papel:** papéi(s) + zinhos = **papeizinhos** • **Túnel:** túnei(s) + zinhos = **tuneizinhos** • **Pai:** pai(s) + zinho = **paizinhos (pai-zi-nhos, com ditongo)** • **País*:** paíse(s) + zinhos = **paisinhos (pa-i-si-nhos, com hiato)** * **País** não entra na regra especial acima explicada. A razão é simples: na formação do diminutivo de país, o "-zinho" será substituído por "-inho". Portanto: **país – paisinho** ou **paisinhos, no plural**.

127 Jornal do Brasil, de 1-4-1993, apud Cegalla, 1999, p. 76.

128 Mário Barreto, Novos Estudos, p. 303, apud Cegalla, 1999, p. 76.

129 Alexandre Herculano, O Monge de Cister, I, p. IX, apud Cegalla, 1999, p. 76.

130 Antônio Houaiss, apud Cegalla, 1999, p. 252.

131 Carlos Drummond de Andrade, Obra Completa, p. 586, apud Cegalla, 1999, p. 252.

132 Fernando Namora, O Homem Disfarçado, p. 14, apud Cegalla, 1999, p. 21.

133 **Ditongo:** é o encontro de uma vogal com uma semivogal em uma mesma sílaba.

134 **Tritongo:** é o produto da combinação [semivogal + vogal + semivogal] em uma mesma sílaba.

135 **Dígrafo:** é a combinação de duas letras, que representam um único fonema.

136 **Hiato:** é a combinação de duas vogais "vizinhas", porém pertencentes a sílabas diferentes.

137 O mesmo fato ocorre com os vocábulos adiante assinalados: Subitem (su-bi-tem), subumano (su-bu-ma-no), subaxilar (su-ba-xi-lar), subaquático (su-ba-quá-ti-co), subabdominal (su-bab-do-mi-nal), subadutora (su-ba-du-to-ra), subalimentado (su-ba-li-men-ta-do), subafluente (su-ba-flu-en-te), subagente (su-ba-gen-te), subalugar (su-ba-lu-gar), subaluguel (su-ba-lu-guel), subarrendar (su-bar-ren-dar), subarmônico (su-bar-mô-ni-co), subarte (su-bar-te), subatômico (su-ba-tô-mi-co), subemenda (su-be-men-da), subequatorial (su-be-qua-to-ri-al), subepático (su-be-pá-ti-co), subespécie (su-bes-pé-cie), subestação (su-bes-ta-ção), subinflamação (su-bin-fla-ma-tó-rio), subinformar (su-bin-for-mar), subocular (su-bo-cu-lar), subordem (su-bor-dem), suborizonte (su-bo-ri-zon-te), subumbilical (su-bum-bi-li-cal), subumeral (su-bu-me-ral), subestimar (su-bes-ti-mar).

138 Observe que o -s de trans tem valor fonético de "z", se vier antes de vogal. Exemplo: transamazônico (/za/), transoceânico (/zo/), transandino (/zan/), transuniversal (/zu/). Por outro lado, se vier antes de -s, haverá a fusão em um "s" apenas, e pronunciar-se-á como "ss". Exemplo: transexual (/sse/), transexualismo (/sse/), transudar (/ssu/), transubstanciação (/ssu/), transiberiano (/ssi/).

139 O mesmo fato ocorre com os vocábulos adiante assinalados: sublocar (pronuncie e separe sub-lo), sublunar (pronuncie e separe sub-lu), subgerente (pronuncie e separe sub-ge), subtropical (pronuncie e separe sub-tro), sublegenda (pronuncie e separe sub-le), sublacustre (pronuncie e separe sub-la), sublevação (pronuncie e separe sub-le), sublenhoso (pronuncie e separe sub-le), sublevar (pronuncie e separe sub-le), subliminar (pronuncie e separe sub-li), sublingual (pronuncie e separe sub-li), sublombar (pronuncie e separe sub-lom). A exceção ocorre com a palavra "sublime" (pronuncie su-bli) e suas derivadas, como: sublimação, sublimado, sublimar, sublimidade etc.

140 **Letra H:** como mera letra decorativa, o **h**, na formação vocabular, não tem valor fonético, nem funciona como **notação léxica** (ou seja, um sinal ortográfico ou diacrítico que se une às palavras para lhes dar um valor fonético e uma pronúncia adequada – o acento agudo, o circunflexo e o grave; o til; a cedilha; o trema; o apóstrofo; e o hífen). Parafraseando o dito popular: "O 'h' é letra muda. Não fala, mas ajuda". Todavia, pode trazer problemas àqueles menos familiarizados com a norma etimológica e com a tradição escrita.

141 Observe que se mantêm os acentos nas abreviaturas. Exemplos: **gên.** (gênero); **pág.** (página).

142 Grafam-se sem **h**, porém, os derivados baiano, baianada, baianinha, baianismo e laranja-da-baía. Além disso, escrevem-se Baía de Guanabara e Baía de Todos os Santos, por serem nomes próprios ("baía", aqui, é o acidente geográfico).

143 Registre-se que os vocábulos **hexacampeão** e **hexacampeonato** passaram a compor o nosso léxico desde a edição do VOLP 2004. A pronúncia afeta à letra -x deve ser oscilante (ks, como em tóxico, ou z, como em exame).

144 O prefixo **hiper** (origem grega) só exige o hífen se a palavra posterior começar com -r ou -h. Exemplos: hiper-realista, hiper-reatividade, hiper-reativação, hiper-resposta, hiper-hidratação, hiper-humano, hiper--hedonismo.

145 Para o VOLP, são corretas as formas **elucubração** ou **lucubração**.

146 Para o VOLP 2009, é correta apenas a forma **aerossol**.

147 Existe um sem-número de expressões e vocábulos oriundos do **idioma árabe** que foram incorporados pela língua portuguesa, já que a História mostra uma longa ocupação dos mouros na Península Ibérica, que lá permaneceram durante oito séculos, entre os anos de 711 a 1492. São palavras de origem árabe: álcool, alfama, algarismo, alfaiate, algodão, alfândega, alface, algibeira, alfafa, alguidar, alparcata, álgebra, alqueire, azeite e várias outras iniciadas por "al" (= é artigo em árabe).

148 **Ascensão:** na acepção de "subir, elevar-se", é vocábulo usado em ascensão da pipa, ascensão da montanha, ascensão a um cargo, ascensão de Cristo.

Assunção: representa o "ato de assumir, de tomar para si". Exemplo: assunção da Virgem Maria ao céu.

Memorize: no relato bíblico da **ascensão de Jesus Cristo e e da assunção de Maria**, ambas se referem à subida para o céu. Jesus subiu aos céus 40 dias depois da Páscoa, sem ajuda – é a ascensão de Cristo. Por outro lado, Maria seguiu o Filho, porém foi elevada ao Céu pelo poder de Deus – portanto, assunção de Maria.

149 **Ascético:** refere-se à "ascese, àquilo que é místico, contemplativo". Exemplo: Certos grupos religiosos têm vida ascética.

Acético: refere-se a um tipo de ácido (acético = vinagre).

Por fim, **asséptico** designa "assepsia, limpeza".

150 O verbo **prescindir** é transitivo indireto, tendo a acepção de "dispensar". Portanto, aprecie as frases: • Ele prescinde de sua ajuda, por ser ela dispensável.

- O de que não se prescinde é o bom humor pela manhã.
- O livro de que se prescinde é necessário para mim.

151 O verbo **recrudescer** é intransitivo. Tem a acepção de "agravar-se, tornar-se mais intenso". Exemplos: • As lutas entre gangues

recrudesceram.

- As rivalidades entre as torcidas organizadas tendem a recrudescer.

152 Escreve-se com a **letra -x: (I) coxa:** parte da perna (coxa do homem, coxa de galinha); **(II) coxão:** coxa grande; no açougue, coxão duro e coxão mole; e **(III) coxo:** manco, capenga.

153 Escreve-se com o **dígrafo -ch: (I) cocha:** torcedura de cabo, gamela; **(II) coche:** carruagem; **(III) cocheira:** local onde se guardam as carruagens; e **(IV) cocho:** vasilha rústica de madeira.

154 **Lance ou Lanço:** representa a oferta verbal de preço pela coisa apregoada em leilão ou hasta pública. Para esse sentido, use uma ou outra forma. Exemplo: • "... anunciou-se a venda da quinta de Real de Oleiros..., a requerimento dos credores. José Maria Guimarães cobriu todos os lanços" (Camilo Castelo Branco, Noites de Insônia, IV, p. 26, apud Aurélio, 1986, p. 825).

Ressalte-se que **lanço** designa a parte da escada compreendida entre dois patamares. Evite "lance" para esse sentido. Exemplo: • "A cada lanço de escadaria vencido, alargava o panorama as suas riquezas de paisagem". (Fialho d'Almeida, O País das Uvas, p. 75, apud Aurélio, 1986, p. 825.)

155 Os dicionários Michaelis e Houaiss aceitam, também, a forma **trabalhadora**.

156 Ressalte-se que **episcopisa** é termo antigo, utilizado nos primórdios do Cristianismo; no entanto, **bispa** designa termo utilizável para os protestantes, que admitem mulheres nessa "função", e os evangélicos aprovam, em idêntica trilha. Portanto, é imperioso registrar o uso da forma "bispa", embora os dicionários ainda não a reconheçam, para esse sentido.

157 Bernardo Élis, Seleta, p. 144, apud Cegalla, 1999, p. 267.

158 Para uma menina com uma flor, 13. ed., José Olympio, 1983, p. 164, apud Cegalla, 1999, p. 181.

159 A **forma verbal comem-no**: o verbo com terminação -em assume os pronomes -no ou -na (Exemplo: Ele tem o Ele tem-no). No entanto, o verbo com terminação -ens não faz parte da regra, devendo gerar os pronomes -lo ou -la. (Exemplo: Tu tens o Tu tem-lo).

160 Há **verbos essencialmente pronominais** (abster-se, ater-se, atrever-se, apiedar-se, queixar-se, dignar-se, arrepender-se etc.) e **verbos acidentalmente pronominais** (pentear-se, matar-se etc.).

161 É primordial notar que, em rigor, o verbo pronominal **suicidar-se** encerra redundância em sua composição etimológica, uma vez que a ideia de reflexividade já se encontra no termo latino sui, que significa "de si próprio". No entanto, a forma dicionarizada é suicidar-se, com o pronome "se", não se devendo contrariar a lexicografia, apesar de reconhecermos que nem sempre o léxico se submete ao jugo da lógica.

162 Ciro dos Anjos, Abdias, p. 48, apud Cegalla, 1999, p. 283.

163 Verbo **crer**, 3ª pessoa do singular do pretérito imperfeito do indicativo.

164 Afrânio Peixoto, Uma mulher como as outras, p. 196, apud Cegalla, 1999, p. 143.

165 São corretas as formas ficar de pé e ficar em pé.

166 Alexandre Herculano, Eurico, o presbítero, p. 16, apud Cegalla, 1999, p. 234.

167 Cecília Meireles, apud Cegalla, 1999, p. 234.

168 Rui Barbosa, Cartas de Inglaterra, I, p. 122, apud Cegalla, 1999, p. 243.

169 Jornal do Brasil, de 20-10-1994, apud Cegalla, 1999, p. 243.

170 Vivaldo Coaraci, Cata-Vento, p. 217, apud Cegalla, 1999, p. 243.

171 A pessoa natural de Bagdá – a capital do Iraque – é (o/a) **bagdali** (oxítona, com sílaba tônica em lí, à semelhança de Bagali e Somali, acima apontados no quadro).

172 Ciro dos Anjos, Explorações no Tempo, p. 18, apud Cegalla, 1999, p. 114.

173 Carlos Drummond de Andrade, apud Cegalla, 1999, p. 160.

174 Dias Gomes, Decadência, p.11, apud Cegalla, 1999, p. 1.

175 O vocábulo **moral** será substantivo feminino, no sentido de "moral da história" – lição que se extrai do que se absorveu.

176 A forma **biótipo**, com acento, é preferível à formação **biotipo**, porém as duas formas são corretas e aceitas (VOLP).

177 Carlos Drummond de Andrade, Obra Completa, p. 489, apud Cegalla, 1999, p. 50.

178 Machado de Assis, Dom Casmurro, cap. II, apud Cegalla, 1999, p. 51.

179 O verbo **obstar** tem regência, preferencialmente, de verbo transitivo indireto. Portanto, aprecie as frases: • Ele obstou ao veto no Congresso.

- Os deputados tentaram obstar à votação das propostas de Emenda.
- As chuvas obstavam a que se iniciasse o plantio.
- Nada obsta a que o façam calar.
- Ele preconizou que nada obstava a que se desse início às explanações.

Observação: A regência direta não constitui, propriamente, erro, sendo apenas menos recomendável.

180 Ciro dos Anjos, Montanha, p. 88, apud Cegalla, 1999, p. 320.

181 Mário Barreto, Através do Dicionário e da Gramática, p. 295, apud Cegalla, 1999, p. 320.

182 Vinicius de Moraes, Para Uma Menina Com Uma Flor, p. 27, apud Cegalla, 1999, p. 321.

183 O termo "quiosque", segundo Antônio Geraldo da Cunha (1986: 657), chegou-nos pelo francês kiosque – derivado do turco kjösk e, este, do persa gosä.

184 "Panapaná" é substantivo feminino, designativo do bando de borboletas. Registre-se que José Pedro Machado (Dicionário da Língua Portuguesa) traz a forma "paná-paná". O nome é bastante curioso! Por isso, sempre afirmamos em sala de aula: "Em nossa Língua, tanta coisa há para saber, que, por mais que se saiba, é sempre um pouco que se conhece".

185 Em "A cerveja que desce redondo", temos uma hipótese que foge à regra, à luz da chamada derivação imprópria, porquanto

"redondo" quer dizer redondamente.

186 Carlos Drummond de Andrade, Obra Completa, p. 594, apud Cegalla, 1999, p. 206.

187 Euclides da Cunha, Os Sertões, p. 336, apud Cegalla, 1999, p. 138.

188 Carlos Drummond de Andrade, Obra Completa, p. 456, apud Cegalla, 1999, p. 138.

189 Caldas Aulete apud Nascimento, 1992, p. 154.

190 Eclesiástico, cap. 44.

191 Laudelino de Oliveira Freire (1873-1937), advogado, jornalista, escritor e filólogo, é autor do Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa, de publicação póstuma, em 5 volumes.

192 Cuidado: a expressão "posto que", como se sabe, tem a acepção de "ainda que", "não obstante" ou "embora".

193 Antônio Feliciano Castilho (1800-1875), A Chave do Enigma (1861), apud Nascimento, 1992, p. 154, rodapé.

194 Rui Barbosa, Réplica, n. 209, apud Nascimento, 1992, p. 154, rodapé.

195 Augusto de Campos, O Balanço da Bossa.

196 F. Pimentel Gomes, Boletim Informativo da Sociedade Brasileira de Ciência do Solo, v. 20, n. 1, p. 35, Campinas, 1995.

197 Afrânio Peixoto, Uma Mulher como as Outras, p. 66, apud Cegalla, 1999, p. 414.

198 Para o VOLP, admitem-se as formas: caminhonete ou caminhoneta e, ainda, camionete ou camioneta.

199 Registre-se que é palavra de origem alemã, conforme o VOLP e os dicionários. No final do século XVIII (1798), o termo apresentou registro no francês, como "Vermouth", tendo derivado do alemão "Wermut".

200 Camilo Castelo Branco, Noites de Insônia, IV, p. 26, apud Aurélio, 1986, p. 825.

201 Fialho d'Almeida, O País das Uvas, p. 75, apud Aurélio, 1986, p. 825.

202 Esse verso foi alvo da censura, e o "Rei", em vez de cantar ["Se o bem e o mal existem (...)"], passou a fazê-lo como ["Se o bem e o 'bem' existem (...)"].

203 A expressão "a respeito" ou "a respeito de" representa impropriedade (anglicismo). Portanto, evite a expressão "nada sei a respeito de", devendo substituí-la por nada sei a esse respeito ou nada sei a tal respeito.

Da mesma forma, evidencia-se impropriedade na expressão similar "em termos de", um modismo de linguagem modernosa, na acepção de "relativamente a, no que se refere a". É expressão que deve ser evitada ou, pelo menos, contida, a fim de não imprimir claudicância ao texto elaborado.

204 Camilo Castelo Branco, O Bem e o Mal, p. 131, apud Cegalla, 1999, p. 397.

205 Celso Cunha, Gramática do Português Contemporâneo, p. 161, apud Cegalla, 1999, p. 398.

206 Rachel de Queiroz, O Caçador de Tatu, p. 25, apud Cegalla, 1999, p. 370.

207 Ciro dos Anjos, A Menina do Sobrado, p. 212, apud Cegalla, 1999, p. 370.

208 Graciliano Ramos, Linhas Tortas, p. 96, apud Cegalla, 1999, p. 257.

209 É importante estabelecermos os conceitos entre os sinônimos, antônimos, homônimos, homógrafos, homófonos e parônimos. Vamos a eles: • **Sinônimos:** são palavras que possuem significação aproximada, como, por exemplo, original e autêntico ou original e singular.

- **Antônimos:** são palavras de significação oposta, como original e vulgar, por exemplo.

- **Homônimos**: são palavras que apresentam a mesma grafia e a mesma pronúncia, como os substantivos manga (fruta), manga (da camisa) e a forma verbal manga (ele).

- **Homógrafos:** são palavras que apresentam a mesma grafia, mas pronúncias diferentes, como o substantivo esforço e a forma verbal esforço (eu). Podemos encontrar homônimos homógrafos, como: leste (oriente) e leste (verbo); sede (a casa principal) e sede (vontade de beber); fábrica (indústria) e fabrica (verbo).

- **Homófonos:** são palavras que possuem a mesma pronúncia, mas grafias diferentes, como os verbos caçar e cassar. Podemos encontrar homônimos homófonos, como: acento (tom de voz) e assento (banco); cegar (perder a visão) e segar (ceifar); cesta (caixa) e sexta (numeral).

- **Parônimos:** são palavras que apresentam grafias ou pronúncias semelhantes, sem que, no entanto, ocorra coincidência total. Costumam provocar dúvidas quanto ao seu emprego correto. É o caso, por exemplo, de pares como flagrante / fragrante, pleito / preito, vultoso / vultuoso.

210 Observe os exemplos com o vocábulo **seção**: seção eleitoral, seção de brinquedos, seção de eletrodomésticos.

Diga-se que se usa, de modo restrito, **secção** para "corte em operação médica". Exemplo: secção do osso, secção da perna.

211 Veja a frase com o verbo **diferir**: "Quando, porém, tornava à casa (...), ficava desarmado e diferia o castigo de um dia para outro" (Dom Casmurro, Machado de Assis).

212 Observe os exemplos com o verbo **descriminar**, do qual defluem os substantivos "descriminação" ou "descriminalização": • Há quem lute para descriminar o uso da maconha.

- O réu matou em legítima defesa, razão pela qual o Juiz o descriminou.

- Há quem considere a descriminalização das drogas uma maneira de combatê-las.

- O deputado Fernando Gabeira, defensor da descriminação da maconha, falou ao repórter.

213 Note os exemplos com o verbo **discriminar**, do qual deflui o substantivo "discriminação", no sentido de "distinção". Exemplos: • Devemos discriminar o bem do mal.

- É preciso discriminar os votos conscientes e os votos nulos.

- O homem de cautela discrimina as verdades das meias verdades.

- Não se deve discriminar pessoas, sob pena de violação à Constituição, que proíbe a discriminação de cor, raça, sexo e idade.

214 O adjetivo **despercebido** não pode ser confundido com **desapercebido**.

Desapercebido tem o sentido de "desmuniciado, desprovido, desguarnecido". Exemplo: • A esquadra contava com vários navios desapercebidos de munições.

• O soldado foi pego em uma emboscada, pois estava, desapercebidamente, sem armas.

Por outro lado, o adjetivo **despercebido**, isto é, "não notado", pode ser "percebido" em frases, como: • O incidente passou despercebido à maioria dos convivas.

• O homem é demasiado meticuloso – detalhe algum lhe passa despercebido.

• "Minha atitude não passou despercebida à turma". (Ciro dos Anjos, Abdias, p. 30, apud Cegalla, 1999, p. 111).

215 **Incontinente** é adjetivo, substantivo ou advérbio. Exemplos: • O jovem era incontinente e agia sempre de supetão.

• O incontinente é o sujeito que sabe o que deve fazer, mas não consegue mover-se nesse sentido.

• Quero, incontinente, tomar as providências necessárias.

216 **Incontinenti** é advérbio latino, devendo ser grafado entre aspas ("incontinenti") ou em itálico (incontinenti). Há gramáticos de nomeada que propõem o total aportuguesamento da expressão para a forma "incontinênti", como paroxítona terminada em -i, a par de outros latinismos já incorporados ao nosso léxico, v.g., álibi, mapa-múndi, déficit etc. Nesse sentido, Houaiss ratifica, indicando como advérbio a forma "incontinente" (com -e, sem acento). Portanto, a escolha é sua: no latim, "incontinenti" ou incontinenti; ou as formas aportuguesadas "incontinênti" e "incontinente".

217 O verbo **infligir** requer atenção do estudioso. Observe os exemplos: • O rei infligiu duras penas aos súditos.

• O boxeador infligiu humilhante derrota àquele que o desafiou.

• Infligimos-lhes dolorosa derrota.

218 O termo **óptico** refere-se aos fenômenos da luz ou da visão. Nesse sentido, nada impede que se use "óptico" (com -p mudo) ou "ótico" (sem -p), para assuntos relativos à luz ou à visão. Exemplos: instrumentos ópticos; canal óptico, antípoda óptico, vias ópticas, nervo óptico, ilusão de óptica.

Em sentido figurado, **óptica** pode significar a "maneira de ver, de julgar, de sentir, perspectiva e conceito ou ideia particular". Portanto: a óptica dos românticos; a óptica dos juízes; a ilusão de óptica.

219 O vocábulo **ótico** refere-se aos assuntos relativos à audição. Pode-se escrever "óptico" (com -p mudo) ou "ótico" (sem -p). Exemplos: nervo ótico; gotas óticas. Registre-se, ainda, a ocorrência de palavras derivadas dessa forma: otite, otiatria, otídeo, oticodinia.

Observação: dada a possibilidade de se usar "ótico" ou "óptico", alternativamente, como se explicou, recomendamos que se adote, como regra, a forma **óptico** (com -p mudo), para ambos os sentidos, permitindo-se o acerto em qualquer situação.

220 Alexandre Herculano, Eurico, o Presbítero, p. 69, apud Cegalla, 1999, p. 320.

221 Viana Moog, Toia, p. 294, apud Cegalla, 1999, p. 320.

222 A locução **deve haver**, por ser composta de verbo impessoal (haver), não pode ser pluralizada. Portanto, escrevam-se: "deve haver situações"; "deve haver ocorrências"; "deve haver protestos". Por outro lado, a expressão **deve existir** é composta de verbo pessoal (existir), podendo ser modificada no plural. Exemplo: "devem existir situações"; "devem existir ocorrências"; "devem existir protestos".

Aprecie, ainda, algumas frases corretas:

- Onde antes existiam desertos, agora só há plantações (o Autor).
- Existirão dúvidas, se houver pesquisas (o Autor).
- Não duvido de que possa haver vidas além da nossa no Universo; também não duvido de que existem muitas perguntas ainda sem respostas (o Autor).

A propósito desta última frase, a palavra **universo**, como sinônimo de "sistema solar", deve ser grafada com inicial maiúscula (Universo). No entanto, há sentidos que avocam a inicial minúscula. Vamos a eles: **a)** na acepção de "conjunto de coisas existentes no mundo, no cosmo", deve conter inicial minúscula. Exemplo: O homem é um pequeno objeto que se move no universo; **b)** no sentido de "ambiente ou meio". Exemplo: A quadra de esportes era o seu universo; **c)** como "população, ou indicador de estatística". Exemplo: No universo de dois milhões de músicos, há poucos que nasceram para o ofício.

223 Não confunda com **elocução** – maneira de exprimir-se pela palavra oral: Ele tem uma elocução fluente no inglês.

224 A **licença poética** é fartamente aplicada na música e na poesia. Os dicionários conceituam-na como "liberdade outorgada aos poetas para que alterem regras da gramática, no mister artístico que lhes compete". Como se mencionou alhures, Vinicius de Moraes usou "posto que" no sentido de "porque", no Soneto de Fidelidade, recorrendo à licença poética. Não devemos recriminar esta "licenciosidade". Falta-nos autoridade...

Aliás, "falar com delicadeza não machuca a língua" (Provérbio Francês).

225 Moacir Werneck de Castro, Jornal do Brasil, de 12-3-1994, apud Cegalla, 1999, p. 224.

226 Aníbal Machado, Cadernos de João, p. 198, apud Cegalla, 1999, p. 224.

227 A vítima não é "mortal, fatal ou letal", mas, verdadeiramente, o acidente, a queda, a doença.

228 Ciro dos Anjos, Montanha, p. 87, apud Cegalla, 1999, p. 111.

229 O Globo de 30-10-1991, apud Cegalla, 1999, p. 350.

230 A pronúncia correta para inexorável é /inezorável/.

231 **Corrigindo:** "sejo" não existe. Diante da ordem "Seja obediente!", deve o destinatário da mensagem concordar com um "sim", discordar com um "não", ou se valer de outra resposta que lhe aprouver.

232 Segundo Nicola e Terra (2000: 72), "a palavra 'consoante' significa, literalmente, 'que soa juntamente', ou seja, na Língua Portuguesa, a consoante só se realiza sonoramente quando apoiada numa vogal (a vogal é a base da sílaba). Na Língua Portuguesa, temos dezenove sons consonantais, representados nos exemplos seguintes: pomba, bomba, tomada, domada, cato, gato, faca, vaca, selo, zelo, já, chá, não, mamão, vinho, mala, malha, arara, amarra".

233 Conforme se depreende do Houaiss, o termo matemático tem timbre aberto em Portugal, mas, no Brasil, deve ser pronunciado com o "e" fechado. Na edição do VOLP 1999, havia o registro de duas possibilidades: cateto (ê) e cáteto (forma com acento, vernácula,

porém pouco usual). Hoje, com a edição do VOLP 2009, somente se admite cateto ê (timbre fechado).

234 Pronuncie consuétudinário, com "-e" levemente aberto.

235 Pronuncie /esfínctér/, paroxítona, com "-e" levemente aberto.

236 C. Povina Cavalcanti, Vida e obra de Jorge de Lima, p. 15, apud Cegalla, 1999, p. 13.

237 Observe os exemplos ilustrativos: "O aborto extingue a vida incipiente no seio materno" (Cegalla).

O adolescente percebeu o crescimento incipiente de pelos axilares.

238 Considere-se que "ruça", coloquialmente, refere-se à "dificuldade e estranheza", por isso "situação ruça". O mesmo fenômeno linguístico se dá com "isso é grego para mim".

239 As palavras integrantes do quadro em epígrafe encontram respaldo no VOLP, todavia é possível a ausência de dicionarização com relação a algumas delas.

240 Existe um sem-número de expressões e vocábulos oriundos do idioma árabe que foram por nós incorporados. Afinal, a História mostra uma longa ocupação dos mouros na Península Ibérica, que lá permaneceram durante oito séculos, entre os anos de 711 a 1492. São palavras de origem árabe: álcool, alfama, algarismo, alfaiate, algodão, alfândega, alface, algibeira, alfafa, alguidar, alparcata, álgebra, alqueire, azeite, alvíssaras e várias outras iniciadas por "al" (= é o artigo em árabe).

241 Como se afirmou em capítulo anterior, o sistema ortográfico em um país se lastreia em convenção. O nosso não é distinto: possui base histórica e fonética. Seu lastro histórico leva em conta a etimologia, isto é, a origem da palavra para determinar sua grafia; por outro lado, a base fonética leva em conta o som das palavras. O sistema adotado no Brasil – aprovado pela Academia Brasileira de Letras, em 12 de agosto de 1943, e simplificado pela Lei n. 5.765, de 18 de dezembro de 1971 – pode ser considerado misto, pois ora privilegia a etimologia, ora, a fonética.

242 A forma maisena vem de "maís", uma variedade de milho. Note que a famosa caixa amarela que compramos no supermercado traz a grafia estranha ("maizena", com -z). Ocorre que "Maizena" é marca registrada e, como todo nome comercial, foi inventada, não constituindo, necessariamente, erro. Cite-se, exemplificativamente, o termo Antarctica, para a cerveja, que apresenta adaptação vocabular semelhante.

243 O vocábulo profetisa, com -s, é o feminino de profeta. Já profetiza, com -z, é tempo verbal correspondente à terceira pessoa do singular do presente do indicativo de profetizar (ele profetiza).

244 Quando o **S** está entre vogais (no substantivo) e tem som de "z", seguramente é "s".

245 O plural de estupidez é estupidezes. O mesmo se dá em: Invalidez – invalidezes; Sordidez – sordidezes; Gravidez – gravidezes; Malcriadez – malcriadezes.

246 **Lambujem**: é uma exceção à regra que manda grafar com "g" os substantivos terminados em -gem (aragem, viagem, garagem etc.). À guisa de curiosidade, lambujem deriva do verbo "lamber" e nos remete, mais propriamente, ao ato de lamber os cantos da boca (daí a ideia de "algo mais"). O mesmo fato ocorre com pajem, grafado com "j", pois vem do francês "paje" (= criado, aprendiz).

247 Saliente-se que o vocábulo projétil, uma paroxítona terminada em -l, pode ser grafado como projetil, oxítona, sem acento. Assim,

são corretas as duas formas plurais, quais sejam: projéteis e projetis.

248 A edição do VOLP 1999 previa a forma hifenizada sem acento (jiu-jitsu); a partir do VOLP 2004, passamos a ter, exclusivamente, a forma hifenizada com acento (jiu-jítsu).

249 **Cocha**: torcedura de cabo, gamela.

Coche: carruagem.

Cocheira: local onde se guardam as carruagens.

Cocho: vasilha rústica de madeira.

250 **Coxa**: parte da perna (coxa do homem, coxa de galinha).

Coxão: coxa grande; no açougue, coxão duro e coxão mole.

Coxo: manco, capenga.

251 **Vernáculo** é o idioma próprio de um país, a Língua nacional (Aurélio, 1986:1467).

252 Nos verbos terminados em **-ear**, deve-se intercalar a semivogal -i somente nas formas rizotônicas, isto é, naquelas em que a sílaba tônica recai no radical do verbo. Não se esqueça de que, no caso de **estrear**, a vogal -e do ditongo é aberta. Portanto, eu estreio (Acordo), tu estreias (Acordo), ele estreia (Acordo), nós estreamos, vós estreais, eles estreiam (Acordo); que eu estreie (Acordo), que tu estreies (Acordo), que ele estreie (Acordo), que nós estreemos, que vós estreeis, que eles estreiem (Acordo).

Aprecie outras formas corretas: **– Nomear**: eu nomeio, que ele nomeie, nós nomeamos, se ele nomeasse, ele nomeava; **– Frear**: eu freio, que ele freie, nós freamos, se ele freasse, ele freava; **– Lastrear**: eu lastreio, que ele lastreie, nós lastreamos, se ele lastreasse, ele lastreava.

253 Para o VOLP, são corretas as formas elucubração ou lucubração.

254 Note-se que, a par dos vocábulos florescente e fluorescente, temos fosforescente – que tem fosforescência (propriedade de brilhar no escuro). A palavra deriva de fósforo (substância que resplandece, que brilha no escuro).

255 O tempo é curioso: hoje é hoje; ontem foi antes de hoje; anteontem foi antes de ontem; e, por incrível que pareça, **trasanteontem** foi antes de anteontem. Observe os exemplos: 1. "(...) – Pois é, disse Quinho, colocando a xícara de mau jeito no pires, o que a fez tombar, e pondo-a de novo no pé, com exagerado cuidado, é que eu de fato usava gravata, até outro dia, até trasanteontem, para ser preciso(...)" (Antonio Callado, 1981:19).

2. "(...) Falo do João, o Guimarães, das veredas, da terra do coração, trás montanhas. Andei por lá trasanteontem, reencantado pelo verbo (...)" (Frei Carlos Alberto Libânio Christo – Frei Betto – trecho do Artigo Canteiro da Rosa).

Registre-se que o VOLP admite apenas trasanteontem, mas o Houaiss abona também trasantontem.

Observe a frase:

"(...) – Isto sei eu, rapariga de Cristo; mas como passou ela de trasantontem para cá?(...)" (Visconde de Taunay, Inocência).

256 Palavra de dupla prosódia: vaivém (plural: vaivéns) e vai e vem (sem hífen).

257 Palavra onomatopaica (de onomatopeia), escrita com o hífen. A onomatopeia (sem acento, pelo Acordo) é figura de linguagem que designa a formação de uma palavra a partir da reprodução aproximada do som a ela associado (Houaiss). Há outras palavras que podem ser consideradas onomatopaicas, sendo também grafadas com hífen, como: zum-zum (plural: zum-zuns), zum-zum-zum (plural: zum-zum-zuns), tique-taque, chuá-chuá, pingue-pongue etc.

258 Raul Pompéia, O Ateneu, p. 124, apud Aurélio, 1999, p. 748.

259 Para o VOLP, grafam-se soror ou sóror.

260 O vocábulo tarzã grafa-se com til ("ã"), e não com terminação "an" ou "am". Da mesma forma, grafam-se: manhã, ímã, irmã, órfã, satã, ãatá, cristãmente, avelãzeira, chãmente, cãs, balangandã. A vogal "ã" ocorre ainda em final interna, i. e., antes de sufixos: chãmente (chã + mente), avelãzinha, romãzeira etc. Casos como ãatá, tucumãí são excepcionais, mas compreensíveis.

261 Pronuncie transistor tôr, como em "pintor", "castor" ou "Nestor". A influência do vocábulo inglês "transistor" colaborou para a adoção da forma transístor, hoje aceita pelo VOLP. Portanto, temos as formas transistor e transístor. No entanto, a regra é que as palavras terminadas em -or sejam oxítonas.

262 O substantivo ou o adjetivo xerox tem acento prosódico oscilante, podendo formar xerox (oxítona) ou xérox (paroxítona). A tendência é prevalecer a primeira forma (oxítona, como xerox), em relação à segunda. Observe os exemplos: • "Se tiver o folheto, pode tirar xerox ou permitir que seja xerocado?" Carlos Drummond de Andrade, Jornal do Brasil, de 26-5-1981, apud Cegalla, 1999, p. 418; • "Imagine uma fila de pessoas em um serviço de xerox." Lair Ribeiro, Comunicação Global, p. 97, apud Cegalla, 1999, p. 418.

263 Há postura minoritária de alguns gramáticos que consideram tais encontros vocálicos quer como ditongos, quer como hiatos. Sendo hiatos, aceitar-se-iam as seguintes separações silábicas: his-tó-ri-a, sé-ri-e, pá-ti-o, á-gu-a, tê-nu-e, in-gê-nu-o, má-go-a, a-po-lí-ne-o, or-quí-de-a.

264 Serôdio é adjetivo que significa tardio, fora do tempo, que vem tarde. Exemplo: paixão serôdia, movimento estudantil serôdio.

265 O VOLP 2009 admite a forma singularizada feminina hemorroida (ou hemorroide). O Houaiss e o Aurélio ratificam o entendimento.

266 Jornal do Brasil, de 3-11-1994, apud Cegalla, 1999, p. 27.

267 Carlos Drummond de Andrade, Obra Completa, p. 853.

268 Sóror Joana Angélica, Abadessa do Convento das Franciscanas da Bahia, foi morta a golpes de baioneta, desferidos por soldados portugueses, na Guerra da Independência, em 1822, ao impedir que invadissem o Convento para estuprar as freiras. Estas conseguiram fugir, porém Sóror Joana foi atacada pelos soldados enfurecidos.

269 Austregésilo de Ataíde, p. 213, apud Cegalla, 1999, p. 44.

270 Eça de Queirós, Últimas Páginas, p. 350, apud Aurélio, p. 804.

271 Id., ibid., p. 193, loc. cit.

272 Para o nome indiferente, admitem-se também as preposições para, para com, perante, respeito a e sobre.

273 Para o nome seguro, admitem-se também as preposições para, por, de e em.

274 Concurso para Oficial de Justiça de Santos, realizado em 15-8-1999, questão 14.

275 Concurso para Oficial de Justiça de Andradina, questão 18.

276 Simulado de Língua Portuguesa, elaborado por Décio Sena, extraído do site www.vemconcursos.com.

277 Dias Gomes, Decadência, p. 12, 1995, apud Cegalla, 1999, p. 71.

278 O uso do verbo **namorar** com esta regência é perfeitamente legítimo para dicionaristas de escol – Aurélio e Houaiss –, embora não o seja para boa parte dos gramáticos. Diante da diversidade, entendemos que é necessário aqui revelar a regência indireta para este verbo, em abono da força do uso. Não obstante o padrão culto impor a regência de VTD, sem preposição, para este verbo, o que se encontra, todavia, na Língua coloquial, com frequência – talvez por influência dos verbos casar (casar com) e noivar (noivar com) – é a forma namorar com (regência de VTI). Perceba que a força do uso e sua aceitabilidade devem ser consideradas. Portanto, ficamos com as duas regências: a sintaxe ortodoxa (VTD) e a sintaxe moderna e coloquial (VTI).

279 Bernardo Elis, Caminhos e Descaminhos, p. 58.

280 Questão de Língua Portuguesa, em prova da FUVEST 2001, aplicada em 19-11-2000.

281 Alexandre Herculano, O Monge de Cister, I, p. 6, apud Cegalla, 1999, p. 357.

282 Camilo Castelo Branco, A Queda dum Anjo, p. 124, apud Cegalla, 1999, p. 357.

283 O Dicionário Gramatical de Verbos – UNESP registra, todavia, o uso de resultar como verbo de ligação: "com sujeito paciente expresso por nome abstrato com predicativo – significa 'tornar-se'. 'Resultaria fastidiosa a repetição dos argumentos a favor e contra a referenda'".

284 Ciro dos Anjos, Abdia, p. 2, apud Cegalla, 1999, p. 383.

285 A forma **tal qual** tem concordância interessante: tal concorda com o substantivo anterior e qual, com o posterior. Exemplos:

• O filho é tal qual o pai.	• Os sobrinhos são tais quais os tios.
• O filho é tal quais os pais.	• Os sobrinhos são tais qual o tio.

Se o elemento anterior for verbo, o tal ficará invariável; se o elemento posterior for verbo, o qual ficará invariável. Exemplos:

• Os soldados agem tal quais as ordens do capitão. • Os dados devem ser reproduzidos tal quais as leis.	• Os soldados agem tal qual forem as ordens do capitão. • Os dados devem ser reproduzidos tal qual forem apresentados na lei.

286 O vocábulo **mesmo** é bastante comum depois de substantivo ou pronome pessoal, aparecendo como palavra de realce. Pode ser substituído por próprio ou própria. Exemplo:

• Eles mesmos recorreram.	• Pensaram consigo mesmos.	• Por si mesma, tomou a decisão.

É patente que seu uso denota pobreza estilística, todavia sua gramaticalidade é incontestável, o que abona a forma (a propósito, ver o art. 867 do CPC e o art. 886, § 1º, da CLT). Na verdade, o que se condena é o uso de "mesmo" como "sujeito", substituindo o pronome.

Observe a erronia:

"Ela chegou ontem, e a mesma virá aqui amanhã".

Corrigindo: Ela chegou ontem e virá aqui amanhã.

287 É comum, mesmo em bons autores, encontrar **alerta** como adjetivo, sendo variável. Exemplo: • Eram pessoas alertas, não deixavam escapar nada.

Ressalte-se que, se alerta tiver a acepção de substantivo, deverá concordar normalmente. Exemplo: • Foi dado um alerta – Foram dados dois alertas.

288 Quando se pretende entregar correspondência ou encomenda a um destinatário, sendo a entrega feita por um particular, e não pelo correio, deve-se preferir a forma **em mão** à expressão pluralizada "em mãos". No entanto, ressalte-se que ambas são toleráveis.

289 É inadequado usar a locução prepositiva com a partícula a. É erro palmar. A forma correta é **de maneira que**. Evite, pois, "de forma a que", "de maneira a que" ou "de modo a que". Exemplos de incorreções: "Ele age de forma a que todos o observem".

"Ele busca os dados precisos em fontes confiáveis e os apresenta de maneira a que possam ser entendidos por todos".

"Se lhes confias meu propósito de aceder ao convite, eu o farei de modo a que não suscite controvérsias" (Ciro dos Anjos, Abdias, p. 62, apud Cegalla, 1999, p. 107).

"Nos últimos anos ocorreu-lhes substituir os números por adivinhações, de modo a que o prêmio se repartisse entre todos os que acertassem" (Gabriel García Márquez, Cem Anos de Solidão, p. 323, tradução, Ed. Record, 1995, apud Cegalla, 1999, p. 107).

290 **Meia**, na frase, é numeral e deve concordar com o termo dúzia.

291 **Meia**, na frase, é numeral e deve concordar com o termo hora que está omitido.

292 O emissor inclui-se entre os homens. O "nós" está implícito.

293 Na frase, o adjetivo soltos não concorda com a forma singular e feminina da palavra bandidagem, mas com sua ideia ("os bandidos"). É caso simultâneo de silepse de gênero e de número.

294 Apesar de estar no singular, o vocábulo povo apresenta ideia plural, pois é coletivo. Como o verbo se encontra distante do termo, pode concordar com tal ideia, no plural.

295 A **oração** é frase de estrutura sintática composta, normalmente, de sujeito e predicado. Em toda oração há um verbo ou uma locução verbal. As orações possuem termos que exercem funções sintáticas. O sujeito e o predicado são termos essenciais da oração. Nesse passo, há termos integrantes (objetos direto e indireto, complemento nominal e agente da passiva) e termos acessórios (aposto e adjuntos adnominal e adverbial).

296 **Vocativo:** derivado do latim vocare (chamar), o vocativo é termo utilizado para interpelar pessoa, animal ou coisa personificada a que nos dirigimos. Refere-se sempre à segunda (2ª) pessoa do discurso, podendo-se suceder à interjeição de apelo, como "ó", "eh!", entre outras. Exemplos: • "Serenai, verdes mares!" (José de Alencar).

• "Meu nobre perdigueiro, vem comigo!" (Castro Alves).

• Ó meus alunos, prestem atenção ao que vou lhes dizer!

297 **Aposto:** é palavra ou expressão que explica, esclarece ou resume outro termo da oração, podendo precedê-lo ou suceder a ele. Exemplos: • Rapaz educado, Otávio abaixou a cabeça.

• Matias, meu motorista, chegou atrasado.

298 **Predicativo:** no plano sintático de nossa gramática, temos o predicativo do sujeito e o predicativo do objeto. O predicativo do sujeito é termo que qualifica o sujeito, exprimindo-lhe um atributo ou qualificativo. Liga-se ao sujeito por meio de verbo de ligação, normalmente expresso na frase. Exemplos: • O mar estava revolto.

• Eu não sou ele.

Por outro lado, predicativo do objeto é termo que se refere ao objeto de um verbo transitivo. Geralmente, indica a presença de objeto direto, podendo, excepcionalmente, referir-se a objeto indireto. Exemplos: • Julgo inoportuna a viagem.

• Vi-o embriagado ontem.

• Alguns chamam-no (de) desonesto.

Observação: é importante identificar o predicativo do objeto, pois ele deve concordar sempre com o objeto. Assim, não se pode dizer "A sentença julgou improcedente os embargos", pois "improcedente" é predicativo do objeto e, como tal, deve concordar com o objeto direto do verbo julgar (os embargos). Portanto, com correção: A sentença julgou improcedentes os embargos.

299 **Orações interferentes:** são orações que, despontando à margem da frase, na qualidade de "observação, esclarecimento ou ressalva", interferem na sequência lógica do período. Exemplos: • "Desta vez, disse ele, vais para a Europa" (Machado de Assis).

• "Notei, é verdade, as pedras roídas nos alicerces" (Aníbal Machado).

300 **Orações subordinadas:** são aquelas que dependem de outra oração (oração principal), servindo como "complemento" desta, a fim

de lhe completar o sentido. Exemplo: • Pedi que chegasse cedo.

Pedi: oração principal; **que chegasse cedo:** oração subordinada (exerce a função sintática de objeto direto).

Com efeito, a oração subordinada pode exercer função sintática de termos, como: objetos direto ou indireto, complemento nominal, adjunto adverbial, adjunto adnominal etc. As orações subordinadas podem ser, pois, substantivas, adjetivas ou adverbiais.

Se **orações subordinadas substantivas**, terão valor ou função de sujeito, objetos direto ou indireto, predicativo do sujeito, complemento nominal e aposto. Exemplo: • É necessário seu comparecimento ("seu comparecimento" = sujeito).

Se **orações subordinadas adjetivas**, terão função de adjunto adnominal. Exemplo: • Acolha os idosos que sofrem ("que sofrem" = "sofredores" = adjetivo).

Se **orações subordinadas adverbiais**, assumirão a função de adjunto adverbial, exprimindo circunstâncias de tempo, fim, causa, condição, consequência, proporção, concessão, comparação e conformidade. Exemplos: • Chegamos de viagem quando amanhecia ("quando amanhecia" indica tempo).

• O homem tremia porque tinha malária ("porque tinha malária" indica causa).

• Se o conhecer, não o abandonará ("se o conhecer" indica condição).

301 **Adjunto adverbial**: é a função sintática exercida por advérbios e locuções adverbiais. Exprime uma circunstância qualquer (de tempo, lugar, modo, condição etc.) e deve modificar o verbo, o adjetivo ou o próprio advérbio, acompanhando-os. Exemplos: • Ele seguiu à risca ("à risca" = adjunto adverbial de modo, modificando o verbo).

• O vinho é levemente seco ("levemente" = adjunto adverbial de modo, modificando o adjetivo "seco").

• Cheguei muito rapidamente ("muito" = adjunto adverbial de intensidade, modificando o advérbio "rapidamente").

Vamos conhecer alguns advérbios e locuções adverbiais interessantes: • de afirmação: deveras, com efeito, certamente etc.; • de dúvida: talvez, quiçá, porventura; • de intensidade: muito, assaz, bastante, demasiado, nada (Isto não é nada fácil!), que (Que bom!), quanto (Quanto insisti!), como (Como comem!) etc.; • de lugar: aqui, algures, alhures, nenhures, aonde, defronte etc.; • de modo: bem, mal, adrede, propositadamente e quase todos os advérbios terminados em -mente; • de negação: não, tampouco (= também não); • de tempo: agora, hoje, entrementes, raramente, concomitantemente etc.

As locuções adverbiais são expressões que têm a função de advérbio, iniciando-se, geralmente, por preposição. Exemplos: às cegas – às claras – a toda – a pé – à uma (hora) – às vezes – de repente – de chofre – de viva voz – de improviso – de soslaio – por ora – por um triz – mal e mal – passo a passo etc.

302 A **elipse** é figura de construção (ou de sintaxe) que caracteriza a omissão de um termo ou oração, identificáveis pelo contexto. Por meio da elipse, economizam-se palavras, evitando-se a repetição enfadonha. Exemplos: • Mário saiu correndo. Não se despediu de ninguém (veja a elipse do sujeito "ele" ou "Mário").

Observe, agora, os exemplos extraídos de Regina Toledo Damião e Antonio Henriques (2000:27): • "Repreenda com severidade, quando necessário" (Vieira).

• Repreenda com severidade quando se fizer necessário.

• Exigiu caminhasse a vítima enquanto disparava a arma contra ela.

- Exigiu que caminhasse a vítima enquanto disparava a arma contra ela.

É bom lembrar que existe um caso específico de elipse, que alguns preferem chamar de zeugma (substantivo masculino – o zeugma –, o qual indica "ligação, união, ponte"). Trata-se da omissão de termo já citado na frase (em geral, é o verbo). Há um caso notável de zeugma que ocorre quando a palavra omitida tem flexão diferente da que se verifica no termo expresso anteriormente. Exemplo: Eu lido com fatos; você, com boatos. No exemplo, subentendeu-se a forma verbal lida, flexionada na terceira pessoa do singular e deduzida de "lido" (primeira pessoa do singular do presente do indicativo de lidar). Esse caso de zeugma é chamado por alguns de zeugma complexo. Exemplos: • "O pão sustenta o corpo, a oração, (sustenta) a alma" (Luz e Calor , Padre Manuel Bernardes, v. 1, p. 288).

- "Nossos bosques têm mais vida, nossa vida, (tem) mais amores" (Gonçalves Dias).

- Pedro estuda Física, e eu, (estudo) Português.

Ademais, há elipses de verbos nas intrigantes frases abaixo, conhecidas como "frases nominais", de largo uso na literatura moderna. Exemplo: • "Àquela hora, quase deserta a Praia de Botafogo" (Olavo Bilac).

Explicando: houve a elipse da forma verbal "estava".

Portanto: "Àquela hora, [estava] quase deserta a Praia de Botafogo".

Observe outro exemplo: • Ao redor, bons pastos, boa gente, terra boa para se plantar (omissão do verbo haver).

Na memorável canção "Canto triste" (1967) – música de Edu Lobo e Vinicius de Moraes –, há um ótimo exemplo de elipse: • "Onde a minha namorada? Vai e diz a ela as minhas penas e que eu peço, peço apenas que ela lembre as nossas horas de poesia...".

Explicando: no trecho "Onde a minha namorada?", está subentendido um verbo (está, anda etc.).

303 Quando queremos dar destaque à ideia contida no objeto direto, colocamo-lo no início da frase e depois o repetimos, à guisa de reforço, usando o pronome oblíquo. A esse objeto repetido sob a forma pronominal dá-se o nome de pleonástico, redundante ou enfático.

304 Há dois tipos de **orações subordinadas adjetivas**: explicativas e restritivas.

As explicativas explicam ou esclarecem o termo antecedente, cumprindo papel semelhante ao de aposto: • O sortudo, que ganhou na loteria, sumiu do mapa.

- Para os técnicos, que trabalham na plataforma, a situação está claudicante.

Por outro lado, as restritivas apenas restringem ou limitam o significado do termo antecedente, sendo indispensáveis no sentido da frase: • Escolheu o método que o levaria ao sucesso.

- Há episódios dos quais a gente nunca se esquece.

- A casa em que vive foi de minha nora.

305 **Sujeito:** é o ente sobre o qual se profere algo, podendo ser um substantivo (ou palavra substantivada) ou pronome. Exemplos: • Eu rio dia a dia.

- Morrer pelo País em combate é glorioso.

- Fazem-se tendas.

306 **Predicado:** é aquilo que se diz acerca do sujeito, isto é, todo o enunciado declaratório sobre quem desempenhou a ação verbal. Exemplo: • A ilha está lotada.

307 Alexandre Herculano, Eurico, p. 73, apud Cegalla, 1999, p. 303.

308 A gramática natural é aquela consagrada pela fala cotidiana. É comum associá-la à linguagem das crianças, que desfrutam de capacidade inata de identificar a informação ou mensagem, por meio de hipóteses e associações. O potencial linguístico da criança lastreia-se na gramática natural.

309 Aliás, Horácio, por meio de sábia advertência, ratificou: "O uso [...] é da língua sumo legislador e regra viva" (Arte Retórica, obra traduzida por Candido Lusitano, Nova Edição, Lisboa, 1833, p. 57).

310 Semelhante **erro** se nota nas frases a seguir: • "Se liga, que é hora da revisão" (melhor seria "Se ligue ..." ou, pela boa próclise, "Ligue-se ...); • "Diga-me com quem andas que te direi quem és" (melhor seria "Dize-me com quem ..."); • "Se liga na eleição!" (melhor seria "Se ligue ..." ou, pela boa próclise, "Ligue-se...", ou, ainda, "Liga-te ...").

311 Observe o erro da imprensa: "Só intervimos no Banco Econômico quando os elementos mostraram que não havia mais tempo" (Jornal do Brasil, de 19-8-1997, apud Cegalla, p. 218). O certo seria ter usado interviemos.

312 Usa-se o presente histórico (ou presente narrativo) para dar mais vivacidade à ação do passado. Exemplos: • Em 58 a.C., César invade a Gália e inicia uma famosa investida bélica.

- Jânio Quadros renuncia.
- Em 24 de agosto de 1954, Getúlio se suicida.
- Em 21 de abril de 1960, inaugura-se Brasília.
- Em 6 de junho de 1944, os aliados ocidentais desembarcam nas costas da França, dando início à derrocada nazista.

313 Segundo Víctor Gabriel de Oliveira Rodríguez (2000: 184), "o pretérito perfeito pode apresentar-se na forma simples e na forma composta.

I – O pretérito perfeito simples é expresso por uma só palavra e, como vimos, mostra que a ação foi completamente realizada.

II – O pretérito perfeito composto denota que a ação continua sendo realizada. Ele é formado por duas palavras, o particípio do verbo que se pretende conjugar e o presente do verbo auxiliar (ter ou haver): Tenho realizado vários plenários neste ano.

Hei realizado muitos plenários neste ano".

314 Para Rodríguez, (2000:185), "o pretérito mais-que-perfeito pode, também, ser expresso de forma simples ou de forma composta. O pretérito mais-que-perfeito composto é formado por duas palavras: o pretérito imperfeito de um verbo auxiliar (ter ou haver) mais o particípio do verbo principal, o que se pretende conjugar. Assim, o mais-que-perfeito composto de 'decidira' é 'tinha decidido' ou 'havia decidido'".

315 Estado de Minas, Belo Horizonte, 18-3-2001.

316 "Xongas", in O Estado de S. Paulo, de 16-2-2001.

317 Gonçalves Dias apud Cegalla, 1999, p. 411.

318 Camilo Castelo Branco, Vingança, Porto, p. 82, apud Celso Cunha, 1983.

319 Machado de Assis, Obra completa, II, p. 67-68, apud Celso Cunha, 1983.

320 Carlos Drummond de Andrade, Obra completa, p. 439, apud Cegalla, 1999, p. 325.

321 Ciro dos Anjos, O amanuense Belmiro, p. 137, apud Cegalla, 1999, p. 325.

322 Eça de Queirós, A relíquia, p. 192, apud Cegalla, 1999, p. 227.

323 Celso Luft, Dicionário prático de regência nominal, p. 317, apud Cegalla, 1999, p. 227.

324 José Américo de Almeida, A bagaceira, p. 25, apud Cegalla, 1999, p. 66.

325 Eça de Queirós, O primo Basílio, p. 10, apud Cegalla, 1999, p. 34.

326 Adonias Filho, Corpo vivo, p. 28, apud Cegalla, 1999, p. 43.

327 Graciliano Ramos, Caetés, p. 152, apud Cegalla, 1999, p. 155.

328 Folha Online – Mundo – Disponível em: <www.folha.uol.com.br>. Acesso em 19 ago. 2004.

329 O normal é que não se deva usar a partícula expletiva "o" antes de quanto. Exemplo: Faça isso quanto antes. Todavia, há generalização do uso, para dar ênfase, o que nos abona utilizá-la.

330 Agripino Grieco, Gralhas e Pavões, p. 111, apud Cegalla, 1999, p. 308.

331 Carlos Drummond de Andrade, Obra Completa, p. 481, apud Cegalla, 1999, p. 310.

332 Diga-se que não se conhece o aumentativo de palácio. Assim, utilize grande palácio.

333 Camilo Castelo Branco, Doze casamentos felizes, p. 36, apud Cegalla, 1999, p. 377.

334 Jornal do Brasil, de 5-4-1997, apud Cegalla, 1999, p. 139.

335 Eça de Queirós, Notas Contemporâneas, p. 33, apud Cegalla, 1999, p. 108 – o título da obra é As Farpas.

336 Vivaldo Coaraci, Todos Contam Sua Vida, p. 188, apud Cegalla, 1999, p. 108 – o título da obra é Os Lusíadas.

337 Gilberto Freire, Casa-Grande e Senzala, p. 254, apud Cegalla, 1999, p. 32.

338 Jornal do Brasil, de 31-8-1996, apud Cegalla, 1999, p. 32.

339 Eça de Queirós, Os Maias, II, p. 25, apud Cegalla, 1999, p. 25.

340 Rachel de Queiroz, As Três Marias, p. 102, apud Cegalla, 1999, p. 25.

341 Clarice Lispector, Felicidade Clandestina, p. 126, apud Cegalla, 1999, p. 103.

342 Eça de Queirós, Os Maias, II, p. 31 apud Cegalla, 1999, p. 110.

343 Inácio de Loyola Brandão, O Homem do Furo na Mão, p. 70, apud Cegalla, 1999, p. 294.

344 A edição do VOLP 2009 explicitou o plural oscilante do substantivo "gato-sapato": gatos-sapato ou gatos-sapatos. Ademais, fê-lo com relação ao termo "gato-pingado", que, por sua vez, tem forma plural exclusiva gatos-pingados. É bom lembrar que há registro no Houaiss da forma **fazer gato e sapato de**, a par da forma **fazer gato-sapato de** (com hífen).

345 À luz do VOLP, os substantivos hifenizados **sem-terra** e **sem-teto** são de dois gêneros e de dois números. Portanto: o/a sem-terra e os/as sem-terra; o/a sem-teto e os/as sem-teto.

346 O adjetivo **grã** (e não "grão") é forma reduzida de grande. Escreve-se com "til" e sempre provoca hífen. Exemplo: grã-cruz, grã-duque, grã-duquesa, grã-mestre, grã-mestra, grã-rabino, grã-turco, grã-sacerdote, grã-vizir (plural: grã-vizires).

19 GLOSSÁRIO

Este pequeno glossário compõe-se de termos pincelados ao longo da presente obra, objetivando rápida e descontraída consulta, de modo a esclarecer dúvidas do leitor e também apresentar curiosidades do vernáculo.

Ãatá: canoa de casca de árvore, achatada na proa e com popa em forma de bico de pato.

Abigeato: roubo de gado.

Abside: capela ou oratório reservado, situado atrás do altar-mor.

Abusão: erro de percepção que leva a tomar uma coisa pela outra; engano, ilusão.

Açafate: pequeno cesto de vime, sem arco nem asas, para pôr flores, objetos.

Acerbo: azedo; amargo; árduo; difícil.

Acoimar: obrigar a pagar coima; multar; castigar, punir.

Acoitar: amparar, esconder (alguém), favorecer.

Adail: defensor dedicado de uma causa ou movimento; aquele que chefia, guia ou dirige.

Adimplir: dar cumprimento a (obrigação, negócio etc.); executar.

Aduzido: apresentado, exposto em; trazido.

Ádvena: estranho, exótico, forasteiro; que ou o que vem de fora.

Aferrar: agarrar(-se) com força; prender(-se), segurar(-se); atracar.

Afetas: que dizem respeito a, concernem.

Aforada: que se encontra no foro (diz-se de processo) para julgamento.

Albornoz: manto de lã com capuz, usado, sobretudo, pelos árabes.

Albúmen: clara de ovo.

Alcácer: fortaleza, castelo, palácio fortificado, de origem moura.

Álcali: qualquer hidróxido, ou óxido, dos metais alcalinos.

Alfageme: fabricante de espadas e alfanjes; armeiro; espadeiro.

Alfanje: sabre de lâmina curta e larga, com o fio no lado convexo da curva.

Algaravia: fala ou escrita árabe; coisa muito difícil de entender.

Alhures: em outro lugar, em outra parte.

Aljôfar: pérola menos fina, muito miúda e irregular; gota de orvalho; lágrima de mulher.

Altaneiro: que se eleva muito, que permanece em grande altura; cheio de altivez.

Amerissar: termo da marinha e da aeronáutica – pousar o hidroavião.

Amesendar: sentar(-se) à mesa.

Amissão: ato ou efeito de perder; privação, destituição; sentido jurídico: perda de um prazo.

Anacronismo: atitude ou fato que não está de acordo com sua época.

Ancilar: que subsidia; auxiliar, acessório, suplementar.

Antífono: prece, oração, reza; estribilho, refrão.

Antolho: qualquer proteção ocular para luz muito intensa; visão ou compreensão limitada.

Apascentar: conduzir ao pasto; dar alimento espiritual, ensinar, doutrinar; guiar.

Apodo: dito irônico ou espirituoso; gracejo, chalaça.

Apostasia: renúncia de uma religião ou crença, abandono da fé (especialmente da cristã).

Apropinquar: aproximar; pôr-se próximo.

Aquesto: o que foi adquirido (bem) na vigência do matrimônio (geralmente no plural).

Arcabouço: delineamento inicial; esboço; capacidade para produzir; preparo.

Areópago: qualquer tribunal ou assembleia que se aprecie pela retidão dos julgamentos.

Argúcia: senso aguçado de observação, agudeza de espírito; sagacidade.

Aríete: máquina de guerra com que se derrubavam as muralhas ou as portas das cidades.

Arrazoar: apresentar (razões, argumentos) em um caso em juízo.

Assente: estabelecido de comum acordo; definido, ajustado; fundamentado, baseado.

Asseverar: declarar (algo) com segurança; assegurar; afirmar.

Assonância: semelhança ou igualdade de sons em palavras próximas.

Automedonte: indivíduo que dirige carro com perícia; cocheiro.

Avocar: chamar, invocar; chamar a si, fazer vir.

Azáfama: grande pressa e ardor na execução de um serviço.

Azêmola: besta de carga; pessoa parva, idiota, inútil.

Azo: motivo, causa; oportunidade.

Azoada: barulho que aturde, que atordoa; zoada.

Azorrague: padecimento moral; punição, flagelo.

Babelização: desorganização; tumulto; agitação.

Baldos: desprovidos de (algo); carentes, falhos.

Basa: lodo, lama, impureza.

Blasonar: ostentar; alardear; vangloriar-se.

Bólide: meteorito de dimensões apreciáveis; bola de fogo.

Bororos: indígenas pertencentes ao grupo dos bororos.

Brasonar: compor, pintar, esculpir, gravar em brasão; ornar com brasão ou brasões.

Briosa: que tem dignidade, amor-próprio; altiva; dotada de coragem; brava, corajosa.

Bruaá: movimento, agitação ruidosa; barulho confuso, vozerio.

Bugio: designação comum a todas as sociedades de primatas; macaco.

Burilar: tornar mais apurado; aprimorar, aperfeiçoar.

Caguira: má sorte, infelicidade (especialmente no jogo); medo, receio, temor (especialmente do azar).

Calendas: no antigo calendário romano, primeiro dia de cada mês.

Campear: exibir, mostrar com orgulho; alardear; procurar (algo que desapareceu).

Castiça: diz-se de linguagem correta, sem estrangeirismos; vernáculo.

Catrapus: o galopar do cavalo; queda repentina e ruidosa.

Causídico: patrono de causas; advogado, defensor.

Cavilação: razão falsa, enganosa; sofisma.

Celeuma: discussão acalorada ou apaixonada.

Cevatícia: aquilo que é bom para cevar.

Chamejo: brilho por reflexão; cintilação; arrebatamento emocional.

Chãmente: de modo chão, simples ou vulgar; singelamente.

Chancelar: achar justo; aprovar, referendar; selar, assinar.

Ciciar: produzir ruído fraco e contínuo; sibilar levemente.

Címbalo: instrumento de cordas percutidas.

Cinca: engano, erro, inexatidão, deslize.

Cingir: pôr ou usar (peça de roupa, enfeite, acessório) ao redor de uma parte do corpo.

Circunfuso: cercado, envolvido.

Cisalhas: designação comum às aparas ou aos fragmentos de folhas de metal.

Cisalpino: que se situa aquém dos Alpes, na Europa.

Claudicante: que claudica ou coxeia; que revela imperfeição, falha ou deficiência.

Comezinho: fácil, bom de comer; fácil de entender; simples.

Consuetudinário: que se pratica repetidamente, como um costume; usual, costumeiro.

Consulente: aquele que consulta (alguma coisa) numa instituição apropriada.

Côvado: medida de comprimento equivalente a 66 cm.

Cretone: fazenda encorpada, de algodão ou de linho, com urdidura de cânhamo.

Demiurgo: criador de qualquer obra grandiosa ou de importância.

Desavir: pôr(-se) em desavença, fazer brigar ou brigar; indispor (-se), malquistar(-se).

Desídia: indolência, ociosidade, preguiça.

Despiciendo: merecedor de desdém; desprezível, desdenhável.

Dessarte: assim, desta maneira; destarte.

Devesa: alameda ou arvoredo que circunda um terreno; defesa.

Diapasão: nível, estado comparativo e que serve de tipo ou padrão.

Discente: que estuda; estudantil.

Dissensão: estado de litígio; desavença, conflito, disputa.

Dissímil: dessemelhante, diferente, diverso.

Ditame: lei introduzida por autoridade superior; regra, determinação.

Dobre: duplicado, dúplice; artificioso, falso.

Écloga: poesia bucólica em que pastores dialogam; pastorela.

Égide: proteção, amparo, suporte; préstimo.

Egrégio: extremamente distinto; insigne, muito importante; digno de admiração.

Emborrascar: agitar freneticamente; encher de raiva; enfurecer, irar, encolerizar.

Empós: após, depois.

Enfiteuta: aquele que recebe propriedade mediante enfiteuse.

Enjambrar-se: confundir-se, entortar.

Ensimesmado: concentrado, recolhido.

Entabular: fazer começar; instaurar, estabelecer.

Enxárcia: conjunto de cabos fixos que seguram os mastros; cordoalha de navio.

Enxó: instrumento que serve para desbastar madeira; substantivo feminino.

Enxúndia: substância graxa; óleo, unto, banha, gordura.

Equevo: que é da mesma idade (que outro).

Escâncara: estado do que está a descoberto, à vista.

Escorreito: que tem apuro, que é correto.

Esmoler: que ou aquele que dá esmolas frequentemente; caridoso.

Espeque: apoio, amparo, arrimo; égide.

Estólida: tola, estúpida, absurda.

Estribar: apoiar-se ou apoiar (alguma coisa) sobre; assentar(-se).

Estuante: que estua, que arde; ardente, escaldante.

Exarado: registrado por escrito; lavrado.

Exceler: destacar-se ou salientar-se muito de outros; ser excelente.

Excepcionar: apresentar ou opor exceção em juízo a.

Excídio: assolação, destruição, ruína.

Excogitar: criar pela imaginação; cogitar, imaginar, inventar.

Exegeta: que realiza exegese (da Bíblia, de uma lei); intérprete.

Exegética: ramo da teologia que se dedica à explanação e à interpretação da Bíblia.

Exequenda: diz-se da sentença que está sendo executada.

Exéquias: cerimônias ou honras fúnebres.

Exórdio: o início de um discurso; preâmbulo, prólogo; origem, princípio.

Exortar: induzir (alguém) a fazer ou pensar determinada coisa; persuadir.

Exsurgir: levantar-se, erguer-se.

Extemporâneo: que não é próprio ou característico do tempo, momento, em que ocorre.

Fácies: os caracteres de forma e configuração que distinguem um grupo; aspecto geral.

Factótum: indivíduo cuja função é ocupar-se de todos os afazeres de outrem.

Falacioso: que emprega falácia; enganoso.

Fescenino: que ou o que tem caráter obsceno, licencioso; difamador, libelista, devasso.

Fissirrostro: que tem o bico largo e fendido, como as andorinhas e os andorinhões.

Fito: que se fitou; cravado, fixado.

Forcejar: fazer esforço; fazer força; esforçar-se, pelejar.

Fulcro: ponto de apoio; sustentáculo, base.

Furbesco: que age de modo pouco digno ou honesto; velhaco, patife.

Ginete: cavalo bem proporcionado, adestrado e de boa raça; cavaleiro bom.

Grassar: propagar-se, espalhar-se; popularizar-se.

Grosa: conjunto de 12 dúzias.

Guéri-guéri: fala ou discussão desprovida de valor ou fundamento; intriga, falatório.

Guerrear: fazer guerra (a), combater; opor-se a; hostilizar.

Guisa: maneira, modo.

Haurir: retirar (algo) de dentro de onde estava, pondo-o para fora; extrair, colher.

Hégira: a fuga de Maomé de Meca para Medina, em 622 da era cristã; êxodo geral.

Hemorroíssa: mulher que padece de hemorragia.

Herácleo: relativo a Héracles (Hércules, entre os romanos), personificação da força.

Hermenêutica: conjunto de regras e princípios usados na interpretação do texto legal.

Hermética: difícil de entender e/ou interpretar; obscura, ininteligível.

Hialino: que se refere a vidro; transparente, translúcido, claro.

Hialurgia: arte de fabricar vidro.

Hierática: papiro finíssimo, empregado somente na escrita dos livros sagrados.

Hígido: que diz respeito à saúde; salutar.

Hílare: alegre, contente.

Himeneu: enlace matrimonial; casamento.

Hiper-hidrose: secreção excessiva de suor; hidrorreia.

Hipossuficiente: diz-se de ou pessoa de parcos recursos econômicos.

Hispidez: característica daquilo que é híspido (hirto, eriçado, arrepiado).

Hissope: utensílio usado para aspergir água-benta; aspersório, asperges.

Histrião: comediante, cômico; pessoa vil.

Hodierno: que existe ou ocorre atualmente; atual, moderno, dos dias de hoje.

Homizio: ato de esconder alguém ou algo à ação da justiça.

Hoplita: na Grécia antiga, soldado da infantaria duramente armado.

Hulha: qualquer carvão mineral.

Hussardo: cavaleiro húngaro.

Idiossincrasia: característica comportamental peculiar a um grupo ou a uma pessoa.

Imbele: que não tem espírito belicoso; não aguerrido; fraco, pusilânime.

Imiscível: não suscetível de misturar-se.

Impender: ser preciso; caber, tocar, cumprir; estar prestes a cair ou a acontecer.

Impertérrito: que não tem medo; destemido, impávido.

Impetigo: afecção cutânea contagiosa; impetigem.

Ínclito: notável por seus méritos e qualidades excepcionais; celebrado, famoso, ilustre.

Inconsútil: que não tem costura; que não tem falhas.

Indumentária: vestimenta, indumento.

Inexorável: que não cede ou se abala diante de súplicas e rogos; inflexível, implacável.

Inextricável: que não se pode dissociar ou desembaraçar; indestrinçável.

Infenso a: inimigo, hostil, oponente.

Ingurgitar: engolir sem mastigar; tornar repleto, encher até transbordar.

Inopino: que sobrevém de forma imprevista ou inesperada; súbito.

Ínscio: não ciente; ignorante.

Insigne: que é notável por suas obras ou feitos; destacado, famoso, ilustre.

Instar: ser necessário; urgir; questionar.

Intelecção: fato de entender; compreensão, entendimento.

Jaez: conjunto de traços ou características; espécie, gênero, laia, tipo.

Jângal: floresta selvagem, mata densa; local deserto; ermo.

Janízaro: oficial de diligências; indivíduo vadio, que não trabalha.

Janota: que ou quem se mostra afetado no vestir; que tem elegância; garrido.

Jerárquico: concernente à hierarquia.

Jeribita: aguardente de cana; cachaça.

Laborar: incorrer, incidir em erro, em engano.

Lasso: fatigado, esgotado; frouxo, bambo; de maus costumes; devasso.

Lente: professor de nível secundário e, especialmente, o de nível superior; leitor.

Lhano: franco, sincero, verdadeiro; singelo, despretensioso.

Lide: trabalho penoso; faina, labuta; pendência, litígio.

Lídimo: reconhecido como legítimo, autêntico.

Lôbrego: em que há pouca ou nenhuma claridade; escuro, sombrio.

Longânime: que denota generosidade; magnânimo, altruísta.

Luculo: indivíduo que, em festas e banquetes que promove, ostenta luxo e suntuosidade.

Lume (trazer a lume): tornar notório, público; declarar, manifestar, publicar.

Lupanar: casa de alcoviteira, propícia a relações amorosas; prostíbulo.

Macambúzio: que, por temperamento ou circunstancialmente, se mostra triste, taciturno.

Mangrar: impedir o desenvolvimento de; não vingar; definhar-se.

Maviosidade: suavidade, doçura, meiguice.

Miríade: quantidade indeterminada, porém considerada imensa.

Mirífico: extraordinariamente belo; perfeito, maravilhoso, admirável.

Mister: necessidade, precisão, exigência.

Mixira: prato típico da Amazônia; técnica de armazenamento de carne na própria gordura do animal.

Motejar: dizer (motejos) a; escarnecer, gracejar, chasquear.

Muçurana: corda usada por indígenas para amarrar seus prisioneiros; maçarana.

Múnus: tarefa, dever obrigatório de um indivíduo; encargo, obrigação.

Náiade: ninfa das fontes e dos rios; mulher banhista, nadadora.

Nefelibata: que ou quem vive nas nuvens.

Negus: título do soberano da antiga Abissínia (atual Etiópia e Eritreia).

Obsecrar: pedir encarecidamente; suplicar, implorar.

Obtemperar: argumentar com humildade e moderação; ponderar; assentir, aquiescer.

Obus: granada explosiva arremessada por boca de fogo própria.

Oneroso: que impõe, envolve ou está sujeito a ônus, encargo, obrigação.

Opimo: excelente, rico, fértil, de grande valor.

Opróbrio: grande desonra pública; degradação social; ignomínia, vergonha, vexame.

Orexia: desejo, vontade de comer; apetite.

Palmar: muito claro; evidente, indiscutível.

Parabélum: pistola automática de grande calibre, originalmente fabricada na Alemanha.

Pélago: região marítima afastada do litoral; alto-mar; situação problemática, difícil.

Penedia: local cheio de penedos; penedal, penedio, piçarra.

Peragração: volta lunar (de qualquer ponto do zodíaco até o retorno ao ponto de saída).

Peralvilho: diz-se de ou indivíduo afetado nas maneiras e no trajar; janota, peralta.

Pernóstico: que ou aquele que é presumido, afetado, pretensioso.

Perquirir: efetuar investigação escrupulosa; inquirir de maneira minuciosa; esquadrinhar.

Pertinácia: qualidade ou ação de pertinaz; perseverança, tenacidade, obstinação.

Pituíta: muco nasal; vômito viscoso.

Polissêmica: relativo à polissemia; que tem mais de um significado.

Pórfiro: qualquer pedra que apresente partículas muito brancas em fundo escuro.

Prazenteiro: simpático, adulador; alegre, animado, feliz.

Preambular: escrever o preâmbulo de; prefaciar; introdutório.

Preclaro: que se distingue pelo mérito, pelo saber; ilustre, notável, famoso.

Primacial: em que há, ou a que se atribui primazia; primordial.

Primícias: primeiras coisas de uma série; começos, prelúdios.

Probo: de caráter íntegro; honrado, honesto, reto.

Profligar: derrubar, arruinar, destruir, derrotar; tentar destruir com argumentos.

Prófugo: que anda a fugir ou a vagar; fugitivo, vadio, vagabundo.

Prolatar: pronunciar (sentença); promulgar, proferir.

Prolixidade: característica do que é prolixo; loquacidade, verborragia, prolixidez.

Prónubo: relativo a noivo, a noiva ou a núpcias; nupcial.

Proxeneta: aquele que explora a prostituição de outrem; cáften, rufião.

Pugilo: pequena quantidade de (qualquer coisa); punhado; pitada.

Pujança: grande força; vigor, robustez.

Pungente: que provoca dor, penetrante, lancinante.

Quérulo: que se lamenta; plangente, queixoso.

Quinhoar: repartir em quinhões, em partes; partilhar.

Quinquenérveo: com cinco nervuras, todas partindo da base do limbo (diz-se de folha).

Rebarbativo: que causa estranheza, que desagrada, por destoar do normal, do comum.

Reboo: ato ou efeito de reboar (retumbar); ressoo.

Récova: comitiva de cavaleiros.

Recru: muito cru.

Refrega: lida, trabalho; luta, confronto.

Refulgente: que refulge, brilha, resplandece.

Reiuno (Acordo): de baixa qualidade ou condição; ordinário, ruim.

Remir: tornar a obter, a conseguir; conceder indenização a; compensar, ressarcir.

Réprobo: que ou aquele que foi banido da sociedade; malvado, detestado, infame.

Resvés: que é exato, justo; próximo, rente.

Rocio: condensação do vapor, orvalho.

Rutilante: que fulgura ou resplandece com vivo esplendor; luzente, cintilante.

Salmódia: maneira monótona no ler, recitar, declamar.

Sanhuda: que provoca medo; temível, terrível.

Serventuário: aquele que presta um serviço provisório ou feito em nome de outrem.

Silfo: espírito elementar do ar, segundo os cabalistas.

Sobejo: que excede; excessivo, demasiado; audaz, ousado; qualquer coisa que sobrou.

Sobremodo: muito além da medida, da normalidade; demais, sobremaneira.

Soçobrar: reduzir(-se) a nada; acabar (com); desanimar; pôr-se em perigo; perder-se.

Sucedâneo: substituto; que se segue a; posto em lugar de.

Súcia: reunião de indivíduos de má índole ou de má fama; malta, bando.

Supedâneo: banco para descanso dos pés; escabelo; estrado; pedestal.

Superfluidade: coisa supérflua, coisa de luxo; futilidade; excesso, demasia.

Tantálico: de sofrimento penoso, terrível.

Tergiversar: usar de evasivas ou subterfúgios; procurar rodeios.

Tessitura: modo como estão interligadas as partes de um todo; organização, contextura.

Tirocínio: capacidade de discernimento.

Tonitruante: que troveja; muito ruidoso.

Torpe: que revela caráter vil; ignóbil.

Tranquibérnia: ato ou negócio de má-fé, fraude ou trapaça.

Trânsfuga: aquele que renega seus princípios, que se descuida de seus deveres.

Velutina: antigo tecido de seda semelhante ao veludo.

Venida: ataque imprevisto, feito de surpresa pelo inimigo; ação de vir; vinda.

Viageiro: viajante; aquele que viaja; viajor (ô).

Vicissitude: sucessão de mudanças ou de alternâncias; insucesso, revés.

Vincendo: que está por vencer (diz-se de dívida, juros etc.).

Vitando: que se deve evitar; execrável, vitável.

Zênite: o ponto ou grau mais elevado; apogeu, culminância.

Zíngaro: relativo ao ou próprio do povo cigano.

20 ÍNDICE REMISSIVO

O presente índice remissivo é fruto de meticuloso trabalho de pesquisa do amplo conjunto de situações gramaticais espalhadas pela obra. Com mais de 2.000 remissões, permitirá ao leitor encontrar a solução à dúvida em poucos instantes.

Dessa forma, a obra alcança o seu nobre objetivo de auxiliar eficientemente todos aqueles que precisam do idioma em seu dia a dia.

A

- A (plural da letra): 211
- A baixo x Abaixo: 234-235
- A baixo x De cima: 234-235
- A caráter (e a crase): 520
- A cavalo (e a crase): 520
- A cerca de x Há cerca de x Acerca: 261
- A cores x Em cores (tevê): 176
- À custa de: 23
- A domicílio x Em domicílio: 176
- A ele(s)/A ela(s) x Lhe (objeto indireto): 221-222
- A expensas de x Às expensas de: 24
- A fim de x Afim: 156; 170
- A final (versus Afinal e Ao final): 88
- A folhas ("a fls. ..."): 109-110; 229
- A grosso modo (erro): 156-157
- A jato (e a crase): 520
- A maior parte de (concordância verbal): 424
- A maioria de (concordância verbal): 424
- À medida que: 24-25
- A metade de (concordância verbal): 424
- A meu/nosso ver (pronúncia): 290
- A nível de (erro!): 60-61; 517
- A olhos vistos (concordância nominal: invariável): 136; 410
- A par x Ao par: 184; 260; 271

- A Pari passu (erro): 149
- A pé (e a crase): 520
- A ponto de (pronúncia): 290-291
- A posteriori (latinismo): 140-142
- A prazo (e a crase): 520
- A princípio x Em princípio: 267
- A priori (latinismo): 140-142
- A propósito (de): 22; 94
- A rigor: 22
- A sangue-frio (e a crase): 520
- A simili (argumento; latinismo): 87
- A sós (concordância nominal): 411
- A última vez que... (expressão): 521
- A x Há: 261
- Ab auctoritatem (argumento; latinismo): 84-85
- Ab initio (latinismo): 154
- Ab irato (latinismo): 154
- Abaixar x Baixar: 235
- Abaixo x Acima: 235
- Abaixo-assinado x Abaixo assinado: 135; 235
- Abdicar (regência): 383
- Abdomens (acentuação): 179
- Abelha e Zangão: 207
- Abeto (/ê/: timbre fechado): 298
- Abolir (verbo defectivo; conjugação): 477
- Abono (Em abono de...): 118
- Aborígene / Aborígine (ortografia; dupla prosódia): 238; 310
- Abreviatura x Abreviação: 198
- Abreviaturas (em geral): 198
- Abreviaturas (na petição): 77-78
- Abreviaturas e Acentos gráficos: 199
- Abreviaturas e Pontuação: 198
- Abrupto (separação silábica): 193; 197
- Absente reo (latinismo): 154
- Absoluto (pronúncia): 285

- Abster-se (verbo pronominal): 212
- Abstivermos (flexão verbal): 538
- Absurdidade: 119
- Acento diferencial: 348
- Acentuação (com plural de diminutivos): 206
- Acentuação (ditongo crescente): 177
- Acentuação (nomes próprios): 18
- Acentuação (paroxítonas terminadas por -er): 280
- Acerca de x Há cerca de x A cerca de: 170; 261
- Acerto x Asserto: 203; 303
- Acervo (/ê/ ou é: pronúncia oscilante): 294
- Acético x Ascético x Asséptico: 202; 306
- Acima x Abaixo: 235
- Acinte (ortografia): 202; 305
- Acontecer (verbo pessoal; concordância verbal): 430
- Acordo amigável (pleonasmo): 277
- Acordo Ortográfico (flexões verbais): 231
- Acordo Ortográfico e hífen (ortografia): 319-325
- Acoroçoar: 120
- Acostumar-se (verbo pronominal): 519
- Acróbata / Acrobata (dupla prosódia): 238
- Ad cautelam (latinismo): 155
- Ad instar (latinismo): 155
- Ad judicia (latinismo) 106-107
- Ad juditia (erro!) 106-107
- Ad libitum (latinismo): 155
- Ad litteram (latinismo): 81-82; 144
- Ad litteris et verbis (latinismo): 82
- Ad nutum (latinismo): 155
- Adequar (verbo defectivo; conjugação): 478-479
- Aderir (flexão verbal – presente do indicativo: adiro): 230
- Aderir (verbo irregular; conjugação): 471
- Adimplir (conjugação): 349
- Adjetivo x Advérbio: 247
- Adjetivos (superlativos sintéticos): 191-193

- Adjetivos pátrios (ou gentílicos): 224-225
- Adjudicação: 128
- Adjunto adverbial (conceito): 449
- Adminículo: 126
- Adrede (/ê/: timbre fechado): 125; 298
- Advérbio x Adjetivo: 247
- Advérbios (dois ou mais terminados por -mente): 122-123; 247-248; 520
- Advir x Adivinhar (flexão verbal: advinha): 520
- Advogado (pronúncia): 285
- Aerossol (ortografia): 202; 305
- Aferro: 99
- Aficionado (ortografia): 157; 536
- Afim x A fim de: 156; 262; 271
- Afinal x A final x Ao final: 88
- Afinar: 125
- Afligir: 279
- Afonsino (ou Obsoleto): 129
- Aforismo (ortografia): 521
- Afro(a)(s) (concordância nominal): 520
- Afrouxo (pronúncia): 287
- Agasalho: 118
- Agir (flexão verbal – presente do indicativo: ajo): 230
- Agradar (regência): 383
- Agradecer (regência): 383
- Agradecido(a) (concordância nominal): 408
- Agravante: 93; 187
- Aguar e o Acordo (conjugação): 475
- Aguardente: 186
- Ajudar (regência): 383
- Alcíone (proparoxítona): 180
- Álcool (palavra de origem árabe): 202
- Álcool (plural): 209
- Alcoólatra (proparoxítona): 180; 343
- Aleijar (ortografia): 165; 316-317
- Aleijo (pronúncia): 286-287

- Alerta (concordância nominal: invariável): 409
- Alfabeto (letras) e o Acordo: 301
- Alface (palavra de origem árabe; gênero): 186; 202
- Alfândega (palavra de origem árabe): 202
- Álgebra (palavra de origem árabe): 202
- Algoz (pronúncia): 183; 340
- Algum (concordância nominal): 407
- Alguns de nós (concordância verbal): 424
- Álibi (proparoxítona): 180; 343
- Alienado (regência): 381
- Alienígena: 117
- Almaço (grafia complexa): 202; 305; 325
- Alocução x Elocução: 275
- Altera inaudita (latinismo): 149-151
- Alto e bom som (expressão): 536
- Aluguel ou Aluguer (dupla prosódia): 238
- Aluvião: 93; 188
- Amazona e Cavaleiro: 207
- Ambi- (ortografia): 536
- Ambidestro (ortografia): 536
- Ambiguidade: 44-46
- Ambrosia (ou Ambrósia): 177; 342
- Amoral x Imoral: 236; 268
- Análise e Analisar (ortografia): 161; 408-409
- Anástrofe (inversão de termos na oração): 44
- Anexo (concordância nominal): 408-409
- Anexo (particípio): 227
- Anfitrioa e Anfitrião: 207
- Anglicismo: 252-253
- Ano-base (ortografia): 535
- Ano-bom (ortografia): 536
- Ano-luz (grafia complexa): 325; 536
- Anônimo e Apócrifo: 181-182; 344
- Ano-novo (ortografia): 536
- Ansiar (regência): 384

- Ansioso (ortografia): 202; 305; 318
- Ansioso (regência): 382
- Antarctica e Maizena (Marcas): 161; 181
- Antártica (adjetivo): 181; 345
- Antártida (proparoxítona): 181; 345
- Ante a x Ante: 89-90
- Ante ao exposto (erro!): 135
- Ante o exposto : 135
- Antenupcial (Acordo e ortografia): 322
- Antes bom: 266
- Antever (conjugação de "ver"): 486-487
- Antiético (Acordo e ortografia): 322
- Anti-inflamatório (Acordo e ortografia): 321
- Antissocial (Acordo e ortografia): 322
- Antônimo (conceito): 267; 168-169; 302
- Anuir (regência): 128; 384
- Ao encontro de x De encontro a: 260-261
- Ao final x A final x Afinal: 88
- Ao léu (ortografia): 371
- Ao nível de (ou Em nível de): 517
- Aonde x Onde: 184-185
- Aos molhos (ó: timbre aberto): 299
- Apaniguar e o Acordo (conjugação): 474
- Apaziguar e o Acordo (conjugação): 231; 474
- Apêndix (ortografia; plural): 529
- Apenso (concordância nominal): 409
- Apesar de... (contração proibida da preposição + artigo): 531-534
- Apiedar-se (flexão verbal): 232
- Apócrifo e Anônimo: 181-182; 344
- Após o quê... (locução): 217
- Aposto (conceito): 446
- Aprazer(-se) (conjugação): 488-489
- Apropinquar e o Acordo (conjugação): 99; 232; 475
- Apropriado (ortografia): 318; 528
- Apto a: 279

- Apud (latinismo): 147-149
- Apud acta (latinismo): 149
- Aquiescer: 134
- Árabe (palavras de origem): 202; 307
- Arcabouço: 126
- Arcaísmos (Preciosismos): 97-100; 126-127
- Arcaísmos versus Jargões: 99-100
- Arena: 129
- Arguir e o Acordo (conjugação detalhada): 130; 482-484
- Argumento a simili (latinismo): 87
- Argumento aríete: 134
- Argumento de autoridade: 84-85
- Aríete (Argumento aríete): 134
- Arnaldo Antunes (Budismo Moderno): 142
- Arquétipo (proparoxítona): 180; 343
- Arrasar (ortografia): 136; 163; 310
- Arrear (flexão verbal – presente do indicativo: arreio): 230
- Arrepender-se (verbo pronominal): 212
- Arrepio: 122
- Arriar (flexão verbal – presente do indicativo: arrio): 230
- Artesã e Artesão: 211
- Artesãos x Artesões: 211; 530
- Artigo (com "frei"): 208
- Artigo (com "monsenhor"): 208
- Artigo (com "sóror"): 208
- Arvorar-se: 120
- Às avessas (/ê/: timbre fechado): 294
- Ascensão x Assunção: 202; 306
- Ascensorista (grafia complexa): 325
- Ascético x Acético x Asséptico: 202; 306
- Aspas simples: 177
- Aspirar (regência): 384
- Asseio (ortografia): 203; 305
- Assente: 124
- Asséptico x Acético x Ascético: 202; 306

- Assertiva (ou Asserto): 203
- Assistir (regência): 384-385
- Assunção x Ascensão: 202; 306
- Asterisco (pronúncia): 289; 319
- Ateia e Ateu: 206
- Atender (regência): 385
- Atento(a): 134
- Atenuante: 93; 186
- Aterrissagem ou Aterrizagem (pronúncia): 287-288
- Ater-se (verbo pronominal): 212
- Através de: 95-96; 163-164
- Audiatur (et) altera pars (latinismo): 150
- Augusto dos Anjos: 142
- Autoescola (Acordo e ortografia): 320; 322
- Automação e Automatização: 278
- Autópsia ou Autopsia (dupla prosódia): 238; 291-292
- Avalancha (ortografia): 522
- Avalanche (Estrangeirismo): 253
- Avelãzeira (til: ã): 183; 340
- Avença (arcaísmo): 99; 127
- Aventado(a): 123
- Averiguar e o Acordo (conjugação): 474
- Avexar ou Vexar: 507
- Ávido (regência): 382
- Avir(-se) x Desavir(-se): 237
- Avó (diminutivo plural e acentuação: avozinha): 206
- Azeite (palavra de origem árabe): 202
- Azul-celeste (concordância nominal: invariável): 413; 522
- Azul-ferrete (concordância nominal: invariável): 413; 522
- Azul-marinho (concordância nominal: invariável): 413; 522
- Azul-turquesa (concordância nominal: invariável): 413; 522

B

- Bacanal: 93; 188
- Bacharel (regência nominal): 381

- Bacharela e Bacharel: 208
- Bagdali (adjetivo pátrio; oxítona): 224
- Bahia (-h-intermediário): 302
- Bahia x Baía (letra "h"): 200; 302
- Baixar x Abaixar: 235
- Balaústre (acentuação): 173
- Bálcãs (dupla prosódia): 239
- Baliza (ortografia): 163; 307; 308; 310
- Banca (substantivo coletivo): 245
- Banir (verbo defectivo; conjugação): 477
- Barato (concordância nominal): 411
- Barbárie (ou Barbaria): 177; 342
- Basta de... (expressão): 22
- Bastante (classes morfológicas): 240-241; 411
- Bastar (concordância) 21, 22
- Bater (concordância verbal): 429
- Batizar (ortografia): 162; 309
- Bê-á-bá (oxítona; plural): 183
- Beccaria (paroxítona): 178
- Bela caligrafia (erro!): 42
- Belchior (pronúncia): 508
- Bem haja (expressão): 534
- Beneditino: 119
- Beneficente (ortografia; pronúncia): 174-175; 289; 319
- Bengali (oxítona): 183; 340
- Beribéri (acentuação): 156; 178
- Berinjela (ortografia): 310
- Besouro (ortografia): 310
- Bifrontes (palavras): 208
- Biótipo ou Biotipo (dupla prosódia): 180; 238
- Biquíni ou Biquine (estrangeirismo aportuguesado; paroxítona): 156; 178; 238; 252
- Bispa x Episcopisa: 207
- Blecaute (estrangeirismo aportuguesado): 252
- Blefe (/ê/ ou é: pronúncia oscilante): 295
- Boa-fé (ortografia; plural): 135-136; 319

- Boa linguagem (Capítulo): 34-64
- Bocaiuva (Acordo e acentuação): 341; 347
- Bochecha (ortografia): 205; 313
- Bode e Cabra: 206
- Boêmia ou Boemia (dupla prosódia): 238
- Bom-bocado: 64
- Bom-moço: 64
- Bom-tom: 64
- Bom senso: 33; 64
- Bororos (pronúncia): 177; 342
- Bota-fora (ortografia; plural): 536
- Botão (diminutivo plural e acentuação: botõezinhos): 206
- Boticário (arcaísmo): 127
- Brandir: 117
- Braquiologia: 65
- Bueiro (ortografia): 201; 317
- Bufê (estrangeirismo aportuguesado): 253
- Burburinho (ortografia): 201; 317
- Burla: 121
- Buxo x Bucho: 205; 313

C

- Ç (ortografia): 314
- Cabeleireiro (ortografia): 536
- Caber (verbo irregular; conjugação): 230; 473
- Cabra e Bode: 206
- Caçar x Cassar: 169; 203; 268; 303
- Cacoépia ou Cacoepia (dupla prosódia): 239
- Cacófato (ou Cacofonia): 61; 195; 236-237
- Cada (concordância verbal): 428
- Cadafalso (grafia complexa): 326
- Cadarço (grafia complexa): 326
- Cadê: 395
- Cadeado (ortografia): 171; 315; 396
- Cafeicultor (separação silábica): 197

- Cafeinado (separação silábica): 197
- Cãibra ou Câimbra (dupla prosódia): 240
- Cal (gênero): 93; 186
- Caligrafia: 42
- Cálix (ortografia; plural): 529
- Câmara lenta: 522
- Câmera x Câmara: 522
- Canja de galinha (pleonasmo): 277
- Caracteres (acentuação; paroxítona): 177; 332; 342
- Caranguejo (grafia complexa): 326; 536
- Caráter ou Caractere (dupla prosódia): 280
- Cardeal: 120
- Carioca (adjetivo pátrio): 225
- Carioca x Fluminense (adjetivo pátrio): 225
- Caro (concordância nominal): 411
- Carrasco (gênero): 278-279
- Cartesiano(a): 125
- Cartucho x Cartuxo: 204; 304
- Cãs (til: ã): 183; 340
- Castelhanismo: 252
- Casulo (ortografia): 307
- Cataclismo (ortografia; gênero): 186; 521
- Catequizar (ortografia): 162; 307; 309
- Cateter (acentuação; silabada; plural): 174; 183; 339-340
- Catorze ou Quatorze (dupla prosódia): 238
- Cauda (do piano): 520
- Cavaleiro e Amazona: 207
- Cavalheiro e Dama: 207
- Cavouco (pronúncia): 287
- Caxambu (ortografia): 205
- Ceção: 32; 204; 319
- Cê-cedilha (grafia complexa): 202; 305; 326
- Cediço ("É cediço..."): 114
- Ceio (pronúncia): 287
- Cerca de (concordância verbal): 424

- Cesária e Cesariana (ortografia): 171; 279; 315
- Cessão: 32; 204; 319
- Cessão x Ceção x Sessão x Seção: 169; 270; 303; 319
- Cessar-fogo (ortografia; plural: invariável): 536
- Cf. (abreviatura): 198
- CH (ortografia): 204-206
- Chá x Xá: 205; 314
- Chamar (regência): 385
- Champanha(e) (estrangeirismo aportuguesado; gênero): 186; 253
- Chapéu (diminutivo plural e acentuação: chapeuzinhos): 185; 206
- Chassi (estrangeirismo aportuguesado): 253
- Chavões (clichês ou modismos): 59-61; 97-100
- Chefa (gênero): 207
- Chefa e Chefe (gênero): 207
- Chegado (particípio): 229
- Chegar (regência): 385-386
- Chego (particípio: erro!): 229
- Cheque x Xeque: 206; 314
- Chuchu (ortografia): 205; 313
- Chulo (ortografia): 205; 313
- Ciclope (paroxítona): 177; 342
- Cinquenta (ortografia): 174
- Cipoal: 118
- Círculo vicioso (expressão): 536
- Círio x Sírio: 204; 304
- Cisalpino (separação silábica): 196
- Cisma: 204
- Citação de doutrina (regras): 84-85
- Citação de jurisprudência (regras): 87-88
- Ciúme(s) e Saudade(s): 246-247
- Civil x Cível: 122
- Clareza (e preciosismo): 41-50; 48-50
- Clareza (falta de; ambiguidade): 44-46
- Clarividente: 118
- Claude Bernard: 142

- Clichês (chavões ou modismos): 59-61; 97-100
- Clube (estrangeirismo aportuguesado): 252
- Coabilidade (Acordo e ortografia): 323
- Coabitar (Acordo e ortografia): 323
- Coadunar: 134
- Coautor (Acordo e ortografia): 322
- Cocha x Coche x Cocheira x Cocho: 205; 313
- Coco(/ô/) x Coco (ó) x Cocô x Cocó: 522
- Cocuruto: 201; 317
- Codevedor (Acordo e ortografia): 322
- Códex (ortografia; plural): 529
- Coerdeiro (Acordo e ortografia): 323
- Coimbrã (ortografia): 167
- Coincidência (ortografia): 318; 530
- Colendo: 60; 108-109
- Cólera (gênero): 188
- Colocação Pronominal: 501-506
- Colorir (verbo defectivo; conjugação): 477
- Com (sujeito unidos por; concordância verbal): 428
- Com efeito: 113
- Com vista(s) a: 24; 85
- Comezinho (grafia complexa): 326
- Comichão (gênero): 93; 186
- Companhia (pronúncia): 294
- Compatível (regência): 382
- Competir (flexão verbal – presente do indicativo: compito): 230
- Comprazer(-se) (conjugação de "aprazer"): 488-489; 520-521
- Comprimento x Cumprimento: 268; 317
- Computar (verbo defectivo): 469
- Comunicação jurídica (Capítulo): 26-32
- Concerto x Conserto: 169; 303
- Concessa venia (latinismo): 143-144
- Conchavo (grafia complexa): 326
- Concisão: 36-41
- Concluso (particípio): 227

- Concordância Nominal (Capítulo): 405-422
- Concordância Verbal (Capítulo): 380-404
- Concordância verbal e Pronomes de tratamento: 215-216
- Concupiscência (gênero): 32
- Condão: 129
- Condições empíricas e "a priori" (Kant): 140-141
- Confiança (regência): 381
- Confreira (ou Confrada) e Confrade: 207
- Congregação (substantivo coletivo): 245
- Cônjuge (gênero): 188
- Conosco x Com nós: 220-221
- Conotação: 29-30
- Conquanto: 131
- Cônscio: 131
- Consentâneo: 120; 133
- Consentir (regência): 386
- Conserto x Concerto: 268; 303-304
- Consigo: 219-221
- Constante de (regência nominal): 109
- Constar (regência verbal): 109
- Constroem (flexão verbal; acentuação): 524
- Consuetudinário (é: timbre aberto): 295
- Contêiner (plural): 209
- Conteste x Inconteste: 130-131
- Contradisseram (flexão verbal): 536
- Contradito x Contraditado: 226
- Contraindicação (Acordo e ortografia): 320
- Contramandado (Acordo e ortografia): 323
- Contrário a (regência): 119
- Contrarrazões (Acordo e ortografia): 322-323
- Contrarregra (Acordo e ortografia): 322-323
- Contrassenso (Acordo e ortografia): 322
- Controle (/ô/: timbre fechado): 299
- Convalescença (ortografia): 203; 305
- Convém x Convêm (Acordo e acentuação): 346

- Convir (conjugação de "vir"): 485-486
- Convosco x Com vós: 220-221
- Coobrigado (Acordo e ortografia): 322
- Coonestar: 133
- Copidesque (estrangeirismo aportuguesado): 252
- Copiloto (Acordo e ortografia): 322
- Copioso: 118
- Cor-de-rosa (ortografia; plural: invariável): 536
- Corolário (e Ilação): 126
- Correção (gramatical): 35-36
- Corresponsável (Acordo e ortografia): 323
- Corréu e Corré (Acordo e ortografia): 323
- Corrimão (plural): 208; 211
- Corroboração: 124
- Corroborar (e Roborar): 119; 173
- Cortar o nó górdio (expressão): 434
- Córtex (ortografia; plural): 529
- Cotejar (e Cotejo): 118
- Cotidiano ou Quotidiano (dupla prosódia): 238
- Coxa x Cocha: 205; 313
- Coxa x Coxão x Coxo: 205; 313
- Crase (Capítulo): 357-379
- Crase (e Elipse): 116
- Crase e "a qual"/"as quais": 359-360
- Crase e a expressão "a uma (só) voz": 368
- Crase e a expressão "dado(a)(s)...": 369
- Crase e a expressão "dar à luz...": 369; 523
- Crase e a expressão "devido a...": 369
- Crase e a palavra "casa": 367
- Crase e a palavra "distância": 367
- Crase e a palavra "terra": 367
- Crase e as locuções com palavras masculinas: 520
- Crase e horas determinadas: 360-361
- Crase e locuções: 362-363
- Crase e nomes geográficos: 358

- Crase e números ordinais femininos: 362
- Crase e o uso facultativo: 367-368
- Crase e os pronomes (adjetivo e substantivo): 369
- Crase e pronomes demonstrativos: 358-359
- Crase e termos ocultos: 362
- Crase polêmica e senhora/senhorita/dona/madame: 366
- Crase proibida e expressões em sentido genérico: 364-365
- Crase proibida e nomes masculinos: 364
- Crase proibida e palavras repetidas: 366
- Crase proibida e pronomes de tratamento: 365-366
- Crase proibida e pronomes em geral: 365
- Crase proibida e verbos: 364
- Creem (Acordo e acentuação): 346
- Crer (flexão verbal: cria): 218
- Criar novo (pleonasmo): 277
- Cristalino: 112; 115
- Cristãmente (til: ã): 183; 340
- Crivo: 122
- Crudelíssimo (adjetivo superlativo absoluto sintético): 192
- Cujo: 217
- Culto (falante): 58-59
- Cultura x Incultura: 58-59
- Curiosimacetes: 255-256; 278-279; 330-331; 349; 370; 395; 413; 434-435; 457-458; 507-508
- Curioso(s) (regência): 381
- Curto-circuito (pronúncia): 281
- Custar (regência): 386
- Custas (palavra pluralícia): 23; 92-93; 182; 344

D

- Dado(a)(s) (regência): 177
- Dama e Cavalheiro: 207
- Dar (concordância verbal): 429
- Dar mostra (regência): 382
- Data (maxima) venia (latinismo): 143-144
- Data venia (latinismo): 113

- De (significados da preposição): 129-130
- De cima x A baixo: 234-235
- De encontro à x Ao encontro de: 260-261
- De folhas ("de fls. ..."): 109-110
- De há muito / De há pouco: 109
- De maneira que (concordância nominal: invariável): 409
- De molde: 22
- De pé (ou Em pé): 220
- De per se / Per se (latinismo): 151-152
- De plano: 129
- De propósito: 94
- Deboche (ortografia): 350
- Decerto: 523
- Declinar (regência): 386
- Dedução (texto dissertativo): 68-69
- Deem (Acordo e acentuação): 346
- Deferir x Diferir: 171; 270; 315
- Defeso: 99
- Defluir: 123
- Deletério: 128
- Delinquir e o Acordo (conjugação): 231; 476
- Demais x De mais: 262
- Demiurgo (acentuação): 346
- Democrata-cristão (plural): 210
- Demolir (verbo defectivo; conjugação): 477
- Denotação: 29-30
- Deparar (regência): 386-387
- Depois de... (contração proibida da preposição + artigo): 531-534
- Deputado (regência): 525
- Des(a)prazer (conjugação de "aprazer"): 488-489
- Desacolher: 121
- Desadorar: 279
- Desaguar e o Acordo (conjugação): 475
- Desavir(-se) x Avir(-se) (conjugação de "vir"): 237; 485-486
- Descargo de consciência (pronúncia): 291

- Descortino (ortografia): 537
- Descrição x Discrição: 268; 315
- Descriminar x Discriminar: 172; 270; 315
- Desdeem (Acordo e acentuação): 347
- Desdém (oxítona; plural): 183; 340
- Desdizer (flexão verbal): 232
- Desiderato: 118
- Designo (pronúncia): 285
- Desobedecer (regência): 389
- Despejo (pronúncia): 286
- Despercebido x Desapercebido: 270
- Despiciendo: 60; 113
- Desplante (ortografia): 171; 315
- Desporto (/ê/: timbre fechado): 295
- Desportos (é: timbre aberto): 295
- Dessarte: 98; 114
- Dessumir: 114; 123
- Destrinçar ou Destrinchar: 523
- Destro (/ê/ ou é: pronúncia oscilante): 295
- Destroem (flexão verbal; acentuação): 524
- Destróier (acentuação): 341
- Desumano (ortografia): 201; 302
- Detectar ou Detetar: 92
- Detector ou Detetor: 92
- Detiver (flexão verbal): 536
- Deve existir (concordância verbal): 274; 430
- Deve fazer (concordância verbal): 430
- Deve haver (concordância verbal): 274; 430
- Dever (locução verbal com pronome -se): 244
- Diabete(s) (gênero): 189
- Dicionário (léxico, vocabulário; importância): 39-40; 61
- Dicionário (recomendações bibliográficas): 62; 102
- Diferir x Deferir: 171; 270; 315
- Diga-se, ademais, (...): 113
- Digladiar(-se) (ortografia): 171; 523

- Dignar-se (regência; verbo pronominal): 91-92; 212
- Dígrafo (conceito): 168; 194
- Dígrafo e Separação Silábica: 194
- Diminutivo plural: 185
- Diminutivos (substantivos): 527
- Discente x Docente: 167; 172; 315
- Discriminar x Descriminar: 172; 270; 315
- Disenteria (ortografia; pronúncia): 171; 288-289; 314-315
- Díspar: 117
- Dissecar: 119
- Dissensão (ortografia): 168
- Dissertação (na petição): 66-68
- Dissertações (exemplos): 70-76
- Ditongo (conceito): 194; 332; 347
- Ditongo crescente (acentuação; separação silábica): 177; 194
- Diuturno: 23
- Dó (gênero): 32; 186
- Do "Oiapoque" ao Chuí (erro!): 60
- Do ponto de vista...: 530-531
- Docente x Discente: 167; 172; 268; 315
- Docílimo (adjetivo superlativo absoluto sintético): 191; 192
- Dois pontos (e minúscula posterior): 245
- Dolo (ó: timbre aberto): 299
- Domiciliado (regência): 175-176; 536
- Doutorando (vincendo, colendo etc.): 60
- Doutorar-se (flexão verbal): 232
- Doutrina – a citação (na petição): 81-85
- Draconiano(a): 123
- Druida (pronúncia): 281
- Dulcíssimo (adjetivo superlativo absoluto sintético): 191; 192
- Dupla Prosódia (Barbárie x Barbaria): 177; 342
- Dupla Prosódia (Biotipo x Biótipo): 180
- Dupla Prosódia (Elucubração x Lucubração): 201; 317
- Dupla Prosódia (Ípsilon x Ipsilão): 180
- Dupla Prosódia (ou Formas Variantes): 238-240

- Dupla Prosódia (Pólipo x Polipo): 181
- Dupla Prosódia (Projétil x Projetil): 183; 340
- Dupla Prosódia (Sóror x Soror): 181; 340
- Dupla Prosódia (Xérox x Xerox): 183; 340
- Dúplex ou Duplex (dupla prosódia; plural): 240

E

- E (ortografia): 170-172
- É a hora de... (contração proibida da preposição + artigo): 531-534
- É capaz que... (erro!): 524
- É provável que...: 524
- E versus I (ortografia): 314-315
- Eclampsia (paroxítona; separação silábica): 177; 342
- Edens (acentuação): 179
- Edícula (diminutivo): 527
- Efemérides (palavra pluralícia): 182; 344
- E.g. ou Exempli gratia (latinismo): 146-147
- Egrégio (ortografia; polissemia): 77; 108-109
- Eis (erro!): 103
- Eis que (conjunção causal: erro!): 27; 103
- Eivado de: 117
- Elefanta (ou Elefoa) e Elefante: 207
- Eleger (verbo abundante): 470
- Eleitora e Eletriz: 207
- Eletroencefalograma (ortografia): 535
- Elidir x Ilidir: 172; 268; 271; 316
- Elipse (conceito): 450-451
- Elo de ligação (pleonasmo): 277
- Elocução x Alocução: 275
- Eloquente: 124
- Elucubração (ou Lucubração): 201; 317
- Em comento: 113
- Em cores x A cores (Tevê): 176
- Em domicílio x A domicílio: 176; 536
- Em lato sensu; Em stricto sensu (erro!): 21

- Em mão (concordância nominal: invariável): 409
- Em nível de (ou Ao nível de): 517
- Em pé (ou De pé): 220
- Em princípio x A princípio: 267
- Em que pese (a): 248-249
- Em rigor: 22
- Em vez de x Ao invés de: 272
- Em via de (concordância nominal: invariável): 24; 410
- Em virtude de: 105
- Eminente x Iminente: 172; 268; 316
- Emirados Árabes (concordância verbal): 425
- Empecilho (ortografia): 171; 175; 318
- Empedernir (verbo defectivo; conjugação): 478
- Enarmonia (o "h" medial): 302
- Encapuzado (ortografia): 536
- Encharcar (ortografia): 205; 313
- Encher (ortografia): 205; 313
- Enchova (ortografia): 313
- Ênclise: 501-504
- Endereçamento (da petição): 77-78
- Enfarte (ou Enfarto) e Infarte (ou Infarto): 519
- Enfisema (ortografia): 538
- Engambelar ou Engabelar (dupla prosódia): 238
- Engendrar: 133
- Engolir (ortografia): 201; 317
- Enquete (estrangeirismo aportuguesado): 254
- Entra e sai (ortografia; plural): 210
- Entre (preposição) e os Pronomes pessoais: 218-219
- Entre mim e ti: 218
- Entre si: 524
- Entressafra (grafia complexa): 327
- Entreter(-se) (conjugação): 524
- Enxada (ortografia): 205; 312
- Enxadrista: 507
- Enxaguar e o Acordo (conjugação): 231; 475

- Epidemia (ortografia): 459
- Episcopal: 167
- Episcopisa x Bispa: 207
- Epóxido (pronúncia): 180
- Erigir (regência): 228
- Ermitoa e Ermitão: 207
- Erro de sintaxe (ou Solecismo): 251
- Escorraçar (grafia complexa): 327
- Escrúpulo (polissemia): 77
- Esfíncter ou Esfincter (é: timbre aberto): 295
- Esgrimir: 131
- Esmero (é: timbre aberto; verbo): 296
- Esmero (/ê/: timbre fechado; subst.): 295
- Esmoler (oxítona; plural): 183; 340
- Esotérico x Exotérico: 507
- Espadim (diminutivo): 527
- Espanholismo (verbo Resultar): 102
- Espécime (proparoxítona): 182; 345
- Espectador x Expectador: 169; 303
- Espelhar (/ê/: timbre fechado): 295
- Espelho (pronúncia): 286
- Espeque ("com espeque..."): 99
- Esperto x Experto: 169; 303
- Esplêndido (ortografia): 164; 307
- Espontâneo (ortografia): 203; 305
- Esquecer (regência): 387
- Esquecer-se de (regência): 118
- Esquimoa e Esquimó: 207
- Essência (ortografia): 508
- Esta x Essa: 104-107
- Estabelecido (regência): 175-176
- Estada x Estadia: 330
- Estados Unidos (concordância verbal): 425
- Estagnar (flexão verbal – presente do indicativo: estagno): 230
- Estalados (ovos) (erro!): 525

- Estalar ou Estralar (dupla prosódia): 238
- Estar (verbo impessoal; concordância verbal): 430
- Estar a fim de: 156
- Estar a par de (concordância): 184
- Estatueta (diminutivo): 527
- Este x Aquele (dois substantivos): 106
- Este x Esse: 104-107
- Esteja (flexão verbal): 284
- Estouro (pronúncia): 287
- Estrangeirismo (Espanholismo): 102
- Estrangeirismos: 89; 251-255
- Estrear (ortografia): 316
- Estreava (flexão verbal): 537
- Estrelados (ovos): 525
- Estreme (de): 114; 131
- Estreme de dúvidas: 114
- Estreme x Extremo: 269
- Estribar-se: 121
- Estripulia (grafia complexa): 327
- Estupidez (plural): 163; 309
- Estupro (pronúncia): 283
- Etc. (e a vírgula): 233-234
- Ex auctoritate legis (latinismo): 145
- Ex positis (latinismo): 144
- Ex professo (latinismo): 155
- Ex vi (latinismo): 79; 145
- Ex vi legis (latinismo): 145
- Exceção (ortografia): 32; 202; 203; 305; 318
- Excelência (e vírgulas): 112
- Excêntrico (ortografia): 32; 203; 305
- Excesso e Excessivo (ortografia): 32; 168; 203; 305; 318
- Excrescência (grafia complexa): 327
- Exegeta (é: timbre aberto): 296
- Existir (verbo pessoal; concordância verbal): 430
- Expectador x Espectador: 169; 303

- Expender/Expendido: 113-114
- Expensa(s) (ortografia): 202; 305
- Experto x Esperto: 169; 303
- Expiar (ortografia): 165; 305
- Expor (ortografia): 414
- Expresso (particípio de Expressar/Exprimir): 227
- Expressões aproximativas (concordância verbal): 424
- Expressões partitivas (concordância verbal): 424
- Expulso (particípio de Expulsar/Expelir): 227
- Expungir: 123
- Exsurgir (pronúncia): 290
- Extemporâneo (ortografia): 23; 203; 305; 313
- Extinto x Extinguido: 226
- Extorquir (verbo defectivo; conjugação): 477
- Extra (concordância nominal; pronúncia): 113; 408; 283-284
- Extraconjugal (acordo e ortografia): 323
- Extrajudicial (acordo e ortografia): 323
- Extraoficial (acordo e ortografia): 321; 323
- Extravasar (ortografia): 23; 163; 164-165; 307; 312-313
- Extremo x Estreme: 204

F

- Face a x Em face de: 89-90
- Facínora (ortografia): 539
- Fac-símile (ortografia; plural): 529
- Faisoa e Faisão: 207
- Falecer: 112
- Falir (verbo defectivo; conjugação): 478
- Fá-lo (forma verbal com pronome): 211-212
- Farol (diminutivo plural e acentuação: faroizinhos): 206
- Favela: 330
- Fax (ortografia; plural): 529
- Fazer (verbo impessoal; concordância verbal): 430
- Fazer gato-sapato... (expressão): 537
- Fazer jus a...: 23; 114

- Fazer uma colocação: 59-60
- Fecho; Feche (/ê/: timbre fechado; verbo): 286; 296
- Feiura (Acordo e acentuação): 341; 347
- Férias (palavra pluralícia): 182; 337
- Ferrugento (ou Obsoleto): 129
- Fidalgal x Figadal: 288
- Filantropo (paroxítona): 178; 342
- Filho-famílias e Filha-famílias: 207
- Fim de semana (estrangeirismo aportuguesado): 252
- Fissura (ortografia; separação silábica): 196; 203; 305
- Fl. e Fls. (abreviaturas): 198
- Flagrante x Fragrante: 135; 269
- Fleuma: 330
- Fleumático (ou Fleugmático ou Flegmático): 330
- Floco ou Froco (dupla prosódia): 238
- Fluido (flui-do; substantivo; paroxítona): 51; 178
- Fluído (flu-í-do; verbo; hiato): 51; 179
- Fluminense x Carioca (adjetivo pátrio): 225
- Focinho (ortografia): 201; 317
- Folha(s) ("fl. ...") (pronúncia): 109-110; 112; 229
- Fonema (conceito): 202
- Fonema S (grafia com "c"): 202-203; 305
- Fonema S (grafia com "ç"): 202-203; 305
- Fonema S (grafia com "s"): 202-203; 305
- Fonema S (grafia com "sc"): 202-203; 305
- Fonema S (grafia com "ss"): 202-203; 305
- Fonema S (grafia com "x"): 202-203; 305
- Fonema S (grafia com "xc"): 202-203; 305
- Fora da lei (ortografia; plural): 210
- Fora de propósito: 94
- Formas variantes (ou dupla prosódia): 238-240
- Formas verbais e pronomes enclíticos: 211-215
- Formidável (Polissemia): 77
- Foro (ô/ó): 24-25
- Foro (ô): 25 (foro íntimo) • Foro (ó): 25 (foro romano) • Foros (ó): 25 (foros de cidadania) • Fortuito (paroxítona; pronúncia): 178; 281; 342

- Fragilizar (neologismo): 104
- Francesismo (ou Galicismo): 89; 252-254
- Frase (conceito): 18
- Frases feitas (vocabulário jurídico): 112-134
- Frear (ortografia): 316-317
- Frei (e o uso de artigo): 208
- Freira e Frade: 207
- Frente a x Em frente de: 89
- Frequentativo ("Termo Frequentativo"): 133
- Frito (particípio de Fritar/Frigir): 227
- Frustração (ortografia): 318
- Frustrar (pronúncia): 288; 318
- Fulcro ("com fulcro..."): 113
- Furtar: 125
- Futebol (estrangeirismo aportuguesado): 251
- Futuro (tempo verbal): 492-497

G

- G (ortografia): 159-160; 310
- G versus J (ortografia): 311
- Galicismo (ou Francesismo): 252-254
- Ganhar (verbo abundante): 470
- Garagem (estrangeirismo aportuguesado): 252
- Gastar (verbo abundante): 470
- Gato-sapato (ortografia; plural): 537
- Gear (conjugação): 525
- Gêiser (plural e pronúncia): 280
- Gêneros (substantivos): 186-187
- Gentílicos (ou Adjetivos pátrios): 224-225
- Gerir (flexão verbal – presente do indicativo: giro): 230; 232
- Germanismo: 252
- Gerundismo: 497-501; 536
- Gerundivo latino: 60
- Girar (flexão verbal – presente do indicativo: giro): 230
- Gíria (e Nobreza): 58-61

- Giro (flexão verbal: gerir e girar): 230
- Glossário (Capítulo): 540-545
- Glutona e Glutão: 206
- Goela (ortografia): 201; 317
- Gol (plural): 211
- Grã-duquesa (ortografia): 538
- Grafia complexa (vocábulos): 325-329
- Grafimacetes (Capítulo): 158-256
- Grã-fino(a) (ortografia): 538
- Grama (acepções): 189; 282; 538
- Gramática natural (conceito): 469
- Grão/Grã (concordância nominal): 411
- Grato(a) (concordância nominal): 408
- Gratuito (paroxítona; pronúncia): 178; 281; 342
- Gravidez (plural): 163
- Grã-vizir (ortografia; plural): 538
- Gris (ortografia): 307
- Grosso modo (latinismo): 156-157
- Guarida: 114; 124
- Guerrilha (diminutivo): 527
- Guisa (À guisa de): 116

H

- H (letra): 198; 301
- H (medial): 302
- H (vocábulos): 200-201; 301-302
- Há cerca de x Acerca x A cerca de: 261
- Há dois anos atrás… (pleonasmo): 276
- Há x A: 261
- Habeas corpus (latinismo): 153-154
- Haja vista (concordância verbal): 429
- Haja vista (expressão): 63; 534
- Haja visto (locução verbal): 63
- Halterofilista (ortografia): 200; 301
- Hambúrguer (plural): 280

- Harmonia: 61-62
- Haver (acepções): 534-535
- Haver (erro de concordância: solecismo): 251
- Haver + infinitivo ("Não há fiar...."): 534
- Haver mister (de) (expressão): 534
- Haver por bem (expressão): 534
- Haver-se: 534
- Haver (verbo impessoal; concordância verbal): 274-275; 430; 517
- Hediondo (ortografia): 256
- Hei de... (expressão): 534
- Heliponto (neologismo): 104
- Herbanário (ortografia): 538
- Herbívoro (ortografia): 200; 301
- Herege (ortografia): 200
- Herpes (gênero): 187
- Hesitar (ortografia): 161; 200; 301; 307
- Hexacampeão (pronúncia): 159; 200
- Hiato (conceito; acentuação): 173; 194; 339; 346-347
- Hiato / Ditongo (e separação silábica): 194; 341
- Hífen e Acordo Ortográfico (ortografia): 319-325
- Hífen (e o prefixo "Hiper-"): 201
- Hífen (ou Hifem: arcaico; acentuação): 179; 339
- Hifens (ou Hífenes) (acentuação): 179; 342
- Hilaridade (ortografia): 200; 301; 314
- Hiper- (uso do hífen): 201
- Hipérbole: 100
- Hiper-hidrose: 302
- Hipossuficiente: 113
- Histeria (ortografia): 200; 302
- História (separação silábica): 177; 341
- Homônimo (conceito): 267
- Homônimos (homógrafos e homófonos): 168-170; 303
- Hora do Espanto – As "Pérolas" do Português: 25; 33; 64; 94; 136; 157; 256; 279; 331; 350; 371; 396; 414; 435; 459; 508
- Hora(s) (abreviatura): 198; 199
- Horteloa (gênero): 207

- Hóspeda e Hóspede (gênero): 208
- Hospício (Polissemia): 77
- Humílimo (adjetivo superlativo absoluto sintético): 192

I

- I (acentuação): 173-174
- I (ortografia): 170-172
- I (plural da letra): 211
- I.e. ou Id est (latinismo): 147
- Ianomâmi (paroxítona): 178; 342
- Ibero (paroxítona): 178; 342
- Ib., Idid. ou Ibidem (latinismo): 148
- Ideia (Acordo e acentuação): 341
- Idioma (conceito): 50
- Idiossincrasia (grafia complexa): 328
- Id. ou Idem (latinismo): 148
- Igual (ortografia; regência): 371; 381
- Ilação (e Corolário): 126
- Ilaquear: 134
- Ilhoa e Ilhéu: 207
- Ilidir x Elidir: 172
- Ímã (paroxítona) x Imã (oxítona): 178; 183; 330; 341-342
- Imbróglio (estrangeirismo aportuguesado; grafia complexa): 255; 328; 330-331
- Iminente x Eminente: 172
- Imoral x Amoral: 236
- Impagar (neologismo: "verbas impagas"): 104
- Impermeabilizar: 104
- Ímpio x Impio: 349
- Implementação: 133
- Implicar (regência): 387
- Importar (regência): 388
- Impossibilitar: 104
- Impossível (ortografia): 459
- Imprecisão (obscuridade): 50-53
- Impregno (flexão verbal; pronúncia): 285

- Imprensa: 102
- Imprensa escrita (erro!): 102
- Imprimir (verbo abundante): 470
- Ímprobo (proparoxítona): 180; 343
- Improceder: 104
- Impronunciar: 104
- Impugno (flexão verbal: pronúncia): 285
- Impunir: 104
- In- (formação de palavras): 104
- In albis (latinismo): 145
- In casu (latinismo): 113; 142-143
- In fine (latinismo): 146
- In locu / In situ (latinismo): 155
- In pari causa (latinismo): 145-146
- In verbis (latinismo): 81-82; 144
- Inábil (o "h" medial): 200; 301
- Inabilitar: 104
- Inacolher (neologismo): 104
- Inacolher x Desacolher: 121
- Inadimplência (ou inadimplemento): 349
- Inadimplir (conjugação): 104; 349
- Inadmitir: 104
- Inalienar: 104
- Inaplicar (neologismo): 104
- Inapto: 21
- Inarmonia (o "h" medial): 302
- Inaudita altera parte (latinismo): 149-151
- Inaudito (paroxítona): 178; 342
- Incapacitar: 104
- Incerto x Inserto: 63; 204; 269; 303-304
- Incipiente x Insipiente: 269; 303-304
- Inclinação (regência): 382
- Inclinado (regência): 382
- Inclusive: 38
- Incluso(a) (concordância nominal): 408

- Inconcussa(o): 130
- Incontestado x Inconteste: 130-131
- Inconstestável: 130
- Inconteste x Conteste: 130-131
- Incontinente x Incontinenti (latinismo): 172; 270; 316
- Incontinenti (latinismo): 98
- Inculcar (ortografia; acepções): 525-526
- Incurso x Incorrido: 226
- Indefeso x Indefesso: 204
- Índex (ou Índice) (ortografia; plural): 349; 529
- Indigitado: 123
- Indiscrepância: 115
- Indochinês (ortografia): 349
- Indução (texto dissertativo): 68-69
- Inépcia x Inépcias: 255
- Inepto: 21
- Inexaurível: 117
- Inexistir: 104
- Inexorável e inexoravelmente (pronúncia): 115; 158
- Infarte (ou Infarto) e Enfarte (ou Enfarto): 519
- Infenso a: 370
- Infirmar: 121
- Infligir (flexão verbal – presente do indicativo: inflijo): 231
- Informar (regência): 388
- Infra-assinado (Acordo e ortografia): 323
- Infracitado (Acordo e ortografia): 323
- Infraestrutura (Acordo e ortografia): 323
- Inframencionado (Acordo e ortografia): 323
- Infringir (flexão verbal – presente do indicativo: infrinjo): 231
- Infringir x Infligir: 271
- Ingênuo (separação silábica): 177; 341
- Ingerir (flexão verbal – presente do indicativo: ingiro): 231
- Inobservar: 104
- Inobstante (neologismo): 104
- Inocorrer (neologismo): 104

- Inolvidável: 114
- Inquinado(a): 125
- Insculpir: 123
- Inserir (verbo abundante): 470
- Inserto (particípio): 228
- Inserto x Inserido: 63; 226
- Insipiente x Incipiente: 204; 304
- Insolente (polissemia): 77
- Insosso (separação silábica): 196
- Insubsistente: 123
- Insulado: 119
- Insular: 167
- Inteiro (pronúncia): 286-287
- Intercessão x Interseção (ortografia): 32; 203-204; 304-305; 319
- Interessar (regência): 388-389
- Ínterim (proparoxítona; pronúncia): 180; 282; 343
- Intermediar (flexão verbal: eu intermedeio): 165-166
- Interpretável: 117
- Interurbano (separação silábica): 196
- Intervém x Intervêm (Acordo e acentuação): 346
- Intervir (conjugação de "vir"): 484-486
- Intrincado ou Intricado (dupla prosódia): 239
- Inumano (o "h" medial): 302
- Inutilizar: 104
- Invulgar: 125
- Ípsilon (proparoxítona) ou Ipsilão (oxítona): 180
- Ipsis litteris (latinismo): 81-82; 144
- Ipso facto (latinismo): 151
- Irascível (pronúncia): 294
- Irrefragável: 126
- Irrefutável: 113
- Irretorquível: 114
- Írrito: 120
- Isto x Isso: 104-107
- Italianismo: 252; 255

- Item e Itens (acentuação): 179; 340; 342
- Iterativo: 133

J

- J (ortografia): 159-160; 310
- J versus G (ortografia): 311
- Jabuti (ortografia): 201; 317
- Jabuticaba (ortografia): 201; 317
- Jargões x Arcaísmos: 31; 99-100
- Jazer (conjugação): 370
- Jerônimo (ortografia): 310
- Jiu-jítsu (ortografia): 311
- João-de-barro (grafia complexa): 32
- Judeu (adjetivo pátrio): 225
- Juiz e Juízes(as) (acentuação): 173; 339
- Juízes (linguagem): 97
- Júnior (plural): 209
- Junto a: 519
- Junto(a) (concordância nominal): 408
- Júri (acentuação; paroxítona; substantivo coletivo): 156; 178; 246
- Jurismacetes: 23-25; 32; 63-64; 92-94; 135-136; 156-157
- Jurisprudência – a citação (na petição): 85-88
- Jus a ("Fazer jus a..."; ortografia): 114; 203; 305; 307
- Justiça: 30

K

- K (letra inserida pelo Acordo): 301
- Kant (e condições empíricas e "a priori"): 140-141

L

- Lacônico (conceito): 370
- Ladra e Ladrão: 206
- Lagartixa (pronúncia; ortografia): 23; 287

- Lambujem (ortografia): 160; 311
- Lança-perfume (gênero): 187
- Lance x Lanço: 206; 255
- Lancinante (ortografia): 537
- Lancinar (ortografia): 537
- Lápis (acentuação): 178; 334
- Lápis-lazúli (acentuação): 178
- Lascívia (ortografia): 203; 305
- Lastrear (ortografia): 316-317
- Látex (ortografia; plural): 529
- Latimacetes – Expressões latinas mais comuns no dia a dia forense (Capítulo): 137-157
- Latino-americano (plural): 210
- Lato sensu: 21
- Leem (Acordo e acentuação): 346
- Lembrar (regência): 387
- Lesa-pátria (crime de): 161
- Leso (concordância nominal): 407
- Leso(a): 161; 256
- Leva e traz (ortografia; plural): 210
- Lêvedo (proparoxítona): 182; 345
- Léxico (vocabulário, dicionário; conceito): 39-40; 50; 80
- Léxico ativo: 80
- Léxico passivo: 80
- Lhaneza (grafia complexa): 328
- Lhe (pronome possessivo): 221-222
- Lho(s) e Lha(s) (contração pronominal): 214-215
- Lhe(s) (ênclise nas formas verbais): 213
- Lhe(s) (erro: como objeto direto): 222
- Lhe(s) (objeto indireto): 221-222
- Lhe x A ele(s) / A ela(s) (objeto indireto): 221-222
- Libido (gênero): 32; 93; 187
- Liceidade: 125
- Lídima justiça (erro!): 30
- Lídimo: 98
- Lince (olhos): 413

- Linguagem conotativa: 29-30
- Linguagem culta: 98
- Linguagem denotativa: 29-30
- Linguagem do Direito: 98
- Linguagem do foro – Como enriquecer (Capítulo): 95-136
- Linguagem dos juízes: 97
- Linguagem forense: 22
- Linguagem jurídica: 22
- Lóbulo x Óbolo (ortografia): 201; 317
- Loc. cit. ou Loco citato (latinismo): 148
- Locuções adjetivas: 167-168
- Logicidade: 125
- Longe (classes morfológicas): 241-242
- Longe (concordância nominal): 241-242; 411
- Louva-a-deus (ortografia): 210
- Lúcifer (plural): 280
- Lucubração (ou Elucubração): 201; 317
- Luís (ortografia): 162; 310
- Lustro: 174

M

- Macérrimo (adjetivo superlativo absoluto sintético): 191
- Maciíssimo (adjetivo superlativo absoluto sintético; separação silábica): 192
- Má-criação (acentuação; grafia complexa): 174; 328; 341; 526
- Macro- (ortografia): 536
- Macroeconomia (ortografia): 536
- Madagáscar ou Madagascar (dupla prosódia): 178; 239
- Maestria x Mestria: 413
- Má-fé (Plural: más-fés; ortografia): 135-136; 319
- Má-formação ou Malformação (ortografia): 526
- Magérrimo (adjetivo superlativo absoluto sintético): 191
- Magno(a): 127
- Mais bem/mal x Melhor: 222-224
- Mais de um (concordância verbal): 423-424
- Mais grande x Mais pequeno: 266

- Mais ruim x Mais bom: 266
- Maisena (grafia complexa): 161; 307-308; 328
- Maiúsculas e datas históricas: 535
- Maizena e Antarctica (Marcas): 161; 181
- Malcriado (ortografia): 526
- Mal-educado (ortografia): 526
- Mal-estar (ortografia; plural): 526
- Malfadado (ortografia): 526
- Malfalado (ortografia): 526
- Malfeita(o) (ortografia): 526
- Malgaxe (Madagascar): 178
- Malgrado x Mau grado: 413
- Malquerer (ortografia): 526
- Malversar (regência): 537
- Mandado x Mandato: 269
- Manicura (gênero): 207
- Manicura e Manicure (gênero): 207
- Manicure(a/o) (estrangeirismo aportuguesado): 254
- Mantém x Mantêm (Acordo e acentuação): 346
- Manter o mesmo (pleonasmo): 274
- Manutenir (arcaísmo): 127
- Mão (diminutivo plural e acentuação: mãozinhas): 206
- Maquiagem ou Maquilagem ou Maquilhagem ("tripla prosódia"): 239
- Maquiar (flexão verbal – presente do indicativo: maquio): 231
- Maquinaria: 179-180; 343
- Maquinário: 179-180; 343
- Marani e Marajá: 207
- Maria vai com as outras (plural): 209
- Marimbondo ou Maribondo (dupla prosódia): 239
- Mas x Mais: 259
- Mascote (gênero): 93; 189
- Masseter (oxítona; plural): 183; 339-340
- Materialidade delitiva (erro!): 46-47
- Mau humor (grafia complexa): 328
- Mau x Mal: 259-260

- Mau-caráter (plural): 208
- Mau-caratismo (ortografia): 526
- Mau-olhado (ortografia): 526
- Maus-caracteres (pronúncia): 280
- Má vontade (grafia complexa): 328
- Máxime (pronúncia): 158
- Maximiliano (pronúncia): 158
- Mea culpa (latinismo): 413
- Mecha (ortografia): 205; 312
- Mediar (flexão verbal: eu medeio): 165-166
- Médico-cirúrgico (plural): 210
- Medir (verbo irregular; conjugação): 470
- Meia (concordância nominal): 411
- Meio (concordância nominal): 411
- Mel (plural): 209
- Melhor x Mais bem/mal: 222-224
- Memorimacetes (Capítulo): 517-539
- Mendigo (ortografia; pronúncia): 175; 283
- Menos (concordância nominal: invariável; pronúncia): 289-290; 410
- Menos bom x Menos boa: 266-267
- Menu (estrangeirismo): 251
- Mercê (Mercê de / À mercê de): 132
- Mercê / Vossa Mercê (arcaísmo): 127
- Meritíssimo (ortografia): 64; 108; 314
- Mertiolate (ortografia): 538
- Mesmissimamente: 250
- Mesmíssimo: 250
- Mesmo(a) (concordância nominal): 249-250; 408
- Mesóclise (empregos; erro de colocação pronominal: solecismo): 251; 505-506
- Mestria x Maestria: 413
- Metáfrase (ou Paráfrase): 80
- Meteorologia (ortografia): 537
- Metro(s) (abreviatura): 198
- Mexerica (ortografia): 312
- Mezinha (arcaísmo): 127; 526

- Miçanga (ortografia): 203; 305
- Micro-ondas (Acordo e ortografia): 324
- Micro-ônibus (Acordo e ortografia): 324
- Micro-organismo (Acordo e ortografia): 324
- Militar (verbo): 131-132
- Minguar (flexão verbal – presente do indicativo: mínguo ou minguo): 231
- Minha opinião pessoal (pleonasmo): 278
- Mínimos detalhes (pleonasmo): 275
- Minissaia (ortografia; separação silábica): 196; 203; 305
- Minuto(s) (abreviatura): 199
- Mirabolante: 127
- Misantropo (paroxítona): 178; 342
- Míssil (ortografia): 157
- Mister (acentuação; oxítona): 174; 183; 339-340
- Misto (ortografia): 203; 305
- MM. (abreviatura de Meritíssimo): 64
- Mo(s) e Ma(s) (contração pronominal): 214-215
- Modelo (gênero): 189
- Modismos (Chavões ou Clichês): 59-61; 97-100
- Moer (verbo irregular; conjugação): 224; 470
- Moji (ortografia): 159; 310
- Molho de chaves (ó: timbre aberto): 299
- Molho de tomates (/ô/: timbre fechado): 299
- Monsenhor (e o uso de artigo): 208
- Monstro (concordância nominal: invariável): 410
- Moral (gênero): 236
- Moscar-se (conjugação): 413-414
- Mossa x Moça: 434
- Mozarela ou Muzarela (grafia complexa): 328; 538
- Multi- (ortografia): 528
- Multissecular (ortografia): 528
- Municiar: 123
- Mutatis mutandis (latinismo): 137-138
- Muzarela ou Mozarela (grafia complexa): 328; 538

N

- Nada (sujeito resumido; concordância verbal): 428
- Nada a/que dizer... (expressão): 528
- Nada a/que opor... (expressão): 528
- Na medida em que x À medida que: 24-25; 265-266
- Namorar (regência): 389
- Não fumante (ortografia): 319
- Não há (que) se falar em: 113
- Não há falar-se/perdoar-se...: 528
- Não há fiar... ("não + haver + infinitivo"): 535
- Naturalidade: 53-55
- Necrópsia ou Necropsia (pronúncia): 291-292
- Nem sequer: 146
- Nem um nem outro (concordância nominal): 407
- Nem um nem outro (concordância verbal): 427
- Nenhum (sujeito resumido; concordância verbal; morfologia): 241-242; 408; 428
- Neologismos: 104
- Nh (acentuação): 174
- Nhoque (estrangeirismo aportuguesado; ortografia): 178; 251; 255; 342
- Ninguém (sujeito resumido; concordância verbal): 428
- Nó górdio: 434
- No que pertine... (erro!): 61
- Nobel (acentuação; oxítona): 174; 183; 339-340
- Nobel x Novel: 434
- Nobreza: 58-61
- No-lo(s) e No-la(s) (contração pronominal): 214-215
- Nomes de cor (concordância nominal): 412
- Nomes próprios (acentuação): 18
- Norma (culta): 26-29
- Novel (acentuação; oxítona): 183; 339-340
- Nuança (estrangeirismo aportuguesado; gênero): 189; 254
- Numerais (pronúncia): 111-112
- Núpcias (palavra pluralícia): 92-93; 182; 344
- Nuvem (substantivo coletivo): 246

O

- O bastante: 241
- O mais possível (concordância nominal): 410
- O melhor possível (concordância nominal): 410
- O menos possível (concordância nominal): 410
- O mesmo: 249-250
- O pior possível (concordância nominal): 410
- O versus U (ortografia): 317
- Obcecado (ortografia): 203; 305
- Obedecer (regência e erro – solecismo): 221; 389
- Obliquar (flexão verbal – presente do indicativo: oblíquo ou obliquo): 231; 475
- Óbolo (ortografia): 181; 201; 317
- Óbolo versus Lóbulo (ortografia): 201; 317
- Ob-reptício: 434
- Obrigado (concordância nominal): 408
- Obscuridade (imprecisão): 50-53
- Obsecrar: 99
- Obséquio (regência; separação silábica): 164
- Obsessão (ortografia): 168; 203; 305
- Obsoletismo: 129
- Obsoleto (/ê/ ou é: pronúncia oscilante): 299
- Obstar (regência; pronúncia): 241; 285
- Obus (oxítona; plural): 183; 340
- Occipital (separação silábica): 197
- Ocorrer (verbo pessoal; concordância verbal): 430
- Óculos (palavra pluralícia): 92-93; 182; 344
- Oficiala e Oficial: 206
- Ofsete (estrangeirismo aportuguesado): 252
- Ojeriza (ortografia): 160-161; 307; 310
- Olheiras (palavra pluralícia): 92-93; 182; 344
- Olhos de lince: 413
- Omelete (gênero): 187
- Omissão (de termos): 102-103
- Onde x Aonde: 96-97; 184-185
- Ondismo: 96-97; 184-185

- Onipresença (ou Ubiquidade): 166
- Onomatopeia: 329
- Op. cit. ou Opus citatum (latinismo): 148
- Opimo (paroxítona): 178; 342
- Opróbrio (ortografia; paroxítona): 178; 342; 528
- Opto (pronúncia): 285
- Ora: 124-125
- Orações interferentes (conceito): 448
- Orações subordinadas (conceito): 448-449
- Orações subordinadas adjetivas (conceito): 449; 453-454
- Orações subordinadas adverbiais (conceito): 448-449
- Orações subordinadas substantivas (conceito): 448; 456
- Ordenança (gênero): 190
- Órfã (diminutivo plural e acentuação: órfãzinhas): 206
- Órfã (til: ã): 183; 340
- Originalidade: 55-58
- Orquídea (separação silábica): 135; 341
- Ortoépia ou Ortoepia (dupla prosódia): 239; 286
- Ortografia (Capítulo): 301-338
- Ortografia (palavra com "c" e fonema S): 202-203; 305
- Ortografia (palavra com "ç" e fonema S): 202-203; 305
- Ortografia (palavra com "s" e fonema S): 202-203; 305
- Ortografia (palavra com "sc" e fonema S): 202-203; 305
- Ortografia (palavra com "ss" e fonema S): 202-203; 305
- Ortografia (palavra com "x" e fonema S): 202-203; 305
- Ortografia (palavra com "xc" e fonema S): 202-203; 305
- Ortografia (uso do -x): 23; 312
- Ortografia e convenção: 308
- Os pingos nos is (expressão): 209; 537
- Ostracismo: 434-435
- Ótico x Óptico: 271
- Outdoor (estrangeirismo): 251
- Outra alternativa (pleonasmo): 276
- Outrem (paroxítona; pronúncia): 218; 282
- Oxalá: 457

- Oxítonas (acentuação): 174; 339-341
- Oxítonas (palavra terminada por -im): 280

P

- Pacificação (ortografia): 508
- Padrão coloquial: 59
- Padrão formal: 59
- Padre-nosso (ortografia; plural): 537
- Pagar (regência): 390
- Pago x Pagado: 229; 470
- Pai (ditongo; diminutivo plural: paizinhos): 185
- Pai-nosso (ortografia; plural): 537
- País (acentuação: hiato; diminutivo plural: paisinhos): 185
- Pajem (ortografia): 160; 311
- Palacete (diminutivo): 527
- Palavra (conceito): 50
- Palavras (origem árabe): 202; 314
- Palavras onomatopaicas: 329
- Palavras pluralícias: 182; 344
- Palíndromo: 182-183; 344
- Panapaná (substantivo coletivo): 246
- Pão (diminutivo plural e acentuação: pãezinhos): 206
- Pão-duro (concordância; plural; ortografia): 328; 526
- Papel (diminutivo plural e acentuação: papeizinhos): 206
- Para (preposição) x Para (verbo) (acento diferencial): 348
- Para-brisa (Acordo e ortografia): 324
- Para-choque (Acordo e ortografia): 324
- Paradoxal: 122
- Paráfrase (ou Metáfrase): 80
- Para-lama (Acordo e ortografia): 324
- Paralelismo (partes no processo): 100-101
- Paranoico (Acordo e acentuação): 341
- Para-quê: 183
- Paraquedas (Acordo: ortografia e acentuação): 324; 348
- Paraquedismo (Acordo: ortografia e acentuação): 324; 348

- Parasita e Parasito (gênero): 190
- Parecer (verbo; concordância verbal): 429
- Paredes-meias: 526-527
- Parenta e Parente (gênero): 207
- Parêntese(s) ou Parêntesis (dupla prosódia): 239; 331
- Pari passu (latinismo): 149
- Parônimo (conceito): 268
- Parônimos: 169; 171-172; 267-273; 303; 315-316
- Paroxítonas (terminadas por -er): 280
- Paroxítonas (terminadas por -i): 178
- Paroxítonas: 177-181; 341-343
- Pasmo(a) (concordância nominal): 527
- Pass. ou Passim (latinismo): 148
- Passar revista a...: 457-458
- Passível: 126
- Paul e Pauis (acentuação): 174; 209; 346
- Paulista (adjetivo pátrio): 225
- Paulistano (adjetivo pátrio): 225
- Paulistano versus Paulista (adjetivo pátrio): 225
- Paupérrimo (adjetivo superlativo absoluto sintético): 192
- Pavoa e Pavão: 207
- Pedicure(a/o) (estrangeirismo aportuguesado): 254
- Pega pra capar (ortografia): 210
- Peitar (arcaísmo): 127
- Pela (preposição) x Pela (verbo) (acento diferencial): 348
- Peleja: 128
- Pelo (preposição) x Pelo (verbo) x Pelo (substantivo) (acento diferencial): 348
- Per se / De per se (latinismo): 151-152
- Perante a x Perante: 89-90; 135
- Perante ao exposto (erro!): 135
- Percalço (ortografia): 539
- Percentagem (concordância verbal): 426
- Perda x Perca (pronúncia): 292
- Perder (verbo irregular; conjugação): 473
- Perdiz e Perdigão: 206

- Perdoar (regência): 390
- Performance (estrangeirismo): 251
- Permissa venia (latinismo): 143-144
- Pernas, para que vos quero? (expressão): 458
- Perquirição: 121
- Personagem (gênero): 190
- Pertenças: 99
- Pertinácia: 99
- Pertinente (e Pertinência): 61
- Perto de (concordância verbal): 424
- Perúvio-... (relativo ao Peru): 537
- Pêsames (palavra pluralícia): 92-93; 182; 344
- Petição (redação): 77-92
- Petição inicial (Capítulo): 65-94
- Piauí (Acordo e acentuação; separação silábica): 340; 346-347
- Pigmeia e Pigmeu: 207
- Pingos nos is (expressão): 209; 537
- Pingue-pongue (palavra onomatopaica): 329
- Piquenique (estrangeirismo aportuguesado; ortografia): 252; 328
- Plagiar (flexão verbal – presente do indicativo: plagio): 231
- Plano ("De plano"): 129
- Plausível (ortografia): 331
- Pleitear: 129
- Pleonasmo (ou Redundância): 273-278
- Pletora: 121
- Plural (adjetivo composto): 210
- Plural (com diminutivos): 185
- Plural (letras do alfabeto): 210-211
- Plural (palavras): 208-211
- Pluralícias (palavras): 92-93; 182; 344
- Poça (/ô/ ou ó: pronúncia oscilante): 304
- Pode acontecer (concordância verbal): 430
- Pôde x Pode: 348
- Poder (locução verbal com pronome -se): 244
- Poleiro (ortografia): 201; 317

- Polidez (ao redigir): 108-109
- Pólipo ou Polipo (dupla prosódia): 180
- Polir (verbo irregular; conjugação): 471
- Polir x Pular (conjugação): 471-472
- Polissemia: 77
- Polo (substantivo) x Polo (preposição arcaica) (acento diferencial): 348
- Polo aquático (estrangeirismo aportuguesado): 252
- Pontes de Miranda (minicurrículo): 139
- Pontilhão (diminutivo): 527
- Pontuação (Capítulo): 445-459
- Pontuação (dois pontos e minúscula posterior): 245
- Pontuação (vírgula e travessão): 233
- Pontuação e Abreviaturas: 198
- Por causa de: 105
- Por causa que (erro!): 105
- Pôr do sol / Pôr de sol (Acordo e ortografia): 210; 324; 536
- Pôr e Querer (ortografia): 23; 163; 307
- Pôr no índex (expressão): 349
- Por que / Porque Por quê Porquê: 258-259
- Por si só(s): 88; 133
- Por via de regra (ou Via de regra): 61
- Porquanto (porque, sendo que): 51
- Português Jurídico: 17, 18
- Porventura (ortografia): 538
- Possível (concordância nominal): 410
- Posteriori (latinismo: A posteriori): 140-142
- Posto que: 518
- Praça (soldado; gênero): 190
- Prazer (conjugação de "aprazer"): 488-489
- Prazeroso e Prazerosamente (ortografia): 316
- Precariíssimo (adjetivo superlativo absoluto sintético; separação silábica): 193
- Precaver (verbo defectivo; conjugação): 479
- Preciosismo x clareza x rebuscamento (e Arcaísmos): 18; 48-50; 97-100
- Precisão: 50-53
- Predicado (conceito): 455

- Predicativo (conceito): 446
- Preexistente (Acordo e ortografia): 324
- Preferir (regência): 390-391
- Prefixo “in-” (formação de palavras): 104
- Prefixos paroxítonos (semi, hiper, super, anti: acentuação): 156
- Preposição “de” (e significados): 129-130
- Prequestionamento (Acordo e ortografia): 324
- Prescindir (regência): 203
- Presente (tempo verbal): 491-492
- Presidenta e Presidente (gênero): 207
- Pretensão (ortografia): 203; 305
- Pretensioso (ortografia): 163; 203; 305; 310
- Pretérito Perfeito (tempo verbal): 492
- Preveem (Acordo e acentuação): 346
- Prevenir (regência): 391
- Prever (conjugação de “ver”): 486-487
- Primado: 115
- Primeiranista (ortografia): 537
- Priori (latinismo: A priori): 140-142
- Privilégio (ortografia): 171; 175
- Pro- (ortografia): 528
- Problema (ortografia): 318
- Problemas gerais da língua culta (Capítulo): 257-279
- Probo (ó: timbre aberto): 297; 528
- Proceder (regência): 118; 391
- Próclise (e pronome relativo): 113-114; 124
- Próclise: 504-505
- Procrastinar (ortografia; pronúncia): 288; 528
- Profetisa x Profetiza (ortografia): 307-308
- Profetizar (ortografia): 306
- Profligar: 458
- Proibir (regência): 391
- Projétil ou Projetil (ortografia; dupla prosódia; plural): 160; 183; 208-209; 239; 311; 340
- Pró-labore (ortografia): 537
- Pronome “se” (análise): 242-245

- Pronome do caso oblíquo (sujeito): 225-226
- Pronome Relativo (onde): 184-185
- Pronomes de tratamento e concordância verbal: 215-216
- Pronomes demonstrativos (Esse/te; Essa/ta; Isso/to): 104-107
- Pronomes enclíticos e Formas verbais: 211-215
- Pronúncia (artigos e parágrafos: LC n. 95/98): 110-111
- Pronunmacetes e Timbremacetes (Capítulo): 280-300
- Proposital e Propositado: 93-94
- Propositalmente e Propositadamente: 93-94
- Próprio (ortografia): 318
- Próprio(a) (concordância nominal): 408
- Propugnar: 458
- Prosódia (e Silabada): 177-178
- Prosperar: 123
- Prostração (ortografia): 528
- Proteger (regência): 537
- Provecto: 458
- Próvido x Provido: 458
- Provimento emergencial: 115
- Provir (conjugação de "vir"): 484-486
- Proxeneta (grafia complexa; pronúncia): 158; 328
- Pseudo (concordância nominal: invariável): 410
- Pudico (acentuação; paroxítona; pronúncia): 178; 339; 342
- Pugnar: 118
- Pular x Polir (conjugação): 471-472
- Punctum pruriens / Punctum saliens (latinismo): 153
- Puni-lo(s) (acentuação): 173; 174; 340
- Puro-sangue (ortografia; plural): 537
- Puser (flexão verbal): 536

Q

- Qual de nós (concordância verbal): 424-425
- Quanto possível (concordância nominal): 410
- Quase delito (ortografia): 319
- Quê (acentuação): 217

- Que (omissão da conjunção): 91
- Que tal... x Que tais... (concordância nominal): 538
- Que x Quê (empregos): 257-258
- Que x Quem (concordância verbal): 425
- Queixa-crime (ortografia): 535
- Queixar-se (verbo pronominal): 212
- Quem x Que (concordância verbal): 425
- Querer (regência): 391-392
- Querer e Pôr (ortografia): 23; 163; 307
- Questiúncula (diminutivo): 527
- Quilômetro(s) (abreviatura): 198
- Quinquelíngue (ortografia): 174
- Quinquênio (ortografia): 174
- Quiosque (ortografia): 245
- Quiproquó (ortografia): 174
- Quite (concordância nominal): 184
- Quite (concordância nominal): 408
- Quitinete (estrangeirismo aportuguesado): 252
- Quota-parte (ortografia): 535

R

- Rabulista e Rábula: 128
- Radiotáxi (grafia complexa): 329
- Rainha (acentuação): 346
- Ratificar x Retificar: 172; 173; 269; 316
- Reabilitar (o "h" medial): 302
- Reaver (o "h" medial): 302
- Reaver (verbo defectivo; conjugação): 421; 479
- Rebuliço (ortografia): 201; 317
- Rebuscamento x Naturalidade x Preciosismo: 18; 53-55
- Recauchutagem (ortografia): 205; 313
- Receoso (ortografia): 165
- Recorde (estrangeirismo aportuguesado; acentuação; pronúncia): 178; 252; 280-281; 339; 342
- Recorrer (regência): 222
- Recrudescer: 203; 305-306

- Redação Forense: 17
- Redarguir (conjugação de "arguir"): 482-484
- Redator-chefe (ortografia): 537
- Redundância (ou Pleonasmo vicioso): 273-278
- Refrão (plural): 538
- Regência (elementos com preposições distintas): 107-108
- Regência e a mesma preposição (À direita e à esquerda de...): 108
- Regência e a mesma preposição (Além e aquém de...): 108
- Regência e a mesma preposição (Antes e depois de...): 108
- Regência e a mesma preposição (Dentro e fora de...): 108
- Regência e a mesma preposição (Por baixo e por cima de...): 108
- Regência Nominal: 380-382
- Regência Verbal (Constar): 109
- Regência Verbal (verbos com preposições distintas): 242
- Regência Verbal: 382-395
- Regências Nominal e Verbal (Capítulo): 380-396
- Reincidência (ortografia): 318; 530
- Reiuno (Acordo e acentuação): 347
- Reivindicar e Reivindicação (ortografia): 318; 530; 537
- Releem (Acordo e acentuação): 346
- Remediar: 165-166
- Remição x Remissão: 204; 269; 272-273
- Remir (verbo defectivo; conjugação): 478
- Renunciar (regência): 392
- Reparar (regência): 392
- Repetir (regência): 539
- Repetir de novo (pleonasmo): 278
- Requerer (conjugação detalhada): 480-481
- Requerer (flexão verbal – presente do indicativo: requeiro): 231
- Rês x Rés x Reses x Resvés (grafia complexa): 329
- Residente (regência): 175-176
- Respeito ("Faltar ao/com respeito a..."): 143
- Responder (regência): 392-393
- Responsável (regência): 381
- Ressurreição (separação silábica): 196

- Ressuscitar (ortografia; separação silábica): 194; 203; 305
- Restar (regência): 101-102; 393
- Resultar (regência): 102; 393
- Retificar x Ratificar: 172; 173
- Retorquir (verbo defectivo; conjugação): 477
- Retumbante: 126
- Revela-se descabida (...): 113
- Rever (conjugação de "ver"): 486-487
- Reverter (neologismo semântico: "reverter a situação"): 104
- Revólver (plural): 280
- Rir (verbo irregular; conjugação): 231; 471
- Rixa: 23
- Roborar (e Corroborar): 119
- Robusta ("Prova robusta"): 115
- Rodoferroviário (ortografia): 537
- Rodomoça (ortografia): 537
- Roer (flexão verbal – presente do indicativo: roo): 231
- Romãzeira (til: ã): 183; 340
- Roraima (pronúncia): 293
- Rosbife (estrangeirismo aportuguesado): 252
- Roubo (pronúncia): 286
- Rubrica (paroxítona; pronúncia): 178; 281; 342
- Ruço x Russo: 204; 304
- Ruim (oxítona; dissílaba; acentuação; pronúncia): 173-174; 183; 280; 339; 346

S

- S (ortografia): 161-163; 307
- S versus X (ortografia): 312
- S versus Z (ortografia): 308-310
- S.A. (abreviatura): 199
- Sanguessuga (grafia complexa): 329
- São x Santo: 395
- Saudade(s) e Ciúme(s): 246-247
- Saúdo (pronúncia): 286
- Se (índice de indeterminação do sujeito): 242-243

- Se (partícula apassivadora do sujeito): 242-243
- Se + o... e Se + a...: 244-245
- Se acaso: 20
- Se caso (erro!): 20
- Sebáceo (ortografia): 538
- Seção ou Secção (dupla prosódia): 32, 204; 239; 270; 319
- Seja (flexão verbal): 284; 536
- Semiaberto (Acordo e ortografia): 321
- Sem-nome (ortografia; plural): 537
- Sem-número (ortografia): 538
- Sem-par (ortografia): 538
- Sem-sal (ortografia): 210; 538
- Sem-terra (ortografia; plural): 210; 538
- Sem-teto (ortografia; plural): 210; 538
- Sem-vergonha (ortografia; plural): 210; 537
- Senador (regência): 525
- Senão vejamos (expressão): 265
- Senão x Se não: 265-266
- Sendo que: 51-52
- Sênior (plural): 209
- Sentar a... x Sentar na...: 539
- Sentinela (gênero): 93; 190
- Separação silábica: 164; 177; 193-197
- Separação silábica x Hiato/Ditongo crescente: 177; 341
- Sequer (erro!): 146
- Ser (concordância verbal): 431
- Ser (omissão do verbo): 103
- Ser (verbo irregular; conjugação): 473
- Ser da opinião que (expressão): 164
- Seriíssimo (adjetivo superlativo absoluto sintético): 193
- Serôdio (ou Obsoleto): 129
- Serôdio (paroxítona): 129; 178; 180; 342
- Servido(a) (concordância nominal): 408
- Sesqui- (palavras): 395
- Sesquipedal: 395

- Sessão: 32, 204; 319
- Sessenta (ortografia): 168; 203; 305
- Sic (latinismo): 138-140
- Sic passim (latinismo): 139
- Sicrano (ortografia): 175; 218; 318
- Signo: 125
- Silabadas (e Prosódia): 177-178
- Silepse de gênero (concordância verbal): 432
- Silepse de número (concordância verbal): 432-433
- Silepse de pessoa (concordância verbal): 431
- Silepse e concordância verbal: 431-433
- Silogismo: 65
- Sine die (latinismo): 152
- Sine qua non (latinismo): 152-153
- Sinônimo (conceito): 267
- Sinônimos: 79-81; 168-169; 302
- Sintaxe (erro: solecismo): 251
- Sintaxe (pronúncia): 158
- Sírio x Círio: 204; 304
- Sismo: 204; 304
- Siso (ortografia): 203; 305; 307; 310
- Sito x Situado (regência): 175-176
- Situado x Sito (regência): 175-176
- Só (concordância nominal): 88; 411
- Soar x Suar: 169; 231; 269; 303; 317; 429
- Sob o ponto de vista... (erro!): 530-531
- Sob x Sobre: 530-531
- Sobe e desce (ortografia): 210
- Sobrancelha (pronúncia): 287
- Sobre (como "além de"): 103; 132; 531
- Sobreaviso (Acordo e ortografia): 321
- Sobre-humano (Acordo e ortografia): 321
- Sobremodo: 116
- Sobrepassar: 279
- Sobrevém x Sobrevêm (Acordo e acentuação): 346

- Socioeconômico (Acordo e ortografia): 324-325
- Soçobrar (ortografia): 203; 305; 329
- Socorro (/ô/: timbre fechado): 298
- Socorros (ó: timbre aberto): 298
- Soem (flexão verbal; acentuação): 524
- Soer (verbo): 99; 224
- Solerte: 128
- Somali (adjetivo pátrio; oxítona): 183; 225; 340
- Soo (flexão verbal): 231
- Sopesar: 128
- Sóror e Frei (e o uso de artigo): 208
- Sóror (paroxítona) ou Soror (oxítona): 181; 340
- Sósia (gênero): 191
- Soteropolitano (adjetivo pátrio): 225
- Sotopor (flexão verbal): 232
- Stricto sensu (latinismo): 21
- Sua Excelência x Vossa Excelência: 64
- Suar x Soar: 169; 231; 303; 317
- Sub- (prefixo; separação silábica; ortografia): 194-195; 530
- Sub-base (ortografia): 530
- Sub-bibliotecário (ortografia): 530
- Subentender (separação silábica): 195
- Subespécie (separação silábica): 194
- Subestação (separação silábica): 194
- Subestimar (separação silábica): 194; 196
- Sub examine (latinismo): 79; 143
- Subida (adjetivo; paroxítona; pronúncia): 178; 293-294; 342
- Subitem (separação silábica): 194
- Sublimação (separação silábica): 195
- Sublime (separação silábica): 195
- Subliminar (ortografia; separação silábica): 195; 197; 530
- Sublinhar (separação silábica e pronúncia): 197
- Sublocar (separação silábica): 164; 195; 197
- Suboficial (ortografia; separação silábica): 194; 530
- Subprocurador (ortografia): 530

- Sub-região (ortografia): 530
- Sub-reptício (ortografia): 397; 530
- Sub-rogar (ortografia): 530
- Subsídio (pronúncia): 292-293
- Subsistência (pronúncia): 293
- Subsistente (pronúncia): 293
- Subsistir (pronúncia): 293
- Substância (separação silábica): 195
- Substantivo coletivo e concordância verbal: 423
- Substantivos (gêneros): 186-187
- Substantivos coletivos: 245-246
- Substantivos femininos: 93; 206-208
- Substituísmo: 61
- Subsumir (conjugação detalhada; pronúncia; separação silábica): 130; 195; 293; 490-491
- Subterfúgio (pronúncia): 284-285
- Subumano ou Sub-humano (separação silábica): 194; 530
- Suceder (regência): 393-394
- Sucinto (ortografia): 203; 305
- Sufragar: 126
- Suicidar-se (verbo pronominal): 213
- Sujeito (conceito): 455
- Sumariado: 116
- Sumariíssimo (adjetivo superlativo absoluto sintético; separação silábica): 193
- Suo (flexão verbal): 231
- Supedâneo: 98
- Supérfluo (ortografia): 256
- Superlativo absoluto sintético (grau): 191-193
- Supetão (grafia complexa): 329
- Suplicante e Suplicado: 19
- Supra- (prefixo): 63
- Supracitado (Acordo e ortografia): 63; 325
- Supramencionado (Acordo e ortografia): 63; 325
- Suprassumo (Acordo e ortografia): 322
- Supri-lo(s) (acentuação): 538
- Surfe (estrangeirismo aportuguesado): 252

- Sursis (latinismo; estrangeirismo): 89; 251
- Suso: 31
- Suspeito (regência): 382

T

- Tabeliã (ou Tabelioa) e Tabelião: 207
- Tachar x Taxar: 269; 313
- Tal (concordância nominal): 408
- Tal qual (concordância nominal): 408
- Tampouco x Tão pouco: 248
- Tanto mais... (quanto) mais: 34
- Tão só (Acordo e ortografia): 325
- Tão somente (Acordo e ortografia): 325
- Tarzã (oxítona): 183; 340
- Taxar x Tachar: 170; 205
- Táxi (acentuação): 178
- Teiú (Acordo e acentuação; separação silábica): 346
- Tem x Têm (Acordo e acentuação): 346
- Temerário: 129
- Tem-no x Tem-lo: 212
- Temporão / Temporã (ou Obsoleto): 129; 395
- Tempos verbais (uso): 491-497
- Tenção (ou intenção): 94
- Tensão: 94
- Ter de x Ter que: 234
- Ter lugar (expressão): 163
- Ter mais que fazer... (expressão): 528
- Terceiro-mundista (plural): 538
- Terebintina (ortografia): 314
- Termo (conceito): 50
- Termo Iterativo (ou Frequentativo): 133
- Termoelétrica ou Termelétrica: 240
- Terraplenagem ou Terraplanagem: 240
- Terraplenar ou Terraplanar: 240
- Tevê (em cores): 176

- Til (ã): 183; 340
- Tique-taque (palavra onomatopaica): 329
- Tirante: 107
- Tiróideo ou Tireóideo (ortografia): 538
- To(s) e Ta(s) (contração pronominal): 214-215
- Toalete: 255-256
- Toalhete: 256
- Todo mundo x Todo o mundo: 263-264
- Todo x Todo o: 262-263
- Todo(a) (concordância nominal): 408
- Todo-poderoso(a) (concordância nominal): 407
- Tonitruante (ortografia): 538
- Torácico (ortografia): 168; 175
- Tórax (plural): 210
- Trabalhadeira (ou Trabalhadora) e Trabalhador: 207
- Tráfego x Tráfico: 172-173; 269; 316
- Trans- (separação silábica): 195
- Transatlântico (separação silábica): 195
- Transcontinental (separação silábica): 195
- Transístor x Transistor: 183; 340
- Translineação: 198
- Translúcida: 113
- Transudar (pronúncia): 195
- Transuniversal (pronúncia): 195
- Trasanteontem (grafia complexa): 329
- Tratar (regência): 394
- Traumatizar (ortografia): 162; 309
- Travessão e Vírgula: 233
- Trema: 174; 347
- Tresandar: 507
- Tricordiano (adjetivo pátrio): 225
- Tritongo (conceito): 194
- Tritongo e Separação silábica: 194
- Trólebus (ortografia): 539
- Trouxer (flexão verbal): 536

- Tudo (sujeito resumido; concordância verbal): 428
- Tuiuiú (Acordo e acentuação; separação silábica): 346
- Turboélice (ortografia: o "h" medial): 200; 301-302

U

- U (acentuação): 173-174
- Ubiquidade (ou Onipresença): 166
- Uísque (estrangeirismo aportuguesado): 251
- Ultimar: 120
- Ultrassom (Acordo e ortografia): 325
- Ultrassonografia (Acordo e ortografia): 325
- Ultravioleta (concordância nominal: invariável): 413
- Um dos (...) que (concordância verbal): 425
- Um e outro (concordância nominal): 407
- Um e outro (concordância verbal): 427
- Um não sei quê... (expressão): 217
- Um ou outro (concordância nominal): 407
- Um ou outro (concordância verbal): 427
- Uma porção de (concordância verbal): 424
- Universo (inicial maiúscula): 275
- Ureter (oxítona; acentuação; pronúncia; plural): 174; 183; 339-340
- Usança (arcaísmo): 99; 127
- Usucapião (gênero): 191
- Usucapir (verbo defectivo; conjugação): 477
- Usura (ortografia): 307
- Utensílio (ortografia): 396

V

- V.g. ou Verbi gratia (latinismo): 146-147
- Vaivém ou Vai e vem (grafia complexa): 329
- Valise(a) (estrangeirismo aportuguesado): 254
- Vara (substantivo coletivo): 246
- Varoa (ou Virago) e Varão: 206
- Veada e Veado: 207

- Veem (flexão verbal; Acordo e acentuação): 346
- Vem x Vêm (Acordo e acentuação): 346
- Venéreo(a) (ortografia): 422
- Venia concessa (latinismo): 143-144
- Vênia x Venia (latinismo): 144
- Ventilar: 127
- Ver (conjugação detalhada): 486-487
- Verbis (latinismo): 81-82; 144
- Verbo ad verbum (latinismo): 81-82; 144
- Verbo intransitivo (conceito): 382
- Verbo transitivo direto (conceito): 382
- Verbo transitivo direto e indireto (conceito): 382
- Verbo transitivo indireto (conceito): 382
- Verbos (Capítulo): 469-508
- Verbos (essencialmente) pronominais: 212-213
- Verbos abundantes (conceito): 226-229; 469-470
- Verbos anômalos (conceito): 469
- Verbos defectivos (conceito): 469
- Verbos irregulares (conceito): 469; 470-476
- Verbos regulares (conceito): 469
- Verdade ("É bem verdade..."): 116
- Veredicto ou Veredito (dupla prosódia): 92
- Vernáculo (conceito): 316
- Vexar ou Avexar: 507
- Via de regra ou Por via de regra (expressão): 61
- Viageiro (ortografia): 310
- Vicissitude (ortografia): 203; 305
- Vier (flexão verbal): 536
- Viger (conjugação detalhada): 481-482
- Viking (estrangeirismo): 178
- Vincendo (doutorando, colendo etc.): 60
- Viquingue (paroxítona): 178
- Vir (conjugação detalhada): 484-486; 517; 536
- Vir à baila (à balha): 82
- Virago (gênero): 206

- Vírgula (e a abreviatura "etc."): 233-234
- Vírgula (e oração anteposta): 118
- Vírgula (e travessão): 233
- Vírgula e adjuntos adverbiais: 449-450
- Vírgula e conjunção "e": 452
- Vírgula e conjunções coordenativas: 451
- Vírgula e elipse: 450-451
- Vírgula e enumeração: 445-446
- Vírgula e expressões explicativas/corretivas: 448
- Vírgula e instrumentos normativos: 452
- Vírgula e "mas/como também": 455
- Vírgula e oração pleonástica: 452-453
- Vírgula e oração subordinada adjetiva explicativa/restritiva: 453-454
- Vírgula e orações interferentes: 448
- Vírgula e orações subordinadas adverbiais: 448-449
- Vírgula e provérbios: 455
- Vírgula e vocativos/apostos/predicativos: 446-448
- Vírgula proibida e oração subordinada adverbial consecutiva: 456-457
- Vírgula proibida e orações subordinadas substantivas: 456
- Vírgula proibida e sujeito/predicado: 455-456
- Vírgula proibida e verbo/objeto: 456
- Visante a: 128
- Visar (regência): 128-129; 394-395
- Visceralmente: 119
- Visitar (regência): 538
- Visto que: 27
- Vistos/Vistos(,) etc.: 110
- Vitando(a): 60
- Vítima fatal (pleonasmo): 278
- Vitivinicultura (ortografia): 538
- Vitrine (Estrangeirismo): 253
- Viúva do falecido (pleonasmo): 278
- Vocabulário (léxico, dicionário; conceito): 39-40; 50; 62
- Vocabulário (substantivo coletivo): 246
- Vocabulário jurídico (frases feitas): 112-134

- Vocábulo (conceito): 50
- Vocábulos (grafia complexa): 325-329
- Vocábulos pluralícios: 182; 344
- Vocativo (conceito): 446
- Você e Vossa Mercê: 216
- Vogal E (é: timbre aberto): 300
- Vo-lo(s) e Vo-la(s) (contração pronominal): 214-215
- VOLP – Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa: 64; 256; 331
- Voltar atrás (pleonasmo): 277
- Voo (Acordo e acentuação): 346-347
- Vossa Excelência x Sua Excelência: 64
- Vossa Mercê (arcaísmo): 127
- Vossa Mercê x Você: 216
- Vultoso x Vultuoso: 169; 269; 303

W

- W (letra inserida pelo Acordo): 301

X

- X (fonemas): 158-159
- X (ortografia): 204-206; 312
- X versus CH (ortografia): 205-206; 312-313
- Xá x Chá: 205
- Xampu (ortografia): 205; 313
- Xeque x Cheque: 206
- Xérox (paroxítona) ou Xerox (oxítona) (dupla prosódia): 183; 239; 340-341
- Xícara (ortografia): 205; 313
- Xifópago (ortografia): 175
- Xingar (ortografia): 23; 205; 313
- Xucro (grafia complexa): 23; 205; 313; 329

Y

- Y (letra inserida pelo Acordo): 301

Z

- Z (ortografia): 161-163; 306-307
- Zangão e Abelha: 207
- Zangão ou Zângão: 207
- Zero-quilômetro (ortografia; plural): 210; 538
- Zum-zum (palavra onomatopaica; plural): 329
- Zum-zum-zum (palavra onomatopaica; plural): 329

21 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Bloch, 1981; 3. ed., Imprensa Nacional, 1999; 4. ed., Imprinta, 2004; 5. ed., Global Editora, 2009.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Dicionário de questões vernáculas*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1998.

_____. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 28. ed., São Paulo: Saraiva, 1979; 44. ed., 1999.

AMARAL, A. *Revista da Academia Paulista de Letras* 26 (73): 171-2, 1969.

ANDRÉ, Hildebrando A. de. *Gramática ilustrada*. 2. ed., São Paulo: Moderna, 1982.

ARISTÓTELES. *Arte retórica e arte poética*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1985.

ARRUDA, Geraldo Amaral (Des.) *Notas sobre a linguagem do juiz*. São Paulo: Corregedoria Geral de Justiça – TJSP, 1988.

_____. *Como aperfeiçoar frases*. São Paulo: Corregedoria Geral de Justiça – TJSP, 1988.

ASSIS, Machado de. *O alienista*. São Paulo: Ática, 1994.

BANDEIRA, Manuel. *Libertinagem & Estrela da manhã*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

BARROS, Jaime. *Encontros de redação*. São Paulo: Moderna, 1967.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática da língua portuguesa*. 22. ed., São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

_____. *Moderna gramática portuguesa – 1º e 2º Graus*. 19. ed., São Paulo: Nacional, 1979.

BELLARD, Hugo. *Guia prático de conjugação de verbos*. São Paulo: Cultrix, 1999.

BOAVENTURA, Edivaldo. *Como ordenar as ideias*. 5. ed., São Paulo: Ática, 1997.

BORBA, Francisco da Silva (Coord.). *Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil*. 2. ed., São Paulo: UNESP, 1991.

_____. *Introdução aos estudos linguísticos*. 9. ed., São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987.

_____. *Instrumentos de comunicação oficial*. São Paulo: Estrutura, 1978.

_____. *Pequeno vocabulário de linguística moderna*. 2. ed., São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

BROWN, Dan. *O Código Da Vinci*. São Paulo: Sextante, 2004.

BUENO, Francisco da Silveira. *Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1963.

CALDAS AULETE, F. J. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*, 4. ed., Rio de Janeiro: Delta, 1958.

CALDAS AULETE, F. J.; GARCIA, H. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. 3. ed., Rio de Janeiro: Delta, 1980.

CALLADO, Antonio. *Sempreviva*. São Paulo: Círculo do Livro, 1981.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de linguística e gramática*. 8. ed., Petrópolis: Vozes, 1978.

_____. *Manual de expressão oral e escrita*. 2. ed., Rio de Janeiro: J. Ozon, 1966; 4. ed., Vozes, 1977; 6. ed., Vozes, 1981.

CAMÕES, Luís de. *Os lusíadas*. São Paulo: Cultrix, 1995; 4. ed., Porto Editora, 1995.

CAMPEDELLI, Samira Yousseff; SOUZA, Jésus Barbosa. *Português – Literatura – Produção de textos e gramática*. 3. ed., São Paulo: Saraiva, 2000/2002.

CARVALHO, Dolores; NASCIMENTO, Manoel. G*ramática histórica*. 7. ed., São Paulo: Ática, 1971.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 43. ed., São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2000.

_____. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*. 2. ed. rev. e ampl., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

CERVANTES, Miguel de. *Dom Quixote*. São Paulo: Nova Cultural, 1993.

CIPRO NETO, Pasquale. *Inculta e bela*. 3. ed., São Paulo: Publifolha, 2000.

COSTA, José Maria da. *Manual de redação profissional*. Campinas: Millennium, 2002.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica*. 4. ed., Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958.

CRYSTAL, David. *Dicionário de linguística e fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

CUNHA, Antonio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2. ed., 16 reimp., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática da língua portuguesa*. 9. ed., Rio de Janeiro: FAE, 1983.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

CUVILLIER, Armand. *Pequeno vocabulário da língua filosófica*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1961.

DAMIÃO, Regina Toledo; HENRIQUES, Antonio. *Curso de português jurídico*. 8. ed., São Paulo: Atlas, 2000.

DUBOIS, Jean *et alii*. *Dicionário de linguística*. Dir. e coord. geral da tradução de Izidoro Blikstein, São Paulo: Cultrix,

1978.

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto de. *Gramática nova*. 19. ed., São Paulo: Ática, 2004.

FELLIPE, Donaldo J. *Dicionário jurídico de bolso*. 7. ed., Campinas: Julex Livros, 1993.

FERNANDES, Francisco. *Dicionário de regimes de substantivos e adjetivos*. 20. ed., Rio de Janeiro: Globo, 1987.

_____. *Dicionário de sinônimos e antônimos* e *Dicionário de verbos e regimes*. Porto Alegre: Globo, 1980.

FERNANDES, Paulo. *Nihil Novi Sub Sole.* Disponível em: <www.defato.com>, seção "Artigos", 2003.

FERRAZ JR., Tércio Sampaio. *Introdução ao estudo do Direito*. 4. tir., São Paulo: Atlas, 1991.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986; 3. ed., 1999.

FOLHA DE S. PAULO. *Manual da redação*. 3. ed., São Paulo, 1992.

FREIRE, Ricardo. *Xongas*. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 2001.

GASPARI, Elio. *Jornal Estado de Minas*. Belo Horizonte, 2001.

GOBBES, Adilson; MEDEIROS, João Bosco. *Dicionário de erros correntes da língua portuguesa*. 3. ed., São Paulo: Atlas, 1999.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Sales. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JHERING, Rudolf von. *O espírito do direito romano*. Rio de Janeiro: Alba, 1943.

JUCÁ FILHO, Cândido. *Dicionário escolar das dificuldades da língua portuguesa*. 3. ed., Rio de Janeiro: Fename, 1963.

LARROUSE. *Dicionário da língua portuguesa*. Paris: Larousse/São Paulo: Ática, 2001.

LEITE, Marli Quadros. Variação linguística: dialetos, registros e norma linguística. In: Luiz Antônio Silva (Org.). *A língua que falamos. Português: história, variação e discurso*. São Paulo: Globo, 2005.

LEME, Odilon Soares. *Tirando dúvidas de português*. 2. ed., São Paulo: Ática, 1995.

LUFT, Celso Pedro. *Dicionário gramatical da língua portuguesa*. 2. ed., Porto Alegre: Globo, 1971.

_____. *Moderna gramática brasileira*. 4. ed., Porto Alegre: Globo, 1981.

_____. *Novo guia ortográfico*. 8. ed., Porto Alegre: Globo, 1979.

_____. *Dicionário prático de regência nominal*. 4. ed., São Paulo: Ática, 2003.

_____. *Dicionário prático de regência verbal*. São Paulo: Ática, 1987.

MACHADO, José Pedro (Coord.). *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Lisboa: Sociedade da Língua Portuguesa, 1965.

MARTINS, Eduardo (Org.). *Manual de redação e estilo*. São Paulo: *O Estado de S. Paulo,* 1990.

MARTINS, Ives Gandra da Silva. *A cultura do jurista – Formação jurídica*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1999; Sagra Luzzatto, 2000.

MICHAELIS. *Moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1998.

MIRABETE, Julio Fabbrini. *Curso de processo penal*. 2. ed., São Paulo: Atlas, 1995.

MORAES, Vinicius de. *Para uma menina com uma flor*. 13. ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1983.

NADÓLSKIS, Hêndricas; MARCONDES, Marleine Paula; TOLEDO, Ferreira de. *Comunicação jurídica*. São Paulo: Catálise Editora, 1997.

NASCIMENTO, Edmundo Dantes. *Linguagem forense*. São Paulo: Saraiva, 1992.

NICOLA, José de; TERRA, Ernani. *1001 dúvidas de português*. 10. ed., São Paulo: Saraiva, 2000.

NISKIER, Arnaldo. *Questões práticas de Língua Portuguesa: 700 respostas*. Rio de Janeiro: Consultor, Assessoria de Planejamento Ltda, 1992.

NOGUEIRA, Júlio. *A linguagem usual e a composição*. 13. ed., Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1959.

O ESTADO DE S. PAULO. *Manual de redação e estilo* – Eduardo Martins. São Paulo, 1990.

OLIVEIRA, Édison de. *Todo o mundo tem dúvida, inclusive você*. 5. ed., Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1999.

OLIVEIRA, Nélson Custódio. *Português ao alcance de todos*. 23. ed., Rio de Janeiro: Barbero, 1972.

OLIVEIRA, Ronaldo Alves de. *Escreva bem agora! Manual prático de estilística da língua portuguesa*. São Paulo: Edicta, 2001.

PAES, José Paulo; MASSAUD, Moisés. *Pequeno dicionário de literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1969.

PIMENTA, Reinaldo. *Português urgente*. 7. ed., Rio de Janeiro: Editora Campus, 1988.

PRETI, Dino. A norma e os fatores de unificação linguística, na comunidade. *In*: *Sociolinguística – Os níveis de fala (um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira)*. 4. ed., São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987.

_____. Gírias saem da informalidade. *Revista Língua Portuguesa,* v. 40, São Paulo, 15 mar., 2009.

REALE, Miguel. *Lições preliminares de direito*. 27. ed., São Paulo: Saraiva, 2002.

_____. *Memórias: destinos cruzados*. Rio de Janeiro: Saraiva, 1986. v. I; 2. ed., 1987.

_____. *Filosofia do direito*. 4. ed., São Paulo: Saraiva, 1965.

REBELO GONÇALVES, R. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. Coimbra: Coimbra Editora, 1966.

REIS, Otelo. *Breviário da conjugação de verbos*. 38. ed., Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

RODRIGUES LAPA, Manoel. *Estilística da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1965.

RODRÍGUEZ, Victor Gabriel de Oliveira. *Manual de redação forense.* Campinas: Jurídica Mizuno, 2000.

RYAN, Maria Aparecida. *Conjugação dos verbos em português; prático e eficiente*. 5. ed., São Paulo: Ática, 1989.

SACCONI, Luiz Antonio. *Dicionário de pronúncia correta.* Ribeirão Preto: Nossa Editora, 1991.

_____. *Minidicionário Sacconi da língua portuguesa.* São Paulo: Atual, 1996.

_____. *Não erre mais!* 8. ed., São Paulo: Ática, 1986.

_____. *Tudo sobre português prático.* São Paulo: Moderna, 1979.

SANTOS, Hugo Rodrigues dos. *Latim para o jurista.* 3. ed., Belo Horizonte: Edições Ciência Jurídica, 1996.

SANTOS, Mário Ferreira dos. *Curso de oratória e retórica.* São Paulo: Logos, 1954. v. I.

SANTOS, Raquel Aparecida Lemes Bittencourt. *A importância do português no direito.* Monografia, Taubaté, 2001.

SILVA, Deonísio da. *De onde vêm as palavras; frases e curiosidades da língua portuguesa*. São Paulo: Mandarim, 1977.

_____. *De onde vêm as palavras II.* São Paulo: Mandarim, 1998.

SILVA, De Plácido e. *Vocabulário jurídico.* 5. ed., Rio de Janeiro: Forense, 1978.

SILVEIRA, Sousa da. *Lições de português.* Rio de Janeiro: Editora Livros de Portugal, 1972.

SILVEIRA BUENO, F. *Antologia arcaica.* 2. ed., São Paulo: Saraiva, 1968.

SQUARISI, Dad. *Dicas da Dad: português com humor.* 9. ed., São Paulo: Contexto, 2003.

_____. *Mais dicas da Dad – Português com humor.* São Paulo: Contexto, 2003.

TAUNAY, Visconde de. *Inocência.* 19. ed., São Paulo: Ática, 1991.

XAVIER, Antonio Carlos dos Santos. *Como se faz um texto; a construção da dissertação-argumentativa.* Campinas: Editora do Autor, 2001.

XAVIER, Ronaldo Caldeira. *Português no Direito.* 9. ed., Rio de Janeiro: Forense, 1991.

OUTRAS FONTES DE CONSULTA

NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO ELETRÔNICO.(2010) 5. ed., versão 7.0, Curitiba: Editora Positivo.

DICIONÁRIO BRASILEIRO DA LÍNGUA PORTUGUESA.(1990) 12. ed., 3 v., São Paulo: Encyclopaedia Britannica.

DICIONÁRIO ELETRÔNICO BARSA. *CD-ROM*. (2003) São Paulo: Barsa Planeta.

DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. versão 1.0. (2009) Curitiba: Objetiva.

Endereços Eletrônicos	Revistas e Jornais
www.folha.uol.com.br	
www.portrasdasletras.com.br	A Gazeta
www.academia.org.br	Estado de Minas
www.comversos.com.br	Exame
www.portugues.com.br	Folha de S. Paulo
www.cursoanglo.com.br	Istoé
www.vemconcursos.com	Jornal da Tarde
www.linguativa.com.br	Jornal do Brasil
www.paulohernandes.pro.br	O Estado de S. Paulo
www.uol.com.br/linguaportuguesa	O Globo
http://educaterra.terra.com.br/sualingua	Veja
http://ciberduvidas.sapo.pt	

“750 frases comentadas
+650 questões de concursos com gabarito ao final”

GRÁTIS
VIDEOAULAS COM RESOLUÇÃO DE QUESTÕES

GRAMÁTICA COMENTADA COM INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS para concursos

Adriana Figueiredo

5ª edição

Indicado em 2014 pelo portal CONCURSOS PÚBLICOS da Revista Exame como um dos 10 LIVROS DE PORTUGUÊS INDISPENSÁVEIS PARA CONCURSEIROS

saraiva uni

saraiva aprova

ISBN 9788547217846

Figueiredo, Adriana
Gramática comentada com interpretação de textos para concursos / Adriana Figueiredo. – 5. ed. – São Paulo : Saraiva, 2017.
1. Português - Concursos 2. Português - Exames, questões etc. 3. Português - Gramática 4. Português - Gramática (Vestibular) 5. Português - Gramática - Estudo e ensino 6. Textos - Interpretação I. Título.
16-1492 CDU 469.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Gramática : Português : Linguística 469.5

Presidente Eduardo Mufarej

Vice-presidente Claudio Lensing

Diretora editorial Flávia Alves Bravin

Conselho editorial

Presidente Carlos Ragazzo

Gerente de aquisição Roberta Densa

Consultor acadêmico Murilo Angeli

Gerente de concursos Roberto Navarro

Gerente editorial Thaís de Camargo Rodrigues

Edição Liana Ganiko Brito Catenacci | Sergio Lopes de Carvalho

Produção editorial Maria Izabel B. B. Bressan (coord.) | Carolina Massanhi | Claudirene de Moura S. Silva | Cecília Devus | Daniele Debora de Souza | Denise Pisaneschi | Ivani Aparecida Martins Cazarim | Ivone Rufino Calabria | Willians Calazans de V. de Melo
Clarissa Boraschi Maria (coord.) | Kelli Priscila Pinto | Marília Cordeiro | Mônica Landi | Tatiana dos Santos Romão | Tiago Dela Rosa

Diagramação (Livro Físico) Perfekta Soluções Editoriais

Revisão Amanda Maria de Carvalho Anhoque

Comunicação e MKT Elaine Cristina da Silva

Capa Guilherme P. Pinto

Livro digital (E-pub)

Produção do e-pub Guilherme Henrique Martins Salvador

Serviços editoriais Surane Vellenich

Data de fechamento da edição: 10-1-2017

Dúvidas?

Acesse www.editorasaraiva.com.br/direito

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Saraiva.
A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei n. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Quase sempre o apego é a causa do insucesso.

Mokiti Okada

Sumário

Agradecimentos

Prefácio

Apresentação

Parte I - Ortografia e semântica

1 Estudo da Sílaba

1.1. Teoria e Exemplos Comentados

1.1.1. Sílaba tônica

1.1.2. Encontros vocálicos

1.1.3. Encontros consonantais

1.1.4. Dígrafo

1.2. Questões de concursos PROPOSTAS (COM gabarito no final)

2 Acentuação Gráfica (sob o Novo Acordo Ortográfico)

2.1. Teoria e Exemplos Comentados

2.1.1. Regra geral

2.1.2. Outros casos

2.2. Questões de concursos propostas (com gabarito no final)

2.3. Resumo

3 Hífen

3.1. Teoria e Exemplos Comentados

3.1.1. Prefixos

3.1.2. Sufixos

3.1.3. Nomes compostos

4 Homônimos e Parônimos

4.1. Teoria e Exemplos Comentados

4.2. Questões de concursos propostas (com gabarito no final)

5 Uso de por que, por quê, porque e porquê

5.1. Teoria e Exemplos Comentados

6 Uso de expressões cotidianas

6.1. Teoria e Exemplos Comentados

6.1.1. Uso de há e a

6.1.2. Outras expressões que costumam suscitar dúvidas

6.2. Questões de concursos comentadas

6.3. Questões de Concursos Propostas (com gabarito no final)

Parte II - Morfologia

7 Classes Gramaticais

7.1. Teoria e Exemplos Comentados

7.1.1. Artigo

7.1.2. Substantivo

7.1.3. Adjetivo

7.1.4. Advérbio

7.1.5. Plural dos nomes compostos

7.1.5.1. Plural dos substantivos compostos

7.1.5.2. Plural dos adjetivos compostos

7.2. Exercícios de Fixação (COM GABARITO nO FINAL)
7.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS
7.4. Questões de Concursos Propostas (Com Gabarito no Final)
7.5. Resumo
8 FLEXÃO VERBAL
8.1. Principais verbos que se conjugam a partir de outros
8.1.1. Pôr (líder)
8.1.2. Ter (líder)
8.1.3. Ver (líder)
8.1.4. Vir (líder)
8.1.5. Dizer (líder)
8.1.6. Fazer (líder)
8.1.7. Querer (líder)
8.1.8. Valer (líder)
8.2. Falsos Amigos Conjugados
8.2.1. Prover
8.2.2. Requerer
8.3. Verbos Defectivos
8.3.1. Reaver
8.3.2. Precaver
8.4. Outros verbos irregulares que merecem um cuidado especial
8.4.1. Agredir
8.4.2. Ferir
8.4.3. Fugir

8.4.4. Crer
8.4.5. Ir
8.4.6. Haver
8.5. Verbos em -EAR
8.6. Verbos em -IAR
8.7. Tempos Compostos
8.8. Formação do Imperativo
8.9. Formas Nominais
8.10. A semântica dos verbos
8.10.1. Modo Indicativo
8.10.2. Modo Subjuntivo
8.11. Exercícios de Fixação (com gabarito No final)
8.12. Questões de Concursos Comentadas
8.13. QUESTÕES DE CONCURSOS propostas (com gabarito no final)
9 Pronomes
9.1. Pronomes Pessoais
9.1.1. Retos
9.1.2. Oblíquos
9.1.2.1. Colocação dos pronomes oblíquos átonos
9.1.2.2. Reflexivos
9.1.2.3. Recíprocos
9.2. Pronomes de Tratamento
9.3. Pronomes Possessivos
9.4. Pronomes Indefinidos

9.5. Pronomes Interrogativos
9.6. Pronomes Demonstrativos
9.7. As funções textuais dos pronomes
9.8. Pronomes Relativos
9.9. Exercícios de Fixação (COM Gabarito No Final)
9.10. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS
9.11. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (com gabarito no final)
9.12. RESUMO
10 Preposição
10.1. Teoria e Exemplos Comentados
10.2. Valor relacional e nocional da preposição
10.3. Questões de concursos comentadas
11 Conjunções
11.1. Teoria e Exemplos Comentados
11.1.1. Conjunções coordenativas
11.1.2. Conjunções subordinativas
11.1.3. Valores semânticos das principais conjunções
11.1.4. Como estudar as conjunções
11.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)
11.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS
11.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (com gabarito no final)
11.5. RESUMO
Parte III - Sintaxe

12 Predicação Verbal

12.1. Teoria e Exemplos Comentados

12.1.1. Verbo intransitivo

12.1.2. Verbo transitivo

12.1.3. Verbo de ligação

12.1.4. Tipos de predicado

12.2. Exercícios de Fixação (com gabarito no final)

12.3. Questões de Concursos Comentadas

13 Termos da Oração

13.1. Teoria e Exemplos Comentados

13.1.1. Termos integrantes

13.1.2. Termos acessórios

13.2. Exercícios de Fixação (Com Gabarito No Final)

13.3. Questões de Concursos Comentadas

13.4. QUESTÕES DE CONCURSOS propostas (com gabarito no final)

13.5. Resumo

14 Vozes Verbais

14.1. Teoria e Exemplos Comentados

14.2. Reescritura de Frases (Como passar uma frase de uma voz à outra)

14.3. Exercícios de Fixação (COM Gabarito No Final)

14.4. Questões que perguntam se a frase admite transportação para a voz passiva

14.5. Questões que pedem para passar de uma voz à outra

14.6. Questões para se identificar a voz da frase

14.6. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (com gabarito no final)

14.7. Resumo

15 Período Composto

15.1. Teoria e Exemplos Comentados

15.2. Orações Coordenadas X Orações Subordinadas

15.2.1. Orações coordenadas

15.2.2. Orações subordinadas

15.3. As funções sintáticas do pronome relativo

15.4. Orações reduzidas

15.5. Exercícios de Fixação (COM Gabarito No Final)

15.6. Questões de concursos comentadas

15.7. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM gabarito No final)

15.8. RESUMO

16 Concordância Nominal

16.1. Teoria e Exemplos comentados

16.1.1. Introdução

16.1.2. Concordância nominal: Parte I – As funções sintáticas do adjetivo

16.1.2.1. Adjetivo na função de adjunto adnominal posposto aos substantivos

16.1.2.2. Adjetivo na função de adjunto adnominal anteposto aos substantivos

16.1.2.3. Adjetivo na função de predicativo

16.1.3. Concordância nominal: Parte II – Casos especiais

16.1.3.1. As expressões é bom, é proibido...

16.1.3.2. Plural do adjetivo composto

16.1.3.3. Expressões mesmo, próprio, obrigado, anexo...

16.1.3.4. Expressões menos, pseudo, alerta, um e outro, um ou outro...

16.1.3.5. Expressões só, meio, bastante, caro, barato...

16.1.3.6. Expressões o mais possível, a olhos visto, haja vista...

16.1.3.7. Um substantivo modificado por dois ou mais adjetivos

16.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (com gabarito no final)

16.3. QUESTÕES DE CONCURSOs COMENTADAS

16.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM Gabarito No Final)

16.5. RESUMO

17 Concordância Verbal

17.1. Teoria e Exemplos Comentados

17.1.1. Concordância verbal: Parte I – Tipos de sujeito

17.1.1.1. Concordância verbal com o sujeito simples

17.1.1.2. Concordância verbal com o sujeito composto

17.1.1.3. Concordância verbal com o sujeito indeterminado

17.1.1.4. Concordância verbal com o sujeito oracional

17.1.2. Concordância verbal: Parte II – Casos especiais

17.1.2.1. Concordância do verbo SER

17.1.2.2. Concordância com a preposição COM

17.1.2.3. Concordância com pronomes indefinidos

17.1.2.4. Concordância com a conjunção OU

17.1.2.5. Concordância com as expressões um ou outro, um e outro, nem um nem outro

17.1.2.6. Concordância com palavras sinônimas ou em gradação e com verbos no infinitivo

17.1.2.7. Concordância com o sujeito coletivo, com porcentagem e expressões a maioria de, grande parte de…

17.1.2.8. Concordância com as expressões qual de nós, quais de vós…

17.1.2.9. Concordância com as expressões mais de, cerca de…

17.1.2.10. Concordância com as expressões que, quem, um dos que

17.1.2.11. Concordância ideológica (silepse)

17.1.2.12. Concordância com verbos no infinitivo

17.2. Exemplos comentados

17.3. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (com gabarito no final)

17.4. QUESTÕES DE CONCURSOs COMENTADAS

17.5. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (com gabarito no final)

17.6. RESUMO

18 Regência Verbal

18.1. Teoria e Exemplos comentados

18.1.1. Regência dos verbos mais pedidos em provas

18.2. Regência com Pronome Relativo

18.2.1. Uso de preposição que antecede o pronome relativo

18.2.2. Uso de onde, aonde, donde

18.3. Exercícios de Fixação (com gabarito no final)

18.4. Questões de Concursos Comentadas

18.5. Questões de Concursos Propostas (com gabarito No final)

19 Crase

19.1. Teoria e Exemplos comentados
19.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (com gabarito no final)
19.3. QUESTÕES DE CONCURSOs COMENTADAS
19.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (com gabarito No final)
19.5. RESUMO
20 Pontuação
20.1. Teoria e Exemplos Comentados
20.1.1. Vírgula
20.1.2. Ponto e vírgula
20.1.3. Dois-pontos
20.1.4. Aspas
20.1.5. Travessões
20.1.6. Parênteses
20.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (com gabarito no final)
20.3. Questões de Concursos Comentadas
20.4. Questões de Concursos Propostas (com gabarito no final)
20.5. RESUMO
21 As Palavras Que e Se
21.1. Teoria e Exemplos comentados
21.1.1. A palavra que
21.1.2. A palavra se
21.2. Exercícios de fixação (com gabarito no final)
21.3. Questões de Concursos Propostas (com gabarito no final)
21.4. RESUMO

22 Figuras de Linguagem
22.1. Teoria sucinta
22.1.1. Figuras de palavras
22.1.2. Figuras de sintaxe
22.1.3. Figuras de pensamento
22.2. Questões de concursoS Propostas (com gabarito no final)

Parte IV - Interpretação de textos
23 Tipologia Textual
23.1. Teoria e Exemplos comentados
23.1.1. Os modos e os tipos de texto
23.1.2. A narração
23.1.2.1. As modalidades da narração
23.1.2.2. Os elementos da narração
23.1.2.2.1. As ações
23.1.2.2.2. Os personagens
23.1.2.2.3. O narrador
23.1.2.2.4. O narrador e os tipos de discurso
23.1.3. A narração e os tempos verbais
23.1.4. A narração e a descrição
23.1.5. A descrição
23.1.5.1. A passagem do tempo na descrição
23.1.5.2. Os tipos de descrição
23.1.5.2.1. Descrição de objetos

23.1.5.2.2. Descrição de fatos científicos

23.1.5.2.3. Descrição de seres humanos

23.1.5.2.4. Descrição de paisagens

23.1.6. A dissertação

23.1.6.1. O texto dissertativo expositivo

23.1.6.2. O texto dissertativo opinativo

23.1.6.3. A estruturação argumentativa

23.1.6.4. Outras modalidades do texto dissertativo

23.1.6.4.1. Texto didático

23.1.6.4.2. Texto preditivo

23.1.6.4.3. Texto polêmico

23.1.6.4.4. Texto injuntivo

23.1.7. Tipologia textual – esquema

23.1.7.1. Modos de texto: estrutura/organização do texto

23.1.7.2. Tipos de textos: finalidade do texto

23.1.8. Enunciados de tipologia textual

23.2. Exemplos comentados

23.3. Questões de Concursos Comentadas

23.4. Questões de ConcursoS Propostas (com Gabarito COMENTADO no final)

23.5. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

24 Estruturação Argumentativa

24.1. Teoria Resumida

24.1.1. O parágrafo argumentativo

24.1.2. O tópico frasal

24.1.3. A estruturação do parágrafo argumentativo

24.1.4. Análise da estruturação do parágrafo

24.1.5. Como expandir o parágrafo

24.2. Exemplos Comentados

24.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

24.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

25 Coesão e Coerência

25.1. Teoria e Exemplos Comentados

25.2. questões de concursoS Comentadas

25.3. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

26 Compreensão e Interpretação de Textos

26.1. COMPREENSÃO DE TEXTOS

26.2. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

26.3. Resumo

26.4. INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

26.5. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

26.6. Resumo

Referências

Agradecimentos

Ao meu amado marido, Marcelo, amigo, parceiro, meu maior incentivador.

Aos meus filhos, Fernanda, Guilherme e Nicholas, luzes da minha vida.

Aos meus alunos amigos, que sempre foram a razão da minha constante busca pela melhor maneira de ensinar.

Prefácio

Altíloqua, **b**enévola, **c**élebre, **d**escomunal, **e**minente... **z**elosa – mesmo buscando todas as letras do alfabeto ainda continua impossível encontrar aquele vocábulo que sintetize todas as características de Adriana Figueiredo. Mas encontramos ao menos uma palavra perfeita para adjetivar a **f**abulosa e **g**enerosa mestre: **h**eroica, na conjugação da maternidade com o magistério.

Ao longo de vinte anos de magistério, Adriana foi seguidas vezes **l**aureada pelos alunos, sendo que vários se tornaram seus discípulos, consagrando-se, ela, sem exagero, a **m**elhor professora de Língua Portuguesa do segmento de concursos públicos e, como consequência natural, **n**otável autora.

Paulo Freire frisa que todo professor, ao passar pela vida de um aluno, deixa sua marca. A marca de Adriana é fazer crer que todos são capazes de aprender e compreender a Língua Portuguesa, que não existe mistério, fórmula mágica ou estrutura pré-moldada. O que há: compreensão. Adriana transforma cada aluno em protagonista do aprendizado – técnica dominada por poucos – propiciando o raciocínio para a descoberta dos segredos da Língua Portuguesa. Isso se materializa nesta obra.

É muito difícil a um professor não desejar ensinar. Peço licença, portanto, para uma singela lição. Fórmulas, bússolas, macetes, nada disso é eficaz e perpétuo. A preparação para concursos públicos sofre uma profunda transformação nos últimos anos. As bancas, cada vez mais, exploram questões valorativas do raciocínio. A famigerada decoreba desacompanhada da compreensão perde espaço com celeridade. É preciso que o candidato tenha materiais propiciadores do aprendizado profundo, com qualidade e objetividade. Desse modo, *Gramática comentada com interpretação de textos para concursos* cumpre sua função com maestria, sendo **o**portuna e **p**recisa.

Afirmo, sem receio, que a **q**uerida Adriana, no exercício do magistério e nesta obra, une a morfologia com a sintaxe de forma reluzente, desmitificando a Língua Portuguesa, tornando-a acessível a todos e, com isso, aniquilando todas as dificuldades.

Gramática comentada com interpretação de textos para concursos é, nesse sentido, um marco no segmento de concursos públicos, transformando a Língua Portuguesa, uma das disciplinas temidas pelos candidatos e explorada com afinco pelas bancas, uma matéria acessível e, por conseguinte, fácil de ser compreendida.

A obra compõe-se de 25 capítulos, estruturados em três etapas. A primeira, destinada à teoria, apresentada de forma objetiva e profunda, não causando perda de tempo ao candidato. A segunda etapa destina-se aos exercícios de fixação. São testes diretos e sucintos, todos comentados. Dessa maneira, o aluno revê a teoria e a fixa, estando, ao final, apto a encarar a última etapa, que são as questões de concursos anteriores. É o método ideal, que deveria ser utilizado em todas as disciplinas: teoria, fixação por meio de exercício e provas anteriores.

Ao cumprir todos os ciclos nos diversos capítulos, o leitor verificará ser o livro **s**imples – dom dos sábios –,

teórico – raridade no mundo contemporâneo – e, por conseguinte, **ú**nico.

Atualmente, o candidato não pode perder tempo com materiais complexos e oblíquos – características inexistentes nesta obra. *Gramática comentada com interpretação de textos para concursos* propicia ao leitor aquilo de que ele mais necessita: um aprendizado **v**ertiginoso da Língua Portuguesa num ritmo **w**agneriano. A dualidade simplicidade/aprofundamento teórico conduz ao **X** da questão. A união de estruturas opostas é algo difícil; para muitos, impossível e, contudo, perfeita. Utilizando-se dos ensinamentos orientais, Adriana realizou uma obra ***yin-yang***.

Ao final do livro, o leitor verificará que este trabalho não agrada apenas a Fernanda, Guilherme, Nicholas, Marcelo, alunos, discípulos e amigos da Adriana, mas a todos.

Caro leitor, uma excelente obra está em suas mãos. Delicie-se.

Rio de Janeiro, fevereiro de 2015.

Carlos Eduardo Guerra de Moraes

Professor da Faculdade de Direito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e do Centro de Estudos Guerra de Moraes (CEGM).

Diretor da Faculdade de Direito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), quadriênio março de 2012 a março de 2016.

Advogado.

Apresentação

Esta obra, com uma metodologia resultante de anos de experiência em sala de aula, compreende as **três etapas** que consideramos essenciais para assegurar uma abordagem prática e objetiva do aprendizado:

A **primeira** é a apresentação de teoria, que é desenvolvida de forma lógica, para que o leitor não se perca em meio a uma série de informações amontoadas. Dicas essenciais são sinalizadas durante a apresentação do conteúdo. Além disso, em cada tópico, há os exemplos comentados, que ajudarão no esclarecimento dos conceitos. São frases, seguidas de sua explicação.

Na **segunda etapa**, expandem-se os conceitos aprendidos com questões de concursos, referentes a todos os tópicos do capítulo, detalhadamente comentadas. Nos comentários de cada questão, contrapõe-se a alternativa certa às erradas, explicando-se item por item.

O objetivo da **terceira etapa** é aprofundar o aprendizado. Para isso, nos tópicos mais complexos, você vai treinar à exaustão, com uma bateria de exercícios de fixação: frases simples selecionadas para praticar a essência da teoria e os fundamentos-chave aprendidos. Por fim, ao final de cada capítulo, selecionamos questões, com gabarito, das principais instituições organizadoras de concursos público, para que o leitor tenha uma preparação completa. Quem sabe Português se prepara para qualquer concurso.

Além disso, um benefício: para os tópicos mais frequentes em concursos, há um resumo, essencial para sistematizar o conteúdo apreendido e facilitar a resolução de questões de provas.

Quanto aos assuntos, esta gramática está dividida em quatro partes: **Ortografia e semântica; Morfologia; Sintaxe;** e **Interpretação de textos.**

Procurei, sempre que possível, utilizar uma linguagem informal, que facilitasse seus estudos. Esta é a gramática que elaborei para você: com uma linguagem simples e lógica, como deve ser o aprendizado da nossa língua.

Tudo isso faz com que esta gramática tenha este diferencial no mercado: ela é completa. Gramática com interpretação de textos. E comentada. Tudo isso em um só livro.

A Autora

Parte I

Ortografia e semântica

1 ESTUDO DA SÍLABA

1.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

1.1.1. Sílaba tônica

Para começar, faremos uma revisão de **ortografia**. Você sabe o que significa sílaba tônica? **Sílaba tônica** é a sílaba da palavra que é pronunciada com maior intensidade. Quanto à posição da sílaba tônica, as palavras classificam-se em:

a) oxítonas – a sílaba tônica é a última da palavra:

maracu**já**, ca**fé**, recom**por**

b) paroxítonas – a sílaba tônica é a penúltima da palavra:

ca**dei**ra, ca**rá**ter, **me**sa

c) proparoxítonas – a sílaba tônica é a antepenúltima da palavra:

sílaba, meta**fí**sica, **lâm**pada

Para o estudo das regras de acentuação gráfica, também será preciso que você entenda a diferença de um monossílabo átono para um monossílabo tônico. **Monossílabos átonos** são aqueles que são pronunciados com pouca intensidade no interior da frase. Veja um exemplo:

O menino **me** perguntou quando **lhe** entregarei **o** pedido.

Observe que os monossílabos grifados acima são pronunciados de forma tão fraca, que muitos, por exemplo, pronunciariam o **me** como /**mi**/, o **lhe** como /**lhi**/, o **o** como /**u**/. São tão *fracos* que se descaracterizam ao serem pronunciados.

Já os **monossílabos tônicos** são aqueles que são pronunciados com bastante intensidade no interior da frase. Veja:

No **mês** passado, **tu** disseste a **mim** que sentias **dor** de dente.

1.1.2. Encontros vocálicos

Você sabe a diferença entre encontros vocálicos, encontros consonantais e dígrafos? **Encontros vocálicos** são agrupamentos de vogais ou de vogais e semivogais sem consoante intermediária. Há três tipos de encontros vocálicos: o ditongo, o tritongo e o hiato. **Ditongo** é o encontro de uma vogal e uma semivogal, ou vice-versa, na mesma sílaba. Há quatro tipos de ditongo: no ditongo **crescente**, a semivogal vem antes da vogal (lír**io**, q**ua**ndo, freq**ue**nte). É quando se vai do som mais fraco para o mais forte. Há também o ditongo **decrescente**, em que a vogal vem antes da semivogal (p**ai**, p**õe**). Aqui, ocorre o contrário: vai-se do som mais forte para o mais fraco, por isso, ele é *decrescente.* Além desses

dois tipos, o ditongo pode ser **oral**, quando a vogal é oral (mág**oa**) ou **nasal**, quando a vogal é nasal (m**ão**).

Além do ditongo, há outros dois tipos de encontros vocálicos: o **tritongo**, que é o encontro de semivogal+vogal+semivogal, nessa ordem, na mesma sílaba. Veja:

Parag**uai**, q**uão**.

E, por fim, o **hiato**, que é o encontro imediato de duas vogais, em sílabas distintas. Assim:

R**ai**z, s**aú**de.

1.1.3. Encontros consonantais

Além dos encontros vocálicos, existem os **encontros consonantais**, que são grupos formados por mais de uma consoante sem vogal intermediária. Observe:

Blusa, **pr**ata, a**ft**a, a**pn**eia.

Repare que as consoantes vêm uma seguida da outra, na mesma sílaba, ou em sílabas distintas. Separe as sílabas e você verá: **bl**u-sa, **pr**a-ta, a**f-t**a, a**p-n**eia.

1.1.4. Dígrafo

Agora, o grande cuidado que você deve ter é para não confundir encontro consonantal com dígrafo. No encontro consonantal, as duas consoantes são pronunciadas, já no dígrafo, as duas letras possuem um único som: ou seja, uma delas não é pronunciada. Observe atentamente o conceito de dígrafo:

Dígrafo é o encontro de duas letras para representar um único fonema. Podem ser consonantais ou vocálicos. **Dígrafos consonantais** são aqueles em que as duas consoantes representam um único som (ch, lh, nh, rr, sc, sç, ss, xc, gu, qu). As gramáticas dizem que são dois grafemas para um único fonema. Veja os exemplos:

Chave, te**lh**a, ni**nh**o, ca**rr**o, cre**sc**er, na**sç**o, e**xc**eto, **gu**e**rr**a, **qu**ilo.

Entenda que aqui não temos um encontro consonantal *porque uma das consoantes não é pronunciada.* Trata-se, portanto, de dígrafo consonantal.

Já os **dígrafos vocálicos** são aqueles em que a vogal é nasalizada por um **m** ou um **n** que venha na sequência (am, an, em, en, im, in, om, on, um, un). Observe:

T**am**pa, t**em**po, t**in**ta, b**om**ba, c**on**ta, b**um**bo, f**un**do.

Atenção: As letras m e n não representam consoantes, apenas indicam que a vogal anterior é nasal.

Devidamente entendidos quanto à diferença entre encontros vocálicos, encontros consonantais e dígrafos? Vamos fazer um exercício para cada conceito, antes de estudarmos as regras de acentuação gráfica. Aproveitaremos os exercícios

também para você relembrar como se separam as sílabas das palavras. Tempos bons aqueles…

1. Identifique os encontros vocálicos das palavras a seguir.

a) saguão

Resposta: sa-g**uão** – **tritongo**

b) ruim

Resposta: r**u**-**i**m – **hiato**

c) séria

Resposta: sé-r**ia** – **ditongo crescente**

d) seria

Resposta: se-**r**i-**a** – **hiato**

e) enxaguais

Resposta: en-xa-g**uais** – **tritongo**

en-xa-guais – **dígrafo vocálico**

f) álcoois

Resposta: ál-c**o**-**o**is – **hiato**

ál-co-**oi**s – **ditongo decrescente**

g) minguou

Resposta: min-g**uou** – **tritongo**

m**in**-guou – **dígrafo vocálico**

h) quieto

Resposta: q**ui**-e-to – **dígrafo**

qu**i**-**e**-to – **hiato**

i) voo

Resposta: v**o**-**o** – **hiato**

2. Identifique os encontros consonantais a seguir.

a) Castro

Resposta: Cas-**tr**o

b) flecha

Resposta: **fl**e-cha

c) ritmo

Resposta: ri**t-m**o

d) trabalho

Resposta: **tr**a-ba-lho

3. Reconheça os dígrafos.

a) prorromper

Respostas: pro**rr*om***per (**rr** / **om**)

b) digníssimo

Resposta: digní**ss**imo (**ss**)

c) aquele

Resposta: a**qu**ele (**qu**)

d) triunfo

Resposta: tri**un**fo (**un**)

e) quem

Resposta: **qu**em (**qu**)

1.2. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (Banco do Brasil) Noite:

a) hiato.

b) ditongo.

c) tritongo.

d) dígrafo.

e) encontro consonantal.

2. (ITA) Dadas as palavras:

1. tung-stê-nio

2. bis-a-vô

3. du-e-lo

Constatamos que a separação silábica está correta:

a) apenas na palavra n. 1.

b) apenas na palavra n. 2.

c) apenas na palavra n. 3.

d) em todas as palavras.

e) n.d.a.

3. (ITA) Dadas as palavras:

1. des-a-len-to

2. sub-es-ti-mar

3. trans-tor-no,

Constatamos que a separação silábica está correta:

a) apenas na número 1.

b) apenas na número 2.

c) apenas na número 3.

d) em todas as palavras.

e) n.d.a.

4. (Aman) Assinale a opção em que a divisão silábica não está corretamente feita:

a) a-bai-xa-do

b) si-me-tria

c) es-fi-a-pa-da

d) ba-i-nhas

e) ha-vi-a

5. (Imes) Assinale a alternativa em que a palavra não tem as suas sílabas corretamente separadas:

a) in-te-lec-ção

b) cons-ci-ên-cia

c) oc-ci-pi-tal

d) psi-co-lo-gia

e) ca-a-tin-ga

6. (Furg-RS) A sequência de palavras cujas sílabas estão separadas corretamente é:

a) a-dje-ti-va-ção / im-per-do-á-vel / bo-ia-dei-ro

b) in-ter-ve-io / tec-no-lo-gi-a / su-bli-nhar

c) in-tu-i-to / co-ro-i-nha / pers-pec-ti-va

d) co-ro-lá-rio / subs-tan-ti-vo / bis-a-vó

e) flui-do / at-mos-fe-ra / in-ter-vei-o

7. (Furg-RS) Assinale a sequência em que todas as palavras estão partidas corretamente:

a) trans-a-tlân-ti-co, fi-el, sub-ro-gar

b) bis-a-vô, du-e-lo, fo-ga-réu

c) sub-lin-gual, bis-ne-to, de-ses-pe-rar

d) des-li-gar, sub-ju-gar, sub-scre-ver

e) cis-an-di-no, es-pé-cie, a-teu

8. (UFV-MG) As sílabas das palavras psicossocial e traído estão corretamente separadas em:

a) psi-cos-so-ci-al / tra-í-do

b) p-si-cos-so-cial / tra-í-do

c) psi-co-sso-ci-al / traí-do

d) p-si-co-sso-cial / tra-í-do

e) psi-co-sso-cial / tra-í-do

9. (Acafe-SC) Na frase "No restaurante, onde entrei arrastando os cascos como um dromedário, resolvi-me ver livre das galochas", existem:

a) dois ditongos, sendo um crescente e um decrescente.

b) três ditongos, sendo dois crescentes e um decrescente.

c) três ditongos, sendo um crescente e dois decrescentes.

d) quatro ditongos, sendo dois crescentes e dois decrescentes.

e) quatro ditongos, sendo três crescentes e um decrescente.

10. (UEPG-PR) Nesta relação, as sílabas tônicas estão sublinhadas. Uma delas, porém, está sublinhada incorretamente. Assinale-a:

a) in-te-<u>rim</u>

b) pu-<u>di</u>-co

c) ru-<u>bri</u>-ca

d) gra-<u>tui</u>-to

e) i-nau-<u>di</u>-to

11. (Unirio) "O bom tempo passou e vieram as chuvas. Os animais todos, arrepiados, passavam os dias cochilando." No trecho, temos:

a) dois ditongos e três hiatos.

b) cinco ditongos e dois hiatos.

c) quatro ditongos e três hiatos.

d) três ditongos e três hiatos.

e) quatro ditongos e dois hiatos.

12. (Unirio) Assinale a melhor resposta. Em papagaio, temos:

a) um ditongo.

b) um trissílabo.

c) um dígrafo.

d) um proparoxítono.

e) um tritongo.

13. (Esaf) Indique a alternativa em que há erro(s) de divisão silábica:

a) res-sur-gir, a-ve-ri-güeis, vô-o, quais-quer

b) ca-í-ram, co-o-pe-rar, pig-meu, op-ção, cons-ti-tu-in-tes

c) tu-a, ai-ro-so, e-gí-pcio, su-bs-tan-ti-vo, pneu-má-ti-co

d) ab-di-ca-ção, o-ci-den-tal, sor-rin-do, sou-bes-te, mne-mô-ni-ca

e) a-do-les-cen-te, mai-o-res, sub-ju-gar, me-lan-co-li-a, cir-cui-to

14. (ESPCEX) Assinale a alternativa correta quanto à divisão silábica das palavras dadas:

a) sa-gu-ão, mín-guam, a-bs-tra-to, de-lin-qüi-u, plúm-beo

b) fric-ção, rit-mo, pneu-má-ti-co, cai-ais, bo-ê-mia

c) mag-ne-tis-mo, en-xa-güei, ni-nha-ri-a, res-pe-i-to, mei-os

d) su-blo-car, ca-iu, re-ce-pção, a-cces-sí-vel, subs-cre-ver

e) coi-ta-do, trans-a-tlân-ti-co, pis-ci-na, suas, põem

15. (PUC-RS) Aponte o único conjunto onde há erro na divisão silábica:

a) flui-do, sa-guão, dig-no

b) cir-cuns-cre-ver, trans-cen-den-tal, tran-sal-pi-no

c) con-vic-ção, tung-stê-nio, rit-mo

d) ins-tru-ir, an-te-pas-sa-do, se-cre-ta-ri-a

e) co-o-pe-rar, dis-tân-cia, bi-sa-vô

16. (UFF) Apenas num dos seguintes casos a divisão silábica não está feita de acordo com as normas vigentes. Assinale-o:

a) tran-sa-tlân-ti-co

b) ab-di-ca-ção

c) subs-ta-be-le-cer

d) fri-ís-si-mo

e) cis-an-di-no

17. (TRE-MG) Assinale a palavra que contém exemplo de ditongo decrescente e dígrafo:

a) companhia

b) exceção

c) répteis

d) cãimbra

e) gratuito

18. (TRE-MT) A separação de sílabas está incorreta na alternativa:

a) mi-nis-té-rio

b) ab-so-lu-tas

c) ne-nhu-ma

d) té-cni-co

e) res-sen-ti-men-tos

19. (TRE-MG) Ambas as palavras contêm exemplo de hiato em:

a) árduo / mãe

b) área / chapéu

c) diário / quota

d) pavio / moer

e) luar / anzóis

20. (TTN) Marque a alternativa correta quanto à divisão silábica:

a) fi-a-do, flui-do, ru-im

b) se-cre-ta-ri-a, ins-tru-ir, né-ctar

c) co-o-pe-rar, tung-stê-nio, i-guais

d) cir-cui-to, subs-cre-ver, a-po-te-ose

e) abs-ces-so, ri-tmo, sub-ju-gar

21. (Unirio) Assinale a opção em que o vocábulo apresenta ao mesmo tempo um encontro consonantal, um dígrafo consonantal e um ditongo fonético:

a) ninguém

b) coalhou

c) iam

d) nenhum

e) murcham

22. (TRT-ES) Leia o texto e assinale o item que apresenta correta divisão silábica: Atualmente, as plantas medicinais voltam a suscitar grande interesse, tanto na área dos profissionais da saúde como na própria sociedade.

a) mui-to / su-sci-tar

b) saú-de / so-cie-da-de

c) me-di-ci-na-is / sa-ú-de

d) sus-ci-tar / me-di-ci-nais

e) in-te-res-se / a-tual-men-te

Gabarito: 1. b; 2. c; 3. c; 4. b; 5. d; 6. e; 7. c; 8. a; 9. c; 10. a; 11. a; 12. a; 13. c; 14. b; 15. c; 16. e; 17. b; 18. d; 19. d; 20. a; 21. e; 22. d.

Finalmente, vamos às regras de acentuação gráfica. Destacamos aquelas que mudaram com o Novo Acordo Ortográfico no que se refere à acentuação gráfica, mantendo aquelas em que não houve alteração. Toda vez que apresentarmos uma regra que foi modificada segundo o Novo Acordo, vamos avisar, ok? Assim, você aprende as regras de acentuação ao mesmo tempo em que fica por dentro de tudo que mudou desde então.

2 ACENTUAÇÃO GRÁFICA (SOB O NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO)

2.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

2.1.1. Regra geral

1. Oxítonos: são acentuados os terminados em **a(s), e(s), o(s), em(ens)**.

Exs.: sofá(s), cajá(s), encontrá-lo, café(s), obtê-lo, avô, avó, dispô-lo, alguém, também, ele contém, ele intervém, armazéns, tu intervéns...

2. Paroxítonos: são acentuados os não terminados em **a(s), e(s), o(s), em(ens)** e os terminados em **ditongo**.

Exs.: cáqui, ônix, túnel, hífen, açúcar, bônus, ímã, Méier, destróier, bênção, órfão, túneis...

3. Proparoxítonos: todos são acentuados.

Exs.: lâmpada, médico, álibi, ínterim, álcool, alcoólicos...

Atenção: Pelo Novo Acordo, entram na regra dos proparoxítonos os chamados ocasionais, terminados em ditongo crescente (história, série...).

4. Monossílabos tônicos: terminados em **a(s), e(s), o(s)**.

Exs.: pá, gás, fé, mês, dó, pôs, pô-lo...

Para fixarmos essas regras iniciais, procure testar seus conhecimentos resolvendo esta questão do Cespe/UnB:

1. Em relação à acentuação gráfica, julgue os itens seguintes:

1) "Previsíveis" e "úteis" acentuam-se pela mesma razão.

2) Em "más", há emprego de acento diferencial.

3) Em "biquíni" e "ônus" o emprego do acento nas duas palavras tem a mesma justificativa.

4) Em "mantém", o acento se justifica para estabelecer a diferença com a forma da 3ª pessoa do plural.

Comentários:

Em (1), os dois vocábulos são paroxítonos terminados em ditongo.

Resposta: assertiva certa.

Em (2), o acento ocorre por ser palavra monossílaba terminada em *a(s)*, e não acento diferencial.

Resposta: assertiva errada.

Em (3), as duas palavras são paroxítonas e terminam em *i* e *us*.

Resposta: assertiva certa.

Em (4), o acento aparece por esse vocábulo ser oxítono terminado em *em*. Na 3ª pessoa do plural é que seria acentuado para estabelecer diferença com o singular (eles mantêm).

Resposta: assertiva errada.

2.1.2. Outros casos

1. Ditongos abertos (éi, éu, ói): acento agudo nas palavras **oxítonas** e **monossílabos tônicos**.

Ex.: anéis, papéis, hotéis, pastéis, troféu, céu, réu, herói, dói, mói…

Atenção: Pelo Novo Acordo, não são acentuados os ditongos ei e oi de palavras paroxítonas terminadas em a, o.
Exs.: assembleia, heroico, ideia.

2. Quando a **2a vogal do hiato** for **"i" ou "u", tônica.**

Ex.: saída, saíste, caí, juíza, reúno, saúde, baú, Grajaú…

Observação 1: Se após a 2a vogal do hiato aparecer nh ou outra letra, sem ser o **s**, na mesma sílaba, não haverá acento:
Exs.: rainha, bainha, juiz, cairdes.

Observação 2: Não se acentua a 2a vogal do hiato em letras repetidas; não se acentua o primeiro o de palavras paroxítonas terminadas em oo:
Exs.: vadiice; voo, perdoo, abençoo.

Atenção 1: Pelo Novo Acordo, não se acentua o primeiro e das formas verbais terminadas em eem (verbos ler, ver, crer, dar e derivados). Observe: Eles veem, reveem, leem, releem, creem, deem.

Atenção 2: Pelo Novo Acordo, não se acentuam i e u quando formam hiato com um ditongo anterior.
Exs.: feiura, baiuca...
Exceção: as vogais tônicas i e u, em posição final, das palavras oxítonas precedidas de ditongo levam acento. Ex.: Piauí, teiú...

3. Acentos diferenciais: quanto aos acentos diferenciais, após o Novo Acordo Ortográfico, só permaneceram os seguintes:

a) ter, vir e derivados na **3ª pessoa do plural** do presente do indicativo.

Exs.: eles têm, retêm, vêm, intervêm;

b) de intensidade (que é o acento que diferencia um vocábulo átono do tônico): pôr (verbo no infinitivo), para diferenciar da preposição por;

c) de timbre, que é o acento que diferencia o timbre fechado do timbre aberto: pôde (3a pessoa do singular do pretérito perfeito), para diferenciar da forma pode (3ª pessoa do singular do presente do indicativo).

Observação: O Novo Acordo Ortográfico determinou também que o acento do substantivo *fôrma* seria facultativo, para diferenciar tal vocábulo do substantivo *forma*. Assim, o que se entende é que ele só seria utilizado nas situações em que se pudesse encontrar alguma dificuldade de intelecção. Por exemplo:

A *forma* da *fôrma* do bolo é criativa.

Aqui, se não usássemos o acento, o leitor poderia ter dificuldades para entender a essência da informação.

Veja agora duas questões do NCE/UFRJ que trata desses outros casos de acentuação. Procuramos, aqui, adaptá-la ao Novo Acordo.

1. Assinale a frase incorreta quanto à acentuação gráfica.

a) A funcionária remeterá os formulários até o início do próximo mês.

b) Ninguém poderia prever que a catástrofe traria tamanho ônus para o país.

c) Este vôo está atrasado: os senhores tem que embarcar pela ponte aerea e fazer conexão no Rio para Florianópolis.

d) O pronunciamento feito pelo diretor na assembleia revestia-se de caráter inadiável.

e) Segundo o regulamento em vigor, o órgão competente tomará as providências cabíveis.

Comentários: Na letra A, *funcionária*, *formulários* e *início* estariam na mesma regra. Pelo Novo Acordo, a tendência seria incluir essas palavras terminadas em ditongo crescente (*ia*, *io(s)*) na regra dos proparoxítonos. *Remeterá* e *até* seriam exemplos de oxítonos terminados em *a* e *e*. A palavra *próximo* é acentuada por ser proparoxítona. Em *mês*, teríamos um caso de monossílabo tônico terminado em *es*.

Na letra B, a palavra *ninguém* é acentuada por ser oxítono terminado em *em*; *catástrofe* é proparoxítona; *ônus* é paroxítono terminado em *us* e *país* entra na justificativa da 2ª vogal do hiato, *i*, tônica, seguida ou não de *s*.

Na letra C, pelo Novo Acordo, paroxítonas que dobram a vogal *o* não recebem mais acento. O verbo *ter*, na 3ª pessoal do plural, recebe acento circunflexo ("Este voo está atrasado: os senhores têm…").

Na letra D, o ditongo *ei*, em palavras paroxítonas terminadas em *a*, não recebe mais acento agudo. Em *caráter* e *inadiável*, temos palavras paroxítonas terminadas em *r* e *l*.

Na letra E, *órgão* e *cabíveis* estariam na justificativa dos paroxítonos terminados em ditongo (ór--gão; ca-bí-veis). *Tomará*, oxítono terminado em *a,* e *providências*, pelo Novo Acordo, seria proparoxítona em ditongo crescente (proparoxítonas aparentes).

Resposta: C.

2. Quanto à acentuação, marque a(s) forma(s) correta(s):

a) Itaipú / Icaraí

Comentários: Não se acentua oxítono terminado em **u**. Em Icaraí, temos a vogal **i** como 2ª do hiato, tônica, acentuada.

Resposta: Icaraí.

b) Bocaiúva / chapéu

Comentários: A palavra Bocaiuva não recebe acento porque, embora a vogal **u** seja a 2a do hiato, vem antecedida de ditongo (regra 3 – obs.: c). Os ditongos **éi**, **éu** e **ói** continuam a receber acento quando forem **oxítonos** e **monossílabos**.

Resposta: chapéu.

c) pôr (verbo) / pára (verbo)

Comentários: Dos acentos diferenciais de intensidade, só o verbo **pôr** será acentuado, para diferir da preposição **por**. Os outros caíram (para, pelo, polo, pera...).

Resposta: pôr.

d) gratuíto / eu traí

Comentários: Embora na oralidade algumas pessoas pronunciem **gratuito** com o *i* tônico, isso não ocorre. A pronúncia correta é como ditongo (gra-tui-to) e não grã-tu-í-to. **Traí** recebe acento porque o **i** aparece como 2ª vogal do hiato, tônica.

Resposta: traí.

e) enjôo / eles provêm

Comentários: O acento no 1º **o** de vocábulos paroxítonos em **oo** caiu. Já nos verbos *ter*, *vir* e *derivados*, na **3ª pessoa do plural** do presente do indicativo, o acento se mantém, não houve alteração dessa regra (eles têm, retêm, vêm, intervêm...).

Resposta: eles provêm (= provir, derivado de *vir*) .

f) eles prevêem / ele prevê

Comentários: O acento no primeiro **e** dos verbos *ler*, *ver*, *crer*, *dar* e *derivados* não se usa mais. Agora fica: eles leem, veem, creem, deem etc. Em **ele prevê** temos a regra do oxítono terminado em **e**.

Resposta: ele prevê.

g) destróier / heróico

Comentários: Os ditongos **ei** e **oi**, em palavras **paroxítonas** com pronúncia aberta, não recebem mais acento, à exceção dos terminados em *r*, pois entram na regra geral (paroxítono terminado em **r** é acentuado: açúcar, caráter,

destróier...). Em **heroico** temos paroxítono terminado em *o*, daí não receber acento.

Resposta: destróier.

h) eu apóio / o apoio

Comentários: Os ditongos *oi* e *ei*, paroxítonos com pronúncia aberta, deixam de receber acento quando terminam em *o(s)*, *a(s)* (heroico, europeia, ideia...). Em *o apoio*, este *o* tem pronuncia fechada, é o substantivo.

Resposta: o apoio.

i) ele detém / eles detêem

Comentários: O verbo **deter** na 3ª pessoa do singular recebe acento por ser um oxítono terminado em **em** (armazém, ninguém, ele detém...). Esse verbo, na 3ª pessoa do plural, **não** dobra a letra **e**: eles detêm (verbos **ter**, **vir** e **derivados**, na 3ª pessoa do plural, um **e** e acento circunflexo).

Resposta: ele detém.

j) pêra (subst.) / pôneis

Comentários: O substantivo **pera**, com a nova reforma, perdeu o acento circunflexo. Em **pôneis**, o acento se dá por ser esse vocábulo um paroxítono terminado em ditongo.

Resposta: pôneis.

k) "Ele reconstrói a imagem colocando sobre ela elementos de uso cotidiano, como molho de tomate, geleia de amora e soldadinho de plástico em forma de mosaico."

Comentários: Nessa frase, aparecem os ditongos **oi** e **ei**. Em *reconstrói*, usaremos o acento, pois esse vocábulo é oxítono. Já em *geleia* isso não ocorrerá, já que essa palavra é paroxítona, casos em que esse ditongo não é mais acentuado. Plástico é proparoxítono.

Resposta: geleia / reconstrói / plástico.

E o **trema?** Foi totalmente abolido. A pronúncia, porém, continua a mesma. Ninguém por aí vai deixar de falar **linguiça** e **pinguim** como falava anteriormente, só porque o trema desapareceu.

Ex.: questão, tranquilo, iniquidade, consequência, pinguim, sequestro, frequência, cinquenta, aguentar, arguir, averiguemos, quinquênio, antiguidade, liquidação, sanguíneo...

2.2. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (TJ-AP – Técnico Judiciário – Judiciária e Administrativa – FCC – 2014)

Acentuam-se devido à mesma regra os seguintes vocábulos do texto:

a) também, mantêm, experiências.

b) indígenas, séculos, específico.

c) acúmulo, importância, intercâmbio.

d) políticas, história, Pará.

e) até, três, índios.

2. (TRF – 1ª Região – Analista Judiciário – FCC – 2014)

Considere a tirinha reproduzida abaixo.

(Revista Língua Portuguesa, ano 4, n. 46. São Paulo: Segmento, agosto de 2009, p.7)

Seguindo-se a regra determinada pelo novo acordo ortográfico, tal como referida no primeiro quadrinho, também deixaria de receber o acento agudo a palavra:

a) Tatuí.

b) graúdo.

c) baiúca.

d) cafeína.

e) Piauí.

3. (TRT 3ª Região – Analista Judiciário – Área Judiciária – Especialidade Oficial de Justiça Avaliador Federal – FCC – Jul./2015)

Perguntando-me a mim mesmo por que processo de associação ela me viera à memória, não atinei com o porquê. Pensei, então, no motivo de eu lastimar sua ausência e não obtive de imediato a resposta. Passaram se muitos meses quando, de repente, percebi o sentido disso tudo: ela era, sempre fora e sempre seria a concretização da fantasia primeira da minha adolescência.

Considere o trecho acima e as afirmações que seguem:

I. Em *Perguntando-me a mim mesmo*, há duas formas – *me e a mim mesmo* – que expressam reflexividade da ação, motivo pelo qual uma delas pode ser elidida sem prejuízo do sentido.

II. Em *por que processo de associação ela me viera à memória*, o segmento destacado está grafado segundo as normas gramaticais.

III. Em *não atinei com o porquê*, a palavra destacada apresenta erro de grafia: o acento gráfico não é justificável.

IV. Em *percebi o sentido disso tudo*, a palavra destacada resume as razões citadas após os dois-pontos.

Está correto o que se afirma APENAS em

a) I.

b) I e II.

c) II e III.

d) III e IV.

e) II e IV.

4. (Cespe – TJ Acre – Técnico – 2012)

Julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E):

As palavras " conteúdo", " calúnia" e " injúria" são acentuadas de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.

5. (Cespe – MPU – Analista/Técnico – 2015)

Julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E):

A palavra " cível" recebe acento gráfico em decorrência da mesma regra que determina o emprego de acento em **amável** e **útil**.

6. (Pol. Fed. (Adaptada) – Cespe)

Em relação à acentuação gráfica julgue os itens a seguir como Certo (C) ou Errado (E):

I. Em " más", há emprego de acento diferencial.

II. Em " biquíni" e " ônus", o emprego do acento nas duas palavras tem a mesma justificativa.

III. Em " mantém", o acento se justifica para estabelecer a diferença com a forma da 3ª pessoa do plural.

Leia o texto a seguir para responder à questão 7:

Texto II

Festival reúne caravelas em barcos

Dizem que o passado não volta, mas a cada cinco anos boa parte da história marítima da Europa se reúne para navegar junto entre o Mar do Norte e o canal de Amsterdã. Caravelas e barcos a vapor do século passado se juntam a veleiros e lanchas contemporâneas que vêm de vários países para um dos maiores encontros náuticos gratuitos do mundo. Durante o Amsterdam Sail, entre os dias 19 e 23 de agosto, cerca de 600 embarcações celebram a arte de deslizar sobre as águas.

Desde 1975 o grande encontro aquático junta apaixonados pelo mar e curiosos às margens dos canais para ver barcos históricos e gente fazendo festa ao longo de cinco dias – na última edição, o público estimado foi de 1,7 milhão de pessoas. Há aulas de vela e de remo para adultos e crianças, além de atrações musicais. [...]

Você pode até achar que é coisa de criança, mas o jogo em que cada um leva o próprio balde e simula as tarefas a bordo de um navio é instrutivo e divertido para todas as idades.

MORTARA, F. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 4 ago. 2015, Caderno D, p. 10. Adaptado.

7. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016)

Das palavras acentuadas (todas retiradas do Texto II) **reúne**, **países**, **águas**, **última** e **vêm**, as duas que recebem acento por seguirem a mesma norma ortográfica são:

a) **águas** e **vêm**

b) **última** e **vêm**

c) **reúne** e **águas**

d) **reúne** e **países**

e) **países** e **última**

8. (ANP – Téc. Reg. Petr&Der – Cesgranrio – Jan./2016)

O grupo de palavras que obedecem às normas de acentuação da Língua Portuguesa é

a) raizes, dificil, século

b) rúbrica, saúva, amavel

c) também, possível, êxito

d) idolo, parabéns, ciencia

e) indústria, saude, ninguem

9. (Liquigás –Ass. Adminis. – Cesgranrio – Set./2015)

O par de palavras grafadas corretamente é

a) chaminé, xícara

b) chave, xipanzé

c) enxente, chale

d) enxada, xuxu

e) fachina, chifre

10. (Liquigás –Ass. Adminis. – Cesgranrio – Set./2015)

A palavra que deve ser acentuada graficamente, de acordo com as regras da norma-padrão do Português, é

a) ali

b) antes

c) dificil

d) pacto

e) potente

11. (Ministério do Turismo – Todos os cargos – ESAF – 2013)

Assinale a opção que indica a necessidade de modificar a colocação de acento gráfico para que o texto fique gramaticalmente correto.

É urgentemente **necessário** (a) promover o aumento da entrada de estrangeiros.

Deve-se completar o trabalho da natureza, oferecendo segurança e transporte **publico** (b) eficientes, preparação do pessoal

receptivo, serviço decente de telecomunicações, controle de **endemias**, (c) limpeza das cidades, pronto-atendimento de **saúde**, (d) preços honestos e boa qualidade em hotéis e restaurantes, além, é claro, de carga **tributária** (e) que não espante o freguês.

(Adaptado de *Correio Braziliense*, 31/12/2013)

a) necessário > necessario

b) publico > público

c) endemias > endêmias

d) saúde > saude

e) tributária > tributaria

Leia o texto a seguir para responder à questão 12:

Criado há dois anos, o Programa Mais Médicos voltou a ser motivo de uma ferina disputa entre o governo federal e as entidades da área de saúde. Agora, não é mais a atuação dos cubanos o foco da ira dos profissionais brasileiros, e sim a expansão dos cursos de medicina no país. No início de junho, os Ministérios da Saúde e da Educação autorizaram instituições privadas a oferecer 2.290 vagas de graduação em 36 municípios do interior. Por outro edital, foram selecionadas mais 22 cidades para abrigar novas escolas no Norte, Nordeste e Centro-Oeste, regiões vistas como prioritárias, por possuir maior déficit de profissionais.

A reação não tardou. O Conselho Federal de Medicina e a Associação Brasileira de Escolas Médicas decidiram criar um modelo próprio de avaliação dos cursos da área, independente daquele adotado pelo governo. O Conselho Regional de Medicina de São Paulo prometeu ingressar na Justiça contra a abertura dos novos cursos. As entidades acusam o governo de promover uma expansão indiscriminada das faculdades de medicina em locais com infraestrutura inadequada, o que colocaria em risco a qualidade da formação.

(Rodrigo Martins, "Sobre a quantidade de jalecos brancos". *Carta capital*, 5 de agosto de 2015. Ano XXI. n. 861)

12. (ESAF- Analista de Planejamento e Orçamento – ESAF – 2015)

(Adaptada) Julgue a assertiva a seguir como " certa" ou " errada":

As palavras " área" (l. 2), "Ministérios" (l. 3) e " prioritárias" (l. 6) são acentuadas devido à mesma regra de acentuação gráfica.

Leia o texto a seguir para responder à questão 13:

Como estamos às vésperas de celebrar os 500 anos da palavra " utopia" e do romance filosófico de Thomas Morus que a consagrou, o momento é mais do que oportuno para examinar que novas feições ela adquiriu após tantos sonhos desfeitos e outros tantos pervertidos e que atualização lhe deram as expectativas geradas pela informática, pelas biotecnologias, pelas nanociências, pelas ciências cognitivas e as perspectivas de clonagem, ectogênese (fecundação de útero artificial), artificialização dos órgãos do corpo e prolongamento da vida, abertas por elas.

Seu étimo grego, significando não lugar, lugar nenhum ou, trocadilhescamente, lugar da felicidade (eutropia), designou primeiro uma ilha dos mares do Novo Mundo, em que foi bater um navegante português ligado a Américo Vespúcio. Terra prodigiosa, em tudo diferente da Europa do século 16, a perfeição imperava em suas cinquenta e poucas cidades. Morus imaginou-a empolgado pela descoberta da América e do " novo homem" que a habitava. Se bem que a República platônica já configurasse uma utopia, foi na ilha " descoberta" por Rafael Hitlodeu que surgiu o conceito de utopia como representação imaginária de uma sociedade

que tenha encontrado soluções exemplares para todos os seus problemas.

Outras sociedades ideais, fundamentadas em leis justas e instituições político-econômicas comprometidas com o bem-estar da coletividade, nasceram da imaginação de romancistas e pensadores, nos séculos seguintes, com particular insistência no século 19, auge do utopismo socialista de Charles Fourier, Étienne Cabet, Edward Bellamy e William Morris. A esses devaneios igualitários a dupla Marx-Engels combateu e contrapôs outro, supostamente científico, cuja caracterização como utopia pode livrar a cara do comunismo, mas não das sociedades que às suas ideias básicas deram concretude, a partir da revolução bolchevique, uma utopia que virou distopia.

A distopia é uma distorção ou uma mutação da utopia, um sonho que se transforma em pesadelo. A ficção científica e a literatura de antecipação são pródigas em fantasias do gênero. De Jules Verne (Capitão Nemo era um utopista) ao Aldous Huxley de *Admirável Mundo Novo*, ao Orwell de 1984 e ao Ray Bradbury de *Fahrenheit 451*. Serão todos lembrados ao longo do ciclo.

(Adaptação da matéria "Um sonho de 500 anos", de Sérgio Augusto – jornal *O Estado de São Paulo*, 02 de agosto de 2015)

13. (ESAF – Analista de Planejamento e Orçamento – 2015)

(Adaptada) Julgue a assertiva a seguir como " certa" ou " errada":

O acento nas palavras " vésperas" (l. 1), " ciências" (l. 4) e " econômicas" (l. 14) justifica-se devido à mesma regra de acentuação gráfica.

Leia o texto a seguir para responder à questão 14:

Por que é preciso passar pelo equipamento de raios X?

São normas internacionais de segurança. É proibido portar objetos cortantes ou perfurantes. Se você se esqueceu de despachá-los, esses itens terão de ser descartados no momento da inspeção.

Como devo proceder na hora de passar pelo equipamento detector de metais?

A inspeção dos passageiros por detector de metais é obrigatória. O passageiro que, por motivo justificado, não puder ser inspecionado por meio de equipamento detector de metal deverá submeter-se à busca pessoal. As mulheres grávidas podem solicitar a inspeção por meio de detector manual de metais ou por meio de busca pessoal.

Disponível em: <http://www.infraero.gov.br/images/stories/guia/2014/guiapassageiro2014_portugues.pdf>.Acesso em: 4/1/2016 (com adaptações).

14. (ANAC – Técnico Administrativo – ESAF – 2016)

Em relação às regras de acentuação, assinale a opção correta.

a) Acentua-se o verbo " é" (l. 1), quando átono, para diferenciá-lo da conjunção " e".

b) " Você" (l. 2) é palavra acentuada por ser paroxítona terminada na vogal " e" fechada.

c) " Despachá-los" (l. 3) se acentua pelo mesmo motivo de " deverá" (l. 6).

d) Ocorre acento grave em " à busca pessoal" (l. 6) em razão do emprego de locução com substantivo no feminino.

e) O acento agudo em " grávidas" (l. 7) se deve por se tratar de palavra paroxítona terminada em ditongo.

Gabarito: 1. b; 2. c; 3. b; 4. e; 5. c; 6. I-E, II-C, III-E; 7. d; 8. c; 9. a; 10. c; 11. b; 12. certa; 13. errada; 14. c.

Para memorizar as regras de acentuação gráfica é necessário… Vamos resumir o que você estudou?

2.3. RESUMO

- Em acentuação gráfica, temos quatro regras gerais (monossílabos, oxítonos, paroxítonos e proparoxítonos), dois casos especiais (“ i”e “ u” como segunda vogal do hiato e os ditongos abertos éi, éu e ói) e três acentos diferenciais.
- Memorize que a regra geral de acentuação das paroxítonas é o contrário das oxítonas, finais a(s), e(s), o(s), em(ens)
- O acento diferencial dos verbos ter, vir e derivados é o circunflexo (de plural).
- O Novo Acordo Ortográfico aboliu o acento dos ditongos ei, oi nas paroxítonas, os acentos do hiato oo e dos verbos crer, dar, ler, ver e derivados.

3 HÍFEN

3.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Agora, vamos ao estudo do hífen. Como muita coisa não se explica, procuramos preparar um material bem prático, principalmente para que você possa consultá-lo, já que a maioria dos materiais que temos visto por aí não agrupa as regras, dificultando, assim, até a consulta por parte do usuário da língua. Após observar as novas orientações, faça o exercício, consultando-as e, aos poucos, você irá internalizá-las. Vamos lá?

3.1.1. Prefixos

1. Com os prefixos **ante, anti, arqui, auto, circum, contra, entre, extra, hiper, infra, intra, semi, sobre, sub, ultra...;** ou falsos prefixos **aero, agro, anfi, audio, bio, eletro, foto, geo, hidro, macro, maxi, mega, micro, mini, multi, neo, orto, proto, pseudo, poli, retro, tele...:**

Emprega-se o hífen quando o 1º elemento termina por **vogal igual à que inicia o 2º elemento** e nas formações em que o 2º elemento começa por **h**:

Ex.: anti-inflamatório, arqui-inimigo, semi-interno, poli-insaturado, pseudo-occipital, eletro-óptico, sobre-estimar, auto-observação, contra-arrazoado, bio-história, poli-hidroxila, sub-horizonte, ultra-hiperbólico, neo-helênico etc.

Mas: coobrigação, coerdeiro (com o prefixo **co**, este se aglutina em geral com o 2º elemento).

Observação 1:

a) Se o 1o elemento terminar por vogal diferente daquela que inicia o 2o elemento, escreve-se junto, sem hífen.
Exs.: antiético, anteontem, agroindustrial, aeroespacial, eletroemissão, extraescolar, coeducação...

b) Quando o 1o elemento terminar por vogal e o 2o elemento começa por r ou s, devemos dobrar as consoantes, sem hífen.
Ex.: biorritmo, infrassom, microssistema, antessala, antirrepublicano, contrarréplica, minissubmarino, cossenhor...

c) Com os prefixos hiper, inter e super, usaremos hífen se o 2o elemento iniciar por h ou r.
Exs.: hiper-hedonista, inter-hemisfério, super-homem, hiper-requintado, inter-resistente, super-revista...

d) Haverá hífen com os prefixos circum e pan, quando o 2o elemento começar por vogal, m ou n (além de h, como aparece na regra 1).
Exs.: circum-escolar, circum-navegação, pan-africano, pan-negritude, pan-helenismo...

As mudanças que ocorreram relativas ao uso do hífen se concentram, em sua quase totalidade, nessa 1ª regra e nas observações ***a*** e ***b***. No restante, as regras são aquelas que já existiam. Daí a intenção de começar logo por elas, para efeito de memorização, já que, infelizmente, esse assunto requer muita prática para assimilar todas as regras.

Observação 2:

a) Se não houver perda do som da vogal final do 1o elemento, e o elemento seguinte começar com h, serão usadas as duas formas gráficas:

Exs.: cardi-hepático ou cardiepático; aero-hidropatia ou aeroidropatia.

b) Havendo perda do som da vogal do 1o elemento ou se as palavras já são de uso consagrado, deve ser escrita sem hífen.

Exs.: clorídrico, reidratar, reumanizar, reabilitar, reaver...

c) Com os prefixos des e in não se emprega o hífen quando o 2o elemento perde o h inicial; se a palavra não aparecer com função prefixal, não se emprega o hífen.

Exs.: desumano, desidratar, inábil, inumanidade; não violência, não alinhado...

2. Emprega-se o hífen nos compostos em que o 1º elemento é representado pelas formas **além**, **aquém**, **bem**, **ex**, **recém**, **sem**, **grão**, **grã**, **bel**, **soto**, **sota**, **vice**, **vizo**, **pré**, **pró**, **pós** (tônicos).

Exs.: além-mar, aquém-mar, bem-querer, bem-humorado(mas, benfazejo, benfeitor), recém--casado, sem-número, grã-cruz, ex-presidente, sota-capitão, sota-vento, vice-cônsul, vizo-rei, pré-escolar, pós-graduação, pró-germânico...

Obs.: a) **pre**, **pro**, **pos**, átonos, se aglutinam com o 2º elemento.

Exs.: precondicionamento, propor, pospor...

b) Emprega-se o hífen com a forma **mal**, quando forma com o 2º elemento uma unidade semântica e tal elemento começa por **vogal** ou **h**.

Exs.: mal-estar, mal-humorado etc.

3. Com os prefixos **ab**, **ob**, **sob**, **sub**, se o 2º elemento iniciar por **r** ou **b**, será empregado o hífen.

Exs.: sub-base, ab-reptício, ob-rogar, sub-reitor...

Obs.: com o prefixo **ad**, se o 2º elemento começar por **r** ou **d**, usaremos o hífen.

Ex.: ad-referendar, ad-digital...

3.1.2. Sufixos

O hífen emprega-se nos vocábulos terminados pelos sufixos **açu**, **guaçu**, **mirim**.

Exs.: capim-açu, Ceará-mirim...

3.1.3. Nomes compostos

Emprega-se o hífen nos compostos representados por substantivos, adjetivos, numerais e verbos; elementos repetidos; reduções; gentílicos derivados de topônimos compostos; compostos que designam espécies botânicas, zoológicas.

Exs.: decreto-lei, primeiro-ministro, alto-relevo, porta-aviões, tico-tico, grão-mestre, belo-horizontino, erva-doce, couve-flor, bem-me-quer...

Observação: Em geral, nas locuções de qualquer tipo não se usa o hífen, exceto em alguns casos que o uso já legitimou. Aqui é que mora um problema: o Novo Acordo fala que o hífen permanece os vocábulos que o uso validou, mas até você memorizar todos aqueles consagrados pelo uso...

Exs.: café com leite, sala de jantar, pé de chinelo, disse me disse, bumba meu boi, dia a dia, comum de dois, ponto e vírgula...
Mas (consagrados pelo uso): água-de-colônia, cor-de-rosa, à queima-roupa, pé-de-meia, dois-pontos, mais-que-perfeito...

Vamos treinar?

I. Marque a forma correta.

1. contra-atacar / contraatacar

Comentários: Com o prefixo **contra**, usaremos hífen se a vogal inicial do 2º elemento iniciar por essa mesma vogal.

Resposta: contra-atacar.

2. anti-sociável / antissociável

Comentários: Ainda com relação à 1ª regra, o prefixo **anti** receberá hífen se a palavra seguinte começar pela mesma letra com que esse prefixo termina **i** ou começar por **h**. Logo, não recebe hífen. Se as letras que iniciarem o 2º elemento forem **s** ou **r**, dobramos essas consoantes (Obs.: b).

Resposta: antissociável.

3. mini-saia / minissaia

Comentários: O mesmo comentário. O prefixo termina por vogal e a palavra seguinte começa por **s**. Dobra-se essa letra.

Resposta: minissaia.

4. contra-balançar / contrabalançar

Comentários: Esse prefixo (**contra**) pertence à regra 1. Se o 2º elemento não começa pela mesma vogal com que esse prefixo termina (**a**), não há hífen.

Resposta: contrabalançar.

5. contra-regra / contrarregra

Comentários: Agora, esse mesmo prefixo vem seguido de palavra que começa por **r** (regra 1, obs.: b). Dobra-se essa consoante.

Resposta: contrarregra.

6. anti-imperialismo / antiimperialismo

Comentários: O prefixo **anti** termina em **i**. O 2º elemento (imperialismo) inicia por **i** (pela mesma vogal). Quando isso acontece, pelo Novo Acordo, hífen.

Resposta: anti-imperialismo.

7. anti-horário / antiorário

Comentários: A regra 1 mostra o uso do hífen em alguns prefixos que terminarem na mesma letra com que se inicia o 2º elemento ou se este começar por **h**.

Resposta: anti-horário.

8. mini-retrospectiva / minirretrospectiva

Comentários: Ainda a regra 1. O 2º elemento começa por **r**. Dobra-se essa consoante.

Resposta: minirretrospectiva.

9. co-seno / cosseno

Comentários: Prefixo **co** seguido da palavra que inicia por **s** (regra 1, obs.: b).

Resposta: cosseno.

10. micro-onda / microonda

Comentários: O prefixo **micro** termina em **o** e a palavra **onda** inicia por **o**, hífen.

Resposta: micro-onda.

11. hiper-realista / hiperrealista

Comentários: Agora, temos o prefixo **hiper**. A regra 1, obs.: c, diz que os prefixos **hiper**, **inter** e **super** recebem hífen se o 2º elemento começar por **h** ou **r**.

Resposta: hiper-realista.

12. sub-região / subrregião

13. sub-braquial / subraquial

Comentários: Na regra 3, aparece o prefixo **sub**. Será empregado o hífen se o 2º elemento iniciar por **r** ou **b**.

Respostas: sub-região / sub-braquial.

14. pré-gravação / pregravação

15. pré-estabelecido / preestabelecido

16. pré-eminente / preemininte

17. pró-britânico / probritânico

18. pró-romper / prorromper

19. pré-fixado / prefixado

Comentários:

Com os prefixos **pré**, **pró** e **pós**, haverá o uso do hífen se esses prefixos forem tônicos (acentuados). Se forem átonos,

eles se aglutinam com o 2º elemento. O que ocorre é que, em relação à pronúncia de algumas palavras com esses prefixos, ocorrem vacilações. Afinal é pré-fixado ou prefixado? Vamos então às pronúncias corretas de alguns desses vocábulos:

Respostas: pré-gravação (tônica) / preestabelecido (átona) / preeminente (átona) / pró-britânico (tônica) / prorromper (átono) / prefixado (átono).

20. poli-híbrido / poliíbrido

Comentários: Voltando à regra 1, o prefixo **poli** receberá hífen se a palavra seguinte começar por **i** ou por **h.**

Resposta: poli-híbrido.

21. contra-indicação / contraindicação

Comentários: O prefixo **contra** termina em **a**, mas o 2º elemento não inicia por **a**, mas sim por outra vogal (regra 1, obs.: a).

Resposta: contraindicação.

22. contra-senso / contrassenso

Comentários: Se aparecerem as letras **r** ou **s** após os prefixos da regra 1, dobram-se essas consoantes.

Resposta: contrassenso.

23. infra-estrutura / infraestrutura

Comentários: Após o prefixo **infra**, usaremos o hífen se o 2º elemento iniciar por **a** ou **h**. Como a palavra **estrutura** inicia por **e**, o correto é sem hífen.

Resposta: infraestrutura.

24. auto-análise / autoanálise

Comentários: A explicação da anterior vale também para essa palavra. O prefixo **auto** termina em **o** e **análise** se inicia por **a**. Sem hífen, portanto.

Resposta: autoanálise.

25. ante-estreia / anteestreia

Comentários: Agora, a vogal que inicia o 2º elemento (**e**) é a mesma que finaliza o prefixo (**e**). Pelo Novo Acordo, hífen.

Resposta: ante-estreia.

26. ante-sala / antessala

Comentários: Após o prefixo **ante**, se o 2º elemento iniciar por **r** ou **s**, dobram-se essas consoantes. Se o 2º

elemento iniciar por **e** ou **h**, hífen.

Respostas: antessala / ante-histórico.

27. mal-assombrado / malassombrado

Comentários: Com o prefixo **mal**, se o 2º elemento iniciar por **vogal** ou **h**, formando uma unidade semântica, hífen.

Resposta: mal-assombrado.

28. multi-racial / multirracial

Comentários: O prefixo **multi** é seguido de palavra iniciada por **r**. Dobra-se essa consoante.

Resposta: multirracial.

29. vice-imperador / viceimperador

Comentários: A regra 2 fala desse prefixo. Com as formas **além**, **aquém**, **bem**, **ex…vice…**, emprega-se o hífen, independentemente da vogal que inicia o 2º elemento.

Resposta: vice-imperador.

4 HOMÔNIMOS E PARÔNIMOS

4.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Vamos falar de semântica?

Antes de tudo, é preciso que você entenda a diferença entre homônimos e parônimos. **Homônimos** são vocábulos iguais (na pronúncia, na grafia ou em ambos), mas de sentido diferente. Subdividem-se em:

a) **homônimos homógrafos**: a grafia é igual, mas a pronúncia é diferente:

colher (verbo) / colher (substantivo)

b) **homônimos homófonos**: a pronúncia é igual, mas a grafia é diferente:

seção / sessão / cessão etc.

c) **homônimos perfeitos**: a pronúncia e a grafia são iguais:

lima (fruta) / lima (ferramenta)

Já os **Parônimos** são vocábulos semelhantes na pronúncia e na grafia, mas de sentidos diferentes. Ex.: eminente ≠ iminente; inflação ≠ infração etc.

Segue agora uma lista das palavras que mais geram dúvidas sobre seu significado. Achamos melhor sistematizar aqueles vocábulos que aparecem nas provas de concursos públicos e depois levar você logo aos exercícios, para que memorize os principais naturalmente, sem muito esforço, ok?

Quadro 4.1 – Homônimos e parônimos

Acender (pôr fogo)	Ascender (elevar-se, subir)
Acessório (secundário)	Assessório (relativo a assessor)
Apreçar (colocar o preço)	Apressar (correr, acelerar)
Arrear (pôr os arreios)	Arriar (abaixar, descer)
Asado (que tem asas, alado)	Azado (marcado, determinado)
Brocha (prego de cabeça larga e chata)	Broxa (pincel grande)
Caçar (perseguir animais)	Cassar (anular)
Cela (quarto pequeno)	Sela (arreio)

Cerrar (fechar)	Serrar (cortar)
Cesta (guarda objetos)	Sesta (descanso após o almoço)
Chá (bebida)	Xá (soberano do Irã)
Coser (costurar)	Cozer (cozinhar)
Deferir (despachar)	Diferir (divergir, discordar)
Descrição (enumeração)	Discrição (prudência, recato)
Descriminar (inocentar)	Discriminar (separar, distinguir)
Despercebido (sem ser notado)	Desapercebido (desatento)
Destratar (maltratar)	Distratar (anular, rescindir)
Discente (relativo a alunos)	Docente (que ensina, professor)
Eminente (elevado, sublime)	Iminente (ameaça acontecer)
Esbaforido (ofegante)	Espavorido (apavorado)
Esperto (inteligente, ativo)	Experto (experiente)
Espiar (observar)	Expiar (cumprir pena)
Esterno (osso do peito)	Externo (lado de fora)
Estrato (nuvem, camada)	Extrato (resumo)
Incerto (impreciso)	Inserto (introduzido)
Incipiente (inexperiente)	Insipiente (ignorante)
Infestado (invadido)	Enfestado (empinado, dobrado)
Infringir (transgredir, violar)	Infligir (aplicar a pena)
Intercessão (intervenção)	Interseção (corte, cruzamento)
Intimorato (destemido)	Intemerato (íntegro, puro)
Mandado (ordem judicial)	Mandato (procuração, incumbência)
Pleito (eleição, debate)	Preito (homenagem)
Prescrever (determinar, ordenar)	Proscrever (banir, expulsar)
Remissão (perdão, clemência)	Remição (libertação, resgate)
Retificar (corrigir)	Ratificar (confirmar)

Vultoso (volumoso)	Vultuoso (congestão na face)

4.2. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. Complete as lacunas com a expressão correta (entre parênteses):

" O _____ (cervo – servo) prendia-se nos arbustos, fugindo dos _____ (cartuchos – cartuxos) que pipocavam por toda a _____ (área – aria);

a) cervo – cartuxos – área

b) servo – cartuchos – aria

c) cervo – cartuchos – área

d) servo – cartuchos – área

e) servo – cartuchos – aria

2. Complete as lacunas, com a expressão necessária, que consta nos parênteses:

É necessário _____ (cegar-segar) os galhos salientes do _____ (bucho-buxo), de modo a que se possa fazer _____ (xá-chá) com as folhas mais novas."

a) segar – buxo – chá

b) segar – bucho – xá

c) cegar – buxo – xá

d) cegar – bucha – chá

e) segar – bucha – xá

3. O _____ (emérito-imérito) causídico _____ (dilatou-delatou) o plano de fuga do meliante, que se encontrava na _____(eminência-iminência) de escapar da prisão:

a) emérito – delatou – iminência

b) imérito – dilatou – eminência

c) emérito – dilatou – iminência

d) imérito – delatou – iminência

e) emérito – dilatou – eminência

4. O _____ (extrato-estrato) da conta bancária é, por si só, insuficiente para cobrir o _____(cheque-xeque), ainda que haja algum capital (incerto-inserto).

a) extrato – xeque – inserto

b) estrato – cheque – incerto

c) extrato – cheque – inserto

d) estrato – xeque – incerto

e) extrato – xeque – incerto

5. Complete as lacunas usando adequadamente (mas / mais / mal / mau):

" Pedro e João ____ entraram em casa, perceberam que as coisas não iam bem,pois sua irmã caçula escolhera um ____ momento para comunicar aos pais que iria viajar nas férias; _____ seus dois irmãos deixaram os pais _____ sossegados quando disseram que a jovem iria com os primos e a tia."

a) mau – mal – mais – mas

b) mal – mal – mais – mais

c) mal – mau – mas – mais

d) mal – mau – mas – mas

e) mau – mau – mas – mais

Leia o texto a seguir para responder à questão 6.

Texto I

Naquele novo apartamento da rua Visconde de Pirajá pela primeira vez teria um escritório para trabalhar. Não era um cômodo muito grande, mas dava para armar ali a minha tenda de reflexões e leitura: uma escrivaninha, um sofá e os livros. Na parede da esquerda ficaria a grande e sonhada estante onde caberiam todos os meus livros. Tratei de encomendá-la a seu Joaquim, um marceneiro que tinha oficina na rua Garcia D' Ávila com Barão da Torre.

O apartamento não ficava tão perto da oficina. Era quase em frente ao prédio onde morava Mário Pedrosa, entre a Farme de Amoedo e a antiga Montenegro, hoje Vinicius de Moraes. Estava ali havia uma semana e nem decorara ainda o número do prédio. Tanto que, quando seu Joaquim, ao preencher a nota de encomenda, perguntou-me onde seria entregue a estante, tive um momento de hesitação. Mas foi só um momento. Pensei rápido: " Se o prédio do Mário é 228, o meu, que fica quase em frente, deve ser 227". Mas lembrei-me de que, ao ir ali pela primeira vez, observara que, apesar de ficar em frente ao do Mário, havia uma diferença na numeração.

– Visconde de Pirajá, 127 – respondi, e seu Joaquim desenhou o endereço na nota.

– Tudo bem, seu Ferreira. Dentro de um mês estará lá sua estante.

– Um mês, seu Joaquim! Tudo isso? Veja se reduz esse prazo.

– A estante é grande, dá muito trabalho... Digamos, três semanas.

Ferreira Gullar. A estante. In: *A estranha vida banal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989 (com adaptações).

6. (INSS – Técnico Seg. Soc. – CESPE – Maio/2016)

No que se refere aos sentidos do **texto I**, julgue o próximo item como Certo (C) ou Errado (E):

A expressão " armar ali a minha tenda" (l. 2) foi empregada no texto em sentido figurado.

Leia o texto a seguir para responder à questão 7.

Texto III

Pergunto: e agora? Como é que meu Padrinho foi degolado num quarto de pesadas paredes sem janelas, cuja porta fora trancada, por dentro, por ele mesmo? Como foi que os assassinos ali penetraram, sem ter por onde? Como foi que saíram, deixando o quarto trancado por dentro? Quem foram esses assassinos? Como foi que raptaram Sinésio, aquele rapaz alumioso, que concentrava em si as esperanças dos Sertanejos por um Reino de glória, de justiça, de beleza e de grandeza para todos? Bem, não posso avançar nada, porque aí é que está o nó! Este é o "centro de enigma e sangue" da minha história. Lembro que o genial poeta Nicolau Fagundes Varela adverte todos nós, Brasileiros, de que "os irônicos estrangeiros" vivem sempre vigilantes, sempre à espreita do menor deslize nosso para, então, "ridicularizar o pátrio pensamento":

Fatal destino o dos brasílios Mestres!

Fatal destino o dos brasílios Vates!

Política nefanda, horrenda e negra,

pestilento Bulcão abafa e mata

quanto, aos olhos de irônico estrangeiro,

podia honrar o pátrio pensamento!

Ora, um dos argumentos que os "irônicos estrangeiros" mais invocam para isso é dizer que nós, Brasileiros, somos incapazes de forjar uma verdadeira trança, uma intrincada teia, um insolúvel enredo de "romance de crime e sangue". Dizem eles que não é necessário nem um adulto dotado de argúcia especial: qualquer adolescente estrangeiro é capaz de decifrar os enigmas brasileiros, os quais, tecidos por um Povo superficial, à luz de um Sol por demais luminoso, são pouco sombrios, pouco maldosos e subterrâneos, transparentes ao primeiro exame, facílimos de desenredar.

Ah, e se fossem somente os estrangeiros, ainda ia: mas até o excelso Gênio brasileiro Tobias Barreto, aí é demais! Diz Tobias Barreto que, no Brasil, é impossível aparecer um "romance de gênio", porque "a nossa vida pública e particular não é bastante fértil de peripécias e lances romanescos". Lamenta que seja raro, entre nós, "um amor sincero, delirante, terrível e sanguinário", ou que, quando apareça, seja num velho como o Desembargador Pontes Visgueiro, o célebre assassino alagoano do Segundo Império. E comenta, ácido: "Um ou outro crime, mesmo, que porventura erga a cabeça acima do nível da vulgaridade, são coisas que não desmancham a impressão geral da monotonia contínua. Até na estatística criminal o nosso país revela-se mesquinho. O delito mais comum é justamente o mais frívolo e estúpido: o furto de cavalos".

A gente lê uma coisa dessas e fica até desanimado, julgando ser impossível a um Brasileiro ultrapassar Homero e outros conceituados gênios estrangeiros! A sorte é que, na mesma hora, o Doutor Samuel nos lembra que a conquista da América Latina "foi uma Epopeia". Vemos que somos muito maiores do que a Grécia – aquela porqueirinha de terra! – e aí descansamos o pobre coração, amargurado pelas injustiças, mas também incendiado de esperanças! Sim, nobres Senhores e belas Damas: porque eu, Dom Pedro Quaderna (Quaderna, O Astrólogo, Quaderna, O Decifrador, como tantas vezes fui chamado); eu, Poeta--guerreiro e soberano de um Reino cujos súditos são, quase todos, cavalarianos, trocadores e ladrões de cavalo, desafio qualquer irônico, estrangeiro ou Brasileiro, primeiro a narrar uma história de amor mais sangrenta, terrível, cruel e delirante do que a minha; e, depois, a decifrar, antes que eu o faça, o centro enigmático de crime e sangue da minha história, isto é, a degola do meu Padrinho e a "desaparição profética" de seu filho Sinésio, O Alumioso, esperança e bandeira do Reino Sertanejo.

Ariano Suassuna. *A pedra do reino*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972, 3ª ed., p. 27-30 (com adaptações).

7. (Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Com referência ao texto III, julgue (C ou E) o item que se segue.

No excerto apresentado, são exemplos do uso da linguagem formal escrita: a construção com o pronome relativo " cujos" (l. 37) e o emprego da forma verbal " faça" na oração " antes que eu o faça" (l. 39).

8. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

O segmento abaixo que mostra exemplo de linguagem coloquial é:

a) " A informação de saúde apresentada na Internet deve ser exata, atualizada, de fácil entendimento, em linguagem objetiva e cientificamente fundamentada";

b) " Da mesma forma produtos e serviços devem ser apresentados e descritos com exatidão e clareza";

c) " Dicas e aconselhamentos em saúde devem ser prestados por profissionais qualificados, com base em estudos, pesquisas, protocolos, consensos e prática clínica";

d) " Deve estar visível a data da publicação ou da revisão da informação, para que o usuário tenha certeza da atualidade do site";

e) " Os sites devem citar todas as fontes utilizadas para as informações, critério de seleção de conteúdo e política editorial do site, com destaque para nome e contato com os responsáveis".

9. (Petrobras – Advogado Jr. – Cesgranrio – Ago./2015 – Adaptada)

As palavras são empregadas no sentido denotativo, literal, em estado de dicionário ou no sentido conotativo, figurado.

A palavra destacada está empregada no sentido figurado em:

a) " o principal traço característico do debate público sobre desenvolvimento global, seja em nível local ou global, neste **alvorecer** do século XXI."

b) " alcançando, de forma conceitualmente imprecisa, o universo vocabular do **cidadão**."

c) " em estágio avançado nos países **industrializados**, constituem uma tendência dominante mesmo para economias menos industrializadas."

d) " Esse novo paradigma tem as seguintes **características** fundamentais: a informação é sua matéria-prima."

e) " processos sociais e **transformação** tecnológica resultam de uma interação complexa."

Leia o texto a seguir para responder à questão 10.

Donos do próprio dinheiro

Quando pensamos em bancos, imaginamos grandes empresas com agências elegantes, equipadas com caixas eletrônicos e funcionários engravatados, muita burocracia e mil procedimentos de segurança. Mas dezenas de pequenas instituições financeiras estão mudando a relação que milhares de brasileiros têm com o próprio dinheiro. São os bancos comunitários, que contam com moeda e sistema de crédito próprios e desenvolvem as economias locais.

Todas as agências são geridas e fiscalizadas pela comunidade. Hoje já existem 104 dessas instituições no país, e elas estão proliferando. De 2006 a 2012, o número de bancos comunitários aumentou dez vezes, de nove para 98 agências. Diferentemente das agências convencionais, essas instituições não consultam o nome do cliente no Serasa ou no Serviço de Proteção ao

Crédito antes de abrir uma conta. Consultam a comunidade.

Uma das condições para a criação de um banco comunitário, como o próprio nome já dá a entender, é o envolvimento da comunidade. Isso porque o objetivo final não é o lucro, e sim o desenvolvimento da economia do entorno. Para tanto é criada uma moeda própria, que circula apenas na comunidade. O dinheiro para iniciar os bancos comunitários também vem do local, seja de rifas, seja de vaquinhas ou de eventos de arrecadação de fundos.

Os moradores podem pegar dois tipos de empréstimo: um para produção, como reforma de uma loja ou compra de estoque, em reais, e outro para consumo, compra de alimentos e outros produtos, na moeda do banco.

Dessa forma, artigos como alimentos, roupas, sapatos e até serviços de beleza ou aulas são consumidos na comunidade, nas lojas que aceitam a nova moeda, fazendo com que o dinheiro não deixe a região e sirva para desenvolver a economia local.

VELOSO, L. *Revista Planeta*. n. 504, novembro 2014. Adaptado.

10. (Liquigás – Ass. Adminis. – Cesgranrio – Set./2015)

No trecho " fazendo com que o dinheiro não deixe a região e sirva para **desenvolver** a economia local" (l. 20-21), a palavra que tem o sentido contrário ao da palavra destacada é

a) orientar

b) organizar

c) fortalecer

d) alimentar

e) reduzir

Leia o texto a seguir para responder à questão 11.

Chove muito forte na cidade. Raios e trovões. Alagamentos e árvores caídas. Balanço trágico: quatro mortos e um garoto desaparecido. Em meio ao trânsito parado, dois gaiatos (expressão supercarioca) pegam suas pranchas e vão para a rua alagada surfar no asfalto. Divertem-se, gritam, como se fosse necessário buscar prazer onde só há aborrecimento e lamentação. _____ cena se repetiu anteontem _____ noite, _____ beira da lagoa Rodrigo de Freitas. Virou onda surfar debochadamente na chuva.

(Paula Cesarino Costa, Notas sobre a carioquice. *Folha de S.Paulo*, 07.03.2013)

11. (SEED-SP – An. Administrativo – Vunesp – Maio/2016)

Há emprego de linguagem figurada na seguinte passagem do texto:

a) trânsito parado.

b) aborrecimento e lamentação.

c) Virou onda.

d) Raios e trovões.

e) quatro mortos.

12. (MPE/SP – Analista Técnico Científico – Vunesp – Jul./2016)

Assinale a alternativa em que se caracteriza o emprego de palavras em sentido figurado.

a) Um dos neologismos recentes vinculados à dependência cada vez maior dos jovens a esses dispositivos é a "nomobofobia"...

b) ... a superexposição de nossas pequenas ou grandes fraquezas morais ao julgamento da comunidade...

c) ... a ansiedade e o sentimento de pânico experimentados por um número crescente de pessoas quando acaba a bateria do dispositivo móvel...

d) ... os usuários precisam ter a habilidade de identificar e estimar parâmetros, aprender a extrair informações relevantes...

e) O fluxo de informação que percorre as artérias das redes sociais é um poderoso fármaco viciante.

13. (MPE/SP – Analista Técnico Científico – Vunesp – Jul./2016)

As expressões destacadas nos trechos – **meter o bedelho** / **estimar** parâmetros / **embotar** a razão – têm sinônimos adequados respectivamente em:

a) procurar / gostar de / ilustrar

b) imiscuir-se / avaliar / enfraquecer

c) interferir / propor / embrutecer

d) intrometer-se / prezar / esclarecer

e) contrapor-se / consolidar / iluminar

Leia o texto a seguir para responder às questões 14 e 15.

Fora do jogo

Quando a economia muda de direção, há variáveis que logo se alteram, como o tamanho das jornadas de trabalho e o pagamento de horas extras, e outras que respondem de forma mais lenta, como o emprego e o mercado de crédito. Tendências negativas nesses últimos indicadores, por isso mesmo, costumam ser duradouras.

Daí por que são preocupantes os dados mais recentes da Associação Nacional dos Birôs de Crédito, que congrega empresas do setor de crédito e financiamento.

Segundo a entidade, havia, em outubro, 59 milhões de consumidores impedidos de obter novos créditos por não estarem em dia com suas obrigações. Trata-se de alta de 1,8 milhão em dois meses.

Causa consternação conhecer a principal razão citada pelos consumidores para deixar de pagar as dívidas: a perda de emprego, que tem forte correlação com a capacidade de pagamento das famílias.

Até há pouco, as empresas evitavam demitir, pois tendem a perder investimentos em treinamento e incorrer em custos trabalhistas. Dado o colapso da atividade econômica, porém, jogaram a toalha.

O impacto negativo da disponibilidade de crédito é imediato. O indivíduo não só perde a capacidade de pagamento mas também enfrenta grande dificuldade para obter novos recursos, pois não possui carteira de trabalho assinada.

Tem-se aí outro aspecto perverso da recessão, que se soma às muitas evidências de reversão de padrões positivos da última década – o aumento da informalidade, o retorno de jovens ao mercado de trabalho e a alta do desemprego.

(*Folha de S.Paulo*, 08.12.2015. Adaptado)

14. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Na passagem do 4º parágrafo – Causa **consternação** conhecer a principal razão citada pelos consumidores... –, o termo em destaque é sinônimo de

a) indignação.

b) irritação.

c) resignação.

d) comoção.

e) satisfação.

15. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Dado o colapso da atividade econômica, porém, jogaram a toalha (5º parágrafo).

Analisando-se o sentido que a expressão " jogaram a toalha" confere ao texto, conclui-se que ela está construída em sentido

a) próprio, mostrando a dispensa dos funcionários como desnecessária, já que há evidente recuperação na economia.

b) figurado, ironizando a ideia das empresas de evitar dispensas, já que estão mais preocupadas com os custos trabalhistas.

c) figurado, deixando claro que as empresas demitiram seus funcionários, porque o cenário econômico é desfavorável.

d) próprio, reforçando a ideia de que as empresas mantiveram seu plano inicial de manter os funcionários no emprego.

e) próprio, sugerindo que as empresas terão prejuízos mantendo os funcionários em um cenário de crise econômica.

Gabarito: 1. c; 2. a; 3. a; 4. c; 5. c; 6. C; 7. C; 8. c; 9. a; 10. e; 11. c; 12. e; 13. b; 14. d; 15. c.

5 USO DE POR QUE, POR QUÊ, PORQUE E PORQUÊ

5.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

As frases de 1 a 6 a seguir mostram as diferentes formas do "porquê". Antes de resolvermos os exercícios, vamos à explicação do uso deste vocábulo.

Em linhas gerais, podemos afirmar que "por que", separado sem acento, é usado em frases interrogativas, diretas ou indiretas (com ou sem ponto de interrogação), ou quando equivale a pelo qual, pela qual (nesse caso, o que será pronome relativo).

Se vier em final de período, sendo pronunciado, portanto, com tonicidade, será separado e com acento ("por quê").

O uso do "porque", junto sem acento, se dá quando se introduz uma explicação ou causa da oração anterior (= conjunção explicativa ou causal). Já o "porquê", junto com acento, é substantivo, vem determinado (antecedido de artigo ou de qualquer outro determinante).

Visto isso, seguem as frases.

1. _____ chegas sempre atrasado? (Por que / Por quê / Porque)

Comentários: A frase é interrogativa direta, vem com o ponto de interrogação.

Resposta: Por que.

2. As dificuldades _____ passamos são muitas. (por que / por quê / porque)

Comentários: Nessa frase, o "por que" equivale a *pelas quais* (As dificuldades pelas quais passamos…).

Resposta: por que.

3. Você saiu _____? (por que / por quê / porque)

Comentários: Agora, a frase é interrogativa e aparece em *final* de período. Separado com acento.

Resposta: por quê.

4. Não entendi o _____ de tua bronca. (por que / porque / porquê)

Comentários: A presença do artigo antecedendo essa palavra tem a finalidade de substantivá-la.

Resposta: porquê.

5. Não sabemos _____ ele sai tão cedo. (por que / porque / por quê)

Comentários: Talvez essa construção seja a mais sutil no caso do uso dos "porquês". A frase é interrogativa *indireta*. Uma forma prática é transformá-la em direta. (Por que ele sai tão cedo? Não sabemos). Com isso você comprovou que a frase é interrogativa.

Resposta: por que.

6. Faltei _____ estava com febre (por que / porque / por quê)

Comentários: Nesse período, esse vocábulo vai funcionar como conectivo causal (Faltei por este motivo, por esta razão). É conjunção.

Resposta: porque.

6 USO DE EXPRESSÕES COTIDIANAS

6.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

6.1.1. Uso de **há** e **a**

Usaremos **há** quando houver ideia de **tempo passado** ou com sentido de **existir**. Já a preposição **a** ocorre quando aparece ideia de **distância** ou **futuro**.

Para praticar, complete as frases a seguir.

1. Não o via _____ três semanas. (há / a)

Comentários: Nessa construção, percebe-se a ideia de *tempo passado*, *decorrido*.

Resposta: há.

2. _____ muitas pessoas na sala. (Há / A)

Comentários: Aqui, o sentido é de *existir* (Existem muitas pessoas na sala).

Resposta: Há.

3. Daqui _____ três semanas estarei chegando. (há / a)

Comentários: Percebe-se, agora, que não há ideia de *tempo decorrido* nem de *existir*. O sentido é de tempo futuro.

Resposta: a.

6.1.2. Outras expressões que costumam suscitar dúvidas

4. Conversávamos _____ música. (acerca de / há cerca de)

5. _____ cem alunos na sala. (Acerca de / Há cerca de)

6. _____ cinquenta mil candidatos se inscreveram no concurso. (Há cerca de / Cerca de)

Comentários:

A expressão **acerca de** equivale a **a respeito de**, **sobre**. **Há cerca de** indica tempo transcorrido e **cerca de** equivale a **aproximadamente**.

Respostas: 4. acerca de; 5. Há cerca de; 6. Cerca de.

7. _____ houver engarrafamento, chegarei na hora. (Senão / Se não)

8. Entregue o trabalho no prazo _____ cancelo o contrato. (se não / senão)

9. Ninguém, _____ um santo, seria capaz de tamanho sacrifício. (se não / senão)

Comentários: Usamos **senão** como conjunção (alternativa ou adversativa) e também com o valor de **exceto**.

Se não é conjunção condicional ou integrante **se** seguida de advérbio de negação.

Na frase 7, há ideia de condição ("Caso não haja engarrafamento…"). Na 8, a ideia é de alternância ("Entregue o trabalho no prazo *ou* cancelo o contrato"). Na frase 9, temos o valor de **exceto**, **a não ser** ("Ninguém, exceto/a não ser um santo…").

Respostas: 7. Se não; 8. senão; 9. senão.

10. Assim que chegou, foi _____ pais. (ao encontro dos / de encontro aos).

11. O seu _____ é não prestar atenção nas coisas. (mal / mau).

Comentários: A expressão **ao encontro de** significa **a favor de**, **na direção de.** Já **de encontro a** indica **contrariedade**, **em oposição**.

Respostas: 10. ao encontro de; 11. **Mal** pode aparecer como substantivo (como é o caso), advérbio e conjunção. **Mau** é adjetivo.

12. _____ de ficar triste, alegrou-se com a notícia. (Ao invés de / Em vez de)

13. _____ irmos ao jogo, fomos ao cinema. (Ao invés de / Em vez de)

Comentários:

Usaremos *ao invés de* para indicar *ao contrário de* e *em vez de* no sentido de no *lugar de*.

Respostas: 12. Ao invés de; 13. Em vez de.

Agora, para ver se você aprendeu mesmo, só resolvendo algumas questões de concursos.

6.2. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

1. (TRT – ES) Assinale a opção em que a palavra sublinhada está mal empregada:

a) Durma cedo, <u>senão</u> acordará tarde amanhã.

b) <u>Mal</u> começou a chover, o barraco deslizou.

c) Disse que <u>há</u> cinco anos ganhou na loteria.

d) Estava <u>mau</u> informado, por isso equivocou-se.

e) De hoje <u>a</u> dois meses pedirei novo empréstimo.

Comentários:

A letra A mostra o *senão* como conjunção alternativa (ou dorme cedo, ou acordará tarde). Na letra B, temos a palavra

mal usada como conjunção temporal (Assim que começou a chover...). Esse vocábulo pode também aparecer como *substantivo* (O mal que causaste foi grande) e como *advérbio* (Dormi mal essa noite).

Na letra C, o verbo *haver* aparece indicando tempo passado ("Ganhou há cinco anos" / faz cinco anos).

Na letra D, a palavra correta seria *mal*, já que modifica o adjetivo *informado*. Se modifica adjetivo é advérbio (mal). *Mau* é adjetivo, se refere a substantivo (Homem mau).

Na letra E, a ideia é de tempo *futuro*, portanto, se usa a preposição *a*, e não o verbo *haver*.

Resposta: D.

2. (Telerj) Apenas em uma das opções abaixo é **inadequado** preencher a lacuna com a respectiva palavra ou expressão entre parênteses. Marque-a.

a) A mensagem enviada pelo fax não chegou a tempo, _____ o telegrama. (tampouco)

b) As novas funcionárias trabalhavam ali _____ de duas semanas. (há cerca)

c) Chegou finalmente o momento _____ todos esperavam. (por que)

d) O funcionário veterano não esqueceu o _____ aos companheiros recém-chegados. (cumprimento)

e) As chuvas causaram _____ prejuízo aos aparelhos telefônicos. (vultuoso)

Comentários:

Na letra A, *tampouco* equivale ao conectivo *nem*, correto, portanto, o seu uso. Essa palavra funciona como conectivo aditivo, usado em frases negativas (não...tampouco).

Na letra B, há ideia de tempo decorrido ("faz duas semanas que elas trabalhavam ali").

Na alternativa C, o uso do *por que* separado se justifica, já que equivale a *pela qual* ("Todas esperavam pelo momento"). Na letra D, *cumprimento* é do verbo *cumprimentar*, que é o sentido usado nesta frase.

Já a letra E troca *vultoso* por *vultuoso*. Pelo sentido da frase, quer se usar *vultoso* (de grande volume) e não *vultuoso* (congestão na face, colérico)

Resposta: E.

3. (TTN) Assinale o item que contém erro de ortografia.

a) Na cultura oriental, fica desonrado para sempre quem inflinge as regras da hospitalidade.

b) Não conseguindo adivinhar o resultado a que chegariam, sentiu-se frustrado.

c) A digressão ocorreu por excesso de fatos ilustrativos em seu discurso.

d) Sentimentos indescritíveis, porventura, seriam rememorados durante a sessão de julgamento.

e) Ao contrário de outros, trazia consigo autoconhecimento e autoafirmação.

Comentários:

A letra A mostra a forma inadequada de *inflige*. Pelo sentido da frase, é *infringe* (transgride, viola). Além disso, o verbo é *infligir* (castigar, aplicar) e não *inflingir*, não existe a segunda letra *n*. Resumindo: tudo errado – sentido e grafia.

A letra B mostra a forma correta do verbo *adivinhar*, com a letra *i*.

A letra C traz a palavra *digressão* também escrita corretamente.

Na D, a palavra *sessão* equivale a *espaço de tempo que dura uma reunião*, adequada, portanto, ao sentido da frase. *Seção* quer dizer *divisão* e *cessão* é relativo ao verbo *ceder*.

A letra E mostra a palavra *consigo* no sentido correto (com ele mesmo, valor reflexivo). Além disso, pela Nova Ortografia, *autoconhecimento* e *autoafirmação* se escrevem junto, sem hífen.

Resposta: A.

4. (PGJ) A palavra **tráfico** não deve ser confundida com **tráfego**, seu parônimo.

Em que item a seguir o par de vocábulos é exemplo de homonímia e não de paronímia?

a) estrato/extrato.

b) flagrante/fragrante.

c) eminente/iminente.

d) inflação/infração.

e) cavaleiro/cavalheiro.

Comentários:

Homônimos são vocábulos *iguais* (na pronúncia, na grafia ou em ambos), mas de sentidos diferentes.

Na letra A, a *pronúncia* é a mesma, são homônimos homófonos (*mesma pronúncia*), as grafias diferentes. As outras opções são exemplos de parônimos (vocábulos parecidos na pronúncia e na grafia, de sentidos diferentes).

Resposta: A.

Na questão de nº 5, o texto contém um erro, que pode ser de natureza gramatical, de propriedade vocabular ou de adequação ao estilo culto e formal da língua. Identifique, entre os itens sublinhados, aquele que deve ser corrigido para que a sentença onde ele ocorre se torne correta e adequada.

5. (TRF/Esaf) A(1) **cerca**(2) de uma dezena de matérias jornalísticas, **só**(3) na última edição do matutino de circulação nacional, **acerca**(4) das suspeitas de corrupção nas **adjacências**(5) do Governo.

a) 1.

b) 2.

c) 3.

d) 4.

e) 5.

Comentários:

A expressão **A**(1) **cerca**(2) equivale a *aproximadamente.* Nesse trecho, a ideia não é de quantidade aproximada, e sim "*Existe* cerca de uma dezena de matérias…". A palavra *só* (3) equivale a somente. Em (4), **acerca** tem o sentido da preposição sobre, correto, pois. Na palavra **adjacências** (5), a grafia está também correta.

Resposta: (1) *Há* cerca de.

6.3. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. Marque a frase em que deve ser empregada a primeira das duas palavras que aparecem entre parênteses.

a) Essas hipóteses _____ das circunstâncias (emergem– imergem).

b) Nunca o encontro na _____ em que trabalha (sessão – seção).

c) Já era decorrido um_____ que ela havia partido, (lustre – lustro).

d) O prazo já estava _____ (prescrito – proscrito).

e) O fato passou completamente _____ (desapercebido – despercebido).

2. Marque a frase que se completa com o segundo elemento do parênteses:

a) A recessão econômica do país faz com que muitos _____ (emigrem– imigrem).

b) Antes de ser promulgada, a Constituição já pedia muitos _____ (consertos – concertos).

c) A ditadura _____ muitos políticos de oposição (caçou – cassou).

d) Ao sair do barco, o assaltante foi preso em_____ (flagrante – fragrante).

e) O juiz _____ expulsou o atleta violento (incontinenti – incontinente).

3. Marque a alternativa que se completa corretamente com o segundo elemento do parênteses:

a) O sapato velho foi restaurado com a aplicação de algumas _____ (tachas – taxas).

b) Sílvio _____ na floresta para caçar macacos (imergiu – emergiu).

c) Para impedir a corrente de ar, Luís _____ a porta (cerrou – serrou).

d) Bonifácio _____ pelo buraco da fechadura (expiava – espiava).

e) Quando foi realizado o último _____ ? (censo – senso).

4. Marque a alternativa que se completa com o primeiro elemento do parênteses:

a) A polícia federal combate o _____ de cocaína (tráfego – tráfico).

b) No Brasil é vedada a _____ racial; embora haja quem a pratique (discriminação – descriminação).

c) Você precisa melhorar seu _____ de humor (censo – senso).

d) O presidente _____ antecipou a queda do muro de Berlim (ruço – russo).

e) O balão, tremelizindo _____ para o céu estrelado (acendeu – ascendeu).

5. Em "o prefeito **deferiu** o requerimento do contribuinte", o termo destacado poderia perfeitamente ser substituído por:

a) apreciou

b) arquivou

c) despachou favoravelmente

d) invalidou

e) despachou negativamente

6. As ideias liberais saíram **incólumes**, ainda que se pensasse que seriam **dilapidadas**, completamente. Os termos grifados são sinônimos, respectivamente de:

a) arrasadas – dilaceradas

b) intactas – arrasadas

c) intactas – dilaceradas

d) depauperadas – prestigiadas

e) n.r.a.

7. Complete as lacunas com a expressão correta (entre parênteses):

" O _____ (cervo – servo) prendia-se nos arbustos, fugindo dos _____ (cartuchos – cartuxos) que pipocavam por toda a _____ (área – aria)."

a) cervo – cartuxos – área

b) servo – cartuchos – aria

c) cervo – cartuchos – área

d) servo – cartuchos – área

e) servo – cartuchos – aria

8. Complete as lacunas, com a expressão necessária, que consta nos parênteses:

É necessário _____ (cegar – segar) os galhos salientes do _____ (bucho – buxo), de modo a que se possa fazer _____ (xá – chá) com as folhas mais novas.

a) segar – buxo – chá

b) segar – bucho – xá

c) cegar – buxo – xá

d) cegar – bucha – chá

e) segar – bucha – xá

9. O _____ (emérito-imérito) causídico _____ (dilatou-delatou) o plano de fuga do meliante, que se encontrava na _____(eminência-iminência) de escapar da prisão:

a) emérito – delatou – iminência

b) imérito – dilatou – eminência

c) emérito – dilatou – iminência

d) imérito – delatou – iminência

e) emérito – dilatou – eminência

10. O _____ (extrato-estrato) da conta bancária é, por si só, insuficiente para cobrir o _____ (cheque-xeque), ainda que haja algum capital _____ (incerto-inserto).

a) extrato – xeque – inserto

b) estrato – cheque – incerto

c) extrato – cheque – inserto

d) estrato – xeque – incerto

e) extrato – xeque – incerto

11. Complete as lacunas usando adequadamente (mas / mais / mal / mau):

" Pedro e João ____ entraram em casa, perceberam que as coisas não iam bem,pois sua irmã caçula escolhera um ____ momento para comunicar aos pais que iria viajar nas férias; _____ seus, dois irmãos deixaram os pais _____ sossegados quando disseram que a jovem iria com os primos e a tia."

a) mau – mal – mais – mas

b) mal – mal – mais – mais

c) mal – mau – mas – mais

d) mal – mau – mas – mas

e) mau – mau – mas – mais

12. Marque a alternativa que completa corretamente as lacunas:

" Estou _____ de que tais _____ deveriam ser _____ a bem da moralidade do serviço público."

a) cônscio – privilégios – extintos

b) côncio – privilégios – estintos

c) cônscio – privilégios – estintos

d) côncio – previlégios – estintos

e) cônscio – previlégios – extintos

13. Observe as orações seguintes:

I. Por que não apontas a vendedora por que foste ludibriado?

II. A secretária não informa por que linha de ônibus chega-se ao escritório.

III. Por que será que o governo não divulga o porquê da inflação.

Há erro na grafia:

a) na I apenas.

b) em duas apenas.

c) na II apenas.

d) na III apenas.

e) em nenhuma.

14. Complete as lacunas com (estada / estadia /onde / aonde):

" _____ quer que eu me hospede, procuro logo saber o preço da _____, quanto custa a _____de um carro alugado, bem como _____ se possa ir à noite."

a) aonde – estadia – estada – onde

b) onde – estada – estadia – aonde

c) onde – estadia – estada – aonde

d) aonde – estada – estadia – onde

e) onde – estadia – estadia – aonde

15. Leia as frases abaixo:

I. Assisti ao _____ do balé Bolshoi;

II. Daqui _____ pouco vão dizer que _____ vida em Marte.

III. As _____ da câmara são verdadeiros programas de humor.

IV. _____ dias que não falo com Alfredo.

Escolha a alternativa que oferece a sequência correta de vocábulos para as lacunas existentes:

a) concerto – há – a – cessões – há

b) conserto – a – há – sessões – há

c) concerto – a – há – seções – a

d) concerto – a – há – sessões – há

e) conserto – há – a – sessões – a

16. Indique a alternativa que contém a seqüência necessária para completar as lacunas abaixo:

“ A _____ de uma guerra nuclear provoca uma grande _____ na humanidade e a deixa _____com relação ao futuro da vida na terra.”

a) espectativa – tensão – exitante

b) espectativa – tenção – hesitante

c) expectativa – tensão – hesitante

d) expectativa – tensão – hezitante

e) espectativa – tenção – exitante

17. Complete corretamente as lacunas:

“ O _____ de veículos de grande porte, em vias urbanas, provoca _____ no trânsito; forçando a que os motoristas dos carros menores _____, muitas delas, completamente sem_____.

a) tráfico – infrações – inflijam– concerto

b) tráfego – infrações – inflijam– conserto

c) tráfego – inflações – infrinjam– conserto

d) tráfego – infrações – infrações – conserto

e) tráfico – infrações – infrações – concerto

Leia o texto a seguir para responder à questão 18:

Texto III

Pergunto: e agora? Como é que meu Padrinho foi degolado num quarto de pesadas paredes sem janelas, cuja porta fora trancada, por dentro, por ele mesmo? Como foi que os assassinos ali penetraram, sem ter por onde? Como foi que saíram, deixando o quarto trancado por dentro? Quem foram esses assassinos? Como foi que raptaram Sinésio, aquele rapaz alumioso, que concentrava em si as esperanças dos Sertanejos por um Reino de glória, de justiça, de beleza e de grandeza para todos? Bem, não posso avançar nada, porque aí é que está o nó! Este é o “ centro de enigma e sangue” da minha história. Lembro que o genial poeta Nicolau Fagundes Varela adverte todos nós, Brasileiros, de que “ os irônicos estrangeiros” vivem sempre vigilantes, sempre à espreita do menor deslize nosso para, então, “ ridicularizar o pátrio pensamento”:

Fatal destino o dos brasílios Mestres!

Fatal destino o dos brasílios Vates!

Política nefanda, horrenda e negra,

pestilento Bulcão abafa e mata

quanto, aos olhos de irônico estrangeiro,

podia honrar o pátrio pensamento!

Ora, um dos argumentos que os “ irônicos estrangeiros” mais invocam para isso é dizer que nós, Brasileiros, somos incapazes de forjar uma verdadeira trança, uma intrincada teia, um insolúvel enredo de “ romance de crime e sangue”. Dizem eles que não é

necessário nem um adulto dotado de argúcia especial: qualquer adolescente estrangeiro é capaz de decifrar os enigmas brasileiros, os quais, tecidos por um Povo superficial, à luz de um Sol por demais luminoso, são pouco sombrios, pouco maldosos e subterrâneos, transparentes ao primeiro exame, facílimos de desenredar.

Ah, e se fossem somente os estrangeiros, ainda ia: mas até o excelso Gênio brasileiro Tobias Barreto, aí é demais! Diz Tobias Barreto que, no Brasil, é impossível aparecer um " romance de gênio", porque " a nossa vida pública e particular não é bastante fértil de peripécias e lances romanescos". Lamenta que seja raro, entre nós, " um amor sincero, delirante, terrível e sanguinário", ou que, quando apareça, seja num velho como o Desembargador Pontes Visgueiro, o célebre assassino alagoano do Segundo Império. E comenta, ácido: " Um ou outro crime, mesmo, que porventura erga a cabeça acima do nível da vulgaridade, são coisas que não desmancham a impressão geral da monotonia contínua. Até na estatística criminal o nosso país revela-se mesquinho. O delito mais comum é justamente o mais frívolo e estúpido: o furto de cavalos".

A gente lê uma coisa dessas e fica até desanimado, julgando ser impossível a um Brasileiro ultrapassar Homero e outros conceituados gênios estrangeiros! A sorte é que, na mesma hora, o Doutor Samuel nos lembra que a conquista da América Latina " foi uma Epopeia". Vemos que somos muito maiores do que a Grécia – aquela porqueirinha de terra! – e aí descansamos o pobre coração, amargurado pelas injustiças, mas também incendiado de esperanças! Sim, nobres Senhores e belas Damas: porque eu, Dom Pedro Quaderna (Quaderna, O Astrólogo, Quaderna, O Decifrador, como tantas vezes fui chamado); eu, Poeta--guerreiro e soberano de um Reino cujos súditos são, quase todos, cavalarianos, trocadores e ladrões de cavalo, desafio qualquer irônico, estrangeiro ou Brasileiro, primeiro a narrar uma história de amor mais sangrenta, terrível, cruel e delirante do que a minha; e, depois, a decifrar, antes que eu o faça, o centro enigmático de crime e sangue da minha história, isto é, a degola do meu Padrinho e a " desaparição profética" de seu filho Sinésio, O Alumioso, esperança e bandeira do Reino Sertanejo.

Ariano Suassuna. *A pedra do reino*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972, 3ª ed., p. 27-30 (com adaptações).

18. (Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Com referência ao texto III, julgue (C ou E) o item que se segue.

No trecho " porque eu, Dom Pedro Quaderna" (l. 35-36), a conjunção " porque" é expressão de realce, empregada de modo expletivo, visto que não estabelece relação entre a oração que ela introduz e outra oração do período.

19. (Liquigás – Administrador Jr. – Cesgranrio – Set./2015 – Adaptada)

No trecho " E isso **porque** o povo já tem dado mostras de ter maior maturidade política do que a grande maioria dos políticos", verifica-se a grafia adequada da expressão destacada, uma vez que funciona como conjunção explicativa.

A frase em que a expressão em destaque também está adequadamente empregada é

a) Não se sabe **por que** a desigualdade social ainda existe.

b) É comum não se compreender o **por quê** da fome no país.

c) **Por quê** os políticos não se movimentam para acabar com a fome?

d) O povo liderará os governantes **por que** tem maior maturidade política.

e) A fome é uma doença, mas não se entende **por que**.

20. (Basa – Téc. Bancário – Cesgranrio – Set./2015)

A palavra ou expressão em destaque está grafada corretamente e de acordo com a norma-padrão em:

a) A agricultura familiar é importante **por que** preserva os alimentos tradicionais.

b) A Agricultura Familiar é importante **por quê**?

c) A Agricultura Familiar apresenta importante função **porquê** garante a segurança alimentar.

d) O Texto I esclarece o motivo **porque** a Agricultura Familiar contribui para o uso sustentável dos recursos naturais.

e) O Texto I expõe o **porque** de a Agricultura Familiar ser importante para o país.

Gabarito: 1. d; 2. a; 3. d; 4. b; 5. c; 6. b; 7. c; 8. a; 9. a; 10. c; 11. c; 12. a; 13. e; 14. b; 15. d; 16. c; 17. d; 18. C; 19. a; 20. b.

Parte II

Morfologia

7 CLASSES GRAMATICAIS

7.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

7.1.1. Artigo

São as palavras **o** e **um**, com suas flexões, que sempre antecedem os substantivos, designando seres determinados ou indeterminados.

Exs.: O homem, um homem, a mulher, as mulheres, uma mulher etc.

O artigo, em português, tem grande importância na indicação do gênero, permitindo, também, distinguir os substantivos homônimos.

Exs.: a mão, o pão, o/a artista, o/a cabeça etc.

7.1.2. Substantivo

É o nome com que designamos os seres em geral (pessoas, animais e coisas) flexionando-se em **gênero** e **número**. O substantivo é classe de palavra que sempre pode ser antecedida de artigo.

7.1.3. Adjetivo

"É a expressão modificadora do substantivo que denota **qualidade**, **condição** ou **estado** de um ***ser***." (Evanildo Bechara)

Veja o exemplo:

"… era feito aquela gente *honesta, boa e comovida*

que caminha para a morte

pensando em vencer na vida."

Aqui, os adjetivos *honesta*, *boa* e *comovida* referem-se ao substantivo *gente*, qualificando-o.

Locução adjetiva: formada, geralmente, de preposição + substantivo com valor de adjetivo.

Observe o exemplo:

"… eu quero que o meu caixão

tenha uma forma bizarra

a forma *de coração*

a forma *de guitarra"*

As expressões *de coração* e *de guitarra*, embora sejam formadas de preposição e substantivo, têm valor de adjetivo, pois fazem o papel de um adjetivo modificam o substantivo.

Vamos treinar?

Classifique as palavras destacadas em destaque como substantivo ou adjetivo.

1. Recebeu uma vaia **monstro**.

Comentários: Refere-se ao substantivo *vaia*, qualificando-o.

Resposta: Adjetivo.

2. Veio fantasiado de **monstro**.

Comentários: Agora, a palavra monstro nomeia. É *o monstro*.

Resposta: Substantivo.

3. O seu **viver** é um exemplo para todos.

Comentários: O verbo *viver* foi substantivado por meio do artigo definido *o*.

Resposta: Substantivo.

4. O **orgulhoso** não se deu por vencido.

Comentários: *Orgulhoso*, aqui, foi substantivado, está nomeando.

Resposta: Substantivo.

5. Era um homem muito **orgulhoso**.

Comentários: Nesta frase, *orgulhoso* qualifica o substantivo *homem*.

Resposta: Adjetivo.

6. Possuía muita **confiança**.

Comentários: *A confiança* que possuía.

Resposta: Substantivo.

7. Estava antes do jogo pouco **confiante**.

Comentários: Confiante qualifica o sujeito implícito *eu* ou *ele*.

Resposta: Adjetivo.

8. "Não sou propriamente um **autor** defunto,

Comentários: Trata-se de um autor que é defunto.

Resposta: *Autor* é substantivo e *defunto* é adjetivo.

9. … mas um defunto **autor**." (Machado de Assis)

Comentários: Agora, tem-se um *defunto* que é *autor*.

Resposta: *Defunto* passou a ser substantivo e *autor*, adjetivo.

10. Teve muita **calma**.

Comentários: *A calma* que ele teve. A palavra *calma* nomeia e pode ser antecedida de artigo.

Resposta: Substantivo.

11. Extasiou-se com o **azul** do céu.

Comentários: *Azul*, que é uma cor representada pelo adjetivo, aqui está nomeando. Observe o poder que o artigo tem de substantivar palavras.

Resposta: Substantivo.

12. O bicho **homem** precisa evoluir mais.

Comentários: *Homem* qualifica *bicho*. É o bicho que é homem.

Resposta: Adjetivo.

13. Deu um drible **moleque** no guarda.

Comentários: Trata-se de um *drible* que foi *moleque*. *Moleque* qualifica *drible*.

Resposta: Adjetivo.

Resumindo:
Substantivo é classe que dá nome. É variável. Pode vir sempre antecedida de artigo.
Adjetivo é classe que se refere ao substantivo. É variável, acompanha a flexão do substantivo.

Agora que você sabe diferenciar um substantivo de um adjetivo, vamos conhecer o advérbio.

7.1.4. Advérbio

Palavra invariável que, fundamentalmente, modifica o verbo exprimindo uma circunstância (tempo, lugar, modo etc.). Pode ainda o advérbio modificar o adjetivo ou outro advérbio. Observe os exemplos:

Trabalhamos **muito**.

Aqui, o advérbio modifica um verbo, indicando-lhe ideia de intensidade. É o advérbio de intensidade.

Homem **muito** bom.

Nesse caso, o advérbio também traz valor de intensidade, só que, desta vez, modificando o adjetivo bom.

Fala **muito** bem.

Por fim, um exemplo de advérbio que modifica outro advérbio (*bem*), também com valor de intensidade.

Conclusão: embora na maioria das vezes o advérbio modifique um verbo, ele pode também se referir a um adjetivo ou a um advérbio.

Locução adverbial:

Formada, normalmente, de preposição mais substantivo com valor e emprego de advérbio.

Exemplo:

Ele saiu **às pressas**.

Nesse caso, a expressão às pressas refere-se ao verbo *sair* indicando circunstância de *modo*: é a locução adverbial de modo.

Atenção! Não confunda a locução adjetiva com a locução adverbial. Embora as duas tenham, em geral, a mesma estrutura (substantivo + adjetivo), a primeira se refere a um substantivo e a segunda, a um verbo.

Veja os exemplos a seguir:

A casa *de madeira* foi construída.

A casa foi construída *de madeira*.

A locução *de madeira*, na primeira frase, modifica o substantivo *casa* e, no segundo, a locução verbal *foi construída*. Daí, na primeira frase, ela ser locução adjetiva e na segunda, locução adverbial.

Vamos treinar?

Classifique as expressões em destaque como **adjetivo/locução adjetiva ou advérbio/locução adverbial**.

1. As mulheres ganharam dos homens **disparado**.

   Comentários: *Disparado* é o modo como as mulheres ganharam. Refere-se ao verbo. Observe a não variação. Se fosse adjetivo, concordaria com o substantivo.

   Resposta: Advérbio.

2. Ele é muito **melhor** que você.

   Comentários: *Melhor* refere-se ao pronome *ele*, qualificando-o. Na dúvida, procure jogar a frase para o plural (*Eles são melhores*). Se for advérbio, a tendência é não ir ao plural.

   Resposta: Adjetivo.

3. Você fala **grosso**, mas na hora de mostrar coragem…

   Comentários: *Grosso* é o modo como se fala. Se a frase fosse ao plural, teríamos: "Vocês falam grosso".

Resposta: Advérbio.

4. O professor saiu **sério** da sala.

Comentários: *Sério* é o estado do professor e não o modo de sair. Se a frase fosse ao plural, teríamos "os professores saíram sérios".

Resposta: Adjetivo.

5. O professor falou **sério**, não falou brincando, não.

Comentários: Aqui, *sério* é o modo como o professor falou, não o estado do professor. Pluralizando a frase, teríamos: "os professores falaram sério".

Resposta: A não variação é uma dica de que é advérbio.

6. Os corintianos entravam **duro** nos palmeirenses, que reclamavam.

Comentários: *Duro* é o modo como os corintianos entravam.

Resposta: Advérbio.

7. Ela se mostrava como uma mulher **à toa**.

Comentários: À toa qualifica o substantivo *mulher*.

Resposta: Locução adjetiva.

8. Trabalhou **à toa** nos últimos anos.

Comentários: À toa refere-se ao verbo *trabalhou*, dando-lhe circunstância de modo.

Resposta: Locução adverbial.

9. As festas **de dezembro** já iniciarão.

Comentários: *De dezembro* refere-se ao substantivo *festas*, caracterizando-o.

Resposta: Locução adjetiva.

10. As festas iniciarão **em dezembro**.

Comentários: *Em dezembro* refere-se ao verbo *iniciarão*, indicando circunstância de tempo.

Resposta: Locução adverbial.

11. Nosso tio vagava pelas ruas **com fome.**

Comentários: Cuidado! *Com fome* não é modo, jeito, forma de uma pessoa andar pelas ruas. É o estado do tio. Equivale ao adjetivo *faminto*.

Resposta: Locução adjetiva.

Resumindo:

Adjetivo é classe que se refere a substantivo. Qualifica, caracteriza. É classe variável.

Advérbio é classe que modifica verbo, adjetivo ou outro advérbio. Indica circunstância (tempo, lugar, intensidade...). É invariável.

Na dúvida, tente flexionar a palavra, mandá-la ao plural ou ao feminino. Se for advérbio, não variará. Só não proceda assim para diferenciar as locuções adjetivas das adverbiais. A tendência é a de as locuções, de um modo geral, não variarem.

7.1.5. Plural dos nomes compostos

7.1.5.1. Plural dos substantivos compostos

subst. + subst. subst. + adj. adj. + subst.		variáveis		prefixo		invariáveis

Exs.: cirurgiões-dentistas, guardas-civis, altos-relevos, segundas-feiras, contra-ataques, vice--diretores, alto-falantes, abaixo-assinados.

Obs.:

1. O verbo, aqui, não recebe **s**: guarda-roupas, guarda-chuvas, beija-flores, arranha-céus, os leva-e-traz.
2. Varia o primeiro elemento: se houver preposição, clara ou oculta, ou se o segundo elemento exprimir fim, semelhança, qualidade: pés-de-meia, cavalos-vapor, saias-balão, bananas--maçã...
3. Varia o último elemento: com as formas reduzidas **grão**, **grã**, **bel**; palavras repetidas; nos compostos de três ou mais elementos, não sendo o segundo uma preposição: grão-duques, grã-cruzes, bel-prazeres, reco-recos, tique-taques, bem-te-vis...

Obs.: corre-corres ou corres-corres (verbos repetidos: varia o último ou os dois vão ao plural).

7.1.5.2. Plural dos adjetivos compostos

1. Somente o último se flexiona quando formado de adjetivo + adjetivo ou palavra invariável + adjetivo: amizades luso-brasileiras, unidades médico-veterinárias, parcerias público-privadas, crianças recém-nascidas.
2. Não variam os compostos formados de cor + substantivo: camisas verde-garrafa, vestidos vermelho-sangue, faixas amarelo-ouro.

Obs.:

1. azul-marinho e azul-celeste: são invariáveis
2. surdo-mudo: variam os dois
3. tecidos palha, sapatos cinza, blusas abóbora, esmaltes gelo: cor, representada por substantivo, não varia.

7.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

1. Dê o plural dos substantivos compostos.

criado-mudo:	coautor:	arranha-céu:
escola-modelo:	lança-perfume:	primeira-dama:
guarda-noturno:	amor-perfeito:	contra-ataque:
pão de ló:	obra-prima:	abaixo-assinado:
mal-estar:	grão-mestre:	leva e traz:
pisca-pisca:	tico-tico:	papel-moeda:
segunda-feira:	couve-flor:	vice-diretor:
salvo-conduto:	mula sem cabeça:	batata-doce:
salário-família:	samba-enredo:	caminhão-tanque:
banana-prata:	porta-luvas:	homem-rã:
saca-rolha:	manga-rosa:	salário-mínimo:
guarda-comida:	peixe-espada:	mestre-sala:
quebra-cabeça:	puro-sangue:	porta-bandeira
sempre-viva:	lugar-comum:	

2. Dê o plural dos adjetivos compostos.

grupo hispano-argentino:

disputa sino-soviética:

obra lítero-musical:

remédio anglo-francês:

autoridade administrativo-tributária:

informação econômico-financeira:

menino surdo-mudo:

menina surda-muda:

olho azul-claro:

terno cinza-chumbo:

céu azul-topázio:

blusa amarelo-ouro:

blusa amarelo-dourada:

livro ibero-americano:

poema herói-cômico:

acordo luso-franco-brasileiro:

gravata verde-oliva:

camisa azul-piscina:

Gabarito 1: criados-mudos; escolas-modelo; guardas-noturnos; pães-de-ló; mal-estares; pisca-piscas ou piscas-piscas; segundas-feiras; salvo-condutos ou salvos-condutos; salários-família; bananas-prata; saca-rolhas; guarda-comidas; quebra-cabeças; sempre-vivas; coautores; lança-perfumes; amores-perfeitos; obras-primas; grão-mestres; tico-ticos; couves-flores; mulas-sem-cabeça; sambas-enredo; porta-luvas; mangas-rosa; peixes-espada; puros-sangues; lugares-comuns; arranha-céus; primeiras-damas; contra-ataques; abaixo-assinados; os leva-e-traz; papéis-moeda; vice-diretores; batatas-doces; caminhões-tanque; homens--rã; salários-mínimos; mestres-sala; porta-bandeiras.

Gabarito 2: grupos hispano-argentinos; disputas sino-soviéticas; obras lítero-musicais; remédios anglo-franceses; autoridades administrativo-tributárias; informações econômico-financeiras; meninos surdos-mudos; meninas surdas-mudas; olhos azul-claros; ternos cinza-chumbo; céus azul-topázio; blusas amarelo-ouro; blusas amarelo-douradas; livros ibero-americanos; poemas herói-cômicos; acordos luso-franco-brasileiros; gravatas verde-oliva; camisas azul-piscina.

7.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Agora, treinando com questões de concursos.

1. (Sen. Federal / Anal. Leg.) Assinale a alternativa em que a palavra indicada se classifica como advérbio.

a) … funcionam de maneira mais livre…

b) … lançar o mundo numa profunda recessão.

c) … na promoção de uma melhor operação…

d) … essas frases devem nos deixar algo perplexos.

e) … após algumas décadas…

Comentários:

Na letra A, *livre* se refere a *maneira* (substantivo). É adjetivo (classe modificadora de substantivo que denota *qualidade*, *condição*, *estado*, *característica*), o que também ocorre nas alternativas B e C (*profunda* e *melhor*

modificam os substantivos *recessão* e *operação*, respectivamente). Na D, *algo* se refere a *perplexos* (adjetivo). Se modifica adjetivo é *advérbio* (no caso, de intensidade).

Na E, *após* é preposição.

Resposta: D.

2. (Sen. Fed. / Técn. Leg.) Assinale a alternativa em que se encontre um advérbio.

a) Os terríveis efeitos...

b) E, a partir de 1934,...

c) Menos de 18% do empréstimo foi amortizado...

d) ... declarando possuir não mais 7, mas 12 apólices...

e) ... os mercados desabaram no mundo inteiro.

Comentários:

Na letra A, *terríveis* se refere a efeitos (substantivo), com valor de adjetivo. Na B, *partir* é verbo. Na C, *menos* modifica a expressão que indica a porcentagem (numeral substantivo), com valor de indefinição (pronome indefinido).

Já na opção D, a palavra *mais* se refere ao verbo *possuir*, é advérbio com ideia de tempo.

Na E, *inteiro* modifica *mundo* (substantivo), é adjetivo.

Resposta: D.

3. (Min. Educ.) "Trata-se da construção de uma alternativa à lógica dominante, ao ajustamento de todas as sociedades..."

No trecho acima há:

a) Quatro adjetivos.

b) Três adjetivos.

c) Dois adjetivos.

d) Um adjetivo.

e) Nenhum adjetivo.

Comentários:

Nesta questão, as opções mostram a quantidade de *adjetivos*, e não de palavra com *valor* de adjetivo, que é diferente, como iremos ver a seguir.

Neste trecho, só a palavra *dominante* aparece como adjetivo, modificando o substantivo *lógica*. Vocábulos como *construção*, *alternativa*, *lógica*, *ajustamento* e *sociedades* são substantivos.

Resposta: D.

4. (Sen. Fed. / Técn. Leg.) "… existe a percepção de que algo tem que ser feito a mais para de fato levar a saúde a toda a população."

A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:

I. Em *levar a saúde a toda a população*, há uma preposição e dois artigos.

II. Em *levar a saúde a toda a população*, a última ocorrência da palavra **a** poderia ser suprimida sem provocar grave alteração de sentido.

III. Em levar a saúde a toda a população, a primeira ocorrência da palavra **a** poderia ser suprimida sem provocar grave alteração de sentido.

Assinale:

a) Se somente os itens II e III estiverem corretos.

b) Se todos os itens estiverem corretos.

c) Se nenhum item estiver correto.

d) Se somente os itens I e II estiverem corretos.

e) Se somente os itens I e III estiverem corretos.

Comentários:

No item I, *levar* é verbo transitivo direto e indireto. A expressão *a saúde* é objeto direto, logo esse *a* é artigo e *a toda a população* é objeto indireto, sendo o primeiro *a* preposição (levar saúde *a*...) e o segundo, artigo de *população*. Correto.

No item II, temos a expressão *toda a*, que é diferente de *toda*. A primeira tem valor de *inteira*, *completa*. A segunda, valor de indefinição: *qualquer*, *cada*. Observem que há alteração de sentido.

No item III, a ausência do artigo não provoca "grave alteração de sentido", pois em *levar saúde* ou *levar a saúde* o *objetivo* continua o mesmo, independentemente da definição ou da indeterminação.

Resposta: E.

5. (Pol. Fed. / Anal. Leg.) "Atinge toda a região e a si mesmo, pois o Equador é credor no âmbito do CCR, e a efetiva realização da ameaça de não honrar compromisso assumido o impedirá de receber aquilo que lhe é devido."

No trecho acima há:

a) Sete artigos.

b) Seis artigos.

c) Cinco artigos.

d) Quatro artigos.

e) Três artigos.

Comentários:

Artigo são as palavras *o(s)*, *a(s)*, *um*, *uma*, *uns*, *umas* que antecedem os **substantivos**. Então, vamos lá!

O primeiro artigo aparece antes do substantivo *região*, o segundo, antes de *Equador*. Lembre que, nas contrações *no*, *na*, *do*, *da* etc., aparece *artigo* contraído à preposição.

Logo, em "... n*o* âmbito d*o* CCR..." os termos destacados são *artigo* dos substantivos que se seguem. Em "... *a* efetiva realização...", aquele *a* é artigo de *realização*. Na sequência, mais uma contração (*da*), prep. *de* + art. def. fem. *a*. Teríamos, assim, *seis artigos*.

Resposta: B.

6. (Inspetor Pol. Civil) "Ora, as mazelas da imigração só podem ser resolvidas com a integração dos estrangeiros às sociedades, associada a uma enfática cooperação internacional, a fim de extrair da miséria e da desesperança a larga franja demográfica em que nascerá o futuro ser humano a expulsar."

No trecho acima, há:

a) 9 artigos definidos e 4 ocorrências da preposição a.

b) 8 artigos definidos e 4 ocorrências da preposição a.

c) 7 artigos definidos e 3 ocorrências da preposição a.

d) 9 artigos definidos e 3 ocorrências da preposição a.

e) 8 artigos definidos e 2 ocorrências da preposição a.

Comentários:

Agora, além de identificar os artigos no texto, repare que as opções só falam de artigo *definido*, pede-se também a quantidade de preposições (que aparecem por exigência de um *nome* – regência nominal – ou de um *verbo* – regência verbal).

Assim sendo, os *artigos* seriam, pela ordem de aparecimento:

1º ... *as* mazelas

2º ... d*a* imigração

3º ... *a* integração

4º ... d*os* estrangeiros

5º ... às sociedades (prep. *a* + art. *as*)

6º ... d*a* miséria

7º ... d*a* desesperança

8º ... *a* larga franja

9º ... *o* futuro

As preposições seriam:

1ª ... integração (que pede preposição *a*) ... às sociedades...

2ª ... associada (que pede preposição *a*) *a* uma enfática...

3ª ... *a* fim de (*fim* é palavra masculina, logo esse *a* só pode ser prep.)

4ª ... *a* expulsar (verbo, o *a*, com certeza, não é artigo)

Resposta: A.

7. (Inspetor Pol. Civil) "Somando-se essa possibilidade à fresca barbárie do governo republicano dos EUA, o mundo desenvolvido desgasta aguda e paulatinamente sua autoridade moral para cobrar valores humanistas de outros governos."

A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:

I. O pronome *essa* tem valor anafórico.

II. A palavra aguda classifica-se como advérbio.

III. Há, no trecho, oito substantivos.

Assinale:

a) Se todos os itens estiverem corretos.

b) Se somente os itens I e III estiverem corretos.

c) Se nenhum item estiver correto.

d) Se somente os itens II e III estiverem corretos.

e) Se somente os itens I e II estiverem corretos.

Comentários:

No item I, o pronome *essa*, independentemente de aparecer o texto ou não, remete à *possibilidade* que *já apareceu*. Quando o pronome remete o leitor a alguma informação que veio *antes*, tem valor *anafórico*. No item II, *aguda* se refere ao verbo (*desgosta*), é advérbio. Repare que o conectivo *e* adiciona termos de mesma função. No caso de esse conectivo adicionar dois advérbios terminados em *mente*, pede-se usar essa terminação apenas após o último deles

(para não termos agudamente e paulatinamente).

No item III, os *substantivos* seriam:

1. possibilidade 5. mundo

2. barbárie 6. autoridade

3. governo 7. valores

4. EUA 8. governo

Resposta: A.

8. (Sen. Fed. / Anal. Leg.) Assinale a alternativa em que o termo indicado **não** tenha valor adjetivo.

a) ... Poder Legislativo, cujas competências foram ampliadas.

b) ... configura alguns desafios.

c) ... a existência de muitos dispositivos.

d) Esse pacto...

e) ... resolvidos na atual Constituição...

Comentários:

Atente, nesta questão, ao enunciado: termo que não tenha **valor** adjetivo. Com essa palavra, além do próprio *adjetivo*, o *numeral*, o *pronome*, quando vêm junto ao substantivo, têm *valor* adjetivo.

Agora, sim, vamos às questões, já que o mesmo enunciado se repete nas questões seguintes.

Na letra A, *ampliadas* **não** tem valor adjetivo, pois pertence a uma estrutura de *voz passiva analítica* (verbo *ser* + *particípio*). Logo, nessa frase, *ampliada* é verbo no *particípio*. Em B, *alguns* é pronome indefinido que se refere a substantivo, pronome adjetivo – *valor* adjetivo, pois. Na C e na D, *muitos* – pronome indefinido – e *esse* – pronome demonstrativo se referem, respectivamente, a *dispositivos*, *pacto*. Na E, *atual* é adjetivo de *Constituição*.

Resposta: A.

9. (TRT / Anal. Jud.) Assinale a alternativa em que o termo indicado não tenha valor adjetivo.

a) ... dividido em dois sistemas.

b) ... o custo de todo o petróleo.

c) ... o muro foi erguido pelos holandeses e derrubado pelos ingleses.

d) ... sistemas capitalista e socialista.

e) Se a queda ... trouxe mais liberdade.

Comentários:

Na opção A, o numeral *dois* se refere a *sistemas* (substantivo), numeral adjetivo. Na B, o pronome indefinido *todo* vem junto ao substantivo *petróleo*. Na letra C, a tal da *estrutura de voz passiva analítica* (ser + particípio): "… o muro *foi erguido* pelos holandeses e (*foi*) *derrubado* pelos ingleses". Verbo no particípio. Na D, *socialista,* assim como *capitalista* são adjetivos de *sistemas*. Na E, *mais* é pronome indefinido adjetivo, pois aparece junto ao substantivo *liberdade.*

Resposta: C.

10. (Inspetor Pol. Civil) Assinale a alternativa em que o termo, na canção de Chico Buarque, não exerça papel adjetivo.

a) Aliso teus seios…

b) Aeromoça nervosa pede calma.

c) Aeromoça nervosa pede calma.

d) … avisto alguma salvação.

e) Qual esquina dobrei…

Comentários:

Já sabemos que este enunciado é abrangente, pois *papel* adjetivo pode ser representado por pronome, numeral e o próprio adjetivo. Na letra A, o pronome *teus* se refere ao substantivo *seios*, exerce papel adjetivo. Na B, a palavra *calma* é substantivo, não qualifica nem caracteriza nenhum substantivo, na C, *nervosa* acrescenta ao substantivo *aeromoça* um estado, adjetivo, portanto. Na opção D, *alguma* é pronome indefinido que se refere a *salvação*. Na E, o pronome *qual* modifica o substantivo *esquina*.

Resposta: B.

11. (Sen. Fed. / Anal. Leg.) Assinale a alternativa em que o termo indicado *não* tenha valor adjetivo.

a) O voto deixa claro que o respeito ao voto e à Constituição…

b) … não faz mais sentido opor…

c) … entre as diversas etnias…

d) … direito inalienável dos índios.

e) Dois pontos merecem…

Comentários:

Na letra A, a palavra *claro*, embora esteja ao lado do verbo *deixa* (e, por esse motivo, possa parecer um advérbio), refere-se à oração que vem logo a seguir, iniciada pela conjunção integrante *que.* Trata-se de uma oração substantiva. Sendo assim, na ordem direta, teríamos a seguinte estrutura: "O voto deixa *isto* claro". É por isso que *claro* é adjetivo, e não advérbio.

Já na letra B, a palavra *mais*, embora anteceda o substantivo *sentido*, está ligada ao verbo *fazer*, indicando circunstância de tempo. É como se disséssemos *não faz sentido agora*, *antes fazia, agora não mais.* Trata-se, portanto, de advérbio de tempo.

Na letra C, *diversas* é adjetivo de *etnias*.

Na letra D, o substantivo *direito* tem duas adjetivações: *inalienável* (adjetivo) e *dos índios* (locução adjetiva).

E na letra E temos um numeral adjetivo, junto ao substantivo *pontos*.

Resposta: B.

12. (Pol. Civil / Perito Crim.) Assinale a alternativa em que a palavra indicada *não* tenha valor adjetivo.

a) ... criaram condições para <u>essa</u> consolidação.

b) ... essa era a <u>primeira</u> coisa...

c) ... o código tem de ser preservado e <u>respeitado</u> para que a disputa...

d) ... deixar de ser um texto abstrato e <u>distante</u>.

e) ... escrever com bico <u>de pena</u>...

Comentários:

Na letra A, temos um pronome demonstrativo em função adjetiva, por acompanhar o substantivo *consolidação*.

Na letra B, observa-se um numeral ordinal também em função adjetiva, que se refere ao substantivo *coisa*.

No entanto, o que se vê na letra C é um verbo no particípio que é verbo principal de uma locução verbal. Uma dica, aqui, seria que você observasse os verbos auxiliares que os antecedem: *tem de ser*. E, toda vez que o particípio fizer parte de uma locução verbal, será verbo, e não adjetivo. É claro que se disséssemos *código respeitado* é o ideal, por exemplo, o vocábulo *respeitado* seria adjetivo, e não verbo. Mas não foi o caso.

Na letra D, temos um adjetivo *distante*.

E, na letra E, uma locução adjetiva, que vem se referindo ao substantivo antecedente *bico*.

Resposta: C.

13. (Pol. Civil / Perito Crim.) Assinale a alternativa em que, no texto, o termo não tenha valor adjetivo.

a) Com <u>alguma</u> frequência...

b) <u>Seus</u> governantes.

c) <u>Tal</u> tipo de dívida...

d) Tal tipo de dívida foi <u>contraída</u>...

e) Empresa de capital <u>nacional</u>...

Comentários:

Na letra A, temos um pronome indefinido com função adjetiva, por acompanhar o substantivo *frequência*.

Na letra B, o pronome possessivo *seus* também está em função adjetiva, junto ao substantivo *governantes*.

Na letra C, o que se vê é um pronome demonstrativo, que se refere ao substantivo *tipo*, estando, portanto, em função adjetiva.

Já, na letra D, o particípio *contraída*, por fazer parte de uma locução verbal (observe só o auxiliar que o antecede: *foi*), é verbo, e não adjetivo.

E, na letra E, *nacional* é adjetivo de *capital*.

Resposta: D.

7.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (TRT – 3ª Região (MG) – Analista Judiciário – Área Judiciária – FCC 2015)

A guerra continua, está aí, espalhada pelo mundo, camuflada por diferentes nomenclaturas, inconfundível, salvo em breves hiatos sem hostilidades, porém com intensos ressentimentos.

Justifica-se o emprego do advérbio *aí*, na frase, do seguinte modo:

a) a palavra delimita o lugar da guerra, aquele em que o interlocutor se encontra.

b) a palavra remete ao lugar a que se fez referência anteriormente: ao espaço dos *Aliados*.

c) a palavra tem o sentido de " nesse ponto", como em " É aí que está o X da questão".

d) a palavra compõe expressão que tem o sentido de " apresenta-se por lugares incertos, de modo disseminado".

e) a palavra tem seu sentido associado ao da palavra *inconfundível*, para expressarem, juntas, a ideia de " contorno único".

2. (Sabesp – Advogado – FCC – 2014)

<u>Atualmente</u>, também se associa o Desenvolvimento Sustentável ou Sustentabilidade à responsabilidade social. Responsabilidade social é a forma ética e responsável pela qual a Empresa desenvolve todas as suas ações, políticas, práticas e atitudes, tanto com a comunidade quanto com o seu corpo funcional. <u>Enfim</u>, com o ambiente interno e externo à Organização e com todos os agentes interessados no processo.

<u>Assim</u>, as definições de Educação Ambiental são abrangentes e refletem a história do pensamento e visões sobre educação, meio ambiente e desenvolvimento sustentável.

Os advérbios grifados no trecho acima podem ser substituídos corretamente, na ordem dada, por:

a) Nos dias de hoje – Por fim – Desse modo

b) Consentaneamente – Afinal de contas – Desse modo

c) Nos dias de hoje – Ultimamente – Do mesmo modo

d) Consentaneamente – Por derradeiro – Destarte

e) Presentemente – Afinal de contas – De todo modo

3. (SEDU-ES – Professor B – FCC – Jan./2016 – Adaptada)

Um dos elementos mais importantes na organização do texto de Clarice Lispector é o advérbio de tempo, como o que se encontra grifado em:

I. *Jamais esquecerei o meu aflitivo e dramático contato com a eternidade.*

II. *E eis-me com aquela coisa cor-de-rosa, de aparência tão inocente, tornando possível o mundo impossível do qual eu já começara a me dar conta.*

III. *– E agora que é que eu faço? – perguntei para não errar no ritual que certamente deveria haver.*

IV. *Enquanto isso, eu mastigava obedientemente, sem parar.*

Atende ao enunciado APENAS o que consta de

a) I, II e IV.

b) II e IV.

c) II e III.

d) I e III.

e) I, III e IV.

Leia o texto a seguir para responder à questão 4.

As relações que as sociedades ocidentais industriais mantêm com os temas da ciência e da tecnologia não se constituem numa constante. No transcorrer da história dessas sociedades, a ciência deixa de ser entendida apenas como um tipo de conhecimento tido como válido e passa a se conjugar com as técnicas, conformando uma aplicação prática e útil desse conhecimento.

Isso ocorre desde os desdobramentos da Revolução Industrial no século XIX, quando ciência e tecnologia passaram a constituir um binômio, abreviadamente expresso por C&T, no qual, cada vez mais, conhecimento científico e técnica se entrelaçam. A tecnologia vai-se tornando plena de ciência e esta tende a incorporar crescentemente a técnica. Já no século XX, o desenvolvimento de ciência e tecnologia passou a utilizar intensivamente grandes investimentos financeiros, tendo em vista o domínio tanto da natureza quanto das sociedades.

A partir de então, e dada a intensificação dos processos técnico-científicos da contemporaneidade, surgem posicionamentos antagônicos em relação à temática da aceleração tecnológica. Por um lado, estabelece-se uma compreensão de que o incremento de ciência e tecnologia é algo determinante, ou até mesmo fundamental para um desenvolvimento econômico e social satisfatório, além de ser politicamente neutro e desprovido de normatividade.

Desde outra perspectiva, desenvolvem-se reflexões sobre as incertezas e indeterminações acerca do destino das sociedades como consequência dos principais modelos e sistemas técnico-científicos contemporâneos. Questiona-se o papel da ciência e da tecnologia como fator determinante e como atividade neutra de valores.

Raquel Folmer Corrêa. Tecnologia e sociedade: análise de tecnologias sociais no Brasil contemporâneo. Porto Alegre: UFRGS, 2010. Dissertação de mestrado. In: Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br> (com adaptações).

4. (Inpi – Nível Médio/Superior – Cespe – 2013)

Julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Nas linhas 5 e 16, as ocorrências do vocábulo " desde" introduzem circunstâncias temporais.

Leia o texto a seguir para responder à questão 5.

Texto I

Enquanto aumenta o ritmo de inovação tecnológica no país e cresce a aplicação da informática nos mais diversos setores da sociedade, formam-se cerca de 30 mil profissionais por ano em áreas ligadas à tecnologia da informação e comunicação (TIC). Ainda assim, as empresas reclamam da falta de profissionais. " Temos uma janela de oportunidades em TIC no país. O que falta é gente qualificada", alerta Pier Carlo Sola, diretor-presidente de um parque tecnológico pernambucano que abriga 68 empresas da área.

Apesar de não haver estatísticas que revelem a expansão do setor, especialistas estimam o crescimento em torno de 10% ao ano. Com isso, a não regulamentação das profissões ligadas à computação torna ainda mais acirrada a disputa por vagas e delega ao mercado a seleção do bom profissional.

" Independentemente da formação, o profissional de TIC tem de estar comprometido com o aprendizado contínuo e interessado em trabalhar com gestão de projetos, saber se comunicar e trabalhar em diversas equipes", diz o gerente de carreiras Marcos Vono.

Essa é uma carreira multifacetada, que encontra espaço em consultorias, cooperativas, grandes empresas, locais que terceirizam mão de obra ou no empreendedorismo. " O profissional tem de ter visão do negócio e conhecer a realidade da empresa que atende, senão ficará sem emprego", alerta Ivair Rodrigues, agente de pesquisa em tecnologia da informação (TI).

Segundo o cadastro das instituições de educação superior do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, há 1.021 cursos superiores ligados a 31 computação, informática, TI e análise de sistemas. " Mas só metade dos alunos tem formação adequada, ou seja, de 12 mil a 16 mil novos profissionais precisam passar por uma requalificação logo que saem da universidade para poder entrar no mercado de trabalho", diz Pier Carlo Sola.

Disponível em: <www1.folha.uol.com.br> (com adaptações).

5. (Cespe – CEF – Médio – 2014)

Com base nas informações veiculadas no texto, em sua estrutura e em seus aspectos gramaticais, julgue o próximo item como Certo (C) ou Errado (E).

No trecho " o profissional de TIC tem de estar comprometido com o aprendizado contínuo e interessado em trabalhar com gestão de projetos" (l. 9-10), o termo " interessado" qualifica " o aprendizado".

Leia o texto a seguir para responder à questão 6.

Texto I

De acordo com uma lista da International Union for the Conservation of Nature, o Brasil é o país com o maior número de espécies de aves ameaçadas de extinção, com um total de 123 espécies sofrendo risco real de desaparecer da natureza em um futuro não tão distante. A Mata Atlântica concentra cerca de 80% de todas as aves ameaçadas no país, fato que resulta de muitos

anos de exploração e desmatamentos. Atualmente, restam apenas cerca de 10% da floresta original, não sendo homogênea essa proporção de floresta remanescente ao longo de toda a Mata Atlântica. A situação é mais séria na região Nordeste, especialmente nos estados de Alagoas e Pernambuco, onde a maior parte da floresta original foi substituída por plantações de cana-de-açúcar. É nessa região que ainda podem ser encontrados os últimos exemplares das aves mais raras em todo o país, como o criticamente ameaçado limpa-folha-do-nordeste (*Philydor novaesi*). Essa pequena ave de dezoito centímetros vive no estrato médio e dossel de florestas bem conservadas e ricas em bromélias, onde procura artrópodes dos quais se alimenta. Atualmente, as duas únicas localidades onde a espécie pode ser encontrada são a Estação Ecológica de Murici, em Alagoas, e a Serra do Urubu, em Pernambuco.

Pedro F. Develey et al. O Brasil e suas aves. In: *Scientific American Brasil*, 2013 (com adaptações).

6. (Cespe – ICMBIO – Superior – 2014)

Julgue o item seguinte, relativo às ideias e aos aspectos estruturais do texto, como Certo (C) ou Errado (E).

Nas sequências "**toda a Mata Atlântica**" (l. 6) e "**todo o país**" (l. 9), os artigos definidos "**a**" e "**o**" são opcionais, podendo ser suprimidos sem que haja prejuízo à correção gramatical e à significação dos períodos de que fazem parte.

7. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016 – Adaptada)

" Um ofício relativamente poupado até aqui é o de médico. Até aqui."

Sobre esse segmento acima, é correto afirmar que:

a) o advérbio " relativamente" mostra que a profissão de médico ainda não foi atingida pela revolução;

b) a expressão " até aqui" tem valor semântico de lugar;

c) a expressão " até aqui" é repetida a fim de destacar-se um elemento importante no texto;

d) o pronome " o" refere-se a " médico";

e) o vocábulo " um" em " um ofício" tem noção de quantidade.

8. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

Segundo o gramático Celso Cunha, os adjetivos em língua portuguesa expressam qualificações, características, estados e relações; o adjetivo abaixo que expressa relação é:

a) fácil entendimento;

b) linguagem objetiva;

c) profissionais qualificados;

d) prática clínica;

e) informação transparente.

Leia o texto a seguir para responder à questão 9.

Texto 1 – Problemas Sociais Urbanos

Dentre os problemas sociais urbanos, merece destaque a questão da segregação urbana, fruto da concentração de renda no espaço das cidades e da falta de planejamento público que vise à promoção de políticas de controle ao crescimento desordenado

das cidades. A especulação imobiliária favorece o encarecimento dos locais mais próximos dos grandes centros, tornando-os inacessíveis à grande massa populacional. Além disso, à medida que as cidades crescem, áreas que antes eram baratas e de fácil acesso tornam--se mais caras, o que contribui para que a grande maioria da população pobre busque por moradias em regiões ainda mais distantes.

Essas pessoas sofrem com as grandes distâncias dos locais de residência com os centros comerciais e os locais onde trabalham, uma vez que a esmagadora maioria dos habitantes que sofrem com esse processo são trabalhadores com baixos salários. Incluem-se a isso as precárias condições de transporte público e a péssima infraestrutura dessas zonas segregadas, que às vezes não contam com saneamento básico ou asfalto e apresentam elevados índices de violência.

A especulação imobiliária também acentua um problema cada vez maior no espaço das grandes, médias e até pequenas cidades: a questão dos lotes vagos. Esse problema acontece por dois principais motivos: 1) falta de poder aquisitivo da população que possui terrenos, mas que não possui condições de construir neles e 2) a espera pela valorização dos lotes para que esses se tornem mais caros para uma venda posterior. Esses lotes vagos geralmente apresentam problemas como o acúmulo de lixo, mato alto, e acabam tornando-se focos de doenças, como a dengue.

PENA, Rodolfo F. Alves. "Problemas socioambientais urbanos". *Brasil Escola*. Disponível em: <http://brasilescola.uol.com.br/brasil/problemas-ambientais-sociais-decorrentes-urbanização.htm>. Acesso em 14 de abril de 2016.

9. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

" Além disso, à medida que as cidades crescem, áreas que antes eram baratas e de fácil acesso tornam-se mais caras, o que contribui para que a grande maioria da população pobre busque por moradias em regiões ainda mais distantes."

Nesse segmento do texto 1, o vocábulo *mais* aparece duas vezes, com a mesma classe gramatical; a frase abaixo em que esse mesmo vocábulo apresenta classe diferente é:

a) " Quem está embaixo não pode cair mais fundo" (Samuel Butler);

b) " A avareza é mais contrária à economia que a liberdade" (La Rochefoucauld);

c) " O avarento é o mais leal e fiel depositário dos bens dos seus herdeiros" (Marquês de Maricá);

d) " A coisa mais semelhante a reviver a própria vida é relembrá-la e tornar essa lembrança o mais durável possível" (Franklin);

e) " O pecado de mais culpa é o adultério" (Nouailles).

10. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

O segmento abaixo em que NÃO é possível trocar de posição os elementos textuais sublinhados é:

a) " Incluem-se a isso <u>as precárias condições de transporte público</u> e <u>a péssima infraestrutura dessas zonas segregadas</u>, que às vezes não contam com saneamento básico ou asfalto e apresentam elevados índices de violência";

b) " às vezes não contam com <u>saneamento básico</u> ou <u>asfalto</u> e apresentam elevados índices de violência";

c) " Essas pessoas sofrem com as grandes distâncias dos locais de residência com <u>os centros comerciais</u> e <u>os locais onde trabalham</u>";

d) " Além disso, à medida que as cidades crescem, áreas que antes eram <u>baratas</u> e <u>de fácil acesso</u> tornam-se mais caras";

e) " merece destaque a questão da segregação urbana, fruto <u>da concentração de renda no espaço das cidades</u> e <u>da falta de</u>

planejamento público que vise à promoção de políticas de controle ao crescimento desordenado das cidades."

Leia o texto a seguir para responder à questão 11.

Texto 2 – Violência e favelas

O crescimento dos índices de violência e a dramática transformação do crime manifestados nas grandes metrópoles são alarmantes, sobretudo, na cidade do Rio de Janeiro, sendo as favelas as mais afetadas nesse processo.

" A violência está o cúmulo do absurdo. É geral, não é? É geral, não tem, não está distinguindo raça, cor, dinheiro, com dinheiro, sem dinheiro, tá de pessoa para pessoa, não interessa se eu te conheço ou se eu não te conheço. Me irritou na rua eu te dou um tiro. É assim mesmo que está, e é irritante, o ser humano está em um estado de nervos que ele não está mais se controlando, aí junta a falta de dinheiro, junta falta de tudo, e quem tem mais tá querendo mais, e quem tem menos tá querendo alguma coisa e vai descontar em cima de quem tem mais, e tá uma rivalidade, uma violência que não tem mais tamanho, tá uma coisa insuportável." (moradora da Rocinha)

A recente escalada da violência no país está relacionada ao processo de globalização que se verifica, inclusive, ao nível das redes de criminalidade. A comunicação entre as redes internacionais ligadas ao crime organizado são realizadas para negociar armas e drogas. Por outro lado, verifica-se hoje, com as CPIs (Comissão Parlamentar de Inquérito) instaladas, ligações entre atores presentes em instituições estatais e redes do narcotráfico.

Nesse contexto, as camadas populares e seus bairros/favelas são crescentemente objeto de estigmatização, percebidos como causa da desordem social o que contribui para aprofundar a segregação nesses espaços. No outro polo, verifica-se um crescimento da autossegregação, especialmente por parte das elites que se encastelam nos enclaves fortificados na tentativa de se proteger da violência.

(Maria de Fátima Cabral Marques Gomes, *Scripta Nova*)

11. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

" ...O crescimento dos índices de violência e a dramática transformação do crime manifestados nas grandes metrópoles são alarmantes, sobretudo, na cidade do Rio de Janeiro."

O termo " sobretudo" só NÃO pode ser substituído adequadamente por:

a) principalmente;

b) geralmente;

c) especialmente;

d) destacadamente;

e) particularmente.

12. (Compesa – A.S.G. – Técn. Segur. Trab. – FGV – Jul./2016)

A frase em que a palavra ***mais*** tem sentido ***diferente*** do das outras frases é:

a) " A mais estranha coisa sobre o futuro é que alguém evocará nossa época como os bons e velhos tempos".

b) " O futuro não é mais o que costumava ser".

c) “ Muito poucos são os que vivem no presente, a maioria se prepara para viver mais tarde”.

d) “ Devemos procurar mais sermos pais de nosso futuro do que filhos de nosso passado”.

e) “ Há ladrões que não castigamos, mas que nos roubam o que é mais precioso: o tempo”.

13. (Compesa – A.S.G. – Técn. Segur. Trab. – FGV – Jul./2016)

Assinale a frase em que houve a troca ***indevida*** da palavra *mal* por *mau* ou vice-versa.

a) “ A ironia é uma forma elegante de ser mau”.

b) “ Não há mau que sempre dure nem bem que nunca se acabe”.

c) “ Basta um drinque para me deixar mal. Mas nunca sei se é o 13º ou o 14º”.

d) “ O mal de comprar coisas de segunda mão é que elas nunca são de segunda mão”.

e) “ O mal das encrencas é que elas começam bem devagarinho”.

14. (Pref. Paulínia-SP – Eng. Agrôn. – FGV – Maio/2016)

“ *O bom médico não deixa ver nada de suas apreensões ao seu paciente.*”

A mesma relação semântica entre as palavras sublinhadas se repete nos pares a seguir, ***à exceção de um***. Assinale-o.

a) advogado/cliente.

b) mestre/discípulo.

c) santo/devoto.

d) senhorio/inquilino.

e) religião/militante.

15. (Pref. Paulínia-SP – Eng. Agrôn. – FGV – Maio/2016)

“ *O falar é perigoso para as nossas ilusões.*”

(**Machado de Assis**)

Sobre os componentes do fragmento acima, assinale a afirmativa ***incorreta***.

a) O termo “ *o falar*” é um exemplo de palavra substantivada.

b) No adjetivo “ *perigoso*”, o sufixo -oso forma adjetivos a partir de substantivos.

c) A preposição “ *para*” mostra valor de finalidade.

d) O pronome possessivo “ *nossas*” tem valor universal.

e) O adjetivo “ *perigoso*” expressa uma opinião do enunciador.

16. (Pref. Paulínia-SP – Eng. Agrôn. – FGV – Maio/2016)

Entre as frases de Machado de Assis a seguir, assinale aquela em que a locução adjetiva sublinhada mostra uma substituição ***inadequada***.

a) "*A fantasia é um vidro de cor, porém mentiroso.*" / colorido

b) "*Sem ter passado por provas da experiência, é muito raro dizer coisa com coisa.*" / experientes

c) "*Admiremos os diplomatas que sabem guardar consigo os segredos dos governos.*" / governamentais

d) "*Amor ou eleições, não falta matéria às discórdias dos homens.*" / humanas

e) "*A tática do parlamento de tomar tempo com discursos até o fim das sessões não é nova.*"/ parlamentar

17. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016 – Adaptada)

No trecho " Como explicar o que eu sentia de presente prodigioso em sair de casa de madrugada e pegar o bonde vazio que nos levaria para Olinda ainda na escuridão?", são palavras de classes gramaticais diferentes

a) **em** e **que**

b) **sair** e **pegar**

c) **como** e **ainda**

d) **prodigioso** e **vazio**

e) **presente** e **madrugada**

18. (Unesp – Ass. Administrativo I – Vunesp – Abril/2016)

O advérbio destacado na passagem – ... você definir como ele deve ser ou se comportar dependendo de seu gênero pode ser **muito**, **muito** cruel? – tem equivalente em:

a) Só gente **muito** preconceituosa pensa assim.

b) Há **muito** ponto de vista errado acerca desse assunto.

c) **Muito** do que é hoje deve aos pais, sempre dedicados a ele.

d) Só por **muito** ele aceita defender o réu.

e) O vírus transmitido pelo mosquito vem causando **muito** sofrimento às pessoas.

19. (Unifesp – Técnico Seg. Trab. – Vunesp – Abril/2016)

Observe as passagens:

– … e **agora** quer começar uma carreira médica. (2º parágrafo);

– … ele tem 80 anos. **Isto mesmo**, 80. (3º parágrafo);

– **Talvez** a expectativa de vida não permita… (4º parágrafo).

As expressões destacadas expressam, respectivamente, sentido de

a) lugar, modo e causa.

b) tempo, afirmação e dúvida.

c) afirmação, afirmação e dúvida.

d) tempo, modo e afirmação.

e) modo, dúvida e intensidade.

20. (Unifesp – Técnico Seg. Trab. – Vunesp – Abril/2016)

O emprego do adjetivo anteposto ao substantivo realça a qualidade que a este se atribui, o que se pode comprovar com a expressão em destaque na seguinte passagem do texto:

a) Os bastidores do vestibular são cheios de **histórias** – **curiosas, estranhas, comoventes**.

b) O jovem que chega atrasado por alguns segundos, por exemplo, é uma **figura clássica**...

c) Veio do Japão aos 11 anos, (…) e agora quer começar uma **carreira médica**.

d) Eu ponderaria que nem tudo na vida se regula pelo **critério cronológico**.

e) Os resultados do **difícil exame** trazem desilusão para muitos jovens…

21. (MPE/SP- Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

(Hagar, Dik Browne. *Folha de S.Paulo*, 31.10.2015. Adaptado)

Os advérbios " bem" (1ª quadrinho) e " Talvez" (2ª quadrinho) expressam, respectivamente, circunstância de

a) modo e tempo.

b) afirmação e modo.

c) dúvida e afirmação.

d) afirmação e intensidade.

e) modo e dúvida.

22. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

No trecho – **Bombeiros mineiros** deverão receber treinamento... – (1º parágrafo), a expressão em destaque é formada por substantivo + adjetivo, nessa ordem. Essa relação também se verifica na expressão destacada em:

a) A **imprudente atitude** do advogado trouxe-me danos.

b) Entrou silenciosamente, com um **espanto indisfarçável**.

c) **Alguma pessoa** teve acesso aos documentos da reunião?

d) Trata-se de um lutador **bastante forte** e preparado.

e) Estiveram presentes à festa meus **estimados padrinhos**.

23. (Unesp – Assistente Administrativo – Vunesp – Fev./2016)

Uma palavra que substitui a expressão destacada em – A iniciativa começou com frutos e legumes, mas, **pouco a pouco**, está se expandindo –, sem alteração de sentido, é:

a) subitamente.

b) paulatinamente.

c) repentinamente.

d) provavelmente.

e) impreterivelmente.

Leia o texto a seguir para responder à questão 24.

Qualquer movimento para interromper a construção de uma rodovia é uma tentativa de fazer que o velho caos volte à vida. A despeito de esporádicos êxitos locais, ninguém tem demonstrado possuir poder suficiente para enfrentar o vasto poder acumulado da rodovia. Isso sugere que o modernismo tem suas próprias contradições e tensões dialéticas e que determinadas formas de pensamento e visão modernistas podem solidificar-se em ortodoxias dogmáticas e tornar-se arcaicas. A aspiração contemporânea por uma cidade abertamente turbulenta, mas intensamente viva, corresponde à aspiração de voltar a expor feridas antigas, mas especificamente modernas. É a aspiração de conviver abertamente com o caráter dividido e irreconciliável de nossas vidas e extrair energia do âmago mesmo de nossos esforços, aonde quer que isso nos conduza no final.

(Berman, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986, p.165, Adaptado).

24. (DNIT – Analista Administrativo – ESAF – 2013)

(Adaptada). Julgue a assertiva a seguir como certa ou errada.

Seria preservada a correção gramatical do texto se o advérbio “ aonde” (l. 8) fosse substituído por “ onde”.

Leia o texto a seguir para responder à questão 25.

O antigo laço de amizade que me liga a Oscar Niemeyer levou-me a transmitir-lhe minhas preocupações sobre os erros que eu acreditava terem sido cometidos em Brasília em consequência do planejamento puramente estético e quase ditatorial.

Entretanto, fiquei estupefato com seu otimismo. Ele me disse que, em Brasília, os ajustamentos sociais que me estavam preocupando seriam, gradativamente, solucionados em harmonia com a nova arquitetura.

(Freyre, Gilberto. *Palavras repatriadas*. Brasília: Editora UnB; São Paulo: Imprensa Oficial SP, 2003, p.244-6, Adaptado).

25. (DNIT – Analista Administrativo – ESAF – 2013)

(Adaptada). Julgue a assertiva a seguir como certa ou errada.

Atende à norma gramatical da língua padrão e preserva o sentido do texto original a seguinte substituição:

“ gradativamente, solucionados em harmonia com a nova arquitetura” (l. 5) por “ gradativa e harmonicamente solucionados à nova arquitetura”.

26. (DNIT – Técnico Administrativo – ESAF – 2012)

Na transcrição do fragmento de texto abaixo, foram desrespeitadas regras gramaticais da língua portuguesa. Assinale a opção em que a grafia de palavra ou o uso de estrutura linguística está incorreto.

A intensa migração, o encarecimento dos terrenos centrais, mais bem (A) situados, e demais fatores criaram incentivos para a configuração espacial das nossas metrópoles: as classes de menor poder aquisitivo acabam por se concentrar (B) nas periferias. Lá os preços dos terrenos são menores, compensando a baixa acessibilidade e a insuficiência (C) de infraestrutura. Ou seja, a classe com menores condições reside distante dos locais de emprego, consumo e entretenimento. Além disso, essa classe depende de transporte público pouco eficiente e de baixa qualidade, pois este não foi priorizado ao longo de décadas. Mais ainda, quando membros dessa classe conseguem obterem (D) crescimento de renda e acesso a (E) crédito, desprivilegiados que são em sua mobilidade, têm como principal impulso a aquisição de automóveis. Isso, por sua vez, somente agrava ainda mais o quadro de engarrafamentos em massa das metrópoles.

(Adaptado de Vladimir Fernandes Maciel, Problemas e desafios do transporte público urbano. Disponível em: <http://www.pucrs.br>).

a) A

b) B

c) C

d) D

e) E

Leia o texto a seguir para responder à questão 27.

No Brasil, a criação e a paulatina expansão das ouvidorias são consequência da centralidade dos direitos fundamentais e do princípio da dignidade da pessoa humana na Constituição de 1988, relacionando-se à democratização do Estado e da sociedade brasileira.

Na administração pública, além de concretizar o direito constitucional de petição, fornecendo aos cidadãos um canal adequado para tratamento de reclamações, denúncias e sugestões, as ouvidorias ampliam a transparência de órgãos e entidades estatais, além de ensejar o contato do gestor público com problemas da população.

De forma complementar, as ouvidorias públicas emergem como um importante instrumento de gestão participativa, aproximando o Estado da população, que pode sugerir correções de medidas governamentais e se informar do amplo portfólio de políticas públicas. Ademais, podem impedir a judicialização de pleitos ordinários, o que não é pouco, visto que os direitos podem ser efetivados com mais celeridade.

(Adaptado de Paulo Otto von Sperling. *Ouvidorias, eficiência e efetivação de direitos*. Correio Braziliense, 18 mar. 2014.)

27. (Receita Federal – Auditor Fiscal – ESAF – 2014)

No desenvolvimento da textualidade, ficam prejudicadas as relações de coesão e a coerência argumentativa ao retirar do texto

a) o artigo em " a paulatina" (l. 1).

b) o artigo na contração em " Na administração" (l. 4), escrevendo apenas **Em**.

c) o artigo em " o direito" (l. 4).

d) o artigo em “ as ouvidorias” (l. 5).

e) o artigo na contração em “ da população” (l. 7), escrevendo apenas de.

Leia o texto a seguir para responder às questões 28 e 29.

A despeito das suas imperfeições, a Lei da Transparência Tributária representa um notável avanço institucional. A conscientização da população brasileira é fundamental para a construção de uma República efetivamente democrática, em que os eleitores tenham plena ciência da repercussão das decisões tomadas pelos seus representantes. Somente assim poderão exigir a construção de um sistema tributário simples, coerente e justo, que não onere os cidadãos carentes e não seja regressivo, gravando os contribuintes menos abastados de modo (proporcionalmente) mais severo que os mais favorecidos economicamente.

(Adaptado de Andrei Pitten Velloso, Lei da transparência tributária: vitória da cidadania. Disponível em: <http://www.cartaforense.com.br/conteudo /colunas>. Acesso em: 18 mar. 2014.)

28. (Receita Federal – Auditor Fiscal – ESAF – 2014)

(Adaptada). Julgue a assertiva a seguir como certa ou errada.

O advérbio “ assim” (l. 4) tem a função coesiva de resumir e retomar as ideias do período sintático imediatamente anterior.

29. (Receita Federal – Auditor Fiscal – ESAF – 2014)

(Adaptada). Julgue a assertiva a seguir como certa ou errada

O uso do gerúndio em “ gravando” (l. 5) imprime à oração uma ideia do modo de funcionamento do sistema tributário.

Leia o texto a seguir para responder à questão 30.

Não vamos discorrer sobre a pré-história da aviação, sonho dos antigos egípcios e gregos, que representavam alguns de seus deuses por figuras aladas, nem sobre o vulto de estudiosos do problema, como Leonardo da Vinci, que no século XV construiu um modelo de avião em forma de pássaro. Pode-se localizar o início da aviação nas experiências de alguns pioneiros que, desde os últimos anos do século XIX, tentaram o voo de aparelhos então denominados mais pesados do que o ar, para diferenciá-los dos balões, cheios de gases, mais leves do que o ar.

Ao contrário dos balões, que se sustentavam na atmosfera por causa da menor densidade do gás em seu interior, os aviões precisavam de um meio mecânico de sustentação para que se elevassem por seus próprios recursos. O brasileiro Santos Dumont foi o primeiro aeronauta que demonstrou a viabilidade do voo do mais pesado do que o ar. O seu voo no “ 14-Bis” em Paris, em 23 de outubro de 1906, na presença de inúmeras testemunhas, constituiu um marco na história da aviação, embora a primazia do voo em avião seja disputada por vários países.

Disponível em: <http://www.portalbrasil.net/aviacao_historia.htm>. Acesso em: 13/12/2015 (com adaptações).

30. (ANAC – Analista Administrativo – ESAF – 2015)

(Adaptada) – Julgue a assertiva a seguir como certa ou errada.

A substituição de “ então” (l. 5) por **naquela época** prejudica as informações originais do texto.

Gabarito: 1. d; 2. a; 3. d; 4. E; 5. E; 6. E; 7. c; 8. d; 9. e; 10. a; 11. b; 12. b; 13. b; 14. e; 15. c; 16. b; 17. a; 18. a; 19. b; 20. e; 21. e; 22. b; 23. b; 24. errada; 25. errada; 26. d; 27. e; 28. certa; 29. errada; 30. errada.

Artigo, substantivo, adjetivo e advérbio... A diferenciação entre essas classes é assunto que vem sendo explorado muito nas provas. Vamos sistematizar?

7.5. RESUMO

- Artigo é classe que se refere sempre a substantivo.
- Substantivo nomeia. Sempre pode vir antecedido de artigo.
- Adjetivo sempre se refere a substantivo. É classe variável.
- Advérbio é classe que modifica verbo, adjetivo ou outro advérbio. É invariável.

8 FLEXÃO VERBAL

A seguir, um quadro de todos os tempos verbais existentes e a 1ª pessoa do singular de cada um deles. O quadro é bom por dois motivos: toda vez que você não souber como começa cada tempo verbal, você recorrerá a ele. Além disso, ajuda você a entender os tempos verbais. É uma boa sistematização.

Verbos de 1ª conjugação – vogal temática **a** (amar, cantar);

Verbos de 2ª conjugação – vogal temática **e** (beber, vender);

Verbos de 3ª conjugação – vogal temática **i** (partir, digerir).

(Não existe 4ª conjugação. Por exemplo, *pôr* é um verbo de 2ª conjugação.)

I – Indicativo	presente – eu falo...		
	pretérito		imperfeito – eu falava... perfeito – eu falei... mais-que-perfeito – eu falara...
	futuro		do presente – eu falarei... do pretérito – eu falaria...

II – Subjuntivo		presente – que eu fale... pretérito imperfeito – se eu falasse... futuro – quando eu falar...

III – Imperativo		afirmativo – fala tu, fale você, falemos nós, falai vós, falem vocês. negativo – não fales tu, não fale você, não falemos nós, não faleis vós, não falem vocês.

Observe que são três os modos verbais:

1. Indicativo: é o modo que assegura algo.

2. Subjuntivo: é o modo que indica possibilidade, hipótese.

3. Imperativo: é o modo que apresenta ideias de ordem, pedido, convite, súplica.

No indicativo e no subjuntivo, temos, então, os tempos do presente, pretérito e futuro.

Após se ter uma visão panorâmica do quadro de conjugação verbal, é necessário conhecer o paradigma da conjugação verbal. Com esse paradigma, você aprende que não precisa saber conjugar todos os tempos que existem. O quadro mostra que existe uma relação entre tempos primitivos e derivados e diz como se sai de um primitivo e se chega

a um derivado. É simples: se a banca pede o presente do subjuntivo do verbo *digerir*, basta que você acesse o presente do indicativo do verbo e você terá o que se pede. Sim, porque o presente do subjuntivo *deriva* do presente do indicativo. A notícia boa é que você não precisa saber conjugar os tempos derivados. A notícia ruim é que sem os primitivos não se chega a lugar algum. Mas eles são apenas três. Assim, você, para fazer prova, precisa conhecer os tempos primitivos dos verbos que são comuns em concursos. Vamos, então, conhecer o paradigma da conjugação verbal?

PRIMITIVOS 1) Presente do indicativo (Radical da 1ª pessoa do sing.) agredir_____	DERIVADOS Presente do subjuntivo (-**e**, -**a**) _____

Nesse caso, vai-se à 1ª pessoa do singular (eu) do presente do indicativo, extrai-se o "o", e, com o radical, chega-se à 1ª pessoa do singular do presente do subjuntivo, acrescentando-se a desinência (para verbos de 1ª conjugação – *e*; verbos de 2ª e 3ª conjugação, – *a*). Vale lembrar que o presente do subjuntivo é aquele em que, na escola, utilizávamos o *que* antes do verbo: *que eu agrida*.

Assim, teríamos:

Eu agrid*o* que eu agrid*a*

Depois, é só continuar, utilizando-se o radical que você adquiriu ao acessar o presente do indicativo, mantendo-se a D.M.T. (desinência modo-temporal) – *a* – e acrescentando-se as D.N.P. (desinências número-pessoais), características de cada pessoa: *que eu agrid**a**, que tu agrid**a**s, que ele agrid**a**, que nós agrid**a**mos, que vós agrid**a**is, que eles agrid**a**m.*

A seguir, o 2º bloco de primitivos e derivados. Observe cada tempo derivado com sua desinência característica (D.M.T. – desinência modo-temporal), entre os parênteses.

2) Pretérito perfeito	Pret. mais-que-perfeito (-ra)
	Imperfeito do subjuntivo (-sse)
	Futuro do subjuntivo (-r)

Acesse a 3ª pessoa do plural – *eles* –, elimine a desinência *-ram* e fique com o radical. Partindo dele, acrescente as novas desinências dos tempos derivados.

Assim, teríamos:

Eles coube*ram* coube**ra**, coube**sse**, coube**r**

Nosso último bloco de primitivos e derivados:

	Futuro do presente (-re, -ra)

3) Infinitivo Impessoal	Futuro do pretérito (-ria)
	Imperfeito do indicativo (-va, -a)

Nesse caso, extrai-se o "R" do infinitivo impessoal (que é o nome do verbo – *falar, beber, partir*...), acrescentando-se as novas desinências. Observe que no **pretérito imperfeito** do indicativo temos duas possibilidades de D.M.T.: **-va** para verbos de 1ª conjugação e –**a** para verbos de 2ª e 3ª conjugação (ex.: *fal**ar** – fala**va**; beb**er** – bebi**a**; part**ir** – parti**a***).

Assim, teríamos:

digeri*r* digeri**rei**, digeri**ria**, digeri**a**.

Importante: o quadro que organiza os tempos verbais em dois grupos (primitivos e derivados) ajudará você a conjugar a maioria dos verbos em Língua Portuguesa, porém há exceções, como os verbos pôr, ser, ir, haver, entre outros, que estudaremos separadamente ao final.

A seguir, algumas questões que tratam de modos e tempos verbais.

1. (FCC/TRF – 2ª Região) A segunda novidade **apontava** os pesticidas e herbicidas químicos...

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o verbo em destaque acima está na frase:

a) Mas Ehrlich *errou*.

b) ... não *existia* terra suficiente para alimentar todas elas.

c) ... com o que *cresce* em 2 mil metros quadrados...

d) As algas se *multiplicam* a rodo...

e) Diante disso, muitos consumidores *partiram* para uma alternativa...

Comentários:

O verbo da frase no enunciado está no pretérito imperfeito do indicativo (desinência -*va*). As letras A e E trazem o verbo no pretérito perfeito do indicativo. A letra B apresenta o verbo no pretérito imperfeito do indicativo, mas, como o verbo é de 3ª conjugação, a desinência é -*a*. A letra C mostra um verbo no presente do indicativo, bem como a letra D.

Resposta: B.

2. (FCC/TRF – 2ª Região) Considere a flexão verbal em *viviam – vivem – viverão*. A mesma sequência está corretamente reproduzida nas formas:

a) queriam – querem – quiserão.

b) davam – dão – dariam.

c) exigiram – exigem – exigerão.

d) permitiam – permitem – permitirão.

e) criam – criavam – criarão.

Comentários:

A sequência de verbos do enunciado está, respectivamente, no pretérito imperfeito, presente e futuro do presente do indicativo.

A letra A tem erro só na forma *quiserão*, que não existe: o verbo *querer* no futuro do presente é *quererão* (é só você se lembrar do quadro: o futuro do presente deriva do infinitivo).

Na letra B, há erro só na forma *dariam*, que corresponde ao futuro do pretérito, e não futuro do presente do indicativo.

Na letra C há dois erros: no primeiro verbo (*exigiram* é pretérito perfeito; no imperfeito seria *exigiam*) e no último (*exigerão* não existe: é *exigirão* – lembre-se: o futuro do presente deriva do infinitivo *exigir* e não *exiger*).

A letra D traz a sequência correta: pretérito imperfeito do indicativo, presente do indicativo e futuro do presente.

Já a letra E erra na 1ª forma (*criam* é presente do indicativo e não pretérito imperfeito – *criavam*) e na 2ª forma (*criavam*, como já vimos, é pretérito imperfeito, e não presente do indicativo).

Resposta: D.

Fechamos nossa 1ª parte do assunto: agora você já sabe como sair de um tempo primitivo e chegar a um derivado. Então, estamos combinados: você precisa saber como conjugar os tempos primitivos dos verbos que mais aparecem nas provas.

Você deve estar se perguntando: quantos verbos terei de saber para fazer uma boa prova? Fique tranquilo: não são muitos. Na verdade, você precisa saber conjugar alguns verbos que são *líderes* de outros comuns em concursos. Por exemplo: se aparecer o verbo *advir* em uma questão, basta você conhecer o *vir*, que apresenta o mesmo radical. Daí, o verbo *vir* ser um *líder*. Da mesma forma, o *depor*, que vem do *pôr*; o *abster*, que vem do *ter*, e assim sucessivamente.

Preparamos uma lista de verbos conjugados, que servirá como consulta para os exercícios que faremos a seguir. Dividimos essa lista em três partes:

8.1. PRINCIPAIS VERBOS QUE SE CONJUGAM A PARTIR DE OUTROS

8.1.1. Pôr (líder)

Modo Indicativo:

Presente: ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem; **pretérito perfeito:** pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes,

puseram; **pretérito imperfeito:** punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham; **pretérito mais-que-perfeito:** pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram; **futuro do presente:** porei, porás, porá, poremos, poreis, porão; **futuro do pretérito:** poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham; **pretérito imperfeito:** pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, pusésseis, pusessem; **futuro:** puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem.

Como o verbo pôr, conjugam-se antepor, apor, compor, contrapor, decompor, depor, dispor, entrepor, expor, impor, interpor, justapor, opor, pospor, predispor, pressupor, propor, recompor, repor, sobrepor, supor.

8.1.2. Ter **(líder)**

Modo Indicativo:

Presente: tenho, tens, tem, temos, tendes, têm; **pretérito perfeito:** tive, tiveste, teve, tivemos, tivestes, tiveram; **pretérito imperfeito:** tinha, tinhas, tinha, tínhamos, tínheis, tinham; **pretérito mais-que-perfeito:** tivera, tiveras, tivera, tivéramos, tivéreis, tiveram**; futuro do presente:** terei, terás, terá, teremos, tereis, terão; **futuro do pretérito:** teria, terias, teria, teríamos, teríeis, teriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: tenha, tenhas, tenha, tenhamos, tenhais, tenham; **pretérito imperfeito:** tivesse, tivesses, tivesse, tivéssemos, tivésseis, tivessem; **futuro:** tiver, tiveres, tiver, tivermos, tiverdes, tiverem.

Como o verbo ter, conjugam-se abster-se, ater-se, conter, deter, entreter, manter, obter, reter, suster.

8.1.3. **Ver (líder)**

Modo Indicativo:

Presente: vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem; **pretérito perfeito:** vi, viste, viu, vimos, vistes, viram; **pretérito imperfeito:** via, vias, via, víamos, víeis, viam; **pretérito mais-que-perfeito:** vira, viras, vira, víramos, víreis, viram; **futuro do presente:** verei, verás, verá, veremos, vereis, verão; **futuro do pretérito:** veria, verias, veria, veríamos, veríeis, veriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam; **pretérito imperfeito:** visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem; **futuro:** vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.

Como o verbo ver, conjugam-se entrever, antever, prever, rever.

8.1.4. **Vir (líder)**

Modo Indicativo:

Presente: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm; **pretérito perfeito:** vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram; **pretérito imperfeito:** vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham; **pretérito mais-que-perfeito:** viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram; **futuro do presente:** virei, virás, virá, viremos, vireis, virão; **futuro do pretérito:** viria, virias, viria, viríamos, viríeis, viriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham; **pretérito imperfeito:** viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem; **futuro:** vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.

Como o verbo vir, conjugam-se advir, avir-se, convir, desavir-se, intervir, provir, sobrevir.

8.1.5. Dizer (líder)

Modo Indicativo:

Presente: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem; **pretérito perfeito:** disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram; **pretérito imperfeito:** dizia, dizias, dizia, dizíamos, dizíeis, diziam; **pretérito mais-que-perfeito:** dissera, disseras, dissera, disséramos, disséreis, disseram; **futuro do presente:** direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão; **futuro do pretérito:** diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: diga, digas, diga, digamos, digais, digam; **pretérito imperfeito:** dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, disséssseis, dissessem; **futuro:** disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem.

Como o verbo dizer, conjugam-se bendizer, condizer, contradizer, desdizer (assim, se é *eu digo*, será eu *bendigo*…).

8.1.6. Fazer (líder)

Modo Indicativo:

Presente: faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem; **pretérito perfeito:** fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram; **pretérito imperfeito:** fazia, fazias, fazia, fazíamos, fazíeis, faziam; **pretérito mais-que-perfeito:** fizera, fizeras, fizera, fizéramos, fizéreis, fizeram; **futuro do presente:** farei, farás, fará, faremos, fareis, farão; **futuro do pretérito:** faria, farias, faria, faríamos, faríeis, fariam.

Modo Subjuntivo:

Presente: faça, faças, faça, façamos, façais, façam; **Pretérito imperfeito:** fizesse, fizesses, fizesse, fizéssemos, fizésseis, fizessem; **futuro:** fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem.

Como o verbo fazer, conjugam-se afazer, benfazer, desfazer, refazer, satisfazer (assim, se é *eu faço*, será eu *benfaço*…).

8.1.7. Querer (líder)

Modo Indicativo:

Presente: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem; **Pretérito perfeito:** quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram; **pretérito imperfeito:** queria, querias, queria, queríamos, queríeis, queriam; **pretérito mais-que-perfeito:** quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram; **futuro do presente:** quererei, quererás, quererá, quereremos, querereis, quererão; **futuro do pretérito:** quereria, quererias, quereria, quereríamos, quereríeis, quereriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram; **pretérito imperfeito:** quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem; **futuro:** quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem.

Como o verbo querer, conjugam-se bem-querer, desquerer, mal-querer (assim, se é *eu quero*, será eu *bem-quero*).

8.1.8. Valer (líder)

Modo Indicativo:

Presente: valho, vales, vale, valemos, valeis, valem; **pretérito perfeito:** vali, valeste, valeu, valemos, valestes, valeram; **pretérito imperfeito:** valia, valias, valia, valíamos, valíeis, valiam; **pretérito mais-que-perfeito:** valera, valeras, valera, valêramos, valêreis, valeram; **futuro do presente:** valerei, valerás, valerá, valeremos, valereis, valerão; **futuro do pretérito:** valeria, valerias, valeria, valeríamos, valeríeis, valeriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham; **pretérito imperfeito:** valesse, valesses, valesse, valêssemos, valêsseis, valessem; **futuro:** valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valerem.

Como o verbo valer, conjugam-se desvaler, equivaler (assim, se é *eu valho*, será eu *equivalho*).

Como já dissemos anteriormente, as bancas costumam pedir ao aluno, além da conjugação desses líderes, a dos seus derivados. Um bom exercício seria que você conjugasse os verbos derivados, partindo dos líderes. Exemplo: treine a conjugação do *interpor*, a partir da conjugação do *pôr*.

A seguir, a conjugação de verbos nos quais não se pode confiar. Isso porque, ao conjugar o *requerer,* por exemplo, é muito comum que o aluno faça analogia com o *querer*, não é mesmo? Mas o *requerer* não se conjuga como o *querer*. Da mesma forma, o verbo *prover* não vai seguir o paradigma do verbo *ver* em todos os tempos, só no presente. Daí, a importância de sistematizá-los.

8.2. FALSOS AMIGOS CONJUGADOS

8.2.1. Prover

Modo Indicativo:

Presente: provejo, provês, provê, provemos, provedes, proveem; **pretérito perfeito:** provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram; **pretérito imperfeito:** provia, provias, provia, províamos, províeis, proviam; **pretérito mais-que-perfeito:** provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram; **futuro do presente:** proverei, proverás, proverá, proveremos, provereis, proverão; **futuro do pretérito**: proveria, proverias, proveria, proveríamos, proveríeis, proveriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam; **pretérito imperfeito:** provesse, provesses, provesse, provêssemos, provêsseis, provessem; **futuro:** prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.

Resumindo:
Basta que você pense no PROVER da seguinte forma: ele se conjuga como o VER só nos tempos do presente – presente do indicativo e presente do subjuntivo; nos outros tempos, é regular, como o BEBER. Assim, o grande cuidado que se deve ter é para não conjugá-lo como o VER o tempo inteiro. No pretérito imperfeito do subjuntivo, por exemplo, se ele se conjugasse como o VER seria se eu provisse, enquanto o correto é se eu provesse (tal qual o BEBER – se eu bebesse).

8.2.2. Requerer

Modo Indicativo:

Presente: requeiro, requeres, requer, requeremos, requereis, requerem; **pretérito perfeito:** requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram; **pretérito imperfeito:** requeria, requerias, requeria, requeríamos, requeríeis, requeriam; **pretérito mais-que-perfeito:** requerera, requereras, requerera, requerêramos, requerêreis, requereram; **futuro do presente:** requererei, requererás, requererá, requereremos, requerereis, requererão; **futuro do pretérito:** requereria, requererias, requereria, requereríamos, requereríeis, requereriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram; **pretérito imperfeito:** requeresse, requeresses, requeresse, requerêssemos, requerêsseis, requeressem; **futuro:** requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.

Resumindo: Quanto ao REQUERER, pense da seguinte forma: ele recebe a vogal i, após o 2º e do radical, apenas na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo. O mesmo ocorre em todo o presente do subjuntivo, que dela deriva. Nos outros tempos, é regular e conjuga-se como o BEBER. Não pense no QUERER. Assim, por exemplo, se ele fosse como o QUERER, no pretérito perfeito do indicativo seria eu requis e não eu requeri (tal qual o BEBER: eu bebi).

A seguir, apresentamos os verbos defectivos que são campeões em concursos públicos: os verbos REAVER e

PRECAVER. Partindo do conceito de que um verbo defectivo é um verbo que não se conjuga em todos os tempos e em todas as pessoas, o 1º cuidado que você deve tomar é em não conjugá-los nos tempos em que eles não existem. Assim, você não deve, por exemplo, dizer *eu me precavejo contra esse tipo de problema*, simplesmente porque essa forma verbal não existe. O jeito é falar *eu tomo as minhas precauções*... Além disso, é preciso sistematizá-los para que você não cometa nenhuma imprudência na flexão das formas em que tais verbos se conjugam. Vamos a eles!

8.3. VERBOS DEFECTIVOS

8.3.1. Reaver

Modo Indicativo:

No presente do indicativo só possui *nós* e *vós (reavemos* e *reaveis*). Em função disso, também não possui o presente do subjuntivo. Nos outros tempos do Indicativo: **pretérito perfeito:** reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram; **pretérito imperfeito:** reavia, reavias, reavia, reavíamos, reavíeis, reaviam; **pretérito mais-que-perfeito:** reouvera, reouveras, reouvera, reouvéramos, reouvéreis, reouveram; **futuro do presente:** reaverei, reaverás, reaverá, reaveremos, reavereis, reaverão; **futuro do pretérito:** reaveria, reaverias, reaveria, reaveríamos, reaveríeis, reaveriam.

Modo Subjuntivo:

Pretérito imperfeito: reouvesse, reouvesses, reouvesse, reouvéssemos, reouvésseis, reouvessem; **futuro:** reouver, reouveres, reouver, reouvermos, reouverdes, reouverem.

Resumindo: Com o REAVER, basta pensar da seguinte forma: memorizar em que tempos aparece a sua defectividade – presente do indicativo e presente do subjuntivo; nos outros tempos, lembrar que ele se conjuga como o verbo HAVER.

8.3.2. Precaver

Modo Indicativo:

No presente do indicativo só possui *nós* e *vós (precavemos* e *precaveis*). Em função disso, também não possui o presente do subjuntivo. Nos outros tempos do Indicativo: **pretérito perfeito:** precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram; **pretérito imperfeito:** precavia, precavias, precavia, precavíamos, precavíeis, precaviam; **pretérito mais-que-perfeito:** precavera, precaveras, precavera, precavêramos, precavêreis, precaveram; **futuro do presente:** precaverei, precaverás, precaverá, precaveremos, precavereis, precaverão; **futuro do pretérito:** precaveria, precaverias, precaveria, precaveríamos, precaveríeis, precaveriam.

Modo Subjuntivo:

Pretérito imperfeito: precavesse, precavesses, precavesse, precavêssemos, precavêsseis, precavessem; **futuro:** precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.

Resumindo: O PRECAVER é ainda mais fácil que o REAVER: memorize em que tempos ele é defectivo (presente do indicativo e presente do subjuntivo) e nos outros tempos, observe que ele é um verbo regular. Logo, pense em outro regular: BEBER. Só não confunda o PRECAVER com o VER! Logo, no imperfeito do subjuntivo, por exemplo, será se eu me precavesse (como se eu bebesse), e não se eu me precavisse (seria assim se ele se conjugasse como o verbo VER).

Por fim, imaginamos que seria mais prático para o aluno se ele obtivesse uma lista de outros verbos irregulares que aparecem muito nas provas. Aconselhamos que você os conjugue da seguinte forma:

1. Comece pelo presente do indicativo e vá ao presente do subjuntivo, lembrando que o segundo deriva da primeira pessoa do singular do primeiro.
2. Depois vá ao pretérito perfeito. Partindo da 3ª pessoa do plural, chegue ao pretérito mais--que-perfeito, imperfeito do subjuntivo e futuro do subjuntivo.
3. Por fim, conjugue os que faltaram: pretérito imperfeito do indicativo, futuro do presente e futuro do pretérito. Lembre-se de que eles derivam do infinitivo. Como os verbos que você vai conjugar são os irregulares, vale observar que esses três tempos, ao saírem do infinitivo, apresentarão irregularidades. Quero dizer que muitos deles não apresentarão os radicais exatamente como eram no infinitivo. Mas então aproveite essas dicas: para conjugar o imperfeito do indicativo, use o advérbio *antigamente* (*antigamente eu dizia*, *antigamente eu valia*...); para conjugar o futuro do presente, use o advérbio *amanhã* (*amanhã eu direi*, *amanhã eu valerei*); quanto ao futuro do pretérito, lembre-se de acrescentar a desinência *–ria* (*eu diria*, *eu valeria*...).

Vamos à lista.

8.4. OUTROS VERBOS IRREGULARES QUE MERECEM UM CUIDADO ESPECIAL

8.4.1. Agredir

Modo Indicativo:

Presente: agrido, agrides, agride, agredimos, agredis, agridem; **pretérito perfeito:** agredi, agrediste, agrediu, agredimos, agredistes, agrediram; **pretérito imperfeito:** agredia, agredias, agredia, agredíamos, agredíeis, agrediam; **pretérito mais-que-perfeito:** agredira, agrediras, agredira, agredíramos, agredíreis, agrediram; **futuro do presente:** agredirei, agredirás, agredirá, agrediremos, agredireis, agredirão**: futuro do pretérito:** agrediria, agredirias, agrediria, agrediríamos, agrediríeis, agrediriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: agrida, agridas, agrida, agridamos, agridais, agridam; **pretérito imperfeito:** agredisse, agredisses, agredisse, agredíssemos, agredísseis, agredissem; **futuro:** agredir, agredires, agredir, agredirmos, agredirdes, agredirem.

Como o verbo agredir, conjugam-se – apesar de não se parecerem com ele – cerzir, denegrir, prevenir, progredir, regredir, transgredir (assim, se é *eu agr**i**do*, será eu *c**i**rzo, den**i**gro, prev**i**no, progr**i**do, regr**i**do, transgr**i**do.* Observe que, nesses verbos, o *e* do radical vira *i,* em todas as pessoas do presente do indicativo, exceto em *nós* e *vós*, e em todo o

presente do subjuntivo. Nos outros tempos, esses verbos são regulares).

8.4.2. Ferir

Modo Indicativo:

Presente: firo, feres, fere, ferimos, feris, ferem; **pretérito perfeito:** feri feriste, feriu, ferimos, feristes, feriram; **pretérito imperfeito:** feria, ferias, feria, feríamos, feríeis, feriam; **pretérito mais-que-perfeito:** ferira, feriras, ferira, feríramos, feríreis, feriram; **futuro do presente:** ferirei, ferirás, ferirá, feriremos, ferireis, ferirão; **futuro do pretérito:** feriria, feririas, feriria, feriríamos, feriríeis, feririam.

Modo Subjuntivo:

Presente: fira, firas, fira, firamos, firais, firam; **pretérito imperfeito:** ferisse, ferisses, ferisse, feríssemos, ferísseis, ferissem; **futuro:** ferir, ferires, ferir, ferirmos, ferirdes, ferirem.

Como o verbo ferir, conjugam-se – apesar de não se parecerem com ele – aderir, advertir, aferir, aspergir, assentir, auferir, compelir, competir, consentir, deferir, digerir, discernir, divergir, expelir, preferir, prosseguir, vestir, referir, repelir, repetir, ressentir. Assim, se é *eu firo*, será *eu adiro, advirto, afiro, aspirjo, assinto, aufiro, compilo, compito, consinto, defiro, digiro, discirno*... Observe que, com esses verbos, o *e* do radical vira *i,* somente na 1ª pessoa do presente do indicativo e em todo o presente do subjuntivo. Nos outros tempos, esses verbos são regulares.

8.4.3. Fugir

Modo Indicativo:

Presente: fujo, foges, foge, fugimos, fugis, fogem; **pretérito perfeito:** fugi, fugiste, fugiu, fugimos, fugistes, fugiram; **pretérito imperfeito:** fugia, fugias, fugia, fugíamos, fugíeis, fugiam; **pretérito mais-que-perfeito:** fugira, fugiras, fugira, fugíramos, fugíreis, fugiram; **futuro do presente:** fugirei, fugirás, fugirá, fugiremos, fugireis, fugirão; **futuro do pretérito:** fugiria, fugirias, fugiria, fugiríamos, fugiríeis, fugiriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: fuja, fujas, fuja, fujamos, fujais, fujam; **pretérito imperfeito:** fugisse, fugisses, fugisse, fugíssemos, fugísseis, fugissem; **futuro:** fugir, fugires, fugir, fugirmos, fugirdes, fugirem.

Como o verbo fugir, conjugam-se – apesar de também não se parecerem com ele – acudir, bulir, consumir, cuspir, desentupir, entupir, escapulir, sacudir, subir, sumir. Assim, se é *eu fujo*, será *eu acudo, eu bulo, eu consumo, eu cuspo*... Observe que, com esses verbos, o *u* do radical vira *o,* somente nas 2ª e 3ª pessoas do singular e 3ª pessoa do plural do presente do indicativo; nos outros tempos, esses verbos são regulares.

8.4.4. Crer

Modo Indicativo:

Presente: creio, crês, crê, cremos, credes, creem; **pretérito perfeito**: cri, creste, creu, cremos, crestes, creram; **pretérito imperfeito:** cria, crias, cria, críamos, críeis, criam; **pretérito mais-que-perfeito**: crera, creras, crera, crêramos, crêreis, creram; **futuro do presente:** crerei, crerás, crerá, creremos, crereis, crerão; **futuro do pretérito**: creria, crerias, creria, creríamos, creríeis, creriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: creia, creias, creia, creiamos, creiais, creiam; **pretérito imperfeito:** cresse, cresses, cresse, crêssemos, crêsseis, cressem; **futuro:** crer, creres, crermos, crerdes, crerem.

Como o verbo crer, conjugam-se os verbos descrer, ler e reler. Assim, se é *eu creio*, será *eu descreio, eu leio, eu releio*… Observe o pretérito perfeito do verbo *crer*, alguns alunos estranham as formas *eu cri* e *ele creu*.

8.4.5. Ir

Modo Indicativo:

Presente: vou, vais, vai, vamos, ides, vão; **pretérito perfeito:** fui, foste, foi, fomos, fostes, foram; **pretérito imperfeito:** ia, ias, ia, íamos, íeis, iam; **pretérito mais-que-perfeito:** fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram; **futuro do presente:** irei, irás, irá, iremos, ireis, irão; **futuro do pretérito:** iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: vá, vás, vá, vamos, vades, vão; **pretérito imperfeito:** fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem; futuro: for, fores, for, formos, fordes, forem.

O verbo ir é chamado de anômalo, pois possui mais de um radical quando é conjugado. Daí, ele necessitar de um estudo isolado. Quanto a esse verbo, valem três recados:

1. No presente do indicativo e no presente do subjuntivo, nós e eles possuem formas idênticas: não estranhe. Assim, no presente do indicativo teríamos uma frase do tipo: nós sempre vamos à biblioteca. Da mesma forma, no presente do subjuntivo, seria nossos pais querem que nós vamos à biblioteca.

2. Não confunda a forma vós ides no presente do indicativo com vós vades no presente do subjuntivo. Assim, teríamos: vós ides à biblioteca sempre? (presente do indicativo); e desejo que vós vades à biblioteca com mais frequência (presente do subjuntivo).

3. Atenção também com o verbo VIR, para não confundir a 1ª pessoa do plural do presente do indicativo (nós vimos) com a 1ª pessoa do plural do pretérito perfeito (nós viemos). A troca de uma forma pela outra é muito comum, como em frases do tipo: hoje nós "viemos" aqui, e não hoje nós vimos aqui.

8.4.6. Haver

Modo Indicativo:

Presente: hei, hás, há, havemos ou hemos, haveis ou heis, hão; **pretérito perfeito:** houve, houveste, houve, houvemos, houvestes, houveram; **pretérito imperfeito:** havia, havias, havia, havíamos, havíeis, haviam; **pretérito mais-que-perfeito:** houvera, houveras, houvera, houvéramos, houvéreis, houveram; **futuro do presente:** haverei,

haverás, haverá, haveremos, havereis, haverão; **futuro do pretérito:** haveria, haverias, haveria, haveríamos, haveríeis, haveriam.

Modo do Subjuntivo:

Presente: haja, hajas, haja, hajamos, hajais, hajam; **pretérito imperfeito:** houvesse, houvesses, houvesse, houvéssemos, houvésseis, houvessem; **futuro:** houver, houveres, houver, houvermos, houverdes, houverem.

Muitos estranham a conjugação do verbo HAVER, pois não estão acostumados a conjugá-lo. Isso ocorre porque esse verbo é muito usado com o sentido de existir e, com esse sentido, de fato, ele só se conjuga na 3ª pessoa do singular (há, houve, havia, haverá). Assim, teríamos: havia muitas pessoas na festa (haver com sentido de existir).

Entretanto, ele se conjugará normalmente se apresentar outros sentidos. Observe: "Houvemos por bem convidar os amigos para o jantar" (aqui, o haver significa dignar-se, julgar oportuno); "Elas se houveram bem sem empregada" (nesse caso, haver é pronominal e tem sentido de portar-se); "Eles haviam estudado todo o assunto" (aqui, o haver é auxiliar de uma locução verbal, conjugando-se normalmente em todas as pessoas).

Vamos exercitar e juntar todos os conceitos para conjugar os verbos a seguir.

Complete as frases abaixo, com os verbos solicitados entre os parênteses.

1. Para que todos _____ bem confortáveis, alugaremos um ônibus. (VIAJAR, presente do subjuntivo)

Comentários: Vá à 1ª pessoa do presente do indicativo: *eu viajo*, extraia o ***o***, utilize o radical para acrescentar as novas desinências: *que eu viaje*, *que tu viajes*, *que ele viaje*...

Resposta: viajem.

2. Ontem eles _____ todo o dinheiro roubado. (REAVER, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: Lembre-se de que no pretérito perfeito o REAVER se conjuga como o HAVER. Assim, se é *eles houveram*, será *eles reouveram*, e não "*reaveram*".

Resposta: reouveram.

3. O juiz não _____ na briga entre os jogadores. (INTERVIR, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: O verbo intervir é derivado de vir. Portanto, se é ele veio, será ele interveio, e não interviu!

Resposta: interveio.

4. Quando ele nos _____, poderá entregar-nos a encomenda. (VER, futuro do subjuntivo)

Comentários: Aqui, todo mundo fica na dúvida: quando *ele ver* ou quando *ele vir*? Ora, é só lembrar que o futuro do subjuntivo deriva do pretérito perfeito. O pretérito perfeito é *eu vi*, *tu viste*..., *eles viram*; logo, o futuro do subjuntivo será *quando eu vir*, *quando tu vires*, *quando ele vir*...

Resposta: vir.

5. Eles ficarão felizes quando nós _____ esta reformulação. (PROPOR, futuro do subjuntivo)

Comentários: propor vem do pôr. Logo, se é quando *eu puser*, *quando tu puseres*, *quando ele puser*, será *quando*

eu propuser, *quando tu propuseres*, *quando ele propuser*, e não *quando eu "propor", quando tu "propores", quando ele "propor"…*

Resposta: propusermos.

6. Eles não _____ os fugitivos. (DETER, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: deter vem do ter. Assim, se é *eu tive, tu tiveste, ele teve*, será *eu detive, tu detiveste, ele deteve,* e não *ele "deteu"*.

Resposta: detiveram.

7. O aluno _____ o adiantamento das provas. (REQUERER, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: Não pense no querer! requerer, no pretérito perfeito, se conjuga como o BEBER: *ele bebeu = ele requereu*, e não *ele "requis"*.

Resposta: requereu.

8. Eles só _____ paciência com os mais velhos. (TER, presente do indicativo)

Comentários: Aqui, é só lembrar: no singular, é sem acento – ele tem –, mas o plural, para diferenciar do singular, é com acento circunflexo: o acento diferencial de número.

Resposta: têm.

9. Eu não _____ tanto. (VALER, presente do indicativo)

Comentários: O verbo valer na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo apresenta uma irregularidade: o ***l*** vira ***lh*** (eu valho). O presente do subjuntivo, por ser derivado, herdará a mesma irregularidade (*que eu valha, que tu valhas, que ele valha…*

Resposta: valho.

10. Estes homens _____ de um lugar distante. (PROVIR, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: O verbo provir deriva do vir. Logo, se é *eu vim, tu vieste, ele veio*, será *eu provim, tu provieste, ele proveio.*

Resposta: provieram.

11. Ele só virá, quando nós lhe _____ a verdade. (DIZER, futuro do subjuntivo)

Comentários: Caso você não saiba como é o futuro do subjuntivo do verbo dizer, basta ir ao pretérito perfeito, seu tempo primitivo. Assim, no pretérito perfeito, temos *eles disseram*, logo teremos no futuro do *subjuntivo quando eu disser*, *quando tu disseres, quando ele disser…*

Resposta: dissermos.

12. Seria necessário que eles _____ o mesmo ritmo. (MANTER, pretérito imperfeito do subjuntivo)

Comentários: O verbo manter deriva do ter. Assim, o imperfeito do subjuntivo *é se eu tivesse, se tu tivesses, se ele tivesse*, então, com o *manter*, será *se eu mantivesse, se tu mantivesses, se ele mantivesse...*

Resposta: mantivessem.

13. Só entendi o que os brasileiros _____ (EXPOR, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: O verbo expor deriva do pôr. Logo, se o pretérito perfeito do pôr é *eu pus, tu puseste, ele pôs...*, o pretérito perfeito do expor será *eu expus, tu expuseste, ele expôs*.

Resposta: expuseram.

14. Preciso que tu _____ até a minha casa. (IR, presente do subjuntivo)

Comentários: Lembre-se: *que eu vá, que tu vás, que ele vá...*

Resposta: vás.

15. Aqui eu não _____ (CABER, presente do indicativo)

Comentários: O verbo caber possui uma irregularidade na 1ª pessoa do presente do indicativo e em todo o presente do subjuntivo: o ***a*** do radical recebe um ***i***. Assim, temos: *eu caibo, tu cabes, ele cabe... que eu caiba, que tu caibas, que ele caiba...*

Resposta: caibo.

16. Ele quer que nós _____ outro livro. (LER, presente do subjuntivo)

Comentários: O verbo ler conjuga-se como o crer: *que eu creia, que tu creias, que ele creia = que eu leia, que tu leias, que ele leia...*

Resposta: leiamos.

17. Eu _____ que todos viriam à reunião. (SUPOR, pretérito imperfeito do indicativo)

Comentários: supor conjuga-se como o pôr. Como o que se quer é o pretérito imperfeito do indicativo do verbo *supor*, basta conjugarmos o *pôr*: "antigamente" *eu punha, tu punhas, ele punha*. Logo, será "antigamente" *eu supunha, tu supunhas, ele supunha...*

Resposta: supunha.

18. Nós _____ até aqui hoje, pois ontem não foi possível. (VIR, presente do indicativo)

Comentários: Lembre-se: *hoje nós vimos*, *ontem nós viemos*. Parece confuso, porque é idêntico ao verbo ver no pretérito perfeito! Veja só: *hoje nós vimos à sua casa* – **vir** no presente do indicativo; *ontem nós vimos o seu irmão na rua* – **ver** no pretérito perfeito.

Resposta: vimos.

19. Ontem nós não _____ à aula. (VIR, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: Não confundir o presente do indicativo do verbo *vir* (vimos) com o pretérito perfeito do verbo *vir* (viemos).

Resposta: viemos.

20. Se eles _____ e não te _____, retornarão chateados. (VIR e VER, presente do indicativo)

Comentários: O verbo vir na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo é *ele vem*, e a 3ª pessoa do plural recebe acento circunflexo: *eles vêm*. Já o verbo ver no presente do indicativo é *ele vê*, *eles veem* – a 3ª pessoa do plural perdeu o acento circunflexo – antes era *vêem* – em função do Novo Acordo Ortográfico.

Resposta: vêm/veem.

21. Vós _____ com quem desejais. (IR, presente do indicativo)

Comentários: Não confundir o presente do indicativo do verbo *ir* (vós ides) com o presente do subjuntivo do verbo *ir* (vós vades).

Resposta: ides.

22. Todos esperamos que vós _____ conosco. (IR, presente do subjuntivo)

Comentários: Lembre-se de não confundir o presente do indicativo – *hoje vós ides pelo bom caminho* – com o presente do subjuntivo – *espero que vós vades pelo bom caminho*.

Resposta: vades.

23. Esperava-se que eles _____ a casa com o necessário. (PROVER, imperfeito do subjuntivo)

Comentários: Atenção, o prover só se conjuga como o ver nos tempos do presente. Nos outros tempos, ele é como o beber. Logo, se é *esperava-se que eles bebessem*, será *esperava-se que eles provessem*, e não "*provissem"*, se ele seguisse o verbo *ver*.

Resposta: provessem.

Agora, algumas questões de concursos comentadas:

1. (FGV/Oficial de Cartório/2008) "Se interviessem, implodiriam as contas públicas". Assinale a alternativa que apresente erro em uma das formas verbais.

a) Se o comando reouvesse o prestígio, os criminosos desistiriam.

b) Se os policiais requisessem maiores salários, tudo se arrumaria.

c) Se os criminosos se acovardassem, a polícia os deteria.

d) Se os jornais proviessem de fora, as notícias entreteriam mais.

e) Se as autoridades quisessem, nada disso se faria.

Comentários:

Na letra A, temos o verbo **reaver**, que nos tempos em que é conjugado, segue o verbo **haver**. Ora, se fosse o **haver**, seria *se o comando houvesse*, logo, será *se o comando reouvesse*.

A letra B traz o verbo **requerer**, que não segue o **querer**, e sim um verbo regular como o **beber**. Logo, não é *se os policiais requisessem* – seria assim se fosse como o **querer** – e sim *se os policiais requeressem*.

A letra C apresenta um verbo regular – **acovardar-se** – no imperfeito do subjuntivo, 3ª pessoa do plural, corretamente conjugado.

A letra D apresenta o verbo **provir**, que se conjuga como o **vir**. Ora, se fosse o **vir**, seria *se os jornais viessem*; como é o **provir**, será *se os jornais proviessem.*

A letra E apresenta o verbo **querer**, um verbo irregular, corretamente conjugado no imperfeito do subjuntivo, 3ª pessoa do plural.

Resposta: B.

2. (Cesgranrio/Petrobras) O verbo grifado está corretamente flexionado na frase:

a) Empresários do agronegócio <u>manteram-se</u> atentos às previsões de escassez de chuvas.

b) Técnicos do governo <u>creem</u> que serão resolvidos os conflitos entre investidores e ambientalistas.

c) O governo, atento às instáveis condições do mercado, <u>interviu</u> na cotação do dólar.

d) Como <u>sobreviram</u> contratempos, foi inevitável a quebra da safra de grãos no ano passado.

e) Técnicos <u>preveram</u> queda na arrecadação, devido às elevadas taxas de juros.

Comentários:

A letra A está errada. O verbo **manter** conjuga-se como o **ter**. Ora, se fosse o **ter**, seria *os empresários tiveram*, logo deve ser *os empresários mantiveram-se.*

A letra B está correta. Segundo o Novo Acordo Ortográfico, o 1º **e** dos verbos **crer, dar, ler e ver** perde o acento circunflexo.

A letra C traz o verbo **intervir**, que se conjuga como o **vir**, e não como o **ver.** Logo, é *interveio* e não *interviu*.

A letra D apresenta o verbo **sobrevir**, que também se conjuga como o **vir** e não como o **ver**. Por isso, o correto é *sobrevieram* e não *sobreviram*.

Na letra E, tem-se o verbo **prever**, que se conjuga como o **ver** – *previram*, e não *preveram*.

Resposta: B.

3. (Cesgranrio/Petrobras) "Para que se DIGA...","que o governo GARANTA...". Se em lugar dos verbos destacados, tivéssemos, respectivamente, os verbos PROVER e INTERVIR, as formas correspondentes seriam:

a) proveja / intervinha

b) prove / interveja

c) provenha / intervisse

d) proveja / intervenha

e) provenha / interveja

Comentários:

Nesta questão, busca-se a conjugação dos verbos **prover** e **intervir** no presente do subjuntivo. Ora, neste tempo verbal em questão, o verbo **prover** se conjuga como o **ver**. Se fosse o verbo **ver**, seria *que se veja*; logo, com o **prover** será *que se proveja*. Já o verbo **intervir** conjuga-se como o **vir** em todos os tempos. Assim, se fosse o **vir**, seria *que o governo venha*, logo, com o **intervir**, será *que o governo intervenha*.

Resposta: D.

Agora que você já aprendeu a correlação entre tempos primitivos e derivados, bem como a lógica de verbos que se conjugam como outros, precisamos dar uma especial atenção aos verbos de terminação -ear/-iar, que aparecem muito em concursos. Eles ensejam dúvidas do tipo: eu maqueio ou eu maquio? Eu penteio ou eu pentio? Ele freiou ou freou o carro?

8.5. VERBOS EM -EAR

Todos os verbos terminados em **-ear** são **irregulares**, pois recebem um ***i*** nas formas da 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular e 3ª pessoa do plural do **presente do indicativo** e do **presente do subjuntivo.** Nos outros tempos, a conjugação desses verbos terminados em **-ear** é regular.

Exemplo: ARREAR (= pôr os arreios)

• Presente do indicativo: arre**i**o, arre**i**as, arre**i**a, arreamos, arreais, arre**i**am.

• Presente do subjuntivo: arre**i**e, arre**i**es, arre**i**e, arreemos, arreeis, arre**i**em.

Repare que nas formas **nós** e **vós** não há a presença do **i**.

Por esse modelo conjugam-se cear, passear, recear, semear, macaquear, estrear...

O verbo estrear, **pelo Novo Acordo Ortográfico**, perdeu o acento agudo: estre**i**o, estre**i**as, estre**i**a, estreamos, estreais, estre**i**am. / estre**i**e, estre**i**es, estre**i**e, estreemos, estreeis, estre**i**em.

8.6. VERBOS EM -IAR

Os verbos terminados em **-iar** são regulares.

Exemplo: arriar (= abaixar-se)

• Presente do indicativo: arrio, arrias, arria, arriamos, arriais, arriam.

• Presente do subjuntivo: arrie, arries, arrie, arriemos, arrieis, arriem.

Por esse modelo, conjugam-se copiar, adiar, maquiar, negligenciar, premiar...

Há, porém, cinco verbos em -iar que recebem a letra ***e*** nas formas da 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular e 3ª pessoa do plural do **presente do indicativo** e do **presente do subjuntivo.** São eles: **m**ediar, **a**nsiar, **r**emediar, **i**ncendiar, **o**diar.

As letras iniciais desses verbos formam o nome Mario.

O verbo INTERMEDIAR é derivado de MEDIAR, portanto, se conjuga por este.

Exemplo: mediar

• Presente do indicativo: med**e**io, med**e**ias, med**e**ia, mediamos, mediais, med**e**iam.

• Presente do subjuntivo: med**e**ie, med**e**ies, med**e**ie, mediemos, medieis, med**e**iem.

Nas formas **nós** e **vós** não há a presença do **e**.

Por esse modelo conjugam-se intermediar, ansiar, remediar, incendiar e odiar.

Resumindo: Todos os verbos terminados em -ear e os cincos verbos em -iar recebem um (EI) nas formas da 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular e da 3ª pessoa do plural nos tempos do PRESENTE.

A seguir, algumas questões de concursos comentadas:

1. **(Fundação Euclides da Cunha/TRF)** Na oração "como o que Bush experimentou ao **nomear** Harvey Pitt", o verbo **nomear** foi usado na forma do infinitivo. Se usado em uma forma finita, este verbo e todos os outros terminados em **-ear**, bem como alguns terminados em **-iar**, apresentam formas ditongadas e não ditongadas, segundo a norma culta da língua. Considerando essa característica de flexão, está incorreta a forma usada na frase:

a) É conveniente que hasteemos a bandeira da moralidade nos negócios públicos.

b) Um dirigente que demonstre competência não receia enfrentar problemas de gerenciamento.

c) As sociedades anseiam por dirigentes que primem pela competência e moralidade.

d) O presidente Bush freiou a iniciativa espúria de Harvey Pitt.

e) Uma ação sensata do presidente sempre remedeia possíveis situações constrangedoras.

Comentários:

Nas letras A e B, os verbos hastear e recear possuem a terminação -ear. O verbo hastear, por estar na 1ª pessoa do plural do presente do subjuntivo, não recebe a letra ***i***. Já o verbo recear, por estar na 3ª pessoa do singular, recebe essa mesma letra.

Nas letras C e E, aparecem os verbos ansiar e remediar, que terminam em -iar. Esses verbos fazem parte do Mario. Como estão conjugados, respectivamente, na 3ª pessoa do plural e 3ª pessoa do singular do presente do indicativo recebem a letra ***e***.

Na letra D, o verbo frear não está conjugado nos tempos do presente, logo não recebe a letra ***i***. O verbo frear, no pretérito perfeito, se conjuga da seguinte forma: freei, freaste, freou, freamos, freastes, frearam.

Resposta: D.

2. (NCE-UFRJ/Oficial de Justiça) "Para outras, é apenas o prazer de saber que a distância não mais **cerceia** a comunicação, por boba que seja."; a frase abaixo em que há uma forma, ligada aos verbos terminados em -ear, grafada erradamente é:

a) É perigoso que passeiemos à noite.

b) A civilização sofre freadas em seu progresso.

c) O homem receoso não luta pela liberdade.

d) Todos nós ceamos no Natal.

e) É injusto que os países totalitários cerceiem a comunicação.

Comentários:

A letra A apresenta o verbo passear flexionado na 1ª pessoa do plural do presente do subjuntivo. Nessa forma, vimos que não há a presença da letra ***i***. A forma correta seria passeemos.

Na letra B, o verbo frear não aparece conjugado nos tempos do presente, e sim na forma de particípio. Daí não receber a letra **i**.

Na letra C, receoso é adjetivo. Não confundir com RECEIO, substantivo.

Na letra D, o verbo cear aparece na 1ª pessoa do plural, que não recebe a letra ***i***. Já na letra E, o verbo cercear está flexionado na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo, que recebe a letra ***i***. Formas corretas, portanto.

Resposta: A.

3. (Cesgranrio/Petrobras) A forma verbal em negrito não está conjugada corretamente em:

a) A natureza **premia** com felicidade ou infelicidade.

b) É importante que **nomeiem** logo o diretor.

c) Chegue cedo para que **principiemos** a reunião na hora.

d) O ser humano **anseia** por uma felicidade perene.

e) O professor **incendia** o debate com perguntas polêmicas.

Comentários:

Nas letras A, C, D e E, aparecem verbos em -iar. Com essa terminação, vimos que são cinco os verbos que recebem a letra ***e*** nas formas da 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular e 3ª pessoa do plural nos tempos do presente (do indicativo e do subjuntivo). Os verbos premiar e principiar não pertencem ao Mario, portanto, não recebem a letra ***e***.

Nas opções D e E, os verbos ansiar e incendiar pertencem a esse grupo. Logo, o verbo INCENDIAR, na 3ª pessoa do singular, é *incendeia*.

Na letra B, o verbo nomear pertence à terminação -ear, recebendo um ***i*** na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo.

Resposta: E.

Ainda em conjugação verbal, é necessário que se aprenda a identificar os tempos compostos. Aprender a conjugá-los é simples, pois o que se memoriza para os tempos compostos do indicativo vale também para o subjuntivo. Vamos a eles.

8.7. TEMPOS COMPOSTOS

Formam-se com os auxiliares **TER** ou **HAVER** mais **Particípio**.

Na maioria dos casos, o nome do tempo composto quem determina é o verbo auxiliar.

No Indicativo:

Terei falado. **(futuro do presente composto)**

Teria falado. **(futuro do pretérito composto)**

Ter falado. **(infinito composto)**

Tendo falado. **(gerúndio composto)**

No Subjuntivo:

Tiver falado. **(futuro composto)**

No entanto, merecem atenção especial duas formas:

1. **Pretérito perfeito composto**: verbo auxiliar no presente mais o particípio.

   Indica a repetição ou continuidade de um fato iniciado no passado até o presente.

   Tem falado, **tenho** contado...

2. **Pretérito mais-que-perfeito composto**: verbo auxiliar no imperfeito mais particípio.

   É empregado como o simples, para expressar um fato já concluído antes de outro também no passado.

Tinha falado, **havia** falado, **tinha** contado...

Repare que, nessas formas, o nome do tempo composto não corresponde ao verbo auxiliar. Em concurso, quando o assunto é tempo composto, esses são os tempos mais pedidos.

Vamos a três questões de concurso que falam do assunto:

1. **(Técnico Judiciário/TJ)** "... que realmente **havia levado** a máquina para casa..."; a forma verbal em destaque equivale a:

   a) levava

   b) levou

   c) leva

   d) levara

   e) levasse

   Comentários:

   A forma verbal havia levado traz o verbo auxiliar (haver) no pretérito imperfeito, caracterizando, assim, o pretérito mais-que-perfeito do indicativo, que equivale à forma simples desse mesmo tempo.

   Resposta: D.

2. **(Auxiliar Judiciário/TJ)** "Publicidade oficial **tem sido**, quase sempre...". O emprego do tempo verbal destacado expressa:

   a) uma ação ou estados permanentes ou assim considerados.

   b) um fato futuro, mas próximo.

   c) uma ação passada habitual ou repetida.

   d) uma ação produzida em certo momento do passado.

   e) a continuidade de um ato até o presente.

   Comentários:

   A forma destacada no enunciado tem o verbo auxiliar (ter) no presente do indicativo, o que caracteriza o pretérito perfeito do indicativo. Embora o auxiliar esteja no presente, repare que a ideia tem início no passado e vem até o momento presente. Se "Publicidade oficial tem sido, quase sempre...", é porque essa ação *vem ocorrendo*, ou seja, não terminou no passado, se prolonga até o presente.

   Resposta: E.

3. **(FGV/Perito Criminal da Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro/2008)** "O público brasileiro tem ouvido,

com alguma frequência, notícias a respeito de possível rebelião de países vizinhos contra aquilo que seus governantes chamam de dívidas ilegítimas."

No trecho acima, as formas verbais estão, respectivamente, no:

a) presente do indicativo e presente do indicativo.

b) presente do indicativo e presente do subjuntivo.

c) presente do subjuntivo e presente do indicativo.

d) pretérito perfeito do indicativo e presente do subjuntivo.

e) pretérito perfeito do indicativo e presente do indicativo.

Comentários:

Trata-se de uma questão que busca a identificação dos tempos das formas verbais *tem ouvido* e *chamam.* Muitos alunos que erraram a questão marcaram a letra A, pois não perceberam que o verbo *ter* vinha seguido de particípio, formando, assim, um tempo composto. Ora, se o auxiliar vem no presente do indicativo mais particípio, estamos diante do pretérito perfeito composto do indicativo, enquanto a forma *chamam* está no presente do indicativo. Atente ao fato de que a banca também não menciona pretérito perfeito *composto*, e sim pretérito perfeito, o que torna a questão mais difícil.

Resposta: E.

Hoje, é muito comum que as provas contenham questões que requerem do aluno a conjugação de verbos no imperativo. Vamos recordar?

8.8. FORMAÇÃO DO IMPERATIVO

Quando aparecem verbos que denotam *ordem, pedido, desejo, súplica,* temos o modo **imperativo**, que se forma da seguinte maneira:

1. **Afirmativo**:

- **tu** e **vós**: retiradas do presente do indicativo com a supressão do ***S*** final.

Fala (tu), falai (vós).

- **você, nós e vocês*:*** retiradas do presente do subjuntivo sem alteração.

Fale (você), falemos (nós), falem (vocês).

Obs.:

1) Verbo ser: Sê tu / Sede vós;

2) Terminação -zer / -zir: faze ou faz tu;

Conduze ou conduz tu.

2. **Negativo**: conjugação igual à do presente do subjuntivo, acrescentando-se a negativa antes da forma verbal.

Não fales tu, não fale você, não falemos nós, não faleis vós, não falem vocês.

Simples, não é? Então, vamos às questões. Há aquelas que só pedem que o candidato reconheça o modo imperativo nas frases, como a que se tem a seguir:

1. (FCC/TRF – 5ª Região) … **respeite** pai e mãe…

O verbo flexionado de modo idêntico ao do destaque acima está também grifado na frase:

a) Todos desejavam que o recém-chegado se comportasse de acordo com os costumes locais.

b) Esperava-se aceitação bem maior das novas determinações estabelecidas pela instituição.

c) Leia este manual com bastante atenção, para conhecimento das normas de convivência da empresa.

d) Sempre se soube que a organização de um grupo depende de regras, respeitadas por seus integrantes.

e) É preciso que se observem as normas, para garantir uma convivência agradável em qualquer ambiente.

Comentários:

Na frase retirada do texto, observamos a presença do verbo respeitar (respeite) que denota uma ordem, um pedido. Temos aí a forma do imperativo afirmativo. Quando aparecem verbos no imperativo, o primeiro passo é observar **a pessoa**, porque, como vimos na teoria, as formas tu e vós são retiradas do presente do indicativo sem o S final. As outras formas (você, nós e vocês) são retiradas integralmente do presente do subjuntivo. Isso posto, na frase retirada do texto, o verbo (*respeite*) aparece flexionado na 3ª pessoa do singular (você). Na letra A, o verbo comportar--se está flexionado no pretérito imperfeito do subjuntivo. Na letra B, o verbo esperar aparece no pretérito imperfeito do indicativo. Na letra C, o verbo ler aparece com esse mesmo tom de imperativo (*Leia este manual…*) na 3ª pessoa do singular. Na D, o verbo depender aparece no presente do indicativo e, na E, no presente do subjuntivo.

Resposta: C.

Ainda quanto ao imperativo, há aquelas questões que trabalham na mesma frase a forma afirmativa e a negativa. Eis um exemplo:

2. (NCE-UFRJ/Ministério Público) "Recuse o convite e não troque o Brasil pela Itália."; se, em lugar da terceira pessoa, o autor do texto empregasse a segunda pessoa do singular, as formas convenientes dos verbos seriam:

a) recusa / não troca

b) recusas / não trocas

c) recusa / não troques

d) recuse / não troca

e) recuses / não trocas

Comentários:

Na frase retirada do texto, o verbo recusar aparece no imperativo afirmativo (3ª pessoa do singular) e o verbo trocar no imperativo negativo, antecedido do advérbio de negação *não*. O comando da questão pede para empregar a 2ª pessoa do singular. No imperativo afirmativo, as segundas pessoas (tu e vós) são retiradas do **presente do indicativo** sem o S final. Com o verbo recusar, então, ficaria recusa. Como o imperativo negativo é retirado integralmente do **presente do subjuntivo**, a 2ª pessoa do singular seria troques.

Resposta: C.

3. (FGV) Quase Nada

(Fábio Moon e Gabriel Bá. *Folha de São Paulo*, 28 de dezembro de 2008.)

Assinale a alternativa com correta passagem da fala do segundo quadrinho para o plural.

a) Acordais, gatos.

b) Acordai, gatos.

c) Acordem, gatos.

d) Acordeis, gatos.

e) Acordei, gatos.

Comentários:

Inicialmente, é preciso descobrir em que pessoa foi conjugada a forma de imperativo "acorda", presente no 2º quadrinho. Ora, *acorda* é 2ª pessoa do singular – tu – presente do indicativo, sem o s. Assim, como o enunciado pede que se transponha a fala para o plural – vós, temos que ir também ao presente do indicativo e extrair o s: *acordai*.

Resposta: B.

4. (FGV/Senado Federal – Analista Legislativo – Tradução e Interpretação/2008) "Mudar para vencer! *Muda, Brasil!*', grita entusiasmado."

Assinale a alternativa em que se tenha a correta passagem para o plural e para a negativa da forma verbal do trecho grifado acima.

a) Não mudas, Brasil!

b) Não mudais, Brasil!

c) Não mudai, Brasil!

d) Não mudeis, Brasil!

Comentários:

A forma verbal em destaque no enunciado está no imperativo afirmativo (2ª pessoa do singular – tu). Ao se transportar ao plural – vós, no imperativo negativo (todo ele retirado do presente do subjuntivo), teremos a forma *não mudeis, Brasil!*

Resposta: D.

8.9. FORMAS NOMINAIS

Ao estudar conjugação verbal, é preciso que se dê especial atenção às **formas nominais** do verbo: infinitivo, gerúndio e particípio. São chamados de formas nominais tais tempos, porque, ao lado do seu valor verbal, podem desempenhar função de nomes (substantivo, adjetivo e advérbio).

Assim, teríamos:

Fumar é proibido.

Aqui, o infinitivo exerce papel de substantivo, pois é sujeito do verbo *ser*.

Tempo **perdido**.

Nesse caso, o particípio exerce papel de adjetivo do substantivo *tempo*.

Amanhecendo, partiremos.

Aqui, o gerúndio apresenta um valor adverbial, pois indica circunstância de tempo à forma verbal *partiremos*.

Vamos, então, estudar as formas nominais do verbo. Aproveite para observar as desinências características dessas formas, destacadas a seguir:

Infinitivo – Gerúndio – Particípio

Infinitivo: fala**r**, bebe**r**, parti**r**

Gerúndio: fala**ndo**, bebe**ndo**, parti**ndo**

Particípio: fala**do**, bebi**do**, parti**do**

Importante: O infinitivo pode ser **pessoal** ou **impessoal**.

O infinitivo **pessoal** é dividido em **flexionado** e **não flexionado**.

Infinitivo flexionado: indica o agente da ação – falar, falares, falar, falarmos, falardes, falarem.

Assim, teríamos:

Para **passares** em concurso, é preciso estudo.

Aqui, a desinência do infinitivo – **res** – indica que o agente da ação é **tu**. É um caso de infinitivo com desinência, com flexão.

Infinitivo não flexionado: apresenta uma só forma para as seis pessoas (falar).

É importante que estudemos para **passar** em concurso.

Aqui, não há desinência para a forma de infinitivo, mas inferimos pelo verbo da oração anterior – *estudemos* – que o agente do infinitivo é **nós**. Logo, tem-se um infinitivo pessoal, com sujeito, mas sem flexão. Vale lembrar que a opção por não flexão é apenas uma forma de enfatizar a ação verbal, tendo em vista que o sujeito está claramente identificado na forma verbal *estudemos*.

Observação: A flexão do infinitivo é assunto que deve ser estudado com mais profundidade em concordância verbal.

O infinitivo **impessoal** enuncia uma ação vaga, indeterminada:

É preciso **acabar** com a miséria no país.

Repare que nessa forma do verbo não há a intenção de se mostrar o agente da ação. É o infinitivo com sujeito indeterminado: o infinitivo impessoal.

Atenção: Em relação a esse assunto, o que se vê nas provas é o infinitivo em confronto com o futuro do subjuntivo. Nos verbos regulares, essas formas são idênticas. Exemplo: Infinitivo pessoal do verbo amar: amar, amares, amar, amarmos, amardes, amarem. Futuro do subjuntivo do verbo amar: amar, amares, amar, amarmos, amardes, amarem.

Logo, vem a pergunta: como não confundi-los?

Dicas:

1. Com conjunção, será sempre futuro do subjuntivo. Com preposição ou sem conectivo algum, será infinitivo.
2. Na dúvida, troque o verbo em questão por um outro irregular, que não apresente tal semelhança. Use, por exemplo, o verbo FAZER, que tem como infinitivo a forma fazer e como futuro do subjuntivo fizer.

A seguir, veremos uma questão, com um índice de erro bastante acentuado, que buscava a distinção entre as duas formas: **futuro do subjuntivo x infinitivo pessoal.**

1. (NCE/Psicólogo) … não se deve *dizer* mal de ninguém…; a frase em que a forma verbal destacada está no mesmo tempo e modo do verbo sublinhado é:

a) Quando sair para a cidade, irei de táxi.

b) Ao chegar à exposição, ficarei deslumbrado.

c) Assim que lanchar, partirei.

d) Se viajar, será de avião.

e) Logo que puder, dormirei.

Comentários:

A forma *dizer* está no infinitivo impessoal, até porque, se estivesse no futuro do subjuntivo, seria *disser*.

Nas letras A, C, D e E, os verbos estão no futuro do subjuntivo: observe a presença de conjunções *quando* (letra A) e *se* (letra D), bem como das locuções conjuntivas *assim que* (letra C) e *logo que* (letra E). Substitua mentalmente tais formas verbais por *fizer* (*quando fizer, assim que fizer, se fizer, logo que fizer*), e você terá a certeza de que elas estão no futuro do subjuntivo. Já na letra B, vemos a preposição **a** em *ao chegar*, o que indica que o verbo está no infinitivo. Basta trocar a forma verbal *chegar* por *fazer* e você terá certeza de que é infinitivo (*ao fazer*).

Resposta: B.

Além do infinitivo, convém darmos especial atenção ao uso do gerúndio, assunto muito comum nas provas de concursos públicos. Nesse caso, vale observar que o bom uso do gerúndio aconselha que o utilizemos para indicar uma ação que ocorra simultaneamente a outra, a fim de que não produza ambiguidade. Assim, teríamos:

Andava pelas ruas sorrindo.

Aqui, temos duas ações – andar e sorrir – que ocorrem ao mesmo tempo: bom uso do gerúndio.

No entanto, devemos evitar construções do tipo:

Escreveu o relatório, enviando-o ao gerente.

Nesse caso, o gerúndio está sendo utilizado para indicar uma ação posterior a outra, o que é inadequado, por suscitar a seguinte dúvida: escreveu o relatório e, ao mesmo tempo, o enviou ao gerente, ou escreveu e depois o enviou ao gerente? O melhor seria não usar o gerúndio, e sim o pretérito perfeito: *escreveu o relatório e o enviou ao gerente*.

Tal inadequação vem sendo trabalhada em algumas provas. Eis uma questão que nos servirá como exemplo:

2. (NCE/Corregedoria) "… que a roubou, ameaçando cortar a garganta do garoto". O bom uso do gerúndio requer que sua ação seja simultânea à do verbo principal, como ocorre nesse segmento do texto. Assim, é exemplo de mau uso do gerúndio a frase:

a) O assaltante gritou, abrindo a porta…".

b) O motorista acovardou-se, abaixando o vidro.

c) O assaltante entrou, sentando-se no banco traseiro.

d) O marginal ameaçou-o, mostrando a arma.

e) O motorista obedeceu, acelerando o carro.

Comentários:

Nas letras A, B, D e E, observa-se o uso do gerúndio que indica uma ação concomitante a outra. Na letra A, o assaltante grita e abre a porta ao mesmo tempo; na letra B, o motorista se acovarda e abaixa o vidro simultaneamente; na letra D, ao mesmo tempo em que o marginal ameaça, ele mostra a arma; e na letra E o motorista obedece e acelera o carro simultaneamente. Todas elas indicam um bom uso do gerúndio. Já a letra C apresenta a ação de *sentar* no gerúndio, que não é concomitante e sim posterior à ação de *entrar*: temos um uso inadequado do gerúndio. Melhor seria dizer: *o assaltante entrou e se sentou no banco traseiro*.

Resposta: C.

Para finalizar o estudo das formas nominais do verbo, vamos falar sobre o particípio. Quanto a esse assunto, vale focar dois pontos importantes:

a) Há verbos que possuem duas formas de particípio: o regular (de terminação *-do*) e o irregular (que não possui terminação *-do*). Eis alguns exemplos:

aceitar: aceitado, aceito;

entregar: entregado, entregue;

limpar: limpado, limpo;

inserir: inserido, inserto;

suspender: suspendido, suspenso;

prender: prendido, preso;

imprimir: imprimido, impresso.

O que se convém é usar a forma regular do particípio com os verbos auxiliares *ter* e *haver* e a forma irregular com os auxiliares *ser* e *estar* ou em qualquer outra hipótese. Assim, teríamos como exemplo:

Verbo aceitar: **Duplo particípio** regular (ter ou haver / tenho aceitado)

irregular (ser ou estar / foi aceito)

b) Em algumas questões, cobra-se o verbo vir e derivados nas formas do gerúndio e do particípio. Isso porque é o único verbo que tem gerúndio e particípio idênticos. Assim, teríamos:

Eu estou vindo para casa.

O verbo *vir* está no gerúndio. Basta substituí-lo por chegar: *eu estou chegando*.

Eu tenho vindo muito a este lugar.

Aqui, o verbo *vir* está no particípio. A troca por outro verbo no particípio pode ajudar você a chegar a tal constatação: *eu tenho chegado*.

Essa coincidência de formas do verbo vir no gerúndio e particípio já foi trabalhada em algumas questões de provas. Observe:

3. (NCE-UFRJ/Ministério Público) *Noticiando* é forma do gerúndio do verbo *noticiar;* a frase em que a forma verbal destacada pode não estar no gerúndio é:

a) As notícias estão chegando da Itália cada vez mais rapidamente.

b) Transformando-se o ódio em amor, acabam-se as guerras.

c) Vindo o resultado, os clientes começaram a protestar.

d) Os jogadores italianos estão reclamando dos estrangeiros.

e) O atleta viajou, completando sua missão.

Comentários:

Em todas as alternativas, exceto em uma, temos verbos que estão no gerúndio: chegando, transformando, reclamando e completando. Na letra C, vê-se o caso do verbo vir que, na frase em que se encontra, tanto pode estar no gerúndio ("Chegando o resultado...") como pode estar no particípio ("Chegado o resultado..."). Observe que, no enunciado, houve o cuidado de se afirmar que se trata de uma forma que *pode* não estar no gerúndio: a própria frase é ambígua.

Resposta: C.

Agora, vamos a uma questão que não permite ambiguidade e ilustra bem a semelhança das formas de gerúndio e particípio do verbo vir:

4. (NCE-UFRJ/Auxiliar de Cartório) Como sabemos, o morfema -NDO forma gerúndios, de que *fazendo* é um exemplo. O item em que a forma em maiúscula não corresponde a um gerúndio é:

a) CHEGANDO os corpos, será feita a autópsia.

b) Os médicos estiveram REALIZANDO exames.

c) Os poetas tinham VINDO ao sepultamento do colega.

d) TENDO tempo, todos participarão do exame.

e) Ganhará dinheiro, VENDENDO bugigangas.

Comentários:

As letras A, B, D e E apresentam verbos no gerúndio: *chegando*, *realizando*, *tendo* e *vendendo*. Na letra C, temos o verbo vir no particípio: basta substituí-lo por **chegar** – *os poetas tinham chegado*...

Resposta: C.

Bem, agora que você já aprendeu a conjugar verbos em seus tempos simples e compostos; estudou os verbos terminados em -ear/-iar; entendeu como se conjuga o imperativo; e conheceu as formas nominais do verbo (ufa...), vale complementar seus estudos com um breve passeio pela semântica dos verbos. É nesse assunto que vamos aprender como se utilizam os principais tempos verbais e perceber como as bancas trabalham esses conceitos nas provas.

8.10. A SEMÂNTICA DOS VERBOS

8.10.1. Modo Indicativo

Expressa um fato real, de maneira definida. Divide-se nos seguintes tempos:

a) Presente

É empregado para expressar um fato que ocorre no momento em que se fala.

Ex.: Guilherme **está** cansado.

É algo que ocorre no momento em que se fala.

Pode ser usado também para exprimir outras ideias:

• descrever um fato permanente.

Ex.: A Terra **gira** em torno do Sol.

• expressar um hábito.

Ex.: Fernanda **estuda** aos domingos.

• conferir realidade a fatos passados.

Ex.: Em 1.500 Cabral **descobre** o Brasil.

• indicar futuro próximo.

Ex.: **Vou** amanhã para Búzios.

b) Pretérito imperfeito

Pode ser utilizado para expressar:

• fatos repetidos, frequentes, habituais no passado.

Ex.: Quando **era** pequena, **brincava** de boneca.

Observe que as duas ações que estão no pretérito imperfeito indicam fatos frequentes no passado.

• uma ação que estava ocorrendo quando outra, geralmente no pretérito perfeito, aconteceu. Ex.: Pedro **tomava** banho quando o telefone tocou.

Temos aqui duas ações pretéritas: a ação de *tomar banho* é durativa, enquanto a ação de *o telefone tocar* é

instantânea, estando, pois, no pretérito perfeito.

• uma ação planejada, esperada, e não realizada.

Ex.: **Pretendíamos** ir até sua casa, mas não foi possível.

c) Pretérito perfeito simples

Expressa um fato que **começou e terminou** no passado, próximo ou distante.

Ex.: Conversei com Andreia hoje (passado próximo)

em 1990 (passado distante).

d) Pretérito mais-que-perfeito

É utilizado, em geral, para expressar um fato já terminado antes de outro no passado. Gosto de dizer que ele é o **passado anterior** ao pretérito perfeito.

Ex.: Ele já **estudara** quando sua namorada ligou.

Observe que há duas ações no passado: a ação de *estudar* ocorre antes da ação de *ligar*, daí ela vir no pretérito mais-que-perfeito.

e) Futuro do presente

Em geral, é usado para indicar um fato futuro em relação ao momento em que se fala. É um fato futuro, posterior ao presente.

Ex.: **Viajarei** na próxima semana.

Pode indicar também incerteza, dúvida:

Ex.: **Estaremos** aqui juntos futuramente?

f) Futuro do pretérito

É utilizado nas seguintes situações:

• para indicar um fato futuro em relação a **outro no passado**.

Ex.: Ele disse que **faria** todos os deveres.

Esse é o uso mais comum do futuro do pretérito: ele aqui vem combinado ao pretérito perfeito – *disse* – e indica uma ação futura, posterior a outra no passado.

• para expressar dúvida, incerteza.

Ex.: Quem **estaria** lá?

Perceba que tanto o futuro do presente quanto o futuro do pretérito podem, portanto, indicar dúvida, incerteza.

• para denotar desejo, em tom polido.

Ex.: **Gostaria** de um café?

Observe que, nesse caso, poderíamos até usar um verbo no presente do indicativo – *aceita um café?* – mas a frase perderia seu tom polido, educado.

8.10.2. Modo Subjuntivo

Expressa um fato incerto, duvidoso ou até irreal. Suas principais subdivisões são:

a) Presente

Pode indicar semanticamente presente ou futuro.

Exs.: É pena que eles **estejam** doentes. (possibilidade no presente)

Espero que **chova**. (hipótese no futuro)

b) Pretérito imperfeito

Expressa uma ação posterior a outro fato na oração principal.

Exs.: Duvidei que ele **terminasse** o trabalho.

Gostaria que você **trouxesse** as crianças.

Pode expressar também ideia de condição ou desejo.

Ex.: Se ele **viesse** ao clube participaria do campeonato.

c) Futuro

Indica uma ação eventual (que pode ocorrer ou não) em um momento futuro.

Ex.: Quando ele **vier** à loja, levará as encomendas.

8.11. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

Complete as frases com a forma verbal solicitada entre parênteses

1. Se _____ verdadeiro em tuas pinturas... (IR – futuro do subjuntivo)
2. Se _____ verdadeiro em vossas pinturas... (IR – futuro do subjuntivo)
3. Os pais não _____ onde deixar suas crianças. (TER – presente do indicativo)
4. Os pais só _____ as crianças quando se dispõem a brincar com elas. (ENTRETER – presente do indicativo)
5. Os pais só _____ as crianças quando voltam para casa. (REVER – presente do indicativo)
6. Os pais _____ as crianças depois que se _____ a voltar para casa. (REAVER – pretérito perfeito do indicativo / DISPOR – pretérito perfeito do indicativo)

7. Os pais não se _____ a ficar com as crianças quando estas lhes _____. (DISPOR – pretérito imperfeito do indicativo / CONTRADIZER – pretérito imperfeito do indicativo)

8. Os pais _____ as crianças quando _____ em seus maus costumes. (DESDIZER – pretérito perfeito do indicativo / INTERVIR – pretérito perfeito do indicativo)

9. Talvez no elevador do prédio não _____ mais do que cinco pessoas. (CABER – presente do subjuntivo)

10. Se outra pessoa _____ o mesmo mar, fará outra descrição. (VER – futuro do subjuntivo)

11. O motor do elevador _____ de São Paulo. (PROVIR – pretérito perfeito do indicativo)

12. Os economistas já _____ ao Governo os mais diversos planos de ação. (PROPOR – pretérito perfeito do indicativo)

13. O gerente só deve procurar-nos quando _____ seus conceitos sobre o mercado. (REVER – futuro do subjuntivo)

14. Ele não trabalhava; apenas se _____ lendo o futuro nas mãos dos amigos. (ENTRETER – pretérito imperfeito do indicativo)

15. Se _____ uma outra crônica, argumente que não há espaço nesta edição. (PROPOR – futuro do subjuntivo.)

16. Com a cooperação de todos, o jornalista _____ que havia condição de escrever a reportagem. (CRER – pretérito perfeito do indicativo)

17. Os candidatos só poderão se inscrever no concurso de crônicas se o _____. (REQUERER – futuro do subjuntivo)

18. Os alunos da minha escola jamais _____ incentivo para redigir textos em crônicas. (OBTER – pretérito perfeito do indicativo)

19. Se o autor _____ na questão, não ocorrerão críticas. (INTERVIR – futuro do subjuntivo)

20. Os burgueses só deixarão o poder quando isto lhes _____. (CONVIR – futuro do subjuntivo)

21. Quem se _____ ao regime não sobreviverá. (CONTRAPOR – futuro do subjuntivo)

22. Se a burguesia não _____ seu modo de vida, acabará arruinada. (REVER – futuro do subjuntivo)

23. Todas trabalhavam para que os nobres se _____ no ócio. (ENTRETER – pretérito imperfeito do subjuntivo)

24. Seria bom que a Igreja _____ o poder que detinha. (REAVER – pretérito Imperfeito do subjuntivo)

25. Essa necessidade _____ da atual carência de recursos nessa área. (ADVIR – presente do indicativo)

26. Essas caixas _____ objetos quebráveis. (CONTER – presente do indicativo)

27. Elas _____ aqui sempre que podem. (VIR – presente do indicativo)

28. Eles se _____ como os donos da verdade. (VER – presente do indicativo)

29. Se o país _____ o clima cultural dos anos 60... (REAVER – futuro do subjuntivo)

30. Se lhe _____ reunir o grupo para discutir, ficaremos contentes. (APRAZER – futuro do subjuntivo)

31. Se os jovens se _____ de votar, perderemos uma chance de mudar o atual quadro. (ABSTER – futuro do subjuntivo)

Gabarito: 1. fores; 2. fordes; 3. têm; 4. entretêm; 5. reveem; 6. reouveram / dispuseram; 7. dispunham / contradiziam; 8. desdisseram / intervieram; 9. caibam; 10. vir; 11. proveio; 12. propuseram; 13. revir; 14. entretinha; 15. propuser; 16. creu; 17. requerer; 18. obtiveram; 19. intervier; 20. convier; 21. contrapuser; 22. revir; 23. entretivessem; 24. reouvesse; 25. advém; 26. contêm; 27. vêm; 28. veem; 29. reouver; 30. aprouver; 31. abstiverem.

8.12. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Vamos às questões de concursos que tratam desse tema? A seguir, uma sequência de questões de **semântica dos tempos e modos verbais** e seus respectivos comentários.

1. (NCE-UFRJ / Ministério Público) A imprensa brasileira vem noticiando uma proposta milionária do Lazio da Itália, que pretende adquirir o passe do zagueiro Juan por 10 milhões de dólares. Este é o time cuja torcida já agrediu o jogador brasileiro Antonio Carlos, do Roma, e perdeu o mando de campo por incitamento racista em pleno estádio.

Considerando que a ação de agredir o jogador brasileiro Antonio Carlos ocorreu antes de o Lazio perder o mando de campo, ação também passada, o verbo agredir deveria estar no:

a) mais-que-perfeito do indicativo.

b) imperfeito do indicativo.

c) futuro do pretérito.

d) imperfeito do subjuntivo.

e) presente do subjuntivo.

Comentários:

Vale notar que se trata de duas ações no passado: a ação de a torcida *agredir* o jogador e a ação de o time *perder* o mando de campo. Considerando-se que a agressão ocorreu antes da perda do mando de campo, o verbo agredir deveria estar no pretérito mais-que-perfeito e não no pretérito perfeito, por indicar um passado anterior ao pretérito perfeito. Assim, a frase deveria ser:

"Este é o time cuja torcida já **agredira** o jogador brasileiro Antonio Carlos, do Roma, e **perdeu** o mando de campo por incitamento racista em pleno estádio".

Resposta: A.

2. (TRT / Técn. Judic.) No período "Em contrapartida, o corajoso que se aventure, hoje, a ler os tratados morais de

Santo Agostinho cogitará que a única felicidade possível vem com o assentimento do homem a uma moral objetiva, a qual respeita a natureza de todas as coisas criadas – e que o mal é, sempre, parasitário de algum bem que o transcende...", a forma verbal flexionada para exprimir fato que deve ser entendido como uma conjectura é:

a) aventure

b) cogitará

c) vem

d) respeita

e) transcende

Comentários:

Nas letras B, C, D e E, as formas verbais indicam fatos, pois os verbos estão no modo indicativo. Como a banca pedia uma forma verbal que indicasse conjectura, teríamos de achar uma que se apresentasse no modo subjuntivo, o que ocorreu com a forma *aventure*.

Resposta: A.

3. (TRF) A opção em que a explicação dada para o sentido da forma verbal grifada está incorreta é:

a) No século III a.C. chega o latim à Península Ibérica: presente histórico.

b) Furacão mata 20 adultos e 3 crianças na Califórnia (manchete de jornal); presente com valor de pretérito.

c) Eu aceitaria um cafezinho: futuro do pretérito indicando momento posterior a um tempo passado.

d) Eu aceitava um cafezinho: pretérito imperfeito para indicar polidez.

e) Eu aceito um cafezinho: presente simultâneo ao ato de fala.

Comentários:

Observe que a questão não trata de flexão verbal – aqui, não temos que julgar as formas verbais e verificar se vieram corretamente flexionadas. A questão espera que se julgue a **explicação** para o sentido da forma verbal grifada: trata-se de semântica dos tempos verbais.

Na letra A, temos o presente do indicativo utilizado no lugar do pretérito perfeito, para atualizar acontecimentos históricos: é o chamado presente histórico.

Na letra B, tem-se o presente do indicativo também substituindo o pretérito perfeito: é o presente no lugar do pretérito. Aqui, também estaria certo dizer "Furacão matou 20 adultos...".

Veja que interessante: é comum, principalmente na linguagem informal, usarmos um tempo em lugar de outro, o que não configura erro.

Nas letras C e D, vemos uma intenção de se fazer um pedido utilizando-se de tom polido, o que nos faz perceber que

tanto o futuro do pretérito quanto o pretérito imperfeito podem indicar polidez. Só que a letra C apresentou uma **explicação** errada para o uso do futuro do pretérito.

A letra E apresenta o presente do indicativo indicando uma ação que ocorre no momento em que se fala.

Resposta: C.

4. (TRF) Considerando as formas verbais grifadas nas cinco frases abaixo, assinale a afirmativa falsa:

(1) Saiu o doente de quem Vanessa **tomava** conta.

(2) Chegou o doente de quem Vanessa **tomou** conta.

(3) Estamos afirmando hoje que amanhã **viajaremos**.

(4) Afirmamos anteontem que ontem **viajaríamos**.

(5) Afirmamos ontem que anteontem **viajáramos**.

a) em 1, o verbo dá ideia de uma ação habitual de valor durativo.

b) em 2, o verbo refere-se a um fato que ocorreu uma vez no passado.

c) em 3, o verbo refere-se a um fato posterior ao presente.

d) em 4, o verbo refere-se a uma ação posterior a um fato passado.

e) em 5, o verbo refere-se a uma ação posterior a um momento passado.

Comentários:

Trata-se de uma questão de semântica dos tempos verbais. O que se busca é a explicação para cada forma verbal utilizada nas alternativas.

Na letra A, tem-se o pretérito imperfeito indicando uma ação de continuidade, de repetição no passado.

Na letra B, o verbo está no pretérito perfeito, indicando uma ação que começou e acabou no passado.

Na letra C, observa-se o futuro do presente, que é uma ação futura, posterior à afirmação feita no presente: hoje *afirmamos* que amanhã *viajaremos*.

Na letra D, tem-se o uso tradicional do futuro do pretérito: uma ação futura em relação ao pretérito perfeito – anteontem *afirmamos* que ontem *viajaríamos*.

A letra E traz o pretérito mais-que-perfeito que, como vimos na teoria da nossa aula, indica uma ação anterior e não posterior a outra no pretérito perfeito: a ação de *viajar* ocorreu antes da ação de *afirmar*, na linha do tempo.

Resposta: E.

5. (TRE / Anal. Judic.) Os tempos e os modos verbais apresentam-se adequadamente articulados na frase:

a) Fôssemos todos atores, o culto das aparências será a chave que nos libertasse do nosso destino.

b) Os atores sempre nos enganarão, a cada vez que encarnarem os personagens de que costumam se fantasiar.

c) Enquanto o culto das aparências for a chave do sucesso, estaríamos todos preocupados com o papel que desempenhemos.

d) Desde idos tempos os atores gozariam de uma admiração que só não será maior por conta da desconfiança que temos de todo fingimento.

e) O autor estaria convencido de que nosso vizinho seja capaz de fingir tão bem quanto um ator, quando tivesse desfilado com um carro que não é seu.

Comentários:

Letra A: o primeiro verbo traz ideia de pretérito (está no imperfeito do subjuntivo). Logo, o segundo deve traduzir o mesmo valor semântico, ficando no futuro do pretérito, e não futuro do presente. Logo, a frase, para estar correta, deve ficar *Fôssemos todos atores, o culto das aparência seria a chave que nos libertasse do destino*.

Letra B: o verbo *enganarão* está no futuro do presente. Logo, está mesmo correta a forma *encarnarem*, que é futuro do subjuntivo. Da mesma forma, está correta a construção *costumam se fantasiar*, cujo verbo auxiliar está no presente do indicativo, tempo correlato semanticamente ao futuro do *presente*.

Letra C: o primeiro verbo da frase está no futuro do subjuntivo (*for*). Logo, o outro verbo, que está a ele correlato, deveria vir futuro do presente, não no futuro do pretérito, que é um futuro para o passado. Observe que não há problema algum quanto ao último verbo da frase (*desempenhemos*), que está no presente do subjuntivo, mas traz ideia de hipótese no futuro. Assim, uma sugestão de reescritura para essa frase seria: *Enquanto o culto das aparências for a chave do sucesso, estaremos todos preocupados com o papel que desempenhemos.*

Letra D: nesse caso, o que temos de mudar mesmo é o tempo do primeiro verbo da frase... Não faz sentido dizer *Desde idos tempos os atores gozariam...* O jeito é colocar o primeiro verbo no presente do indicativo *Desde idos tempos os atores gozam de uma admiração que só não é maior por conta da desconfiança que temos de todo fingimento.*

Letra E: mantendo o primeiro verbo no futuro do pretérito (*estaria*), uma boa sugestão seria modificar o segundo (*seja*), que está no presente do subjuntivo, mas deveria ficar no *imperfeito* do subjuntivo (*fosse*). Aí, não haveria problema em manter-se o terceiro verbo da forma como está. Entenda que o que oferecemos aqui é *uma opção* de reescritura para a frase, mas muitas vezes há outras formas de se corrigir a mesma informação.

Resposta: B.

6. (TRT / Anal. Judic.) Está inteiramente adequada a articulação entre os tempos e os modos verbais na frase:

a) Se a liberdade da imprensa fosse um direito apenas dos jornalistas, cada vez que se desrespeite a liberdade de imprensa a sociedade não terá como reclamar.

b) Enquanto os jornalistas pensarem apenas em seus próprios interesses, não haveria como resguardar o direito da

sociedade à livre informação.

c) No caso de vir a ser desrespeitado o direito social à livre informação, jogar-se fora uma das principais características das democracias modernas.

d) Espera-se que dos três grandes debates promovidos pela RDLI resultem propostas práticas, que venham a reforçar o direito à liberdade de imprensa.

e) Ainda que houvesse uma absoluta liberdade para a circulação de ideias e de informações, será necessário lutar para que nada a ameaçasse.

Comentários:

Letra A: observe o primeiro verbo (*fosse*). Ele está no pretérito imperfeito do subjuntivo, ou seja, começa-se um período com um verbo com valor semântico de passado. Daí o erro nas formas verbais que vêm logo depois: *desrespeite*, *terá*. O certo seria dizer *desrespeitasse* (pretérito imperfeito do subjuntivo) e *teria* (futuro do pretérito). Ora, se o objetivo é falar do passado, não faz sentido utilizar verbos no presente do subjuntivo (*desrespeite*) e futuro do presente (*terá*).

Letra B: o primeiro verbo está no futuro do subjuntivo (*pensarem*). Logo, não há sentido em se manter o verbo seguinte (*haveria*) no futuro do *pretérito*, já que não está se falando do passado, e sim do futuro. Adequada seria a substituição de *haveria* por *haverá*.

Letra C: a locução verbal que inicia a frase (*vir a ser desrespeitado*) expressa valor semântico de futuro. Logo, correto seria dizer *jogar-se-á fora…,* e não o que se vê na frase.

Letra D: o primeiro verbo do período está no presente do indicativo (*Espera-se*). Assim, os verbos seguintes também vieram no presente, só que do subjuntivo, pois expressam valor semântico de hipótese (*resultem/venham*). Construção correta, semanticamente simétrica.

Letra E: *houvesse* é pretérito imperfeito do subjuntivo. Assim, o que se espera, na sequência, é futuro do pretérito (*seria*), e não futuro do presente (*será*). Falta, portanto, paralelismo semântico entre os tempos verbais.

Resposta: D.

7. (TRT/AL – Técn. Adm.) Considere o emprego das formas verbais nas frases **não produzem riqueza** e **que produzam riqueza**.

É correto afirmar:

a) Ambas as frases apresentam o mesmo sentido, já que se emprega o mesmo verbo, com flexão idêntica.

b) Na 2ª frase, o emprego da forma verbal indica uma possibilidade, enquanto na 1ª, o fato é real e concreto.

c) A mudança de flexão entre *produzem* e *produzam* deve-se ao fato de uma forma ser negativa e outra, positiva.

d) Houve equívoco na flexão do verbo, que admite apenas a forma *produzem*, registrada na 1ª frase.

e) Ambas as formas encontram-se na voz ativa e não aceitam ser transpostas para a voz passiva.

Comentários:

Em semântica dos *modos* verbais, vimos que o *modo Indicativo* exprime, em geral, um fato certo, real. O *Subjuntivo*, um fato possível, provável. E o *imperativo*, ordem, convite, pedido, súplica.

Em *produzem*, temos a forma do Indicativo e em *produzam*, Subjuntivo, o que faz que o sentido não seja o mesmo pela teoria exposta sobre a semântica dos modos verbais.

Com isso, eliminamos as opções A, C e D.

Na opção E, é incorreta a afirmação, pois os verbos que *não* admitem transposição de voz ativa para passiva seriam os *intransitivos*, *transitivo indireto* e de *ligação*. Como o verbo *produzir*, nas frases em que aparece, é transitivo direto, aceita voz passiva.

Resposta: B.

8. *Não* há a devida correlação temporal das formas verbais em:

a) Seria conveniente que o time ficasse sem saber quem era o adversário.

b) É conveniente que o time ficaria sem saber quem é o adversário.

c) Era conveniente que o time ficasse sem saber quem foi o adversário.

d) Será conveniente que o time fique sem saber quem é o adversário.

e) Foi conveniente que o time ficasse sem saber quem era o adversário.

Comentários:

Letra A: *Seria* é verbo *ser* no futuro do pretérito. Logo, faz todo sentido que o verbo correlato a esse esteja no pretérito imperfeito do subjuntivo (*ficasse*). Está adequada a correlação semântica entre os tempos verbais. Além disso, observe o verbo *ser* no final do período (*era*), que também tem valor semântico de *passado* (pretérito imperfeito do indicativo).

Letra B: o primeiro verbo (é) está no presente do indicativo. Logo, não é coerente utilizar-se um verbo no futuro do *pretérito* na sequência do período (*ficaria*). Melhor teria sido dizer: É conveniente que o time fique sem saber quem é o adversário.

Letra C: *Era* é pretérito imperfeito do indicativo. Assim, é semanticamente adequado utilizar-se o imperfeito do subjuntivo (*ficasse*) e o pretérito perfeito do indicativo (*foi*) na continuidade da frase.

Letra D: o primeiro verbo do período está no futuro do presente (*Será*). Logo, é coerente utilizar--se o *presente* do subjuntivo (*fique*) logo depois. Afinal, o presente do subjuntivo, nessa frase, também apresenta valor semântico de futuro.

Letra E: *Foi* é pretérito perfeito do indicativo. Assim, está correta a forma *ficasse* (imperfeito do subjuntivo), bem como a construção *era* (imperfeito do indicativo). Perceba que todas giram em torno do passado.

Resposta: B.

9. (TRF da 5ª Região) Não _____ nos surpreender se a minoria econômica dominante _____ de prestar contas a quem mais _____

Preenche corretamente as lacunas da frase acima a seguinte sequência de formas verbais:

a) deveremos – deixou – venha a prejudicar

b) devemos – deixa – esteja prejudicando

c) deveríamos – deixou – prejudicaria

d) deveríamos – deixe – prejudicaria

e) devamos – deixasse – prejudicaria

Comentários:

Na letra A, para manter a ideia de futuro iniciada por *deveremos*, seria *deixar* e *vier*.

Na B, repare que todas as formas estão no tempo presente (*devemos*, *deixa* e *esteja*), mantendo correlação entre os tempos verbais.

Nas letras C e D, o futuro do pretérito (*deveríamos*) levaria os verbos, na sequência, ao imperfeito do subjetivo (*deixasse, prejudicasse*).

Na letra E, seguindo a forma *devamos* (presente do subjuntivo), teríamos *deixa, prejudique*.

Resposta: B.

8.13. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

Leia o texto a seguir para responder à questão 1.

Depois que se tinha fartado de ouro, o mundo teve fome de açúcar, mas o açúcar consumia escravos. O esgotamento das minas – que de resto foi precedido pelo das florestas que forneciam o combustível para os fornos –, a abolição da escravatura e, finalmente, uma procura mundial crescente, orientam São Paulo e o seu porto de Santos para o café. De amarelo, passando pelo branco, o ouro tornou-se negro.

Mas, apesar de terem ocorrido essas transformações que tornaram Santos num dos centros do comércio internacional, o local conserva uma beleza secreta; à medida que o barco penetra lentamente por entre as ilhas, experimento aqui o primeiro sobressalto dos trópicos. Estamos encerrados num canal verdejante. Quase podíamos, só com estender a mão, agarrar essas plantas que o Rio ainda mantinha à distância nas suas estufas empoleiradas lá no alto. Aqui se estabelece, num palco mais modesto, o contato com a paisagem.

O arrabalde de Santos, uma planície inundada, crivada de lagoas e pântanos, entrecortada por riachos estreitos e canais, cujos contornos são perpetuamente esbatidos por uma bruma nacarada, assemelha-se à própria Terra, emergindo no começo da criação. As plantações de bananeiras que a cobrem são do verde mais jovem e terno que se possa imaginar: mais agudo que o ouro verde dos campos de juta no delta do Bramaputra, com o qual gosto de o associar na minha recordação; mas é que a própria fragilidade do matiz, a sua gracilidade inquieta, comparada com a suntuosidade tranquila da outra, contribuem para criar uma atmosfera primordial.

Durante cerca de meia hora, rolamos por entre bananeiras, mais plantas mastodontes do que árvores anãs, com troncos plenos de seiva que terminam numa girândola de folhas elásticas por sobre uma mão de 100 dedos que sai de um enorme lótus castanho e rosado. A seguir, a estrada eleva-se até os 800 metros de altitude, o cume da serra. Como acontece em toda parte nessa costa, escarpas abruptas protegeram dos ataques do homem essa floresta virgem tão rica que para encontrarmos igual a ela teríamos de percorrer vários milhares de quilômetros para norte, junto da bacia amazônica. Enquanto o carro geme em curvas que já nem poderíamos qualificar como " cabeças de alfinete", de tal modo se sucedem em espiral, por entre um nevoeiro que imita a alta montanha de outros climas, posso examinar à vontade as árvores e as plantas estendendo-se perante o meu olhar como espécimes de museu.

(Adaptado de: Lévi-Strauss, Claude. *Tristes Trópicos*. Coimbra, Edições 70, 1979, p. 82-3)

1. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

Mantendo-se a correlação verbal na primeira frase do texto, a substituição de " Depois que" por " Caso" acarretará as seguintes mudanças nas formas verbais:

a) fartasse – terá – iria consumir

b) fartara – tivera – consumira

c) teria fartado – teria tido – teria consumido

d) tenha fartado – terá – consumirá

e) tivesse fartado – teria – consumiria

2. (Eletrobras/Eletrosul – Téc. Seg. Trab. – FCC – Jun./2016 – Adaptada)

*A preocupação com o planeta **levou** Abu Dhabi <u>a tirar</u> do papel a cidade sustentável de Masdar.*

Ao substituir-se a forma " levou" pela construção " fez com que", o segmento sublinhado deverá ser substituído, preservando-se a correlação verbal, por

a) tirará.

b) tira.

c) tirava.

d) tirasse.

e) tirar.

3. (Copergás/PE – Analista Administrador – FCC – Jul./2016)

Está plenamente adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase:

a) Não seria de se esperar que todas as músicas alcançaram igual repercussão onde quer que se produzissem.

b) Se todos os povos frequentassem a mesma linguagem musical, a universalidade de sentido terá sido indiscutível.

c) A cada vez que se propaga em escala industrial, a música poderia se transformar num fetiche do mercado.

d) Dado que as culturas são muito diferentes, é de se esperar que as linguagens da música também o sejam.

e) As diferentes manifestações musicais trariam consigo linguagens que se marcarão como particulares.

4. (Eletrobras/Eletrosul – Adm. Empres. – FCC – Jun./2016)

Há adequada correlação entre os tempos e os modos verbais presentes na seguinte frase:

a) A responsabilidade pelos defeitos do mundo só seria nossa caso já não estivessem prontos os elementos que constituem essa imensa infraestrutura, à qual todos estamos submetidos.

b) Nenhum de nós terá qualquer responsabilidade na injusta distribuição dos males e benefícios do mundo, a menos que a algum de nós caberia a tomada de todas as decisões.

c) Provavelmente o mundo natural apresentaria ainda mais falhas, se viermos a tomar as decisões que implicassem uma profunda alteração na ordem dos fenômenos.

d) Quem ousará remanejar os ventos e suprimir correntes marítimas, se tais poderes estivessem à disposição dos nossos interesses e caprichos?

e) Na opinião do autor do texto, o síndico ideal seria aquele cujos serviços sequer se notem, pois ele manterá com discrição sua eficiência e sua dedicação ao trabalho.

Leia o texto a seguir para responder à questão 5.

O termo saudade, monopólio sentimental da língua portuguesa, geralmente se traduz em alemão pela palavra " sehnsucht". No entanto, as duas palavras têm uma história e uma carga sentimental diferentes. A saudade é um sentimento geralmente voltado para o passado *e para os conteúdos perdidos que o passado abrigava*. Embora M. Rodrigues Lapa, referindo-se ao sentimento da saudade nos povos célticos, empregue esse termo como " ânsia do infinito", não é esse o uso mais generalizado. Emprega-se a palavra, tanto na linguagem corrente como na poesia, principalmente com referência a objetos conhecidos e amados, mas que foram levados pela voragem do tempo ou afastados pela distância.

A " sehnsucht" alemã abrange ao contrário tanto o passado como o futuro. Quando usada com relação ao passado, é mais ou menos equivalente ao termo português, *sem que, contudo, lhe seja inerente toda a escala cromática de valores* elaborados durante uma longa história de ausências e surgidos em consequência do temperamento amoroso e sentimental do português. Falta à palavra alemã a riqueza etimológica, o eco múltiplo que ainda hoje vibra na palavra portuguesa.

A expressão " sehnsucht", todavia, tem a sua aplicação principal precisamente para significar aquela " ânsia do infinito" *que Rodrigues Lapa atribuiu à saudade*. No uso popular e poético emprega-se o termo com frequência para exprimir a aspiração a estados ou objetos desconhecidos e apenas pressentidos ou vislumbrados, os quais, no entanto, se julgam mais perfeitos que os conhecidos e os quais se espera alcançar ou obter no futuro.

Assim, a saudade parece ser, antes de tudo, um sentimento do coração envelhecido *que relembra os tempos idos, ao passo que a "sehnsucht" seria a expressão da adolescência* que, cheia de esperanças e ilusões, vive com o olhar firmado num futuro

incerto, mas supostamente prometedor. Ambas as palavras têm certa equivalência no tocante ao seu sentido intermediário, ou seja, à sua ambivalência doce-amarga, ao seu oscilar entre a satisfação e a insatisfação. Mas, como algumas de suas janelas dão para o futuro, a palavra alemã é portadora de um acento menos lânguido e a insatisfação nela contida transforma-se com mais facilidade em mola de ação.

(Adaptado de: ROSENFELD, Anatol. **Doze estudos**. São Paulo, Imprensa oficial do Estado, 1959, p. 25-27)

(FCC – TRT – 15ª Região – Técnico Judiciário – 2015)

5. *Embora M. Rodrigues Lapa [...] <u>empregue</u> esse termo como "ânsia do infinito"...* (1º parágrafo)

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está empregado em:

a) ... *que Rodrigues Lapa atribuiu à saudade*. (3º parágrafo)

b) ... *e para os conteúdos perdidos que o passado abrigava*. (1º parágrafo)

c) ... *sem que, contudo, lhe seja inerente toda a escala cromática de valores*... (2º parágrafo)

d) ... *que relembra os tempos idos*... (4º parágrafo)

e) ... *ao passo que a* " sehnsucht" *seria a expressão da adolescência*... (4º parágrafo)

6. (FCC – Manausprev – Analista Previdenciário – 2015)

na época, o látex <u>representava</u> 50% da exportação do Brasil.

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima encontra-se em:

a) ... *mas conheço um pouco o interior da Amazônia.*

b) ... *quando já era uma fortaleza avançada dos portugueses...*

c) *A temática amazônica se impõe...*

d) ... *escreveria sobre Paraty ou Pequim, certamente.*

e) *E teve uma importância econômica fundamental durante 40 anos...*

7. (FCC – Manausprev – Técnico Previdenciário – Administrativa – 2015)

Na frase ***Desejaríamos*** *que falassem, como <u>falam</u> os animais*..., caso o verbo em negrito assuma o mesmo tempo e modo que o sublinhado, teremos as seguintes formas verbais no segmento inicial:

a) Desejam que falem.

b) Desejamos que falassem.

c) Desejam que falassem.

d) Desejamos que falem.

e) Desejemos que falam.

8. (FCC – TRE-RR – Técnico Judiciário – Operação de Computador – 2015)

(nem creio que <u>venha</u> a ter)

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o sublinhado acima está em:

a) ... *que existam pássaros*...

b) ... *que ele entendia*...

c) ... *o que lhes ensinam*...

d) ... *que assim se chama*.

e) ... *que uns dizem com voz rouca*...

9. (FCC – Sabesp/Advogado – 2014)

É importante que a inserção da perspectiva da sustentabilidade na cultura empresarial, por meio das ações e projetos de Educação Ambiental, esteja alinhada a esses conceitos.

O verbo empregado nos mesmos tempo e modo que o verbo grifado na frase acima está em:

a) ... a Empresa desenvolve todas as suas ações, políticas...

b) ... as definições de Educação Ambiental são abrangentes...

c) ... também se associa o Desenvolvimento Sustentável...

d) ... e incorporou [...] também aspectos de desenvolvimento humano.

e) ... e reforce a identidade das comunidades.

10. (FCC – TRF – 1ª Região/ Anal. Jud. – Biblio/2014)

No período "*É possível que eu o diga de um modo que provavelmente pareça patético*", o autor utiliza os verbos dizer e parecer no presente do subjuntivo. Encontram-se estes mesmos tempos e modo verbais em:

a) é a criação poética, ou o que **chamamos** de criação.

b) mistura de esquecimento e lembrança do que **lemos.**

c) quero que **seja** uma confidência.

d) com uma letra gótica que não **posso** ler.

e) uma felicidade de que **dispomos**.

11. (FCC – TRF – 3ª Região/ Anal. Jud. – 2014)

(...) O material dessas leituras em voz alta, decidido de antemão pelos operários (que pagavam o " lector" do próprio salário), ia de histórias e tratados políticos a romances e coleções de poesia. Tinham seus prediletos: O conde de Monte Cristo, de Alexandre Dumas, por exemplo, tornou-se uma escolha tão popular que um grupo de trabalhadores escreveu ao autor pouco antes da morte dele, em 1870, pedindo--lhe que cedesse o nome de seu herói para um charuto; Dumas consentiu.(...)

Tinham seus prediletos ...

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:

a) Dumas consentiu.

b) ... levaram com eles a instituição do " lector".

c) ... enquanto uma fileira de trabalhadores enrolam charutos...

d) Despontava a nova capital mundial do Havana.

e) ... que cedesse o nome de seu herói...

12. (FCC – TCE-CE – Analista de Controle Externo – 2015)

Os tempos e os modos verbais estarão corretamente articulados na frase:

a) Eduardo Coutinho, morto em 2014, destacara-se como um mestre dos documentários, cuja arte contemplasse o depoimento vivo, sempre que rejeitava o retrato estereotipado das pessoas.

b) A exemplo do que houvesse na arte de Eduardo Coutinho, o primeiro passo de toda política deveria ter levado em conta o respeito pela condição singular do outro, conquanto, para isso, surgiam dificuldades.

c) Caso não fizesse dessa obsessão um eixo de sua trajetória, Coutinho não viveria como um artista crítico, para quem já houvesse arte encarnada no corpo e suspensa no espírito do outro.

d) Em seu processo criativo, Coutinho saberia ver e ouvir e, consequentemente, havia se acercado da história de cada um como um processo sensível e inacabado, sem que fosse necessário ajustar conceitos.

e) A obsessão que Coutinho demonstraria pela cena da vida era similar à que tivesse pela arte, e isso fez com que seja quase impossível, para Coutinho, opor personagem a pessoa.

13. (FCC – TCE-CE – Técnico – Administração – 2015)

A articulação entre os tempos e os modos verbais está adequada na frase:

a) Uma vez que o preconceito se revelasse inevitável será oportuna a criação de leis com o intuito de que foram coibidas atitudes preconceituosas.

b) É natural que há preconceito nas relações interpessoais: mesmo que percebemos tenhamos externado uma avaliação preconceituosa.

c) Qualquer sociedade tem preconceitos, mas era importante que existissem leis para que pessoas preconceituosas forem exemplarmente julgadas e punidas.

d) É preciso que se tenha cautela com nosso comportamento em sociedade, pois seria possível que reações preconceituosas surjam mesmo sem que nós possamos perceber.

e) O preconceito teria raízes sociais fundas: ele se disseminaria pelas pessoas e, quando déssemos por nós, estaríamos repetindo algo que sequer teríamos investigado.

14. (FCC – TRT – 3ª Região (MG) – Técnico – Administração – 2015)

Os tempos e modos verbais encontram-se adequadamente articulados na frase:

a) Se alguém me perguntasse a respeito da necessidade de se preservar em álbuns as fotos familiares, não hesitarei em lhe dizer que eu alimentasse grande simpatia por esse hábito.

b) A cada vez que alguém me perguntar se estou entusiasmado com as novas técnicas digitais, eu teria dito que não, que tenho

preferência pelas velhas fotos em papel.

c) Quando eu me punha a examinar os velhos álbuns de fotografia, era tomado por uma grande nostalgia, e passava a reconstituir histórias até então esquecidas.

d) Caso todos prefiram aderir aos arquivos de computador, as velhas fotografias teriam sido relegadas a um cruel desaparecimento.

e) Talvez ainda venha a ocorrer a revalorização das velhas fotografias, caso as pessoas percebessem que estas contam uma história preciosa.

15. (TRT 3ª Região – Analista Judiciário – Área Judiciária – Especialidade Oficial de Justiça Avaliador Federal – FCC – Jul./2015)

Considerando a norma padrão da língua e o emprego de forma verbal, é correta a seguinte frase:

a) Embora não apoiemos, não nos opomos a que gaste tanto tempo com assuntos supérfluos, contanto que não interrompe a faculdade.

b) Independentemente de onde provierem os recursos, convirjam ou não os pareceres dos técnicos consultados, eles, sempre destemidos, iniciarão a obra.

c) Eles proveem de uma região em que a destruição de bens naturais ou culturais de importância reconhecida é considerada crime de lesa pátria.

d) Os jogadores pleitearam que os juízes não intervissem a cada pequena confusão provocada por um choque de corpos ou por discussão banal.

e) Enquanto aquela norma vigiu, não houve como solucionar o impasse e retirar o depósito que a justiça reteve em prol dos menores de idade.

16. (TRT 3ª Região – Analista Judiciário – Área Judiciária – Especialidade Oficial de Justiça Avaliador Federal – FCC – Jul./2015)

Considere o trecho abaixo, extraído da Nova gramática do português contemporâneo, de Celso Cunha e Luís F. Lindley Cintra.

...o gerúndio apresenta duas formas: uma simples [...], outra composta [...].

A forma composta é de caráter perfeito e indica uma ação concluída anteriormente à que exprime o verbo da oração principal [...].

O que está exposto acima justifica o emprego do gerúndio na frase:

a) Sendo considerada em plena posse de seu juízo no momento de depor, pôde falar a favor da sobrinha.

b) Combinamos que, no horário das 13 às 15h, estarei atendendo aos fornecedores de laticínios.

c) Os alunos estão indo para o laboratório porque já vai começar a aula de Biologia.

d) Tendo já se consumido em lágrimas, despediu-se de todos e partiu.

e) A professora lia sorrindo a narrativa do aluno espirituoso.

Leia o texto a seguir para responder à questão 17.

A graça da não notícia

A leitura crítica dos jornais brasileiros pode produzir momentos interessantes, não propriamente pelo que dizem, mas principalmente pelo que tentam esconder. O hábito de analisar criticamente o conteúdo da mídia tradicional produz calos no cérebro, e eventualmente o observador passa a enxergar não mais a notícia, mas a não notícia, ou seja, aquilo que o noticiário dissimula ou omite.

Trata-se de um exercício divertido, como se o leitor estivesse desfazendo um jogo de palavras cruzadas já preenchido. É mais ou menos como adivinhar, a partir das palavras que se interconectam num texto, o sentido que o autor pretendeu dar à sua construção, uma espécie de jogo de " interpretação reversa".

Transparece o aspecto ambíguo da imprensa quando, por exemplo, para defender o pluralismo de sua linha editorial, jornais propõem artigos sobre tema da atualidade a serem tratados por dois distintos analistas – " o leitor pode apreciar duas opiniões diferentes". Ocorre que as propostas, normalmente sob a forma de pergunta, são formuladas de modo a garantir a perspectiva de que um ponto de vista se oponha frontalmente ao outro – um analista representa um " sim", o outro um " não" ao que está sendo perguntado pelos editores. Como se vê, a tal " pluralidade" já nasce condicionada, porque a imprensa brasileira quer convencer o leitor de que existem apenas duas interpretações possíveis para questões complexas como as que são postas aos analistas. São complexas, ou, no mínimo, controversas, porque é isso que define uma notícia.

Uma árvore caiu. Por que a árvore caiu? – mesmo num evento corriqueiro e aparentemente banal, há muitas respostas possíveis.

Por que a imprensa brasileira tenta pintar tudo em preto e branco, sem considerar as muitas tonalidades entre os dois extremos? Ora, porque a imprensa faz parte do sistema de poder na sociedade moderna, e exerce esse poder fazendo pender as opiniões para um lado ou para outro, usa o mito da objetividade para valorizar seus produtos e cobra de seus financiadores um custo por esse trabalho.

Mas pode-se elaborar melhor essa análise. O observador arriscaria afirmar que a narrativa jornalística, tal como foi construída ao longo do tempo, já não dá conta de acompanhar a percepção da realidade, amplificada pelo domínio da imagem transmitida globalmente em tempo real. Como notou o filósofo Vilém Flusser, a superfície ínfima da tela substitui o mundo real. O que a imprensa faz é comentar essa superficialidade, não a realidade.

17. (FCC – TRT – 3ª Região – Analista Judiciário – Área Adm. – Jul./2015 – Adaptada)

É legítimo o seguinte comentário:

a) (linha 8) O aspecto ambíguo da imprensa é apreendido em decorrência de uma leitura reversa, aquela que vai do que está na superfície da página ao ponto de partida do texto.

b) (linha 17) Em " Por que a árvore caiu?", tem se exemplo de pergunta retórica, aquela que se formula sem objetivo de receber uma resposta, pois a questão proposta é insolúvel.

c) (linhas 18 e 19) Se o segmento sem considerar as muitas tonalidades entre os dois extremos fosse redigido de outra forma – " sem que as muitas tonalidades entre os dois extremos possam ser consideradas" –, seu sentido original estaria preservado.

d) (linha 24) Em " já não dá conta de acompanhar a percepção da realidade", a substituição de já por " de imediato" preserva o sentido original da frase.

e) (linhas 24 e 25) O segmento amplificada pelo domínio da imagem transmitida globalmente em tempo real representa, segundo o autor, uma qualidade distintiva da realidade que pode ou não se fazer presente.

18. (FCC – TRT – 3ª Região – Analista Judiciário – Área Adm. – Jul./2015 – Adaptada)

Nem bem chegara de lá e já tinha de ouvir o que diziam dele depois que partira. A primeira a anunciar uma das fofocas foi a vizinha, sempre disposta a disseminar novidades, verdadeiras ou não.

– Então, Antônio, soube que rompeu o noivado.

Sobre o que se tem acima, afirma-se corretamente, levando em conta a norma padrão:

a) A forma tinha de ouvir situa a ação no mesmo tempo expresso pela forma verbal " ouvia", mas agrega a ideia de obrigatoriedade à ação praticada.

b) A forma verbal chegara indica que a ação se dá em simultaneidade com a ação expressa por tinha de ouvir.

c) Transpondo o discurso direto acima para o indireto, a formulação obtida deve ser " A vizinha disse que, então, sabia que Antônio rompeu o noivado".

d) A palavra fofoca, de uso informal, deve ser evitada em textos escritos, mesmo que se trate de uma narrativa, como se tem nesse trecho.

e) Se, em vez de A primeira, houvesse " Uma das primeiras", o verbo deveria obrigatoriamente ir para o plural " anunciarem".

Leia o texto a seguir para responder à questão 19.

– Este livro não é meu! Meu Deus, o que fizeram do meu livro?

A exclamação, patética, vinha da famosa jornalista internacional Oriana Fallaci (no caso, como escritora), ao perceber que a tradução brasileira de seu livro *Um homem* (1981) não era fiel à estrutura paragráfica do original, construída em forma de monólogo compacto. O que a escritora concebera como blocos de longo discurso interior foi transformado, na tradução, em diálogos convencionais. Em posterior entrevista, Fallaci definiu, como criadora, seu ponto de vista:

– Em *Um homem*, todos os diálogos são dados sem parágrafo, e não só porque esse é notoriamente o meu modo de escrever, de obter o ritmo da página, a musicalidade da língua, mas porque isso corresponde a uma rigorosa necessidade de estilo ditada pela substância do livro. Nele, o diálogo é um diálogo recordado, um diálogo interior, e não um diálogo que determina um diálogo. É um livro em que a forma e a substância, o estilo e o significado se integram indissoluvelmente. E trabalhei tanto para escrevê-lo! Três longos anos sem nunca deixar aquele quarto e aquela pequena mesa, jamais uma interrupção, nada de férias, nada de domingos, nada de natais e páscoas. Sempre trabalhando, de manhã à noite, refazendo, corrigindo, limando o estilo, cuidando da ausência de parágrafos.

Com seu protesto, Oriana Fallaci levantou, na época, um sério problema de editoração, aliás, um problema duplo: a técnica literária do autor e – o mais importante para o editor de texto – o respeito em relação a essa técnica, que a autora definiu como estilo. Vejamos a questão por partes.

No que concerne à técnica literária dos diálogos, até o século XIX conheciam-se apenas o discurso direto e o discurso narrativo ou indireto. A partir de meados desse século, entretanto, surgiu o discurso aparente ou discurso indireto livre. De início, nesse caso, os autores usaram aspas para não confundir o leitor, mas estas seriam logo abandonadas como técnica narrativa.

Quanto ao estilo, foi com a Revolução Industrial, vale dizer, com o amadurecimento da sociedade capitalista, que os escritores começaram a ter consciência não da forma em geral, mas da forma individual, da maneira particular de exposição de cada autor como artista que produz obra única e consumada. A revolução das técnicas e do mercado, traduzindo-se no binômio velocidade-

quantidade, suscitou a massificação do livro, contra a qual emergiu a figura do autor como artista, como criador por excelência, como aquele que domina a gramática para ter o direito de fraturá-la. Roland Barthes (1971) observa que, assim, começa a elaborar-se uma imagética do escritor-artesão que se fecha num lugar lendário, como um operário na oficina, e desbasta, talha, pule e engasta sua forma, exatamente como um lapidário extrai a arte da matéria, passando, nesse trabalho, horas regulares de solidão e esforço. Esse valor-trabalho substitui, de certa maneira, o valor-gênio; há uma certa vaidade em dizer que se trabalha bastante e longamente a forma.

Desde então, ao se trabalhar com obras em que o elemento primordial é a informação, existe a liberdade de redisposição dos originais em benefício da clareza, mas, com produção literária, impõe-se absoluto privilégio autoral, que é um princípio socialmente reconhecido, com o qual o editor de texto sempre convive.

Emanuel Araújo. *A construção do livro*: princípios da técnica de editoração. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Brasília: INL, 2000, p. 23 6 (com adaptações).

19. (TJ/AL – Analista – Cespe – Set./2012)

Com relação aos aspectos morfossintáticos do texto, julgue (**C** ou **E**) o seguinte item.

O emprego de "concebera" (l. 4), no pretérito mais-que-perfeito do indicativo, justifica-se, no texto, como traço estilístico da linguagem culta formal, visto que, em normas estritamente gramaticais, não há respaldo para esse uso.

Leia o texto a seguir para responder à questão 20.

Que me perdoem os devotos machadianos, eu prefiro Euclides da Cunha e Lima Barreto, com todos os defeitos que ambos possam ter, a Machado de Assis, com todas as suas qualidades. E, até onde pude entender, Millôr Fernandes tem opinião parecida com a minha. Tanto assim que, segundo afirmou, não incluiria qualquer dos livros de Machado de Assis entre os dez maiores romances brasileiros.

A meu ver, ao falar assim, Millôr Fernandes levou em conta apenas livros como Dom Casmurro, em que, na minha opinião, Machado incorre naquela miopia contra a qual o músico Jayme Ovalle reclamava. Mas esqueceu de *Quincas Borba*, que inclui Machado de Assis na linhagem cervantina da literatura e em que a insânia de Rubião se aproxima da insânia do Cavaleiro da Triste Figura.

Mas, talvez por causa da ironia sem compaixão de Machado de Assis, a loucura de Rubião gira somente em torno de sua pessoa, jamais partindo ele para qualquer ação no sentido de corrigir "os desconcertos do mundo" — como acontecia com o cavaleiro manchego. De modo que o personagem mais generosamente quixotesco da literatura brasileira não é Rubião, é Policarpo Quaresma. Lima Barreto é nosso escritor mais puramente humorístico, tomada a palavra em seu verdadeiro sentido, que inclui, ao lado do riso, a compaixão, que a ironia de Machado de Assis ou impede ou mancha.

Alguns escritores que desprezam o Brasil e seu povo costumam usar Policarpo Quaresma como pretexto para escarnecer de ambos. Pensam, talvez, que Lima Barreto era um deles. Esquecem que, em seu romance, o grande escritor carioca ri, antes de tudo, de si mesmo. E, sobretudo, não veem tais escritores que, se a realidade brutal e mesquinha (inclusive a da política) desmente e destrói, a cada instante, as ações generosas de Policarpo Quaresma, a pureza de seu sonho permanece intocada até a morte, o que o coloca muito acima dos poderosos e "realistas" que o cercam.

Ariano Suassuna. In: Cadernos de literatura brasileira – Millôr Fernandes, nº 15, Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 2003, p. 18-9 (com adaptações).

20. (IRB – Diplomata – Cespe – Abril/2014)

Acerca das ideias desenvolvidas no texto acima, julgue (**C** ou **E**) o item subsequente.

No trecho que inicia o terceiro parágrafo, mesmo que presente o advérbio "talvez" (l. 9), que exigiria o emprego do modo subjuntivo, o autor do texto optou pelo emprego da forma verbal no indicativo ("gira"), privilegiando, assim, a assertividade de seu discurso, conforme descrito na gramática normativa a respeito desse modo verbal.

Leia o texto a seguir para responder à questão 21.

Texto II

A persecução penal se desenvolve em duas fases: uma fase administrativa, de inquérito policial, e uma fase jurisdicional, de ação penal. Assim, nada mais é o inquérito policial que um procedimento administrativo destinado a reunir elementos necessários à apuração da prática de uma infração penal e de sua autoria. Em outras palavras, o inquérito policial é um procedimento policial que tem por finalidade construir um lastro probatório mínimo, ensejando justa causa para que o titular da ação penal possa formar seu convencimento, a *opinio delicti*, e, assim, instaurar a ação penal cabível. Nessa linha, percebe-se que o destinatário imediato do inquérito policial é o Ministério Público, nos casos de ação penal pública, e o ofendido, nos casos de ação penal privada.

De acordo com o conceito ora apresentado, para que o titular da ação penal possa, enfim, ajuizá-la, é necessário que haja justa causa. A justa causa, identificada por parte da doutrina como uma condição da ação autônoma, consiste na obrigatoriedade de que existam prova acerca da materialidade delitiva e, ao menos, indícios de autoria, de modo a existir fundada suspeita acerca da prática de um fato de natureza penal. Dessa forma, é imprescindível que haja provas acerca da possível existência de um fato criminoso e indicações razoáveis do sujeito que tenha sido o autor desse fato.

Evidencia-se, portanto, que é justamente na fase do inquérito policial que serão coletadas as informações e as provas que irão formar o convencimento do titular da ação penal, isto é, a *opinio delicti*. É com base nos elementos apurados no inquérito que o promotor de justiça, convencido da existência de justa causa para a ação penal, oferece a denúncia, encerrando a fase administrativa da persecução penal.

Hálinna Regina de Lira Rolim. *A possibilidade de investigação do Ministério Público na fase pré-processual penal.* Artigo científico. Rio de Janeiro: Escola de Magistratura do Estado do Rio de Janeiro, 2010, p. 4. Disponível em: <www.emerj.tjrj.jus.br>. (com adaptações).

21. (MPU - Analista – Cespe – Março/2015)

Conforme as ideias contidas no texto II, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

A correção gramatical e a coerência do texto seriam preservadas, caso as formas verbais "possa formar" (l. 5) e "instaurar" (l. 6) fossem substituídas, respectivamente, por **forme** e **instaure**.

Leia o texto a seguir para responder à questão 22.

Em 1880, o deputado Rui Barbosa, da Bahia, redigiu, a pedido do presidente do Conselho de Ministros, José Antônio Saraiva, o projeto de lei de reforma eleitoral. Em abril de 1880, o Ministério do Império enviaria o documento à Câmara dos Deputados. Aprovado posteriormente pelo Senado, em janeiro do ano seguinte seria transformado no Decreto nº 3.029 e ficaria popularmente conhecido como Lei Saraiva. Por intermédio dela, seriam instituídas eleições diretas no país para todos os cargos, à exceção do de regente, amparado pelo Ato Adicional.

Naquela época, o voto não era universal: para participar do processo eleitoral, requeriam-se 200 mil réis de renda líquida anual comprovada. Havia, no entanto, a previsão de dispensa de comprovação de rendimentos, que se aplicava a inúmeras autoridades, como, entre outros, ministros, conselheiros de estado, bispos, presidentes de província, deputados, promotores públicos. Praças militares e policiais não podiam alistar-se.

Para candidatar-se, o cidadão, além de não ter sido pronunciado em processo criminal, deveria auferir renda proporcional à importância do cargo pretendido. Deveria, ainda, solicitar por escrito o seu alistamento na paróquia em que fosse domiciliado. Candidatos a vereador e a juiz de paz tinham apenas de comprovar residência no município e no distrito por mais de dois anos; candidatos a deputado provincial, dois anos na província; candidatos a deputado geral, renda anual de 800 mil réis; e candidatos a senador deviam comprovar, além da idade de quarenta anos, a percepção de renda anual de um milhão e seiscentos mil réis.

Uma modificação digna de nota é que, a partir daquela década, os trabalhos eleitorais não seriam mais precedidos de cerimônias religiosas, como era habitual antes da edição da Lei Saraiva. Refletindo a relação entre o Estado e a Igreja, já havia ocorrido que algumas eleições fossem realizadas em templos religiosos; a partir da lei, apenas na falta de outros edifícios os pleitos poderiam ser realizados em igrejas, muito embora fosse possível afixar nelas – como locais públicos que eram – editais informando eliminações, inclusões e alterações nos alistamentos.

Títulos eleitorais: 1881-2008. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral, Secretaria de Gestão da Informação, 2009, p. 11-2. Internet: <www.tse.jus.br> (com adaptações).

22. (TRE/GO – Técnico Judiciário – Cespe – 2015)

Com relação às estruturas linguísticas do texto I, julgue o item seguinte como Certo (C) ou Errado (E).

O tempo empregado nas formas verbais “ enviaria” (l. 3), “ seria transformado” (l. 4), “ ficaria” (l. 4) e “ seriam instituídas” (l. 5) dá a entender que as ações correspondentes a essas formas verbais não se concretizaram, de fato, no ano de 1880.

Leia o texto a seguir para responder à questão 23.

A partir de uma ação do Ministério Público Federal (MPF), o Tribunal Regional Federal da 2ª Região (TRF2) determinou que a Google Brasil retirasse, em até 72 horas, vídeos do YouTube que disseminam o preconceito, a intolerância e a discriminação a religiões de matriz africana, e fixou multa diária de R$ 50.000,00 em caso de descumprimento da ordem judicial. Na ação civil pública, a Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão (PRDC/RJ) alegou que a Constituição garante aos cidadãos não apenas a obrigação do Estado em respeitar as liberdades, mas também a obrigação de zelar para que elas sejam respeitadas pelas pessoas em suas relações recíprocas.

Para a PRDC/RJ, somente a imediata exclusão dos vídeos da Internet restauraria a dignidade de tratamento, que, nesse caso, foi negada às religiões de matrizes africanas. Corroborando a visão do MPF, o TRF2 entendeu que a veiculação de vídeos potencialmente ofensivos e fomentadores do ódio, da discriminação e da intolerância contra religiões de matrizes africanas não corresponde ao legítimo exercício do direito à liberdade de expressão. O tribunal considerou que a liberdade de expressão não se pode traduzir em desrespeito às diferentes manifestações dessa mesma liberdade, pois ela encontra limites no próprio exercício de outros direitos fundamentais.

Disponível em: <http://ibde.org.br> (com adaptações).

23. (MPU – Técnico Administrativo – Cespe – 2015)

A respeito das ideias e das estruturas linguísticas do texto II, julgue o item subsequente como Certo (C) ou Errado (E).

Mantém-se a correção gramatical do período ao se substituir " restauraria" (l. 8) por **poderia restaurar.**

Leia o texto a seguir para responder à questão 24.

Neste ano, em especial, alguns cargos que tradicionalmente já são valorizados devem ficar ainda mais requisitados. São promissores cargos ligados a ciência de dados, em especial ao big data e aos dispositivos móveis, como celulares e *tablets*. Os novos profissionais da área de tecnologia ganham relevância pela capacidade de aprofundar a análise de informações e pela criação de estratégias dentro de empresas. A tendência é que, à medida que esse mercado se desenvolva no Brasil, aumentem as oportunidades nos próximos anos. Em momentos de incerteza econômica, buscar soluções para aumentar a produtividade é uma escolha certeira para sobreviver e prosperar: nesse sentido, as empresas brasileiras estão fazendo o dever de casa.

Veja, 7/1/2015, p. 55 (com adaptações). Disponível em: <http://ibde.org.br> (com adaptações).

24. (FUB – Técnico Admin. – Cespe – Março/2015)

Com referência aos sentidos e às estruturas do texto acima, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

No texto, o uso das formas verbais no modo subjuntivo em " desenvolva" e " aumentem", ambas na linha 5, reforça a ideia de hipótese conferida ao substantivo " tendência" (l. 5).

Leia o texto a seguir para responder à questão 25.

Texto CG1A1CCC

Alguns nascem surdos, mudos ou cegos. Outros dão o primeiro choro com um estrabismo deselegante, lábio leporino ou angioma feio no meio do rosto. Às vezes, ainda há quem venha ao mundo com um pé torto, até com um membro já morto antes mesmo de ter vivido. Guylain Vignolles, esse, entrara na vida tendo como fardo o infeliz trocadilho proporcionado pela junção de seu nome com seu sobrenome: Vilain Guignol, algo como " palhaço feio", um jogo de palavras ruim que ecoara em seus ouvidos desde seus primeiros passos na existência para nunca mais abandoná-lo.

Jean-Paul Didierlaurent. *O leitor do trem das 6h27*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015 (com adaptações).

25. (PC-PE – Todos os Cargos – Conhec. Gerais – Cespe – Jun./2016)

Seriam mantidos os sentidos e a correção gramatical do texto CG1A1CCC caso a forma verbal " entrara" (l. 3) fosse substituída por

a) **entrava.**

b) **haveria entrado.**

c) **tinha entrado.**

d) **há de entrar.**

e) **entraria.**

Leia o texto a seguir para responder à questão 26.

Texto IV

Em suas remotas origens helênicas, o termo “ caráter” significou gravar. Empregavam-no, então, tanto para exprimir o sinete como a marca deixada na cera dócil. Essa dupla significação ainda hoje é vernácula – senão corrente – em certas acepções. Na linguagem tipográfica, por exemplo, “ caráter” tanto é o tipo da imprensa como o sinal ou a letra gravada. Assim sendo, podemos dizer que o caráter de um homem não é somente o seu feitio moral, senão também a expressão e a impressão do indivíduo. Em arte, caráter será a personalidade do autor, o aspecto aparente e profundo da obra e o efeito dela. Fixada assim a verdadeira acepção do termo, podemos afirmar que o mérito maior do poema do Sr. Menotti del Picchia é “ o caráter”. Poesia profundamente simples e pessoal, de inspiração larga e sadia, tem a força das obras bem concebidas e a beleza das coisas naturais. Poesia de corpos simples, poderíamos dizer, pela sobriedade de linhas no sentimento, no pensamento e na expressão. Sente-se que o autor procurou a naturalidade e não a arte, que é o melhor caminho para atingir a esta.

O segredo da arte é a naturalidade sem prejuízo da perfeição.

O Sr. Menotti del Picchia ainda não pôde naturalmente desvendar o segredo da arte. Se no buscar a expressão natural do seu lirismo alcançou a arte, não se despojou ainda das incertezas dessa procura, de certa fraqueza de técnica. Defeitos são todos estes transitórios, quase necessários em quem apenas se inicia.

A essência do livro é excelente.

Indica no autor uma personalidade inconfundível, que procura em si mesmo ou em torno de si os motivos de sua estética. Nem se distingue pela obsessão do isolamento, nem se perde por modelos estranhos. Daí lhe vem a superioridade de caráter individual. Se o caráter do autor provém dessa independência sem esforço, reside o da obra em sua originalidade natural; na conformidade com o meio, em uma perfeita radicação no solo pátrio, na simplicidade da construção e nas perfeitas proporções do ímpeto poético. O próprio desconcerto, em pormenores do poema principal e de outras produções secundárias, concorre para a individualidade desse esplêndido ensaio.

O caráter desse livro se conserva pela ressonância que tem. Não são versos agradáveis, suaves ou elegantes, que com tanto agrado se leem quanto facilmente se esquecem. São versos que lidos – ficam; gravam-se invencivelmente na memória, ora destacados, ora em bloco. A crítica, no julgar e no decompor as obras, não pode desprezar a intuição, se não é principalmente isso. E um dos mais seguros processos de intuição, no distinguir o valor das obras, é esse da permanência das sensações.

Os poemas do Sr. Menotti del Picchia deixam uma funda impressão de sua leitura: não pode haver melhor demonstração do seu “ caráter”. Quando essa impressão não se limitar aos leitores e aos críticos, e se estender à própria literatura nacional, terá a sua poesia atingido o grau supremo que lhe auguro.

Juca Mulato é um poema simples. Encerra uma lição profunda na singeleza do motivo e da intenção. É certo que a evidência da beleza não pode ser em arte um critério axiomático. Quantas vezes a paciência é o melhor guia da emoção estética? A exegese das sinfonias de Beethoven, como a dos dramas musicais de Wagner, aumenta a nossa receptividade para essa arte de titãs, se bem que a intuição íntima e a explicação individual sejam imprescindíveis.

O poema do Sr. Menotti del Picchia tem a simplicidade e a frescura das criações espontâneas e necessárias, onde o esforço da composição permanece obscuro como deve.

Para lhe realçar a beleza não se sente a crítica compelida a buscar símbolos problemáticos ou filosofias arbitrárias. Sendo o que é – um mal de amor impossível que leva a alma à desesperança, para se resignar depois e ressurgir consolada pela visão da terra amada, da felicidade atingível e do sonho necessário –, comove pelo simples aspecto de suas linhas harmoniosas.

A beleza maior do poema, que é também o seu caráter, está na sua simplicidade radical. O poeta reprimiu voluntariamente as

possíveis exuberâncias ou ambições de seu lirismo para ficar dentro do assunto que escolheu. Ganhou com isso um grande poder virtual e marca mais do que se quisesse marcar: a acústica de uma construção humana nunca chega à acuidade de um eco natural.

Juca Mulato é a reconciliação do homem consigo mesmo, do brasileiro com sua terra, do bárbaro com seu isolamento. Reconciliação às vezes impossível, outras ilusória, sempre necessária, raramente realizada. O consolo de Juca Mulato é a indicação do caminho a seguir.

Alceu Amoroso Lima. Um poeta. In: *Estudos literários*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1966, p.133-5 (com adaptações).

26. (Instituto Rio Branco – Diplomata – CESPE – Jul./2016)

Julgue (C ou E) o item seguinte, relativo a acentuação de palavras e a aspectos gramaticais do texto IV.

A forma " pôde" (l. 13) poderia ser corretamente substituída por **pode**, visto que o seu tempo verbal é depreendido pelo contexto do parágrafo e que o acento nela empregado é opcional.

27. (Pref. Paulínia-SP – Eng. Agrôn. – FGV – Maio/2016)

" *Teria sido o mundo criado jamais se o seu criador tivesse medo de suscitar confusão? Criar vida quer dizer criar confusão*."

Sobre a estruturação gramatical da frase acima, assinale a afirmativa correta.

a) A forma ativa correspondente a " *Teria sido criado*" é " *teria criado*".

b) O advérbio "*jamais*" traz o significado prioritário de negação.

c) O pronome possessivo " *seu*" teria que, por clareza, ser substituído por " *dele*".

d) A forma verbal " *tivesse*" expressa o valor de tempo futuro.

e) A forma verbal " *suscitar*" poderia ser corretamente substituída por " *que suscite*".

Leia o texto a seguir para responder às questões 28 e 29.

Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador

A medicina do trabalho, enquanto especialidade médica, surge na Inglaterra, na primeira metade do século XIX, com a Revolução Industrial.

Naquele momento, o consumo da força de trabalho, resultante da submissão dos trabalhadores a um processo acelerado e desumano de produção, exigiu uma intervenção, sob pena de tornar inviável a sobrevivência e a reprodução do próprio processo.

Quando Robert Dernham, proprietário de uma fábrica têxtil, preocupado com o fato de que seus operários não dispunham de nenhum cuidado médico a não ser aquele propiciado por instituições filantrópicas, procurou o Dr. Robert Baker, seu médico, pedindo que indicasse qual a maneira pela qual ele, como empresário, poderia resolver tal situação, Baker respondeu-lhe:

" Coloque no interior da sua fábrica o seu próprio médico, que servirá de intermediário entre você, os seus trabalhadores e o público. Deixe-o visitar a fábrica, sala por sala, sempre que existam pessoas trabalhando, de maneira que ele possa verificar o efeito do trabalho sobre as pessoas. E se ele verificar que qualquer dos trabalhadores está sofrendo a influência de causas que

possam ser prevenidas, a ele competirá fazer tal prevenção. Dessa forma você poderá dizer: meu médico é a minha defesa, pois a ele dei toda a minha autoridade no que diz respeito à proteção da saúde e das condições físicas dos meus operários; se algum deles vier a sofrer qualquer alteração da saúde, o médico unicamente é que deve ser responsabilizado".

A resposta do empregador foi a de contratar Baker para trabalhar na sua fábrica, surgindo, assim, em 1830, o primeiro serviço de medicina do trabalho.

Na verdade, despontam, na resposta do fundador do primeiro serviço médico de empresa, os elementos básicos da expectativa do capital quanto às finalidades de tais serviços:

– deveriam ser serviços dirigidos por pessoas de inteira confiança do empresário e que se dispusessem a defendê-lo;

– deveriam ser serviços centrados na figura do médico;

– a prevenção dos danos à saúde resultantes dos riscos do trabalho deveria ser tarefa eminentemente médica;

– a responsabilidade pela ocorrência dos problemas de saúde ficava transferida ao médico.

A implantação de serviços baseados nesse modelo rapidamente expandiu-se por outros países, paralelamente ao processo de industrialização e, posteriormente, aos países periféricos, com a transnacionalização da economia. A inexistência ou fragilidade dos sistemas de assistência à saúde, quer como expressão do seguro social, quer diretamente providos pelo Estado, via serviços de saúde pública, fez com que os serviços médicos de empresa passassem a exercer um papel vicariante, consolidando, ao mesmo tempo, sua vocação enquanto instrumento de criar e manter a dependência do trabalhador (e frequentemente também de seus familiares), ao lado do exercício direto do controle da força de trabalho.

MENDES, R; DIAS, E.C. Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador. *Revista Saúde Pública*, S.Paulo, 25: 341-9, 1991.Disponível em: <https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/2977.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2015. Adaptado.

28. (Basa – Médico do Trabalho – Cesgranrio – Set./2015)

No 4º parágrafo, insere-se no texto a voz do Dr. Robert Baker, médico que ensina ao empresário Robert Dernham o que fazer com a saúde de seus trabalhadores.

Tal fala apresenta um tom de aconselhamento, o que se exemplifica por meio do uso de

a) verbos no modo imperativo

b) linguagem informal

c) coordenação sintática

d) pontuação exagerada

e) palavras repetidas

29. (Liquigás – Administrador Jr. – Cesgranrio – Set./2015 – Adaptada)

Em " os movimentos caóticos atuais já **eram** os primeiros passos afinando-se e orquestrando-se para uma situação econômica mais digna", observa-se a adequada flexão do verbo destacado, o que também se verifica em

a) O povo brasileiro **sois** articulado politicamente.

b) Se **fôssemos** menos explorados, o país prosperaria mais.

c) Quando **fores** corretos os políticos brasileiros, a fome terá fim.

d) É fundamental que **sejemos** um povo mais politizado.

e) A população deseja que o sistema de saúde **sejais** melhor.

30. (Liquigás – Administrador Jr. – Cesgranrio – Set./2015 – Adaptada)

Caso se indeterminasse o sujeito em " Mas se não sei prever, posso pelo menos desejar.", constituiria adequada reescritura o seguinte período:

a) Mas se não sabemos prever, podemos pelo menos desejar.

b) Mas se não sabeis prever, podeis pelo menos desejar.

c) Mas se não sabe prever, pode pelo menos desejar.

d) Mas se não sabem prever, podem pelo menos desejar.

e) Mas se não sabes prever, podes pelo menos desejar.

31. (ANP – Téc. Reg. Petr&Der – Cesgranrio – Jan./2016)

As formas verbais estão empregadas coerente e adequadamente, de acordo com a norma-padrão da Língua Portuguesa, em:

a) É desejável que a escola não desse importância apenas à futura profissão dos alunos, mas que também atendesse às necessidades relativas à formação desses estudantes.

b) Os países em desenvolvimento teriam possibilidade de maior crescimento se a população fosse atendida em suas necessidades básicas e tivesse oportunidade de estudar.

c) Se os resultados das pesquisas de mercado fossem positivos, o diretor da empresa apresentará aos clientes detalhes do novo projeto a ser implementado.

d) É necessário que as empresas de comunicação global investissem em programas de popularização dos meios de compartilhamento de informação.

e) As mudanças do mercado digital dependem das ações que as empresas desenvolverão junto aos seus funcionários para que eles tivessem sucesso.

32. (Basa – Téc. Bancário – Cesgranrio – Set./2015)

O verbo em destaque está conjugado de acordo com a norma-padrão em:

a) **Pegue** o outro elevador, por favor.

b) É preciso que você **esteje** atento a situações de perigo.

c) Será muito bom se você **propor** um outro acesso aos passageiros.

d) **Seje** sempre bem-humorado com os passageiros.

e) Gostaríamos de que você **vesse** esse filme.

33. (Liquigás –Ass. Adminis. – Cesgranrio – Set./2015)

A forma verbal destacada está empregada de acordo com a norma-padrão em:

a) Quando as pessoas **fazerem** compras nas lojas locais, poderão usar o cartão de crédito comunitário.

b) Os consumidores preocupados com os gastos tinham **trago** pouco dinheiro para as suas compras.

c) Os financiamentos serão ampliados quando os bancos **estarem** com os juros baixos.

d) O ideal seria que os clientes dos bancos comunitários **pudessem** aumentar sua renda mensal.

e) Se os bancos **darem** mais crédito aos moradores, aumentará a construção de casas na comunidade.

34. (Basa – Médico do Trabalho – Cesgranrio – Set./2015 – Adaptada)

O presente do indicativo, em " A medicina do trabalho, enquanto especialidade médica, **surge** na Inglaterra, na primeira metade do século XIX, com a Revolução Industrial", produz o seguinte efeito de sentido:

a) aproxima o leitor do que é narrado.

b) põe em dúvida o contexto histórico referido.

c) confere um caráter de continuidade ao que é dito.

d) dissocia a origem da medicina do trabalho e o século XIX.

e) atribui à medicina do trabalho um valor anacrônico.

35. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016 – Adaptada)

O emprego dos verbos destacados no trecho " 'Eu me **sentava** bem na ponta do banco, e minha felicidade **começava**" mostra as lembranças da narradora sobre um fato que ocorreu com ela repetidas vezes no passado.

Se, respeitando-se o contexto original, a frase mostrasse um fato que ocorreu com ela uma única vez no passado, os verbos adequados seriamos que se destacam em:

a) Eu me **sentaria** bem na ponta do banco, e minha felicidade **começaria**.

b) Eu me **sentei** bem na ponta do banco, e minha felicidade **começou**.

c) Se eu me **sentasse** bem na ponta do banco, minha felicidade **começaria**.

d) Eu me **sento** bem na ponta do banco para que minha felicidade **comece**.

e) Eu **ficava sentada** bem na ponta do banco, e minha felicidade **estava começando**.

36. (IPSMI – Procurador – Vunesp – Abril/2016)

Assinale a alternativa em que a colocação pronominal e a conjugação dos verbos estão de acordo com a norma-padrão.

a) Eles se disporão a colaborar comigo, se verem que não prejudicarei-os nos negócios.

b) Propusemo-nos ajudá-lo, desde que se mantivesse calado.

c) Tendo avisado-as do perigo que corriam, esperava que elas se contessem ao dirigir na estrada.

d) Todos ali se predisporam a ajudar-nos, para que nos sentíssemos à vontade.

e) Os que nunca enganaram-se são poucos, mas gostam de que se alardeiem seus méritos.

37. (C.M. Marília-SP – Proc. Jurídico – Vunesp – Abril/2016)

Assinale a alternativa em que os verbos destacados, flexionados em conformidade com a norma-padrão, mantêm a mesma relação

de tempo e modo que os destacados em: E eu nem **sei** onde fica o mar Cáspio, embora também não **saiba** onde fica o Brasil.

a) E eu nem me ative à localização do mar Cáspio, embora também não me atenho à localização do Brasil.

b) E eu nem guardei a localização do mar Cáspio, embora também não guarde a localização do Brasil.

c) E eu nem conheço a localização do mar Cáspio, embora também não conheço a localização do Brasil.

d) E eu nem vi a localização do mar Cáspio, embora também não vejo a localização do Brasil.

e) E eu nem disponho da localização do mar Cáspio, embora também não disponha da localização do Brasil.

38. (MPE/SP- Analista Técnico Científico – Vunesp – Jul./2016)

Assinale a alternativa que preenche as lacunas do texto a seguir, observando o emprego do sinal de crase e a conjugação verbal, segundo a norma-padrão.

Implantaremos um sistema capaz de levar _____ consumidores fiéis informações sobre nossas promoções, _____ partir do momento em que forem lançadas. Se de recursos suficientes, anunciaremos prêmios que atraiam clientes, para que _____ incondicionalmente _____ campanhas promocionais.

a) aqueles ... a ... dispormos ... aderem ... as

b) àqueles ... a ... dispusermos ... adiram ... às

c) àqueles ... à ... dispusermos ... aderem ... às

d) aqueles ... à ... dispormos ... adiram ... as

e) aqueles ... a ... dispormos ... adiram ... as

39. (MPE/SP- Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Assinale a alternativa correta quanto ao emprego do verbo, em conformidade com a norma-padrão.

a) Caso Minas Gerais usa a experiência do Japão, pode superar Mariana e recuperar os danos ambientais e sociais.

b) Se Minas Gerais se propuser a usar a experiência do Japão, poderá superar Mariana e recuperar os danos ambientais e sociais.

c) Se o Japão se dispor a auxiliar Minas Gerais, Mariana é superada e os danos ambientais e sociais recuperados.

d) Se o Japão manter seu auxílio a Minas Gerais, Mariana poderá ser superada e os danos ambientais e sociais recuperados.

e) Caso Minas Gerais faz uso da experiência do Japão, poderá superar Mariana e recuperar os danos ambientais e sociais.

40. (ESAF – MF – Assistente Técnico Administrativo – 2012)

Assinale a opção em que o texto foi transcrito com erro *no uso do verbo sublinhado.*

Animado com os indicadores positivos mais recentes, o governo reforçou ontem o tom otimista sobre a recuperação da atividade econômica, apesar de analistas do mercado financeiro estarem (A) ainda céticos sobre o ritmo do crescimento. O tom otimista foi usado em declarações da Presidenta, do Ministro da Fazenda e do presidente do Banco Central, a quem coube (B) o recado mais importante, ao afirmar (C)que o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) vai acelerar nos próximos meses, mas com preços sob controle. Os estímulos dados pelo governo já obteram (D) uma resposta positiva da atividade econômica, mas ainda não produziram plenamente seus efeitos. Por isso a tendência é de recuperação mais à frente, sem que exista (E) risco de a inflação fugir da meta estabelecida para este ano.

(Adaptado do *Correio Braziliense*, 18 de agosto de 2012)

a) A

b) B

c) C

d) D

e) E

Leia o texto a seguir para responder à questão 41.

A oferta total de crédito na economia brasileira dobrou nos últimos oito anos. A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito. Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e tem sido um dos principais dínamos do PIB. Mas começam a ficar evidentes os sinais de fadiga nessa expansão econômica baseada no endividamento. Mesmo com o barateamento do dinheiro provido pelo Banco Central, o crédito ficou mais caro para os consumidores. Preocupado com a falta de vigor da economia, o governo determinou que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal reduzissem as suas taxas. No cheque especial e no financiamento de veículos, por exemplo, os juros que agora serão cobrados pelos bancos públicos são praticamente a metade das taxas médias de mercado.

(Adaptado de *Veja*, 18 de abril, 2012)

41. (ESAF – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012)

Provoca-se erro gramatical e/ou incoerência textual ao fazer a seguinte alteração nos verbos do fragmento acima.

a) virão a ser em lugar de " serão"(L. 9).

b) têm contribuído em lugar de " contribuíram"(L. 3).

c) vem sendo em lugar de " tem sido"(L. 4).

d) reduzam em lugar de " reduzissem"(L. 8).

e) dobrara em lugar de " dobrou"(L. 1).

Leia o texto a seguir para responder à questão 42.

A prefeitura municipal, através da Secretaria de Assistência Social, promove a Campanha Imposto de Renda Solidário, projeto cujo objetivo é, através de doação do imposto de renda devido, ajudar a financiar projetos de defesa e promoção dos direitos de crianças e adolescentes de Chapadão do Sul.

A ideia é que todos que queiram participar direcionem parte do valor devido ao Fundo Municipal dos Direitos da Infância e Adolescência (FMDCA) e assim participem da Campanha. A doação, estabelecida pela Lei n. 8.069/90, é simples, não traz ônus a quem colabora e os valores doados são abatidos do imposto de renda devido.

O valor destinado ao Fundo Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, respeitados os limites legais, é integralmente deduzido do IR devido na declaração anual ou acrescido ao IR a restituir. Quem quiser contribuir deve procurar um escritório de contabilidade e solicitar que seu imposto de renda seja destinado ao FMDCA de Chapadão do Sul.

A doação pode ser dirigida a um projeto de escolha do doador, desde que esteja inscrito no CMDCA Conselho Municipal de Direitos da Criança e do Adolescente, que analisará e aprovará o repasse do recurso e posteriormente fiscalizará sua execução.

(Adaptado de: <http://www.ocorreionews.com.br>. Acesso em: 19 mar. 2014.)

42. (ESAF – Receita Federal – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2014)

No desenvolvimento da argumentação do texto, o modo e tempo verbais são usados para indicar uma possibilidade, uma hipótese em:

a) " ajudar a financiar" (l. 2 e 3).

b) " queiram participar" (l. 4).

c) " são abatidos" (l. 6).

d) " deve procurar" (l. 10).

e) " analisará e aprovará" (l. 13).

Gabarito: 1. e; 2. d; 3. d; 4. a; 5. c; 6. b; 7. d; 8. a; 9. e; 10. c; 11. d; 12. c; 13. e; 14. c; 15. b; 16. d; 17. a; 18. a; 19. E; 20. E; 21. C; 22. E; 23. C; 24. C; 25. b; 26. E; 27. a; 28. a; 29. b; 30. d; 31. b; 32. a; 33. d; 34. a; 35. b; 36. b; 37. e; 38. b; 39. b; 40. d; 41. e; 42. b.

9 PRONOMES

O primeiro conceito importante que se deve saber sobre pronomes é que eles podem desempenhar funções adjetivas, quando se referirem a substantivos (pronomes adjetivos), ou funções substantivas, quando ocuparem o lugar do substantivo (pronomes substantivos). É exatamente assim: um pronome, além de ser classificado como relativo, demonstrativo, possessivo etc., pode ser substantivo ou adjetivo.

Exemplo:

Este produto é importado **Isto** é importado

pronome adjetivo pronome substantivo

Observe uma questão de concurso que trabalhou essa nomenclatura.

1. (TRT/RJ) A alternativa em que o pronome indefinido exerce função substantiva é:

a) de uma etnia e de uma cultura.

b) que exterminassem as demais.

c) depois de vários séculos.

d) marcada muitas vezes.

e) nenhum grupo pode.

Comentários:

Na letra A, **uma** refere-se a **etnia** e **cultura, sendo artigo indefinido;** na letra C, **vários** acompanha o substantivo **séculos, classificando-se como pronome indefinido em função adjetiva;** na letra D, **muitas** se refere a **vezes, é pronome indefinido adjetivo também**; na letra E, o pronome indefinido **nenhum** se refere ao substantivo **grupo, e exerce, portanto, função adjetiva.** Apenas na letra B, o pronome indefinido **demais** não acompanha substantivo: aparece no lugar dele, antecedido pelo artigo **as.** Daí exerce uma função substantiva.

Resposta: B.

Os pronomes podem ser: pessoais, possessivos, demonstrativos, indefinidos, interrogativos e relativos.

9.1. PRONOMES PESSOAIS

Designam as três pessoas do discurso. Classificam-se em **retos** e **oblíquos.**

Pessoa	Caso reto	Caso oblíquo	
		Átono	**Tônico**
1ª	eu	me	mim, comigo
2ª	tu	te	ti, contigo
3ª	ele	se, o, a, lhe	si, consigo, ele, ela*
1ª	nós	nos	* nós, conosco
2ª	vós	vos	* vós, convosco
3ª	eles	se,os, as, lhes	si, eles, elas*

***Ele, nós, vós, eles:** quando oblíquos sempre preposicionados.

Ex.: Ora se dirigia a nós, ora a eles.

Observação: Quando os verbos terminam em **r, s, z** e os pronomes pedidos são **o(s), a(s),** ocorre a queda daquelas terminações, acrescentando-se o **l (lo(s), la(s));** quando os verbos terminarem em som nasal (**m** ou **til**), acrescenta-se o **n** (no(s), na(s)).

Ex.: Quero comprá-**las.** (= comprar + as) / Expusemo-**la**. (Expusemos + a) / Fê-**los** com rapidez. (Fez + os) / Trouxeram-**no** (Trouxeram + o)**.**

9.1.1. Retos

Funcionam, na maior parte dos casos, como sujeito ou predicativo.

Ex.: **Tu** não és **eu**. / O fato de **ele** reconhecer o erro…

suj. p.s. suj.

9.1.2. Oblíquos

Funcionam, geralmente, como complemento (objeto direto, objeto indireto, complemento nominal).

Ex.: Vi – **o** na rua. / Obedeci-**lhe**. / A decisão **lhe** foi favorável.

o.d. o.i. c.n

Agora vamos a alguns exercícios de fixação para apreender a teoria exposta sobre os pronomes pessoais retos e oblíquos. Nas questões de prova, observamos que esse assunto aparece por meio de reescritura, daí a importância de se associar a classe à função que ela desempenha na frase.

Lembre-se: os pronomes pessoais retos funcionam, em geral, como sujeito, e os oblíquos como complementos de verbo ou de

nome.

I. Use eu/tu, mim/ti.

1. Você só sairá se _____ permitir.

Comentários: aqui aparecem dois verbos. Para todo verbo, temos de achar um sujeito. O sujeito de *sairá* é *Você*. Fica faltando o sujeito para o verbo *permitir*, daí o uso do pronome pessoal reto *eu*.

Resposta: eu.

2. Nenhum problema surgiu entre _____ e o teu chefe.

Comentários: nesta frase observamos que aparece apenas um verbo – *surgiu* – com seu respectivo sujeito *Nenhum problema*. Logo, teremos de usar o complemento *mim*.

Resposta: mim.

3. Entre _____ pedir e você atender...

Comentários: neste período aparecem dois verbos: *pedir* e *atender*. O sujeito de *atender* é *você*. Ficaria faltando o sujeito do verbo *pedir*, por isso, teremos de completar a lacuna com o pronome pessoal reto *eu*.

Resposta: eu.

4. Houve muitos desentendimentos entre _____ e _____.

Comentários: aqui aparece apenas o verbo *Houve*, com o sentido de *existir*. Quando o verbo *haver* aparece com esse sentido, temos um caso de **oração sem sujeito**, logo não poderemos completar as lacunas com sujeito, e sim com complementos *mim* e *ti*.

Respostas: mim e ti.

II. Substitua o termo em destaque pelo pronome correspondente.

1. O movimento visa encontrar **soluções**.

Comentários: o termo destacado exerce a função de objeto direto de *encontrar*. Ao se reescrever a frase, o objeto, que é um complemento de verbo, será substituído por um pronome oblíquo correspondente – *las*. Lembre-se de que quando o verbo termina em *r*, *s* ou *z* e os pronomes pedidos são *o(s), a(s)*, cortam-se aquelas terminações e acrescenta-se o *l*.

Resposta: encontrá-las.

2. Deixaram **as chaves** no carro.

Comentários: outra vez o termo destacado funciona como **complemento** de verbo, portanto, usaremos o pronome oblíquo átono correspondente. Como a terminação é em som nasal, acrescenta-se o *n*.

Resposta: Deixaram-nas.

3. Faltaram **os aplausos** no fim do espetáculo.

Comentários: repare que nesta frase a expressão destacada funciona como sujeito do verbo *faltar*. Por isso, o uso do pronome reto correspondente – *eles* – na função de sujeito.

Resposta: Faltaram eles ou, na ordem direta, Eles faltaram.

4. **A violência** começa a gerar **expectativas**.

Comentários: nesta frase as expressões destacadas funcionam, respectivamente, como *sujeito* e *objeto direto*. Reescrevendo o sujeito *A violência*, temos o pronome reto *ela*; reescrevendo o objeto direto *expectativas*, o pronome oblíquo correspondente *-las*.

Respostas: Ela e gerá-las.

9.1.2.1. Colocação dos pronomes oblíquos átonos

me – te – se – o(s) – a(s) – lhe(s) – nos – vos

Próclise: quando o pronome átono aparece **antes** do verbo.

Ex.: Eu **o** ajudei naquela difícil tarefa.

Mesóclise: quando o pronome átono aparece no **meio** do verbo.

Ex.: Ajudá-**lo**-ei naquela difícil tarefa.

Ênclise: quando o pronome átono aparece **após** o verbo.

Ex.: Ajudei-**o** naquela difícil tarefa.

Observamos que a possibilidade de se usar o oblíquo átono é muito maior do que a proibição. Portanto, estudaremos aqui os casos em que o uso do pronome átono é proibido.

É proibido:

a) iniciar **oração** com oblíquo átono;

Exs.: **Me** espere hoje às seis horas. (errado)

Espere-**me** hoje às seis horas. (certo)

b) colocá-los **após** futuros e particípio.

Exs.: Direi-**te** a verdade. (errado)

Havia falado-**me** a verdade. (errado)

Dir-**te**-ei a verdade. (certo)

Havia-**me** falado a verdade. (certo)

Observações:

1. Havendo palavra **invariável** (palavra que não tem feminino nem plural – que, quem, caso, se, em, ninguém, alguém, tudo…) antes do verbo, próclise.

   Ex.: **Para** me responder... / **Não** te ouvi.

   Na locução verbal, se aparecer palavra **invariável** e o pronome vier preso ao auxiliar por hífen, estará **errada** a construção.

   Ex.: **Ninguém** queria-**me** ouvir. (errado)

   Ninguém me queria ouvir. (certo)

   Ninguém queria me ouvir. (certo: mesmo havendo palavra indefinida, o pronome pode ficar proclítico ao verbo principal)

2. Após infinitivo, sempre certo o uso do pronome átono.

   Ex.: Para responder-me…

   Ninguém queria ouvir-me.

3. Com conjunção coordenativa (*e, ou, mas,* …): próclise ou ênclise.

   Ex.: Chegou e se deitou ou Chegou e deitou-se.

   Antes das questões de concursos, vamos fixar as regras de colocação pronominal.

Use o pronome oblíquo átono entre parênteses em todas as posições possíveis. Quando houver caso de mesóclise, escreva ao lado a forma correta.

1. _____ dize _____ com quem andas, _____ direi _____ quem és. (me/te)

   Comentários: observe que nas duas passagens os verbos dão início às orações. Como não podemos iniciar oração com pronome oblíquo átono, usaremos a ênclise no primeiro caso e a mesóclise no segundo.

   Resposta: Dize-me e dir-te-ei.

2. _____ caberia _____ mostrar patriotismo (lhe).

   Comentários: neste caso, não podemos usar a próclise por ser início de oração, mas também não podemos usar a ênclise já que o verbo aparece no futuro, o que, nos dois casos, consistiria erro. Aqui a única possibilidade é a mesóclise.

   Resposta: Caber-lhe-ia.

3. O dinheiro que _____ entreguei _____ era meu. (lhe)

   Comentários: nesta frase, a palavra *que*, invariável, atrai o pronome oblíquo átono.

Resposta: que lhe entreguei.

4. Os falantes de português _____ tornaram _____ maioria no litoral brasileiro. (se)

Comentários: aqui as duas formas estão corretas porque não há nenhuma proibição. Não é início de oração, o verbo não está no futuro nem há palavra invariável antes do verbo que obrigaria uso da próclise. Portanto, próclise ou ênclise.

Resposta: se tornaram ou tornaram-se.

Agora, algumas questões de concursos anteriores comentadas.

1. (FCC/TRF-SP) Devaneios, quem não **tem devaneios**? **Têm devaneios** as crianças e os jovens, **dão aos devaneios** menos crédito os adultos, mas é impossível **abolir os devaneios** completamente.

Evitam-se as indesejáveis repetições da frase anterior substituindo-se os elementos em destaque, na ordem dada, por:

a) os tem – Têm-lhes – dão-lhes – abolir-lhes

b) tem eles – Têm-nos – dão-lhes – abolir-lhes

c) os tem – Têm eles – dão-nos – aboli-los

d) tem a eles – Os têm – dão a eles – abolir a eles

e) os tem – Têm-nos – dão-lhes – aboli-los

Comentários:

Vimos na teoria que questões de reescritura por meio de pronome pessoal obedecem a um padrão: o **sujeito** é substituído por pronome pessoal **reto** e o **complemento**, por pronome pessoal **oblíquo**. Além disso, quando os pronomes pedidos são o(s), a(s) (objetos diretos), dependendo das terminações, viram lo(s), la(s) ou no(s), na(s).

Nesta questão, *devaneios*, em todas as passagens, funciona como objeto dos respectivos verbos. Nas 1ª e 2ª ocorrências, é objeto direto de **tem**. Na 3ª, é objeto indireto de **dão** (veja a presença da preposição) e na 4ª, objeto direto de **abolir**. Como os pronomes usados são os oblíquos átonos, além do uso, temos de atentar para a **colocação**. No primeiro caso, o **não** atrai o pronome (*não os tem*). Nos segundo e terceiro casos, iniciam oração (Têm-nos) e (dão-lhes). Na quarta ocorrência, nada proíbe o uso da próclise ou da ênclise (... *impossível os abolir* ou *aboli-los*).

Resposta: E.

2. (FCC/TRT – 18ª Região) As eleições são importantes, mas não **se empreste às eleições** um valor absoluto, ainda que muitos ainda **vejam as eleições** como finalidade última do processo democrático, sem falar nos que **consideram as eleições** uma aborrecida obrigação.

Evitam-se as viciosas repetições do texto acima substituindo-se os elementos destacados, respectivamente, por:

a) se lhes empreste – as vejam – as consideram

b) se as empresta – as vejam – lhes consideram

c) se empreste-lhes – vejam-nas – lhes consideram

d) se empreste a elas – lhes vejam – as consideram

e) se lhes empreste – vejam-lhes – consideram elas

Comentários:

Aqui, logo pela primeira passagem, ao usar o oblíquo átono, por causa da palavra invariável **se**, ficaríamos apenas com duas opções: A e E. Lembre que o pronome átono **lhe**, como complemento de verbo, substitui o **objeto indireto** (*emprestar um valor absoluto às eleições*). Nas outras ocorrências, *eleições* funciona como objeto direto dos respectivos verbos.

Quanto à colocação, próclise nos dois casos, pois as palavras invariáveis **ainda** e **que** atraem os pronomes átonos.

Na letra D, estaria correto o uso do oblíquo tônico **a elas**, já que substitui o objeto indireto, com preposição, pois. Mas a passagem *lhes vejam* estaria errada.

Resposta: A.

3. (FCC/PMSAL – Guarda Municipal) O autor explica ao leitor mais jovem quem eram os guardas-noturnos, como a população **admirava os guardas-noturnos**, como **confiava aos guardas-noturnos** a tarefa de velar pelo sono de todos, como **tomava os guardas-noturnos** como exemplo de dedicação profissional.

Evita-se o uso abusivo de repetições na frase acima substituindo-se os elementos destacados, respectivamente, por:

a) admirava eles – confiava neles – os tomava

b) os admirava – lhes confiava – os tomava

c) lhes admirava – os confiava – tomava a estes

d) admirava-os – confiava-lhes – tomava-lhes

e) admirava-lhes – lhes confiava – lhes tomava

Comentários:

Nas primeira e terceira passagens, *guardas-noturnos* aparece como objeto direto (sem preposição) dos verbos **admirar** e **tomar**. Na primeira, como nada proíbe (veja a teoria) a próclise ou a ênclise, caberiam *"… a população os admirava"* ou *"… a população admirava-os"*, mas na terceira a palavra **como** (invariável) atrai o pronome átono (*como os tomava*). Na segunda ocorrência, esse mesmo vocábulo aparece como **objeto indireto**, daí a substituição por **lhe**. A próclise se dá por causa da presença da palavra **como** (invariável).

Resposta: B.

9.1.2.2. Reflexivos

Referem-se à mesma pessoa, correspondendo a **a mim mesmo, a si mesmo** etc.

Exs.: Eu **me** cortei. / Ele **se** feriu. / Olhou-**se** no espelho. / Trazia **consigo** as lembranças do passado.

9.1.2.3. Recíprocos

Indicam ideia mútua, recíproca, correspondendo a **um ao outro.**

Exs.: Eles **se** abraçaram.

Os namorados olhavam-**se** apaixonadamente.

Vejamos um exemplo de questão.

1. (NCE/TJ – Analista Judiciário) "As verdades filosóficas se contradizem…"

O item a seguir em que o SE apresenta valor idêntico àquele que possui nesse segmento da frase acima:

a) Procura-se um meio de fazer o homem menos cético.

b) Os homens modernos esconderam-se da verdade.

c) Pascal se declarou irracionalista.

d) A ciência e a fé se digladiam.

e) As doutrinas filosóficas queixam-se do ceticismo moderno.

Comentários:

A partícula **se** do enunciado funciona como *pronome recíproco* (**uma** verdade contradiz **a outra**).

Na letra A, o **se** é pronome *apassivador* (um meio é procurado). Em vozes verbais falaremos sobre ele. Nas opções B e C, o pronome funciona como *reflexivo* ("esconderam **a si mesmos**" e "declarou **ele mesmo** irracionalista"). Na opção D, é *recíproco*, pois **uma** se digladia com **a outra**. Na E, o verbo em questão é *queixar-se* (pronominal), sendo o pronome parte integrante do verbo.

Resposta: D.

9.2. PRONOMES DE TRATAMENTO

Certos vocábulos ou locuções valem por pronomes pessoais. São os **pronomes pessoais de tratamento.** Referem-se à segunda pessoa, mas o verbo e os pronomes correspondentes vão para a 3ª pessoa.

Exs.: Você, Senhor, Senhora, Vossa Excelência, Vossa Eminência etc.

Vejamos um exemplo de questão.

1. (FCC/TRT – 2ª Região – Téc. Judic.) Considere o final de uma reivindicação dos moradores de um bairro, dirigida ao prefeito da cidade:

"Esperamos que _____, senhor prefeito, _____ verificar as condições por nós apontadas, e que sejam tomadas as medidas necessárias no sentido de solucionar tais problemas…

A _____ dispor, atentos às providências,

Os moradores."

As lacunas estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:

a) V.Sa. – mandeis – vosso

b) V.Exa. – mande – seu

c) V.Exa. – mandeis – seu

d) V.Sa. – mande – vosso

e) V.Exa. – mande – vosso

Comentários:

Esta é uma questão que trata do emprego dos pronomes de tratamento. Usamos *V.Exa* para altas autoridades (presidentes, governadores, ministros, prefeitos…). Além disso, os verbos e os pronomes correspondentes vão para a 3ª pessoa (mande e seu).

Resposta: B.

9.3. PRONOMES POSSESSIVOS

São aqueles que indicam a posse em referência às três pessoas do discurso:

1ª pessoa: meu(s), minha(s), nosso(s), nossa(s)

2ª pessoa: teu(s), tua(s), vosso(s), vossa(s)

3ª pessoa: seu(s), sua(s)

Quanto aos pronomes possessivos, atenção:

Há duas maneiras de indicar a posse no discurso: utilizando-se de um pronome possessivo ou por meio de um pronome oblíquo átono com valor possessivo. Assim, teríamos:

Beijou-**lhe** a face. (Beijou a **sua** face)

Beijou-**me** a face. (Beijou a **minha** face)

À noite, apareceram-**lhe** em casa alguns amigos. (em **sua** casa)

É exatamente isso: um pronome oblíquo átono pode ter o mesmo valor semântico que um pronome possessivo. A seguir, alguns exemplos.

Assinale as opções em que o pronome lhe apresenta o mesmo valor significativo que possui em "uma espécie de riso sardônico e feroz contraía-lhe as negras mandíbulas.":

Observe que aqui o que se pede é o pronome oblíquo átono com valor de posse. Nesse caso, ele irá sempre se referir a um substantivo e poderá ser substituído por um outro pronome possessivo.

a) A mãe apalpava-lhe o coração.

(Isso é o mesmo que a mãe apalpava o seu coração, o coração dele.)

b) Aconteceu-lhe uma desgraça.

(Aconteceu uma desgraça a ele, e não dele.)

c) Tudo lhe era indiferente.

(Tudo era indiferente a ele.)

d) Afastou-lhe os cabelos.

(Afastou os seus cabelos, os cabelos dele.)

e) Ao inimigo, não lhe nego perdão.

(Não nego perdão a ele, e não o perdão dele.)

f) Não lhe contei o segredo.

(Não contei o segredo a ele.)

g) Apertou-lhe gentilmente a mão.

(Apertou a sua mão, a mão dele.)

Resposta: as alternativas que apresentam pronomes oblíquos com valor possessivo são A, D e G.

Vejamos como esse assunto aparece nas provas.

1. (Cespe/UnB/MTE) Assinale a opção em que o pronome "lhe" não tem o mesmo sentido que em: "O tempo arrebata-lhe a garganta".

a) Afagou-lhe os cabelos com amor.

b) A luz sempre lhe afugenta o sono.

c) O marido sempre lhe nega a resposta.

d) Ajeitou-lhe o colar e saiu mansamente.

Comentários:

O pronome oblíquo da frase do enunciado possui valor possessivo – pode ser trocado por outro possessivo ("O tempo arrebata a *sua* garganta").

Na letra A, o pronome *lhe* equivale a *seus* ("Afagou os *seus* cabelos com amor").

Na letra B, o pronome oblíquo *lhe* pode também ser substituído por um possessivo ("O tempo afugenta o *seu* sono").

A letra C traz um pronome oblíquo que funciona como complemento do verbo, e não possui valor possessivo ("O marido sempre nega a resposta *a ela*").

Já a letra D apresenta um pronome oblíquo com valor possessivo: ajeitou o *seu* colar e saiu...

Resposta: C.

2. (Cespe-UnB) Assinale a única frase em que o pronome *lhe* **NÃO** tem sentido possessivo.

a) O tempo mudou-lhe o rosto.

b) Não lhe pude conhecer a generosidade.

c) O sabor das balas de tangerina encheu-lhe a boca.

d) O entusiasmo abriu-lhe os olhos.

e) Deram-lhe um emprego perto de casa.

Comentários:

Nas letras A, B, C e D, os pronomes oblíquos têm valor possessivo: referem-se a substantivos e podem ser substituídos por outros possessivos. Assim, teríamos: o tempo mudou o *seu* rosto; não pude conhecer a *sua* generosidade; o sabor das balas de tangerina encheu a *sua* boca; o entusiasmo abriu os *seus* olhos. Apenas na letra E o pronome oblíquo não tem sentido possessivo, ele é complemento do verbo: "deram um emprego *a ele* – e não um emprego *dele* – perto de casa".

Resposta: E.

9.4. PRONOMES INDEFINIDOS

Agora, vamos falar sobre os pronomes indefinidos. Estes têm sentido vago ou indeterminado. Aplicam-se à 3ª pessoa: algum, nenhum, todo, outro, muito, certo, vários, tanto, quanto, qualquer, alguém, ninguém, tudo, outrem, nada, cada, algo, mais, menos, que, quem. Veja os exemplos:

"**Todo** dia ela faz tudo sempre igual." (Chico Buarque)

Havia **muita** preocupação no Congresso.

Chegarão **mais** livros na próxima semana.

Observe que os pronomes indefinidos referem-se a substantivos, como todos os pronomes fazem, indicando ideia vaga, generalizando: essa é a função de um pronome indefinido. Além dos pronomes indefinidos, existem também **as locuções pronominais indefinidas**, que são um grupo de vocábulos com valor de pronome indefinido: cada um, cada qual, qualquer um etc. Os pronomes indefinidos, muitas vezes, interrogam e, nesse caso, são chamados de pronomes indefinidos interrogativos ou, simplesmente, pronomes interrogativos. Vamos conhecê-los?

9.5. PRONOMES INTERROGATIVOS

São os pronomes indefinidos **que**, **quem**, **qual**, e **quanto**, usados nas interrogações (diretas ou indiretas). Exemplos:

Quem precisa de um novo Fidel?

Nesse caso, o pronome indefinido *quem* está inserido em uma frase interrogativa direta: com ponto de interrogação.

Desconheço **quem** organizou a festa.

Observe que, aqui, o pronome também é interrogativo, mas se insere em uma frase interrogativa indireta, sem ponto de interrogação.

Aqui, vale um recado:

Frase interrogativa indireta é aquela que vem sem ponto de interrogação, mas que também espera uma resposta. São as conjecturas. Utilizam-se de informações do tipo: desconheço, gostaria de saber, não sei...

Os pronomes indefinidos e interrogativos podem se confundir com adjetivos ou advérbios. Isso porque eles também se referem a substantivos – como os adjetivos fazem. Além disso, muitas palavras que aparecem como adjetivos ou advérbios também podem ser pronomes indefinidos: *muito*, *vários*, *todo*...

Falaremos do substantivo, adjetivo e advérbio em concordância, mas já podemos definir essas classes agora, a fim de não confundi-las com os pronomes indefinidos.

Adjetivo é a classe de palavra que se refere ao substantivo, indicando-lhe qualidade, condição ou estado. É classe de palavra variável.

Advérbio é a classe de palavra que modifica verbo, adjetivo ou o próprio advérbio. Indica circunstância (tempo, intensidade, lugar etc.) e é normalmente invariável.

Pronome indefinido modifica substantivo ou entra no lugar dele. Semanticamente, indica ideia vaga. Na maioria das vezes, é classe de palavra variável (algum, qualquer, todo...), ainda que alguns pronomes indefinidos não variem (alguém, ninguém...).

Atenção: Dizer que uma classe de palavra é variável significa dizer que ela se flexiona em gênero (masculino/feminino) e número (singular/plural).

Vamos treinar?

Complete as lacunas de acordo com o código abaixo:

(1) Adjetivo ou locução adjetiva

(2) Advérbio ou locução adverbial

(3) Pronome indefinido

a) ( ) Maria é muito calma.

Aqui, a palavra *muito* se refere a *calma*; *calma* é adjetivo; *muito* é advérbio. Observe que ele não se flexionou; o que ratifica que é um advérbio, classe de palavra invariável.

b) ( ) Precisou de muita calma para resolver o impasse.

Calma agora é substantivo. Ora, se *muita* se refere a um substantivo, indicando ideia vaga, é pronome indefinido.

c) ( ) Precisou de muito dinheiro para comprar a casa.

Muito se refere ao substantivo *dinheiro*, indicando sentido vago, indeterminado. É pronome indefinido.

d) ( ) Beijo pouco, falo menos ainda.

Menos modifica o verbo falo, indicando intensidade. É advérbio.

e) ( ) Hoje disponho de pouco tempo para diversão; e o que é pior, de menos disposição.

Pouco se refere a *tempo*, substantivo; *menos* se refere a *disposição*, também um substantivo. Ambos indicam ideia vaga, generalizam. São pronomes indefinidos.

f) ( ) Cantava bem baixo para ninguém ouvi-lo.

Baixo modifica o verbo *cantava*, indicando ideia de modo. É advérbio.

g) ( ) Tinha bastante orgulho da irmã.

Bastante se refere ao substantivo *orgulho*. É o mesmo que *muito orgulho*. Indica valor vago: pronome indefinido.

h) ( ) Era uma pessoa bastante orgulhosa.

Bastante refere-se ao adjetivo *orgulhosa*, intensificando esse adjetivo. É advérbio de intensidade; tanto é advérbio que, se flexionássemos as informações para o plural, essa palavra se manteria invariável: *eram pessoas bastante orgulhosas*.

i) ( ) Depositava confiança bastante no bom senso da filha.

Agora, *bastante*, que se refere a um substantivo, está o qualificando. É o mesmo que *suficiente*. É, portanto, adjetivo.

j) ( ) Tenha mais paciência.

Mais se refere ao substantivo *paciência*, indicando ideia vaga, indeterminada. É o mesmo que *muita paciência*. É pronome indefinido.

k) ( ) Seja mais paciente.

Mais se refere a *paciente*, que é adjetivo, intensificando-o. É advérbio de intensidade.

l) ( ) Sempre leio os jornais da manhã.

Essa expressão se refere ao substantivo jornal, caracterizando-o. É uma locução adjetiva. Nesse caso, poderíamos inclusive trocar essa locução por outro adjetivo: *matutinos*.

m) ( ) Sempre leio os jornais de manhã.

A expressão se refere ao verbo, dando-lhe ideia de tempo: *leio de manhã, pela manhã*. É locução adverbial de tempo.

Gabarito: a) 2; b) 3; c) 3; d) 2; e) 3; f) 2; g) 3; h) 2; i) 1; j) 3; k) 2; l) 2; m) 1 e 2.

Tendo visto os pronomes indefinidos e em que eles diferem dos advérbios e adjetivos, resta-nos falar dos pronomes demonstrativos. É neste assunto que vamos aprender a diferenciá-los e a detectar as funções que eles desempenham no texto.

9.6. PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Antes de tudo, é preciso entender que os pronomes demonstrativos podem indicar a posição dos elementos em relação a três hipóteses distintas: tempo, espaço, texto. Assim:

O pronome demonstrativo pode apontar para objetos localizados no **espaço**, perto ou distante do falante.

O pronome demonstrativo pode fazer referência ao **tempo** presente, passado ou futuro.

O demonstrativo pode também retomar informações já mencionadas no **texto** ou que virão a seguir na sequência textual.

Para cada situação, existem regras que farão você optar por qual demonstrativo utilizar. Preparamos um quadro resumido que irá ajudá-lo a organizar esses conceitos:

	No espaço	No tempo	No texto
Isto / este(s) / esta(s)	Apontam para o que está perto do falante. Ex.: Este material aqui é meu.	Momento presente. Ex.: Estes dias têm sido agradáveis. Momento futuro próximo. Ex.: Nestas férias viajarei.	Apontam para uma informação que virá adiante no texto. Ex.: Este número é a dica do teste – sete.
	Apontam para o		

Isso / esse(s) / essa(s)	que está perto do ouvinte. Ex.: Esse material aí é meu.	Passado não distante. Ex.: Nesse domingo fui ao Maracanã.	Indicam uma informação que já apareceu no texto. Atenção: se a informação já foi mencionada e está próxima, modernamente, costuma se utilizar Isto/Este/Esta. Ex.: "Dois" – Esse/Este número é a dica do teste.
Aquilo / aquele(s) aquela(s)	Apontam ao que está distante de ambos. Ex.: Aquele material ali é meu.	Passado ou futuro distante. Ex.: Aquelas férias de 2000/2020 foram/serão maravilhosas.	Com dois antecedentes: "este" para o mais próximo; "aquele" para o mais distante. "Esse" traria ambiguidade. Ex.: José e João estudaram. Este (João)/Aquele (José) foi aprovado.

Lembre-se: para estabelecer a distinção entre duas coisas ou pessoas anteriormente citadas, usamos este(s), esta(s), isto para o termo mais próximo e aquele(s), aquela(s), aquilo para o mais distante. Veja um exemplo:

"Há que se fazer a distinção entre acidentes do trabalho e doença do trabalho. Enquanto esta é inerente a determinados ramos de atividade, aqueles ocorrem pelo exercício do trabalho, provocando lesão corporal."

Mais treinamento?

Complete as lacunas com os demonstrativos adequados.

1. _____ livro que estás lendo é infantil?

Comentários: Espaço: perto do ouvinte.

Resposta: Esse.

2. Não. _____ livro que estou lendo é sobre política.

Comentários: Espaço: perto do falante.

Resposta: Este.

3. Guilherme, traga-me _____ CD que ficou lá no seu quarto.

Comentários: Espaço: distante de ambos.

Resposta: Aquele.

4. Um dia _____ visitarei o seu pai.

Comentários: Tempo: futuro não distante.

Resposta: destes.

5. Guilherme, dê-me _____ CD que está aí.

Comentários: Espaço: perto do ouvinte.

Resposta: Esse.

6. "Qual é a relação entre dialética e retórica? A _____ pergunta Aristóteles responde desde a primeira frase do seu livro."

Comentários: Texto: retomando o que foi dito anteriormente.

Resposta: Essa.

7. _____ é a pergunta que Aristóteles responde desde a primeira frase do seu livro: qual é a relação entre dialética e retórica?

Comentários: Texto: apontando para o que será dito adiante.

Resposta: Esta.

8. Luísa, _____ é o Eduardo?

Comentários: Espaço: perto do ouvinte.

Resposta: Esse.

9. _____ ano que passou foi muito proveitoso para mim.

Comentários: Tempo: passado não distante.

Resposta: Esse.

10. _____ mês que passou choveu muito. Para _____ mês que começa, porém, a previsão é de tempo bom.

Comentários: Tempo: passado não distante e futuro próximo.

Resposta: Nesse / este.

11. _____ aqui são meus primos.

Comentários: Espaço: perto do falante.

Resposta: Estes.

12. Ao comparar os diversos rios do mundo com o Amazonas, defendia com azedume e paixão a proeminência _____ sobre cada um _____.

Comentários: Texto: fazendo distinção entre o mais próximo e o mais distante.

Resposta: deste / daqueles.

13. Atentem para _____: o que se guarda no coração jamais se esquece.

Comentários: Texto: apresentando o que será dito a seguir.

Resposta: Isto.

14. Homens e mulheres participaram das festividades. _____, simpáticas e elegantes. _____, sérios e tímidos.

Comentários: Texto: diferenciando o elemento mais próximo – *mulheres* – do mais distante – *homens*.

Resposta: Estas e aqueles.

15. O que foi combinado aqui não pode sair _____ sala.

Comentários: Espaço: perto do falante.

Resposta: desta.

Observações:

a) O pronome **o** (a, os, as) é demonstrativo quando equivale a **aquele(s)**, **aquela(s)**, **aquilo, isso**. Veja o exemplo:

Alguém, antes que Wilson **o** fizesse, teve vontade de falar **o** que foi dito.

Nesse caso, a palavra **o**, em suas duas ocorrências, pode ser substituída por um outro demonstrativo.

b) Aparecem ainda como demonstrativos os vocábulos **tal**, **mesmo**, **próprio** e **semelhante**. Veja exemplos:

Tal atitude não se esperava dele. / Ele **mesmo/próprio** fez o pedido.

Aqui, vale mais um recado: A palavra o – e suas variações – pode ser:

1. Artigo (quando anteceder um substantivo): "O menino chegou".
2. Pronome pessoal oblíquo (quando puder ser substituído por outro pronome pessoal): "Cumprimentei-o na festa". (É o mesmo que se dizer "cumprimentei a ele").
3. Pronome demonstrativo (quando puder ser substituído por outro demonstrativo, normalmente antes do pronome relativo QUE ou da preposição DE): "Quero o que você comprou"/"Prefiro a de tampa azul".

Veja uma questão de prova que abordou tal assunto:

1. (Cespe-UnB/TJ – Analista) Assinale a opção em que a partícula "o" sublinhada aparece com o mesmo emprego que se apresenta no seguinte trecho do texto:

"A primeira é **o** que queremos dizer."

a) Eles devem realizar logo <u>o</u> projeto do grupo.

b) Responda-me: <u>o</u> que você tem com isso?

c) Seu sucesso depende de <u>o</u> livro ser aceito.

d) É preciso conhecer a rotina <u>do</u> laboratório.

e) Este livro foi <u>o</u> que você indicou.

Comentários:

Preliminarmente, a palavra *o* do enunciado classifica-se como pronome demonstrativo ("A primeira é *aquilo* que queremos dizer"). Nas letras A, C e D, a palavra *o* está antecedendo substantivos, funcionando, portanto, como artigos. Logo, restam as alternativas B e E. Na letra B, observamos um pronome interrogativo antecedido de um artigo perfeitamente dispensável – poderíamos simplesmente perguntar: "que você tem com isso?". No entanto, na letra E, observamos a presença de um *o* que pode ser trocado por outro demonstrativo ("Este livro foi *aquele* que

você indicou”).

Resposta: E.

9.7. AS FUNÇÕES TEXTUAIS DOS PRONOMES

Os pronomes podem apontar para algo que já foi ou que ainda vai ser mencionado no texto. Trata-se de uma característica que todos os pronomes têm (pronomes pessoais, possessivos etc.) Com relação aos demonstrativos, como forma mais adequada, pede-se usar **esse(s)/essa(s)/isso** para o que já foi mencionado anteriormente **(anafórico)** e **este(s)/esta(s)/isto** para algo que vai ser mencionado **(catafórico)**. Veja exemplos:

“A previsão do tempo não era muito favorável. O vento aumentara um pouco e decidi reduzir as velas para o primeiro rizo. Conversávamos no convés sobre **esses** problemas.”

Nesse caso, o pronome *esses* tem a função de retomar informações que foram citadas anteriormente: **função anafórica**.

Isto é o que mais incomoda os homens honestos: o ciúme.

Aqui, o pronome exerce o papel de apontar para uma informação que será dita a seguir no texto. Diz-se que ele tem, portanto, **função catafórica**.

Tanto a função anafórica quanto a catafórica indicam, portanto, informações que foram ou serão mencionadas *dentro do texto*, informações que fazem parte do corpo textual. Daí, ambas também ser chamadas de **funções endofóricas**. Cada banca organizadora utiliza a nomenclatura que melhor lhe convém.

No entanto, se o pronome se referir a uma informação que não foi mencionada no texto, mas que pode ser deduzida a partir do que foi lido, diz-se que ele tem **função exofórica** (o que, para algumas bancas organizadoras de concursos, é sinônimo de **função dêitica**). O pronome que tem função exofórica, para ser compreendido na sua totalidade, necessita de informações que estão vinculadas à **situação de produção textual**: o local de produção textual, o momento de produção do texto ou o enunciador textual. Observe exemplos:

“**Nesta** casa todos são felizes.”

Aqui, o pronome demonstrativo está vinculado ao **local** onde o texto foi produzido.

“**Nessas** férias, encontramos velhos amigos na praia.”

Nesse caso, o leitor, para saber de que férias se trata, precisa conhecer o **momento** em que o texto foi produzido.

“**Meu** filho fez algumas tatuagens pelo corpo.”

O pronome possessivo em destaque está vinculado ao enunciador do texto: para saber de quem é o filho, é preciso identificar a pessoa que produziu o texto. Ora, se anteriormente no texto o autor tivesse se identificado, o pronome deixaria de ter função exofórica, para ter função endofórica/anafórica: “Sou Maria. Meu filho fez algumas tatuagens pelo

corpo".

Resumindo: O pronome terá função exofórica toda vez que buscar informações que devem ser deduzidas a partir do texto: Quem? (autor do texto) Quando? (quando o texto foi produzido) Onde? (onde se produziu o texto)

Antes de resolvermos algumas questões de concursos anteriores, vamos fixar os conceitos estudados. Classifique os pronomes em destaque segundo a função textual que eles desempenham, com a ajuda do código abaixo:

(a) função anafórica

(b) função catafórica

(c) função exofórica

1. "[...] a habitação conjugal, e a **essa** se recusa a voltar." (Art. 234 – Código Civil)

   Comentários: O pronome retoma informação que foi dita anteriormente – a habitação conjugal.

   Resposta: função anafórica.

2. **Este** sempre foi seu objetivo – a aprovação.

   Comentários: O pronome menciona uma informação que virá adiante no texto – *a aprovação*.

   Resposta: função catafórica.

3. "Salvo disposição especial **deste** código e não tendo sido ajustado da época para o pagamento, o credor pode exigi-lo imediatamente."

   Comentários: A palavra **deste** está vinculada ao código onde se encontra tal artigo – depende de informação que está fora do texto: função exofórica. Já o pronome **o** (-lo) remete ao vocábulo <u>pagamento</u>.

   Resposta: função anafórica.

4. "A cessão de crédito não vale em relação ao devedor, senão quando a este notificada [...]"

   Comentários: O pronome retoma o que foi dito anteriormente – *o devedor*.

   Resposta: função anafórica.

5. Este país não tem mais jeito, é o que repetem usualmente nossos conterrâneos.

   Comentários: O pronome depende do local de produção do texto.

   Resposta: função exofórica.

6. "Cabe ao juiz suprir a outorga da mulher, quando esta a denegue sem motivo justo, ou lhe seja impossível dá-la (arts. 235, 238 e 239)." (Art. 237 – Código Civil)

Comentários: O pronome retoma informação do texto – a mulher.

Resposta: função anafórica.

7. "… o alerta do Departamento de Estado americano a agências de turismo dos Estados Unidos, divulgado no início deste mês…"

Comentários: A palavra *deste* está vinculada ao momento em que o texto foi produzido.

Resposta: função exofórica.

9.8. PRONOMES RELATIVOS

Os pronomes relativos referem-se a um termo anterior chamado antecedente (um substantivo ou pronome substantivo). Dão início às orações adjetivas – restritivas ou explicativas, assunto que estudaremos mais detalhadamente no Capítulo 12 (Predicação verbal).

Ex.: O livro **que você ganhou** é novo.

Oração subordinada adjetiva restritiva

"O homem, **que é mortal**, tem alma imortal."

Oração subordinada adjetiva explicativa

Aparecem como pronomes relativos:

• **Que**, **o qual** (e flexões): quando o antecedente for *coisa* ou *pessoa;*

• **Quem**: quando o antecedente for *pessoa*. Sempre antecedido de preposição;

• **Cujo** (e flexões): entre dois substantivos indicando ideia de *posse*; não deve vir seguido de artigo;

• **Onde**: quando o antecedente indica *lugar*;

• **Como**: quando o antecedente forem as palavras *modo*, *maneira*…

• **Quando**: quando o antecedente dá ideia de *tempo*;

• **Quanto**: quando o antecedente dá ideia de *quantidade.*

Importante:

Ao usar os relativos, devemos observar dois pontos importantes:

a) quando usar os relativos *que, quem, cujo* etc. (veja acima);

b) reparar se o termo que vem **após** o relativo pede preposição.

Este é o livro **que** ganhei. (que = o livro; eu ganhei <u>o livro</u>)

Este é o livro **a que** me referi. (que = ao livro; eu me referi <u>ao livro</u>)

Vamos fixar as regras de uso dos pronomes relativos?

Sublinhe a(s) forma(s) que completa(m) a lacuna:

1. O assunto _____ me referi não foi este. (que – a que – ao qual – o qual – a quem)

Comentários: O relativo *que* é usado para coisa ou pessoa: "o assunto que...". Como o verbo *referir-se* pede preposição *a*, temos "O assunto **a que me referi**". Lembre-se: *que* e *quem* podem ser trocados por *o qual*, *a qual*, *os quais*, *as quais*. Como o **antecedente** do relativo é masculino singular (*assunto*), usaremos *o qual*. Com a preposição do *referir-se*, **a**o qual. As duas formas estão corretas.

Resposta: a que, ao qual.

2. Aí está a pessoa _____ me apaixonei. (quem – por quem – pela qual – que – a quem)

Comentários: Como o **antecedente** é pessoa, de preferência usa-se **quem**. O verbo *apaixonar--se* rege preposição *por:* eu me apaixonei **pela** pessoa, **por** alguém.

Resposta: por quem, pela qual.

3. Chegou o diretor _____ relatório ninguém gostou. (que – de que – cujo – o qual – de cujo)

Comentários: Aqui, aparecem dois substantivos (*diretor* e *relatório*). Há, entre eles, uma ideia de **posse** (o relatório **do** diretor). Com isso, o relativo a ser usado **só pode** ser *cujo*. Como o verbo da oração (*gostar*) pede preposição *de*, temos a forma **de cujo**.

Resposta: de cujo.

4. Esta é a cidade _____ eu morei. (onde – aonde – em que – na qual – donde)

Comentários: A palavra *cidade* indica o **lugar**. De preferência usaremos *onde*, mas, como esse vocábulo também pode se encaixar em "coisa" e não "pessoa", *que* e *a qual* também respondem à questão. Quanto à regência, o verbo *morar* pede preposição *em.* Nesses casos, quando o relativo a ser usado for *onde* e o verbo da oração pedir essa preposição, usaremos *onde* e não *aonde*. Repare que, com os relativos *que* e *a qual,* teremos *em que* e *na qual*, já que com esses pronomes o procedimento é igual ao dos exercícios anteriores.

Resposta: onde, em que, na qual

5. Esta é a cidade _____ gosto de ir sempre. (onde – aonde – a qual)

Comentários: Agora, o verbo *ir* pede preposição *a* (gosto de ir sempre *a*). Como o **antecedente** indica lugar, usaremos *onde* (*a* + *onde* = *aonde*).

Resposta: aonde.

6. Esta é a cidade _____ vêm os visitantes. (onde – aonde – donde – em que)

Comentários: Nessa construção, teríamos, na ordem direta, "Os visitantes vêm *de...*" (*de* + *onde* = *donde*).

Resposta: donde.

Uso de onde, aonde e donde: Onde: usaremos esse conectivo se a preposição exigida for em. Aonde: usaremos esse conectivo se a preposição exigida for a. Donde ou de onde: usaremos esse conectivo se a preposição exigida for de.

9.9. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Substitua os termos sublinhados pelos pronomes pessoais adequados. Lembre-se: o pronome **reto** substitui o **sujeito**. Já o **oblíquo** substitui o **complemento**.

1. Entregou os documentos necessários? (os / eles / lhes)
2. Continuam as acusações ao Judiciário. (nas / elas)
3. Os processos muito demorados constituem afastamento da regra geral. (no / ele)
4. De seu esforço e força de vontade emergem os trabalhadores. (nos / eles)
5. Pagaram ao funcionário as suas férias? (lhe / a ele / ele)
6. Encontrou um grupo de desconhecidos. (o / ele / lhe)
7. Pusemos o livro na estante. (lo / ele)
8. Brotam as flores por toda parte. (nas / elas / lhes)
9. É necessário fechar suas fronteiras. (las / elas)
10. O país toma medidas protecionistas. (as / elas)
11. É fundamental defender o contribuinte. (lo / ele / lhe)
12. Estamos obrigados a liquidar a fatura. (la / ela / lhe)
13. A enorme variedade de canções de Noel, quase todas produzidas em cerca de seis anos, havia conferido genialidade ao artista. (ela / a ela)
14. Uma vez que tal medida implica transformações lesivas ao egoísmo do "establishment". (as / elas)
15. Pobre é a vida de um homem. (ela / a ela)
16. Na favela, tal como está organizada, reproduz-se semelhante estrutura. (na / lhe / ela)
17. Foi então que surgiu o problema. (o / ele / lhe)
18. Esses momentos históricos apresentam facetas negativas. (nas / elas / lhes)
19. Mandei o mordomo entrar. (ele / o)

20. Fez o amigo pagar a conta. (lo / ele)

II. Complete com eu / mim / tu / ti.

1. Para _____ nada mais interessa.
2. Para _____ chegar a tempo, peguei um táxi.
3. Por _____ todos hão de se classificar.
4. Aquele livro é para _____ leres.
5. Entre _____ e você tudo acabou.
6. Entre _____ e os teus amigos, já não há divergências.
7. Entre _____ pedir e você acatar, que distância!
8. Ela é mais aplicada do que _____.
9. Ele chegou antes de _____ sair.
10. Não sei se ela sentiu a mesma estranheza que _____.
11. Isto não é trabalho para _____ fazer.
12. É difícil para _____ acreditar em tuas palavras.
13. As reivindicações chegaram até _____.
14. Até _____ acreditei nas palavras do nosso ministro.
15. Para _____, arranjar patrocinador não será difícil.
16. Para _____ compreender o filme, tive de assistir a uma nova sessão.

III. Supondo-se que você queira se dirigir a um juiz, utilizando uma linguagem correta e adequada, faça as devidas alterações nos trechos a seguir:

1. Meritíssimo Juiz, Sua Excelência deveis saber que o réu é pessoa que goza de merecido prestígio entre empresários, pois já tomastes conhecimento pelos órgãos da imprensa de seus inúmeros empreendimentos.

_____

_____

_____

2. Pelo que dizeis em vossa bem escrita sentença, foram os meus atos que vos deram o discernimento que manifestastes em vossa decisão.

_____

_____

IV. Classifique os pronomes em destaque como reflexivos ou recíprocos.

1. Olhou-**se** no espelho e assustou-**se** com seu olhar doentio.

2. Os namorados olhavam-**se** apaixonadamente.

3. Eles **se** vestiram rapidamente.

4. Eles **se** cumprimentaram na rua.

5. As mulheres **se** afastaram das mesas.

6. O médico vê-**se** estendido no chão.

7. Os meninos sempre **se** ajudam.

V. Use o pronome oblíquo entre parênteses de todas as formas possíveis. Havendo caso de mesóclise, escreva ao lado a forma correta.

1. A torcida _____ aplaudiu _____ com entusiasmo. (o)

2. Ele _____ trancou _____ no quarto. (se)

3. _____ explicarei _____ todo o serviço. (te)

4. _____ seria _____ muito útil usar esse argumento. (me)

5. Gritei para _____ alertar _____. (os)

6. Não _____ vá _____ tão cedo; _____ custa _____ ficar mais? (se / lhe)

7. Quem _____ chamou _____? (te)

8. Se você chegar agora, _____ encontrará _____ satisfeito. (me)

9. Deus _____ pague _____! (lhe)

10. Se ninguém _____ disse _____ a verdade, e se precisei lutar para _____ encontrar _____, nada _____ falou _____ a respeito. (me / a / se)

11. Maria, _____ diga _____ a verdade. (me)

12. _____ Informaram _____ da decisão.(me)

13. _____ Revelarias _____ o sonho de Maria? (nos)

14. _____ Encontraremos _____ com Maria. (nos)

15. Ninguém _____ falou _____ de Maria. (nos)

16. Quem _____ teria _____ contado _____ o segredo? (lhe)

17. _____ Teriam _____ contado _____ o segredo? (lhe)

18. Se _____ reporta _____ a crimes comuns, o *impeachment* _____ reduz _____ a uma espécie de licença para o julgamento do presidente pelo Supremo Tribunal Federal. (se / se)

19. Não é o PT que _____ vai _____ ensinar _____ oposição. (me)

20. Se eu vou lá na comissão, de visita, garanto que _____ não _____ transmitem _____ informações. (me)

21. No caso do motorista, o senhor não _____ está julgando _____? (o)

22. _____ Diriam _____ vocês a verdade, se _____ perguntasse _____ sobre o procedimento de certos políticos? (me / lhes)

23. Já o mesmo não _____ pode _____ dizer _____ de um serviço de bondes. (se)

24. Já o mesmo não _____ deveria _____ dizer _____ de um serviço de bondes. (se)

25. Ninguém _____ daria _____ bem naquele emprego. (se)

VI. Identifique nas frases a seguir os antecedentes dos pronomes relativos em destaque:

1. Agora mesmo está nas telas uma risonha Regina Duarte grata à confiança **que** a população deposita nos Correios. (_____)

2. O festival de autocongratulação consumiu boa parte dos 120 milhões de reais **que** o governo (só a administração direta) gastou no ano passado. (_____)

3. Há muitas comparações **que** não deixam dúvidas sobre o que produz melhores resultados. (_____)

4. ... ou muito menos para anunciar a existência de uma Ouvidoria **que** acolhe queixas da população contra barbaridades policiais? (_____)

5. Basta dar uma espiada no panorama nacional, em **que** pululam temas para campanhas... (_____)

6. Canudos nasceu com o nome de Belo Monte, fundada por Antônio Conselheiro, a **quem** os sertanejos de toda a região atribuíam poderes de cura, poderes divinos. (_____)

7. A cidade, **cuja** infraestrutura de saneamento era quase inexistente, chegou a abrigar 25 mil pessoas em 5.200 casas, segundo o levantamento do Exército, feito após a guerra. (_____)

8. Formou-se ao seu redor um importante e complexo polo religioso e comercial **que** atraía gente de todas as partes. (_____)

9. "A televisão é a amiga dos entrevados, dos abandonados, dos **que** a vida esqueceu para um canto." (_____)

10. Os fonemas de uma língua costumam ser representados por uma série de sinais gráficos denominados letras, **cujo**

conjunto forma a palavra. (_____)

11. "… há no meu corpo um incêndio **que** queima sem esperança / a própria terra **que** piso vira um abismo e me come / corre em meu sangue um veneno, veneno **que** tem teu nome." (Ferreira Gullar)

1o que – _____

2o que – _____

3o que – _____

12. Noel Rosa procurou escrever sobre tudo **quanto** expressasse o jeito de ser carioca. (_____)

13. Não se pode transmitir o **que** a mente não criou. (_____)

VII. Sublinhe a(s) forma(s) que completa(m) a lacuna.

1. "Existe alguém esperando por você _____ vai comprar sua juventude." (que – a que – ao qual – o qual – a quem)

2. "Recebia em casa dois jornais locais, _____ leitura demorava mais de uma hora." (cuja – em cuja – em que)

3. "O que lhe movia o coração era o amor, a quase obsessão pelo Brasil e seu povo, _____ futuro sempre acreditou com veemência e combatividade…" (que – em que – cujo – em cujo – onde)

4. "Tudo é belo naquilo _____ amamos. Tudo o _____ amamos tem espírito." (que – quem – quanto – como – cujo) (que – onde – como – quando)

5. Compreendo a maneira _____ ele se mostra. (em que – onde – quando – cujos – como)

6. "Estava sentado numa mesa _____ havia uma pilha de livros." (que – onde – sobre a qual – à qual – aonde)

7. Marcelo é o professor _____ sempre admirei. (que – quem – a quem – a qual – a que)

8. "Na casa dela mora um quadro _____ eu pintei." (quem – por quem – pela qual – que – a quem)

9. "Tinha entre os dentes um alvíssimo palito _____ ponta mastigava." (que – de que – cuja – o qual – de cujo)

10. Foi demitido o analista _____ ideias não concordava. (cujo – cujas – com cujas – cujas as – com cuja as)

11. Aquela é a livraria _____ Ana trabalhava e _____ sou cliente. (onde – aonde – em que – na qual – donde) (onde – de que – da qual – cujo)

12. Búzios é a cidade _____ gosto sempre de ir. (onde – aonde – a qual – para a qual – que)

13. Não se descobriu o esconderijo _____ os sequestradores escaparam. (onde – aonde – donde – em que –

do qual)

14. "O caso que vou relatar comprova, como disse alguém _____ nome não recordo, que a verdade é mais estranha que a ficção." (onde – o qual – cujo – de cujo)

15. "O caso que vou relatar comprova, como disse alguém _____ nome não lembro, que a verdade é mais estranha que a ficção." (onde – o qual – cujo – de cujo)

16. "O caso que vou relatar comprova, como disse alguém _____ nome não me esqueci, que a verdade é mais estranha que a ficção." (onde – o qual – cujo – de cujo)

17. "O crime para Forrester é o silêncio ou o 'discurso lacunar' _____ se valem os donos do poder para preservar suas riquezas." (de que – de quem – cujo – de cujo)

18. "A prioridade não é o bem-estar ou a sobrevivência das populações, mas sim o 'andamento dos mercados', o lucro e seu horror, _____ só interessa ou só é 'útil' o homem que for rentável." (no qual – em que – ao qual – onde)

19. Deram-me ontem um novo endereço da loja, _____ referências não foram boas. (que – cujas – cujas as – a que)

20. "… como em Santa Marta, _____ quadra ministros das várias religiões e líderes comunitários vão estar reunidos…" (onde – aonde – cuja – em cuja – com cuja)

Gabarito: I – 1. Entregou-os; 2. Continuam elas, ou, na ordem, Elas continuam; 3. constituem-no; 4. emergem eles ou Eles emergem; 5. Pagaram-lhe ou Pagaram a ele; 6. Encontrou-o; 7. Pusemo-lo; 8. Brotam elas ou Elas brotam; 9. fechá-las; 10. tomas-as; 11. defendê-lo; 12. liquidá-la; 13. Ela; 14. Implica-as; 15. Ela; 16. reproduz-se ela ou ela se reproduz; 17. surgiu ele ou ele surgiu; 18. apresentam-nas; 19. Mandei-o; 20. Fê-lo. **II** – 1. mim; 2. eu; 3. mim; 4. tu; 5. mim; 6. ti ou mim; 7. eu; 8. eu; 9. eu; 10. eu; 11. eu; 12. mim; 13. mim; 14. eu; 15. mim; 16. eu. **III** – 1. Vossa Excelência <u>deve</u> saber… já <u>tomou</u>; 2. Pelo que <u>diz</u> em <u>sua</u>… que <u>lhe</u> deram… <u>manifesta</u> em <u>sua</u>. **IV** – 1. pron. reflexivo / pron. reflexivo; 2. pron. recíproco; 3. pron. reflexivo ou recíproco (depende do contexto); 4. pron. recíproco; 5. pron. reflexivo; 6. pron. reflexivo; 7. pron. recíproco. **V** – 1. o aplaudiu ou aplaudiu-o; 2. se trancou (mais adequado. ou… trancou-se; 3. Explicar-te-ei; 4. Ser-me-ia; 5. para os alertar ou alertá-los; 6. Não se vá; custa-lhe; 7. Quem te chamou?; 8. encontrar-me-á; 9. Deus lhe pague! (próclise com expressões que indicam desejo); 10. me disse / para a encontrar ou encontrá-la / nada se falou…; 11. diga-me; 12. Informaram-me; 13. Revelar-nos-ias; 14. Encontrar-nos-emos; 15. Ninguém nos falou; 16. Quem lhe teria ou Quem teria lhe contado; 17. Ter-lhe-iam ou Teriam lhe contado; 18. Se se reporta… / se reduz ou reduz-se; 19. que me vai ou que vai me ensinar ou que vai ensinar-me; 20. que me não ou que não me transmitem; 21. não o está ou não está julgando-o; 22. Dir-me-iam / se lhes perguntasse…; 23. não se pode ou não pode se dizer ou não pode dizer-se; 24. não se deveria ou não deveria se dizer ou não deveria dizer-se; 25. Ninguém se daria. **VI** – 1. confiança; 2. milhões; 3. comparações; 4. Ouvidoria; 5. panorama; 6. Antônio Conselheiro; 7. cidade; 8. polo; 9. os (= pron. demonstrativo); 10. sinais; 11. incêndio / terra / veneno; 12. tudo; 13. o (= pron.

demonstrativo). **VII** – 1. que / o qual; 2. em cuja; 3. em cujo; 4. que / que; 5. como; 6. sobre a qual; 7. que / a quem; 8. que; 9. cuja; 10. com cujas; 11. onde / em que / na qual; de que /da qual; 12. aonde / para a qual; 13. donde / do qual; 14. cujo; 15. cujo; 16. de cujo; 17. de que; 18. ao qual; 19. cujas; 20. em cuja.

9.10. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

1. (Cesgranrio) Na oração: '**Certos** amigos não chegaram a ser jamais amigos **certos**.' Os termos em destaque são respectivamente:

a) adjetivo e pronome adjetivo.

b) pronome adjetivo e adjetivo.

c) pronome substantivo e pronome adjetivo.

d) pronome adjetivo e pronome indefinido.

e) adjetivo anteposto e adjetivo posposto.

Comentários:

Em sua primeira ocorrência, a palavra *certos* se refere a um substantivo, indicando ideia vaga, generalizando. É o mesmo que *alguns amigos*. Logo, é um pronome adjetivo indefinido (*adjetivo* porque vem ao lado do substantivo). Na sua segunda ocorrência, a palavra *certos* continua se referindo a um substantivo, só que vem qualificando-o: é o mesmo que *amigos corretos*, *verdadeiros*. É, portanto, adjetivo.

Resposta: B. (Observe que, na letra B, a banca teve a "maldade" de não dizer pronome adjetivo indefinido, e sim pronome adjetivo, o que dá no mesmo…)

2. (Cesgranrio) Considere as afirmações a seguir sobre o emprego dos pronomes nas frases.

I. "O vento da noite cortava-**lhes** o lombo." – Pronome pessoal com sentido possessivo.

II. "Os pescadores de largo curso olhavam para eles com **certo** desprezo." – Pronome indefinido atenuando o sentido do substantivo **desprezo**.

III. "Era como se **todo** o mundo se aproximasse para aconchegá-los." – Pronome indefinido **todo** equivalendo a **qualquer**.

É(São) verdadeira(s), **APENAS**, a(s) afirmação(ões):

a) I

b) II

c) III

d) I e II

e) II e III

Comentários:

No item I, o pronome oblíquo refere-se ao substantivo *lombo*, indicando valor de posse. É o mesmo que "O vento da noite cortava o *seu* lombo". No item II, o pronome *certo* tem valor de *algum*, indica ideia vaga e, semanticamente, dá leveza ao substantivo *desprezo*, atenuando seu valor negativo. Já no item III, o pronome *todo* não equivale a *qualquer*, e sim a *inteiro*. O que se quer afirmar na frase é que *o mundo inteiro se aproximava para aconchegá-los*, e não *qualquer pessoa se aproximava para aconchegá-los*. O pronome *todo* teria sentido de *qualquer* se não fosse seguido do artigo o ("todo mundo se aproximasse para aconchegá-los").

Resposta: D.

Atenção: Não confunda todo mundo com todo o mundo. Nesse caso, a inserção do artigo muda o sentido da frase! Todo o mundo quer dizer o mundo inteiro e todo mundo quer dizer qualquer pessoa.

3. (TRT) A colocação das palavras e das expressões na construção frasal leva o leitor a perceber, em alguns casos, significados diversos. É o caso das expressões assinaladas, nas frases abaixo.

O candidato leu todo o Edital do concurso.

Todo Edital de concursos deve ser lido pelos candidatos.

O significado correto, respectivamente, dessas expressões está em:

a) O Edital inteiro/parte do Edital.

b) Parte do Edital/o Edital inteiro.

c) Qualquer Edital/parte do Edital.

d) O Edital inteiro/qualquer Edital.

e) Parte do Edital/o Edital inteiro.

Comentários:

Conforme o enunciado, a inserção de palavras na frase é capaz de modificar por completo o seu sentido. Foi o que ocorreu nas frases do enunciado, em que a inserção do artigo implicou alteração semântica na frase.

Resposta: D.

4. (Petrobras) "em todas as épocas e em todo o mundo"; a alternativa em que houve troca indevida entre as expressões "todo mundo" e "todo o mundo" é:

a) O jogador percorreu todo o mundo.

b) O atleta falou com todo mundo para pedir desculpas.

c) Ele conhecia todo o mundo na festa.

d) Via todo o mundo em seus filmes.

e) Todo o mundo está poluído.

Comentários:

Como vimos, *todo o mundo* quer dizer *o mundo inteiro* e *todo mundo* é o mesmo que *todas as pessoas*. Na letra A, diz-se que o jogador percorreu o mundo inteiro. Na letra B, o atleta falou com todas as pessoas para se desculpar. Já na letra C, não é possível conhecer o mundo inteiro em uma única festa, e sim qualquer pessoa. Na letra D, vê-se o mundo inteiro nos filmes e, na letra E, diz-se que o mundo todo está poluído.

Resposta: C.

5. (NCE/TJ) "O hábito arraigado de separar o econômico do social, do político, do ético e do legal, de que é o exemplo de contrapor o 'mercado' ao 'social' – quase sempre denegrindo o **primeiro** e enaltecendo o **segundo** – é uma das causas...”; mantendo-se o sentido original, os termos sublinhados poderiam ser corretamente substituídos, respectivamente, por:

a) este / aquele

b) este / esse

c) aquele / este

d) aquele / esse

e) esse / este

Comentários:

O numeral ordinal **primeiro** retoma o substantivo **mercado**, que é o elemento mais distante no texto. Já o numeral **segundo** refere-se ao substantivo **social**, que é o elemento mais próximo. Lembre-se de que **esse**, com dois elementos, para fazer diferenciação entre o mais próximo e o mais distante, nunca deve ser utilizado!

Resposta: C.

Violência no Campo

José Saramago

No dia 17 de abril de 1996, no estado brasileiro do Pará, perto de uma povoação chamada Eldorado dos Carajás (Eldorado: como pode ser sarcástico o destino de certas palavras...), 155 soldados da polícia militarizada, armados de espingardas e metralhadoras, abriram fogo contra uma manifestação de camponeses que bloqueavam a estrada em ação de protesto pelo atraso dos procedimentos legais de expropriação de terras, como parte do esboço ou simulacro de uma suposta reforma agrária na qual, entre avanços mínimos e dramáticos recuos, se gastaram já cinquenta anos, sem que alguma vez tivesse sido dada suficiente satisfação aos gravíssimos problemas de subsistência (seria mais rigoroso dizer

sobrevivência) dos trabalhadores do campo. *Naquele dia*, no chão de Eldorado dos Carajás ficaram 19 mortos, além de umas quantas dezenas de pessoas feridas. (…)

"Naquele dia, no chão de Eldorado dos Carajás…".

6. O emprego de *naquele*, neste contexto:

a) indica que o dia referido na frase não deve ser confundido com outro.

b) mostra que o dia referido está distante no tempo.

c) assinala uma distância de lugar.

d) identifica o dia como algo a ser esquecido.

e) refere-se a um dia que o leitor desconhece.

Comentários:

Trata-se de uso do pronome demonstrativo que faz referência a uma informação, que está distante no tempo (dia 17 de abril de 1996). Logo, *naquele* está sendo usado para indicar um passado distante. Muitos alunos, ao errar, marcariam a letra A, que só caberia se houvesse dois dias anteriormente referidos no texto, o que não foi o caso.

Resposta: B.

7. (FCC/ANS – Técnico) … *os peixes morrem e boiam na superfície. Quem chega muito perto fica com os olhos ardendo e algumas pessoas têm dificuldade para respirar. Esses são alguns dos efeitos das marés vermelhas…*

Ao introduzir a frase transcrita acima, o pronome demonstrativo grifado:

a) antecipa a conceituação necessária para o fenômeno que é o assunto do texto.

b) estabelece uma repetição enfática, porém desnecessária, dos fenômenos já citados.

c) especifica o tempo e o espaço em que ocorrem os fenômenos antes citados.

d) indica a retomada dos fenômenos antes relacionados, em uma referência única.

e) redistribui as consequências dos fenômenos assinalados, acentuando seu efeito nas pessoas.

Comentários:

Trata-se de uso do pronome demonstrativo que se refere a informações citadas anteriormente no texto. Assim, eliminam-se automaticamente as letras C e E. A letra B apresenta erro quando menciona que a repetição dos fenômenos citados é desnecessária – ela é um recurso coesivo bastante útil no texto.

Resposta: D.

8. (FCC / TRT – Técn. Judic.) Assinale, entre as frases abaixo, elaboradas a partir do tema do texto, aquela em que se deveria usar ESTE(A) ou NESTE(A), em vez de ESSE(A) ou NESSE(A):

a) Li a regulamentação publicitária. E, nesse instante, compreendi-a melhor.

b) Ainda repercute aqui, nesse cérebro, a culpa de ter feito o anúncio prejudicial.

c) As leis foram publicadas e contra essa publicação se voltaram os anunciantes.

d) Se vocês, publicitários, conhecessem melhor essa regulamentação que está diante de seus olhos, não teriam errado.

e) As recomendações aí estão e são essas a que devemos obedecer.

Comentários:

Na letra A, o pronome demonstrativo *nesse* está adequadamente retomando o que foi dito anteriormente no texto. Já na letra B, o pronome, por apontar para algo que está perto do falante – trata-se do *seu cérebro* – deveria ser *neste* e não *nesse*. Na letra C, o pronome está adequadamente retomando o que foi dito anteriormente, daí utilizar-se *essa*. Na letra D, o pronome aponta para o que está perto do ouvinte – *essa regulamentação…diante de seus olhos* e, na letra E, a mesma situação se repete – *as recomendações aí estão*.

Resposta: B.

9. (NCE / TJ) O vocábulo *atual*, presente na primeira frase do texto, tem seu significado dependente do momento de produção do texto; a frase em que NÃO aparece um elemento do mesmo tipo é:

a) "Recentemente, porém, trata-se da independência da ciência e da técnica."

b) "Agora, esta realidade se estende a todo o Terceiro Mundo."

c) "Agora mundializado, o espaço geográfico redefine-se pela combinação desses signos."

d) "é frequentemente chamada de período técnico-científico."

e) "De um lado, o período atual vem marcado por uma verdadeira unicidade técnica…"

Comentários:

Pela leitura do enunciado, percebe-se que a banca busca um vocábulo com função exofórica, quando diz que tal vocábulo *tem seu significado dependente do momento de produção do texto*. Ora, o que se quer é a única frase que não apresente um vocábulo do mesmo tipo. Na letra A, o advérbio *recentemente* está vinculado ao momento em que o texto foi produzido. Nas letras B e C, o mesmo ocorre com o advérbio *agora*: ele possui, em ambas, função exofórica. Na letra D, o advérbio *frequentemente* não depende de quando se produziu o texto – trata-se de algo que ocorre com bastante frequência, independentemente do tempo. No entanto, a letra E apresenta o adjetivo *atual*, vinculado à época de produção do texto.

Resposta: D.

10. (FGV / Pol. Civil) Em texto da *Folha de São Paulo*, um morador das margens de uma grande rodovia declarava o seguinte: "Hoje já passaram por aqui milhares de caminhões e automóveis, mas eu e minha família já estamos habituados com isso; os garotos até brincam, jogando pedra nos pneus."

Há, nesse texto, um conjunto de palavras cujo significado depende da enunciação, ou seja, da situação em que o texto foi produzido. Entre as alternativas abaixo, aquela que indica um termo que não está nesse caso é:

a) hoje

b) aqui

c) eu

d) minha família

e) isso

Comentários:

Pelo que se depreende do enunciado, todas as alternativas – exceto uma – apresentam vocábulos com função exofórica. Na letra A, o advérbio *hoje* depende do momento de produção textual. Na letra B, o advérbio *aqui* está vinculado ao local onde o texto foi produzido. Nas letras C e D, *eu* e *minha família* dependem do enunciador do texto, logo possuem também função exofórica. Já a letra E apresenta o pronome demonstrativo *isso* que retoma informação anteriormente mencionada no texto – "hoje já passaram por aqui milhares de caminhões e automóveis", possuindo, portanto, função anafórica, e não exofórica.

Resposta: E.

11. (FCC / Anac) O segmento do texto em que o termo destacado se refere textualmente a um elemento anteriormente expresso, e não a um elemento posterior, é:

a) Parece possível distinguir duas tendências fundamentais na reação ao grupo estranho: uma de admiração e aceitação, outra de desprezo e recusa. Aparentemente, quase todos os seres humanos apresentam <u>essas</u> duas tendências fundamentais.

b) … pois supomos entender que <u>os</u> que falam a nossa língua têm um passado comum conosco …

c) e também sabem <u>o</u> que esperar de nós…

d) Sentimos que <u>aqueles</u> que mais nos conhecem…

e) … capazes de ignorar <u>o</u> que de melhor trazemos.

Comentários:

Podemos observar, pelo enunciado, que a banca busca um vocábulo com função anafórica (*um elemento anteriormente expresso*), e não catafórica (*um elemento posterior*). A letra A apresenta um demonstrativo que retoma as *duas tendências* citadas na primeira linha do trecho, tendo, portanto, função anafórica. Nas alternativas seguintes, os pronomes demonstrativos destacados apontam para informações que vêm logo a seguir no texto: *os* aponta para *que falam a nossa língua*; *o* indica *que esperar de nós*; *aqueles* aponta para *que mais nos conhecem* e *o*, para *que de melhor trazemos*. Todos, exceto um, têm função catafórica.

Resposta: A.

12. (TRF – Analista Judiciário) Dentre as frases a seguir, aquela em que o pronome relativo está mal-empregado é:

a) A pesquisa histórica é tarefa cuja realização se deve aos grandes historiadores.

b) O estudo das fontes históricas, o qual tanto atrai os historiadores, é tão importante quanto o da própria História.

c) Analisou tantos fatos quantos pudessem interessar à pesquisa histórica.

d) Às vezes, verificam-se fatos históricos que os historiadores não conseguem determinar suas causas.

e) O modo como a pesquisa histórica evolui às vezes surpreende o próprio historiador.

Comentários:

Ao se usar o pronome relativo devemos, antes de tudo, observar o **antecedente**, como vimos na teoria. Na letra A, o relativo *cuja* aparece entre dois substantivos indicando posse (realização da tarefa). Na B, o pronome relativo *o qual* vem antecedido do núcleo *estudo* (coisa). Na letra C, o pronome relativo *quantos* vem antecedido de *tantos* (indicando quantidade). Na letra D, o pronome relativo *que* não está adequado ao sentido da frase. Nela observamos a ideia de posse (causas dos fatos). Logo, a frase correta seria: " Às vezes, verificam-se fatos históricos **cujas causas** os historiadores não conseguem determinar". Na letra E, o **antecedente** do relativo *como* é a palavra *modo*. Nesses casos, quando os antecedentes são as palavras *modo*, *maneira*, *forma*, o relativo adequado é *como*.

Resposta: D.

9.11. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (FCC – TRE-AP – Técnico Judiciário – Administrativo – 2015)

Michelangelo resistiu a pintar a capela...

...que afligem os seres humanos...

O jovem Michelangelo penou para demonstrar o valor de seu gênio...

Fazendo-se as alterações necessárias, os elementos sublinhados acima foram corretamente substituídos por um pronome, respectivamente, em:

a) lhe pintar – lhes afligem – o demonstrar

b) pintar-lhe – afligem-nos – demonstrar-lhe

c) pintá-la – afligem-lhes – demonstrá-lo

d) pintá-la – os afligem – demonstrá-lo

e) pintar-lhe – os afligem – lhe demonstrar

2. (FCC – Manausprev – Analista Previdenciário – 2015)

Considere:

recuperar esse valor intrínseco

mostram numerosas oportunidades

compreender seus mecanismos

Fazendo-se as alterações necessárias, os segmentos sublinhados acima foram corretamente substituídos por um pronome, na ordem dada, em:

a) o recuperar – mostram-lhes – os compreender

b) lhe recuperar – as mostram – compreendê-los

c) recuperar-lhe – mostram-nas – compreender-lhes

d) recuperá-lo – mostram-nas – compreendê-los

e) recuperá-lo – lhes mostram – lhes compreender

3. (FCC – TJ-AP – Técnico Judiciário – Judiciária e Administrativa – 2014)

Considere o seguinte enunciado:

A jornalista Eliane Brum aproximou-se das parteiras amapaenses e ***entrevistou as parteiras amapaenses*** *para* ***apresentar as parteiras amapaenses*** *ao restante do Brasil.*

Para eliminar as repetições viciosas, as expressões destacadas devem ser substituídas, de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, respectivamente, por:

a) as entrevistou – lhes apresentar

b) entrevistou-nas – as apresentar

c) entrevistou-as – apresentá-las

d) entrevistou-lhes – apresentar-lhes

e) lhes entrevistou – apresentar-nas

4. (FCC – SEFAZ-PE – Auditor Fiscal do Tesouro Estadual – 2014)

A substituição do elemento grifado pelo pronome correspondente foi realizada de modo INCORRETO em:

a) pôs em evidência o fator comum = pô-lo em evidência

b) eliminou imediatamente a variante = eliminou-na imediatamente

c) arremedar a marcha desgovernada de um tabético = arremedá-la

d) trocou por outras as botinas escarrapachadas = trocou-as por outras

e) ela destruía a unidade física do tipo = ela a destruía

5. (Copergás/PE – Téc. Seg. Trabalho – FCC – Jul./2016)

A frase escrita conforme a norma-padrão da língua portuguesa é:

a) Permita-me perguntar a ti, prezado senhor: se o sol apaga, nós sobrevivêramos?

b) Permita-me prezado, senhor, perguntar-te: se o sol apagava, nós sobreviveríamos?

c) Permita-me, prezado senhor, perguntar-lhe: se o sol apagar, nós sobreviveremos?

d) Permita-me, prezado senhor perguntar-vos: se o sol apagasse, nós sobrevivemos?

e) Permita-me perguntar, a vós prezado senhor: se o sol tivesse apagado, nós sobrevivíamos?

Leia o texto a seguir para responder à questão 6.

Texto CB2A2AAA

É inegável que o Estado representa um ônus para a sociedade, já que, para assegurar o seu funcionamento, consome riquezas da sociedade. Representa, porém, um mal necessário, pois até agora não se conseguiu arquitetar mecanismo distinto para catalisar a vida em comunidade. Então, se do Estado ainda não pode prescindir a civilização, cabe-lhe aprimorá-lo, buscando otimizar o seu funcionamento, de modo a torná-lo menos oneroso, mais eficiente e eficaz.

O bom funcionamento do Estado, que inclui também o bom funcionamento de suas estruturas encarregadas do controle público (Ministério Público, Poder Legislativo e tribunais de contas, entre outros), vem sendo alçado à condição de direito fundamental dos indivíduos. Pressupõe, notadamente sob as luzes do princípio constitucional da eficiência, os deveres de cuidado e de cooperação.

O dever de cuidado é consequência direta do postulado da indisponibilidade do interesse público. Em decorrência desse postulado, todo agente público tem o dever de, no cumprimento fiel de suas atribuições, perseguir o interesse público manifesto na Constituição Federal e nas leis. Conduz, portanto, à ideia de vedação da omissão, já que deixar de cumprir tais atribuições evidenciaria conduta ilícita.

O dever de cuidado conduz, ainda, a uma ampla interação entre as estruturas públicas de controle, ou seja, é um dever de cooperação, não como faculdade, mas como obrigação que, em regra, dispensa formas especiais, como previsões normativas específicas, convênios e acordos.

Sob essa perspectiva, o controle público do Estado deve incorporar à sua cultura institucional o compromisso com o direito fundamental ao bom funcionamento do Estado. Nesse contexto, os deveres de cuidado e de cooperação se impõem a todas as estruturas do Estado destinadas a promover o controle da máquina estatal.

A observância do dever de cuidado e do de cooperação – traduzida, portanto, na atuação comprometida e concertada das estruturas orientadas para a função de controle da gestão pública – deve promover, entre os agentes e órgãos de controle, comportamentos de responsabilidade e responsividade. Por responsabilidade entenda-se o genuíno compromisso com a integralidade do ordenamento jurídico, o que pressupõe, acima de tudo, o reconhecimento de um regime de vedação da omissão. Responsividade, por sua vez, traduz o comportamento orientado a oferecer respostas rápidas e proativas, impregnadas de verdadeiro compromisso com a ideia-chave de promover o bom funcionamento do Estado.

Diogo Roberto Ringenberg. Direito fundamental ao bom funcionamento do controle público. In: *Controle Público*, nº 10, abr./2011, p. 55 (com adaptações).

6. (TCE-SC – Aud. Fiscal-Administ. – Cespe – Maio/2016)

Com relação às estruturas linguísticas do texto **CB2A2AAA**, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

No terceiro período do texto, as formas pronominais “ lo”, em suas duas ocorrências – “ aprimorá-lo” e “ torná-lo” –, e “ seu” referem-se a “ Estado”.

Leia o texto a seguir para responder à questão 7.

Texto I

A moeda, como hoje é conhecida, é o resultado de uma longa evolução. No início, não havia moeda, praticava-se o escambo. Algumas mercadorias, pela sua utilidade, passaram a ser mais procuradas do que outras. Aceitas por todos, assumiram a função de moeda, circulando como elemento trocado por outros produtos e servindo para avaliar-lhes o valor. Eram as moedas-mercadorias. O gado, principalmente o bovino, foi dos mais utilizados. O sal foi outra moeda-mercadoria; de difícil obtenção, era muito utilizado na conservação de alimentos. Ambas deixaram marca de sua função como instrumento de troca no vocabulário português, em palavras como pecúnia e pecúlio, capital e salário.

Com o passar do tempo, as mercadorias se tornaram inconvenientes às transações comerciais, devido à oscilação de seu valor, pelo fato de não serem fracionáveis e por serem facilmente perecíveis, o que não permitia o acúmulo de riquezas. Surgiram, então, no século VII a.C., as primeiras moedas com características semelhantes às das atuais: pequenas peças de metal com peso e valor definidos e com a impressão do cunho oficial, isto é, a marca de quem as emitiu e garante o seu valor.

Os primeiros metais utilizados na cunhagem de moedas foram o ouro e a prata. O emprego desses metais se impôs, não só por sua raridade, beleza, imunidade à corrosão e por seu valor econômico, mas também por antigos costumes religiosos. Durante muitos séculos, os países cunharam em ouro suas moedas de maior valor, reservando a prata e o cobre para os valores menores. Esses sistemas se mantiveram até o final do século XIX, quando o cuproníquel e, posteriormente, outras ligas metálicas passaram a ser empregados e a moeda passou a circular pelo seu valor extrínseco, isto é, pelo valor gravado em sua face, que independe do metal nela contido.

Na Idade Média, surgiu o costume de guardar os valores com um ourives, pessoa que negociava objetos de ouro e prata e que, como garantia, entregava um recibo. Esse tipo de recibo passou a ser utilizado para efetuar pagamentos, circulando de mão em mão, e deu origem à moeda de papel. Com o tempo, da forma como ocorreu com as moedas, os governos passaram a conduzir a emissão de cédulas, controlando as falsificações e garantindo o poder de pagamento. Atualmente, quase todos os países possuem bancos centrais, encarregados das emissões de cédulas e moedas.

Disponível em: <www.bcb.gov.br> (com adaptações).

7. (CEF – Cespe – Técnico Bancário – 2014)

Julgue o próximo item, relativo às ideias expressas no texto e a aspectos linguísticos desse texto como Certo (C) ou Errado (E).

Em “ servindo para avaliar-lhes o valor” (l. 4), o pronome “ lhes”, que retoma “ outros produtos” (l. 3-4), equivale, em sentido, ao pronome **seu.**

Leia o texto a seguir para responder à questão 8.

Texto I

Muitas vezes, na divulgação midiática de pesquisas e projetos científicos, o profissional da área de comunicação tropeça em questões teóricas, não dá a devida importância para a pesquisa em si, põe em foco questões do processo de pesquisa que são irrelevantes para o projeto e para o pesquisador, ou mesmo propaga conhecimentos e crenças populares em vez de ser “ fiel” ao

trabalho do pesquisador. Já o pesquisador, ao escrever sobre seu projeto ou pesquisa, esquece por vezes que aqueles que lerão nem sempre têm conhecimento linguístico da área e utiliza uma linguagem não acessível a pessoas que não pertencem ao meio acadêmico e, dessa forma, dificulta a divulgação de sua pesquisa.

O jornalista está dentro de uma esfera que tem como foco a comunicação em si e não o que se comunica. O foco é uma linguagem acessível, interessante e que chame a atenção do público para comprar e consumir os textos e artigos que são escritos e, se for necessário, ele sacrifica o conteúdo em prol da atenção do público e da linguagem. Já o pesquisador está em uma esfera cujo foco é o conteúdo, o objeto de pesquisa e a pesquisa em si e, muitas vezes, ele sacrifica um grupo extenso de leitores ao empregar linguagem específica, científica e não acessível. Portanto, ao escrever, os dois profissionais têm de ter em mente que sua esfera de atividade humana e, por consequência, de comunicação, se torna mais complexa. O jornalista deve ter em mente que, quando escreve sobre um projeto científico, não atua apenas em sua área de atividade humana, a comunicação, mas na comunicação científica. O cientista ou pesquisador deve considerar que a divulgação de sua pesquisa não deve ser feita apenas para a comunidade científica, mas para o público em geral. Dessa forma, o pesquisador precisa constantemente pensar mais nesse público e, consequentemente, na linguagem utilizada. O jornalista, por sua vez, precisa ficar mais atento à pesquisa que está sendo divulgada. Cada um precisa aprender com o outro, permitindo-se entrar mais em uma esfera de atividade humana à qual não pertence originalmente. O principal motivo desse intercâmbio de intenções ao escrever é aumentar o acesso do público à ciência.

A academia não pode estar voltada apenas para seu público interno. É muito importante que as informações sejam divulgadas e não permaneçam circulando em um grupo fechado, até para que haja crescimento da própria comunidade científica.

Camila Delmondes Dias et al. Divulgando a arqueologia: comunicando o conhecimento para a sociedade. In: *Ciência e Cultura*. São Paulo, v. 65, nº 2, jun./2013. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br> (com adaptações).

8. (FUB – Nível Superior – Cespe – 2014)

Com referência às estruturas linguísticas do texto, julgue o item seguinte como Certo (C) ou Errado (E).

O pronome "sua" (l. 14) remete ao termo "os dois profissionais" (l. 13), que, por sua vez, se refere conjuntamente a "O jornalista" (l. 8) e a "o pesquisador" (l. 11).

9. (Basa – Médico do Trabalho – Cesgranrio – Set./2015 – Adaptada)

No trecho "deveriam ser serviços dirigidos por pessoas de inteira confiança do empresário e que se dispusessem a defendê-lo", o pronome oblíquo "o" exerce uma função coesiva, ao retomar, como seu referente, a expressão

a) fundador

b) serviço médico

c) trabalho

d) capital

e) empresário

10. (Basa – Médico do Trabalho – Cesgranrio – Set./2015 – Adaptada)

No trecho "A medicina do trabalho, enquanto especialidade médica", a palavra **enquanto** pode ser substituída, conforme a norma-padrão e sem mudança do sentido original da frase, por

a) onde

b) porém

c) todavia

d) como

e) assim

11. (ANP – Téc. Reg. Petr&Der – Cesgranrio – Jan./2016)

O pronome de tratamento está empregado de acordo com a norma-padrão em:

a) Vossa Excelência, que é assim tratado por ser presidente desta empresa, deveria proporcionar cursos de aperfeiçoamento aos seus funcionários interessados no mercado digital.

b) As medidas para a prevenção de doenças cardíacas foram acatadas por Sua Excelência, o Ministro da Saúde, com muita propriedade.

c) Senhor Bispo, solicitamos que Vossa Senhoria apresente os dados relativos ao encontro internacional da juventude, realizado no Brasil em 2014.

d) Os funcionários da Universidade não aceitaram a posição de Sua Eminência, o Reitor, sobre o período destinado às férias escolares.

e) Sua Excelência Reverendíssima, o padre, pediu que os coordenadores das atividades da paróquia comparecessem pontualmente à reunião.

12. (C.M. Marília-SP – Proc. Jurídico – Vunesp – Abril/2016)

_____uma aluna da Sorbonne que a recebesse para uma conversa que pudesse explicar o Brasil com apenas um título que _____ de roteiro para o trabalho que deveria apresentar. Já me pediram coisas extravagantes, recusei algumas, aceitei outras. Mas não _____ .

Em conformidade com a norma-padrão, as lacunas da frase devem ser preenchidas, respectivamente, com:

a) Pediu-me … serviria-lhe … lhe quis decepcionar

b) Me pediu … servir-lhe-ia … quis decepcioná-la

c) Pediu-me … lhe serviria … a quis decepcionar

d) Me pediu … o serviria … quis decepcionar-lhe

e) Pediu-me … serviria-o … quis decepcioná-la

13. (Unesp – Ass. Administrativo I – Vunesp – Abril/2016)

A alternativa em que os pronomes destacados estão empregados segundo a norma-padrão é:

a) Havendo brinquedos no playground, meninos podem escalar-**lhes**.

b) Na loja havia uma pia que funcionava de verdade, e meu filho se empolgou quando viu **ela**.

c) Cuidado com seu sapato de princesa, filha! Não vai sujar **ele**!

d) Com esse modo de pensar sobre as meninas nós fazemos-**lhes** infelizes.

e) Meninos são tidos como diferentes e vivências mais amplas **lhes** são permitidas.

14. (Unifesp – Técnico Seg. Trab. – Vunesp – Abril/2016)

Leia os quadrinhos.

(*Folha de S.Paulo*, 09.01.2016. Adaptado)

Em conformidade com a norma-padrão da língua portuguesa, as lacunas da fala da personagem, no primeiro quadrinho, devem ser preenchidas, respectivamente, com:

a) algum ... me livrar

b) o ... livrar eu

c) esse ... me livrar

d) um ... livrar eu

e) este ... me livrar

Leia o texto a seguir para responder à questão 15.

Texto I

Na Vila Telebrasília, onde mora, poucos conhecem Abiesel Alves Cavalcanti pelo nome completo. Lá ele é Bisa, o pescador. Há 35 anos, o pernambucano veio atrás do progresso na capital. Acompanhado pelo irmão, trouxe algumas roupas e a tarrafa, sua ferramenta de trabalho. “ Eu falei para o mano: se lá tem água, tem peixe. De fome a gente não morre”, lembra Bisa. O Lago Paranoá alimentou toda a sua família, composta de mulher e dez filhos. No começo, quando a pesca com tarrafa era proibida, Bisa saía na madrugada em uma canoa e trabalhava escondido. Depois, quando a captura com malha foi autorizada, ele se destacou entre os colegas. Chegava a voltar com até 300 quilos de peixe na embarcação. Hoje, o lago já não é tão abundante quanto há uma década e meia, mas ele ainda chega com o barco cheio. Entre tilápias, tucunarés, carpas e traíras, soma 250 quilos de peixe por semana e perto de dois mil reais por mês. Bisa rema quase sete horas para chegar até a altura da Ermida Dom Bosco e, às vezes, dorme na mata e retorna para casa só na manhã seguinte. “ É uma vida de muito trabalho, mas necessidade eu nunca passei”, diz o pescador.

Lilian Tahan. Vivendo de pescaria. In: *Veja Brasília*, 2/10/2013 (com adaptações).

15. (Cespe – ICMBIO – Médio – 2014)

Julgue o próximo item, relativo às ideias e às estruturas linguísticas do texto como Certo (C) ou Errado (E).

Na oração “ ele se destacou entre os colegas” (l. 7), é obrigatório o uso do pronome “ se” em posição pré-verbal, devido ao fator atrativo exercido pelo elemento que o antecede.

Leia o texto a seguir para responder à questão 16.

Texto I

Construímos coisas o tempo todo, mas como saberemos quanto tempo vão durar? Se construirmos depósitos para resíduos nucleares, precisaremos ter certeza de que os contêineres vão resistir até que o material dentro deles não mais seja perigoso. E, se não quisermos encher o planeta de lixo, é bom sabermos quanto tempo leva para que plásticos e outros materiais se decomponham. A única forma de termos certeza é submetendo esses materiais a testes de estresse por cerca de 100 mil anos para ver como reagem. Então, poderíamos aprender a construir coisas que realmente duram — ou que se decompõem de uma forma " verde". Experimentos submeteriam materiais ao desgaste e a ataques químicos, como variações de alcalinidade, e, ainda, alterariam a temperatura ambiente para simular os ciclos de dia e noite e das estações. Com as técnicas de simulação em laboratórios de que dispomos atualmente, por exemplo, não se pode prever como será o desempenho da bateria de um carro elétrico nos próximos quinze anos. As simulações de computador podem, por fim, tornar-se sofisticadas a ponto de substituir experimentos de longo prazo. Enquanto isso, no entanto, precisamos adotar cautela extra ao construirmos coisas que precisam durar.

Kristin Persson. Como os materiais se decompõem? In: *Scientific American Brasil*, s/d, 2013 (com adaptações).

16. (Cespe – ICMBIO – Superior – 2014)

Acerca de aspectos estruturais do texto e das ideias nele contidas, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Em " se decompõem" (l. 6) e " se pode" (l. 10), o pronome " se" poderia ser proposto à forma verbal – **decompõem-se** e **pode-se** – sem prejuízo para a correção gramatical do texto.

Leia o texto a seguir para responder à questão 17.

Texto I

Um estudo da Universidade da Califórnia, em Davis – EUA, mostra que a curiosidade é importante no aprendizado. Imagens dos cérebros de universitários revelaram que ela estimula a atividade cerebral do hormônio dopamina, que parece fortalecer a memória das pessoas. A dopamina está ligada à sensação de recompensa, o que sugere que a curiosidade estimula os mesmos circuitos neurais ativados por uma guloseima ou uma droga. Na média, os alunos testados deram 35 respostas corretas a 50 perguntas acerca de temas que os deixavam curiosos e 27 de 50 questões sobre assuntos que não os atraíam. Estimular a curiosidade ajuda a aprender.

Planeta, dez/2014, p. 14 (com adaptações).

17. (Cespe – FUB – Técnico Administrativo – 2015)

A respeito das ideias e das estruturas linguísticas do texto acima, julgue o item que segue como Certo (C) ou Errado (E).

Em um uso mais formal da língua, as regras de colocação pronominal do padrão culto permitem que o pronome átono em " que não os atraíam" (l. 6) seja também utilizado depois do verbo, sob a forma de **nos**, ligada ao verbo por um hífen.

Leia o texto a seguir para responder à questão 18.

Texto 2 – Violência e favelas

O crescimento dos índices de violência e a dramática transformação do crime manifestados nas grandes metrópoles são

alarmantes, sobretudo, na cidade do Rio de Janeiro, sendo as favelas as mais afetadas nesse processo.

“ A violência está o cúmulo do absurdo. É geral, não é? É geral, não tem, não está distinguindo raça, cor, dinheiro, com dinheiro, sem dinheiro, tá de pessoa para pessoa, não interessa se eu te conheço ou se eu não te conheço. Me irritou na rua eu te dou um tiro. É assim mesmo que está, e é irritante, o ser humano está em um estado de nervos que ele não está mais se controlando, aí junta a falta de dinheiro, junta falta de tudo, e quem tem mais tá querendo mais, e quem tem menos tá querendo alguma coisa e vai descontar em cima de quem tem mais, e tá uma rivalidade, uma violência que não tem mais tamanho, tá uma coisa insuportável.” (moradora da Rocinha)

A recente escalada da violência no país está relacionada ao processo de globalização que se verifica, inclusive, ao nível das redes de criminalidade. A comunicação entre as redes internacionais ligadas ao crime organizado são realizadas para negociar armas e drogas. Por outro lado, verifica-se hoje, com as CPIs (Comissão Parlamentar de Inquérito) instaladas, ligações entre atores presentes em instituições estatais e redes do narcotráfico.

Nesse contexto, as camadas populares e seus bairros/favelas são crescentemente objeto de estigmatização, percebidos como causa da desordem social o que contribui para aprofundar a segregação nesses espaços. No outro polo, verifica-se um crescimento da autossegregação, especialmente por parte das elites que se encastelam nos enclaves fortificados na tentativa de se proteger da violência.

(Maria de Fátima Cabral Marques Gomes, *Scripta Nova*)

18. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

“ A violência está o cúmulo do absurdo. É geral, não é? É geral, não tem, não está distinguindo raça, cor, dinheiro, com dinheiro, sem dinheiro, tá de pessoa para pessoa, não interessa se eu te conheço ou se eu não te conheço. Me irritou na rua eu te dou um tiro.”

A fala da moradora da Rocinha mostra certas características distintas da variedade padrão de linguagem; a única característica que NÃO está comprovada pelo exemplo dado é:

a) segmentos desconexos: “ não tem”;

b) formas reduzidas: “ tá de pessoa para pessoa”;

c) explicações desnecessárias: “ com dinheiro, sem dinheiro”;

d) mistura de tratamento: “ se eu te conheço ou se eu não te conheço”;

e) erros gramaticais: “ me irritou na rua”.

19. (Liquigás – Administrador Jr. – Cesgranrio – Set./2015)

A frase em que a colocação do pronome se mostra adequada à norma-padrão é:

a) Não **nos** conformemos com a condição miserável de muitos!

b) Daqui a vinte e cinco anos, ainda desejar-**se**-á que o país progrida.

c) É necessário que encontrem-**se** medidas urgentes para o combate à fome.

d) **Me** surpreende que, no Brasil de hoje, a fome ainda mate.

e) Até que dia desrepeitaremo-**nos** tanto quanto hoje?

20. (Petrobras – Advogado Jr. – Cesgranrio – Ago./2015)

De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, o pronome destacado está colocado adequadamente em:

a) Quando todas as instituições educacionais **se** interessarem pela inclusão digital, a sociedade será muito beneficiada em diferentes aspectos do seu desenvolvimento.

b) Atualmente, há uma intensa pressão social para que o indivíduo sempre mantenha-**se** a par das novas tecnologias lançadas em outras regiões do mundo.

c) Não pouparam-**se** esforços para que todos os funcionários daquela empresa tivessem acesso às mídias digitais por meio de renovação dos equipamentos.

d) Os pesquisadores das áreas sociais e tecnológicas nunca enganam-**se** a respeito da grande importância da presença da internet em nossa sociedade.

e) Se o preço dos equipamentos eletrônicos ficar muito elevado, poderá-**se** procurar pesquisar mais atentamente.

21. (BB – Escriturário – Cesgranrio – Out./2015)

A colocação do pronome destacado atende às exigências da norma-padrão da Língua Portuguesa em:

a) Os clientes mais exigentes sempre comportaram-**se** bem diante das medidas favoráveis oferecidas pelos bancos.

b) Efetivando-**se** os pagamentos com moedas virtuais, os clientes terão confiança para utilizar esse recurso financeiro.

c) Os usuários constantes da internet não enganam-**se** a respeito das vantagens do comércio *on-line*.

d) É preciso observar que a população interessa-**se** pelas formas de aprendizagem condizentes com a sua cultura.

e) Os turistas tinham organizado-**se** para viajar quando as condições econômicas melhorassem.

22. (MPE/SP – Analista Técnico Científico – Vunesp – Jul./2016)

O contexto em que, segundo a norma-padrão, o pronome " se" pode ser colocado antes ou depois do verbo, é:

a) ... como todas as repúblicas que se prezam...

b) Chamava-se o deputado Felixhimino ben Karpatoso.

c) ... de cinquenta em cinquenta anos descobria-se nele um produto...

d) ... não se sabia bem...

e) ... embora nada se conhecesse dele.

23. (MPE/SP- Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Leia os quadrinhos.

(Níquel Náusea. Fernando Gonsales. *Folha de S.Paulo*, 17/04/2015. Adaptado)

Em conformidade com a norma-padrão, as lacunas na fala da personagem devem ser preenchidas, respectivamente, com:

a) Me morda ... mim

b) Morda-me ... eu

c) Me morde ... mim

d) Morde eu ... eu

e) Morda-me ... mim

Leia o texto a seguir para responder à questão 24.

Texto II

Bibliotecas sempre deram muito o que falar. Grandes monarquias jamais deixaram de possuir as suas, e cuidavam delas estrategicamente. Afinal, dotes de princesas foram negociados tendo livros como objetos de barganha; tratados diplomáticos versaram sobre essas coleções. Os monarcas portugueses, após o terremoto que dizimou Lisboa, se orgulhavam de, a despeito dos destroços, terem erguido uma grande biblioteca: a Real Livraria. D. José chamava-a de joia maior do tesouro real. D. João VI, mesmo na correria da partida para o Brasil, não se esqueceu dos livros. Em três diferentes levas, a Real Biblioteca aportou nos trópicos, e foi até mesmo tema de disputa.

Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br> (com adaptações).

24. (INSS – Técnico Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

Acerca de aspectos linguísticos e dos sentidos do texto acima, julgue o item que se segue como Certo (C) ou Errado (E).

A expressão “ essas coleções” (l. 3) retoma, por coesão, o termo “ Bibliotecas” (l. 1).

Leia o texto a seguir para responder à questão 25.

O ABCerrado e a Matomática (“ matemática do mato”), metodologias criadas por um professor da UnB, apoiam-se em dois princípios: o da elevação da autoestima de alunos e professores e o do envolvimento com o meio ambiente para a construção, de

forma lúdica e interdisciplinar, da cidadania e do respeito mútuo. “ Fazemos a aproximação por meio de elementos do contexto onde as crianças estão inseridas. As atividades de leitura, interpretação e escrita associam-se ao tema do cerrado na forma de poesias, música, desenho, pintura e jogos”, explica uma professora da Faculdade de Educação da UnB. Atualmente, a universidade trabalha para expandir a aplicação do ABCerrado na rede de ensino do DF. “ Ainda prevalece uma visão conservadora sobre o que é educação”, conta a professora. “ A natureza possui uma dimensão formadora. Isso subverte a forma de se tratar a relação entre o ser humano e o meio ambiente no cerne de um processo educativo. Não se trata de educar o ser humano para o domínio e a apropriação da natureza, mas de educar a humanidade para ser capaz de trocar e de aprender com ela”, completa.

João Campos. O ABC do cerrado. In: *Revista Darcy*, jun./2012 (com adaptações).

25. (Cespe – ICMBIO – 2014)

Com relação aos aspectos linguísticos e aos sentidos do texto acima, julgue o item subsequente como Certo (c) ou Errado (E).

O termo “ Isso” (l. 9) refere-se à expressão “ visão conservadora” (l. 8).

Leia o texto a seguir para responder à questão 26.

A busca de uma convenção para medir riquezas e trocar mercadorias é quase tão antiga quanto a vida em sociedade. Ao longo da história, os mais diversos artigos foram usados com essa finalidade, como o chocolate, entre os astecas, e o bacalhau seco, entre os noruegueses, tendo cabido aos gregos do século VII a.C. a criação de uma moeda metálica com um valor padronizado pelo Estado. “ Foi uma invenção revolucionária. Ela facilitou o acesso das camadas mais pobres às riquezas, o acúmulo de dinheiro e a coleta de impostos – coisas muito difíceis de fazer quando os valores eram contados em bois ou imóveis”, afirma a arqueóloga Maria Beatriz Florenzano, da Universidade de São Paulo. A segunda grande revolução na história do dinheiro, o papel-moeda, teve uma origem mais confusa. Existiam cédulas na China do ano 960, mas elas não se espalharam para outros lugares e caíram em desuso no fim do século XIV.

As notas só apareceram na Europa – e daí para o mundo – em 1661, na Suécia. Há quem acredite que cartões de crédito e caixas eletrônicos em rede já representam uma terceira revolução monetária. “ Com a informática, o dinheiro se transformou em impulsos eletrônicos invisíveis, livres do espaço, do tempo e do controle de governos e corporações”, afirma o antropólogo Jack Weatherford, da Faculdade Macalester, nos Estados Unidos da América.

Disponível em: <http://super.abril.com.br> (com adaptações).

26. (Cespe – CEF – Superior – 2014)

Em relação às ideias e aos aspectos linguísticos do texto, julgue o próximo item como Certo (C) ou Errado (E).

A expressão “ essa finalidade” (l. 2) refere-se ao trecho “ para medir riquezas e trocar mercadorias” (l. 1)

Leia o texto a seguir para responder à questão 27.

Já se tornou crônica a escassez de mão de obra qualificada no Brasil, o que pode comprometer ainda mais a capacidade produtiva do país nos próximos anos. Se nada for feito urgentemente para começar a reverter esse quadro, o país estará condenado a ter por muito tempo ainda o crescimento econômico reduzido que apresenta hoje, com efeitos negativos na distribuição de riqueza.

Desde 2012, o número de trabalhadores pouco escolarizados diminuiu, mas os indicadores apontam para o fato de que a escolarização ainda continua sendo muito precária, insuficiente para atender à demanda cada vez maior das indústrias e mesmo

dos setores de serviços e da construção civil, que tradicionalmente exigem menos especialistas na hora de contratar.

O Estado de S.Paulo, 26/1/2014 (com adaptações).

27. (FUB – Cespe – Médio/Superior – 2014)

Julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E), relativo às ideias e às estruturas linguísticas do texto acima.

A expressão " esse quadro" (l. 3) é elemento coesivo que retoma informação contida no período anterior.

Leia o texto a seguir para responder à questão 28.

Texto III

O Decreto nº 21.076, de 24 de fevereiro de 1932, primeiro Código Eleitoral pátrio, instituiu a justiça eleitoral no Brasil, com funções contenciosas e administrativas. Eram seus órgãos: um Tribunal Superior (de justiça eleitoral – o decreto não menciona justiça eleitoral), na capital da República; um tribunal regional, na capital de cada estado, no DF e na sede do governo do território do Acre, além de juízes eleitorais nas comarcas e nos distritos. O Tribunal Superior – de justiça eleitoral – com jurisdição em todo o território nacional, compunha-se de oito membros efetivos e oito substitutos, e era presidido pelo vice-presidente do Supremo Tribunal Federal (STF). A ele se somavam dois membros efetivos e dois substitutos, sorteados dentre os ministros do STF, além de dois efetivos e dois substitutos, sorteados dentre os desembargadores da Corte de Apelação do DF. Por fim, integravam a Corte três membros efetivos e quatro substitutos, escolhidos pelo chefe do governo provisório dentre quinze cidadãos, indicados pelo STF, desde que atendessem aos requisitos de notável saber jurídico e idoneidade moral. Dentre seus membros, elegia o Tribunal Superior, em escrutínio secreto, por meio de cédulas com o nome do juiz e a designação do cargo, um vice-presidente e um procurador para exercer as funções do Ministério Público, tendo este último a denominação de procurador-geral da justiça eleitoral. Em relação a esse cargo, nota-se uma peculiaridade, à época da criação do Tribunal Superior: o procurador-geral da justiça eleitoral não era o procurador-geral da República, mas sim um membro do próprio tribunal.

As formas de composição do TSE: de 1932 aos dias atuais. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral, Secretaria de Gestão da Informação, 2008, p. 11. Disponível em: <www.tse.jus.br> (com adaptações).

28. (TRE/GO – Superior – Cespe – 2015)

Com referência às estruturas linguísticas do texto III, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Na linha 14, a expressão " este último" remete ao último órgão mencionado no período: o " Ministério Público".

Leia o texto a seguir para responder à questão 29.

Texto 1

Há pessoas que preferem enfrentar as gélidas noites paulistanas na rua a buscar acolhimento nos abrigos municipais. As razões para tal atitude, mesmo em meio a uma onda de frio que assola São Paulo, são várias: de inadequação às regras dos albergues a condições supostamente insalubres de alguns desses locais.

Mesmo quem busca uma vaga tem reclamações a fazer sobre os abrigos municipais: eles dizem que os banheiros e as roupas de cama estão em más condições e se queixam de tratamento desrespeitoso por parte de alguns funcionários.

(UOL Cotidiano, *Notícias*, junho de 2016)

29. (Compesa – A.S.G. – Técn. Segur. Trab. – FGV – Jul./2016)

As razões para tal atitude, mesmo em meio a uma onda de frio que assola São Paulo, são várias: de inadequação às regras dos albergues a condições supostamente insalubres de alguns desses locais.

Assinale a opção que apresenta o comentário correto sobre um dos elementos sublinhados.

a) O termo tal atitude se refere à busca de acolhimento nos abrigos.

b) O termo em meio a uma onda de frio reitera gélidas noites paulistanas.

c) O termo várias indica obrigatoriamente grande quantidade.

d) O termo supostamente mostra confiança no que foi informado.

e) O termo desses locais se refere às ruas de São Paulo.

30. (Compesa – An. Gest. Médico do Trabalho – FGV – Jul./2016)

Assinale a opção que indica a frase em que o emprego do demonstrativo sublinhado está adequado.

a) "*As principais ameaças nessa vida são as pessoas que querem mudar tudo... ou nada.*"

b) "*O mundo anda mudando tão rápido que aquele que diz que alguma coisa não pode ser feita é geralmente interrompido por alguém fazendo esta coisa.*"

c) "*Crianças e loucos dizem a verdade. Por isso se educam essas e se encarceram estes.*"

d) "*O pior dos problemas da gente é que ninguém tem nada com isto.*"

e) "*Lamentar aquilo que não temos é desperdiçar aquilo que possuímos.*"

31. (Pref. Paulínia-SP – Eng. Agrôn. – FGV – Maio/2016)

"*É próprio das famílias numerosas brigarem, fazerem as pazes e tornarem a brigar.*"

(**Machado de Assis**)

No fragmento acima, o vocábulo *próprio* mostra o mesmo valor que na seguinte frase:

a) O restaurante serve pratos finos, próprios a paladares exigentes.

b) Os idosos gostam de jogos próprios de sua idade.

c) Ele próprio preparava a comida.

d) Assinou o documento com seu nome próprio.

e) Eu sempre morei em apartamento próprio.

32. (BB – Escriturário – Cesgranrio – Out./2015 – Adaptada)

Nos fragmentos a seguir, a palavra ou expressão a que o termo destacado se refere está corretamente explicitada entre colchetes em:

a) "A teoria nos ensina que são três as **suas** principais características" [ordem de pagamento]

b) "Criada por um 'personagem virtual', **cuja** identidade no mundo real é motivo de grande especulação" [moeda virtual]

c) “ trocavam seus produtos de subsistência através do escambo, organizado em locais públicos, decorrendo **daí** a origem do termo ‘pregão’ da Bolsa” [produção de bens]

d) “ **ela** é sempre motivada por um fenômeno humano” [essa pequena exegese]

e) “ o que **isso** tem a ver com *bitcoins*?” [transação financeira virtual]

33. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

(Hagar, Dik Browne. *Folha de S.Paulo*, 31.10.2015. Adaptado)

Em conformidade com a norma-padrão, as lacunas nas falas das personagens devem ser preenchidas, respectivamente, com:

a) Esses ... sinto-me... me sentiria

b) Estes ... me sinto ... me sentiria

c) Eles ... sinto-me... sentiria-me

d) Esses ... me sinto ... sentir-me-ia

e) Estes ... sinto-me... sentir-me-ia

Leia o texto a seguir para responder à questão 34.

O museu é considerado um instrumento de neutralização – e talvez o seja de fato. Os objetos que nele se encontram reunidos trazem o testemunho de disputas sociais, de conflitos políticos e religiosos. Muitas obras antigas celebram vitórias militares e conquistas: a maior parte presta homenagem às potências dominantes, suas financiadoras. As obras modernas são, mais genericamente, animadas pelo espírito crítico: elas protestam contra os fatos da realidade, os poderes, o estado das coisas. O museu reúne todas essas manifestações de sentido oposto. Expõe tudo junto em nome de um valor que se presume partilhado por elas: a qualidade artística. Suas diferenças funcionais, suas divergências políticas são apagadas. A violência de que participavam, ou que combatiam, é esquecida. O museu parece assim desempenhar um papel de pacificação social. A guerra das imagens extingue-se na pacificação dos museus.

Todos os objetos reunidos ali têm como princípio o fato de terem sido retirados de seu contexto. Desde então, dois pontos de vista concorrentes são possíveis. De acordo com o primeiro, o museu é por excelência o lugar de advento da Arte enquanto tal, separada de seus pretextos, libertada de suas sujeições. Para o segundo, e pela mesma razão, é um “ depósito de despojos”. Por um lado, o museu facilita o acesso das obras a um status estético que as exalta. Por outro, as reduz a um destino igualmente

estético, mas, desta vez, concebido como um estado letárgico.

A colocação em museu foi descrita e denunciada frequentemente como uma desvitalização do simbólico, e a musealização progressiva dos objetos de uso como outros tantos escândalos sucessivos. Ainda seria preciso perguntar sobre a razão do " escândalo". Para que haja escândalo, é necessário que tenha havido atentado ao sagrado. Diante de cada crítica escandalizada dirigida ao museu, seria interessante desvendar que valor foi previamente sacralizado. A Religião? A Arte? A singularidade absoluta da obra? A Revolta? A Vida autêntica? A integridade do Contexto original? Estranha inversão de perspectiva. Porque, simultaneamente, a crítica mais comum contra o museu apresenta-o como sendo, ele próprio, um órgão de sacralização. O museu, por retirar as obras de sua origem, é realmente " o lugar simbólico onde o trabalho de abstração assume seu caráter mais violento e mais ultrajante". Porém, esse trabalho de abstração e esse efeito de alienação operam em toda parte. É a ação do tempo, conjugada com nossa ilusão da presença mantida e da arte conservada.

(Adaptado de: GALARD, Jean. *Beleza Exorbitante*. São Paulo, Fap.-Unifesp, 2012, p. 68-71)

34. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

... *suas financiadoras* (1º parágrafo)

Suas diferenças funcionais... (1º parágrafo)

... *seu caráter mais violento*... (3º parágrafo)

Os pronomes dos trechos acima referem-se, respectivamente, a:

a) vitórias militares − manifestações − museu

b) vitórias militares − obras modernas − museu

c) potências dominantes − obras modernas − trabalho de abstração

d) potências dominantes − manifestações − trabalho de abstração

e) potências dominantes − obras modernas − museu

Leia o texto a seguir para responder à questão 35.

Texto I

A moeda, como hoje é conhecida, é o resultado de uma longa evolução. No início, não havia moeda, praticava-se o escambo. Algumas mercadorias, pela sua utilidade, passaram a ser mais procuradas do que outras. Aceitas por todos, assumiram a função de moeda, circulando como elemento trocado por outros produtos e servindo para avaliar-lhes o valor. Eram as moedas-mercadorias. O gado, principalmente o bovino, foi dos mais utilizados. O sal foi outra moeda-mercadoria; de difícil obtenção, era muito utilizado na conservação de alimentos. Ambas deixaram marca de sua função como instrumento de troca no vocabulário português, em palavras como pecúnia e pecúlio, capital e salário.

Com o passar do tempo, as mercadorias se tornaram inconvenientes às transações comerciais, devido à oscilação de seu valor, pelo fato de não serem fracionáveis e por serem facilmente perecíveis, o que não permitia o acúmulo de riquezas. Surgiram, então, no século VII a.C., as primeiras moedas com características semelhantes às das atuais: pequenas peças de metal com peso e valor definidos e com a impressão do cunho oficial, isto é, a marca de quem as emitiu e garante o seu valor.

Os primeiros metais utilizados na cunhagem de moedas foram o ouro e a prata. O emprego desses metais se impôs, não só por sua

raridade, beleza, imunidade à corrosão e por seu valor econômico, mas também por antigos costumes religiosos. Durante muitos séculos, os países cunharam em ouro suas moedas de maior valor, reservando a prata e o cobre para os valores menores. Esses sistemas se mantiveram até o final do século XIX, quando o cuproníquel e, posteriormente, outras ligas metálicas passaram a ser empregados e a moeda passou a circular pelo seu valor extrínseco, isto é, pelo valor gravado em sua face, que independe do metal nela contido.

Na Idade Média, surgiu o costume de guardar os valores com um ourives, pessoa que negociava objetos de ouro e prata e que, como garantia, entregava um recibo. Esse tipo de recibo passou a ser utilizado para efetuar pagamentos, circulando de mão em mão, e deu origem à moeda de papel. Com o tempo, da forma como ocorreu com as moedas, os governos passaram a conduzir a emissão de cédulas, controlando as falsificações e garantindo o poder de pagamento. Atualmente, quase todos os países possuem bancos centrais, encarregados das emissões de cédulas e moedas.

Disponível em: <www.bcb.gov.br> (com adaptações).

35. (CEF – Nível Médio – Cespe – Março/2014)

Julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

O referente do sujeito da oração " e garante o seu valor" (l. 12) é " marca" (l. 12).

Leia o texto a seguir para responder à questão 36.

Depois que se tinha fartado de ouro, o mundo teve fome de açúcar, mas o açúcar consumia escravos. O esgotamento das minas – que de resto foi precedido pelo das florestas que forneciam o combustível para os fornos –, a abolição da escravatura e, finalmente, uma procura mundial crescente, orientam São Paulo e o seu porto de Santos para o café. De amarelo, passando pelo branco, o ouro tornou-se negro.

Mas, apesar de terem ocorrido essas transformações que tornaram Santos num dos centros do comércio internacional, o local conserva uma beleza secreta; à medida que o barco penetra lentamente por entre as ilhas, experimento aqui o primeiro sobressalto dos trópicos. Estamos encerrados num canal verdejante. Quase podíamos, só com estender a mão, agarrar essas plantas que o Rio ainda mantinha à distância nas suas estufas empoleiradas lá no alto. Aqui se estabelece, num palco mais modesto, o contato com a paisagem.

O arrabalde de Santos, uma planície inundada, crivada de lagoas e pântanos, entrecortada por riachos estreitos e canais, cujos contornos são perpetuamente esbatidos por uma bruma nacarada, assemelha-se à própria Terra, emergindo no começo da criação. As plantações de bananeiras que a cobrem são do verde mais jovem e terno que se possa imaginar: mais agudo que o ouro verde dos campos de juta no delta do Bramaputra, com o qual gosto de o associar na minha recordação; mas é que a própria fragilidade do matiz, a sua gracilidade inquieta, comparada com a suntuosidade tranquila da outra, contribuem para criar uma atmosfera primordial.

Durante cerca de meia hora, rolamos por entre bananeiras, mais plantas mastodontes do que árvores anãs, com troncos plenos de seiva que terminam numa girândola de folhas elásticas por sobre uma mão de 100 dedos que sai de um enorme lótus castanho e rosado. A seguir, a estrada eleva-se até os 800 metros de altitude, o cume da serra. Como acontece em toda parte nessa costa, escarpas abruptas protegeram dos ataques do homem essa floresta virgem tão rica que para encontrarmos igual a ela teríamos de percorrer vários milhares de quilômetros para norte, junto da bacia amazônica. Enquanto o carro geme em curvas que já nem poderíamos qualificar como " cabeças de alfinete", de tal modo se sucedem em espiral, por entre um nevoeiro que imita a alta montanha de outros climas, posso examinar à vontade as árvores e as plantas estendendo-se perante o meu olhar como espécimes

de museu.

(Adaptado de: Lévi-Strauss, Claude. *Tristes Trópicos*. Coimbra, Edições 70, 1979, p. 82-3)

36. (TRF3- Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

As plantações de bananeiras que a cobrem... (3º parágrafo)

... com troncos plenos de seiva que terminam numa girândola de folhas... (4º parágrafo)

... que sai de um enorme lótus castanho e rosado... (4º parágrafo)

Os pronomes sublinhados referem-se respectivamente a:

a) bruma – seiva – mão

b) planície – troncos – mão

c) planície – troncos – dedos

d) Terra – seiva – mão

e) bruma – troncos – dedos

37. (TRT14R – Téc. Jud. – Área Adminis. – FCC – Fev./2016)

"*Isto pode despertar a atenção de outras pessoas que tenham documentos em casa e se disponham a trazer para a Academia, que é a guardiã desse tipo de acervo, que é muito difícil de ser guardado em casa, pois o tempo destrói e aqui temos a melhor técnica de conservação de documentos", disse Cavalcanti.*

O termo sublinhado faz referência a

a) pessoas.

b) acervo.

c) Academia.

d) tempo.

e) casa.

38. (TRT14R – Téc. Jud. – Área Adminis. – FCC – Fev./2016)

Considere o texto abaixo.

*O rio Madeira banha os estados de Rondônia e do Amazonas. ...***I***... esse nome, pois no período de chuvas seu nível sobe e inunda grandes porções da planície florestal, trazendo troncos e restos de madeira da floresta. É um dos principais rios da bacia do Amazonas e ...***II***... já foram dedicados textos literários, muitos ...***III***... possuem grande valor artístico.*

As lacunas **I**, **II** e **III** do texto acima devem ser preenchidas, correta e respectivamente, com:

	I	II	III
a)	Deram-no	para ele	os quais

b)	Deram-lhe	a ele	dos quais
c)	Deram-lhe	ante ele	aos quais
d)	Deram-no	dele	pelos quais
e)	Deram-lhe	nele	nos quais

Leia o texto a seguir para responder à questão 39.

Texto I

Naquele novo apartamento da rua Visconde de Pirajá pela primeira vez teria um escritório para trabalhar. Não era um cômodo muito grande, mas dava para armar ali a minha tenda de reflexões e leitura: uma escrivaninha, um sofá e os livros. Na parede da esquerda ficaria a grande e sonhada estante onde caberiam todos os meus livros. Tratei de encomendá-la a seu Joaquim, um marceneiro que tinha oficina na rua Garcia D' Ávila com Barão da Torre.

O apartamento não ficava tão perto da oficina. Era quase em frente ao prédio onde morava Mário Pedrosa, entre a Farme de Amoedo e a antiga Montenegro, hoje Vinicius de Moraes. Estava ali havia uma semana e nem decorara ainda o número do prédio. Tanto que, quando seu Joaquim, ao preencher a nota de encomenda, perguntou-me onde seria entregue a estante, tive um momento de hesitação. Mas foi só um momento. Pensei rápido: " Se o prédio do Mário é 228, o meu, que fica quase em frente, deve ser 227". Mas lembrei-me de que, ao ir ali pela primeira vez, observara que, apesar de ficar em frente ao do Mário, havia uma diferença na numeração.

– Visconde de Pirajá, 127 – respondi, e seu Joaquim desenhou o endereço na nota.

– Tudo bem, seu Ferreira. Dentro de um mês estará lá sua estante.

– Um mês, seu Joaquim! Tudo isso? Veja se reduz esse prazo.

– A estante é grande, dá muito trabalho... Digamos, três semanas.

Ferreira Gullar. A estante. In: *A estranha vida banal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989 (com adaptações).

39. (INSS – Técnico Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

Julgue o seguinte item como Certo (C) ou Errado (E), a respeito de aspectos linguísticos do **texto I**.

Seria mantida a correção do texto caso o trecho " onde caberiam" (*l*.6) fosse substituído por **que caberia**.

Leia o texto a seguir para responder à questão 40.

Texto III

A história do grafite no Brasil iniciou-se na década de 70 do século XX, precisamente na cidade de São Paulo, em uma época conturbada da história do Brasil, época essa silenciada pela censura resultante da chegada dos militares ao poder.

Paralelamente ao movimento que despontava em Nova York, o grafite surgiu no cenário da metrópole brasileira como uma arte transgressora, a linguagem da rua, da marginalidade, que não pedia licença e que gritava nas paredes da cidade os incômodos de uma geração.

A partir disso, a arte de grafitar se transformou em um importante veículo de comunicação urbano, corroborando, de alguma

maneira, a existência de outras vozes, de outros sujeitos históricos e ativos que participam da cidade.

É importante ressaltar que o grafite, inicialmente, foi uma arte caracterizada pela autoria anônima, por meio da qual o grafiteiro transformava a cidade em um importante suporte de comunicação artística sem delimitação de espaço, de mensagem ou de mensageiro.

Portanto, o que importava naquele momento era a arte em si e não o nome de seu autor. Por esse motivo, os ditos " cânones" são retirados de sua posição central e imperativa para dar lugar a uma arte de todos e para todos; arte da rua, na rua e para a rua; arte da cidade, na cidade e para a cidade: o grafite. Nesse sentido, a arte se funde com a vida do cidadão da metrópole por meio do movimento mútuo de transformação e de identificação de seus sujeitos.

Disponível em: <www.todamateria.com.br> (com adaptações).

40. (Pref. SP – Agente Gestão P. Públicas – Cespe – Maio/2016)

No texto III, o pronome isso, em " A partir disso" (L. 7, 3ª§), refere-se:

a) à história do surgimento do grafite no Brasil.

b) ao contexto histórico brasileiro na década de 70 do século XX.

c) a " arte transgressora" (L. 5).

d) às características do grafite.

e) a " paredes da cidade" (L. 6).

Leia o texto a seguir para responder à questão 41.

Texto CG1A1AAA

Em julho de 1955, Bertrand Russell e Albert Einstein lançaram um inusitado apelo aos povos do mundo, pedindo-lhes que " pusessem de lado" seus fortes sentimentos a respeito de uma série de questões e se vissem " exclusivamente como membros de uma espécie biológica que traz consigo uma história extraordinária e cujo desaparecimento ninguém pode desejar". O dilema com que se defronta o mundo é " claro, aterrador e incontornável: poremos fim à espécie humana ou a humanidade renunciará à guerra?".

O mundo não renunciou à guerra. Muito pelo contrário. Hoje, a potência mundial hegemônica se dá o direito de fazer a guerra ao seu arbítrio, segundo uma doutrina de " autodefesa antecipada" sem limites conhecidos. Com uma postura essencialmente farisaica, os Estados Unidos da América (EUA) são implacáveis na imposição do direito internacional e de tratados e regras da ordem mundial aos outros países, mas rejeitam-nos como irrelevantes quando se trata de si mesmos – uma prática antiga, levada a limites inauditos pelos governos de Reagan e Bush II.

Noam Chomsky. *Estados fracassados: o abuso do poder e o ataque à democracia*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009 (com adaptações).

41. (PC-PE – Todos os Cargos – Conhec. Gerais – Cespe – Jun./2016)

No texto CG1A1AAA, a forma pronominal

a) " nos" (l. 10) retoma " outros países" (l. 9).

b) " consigo" (l. 3) refere-se a " membros" (l. 3).

c) “ lhes” (l. 2) refere-se a “ Bertrand Russell e Albert Einstein” (l. 1).

d) “ se” (l. 2) refere-se a “ povos do mundo” (l. 1).

e) “ cujo” (l. 4) retoma “ membros de uma espécie” (l. 3).

42. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

“ Já é possível, por exemplo, fotografar pintas suspeitas e enviar as imagens a um algoritmo que as analisa e diz com mais precisão do que um dermatologista se a mancha é inofensiva ou se pode ser um câncer, o que exige medidas adicionais”.

Entre os elementos abaixo, aquele que NÃO se relaciona semanticamente a um termo anterior é:

a) que;

b) as;

c) o;

d) as imagens;

e) um câncer.

43. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

“ Essas pessoas sofrem com as grandes distâncias dos locais de residência com os centros comerciais e os locais onde trabalham”; a frase abaixo em que o vocábulo *onde/aonde* foi mal empregado é:

a) “ Muitos suicidas se detiveram no limiar da morte ao pensar no café aonde vão todas as noites para sua partida de dominó” (Balzac);

b) “ Onde há casamento sem amor, vai haver amor sem casamento” (Franklin);

c) “ Circo é o lugar onde se permite a cavalos, pôneis e elefantes verem homens, mulheres e crianças bancarem idiotas” (Ambrose Bierce);

d) “ As pessoas onde é difícil achar defeitos devem ser difíceis de achar” (Nouailles);

e) “ *Os Lusíadas* se tornaram para nós um pesadelo, porque ninguém sabia onde o diabo escondia o sujeito da oração naqueles versos retorcidos” (Fernando Sabino).

44. (Compesa – An. Gest. Médico do Trabalho – FGV – Jul./2016)

As opções a seguir apresentam pensamentos em que os pronomes sublinhados estabelecem coesão com elementos anteriores.

Assinale a frase em que esse referente anterior é uma oração.

a) “ *Um diplomata é um sujeito que pensa duas vezes antes de não dizer nada*”.

b) “ *A minha vontade é forte, mas a minha disposição de obedecer-lhe é fraca*”.

c) “ *Não existe assunto desinteressante, o que existe são pessoas desinteressadas*”.

d) “ *A dúvida é uma margarida que jamais termina de se despetalar*”.

e) “ *Se você pensa que não tem falhas, isso já é uma*”.

45. (Petrobras – Advogado Jr. – Cesgranrio – Ago./2015)

Considerem-se os períodos abaixo.

I – Antigamente era usado esse conceito.

II – As ciências sociais hoje discordam desse conceito.

Unindo-se esses períodos em um só, suprimindo-se as repetições e respeitando-se a norma-padrão, tem--se o seguinte período:

a) Antigamente era usado esse conceito, ao qual as ciências sociais hoje discordam.

b) Antigamente era usado esse conceito, como qual as ciências sociais hoje discordam.

c) Antigamente era usado esse conceito, pelo qual as ciências sociais hoje discordam.

d) Antigamente era usado esse conceito, do qual as ciências sociais hoje discordam.

e) Antigamente era usado esse conceito, para o qual as ciências sociais hoje discordam.

46. (Basa – Téc. Bancário – Cesgranrio – Set./2015)

A combinação do pronome relativo com a preposição exigida pelo verbo em destaque está de acordo com a norma-padrão em:

a) Os elevadores modernos em que se **refere** o texto possuem música ambiente.

b) Os elevadores antigos com que nos **lembramos** ainda possuíam portas pantográficas.

c) Os termos de que se **limita** a maioria dos ascensoristas são " sobe" e " desce".

d) A profissão pela qual **trata** o Texto II é uma das mais tediosas.

e) O ascensorista de quem se **fala** no texto parece sempre bem-humorado.

47. (BB – Escriturário – Cesgranrio – Out./2015 – Adaptada)

Nos fragmentos a seguir, a palavra ou expressão a que se refere o termo destacado está expressa adequadamente entre colchetes em

a) " a produção de bens era limitada e feita por famílias **que** trocavam seus produtos" [sociedades primitivas]

b) " poderá abrir as portas para novos serviços nas estruturas **que** se formarão não somente no mercado financeiro, em todas as suas facetas" [as portas]

c) " como intuito de facilitar a circulação de mercadorias, **que** tinham como lastro elas mesmas." [moedas]

d) " Nascia o mercado financeiro em Amsterdã, **que** depois se espalharia por toda a Europa e pelo mundo." [Amsterdã]

e) " uma aberração no mundo financeiro, **que**, não obstante isso, tem valor." [mundo financeiro]

48. (IPSMI – Procurador – Vunesp – Abril/2016)

O emprego dos termos destacados e do sinal indicativo de crase está de acordo com a norma-padrão em:

a) Sei que para **mim** chegar **onde** cheguei a luta foi dura, frente à frente com muitas dificuldades.

b) Sempre soube que em **mim** existe uma tendência à vencer, que me leva **aonde** eu desejo.

c) O homem sabe que vai **aonde** quiser, graças à ação de um poder maior que **lhe** conduz os passos.

d) Agimos à partir da hora em que deixaram **nós** sozinhos, naquele escritório **aonde** não havia nada.

e) Foi à luta, pensando que **onde** fosse estaria sem amigos que **lhe** apoiassem.

49. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016 – Adaptada)

Em conformidade com a norma-padrão, na passagem " O Garcia não se revoltava contra a passividade **a que era submetido pela mulher**...", a parte em destaque pode ser reescrita da seguinte forma:

a) ... a que era imposto pela mulher.

b) ... que era infligido pela mulher.

c) ... que lhe era imposta pela mulher.

d) ... de que era imposta pela mulher.

e) ... em que era infligida pela mulher.

50. (FCC – TRT 3ª Região – Analista Judiciário Área Adm. – Jul./2015)

É adequado o seguinte comentário:

a) A frase " **Este é o jovem cujo trabalho li com atenção**" pode ser redigida, de modo claro e condizente com a norma padrão, assim: " O jovem que eu li o trabalho dele com atenção é este".

b) " Os meninos **por cujos destinos** tanto lutamos andam já por conta própria" é frase com inadequação no segmento destacado, que seria sanada com sua substituição por " cujos os destinos".

c) Em " Os meninos por cujos destinos tanto lutamos **andam já por conta própria",** a substituição do segmento destacado por " andam já por si só" mantém a correção e o sentido originais.

d) Em " A orientadora do grupo, **a qual** é excelente, faltou hoje", emprega-se o que está em destaque para evitar o duplo sentido que o emprego da palavra " que", em seu lugar, originaria.

e) A frase " Maria e Solange machucaram se" evidencia que as duas receberam machucados, sem que se instale a dúvida: " uma machucou a outra?"; a palavra que poderia ser acrescentada para indicar esse segundo sentido seria " reciprocamente".

51. (FCC – TRT – 16ª Região (MA) – Médico – 2014)

As lacunas da frase **Um prefácio ..... nossa inteira atenção esteja voltada certamente conterá qualidades ..... força é impossível resistir** preenchem-se adequadamente, na ordem dada, pelos seguintes elementos:

a) para o qual – a cuja

b) ao qual – de cuja a

c) com o qual – por cuja

d) aonde – de que a

e) por onde – as quais a

52. (FCC – TRT – 2ª Região (SP) – Analista Judiciário – Área Administrativa – 2014)

A construção da frase *eu pressuponho esse futuro* <u>*com o qual nada me autoriza a contar*</u> permanecerá correta caso se substitua

o elemento sublinhado por

a) perante o qual não sei avaliar.

b) em cujo nada posso desconfiar.

c) de cujo pouco posso prever.

d) por quem nada posso antecipar.

e) do qual nada me é dado esperar.

53. (DNIT – Técnico Administrativo – ESAF – 2013)

Assinale a expressão que, nas relações de coesão, não é usada para se referir ao autor das palavras transcritas no fragmento abaixo.

“ Precisamos melhorar bastante o transporte coletivo. Muito, muitíssimo”, enfatiza o professor da Escola de Engenharia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Luis Antonio Lindau. Ele não vê a realização de grandes obras viárias como uma solução para o problema. “ Não tem como resolver fazendo isso. Se hoje dispuséssemos de uma fortuna para investir em obras, isso não resolveria o problema, pois ele cresce de uma forma muito maior que nossa capacidade de fazer obras”, destaca. O especialista enfatiza que a criação de corredores exclusivos para os ônibus e de uma rede de transporte coletivo de alta eficiência são caminhos para se resolver o problema. “ Precisamos de uma solução de maior intensidade. Vamos nos concentrar no transporte coletivo”, diz ele.

(Adaptado de Juliano Tatsch – *Jornal do Comércio*, Solução para problemas no trânsito está no transporte coletivo. Disponível em: http://portoimagem.wordpress.com/2011/03/24, acesso em 5 dez. 20012)

a) “ professor da Escola de Engenharia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul”(l. 1 e 2)

b) “ Ele”(l. 2)

c) “ ele”(l. 5)

d) “ O especialista”(l. 5)

e) “ ele”(l. 8)

Leia o texto a seguir para responder à questão 54.

O conceito de brasileiro cordial cai por terra ante a violência que se alastra de norte a sul do país. Não se fala aqui apenas de atos imoderados como os praticados pelos *black blocs*; ou de ação de justiceiros que algemam pessoas a poste; ou de bandidos que ateiam fogo a ônibus e a seres humanos; ou de sequestros relâmpagos que assustam cidadãos e lhes limitam o direito de ir e vir; ou de homicídios que ultrapassam cifras registradas em países em guerra. Fala-se do crime de racismo. Discriminar adultos e crianças com base na cor da pele é, além de caduco, inaceitável. Baseia-se no prejulgamento de que há seres superiores e inferiores não em decorrência de obras por eles realizadas, mas de característica física biologicamente herdada. Além da punição prevista em lei, impõem-se ações aptas a evitar que cenas de preconceito se repitam. Entre elas, campanhas governamentais destinadas à mudança de mentalidade da população. O brasileiro pode tornar-se cordial de fato. Ser movido pelo coração pressupõe valores humanistas e democráticos. Conviver com as diferenças é fruto da civilização.

(Adaptado do *Correio Braziliense*, 18/02/2014.)

54. (Receita Federal – Auditor Fiscal – ESAF – 2014)

(Adaptada) Julgue a assertiva a seguir como certa ou errada.

O pronome “ elas” (l. 9) retoma o antecedente “ cenas de preconceito” (l. 8).

Leia o texto a seguir para responder à questão 55.

Como estamos às vésperas de celebrar os 500 anos da palavra “ utopia” e do romance filosófico de Thomas Morus que a consagrou, o momento é mais do que oportuno para examinar que novas feições ela adquiriu após tantos sonhos desfeitos e outros tantos pervertidos e que atualização lhe deram as expectativas geradas pela informática, pelas biotecnologias, pelas nanociências, pelas ciências cognitivas e as perspectivas de clonagem, ectogênese (fecundação de útero artificial), artificialização dos órgãos do corpo e prolongamento da vida, abertas por elas.

Seu étimo grego, significando não lugar, lugar nenhum ou, trocadilhescamente, lugar da felicidade (eutropia), designou primeiro uma ilha dos mares do Novo Mundo, em que foi bater um navegante português ligado a Américo Vespúcio. Terra prodigiosa, em tudo diferente da Europa do século 16, a perfeição imperava em suas cinquenta e poucas cidades. Morus imaginou-a empolgado pela descoberta da América e do “ novo homem” que a habitava. Se bem que a República platônica já configurasse uma utopia, foi na ilha “ descoberta” por Rafael Hitlodeu que surgiu o conceito de utopia como representação imaginária de uma sociedade que tenha encontrado soluções exemplares para todos os seus problemas.

Outras sociedades ideais, fundamentadas em leis justas e instituições político-econômicas comprometidas com o bem-estar da coletividade, nasceram da imaginação de romancistas e pensadores, nos séculos seguintes, com particular insistência no século 19, auge do utopismo socialista de Charles Fourier, Étienne Cabet, Edward Bellamy e William Morris. A esses devaneios igualitários a dupla Marx-Engels combateu e contrapôs outro, supostamente científico, cuja caracterização como utopia pode livrar a cara do comunismo, mas não das sociedades que às suas ideias básicas deram concretude, a partir da revolução bolchevique, uma utopia que virou distopia.

A distopia é uma distorção ou uma mutação da utopia, um sonho que se transforma em pesadelo. A ficção científica e a literatura de antecipação são pródigas em fantasias do gênero. De Jules Verne (Capitão Nemo era um utopista) ao Aldous Huxley de *Admirável Mundo Novo*, ao Orwell de 1984 e ao Ray Bradbury de *Fahrenheit 451*. Serão todos lembrados ao longo do ciclo.

(Adaptação da matéria “Um sonho de 500 anos”, de Sérgio Augusto – jornal *O Estado de São Paulo*, 02 de agosto de 2015)

55. (Analista de Planejamento e Orçamento – ESAF – 2015)

(Adaptada) Julgue a assertiva a seguir como certa ou errada.

No trecho “ abertas por elas” (l. 6), o pronome “ elas” retoma “ novas feições” (l. 2).

Leia o texto a seguir para responder à questão 56.

O Brasil é um exemplo de país para o qual a modernidade, em todas as fases de sua história nos últimos cinco séculos, impõe-se, sobretudo, como abertura aos ventos de fora.

Com o neoliberalismo, é frequente o abandono da ideia do nacional brasileiro, com a sedução de um imaginário influenciado por forte apelo da técnica e aceitação tranquila da força totalitária dos fatores da globalização. Em todos os casos, avulta como corrente condutora e força propulsora e indiscutível a modernidade alienígena e alienante.

Que seria uma modernidade à brasileira e como poderemos alcançá-la? Cumpriria, em primeiro lugar, não enxergar a modernidade

como um dogma, uma obrigação, um credo.

Em duas palavras, isso implicaria não seguir o conselho do poeta Rimbaud, para quem a modernidade era algo a tomar a qualquer preço. Ao contrário, o que se postula é uma modernidade guiada por um objetivo nacional brasileiro.

Se antes isso já era possível, agora o é muito mais, embora nos façam crer que há apenas uma opção, um caminho, com vistas à construção do futuro.

A grande originalidade do presente período histórico é a visibilidade, em todos os cantos do mundo, das novas possibilidades oferecidas por ele e a consciência de que é possível uma multiplicidade de combinações.

Essas não têm que ser obrigatoriamente condutoras de alienação, podendo construir-se a partir de um modo de ser característico da nação considerada como um todo, uma edificação secular onde as mudanças não suprimam a identidade, mas renovem o seu sentido a partir das novas realidades. Não se trata, assim, de recusar o mundo, mas de assegurar um movimento conjunto, em que o país não seja exclusivamente tributário, mas soberanamente partícipe na produção de uma história universal.

Disponível em: <http://www.oocities.org/br/madsonpardo/ms/artigos/msa03.htm>. Acesso em: 04/01/2016 (Milton Santos, com adaptações).

56. (ESAF – ANAC – Analista Administrativo – 2016)

(Adaptada) Após leitura do texto acima, julgue certa ou errada a questão a seguir:

A substituição de " alcançá-la" (l. 7) por " alcançar-lhe" provoca erro gramatical ou incoerência textual.

Leia o texto a seguir para responder à questão 57.

A despeito das suas imperfeições, a Lei da Transparência Tributária representa um notável avanço institucional. A conscientização da população brasileira é fundamental para a construção de uma República efetivamente democrática, em que os eleitores tenham plena ciência da repercussão das decisões tomadas pelos seus representantes. Somente assim poderão exigir a construção de um sistema tributário simples, coerente e justo, que não onere os cidadãos carentes e não seja regressivo, gravando os contribuintes menos abastados de modo (proporcionalmente) mais severo que os mais favorecidos economicamente.

(Adaptado de Andrei Pitten Velloso, Lei da transparência tributária: vitória da cidadania. Disponível em: <http://www.cartaforense.com.br/conteudo /colunas>. Acesso em: 18 mar. 2014.)

57. (ESAF – Receita Federal – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2014)

(Adaptada) Em relação às estruturas linguísticas do texto, julgue a assertiva a seguir como certa ou errada.

O uso da preposição em " em que" (l. 3) torna-se desnecessário se, no lugar de " que", o pronome utilizado for " a qual".

Leia o texto a seguir para responder à questão 58.

O filósofo e doutor em educação Mário Sérgio Cortella, 61 anos, começa a entrevista dizendo: " Hoje, o Boko Haram matou cem pessoas no norte de Camarões… Todo dia há notícias assim". O grupo fanático que ele menciona tenta fazer da Nigéria, vizinha de Camarões, uma república islâmica. E usa a barbárie para suplantar a marginalização política, econômica e social a que fora relegado pelos últimos governos. Essa facção sanguinária tornou-se conhecida do público ao sequestrar 200 meninas nigerianas numa escola, em 2014. Muitas foram estupradas. Disputam o noticiário as degolas de civis por outro bando de radicais, o Estado Islâmico, e, ainda, os rescaldos do atentado ao semanário francês *Charlie Hebdo*, com a rejeição generalizada aos que professam o islamismo, a religião maometana que não prega o ódio – muito menos a matança.

(Adaptado de Patrícia Zaidan. Fonte: http://www.contioutra.com/todo-preconceituoso-e-covarde-o-ofendido-precisa-compreender-isso-afirma-mario-sergio-cortella/. Acesso em 30.07.2015)

58. (ESAF – Analista de Planejamento e Orçamento – 2015)

Assinale a opção incorreta a respeito do uso das estruturas linguísticas do texto.

a) As expressões " O grupo fanático que ele menciona" (l. 2-3) e " Essa facção sanguinária" (l. 5) referem-se a Boko Haram (l. 2).

b) O termo " Muitas" (l. 6) da oração " Muitas foram estupradas" retoma " cem pessoas no norte de Camarões" (l. 2).

c) O pronome " ele" (l. 3), na oração " que ele menciona", refere-se a Mário Sérgio Cortella (l. 1).

d) O sujeito de " Disputam o noticiário" (l. 6) é " as degolas de civis por outro bando de radicais, o Estado Islâmico, e, ainda, os rescaldos do atentado ao semanário francês Charlie Hebdo" (l. 6 a 8).

e) O travessão, antes da expressão " muito menos a matança" (l. 9), serve para enfatizar essa expressão e pode ser substituído por vírgula sem causar erro gramatical.

59. (ESAF – Receita Federal – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2014)

Assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia de palavra inserido na transcrição do texto.

A Receita Federal nem sempre teve **esse** (1) nome. Secretaria da Receita Federal é apenas a mais recente denominação da Administração Tributária Brasileira nestes cinco séculos de existência. Sua criação **tornou-se** (2) necessária para modernizar a máquina arrecadadora e fiscalizadora, bem como para promover uma maior integração entre o Fisco e os Contribuintes, facilitando o cumprimento **expontâneo** (3) das obrigações tributárias e a solução dos eventuais problemas, bem como o acesso **às** (4) informações pessoais privativas de interesse de cada cidadão.

O surgimento da Secretaria da Receita Federal representou um significativo avanço na facilitação do cumprimento das obrigações tributárias, contribuindo para o aumento da arrecadação **a partir** (5) do final dos anos 60.

(Adaptado de Acesso em: 17 mar. 2014.)

a) (1)

b) (2)

c) (3)

d) (4)

e) (5)

Gabarito: 1. d; 2. d; 3. c; 4. b; 5. c; 6. C; 7. C; 8. C; 9. e; 10. d; 11. b; 12. c; 13. e; 14. e; 15. E; 16. E; 17. E; 18. d; 19. a; 20. a; 21. b; 22. c; 23. b; 24. C; 25. E; 26. C; 27. C; 28. E; 29. b; 30. e; 31. a; 32. a; 33. b; 34. d; 35. E; 36. b; 37. b; 38. b; 39. E; 40. e; 41. c; 42. e; 43. d; 44. e; 45. d; 46. e; 47. c; 48. c; 49. c; 50. d; 51. a; 52. e; 53. c; 54. errada; 55. errada; 56. certa; 57. errada; 58. b; 59. c.

9.12. RESUMO

São muitos os pronomes... Pessoais, possessivos, indefinidos, relativos... Vamos resumir tudo que é mais

relevante sobre pronomes?

- Pronome indefinido é classe que se refere a substantivo. Indica ideia vaga, generaliza.
- Tanto o pronome indefinido quanto o adjetivo referem-se a substantivo. A diferença entre eles é semântica: o adjetivo qualifica o substantivo e o pronome indefinido indica ideia indefinida, vaga.
-

Atenção aos vocábulos "certo", "vários", "bastante": quando se referem ao substantivo e vêm antes, são pronomes indefinidos; quando vêm depois do substantivo, são adjetivos.

- Pronome pessoal reto substitui sujeito. Para substituir complementos, use o pronome pessoal oblíquo.
- Os pronomes oblíquos **o, a, os, as** substituem objetos diretos, complementos sem preposição. Os pronomes oblíquos **lhe** e **lhes** substituem objetos indiretos, complementos com preposição.
- Já os curingas (**me, te, se, nos, vos**) podem ser objetos diretos ou indiretos. Tudo vai depender da regência do verbo.
- Pronomes de tratamento são pronomes de 2ª pessoa do discurso (com quem se fala), mas carrega o verbo e os demais pronomes para a 3ª pessoa do discurso (= você).
- Em colocação pronominal, lembre-se de que há 3 proibições, 1 regra e 2 exceções. Ao julgar uma frase como certa ou errada, comece pensando nas proibições. Parta do princípio de que o que não é proibido está correto
- Ao utilizar os demonstrativos em frases, não se esqueça de perguntar primeiramente se ele se refere ao espaço/tempo/texto.
- Quando o pronome remete o leitor para uma informação que está dentro do texto, diz-se que ele tem função endofórica. Tal função pode se subdividir em anafórica (o pronome retoma) ou catafórica (o pronome avança no texto).
- O pronome terá função exofórica quando remeter o leitor para uma informação fora do texto: algo que tem de se deduzido. É a função do "onde", "quando", "quem.
- Pronomes relativos têm sempre função anafórica. Lembre-se de que o pronome cujo não pode ser substituído por nenhum outro relativo.
- Para saber a preposição que antecederá o relativo, basta colocar a oração que vem após o relativo na ordem direta, verificando se há ali verbo ou nome que peça preposição.

10 PREPOSIÇÃO

10.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

É palavra invariável que liga vocábulos ou orações, subordinando um ao outro. Caracteriza-se, assim, por ser um conectivo. Veja os exemplos:

Casa **de** José

Nesse caso, a preposição liga dois termos, dois substantivos.

Correu **para** chegar a tempo.

Já nesse exemplo, a preposição liga duas orações. É exatamente isso: preposição é conectivo que pode ligar termos ou orações.

Classificam-se as preposições em:

a) essenciais: apresentam-se sempre como preposição: a, ante, até, após, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por, sem, sob, sobre, trás.

b) acidentais: são aquelas que originalmente pertencem a outra classe gramatical (conjunções, advérbios...), mas, em determinadas frases, passam a usar-se como preposição.

como (= na qualidade de), durante (= por), conforme, segundo (= de acordo com) etc. Veja os exemplos:

Tinha-o **como** amigo.

Nesse exemplo, a palavra **como**, que, normalmente é conjunção, funciona como **preposição acidental**, pois equivale a uma outra preposição (" na qualidade de").

Segundo as previsões, teremos sol neste domingo.

Aqui, a palavra **segundo**, que pode ser numeral ou conjunção, funciona como **preposição acidental**. Basta trocá-la por uma locução prepositiva (" de acordo com") e você verá o valor de preposição que ela possui na frase.

Locução prepositiva: conjunto de palavras que funciona como preposição. Termina sempre por preposição.

Exs.: abaixo de, antes de, de acordo com, a respeito de, devido a, apesar de, a despeito de, em virtude de, em razão de, graças a etc.

10.2. VALOR RELACIONAL E NOCIONAL DA PREPOSIÇÃO

Diz-se que a preposição pode apresentar valor relacional ou nocional. A preposição possui valor relacional quando

aparece na frase por uma exigência gramatical do termo anterior. Nesse caso, ela é resultado de regência verbal ou nominal.

Necessito **de** sua ajuda imediata.

Aqui, a preposição aparece na frase em função do verbo *necessitar*, que a exigiu: regência verbal.

Tenho necessidade **de** sua ajuda imediata.

Nesse caso, a preposição veio à frase por solicitação gramatical do substantivo que a antecede. Trata-se de regência nominal (regência do nome).

O que os dois exemplos anteriores têm em comum é o fato de a preposição ter aparecido na frase por exigência gramatical. É o **valor relacional** da preposição, ou, como muitas vezes é chamado nas provas, **valor gramatical**.

No entanto, as preposições, ao ligarem vocábulos ou orações, podem estabelecer valor semântico. Nesse caso, elas aparecem na frase, não por serem exigidas gramaticalmente pelo termo anterior, mas para indicar uma nova noção. É o chamado **valor nocional** ou **semântico**. Nos exemplos a seguir, as preposições estabelecem valores semânticos:

Desenho a lápis. (instrumento)

Chegou com a namorada. (companhia)

Estremeceu com a notícia. (causa)

Falar de futebol. (assunto)

Viver de renda. (meio)

Correr de medo. (causa)

Ir para a rua. (direção)

Treina muito para vencer. (finalidade)

Como o valor gramatical será estudado em regência, ficaremos neste capítulo apenas com os valores semânticos que as preposições podem estabelecer. É preciso treinar muito para se habituar à nomenclatura utilizada nas provas. Vamos apresentar uma ampla lista de valores nocionais das preposições e, ao longo dos exercícios, você irá se deparar também com outros. Vamos lá?

Numere os parênteses abaixo de acordo com as relações semânticas que as preposições ou locuções prepositivas estabelecem.

1. causa	7. posse	13. tempo
2. companhia	8. assunto	14. acréscimo
3. finalidade	9. direção	15. concessão

4. origem	10. instrumento	16. ausência
5. lugar	11. matéria	17. conteúdo
6. meio	12. modo	

1. ( ) "Para seres amado, ama."

   Comentários: É o mesmo que "*a fim de* seres amado".

   Resposta: 3.

2. ( ) Viemos de Brasília de avião.

   Comentários: Brasília é a *origem* de onde viemos e avião é o *meio* de transporte utilizado.

   Resposta: 4 e 6.

3. ( ) Foi direto para a casa de Maria.

   Comentários: Foi *em direção à* casa de Maria; Maria *possui* a casa.

   Resposta: 9 e 7.

4. ( ) É preciso que além de uma sólida base filosófica de valores exista a parceria com os pais.

   Comentários: Precisa-se não só de base filosófica; precisa-se *também* de parceria com os pais.

   Resposta: 14.

5. ( ) Devido à falta de luz, não haverá aula hoje.

   Comentários: Não haverá aula *em função*, *por causa da* falta de luz.

   Resposta: 1.

6. ( ) Fez de tudo para não ser olhado com medo.

   Comentários: Não queria ser olhado *deste modo*, *desta forma*: com medo.

   Resposta: 12.

7. ( ) Abriu a porta com a chave.

   Comentários: A chave foi o *instrumento* utilizado para abrir a porta.

   Resposta: 10.

8. ( ) À tardinha, voltamos ao local combinado.

   Comentários: Voltamos ao local combinado *durante* a tardinha.

   Resposta: 13.

9. ( ) Conversamos muito sobre política.

Comentários: Política é o *assunto* sobre o qual conversamos.

Resposta: 8.

10. ( ) Para quem mora na favela, o medo é constante.

Comentários: Favela é *onde* se mora, o *local*.

Resposta: 5.

11. ( ) Foi detido por desacato.

Comentários: Desacato foi a *causa* para sua detenção.

Resposta: 1.

12. ( ) "Muitas vezes você é obrigado a amar o Botafogo, apesar do Botafogo."

Comentários: Amar o Botafogo é uma *concessão* aos problemas que o time traz, é algo *contraditório*.

Resposta: 15.

13. ( ) Gostei da sala de visitas.

Comentários: É uma sala com a *finalidade de* receber visitas.

Resposta: 3.

14. ( ) Ela se afastou com um súbito choro.

Comentários: Chorando foi a *forma*, o *modo* como ela se afastou.

Resposta: 12.

15. ( ) Tinha empobrecido com a seca.

Comentários: A seca foi a *causa* para a sua pobreza.

Resposta: 1.

16. ( ) Deve-se rir com alguém, não de alguém.

Comentários: Deve-se rir *em companhia de* alguém.

Resposta: 2.

17. ( ) Ele se confundiu com a minha resposta.

Comentários: A minha resposta foi a *causa* para a confusão dele, ela fez com que ele se confundisse.

Resposta: 1.

18. ( ) Copo de vinho.

Comentários: Aqui, aceitam-se duas respostas, dependendo do contexto em que essa frase esteja inserida. Ou o vinho é o *conteúdo* do copo, ou se trata de um copo *para* servir vinho, com a *finalidade de*.

Resposta: 17 ou 3.

19. ( ) Comprou um chapéu de palha.

Comentários: Palha é a *matéria* com que é feito o chapéu, seu *material*.

Resposta: 11.

20. ( ) A árvore caiu com o vento.

Comentários: O vento é a *causa* para a queda da árvore.

Resposta: 1.

21. ( ) O coração batia de alegria.

Comentários: A alegria fazia com que o coração batesse, era a *causa* para tal.

Resposta: 1.

22. ( ) Óculos sem aro.

Comentários: São óculos que *não possuem* aro: o aro é ausente nos óculos.

Resposta: 16.

Vamos treinar esse assunto em questões de concursos anteriores.

10.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

1. (FCC) A substituição da locução em destaque pela que se encontra à direita alteraria sensivelmente o sentido do enunciado no trecho:

a) "declino minha solidariedade em relação a sua preocupação" / no que concerne a.

b) "o médico tem [...] de administrar seu posicionamento em função das características da doença" / sem embargo de.

c) "Tento entender a posição do paciente diante de sua doença" / em face de.

d) "Procuro respeitar sua vontade, colocando-a à frente da tecnologia" / adiante de.

e) "devem também participar do encaminhamento das soluções médicas, em prol de posições mais humanas" / em favor de.

Comentários:

Na letra A, ambas as locuções prepositivas apresentam valor semântico de *assunto*. Na letra C, o valor semântico é

de *causa*; na letra D, a noção que se expressa é de *lugar*, *posicionamento*. Na letra E, as locuções estão com valor semântico de *favor* e se reescrevem. Apenas na letra B as expressões não se substituem: *em função das* indica causa e *sem embargo de* indicaria concessão.

Resposta: B.

2. (NCE) O valor relacional da preposição em destaque está indicado com erro na alternativa:

a) "prolongar vidas de pacientes de forma inacreditável" / modo.

b) "conviver com incertezas" / companhia.

c) "discutir os inerentes aspectos técnicos sem desvinculá-los do lado emocional" / motivo.

d) "refletir sobre o sentido da vida" / assunto.

e) "preparar para a viagem final" / fim.

Comentários:

Mais uma vez, o que a banca espera é que o aluno identifique os valores semânticos das preposições e assinale o único que esteja incorretamente identificado. Na letra A, prolongam-se vidas de pacientes de determinada *forma*, *modo*; na letra B, convive-se *na companhia de* incertezas. Já na letra C, o valor é de *modo* e não *motivo*: discutem-se os aspectos técnicos *dessa forma* – sem desvinculá-los do lado emocional. Na letra D, o sentido da vida é o *assunto* sobre o qual se discute e, na letra E, a viagem final é a *finalidade* da preparação.

Resposta: C.

3. (NCE) Em "Procuro respeitar sua vontade, colocando-a à frente da tecnologia, **por** entender que a morte, assim como a vida, merece dignidade", a preposição **por** está empregada com o mesmo valor relacional que em:

a) Inês, dama de rara beleza, morreu por amor.

b) Examinaremos toda a questão, mas por partes.

c) Vagamos, distraídos, por toda a cidade.

d) A casa tem dois pavimentos, ligados por uma escada.

e) Ele sempre lutou por conseguir um bom emprego.

Comentários:

Na frase do enunciado, a preposição possui valor semântico de *causa* (é o mesmo que "*porque* entendo que a morte, assim como a vida..."). Na letra A, Inês morreu *por causa do* amor: o valor semântico é de *causa*. Na letra B, a questão será examinada deste *modo*: por partes; na letra C, a cidade é o *lugar* por onde vagamos distraídos; na letra D, a escada é o *meio* de ligação entre os dois pavimentos e, na letra E, a conquista de um bom emprego é a *finalidade* da luta dele.

Resposta: A.

4. (NCE/Ministério Público) A frase abaixo em que a preposição DE tem seu valor corretamente indicado é:

a) pulseira de plástico = qualidade

b) morreu de cansaço = causa

c) rosto de anjo = origem

d) tampa da panela = matéria

e) viagem de longe = parte

Comentários:

Na letra A, o valor semântico da preposição é de *matéria*: plástico é o material com que foi feita a pulseira. Na letra B, o valor é mesmo de *causa*: o cansaço foi a causa para a morte. Na letra C, anjo não é a *origem* do rosto, o valor é de *semelhança*: tem-se um rosto à semelhança de um anjo; na letra D, o valor semântico é de *posse*: a panela é *da* tampa e, na letra E, o valor é de *origem*, e não de parte.

Resposta: B.

5. (FCC/TRF) Alterou-se sensivelmente o sentido do trecho a seguir na opção: "O Mercosul (...) é, no momento, o mais notável bloco do Sul, devido ao peso específico das economias nele contidas e pelo seu rápido avanço".

a) O Mercosul é, no momento, o mais notável bloco do Sul, em virtude do peso específico das economias nele contidas e pelo seu rápido avanço.

b) Pelo peso específico das economias nele contidas e pelo seu rápido avanço, o Mercosul é, no momento, o mais notável bloco do Sul.

c) O Mercosul é, no momento, o mais notável bloco do Sul, por causa do peso específico das economias nele contidas e do seu rápido avanço.

d) Devido ao peso específico das economias nele contidas e pelo seu rápido avanço, o Mercosul é, no momento, o mais notável bloco do Sul.

e) O Mercosul é, no momento, o mais notável bloco do Sul, apesar do peso específico das economias nele contidas e pelo seu rápido avanço.

Comentários:

A locução prepositiva que aparece na frase do enunciado (*devido a*) tem valor de causa. Na letra A, tem-se a locução *em virtude de* com o mesmo valor causal. Na letra B, as duas ocorrências da preposição *pelo* indicam também causa. Na letra C, mais uma locução com valor causal: *por causa de*. Na letra D, duas preposições com valor de causa: *devido a* e *pelo*. Somente na letra E, a locução *apesar de* não indica causa, e sim concessão.

Resposta: E.

6. **(FCC)** Em "**Por** ser antes de tudo uma máquina de vender e, mais que isso, de vender o prazer do consumo e o consumo do prazer, ela atira contra nós mesmos o nosso desejo de consumir ao máximo...", a preposição sublinhada expressa uma relação com o sentido de:

a) causa

b) condição

c) consequência

d) concessão

e) posse

Comentários:

Tem-se, na frase do enunciado, uma relação de *causa e consequência*: o fato de ser uma máquina de vender o prazer e o consumo é a *causa* para se atirar contra nós mesmos o nosso desejo de consumir muito. Logo, a preposição tem o valor semântico de causa.

Resposta: A.

11 CONJUNÇÕES

11.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

11.1.1. Conjunções coordenativas

As **conjunções coordenativas** são aquelas que ligam orações de sentido completo, independente, que não exercem função sintática entre si: uma não é sujeito, objeto direto... da outra. Essa é a principal diferença entre as conjunções coordenativas e as subordinativas: a relação sintática que não existe entre as primeiras ocorre com as últimas. Mas você deve estar se perguntando: vou ter de pensar nisso tudo na hora de classificar as conjunções? Fique tranquilo, a resposta é não. Para identificar as conjunções, não será preciso pensar em análise sintática. Basta entender o que cada conjunção indica: o que é adicionar, opor, o que é causa, concessão, efeito etc.

Assim, comecemos pelas coordenativas, que integram o primeiro bloco, entendendo cada ideia que elas iniciam, aproveitando também para conhecer as conjunções e, se possível, memorizar, ao menos, meia dúzia de cada uma delas, para poupar futuramente seu tempo de resolução de prova. As conjunções coordenativas podem ser: aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas ou explicativas.

As **conjunções aditivas** são aquelas que ligam orações ou palavras, expressando ideia de acrescentamento ou adição. São elas: *e, nem* (= e não), além das expressões correlativas, que vêm em pares e também somam: *não só... mas também, não só... como também, bem como, não só... mas ainda.* Veja a frase:

A sua pesquisa é clara *e* objetiva.

Aqui, a conjunção aditiva liga termos (adjetivos) e não orações (sim, porque não se engane achando que a conjunção só pode ligar orações). Tais informações se adicionam, acrescentam.

Observe ainda:

Ele *não só* entrou na sala *como também* dirigiu-se aos pais.

Nesse caso, temos as expressões correlativas, que ligam duas orações, indicando ações que se somam.

As **conjunções adversativas** são aquelas que ligam duas orações ou palavras, expressando ideia de contraste ou compensação. São elas*: mas, porém, todavia, contudo, entretanto, no entanto, não obstante.* Em relação às conjunções adversativas, é interessante frisar que elas nem sempre opõem, mas podem também compensam, ressalvam.

Veja:

Tentei chegar mais cedo, *porém* não consegui.

Aqui, a conjunção adversativa opõe, o que podemos observar pelas expressões "tentei chegar" e "não consegui".

Logo, esse exemplo nos traz uma conjunção adversativa com valor de oposição, contraste.

Agora, observe:

Seu discurso foi breve, *mas* violento.

Nesse caso, temos palavras que não se contrastam: *breve* não é contrário de *violento*, mas é sua compensação. Logo, temos aqui conjunção adversativa com valor de ressalva, compensação.

As **conjunções alternativas** são aquelas que ligam orações ou palavras, expressando ideia de alternância ou escolha, indicando fatos que se realizam separadamente. São elas: *ou, ou... ou, ora... ora, já... já, quer... quer, seja... seja.* O que é interessante evidenciar nesse conceito é que elas podem, então, indicar, basicamente, duas ideias:

Ou saio eu, *ou* sai ele desta sala. (exclusão, escolha)

O cavalo avançava *ora* para a esquerda, *ora* para a direita. (alternância)

Você deve estar se perguntando: por que é preciso saber que a conjunção alternativa indica duas ideias (alternância ou exclusão)? Por dois motivos: primeiro, porque assim você não se engana achando que, se a conjunção é alternativa, só pode indicar alternância. Depois porque, em algumas questões, o examinador pode exigir um conhecimento mais específico: não que se diga apenas o nome da conjunção, mas que se explique o valor semântico que ela traz.

As **conjunções conclusivas** são aquelas que ligam à anterior uma oração que expressa ideia de conclusão ou consequência. São elas: *logo, pois* (dica importante: quando deslocado na oração, depois do verbo)*, portanto, por conseguinte, por isso, assim.*

Veja um exemplo:

Ele estava bem preparado para o teste, *portanto*, não ficou nervoso.

Aqui, o fato de *não ficar nervoso* é o resultado de *ele ter se preparado bem para o teste.* É a sua conclusão.

As **conjunções explicativas** são aquelas que justificam a ideia da oração a que se referem. São elas: *que*, *porque*, *pois* (dica importante: quando iniciar a oração, antes do verbo), *porquanto*.

Assim, temos:

Venha para casa, *pois* está começando a chover.

Não demore, *que* o filme vai começar.

Interessante observar que as conjunções explicativas normalmente vêm ligadas a orações com verbos no imperativo – ordem, pedido, conselho ("*venha* para casa", "não *demore*"). Isso ocorre porque é uma questão de educação dar a ordem e, na sequência, explicar, justificar o porquê daquele comando. Essa é uma boa dica para reconhecer as conjunções explicativas com mais rapidez nas frases. Eis uma notícia boa: ao ver uma oração com verbo no imperativo, ligada a um *porque, pois, porquanto*, normalmente a conjunção será explicativa. A notícia ruim é que a conjunção explicativa pode vir também ligada a oração sem verbo no imperativo. Mas aí, para identificá-la facilmente, é só se lembrar do seu

conceito: ela indica a explicação, a justificativa para o que foi dito anteriormente. Assim,

"Fazia tudo para ser agradável, *pois* não deixava uma pergunta sem respostas." (E. Bechara)

Aqui, a segunda oração explica, justifica aquilo que se disse na primeira. A conjunção é, então, explicativa.

Uma prova que tratou da conjunção explicativa ligada a verbo no imperativo foi a de Perito Criminal da Polícia Civil, Fundação Getulio Vargas, realizada em 2009. Veja:

Quase Nada

(Fábio Moon e Gabriel Bá. *Folha de São Paulo*, 28 de dezembro de 2008.)

1. No quarto quadrinho, a palavra **que** introduz uma:

a) causa.

b) consequência.

c) explicação.

d) condição.

e) concessão.

Comentários:

A conjunção *que* aparece ligada a verbo no imperativo – acorda – indicando uma explicação para o que se disse na outra oração. Poderíamos até trocar o *que* por outra conjunção explicativa – *porque*, *pois*. Observe que a banca não se preocupa tanto se a conjunção é coordenativa ou subordinativa, e sim com o valor semântico que ela indica – *explicação*. É uma tendência das bancas atuais: não cobrar do aluno memorização da nomenclatura, mas compreensão das ideias expressas pelos conectores.

Resposta: C.

Antes de partirmos à análise de outras questões de concursos, vamos fixar os conceitos por meio de frases curtas, para verificar se você entendeu a teoria.

Classifique as conjunções coordenativas das frases abaixo.

1. Fale baixo, **porque** todos estão dormindo.

   Comentários: Ordem seguida da explicação.

   Resposta: conjunção explicativa.

2. **Não só** passeia, **mas ainda** cumpre a obrigação.

   Comentários: As duas ações se somam, *ele passeia* e *cumpre a obrigação*: "não só, mas ainda".

   Resposta: conjunções aditivas.

3. Estudou muito **e** não foi aprovado.

   Comentários: Apesar de a conjunção "e" ser normalmente aditiva, aqui ela contrasta, não segue o esperado: o que se esperava seria *estudar* e *ser aprovado*.

   Resposta: conjunção adversativa.

4. Estudou muito **e** foi aprovado.

   Comentários: Nesse caso, a conjunção não soma nem opõe, ela indica o resultado, a conclusão.

   Resposta: conjunção conclusiva.

5. Você leu as cláusulas do contrato; não reclame, **pois**, das dificuldades que surgirem.

   Comentários: Observe bem: a conjunção *pois* veio após o verbo, entre vírgulas, o que indica o seu deslocamento; além do mais, traz ideia de resultado.

   Resposta: conjunção conclusiva.

6. **Nem** estuda **nem** deixa os outros estudarem.

   Comentários: Dizer que *nem estuda nem deixa os outros estudarem* é o mesmo que dizer que não se fazem as *duas* coisas: não estuda *e* não deixa os outros estudarem.

   Resposta: conjunção aditiva. Cuidado para não confundir com as alternativas: não são ações que se alternam e sim que se somam.

7. Analisamos o projeto com muita atenção, estamos, **pois**, aptos a executá-lo.

   Comentários: Novamente, o *pois* deslocado. As vírgulas são uma preciosa dica. Ideia de resultado, conclusão.

   Resposta: conjunção conclusiva.

8. O regulamento era bastante claro a esse respeito; **no entanto**, muitas pessoas teimavam em fingir que não sabiam de nada.

   Apesar da *clareza do regulamento*, pessoas *fingiam não saber de nada*: oposição, contraste.

   Resposta: conjunção adversativa. Além do mais, as conjunções *entretanto, porém, no entanto* serão sempre

adversativas!

9. **Ou** não entendeu, **ou** fingiu-se de tolo.

Comentários: Duas opções que se excluem.

Resposta: as conjunções são alternativas e o valor semântico é de exclusão, escolha: uma coisa ou outra.

10. As autoridades levantaram-se **e** aplaudiram o velho professor.

Comentários: Finalmente um *e* que soma: duas ações que se adicionam.

Resposta: conjunção aditiva.

11. Saia da varanda, **que** está muito frio.

Comentários: Aproveite a estruturação da frase: temos a ordem (verbo no imperativo), seguida da explicação.

Resposta: conjunção explicativa.

12. Ele agradeceu a mim **bem como** a todos os presentes pela ajuda recebida.

Comentários: Ele agradeceu a mim *e* a todos.

Resposta: conjunção aditiva.

Vamos resolver algumas questões? Mas antes uma dica importante: nas provas atuais de concursos públicos, podemos observar duas tendências de questões em relação ao assunto que estamos abordando. Entenda:

Existem as questões que retiram um trecho do texto e pedem que você classifique a conjunção destacada ou, simplesmente, indique o valor semântico que ela representa.

Há também as questões de reescritura, em que se retira um trecho de um texto, com determinada conjunção em destaque, para que o aluno julgue que outras conjunções seriam capazes de substituí-la, mantendo-se o sentido original da frase.

Para resolver as questões do primeiro tipo, é preciso que você identifique a conjunção na frase em destaque, analisando a ideia que ela indica. Eis um exemplo:

1. (FCC/TRF – 2ª Região) No texto, o segmento "… podem ora ser consideradas como orientação geral, ora como disposição…" expressa ideias de ações:

a) opostas.

b) repetidas.

c) alternadas.

d) simultâneas.

e) concomitantes.

Comentários:

O que temos na frase são ações que se alternam. Os próprios conectivos *ora, ora* confirmam essa ideia. A letra A seria a resposta, caso se tratasse de conjunção adversativa. Quanto à letra B, imaginamos que a banca esteja tratando de ações que se somam (aditivas). Já as letras D e E referem-se às conjunções temporais, que podem indicar ações que ocorrem ao mesmo tempo (simultâneas, concomitantes).

Conclusão: para resolver uma questão como essa, basta que você leia a frase com cuidado para entender o valor semântico indicado pela conjunção.

Resposta: C.

2. (FCC/TRF-SP) O emprego do elemento sublinhado compromete a coerência da frase:

a) Cada época tem os adolescentes que merece, <u>pois</u> estes são influenciados pelos valores socialmente dominantes.

b) Os jovens perderam a capacidade de sonhar alto, <u>por conseguinte</u> alguns ainda resistem ao pragmatismo moderno.

c) Nos tempos modernos, sonhar faz muita falta ao adolescente, <u>bem como</u> alimentar a confiança em sua própria capacidade criativa.

d) <u>A menos que</u> se mudem alguns paradigmas culturais, as gerações seguintes serão tão conformistas quanto a atual.

e) Há quem fique desanimado com os jovens de hoje, <u>porquanto</u> parece faltar-lhes a capacidade de sonhar mais alto.

Comentários:

O enunciado busca a alternativa que apresente uma conjunção mal escolhida, ou seja, que não expresse a ideia que ela deveria indicar.

A alternativa B traz o conectivo *por conseguinte*, cuja ideia é de conclusão. No entanto, esse conectivo está introduzindo uma oposição: *os jovens perderam a capacidade de sonhar alto, mas alguns ainda resistem ao pragmatismo moderno*. Assim, a conjunção que deveria unir essas duas orações deveria ser adversativa (*mas, porém, contudo, todavia* etc.), e não conclusiva. A letra A apresenta uma afirmativa seguida de sua explicação, confirmada pelo conectivo *pois*. A letra C apresenta duas informações que adicionam, o que se percebe pela conjunção aditiva *bem como*. A letra D introduz uma condição para que a outra oração ocorra, o que estudaremos nas conjunções adverbiais condicionais. Finalmente, a letra E traz um *porquanto*, que estabelece uma explicação para a outra oração.

Resposta: B.

Atenção: não confunda a conjunção porquanto com portanto. Porquanto é o mesmo que porque.

Conclusão: nesse tipo de questão, além de entender a ideia que cada conjunção está veiculando, é necessário ter memorizado uma lista básica de conjunções para cada classificação. Isso agiliza o tempo de resolução da questão. De outra forma, além de ler cada frase e entender a sua mensagem, o aluno teria de fazer um certo esforço para lembrar o que

cada uma das conjunções normalmente indica. Aqui, então, você precisaria entender a ideia estabelecida por cada conjunção e memorizar uma lista mínima de conectores.

São duas questões que necessitam que detectemos em cada frase o valor semântico que a conjunção expressa (oposição, ressalva, explicação etc.).

Há também as questões que buscam reescritura de frases, ou seja substituições de conjunções por outras que expressem a mesma ideia, entendemos que a memorização da lista das conjunções seja mais importante do que a compreensão do que está escrito na frase.

Veja um item de uma prova para o Ministério das Relações Exteriores, da banca organizadora Cespe/UnB, ocorrida no ano de 2009. Nela, esperava-se que o candidato julgasse a assertiva como certa ou errada.

1. "Essas disputas, contudo, podem ter mais relação com o perfil de potência regional do Brasil, **uma vez que** suas empresas multinacionais competem de modo mais agressivo por negócios além das fronteiras brasileiras."

   a) A expressão "uma vez que" pode, sem prejuízo para a correção gramatical do período e sem alteração das informações originais, ser substituída por qualquer uma das seguintes: visto que, já que, pois, porque, porquanto.

   Comentários:

   Nesse caso, o mais importante não era entender a frase do texto, e sim ter memorizado as conjunções. Consulte a lista de conjunções explicativas que você possui e veja se não estão todas lá. Simples, não é? Já para o aluno que não memorizou...

   Resposta: certa.

Mais uma questão do mesmo concurso: pedia-se o de sempre, ou seja, julgar a alternativa como certa ou errada.

2. "Com isso, a partir de janeiro de 2009, a produção terá redução total de 4,2 milhões de barris diários. A medida, que foi acompanhada por países fora do cartel, não conseguiu, **no entanto**, segurar o preço da *commodity*, que caiu abaixo dos US$ 40." (O Globo, 18/12/2008.)

   a) O termo "no entanto" pode, sem prejuízo para a correção gramatical do período e sem alteração das informações originais, ser substituído por qualquer um dos seguintes: porém, contudo, conquanto, contanto que.

   Comentários: A conjunção *no entanto* é adversativa. Na lista das coordenativas adversativas só aparecem as duas primeiras: *porém* e *contudo*.

   Conquanto é uma conjunção concessiva, que, apesar de indicar a mesma ideia de contrariedade, levaria o verbo para o subjuntivo. Logo, tal conjunção até manteria a ideia da adversativa "no entanto", mas prejudicaria a correção gramatical do período.

   Contanto que é conjunção condicional, que nada tem de semelhança com a conjunção adversativa do texto.

   Resposta: errada.

Você deve estar se perguntando: então, para resolver as questões de conjunções, basta que eu decore a lista de cada uma delas? Infelizmente, não. Ainda que para algumas questões a memorização baste, entender as relações semânticas que as conjunções estabelecem nas frases é fundamental por alguns motivos:

1. Algumas conjunções estabelecem mais de uma ideia, aparecem em mais de uma lista. Você vai aprender que um *porque* pode ser causal, explicativo ou final. Um *pois* pode ser conclusivo, explicativo ou causal. Além dessas conjunções, há outras que podem ter mais de uma classificação (*desde que*, *que*, *se*...). Assim, só uma leitura cuidadosa da frase permitiria a classificação da conjunção. Nesse caso, ter memorizado as conjunções ajuda, mas não resolve a questão.

2. Há questões que pedem que se identifique o valor semântico da conjunção, e não simplesmente que dê a sua classificação. Vimos, por exemplo, que a conjunção adversativa *mas* pode indicar adversidade ou ressalva: haverá questões que vão buscar que você identifique qual das duas ideias a conjunção indica. Decorar a lista, aqui, resolveria o seu problema?

11.1.2. Conjunções subordinativas

Vamos agora ao estudo das conjunções adverbiais, que estatisticamente são aquelas que mais aparecem nas provas de concursos públicos de variadas bancas.

Conjunção subordinativa é a palavra ou locução conjuntiva que liga duas orações, sendo uma delas dependente da outra. A oração dependente, introduzida pelas conjunções subordinativas, recebe o nome de oração subordinada.

Ex.: O baile já tinha começado quando ele chegou.

or. principal ↑ or. subordinada

conj. subord.

As conjunções subordinativas subdividem-se em **adverbiais** e **integrantes**. Vamos a elas...

As **conjunções adverbiais** são aquelas que indicam circunstâncias. Lembre-se de que circunstância é uma ideia que se adiciona à frase sem ser necessária. É a história do fofoqueiro: onde?, como?, por quê?, para quê?... Certa vez, o professor Evanildo Bechara comentou, em uma palestra, que *circunstância é algo que a frase não pede, só a nossa curiosidade*... Pois bem, cabe ao aluno conhecer as ideias circunstanciais que se acrescentam à ideia principal de um texto, desenvolvendo-a. Podem ser causais, consecutivas, concessivas, condicionais, comparativas, conformativas, finais, temporais e proporcionais.

Primeiramente, temos as **conjunções causais** (*porque, que, como (= porque), pois que, uma vez que, visto que, porquanto, já que* etc.), que são aquelas que indicam *um fato que faz com que o outro ocorra*. Logo, para cada causa haverá um efeito. Se você não achar o efeito, então não havia causa. Daí, o exemplo:

Ele não fez a pesquisa *porque* não dispunha de meios.

O fato de *ele não dispor de meios* é que fez com que *ele não fizesse a pesquisa*. Agora, cuidado! Não confunda a causa com o efeito. Antes de classificar a conjunção, lembre-se de que **a conjunção recebe o nome da ideia que vem depois dela, não antes**. Se o que vem depois do *porque* é que fez com que *ele não fizesse a pesquisa*, então *porque* é uma conjunção causal.

Aqui, valem dois recados:

Atenção:
1. Tenha em mente, ao resolver a questão, o conceito de causa: ela é um fato que faz com que o outro ocorra.
2. Antes de classificar a conjunção, cuidado para não olhar para o lugar errado: a conjunção recebe a classificação do que ela inicia, não do que veio antes dela.

Você deve estar perguntando: e se a conjunção iniciasse a oração *ele não fez a pesquisa* e não a outra oração? Aí, ela seria *consecutiva*, pois estaria iniciando o efeito, a consequência.

Assim, surge a **conjunção consecutiva**, que é aquela que introduz uma oração que expressa a consequência da principal. São elas: *de sorte que, de modo que, de forma que, sem que (= que não), que* (tendo como antecedente na oração principal uma palavra como *tal, tão, cada, tanto, tamanho)* etc.

Portanto, temos a frase:

Estudou tanto durante a noite *que* dormiu na hora do exame.

O primeiro passo é reconhecer que há, nessa frase, **uma relação de causa e efeito**. Triste é quando a gente sequer enxerga isso no texto…

Em seguida, organizar, na frase, o que é causa e o que é o efeito.

Lembre-se de que:
1. Na linha do tempo, a causa antecede o efeito: acontece antes.
2. A conjunção recebe o nome da ideia que ela inicia.

Assim, temos:

O fato de *estudar tanto durante a noite* aconteceu antes de *ter dormido na hora do exame*: estudar muito **fez com que** dormisse na prova. Logo, *estudar* é a causa e *dormir* é o efeito. Ora, se a conjunção inicia o fato de *ter dormido na hora do exame*, que é a consequência, ela é consecutiva e não causal.

As conjunções concessivas introduzem uma oração que expressa ideia contrária à da principal, sem, no entanto, impedir sua realização. São elas: *ainda que, apesar de que, embora, mesmo que, conquanto, se bem que, por mais que, posto que* etc. Observe:

Embora fosse tarde, fomos visitá-lo.

O fato de *ser tarde* não impediu que *fôssemos visitá-lo*. São informações contrárias, que não se excluem. Além do

mais, o verbo está no subjuntivo (*fosse*), o que acaba sendo uma característica marcante das conjunções concessivas.

Atenção:

1. As conjunções concessivas indicam contrariedade, oposição.

2. A fim de não confundi-las com as coordenativas adversativas, que também contrastam, não deixe de memorizar as conjunções de cada lista e de lembrar que a conjunção concessiva, normalmente, leva o verbo para o subjuntivo, o que não ocorre com as adversativas.

Mais um exemplo para você fixar: Eu não desistirei desse plano *mesmo que* todos me abandonem.

O fato de *todos me abandonarem* não impedirá que *eu desista desse plano*: ideia de concessão. Atenção ao verbo "abandonem", que está no presente do subjuntivo.

As **conjunções condicionais** introduzem uma oração que indica a hipótese ou a condição para a ocorrência da principal. São elas: *se, contanto que, salvo se, desde que, a menos que, a não ser que, caso* etc.

Veja o exemplo:

Se precisar de minha ajuda, telefone-me.

A ação de me telefonar só ocorrerá *caso seja necessária a minha ajuda*. É a **hipótese** para a ocorrência da outra oração. Observe que o verbo está no subjuntivo – *precisar*, o que enfatiza a ideia hipotética que a oração traz.

As **conjunções conformativas** introduzem uma oração em que se exprime a conformidade de um fato com outro. São elas: *conforme, como (= conforme), segundo, consoante* etc. Pense sempre assim: a conjunção conformativa indica um fato que se realiza *de acordo com outro*, *em conformidade com outro*. Assim:

Arrume a exposição *segundo* as ordens do professor.

A exposição será arrumada *em conformidade*, *de acordo com* o que o professor ordenar.

As **conjunções finais** introduzem uma oração que expressa a finalidade ou o objetivo com que se realiza a principal. São elas: *para que, a fim de que, porque (= para que), que* etc. É mais uma conjunção que, por também indicar hipótese, apresenta, em geral, o verbo no subjuntivo. Veja:

Toque o sinal *para que* todos entrem no salão.

A finalidade, o objetivo da primeira oração ("toque o sinal") é de que *todos entrem no salão*. Veja como *a finalidade é uma consequência desejada, almejada, hipotética*.

As **conjunções proporcionais** introduzem uma oração que expressa um fato relacionado proporcionalmente à ocorrência principal. São elas: *à medida que, à proporção que, ao passo que* e as combinações *quanto mais...* (mais), *quanto mais...* (menos), *quanto menos...* (mais), *quanto menos...* (menos) etc. É simples: uma ideia que se realiza proporcionalmente à outra. Assim:

O preço fica mais caro *à medida que* os produtos escasseiam.

Eis o que a conjunção proporcional indica: *quanto mais o preço fica caro, mais os produtos escasseiam*. São ações diretamente proporcionais. Podemos ter até ações inversamente proporcionais:

Quanto mais reclamava, menos atenção recebia.

Na sequência, temos as **conjunções temporais**, que são aquelas que introduzem uma oração que acrescenta uma circunstância de tempo ao fato expresso na oração principal. São elas: *quando, enquanto, assim que, logo que, todas as vezes que, desde que, depois que, sempre que, mal (= assim que)* etc. Essa ideia de tempo pode iniciar um tempo simultâneo, concomitante:

A briga começou *assim que* saímos da festa.

As duas ações ocorrem ao mesmo tempo. É conjunção temporal que indica *tempo simultâneo*. Mas não será sempre assim. Veja:

A cidade ficou mais triste *depois que* ele partiu.

A conjunção é temporal, indicando tempo anterior. Que interessante: a locução conjuntiva *depois que* está iniciando uma oração com valor de anterioridade (*ele partiu* aconteceu antes de *a cidade ficar mais triste*) e não de posterioridade. Por isso, é tão importante você se adestrar e, antes de classificar a conjunção, olhar para a oração que **vem depois dela**, não antes!

Agora, vêm as que consideramos mais fáceis: as conjunções comparativas. As **conjunções comparativas** introduzem uma oração que expressa ideia de comparação com referência à oração principal. São elas: *como, assim como, tal como, como se, (tão)... como, tanto como, tanto quanto, tal, qual, tal qual, que* (combinado com *menos* ou *mais*) etc. Assim, temos:

O jogo de hoje será mais difícil *que* o de ontem.

Vemos aqui *ações que se comparam*. Observe: o verbo das orações comparativas normalmente vem implícito, por ser o mesmo da outra oração. É como se eu dissesse: o jogo de hoje será difícil como o de ontem *foi difícil*. Observe mais um exemplo:

Ele é preguiçoso *tal como* o irmão.

É como se disséssemos: *ele é preguiçoso como o irmão é preguiçoso*.

Atenção: A oração comparativa vem com verbo implícito, contando, portanto, como uma oração. Se houver uma questão que pergunte quantos verbos há no período, não deixe de contar com o verbo da oração comparativa, embora ele não esteja explícito.

Por fim, temos as **conjunções integrantes**. Deixamos essas conjunções para o final, porque elas não integram o bloco das adverbiais, **não trazem ideia circunstancial**. O seu papel é iniciar oração substantiva, a oração que vale por um substantivo. Lá na escola, a professora nos aconselhava a substituir a oração substantiva por **isto**, que é um pronome substantivo, só para ter certeza de que ela é substantiva. Assim, teríamos:

Espero *que* ele traga os documentos necessários.

A conjunção integrante *que* integra a oração substantiva (*que ele traga os documentos necessários*), oração que vale por um substantivo, que pode ser trocada por **isto**. Veja que ela não tem nenhum dos valores semânticos que estudamos anteriormente (causa, condição, concessão…), apenas inicia uma oração substantiva. Mais um exemplo:

Não sei *se* José foi aprovado.

Eis um exemplo de conjunção integrante *se:* ela inicia uma oração que vale por um substantivo (*aprovação de João*). É a conjunção integrante.

Atenção:

1. As conjunções subordinativas dividem-se em dois blocos: integrantes (sem valor semântico) e adverbiais (que indicam ideia circunstancial, apresentando os valores de causa, condição, concessão etc.)
2. Reconhecer a conjunção integrante é simples: basta trocar a oração que ela inicia por um substantivo, ou, simplesmente, por isto.

Que tal treinarmos um pouco antes de encararmos as questões de concursos? A seguir, apresentamos algumas frases para fixarmos os conceitos.

Classifique as conjunções subordinativas destacadas nas frases a seguir:

1. Não vieram **porque** chovia muito.

Comentários: O fato de *chover muito* fez com que *não viessem*: inicia a causa.

Resposta: conjunção causal.

2. **Por mais qu**e estude, corre o risco de ser reprovado.

Comentários: O esperado seria que, *estudando muito, fosse aprovado*. Tem-se a ideia de oposição.

Resposta: conjunção concessiva. Atenção ao verbo no subjuntivo.

3. **Como** todos sabem, tenho um nome respeitado.

Comentários: A conjunção *como* tem valor de *conforme*, *de acordo com*.

Resposta: conjunção conformativa.

4. Ninguém sabe **se** ele está vivo ou morto.

Comentários: Ninguém sabe *isto*.

Resposta: a conjunção inicia oração substantiva, integrante.

5. Estava tão cansado, **que** adormeceu na poltrona.

Comentários: Lá vem ela: a relação de causa e efeito. Organize o seu raciocínio: o fato de *estar cansado* fez com que *ele adormecesse na poltrona*. A causa é *o cansaço*, o efeito é *adormecer na poltrona*.

Resposta: a conjunção *que* inicia o efeito, ela é consecutiva. Além do mais, quem já memorizou sabe que um *que*

antecedido de *tão* normalmente é consecutivo.

6. Menti **porque** precisava.

Comentários: O fato de *precisar* fez com que *eu mentisse*. *Precisar* é a causa, *mentir* é a consequência.

Resposta: a conjunção inicia a causa: ela é causal.

7. Menti **porque** não fosses punido.

Comentários: Esse *porque* pode ser trocado por *para que*, *a fim de que*. O verbo, além disso, está no subjuntivo, indicando hipótese.

Resposta: conjunção final.

8. **Ainda que** me ameaces, nada revelarei.

Comentários: Relação de oposição, contrariedade, um fato que não impede que o outro ocorra: o fato de *me ameaçar* não vai impedir que *eu nada revele*. E o verbo no subjuntivo.

Resposta: conjunção concessiva.

9. **Como** ele se despedisse, acompanhamo-lo à porta.

Comentários: Relação de causa e efeito: o fato de *ele se despedir* fez com que *o acompanhássemos até a porta*.

Resposta: inicia a causa, a conjunção é causal.

10. **Sempre que** estou estudando, não gosto que façam barulho.

Comentários: Indica ideia de tempo. Não gosto que façam barulho *quando* estou estudando.

Resposta: conjunção temporal.

11. **Caso** ela me beije, pensarei no caso.

Comentários: A ação de *pensar no caso* só ocorrerá *se ela me beijar*. Valor de hipótese, condição. E verbo no subjuntivo – *beije*.

Resposta: conjunção condicional.

12. **Quanto mais** trabalho, **menos** tempo tenho para ganhar dinheiro.

Comentários: Ações inversamente proporcionais: quanto mais *se trabalha*, menos *se ganha dinheiro*.

Resposta: conjunção proporcional.

13. **Se bem que** estude muito, não aprende tudo.

Comentários: O verbo no subjuntivo – estude – e uma ideia de oposição: o fato de *estudar muito* não garante *o aprendizado da matéria*.

Resposta: conjunção concessiva.

14. **Desde que** saiu, não consigo raciocinar direito.

Comentários: A ação de *não raciocinar direito* ocorre desde o momento em que *alguém saiu*. Ideia de tempo anterior.

Resposta: conjunção temporal.

15. **Como** seu irmão, Mariana sabia se comportar.

Comentários: A conjunção *como* equivale a *do mesmo modo que*. É como se disséssemos: Mariana sabe se comportar *do mesmo modo que* seu irmão sabe se comportar. O verbo vem implícito, por ser o mesmo da outra oração. São ideias que se comparam.

Resposta: conjunção comparativa.

Devidamente treinados em relação às conjunções subordinativas? Esperamos que sim. Agora, chegamos ao momento mais importante deste capítulo: a mistura das conjunções coordenativas e subordinativas. O aluno que sabe mesmo não se confunde quando vêm todas juntas. As dicas são muito simples:

Não se preocupe com a nomenclatura *coordenativa* ou *subordinativa*. O mais importante é a ideia que cada conjunção traz. Exemplo: se a conjunção iniciar uma ideia de explicação e não de causa, será coordenativa, e não subordinativa. O mais importante é identificar o valor semântico da oração que a conjunção inicia.

Não deixe de memorizar uma lista mínima para cada bloco de conjunções: isso poupará tempo de resolução de prova. Exemplo: o aluno que não memoriza que *conquanto* será sempre conjunção concessiva, pode perder muito tempo pensando sobre as outras ideias (causal, explicativa, conformativa...).

Não deixe de olhar para o que vem depois da conjunção, não para o que vem antes. Na dúvida, procure também substituir a conjunção por outras que tenham o mesmo sentido, para ter certeza da resposta certa.

E o mais importante: procure lidar com a frase da forma como ela está no texto. Não imagine situações, não extrapole o que está escrito. Exemplo: diante de uma *conjunção condicional*, que é a *hipótese* para a ocorrência da outra oração, não fique imaginando um contexto em que essa hipótese viesse a ocorrer. Se fosse assim, ela seria *causal* e não *condicional*. Dessa forma, você acaba errando porque pensou em outra coisa.

Classifique as conjunções a seguir:

1. Convém **que** tomes cuidado.

Comentários: Convém *isto*. A conjunção inicia oração substantiva.

Resposta: conjunção subordinativa integrante.

2. **Mesmo que** me peça, não atenderei.

Comentários: Algo que não se espera, contraditório. Verbo no subjuntivo. É o mesmo que *embora, ainda que*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial concessiva.

3. Nem canta **nem** assovia.

Comentários: Não realiza as duas ações: cantar e assoviar. *Nem* é o mesmo que *e não*.

Resposta: conjunção coordenativa aditiva.

4. **Ora** canta, **ora** assovia.

Comentários: Ações que se alternam: algumas vezes canta, outras assovia.

Resposta: conjunções coordenativas alternativas.

5. **Quanto mais** canta, mais feliz fica.

Comentários: Ações diretamente proporcionais. É o mesmo que *à medida que*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial proporcional.

6. Vai logo, **que** chegarás atrasado.

Comentários: Ordem seguida da sua explicação. Atente ao verbo da primeira oração no imperativo. *Que*, aqui, equivale a *pois*.

Resposta: conjunção coordenativa explicativa.

7. Ele se complicou, **por isso** foi repreendido.

Comentários: Ser repreendido é a conclusão de ele ter se complicado. Não confunda com a subordinativa consecutiva: *por isso* pertence à lista das conclusivas. É o mesmo que *logo*, *portanto*.

Resposta: conjunção coordenativa conclusiva.

8. Ele falou tanto **que** foi repreendido.

Comentários: O fato de muito ter falado fez com que ele fosse repreendido. Atenção ao *que* antecedido de *tanto*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial consecutiva.

9. Vem, **que** eu te abraçarei.

Comentários: Pedido seguido de sua explicação. O *que*, aqui, equivale ao *pois*.

Resposta: conjunção coordenativa explicativa.

10. Conversa mais **que** trabalha.

Comentários: Comparam-se as ações de conversar e trabalhar.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial comparativa.

11. Estudou, **logo** foi aprovado.

Comentários: Ser aprovado é a conclusão de ter estudado. É o mesmo que *por isso*, *por conseguinte*, *portanto*.

Resposta: conjunção coordenativa conclusiva.

12. Estava tão cansado, **que** adormeceu na poltrona.

Comentários: *Que* antecedido de *tão*. Adormecer na poltrona é a consequência de estar muito cansado.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial consecutiva.

13. **Que** eu saiba, Luís não é casado.

Comentários: É o mesmo que *conforme eu saiba*, *de acordo com o que eu sei*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial conformativa.

14. **Sem que** eu tenha este documento nas mãos, nada poderei fazer.

Comentários: Ter o documento nas mãos é a condição para que eu faça algo. Atenção ao verbo *tenha*, no presente do subjuntivo.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial condicional.

15. Comprei as mangas, verdes **que** estivessem.

Comentários: O fato de as mangas estarem verdes não impediu que as comprasse. É o mesmo que *embora, ainda que estivessem verdes*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial concessiva.

16. No elogio há sempre menos sinceridade **que** na censura.

Comentários: Ações que se comparam. Observe que o verbo da segunda oração está implícito: "No elogio há sempre menos sinceridade que *há sinceridade* na censura".

Resposta: conjunção subordinativa adverbial comparativa.

17. Entre em silêncio **que** as crianças não acordem.

Comentários: As crianças não acordarem é a finalidade de se entrar em silêncio. Veja o verbo *acordem* no subjuntivo. É o mesmo *que a fim de que, para que as crianças não acordem*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial final.

18. Foi ao clube, **porém** não tinha ânimo.

Comentários: Ideia de adversidade, oposição. É o mesmo que *mas, contudo, todavia*. Não confunda com a conjunção concessiva, que possui a mesma ideia de contrariedade, mas leva o verbo para o subjuntivo.

Resposta: conjunção coordenativa adversativa.

19. **Embora** não tivesse ânimo, foi ao clube.

Comentários: Agora sim: o verbo está no subjuntivo. Ideia de oposição, contrariedade. Um fato (*não ter ânimo*) que

não impede que o outro (*ir ao clube*) ocorra. É o mesmo que *ainda que não tivesse ânimo*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial concessiva.

11.1.3. Valores semânticos das principais conjunções

Antes de treinarmos as questões de concursos, uma pausa para uma boa sistematização. Pelos exercícios anteriores, você já deve ter percebido que determinadas conjunções aparecem em mais de uma lista. Exemplo: o conector *porque*, que você conhecia como causal ou explicativo, pode ser também final. Assim, pensamos que seria didático sistematizar as conjunções que aparecem em mais de uma lista, de modo que você saiba tudo que cada uma pode ser. Fica mais fácil na hora de estudar. Vamos lá?

• **E:** A conjunção **e** pode indicar as seguintes ideias:

Ele trabalha **e** estuda. (aditiva)

Estudou, **e** não passou. (= mas: adversativa)

Estudou, **e** passou em 1º lugar. (= logo: conclusiva)

• **POIS:** Quando inicia a oração pode ser causal ou explicativa. Se deslocada, será sempre conclusiva.

Estude bastante, **pois** tudo correrá bem. (explicativa)

Ele passou em 1º lugar, **pois** muito se esforçou. (causal)

Ele muito se esforçou; passou, **pois**, em 1º lugar. (conclusiva)

• **OU:** Como conjunção alternativa, pode excluir ou retificar. Pode ser também conjunção aditiva.

João **ou** José casará com Maria. (*um ou outro*; alternativa com valor de exclusão)

O professor **ou** os professores dirigiram-se ao departamento. ("os professores" corrige a informação anterior; alternativa com valor de retificação)

O fumo **ou** a bebida fazem mal à saúde. (= *e*: aditiva)

• **DESDE QUE**

Desde que acordou, não parou de estudar. (= *desde que*: temporal)

Desde que se esforce, tudo correrá bem. (= *caso*: condicional)

• **QUE**

Fala, **que** fala, **que** fala, **que** fala. (= *e*: aditiva)

Entre, **que** estamos atrasados. (= *pois*: explicativa)

Sei **que** serei aprovado. (*Sei isto*: integrante)

Choveu, **que** o dia foi muito quente. (= *porque*; causal)

O dia foi tão quente, **que** choveu. (*que* antecedido de *tão*: consecutiva)

Que ele insistisse, eu não iria à festa. (= *embora*: concessiva)

Esforce-se **que** tudo corra bem. (= *para que*: final)

• **SE**

Não sei **se** ele foi aprovado. (*Não sei isto*: integrante)

Se ele foi aprovado, não sei. (*Não sei isto*: só houve mudança da ordem da frase: integrante)

Se ele for aprovado, seus pais ficarão contentes. (= *caso ele seja*: condicional)

Se vocês já estão aqui, então, vamos começar a reunião. (= *já que*: causal)

Se eles eram felizes, não demonstravam contentamento. (= *embora*: concessiva)

• **COMO**

Ele fala **como** o irmão. (= *do mesmo modo que*: comparativa)

Como morava perto do amigo, resolveu visitá-lo. (= *já que*: causal)

Viajaremos **como** combinamos. (= *conforme*: conformativa)

11.1.4. Como estudar as conjunções

Sabemos que estudar as conjunções é tarefa que compreende as seguintes etapas:

• Entender o valor semântico que cada conjunção expressa: saber o que é adição, alternância, adversidade etc.

• Sistematizar as conjunções que podem apresentar mais de uma ideia. A conjunção alternativa, por exemplo, não indica só alternância, pode indicar também escolha ou exclusão.

• Memorizar uma lista básica de conjunções para cada grupo (aditivas, explicativas...).

• Apresentar as conjunções que podem aparecer em mais de uma lista. A conjunção *e*, por exemplo, pode ser aditiva, adversativa ou conclusiva. Sistematizar essas conjunções poupará ao aluno tempo de raciocínio para resolução da questão.

• Treinar, treinar e treinar.

11.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Classifique as conjunções coordenativas seguindo este código.

(1) aditiva

(2) adversativa

(3) alternativa

(4) conclusiva

(5) explicativa

1. ( ) Foi transferido, logo não nos veremos com muita frequência.
2. ( ) Agora verificamos um trabalho mais efetivo com a palavra não apenas como meta para o desenvolvimento, mas como um trabalho de resgate do próprio homem.
3. ( ) Podem me acusar, pois estou com a consciência tranquila.
4. ( ) "Esforço-me para aproximá-lo de Jesus, no entanto o senhor acerca-se do Papa."
5. ( ) O atleta teve um ótimo desempenho e não conseguiu vencer a prova.
6. ( ) O futebol já é o quarto maior mercado de capitais do mundo, todavia só agora a Receita começa a prestar atenção nos jogadores.
7. ( ) "Tente não se tornar um homem de sucesso, e sim um homem de valores."
8. ( ) Eles merecem perdão ou reparação total?
9. ( ) Sente aqui, que precisamos conversar.
10. ( ) "A água lhe bate nos olhos. Percebe, entretanto, que a água o está levando para o lado das pedras."
11. ( ) Você participou do debate; diga-me, pois, as novidades.
12. ( ) "Já não era a flor do bairro, senão de toda a cidade."
13. ( ) "Você não entendeu meu bilhete, portanto não cumprirá minhas orientações."
14. ( ) "Tanto ele como o irmão são meus amigos."
15. ( ) "Não achou os documentos nem as fotocópias."
16. ( ) Queria estar atento à palestra, contudo o sono chegou.
17. ( ) Peguei um táxi e fui à casa do Wilson.
18. ( ) Conhecemos pessoas materialmente ricas, porém pobres espiritualmente.
19. ( ) "Você se prepara para o futuro corretamente ou fica metade do tempo se preocupando e nada mais?"
20. ( ) Não insista, porque não irei ao jogo.

II. Classifique as conjunções ou locuções subordinativas destacadas usando este código.

(1) causal

(2) concessiva

(3) condicional

(4) conformativa

(5) final

(6) proporcional

(7) temporal

(8) comparativa

(9) consecutiva

(10) integrante

1. ( ) ( ) A crise mostra que o Brasil progride enquanto dorme.

2. ( ) Não sabia se voltaria para casa.

3. ( ) "Se você sentir saudade, por favor não dê na vista."

4. ( ) "Como escreveu o divino Dante: 'Percam todas as esperanças. Estamos todos no inferno'."

5. ( ) Como estivesse doente faltei à escola.

6. ( ) Ainda que chova, sairei de casa.

7. ( ) Serás aprovado desde que estudes.

8. ( ) "Como nas novelas, vemos que o Brasil está se dividindo entre babacas e psicopatas."

9. ( ) "A crise ensina que nossa política é tão medíocre, que nos últimos anos bastou a economia."

10. ( ) "Quando terminei a inspeção do que estava feito, eu não me senti bem."

11. ( ) "A roupa tinha certa decência, posto que não fosse absolutamente nova."

12. ( ) "Escrevi este texto enquanto assistia à morte do papa na TV."

13. ( ) Ao perceber o que tinham feito com seus livros, gritou que parecia um louco.

14. ( ) ( ) "O poeta é um fingidor. Finge tão completamente que chega a fingir que é dor a dor que deveras sente."

15. ( ) Conquanto os cavalos fossem a trote largo, longa pareceu a viagem ao doutor."

16. ( ) "Os ricos são tão pobres que não percebem a triste pobreza em que usufruem suas malditas riquezas."

17. ( ) "Uma vez que o ser humano olha só a aparência fica preso apenas à forma."

18. ( ) "Ninguém ignora que a corrupção é geral em todos os setores."

19. ( ) "Quanto mais juntamos dinheiro, mais difícil se torna a sua entrada."

20. ( ) Mal a novela teve início, iniciou-se a polêmica.

21. ( ) São dilemas tão rotineiros quanto escolher o que comer.

22. ( ) Oremos porque tudo termine bem.

23. ( ) Foram feitas algumas exigências para que obtivesse crédito.

24. ( ) "A sordidez do que acontece no Brasil é tal que até criticar o governo só serve para legitimá-lo."

25. ( ) "Os olhos de uma pessoa se iluminarem quando ela tem uma percepção nova não é um clichê literário, é a luz deste alvorecer saindo pelos olhos."

26. ( ) "Se permitirmos que o preconceito nos domine, seremos em breve o mais atrasado no círculo dos povos atrasados."

27. ( ) A vida dos deficientes físicos é mais difícil do que a vida da maioria de nós.

28. ( ) "Os lampiões acendiam à medida que a noite aos poucos se acentuava."

29. ( ) Recebemos a notícia de que o melhor jogador do mundo virou espanhol.

30. ( ) A língua, como os costumes, segue uma evolução.

III. Complete as lacunas com o conectivo (conjunção ou locução conjuntiva, preposição ou locução prepositiva) mais adequado.

1. O Botafogo foi o time que fez a melhor campanha do campeonato. Teria, _____, que ser o campeão este ano. (no entanto / portanto / isto é)

2. _____ Sabesp estar tratando a água da represa de Guarapiranga, o gosto da água nas regiões sul e oeste não melhorou. (Pela / Apesar de a / Devido a)

3. _____ não saia de casa, você pode dar grande contribuição à preservação ambiental. (Contanto que / Mesmo que / Uma vez que)

4. Ele não merece crédito _____ suas mentiras. (apesar de / devido a / não obstante)

5. _____ os deputados deponham na CPI e ajudem a elucidar os episódios obscuros do caso dos precatórios, a confiança na instituição foi abalada. (Uma vez que / Para que / Mesmo que)

6. _____ recursos públicos investidos na área, nas últimas décadas vem se formando ali um cinturão de prosperidade. (Graças aos / Apesar dos / De acordo com os)

7. Todo texto está aberto a uma atribuição de significados, que depende da experiência prévia de leitura de quem o lê._____, qualquer significado que seja atribuído ao texto, independentemente de quão ambíguo ou provisório, é sempre adequado, _____ vai ao encontro das expectativas de um leitor específico. (Portanto / No entanto / E) (porém / pois / e)

8. A negociação de acordos bilaterais é suficientemente importante para justificar uma abertura do governo com vistas a discutir essa questão com o setor privado, sobretudo agora, diante da perspectiva da desaceleração das economias desenvolvidas e do crescimento do comércio mundial, _____ crise de crédito que vem dos Estados Unidos. (apesar da / não obstante a / em consequência da)

Gabarito: I – 1. (4); 2. (1); 3. (5); 4. (2); 5. (2); 6. (2); 7. (2); 8. (3); 9. (5); 10. (2); 11. (4); 12. (2); 13. (4); 14. (1); 15. (1); 16. (2); 17. (1); 18. (2); 19. (3); 20. (5). **II** – 1. (10) (7); 2. (10); 3. (3); 4. (4); 5. (1); 6. (2); 7. (3); 8. (8); 9. (9); 10. (7); 11. (2); 12. (7); 13. (9); 14. (9) (10); 15. (2); 16. (9); 17. (1); 18. (10); 19. (6); 20. (7); 21. (8); 22. (5); 23. (5); 24. (9); 25. (7); 26. (3); 27. (8); 28. (6); 29. (10); 30. (8). **III** – 1. portanto; 2. Apesar de a; 3. Mesmo que; 4. devido a; 5. Mesmo que; 6. Graças aos; 7. Portanto / pois; 8. em consequência da.

11.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Vejamos questões de concursos anteriores.

1. (FCC/CADEP) Na frase "mudamos de vontade como muda de cor o camaleão", o autor:

a) estabelece uma comparação entre seres, sendo a volubilidade o termo comum.

b) se vale de duas formas do mesmo verbo para estabelecer uma oposição de sentido entre as ações representadas.

c) estabelece uma relação de *causa e efeito* entre duas ações.

d) emprega as palavras *vontade* e *cor* de modo *estranho* ao seu sentido literal.

e) emprega a palavra *como* para acentuar a ideia de uma proporção.

Comentários:

Na frase retirada do texto, temos o conectivo *como* para estabelecer uma relação de comparação ("*mudamos de vontade* como *o camaleão muda de cor"*, ou seja, compara-se a mudança da nossa vontade com a mudança de cor do camaleão). Observe que, em quatro opções, a linguagem usada é a seguinte: comparação na letra A, oposição na B, causa e efeito na C e proporção na E. A letra D fala dos valores semânticos (sentido) das palavras *vontade* e *cor* de forma errada, pois os sentidos não são estranhos ao que representam esses vocábulos.

Resposta: A.

2. (FCC/TRT – 18ª Região) Pensador consequente, a Cícero não importavam as questões secundárias, interessavam-lhe os valores essenciais da conduta humana.

O sentido da frase acima permanecerá inalterado caso ela seja introduzida por:

a) conquanto fosse.

b) muito embora sendo.

c) ainda quando fosse.

d) por ter sido.

e) mesmo que tenha sido.

Comentários:

Nesta questão, pede-se usar um conectivo no início do período. Repare que, embora não haja elemento coesivo na frase, temos uma relação de *causa* e *consequência* ("as questões secundárias não lhe interessavam porque Cícero era um pensador consequente, coerente, racional. Interessavam-lhe os valores essenciais"*)*. Nesta aula, vimos que as preposições também podem estabelecer valores semânticos de **modo**, **companhia**, **causa** etc. Em quatro opções (A, B, C e E), os conectivos expressam ideia de *concessão*. Na letra D, a preposição *por*, na forma reduzida *por ter sido*, confirma a ideia de *causa*.

Resposta: D.

3. (FCC/TRF) Um deles é o tipo A, que acelera o envelhecimento da pele, **por penetrar em camadas mais profundas**. O trecho destacado indica, em relação ao restante do período, valor semântico de:

a) causa.

b) condição.

c) consequência.

d) finalidade.

e) temporalidade.

Comentários:

Apresentamos mais uma questão em que aparece a relação de *causa* e *consequência* ("acelera o envelhecimento porque penetra em camadas mais profundas"*)*. Aqui, também, a preposição *por* confirma essa ideia. Lembre-se: o mais importante é guardar os **nomes das relações** existentes no texto – causa, condição, consequência, concessão, conclusão, explicação etc. –, já que a **mesma** preposição pode estabelecer vários sentidos.

Resposta: A.

4. (FCC/TRF) O estudo do cérebro conheceu avanços sem precedentes nas últimas duas décadas, **com o surgimento de tecnologias** que permitem observar o que acontece durante atividades.

A frase destacada acima introduz, no contexto, noção de:

a) causa.

b) conclusão.

c) ressalva.

d) temporalidade.

e) finalidade.

Comentários:

Esta questão reforça os **Comentários** feitos na anterior. A preposição *com* só confirma a relação de causa que se estabelece com a oração "O estudo do cérebro conheceu avanços sem precedentes nas últimas duas décadas". Ou seja, foi **por causa** do *surgimento de tecnologias que permitem observar o que acontece durante atividades...*, é que o *estudo do cérebro conheceu avanços sem precedentes*.

Resposta: A.

5. (FCC/TRF) Mas, passada a crise do petróleo, as pressões dos produtores por reajustes voltaram.

O sentido do segmento destacado acima está transposto corretamente, em outras palavras, em:

a) No entanto, conforme se passava a crise de petróleo...

b) Caso, contudo, se passasse a crise de petróleo...

c) Senão, enquanto se passava a crise de petróleo...

d) À medida, conquanto, que se passava a crise de petróleo...

e) Porém, depois que passou a crise de petróleo...

Comentários:

Antes de olhar as opções, observe as relações existentes nesta frase, na ordem direta: "Mas as pressões dos produtores por reajustes voltaram, passada a crise do petróleo". A conjunção *mas* introduz, em relação ao que foi dito no texto, uma ideia de *adversidade* (aqui não há necessidade de conhecermos a oração que antecede esse período). Logo, só poderíamos considerar as opções A e E (no entanto e porém são *adversativas*).

Na última oração ("passada a crise") temos a ideia de *tempo posterior* (as pressões voltaram *quando/depois que* a crise do petróleo passou).

Resposta: E.

6. (FCC/METRO) *... ainda que à custa do sacrifício das finanças das estradas.*

A última frase do texto introduz, no período, noção de:

a) temporalidade.

b) consequência.

c) proporcionalidade.

d) ressalva.

e) causa.

Comentários:

Nesta frase retirada do texto, não haveria necessidade de se retornar a ele, pois a locução conjuntiva *ainda que* é concessiva, portanto, a ideia que se tem é de *ressalva*, *exceção*. Lembre-se de que a memorização de alguns conectivos é essencial para a resolução de algumas questões que buscam exatamente o conhecimento de tal assunto por parte do candidato.

Resposta: D.

7. (FCC/TCE-AL) *Nossa história e nosso passado não são nem cargas indesejadas, nem determinações absolutas.*

Mantêm-se o sentido e a correção da frase acima substituindo-se o segmento sublinhado por:

a) nem tanto cargas indesejadas quanto determinações absolutas;

b) cargas indesejadas, nem ao menos determinações absolutas;

c) cargas indesejadas, assim como não são determinações absolutas;

d) nem cargas indesejadas, quando não determinações absolutas;

e) nem mesmo cargas indesejadas, quanto mais determinações absolutas.

Comentários:

Neste período, se "nossa história e nosso passado não são nem cargas indesejadas, nem determinações absolutas" é porque não são as **duas coisas,** adição, portanto. Nas letras A e D, são só *determinações absolutas*, pois as expressões *nem tanto* e *nem* retiram o valor aditivo de *cargas indesejadas*. Na letra B, *nem ao menos* exclui as *determinações absolutas*. Na letra C, *são cargas indesejadas* ***e*** *determinações absolutas*, adição. Na letra E, a palavra *mesmo* denota uma ideia de inclusão que não aparece na frase original, cuja finalidade é apenas *somar*, *adicionar*.

Resposta: C.

8. (FCC/METRO) *Não apenas a construção, mas também a operação das ferrovias dependeu de subsídios estatais.*

O sentido correto da afirmativa acima está, em outras palavras, em:

a) Não apenas a construção, nem também a operação das ferrovias dependeram de subsídios estatais.

b) Tanto a construção quanto a operação das ferrovias dependeram de subsídios estatais.

c) Não era apenas a construção, mas somente a operação das ferrovias que dependeu de subsídios estatais.

d) Não foi apenas a construção, nem a operação das ferrovias, que dependeram de subsídios estatais.

e) Apenas a construção, e não somente a operação das ferrovias, dependeu de subsídios estatais.

Comentários:

Nas conjunções coordenativas *aditivas*, vimos que uma delas é a expressão *não apenas...mas também*, chamada *correlativa*. Na frase em questão, entendemos, pois, que **as duas coisas** dependeram de *subsídios estatais*. Nas letras A e D, não há soma e sim *exclusão* das duas. Na letra C, a palavra *somente* produz incoerência, pois a intenção é a de *somar* e não de excluir. Na letra E, diz-se que *apenas* a *construção dependeu de subsídios estatais.*

Resposta: B.

9. (FCC/TRT – 2ª Região – Tec. Judic.) Identifica-se relação de causa e consequência em:

a) A população rural ainda deve aumentar nos próximos dez anos, antes de entrar em declínio gradativo.

b) Desde cedo, a cidade teve o mérito de dar ao homem a possibilidade de evoluir além da luta pela sobrevivência pura e simples.

c) Sua primeira função foi de local de proteção, de armazenagem de alimentos e de entreposto de trocas.

d) praticamente todo o crescimento populacional do planeta ocorrerá nas cidades, nas quais viverão sete em cada dez pessoas em 2050.

e) mas o trânsito pode ser tão congestionado que se torna difícil usufruir as ofertas.

Comentários:

Nas opções A e B, os conectivos *antes de* e *desde* estabelecem uma relação de *tempo*. Na letra C, temos a conjunção *e* adicionando termos na oração (conjunção aditiva). Na letra D, o conectivo que aparece é o pronome relativo *as quais* antecedido de preposição (*nas quais*). Sabemos que o pronome relativo dá início às orações adjetivas. Temos aqui, portanto, uma oração adjetiva explicativa, já que vem antecedida de vírgula. Na letra E, a relação entre as orações é de causa e consequência (o fato de o trânsito ser congestionado leva à dificuldade de se usufruírem as ofertas).

Resposta: E.

10. (FCC/TRF – 2ª Região – Aux. Adm.) ... os alimentos orgânicos, que ignoram os pesticidas e fertilizantes químicos **em nome de integrar a lavoura à natureza**.

O segmento grifado está reescrito com outras palavras e sem alteração do sentido original em:

a) de modo que as plantações estejam bem cuidadas.

b) com escolha de terras naturalmente férteis para a lavoura.

c) sem que se cultivem alguns produtos com adubos naturais.

d) visto que os produtos tóxicos podem surgir no ambiente natural.

e) para que se façam plantações com respeito e proteção ao meio ambiente.

Comentários:

Esta é a típica questão que valoriza a ideia e não a memorização dos conectivos. Devemos entender dessa afirmação que *os alimentos orgânicos que não contêm pesticidas e fertilizantes químicos integram a lavoura à natureza,* ou seja, *fazem isso com a finalidade de integrar a lavoura à natureza.* Na letra A, *de modo que* é consecutivo. Na B, a preposição *com* levaria à ideia de causa. Na letra C, *sem que* é condicional. Na D, *visto que* é causal. Na letra E, *para que* é uma locução conjuntiva que estabelece ideia de finalidade.

Resposta: E.

11. (FCC/TRF – 2ª Região – Aux. Adm.) Eles **não** são terríveis só contra os insetos que destroem lavouras, **mas também** contra borboletas, pássaros e outras formas de vida.

A sequência grifada na frase acima assinala, considerando-se o contexto, a noção de:

a) oposição, já que os pesticidas destroem insetos prejudiciais à lavoura, preservando as borboletas, pássaros e outras formas de vida.

b) alternativa, tendo em vista que os pesticidas destroem apenas os insetos, ou ainda, somente as borboletas, pássaros e outras formas de vida.

c) adição, pois os pesticidas, além de destruir os insetos prejudiciais às lavouras, destroem ainda borboletas, pássaros e outras formas de vida.

d) conclusão, por informar o emprego específico das substâncias referidas, como solução final dos problemas das lavouras.

e) explicação, pois insiste no sentido da palavra pesticidas, como destruidores apenas das pragas das lavouras.

Comentários:

Mais uma vez uma questão que traz a expressão correlativa *não só... mas também*, que denota *adição* (*elas são terríveis contra os insetos* ***e*** *contra borboletas, pássaros e outras formas de vida*).

Resposta: C.

12. (FCC/TRF – 5ª Região) "Naquele período era preciso definir quem pertencia à família ou não, e com quem se deveriam compartilhar os alimentos. **Portanto** era necessário criar regras específicas".

O sentido que a conjunção destacada acima introduz no contexto é o de:

a) temporalidade, que caracteriza as ações humanas na época abordada.

b) restrição, acerca da época em que tais fatos ocorreram.

c) condição, que vai justificar determinadas ações dos homens nessa época.

d) causa, que determina certo tipo de comportamento da humanidade.

e) conclusão, adequada e coerente, diante da situação exposta.

Comentários:

A conjunção destacada nesta frase indica *conclusão* (*portanto, por conseguinte, logo…*). As opções trazem os valores de *tempo*, *restrição*, *condição, causa* e *conclusão*. Essa é mais uma questão que resolvemos pelo conhecimento dos conectivos. A conjunção negritada no texto indica *conclusão.*

Resposta: E.

11.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (FCC – Metrô-SP – Técnico em Mecânica – 2014)

Nascido no bairro do Pari, em uma São Paulo em construção após o levante constitucionalista de 1932, Germano Mathias compõe a santíssima trindade do samba paulistano, ... Adoniran Barbosa e Geraldo Filme.

(Adaptado de: DINIZ, André, op. cit.)

Preenche corretamente a lacuna da frase acima:

a) *em face à*

b) *lado a lado*

c) *ao lado de*

d) *lado* à *lado com*

e) *junto à*

Leia o texto a seguir para responder à questão 2.

Texto CB2A2AAA

É inegável que o Estado representa um ônus para a sociedade, já que, para assegurar o seu funcionamento, consome riquezas da sociedade. Representa, porém, um mal necessário, pois até agora não se conseguiu arquitetar mecanismo distinto para catalisar a vida em comunidade. Então, se do Estado ainda não pode prescindir a civilização, cabe-lhe aprimorá-lo, buscando otimizar o seu funcionamento, de modo a torná-lo menos oneroso, mais eficiente e eficaz.

O bom funcionamento do Estado, que inclui também o bom funcionamento de suas estruturas encarregadas do controle público (Ministério Público, Poder Legislativo e tribunais de contas, entre outros), vem sendo alçado à condição de direito fundamental dos indivíduos. Pressupõe, notadamente sob as luzes do princípio constitucional da eficiência, os deveres de cuidado e de cooperação.

O dever de cuidado é consequência direta do postulado da indisponibilidade do interesse público. Em decorrência desse postulado, todo agente público tem o dever de, no cumprimento fiel de suas atribuições, perseguir o interesse público manifesto na Constituição Federal e nas leis. Conduz, portanto, à ideia de vedação da omissão, já que deixar de cumprir tais atribuições evidenciaria conduta ilícita.

O dever de cuidado conduz, ainda, a uma ampla interação entre as estruturas públicas de controle, ou seja, é um dever de cooperação, não como faculdade, mas como obrigação que, em regra, dispensa formas especiais, como previsões normativas

específicas, convênios e acordos.

Sob essa perspectiva, o controle público do Estado deve incorporar à sua cultura institucional o compromisso com o direito fundamental ao bom funcionamento do Estado. Nesse contexto, os deveres de cuidado e de cooperação se impõem a todas as estruturas do Estado destinadas a promover o controle da máquina estatal.

A observância do dever de cuidado e do de cooperação – traduzida, portanto, na atuação comprometida e concertada das estruturas orientadas para a função de controle da gestão pública – deve promover, entre os agentes e órgãos de controle, comportamentos de responsabilidade e responsividade. Por responsabilidade entenda-se o genuíno compromisso com a integralidade do ordenamento jurídico, o que pressupõe, acima de tudo, o reconhecimento de um regime de vedação da omissão. Responsividade, por sua vez, traduz o comportamento orientado a oferecer respostas rápidas e proativas, impregnadas de verdadeiro compromisso com a ideia-chave de promover o bom funcionamento do Estado.

Diogo Roberto Ringenberg. Direito fundamental ao bom funcionamento do controle público. In: *Controle Público*, nº 10, abr./2011, p. 55 (com adaptações).

2. (TCE-SC – Aud. Fiscal – Administ. – Cespe – Maio/2016)

Com relação às estruturas linguísticas do texto **CB2A2AAA**, julgue os itens a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

No trecho " de modo a torná-lo menos oneroso, mais eficiente e eficaz" (l. 4-5), detalha-se e explicita-se o que se deve entender por " buscando otimizar o seu funcionamento" (l. 4).

Leia o texto a seguir para responder à questão 3.

Texto II

Os lixões são depósitos sem qualquer controle, fontes de enormes impactos ambientais, causadores de contaminações – como, por exemplo, contaminações do solo, dos lençóis freáticos, das fontes de água – e lugares responsáveis pela proliferação de insetos transmissores de inúmeras doenças. São, portanto, um perigo constante à saúde e à qualidade de vida de todos. Os lixões deverão dar lugar a aterros sanitários, que, se não representam uma solução perfeita, ao menos são locais mais adequados para o depósito dos rejeitos, uma vez que evitam problemas como os citados anteriormente.

As cidades precisam se comprometer a dar cumprimento à Lei Nacional de Resíduos Sólidos. Uma maneira de fazer isso é adotar políticas de gestão eficiente dos resíduos a fim de que a menor quantidade possível desses materiais precise ser encaminhada para os aterros. Para que isso seja possível, será necessária a implantação ou a ampliação da coleta seletiva de lixo, além de apoio efetivo ao trabalho desenvolvido pelas cooperativas de catadores. Capacitar essas pessoas e dar-lhes condições dignas de trabalho são requisitos fundamentais para o sucesso da lei e para a melhoria das condições de vida e de trabalho desses profissionais. Mais de um milhão de pessoas trabalham e sobrevivem da reciclagem, muitas delas em condições bastante precárias.

O Brasil produz mais de 220 mil toneladas de lixo domiciliar por dia, o que resulta em mais de um quilo de lixo por pessoa. Ao menos 90% de todo esse material poderia ser reaproveitado, reutilizado ou reciclado. Apenas 3% acabam sendo efetivamente reciclados, um destino mais nobre do que o de se degradar e contaminar o nosso ambiente. Os especialistas calculam que o Brasil deixa de ganhar ao menos 8 bilhões de reais por ano por não reciclar toda essa grande quantidade de resíduos gerados no país.

Reinaldo Canto. As cidades brasileiras conseguirão tratar seu lixo? Disponível em: <www.cartacapital.com.br> (com adaptações).

3. (Pref. SP – Agente Gestão P. Públicas – Cespe – Maio/2016)

Seriam mantidos o sentido original e a correção gramatical do texto II caso o trecho " por não reciclar" (L. 19) fosse substituído por:

a) quando não recicla

b) se não reciclar

c) sem reciclar

d) para não reciclar

e) porque não recicla

Leia o texto a seguir para responder à questão 4.

Texto II

O índio não teve muita sorte na literatura brasileira, depois do Romantismo. Enquanto nas letras hispano--americanas viceja um esplêndido indigenismo pelo século XX adentro, com tantos e tão importantes criadores dedicando-se a transpor o índio para a ficção, no Brasil se podem contar nos dedos das mãos os casos.

Torna a trazer o assunto à baila o aparecimento e grande vendagem de **Maíra**, romance de Darcy Ribeiro. O renomado antropólogo já tinha em seu acervo de realizações uma respeitável brasiliana, incluindo vários trabalhos sobre os índios, um dos quais, a história de Uirá, fora transformado em filme no início da década de 70. **Maíra** é, portanto, a primeira incursão do autor pelo épico, a menos que se considere a história de Uirá como uma primeira aproximação ao gênero.

O relato, como o filme, dá conta do trágico percurso de Uirá, da tribo Urubu-Kaapor, no Maranhão deste século, o qual um dia fica *iñaron* quando, após muitas desgraças comuns ao destino dos índios brasileiros, como fome, espoliação, epidemias, perseguições, perde também um dos filhos.

A palavra tupi *iñaron* designa um estado de fúria sagrada, associado ao sofrimento excessivo, não deixando de lembrar as famosas fúrias dos heróis gregos: Hércules, uma vez acometido por um desses acessos, enviado pela vingativa Hera, matou, sem o saber, seus três filhos e esposa, tal como vem narrado na tragédia **Héracles Furioso**, de Eurípedes. Nas **Bacantes**, do mesmo autor, Agave, fora de si, participa do desmembramento de seu filho adulto, Penteu, rei de Tebas. E talvez o mais formidável exemplo seja o da cólera de Aquiles, que dá nascimento à inteira composição da **Ilíada**, desencadeada por sua recusa a continuar lutando. Devido à recusa de Aquiles, quase foi perdida a guerra de Troia e, não fosse sua fúria, o poema não teria sido composto.

Em meio ao furacão histórico da fase do capitalismo selvagem no país, quando o acirramento da acumulação leva multinacionais e suas cabeças-de-ponte nacionais a apropriar-se dos mais recônditos confins com vistas ao lucro, encontram-se, estonteados, os índios. O único problema dos Mairum – nome inventado, tribo arquetípica de todas as tribos, povo de Maíra – é como sobreviver e como fazer sua cultura sobreviver, com crescente dificuldade.

O romance inteiro soa como uma lamentação, um carpir sobre o fim de uma civilização das mais admiráveis. Seus trechos mais bem realizados são aqueles nos quais uma espécie de narrador coletivo índio dá conta de sua maneira de ver o mundo, de como compreende e interpreta seus hábitos e tradições; e, o que é mais importante, franqueia para o leitor seu tremendo desejo de sobrevivência e alegria de viver.

A produção e publicação de um romance como esse, agora, mostra como o índio está mais vivo do que nunca em sua conexão com

a literatura brasileira. Tampouco deve ser uma coincidência que, neste exato momento, outras ficções, filmes, romances, peças de teatro, novelas de televisão, canções, estejam sendo feitos, todos sobre os índios, todos lutando em defesa de sua preservação para a História. Quando há tanta desconfiança em relação à pulsão destrutiva da civilização ocidental e entre nós é tão escandaloso o capitalismo selvagem, isso pode vir a significar alguma coisa. Talvez uma postura mais cautelosa e menos arrogante, de quem está aprendendo a perceber que outras civilizações encontraram saídas melhores e, sobretudo, não suicidas para males que hoje parecem irremediáveis, como o problema do poder, da proliferação e potenciação dos armamentos, da destruição da natureza, do Estado e de seu aparelho, da igualdade nunca encontrada. A alegoria da moça branca morta ao parir mestiços mortos poderá significar também o caráter heteroletal e autoletal da etnia branca? Pode ser que a importância da civilização indígena esteja, final e penosamente, penetrando na consciência do corpo social brasileiro.

Walnice Nogueira Galvão. Indianismo revisitado. In: *Esboço de figura – Homenagem a Antonio Candido*. São Paulo: Duas Cidades, 1979, p. 379-89 (com adaptações).

4. (Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Acerca das relações semântico-sintáticas e do vocabulário do texto II, julgue (C ou E) o item seguinte.

Sem prejuízo da correção gramatical e do sentido do texto, a expressão "contar nos dedos das mãos" (l. 3) poderia ser substituída por **contar pelos dedos**.

5. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

"que terão grande impacto sobre a medicina"; nessa frase está corretamente empregada a forma "sobre". Assinale a frase abaixo em que ocorreu confusão entre sob/sobre:

a) "Se tudo está sob controle é porque não se está indo suficientemente rápido" (Mário Andretti);

b) "A interpretação é a vingança do intelecto sobre a arte" (Susan Sontag);

c) "Filosofar: pôr tijolos sobre tijolos sem construir uma casa" (anônimo);

d) "Infância é vida sob uma ditadura" (Graham Greene);

e) "Nada de novo sobre o sol" (Horácio).

6. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

O segmento de texto abaixo em que a preposição *para* tem seu valor semântico corretamente indicado é:

a) "Para Topol, o futuro está nos smartphones" / opinião;

b) "Está para chegar ao mercado um apetrecho" / direção;

c) "os hospitais caminhem para uma rápida extinção" / tempo;

d) "Dando algum desconto para as previsões, "The Patient" / concessão;

e) "...é uma excelente leitura para os interessados nas transformações da medicina" / causa.

7. (Compesa – An. Gest. Médico do Trabalho – FGV – Jul./2016)

Assinale a frase em que houve troca ***indevida*** entre *sob/sobre*.

a) "*Infância é vida sob uma ditadura*".

b) “ *Falar sobre música é como dançar* <u>*sobre*</u> *arquitetura*”.

c) “ *O verso é uma vitória* <u>*sobre*</u> *os limites da linguagem*”.

d) “ *A interpretação é a vingança do intelecto* <u>*sob*</u> *a arte*”.

e) “ *Se tudo está* <u>*sob*</u> *controle é porque não se está indo suficientemente rápido*”.

8. (Unifesp – Técnico Seg. Trab. – Vunesp – Abril/2016)

Assinale a alternativa em que a preposição “ de” expressa sentido de origem.

a) Mas existem outras figuras capazes **de** chamar a atenção.

b) “ Agora posso realizar um sonho que trago **da** infância”.

c) Nada surpreendente, não fosse a idade **do** Takeshi...

d) ... pensam em desistir por causa **de** um fracasso.

e) E aí **de** novo ele dá um exemplo.

9. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Leia a charge.

(www.folha.uol.com.br/colunas/mercadoaberto, 01.12.2015. Adaptado)

Assinale a alternativa cujos termos preenchem, respectivamente, as lacunas da charge, garantindo-lhe a coesão e a coerência; e cujo sentido estabelecido entre eles está corretamente indicado entre parênteses.

a) sob ... sobre (causa)

b) em ... sem (modo)

c) sem ... com (oposição)

d) sob ... em (lugar)

e) sobre ... em (consequência)

10. (ESAF – Receita Federal – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2014)

Assinale a opção que preenche a lacuna do texto de forma a torná-lo gramaticalmente correto, coeso e coerente.

Normalmente o Estado de Direito é confundido com o Estado Constitucional (Estado Democrático de Direito), entretanto, isto é um equívoco.

_____

Com efeito, se é a legislação que serve de parâmetro para atuação estatal, então, esta mesma legislação, por conseguinte, é livre.

Em tais Estados (Estado de Direito), o absolutismo do rei é substituído pelo absolutismo do parlamento (supremacia do parlamento e não da constituição).

a) Conquanto, no Estado Constitucional, a constituição funciona como fundamento de validade de toda ordem jurídica, disciplinando não só a atuação do Executivo e Judiciário, como também do legislativo, vigendo, aí sim, a supremacia da constituição.

b) Embora, no Estado Constitucional, o legislador encontra limites jurídicos nas normas constitucionais, as quais traçam o perfil de cada exação, de forma que a competência tributária é delimitada através da conjugação das normas que tratam especificamente de cada tributo com os princípios constitucionais.

c) Daí podermos concluir que, no Brasil, por força de uma séria de disposições constitucionais, não há falar em poder tributário (incontrastável, absoluto), mas, tão somente, em competência tributária (regrada, disciplinada pelo Direito).

d) Isso porque no Estado de Direito os atos do Executivo e do Judiciário estão submetidos ao princípio da legalidade; contudo, o Legislativo é livre para atuar, já que esse princípio não pode ser aplicado, por imposição lógica, à legislação.

e) Portanto, poder tributário tinha a Assembleia Constituinte, que era soberana. Ela realmente tinha um poder ilimitado, inclusive em matéria tributária. Contudo, a partir do momento em que foi promulgada a Constituição, o Poder Tributário retornou ao povo, restando aos poderes constituídos as competências tributárias.

11. (FCC – TRT – 4ª Região (RS) – Analista Judiciário – Tecnologia da Informação – 2015)

O rubor pode subir às faces de alguém que está sendo objeto da atenção de uma plateia, mesmo que esta atenção seja motivada pelo elogio, pelo recebimento de um prêmio, portanto acompanhada de um juízo positivo.

Outra redação para o segmento acima manterá o sentido e a correção se o elemento destacado, e apenas ele, for substituído por:

a) conforme.

b) ainda que.

c) embora.

d) conquanto que.

e) sempre que.

12. (FCC – TRE-AP – Técnico Judiciário – Administrativo – 2015)

Michelangelo fugiu de Roma ao ser comunicado que, antes de produzir as estátuas da futura tumba do papa Júlio II, deveria pintar o teto da Capela Sistina. Só a muito custo foi convencido a se aventurar na pintura, meio que julgava não dominar tão bem quanto a escultura. ..... , ao ser tirado da zona de conforto, o artista criaria sua obra máxima.

Mantendo-se as relações de sentido e a correção gramatical, preenche corretamente a lacuna acima o que se encontra em:

a) Porquanto

b) Embora

c) Contudo

d) Uma vez que

e) Conquanto

13. (FCC – TRT – 3ª Região (MG) – Analista Judiciário – Área Judiciária – 2015)

Abre parêntese: há momentos – felizmente raros – em que a história pessoal se impõe às percepções conjunturais e o relato na primeira pessoa, embora singular, parcial, às vezes suspeito, sobrepõe-se à narrativa impessoal, ampla, genérica. Fecha parêntese.

Sem que haja prejuízo do sentido e correção originais, a conjunção acima destacada pode ser substituída por:

a) contudo.

b) apesar de.

c) quando.

d) porque.

e) já que.

14. (FCC – Manausprev – Técnico Previdenciário – Administrativa – 2015)

Mantendo-se o sentido original, na frase *Como não conseguiram achar Miracanguera...* (5º parágrafo), o elemento sublinhado pode ser corretamente substituído por:

a) De modo que

b) Uma vez que

c) Por mais que

d) Conforme

e) Ainda que

15. (TRF3 – Técnico Judiciário – FCC – Abril/2016)

No contexto da frase, o segmento sublinhado tem seu sentido expresso entre colchetes em:

a) *Diz respeito à confluência de informação que circula em grandes cidades e ao uso da tecnologia para automatizar a gestão de setores urbanos...* [finalidade]

b) *Quando usamos essa terminologia, falamos da cidade enquanto um espaço de fluxos.* [proporção]

c) *... fácil acessibilidade da computação em nuvem, dispositivos baratos de internet, sistemas de TI cada vez mais flexíveis.* [partição]

d) *... outra parte prioriza a participação popular através da interatividade, bem como a cooperação técnica...* [afirmação]

e) *... podem-se armazenar, por exemplo, enormes massas de dados de mobilidade urbana* [...], *cujos bancos de dados podem ou não intencionalmente identificar seus usuários.* [condição]

16. (TRF3 – Técnico Judiciário – FCC – Abril/2016)

Mas, se pensarmos na alternativa de projetos de cidades inteligentes que não envolvam políticas públicas de dados

abertos, que não prestem conta detalhada de suas atividades, ao mesmo tempo em que disponham dos sofisticados sistemas para o gerenciamento de dados de cidadãos em larga escala, encontraremos condições para o surgimento de um estado de vigilância e controle...

Preservando-se a correlação entre as formas verbais, os elementos destacados podem ser substituídos, respectivamente, por:

a) pensaremos – envolviam – prestavam – disponham – encontremos

b) pensamos – envolvem – prestam – dispunham – encontrávamos

c) pensemos – envolveriam – prestariam – disporiam – encontrássemos

d) pensássemos – envolvessem – prestassem – dispusessem – encontraríamos

e) pensávamos – envolveram – prestaram – disporam – encontramos

Leia o texto a seguir para responder à questão 17.

Abraçando árvore

Não era uma felicidade eufórica, estava mais pra uma brisa de contentamento, como se eu bebesse vinho branco à beira-mar.

Eu tinha acordado cedo naquela sexta – e acordar cedo sempre me predispõe à felicidade. O trabalho havia rendido bem e, antes do fim da manhã, já tinha acabado de escrever tudo o que me propusera para o dia. À uma, fui almoçar com o meu editor. Ele estava com alguns capítulos do meu livro novo desde dezembro e eu temia que não tivesse gostado. Gostou. Comemos um peixe na brasa – peixe e brasa também costumam me predispor à felicidade – e como era sexta-feira, e como somos amigos, e como comemorávamos essa pequena alegria que é uma parceria funcionar, brindamos com vinho branco – não à beira-mar, mas à beira do Cemitério da Consolação, que pode não ter a grandeza de um Atlântico, mas também tem lá os seus pacíficos encantos.

Saí andando meio emocionado, meio sem rumo pela tarde ensolarada e quando vi estava em frente à paineira da Biblioteca Mario de Andrade. É uma árvore gigante, que provavelmente já estava ali antes do Mario de Andrade nascer, continuou ali depois de ele morrer e continuará ali depois que todos os 18 milhões de habitantes que hoje perambulam pela cidade de São Paulo estiverem abaixo de suas raízes. Talvez tenha sido o assombro com essa longevidade, talvez acordar cedo, talvez os elogios ao livro, e o vinho certamente colaborou: fato é que senti uma súbita vontade de abraçar aquela árvore.

Acho importante deixar claro, inclemente leitor, que não sou do tipo que abraça árvore. Na verdade, sou do tipo que faz piada com quem abraça árvore. Se me contassem, até a última sexta, que algum amigo meu foi visto abraçando uma paineira na rua da Consolação eu diria, sem pestanejar: enlouqueceu. Mas...

Olhei prum lado. Olhei pro outro. Tomei coragem e foi só sentir o rosto tocar o tronco para ouvir: “ Antonio?!”. Era meu editor. Foram dois segundos de desespero durante os quais contemplei o distrato do livro, a infâmia pública, o alcoolismo e a mendicância, mas só dois segundos, pois meu inconsciente, consciente do perigo, me lançou a ideia salvadora. “ Uma braçada”, disse eu, girando pra esquerda e envolvendo a árvore novamente, “ duas braçadas e... três”. Então encarei, seguro, meu possível verdugo: “ Três braçadas dá o quê? Uns cinco metros de perímetro? Tava medindo pra descrever, no livro. Tem uma parte mais no fim em que essa paineira é importante”.

Colou. Nos despedimos. Ele foi embora prum lado, a minha felicidade pro outro e agora estou aqui, já noite alta desta sexta-feira, tentando enfiar a todo custo um tronco de quase dois metros de diâmetro num livro em que, até então, não havia nem uma samambaia.

(Adaptado de: PRATA, Antonio. Disponível em: <www.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/2016/01/1730364-abracando-arvore.shtml>. Acesso em: 18.01.2016.)

17. (TRF3 – Técnico Judiciário – FCC – Abril/2016)

Considere as frases abaixo.

I. O início do terceiro parágrafo expõe uma consequência para o que se conta no segundo.

II. O quarto parágrafo apresenta uma ressalva para o que se relata no quinto.

III. O sexto parágrafo enuncia uma consequência do que se revela no quinto.

Está correto o que se afirma em

a) I, II e III.

b) I e II, apenas.

c) II e III, apenas.

d) I, apenas.

e) III, apenas.

Leia o texto a seguir para responder às questões 18 a 20.

Depois que se tinha fartado de ouro, o mundo teve fome de açúcar, mas o açúcar consumia escravos. O esgotamento das minas – que de resto foi precedido pelo das florestas que forneciam o combustível para os fornos –, a abolição da escravatura e, finalmente, uma procura mundial crescente, orientam São Paulo e o seu porto de Santos para o café. De amarelo, passando pelo branco, o ouro tornou-se negro.

Mas, apesar de terem ocorrido essas transformações que tornaram Santos num dos centros do comércio internacional, o local conserva uma beleza secreta; à medida que o barco penetra lentamente por entre as ilhas, experimento aqui o primeiro sobressalto dos trópicos. Estamos encerrados num canal verdejante. Quase podíamos, só com estender a mão, agarrar essas plantas que o Rio ainda mantinha à distância nas suas estufas empoleiradas lá no alto. Aqui se estabelece, num palco mais modesto, o contato com a paisagem.

O arrabalde de Santos, uma planície inundada, crivada de lagoas e pântanos, entrecortada por riachos estreitos e canais, cujos contornos são perpetuamente esbatidos por uma bruma nacarada, assemelha-se à própria Terra, emergindo no começo da criação. As plantações de bananeiras que a cobrem são do verde mais jovem e terno que se possa imaginar: mais agudo que o ouro verde dos campos de juta no delta do Bramaputra, com o qual gosto de o associar na minha recordação; mas é que a própria fragilidade do matiz, a sua gracilidade inquieta, comparada com a suntuosidade tranquila da outra, contribuem para criar uma atmosfera primordial.

Durante cerca de meia hora, rolamos por entre bananeiras, mais plantas mastodontes do que árvores anãs, com troncos plenos de seiva que terminam numa girândola de folhas elásticas por sobre uma mão de 100 dedos que sai de um enorme lótus castanho e rosado. A seguir, a estrada eleva-se até os 800 metros de altitude, o cume da serra. Como acontece em toda parte nessa costa, escarpas abruptas protegeram dos ataques do homem essa floresta virgem tão rica que para encontrarmos igual a ela teríamos de percorrer vários milhares de quilômetros para norte, junto da bacia amazônica. Enquanto o carro geme em curvas que já nem poderíamos qualificar como “ cabeças de alfinete”, de tal modo se sucedem em espiral, por entre um nevoeiro que imita a alta

montanha de outros climas, posso examinar à vontade as árvores e as plantas estendendo-se perante o meu olhar como espécimes de museu.

(Adaptado de: Lévi-Strauss, Claude. *Tristes Trópicos*. Coimbra, Edições 70, 1979, p. 82-3)

18. (TRF3- Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

Em relação à primeira parte da frase, o segmento ... *orientam São Paulo e o seu porto de Santos para o café* (1º parágrafo) expressa:

a) finalidade.

b) causa.

c) decorrência.

d) conformidade.

e) proporcionalidade.

19. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

A oração ... *de tal modo se sucedem em espiral*... (último parágrafo):

a) expressa a consequência da oração precedente, além de introduzir matiz de intensidade.

b) além de introduzir a causa da oração anterior, expressa certo grau de intensidade.

c) além de introduzir complemento de modo ou instrumento, expressa uma consequência.

d) expressa condição, aliada a certo grau de proporcionalidade.

e) expressa concessão, resultante de uma relação de proporcionalidade.

20. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

Uma redação alternativa para o segmento " ... mas é que a própria fragilidade do matiz, a sua gracilidade inquieta, comparada com a suntuosidade tranquila da outra, contribuem para criar uma atmosfera primordial" (3º parágrafo), sem prejuízo da correção e do sentido, está em:

a) conquanto seja a fragilidade mesma do colorido, aliada à graciosidade fugaz, em contraposição à riqueza consolidada da outra, que contribui para a formação de um clima primaz.

b) não obstante a própria instabilidade da coloração, à sua gratuidade pode-se comparar o fausto despreocupado da outra, que contribui para instaurar um ambiente primevo.

c) todavia, é devido à própria fragilidade do tom – à sua graciosidade irrequieta – posta em paralelo com o fausto inabalável da outra, que contribui para inventar um ambiente primordial.

d) mas é, no entanto, a própria delicadeza do matiz, sua gratuidade inconstante, que, comparada ao luxo estável da outra, contribui para a conformação de um meio ambiente ancestral.

e) é, todavia, porque a própria fragilidade da coloração e a sua graciosidade instável, comparada ao fausto tranquilo da outra, contribuem para conformar uma ambientação primitiva.

Leia o texto a seguir para responder à questão 21.

As palavras estampadas na bandeira nacional poderiam receber o complemento de um adjetivo, diante do arcabouço de ideias e discussões que tratam do futuro do planeta. A depender da contribuição de especialistas em desenvolvimento sustentável da Universidade de Brasília, o lema de 1889, inspirado nos conceitos positivistas do francês Augusto Comte, teria a seguinte redação: "Ordem e um Novo Progresso". Essa renovação de ideias, entretanto, precisa do apoio das novas gerações, pois o cenário mundial atual, e do Brasil em particular, é muito diferente do registrado há duas décadas, por exemplo. Na configuração geopolítica do século XXI, a supremacia dos Estados Unidos da América e da Europa é confrontada pelo dinamismo econômico de nações como a China, Índia, África do Sul e o próprio Brasil. O sobe e desce na disputa por espaço em debates estratégicos em nível internacional deu maior peso à palavra de países em desenvolvimento nas questões da sustentabilidade.

João Campos. Uma nova educação para um novo progresso. In: *Revista Darcy*, jun./2012 (com adaptações).

21. (ICMBIO – Nível Médio – Cespe – Maio/2014)

Acerca dos aspectos estruturais e interpretativos do texto, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Na linha 5, a substituição do vocábulo "entretanto" pelo vocábulo "portanto" não acarretaria mudança de significado no período em questão.

Leia o texto a seguir para responder à questão 22.

Nenhuma ação educativa pode prescindir de uma reflexão sobre o homem e de uma análise sobre suas condições culturais. Não há educação fora das sociedades humanas e não há homens isolados. O homem é um ser de raízes espaçotemporais. De forma que ele é, na expressão feliz de Marcel, um ser "situado e temporalizado". A instrumentação da educação – algo mais que a simples preparação de quadros técnicos para responder às necessidades de desenvolvimento de uma área – depende da harmonia que se consiga entre a vocação ontológica desse "ser situado e temporalizado" e as condições especiais dessa temporalidade e dessa situacionalidade.

Se a vocação ontológica do homem é a de ser sujeito e não objeto, ele só poderá desenvolvê-la se, refletindo sobre suas condições espaçotemporais, introduzir-se nelas de maneira crítica. Quanto mais for levado a refletir sobre sua situacionalidade, sobre seu enraizamento espaçotemporal, mais "emergirá" dela conscientemente "carregado" de compromisso com sua realidade, da qual, porque é sujeito, não deve ser simples espectador, mas na qual deve intervir cada vez mais.

Paulo Freire. *Educação e mudança*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 61 (com adaptações).

22. (MEC – Nível Superior – Cespe – Abril/2014)

Julgue o item seguinte como Certo (C) ou Errado (E), referente às ideias e a aspectos linguísticos do texto.

O termo "porque" (l. 11) poderia, sem prejuízo para a correção gramatical e o sentido do texto, ser substituído por **por que**.

Leia o texto a seguir para responder à questão 23.

"O preconceito linguístico é um equívoco, e tão nocivo quanto os outros. Segundo Marcos Bagno, especialista no assunto, dizer que o brasileiro não sabe português é um dos mitos que compõem o preconceito mais presente na cultura brasileira: o linguístico".

A redação acima poderia ter sido extraída do editorial de uma revista, mas é parte do texto O oxente e o ok, primeiro lugar na categoria opinião da 4ª Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro, realizada pelo Ministério da Educação em

parceria com a Fundação Itaú Social e o Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (CENPEC).

A autora do artigo é estudante do 2º ano do ensino médio em uma escola estadual do Ceará, e foi premiada ao lado de outros dezenove alunos de escolas públicas brasileiras, durante um evento em Brasília, no último mês de dezembro. Como nos três anos anteriores, vinte alunos foram vencedores – cinco em cada gênero trabalhado pelo projeto. Além de opinião (2º e 3º anos do ensino médio), a olimpíada destacou produções em crônica (9º ano do ensino fundamental), poema (5º e 6º anos) e memória (7º e 8º anos). Tudo regido por um só tema: " O lugar em que vivo".

Língua Portuguesa, 1/2015. Internet: <www.revistalingua.uol.com.br> (com adaptações).

23. (FUB – Téc. Administrativo – Cespe – Março/2015)

No que se refere aos sentidos, à estrutura textual e aos aspectos gramaticais do texto, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

O elemento coesivo " mas" (l. 4) inicia uma oração coordenada que exprime a ideia de concessão em uma sequência de fatos.

Leia o texto a seguir para responder à questão 24.

Texto III

O surgimento da Internet remonta à década de 60 do século passado, em um projeto do governo norte-americano no combate à guerra, pelo qual as comunicações intragovernamentais passaram a ser internalizadas, para evitar a publicação de dados relevantes à segurança nacional.

Posteriormente, na década de 70, foi criado o protocolo Internet, que permitiu a comunicação entre os seus poucos usuários até então, uma vez que ela ainda estava restrita aos centros de pesquisa dos Estados Unidos da América.

Na década de 80, foi ampliado o uso da Internet para a forma comercial e, finalmente, na década de 90, a Internet alcançou o seu auge, pois atingiu praticamente todos os meios de comunicação. O histórico dos crimes cibernéticos, por sua vez, remonta à década de 70, quando, pela primeira vez, foi definido o termo hacker, como sendo aquele indivíduo que, dotado de conhecimentos técnicos, promove a invasão de sistemas operacionais privados e a difusão de pragas virtuais.

Artur Barbosa da Silveira. Os crimes cibernéticos e a Lei nº 12.737/2012. In: Internet: <www.conteudojuridico.com.br> (com adaptações).

24. (MPU – Analista/Técnico – Cespe – 2015)

Julgue o item que se segue como Certo (C) ou Errado (E), acerca das ideias, das estruturas linguísticas e da tipologia do texto III.

Mantêm-se a correção gramatical e o sentido original do período ao se substituir a expressão " uma vez que" (l. 5) por qualquer um dos seguintes termos: porque, já que, pois, por conseguinte.

Leia o texto a seguir para responder à questão 25.

Texto I

O Brasil é um país de cidades novas. A maior parte de seus núcleos urbanos surgiu no século passado. Há cidades, entretanto, que já existem há bastante tempo. Contemporâneas dos primeiros tempos da colonização, algumas delas já ultrapassaram inclusive a marca do quarto centenário. Poucas são as cidades brasileiras, contudo, que ainda apresentam vestígios materiais consideráveis do passado.

Se hoje o Rio de Janeiro, fundado em 1565, vangloria-se de seu " corredor cultural", que preserva edificações da área central construídas na virada do século XIX para o XX, é importante lembrar que as edificações aí situadas substituíram inúmeras outras antes existentes no mesmo local. Nem mesmo o berço histórico da cidade existe mais, arrasado devido à destruição do Morro do Castelo em 1922. E o que falar de São Paulo, fundada em 1554? Da pauliceia colonial e imperial quase mais nada existe, e, se ainda temos uma boa noção do que foi a cidade da primeira metade do século XX, é porque contamos com a paisagem eternizada das fotografias e com os belíssimos trabalhos realizados pelos geógrafos paulistas por ocasião do quarto centenário da cidade.

Há outros exemplos. Olinda, fundada em 1537, orgulha-se de ser patrimônio cultural da humanidade, mas esse título não lhe foi conferido em razão dos testemunhos que sobraram da cidade antiga, em grande parte substituída por construções em estilo eclético ou art déco do início do século passado. E se Salvador, criada em 1549, e Ouro Preto, fundada em 1711, podem gabar-se de manter ainda um patrimônio histórico-arquitetônico apreciável, isso se deve muito mais à longa decadência econômica pela qual passaram, que atenuou os ataques ao parque construído, do que a qualquer veleidade preservacionista local.

Em suma, não é muito comum encontrarem-se vestígios materiais do passado nas cidades brasileiras, mesmo naquelas que já existem há bastante tempo. Há, entretanto, algo novo acontecendo em todas elas. Independentemente de qual tenha sido o estoque de materialidades históricas que tenham conseguido salvar da destruição, as cidades do país vêm hoje engajando-se decisivamente em um movimento de preservação do que sobrou de seu passado, em uma indicação flagrante de que muita coisa mudou na forma como a sociedade brasileira se relaciona com as suas memórias.

Mauricio Abreu. Sobre a memória das cidades. In: Ana Fani Alessandri Carlos et al (Orgs.). *A produção do espaço urbano*: agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo: Editora Contexto, 2013, p. 21-2 (com adaptações).

25. (Pref. SP – Agente Gestão P. Públicas – Cespe – Maio/2016)

No texto I, a conjunção " entretanto" (l. 2) introduz, no período em que ocorre, uma ideia de:

a) condição.

b) causa.

c) consequência.

d) oposição.

e) adição.

Leia o texto a seguir para responder à questão 26.

Texto III

A história do grafite no Brasil iniciou-se na década de 70 do século XX, precisamente na cidade de São Paulo, em uma época conturbada da história do Brasil, época essa silenciada pela censura resultante da chegada dos militares ao poder.

Paralelamente ao movimento que despontava em Nova York, o grafite surgiu no cenário da metrópole brasileira como uma arte transgressora, a linguagem da rua, da marginalidade, que não pedia licença e que gritava nas paredes da cidade os incômodos de uma geração.

A partir disso, a arte de grafitar se transformou em um importante veículo de comunicação urbano, corroborando, de alguma maneira, a existência de outras vozes, de outros sujeitos históricos e ativos que participam da cidade.

É importante ressaltar que o grafite, inicialmente, foi uma arte caracterizada pela autoria anônima, por meio da qual o grafiteiro

transformava a cidade em um importante suporte de comunicação artística sem delimitação de espaço, de mensagem ou de mensageiro.

Portanto, o que importava naquele momento era a arte em si e não o nome de seu autor. Por esse motivo, os ditos " cânones" são retirados de sua posição central e imperativa para dar lugar a uma arte de todos e para todos; arte da rua, na rua e para a rua; arte da cidade, na cidade e para a cidade: o grafite. Nesse sentido, a arte se funde com a vida do cidadão da metrópole por meio do movimento mútuo de transformação e de identificação de seus sujeitos.

Disponível em: <www.todamateria.com.br> (com adaptações).

26. (Pref. SP – Agente Gestão P. Públicas – Cespe – Maio/2016)

Seriam mantidos o sentido e a correção gramatical do texto III caso a palavra " Portanto", no trecho " Portanto, o que importava naquele momento era a arte em si e não o nome de seu autor" (l. 13), fosse substituída por:

a) Pois.

b) No entanto.

c) Logo.

d) Entretanto.

e) Porquanto.

Leia o texto a seguir para responder à questão 27.

Texto III

Pergunto: e agora? Como é que meu Padrinho foi degolado num quarto de pesadas paredes sem janelas, cuja porta fora trancada, por dentro, por ele mesmo? Como foi que os assassinos ali penetraram, sem ter por onde? Como foi que saíram, deixando o quarto trancado por dentro? Quem foram esses assassinos? Como foi que raptaram Sinésio, aquele rapaz alumioso, que concentrava em si as esperanças dos Sertanejos por um Reino de glória, de justiça, de beleza e de grandeza para todos? Bem, não posso avançar nada, porque aí é que está o nó! Este é o " centro de enigma e sangue" da minha história. Lembro que o genial poeta Nicolau Fagundes Varela adverte todos nós, Brasileiros, de que " os irônicos estrangeiros" vivem sempre vigilantes, sempre à espreita do menor deslize nosso para, então, " ridicularizar o pátrio pensamento":

Fatal destino o dos brasílios Mestres!

Fatal destino o dos brasílios Vates!

Política nefanda, horrenda e negra,

pestilento Bulcão abafa e mata

quanto, aos olhos de irônico estrangeiro,

podia honrar o pátrio pensamento!

Ora, um dos argumentos que os " irônicos estrangeiros" mais invocam para isso é dizer que nós, Brasileiros, somos incapazes de forjar uma verdadeira trança, uma intrincada teia, um insolúvel enredo de " romance de crime e sangue". Dizem eles que não é necessário nem um adulto dotado de argúcia especial: qualquer adolescente estrangeiro é capaz de decifrar os enigmas brasileiros, os quais, tecidos por um Povo superficial, à luz de um Sol por demais luminoso, são pouco sombrios, pouco

maldosos e subterrâneos, transparentes ao primeiro exame, facílimos de desenredar.

Ah, e se fossem somente os estrangeiros, ainda ia: mas até o excelso Gênio brasileiro Tobias Barreto, aí é demais! Diz Tobias Barreto que, no Brasil, é impossível aparecer um " romance de gênio", porque " a nossa vida pública e particular não é bastante fértil de peripécias e lances romanescos". Lamenta que seja raro, entre nós, " um amor sincero, delirante, terrível e sanguinário", ou que, quando apareça, seja num velho como o Desembargador Pontes Visgueiro, o célebre assassino alagoano do Segundo Império. E comenta, ácido: " Um ou outro crime, mesmo, que porventura erga a cabeça acima do nível da vulgaridade, são coisas que não desmancham a impressão geral da monotonia contínua. Até na estatística criminal o nosso país revela-se mesquinho. O delito mais comum é justamente o mais frívolo e estúpido: o furto de cavalos".

A gente lê uma coisa dessas e fica até desanimado, julgando ser impossível a um Brasileiro ultrapassar Homero e outros conceituados gênios estrangeiros! A sorte é que, na mesma hora, o Doutor Samuel nos lembra que a conquista da América Latina " foi uma Epopeia". Vemos que somos muito maiores do que a Grécia – aquela porqueirinha de terra! – e aí descansamos o pobre coração, amargurado pelas injustiças, mas também incendiado de esperanças! Sim, nobres Senhores e belas Damas: porque eu, Dom Pedro Quaderna (Quaderna, O Astrólogo, Quaderna, O Decifrador, como tantas vezes fui chamado); eu, Poeta--guerreiro e soberano de um Reino cujos súditos são, quase todos, cavalarianos, trocadores e ladrões de cavalo, desafio qualquer irônico, estrangeiro ou Brasileiro, primeiro a narrar uma história de amor mais sangrenta, terrível, cruel e delirante do que a minha; e, depois, a decifrar, antes que eu o faça, o centro enigmático de crime e sangue da minha história, isto é, a degola do meu Padrinho e a " desaparição profética" de seu filho Sinésio, O Alumioso, esperança e bandeira do Reino Sertanejo.

Ariano Suassuna. *A pedra do reino*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972, 3ª ed., p. 27-30 (com adaptações).

27. (Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Com referência ao texto III, julgue (C ou E) o item que se segue.

Sem prejuízo da informação veiculada no relato e da correção gramatical do texto, a vírgula empregada logo após " janelas" (l. 1) poderia ser substituída pelo conector **e**.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 28 e 29.

Texto IV

Em suas remotas origens helênicas, o termo " caráter" significou gravar. Empregavam-no, então, tanto para exprimir o sinete como a marca deixada na cera dócil. Essa dupla significação ainda hoje é vernácula – se não corrente – em certas acepções. Na linguagem tipográfica, por exemplo, " caráter" tanto é o tipo da imprensa como o sinal ou a letra gravada. Assim sendo, podemos dizer que o caráter de um homem não é somente o seu feitio moral, senão também a expressão e a impressão do indivíduo. Em arte, caráter será a personalidade do autor, o aspecto aparente e profundo da obra e o efeito dela. Fixada assim a verdadeira acepção do termo, podemos afirmar que o mérito maior do poema do Sr. Menotti del Picchia é " o caráter". Poesia profundamente simples e pessoal, de inspiração larga e sadia, tem a força das obras bem concebidas e a beleza das coisas naturais. Poesia de corpos simples, poderíamos dizer, pela sobriedade de linhas no sentimento, no pensamento e na expressão. Sente-se que o autor procurou a naturalidade e não a arte, que é o melhor caminho para atingir a esta.

O segredo da arte é a naturalidade sem prejuízo da perfeição.

O Sr. Menotti del Picchia ainda não pôde naturalmente desvendar o segredo da arte. Se no buscar a expressão natural do seu lirismo alcançou a arte, não se despojou ainda das incertezas dessa procura, de certa fraqueza de técnica. Defeitos são todos

estes transitórios, quase necessários em quem apenas se inicia.

A essência do livro é excelente.

Indica no autor uma personalidade inconfundível, que procura em si mesmo ou em torno de si os motivos de sua estética. Nem se distingue pela obsessão do isolamento, nem se perde por modelos estranhos. Daí lhe vem a superioridade de caráter individual. Se o caráter do autor provém dessa independência sem esforço, reside o da obra em sua originalidade natural; na conformidade com o meio, em uma perfeita radicação no solo pátrio, na simplicidade da construção e nas perfeitas proporções do ímpeto poético. O próprio desconcerto, em pormenores do poema principal e de outras produções secundárias, concorre para a individualidade desse esplêndido ensaio.

O caráter desse livro se conserva pela ressonância que tem. Não são versos agradáveis, suaves ou elegantes, que com tanto agrado se leem quanto facilmente se esquecem. São versos que lidos – ficam; gravam--se invencivelmente na memória, ora destacados, ora em bloco. A crítica, no julgar e no decompor as obras, não pode desprezar a intuição, se não é principalmente isso. E um dos mais seguros processos de intuição, no distinguir o valor das obras, é esse da permanência das sensações.

Os poemas do Sr. Menotti del Picchia deixam uma funda impressão de sua leitura: não pode haver melhor demonstração do seu " caráter". Quando essa impressão não se limitar aos leitores e aos críticos, e se estender à própria literatura nacional, terá a sua poesia atingido o grau supremo que lhe auguro.

Juca Mulato é um poema simples. Encerra uma lição profunda na singeleza do motivo e da intenção. É certo que a evidência da beleza não pode ser em arte um critério axiomático. Quantas vezes a paciência é o melhor guia da emoção estética? A exegese das sinfonias de Beethoven, como a dos dramas musicais de Wagner, aumenta a nossa receptividade para essa arte de titãs, se bem que a intuição íntima e a explicação individual sejam imprescindíveis.

O poema do Sr. Menotti del Picchia tem a simplicidade e a frescura das criações espontâneas e necessárias, onde o esforço da composição permanece obscuro como deve.

Para lhe realçar a beleza não se sente a crítica compelida a buscar símbolos problemáticos ou filosofias arbitrárias. Sendo o que é – um mal de amor impossível que leva a alma à desesperança, para se resignar depois e ressurgir consolada pela visão da terra amada, da felicidade atingível e do sonho necessário –, comove pelo simples aspecto de suas linhas harmoniosas.

A beleza maior do poema, que é também o seu caráter, está na sua simplicidade radical. O poeta reprimiu voluntariamente as possíveis exuberâncias ou ambições de seu lirismo para ficar dentro do assunto que escolheu. Ganhou com isso um grande poder virtual e marca mais do que se quisesse marcar: a acústica de uma construção humana nunca chega à acuidade de um eco natural.

Juca Mulato é a reconciliação do homem consigo mesmo, do brasileiro com sua terra, do bárbaro com seu isolamento. Reconciliação às vezes impossível, outras ilusória, sempre necessária, raramente realizada. O consolo de Juca Mulato é a indicação do caminho a seguir.

Alceu Amoroso Lima. Um poeta. In: *Estudos literários*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1966, p.133-5 (com adaptações).

(Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Com relação às ideias e às estruturas linguísticas do texto IV, julgue (C ou E) os itens a seguir.

28. Seriam mantidos o sentido original e a correção gramatical do trecho " se bem que a intuição íntima e a explicação individual sejam imprescindíveis" (l. 36 e 37), caso a expressão " se bem que" e a forma verbal " sejam" fossem

substituídas, respectivamente, pelo termo **porquanto** e pela forma verbal **são**.

29. O trecho “ se não corrente” (l. 2 e 3) poderia ser corretamente substituído por **se não for corrente**, preservando-se o sentido original do texto.

Leia o texto a seguir para responder às questões 30 e 31.

Texto 1 – O futuro da medicina

O avanço da tecnologia afetou as bases de boa parte das profissões. As vítimas se contam às dezenas e incluem músicos, jornalistas, carteiros etc. Um ofício relativamente poupado até aqui é o de médico. Até aqui. A crer no médico e “ geek” Eric Topol, autor de “ The Patient Will See You Now” (o paciente vai vê-lo agora), está no forno uma revolução da qual os médicos não escaparão, mas que terá impactos positivos para os pacientes.

Para Topol, o futuro está nos smartphones. O autor nos coloca a par de incríveis tecnologias, já disponíveis ou muito próximas disso, que terão grande impacto sobre a medicina. Já é possível, por exemplo, fotografar pintas suspeitas e enviar as imagens a um algoritmo que as analisa e diz com mais precisão do que um dermatologista se a mancha é inofensiva ou se pode ser um câncer, o que exige medidas adicionais.

Está para chegar ao mercado um apetrecho que transforma o celular num verdadeiro laboratório de análises clínicas, realizando mais de 50 exames a uma fração do custo atual. Também é possível, adquirindo lentes que custam centavos, transformar o smartphone num supermicroscópio que permite fazer diagnósticos ainda mais sofisticados.

Tudo isso aliado à democratização do conhecimento, diz Topol, fará com que as pessoas administrem mais sua própria saúde, recorrendo ao médico em menor número de ocasiões e de preferência por via eletrônica. É o momento, assegura o autor, de ampliar a autonomia do paciente e abandonar o paternalismo que desde Hipócrates assombra a medicina.

Concordando com as linhas gerais do pensamento de Topol, mas acho que, como todo entusiasta da tecnologia, ele provavelmente exagera. Acho improvável, por exemplo, que os hospitais caminhem para uma rápida extinção. Dando algum desconto para as previsões, “ The Patient...” é uma excelente leitura para os interessados nas transformações da medicina.

Folha de S. Paulo online – Coluna Hélio Schwartsman – 17/01/2016.

30. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

“ A crer no médico e “ geek” Eric Topol”; essa oração reduzida equivale semanticamente a:

a) embora creiamos;

b) quando cremos;

c) se crermos;

d) à medida que cremos;

e) para que crêssemos.

31. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

“ está no forno uma revolução da qual os médicos não escaparão, / mas que terá impactos positivos para os pacientes”.

O emprego da conjunção “ mas” supõe uma oposição entre o primeiro e o segundo segmento desse trecho do texto 1.

Tal oposição se verifica entre os seguintes termos:

a) estar no forno / ter impactos positivos;

b) revolução / impactos positivos;

c) médicos / pacientes;

d) não escapar / ter impactos;

e) médicos não escaparão / impactos positivos para os pacientes.

32. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

" Dentre os problemas sociais urbanos, merece destaque a questão da segregação urbana, fruto da concentração de renda no espaço das cidades e da falta de planejamento público que vise à promoção de políticas de controle ao crescimento desordenado das cidades".

Os dois elementos ligados pela conjunção E são fatores bastante diferentes; o pensamento abaixo em que os termos ligados por essa conjunção podem ser considerados sinônimos é:

a) " A Academia Francesa é como a Universidade: uma e outra eram necessárias num tempo de ignorância e de mau gosto; hoje são ridículas" (Voltaire);

b) " A agulha é pequena e delgada; no entanto sustenta uma família toda" (Steinberg);

c) " O amor e a amizade excluem-se mutuamente" (La Bruyère);

d) " A amizade de alguns homens é mais funesta e danosa do que o seu ódio ou aversão" (Marquês de Maricá);

e) " Todo bajulador tem de ser forçosamente um malévolo e um ingrato" (Nestor Vítor).

33. (Compesa – NA. Gest. Médico do Trabalho – FGV – Jul./2016)

Todos os pensamentos a seguir são construídos por dois blocos.

Assinale a opção que indica o conectivo que uniria um desses dois blocos de forma conveniente.

a) "*A única coisa sem mistério é a felicidade: _____ ela se justifica por si só.*" – **portanto**.

b) "*Milhares de velas podem ser acesas de uma única vela e a vida da vela não será encurtada; _____ a felicidade nunca diminui ao ser compartilhada.*" – **por isso**.

c) "*Felicidade é um modo de viajar, _____ não um destino.*" – **embora**.

d) "*Felicidade é um como, _____ não um quê.*" – **porém**.

e) "*Felicidade é como um beijo: _____ você deve compartilhar para aproveitá-lo.*" – **porque**.

34. (Compesa – NA. Gest. Médico do Trabalho – FGV – Jul./2016)

Assinale a opção que indica a frase em que a substituição do conectivo sublinhado foi feita de forma ***inadequada***.

a) "*Nenhuma moralidade pode fundar-se na autoridade, mesmo que a autoridade fosse divina*". – **malgrado**

b) "*Se os teus princípios morais te deixam triste, pode estar certo de que estão errados*". – **quando**

c) “ *A honestidade é elogiada por todos, mas morre de frio*”. – **no entanto**

d) “ *Tudo acontece conforme manda a natureza*”. – **segundo**

e) “ *Tudo é artificial, uma vez que a natureza é a arte de Deus*”. – **visto que**

35. (Pref. Paulínia-SP – Eng. Agrôn. – FGV – Maio/2016)

O conectivo sublinhado nas frases a seguir – da autoria de Machado de Assis – que tem seu valor semântico corretamente indicado é:

a) “ *A fantasia é um vidro de cor, um óculo brilhante, porém mentiroso.*” / conclusão

b) “ *Nada está perdido enquanto o coração espera alguma coisa.*” / proporção

c) “ *Quando dois corações se querem entender, ainda que falem hebraico, descobrem-se logo um ao outro.*” / concessão

d) “ *Aprofunde mais os corações alheios, se quiser encontrar a verdade.*” / causa

e) “ *Conquanto a credulidade seja eterna, é preciso fazer com ela o que se faz com a moda: variar o feitio.*” / tempo

Leia o texto a seguir para responder à questão 36.

A sociedade da informação e seus desafios

Dificilmente alguém discordaria de que a sociedade da informação é o principal traço característico do debate público sobre desenvolvimento, seja em nível local ou global, neste alvorecer do século XXI. Das propostas políticas oriundas dos países industrializados e das discussões acadêmicas, a expressão “ sociedade de informação” transformou-se rapidamente em jargão nos meios de comunicação, alcançando, de forma conceitualmente imprecisa, o universo vocabular do cidadão.

A expressão “ sociedade da informação” passou a ser utilizada como substituta para o conceito complexo de “ sociedade pós-industrial”, como forma de transmitir o conteúdo específico do “ novo paradigma técnico-econômico”. A realidade que os conceitos das ciências sociais procuram expressar refere-se às transformações técnicas, organizacionais e administrativas que têm como “ fator-chave” não mais os insumos baratos de energia – como na sociedade industrial – mas os insumos baratos de informação propiciados pelos avanços tecnológicos na microeletrônica e nas telecomunicações.

Nesta sociedade pós-industrial, ou “ informacional”, as transformações em direção à sociedade da informação, em estágio avançado nos países industrializados, constituem uma tendência dominante mesmo para economias menos industrializadas e definem um novo paradigma, o da tecnologia da informação, que expressa a essência da presente transformação tecnológica em suas relações com a economia e a sociedade. Esse novo paradigma tem as seguintes características fundamentais: a informação é sua matéria--prima (no passado, o objetivo dominante era utilizar informação para agir sobre as tecnologias); os efeitos das novas tecnologias têm alta penetrabilidade (a informação é parte integrante de toda atividade humana, individual ou coletiva e, portanto, todas essas atividades tendem a ser afetadas diretamente pela nova tecnologia); a tecnologia favorece processos reversíveis devido a sua flexibilidade; trajetórias de desenvolvimento tecnológico em diversas áreas do saber tornam-se interligadas e transformam-se as categorias segundo as quais pensamos todos os processos (microeletrônica, telecomunicações, optoeletrônica, por exemplo).

O foco sobre a tecnologia pode alimentar a visão ingênua de determinismo tecnológico segundo o qual as transformações em direção à sociedade da informação resultam da tecnologia, seguem uma lógica técnica e, portanto, neutra e estão fora da interferência de fatores sociais e políticos. Nada mais equivo-cado: processos sociais e transformação tecnológica resultam de

uma interação complexa em que fatores sociais preexistentes como a criatividade, o espírito empreendedor, as condições da pesquisa científica afetam o avanço tecnológico e suas aplicações sociais.

No campo educacional dos países em desenvolvimento, decisões sobre investimentos para a incorporação da informática e da telemática implicam também riscos e desafios. Será essencial identificar o papel que essas novas tecnologias podem desempenhar no processo de desenvolvimento educacional e, isso posto, resolver como utilizá-las de forma a facilitar uma efetiva aceleração do processo em direção à educação para todos, ao longo da vida, com qualidade e garantia de diversidade. As novas tecnologias de informação e comunicação tornam-se, hoje, parte de um vasto instrumental historicamente mobilizado para a educação e a aprendizagem. Cabe a cada sociedade decidir que composição do conjunto de tecnologias educacionais mobilizar para atingir suas metas de desenvolvimento.

A Unesco tem atuado de forma sistemática no sentido de apoiar as iniciativas dos Estados Membros na definição de políticas de integração das novas tecnologias aos seus objetivos de desenvolvimento. No Programa Informação para Todos, as ações desse organismo internacional estão concentradas em duas áreas principais: conteúdo para a sociedade da informação e "infoestrutura" para esta sociedade em evolução, por meio da cooperação para treinamento, apoio ao estabelecimento de políticas de informação e promoção de conexões em rede.

No espírito da Declaração Universal dos Direitos do Homem, que constitui a base dos direitos à infor-mação na sociedade da informação, e levando em consideração os valores e a visão delineados anteriormente, o novo Programa Informação para Todos deverá prover uma plataforma para a discussão global sobre acesso à informação, participação de todos na sociedade da informação global e as consequências éticas, legais e societárias do uso das tecnologias de informação e comunicação. Deverá prover também a estrutura para colaboração internacional e parcerias nessas áreas e apoiar o desenvolvimento de ferramentas comuns, métodos e estratégias para a construção de uma sociedade de informação global e justa.

WERTHEIN, J. *Ciência da Informação*. Brasília, v. 29, n. 2, p. 71-77, maio/ago. 2000. Disponível em:<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/254>. Acesso em: 10 maio 2015. Adaptado.

36. (Petrobras – Advogado Jr. – Cesgranrio – Ago./2015)

Para construir o sentido do texto, diferentes relações lógicas se estabelecem entre as ideias que o compõem.

A relação entre os trechos está adequadamente expressa entre colchetes em:

a) "A expressão 'sociedade da informação' passou a ser utilizada como substituta para o conceito complexo de 'sociedade pós-industrial'" / "como forma de transmitir o conteúdo específico do 'novo paradigma técnico-econômico'". (l. 6-8) [contraposição]

b) "a informação é sua matéria-prima" / "no passado, o objetivo dominante era utilizar informação para agir sobre as tecnologias" (l. 16-17) [condição]

c) "os efeitos das novas tecnologias têm alta penetrabilidade" / "a informação é parte integrante de toda atividade humana, individual ou coletiva" (l. 17-19) [causalidade]

d) "Nada mais equivocado" / "processos sociais e transformação tecnológica resultam de uma interação complexa" (l. 26-27) [finalidade]

e) "As novas tecnologias de informação e comunicação tornam-se, hoje, parte de um vasto instrumental historicamente mobilizado para a educação e a aprendizagem" / "Cabe a cada sociedade decidir que composição do conjunto de tecnologias

educacionais mobilizar" (l. 34-37) [explicação]

37. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016 – Adaptada)

Considere o trecho: " Você pode até achar que é coisa de criança, mas o jogo em que cada um leva o próprio balde e simula as tarefas a bordo de um navio é instrutivo e divertido para todas as idades".

Se essa frase, mantendo-se o sentido original, for construída substituindo-se a conjunção **mas** por uma forma equivalente subordinativa, o resultado adequado será:

a) Você pode até achar que é coisa de criança, porém o jogo em que cada um leva o próprio balde e simula as tarefas a bordo de um navio é instrutivo e divertido para todas as idades.

b) Embora você possa até achar que é coisa de criança, o jogo em que cada um leva o próprio balde e simula as tarefas a bordo de um navio é instrutivo e divertido para todas as idades.

c) Talvez você até ache que é coisa de criança, pois o jogo em que cada um leva o próprio balde e simula as tarefas a bordo de um navio é instrutivo e divertido para todas as idades.

d) Admitamos que você até ache que é coisa de criança o jogo em que cada um leva o próprio balde e simula as tarefas a bordo de um navio, algo instrutivo e divertido para todas as idades.

e) Caso até você ache que é coisa de criança o jogo em que cada um leva o próprio balde e simula as tarefas a bordo de um navio, garanto ser instrutivo e divertido para todas as idades.

38. (ANP – Téc. Reg. Petr&Der – Cesgranrio – Jan./2016 – Adaptada)

Considere-se o trecho " Sua arma é o inverso da alta cultura, da contracultura, da subcultura, de nichos especializados. Visa o público em geral, cultura de massa, de milhões."

Se o trecho for reescrito em um só período, mantendo-se seu sentido original, as duas orações poderão ser relacionadas por meio da conjunção

a) consoante

b) contanto

c) embora

d) entretanto

e) porque

39. (ANP – Téc. Reg. Petr&Der – Cesgranrio – Jan./2016 – Adaptada)

A relação lógica expressa pela palavra em destaque está indicada adequadamente entre colchetes em:

a) " Tornou-se a cultura internacional dominante, principal, a chamada *mainstream*, **conforme** o título do livro escrito pelo sociólogo francês Frédéric Martel." [concessão]

b) " Você pode ouvir Lady Gaga, gostar de *Avatar* e ler *O Código Da Vinci*, **mas**, no final das contas, a maior parte da cultura que você consome e ama geralmente é nacional." [condição]

c) " **Para** resumir as coisas, eu diria que todos temos duas culturas: a nossa e a americana." [causa]

d) “ Por quê? **Porque** a língua é muito importante, porque a identidade é muito importante.” [finalidade]

e) “ **Portanto**, nós estamos em um mundo cada vez mais global, mas, ao mesmo tempo, a cultura ainda é e será muito nacional.” [conclusão]

40. (Basa – Téc. Bancário – Cesgranrio – Set./2015 – Adaptada)

A expressão abaixo que substitui a palavra **Mas** em: “ Mas, como toda arte tende para o excesso, o ascensorista entediado chegaria fatalmente ao preciosismo. Quando perguntassem ‘ Sobe? ’, responderia ‘ É o que veremos...’ Ou então, ‘ Como a Virgem Maria’ .”, modificando o sentido original do trecho em que ela está empregada é:

a) Contudo

b) Embora

c) Porém

d) Todavia

e) No entanto

41. (BB – Escriturário – Cesgranrio – Out./2015 – Adaptada)

A frase que está adequadamente reescrita entre colchetes, de modo a manter a relação lógica entre suas ideias, estabelecida pela palavra ou pela expressão destacada, é:

a) “ Foi necessária essa pequena exegese **para** refletirmos que não importa a forma como a sociedade queira se organizar, ela é sempre motivada por um fenômeno humano.”

[Foi necessária essa pequena exegese à medida que refletimos que não importa a forma como a sociedade queira se organizar, ela é sempre motivada por um fenômeno humano.]

b) “ **Se** a indústria pesada da tecnologia realmente adotar políticas reconhecendo e incluindo *bitcoins* como moeda válida, estará dado o primeiro passo para a criação de um mercado financeiro global de *bitcoins*.”

[Quando a indústria pesada da tecnologia realmente adotar políticas reconhecendo e incluindo *bitcoins* como moeda válida, estará dado o primeiro passo para a criação de um mercado financeiro global de *bitcoins*.]

c) “ o comércio internacional se modernizou e engendrou a criação de moedas, **com o intuito de** facilitar a circulação de mercadorias”

[o comércio internacional se modernizou e engendrou a criação de moedas, embora facilitasse a circulação de mercadorias]

d) “ A Revolução Industrial ocorrida inicialmente na Inglaterra e na Holanda, por volta de 1750, viria a criar uma quantidade de riqueza acumulada **tão** grande **que** transformaria o próprio dinheiro em mercadoria.”

[A Revolução Industrial ocorrida inicialmente na Inglaterra e na Holanda, por volta de 1750, viria a criar uma grande quantidade de riqueza acumulada, para transformar o próprio dinheiro em mercadoria.]

e) “ Trata-se de um título cambial digital, sem emissor, sem cártula, e, portanto, sem lastro, uma aberração no mundo financeiro, que, **não obstante isso**, tem valor.”

[Apesar de se tratar de um título cambial digital, sem emissor, sem cártula, e, portanto, sem lastro, uma aberração no mundo

financeiro, tem valor.]

42. (IPSMI – Procurador – Vunesp – Abril/2016 – Adaptada)

No trecho – As pessoas [...] que buzinam **assim que o sinal fica verde** – o trecho destacado expressa, em relação ao verbo que o antecede,

a) lugar da ação.

b) modo da ação.

c) finalidade da ação.

d) comparação das ações.

e) tempo concomitante das ações.

Leia o texto a seguir para responder à questão 43.

Uma noite no mar Cáspio

Na semana passada, uma aluna da Sorbonne foi encarregada de fazer um estudo sobre a literatura latino-americana, mal informada de tudo, inclusive sobre a América Latina. Veio entrevistar algumas pessoas e, não sei por que, pediu-me que a recebesse para uma conversa que pudesse explicar o Brasil com apenas um título que serviria de roteiro para o trabalho que deveria apresentar.

Já me pediram coisas extravagantes, recusei algumas, aceitei outras. Aleguei minha incompetência para titular qualquer coisa.

Mas não quis decepcionar a moça. Pensando na atual crise política, sugeri " Garruchas e punhais" – era o nome da briga entre os meninos da rua Cabuçu contra os meninos da rua Lins de Vasconcelos. Morei nas duas e era considerado um espião a soldo de uma ou de outra. O que no fundo era verdade, considerava idiotas os dois lados.

A moça riu mas não gostou. Todos os países têm garruchas e punhais. Dei outra sugestão: " O mosteiro de tijolos de feltro". Ela não gostou – nem eu. Parti então para uma terceira via, por sinal, a mais estúpida. Pensou um pouco, inicialmente recusou. Olhou bem para mim e aprovou: " Uma noite no mar Cáspio". Para meu espanto, ela aceitou. Acredito que os professores da Sorbonne também gostarão. E eu nem sei onde fica o mar Cáspio, embora também não saiba onde fica o Brasil.

(Carlos Heitor Cony. *Folha de S.Paulo*, 26.01.2016. Adaptado)

43. (C.M. Marília-SP – Proc. Jurídico – Vunesp – Abril/2016)

A relação de sentido estabelecida entre as orações no trecho do segundo parágrafo – ... recusei algumas, aceitei outras. – também está presente em:

a) Veio entrevistar algumas pessoas e, não sei por que, pediu-me...

b) ... que serviria de roteiro para o trabalho que deveria apresentar.

c) Pensando na atual crise política, sugeri " Garruchas e punhais"...

d) A moça riu mas não gostou.

e) Ela não gostou – nem eu.

44. (Unesp – Ass. Administrativo I – Vunesp – Abril/2016)

No trecho – Meu filho saiu da loja feliz da vida com seu brinquedo rosa que, aliás, para ele é só uma cor, **como** outra qualquer –, o termo destacado estabelece relação de sentido de

a) causa e equivale a **porque**.

b) tempo e equivale a **enquanto.**

c) condição e equivale a **caso**.

d) comparação e equivale a **tal qual**.

e) finalidade e equivale a **para**.

45. (MPE/SP – Analista Técnico Científico – Vunesp – Jul./2016)

Observe a relação de sentido entre os trechos (I) e (II): (I) Os governos taxavam-no a mais não poder, (II) de modo que os países rivais, mais parcimoniosos na decretação de impostos sobre produtos semelhantes, acabavam, na concorrência, por derrotar a Bruzundanga.

É correto afirmar que

a) o trecho (I) expressa o tempo em que ocorre o que se afirma no trecho (II).

b) o trecho (II) expressa a maneira como ocorre o fato afirmado no trecho (I).

c) o trecho (II) expressa o efeito do que se afirma no trecho (I).

d) o trecho (I) expressa o modo como ocorre o fato afirmado no trecho (II).

e) o trecho (II) expressa a causa determinante do que se afirma no trecho (I).

46. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Mantendo-se as ideias do texto original, a passagem do 6º parágrafo – O indivíduo não só perde a capacidade de pagamento mas também enfrenta grande dificuldade para obter novos recursos... – pode ser reescrita da seguinte forma:

a) O indivíduo perde a capacidade de pagamento e enfrenta grande dificuldade para obter novos recursos.

b) O indivíduo só perde a capacidade de pagamento, mas não enfrenta grande dificuldade para obter novos recursos.

c) O indivíduo perde a capacidade de pagamento, portanto também enfrenta grande dificuldade para obter novos recursos.

d) O indivíduo não só perde a capacidade de pagamento, porém enfrenta grande dificuldade para obter novos recursos.

e) O indivíduo ou só perde a capacidade de pagamento ou também enfrenta grande dificuldade para obter novos recursos.

47. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

(Hagar, Dik Browne. *Folha de S.Paulo*, 31.10.2015. Adaptado)

Na oração – **Já que** tenho um peixinho dourado como mascote… –, o sentido expresso pela conjunção em destaque é de

a) oposição e, nesse contexto, pode ser substituída por " Mas".

b) explicação e, nesse contexto, pode ser substituída por " Pois".

c) causa e, nesse contexto, pode ser substituída por " Como".

d) conclusão e, nesse contexto, pode ser substituída por " Portanto".

e) conformidade e, nesse contexto, pode ser substituída por " Conforme".

Leia o texto a seguir para responder à questão 48.

Entre as boas figuras de boa-fé do Rio de Janeiro figurava o Garcia, bom homem, cujo único defeito era ser fraco de inteligência, defeito que todos lhe perdoavam por não ser culpa dele.

O nosso herói não se empregava absolutamente em outra coisa que não fosse comer, beber, dormir e trocar as pernas pela cidade. Tinha herdado dos pais o suficiente para levar essa vida folgada e milagrosa, e só gastava o rendimento do seu patrimônio.

Casara-se com d. Laura, que, não sendo formosa que o inquietasse, nem feia que lhe repugnasse, era mais inteligente e instruída que ele. Esta superioridade dava-lhe certo ascendente, de que ela usava e abusava no lar doméstico, onde só a sua vontade e a sua opinião prevaleciam sempre.

O Garcia não se revoltava contra a passividade a que era submetido pela mulher: reconhecia que d. Laura tinha sobre ele grandes vantagens intelectuais e, se era honesta e fiel aos seus deveres conjugais, que lhe importava a ele o resto?

(Artur Azevedo, O espírito. Em: *Seleção de Contos*, 2014. Adaptado)

48. (MPE/SP- Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Observe as passagens do 3º parágrafo do texto:

– ... não sendo **formosa** que o inquietasse, nem **feia** que lhe repugnasse...;

– ... era mais inteligente e instruída **que** ele.

O par de adjetivos em destaque, na primeira passagem, e a conjunção em destaque, na segunda, estabelecem entre as informações do texto, respectivamente, as seguintes relações de sentido:

a) equivalência e conclusão.

b) equivalência e comparação.

c) oposição e comparação.

d) oposição e causa.

e) equivalência e consequência.

49. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Nos versos – as minhas mãos **sob** a nuca – e – **mas** o tato me dá –, o sentido expresso pela preposição **sob** e o expresso pela conjunção **mas** são, respectivamente, de

a) posição paralela e explicação.

b) posição superior e adição.

c) posição contígua e comparação.

d) posição inferior e oposição.

e) posição lateral e conclusão.

50. (Unesp – Assistente Administrativo – Vunesp – Fev./2016)

Um termo que introduz uma exemplificação no enunciado está em destaque na seguinte passagem:

a) Frequentemente desprezadas **por** terem um aspecto que não está de acordo com os "padrões de beleza" impostos pela indústria… (1º parágrafo)

b) Vender uma maçã com um rótulo **cujo** logotipo mostra um rosto com um único dente aos produtores… (3º parágrafo)

c) … os produtos menos esteticamente atrativos também são de qualidade e, **inclusive**, mais baratos. (4º parágrafo)

d) Agora, engloba também outros produtos, **como** queijos e cereais ingeridos no café da manhã. (5º parágrafo)

e) ... aproveita a luta contra os resíduos a fim de voltar a vender parte da produção **que**

51. (Unesp – Assistente Administrativo – Vunesp – Fev./2016)

O segmento destacado em – **Se uma despesa avança** em velocidade incompatível com a receita usada para bancá-la, só há dois caminhos para corrigir a distorção… – estará corretamente substituído, preservando-se o sentido e a correção gramatical, por:

a) Caso uma despesa avance…

b) Ainda que uma despesa avance…

c) Contudo uma despesa avança…

d) Pois uma despesa avança…

e) Para que uma despesa avance…

Leia o texto a seguir para responder à questão 52.

O Senado Federal aprovou em plenário, em 31/10/2012, o projeto de lei originário da Câmara dos Deputados (PL nº

2.793/2011) que tipifica como criminosas algumas condutas cometidas no meio digital, sobretudo a invasão de computadores. A imprensa tem noticiado como se fosse a primeira aprovação desse tipo no Brasil e alguns setores comemoraram como se a existência de uma lei para os crimes eletrônicos fosse tudo o que faltava para diminuir a delinquência cibernética. Sendo o Brasil um país de tradições positivistas e sendo vedada a aplicação de analogia para criar tipos penais, não resta dúvida da necessidade de aprovação da lei. Talvez com a previsão dessas condutas específicas, haja melhores resultados punitivos.

A falta de estrutura na maioria das delegacias civis do país e a ausência de previsão legal que estabeleça a obrigatoriedade da guarda de logs acabam por inviabilizar a investigação dos crimes digitais, em muitos casos. Com o Marco Civil da Internet (PL nº 2.126/2011), o legislador poderia sanar esse problema ao prever o armazenamento de tais registros, sem dar margem à violação da privacidade, evidentemente. No entanto, no último parecer ao projeto, no mês julho, o deputado relator retirou a obrigatoriedade do armazenamento dos dados pelos provedores de aplicações à Internet, os chamados provedores de conteúdo, deixando essa previsão apenas aos 5 provedores de conexão. O fato é que os registros de conexão nem sempre são suficientes para uma eficiente coleta de provas. O certo seria obrigar também os provedores de conteúdo a fazer esse registro, o que permitiria investigar e punir não só os crimes digitais como também outros, tais como os de difamação, calúnia e injúria, tão comuns nas redes sociais.

Rafael Fernandes Maciel. In: *Consultor Jurídico*, 9/11/2012. Disponível em: <www.conjur.com.br> (com adaptações).

52. (TJ/Acre – Téc. Administrativo – Cespe – Dez/2012)

Julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Mantendo-se a relação de sentido estabelecida entre os períodos, a expressão “ **No entanto**” (l. 11-12) poderia ser substituída, corretamente, por **Com tudo**.

53. (Câmara dos Deputados – Técnico Legislativo – Cespe – Abril/2014)

Bill Watterson.

(Adaptado) Julgue o item subsequente como Certo (C) ou Errado (E), relativo ao diálogo entre os personagens Calvin e sua professora, Dona Doroteia, apresentado na tirinha.

No terceiro quadrinho, a expressão “ Sendo assim” poderia, sem prejuízo para a correção e a coerência do texto, ser substituída por qualquer um dos seguintes conectores: Portanto, Por conseguinte, Conquanto.

Leia o texto a seguir para responder às questões 54 e 55.

Texto I

Na Vila Telebrasília, onde mora, poucos conhecem Abiesel Alves Cavalcanti pelo nome completo. Lá ele é Bisa, o pescador. Há 35 anos, o pernambucano veio atrás do progresso na capital. Acompanhado pelo irmão, trouxe algumas roupas e a tarrafa, sua ferramenta de trabalho. “ Eu falei para o mano: se lá tem água, tem peixe. De fome a gente não morre”, lembra Bisa. O Lago Paranoá alimentou toda a sua família, composta de mulher e dez filhos. No começo, quando a pesca com tarrafa era proibida, Bisa

saía na madrugada em uma canoa e trabalhava escondido. Depois, quando a captura com malha foi autorizada, ele se destacou entre os colegas. Chegava a voltar com até 300 quilos de peixe na embarcação. Hoje, o lago já não é tão abundante quanto há uma década e meia, mas ele ainda chega com o barco cheio. Entre tilápias, tucunarés, carpas e traíras, soma 250 quilos de peixe por semana e perto de dois mil reais por mês. Bisa rema quase sete horas para chegar até a altura da Ermida Dom Bosco e, às vezes, dorme na mata e retorna para casa só na manhã seguinte. "É uma vida de muito trabalho, mas necessidade eu nunca passei", diz o pescador.

Lilian Tahan. Vivendo de pescaria. In: *Veja Brasília*, 2/10/2013 (com adaptações).

(ICMBIO – Nível Médio – Cespe – Maio/2014)

Julgue os próximos itens como Certo (C) ou Errado (E), relativo às ideias e às estruturas linguísticas do texto.

54. Com a devida alteração de maiúscula e minúscula, o ponto final imediatamente após a palavra "colegas" (l. 7) poderia ser substituído por vírgula, seguida do elemento articulador **visto que**.

55. O vocábulo "mas" (l. 8) é um elemento coesivo que introduz relação de conclusão entre a informação expressa no período de que faz parte e a informação expressa no período que o antecede.

Leia o texto a seguir para responder à questão 56.

Texto I

Construímos coisas o tempo todo, mas como saberemos quanto tempo vão durar? Se construirmos depósitos para resíduos nucleares, precisaremos ter certeza de que os contêineres vão resistir até que o material dentro deles não mais seja perigoso. E, se não quisermos encher o planeta de lixo, é bom sabermos quanto tempo leva para que plásticos e outros materiais se decomponham. A única forma de termos certeza é submetendo esses materiais a testes de estresse por cerca de 100 mil anos para ver como reagem. Então, poderíamos aprender a construir coisas que realmente duram – ou que se decompõem de uma forma "verde". Experimentos submeteriam materiais ao desgaste e a ataques químicos, como variações de alcalinidade, e, ainda, alterariam a temperatura ambiente para simular os ciclos de dia e noite e das estações. Com as técnicas de simulação em laboratórios de que dispomos atualmente, por exemplo, não se pode prever como será o desempenho da bateria de um carro elétrico nos próximos quinze anos. As simulações de computador podem, por fim, tornar-se sofisticadas a ponto de substituir experimentos de longo prazo. Enquanto isso, no entanto, precisamos adotar cautela extra ao construirmos coisas que precisam durar.

Kristin Persson. Como os materiais se decompõem? In: *Scientific American Brasil*, s/d, 2013 (com adaptações).

56. (ICMBIO – Nível Superior – Cespe – Maio/2014)

Acerca de aspectos estruturais do texto acima e das ideias nele contidas, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E):

A expressão "no entanto" (l. 12) poderia ser substituída pelo vocábulo **entretanto**, sem que houvesse prejuízo à correção gramatical e ao sentido do texto.

Leia o texto a seguir para responder à questão 57.

Tem um personagem de Voltaire que um dia descobre, encantado, que falou em prosa toda a sua vida, sem saber.

Estamos metidos em muito mais coisas do que nos damos conta. Pertencemos, simultaneamente, a vários sistemas que mal

compreendemos, começando pelo nosso próprio corpo e terminando pelo sistema solar, que, por sua vez, faz parte de outro sistema ainda maior e mais incompreensível. Coisas espantosas acontecem conosco, a cada segundo, pelo simples fato de existirmos. Agora mesmo, enquanto escrevo – ou enquanto você lê –, fatos fantásticos e dramáticos se desenrolam dentro de nós. Células se reproduzem aos milhões. Bando de bactérias percorrem nossas vias interiores, procurando encrenca. Nossos sucos se encontram e se misturam em alquimias inacreditáveis. E giramos em torno do Sol, que, por sua vez, se desloca pelo espaço, em alta velocidade, cuspindo fogo. Não podemos pedir dispensa do Universo e de suas explosões por razões de consciência. Estamos todos na mesma louca aventura. Você, eu e o vizinho. E, ainda por cima, falamos em prosa.

(Verissimo, Luis Fernando. *Orgias*. Porto Alegre, RS: L&PM Editores, 1989, p.80-1, Adaptado).

57. (ESAF – DNIT – Técnico Administrativo – 2013)

(Adaptada) Com relação ao desenvolvimento das ideias do texto, julgue a assertiva a seguir como " certa" ou " errada".

No período " Coisas espantosas (...) existirmos" (l. 5-6), o autor estabelece uma relação de causa e efeito em que a causa é inerente à própria existência humana, o que torna o efeito irreversível.

Leia o texto a seguir para responder à questão 58.

Em um regime democrático, todo poder emana do povo, prevalecendo a vontade da maioria sobre a vontade de indivíduos ou de grupos. Desse modo, o bom governante é aquele que compreende as demandas da população e se empenha em atendê-las. No entanto, numa democracia saudável, é também responsabilidade dos dirigentes tomar medidas que podem eventualmente desagradar a uma parte dos eleitores, pois eles devem administrar pensando no conjunto da sociedade que governam, e não na estridência de interesses insatisfeitos ou contrariados.

(Adaptado de *O Estado de S. Paulo*, 9/2/2014)

58. (ESAF – MF – Assistente Técnico Administrativo – 2014)

Em relação às estruturas linguísticas do texto, julgue a assertiva a seguir como " certa" ou " errada".

Preservam-se as relações sintáticas e a correção gramatical do período ao se substituir " No entanto" (l. 3) por qualquer um dos seguintes termos: Contudo, Entretanto, Porquanto, Uma vez que.

Leia o texto a seguir para responder à questão 59.

Ônibus lotados, alguns em péssimo estado, engarrafamentos, demora em chegar ao local desejado. A péssima qualidade do transporte coletivo é um problema que atinge muitas capitais brasileiras. Para especialistas em planejamento urbano, o crescimento desordenado pode ser apontado como o responsável por essa situação. Isso gera uma fragmentação de espaços que exige que as pessoas façam longos deslocamentos. Consequentemente, a maioria das grandes cidades hoje no Brasil, por terem essa característica, geram esses problemas de congestionamentos e transporte públicos lotados. Resolver estes problemas é alguns dos grandes desafios dos prefeitos nas médias e grandes cidades. Cabe a eles garantir a mobilidade das pessoas nos lugares onde elas vivem. O transporte público coletivo é responsabilidade das prefeituras e o usuário espera que funcione.

(Adaptado de http://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2012/08/veja-o-papel-das-prefeituras-quanto-aos-problemas-do-transporte-coletivo.html, acesso em 4/12/2012)

59. (DNIT – Técnico Administrativo – ESAF – 2013)

Assinale a estrutura sintática que, no texto, tem valor significativo de causa.

Parte superior do formulário

a) “ demora em chegar ao local desejado”(L. 1)

b) “ que atinge muitas capitais brasileiras.”(L. 2)

c) “ pode ser apontado como o responsável por essa situação.”(L. 3-4)

d) “ que as pessoas façam longos deslocamentos.”(L. 4-5)

e) “ por terem essa característica”(L. 5)

Gabarito: 1. c; 2. C; 3. a; 4. e; 5. e; 6. a; 7. d; 8. b; 9. c; 10. d; 11. b; 12. c; 13. b; 14. b; 15. a; 16. d; 17. a; 18. c; 19. b; 20. e; 21. E; 22. e; 23. E; 24. E; 25. a; 26. c; 27. C; 28. E; 29. C; 30. c; 31. b; 32. d; 33. d; 34. b; 35. c; 36. c; 37. b; 38. e; 39. e; 40. b; 41. e; 42. e; 43. d; 44. d; 45. c; 46. a; 47. c; 48. c; 49. d; 50. d; 51. a; 52. E; 53. E; 54. C; 55. E; 56. C; 57. certa; 58. errada; 59. e.

Conjunções é assunto certo em qualquer que seja a prova. É importante também para a interpretação e produção textual, pois dá ao texto coesão e coerência. Vamos resumir o que foi estudado no capítulo?

11.5. RESUMO

- Conjunções coordenativas relacionam orações, podendo indicar cinco ideias: aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas e explicativas.
- Conjunções subordinativas podem ser integrantes – sem valor adverbial (=isto) ou adverbiais (com valor semântico).
- Conjunções subordinativas adverbiais podem indicar nove valores semânticos (6 Cs + FTP): causais, concessivas, condicionais, conformativas, consecutivas, comparativas, finais, temporais, proporcionais.
- Na hora de classificar a conjunção, lembre-se de olhar a oração que vem após ela, não antes.
- A causa e o efeito são ideias que sempre caminham juntas. Se a conjunção iniciar a causa, será causal. Se iniciar a consequência, será consecutiva. Lembre-se de que, na linha do tempo, a causa antecede a consequência.
- As conjunções consecutivas e conclusivas, bem como as adversativas e concessivas são paráfrases: indicam a mesma ideia. Para não confundi-las, é essencial memorizar suas listas.

Parte III

Sintaxe

12 PREDICAÇÃO VERBAL

12.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

É a relação de dependência entre o verbo e seus complementos.

Os verbos *transitivos* e *intransitivos* exprimem, normalmente, *ação*, *fenômeno* e *movimento*.

12.1.1. Verbo intransitivo

Não necessita de um termo (objeto) que complete o seu sentido.

Exs.: a) Correm os dias, os meses, os anos.

b) O outono chegou.

c) O marido desapareceu entre as ruelas.

d) O rapaz chegou gravemente ferido ao hospital.

e) Falei bastante ontem.

f) Estudou bastante.

Comentários:

Em A, a frase está invertida. Na ordem, seria: "Os dias, os meses, os anos correm". O verbo não pede complemento (= objeto). Na B, o verbo encerra o período, também sem pedir *objeto*.

Nas frases de C a F, aparecem adjuntos adverbiais e predicativo após os respectivos verbos, e não objeto:

c) "entre as ruelas" (= adjunto adverbial de lugar);

d) "ferido" (= predicativo do sujeito); "ao hospital" (= adjunto adverbial de lugar);

e) "bastante" (= adjunto adverbial de intensidade); "ontem" (= adjunto adnominal de tempo);

f) "bastante" (= adjunto adverbial de intensidade).

Portanto, para a gramática, verbo **intransitivo** é aquele que denota *ação*, *movimento*, e não pede *complemento* (= objeto).

12.1.2. Verbo transitivo

O sentido do verbo é completado por um termo (objeto).

O objeto direto completa o verbo sem preposição obrigatória (amar, ajudar, adorar, namorar etc.).

Exs.: a) Essa atitude implicou sua demissão.

b) Falei a verdade.

Comentários:

Agora, aparecem verbos que pedem complemento direto (= objeto direto), *sem preposição* (*verbos transitivos diretos*):

"sua demissão" (= objeto direto)

"a verdade" (= objeto direto)

Já o objeto indireto completa o verbo com preposição obrigatória (obedecer, desobedecer, aludir, anuir, referir-se etc.).

Exs.: a) Obedece **a**os mais velhos.

b) Gostava **de** música.

c) Falei **a**os filhos.

Comentários:

Verbos como *obedecer* e *gostar* regem, obrigatoriamente, preposição. São *transitivos indiretos*.

Em "Falei aos filhos", o verbo falar, nessa frase, pede preposição a. Não teria sentido dizer "Falei os filhos".

"Obedecia aos mais velhos." (= objeto indireto)

"Gostava de música." (= objeto indireto)

"Falei aos filhos." (= objeto indireto)

O verbo pode pedir dois complementos. Trata-se do objeto direto e indireto. Um sem preposição e o outro com preposição (avisar, comunicar, certificar, informar, proibir etc.).

Exs.: a) Comuniquei o ocorrido aos pais.

b) Falei a verdade aos filhos.

Comentários:

Quando o verbo pede dois complementos, é chamado de *transitivo direto e indireto* (um termo sem preposição, o outro, com preposição):

"*o ocorrido* (= objeto direto) *aos pais* (= objeto indireto)"

"*a verdade* (= objeto direto) *aos filhos* (= objeto indireto)"

12.1.3. Verbo de ligação

O verbo estabelece uma ligação entre o sujeito e seu atributo ou característica (= predicativo).

Exs.: a) Eu sou **feliz**. (predicativo do sujeito)

b) Estava **cansado**. (predicativo do sujeito)

c) Ele acha-se **triste**. (predicativo do sujeito)

Comentários:

O *verbo de ligação*, que, diferentemente dos transitivos e intransitivos – que denotam *ação*, *movimento* – traz uma ideia de *estado*. Geralmente são os verbos *ser*, *estar*, *ficar*, *parecer*, *continuar*, *achar-se* etc.

Fundamentalmente, o seu papel é o de ligar o sujeito a sua *característica*, *qualidade*, a seu *atributo* (= predicativo do sujeito). Logo, *se o verbo é de ligação*, não temos objeto na frase, e sim *predicativo do sujeito*.

Nas frases A, B, C, *feliz*, *cansado* e *triste* são adjetivos que caracterizam o sujeito, e os verbos ser, estar e achar-se, indicam estado, de ligação.

Importante: Na maioria das vezes, a predicação do verbo só pode ser determinada na frase, e não isoladamente. O mesmo verbo que em um contexto possui uma determinada transitividade, em outro vem com transitividade diferente.
Observe que mostramos isso com o verbo falar:
Falei bastante ontem. (verbo intransitivo)
Falei a verdade. (verbo transitivo direto)
Falei aos filhos. (verbo transitivo indireto)
Falei a verdade aos filhos. (verbo transitivo direto e indireto)

Vamos fixar os conceitos? Dê a predicação dos verbos nas frases seguintes.

1. As crianças **brincavam** alegremente no pátio.

   Comentários: O verbo *brincar*, nesta frase, não pede complemento. Após esse verbo aparecem circunstâncias (adjuntos adverbiais) de modo – *alegremente* – e de lugar – *no pátio*.

   Resposta: verbo intransitivo.

2. Muitos amigos **chegaram** cedo.

   Comentários: A palavra cedo indica o tempo da chegada, adjunto adverbial. Não há objeto (= complemento).

   Resposta: verbo intransitivo.

3. O salão **estava** todo pintado.

   Comentários: O verbo *estar* liga o sujeito (*salão*) a seu predicativo (*pintado*), indicando *estado*.

   Resposta: verbo de ligação.

4. Márcia **deu** um brinde a cada participante.

Comentários: Nessa frase, o verbo dar pede dois complementos:

"… deu um brinde…" (sem preposição – objeto direto)

"… deu a cada participante (com preposição – objeto indireto)

"Márcia deu um brinde a cada participante."

Resposta: verbo transitivo direto e indireto.

5. Muitas pessoas **receberam** donativos.

Comentários: O vocábulo *donativos* completa o sentido do verbo sem preposição, é objeto direto.

Resposta: verbo transitivo direto.

6. **Confiei** em suas palavras.

Comentários: Repare que, nesse período, se retirarmos a preposição *em*, a frase fica sem sentido. É porque o verbo *confiar* pede obrigatoriamente essa preposição ("Confiei em suas palavras").

Resposta: verbo transitivo indireto.

7. **Ficamos** contentes com seu retorno.

Comentários: Em "Ficamos contentes", o termo destacado não é objeto, porque mostra um estado do sujeito (*Nós*). Palavra que indica *estado*, *qualidade*, *característica* do sujeito é *predicativo*.

Além disso, o verbo *ficar* mostra uma *mudança de estado* e não uma *ação*, um *movimento*.

Resposta: verbo de ligação.

8. **Ofereci** uma recompensa aos funcionários.

Comentários: Mais um verbo que pede, na frase em que se encontra, dois complementos: um sem preposição, o outro com preposição:

"Ofereci uma recompensa…" (sem preposição – objeto direto)

"Ofereci aos funcionários…" (com preposição – objeto indireto)

Resposta: verbo transitivo direto e indireto.

9. **Pedi** a conta e **saí** do restaurante.

Comentários: Esse período traz dois verbos com transitividades diferentes: "Pedi a conta…", "… saí do restaurante". Na primeira passagem, o complemento do verbo aparece sem preposição (*a conta* – objeto direto); na segunda, temos uma ideia circunstancial (*do restaurante* – adjunto adverbial de lugar), e não objeto indireto.

Resposta: verbo transitivo direto e verbo intransitivo.

10. O mar **parecia** traiçoeiro naquela manhã.

Comentários: Mais um verbo cuja finalidade é ligar o sujeito a sua característica (predicativo). O vocábulo *traiçoeiro* é um adjetivo que se refere ao sujeito, é, portanto, um predicativo do sujeito. Como o verbo não indica ação nem movimento, não pode ser transitivo nem intransitivo.

Resposta: verbo de ligação.

11. **Trouxe** a lembrança de Natal.

Comentários: Aqui, temos um complemento do verbo *trazer* sem preposição (*a lembrança*) e uma locução que indica o lugar, a origem (*de Natal*), que funciona como adjunto adverbial.

Resposta: verbo transitivo direto.

12. Não **existem** mais sentimentos verdadeiros.

Comentários: Observe, primeiro, que a frase está invertida. Na ordem, teríamos: "Sentimentos verdadeiros não existem mais". Com isso, nos certificamos de que o verbo *existir* não pede complemento (= objeto), já que *mais* acrescenta ao verbo uma ideia de tempo, adjunto adverbial, pois.

Resposta: verbo intransitivo.

13. A moça **vivia** preocupada.

Comentários: O verbo *vivia*, nesta construção, indica um *estado* permanente, ligando o sujeito (*A moça*) ao seu predicativo (*preocupada*).

Resposta: verbo de ligação.

14. Ela **ficou** esperançosa.

Comentários: Mais um verbo que tem o papel de *ligar* o sujeito a seu estado, característica, qualidade (predicativo).

Resposta: verbo de ligação.

15. Ela **ficou** no escritório.

Comentários: Veja agora a diferença: *no escritório* indica o *lugar* onde *ela ficou*. Nesse caso, o verbo não *liga* nada. Não há predicativo nem objeto, e sim adjunto adverbial de lugar.

Resposta: verbo intransitivo.

16. **Fomos** a Fortaleza.

Comentários: Outra frase que mostra uma expressão (*a Fortaleza*) cuja finalidade é se referir ao verbo indicando uma circunstância (adjunto adverbial).

Resposta: verbo intransitivo.

17. **Lembrou-se** dos amigos.

18. **Lembrei** a data do seu aniversário.

Comentários: Em regência, vimos que o verbo *lembrar* pode aparecer com ou sem o pronome. Se vier *com* o pronome (*lembrar-se*) pede preposição; *sem* o pronome (*lembrar*), não pede preposição.

Respostas: 17. verbo transitivo indireto; 18. verbo transitivo direto.

19. **Surgem** os primeiros raios de sol.

Comentários: Assim como na frase 12, essa também mostra uma inversão dos termos. Na ordem, seria: "Os primeiros raios de sol surgem". Logo, não pede nenhum tipo de complemento, o sentido fica completo.

Resposta: verbo intransitivo.

20. Ninguém **reparou** nos maus modos daquela menina.

21. O pedreiro **reparou** o muro parcialmente destruído.

Comentários: Esses períodos são exemplos de verbos que, dependendo do sentido, mudam a predicação. Na frase 20, o *reparar* (= *dar atenção*, *dar importância*), pede preposição.

Já na 21, esse mesmo verbo equivale a *restaurar*, *fazer conserto*. Nesse caso, não pede preposição.

Respostas: 20. verbo transitivo indireto; 21. verbo transitivo direto.

Já que você consegue detectar a classificação de um verbo, o próximo passo é aprender os tipos de predicado.

12.1.4. Tipos de predicado

Predicado: é o que se declara acerca do sujeito. Divide-se em **verbal**, **nominal** e **verbo--nominal**.

Verbal: não tem predicativo. O verbo **não** indica estado.

Ex.: O funcionário chegou.

Nominal: tem **predicativo**. O verbo indica **estado**.

Ex.: O funcionário estava contente.

Verbo-nominal: o verbo **não** indica estado. Tem **predicativo** (do sujeito ou do objeto).

Ex.: O funcionário chegou contente.

Vamos treinar?

Separar o sujeito e classificar o predicado.

1. Os jovens cantavam uma bela canção.

Sujeito: Os jovens

Predicado: cantavam uma bela canção

Comentários: O predicado não possui predicativo. Quando isso ocorre o predicado só pode ser verbal.

Resposta: predicado verbal.

2. Os jovens pareciam felizes.

Sujeito: Os jovens

Predicado: pareciam felizes

Comentários: Agora, temos no predicado a presença de um verbo de ligação (indica estado) e de predicativo (*felizes*).

Resposta: predicado nominal.

3. Os jovens cantavam uma bela canção felizes.

Sujeito: Os jovens

Predicado: cantavam uma bela canção felizes

Comentários: Nesse período, há um verbo que não indica estado (*cantavam*) e predicativo (*felizes*). Se o verbo *não* indica estado, o predicado é *verbal*; se há predicativo, o predicado é *nominal*. Como nessa construção há as duas ocorrências, o predicado é verbo-nominal.

Resposta: predicado verbo-nominal.

4. Achei-o competente.

Sujeito: (*Eu*)

Predicado: Achei-o competente

Comentários: Observe que o adjetivo *competente* se refere ao objeto direto (*o*), qualificando-o. Esse adjetivo, sintaticamente, funciona como *predicativo do objeto*. Aparecendo predicativo do objeto no predicado, só pode ser classificado como verbo-nominal.

Resposta: predicado verbo-nominal.

5. O desenvolvimento depende da produtividade.

Sujeito: O desenvolvimento

Predicado: depende da produtividade

Comentários: O verbo *depende não* indica estado e *não há predicativo* na frase.

Resposta: predicado verbal.

6. O desenvolvimento é um processo complexo.

Sujeito: O desenvolvimento

Predicado: é um processo complexo

Comentários: Agora temos um verbo de *ligação* (*é* – indicando estado) e predicativo do sujeito.

Resposta: predicado nominal.

12.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

Dê a predicação dos verbos sublinhados seguindo este código:

(1) verbo intransitivo (4) verbo transitivo direto e indireto

(2) verbo transitivo direto (5) verbo auxiliar (usado na locução verbal)

(3) verbo transitivo indireto (6) verbo de ligação:

(6a) estado permanente

(6b) estado passageiro

(6c) mudança de estado

(6d) continuidade de estado

(6e) aparência

1. ( ) Ela <u>ligou</u> o ferro silenciosa.

2. ( ) Impecável, <u>transitava</u> o marido pelo tempo.

3. ( ) Paulo <u>está</u> adoentado.

4. ( ) Paulo <u>está</u> no hospital.

5. ( ) As discussões <u>continuaram</u> pela noite.

6. ( ) <u>Permaneciam</u> abertas as listas de adesão às emendas.

7. ( ) Um congressista <u>compareceu</u> à sessão preocupado.

8. ( ) <u>Deve</u> chover bastante.

9. ( ) Eu <u>sou</u> sempre a estrela matutina.

10. ( ) <u>Surgiu</u>, pela esquina, assobiando.

11. ( ) Os operários <u>perfuravam</u> a rocha com suas brocas e picaretas.

12. ( ) <u>Existe</u> em Nova Lima uma importante mina de ouro.

13. ( ) <u>Contou</u>-me um amigo uma história exemplar.

14. ( ) Uma das janelas vivia aberta.

15. ( ) Estava, naquele dia, em Friburgo.

16. ( ) Ela parece triste.

17. ( ) Distribuímos as cartas na mesa.

18. ( ) Chegamos alegres.

19. ( ) José caiu doente.

20. ( ) " Aquela estrela no peito é uma predestinação, símbolo ao mesmo tempo de fulgor e solidão."

Gabarito: 1. (2) ferro: objeto direto / silenciosa: predicativo do sujeito; 2. (1) impecável: predicativo do sujeito / pelo tempo: adjunto adverbial; 3. (6b) adoentado: predicativo do sujeito; 4. (1) no hospital: adjunto adverbial; 5. (1) pela noite: adjunto adverbial; 6. (6d) abertas: predicativo do sujeito; 7. (1) à sessão: adjunto adverbial / preocupado: predicativo do sujeito; 8. (5); 9. (6a) estrela: predicativo do sujeito; 10. (5); 11. (2) rocha: objeto direto / com suas brocas e picaretas: adjunto adverbial (instrumento); 12. (1) em Nova Lima: adjunto adverbial; 13. (4) história: objeto direto / me: objeto indireto; 14. (6a) aberta: predicativo do sujeito; 15. (1) naquele dia: adjunto adverbial / em Friburgo: adjunto adverbial; 16. (6e) triste: predicativo do sujeito; 17. (2) as cartas: objeto direto / na mesa: adjunto adverbial; 18. (1) alegres: predicativo do sujeito; 19. (6c) doente: predicativo do sujeito; 20. (6a) predestinação/símbolo: predicativo do sujeito.

12.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

A seguir, observe como são trabalhadas as questões de predicação verbal nas provas de concursos públicos.

1. (MPU – FCC) *… elas também causam impactos significativos na agricultura e na saúde humana.*

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o do grifado acima está na frase:

a) … grandes pinheiros brotam por toda parte.

b) … mas que chegaram ao Brasil…

c) … e aqui encontraram espaço…

d) …o búfalo e o pinus são apenas espécies exóticas.

e) … e competindo com elas por alimento.

Comentários:

O verbo da frase do enunciado é transitivo direto, vem seguido de seu objeto direto *impactos significativos*. Observe que a expressão *na agricultura e na saúde humana* não pode ser considerada objeto do verbo, é seu adjunto adverbial de lugar (responde à pergunta *onde?*).

Na letra A, tem-se um verbo intransitivo, seguido de um adjunto adverbial de lugar (*por toda parte*). Na letra B, o mesmo acontece: o verbo *chegar* é intransitivo, porque não vem seguido de complemento, e sim de circunstância lugar (*ao Brasil*), que, na sintaxe, é chamada de adjunto adverbial de lugar. É na letra C que encontramos um outro verbo transitivo direto, seguido de seu objeto direto *espaço.* Na letra D, temos um verbo de ligação, que liga o sujeito *o búfalo e o pinus* ao seu predicativo *espécies exóticas*. Por fim, a letra E, que traz um verbo transitivo indireto, com seu objeto indireto *com elas* e seu adjunto adverbial de causa *por alimento.*

Resposta: C.

2. (Cesgranrio) O verbo virar foi usado da mesma maneira que em "… o trabalho vira dinheiro." Em:

a) O pintor tropeça e vira a lata de tinta.

b) O mar, que estava de ressaca, virou o barco.

c) O petróleo, depois de devidamente processado, vira gasolina.

d) O mecânico, quando faz uma boa revisão, vira o carro do avesso.

e) Os policiais viraram todo o carro à procura de novas pistas.

Comentários:

A transitividade de um verbo é algo relativo, depende da frase. O verbo da frase do enunciado indica mudança de estado: o trabalho *se transforma* em dinheiro; é, portanto, verbo de ligação. Nas letras A, B, D e E, o verbo *virar* indica ação, movimento, sendo, nas quatro frases, transitivo direto. Apenas na letra C, o verbo *virar* vem indicar, mais uma vez, mudança de estado, sendo, portanto, classificado como verbo de ligação, com seu predicativo *gasolina*.

Resposta: C.

13 TERMOS DA ORAÇÃO

13.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Primeiramente, vamos conhecer os termos **integrantes** da oração. E, logo depois, os acessórios.

13.1.1. Termos integrantes

a) Objeto direto: complemento que integra a significação do verbo **sem o auxílio de preposição obrigatória.**

Ex.: A crise financeira estimulou a crença no intervencionismo do Estado. (estimulou-a)

b) Objeto indireto: complemento que integra a significação do verbo, ligando-se a este por meio de **preposição obrigatória**.

Ex.: As alunas responderam ao professor. (responderam-lhe)

c) Complemento nominal: complemento **preposicionado** de um substantivo, de um adjetivo ou de um advérbio.

Obs.: Quando esse termo preposicionado completa o substantivo, tem valor passivo. Se o termo preposicionado completar adjetivo ou advérbio, só pode ser complemento nominal.

Ex.: Venda de armas.

(subst. abstr.) (ideia passiva – as armas foram vendidas)

Estou certo da vitória.

(adj.)

Favoravelmente aos empresários.

(adv.)

d) Agente da passiva: termo preposicionado que **exerce a ação verbal** na voz passiva.

Ex.: Ele foi reconhecido pela mulher.

Só fixando, mesmo, para ver o assunto ficou claro: vamos misturar todos os termos integrantes...

Importante!

Lembre sempre que objeto (direto – sem preposição – ou indireto – com preposição) é complemento de verbo; complemento nominal é complemento preposicionado de nome substantivo, adjetivo ou advérbio; o agente da passiva é o termo preposicionado que pratica a ação verbal na voz passiva.

Classifique os termos sublinhados usando (1) para objeto direto; (2) objeto indireto; (3) complemento nominal; e

(4) agente da passiva.

1. ( ) Precisávamos de tua ajuda.

Comentários: A expressão *preposicionada* completa o sentido do *verbo* transitivo indireto.

Resposta: 2.

2. ( ) Tinha certeza de sua chegada.

Comentários: O vocábulo certeza é substantivo (nome) seguido de expressão preposicionada.

Resposta: 3.

3. ( ) Estava certo de sua chegada.

Comentários: A expressão destacada completa um adjetivo (nome) com preposição.

Resposta: 3.

4. ( ) Comemoramos a sua promoção.

Comentários: Agora, o *complemento do verbo* vem sem preposição.

Resposta: 1.

5. ( ) Sua promoção foi comemorada pelos familiares.

Comentários: Observe que nesse período o sujeito recebe a ação verbal ("A promoção *foi comemorada*"), é um sujeito paciente. A expressão sublinhada é o termo que age na voz passiva.

Resposta: 4.

6. ( ) Necessito de um favor seu.

Comentários: Mais uma frase em que a preposição aparece por exigência de um verbo.

Resposta: 2.

7. ( ) Tinha necessidade de sua presença.

Comentários:

Confronte essa frase com a anterior. Aqui, o termo preposicionado completa um *nome substantivo* (necessidade), e não um verbo.

Resposta: 3.

8. ( ) Demoliram aquele prédio antigo.

Comentários: O verbo *demolir* não pede preposição, é transitivo direto. Logo, no complemento, não aparece preposição.

Resposta: 1.

Por fim, os termos **acessórios**, aqueles que a gramática classifica como dispensáveis na frase:

13.1.2. Termos acessórios

a) Adjunto adnominal: "termo que limita, individua a significação de um substantivo."

Ex.: Dois alunos; O / Um aluno; Aluno inteligente / de inteligência.

(num.) (art.) (adj.) (loc.adj.)

Meu aluno; Invasão dos mosquitos.

(pron.) (loc.adj.)

b) Adjunto adverbial: vocábulo ou expressão que denota alguma circunstância (tempo, lugar, modo...) do fato expresso pelo verbo. Pode ainda modificar o adjetivo ou o próprio advérbio.

Ex.: Falavam muito; Homem muito bom; Saíram muito cedo.

(verbo) (adj.) (adv.)

Falava sobre música; Correu de medo; Estava em casa.

(verbo) (verbo) (verbo)

c) Aposto: "termo de natureza substantiva ou pronominal que se acrescenta a outro substantivo ou pronome." Os tipos de aposto são:

1. explicativo: Machado de Assis, um dos maiores nomes da nossa literatura, escreveu livros inesquecíveis.

2. enumerativo: Naquele instante, recorri a dois amigos: Gilson e Itamar.

3. distributivo: Érico Veríssimo e José de Alencar foram grandes escritores brasileiros, este do Romantismo e aquele do Modernismo.

4. resumitivo: Empresários, trabalhadores, ninguém confia em nossos governantes.

5. especificativo: A cidade de Paris é encantadora.

6. *em referência a uma oração: Ele agora trabalhava com dedicação, o que é elogiável.

*Obs.: Esse tipo de aposto é representado, normalmente, pelo pronome demonstrativo o ou pelos substantivos coisa, razão, motivo etc.

d) Vocativo: termo que se usa para chamar por alguém ou coisa personificada.

Ex.: José, venha cá.

e) Predicativo: qualidade atribuída ao sujeito ou ao objeto.

Ex.: Todos voltaram satisfeitos.

(suj.) (predicativo do sujeito)

Considero-o apto.

(o.d.) (predicativo do objeto)

Vejamos alguns exercícios de fixação.

Classifique os termos sublinhados usando (1) para adjunto adnominal; (2) adjunto adverbial; (3) aposto; (4) vocativo; (5) predicativo do sujeito; e (6) predicativo do objeto.

1. ( ) Bom dia, meu caro senhor!

Comentários: Quando chamamos por alguém, ou coisa personificada, tem-se o vocativo.

Resposta: 4.

2. ( ) Chegou ao escritório às nove horas.

Comentários: Nesse período, os termos preposicionados se referem ao *verbo* indicando, respectivamente, *circunstâncias* de lugar e tempo.

Resposta: 2.

3. ( ) Fernanda, a representante da turma, saiu neste instante.

Comentários: Quando um substantivo (*representante*) ou pronome se refere a outro substantivo (*Fernanda*), temos o aposto. Como a finalidade é explicar, esclarecer o termo anterior, o aposto é chamado de explicativo.

Resposta: 3.

4. ( ) Cinema, rádio, televisão, nada o distraía.

Comentários: Agora, o pronome *nada* se refere aos substantivos com a intenção de resumir a informação prestada por esses termos. O aposto é resumitivo.

Resposta: 3.

5. ( ) ( ) Ao longe, uma nuvem surgiu carregada.

Comentários: A expressão *Ao longe* remete ao *lugar* onde *surgia* a nuvem. Na segunda ocorrência, o adjetivo *carregada* se refere ao sujeito *nuvem*.

Respostas: 2 e 5.

6. ( ) Chamou o amigo de ingrato.

Comentários: Temos em *de ingrato* uma característica atribuída ao objeto direto *amigo*.

Resposta: 6.

7. ( ) ( ) ( ) As minhas sugestões eram simples.

Comentários: Repare que o substantivo *sugestão* vem delimitado pelo artigo (*As*) e pelo pronome (*minhas*). Essas palavras vêm *junto* ao nome substantivo. Já o adjetivo *simples* se refere ao substantivo *sugestões*, que funciona como sujeito, e vem *separado* por um verbo, e não junto.

Respostas: 1, 1 e 5.

8. ( ) ( ) Coração sem amor é um campo minado.

Comentários: A locução *sem amor*, preposicionada, vem junto ao substantivo *coração*, assim como o adjetivo *minado* vem *junto* ao substantivo *campo*.

Respostas: 1 e 1.

9. ( ) ( ) As suas mãos tremiam de medo.

Comentários: O pronome *suas*, ao lado do substantivo, delimita as *mãos*, já a expressão *de medo* se refere ao *verbo* indicando circunstância de causa.

Respostas: 1 e 2.

10. ( ) ( ) O velho ranzinza arquejava cansado.

Comentários: O adjetivo *ranzinza* vem *junto* ao substantivo *velho* e o adjetivo *cansado*, separado pelo verbo, se refere ao sujeito.

Respostas: 1 e 5.

Resumindo: Cuidado com os termos **preposicionados**!

objeto indireto x adjunto adverbial
Objeto indireto
Completa o sentido de um verbo transitivo indireto (com preposição obrigatória). Não há ideia circunstancial.
Ex.: Lembrou-se do ocorrido.
Adjunto adverbial
Refere-se ao verbo acrescentando a ele uma ideia circunstancial (tempo, lugar, modo, causa, intensidade...).
Ex.: Chegamos ao anoitecer (ideia de tempo).

complemento nominal x adjunto
Complemento nominal
Sempre preposicionado.
Completa um substantivo, um adjetivo ou um advérbio. Quando completa um substantivo, a expressão preposicionada tem valor passivo.
Ex.: Reforma da praça.
(subst.) (ideia passiva = a praça foi reformada)
Adjunto adnominal
Aparecendo preposição, a ideia é ativa.
Ex.: Construção do arquiteto.

(subst.) (ideia ativa = o arquiteto construiu)

Obs.: essa dúvida é mais frequente quando o termo preposicionado completa substantivo abstrato (indica ação, sentimento, qualidade – protesto, viagem, amor, tristeza, reforma, construção...)

adjunto adnominal x predicativo do objeto

Adjunto adnominal

Termo acessório, pode ser retirado da frase sem prejuízo do seu sentido.

Ex.: Fizeram perguntas tolas.

Predicativo do objeto

Aparece por extensão semântica do verbo. Sua retirada prejudica o perfeito entendimento da frase.

Ex.: Julguei as suas perguntas tolas.

Mais questões para exercitar.

Use os seguintes códigos para classificar as frases.

(1) objeto indireto

(2) adjunto adverbial

(3) adjunto adnominal

(4) predicativo do sujeito

(5) predicativo do objeto

(6) aposto

(7) complemento nominal

(8) agente da passiva

1. ( ) Os profissionais competentes enfrentaram muitas dificuldades.

Comentários: Adjetivo que vem *junto* ao substantivo é adjunto adnominal.

Resposta: 3.

2. ( ) Os profissionais eram muito competentes.

Comentários: Agora, o mesmo adjetivo vem separado por um verbo e se refere ao sujeito.

Resposta: 4.

3. ( ) Consideramos aqueles profissionais competentes.

Comentários: Repare que, embora o adjetivo venha junto ao substantivo, que funciona como objeto direto, a retirada desse vocábulo prejudica o entendimento da frase (consideramos aqueles profissionais...?). Qual é a consideração sobre eles? Logo, não pode ser classificado como adjunto adnominal.

Resposta: 5.

4. ( ) O rapaz foi preso pelo detetive.

Comentários: O termo sublinhado *exerce a ação verbal* na voz passiva (o detetive age, prende o ladrão).

Resposta: 8.

5. ( ) Tinha grande amor à humanidade.

Comentários: A expressão sublinhada completa o sentido de um nome substantivo com preposição. Há ideia passiva (a humanidade *recebe* a ação do *amor*, a humanidade não ama, não é ativa).

Resposta: 7.

6. ( ) O coração não resistiu à emoção.

Comentários: O verbo *resistir* pede preposição obrigatória (*à emoção* completa o sentido de um verbo transitivo indireto).

Resposta: 1.

7. ( ) Existe, nesta cidade, um clima de paz.

Comentários: A expressão sublinhada indica o *lugar* onde *existe* um clima de paz.

Resposta: 2.

8. ( ) Rui, o orador, logo se pronunciou.

Comentários: Um substantivo (*orador*) que determina, explica outro substantivo (Rui).

Resposta: 6.

9. ( ) Beber demais é prejudicial à saúde.

Comentários: Nesse período, *à saúde* completa o sentido do *nome adjetivo* (*prejudicial*) com preposição.

Resposta: 7.

10. ( ) A felicidade dos candidatos contagiava o ambiente.

Comentários: A expressão destacada se refere ao substantivo, vem junto. Repare que em construções como essa é comum confundir adjunto adnominal com complemento nominal. Nesse caso, verifique a ideia do *termo preposicionado*: se for ativa, será adjunto adnominal; se for passiva, complemento nominal.

Em "A felicidade dos candidatos", eles estavam felizes, ideia ativa, portanto.

Resposta: 3.

11. ( ) Tinha necessidade de afeto.

Comentários: Mais um termo preposicionado em relação ao nome, só que com ideia passiva (*o afeto* recebe a ação do nome, é uma necessidade voltada *ao afeto*, e não *o afeto* necessita de algo).

Resposta: 7.

12. ( ) ( ) Os candidatos chegaram apressados ao local da prova.

Comentários: O adjetivo *apressados*, separado por um verbo, se refere ao *sujeito*; *ao local da prova* indica *o lugar* a que chegaram.

Respostas: 4 e 2.

13.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Classifique os termos acessórios sublinhados usando o seguinte código:

(1) adjunto adnominal (3) aposto

(2) adjunto adverbial (4) vocativo

1. ( ) Na ausência do marido, a mulher responderá pela dívida.

2. ( ) Para quem mora na cidade existem dois espaços bem diferenciados: o morro e a rua.

3. ( ) Evento realizado nesta semana em São Paulo.

4. ( ) A cidade de Florianópolis é encantadora.

5. ( ) Os cidadãos de Florianópolis estão mais confiantes no governo.

6. ( ) Eram habitantes daquele lugar onde se matam pobres.

7. ( ) A pobre Antônia tem, nos olhos grandes, uma tristeza milenar.

8. ( ) "Brasil, mostra a tua cara."

9. ( ) Os meninos correram de medo.

10. ( ) Era esposa descuidada.

11. ( ) Um dia notou a mulher um leve afrouxar-se das pálpebras.

12. ( ) Realizaram ações de vulto.

13. ( ) ( ) ( ) "Uma língua é uma coisa bela, mutável e misteriosa como um arco-íris."

14. ( ) Se a reforma é tão pequena, para que fazê-la?

15. ( ) Ele agora trabalhava com dedicação, o que é elogiável.

II. Distinga o adjunto adnominal (1) do complemento nominal (2).

Obs.: Aqui, trataremos apenas dos termos preposicionados.

1. ( ) Era um homem de juízo.

2. ( ) Tinha horror à pasteurização.

3. ( ) Ninguém fica indiferente à publicidade.

4. ( ) O código de trânsito vai ser incluído no currículo escolar.

5. ( ) A imaginação das agências é inesgotável.

6. ( ) Estamos no país da "solucionática".

7. ( ) Gastava rios de dinheiro com regozijo.

8. ( ) Este ano haverá treinamento de professores.

9. ( ) As palmas do público ecoavam por todo o teatro.

10. ( ) Tinham certeza da vitória.

III. Use (1) adjunto adverbial; (2) objeto indireto; (3) objeto direto; (4) objeto direto preposicionado; (5) adjunto adnominal; e (6) predicativo do objeto para classificar os termos sublinhados.

1. ( ) Tratou do assunto com calma.

2. ( ) Aludiu às conquistas do avô.

3. ( ) Agora esperava por uma oferta.

4. ( ) Vi ontem um filme.

5. ( ) Transmitiu aos rapazes segurança.

6. ( ) Apesar das dificuldades, venceremos.

7. ( ) Chamam-no de artista.

8. ( ) Não consideraram os votos em branco.

9. ( ) Agora o tinham por ídolo.

10. ( ) ( ) Aquele amor impossível deixava-o impaciente.

11. ( ) Duvidei de suas palavras.

12. ( ) Amou aos pais com grandeza de alma.

13. ( ) Enfrentava as dificuldades sem reclamar.

14. ( ) Ele entrou pela porta da frente.

15. ( ) Ele entrou pela porta da frente.

IV. Use: (1) predicativo do sujeito; (2) agente da passiva; (3) aposto; (4) adjunto adverbial; (5) complemento nominal; e (6) adjunto adnominal para classificar os termos em destaque nas seguintes frases.

1. ( ) Recuperadas, as antigas fazendas de café do Rio de Janeiro abrem as portas a visitantes.

2. ( ) "Naquele casal aliava-se tudo que é nobre: o amor e a confiança. É este o segredo dos casamentos felizes."

3. ( ) A felicidade do filho era contagiante.

4. ( ) "Por maior que seja a tranquilidade de um homem quando resolve abandonar a vida, é-lhe sempre agradável achar um pretexto para prolongá-la um pouco mais."

5. ( ) A cidade do Rio de Janeiro continua linda.

6. ( ) O povo do Rio de Janeiro demonstra o seu inconformismo diante da violência.

7. ( ) "Um dia se descobriu num gesto longo e demorado olhando a esquife longamente."

8. ( ) As salas de aula estão cheias de crianças e jovens.

9. ( ) As ruas foram lavadas pela chuva.

10. ( ) ( ) "Se é para o bem de todos e felicidade geral da nação, diga ao povo que fico!" (D. Pedro I)

11. ( ) Fumar é prejudicial à saúde.

12. ( ) Vivia cercado de amigos sinceros.

13. ( ) ( ) Os meios de comunicação e as novas tecnologias mudaram a vida das pessoas.

14. ( ) O amor ao próximo era a sua maior virtude.

15. ( ) Pegou um pano úmido e, silenciosa, ligou o ferro.

16. ( ) Qualquer forma de violência deve ser desprezada.

17. ( ) A difusão da violência é iminente.

18. ( ) Percebe-se com frequência a sabotagem do idioma.

19. ( ) O significado das palavras, em geral, se dá no contexto.

20. ( ) As crianças saíram do cinema apressadas.

21. ( ) Montes, rios, ervas, árvores, terra – tudo é manifestação da vida de Deus.

Gabarito: I – 1. (1); 2. (3); 3. (2); 4. (3); 5. (1); 6. (1); 7. (2); 8. (4); 9. (2); 10. (1); 11. (2); 12. (1); 13. (1)(1)(1); 14. (2); 15. (3). **II** – 1. (1); 2. (2); 3. (2); 4. (1); 5. (1); 6. (1); 7. (1); 8. (2); 9. (1); 10. (2). **III** – 1. (1); 2. (2); 3. (4); 4. (3); 5. (2); 6. (1); 7. (6); 8. (5); 9. (6); 10. (5)(6); 11. (2); 12. (4); 13. (3); 14. (5); 15. (1). **IV** – 1. (1); 2. (3); 3. (6); 4. (5); 5. (3); 6. (6); 7. (4); 8. (5); 9. (2); 10. (6)(6); 11. (5); 12. (2); 13. (6)(6); 14. (5); 15. (1); 16. (6); 17. (5); 18. (5); 19. (6); 20. (1); 21. (3).

13.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Algumas questões de concursos para você treinar:

1. (FCC) A alternativa em que o elemento sublinhado indica o agente e não o paciente do termo anterior é:

a) "A utilização de qualquer um deles."

b) "A queima do petróleo."

c) "Inundação de vastas áreas."

d) "A fauna aquática dos rios."

e) "Construção de barragem."

Comentários:

Ora, ao se pedir o elemento agente e não paciente, excluem-se as hipóteses de ser o termo um objeto indireto ou um complemento nominal: tanto um quanto outro, por serem complementos, o primeiro de verbo e o segundo de nome, possuem valor passivo.

Na letra A, temos um substantivo abstrato *utilização*, seguido de uma expressão preposicionada com valor passivo (*de qualquer um deles*). Basta reescrever a frase e você verá tal valor passivo: *qualquer um deles é utilizado*. É, portanto, complemento nominal. Nas letras B, C e E, a história se repete: temos substantivos abstratos (*queima, inundação* e *construção*), seguidos de seus complementos, todos com valor passivo. Como dissemos anteriormente, procure reescrever as frases e você verá o valor passivo: *o petróleo é queimado* (letra B); *vastas áreas são inundadas* (letra C) e *a barragem é construída* (letra E). Todas as três alternativas sendo, portanto, complementos nominais.

Somente na letra D encontramos uma expressão preposicionada que se refere a um substantivo concreto (*fauna*). Veja também a ideia de posse que essa expressão traz: *os rios possuem a fauna aquática*. O adjunto adnominal, que as gramáticas mencionam ter um valor ativo, pode também trazer, quando junto ao substantivo concreto, um valor de posse. E isso pode ajudar você a identificá-lo mais facilmente na frase.

Resposta: D.

2. (TJ – NCE) O item a seguir em que o termo destacado representa um agente e não um paciente do termo anterior é:

a) código de trânsito.

b) educação para o trânsito.

c) formação do magistério.

d) treinamento de professores.

e) atender a mais esta nova exigência.

Comentários:

Mais uma vez: em todas as alternativas haverá elementos sintáticos com valor passivo (objetos indiretos ou

complementos nominais), só em uma frase isso não ocorrerá.

Na letra A, o termo preposicionado não traz ideia passiva. A expressão **de trânsito** especifica o substantivo, ideia ativa.

Na letra B, tem-se um substantivo abstrato (*educação*), seguido de uma expressão com valor passivo (o trânsito não forma, ele é *alvo* da "formação", *recebe* essa "formação"). Na letra C, mais um substantivo abstrato seguido de uma expressão com valor passivo. Reescreva a frase e verá: *o magistério é formado*. O mesmo ocorre na letra D: substantivo abstrato (*treinamento*), seguido de expressão com valor passivo (*professores são treinados*). Letras B, C e D, portanto, com a mesma função sintática: todos os termos são complementos nominais.

A letra E traz um complemento, como as letras B, C e D trouxeram, mas, desta vez, *complemento de um verbo*: trata-se de um verbo transitivo indireto (*atender*), seguido de um objeto indireto (*a mais esta nova exigência*). Ora, como comentamos anteriormente, tanto o objeto indireto como o complemento nominal, por serem complementos, possuem valor passivo.

Resposta: A.

3. (FCC) A função sintática da palavra sublinhada em: "Parecia muito preso à vida de rei" é a mesma de:

a) Duvido de sua capacidade profissional.

b) Apenas nos víamos em festas rurais.

c) Ficaria encantado com a novidade.

d) Achava-se apto para o trabalho.

Comentários:

Complemento nominal completa adjetivo, advérbio e substantivo abstrato. Na frase do enunciado, temos uma expressão que completa um adjetivo (*preso*): só pode ser, então, complemento nominal.

Na letra A, a expressão grifada completa um verbo transitivo indireto (*duvidar*). Trata-se de objeto indireto.

Na letra B, o pronome oblíquo completa um verbo transitivo direto (*ver*): é, portanto, objeto direto. Na letra C, o verbo é de ligação, indica *estado*: a expressão grifada é predicativo do sujeito.

Apenas na letra D, tem-se uma expressão que completa o adjetivo *apto*: trata-se, portanto, de um complemento nominal, tal qual o da frase do enunciado.

Resposta: D.

13.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (FCC – TRE-AP – Analista Judiciário – Área Administrativa – 2015)

Três vezes voltou Saint-Hilaire ao interior do Brasil...

O elemento em destaque na frase acima exerce a mesma função sintática que o segmento grifado em:

a) " Os livros de Auguste Saint-Hilaire (...) leem-se aos quinze anos como..."

b) Nenhum estrangeiro deixou entre nós lembrança mais simpática.

c) Pelo desconforto dos nossos dias, apesar das estradas de ferro e do automóvel, podemos avaliar as dificuldades e fadigas...

d) A fama de Auguste Saint-Hilaire não teve a projeção da de seu irmão Geoffroy, o continuador de Lamarck...

e) " ...exposta com tanta clareza e simplicidade que a profundeza do julgamento parece apenas bom senso".

2. (FCC – TRE-AP – Técnico Judiciário – Administrativo – 2015)

...antes de fazer o túmulo, resolveu reconstruir a Catedral de São Pedro.

O elemento que possui a mesma função sintática do sublinhado acima se encontra também sublinhado em:

a) Recém-chegado a Roma em 1505...

b) ... havia uma forte insegurança.

c) O corpo humano foi o campo de batalha artística de Michelangelo.

d) Como definiu o pintor futurista Umberto Boccioni...

e) Mas Júlio II mudou de ideia...

Leia o texto a seguir para responder à questão 3.

O Tejo tem grandes navios

E navega nele ainda,

Para aqueles que veem em tudo o que lá não está,

A memória das naus.

E por isso, porque pertence a menos gente,

É mais livre e maior o rio da minha aldeia.

Para além do Tejo há a América

E a fortuna daqueles que a encontram

3. (2015 – FCC – MPE-PB – Técnico Ministerial – Administrativo)

E o Tejo entra no mar em Portugal

O elemento que exerce a mesma função sintática que o sublinhado acima encontra-se em

a) a fortuna. (4ª estrofe)

b) A memória das naus. (2ª estrofe)

c) grandes navios. (2ª estrofe)

d) menos gente. (3ª estrofe)

e) a América. (4ª estrofe)

4. (FCC – TRE-RR – Técnico Judiciário – Operação de Computador – 2015)

O jogador busca o sucesso pessoal...

A mesma relação sintática entre verbo e complemento, sublinhados acima, está em:

a) É indiscutível que no mundo contemporâneo...

b) ... o futebol tem implicações e significações psicológicas coletivas...

c) ... e funciona como escape para as pressões do cotidiano.

d) A solução para muitos é a reconversão em técnico**...**

e) ... que depende das qualidades pessoais de seus membros.

5. (FCC – DPE-RS – Defensor Público – 2014)

Há na vida das nações um período em que ainda não **lhes** foi revelado o papel que deverão desempenhar.

Sobre o pronome destacado acima, afirma-se com correção, considerada a norma padrão escrita:

a) está empregado em próclise, mas poderia adequadamente estar enclítico à forma verbal.

b) pode ser apropriadamente substituído por " à elas", posicionada a expressão após a palavra revelado.

c) constitui um dos complementos exigidos pela forma verbal presente na oração.

d) está empregado com sentido possessivo, como se tem em " Dois equívocos comprometeram-lhe o texto".

e) dado o contexto em que está inserido, se sofrer elipse, não altera o sentido original da frase.

6. (FCC – TRF – 4ª Região – Analista Judiciário – Informática – 2014 – Adaptada)

... o culto que a aristocracia do seu país dedicava a tudo o que era francês...

O segmento que possui a mesma função sintática do grifado acima está também grifado em:

a) *... a morfologia e a sintaxe alemãs teriam afinidades com as gregas.*

b) *... a afirmação é geralmente atribuída a Heidegger, filósofo cujo tema precípuo é o ser.*

c) *Estranho é que haja franceses ou brasileiros...*

d) *O latim foi a língua da filosofia e da ciência na Europa...*

e) *... a superficialidade que atribui ao pensamento ocidental moderno...*

7. (CNMP – Téc. Adm. – 2015)

*... **facilita** o surgimento econômico e político de uma classe média...*

O verbo que, no contexto, possui o mesmo tipo de complemento que o do sublinhado acima está empregado em:

a) Mas nada assegura que a configuração de fatores...

b) ... o principal determinante da estabilidade democrática foi o crescimento econômico.

c) A democracia surge historicamente em sociedades...

d) ... o regime democrático sabidamente convive com níveis infamantes...

e) ... certa tensão entre os conceitos institucional e substantivo da democracia existe por toda parte...

Leia o texto a seguir para responder às questões 8 e 9.

Levantou-se da cama o pobre namorado sem ter conseguido dormir. Vinha nascendo o Sol.

Quis ler os jornais e pediu-os.

Já os ia pondo de lado, por haver acabado de ler, quando repentinamente viu seu nome impresso no **Jornal do Comércio**.

Era um artigo *a pedido* com o título de **Uma Obra-Prima**.

Dizia o artigo:

Temos o prazer de anunciar ao país o próximo aparecimento de uma excelente comédia, estreia de um jovem literato fluminense, de nome Antônio Carlos de Oliveira.

Este robusto talento, por muito tempo incógnito, vai enfim entrar nos mares da publicidade, e para isso procurou logo ensaiar-se em uma obra de certo vulto.

Consta-nos que o autor, solicitado por seus numerosos amigos, leu há dias a comédia em casa do Sr. Dr. Estêvão Soares, diante de um luzido auditório, que aplaudiu muito e profetizou no Sr. Oliveira um futuro Shakespeare.

O Sr. Dr. Estêvão Soares levou a sua amabilidade ao ponto de pedir a comédia para ler segunda vez, e ontem ao encontrar-se na rua com o Sr. Oliveira, de tal entusiasmo vinha possuído que o abraçou estreitamente, com grande pasmo dos numerosos transeuntes.

Da parte de um juiz tão competente em matérias literárias este ato é honroso para o Sr. Oliveira.

Estamos ansiosos por ler a peça do Sr. Oliveira, e ficamos certos de que ela fará a fortuna de qualquer teatro.

O amigo das letras.

Machado de Assis. A mulher de preto. In: *Contos fluminenses*. São Paulo: Globo, 1997 (com adaptações).

8. (INSS – Analista Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

No que se refere aos sentidos e às características tipológicas do texto, julgue o item que se segue como Certo (C) ou Errado (E).

Na linha 18, a oração introduzida pela preposição “ por” remete a uma ação anterior ao estado descrito na oração “ Estamos ansiosos”.

9. (INSS – Analista Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

Acerca de aspectos linguísticos do texto, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Na linha 14, o termo introduzido pela preposição “ para” exerce a função de complemento do verbo “ pedir”.

Leia o texto a seguir para responder à questão 10.

A desigualdade está entre os principais fatores de risco que preocupam a elite mundial, a julgar pela atenção dada ao tema no fórum econômico de Davos.

Por outro lado, estudo recente do Banco Mundial mostra que, pela primeira vez desde a Revolução Industrial, caiu a diferença de renda entre os países na fronteira do desenvolvimento e os emergentes.

Após o fim da cortina de ferro e a abertura econômica da China e da Índia, centenas de milhões de pessoas passaram de um estado de subsistência precária à condição de nova classe média global. Entretanto, é preciso que os países não só reforcem políticas compensatórias para reduzir a exclusão, mas também atuem para promover a igualdade de oportunidades.

A educação, como sempre, é o instrumento decisivo para garantir que a sorte de um indivíduo não seja determinada por sua origem social ou geográfica.

Idem, ibidem (com adaptações).

10. (FUB – Médio – Cespe – Mar./2014)

Em relação ao fragmento de texto, julgue o próximo item como Certo (C) ou Errado (E).

A expressão " como sempre" (l. 9) está entre vírgulas porque constitui aposto explicativo.

Leia o texto a seguir para responder às questões 11 e 12.

Há muito tempo a sociedade demonstra interesse por assuntos relacionados à ciência e à tecnologia. Na verdade, desde a pré-história, o homem busca explicações para a realidade e os mistérios do mundo que o cerca. Observou os movimentos das estrelas, manuseou o fogo, aprendeu a usar ferramentas em seu favor, buscou respostas para os fenômenos da natureza. Independentemente dos mitos, lendas e crenças que moldaram as culturas mais primitivas, o pensamento humano sempre esteve, de alguma forma, atrelado ao conhecimento científico, que se renovou e se disseminou com o passar dos séculos.

Mesmo com todo o aparato tecnológico, que tem possibilitado o acesso praticamente instantâneo à informação, questionam-se tanto aspectos quantitativos como qualitativos dos conteúdos sobre ciência veiculados pelos meios de comunicação de massa. A divulgação, por meio do jornalismo científico, está longe do ideal. Na grande mídia, a ciência e a tecnologia ficam relegadas a segundo plano, restritas a notas e notícias isoladas, em uma cobertura que busca sempre valorizar o espetáculo e o sensacionalismo. A televisão aberta, principal veículo condutor de conteúdos culturais, não contribui como deveria para o processo de " alfabetização científica", exibindo programas sobre o tema em horários de baixa audiência.

Mas até que ponto é relevante incluir a sociedade de massa na esfera de discussão de um grupo seleto de estudiosos? A promoção da informação científica contribui para o processo de construção da cidadania, quando possibilita a ampliação do conhecimento e da compreensão do público leigo a respeito do processo científico e de sua lógica, no momento em que constrói uma opinião pública informada sobre os impactos do desenvolvimento científico e tecnológico sobre a sociedade e quando permite a ampliação da possibilidade e da qualidade de participação da sociedade na formulação de políticas públicas e na escolha de opções tecnológicas, especialmente em um país onde a grande maioria dos investimentos na área são públicos.

Luiz Fernando Dal Pian Nobre. Do jornal para o livro: ensaios curtos de cientistas. Disponível em: <www.portcom.intercom.org.br> (com adaptações).

11. (FUB – Superior – Cespe – Mar./2014)

Julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

A vírgula imediatamente após " aberta" (l. 12) foi empregada para separar dois termos de mesma função sintática, uma vez que tanto " aberta" quanto " principal veículo condutor de conteúdos culturais" (l. 12) exercem a função de adjunto adnominal do nome " televisão" (l. 11-12).

12. (FUB – Superior – Cespe – Mar./2014)

Julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Em " o cerca" (l. 3), o pronome " o", que se refere ao termo " o homem" (l. 2), exerce a função de complemento da forma verbal " cerca".

Leia o texto a seguir para responder à questão 13.

Texto I

Muitas vezes, na divulgação midiática de pesquisas e projetos científicos, o profissional da área de comunicação tropeça em questões teóricas, não dá a devida importância para a pesquisa em si, põe em foco questões do processo de pesquisa que são irrelevantes para o projeto e para o pesquisador, ou mesmo propaga conhecimentos e crenças populares em vez de ser " fiel" ao trabalho do pesquisador. Já o pesquisador, ao escrever sobre seu projeto ou pesquisa, esquece por vezes que aqueles que lerão nem sempre têm conhecimento linguístico da área e utiliza uma linguagem não acessível a pessoas que não pertencem ao meio acadêmico e, dessa forma, dificulta a divulgação de sua pesquisa.

O jornalista está dentro de uma esfera que tem como foco a comunicação em si e não o que se comunica. O foco é uma linguagem acessível, interessante e que chama a atenção do público para comprar e consumir os textos e artigos que são escritos e, se for necessário, ele sacrifica o conteúdo em prol da atenção do público e da linguagem. Já o pesquisador está em uma esfera cujo foco é o conteúdo, o objeto de pesquisa e a pesquisa em si e, muitas vezes, ele sacrifica um grupo extenso de leitores ao empregar linguagem específica, científica e não acessível. Portanto, ao escrever, os dois profissionais têm de ter em mente que sua esfera de atividade humana e, por consequência, de comunicação, se torna mais complexa. O jornalista deve ter em mente que, quando escreve sobre um projeto científico, não atua apenas em sua área de atividade humana, a comunicação, mas na comunicação científica. O cientista ou pesquisador deve considerar que a divulgação de sua pesquisa não deve ser feita apenas para a comunidade científica, mas para o público em geral. Dessa forma, o pesquisador precisa constantemente pensar mais nesse público e, consequentemente, na linguagem utilizada. O jornalista, por sua vez, precisa ficar mais atento à pesquisa que está sendo divulgada. Cada um precisa aprender com o outro, permitindo-se entrar mais em uma esfera de atividade humana à qual não pertence originalmente. O principal motivo desse intercâmbio de intenções ao escrever é aumentar o acesso do público à ciência.

A academia não pode estar voltada apenas para seu público interno. É muito importante que as informações sejam divulgadas e não permaneçam circulando em um grupo fechado, até para que haja crescimento da própria comunidade científica.

Camila Delmondes Dias et al. Divulgando a arqueologia: comunicando o conhecimento para a sociedade. In: *Ciência e Cultura*. São Paulo, v. 65, nº 2, jun./2013. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br> (com adaptações).

13. (FUB – SUPERIOR – Cespe – Mar./2014)

Com referência às estruturas linguísticas do texto, julgue o item seguinte como Certo (C) ou Errado (E).

Na linha 5, o pronome " aqueles" exerce a função de sujeito das formas verbais " lerão" e " têm", o que justifica o emprego do plural nessas formas.

Leia o texto a seguir para responder à questão 14.

Texto I

Na Vila Telebrasília, onde mora, poucos conhecem Abiesel Alves Cavalcanti pelo nome completo. Lá ele é Bisa, o pescador. Há 35 anos, o pernambucano veio atrás do progresso na capital. Acompanhado pelo irmão, trouxe algumas roupas e a tarrafa, sua ferramenta de trabalho. " Eu falei para o mano: se lá tem água, tem peixe. De fome a gente não morre", lembra Bisa. O Lago Paranoá alimentou toda a sua família, composta de mulher e dez filhos. No começo, quando a pesca com tarrafa era proibida, Bisa saía na madrugada em uma canoa e trabalhava escondido. Depois, quando a captura com malha foi autorizada, ele se destacou entre os colegas. Chegava a voltar com até 300 quilos de peixe na embarcação. Hoje, o lago já não é tão abundante quanto há uma década e meia, mas ele ainda chega com o barco cheio. Entre tilápias, tucunarés, carpas e traíras, soma 250 quilos de peixe por semana e perto de dois mil reais por mês. Bisa rema quase sete horas para chegar até a altura da Ermida Dom Bosco e, às vezes, dorme na mata e retorna para casa só na manhã seguinte. " É uma vida de muito trabalho, mas necessidade eu nunca passei", diz o pescador.

Lilian Tahan. Vivendo de pescaria. In: *Veja Brasília*, 2/10/2013 (com adaptações).

14. (ICMBIO – Médio – Cespe – Mar./2014)

Julgue o próximo item como Certo (C) ou Errado (E), relativo às ideias e às estruturas linguísticas do texto acima.

O complemento da forma verbal " passei" (l. 12) não está explicitamente expresso no texto, devendo ser inferido pelo leitor.

Leia o texto a seguir para responder à questão 15.

A correspondência de Mário de Andrade é uma das fontes sobre os sentimentos que abateram a intelectualidade paulista, sobretudo no trauma de 1932, quando São Paulo foi invadido por tropas federais, que ocuparam a capital e se alastraram pelo interior (" Disputam esfomeadamente a presa sublime, e desgraçadamente está certo, essa é a lei dos homens. Dos homens selvagens", desabafa Mário em carta a Paulo Duarte). As consequências dos expedientes da ditadura abateram um estado cujos habitantes eram considerados por Mário como " diferentes mesmo". O que se fizesse naquele estado, apostava, se irradiaria como política e como orientação pelo país, uma reedição, por via da cultura, do velho slogan: " São Paulo, a locomotiva puxando os vagões".

" Minha pátria é São Paulo. E isso não me desagrada", confessa o poeta paulista a Drummond no calor de um conflito que os encontrou em lados opostos. Drummond já estava na chefia de gabinete do secretário de Interior e Justiça de Minas Gerais, aliado ao poder central naquele momento, e Mário era partidário da causa da Revolução Constitucionalista de 1932. O paulista sabia que estava acometido de um estado extraordinário de mobilização, frustração e abatimento, como revela o seguinte trecho de carta a Drummond.

" Você, Carlos, perdoe um ser descalibrado. Este é o castigo de viver sempre apaixonadamente a toda hora e em 25 qualquer minuto, que é o sentido da minha vida. No momento, eu faria tudo, daria tudo pra São Paulo se separar do Brasil. Não meço consequências, não tenho doutrina, apenas continuo entregue à unanimidade, apaixonadamente entregue..."

Helena Bomeny. Um poeta na política – Mário de Andrade, paixão e compromisso. 1ª ed., Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012, p. 71-2 (com adaptações).

15. (IRB – Superior – Cespe – Abr./2014)

No que concerne a aspectos gramaticais do texto acima, julgue (**C** ou **E**) o próximo item.

Na linha 16, a forma preposicional contraída " pra" introduz um dos complementos da forma verbal " daria".

Leia o texto a seguir para reponder às questões 16 e 17.

O Decreto nº 21.076, de 24 de fevereiro de 1932, primeiro Código Eleitoral pátrio, instituiu a justiça eleitoral no Brasil, com funções contenciosas e administrativas. Eram seus órgãos: um Tribunal Superior (de justiça eleitoral — o decreto não menciona justiça eleitoral), na capital da República; um tribunal regional, na capital de cada estado, no DF e na sede do governo do território do Acre, além de juízes eleitorais nas comarcas e nos distritos. O Tribunal Superior – de justiça eleitoral – com jurisdição em todo o território nacional, compunha-se de oito membros efetivos e oito substitutos, e era presidido pelo vice-presidente do Supremo Tribunal Federal (STF). A ele se somavam dois membros efetivos e dois substitutos, sorteados dentre os ministros do STF, além de dois efetivos e dois substitutos, sorteados dentre os desembargadores da Corte de Apelação do DF. Por fim, integravam a Corte três membros efetivos e quatro substitutos, escolhidos pelo chefe do governo provisório dentre quinze cidadãos, indicados pelo STF, desde que atendessem aos requisitos de notável saber jurídico e idoneidade moral. Dentre seus membros, elegia o Tribunal Superior, em escrutínio secreto, por meio de cédulas com o nome do juiz e a designação do cargo, um vice-presidente e um procurador para exercer as funções do Ministério Público, tendo este último a denominação de procurador-geral da justiça eleitoral. Em relação a esse cargo, nota-se uma peculiaridade, à época da criação do Tribunal Superior: o procurador-geral da justiça eleitoral não era o procurador-geral da República, mas sim um membro do próprio tribunal.

As formas de composição do TSE: de 1932 aos dias atuais. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral, Secretaria de Gestão da Informação, 2008, p. 11. Disponível em: <www.tse.jus.br> (com adaptações).

16. (TRE/GO – Analista/Técnico – Cespe – Mar./2015 – Adaptada)

De acordo com as informações apresentadas no texto, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Se a preposição a presente na contração “ aos” (l. 11) fosse suprimida, a função sintática da expressão “ requisitos de notável saber jurídico e idoneidade moral” (l. 11) seria alterada, mas a correção gramatical do texto seria mantida.

17. (TRE/GO – Analista/Técnico – Cespe – Mar./2015)

Na linha 12, o sujeito da forma verbal “ elegia” é o termo “ o Tribunal Superior”.

Leia o texto a seguir para responder às questões 18 e 19.

“ O preconceito linguístico é um equívoco, e tão nocivo quanto os outros. Segundo Marcos Bagno, especialista no assunto, dizer que o brasileiro não sabe português é um dos mitos que compõem o preconceito mais presente na cultura brasileira: o linguístico”.

A redação acima poderia ter sido extraída do editorial de uma revista, mas é parte do texto *O oxente e o ok*, primeiro lugar na categoria opinião da 4ª Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro, realizada pelo Ministério da Educação em parceria com a Fundação Itaú Social e o Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (CENPEC).

A autora do artigo é estudante do 2º ano do ensino médio em uma escola estadual do Ceará, e foi premiada ao lado de outros dezenove alunos de escolas públicas brasileiras, durante um evento em Brasília, no último mês de dezembro. Como nos três anos anteriores, vinte alunos foram vencedores – cinco em cada gênero trabalhado pelo projeto. Além de opinião (2º e 3º anos do ensino médio), a olimpíada destacou produções em crônica (9º ano do ensino fundamental), poema (5º e 6º anos) e memória (7º e 8º anos). Tudo regido por um só tema: “ O lugar em que vivo”.

Língua Portuguesa, 1/2015. Internet: <www.revistalingua.uol.com.br> (com adaptações).

18. (FUB – Técnico Adm. – Cespe – Mar./2014)

No que se refere aos sentidos, à estrutura textual e aos aspectos gramaticais do texto, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

O termo " o brasileiro" (l. 2) exerce a função de sujeito da oração em que se insere.

19. (FUB – Técnico Adm. – Cespe – Mar./2015)

Julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Os trechos " especialista no assunto" (l. 1 e 2), " o linguístico" (l. 3) e " primeiro lugar na categoria opinião da 4ª Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro" (l. 5) exercem a mesma função sintática, a de aposto.

Leia o texto a seguir para responder à questão 20.

Texto I

Um estudo da Universidade da Califórnia, em Davis – EUA, mostra que a curiosidade é importante no aprendizado. Imagens dos cérebros de universitários revelaram que ela estimula a atividade cerebral do hormônio dopamina, que parece fortalecer a memória das pessoas. A dopamina está ligada à sensação de recompensa, o que sugere que a curiosidade estimula os mesmos circuitos neurais ativados por uma guloseima ou uma droga. Na média, os alunos testados deram 35 respostas corretas a 50 perguntas acerca de temas que os deixavam curiosos e 27 de 50 questões sobre assuntos que não os atraíam. Estimular a curiosidade ajuda a aprender.

Planeta, dez./2014, p. 14 (com adaptações).

20. (FUB – Técnico Adm. – Cespe – Mar./2015)

A respeito das ideias e das estruturas linguísticas do texto acima, julgue o item subsecutivo como Certo (C) ou Errado (E).

A retirada do termo " o" em " o que sugere" (l. 4) preserva a relação entre as ideias, bem como a correção gramatical do texto, com a vantagem de ressaltar o paralelismo com o período sintático anterior.

Leia o texto a seguir para responder à questão 21.

Texto I

O Brasil é um país de cidades novas. A maior parte de seus núcleos urbanos surgiu no século passado. Há cidades, entretanto, que já existem há bastante tempo. Contemporâneas dos primeiros tempos da colonização, algumas delas já ultrapassaram inclusive a marca do quarto centenário. Poucas são as cidades brasileiras, contudo, que ainda apresentam vestígios materiais consideráveis do passado.

Se hoje o Rio de Janeiro, fundado em 1565, vangloria-se de seu " corredor cultural", que preserva edificações da área central construídas na virada do século XIX para o XX, é importante lembrar que as edificações aí situadas substituíram inúmeras outras antes existentes no mesmo local. Nem mesmo o berço histórico da cidade existe mais, arrasado devido à destruição do Morro do Castelo em 1922. E o que falar de São Paulo, fundada em 1554? Da pauliceia colonial e imperial quase mais nada existe, e, se ainda temos uma boa noção do que foi a cidade da primeira metade do século XX, é porque contamos com a paisagem eternizada das fotografias e com os belíssimos trabalhos realizados pelos geógrafos paulistas por ocasião do quarto centenário da cidade.

Há outros exemplos. Olinda, fundada em 1537, orgulha-se de ser patrimônio cultural da humanidade, mas esse título não lhe foi conferido em razão dos testemunhos que sobraram da cidade antiga, em grande parte substituída por construções em estilo

eclético ou art déco do início do século passado. E se Salvador, criada em 1549, e Ouro Preto, fundada em 1711, podem gabar-se de manter ainda um patrimônio histórico-arquitetônico apreciável, isso se deve muito mais à longa decadência econômica pela qual passaram, que atenuou os ataques ao parque construído, do que a qualquer veleidade preservacionista local.

Em suma, não é muito comum encontrarem-se vestígios materiais do passado nas cidades brasileiras, mesmo naquelas que já existem há bastante tempo. Há, entretanto, algo novo acontecendo em todas elas. Independentemente de qual tenha sido o estoque de materialidades históricas que tenham conseguido salvar da destruição, as cidades do país vêm hoje engajando-se decisivamente em um movimento de preservação do que sobrou de seu passado, em uma indicação flagrante de que muita coisa mudou na forma como a sociedade brasileira se relaciona com as suas memórias.

Mauricio Abreu. Sobre a memória das cidades. In: Ana Fani Alessandri Carlos et al (Orgs.). *A produção do espaço urbano*: agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo: Editora Contexto, 2013, p. 21-2 (com adaptações).

21. (Pref. SP – Agente Gestão P. Públicas – Cespe – Maio/2016)

Assinale a opção que apresenta um termo que exerce a função de objeto direto na oração do Texto I que ocorre.

a) " o berço histórico da cidade" (L. 7-8)

b) " vestígios materiais do passado" (L. 4)

c) " muita coisa" (L. 24)

d) " cidades" (L. 2).

e) " esse título" (L. 14)

Leia o texto a seguir para responder à questão 22.

Texto CG1A1CCC

Alguns nascem surdos, mudos ou cegos. Outros dão o primeiro choro com um estrabismo deselegante, lábio leporino ou angioma feio no meio do rosto. Às vezes, ainda há quem venha ao mundo com um pé torto, até com um membro já morto antes mesmo de ter vivido. Guylain Vignolles, esse, entrara na vida tendo como fardo o infeliz trocadilho proporcionado pela junção de seu nome com seu sobrenome: Vilain Guignol, algo como " palhaço feio", um jogo de palavras ruim que ecoara em seus ouvidos desde seus primeiros passos na existência para nunca mais abandoná-lo.

Jean-Paul Didierlaurent. *O leitor do trem das 6h27*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015 (com adaptações).

22. (PC-PE – Todos os Cargos – Conhec. Gerais – Cespe – Jun./2016)

Na oração em que é empregado no texto CG1A1CCC, o termo " surdos, mudos ou cegos" (l. 1) exerce a função de

a) predicativo do sujeito.

b) objeto direto.

c) adjunto adnominal.

d) sujeito.

e) adjunto adverbial.

Leia o texto a seguir para responder à questão 23.

Texto II

O índio não teve muita sorte na literatura brasileira, depois do Romantismo. Enquanto nas letras hispano-americanas viceja um esplêndido indigenismo pelo século XX adentro, com tantos e tão importantes criadores dedicando-se a transpor o índio para a ficção, no Brasil se podem contar nos dedos das mãos os casos.

Torna a trazer o assunto à baila o aparecimento e grande vendagem de **Maíra**, romance de Darcy Ribeiro. O renomado antropólogo já tinha em seu acervo de realizações uma respeitável brasiliana, incluindo vários trabalhos sobre os índios, um dos quais, a história de Uirá, fora transformado em filme no início da década de 70. **Maíra** é, portanto, a primeira incursão do autor pelo épico, a menos que se considere a história de Uirá como uma primeira aproximação ao gênero.

O relato, como o filme, dá conta do trágico percurso de Uirá, da tribo Urubu-Kaapor, no Maranhão deste século, o qual um dia fica *iñaron* quando, após muitas desgraças comuns ao destino dos índios brasileiros, como fome, espoliação, epidemias, perseguições, perde também um dos filhos.

A palavra tupi *iñaron* designa um estado de fúria sagrada, associado ao sofrimento excessivo, não deixando de lembrar as famosas fúrias dos heróis gregos: Hércules, uma vez acometido por um desses acessos, enviado pela vingativa Hera, matou, sem o saber, seus três filhos e esposa, tal como vem narrado na tragédia **Héracles Furioso**, de Eurípedes. Nas **Bacantes**, do mesmo autor, Agave, fora de si, participa do desmembramento de seu filho adulto, Penteu, rei de Tebas. E talvez o mais formidável exemplo seja o da cólera de Aquiles, que dá nascimento à inteira composição da **Ilíada**, desencadeada por sua recusa a continuar lutando. Devido à recusa de Aquiles, quase foi perdida a guerra de Troia e, não fosse sua fúria, o poema não teria sido composto.

Em meio ao furacão histórico da fase do capitalismo selvagem no país, quando o acirramento da acumulação leva multinacionais e suas cabeças-de-ponte nacionais a apropriar-se dos mais recônditos confins com vistas ao lucro, encontram-se, estonteados, os índios. O único problema dos Mairum – nome inventado, tribo arquetípica de todas as tribos, povo de Maíra – é como sobreviver e como fazer sua cultura sobreviver, com crescente dificuldade.

O romance inteiro soa como uma lamentação, um carpir sobre o fim de uma civilização das mais admiráveis. Seus trechos mais bem realizados são aqueles nos quais uma espécie de narrador coletivo índio dá conta de sua maneira de ver o mundo, de como compreende e interpreta seus hábitos e tradições; e, o que é mais importante, franqueia para o leitor seu tremendo desejo de sobrevivência e alegria de viver.

A produção e publicação de um romance como esse, agora, mostra como o índio está mais vivo do que nunca em sua conexão com a literatura brasileira. Tampouco deve ser uma coincidência que, neste exato momento, outras ficções, filmes, romances, peças de teatro, novelas de televisão, canções, estejam sendo feitos, todos sobre os índios, todos lutando em defesa de sua preservação para a História. Quando há tanta desconfiança em relação à pulsão destrutiva da civilização ocidental e entre nós é tão escandaloso o capitalismo selvagem, isso pode vir a significar alguma coisa. Talvez uma postura mais cautelosa e menos arrogante, de quem está aprendendo a perceber que outras civilizações encontraram saídas melhores e, sobretudo, não suicidas para males que hoje parecem irremediáveis, como o problema do poder, da proliferação e potenciação dos armamentos, da destruição da natureza, do Estado e de seu aparelho, da igualdade nunca encontrada. A alegoria da moça branca morta ao parir mestiços mortos poderá significar também o caráter heteroletal e autoletal da etnia branca? Pode ser que a importância da civilização indígena esteja, final e penosamente, penetrando na consciência do corpo social brasileiro.

Walnice Nogueira Galvão. Indianismo revisitado. In: *Esboço de figura – Homenagem a Antonio Candido*. São Paulo: Duas Cidades, 1979, p. 379-89 (com adaptações).

23. (Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Acerca das relações semântico-sintáticas e do vocabulário do texto II, julgue (C ou E) o item seguinte.

Os termos " trágico" (l. 10), " de Uirá" (l. 10) e " deste século" (l. 11) exercem a mesma função sintática, na oração em que ocorrem.

Leia o texto a seguir para responder à questão 24.

Texto III

Pergunto: e agora? Como é que meu Padrinho foi degolado num quarto de pesadas paredes sem janelas, cuja porta fora trancada, por dentro, por ele mesmo? Como foi que os assassinos ali penetraram, sem ter por onde? Como foi que saíram, deixando o quarto trancado por dentro? Quem foram esses assassinos? Como foi que raptaram Sinésio, aquele rapaz alumioso, que concentrava em si as esperanças dos Sertanejos por um Reino de glória, de justiça, de beleza e de grandeza para todos? Bem, não posso avançar nada, porque aí é que está o nó! Este é o " centro de enigma e sangue" da minha história. Lembro que o genial poeta Nicolau Fagundes Varela adverte todos nós, Brasileiros, de que " os irônicos estrangeiros" vivem sempre vigilantes, sempre à espreita do menor deslize nosso para, então, " ridicularizar o pátrio pensamento":

Fatal destino o dos brasílios Mestres!

Fatal destino o dos brasílios Vates!

Política nefanda, horrenda e negra,

pestilento Bulcão abafa e mata

quanto, aos olhos de irônico estrangeiro,

podia honrar o pátrio pensamento!

Ora, um dos argumentos que os " irônicos estrangeiros" mais invocam para isso é dizer que nós, Brasileiros, somos incapazes de forjar uma verdadeira trança, uma intrincada teia, um insolúvel enredo de " romance de crime e sangue". Dizem eles que não é necessário nem um adulto dotado de argúcia especial: qualquer adolescente estrangeiro é capaz de decifrar os enigmas brasileiros, os quais, tecidos por um Povo superficial, à luz de um Sol por demais luminoso, são pouco sombrios, pouco maldosos e subterrâneos, transparentes ao primeiro exame, facílimos de desenredar.

Ah, e se fossem somente os estrangeiros, ainda ia: mas até o excelso Gênio brasileiro Tobias Barreto, aí é demais! Diz Tobias Barreto que, no Brasil, é impossível aparecer um " romance de gênio", porque " a nossa vida pública e particular não é bastante fértil de peripécias e lances romanescos". Lamenta que seja raro, entre nós, " um amor sincero, delirante, terrível e sanguinário", ou que, quando apareça, seja num velho como o Desembargador Pontes Visgueiro, o célebre assassino alagoano do Segundo Império. E comenta, ácido: " Um ou outro crime, mesmo, que porventura erga a cabeça acima do nível da vulgaridade, são coisas que não desmancham a impressão geral da monotonia contínua. Até na estatística criminal o nosso país revela-se mesquinho. O delito mais comum é justamente o mais frívolo e estúpido: o furto de cavalos".

A gente lê uma coisa dessas e fica até desanimado, julgando ser impossível a um Brasileiro ultrapassar Homero e outros conceituados gênios estrangeiros! A sorte é que, na mesma hora, o Doutor Samuel nos lembra que a conquista da América Latina " foi uma Epopeia". Vemos que somos muito maiores do que a Grécia – aquela porqueirinha de terra! – e aí descansamos o pobre coração, amargurado pelas injustiças, mas também incendiado de esperanças! Sim, nobres Senhores e belas Damas: porque eu,

Dom Pedro Quaderna (Quaderna, O Astrólogo, Quaderna, O Decifrador, como tantas vezes fui chamado); eu, Poeta--guerreiro e soberano de um Reino cujos súditos são, quase todos, cavalarianos, trocadores e ladrões de cavalo, desafio qualquer irônico, estrangeiro ou Brasileiro, primeiro a narrar uma história de amor mais sangrenta, terrível, cruel e delirante do que a minha; e, depois, a decifrar, antes que eu o faça, o centro enigmático de crime e sangue da minha história, isto é, a degola do meu Padrinho e a " desaparição profética" de seu filho Sinésio, O Alumioso, esperança e bandeira do Reino Sertanejo.

Ariano Suassuna. *A pedra do reino*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972, 3ª ed., p. 27-30 (com adaptações).

24. (Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Com referência ao texto III, julgue (C ou E) o item que se segue.

No sintagma " os 'irônicos estrangeiros'" (l. 16), o vocábulo 'irônicos' é o núcleo do sujeito, o que é confirmado pelo emprego de " irônico" em " desafio qualquer irônico" (l. 38).

Leia o texto a seguir para responder à questão 25.

Texto IV

Em suas remotas origens helênicas, o termo " caráter" significou gravar. Empregavam-no, então, tanto para exprimir o sinete como a marca deixada na cera dócil. Essa dupla significação ainda hoje é vernácula – senão corrente – em certas acepções. Na linguagem tipográfica, por exemplo, " caráter" tanto é o tipo da imprensa como o sinal ou a letra gravada. Assim sendo, podemos dizer que o caráter de um homem não é somente o seu feitio moral, senão também a expressão e a impressão do indivíduo. Em arte, caráter será a personalidade do autor, o aspecto aparente e profundo da obra e o efeito dela. Fixada assim a verdadeira acepção do termo, podemos afirmar que o mérito maior do poema do Sr. Menotti del Picchia é " o caráter". Poesia profundamente simples e pessoal, de inspiração larga e sadia, tem a força das obras bem concebidas e a beleza das coisas naturais. Poesia de corpos simples, poderíamos dizer, pela sobriedade de linhas no sentimento, no pensamento e na expressão. Sente-se que o autor procurou a naturalidade e não a arte, que é o melhor caminho para atingir a esta.

O segredo da arte é a naturalidade sem prejuízo da perfeição.

O Sr. Menotti del Picchia ainda não pôde naturalmente desvendar o segredo da arte. Se no buscar a expressão natural do seu lirismo alcançou a arte, não se despojou ainda das incertezas dessa procura, de certa fraqueza de técnica. Defeitos são todos estes transitórios, quase necessários em quem apenas se inicia.

A essência do livro é excelente.

Indica no autor uma personalidade inconfundível, que procura em si mesmo ou em torno de si os motivos de sua estética. Nem se distingue pela obsessão do isolamento, nem se perde por modelos estranhos. Daí lhe vem a superioridade de caráter individual. Se o caráter do autor provém dessa independência sem esforço, reside o da obra em sua originalidade natural; na conformidade com o meio, em uma perfeita radicação no solo pátrio, na simplicidade da construção e nas perfeitas proporções do ímpeto poético. O próprio desconcerto, em pormenores do poema principal e de outras produções secundárias, concorre para a individualidade desse esplêndido ensaio.

O caráter desse livro se conserva pela ressonância que tem. Não são versos agradáveis, suaves ou elegantes, que com tanto agrado se leem quanto facilmente se esquecem. São versos que lidos – ficam; gravam--se invencivelmente na memória, ora destacados, ora em bloco. A crítica, no julgar e no decompor as obras, não pode desprezar a intuição, se não é principalmente isso. E um dos mais seguros processos de intuição, no distinguir o valor das obras, é esse da permanência das sensações.

Os poemas do Sr. Menotti del Picchia deixam uma funda impressão de sua leitura: não pode haver melhor demonstração do seu "caráter". Quando essa impressão não se limitar aos leitores e aos críticos, e se estender à própria literatura nacional, terá a sua poesia atingido o grau supremo que lhe auguro.

Juca Mulato é um poema simples. Encerra uma lição profunda na singeleza do motivo e da intenção. É certo que a evidência da beleza não pode ser em arte um critério axiomático. Quantas vezes a paciência é o melhor guia da emoção estética? A exegese das sinfonias de Beethoven, como a dos dramas musicais de Wagner, aumenta a nossa receptividade para essa arte de titãs, se bem que a intuição íntima e a explicação individual sejam imprescindíveis.

O poema do Sr. Menotti del Picchia tem a simplicidade e a frescura das criações espontâneas e necessárias, onde o esforço da composição permanece obscuro como deve.

Para lhe realçar a beleza não se sente a crítica compelida a buscar símbolos problemáticos ou filosofias arbitrárias. Sendo o que é – um mal de amor impossível que leva a alma à desesperança, para se resignar depois e ressurgir consolada pela visão da terra amada, da felicidade atingível e do sonho necessário –, comove pelo simples aspecto de suas linhas harmoniosas.

A beleza maior do poema, que é também o seu caráter, está na sua simplicidade radical. O poeta reprimiu voluntariamente as possíveis exuberâncias ou ambições de seu lirismo para ficar dentro do assunto que escolheu. Ganhou com isso um grande poder virtual e marca mais do que se quisesse marcar: a acústica de uma construção humana nunca chega à acuidade de um eco natural.

Juca Mulato é a reconciliação do homem consigo mesmo, do brasileiro com sua terra, do bárbaro com seu isolamento. Reconciliação às vezes impossível, outras ilusória, sempre necessária, raramente realizada. O consolo de Juca Mulato é a indicação do caminho a seguir.

Alceu Amoroso Lima. Um poeta. In: *Estudos literários*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1966, p.133-5 (com adaptações).

25. (Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Julgue (C ou E) o item seguinte, relativo a acentuação de palavras e a aspectos gramaticais do texto IV.

No trecho "É certo que a evidência da beleza não pode ser em arte um critério axiomático" (l. 32-33), tanto o termo "certo" quanto o termo "axiomático" caracterizam, respectivamente, referentes que constituem sujeitos oracionais.

26. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

"A veiculação <u>de informações</u>, a oferta <u>de serviços</u> e a venda <u>de produtos médicos</u> na Internet têm o potencial de promover a saúde...".

Os termos sublinhados podem ter a função de agentes ou pacientes dos termos anteriores; exerce(m) a função de agente:

a) todos eles;

b) nenhum deles;

c) somente o primeiro;

d) somente o segundo;

e) somente o segundo e o terceiro.

Leia o texto a seguir para responder às questões 27 e 28.

Texto 1 – Problemas Sociais Urbanos

Dentre os problemas sociais urbanos, merece destaque a questão da segregação urbana, fruto da concentração de renda no espaço das cidades e da falta de planejamento público que vise à promoção de políticas de controle ao crescimento desordenado das cidades. A especulação imobiliária favorece o encarecimento dos locais mais próximos dos grandes centros, tornando-os inacessíveis à grande massa populacional. Além disso, à medida que as cidades crescem, áreas que antes eram baratas e de fácil acesso tornam--se mais caras, o que contribui para que a grande maioria da população pobre busque por moradias em regiões ainda mais distantes.

Essas pessoas sofrem com as grandes distâncias dos locais de residência com os centros comerciais e os locais onde trabalham, uma vez que a esmagadora maioria dos habitantes que sofrem com esse processo são trabalhadores com baixos salários. Incluem-se a isso as precárias condições de transporte público e a péssima infraestrutura dessas zonas segregadas, que às vezes não contam com saneamento básico ou asfalto e apresentam elevados índices de violência.

A especulação imobiliária também acentua um problema cada vez maior no espaço das grandes, médias e até pequenas cidades: a questão dos lotes vagos. Esse problema acontece por dois principais motivos: 1) falta de poder aquisitivo da população que possui terrenos, mas que não possui condições de construir neles e 2) a espera pela valorização dos lotes para que esses se tornem mais caros para uma venda posterior. Esses lotes vagos geralmente apresentam problemas como o acúmulo de lixo, mato alto, e acabam tornando-se focos de doenças, como a dengue.

PENA, Rodolfo F. Alves. "Problemas socioambientais urbanos"; *Brasil Escola*. Disponível em: http://brasilescola.uol.com.br/brasil/problemas-ambientais-sociais-decorrentes-urbanização.htm. Acesso em 14 de abril de 2016.

27. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

" Dentre os problemas sociais urbanos, merece destaque a questão da segregação urbana, fruto da concentração de renda no espaço das cidades e da falta de planejamento público que vise à promoção de políticas de controle ao crescimento desordenado das cidades".

Nesse primeiro período do texto 1, o termo que se liga sintaticamente a um termo anterior, de forma diferente dos demais, é:

a) concentração <u>de renda</u>;

b) espaço <u>das cidades</u>;

c) falta <u>de planejamento</u>;

d) promoção <u>de políticas</u>;

e) crescimento <u>das cidades</u>.

28. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

Os verbos de estado indicam: estado permanente, estado transitório, mudança de estado, aparência de estado e continuidade de estado. A frase do texto 1 que mostra um verbo de estado com valor de mudança de estado é:

a) " áreas que antes eram baratas e de fácil acesso";

b) " tornam-se mais caras";

c) " habitantes que sofrem com esse processo são trabalhadores com baixos salários";

d) “ Além disso, à medida que as cidades crescem”;

e) “ a grande maioria da população pobre busque por moradias em regiões ainda mais distantes”.

29. (Petrobras – Advogado Jr. – Cesgranrio - Ago./2015 – Adaptada)

No trecho “ as transformações em direção **à sociedade da informação**, em estágio avançado nos países industrializados”, a expressão em destaque tem a função de completar o sentido da palavra **direção**, sendo, portanto, essencial à construção da frase.

A mesma função pode ser observada na expressão destacada em:

a) “ alcançando, de forma conceitualmente imprecisa, o universo vocabular **do cidadão**.”

b) “ decidir que composição do conjunto de tecnologias educacionais mobilizar para atingir suas metas **de desenvolvimento**.”

c) “ A Unesco tem atuado de forma sistemática no sentido de apoiar as iniciativas **dos Estados Membros**”

d) “ as ações **desse organismo internacional** estão concentradas em duas áreas principais:”

e) “ métodos e estratégias para a construção **de uma sociedade** de informação global e justa.”

Leia o texto a seguir para responder à questão 30.

Como estamos às vésperas de celebrar os 500 anos da palavra “ utopia” e do romance filosófico de Thomas Morus que a consagrou, o momento é mais do que oportuno para examinar que novas feições ela adquiriu após tantos sonhos desfeitos e outros tantos pervertidos e que atualização lhe deram as expectativas geradas pela informática, pelas biotecnologias, pelas nanociências, pelas ciências cognitivas e as perspectivas de clonagem, ectogênese (fecundação de útero artificial), artificialização dos órgãos do corpo e prolongamento da vida, abertas por elas.

Seu étimo grego, significando não lugar, lugar nenhum ou, trocadilhescamente, lugar da felicidade (eutropia), designou primeiro uma ilha dos mares do Novo Mundo, em que foi bater um navegante português ligado a Américo Vespúcio. Terra prodigiosa, em tudo diferente da Europa do século 16, a perfeição imperava em suas cinquenta e poucas cidades. Morus imaginou-a empolgado pela descoberta da América e do “ novo homem” que a habitava. Se bem que a República platônica já configurasse uma utopia, foi na ilha “ descoberta” por Rafael Hitlodeu que surgiu o conceito de utopia como representação imaginária de uma sociedade que tenha encontrado soluções exemplares para todos os seus problemas.

Outras sociedades ideais, fundamentadas em leis justas e instituições político-econômicas comprometidas com o bem-estar da coletividade, nasceram da imaginação de romancistas e pensadores, nos séculos seguintes, com particular insistência no século 19, auge do utopismo socialista de Charles Fourier, Étienne Cabet, Edward Bellamy e William Morris. A esses devaneios igualitários a dupla Marx-Engels combateu e contrapôs outro, supostamente científico, cuja caracterização como utopia pode livrar a cara do comunismo, mas não das sociedades que às suas ideias básicas deram concretude, a partir da revolução bolchevique, uma utopia que virou distopia.

A distopia é uma distorção ou uma mutação da utopia, um sonho que se transforma em pesadelo. A ficção científica e a literatura de antecipação são pródigas em fantasias do gênero. De Jules Verne (Capitão Nemo era um utopista) ao Aldous Huxley de *Admirável Mundo Novo*, ao Orwell de 1984 e ao Ray Bradbury de *Fahrenheit 451*. Serão todos lembrados ao longo do ciclo.

(Adaptação da matéria “Um sonho de 500 anos”, de Sérgio Augusto – jornal *O Estado de S. Paulo,* 02 de agosto de 2015)

30. (ESAF – Analista de Planejamento e Orçamento – 2015)

(Adaptada) No que concerne às estruturas linguísticas do texto, julgue a assertiva a seguir como " certa" ou " errada":

A expressão " uma distorção" (l. 21) funciona, sintaticamente, como objeto direto de " A distopia" (l. 21).

Leia o texto a seguir para responder às questões 31 e 32.

Os cristãos enfrentam uma perseguição cada vez maior em todo o mundo, alimentada principalmente pelo extremismo islâmico e por governos repressivos, o que levou o papa a advertir sobre " uma forma de genocídio" e ativistas a falarem em " limpeza étnico-religiosa". A escala dos ataques a cristãos no Oriente Médio, na África Subsaariana, na Ásia e na América Latina alarmou organizações que monitoram a perseguição religiosa. A maioria relata uma deterioração significativa nos últimos anos.

Em sua recente viagem à América Latina, o papa Francisco disse ter ficado decepcionado " ao ver como no Oriente Médio e em outras partes do mundo muitos de nossos irmãos e irmãs são perseguidos, torturados e mortos por sua fé em Jesus". Ele continuou: " Nesta terceira guerra mundial, travada em capítulos, que hoje experimentamos, ocorre uma forma de genocídio, que tem de terminar".

(Harriet Sherwood, "Com os leões, sem Daniel". Tradução de Luiz Roberto Mendes Gonçalves. *Carta capital*, 05 de agosto de 2015. Ano XXI. n.861)

(ESAF – Analista de Planejamento e Orçamento – 2015)

(Adaptada) No que diz respeito às estruturas linguísticas do texto, julgue as assertivas a seguir como " certa" ou " errada"::

31. Na expressão " uma deterioração significativa" (l. 5), " deterioração" é o núcleo do objeto direto.

32. A expressão " nos últimos anos" (l. 5) tem a função sintática de adjunto adverbial de lugar.

Gabarito: 1. e; 2. b; 3. b; 4. b; 5. c; 6. c; 7. a; 8. E; 9. E; 10. E; 11. E; 12. C; 13. E; 14. E; 15. e; 16. C; 17. c; 18. C; 19. C; 20. E; 21. e; 22. a; 23. C; 24. C; 25. E; 26. b; 27. b; 28. b; 29. e; 30. errada; 31. certa; 32. errada.

13.5. RESUMO

Bem, agora que já vimos todos os termos da oração, faz-se necessário organizá-los… Vamos lá?

- Objetos direto e indireto são chamados de **complementos verbais.**
- A diferença entre objeto indireto e objeto direto preposicionado está na **regência do verbo**. No objeto direto preposicionado, a preposição não é solicitada pelo verbo.
- **Complemento nominal** é termo substantivo que pode completar outro substantivo, um adjetivo ou um advérbio.
- **Adjunto adnominal** sempre se liga a substantivo. Pode ser artigo, numeral, pronome, adjetivo ou locução adjetiva. É termo que especifica o substantivo e pode aparecer em qualquer lugar da frase.
- **Adjunto adverbial** normalmente se liga a verbo, mas pode também se conectar a um adjetivo ou a outro advérbio. Indica sempre circunstância e pode ser retirado da frase. Na morfologia, pode vir representado pelo advérbio ou pela locução adverbial.

- **Nem tudo** que vem com preposição e se liga a verbo é objeto indireto. Se indicar circunstância, será adjunto adverbial.
- **Agente da passiva** não é termo obrigatório na frase. Vem sempre na voz passiva analítica e antecedido de preposição.
- O predicativo do sujeito vem sempre no predicado. O adjunto adnominal vem junto ao substantivo, em qualquer lugar da frase.
- Toda vez que um **adjetivo** se referir a um objeto, só será predicativo do objeto, **se o verbo pedir sua presença na frase**.
- **Aposto** é termo de **natureza substantiva**, nunca adjetiva. Toda vez que você estiver diante de um nome (de rua, de praça, de cidade…), será aposto, e não adjunto adnominal.
- **Vocativo é chamamento**. Não deve ser confundido com sujeito, que normalmente vem implícito na desinência do verbo no imperativo.
- Se o termo se refere a um substantivo concreto, é A.A. Se completa adjetivo ou advérbio, é C.N. Caso ele se refira a um substantivo abstrato, procure reescrever a frase e verificar se o valor da expressão é ativo (A.A.) ou passivo (C.N.).

14 VOZES VERBAIS

14.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Vamos, então, à próxima etapa: o estudo das vozes do verbo. É neste capítulo que você vai se preparar para as questões que hoje aparecem em grande quantidade nas provas, as que buscam reescritura de frases: a substituição de uma frase na voz ativa pela equivalente na passiva e vice-versa.

Voz verbal é aquela que indica a forma em que o verbo se encontra para mostrar a relação entre ele e o sujeito. Daí serem três os tipos de vozes verbais. Quando o sujeito age, pratica a ação verbal, tem-se a **voz ativa**. Veja um exemplo:

O professor recomendou a leitura deste livro.

Aqui, *o professor* exerce a ação de recomendar, ele é agente: a voz é ativa. No entanto, o sujeito pode receber a ação verbal, ser paciente do verbo. Nesse caso, tem-se a **voz passiva**. Veja:

A leitura deste livro foi recomendada pelo professor.

Agora, o sujeito *a leitura deste livro* não exerce a ação de recomendar, é seu alvo, elemento paciente. Veja que, comparando os dois exemplos, o segundo insere mais informações: enquanto o primeiro exemplo só continha um verbo (*recomendou*), o outro acrescentou mais um (*foi recomendada*). É uma forma de se reescrever a frase com mais palavras: é a **voz passiva analítica** ou **voz passiva com auxiliar**. Ela recebe este nome – analítica – porque acrescenta um verbo: diz o que se disse na voz ativa, só que com mais informações. Pense assim: toda vez que queremos *analisar* um problema, não aumentamos esse problema? A voz passiva analítica também aumenta, acrescentando um verbo… Por outro lado:

Vendeu-se o apartamento.

Nesse caso, o sujeito *o apartamento* também sofre a ação de ser vendido, é sujeito paciente, a voz é passiva. Só que, nesta frase, o que se tem é uma síntese de informações: diz-se que o apartamento foi vendido, sem se querer mencionar quem o vendeu. É a **voz passiva sintética**: nela, a tendência é a de não se mencionar o agente da passiva. Daí ela ser econômica, sintética. É uma forma de se impessoalizar, indeterminar o agente, o elemento que exerce a ação.

Ainda:

O rapaz se vestiu.

Aqui, o sujeito (o rapaz) exerce e sofre a ação do verbo. O sujeito e o objeto, representados pelo pronome reflexivo *se,* são a mesma pessoa. Diz-se que a voz é **reflexiva**.

Resumindo:

• Quando o sujeito exerce a ação, a voz é ativa. • Quando o sujeito sofre a ação, a voz é passiva. Será voz passiva analítica se vier com o verbo auxiliar de voz passiva (ser/estar/ficar+ particípio). Será passiva sintética se apresentar o pronome se, chamado de pronome apassivador ou partícula apassivadora.
• Quando o sujeito exerce e sofre a ação, tem-se a voz reflexiva. Nesse caso, o pronome oblíquo se será chamado de pronome reflexivo.

14.2. REESCRITURA DE FRASES (COMO PASSAR UMA FRASE DE UMA VOZ À OUTRA)

Vamos às questões de reescritura de frases (que pedem transposição da ativa para a passiva ou da passiva para a ativa):

Na passagem da ativa para a passiva, só interessam três termos: o objeto direto, o verbo e o sujeito. Isso ocorre porque:

1. O objeto direto da ativa vira sujeito paciente na passiva.

   O professor recomendou **o livro**. (objeto direto: o livro)

   O livro foi recomendado pelo professor. (sujeito paciente: o livro)

   Se o objeto direto vier representado por um pronome pessoal oblíquo, ao virar sujeito, o pronome oblíquo virará pronome reto:

   O professor **o** recomendou.

   Ele foi recomendado pelo professor.

2. O verbo da voz ativa ganhará um verbo auxiliar (*ser/estar/ficar*), que ficará no mesmo tempo e modo, seguido do verbo principal no particípio.

   O professor **recomendou** o livro.

   *verbo *recomendar* no pretérito perfeito do indicativo

   O livro **foi recomendado** pelo professor.

   *locução verbal: verbo *ser* no pretérito perfeito seguido de *recomendar* no particípio

   Se, na voz ativa, o tempo é composto, na passagem para a passiva, mantenha o auxiliar do tempo composto e acrescente apenas o auxiliar de passiva *sido*:

   O professor **tem recomendado** o livro.

   *locução verbal de tempo composto

   O livro **tem sido recomendado** pelo professor.

   *Agora, você tem dois auxiliares: um, de tempo composto (*tem*) e outro, de voz passiva (*sido*).

3. O sujeito da voz ativa transforma-se em agente da passiva.

O professor recomendou o livro. (sujeito: o professor)

O livro foi recomendado **pelo professor**. (agente da passiva: pelo professor)

Se, na voz ativa, o verbo estiver na 3ª pessoa do plural, sem sujeito expresso na frase, o sujeito será indeterminado. Aí, na passiva, o agente não será mencionado:

Recomendaram o livro (verbo na 3ª p. pl.: sujeito indeterminado).

O livro foi recomendado (agente da passiva também indeterminado).

Passando uma frase da voz ativa para a passiva:

a) O objeto direto vira sujeito.

b) O verbo ganha um auxiliar (ser/estar/ficar), no mesmo tempo e modo do verbo da voz ativa.

c) O sujeito da ativa vira agente da passiva.

Agora, vamos fazer o contrário? Na passagem da passiva analítica para a ativa, precisamos nos preocupar com o agente da passiva, o verbo e o sujeito. Isso porque:

4. O agente da passiva volta a ser sujeito na ativa.

O aluno foi elogiado **pelo professor**. (agente da passiva: pelo professor)

O professor elogiou o aluno. (sujeito agente: o professor)

Se, na voz passiva, não houver agente da passiva, o verbo na voz ativa ficará na 3ª pessoa do plural, para marcar um sujeito indeterminado:

O aluno foi elogiado. (agente da passiva não mencionado)

Elogiaram o aluno. (verbo na 3ª p. pl.: sujeito indeterminado)

5. A locução verbal de voz passiva perde o auxiliar de passiva (normalmente o verbo *ser*). O verbo da voz ativa ficará no mesmo tempo do auxiliar da passiva.

O aluno **foi** elogiado pelo professor. (verbo auxiliar *ser* no pret. perf.)

O professor **elogiou** o aluno. (verbo *elogiar* no pret. perf.)

Se a frase na voz passiva possuir, além do auxiliar de voz passiva, outro verbo auxiliar, ele continuará a existir na voz ativa; lembre-se: você só retirará o auxiliar de voz passiva, não tente se livrar de todos os verbos!:

O aluno **tem sido elogiado** pelo professor.

locução verbal com dois auxiliares: um de tempo composto – *tem* – e outro de passiva – *sido*; lembre-se de só retirar o auxiliar de passiva.

O professor **tem elogiado** o aluno.

locução verbal com apenas um auxiliar, que é o do tempo composto.

6. O sujeito da voz passiva volta a ser objeto direto na ativa:

O aluno foi elogiado pelo professor. (sujeito paciente: o aluno)

O professor elogiou **o aluno**. (objeto direto: o aluno)

Já está ficando zonzo com tanta informação? Então, vamos sistematizar...

Passando uma frase da voz passiva analítica para a voz ativa:

a) O agente da passiva vira sujeito agente na ativa.

b) A locução verbal perde o auxiliar de voz passiva, que transmite o tempo verbal ao verbo da voz ativa.

c) O sujeito da voz passiva vira objeto direto na ativa.

Bem, para entender de fato todo esse raciocínio, só fazendo questões de concursos. Como dissemos anteriormente, as questões que mais aparecem em relação ao assunto de vozes verbais são aquelas que buscam reescrituras – passagem da ativa para a passiva e vice-versa. O assunto, em si, não é tão complexo, mas você deve se preocupar com o tempo de resolução da questão. É preciso ser rápido e, para isso, é preciso ter método. Por isso, resolvemos separar esse tipo de questão em dois blocos, para treinar você de forma mais eficaz. O primeiro tipo de questão é aquela em que se busca a **reescritura da voz ativa para a passiva analítica**.

Atenção!

1. Destacar, na frase, o núcleo do objeto direto, que virará sujeito. Com ele, o verbo deverá concordar.
2. Detectar o tempo do verbo na voz ativa. O auxiliar da passiva que será acrescentado à frase deverá estar nesse tempo verbal. Lembre-se sempre de somar um verbo: se há um verbo na frase, então serão dois; se há dois, serão três, e assim por diante.
3. O sujeito vira agente antecedido da preposição por, mas normalmente as bancas nem se preocupam tanto com a identificação do agente da passiva.
4. Os outros termos sintáticos que eventualmente existirem na frase (adjuntos adverbiais, predicativos etc.) ficarão intactos: não se preocupe com eles, para não perder tempo de resolução da questão.
5. Faça mentalmente a transposição da ativa para a passiva: evite olhar cada alternativa, pois você pode se perder em meio a tantas opções.

Vamos, então, aprender a sair da passiva sintética e ir à ativa? Nesse caso, o sujeito da passiva (casas) volta a ser objeto direto; a partícula apassivadora é extraída da frase e o verbo fica na 3ª pessoa do plural para marcar a indeterminação do sujeito. De uma forma mais prática, teríamos:

Reescritura da voz passiva sintética para voz ativa

a) Retire o pronome apassivador da frase.

b) Passe o verbo para a 3ª pessoa do plural, se ele já não estiver, mantendo o tempo.

Seguindo o mesmo raciocínio, podemos realizar a reescritura da passiva sintética para a passiva analítica. Nesse

caso, lembre-se de que, já que você está indo para a passiva analítica, é preciso *acrescentar* um verbo auxiliar (normalmente *ser*), que ficará no mesmo tempo verbal.

Reescritura da voz passiva sintética para a voz passiva analítica a) O sujeito paciente da voz passiva sintética permanecerá sendo sujeito na voz passiva analítica. b) Acrescente o verbo auxiliar ser, que ficará no mesmo tempo e modo da frase original.

Vamos ver se funciona? Veja uma questão de prova resolvida como exemplo.

1. (TRT-SP – Ag. Fisc. Fin.) … de que as reservas de gás de Bahia Blanca, ao sul de Buenos Aires, **se estão esgotando**.

A forma verbal destacada acima pode ser corretamente substituída, sem prejuízo do sentido original, por:

a) está para esgotar.

b) vai ser esgotado.

c) estão sendo esgotadas.

d) vinham sendo esgotadas.

e) vem esgotando.

Comentários:

A frase que aparece no enunciado está na voz passiva sintética e podemos perceber pelas opções oferecidas pela banca que o que se quer é que o aluno transponha a frase para a passiva analítica.

Logo, detecte o sujeito (*as reservas de gás de Bahia Blanca*) e o tempo do verbo (nesse caso, como se tem uma locução verbal, não deixe de olhar para o último verbo, que é o principal – *esgotando*). É nesse tempo que ficará o auxiliar da voz passiva analítica. Assim, teríamos: "As reservas de gás… estão <u>sendo</u> esgotadas"). Observe que, como você foi para a passiva analítica, você ganhou um verbo: se havia dois (*estão esgotando*), ficamos com três (*estão sendo esgotadas*).

E não esqueça: evite olhar para as outras alternativas, caso contrário você se apaixona pela errada e acaba marcando…

Resposta: C.

14.3. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Identifique as vozes verbais.

1. A cozinha era antiga e escura.

_____

2. A cozinha era reformada aos poucos.

3. Uma senhora foi assaltada por um adolescente.

4. Assaltou-se uma senhora.

5. Arrumou-se para o jantar.

6. Recebeu-se o projeto com ceticismo.

7. A comunidade científica recebeu o projeto com ceticismo.

8. O projeto foi recebido com ceticismo pela comunidade científica.

9. Fazendeiros brasileiros ajudam a equipar a polícia.

10. Os resultados foram divulgados via TV.

11. "A Bíblia é uma coleção de lendas veneráveis, mas primitivas e infantis." (Albert Einstein)

II. Nas frases a seguir, transforme a voz ativa em passiva analítica.

1. Algumas pessoas colecionam moedas e selos antigos.

2. O pessoal não vê o autoritarismo como alternativa.

3. "O Governo de nosso Estado combate e denuncia todas as formas de violência."

4. "O escândalo do Orçamento expôs definitivamente a indústria da miséria."

5. “O Brasil não resolverá os problemas da miséria.”

_____

6. “O irmão pobre, se morre e apodrece, leva o irmão rico de cambulhada.”

_____

7. “No Brasil, matam crianças à bala.”

_____

8. “O Governo havia transferido tarefas e recursos aos municípios.”

_____

9. Obedeceu-se às ordens.

_____

10. Muitos cientistas não acreditam em Deus.

_____

III. Nas frases a seguir, passe para a voz passiva sintética.

1. Os presos eram proibidos de usar barbas e cabelos longos.

_____

2. Contaram a verdade.

_____

3. Aqui são dadas aulas inesquecíveis.

_____

4. Esconderam armas de destruição maciça.

_____

5. O projeto foi recebido com ceticismo.

_____

IV. Nas frases a seguir, transforme a voz passiva em ativa.

1. Os presos eram proibidos de usar barbas e cabelos longos.

_____

2. Com verba do Estado, dezoito composições já estão sendo reformadas.

_____

3. Esperavam-se resultados mais animadores.

_____

4. As palavras precisavam ser interpretadas.

_____

5. A cidade era sacudida e inquietada por uma trovoada surda e cava.

_____

6. Para não ser olhado com medo, resolveu ceder.

_____

7. No nosso país, deveriam ser instituídas leis mais rigorosas.

_____

8. Recusou-se o convite.

_____

9. As negociações deverão ser concluídas até outubro.

_____

10. A história do Brasil pode ser contada de vários modos e sob vários ângulos.

_____

Gabarito: I – 1. voz ativa (antiga/ escura: predicativos do sujeito); 2. voz passiva analítica; 3. voz passiva analítica; 4. voz passiva sintética; 5. voz reflexiva; 6. voz passiva sintética; 7. voz ativa; 8. voz passiva analítica; 9. voz ativa; 10. voz passiva analítica; 11. voz ativa. **II** – 1. Moedas e selos antigos são colecionados por algumas pessoas. 2. O autoritarismo não é visto pelo pessoal como alternativa. 3. Todas as formas de violência são combatidas e denunciadas pelo Governo de nosso Estado. 4. A indústria da miséria foi exposta definitivamente pelo escândalo do orçamento. 5. Os problemas da miséria não serão resolvidos pelo Brasil. 6. O irmão rico é levado de cambulhada pelo irmão pobre. 7. No Brasil, crianças são mortas à bala. 8. Tarefas e recursos haviam sido transferidos pelo Governo aos municípios. 9. As ordens foram obedecidas. (Ver observação (b) da p. 13). 10. Esta frase não pode ser transformada em voz passiva, pois o verbo é transitivo indireto. **III** – 1. Proibiam-se os presos...; 2. Contou-se a verdade; 3. Aqui dão-se aulas...; 4. Esconderam-se armas...; 5. Recebeu-se o projeto... **IV** – 1. Proibiam os presos... 2. Com verba do Estado, estão reformando dezoito composições. 3. Esperavam resultados mais animadores. 4. Precisavam interpretar as palavras. 5. Uma trovoada surda e cava sacudia e inquietava a cidade. 6. Para não o olharem com medo... 7. No nosso país, deveriam instituir leis... 8. Recusaram o convite. 9. Deverão concluir as negociações... 10. Podem contar a história do Brasil...

Nas provas de concursos públicos, quanto a vozes verbais, costuma-se trabalhar com três tipos de questões. Vamos sistematizar:

- O primeiro tipo de questão é aquela em que a banca quer saber se a frase admite transportação da voz ativa para a passiva.
- O segundo tipo, que é a mais comum a todas as bancas, pede que o aluno reescreva da ativa para a passiva ou vice-versa.
- Há ainda as questões que pedem apenas que o candidato identifique a voz do verbo (ativa/passiva/reflexiva).

É com base nesses três tipos de questões que vamos organizar este capítulo sobre vozes verbais. E, para cada assunto estudado, questões de concursos para você resolver. Vamos lá?

14.4. QUESTÕES QUE PERGUNTAM SE A FRASE ADMITE TRANSPORTAÇÃO PARA A VOZ PASSIVA

Uma frase na voz ativa admitirá a passagem para a voz passiva se possuir objeto direto que possa virar sujeito. Isso porque a voz passiva, em geral, representa a reescritura da ativa, só que dá ênfase ao objeto direto da ativa, que passa a funcionar como sujeito. Ora, então é preciso que a voz ativa apresente objeto direto, o que ocorre com os verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos. Por isso, nas questões em que se perguntar se há ou não possibilidade de transportação para a passiva, vá correndo procurar na frase, que está na voz ativa, um objeto direto. Se houver, em geral, ela admitirá transportação. Bancas como a Fundação Carlos Chagas e a Cesgranrio elaboram muitas questões desse tipo. Veja algumas delas:

1. (FCC – TRF 4ª Região – Anal. Judic.) A seguinte construção não admite transposição para a voz passiva:

a) Isso esclarece um pouco a razão das tensões (…)

b) (…) detestamos a hipocrisia e a falsidade (…)

c) Vivemos, assim, sobre esse fio de navalha entre a verdade e o disfarce.

d) As chamadas "regras de convívio" supõem, sempre, algum "mascaramento".

e) (…) que nos olhe nos olhos (…)

Comentários:

Na letra A, o verbo *esclarecer* é transitivo direto e vem seguido de seu objeto direto *a razão das tensões*. Admite, portanto, transportação. Na letra B, o verbo *detestar* também é transitivo direto, seguido de seu objeto direto composto *a hipocrisia e a falsidade*. Na letra D, o mesmo ocorre: o verbo *supor* é verbo transitivo direto e vem seguido de seu objeto direto *algum mascaramento*. E, na letra E, a história se repete: o verbo *olhar* é transitivo direto e vem seguido de seu objeto direto *nos*. A única frase que não traz um verbo transitivo direto é a letra C, que apresenta um verbo intransitivo – *vivemos* – seguido de um adjunto adverbial de lugar *sobre esse fio de navalha entre a verdade e o disfarce*. É o único verbo que não permite a transportação para a voz passiva.

Resposta: C.

2. (Cesgranrio) A frase que admite transposição para a voz passiva é:

a) A prova de que não somos uma coisa só está em cada dia que amanhece.

b) Outro dia recortei da internet este fragmento de um blog (…).

c) A humanidade não tem jeito.

d) O pessimista não é inimigo das idealizações, muito pelo contrário.

e) Nem tudo está perdido.

Comentários:

A letra A apresenta dois verbos que não são transitivos diretos: *somos*, que é verbo de ligação e vem seguido de um predicativo do sujeito *uma coisa só*, e o *está*, que é intransitivo, vindo seguido de um adjunto adverbial *em cada dia que amanhece.*

A letra B traz o verbo *recortar*, transitivo direto, com seu objeto direto *este fragmento de um blog*.

A letra C, embora apresente verbo transitivo direto, trata-se de um verbo que não admite transportação por impedimento semântico. Tente passar essa frase mentalmente para a voz passiva: "Jeito não é tido pela humanidade" por impedimento semântico. Faz sentido isso?

As letras D e E apresentam verbos de ligação, não admitindo, portanto, transportação para a passiva.

Resposta: B.

Aqui, vale um recado:

De fato, só admite passagem para a passiva um verbo que tenha transitividade direta.

Fernanda elogiou duas colegas. (voz ativa)

Duas colegas foram elogiadas por Fernanda. (voz passiva)

Pelo que podemos observar, o objeto direto da ativa – *duas colegas* – virou sujeito paciente na voz passiva, e o sujeito *Fernanda* transformou-se em agente da passiva (*por Fernanda*).

Entretanto, o contrário não se afirma: nem todo verbo transitivo direto pode ser construído na voz passiva. Veja as frases:

Guilherme quer um presente.

Fernanda pode tudo.

Arthur tem bons modos.

Há crianças na sala.

Tente passar essas frases para a passiva. Teríamos aberrações do tipo: *Um presente é querido por Guilherme; Tudo é podido por Fernanda* e *Bons modos são tidos por Arthur; Crianças são havidas na sala.* Fazem sentido essas frases?

Ainda que só verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos admitam voz passiva, há verbos transitivos indiretos que admitem passiva. O uso coloquial acabou consagrando em textos cultos construções do tipo:

Os empregados foram pagos.

Os pais devem ser obedecidos.

O jogo foi assistido por todos.

A carta foi respondida.

Os verbos *pagar, obedecer, assistir* (= ver, presenciar) e *responder* são transitivos indiretos, mas admitem voz passiva. São frases consagradas do uso coloquial, mas que já aparecem em algumas provas. Mas cuidado: é sempre bom, diante das questões, analisar cada alternativa a fim de ver se a banca admitiu ou considerou errado esse tipo de construção, pois há divergências em relação a isso.

Resumindo:
- Em princípio, só verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos admitem voz passiva.
- Há verbos transitivos diretos que não admitem voz passiva (ter, haver, poder, querer...).
- Há verbos transitivos indiretos que admitem voz passiva (obedecer, pagar, responder, assistir...).

Mais questões:

3. (FCC/TRF – 2ª Região – Téc. Adm.) A construção que admite transposição para a voz passiva é:

a) São inúmeras as consequências dessa idolatria.

b) As leis do mercado favorecem esse culto da juventude.

c) A juventude deixou de ser uma fase da vida.

d) Resulta disso tudo uma espécie de código comportamental.

e) Cresce a olhos vistos a oferta de produtos associados à juventude.

Comentários:

A banca busca a única frase que apresente um verbo com transitividade direta. A letra A apresenta verbo de ligação (seu sujeito é *as consequências dessa idolatria* e seu predicativo é *inúmeras*). Ora, verbo de ligação não admite transposição para a passiva. A letra B, por sua vez, apresenta um verbo transitivo direto, *favorecem*, seguido de seu objeto direto *esse culto da juventude*. Na letra C, o verbo principal da locução verbal é um verbo de ligação, *ser*, que vem seguido de seu predicativo *uma fase da vida*. A letra D está fora de ordem, procure organizá-la antes de classificar o verbo: *Uma espécie de código fundamental resulta disso tudo*. O verbo *resultar* é transitivo indireto,

não admitindo, portanto, passagem para a passiva. Na letra E, temos o verbo *crescer*, que é intransitivo. Portanto, a única frase que apresenta um verbo com transitividade direta será a que permitirá transposição para a passiva.

Resposta: B.

4. (FCC/TRF – 2ª Região – Téc. Adm.) Essa situação **é agravada** pelo fato de quinze desses gigantes estarem localizados em países pobres ou emergentes.

O verbo que admite o mesmo tipo de transposição ocorrida no exemplo destacado acima está também grifado na frase:

a) Em todo o mundo muitas cidades crescem sem nenhum planejamento.

b) A maior parte da população do planeta já mora em cidades.

c) A vida em cidades depende de normas comuns de comportamento.

d) A população das grandes cidades está sujeita a problemas de trânsito e de violência.

e) Neste ano a população urbana ultrapassará o número de moradores das áreas rurais.

Comentários:

A frase que aparece no enunciado está na passiva analítica: o sujeito (*essa situação*) sofre a ação. Além disso, ela apresenta uma locução verbal de voz passiva (*é agravada*). A banca procura aqui uma frase que esteja na voz ativa, mas que admita transposição para a passiva. Nas letras A e B, os verbos *crescer* e *morar* são intransitivos. Na letra C, mais um verbo que não admite transportação – *depende* – por ser transitivo indireto (seguido de seu objeto indireto *de normas comuns de comportamento*). A letra D, por sua vez, traz um verbo de ligação *está* (seguido de seu predicativo *sujeita*). Só a letra E apresenta um verbo transitivo direto – *ultrapassará* – seguido de seu objeto direto *o número de moradores das áreas rurais*.

Resposta: E.

5. (FCC/TRF – 18ª Região) Não admite transposição para a voz passiva o seguinte segmento:

a) Resolvi bem esse problema (…).

b) É preciso, pois, desenvolver o ethos da nação (…).

c) Ele precisa valorizar essa convivência (…).

d) (…) está na ética uma garantia para um pleno convívio social.

e) (…) que as ações dos outros encontrem nele plena aprovação.

Comentários:

Em todas as frases haverá um verbo com transitividade direta, exceto em uma. Na letra A, o verbo *resolver* é transitivo direto e vem seguido de seu objeto direto *esse problema*. Na letra B, o verbo *desenvolver* é transitivo

direto e vem seguido de seu objeto *o ethos da nação*, o mesmo ocorrendo com o *valorizar* na letra C, que tem como objeto direto *essa convivência*. Quanto à letra D, procure organizá-la antes de analisar o verbo: *Uma garantia para um pleno convívio social está na ética*. O sujeito, aqui, é *uma garantia para um pleno convívio social* e o verbo *estar* é intransitivo e vem seguido de seu adjunto adverbial de lugar *na ética*. Com a letra E, o perigo é o mesmo – é preciso colocá-la na ordem direta antes de analisar o verbo. Teríamos, portanto: *Que as ações dos outros encontrem plena aprovação nele*. Veja se agora não ficou mais fácil: *as ações dos outros* é sujeito, o verbo *encontrar* é transitivo direto e indireto, *plena aprovação* é objeto direto e *nele*, objeto indireto. Ora, o único verbo que não admite transportação para a passiva é o *estar*, da letra D.

Resposta: D.

Você já percebeu que a tendência das bancas é trabalhar com frases fora da ordem direta, para confundir o aluno? Por isso, não se esqueça de, nas frases mais complexas, desenvolver um passo a passo para a organização do período, procedendo da seguinte forma:

Ordem direta no período simples
1. Vá ao verbo e pergunte pelo sujeito.
2. Depois de detectar o sujeito, pergunte por seus complementos: objetos diretos ou indiretos.
3. Se a frase possuir predicativo, esse deverá ficar após os complementos verbais.
4. Os adjuntos adverbiais ficarão sempre ao final.

6. (TCE/AL) A transposição para a voz passiva é possível apenas em:

a) Novos gestos incutem à nossa vida um novo sentido.

b) A liberdade aposta, sempre, em novas possibilidades.

c) Na nossa capacidade de escolha estaria a nossa liberdade.

d) A resolução desse dilema depende de uma grave decisão.

e) As ideias fatalistas conspiram contra as ações libertárias.

Comentários:

A letra A traz um verbo transitivo direto e indireto: *um novo sentido* é objeto direto e *à nossa vida* é objeto indireto. As letras B, D e E apresentam verbos transitivos indiretos: *apostar* tem como objeto indireto *em novas possibilidades*, *depender* vem com o objeto indireto *de uma grave decisão* e *conspirar*, com objeto indireto *contra as ações libertárias.* Já a letra C, colocando-a na ordem, temos: "A nossa liberdade estaria na nossa capacidade de escolha". O verbo *estar* é intransitivo e vem seguido de adjunto adverbial de lugar *na nossa capacidade de escolha*. Como a questão pedia a única alternativa que admitisse a passagem para a passiva, tem-se apenas a letra A com um verbo de transitividade direta.

Resposta: A.

7. (Cesgranrio/Biocombustível) O indiscutível êxito do produto demonstra que as dúvidas foram dissipadas...

O verbo que admite transformação em voz passiva, tal como o grifado acima, está também grifado na frase:

a) A economia nacional parece hoje mais estável.

b) O carro bicombustível chegou ao mercado brasileiro há pouco tempo.

c) A indústria brasileira já vendeu 5 milhões de carros bicombustíveis.

d) O álcool combustível permanece mais barato do que a gasolina.

e) O Proálcool foi a resposta brasileira às crises do petróleo.

Comentários:

A frase do enunciado está na passiva analítica: o sujeito *as dúvidas* sofre a ação e aparece uma locução verbal de voz passiva (*foram dissipadas*). A banca buscava uma frase que admitisse tal transformação, ou seja, uma frase com verbo de transitividade direta.

As letras A, D e E apresentam verbos de ligação: na letra A, tem-se o verbo *parecer*, seguido de seu predicativo *mais estável*; na letra D, observa-se o verbo *permanece*, seguido de seu predicativo *mais barato*; na letra E, tem-se o verbo de ligação *ser*, com seu predicativo *a resposta brasileira*. Se todas as três apresentam verbos de ligação, elas não admitem a passagem para a passiva.

A letra B traz um verbo intransitivo, *chegou*, seguido de dois adjuntos adverbiais: *ao mercado brasileiro*, que indica lugar e *há pouco tempo*, que é adjunto adverbial de tempo. Ora, verbo intransitivo também não admite transportação.

Só a letra C apresenta verbo transitivo direto – *vender* – seguido de seu objeto direto, que é *5 milhões de carros biocombustíveis*.

Resposta: C.

14.5. QUESTÕES QUE PEDEM PARA PASSAR DE UMA VOZ À OUTRA

Vamos ao segundo tipo de questão, aquela em que se pede para passar de uma voz à outra? São as questões de reescritura de frases.

1. (TRE – AP) Transpondo-se para a voz passiva a frase *Ele gasta dinheiro que nem água*, a forma verbal resultante será:

a) será gasta.

b) foi gasta.

c) está sendo gasto.

d) será gasto.

e) é gasto.

Comentários:

O núcleo do objeto direto é *dinheiro*. O verbo na voz ativa (*gasta*) está no presente do indicativo, portanto, o auxiliar da passiva ficará também no presente do indicativo (*é*). Lembre-se de que o particípio, na voz passiva, concorda com o seu sujeito em gênero e número. Portanto, teremos: "*dinheiro* é *gasto* que nem água". Observe que nós nem olhamos para as outras opções: com o devido raciocínio, você irá diretamente à resposta.

Resposta: E.

2. (TRF – 4ª Região – Anal. Judic.) Transpondo-se para a voz passiva a frase *transmiti o respeito de meus pais pelas ficções*, a forma verbal resultante será:

a) terá sido transmitido.

b) transmitiram-me.

c) fora transmitido.

d) transmitiram-se.

e) foi transmitido.

Comentários:

O núcleo do objeto direto é *respeito*: destacando o núcleo, você fará a concordância do verbo com mais rapidez. O verbo na voz ativa está no pretérito perfeito do indicativo: assim ficará o verbo *ser*, auxiliar de voz passiva (*foi*). Assim, teríamos: *O respeito de meus pais pelas ficções foi transmitido por mim.*

Resposta: letra E.

3. (PMSAL) … a literatura carioca já **registrava** com frequência o termo samba.

Transpondo para a voz passiva, a forma verbal destacada passa a ser, corretamente:

a) registrou.

b) devia registrar.

c) fora registrado.

d) era registrado.

e) seria registrada.

Comentários:

O objeto direto, *o termo samba*, tem como núcleo o substantivo *termo*. O verbo na voz ativa está no pretérito imperfeito do indicativo, portanto, o verbo *ser* ficará também no pretérito imperfeito: *era*. O sujeito *a literatura*

carioca vira agente da passiva, mas observe que a banca nem se preocupa com isso. Os outros termos sintáticos permanecem inalterados. Assim, teríamos: *O termo samba era registrado com frequência pela literatura carioca*.

Resposta: D.

4. (TRT – 2ª Região) Transpondo-se para a voz passiva o segmento *ninguém descobre sua timidez*, a forma verbal resultante será:

a) não terá descoberto.

b) não será descoberta.

c) não terá sido descoberta.

d) não é descoberta.

e) não tem descoberto.

Comentários:

O objeto direto é *sua timidez*. O verbo na voz ativa está no presente do indicativo, logo o auxiliar de passiva ficará no mesmo tempo (*é*). O verbo da voz ativa vai para o particípio, concordando em gênero e número com o sujeito. Assim, teremos: *Sua timidez não é descoberta por ninguém.*

Resposta: D.

5. (TRT – 2ª Região – Anal. Judic.) Transpondo-se para a voz passiva a construção *a voz do futuro nos acorda*, a forma verbal resultante será:

a) temos sido acordados.

b) temos acordado.

c) teremos acordado.

d) seremos acordados.

e) somos acordados.

Comentários:

O objeto direto vem representado pelo pronome oblíquo *nos*, portanto, na voz passiva, ao virar sujeito, virá representado por um pronome reto (*nós*). O verbo da voz ativa – *acorda* – está no presente do indicativo: assim ficará o auxiliar da passiva. Sempre se lembre de somar um verbo: se possuímos um verbo na voz ativa, na passiva analítica, serão dois. Assim, teremos: *(Nós) somos acordados pela voz do futuro.* Observe o que a banca fez nas letras B e C: usou auxiliar (*ter*) que nem é de voz passiva. Na letra A, mais uma maldade: acrescentou mais um verbo, o que não é permitido: se temos um verbo na voz ativa, ficaremos apenas com dois na passiva analítica, não com três.

Resposta: E.

6. (TRF – Taquigrafia) Transpondo a frase *os extraordinários acontecimentos pareciam dividir nitidamente o mundo entre os defensores e os inimigos da liberdade e do progresso social* para a voz passiva, a forma verbal corretamente obtida é:

a) parecia ser dividido.

b) pareciam ter sido divididos.

c) tinha sido dividido.

d) tinha parecido dividir.

e) pareciam dividirem.

Comentários:

O objeto direto da voz ativa é *o mundo*. Mas desta vez tenha mais cuidado: temos uma locução verbal na voz ativa composta de um verbo auxiliar (*pareciam*) e um principal (*dividir*). Lembre-se de somar um auxiliar a essa locução verbal, que será o verbo *ser* e ficará no tempo verbal do *dividir*. Com o tempo verbal do auxiliar *pareciam,* você não irá mexer. Logo, se temos dois verbos, ficaremos com três. Assim: *O mundo parecia ser dividido nitidamente entre os defensores e os inimigos da liberdade e do progresso social pelos extraordinários acontecimentos*. Não se preocupe com os outros termos sintáticos, enfoque atentamente apenas o objeto direto e a locução verbal da ativa, antes de passar a frase para a passiva analítica.

Resposta: A.

Agora está na hora de você conhecer a voz passiva sintética ou pronominal. Ela recebe esse nome por espécie de síntese de informações: ela normalmente não menciona o agente da passiva nem apresenta o verbo auxiliar da voz passiva analítica. Observe:

Alugam-se casas.

Nessa frase, *casas* é o sujeito, que vem posposto ao verbo, **por isso, cuidado para não confundi-lo com o objeto direto**. O pronome se que aparece na frase é a chamada partícula apassivadora ou pronome apassivador.

Bom de treinar, não é? Agora, vamos ao terceiro tipo de questão: aquela em que se quer a identificação da voz da frase.

14.6. QUESTÕES PARA SE IDENTIFICAR A VOZ DA FRASE

Antes de irmos a elas, vale lembrar:

1. Voz ativa: os homens dirão a verdade. (sujeito agente: os homens; objeto direto: a verdade)
2. Voz passiva analítica: sujeito paciente + verbo auxiliar ser, estar, ficar + particípio (verbo principal) + agente da passiva (caso

exista na frase): A verdade será dita pelos homens.

3. Voz passiva pronominal: verbo transitivo direto + pronome apassivador se + sujeito (o agente da passiva, em geral, não é mencionado): Dir-se-á a verdade.

4. Voz reflexiva: sujeito + verbo + pronome se reflexivo: Ela se enganava. (= Ela enganava a si mesma)

1. (NCE/Minist. Saúde) Muitas vezes no texto, como em "se a mãe for bem alimentada", se utiliza a voz passiva; a alternativa em que isso também ocorre é:

a) "O corpo humano necessita de alimentos".

b) "para se manter ativo".

c) "a fim de que tenha energia suficiente".

d) "se não for atendida essa necessidade".

e) "para se desenvolver fisicamente".

Comentários:

Na letra A, temos um verbo que, embora tenha um sentido passivo (chamamos isso de *passividade*), está na voz ativa: *o corpo humano* exerce a ação de necessitar de alimentos.

Na letra B, o pronome *se* é reflexivo, tem o valor de *a si mesmo*: a frase está na voz reflexiva. O mesmo ocorre na letra E, cuja frase equivale a *para desenvolver a si mesmo fisicamente.* Assim, excluem-se as letras B e E.

Na letra C, o sujeito exerce a ação de *ter*: a voz é ativa. Apenas na letra D, o sujeito é paciente: a frase está na voz passiva analítica, compõe-se de uma locução verbal *for atendida*.

Resposta: D.

Quanto à letra A desta questão, vale um recado:

Não confunda voz passiva com passividade. Na voz passiva, o verbo ou vem com auxiliar de passiva (voz passiva analítica) ou com o pronome apassivador se (voz passiva sintética), ou seja, há uma forma especial para se indicar que algo ou alguém recebe a ação do verbo.

Passividade tem a ver com o sentido da frase: o verbo tem valor passivo. E isso pode ocorrer inclusive com frases na voz ativa. Exemplos:

Esperei por você a vida inteira.

A criança recebeu o merecido castigo.

Essas frases estão na voz ativa, embora seus verbos tenham sentido passivo. Portanto, nem sempre a passividade corresponde à voz passiva!

2. (NCE) A frase abaixo que se encontra em voz passiva é:

a) "Quantos morreram pela liberdade de sua pátria?"

b) "Quantos foram presos ou espancados pela liberdade de dizer o que pensam?"

c) "Quantos lutaram pela libertação dos escravos?"

d) “O primeiro templo da liberdade burguesa é o supermercado.”

e) “a maioria já não sofre agressões a essas liberdades tão vitais…”

Comentários:

Na letra A, o sujeito exerce a ação de *morrer*: voz ativa. Na letra C, o mesmo acontece: o sujeito exerce a ação de *lutar*: voz ativa. Na letra D, o sujeito *o primeiro templo da liberdade burguesa* é agente do verbo *ser*, a frase está na voz ativa. Na letra E, embora o verbo tenha sentido passivo (passividade, lembra?), a frase está na voz ativa: o sujeito *a maioria* exerce a ação de sofrer. Somente na letra B o sujeito é paciente: a frase está na voz passiva e possui duas locuções verbais de passiva (*foram presos/*(*foram*) *espancados*).

Resposta: B.

14.6. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (TRF3 – Técnico Judiciário – FCC – Abril/2016)

Foram dois segundos de desespero durante os quais <u>*contemplei*</u> *o distrato do livro, a infâmia pública, o alcoolismo e a mendicância...*

Transpondo-se para a voz passiva o verbo sublinhado, a forma resultante será:

a) contemplavam-se.

b) foram contemplados.

c) contemplam-se.

d) eram contemplados.

e) tinham sido contemplados.

Leia o texto a seguir para responder às questões 2 e 3.

Depois que se tinha fartado de ouro, o mundo teve fome de açúcar, mas o açúcar consumia escravos. O esgotamento das minas – que de resto foi precedido pelo das florestas que forneciam o combustível para os fornos –, a abolição da escravatura e, finalmente, uma procura mundial crescente, orientam São Paulo e o seu porto de Santos para o café. De amarelo, passando pelo branco, o ouro tornou-se negro.

Mas, apesar de terem ocorrido essas transformações que tornaram Santos num dos centros do comércio internacional, o local conserva uma beleza secreta; à medida que o barco penetra lentamente por entre as ilhas, experimento aqui o primeiro sobressalto dos trópicos. Estamos encerrados num canal verdejante. Quase podíamos, só com estender a mão, agarrar essas plantas que o Rio ainda mantinha à distância nas suas estufas empoleiradas lá no alto. Aqui se estabelece, num palco mais modesto, o contato com a paisagem.

O arrabalde de Santos, uma planície inundada, crivada de lagoas e pântanos, entrecortada por riachos estreitos e canais, cujos contornos são perpetuamente esbatidos por uma bruma nacarada, assemelha-se à própria Terra, emergindo no começo da criação. As plantações de bananeiras que a cobrem são do verde mais jovem e terno que se possa imaginar: mais agudo que o ouro verde

dos campos de juta no delta do Bramaputra, com o qual gosto de o associar na minha recordação; mas é que a própria fragilidade do matiz, a sua gracilidade inquieta, comparada com a suntuosidade tranquila da outra, contribuem para criar uma atmosfera primordial.

Durante cerca de meia hora, rolamos por entre bananeiras, mais plantas mastodontes do que árvores anãs, com troncos plenos de seiva que terminam numa girândola de folhas elásticas por sobre uma mão de 100 dedos que sai de um enorme lótus castanho e rosado. A seguir, a estrada eleva-se até os 800 metros de altitude, o cume da serra. Como acontece em toda parte nessa costa, escarpas abruptas protegeram dos ataques do homem essa floresta virgem tão rica que para encontrarmos igual a ela teríamos de percorrer vários milhares de quilômetros para norte, junto da bacia amazônica. Enquanto o carro geme em curvas que já nem poderíamos qualificar como " cabeças de alfinete", de tal modo se sucedem em espiral, por entre um nevoeiro que imita a alta montanha de outros climas, posso examinar à vontade as árvores e as plantas estendendo-se perante o meu olhar como espécimes de museu.

(Adaptado de: Lévi-Strauss, Claude. *Tristes Trópicos*. Coimbra, Edições 70, 1979, p. 82-3)

2. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

A alteração da voz do verbo poder, nas duas vezes em que ocorre no último parágrafo, deverá resultar nas seguintes formas, respectivamente:

a) se poderia – se pode

b) poder-se-ia – podem-se

c) poderiam-se – pode-se

d) se poderiam – podem-se

e) se poderiam – se pode

3. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

A frase que NÃO admite transposição para a voz passiva encontra-se em:

a) ... *o acesso das obras a um* status *estético que as exalta*. (2º parágrafo)

b) ... *elas protestam contra os fatos da realidade, os poderes*... (1º parágrafo)

c) *Muitas obras antigas celebram vitórias militares e conquistas*... (1º parágrafo)

d) *O museu, por retirar as obras de sua origem*... (3º parágrafo)

e) ... *a crítica mais comum contra o museu apresenta-o*... (3º parágrafo)

4. (Copergás/PE – Téc. Seg. Trabalho – FCC – Jul./2016 – Adaptada)

O segmento reescrito corretamente com a forma verbal sublinhada na voz passiva correspondente está em:

a) *A vida na Terra* <u>*enfrenta*</u> *perigos astronômicos*... / Perigos astronômicos são enfrentados pela vida na Terra...

b) *Não é sábio* <u>*manter*</u> *todos os novos ovos em uma cesta frágil*... / Não é sábio que se mantesse todos os novos ovos em uma cesta frágil...

c) *Mas antes de* <u>*projetar*</u> *naves espaciais*... / Mas antes que projetarão-se naves espaciais...

d) *Uma prioridade é desenvolver câmeras, instrumentos e sensores em miniatura.* / Uma prioridade é ser desenvolvido câmeras, instrumentos e sensores em miniatura.

e) ... *mas ainda enfrenta barreiras tecnológicas.* / ... mas ainda enfrentaram-se barreiras tecnológicas.

5. (Eletrobras/Eletrosul – Téc. Seg. Trab. – FCC – Jun./2016 – Adaptada)

Os revestimentos das paredes isolam o calor.

Essa oração está corretamente reescrita na voz passiva em:

a) Isola o calor os revestimentos das paredes.

b) O calor é isolado pelos revestimentos das paredes.

c) Isolam-se o calor ao ser revestido as paredes.

d) O calor é que isola os revestimentos das paredes.

e) Os revestimentos das paredes são isolado do calor.

6. (TRT14R – Téc. Jud. – Área Adminis. – FCC – Fev./2016)

O marechal organizou o acervo...

A forma verbal está corretamente transposta para a voz passiva em:

a) estava organizando

b) tinha organizado

c) organizando-se

d) foi organizado

e) está organizado

7. (Copergás/PE – Analista Administrador – FCC – Jul./2016)

Transpondo-se para a voz passiva a frase **Um dos guardas seguia a velhinha para que a flagrasse como contrabandista**, as formas verbais resultantes deverão ser

a) era seguida – fosse flagrada

b) tinha seguido – vir a flagrá-la

c) tinha sido seguida – se flagrasse

d) estava seguindo – se tivesse flagrado

e) teria seguido – tivesse sido flagrada

8. (Eletrobras/Eletrosul – Adm. Empres. – FCC – Jun./2016)

Transpondo-se para a voz **ativa** a frase ***Eficazes sistemas de irrigação teriam sido utilizados pelos antigos em suas culturas de cereais***, a forma verbal resultante deverá ser

a) seriam utilizados.

b) teriam utilizado.

c) foram utilizados.

d) utilizaram-se.

e) haveriam de utilizar.

Leia o texto a seguir para responder à questão 9.

Designado para fazer a crítica dos espetáculos líricos de setembro de 1846 a outubro do ano seguinte no **Jornal do Comércio**, Martins Pena se revelou um profundo conhecedor da arte cênica, tanto no que se refere à prática teatral (cenário, representação, maquinarias) quanto a sua história, sendo não raro seus incisivos argumentos a causa de grandes polêmicas no teatro representado na corte brasileira.

Pena ganhou evidência como comediógrafo a partir de 1838, ano em que foi encenada sua peça **O Juiz de Paz na Roça**. Embora tenha produzido alguns dramas (que lhe renderam duras críticas), destacou-se de fato pelas suas comédias e farsas, nas quais retratou a cultura e os costumes da sociedade do seu tempo.

Nas suas obras, Pena buscou uma tomada de consciência de um momento da história de nosso país, que recém adquiria uma limitada independência, e tentou pensar criticamente nossa cultura, com as restrições que o contexto impunha ao trabalho intelectual, desvencilhando-se da tradição clássica, das comédias francesas, do teatro lírico e do melodrama, para criar uma nova comédia com traços muito pessoais, o que lhe garantiu sucesso imediato em seu tempo e um significado ímpar na história do teatro brasileiro.

Disponível em: <www.questaodecritica.com.br> (com adaptações).

9. (INSS – Analista Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

Julgue o item subsequente, que versa sobre os sentidos e os aspectos linguísticos do texto acima, como Certo (C) ou Errado (E).

A substituição de " destacou-se" (l. 6) por foi destacado prejudicaria o sentido original do período.

Leia o texto a seguir para responder à questão 10.

Texto II

O índio não teve muita sorte na literatura brasileira, depois do Romantismo. Enquanto nas letras hispano-americanas viceja um esplêndido indigenismo pelo século XX adentro, com tantos e tão importantes criadores dedicando-se a transpor o índio para a ficção, no Brasil se podem contar nos dedos das mãos os casos.

Torna a trazer o assunto à baila o aparecimento e grande vendagem de **Maíra**, romance de Darcy Ribeiro. O renomado antropólogo já tinha em seu acervo de realizações uma respeitável brasiliana, incluindo vários trabalhos sobre os índios, um dos quais, a história de Uirá, fora transformado em filme no início da década de 70. **Maíra** é, portanto, a primeira incursão do autor pelo épico, a menos que se considere a história de Uirá como uma primeira aproximação ao gênero.

O relato, como o filme, dá conta do trágico percurso de Uirá, da tribo Urubu-Kaapor, no Maranhão deste século, o qual um dia fica *iñaron* quando, após muitas desgraças comuns ao destino dos índios brasileiros, como fome, espoliação, epidemias, perseguições, perde também um dos filhos.

A palavra tupi *iñaron* designa um estado de fúria sagrada, associado ao sofrimento excessivo, não deixando de lembrar as

famosas fúrias dos heróis gregos: Hércules, uma vez acometido por um desses acessos, enviado pela vingativa Hera, matou, sem o saber, seus três filhos e esposa, tal como vem narrado na tragédia **Héracles Furioso**, de Eurípedes. Nas **Bacantes**, do mesmo autor, Agave, fora de si, participa do desmembramento de seu filho adulto, Penteu, rei de Tebas. E talvez o mais formidável exemplo seja o da cólera de Aquiles, que dá nascimento à inteira composição da **Ilíada**, desencadeada por sua recusa a continuar lutando. Devido à recusa de Aquiles, quase foi perdida a guerra de Troia e, não fosse sua fúria, o poema não teria sido composto.

Em meio ao furacão histórico da fase do capitalismo selvagem no país, quando o acirramento da acumulação leva multinacionais e suas cabeças-de-ponte nacionais a apropriar-se dos mais recônditos confins com vistas ao lucro, encontram-se, estonteados, os índios. O único problema dos Mairum – nome inventado, tribo arquetípica de todas as tribos, povo de Maíra – é como sobreviver e como fazer sua cultura sobreviver, com crescente dificuldade.

O romance inteiro soa como uma lamentação, um carpir sobre o fim de uma civilização das mais admiráveis. Seus trechos mais bem realizados são aqueles nos quais uma espécie de narrador coletivo índio dá conta de sua maneira de ver o mundo, de como compreende e interpreta seus hábitos e tradições; e, o que é mais importante, franqueia para o leitor seu tremendo desejo de sobrevivência e alegria de viver.

A produção e publicação de um romance como esse, agora, mostra como o índio está mais vivo do que nunca em sua conexão com a literatura brasileira. Tampouco deve ser uma coincidência que, neste exato momento, outras ficções, filmes, romances, peças de teatro, novelas de televisão, canções, estejam sendo feitos, todos sobre os índios, todos lutando em defesa de sua preservação para a História. Quando há tanta desconfiança em relação à pulsão destrutiva da civilização ocidental e entre nós é tão escandaloso o capitalismo selvagem, isso pode vir a significar alguma coisa. Talvez uma postura mais cautelosa e menos arrogante, de quem está aprendendo a perceber que outras civilizações encontraram saídas melhores e, sobretudo, não suicidas para males que hoje parecem irremediáveis, como o problema do poder, da proliferação e potenciação dos armamentos, da destruição da natureza, do Estado e de seu aparelho, da igualdade nunca encontrada. A alegoria da moça branca morta ao parir mestiços mortos poderá significar também o caráter heteroletal e autoletal da etnia branca? Pode ser que a importância da civilização indígena esteja, final e penosamente, penetrando na consciência do corpo social brasileiro.

Walnice Nogueira Galvão. Indianismo revisitado. In: *Esboço de figura – Homenagem a Antonio Candido*. São Paulo: Duas Cidades, 1979, p. 379-89 (com adaptações).

10. (Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Acerca das relações semântico-sintáticas e do vocabulário do texto II, julgue (C ou E) o item seguinte.

Mantendo-se a correção gramatical do texto, o segmento “ fora transformado em filme” (l. 7) poderia ser reescrito da seguinte forma: “ foi transposto para o cinema”.

11. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016 – Adaptada)

Considere-se o seguinte trecho, que está construído na voz ativa e tem verbo transitivo: “ Eu olhava tudo”

O mesmo tipo de construção ocorre em:

a) O apelido de Clarice Lispector era Flor-de-Lis.

b) Clarice virou cidadã brasileira no ano de 1943.

c) Clarice é uma das escritoras mais importantes de nossa literatura.

d) O prêmio literário Jabuti foi duas vezes concedido a Clarice Lispector.

e) Os editores da época recusaram os textos muito reflexivos de Clarice.

Leia o texto a seguir para responder à questão 12.

O Subsecretário de Aduana e Relações Internacionais da Receita Federal comentou os resultados das atividades aduaneiras em 2013. De acordo com o Subsecretário, os números corroboram uma série de avanços nos processos administrados pela Receita Federal como, por exemplo, na questão de controle de exportações e importações. "Dentro da diretriz de ter mais agilidade, celeridade e transparência, conseguimos reduzir tempos de despacho aduaneiro tanto na exportação quanto na importação, e o destaque é que na exportação a redução do tempo foi da ordem de 34%".

Ressaltou ainda que houve melhora nos resultados de controle, com aumento nos valores de créditos lançados na auditoria, fiscalização e incremento no número de operações nas fronteiras do país. Ao longo de 2013, foram realizadas 2.999 operações de vigilância e repressão ao contrabando e descaminho. O número representa um crescimento de 11,9% em relação ao mesmo período de 2012. A apreensão total de mercadorias processadas pela Receita resultou em um montante de R$ 1,68 bilhão. Entre as mercadorias apreendidas encontram-se produtos falsificados, tóxicos, medicamentos, entre outros.

(Adaptado de: <http://www.receita.fazenda.gov.br/AutomaticoSRF/sinot/2014/02/11>. Acesso em: 17 mar. 2014.)

12. (ESAF – Receita Federal – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2014)

(Adaptada) Julgue a assertiva a seguir como "certa" ou "errada".

Prejudica-se a correção gramatical do período e a coerência textual ao se substituir "foram realizadas" (l. 9) por **realizaram-se**.

Gabarito: 1. b; 2. d; 3. b; 4. a; 5. b; 6. d; 7. a; 8. b; 9. C; 10. C; 11. E; 12. errada.

14.7. RESUMO

Bem, chegamos ao final deste tópico... Vamos sistematizar?

- Uma frase que admite transposição da ativa para a passiva é aquela que possui **VDT ou VTDI.**
- Diante de um "se" na frase, verifique a transitividade do verbo e tente **transportar tal frase para a passiva analítica. Em caso positivo, você estará diante de voz** passiva sintética e o "se" será pronome apassivador.
- **A voz passiva reescreve a ativa, com a diferença** de que a primeira enfatiza o objeto direto da segunda, que passa a funcionar como sujeito paciente.
- Na voz passiva, **não existe, portanto, objeto direto, e sim sujeito paciente, apesar de o verbo ter** transitividade direta. Por isso, atenção à concordância verbal na voz passiva sintética.

15 PERÍODO COMPOSTO

15.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Antes de tudo, vamos colocar uns pingos nos is... Você sabe a diferença entre frase, oração e período? Frase é qualquer enunciado que produza sentido. Pode ser **nominal** ("Oi!") ou **verbal** ("Cheguei!"). Já oração precisa possuir verbo: **oração é a frase verbal**. Lembra que, na escola, contávamos as orações pelo número de verbos: para cada verbo, uma oração... E o **período é a composição de orações**. Pode ser simples (nesse caso, a única oração que ele possui é a chamada oração absoluta) ou composto (com duas ou mais orações).

Observe uma assertiva, do estilo certo ou errado, de uma prova do Cespe-UnB, que buscava exatamente esse conceito:

> Um Brasil com desemprego zero. Um Brasil bem distante das estatísticas que apontam para uma taxa de desocupação em torno de 9%.
>
> 1) O primeiro período do texto tem natureza nominal.

O que é, portanto, ter natureza nominal? É não ter verbo. A assertiva é, portanto, verdadeira. Agora, caso se dissesse "O Brasil *possui* desemprego zero", aí seria uma frase verbal, e não nominal.

O período composto se subdivide em dois blocos: por **coordenação** e por **subordinação**. Lembra que, na escola, tínhamos o péssimo hábito de, para saber se o período era composto por coordenação ou subordinação, retirar uma das orações da frase para verificar se a sua ausência fazia realmente falta ao período? Se a oração saísse da frase e tudo ficasse bonito, então, ela era coordenada; no entanto, se retirada e fizesse falta, seria subordinada... Isso, por si só, não é muito estranho? Hoje, já não se deve ensinar assim. Observe:

15.2. ORAÇÕES COORDENADAS X ORAÇÕES SUBORDINADAS

> A diferença entre o período composto por coordenação e o período composto por subordinação é que as orações coordenadas só se relacionam entre si semanticamente, não sintaticamente. São independentes sob o ponto de vista sintático. Já as subordinadas recebem essa classificação por se subordinarem sintaticamente entre si.

Parece confuso? É simples: as orações coordenadas só possuem valor semântico entre si: adição, adversidade, explicação... No entanto, as subordinadas exercem função sintática (uma é sujeito da outra, objeto direto, adjunto adverbial...). Mas não é somente com base nesse critério que você vai classificar as orações. Existem outras formas ainda mais simples de você pensar. As conjunções, por exemplo, vão ajudar bastante na classificação das orações. Vamos então organizar esses conceitos?

No **período composto por coordenação**, tem-se, portanto, uma sequência de orações em que uma não exerce

função sintática da outra, ou seja: uma oração *não* é sujeito, objeto, complemento nominal, adjunto da outra. Veja um exemplo:

Encontrei meu amigo/ e cumprimentei-o.

Repare que há uma *independência* sintática, já que, ao analisarmos a primeira oração, verificamos que todos os seus *termos* (sujeito, objeto...) estão dentro dela mesmo, o mesmo ocorrendo com a segunda oração:

(Eu) – *sujeito* – encontrei – *verbo* – meu amigo – *objeto direto* / (Eu – *sujeito* – cumprimentei – *verbo* – o – *objeto direto*.)

No **período composto por subordinação**, o que se vê é uma sequência de orações em que uma é termo sintático da outra, ou seja: uma oração *é* sujeito, objeto, complemento nominal, adjunto da outra. Aqui, os termos da oração (sujeito, objeto, complemento nominal, adjuntos...) aparecem sob *forma de oração* – sujeito oracional, objeto oracional etc. Observe:

Desejo / que sejas feliz.

Nesse exemplo, há uma *dependência* sintática, pois o objeto direto do verbo *desejo* não se encontra na primeira oração, e sim na segunda.

(Eu – *sujeito* – desejo – *verbo* – (o quê?) / que sejas feliz – *objeto direto.)*

Vamos agora à divisão dessas orações. Em um quadro sucinto, teríamos:

– aditivas

– alternativas

• Orações coordenadas – adversativas

– conclusivas

– explicativas

• Orações subordinadas

– subjetivas

– objetivas diretas

– objetivas indiretas

– substantivas – completivas nominais

– predicativas

– apostivas

– agente da passiva

– causais

– comparativas

– concessivas

– adverbiais – condicionais

– conformativas

– consecutivas

– finais

– proporcionais

– temporais

– adjetivas – restritivas

– explicativas

Obs.: As orações coordenadas e as subordinadas podem aparecer sob forma *desenvolvida* – quando são introduzidas por *conjunção* ou *pronome relativo* – ou *reduzida* – quando aparecem verbos no *infinitivo*, no *gerúndio* ou no *particípio*.

15.2.1. Orações coordenadas

a) Assindéticas (sem conectivo):

Ex.: Não corra, não mate, não morra.

As orações coordenadas *assindéticas* não vêm com conectivo, com conjunção: Não corra, não mate, não morra.

b) Sindéticas (conectivas – vêm com conjunção e se dividem em):

• aditivas – exprimem ideia de soma, adição.

Ex.: Chegou [e se divertiu.]

A segunda oração *acrescenta* uma ação à ocorrida na primeira oração.

As principais conjunções são: e, nem, não só...mas também etc.

• adversativas – exprimem ideia de oposição, contraste, ressalva.

Ex.: Saiu cedo de casa, [mas chegou atrasado ao trabalho.]

A segunda oração contrasta com a informação da primeira. Se ele saiu cedo de casa, o normal seria *não* chegar atrasado.

As principais conjunções são: mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto etc.

• alternativas – exprimem ideia de alternância, escolha.

Ex.: Ora chovia, [ora fazia sol.] alternância

Fale agora, [ou se cale para sempre.] escolha

As principais conjunções são: ou, ou... ou, ora...ora, já...já, quer... quer etc.

• conclusivas – exprimem ideia de conclusão.

Ex.: Trabalhou muito, [logo foi recompensado.]

A segunda oração conclui algo mais ou menos esperado do que se afirmou na primeira.

As principais conjunções são: logo, portanto, por conseguinte, pois (quando vem posposto ao verbo) etc.

• explicativas – exprimem uma justificativa para o que se disse na outra oração.

Ex.: Aguarde um instante [pois estou chegando.]

A segunda oração explica, justifica o pedido feito na primeira.

As principais conjunções são: que, pois (antes do verbo), porque, porquanto etc.

Pelo que você deve estar percebendo, tudo isso nada mais é do que uma revisão do que estudamos lá no capítulo de conjunções. Por isso, vale sistematizar:

Para classificar uma oração coordenada, basta verificar a relação semântica entre as orações. Ela se subdivide em cinco tipos: aditiva, adversativa, alternativa, conclusiva e explicativa.

Antes de passarmos à classificação das orações subordinadas, vamos fixar um pouco esses conceitos?

Use o seguinte código para classificar as orações coordenadas destacadas abaixo:

(1) oração coordenada assindética;

(2) oração coordenada sindética aditiva;

(3) oração coordenada sindética alternativa;

(4) oração coordenada sindética adversativa;

(5) oração coordenada sindética conclusiva;

(6) oração coordenada sindética explicativa.

1. ( ) “Foi até a esquina, parou, tomou fôlego.”

Comentários: Aparecem, aqui, três orações sem estarem ligadas por conjunções. Todas são coordenadas assindéticas.

Resposta: 1.

2. ( ) Penso, *logo existo*.

Comentários: A segunda oração conclui uma afirmação feita na oração anterior.

Resposta: 5.

3. ( ) Comprou os ingressos, *porém não conseguiu assistir ao jogo.*

Comentários: O que se esperava na segunda oração era que ele conseguisse assistir ao jogo, já que comprou os ingressos. No entanto, isso *não* ocorreu.

Resposta: 4.

4. ( ) Venha *e fique à vontade.*

Comentários: Aqui, *dois* pedidos são feitos: *venha* e *fique*, um se soma ao outro.

Resposta: 2.

5. ( ) Chore, *porque alivia a dor.*

Comentários: A segunda oração *justifica* o pedido feito na anterior. Observe que a outra oração está com verbo no imperativo: isso pode ajudar a entender que a outra oração é a explicação para o conselho inicial.

Resposta: 6.

6. ( ) Ora falava sem parar, *ora se calava demoradamente.*

Comentários: As ações vão se alternando no tempo.

Resposta: 3.

7. ( ) O filho chegou *e a mãe nem notou.*

Comentários: O normal seria a mãe notar a chegada do filho, porém isso não ocorreu.

Resposta: 4.

Obs.: Essa última frase é um bom exemplo do que já mostramos na aula de conjunções: mais importante que decorar algumas conjunções é enxergar a *ideia* que se estabelece entre as orações. O *e* deste exemplo introduz um valor de *adversidade* em relação ao que se disse antes, e não adição.

15.2.2. Orações subordinadas

Agora, vamos às orações subordinadas. A oração que não possui o conectivo será chamada de oração *principal* e a

outra que se relaciona com ela será a *subordinada* (lembre-se de que, no período composto por coordenação, a oração que não tinha o conectivo era chamada de **coordenada assindética**? Aqui, em subordinação, o nome é **principal**). Quanto às subordinadas, elas se subdividem em três blocos:

a) Substantivas (equivalem a um substantivo, exercendo as funções próprias do substantivo)

Apresentam-se em forma *desenvolvida* (introduzidas pelas **conjunções integrantes que** ou **se** ou por **pronome indefinido**, **pronome** ou **advérbio interrogativo**) e em forma *reduzida* (infinitivo).

• **Subjetivas:** exercem a função sintática do sujeito.

Verbo na 3ª pessoa do singular (*convir, cumprir, importar, urgir, acontecer, parecer etc.*) seguidos de *que, se* ou de *infinitivo*.

Ex.: Urge [que chegues no horário.]

Expressões na voz passiva: *sabe-se, soube-se, diz-se, conta-se, é sabido, estava decidido etc.*

Ex.: Diz-se [que ela mentiu.]

Verbo de ligação mais predicativo: *é bom, é conveniente, está claro etc.*

Ex.: Está claro [que ela mentiu.]

Aqui vale uma dica:

Atenção: Quando o sujeito aparece sob forma de oração, normalmente aparecem essas construções (convém, importa, sabe-se, é sabido, é bom, está claro) na oração principal. A oração subordinada é sujeito da oração principal quando não se acha o sujeito da oração principal na oração principal.

Veja:

Ex.: Urge / que chegues no horário.

(or. princ.) (or. subord. subst. subjetiva)

A segunda oração é sujeito da primeira porque, ao se analisar a oração principal, não encontramos o sujeito de *urge* nessa oração: Ele urge? Alguém urge? Não tem sentido. O que se entende é: Urge isto (que chegues no horário). Na ordem, teríamos: Isto (= que chegues no horário) urge. O mesmo ocorre com os outros exemplos:

Ex.: Diz-se / que ela mentiu.

(or. princ.) (or. subord. subst. subjetiva)

Ele diz-se? Alguém diz-se?

Ou: Diz-se isto (= que ela mentiu) Na ordem:

Isto (= que ela mentiu) se diz.

Mais um exemplo:

Ex.: Está claro / que ela mentiu.

(or. princ.) (or. subord. subst. subjetiva)

Ou: Está claro isto (= que ela mentiu). Na ordem direta, teríamos:

Ex.: Isto (= que ela mentiu) está claro.

• **Objetivas diretas:** exercem a função de objeto direto.

Ex.: Espero [que ela volte logo.]

Não sei [se volto amanhã.]

Os **verbos** *espero* e *sei* são transitivos diretos. O complemento é o objeto direto.

Ex.: (Eu) Espero / que ela volte logo.

(or. princ.) (or. subord. subst. objetiva direta)

Ex.: (Eu) Não sei / se volto amanhã.

(or. princ.) (or. subord. subst. objetiva direta)

• **Objetivas indiretas**: exercem a função de objeto indireto.

Ex.: Necessito [de que me ajudem nesta tarefa.]

(or. princ.) (or. subord. subst. objetiva indireta)

O **verbo** *necessito* pede preposição obrigatória, é transitivo indireto. O complemento é o objeto indireto.

• **Completivas nominais**: exercem a função de complemento nominal.

Ex.: Tenho necessidade [de que me auxilies.]

(or. princ.) (or. subord. subst. completiva nominal)

Ex.: Tinha esperança [de que revelasses o segredo.]

(or. princ.) (or. subord. subst. completiva nominal)

Agora o que temos são os **nomes**, *necessidade* e *esperança*, que pedem preposição. O complemento de nome substantivo é complemento nominal.

• **Predicativas**: exercem a função de predicativo.

Ex.: Minha esperança é [que consiga esse emprego.]

(or. princ.) (or. subord. subst. predicativa)

Atenção: A oração subordinada é predicativa quando vem após um verbo de ligação.

- **Apositivas**: exercem a função de aposto.

Ex.: Havia uma esperança: [que contasse a verdade.]

(or. princ.) (or. subord. subst. apositiva)

A oração subordinada "que contasse a verdade" **explica** a *esperança* que havia. Aposto sob forma de oração.

- **Agente da passiva**: aparecem sem conjunção e são introduzidas por pronome indefinido, seguido de **por** ou **de**.

Ex.: Foi substituído [por quem o criticava.]

(or. princ.) (or. subord. subst. agente da passiva)

Foi substituído [por quem o criticava.]

A oração subordinada é o termo que **age** nesse período: *quem o criticava* é que o substitui.

Vamos sistematizar?

Uma boa dica para identificar facilmente uma oração substantiva é trocá-la por um substantivo ou por isto (pronome substantivo).
Após verificar que ela é subordinada substantiva, faça a análise sintática da oração principal: comece pelo verbo, pergunte por seu sujeito, seus objetos...

Vamos fixar os conceitos apreendidos?

Use o seguinte código para classificar as orações subordinadas substantivas destacadas:

(1) subjetiva;

(2) objetiva direta;

(3) objetiva indireta;

(4) completiva nominal;

(5) predicativa;

(6) apositiva;

(7) agente da passiva.

1. ( ) Reafirmo meu desejo: *que todos tenham boa sorte.*

Comentários: A oração destacada explica, esclarece o *desejo* apresentado na oração principal.

Resposta: 6.

2. ( ) Lembrou-se *de que a reunião fora adiada.*

Comentários: A oração subordinada completa um verbo transitivo indireto, vem com preposição obrigatória.

Resposta: 3.

3. ( ) É indispensável *que todos entendam o problema*.

Comentários: O sujeito do verbo da oração principal (*É*) não aparece na oração principal (Ele é indispensável?). Logo, o sujeito é toda a oração que se segue: "que todos entendam o problema". Isto é, "É indispensável isto (= que todos entendam o problema). Na ordem: Isto é indispensável.

(suj.)

Resposta: 1.

4. ( ) Tenho a impressão *de que mentiste para mim*.

Comentários: Observe que agora o termo preposicionado completa um substantivo (*impressão*), e não um verbo. Quem completa verbo é objeto; quem completa nome é complemento nominal.

Resposta: 4.

5. ( ) O pai esperava *que o filho reagisse.*

Comentários: A oração em destaque completa o sentido de um verbo transitivo direto, *não* pede preposição.

Resposta: 2.

6. ( ) O desejo da família era *que se formasse logo.*

Comentários: Temos neste período uma oração subordinada que se segue a um *verbo de ligação.* Aparecendo esse tipo de verbo, o que temos não é um objeto, e sim predicativo.

Resposta: 5.

7. ( ) Parece *que a decisão foi justa*.

Comentários: Agora, o que aparece após o verbo é o seu sujeito, pois na oração principal não encontramos o seu sujeito (Ele parece? Alguém?). Portanto, o sujeito do *parece* é toda a oração subordinada: *"Parece isto*. Na ordem: *"Isto parece"*.

(suj.)

Resposta: 1.

8. ( ) Peço a todos *que não se atrasem.*

Comentários: O verbo, nessa frase, pede dois complementos: um com preposição, objeto indireto (*a todos*) e outro sem preposição, objeto direto (*que não se atrasem*) sob forma de oração.

Resposta: 2.

b) Adverbiais: modificam o verbo, como um advérbio. Equivalem a um adjunto adverbial. São introduzidas pelas

conjunções subordinativas adverbiais (= orações desenvolvidas). Podem aparecer sob forma *reduzida* (de infinitivo, de gerúndio ou de particípio).

- **Causais**: indicam o *motivo*, a *razão* do que ocorre na oração principal.

Ex.: *Como chovia muito*, não fui à escola.

"Chover muito" foi o *motivo* que fez ele "não ir à escola".

As principais conjunções são: porque, como, já que, visto que, uma vez que...

- **Consecutivas**: indicam o *resultado* de uma ação.

Ex.: Gritou tanto *que perdeu a voz*.

Agora, "perder a voz" e o *resultado* de ter "gritado tanto", ou seja, a consequência.

As principais conjunções são: que (precedido de tão, tanto, tal), de modo que, de sorte que...

- **Concessivas**: exprimem sentido de *oposição, exceção*, *aceitar uma ideia oposta*.

Ex.: Foi à escola, *embora chovesse muito*.

Observe que o fato de "chover muito" não evitou a "ida à escola". Havia adversidade, mas não impediu que um fato ocorresse.

As principais conjunções são: embora, conquanto, mesmo que, ainda que, por mais que... Lembre-se de que, com elas, o verbo vem no subjuntivo.

- **Condicionais**: indicam uma *hipótese* para a realização de um fato.

Ex.: *Se vieres*, darei a festa.

Eu só "darei a festa" na *condição*, na *hipótese* de "vires".

As principais conjunções são: se, caso, desde que, contanto que...

- **Comparativas**: exprimem uma ideia de *comparação* entre dois termos.

Ex.: É inteligente *como o pai*.

Nesse período, a intenção é *comparar* a "inteligência do filho" com a "do pai". Nas comparativas, normalmente o verbo vem subentendido: "É inteligente como o pai (é)".

As principais conjunções são: como, que (antecedido de mais, menos), quanto, assim como...

- **Conformativas**: indicam a *conformidade* de um fato com outro.

Ex.: Não compareceu, *conforme se previa*.

De acordo com a previsão, ele *não compareceu.* Ou seja, não há contradição, já era algo esperado.

As principais conjunções são: como, conforme, consoante...

- **Finais**: indicam a *finalidade*, o *objetivo*.

Ex.: Comportaram-se *para que não fossem castigados*.

Aqui, havia um *objetivo*: "não ser castigado", por isso se comportaram.

As principais são: a fim de que, que, para que, porque...

- **Proporcionais**: relação entre duas ações em que uma delas acarreta *mudança* na outra.

Ex.: *À medida que o tempo passava*, ia ficando mais preocupado.

Nessa frase, observamos que "a preocupação ia aumentando" na mesma proporção que o "tempo passava".

As principais conjunções são: à medida que, à proporção que, ao passo que...

- **Temporais**: indicam o *momento* em que ocorre um fato.

Ex.: *Quando chegou*, todos o aplaudiram.

Os "aplausos" aconteceram no *momento* de sua chegada, indicando um tempo simultâneo.

As principais conjunções: quando, mal, enquanto, desde que, logo que...

Vale sistematizar: As orações subordinadas adverbiais são aquelas que indicam circunstâncias ao verbo da oração principal (tempo, causa, finalidade etc.) Uma forma simples de classificá-las é se guiar pelas conjunções que as iniciam: são as conjunções subordinativas adverbiais.

Antes de treinarmos, vamos falar do último bloco das orações subordinadas: **as orações subordinadas adjetivas**.

c) Adjetivas

Quanto às orações adjetivas, entenda que:

As orações adjetivas, por terem um valor adjetivo, referem-se ao substantivo da oração principal. Quando desenvolvidas, iniciam-se por um pronome relativo, que é conectivo que retoma o substantivo ou o pronome substantivo da oração principal. Podem aparecer sob forma reduzida (de infinitivo, de gerúndio ou de particípio).

Fácil reconhecê-las, não é? Saiba ainda que a oração adjetiva funciona como adjunto adnominal de um substantivo ou pronome da oração principal, ora tendo **função restritiva** (sem vírgulas), outras vezes com **função explicativa** (entre vírgulas). Assim:

"O homem / *que trabalha* / perde tempo precioso."

or. sub. adj. restritiva

Aqui, a oração em destaque refere-se ao substantivo *homem*, é seu adjunto adnominal e tem valor semântico de restrição: está-se falando aqui de um homem específico – o homem *que trabalha*, e não de qualquer homem. Agora, perceba a diferença para este outro exemplo:

Fernanda / *que é ótima aluna*, / obedece aos pais.

or. sub. adj. explicativa

Entenda que, nesse caso, a oração destacada também é adjunto adnominal do seu substantivo antecedente *Fernanda*, só que, agora, tem valor de explicação, é uma *informação adicional*, e não uma restrição. Por isso, a oração veio entre vírgulas.

A essa altura, você pode estar um pouco confuso com tantas informações: qual seria, então, a diferença entre a oração adjetiva restritiva e a explicativa? As duas têm, sintaticamente, a mesma função: são adjuntos adnominais, só que, *quanto ao sentido* são diferentes: uma restringe, a outra explica. Ou seja, a primeira se refere ao antecedente particularizando-o. A segunda se refere ao antecedente de maneira geral.

Após ter entendido bem o conceito de oração adjetiva, vale sistematizar:

Oração adjetiva é aquela que se inicia com pronome relativo (que, quem, o qual etc.).
Sintaticamente, ela será sempre um adjunto adnominal do substantivo antecedente.
Semanticamente, ela pode restringir (sem vírgulas) ou explicar (entre vírgulas, ou, se vier ao final do período, com uma vírgula e um ponto) esse substantivo. Daí, poder ser chamada de restritiva ou explicativa.

Agora sim, vamos treinar.

Use o código abaixo para classificar as orações subordinas adverbiais ou adjetivas destacadas:

(1) oração subordinada adverbial causal;

(2) oração subordinada adverbial consecutiva;

(3) oração subordinada adverbial concessiva;

(4) oração subordinada adverbial condicional;

(5) oração subordinada adverbial comparativa;

(6) oração subordinada adverbial conformativa;

(7) oração subordinada adverbial final;

(8) oração subordinada adverbial proporcional;

(9) oração subordinada adverbial temporal;

(10) oração subordinada adjetiva restritiva;

(11) oração subordinada adjetiva explicativa.

1. ( ) O que você faria *se ela entrasse por aquela porta*?

Comentários: A oração subordinada estabelece uma *condição* para o que se questiona na principal.

Resposta: 4.

2. ( ) *Antes que essa coluna fosse publicada*, tomei a decisão.

Comentários: A "tomada de decisão" se deu *antes* da publicação da coluna.

Resposta: 9.

3. ( ) "Coisas *que passaram* e pessoas *que perdi* estão comigo, nas belas memórias."

Comentários: Agora, o conectivo *que*, nas duas passagens, *retoma um antecedente*, é pronome relativo. Como não aparece vírgula antecedendo esses conectivos, restringem, particularizam os antecedentes.

Resposta: 10.

4. ( ) "Nossa aventura existencial terá mais ou menos chance *à medida que esse chão for confiável*."

Comentários: Ao se usarem os conectivos *à medida que*, *à proporção que*, *ao passo que*, o que se quer é estabelecer uma ideia de proporção.

Resposta: 8.

5. ( ) "Eu, *que ia escrever sobre viagens*, acabo escrevendo sobre música ruim."

Comentários: Mais um exemplo em que o conectivo *que* retoma um antecedente. Mas, ao se usarem as vírgulas, a finalidade é a de *explicar* o que "eu iria escrever".

Resposta: 11.

6. ( ) *Conquanto estivesse descontente*, não desistia do plano.

Comentários: O fato de "ele estar descontente" não impediu que insistisse no plano, ou seja, o obstáculo não impediu que um fato ocorresse.

Resposta: 3.

7. ( ) *Segundo previu o economista*, o mercado se estabilizou.

Comentários: O "mercado se estabilizou" *de acordo com* a previsão do economista.

Resposta: 6.

8. ( ) As vendas subirão, *uma vez que os juros baixaram*.

Comentários: É por *causa* de "os juros terem baixado" que as vendas subirão, relação de causa e efeito.

Resposta: 1.

9. ( ) A comida era tão boa *que todos silenciaram em volta da mesa*.

Comentários: O "silêncio" é a consequência de "a comida estar saborosa", ou seja, foi por causa disso que todos silenciaram.

Resposta: 2.

10. ( ) As mulheres sempre são mais maldosas *que os homens*.

Comentários: Entre essas duas orações, há a intenção de se *comparar* a *maldade* das mulheres com a dos homens, em um grau de superioridade.

Resposta: 5.

11. ( ) Faremos esforço, *para que não haja conflitos*.

Comentários: O "esforço" vai ser feito com a *finalidade* de "não haver conflitos."

Resposta: 7.

12. ( ) *Mal se sentou na cadeira presidencial*, passou a ver conspirações em tudo.

Comentários: A oração destacada mostra o *momento* em que "passou a ver conspirações": quando se sentou na cadeira presidencial.

Resposta: 9.

13. ( ) Os juros custam caro para o governo, *que é o maior devedor do país*.

Comentários: Mais um período em que o conectivo *que* retoma um *antecedente*, antecedido de vírgula.

Resposta: 11.

14. ( ) *Mesmo que insista no pedido*, não irei à posse do prefeito.

Comentários: O fato de "insistir no pedido" deveria ser suficiente para ele "ir à posse", porém isso *não* ocorre.

Resposta: 3.

15.3. AS FUNÇÕES SINTÁTICAS DO PRONOME RELATIVO

Como concursando é o cara que não tem paz nunca, vamos à próxima etapa: diante de uma oração adjetiva, é comum que as bancas perguntem ao aluno a função sintática do pronome relativo que a inicia. É exatamente isso: o

pronome relativo pode ser sujeito, objeto direto, complemento nominal etc., na oração adjetiva a que ele pertence. Para descobrir sua função, basta substituir o pronome relativo por seu antecedente e colocar a oração adjetiva na ordem direta. Observe:

"A verdade é tudo aquilo / que os políticos negam."

(= aquilo)

Organizando a frase: Os políticos negam aquilo. (= objeto direto)

Logo, o *que* será objeto direto.

Sabemos que não parece tão simples assim. Se análise sintática, por si só, já é um assunto muitas vezes complicado para o aluno, podemos imaginar o quanto pareça complexo ter de detectar a função sintática de um *que, cujo* etc.

Por isso, achamos melhor criar um passo a passo para você chegar à classificação do relativo, sem o risco de se confundir com as muitas informações que, na maioria das vezes, o período apresenta. Assim, leia com atenção nossas orientações:

Instruções para a classificação da função sintática do pronome relativo:
1. Isolar a oração adjetiva.
2. Destacar o pronome relativo presente na oração adjetiva e substituí-lo por seu antecedente na oração principal.
3. Colocar a oração adjetiva na ordem direta (sujeito → verbo → complementos).
4. Não confundir a função sintática do pronome relativo com a função do seu antecedente na oração principal.

Vamos treinar? Nas frases a seguir, classifique as orações adjetivas destacadas e dê a função sintática dos pronomes relativos que as iniciam:

1. "As pessoas que a gente ama deviam morrer com todas as suas coisas."

Comentários: Antecedente do relativo: *pessoas*. Colocando a oração adjetiva na ordem direta, teríamos: "a gente ama as pessoas". *Pessoas* é objeto direto do verbo *amar*. Logo, o *que* é objeto direto. Atenção para não confundir a função do *que* com a função sintática do substantivo *pessoas* na oração principal, que é sujeito da locução verbal *deviam morrer*. Por isso, é tão importante isolar a oração adjetiva: de outra forma, você poderia se perder na sua leitura e acabar por fazer a análise sintática da oração principal *As pessoas deviam morrer com todas as suas coisas*.

Resposta: que = objeto direto.

2. Aquele era o lugar onde as pessoas tomavam chá.

Comentários: O pronome relativo *onde* retoma o substantivo *lugar*. Na ordem direta, a oração adjetiva deve ficar: "as pessoas tomavam chá **no lugar**". Ora, *no lugar* traz ideia circunstancial ao verbo, sendo, portanto, seu adjunto adverbial de lugar. Aliás, como o pronome relativo *onde* indica circunstância de lugar, ele será sempre adjunto adverbial de lugar.

Resposta: onde = adjunto adverbial de lugar.

3. As roupas que ia vestir já estavam passadas.

Comentários: O pronome relativo *que* retoma o substantivo *roupas*. A oração adjetiva, na ordem direta, ficaria: "ia vestir *as roupas*". A expressão destacada é objeto direto do verbo *vestir*.

Resposta: que = objeto direto.

4. "Aqueles que aceitam ceder liberdades essenciais em troca de segurança temporária não merecem nem segurança nem liberdade."

Comentários: O pronome relativo retoma o pronome demonstrativo antecedente *aqueles*. A oração adjetiva já está na ordem direta. Substituindo o relativo por seu antecedente, teríamos: "*Aqueles* aceitam ceder liberdades essenciais...". *Aqueles* é sujeito do verbo *aceitam*. Logo, o pronome *que* tem a mesma função.

Resposta: que = sujeito.

5. Pelas alamedas, o que se ouvia era música americana.

Comentários: A palavra *que* retoma o demonstrativo *o* (= *aquilo*). Na ordem direta, a oração adjetiva ficaria "*Aquilo* se ouvia", que é o mesmo que "aquilo era ouvido" (voz passiva analítica). *Aquilo* é sujeito de ouvia, portanto, o *que* é sujeito. Cuidado com o pronome **se** apassivador, passe a frase para a passiva analítica, o que torna mais fácil a análise dos termos.

Resposta: que = sujeito.

6. É singular o grau de desinteresse que os alunos mostram pelo livro didático.

Comentários: O pronome *que* retoma o substantivo *grau* da expressão *grau de desinteresse*. Na ordem direta, teríamos: "os alunos mostram *o grau de desinteresse* pelo livro didático". O verbo *mostrar* é transitivo direto nessa frase. Logo, o *que* é objeto direto.

Resposta: que = objeto direto.

7. Prefiro o que ele foi ao que ele é.

Comentários: Muita calma agora... Vamos analisar cada oração adjetiva: na primeira, o *que* retoma o pronome demonstrativo *o* (= *aquilo*). Assim, na ordem direta, teríamos: "ele foi *aquilo*". Ora, diante do verbo de ligação *foi*, temos a certeza de que o *que* é predicativo do sujeito.

Verifique que o mesmo ocorre na outra oração adjetiva: o pronome *que* retoma o pronome demonstrativo *o* da combinação *ao*. Dessa forma, na ordem direta, a segunda oração adjetiva deve ficar assim: "ele é *aquilo*". De novo, um verbo de ligação (*é*): o pronome relativo é, novamente, predicativo do sujeito.

Resposta: 1º que = predicativo do sujeito./2º que = predicativo do sujeito.

8. A morte é a única coisa de que tenho medo.

Comentários: O pronome relativo *que* retoma *coisa*. Colocando a oração adjetiva na ordem direta, teríamos: "tenho medo *da coisa*". A expressão destacada refere-se ao substantivo *medo*, completa esse termo e tem valor passivo, é *seu complemento nominal*.

Resposta: que = complemento nominal.

9. "Aqueles a quem os deuses amam morrem jovens."

Comentários: O pronome relativo *quem* retoma o pronome demonstrativo *aqueles*. Na ordem direta, a oração adjetiva fica: "Os deuses amam *àqueles*." Você observou que o pronome *quem* veio antecedido da preposição *a*? Veja também que o verbo *amar* é *transitivo direto*, não pede preposição, mas ainda assim ela apareceu. É o objeto direto preposicionado: a preposição aparece para dar ênfase ao verbo.

Resposta: quem = objeto direto preposicionado.

10. A amiga com quem andas não é muito confiável.

Comentários: O pronome relativo *quem* retoma o substantivo *amiga*. Assim, a frase destacada, na ordem direta, ficaria: "Andas *com a amiga*". A expressão *com a amiga* indica circunstância de companhia para o verbo a qual se refere *andas*.

Resposta: quem = adjunto adverbial de companhia.

11. Chegou a pessoa por quem fui representado.

Comentários: O pronome *quem* retoma o substantivo *pessoa.* Na ordem direta, teríamos: "fui apresentado *pela pessoa*". Percebeu que a locução verbal *fui apresentado* indica que a frase está na voz passiva analítica (o sujeito *eu* sofre a ação, é paciente)? O termo *pela pessoa* é o elemento que age, que *exerce a ação na voz passiva*. É, portanto, o agente da passiva. Lembre-se de que você só substituiu o pronome *quem* pelo substantivo *pessoa* para saber a função sintática do relativo, e não do substantivo *pessoa.* Só estamos falando isso para lembrar que o relativo *quem* é que é o agente da passiva, e o substantivo *pessoa* é sujeito da oração principal "Chegou a pessoa". **Cada um terá a sua função sintática na oração a que pertence.**

Resposta: quem = agente da passiva.

12. A música de Noel, cuja repercussão vara os tempos, é dotada de grande variedade melódica.

Comentários: *Cuja* está substituindo o substantivo *música*, da expressão *A música de Noel.* Na ordem direta, teríamos: A repercussão *da música de Noel* vara os tempos. Perceba a ideia de posse que existe no termo *da música de Noel*, que se refere ao substantivo *repercussão*. Trata-se, portanto, de *adjunto adnominal*. Nas provas de concursos públicos, o pronome relativo *cujo* e suas variações (*cuja, cujos, cujas*) normalmente são adjuntos adnominais, pois indicam valor semântico de posse.

Resposta: cuja = adjunto adnominal.

13. Invento novas dificuldades a que dedico horas.

Comentários: A palavra *que* retoma o substantivo *dificuldades*. Na ordem direta, teríamos: "Dedico horas *às novas dificuldades*". Perceba a regência do verbo *dedicar:* quem dedica, nessa frase, dedica algo a alguém ou a alguma coisa; ele é transitivo direto e indireto. Seu objeto direto é o substantivo *horas* e seu objeto indireto, o pronome relativo *a que*.

Resposta: que = objeto indireto.

15.4. ORAÇÕES REDUZIDAS

Vamos concluir este capítulo com as **orações reduzidas**, que são aquelas que apresentam o seu verbo (principal ou auxiliar, este último nas locuções verbais) no **infinitivo**, **gerúndio** ou **particípio**. Elas recebem este nome – reduzidas – porque perderam a conjunção ou o pronome relativo. Observe:

É preciso seguir em frente. (reduzido de infinitivo)

Precisando de ajuda, chamou-me. (reduzido de gerúndio)

Chegada a hora, saiu rapidamente. (reduzida de particípio)

Precisando chegar na hora marcada, saiu voando. (reduzida de gerúndio, locução verbal)

Obs.: Em geral, uma oração reduzida pode ser reescrita em desenvolvida. (iniciada por conjunção ou pronome relativo)

Ex.: É preciso seguir em frente. (= É preciso que você siga em frente.)

Precisando de ajuda, chamou-me. (= Como precisava de ajuda, chamou-me.)

Chegada a hora, saiu rapidamente (= Quando chegou a hora, saiu rapidamente.)

Vamos ver isso na prática? Para cada frase a seguir, proceda da seguinte forma:

a) Desenvolva a oração reduzida.

Lembre-se de que desenvolver uma oração é acrescentar a conjunção ou o pronome relativo. Antes de escolher o conector adequado, verifique se ela é substantiva, adjetiva (referindo-se a um substantivo ou pronome antecedente na oração principal) ou adverbial (com ideia circunstancial).

b) Classifique a oração reduzida.

Não se esqueça de olhar para o verbo antes de classificar: ele virá na forma nominal (infinitivo/gerúndio/particípio). Se a oração apresentar locução verbal, é para o verbo auxiliar que você deverá olhar a fim de saber se a oração é reduzida de infinitivo, gerúndio ou particípio.

1. Sua palavra foi a primeira a perder o significado.

Comentários: A oração se refere ao termo antecedente (*primeira*), restringindo esse termo. Trata-se, portanto, de oração adjetiva; para desenvolvê-la, basta acrescentar o pronome relativo.

Assim, teríamos: "Sua palavra foi a primeira *que perdeu o significado*".

Resposta: oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de infinitivo.

2. Nada conseguindo, a mais nova fugiu.

Comentários: Veja que a oração em destaque indica circunstância de causa para aquela a que ela se refere. Assim, desenvolver essa oração significa acrescentar qualquer conjunção subordinativa adverbial causal (como, já que, visto que...). Uma sugestão: "Já que nada conseguira, a mais nova fugiu".

Resposta: oração subordinada adverbial causal reduzida de gerúndio.

3. "Se dependesse de mim, teria vetado a roda por não se parecer nada com o pé."

Comentários: Mais uma vez, um valor semântico de causa. Utilize, portanto, qualquer conjunção causal. Uma possível resposta: "Se dependesse de mim, teria vetado a roda, porque não se parece nada com o pé".

Resposta: oração subordinada adverbial causal reduzida de infinitivo.

4. "O liberalismo pensa estar defendendo o indivíduo ao negar a primazia do social ou ao dizer que uma sociedade é apenas um conjunto de ambições autônomas."

Comentários: A combinação *ao* normalmente indica tempo (= *quando*). Veja que as orações, de fato, indicam circunstância de tempo. Desenvolvendo-as, teríamos: "O liberalismo pensa estar defendendo o indivíduo quando nega a primazia do social ou quando diz que uma sociedade é apenas um conjunto de ambições autônomas".

Resposta: orações adverbiais temporais reduzidas de infinitivo.

5. Peço-te saíres da minha vida!

Comentários: Veja que a oração em destaque vale por um substantivo (= "Peço-te *isto*."). Ao desenvolvê-la, portanto, basta acrescentar a conjunção integrante *que*. Assim, teríamos: "Peço-te que saias da minha vida!"

Percebeu que o verbo *pedir* é transitivo direto e indireto e que a oração é o seu objeto direto?

Resposta: oração subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo.

6. Terminada a aula, todos se retiraram.

Comentários: A oração destacada indica circunstância de tempo à oração principal. Portanto, desenvolva-a acrescentando uma conjunção temporal (*quando, assim que, logo que* etc.). Uma sugestão: Assim que terminou a aula, todos se retiraram.

Resposta: oração subordinada adverbial temporal reduzida de particípio.

7. É preciso diminuir as distâncias sociais.

Comentários: Não é o mesmo que dizer "É preciso *isto*"? A oração em destaque é, portanto, substantiva. Desenvolva-a acrescentando uma conjunção integrante (*que*). Assim, teríamos: É preciso que diminuam as distâncias sociais.

Percebeu que ela é *sujeito* da oração principal ("*Isto* é preciso")?

Resposta: Oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo.

8. Há muitos alunos estudando com afinco.

Comentários: A oração destacada tem valor adjetivo: refere-se ao substantivo *alunos* da oração principal. Quando desenvolvida, deve-se iniciar, portanto, com pronome relativo. Dessa forma, teríamos: "Há muitos alunos que estudam com afinco".

Como ela vem sem vírgulas, restringe o substantivo antecedente, sendo, portanto, restritiva.

Resposta: oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de gerúndio.

9. Apesar de ser torcedor fanático, não vai aos estádios.

Comentários: *Apesar de* é locução prepositiva com valor de oposição, concessão. Lembre-se de que desenvolver a oração é substituir a preposição por uma conjunção de mesmo valor semântico. Caberia, aqui, qualquer conjunção subordinativa adverbial concessiva (*embora, conquanto, ainda que, se bem que* etc.). Assim, a oração desenvolvida poderia ser: Embora seja torcedor fanático, não vai aos estádios.

O valor semântico da oração não é de concessão? Então, ela é subordinada adverbial concessiva.

Resposta: oração subordinada adverbial concessiva reduzida de infinitivo.

15.5. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Classifique as orações coordenadas em destaque.

1. "Não desejo nada, não temo nada. Sou livre."

_____

2. Sente aqui, que precisamos conversar.

_____

3. "Dario abre a boca, move os lábios, não se ouve resposta."

_____

4. "Apaguei as luzes do carro e acelerei."

_____

5. Três quartos da população do Afeganistão não sabem ler nem escrever.

_____

6. A irmã mais nova dominava perfeitamente o inglês, pois estudara em escolas americanas.

_____

7. Eu odeio telefone celular, mas acabei tendo um, como todo mundo.

_____

8. Trabalhou com afinco durante anos naquela empresa e não obteve reconhecimento.

_____

9. Ora estava alegre, ora ficava calado em um canto.

_____

10. Eles se admiravam, contudo não se falavam.

_____

11. "As provas intrínsecas são criadas pelo orador; dependem, pois, de seu método e de seu talento pessoal."

_____

II. Classifique as orações subordinadas substantivas em destaque.

1. Quem fala em flor não diz tudo.

_____

2. Sou favorável a que o aprovem.

_____

3. Meu desejo é que você passe nos exames.

_____

4. Desejo-te isto: que sejas feliz.

_____

5. Lembre-se de que sonhos sem riscos produzem conquistas sem méritos.

_____

6. Parece claro que os juros falam mais alto.

_____

7. Não se sabe se ele agiu conforme as normas da empresa.

_____

8. Os indicadores econômicos mostram que não houve nenhuma catástrofe.

_____

9. "Muito acerta quem suspeita que sempre erra."

_____

10. O Banco Central calcula que algumas dezenas de novas instituições poderão gerir mais fundos de aposentadoria.

_____

11. Tenho necessidade de me apoiares nesta complicada situação.

_____

12. Ninguém nega que o país passou a viver um sério quadro de déficit público, a partir da crise asiática.

_____

13. Vejam como é bom ser feliz.

_____

14. Viu chegarem os convidados.

_____

15. "Lembre-se de que Deus está do lado."

_____

16. Não sei se a história é verdadeira.

_____

17. Naquele momento, teve a intuição de que entrara em uma aeronave errada.

_____

18. "Ainda nos é impossível estimar a importância de Saramago para o idioma português."

_____

19. Não imaginava onde estava entrando.

_____

20. Tem certeza de que essa é a sua casa?

_____

III. Classifique as orações subordinadas adjetivas e dê a função sintática do pronome relativo.

1. É melhor uma verdade que dói do que uma mentira que conforta.

_____

2. Os juros custam caro para o governo, que é o maior devedor do país.

_____

3. "Todo país onde não me entedio é um país que nada me ensina."

_____

4. "O contato com esse mundo de perfeição, beleza, coerência e racionalidade, que é o mundo da boa literatura, torna os leitores muito mais conscientes do mundo em que vivem."

_____

5. Noel Rosa procurou escrever sobre tudo quanto expressasse o jeito de ser carioca.

_____

6. Diga-me a hora em que ele virá para cá.

_____

7. Sabemos perfeitamente o que lhe acontece.

_____

IV. Classifique as orações subordinadas adverbiais destacadas.

1. As previsões de crescimento continuam mais baixas que as do ano passado.

_____

2. Se o cenário externo permitir, o governo ousará mais.

_____

3. Conforme previu o economista, o mercado estabilizou-se.

_____

4. O consumidor ficou inadimplente porque gastou mais do que podia.

_____

5. Eles compunham uma grande coleção, que foi se dispersando à medida que seus filhos se casavam.

_____

6. Era tal sua generosidade, que ouvia a todos.

_____

7. Falou alto para que todos escutassem.

8. Conquanto estivesse descontente, não desistia do plano.

9. "O ar da tia era tão jovem, a exortação tão meiga e cheia de um perdão antecipado, que ela achou ali uma confidente e amiga."

V. Classifique as orações subordinadas (substantivas, adjetivas ou adverbiais) destacadas.

1. É urgente reconhecer a necessidade de um trabalho mais efetivo com a palavra.

2. Quem tem a palavra detém o poder.

3. Mudar a sociedade é mudar o homem.

4. Sei que esperavas desde o início que eu te dissesse hoje o meu canto solene.

5. Sei que a única alma que eu possuo é mais numerosa que os cardumes do mar.

6. Basta que ele tenha existido para que a memória o corrompa com lembranças superpostas.

7. Não sei no que pensa.

8. A escola não está vencendo o desafio de alfabetizar funcionalmente a parcela da população que consegue chegar a ela.

9. Entende-se bem que D. Tonica observasse a contemplação dos dois.

10. Ao analisar o desempenho da economia brasileira, os empresários afirmaram que os resultados eram bastante razoáveis.

11. Se quiserem, serão beneficiados com a comenda.

12. Todos aqui sabem se eles virão ao culto esta noite?

13. É certo que as coisas melhorarão daqui em diante.

14. Alguém percebeu, logo, que tudo era uma farsa.

15. Dê-me a caixa que está sobre a mesa.

16. "Para amamentar o próprio filho, até que este complete seis meses de idade, terá a mulher direito, durante a jornada, a dois descansos especiais, de meia hora cada um."

17. Pergunte hoje a uma pessoa qualquer o que o Brasil precisa fazer para sair da crise.

18. Não me esquecerei de que, vigorando a lei, estará perdido.

19. A verdade é que preciso deste emprego.

20. "Devagar se vai ao longe, mas, quando se chega lá, não se encontra mais ninguém."

21. "Pensei que todas as pessoas deveriam sair por aí sem rumo, para poder achar o elo perdido em seu interior."

22. "Quem determina a maciez da cama é o nível de ansiedade da nossa mente."

VI. Classifique as orações reduzidas em destaque e desenvolva-as.

1. Criticar as viagens internacionais do Presidente da República ou de outros dirigentes parece despropositado.

2. "O Estado moderno, não obstante apresentar-se como um Estado minimalista, é potencialmente um Estado maximalista."

Gabarito: I – 1. oração coordenada assindética/oração coordenada assindética/oração coordenada assindética; 2. oração coordenada sindética explicativa; 3. oração coord. assindética, oração coord. assindética, oração coord. assindética; 4. oração coordenada sindética aditiva; 5. oração coordenada sindética aditiva; 6. oração coordenada sindética explicativa; 7. oração coordenada sindética adversativa; 8. oração coordenada sindética adversativa; 9. oração coordenada sindética alternativa; 10. oração coordenada sindética adversativa; 11. oração coordenada sindética conclusiva.

II – 1. oração subordinada substantiva subjetiva; 2. oração subordinada substantiva completiva nominal; 3. oração subordinada substantiva predicativa; 4. oração subordinada substantiva apositiva; 5. oração subordinada substantiva objetiva indireta; 6. oração subordinada substantiva subjetiva; 7. oração subordinada substantiva subjetiva; 8. oração subordinada substantiva objetiva direta; 9. oração subordinada substantiva subjetiva; 10. oração subordinada substantiva objetiva direta; 11. oração subordinada substantiva completiva nominal (reduzida de infinitivo); 12. oração subordinada substantiva objetiva direta; 13. oração subordinada substantiva subjetiva (reduzida de infinitivo); 14. oração subordinada substantiva objetiva direta (reduzida de infinitivo = Viu / que os convidados chegavam); 15. oração subordinada substantiva objetiva indireta (o uso da preposição, no objeto indireto sob forma de oração é facultativo); 16. oração subordinada substantiva objetiva direta; 17. oração subordinada substantiva completiva nominal; 18. oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo; 19. oração subordinada substantiva objetiva direta; 20. oração subordinada substantiva completiva nominal.

III

1. oração subordinada adjetiva restritiva / oração subordinada adjetiva restritiva

• função sintática do pronome relativo que: que = verdade / que = mentira.

Organizando: A verdade dói. Logo, o que = sujeito.

(sujeito)

A mentira conforta. Logo, o que = sujeito.

2. oração subordinada adjetiva explicativa

• função sintática do pronome relativo que: que = o governo.

Organizando: O governo é o maior devedor do país. Logo, o que = sujeito.

(sujeito)

3. oração subordinada adjetiva restritiva

• função sintática do pronome relativo onde: onde = país.

Organizando: (Eu) não me entedio no país. Logo, o onde = ajunto adverbial de lugar.

(adj.adv.)

4. oração subordinada adjetiva explicativa / oração subordinada adjetiva restritiva

• função sintática do pronome relativo que: que = esse mundo / que = o mundo

Organizando: Esse mundo é o mundo da boa leitura. Logo, o que = sujeito.

(sujeito)

(os leitores) vivem no mundo. Logo, o que = adjunto adverbial.

(adj.adv.)

5. oração subordinada adjetiva restritiva

• função sintática do pronome relativo quanto: quanto = tudo.

Organizando: Tudo expressava... Logo, o quanto = sujeito.

(sujeito)

6. oração subordinada adjetiva restritiva

• função sintática do pronome relativo que: (em)que = na hora.

Organizando: Ele virá para cá na hora. Logo, o que = adjunto adverbial de tempo.

(adj. adv.)

7. oração subordinada adjetiva restritiva

• função sintática do pronome relativo que: que = o (= aquilo).

Organizando: Aquilo lhe acontece. Logo, o que = sujeito.

(sujeito)

IV – 1. oração subordinada adverbial comparativa; 2. oração subordinada adverbial condicional; 3. oração subordinada adverbial conformativa; 4. oração subordinada adverbial causal; 5. oração subordinada adverbial proporcional; 6. oração subordinada adverbial consecutiva; 7. oração subordinada adverbial final; 8. oração subordinada adverbial concessiva; 9. oração subordinada adverbial consecutiva.

V – 1. oração subordinada substantiva subjetiva (reduzida de infinitivo); 2. oração subordinada substantiva subjetiva; 3. oração subordinada substantiva predicativa (reduzida de infinitivo); 4. oração subordinada substantiva objetiva direta / objetiva direta; 5. oração subord. adjetiva restritiva / oração subord. adverbial comparativa; 6. oração subordinada substantiva subjetiva / oração subordinada adverbial final; 7. oração subordinada adjetiva restritiva (que = o(=aquilo). Pensa naquilo); 8. oração subordinada adjetiva restritiva; 9.

oração subordinada substantiva subjetiva; 10. oração subordinada adverbial temporal (reduzida de infinitivo) / oração subordinada substantiva objetiva direta; 11. oração subordinada adverbial condicional; 12. oração subordinada substantiva objetiva direta; 13. oração subordinada substantiva subjetiva; 14. oração subordinada substantiva objetiva direta; 15. oração subordinada adjetiva restritiva; 16. oração subordinada adverbial final (reduzida de infinitivo) / oração subordinada adverbial temporal; 17. oração subordinada adjetiva restritiva (que = o(=aquilo)) / oração subordinada adverbial final (reduzida de infinitivo); 18. oração subordinada substantiva objetiva indireta (de que estará perdido) / oração subordinada adverbial temporal (reduzida de gerúndio – vigorando a lei); 19. oração subordinada substantiva predicativa; 20. oração subordinada adverbial temporal; 21. oração subordinada substantiva objetiva direta/oração subordinada adverbial final; 22. oração subordinada substantiva subjetiva.

VI

1. oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo

A crítica às viagens internacionais do Presidente da República ou de outros dirigentes parece despropositada.

2. oração subordinada adverbial concessiva reduzida de infinitivo

O Estado moderno, embora se apresente como um Estado minimalista, ...

15.6. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Vamos, então, apreciar algumas questões de concursos comentadas?

1. **(NCE/Eletrobras)** "Felipe lembrou-se da história do Rei do Oriente que, desejando conhecer a história da humanidade, recebeu de um sábio quinhentos volumes; ocupado com negócios de Estado, pediu-lhe que a condensasse"; os vocábulos sublinhados exercem, respectivamente, as funções de:

   a) sujeito / sujeito.

   b) sujeito / objeto direto.

   c) objeto direto / objeto direto.

   d) objeto direto / sujeito.

   e) objeto direto / objeto indireto.

   Comentários:

   Antes de tudo, lembre-se de isolar a oração adjetiva: *que recebeu de um sábio quinhentos volumes*. Para a sua leitura ficar mais fácil, pule a oração intercalada "desejando conhecer a história da humanidade". Assim, você olha somente para a oração adjetiva.

   O próximo passo é substituir o pronome relativo *que* por seu antecedente, que é o substantivo *Rei* da expressão *o Rei*

do Oriente. Agora, coloque a oração adjetiva na ordem direta: "*O Rei do Oriente* recebeu de um sábio quinhentos volumes". Vá ao verbo e pergunte por seu sujeito: "Quem recebeu quinhentos volumes de um sábio"? A resposta não é *o Rei do Oriente*? O pronome relativo *que* é, portanto, sujeito do verbo *receber*.

Já o pronome oblíquo *a* refere-se ao verbo *condensar*, que é transitivo direto. Trata-se, portanto, de seu objeto direto.

Resposta: B.

2. (Cesgranrio/Petrobras) Indique a frase a seguir em que o pronome relativo destacado não tem seu antecedente ou sua função sintática corretamente indicados.

a) "… 1994 entrará para a história como o ano em que o Brasil mostrou a sua cara…" – ano / adjunto adverbial.

b) "… deu-se conta da existência de um irmão siamês do Terceiro Mundo que, se morre e apodrece, leva o outro irmão consigo"… – Terceiro Mundo / sujeito.

c) "… habitante daquele lugar onde se matam pobres de fome e crianças à bala." – lugar / adjunto adverbial.

d) "Mas a espoleta final, que ajudou simbolicamente a desfraldar a bandeira da cidadania no País…" – espoleta / sujeito.

e) "… é esse desabrochar da cidadania que, a médio prazo, se transformará em pressão irresistível…" – desabrochar / sujeito.

Comentários:

Na letra A, o pronome relativo *que* retoma o substantivo *ano*. A frase na ordem direta, seria "O Brasil mostrou a sua cara *no ano*". A expressão em destaque indica circunstância de tempo ao verbo. É, de fato, adjunto adverbial de tempo.

Na letra B, o pronome relativo *que* retoma o substantivo *irmão*, que é núcleo da expressão *um irmão siamês do Terceiro Mundo*. Mais uma vez, siga o nosso conselho: para detectar a função sintática do relativo *que,* pule a oração intercalada que vem após esse relativo e coloque a oração adjetiva na ordem direta. Assim, teríamos "<u>O irmão siamês do Terceiro Mundo</u> leva o outro irmão consigo". O pronome relativo *que* é, portanto, sujeito do verbo *leva*. Mas não retoma a expressão *Terceiro Mundo,* e sim *um irmão siamês* do Terceiro Mundo. Quanto à função sintática, a alternativa está correta, mas quanto ao antecedente do relativo, não.

Quanto à letra C, nem perca tempo: o pronome relativo *onde* retoma, de fato, o substantivo antecedente *lugar*. Quanto à função sintática que esse relativo exerce, você já sabe que *onde* indica lugar. É, de fato, adjunto adverbial de lugar.

Na letra D, tanto o antecedente do relativo como a sua função sintática estão corretamente identificados: o pronome relativo *que* retoma o substantivo *espoleta*, que é núcleo da expressão *espoleta final*. Na ordem direta, a oração adjetiva ficaria: "*A espoleta final* ajudou simbolicamente a desfraldar a bandeira…". Logo, a expressão é sujeito do verbo *ajudar*.

A letra E está igualmente correta: o pronome *que* retoma *desabrochar,* que é o núcleo da expressão *o desabrochar da cidadania*. Colocando a oração adjetiva na ordem direta, teríamos: "O desabrochar da cidadania se transformará em pressão irresistível". A expressão grifada é, portanto, sujeito do verbo *transformar.*

Resposta: B.

3. (TRF) A opção em que melhor se justifica a vírgula empregada no trecho a seguir é: "O acordo visa à criação da Área de Livre Comércio Sul-Americana (ALCSA), que estaria plenamente constituída em 2005." (GUTIÉRREZ, Estella, O livre mercado sul-americano.)

a) Separa oração subordinada adjetiva explicativa.

b) Separa oração subordinada adverbial consecutiva.

c) Separa oração subordinada adjetiva restritiva.

d) Separa oração subordinada substantiva apositiva.

e) Separa oração coordenada sindética explicativa.

Comentários:

Observe que a oração a ser classificada iniciou-se com um pronome relativo (*que*) que retoma o substantivo antecedente *Área,* da expressão *Área de Livre Comércio Sul-Americana (ALCSA).* Ora, se a oração se inicia com pronome relativo e também retoma um substantivo antecedente, ela é uma oração adjetiva, e, se vem antecedida de vírgula, ela deve ser classificada como oração subordinada adjetiva explicativa. Muitos marcaram a letra D na prova, achando que tudo que vem entre vírgulas é aposto, mas não esqueça: se a oração se inicia com pronome relativo, ela é adjetiva, jamais poderia ser substantiva apositiva.

Resposta: A.

4. (Cespe-UnB – Inca/2010) *Sua metodologia é simples – por meio de conversas frequentes com a família, o voluntário receita cuidados básicos para evitar que a criança morra por falta de conhecimento, como os hábitos de higiene, a administração do soro caseiro e a adoção da farinha de multimistura na alimentação,* **que se tornou uma solução simples e emblemática contra a desnutrição**. *Mas o seu segredo é um só: a persistência.*

Julgue a assertiva a seguir de acordo com o texto acima:

O trecho "que se tornou uma solução simples e emblemática contra a desnutrição" está precedido por vírgula porque se trata de um trecho com função restritiva.

Comentários:

Mais uma oração que se inicia com pronome relativo e se refere ao substantivo *farinha*, que é núcleo da expressão *farinha de multimistura*. Como ela se refere a um substantivo antecedente, deve ser classificada como adjetiva, e, por vir iniciada por vírgula, é explicativa, e não restritiva como a banca sugere.

Resposta: errada.

A seguir, algumas assertivas retiradas de provas aleatórias do Cespe-UnB para você perceber a forma como a banca apresenta esse tipo de questão. Cada alternativa vem antecedida por seu respectivo texto. Resolvi numerá-las para tornar mais fácil a correção:

A sentença determina, entre outras 7 medidas, que as penitenciárias somente acolham presos que residam em um raio de 200 km. Segundo o juiz, as medidas que tomou são previstas pela Lei de Execução Penal e objetivam acabar com a violação dos direitos humanos da população carcerária e "abrir o debate a respeito da regionalização dos presídios".

Ele alega que muitos presos das penitenciárias da região são de famílias pobres da Grande São Paulo, que não dispõem de condições financeiras para visitá-los semanalmente, o que prejudica o trabalho de reeducação e de ressocialização. Sua sentença foi muito elogiada. Contudo, o governo estadual anunciou que irá recorrer ao Tribunal de Justiça, sob a alegação de que, se os estabelecimentos penais não puderem receber mais presos, os juízes das varas de execuções não poderão julgar réus acusados de crimes violentos, como homicídio, latrocínio, sequestro ou estupro.

1. As orações subordinadas "que as penitenciárias somente acolham presos", "que tomou" e "que irá recorrer ao Tribunal de Justiça" desempenham a função de complemento do verbo.

Falara com voz sincera, exaltando a beleza da paisagem e revelando que, se dependesse só dele, passaria o resto da vida ali, morreria na varanda, abraçado à visão do rio e da floresta. Era isso o que mais queria, se Alícia estivesse ao seu lado.

2. As orações "se dependesse só dele" e "se Alicia estivesse ao seu lado" estabelecem circunstância de condição em relação às orações às quais se subordinam.

Se a humanidade quiser a paz efetiva, deve estar disposta a remover tudo aquilo que a impede. E a buscar tudo aquilo que a possibilita. Antes de tudo, remover a falsa paz: A paz concordista que aceita, com tolerância descabida, situações injustas.

3. A oração "Se a humanidade quiser a paz efetiva" estabelece uma relação de condição.

Sua sentença foi muito elogiada. Contudo, o governo estadual anunciou que recorrerá ao Tribunal de Justiça, sob a alegação de que, se os estabelecimentos penais não puderem receber mais presos, os juízes das varas de execuções não poderão julgar réus acusados de crimes violentos, como homicídio, latrocínio, sequestro ou estupro.

4. Na linha 1, o emprego da conjunção "Contudo" estabelece uma relação de causa e efeito entre as orações.

Não parecia estar no iate, e sim em sua casa, em Manaus: sentado, pernas e pés juntos, tronco ereto, a cabeça oscilando, como se fizesse um não em câmera lenta.

5. A oração "como se fizesse um não em câmera lenta" expressa uma comparação estabelecida pelo narrador.

Com os olhos pestanejando de curiosidade, no começo de sua miopia, ele se indagava por que uma vez conseguia

mover a família, e outra vez não.

6. No trecho "ele se indagava", o termo "se" estabelece uma condição à realização da ação.

O fogo começa com pequenas queimadas feitas para abrir pastagens e acaba atingindo áreas de preservação. Os bombeiros levaram 11 dias para controlar o fogo no Parque Nacional da Chapada dos Guimarães.

7. Em suas duas ocorrências, a preposição "para" introduz orações que têm o sentido de finalidade.

Comentários:

Assertiva n. 1: Em "A sentença determina que as penitenciárias somente acolham presos", observe que a oração sublinhada é objeto direto do verbo determinar, que é transitivo direto. Quanto à segunda oração, verifique que ela se inicia com um pronome relativo *que*, o qual está retomando o substantivo antecedente *medidas* ("as medidas que tomou"). Trata-se, portanto, de uma oração subordinada adjetiva restritiva, que é adjunto adnominal do substantivo, e não complemento do verbo como a banca sugere. A terceira oração, por sua vez, faz o mesmo que a primeira: é objeto direto do verbo *anunciar* ("... o governo estadual anunciou que irá recorrer ao Tribunal de Justiça"). Dessa forma, a primeira e a terceira orações são, de fato, complementos de verbos (objetos diretos), mas a segunda não.

Resposta: errada.

Assertiva n. 2: A classificação das orações está diretamente ligada à classificação das conjunções que as iniciam. Nesse caso, ambas as conjunções são subordinativas adverbiais condicionais, o que faz com que as orações que elas iniciam sejam subordinadas adverbiais condicionais.

Resposta: certa.

Assertiva n. 3: Mais uma vez, uma conjunção condicional. Veja como o próprio verbo no subjuntivo (*quiser*) contribui para que você perceba o valor de condição da oração. Observe que a banca nem se preocupou com o nome completo da oração (oração subordinada adverbial condicional), e sim com o valor semântico que ela indica (*relação de condição*).

Resposta: certa.

Assertiva n. 4: Causa e efeito só haveria se a conjunção fosse adverbial *causal* ou adverbial *consecutiva*. *Contudo* é conjunção coordenativa adversativa, que indica oposição, ressalva. Logo, o valor semântico que se estabelece entre as informações não é de causa e efeito, e sim de oposição.

Resposta: errada.

Assertiva n. 5: Mais uma vez, a conjunção ajudando você a classificar a oração. Observe que o conector *como* tem o mesmo valor que *do mesmo modo que*, *da mesma forma que*: ele estabelece *comparação* entre as informações. A oração que ele inicia é, portanto, oração subordinada adverbial comparativa.

Resposta: certa.

Assertiva n. 6: Desta vez, o *se* nem é conjunção. Observe como ele tem valor semântico de *a si mesmo*: "Ele se indagava (= ele indagava a si mesmo)". Não há ideia de condição. Trata-se de um pronome reflexivo.

Resposta: errada.

Assertiva n. 7: Ambas as preposições têm valor semântico de *a fim de*, *com a finalidade de*, sendo, de fato, finais. As orações que elas iniciam são orações subordinadas adverbiais finais.

Resposta: certa.

15.7. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

Leia o texto a seguir para responder às questões 1 e 2.

Depois que se tinha fartado de ouro, o mundo teve fome de açúcar, mas o açúcar consumia escravos. O esgotamento das minas – que de resto foi precedido pelo das florestas que forneciam o combustível para os fornos –, a abolição da escravatura e, finalmente, uma procura mundial crescente, orientam São Paulo e o seu porto de Santos para o café. De amarelo, passando pelo branco, o ouro tornou-se negro.

Mas, apesar de terem ocorrido essas transformações que tornaram Santos num dos centros do comércio internacional, o local conserva uma beleza secreta; à medida que o barco penetra lentamente por entre as ilhas, experimento aqui o primeiro sobressalto dos trópicos. Estamos encerrados num canal verdejante. Quase podíamos, só com estender a mão, agarrar essas plantas que o Rio ainda mantinha à distância nas suas estufas empoleiradas lá no alto. Aqui se estabelece, num palco mais modesto, o contato com a paisagem.

O arrabalde de Santos, uma planície inundada, crivada de lagoas e pântanos, entrecortada por riachos estreitos e canais, cujos contornos são perpetuamente esbatidos por uma bruma nacarada, assemelha-se à própria Terra, emergindo no começo da criação. As plantações de bananeiras que a cobrem são do verde mais jovem e terno que se possa imaginar: mais agudo que o ouro verde dos campos de juta no delta do Bramaputra, com o qual gosto de o associar na minha recordação; mas é que a própria fragilidade do matiz, a sua gracilidade inquieta, comparada com a suntuosidade tranquila da outra, contribuem para criar uma atmosfera primordial.

Durante cerca de meia hora, rolamos por entre bananeiras, mais plantas mastodontes do que árvores anãs, com troncos plenos de seiva que terminam numa girândola de folhas elásticas por sobre uma mão de 100 dedos que sai de um enorme lótus castanho e rosado. A seguir, a estrada eleva-se até os 800 metros de altitude, o cume da serra. Como acontece em toda parte nessa costa, escarpas abruptas protegeram dos ataques do homem essa floresta virgem tão rica que para encontrarmos igual a ela teríamos de percorrer vários milhares de quilômetros para norte, junto da bacia amazônica. Enquanto o carro geme em curvas que já nem poderíamos qualificar como "cabeças de alfinete", de tal modo se sucedem em espiral, por entre um nevoeiro que imita a alta montanha de outros climas, posso examinar à vontade as árvores e as plantas estendendo-se perante o meu olhar como espécimes de museu.

(Adaptado de: Lévi-Strauss, Claude. *Tristes Trópicos*. Coimbra, Edições 70, 1979, p. 82-3)

1. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

No primeiro período do segundo parágrafo, as duas orações que não se subordinam a nenhuma outra contêm os seguintes

verbos:

a) conserva – experimento

b) terem ocorrido – conserva

c) tornaram – penetra

d) tornaram – experimento

e) conserva – penetra

2. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

As orações reduzidas ... para encontrarmos igual a ela... (4º parágrafo) e ... estendendo-se perante o meu olhar... (último parágrafo), no contexto em que ocorrem, podem ser distendidas da seguinte forma:

a) para que tivéssemos encontrado igual a ela / de modo que se estendem perante o meu olhar

b) para que encontremos igual a ela / as quais se estendem perante o meu olhar

c) para que encontrássemos igual a ela / que se estendem perante o meu olhar

d) para que encontrássemos igual a ela / quando se estendem perante o meu olhar

e) para que encontremos igual a ela / desde que se estendam perante o meu olhar

Leia o texto a seguir para responder à questão 3.

Estava mal chegando a São Paulo, quando um repórter me provocou: " Mas como, Chico, mais um samba? Você não acha que isso já está superado?". Não tive tempo de me defender ou de atacar os outros, coisa que anda muito em voga. Já era hora de enfrentar o dragão, como diz o Tom, enfrentar as luzes, os cartazes, e a plateia, onde distingui um caro colega regendo um coro pra frente, de franca oposição. Fiquei um pouco desconcertado pela atitude do meu amigo, um homem sabidamente isento de preconceitos. Foi-se o tempo em que ele me censurava amargamente, numa roda revolucionária, pelo meu desinteresse em participar de uma passeata cívica contra a guitarra elétrica. Nunca tive nada contra esse instrumento, como nada tenho contra o tamborim. O importante é Mutantes e Martinho da Vila no mesmo palco.

Mas, como eu ia dizendo, estava voltando da Europa e de sua música estereotipada, onde samba, toada etc. são ritmos virgens para seus melhores músicos, indecifráveis para seus cérebros eletrônicos. " Só tenho uma opção, confessou-me um italiano – sangue novo ou a antimúsica. Veja, os Beatles, foram à Índia..." Donde se conclui como precipitada a opinião, entre nós, de que estaria morto o nosso ritmo, o lirismo e a malícia, a malemolência. É certo que se deve romper com as estruturas. Mas a música brasileira, ao contrário de outras artes, já traz dentro de si os elementos de renovação. Não se trata de defender a tradição, família ou propriedade de ninguém. Mas foi com o samba que João Gilberto rompeu as estruturas da nossa canção. E se o rompimento não foi universal, culpa é do brasileiro, que não tem vocação pra exportar coisa alguma.

Quanto a festival, acho justo que estejam todos ansiosos por um primeiro prêmio. Mas não é bom usar de qualquer recurso, nem se deve correr com estrondo atrás do sucesso, senão ele se assusta e foge logo. E não precisa dar muito tempo para se perceber " que nem toda loucura é genial, como nem toda lucidez é velha".

(Adaptado de: HOLANDA, Chico Buarque de, apud Adélia B. de Menezes, *Desenho Mágico*: Poesia e Política em Chico Buarque, São Paulo, Ateliê, 2002, p. 28-29)

3. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

Considere as afirmativas abaixo.

I. O termo " coisa" (1º parágrafo) pode ser substituído por " o" com função de pronome, uma vez que, no período, retoma o segmento que o antecede.

II. As orações " de atacar os outros" (1º parágrafo) e " de defender a tradição" (2º parágrafo) servem de complemento ao sentido do verbo a que se referem.

III. Na frase *Mas foi com o samba que João Gilberto rompeu...* (2º parágrafo), o pronome " que" retoma " samba", além de ser elemento subordinante a introduzir uma nova oração.

Está correto o que consta de

a) II e III, apenas.

b) I, II e III.

c) I e II, apenas.

d) I, apenas.

e) III, apenas.

4. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016 – Adaptada)

A violência de que participavam, ou que combatiam, é esquecida. O museu parece assim desempenhar um papel de pacificação social.

Mantendo-se, em linhas gerais, o sentido original, caso a segunda frase seja subordinada à primeira, o período resultante será:

a) Como a violência de que participavam, ou que combatiam, é esquecida, o museu parece desempenhar um papel de pacificação social.

b) A violência de que participavam, ou que combatiam, é esquecida, de maneira que o museu parece desempenhar um papel de pacificação social.

c) A violência de que participavam, ou que combatiam, é esquecida; portanto, o museu parece desempenhar um papel de pacificação social.

d) O museu parece desempenhar um papel de pacificação social, uma vez que a violência de que participavam, ou que combatiam, é esquecida.

e) Conquanto o museu pareça desempenhar um papel de pacificação social, a violência de que participavam, ou que combatiam, é esquecida.

5. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016 – Adaptada)

Na frase *Diante de cada crítica escandalizada dirigida ao museu, seria interessante desvendar* <u>*que valor foi previamente sacralizado*</u>, a oração sublinhada complementa o sentido de

a) um substantivo, e pode ser considerada como interrogativa indireta.

b) um verbo, e pode ser considerada como interrogativa direta.

c) um verbo, e pode ser considerada como interrogativa indireta.

d) um substantivo, e pode ser considerada como interrogativa direta.

e) um advérbio, e pode ser considerada como interrogativa indireta.

Leia o texto a seguir para responder à questão 6.

Levantou-se da cama o pobre namorado sem ter conseguido dormir. Vinha nascendo o Sol.

Quis ler os jornais e pediu-os.

Já os ia pondo de lado, por haver acabado de ler, quando repentinamente viu seu nome impresso no **Jornal do Comércio**.

Era um artigo *a pedido* com o título de **Uma Obra-Prima**.

Dizia o artigo:

Temos o prazer de anunciar ao país o próximo aparecimento de uma excelente comédia, estreia de um jovem literato fluminense, de nome Antônio Carlos de Oliveira.

Este robusto talento, por muito tempo incógnito, vai enfim entrar nos mares da publicidade, e para isso procurou logo ensaiar-se em uma obra de certo vulto.

Consta-nos que o autor, solicitado por seus numerosos amigos, leu há dias a comédia em casa do Sr. Dr. Estêvão Soares, diante de um luzido auditório, que aplaudiu muito e profetizou no Sr. Oliveira um futuro Shakespeare.

O Sr. Dr. Estêvão Soares levou a sua amabilidade ao ponto de pedir a comédia para ler segunda vez, e ontem ao encontrar-se na rua com o Sr. Oliveira, de tal entusiasmo vinha possuído que o abraçou estreitamente, com grande pasmo dos numerosos transeuntes.

Da parte de um juiz tão competente em matérias literárias este ato é honroso para o Sr. Oliveira.

Estamos ansiosos por ler a peça do Sr. Oliveira, e ficamos certos de que ela fará a fortuna de qualquer teatro.

O amigo das letras.

Machado de Assis. A mulher de preto. In: *Contos fluminenses*. São Paulo: Globo, 1997 (com adaptações).

6. (INSS – Analista Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

Acerca de aspectos linguísticos do texto, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Na linha 11, o vocábulo " que" classifica-se como conjunção e introduz o sujeito da oração " Consta-nos".

Leia o texto a seguir para responder à questão 7.

A soberania popular pode ser exercida, juridicamente, por meio de três modelos: democracia participativa ou direta, democracia representativa ou indireta e democracia semidireta. Na democracia direta, o povo participa diretamente da vida política do Estado, exercendo os poderes governamentais, fazendo leis, administrando e julgando. É, pois, aquela em que o povo exerce de modo imediato as funções públicas. Na democracia indireta ou representativa, o povo não exerce seu poder de modo imediato, mas por meio de seus representantes, eleitos periodicamente, a quem são delegadas as funções de governo. A democracia representativa pressupõe um conjunto de instituições que disciplinam a participação popular no processo político, que formam os direitos políticos que qualificam a cidadania, como, por exemplo, as eleições, o sistema eleitoral, os partidos políticos; enfim, mecanismos disciplinadores para a escolha dos representantes do povo. Na democracia semidireta, são assegurados

instrumentos de participação direta do povo nas funções de governo. Esses instrumentos de participação dão ao povo, conservadas, embora em parte, as formas representativas, a palavra final relativa a todo o ato governativo. Como exemplo desses instrumentos, podem ser citados o referendo e o plebiscito.

Disponível em: <www.planalto.gov.br> (com adaptações).

7. (TRE/MS – Técnico – Cespe – Jan./2013)

O sujeito da oração cujo núcleo do predicado é a forma verbal " formam" (l. 8) é

a) o pronome " que" imediatamente antecedente.

b) oculto.

c) indeterminado.

d) a expressão " um conjunto de instituições" (l. 7).

e) a expressão " os direitos políticos" (l. 8).

Leia o texto a seguir para responder à questão 8.

Se a Dinamarca tivesse seguido a corrente rodoviária dominante desde a década de 60 do século passado, nunca viraria um modelo de planejamento urbano. Em uma época em que parecia fazer mais sentido priorizar o trânsito de carros, Copenhague apostou na criação da primeira rua para pedestres do país. Antes de se tornar o maior calçadão da Europa, com um quilômetro de extensão, a Strøget era uma rua comercial dominada por automóveis, assim como todo o centro da cidade. O arquiteto por trás da iniciativa, Jan Gehl, acreditava que os espaços urbanos deveriam servir para a interação social. Na época, foi criticado pela imprensa e por comerciantes, que ponderavam que as pessoas não passariam muito tempo ao ar livre em uma capital gélida. Erraram. As vendas triplicaram, e a rua de pedestres foi ocupada pelos moradores. A experiência reforçou as convicções de Gehl, que defende o planejamento das cidades para o usufruto e o conforto das pessoas.

Camilo Gomide. Cidades prazerosas. In: *Planeta*, fev./2014 (com adaptações).

8. (ICMBIO – Superior – Cespe – Maio/2014)

Julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Nas sequências " acreditava que os espaços urbanos" (l. 6) e " ponderavam que as pessoas não passariam" (l. 7), o " que" introduz complementos oracionais para as formas verbais " acreditava" e " ponderavam".

9. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

Em todos os segmentos abaixo há exemplos de formas de gerúndio; o valor semântico de uma dessas formas que está corretamente indicado é:

a) " Está para chegar ao mercado um apetrecho que transforma o celular num verdadeiro laboratório de análises clínicas, <u>realizando</u> mais de 50 exames a uma fração do custo atual" / finalidade;

b) " Também é possível, <u>adquirindo</u> lentes que custam centavos, transformar o smartphone num supermicroscópio" / meio;

c) " ..., fará com que as pessoas administrem mais sua própria saúde, <u>recorrendo</u> ao médico em menor número de ocasiões" / modo;

d) " <u>Dando</u> algum desconto para as previsões,..." / concessão;

e) “ Concordando com as linhas gerais do pensamento de Topol” / tempo.

10. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

“ A comunicação entre as redes internacionais ligadas ao crime organizado são realizadas para negociar armas e drogas.”

A oração reduzida sublinhada teria como forma nominalizada equivalente:

a) para que se negociem armas e drogas;

b) para a negociação de armas e drogas;

c) para que sejam negociadas armas e drogas;

d) para que se negociassem armas e drogas;

e) para o negócio de armas e drogas ser realizado.

11. (Compesa – An. Gest. Médico do Trabalho – FGV – Jul./2016)

Muitas orações se estruturam na forma reduzida – com formas verbais no particípio, gerúndio ou infinitivo; nas frases a seguir, pretendeu-se reescrever as formas reduzidas de infinitivo sublinhadas em forma de orações desenvolvidas.

Assinale a opção que indica a frase em que essa reescritura foi feita de forma adequada.

a) “ *É melhor acender uma vela do que amaldiçoar a escuridão.*” / o acendimento de uma vela.

b) “ *Não é preciso acender uma vela para o sol.*” / que se acenda.

c) “ *Hipótese é uma coisa que não é, mas a gente faz de conta que é, para ver como seria se ela fosse.*” / para que víssemos.

d) “ *A última função da razão é reconhecer que há uma infinidade de coisas que a ultrapassam.*” / o reconhecimento de.

e) “ *A sutileza do pensamento consiste em descobrir a semelhança das coisas diferentes e a diferença das coisas semelhantes.*” / na descoberta da semelhança.

12. (Compesa – An. Gest. Médico do Trabalho – FGV – Jul./2016)

Assinale a opção que apresenta a frase em que a substituição da oração adjetiva sublinhada pelo termo em destaque é ***inadequada***.

a) “ *O que é a felicidade além da simples harmonia entre o homem e a vida que ele leva?*” – **vivida por ele**.

b) “ *Sucesso é conseguir o que você quer e felicidade é gostar do que você conseguiu.*” – **desejado**.

c) “ *Você não será mais feliz com mais até ser feliz com o que você já tem.*” – **já obtido**.

d) “ *A felicidade é um bem que se multiplica ao ser dividido.*” – **multiplicável**.

e) “ *Felicidade é como uma flor que não se deve colher.*” – **recolhida**.

Leia o texto a seguir para responder à questão 13.

É preciso considerar a direção que devem tomar as políticas públicas para alcançar maior eficiência. Primeiramente, deve-se pensar em maneiras para motivar o servidor de carreira, incentivando-o a empreender ações que propiciem melhoras na administração pública. Isso inclui tanto a oferta de treinamento adequado, quanto uma maior interação entre órgãos de controle:

Controladoria-Geral, Tribunal de Contas, Ministério Público e o restante da administração pública. Outra ideia para motivar os servidores públicos de carreira é a regulamentação da possibilidade de ascensão funcional, das atividades de nível médio para outras de nível superior, por meio de concursos internos.

(Adaptado de http://www.brasil-economia-governo.org.br/2012/11/21/gestao-publica-mais-eficiente/)

13. (ESAF – MF – Assistente Técnico Administrativo – 2014)

(Adaptada) Julgue a assertiva a seguir como " certa" ou " errada", em relação às estruturas linguísticas do texto.

O segmento " que propiciem melhoras na administração pública" (l. 3) tem natureza explicativa.

Leia o texto a seguir para responder à questão 14.

Um estudo demonstrou que é possível transportar amostras de sangue em drones pequenos para a realização de exames sem alterar a qualidade da amostra. A estratégia pode ajudar a tornar exames de rotina mais acessíveis em regiões isoladas, com pouco acesso por estrada, por exemplo. A pesquisa que chegou a essa conclusão – feita pela Universidade Johns Hopkins, nos Estados Unidos – foi publicada na revista científica *Plos one* nesta quarta-feira (29).

O que os cientistas queriam avaliar era se as amostras não perdem a qualidade depois de jornadas de até 40 minutos a bordo do drone. Além do tempo do percurso, preocupava os pesquisadores a aceleração no lançamento do veículo e o impacto quando o drone pousa em seu destino. " Tais movimentos poderiam destruir células do sangue ou fazer com que o sangue coagulasse, então eu pensava que todo o tipo de teste de sangue poderia ser afetado, mas nosso estudo mostra que eles não foram afetados e isso foi legal", disse o médico patologista Timothy Amukele, da Escola de Medicina da Universidade Johns Hopkins.

(Fonte: http://g1.globo.com/bem-estar/noticia/2015/07/drone-pode-transportar-amostra-de-sangue-para-exame-em-zonas-remotas.html. Acesso em 30.07.2015)

14. (ESAF – ESAF – Analista de Planejamento e Orçamento – 2015)

(Adaptada) Julgue a assertiva a seguir como " certa" ou " errada".

A oração " que é possível transportar amostras de sangue em drones pequenos para a realização de exames sem alterar a qualidade da amostra" (l. 1-2) tem função de objeto direto.

Gabarito: 1. a; 2. c; 3. d; 4. b; 5. c; 6. c; 7. a; 8. C; 9. b; 10. b; 11. b; 12. e; 13. errada; 14. certa.

15.8. RESUMO

Classificar orações é sempre um grande desafio! Até porque, nas provas, elas vêm misturadas, o mais difícil sempre é não confundi-las… Vamos às dicas finais?

- Orações devem ser contadas pelo número de verbos: para cada verbo, uma oração.
- No período composto por coordenação, a oração sem conectivo é chamada de assindética. Já no período composto por subordinação, a oração sem conectivo é chamada de principal.
- As orações coordenadas não possuem relação sintática entre si, apenas semântica. As orações subordinadas relacionam-se sintaticamente (uma é sujeito da outra, ou objeto direto etc.).

- Ao classificar as orações, você deverá pensar em quatro tipos: coordenadas ou subordinadas adverbiais (que podem ser identificadas pelo valor semântico que suas conjunções apresentam); subordinadas substantivas (que podem ser substituídas por "isto") ou subordinadas adjetivas (que se iniciam com pronome relativo, ligando-se a um substantivo antecedente).

16 CONCORDÂNCIA NOMINAL

16.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Concordância nominal é assunto que será dividido em duas partes: no primeiro segmento, apresentaremos os casos em que, antes de se fazer a concordância do adjetivo, é preciso detectar a função sintática que ele desempenha na frase. Por exemplo:

Tiradentes possuía cabelos e barba longos/longa.

Nessa frase, antes de fazer a flexão do adjetivo *longo*, você precisaria identificar sua função sintática. O fato de ele ser um adjunto adnominal posposto aos substantivos permite as duas opções: ele pode concordar com todos os substantivos ou apenas com o mais próximo. É na primeira parte do assunto, portanto, que vamos ensinar a você a identificação das funções sintáticas do adjetivo e todas as possibilidades de concordância que tais funções permitem.

No segundo segmento do assunto, você conhecerá os casos especiais da concordância nominal. São casos bastante explorados nas provas de concursos: a flexão de palavras como *bastante*, *anexo*, *quite*, *leso*, *junto*... Nessas situações, você não precisará perder tanto tempo raciocinando na frase: não será preciso identificar a função sintática do adjetivo, basta identificar a classe gramatical da palavra na frase. Se for uma classe variável (pronome, adjetivo, numeral etc.), a tendência será a variação; se for uma classe de palavra invariável (advérbio, palavra denotativa etc.), não poderá ir ao feminino nem ao plural.

De qualquer forma, nossa meta é a de que você não tenha de decorar uma série de regrinhas, mas aprenda a raciocinar de acordo com a frase.

Vamos começar? Então, entenda: são dois grandes blocos de concordância nominal. A primeira parte abordará os casos 1, 2, 3 e 4 e a segunda, do caso 5 até o final. Para cada regra, procuramos apresentar frases que vão servir de exemplo, devidamente comentadas. Ao final de cada segmento, elaboramos exercícios de fixação para você internalizar o raciocínio.

16.1.1. Introdução

A concordância pode ser:

a) Rígida ou gramatical: total ou parcial

- Atitude e caráter *apropriados*/*apropriado* (total: o adjetivo concorda em gênero e número com todos os substantivos ou com o mais próximo).
- *Apropriada* atitude e caráter (parcial: concorda em gênero e número com o substantivo mais próximo).

b) Ideológica: silepse

• Vossa Senhoria é generos**o.** (silepse de gênero)

O pronome de tratamento está no feminino e o adjetivo no masculino.

• A *meninada* se divertia. *Risonhas*, elas cantavam. (silepse de número)

O substantivo coletivo está no singular e o adjetivo no plural.

16.1.2. Concordância nominal: Parte I – As funções sintáticas do adjetivo

Aqui, veremos os casos em que o adjetivo, dependendo de sua **função sintática**, poderá concordar com dois ou mais substantivos ou apenas com um deles. Nesse caso, é fundamental conhecermos as funções que o adjetivo exerce na frase. Vamos a elas!

Revisando:

1. Adjunto adnominal

(especifica o substantivo)

Adjetivo

2. Predicativo (atributo dado ao sujeito ou ao objeto)

Subdivide-se em: do sujeito e do objeto

Exemplos:

Olhos negros (adjunto adnominal)

Rua silenciosa (adjunto adnominal)

Seus olhos são negros. (predicativo do sujeito)

(sujeito)

A rua estava silenciosa. (predicativo do sujeito)

(sujeito)

O povo achou os governantes incompetentes.

(objeto direto) (predicativo do objeto)

Aqui vale um recado!

Atenção: O adjunto adnominal vem junto ao nome substantivo (olhos negros). O predicativo do sujeito vem separado por um verbo (seus olhos são negros). Já o predicativo do objeto vai se referir ao objeto (O povo achou os governantes incompetentes.) É aqui que poderá ocorrer dúvida. Se a palavra incompetente vem junto ao substantivo governantes, por que não classificá-la como adjunto adnominal?

Qual é a diferença entre adjunto adnominal e predicativo do objeto?

Uma maneira prática de se fazer essa distinção é retirar o adjetivo da frase e observar se há ou não sentido. Se ficar faltando informação, é predicativo do objeto, se não, adjunto adnominal.

Exemplo:

O povo achou os governantes? (Tem sentido? Não. Então, incompetentes é predicativo do objeto).

Tinha um único vício: a mentira. (Tinha um vício: a mentira. Tem sentido? Sim. Então é adjunto adnominal).

Visto isso, vamos aos casos de concordância nominal que envolvem a identificação da função sintática do adjetivo e suas posições.

16.1.2.1. Adjetivo na função de adjunto adnominal posposto aos substantivos

a) Adjetivo na função de adjunto adnominal posposto a dois ou mais substantivos do mesmo gênero: vai para o plural do gênero comum ou concorda com o mais próximo.

b) Adjetivo na função de adjunto adnominal posposto a dois ou mais substantivos de genêros diferentes: vai para o plural masculino ou concorda com o mais próximo.

* O adjetivo concordará apenas com o último substantivo se o sentido exigir.

Exs.:

1. Prédio e apartamento *antigos* ou *antigo*
2. Documentação e bagagem *intactas* ou *intacta*
3. Comprei calça e camisa *novas*/*nova*

Comentários:

Na frase 1, prédio e apartamento são masculinos. Ao concordar, em gênero e número, com os dois substantivos, masculino plural (*antigos*), com o mais próximo – apartamento, masculino singular – *antigo*.

Nas frases 2 e 3, os dois substantivos são femininos (*documentação/bagagem; calça/camisa*). Concordando com os dois, feminino plural (*intactas; novas*), com o mais próximo, feminino singular (*intacta; nova*).

4. Defeitos e virtudes *verdadeiros*/*verdadeiras.*
5. Ação e julgamento *éticos*/*ético.*
6. Uvas e pêssegos *deliciosos*.

Comentários:

Nas frases 4 e 5 temos substantivos de gêneros diferentes – defeitos, masculino, virtudes, feminino; ação, feminino, julgamento, masculino. Quando isso ocorre, concordando com os dois em gênero e número, masculino plural

(*verdadeiros*/*éticos*). Com o mais próximo – virtudes *verdadeiras*, julgamento *ético*. Na frase 6, só pode ser deliciosos, pois, concordando com os dois substantivos (*uvas* – feminino e *pêssegos* – masculino), masculino plural. Como o substantivo mais próximo está no masculino plural (*pêssegos*), só há uma resposta – *deliciosos*.

16.1.2.2. Adjetivo na função de adjunto adnominal anteposto aos substantivos

a) Adjetivo *anteposto*, na função de *adj. adn.*, a dois ou mais substantivos:

A concordância se faz com o substantivo mais próximo.

b) Adjetivo *anteposto* a nome de pessoas ilustres:

O adjetivo vai para o plural dos substantivos.

Exs.:

7. *Antigas* revistas e jornais.

8. Os *ilustres* Drummond e Cecília Meireles.

Comentários:

Na frase 7, o adjetivo, na função de adjunto adnominal, vem anteposto a dois substantivos. Quando isso ocorre, as gramáticas recomendam a concordância em gênero e número com o substantivo mais próximo. Já na frase 8, por se tratar de nomes de pessoa, concorda com os dois substantivos em gênero e número.

16.1.2.3. Adjetivo na função de predicativo

a) Adjetivo na função de *predicativo* (do sujeito ou do objeto):

Concorda com o substantivo a que se refere.

b) Adjetivo na função de *predicativo do sujeito composto*:

Quando vier posposto ao sujeito composto concorda com todos os núcleos. Se vier anteposto, pode concordar com o mais próximo, se o verbo também o fizer. Se o verbo estiver no plural, o predicativo ficará no plural.

c) Adjetivo na função de *predicativo do objeto composto*:

Vai para o plural dos substantivos.

Exs.:

9. Sua reivindicação é *justa*.

10. É um relógio que torna *inesquecíveis* todas as horas.

Comentários:

Vimos no caso 3 (a) que tanto o predicativo do sujeito quanto o predicativo do objeto concordam com os

respectivos termos (o sujeito e o objeto). Como o adjetivo é uma classe variável (flexiona-se em gênero e número), *justa* – feminino singular – concorda com o sujeito – *reivindicação* – e *inesquecíveis* – adjetivo que só se flexiona em número – concorda com o objeto *horas*. É o que ocorre nas frases 9 e 10.

Nota:

Em Língua Portuguesa, alguns adjetivos não têm flexão de gênero (adjetivos uniformes, só uma forma para os dois gêneros, masculino ou feminino). Por exemplo:

Homem triste / mulher triste

Homens tristes / mulheres tristes

O adjetivo triste varia em número, mas não em gênero, assim como o adjetivo inesquecíveis.

11. A assistência técnica e o ensino eram *gratuitos*.

12. Eram *gratuitos* a assistência técnica e o ensino.

13. Era *gratuita* a assistência técnica e o ensino.

Comentários:

As frases 11, 12 e 13 exemplificam o caso 3 (b). Se o sujeito é composto, o predicativo do sujeito concorda em gênero e número com todos os núcleos (*assistência* e *ensino*, feminino e masculino).

Na frase 11, o adjetivo *gratuitos* ficou no masculino plural, portanto, para concordar com *assistência* e *ensino*. Nas frases 12 e 13, a concordância do predicativo do sujeito depende da concordância do verbo de ligação, que vem anteposto. Nesses casos, o verbo indica se o predicativo do sujeito concorda com todos os núcleos ou com o mais próximo. Se o verbo aparecer no plural (concordando com todos os núcleos – *assistência* e *ensino*), o predicativo também o fará (*Eram gratuit**os***). Se o verbo estiver no singular (concordando com o núcleo mais próximo – *assistência*), o predicativo do sujeito concorda em gênero e número com o mais próximo (*Era gratuita*).

14. Acho a proposta e o trabalho *irrecusáveis*/*irrecusável*.

15. Encontrei *abertos*/*aberta* a janela e o portão.

Comentários:

Agora, temos exemplos de adjetivos que se referem ao objeto composto. Observamos que, quando isso ocorre, o predicativo do objeto, anteposto ou posposto, pode concordar com todos os núcleos do objeto em gênero e número ou com o núcleo mais próximo em gênero e número.

Vamos aos exemplos comentados.

Complete com a(s) forma(s) adequada(s):

1. Gestos e atitudes _____. (belicoso)

Comentários: Adjetivo posposto na função de adjunto adnominal – concorda com todos os substantivos em gênero e número ou com o mais próximo.

Resposta: belicosos ou belicosas.

2. _____ atitudes e gestos. (belicoso)

Comentários: Adjetivo anteposto na função de adjunto adnominal – concorda em gênero e número com o substantivo mais próximo.

Resposta: Belicosas.

3. Aprecio a cultura e a história _____ . (europeia)

Comentários: Mais uma frase em que temos adjunto posposto na função de adjunto adnominal, como na frase 1. Como os dois substantivos são femininos, plural feminino – concordância total – ou singular feminino – concordância atrativa.

Resposta: europeias ou europeia.

4. O ministro mostrou _____ cultura e talento. (belo)

Comentários: Como na frase 2, temos adjetivo anteposto na função de adjunto adnominal concorda com o substantivo mais próximo em gênero e número.

Resposta: bela.

5. A área e os meios de atuação dos funcionários tornam-se _____. (limitado)

Comentários: Aqui, o adjetivo vem separado dos substantivos por um verbo, funcionando como predicativo do sujeito – termo que, mesmo de longe, determina o sujeito. Nesse caso, só pode concordar com todos os núcleos em gênero e número. Como o sujeito composto é representado por substantivos de gêneros diferentes, masculino plural.

Resposta: limitados.

6. Tornam-se _____ a área e os meios de atuação dos funcionários. (limitado)

Comentários: Agora, o adjetivo, na função de predicativo do sujeito, vem anteposto ao sujeito – esta frase é a mesma que a anterior, só que invertida, logo a análise é a mesma. Quando isso ocorre, o verbo é que determina a flexão do adjetivo. Como o verbo anteposto está concordando com todos os núcleos, o adjetivo predicativo do sujeito concorda em gênero e número com todos eles.

Resposta: limitados.

7. Torna-se _____ a área e os meios de atuação dos funcionários. (limitado)

Comentários: Nesta frase, o verbo (*torna-se*) vem anteposto ao sujeito composto concordando com o núcleo mais próximo – *área*; singular. Por isso, o adjetivo na função de predicativo do sujeito concorda com o substantivo área, feminino singular.

Resposta: limitada.

8. Deixei _____ para o leitor meus pontos de vista sobre o assunto. (claro)

Comentários: O adjetivo *claro* aparece na função de predicativo do objeto ("Deixei meus pontos de vista..."), já que "claros" são os pontos de vista, ou seja, na ordem direta, a frase ficaria assim: "Deixei meus pontos de vista claros para o leitor."

Resposta: claros.

9. Comprou frutas, ovos e carne _____ . (bovino)

Comentários: O adjetivo bovino vem posposto na função de adjunto adnominal. Só que, nessa construção, razões semânticas fazem com que o termo bovino só possa concordar com o substantivo mais próximo – *carne* –, pois seria impossível você comprar *ovos* e *frutas* de boi.

Resposta: bovina.

10. Essa professora contou-nos _____ lendas e contos. (antigo)

Comentários: Aqui, o adjetivo, na função de adjunto adnominal, vem anteposto. A recomendação das gramáticas, nesses casos, é a de que o adjetivo concorde, em gênero e número, com o substantivo mais próximo (*lendas*).

Resposta: antigas.

16.1.3. Concordância nominal: Parte II – Casos especiais

Agora que você já estudou a concordância nominal que varia de acordo com a função do adjetivo na frase, vamos conhecer os casos especiais, que são muito explorados em provas.

16.1.3.1. As expressões é bom, é proibido...

a) Se o sujeito não vier determinado: O predicativo fica invariável.

b) Se houver determinação do sujeito: A concordância será normal.

Exemplos:

16. Vitamina é *bom* para a saúde.

17. Entrada é *proibido.*

18. Esta cerveja é *deliciosa*.

19. A entrada é *proibida*.

Comentários:

Nas frases 16 a 19, temos um caso especial de concordância nominal: as expressões *é bom*, *é proibido*, *é deliciosa*..., representadas por verbo de ligação ser mais predicativo. Se o substantivo na função de sujeito vier

determinado (acompanhado de artigo, pronome) o adjetivo concorda com o sujeito – frases 18 e 19. Se não vier determinado, fica invariável (masculino singular) – frases 16 e 17.

16.1.3.2. Plural do adjetivo composto

a) Adjetivo composto formado de *adjetivo* + *adjetivo*:

O primeiro elemento fica invariável, e o último concorda com o substantivo a que se refere.

Obs.: 1) azul-marinho, azul-celeste, ultravioleta: são invariáveis.

2) surdo-mudo: variam os dois elementos.

b) Adjetivo composto formado de *adjetivo* + *substantivo*:

Os dois elementos ficam invariáveis. Quando a cor vier representada por substantivo não varia.

Exs.:

20. Amizades *luso-brasileiras*.

21. Todas usavam saias *vermelho-claras*.

22. Assisti a reuniões *político-sociais*.

23. Descobertas *médico-científicas* contribuem para o bem da humanidade.

24. Comprou dois ternos *azul-marinho*.

25. Raios *ultravioleta*.

26. Meninos *surdos-mudos*.

Comentários:

A maioria dos exemplos de adjetivos compostos em Língua Portuguesa é aquela cuja formação é de dois adjetivos. Como vimos na teoria, só o último elemento se flexiona em gênero e número, exceções feitas a: *azul-marinho*, *azul-celeste* e *ultravioleta*, que não se flexionam. Em *surdo-mudo*, embora seja um adjetivo composto formado por dois adjetivos, a gramática determina que os dois elementos variem em gênero e número (*surdos-mudos*, *surdas-mudas*).

27. Adorava tecidos *verde-limão*.

28. Bermudas *amarelo-ouro*.

Comentários:

Se aparecer substantivo no adjetivo composto, nenhum elemento se flexiona, ficam invariáveis.

29. Blusas *laranja*.

30. Sapatos *cinza*.

31. Calças *gelo*.

Comentários:

Em português, observa-se que o adjetivo é a classe que denota cor (*blusas azuis*, *vermelhas*, *amarelas*, *brancas*...). Quando a cor vem representada por substantivo (*laranja*, *cinza, gelo*, *abóbora*...), não varia, já que não é papel de substantivo denotar cor.

16.1.3.3. Expressões mesmo, próprio, obrigado, anexo...

As expressões mesmo, próprio, anexo, quite, obrigado, incluso, leso, junto, tal concordam com o nome ou pronome a que se referem.

Obs.: *Em anexo*: fica invariável.

Exs.:

32. Elas *mesmas* não sabiam a questão.

33. Ela *própria* escreveu o bilhete.

34. Enviou-lhe *anexas*/*em anexo* neste envelope as duplicatas necessárias.

35. Vinham *inclusas* na pasta a carta e a procuração.

36. Estamos *quites* com todos vocês.

37. Muito *obrigada*, respondeu a moça.

38. Cometeram-se crimes de *leso*-idioma./ *lesa*-pátria.

39. Os filhos são *tais qual* o pai./ O filho é *tal quais* os pais.

40. Ana e Rosa saem sempre *juntas*.

41. Fernanda chegou *junto com* Lúcia à escola.

Comentários:

Nas frases 32 e 33, *mesmas* refere-se a *elas* e *própria*, a *ela*. Na frase 34, o adjetivo *anexas* está se referindo a duplicatas. Na ordem direta, teríamos: "Enviou-lhe as duplicatas necessárias anexas". Uma outra forma de se dizer o mesmo seria com a expressão *em anexo*, que é invariável e está sempre certa. Na frase 35, *inclusas* é adjetivo de *carta e procuração*. Na ordem direta, teríamos: "A carta e a procuração vinham inclusas". Na frase 36, *quites* é adjetivo de *nós*, é o mesmo que *desobrigados*. Vem do verbo *quitar*, é seu particípio irregular, mas, aqui, tem valor de adjetivo e concorda com o pronome (nós) a que se refere. *Obrigada*, na frase 37, é adjetivo e concorda com o substantivo *moça*. É por isso que meninos dizem *obrigado* e meninas, *obrigada*. Na frase 38, *leso* é

adjetivo: é o mesmo que *lesado*, *prejudicado*. Daí ele concordar em gênero e número com o substantivo com o qual forma uma composição (*idioma* e *pátria*). Na frase 39, *tal* e *qual* concordam com o nome ou pronome que determinam: *tal* concorda com o antecedente e *qual*, com o elemento seguinte. No primeiro exemplo, *tais* concordou com *filhos* e *qual*, com *pai*. No segundo exemplo, *tal* concordou com *filho* e *quais*, com *pais*. Na frase 40, *juntas* é adjetivo que se refere aos substantivos *Ana* e Rosa. Já na frase 41, tem-se a locução prepositiva *junto com* invariável.

16.1.3.4. Expressões menos, pseudo, alerta, um e outro, um ou outro...

a) Monstro (como adjetivo), menos, pseudo, alerta:

Ficam invariáveis

b) Um e outro, nem um nem outro, um ou outro:

Com essas expressões o **substantivo** não se flexiona.

Exs.:

42. Compareceram *menos* pessoas que o esperado.

43. Se você quiser manter a elegância, coma *menos*.

44. Ainda existem alguns *pseudo*-heróis.

45. Os soldados continuavam *alerta.*

46. São duas criaturas *monstro*.

47. Um e outro *remédio* eram necessários.

48. Nem um nem outro *namorado* a entendia.

Comentários:

Na frase 42, *menos*, apesar de ser pronome adjetivo indefinido, que é uma classe, na maioria das vezes, variável, refere-se ao substantivo *pessoas*, mas não varia. Já na frase 43, ele é advérbio e, por isso mesmo, invariável. *Menos* não varia nem como pronome indefinido, nem como advérbio: não varia nunca!

Pseudo é elemento grego que significa *falso*, ligando-se ao elemento seguinte, mas mantendo--se sempre invariável. É o que se observa na frase 44.

Alerta é rigorosamente advérbio, ainda que muitos tentem usar tal vocábulo como adjetivo, o que se deve evitar: daí na frase 45 não aparecer flexionado. *Alerta* só deve assumir papel de adjetivo se vier junto ao substantivo, como na frase: "Naquele momento, todos tinham os sentidos *alertas*".

Aqui, ele é adjetivo e concorda com o substantivo *sentidos*, fato que não ocorreu na frase 45: ali *alerta* era

advérbio e se referia ao verbo *continuavam*.

Na frase 46, *monstro*, apesar de ser adjetivo de *criaturas*, não admite variação.

Frases 47 e 48: *um e outro*, *um ou outro* e *nem um nem outro* levam obrigatoriamente o substantivo para o singular. O que poderá se flexionar, em algumas situações, será o verbo, assunto de que vamos tratar no capítulo sobre concordância verbal.

16.1.3.5. Expressões só, meio, bastante, caro, barato...

As expressões concordam com o substantivo a que se referem. Se aparecerem como advérbios ou palavras denotativas, ficam invariáveis.

Obs.: *A sós*: fica invariável.

Exemplos:

49. *Só* eles compareceram à cerimônia de posse.

50. Eles se encontravam *sós/só* naquele lugar deserto.

51. Percebi que eles *só* desejam o nosso bem.

52. As moças jamais ficarão *sós*.

Comentários:

Na frase 49, *só* equivale a *somente* ("*somente* eles compareceram à cerimônia de posse"): é palavra denotativa de exclusão, sendo, portanto, invariável. Já na frase 50, em um primeiro momento, o que se quis dizer é que "eles se encontravam *sozinhos* naquele lugar deserto": *só* seria adjetivo e concordaria com o pronome *eles*. No entanto, podemos ler tal frase de uma outra forma:

Eles se encontravam só (= somente) naquele lugar deserto.

Teríamos, aqui, outra leitura: "eles se encontravam *apenas* naquele lugar deserto, em nenhum outro lugar". Por isso, as duas opções estariam corretas na frase 50.

Já na frase 51, não há ambiguidade: *só* equivale a *somente*, *apenas*, sendo, portanto, invariável. Na frase 52, *sós* é adjetivo que se refere a *moças*. É claro que também estaria certa a expressão *a sós*, que é invariável e está sempre certa!

53. Traga-me *meia* caneca de café.

54. Ela andava *meio* esquisita.

Comentários:

Meia, na frase 53, é numeral fracionário. Refere-se ao substantivo *caneca* e, já que é numeral, trata-se de classe

variável. Já na frase 54, é advérbio, referindo-se ao adjetivo *esquisita*, mantendo-se, assim, sem se flexionar.

55. Eu não o vejo há *bastantes* dias.

56. Havia livros *bastantes* naquela estante.

57. Conhecemos pessoas *bastante* agradáveis.

58. Trabalharam *bastante* para entregar o serviço no prazo.

Comentários:

Bastante, na frase 55, equivale a *muitos*, refere-se a *dias*: é pronome indefinido, sendo, portanto, variável. Na frase 56, é adjetivo, equivalendo a *suficientes*: qualifica o substantivo *livros* e concorda com ele. Já nas frases 57 e 58, *bastante* funciona como advérbio, referindo-se ao adjetivo *agradáveis* e ao verbo *trabalharam*, respectivamente. E, como já vimos, sendo advérbio, será invariável.

Só pode ser adjetivo (= sozinho) ou palavra denotativa de exclusão (= somente). Se for adjetivo, irá variar. Como palavra denotativa de exclusão, não varia.

Meio pode ser numeral (= metade) ou advérbio (= um pouco). Quando for numeral, concordará com o substantivo a que se referir. Quando for advérbio, permanecerá invariável.

Bastante, quando se referir a substantivo, poderá ser pronome indefinido ou adjetivo (= suficiente). Nos dois casos, concordará com o substantivo a que se referir. Só será invariável quando funcionar como advérbio, referindo-se a verbo/adjetivo/advérbio.

59. Aquelas roupas estão *caras*/ *baratas*. (caro/barato)

60. Os gêneros alimentícios permanecem *caros*/*baratos*.

61. Os gêneros alimentícios custam *caro*/*barato* ou *caros/baratos.*

Comentários:

Caro e *barato* podem atuar como adjetivos ou advérbios. Se adjetivos, irão variar. Se forem advérbios, permanecerão invariáveis. Na frase 59, são adjetivos que se referem ao substantivo *roupas*. O mesmo acontece na frase 60: são adjetivos do substantivo *gêneros*. No entanto, pode--se ler a frase 61 de duas maneiras:

Os gêneros alimentícios custam caro/barato.

(Aqui, *caro*/*barato* seriam advérbios de preço do verbo *custar*, sendo, por isso, invariáveis).

Os gêneros alimentícios custam caros/baratos.

(Nesse caso, *caros*/*baratos* seriam adjetivos de *gêneros*, concordando com esse substantivo).

Repare que nas frases 59 e 60 esses adjetivos aparecem com verbo de ligação na frase (*estar*, *permanecer*). Nesse caso, serão sempre adjetivos, na função de predicativos do sujeito, e irão variar. Já na frase 61, o verbo **não** é de ligação, o que permite dupla possibilidade de concordância: os vocábulos *caro*/*barato* poderão se referir ao substantivo ou ao verbo.

16.1.3.6. Expressões o mais possível, a olhos visto, haja vista...

a) O adjetivo **possível** concordará com o determinante.

b) A expressão **a olhos vistos** fica invariável ou a palavra *visto* concorda com o substantivo ou pronome a que se refere.

c) em **haja vista**, o substantivo **vista** fica invariável. Essa expressão (haja vista) estará **sempre** certa.

62. Comportamentos o mais insensatos *possível*.

63. Comportamentos os mais insensatos *possíveis*.

Comentários:

Com *o mais*, *o menos*, *o melhor*, *o pior possível*: o adjetivo *possível* concorda com o artigo "o", ficando, portanto, no singular. Foi o que aconteceu na frase 62. Porém:

Gestos *os* mais carinhosos *possíveis*.

Atitudes *as* mais modestas *possíveis*.

Com o plural *os*/*as mais*, *os*/*as menos* etc., o adjetivo *possível* vai ao plural, seguindo a flexão do artigo. Foi o caso da frase 63.

Portanto, as duas respostas estão igualmente corretas.

64. Ela tem piorado a olhos *vistos*/ a olhos *vista*.

Comentários:

Vistos concorda normalmente com *olhos*. Mas existe uma outra opção, ainda que desusada, que é a de o vocábulo *visto* concordar com aquilo que se vê (sujeito da frase). Na frase acima, têm--se, então, as duas opções: *vistos* concordando com *olhos* ou *vista* concordando com *ela*. Se fosse *elas*, seria *elas têm piorado a olhos vistos/vistas* etc.

65. *Haja vista* o resultado.

66. *Haja vista*/*Hajam vista* os resultados.

67. *Haja vista* dos resultados.

68. *Haja vista*/*Hajam vista* as dificuldades por que passamos.

Comentários:

Haja vista será uma construção **sempre** certa, é o que se vê nas frases 65 a 68. O que seria erro, segundo a norma culta da língua, seria "*Haja vist**o*** o resultado". Na frase 66, além de *haja vista*, tem-se uma outra possibilidade, que é a de se considerar *os resultados* como sujeito e fazer a flexão do verbo. É uma construção desusada nos dias

de hoje, porém correta e possível de aparecer em prova. Observe que na frase 67 já não se pode ter o mesmo raciocínio: iniciado por preposição, "dos resultados" não pode ser considerado sujeito, e sim objeto indireto. Daí o verbo não se flexionar. A frase 68 apresenta a mesma lógica da 66: pode-se considerar *as dificuldades* objeto direto, e não se flexionar o verbo, ou sujeito, fazendo a concordância do verbo.

16.1.3.7. Um substantivo modificado por dois ou mais adjetivos

Um substantivo modificado por dois ou mais adjetivos:

Os adjetivos ficam no singular.

69. As literaturas *portuguesa* e *brasileira*.

70. Comunica-se nas línguas *inglesa*, *francesa* e *alemã*.

71. A literatura *portuguesa* e a *brasileira*.

Comentários:

Quando há um só núcleo seguido de dois ou mais adjuntos, o substantivo pode ficar no singular ou ir para o plural. Nas frases 69 e 70, os substantivos ficaram no plural e os adjetivos, no singular. Já na frase 71, observa-se a outra possibilidade: o substantivo *literatura* ficou no singular, bem como seus adjetivos, com a repetição do artigo no singular antes de brasileira. Nesses casos, os adjetivos, com a repetição do artigo, ficam no singular porque o sentido da frase exige.

Aproveite a seguir os exemplos comentados.

Julgue os casos de concordância a seguir. Nas situações de erro de concordância, indique a forma que melhor se adequaria à norma culta.

1. Anexa àquela carta destinada ao pai da moça, foram remetidas as joias.

Comentários: *Anexa* é adjetivo que se refere a *joias*: precisa concordar com ele.

Resposta: errada a assertiva. O certo seria *anexas*. Na ordem direta, teríamos a seguinte frase: "As joias foram remetidas anexas àquela carta".

2. Naquelas bagagens havia joias bastante preciosas.

Comentários: *Bastante* é advérbio que modifica o adjetivo *preciosas*, daí não poder variar.

Resposta: a frase está correta.

3. Fica instituído no Quadro de Pessoal a classe de Técnico de Tributação.

Comentários: *Instituído* é adjetivo particípio que se refere ao substantivo *classe*. Na ordem direta, teríamos "A classe de Técnico de Tributação fica *instituída* no Quadro de Pessoal." Por isso, o certo seria *instituída*.

Resposta: assertiva errada.

4. O professor qualificou de inaceitável aquelas gírias.

Comentários: *Inaceitável* é adjetivo que se refere a *gírias*. Basta organizar a frase e você verá: "O professor qualificou aquelas gírias de inaceitáveis".

Resposta: assertiva errada.

5. Pagando cem mil-réis, ele estaria quite com o velho.

Comentários: *Quite* é adjetivo que se refere a *ele*, por isso está no singular.

Resposta: a frase está certa.

6. O Tribunal qualificou de ilegal aquelas nomeações.

Comentários: Mais uma vez, a frase fora de ordem pode causar problemas: *ilegal* refere-se a *nomeações* ("O Tribunal qualificou aquelas nomeações de ilegais").

Resposta: frase errada.

7. Segue anexa a documentação pedida sobre a linguagem dos estudantes.

Comentários: *Anexa* é adjetivo que caracteriza *documentação*.

Resposta: a frase está certa. Também se poderia utilizar a locução *em anexo*.

8. Houve crime de leso-humanidade.

Comentários: *Leso* é adjetivo que se refere a *humanidade*, portanto, deve concordar com este substantivo.

Resposta: frase errada. O certo seria dizer *lesa-humanidade*.

9. Parecia meio aborrecida a mulher do mestre Amaro.

Comentários: *Meio* é advérbio que modifica o adjetivo *aborrecida*.

Resposta: como advérbio, não deve variar, a frase está certa.

10. Não usem de meio palavras, já que estamos meio desconfiadas.

Comentários: *Meio* agora é numeral que se refere a *palavras*. Numeral é classe de palavra variável.

Resposta: a frase está errada. O certo seria dizer *meias palavras*.

11. As gírias ouvidas neste colégio são tais quais as que podemos observar em qualquer grupo de jovens.

Comentários: *Tais* é pronome que se refere a *gírias* e *quais*, ao pronome *as* (= aquelas).

Resposta: a frase está certa.

12. As garotas chegaram juntas, mas depois cada uma foi embora junto com o namorado.

Comentários: *Juntas* é adjetivo que se refere a *garotas*. Observe na mesma frase a locução prepositiva *junto com*, que é invariável.

Resposta: assertiva certa.

13. Encerrado os debates, bastantes deputados ainda pediam a palavra.

Comentários: *Encerrado* é adjetivo particípio que se refere a *debates*, por isso deve concordar com ele. O certo seria dizer *encerrados os debates*. Já o vocábulo *bastantes*, por ser pronome indefinido (= muitos) está adequadamente concordando com o substantivo *deputados*.

Resposta: parcialmente errada, portanto, a frase.

14. As pessoas pareciam meio distraídas durante a palestra.

Comentários: *Meio* é advérbio que se refere a *distraídas*. Deve ficar invariável.

Resposta: frase certa.

15. Aquela loja fazia ofertas o mais tentador possível.

Comentários: O adjetivo *possível* está no singular, em função do artigo *o*. Quanto a isso, a frase está correta. Mas o adjetivo *tentador*, que se refere a *ofertas*, deveria com este substantivo concordar. O certo seria dizer: "Aquela loja fazia ofertas o mais tentadoras possível."

Resposta: frase errada.

16. Os operários fizeram duas horas extra.

Comentários: *Extra* é adjetivo que se refere a *horas*. Por isso, deve concordar com tal substantivo.

Resposta: frase errada. O certo seria dizer *duas horas extras*.

17. Eu lhes peço que as deixem sós.

Comentários: *Sós* é adjetivo que se refere ao pronome oblíquo átono *as*. Daí a flexão.

Resposta: a frase está certa. Também seria certo utilizar a locução *a sós*.

18. Só alunos são admitidos na reunião.

Comentários: *Só*, aqui, equivale a *somente*. É palavra denotativa de exclusão. Portanto, deve ficar invariável, como está.

Resposta: frase certa.

19. As questões serão tais qual o programa.

Comentários: *Tais* está adequadamente concordando com *questões* e *qual* com *programa*.

Resposta: frase certa.

20. Estando pronto os preparativos para o início da corrida, foi dada a largada.

Comentários: *Pronto* é adjetivo que se refere a *preparativos*, por isso deveria estar no plural.

Resposta: frase errada. O certo seria dizer *estando prontos os preparativos*…

21. Estejamos sempre alerta para evitar contratempos maiores.

Comentários: *Alerta* aqui é advérbio. Portanto, invariável.

Resposta: frase certa.

22. É um relógio que torna inesquecível todas as horas.

Comentários: Basta organizar a frase e você verá o erro: "É um relógio que torna todas as horas *inesquecíveis*". *Inesquecível* é adjetivo que se refere a *horas* e deve concordar com este substantivo.

Resposta: a frase está errada.

23. Era a mim mesmo que ele se referia – disse a moça.

Comentários: *Mesmo* é pronome que se refere ao substantivo *moça*. Deve concordar com ele.

Resposta: frase errada: o certo seria dizer "era a mim mesma que ele se referia".

24. Os fatos falam por si só.

Comentários: *Só*, aqui, é adjetivo que modifica *fatos*. É o mesmo que *sozinhos*: "Os fatos falam por si sozinhos".

Resposta: a frase está errada. O certo seria dizer "Os fatos falam por si sós".

25. Eles próprios entenderão a matéria.

Comentários: *Próprios* refere-se a *eles* e está adequadamente concordando com o pronome.

Resposta: frase certa.

26. Vai incluso à carta meu documento.

Comentários: Organize a frase: "Meu documento vai incluso à carta". *Incluso* refere-se a *documento*, por isso, está no masculino singular.

Resposta: a frase está certa.

27. Nenhuns obstáculos conseguirão impedir nossa vitória.

Comentários: *Nenhuns* é pronome indefinido que se refere a *obstáculos*, por isso está no masculino plural. Estranha a frase, não é? Se fosse o pronome *alguns* você também não o colocaria no masculino singular?

Resposta: a frase está correta.

28. Todos os soldados do quartel estavam alertas.

Comentários: Mais uma vez, *alerta* apareceu como advérbio: não deve variar.

Resposta: a frase está errada. O certo seria dizer "Todos os soldados do quartel estavam alerta".

29. Foi iniciado com meia hora de atraso a votação no Congresso.

Comentários: *Iniciado* refere-se a *votação*, por isso deveria estar no feminino singular. Na ordem direta, teríamos a seguinte frase: "A votação no Congresso foi iniciada com meia hora de atraso".

Resposta: frase errada.

30. Parece possíveis distinguir duas tendências fundamentais.

Comentários: *Possível* é adjetivo que está modificando a oração "distinguir duas tendências fundamentais". Por isso, não deve se flexionar. Observe que o próprio verbo não se flexionou.

Resposta: a frase está errada. Basta colocá-la na ordem e você verá: "Distinguir duas tendências fundamentais parece *possível*".

16.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

Agora, é a sua vez! Vamos fixar tudo o que você aprendeu?

I. Complete as frases a seguir com a expressão entre parênteses.

1. Faca e navalha _____ / _____. (afiado)
2. Aquele quadro era um símbolo de uma estética e época _____ / _____. (tedioso)
3. Amor e agradecimento _____ / _____. (eterno)
4. Códigos e senhas _____ / _____. (alterado)
5. Mãe e pai _____ / _____. (moderno)
6. Argumentos e justificativas _____ / _____. (pífio)
7. Rio consome frutas e legumes _____. (contaminado)
8. Supermercado Y: qualidade e preço _____. (baixo)
9. Comprou legumes, frutas e carne _____ (bovino)
10. Vendia pães e frutas _____. (maduro)
11. _____ clima e terra. (desconhecido)
12. _____ faca e navalha. (afiado)
13. _____ atitudes e gestos. (belicoso)
14. _____ cores e tamanhos. (variado)

15. Os _____ Gil e Caetano. (famoso)

16. As _____ mãe e filha. (corajoso)

17. As meninas vieram _____. (acompanhado)

18. Sua reivindicação é _____. (justo)

19. A crise financeira deixou _____ os cofres do clube. (vazio)

20. É um relógio que torna _____ todas as horas. (inesquecível)

21. A neve e o jardim eram _____. (branco)

22. Eram _____ a neve e o jardim. (branco)

23. Era _____ a neve e o jardim. (branco)

24. Encontrei a janela e o portão _____ / _____. (aberto)

25. Encontrei _____ / _____ a janela e o portão. (aberto)

26. As culturas _____, _____ e _____. (indígena, negro e europeu)

27. A cultura _____, a _____ e a _____. (indígena, negro e europeu)

28. As gramáticas _____ e _____. (inglês e alemão)

29. A gramática _____ e a _____. (inglês e alemão)

30. Conselhos _____ e _____ de engenharia. (federal e regional)

31. Fé é _____. (necessário)

32. É _____ entrada de pessoas estranhas ao serviço. (proibido)

33. A fé é _____. (necessário)

34. É _____ a entrada de pessoas estranhas ao serviço. (proibido)

35. As verdades descobertas são as mais variadas _____. (possível)

36. As verdades descobertas são o mais variadas _____. (possível)

37. Deve ser um bom livro, _____ as suas edições sucessivas. (haja vista)

38. Suas forças definhavam a olhos _____. (visto)

39. Um e outro _____ serão promovidos. (funcionário)

40. Nem um nem outro _____ conseguiu aprovação. (aluno)

41. Conheço uma ou outra _____. (hipótese)

42. Os filhos são _____ _____ a mãe. (tal qual)

43. _____ ao presente documento, encaminhamos a fotocópia do decreto x. (anexo)

44. Vão _____ à carta meus documentos. (anexo)

45. Vão _____ à carta meus documentos. (em anexo)

46. Estou _____ com todos vocês. (quite)

47. Estamos _____ com todos vocês. (quite)

48. Muito _____, respondeu a tia. (obrigado)

49. Seguem _____ aos documentos as fotografias. (incluso)

50. Sua opinião é um crime de _____-inteligência. (leso)

51. Ana e Rosa saem sempre _____. (junto)

52. Elas _____ entenderão o recado. (próprio)

53. Trabalhas _____ que eu. (menos)

54. Havia, naquela festa, _____ mulheres que homens. (menos)

55. Os candidatos estavam _____. (alerta)

56. Ficou _____ portão. (junto a)

57. Fernanda chegou _____ Guilherme ao colégio. (junto com)

58. Entrou em casa e deixou _____ os dois jovens debaixo das amendoeiras do portal. (só)

59. Os fatos falam por si _____. (só)

60. _____ alunos são admitidos na reunião. (só)

61. Bebeu sozinho _____ caneca de vinho. (meio)

62. Eram pessoas _____ estranhas. (meio)

63. Há _____ exemplos neste livro. (bastante)

64. Comprou livros _____. (bastante)

65. Comprou livros _____ antigos. (bastante)

66. Só dois atos seus não pareciam _____ a esta imagem. (conforme)

67. Elas _____ entenderão o recado. (mesmo)

68. _____ as crianças entenderão o recado. (mesmo)

69. As canetas eram _____. (caro; barato)

70. O camelô vendia _____ as canetas. (caro; barato)

71. Processos _____. (administrativo-fiscal)

72. Parcerias _____. (público-privado)

73. Grupos _____. (hispano-argentino)

74. Crianças _____. (recém-nascido)

75. Ternos _____. (azul-marinho; azul-celeste)

76. Jovens _____. (surdo-mudo)

77. Crianças _____. (surdo-mudo)

78. Blusas _____. (verde-garrafa)

79. Vestidos _____. (vermelho-sangue)

80. Calças _____. (cinza-chumbo)

81. Tecidos _____. (palha; cinza; laranja; rosa)

II. Levando em consideração as regras de concordância nominal, marque certo (C) ou errado (E).

1. ( ) Estava com baixo autoestima.

2. ( ) Estas foram as sós palavras que ele disse.

3. ( ) Os setores público e privado devem estar integrados.

4. ( ) Aquela menina nada tem de engraçado.

5. ( ) Perdi meu óculos escuros.

6. ( ) Nenhuns obstáculos conseguirão impedir nossa vitória.

7. ( ) As milhares de pessoas que assistiram àquele espetáculo saíram felizes.

8. ( ) As cópias estavam conformes com as originais.

9. ( ) Anexa àquela carta destinada ao pai da moça, foram remetidas as joias.

10. ( ) Naquelas bagagens havia joias bastantes preciosas.

11. ( ) O Tribunal qualificou de ilegal aquelas nomeações.

12. ( ) Vossa Senhoria é muito competente e qualificado.

13. ( ) Fica instituído no Quadro de Pessoal a classe de Técnico de Tributação.

14. ( ) Existem meios para tudo.

15. ( ) O relógio bateu meio-dia e meio.

16. ( ) O professor qualificou de inaceitável aquelas gírias.

17. ( ) As gírias ouvidas neste colégio são tais quais as que podemos observar em qualquer grupo de jovens.

18. ( ) Os partidos de cana mostravam tonalidades verde-esmeraldas.

19. ( ) Pagando cem reais, ele estaria quites com o velho.

20. ( ) Os famosos Machado e Alencar.

21. ( ) Seguem em anexo as fotos.

22. ( ) Seguem anexas as fotos.

23. ( ) Os candidatos não eram nenhum bobocas.

24. ( ) Não votaram em candidato nenhum.

25. ( ) Persistência é necessário para obtermos um bom resultado.

26. ( ) As questões serão tais qual o programa.

27. ( ) Anexo à correspondência vão documentos importantes.

28. ( ) Estejamos sempre alertas para evitar contratempos maiores.

29. ( ) Os alertas foram dados. As pessoas alertas correram.

30. ( ) Ela era considerada um monstro por seus inimigos.

31. ( ) O primeiro e o segundo atos.

III. Complete as lacunas com a(s) forma(s) adequada(s).

1. Elas _____ providenciaram os atestados, que enviaram _____ às procurações, como instrumentos _____ para os fins colimados. (mesmo/anexo/bastante)

2. São bastante _____ tais ideias e opiniões sobre o computador. (difundido)

3. Serão _____ tanto os técnicos quanto as pessoas menos qualificadas. (promovido)

4. Tornam-se muito _____ a área e os meios de atuação dos funcionários. (limitado)

5. Torna-se muito _____ a área e os meios de atuação dos funcionários. (limitado)

6. Podem ser neste ponto _____ a tarefa dos antigos artesãos e a dos modernos operários. (comparado)

7. Pode ser neste ponto _____ a tarefa dos antigos artesãos e a dos modernos operários. (comparado)

8. Ficam _____ nas mãos de poucos todos os conhecimentos e habilidades. (concentrado)

9. _____ montes e várzeas se sucediam na paisagem. (florido)

10. Aprecio a cultura e a história _____. (europeu)

11. Comprou jornais e revistas _____. (brasileiro)

12. Os meninos estavam com os pés e as mãos _____. (sujo)

13. Encontrei _____ as cadeiras e o sofá. (reformado)

14. A professora contou-nos _____ lendas e contos. (antigo)

15. Não houve chuvas _____ para resolver o problema da agricultura. (bastante)

16. Tinha _____ chances de conseguir o emprego. (bastante)

17. As novas tecnologias eram _____ prejudiciais aos trabalhadores. (bastante)

18. Esses diretores não costumam aceitar nossas reivindicações, _____ que sejam elas. (qualquer)

19. Pode-se ver do alto daquele prédio as bandeiras _____. (brasileiro e português)

20. Veio _____ ao requerimento a planta da casa reformada. (anexo)

21. Aquela loja fazia ofertas o mais _____ possível. (tentador)

22. As observações do autor do texto foram as mais pertinentes _____. (possível)

23. Julgamos _____ ao espírito humano as indagações constantes sobre o que é verdade. Ocorre porém que, em nosso presente estágio evolutivo, as verdades descobertas são o mais variadas _____. (natural/possível)

24. O uso de certas máquinas deixa mais _____ os legumes. (barato)

25. Com o uso de certas máquinas, os legumes estão ficando muito mais _____. (caro)

26. O uso de certas máquinas faz com que custem mais _____ as batatas. (barato)

27. O filósofo alemão Jügen Habermas vem insistindo: o fim do Estado Nacional como instância reguladora do mercado também torna _____ as formas tradicionais do exercício da cidadania. (obsoleto)

28. O seleiro sentiu o papel e a nota _____ no bolso. (novo)

29. O Direito e o fato social não existem por si _____ no seio da sociedade. (só)

30. Por mais _____ que lhes pareça a resolução desses exercícios, apliquem-se, e verão quão menos _____ na verdade o são. (difícil/complicado)

31. Corriam _____ nossa imaginação e nosso pensamento, naquele tempo em que quaisquer ameaças à nossa felicidade pareciam _____. (solto/impossível)

32. Seria _____, numa hora como esta, contar com a ajuda de pessoas que nunca buscaram estar minimamente _____ de mim? (oportuno/próximo)

33. O mais duvidoso, em meio às tuas propostas, é que _____ uma delas obtenha o consenso há tantos dias inutilmente _____. (qualquer/perseguido)

34. Aqueles papéis, que sempre lhes pareceu _____ guardar, revelaram-se de importância absolutamente _____ para eles. (inútil/vital)

35. _____ está a carta, os recibos e os documentos pedidos. (anexo)

Gabarito: I – 1. afiadas / afiada; 2. tediosas / tediosa; 3. eternos / eterno; 4. alterados / alteradas; 5. modernos / moderno; 6. pífios / pífias; 7. contaminados; 8. baixo; 9. bovina; 10. maduras. Obs.: Nas frases 8, 9 e 10, o sentido exige a concordância atrativa; 11. Desconhecido; 12. Afiada; 13. Belicosas; 14. Variadas; 15. famosos; 16. corajosas; 17. acompanhadas; 18. justa; 19. vazios; 20. inesquecíveis; 21. brancos; 22. brancos; 23. branca; 24. abertos / aberto; 25. abertos /aberta; 26. indígena / negra e europeia; 27. indígena / negra e europeia; 28. inglesa / alemã; 29. inglesa / alemã; 30. federal / regional; 31. necessário; 32. proibido; 33. necessária; 34. proibida; 35. possíveis; 36. possível; 37. haja vista; 38. vistos. Obs.: As expressões "haja vista" e "olhos vistos" podem concordar com seus respectivos sujeitos (... hajam vista suas edições e suas forças vistas aos olhos definhavam); 39. funcionário; 40. aluno; 41. hipótese; 42. tais qual; 43. Anexa; 44. anexos; 45. em anexo; 46. quite; 47. quites; 48. obrigada; 49. inclusas; 50. lesa; 51. juntas; 52. próprias; 53. menos (advérbio); 54. menos (pronome); 55. alerta. Obs.: A palavra **menos** é invariável, independentemente de sua classificação morfológica. O vocábulo "alerta", como está empregado na frase 55, é advérbio, portanto invariável. Conforme a frase, "alerta" pode aparecer como adjetivo (homens alertas) ou substantivo (Os alertas foram dados), variando, pois; 56. junto ao; 57. junto com; 58. sós; 59. sós; 60. Só; 61. meia; 62. meio; 63. bastantes (pronome); 64. bastantes (adjetivo); 65. bastante (advérbio); 66. conformes (adjetivo); 67. mesmas (pronome); 68. Mesmo (palavra denotativa de inclusão); 69. caras / baratas (adjetivos); 70. caro / barato (advérbio); 71. administrativo-fiscais; 72. público-privadas; 73. hispano-argentinos; 74. recém-nascidas; 75. azul-marinho / azul-celeste; 76. surdos-mudos; 77. surdas-mudas; 78. verde-garrafa; 79. vermelho-sangue; 80. cinza-chumbo; 81. palha; cinza; laranja; rosa.

II – 1. E; 2. c; 3. c; 4. c (Com expressões constituídos por nada, algo... + preposição + adjetivo, a tendência é não flexionar o adjetivo. Algumas gramáticas, porém, aceitam a flexão do adjetivo.); 5. e ("Óculos" leva o determinante ao plural – meus óculos.); 6. c; 7. e ("Milhar" é palavra masculina.); 8. c ("Conformes", nesta frase, equivale a *idênticas*, adjetivo, pois.); 9. e ("Anexas". Refere-se a "joias".); 10. e ("Bastante" modifica "preciosas", advérbio, pois.); 11. e ("Ilegais". Refere-se a "nomeações".); 12. c (Silepse.); 13. e (Instituída.); 14. c; 15. e ("Meia" é numeral, concorda com a palavra "hora", subentendida.); 16. e ("Inaceitáveis" são as "gírias".); 17. c; 18. e; 19. e; 20. c; 21. c; 22. c; 23. e (Nenhuns.); 24. c; 25. c; 26. c; 27. E ("Anexos" vão os "documentos".); 28. E; 29. C; 30. C ("Monstro", como adjetivo, não varia.); 31. C (Quando numerais ordinais modificam um substantivo, este poderá ficar no singular ou plural – **ato** ou **atos** – se os numerais vierem antecedidos de artigo, como é o caso. Usaremos o substantivo no plural se não houver a repetição do artigo – **O primeiro e segundo atos** – ou se vier antes dos numerais – **Os atos primeiro e segundo**.).

III – 1. mesmas / anexos / bastantes; 2. difundidas; 3. promovidos; 4. limitados; 5. limitada; 6. comparadas; 7. comparada; 8. concentrados; 9. Floridos; 10. europeias / europeia; 11. brasileiros / brasileiras; 12. sujos / sujas; 13. reformados / reformadas (predicativo do objeto – caso 3 (c)); 14. antigas (adjunto adnominal anteposto – caso 2 (A)); 15. bastantes (adjetivo); 16. bastantes (pronome indefinido); 17. bastante (advérbio); 18. quaisquer; 19. brasileira e portuguesa; 20. anexa; 21. tentadoras ("ofertas tentadoras"); 22. possíveis; 23. naturais / possível; 24. baratos; 25. caros; 26. barato (Nesta frase, a tendência é considerar como advérbio.); 27. obsoletas (Predicativo do objeto.); 28. novos / nova; 29. sós; 30. difícil / complicados; 31.

soltos / impossíveis; 32. oportuno / próximas; 33. qualquer / perseguido; 34. inútil / vital; 35. Anexa.

16.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

1. (Cesgranrio) "para ela mesma se alimentar"; a alternativa que mostra uma construção errada com o vocábulo mesmo é:

a) Nós mesmos fomos até lá.

b) Mesmo ela não compreendeu a questão.

c) Os mesmos carros foram vendidos.

d) Elas mesmas ficaram doentes após o contato.

e) Ela falava consigo mesmo o dia inteiro.

Comentários:

A concordância nominal, basicamente, é dividida em duas partes: os casos que envolvem a identificação das classes gramaticais – variáveis ou invariáveis – e os casos que mostram o adjetivo e suas funções.

Esta questão trata dos valores do vocábulo mesmo, que pode ser pronome ou adjetivo (classes variáveis) ou palavra denotativa que indica inclusão (classe invariável).

Nas opções A, D e E, aparecem com o valor de pronomes.

Na C, o valor é de adjetivo. Na opção B, o sentido é de inclusão, não variando. Como o pronome é uma classe variável, a letra E ficaria "Ela falava consigo mesma".

Resposta: E.

2. (Petrobras) A opção em que a concordância nominal está correta, segundo o registro culto e formal da língua, é:

a) Eu mesmo, disse a senhora, providenciarei a água filtrada para o gari.

b) No condomínio em frente, havia menas gente cuidadosa.

c) Haja visto o seu bom humor, pedi-lhe que me ajudasse nas tarefas.

d) Ao recolher os sacos de lixo, eles estavam feliz.

e) No verão, água gelada é bom para minimizar o calor.

Comentários:

A letra A apresenta o termo mesmo se referindo a "senhora", erro, portanto. A letra B traz uma palavra que não existe (menos é palavra invariável).

Na letra C, "Haja visto" está errado, pois o termo é "vista", sempre. A letra D mostra o adjetivo "feliz" no singular

se referindo a “eles” no plural.

A opção E mostra o caso das expressões é bom, é proibido, é permitido... que não se flexionam se o substantivo não vier determinado. Só haverá a concordância se o substantivo vier acompanhado de artigo, pronome.

Resposta: E.

3. (Petrobras) Na passagem “...somos responsáveis por nós mesmos”, o vocábulo destacado é variável. Em qual das frases abaixo há uma transgressão ao registro culto e formal da língua, quanto à flexão dos vocábulos destacados?

a) Felizmente, bastantes pessoas foram corajosas para enfrentar seus problemas emocionais.

b) Alguns ficaram meio irritados por não entenderem a sutil diferença entre dar a mão e acorrentar uma alma.

c) Os seus atos e temperamento custaram caro para você.

d) Haja visto o resultado final, começou a entender melhor suas derrotas.

e) Acredito que só as verdadeiras amizades se mantêm para toda a vida.

Comentários:

A letra A mostra a palavra “bastante” se referindo a “pessoas”, que é substantivo com a ideia de muitas, ou seja, pronome indefinido, classe variável.

Nas opções B e C, “meio” e “caro” são advérbios (não variam), já que modificam adjetivo e verbo, respectivamente.

A letra E traz o vocábulo “só” com o valor semântico de exclusão, palavra denotativa (invariável).

A letra D apresenta “visto” de uma forma errada, pois na expressão “Haja vista” essa palavra não varia.

Resposta: D.

4. (FCC / TRT) No segmento “os povos egípcio e israelita”, o substantivo aparece no plural e os dois adjetivos no singular. O item abaixo em que os adjetivos poderiam ocorrer no plural é:

a) as atuais bandeiras brasileira e portuguesa;

b) as séries primeira e segunda do ensino médio;

c) os idiomas francês e inglês;

d) os jornais paulista e carioca da atualidade;

e) os territórios brasileiro e argentino.

Comentários:

Esta questão exemplifica o caso de concordância em que temos um substantivo modificado por dois adjetivos, em que, pelo sentido exigir, os adjetivos têm de ficar no singular (“povos” existem vários, mas só um é egípcio, só um israelita).

Essa explicação serve para as opções A, B, C e E.

Na letra D, há possibilidade de os adjetivos aparecerem no plural, uma vez que existe mais de um jornal paulista e carioca.

Resposta: D.

5. (FCC / TRT) O item em que concordância é aceitável na norma culta é:

a) O filósofo considerou estranho a pesquisa dos universitários.

b) Está difícil a quitação do empréstimo bancário feita no ano passado.

c) Uma pequena parte do texto é compreendido.

d) Os livros traziam 30 páginas de textos rasgados.

e) Tornou-se clara para o leitor minha posição sobre o assunto.

Comentários:

Na letra A, "estranho" se refere a "pesquisa", então estaria errado ("…considero a pesquisa dos universitários estranha"). Na B, o "empréstimo" é que foi "feito". Na C, a "parte" do texto foi "compreendida". A letra D traz o adjetivo "rasgados" concordando com "textos", o que também caracteriza um erro, pois "rasgadas" seriam as "páginas". Na opção E, "clara" é a "posição", concordância correta.

Resposta: E.

16.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (TRF3 – Técnico Judiciário – FCC – Abril/2016)

A alternativa em que a expressão sublinhada pode ser substituída pelo que se apresenta entre colchetes, respeitando-se a concordância, e sem quaisquer outras alterações no enunciado, é:

a) *A maioria das tecnologias necessárias para as cidades inteligentes já são viáveis economicamente em todo o mundo...* [viável]

b) *A ideia de cidade inteligente sempre aparece relacionada à abertura de bases de dados por parte dos órgãos públicos.* [relacionado]

c) *Em nome da eficiência administrativa, podem-se armazenar, por exemplo, enormes massas de dados de mobilidade urbana...* [são possíveis]

d) *...desde bases de dados de saúde e educação públicas, por exemplo, até os dados pessoais...* [pública]

e) *Contudo, existem estudos que apontam que bastariam meros quatro pontos de dados...* [bastaria]

2. (TRF3 – Técnico Judiciário – FCC – Abril/2016)

A frase cuja redação está inteiramente correta é:

a) Obtido pela identificação por radiofrequência, os dados das placas de veículos são passíveis em oferecer informações valiosas acerca dos motoristas.

b) Na cidade inteligente, a automatização da gestão de setores urbanos são facilitadores de serviços imprecindíveis, como saúde, educação e segurança.

c) Londres e Barcelona estão entre as cidades que mais destaca-se em termos de inteligência, com avançados centros de operação de dados.

d) São necessários viabilizar projetos de cidades inteligentes, amparados em políticas públicas que salvaguardam os dados abertos dos cidadãos.

e) O aprimoramento de técnicas de informatização de dados permitiu que surgisse um novo conceito de cidade, concebido como espaço de fluxos.

3. (FCC – TRT – 4ª Região (RS) – Analista Judiciário – Tecnologia da Informação – 2015)

Expressões utilizadas no texto motivaram a redação de outras frases. A frase que respeita as orientações da norma-padrão da língua, no que se refere à concordância, é:

a) Parece muito óbvio, de acordo com o noticiário, a intenção de os artistas de ópera pugnarem por melhores condições de trabalho e por melhores salários.

b) No planejamento constam várias cotações para a compra dos instrumentos, e nota-se que é bastante caro os de corda, como o violino e a harpa.

c) De acordo com o especialista, são muito fugaz, mesmo, as variações de tom no canto inicial, mas é exatamente essa diversificação que dá brilho ao trecho.

d) Foram realmente débeis, por confrontos com outras encenações, a série de entradas do tenor em cena, mas isso foi atribuído à insegurança de um iniciante.

e) A ópera, considerados sua concepção e entendimento atuais, pode ser tida como uma arte menos exótica, mas sempre transformadora.

4. (FCC – TRT – 4ª Região (RS) – Técnico Judiciário – Tecnologia da Informação – 2015)

As normas de concordância verbal e nominal estão inteiramente respeitadas em:

a) Quem escrevia nos jornais sulistas do final do século XIX e início do século XX não criaram os modelos ideais de boas mães e esposas virtuosas, pois reproduziam o que já fazia parte do imaginário ocidental, e podia ser encontrado na literatura, nos sermões das missas e nas tradições locais.

b) Formadas por casais oriundas das ilhas dos Açores e da Madeira, a população que ocupou parte do Rio Grande do Sul, a partir de meados do século XVIII, tornaram-se responsáveis pelo desenvolvimento econômico da região.

c) A escolha de numerosas imagens de mulher denota uma preocupação muito viva com a definição dos papéis femininos, mas é difícil saber como eram vividas, experimentadas no cotidiano, essas imagens que os jornais reproduziam.

d) Em cada capital do Sul, os grupos de pessoas mais abastados assumiram diferentes configurações, porém foi principalmente os comerciantes e pequenos industriais ligados à população de imigração recente que ditou as características das novas elites urbanas.

e) O surgimento de inúmeros conflitos regionais levaram ao estabelecimento de costumes diferenciados do restante do país, e registra-se vários testemunhos de viajantes sobre o modo de vida familiar nessa época, destacando o papel de mulheres que comandavam pequenas propriedades.

Leia o texto a seguir para responder à questão 5.

O fator mais importante para prever a performance de um grupo é a igualdade da participação na conversa. Grupos em que poucas pessoas dominam o diálogo têm desempenho pior do que aqueles em que há mais troca. O segundo fator mais importante é a inteligência social dos seus membros, medida pela capacidade que eles têm de ler os sinais emitidos pelos outros membros do grupo. As mulheres têm mais inteligência social que os homens, por isso grupos mais diversificados têm desempenho melhor.

Gustavo Ioschpe. *Veja*, 31/12/2014, p. 33 (com adaptações)

5. (FUB – Técnico Administrativo – Cespe – 2015)

Julgue o item seguinte como Certo (C) ou Errado (E), referentes às ideias e às estruturas linguísticas do texto acima.

Com o uso do pronome masculino " eles" (l. 4), excluem-se da argumentação as mulheres, razão pela qual são citadas no período final do texto.

6. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

" Muitos sites de saúde estão a serviço exclusivamente dos patrocinadores, geralmente empresas de produtos e equipamentos médicos, além da indústria farmacêutica que, em alguns casos, interferem no conteúdo e na linha editorial, pois estão interessados em vender seus produtos".

Sobre a concordância nesse segmento do texto 2, a afirmação <u>inadequada</u> é:

a) " muitos" concorda com " sites";

b) " interessados" deveria ser substituído por " interessadas";

c) " editorial" concorda exclusivamente com " linha";

d) " médicos" se refere a " produtos e equipamentos";

e) " farmacêutica" concorda com " indústria".

7. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016)

Considere-se este trecho: " Mas essa viagem diária me tornava uma criança completa de alegria."

Há um desvio de concordância na seguinte reescritura desse trecho:

a) Mas essas viagens diárias enchiam de alegria aquela criança.

b) Como me tornava uma criança completa de alegria essa viagem diária!

c) Mas essas viagens diárias me tornavam uma criança completa de alegria.

d) Essa viagem diária me tornava uma criança, completo de alegria.

e) Eu me tornava uma criança completa de alegria por causa dessa viagem diária.

8. (BB – Escriturário – Cesgranrio – Out./2015)

A palavra destacada apresenta a concordância nominal de acordo com a norma-padrão da Língua Portuguesa em:

a) Várias agências bancárias estão implementando a biometria, nos caixas eletrônicos, **baseados** nas características físicas dos clientes.

b) O avanço dos serviços bancários e sucesso das moedas virtuais, **ocorridas** nos últimos anos, oferecem aos usuários conectados experiências prazerosas.

c) O aumento do uso dos cartões **fornecido** por vários bancos representa um dos elementos mais importantes e característicos na área financeira do século XX.

d) A construção estratégica de curto e médio prazos, **compatível** com os padrões de competitividade do mercado bancário, tornou os mecanismos de prevenção mais eficientes.

e) As tecnologias de mobilidade e a competência dos funcionários são **característicos** da rede bancária na atualidade.

9. (MPE/SP – Analista Técnico Científico – Vunesp – Jul./2016)

Assinale a alternativa que reescreve passagem do texto respeitando a norma-padrão de concordância verbal e nominal.

a) Bastava cinquenta anos para que fosse descoberto no país produtos novos, que acabava sendo a riqueza do país.

b) Os mandatos de senador e deputado durava tempo diferente, sendo mais longos o dos primeiros.

c) Na Bruzundanga haviam Senado e Câmara de Deputados, que o povo, em massa, apoiavam confiantes.

d) Naquele ano, isto já faziam dez anos, surgiu um deputado muito bem falante em assuntos financeiros.

e) Todas as repúblicas que se prezam possuem Senado e Câmara escolhidos pelos cidadãos, o mais possível confiantes em seus representantes.

Gabarito: 1. d; 2. e; 3. e; 4. c; 5. E; 6. b; 7. d; 8. d; 9. e.

Depois de se estudarem as regras de concordância nominal, tem-se a sensação de que é muito a decorar... Mas é simples, vamos sistematizá-las e tudo ficará mais fácil!

16.5. RESUMO

O adjetivo pode ter três funções sintáticas na frase:

• adjunto adnominal;

• predicativo do sujeito (com ou sem verbo de ligação);

• predicativo do objeto (se retirado, muda o sentido da frase, é solicitado pelo verbo).

Adjetivo na função de:	Posposto ao substantivo	Anteposto ao substantivo
Adjunto adnominal	Concordância pode ser: TOTAL ou PARCIAL	A melhor é a concordância PARCIAL
Predicativo do sujeito	Concordância é:	Segue a concordância verbal

	TOTAL	
Predicativo do objeto	Concordância é: TOTAL	Concordância pode ser: TOTAL (melhor opção) ou PARCIAL (mais moderna)

17 CONCORDÂNCIA VERBAL

17.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

O princípio básico na concordância verbal é o de que, para todo verbo, temos de achar um sujeito. Pensando nisso, esta gramática dividirá este tópico em duas partes: Parte I (Concordância verbal e os tipos de sujeito) e Parte II (Casos especiais de concordância verbal).

17.1.1. Concordância verbal: Parte I – Tipos de sujeito

Nesta Parte I, você vai aprender a flexionar o verbo partindo da classificação do sujeito. Quem sabe achar sujeito faz a concordância verbal adequada.

Os tipos de sujeito, basicamente, são quatro:

1. **Simples**: quando há apenas um núcleo. Lembre-se de que o núcleo do sujeito é representado por um substantivo ou pronome substantivo.

   Ex.: O economista fez uma intervenção. / Os economistas fizeram uma intervenção.

2. **Composto:** aparecem dois ou mais núcleos.

   Ex.: O diretor e o chefe compareceram à reunião.

3. **Indeterminado:** representado de duas formas:

a) verbo na 3ª pessoa do plural, sem sujeito expresso na frase.

   Ex.: Pediram silêncio.

b) verbo na 3ª pessoa do singular + pronome indeterminador SE. Em geral o verbo não é transitivo direto.

   Ex.: Trabalha-se muito aqui.

   (verbo intransitivo)

   Observe que, quando a intenção é não mencionar o sujeito, há essas possibilidades para indeterminá-lo.

4. **Oração sem sujeito**: quando o verbo é impessoal (não se refere a nenhuma pessoa gramatical, uma vez que o sentido do verbo não permite).

   Os casos mais comuns:

   • expressões que indicam fenômenos da natureza;

   • verbo haver (= existir, ocorrer);

• verbos que indicam tempo decorrido.

O verbo, nesses casos, fica na 3ª pessoa do singular.

Antes de mostrarmos os casos de concordância verbal, vamos reconhecer e classificar os sujeitos das frases abaixo.

Importante: O sujeito é o responsável pela flexão verbal. Essa teoria serve para os casos de sujeito simples e composto.

a) Começava a cair a noite.

Na ordem direta, teríamos: "*A noite começava a cair".* O responsável pela flexão da locução verbal *"começava a cair"* é a ***"noite"*** – sujeito simples.

b) Os professores e os funcionários daquela escola decidiram pela greve.

Aparecem dois núcleos como agentes do verbo *"decidiram"* – professores/funcionários – sujeito composto.

c) Naquele instante, bateram à porta.

O verbo na 3ª pessoa do plural, nesta frase, não traz nenhum agente claro. A intenção é, pois, a de indeterminar o sujeito – sujeito indeterminado.

d) Assistiu-se a jogos importantes.

O emprego de *"se"* junto ao verbo transitivo indireto – assistir **a** – obriga o uso do verbo na 3ª pessoa do singular – sujeito indeterminado.

e) Amanheceu rapidamente.

Qualquer verbo que indica fenômenos naturais – amanhecer, chover, nevar... – caracteriza um caso de oração sem sujeito, é um verbo impessoal.

f) Havia dúvidas frequentes sobre aquele ponto da matéria.

Quando o verbo "haver" aparece com o sentido de existir, não há possibilidade, por causa do valor semântico do verbo, de se identificar sujeito na frase – verbo impessoal, 3ª pessoa do singular, oração sem sujeito.

g) Fez dois anos de sua morte.

Mais um exemplo de verbo impessoal: verbo "fazer" indicando tempo passado, decorrido. Novamente, é impossível identificar-se o agente dessa ação verbal – oração sem sujeito.

Agora que você já sabe achar e classificar sujeito, vamos às regras.

17.1.1.1. Concordância verbal com o sujeito simples

Sujeito simples: representado por apenas um núcleo. O verbo concordará com ele em número e pessoa.

1. Faltaram, durante a posse do prefeito, os aplausos.

2. Deram/Bateram/Soaram três horas no relógio da igreja.

3. O relógio da igreja deu/bateu/soou três horas.

Comentários:

Como vimos na teoria inicial, o sujeito é o responsável pela flexão verbal. Na frase 1, entendemos que "os aplausos" é que "faltaram". Nas frases 2 e 3, quando aparecem os verbos dar, bater e soar, normalmente existem duas possibilidades: o sujeito pode ser o número de horas ou o vocábulo relógio. Na 2, "três horas deram/bateram/soaram no relógio", ou seja, o sujeito é o número de horas. Já na frase 3, "O relógio deu/bateu/soou três horas".

4. Hão de existir limites justos.

5. Podem ocorrer novos deslizamentos.

Comentários:

As frases 4 e 5 são exemplos de locuções verbais com seus respectivos sujeitos (*limites*/*deslizamentos*) no plural. Nas locuções, o verbo auxiliar é que se flexiona (*limites hão de existir*/*deslizamentos podem ocorrer*).

6. Preencheram-se as requisições.

7. Verificou-se, entre indivíduos tensos ou agitados, a queima de até 800 calorias diárias.

Comentários:

Agora temos frases em que aparece a partícula **se**. Nas frases 6 e 7, o **se** é apassivador, porque as frases podem ser reescritas, identificando-se, com isso, o sujeito. A frase 6 ("Preencheram-se as requisições" equivale a "As requisições foram preenchidas") traz um sujeito paciente, o que se confirma com a troca da voz passiva sintética – *Preencheram-**se*** – por "foram preenchidas", voz passiva analítica. Na 7, "verificou-se a queima" equivale a "a queima foi verificada". Para nós, essa é a maneira mais direta, objetiva de se identificar o **se** apassivador. E quando o **se** é apassivador há sujeito na frase, daí o verbo poder ficar no singular ou no plural, de acordo com o seu sujeito.

Resumindo:
Quando aparece pronome se (= apassivador): o verbo concorda com o sujeito expresso na frase.

17.1.1.2. Concordância verbal com o sujeito composto

Sujeito composto: representado por dois ou mais núcleos.

a) Anteposto ao verbo: verbo no plural.

b) Posposto ao verbo: o verbo ficará no plural ou concordará com o núcleo mais próximo.

Obs.: Havendo ideia de reciprocidade, verbo no plural.

Exemplos:

8. O pai e a mãe compareceram à reunião.

9. Compareceu ou compareceram à reunião o pai e a mãe.

10. Tu, ela e eu saímos.

11. Abraçaram-se o poeta e o músico.

Comentários:

O sujeito composto impõe verbo no plural, vindo posposto ou anteposto a este (frases 8 e 9). O que ocorre é que, quando o verbo vem anteposto a um sujeito composto (frase 9), pode concordar com todos os núcleos – plural – ou com o mais próximo – *pai*, no singular. Na frase 10, o sujeito composto é representado por pronomes pessoais retos. Nesse caso, dá-se preferência à 1ª pessoa (*eu*). Plural da 1ª pessoa do singular é nós, 1ª pessoa do plural, saímos. Na frase 11, a ideia é de reciprocidade. O sentido obriga o verbo no plural – *um se abraçou ao outro.*

17.1.1.3. Concordância verbal com o sujeito indeterminado

a) **Sujeito indeterminado pela partícula se:** o verbo ficará, obrigatoriamente, na 3ª pessoa do singular.

b) **Oração sem sujeito:** com verbos impessoais (verbos que indicam fenômenos naturais, haver (= existir, ocorrer), verbo com ideia de tempo decorrido...): não possuem sujeito. Ficam também na 3ª pessoa do singular.

Ex.:

12. Obedeceu-se às ordens.

13. Havia vantagens para o índio no contato com o civilizado.

14. Deve haver limites justos.

15. Há vários séculos as línguas indígenas têm tradições apenas oral.

16. Vai para cinco anos de sua partida.

Comentários:

A frase 12 mostra um **se** indeterminador. Repare que agora não podemos reescrever a frase (Às ordens foi obedecida?). O **se**, quando é **índice de indeterminação do sujeito**, aparece, na quase totalidade dos casos, junto a verbo **intransitivo** ou **transitivo indireto**. "Obedecer a". Logo, o sujeito é indeterminado, verbo na **3ª pessoa do singular.**

Nas frases 13 a 16, os verbos são **impessoais** (ficam na 3ª pessoa do singular). Temos, portanto, oração sem sujeito. Na 13, *haver* com sentido de *existir* não varia. Na frase 14, há uma locução verbal. Como o verbo principal – é sempre o **último** verbo da locução – é o *haver* (= existir), o auxiliar **não pode variar**. *Deve* haver limites...)

As frases 15 e 16 exemplificam a oração sem sujeito com verbos que indicam **tempo passado** (Há vários séculos…/Vai para…). Repare que nesses casos de oração sem sujeito **o sentido do verbo** impede a identificação do sujeito.

17.1.1.4. Concordância verbal com o sujeito oracional

Sujeito oracional: aparece em certas construções como:

a) Verbos do tipo convém, basta, falta, parece, importa…

b) Verbo de ligação + predicativo do sujeito: é bom, está claro…

c) Expressões na Voz Passiva: sabe-se, é sabido, conta-se…

Quando o sujeito aparece sob forma de oração, o verbo ou a expressão da oração principal **não varia.**

Exs.:

17. Parece/que ela chega hoje.

or. princ. or. subjetiva

18. Convém/insistir no pedido.

or. princ. or. subjetiva (reduzida de infinitivo)

19. Está claro/que todos reconhecerão o erro.

or. princ. or. subjetiva

20. Sabe-se/que eles mentiram.

or. princ. or. subjetiva

Comentários:

Temos agora um caso muito especial de concordância verbal. Até agora vimos que o sujeito era representado por substantivo ou pronome substantivo (sujeito simples ou composto). Quando o sujeito era indeterminado ou aparecia verbo impessoal (oração sem sujeito), havia impedimento semântico para se identificar o sujeito. Com o sujeito oracional devemos considerar toda a oração e não um substantivo ou pronome. Na frase 17, "Parece que ela chega hoje", não é ela ou alguém que parece, e sim toda a oração que se segue (Isto – *que ela chega hoje* – parece). Na frase 18, "Convém insistir no pedido", temos o mesmo raciocínio: não é ele ou alguém que convém insistir e sim "Insistir no pedido convém" (= Isto convém). Lembre-se: pense o que a frase quer dizer, coloque a frase na ordem direta e descobrirá o sujeito. Na frase 19, o que *está claro* é o fato de que todos reconhecerão o erro, ou seja, "Isto está claro".

Na frase 20, o **se** é apassivador, a frase pode ser reescrita (Isto – *que todos mentiram* – é sabido). Observe que quando

o sujeito é toda a oração, o verbo da oração principal não varia.

Vamos treinar concordância verbal – Parte I?

Complete a lacuna com a forma adequada.

1. Nos últimos 50 anos, _____ fatos que aumentaram o nosso índice de felicidade. (ocorreu/ocorreram)

Comentários: Entendemos, nessa frase, que "fatos ocorreram", sujeito simples no plural, verbo no plural.

Resposta: ocorreram.

2. _____ 50 anos que os índices de felicidade _____ aumentando gradativamente. (Há/Hão; vem/vêm)

Comentários: O verbo "haver", nesse caso tem ideia de tempo passado, não se flexionando. Na 2ª lacuna "índices" é sujeito da locução verbal "vêm aumentando". Vimos que, quando aparece locução verbal, quem se flexiona é o verbo auxiliar.

Resposta: Há e vêm.

3. Nos últimos 50 anos, _____ as possibilidades de maior felicidade. (acentuou-se/acentuaram-se)

Comentários: Essa frase traz o verbo com a partícula **se**. Aqui, o **se** é apassivador, há sujeito na frase, pois equivaleria a "As possibilidades foram acentuadas", voz passiva analítica.

Resposta: acentuaram-se.

4. Daqui a 50 anos, _____ que as pessoas encontrem a felicidade. (é possível/são possíveis)

Comentários: Aqui, o sujeito vem representado por uma oração – "que as pessoas encontrem a felicidade é possível", ou seja, "Isto é possível". Quando o sujeito é oracional, a expressão da oração principal não varia.

Resposta: é possível.

5. _____ de viagem meu irmão e meu sobrinho. (Chegou/Chegaram)

Comentários: O sujeito composto "meu irmão e meu sobrinho" aparece após o verbo, ou seja, o verbo vem **anteposto** a um sujeito composto. Nesse caso, o verbo vai ao plural, já que o sujeito é composto, mas pode também concordar com o núcleo mais próximo – **irmão**, no singular.

Resposta: Chegou ou Chegaram.

6. A crescente disseminação de instituições que trabalham contra os interesses populares _____ um verdadeiro flagelo dos tempos modernos. (constitui/constituem)

Comentários: Vimos desde o início que, na quase totalidade dos casos, o verbo concorda com o **núcleo** do sujeito. A frase acima já está na ordem direta e o núcleo do sujeito é "disseminação".

Resposta: constitui.

7. Aquilo _____ manias de mulher. (é/são)

Comentários: O verbo **ser** pode ficar no singular ou no plural quando o sujeito vier representado por **coisa** no singular ou **pronomes** – tudo, isto, aquilo etc. – e o predicativo estiver no plural.

Resposta: é ou **são**.

8. Os representantes _____ nós. (são/somos)

Comentários: Aparecendo pronome reto, o verbo **ser** só pode concordar com o pronome reto.

Resposta: somos.

9. Dois anos _____ muito tempo. (é/são)

Comentários: Verbo **ser** em expressões de **tempo**, **medida** ou **quantidade** não varia.

Resposta: é.

10. _____ meio-dia e meia quando ela chegou. (Era/Eram)

11. _____ duas horas quando ela chegou. (Era/Eram)

Comentários: Nas expressões de **horas**, o verbo **ser** vai concordar com essas expressões. Logo, se vierem no singular, verbo **ser** no singular. Caso a expressão de horas apareça no plural, verbo **ser** no plural.

Respostas: 10. Era; 11. Eram.

17.1.2. Concordância verbal: Parte II – Casos especiais

17.1.2.1. Concordância do verbo SER

a) Quando o sujeito for nome de **coisa** ou um dos pronomes **tudo**, **nada**, **isso**, **isto**, **aquilo** + predicativo no plural: o verbo <u>ser</u> concorda com o sujeito ou com o predicativo (mais comum).

1. A casa era/eram ruínas.

2. Isto é/são alegrias.

b) Quando aparecer **pessoa**: o verbo **ser** concorda sempre com a **pessoa**. No entanto, se aparecer pronome pessoal do caso **reto**, a concordância se fará com o pronome.

3. Maria era as alegrias da casa.

4. Meu orgulho são os meus filhos.

5. Ela era os meus sonhos.

6. O médico aqui sou eu.

Com os pronomes interrogativos **que**, **quem**, **o que**: o verbo **ser** concorda com o nome ou pronome que vem após.

7. Quem são os interessados?

8. O que são asteroides?

Comentários:

A concordância do verbo SER, basicamente, divide-se em duas partes: a primeira parte, que tem as frases de 1 a 8 como exemplos, mostra a concordância do verbo **ser** com **nome** (representado por **coisa** ou **pessoa**) e **pronome**.

Como vimos na teoria, o verbo **ser** pode concordar com o sujeito ou com o predicativo, quando o sujeito vier representado por coisa ou **pronomes** (tudo isto...), frases 1 e 2.

Se aparecer **pessoa**, como sujeito ou predicativo – frases 3 e 4 –, o verbo **ser** só pode concordar com a pessoa. Agora, se o sujeito ou o predicativo for um **pronome reto** (frases 5 e 6) esse verbo **só pode concordar** com o pronome.

Já com os pronomes interrogativos (frases 7 e 8), o verbo **ser** tem de concordar com o nome ou pronome que se segue.

d) Com as expressões **é muito**, **é pouco**, **é bastante**, **é mais de** etc: o verbo **ser** ficará no singular quando essas expressões denotarem ideia de **preço**, **medida** ou **quantidade**.

9. Dez mil dólares é pouco.

10. Cinco metros é mais do que preciso.

e) Nas expressões de **horas**, **datas** ou **distâncias**: o verbo **ser** concorda com essas expressões.

11. Eram nove horas quando ele chegou.

12. É uma hora e quinze.

13. Hoje são 12 de abril.

14. Daqui a minha casa são cinco quilômetros.

Comentários:

As frases de 9 a 14 exemplificam a segunda parte da concordância do verbo SER: são as expressões.

Nas frases 9 e 10, o verbo **ser** não varia com expressões que trazem ideia de preço, medida, quantidade. Já nas frases de 11 a 14, se as expressões de horas, datas ou distâncias vierem no **plural**, verbo **ser** no **plural** (frases 11, 13 e 14). Se aparecerem no singular, verbo ser no singular (frase 12). Na frase "Hoje são 12 de abril" há a possibilidade de o verbo ficar no singular se aparecer a palavra dia: "Hoje é dia 12 de abril".

17.1.2.2. Concordância com a preposição COM

Sujeito composto ligado por **com**: Verbo no plural.

Observações:

1. Quando se quiser realçar um dos núcleos (= sujeito simples), com ele concordará o verbo.

2. Se a expressão iniciada por com vier entre vírgulas, o verbo concorda com o termo que antecede essa expressão. (= sujeito simples)

Exs.:

1. A carta com o anexo *está extraviada/estão extraviados*.

2. O guarda, **com** os transeuntes, *prendeu* o ladrão.

Comentários:

Diante de sujeitos ligados pela preposição **com**, podem-se utilizar duas opções: a primeira – que é a mais comum – seria o verbo no plural, por se considerar o sujeito como composto. Assim, na frase "A carta **com** o anexo estão extraviados", a preposição **com** tem valor de **e**. É como se fosse "A carta **e** o anexo estão extraviados". É exatamente isso: a preposição **com** teria, aqui, valor de adição.

A segunda opção seria o verbo no singular, por uma questão de ênfase no primeiro núcleo. Assim, na frase "A carta com o anexo está extraviada", o que se quer é realçar o núcleo "a carta". A preposição teria, então, um valor de companhia. É como se eu dissesse "A carta, em companhia do anexo, está extraviada".

Mas atenção: essas duas opções (de o verbo concordar com os dois núcleos ou só com o primeiro) só valem se a expressão iniciada pela preposição **com não** vier entre vírgulas. Porque, se ela vier isolada pelas vírgulas, o verbo só poderá concordar com o primeiro núcleo. Assim, na frase "O guarda, com os transeuntes, prendeu o ladrão", o verbo deverá necessariamente ficar no singular concordando com *guarda*. A expressão *com os transeuntes* seria um adjunto adverbial de companhia deslocado na frase. Na ordem direta, essa frase ficaria assim: "O guarda prendeu o ladrão com os transeuntes" (Você vai aprender no capítulo de análise sintática que na ordem direta o adjunto adverbial fica no final da frase). Já que é adjunto adverbial, e não sujeito, o verbo só pode concordar com o primeiro núcleo.

Resumindo: Com substantivos ligados pela preposição com, pense da seguinte forma:

A expressão iniciada pela preposição com não vem entre vírgulas: cabem as duas opções (o verbo concorda com os dois núcleos ou só com o primeiro).

A expressão iniciada pela preposição com vem entre vírgulas: o verbo só concorda com o primeiro núcleo.

17.1.2.3. Concordância com pronomes indefinidos

a) Sujeito composto resumido por um pronome indefinido: o verbo concorda com o pronome indefinido (na função de aposto resumitivo).

b) Sujeito composto modificado pelo pronome **cada**: verbo no singular.

Exs.:

3. Jovens, trabalhadores, empresários, **ninguém** *acredita* em nossos parlamentares.

Comentários:

Eis um caso especialíssimo de concordância: o verbo deixa de concordar com o sujeito para concordar com o aposto. Se alguém perguntar se o pronome indefinido *ninguém* é sujeito do verbo, cuidado para não se distrair e dizer que sim! O sujeito da frase é composto ("jovens, trabalhadores, empresários"), mas o verbo *acredita* concorda com o aposto resumitivo *ninguém*.

4. **Cada** criança, **cada** homem, **cada** mulher *ajudava* os flagelados.

Comentários:

Mais uma vez, algo atípico na concordância verbal: apesar de o sujeito ser composto de três núcleos, o verbo fica no singular. Isso ocorre por causa da palavra **cada**, *que enfatiza individualmente os núcleos*. É isto mesmo: o sujeito é composto, mas, se o verbo fosse ao plural, a frase estaria errada!

17.1.2.4. Concordância com a conjunção OU

Sujeito composto ligado por **ou**:

a) Com ideia de exclusão ou retificação: o verbo concordará com o núcleo mais próximo.

b) Se a ideia se refere a todo o sujeito: verbo no plural.

Exs.:

5. Pedro **ou** João *casará* com Joana.

Comentários:

O sujeito tem dois núcleos, mas a conjunção **ou** tem valor de exclusão: *só um* vai casar com *Joana*. O verbo fica no singular.

6. O responsável **ou** os responsáveis *cuidarão* da festa.

Comentários:

A conjunção **ou** tem valor corretivo, de retificação: o verbo concorda com o núcleo mais próximo. É como se eu dissesse: "O responsável, *ou melhor*, ou responsáveis *cuidarão* da festa". *Ou*, aqui, é o mesmo que *ou melhor*, *digo*.

7. Cigarro ou charuto prejudicam igualmente a saúde.

Comentários:

Nesse caso, não há ideia de exclusão: a conjunção *ou* tem valor aditivo. É o mesmo que: "O cigarro e o charuto prejudicam igualmente a saúde".

17.1.2.5. Concordância com as expressões um ou outro, um e outro, nem um nem outro

a) Sujeito formado pela expressão um ou outro: verbo no singular.

b) Sujeito formado pelas expressões *um e outro, nem um nem outro, nem … nem…*: verbo no singular ou no plural.

8. **Um ou outro estilo** *agrada*.

Comentários:

Aqui, mais uma vez a conjunção **ou** tem valor de exclusão: só um dos estilos agrada.

9. **Uma e outra forma** me *fascinam*/*fascina*.

Comentários:

Nesse caso, as duas opções estão corretas. O verbo no plural enfatiza o *todo*: *as duas formas me fascinam*. O verbo no singular enfatiza as *partes* que compõem o sujeito. É como se eu dissesse "uma forma me fascina e outra também me fascina".

10. **Nem um nem outro** *comentou*/*comentaram* o ocorrido.

Comentários:

Manter o verbo no singular é a opção que soa melhor aos nossos ouvidos, e é, mesmo, a mais adequada. Afinal, quando se diz *nem um nem outro*, o que se quer dizer é que *ninguém comentou o ocorrido*.

Entretanto, embora alguns gramáticos discordem quanto a este aspecto, ao se dizer *nem um nem outro*, pode-se pensar que *um não e outro também não comentaram o ocorrido*. Ou seja: pensar no valor de adição que a conjunção *nem* possui. Então a flexão do verbo no plural também estaria correta – ainda que não seja essa a forma mais adequada.

Resumindo:
Um ou outro: verbo no singular.
Um e outro: verbo no plural ou no singular.
Nem um nem outro: verbo no singular (mais adequada) ou no plural (menos comum).

17.1.2.6. Concordância com palavras sinônimas ou em gradação e com verbos no infinitivo

a) Sujeito composto de palavras sinônimas ou em gradação de ideias: o verbo, de preferência, concorda com o núcleo mais próximo.

b) Sujeito composto formado de verbos substantivados no infinitivo: verbo no singular.

Se forem **antônimos** ou vierem **determinados**, o verbo fica no plural.

11. Um olhar, um sorriso, um gesto *serviu/serviram* como alerta para ele.

Comentários:

Apesar de o sujeito ser composto por mais de um núcleo (*olhar*, *sorriso*, *gesto*), a concordância mais adequada é a que enfatiza o valor de gradação que esses núcleos apresentam – verbo no singular. Entretanto, o plural também está correto, até porque o sujeito é composto.

12. Estudar e trabalhar *engrandece* o homem.

13. Rir e chorar *fazem* parte da vida.

14. O falar e o escrever *caracterizam* homens dinâmicos.

Comentários:

Na frase 12, apesar de o sujeito ser composto, seus núcleos são verbos. Por isso, o verbo tem de ficar no singular. Mas na frase 13 os núcleos são antônimos: *rir* é o oposto de *chorar*; até para enfatizar a oposição entre os núcleos do sujeito (*rir/chorar*), o verbo fica no plural. Na frase 14, os artigos determinam, especificam os núcleos: o verbo ficará também no plural. Se não houvesse tais artigos, voltaríamos à situação da frase 12: o verbo ficaria no singular.

17.1.2.7. Concordância com o sujeito coletivo, com porcentagem e expressões a maioria de, grande parte de...

a) Sujeito coletivo: o verbo concorda com o sujeito coletivo.

b) O sujeito é representado pelas expressões: a maioria de, grande parte de, grande número de etc. + nome no plural = o verbo fica no **singular** ou no **plural**.

c) Sujeito formado por número percentual: o verbo concorda com o numeral ou com o termo posposto.

15. O bando *desapareceu*.

Comentários:

Ainda que *bando* dê uma ideia de pluralidade, coletivo, trata-se de um substantivo no singular: daí o verbo ficar no singular. Também que coisa horrível seria dizer *o bando desapareceram*!

16. A maioria das pessoas *gostou/gostaram* do espetáculo.

Comentários:

Com as expressões *a maioria de*, *grande parte de* etc., o verbo pode concordar com o núcleo do sujeito – que é a forma mais adequada – ou concordar com o termo posposto a ele (adjunto adnominal). Assim, teríamos duas opções: *gostou*, concordando com *maioria*, ou *gostaram*, concordando com *pessoas*. Repito: a melhor opção é a do verbo no singular, concordando com o núcleo.

Pense sempre assim: Quando houver duas opções de concordância, a melhor (a ser utilizada nas redações, em textos mais formais) será sempre aquela com o núcleo.

17. Oitenta por cento da população *acreditam/acredita* na moeda.

18. Os 30% da produção de arroz *estragaram*.

Comentários:

Para a frase 17, utilize o mesmo raciocínio da frase 16: o verbo pode ficar no plural, concordando com o núcleo, que é o numeral *oitenta*; **ou** pode concordar com o termo posposto a ele – *população* – ficando no singular. Mais uma vez, a melhor opção aqui é a concordância com o núcleo *oitenta*: verbo no plural.

Já na frase 18, o artigo aparece, e o verbo só poderá ficar no plural, concordando com esse determinante. Por isso, seria erro dizer *os 30% da produção de arroz estragou*: aqui, o verbo não poderia concordar com o termo posposto ao núcleo (*produção de arroz*).

Na concordância com numerais, tenha cuidado de observar que até o algarismo 2, o verbo ficará no singular. Só de 2 em diante, o verbo irá ao plural. Assim, teríamos:

O 1,36 kg de queijo que comprei **está** sobre a mesa.

Seu 1,92 m **chama** a atenção de quem a vê.

Seus 2,20 m **impõem** respeito.

17.1.2.8. Concordância com as expressões qual de nós, quais de vós...

a) Sujeito constituído por **qual de nós**, **qual de vós**, **algum de nós** etc.: o verbo fica no singular.

b) Sujeito constituído por **quais de nós**, **quais de vós**, **alguns de nós** etc.: o verbo concorda com os pronomes nós/vós ou vai para a 3ª pessoa do plural.

19. **Qual de vós** *encontrará* a solução?

20. **Quais de nós** *votaram/votamos* conscientemente?

21. **Nenhum de nós** *foi* capaz de resolver o programa.

Comentários:

Ao se perguntar, na frase 19, *qual de vós encontrará a solução*, subentende-se que *somente uma pessoa* vai encontrar a solução. É por isso que o verbo concorda com o núcleo *qual*, ficando no singular, e não pode concordar com o pronome posposto ao núcleo, *vós*.

Já na frase 20, entende-se que *mais de uma pessoa* votou conscientemente. Nesse caso, o verbo pode concordar com o núcleo ou com o termo a ele posposto. Assim, teríamos: *votaram* concordando com *quais* ou *votamos* concordando com *nós*.

A frase 21 segue a mesma lógica da frase 20: ao se dizer que *nenhum foi capaz*, o pronome *nenhum* no singular exige que o verbo também fique no singular, concordando com esse pronome. É a única opção de concordância.

17.1.2.9. Concordância com as expressões mais de, cerca de...

a) O sujeito é a expressão **mais de um**: verbo no singular. se a expressão vier **repetida** ou houver ideia de **reciprocidade**, verbo no plural.

b) Com as expressões **mais de**, **perto de**, **cerca de** etc.: o verbo concorda com o termo que vem após essas expressões.

22. **Mais de um** aluno *obteve* boa nota.

23. **Mais de um** policial, **mais de um** bandido *foram mortos*.

24. **Mais de um** torcedor se *agrediram*.

Comentários:

A frase 22 mostra-nos que a lógica da língua portuguesa não é a mesma lógica da matemática. Ainda que, segundo a matemática, *mais de um aluno* sejam *dois, três* etc., o verbo deverá ficar no singular, pois o núcleo do sujeito (*aluno*) está no singular.

Já a frase 23 apresenta dois núcleos do sujeito: *policial* e *bandido*. Então, faz todo sentido manter o verbo no plural. Nesse caso, o sujeito é composto.

A frase 24 apresenta um pronome recíproco *se*, que indica pluralidade (= *um ao outro*). É por isso que, apesar de o núcleo do sujeito (*torcedor*) estar no singular, o verbo ficará obrigatoriamente no plural. É a ideia de reciprocidade do pronome que impõe isso.

25. Cerca de três alunos chegaram.

26. Perto de cem pessoas chegaram.

Comentários:

Em relação às frases 25 e 26, pense da seguinte forma: os núcleos são, respectivamente, *alunos* e *pessoas*. Logo, não há outra opção, a não ser a de o verbo concordar com esses núcleos.

17.1.2.10. Concordância com as expressões que, quem, um dos que

a) Sujeito constituído pelos pronomes **que** e **quem**: com o relativo **que** na função de sujeito, o verbo concorda com o antecedente desse pronome, com o pronome **quem**, o verbo fica na 3ª pessoa do singular ou concorda com o antecedente.

b) Expressão *um dos que*: verbo no singular ou plural.

27. Fui eu **que** *li* a carta.

28. Fomos nós **quem** *lemos/leu* a carta.

29. Aquele romance foi **um dos que** mais me *agradou/agradaram*.

Comentários:

Antes de qualquer explicação, vamos organizar a frase 27: nela há dois verbos, duas orações. Dividindo o período, teríamos:

Fui eu /que li a carta.

A 1ª oração é *fui eu*, que tem como verbo *fui* e sujeito *eu*. A 2ª oração, que restringe a 1ª, é *que li a carta*: seu verbo "*li*" tem como sujeito o pronome relativo *que*. Vamos estudar esse assunto de forma mais aprofundada no tópico sobre período composto. O fato é que o sujeito do verbo *ler* é o pronome relativo *que*, mas, como o *que* é pronome relativo (e todo relativo, como já vimos, retoma um antecedente), o verbo não concordará com o pronome em si, mas com o antecedente que ele retoma. No caso da frase 27, o antecedente do relativo é o pronome *eu*. Leia a frase como se o relativo não existisse e você não errará a concordância:

… **eu** (que) **li** a carta.

Já na frase 28, temos também duas orações:

Fomos nós /quem *lemos* (ou *leu*) a carta.

Só que aqui se trata do pronome *quem*. Com ele, há duas possibilidades de concordância. Observe:

1. Podemos considerar o pronome *quem* também como relativo (como o *que* da frase 27). Nesse caso, o verbo também concordaria com o antecedente do *quem*:

Fomos **nós** (quem) **lemos** a carta.

2. Ou podemos classificar o *quem* como pronome indefinido (= alguém). Nesse caso, o verbo concordaria com o próprio pronome *quem*:

Fomos nós **quem leu** a carta.

Construção estranha, não é? Então, coloque na ordem direta e ela lhe parecerá mais sonora:

Quem leu fomos nós.

Resumindo (frases 27 e 28):
Concordância com a palavra QUE: o pronome é classificado como relativo, e o verbo concorda com o antecedente desse relativo.
Concordância com a palavra QUEM: o verbo concordará com o antecedente do quem (nesse caso, quem é pronome relativo); ou o verbo concorda com o próprio pronome quem (aí, quem será classificado como pronome indefinido).

Vamos dividir o período da frase 29?

Aquele romance foi um dos/**que** mais me agradou (ou agradaram).

Para cada verbo, um sujeito. O sujeito da primeira oração é aquele romance. Já o sujeito da segunda oração é o pronome relativo *que*. Temos aqui um raciocínio muito parecido com o da frase 27: o que é pronome relativo na função de sujeito do verbo agradar. O verbo deverá, portanto, concordar com o antecedente do relativo. Só que, nesse

caso, têm-se dois possíveis antecedentes do que: *um* ou *dos*. É por isso que se aceitam as duas opções: a de singular (nesse caso, o pronome relativo estaria retomando o antecedente *um*) ou a de plural (e, então, o pronome relativo retomaria o pronome demonstrativo *os*, da contração *dos*).

Assim, seriam duas as possibilidades de leitura:

Aquele romance foi **um** (que) me **agradou**.

Dos (que) me **agradaram**, aquele romance foi um.

Resumindo: Com a expressão um dos que, o verbo pode ficar no singular (nesse caso, o que retomaria um, que é o núcleo da expressão); ou no plural (se o antecedente do que for o pronome os).

Caso perguntem a você qual das duas opções é a melhor, diga o de sempre: a melhor é com o núcleo da expressão. Portanto, a melhor é aquela com **verbo no singular**, concordando com **um,** núcleo da expressão **um dos que**.

17.1.2.11. Concordância ideológica (silepse)

A concordância ideológica, ou silepse, difere dos casos de concordância que vínhamos estudando, por se desviar da norma rígida, por ser uma concordância com o sentido. Então, entenda: os casos que vimos anteriormente são de concordância rígida. Os que vamos ver agora são de concordância ideológica ou psicológica. É simples: basta você conhecer as três situações em que tal desvio pode ocorrer. Vamos a elas?

1. "V. Exª. é muito simpático."

Veja que o sujeito é representado por uma palavra feminina ("excelência"), mas o adjetivo "simpático" ficou no masculino. A concordância deixou de se fazer com o vocábulo e passou a ser feita com a ideia: trata-se de homem. Do feminino ao masculino: é a **silepse de gênero**.

2. "A criançada chegou. *Alegres*, *brincavam* por todos os lados."

Observe que o adjetivo e o verbo da 2ª oração foram ao plural, apesar de *criançada* ser palavra no singular; isso ocorre em função da ideia de coletivo que a palavra *criançada* apresenta. Do singular ao plural: é a **silepse de número**.

3. "Todos somos brasileiros".

Nem parece silepse, não é? Mas houve, sim, um desvio da concordância rígida: o sujeito *todos* é 3ª pessoa do plural (*eles*), mas o verbo foi para a 1ª pessoa do plural (*nós*). Esse recurso é muito utilizado em textos argumentativos, quando o autor quer se incluir na frase. Da 3ª pessoa à 1ª: é a **silepse de pessoa**.

Portanto, entenda que silepse é um desvio das regras rígidas de concordância. Deixa-se de concordar gramaticalmente, para se fazer uma concordância ideológica.

17.1.2.12. Concordância com verbos no infinitivo

Em nossa língua há dois infinitivos:

• **Infinitivo impessoal** – ação verbal de modo vago, indeterminado;

• **Infinitivo pessoal** – não flexionado (uma só forma para todas as pessoas)

flexionado (falar, falares, falar, falarmos...)

Falamos sobre infinitivo impessoal em sujeito indeterminado. Em relação à flexão do infinitivo, podemos sintetizar da seguinte forma:

a) **não se flexiona o infinitivo:** como verbo principal de uma locução ou quando o sujeito do infinitivo for um pronome oblíquo, antecedido dos verbos *mandar, deixar, fazer, ver, sentir, ouvir*. A flexão, no entanto, pode ocorrer se o sujeito for um substantivo.

b) **não se flexiona o infinitivo:** quando este aparecer em oração reduzida com sujeito idêntico ao do verbo da oração principal.

c) **flexiona-se o infinitivo:** quando o infinitivo tem sujeito próprio ou quando o sujeito do infinitivo está claro na frase, regido ou não de preposição (flexão facultativa).

d) **com os verbos *dever, poder, costumar* + *se* + *infinitivo* + *nome no plural*:** esses verbos ficam no singular (= sujeito oracional) ou concordam com o nome no plural.

17.2. EXEMPLOS COMENTADOS

Bem, teoria encerrada. Vamos aos exemplos comentados?

Quanto à concordância verbal, julgue as alternativas abaixo como certas ou erradas, corrigindo as frases com erro. Caso haja mais uma possibilidade de concordância, indique-a.

1. **Choveu** garrafas na cabeça do árbitro; aliás, **estava** chovendo até pilhas de rádio.

Comentários: O que é que choveu? *Garrafas choveram. Pilhas estavam chovendo*.

Resposta: Frase errada: O certo é *choveram* e *estavam chovendo*.

2. **Deu** dez horas o relógio da matriz, mas no meu já **deu** onze.

Comentários: *O relógio é que deu dez horas*. A primeira oração está certa. Mas a segunda oração não: o sujeito passa a ser *onze* e *no meu*, adjunto adverbial de lugar (= "no meu relógio").

Resposta: o certo é "Deu dez horas o relógio da matriz, mas no meu já *deram* onze".

3. Não **existe** nas cidades próximas nenhum posto de gasolina aberto.

Comentários: O que é que não existe nas cidades próximas? *Nenhum posto de gasolina aberto*. Ora, o núcleo do sujeito é *posto*.

Resposta: a frase está correta.

4. Não **deve** existir ciúmes em um relacionamento sincero e sadio.

Comentários: Atenção: na locução verbal, olhe para o último verbo (verbo principal), pergunte por seu sujeito, mas não se esqueça de que quem irá se flexionar ou não é o verbo auxiliar. Portanto, qual é o sujeito de *existir*? *Ciúmes*. Logo, o auxiliar deverá ficar no plural.

Resposta: a frase está errada. O certo seria dizer "Não *devem* existir ciúmes..."

5. **Acabou** as aulas, **começou** as férias.

Comentários: O que é que acabou? *As aulas*. O que é começou? *As férias*. Ambos os sujeitos estão no plural, logo os verbos deverão ficar no plural.

Resposta: o certo é: "Acabaram as aulas, começaram as férias".

6. Não **pode** faltar nas indústrias tanta matéria-prima quanto se diz.

Comentários: O que é que não pode faltar nas indústrias? *Matéria-prima*. O núcleo é singular, por isso, o verbo auxiliar deve mesmo ficar no singular.

Resposta: frase correta.

7. **Faz** dez dias que não durmo direito; **faz** cinco que não trabalho.

Comentários: Eis, nas duas orações, o verbo *fazer* com sentido de tempo decorrido. Ele é impessoal, a oração não possui sujeito. Por isso, os verbos devem mesmo ficar no singular.

Resposta: frase certa.

8. **Costuma** haver abalos de terra nesta região.

Comentários: Mais uma vez, locução verbal. Observe o último verbo: principal. Ele tem sujeito? Não, pois é *haver* com sentido de *existir*. Por isso, seu auxiliar não se flexiona, deve ficar na 3ª pessoa do singular. Cuidado: *abalos* não é sujeito, é objeto direto.

Resposta: frase certa.

9. A maioria das garrafas vazias **estão jogadas** ali no lixão.

Comentários: A locução verbal está adequadamente concordando com a expressão *garrafas vazias que, sintaticamente, é adjunto adnominal do substantivo "maioria"*. A frase está certa, mas haveria uma outra possibilidade de concordância, que, inclusive seria a mais adequada em uma redação: "A maioria das garrafas vazias está jogada...". Nesse caso, **está jogada** estaria concordando com o núcleo do sujeito **maioria**. E a concordância com o núcleo é sempre a melhor...

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de flexão.

10. Vassouras **ficam** no Estado do Rio; Campinas fica em São Paulo.

Comentários: Nome de lugar ou de obra no plural, o verbo fica no singular, a não ser que o nome seja antecedido de artigo.

Resposta: a frase está parcialmente errada. O certo é *Vassouras fica*. Quanto à segunda oração, tudo certo.

11. Os Estados Unidos **são** um país capitalista.

Comentários: Nome de lugar no plural antecedido de artigo. O verbo deverá ficar no plural, seguindo o artigo.

Resposta: frase certa.

12. Grande parte dos melões vendidos **está** madura.

Comentários: O sujeito é *grande parte dos melões*; o núcleo é *parte* e *dos melões* é o adjunto adnominal. Nessa frase, o verbo está concordando com o núcleo do sujeito. Mas poderia concordar com *melões*, que é o termo posposto. Também estaria certo dizer "Grande parte dos melões estão maduros".

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de concordância.

13. Cinco por cento da produção **se perdeu** com as chuvas, mas esses 5% não **significam** muito prejuízo.

Comentários: *Cinco por cento da produção se perdeu* ou *se perderam*: as duas estariam certas. No singular, o verbo concorda com *produção*; no plural, com o núcleo *cinco*. Quanto à segunda metade da frase, tudo certo: o verbo está adequadamente concordando com o sujeito *esses 5%*.

Resposta: frase certa.

14. 1% dos alunos daquele colégio **passaram** no vestibular.

Comentários: Aqui, haveria duas possibilidades: *passaram* concordando com *alunos* e *passou*, com *1%*.

Resposta: a frase está certa, e haveria mais uma opção de flexão do verbo.

15. Os 15% de comissão **foram** para Hersílio, e não para mim.

Comentários: Já que a porcentagem vem antecedida de determinante (artigo), o verbo só pode concordar com o numeral 15%.

Resposta: frase certa.

16. Foram eles que **pagaram** as despesas; fomos nós que **comemos**.

Comentários: Quando o sujeito é *que*, o verbo concorda com o antecedente do relativo. Nas orações acima, os antecedentes eram *eles* e *nós*.

Resposta: frase correta.

17. Foram eles quem **pagou** as despesas; fomos nós quem **comeu**.

Comentários: Com *quem*: o verbo fica no singular ou concorda com o termo que vem antes do *quem*. Poderíamos também dizer *foram eles quem pagaram, fomos nós quem comemos*.

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de flexão.

18. Algum de nós **morrerá** antes do ano 2030.

Comentários: O núcleo da expressão é singular, o verbo só pode concordar com ele.

Resposta: frase certa.

19. Alguns de nós **morrerão** antes do ano 2030.

Comentários: O núcleo da expressão é plural (*alguns*): o verbo pode concordar com o núcleo ou com o termo que vem posposto (*nós*). Logo, estaria também certo dizer *alguns de nós morreremos*.

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de flexão.

20. Cada um de nós seis **compraremos** um livro.

Comentários: Com a palavra *cada*, o verbo deverá ficar no singular. Lembre-se: a palavra *cada* individualiza o núcleo. O certo seria dizer "Cada um de nós seis comprará…".

Resposta: frase errada.

21. V. Exª. **ireis** viajar amanhã?

Comentários: Com pronome de tratamento, o verbo fica na 3ª pessoa do singular. O certo seria dizer "V. Exª. *irá* viajar amanhã?"

Resposta: frase errada.

22. Mais de um abacate **apodreceram**, menos de duas peras **foi comida**.

Comentários: O núcleo do 1º sujeito é *abacate* e do 2º, *peras*. Por isso, certo seria dizer "Mais de um abacate apodreceu…, menos de duas peras foram comidas".

Resposta: frase errada.

23. Fui um dos que não **disse** nada na reunião.

Comentários: *Disse* concordando com *um*; *disseram* concordando com **dos**. Por isso, tanto faz dizer *fui um dos que disse*, como *fui um dos que disseram*.

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de flexão.

24. Perto de três crianças **se perderam** na praia.

Comentários: O núcleo do sujeito é *crianças*. Por isso, o verbo está no plural.

Resposta: frase certa.

25. **Bastará** três pessoas para erguer esse peso.

Comentários: Organize a frase: *três pessoas bastarão*.

Resposta: frase errada.

26. **Passará** logo meu interesse e minha esperança.

Comentários: Sujeito composto posposto. Tanto faz: o verbo ficou no singular concordando com o núcleo mais próximo, mas também poderia ter ido ao plural, concordando com todos os núcleos.

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de concordância ("passarão").

27. **Abraçaram-se** o rapaz e a garota.

Comentários: Com o pronome *se* recíproco, o verbo deverá ficar apenas no plural.

Resposta: frase certa.

28. Luís e Manuel vadiaram o ano todo; um e outro rapaz, mesmo assim, **passou**.

Comentários: Um e outro: verbo no singular ou no plural.

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de concordância ("passaram").

29. Nem um nem outro caçador **conhecem** esta região.

Comentários: Embora não seja comum, essa construção não está errada. O mais correto, entretanto, seria dizer "Nem um nem outro caçador conhece…".

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de flexão.

30. Um dia, uma hora, um minuto, **bastam** para acontecer uma tragédia.

Comentários: Sujeito composto de núcleos em gradação: singular (mais adequada) ou plural.

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de flexão *(basta)*.

31. Comer e dormir em seguida **engorda**.

Comentários: Núcleos do sujeito composto com verbos no infinitivo: o verbo fica no singular.

Resposta: frase certa.

32. O comer bem e o dormir bastante **engordam**.

Comentários: Agora, os verbos estão antecedidos de artigo. O verbo deve ficar no plural.

Resposta: frase certa.

33. Céu, mar, terra, rios, sol, planetas, animais, tudo se **constitui** dos mesmos elementos.

Comentários: O pronome *tudo* resume as informações anteriores. O verbo deve concordar com o pronome, ficando

no singular.

Resposta: frase certa.

34. O príncipe com a princesa **estiveram** na festa.

Comentários: Tanto faz: plural ou singular. O plural enfatiza os dois núcleos; o singular enfatiza o primeiro.

Resposta: a frase está certa e teria outra possibilidade de concordância (“esteve”).

35. Filipe ou Virgílio **dirigirá** o automóvel.

Comentários: *Só um vai dirigir*: *ou* com valor de exclusão. O verbo deverá ficar no singular.

Resposta: frase certa.

36. A vida ou a morte eternas não **existe**.

Comentários: Agora, *ou* com valor de adição. O que se quer dizer é que a vida *e* a morte eternas não *existem*.

Resposta: frase errada.

17.3. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Complete com as formas verbais adequadas.

1. Altamente irreais, suas palavras só _____ valores supérfluos. (contém/contêm)
2. “A ordem social e humana nem sempre se _____ sem o grotesco.” (alcança/alcançam)
3. _____ muito barulho aqueles meninos. (Faz/Fazem)
4. _____ vinte minutos para as dez horas. (Falta/Faltam)
5. _____ duas palavras de incentivo. (Basta/Bastam)
6. Vossa Excelência _____ triste com a repercussão do caso. (ficou/ficastes)
7. Vossas Excelências _____ tristes com a repercussão (ficaram/ficastes)
8. _____ propostas de trabalho para ele. (Choveu/Choveram)
9. _____ existir dúvidas sobre aquele ponto da matéria. (Deve/Devem)
10. _____ ocorrer novas rebeliões. (Poderá/Poderão)
11. Embora _____ ocorrido alguns distúrbios, ele não se inteirava da condição do mundo. (tivesse/tivessem)
12. Eles _____ entender o problema (parecia/pareciam)
13. _____ sala comercial. (Aluga-se/Alugam-se)

14. _____ salas comerciais. (Aluga-se/Alugam-se)

15. _____ medidas para baratear os produtos editoriais. (Impõe-se/Impõem-se)

16. _____ cinco horas no relógio da sala. (Deu/Deram)

17. _____ cinco horas o relógio da sala. (Deu/Deram)

18. _____ uma hora. (Soou/Soaram)

19. _____ seis horas no relógio da igreja. (Bateu/Bateram)

20. Mais de um caso _____. (foi analisado/foram analisados)

21. Mais de um amigo se _____. (abraçou/abraçaram)

22. Mais de dois casos _____. (foi analisado/foram analisados)

23. Cerca de trinta pessoas _____ mudanças. (exigia/exigiam)

24. Qual de nós _____ do caso? (cuidará/cuidaremos)

25. Algum de nós _____ a tempo. (chegará/chegaremos)

26. Quais de nós _____ do caso? (cuidarão/cuidaremos)

27. Alguns de nós _____ a tempo. (chegarão/chegaremos)

28. A maioria dos professores _____ à cerimônia de posse do novo reitor. (compareceu/compareceram)

29. A maior parte da turma _____ ao primeiro dia de aula. (faltou/faltaram)

30. Setenta por cento da turma _____ de ano. (passou/passaram) / Os setenta por cento da turma _____ de ano. (passou/passaram)

31. Setenta por cento dos eleitores não _____ nos governantes. (confia/confiam)

32. Um por cento do eleitorado _____ o voto. (anulou/anularam)

33. Um por cento dos eleitores _____ o voto. (anulou/anularam)

34. Os Estados Unidos _____ perversamente _____ em 11 de setembro. (foi; atacado/foram; atacados)

35. Minas Gerais _____ a visita de dois ministros. (recebeu/receberam)

36. Os Lusíadas _____ uma epopeia. (conta/contam)

37. Fernanda e Guilherme _____ aqui agora há pouco. (estava/estavam)

38. _____ aqui agora há pouco Fernando e Guilherme. (Estava/ Estavam)

39. Acordava de manhã e lá _____ o meu pão torrado, o meu chá e o meu ovo cozido. (estava/estavam)

40. O diretor e o chefe _____ entender o problema. (parecia/pareciam)

41. Ela e eu _____ para jantar. (saíram/saímos)

42. _____ ela e eu para jantar. (Saímos/Saiu)

43. _____ irmão e irmã. (Abraçou-se/Abraçaram-se)

44. Chás, política, escândalos, nada _____ a sua concentração. (atrapalhava/atrapalhavam)

45. Engenheiros, técnicos, secretárias, todos _____. (foi demitido/foram demitidos)

46. O funcionário com o chefe _____ cedo. (chegou/chegaram)

47. O funcionário, com o chefe, _____ cedo. (chegou/chegaram)

48. Wilson ou Ricardo _____ o novo presidente do conselho fiscal. (será/serão)

49. O funcionário ou os funcionários _____ o novo representante. (anunciará/anunciarão)

50. O riso ou a lágrima _____ parte da minha vida. (faz/fazem)

51. A competição, a disputa não o _____. (seduzia/seduziam)

52. A paixão, o devotamento, a alma não _____ àquele homem. (falta/faltam)

53. Correr e nadar _____ parte do treinamento diário daquele atleta. (faz/fazem)

54. Agora, calar e falar já não _____ nada. (adianta/adiantam)

55. O falar e o escrever _____ dele um aluno especial. (fazia/faziam)

56. _____ bastante por aqui. (Trabalha-se/Trabalham-se)

57. _____ às ordens. (Obedeceu-se/Obedeceram-se)

58. _____ aos levantamentos. (Procedeu-se/Procederam-se)

59. Nunca se _____ totalmente pessimista. (é/são)

60. É preciso _____ com a impunidade no país. (acabar/acabarem)

61. _____ bastante em alguns bairros. (Choveu/Choveram)

62. _____ dúvidas sobre aquele ponto da matéria. (Havia/Haviam)

63. _____ vantagens para o índio no contato com o civilizado. (Havia/Haviam)

64. _____ haver vantagens para o índio no contato com o civilizado. (Devia/Deviam)

65. _____ haver novas rebeliões. (Poderá/Poderão)

66. Falei da angústia que _____ dias me devorava. (havia/haviam)

67. _____ dez meses que não recebo notícias dele. (Faz/Fazem)

68. _____ para dois anos de sua partida. (Vai/Vão)

69. _____ reclamações. (Chega de/Chegam de)

70. _____ duas horas. (Passa de/Passam de)

71. _____ que estejas aqui na hora marcada. (Convém/Convêm)

72. _____ mudar as regras. (Convém/Convêm)

73. _____ que as reações não podem ser diferentes. (Está claro/Estão claros)

74. Os dois _____ que haviam acabado de comer a maçã proibida. (parecia/pareciam)

75. Os dois _____ entenderem o problema. (parecia/pareciam)

76. _____ agora que tudo era mentira. (Sabe-se/Sabem-se)

77. Um e outro tipo _____ marcas profundas. (deixou/deixaram)

78. Nem o pai nem a mãe _____ o problema. (resolveu/resolveram)

79. Não só o funcionário mas também o diretor se _____ para a reunião. (atrasou/atrasaram)

80. Um ou outro estilo _____. (agrada/agradam)

81. Nem um nem outro trabalho _____ elogio. (recebeu/receberam)

82. Fui eu que _____ a verdade. (falei/falou)

83. Fomos nós que _____ a verdade. (falou/falamos)

84. Era árdua a tarefa que os _____ juntos. (mantinha/mantinham)

85. Fui eu quem _____ a verdade. (falei/falou)

86. Sou eu quem _____ a conta. (paga/pago)

87. Fomos nós quem _____ a verdade. (falou/falamos)

88. Ele é um dos jovens que _____ esse moderno sistema de telefonia. (usa/usam)

89. Aquele escritor foi um dos brasileiros que mais _____ no futuro do país. (acreditou/acreditaram)

90. "Napoleão foi um dos guerreiros de fama que _____ na ilha de Santa Helena." (morreu/morreram) (Ivan Alves)

91. O prédio _____ ruínas. (era/eram)

92. Tudo _____ ilusões. (é/são)

93. Guilherme _____ as preocupações da família. (era/eram)

94. O responsável _____ eu. / Eu _____ o responsável. (é/sou)

95. Os responsáveis_____ nós. / Nós _____ os responsáveis. (são/somos)

96. Quem _____ os representantes da turma? (era/eram)

97. O que _____ conectores? (é/são)

98. Os homens _____ complicam as coisas. (é que/são que)

99. _____ aquelas palavras que me serviram como estímulo. (Foi/Foram)

100. Vinte quilos _____. (é muito/são muito)

101. Cinco pessoas _____. (é suficiente/são suficientes)

102. _____ dez horas. (É/São)

103. _____ uma hora e vinte. (Era/Eram)

104. Hoje _____ seis de dezembro. (é/são)

105. Daqui a minha casa _____ três quilômetros. (é/são)

106. As pessoas pareciam _____ o problema. (entender/entenderem)

107. Resolvemos _____ rapidamente. (agir/agirem)

108. Mandei-os _____ os ingressos. (devolver/devolverem)

109. Viu-os _____ imóvel. (chegar/chegarem)

110. Fê-los _____. (chorar/chorarem)

111. Fez os ouvintes _____. (chorar/chorarem)

112. Minha filha chegou sem _____. (perceber/percebermos)

113. Os empresários falaram no preço que pagam para _____ negócio no Brasil. (fazer/fazerem)

114. Não se _____ proibir manifestações do povo. (deve/devem)

115. Os cariocas _____ um povo alegre. (verbo SER, silepse de pessoa)

116. A multidão não se continha. _____ justiça. (verbo PEDIR, silepse de número)

II. Levando em consideração as regras de concordância verbal, marque certo (C) ou errado (E).

1. ( ) A presença de pessoas estranhas, num momento como este, poderiam perturbar a atenção das candidatas, até aqui inteiramente dirigida para as questões da prova.

2. ( ) Quando se aplicam a todos os seres de uma espécie ou quando designam abstrações, o substantivo é chamado "comum".

3. ( ) Os peregrinos, que em longa caravana caminhavam respeitosos, mostravam-se dispostos a enfrentar qualquer

adversidade que se lhes apresentasse.

4. ( ) Já era quase nove horas, nenhum dos meninos pareciam querer se levantar, nada faziam os pais imaginarem os rumores da véspera.

5. ( ) Com a canção popular, hoje, costuma ocorrer frequentemente fatos diversos.

6. ( ) Com a canção popular, hoje, podem haver fatos diversos.

7. ( ) Há uma série de outras motivações que não cabe aqui mencionar.

8. ( ) É uma cidade onde falta verdade, honra e vergonha.

9. ( ) Os fatos que houveram causaram espanto, por ter sido os carros-bomba lançados contra um grupo de crianças inocentes.

10. ( ) Na discussão do assunto, lança-se mão de dois recursos, com base em dados socioeconômicos.

11. ( ) Tratam-se, talvez, das referências mais citadas para defender valores mais expressivos para os salários-família.

12. ( ) Não se apanha moscas com vinagre.

13. ( ) Com o projeto, fornecer-se-ão dados estatísticos sobre a propagação da Aids no país.

14. ( ) Alterou-se cerca de 600 palavras.

15. ( ) Indenizar-se-á em dinheiro as benfeitorias úteis e necessárias.

16. ( ) Não se poderiam esquecer tantas emoções.

17. ( ) Em outros campos, despreza-se palavras que dão o seu recado com eficiente simplicidade.

18. ( ) Havia um templo em que se cultuavam aos deuses.

19. ( ) No fim do mês, feitas as contas, veem-se que os gastos foram absurdos.

20. ( ) Ao se tomar conhecimento dos números dessas pesquisas, fica-se perplexo.

21. Esperam-se que não surjam, no atual cenário latino-americano, os aventureiros de sempre.

22. ( ) Um por cento da população brasileira buscam profissionalizar-se.

23. ( ) Quarenta por cento da população brasileira busca profissionalizar-se.

24. ( ) 1,13% morreu em acidentes de trânsito.

25. ( ) 1,20% dos jovens morreram por outras razões.

26. ( ) 12,49% dos jovens morrem em acidentes.

27. ( ) Trinta por cento da conta de energia correspondem ao consumo gerado por chuveiro elétrico e geladeira.

28. ( ) Se o consumo é muito alto, umas poucas providências em casa já o reduz.

29. ( ) Vários voluntários procuram os Centros de Testagem Anônima; quinze por cento, aproximadamente, apresenta resultado positivo.

30. ( ) O grande responsável pelo reequilíbrio das reservas foi o povo, a quem coube muitos sacrifícios.

31. ( ) Sempre existirão os que aceitam a economia de mercado, como sempre haverão os que lhe são contrários.

32. ( ) Quantos dias faz que não o vemos? Há de haver bem uns dez.

33. ( ) Não me haviam alertado para o perigo os técnicos do laboratório.

34. ( ) Refaria esses trabalhos e quantos mais houvessem para refazer.

35. ( ) Pouco mais de mil pessoas havia nas salas de aula.

36. ( ) Houveram por bem sair mais cedo os professores.

37. ( ) É provável que hajam falhas graves nesse projeto.

38. ( ) Os Estados Unidos não tinha a necessária infraestrutura para recrutar voluntários.

39. ( ) A Fundação Instituto Oswaldo Cruz com a Universidade Federal de Minas Gerais iniciaram um projeto de verificação da incidência de HIV em homossexuais e bissexuais.

40. ( ) O Hospital Clementino Fraga Filho é um dos que selecionarão pessoas para determinar a incidência de HIV em homossexuais e bissexuais entre 18 e 35 anos.

41. ( ) Os Lusíadas são o grande poema épico de Portugal.

42. ( ) Na juventude tudo são alegrias.

43. ( ) Convêm descobrir as fórmulas secretas.

44. ( ) São atitudes como essa que te convém evitar.

45. ( ) Pensou-se que faltava algumas modificações.

46. ( ) Podiam haver divergências entre pronúncia e grafia.

47. ( ) Não podia haver mais complicações.

48. ( ) Já vai fazer dez anos que me radiquei em Fortaleza.

49. ( ) Falta-nos a paixão, o devotamento, a alma.

50. ( ) Houve erros de previsão grosseiros.

51. ( ) Não haverão de mim nada com ameaças.

III. Complete as lacunas com a(s) forma(s) adequada(s).

1. _____ ele, você e eu esperando o chefe. (Ficamos/Ficou)

2. Brasileiros e latino-americanos _____ constantemente a crítica da prevalência. (fazem/fazemos)

3. _____ nas classes trabalhadoras o desejo de ter acesso à leitura. (Aumenta/Aumentam)

4. A maioria dos nossos produtos editoriais não _____ ao orçamento doméstico do trabalhador. (é acessível/são acessíveis)

5. _____ um estudo mais acurado as ideias de baratear a comercialização dos produtos editoriais. (Merece/Merecem)

6. Vislumbra-se um mundo em que tudo _____ botões de computador. (é/são)

7. Tudo, carrinhos, robôs e bonecas, _____ adquirir nova forma e valor nas mãos da criança. (pode/podem)

8. Nem a criança nem o adulto _____ deixar de continuamente exercer o poder de criar. (deve/devem)

9. Grande parte dos objetos hoje utilizados numa casa _____ do processo de industrialização. (resulta/resultam)

10. Tu e eu _____ convencidos de que _____ em erro. (seremos/sereis; andamos/andais)

11. A maioria das pessoas aqui não _____ do que está falando. (sabe/sabem)

12. Um e outro ecologista _____ contra a derrubada de eucaliptos. (protestou/protestaram)

13. _____ dar quatro horas no relógio da praça. (Ia/Iam)

14. _____ o meio ambiente a comunidade e o vigário. (Defendia/Defendiam)

15. A história que vou referir só a _____, em toda esta cidade, minha mulher e eu. (sabe/sabemos)

16. Não _____ falta nenhuma o eucalipto e os cupins. (faz/fazem)

17. O perito e assistente técnico _____ de todos os meios necessários para o desempenho de suas funções. (utilizou-se/utilizaram-se)

18. Os Estados Unidos _____ uma grande potência. (é/são)

19. Alagoas _____ um belo estado. (é/são)

20. Os Lusíadas _____ o grande poema épico da literatura portuguesa. (é/são)

21. Vinte reais _____ suficiente. (é/são)

22. Já _____ uma hora da tarde e ele ainda não chegou. (é/são)

23. "E quanto enfim cuidava e quanto via, _____ tudo memórias de alegria." (Camões) – (era/eram)

24. _____ V. Exª os meus votos de distinta consideração. (Aceita/Aceitais)

25. Cada um dos jogadores daquele quadro já _____ um prêmio. (ganhou/ganharam)

26. Qual de vocês _____ o rio? (atravessará/atravessarão)

27. Qual dos três cientistas _____ o prêmio este ano? (ganhará/ganharão)

28. Quanto de nós _____ realmente dispostos a ajudar o próximo? (estarão/estaremos)

29. _____ três anos que ele viajara para Belém. (Fazia/Faziam)

30. Na reunião só _____ cinco representantes do sindicato. (havia/haviam)

31. _____ árvores derrubadas perto do rio. (Havia/Haviam)

32. "Os sentenciados _____ do poder público a comutação da pena." (G. Góis) – (houve/houveram)

33. _____ existir pelo menos mais de três documentos guardados. (Deve/Devem)

34. _____ haver campanhas educativas sobre o trânsito de nossa cidade. (Deveria/Deveriam)

35. O projeto de integração que _____ realizando as frágeis democracias _____, _____ e _____ é um esforço inegavelmente significativo para o cone sul. (vem/vêm; uruguaia, argentina e brasileira/uruguaias, argentinas e brasileiras)

36. _____ as regras de mera convenção ser menosprezadas. (Pode/Podem)

37. No caso não _____, nem jamais _____, asseguro-lhe, prevenções de ordem pessoal. (existe/existem; existiu/existiram)

38. Não se _____ esquecer tantas atenções. (poderia/poderiam)

39. _____ todos os ritmos da metrificação portuguesa. (Adotou-se/Adotaram-se)

40. A forma de morte em questão é a seguinte: inicialmente _____ as mãos de uma pessoa. (amarra-se/amarram-se)

41. Oitenta por cento dos alunos _____ preparados. (está/estão)

42. Está acertado que 1% dos recursos _____ para a educação, e os 99% restantes _____ em obras de saneamento básico do município. (irá/irão; será empregado/serão empregados)

43. Grande parte das poesias não _____ uniformidade nas estrofes. (tem/têm)

44. Grande número de programas _____ sido _____, nos EUA, para áreas consideradas prioritárias pelo Estado, como matemática e ciências. (tem/têm; direcionado/direcionados)

45. A maioria dos jovens _____ acompanhando pelos jornais as notícias sobre a Croácia. (vem/vêm)

46. Foi o prefeito César Maia quem _____ a pregar a solução. (correu/correram)

47. As sardinhas fomos nós quem _____. (pescou/pescamos)

48. Fui eu quem _____ um manifesto contra irregularidades dessa repartição. (encabeçou/encabecei)

49. Não fui a que _____ primeiro. (cheguei/chegou)

50. "Um dos soldadinhos que me _____ chorava como um desgraçado." (G. Ramos) – (acompanhava/acompanhavam)

51. Ele é um dos que mais _____ o meio ambiente. (defende/defendem)

52. Mais de um nativo _____ o problema. (entendeu/entenderam)

53. "Aqui _____ a burguesia, o mercador, a população." (Eça de Queiroz) – (habita/habitam)

54. Naquela guerra entre quadrilhas, _____ um dos chefes e alguns moradores das proximidades. (morreu/morreram)

55. O certo e que o orgulho, a soberba _____ verdades supremas. (cobre/cobrem)

56. Quando chove, as árvores _____ que ficam verdes. (parece/parecem)

57. Eram casos fortuitos que não _____ em seu poder prevenir. (estava/estavam)

58. Os ritmos utilizados me pareceu _____ melhor com o que eu pretendia exprimir. (quadrar/quadrarem)

59. _____-lhes aclarar muitos pontos importantes. (Falta/Faltam)

60. São atitudes como essa que _____ evitar. (convém/convêm)

61. "O conselho se reuniu, e _____ recomeçar a guerra." (B. Guimarães) – (decidiu/decidiram)

62. Não _____ nexos lógicos entre "tom de documentário" e "convenção de novela", por se _____ de assuntos diferentes. (ocorre/ocorrem; tratar/tratarem)

63. A premissa é a de que de uma quantidade menor de línguas _____ menos maneiras diferentes de pensar, menos chances para desentendimentos e conflitos. (decorrerá/decorrerão)

64. "Mas não _____ o governo, o sistema, o modelo social os únicos responsáveis (ou irresponsáveis) nessa situação." (E. Franchi) – (é/são)

65. "Mas, para Adélia, nem tudo _____ elogios e, de vez em quando, até um grande poeta tem que conviver com o amargor da faca afiada da crítica." (é/são)

66. Nas conversas dos parlamentares e juristas, no Congresso, o assunto _____ sempre as trapalhadas do governo para conter a inflação e a base monetária. (era/eram)

67. Nas conversas de sindicalistas e economistas, no DIEESE, o assunto _____ sempre as altas taxas de desemprego e o arrocho salarial. (era/eram)

68. Nada mal para as empresas que, mesmo sem capital de giro e sem condições de vender, por falta de compradores,

_____ de se ajustar, demitindo pessoal. (haverá/haverão)

69. Ninguém sabe se _____ haver ou não novas inscrições para o concurso anunciado há duas semanas. (vai/vão)

70. Todas as opiniões que _____ entre os participantes do encontro seriam debatidas democraticamente. (houvesse/houvessem)

71. Embora muitas dificuldades _____ surgido, os trabalhos foram concluídos em tempo hábil. (houvesse/houvessem)

72. Se _____ desistências, as vagas não poderão ser preenchidas por candidatos sem habilitação legal. (houver/houverem)

73. _____, entre os meses de outubro e dezembro, ocorrido pancadas de chuva tão violentas que as estradas estavam em péssimas condições. (Havia/Haviam)

74. "Mas _____ livros que, lidos no momento certo, fizeram de mim a pessoa que sou." (houve/houveram)

75. "Nem os olhos nem o gesto _____ poesia nenhuma." (Machado de Assis) – (tinha/tinham)

76. Tudo mal para os trabalhadores que, com a demissão batendo à porta, devido à crise recessiva, _____ de se contentar com o rebaixamento do poder aquisitivo. (terá/terão)

77. As condições concretas, sociais, políticas e econômicas em que foram executados os planos de estabilização de economias em estado de crise, durante o nosso século, _____ cética nossa visão sobre o futuro. (torna/tornam)

78. Para completar o elenco de "Uma relação tão delicada" foi chamado o ator R. Adruim, a quem _____ dois papéis ingratos – o de namorado de Charlotte e o de marido de Jeanne... (coube/couberam)

79. Desta forma, solicito que nos _____ mais alguns dias para entregar o material. (seja concedido/sejam concedidos)

80. Estamos encaminhando, para _____ em reunião da comissão tripartite, as normas para eleição do novo chefe do Departamento. (ser apreciado/serem apreciadas)

81. É sabido que de uma maneira geral a qualidade dos Sistemas de Informação desenvolvidos _____ muito longe das satisfações e necessidades de seus usuários. (está/estão)

Gabarito: I – 1. contêm; 2. alcança; 3. Fazem; 4. Faltam; 5. Bastam; 6. ficou; 7. ficaram. Obs.: Pronome de tratamento leva o verbo para a 3ª pessoa; 8. Choveram (o verbo "chover", aqui, não é impessoal, pois aparece com sentido figurado. Seu sujeito é "propostas"); 9. Devem; 10. Poderão (na locução verbal, quem se flexiona é o verbo

auxiliar: se o sujeito aparecer no plural, o verbo auxiliar ficará no plural); 11. tivessem; 12. pareciam; 13. Aluga-se (sujeito: sala / Sala comercial é alugada.); 14. Alugam-se (sujeito: salas / Salas comerciais são alugadas.); 15. Impõem-se (sujeito: medidas /Medidas são impostas.); 16. Deram; 17. Deu; 18. Soou; 19. Bateram; 20. foi analisado; 21. abraçaram (nesse caso, com pronome recíproco, verbo no plural); 22. foram analisados; 23. exigiam; 24. cuidará; 25. chegará; 26. cuidarão ou cuidaremos; 27. chegarão ou chegaremos; 28. compareceu ou compareceram; 29. faltou; 30. passaram ou passou / passaram; 31. confiam; 32. anulou; 33. anulou ou anularam; 34. foram atacados; 35. recebeu; 36. conta ou contam (com nome de "obra", aceita-se a concordância com a ideia, no singular.); 37. estavam; 38. Estava ou Estavam; 39. Estava ou estavam; 40. pareciam; 41. Saímos [3ª pessoa (ela) + 1ª pessoa (eu) = 1ª pessoa do plural (nós)]: com sujeito composto representado por pessoas diferentes, o verbo vai ao plural da pessoa que tiver preferência – a 1ª pessoa prevalece sobre a 2ª pessoa e a 3ª pessoa; a 2ª pessoa prevalece sobre a 3ª: Tu e ela chegastes ou chegaram. Nesse caso, aceita-se a 3ª pessoa do plural – chegaram – , pois o "vós" está em desuso; 42. Saímos ou Saiu (Verbo anteposto a sujeito composto: concorda com todos os núcleos ou com o mais próximo.); 43. Abraçaram-se ("se" recíproco – verbo na 3ª pessoa do plural); 44. atrapalhava (caso 2 – b); 45. foram demitidos (idem); 46. chegaram ou chegou; 47. chegou (É a melhor concordância. Algumas gramáticas, porém, aceitam o plural nesse tipo de construção.); 48. será; 49. anunciarão; 50. fazem; 51. seduzia ou seduziam; 52. falta ou faltam; 53. faz; 54. adiantam; 55. faziam; 56. Trabalha-se; 57. Obedeceu-se; 58. Procedeu-se; 59. é; 60. acabar; 61. Choveu; 62. Havia; 63. Havia; 64. Devia; 65. Poderá; 66. havia; 67. Faz; 68. Vai; 69. Chega de; 70. Passa de; 71. Convém; 72. Convém; 73. Está claro; 74. parecia (= Parecia/que os dois haviam acabado de comer a maçã proibida); 75. parecia (= Parecia/ que os dois entenderam o problema); 76. Sabe-se; 77. deixou ou deixaram; 78. resolveu ou resolveram; 79. atrasaram (é a preferência); 80. agrada; 81. recebeu ou receberam; 82. falei; 83. falamos; 84. mantinha; 85. falei ou falou; 86. paga ou pago; 87. falou ou falamos; 88. usa ou usam; 89. acreditou ou acreditaram; 90. morreu (o sentido exige o singular); 91. era ou eram; 92. é ou são; 93. era; 94. sou/sou; 95. somos/somos; 96. eram; 97. são; 98. é que; 99. Foram; 100. é muito; 101. é suficiente; 102. São; 103. Era; 104. são; 105. são; 106. entender; 107. agir; 108. devolver; 109. chegar; 110. chorar; 111. chorar ou chorarem; 112. percebermos (sujeito próprio); 113. fazer ou fazerem; 114. deve ou devem; 115. somos; 116. Pediam.

II – 1. E – A presença ... poderia perturbar; 2. E – Quando se aplica ... o substantivo ...; 3. C; 4. E – Já eram ... nove horas ; nenhum dos meninos parecia ... ; nada fazia ...; 5. E – ...costumam ocorrer ... fatos; 6. E – pode haver; 7. C; 8. C; 9. E – houve ; terem sido lançados; 10. C; 11. E – Trata-se – Sujeito indeterminado, o "se" é indeterminador; 12. E – apanham – O "se" é apassivador, o sujeito é "moscas"; 13. C; 14. E – Alteram-se ... palavras – O "se" é apassivador; 15. E – Indenizar-se-ão ... as benfeitorias – O "se" é apassivador; 16. C – caberia também "poderia" – Ver "Flexão do Infinitivo" d); 17. E – desprezam-se palavras ... A explicação é a mesma das frases 12 a 15.); 18. E – se cultuava – Sujeito indeterminado, "se" indeterminador; 19. E – vê-se – Sujeito oracional "que os gastos foram absurdos", verbo da oração principal no singular; 20. C; 21. E – – A mesma explicação da frase 19 Espera-se/que...); 22. E – Um por cento da população busca...; 23. C – ou buscam; 24. C; 25. C – ou morreu; 26. C; 27. C – ou corresponde; 28. E – ... providências ... reduzem; 29. E – apresentam; 30. E – ... a quem couberam muitos sacrifícios; 31. E – haverá; 32. C; 33. C; 34. E – houvesse; 35. C; 36. C – o "haver", aqui, não é impessoal; 37. E – haja; 38. E – tinham; 39. C – ou iniciou; 40. C – ou selecionará; 41. C – ou é; 42. C – ou é; 43. E – Convém/descobrir... sujeito

oracional); 44. C; 45. E – ... faltavam ... modificações; 46. E – Podia haver; 47. C; 48. C; 49. C; 50. C; 51. C – o "haver", aqui, não é impessoal.

III – 1. Ficamos ou Ficou; 2. fazem ou fazemos (silepse); 3. Aumenta; 4. é acessível ou são acessíveis; 5. Merecem; 6. é ou são; 7. pode; 8. deve ou devem; 9. resulta ou resultam; 10. seremos/andamos; 11. sabe ou sabem; 12. protestou ou protestaram; 13. Iam; 14. Defendia ou Defendiam (verbo anteposto a sujeito composto); 15. sabe ou sabemos (idem); 16. faz ou fazem (idem); 17. utilizou-se (é uma pessoa só: Ele é perito e assistente); 18. são; 19. é; 20. é ou são; 21. é; 22. é; 23. era ou eram; 24. Aceita; 25. ganhou; 26. atravessará; 27. ganhará; 28. estarão ou estaremos; 29. Fazia; 30. havia; 31. Havia; 32. houveram; 33. Devem; 34. Deveria; 35. vêm/uruguaia, argentina e brasileira; 36. Podem; 37. existem/existiram; 38. poderiam ou poderia; 39. Adotaram-se; 40. amarram-se; 41. estão; 42. irá ou irão/serão empregados; 43. tem ou têm; 44. tem sido direcionado ou têm sido direcionados; 45. vem ou vêm; 46. correu; 47. pescou ou pescamos; 48. encabeçou ou encabecei; 49. chegou; 50. acompanhava ou acompanhavam; 51. defende ou defendem; 52. entendeu; 53. habita ou habitam; 54. morreu ou morreram; 55. cobre ou cobrem (núcleos sinônimos); 56. parece (Parece/que as árvores...). or.princ. or.subjetiva; 57. estava (prevenir casos não estava em seu poder); 58. quadrarem (Pareceu-me/que os ritmos quadravam melhor). or.princ. or.subjetiva; 59. Falta-lhes/aclarar... or.princ. or.subjetiva (reduzida de infinitivo); 60. Convém/evitar (idem); 61. decidiu ou decidiram (silepse); 62. ocorrem/tratar; 63. decorrerão; 64. é ou são; 65. é ou são; 66. era ou eram; 67. era ou eram; 68. haverão; 69. vai; 70. houvesse; 71. houvessem; 72. houver; 73. Haviam; 74. houve; 75. tinha ou tinham; 76. terão; 77. tornam; 78. couberam; 79. sejam concedidos; 80. serem apreciadas; 81. está.

17.4. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Por fim, vamos às questões. FCC, Vunesp, Cespe-UnB e Cesgranrio são algumas das bancas que mais trabalham questões de concordância verbal em suas provas. Aproveite cada alternativa, procurando explicar a regra de concordância utilizada na frase.

1. (FCC/TRE-AP) As normas de concordância verbal estão inteiramente respeitadas na frase:

a) Sempre houve quem esbanjassem os recursos naturais.

b) Se não houverem trabalho nem produção, não haverá atividade econômica.

c) Alimentava-se muitas ilusões quanto ao custo e à disponibilidade da água.

d) Nenhuma saída a curto prazo se avistam em nossos horizontes.

e) Poderão vir a faltar outros recursos naturais, se não os pouparmos.

Comentários:

A letra A traz o pronome "quem" como sujeito do verbo esbanjar, portanto, verbo no singular (... *quem esbanjasse...*). Na B, o verbo "haver" é impessoal (sentido de existir, não varia). Na letra C, o pronome é apassivador ("Alimentavam-se muitas ilusões" é o mesmo que "Muitas ilusões eram alimentadas", verbo no plural). Na opção D, o núcleo do sujeito (saída) está no singular, verbo no singular. A letra E, está correta, pois o núcleo do sujeito está no plural (recursos). Vimos que, na locução verbal, quem se flexiona é o verbo auxiliar.

Resposta: E.

2. (Cesgranrio) Entre os que observavam os acontecimentos _____ muitos gritos.

De acordo com a norma culta da língua, a forma verbal que deve ser usada para preencher a lacuna acima é:

a) aconteceu

b) houve

c) houveram

d) ouviu-se

e) percebeu-se

Comentários:

Nesta questão, há três opções que trazem verbos pessoais, que possuem sujeito (letras A, D e E). Como o sujeito é "muitos gritos", esses verbos viriam no plural (aconteceram, ouviram-se, perceberam-se). Nas letras B e C, o verbo "haver" é impessoal, equivale a "ocorrer", por isso **não pode se flexionar**.

Resposta: B.

3. (FCC) Em qual das frases a seguir a concordância verbal segue a norma culta?

a) Mais de um jornal comentaram o lançamento do novo dicionário.

b) Ontem foi lançado, com um grande evento, mais dois volumes da Enciclopédia.

c) Tanto o Aurélio quanto o Houaiss passam por atualizações periódicas.

d) O Aurélio ou o Houaiss receberam o prêmio de melhor dicionário do ano.

e) Trinta por cento dos dicionários apresenta algum verbete falso.

Comentários:

Na opção A, o sujeito é "Mais de um jornal", cujo núcleo é "jornal", verbo no singular.

("Mais de um jornal comentou..."). Na letra B, a ordem direta da frase seria "Mais de dois volumes da Enciclopédia foram lançados ontem", verbo no plural, pois o sujeito é composto (Aurélio/Houaiss) com verbo posposto, plural. Correta a frase. A letra D traz dois núcleos ligados por **ou** com valor de <u>exclusão</u> (só um receberá o prêmio). Verbo no singular. Na opção E, tanto a porcentagem (*Trinta por cento*) quanto o substantivo que se segue (*dicionários*) levam o verbo ao plural – apresentam. Já a letra C apresenta a expressão "tanto... quanto...", que indica soma, por isso, está correta a forma "passam".

Resposta: C.

4. (FCC) Na passagem "A maioria dos profissionais já viveu uma sensação de impasse na carreira", a concordância

verbal está de acordo com a norma culta. Assinale a opção cuja concordância verbal está, segundo essa mesma norma, correta.

a) Sempre houveram impasses na sua vida profissional.

b) A reparação dos erros cometidos são possíveis.

c) Investiga-se, nesse momento, as falhas ocorridas.

d) Faz alguns meses que iniciamos o trabalho.

e) Soou oito horas no relógio da sala.

Comentários:

Nesta questão, vale a pena explicar a frase retirada do texto "A maioria dos profissionais já viveu...". Na teoria, vimos que os chamados coletivos partitivos (a maioria de, grande parte de...) e as porcentagens (um por cento de, trinta por cento de...) seguem o mesmo padrão: o verbo pode concordar com o núcleo (maioria, parte; um, trinta) ou com o termo que se segue. Portanto, nessa frase, além de "viveu" – concordando com o núcleo "maioria" – poderia vir "viveram" – concordando com "profissionais".

As letras A e D trazem verbos impessoais (haver = existir; fazer = tempo passado), não podendo, por isso, se flexionar. Portanto, a letra A está errada e a D correta. Na letra B, o núcleo do sujeito é "reparação", singular ("A reparação... é possível"). Na C, "as falhas são investigadas" ("Investigam-se as falhas"). Na letra E, o sujeito é o número de horas ("Oito horas soaram no relógio").

Resposta: D.

5. (FCC) Indique a única frase em que o verbo está flexionado corretamente.

a) 95% das televisões está diariamente em uso no país.

b) Para o consumo industrial, 17. 578 watts não representa nada.

c) Considera-se que até mesmo 1% de economia de água é bom para a Terra.

d) A imprensa noticia que menos de 10% dos cidadãos se preocupa com o meio ambiente.

e) Milhares de árvores da Floresta Amazônica é abatida mensalmente.

Comentários:

As letras A, C e D mostram o caso das porcentagens, em que o verbo ou concorda com elas ou com o termo seguinte. As letras A e D só podem vir com verbo no plural, já que tanto as porcentagens quanto os substantivos que se seguem estão no plural (*95% das televisões estão...*) e (*10% dos cidadãos se preocupam*). Na letra C, tanto a porcentagem quanto o substantivo estão no singular, verbo no singular (*1% da economia de água é bom...*). Correta a frase. Nas letras B e E, os verbos teriam de aparecer no plural (*representam/são abatidos ou são abatidas, já que as duas leituras podem ser feitas: milhares de árvores são abatidos ou milhares de árvores são abatidas*).

Resposta: C.

17.5. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016 – Adaptada)

O verbo que pode ser indiferentemente flexionado no singular ou no plural encontra-se em:

a) *... enfrentar as luzes, os cartazes, e a plateia...*

b) *Mas a música brasileira, ao contrário de outras artes, já traz dentro de si os elementos de renovação.*

c) *Veja, os Beatles, foram à Índia...*

d) *O importante é Mutantes e Martinho da Vila no mesmo palco.*

e) *... onde samba, toada etc. são ritmos virgens para seus melhores músicos...*

Leia o texto a seguir para responder à questão 2.

Cada um no seu *tablet*: conheça o perfil das crianças brasileiras na web

Há tempos a internet não é lugar frequentado apenas por adultos. As crianças aprendem a navegar na web antes mesmo de amarrar os cadarços. Um levantamento da AVG Technologies comprova que 57% dos pequenos de até 5 anos sabem usar aplicativos em *smartphones*, mas só 14% são capazes de dar um laço nos cordões dos sapatos.

Além de ter acesso a dispositivos eletrônicos cada vez mais cedo, o público infantil tem uma tendência ao uso privativo da internet. As informações são do relatório mais recente da ICT Kids Online Brazil. O estudo foi realizado com pessoas de 9 a 16 anos, e indica que meninos e meninas acessam a rede principalmente de casa. E o Brasil é onde as crianças mais acessam a internet por dispositivos móveis, como *smartphones* e *tablets* – um terço delas estão conectadas.

Apesar do amplo acesso à web dentro de casa, a realidade não é a mesma no ambiente escolar. A pesquisa chama a atenção para o pouco uso da rede nas escolas brasileiras.

(Adaptado de: www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/tecnologia/2015/09/04/interna_tecnologia,497349/cada-um-no-seutablet-conheca-o-perfil-das-criancas-brasileiras-na-we.shtml. Acessado em: 05.09.2015)

2. (FCC – TRE-SE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – 2015)

A frase redigida corretamente e em conformidade com as informações do texto é:

a) Grande parte das crianças brasileiras aprende a usar a internet logo cedo, devido à falta de restrição do acesso à rede nas escolas.

b) Um terço das crianças brasileiras têm acesso à internet em seu domicílio, enquanto não há computadores em suas escolas.

c) A maioria das crianças brasileiras acessa a internet por dispositivos móveis, por isso ainda há pouco uso da rede nas escolas.

d) As crianças brasileiras tendem a usar a internet em casa, ainda que as escolas ofereçam amplo acesso à rede.

e) Muitas crianças brasileiras utilizam a internet em suas casas, ao passo que o acesso à rede é escasso nas escolas.

3. (FCC – TRE-SE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – 2015)

A frase escrita com clareza e de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa é:

a) Já faz anos que as crianças vêm usando a internet, e é admirável a rapidez com que elas aprendem a lidar com os aplicativos que surgem a cada dia.

b) Hoje parecem haver crianças que já nascem com uma predisposição para usar os recursos tecnológicos, que lhe atraem desde cedo.

c) Muitos adultos que se mantém alheio à comunicação virtual são excluídos do diálogo com os mais novos, o que acarreta conflitos intergeracionais.

d) É possível que ocorra alguns desencontros entre as gerações, mas muitos jovens estão consciente da importância de ajudar os mais velhos a usar as novas tecnologias.

e) São úteis, nos dias de hoje, utilizar ferramentas de comunicação virtual para se manter bem informado e estar próximo de quem mora em lugares distantes.

4. (FCC – TRE-SE – Analista Judiciário – Área Administrativa – 2015)

As normas de concordância verbal estão plenamente observadas na frase:

a) Vincula-se ao nosso antigo complexo de povo colonizado hábitos como o que nos leva ao emprego indiscriminado de termos estrangeiros.

b) Somente no caso de haverem razões plenamente justificáveis admite-se, na opinião do autor do texto, o uso de vocábulos estrangeiros.

c) Constam nos programas de congressos acadêmicos, como se fosse natural, chamamento em inglês para o nosso brasileiríssimo cafezinho.

d) O emprego de termos estrangeiros cujas acepções originais não têm tradução adequada conta com o respaldo do autor do texto.

e) Aquilo que os estrangeiros parecem dizer melhor, com palavras mais apropriadas, quase sempre encontram perfeita tradução em nosso idioma.

5. (FCC – TCE-CE – Analista de Controle Externo – 2015)

O verbo indicado entre parênteses deve flexionar-se de modo a concordar com o elemento sublinhado na seguinte frase:

a) A <u>rejeição</u> que demonstra Coutinho a preconceitos sociais (**distinguir**) sua obra da de outros documentaristas.

b) Grupos ou classes sociais, numa visão a distância, não (**merecer**) desse <u>cineasta</u> qualquer atenção especial.

c) Não (**dever**) satisfazer-se um bom documentarista com os <u>paradigmas</u> já cristalizados.

d) Aos <u>tipos</u> sociais já reconhecidos (**faltar**) a imprescindível singularização dos indivíduos.

e) Sertanejos nordestinos e peões de fábrica são designações que não (**derivar**) senão de uma mera <u>tipologia</u>.

6. (FCC – TRT – 3ª Região (MG) – Técnico – Administração – 2015)

As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na seguinte frase:

a) Já quase não se coleciona em álbum, em função das técnicas digitais, as fotografias familiares que tanto contavam de nossa

história.

b) Para muita gente já não são mais necessários conservar os velhos álbuns de fotografias, substituídos que foram pelos arquivos digitais.

c) Aquelas velhas fotos não convêm ninguém desprezar, estão sendo cada vez mais raras, e algum dia acabará por converter-se num precioso documento.

d) Uma sucessão de fotos pode ilustrar um segmento importante de uma história familiar, à qual pertenceram aqueles velhos rostos e expressões.

e) A todas as pessoas deveriam caber, em respeito aos que as antecederam, conservar as imagens de outro tempo, de outros hábitos.

7. (FCC – TRT – 15ª Região – Analista Judiciário – Tecnologia da Informação – 2015)

O verbo em negrito deve sua flexão ao elemento sublinhado em:

a) *A Índia, tal como o livro de Benjamin Skinner já* ***anunciava****...*

b) *... com um número que hoje* ***oscila*** *entre os 13 milhões...*

c) *Pessoalmente,* ***interessam****-me duas.*

d) *A escravidão que* ***denunciava*** *com dureza..*

e) *... o ruidoso silêncio que a escravidão moderna* ***merece****...*

8. (FCC – Manausprev – Técnico Previdenciário – Administrativa – 2015)

A forma verbal que pode ser flexionada indiferentemente no singular e no plural encontra-se em:

a) *...a variedade de formas existentes nos sítios onde escavou...*

b) *De fato, a maior parte dos despojos dos miracangueras era composta de cinzas.*

c) *... as quais lembram congêneres da Grécia Clássica.*

d) *Havia peças mais elaboradas, certamente para pessoas de posição mais elevada...*

e) *...o grupo indígena dos miracangueras não era originário da região...*

9. (FCC – TRE-RR – Analista Judiciário – Área Judiciária – 2015)

Considere as alterações propostas nas alternativas abaixo para alguns segmentos do texto. Mantém-se a correção gramatical no que consta em:

a) *Não basta um estado de espírito.* Não basta algumas decisões tomadas nesse sentido.

b) *Essa é uma exigência que se impõe tanto em tempos de guerra quanto em tempos de paz.* Essa é uma das exigências que se impõem tanto em tempos de guerra quanto em tempos de paz.

c) *É preciso algo mais.* Faz-se necessário as mudanças de visão e de atitudes.

d) *... para que ela tenha um sentido.* ... para que as metas estabelecidas a cada um tenha um sentido.

e) *Na raiz da palavra resistere se encontra um sentido* ... Na raiz da palavra resisterese encontra algumas indicações de seu significado ...

10. (FCC – CNMP – Técnico – Administração – 2015)

O elemento que justifica a flexão verbal em destaque está sublinhado em:

a) ... ***é*** *hoje dominante o entendimento de que democracia...*

b) *Mas nada assegura que a configuração de fatores relevantes para a estabilidade* ***permanecerá*** *a mesma até, digamos, a metade do presente século...*

c) *... não significa que o corpo de hipóteses históricas e empíricas que explica a consolidação da democracia como sistema em casos concretos* ***possa passar*** *ao largo...*

d) *De fato, certa tensão entre os conceitos institucional e substantivo da democracia existe por toda parte, mas* ***articula-se*** *de maneira específica...*

e) *Mesmo democracias que no início pareciam débeis* ***foram se robustecendo****...*

11. (Copergás/PE – Analista Administrador – FCC – Jul./2016)

O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se, obrigatoriamente, numa forma do PLURAL para integrar de modo adequado a seguinte frase:

a) Aos guardas da fronteira não (**despertar**) suspeitas o que era mais evidente nos pertences da velhinha.

b) Muitas vezes nos (**escapar**) a unidade dos detalhes expostos, ao atentarmos para a singularidade de cada um.

c) Às fabulas tradicionais (**caber**) desenvolver narrativas cujo sentido moral reste plenamente exemplificado.

d) Tantas vezes nos (**desorientar**) a evidência dos detalhes que perdemos o sentido do conjunto.

e) A revista que (**fazer**) da bolsa da velhinha não esclarecia os guardas quanto à natureza do contrabando.

12. (Eletrobras/Eletrosul – Adm. Empres. – FCC – Jun./2016)

As normas de concordância verbal encontram-se plenamente atendidas na seguinte frase:

a) Não cabe aos responsáveis pelo mau funcionamento do mundo quaisquer tipos de sanção, uma vez que sequer logramos identificá-los.

b) O desleixo e a improvisação, que na ordem humana constitui um defeito incorrigível, estão perversamente implicados na política e na economia.

c) Torna-se difícil projetar as imagens de um mundo natural que fosse administrado pela consciência humana, à qual se devem as decisões mais injustas.

d) Acabam por tornar visíveis as falhas do mundo natural o desequilíbrio injusto na distribuição dos favores e das desgraças que acometem a humanidade.

e) Os liberais dizem que se devem confiar nas vantagens do livre mercado, cujo funcionamento por si só se responsabilizariam pela estabilidade da economia.

Leia o texto a seguir para responder à questão 13.

Texto I

Naquele novo apartamento da rua Visconde de Pirajá pela primeira vez teria um escritório para trabalhar. Não era um cômodo muito grande, mas dava para armar ali a minha tenda de reflexões e leitura: uma escrivaninha, um sofá e os livros. Na parede da esquerda ficaria a grande e sonhada estante onde caberiam todos os meus livros. Tratei de encomendá-la a seu Joaquim, um marceneiro que tinha oficina na rua Garcia D' Ávila com Barão da Torre.

O apartamento não ficava tão perto da oficina. Era quase em frente ao prédio onde morava Mário Pedrosa, entre a Farme de Amoedo e a antiga Montenegro, hoje Vinicius de Moraes. Estava ali havia uma semana e nem decorara ainda o número do prédio. Tanto que, quando seu Joaquim, ao preencher a nota de encomenda, perguntou-me onde seria entregue a estante, tive um momento de hesitação. Mas foi só um momento. Pensei rápido: " Se o prédio do Mário é 228, o meu, que fica quase em frente, deve ser 227". Mas lembrei-me de que, ao ir ali pela primeira vez, observara que, apesar de ficar em frente ao do Mário, havia uma diferença na numeração.

– Visconde de Pirajá, 127 – respondi, e seu Joaquim desenhou o endereço na nota.

– Tudo bem, seu Ferreira. Dentro de um mês estará lá sua estante.

– Um mês, seu Joaquim! Tudo isso? Veja se reduz esse prazo.

– A estante é grande, dá muito trabalho... Digamos, três semanas.

Ferreira Gullar. A estante. In: *A estranha vida banal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989 (com adaptações).

13. (INSS – Técnico Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

Julgue o seguinte item como Certo (C) ou Errado (E), a respeito de aspectos linguísticos do **texto I**.

A forma verbal " teria" (l. 1) está flexionada na terceira pessoa do singular, para concordar com " apartamento" (l. 1), núcleo do sujeito da oração em que ocorre.

Leia o texto a seguir para reponder à questão 14.

Texto CB2A2BBB

O fenômeno da corrupção, em virtude de sua complexidade e de seu potencial danoso à sociedade, exige, além de uma atuação repressiva, também uma ação preventiva do Estado. Portanto, é preciso estimular a integridade no serviço público, para que seus agentes sempre atuem, de fato, em prol do interesse público.

Entende-se que a integridade pública representa o estado ou condição de um órgão ou entidade pública que está " completa, inteira, perfeita, sã", no sentido de uma atuação que seja imaculada ou sem desvios, conforme as normas e valores públicos.

De acordo com a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), a integridade é mais do que a ausência de corrupção, pois envolve aspectos positivos que, em última análise, influenciam os resultados da administração, e não apenas seus processos. Além disso, a OCDE compreende um sistema de integridade como um conjunto de arranjos institucionais, de gerenciamento, de controle e de regulamentações que visem à promoção da integridade e da transparência e à redução do risco de atitudes que violem os princípios éticos.

Nesse sentido, a gestão de integridade refere-se às atividades empreendidas para estimular e reforçar a integridade e também para

prevenir a corrupção e outros desvios dentro de determinada organização.

Disponível em: <www.cgu.gov.br> (com adaptações).

14. (TCE-SC – Aud. Fiscal-Administ. – Cespe – Maio/2016)

Com relação a aspectos linguísticos do texto CB2A2BBB, julgue o item subsequente como Certo (C) ou Errado (E).

A coesão e a correção gramatical do trecho " e à redução do risco de atitudes que violem os princípios éticos" (l. 12 e 13) seriam mantidas caso a forma verbal " violem" fosse flexionada no singular, passando, então, a concordância a restringir-se ao termo " risco".

Leia o texto a seguir para responder à questão 15.

A história eleitoral do Brasil é uma das mais ricas do mundo. Durante o período colonial, a população das vilas e cidades elegia os representantes dos conselhos municipais. As primeiras eleições gerais para escolha dos representantes à Corte de Lisboa ocorreram em 1821. No ano seguinte, foi promulgada a primeira lei eleitoral brasileira, que regulou as eleições dos representantes da Constituinte de 1823. Desde 1824, quando aconteceu a primeira eleição pós-independência, foram eleitas cinquenta e uma legislaturas para a Câmara dos Deputados. Somente durante o Estado Novo (1937-1945), as eleições para a Câmara foram suspensas.

Hoje, os eleitores escolhem os representantes para os principais postos de poder (presidente, senador, deputado federal, governador, deputado estadual, prefeito e vereador) e pouca gente duvida da legitimidade do processo eleitoral brasileiro. As fraudes foram praticamente eliminadas. A urna eletrônica permite que os resultados sejam proclamados poucas horas depois do pleito. As eleições são competitivas, com enorme oferta de candidatos e partidos (uma média de trinta partidos por eleição). Quatro em cada cinco adultos compareceram às últimas eleições para votar. O sufrágio é universal, pois já não existem restrições significativas que impeçam qualquer cidadão com pelo menos dezesseis anos de idade de ser eleitor. Hoje, o Brasil tem o terceiro maior eleitorado do planeta, perdendo apenas para a Índia e os Estados Unidos da América.

Jairo Marconi Nicolau. *História do voto no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002, p. 7-8 (com adaptações).

15. (Câmara dos Deputados – Técn. legislativo – Cespe – 2014)

Em relação ao texto acima, julgue o seguinte item como Certo (C) ou Errado (E).

Os termos " eleitores" (L. 8), " gente" (L. 9), " fraudes" (L. 10), " restrições" (L. 14) e " Brasil" (L. 15) são núcleos do sujeito da oração em que se inserem.

Leia o texto a seguir para responder à questão 16.

Na organização do poder político 1 no Estado moderno, à luz da tradição iluminista, o direito tem por função a preservação da liberdade humana, de maneira a coibir a desordem do estado de natureza, que, em virtude do risco da dominação dos mais fracos pelos mais fortes, exige a existência de um poder institucional. Mas a conquista da liberdade humana também reclama a distribuição do poder em ramos diversos, com a disposição de meios que assegurem o controle recíproco entre eles para o advento de um cenário de equilíbrio e harmonia nas sociedades estatais. A concentração do poder em um só órgão ou pessoa viria sempre em detrimento do exercício da liberdade. É que, como observou Montesquieu, " todo homem que tem poder tende a abusar dele; ele vai até onde encontra limites. Para que não se possa abusar do poder, é preciso que, pela disposição das coisas, o poder limite o poder".

Até Montesquieu, não eram identificadas com clareza as esferas de abrangência dos poderes políticos: “ só se concebia sua união nas mãos de um só ou, então, sua separação; ninguém se arriscava a apresentar, sob a forma de sistema coerente, as consequências de conceitos diversos”. Pensador francês do século XVIII, Montesquieu situa-se entre o racionalismo cartesiano e o empirismo de origem baconiana, não abandonando o rigor das certezas matemáticas em suas certezas morais. Porém, refugindo às especulações metafísicas que, no plano da idealidade, serviram aos filósofos do pacto social para a explicação dos fundamentos do Estado ou da sociedade civil, ele procurou ingressar no terreno dos fatos.

Fernanda Leão de Almeida. A garantia institucional do Ministério Público em função da proteção dos direitos humanos. Tese de doutorado. São Paulo: USP, 2010, p. 18-9. Disponível em: <www.teses.usp.br> (com adaptações).

16. (MPU – Analista – Cespe – 2015)

Julgue o item subsequente, relativo às estruturas linguísticas do texto I, como Certo (C) ou Errado (E).

A flexão plural em “ eram identificadas” (l. 10) decorre da concordância com o sujeito dessa forma verbal: “ as esferas de abrangência dos poderes políticos” (l. 10).

Leia o texto a seguir para responder à questão 17.

Estação do ano mais aguardada pelos brasileiros, o verão não é sinônimo apenas de praia, corpos à mostra e pele bronzeada. O calor extremo provocado por massas de ar quente – fenômeno comum nessa época do ano, mas acentuado na última década pelas mudanças climáticas – traz desconfortos e riscos à saúde. Não se trata somente de desidratação e insolação. Um estudo da Faculdade de Saúde Pública de Harvard (EUA), o maior a respeito do tema feito até o momento, mostrou que as temperaturas altas aumentam hospitalizações por falência renal, infecções do trato urinário e até mesmo sepse, entre outras enfermidades. “ Embora tenhamos feito o estudo apenas nos EUA, as ondas de calor são um fenômeno mundial. Portanto, os resultados podem ser considerados universais”, diz Francesca Domininci, professora de bioestatística da faculdade e principal autora do estudo, publicado no jornal Jama, da Associação Médica dos Estados Unidos. No Brasil, não há estudos específicos que associem as ondas de calor a tipos de internações. “ Não é só aí. No mundo todo, há pouquíssimas investigações a respeito dessa relação”, afirma Domininci. “ Precisamos que os colegas de outras partes do planeta façam pesquisas semelhantes para compreendermos melhor essa importante questão para a saúde pública”, observa.

Internet: <www.correioweb.com.br> (com adaptações)

17. (FUB – Técnico Administrativo – Cespe – 2015)

Julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Mantêm-se a correção gramatical e o sentido original do texto ao se substituir “ há” (l. 10) por **existe**.

Leia o texto a seguir para responder à questão 18.

Os primeiros anos que se seguiram à Proclamação da República foram de grandes incertezas quanto aos trilhos que a nova forma de governo deveria seguir. Em uma rápida olhada, identificam-se dois grupos que defendiam diferentes formas de se exercer o poder da República: os civis e os militares. Os civis, representados pelas elites das principais províncias – São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul –,queriam uma república federativa que desse muita autonomia às unidades regionais. Os militares, por outro lado, defendiam um Poder Executivo forte e se opunham à autonomia buscada pelos civis. Isso sem mencionar as acirradas disputas internas de cada grupo. Esse era um quadro que demonstrava a grande instabilidade sentida pelos cidadãos que viveram naqueles anos. Mas havia cidadãos?

Formalmente, a Constituição de 1891 definia como cidadãos os brasileiros natos e, em regra, os naturalizados. Podiam votar os cidadãos com mais de vinte e um anos de idade que tivessem se alistado conforme determinação legal. Mas o que, exatamente, significava isso? Em 1894, na primeira eleição para presidente da República, votaram 2,2% da população. Tudo indica que, apesar de a República ter abolido o critério censitário e adotado o voto direto, a participação popular continuou sendo muito baixa em virtude, principalmente, da proibição do voto dos analfabetos e das mulheres.

No que se refere à legislação eleitoral, alguns instrumentos legais vieram a público, mas nenhum deles alterou profundamente o processo eleitoral da época. As principais alterações promovidas na legislação contemplaram o fim do voto censitário e a manutenção do voto direto. Essas modificações, embora importantes, tiveram pouca repercussão prática, já que o voto ainda era restrito – analfabetos e mulheres não votavam – e o processo eleitoral continuava permeado por toda sorte de fraudes.

Ane Ferrari Ramos Cajado, Thiago Dornelles e Amanda Camylla Pereira. Eleições no Brasil: uma história de 500 anos. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral, 2014, p. 27-8. Internet: <www.tse.jus.br> (com adaptações).

18. (TRE-GO – Analista/Técnico – Cargos 1 e 2 – Cespe – 2015)

Julgue o item que se segue, acerca das estruturas linguísticas do texto I, como Certo (C) ou Errado (E).

O trecho " votaram 2,2% da população" (l. 12) poderia, sem prejuízo gramatical ou de sentido para o texto, ser reescrito da seguinte forma: 2,2% da população votou.

Leia o texto a seguir para responder à questão 19.

A crônica não é um " gênero maior". Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse. Portanto, parece mesmo que a crônica é um gênero menor.

" Graças a Deus", seria o caso de dizer, porque, sendo assim, ela fica mais perto de nós. E para muitos pode servir de caminho não apenas para a vida, que ela serve de perto, mas para a literatura. Por meio dos assuntos, da composição solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. Na sua despretensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorrateira, recuperar com a outra mão certa profundidade de significado e certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada, embora discreta, candidata à perfeição.

Antonio Candido. A vida ao rés do chão. In: *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993,p. 23 (com adaptações).

19. (Cespe – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2014)

Ainda em relação ao texto, julgue (C ou E) o item subsequente. As formas verbais " imagina" (l. 1), " atribuir" (l. 2) e " servir" (l. 6) foram utilizadas como verbos transitivos indiretos.

Leia o texto a seguir para responder à questão 20.

Texto II

O índio não teve muita sorte na literatura brasileira, depois do Romantismo. Enquanto nas letras hispano-americanas viceja um esplêndido indigenismo pelo século XX adentro, com tantos e tão importantes criadores dedicando-se a transpor o índio para a ficção, no Brasil se podem contar nos dedos das mãos os casos.

Torna a trazer o assunto à baila o aparecimento e grande vendagem de **Maíra**, romance de Darcy Ribeiro. O renomado

antropólogo já tinha em seu acervo de realizações uma respeitável brasiliana, incluindo vários trabalhos sobre os índios, um dos quais, a história de Uirá, fora transformado em filme no início da década de 70. **Maíra** é, portanto, a primeira incursão do autor pelo épico, a menos que se considere a história de Uirá como uma primeira aproximação ao gênero.

O relato, como o filme, dá conta do trágico percurso de Uirá, da tribo Urubu-Kaapor, no Maranhão deste século, o qual um dia fica *iñaron* quando, após muitas desgraças comuns ao destino dos índios brasileiros, como fome, espoliação, epidemias, perseguições, perde também um dos filhos.

A palavra tupi *iñaron* designa um estado de fúria sagrada, associado ao sofrimento excessivo, não deixando de lembrar as famosas fúrias dos heróis gregos: Hércules, uma vez acometido por um desses acessos, enviado pela vingativa Hera, matou, sem o saber, seus três filhos e esposa, tal como vem narrado na tragédia **Héracles Furioso**, de Eurípedes. Nas **Bacantes**, do mesmo autor, Agave, fora de si, participa do desmembramento de seu filho adulto, Penteu, rei de Tebas. E talvez o mais formidável exemplo seja o da cólera de Aquiles, que dá nascimento à inteira composição da **Ilíada**, desencadeada por sua recusa a continuar lutando. Devido à recusa de Aquiles, quase foi perdida a guerra de Troia e, não fosse sua fúria, o poema não teria sido composto.

Em meio ao furacão histórico da fase do capitalismo selvagem no país, quando o acirramento da acumulação leva multinacionais e suas cabeças-de-ponte nacionais a apropriar-se dos mais recônditos confins com vistas ao lucro, encontram-se, estonteados, os índios. O único problema dos Mairum – nome inventado, tribo arquetípica de todas as tribos, povo de Maíra – é como sobreviver e como fazer sua cultura sobreviver, com crescente dificuldade.

O romance inteiro soa como uma lamentação, um carpir sobre o fim de uma civilização das mais admiráveis. Seus trechos mais bem realizados são aqueles nos quais uma espécie de narrador coletivo índio dá conta de sua maneira de ver o mundo, de como compreende e interpreta seus hábitos e tradições; e, o que é mais importante, franqueia para o leitor seu tremendo desejo de sobrevivência e alegria de viver.

A produção e publicação de um romance como esse, agora, mostra como o índio está mais vivo do que nunca em sua conexão com a literatura brasileira. Tampouco deve ser uma coincidência que, neste exato momento, outras ficções, filmes, romances, peças de teatro, novelas de televisão, canções, estejam sendo feitos, todos sobre os índios, todos lutando em defesa de sua preservação para a História. Quando há tanta desconfiança em relação à pulsão destrutiva da civilização ocidental e entre nós é tão escandaloso o capitalismo selvagem, isso pode vir a significar alguma coisa. Talvez uma postura mais cautelosa e menos arrogante, de quem está aprendendo a perceber que outras civilizações encontraram saídas melhores e, sobretudo, não suicidas para males que hoje parecem irremediáveis, como o problema do poder, da proliferação e potenciação dos armamentos, da destruição da natureza, do Estado e de seu aparelho, da igualdade nunca encontrada. A alegoria da moça branca morta ao parir mestiços mortos poderá significar também o caráter heteroletal e autoletal da etnia branca? Pode ser que a importância da civilização indígena esteja, final e penosamente, penetrando na consciência do corpo social brasileiro.

Walnice Nogueira Galvão. Indianismo revisitado. In: *Esboço de figura – Homenagem a Antonio Candido*. São Paulo: Duas Cidades, 1979, p. 379-89 (com adaptações).

20. (Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Acerca das relações semântico-sintáticas e do vocabulário do texto II, julgue (C ou E) o item seguinte.

Na oração que inicia o segundo parágrafo, o verbo concorda com o primeiro núcleo do sujeito posposto, concordância verbal abonada pela gramática normativa.

21. (Compesa – A.S.G. – Técn. Segur. Trab. – FGV – Jul./2016)

Assinale a opção em que a lacuna da frase deve ser corretamente preenchida com a forma **há**.

a) "*Não há profissão mais bela do que _____ de tio da América.*"

b) "*Onde é necessária a astúcia não _____ lugar para a força.*"

c) "*O mérito tem seu pudor, como _____ castidade.*"

d) "*Há lugares em que emana _____ inteligência.*"

e) "*Não existe pecado, exceto _____ estupidez.*"

22. (Pref. Paulínia-SP – Eng. Agrôn. – FGV – Maio/2016)

"*Em geral os arquitetos temos de nos ater às plantas que nos apresentam os proprietários. Nisso nos parecemos com os médicos. Há quem os chame para que diagnostiquem a enfermidade que deseja ter, e lhe receite o regime que deseja seguir.*" (**Jacinto Benavente**)

Nesse pensamento há um erro de forma verbal, no que diz respeito à concordância. Assinale a opção em que esse erro é adequadamente corrigido.

a) temos/têm.

b) apresentam/apresenta.

c) chame/chamem.

d) diagnostiquem/diagnostique.

e) receite/receitem.

23. (Petrobras – Advogado Jr. – Cesgranrio – Ago./2015)

A concordância verbal dos termos destacados obedece às exigências da norma-padrão da Língua Portuguesa em:

a) As ações dos dirigentes políticos para que a tecnologia afete positivamente a população **parece** crescer cada vez mais nas sociedades modernas do século XXI.

b) Em algumas instituições, **concentram**-se cérebros responsáveis por estabelecer os novos parâmetros da sociedade da informação, essencial ao debate público sobre desenvolvimento.

c) **Têm** gerado consequências indiscutíveis no processo educacional o desenvolvimento tecnológico dos países que investem em pesquisas avançadas na área de informática.

d) **Buscam**-se, nos países industrializados, espírito empreendedor para que os avanços na produção e na transmissão de informação beneficiem uma grande parcela da população mundial.

e) É essencial que se **considere** essas características da sociedade de informação como um novo paradigma técnico-econômico relacionado às transformações técnicas e organizacionais.

24. (ANP – Téc. Reg. Petr&Der – Cesgranrio – Jan./2016 – Adaptada)

No trecho "Criam-se ferramentas inovadoras de alfabetização, por exemplo, em comunidades, em favelas, em lugares onde os moradores não têm acesso a uma livraria ou biblioteca", o verbo **criar** foi utilizado no plural para adequar-se às exigências da norma-padrão da Língua Portuguesa.

O verbo destacado abaixo foi utilizado adequadamente no plural em:

a) Como desenvolvimento da internet, **delegam**-se aos países produtores de conteúdo a missão de estabelecer as características da nova cultura de massas.

b) Nos países em desenvolvimento, **assistem**-se a inúmeros programas de popularização do acesso aos meios de comunicação digital.

c) Nos filmes de ficção científica do século XX, **previam**-se inúmeras sociedades comandadas pelos computadores superpoderosos.

d) Para evitar a manipulação das redes sociais nessa era de globalização, **necessitam**-se de leis severas de utilização da internet.

e) Para conquistar posição de vanguarda na atual guerra cultural, **obedecem**-se aos princípios básicos de criatividade e inovação tecnológica.

25. (Basa – Téc. Bancário – Cesgranrio – Set./2015)

A concordância do verbo em destaque está adequada à norma-padrão em:

a) A agricultura de famílias **cria** estratégias capazes de melhorar a realidade dos produtores.

b) O agricultor, assessorado pelos órgãos responsáveis, **são** mais bem atendidos.

c) A predominância de mão de obra familiar **apresentam** um papel relevante para o desenvolvimento do país.

d) Os empreendimentos rurais desenvolvidos em estabelecimento rural **compreende** papel relevante para o desenvolvimento do país.

e) A geração de empregos e de rendas **promovem** a permanência do homem no campo.

26. (BB – Escriturário – Cesgranrio – Out./2015)

A concordância do verbo destacado obedece ao que determina a norma-padrão da Língua Portuguesa em:

a) O financiamento de imóveis populares a baixo custo **caracterizam** a missão social dos bancos estatais.

b) **Necessitam**-se de muitas iniciativas para ampliar a informatização do acesso bancário de modo a aumentar sua eficiência.

c) A criação de moedas digitais que tem ocorrido na internet **devem** provocar relevantes mudanças sociais.

d) A política de desenvolvimento social das comunidades carentes **podem** promover melhorias na vida de sua população.

e) Na última década, **criaram**-se muitas oportunidades de negociação para consumidores endividados.

27. (Liquigás – Ass. Adminis. – Cesgranrio – Set./2015)

A concordância do verbo destacado está empregada de acordo com a norma-padrão em:

a) Os moradores são cadastrados para que **possa** utilizar o dinheiro local nas lojas da comunidade.

b) A melhoria do nível de vida dos moradores **demonstra** que o sistema bancário local funciona.

c) Uma solução para comprar roupas baratas **são** observadas nas liquidações anuais das grandes lojas.

d) Muitos empréstimos aos moradores nos bancos comunitários **é** de valores pequenos.

e) Todo mundo que frequenta os bancos comunitários **conseguem** fazer um empréstimo.

28. (SEED-SP – An. Administrativo – Vunesp – Maio/2016)

Se da frase – A soma entre o dinheiro e a perspectiva de exposição internacional com dois grandes eventos esportivos (...) atraiu o interesse de arquitetos de renome – for eliminada a expressão " A soma entre", a concordância entre o verbo e o sujeito se dará pelo mesmo motivo que na frase:

a) Trata-se de um desejo indelével de justiça social, apoio mútuo entre os cidadãos e respeito.

b) Havia nas terras descobertas por Cabral riquezas em abundância e nativos para a catequese.

c) Depois de muito viajar pelo mundo, em competições, retornou à terra natal o tenista e sua esposa.

d) A ética e a probidade fazem do profissional um agente do bem social, ou seja, um promovedor da cidadania.

e) A guerra e a batalha constante entre os povos consome a todos intensa e indistintamente.

29. (IPSMI – Procurador – Vunesp – Abril/2016)

Assinale a alternativa em que o trecho destacado na passagem – Ele nunca entendeu o tédio, essa impressão de que **existem mais horas do que coisas para se fazer com elas** –, reescrito, apresenta concordância e correlação de tempos verbais de acordo com a norma-padrão.

a) ... têm mais horas do que coisas que se faça com elas.

b) ... há mais horas do que coisas que se façam com elas.

c) ... haviam mais horas do que coisas que se faziam com elas.

d) ... podia existir mais horas do que coisas que se faziam com elas.

e) ...houveram mais horas do que coisas que se fez com elas.

30. (Unesp – Ass. Administrativo I – Vunesp – Abril/2016)

Assinale a alternativa em que a frase está redigida de acordo com a norma-padrão de concordância nominal e verbal.

a) Só existia nas lojas de brinquedo pias rosas e lilases.

b) Os avós dele achou estranho o presente até eu levá-los à reflexão.

c) Basta-nos pensar que nossos filhos são figuras únicas.

d) As vendedoras alertaram que nenhum desses brinquedos eram de meninas.

e) E só daí foi percebido por meu pai as bobagens que fazia.

31. (Unifesp – Técnico Seg. Trab. – Vunesp – Abril/2016)

Assinale a alternativa correta quanto à concordância nominal e verbal, de acordo com a norma-padrão.

a) Ainda que se viva tão espremido nos centros urbanos, existem muita gente isolada, pois, cada vez menos, se faz contatos humanos.

b) Ainda que vivam tão espremidas nos centros urbanos, existem muitas pessoas isoladas, pois, cada vez menos, ocorrem contatos humanos.

c) Ainda que viva tão espremida nos centros urbanos, se vê muitas pessoas isoladas, pois, cada vez menos, acontece contatos

humanos.

d) Ainda que se vivam tão espremidas nos centros urbanos, há muita gente isolada, pois, cada vez menos, tem contatos humanos.

e) Ainda que vivam tão espremidas nos centros urbanos, existe muitas pessoas isoladas, pois, cada vez menos, se estabelecem contatos humanos.

32. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal.

a) A mudança de direção da economia fazem com que se altere o tamanho das jornadas de trabalho, por exemplo.

b) Existe indivíduos que, sem carteira de trabalho assinada, enfrentam grande dificuldade para obter novos recursos.

c) Os investimentos realizados e os custos trabalhistas fizeram com que muitas empresas optassem por manter seus funcionários.

d) São as dívidas que faz com que grande número dos consumidores não estejam em dia com suas obrigações.

e) Dados recentes da Associação Nacional dos Birôs de Crédito mostra que 59 milhões de consumidores não pode obter novos créditos.

Leia o texto a seguir para responder à questão 33.

Japão irá auxiliar Minas Gerais com a experiência no enfrentamento de tragédias

Acostumados a lidar com tragédias naturais, os japoneses costumam se reerguer em tempo recorde depois de catástrofes. Minas irá buscar experiência e tecnologias para superar a tragédia em Mariana

A partir de janeiro, Minas Gerais irá se espelhar na experiência de enfrentamento de catástrofes e tragédias do Japão, para tentar superar Mariana e recuperar os danos ambientais e sociais. Bombeiros mineiros deverão receber treinamento por meio da Agência de Cooperação Internacional do Japão (Jica), a exemplo da troca de experiências que já acontece no Estado com a polícia comunitária, espelhada no modelo japonês Koban.

O terremoto seguido de um tsunami que devastou a costa nordeste do Japão em 2011 deixando milhares de mortos e desaparecidos, e prejuízos que quase chegaram a US$ 200 bilhões, foi uma das muitas tragédias naturais que o país enfrentou nos últimos anos. Menos de um ano depois da catástrofe, no entanto, o Japão já voltava à rotina. É esse tipo de experiência que o Brasil vai buscar para lidar com a tragédia ocorrida em Mariana.

(Juliana Baeta, disponível em: http://www.otempo.com.br, 10.12.2015. Adaptado.)

33. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Em norma-padrão e com base nas informações apresentadas, outro título possível ao texto é:

a) Deverá servir de referencial para parceria entre Minas Gerais e Japão as tragédias ocorridas.

b) Para enfrentar tragédias, ocorrerá trocas de experiências entre Minas Gerais e Japão.

c) Troca de experiências para enfrentar tragédias nortearão parceria entre Minas Gerais e Japão.

d) Haverá trocas de experiências entre Minas Gerais e Japão para enfrentar tragédias.

e) Para enfrentar tragédias, Minas Gerais e Japão se une na troca de experiências.

34. (Unesp – Assistente Administrativo – Vunesp – Fev./2016)

Ao empregar no plural o termo destacado na frase – Não haverá mágico que consiga mudar essa realidade –, a redação correta, conforme a norma-padrão, será:

a) Não haverá mágicos que consigam mudar essa realidade.

b) Não haverá mágicos que consiga mudar essa realidade.

c) Não haverão mágicos que consigam mudar essa realidade.

d) Não haverão mágicos que consiga mudar essa realidade.

e) Não haverão mágicos que consigam mudarem essa realidade.

Leia o texto a seguir para responder à questão 35.

Para muitos, a vida pulsa no compasso das notificações que o *smartphone* recebe. Enquanto a tela pisca e mais um símbolo de aplicativo se enfileira no *display*, o usuário desempenha as suas atividades diárias. Com um olho no aparelho e outro no trabalho ou no estudo, ele trava uma luta para manter a produtividade e não se render às tentações dos compartilhamentos ou do grupo de bate-papo instantâneo. Há quem participe dessa disputa até enquanto dirige. A conexão permanente – facilitada pelos celulares com acesso à rede – já altera hábitos e modifica as relações sociais. Tanto que o termo *vício* tornou-se comum para definir as repetitivas conferências de postagem. Para alguns, pode se tratar, de fato, de uma patologia. Aos casos comuns, bastam algumas mudanças de hábito para evitar que o tempo, literalmente, escorra pelas mãos. Uma das etapas desta tomada de consciência é voltar à proposta inicial da tecnologia – a de agilizar tarefas para que se tenha mais tempo para se dedicar ao que realmente importa.

(Adaptado de Correio Braziliense, Sempre conectados, 4 de fevereiro de 2014)

35. (ESAF – MF – Assistente Técnico Administrativo – 2014)

Assinale a opção que não justifica corretamente o uso da flexão verbal.

a) Em “ render” (l. 4) para concordar com “ ele” (l. 3).

b) Em “ dirige” (l. 5) para concordar com “ quem” (l. 5).

c) Em “ tratar” (l. 7), para concordar com “ patologia” (l. 7).

d) Em “ bastam” (l. 8), para concordar com “ algumas mudanças” (l. 8).

e) Em “ voltar” (l. 9), para concordar com “ Uma das etapas” (l. 9).

Gabarito: 1. d; 2. e; 3. a; 4. d; 5. a; 6. d; 7. b; 8. b; 9. b; 10. d; 11. e; 12. c; 13. E; 14. E; 15. C; 16. C; 17. E; 18. C; 19. E; 20. C; 21. b; 22. e; 23. b; 24. c; 25. a; 26. e; 27. b; 28. d; 29. b; 30. c; 31. b; 32. c; 33. d; 34. a; 35. c.

Estudar concordância verbal é uma questão de lógica... As regras estão relacionadas à classificação do sujeito: quem sabe achar sujeito na frase consegue fazer a concordância correta!

Vamos resumir, então?

17.6. RESUMO

Simples	O verbo concorda com o único núcleo
Composto	Anteposto ao verbo – concordância total Posposto ao verbo – concordância → total parcial
Indeterminado com se (pis)	O verbo fica na 3ª pessoa do singular
Oração sem sujeito	O verbo fica na 3ª pessoa do singular
Sujeito oracional	O verbo fica na 3ª pessoa do singular

18 REGÊNCIA VERBAL

18.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

18.1.1. Regência dos verbos mais pedidos em provas

Regência a relação de dependência entre o verbo e seus complementos. A seguir, alguns verbos que oferecem dúvida quanto à sua predicação.

Atenção! Lembre-se de que este assunto requer, infelizmente, **memorização** da regência de alguns verbos. Para facilitar o seu estudo, sistematizamos os principais verbos em três grupos. A cada grupo de verbos, trouxemos frases para fixar os conceitos e algumas questões de concursos. Trata-se de assunto que você só aprenderá fazendo muitas questões. Evite memorizar os verbos sem os exercícios. É no treinamento constante que você adquirirá domínio de conteúdo. Portanto, aproveite as frases que preparamos e, no final deste capítulo, você perceberá que domina os principais verbos que são apresentados pelas provas de concursos públicos. Vamos a eles!

1º grupo: verbos que, quanto à predicação, normalmente não oferecem dúvida.
• Verbos transitivos diretos – v.t.d. (não regem preposição obrigatória); ajudar, adorar, abraçar, amar, atingir, esperar, namorar, referir (= relatar)... • Verbos transitivos indiretos – v.t.i. (regem preposição obrigatória); agradar (= ser agradável), obedecer, desobedecer, proceder (= dar início), referir-se, suceder (= substituir). Esses verbos regem preposição A. • Verbos que admitem dois complementos – v.t.d.i. (com e sem preposição); avisar, comunicar, certificar, cientificar, informar, proibir, preferir (não aceita mais, (do) que, antes)...

Exemplos de exercícios:

Use (C) para Certo e (E) para Errado nas frases abaixo.

1. Meu filho foi embora e eu não lhe abracei.

2. Você está namorando a Beatriz?

3. Todos esperavam Guilherme.

4. Todos esperavam por Guilherme.

5. Referiu os últimos acontecimentos.

6. Referiu o caso à mãe.

Comentários:

Na frase 1, o pronome lhe é complemento do verbo abraçar. Como vimos no tópico sobre Pronomes, os oblíquos átonos o(s), a(s) funcionam como complemento de verbos transitivos diretos e lhe(s) de verbos transitivos indiretos. **Abraçar** é V.T.D., logo o oblíquo usado seria o pronome o.

Resposta: E.

Na frase 2, o verbo **namorar** é T.D., não pede preposição (namorar com é considerado erro).

Resposta: C.

Nas frases 3 e 4, o verbo **esperar** (v.t.d.) aceita o uso da preposição *por*, quando se quer mostrar *desejo intenso*. Por isso, as duas formas estão corretas: *todos esperavam Guilherme* ou *todos esperavam por Guilherme*.

Resposta: Ambas estão certas.

Nas frases 5 e 6, o verbo **referir** (= relatar, contar) é T.D. Atenção: não confundir com **referir-se**, pronominal (= fazer referência), que é T.I. Na frase 5, é T.D. e na frase 6, T.D.I. (referir algo a alguém).

Respostas: Ambas estão certas.

7. Agradava os clientes mais próximos.

8. Costumo obedecer parceiros éticos.

9. É necessário que todos obedeçam às diretrizes estabelecidas.

10. Artur procederá a leitura da página oito.

11. O chefe procedeu ao levantamento das necessidades da seção.

12. Sucedeu o professor.

Comentários:

Essas frases tratam dos **verbos transitivos indiretos** do 1º grupo:

Na frase 7, **agradar** (= ser agradável) pede preposição a (*Agradava aos clientes*).

Resposta: E.

A frase 8 traz o verbo **obedecer**, transitivo indireto, pede preposição a, sem esta preposição.

Resposta: E.

Já a frase 9, "… obedeçam às diretrizes", é uma construção correta, já que o verbo pede preposição. Como a palavra feminina que se segue aceita artigo, crase.

Resposta: C.

Em relação ao verbo **proceder** 10 e 11, achamos por bem chamar atenção apenas para o sentido de dar início, pois, com esse valor semântico, o **proceder** pode gerar dúvidas.

Esse verbo, nesta acepção, rege preposição a. Na frase 10, como a palavra seguinte é feminina, aceita artigo, teríamos "Artur procederá à leitura…".

Resposta: E.

Já na frase 11, a preposição a aparece ("… procedeu ao levantamento…").

Resposta: C.

Outro verbo que pede preposição a é **suceder** (= substituir), frase 12. Teríamos, então, "Sucedeu ao professor".

Resposta: E.

13. Avisaram-no de que a reunião começaria no horário.

14. Certifiquei-lhe de que uma pessoa muito querida aniversariava neste mês.

15. Informou ao cliente de que o aviso chegara.

16. Cientificaram-no de que o cheque foi pago.

17. Proibiu ao filho que o visitasse.

18. Prefiro mais a cidade do que o campo.

19. Prefiro a democracia ao totalitarismo.

20. Prefiro combater os males que intimidar as próprias emoções.

Comentários:

Em questões de concurso público, quando a intenção é a de confundir o candidato, esses verbos (V.T.D.I.) aparecem com duas preposições, por exemplo, "**informar**/**avisar** a alguém de alguma coisa", o que é inaceitável, pois, se esses verbos são T.D.I., um complemento vem sem preposição, e o outro com.

Assim, as frases 14 e 15 estão erradas e a 13, correta. Poderíamos dizer na 14: "*Certifiquei-lhe* (objeto indireto) *que uma pessoa…* (objeto direto)" – certificar a alguém algo – ou "*Certifiquei-o* (objeto direto) *de que uma pessoa…* (objeto indireto)" – certificar alguém de alguma coisa.

Obs.: Lembre-se: **o(s), a(s)**, como complementos verbais, são *objetos diretos* e **lhe(s)**, *objetos indiretos*.

Na frase 13, um complemento é direto e outro indireto (avisar alguém de algo), seguindo a regência do verbo.

Respostas: 13 C; 14 E; 15 E.

As frases 16 e 17 seguem o modelo de regência desses verbos: T.D.I.: "certificar alguém de algo"; "proibir a alguém algo" ou "proibir algo a alguém".

Respostas: 16 C; 17 C.

Importante: Para esses verbos – avisar, certificar, informar, cientificar, proibir –, é indiferente usar coisa ou pessoa como objeto

direto ou objeto indireto.

Podemos dizer: Avisar/certificar/informar/cientificar/proibir algo a alguém ou alguém de algo.

O mais importante é lembrar que se o verbo vem com dois complementos: um é o objeto direto e o outro objeto indireto, independentemente se for coisa ou pessoa.

O verbo **preferir**, como T.D.I., não aceita nenhum termo intensificativo (mais, mil vezes...) ou comparativo (que, do que). Rege preposição a. Na frase 18, portanto, teríamos "Prefiro a cidade ao campo", como a estrutura da frase (19) mostra. Na (20), ficaria "Prefiro combater os males a intimidar as próprias emoções".

Respostas: 18 E; 19 C; 20 E.

2º grupo: verbos que exigem preposição. Com eles, o aluno costuma ter dúvidas quanto à preposição utilizada.

- CHEGAR e IR (preposição A + adjunto adverbial de lugar)
- MORAR, RESIDIR, SITUAR (preposição EM)
- PRESIDIR (transitivo direto ou indireto, seguido de preposição A)
- SATISFAZER (transitivo direto ou indireto, com preposição A)
- USUFRUIR e DESFRUTAR (transitivo direto ou indireto, com preposição DE)

21. Fomos na cidade pela manhã.

22. Chegou ao alto da colina.

23. Cheguei no colégio atrasado.

24. Cheguei na hora marcada.

Comentários:

Na oralidade, é comum usarmos a preposição **em** com os verbos **chegar** e **ir**. No entanto, segundo a norma culta, esses verbos regem preposição **a** quando vêm seguidos de expressões indicando **lugar**. Logo, na frase 21, a forma correta seria "Fomos à cidade..." (preposição a + artigo feminino a da palavra cidade.) A frase 22 está correta (chegar a). Na frase 23, seria "Cheguei ao colégio...".

Repare agora que na frase 24 o verbo **chegar** traz a preposição EM, no entanto, não vem seguido de expressão que indica lugar, e sim **tempo**.

Respostas: 21 E; 22 C; 23 E; 24 C.

25. Moro à rua dos Lírios.

26. O Colégio São Martins, sito à rua da União, encerrou suas atividades.

27. Resido na rua dos Lírios.

Comentários:

Esses verbos regem preposição **em** e não a preposição **a**, uso comum na oralidade. Logo, nas frases 25 e 26 teríamos; "Moro na rua dos Lírios" e " O colégio São Martins, sito na rua da União...".

A frase 27 segue a norma padrão: "Resido na rua..."

Respostas: 25 E; 26 E; 27 C.

Atenção: Se o verbo indicar direção, destino, deverá vir seguido da preposição A: Fui ao cinema. / Cheguei a casa. / Dirigi-me ao escritório. Se o verbo ou o nome indicar posicionamento, localização, deverá vir seguido da preposição EM: Estou em casa. / Moro no bairro. / Escritório situado na rua México.

28. Carlos presidiu a reunião.

29. Carlos presidiu à reunião.

30. Satisfez os desejos de sua mãe.

31. Usufruiu as coisas boas da vida.

Comentários:

Os verbos **presidir**, **satisfazer**, **usufruir** e **desfrutar** podem vir com ou sem preposição. Por isso, nas frases 28 e 29, "presidir a ..." e "presidir à..." estão corretas, assim como as frases 30 e 31. Nessas duas últimas, pela teoria apresentada, poderíamos ter também como formas corretas, "Satisfez aos desejos..." e "Usufruiu das coisas..". Com o **desfrutar** ocorreria o mesmo: "Desfrutou as coisas..." ou "Desfrutou das coisas...".

3º grupo: verbos que mudam a regência conforme a mudança de sentido.
ASPIRAR T.D. (= inspirar, sorver) T.I. (= almejar, desejar) T.I. (= ver, presenciar, caber, competir) ASSISTIR T.D. ou T.I. (= socorrer, dar assistência) Intransitivo (= morar) ATENDER T.D. ou T.I. (para coisa ou pessoa) T.D. (pedir presença, convocar)
CHAMAR T.I. (pedir ajuda) T.D. ou T.I. (apelidar, qualificar) T.I. (ser difícil) CUSTAR Intransitivo (ideia de preço) T.D. (não pronominais) ESQUECER /LEMBRAR T.I. (pronominais) T.D. (= acarretar) IMPLICAR T.I. (= aborrecer, importunar) Pronominal (prep. em) T.D. (= coisa) PAGAR/PERDOAR T.I. (= pessoa) T.D.I. T.D. (= ter vontade de, desejar) QUERER T.I. (= amar, estimar)

T.I. (para pessoa ou coisa a que se responde)
RESPONDER T.D.I. (objeto direto para coisa e indireto para pessoa)
T.D. (= estar a serviço de alguém, prestar serviço)
SERVIR T.I. (= ser útil, convir)
T.D.I. (oferecer algo a alguém)
Intransitivo (= prestar serviços militares)
T.D. (= mirar, apontar, pôr o visto)
VISAR T. I. (= pretender, desejar)

32. Quando era pequeno, todos implicavam comigo.

33. Pelo que diz o assessor, isso implica em gastar mais dinheiro.

34. Um novo congelamento de salário implicará uma reação dos trabalhadores.

35. O banqueiro implicou-se em negócios escusos.

36. Tal fato não implicará dificuldades.

Comentários:

Vamos agora aos comentários do 3º grupo, mais extenso, que trata de verbos especiais.

Aqui, observe que, na quase totalidade dos casos, o sentido do verbo vai determinar a transitividade.

Nas frases 32 a 36, o verbo é **implicar**. Na 32, **implicar** tem o sentido de aborrecer, importunar (transitivo indireto – "implicar com"). Em 33, 34 e 36, esse verbo traz a ideia de acarreta (transitivo direto – "implica gastar..."). A frase 35 mostra o verbo **implica** pronominal (implicar-se), que rege preposição EM.

Respostas: 32 C; 33 E; 34 C; 35 C; 36 C.

Importante: Em algumas provas elaboradas pela Esaf (Escola de Administração Fazendária), já apareceu questão que trazia o verbo implicar (= acarretar), que, segundo a norma culta, é transitivo direto, portanto, não pede preposição, seguido de preposição em (isso implica em aumentos diários) e a banca considerou a frase como certa. Infelizmente, nesses casos, devem-se observar as outras opções e procurar uma alternativa, um erro indiscutível. Em regência, a Esaf e a UnB costumam ter uma visão mais liberal em relação a esse assunto.

37. Chamei Antônio de desonesto.

38. Chamei-lhe de ignorante.

Comentários:

O verbo **chamar**, como transitivo direto (= pedir a presença, convocar – "chamei o funcionário") ou como transitivo indireto (= pedir ajuda, clamar – "chamou por Deus"), não oferece dificuldade quanto à regência.

Agora, com o sentido de apelidar, qualificar, pode haver dúvidas. Primeiramente, o verbo **chamar** nesta acepção pode aparecer com ou sem preposição (T.D. ou T.I.) – "chamei a Antônio..." ou "chamei Antônio..."). Além disso, o uso da preposição de após o complemento é facultativo. Com isso, podemos ter as seguintes construções com o **chamar** neste sentido nas frases 37 e 38:

Frase 37:

1. Chamei Antônio desonesto. (pouco usual)

2. Chamei Antônio de desonesto.

3. Chamei a Antônio desonesto.

4. Chamei a Antônio de desonesto.

Frase 38:

1. Chamei-o ignorante.

2. Chamei-o de ignorante.

3. Chamei-lhe ignorante.

4. Chamei-lhe de ignorante.

Atenção: "desonesto", "de desonesto", "ignorante", "de ignorante" não são objetos. São termos que qualificam, caracterizam o objeto (predicativos do objeto), e podem vir ou não antecedidos de preposição.

Respostas: 37 C; 38 C.

39. Não assistimos nenhum programa.

40. Esse direito não assiste ao servidor.

41. A enfermeira assistia o doente.

42. Assisto em Niterói.

Comentários:

O verbo **assistir**, na frase 39, com o sentido de ver, presenciar, e na 40 com o sentido de caber, competir, rege preposição a ("Não assistimos a nenhum programa" e "Esse direito não assiste ao servidor").

Na frase 41, pode ser transitivo direto ou indireto com a ideia de dar assistência, socorrer ("A enfermeira assistia o doente ou ao doente"). Na 42, embora desusado, com o sentido de morar pede preposição **em**.

Respostas: 39 E; 40 C; 41 C; 42 C.

43. Esqueci a aparência dela./Lembrei a aparência dela.

44. Esqueci-me da aparência dela./Lembrei-me da aparência dela.

45. Esqueceu-se da aparência dela./Lembrou-se da aparência dela.

46. Lembrei ao amigo que já era tarde.

Comentários:

Os verbos **lembrar** e **esquecer** podem aparecer com ou sem o pronome. Sem pronome, sem preposição (T.D.). Com pronome, com preposição (T.I.). Portanto, o que **não** cabe é "Esqueci/Lembrei da aparência" ou "Esqueci-me/Lembrei-me a aparência dela".

Na frase 46, o verbo **lembrar** é transitivo direto e indireto ("lembrar a alguém alguma coisa").

Respostas: 43 C; 44 C; 45 C; 46 C.

47. Respondeu à carta no mesmo dia.

48. Respondeu o diretor.

49. Respondeu a carta ao diretor.

Comentários:

O verbo **responder** é transitivo indireto para coisa ou pessoa. Na frase 47, aparece a preposição a ("Respondeu à carta"), mas na 48 isso não ocorre. Não é "respondeu o diretor" e sim ("Respondeu ao diretor"). Quando aparecem coisa **e** pessoa, transitivo direto e indireto ("Respondeu a carta ao diretor").

Respostas: 47 C; 48 E; 49 C.

50. Ainda não paguei o médico.

51. Pagou os impostos. / Perdoou a dívida.

52. Perdoou o inimigo. / Pagou o empregado.

53. Pagou o salário ao empregado.

Comentários:

Na frase 50, médico é pessoa, o verbo **pagar** pede preposição ("paguei ao médico"). Na 51, temos coisa como complemento, o **pagar** e **perdoar**, nesse caso, não pedem preposição. Já na 52, o objeto é representado por pessoa, transitivo indireto ("Perdoou ao inimigo" e "Pagou ao empregado"). Na 53, o **pagar** aparece como transitivo direto e indireto.

Respostas: 50 E; 51 C; 52 E; 53 C.

54. O secretário não atendeu ao pedido dos grevistas.

55. Não gostava de atender o telefone.

Comentários:

Apresentamos na teoria, em relação ao verbo **atender**, o que se vê em questões elaboradas por bancas como Esaf e Cespe/UnB: independentemente de se referir a coisa ou pessoa, aceita as duas transitividades (T.D. ou T.I.). Nas gramáticas, quando o complemento é representado por coisa, pede-se usar a transitividade indireta. Resumindo:

– O secretário não atendeu ao pedido… Certo.

– Não gostava de atender o telefone. Certo.

– Não gostava de atender ao telefone [é a preferência]. Certo.

Respostas: 54 C; 55 C.

56. Ia para a montanha para aspirar o ar puro.

57. Aspirava a um cargo público.

Comentários:

O verbo **aspirar** só pede preposição com o sentido de almejar, desejar ("Aspirava a um cargo público"). No sentido de inspirar, sorver é transitivo direto ("Ia para a montanha para aspirar o ar puro").

Respostas: 56 C; 57 C.

58. Eu custei a acreditar na tua história.

59. Custou-me acreditar na tua história.

60. O livro custa trinta reais.

Comentários:

A frase 58 mostra a regência do verbo **custar** usada na oralidade: "Eu custo a...". No entanto, para a norma culta, formal, essa forma estaria errada, pois "eu não custo nada", não tem sentido.

A forma considerada correta é "Custou-me acreditar..." ou, usando um nome no lugar do pronome, "Custou ao pai acreditar na tua história", já que o que custa, é difícil, é "acreditar na tua história", ou seja, "Acreditar na tua história custou a mim papai".

Já na frase 60, com a ideia de preço, não há preposição ("O livro custa trinta reais").

Respostas: 58 E; 59 C; 60 C.

61. O filho queria muito ao pai.

Comentários:

Em relação à regência do verbo **querer**, deve-se destacar o sentido de amar, gostar, querer bem, desse verbo, pois pede preposição a ("... queria ao pai").

Resposta: 61 C.

62. O empregado serviu o almoço.

63. Serviu-me uma bebida.

64. É uma solução que não lhe serve.

Comentários:

Na frase 62, **servir** (= prestar serviço) não pede preposição (T.D.). Em 63, com o sentido de "oferecer algo a alguém", é T.D.I., na 64, "É uma solução que não **lhe** (objeto direto) serve" traz esse verbo com o valor de convir, ser útil, transitivo indireto.

Respostas: 62 C; 63 C; 64 C.

65. O diretor visou os cheques.

66. O policial visou o alvo.

67. Esta medida visa o bem de todos.

Comentários:

O verbo **visar**, com os sentidos de dar o visto ou mirar, frases 65 e 66, respectivamente, não regem preposição (T.D.). Na 67, no sentido de almejar, pretender, a tendência é vir com a preposição a ("Esta medida visa ao bem de todos"), embora já se aceite a forma desse verbo nesta acepção sem preposição ("… visa ao bem…" ou "visa o bem…"), principalmente em provas elaboradas pela Esaf e Cespe/UnB.

Respostas: 65 C; 66 C; 67 E.

68. O escravo ama e obedece a seu senhor.

69. Até pouco tempo todos podiam consultar e aplicar nos fundos de aplicação financeira.

Comentários:

As frases 68 e 69 ilustram um caso de regência de dois verbos em coordenação. Quando isso ocorre, se os verbos forem de regências distintas (um é transitivo direto e o outro é transitivo indireto), deve-se fazer a distribuição:

– O escravo ama (T.D.) seu senhor e obedece (T.I.) a ele.

– Até pouco tempo, todos podiam consultar (T.D.) os fundos de aplicação financeira e aplicar (T.I.) neles.

Respostas: 68 E; 69 E.

Atenção: Quando os verbos possuem a mesma transitividade, mas pedem preposições diferentes, eles não devem compartilhar o mesmo objeto: cada um deve ter o seu. Exemplo:
Assisti e gostei do filme E.
(Assisti a … gostei de)
Por isso, o certo é dizer:
"Assisti ao filme e gostei dele."

18.2. REGÊNCIA COM PRONOME RELATIVO

18.2.1. Uso de preposição que antecede o pronome relativo

O pronome relativo dá início às orações adjetivas. Se, nessa oração, o verbo ou um nome exigir a preposição, esta

será deslocada para antes do pronome relativo.

Exs.:

A canção de que/da qual gosto foi premiada. (= eu gosto(de) da canção)

A canção com que/com a qual simpatizo foi premiada. (= eu simpatizo com a canção)

A mulher em quem pensas partiu ontem. (= tu pensas(em) na mulher)

Este é o livro a cujo autor aludi. (= aludi(a) ao autor)

A rua aonde queriam ir era deserta. (queriam ir a)

A rua donde vens é deserta. (vens de)

Obs.: Os conectivos que aparecem como pronome relativo são: que, o qual, a qual, os quais, as quais, quem, cujo(s), cuja(s), onde, como, quando e quanto.

18.2.2. Uso de onde, aonde, donde

O emprego desses vocábulos segue as noções de regência. Se a preposição exigida for **em**, usa--se **onde**.

Ex.: O bairro onde moras é tranquilo. (moras em)

Se a preposição exigida for **a**, usa-se **aonde**. Se a preposição for **de**, **donde** ou **de onde**.

Ex.: O bairro aonde vais é tranquilo. (vais a)

O bairro donde vens é tranquilo. (vens de)

18.3. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Levando em consideração as regras de regência verbal, marque certo (C) ou errado (E).

1. ( ) Mais do que uma simplificação, a adaptação de uma obra implica uma intervenção inadmissível em seu conteúdo.
2. ( ) Quem desobedece ao regulamento demonstra que não é disciplinado.
3. ( ) Aproveitamos para lembrá-la que essa conduta é prevista na Consolidação das Leis Trabalhistas.
4. ( ) Aspiro ao cargo de analista judiciário.
5. ( ) Essas medidas visam à reabilitação de nossa imagem.
6. ( ) Procedeu-se a leitura dos autos.
7. ( ) Adverti-lhes de que o número de vagas não era elevado.
8. ( ) Ele me perguntou se o espetáculo fora interessante e eu o respondi que sim.

9. ( ) Prefiro uísque a cerveja.

10. ( ) O suicida prefere a morte à vida.

11. ( ) Uma dor não pode causar a morte, mas os mecanismos psicológicos que se associam a ela podem levar nesse resultado.

12. ( ) O desmatamento implica em destruição e fome.

13. ( ) Avisei-o de que devia partir.

14. ( ) Júlia mora à rua do Passeio.

15. ( ) Chegamos na cidade antes do anoitecer.

16. ( ) Esqueceu-me o desejo discreto de conhecer as coisas de coração.

17. ( ) Perdoou ao nosso atraso.

18. ( ) Prefiro os casos que a inteligência discute a formas tecnocráticas da resolução dos problemas.

19. ( ) O pai perdoou ao filho.

20. ( ) Aqui se jogam as sementes para informar-lhes de que a cultura não deve ser acadêmica.

21. ( ) Lembrou ao amigo que já era tarde.

22. ( ) Procede-se com brandura quando querem detectar falhas no relacionamento humano.

23. ( ) Na verdade, não me simpatizo com suas ideias inovadoras.

24. ( ) Se todos chegam à mesma conclusão, devem estar certos.

25. ( ) Para trabalhar, muitos preferem a empresa privada ao serviço público.

26. ( ) Custa-me crer em tais injustiças.

27. ( ) A terra custou aos lavradores a vida.

28. ( ) Informamos a V.Sª. sobre os prazos de entrega das novas propostas, às quais devem ser respondidas com urgência.

29. ( ) Entrou e saiu da sala.

30. ( ) Repete que puni e premiei professores que discordavam ou concordavam com minhas ideias.

II. Use **o(s)/a(s)** ou **lhe(s)**.

1. Só não _____ chamei de louco, porque _____ quero muito bem. (o/lhe; o/lhe)

2. A reincidência poderá acarretar-_____ penalidades severas. (lo/lhe)

3. Não _____ desobedecerei jamais. (o/lhe)

4. Algumas ideias vinham ao encontro das reivindicações dos funcionários, contentando-_____, outras não. (os/lhes)

5. Eles se sentiam tão onerados com descontos, que intentaram uma reação conjunta: procuraram os responsáveis pela empresa e _____ inteiraram de sua decisão de _____ o andamento. (os/lhes; estorvá-lo/estorvar-lhe)

6. Queríamos _____ para a festa. (convidá-lo/convidar-lhe)

7. A verdade é que nós _____ queremos muito. (o/lhe)

8. Vi-_____ os olhos na festa. (os/lhes)

9. A minha resposta não _____ satisfez. (o/lhe)

10. Eu _____ ajudei naquela árdua tarefa. (o/lhe)

11. Teve um desempenho tão extraordinário que _____ consagraram merecidamente o maior jogador do mundo. (o/lhe)

12. No momento em que a linguística procurou o *status* de ciência, que desde Saussure _____ tem acompanhado, passou-se a discutir sua relação com outras ciências. (a/lhe)

13. Seu pai, que é libanês e tem uma loja de roupas no Brás, _____ presenteou com o Maverick 74 da família. (o/lhe)

14. Ele poderá escolher outros dois técnicos para _____ assessorar. (o/lhe)

15. Por que um mendigo dormindo incomodou-_____ tanto? (os/lhes)

16. Os que se propuseram a trabalhar nessa área tão difícil têm de compreender que sua convicção da necessidade de executar essa tarefa ninguém neles a incutiu, é - _____ inata. (os/lhes)

III. Complete as lacunas com a(s) forma(s) adequada(s).

1. Eis a ordem _____ nos insurgimos. (de que/contra a qual)

2. Há fatos _____ nunca esquecemos. (que/de que)

3. Há fatos _____ nunca nos esquecemos. (que/de que)

4. Aludiram a incidentes _____ já ninguém se lembrava. (que/de que)

5. Há casos _____ a dor, tornando-se insuportável, leva o indivíduo à morte. (que/em que)

6. Este autor tem ideias _____ todos simpatizamos. (de que/com que)

7. Qual o cargo _____ aspiras? (que/a que)

8. Surgiu uma mulher _____ figura os mais velhos se comoviam. (cuja/com cuja)

9. Surgiu uma mulher _____ figura já nos referimos. (cuja/a cuja)

10. Surgiu uma mulher _____ figura havia um ar de grande dama decadente. (cuja/em cuja)

11. Surgiu uma mulher _____ figura andara todo o regimento apaixonado. (cuja/por cuja)

12. O homem possui um inimigo que o aterroriza e _____ prefere nem pensar: a dor. (do qual/no qual)

13. A ideia de sofrimento intenso e intolerável, _____ está associado o conceito de dor, torna-a um flagelo _____ é necessário escapar de qualquer maneira. (a qual/à qual; no qual/do qual)

14. Esse foi o lugar _____ ele chegara com dificuldade. (onde/aonde/donde)

15. Esse foi o lugar _____ ele se estabelecera com a família (onde/aonde/donde)

16. Os deuses mantêm seus protetores nas casas _____ residem. (onde/aonde/donde)

17. A rua _____ gosto de correr foi asfaltada. (em que/onde/aonde/donde)

18. Foi essa a situação _____ ele encontrara. (que/em que)

19. Muitos foram os problemas _____ ele passara. (por que/pelo qual/que)

20. Poucos eram os recursos _____ ele podia dispor. (que/de que/com que)

21. O projeto, _____ também se incluirão mulheres e crianças, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde. (que/de que/em que)

22. O projeto, _____ também terão participação mulheres e crianças, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde. (que/ao qual/no qual)

23. O projeto, _____ também se vincularão mulheres e crianças, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde. (que/a que/ao qual/em que)

24. O projeto, _____ também participarão mulheres e crianças, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde. (que/de que/em que/no qual)

25. O projeto, _____ extensão também atingirá mulheres e crianças, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde. (cuja/em cuja/de cuja)

26. O exemplo mais brilhante dessa vocação deu-o anos atrás cavalheiro _____ nome não sei. (cujo/de cujo/a cujo)

27. O exemplo mais brilhante dessa vocação deu-o anos atrás cavalheiro _____ nome não tenha a menor confiança. (cujo/em cujo/de cujo)

28. O exemplo mais brilhante dessa vocação deu-o anos atrás cavalheiro _____ nome não consigo simpatizar. (cujo/de cujo/com cujo)

29. O exemplo mais brilhante dessa vocação deu-o anos atrás cavalheiro _____ nome pretendo não referir.

(cujo/a cujo/de cujo)

30. O exemplo mais brilhante dessa vocação deu-o anos atrás cavalheiro _____ nome não está associado esse fato. (cujo/a cujo/em cujo)

31. Conquista é quando você pula da cama de manhã e vai dormir à noite. E entre uma coisa e outra, só faz aquilo _____ gosta. (que/de que/por que)

32. O Banco Central investiu-se de um poder _____ as nações soberanas, ou quase isso, não abrem mão. (que/de que/por que)

33. É grande o dilema _____ vem experimentando a opinião pública brasileira. (que/a que/de que)

34. Não procuremos neles a beleza _____ dirigimos logo o olhar. (que/a que/em que)

35. É grande a perplexidade _____ estão tomados os latino-americanos. (que/de que/de quem/de cujos)

36. Esta é a única solução _____ podemos contar. (que/quem/com que/de quem)

37. Algumas pessoas costumam exorbitar da autoridade _____ se acham investidos. (que/a que/de que)

38. O texto legal _____ nos remeteu o professor para consulta exigia a cessão imediata dos direitos autorais à editora. (que/a que/para o qual)

39. Cético de gestos heroicos, confirmou ponto a ponto as críticas _____ se orgulhava de ter feito ao pretenso filantropo. (que/de que/a que)

40. O crime fora decorrente da crise _____ passava seu casamento. (que/em que/por que)

41. "A presença das enfermeiras devia lhe trazer lembranças de prazeres _____ agora não podia mais desfrutar." (que/de que/com que)

42. "Com o tempo, irás sabendo _____ leis, casos e fenômenos responde toda essa terminologia." (que/a que/de que)

Gabarito: I – 1. C; 2. C; 3. E; 4. C; 5. C; 6. E; 7. E; 8. E – lhe respondi; 9. C; 10. C; 11. E; 12. E; 13. C; 14. E; 15. E; 16. C; 17. E; 18. C; 19. C; 20. E; 21. C; 22. C; 23. E; 24. C; 25. C; 26. C; 27. C; 28. E; 29. E – Entrou na sala e saiu dela; 30. E – discordavam das minhas ideias ou concordavam com elas. **II** – 1. o ou lhe; lhe; 2. lhe; 3. lhe; 4. os; 5. os; estorvar-lhe; 6. convidá-lo; 7. lhe; 8. lhes; 9. o ou lhe; 10. o; 11. o; 12. a; 13. o; 14. o; 15. os; 16. lhes. **III** – 1. contra a qual; 2. que; 3. de que; 4. de que; 5. em que; 6. com que; 7. a que; 8. com cuja; 9. a cuja; 10. em cuja; 11. por cuja; 12. no qual; 13. à qual; do qual; 14. aonde; 15. onde; 16. onde; 17. onde; 18. que; 19. por que; 20. de que; 21. em que; 22. no qual; 23. a que ou ao qual; 24. de que; 25. cuja; 26. cujo; 27. em cujo; 28. com cujo; 29. cujo; 30. a cujo; 31. de que; 32. de que; 33. que; 34. a que; 35. de que; 36. com que; 37. de que; 38. que; 39. que; 40. por que; 41. de que ou que; 42. a que.

Vamos agora treinar com questões de concursos anteriores? Português se aprende pelas mãos...

18.4. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

1. (Cesgranrio/Banco do Brasil) Regência imprópria:

a) Não o via desde o ano passado.

b) Fomos à cidade pela manhã.

c) Informou ao cliente que o aviso chegara.

d) Respondeu à carta no mesmo dia.

e) Avisamos-lhe de que o cheque foi pago.

Comentários:

A letra A está correta: o verbo ver é v.t.d. e tem como o.d. o pronome oblíquo **o**. A letra B apresenta o verbo *ir*, que indica direção, por isso, deve vir seguido da preposição A. Na letra C, tem-se o verbo *informar*, que é direto e indireto e teve, mesmo, dois objetos: o direto, que é a oração *que o aviso chegara,* e o indireto, que é *ao cliente* (nessa frase, quem informa informa alguma coisa a alguém). O verbo *responder*, na letra D, vem adequadamente complementado por seu o.i. *à carta*: aqui, quem responde responde a alguma coisa. Já a letra E apresenta o verbo *avisar* com dupla transitividade, mas com dois objetos indiretos: um sob a forma pronominal (*lhe*); o outro sob a forma oracional (*de que o cheque foi pago*). Para a correção da frase, teríamos, portanto, duas opções: *avisamo-lo de que o cheque foi pago* ou *avisamos-lhe que o cheque foi pago*.

Resposta: E.

2. (FGV) Em qual das alternativas ocorre erro de regência verbal?

a) Esqueceu-me o desejo discreto de conhecer as coisas do coração.

b) Lembrou-me a inusitada transformação por que passa a universidade brasileira.

c) Prefiro os casos que a inteligência discute a formas tecnocráticas da resolução dos problemas.

d) Aqui se jogam as sementes para informar-lhes de que a cultura não deve ser acadêmica.

e) Procede-se com brandura quando querem detectar falhas no relacionamento humano.

Comentários:

Muitos que erraram a questão marcaram a letra A. Trata-se de uma construção em desuso, porém correta do verbo *esquecer* (o que também pode ocorrer com o verbo *lembrar*). A coisa esquecida passa a ser o sujeito do verbo, o que se pode perceber pela desinência verbal (*esqueceu-me*): nessa frase, *o desejo discreto de conhecer as coisas do coração* é que é o sujeito do verbo *esquecer*. Na ordem direta, a frase ficaria assim:

O desejo discreto de conhecer as coisas do coração esqueceu-me (= a mim).

Você deve estar se perguntando: mas como uma coisa pode esquecer alguém? Nesse caso, a coisa esquecida passa a

ser responsabilizada pelo esquecimento da pessoa. Talvez seja uma forma de se esquivar da responsabilidade... O fato é que haveria três formas de se dizer o mesmo:

Esqueci o desejo discreto de conhecer as coisas do coração.

(aqui, o verbo é *esquecer*, v.t.d., que tem como sujeito *eu* e objeto direto *o desejo discreto de conhecer as coisas do coração*).

Esqueci-me do desejo discreto de conhecer as coisas do coração.

(trata-se, agora, do verbo *esquecer-se*, que é v.t.i. e apresenta como sujeito *eu* e o.i. *do desejo discreto de conhecer as coisas do coração*).

Esqueceu-me o desejo discreto de conhecer as coisas do coração.

(essa foi a forma escolhida pela banca: *o desejo discreto de conhecer as coisas do coração* é o sujeito do verbo *esquecer*, que é v.t.i. e tem como o.i. o pronome oblíquo *me*).

Observe a letra B da questão: o verbo *lembrar* aparece aqui da mesma forma que o verbo *esquecer* apareceu na letra A. Veja que o verbo ficou na 3ª pessoa do singular, o que prova que o sujeito não é o pronome *eu,* e sim a informação que vem depois na frase (*a inusitada transformação por que passa a universidade brasileira*). O que dissemos, portanto, na letra A para o verbo *esquecer* vale também para o verbo *lembrar* na letra B. Haveria aqui, também, três formas de se reescrever a frase: Lembrei a inusitada transformação por que passa a universidade brasileira. / Lembrei-me da inusitada transformação por que passa a universidade brasileira. / Lembrou-me a inusitada transformação por que passa a universidade brasileira. Portanto, a letra B também está correta.

A letra C traz o verbo *preferir*, v.t.d.i., de forma adequada com dois objetos: *os casos que a inteligência discute*, que é o o.d., e *a formas tecnocratas da resolução dos problemas* que é o o.i.

Já a letra D, que apresenta o verbo *informar* como v.t.d.i., pecou por apresentar dois objetos indiretos: um sob a forma pronominal *lhes* e o outro oracional *de que a cultura não deve ser acadêmica*. O certo seria dizer "... para informar-lhes que a cultura não deve ser acadêmica" ou "... para informá-los de que a cultura não deve ser acadêmica".

A letra E está correta: apresenta o verbo *proceder* como intransitivo, com o sentido de agir.

Resposta: D.

3. (Cesgranrio) Assinale a única alternativa incorreta quanto à regência do verbo.

a) Perdoou nosso atraso no imposto.

b) Meu pai perdoou ao pai.

c) Lembrou ao amigo que já era tarde.

d) Vi-lhes os olhos na festa.

e) Era grande a mesa da sala a qual nos sentamos.

Comentários:

Eis uma boa questão para treinarmos a regência do verbo *perdoar*: *aquilo que se perdoa* é o objeto direto e *a quem se perdoa* é o objeto indireto. Daí, na letra A, o verbo *perdoar* está adequadamente colocado: ele é v.t.d. e vem seguido do o.d. *nosso atraso no imposto*. Já na letra B, o verbo *perdoar* vem seguido de um objeto indireto: trata-se de um objeto pessoa (*ao pai*). Nas duas alternativas, portanto, ele foi bem utilizado.

Na letra C, o verbo *lembrar* vem adequadamente seguido de dois objetos, um direto (*que já era tarde*) e outro indireto (*ao amigo*).

Na letra D, o verbo *ver* é v.t.d.: seu objeto direto é *os olhos*. Observe que o pronome *lhe,* apesar de vir ligado ao verbo por meio do hífen, não é o seu objeto: é pronome oblíquo com valor possessivo que se refere ao substantivo *olhos* (= seus olhos). Por isso, a frase está certa.

Já a letra E traz um erro na regência com relativo. Organizando a oração adjetiva, que vem após o pronome relativo, teríamos "nós nos sentamos <u>à mesa</u>". O verbo *sentar*, aqui, deve vir seguido da preposição *a*, com valor semântico de proximidade. Por isso, o certo seria dizer: "Era grande a mesa da sala à qual nos sentamos".

Resposta: E.

4. (Fundação João Goulart) No trecho "Nós nos entendíamos e amávamos mudamente (...)"o complemento serve a dois verbos de mesma regência. Das frases abaixo, aquela em que o complemento serve a verbos de regências diferentes é:

a) Poucos nos reconheceram e cumprimentaram.

b) O indivíduo nos perseguia e ameaçava.

c) Não nos admirava ou obedecia.

d) Ele nos avistara e evitara.

Comentários:

Na frase do enunciado, tem-se um pronome *nos* que é objeto direto de dois verbos com mesma regência *entender e amar*, que são verbos transitivos diretos. O mesmo ocorre com a letra A: os verbos *reconhecer* e *cumprimentar* são transitivos diretos.

Na letra B, o raciocínio se repete: o pronome *nos* é objeto direto de *perseguir* e *ameaçar*, que são transitivos diretos.

No entanto, a letra C apresenta um complemento *nos*, que é ao mesmo tempo objeto direto de *admirar* e indireto de *obedecer*: o que não é um problema, já que, como estudamos em pronomes, os pronomes oblíquos *me, te, se, nos* e *vos* são verdadeiros curingas, podem ser O.D. ou O.I.

Na letra D, temos novamente o raciocínio do exemplo que consta no enunciado: os dois verbos possuem a mesma

regência, são transitivos diretos, que têm como complemento o pronome *nos*.

Resposta: C.

5. (Vunesp/Fiscal de Rendas-SP) O único texto que obedece rigorosamente aos princípios de regência da língua culta escrita é:

a) Repete que puni e premiei professores que discordavam ou concordavam com minhas ideias.

b) Conquista é quando você pula da cama de manhã e vai dormir à noite. E entre uma coisa e outra, só faz o que gosta.

c) ... eis que o nosso Banco Central, que mal e porcamente cuida da nossa vida bancária cheia de abrolhos e escândalos, investiu-se de um poder que as nações soberanas, ou quase isso, não abrem mão.

d) ... os deuses mantêm seus protetores nas casas onde residem, o que implica que os soberanos dos céus e da terra tributam por sua vez um culto a seus pequenos deuses domésticos.

e) Temos por princípio não representar e nem formular Queixa perante o Tribunal de Ética da O.A.B., porém reservamo-nos no direito de aconselhá-lo a leitura do Código de Ética, do Estatuto da Ordem dos Advogados do Brasil.

Comentários:

A letra A apresenta, por duas vezes, verbos em coordenação que compartilham o mesmo complemento. Na primeira passagem, *punir* e *premiar* são transitivos diretos e possuem o mesmo objeto, *professores*, o que não caracteriza erro. Na segunda passagem, entretanto, aparecem os verbos *discordar* e *concordar* que, embora sejam transitivos indiretos, regem preposições distintas (*discordar de* e *concordar com*). Daí o erro: eles compartilharam o mesmo objeto. O certo seria dizer:

... que discordavam *das minhas ideias* ou concordavam *com elas*. A letra B também apresenta um erro: quem gosta gosta de, por isso o certo seria dizer: ... só o faz o (= aquilo) de que gosta. A letra C apresenta um erro de regência com pronome relativo, no final do período. Colocando a frase na ordem direta, teríamos: *as nações soberanas não abrem mão do poder*. Por isso, o correto seria dizer: ... um poder de que as nações soberanas não abrem mão. A letra D trouxe o verbo *implicar* corretamente utilizado: seguido do objeto direto oracional *que os soberanos dos céus e da terra tributam...* A letra E apresenta os verbos *representar* e *formular*, transitivos diretos, coordenados com o mesmo complemento *Queixa*, estando, quanto a isso, correta. Entretanto, trouxe um erro com o verbo *reservar*: *reservamo-nos o direito* e não *no direito*. Ou seja: *reservamos o direito (o.d.) a nós (o.i.).*

Resposta: D.

6. (FGV) Indique a opção em que o verbo responder está usado incorretamente, no que tange à regência.

a) Respondeu com mau humor à mãe.

b) O injustiçado responde às calúnias.

c) Os soldados responderam às balas.

d) Ninguém responde o juiz daquele jeito.

e) Respondi o que podia e o que não devia.

Comentários:

Questão boa para trabalhar o verbo *responder*: lembre-se de que *aquilo que se responde* (complemento coisa) é o objeto direto e *a quem ou a que se responde* (complemento pessoa ou coisa a que se responde) é o objeto indireto. Na letra A, *à mãe* é a pessoa a quem se respondeu. Nas letras B e C, tem-se novamente o *responder* como transitivo indireto: trata-se de objeto indireto *coisa a que se responde*. Nos dois casos, o verbo *responder* é transitivo indireto e vem seguido de objeto indireto *às calúnias* e *às balas*, respectivamente. O erro está na letra D: *o juiz* deveria ser objeto indireto. Nessa frase, quem responde responde *a alguém* e não alguém. Por isso, o certo seria dizer "Ninguém responde *ao juiz* daquele jeito". A letra E está correta: o verbo *responder* aparece como transitivo direto, com objeto direto, que é *aquilo que se responde*. Assim, temos um objeto direto *composto*: *o que podia e o que não devia*. A frase, portanto, está correta.

Resposta: D.

7. (Fundação Carlos Chagas) Em qual das alternativas o uso de **CUJO** não está conforme a norma culta?

a) Tenho um amigo cujos filhos vivem na Europa.

b) Rico é o livro cujas páginas há lições de vida.

c) Naquela sociedade havia um mito cuja memória não se apagava.

d) Eis o poeta cujo valor exaltamos.

e) Afirmam-se muitos fatos de cuja veracidade se deve desconfiar.

Comentários:

Esta questão trata do uso do pronome relativo cujo e da regência com esse conectivo. Vimos que o pronome cujo e variantes é usado entre dois substantivos com ideia de posse. Em todas as opções isso ocorre. O problema está, então, na falta da preposição. Na opção A ("… vivem **n**a Europa"), ela aparece – *vivem **em***. Na B, organizando, teríamos: "Há lições de vida **n**as páginas do livro". Portanto, a frase correta seria "Rico é o livro **em** cujas páginas…". Nas letras C e D, os verbos não pedem preposição ("… a memória não se *apagava*" e "*exaltamos* o valor"). Na letra E, o uso da preposição **de** se explica pela presença do verbo *desconfiar* ("Deve-se desconfiar **d**a veracidade dos fatos"). Lembre-se sempre de organizar a frase – **ordem direta** (sujeito + verbo + complementos).

Resposta: B.

8. (Vunesp) Assinale a opção cuja lacuna não pode ser preenchida pela preposição entre parênteses:

a) A alfabetização funcional, _____ cuja aquisição a escola deve preocupar-se. (com)

b) A alfabetização funcional, _____ cuja aquisição a escola deve refletir. (sobre)

c) A alfabetização funcional, _____ cuja aquisição a escola deve ser responsável. (a)

d) A alfabetização funcional, _____ cuja aquisição a escola deve cuidar. (de)

e) A alfabetização funcional, _____ cuja aquisição a escola deve estar preparada. (para)

Comentários:

Mais uma questão que envolve o uso da preposição antes do relativo. Organizando as orações adjetivas (iniciadas pelo pronome relativo):

… a escola deve-se preocupar com.

… a escola deve refletir sobre.

… a escola deve ser responsável **por**.

… a escola deve cuidar de.

… a escola deve estar preparada para.

Resposta: C.

9. (Esaf) Assinale o item que apresenta **erro** de regência verbal:

a) O espetáculo do grande desastre, sempre implícito na loucura das corridas de automóvel, esconde e omite o essencial, que apenas se adivinha com os recursos da imaginação: o ser humano que viaja dentro daquela cápsula em vias de se desmanchar com a fragilidade de uma casquinha de sorvete.

b) Cumpriu-se com Ayrton Senna mais um ritual de sacrifício consumado no altar da modernidade que, ao comercializar a velocidade, transformou o esporte do automobilismo em negócio.

c) Atingimos o ideal supremo do capitalismo: velocidade cada vez maior nos lucros. As firmas que patrocinam as corridas são sólidas empresas privadas que tocam os seus negócios com fervor apostolar e o autódromo de Ímola, antessala do além, é uma empresa privada.

d) O carro cheio de rótulos comerciais é hoje apenas a visão do fracasso tecnológico, da lamentável falência de uma máquina que se pretende perfeita, mas é tão precária como qualquer outra diante do menor obstáculo.

e) As letras impressas se acumulam, promovendo os generosos mecenas do esporte que cedem uma migalha dos seus lucros aos pilotos, assim seduzidos com mais um argumento para o jogo perigoso que se entregam apaixonadamente.

Comentários:

Aqui, observamos que, em quatro opções, não há a intenção de se apresentar nenhum caso especial de regência. Na

letra A, "esconde e omite o essencial" (os dois verbos são transitivos diretos). Na B, "consumado no" e "transformar o esporte... em negócio" seguem o padrão da norma culta. Na letra C, **atingir** é transitivo direto ("atingimos o ideal..."). Na D, não há nenhuma particularidade sobre regência: a frase está totalmente correta. Porém, na letra E, na penúltima linha, aparece o pronome relativo **que**. Ao organizar a oração que ele introduz, teríamos: "(Eles) se entregam **a**o jogo perigoso". Por isso, o certo seria dizer: "... para o jogo perigoso **a** que se entregam".

Resposta: E.

10. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a regência do verbo destacado está correta, segundo o registro culto e formal da língua.

a) Informei-a que o período turbulento havia terminado.

b) Assistia a derrota daqueles que não acreditaram na oportunidade.

c) Diante de tamanha pressão, chegou no seu limite.

d) Neste momento, diante do ocorrido, todos reivindicam por tranquilidade de vida.

e) A constatação de que aquilo era verdadeiro custou-lhe dias difíceis.

Comentários:

O verbo **informar**, na letra A, pede dois complementos, é v.t.d.i. ("Informei-a de que o período..."). Na B, o verbo **assistir** com a ideia de *presenciar* é transitivo indireto ("Assistia **à** derrota..."). Na letra C, **chegar** rege preposição **a** ("... chegou **a**o seu limite"). Na letra D, **reivindicar** é transitivo direto ("... todos reivindicam tranquilidade"). Na letra E, o verbo **custar** (= ser difícil) é transitivo direto e indireto ("A constatação... custou **dias difíceis** – O.D. – **a ele** – O.I.).

Resposta: E.

11. (Petrobras) Segundo o registro culto e formal da língua, a regência do verbo destacado está correta em:

a) O homem **lembrou-se** a infância ao ver a criança.

b) Depois de algum tempo, **pagou** o seu amigo o que devia.

c) Boas ações **implicam** benefícios futuros.

d) Os inimigos **aspiravam** a derrota de alguém vulnerável.

e) De um modo geral, **respeitava** aos princípios básicos da ética.

Comentários:

Na teoria, vimos que os verbos **lembrar** e **esquecer** podem aparecer com ou sem o pronome. **Lembrar** e **esquecer** são transitivos diretos; **lembrar-se** e **esquecer-se** são transitivos indiretos. Na letra A, se o verbo é pronominal, usaremos a preposição ("... lembrou-se **d**a infância..."). Na B, **pagar**, em relação a *pessoa*, é transitivo indireto ("...

pagou **a**o seu amigo...”). A letra C mostra o **implicar** (= acarretar), de acordo com o padrão culto da língua, como transitivo direto (“...implicam benefícios futuros”). Na D, **aspirar** (= *pretender*) é transitivo indireto (“... aspiravam **à** derrota...”). Na opção E, **respeitar** é transitivo direto (“... respeitaria os princípios...”).

Resposta: C.

Aqui, vale um recado:

Atenção: Não confunda a regência do verbo respeitar com a regência do verbo obedecer. Quem respeita (v.t.d.), respeita alguém, mas quem obedece (v.t.i.), obedece a alguém. Assim: Respeite os seus pais e obedeça a eles.

12. (Banco Central) A imprensa internacional foi convidada para assistir os debates em Copenhague.

De acordo com a norma escrita padrão da língua, na frase acima há um DESVIO de:

a) regência nominal.

b) regência verbal.

c) concordância nominal.

d) concordância verbal.

e) pontuação.

Comentários:

A regência trata da dependência entre o nome e seu complemento (regência nominal) e do verbo e seu complemento (regência verbal). A concordância nominal estuda as flexões de gênero e número entre os nomes (substantivo, adjetivo, pronome, numeral e advérbio). A concordância verbal trata da flexão de número e pessoa entre o sujeito e o verbo da oração.

Na frase dada, observamos que o problema se dá entre o verbo e seu complemento na passagem “... assistir os debates...”, porque **assistir** (= ver, presenciar) é transitivo indireto. Portanto, há um desvio quanto à *regência verbal*.

Resposta: B.

Agora, é a sua vez...

18.5. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (FCC – TRE-SE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – 2015)

A frase escrita com clareza e correção, quanto à norma-padrão da língua portuguesa, é:

a) O público infantil vem se apropriando a dispositivos eletrônicos cada vez mais recentemente, e estes têm dado preferência do uso privativo da internet.

b) Enquanto muitas crianças demonstram destreza em usar aplicativos em celulares, uma pequena porcentagem delas estão aptas a dar um laço nos cordões dos sapatos.

c) O estudo foi direcionado em pessoas de 9 a 16 anos, e se propôs de mostrar os hábitos que tais desenvolveram com a dedicação no uso de dispositivos eletrônicos.

d) Muitas crianças brasileiras têm a possibilidade em se conectar na internet, um terço às quais já portam de dispositivos móveis, que se comunicam com eficácia.

e) Além de averiguar ao comportamento domiciliar de adolescentes e crianças diante da internet, a pesquisa também deu enfoque no uso que os mesmos faziam da rede.

2. (TRF – 3ªR – Anal. Jud. – Biblio/2014)

Em nossa cultura, ... experiências ..... passamos soma- se ..... dor, considerada como um elemento formador do caráter, contexto ..... pathos pode converter-se em éthos.

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) às – porque – a – em que

b) às – pelas quais – à – de que

c) as – que – à – com que

d) às – por que – a – no qual

e) as – por que – a – do qual

3. (TJ-AP/ Anal. Jud. – 2014)

A expressão **de que** preenche corretamente a lacuna da seguinte frase:

a) Há lugares em nossa casa ..... nos ensejam uma sensação maior de familiaridade.

b) O homem que não consegue afastar-se da terra ..... lhe serviu de berço é, em princípio, um fraco.

c) É como se houvesse naquele cantinho da sala um apelo ..... não conseguimos nos esquivar.

d) O monge medieval ..... o autor do texto alude demonstra grande sabedoria ao avaliar os homens fortes e os fracos.

e) A interpretação ..... o autor do texto dá às palavras do monge pode e merece ser discutida.

4. (FCC – TRT – 2ª Região (SP) – Técnico Judiciário – Área Administrativa – 2014)

Quando se dizia "*livro*", todos entendiam um objeto de peso e volume, composto de folhas encadernadas, protegidas por papelão ou couro, <u>nas quais</u> se gravavam a tinta palavras ou imagens. A expressão acima destacada é equivalente à sublinhada na seguinte frase:

a) As janelas <u>sob as quais</u> foram gravadas as cenas eram pintadas de verde.

b) As folhas rubricadas, <u>as quais</u> entreguei à secretária, foram anexadas ao prontuário.

c) As urnas <u>em que</u> foram depositados os votos foram lacradas pela diretoria do clube.

d) Os rapazes <u>de quem</u> foram gravados os depoimentos foram entrevistados ontem.

e) O livro de onde retirei a citação está emprestado.

5. (FCC – TRT – 2ª Região (SP) – Técnico Judiciário – Área Administrativa – 2014)

Observadas a regência e a flexão verbal, está correta a seguinte frase:

a) Ressentiu-se, com razão, da oposição da prima, e pensou que, se expusesse com calma seus motivos, poderia obter sua concordância.

b) A casa que, na época, nos instalamos era a que podíamos pagar, mas tínhamos um pacto: se todos se mantessem firmes em seus empregos, moraríamos melhor.

c) Aborreceu-se de tanta conferência de abaixo-assinados e requis transferência para outro setor da administração.

d) Dizem que é ele que obstroi a discussão, por isso, para defender-se, aludiu o nome do responsável pelo atraso.

e) Medio, sim, seu encontro com esse advogado mais experiente, pois sei como você está temeroso pelo poder de argumentação do promotor.

6. (FCC – Câmara Municipal de São Paulo – SP – Procurador Legislativo – 2014)

Ao formular uma proposta educacional ..... centro estaria a ecologia, o autor do texto ressalta a importância ..... se vêm revestindo os estudos do meio.

Preenchem adequadamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) de cujo – em que

b) pela qual no – para a qual

c) aonde o – de cuja

d) onde o – pela qual

e) em cujo – de que

7. (FCC – TRT – 4ª Região (RS) – Analista Judiciário – Área Judiciária – 2015)

Em nenhum momento da história a sociedade, como um todo, conseguiu sustentar facilmente os custos exorbitantes da ópera.

Na frase acima, a locução verbal está empregada com regência idêntica à presente em:

a) O crítico elegeu o jovem cantor o maior artista da temporada.

b) Apresentou-nos currículo repleto de menções honrosas.

c) Sem falsa modéstia, recebeu a ovação com elegância e alegria.

d) Tentou cantar de modo condizente com as recomendações do maestro.

e) Jamais se afastou daquele velho conselho do pai.

8. (FCC – TRT – 15ª Região – Analista Judiciário – Odontologia – 2015)

No contexto dado, possui a mesma regência do verbo presente no segmento *A escravidão que denunciava com dureza*, o que se encontra sublinhado em:

a) *Quem fala, hoje, dos 30 milhões de escravos...*

b) *... número que hoje oscila entre os 13 milhões e os 14 milhões...*

c) *... antes de portugueses ou espanhóis comprarem negros na África rumo ao Novo Mundo.*

d) ... o Global Slavery Index *é um belo retrato da nossa miséria...*

e) *Não é preciso assistir a 12 Anos de Escravidão...*

9. (FCC – Manausprev – Técnico Previdenciário – 2015)

O elemento em destaque está empregado corretamente em:

a) As obras de arte de que se tenta retratar a natureza, emprestam-lhe voz humana.

b) A árvore é símbolo recorrente com que fazemos uso para falar de meio ambiente.

c) A natureza, por cuja preservação lutamos, nega-se, no entanto, a ser domesticada.

d) Natureza e arte não são elementos estanques, esta faz a que melhor compreendamos aquela.

e) Cada vez mais o mundo tecnológico nos afasta da natureza em que fazemos parte.

10. (FCC – TRE-RR – Analista Judiciário – Área Judiciária – 2015)

Não impressionou ao conde Afonso Celso, de quem contam que respondeu assim a um sujeito ...

A expressão sublinhada acima preenche corretamente a lacuna existente em:

a) O novo acadêmico demonstrou grande afeição ..... compartilha das mesmas ideias literárias e aborda os mesmos temas.

b) O discurso de recepção do novo integrante do grupo deveria ser pronunciado ..... apresentasse maior afinidade entre ambos.

c) Aqueles ..... caberia manifestar apoio aos defensores da causa em discussão ainda não haviam conseguido chegar à tribuna.

d) O acadêmico, ... todos esperavam um vigoroso aparte contrário ao pleito, permaneceu em silêncio na tumultuada sessão

e) Em decisão unânime, os acadêmicos ofereceram dados da agremiação ..... desejasse participar da discussão daquele dia.

11. (Copergás/PE – Téc. Seg. Trabalho – FCC – Jul./2016 – Adaptada)

O projeto apoiado pelo físico ambiciona produzir aeronaves do tamanho de um chip *usado em equipamentos eletrônicos e lançar milhares dessas "mininaves" na órbita da Terra.*

Esse trecho está corretamente reescrito, respeitando-se o sentido original, em:

O projeto apoiado pelo físico

a) visa à produzir aeronaves do tamanho de um *chip* usado em equipamentos eletrônicos como intuíto em lançar-lhe na órbita da Terra.

b) tem a intenção por produzir aeronaves do tamanho de um *chip* usado em equipamentos eletrônicos à fim de lançá-los na órbita da Terra.

c) busca à produção de aeronaves do tamanho de um *chip* usado em equipamentos eletrônicos à vista de lançar-lhes na órbita da Terra.

d) aspira à produção de aeronaves do tamanho de um *chip* usado em equipamentos eletrônicos para lançá-las na órbita da Terra.

e) objetiva à produção de aeronaves do tamanho de um *chip* usado em equipamentos eletrônicos com o proposito a lançá-lo na órbita da Terra.

12. (Copergás/PE – Analista Administrador – FCC – Jul./2016)

Quanto à **regência** e à **concordância**, considere:

I. Os mal-entendidos que nem se imaginavam existir no que concerne da universalidade da música devem-se à confusão criada entre o fenômeno e a linguagem da música.

II. Constam que todos os povos cultivam formas musicais, salientando-se as que apresentam um ritmo mais batido, que nos impelem de dançar.

III. Assiste-se, nos dias de hoje, ao fenômeno da expansão abusiva de músicas comerciais, pela qual são responsáveis os ambiciosos produtores de discos e diretores de rádios.

É inteiramente adequado o emprego de todas as formas verbais SOMENTE em

a) I.

b) II.

c) III.

d) I e II.

e) II e III.

13. (Eletrobras/Eletrosul – Adm. Empres. – FCC – Jun./2016)

Está correto o emprego de **ambos** os elementos sublinhados em:

a) O efeito <u>de que</u> as moças pretendem obter em suas fainas, ao fim e ao cabo <u>realizam-se</u> como pretendido.

b) A técnica ilusória <u>com cuja</u> as moças contam acaba por se mostrar favorável <u>diante do</u> batatal.

c) Consiste a magia das moças maoris, a cada plantação, de cantar e dançar para que se <u>alcance</u> os melhores resultados.

d) A magia de um rito, <u>cuja</u> força as moças convocam no plantio, não as <u>deixa</u> frustrar-se.

e) As sementeiras de batatas, <u>de cujo</u> plantio as moças se aplicam, estão sujeitas para com os efeitos do vento leste.

Leia o texto a seguir para responder à questão 14.

Texto I

Naquele novo apartamento da rua Visconde de Pirajá pela primeira vez teria um escritório para trabalhar. Não era um cômodo muito grande, mas dava para armar ali a minha tenda de reflexões e leitura: uma escrivaninha, um sofá e os livros. Na parede da esquerda ficaria a grande e sonhada estante onde caberiam todos os meus livros. Tratei de encomendá-la a seu Joaquim, um marceneiro que tinha oficina na rua Garcia D' Ávila com Barão da Torre.

O apartamento não ficava tão perto da oficina. Era quase em frente ao prédio onde morava Mário Pedrosa, entre a Farme de Amoedo e a antiga Montenegro, hoje Vinicius de Moraes. Estava ali havia uma semana e nem decorara ainda o número do prédio.

Tanto que, quando seu Joaquim, ao preencher a nota de encomenda, perguntou-me onde seria entregue a estante, tive um momento de hesitação. Mas foi só um momento. Pensei rápido: "Se o prédio do Mário é 228, o meu, que fica quase em frente, deve ser 227". Mas lembrei-me de que, ao ir ali pela primeira vez, observara que, apesar de ficar em frente ao do Mário, havia uma diferença na numeração.

– Visconde de Pirajá, 127 – respondi, e seu Joaquim desenhou o endereço na nota.

– Tudo bem, seu Ferreira. Dentro de um mês estará lá sua estante.

– Um mês, seu Joaquim! Tudo isso? Veja se reduz esse prazo.

– A estante é grande, dá muito trabalho... Digamos, três semanas.

Ferreira Gullar. A estante. In: *A estranha vida banal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989 (com adaptações).

14. (INSS – Técnico Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

Julgue o seguinte item como Certo (C) ou Errado (E), a respeito de aspectos linguísticos do texto I.

A correção gramatical e o sentido do texto seriam preservados, caso se substituísse o trecho "lembrei-me de que" (l. 11) por **lembrei que**.

Leia o texto a seguir para responder à questão 15.

As primeiras moedas, peças representando valores, geralmente em metal, surgiram na Lídia (atual Turquia), no século VII a.C. As características que se desejava ressaltar eram transportadas para as peças por meio da pancada de um objeto pesado, em primitivos cunhos. Com o surgimento da cunhagem a martelo e o uso de metais nobres, como o ouro e a prata, os signos monetários passaram a ser valorizados também pela nobreza dos metais neles empregados.

Embora a evolução dos tempos tenha levado à substituição do ouro e da prata por metais menos raros ou suas ligas, preservou-se, com o passar dos séculos, a associação dos atributos de beleza e expressão cultural ao valor monetário das moedas, que quase sempre, na atualidade, apresentam figuras representativas da história, da cultura, das riquezas e do poder das sociedades.

A necessidade de guardar as moedas em segurança levou ao surgimento dos bancos. Os negociantes de ouro e prata, por terem cofres e guardas a seu serviço, passaram a aceitar a responsabilidade de cuidar do dinheiro de seus clientes e a dar recibos escritos das quantias guardadas. Esses recibos passaram, com o tempo, a servir como meio de pagamento por seus possuidores, por ser mais seguro portá-los do que portar dinheiro vivo. Assim surgiram as primeiras cédulas de "papel moeda", ou cédulas de banco; concomitantemente ao surgimento das cédulas, a guarda dos valores em espécie dava origem a instituições bancárias.

Casa da Moeda do Brasil: 290 anos de História, 1694/1984

15. (Cespe – Caixa – Nível Superior – 2014)

No que se refere aos aspectos linguísticos, à classificação tipológica do texto acima e às ideias nele expressas, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

A substituição da preposição "a", em "a dar recibos escritos das quantias guardadas" (l. 12), pela preposição "de" manteria a correção gramatical do texto, embora acarretasse alteração de sentido.

Leia o texto a seguir para responder à questão 16.

Texto I

A moeda, como hoje é conhecida, é o resultado de uma longa evolução. No início, não havia moeda, praticava-se o escambo. Algumas mercadorias, pela sua utilidade, passaram a ser mais procuradas do que outras. Aceitas por todos, assumiram a função de moeda, circulando como elemento trocado por outros produtos e servindo para avaliar-lhes o valor. Eram as moedas-mercadorias. O gado, principalmente o bovino, foi dos mais utilizados. O sal foi outra moeda-mercadoria; de difícil obtenção, era muito utilizado na conservação de alimentos. Ambas deixaram marca de sua função como instrumento de troca no vocabulário português, em palavras como pecúnia e pecúlio, capital e salário.

Com o passar do tempo, as mercadorias se tornaram inconvenientes às transações comerciais, devido à oscilação de seu valor, pelo fato de não serem fracionáveis e por serem facilmente perecíveis, o que não permitia o acúmulo de riquezas. Surgiram, então, no século VII a.C., as primeiras moedas com características semelhantes às das atuais: pequenas peças de metal com peso e valor definidos e com a impressão do cunho oficial, isto é, a marca de quem as emitiu e garante o seu valor.

Os primeiros metais utilizados na cunhagem de moedas foram o ouro e a prata. O emprego desses metais se impôs, não só por sua raridade, beleza, imunidade à corrosão e por seu valor econômico, mas também por antigos costumes religiosos. Durante muitos séculos, os países cunharam em ouro suas moedas de maior valor, reservando a prata e o cobre para os valores menores. Esses sistemas se mantiveram até o final do século XIX, quando o cuproníquel e, posteriormente, outras ligas metálicas passaram a ser empregados e a moeda passou a circular pelo seu valor extrínseco, isto é, pelo valor gravado em sua face, que independe do metal nela contido.

Na Idade Média, surgiu o costume de guardar os valores com um ourives, pessoa que negociava objetos de ouro e prata e que, como garantia, entregava um recibo. Esse tipo de recibo passou a ser utilizado para efetuar pagamentos, circulando de mão em mão, e deu origem à moeda de papel. Com o tempo, da forma como ocorreu com as moedas, os governos passaram a conduzir a emissão de cédulas, controlando as falsificações e garantindo o poder de pagamento. Atualmente, quase todos os países possuem bancos centrais, encarregados das emissões de cédulas e moedas.

Disponível em: <www.bcb.gov.br> (com adaptações).

16. (Cespe – Caixa – Técnico Bancário – 2014)

Julgue o próximo item, relativo às ideias expressas no texto ao lado e a aspectos linguísticos desse texto, como Certo (C) ou Errado (E).

No trecho "devido à oscilação de seu valor, pelo fato de não serem fracionáveis e por serem facilmente perecíveis" (l. 8-9), a substituição dos elementos sublinhados por **ao** e **a**, respectivamente, preservaria a correção gramatical e o sentido original do texto.

Leia o texto a seguir para responder à questão 17.

O fator mais importante para prever a *performance* de um grupo é a igualdade da participação na conversa. Grupos em que poucas pessoas dominam o diálogo têm desempenho pior do que aqueles em que há mais troca. O segundo fator mais importante é a inteligência social dos seus membros, medida pela capacidade que eles têm de ler os sinais emitidos pelos outros membros do grupo. As mulheres têm mais inteligência social que os homens, por isso grupos mais diversificados têm desempenho melhor.

Gustavo Ioschpe. *Veja*, 31/12/2014, p. 33 (com adaptações)

17. (Cespe – FUB – 2015)

Julgue o item seguinte como Certo (C) ou Errado (E), referente às ideias e às estruturas linguísticas do texto acima.

Na linha 2, a supressão do termo “ em” manteria a correção gramatical e o sentido original do período.

Leia o texto a seguir para responder à questão 18.

A metrópole de São Paulo vem se tornando mais heterogênea econômica, social e espacialmente e menos desigual quanto a renda, inserção no mercado de trabalho e condições de vida de seus habitantes, mesmo nas áreas mais precárias. A imagem emerge dos treze ensaios que compõem o livro **A Metrópole de São Paulo no Século XXI – Espaços, Heterogeneidades e Desigualdades**, os quais abordam temas específicos, a partir de um diagnóstico comum, para construir um panorama atual da região metropolitana. Tal retrato resulta das mudanças de diversas dimensões pelas quais a metrópole passou na última década, do perfil da pobreza às dinâmicas migratórias e ligadas ao crescimento demográfico, dos moldes de segregação social à produção habitacional e à mobilidade urbana.

A fisionomia da metrópole, central na economia do país, reflete a conjuntura de modo especial, segundo o organizador. Assim, tiveram impactos particulares na região metropolitana a redemocratização, na década de 80 do século XX (com a volta das eleições regulares e com a constituição de sistemas nacionais de políticas públicas), estabilização econômica, a abertura do mercado interno da década de 90 e o crescimento econômico vigoroso da primeira década do século XXI.

Disponível em: <www.fflch.usp.br> (com adaptações).

18. (Pref. SP – Agente Gestão P. Públicas – Cespe – Maio/2016)

Seriam mantidas a coerência e a correção gramatical do texto IV, caso a forma verbal “ tiveram” (L. 10) fosse substituída por:

a) possuíram.

b) sofreram.

c) realizaram.

d) houve.

e) causaram.

Leia o texto a seguir para responder à questão 19.

Texto 1 – Problemas Sociais Urbanos

Dentre os problemas sociais urbanos, merece destaque a questão da segregação urbana, fruto da concentração de renda no espaço das cidades e da falta de planejamento público que vise à promoção de políticas de controle ao crescimento desordenado das cidades. A especulação imobiliária favorece o encarecimento dos locais mais próximos dos grandes centros, tornando-os inacessíveis à grande massa populacional. Além disso, à medida que as cidades crescem, áreas que antes eram baratas e de fácil acesso tornam--se mais caras, o que contribui para que a grande maioria da população pobre busque por moradias em regiões ainda mais distantes.

Essas pessoas sofrem com as grandes distâncias dos locais de residência com os centros comerciais e os locais onde trabalham, uma vez que a esmagadora maioria dos habitantes que sofrem com esse processo são trabalhadores com baixos salários. Incluem-se a isso as precárias condições de transporte público e a péssima infraestrutura dessas zonas segregadas, que às vezes não contam com saneamento básico ou asfalto e apresentam elevados índices de violência.

A especulação imobiliária também acentua um problema cada vez maior no espaço das grandes, médias e até pequenas cidades: a questão dos lotes vagos. Esse problema acontece por dois principais motivos: 1) falta de poder aquisitivo da população que

possui terrenos, mas que não possui condições de construir neles e 2) a espera pela valorização dos lotes para que esses se tornem mais caros para uma venda posterior. Esses lotes vagos geralmente apresentam problemas como o acúmulo de lixo, mato alto, e acabam tornando-se focos de doenças, como a dengue.

PENA, Rodolfo F. Alves. "Problemas socioambientais urbanos"; Brasil Escola. Disponível em http://brasilescola.uol.com.br/brasil/problemas-ambientais-sociais-decorrentes-urbanização.htm. Acesso em 14 de abril de 2016.

19. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

" que vise à promoção de políticas de controle"; nesse segmento de texto 1 emprega-se corretamente a regência do verbo *visar*, que muda de sentido conforme seja transitivo direto ou transitivo indireto.

O verbo abaixo em que NÃO ocorre a mesma possibilidade de dupla regência e duplo sentido é:

a) aspirar;

b) assistir;

c) carecer;

d) chamar;

e) precisar.

20. (BB – Escriturário – Cesgranrio – Out./2015)

De acordo com as regras de regência verbal estabelecidas pela norma-padrão da Língua Portuguesa, o elemento destacado está adequadamente empregado em:

a) Os inadimplentes infringem aos regulamentos estabelecidos pelas financeiras ao deixar de cumprir os prazos dos empréstimos.

b) Os comerciantes elogiaram aos bancos às medidas tomadas a favor de seus empreendimentos.

c) Vários executivos procuram realizar cursos de especialização porque cobiçam aos estágios mais avançados da carreira.

d) Os funcionários mais graduados das grandes empresas aspiram aos melhores cargos tendo em vista o aumento de seu poder aquisitivo.

e) Algumas grandes empresas responsáveis pelas redes sociais ludibriam aos princípios estabelecidos por lei ao permitir postagens agressivas.

21. (SEED-SP – An. Administrativo – Vunesp – Maio/2016)

Assinale a alternativa em que o trecho, adaptado da revista *IstoÉ*, edição de 06.03.2013, está correto quanto à colocação pronominal, à regência e à concordância.

a) No Rio, o que se entende por zona portuária reúne os bairros da Saúde, Gamboa e Santo Cristo, além dos morros da Conceição, Pinto, Providência e Livramento. Todos passarão por processos de revitalização urbana intensa até 2016.

b) No Rio, o que entende-se de zona portuária reúnem os bairros da Saúde, Gamboa e Santo Cristo, além dos morros da Conceição, Pinto, Providência e Livramento. Todos passarão por processos de revitalização urbana intenso até 2016.

c) No Rio, o que entendem-se por zona portuária reúnem os bairros da Saúde, Gamboa e Santo Cristo, além dos morros da Conceição, Pinto, Providência e Livramento. Todos passarão por processos de revitalização urbana intenso até 2016.

d) No Rio, o que entende-se pela zona portuária reúne os bairros da Saúde, Gamboa e Santo Cristo, além dos morros da Conceição, Pinto, Providência e Livramento. Todos passarão por processos de revitalização urbana intensa até 2016.

e) No Rio, o que se entendem em zona portuária reúne os bairros da Saúde, Gamboa e Santo Cristo, além dos morros da Conceição, Pinto, Providência e Livramento. Todos passarão por processos de revitalização urbana intensos até 2016.

22. (IPSMI – Procurador – Vunesp – Abril/2016)

A alternativa que apresenta, nos parênteses, regência verbal de acordo com a norma-padrão, em substituição à expressão destacada no trecho do texto, é:

a) ... empurram e **atropelam as outras** para entrar primeiro no vagão do trem (pisoteiam nas outras).

b) ...quando chega a casa já está na hora de **ir para o trabalho**. (dirigir-se no trabalho).

c) passou tardes longas **vendo pela milésima vez a segunda temporada** de " Grey's Anatomy" (assistindo pela milésima vez à segunda temporada).

d) ...e ambos **perceberam que a felicidade** é uma questão de tempo (conscientizaram-se que a felicidade).

e) ...se ela não **tivesse tanto tempo** não teria nem tempo para falar do tempo (dispusesse a tanto tempo).

23. (Unesp – Ass. Administrativo I – Vunesp – Abril/2016)

A alternativa que reescreve a passagem – Ser menino também pode não ser fácil, principalmente se os pais acreditarem que podem definir o que ele deve sentir ou gostar – apresentando regência de acordo com a norma-padrão é:

a) Ser menino também tende a não ser fácil, principalmente se os pais se puserem a definir aquilo de que ele deve gostar e o que deve sentir.

b) Ser menino também não costuma de ser fácil, principalmente se os pais se dispõem em definir do que ele deve sentir e gostar.

c) Ser menino também corre o risco de não ser fácil, principalmente se os pais decidirem a definir o que ele deve de gostar e sentir.

d) Ser menino também implica em dificuldades, principalmente se os pais se meterem em definir naquilo que ele deve sentir e no que deve gostar.

e) Ser menino também representa dificuldade, principalmente se os pais se intrometerem de definir o que ele deve gostar e do que deve sentir.

24. (Unifesp – Técnico Seg. Trab. – Vunesp – Abril/2016)

Muitos pensam em desistir _____ uma carreira, pois acreditam que não estejam aptos _____ enfrentar o difícil exame do vestibular.

Em conformidade com a norma-padrão, as lacunas da frase devem ser preenchidas, respectivamente, com:

a) de ... à

b) a ... em

c) em ... de

d) de ... para

e) à ... a

25. (MPE/SP- Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Assinale a alternativa correta quanto à regência verbal, de acordo com a norma-padrão.

a) Todos perdoavam do defeito ao Joaquim por não ser culpa dele.

b) Todos perdoavam o defeito para o Joaquim por não ser culpa dele.

c) Todos perdoavam ao defeito do Joaquim por não ser culpa dele.

d) Todos perdoavam o defeito ao Joaquim por não ser culpa dele.

e) Todos perdoavam ao defeito no Joaquim por não ser culpa dele.

Leia o texto a seguir para responder à questão 26.

Japão irá auxiliar Minas Gerais com a experiência no enfrentamento de tragédias

Acostumados a lidar com tragédias naturais, os japoneses costumam se reerguer em tempo recorde depois de catástrofes. Minas irá buscar experiência e tecnologias para superar a tragédia em Mariana

A partir de janeiro, Minas Gerais irá se espelhar na experiência de enfrentamento de catástrofes e tragédias do Japão, para tentar superar Mariana e recuperar os danos ambientais e sociais. Bombeiros mineiros deverão receber treinamento por meio da Agência de Cooperação Internacional do Japão (Jica), a exemplo da troca de experiências que já acontece no Estado com a polícia comunitária, espelhada no modelo japonês Koban.

O terremoto seguido de um tsunami que devastou a costa nordeste do Japão em 2011 deixando milhares de mortos e desaparecidos, e prejuízos que quase chegaram a US$ 200 bilhões, foi uma das muitas tragédias naturais que o país enfrentou nos últimos anos. Menos de um ano depois da catástrofe, no entanto, o Japão já voltava à rotina. É esse tipo de experiência que o Brasil vai buscar para lidar com a tragédia ocorrida em Mariana.

(Juliana Baeta. Disponível em: http://www.otempo.com.br, 10.12.2015. Adaptado.)

26. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Assinale a alternativa correta quanto à norma-padrão e aos sentidos do texto.

a) As parcerias nipo-brasileiras pautam-se em cooperação para contornar as tragédias.

b) Tanto o Brasil quanto o Japão estão certos que as parcerias nipo-brasileiras renderão bons frutos.

c) A experiência do Japão mostra que não há como discordar com as parcerias nipo-brasileira.

d) A catástrofe vivida em Mariana revela de que são importantes as parcerias nipos-brasileiras.

e) Não se pode esquecer a irrelevância dos momentos de tragédia e das parcerias nipo-brasileira.

27. (Unesp – Assistente Administrativo – Vunesp – Fev./2016)

Assinale a alternativa em que a expressão entre colchetes substitui corretamente aquela destacada em negrito, segundo a norma-padrão.

a) Se uma despesa avança em velocidade **incompatível com a** receita... [que não harmoniza-se da]

b) ... só há dois caminhos **para corrigir a** distorção... [que corrige-se a]

c) O orçamento de um governo é **semelhante ao** de uma pessoa comum. [comparável como]

d) Mas quem já paga tributos (muitos) **não vê com bons olhos** tal alternativa. [não mostra-se favorável de]

e) ... o sistema ativo **é insuficiente para garantir** o funcionamento da engrenagem... [não encontra-se apto à garantir]

Gabarito: 1. b; 2. b; 3. c; 4. c; 5. a; 6. e; 7. c; 8. c; 9. c; 10. d; 11. d; 12. c; 13. d; 14. C; 15. C; 16. E; 17. E; 18. d; 19. c; 20. d; 21. a; 22. c; 23. a; 24. d; 25. d; 26. a; 27. c.

19 CRASE

19.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

A crase é a fusão de duas vogais iguais. Na escrita, esse fenômeno vem marcado com o acento grave.

As **justificativas** para o uso do acento grave **são duas**:

1ª justificativa: casos de contração
a) preposição a + artigo definido a (a + a(s) = à(s)).
b) preposição a + pronomes demonstrativos a(s)(= aquela(s)), aquele(s), aquela(s), aquilo.
c) preposição a + pronome relativo a qual/as quais.

Importante: No caso de contração de preposição **A** com artigo feminino A, a preposição aparece por exigência de um verbo (regência verbal) ou de um nome (regência nominal). O artigo, por exigência de um substantivo feminino. Veja o modelo:
"Os universitários leem como se assistissem [a] à [a] televisão com um controle remoto."

Uma maneira prática de saber se a palavra feminina aceita ou não artigo é usá-la na função de sujeito. Na **ordem direta**, você diria "A televisão nos diverte" ou "Televisão nos diverte"? Com certeza, usaria a primeira forma. Portanto, a palavra "televisão" aceita artigo feminino. Se o verbo ou o nome não pedir preposição **A** ou se a palavra seguinte não aceitar artigo feminino, não ocorrerá o fenômeno da crase.

Essa explicação vai servir para mostrar os casos **em que há** o acento grave, **em que não há** e quando o uso do acento é **facultativo**.

Vejamos alguns exercícios comentados.

Complete as lacunas das frases usando a, à, as, às.

1. Cheguei cedo ( ) ___ ( ) repartição.
2. Pediram ( ) ___ ( ) jovem que comparecesse ( ) ___ ( ) secretaria.
3. Fiz alusão ( ) ____ ( ) crianças.
4. Fui ( ) ____ ( ) Grécia ano passado.
5. Fui ( ) ____ ( ) Brasília de minha infância.
6. Obedeça ( ) ____ ( ) senhorita/senhora/madame.

Comentários:

Nas frases de 1 a 6, observa-se a presença da preposição **a** exigida por "chegar [a]", "Pediram [a]... comparecessem

[a]", "alusão [a]", "Fui [a] e "Obedeça [a]". Como as palavras femininas que se seguem aceitam **artigo feminino** ("a [a] repartição", "[a] jovem… [a] secretaria", " [as] crianças, "[a] Grécia", " [a] Brasília de minha infância" e [a] senhorita/senhora/madame", ocorre o fenômeno da crase. Portanto, temos a fusão da preposição a com artigo definido a.

Aqui, vale um recado sobre as frases 4 e 5:

Atenção nas frases 4 e 5: Quando aparece nome de lugar (Grécia, Brasília...), para saber se aceita ou não artigo, procedemos da mesma maneira como foi apresentado na teoria: se, na função de sujeito, pudermos usar o artigo é porque o nome do lugar aceita. Caso contrário, só aparece a preposição a. Por exemplo:

– A Grécia é um país que me encanta. (aceita artigo)

(suj.)

– Brasília é a capital do Brasil (e não A Brasília é...; logo, Brasília não aceita artigo). No entanto, se o nome do lugar vier determinado, usaremos o artigo.

Na frase 6, o verbo "obedecer" pede preposição A e os pronomes de tratamento "senhorita", "senhora" e "madame" aceitam o artigo A. Mais à frente, veremos os pronomes de tratamento que não aceitam o artigo A.

As frases de 1 a 6 são exemplos de contração de preposição **a** + artigo feminino **a.**

Respostas: 1. à; 2. à; 3. às; 4. à; 5. à; 6. à.

7. Fiz referência ( ) ___ que gesticulava freneticamente.

8. Emprestei o livro ( ) aquela velha amiga.

9. Emprestei o livro ( ) aquele velho amigo.

Comentários:

Nas frases 7, 8 e 9, há contração de preposição **a** com **pronomes demonstrativos**: "Fiz referência [a] + a (= aquela) que gesticulava", "Emprestei o livro [a] + aquela" e "Emprestei o livro [a] + aquele".

Na frase 7, aparece o **a** como pronome demonstrativo. Aqui, vale um recado:

O pronome demonstrativo a(s) aparece, geralmente, antes de que relativo ou de preposição de, quando fica claro o valor semântico de demonstrativo. Observe:

"Refiro-me à (= àquela) da direita."

"Refiro-me à (= àquela) que chegou de branco."

Respostas: 7. à; 8. àquela; 9. àquele.

10. A moça a qual me referi [ ] era uma velha amiga.

Comentários:

A frase 10 mostra o pronome relativo a qual, que introduz oração adjetiva e já possui a letra a. Com esse conectivo, haverá acento no a do a qual se, dentro da oração adjetiva, algum termo pedir preposição a. Observe:

… a qual me referi (*Eu me referi a*). Logo, a preposição *a* do verbo *referir-se* encontra-se com o *a* de *a qual*: *… à qual me referi…*

Resposta: 10. à qual.

Crase obrigatória: – preposição a + artigo definido a(s) (frases 1 a 6) – preposição a + pronomes demonstrativos a(s), aquela(s), aquele(s), aquilo (frases 7 a 9) – preposição a + pronome relativo a qual/as quais (frase 10)

11. Falou ( ) ___ ( ) João.

12. Começou ( ) ___ ( ) ventar.

13. Aludiu ( ) ___ ( ) V.Exª/você.

14. Fui ( ) ___ ( ) Brasília.

15. Ofereci ajuda ( ) ___ ( ) esta/essa/uma/qualquer pessoa.

16. Dedicou o prêmio ( ) ___ ( ) ela.

Comentários:

Importante: usaremos o código [x] para mostrar que não se usa **a**.

Nas frases de 11 a 16, ocorre apenas a presença da preposição **a**, pois *João*, nome próprio masculino, não aceita artigo feminino (*Falou* [a] [x] João); *ventar* é verbo, não vem com artigo ("Começou [a] [x] ventar"); pronomes de tratamento não aceitam artigo, exceção feita aos tratamentos senhorita, senhora e madame da frase 6.

E por que esses tratamentos aceitam artigo e V. Exª e você não aceitam? No início desse assunto mostramos uma maneira prática de saber se substantivos ou pronomes aceitam ou não artigo: iniciar uma frase na **ordem direta** (sujeito + verbo + complemento). Por exemplo:

A *senhorita*/*senhora*/*madame* aceita minhas desculpas?

Agora, você diria "A V. Exª/você aceita minhas desculpas?" ou "V.Exª/você aceita minhas desculpas?". Certamente é a última que seria usada.

Aqui, vale um recado:

Atenção: Os pronomes de tratamento não aceitam artigo, com exceção a senhorita, senhora e madame.

Teríamos, portanto, na frase 13, só a preposição ("Aludiu [a] [x] V. Exª (você)").

Na 14, seguindo o mesmo princípio, Brasília não aceita artigo – *Brasília é a capital do Brasil* ("Fui [a] [x] Brasília"). Na frase 15, os pronomes esta, essa, qualquer e o pronome indefinido uma também não aceitam artigo

(forme uma frase, na **ordem direta,** usando esses pronomes na função de sujeito e verá que não vêm com artigo – *Esta*/*Essa*/*Qualquer pessoa inteligente*). *Uma pessoa esteve procurando*, e não A esta/essa/qualquer/uma pessoa esteve te procurando. Só preposição ("Ofereci ajuda [a] [x] esta…")

Na frase 16, a mesma explicação ("Dedicou o prêmio [a] [x] ela"), já que os pronomes pessoais também não aceitam artigo. Logo, se aparece apenas um **a**, não ocorrerá o fenômeno de crase.

Respostas: 11. a; 12. a; 13. a; 14. a; 15. a; 16. a.

17. A diretora ( ) que me referi chegou.

18. A diretora ( ) quem me referi chegou.

19. A escritora ( ) cuja obra me referi ganhou um prêmio.

20. A escritora ( ) a qual admiro ganhou um prêmio.

Comentários:

As frases 17, 18 e 19 exemplificam o uso de pronomes relativos antecedidos de preposição **a**, porque também esses conectivos não admitem a presença de artigo.

Na frase 20, *a qual* não recebe acento grave porque o verbo **admirar** não pede preposição **a** (confronte com a frase **10**, em que o **a** do a qual recebe acento porque o verbo referir-se rege preposição **a**).

Respostas: 17. a; 18. a; 19. a; 20. a qual.

Atenção: Antes do pronome relativo que só haverá acento no a quando o termo anterior pedir preposição a e aparecer um a com valor de demonstrativo, o que dá para perceber com certa facilidade. Veja a frase 7 ("Fiz referência à que gesticulava freneticamente"). Na 17 isso não ocorre ("A diretora aquela que me referi?"). Certamente, numa redação, você não usaria essa construção.

Portanto, vale sistematizar:

Os pronomes relativos e a crase:

1. Ocorrerá crase nos relativos a qual, as quais, se esses pronomes vierem antecedidos de preposição, exigida por um termo (verbo ou nome) que vem após esses relativos. (frase 10)
2. Diante do pronome relativo que, normalmente não há crase, pois esse pronome não admite artigo. O a que vem antes do que é apenas preposição. (frase 17). Entretanto, o pronome relativo que poderá vir antecedido de a acentuado, quando o a(s) for demonstrativo (= aquela). (frase 7)
3. Antes de quem, cujo, cuja, cujos, cujas, jamais ocorrerá crase, pois esses pronomes não aceitam artigo. O a que os anteceder será apenas preposição. (frases 18 e 19)

21. Perdeu o gol cara ( ) cara.

Comentários:

Na frase 21, mais um caso em que nunca se usa acento grave: entre palavras repetidas. Esse a é apenas preposição.

Resposta: 21. a.

Crase proibida:
1. antes de palavra masculina;
2. antes de verbos;
3. antes de pronomes de tratamento, como V.Exª, você, Sua Excelência...; exceto com madame, senhora e senhorita;
4. com nomes de lugar que não aceitam artigo a;
5. antes de pronomes demonstrativos este, esta, esse, essa;
6. com pronomes indefinidos (alguém, nenhum...);
7. antes de artigo indefinido (um, uma);
8. entre palavras repetidas.

22. Ofereci ajuda ( ) __ ( ) Maria.

23. Fez menção ( ) ___ ( ) Cecília Meireles.

24. Ofereci ajuda ( ) ___ ( ) minha/sua/nossa amiga.

25. Ofereci ajuda ( ) ___ ( ) minha amiga e não ( ) ___ ( ) sua.

26. Corri até ( ) ___ ( ) sala.

Comentários:

Nas frases de 22 a 26, temos exemplos de uso facultativo do acento grave. São três os casos de uso facultativo:

1º) Antes de nome próprio feminino: podemos usar o artigo ou não.

"A Maria esteve te procurando" ou "Maria esteve te procurando" ("Ofereci ajuda [a] [a] ou [x] Maria")

Antes de nomes ilustres, porém, não aparece artigo.

("Fez menção [a] [x] Cecília Meireles")

2º) Antes de pronome possessivo feminino singular: podemos usar o artigo ou não.

"A minha/sua/nossa amiga chegou" ou "Minha/Sua/Nossa amiga chegou" ("Ofereci ajuda [a] [a] ou [x] minha/sua/nossa amiga").

Todavia, antes de possessivo feminino singular com substantivo feminino subentendido, acento obrigatório. Veja:

"Ofereci ajuda [a] [a] ou [x] minha amiga e não [a] [a] sua (amiga)".

3º) Após a preposição até, é facultativo o uso do acento grave, uma vez que existe até (preposição) e até a (locução prepositiva que termina em a).

Respostas: 22. à ou a; 23. a; 24. à ou a; 25. à ou a; 26. à ou a.

Crase facultativa:
1. antes de nome próprio feminino;
2. antes de pronome possessivo feminino no singular;
3. após a preposição até.

2ª justificativa: casos de locuções femininas
- adverbiais: às vezes, às pressas, à toa, à beça, às duas horas, à mingua...
- prepositivas: à beira de, à espera de, às expensas de, à moda de, à procura de...
- conjuntivas: à medida que, à proporção que.

No início deste capítulo, dissemos que as justificativas para o uso do acento grave são duas. A primeira trata da **contração** da preposição **a** mais artigo definido feminino, pronomes demonstrativos e relativo a qual.

Agora, vamos ao segundo caso: **as locuções femininas.**

Diferentemente do primeiro, aqui não temos de achar dois as. Nas locuções, a questão é semântica, ou seja, aparecem expressões femininas com ideia de tempo, intensidade, modo, lugar, proporção etc.

A sistematização em adverbiais, prepositivas e conjuntivas é por causa da forma: as prepositivas terminam em preposição (à beira de, à moda de, à espera de, à procura de...); as conjuntivas, em conjunção (à medida que e à proporção que).

Já as adverbiais não têm uma terminação característica. Sabemos que são locuções adverbiais por causa dos valores circunstanciais próprios do advérbio (tempo, lugar, intensidade...).

Seguem alguns exercícios comentados.

Use o acento grave nas locuções femininas, quando se exigir.

1. Compro sempre _____ vista, nunca _____ prazo.

2. Gostava de churrasco _____ Osvaldo Aranha.

3. Queria tudo _____ claras.

Comentários:

Não custa nada lembrar: acento nas locuções só se for feminina.

Na frase 1, só a primeira (*à vista*) é locução feminina, pois prazo é vocábulo masculino.

Na 2, embora Osvaldo seja palavra masculina, subentende-se a locução prepositiva feminina à moda de.

Em 3, às claras é uma locução adverbial feminina de modo.

Respostas: 1. à vista/a prazo; 2. à Osvaldo Aranha; 3. às claras.

4. Vivia _____ espera de um milagre.

5. Saiu _____ cinco horas _____ fim de ver um filme.

Comentários:

Na frase 4, a locução prepositiva (*à espera de*) é formada por palavra feminina. Em 5, na primeira ocorrência, a locução adverbial é feminina indicando tempo, mas na segunda ocorrência há uma locução prepositiva representada

por palavra masculina – *fim*.

Respostas: 4. à espera de; 5. às cinco horas/a fim de.

6. Chegou _____ uma hora e saiu _____ oito.

7. Estou aqui desde _____ três horas.

Comentários:

Na frase 6, as locuções são representadas por palavra feminina – *hora*. No entanto, se as expressões de hora vierem antecedidas de preposição (após, desde), não haverá acento (frase 7).

Respostas: 6. à uma hora/às oito (horas); 7. desde as três horas.

8. Sentia-se mais _____ vontade _____ medida que ia se aproximando da reta final.

9. _____ medida que tomaste desagradou a todos.

Comentários:

Na frase 8, temos, respectivamente, uma locução adverbial feminina e uma locução conjuntiva feminina com ideia de proporção.

Repare que na frase 9 não há mais a ideia de proporção. Temos aí medida funcionando como sujeito de desagradou:

" A medida que tomaste desagradou a todos".

(suj.) or. adjetiva

Respostas: 8. à vontade/à medida que; 9. A medida.

10. _____ vezes, ela faz _____ vezes do professor.

11. Fez a prova _____ lápis.

12. Andei _____ cavalo pela fazenda.

13. _____ beira do rio, admirava o quadro _____ óleo que acabara de pintar.

14. Comia, _____ pressas, um angu _____ baiana.

Comentários:

Na frase 10, só na primeira ocorrência é que há ideia circunstancial de tempo (às vezes = de vez em quando).

Na segunda passagem, essa expressão funciona como objeto direto de **faz** (" ela faz as vezes"), não possui valor adverbial, *"ela faz algo* (= as vezes)*"*

Nas frases 11 e 12, as locuções são masculinas (lápis, cavalo). Na 13, a locução prepositiva é feminina (beira), mas a palavra *óleo*, na segunda passagem, é masculina.

Na frase 14, as duas locuções são adverbiais femininas.

Respostas: 10. Às vezes/as vezes; 11. a lápis; 12. a cavalo; 13. À beira de/a óleo; 14. às pressas/à baiana.

Observações finais:
a) Antes das palavras CASA e TERRA (em oposição a bordo) não ocorrerá o acento.
Exemplos:
Retornaram rapidamente a casa.
Quando o navio atracou pudemos ir a terra.
No entanto, se vierem determinadas, haverá o acento:
Retornaram rapidamente à casa dos pais.
Iria à terra dos avós.
b) Não se usa o acento grave no a antes de palavras tomadas em sentido geral.
Exemplos:
Este pano cheira a gasolina. (Este pano cheira a álcool.)
Ela se candidatou a deputada. (Ele se candidatou a deputado.)

Repare que ao trocar por palavra masculina não aparece artigo ("cheira a álcool e não ao álcool/se candidatou a deputado e não ao deputado"), logo não aparecerá artigo antes do nome feminino.

Reconhecemos que esse caso não é de fácil percepção, mas a boa notícia é que raríssimas são as questões de concurso público que exploram esse caso. Mais um exemplo:

Viso a melhores condições de trabalho.

Esse é o caso mais comum de palavra tomada em sentido geral: usar a preposição a antes de substantivo no plural. A ausência do artigo definido *as* confirma essa indeterminação.

Marque V ou F para os casos de crase abaixo. Nas situações de crase, indique a justificativa para o acento.

1. ( ) Ele fez referência a tarefa feita por nós.

Comentários: O substantivo *referência* pede preposição *a*. A palavra *tarefa* aceita artigo.

Resposta: a frase está errada, falta o acento.

2. ( ) Traçou uma reta oblíqua a do centro.

Comentários: O adjetivo *oblíqua* exige a preposição *a*. E essa preposição vai-se encontrar com o pronome demonstrativo *a* (= *aquela*) que vem antes de *do centro* (Traçou uma reta oblíqua *a* + *a do centro*).

Resposta: a frase está errada. Falta o acento.

3. ( ) Não conheço as que saíram.

Comentários: O verbo *conhecer* é transitivo direto, não pede preposição. A palavra *as* é só pronome demonstrativo (= *aquelas*).

Resposta: a frase está certa, não há fenômeno da crase.

4. ( ) Ele se referia as que saíram.

Comentários: O verbo *referir-se* é transitivo indireto, pede preposição *a*. E essa preposição vai-se encontrar com o pronome demonstrativo *as* (= *aquelas*), que vem antes da oração *que saíram* (Ele se referia *a* + *as que saíram*).

Resposta: a frase está errada, falta o acento.

5. ( ) Apresentou-lhe a esposa.

Comentários: O verbo *apresentar*, aqui, é transitivo direto e indireto e vem seguido de dois objetos: o indireto, sob a forma de pronome (*lhe*) e o direto (*a esposa*). Ora, se *a esposa* é objeto direto, não há que se iniciar com preposição e, sem ela, não ocorre o fenômeno da crase. O *a* que aparece na frase é artigo.

Resposta: a frase está certa.

6. ( ) Era uma camisa semelhante a que o diretor usava.

Comentários: O adjetivo *semelhante* exige a preposição *a*. E essa preposição encontra-se com o pronome demonstrativo *a (= aquela)*, antes do relativo *que* (*Era uma camisa semelhante a* + *a que o diretor usava*).

Resposta: falta o acento.

7. ( ) Ele não obedecia aquele regulamento.

Comentários: *Quem obedece, obedece a alguém,* ou *a alguma coisa*. O verbo *obedecer* é transitivo indireto e vem acompanhado da preposição *a*. E essa preposição encontra-se com o *a* que inicia o pronome demonstrativo *aquele*.

Resposta: a frase está errada, deveria vir com o acento.

8. ( ) Ele desconhecia aquele regulamento.

Comentários: O verbo *desconhecer* é transitivo direto, não exige preposição. Daí o fato de o pronome demonstrativo *aquele* não ter de vir com o acento grave.

Resposta: a frase está certa.

9. ( ) Não me refiro aquilo.

Comentários: *Referir-se* é transitivo indireto, e vem acompanhado da preposição *a*. E essa preposição *a* encontra-se com o *a* do demonstrativo *aquilo*. Falta o acento de *aquilo*.

Resposta: a frase está errada.

10. ( ) Esta é a lei a qual fiz alusão.

Comentários: Atenção: trata-se de regência com pronome relativo. Organize a frase que vem após o pronome relativo. Colocando-a na ordem direta, teremos: "(Eu) fiz alusão a + a qual". Ora, daí o erro.

Resposta: falta o acento do relativo <u>a qual</u>.

11. ( ) Esta é a lei a qual desconhecia.

Comentários: Agora, temos só o pronome relativo *a qual*. O verbo *desconhecer* não exige preposição, é transitivo direto.

Resposta: a frase está certa. Não há crase.

12. ( ) Esta é a mulher a quem fiz referência.

Comentários: Organizando a frase que vem após o relativo, teríamos "(Eu) fiz referência a". Só que essa preposição que o substantivo *referência* exige não se encontra com nenhum outro *a*, pois o pronome relativo *quem* não aceita artigo.

Resposta: a frase está certa, o a de *a* quem é só preposição.

13. ( ) Ele se dedica a empresa, respeita a hierarquia e obedece as leis.

Comentários: Observe que o grande segredo do uso da crase é saber regência. O verbo *dedicar-se* é transitivo indireto. Logo, exige a preposição *a*, que vai-se encontrar com o artigo *a* de empresa. Por isso, o primeiro erro: falta o acento. Já o verbo *respeitar* é transitivo direto, não pede preposição: o *a* que vem antes de *hierarquia* é só artigo. Quanto a isso, a frase está certa. Já o verbo *obedecer* exige preposição *a*, é transitivo indireto. E a preposição *a* encontra-se com o artigo *as* que antecede *leis*. Mais uma vez, falta o acento.

Resposta: a frase reescrita de forma correta ficaria assim: *Ele se dedica à empresa, respeita a hierarquia e obedece às leis*.

14. ( ) Nas próximas férias, iremos a Suécia, a Bélgica e a Portugal.

Comentários: Com nome de lugar, mais uma dica: utilize o verbo *voltar* seguido do nome do lugar para ver se o artigo aparece. Assim, teríamos: *voltei da Suécia, da Bélgica e de Portugal*. Ora, *Suécia* e *Bélgica* admitem artigo a, mas *Portugal* não.

Resposta: a frase está errada, faltam dois acentos graves. Reescrita de forma correta, a frase ficaria assim: "Nas próximas férias, iremos à Suécia, à Bélgica e a Portugal".

15. ( ) Viajaremos a Londres e a Roma do Coliseu.

Comentários: *Londres* não admite artigo *a*: "Voltei de Londres". A palavra *Roma*, se estivesse sozinha na frase também não admitiria ("Voltei de Roma"); só que aqui se fala *da Roma do Coliseu*. O nome de lugar está seguido de determinante, por isso deve vir antecedido de artigo. Faltou o acento grave antes de *Roma*.

Resposta: a frase está errada.

16. ( ) As vezes, o pessoal sai as escondidas.

Comentários: Duas locuções femininas: uma adverbial de tempo (*às vezes*) e outra adverbial de modo (*às escondidas*). As duas, portanto, deveriam vir acentuadas.

Resposta: a frase está errada.

17. ( ) A reunião vai das cinco as seis horas.

Comentários: Observe o paralelismo estrutural que se criou na frase: antes da palavra *cinco*, tem-se a contração da preposição *de* e o artigo *as*. Antes da palavra *seis*, o mesmo não ocorreu: a preposição *a* deveria ter-se contraído ao artigo *as*. Está faltando, portanto, o acento. O certo seria dizer: "A reunião vai das cinco às seis horas".

Resposta: frase errada.

18. ( ) A reunião vai durar de cinco a seis horas.

Comentários: Trata-se de intervalo de tempo. Antes da palavra *cinco* só aparece a preposição *de*. Antes da palavra *seis*, então, só deve aparecer a preposição *a*.

Resposta: a frase está certa.

19. ( ) Só as primeiras horas da noite pôde assistir a cerimônia.

Comentários: Falta o acento da locução adverbial de tempo *às primeiras horas da noite*. Além disso, o verbo *assistir*, que é transitivo indireto, exige a preposição *a*, que se encontra com o artigo que antecede o substantivo *cerimônia*. Falta também o acento.

Resposta: a frase, reescrita de forma correta, seria: "Só às primeiras horas da noite pôde assistir à cerimônia".

20. ( ) Ao sair, bata a porta.

Comentários: O verbo *bater*, aqui, é o mesmo que *fechar*, é transitivo direto. Logo, não vem seguido da preposição **a**. O **a** que aparece antes do substantivo porta é só artigo.

Resposta: a frase está certa.

21. ( ) Ele só chegará a uma hora.

Comentários: Trata-se de locução feminina adverbial de tempo. Assim como às duas horas, às três horas, à zero hora etc. Falta o acento.

Resposta: frase errada.

22. ( ) Você deve correr até à árvore.

Comentários: Crase facultativa. Após a preposição *até*, a preposição *a* é facultativa.

Resposta: a frase está certa e poderia ter vindo também sem acento.

23. ( ) Ele está aqui desde às dez horas.

Comentários: A locução adverbial de tempo já foi iniciada com uma preposição *desde*, por isso, não aceita outra preposição *a*.

Resposta: a frase está errada, o que deveria ter vindo após a preposição *desde* é apenas o artigo *as*.

24. ( ) O diretor fazia alusão a aluna alguma.

Comentários: O substantivo *alusão* pede preposição, mas o substantivo *aluna* vem seguido de um pronome indefinido *alguma*, que lhe dá um sentido vago, indefinido. Por isso, o artigo é proibido.

Resposta: a frase está certa. O a que aparece antes de *aluna* é preposição.

25. ( ) Meu médico me proibiu de ir à festa, batizado, casamento.

Comentários: O verbo *ir* veio adequadamente seguido da preposição *a*, indicando destino, lugar. Mas a palavra *festa* está tomada em sentido geral. Observe que, na sequência, vieram outros substantivos com sentido genérico (*todo tipo de festa, batizado, casamento*...). O artigo, portanto, é proibido.

Resposta: a frase está errada.

19.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

Vamos fixar? Após fazer os exercícios, confira seu gabarito!

I. Complete com a, à, as ou às.

1. Estava habituada ____ insondável capacidade de assombro do marido.
2. Os universitários leem como se assistissem ____ televisão com um controle remoto.
3. Os bancos oferecem linhas de crédito direto ao consumidor com taxas bem inferiores ____ do comércio.
4. ____ essa hora estou dormindo, respondeu-me ela.
5. ____ uma da tarde estava solucionado o problema.
6. O aceno antigo era por uma adesão equivocada, mas movida ____ utopia.
7. Uma torneira pingando pode deixar escoar 150 litros de água ____ cada 24 horas.
8. Quem recicla ajuda ____ diminuir a montanha de lixo.
9. Não se referiram ____ qualquer reforma mas ____ de 1971.
10. ____ língua deve-se querer como ____ pátria.
11. Tudo se recolhe: lata ____ lata vai-se juntando material reutilizável.
12. A discussão era ____ propósito de reformas ortográficas.
13. Supermercados que recebem embalagens plásticas dão em troca roupas para serem doadas ____ instituições de caridade.
14. ____ semelhança do que ocorre em outros países, o Brasil ainda não tem infraestrutura para testes em larga escala.

15. Os voluntários necessários serão escolhidos ____ critério das instituições envolvidas no projeto.

16. Proponho ____ Vossa Senhoria dar, àqueles que se destacarem, oportunidades de promoção; porém espero que tal promoção não se restrinja ____ pessoas do primeiro escalão, mas aplique-se ____ todos os funcionários da casa.

17. Os voluntários deverão responder ____ perguntas de um questionário sobre seu comportamento sexual.

18. As normas jurídicas devem corroborar ____ manifestações do povo.

19. As normas jurídicas devem anuir ____ manifestações do povo.

20. O voluntário deverá informar ____ pessoas responsáveis pela pesquisa todas as reações surgidas em decorrência do tratamento.

21. Ela deve dar ____ luz em junho.

22. Mulher: todos os dias elas dão ____ luz um mundo melhor.

23. A prova teve início após ____ oito horas.

24. Saí de casa ____ uma hora ____ fim de ir ____ praia.

25. São serviços essenciais ____ essa população.

26. São serviços essenciais ____ toda e qualquer população.

27. São serviços essenciais ____ nossa população.

28. São serviços essenciais ____ nossas cidades.

29. Um jornal noticiou há dois meses que dali ____ três semanas os cidadãos teriam acesso ____ novas tecnologias que ligariam ____ América ____ Europa ____ uma velocidade equivalente ____ da luz.

30. Está em exame na Casa Civil anteprojeto de lei que instituirá um sistema de incentivo ____ redução dos acidentes e de punição das empresas que submetem seus trabalhadores ____ risco. ____ intenção é reduzir pela metade ou dobrar ____ alíquotas de contribuição para cobertura de acidentes trabalhistas, dependendo do caso. Uma empresa que esteja abaixo da média nacional de acidentes, por exemplo, pode vir ____ pagar menos. O contrário acontecerá ____ empresa que tiver registrado número de acidentes muito acima da média do seu setor. Ela poderá ter ____ alíquota duplicada.

31. Completamente excluídos das engrenagens de desenvolvimento da sociedade, os miseráveis são reduzidos ____ uma condição subumana. Seu único horizonte passa ____ ser ____ luta feroz pela sobrevivência. No lixão de Valparaíso, ____ poucos quilômetros de Brasília, há gente disputando os restos com os animais.

Gabarito: 1. à; 2. à; 3. às; 4. A; 5. À; 6. A(1); 7. a; 8. a; 9. a; à; 10. À; à; 11. a; 12. a; 13. a ou às; 14. À; 15. a; 16. a; a ou às; a; 17. a ou às; 18. as; 19. às; 20. às; 21. à(2); 22. à(2); 23. as(3); 24. à; a; à; 25. a; 26. a; 27. a ou à (facultativo); 28. às; 29. a; às ou a; a; à; a; à; 30. à; a; A; as; a; à; a; 31. a; a; a; a.

19.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Finalmente, as questões de concursos comentadas.

1. (Fundec/Técnico – TRT) No trecho "entidade vinculada à Delegacia Regional do Trabalho do Rio Grande do Sul", está corretamente empregado o acento indicativo da crase, fato que não ocorre em:

a) Os trabalhadores recorreram à todas as instâncias para garantir seu direito.

b) Proibiam sempre às mesmas crianças que permanecessem nas ruas.

c) Só era permitido às crianças trabalhar durante o dia.

d) O governo deixava as crianças jogadas à própria sorte.

e) À falta do que fazer, os menores invadiam as ruas da cidade.

Comentários:

Na letra A, além de *todas* estar no plural e o *a* aparecer no singular, esse pronome é *indefinido*, o que proíbe o uso do acento no *a* por não se usar artigo definido *a* antes de pronomes indefinidos.

Em B, C e D, os termos *proibiam, permitido* e *jogadas* regem preposição *a* e as palavras femininas que se seguem *(crianças* e *sorte*) aceitam artigo feminino *a*. Na opção E, o acento ocorre por *à falta de* ser locução prepositiva feminina. Repare: em B, C e D, há exemplos de **contração** de preposição *a* + artigo feminino *a*; em E, caso de **locução feminina.**

Resposta: A.

2. (Fundec) A alternativa em que NÃO pode ocorrer o fenômeno da crase é:

a) Ninguém respondeu até hoje as perguntas sobre o assunto.

b) Só mesmo um deus perdoaria a seus flagelados.

c) Ele acabou obedecendo a vontade de seus pais.

d) Tais medidas visam a segurança de todos.

e) Cheguei a Itália em plena primavera!

Comentários:

O comando da questão pede para se assinalar a alternativa em que **não** se deve usar o acento grave. Na opção A, teríamos em "responder às perguntas", o encontro da preposição *a* (*respondeu a*) com o artigo feminino *as* (*as perguntas*). Em B, não haveria acento, pois aquele *a* não pode receber acento, já que *flagelados*, além de ser vocábulo masculino, está no plural. Portanto, o *a* em "a seus flagelados" é apenas preposição.

Em C, D e E, os verbos *obedecer*, *visar* e *chegar* regem preposição *a* e as palavras *vontade*, *segurança* e *Itália*

aceitam artigo *a*.

Resposta: B.

3. (FCC) A crase deverá ser empregada na seguinte alternativa:

a) As cidades as quais me refiro são estâncias turísticas.

b) Os alunos a quem me dirijo são inteligentes.

c) Encaminharei o discurso a Vossa Senhoria.

d) O documento visava a elucidar dúvidas.

e) Trata-se de pintura a óleo.

Comentários:

Na letra A, aparece o relativo *as quais*. Como vimos na teoria, com esse pronome, se na sequência, algum termo pedir preposição *a*, haverá o acento (em "às quais me refiro", o verbo *referir-se* pede preposição *a*).

Nas outras opções, só aparece a preposição *a,* pois *quem, Vossa Senhoria, elucidar* e *óleo* não pedem artigo definido feminino.

Resposta: A.

4. (FCC) _____ beira do leito, assistiu _____amiga. Hora _____hora, minuto _____minuto, sempre _____espera de um milagre.

a) A – à – à – a – à

b) À – a – a – a – à

c) A – a – a – a – à

d) A – a – à – à – à

Comentários:

Na passagem *à beira do leito*, temos uma locução prepositiva feminina. Em *assistiu à/a amiga*, como o verbo *assistir* (= dar assistência) pode ser transitivo direto ou indireto, a preposição *a* poderia aparecer ou não ("assistiu à amiga" ou "assistiu a amiga").

Entre palavras repetidas, não haverá jamais acento no *a* (*hora a hora/minuto a minuto)*. Por fim, em *à espera de*, tem-se mais uma locução prepositiva feminina.

Resposta: B.

5. (FCC) O poeta aspirava _____ felicidade, mas sem _____ volta da amada ele não _____ obteria. A afirmativa que completa corretamente as lacunas da frase acima é:

a) A – À – A

b) À – A – A

c) A – À – À

d) À – A – À

e) À – À – À

Comentários:

Na passagem *aspirava à felicidade*, o verbo *aspirar* (= desejar, almejar) pede preposição *a* e *felicidade* é palavra feminina que aceita artigo *a.* Em *sem a volta*, esse *a* é apenas artigo, já que nenhuma palavra anterior pede preposição *a*, o que aparece é a preposição *sem*. Já o *a* de *ele não a obteria* é pronome pessoal oblíquo, que retoma o substantivo *felicidade.*

Resposta: B.

6. (FCC) Disposto _____ recomeçar, o auxiliar judiciário referiu-se _____ palavras de apoio que ouviu, _____ entrada do serviço.

a) à – às – a

b) à – às – à

c) a – as – a

d) a – às – à

e) a – as – à

Comentários:

Em *Disposto a recomeçar*, *recomeçar* é verbo, portanto, não aceita artigo. Já em *referiu-se às palavras*, *referir-se* rege preposição *a* e *palavras,* substantivo feminino, aceita artigo feminino plural. Na expressão *à entrada do serviço*, há uma locução prepositiva feminina *à entrada de.*

Resposta: D.

7. (FCC) Ele aprendeu ____tempo que a obediência ____ leis dignifica o cidadão devotado ____ pátria.

a) há – as – a

b) a – às – a

c) há – as – à

d) à – às – à

e) há – às – à

Comentários:

No início do período, temos uma passagem em que aparece uma expressão que indica tempo decorrido, passado. Logo, não usaremos a preposição *a*, e sim o verbo *haver*, para mostrar essa ideia. Em *obediência às leis*, o nome *obediência* pede preposição *a* e *leis* aceita artigo feminino plural *as,* o que também ocorre em *devotado à pátria* (*devotado a + a pátria*).

Resposta: E.

8. (Senado – Analista) "É sabido que a terra não pertence aos índios; antes, são eles que pertencem à terra." No período acima, utilizou-se corretamente o acento indicativo de crase antes da palavra terra. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.

a) Voltarei à terra natal.

b) A sonda espacial retornará em breve à Terra.

c) Quando chegamos à terra, ainda sentíamos em nosso corpo o balanço do mar.

d) Eu me referia à terra dos meus antepassados.

e) Havendo descuido, a areia será misturada à terra.

Comentários:

Sabemos que *terra*, com o sentido de *chão firme*, fazendo oposição a *bordo,* não aceita artigo, por isso não pode vir antecedida de *a* com acento indicativo de crase, mas, em todos os outros sentidos, a palavra *terra* poderá vir antecedida de crase (se vier seguida de expressão determinante, se for o planeta Terra etc.).

Na frase do enunciado, *terra* não vem com esse sentido de oposição a bordo, tem o sentido de *solo*, *território*. Por isso, como o verbo *pertencer* é transitivo indireto e a palavra *terra* aceita artigo, houve a crase. A banca pedia a única alternativa com erro.

Nas letras A e D, a palavra *terra* vem especificada, seguida respectivamente dos determinantes *natal* e *dos meus antepassados*. Por isso, nas duas alternativas, *terra* aceita artigo e veio antecedida de *a* com acento indicativo de crase.

A letra B também está correta, já que o verbo *retornar* pede a preposição *a* indicando direção e o substantivo *Terra* (planeta) aceita artigo a.

Na letra C, *terra* vem com o sentido contrário a bordo, o que se pode perceber pela continuidade da frase ("… o balanço do mar"). Logo, embora o verbo *chegar* deva vir seguido da preposição *a* indicando direção, destino, o substantivo *terra* não aceita artigo. Por isso, o acento veio de forma indevida.

Na letra E, o verbo *misturar* vem seguido da preposição *a* e a palavra *terra* aceita artigo, já que não vem com o sentido contrário a bordo, como ocorreu na alternativa C.

Resposta: C.

9. (Cesgranrio/Petrobras – Bio) O sinal indicativo de crase deve ser usado somente no **a** presente em:

a) Mas a dor de dente pode passar a ser um problema.

b) Os pais costumam levar a seus filhos a obrigação de serem felizes.

c) Não se deve dar importância a chamada da capa da revista.

d) Os livros publicados por universidades devem ser levados a sério.

e) O dinheiro não traz a felicidade que se imagina, quando se luta por ele.

Comentários:

Na letra A, não há crase em nenhuma das ocorrências do vocábulo *a:* o primeiro *a* é artigo do substantivo *dor* e o segundo *a* é preposição que liga verbos de uma locução verbal (já que verbo não pode vir antecedido de artigo *a*).

Na letra B, o verbo levar é transitivo direto e indireto: vem com o objeto direto (*a obrigação de serem felizes*) e indireto (*a seus filhos*). Apesar de o verbo pedir a preposição *a*, o pronome possessivo masculino *seus* não admite artigo feminino. Daí na letra B não ocorrer a crase. Além disso, o outro *a* que aparece na frase é artigo de *obrigação*.

Já na letra C, o verbo *dar* pede dois complementos: um objeto direto (*importância*) e outro indireto (*à chamada da capa de revista*). Além disso, o substantivo *chamada* aceita artigo *a.* Portanto, o sinal indicativo de crase deveria estar presente na frase.

Na letra D, *a sério* é locução adverbial masculina, portanto, não aceita crase. E, na letra E, o verbo *trazer* é transitivo direto e não pede a preposição *a*. O *a* que aparece antes de *felicidade* é apenas artigo.

Resposta: C.

10. (FCC/PGE) Uma floresta secundária apresenta, segundo estudo recente, biodiversidade semelhante ____ da floresta original, embora haja especialistas que contestam o fato de que as matas da segunda geração evoluam de modo ____ garantir as condições ideais de sobrevivência ____ cada uma das espécies.

As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas por:

a) à – a – à

b) à – a – a

c) a – à – a

d) à – à – a

e) a – à – à

Comentários:

O adjetivo *semelhante* rege preposição *a*. E essa preposição se encontra com o pronome demonstrativo *a* (= aquela) em *da floresta original*. Assim, o que temos é *biodiversidade semelhante a + a da floresta original*. Logo, o primeiro *a* é com acento.

A locução prepositiva *de modo a* termina com a preposição *a,* mas o verbo garantir não aceita artigo feminino *a.* Portanto, o segundo *a* não vem com acento grave.

O verbo *garantir* nessa frase é transitivo direto e indireto, e vem seguido do objeto direto *as condições ideais de sobrevivência* e do objeto indireto *a cada uma das espécies.* Ora, ainda que o verbo peça a preposição *a*, antes do seu objeto indireto, o pronome indefinido *cada* não aceita artigo definido *a.* Por isso, o terceiro *a* do período também não vem com acento grave.

Resposta: B.

11. (FCC/DPE – SP – Superior) A presença do sinal indicativo de crase ou sua ausência estão inteiramente corretas na frase:

a) A publicidade, destinada a convencer pessoas à consumir determinados produtos, deve respeitar às normas morais vigentes na sociedade.

b) Peças publicitárias, vistas como obras de arte, não deveriam estar sujeitas à certos padrões sociais de comportamento.

c) A publicidade objetiva atingir à um público consumidor, a quem uma marca deverá ser ou parecer mais atraente do que a outra.

d) Destinadas as pessoas que tenham poder aquisitivo, algumas propagandas apelam à estilos de vida mais elegantes e charmosos.

e) A propaganda destina-se a convencer pessoas à escolha de um determinado produto, percebido como superior a outro.

Comentários:

Segundo o enunciado, a banca quer a alternativa correta, ou seja: todas as alternativas, exceto uma, possuem erro, ou quanto ao *uso* da crase ou quanto à sua *omissão*.

A letra A apresenta um erro por *uso* do sinal indicativo da crase. O verbo *convencer* é transitivo direto e indireto e pede a preposição *a*, mas o verbo *consumir* não aceita artigo feminino *a.* Por isso, o uso do acento foi indevido.

A letra B também está errada: o adjetivo *sujeitas* rege preposição *a*, mas o pronome indefinido *certos*, além do fato de ser um pronome indefinido, está no masculino plural e, por tudo isso, não aceita artigo definido feminino singular *a*. A letra B tem, portanto, erro pela *presença* da crase.

A letra C apresenta o verbo *atingir* seguido da preposição *a*, mas *público consumidor* vem antecedido de artigo

indefinido *um*, não aceitando, portanto, artigo feminino singular *a.* Erro na alternativa pelo *uso* indevido do acento indicativo de crase.

Já a letra D apresenta erro por um motivo diverso das demais alternativas: o adjetivo *destinadas* rege preposição *a* e o substantivo *pessoas* aceita artigo *as.* Falta, portanto, o acento em *as* (*Destinadas a + as pessoas*): o erro aqui é pela *ausência* do acento. Além disso, logo a seguir vem outro erro: o verbo *apelar* nessa frase é transitivo indireto e vem seguido da preposição *a*, mas o substantivo *estilos* não aceita artigo *a.* Mais um erro, dessa vez pelo *uso* indevido. Dois erros, portanto, na letra D: pela omissão do acento em *as pessoas* e pelo uso inadequado em *à estilos de vida.*

A letra E está correta: o verbo *destinar-se* é transitivo indireto, mas o verbo *convencer* não aceita artigo *a.* Na continuidade da frase, mais um acerto: o verbo *convencer* é transitivo direto e indireto; vem com o objeto direto (*pessoas*) e indireto (*à escolha de um determinado produto*). Já que ele pede a preposição *a* e o substantivo *escolha* aceita artigo *a,* o acento indicativo de crase foi corretamente utilizado. Além disso, o adjetivo *superior*, embora exigisse a preposição *a,* o pronome indefinido *outro* não aceitava artigo *a.* Por isso, em *superior a outro* a ausência do sinal indicativo da crase foi correta. Na alternativa E, as três ocorrências do vocábulo *a* estavam corretas.

Resposta: E.

12. (Esaf) Assinale o item cujas lacunas devem ser preenchidas pela sequência Há-A-À.

a) Daqui _____ alguns dias, _____ diretora apresentará _____ algumas pessoas o programa.

b) _____ vários exemplares de livros _____ disposição dos que _____ secretaria indicar.

c) _____ melhor colocação receberá _____ recompensa _____ que tem direito.

d) _____ dois dias, _____ prova chega _____ banca.

e) _____ tempos, vem _____ jovem visando _____ colocação digna de seus méritos.

Comentários:

Letra A: locução prepositiva *daqui a + alguns dias*. O pronome indefinido *alguns* não aceita artigo definido *a.* Em *a diretora*, esse *a* é só artigo (*a diretora* é sujeito do verbo *apresentar*). Em *a algumas pessoas*, o *a* é preposição que rege o verbo *apresentar*, já que o pronome indefinido *algumas* também não aceita artigo. Logo, a sequência correta dessa alternativa é A-A-A;

Letra B: em *há vários exemplares de livros*, tem-se o verbo *haver*. Em *à disposição dos que*, tem-se a locução prepositiva *à disposição de*, que, por ser feminina, deve vir acentuada. Já em *a secretaria indicar*, esse *a* é artigo, já que *a secretaria* é sujeito de indicar e, por isso mesmo, não pede preposição. A sequência correta aqui seria: HÁ-À-A.

Letra C: em *A melhor colocação* o *a* é artigo, pois *a melhor colocação* é sujeito do verbo *receberá.* O *a* de *a recompensa* também é artigo já que o verbo *receber* é transitivo direto e não rege preposição. Em *a que tem direito*,

esse *a* é preposição exigida pelo substantivo *direito*. Como o pronome relativo *que* não aceita artigo *a,* esse *a* é sem acento. Aqui, teríamos: A-A-A.

Letra D: o verbo *chegar* está no presente do indicativo, mas tem valor de futuro. Logo, a expressão *a dois dias* indica tempo futuro e não tempo decorrido, como muitos que fizeram a prova pensaram. Se fosse tempo decorrido, seria o verbo *haver*, mas como é tempo futuro, deve-se usar a preposição *a.* Já o *a* de *a prova* é artigo definido, pois *a prova* é sujeito do verbo *chegar*. Por fim, em *chega à banca*, tem-se a contração da preposição *a* do verbo *chegar* com o artigo *a* do substantivo *banca.* Sequência correta da letra D: A-A-À.

Letra E: agora sim, tem-se ideia de tempo decorrido. A expressão *há dois dias* deve vir com o verbo *haver*. Em *a jovem*, o *a* é artigo definido do sujeito *a jovem*. Já em *visando à colocação*, o verbo *visar* (= almejar) rege preposição *a* e o substantivo *colocação* aceita artigo feminino *a.* Sequência para a letra E: HÁ-A-À.

Resposta: E.

13. (AFC-Esaf) Indique a sequência que preenche corretamente as lacunas indicadas com (____).

De uma forma mais genérica, _____ que substituir _____ imagem centralizada e que tende _____ uniformidade de indivíduo cidadão possuidor de alguns direitos e submetido _____ deveres igualmente abstratos, isto é, desligados das circunstâncias sociais e culturais reais, o que reduz a vida social _____ relações do indivíduo e do Estado, pela imagem invertida de uma relação _____ mais direta possível entre a identidade pessoal ou coletiva e o universo aberto da técnica, das redes de comunicações e dos mercados.

a) há, a, à, a, às, a.

b) à, à, a, à, as, a.

c) há, à, a, à, às, a.

d) a, à, à, a, às, a.

e) a, há, à, a, as, a.

Comentários:

Na expressão *há que substituir*, temos o verbo *haver*, que compõe uma locução verbal junto ao verbo *substituir* (é o mesmo que *deve substituir*). Em *a imagem centralizada*, o *a* é apenas artigo definido de *imagem,* pois o verbo *substituir* não rege preposição, é transitivo direto. Em *tende à uniformidade*, tem-se o encontro da preposição do verbo *tender* com o artigo definido *a* de *uniformidade.* O adjetivo *submetido,* no entanto, pede preposição *a,* mas o substantivo masculino plural *deveres* não aceita artigo definido *a.* Já em *reduz a vida social às relações*, tem-se o encontro da preposição *a*, exigida pelo verbo *reduzir*, que é transitivo direto e indireto, com o artigo *as* de *as relações* (*reduz a + as relações*). No trecho *uma relação a mais direta possível*, o *a* é artigo definido da expressão *a mais possível,* que estudamos em concordância nominal: por isso, não deve receber acento grave.

Resposta: A.

14. (NCE/TRF) … não seguem a instrução à risca…; o item abaixo que mostra o acento grave indicativo da crase pela mesma razão da que o justifica no segmento destacado é:

a) As crianças não devem dormir à noite com luz acesa.

b) O pediatra recomenda às mães que apaguem a luz.

c) A criança não tem direito à luz no corredor.

d) O pai deve ficar atento à miopia dos filhos.

e) A pesquisa e útil à pediatria.

Comentários:

Eis uma questão que não busca erro nem acerto quanto ao uso do sinal indicativo de crase, apenas quer que o candidato explique o porquê da utilização do acento. Ora, na teoria, vimos que só existem duas justificativas para o uso do acento grave: pelo fenômeno (o encontro de um *a* com outro *a*) ou pela locução (o acento das locuções femininas).

O acento da expressão *à risca*, do exemplo que consta no enunciado, justifica-se por ser ela uma locução adverbial feminina. Assim, o candidato deveria buscar uma frase que apresentasse a mesma explicação para o acento indicativo de crase.

Na letra A, *à noite* é locução adverbial feminina, por isso veio acentuada. Na letra B, tem-se o encontro da preposição *a* exigida pelo verbo transitivo direto e indireto *recomendar* com o artigo *as* de *as mães.* Na letra C, o substantivo *direito* rege preposição *a* e o substantivo *luz* aceita artigo *a*. Na letra D, é o adjetivo *atento* que rege a preposição *a* e a palavra *miopia* aceita artigo *a.* Na letra E, também ocorre o encontro da preposição *a*, exigida pelo adjetivo *útil*, com o artigo *a* do substantivo *pediatria.*

Logo, as letras B, C, D e E apresentam acento indicativo de crase em função de fenômeno fonético. Apenas a letra A apresenta uma locução feminina acentuada.

Resposta: A.

A seguir, questões da banca Cespe-UnB sobre regência e crase. Julgue cada assertiva como certa ou errada. Os comentários vêm abaixo de cada item. Vamos lá!

(MTE – Cespe) Julgue as alternativas a seguir, de acordo com seus respectivos textos:

Assim, poderemos assegurar seu maior acesso à terra, às fontes de trabalho, à melhor qualidade de vida, à educação, à saúde, à habitação e a outros serviços básicos.

15. Na enumeração feita, o trecho "a outros serviços básicos" poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: *à outros serviços básicos*, ou seja, com sinal indicativo de crase.

Comentários:

Ainda que o substantivo *acesso* exija a preposição *a*, o pronome indefinido *outros* não aceita artigo *a,* por ser indefinido e por estar no masculino plural.

Resposta: por isso, a assertiva está errada.

"Não conseguia dormir direito por não conseguir juntar dinheiro sequer para retornar à minha cidade e rever a família", relatou.

16. O sinal indicativo de crase em "retornar à minha cidade" é facultativo e a sua omissão preservaria os sentidos do texto e a correção das estruturas linguísticas.

Comentários:

O verbo *retornar*, de fato, deve vir seguido da preposição *a*, indicando direção, destino, e o pronome possessivo singular *minha* tem artigo facultativo. Logo, o acento grave é facultativo: sua presença ou sua ausência não implicaria erro gramatical nem mudança de sentido da frase.

Resposta: a assertiva está certa.

Em 2009, a economia brasileira deverá crescer 2,59%, resultado bem abaixo do esperado para a alta do PIB em 2008, de 5,6%. Esta é a projeção da mais recente pesquisa de projeções macroeconômicas e expectativas de mercado, feita mensalmente pela Federação Brasileira de Bancos (Febraban) junto a analistas de 33 instituições.

17. No trecho "junto a analistas de 33 instituições", poderia ter sido empregado o sinal indicativo de crase em "a", pois se trata de caso em que esse emprego é facultativo.

Comentários:

Em *junto a analistas*, tem-se a locução prepositiva *junto a* que, por sua vez, vem seguida de substantivo masculino plural, que não aceita artigo *a.* Por isso, o sinal indicativo de crase é proibido. O *a* que antecede *analistas* é preposição.

Resposta: assertiva errada.

(IPAJM – Advogado) Julgue as alternativas a seguir, de acordo com seus respectivos textos:

Nada vemos de semelhante ao que aconteceu, no plano das ideias, em outro momento de grandes transformações da técnica e também de grandes descobertas — o século XVI —, com o renascimento de um mundo esquecido e das doutrinas dos velhos filósofos da Grécia e do Oriente, e, com elas, a crítica e a dissolução de antigas crenças que davam ao homem "a certeza do saber e a segurança da ação".

18. As relações de regência entre "semelhante" e "aconteceu" permitem que o trecho "ao que" seja substituído por **àquilo que**, sem prejudicar a coerência nem a correção gramatical do texto.

Comentários:

De fato, o adjetivo *semelhante* rege preposição *a*, que, no caso do texto, encontrou-se com o demonstrativo *o*, que

antecede o relativo *que.* Ora, o que a banca propõe é a substituição de *ao* por *àquilo*, ou seja, a troca de um demonstrativo *o* por outro demonstrativo *aquilo,* acrescentando--se o acento indicativo de crase. Seria uma reescritura perfeita, não acarretaria erro gramatical nem mudança de sentido da frase.

Resposta: a assertiva está correta.

19.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (TRF3 – Técnico Judiciário – FCC – Abril/2016)

O sinal indicativo de crase está empregado corretamente em:

a) Não era uma felicidade eufórica, semelhava-se mais à uma brisa de contentamento.

b) O vinho certamente me induziu àquela súbita vontade de abraçar uma árvore gigante.

c) Antes do fim da manhã, dediquei-me à escrever tudo o que me propusera para o dia.

d) A paineira sobreviverá a todas às 18 milhões de pessoas que hoje vivem em São Paulo.

e) Acho importante esclarecer que não sou afeito à essa tradição de se abraçar árvore.

2. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

Atente para as afirmativas abaixo.

I. Em... *presta homenagem às potências dominantes*... (1º parágrafo), o sinal indicativo de crase pode ser suprimido excluindo-se também o artigo definido, sem prejuízo para a correção.

II. O acento em " têm" (2º parágrafo) é de caráter diferencial, em razão da semelhança com a forma singular " tem", diferentemente do acento aplicado a " porém" (3º parágrafo), devido à tonicidade da última sílaba, terminada em " em".

III. Os acentos nos termos " excelência" (2º parágrafo) e " necessário" (3º parágrafo) devem-se à mesma razão.

Está correto o que consta em

a) I, II e III.

b) I, apenas.

c) I e III, apenas.

d) II, apenas.

e) II e III, apenas.

3. (2014 – FCC – DPE-RS – Defensor Público)

Considerada a norma-padrão escrita da língua, afirma-se com correção:

a) Em Quanto à China, continua velada na sua longa noite, brilhando apenas para si própria, o gerúndio exprime ideia de condição.

b) Transpondo, para o discurso direto, o discurso indireto presente em ouvi o finado William Gifford Palgrave [...] perguntar ao comandante do navio que vantagem lhe parecia ter advindo da descoberta da América, a forma obtida é: " – Comandante, que

vantagem lhe parecia ter advindo da descoberta da América?”.

c) Transposição da frase “ a curiosa questão havia sido proposta seriamente para um prêmio pela Academia de Lyon” para a voz ativa gerará adequadamente a forma verbal “ propusera”.

d) Em não passa [...] “ de uma declamação oca, onde não há nada a colher”, o pronome “ onde” está devidamente empregado, como o está a palavra que se destaca em “ Gosta de falar de improviso, é aonde, na maioria das vezes, ele peca”.

e) Em “ O livro merece por isso ser conservado, mas a época em que foi escrito, 1787, não permitia ainda que se pudesse avaliar a contribuição do Novo Mundo para o bem-estar da humanidade” é necessário um reparo, pois a forma “ à época”, com acento indicativo da crase, é, no contexto, obrigatória.

4. (TRT – 14R – Téc. Jud. – Área Adminis. – FCC – Fev./2016)

No que se refere ao emprego do acento indicativo de crase e à colocação do pronome, a alternativa que completa corretamente a frase *O palestrante deu um conselho...* é:

a) à alguns jovens que escutavam-no.

b) à estes jovens que o escutavam.

c) àqueles jovens que o escutavam.

d) à juventude que escutava-o.

e) à uma porção de jovens que o escutava.

Leia o texto a seguir para responder à questão 5.

O eixo norteador da gestão estratégica de recursos humanos é a ênfase nas pessoas como variável determinante do sucesso organizacional, visto que a busca pela competitividade impõe à organização a necessidade de contar com profissionais altamente qualificados, aptos a fazer frente às ameaças e oportunidades do mercado.

Essa construção competitiva sugere que a gestão estratégica de recursos humanos contribui para gerar vantagem competitiva sustentável por promover o desenvolvimento de competências e habilidades, produz e difunde conhecimento, desenvolve as relações sociais na organização.

A gestão deve ter como objetivo maior a melhoria das *performances* profissional e organizacional, principalmente por meio do desenvolvimento das pessoas em um sentido mais amplo. Dessa forma, o conhecimento e o desempenho representam, ao mesmo tempo, um valor econômico à organização e um valor social ao individuo.

Valdec Romero. Aprendizagem organizacional, gestão do conhecimento e universidade corporativa: instrumentos de um mesmo construto. Disponível em: <www.administradores.com.br> (com adaptações).

5. (FUB – Técnico Adm. – Cespe – Mar./2015)

Julgue o item subsequente como Certo (C) ou Errado (E), relativo às estruturas linguísticas e às ideias do texto.

Na linha 2, a forma verbal “ impõe” exige dois complementos: um, introduzido pela preposição “ a” – por isso, o acento indicativo de crase em “ à organização” –; e outro, sem preposição – de que decorre o não uso da crase em “ a necessidade”.

Leia o texto a seguir para responder à questão 6.

Texto 1 – Problemas Sociais Urbanos

Dentre os problemas sociais urbanos, merece destaque a questão da segregação urbana, fruto da concentração de renda no espaço das cidades e da falta de planejamento público que vise à promoção de políticas de controle ao crescimento desordenado das cidades. A especulação imobiliária favorece o encarecimento dos locais mais próximos dos grandes centros, tornando-os inacessíveis à grande massa populacional. Além disso, à medida que as cidades crescem, áreas que antes eram baratas e de fácil acesso tornam--se mais caras, o que contribui para que a grande maioria da população pobre busque por moradias em regiões ainda mais distantes.

Essas pessoas sofrem com as grandes distâncias dos locais de residência com os centros comerciais e os locais onde trabalham, uma vez que a esmagadora maioria dos habitantes que sofrem com esse processo são trabalhadores com baixos salários. Incluem-se a isso as precárias condições de transporte público e a péssima infraestrutura dessas zonas segregadas, que às vezes não contam com saneamento básico ou asfalto e apresentam elevados índices de violência.

A especulação imobiliária também acentua um problema cada vez maior no espaço das grandes, médias e até pequenas cidades: a questão dos lotes vagos. Esse problema acontece por dois principais motivos: 1) falta de poder aquisitivo da população que possui terrenos, mas que não possui condições de construir neles e 2) a espera pela valorização dos lotes para que esses se tornem mais caros para uma venda posterior. Esses lotes vagos geralmente apresentam problemas como o acúmulo de lixo, mato alto, e acabam tornando-se focos de doenças, como a dengue.

PENA, Rodolfo F. Alves. "Problemas socioambientais urbanos"; *Brasil Escola*. Disponível em http://brasilescola.uol.com.br/brasil/problemas-ambientais-sociais-decorrentes-urbanização.htm. Acesso em 14 de abril de 2016.

6. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

No texto 1, há quatro ocorrências do acento grave indicativo da crase: " vise à promoção de políticas de controle"(1), " tornando-os inacessíveis à grande massa populacional"(2), " Além disso, à medida que as cidades crescem"(3) e " que às vezes não contam com saneamento básico"(4).

Os casos de crase que correspondem à união de preposição + artigo definido são:

a) 1 e 2;

b) 1 e 4;

c) 2 e 3;

d) 3 e 4;

e) todos eles.

7. (Basa – Médico do Trabalho – Cesgranrio – Set./2015)

Observa-se o respeito à norma-padrão, no que se refere ao uso do acento indicativo de crase, na seguinte frase:

a) A medicina do trabalho é uma área criada à quase dois séculos.

b) A Revolução Industrial propiciou à criação da medicina do trabalho.

c) À muitas empresas que cuidam bem da saúde dos trabalhadores.

d) Atribui-se aos médicos à responsabilidade pela saúde do trabalhador.

e) As empresas, em geral, visam à manutenção da força de trabalho.

8. (Liquigás – Administrador Jr. – Cesgranrio – Set./2015)

A frase em que o acento grave está empregado de acordo com a norma-padrão é:

a) É muito importante lutar contra **à** fome no país.

b) Bastantes pessoas fazem oposição **à** programas de erradicação da pobreza.

c) Temos de ser favoráveis **à** medidas que mudem a vida de todos.

d) **À** muitos anos, luta-se pelo fim da miséria.

e) A taxa de mortes por fome no Brasil é superior **à** de muitos outros países.

9. (Petrobras – Advogado Jr. – Cesgranrio – Ago./2015)

De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, o sinal indicativo da crase é obrigatório na palavra destacada em:

a) Antigamente não existiam **a** comunicação via satélite, a internet e o telefone celular, dificultando a correspondência entre as pessoas situadas em países diferentes.

b) Os processos informacionais e comunicativos dos seres estão relacionados, atualmente, **a** modernas tecnologias da informação.

c) Nos dias de hoje, a rapidez na transmissão da informação está invariavelmente associada **a** evolução da tecnologia, própria da sociedade pós-industrial.

d) Até o século passado, o sentido da palavra informação estava restrito **a** dados que eram transmitidos ao receptor com certa defasagem temporal.

e) O desenvolvimento de *hardwares* e *softwares* garante **a** operacionalização da comunicação e dos processos deles decorrentes em meios virtuais.

10. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016 – Adaptada)

Assim como nas locuções **a vapor** e **a bordo**, também não há acento indicativo de crase no seguinte texto de uma mensagem que está contextualizada entre parênteses:

a) Angu a baiana (cardápio de restaurante)

b) Peixe a moda da casa (cardápio de restaurante)

c) Sujeito a guincho (mensagem aos motoristas)

d) Obras a frente (mensagem aos motoristas)

e) Bem-vindo a Bahia (mensagem aos motoristas)

11. (ANP – Téc. Reg. Petr&Der – Cesgranrio – Jan./2016)

De acordo com a norma-padrão da Língua Portuguesa, o emprego do sinal indicativo da crase é obrigatório no vocábulo destacado em:

a) O telefone celular exerce tal fascínio sobre a população que os aplicativos ligados **a** ele têm mobilizado pessoas, independentemente do nível de escolaridade.

b) O processo de desaceleração econômica mundial não causará impedimento **a** ascensão das novas tecnologias de comunicação e informação.

c) As pessoas mais jovens (de 16 a 25 anos) assistem a cerca de uma hora **a** menos de televisão por dia do que as mais velhas (acima dos 65 anos).

d) A Pesquisa Brasileira de Mídia, realizada em 2015, considerou **a** televisão o meio de comunicação mais utilizado pelos brasileiros.

e) Os meios de comunicação começam **a** criticar o excessivo uso da internet por usuários das diversas classes sociais.

12. (Basa – Téc. Bancário – Cesgranrio – Set./2015)

O emprego do sinal indicativo de crase está adequado à norma-padrão na seguinte frase:

a) Os agricultores são expostos **à** riscos de várias naturezas.

b) Faz-se referência **à** uma porcentagem de alimentos advindos da agricultura.

c) A agricultura sustentável evita danos nocivos **à** saúde.

d) A agricultura familiar visa **à** fixar o homem no campo.

e) A agricultura familiar proporciona **à** famílias uma cesta de produtos.

13. (BB – Escriturário – Cesgranrio – Out./2015)

O sinal indicativo da crase é obrigatório, de acordo com a norma-padrão da Língua Portuguesa, na palavra destacada em:

a) O atendimento **a** necessidades de imediatismo da sociedade justifica o crescimento das formas de pagamentos digitais.

b) Os sistemas baseados em pagamentos móveis têm chamado **a** atenção pela sua propagação em todo o mundo.

c) A opção pelas moedas digitais está vinculada **a** possibilidade de diminuir as operações financeiras com a utilização do papel-moeda.

d) Algumas tendências observadas no comportamento do consumidor e nas tecnologias devem influenciar **a** infraestrutura dos bancos.

e) Os clientes tradicionais dos bancos já se acostumaram **a** utilizar suas agências para efetuar suas atividades de negócio.

14. (SEED-SP – An. Administrativo – Vunesp – Maio/2016)

Chove muito forte na cidade. Raios e trovões. Alagamentos e árvores caídas. Balanço trágico: quatro mortos e um garoto desaparecido. Em meio ao trânsito parado, dois gaiatos (expressão supercarioca) pegam suas pranchas e vão para a rua alagada surfar no asfalto. Divertem-se, gritam, como se fosse necessário buscar prazer onde só há aborrecimento e lamentação. _____ cena se repetiu anteontem _____ noite, _____ beira da lagoa Rodrigo de Freitas. Virou onda surfar debochadamente na chuva.

(Paula Cesarino Costa, Notas sobre a carioquice. *Folha de S.Paulo*, 07.03.2013)

As lacunas do texto devem ser preenchidas, correta e respectivamente, com:

a) À ... à ... à

b) A ... à ... a

c) À ... à ... a

d) A ... a ... à

e) A ... à ... à

15. (C.M. Marília-SP – Proc. Jurídico – Vunesp – Abril/2016)

Comecei _____ conversar com a aluna e entendi que caberia a mim escolher o título de seu estudo. Perguntei _____ ela o que achava de " Garruchas e punhais". Não gostou. Então, dei outra sugestão _____ moça: " O mosteiro de tijolos de feltro".

De acordo com a norma-padrão, as lacunas da frase devem ser preenchidas, respectivamente, com:

a) a … a … àquela

b) à … a … àquela

c) a … à … aquela

d) à … à … aquela

e) a … à … àquela

16. (Unesp – Ass. Administrativo I – Vunesp – Abril/2016)

Assinale a alternativa em que o sinal indicativo de crase está corretamente empregado.

a) Permite-se **à** toda criança, menino ou menina, escolher com que brincar.

b) Dá-se o direito **às** meninas de praticar caratê, por que não?

c) São crianças: não se negue **à** nenhuma delas a escolha do próprio brinquedo.

d) Não se define **à** partir de que idade se pode brincar com aparelhos eletrônicos.

e) **À** certa altura, crianças começam a jogar jogos violentos.

17. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Observe:

Acostumados _____ tragédias naturais, os japoneses geralmente se reerguem em tempo recorde depois de catástrofes.

Menos de um ano depois da catástrofe, no entanto, o Japão já voltava _____ viver a sua rotina.

Um tsunami chegou _____ costa nordeste do Japão em 2011, deixando milhares de mortos e desaparecidos.

De acordo com a norma-padrão, as lacunas das frases devem ser preenchidas, respectivamente, com:

a) a … à … à

b) à … a … a

c) às … a … à

d) as … a … à

e) às … à … a

18. (ESAF – Analista de Planejamento e Orçamento – 2015)

Leia o texto que se segue.

Na área ficcional, opondo-se 1__ inconsciência, ou seja, reagindo 2__ má consciência, haveremos de governar, dentro do possível, a obra em geral e, em particular, as personagens. Negaremos 3 __ personagens, honestamente, qualquer parcela de vontade. Cada uma será assim porque nos pareceu, quase sempre ao cabo de cálculos e ensaios, acréscimos e cortes, que assim devia ser; e está no relato porque foi necessário, porque julgamos oportuno dar-lhe uma função ainda que fosse 4__ de parecer disponível. Nem uma palavra lhes será disponível sem licença ou aprovação. Ainda que alguns dos seus remotos modelos possam existir fora de nós, só existem 5__ partir do momento em que nossas palavras o efetivam.

Quanto ao uso do sinal indicativo da crase, assinale a opção que preenche, de forma gramaticalmente correta, as lacunas do texto.

a) a (1), a (2), as (3), a (4), a (5)

b) a (1), a (2), às (3), a (4), a (5)

c) a (1), a (2), as (3), à (4), a (5)

d) a (1), a (2), às (3), à (4), a (5)

e) à (1), à (2), às (3), a (4), a (5)

Gabarito: 1. b; 2. a; 3. c; 4. c; 5. C; 6. a; 7. e; 8. e; 9. c; 10. c; 11. b; 12. c; 13. c; 14. e; 15. a; 16. b; 17. c; 18. e.

Muitos fazem desse tópico um verdadeiro "bicho de sete cabeças", mas é simples não é? Vamos resumi-lo então?

19.5. RESUMO

Em crase, memorize que há duas regras (fenômeno fonético e locuções femininas), três casos de crase facultativa (pronome possessivo feminino singular seguido de substantivo; nome próprio feminino; depois da preposição até) e três casos de crase proibida (antes de palavras tomadas em sentido geral, antes de CASA e TERRA, se vierem sem determinantes).

20 PONTUAÇÃO

20.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

20.1.1. Vírgula

Vamos começar este capítulo por **uso da vírgula**. A vírgula indica pausa de pequena duração. Primeiramente, você precisa saber que **constitui erro grave separar *sujeito* do *verbo e verbo* do *complemento* (sujeito + verbo + complemento)**. Em frases simples, curtas, sabemos que você não teria problemas. Você jamais diria *João, comeu o bolo* ou *A menina estudava, o assunto*. Mas conhecer essa regra ajudará você a não errar inclusive as questões mais rebuscadas, com trechos mais complexos. Observe como isso pode ser explorado em uma questão de concurso público:

1. (TRT-AJ/adaptado) Há erro no emprego da vírgula na frase:

a) Deixe-me, senhora.

b) Dallas, 9 de julho de 1994.

c) Aliás, isto é conhecido de todos.

d) Espero, que ele venha.

e) "O alferes continuava a dominar em mim, embora a vida fosse menos intensa, e a consciência mais débil."

Comentários:

Embora ainda não tenhamos estudado as regras para uso das vírgulas, vamos resolver esta questão item por item. Até chegarmos ao erro, que é o que agora nos interessa. Na letra A, utilizou--se a vírgula para isolar o vocativo *senhora* do restante da oração. Na letra B, a vírgula foi usada para separar, na data, o nome do lugar (*Dallas*) do restante das informações (*9 de julho de 1994*). Na letra C, a palavra de retificação *aliás* deve, mesmo, vir isolada por vírgula. A letra E apresenta a oração adverbial concessiva intercalada (*embora a vida fosse menos intensa*), e, exatamente por ter saído da ordem direta (que seria ao final da frase), veio entre vírgulas. Portanto, todas as alternativas estavam corretas, exceto a letra D: nela, separou-se o verbo (*espero*) do seu objeto direto, que veio sob forma de oração (*que ele venha*). Interessante perceber que a banca não se utilizou de um objeto direto simples, sob forma de substantivo, e sim um objeto direto oracional. Assim, ficaria mais difícil o aluno perceber o erro da frase.

Vamos, então, conhecer as regras de utilização das vírgulas? Resolvemos trabalhar da seguinte forma: a cada regra, vamos trazer frases para você treinar seus conhecimentos e algumas questões de concursos em que essas regras tenham sido utilizadas. Dividimos o uso da vírgula em *sete casos*. Para que você não tenha de decorar uma série de regras que a gramática oferece, agrupamos tudo em apenas sete situações. Vamos lá?

Caso 1 – A vírgula separa o *aposto* e o *vocativo*

1. Pedro o gerente do banco ligou e deixou um recado.

2. Xapuri importante município a 150 quilômetros da capital do Acre Rio Branco foi o principal cenário de atuação de Chico Mendes.

Comentários:

Na frase 1, *o gerente do banco* é um termo explicativo de Pedro, aposto explicativo. Como vem intercalado, entre vírgulas: *Pedro, o gerente do banco*, ligou e deixou um recado.

Na frase 2, aparecem dois apostos explicativos: *importante município a 150 quilômetros da capital* explica o termo *Xapuri*; *Rio Branco* explica a *capital* do Acre. Lembre-se da teoria do *aposto*: termo de natureza substantiva ou pronominal que se refere a outro substantivo ou pronome. Pontuada corretamente, a frase ficaria assim: Xapuri, importante município a 150 quilômetros da capital do Acre, Rio Branco, foi o principal cenário de atuação de Chico Mendes.

3. Muito bom dia senhora!

4. Pedro o gerente do banco ligou e deixou um recado.

Comentários:

Nas frases 3 e 4, temos a presença do *vocativo* (é a pessoa ou coisa personificada a quem se chama). As frases, se pontuadas corretamente, ficariam assim:

Muito bom dia, *senhora*!

Pedro, o gerente do banco ligou e deixou um recado.

Repare como uma vírgula pode mudar tudo. Confronte as frases 1 e 4:

Pedro, o gerente do banco, ligou e deixou um recado.

Pedro, o gerente do banco ligou e deixou um recado.

Na frase 1, ao se usarem as vírgulas que isolam "o gerente do banco" você tem um sentido: quer deixar claro que o termo entre vírgulas (*gerente do banco*) explica quem é Pedro; na frase 4, ao se colocar uma vírgula após *Pedro*, tem-se a intenção de *chamar* essa pessoa, e não a de explicar quem é o Pedro. Portanto, as duas frases estão corretas, cada uma com seu sentido.

Caso 2 – A vírgula separa as *enumerações* (= termos de mesma função) e certas *repetições*

5. O Brasil é o centro de origem do abacaxi do açaí do amendoim do cacau da castanha do cupuaçu do maracujá.

6. Recitava versos discursos trechos latinos e uma antologia em trinta volumes.

7. A garotada nadou nadou nadou e veio morrer na praia da ingratidão nacional.

Observe como essas frases ficariam se pontuadas corretamente:

Na frase 5, as enumerações têm a função de *adjuntos adnominais* do substantivo *origem*.

"O Brasil é o centro de origem do abacaxi, do açaí, do amendoim, do cacau, da castanha, do cupuaçu, do maracujá."

As enumerações da frase 6 são *objetos diretos* do verbo *recitava*.

"Recitava versos, discursos, trechos latinos e uma antologia em trinta volumes."

A frase 7 é um exemplo de termos repetidos:

"A garotada nadou, nadou, nadou e veio morrer na praia da ingratidão nacional."

Importante!

Confronte as frases 5 e 6:

"O Brasil é o centro de origem do abacaxi, do açaí, do amendoim, do cacau, da castanha, do cupuaçu, do maracujá."

"Recitava versos, discursos, trechos latinos e uma antologia em trinta volumes."

Você deve estar se perguntando o seguinte: por que na frase 6 aparece o conectivo *e* fechando a enumeração e na 5 não?

Vamos lá. O normal é usarmos o conectivo *e* antes do último termo da enumeração para mostrar que são *apenas* esses elementos da enumeração, que não cabe mais nenhum (frase 6).

Entretanto, quando a intenção é a de deixar em aberto esses elementos, que existem outros além dos citados, não se utiliza o conectivo *e* antes do último elemento da enumeração (frase 5). Não é muito comum não ver o *e* antes do último elemento da enumeração, não é mesmo? O que ocorre é que, nesse tipo de construção, há uma tendência de se usar o *etc.* ("… da castanha, do cupuaçu, do maracujá etc."), o que seria uma forma também aceita. É questão de preferência, de estilo.

Para finalizar, mais uma dica:

Uso da vírgula antes de etc.
O uso da vírgula antes de etc. é facultativo ("… do maracujá etc."… do maracujá, etc."), mas o uso do ponto após etc. é obrigatório.

O uso das vírgulas nas enumerações é questão muito comum em provas de concursos públicos. O Cespe-UnB é uma banca que comumente retira trechos de textos que apresentaram vírgulas em enumerações perguntando ao aluno a justificativa dessas vírgulas. Observe:

Sua metodologia é simples – por meio de conversas frequentes com a família, <u>o voluntário receita cuidados básicos para evitar que a criança morra por falta de conhecimento, como os hábitos de higiene, a administração do soro caseiro e a adoção da farinha de multimistura na alimentação</u>, que se tornou uma solução simples e emblemática contra a desnutrição. Mas o seu segredo é um só: a persistência.

1. O emprego de vírgula após "higiene" justifica-se porque isola o elemento adverbial deslocado.

Comentários:

Observe que a vírgula utilizada após *higiene* se justifica em função da enumeração *dos cuidados básicos* de que o texto falava: *hábitos de higiene, a administração do soro caseiro* e *a adoção da farinha de multimistura na alimentação*. Logo, é importante que você tenha entendido no texto que houve uma sequência de elementos enumerados, de mesma função sintática (todos eram apostos explicativos de *cuidados básicos*).

Resposta: errada.

Como era de se esperar, com porto, aeroporto e estradas arruinados ou semidestruídos, com a escassez de água, alimentos e remédios, iniciaram-se ondas de saques, e o próprio governo local transferiu a administração da crise para outros países e instituições.

2. As vírgulas após "porto" e "água" têm a mesma justificativa gramatical.

Comentários:

Em ambas as situações, o que encontramos são enumerações. Todos os termos destacados têm a mesma função sintática: a preposição *com* que inicia a expressão *com porto, aeroporto e estradas* tem valor semântico de causa. Trata-se de adjuntos adverbiais de causa enumerados. Basta colocar o período na ordem direta e você entenderá: *Iniciaram-se ondas de saques... com porto, aeroporto e estradas... com a escassez de água, alimentos e remédios...* Na verdade, o que se quer dizer é que *os saques se iniciaram por causa de portos, aeroportos e estradas arruinados e por causa da escassez de água, alimentos e remédios.* Portanto, temos uma enumeração de termos de mesma função sintática.

Resposta: certa.

Caso 3 – A vírgula marca a *omissão* da palavra; é o que chamamos de **elipse**

8. Os jovens buscam a felicidade na novidade; os velhos nos hábitos.

9. Você pretende cursar Medicina; ela Odontologia.

Comentários:

As frases 8 e 9 são exemplos da vírgula que aparece para mostrar uma palavra facilmente subentendida, independentemente de esse vocábulo já ter aparecido no texto ou não. Observe como essas frases ficariam com as vírgulas marcando a omissão dos verbos:

"Os jovens buscam a felicidade na novidade; os velhos, nos hábitos. (elipse de *buscam*)

"Você pretende cursar Medicina; ela, Odontologia. (elipse de *pretende cursar*)

Caso 4 – Separa termos *explicativos*, *retificativos*, *de situação*

10. Sua redação por exemplo tem várias frases longas que prejudicam a clareza.

11. O bêbado andava isto é cambaleava.

12. Afinal o que tens a dizer?

Comentários:

As frases 10, 11 e 12 são exemplos de expressões que denotam explicação (*por exemplo, isto é, ou melhor*...), retificação (*isto é, ou melhor*...) e situação (*afinal, então*...)

Vêm sempre separadas por vírgula – no início ou no final do período – ou vírgulas – intercalada. Assim, teríamos:

"Sua redação, por exemplo, tem várias frases longas que prejudicam a clareza."

"O bêbado andava, isto é, cambaleava."

"Afinal, o que tens a dizer?"

Caso 5 – A vírgula é utilizada para separar as *orações coordenadas* (assindéticas ou sindéticas)

13. Arrumou as malas saiu lançou-se na vida.

14. Gostava da sociedade mas não amava os sócios.

15. Não conseguiu terminar o trabalho logo sairá tarde.

16. Saia imediatamente pois quero descansar.

17. "As pessoas desejam ascender em linguagem porém insisto na verdade linguística de que os alunos sabem a língua antes mesmo de entrarem na escola."

18. "As pessoas desejam ascender em linguagem; insisto porém na verdade linguística de que os alunos sabem a língua antes mesmo de entrarem na escola."

19. Permita-me portanto cumprimentá-lo por brilhante desempenho.

20. A cada momento entravam alunos e o diretor os recebia afavelmente.

Comentários:

Na frase 13, as vírgulas separam as orações coordenadas assindéticas, orações que vêm sem conectivo:

"Arrumou as malas, saiu, lançou-se na vida."

Nas frases de 14 a 17, aparecem as conjunções coordenativas. A vírgula, nesses casos, antecede as conjunções. Veja como ficam as orações com suas devidas vírgulas:

"Gostava da sociedade, mas não amava os sócios."

"Não conseguiu terminar o trabalho, logo sairá tarde."

"Saia imediatamente, pois quero descansar."

"As pessoas desejam ascender em linguagem, porém insisto na verdade linguística de que os alunos sabem a língua antes mesmo de entrarem na escola."

Sistematizando: As orações coordenadas assindéticas devem vir separadas por vírgulas. As orações coordenadas sindéticas também: nesse caso, a vírgula virá antes da conjunção que inicia a oração.

Observe novamente as frases 18 e 19:

"As pessoas desejam ascender em linguagem; insisto, porém, na verdade linguística de que os alunos sabem a língua antes mesmo de entrarem na escola."

Permita-me, portanto, cumprimentá-lo por brilhante desempenho.

As frases 18 e 19 mostram os conectivos deslocados para o meio do período, após o verbo. Isso pode ocorrer com as conjunções *adversativas* e *conclusivas*. Quando isso acontece, a tendência é de que elas venham entre vírgulas.

Atenção: As conjunções adversativas (porém, contudo, entretanto, no entanto) e conclusivas (por isso, portanto, por conseguinte, assim) podem vir deslocadas na frase e, quando isso ocorrer, ficam entre vírgulas.

Observe, agora, as frases 18 e 19, que apresentaram conjunções deslocadas, devidamente pontuadas:

"As pessoas desejam ascender em linguagem; insisto, porém, na verdade linguística de que os alunos sabem a língua antes mesmo de entrarem na escola."

"Permita-me, portanto, cumprimentá-lo por brilhante desempenho."

Caso 6 – Separa *termos deslocados* e *orações intercaladas*

Observações:
1. Ordem direta no período simples: sujeito + verbo + complemento + (adj. adv.)
Quando alguns deslocamentos, sobretudo no período simples, não
2. comprometem o sentido essencial da frase, o uso da(s) vírgula(s) é facultativo.

Procure pontuar as frases a seguir:

21. Surpreso o garoto procura o lugar de onde vem o comando.

22. Nos tempos atuais não existe país do primeiro mundo.

23. Existe no meio rural uma violência estrutural.

24. Geralmente as oposições não gostam dos governos.

Comentários:

Na frase 21, *surpreso* é predicativo que aparece deslocado para o início do período.

"Surpreso, o garoto procura o lugar de onde vem o comando."

Nas frases 22, 23 e 24, os adjuntos adverbiais *Nos tempos atuais*, *no meio rural* e *geralmente* vêm deslocados de sua posição original, que é no final do período.

Como são expressões curtas, de fácil entendimento, que – com a(s) vírgulas(s) ou sem – não comprometem o sentido original da frase, o uso da(s) vírgula(s) é *facultativo*, ou seja, você pode usar ou não. Entretanto, numa *redação*, ao deslocar um termo de sua posição original, use sempre a(s) vírgulas(s). Nunca se sabe se o professor que vai corrigir sua redação possui ou não um posicionamento mais tradicional. Assim, em relação às frases 22, 23 e 24, teríamos:

"Nos tempos atuais(,) não existe país de primeiro mundo."

"Existe(,) no meio rural(,) uma violência estrutural."

"Geralmente(,) as oposições não gostam dos governos."

Sistematizando: Os advérbios e as locuções adverbiais deslocados, por serem termos curtos, simples, de fácil entendimento, apresentarão vírgulas facultativas.

Agora, procure pontuar adequadamente as frases a seguir:

25. Eles quando todos chegaram puderam iniciar os trabalhos.
26. O Mercosul é uma experiência que ao mexer com posturas arraigadas impõe uma nova estratégia para o conjunto da sociedade.
27. Considerando as razões apresentadas penso que a solicitação será deferida.
28. Preciso ouvir disse a mãe ao menino a causa da briga.

Comentários:

As frases 25, 26 e 27 são exemplos de *orações* deslocadas, para o início ou para o meio do período, desenvolvidas (com conjunção) ou reduzidas (infinitivo, gerúndio, particípio). Nesses casos, não teríamos mais o uso facultativo: o uso da(s) vírgula(s) é obrigatório. Assim, as frases, pontuadas corretamente, ficariam:

"Eles, quando todos chegaram, puderam iniciar os trabalhos." (oração adverbial temporal desenvolvida)

"O Mercosul é uma experiência que, ao mexer com posturas arraigadas, impõe uma nova estratégia para o conjunto da sociedade." (oração adverbial temporal reduzida de infinitivo)

"Considerando as razões apresentadas, penso que a solicitação será deferida." (oração adverbial temporal reduzida de gerúndio)

Agora, voltemos à frase 28:

Preciso ouvir disse a mãe ao menino a causa da briga.

Nela, as vírgulas devem ser utilizadas, para mostrar a intercalação de uma oração, que corresponde à fala do interlocutor.

“Preciso ouvir, disse a mãe ao menino, a causa da briga.”

Sistematizando: Com as orações adverbiais deslocadas (ou seja, retiradas do final do período), bem como com as orações intercaladas, o uso das vírgulas será obrigatório.

Veja como o Cespe-UnB lida com esse tipo de questão. A seguir, duas assertivas para você julgar como certas ou erradas.

1. O emprego de vírgula após “anos”, em “Nos próximos anos, a questão da melhoria da qualidade do ensino deve ser uma obrigação dos governantes”, justifica-se por isolar termo adverbial, com noção de tempo, deslocado do final para o começo do período.

Comentários:

Ora, temos aqui um adjunto adverbial de tempo (*nos próximos anos*) antecipado: na ordem direta ficaria ao final do período.

Resposta: assertiva correta.

Ao estabelecer a obrigatoriedade na realização dos exames pré-admissional, periódico e demissional do trabalhador, criou recursos médico-periciais voltados à identificação do nexo da causalidade entre os danos sofridos e a ocupação desempenhada.

2. A vírgula logo depois de “trabalhador” é opcional e sua retirada preservaria a correção gramatical do texto, pois os três termos da enumeração que ela tem função de marcar já estão separados pela conjunção “e”: “exames pré-admissional, periódico e demissional do trabalhador”.

Comentários:

Atenção para não confundir a vírgula que vem após *pré-admissional* com a vírgula que vem após *trabalhador:* a primeira se justifica por separar termos de uma enumeração, mas a segunda deve ser explicada por isolar a oração antecipada, que começa em *Ao estabelecer a obrigatoriedade...* e termina no vocábulo *trabalhador*. Trata-se de uma oração adverbial temporal reduzida de infinitivo, que foi deslocada do final para o início do período. A vírgula, nesse caso, é obrigatória.

Resposta: assertiva errada.

Caso 7 – A vírgula separa as orações adjetivas explicativas

Pontue as frases a seguir:

29. O Tejo que é o maior rio de Portugal nasce na Espanha.

30. João que é um grande homem ajuda a todos.

Comentários:

As frases 29 e 30 são exemplos de *meros comentários*, *termos explicativos*. O *que* das duas frases é pronome relativo, já que retoma os substantivos "Tejo" e "João". Se a oração adjetiva é *explicativa*, o uso das vírgulas é obrigatório.

"O Tejo, que é o maior rio de Portugal, nasce na Espanha."

"João, que é um grande homem, ajuda a todos."

Entretanto, se a oração é restritiva, o uso das vírgulas é proibido. Perceba:

"Só sairão mais cedo os alunos que terminaram o dever de casa."

Ora, a oração adjetiva *que terminaram o dever de casa* delimita, restringe o substantivo antecedente. Sendo assim, ela não pode ser retirada da frase, devendo, portanto, vir sem vírgulas. Observe esta assertiva retirada de uma prova do Cespe-UnB:

Sua metodologia é simples — por meio de conversas frequentes com a família, o voluntário receita cuidados básicos para evitar que a criança morra por falta de conhecimento, como os hábitos de higiene, a administração do soro caseiro e a adoção da farinha de multimistura na alimentação, que se tornou uma solução simples e emblemática contra a desnutrição.

1. O trecho "que se tornou uma solução simples e emblemática contra a desnutrição" está precedido por vírgula porque se trata de um trecho com função restritiva.

Comentários:

Perceba que a oração destacada inicia-se com pronome relativo *que*, tratando-se, portanto, de oração subordinada adjetiva. Entretanto, como se caracteriza por ser uma informação adicional, vem isolada por vírgula. Assim, ela deve ser classificada como oração subordinada adjetiva explicativa, e não como oração adjetiva restritiva, como a banca sugere.

Resposta: assertiva errada.

Sistematizando: As orações subordinadas adjetivas são aquelas que se iniciam com pronome relativo. Se restringirem, delimitarem o sentido do substantivo antecedente, virão sem vírgulas. Se forem uma informação adicional, acessória, virão entre vírgulas.

20.1.2. Ponto e vírgula

Vamos, agora, falar do ponto e vírgula? O **ponto e vírgula** é uma pausa mais longa que a vírgula e menor que o ponto. Basicamente, pode ser utilizado em duas situações:

Caso 1 – Separa orações coordenadas

31. Esforçou-se bastante; não obteve, entretanto, o reconhecimento merecido.

32. Uns estudam; outros trabalham.

Caso 2 – Separa os itens de leis, decretos, regulamentos

33. Art. 1º O núcleo... abrangerá as seguintes matérias:

a) comunicação e expressão;

b) estudos sociais;

c) ciências.

Resolução nº...art. da Lei...

Comentários:

O ponto e vírgula pode separar também orações coordenadas. É o que vemos nas frases 31 e 32.

Na 33, temos um exemplo do ponto e vírgula separando enumerações.

20.1.3. Dois-pontos

E quanto aos **dois-pontos**? Você sabe utilizá-los? Este sinal pode, basicamente, ser utilizado em duas situações. Pode dar início a fala ou citação de outrem:

34. O professor disse:

– Eu sou a razão.

Os dois-pontos podem também introduzir uma explicação, enumeração, esclarecimento:

35. Encontrei um motivo para não encontrá-lo: uma viagem de última hora.

36. São três os autores a estudar: Machado, Alencar e Drummond.

Comentários:

A frase 34 exemplifica o início da fala de outrem.

Na frase 35, os dois-pontos introduzem uma explicação, um esclarecimento da afirmação anterior.

Na frase 36, os dois-pontos dão início a uma enumeração explicativa.

20.1.4. Aspas

As **aspas** são utilizadas, normalmente, em quatro situações:

Caso 1 – Isolam uma citação

37. Algum sábio já afirmou: "Agir na paixão é embarcar durante a tempestade".

Caso 2 – Isolam estrangeirismos, arcaísmos, neologismos, gírias

38. Estamos no "hall" do hotel.

39. Ele era considerado “ persona-non-grata”.

40. Qual a “ solucionática” desta problemática?

41. Achei-o muito “ careta”.

Comentários:

As “ aspas” da frase 37 mostram as palavras de outra pessoa, e não do autor do texto.

Já nas frases 38, 39, 40 e 41 temos, respectivamente, exemplos de estrangeirismo, arcaísmo (expressão que deixou de ser usada) e neologismo (palavras novas derivadas de outras já existentes, geralmente não registradas nos dicionários) e gíria.

Caso 3 – Dar destaque a uma palavra ou expressão

42. Diga-me “ como” direi isso a ela.

Comentários:

A frase traz um exemplo de uma palavra que se quer destacar, dar expressividade. Na oralidade, diríamos: *coooomo*!

Caso 4 – Mostrar uma palavra com sentido irônico ou uma palavra em sentido diverso do usual

43. Você foi “ brilhante” ao dizer aquela asneira.

Comentários:

Na frase 43, temos um exemplo de *ironia* (diz-se o contrário do que se pensa). Se o que ele disse foi uma *asneira*, não há brilhantismo nisso.

20.1.5. Travessões

E os travessões? Empregam-se os travessões para marcar a mudança de interlocutor nos diálogos e para dar destaque ou ênfase a determinados termos. Observe as frases a seguir:

44. Apontou para Luísa e disse: – Conheces aquele ali?

45. Machado de Assis – grande romancista brasileiro – também escreveu contos.

Comentários:

A frase 44 mostra o uso do travessão marcando a mudança do interlocutor.

A frase 45 é o caso de uso mais frequente do travessão: quando se quer dar destaque ou enfatizar certas palavras ou expressões. É comum, nas questões de concurso, reescreverem trechos do texto que estão separados por travessão substituindo-o por vírgulas, o que mantém correta a construção, pois os travessões, em geral, podem ser substituídos por vírgulas.

A utilização dos travessões para dar ênfase a uma explicação do texto é um recurso muito comum na escrita e bastante

explorado pelas bancas. O Cespe-UnB tem elaborado algumas questões de reescritura de frases, que sugerem ao candidato a troca dos travessões por outro sinal de pontuação. Observe:

Em uma empresa socialmente responsável, pode-se catalisar a inteligência instalada e lhe dar uma direção e um sentido. Isso fortalece a empresa, torna-a mais competitiva, aumenta a autoestima e a dedicação dos funcionários, amplia o sentimento de pertencimento — a vida das pessoas, em vez de ser ameaçada pelo trabalho, é fortalecida por ele. Essas empresas têm melhores condições de desempenho e, portanto, de prolongar sua vida.

1. Preservam-se tanto a coerência da argumentação quanto a correção gramatical do período caso se substitua o travessão antes de "a vida" pelo sinal de dois-pontos ou pelo de ponto e vírgula.

Comentários:

Observe que o travessão foi utilizado para enfatizar uma explicação para o que o autor quis dizer com *sentimento de pertencimento*. Trata-se de um segmento explicativo enfatizado pelo travessão. Ora, a troca pelos dois-pontos ou pelo ponto e vírgula não geraria erro gramatical nem mudança de sentido da frase: só se optaria pela perda da ênfase que o travessão confere à informação.

Resposta: assertiva certa.

Nos anos 90 do século passado, o país derrotou a inflação – que corroía salários, causava instabilidade política e irracionalidade econômica. Na primeira década deste século, os avanços deram-se em direção a uma agenda social, voltada para a redução da pobreza e da desigualdade estrutural.

2. A substituição do travessão por vírgula, em "derrotou a inflação – que corroía salários", prejudica a correção gramatical do período.

Comentários:

Mais uma vez, o travessão introduz uma explicação, dando-lhe ênfase. Trata-se de uma oração adjetiva explicativa (*que corroía salários...*), que se refere ao substantivo *inflação* antecedente. Portanto, a troca do travessão pela vírgula *não* geraria erro gramatical algum à frase (a banca diz que a substituição *prejudica* a correção gramatical do período).

Resposta: assertiva errada.

20.1.6. Parênteses

Parênteses são geralmente utilizados para isolar comentários acessórios. Observe:

46. "Bem sei que só matarei alguém (que Deus me livre e guarde) se for obrigado."

Atenção: De modo geral, os parênteses são usados quando se quer acrescentar uma informação acessória, uma interferência do autor do texto.

Será que é possível, então, em um texto, substituir os parênteses pelos travessões ou vice-versa? O que queremos saber é: diante de um segmento explicativo, que vem evidenciado no texto pelo uso dos travessões, a substituição desse sinal de pontuação pelos parênteses geraria erro gramatical ou mudança de sentido da frase?

O Cespe-UnB tem feito esse tipo de pergunta em prova. Veja uma questão:

Tão logo a catástrofe do terremoto no Haiti requisitou uma ação coletiva mundial, com inúmeros atores envolvidos na ajuda humanitária – países, organizações não governamentais, empresas e os milhares de anônimos e famosos –, a situação caótica do país devastado impôs um desafio: a quem caberá a organização das próximas etapas de reconstrução do país mais pobre do Ocidente?

Mantém-se a correção gramatical do período substituindo-se os travessões (ℓ. 2 e 3) por parênteses.

Comentários:

Ora, a informação que o autor quis evidenciar no texto (*países, organizações não governamentais, empresas e os milhares de anônimos e famosos*) pelo uso dos travessões poderia ser isolada pelo uso dos parênteses. O texto continuaria gramaticalmente correto.

Resposta: assertiva correta.

Antes de concluirmos este capítulo, achamos prudente treinar mais com você, por meio de frases que fixarão os conceitos ensinados. Vamos lá?

I. Pontue as frases, quando necessário.

1. Os candidatos aguardavam ansiosos o resultado do concurso.

Comentários: O adjetivo *ansiosos*, na função de predicativo do sujeito, aparece deslocado para o meio do período, intercalado.

Lembre-se sempre da ordem direta dos termos no período simples: sujeito + verbo + complemento + adjunto adverbial.

O predicativo, aqui, aparece entre o verbo e o seu objeto (= complemento).

Resposta: Os candidatos aguardavam, ansiosos, o resultado do concurso.

***Importante*!**

O uso das vírgulas, *nessa frase*, seria facultativo. Por quê? Nunca se esqueça do princípio básico do uso facultativo da(s) vírgula(s): se com ou sem a(s) vírgula(s) o sentido continua o mesmo, há clareza, pode-se usar ou não a(s) vírgula(s). Repare nessa frase:

Os candidatos aguardavam ansiosos o resultado do concurso.

Os candidatos aguardavam, ansiosos, o resultado do concurso.

Não há truncamento de ideia, é uma frase curta de perfeito entendimento com ou sem a(s) vírgula(s).

Isso normalmente acontece com termos curtos deslocados (advérbios ou locuções adverbiais, predicativos).

Agora, você já sabe. Todo comentário em que aparecer *uso facultativo*, a explicação será a mesma:

Se você puder fazer a dupla leitura (com a pausa ou sem a pausa), e isso não alterar o sentido da frase, nem houver truncamento sintático, o uso da(s) vírgula(s) será facultativo.

2. Deixe-me senhora.

Comentários: *Senhora* é a pessoa com quem se fala, vocativo.

Resposta: Deixe-me, senhora.

3. Dallas 9 de julho de 1994.

Comentários: Esse caso é um exemplo da vírgula que se usa para separar a data do nome do lugar.

Resposta: Dallas, 9 de julho de 1994.

4. Aliás isto é conhecido de todos.

Comentários: A vírgula também separa certas expressões de explicação, retificação, situação.

Resposta: Aliás, isto é conhecido de todos.

5. Espero que ela venha.

Comentários: Aqui não há justificativa para o uso da vírgula, pois os termos já estão na ordem – sujeito + verbo + complemento: "(Eu) *Espero* (verbo) *que ele venha* (objeto direto).

Resposta: Espero que ele venha.

Lembre-se: não se usa vírgula entre sujeito e verbo e entre verbo e complemento.

6. O Brasil produz café milho arroz ouro ferro.

Comentários: Nesta frase, temos um exemplo das vírgulas que separam termos de mesma função sintática (= enumerações), são objetos diretos.

Resposta: O Brasil produz café, milho, arroz, ouro, ferro.

7. "Papai do céu dá-me uma namorada linda fiel gentil e tarada."

Comentários: Aqui temos duas justificativas: a primeira vírgula separa o vocativo e as outras, termos de mesma função (= enumerações), são adjuntos adnominais.

Resposta: "Papai do céu, dá-me uma namorada linda, fiel, gentil e tarada."

8. "O homem sensato se adapta ao mundo o insensato insiste em tentar adaptar o mundo a ele. Todo progresso depende

portanto do homem insensato."

Comentários: Na primeira ocorrência, a vírgula separa orações coordenadas. Nesse caso, poderia ser substituída por ponto e vírgula, já que esse sinal de pontuação também pode separar orações coordenadas. Na segunda e terceira ocorrências, as vírgulas intercalam a conjunção conclusiva deslocada.

Resposta: "O homem sensato se adapta ao mundo, ou; o insensato insiste em tentar adaptar o mundo a ele. Todo progresso depende, portanto, do homem insensato."

9. "Não te enganes. A vida vai tratar-te mal. Portanto se queres viver tua vida vai e toma-a."

Comentários: Aqui temos uma oração adverbial condicional ("se queres viver tua vida") *intercalada*, entre vírgulas.

Resposta: "Não te enganes. A vida vai tratar-te mal. Portanto, se queres viver tua vida, vai e toma-a."

10. Se o Brasil se tornasse independente dos empréstimos externos poderia voltar a crescer no mesmo ritmo de desenvolvimento das décadas anteriores.

Comentários: Mais uma oração adverbial condicional deslocada, só que agora para o *início* do período, uma vírgula.

Resposta: Se o Brasil se tornasse independente dos empréstimos externos, poderia voltar a crescer no mesmo ritmo de desenvolvimento das décadas anteriores.

11. Todos os candidatos publicaram os jornais devem chegar no momento azado.

Comentários: Esta frase é um exemplo de oração intercalada, um comentário acessório.

Resposta: Todos os candidatos, publicaram os jornais, devem chegar no momento azado.

12. Na Suíça delegados de 103 países grande parte com vestes africanas determinaram a proibição total da caça aos elefantes.

Comentários: A primeira vírgula é de uso facultativo, pois temos um adjunto adverbial deslocado de curta extensão, não alterando o sentido original da frase.

As outras duas vírgulas vão intercalar o aposto explicativo.

Resposta: Na Suíça(,) delegados de 103 países, grande parte com vestes africanas, determinaram a proibição total da caça aos elefantes.

20.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

Vamos fixar? Faça os exercícios a seguir e verifique o gabarito ao final!

I. Pontue as frases, quando necessário.

1. "Depois de suportar Figueiredo Sarney Collor e Itamar o brasileiro passou a duvidar até da existência de Deus."

2. Em verdade a palavra da mendiga tinha um som místico uma espécie de melodia e fazia bem fitar-lhe os olhos

encarquilhados a mão trêmula segurando o dinheiro.

3. Solicitamos a Vossa Senhoria o obséquio de verificar o valor das mercadorias recebidas.

4. "O alferes continuava a dominar em mim embora a vida fosse menos intensa e a consciência mais débil."

5. Na década de 1970 o Brasil chegou a ser o país que mais crescia no mundo. Na década perdida dos anos 80 no entanto a economia brasileira se atolou no descontrole das contas públicas.

6. "O governador do Ceará Cid Gomes é muito família. Ele não agrada apenas à sogra mas também ao sogro aos irmãos aos sobrinhos..."

7. Se dirigir não beba se beber não dirija.

8. Inscreveram-se para aquele concurso oito mil seiscentos e trinta e cinco candidatos.

9. Participaram do sorteio dois milhões quinhentos e treze mil trezentos e quinze telespectadores.

II. Coloque C (certo) ou E (errado) nas frases que se seguem em relação aos sinais de pontuação.

1. ( ) A hospitalidade tem dois aspectos: um, geral, que se refere à convivência em sociedade e se confunde com o cerimonial e a etiqueta de cada povo; o outro, específico, que estabelece relações especiais entre anfitriões e convidados.

2. ( ) Baseadas no código de honra do deserto, as relações de hospitalidade árabe, dão ao hóspede direitos exorbitantes.

3. ( ) Os poetas árabes, que tanto cantaram as virtudes do perfeito anfitrião não dizem quase nada, a respeito dos hóspedes.

4. ( ) Aquele que recebe a hospitalidade é, ao mesmo tempo, um emir, um prisioneiro e um poeta, dizem os beduínos.

5. ( ) A hospitalidade no entanto, não é medida pela abundância da comida, mas particularmente, apreciada quando se pratica apesar dos meios limitados.

6. ( ) O traço todo da vida é para muitos um desenho de criança esquecido pelo homem, e ao qual este terá sempre de se cingir sem o saber.

7. ( ) Os primeiros anos de vida foram portanto, os de minha formação instintiva ou moral, definitiva.

8. ( ) Passei esse período inicial tão remoto e tão presente, em um engenho de Pernambuco, minha província natal.

9. ( ) A população do pequeno domínio, inteiramente fechado a qualquer ingerência de fora, como todos os outros feudos da escravidão, compunha-se de escravos, distribuídos pelos compartimentos da senzala, o grande pombal negro ao lado da casa de morada, e de rendeiros, ligados ao proprietário pelo benefício da casa de barro que os agasalhava ou de pequena cultura que ele lhes consentia em suas terras.

10. ( ) No centro do pequeno cantão de escravos levantava-se a residência do senhor, olhando para os edifícios da moagem, e tendo por trás, em uma ondulação de terreno a capela sob a invocação de São Mateus.

11. ( ) O ex-presidente do Banco Central, Gustavo Franco, afirmou que o Brasil precisa ser mais assumidamente capitalista, globalizado e moderno.

12. ( ) O presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, recebeu o presidente brasileiro em Camp David.

13. ( ) Os estabelecimentos fundados por portugueses, lá pelos anos de 1618, começavam no Pará, quase sob o Equador, e terminavam em Cananéia, além do trópico.

14. ( ) Entre uma e outra capitania havia longos espaços desertos, de dezenas de léguas de extensão. A população de língua europeia, cabia folgadamente em cinco algarismos.

15. ( ) A camada ínfima da população era formada por escravos, filhos da terra, africanos ou seus descendentes.

16. ( ) Os filhos da terra eram menos numerosos pela pouca densidade originária da população indígena, pelos grandes êxodos que os afastaram da costa, pelas constantes epidemias que os dizimaram, pelos embaraços, nem sempre inúteis, opostos ao seu escravizamento.

17. ( ) Acima desta população, sem terra e sem liberdade, seguiam-se os portugueses de nascimento ou origem, sem terra, porém livres: feitores, mestres-de-açúcar oficiais-mecânicos, vivendo dos seus salários ou do feitio de obras encomendadas.

18. ( ) "É através da dinâmica institucional que se fabrica, quase sempre, o delinquente juvenil. A instituição, ao invés de recuperar, perverte; ao invés de reintegrar e ressocializar, exclui e marginaliza; ao invés de proteger, estigmatiza." *(Vicente Faleiros)*

19. ( ) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis, que, num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.

20. ( ) "… ela novamente, encheu os pulmões de ar o máximo que pôde, e seu corpo acabou arrebentando como uma bola de soprar que se enche em excesso."

21. ( ) Comprei frutas, legumes, verduras, etc.

22. ( ) "O acordo visa à criação da Área de Livre Comércio Sul-Americana (ALCSA), que estaria plenamente constituída em 2005."

Gabarito: I – 1. Depois ... Figueiredo, Sarney, Collor e Itamar, ...; 2. Em verdade, a palavra ... místico, uma espécie de melodia, e fazia ... encarquilhados, a mão...; 3. Sem vírgula; 4. Os alferes ... em mim, embora ... intensa, e a consciência...; 5. uso facultativo (Na década de 70, o Brasil ...) / (,)no entanto(,); 6. ... do Ceará, Cid Gomes, é ... à sogra, mas também ao sogro, aos irmãos, aos sobrinhos...; 7. ..., não beba; se beber, não dirija; 8. Sem vírgula (não se usa vírgula entre o milhar e as centenas. Já o milhão é separado do milhar por vírgula, e também entre o bilhão e o milhão: três milhões, quinhentos e doze mil trezentos e quinze); 9. ... dois milhões, quinhentos e treze mil trezentos e quinze ...

II – 1. C; 2. E – Após “ árabe”. Separa sujeito do verbo. 3. E – Falta a vírgula após “ anfitrião”, para intercalar a oração adjetiva explicativa. A vírgula após “ nada” é outro erro. 4. C; 5. E – Falta a vírgula após “ hospitalidade”, para intercalar “ no entanto”. Em “ particularmente” temos outra intercalação. Ou usamos duas vírgulas (antes e depois de particularmente) ou nenhuma (mas particularmente apreciada...). 6. C – O uso das vírgulas em “ para muitos” é facultativo. 7. E – “ portanto”, deslocado, entre vírgulas (, portanto,), que seria a forma mais adequada, ou nenhuma (portanto). 8. E – ... inicial, tão remoto e tão presente, ...; 9. C; 10. E – ... por trás, em uma ondulação de terreno, ...; 11. E; 12. C. Obs.: Vírgula com nomes próprios: Em (11), não podem ocorrer aquelas vírgulas, já que ex-presidente existem vários, específico, pois. Em (12), presidente há um só, explicativo, pois. Essa explicação serve para qualquer outra construção que traga estrutura semelhante: explicativa / restritiva (diretor / ex-diretor, deputado / ex-deputado...). 13. C; 14. E – A vírgula após “ europeia” separa o sujeito do verbo. 15. C; 16. C; 17. E – Falta a vírgula da enumeração após “ mestres-de-açúcar”. 18. C; 19. C; 20. E – “ Novamente” entre vírgulas ou sem vírgula alguma. 21. C. Obs.1: Nas enumerações que se encerram com “ etc.”, a tendência é usar vírgula antes do “ etc.” (ou ponto-e-vírgula ou ponto, se os elementos da enumeração vierem separados por esses sinais de pontuação). Porém, se não aparecer esse sinal antes do “ etc”, a frase continua certa. Obs.2: Após o “ etc.” devemos sempre usar o ponto. 22. C

20.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

1. (FCC/TC-PB) Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:

a) Toda vez que é pronunciada, a palavra progresso, parece abrir a porta para um mundo, mágico de prosperidade garantida.

b) Por mínimas que pareçam, há providências inadiáveis, ações aparentemente irrisórias, cuja execução cotidiana é, no entanto, importantíssima.

c) O prestígio da palavra progresso, deve-se em grande parte ao modo irrefletido, com que usamos e abusamos, dessa palavrinha mágica.

d) Ainda que traga muitos benefícios, a construção de enormes represas, costuma trazer também uma série de consequências ambientais que, nem sempre, foram avaliadas.

e) Não há dúvida, de que o autor do texto aderiu a teses ambientalistas segundo as quais, o conceito de progresso está sujeito a uma permanente avaliação.

Comentários:

Na letra A, a primeira vírgula está correta: ela se justifica por isolar uma oração adverbial temporal (*Toda vez que é pronunciada*) antecipada. Já a segunda vírgula está errada: ela separa o sujeito (*a palavra progresso*) do verbo (*parece abrir*). Quanto à terceira vírgula, também se observa um erro: não se deveria separar um adjunto adnominal (*mágico*) do substantivo que ele restringe (*mundo*).

A letra B apresenta a primeira vírgula correta: oração adverbial concessiva antecipada (*por mínimas que pareçam*); uma segunda vírgula que se justifica por uma enumeração de termos (*providências inadiáveis* e *ações aparentemente irrisórias*); uma terceira vírgula que inicia uma oração explicativa (*cuja execução cotidiana é... importantíssima)* e

duas outras vírgulas pelo motivo que acabamos de explicar: a conjunção adversativa *no entanto* veio deslocada e, por isso, entre vírgulas.

A letra C apresenta três vírgulas indevidamente utilizadas: a primeira separa o sujeito (*o prestígio da palavra progresso*) do verbo (*deve-se*). A segunda vírgula separa uma oração adjetiva *restritiva* (*com que usamos e abusamos…*) do seu substantivo antecedente (*modo*). Ora, você já viu que só a oração adjetiva explicativa é que deve vir isolada por vírgula. A terceira vírgula também está errada por separar o verbo (*abusamos*) do seu complemento (*dessa palavrinha mágica*).

Na letra D, a primeira vírgula foi devidamente utilizada: ela isola a oração adverbial concessiva antecipada (*Ainda que traga muitos benefícios*). Entretanto, a segunda vírgula está errada: ela separa sujeito (*a construção de enormes represas*) de verbo (*costuma trazer*). As duas últimas vírgulas estão corretas: elas isolam o adjunto adverbial deslocado (*nem sempre*).

Na letra E, já percebemos um erro na primeira vírgula: ela separa o substantivo *dúvida* do seu complemento nominal oracional (*de que o autor do texto…*). Ora, não se separam termos integrantes por vírgulas (verbo de objeto, nome de complemento etc.). Observa-se outro erro na segunda vírgula: não faz sentido separar o pronome relativo *as quais* do restante da oração adjetiva.

Resposta: B.

2. (TRT / 3ª Região) O modo de produção capitalista não tem vocação suicida, e nada indica que ele esteja a ponto de morrer de morte natural.

No trecho acima, utilizou-se corretamente a vírgula antes da conjunção E. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.

a) Você deve sair antes de anoitecer, e antes de acenderem as luzes, e antes de fecharem o comércio.

b) Ele muito se esforçou para a realização daquele projeto, e acabou não sendo bem-sucedido.

c) Os irmãos compreendiam-se mutuamente, e, portanto, respeitavam-se.

d) A expedição encontrou um grupo perdido, e todos voltaram juntos.

e) A maioria dos estudantes aprovou a proposta, e seus pais acataram a decisão.

Comentários:

Vamos falar da vírgula antes da conjunção **e**? Analise novamente a frase a seguir:

A cada momento entravam alunos, e o diretor os recebia afavelmente.

Nela, a vírgula se justifica por separar orações coordenadas com sujeitos diferentes (alunos/diretor). Em relação ao conectivo *e*, aditivo, algumas gramáticas afirmam que o uso da vírgula pode ocorrer se esse conectivo ligar orações

com sujeitos diferentes. Caso o sujeito dos verbos das duas orações seja o mesmo, não se usará a vírgula.

Assim, segundo a gramática tradicional, teríamos:

O uso da vírgula antes do E

Se a conjunção coordenativa unir orações com sujeitos diferentes, o uso da vírgula é facultativo. Se o E unir orações com sujeitos iguais, o uso da vírgula é proibido.

Agora, tenha cuidado! Esta é uma questão polêmica, pois em provas de concurso público já vimos de tudo: algumas questões que aceitavam o uso da vírgula antes do **E** com orações de sujeitos iguais e outras questões que consideravam tal utilização da vírgula como errada. Bancas como Esaf e Cespe/UnB já trouxeram questões de vírgula antecedendo o *e*, em que as duas orações tinham o mesmo sujeito, e não consideraram erro. Nesses casos, teríamos de verificar as outras opções.

Nesta questão, observe que o exemplo do enunciado apresenta orações com sujeitos diferentes (*modo de produção* é o sujeito da primeira oração e *nada*, o sujeito da segunda). Daí a correta colocação da vírgula antes do **e**. Entenda que, nesse caso, a vírgula é facultativa: ela também poderia não ter aparecido.

Na letra A, não houve erro quanto ao uso das vírgulas antes das duas ocorrências do **e**: os sujeitos das orações são diferentes (o sujeito da primeira oração é *você* e das outras duas, indeterminado). A essa repetição dá-se o nome de polissíndeto.

Na letra B, apesar de as orações terem sujeitos iguais (*ele*), o conectivo *e* tem valor adversativo: nesse caso, a vírgula é facultativa.

Observe com cuidado a letra C: as duas últimas vírgulas se justificam pela conjunção conclusiva deslocada (*portanto*). Mas quanto à vírgula antes do **e**? Será que a banca considerará essa vírgula errada pelo fato de ela ligar orações com sujeitos iguais (*ele*)? Observe as outras alternativas antes de marcar essa como a resposta.

A letra D está indiscutivelmente certa: o conectivo **e** une orações com sujeitos diferentes (*expedição* é o sujeito da primeira oração e *todos* é o sujeito da segunda). Daí, a vírgula estar correta (como poderia também não ter aparecido na frase).

A letra E repete o raciocínio da letra D: o sujeito da primeira oração é *a maioria dos estudantes* e o da segunda oração é *seus pais*. Se os sujeitos são diferentes, a vírgula é facultativa.

Percebeu que só nos restou como possível resposta a letra C? Como a Fundação Getulio Vargas é uma banca tradicional, seguiu a gramática ao pé da letra: considerou errado o uso da vírgula antes do aditivo *e* que une orações de sujeitos iguais.

Resposta: C.

Antes de irmos a outra questão de concurso, mais um detalhe: você reparou que, na letra B desta questão, o conectivo **e**, embora unisse orações de mesmo sujeito, veio antecedido de vírgula, **por possuir valor adversativo**?

Pois é: isso pode ocorrer também se ele trouxer um valor conclusivo. Veja:

O menino estudou muito para a prova, **e** não passou.

O menino estudou muito para a prova, **e** passou em 1º lugar.

No primeiro exemplo, o conectivo **e** tem valor adversativo (= mas, porém) e, no segundo exemplo, tem valor conclusivo (= logo, portanto). Nos dois casos, os sujeitos eram iguais e a vírgula foi utilizada.

Sistematizando: Se o conectivo e apresentar valor adversativo ou conclusivo, ainda que una orações com sujeitos iguais, a vírgula será facultativa em frases curtas que não provoquem truncamento de ideias. Em frases mais longas, o mais adequado é usar a vírgula.

Agora, observe uma outra questão, retirada de uma prova para o TSE, elaborada pelo Cespe-UnB:

3. (Cespe-UnB/TSE – Analista Judiciário) Assinale a opção que apresenta erro de pontuação:

a) Pela primeira vez, a população de Belo Horizonte vai poder escolher, por meio da Internet, as obras que serão executadas na cidade. Disponível no período de 1º a 30 de novembro, a nova modalidade, conhecida por Orçamento Participativo Digital, tem parceria entre a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte (PBH) e o Tribunal Regional Eleitoral de Minas Gerais (TRE-MG).

b) O novo sistema baseia-se em dados fornecidos pelo TRE-MG à PBH (quantitativo de eleitores, número do título de eleitor etc.), e foi solicitado pelo prefeito de BH, Fernando Pimentel, há cerca de seis meses, ao então presidente da instituição, Armando Pinheiro Lago.

c) O voto via Internet será permitido apenas para aqueles com domicílio eleitoral na capital (aproximadamente 1,7 milhão de pessoas), que poderão decidir pelo conjunto de nove obras (quatro em cada regional) que serão feitas no município em um prazo máximo de dois anos.

d) Para votar, o cidadão deve entrar no sítio da PBH. Quem não tiver acesso à Internet em casa pode ir até um dos 175 postos públicos montados, pela PBH onde haverá monitores para ajudar aqueles que não estão acostumados a lidar com computador.

Comentários:

Todas as vírgulas da letra A estão corretas: a primeira isola o adjunto adverbial de tempo *pela primeira vez* antecipado. As outras duas isolam o adjunto adverbial de meio intercalado (*por meio da Internet*). Logo na sequência observam-se mais três vírgulas corretas: a primeira, que se justifica por isolar termo antecipado (*disponível no período de 1º a 30 de novembro*) e as outras duas que isolam uma explicação (*conhecida por Orçamento Participativo Digital*). As vírgulas da letra A foram corretamente utilizadas, portanto.

Observe com cuidado a letra B: a primeira vírgula antecede **e** que une orações de mesmo sujeito (*o novo sistema*). Será que a banca vai considerar essa vírgula errada? As outras vírgulas da letra B estão todas corretas: a que vem depois de *prefeito de BH* se justifica por anteceder o aposto *Fernando Pimentel*; as outras duas, por isolarem um

adjunto adverbial de tempo intercalado (*há cerca de seis meses*) e a última vírgula está correta por isolar o também aposto *Armando Pinheiro Lago.* Lembre-se de que ainda não sabemos se a letra B é a resposta: precisamos ver se há um erro ainda mais grave em outra alternativa.

A única vírgula presente na letra C também está correta: ela antecede oração adjetiva explicativa (*que poderão decidir pelo conjunto…*).

Na letra D, a primeira vírgula está correta: ela separa oração adverbial final antecipada. Entretanto, a letra D traz um erro gravíssimo: apresenta uma vírgula que separa o complemento nominal *pela PBH* do adjetivo a que ele se refere (*montados*). Vimos que não devemos separar termos integrantes por vírgulas.

Assim, percebemos que a banca considerou como correta a letra B, embora sua primeira vírgula separasse orações coordenadas de mesmo sujeito. Como dissemos anteriormente, bancas como Cespe e Esaf têm um posicionamento mais *liberal* quanto a esse caso: para elas a vírgula antes do *e* que une orações de mesmo sujeito seria possível. Só evite fazer isso em uma redação!

Resposta: D.

Vejamos como esses conceitos vêm sendo trabalhados nas provas.

4. (Inspetor de Polícia/NCE-UFRJ) "A favor da mesma tese, poderíamos dizer que, muitas vezes, a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público."; a segunda e terceira vírgulas desse segmento:

a) destacam um esclarecimento do autor.

b) separam o aposto do resto da frase.

c) mostram uma alteração na ordem direta dos termos.

d) indicam fala do autor com o leitor.

e) separam orações.

Comentários:

Muitos que fizeram a prova marcaram a letra B. Por acharem que tudo que vem entre vírgulas nesta vida é aposto… É claro que erraram… O que temos aqui é um adjunto adverbial de tempo (*muitas vezes*), que, na ordem direta, ficaria ao final do período e, na frase, veio intercalado. Vale lembrar que as vírgulas aqui seriam facultativas: o termo deslocado é curto, simples, de fácil entendimento.

Resposta: C.

5. (Anal. Judic.) "Vamos, por um momento que seja, cair na real…"; a regra abaixo que justifica o emprego das vírgulas nesse segmento do texto é:

a) separar elementos que exercem a mesma função sintática.

b) isolar o aposto.

c) isolar o adjunto adnominal antecipado.

d) indicar a supressão de uma palavra.

e) marcar a intercalação de elementos.

Comentários:

Tem-se aqui uma oração adverbial concessiva intercalada. Na ordem direta, o período deveria ficar assim: "Vamos cair na real por um momento que seja". Nem preciso dizer que muitos erraram quando marcaram a letra B, não é?

Resposta: E.

Veja uma questão de concurso, retirada de uma prova da Fundação Getulio Vargas. Observe as situações em que o ponto e vírgula pode aparecer:

6. No 6º parágrafo o autor utilizou o sinal de pontuação ponto e vírgula de acordo com as normas gramaticais. Nas frases abaixo as normas gramaticais também foram observadas na utilização do ponto e vírgula, exceto em:

a) Os professores compareceram à festa de formatura trajados a rigor; os alunos, trajados esportivamente.

b) Um dos alunos obteve nota suficiente para ser apenas aprovado; o outro, apesar de não ter a mesma capacidade de estudo, classificou-se em segundo lugar.

c) A iniciativa segura e coerente da direção; o esforço de alunos e professores; bem como a participação de pais e responsáveis nas atividades da escola dinamizaram-na e tornaram-na uma verdadeira casa de educação.

d) Investir em educação só traz retorno para a nação a longo prazo; mas os resultados são, normalmente, satisfatórios.

e) Não há como resolver os problemas da educação com soluções paliativas, de pouco alcance; há de se investir, de forma planejada, em projetos de longo prazo que priorizem o profissional da educação.

Comentários:

Na letra A, o ponto e vírgula separa orações coordenadas. Perceba que, se houvesse necessidade de se dar uma pausa discursiva ainda maior, ter-se-ia optado pelo ponto, e não pelo ponto e vírgula. Na letra B, o ponto e vírgula separa itens de uma enumeração (*Um dos alunos... O outro...)*, tendo sido, portanto, corretamente utilizado.

Observe que, na letra C, o ponto e vírgula separa núcleos de um sujeito composto (*A iniciativa...; o esforço...; bem como a participação...*). É como se construíssemos uma frase do tipo "João; José; Antônio chegaram." Faz sentido isso?

Na letra D, o ponto e vírgula separa uma oração coordenada assindética da sua oração coordenada sindética adversativa. Foi, portanto, adequadamente usado.

Na letra E, ele separa orações coordenadas assindéticas.

Resposta: C.

7. ... graças a algumas características: eles possuem objetivos claros, vários modos de atingir o sucesso e feedback rápido, ou seja, o jogador recebe uma consequência imediata após cada ação.

Os dois pontos introduzem no contexto:

a) um segmento enumerativo, com intenção explicativa.

b) um comentário pessoal, de caráter opinativo.

c) uma repetição enfática para atrair a atenção do leitor.

d) uma ressalva ao que vem sendo desenvolvido no parágrafo.

e) a retomada da ideia mais importante do texto.

Comentários:

Perceba que o que vem após o sinal de dois-pontos é uma enumeração do que o autor chamou de *características*. Trata-se de uma oração apositiva, que nada mais é do que um segmento enumerativo que tem a intenção de explicar um substantivo anteriormente citado.

Resposta: A.

O Cespe-UnB, por sua vez, comumente elabora questões que esperam do candidato a *explicação* para o uso dos dois-pontos. Observe algumas assertivas, julgando cada uma delas como certa ou errada:

Repitamos: o sertanejo emigrante realiza, ali, uma anomalia sobre a qual nunca é demasiado insistir: é o homem que trabalha para escravizar-se.

8. Na linha 1, o autor emprega o sinal de dois pontos, para indicar que pretende dar ênfase a uma assertiva e, na linha 2, para introduzir uma explicação do que considera ser "uma anomalia".

Comentários:

De fato, na linha 1 do texto, o que se quer é enfatizar o que se disse antes: isso você pode inclusive perceber pelo próprio vocábulo *Repitamos*. Na linha 2, os dois-pontos introduzem uma oração apositiva que explica o substantivo antecedente *anomalia*.

Resposta: assertiva correta.

A importância da Pastoral é palpável: a média nacional de mortalidade infantil para crianças de até 1 ano, que é de 22 indivíduos por mil nascidos vivos, cai para 12 por mil nos lugares atendidos pela instituição.

9. O emprego do sinal de dois-pontos em "é palpável:" justifica-se porque o trecho subsequente a esse sinal apresenta argumento comprobatório da afirmativa anterior.

Comentários:

Veja que o autor afirma que a *importância da Pastoral é palpável*, para, logo na sequência, explicar o que ele quis

dizer com o uso do adjetivo *palpável.* Trata-se, portanto, de uma explicação, uma informação que *comprova* o que se disse anteriormente.

Resposta: assertiva correta.

Agora, uma questão sobre aspas:

10. O emprego das aspas em algumas palavras do texto:

Algumas são exóticas também no sentido de "diferentes" ou "esquisitas"...

Nenhuma delas é nativa do Brasil. Dependendo das circunstâncias, podem ser "imigrantes" inofensivas...

... muitas vezes tornam-se organismos nocivos aos ecossistemas "naturais".

a) chama a atenção do leitor para a importância de seu sentido no contexto.

b) indica uso específico de termos técnicos para esclarecer alguns conceitos.

c) aponta para o sentido particular de certas palavras de uso comum na gíria.

d) mostra a inclusão de opiniões alheias, como um novo interlocutor no contexto.

e) atesta a participação de palavras de origem estrangeira no vocabulário nacional.

Comentários:

Essas provas dão um *show* de teoria, não é mesmo? Passeando pelas alternativas, percebemos que, em cada uma delas, fala-se de uma das regras de utilização das aspas. Só lendo as frases destacadas, portanto, você descobrirá a resposta.

Trata-se do uso das aspas para destacar palavras ou expressões no texto. Evidenciar informações.

Resposta: A.

20.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (FCC – Manausprev – Analista Previdenciário – 2015)

Atente para as afirmativas abaixo.

I. No segmento *para aprofundar questões referentes à* <u>*sincronicidade*</u> *entre arte e ciência*, o sinal indicativo de crase deverá ser suprimido caso se substitua o elemento sublinhado por "sincronização".

II. Sem prejuízo para a correção e o sentido, o sinal de travessão pode ser substituído por dois-pontos no segmento *usufruir uma obra de Tomie Ohtake propicia uma dupla experiência – incita a reflexão...*

III. O segmento sublinhado em <u>*que para a sua elaboração*</u> *prescinde da intencionalidade* pode ser isolado por vírgulas, sem prejuízo da correção.

Está correto o que se afirma APENAS em

a) I e III.

b) II e III.

c) III.

d) I.

e) I e II.

2. (FCC – TRE-AP – Analista Judiciário – Área Administrativa – 2015)

Embora o meu vocabulário seja voluntariamente pobre – uma espécie de Brasileiro Básico – a única leitura que jamais me cansa é a dos dicionários. Variados, sugestivos, atraentes, não são como os outros livros, que contam sempre a mesma estopada do começo ao fim.*

[...]

Na minha adolescência, todo e qualquer escritor se presumia de estilista, e isso, na época, significava riqueza vocabular... Imagine-se o mal que deve ter causado a autores novos e inocentes o grande estilista Coelho Neto: grande infanticida, isto é o que ele foi.

* aquilo que é maçante, enfadonho, aborrecedor.

(Adaptado de: QUINTANA, Mario. Dicionários. Caderno H. 7. ed. São Paulo: Globo, 1998, p.176)

Atente para as seguintes afirmações sobre o emprego dos sinais de pontuação:

I. Em *não são como os outros livros, que contam sempre a mesma estopada do começo ao fim*, a retirada da vírgula implicaria prejuízo ao sentido original.

II. A substituição por parênteses dos travessões que isolam o segmento *uma espécie de Brasileiro Básico* implicaria prejuízo para a correção da frase.

III. Em *e isso, na época, significava riqueza vocabular...*, a retirada da primeira vírgula acarretaria prejuízo para a correção da frase.

Está correto APENAS o que se afirma em

a) II e III.

b) I.

c) I e III.

d) II.

e) I e II.

3. (FCC – TRE-AP – Técnico Judiciário – Administrativo – 2015)

Para sobreviver, enfim, Michelangelo teve de enfrentar questões que afligem os seres humanos em qualquer tempo. Como no caso de sua resistência a trocar a escultura pela pintura, quem nunca tremeu nas bases ao ser forçado a sair de sua zona de conforto?

Atente para o que se afirma abaixo.

I. No segmento *Com o adiamento, Michelangelo recebeu um prêmio de consolação: pintar o teto de uma capela de uso reservado*..., os dois-pontos introduzem um esclarecimento.

II. Sem prejuízo do sentido, podem ser suprimidas as vírgulas do segmento: *O artista, que se considerava um escultor, cortava de forma peremptória*...

III. No terceiro parágrafo, o sinal de interrogação pode ser suprimido por se tratar de uma pergunta retórica.

Está correto o que se afirma APENAS em:

a) II e III.

b) I e II.

c) I.

d) II.

e) I e III.

4. (FCC – TRE-SE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – 2015)

A frase citada do texto que permanece correta após o acréscimo das vírgulas é:

a) Já trocamos, uns cinco *e-mails* e uns dez recados, pelo celular.

b) Acredito, que acabei me adaptando, a esse mundo moderno.

c) Há três semanas, que estou combinando, um almoço com um grande amigo.

d) Hoje cedo, eu me lembrei da minha mãe, à beira do fogão, separando os marinheiros do arroz e tirando as pedras do feijão.

e) Estou pensando, seriamente, em sair daqui uma hora dessas, chegar, à casa dele e tocar, a campainha.

5. (FCC – Metrô-SP – Agente de segurança – 2015)

Minha hipótese, caso correta, tem implicações metafísicas. Se a vida for como um cardápio, do outro lado teria que existir o Grand Chef, o criador do menu.

As frases abaixo referem-se à pontuação do texto.

I. Com as devidas alterações, no segmento...*tem implicações metafísicas. Se a vida for como um cardápio*..., pode-se substituir o ponto final por dois-pontos, uma vez que a ele se segue uma explicação.

II. Na frase *Ora, Alfredo, deixe de filosofar e escolha logo o prato*, o termo sublinhado pode ser substituído por uma vírgula.

III. No segmento ...*e estavam na varanda do Bar Lagoa, de onde se pode ver um cantinho de céu*..., pode-se acrescentar uma vírgula imediatamente após estavam.

Está correto o que se afirma APENAS em

a) I e III.

b) I.

c) I e II.

d) II e III.

e) III.

6. (FCC – TJ-AP – Analista Judiciário – Judiciária e Administrativa – 2014)

Considere as seguintes frases:

I. Ele ama os poemas de cordel, com que teve contato desde pequeno.

II. Respeito os autores de cordel, que normalmente não se preocupam com o grande mercado.

III. Ainda ontem de manhã, passei horas examinando os folhetos expostos na feira.

A supressão da vírgula ALTERA o sentido do que está APENAS em

a) I e II.

b) I e III.

c) II e III.

d) I.

e) II.

7. (FCC – TCE-GO – Analista de Controle Externo – 2014)

O pesquisador explica que os sistemas de integração e de plantio direto promovem benefícios vitais para o solo. Já o sequestro do carbono contribui para diminuir a emissão de gases de efeito estufa. Quando a terra é arada os restos são incorporados e os micro-organismos que decompõem esses restos morrem sem alimento e o carbono vai para a atmosfera. "Quando se deixam nutrientes no solo, os micro-organismos aumentam para decompor os nutrientes e ficam na terra se alimentando."

Sem prejuízo da correção e do sentido, uma vírgula pode ser inserida imediatamente após

a) " carbono", em *Já o sequestro do carbono...*

b) " arada", em *Quando a terra é arada...*

c) " aumentam", em *os micro-organismos aumentam...*

d) " explica", em *O pesquisador explica*

e) " micro-organismos", em *os micro-organismos que decompõem esses restos*

8. (FCC – METRÔ-SP – Administrador – 2014)

Atente para as seguintes frases:

I. Numa viagem de metrô, sentimos que o próprio tempo parece acelerar.

II. Ele prefere evitar o metrô, por conta de sua tendência claustrofóbica.

III. Ele optou pelo horário do metrô, que lhe parece mais conveniente.

A supressão da(s) vírgula(s) altera o sentido do que está APENAS em:

a) I e II.

b) II e III.

c) I e III.

d) II.

e) III.

9. (FCC – Câmara Municipal de São Paulo – SP – Consultor Técnico Legislativo – Informática – 2014)

Na redação das frases seguintes, a supressão da(s) vírgula(s) altera o sentido APENAS do que está em:

I. Neste texto, o autor avalia a importância da memória na representação ficcional.

II. As crianças, atingidas por traumas e embaladas por sonhos, guardam consigo a matéria da ficção.

III. A infância, rica como inferno ou como paraíso, tem inspirado contos e romances da mais alta expressão.

a) I e II.

b) II e III.

c) I e III.

d) II.

e) III.

10. (FCC- TRF – 3ª REGIÃO – Analista Judiciário – Informática – 2014)

Considere as frases abaixo.

I. Ao se suprimirem as vírgulas do trecho *A dor, juntamente com a morte, é sem dúvida a experiência humana*..., o verbo deverá ser flexionado no plural.

II. Na frase *Georges Canguilhem acrescenta que ela é um estado de "inconsciência em que o sujeito é de seu corpo"*, pode-se acrescentar uma vírgula imediatamente após *inconsciência*, sem prejuízo para a correção.

III. Na frase *De fato, na vida cotidiana o corpo se faz invisível, flexível; sua espessura é apagada pelas ritualidades sociais*..., o ponto e vírgula pode ser substituído, sem prejuízo para a correção e o sentido original, por dois-pontos.

Está correto o que se afirma APENAS em

a) II.

b) I e III.

c) II e III.

d) I e II.

e) I.

11. (FCC – MPE-PB – Técnico Ministerial – Administrativo – 2015)

O elemento que NÃO é um pronome está sublinhado em:

a) E a fortuna daqueles que a encontram

b) Porque o Tejo não é o rio que corre...

c) Para aqueles que veem em tudo...

d) Ninguém nunca pensou no que há...

e) O Tejo é mais belo que o rio...

12. (TRF3 – Técnico Judiciário – FCC – Abril/2016 – Adaptada)

O acréscimo de uma vírgula após o termo sublinhado não altera o sentido nem a correção do trecho:

a) A ideia de cidade inteligente sempre aparece relacionada à abertura de bases de dados por parte dos órgãos públicos.

b) Há experiências importantes em cidades brasileiras também.

c) ... uma parte prioriza a transparência como meio de prestação de contas e responsabilidade política frente à sociedade civil, como a ideia de governo aberto...

d) ...outra parte prioriza a participação popular através da interatividade, bem como a cooperação técnica para o reúso de dados abertos por entidades e empresas.

e) Contudo, existem estudos que apontam que bastariam meros quatro pontos de dados para identificar os movimentos de uma pessoa na cidade.

Leia o texto a seguir para responder à questão 13.

Depois que se tinha fartado de ouro, o mundo teve fome de açúcar, mas o açúcar consumia escravos. O esgotamento das minas – que de resto foi precedido pelo das florestas que forneciam o combustível para os fornos –, a abolição da escravatura e, finalmente, uma procura mundial crescente, orientam São Paulo e o seu porto de Santos para o café. De amarelo, passando pelo branco, o ouro tornou-se negro.

Mas, apesar de terem ocorrido essas transformações que tornaram Santos num dos centros do comércio internacional, o local conserva uma beleza secreta; à medida que o barco penetra lentamente por entre as ilhas, experimento aqui o primeiro sobressalto dos trópicos. Estamos encerrados num canal verdejante. Quase podíamos, só com estender a mão, agarrar essas plantas que o Rio ainda mantinha à distância nas suas estufas empoleiradas lá no alto. Aqui se estabelece, num palco mais modesto, o contato com a paisagem.

O arrabalde de Santos, uma planície inundada, crivada de lagoas e pântanos, entrecortada por riachos estreitos e canais, cujos contornos são perpetuamente esbatidos por uma bruma nacarada, assemelha-se à própria Terra, emergindo no começo da criação. As plantações de bananeiras que a cobrem são do verde mais jovem e terno que se possa imaginar: mais agudo que o ouro verde dos campos de juta no delta do Bramaputra, com o qual gosto de o associar na minha recordação; mas é que a própria fragilidade do matiz, a sua gracilidade inquieta, comparada com a suntuosidade tranquila da outra, contribuem para criar uma atmosfera primordial.

Durante cerca de meia hora, rolamos por entre bananeiras, mais plantas mastodontes do que árvores anãs, com troncos plenos de seiva que terminam numa girândola de folhas elásticas por sobre uma mão de 100 dedos que sai de um enorme lótus castanho e rosado. A seguir, a estrada eleva-se até os 800 metros de altitude, o cume da serra. Como acontece em toda parte nessa costa,

escarpas abruptas protegeram dos ataques do homem essa floresta virgem tão rica que para encontrarmos igual a ela teríamos de percorrer vários milhares de quilômetros para norte, junto da bacia amazônica. Enquanto o carro geme em curvas que já nem poderíamos qualificar como " cabeças de alfinete", de tal modo se sucedem em espiral, por entre um nevoeiro que imita a alta montanha de outros climas, posso examinar à vontade as árvores e as plantas estendendo-se perante o meu olhar como espécimes de museu.

(Adaptado de: Lévi-Strauss, Claude. *Tristes Trópicos*. Coimbra, Edições 70, 1979, p. 82-3)

13. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

Considere as frases abaixo.

I. O segmento que se estende de uma planície inundada até uma bruma nacarada (3º parágrafo) constitui explicação do termo antecedente, de maneira que poderia ser iniciado por " que é", sem prejuízo para o sentido.

II. Neste mesmo segmento, as vírgulas poderiam ser substituídas por ponto-e-vírgulas, uma vez que se trata de uma sequência de características atribuídas a um mesmo termo.

III. No mesmo período, a oração iniciada por emergindo pode tanto subordinar-se a assemelha-se como a Terra.

Está correto o que consta em

a) III, apenas.

b) I, II e III.

c) I e II, apenas.

d) I e III, apenas.

e) II, apenas.

Leia o texto a seguir para responder às questões 14 e 15.

Estava mal chegando a São Paulo, quando um repórter me provocou: " Mas como, Chico, mais um samba? Você não acha que isso já está superado?". Não tive tempo de me defender ou de atacar os outros, coisa que anda muito em voga. Já era hora de enfrentar o dragão, como diz o Tom, enfrentar as luzes, os cartazes, e a plateia, onde distingui um caro colega regendo um coro pra frente, de franca oposição. Fiquei um pouco desconcertado pela atitude do meu amigo, um homem sabidamente isento de preconceitos. Foi-se o tempo em que ele me censurava amargamente, numa roda revolucionária, pelo meu desinteresse em participar de uma passeata cívica contra a guitarra elétrica. Nunca tive nada contra esse instrumento, como nada tenho contra o tamborim. O importante é Mutantes e Martinho da Vila no mesmo palco.

Mas, como eu ia dizendo, estava voltando da Europa e de sua música estereotipada, onde samba, toada etc. são ritmos virgens para seus melhores músicos, indecifráveis para seus cérebros eletrônicos. " Só tenho uma opção, confessou-me um italiano – sangue novo ou a antimúsica. Veja, os Beatles, foram à Índia..." Donde se conclui como precipitada a opinião, entre nós, de que estaria morto o nosso ritmo, o lirismo e a malícia, a malemolência. É certo que se deve romper com as estruturas. Mas a música brasileira, ao contrário de outras artes, já traz dentro de si os elementos de renovação. Não se trata de defender a tradição, família ou propriedade de ninguém. Mas foi com o samba que João Gilberto rompeu as estruturas da nossa canção. E se o rompimento não foi universal, culpa é do brasileiro, que não tem vocação pra exportar coisa alguma.

Quanto a festival, acho justo que estejam todos ansiosos por um primeiro prêmio. Mas não é bom usar de qualquer recurso, nem

se deve correr com estrondo atrás do sucesso, senão ele se assusta e foge logo. E não precisa dar muito tempo para se perceber " que nem toda loucura é genial, como nem toda lucidez é velha".

(Adaptado de: HOLANDA, Chico Buarque de, apud Adélia B. de Menezes, *Desenho Mágico*: Poesia e Política em Chico Buarque, São Paulo, Ateliê, 2002, p. 28-29)

14. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

Sem prejuízo para a correção e o sentido, pode-se acrescentar uma vírgula imediatamente após o termo

a) " E", em E se o rompimento não foi universal... (2º parágrafo)

b) " Mas", em Mas não é bom usar de qualquer recurso... (3º parágrafo)

c) " e", em ... se assusta e foge logo (3º parágrafo)

d) " Mas", em Mas foi como o samba que João Gilberto... (2º parágrafo)

e) " Mas", em Mas como, Chico, mais um samba? (1º parágrafo)

15. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

Sem que se altere o sentido da frase, todas as vírgulas podem ser substituídas por travessão, EXCETO em:

a) *Não se trata de defender a tradição, família ou propriedade*... (2º parágrafo)

b) *Fiquei um pouco desconcertado pela atitude do meu amigo, um homem*... (1º parágrafo)

c) *Mas, como eu ia dizendo, estava voltando da Europa*... (2º parágrafo)

d) ... *como precipitada, entre nós, de que estaria morto*... (2º parágrafo)

e) *Mas a música brasileira, ao contrário de outras artes, já traz*... (2º parágrafo)

16. (TRT14R – Téc. Jud. – Área Adminis. – FCC – Fev./2016)

Considere as afirmações acerca da pontuação.

I. O acréscimo de uma vírgula antes do termo sublinhado não altera o sentido do trecho: *Nessas viagens, ele frequentemente encontrou tribos indígenas* <u>*que*</u> *não tinham contato com a civilização*...

II. O termo sublinhado pode estar entre vírgulas sem prejuízo para a correção gramatical do trecho: *Rondon contribuiu* <u>*também*</u> *para o reconhecimento e mapeamento de grandes áreas ainda inóspitas no interior do país*.

III. As vírgulas sinalizam uma enumeração no trecho: ... *levantou dados e informações de mineralogia, geologia, botânica, zoologia e antropologia*.

Está correto o que se afirma em

a) I, II e III.

b) I, apenas.

c) I e II, apenas.

d) II e III, apenas.

e) III, apenas.

17. (Copergás/PE – Analista Administrador – FCC – Jul./2016)

Está correta a seguinte afirmação sobre a pontuação empregada no texto:

a) Os travessões presentes no 1º e no 2º parágrafos precisam ser todos substituídos por sinais de dois-pontos.

b) O sinal de interrogação em *até que ponto?* (1º parágrafo) está servindo a uma pergunta retórica, cuja precisa resposta já é sabida.

c) A vírgula na expressão *Ao que tudo indica*, (2º parágrafo) é excessiva e prejudica o sentido da frase.

d) O ponto e vírgula em *"falas" determinadas*; (3º parágrafo) pode dar lugar ao emprego alternativo de uma vírgula.

e) A expressão, *em parte*, (3º parágrafo) não pode ser empregada entre vírgulas, neste contexto.

Leia o texto a seguir para responder à questão 18.

Texto I

Naquele novo apartamento da rua Visconde de Pirajá pela primeira vez teria um escritório para trabalhar. Não era um cômodo muito grande, mas dava para armar ali a minha tenda de reflexões e leitura: uma escrivaninha, um sofá e os livros. Na parede da esquerda ficaria a grande e sonhada estante onde caberiam todos os meus livros. Tratei de encomendá-la a seu Joaquim, um marceneiro que tinha oficina na rua Garcia D' Ávila com Barão da Torre.

O apartamento não ficava tão perto da oficina. Era quase em frente ao prédio onde morava Mário Pedrosa, entre a Farme de Amoedo e a antiga Montenegro, hoje Vinicius de Moraes. Estava ali havia uma semana e nem decorara ainda o número do prédio. Tanto que, quando seu Joaquim, ao preencher a nota de encomenda, perguntou-me onde seria entregue a estante, tive um momento de hesitação. Mas foi só um momento. Pensei rápido: " Se o prédio do Mário é 228, o meu, que fica quase em frente, deve ser 227". Mas lembrei-me de que, ao ir ali pela primeira vez, observara que, apesar de ficar em frente ao do Mário, havia uma diferença na numeração.

– Visconde de Pirajá, 127 – respondi, e seu Joaquim desenhou o endereço na nota.

– Tudo bem, seu Ferreira. Dentro de um mês estará lá sua estante.

– Um mês, seu Joaquim! Tudo isso? Veja se reduz esse prazo.

– A estante é grande, dá muito trabalho... Digamos, três semanas.

Ferreira Gullar. A estante. In: *A estranha vida banal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989 (com adaptações).

18. (INSS – Técnico Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

Julgue o seguinte item, a respeito de aspectos linguísticos do **texto I**.

No período " Tanto que, quando (...) momento de hesitação" (l. 8-9), o emprego de todas as vírgulas deve-se à mesma regra de pontuação.

Leia o texto a seguir para responder à questão 19.

Texto II

Bibliotecas sempre deram muito o que falar. Grandes monarquias jamais deixaram de possuir as suas, e cuidavam delas estrategicamente. Afinal, dotes de princesas foram negociados tendo livros como objetos de barganha; tratados diplomáticos versaram sobre essas coleções. Os monarcas portugueses, após o terremoto que dizimou Lisboa, se orgulhavam de, a despeito dos destroços, terem erguido uma grande biblioteca: a Real Livraria. D. José chamava-a de joia maior do tesouro real. D. João VI, mesmo na correria da partida para o Brasil, não se esqueceu dos livros. Em três diferentes levas, a Real Biblioteca aportou nos trópicos, e foi até mesmo tema de disputa.

Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br> (com adaptações).

19. (INSS – Técnico Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

Acerca de aspectos linguísticos e dos sentidos do texto acima, julgue o item que se segue.

O sinal de dois-pontos empregado imediatamente após " biblioteca" (l. 4-5) introduz um termo de natureza explicativa.

Leia o texto a seguir para responder à questão 20.

Levantou-se da cama o pobre namorado sem ter conseguido dormir. Vinha nascendo o Sol.

Quis ler os jornais e pediu-os.

Já os ia pondo de lado, por haver acabado de ler, quando repentinamente viu seu nome impresso no **Jornal do Comércio**.

Era um artigo *a pedido* com o título de **Uma Obra-Prima**.

Dizia o artigo:

Temos o prazer de anunciar ao país o próximo aparecimento de uma excelente comédia, estreia de um jovem literato fluminense, de nome Antônio Carlos de Oliveira.

Este robusto talento, por muito tempo incógnito, vai enfim entrar nos mares da publicidade, e para isso procurou logo ensaiar-se em uma obra de certo vulto.

Consta-nos que o autor, solicitado por seus numerosos amigos, leu há dias a comédia em casa do Sr. Dr. Estêvão Soares, diante de um luzido auditório, que aplaudiu muito e profetizou no Sr. Oliveira um futuro Shakespeare.

O Sr. Dr. Estêvão Soares levou a sua amabilidade ao ponto de pedir a comédia para ler segunda vez, e ontem ao encontrar-se na rua com o Sr. Oliveira, de tal entusiasmo vinha possuído que o abraçou estreitamente, com grande pasmo dos numerosos transeuntes.

Da parte de um juiz tão competente em matérias literárias este ato é honroso para o Sr. Oliveira.

Estamos ansiosos por ler a peça do Sr. Oliveira, e ficamos certos de que ela fará a fortuna de qualquer teatro.

O amigo das letras.

Machado de Assis. A mulher de preto. In: *Contos fluminenses*. São Paulo: Globo, 1997 (com adaptações).

20. (INSS – Analista Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

Acerca de aspectos linguísticos do texto, julgue o item a seguir.

A correção gramatical e o sentido do texto seriam mantidos caso o termo " em casa" (l. 11) fosse isolado por vírgulas.

Leia o texto a seguir para responder à questão 21.

Texto CB2A2BBB

O fenômeno da corrupção, em virtude de sua complexidade e de seu potencial danoso à sociedade, exige, além de uma atuação repressiva, também uma ação preventiva do Estado. Portanto, é preciso estimular a integridade no serviço público, para que seus agentes sempre atuem, de fato, em prol do interesse público.

Entende-se que a integridade pública representa o estado ou condição de um órgão ou entidade pública que está "completa, inteira, perfeita, sã", no sentido de uma atuação que seja imaculada ou sem desvios, conforme as normas e valores públicos.

De acordo com a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), a integridade é mais do que a ausência de corrupção, pois envolve aspectos positivos que, em última análise, influenciam os resultados da administração, e não apenas seus processos. Além disso, a OCDE compreende um sistema de integridade como um conjunto de arranjos institucionais, de gerenciamento, de controle e de regulamentações que visem à promoção da integridade e da transparência e à redução do risco de atitudes que violem os princípios éticos.

Nesse sentido, a gestão de integridade refere-se às atividades empreendidas para estimular e reforçar a integridade e também para prevenir a corrupção e outros desvios dentro de determinada organização.

Disponível em: <www.cgu.gov.br> (com adaptações).

21. (TCE-SC – Aud. Fiscal-Administ. – Cespe – Maio/2016)

Ainda com relação a aspectos linguísticos do texto CB2A2BBB, julgue o item subsequente.

O trecho "e também" (l. 15) poderia ser corretamente isolado por vírgulas, recurso que lhe conferiria ênfase.

Leia o texto a seguir para responder à questão 22.

Texto I

A moeda, como hoje é conhecida, é o resultado de uma longa evolução. No início, não havia moeda, praticava-se o escambo. Algumas mercadorias, pela sua utilidade, passaram a ser mais procuradas do que outras. Aceitas por todos, assumiram a função de moeda, circulando como elemento trocado por outros produtos e servindo para avaliar-lhes o valor. Eram as moedas-mercadorias. O gado, principalmente o bovino, foi dos mais utilizados. O sal foi outra moeda-mercadoria; de difícil obtenção, era muito utilizado na conservação de alimentos. Ambas deixaram marca de sua função como instrumento de troca no vocabulário português, em palavras como pecúnia e pecúlio, capital e salário.

Com o passar do tempo, as mercadorias se tornaram inconvenientes às transações comerciais, devido à oscilação de seu valor, pelo fato de não serem fracionáveis e por serem facilmente perecíveis, o que não permitia o acúmulo de riquezas. Surgiram, então, no século VII a.C., as primeiras moedas com características semelhantes às das atuais: pequenas peças de metal com peso e valor definidos e com a impressão do cunho oficial, isto é, a marca de quem as emitiu e garante o seu valor.

Os primeiros metais utilizados na cunhagem de moedas foram o ouro e a prata. O emprego desses metais se impôs, não só por sua raridade, beleza, imunidade à corrosão e por seu valor econômico, mas também por antigos costumes religiosos. Durante muitos séculos, os países cunharam em ouro suas moedas de maior valor, reservando a prata e o cobre para os valores menores. Esses sistemas se mantiveram até o final do século XIX, quando o cuproníquel e, posteriormente, outras ligas metálicas passaram a ser empregados e a moeda passou a circular pelo seu valor extrínseco, isto é, pelo valor gravado em sua face, que independe do metal nela contido.

Na Idade Média, surgiu o costume de guardar os valores com um ourives, pessoa que negociava objetos de ouro e prata e que, como garantia, entregava um recibo. Esse tipo de recibo passou a ser utilizado para efetuar pagamentos, circulando de mão em mão, e deu origem à moeda de papel. Com o tempo, da forma como ocorreu com as moedas, os governos passaram a conduzir a emissão de cédulas, controlando as falsificações e garantindo o poder de pagamento. Atualmente, quase todos os países possuem bancos centrais, encarregados das emissões de cédulas e moedas.

Disponível em: <www.bcb.gov.br> (com adaptações).

22. (CEF – Superior – Cespe – Mar./2014)

Julgue o próximo item como Certo (C) ou Errado (E), relativo às ideias expressas no texto e a aspectos linguísticos desse texto.

Seriam mantidas a correção gramatical e a coerência do texto caso a vírgula empregada imediatamente após " centrais" (l. 25) fosse suprimida, embora o sentido do trecho fosse alterado.

23. (Câmara dos Deputados – Técnico Legislativo – Cespe – Abril/2014)

Bill Watterson.

(Adaptado) Julgue o item subsequente, relativo ao diálogo entre os personagens Calvin e sua professora, Dona Doroteia, apresentado na tirinha.

No segundo quadrinho, a retirada da vírgula logo após " felicidade" modificaria a relação semântica e sintática entre essa palavra e o trecho " a qual é meu direito inalienável" e afetaria a coerência da argumentação.

Leia o texto a seguir para responder à questão 24.

Texto I

De acordo com uma lista da International Union for the Conservation of Nature, o Brasil é o país com o maior número de espécies de aves ameaçadas de extinção, com um total de 123 espécies sofrendo risco real de desaparecer da natureza em um futuro não tão distante. A Mata Atlântica concentra cerca de 80% de todas as aves ameaçadas no país, fato que resulta de muitos anos de exploração e desmatamentos. Atualmente, restam apenas cerca de 10% da floresta original, não sendo homogênea essa proporção de floresta remanescente ao longo de toda a Mata Atlântica. A situação é mais séria na região Nordeste, especialmente nos estados de Alagoas e Pernambuco, onde a maior parte da floresta original foi substituída por plantações de cana-de-açúcar. É nessa região que ainda podem ser encontrados os últimos exemplares das aves mais raras em todo o país, como o criticamente ameaçado limpa-folha-do-nordeste (Philydor novaesi). Essa pequena ave de dezoito centímetros vive no estrato médio e dossel de florestas bem conservadas e ricas em bromélias, onde procura artrópodes dos quais se alimenta. Atualmente, as duas únicas localidades onde a espécie pode ser encontrada são a Estação Ecológica de Murici, em Alagoas, e a Serra do Urubu, em Pernambuco.

Pedro F. Develey et al. O Brasil e suas aves. In: *Scientific American Brasil*, 2013 (com adaptações).

24. (ICMBIO – Nível Médio – Cespe – 2014)

Julgue o item seguinte, relativo às ideias e aos aspectos estruturais do texto.

A inserção de vírgula logo após o vocábulo " encontrada" (l. 12), além de preservar a correção gramatical do texto, daria ênfase à informação contida no trecho " as duas únicas localidades onde a espécie pode ser encontrada" (l. 11-12).

Leia o texto a seguir para responder à questão 25.

– Este livro não é meu! Meu Deus, o que fizeram do meu livro?

A exclamação, patética, vinha da famosa jornalista internacional Oriana Fallaci (no caso, como escritora), ao perceber que a tradução brasileira de seu livro **Um homem** (1981) não era fiel à estrutura paragráfica do original, construída em forma de monólogo compacto. O que a escritora concebera como blocos de longo discurso interior foi transformado, na tradução, em diálogos convencionais. Em posterior entrevista, Fallaci definiu, como criadora, seu ponto de vista:

– Em **Um homem**, todos os diálogos são dados sem parágrafo, e não só porque esse é notoriamente o meu modo de escrever, de obter o ritmo da página, a musicalidade da língua, mas porque isso corresponde a uma rigorosa necessidade de estilo ditada pela substância do livro. Nele, o diálogo é um diálogo recordado, um diálogo interior, e não um diálogo que determina um diálogo. É um livro em que a forma e a substância, o estilo e o significado se integram indissoluvelmente. E trabalhei tanto para escrevê-lo! Três longos anos sem nunca deixar aquele quarto e aquela pequena mesa, jamais uma interrupção, nada de férias, nada de domingos, nada de natais e páscoas. Sempre trabalhando, de manhã à noite, refazendo, corrigindo, limando o estilo, cuidando da ausência de parágrafos.

Com seu protesto, Oriana Fallaci levantou, na época, um sério problema de editoração, aliás, um problema duplo: a técnica literária do autor e – o mais importante para o editor de texto – o respeito em relação a essa técnica, que a autora definiu como estilo. Vejamos a questão por partes.

No que concerne à técnica literária dos diálogos, até o século XIX conheciam-se apenas o discurso direto e o discurso narrativo ou indireto. A partir de meados desse século, entretanto, surgiu o discurso aparente ou discurso indireto livre. De início, nesse caso, os autores usaram aspas para não confundir o leitor, mas estas seriam logo abandonadas como técnica narrativa.

Quanto ao estilo, foi com a Revolução Industrial, vale dizer, com o amadurecimento da sociedade capitalista, que os escritores começaram a ter consciência não da forma em geral, mas da forma individual, da maneira particular de exposição de cada autor como artista que produz obra única e consumada. A revolução das técnicas e do mercado, traduzindo-se no binômio velocidade-quantidade, suscitou a massificação do livro, contra a qual emergiu a figura do autor como artista, como criador por excelência, como aquele que domina a gramática para ter o direito de fraturá-la. Roland Barthes (1971) observa que, assim, começa a elaborar-se uma imagética do escritor-artesão que se fecha num lugar lendário, como um operário na oficina, e desbasta, talha, pule e engasta sua forma, exatamente como um lapidário extrai a arte da matéria, passando, nesse trabalho, horas regulares de solidão e esforço. Esse valor-trabalho substitui, de certa maneira, o valor-gênio; há uma certa vaidade em dizer que se trabalha bastante e longamente a forma.

Desde então, ao se trabalhar com obras em que o elemento primordial é a informação, existe a liberdade de redisposição dos originais em benefício da clareza, mas, com produção literária, impõe-se absoluto privilégio autoral, que é um princípio socialmente reconhecido, com o qual o editor de texto sempre convive.

Emanuel Araújo. A construção do livro: princípios da técnica de editoração. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Brasília: INL, 2000, p. 23 6 (com adaptações).

25. (IRB – Nível Superior – Cespe – 2014)

Com relação aos aspectos morfossintáticos do texto, julgue (C ou E) o seguinte item.

Na linha 2, as vírgulas que isolam o termo "patética" foram empregadas para enfatizar o atributo de "exclamação", mas a supressão dessa pontuação manteria a correção gramatical do trecho.

Leia o texto a seguir para responder à questão 26.

A história eleitoral do Brasil é uma das mais ricas do mundo. Durante o período colonial, a população das vilas e cidades elegia os representantes dos conselhos municipais. As primeiras eleições gerais para escolha dos representantes à Corte de Lisboa ocorreram em 1821. No ano seguinte, foi promulgada a primeira lei eleitoral brasileira, que regulou as eleições dos representantes da Constituinte de 1823. Desde 1824, quando aconteceu a primeira eleição pós-independência, foram eleitas cinquenta e uma legislaturas para a Câmara dos Deputados. Somente durante o Estado Novo (1937-1945), as eleições para a Câmara foram suspensas.

Hoje, os eleitores escolhem os representantes para os principais postos de poder (presidente, senador, deputado federal, governador, deputado estadual, prefeito e vereador) e pouca gente duvida da legitimidade do processo eleitoral brasileiro. As fraudes foram praticamente eliminadas. A urna eletrônica permite que os resultados sejam proclamados poucas horas depois do pleito. As eleições são competitivas, com enorme oferta de candidatos e partidos (uma média de trinta partidos por eleição). Quatro em cada cinco adultos compareceram às últimas eleições para votar. O sufrágio é universal, pois já não existem restrições significativas que impeçam qualquer cidadão com pelo menos dezesseis anos de idade de ser eleitor. Hoje, o Brasil tem o terceiro maior eleitorado do planeta, perdendo apenas para a Índia e os Estados Unidos da América.

Jairo Marconi Nicolau. *História do voto no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002, p. 7-8 (com adaptações).

26. (CEF – Nível Superior – Cespe – 2014)

No primeiro parágrafo, quatro períodos são iniciados por elemento adverbial, o que justifica a colocação de vírgula logo após "colonial" (L. 1), "seguinte" (L. 3), "1824" (L. 5) e "(1937-1945)" (L. 6).

Leia o texto a seguir para responder à questão 27.

A desigualdade está entre os principais fatores de risco que preocupam a elite mundial, a julgar pela atenção dada ao tema no fórum econômico de Davos.

Por outro lado, estudo recente do Banco Mundial mostra que, pela primeira vez desde a Revolução Industrial, caiu a diferença de renda entre os países na fronteira do desenvolvimento e os emergentes.

Após o fim da cortina de ferro e a abertura econômica da China e da Índia, centenas de milhões de pessoas passaram de um estado de subsistência precária à condição de nova classe média global. Entretanto, é preciso que os países não só reforcem políticas compensatórias para reduzir a exclusão, mas também atuem para promover a igualdade de oportunidades.

A educação, como sempre, é o instrumento decisivo para garantir que a sorte de um indivíduo não seja determinada por sua origem social ou geográfica.

Idem, ibidem (com adaptações).

27. (FUB – Nível Médio – Cespe – 2014)

Em relação ao fragmento de texto acima, julgue o próximo item.

O emprego de vírgula após “Índia” (l. 5) justifica-se por isolar adjunto adverbial anteposto, deslocado de sua posição tradicional.

Leia o texto a seguir para responder à questão 28.

As palavras estampadas na bandeira nacional poderiam receber o complemento de um adjetivo, diante do arcabouço de ideias e discussões que tratam do futuro do planeta. A depender da contribuição de especialistas em desenvolvimento sustentável da Universidade de Brasília, o lema de 1889, inspirado nos conceitos positivistas do francês Augusto Comte, teria a seguinte redação: “Ordem e um Novo Progresso”. Essa renovação de ideias, entretanto, precisa do apoio das novas gerações, pois o cenário mundial atual, e do Brasil em particular, é muito diferente do registrado há duas décadas, por exemplo. Na configuração geopolítica do século XXI, a supremacia dos Estados Unidos da América e da Europa é confrontada pelo dinamismo econômico de nações como a China, Índia, África do Sul e o próprio Brasil. O sobe e desce na disputa por espaço em debates estratégicos em nível internacional deu maior peso à palavra de países em desenvolvimento nas questões da sustentabilidade.

João Campos. Uma nova educação para um novo progresso. In: *Revista Darcy*, jun./2012 (com adaptações).

28. (ICMBIO – Nível Médio – Cespe – 2014)

Acerca dos aspectos estruturais e interpretativos do texto acima, julgue o item a seguir.

Na linha 2, o elemento “que” tem a função de restringir o sentido das expressões que o antecedem, a saber, “ideias” e “discussões”.

Leia o texto a seguir para responder à questão 29.

O conhecimento da especificidade da matriz energética brasileira é importante para o entendimento dos parâmetros que influenciam a visão da indústria brasileira sobre mudança do clima. Isso é particularmente relevante, uma vez que 75% das emissões de gases de efeito estufa (GEE) no Brasil são relacionadas ao uso da terra. A energia consumida no processo de produção industrial representa uma pequena parcela do total de emissões de GEE no Brasil. Esse fato deve ser levado em consideração para o dimensionamento da contribuição do setor industrial brasileiro aos esforços de mitigação.

No Brasil, apenas 8,8% das emissões de GEE são provenientes das atividades industriais. Isso reflete, em boa medida, a composição da matriz energética da indústria e se aplica, inclusive, aos setores industriais identificados na economia global como os de maior potencial de mitigação. A matriz energética brasileira é um ativo; um relevante ponto de partida para a formulação de posições nas negociações de mudança climática. A participação de energias renováveis na indústria brasileira é de 45%, enquanto a média mundial é de apenas 14%. A meta dos demais países é atingir 20% de fontes renováveis em 2020. Os números do Brasil são fatores positivos para a competitividade e a participação do Brasil nas negociações sobre mudança do clima.

Mudança do clima: uma contribuição da indústria brasileira. Brasília: CNI, 2009. Disponível em: <http://arquivos.portaldaindustria.com.br>. (com adaptações).

29. (INPI – Nível Médio/Superior – Cespe – 2013)

Julgue o item que se segue, relativo à estrutura linguística do texto.

A inserção de uma vírgula logo após o adjetivo “brasileira” (l. 2) não acarretaria prejuízo gramatical ao texto.

Leia o texto a seguir para responder à questão 30.

Talvez o distinto leitor ou a irresistível leitora sejam naturais, caso em que me apresso a esclarecer que nada tenho contra os naturais, antes pelo contrário. Na verdade, alguns dos meus melhores amigos são naturais. Como, por exemplo, o festejadíssimo cineasta patrício Geraldo Sarno, que é baiano e é natural – pois neste mundo as combinações mais loucas são possíveis. Certa feita, estava eu a trabalhar em sua ilustre companhia quando ele me convidou para almoçar (os cineastas, tradicionalmente, têm bastante mais dinheiro do que os escritores; deve ser porque se queixam muito melhor). Aceito o convite, ele me leva a um restaurante que, apesar de simpático, me pareceu um pouco estranho. Por que a maior parte das pessoas comia com ar religioso e contrito? Que prato seria aquele que, olhos revirados para cima, mastigação estoica, e expressão de quem cumpria dever penosíssimo, um casal comia, entre goles de uma substância esverdeada e viscosa que lentamente se decantava — para grande prejuízo de sua já emética aparência — numa jarra suspeitosa? Logo fui esclarecido, quando meu companheiro e anfitrião, os olhos cintilantes e arregalados, me anunciou:

– Surpresa! Vais comer um almoço natural!

João Ubaldo Ribeiro. A vida natural. In: *Arte e ciência de roubar galinha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

30. (CGP/PI – Auditor – Cespe – 2015)

Acerca das ideias e das estruturas linguísticas do texto I, julgue o item a seguir.

No trecho “ ele me leva a um restaurante que, apesar de simpático, me pareceu um pouco estranho” (l. 7), o elemento “ que” introduz oração de natureza restritiva, intercalada por estrutura de valor adverbial.

Leia o texto a seguir para responder à questão 31.

Nenhuma ação educativa pode prescindir de uma reflexão sobre o homem e de uma análise sobre suas condições culturais. Não há educação fora das sociedades humanas e não há homens isolados. O homem é um ser de raízes espaçotemporais. De forma que ele é, na expressão feliz de Marcel, um ser “ situado e temporalizado”. A instrumentação da educação – algo mais que a simples preparação de quadros técnicos para responder às necessidades de desenvolvimento de uma área – depende da harmonia que se consiga entre a vocação ontológica desse “ ser situado e temporalizado” e as condições especiais dessa temporalidade e dessa situacionalidade.

Se a vocação ontológica do homem é a de ser sujeito e não objeto, ele só poderá desenvolvê-la se, refletindo sobre suas condições espaçotemporais, introduzir-se nelas de maneira crítica. Quanto mais for levado a refletir sobre sua situacionalidade, sobre seu enraizamento espaçotemporal, mais “ emergirá” dela conscientemente “ carregado” de compromisso com sua realidade, da qual, porque é sujeito, não deve ser simples espectador, mas na qual deve intervir cada vez mais.

Paulo Freire. *Educação e mudança*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 61 (com adaptações).

31. (MEC – Nível Superior/Médio – Cespe – 2014)

Julgue o item seguinte, referente às ideias e a aspectos linguísticos do texto acima.

No primeiro parágrafo, a substituição dos travessões por parênteses (l. 4 e 5) manteria a correção gramatical e o sentido original do texto.

Leia o texto a seguir para responder à questão 32.

Neste ano, em especial, alguns cargos que tradicionalmente já são valorizados devem ficar ainda mais requisitados. São promissores cargos ligados à ciência de dados, em especial ao *big data* e aos dispositivos móveis, como celulares e *tablets*. Os

novos profissionais da área de tecnologia ganham relevância pela capacidade de aprofundar a análise de informações e pela criação de estratégias dentro de empresas. A tendência é que, à medida que esse mercado se desenvolva no Brasil, aumentem as oportunidades nos próximos anos. Em momentos de incerteza econômica, buscar soluções para aumentar a produtividade é uma escolha certeira para sobreviver e prosperar: nesse sentido, as empresas brasileiras estão fazendo o dever de casa.

Veja, 7/1/2015, p. 55 (com adaptações). Disponível em: <http://ibde.org.br> (com adaptações).

32. (FUB – Nível Médio/Superior – Cespe – 2015)

Com referência aos sentidos e às estruturas do texto acima, julgue o item a seguir.

Preservam-se as relações sintáticas e a correção gramatical entre as orações ao substituir o sinal de dois-pontos (l. 7) por ponto-e-vírgula ou vírgula.

33. (Pref. SP – Agente Gestão P. Públicas – Cespe – Maio/2016 – Adaptada)

Assinale a opção correta a respeito dos aspectos linguísticos e dos sentidos do trecho a seguir: "*Os lixões deverão dar lugar a aterros sanitários, que, se não representam uma solução perfeita, ao menos são locais mais adequados para o depósito dos rejeitos, uma vez que evitam problemas como os citados anteriormente*".

a) A substituição de " dar lugar" por **substituir** preservaria o sentido do trecho.

b) O pronome " que", em " que (...) ao menos são locais mais adequados", refere-se a " aterros sanitários".

c) A supressão da vírgula empregada logo após " sanitários" preservaria o sentido do trecho.

d) O sujeito da forma verbal " representam" é a expressão " Os lixões".

e) Seria preservado o sentido do trecho caso a expressão " ao menos" fosse deslocada para imediatamente após " adequados".

Leia o texto a seguir para responder à questão 34.

Texto IV

A metrópole de São Paulo vem se tornando mais heterogênea econômica, social e espacialmente e menos desigual quanto a renda, inserção no mercado de trabalho e condições de vida de seus habitantes, mesmo nas áreas mais precárias. A imagem emerge dos treze ensaios que compõem o livro **A Metrópole de São Paulo no Século XXI – Espaços, Heterogeneidades e Desigualdades**, os quais abordam temas específicos, a partir de um diagnóstico comum, para construir um panorama atual da região metropolitana. Tal retrato resulta das mudanças de diversas dimensões pelas quais a metrópole passou na última década, do perfil da pobreza às dinâmicas migratórias e ligadas ao crescimento demográfico, dos moldes de segregação social à produção habitacional e à mobilidade urbana.

A fisionomia da metrópole, central na economia do país, reflete a conjuntura de modo especial, segundo o organizador. Assim, tiveram impactos particulares na região metropolitana a redemocratização, na década de 80 do século XX (com a volta das eleições regulares e com a constituição de sistemas nacionais de políticas públicas), estabilização econômica, a abertura do mercado interno da década de 90 e o crescimento econômico vigoroso da primeira década do século XXI.

Disponível em: <www.fflch.usp.br> (com adaptações).

34. (Pref. SP – Agente Gestão P. Públicas – Cespe – Maio/2016)

Seriam mantidos o sentido original e a correção gramatical do texto IV caso fosse suprimida a vírgula empregada logo após:

a) “ demográfico” (L. 7).

b) “ renda” (L. 2).

c) “ comum” (L. 5).

d) “ metrópole” (L. 9).

e) “ redemocratização” (L. 10).

Leia o texto a seguir para responder à questão 35.

Texto CG1A1AAA

Em julho de 1955, Bertrand Russell e Albert Einstein lançaram um inusitado apelo aos povos do mundo, pedindo-lhes que “ pusessem de lado” seus fortes sentimentos a respeito de uma série de questões e se vissem “ exclusivamente como membros de uma espécie biológica que traz consigo uma história extraordinária e cujo desaparecimento ninguém pode desejar”. O dilema com que se defronta o mundo é “ claro, aterrador e incontornável: poremos fim à espécie humana ou a humanidade renunciará à guerra?”.

O mundo não renunciou à guerra. Muito pelo contrário. Hoje, a potência mundial hegemônica se dá o direito de fazer a guerra ao seu arbítrio, segundo uma doutrina de “ autodefesa antecipada” sem limites conhecidos. Com uma postura essencialmente farisaica, os Estados Unidos da América (EUA) são implacáveis na imposição do direito internacional e de tratados e regras da ordem mundial aos outros países, mas rejeitam-nos como irrelevantes quando se trata de si mesmos — uma prática antiga, levada a limites inauditos pelos governos de Reagan e Bush II.

Noam Chomsky. Estados fracassados: o abuso do poder e o ataque à democracia. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009 (com adaptações).

35. (PC-PE – Todos os Cargos – Conhec. Gerais – Cespe – Jun./2016)

No texto CG1A1AAA, o sinal de dois-pontos empregado logo após “ incontornável” (l. 5) introduz

a) uma expressão que o autor desejou realçar.

b) uma enumeração.

c) uma citação.

d) um esclarecimento acerca do que foi enunciado anteriormente no período.

e) uma exemplificação.

Leia o texto a seguir para responder às questão 36 e 37.

Texto IV

Em suas remotas origens helênicas, o termo “ caráter” significou gravar. Empregavam-no, então, tanto para exprimir o sinete como a marca deixada na cera dócil. Essa dupla significação ainda hoje é vernácula – senão corrente – em certas acepções. Na linguagem tipográfica, por exemplo, “ caráter” tanto é o tipo da imprensa como o sinal ou a letra gravada. Assim sendo, podemos dizer que o caráter de um homem não é somente o seu feitio moral, senão também a expressão e a impressão do indivíduo. Em arte, caráter será a personalidade do autor, o aspecto aparente e profundo da obra e o efeito dela. Fixada assim a verdadeira acepção do termo, podemos afirmar que o mérito maior do poema do Sr. Menotti del Picchia é “ o caráter”. Poesia profundamente simples e pessoal, de inspiração larga e sadia, tem a força das obras bem concebidas e a beleza das coisas naturais. Poesia de corpos

simples, poderíamos dizer, pela sobriedade de linhas no sentimento, no pensamento e na expressão. Sente-se que o autor procurou a naturalidade e não a arte, que é o melhor caminho para atingir a esta.

O segredo da arte é a naturalidade sem prejuízo da perfeição.

O Sr. Menotti del Picchia ainda não pôde naturalmente desvendar o segredo da arte. Se no buscar a expressão natural do seu lirismo alcançou a arte, não se despojou ainda das incertezas dessa procura, de certa fraqueza de técnica. Defeitos são todos estes transitórios, quase necessários em quem apenas se inicia.

A essência do livro é excelente.

Indica no autor uma personalidade inconfundível, que procura em si mesmo ou em torno de si os motivos de sua estética. Nem se distingue pela obsessão do isolamento, nem se perde por modelos estranhos. Daí lhe vem a superioridade de caráter individual. Se o caráter do autor provém dessa independência sem esforço, reside o da obra em sua originalidade natural; na conformidade com o meio, em uma perfeita radicação no solo pátrio, na simplicidade da construção e nas perfeitas proporções do ímpeto poético. O próprio desconcerto, em pormenores do poema principal e de outras produções secundárias, concorre para a individualidade desse esplêndido ensaio.

O caráter desse livro se conserva pela ressonância que tem. Não são versos agradáveis, suaves ou elegantes, que com tanto agrado se leem quanto facilmente se esquecem. São versos que lidos – ficam; gravam-se invencivelmente na memória, ora destacados, ora em bloco. A crítica, no julgar e no decompor as obras, não pode desprezar a intuição, se não é principalmente isso. E um dos mais seguros processos de intuição, no distinguir o valor das obras, é esse da permanência das sensações.

Os poemas do Sr. Menotti del Picchia deixam uma funda impressão de sua leitura: não pode haver melhor demonstração do seu " caráter". Quando essa impressão não se limitar aos leitores e aos críticos, e se estender à própria literatura nacional, terá a sua poesia atingido o grau supremo que lhe auguro.

Juca Mulato é um poema simples. Encerra uma lição profunda na singeleza do motivo e da intenção. É certo que a evidência da beleza não pode ser em arte um critério axiomático. Quantas vezes a paciência é o melhor guia da emoção estética? A exegese das sinfonias de Beethoven, como a dos dramas musicais de Wagner, aumenta a nossa receptividade para essa arte de titãs, se bem que a intuição íntima e a explicação individual sejam imprescindíveis.

O poema do Sr. Menotti del Picchia tem a simplicidade e a frescura das criações espontâneas e necessárias, onde o esforço da composição permanece obscuro como deve.

Para lhe realçar a beleza não se sente a crítica compelida a buscar símbolos problemáticos ou filosofias arbitrárias. Sendo o que é – um mal de amor impossível que leva a alma à desesperança, para se resignar depois e ressurgir consolada pela visão da terra amada, da felicidade atingível e do sonho necessário –, comove pelo simples aspecto de suas linhas harmoniosas.

A beleza maior do poema, que é também o seu caráter, está na sua simplicidade radical. O poeta reprimiu voluntariamente as possíveis exuberâncias ou ambições de seu lirismo para ficar dentro do assunto que escolheu. Ganhou com isso um grande poder virtual e marca mais do que se quisesse marcar: a acústica de uma construção humana nunca chega à acuidade de um eco natural.

Juca Mulato é a reconciliação do homem consigo mesmo, do brasileiro com sua terra, do bárbaro com seu isolamento. Reconciliação às vezes impossível, outras ilusória, sempre necessária, raramente realizada. O consolo de Juca Mulato é a indicação do caminho a seguir.

Alceu Amoroso Lima. Um poeta. In: *Estudos literários*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1966, p.133-5 (com adaptações).

(Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Com relação às ideias e às estruturas linguísticas do texto IV, julgue (C ou E) os itens a seguir.

36. A inserção de uma vírgula logo após "impossível", em "um mal de amor impossível que leva a alma à desesperança" (l. 41), obrigaria à interpretação de que todo mal de amor impossível leva a alma a tal consequência.

37. No período "Ganhou com isso (...) um eco natural" (l. 46-47), o sinal de dois-pontos poderia ser substituído por um travessão, sem que o sentido do texto e sua correção gramatical fossem prejudicados.

Leia o texto a seguir para responder à questão 38.

Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador

A medicina do trabalho, enquanto especialidade médica, surge na Inglaterra, na primeira metade do século XIX, com a Revolução Industrial.

Naquele momento, o consumo da força de trabalho, resultante da submissão dos trabalhadores a um processo acelerado e desumano de produção, exigiu uma intervenção, sob pena de tornar inviável a sobrevivência e a reprodução do próprio processo.

Quando Robert Dernham, proprietário de uma fábrica têxtil, preocupado com o fato de que seus operários não dispunham de nenhum cuidado médico a não ser aquele propiciado por instituições filantrópicas, procurou o Dr. Robert Baker, seu médico, pedindo que indicasse qual a maneira pela qual ele, como empresário, poderia resolver tal situação. Baker respondeu-lhe:

"Coloque no interior da sua fábrica o seu próprio médico, que servirá de intermediário entre você, os seus trabalhadores e o público. Deixe-o visitar a fábrica, sala por sala, sempre que existam pessoas trabalhando, de maneira que ele possa verificar o efeito do trabalho sobre as pessoas. E se ele verificar que qualquer dos trabalhadores está sofrendo a influência de causas que possam ser prevenidas, a ele competirá fazer tal prevenção. Dessa forma você poderá dizer: meu médico é a minha defesa, pois a ele dei toda a minha autoridade no que diz respeito à proteção da saúde e das condições físicas dos meus operários; se algum deles vier a sofrer qualquer alteração da saúde, o médico unicamente é que deve ser responsabilizado".

A resposta do empregador foi a de contratar Baker para trabalhar na sua fábrica, surgindo, assim, em 1830, o primeiro serviço de medicina do trabalho.

Na verdade, despontam, na resposta do fundador do primeiro serviço médico de empresa, os elementos básicos da expectativa do capital quanto às finalidades de tais serviços:

– deveriam ser serviços dirigidos por pessoas de inteira confiança do empresário e que se dispusessem a defendê-lo;

– deveriam ser serviços centrados na figura do médico;

– a prevenção dos danos à saúde resultantes dos riscos do trabalho deveria ser tarefa eminentemente médica;

– a responsabilidade pela ocorrência dos problemas de saúde ficava transferida ao médico.

A implantação de serviços baseados nesse modelo rapidamente expandiu-se por outros países, paralelamente ao processo de industrialização e, posteriormente, aos países periféricos, com a transnacionalização da economia. A inexistência ou fragilidade dos sistemas de assistência à saúde, quer como expressão do seguro social, quer diretamente providos pelo Estado, via serviços

de saúde pública, fez com que os serviços médicos de empresa passassem a exercer um papel vicariante, consolidando, ao mesmo tempo, sua vocação enquanto instrumento de criar e manter a dependência do trabalhador (e frequentemente também de seus familiares), ao lado do exercício direto do controle da força de trabalho.

MENDES, R; DIAS, E.C. Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador. *Revista Saúde Pública*, S.Paulo, 25: 341-9, 1991. Disponível em: <https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/2977.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2015. Adaptado.

38. (Basa – Médico do Trabalho – Cesgranrio – Set./2015)

No 6º parágrafo (l. 20), os dois-pontos cumprem o papel de anunciar uma

a) causa

b) distinção

c) enumeração

d) justificativa

e) exemplificação

39. (Liquigás – Administrador Jr. – Cesgranrio – Set./2015 – Adaptada)

Uma reescritura possível para o período "Perguntaram-me uma vez se eu saberia calcular o Brasil daqui a vinte e cinco anos", alterando-se a pontuação, mas preservando-se o seu sentido, está adequadamente apresentada em:

a) Perguntaram-me, uma vez se eu saberia calcular o Brasil, daqui a vinte e cinco anos.

b) Perguntaram-me, uma vez, se eu saberia calcular o Brasil daqui a vinte e cinco anos.

c) Perguntaram-me uma vez, se eu saberia calcular o Brasil, daqui a vinte e cinco anos.

d) Perguntaram-me uma vez se, eu, saberia calcular o Brasil daqui a vinte e cinco anos.

e) Perguntaram-me uma vez se eu saberia calcular o Brasil daqui, a vinte e cinco anos.

40. (Liquigás – Administrador Jr. – Cesgranrio – Set./2015 – Adaptada)

Em "Posso intensamente desejar que o problema mais urgente se resolva: o da fome", os dois-pontos cumprem o papel de introduzir uma

a) enumeração

b) explanação

c) retificação

d) especificação

e) contradição

41. (Petrobras – Advogado Jr. – Cesgranrio – Ago./2015 – Adaptada)

O emprego de duas vírgulas tem, entre outras, a função de isolar expressões que detalham uma informação anterior, como em "o principal traço característico do debate público sobre desenvolvimento, seja em nível local ou global, neste alvorecer do século XXI".

As vírgulas foram utilizadas com a mesma função em:

a) " definem um novo paradigma, o da tecnologia da informação, que expressa a essência da presente transformação tecnológica"

b) " seguem uma lógica técnica e, portanto, neutra e estão fora da interferência de fatores sociais e políticos"

c) " fatores sociais preexistentes como a criatividade, o espírito empreendedor, as condições da pesquisa científica afetam o avanço tecnológico"

d) " identificar o papel que essas novas tecnologias podem desempenhar no processo de desenvolvimento educacional e, isso posto, resolver como utilizá-las"

e) " aceleração do processo em direção à educação para todos, ao longo da vida, com qualidade e garantia de diversidade"

42. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016 – Adaptada)

Do trecho " Meu pai acreditava que todos os anos se devia fazer uma cura de banhos de mar", a única reescritura que emprega adequadamente os sinais de pontuação e não altera seu sentido original é:

a) Meu pai acreditava que, todos os anos, se devia fazer uma cura de banhos de mar.

b) Meu pai acreditava, que todos os anos se devia fazer uma cura de banhos de mar.

c) Meu pai acreditava que todos os anos, se devia fazer uma cura de banhos de mar.

d) Meu pai acreditava que todos os anos se devia fazer, uma cura de banhos de mar.

e) Meu pai, acreditava que todos os anos se devia fazer uma cura de banhos de mar.

43. (ANP – Téc. Reg. Petr&Der – Cesgranrio – Jan./2016)

A vírgula foi utilizada de acordo com a norma-padrão da Língua Portuguesa em:

a) Nos últimos tempos, nota-se que bens de consumo como celulares e computadores, que eram artigos de luxo estão ao alcance do povo, da maioria da população.

b) É importante que, em todos os bairros das grandes e pequenas cidades a internet seja considerada o principal meio de comunicação existente na atualidade.

c) As novas tecnologias da comunicação e da informação, já existem há algum tempo e só nos últimos anos começaram a expandir e influenciar na vida da sociedade.

d) A internet não pode ser considerada uma ferramenta perfeita porque, se não for utilizada corretamente, acarreta consequências prejudiciais às pessoas.

e) O prestígio da internet é tão grande que, se ela desaparecesse muitas pessoas ficariam desempregadas pois empresas seriam fechadas.

44. (Basa – Téc. Bancário – Cesgranrio – Set./2015 – Adaptada)

Os seguintes trechos tiveram sua pontuação alterada.

A alteração que **NÃO** respeita a norma-padrão é:

a) responderia " A primeira alternativa". [...] *responderia*: " *A primeira alternativa*".

b) quando ele perdesse o emprego porque substituíssem o elevador antigo por um moderno, daqueles com música ambiental, diria [...] *quando ele perdesse o emprego porque substituíssem o elevador antigo por um moderno (daqueles com música ambiental) diria*

c) Pode-se imaginar que muitos ascensoristas tenham tentado combater o tédio [...] *Pode-se imaginar, que muitos ascensoristas tenham tentado combater o tédio*

d) Era certamente a mais tediosa das profissões [...] *Era, certamente, a mais tediosa das profissões*

e) Mas, como toda arte tende para o excesso, o ascensorista entediado chegaria fatalmente ao preciosismo.[...] *Mas, como toda arte tende para o excesso, o ascensorista, entediado, chegaria fatalmente ao preciosismo*.

45. (Liquigás –Ass. Adminis. – Cesgranrio – Set./2015)

A vírgula está empregada de acordo com a língua escrita padrão em

a) As agências, bancárias das pequenas comunidades prestam serviços aos moradores.

b) Os moradores poderão agora pagar as suas contas de água de, luz e gás encanado.

c) As lojas da comunidade vendem roupas, alimentos e material de construção mais baratos.

d) As oficinas de capacitação profissional e economia, doméstica melhoraram a vida de todos.

e) Os trabalhadores fizeram empréstimos para construir, casas de alvenaria de dois andares.

46. (IPSMI – Procurador – Vunesp – Abril/2016)

Assinale a alternativa em que a passagem – Quando se conheceram, ele percebeu que não adiantava correr atrás do tempo porque o tempo sempre vai correr mais rápido – está reescrita sem prejuízo de sentido e com a pontuação de acordo com a norma-padrão.

a) Ele percebeu, ao se conhecerem, que não adiantava correr atrás do tempo, pois o tempo sempre vai correr mais rápido.

b) Tão logo se conheceram, ele percebeu que: não adiantava correr atrás do tempo, portanto, o tempo sempre vai correr mais rápido.

c) Ele percebeu que tendo-se conhecido, não adiantava correr atrás do tempo, visto que, o tempo, sempre, vai correr mais rápido.

d) Assim que se conheceram ele percebeu: que não adiantava correr atrás do tempo; entretanto, o tempo sempre vai correr mais rápido.

e) Conhecendo-se ele percebeu que, não adiantava correr atrás do tempo, contanto que o tempo sempre vai correr mais rápido.

Leia o texto a seguir para responder à questão 47.

Vira e mexe alguns *blogs* maternos publicam textos sobre " As vantagens de ser mãe de menina" ou " Por que é bom ser mãe de menino": " meninos não têm frescura", " meninas são mais delicadas", " eles são mais corajosos", " elas são mais choronas" e por aí vai. Leio isso e tenho vontade de gritar por ver estereótipos de gênero tão pesados serem perpetuados sem nenhuma reflexão. Já pensou que seu filho é uma figura única e a infinidade de coisas que pode ser ou sentir não cabe em listas, caixas ou rótulos? Pior: que você definir como ele deve ser ou se comportar dependendo de seu gênero pode ser muito, muito cruel?

Aos meninos são permitidas vivências mais amplas. Eles podem subir muros, escalar os brinquedos do *playground*, enquanto as meninas não, veja bem, vai sujar seu sapato de princesa, filha, vai mostrar sua calcinha, não pega bem, filha, não é assim que

uma menina brinca. E por isso, só por isso, que se perpetua a ideia de que os meninos são mais " aventureiros" e " danados" e as meninas mais " cuidadosas". Fazemos as meninas mais infelizes, isso sim.

Ser menino também pode não ser fácil, principalmente se os pais acreditarem que podem definir o que ele deve sentir ou gostar. Meu filho adorava brincar com os carrinhos de boneca das meninas do *playground* do prédio. Só depois de eu dizer que " tudo bem" as mães ou babás ficavam à vontade em deixá-lo empurrar as bonecas ou carregá-las. Por que tanto receio? O que um menino pode virar depois de brincar de boneca? Um pai carinhoso e dedicado no futuro?

Uma vez, em uma loja de brinquedos, meu filho ficou empolgadíssimo ao ver uma pia que funcionava de verdade, com uma torneirinha de água. E pediu muito para que eu comprasse. As opções de cores deixavam claro para quem o brinquedo era fabricado: só havia pias rosa e lilás. " Esse brinquedo é de menina", alertou a vendedora, cheia de boa vontade, como se eu estivesse me distraído e não percebido o " engano" ao considerar a compra. Eu disse para ela que na minha casa lavar louça é uma atividade unissex, que o pai do meu filho encara muito prato e panela suja e, por isso, brincar de casinha é uma brincadeira de menino sim. Meu filho saiu da loja feliz da vida com seu brinquedo rosa que, aliás, para ele é só uma cor, como outra qualquer. O avô estranhou o presente até eu levá-lo à reflexão: " Quantas pias de louça suja você lavou e lava na sua vida, para manter sua casa em ordem?". E só daí meu pai percebeu o tamanho da bobagem que fazia ao acreditar que lavar louça é uma atividade exclusivamente feminina.

E para quem gosta de listas, proponho uma única: " As vantagens de ser mãe de uma criança feliz". É essa que eu espero estar escrevendo, no dia a dia, ao não determinar como meu filho pode ou não ser.

(Rita Lisauskas, A crueldade de dividir o mundo entre "coisas de menino" e "coisas de meninas". Disponível em: <vida-estilo.estadao.com.br>. Acesso em 10-02-2016. Adaptado)

47. (Unesp – Ass. Administrativo I – Vunesp – Abril/2016)

Observe as expressões colocadas entre aspas:

" As vantagens de ser mãe de menina"/ " Por que é bom ser mãe de menino": " meninos não têm frescura", " meninas são mais delicadas", " eles são mais corajosos", " elas são mais choronas" (1º parágrafo); – " Esse brinquedo é de menina" (4º parágrafo).

É correto afirmar que, no contexto em que estão empregadas, as aspas sinalizam

a) a citação das opiniões da própria autora acerca dos fatos narrados.

b) referências a situações concretas que a autora afirma serem verdadeiras.

c) comentários de pessoas não identificadas, os quais sustentam as opiniões da autora.

d) a intenção de expor ideias compatíveis com as atitudes tomadas pela autora.

e) a expressão de pontos de vista não compartilhados pela autora.

48. (Unesp – Ass. Administrativo I – Vunesp – Abril/2016)

Assinale a alternativa correta quanto ao emprego de vírgulas e à colocação do pronome destacado.

a) Ali, só havia pias rosa e lilás, o que não deixava-nos dúvida de que o brinquedo era fabricado, para meninas.

b) Cheia de boa vontade a vendedora, alertaria-nos que um certo brinquedo, " era de menina".

c) Na minha casa lavar louça, é uma atividade unissex, por isso, conclui-se que brincar de casinha é uma brincadeira de menino

sim.

d) O meu filho, uma vez, em uma loja de brinquedos, empolgou-se ao ver uma pia que funcionava de verdade.

e) Como para o meu filho, rosa é, apenas uma cor, ele saiu da loja feliz da vida com a pia, carregando-a nos braços.

49. (MPE/SP- Analista Técnico Científico – Vunesp – Jul./2016)

Assinale a alternativa em que os sinais de pontuação estão empregados segundo os mesmos princípios da norma-padrão adotados na passagem – com certa diferença na duração do mandato: o dos senadores, mais longo; o dos deputados, mais curto.

a) A separação os fez perder muita coisa: ele, a guarda dos filhos; ela, a casa em que morava com as crianças.

b) Há algo importante a explicar: a perda de clientes, muitos deles inadimplentes; entretanto, ninguém fala nada.

c) Os meios de divulgação são os seguintes: internet, mensagem de celular e jornais; com eles, atingiremos o público.

d) Foi o que disse o funcionário: o carregamento não chegou, ainda; e os pedidos estão se acumulando, mais e mais.

e) Fui reticente, mas agora me explico: meu dinheiro acabou, nada me resta; e meu pai não pode me ajudar, coitado.

50. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Assinale a alternativa correta quanto à pontuação e à regência, de acordo com a norma-padrão.

a) De forma mais lenta, reagem, o emprego e o mercado de crédito, ante a mudança de direção da economia.

b) O emprego e o mercado de crédito, reagem na mudança de direção da economia de forma mais lenta.

c) O emprego e o mercado de crédito reagem, de forma mais lenta, para a mudança de direção da economia.

d) Reagem à mudança de direção da economia, de forma mais lenta, o emprego e o mercado de crédito.

e) Diante a mudança de direção da economia reagem o emprego e o mercado de crédito, de forma mais lenta.

51. (MPE/SP- Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016 – Adaptada)

Na passagem – Casara-se com d. Laura, que [....] era mais inteligente e instruída que ele –, emprega-se a vírgula para indicar uma

a) conversa entre as personagens do conto.

b) conclusão sintetizando as divergências entre as personagens.

c) explicação quanto às qualidades de d. Laura.

d) correção relativa à personalidade de d. Laura.

e) citação contendo o pensamento de Garcia.

Gabarito: 1. b; 2. c; 3. c; 4. d; 5. c; 6. a; 7. b; 8. e; 9. b; 10. c; 11. e; 12. b; 13. d; 14. a; 15. a; 16. d; 17. d; 18. C; 19. C; 20. E; 21. E; 22. C; 23. C; 24. E; 25. C; 26. C; 27. C; 28. C; 29. E; 30. C; 31. C; 32. C; 33. e; 34. a; 35. c; 36. C; 37. C; 38. c; 39. b; 40. d; 41. a; 42. a; 43. d; 44. c; 45. c; 46. a; 47. e; 48. d; 49. a; 50. d; 51. c.

Agora que chegamos ao final deste capítulo tão importante, vamos resumir? A seguir, um resumo sobre o uso das vírgulas.

20.5. RESUMO

USO DA VÍRGULA – REGRAS PRÁTICAS:

- Emprega-se a vírgula para isolar vocativo. (“João, entre já!”)
- Emprega-se a vírgula para isolar aposto. (“João, o professor, chegou”)
- Usa-se a vírgula para separar elementos de mesma função sintática (enumerações). (“Comprou banana, uva, pera e maçã”)
- Separa-se na data o nome do lugar e para indicar supressão de uma palavra. (“Brasília, 30 de dezembro de 2010”/”João comprou as bebidas; Maria, o jantar”).
- Separa as orações coordenadas assindéticas. (“Acordou, banhou-se e foi ao trabalho”).
- Usa-se a vírgula para separar orações coordenadas sindéticas. As conjunções adversativas (mas, porém, contudo, todavia,...) e conclusivas (logo, portanto, por conseguinte,...), se deslocadas, devem ficar entre vírgulas. (“João chegou tarde, porém saiu cedo.”/ “João chegou tarde; saiu, porém, cedo.”)

Obs.: Quando a conjunção **e** unir sujeitos diferentes ou se apresentar com valor adversativo: vírgulas facultativas. (“João saiu cedo, e Maria chegou em seguida”/”João estudou, e não passou”) Caso una orações com sujeitos iguais, vírgula proibida (“João chegou e ligou para sua mãe”).

- O uso da vírgula é facultativo nos advérbios e locuções deslocados. (“Ontem, meu tio veio, com a família, me visitar” ou “Ontem meu tio veio com a família me visitar”)
- As expressões deslocadas na frase (isto é, ou melhor, digo, aliás, por exemplo,...) devem vir separadas por vírgulas. (“Meu pai, ou melhor, meu irmão chegou”)
- A vírgula é usada para separar as orações adverbiais deslocadas (“Se chegar cedo, ligue-me”) e as orações adjetivas explicativas (“O homem, que é um ser mortal, tem alma imortal”).

21 AS PALAVRAS QUE E SE

21.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

21.1.1. A palavra que

Todos sabemos como é difícil classificar essa palavra... Isso acontece porque ela pode ter muitas classificações, na verdade, é um resumo de tudo o que você estudou...

Uma boa maneira de estudar essa palavra é entendendo de fato cada classificação. Sem decoreba... Você vai perceber que todas estas classificações fazem sentido, tudo tem uma lógica. Assim, fica bem mais fácil.

Vamos lá então? Primeiro, vamos ver tudo o que o QUE pode ser...

1. Pronome

Quando substitui ou determina um substantivo.

a) Indefinido – tem um sentido vago.

Que felicidade!

Que diferença de preço!

b) Interrogativo – aparece em orações interrogativas.

Que professor me substituirá? (interrogativa direta)

Não sei que professor me substituirá. (interrogativa indireta)

c) Relativo – retoma um antecedente, evitando sua repetição.

"Eu preparo uma canção que faça acordar os homens e adormecer as crianças." (Carlos Drummond de Andrade)

2. Preposição

Quando equivale à preposição de. Aparece no meio de uma locução verbal.

"A gente não tem que fazer tudo o que a gente tem que fazer."

3. Interjeição

Aparece em construções que denotam admiração, espanto.

Quê! Ela te contou isso?

4. Advérbio

Modifica um adjetivo ou um advérbio, denotando intensidade.

Que simpático é Guilherme!

5. Conjunção

É um conectivo que dá início às orações coordenadas (conjunções coordenativas) ou às subordinadas (conjunções subordinativas).

Coordenativa

• Aditiva: Grita que grita.

• Explicativa: Vá dormir, que já é tarde.

Algumas gramáticas dão exemplos ainda do que como alternativo e adversativo.

Subordinativa

• Integrante – dá início às orações substantivas.

“A crise mostra que a velha esquerda não tem programa.”

– consecutiva: Estava tão emocionado que chorava a cada homenagem que recebia.

• Adverbial (dá início – comparativa: Esforçava-se mais que o irmão.

às orações adverbiais) – concessiva: Que trouxesse o presente mais caro, não o perdoaria

– causal: Chegarei tarde, que tenho trabalho a fazer.

– final: Emprestei-lhe o casaco que não sentisse frio.

Há também registros do que como temporal e condicional.

6. Partícula expletiva ou de realce

Serve para dar expressividade ao que se quer enunciar. Pode ser retirada da frase, sem prejuízo sintático ou semântico.

Quase que caí da árvore.

Nós é que chegamos primeiro. (expressão de realce é que)

7. Substantivo

Quando vem determinado (geralmente por artigo ou pronome). Sempre acentuado.

Este quê tem a função de sujeito.

21.1.2. A palavra se

Agora vamos ao SE?

1. **Pronome reflexivo**

Quando equivale a a si mesmo.

Pedi a ela que se afastasse da cadeira.

2. **Pronome recíproco**

Quando equivale a um ao outro.

Os amigos se abraçaram na despedida.

3. **Pronome apassivador**

Partícula que se liga ao verbo para tornar o sujeito paciente. Esse verbo será transitivo direto ou transitivo direto e indireto. A frase pode ser transformada em voz passiva analítica.

Nunca se viram tantos suicídios. (= Tantos suicídios nunca foram vistos.)

4. **Índice de indeterminação do sujeito**

Sua função é tornar o sujeito indeterminado. O verbo, em geral, não será transitivo direto.

Trabalha-se muito naquela seção.

5. **Parte integrante do verbo**

Aparece nos verbos pronominais.

Queixavam-se da vida sem razão.

6. **Conjunção**

Estabelece ligação entre duas orações.

a) Conjunção subordinativa integrante – dá início à oração subordinada substantiva.

Perguntei se precisavam de ajuda.

b) Conjunção subordinativa condicional – dá início à oração subordinada adverbial condicional.

Se quiseres, voltarei mais tarde.

c) conjunção subordinativa causal – dá início à oração subordinada adverbial causal.

Se você depende desse emprego, não arrume confusão. (= já que)

d) Conjunção subordinativa concessiva – dá início à oração adverbial concessiva.

Se o acesso à escola melhorou muito, a qualidade de ensino tem se mostrado aquém do esperado.

Há também registros do se como comparativo.

7. **Substantivo**

Quando vem determinado por artigo ou pronome.

O sê desta frase é uma conjunção.

8. **Partícula expletiva (ou de realce)**

Pode ser retirado da frase sem prejuízo semântico. Não há alteração na estruturação sintática da frase.

Foi-se embora de manhã.

Próximo passo: classificar os "quês" e os "sês" em textos. Quem sabe de fato, consegue classificar nos textos... Então, teste seus conhecimentos!

21.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Classifique o *que* e o *se* dos textos a seguir.

Texto I

Defendo a ideia de que deveria haver porte de celular como há porte de arma, e não só para evitar – está bem, dificultar um pouco – que caia na mão dos bandidos. Acho que o celular se juntará ao cigarro como um divisor da Humanidade. Com o cigarro pegamos o câncer dos outros, com o celular somos atacados pela intimidade dos outros, sem qualquer possibilidade de defesa. Você fica indeciso entre dois impulsos, o de sair de perto para não ouvir mais detalhes sobre o furúnculo da Adalgisa e chegar mais perto para ouvir os dois lados da conversa e ter, pelo menos, o consolo da bisbilhotice total. Em geral não pode fazer nem uma coisa nem outra. Fica ali, semi-imerso na vida de outro e fingindo ser surdo. Um agravante é que as pessoas parecem adquirir, junto com o celular, uma desinibição de penitentes. Dizem tudo com furor confessional e para serem ouvidas no céu. Cresce uma rejeição ao celular parecida com a que o cigarro provoca nos não fumantes e logo haverá a segregação, setores só para os com-celular e avisos oficiais que o celular pode causar problemas de saúde para quem usa, com a defenestração. Mas desconfio que, do jeito que vai, nós, os sem-celular, é que acabaremos discriminados, reunidos em pequenos oásis de silêncio e recato enquanto todos à nossa volta se comunicam o tempo todo sem parar.

Luís Fernando Veríssimo

que (l.1) _____

1º que (l.2) _____

2º que (l.2) _____

que (l.8) _____

que (l.10) _____

que (l.12) _____

1º que (l.13) _____

2º que (l.13) _____

Texto II

Costuma-se ouvir que as universidades públicas estão sendo "sucateadas". Trata-se de uma comprovação cabal da injunção de Goebbels de que uma mentira repetida à exaustão torna-se verdade.

1º se (l.1) _____

2º se (l.1) _____

se (l.2) _____

Texto III

Nas cidades brasileiras, o comum é aumentar os espaços de circulação dos carros. Diminuem-se as calçadas. Constroem-se viadutos, túneis e passagens de nível para seu uso exclusivo. Na Paris de Delanoë, trabalha-se no sentido contrário. Corredores de ônibus, ciclovias, calçadões para pedestres e reservas para novas áreas verdes formam uma combinação que avança com ímpeto sobre os espaços onde antes o carro reinava.

se (l.1) _____

se (l.2) _____

se (l.3) _____

que (l.4) _____

Texto IV

Ignorância e preconceito

Lya Luft

(…) O preconceito, doença que turva nosso olhar e entorta nossa alma, que nos diminui e nos emburrece, é uma das enfermidades mais sérias deste nosso mundo. E, atenção, não falo apenas do preconceito contra deficientes nem do preconceito contra muçulmanos, cristãos, negros, índios ou brancos. Não me refiro apenas ao preconceito contra pobres ou ricos, mas também ao lamentável preconceito contra a classe média. Contra isso que os promotores do ódio de classes chamam indiscriminadamente "as elites". Que incluem bancários, professores, auxiliares de escritório, motoristas, domésticas, balconistas, trabalhadores em geral. Isto é, os que não dependem totalmente da ajuda dos governos.

Essa postura criminosa tanto perturba a mente das pessoas que numa manifestação de parentes de vítimas dos dois acidentes aéreos recentes, que envergonham este país, houve quem gritasse que aquela era uma manifestação "da elite". Tal intervenção, movida pelo ódio insensato e nascida da brutalidade, mostra que estamos seguindo um caminho muito perigoso. Estamos chegando a um ponto em que os que perderam mãe, pai, filho, marido ou esposa, por não serem realmente pobres, não têm direito nem de sofrer.

Quem sabe acabaremos como uma sociedade em que bancários, médicos, professores, balconistas, operários devem se esconder de vergonha por não pedir esmola na rua ou não viver de doações públicas? Alguém começa a acreditar que a classe média hoje tachada de "elite", os que com seu trabalho conseguem comer, morar, estudar, é exploradora e quer a desgraça dos demais? Se for assim, estamos tragicamente desorientados por aqui, confundindo perigosamente as coisas. Há no ar um tipo de estímulo a esse ódio de classes destrutivo e antidemocrático. Que censura até os que, às vezes com incalculável sacrifício, entram numa universidade, fazem seu mestrado, quem sabe seu doutorado no exterior – com bolsa de estudos, sim, porque com isso ajudam grandemente a melhorar as condições de vida dos mais desprotegidos em nosso país.

Se permitirmos que essa doença maligna – o preconceito, pai do ódio e filho da ignorância – nos domine, seremos em breve o mais atrasado no círculo dos povos atrasados, uma manada confusa obedecendo a qualquer chibata ideológica.

1º que (l.1) _____

2º que (l.1) _____

que (l.5) _____

Que (l.6) _____

que (l.7) _____

que (l.9) _____

que (l.10) _____

que (l.11) _____

que (l.12) _____

1º que (l.13) _____

2º que (l.13) _____

que (l.15) _____

se (l.16) _____

1º que (l.17) _____

2º que (l.17) _____

Se (l.19) _____

Que (l.20) _____

que (l.21) _____

Se (l.24) _____

Gabarito: Texto I – conjunção integrante; conjunção integrante; conjunção integrante; conjunção integrante; pronome relativo; conjunção integrante (Inicia oração subordinada substantiva completiva nominal. O uso da preposição "de" é facultativo.); conjunção integrante (Inicia oração subordinada substantiva objetiva indireta. Quando o objeto indireto aparece sob forma de oração, o uso da preposição é facultativo.); palavra de realce (= expletiva). A expressão de realce na linha 14 é "é que".

Texto II – pronome apassivador; índice de indeterminação do sujeito; parte integrante do verbo.

Texto III – pronome apassivador; pronome apassivador; índice de indeterminação do sujeito; pronome relativo.

Texto IV – pronome relativo; pronome relativo; pronome relativo; pronome relativo; pronome relativo; conjunção subordinada adverbial consecutiva; pronome relativo; conjunção integrante; conjunção integrante; pronome relativo; pronome relativo; pronome relativo; pronome reflexivo; conjunção integrante; pronome relativo; conjunção adverbial condicional; pronome relativo; pronome relativo; conjunção adverbial condicional.

21.3. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (Eletrobras/Eletrosul – Téc. Seg. Trab. – FCC – Jun./2016 – Adaptada)

Considere os seguintes trechos:

I. *E foi exatamente por causa da temperatura que foi construída em Abu Dhabi uma das maiores usinas de energia solar do mundo.*

II. *Não vão substituir o petróleo, que eles têm de sobra por mais 100 anos pelo menos.*

III. *Um traçado urbanístico ousado, que deixa os carros de fora.*

IV. *As ruas são bem estreitas para que um prédio faça sombra no outro.*

O termo "que" é pronome e pode ser substituído por "o qual" APENAS em

a) I e II.

b) II e III.

c) I, II e IV.

d) I e IV.

e) III e IV.

2. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

"É assim mesmo que está, e é irritante, o ser humano está em um estado de nervos que ele não está mais se controlando...”; a frase abaixo em que as duas ocorrências do vocábulo QUE pertencem à mesma classe gramatical é:

a) "Alma grande é aquela que percebe que o cachorro está com fome e lhe dá de beber" (La Serna);

b) "O arqueiro que ultrapassa o alvo falha tanto como aquele que não o alcança" (Montaigne);

c) "Mas a ambição do homem é tão grande que, para satisfazer uma vontade presente, não pensa no mal que dentro em breve daí

pode resultar" (Maquiavel);

d) " Não há encosta, por mais íngreme que seja, que duas pessoas juntas não possam galgar" (Ibsen);

e) " As pessoas vaidosas dizem o que pensam para os outros pensarem que elas sabem mais" (Nouailles).

3. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016 – Adaptada)

" As vítimas se contam às dezenas e incluem músicos, jornalistas, carteiros etc".

Nesse segmento, o vocábulo SE apresenta a função de partícula apassivadora; a frase abaixo em que as duas ocorrências desse vocábulo exercem essa mesma função é:

a) " Para o homem só há três acontecimentos: nascer, viver e morrer. Ele não se sente nascer, sofre morrendo e se esquece de viver" (La Bruyère);

b) " O açúcar seria caro demais se não se fizesse cultivar a planta que o produz por escravos" (Montesquieu);

c) " E se Adão não tivesse resistido àquela operação nas costelas a que tão prematuramente se submeteu?" (Eno T. Wanke);

d) " O amor é uma arte que nunca se aprende e sempre se sabe" (Galdós);

e) " Não ensines a teu aluno toda a tua ciência. Quem sabe se ele amanhã não se tornará o teu inimigo"? (Saadi).

4. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016 – Adaptada)

" No outro polo, verifica-se um crescimento da autossegregação..."; a função do pronome SE, nesse segmento, se repete na seguinte frase:

a) " Os abusos, como os dentes, nunca se arrancam sem dores" (Marquês de Maricá);

b) " O aborto é perigoso, porque, se fracassa, pode produzir uma criança" (Sofocleto);

c) " Meu desejo sincero seria que nossa Academia Brasileira não se esquecesse tanto de que é também de... letras" (Afonso Arinos);

d) " Envergonhar-nos-íamos frequentemente de nossas ações mais belas se o mundo visse os motivos que as produzem" (La Rochefoucauld);

e) " Ao lermos os grandes autores, temos a impressão de que todos se conheceram uns aos outros" (Elias Canetti).

Gabarito: 1. b; 2. b; 3. d; 4. a.

21.4. RESUMO

Vamos às dicas finais?

A palavra que

O **QUE** que retoma um substantivo é pronome relativo. Nesse caso, pode ser substituído por outro relativo.

Atenção à palavra de realce QUE. Pode vir sozinha ou pode compor a expressão " é que".

Há duas formas de se interrogar: direta e indiretamente.

Nem todo QUE que inicia oração substantiva é conjunção integrante. Se estiver se referindo a um substantivo, será pronome.

A palavra se

Diante de um SE, primeiro pergunte se ele é pronome apassivador.

Caso não seja pronome apassivador, verifique se ele é pronome indeterminador do sujeito.

Não pergunte de imediato se ele é palavra de realce: você sempre vai achar que é.

Memorize os verbos pronominais que mais aparecem nas provas de concursos públicos: nesses casos, o SE será parte integrante do verbo.

22 FIGURAS DE LINGUAGEM

As figuras de linguagem são divididas em três tipos, que serão estudados neste capítulo: figuras de palavras; figuras de sintaxe; e figuras de pensamento.

22.1. TEORIA SUCINTA

22.1.1. Figuras de palavras

1. **Metáfora**: emprego de palavra fora do seu sentido normal, por analogia.

   Ex.: A Amazônia é o pulmão do mundo.

   Na sua mente povoa só maldade.

   Obs.: quando há um confronto direto, temos o **Símile** ou **Comparação** (caracterizada pela presença de conjunções comparativas – *como, tal qual, assim como* ...).

   Ex.: Ele é rápido como a lebre.

2. **Sinestesia**: quando se cruzam sensações diferentes.

   Ex.: Doce esperança. (paladar *x* sentimento)

3. **Catacrese**: emprego impróprio de uma palavra, por não se dispor de palavra própria para designar certas ações.

   Ex.: Embarcar num trem. (trem não é barco)

   "Enterrar uma agulha na pele." (pele não é terra)

4. **Metonímia**: substituição de um nome por outro em virtude de uma semelhança (autor pela obra, concreto pelo abstrato, continente pelo conteúdo, causa pelo efeito e vice-versa...).

   Ex.: A juventude (= jovens) brasileira.

   Ler Machado de Assis.

22.1.2. Figuras de sintaxe

1. **Hipérbato** (= inversão): alteração da ordem direta dos termos.

   Ex.: Morreu o presidente.

   Obs.: quando há anteposição de um termo preposicionado, temos a **anástrofe.**

   Ex.: Tão bela dos seus anos na flor. (Tão bela na flor dos seus anos.)

2. **Pleonasmo**: repetição de significação do vocábulo ou termos oracionais com finalidade expressiva.

   Ex.: Ver com os próprios olhos.

   A mim ninguém me engana.

3. **Anacoluto**: quebra de estruturação sintática.

   Ex.: O meu cunhado, você se entende com ele.

   A expressão *O meu cunhado* não exerce nenhuma função sintática na frase.

4. **Elipse**: omissão de um termo facilmente subentendido.

   Ex.: Na praça, crianças brincando. (havia)

   Obs.: **Zeugma** é um tipo de elipse. Consiste na supressão de um termo já expresso anteriormente.

   Ex.: Alguns estudam, outros não. (estudam)

5. **Silepse**: concordância ideológica.

   Ex.: **V. Exª** é compreensiv**o**. (silepse de gênero)

   Todos fomos à festa. (silepse de pessoa)

6. **Hipálage**: aplica-se a um substantivo um adjetivo que corresponde a outro substantivo.

   Ex.: Maria fumava um cigarro lânguido. (Quem estava lânguida – sensual – era Maria, e não o cigarro.)

7. **Quiasmo**: os elementos se cruzam em X.

   Ex.: "No meio do caminho tinha uma pedra

   Tinha uma pedra no meio do caminho."

8. **Anáfora**: repetição de palavra no início de cada membro da frase.

   Ex.: Tudo era silencioso, tudo nebuloso, tudo confuso.

22.1.3. Figuras de pensamento

1. **Antítese**: oposição entre duas palavras ou pensamentos.

   Ex.: Não há no mundo alegria sem sobressalto, riqueza sem miséria.

2. **Enálage:** uso de um tempo verbal no lugar de outro.

   Ex.: Você me emprestaria a sua caneta? (Uso, por polidez, do futuro do pretérito em lugar do presente – empresta.)

3. **Oxímoro**: os vocábulos opostos formam um paradoxo (ideias aparentemente contraditórias).

Ex.: Viver só na multidão.

4. **Hipérbole**: exagero na mensagem.

   Ex.: Repetir um milhão de vezes.

5. **Eufemismo**: emprego de palavras ou expressões agradáveis em substituição às que têm sentido desagradável.

   Ex.: Faltou com a verdade. (=mentir)

   Deu o último suspiro. (= morrer)

6. **Ironia**: declarar o oposto do que se pensa.

   Ex.: Era fino como um hipopótamo.

7. **Prosopopeia** (= personificação): atribuição de ações ou qualidades humanas a seres inanimados.

   Ex.: "Os pinheiros pensavam coisas longas..."

22.2. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (Vunesp) "Na laranja e na couve

picada – as cores brasileiras

da feijoada. (...)" (Luiz Bacellar)

No excerto acima, ocorre a figura de sintaxe a que se denomina:

a) zeugma.

b) pleonasmo.

c) anáfora.

d) elipse.

e) anacoluto.

2. (Banco do Brasil) Na oração "Por sua cabeça passam **mil e uma** questões", o numeral tem seu sentido original modificado, pois uma quantidade certa está empregada para expressar uma indeterminação exagerada. Recorde-se, agora, de que a exageração de uma ideia dá origem a uma conhecida figura de linguagem. Assinale a alternativa em que se utiliza tal figura:

a) Lemos Machado de Assis nas aulas de literatura brasileira.

b) Por estar com sede, bebeu três copos.

c) Eu, parece-me que vou mal.

d) A liberdade concedida não deixa de ser uma forma de prisão.

e) A cidade amanheceu debaixo d'água.

3. (Vunesp) Em "Rios te correrão dos olhos, se chorares." (Olavo Bilac), identifica-se a figura de linguagem:

a) hipérbato.

b) hipérbole.

c) eufemismo.

d) metonímia.

e) paradoxo.

4. (NCE-UFRJ) Ao estabelecer uma comparação entre a ação da águia e a dos homens, o texto compõe uma:

a) anástrofe.

b) metáfora.

c) hipérbole.

d) metonímia.

e) silepse.

5. (Cesgranrio) "Sofreu inutilmente por mais dois dias antes de tocar de novo o acorde final", no fragmento ocorre um(a):

a) personificação.

b) onomatopeia.

c) eufemismo.

d) comparação.

e) metonímia.

6. (Cesgranrio) A propósito do emprego da linguagem figurada presente no poema de Vinícius de Moraes, é correto afirmar que, nos versos "Sendo a sua liberdade/Era a sua escravidão", há:

a) antítese.

b) comparação.

c) eufemismo.

d) metáfora.

e) metonímia.

7. (Cesgranrio) "Nike renova com a CBF até 2018."

Sem alarde, a Nike renovou seu contrato com a CBF até 2018.

(Revista Veja)

Podemos afirmar que nesse trecho há uma figura de linguagem conhecida como:

a) metonímia.

b) hipérbole.

c) metáfora.

d) hipérbato.

e) comparação.

8. (Cesgranrio) No trecho "A obra-prima da agressão sonora são uns automóveis cujos porta-malas se abrem revelando uma bateria de alto-falantes, terrível usina de decibéis.", observa-se um exagero do articulista, o qual se justifica pela sua indignação ao que está expondo. A esse recurso estilístico denomina-se:

a) antítese.

b) eufemismo.

c) metonímia.

d) hipérbole.

e) personificação.

9. (Cesgranrio) "Mas a **mim** é que não **me** escardincham (...)"

Há entre os vocábulos grifados uma relação:

a) pleonástica.

b) irônica.

c) metafórica.

d) antitética.

e) eufemística.

Gabarito: 1. d; 2. e; 3. b; 4. b; 5. c; 6. a; 7. a; 8. d; 9. a.

Parte IV

Interpretação de textos

23 TIPOLOGIA TEXTUAL

23.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

23.1.1. Os modos e os tipos de texto

Não se pode falar em compreensão e intelecção textual sem que se aprenda a diferenciar os modos de texto. Ao aprender a classificar um texto, o aluno não só se prepara para as questões que versam sobre tipologia textual, como também estabelece o primeiro contato com o seu objeto de estudo.

Podemos destacar quatro maneiras de organizar um discurso: por meio da **narração**, **descrição**, **dissertação** e **argumentação**. Muitas vezes, é importante ressaltar, utilizamo-nos de mais de um recurso na elaboração de um único texto.

23.1.2. A narração

É a modalidade de texto que se relaciona com objetos do mundo real. Na narração, o objetivo do autor é contar um fato, relatar acontecimentos, reais ou imaginários.

23.1.2.1. As modalidades da narração

O texto narrativo apresenta-se em diversas modalidades; entre as principais, pode-se citar:

1. **Romance:** narrativa longa que não se compõe apenas de uma trama – além do núcleo principal, outras tramas se desenrolam em paralelo. É composição que pode vir escrita em prosa ou em verso.
2. **Crônica:** é o relato de acontecimentos do quotidiano, do nosso dia a dia, que se desenrolam em uma sucessão cronológica. Reflete a vida social, a política, os costumes de uma época.
3. **Conto:** narrativa curta e concisa que se desenvolve em torno de um único núcleo. Pode ter características reais ou ser apenas fruto da imaginação do autor.
4. **Fábula:** uma espécie de conto, em forma de prosa ou verso. Tem como objetivo uma lição de aprendizado, o ensinamento de uma moral. Utiliza-se de personagens animais, mas com características humanas.
5. **Anedota:** narrativa que tem como objetivo provocar humor. É breve e pode se apresentar também na linguagem oral.
6. **Lenda:** história fictícia que se utiliza de lugares ou personagens reais. Mistura realidade e fantasia. Seu registro escrito normalmente é precedido de uma tradição oral.

7. **Parábola:** narrativa alegórica. Texto cujo objetivo é veicular uma mensagem, um ensinamento, por meio de uma comparação ou analogia. É a versão da fábula com personagens humanas.

23.1.2.2. Os elementos da narração

No texto narrativo, não se deve deixar de lado a análise do aspecto temporal: os acontecimentos se sucedem na linha cronológica, existindo, portanto, uma relação de anterioridade e posterioridade, que acabam por compor uma história que nos é contada por um narrador. Tem-se assim a composição de três elementos:

AÇÕES X PERSONAGENS X NARRADOR.

23.1.2.2.1. As ações

As ações são relatadas numa narrativa obedecendo à seguinte ordenação:

1. **Introdução**

Apresenta a ideia-núcleo ou ideia principal, podendo surgir ideias secundárias. Representa um estado de harmonia inicial, de equilíbrio.

Ex. 1: Texto 1

"O índio da Transamazônica todo dia passava pelas obras, com um menino nas mãos e um livro debaixo do braço."

2. **Desenvolvimento**

O fato narrativo propriamente dito (uma série de ações que levam os personagens a sofrerem diversas transformações). No desenvolvimento, observamos o enredo da história, a ocorrência da desarmonia. No desenrolar de uma narrativa, o(s) personagem(ns), em busca de soluções para a carência apresentada na introdução, passa(m) por uma série de transformações, que culminarão em um resultado final. Há nesse momento do texto, portanto, um conflito, um ponto extremo de tensão, que só será solucionado no desfecho da narração.

Exemplo: continuação Texto 1

"Um dia, o engenheiro perguntou a ele:

– *Onde vai com estes livros?*

– *Pra escola!*

O engenheiro ficou maravilhado!

– *Que coisa edificante ver um índio brasileiro levar uma criança para a escola.*

– *Não é criança, não. Quem vai à escola é índio mesmo*!"

Importante ressaltar que, no gênero narrativo, ao relatar as ações através de uma evolução cronológica, faz-se necessário o uso de verbos de ação que encadeiam os fatos ("A mulher foi passear na capital. Após um tempo, o marido dela recebeu um telegrama.") e de conectivos temporais, que organizam os fatos da narrativa, situando-os uns em relação aos outros. ("O crime ocorreu no domingo. Dias depois, os jornais já noticiavam.")

3. **Conclusão**

A conclusão pode ser ideia sucinta do fato narrado, um comentário pessoal do autor ou uma simples generalização. Representa também a resolução da carência, isto é, um resultado, sob a forma de uma melhora, de uma permanência ou de uma degradação do estado inicial. É o desfecho do texto, que tanto pode ser a volta ao equilíbrio inicial como o aparecimento de uma nova, uma outra situação de equilíbrio não apresentada no início do texto.

Ex.: fechamento Texto 1

– Ah... que empolgante – falou o engenheiro. Aí, deu uma paradinha, uma pensadinha e perguntou: – E o menino?

– Ah! – falou o índio – menino é merenda!"

23.1.2.2.2. Os personagens

Os personagens são elementos fundamentais na narrativa, possuindo cada um o seu papel para a evolução da história. Interessante observar que o vocábulo "personagem" se origina do grego (persona = máscara): é por meio dos personagens que o autor transmite as mensagens que deseja.

Há os personagens principais – o antagonista e o protagonista – e os secundários – constrói-se entre eles uma hierarquia de valor.

23.1.2.2.3. O narrador

O narrador é o organizador da história contada, podendo ser o próprio autor do texto narrativo ou até mesmo um personagem criado pelo autor. Contando a história para o leitor, ele poderá interferir no texto através de pronomes ("nós podemos concluir o que ela poderia estar pensando..."), do uso do presente genérico ("sabíamos que ele poderia não estar dizendo a verdade"), comentários sobre o fato narrado ("descrevendo-a desta maneira, é fácil imaginar por que ele a amava") ou até interpelando diretamente o leitor ("Preste atenção, minha cara leitora, a este artista que temos"). Podemos ainda caracterizar o narrador como o de primeira ("Já contei algumas vezes esta história") ou de terceira pessoa ("A mulher estendeu-lhe a mão e sorriu").

De uma forma prática, teríamos:

a) ***Narrador personagem****: é aquele que conta a história e dela participa. A história é contada em* 1ª *pessoa.*

Ex.: "Percebi que minha avó não me olhava. A princípio, achei inexplicável ela fizesse isso, pois costumava fitar-me, longamente, com uma ternura que incomodava. Tive raiva do que me parecia um capricho e, como represália, fui para a cama."

b) ***Narrador observador**: caracteriza-se como o narrador que relata acontecimentos na qualidade de alguém que observa e transmite suas impressões ao leitor. Conta-se a história em 3ª pessoa.*

Ex.: "O menino pisou com o calcanhar a procissão de formigas atarantadas. Só então percebeu que lhe escorria do joelho esfolado um filete de sangue."

c) ***Narrador onisciente**: é aquele que não só observa os acontecimentos, mas também sabe tudo sobre os personagens, inclusive seus sentimentos e pensamentos. A narração se desenrola em 3ª pessoa, mas muitas vezes a fala do narrador se mistura às dos personagens, o que caracteriza o discurso indireto livre.*

Ex.: "No fundo, Ana sempre tivera necessidade de sentir a raiz firme das coisas. E isso um lar lhe dera. Por caminhos tortos, viera a cair num destino de mulher, com a surpresa de nele caber como se o tivesse inventado. O homem com quem casara era verdadeiro, os filhos que tivera eram filhos verdadeiros. Sua juventude anterior parecia-lhe estranha como uma doença de vida."

23.1.2.2.4. O narrador e os tipos de discurso

No texto narrativo, os personagens dialogam entre si, manifestando, assim, o seu discurso. Cabe ao narrador a reprodução desses discursos ao longo da narração. Assim, podemos citar três formas de reprodução do discurso alheio – **discurso direto, discurso indireto** e **discurso indireto livre**. A seguir, a análise de cada um deles:

Discurso direto

Nesse caso, o narrador reproduz as falas dos personagens por meio das próprias palavras deles. A reprodução do discurso ocorre como se o leitor ouvisse literalmente o que os personagens disseram.

Algumas marcas linguísticas são evidenciadas: uso dos dois pontos e travessão; aparecimento de verbos que anunciam a fala do personagem

("disse", "falou"...) – são os chamados verbos de elocução ou verbos dicendi e a presença de palavras que se vinculam à situação de produção textual em que se proferiu o discurso.

Ex.: "– O rio já encheu mais? – perguntou a *mãe*.

– Chi, ta um mar d'água! Qué vê, espia, – apontou o menino com o dedo para fora do rancho."

Discurso indireto

Nesse tipo de discurso, o narrador reproduz as palavras dos personagens sem priorizar sua forma linguística e sim seu conteúdo. Aqui, o que se pretende não é reproduzir literalmente o que o personagem falou, mas reescrever tal fala por

meio das palavras do narrador.

As marcas linguísticas desse tipo de discurso incluem também verbos que reproduzem as falas dos personagens ("dizer", "afirmar", "perguntar", "responder" etc.); a fala do narrador não é isolada por sinal de pontuação, mas por partículas introdutórias (normalmente, as conjunções integrantes que e se); os pronomes, os verbos e outros vocábulos da fala do personagem são substituídos por outros que se vinculem ao tempo em que se situa o narrador.

Ex.: "Assim que a encontrei, perguntei se nós poderíamos nos encontrar naquela noite."

Discurso indireto livre

Essa é a forma mais sutil de se reproduzir a fala de um personagem – não *há* indicadores muito evidentes de limites entre a fala do narrador e a fala do personagem. Nesse caso, é preciso que o leitor pressuponha que aquelas palavras não pertencem ao narrador e sim a um personagem da narrativa. É o discurso que aproxima ambos, dando-nos a impressão de que falam em uma só voz.

Ex.: "Toda a fascinação da vida o golpeou, uma tão profunda delícia e gosto de viver, uma tão ardente e comovida saudade, que retesou os músculos do corpo, esticou as pernas, sentiu um leve ardor nos olhos. Não quero morrer!"

Transposição do discurso direto para o indireto

Discurso direto	Discurso indireto
→ pronomes e flexão verbal em 1ª ou 2ª pessoa: – Quero dormir – disse a menina.	→ pronomes e flexão verbal em 3ª pessoa: A menina disse que queria dormir.
→ Tempos verbais (ordenados em relação ao momento da fala) a) Presente do Indicativo – A situação é a mesma – afirmou o policial.	→ Tempos verbais (em correlação com o tempo em que se situa o narrador) a) Pretérito Imperfeito O policial afirmou que a situação era a mesma.
b) Pretérito Perfeito – Tudo permaneceu com antes – lembrou o rapaz. c) Futuro do Presente – Tudo estará acabado em breve – sentenciou a mulher. d) Modo Imperativo – Não entre aí, disse a mãe.	b) Pretérito Mais-que-perfeito O rapaz lembrou que tudo permanecera como antes. c) Futuro do Pretérito A mulher sentenciou que tudo estaria acabado em pouco tempo. d) Modo Subjuntivo A mãe mandou que não entrasse ali.
→ Frases interrogativas diretas – Tudo bem aí? – perguntou a mulher.	→ Frases interrogativas indiretas A mulher perguntou se estava tudo bem ali.
→ Pronomes demonstrativos de 1ª e 2ª pessoa (esta/este/isto; esse/essa/isso) – Essa sua atitude não é educada – repreendeu o pai.	→ Pronomes demonstrativos de 3ª pessoa (aquele/aquela/aquilo) O pai lhe falou que aquela atitude não era educada.

23.1.3. A narração e os tempos verbais

Quanto aos tempos verbais, pode-se afirmar que nesse gênero de texto há predominância de verbos no pretérito perfeito, já que o que se pretende é relatar acontecimentos que ocorreram em um momento passado.

Ex.: "Tudo quieto, o primeiro cururu surgiu na margem, molhado, reluzente na semi-escuridão. Engoliu um mosquito; baixou a cabeçorra; tragou um cascudinho; mergulhou de novo, e bum-bum! Soou uma nota soturna do concerto interrompido." (Lima, Jorge de. *Calunga; O anjo*.)

Nesse texto, o que se observa são ações no pretérito perfeito que se sucedem na linha do tempo – surgiu, engoliu, mergulhou, baixou, tragou, mergulhou, soou.

Entretanto, é comum também a presença da troca dos tempos verbais na narração – do pretérito perfeito para o presente do indicativo –, quando o que se pretende é aproximar os acontecimentos que ocorreram no passado do momento em que se os narra. É a utilização do *Presente do Indicativo* no lugar do *Pretérito Perfeito*.

Ex.: "A moça chega com sapatinho baixo, saia curta, cabelos lisos castanhos arrumados em rabo-de-cavalo, sorri dentes branquinhos muito pequenos, como de primeira dentição, e fala o senhor me deixa telefonar? de maneira inescapável." (Ângelo, Ivan. Bar. – Adaptado)

De uma forma prática, pode-se observar na narração a articulação dos seguintes elementos:

1. Quem? → os personagens que se envolvem na trama.
2. Quê? → o enredo – os fatos em si, a trama, os acontecimentos.
3. Onde? → o local onde se desenvolve o enredo.
4. Quando? → o momento em que se desenrolou a trama.
5. Como? → a forma como se desenvolveram os acontecimentos.
6. Por quê? → as causas, os motivos que suscitaram os eventos.
7. Para quê? → possíveis finalidades, consequências desejadas pelos personagens da trama.

23.1.4. A narração e a descrição

Vale lembrar que é muito comum que a narração contenha aspectos descritivos. No texto narrativo, observa-se a presença constante não apenas da caracterização das cenas em que se desenrola a trama, mas também a qualificação dos personagens que dela participam.

Ex.: "Ouvi primeiro o ruído de cascos pisando a grama, mas continuei deitado de bruços na esteira que havia estendido ao lado da barraca. Senti nitidamente o cheiro acre muito próximo. Virei-me devagar, abri os olhos. O cavalo erguia-se interminável à minha frente. Em cima dele havia uma espingarda apontada para mim e atrás da espingarda um velhinho de chapéu de palha, que disse logo o seguinte:

– Filhos de uma puta." (Piroli, Wander. *Crítica da razão pura*.)

Neste trecho, que inicia uma narração, o que se percebe é o comprometimento inicial do autor em caracterizar não só a cena como também os personagens da história que se inicia.

23.1.5. A descrição

É a modalidade de texto que trata das características de uma pessoa, de um objeto, de uma paisagem ou de uma simples situação, em determinado período de tempo. Em uma modalidade abstrata, a descrição pode caracterizar sentimentos, sensações. É o tipo de texto que lida com detalhamentos, pormenores do elemento que retrata.

Ex.: "O amor estava de chambre verde, recostado na cama cheia de almofadas. As mãos branquíssimas descansando entrelaçadas na altura do peito. Ao lado, um livro aberto e cujo título deixei para ler depois e não fiquei sabendo." (Telles, Lygia Fagundes. *A estrutura da bolha de sabão*.)

23.1.5.1. A passagem do tempo na descrição

Importante lembrar que se torna quase impossível desenvolver uma descrição pura, onde não apareçam trechos de narração ou até de dissertação. A descrição consiste não em fazer progredir uma história (tarefa da narração), mas em interrompê-la, detendo-se em um personagem, um objeto, um lugar etc. Na descrição, não existe relação de anterioridade e de posterioridade entre os enunciados, os movimentos ocorrem ao mesmo tempo, sem haver progressão de um estado a outro. As ações reproduzidas na descrição são simultâneas. Ao ocorrer progressão cronológica, tem-se o texto narrativo.

Ex.: "Cheguei em casa carregando a pasta cheia de papéis, relatórios, estudos, pesquisas, propostas, contratos. Minha mulher, jogando paciência na cama, um copo de uísque na mesa da cabeceira. (...) Os sons da casa: minha filha no quarto dela treinando empostação de voz, a música quadrafônica do quarto do meu filho. (...) A copeira servia à francesa, meus filhos tinham crescido, eu e a minha mulher estávamos gordos." (Fonseca, Rubem. *Passeio noturno*.)

O trecho inicia-se com uma narração – ações evoluindo em uma sequência cronológica ("Cheguei em casa..."). Entretanto, logo a seguir, o autor interrompe sua sequência narrativa para caracterizar uma cena – tem-se uma pausa na narração para um trecho descritivo. Na descrição, as ações são concomitantes ("minha mulher jogando paciência", "minha filha no quarto treinando empostação de voz", "a copeira servia à francesa").

23.1.5.2. Os tipos de descrição

Basicamente, o texto descritivo pode se voltar para objetos, assuntos científicos, seres humanos ou paisagens.

23.1.5.2.1. Descrição de objetos

Os objetos podem ser caracterizados de forma objetiva, com linguagem denotativa; ou de maneira subjetiva, com a

intervenção do ponto de vista do observador.

Ex.:

Descrição objetiva

"A cachorra Baleia estava para morrer. Tinha emagrecido, o pêlo caíra-lhe em vários pontos, as costelas avultavam num fundo róseo, onde manchas escuras supuravam e sangravam, cobertas de moscas. As chagas da boca e a inchação dos beiços dificultavam-lhe a comida e a bebida." (Ramos, Graciliano. *Baleia*.)

Descrição subjetiva

"Se me falam em virtude, em moralidade ou imoralidade, em condutas, enfim, em tudo que se relacione com o bem e o mal, eu vejo Mamãe em minha ideia. Mamãe – não. O pescoço de Mamãe, a sua garganta branca e tremente, quando gozava a sua risadinha como quem bebe café no pires. (...) Ela não se pintava nunca, mas não sei como fazia para ficar com aquela lisura de louça lavada. Nela, até a transpiração era como vidraça molhada: escorregadia, mas não suja." (Queiroz, Dinah Silveira de. *A moralista*.)

23.1.5.2.2. Descrição de fatos científicos

Nesse tipo de descrição, podemos inserir a descrição de fato da ciência, em que o objeto retratado caracteriza-se como do âmbito científico. Aqui, o objetivo maior do observador é o de informar o leitor sobre as características do elemento descrito. O discurso científico destaca o conteúdo das informações feitas, não priorizando, portanto, a subjetividade daquele que produz o texto.

Ex.: "Genoma é o conjunto simples de cromossomos de uma célula (cariótipo). É o conjunto formado por apenas um cromossomo de cada tipo, na espécie estudada. No ser humano o genoma é constituído de 23 cromossomos diferentes."

23.1.5.2.3. Descrição de seres humanos

Nesse caso, o tema-núcleo da descrição é uma pessoa. Nesse texto descritivo, o autor pode tanto se voltar para os aspectos físicos do ser retratado, como para suas características psicológicas, psíquicas.

Ex.: "A família foi pouco a pouco chegando. Os que vieram de Olaria estavam muito bem vestidos porque a visita significava ao mesmo tempo um passeio a Copacabana. A nora de Olaria apareceu de azul-marinho, com enfeites de paetês e um drapejado disfarçando a barriga sem cinta. O marido não veio por razões óbvias – não queria ver os irmãos. Mas mandara sua mulher para que nem todos os laços fossem cortados – e esta vinha com o seu melhor vestido para mostrar que não precisava de nenhum deles, acompanhada dos três filhos: duas meninas já de peito nascendo, infantilizadas em babados cor-de-rosa e anáguas engomadas, e o menino acovardado pelo terno novo e pela gravata." (Lispector, Clarice. *Feliz Aniversário*.)

23.1.5.2.4. Descrição de paisagens

Ao descrever paisagens, o autor tanto pode ter a simples intenção de localizar o leitor em relação ao espaço em que se desenvolve o texto narrativo, como pode pretender seduzir o leitor sobre as qualidades da paisagem observada, com o intuito de apresentar seu julgamento sobre o espaço retratado. A descrição pode ser panorâmica, abrangente ou pode se ater a detalhamentos, pormenores do seu tema-núcleo.

Ex.: "Agradável na manhã seguinte o percurso numa rodovia que não era de seu tempo. Ônibus e caminhões escureciam as estradas de poeira. Ao pé de uma serra calcárea,que conhecera intacta, as chaminés de uma fábrica de cimento emitiam rolos de uma fumaça escura. Mais adiante, os fornos de uma siderúrgica." (Machado, Aníbal. *Viagem aos seios de Duília*.)

23.1.6. A dissertação

Aquilo que chamamos didaticamente de dissertação consiste na exposição de ideias, razões. Se, por um lado, na descrição e narração predominam termos concretos, que se referem a pessoas do mundo, ao menos presumidamente, real, na dissertação, predominam os conceitos abstratos, muitas vezes fora das esferas do tempo e do espaço. Não há, portanto, em princípio, uma progressão temporal entre os enunciados, mas relações de natureza lógica (causa e efeito, uma premissa e uma conclusão…).

Em textos de concursos públicos, costuma-se subdividir os textos dissertativos em duas modalidades – o texto dissertativo expositivo e o texto dissertativo opinativo-argumentativo. O primeiro tem por objetivo discutir um assunto, expor o que se sabe sobre ele sem defesa de ponto de vista do autor. Já a segunda modalidade tem como meta a persuasão, o convencimento – neste tipo de texto o autor utiliza estratégias argumentativas que visam defender sua tese.

23.1.6.1. O texto dissertativo expositivo

É o texto que expõe ideias, explana, discute, revela o que o autor sabe sobre determinado assunto. Sua linguagem é objetiva, clara, impessoal. Traz abordagem abrangente sobre um tema, permitindo que o leitor desenvolva sua própria opinião sobre o assunto. Nesse texto, o autor não manifesta, ao menos explicitamente, suas opiniões sobre o tema tratado. Ainda que em alguns momentos do texto ele opine, sua intenção não é defender seu ponto de vista sobre o tema em questão.

Ex.*:* Desde o final do século XV, com a invenção de novos equipamentos de navegação e as grandes descobertas, a Globalização se espalhou por todo o planeta, ao mesmo tempo em que aumentava a influência européia no mundo. No século XIX, o telégrafo submarino reduziu o tempo com que as informações, as ordens e as diversas decisões importantes chegavam a diversos lugares do mundo – em pontos específicos, em quantidades limitadas e com alguma defasagem de tempo. (Buarque, Cristovam. *Admirável mundo atual* – Adaptado)

Como se vê, nesse tipo de texto, o autor expõe aquilo que sabe sobre determinado assunto, sem a preocupação de julgar, emitir opinião em relação ao assunto sobre o qual discorre.

Há textos expositivos que apresentam informações sobre um objeto ou fato específico, sua descrição, a enumeração de suas características, com o objetivo de aumentar o conhecimento do leitor sobre determinado assunto. É o texto informativo. Com linguagem objetiva e impessoal, este tipo de texto pressupõe acréscimo de informação para quem o lê. O texto dissertativo informativo é o tipo de texto que procura tratar de assunto de interesse do leitor e busca a novidade – algo que, ao menos presumidamente, seja desconhecido do público ao qual é veiculado.

Ex.: "Recente documento, elaborado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), revela que o Brasil é um país mergulhado na sujeira: metade dos municípios não têm serviço de esgoto sanitário, 70% do lixo das cidades são jogados em lixões e alagados (rios, lagos, mar, etc.) e apenas poucos municípios fazem coleta seletiva de lixo."

Nesse caso, o objetivo do texto é aumentar o número de informações do leitor sobre o assunto do lixo. Por meio de dados estatísticos e exemplos e de uma linguagem objetiva, o autor atinge seu objetivo – apresentar possíveis novidades ao seu leitor.

23.1.6.2. O texto dissertativo opinativo

Também chamado de argumentativo. Esse texto difere do dissertativo expositivo, pois, além de expor o que se sabe sobre um assunto – e, muitas vezes, também informar –, o texto dissertativo argumentativo tem por finalidade principal persuadir o leitor sobre determinado assunto, modificar seu comportamento.

Ex.: "Viver 'plugado' a uma corrente de pessoas e informações pode ser divertido e útil. Mas agride o que o ser humano tem de melhor e mais insubstituível: o seu gosto, o seu erro, a sua miséria e sua glória."

Aqui, o autor emite sua opinião, por meio do auxílio de adjetivos com valor subjetivo ("melhor", "insubstituível"). Assim, a mensagem transmitida ao autor deixa de ser fato, para ser julgamento – característica do texto opinativo.

Muitas vezes, o autor, com o intuito de transparecer seu posicionamento, utiliza-se de algumas marcas linguísticas capazes de persuadir o leitor, tais como verbos na 1ª pessoa do singular ou plural e expressões de modalidade – os modalizadores (vocábulos indicativos da opinião do autor). É o que se observa no seguinte texto:

"O dever do Estado é proteger a propriedade de todos da sanha de cada um e a propriedade de cada um da sanha de todos. A pichação dos bens públicos ou particulares viola ambos os princípios e, portanto, é dever da autoridade competente tomar medidas coercitivas. Eu, como milhões de cidadãos, gosto de ver a minha cidade limpa. Faço minha parte, de um lado mantendo meu muro pintado e de outro pagando impostos para que a Prefeitura faça o mesmo com os nossos monumentos. Se os pichadores têm seus "direitos" de expressarem-se livremente, eu também tenho os meus de querer minha cidade em ordem e bonita. Com uma diferença: eu pago impostos para

exercer a minha cidadania e eles, tão-somente, adquirem uma lata de aerossol."

Por meio de pronomes da 1ª pessoa do singular ("Eu", "minha", "meu") ou da 1ª pessoa do plural ("nossos"), aquele que redige emite seu juízo de valor acerca do assunto abordado. Além disso, expressões, como "viola", "faço minha parte", "cidade em ordem e bonita", demonstram comprometimento com o assunto retratado – são os modalizadores textuais. Assim, todos esses recursos estão sendo utilizados a favor de um único objetivo: o de o autor demonstrar a validade de seus argumentos, de suas opiniões sobre o tema discutido.

23.1.6.3. A estruturação argumentativa

Ao argumentarmos, expomos o assunto de modo pessoal (nosso ponto de vista ou tese), podendo também utilizar outros pontos de vista a respeito do mesmo tema (ideia principal). Assim, no intuito de defendermos nossa tese, oferecemos argumentos que a apoiem. Para isso, estruturamos nossas ideias em uma sequência lógica, progressiva e correta.

Um plano de dissertação deve conter três partes: introdução, desenvolvimento e conclusão. A seguir, uma análise dos segmentos que constituem uma dissertação.

1. **Introdução**

Inicialmente se faz a introdução, que determinará o desenrolar do desenvolvimento. É neste momento em que se apresenta o tema a ser discutido, a ideia-núcleo ou ideia principal, a tese.

2. **Desenvolvimento**

Na segunda fase do texto argumentativo, faz-se a análise crítica dos argumentos usados de apoio para sua tese. Cada argumento é exposto em um parágrafo próprio. Dois a três parágrafos é o padrão do desenvolvimento de um texto argumentativo. Ao argumento que normalmente inicia o parágrafo de desenvolvimento dá-se o nome de **tópico frasal**.

Inicia-se, portanto, cada parágrafo do desenvolvimento com o que denominamos de tópico frasal – que se constitui na ideia que irá direcionar o parágrafo, sendo, portanto, sua base. A seguir, desenvolve-se a discussão iniciada pelo tópico frasal, na qual são utilizados diversos recursos que servirão de apoio para o argumento defendido – exemplos, comparações, narrativas, descrições, opiniões próprias – de forma coerente e organizada.

3. **Conclusão**

O parágrafo final é reservado à conclusão, na qual o autor retoma a ideia-núcleo, reescrevendo-a e acrescentado-lhe, em geral, um juízo crítico, de forma a enriquecer os argumentos defendidos. É o momento em que o autor opina, critica e, muitas vezes, oferece soluções concretas ao problema discutido ao longo da argumentação.

Ex.: *Texto retirado de uma prova elaborada pela Cespe/UnB* para análise de um texto argumentativo.

O leitor é personagem da modernidade, produto da sociedade burguesa e capitalista, livre dos laços de dependência da aristocracia feudal e do estreitamento corporativista das ligas medievais. A emancipação do leitor encena, de certo

modo, o processo de libertação de que se originou a sociedade moderna. Nesse sentido, narrar a formação da leitura no Brasil significa também narrar, sob esse viés, a história da modernização de nossa sociedade.

Vários fatores criaram o espaço social necessário para transformar certo número de pessoas associadas a certas práticas sociais em leitores: o individualismo da sociedade burguesa, a visão de mundo antropocêntrica estimulada pela Renascença e difundida pela filosofia humanista, o progresso tecnológico que facultou o desenvolvimento da imprensa, a expansão da escola e do pensamento pedagógico apoiado na alfabetização, o fortalecimento de instituições culturais como as universidades, as bibliotecas e as academias de escritores.

Disso resultaram duas noções: de um lado, a noção de público, massa coletiva e anônima que, não obstante o anonimato, pode ter vontade própria e direção definida, incidindo em linhas de ação que a literatura, em parte ou no todo, acata ou não; de outro, a noção de leitor, indivíduo habilitado à leitura, com preferências demarcadas, figura que o escritor busca seduzir, lançando mão de técnicas e de artifícios contabilizados pela crítica e história da literatura.

Mesmo sendo presença suficientemente poderosa para influenciar os mecanismos literários, o leitor não se mostra figura unidimensional nem unidirecional. E exatamente o que é fugidio em sua história desdobra-se nos ângulos diferenciados que o leitor e a leitura foram assumindo ao longo do tempo.

Não que a leitura seja prática sólida no Brasil; nem que as instituições culturais e pedagógicas encarregadas de sua difusão tenham consistência ou estejam a salvo de críticas que, desde o século XIX, a elas são dirigidas. Desde a separação de Portugal, reclama-se (e com razão) uma atuação mais positiva e competente do Estado, no sentido de melhorar a educação e a cultura do país; nada indica que hoje essas reivindicações tenham perdido legitimidade e razão de ser.

Marisa Dajolo e Regina Zilberman. A formação da leitura no Brasil. São Paulo: Ática, 1998, p. 9-10 (com adaptações)

– ***Introdução com apresentação do tema****: o objetivo das autoras é discorrer sobre a formação da leitura brasileira sob um viés cronológico – a história da modernização da sociedade no Brasil.*

– ***1º parágrafo de desenvolvimento****: as autoras se propõem a discorrer sobre as causas que contribuíram para a formação dos leitores. O parágrafo segue a estruturação padrão: apresenta-se o tópico frasal logo no início para, na sequência, desenvolvê-lo.*

– ***2º parágrafo de desenvolvimento****: já no início do parágrafo, depreende-se seu tópico frasal – o objetivo é apresentar as consequências, as noções que resultaram dos fatores explicitados no parágrafo anterior.*

– ***3º parágrafo de desenvolvimento****: as autoras iniciam o parágrafo utilizando-se de um recurso coesivo ("mesmo sendo presença suficientemente poderosa para influenciar os mecanismos literários"), por meio do qual ele retoma o parágrafo anterior. Logo a seguir, apresenta-se o tópico frasal que originou o parágrafo: "o leitor não é figura unidimensional nem unidirecional", que será desenvolvido posteriormente.*

– ***Conclusão do texto****: aqui, as autoras retomam o tema do texto – a formação dos leitores no contexto brasileiro, veiculando seu ponto de vista acerca do assunto ("reclama-se e com razão uma atuação mais*

positiva e competente do Estado"). É a conclusão também o momento de se apresentarem sugestões acerca do tema discutido – "no sentido de melhorar a educação e a cultura do país".

A argumentação caracteriza-se como um procedimento do autor para fazer o leitor aderir às suas teses defendidas em um texto. Ao argumentarmos, construímos ideias, justificamo-las ordenando-as, buscando também seduzir o leitor, dirigindo os argumentos de modo a atingir nossa meta de persuasão.

Eis algumas características do texto argumentativo:

1. *O texto dissertativo argumentativo volta-se para uma única ideia, que é a tese do texto. Tudo o que se afirma ao longo da argumentação se volta para essa ideia.*
2. *O bom texto argumentativo evita a redundância. Todos os argumentos devem ser variados, entretanto, devem se voltar para o tema central, buscando, assim, a variedade, sem fugir do objeto da argumentação.*
3. *Um bom recurso que normalmente é explorado pelo argumentador para conferir maior veracidade ao seu texto é a utilização de citações autorizadas de outros escritores, que tratem do mesmo tema.*
4. *É comum encontrar no texto argumentativo a utilização de relações de causa e efeito para as afirmações produzidas, estabelecendo uma correlação lógica entre os fatos.*
5. *O bom texto argumentativo é coeso, com cada uma de suas partes amarradas em torno de um tema central, e coerente, com articulação lógica entre seus segmentos.*
6. *O uso de exemplos é estratégia comumente utilizada pelo argumentador e confere confiabilidade ao que se lê, na medida em que concretiza as ideias, em geral abstratas, expostas na argumentação.*

23.1.6.4. Outras modalidades do texto dissertativo

Além dos textos dissertativos expositivos e opinativos, observam-se nas provas outras modalidades de textos. Entre elas, podemos citar as seguintes:

23.1.6.4.1. Texto didático

É aquele que transmite conhecimentos com o objetivo de ensinar. Apresenta riqueza de detalhes e utiliza linguagem clara e objetiva. São os livros escolares, os textos de congressos.

Ex.: "A entrevista consiste em inquirir tecnicamente, de forma hábil, dentro de um plano e sequência previamente estudados, levando o interrogado ou entrevistado a se pronunciar sobre aquilo que desejamos saber e a emitir sua opinião, muitas vezes sem que formulemos a pergunta diretamente. É a maneira racional de levar alguém a fornecer os informes e as informações que possui em determinada área.

É uma técnica de comunicação direta entre duas pessoas que possuem alguns interesses em comum. Forma de pesquisa realizada através de diálogo estudado e preparado dentro de um plano e sequência previamente

analisados, levando, sutilmente, o entrevistado a se manifestar sobre assuntos de seu conhecimento." (Nogueira, A. *Processamento da entrevista*.)

Como se pode observar, o texto didático apresenta definições, detalhes do tema tratado. Nesse caso, o que o autor pretende é que o leitor aprenda a realizar uma entrevista.

23.1.6.4.2. Texto preditivo

É o texto que se utiliza de deduções com base em informações prévias. O texto preditivo lida com probabilidades, não com certezas. São as previsões meteorológicas, os textos de astrologia, as previsões na economia.

Ex.: "Noventa e sete por cento das espécies vivas, 80.000 proteínas produzidas pelo corpo e bilhões de galáxias ainda não foram identificados. Quase nada sabemos da natureza do Universo, da origem da Vida, do funcionamento dos climas, do desenvolvimento do embrião e do cérebro.

Provavelmente não se descobrirá ainda no século XXI de onde surgiu o Universo, nem como começou a vida na Terra, nem como o cérebro engendra o pensamento e a consciência, nem se outras formas de vida existem em outros lugares. Em compensação, outras questões que hoje não são formuladas serão resolvidas, pois se descobrirá que certas respostas consideradas definitivas estavam totalmente equivocadas."

Aqui, o autor parte de dados sobre o assunto – "Noventa e sete por cento das espécies vivas, 80.000 proteínas produzidas pelo corpo e bilhões de galáxias" – para, na sequência, estabelecer um discurso preditivo – "... pois se descobrirá que certas respostas consideradas definitivas estavam totalmente equivocadas". Eis a marca do texto preditivo: informação aliada a previsão.

23.1.6.4.3. Texto polêmico

Neste texto, o objetivo do autor é demonstrar ao leitor mais de um ponto de vista sobre um assunto, mesmo que em alguns textos se observe claramente a opinião do autor. O texto polêmico permite ao leitor o contato com mais de um posicionamento sobre o tema explorado, o que normalmente não ocorre no texto argumentativo.

Ex.: "O budismo faz tanto sucesso no Ocidente porque possui características que correspondem às tendências da pós-modernidade neoliberal. Num mundo em que muitas religiões se sustentam em estruturas autoritárias e apresentam desvios fundamentalistas, o budismo apresenta-se como uma não religião, uma filosofia de vida que não possui hierarquias, estruturas nem códigos canônicos. No budismo não há a ideia de Deus, nem de pecado. Centrado no indivíduo e baseado na prática da yoga e da meditação, o budismo não exige compromissos sociais de seus adeptos, nem submissão a uma comunidade ou crença em verdades reveladas. Há, contudo, muitos budistas engajados em lutas sociais e políticas. Nessa cultura do elixir da eterna juventude, em que o envelhecimento e morte são encarados, não como destinos, mas como fatalidades, o budismo oferece a crença na reencarnação." (Betto, Frei. Por que o Budismo encanta o Ocidente?)

Ainda que o autor emita seu juízo de valor ao longo do texto, seu objetivo é contrapor o budismo às outras religiões, utilizando-se de uma comparação baseada no contraste entre as características de ambos os elementos.

23.1.6.4.4. Texto injuntivo

É o texto que exprime instruções ao leitor com a finalidade de que ele execute ou não determinada tarefa. Apresenta normalmente verbos no imperativo e pressupõe uma ação por parte do interlocutor.

Ex.: "Quer manter a postura sempre perfeita? De manhã, antes de se vestir, amarre um fio de linha em volta da cintura, sem deixar folga. Ele não deve apertar, mas precisa estar justo. Ao longo do dia, ao sentir a presença do fio, coloque a barriga para dentro e endireite as costas."

Esse texto é retirado de uma revista sobre saúde e bem-estar. Logo no início, apresenta-se o tema – a busca de uma postura perfeita. Na sequência, enumeram-se ações que deverão ser realizadas pelo leitor ("amarre", "coloque", "endireite"). Tem-se, portanto, o perfil do texto injuntivo – apresentar instruções, em uma linguagem imperativa, que pressupõe consequentes ações por parte do leitor.

23.1.7. Tipologia textual – esquema

Quanto às modalidades textuais e os diferentes tipos de textos, podemos sistematizar as seguintes características:

23.1.7.1. Modos de texto: estrutura/organização do texto

Narrativo	Relatar acontecimentos.	SIM. Antes e depois. Marca fundamental.	Verbos de ação. Conectores temporais.
Descritivo	Caracterizar, qualificar cenas, personagens etc.	NÃO. Tempo congela. Fatos ocorrem ao mesmo tempo.	Substantivos. Adjetivos.
Dissertativo	Discutir, abstrair, discorrer, conceituar. Não descrever.	Não é relevante.	Relações de subordinação. (Causa e Efeito). Aparecimento de testemunhos de autoridade, dados estatísticos, exemplos.

23.1.7.2. Tipos de textos: finalidade do texto

1. **Informativo:** Informar, veicular conhecimento que o leitor desconhece. É mais específico do que expositivo. Exs.: jornal, bula de remédio, etc. Tem por marcas linguísticas frequentes a clareza e a precisão. Procura meios de atrair a atenção do leitor para o que é veiculado. Traz implícita a ideia de que o conteúdo do texto é de interesse dos leitores.
2. **Didático:** Ensinar, também são informações que o leitor desconhece. Ex.: livros didáticos.
3. **Expositivo:** Expõe o que se sabe, sem opinar. Ex.: questões discursivas em concursos públicos.

4. **Opinativo:** Também chamado de **Argumentativo**. Diferente do expositivo. Há a colocação da opinião do autor. Ex.: os editoriais dos jornais.
5. **Polêmico:** Neste texto aparecem, ao menos, dois pontos de vista sobre um assunto. Ex.: artigos que tratam de temas polêmicos – aborto, o sistema de reserva de quotas para negros nas universidades etc.
6. **Injuntivo:** Tem por objetivo instruir em vista de uma ação. Ex.: manuais.

23.1.8. Enunciados de tipologia textual

A seguir, os enunciados mais comuns de provas de concursos públicos sobre o assunto:

"O texto deve ser classificado de forma mais adequada…"; "Os textos narrativos/ informativos/ didáticos caracterizam-se por…"; "O texto lido poderia ser classificado como…"; "Quanto ao modo de organização do discurso, pode-se afirmar que o texto lido é…"; "O texto lido deve ser considerado prioritariamente como…"; "A finalidade principal desse texto é a de…"; "O objeto maior do texto é…", entre outros.

23.2. EXEMPLOS COMENTADOS

I. Reconheça o tipo de discurso das frases a seguir.

1. Tô morrendo de fome, disse Pereba.

   Resposta: Discurso direto.

2. – Você é menor e eles estão precisando evitar escândalos.

   Resposta: Discurso direto.

3. Perguntei se tudo estava solucionado.

   Resposta: Discurso indireto.

4. Mande que todos se comportem de forma adequada.

   Resposta: Discurso indireto.

5. Para mim esta é a melhor hora do dia – Ema disse, voltando do quarto dos meninos. – Com as crianças na cama, a casa fica tão sossegada.

   Resposta: Discurso direto.

6. Bárbara estranhou a amiga. O que está se passando nessa cabecinha?

   Resposta: Discurso indireto livre.

7. "É força de expressão, sua boba. O dia acaba quando eu vou dormir, isto é, o dia tem vinte e quatro horas e a semana tem sete dias, não está certo?"

Resposta: Discurso direto.

8. Gritou, se ajoelhou e se pôs a chorar – macaco é quase como gente – a mulher implorando que não maltratasse o bicho.

Resposta: Discurso direto.

II. Faça transposição do discurso direto para o indireto e vice-versa.

1. Entre imediatamente – gritei sem paciência.

Resposta: Ordenei que entrasse imediatamente.

2. O que você quer para o café?

Resposta: Perguntei o que ele(a) queria para o café.

3. Disse-lhe que naquele momento aquela conversa não me interessava.

Resposta: Nesse momento, essa conversa não me interessa – eu disse.

4. A governanta perguntou se o casal voltaria para o jantar.

Resposta: *Vocês voltarão para o jantar*? – perguntou a *governanta ao casal.*

5. A nossa reunião se reduziu a dois minutos de diálogo – reclamou o estagiário.

Resposta: O estagiário lamentou que sua reunião se reduzira a dois minutos de diálogo.

6. Mande que as crianças entrem imediatamente.

Resposta: "Entrem imediatamente!"

7. Eu me chamo João. E você?

Resposta: Disse que meu nome era João e perguntei o seu nome.

8. O professor pediu que o aluno anotasse todas as suas dúvidas.

Resposta: Anote todas as suas dúvidas – o professor disse ao aluno.

III. Analise os trechos a seguir, classificando-os quanto ao modo de organização do discurso (NARRAÇÃO, DESCRIÇÃO, DISSERTAÇÃO).

1. *Na manhã seguinte o seu primeiro desejo foi voltar à casa; mas não teve coragem; via o rosto colérico da mãe, faces contraídas, narinas dilatadas pelo ódio, o olho direito saliente, a penetrar-lhe até o fundo do coração.*

Comentários: O autor começa o seu texto por uma narração, mas logo em seguida se atém à descrição, objetivo maior do texto. Predominância de caracterizações (faces contraídas, narinas dilatadas pelo ódio).

Resposta: texto descritivo.

2. *Uma das maiores manifestações linguísticas na fronteira entre os séculos XX e XXI é a ideia de globalização como*

um processo de internacionalização. O fato é que existe um vasto mercado para exportação na América do Sul que não pode ser desconsiderado. Politicamente, esse é o mercado do Brasil, e o Brasil é o mercado para sua viabilização.

Comentários: O autor deixa clara a sua intenção de discutir um assunto – a globalização.

Resposta: texto dissertativo.

3. *"No Antigo Egito, o gato foi honrado e enaltecido. Sendo considerado como um animal santo. Nesta mesma época, a gata transformou-se na representação da deusa Bastef, fêmea do deus sol Rá. […] Na Europa, o gato se desenvolveu com as conquistas romanas. Ele foi admirado por sua beleza e dupla personalidade (ora um selvagem independente, ora um animal doce e afável), e apreciado ainda no século XI quando o rato negro invadiu a Europa. No século XIII desenvolveram-se as superstições e o gato passou de criatura adorada a infernal, associada aos cultos pagãos e a feitiçaria. A Igreja lhe virou as costas. […] No Século XVIII ele voltou majestoso e em perfeito acordo com os poetas, pintores e escritores que prestam homenagem à sua graça e à beleza de seu corpo."*

Comentários: O autor expõe o que sabe a respeito de um tema – a importância dos gatos na sociedade, no decorrer da história. Apesar de parecer que se está narrando, contando uma história, o que se vê é a análise de um tema, ao longo do tempo.

Resposta: texto dissertativo.

4. *Há poucos dias, assistindo a um desses debates universitários que a gente pensa que não vão dar em nada, ouvi um raciocínio que não me saiu mais da cabeça. Ouvi-o de um professor – um professor brilhante, é bom que se diga.*

Comentários: O conector temporal – há poucos dias –, além da presença de verbos no pretérito perfeito (ouvi, saiu) indicam que o autor pretende relatar acontecimentos. Entretanto, com a caracterização do professor (um professor brilhante) percebe-se a presença de características descritivas no texto.

Resposta: texto narrativo, com aspectos descritivos.

5. *Vários historiadores têm procurado entender a originalidade da monarquia brasileira vinculando-a à chegada da família real ao Brasil em 1808. De fato, é no mínimo inusitado pensar numa colônia sediando a capital de um império.*

Comentários: O autor anuncia a análise de um tema: a originalidade da monarquia brasileira. Trata-se, portanto, de discussão, dissertação.

Resposta: texto dissertativo.

6. *"Para um modesto país de Terceiro Mundo, temos algumas realizações na tecnologia. Nossos aviões voltam a vender bem. Há ônibus da empresa brasileira Marcopolo rodando em Washington. O último número da revista Shooting Times mostra uma nova pistola Taurus que vai dar trabalho aos concorrentes. Exportamos insulina.*

Continuamos a exportar máquinas-ferramentas e agora exportamos parte da programação de robôs da Brown Boveri. Provavelmente construiremos com êxito algum pedacinho da nova estação espacial (quem sabe, a churrasqueira). Tudo isso vai na direção certa, mas precisamos de mais. E, acima de tudo, não podemos esmorecer nesse esforço de inventar modas, tão próximas quanto possível da fronteira tecnológica. Mas quando focalizamos a tecnologia do cotidiano descobrimos que a situação é calamitosa. O botão salta da camisa. A calça encolhe ou desbota. A saia justa rasga, o tijolo esfarinha na mão, a torneira vaza e a laje infiltra. A água limpa mareja no meio da parede, a água usada não vai a lugar nenhum. A fechadura trava. O fio dá choque. A cadeira desaba, o verniz se desgasta. O pastel dá dor de barriga. E o maldito envelope não fecha com a cola que vem de fábrica. […] É preciso que se ponha inteligência e atenção na tecnologia do cotidiano. É essa tecnologia que permite aumentar a qualidade de vida do povão. Temos um programa espacial. Quando tentamos, a coisa anda. […]"

Comentários: Observa-se como intenção maior do texto a defesa de um julgamento do autor: "é preciso que se ponha inteligência e atenção na tecnologia do cotidiano." E para a defesa de sua tese, o autor se utiliza de caracterizações da nossa rotina (O botão salta da camisa, a saia justa rasga, a cadeira desaba), o que confere ao texto aspectos descritivos.

Resposta: texto dissertativo, com características descritivas.

7. *Toda interação pressupõe uma relação de reciprocidade, uma relação mútua entre dois ou mais objetos, entre duas ou mais pessoas. Multiplicam-se, atualmente, os programas interativos nos espetáculos de variedades da TV, surgem os primeiros filmes e as primeiras peças de teatro interativas, exigindo do espectador uma atitude crítica ao lidar com as diversas questões apresentadas e uma postura mais ativa ao intervir no desdobramento do que é visto nas telas, nos palcos e nos salões.*

Comentários: O autor se propõe a defender uma tese – a multiplicidade de relações que a arte pode estabelecer. E, para defender sua tese, utiliza-se da exposição de exemplos de manifestações artísticas, o que garante ao texto características descritivas.

Resposta: texto dissertativo, com aspectos descritivos.

8. *Tente imaginar esta cena: homens, animais e florestas convivendo em harmonia. Os homens retiram das plantas apenas os frutos necessários e cuidam para que elas continuem frutificando; não matam animais sem motivo, não sujam as águas de seus rios e não enchem de fumaça seu ar. Em outras palavras: as relações entre os seres vivos e o ambiente em que vivem, bem como as influências que uns exercem sobre os outros, estão em equilíbrio. (…)*

Comentários: O objetivo do autor é de fato caracterizar uma cena, como ele mesmo propõe no início do texto. Por meio de suas impressões (Os homens retiram das plantas apenas os frutos necessários, não sujam as águas de seus rios), fica evidente sua intenção de descrição. Deve-se atentar ao fato de que as ações que ocorrem são simultâneas, daí não podermos considerar esse texto narrativo.

Resposta: texto descritivo.

9. *Uma ideia muito difundida atualmente é a associação da violência à pobreza. Justificando ou acusando, acredita-se que são as pessoas mais pobres que praticam os crimes, elas são os suspeitos em potencial. Tal associação revela a concepção de criminalidade e os mecanismos de criminalização presentes na nossa sociedade. É esse o assunto que vamos discutir agora.*

Comentários: O autor abstrai, trata de ideias, conceitos (a associação da violência à pobreza). Vale observar que ao final do trecho, o próprio autor deixa evidente sua intenção de dissertar, ao anunciar: É esse o assunto que vamos discutir agora.

Resposta: texto dissertativo.

10. *"Durante os piores momentos do apartheid, a África do Sul teve uma única moeda, tanto para os brancos como para os negros. O Brasil, durante algumas décadas, teve duas moedas, uma para os pobres e outra para os ricos e pessoas de classe média. A primeira desvalorizava enquanto a outra era corrigida diariamente. A correção monetária é um monumento à brutalidade da elite brasileira, capaz de imaginar com genialidade a possibilidade de uma nação ter duas moedas, separando suas classes sociais. Graças a ela, sucessivos governos puderam investir mais do que arrecadavam em subsídios para investimentos, exportações, infraestrutura, provocando inflação e jogando o seu peso concentrado sobre a parcela pobre que não tinha acesso aos mecanismos de correção da poupança ou do salário."*

Comentários: O autor inicia seu texto por uma narração entremeada de descrições ("Durante os piores momentos do apartheid, a África do Sul teve uma única moeda, tanto para os brancos como para os negros. O Brasil, durante algumas décadas, teve duas moedas, uma para os pobres e outra para os ricos e pessoas de classe média. A primeira desvalorizava enquanto a outra era corrigida diariamente"). Entretanto, logo a seguir deixa claro que sua intenção é a de defender a tese de que "A correção monetária é um monumento à brutalidade da elite brasileira". Daí, poder-se afirmar que a narração inicial serviu apenas como ponto de partida para a discussão que iria se desenrolar no texto.

Resposta: texto dissertativo, com aspectos narrativos/descritivos.

11. *"Como uma ilha azul que se avista a distância, pouco a pouco ela ia ganhando contorno e detalhes, e, já próxima, revelava formas originais e intrigantes – a silhueta elegante, forte, que eu já vira outras vezes. Um certo ar de quem percorreu grandes distâncias em paz, e marcas de beleza que só as viagens e o tempo trazem. Não era íntima conhecida mas uma paixão que me perseguia havia um bom tempo. A escuna azul, um veleiro viajante de dois mastros que de tempos em tempos aparecia no Brasil, e que eu nunca deixava escapar sem uma pequena abordagem. Rapa Nui, nome polinésio da Ilha da Páscoa, lindo nome para um barco azul e cheio de histórias."*

Comentários: Observa-se que o autor tem como objetivo textual a caracterização de um barco. Por meio de muitos substantivos e adjetivos ("A escuna azul, uma espécie de máquina de viajar por mar, lindo nome para um barco azul e cheio de histórias"), o texto gira em torno de uma única intenção – a de qualificar, caracterizar um objeto.

Resposta: texto descritivo.

12. *"A exigência da perfeição física para as modelos profissionais é apenas o sintoma mais visível de uma ansiedade que também massacra a mulher e o homem comuns. Para onde quer que se olhe – televisão, publicidade, revistas femininas –, a pessoa vê rostos perfeitos e corpos deslumbrantes, magros e nos lugares certos. Nem na rua a dona-de-casa pode andar em paz. Do alto dos outdoors, moças e rapazes impecáveis estão olhando para ela. Pouco a pouco cria-se um sentimento de insatisfação com o próprio corpo. […] Não espanta que 90% das mulheres e 60% dos homens se confessem tão aborrecidos com o rosto ou o corpo que não hesitariam em recorrer a uma cirurgia embelezadora."*

Comentários: Ainda que o texto apresente descrições ("rostos perfeitos e corpos deslumbrantes, magros e nos lugares certos"), constata-se que seu objetivo maior foi o de discutir um assunto, claramente delineado no início do texto – "A exigência da perfeição física para as modelos profissionais é apenas o sintoma mais visível de uma ansiedade que também massacra a mulher e o homem comuns".

Resposta: texto dissertativo, com aspectos descritivos.

13. *Na manhã seguinte o seu primeiro desejo foi voltar à casa; mas não teve coragem; via o rosto colérico da mãe, faces contraídas, narinas dilatadas pelo ódio, o olho direito saliente, a penetrar-lhe até o fundo do coração.*

Comentários: O texto inicia-se por uma narração – "Na manhã seguinte, o seu primeiro desejo foi voltar à casa" – mas se atém à descrição da personagem (o rosto colérico da mãe, faces contraídas, narinas dilatadas pelo ódio, o olho direito saliente). Fica evidente que o objetivo maior do texto era a caracterização de uma pessoa.

Resposta: texto descritivo, com aspectos narrativos.

14. *Quando começa a modernidade? A escolha de uma data ou de um evento não é indiferente. O momento que elegemos como originário depende certamente da ideia de nós mesmos que preferimos, hoje, contemplar. E vice-versa: a visão de nosso presente decide das origens que confessamos (ou até inventamos). Assim acontece com as histórias de nossas vidas que contamos para os amigos e para o espelho: os inícios estão sempre em função da imagem de nós mesmos de que gostamos e que queremos divulgar. As coisas funcionam do mesmo jeito para os tempos que consideramos "nossos", ou seja, para a modernidade.*

Comentários: A intenção única do autor é a de defender sua linha de raciocínio – o momento que elegemos como data de início da modernidade está relacionado à ideia de nós mesmos que preferimos, contemplar. E, para defender sua tese, utiliza-se inclusive da estratégia de comparação ("Assim acontece com as histórias de nossas vidas que contamos para os amigos e para o espelho").

Resposta: texto dissertativo.

15. *A chuva caía meticulosamente, sem pressa de cessar. A palha do rancho porejava água, fedia a podre, derrubando dentro da casa uma infinidade de bichos que a sua podridão gerava.*

Comentários: As ações ("A chuva caía meticulosamente, A palha do rancho porejava água, fedia a podre") são

simultâneas, não vêm caracterizar uma narração. A intenção do autor é a de caracterizar uma cena, uma paisagem.

Resposta: texto descritivo.

16. *Perdoar alguém é renunciar ao ressentimento, à ira ou a outras reações justificadas por algo que essa pessoa tenha feito. Isso levanta um problema filosófico: essa pessoa é tratada de forma melhor do que ela merece; mas como pode exigir-se, ou mesmo como permitir-se, tratar alguém de uma maneira que não merece? Santo Agostinho aconselhava-nos a detestar o pecado, mas não o pecador, o que também indica uma atitude objetiva ou impessoal para com o pecador, como se o caráter do agente estivesse apenas acidentalmente ligado ao caráter detestável de suas ações.*

Comentários: O autor, por meio de uma frase interrogativa – mas como pode exigir-se, ou mesmo como permitir-se, tratar alguém de uma maneira que não merece? –, anuncia seu objetivo de discutir um assunto, abstrair, discorrer. Vale observar o recurso de utilização de um testemunho de autoridade para embasar tal discussão – as palavras de Santo Agostinho.

Resposta: texto dissertativo.

17. *"Há muito tempo, os deuses navajos organizaram uma grande cerimônia de cura. 'Que caminhemos na beleza', cantavam todos, pedindo que estivessem em harmonia com a terra onde viviam. Mas alguma coisa andava errada: duas canções soavam ao mesmo tempo, duas canções em idiomas diferentes. Ao perceber o que acontecia, a Mãe-Terra resolveu congelar a cerimônia. Transformou todos os deuses em rochas e os aprisionou para sempre no espaço e no tempo. E tudo caiu no silêncio."*

Comentários: A intenção textual é evidentemente a de relatar acontecimentos ("os deuses navajos organizaram uma grande cerimônia de cura/ a Mãe-Terra resolveu congelar a cerimônia/ transformou todos os deuses em rochas"). Os verbos no pretérito perfeito, a evolução cronológica – as ações se sucederam no tempo – marcam o objetivo da narração. Vale observar que ao longo do relato pôde-se observar caracterizações (duas canções soavam ao mesmo tempo, duas canções em idiomas diferentes), o que confere aspectos também descritivos ao texto.

Resposta: texto narrativo, com aspectos descritivos.

18. *Embora não vejamos um comercial promovendo explicitamente o consumo de cocaína, ou de maconha, ou de crack, a verdade é que os meios de comunicação nos bombardeiam, durante 24 horas por dia, com a propaganda não de drogas, mas do efeito das drogas.*

Comentários: O autor externa suas opiniões em torno da defesa de uma tese – "a verdade é que os meios de comunicação nos bombardeiam …com a propaganda … do efeito das drogas".

Resposta: texto dissertativo.

19. *As novas descobertas e as novas invenções demonstram a incapacidade da ciência de atingir a verdade, pois estão sempre corrigindo o caminho percorrido.*

Comentários: O autor se utiliza de constatações ("as novas descobertas e as novas invenções demonstram...") para defender seu ponto de vista – "a incapacidade da ciência de atingir a verdade".

Resposta: texto dissertativo.

20. *Aqui até os mais pobres moram de rosto voltado para a maravilha da natureza que a incúria dos governos ainda não conseguiu desfigurar. As favelas têm por fundo a Serra dos Órgãos.*

Comentários: O texto tem como meta a caracterização de uma paisagem – a da cidade do Rio de Janeiro. Ainda que ele opine, vale observar que não se trata de uma dissertação – o autor não pretende defender uma tese. Sua intenção é a de descrever o Rio de Janeiro, externando sua opinião.

Resposta: texto descritivo.

21. *Boaventura lembra a incapacidade de redistribuição da riqueza, permitindo que o capitalismo opere contra o pobre e não a favor dele. Chama essa situação de fascismo social.*

Comentários: Por meio da exposição da opinião de outro autor sobre um assunto, o texto vem discutir a questão da má distribuição de renda do capitalismo.

Resposta: texto dissertativo.

22. *"As águas do Oceano Pacífico cobrem um terço do planeta. No meio dessa vastidão azul, nos mares da Polinésia, desponta uma pequena ilha conhecida como Ofu. Embora formada por imponentes blocos de rochas vulcânicas, Ofu é recoberta pelo verde intenso de uma exuberante vegetação tropical. Os contornos da ilha são um tanto suavizados pelas brumas que rondam o alto das montanhas, de onde rompem cataratas em direção ao mar. [...]"*

Comentários: O objetivo do autor é caracterizar uma ilha de nome Ofu. Por meio de grande quantidade de substantivos e adjetivos (verde intenso/exuberante vegetação tropical), torna-se evidente a intenção do autor de descrever. Vale observar que as ações que ocorrem são simultâneas (brumas que rondam o alto das montanhas/de onde rompem cataratas em direção ao mar), não caracterizando, assim, uma narração.

Resposta: texto descritivo.

23. *Deita-se com a cabeça na areia e confusamente ouve a conversa de uma barraca perto, gente discutindo uma fita de cinema. Murmura, baixo, um palavrão para eles.*

Comentários: Ainda que se apresentem características descritivas (barraca perto/ gente discutindo uma fita de cinema), observa-se que a intenção do autor do texto é a de relatar acontecimentos que se desenrolam em um lapso temporal (Deita-se/ouve a conversa/murmura um palavrão).

Resposta: texto narrativo, com aspectos descritivos.

24. *"Quando a democracia surgiu na Grécia, por volta de 500 a.C., os atenienses fizeram questão de traçar uma linha nítida entre as esferas pública e privada. O poder do Estado terminava onde começava a privacidade do lar.*

No âmbito doméstico, reinava a vontade do patriarca, que tinha o poder de determinar os direitos e deveres de seus filhos, mulher e escravos. Para os gregos, não havia atividade mais apaixonante e gloriosa do que participar da condução da pólis. A política era a maneira civilizada de decidir os destinos da nação por meio do diálogo e da persuasão. O cidadão revelava sua grandeza de espírito e sua importância para a comunidade no debate de ideias, na defesa de proposições e nas vitórias no âmbito público. Um homem que levasse uma vida exclusivamente privada não passava de um insignificante animal doméstico, incapaz de participar da elaboração das decisões políticas que afetavam os destinos da nação. Se Aristóteles ressuscitasse no final do século XX, ficaria horrorizado com a interferência do Estado na privacidade do cidadão. A sociedade moderna sequestrou a intimidade do indivíduo. É inimaginável uma atividade pública ou privada que não seja regulamentada por lei, por estatuto ou por norma. (...)"

Comentários: O autor inicia seu texto com a utilização de um relato sobre o surgimento da democracia, com características descritivas (atividade mais apaixonante e gloriosa, o cidadão revelava sua grandeza de espírito e sua importância). Entretanto, ao longo do texto, induz-se o leitor a descobrir sua verdadeira intenção – criticar a interferência do Estado na privacidade do indivíduo. Em termos argumentativos, a narração serviu como estratégia de defesa da tese do autor.

Resposta: texto dissertativo, com características narrativas e descritivas.

25. *Vovô Tomé era um desses casos raros do artista que passa veloz e diretamente da primeira à terceira categoria. Atribuem a sua proeza e a sua maestria no ofício ao sofrimento, que é uma das vias para se atingir o absoluto e a glória.*

Comentários: A intenção do autor do texto é a descrever Vovô Tomé, por meio de qualificações (um desses casos raros do artista/a sua proeza e a sua maestria no oficio).

Resposta: texto descritivo.

26. *A solidariedade proclamada no texto constitucional deve ser espontânea, colhida na consciência de cada um e, pelo menos, da população mais aquinhoada em favor dos que têm pouco.*

Comentários: O autor procura defender sua linha argumentativa no texto – a de que a solidariedade prevista na Constituição deve vir espontaneamente do povo.

Resposta: texto dissertativo. Defesa de tese.

27. *O processo atual de globalização se diferencia do iniciado há centenas de milhares de anos porque o mundo se tornou um só e instantâneo.*

Comentários: O objetivo do texto é analisar a globalização em suas feições atuais. Estabelecimento de relação de causa e efeito porque o mundo se tornou um só e instantâneo.

Resposta: texto dissertativo. Análise de um tema.

28. *O estrangeiro provoca a nossa desconfiança, às vezes o nosso medo. Nem sempre entendemos os seus gestos e certamente não compreendemos a sua língua. Ele não se veste como nós, a sua fisionomia pode ser diferente da nossa e não adora os nossos deuses.*

Comentários: O objetivo do trecho é caracterizar, qualificar, descrever o estrangeiro. Trata-se de descrever o estrangeiro. Trata-se de uma descrição subjetiva, em que o autor qualifica o estrangeiro com base em suas impressões pessoais. Importante não confundir essa descrição subjetiva com o texto dissertativo.

Resposta: texto descritivo.

29. *A loja de antiguidades tinha o cheiro de uma arca de sacristia com seus panos embolorados e livros comidos de traça. Com as pontas dos dedos, o homem tocou numa pilha de quadros. Uma mariposa levantou voo e foi chocar-se contra uma imagem de mãos decepadas.*

Comentários: O texto inicia-se com uma descrição ("A loja de antiguidades tinha o cheiro de uma arca de sacristia com seus panos embolorados e livros comidos de traça"). Entretanto, logo na sequência, observam-se ações que evoluem em um lapso de tempo (o homem tocou numa pilha de quadros/ uma mariposa levantou voo e foi chocar-se contra uma imagem). Assim, ainda que apareçam trechos descritivos, o objetivo do autor é evidentemente relatar o que aconteceu em uma loja de antiguidades.

Resposta: texto narrativo, com aspectos descritivos.

30. *Para psicanalistas, o projeto que propõe acabar com a prisão de usuários e dependentes de drogas é um avanço. O psicanalista Eduardo Losicer diz que a nova resolução não restringe a liberdade do cidadão de usar pequenas quantidades de drogas – em muitos casos para fins medicinais, como a maconha para glaucoma e certas dores – e reduz as relações de corrupção entre a polícia e o usuário. – O projeto ainda não retira o consumo de drogas do âmbito policial. O consumidor ainda é flagrado pela polícia e deve ser apresentado a um juiz. Mas, pelo menos, não vai preso. A indicação de um tratamento, se ele for um usuário compulsivo, é sem dúvida melhor que a exclusão social numa prisão – diz Losicer.*

Comentários: Por meio de uma linguagem objetiva, o autor trata de um assunto de forma neutra, sem opinar. Seu objetivo é informar o leitor sobre o projeto que pretende acabar com a prisão de usuários e dependentes de drogas.

Resposta: texto dissertativo.

31. *Rádio é mesmo uma coisa misteriosa. Começou fazendo sucesso na sala de visitas, acabou na cozinha. Cedeu lugar à televisão, que já vai pelo mesmo caminho.*

Comentários: A intenção do autor do texto é de contar a história do rádio. Ainda que ele se inicie com uma descrição ("Rádio é mesmo uma coisa misteriosa"), observa-se que a predominância é da narração. Destaquem-se os verbos no pretérito perfeito (começou fazendo sucesso, acabou na cozinha, cedeu lugar à televisão), que caracterizam a estrutura narrativa.

Resposta: texto narrativo, com aspectos descritivos.

32. *Uma entrevista de Jean-Claude Carrière a propósito da morte de dois grandes cineastas, o sueco Ingmar Berman e o italiano Michelangelo Antonioni, coincidentemente mortos no mesmo dia 30 de julho inspira este comentário. São desaparecimentos que acentuam os paralelismos de concepção de vida, pois tanto Bergman quanto Antonioni fizeram filmes sobre a inevitável solidão, os permanentes recomeços, a dolorosa consciência de finitude e o orgulho humano de enfrentar a morte a cada dia...*

Comentários: Iniciando o texto com um breve relato de acontecimentos (a morte de dois grandes cineastas), o autor volta sua atenção para a análise de uma questão – os paralelismos de concepção de vida. Trata-se, portanto, de ênfase ao objetivo dissertativo.

Resposta: texto dissertativo, com aspectos narrativos.

33. *A primeira liberdade moderna é o transporte próprio. BMW ou bicicleta, o que conta é a sensação de poder sentar-se ao veículo e resolver em que direção partir.*

Comentários: Por meio da apresentação de sua opinião, o autor desenvolve o seguinte tema: os objetos de consumo e a liberdade moderna.

Resposta: texto dissertativo.

34. *Mas nesse ínterim chegava suado, gordo e ofegante ao recinto uma personagem bastante próxima da realidade... Vinha imbuído de formalismo, dignidade e prerrogativas do seu cargo, além de premido pelo medo de perdê-lo.*

Comentários: Embora esse texto inicie-se por passagem narrativa (mas nesse ínterim, chegava...), o que indica que ele se origina de uma narração, o que se observa neste caso é ênfase à descrição. O objetivo do autor do texto é o de qualificar um personagem, por meio de grande quantidade de substantivos e adjetivos (suado, gordo e ofegante, ..., imbuído de formalismo, dignidade e prerrogativas)

Resposta: texto descritivo, com aspectos narrativos.

35. *Uma desconfiança incômoda me obrigou a olhar melhor e então deparei com um sujeito igual a mim mesmo, apenas um pouco mais novo. Sacudido por uma espécie de insulto, experimentei o tremor de estar sendo sorrateiramente substituído.*

Comentários: Transparece-se o relato de acontecimentos (Uma desconfiança me obrigou a olhar/ e então deparei com um sujeito / experimentei o tremor). Ênfase aos verbos no pretérito perfeito e às ações que evoluem no tempo. Importa observar também que o autor entremeia sua narrativa com passagens descritivas (um sujeito igual a mim mesmo/ um pouco mais novo).

Resposta: texto predominantemente narrativo, com características descritivas.

36. *O farol dos automóveis apagava nas águas da Lagoa o reflexo das últimas estrelas. Um casal abraçava-se debaixo de uma amendoeira. Sentia-se só. A vida era para os outros.*

Comentários: Ações que ocorrem ao mesmo tempo (o farol dos automóveis apagava/um casal abraçava-se/sentia-se só). Impressões do autor em relação a uma paisagem – a Lagoa Rodrigo de Freitas.

Resposta: texto descritivo.

37. *O combate à fome e à pobreza foi adotado pelo governo federal, a partir de 2003, como política de governo. Dentro dessa política, por exemplo, foi criado o Programa Bolsa-Família que beneficia mais da metade das famílias pobres do país. O programa é de responsabilidade do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, que tem hoje o maior orçamento já investido no Brasil para combater a fome e promover o desenvolvimento Social – R$ 17 bilhões.*

Comentários: Ainda que o autor inicie seu texto por meio de um relato (o combate à fome e à pobreza foi adotado pelo governo federal, a partir de 2003), observa-se que sua intenção é a de expor o que se sabe sobre um assunto – o Programa Bolsa-Família. Trata-se, portanto, de uma dissertação que se desenvolve por meio de uma linguagem simples e objetiva.

Resposta: texto dissertativo, com características narrativas.

38. *Quando alguém começa a frase com "Eu não sou racista, mas…", você pode estar certo de que o que se segue será uma declaração racista que desmentirá espetacularmente o seu preâmbulo. Ninguém é mais racista do que quem começa dizendo que não é.*

Comentários: Importa ao autor, nesse caso, defender sua tese de que "Ninguém é mais racista do que quem começa dizendo que não é". Presença de expressões que indicam a opinião do autor (você pode estar certo/ espetacularmente).

Resposta: texto dissertativo.

39. *O Estatuto do Desarmamento, aprovado no fim do ano, e ainda em fase de regulamentação, surgiu por uma questão de sobrevivência. O contexto que deflagrou o movimento político pelo endurecimento da legislação sobre armas é no mínimo dramático. Em 20 anos, de 1980 a 2000, conforme estudo do IBGE, 600 mil brasileiros foram assassinados, uma média de 30 mil por ano.*

Comentários: Observa-se a exposição do contexto social que deflagrou a aprovação do Estatuto do Desarmamento. O autor discorre sobre o assunto transparecendo também ao leitor sua opinião (o contexto…é no mínimo dramático).

Resposta: texto dissertativo.

40. *O meu pai dizia não saber bem o porquê da existência e vivia mudando de trabalho, de mulher e de cidade. A característica mais marcante do meu pai era a sua rotatividade. Dizia-se filósofo sem livros, com uma única fortuna: o pensamento.*

Comentários: A intenção do autor é a de caracterizar um personagem – vivia mudando de trabalho, a sua rotatividade, Dizia-se filósofo sem livros.

Resposta: texto descritivo.

41. *Eu olhava para a janela e tinha a impressão de que jamais na vida chegaríamos a Nhuporã. Que pedaço brabo. O camaleão se esfregava no chassi e o pai praguejava.*

Comentários: Presença de ações que ocorrem ao mesmo tempo (eu olhava para a janela/o camaleão se esfregava/o pai praguejava), o que se destaca é a intenção do autor de caracterizar uma paisagem. Destaque à frase nominal – Que pedaço brabo – que acaba por enfatizar ainda mais a descrição.

Resposta: texto descritivo.

42. *Mas o caminho era do diabo, ele mesmo tinha dito. A pouco mais de légua de Nhuporã, o caminhão derrapou, deu um solavanco e tombou de ré.*

Comentários: Presença de verbos no pretérito perfeito (o caminhão derrapou/ deu um solavanco/ tombou de ré), que caracterizam a evolução dos acontecimentos no tempo. Relação de anterioridade e posterioridade.

Resposta: texto narrativo.

43. *Eu amo meu marido. De manhã à noite. Mal acordo, ofereço-lhe café. Ele suspira exausto da noite sempre maldormida e começa a barbear-se. Bato-lhe à porta três vezes antes que o café esfrie.*

Comentários: Ainda que a autora inicie seu texto com a exposição de um ponto de vista, observa-se logo a seguir sua intenção de relatar acontecimentos, que evoluem no tempo ("acordo", "ofereço-lhe café", "ele suspira exausto", "começa a barbear-se").

Resposta: texto narrativo.

44. *Aos poucos, a camada de pintura branca que cobria a casa de Jeffrey entrou em entendimento definitivo com o sol e com a chuva, fundindo sua obediência a ambos numa única tonalidade cinzenta. Começou a descascar.*

Comentários: Ainda que o autor apresente algumas ações que evoluem no tempo ("entrou em entendimento", "começou a descascar"), vê-se que seu objetivo é caracterizar, por meio de uma linguagem figurada, a deterioração da pintura da parede de uma casa.

Resposta: texto descritivo.

45. *Para se fazer uma revista de divulgação científica hoje, três diretrizes devem ser observadas. A primeira é o que queremos dizer e o que temos para dizer em uma revista. A segunda, se temos os meios humanos e financeiros para realizar o projeto. A terceira se refere à necessidade urgente de ampliar a "infraestrutura" de conhecimentos necessários para que a educação encontre raízes profundas em nossa sociedade, nos laboratórios de pesquisa, na natureza e na história que vivemos.*

Comentários: A intenção do autor é a de discutir um assunto – os pré-requisitos necessários para se fazer uma revista de divulgação científica.

Resposta: texto dissertativo.

46. *Calou-se e notei que os olhos do velho se tinham orvalhado. Enxugou discretamente os olhos e perguntou-me se queria ver o tal livro. Respondi-lhe que sim. Chamou o criado, deu-lhe as instruções e explicou-me que perdera todos os filhos, só lhe restando uma filha casada, cuja prole, porém, estava reduzida a um filho, débil de corpo e de saúde frágil e oscilante.*

Comentários: Eis uma característica comum ao texto narrativo: o aparecimento de aspectos descritivos ao longo do relato. Aqui o objetivo do autor é o de reproduzir acontecimentos – "calou-se", "enxugou discretamente os olhos", "chamou o criado". Entretanto, o texto não deixa de transparecer características descritivas – "os olhos do velho orvalhados", "um filho débil de corpo e de saúde frágil e oscilante".

Resposta: texto narrativo.

47. *É engraçado que eu entenda tanto de peixe e quase não pesque, mas entendo. Os peixes miúdos de moqueca são: o carapicu, o garapau, o chicharro e a sardinha.*

Comentários: A intenção do autor é falar sobre um assunto – os tipos de peixe.

Resposta: texto dissertativo.

48. *Na minha cabeça zumbem moscas, não as vejo porque voam internamente, mas as suponho coloridas, são varejeiras, mil, batem na parte interna do crânio, enchem-me a cabeça de som, cascalho e loucura.*

Comentários: Ainda que apresente ações, o texto evidencia sua intenção de caracterizar uma cena imaginária – moscas que zumbem em uma cabeça doente.

Resposta: texto descritivo.

49. *Sempre que se reúnem para lamuriar, os empresários falam no Custo Brasil, no preço que pagam para fazer negócios num país com regras obsoletas e vícios incrustados.*

Comentários: Nesse trecho, pretende-se discorrer sobre um tema – o Custo Brasil.

Resposta: texto dissertativo.

50. *Baleia assustou-se. Que faziam aqueles animais soltos de noite? A obrigação dela era levantar-se, conduzi-los ao bebedouro. Franziu as ventas, procurando distinguir os meninos. Estranhou a ausência deles.*

Comentários: Ações que evoluem no tempo – "assustou-se", "franziu as ventas", "estranhou a ausência" – caracterizam esse texto narrativo.

Resposta: texto narrativo.

51. *Baleia respirava depressa, a boca aberta, os queixos desgovernados, a língua pendente e insensível. Não sabia o que tinha se sucedido. O estrondo, a pancada que recebera no quarto, e a viagem difícil do barreiro ao fim do pátio desvaneciam-se no seu espírito.*

Comentários: Interrupção da passagem do tempo. Caracterização do personagem, não só quanto aos aspectos

externos (boca aberta, queixos desgovernados), mas também em relação às suas características psicológicas ("O estrondo, a pancada,..., desvaneciam-se no seu espírito.").

Resposta: texto descritivo.

52. *E enquanto o humilde lavrador sussurra a sua indignação, o homem, que antes era apenas vulto, já avança pela quinta fila, agora de lado, da direção do diretor e de sua assistente, que só o veem quando já está a algumas poltronas deles.*

Comentários: Ainda que haja um breve lapso temporal, a intenção do autor é a de caracterizar uma cena – um humilde lavrador, um diretor e sua assistente, bem como um estranho que deles se aproxima.

Resposta: texto descritivo.

53. *Peri lançou um olhar de desespero para as margens que se destacam alguma distância sobre a corrente plácida do rio. Quebrou o laço que prendia a canoa, impeliu-a para a terra com toda a força do remo que fendeu a água rapidamente.*

Comentários: Ações que se sucedem no decorrer do tempo – "lançou um olhar", "quebrou o laço", "impeliu-a para a terra", "fendeu rapidamente". Presença de características descritivas – "um olhar de desespero", "o laço que prendia a canoa".

Resposta: texto narrativo.

54. *Geminiano era um preto risonho, manso por fora mas espinhento por dentro. Quando alguém lhe dizia alguma coisa que não caía bem, ele parava o riso no meio e virava o avesso do pano.*

Comentários: O objetivo do autor é o de descrever, caracterizar uma personagem – Geminiano. Qualificações não só externas – "preto risonho", "manso por fora" –, mas também psicológicas – "espinhento por dentro".

Resposta: texto descritivo.

55. *O patriotismo é a dedicação a tudo que diz com a sorte do país natal e deve ser sincero como uma religião.*

Comentários: Nesse caso, o que se pretende é discorrer sobre um determinado assunto – o patriotismo. O autor não só discute o assunto como também expõe seu ponto de vista ("deve ser sincero como uma religião.").

Resposta: texto dissertativo.

56. *Somos um povo impetuoso e generoso, capaz de disciplina e de indocilidade. Somos um povo carnavalesco, mas um povo sofrido: um povo com senso de humor e com repentes de ira sagrada.*

Comentários: Intenção de caracterizar – somos um povo impetuoso e generoso. Presença de substantivos e adjetivos.

Resposta: texto descritivo.

57. *O Custo Brasil dos lamentos empresariais existe, como existem empresários responsáveis que pelo menos*

reconhecem a pilhagem, mas muito mais lamentável e atrasado é o Desperdício Brasil.

Comentários: O autor tem como intenção argumentar em relação ao Desperdício Brasil. Presença de aspectos opinativos – muito mais lamentável e atrasado.

Resposta: texto dissertativo.

58. *Para entender a sua soberania até os confins da vontade, último termo da evolução mental, para subjugar os corações, há de a religião exercitar as suas forças sublimes no terreno da igualdade e da tolerância...*

Comentários: O autor se posiciona acerca de um tema – a religião. Objetivo de discutir, discorrer sobre determinado assunto.

Resposta: texto dissertativo.

59. *Ela entrou na ponta dos pés. Tirou os sapatos para subir a escada. O terceiro degrau rangia. Pulou-o apoiando-se no corrimão.*

Comentários: O texto trabalha com o tempo: os fatos se sucedem (Ela entrou na ponta dos pés/Tirou os sapatos/Pulou-o...). Aparecimento de características de descrição (O terceiro degrau rangia).

Resposta: texto narrativo.

60. *Quando minha prima e eu descemos do táxi, já era quase noite. Ficamos imóveis diante do velho sobrado de janelas ovaladas, iguais a dois olhos tristes, um deles vazado por uma pedrada.*

Comentários: Ainda que se inicie com um relato, observa-se que o autor interrompe sua narrativa para se ater à caracterização de um velho sobrado. Presença de substantivos e adjetivos (velho sobrado, janelas ovaladas, olhos tristes).

Resposta: texto descritivo.

61. *A saleta era escura, atulhada de móveis velhos, desparelhados. No sofá de palhinha furada no assento, duas almofadas que pareciam ter sido feitas com os restos de um antigo vestido, os bordados salpicados de ladrilhos.*

Comentários: Não há lapso temporal. Impressões do autor (almofadas que pareciam ter sido feitas com os restos de um vestido antigo). Predominância de substantivos e adjetivos (saleta escura, móveis velhos). Aparecimento de frases nominais, cuja base é de verbo na forma nominal (atulhada de móveis velhos, bordados salpicados de ladrilho).

Resposta: texto descritivo.

62. *Eis o dilema do homem atual: ou se curva à moral e renuncia à felicidade, ou busca a felicidade e deixa de lado a moral.*

Comentários: Discussão de um assunto – o dilema do homem atual, no confronto entre a moral e a felicidade.

Resposta: texto dissertativo.

Selecionamos algumas questões para que você perceba a aplicabilidade desses conceitos em provas de concursos públicos. Aproveite os comentários!

23.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Veja uma questão de concurso, elaborada pela Fundação Euclides da Cunha, que ilustra esse assunto.

A SANTA CRUZ DA ESTIVA

No final do século passado, existia, rodeada por pequeno cemitério, outra igrejinha próxima ao local onde hoje está erguida a Capela de Santa Cruz da Estiva. Junto à estrada que passa diante da Capela, residia, então, um humilde lavrador que trabalhava as terras, auxiliado por sete filhos. Rapagões fortes e destemidos, eram o orgulho do pai.

Foi quando surgiu a febre amarela, ceifando vidas sem piedade. Por ironia, ela foi levando um por um os sete filhos do lavrador, deixando-o sozinho com sua dor.

Passada a epidemia, o desventurado buscou consolo em Deus. E se propôs, apesar de passar por dificuldades econômicas, a construir uma Capela nova junto à antiga, pedindo ao Senhor amparo para as almas de seus sete rapazes, conseguindo-lhes, assim, a absolvição dos pecados possivelmente cometidos.

Obteve com seus rogos que a dona da fazenda fizesse a doação de uma faixa de terreno e, com os amigos e conhecidos, acertou o empreendimento de um mutirão.

Assim foi construída a Capela de Santa Cruz da Estiva, segundo se diz por aí…

(Adaptação de lenda de autor desconhecido)

1. A lenda "A Santa Cruz da Estiva", quanto ao modo de organização textual e à justificativa para a classificação, pode ser considerada um texto:

a) narrativo, porque relata mudanças progressivas de personagens e coisas através do tempo;

b) descritivo, porque transmite imagens positivas ou negativas dos elementos descritos;

c) dissertativo, porque analisa e interpreta dados da realidade por meio de conceitos abstratos;

d) poético, porque utiliza jogos de figuras de modo a ocultar uma visão de mundo subjetiva.

Comentários:

Observe que o objetivo do texto é contar uma história. Atente à passagem do tempo e aos verbos no pretérito perfeito, indicando um antes e um depois (*Foi quando surgiu a febre amarela*/ *Obteve com seus rogos*/ *Assim foi construída*…). Procure analisar o início de cada parágrafo: o que se tem são ações que se organizam em uma relação de anterioridade e posterioridade. Muitos alunos ficariam em dúvida, talvez, em relação à letra B, porque, de fato, o texto traz imagens dos elementos descritos ao longo da narração. Mas será que o *objetivo* do autor é descrever uma cena ou *relatar* uma história? Ainda que haja aspectos descritivos, o texto é predominantemente narrativo.

Você percebeu que este texto apresentava, logo no seu início, uma passagem totalmente descritiva? O seu primeiro parágrafo era descritivo: seu objetivo foi caracterizar uma paisagem (*igrejinha próxima ao local...)* e personagens (*humilde lavrador/ rapagões fortes e destemidos*...). É exatamente isso: o texto narrativo pode vir entremeado de aspectos descritivos. Afinal, você se lembra dos clássicos que líamos na infância? Aquelas histórias eram constantemente interrompidas por descrições.

Predominam na descrição substantivos e adjetivos, bem como verbos na forma nominal (*recostado*, *entrelaçadas*...), porque esta tem como objetivo maior a **caracterização** e os nomes auxiliam o texto nessa tarefa.

Você percebeu que na descrição o tempo não evolui? Lembra que, na escola, a professora nos dizia que, quando descrevemos, é como se tirássemos uma fotografia ou congelássemos uma cena? O tempo para...

Vale uma dica:

Uma boa maneira de diferenciar a narração da descrição é observar o aspecto temporal. Na descrição, não existe relação de anterioridade e de posterioridade entre os enunciados, os movimentos ocorrem ao mesmo tempo, sem haver progressão de um estado a outro. As ações reproduzidas na descrição são simultâneas. Ao ocorrer progressão cronológica, tem-se o texto narrativo.

Os alunos costumam nos relatar que a maior dificuldade, diante de uma questão de prova, ocorre quando existe mais de uma modalidade discursiva em um mesmo texto. Por exemplo, se houver narração e descrição dentro de um mesmo texto, como classificá-lo?

Resposta: A.

Veja a seguir uma prova em que a banca pedia que se identificasse um trecho descritivo.

(BNDES – Técnico – Cesgranrio)

A ERA DO TÔ ME ACHANDO

"Bacanas teus óculos", falei. Leves, classudos, num tom esportivamente escuro, cada lente com uma sombra que subia de baixo para cima, tornavam misterioso o olhar do amigo, um jovem editor. Comentei que nunca o tinha visto de óculos. Ele devolveu: "Pois é, mas eu estava com a vista cada vez mais cansada, até que fui ao oculista e ele me disse que precisava usar. Dois graus de miopia. Excesso de leitura. Fazer o quê...", compungiu-se, o olhar vago, empurrando o par de lentes nariz acima com um charme intelectualmente sofrido. Mês depois, encontrei uma amiga cujo pai é oftalmologista. Entre anedota e outra, ela me contou que um curioso cliente do pai havia pedido um modelo de óculos sem grau. É, era ele mesmo – o editor.

Vivemos tempos curiosos. A cada segundo, e através de todos os meios possíveis, somos expostos aos corpos mais perfeitos, às biografias mais irretocáveis, à pose generalizada de famosos e anônimos. Vaidade pura. Mas um momento: você já experimentou sair por aí todo mulambento, comparecer despenteado a uma entrevista de emprego, esconder de parentes e amigos aquele êxito nos estudos? Impossível, não? Porque, hoje, não ter vaidade – não ter o hábito de apregoar aos quatro cantos, reais e virtuais, o quanto você pode ser atraente, sensacional e único – parece ser

um dos maiores pecados da nossa era, esse tempo em que todo mundo parece estar "se achando".

Por isso, os óculos de araque do meu amigo. No meio altamente intelectualizado em que ele vive, circulando entre Festas Literárias de Paraty e debates seguidos de sessões de autógrafo nas livrarias mais chiques do eixo Rio-São Paulo, ostentar uma armação bacanuda é o equivalente, em termos culturais, às pernas muito bem torneadas – horas de academia – da mocinha da novela das 8. Ou seja: tudo é vaidade.

BRESSANE, Ronaldo. Revista vida simples. out. 2009.

2. Em qual sequência é caracterizada uma descrição?

a) "Leves, classudos, num tom esportivamente escuro, cada lente com uma sombra que subia de baixo para cima,"

b) "'Pois é, mas eu estava com a vista cada vez mais cansada, até que fui ao oculista…'"

c) "Mês depois, encontrei uma amiga cujo pai é oftalmologista."

d) "ela me contou que um curioso cliente do pai havia pedido um modelo de óculos sem grau."

e) "É, era ele mesmo – o editor."

Comentários:

Observe que, nas letras B, C, D e E, o que se vê é a evolução de acontecimentos em uma narrativa. Atente aos verbos no pretérito perfeito (*fui ao oculista*/*encontrei uma amiga*/*ela me contou*). Perceba que a única alternativa que tem como objetivo caracterizar, qualificar é a letra A, que apresenta adjetivos (*leves, classudos*). Seu objetivo não é contar uma história, mas interrompê-la, caracterizando um personagem.

Agora, o mais interessante sobre este texto, a banca não perguntou. Você percebeu que, embora ele apresentasse descrição e narração, seu objetivo não foi o de contar uma história? Sua meta era a de discutir um assunto, a tese de que não ter vaidade é um dos maiores pecados da nossa era? Ora, isso faz com que o texto não seja nem narrativo nem descritivo, mas sim dissertativo. Seu objetivo é defender uma tese, a opinião do autor, expressa logo no seu título: *A era do tô me achando*. O objetivo da dissertação é só um: discutir um assunto, abstrair.

Resposta: A.

Um texto que considero um clássico de concursos públicos veio de uma prova elaborada pelo NCE e é emblemático de tudo isso sobre que estamos conversando. Além de tudo, é de nosso tão saudoso Saramago. Observe:

VIOLÊNCIA NO CAMPO

José Saramago

No dia 17 de abril de 1996, no estado brasileiro do Pará, perto de uma povoação chamada Eldorado dos Carajás (Eldorado: como pode ser sarcástico o destino de certas palavras…), 155 soldados da polícia militarizada, armados de espingardas e metralhadoras, abriram fogo contra uma manifestação de camponeses que bloqueavam a estrada em ação de protesto pelo atraso dos procedimentos legais de expropriação de terras, como parte do esboço ou simulacro de uma

suposta reforma agrária na qual, entre avanços mínimos e dramáticos recuos, se gastaram já cinquenta anos, sem que alguma vez tivesse sido dada suficiente satisfação aos gravíssimos problemas de subsistência (seria mais rigoroso dizer sobrevivência) dos trabalhadores do campo. Naquele dia, no chão de Eldorado dos Carajás ficaram 19 mortos, além de umas quantas dezenas de pessoas feridas.

Passados três meses sobre este sangrento acontecimento, a polícia do estado do Pará, arvorando-se a si mesma em juiz numa causa em que, obviamente, só poderia ser a parte acusada, veio a público declarar inocentes de qualquer culpa os seus 155 soldados, alegando que tinham agido em legítima defesa, e, como se isto lhe parecesse pouco, reclamou procedimento judicial contra três dos camponeses, por desacato, lesões e detenção ilegal de armas. O arsenal bélico dos manifestantes era constituído por três pistolas, pedras e instrumentos de lavoura mais ou menos manejáveis. Demasiado sabemos que, muito antes da invenção das primeiras armas de fogo, já as pedras, as foices e os chuços haviam sido considerados ilegais nas mãos daqueles que, obrigados pela necessidade a reclamar pão para comer e terra para trabalhar, encontraram pela frente a polícia militarizada do tempo, armada de espadas, lanças e albardas. Ao contrário do que geralmente se pretende fazer acreditar, não há nada mais fácil de compreender que a história do mundo, que muita gente ilustrada ainda teima em afirmar ser complicada demais para o entendimento rude do povo.

3. O texto é mais adequadamente classificado como:

a) descritivo.

b) narrativo.

c) argumentativo.

d) expositivo.

e) informativo.

Comentários:

Veja que o texto começa com uma narração entremeada de descrições. As ações se sucedem no tempo (*155 soldados...abriram fogo*; *Naquele dia, no chão de Eldorado dos Carajás ficaram 19 mortos...*), o que caracteriza o primeiro parágrafo como predominantemente narrativo. Por outro lado, vemos muitos trechos cujo objetivo é caracterizar cenas e personagens (*155 soldados...armados de espingardas e metralhadoras...umas quantas dezenas de pessoas feridas...*). Assim, devemos classificar o primeiro parágrafo como predominantemente narrativo, com aspectos descritivos.

Entretanto, no segundo parágrafo, percebemos que a narração evolui para uma discussão. Sentimos que o autor utilizou-se da história relatada ao longo do texto como pretexto para apresentar sua tese: *não há nada mais fácil de compreender que a história do mundo*. Se você reparar bem é só na segunda metade do segundo parágrafo que o autor deixa transparecer sua real intenção: ele pretende discutir um assunto, abstrair, dissertar. É a defesa de uma tese – o texto é predominantemente dissertativo argumentativo com aspectos narrativos e descritivos. E o mais

interessante é que, apesar de a dissertação só ter tomado forma mesmo ao final do texto, é ela que predomina. Porque essa é a *intenção do autor*.

Aqui, vale um recado:

> Toda vez que a banca pedir que se classifique um texto em sua predominância, lembre-se de que esse critério não tem a ver com o número de linhas como se, supostamente, forem dez linhas de narração e seis de dissertação, o texto seria predominantemente narrativo??? Se fosse assim, classificar um texto seria algo mais perto da matemática... Classificar um texto significa identificar a intenção do autor, seu objetivo ao produzir o texto.

Veja mais uma prova:

O MEDO SOCIAL

Jurandir Freire Costa

No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado. De repente foi assaltada por um adolescente, que a roubou, ameaçando cortar a garganta do garoto. Dias depois, a mesma senhora reconhece o assaltante na rua. Acelera o carro, atropela-o e mata-o, com a aprovação dos que presenciaram a cena. Verídica ou não, a história é exemplar. Ilustra o que é a cultura da violência, a sua nova feição no Brasil.

Ela segue regras próprias. Ao expor as pessoas a constantes ataques à sua integridade física e moral, a violência começa a gerar expectativas, a fornecer padrões de respostas.Episódios truculentos e situações-limite passam a ser imaginados e repetidos com o fim de caucionar a ideia de que só a força resolve conflitos. A violência torna-se um item obrigatório na visão do mundo que nos é transmitida. Cria a convicção tácita de que o crime e a brutalidade são inevitáveis. O problema, então, é entender como chegamos a esse ponto. Como e por que estamos nos familiarizando com a violência, tornando-a nosso cotidiano.

Em primeiro lugar, é preciso que a violência se torne corriqueira para que a lei deixe de ser concebida como o instrumento de escolha na aplicação da justiça. Sua proliferação indiscriminada mostra que as leis perderam o valor normativo e os meios legais de coerção, a força que deveriam ter. Nesse vácuo, indivíduos e grupos passam a arbitrar o que é justo ou injusto, segundo decisões privadas, dissociadas de princípios éticos válidos para todos. O crime é, assim, relativizado em seu valor de infração. Os criminosos agem com consciências felizes. Não se julgam fora da lei ou da moral, pois conduzem-se de acordo com o que estipulam ser o preceito correto. A imoralidade da cultura da violência consiste justamente na disseminação de sistemas morais particularizados e irredutíveis a ideais comuns, condição prévia para que qualquer atitude criminosa possa ser justificada e legítima.

4. "No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado. De repente foi assaltada por um adolescente..."; a passagem do pretérito imperfeito para o pretérito perfeito marca a mudança de:

a) um texto descritivo para um texto narrativo.

b) a fala do narrador para a fala do personagem.

c) um tempo passado para um tempo presente.

d) um tempo presente para um tempo passado.

e) a mudança de narrador.

5. O texto acima pode ser classificado, de forma mais adequada, como:

a) narrativo moralizante.

b) informativo didático.

c) dissertativo opinativo.

d) normativo regulamentador.

e) dissertativo polêmico.

Comentários:

Questão 4: Observe que o parágrafo começa com uma descrição de uma cena (*No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado*). Logo em seguida, observa-se um conector temporal (*de repente*), que indica uma ruptura: uma passagem da modalidade descritiva para a narrativa. Do conector temporal em diante, o que se observa é a evolução de uma história.

Resposta: A.

Aqui, vale uma dica:

Em geral, a narração utiliza verbos no pretérito perfeito, já que seu objetivo é relatar acontecimentos que evoluem em uma sequência cronológica. Já na descrição, a tendência é a de que os verbos apareçam no pretérito imperfeito.

Questão 5:

Quanto à letra A, o texto seria narrativo moralizante se seu objetivo fosse contar uma história e, ao seu final, apresentasse uma moral, um conselho. Não foi o caso. Se fosse a letra B, o seu objetivo teria sido o de informar o leitor, aumentar seu conhecimento sobre um determinado assunto. Mais do que isso: sendo didático, teria como meta ensinar o leitor.

Normativo regulamentador, que é o que se diz na letra D, ele não é: seu objetivo não é estabelecer normas, regulamentar relações. Isso é meta dos estatutos, das leis que vocês estudam por aí…

Normalmente, o aluno fica em dúvida entre as letras C e E. Dissertativo polêmico (letra E) ele não é: seria polêmico se o seu objetivo fosse apresentar duas visões a respeito de determinado assunto. Não foi isso que o autor procurou desenvolver – sua meta foi utilizar-se de uma narração, entremeada de aspectos descritivos, que serviria de pretexto para uma discussão. O mote do texto era falar da *cultura da violência, sua nova feição no Brasil.* Ora, se o objetivo do autor era discutir um assunto, sob seu ponto de vista, pode-se dizer que o texto é predominantemente dissertativo

opinativo (ou argumentativo), com aspectos narrativos e descritivos.

Você deve estar se perguntando: quantas modalidades de texto dissertativo existem? Qual é a diferença entre texto dissertativo opinativo e expositivo? Texto opinativo é sinônimo de argumentativo? Dizer que um texto é dissertativo informativo é dizer que ele também é expositivo?

Se surgirem essas dúvidas, você pode retomar o conteúdo no decorrer deste capítulo, como o explicado no tópico 23.1.6. Porém, para ajudar e refrescar a memória, segue um resumo a respeito.

Em textos de concursos públicos, costuma-se subdividir os textos dissertativos em duas modalidades – o texto dissertativo expositivo e o texto dissertativo opinativo-argumentativo. O primeiro tem por objetivo discutir um assunto, expor o que se sabe sobre ele sem defesa de ponto de vista do autor. Já a segunda modalidade tem como meta a persuasão, o convencimento – neste tipo de texto o autor utiliza estratégias argumentativas que visam defender sua tese.

O texto dissertativo expositivo expõe ideias, explana, discute, revela o que o autor sabe sobre determinado assunto. Sua linguagem é objetiva, clara, impessoal. Traz abordagem abrangente sobre um tema, permitindo que o leitor desenvolva sua própria opinião sobre o assunto. Nesse texto, o autor não manifesta, ao menos explicitamente, suas opiniões sobre o tema tratado. Ainda que em alguns momentos do texto ele opine, sua intenção não é defender seu ponto de vista sobre o tema em questão.

Neste tipo de texto, o autor simplesmente expõe aquilo que sabe sobre determinada matéria, sem a preocupação de julgar, emitir opinião em relação ao assunto sobre o qual discorre. São fatos, e não julgamentos.

Além de revelar tudo que sabe sobre determinado assunto, você percebeu que o texto tem como objetivo aumentar o *seu* conhecimento sobre o tema? Trazer novidades, acrescentar conhecimento para o leitor?

O texto dissertativo informativo é uma modalidade de texto dissertativo expositivo. É que há textos expositivos que apresentam informações sobre um objeto ou fato específico, sua descrição, a enumeração de suas características, com o objetivo de aumentar o conhecimento do leitor sobre determinado assunto. Esse tipo de texto é chamado de **informativo**. Com linguagem objetiva e impessoal, ele pressupõe acréscimo de informação para quem o lê. O texto dissertativo informativo é o tipo de texto que procura tratar de assunto de interesse do leitor e busca a novidade, algo que o público não conheça.

Por meio de dados estatísticos e exemplos e de uma linguagem objetiva, o autor atinge seu objetivo – apresentar possíveis novidades ao seu leitor. O que se tem é um texto em que o autor não só expõe o que sabe sobre determinado assunto (daí ser chamado de expositivo), mas também acrescenta informações a quem o lê (por isso, é informativo). Assim, poderíamos resumir:

Todo texto informativo é também expositivo, pois o autor expõe o que sabe sobre um assunto com a intenção de aumentar o conhecimento do leitor. Mas nem todo texto expositivo é informativo – o texto será apenas expositivo se o autor pretender unicamente expor o que sabe sobre determinada matéria sem a pretensão de acrescentar informações a quem o lê.

De qualquer forma, sendo o texto unicamente expositivo ou também informativo, o que se observa é que nesses textos não há intenção de se defender uma tese, ou apresentar argumentos do autor. O que se vê são **fatos**. Se o objetivo do texto for defender opinião, julgamentos, ele será dissertativo opinativo – ou argumentativo.

O **texto dissertativo opinativo**, também chamado de argumentativo, difere do dissertativo expositivo, pois, além de expor o que se sabe sobre um assunto – e, muitas vezes, também informar –, o texto dissertativo argumentativo tem por finalidade principal persuadir o leitor sobre determinado assunto, modificar seu comportamento.

Percebe-se, ao longo deste tipo de texto, palavras que indicavam o posicionamento do autor. Muitas vezes, o autor, com o intuito de transparecer sua opinião, utiliza-se de algumas marcas linguísticas capazes de persuadir o leitor, tais como verbos na 1ª pessoa do singular ou plural e expressões de modalidade – são os chamados modalizadores (vocábulos indicativos da opinião do autor, que podem ajudar você a diferenciar no texto o fato do julgamento).

Veja uma prova elaborada pela Fundação Euclides da Cunha, em que se apresentava uma questão de tipologia textual:

RIO + 10 … POR CENTO!

APENAS UMA DÉCADA DEPOIS

Encerrada há pouco em Johannesburgo, África do Sul, a Conferência Rio + 10 terminou pateticamente, sob o olhar desalentado de ambientalistas, jornalistas, economistas e políticos.

O Secretário de Estado dos EUA, Collin Powell, foi vaiado por afirmar que os Estados Unidos estão, sim, preocupados com a saúde ambiental do planeta. O presidente Fernando Henrique Cardoso viu derrotada – ao som da bem orquestrada banda regida pela Casa Branca e que incluía Rússia, China, Índia e países árabes exportadores de petróleo – a proposta brasileira para que, dentro de oito anos, 10% da matriz energética mundial viesse de fontes renováveis. Inclusive a tecnologia *made in Brazil* ancorada no etanol, *of course*. Ao mesmo tempo, o polêmico chefe de Estado venezuelano, Hugo Chávez, sob tímidos aplausos, dizia que "enquanto nós, governantes, vamos de conferência em conferência, nossos povos vão de abismo em abismo".

De concreto, mesmo, o que se produziu na Rio + 10 foi apenas uma vaga carta de intenções, com frases do tipo "vamos reduzir a perda de espécies", "reconhecemos que países pobres precisarão de ajuda financeira para cumprir os objetivos", e "reconhecemos o princípio da repartição de benefícios obtidos com espécies de países pobres, ou seja, asseguramos que as comunidades locais devem usufruir de benefícios decorrentes da exploração de recursos naturais encontrados em suas terras". Tudo isso pomposamente dito, mas sem metas definidas ou prazos para implementação.

Travestidos de Tomaso de Lampedusa, afirmamos que algo deve mudar para que tudo continue como está. Até quando?

(FAVARETTO, J. A. UNO Notícias. Informativo do Sistema UNO de Ensino, n. 4, outubro de 2002, p. 3.)

6. Considerando-se o modo de organização do discurso, é possível afirmar que o texto acima:

a) tem uma estrutura argumentativa, desenvolvida com elementos que deixam clara a opinião favorável do autor a respeito do fato polêmico abordado.

b) pode ser definido como dissertativo, pois nele o autor realiza uma explanação dos acontecimentos que caracterizaram a Conferência Rio + 10.

c) é narrativo, em estilo jornalístico, com elementos que assinalam a presença do narrador e a sua opinião sobre os resultados da Conferência Rio + 10.

d) foi construído com uma parte narrativa e outra descritiva, sendo forte nesta última a opinião desfavorável do autor sobre os resultados da Conferência Rio + 10.

e) contém uma descrição detalhada das diversas correntes de interesses que se apresentaram na Conferência Rio + 10.

Comentários:

Observe que o objetivo do texto não é dissertar sobre uma conferência realizada, mas apresentar relatos que se organizam em uma sequência cronológica – os acontecimentos da Conferência Rio + 10. Assim, eliminam-se as alternativas A e B.

Quanto à letra D, ainda que ocorram aspectos descritivos (*bem orquestrada banda regida*/*tímidos aplausos*), não se pode afirmar que o texto se divida em uma parte narrativa e outra descritiva. Além disso, quando o autor demonstra sua *opinião desfavorável sobre os resultados da Conferência Rio + 10*, o que se tem é *dissertação*, e não descrição.

Assim, ainda que haja passagens descritivas e opinativas no texto, o que se percebe é que o autor veio relatar acontecimentos de uma conferência, com opiniões ao longo de seu relato. O texto é narrativo, com aspectos descritivos e opinativos.

Resposta: C.

CRITÉRIO ARRISCADO

O exemplo veio da maior economia do mundo: as agências de regulação e desenvolvimento – caso da SEC (Securities Exchange Comission) americana, e da CVM brasileira – têm que ser mantidas a salvo da submissão ou das influências políticas. Esta é a melhor forma de preservar a independência de organismos desse tipo cuja eficiência e utilidade para a economia do país são consequência direta de sua credibilidade e da independência de seus dirigentes.

Recentemente, nos Estados Unidos, o presidente da SEC, Harvey Pitt, viu-se compelido a renunciar a seu mandato. Motivo? Ele teria iludido seus colegas de conselho (diretoria da SEC), para conseguir maioria na escolha de William Webster para a liderança de um novo comitê que supervisionará a indústria da contabilidade no país.

Para conseguir o que pretendia, Pitt deixara de informar os demais membros do conselho da SEC que Webster fora chefe de auditoria de uma das companhias que, recentemente, se envolveram com fraudes contábeis. Pitt havia sido indicado para o cargo por Bush, no ano passado, e deveria cumprir um mandato de quatro anos. Diante dos fatos que envolviam Webster, e que eram parte da onda de escândalos financeiros que assola os Estados Unidos há mais de um

ano, Pitt não teve alternativa.

No Brasil, o mandato fixo, de quatro anos, para os diretores e presidente da CVM, existe como forma de preservar sua independência.

Ao serem empossados em seus cargos, o presidente e diretores da Comissão de Valores Mobiliários assumem com o país os compromissos de moralidade e legalidade de seus atos, que são comuns todos os servidores públicos. E tendo em vista a gravidade de sua missão, frequentemente confrontada com interesses do mercado e do próprio governo, têm como forma de defesa de sua independência a duração de seu mandato.

A lição recente dos Estados Unidos, em que o mandato fixo não foi suficiente para amparar a ilegalidade, é boa para americanos e serve para o Brasil. O episódio Pitt mostra que o mandato de quatro anos é bom para preservar a independência dos dirigentes da agência, mas não pode servir de escudo no momento em que o agente público atue contra os superiores interesses da moralidade e da legalidade.

Mostra, também, que a melhor forma de evitar constrangimentos futuros, na escolha de dirigentes com mandatos fixos, ainda é a observância dos critérios de competência técnica e de moralidade. A pura e simples filiação partidária não deve habilitar ninguém a cargos desse tipo. O risco é um eventual constrangimento, como o que Bush experimentou ao nomear Harvey Pitt.

(Jornal do Brasil, 17/11/2002, p. A14.)

7. Do ponto de vista do modo de organização do discurso, pode-se afirmar que os parágrafos do texto são:

a) narrativos, apesar de o objetivo do texto ser essencialmente argumentativo.

b) argumentativos, mas estruturados de acordo com o modelo narrativo.

c) argumentativos, sendo que o segundo e o terceiro parágrafos têm estrutura narrativa.

d) narrativos, sendo que o primeiro, o quarto e o quinto parágrafos têm estrutura argumentativa.

e) descritivos, mas a serviço de um texto cujo objetivo é predominantemente narrativo.

Comentários:

O texto é predominantemente dissertativo argumentativo. Sua meta é defender uma tese explicitada nos dois últimos parágrafos – a de que o mandato de quatro anos "não pode servir de escudo no momento em que o agente público atue contra os superiores interesses de moralidade e legalidade", bem como "a melhor forma de evitar constrangimentos futuros, na escolha de dirigentes com mandatos fixos, ainda é a observância dos critérios de competência técnica e de moralidade".

Resposta: C.

Veja agora este texto de nosso tão saudoso Machado de Assis, retirado de prova elaborada pelo Cespe/UnB, para o Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro:

Há dessas reminiscências que não descansam antes que a pena ou língua as publique. Um antigo dizia arrenegar de conviva que tem memória. A vida é cheia de tais convivas, e eu sou acaso um deles, conquanto a prova de ter a memória fraca seja exatamente não me acudir agora o nome de tal antigo; mas era um antigo, e basta.

Não, não, a minha memória não é boa. Ao contrário, é comparável a alguém que tivesse vivido por hospedarias, sem guardar delas nem caras nem nomes; e somente raras circunstâncias. A quem passe a vida na mesma casa de família, com os seus eternos móveis e costumes, pessoas e afeições, é que se lhe grava tudo pela continuidade e repetição. Como eu invejo os que não esqueceram a cor das primeiras calças que vestiram! Eu não atino com a das que enfiei ontem. Juro só que não eram amarelas porque execro essa cor; mas isso mesmo pode ser olvido e confusão.

E antes seja olvido que confusão; explico-me. Nada se emenda bem nos livros confusos, mas tudo se pode meter nos livros omissos. Eu, quando leio algum desta outra casta, não me aflijo nunca. O que faço, em chegando ao fim, é cerrar os olhos e evocar todas as coisas que não achei nele. Quantas ideias finas me acodem, então! Que de reflexões profundas! Os rios, as montanhas, as igrejas que não vi nas folhas lidas, todos me aparecem agora com as suas águas, as suas árvores, os seus altares; e os generais sacam das espadas que tinham ficado na bainha, e os clarins soltam as notas que dormiam no metal, e tudo marcha com uma alma imprevista.

É que tudo se acha fora de um livro falho, leitor amigo. Assim preencho as lacunas alheias; assim podes também preencher as minhas.

Machado de Assis. Dom Casmurro. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996, p. 79.

8. Assinale a opção que apresenta uma frase narrativa do texto:

a) "Há dessas reminiscências."

b) "Um antigo dizia arrenegar de conviva que tem memória."

c) "A vida é cheia de tais convivas."

d) "Não, não, a minha memória não é boa."

e) "Quantas ideias finas me acodem, então."

Comentários:

Observe nas letras A, C, D e E, temos exemplos de dissertação: são frases que apresentam conceitos, ideias, abstrações. Veja com especial atenção as letras D e E, que apresentam o uso da 1ª pessoa do singular (*minha*, *me*), como forma de veicular a opinião do autor. Ora, tais recursos podem inclusive ajudar você a perceber que os trechos são argumentativos.

No entanto, observe a letra B: ela indica que, nesse trecho, o autor relata acontecimentos de sua vida, *conta a história de um amigo que se zangava com aqueles que tinham memória* – o que caracteriza o trecho como narrativo.

Resposta: B.

MAIS UM RETIRADO DE PROVA DO CESPE/UNB:

A Revolução Industrial provocou a dissociação entre dois pensamentos: o científico e tecnológico e o humanista. A partir do século XIX, a liberdade do homem começa a ser identificada com a eficiência em dominar e transformar a natureza em bens e serviços. O conceito de liberdade começa a ser sinônimo de consumo. Perde importância a prática das artes e consolidam-se a ciência e a tecnologia. Relega-se a preocupação ética. A procura da liberdade social se faz sem considerar-se sua distribuição. A militância política passa a ser tolerada, mas como opção pessoal de cada um.

Essa ruptura teve o importante papel de contribuir para a revolução do conhecimento científico e tecnológico. A sociedade humana se transformou, com a eficiência técnica e a consequente redução do tempo social necessário à produção dos bens de sobrevivência.

O privilégio da eficiência na dominação da natureza gerou, contudo, as distorções hoje conhecidas: em vez de usar o tempo livre para a prática da liberdade, o homem reorganizou seu projeto e refez seu objetivo no sentido de ampliar o consumo. O avanço técnico e científico, de instrumento da liberdade, adquiriu autonomia e passou a determinar uma estrutura social opressiva, que servisse ao avanço técnico e científico. A liberdade identificou-se com ideia de consumo. Os meios de produção, que surgiram do avanço técnico, visam ampliar o nível dos meios de produção.

Graças a essa especialização e priorização, foi possível obter-se o elevado nível de potencial-de-liberdade que o final do século XX oferece à humanidade. O sistema capitalista permitiu que o homem atingisse as vésperas da liberdade em relação ao trabalho alienado, às doenças e à escassez. Mas não consegue permitir que o potencial criado pela ciência e tecnologia seja usado com a eficiência desejada.

(Cristovam Buarque. Na fronteira do futuro. Brasília: EDUnB, 1989. p.13 (com adaptações).

9. Quanto à organização do texto, julgue os itens a seguir.

a) A argumentação do texto estrutura-se em três eixos principais: ciência e tecnologia, busca da liberdade e militância política.

b) A tese para esse texto argumentativo pode assim ser resumida: nem todo "potencial-de-liberdade" gera liberdade com a eficiência desejada.

c) Para organizar o texto, predominantemente argumentativo, o autor recorre a ilustrações temáticas e trechos descritivos sobre condições das sociedades.

d) O fragmento a seguir, caso fosse utilizado como continuidade do texto, manteria a coerência da argumentação: Existe, assim, uma ambiguidade entre a ampliação dos horizontes da liberdade e os resultados, de fato, alcançados pelo homem.

A letra A está errada, pois a argumentação do texto não se estrutura em torno de três eixos, mas de dois: um eixo científico e tecnológico e o outro humanista.

Quanto à letra B, de fato essa é a tese, que aparece explicitada no último parágrafo do texto, com as palavras "Mas

não consegue permitir que o potencial criado pela ciência e tecnologia seja usado com a eficiência desejada". Assertiva certa, portanto.

Já a letra C está errada: o texto é mesmo predominantemente argumentativo, mas não se utilizam ilustrações temáticas (que são o mesmo que *exemplos*) nem trechos descritivos para fundamentar--se a tese.

Quanto à letra D, de fato essa frase é uma *reescritura da tese do texto*. Sabendo-se que um fragmento, para que possa representar uma possível continuidade de um texto, só precisa reescrever sua ideia central, vê-se que a frase apresentada pela banca repete a tese do autor. O objetivo do texto era fazer oposição entre *o potencial-de-liberdade que a tecnologia proporciona e as limitações que o consumo impõe à liberdade que o homem tanto almeja.*

Agora é com você! Selecionamos algumas questões para que você verifique se realmente fixou os conteúdos. Ao final, você terá um gabarito com comentários. Boa sorte!

23.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO COMENTADO NO FINAL)

Texto I (Aux. Cart.-CGJ-UFRJ/02)

O NECROLÓGICO DOS DESILUDIDOS DE AMOR

Carlos Drummond de Andrade

Os médicos estão fazendo autópsia dos que se mataram.

Que grandes corações eles possuíam

Vísceras imensas, tripas sentimentais

e um estômago cheio de poesia.

Texto II (Aux. Cart.-CGJ-UFRJ/02)

INFORMAÇÃO

O Observatório Nacional informou que os brasileiros assistirão no dia 4 de janeiro a um eclipse parcial do sol. No Rio, a luz solar sofrerá uma redução de 69% entre 11 e 12 horas. O fenômeno provocará no meio do dia o aspecto de um entardecer.

1. A oposição INCORRETA entre, respectivamente, os texto I e II é:

a) verso / prosa.

b) poesia / informação.

c) sensibilidade / verdade.

d) vocábulos formais / vocábulos informais.

e) passado / futuro.

Texto III

PROTESTO TÍMIDO

Fernando Sabino

Ainda há pouco eu vinha para casa a pé, feliz da minha vida e faltavam dez minutos para a meia-noite. Perto da praça General Osório, olhei para o lado e vi, junto à parede, antes da esquina, algo que me pareceu uma trouxa de roupa, um saco de lixo. Alguns passos mais e pude ver que era um menino.

Escurinho, de seus seis ou sete anos, não mais. Deitado de lado, braços dobrados como dois gravetos, as mãos protegendo a cabeça. Tinha os gambitos também encolhidos e enfiados dentro da camisa de meia esburacada, para se defender contra o frio da noite. Estava dormindo, como podia estar morto. Outros, como eu, iam passando, sem tomar conhecimento de sua existência.

Não era um ser humano, era um bicho, um saco de lixo mesmo, um traste inútil, abandonado, sobre a calçada. Um menor abandonado.

Quem nunca viu um menor abandonado? A cinco passos, na casa de sucos de frutas, vários casais de jovens tomavam sucos de frutas, alguns mastigavam sanduíches. Além, na esquina da praça, o carro da radiopatrulha estacionando, dois boinas-pretas conversando do lado de fora. Ninguém tomava conhecimento da existência do menino.

Segundo as estatísticas, como ele existem nada menos que 25 milhões no Brasil, que se pode fazer? Qual seria a reação do menino se eu o acordasse para lhe dar todo o dinheiro que trazia no bolso? Resolveria o seu problema? O problema do menor abandonado? A injustiça social?

(...)

Vinte e cinco milhões de menores – um dado abstrato, que a imaginação não alcança. Um menino sem pai nem mãe, sem o que comer nem onde dormir – isto é um menor abandonado. Para entender, só mesmo imaginando meu filho largado no mundo aos seis, oito ou dez anos de idade, sem ter para onde ir nem para quem apelar. Imagino que ele venha a ser um desses que se esgueiram como ratos em torno aos botequins e lanchonetes e nos importunam cutucando-nos de leve – gesto que nos desperta mal contida irritação – para nos pedir um trocado. Não temos disposição sequer para olhá-lo e simplesmente o atendemos (ou não) para nos livrarmos depressa de sua incômoda presença. Com o sentimento que sufocamos no coração, escreveríamos toda a obra de Dickens. Mas estamos em pleno século XX, vivendo a era do progresso para o Brasil, conquistando um futuro melhor para os nossos filhos. Até lá, que o menor abandonado não chateie, isto é problema para o juizado de menores. Mesmo porque são todos delinquentes, pivetes na escola do crime, cedo terminarão na cadeia ou crivados de balas pelo Esquadrão da Morte.

Pode ser. Mas a verdade é que hoje eu vi meu filho dormindo na rua, exposto ao frio da noite, e além de nada ter feito por ele, ainda o confundi com um monte de lixo.

1. Uma crônica, como a que você acaba de ler, tem como melhor definição:

a) registro de fatos históricos em ordem cronológica.

b) pequeno texto descritivo geralmente baseado em fatos do cotidiano.

c) seção ou coluna de jornal sobre tema especializado.

d) texto narrativo de pequena extensão, de conteúdo e estrutura bastante variados.

e) pequeno conto com comentários, sobre temas atuais.

2. O texto começa com os tempos verbais no pretérito imperfeito – vinha, faltavam – e, depois, ocorre a mudança para o pretérito perfeito – olhei, vi etc; essa mudança marca a passagem:

a) do passado para o presente.

b) da descrição para a narração.

c) do impessoal para o pessoal.

d) do geral para o específico.

e) do positivo para o negativo.

3. O uso da primeira pessoa na crônica tem um efeito de:

a) construir uma narrativa impessoal, já que o cronista é observador neutro.

b) seguir o modelo típico de um texto jornalístico, como este.

c) manifestar no discurso a opinião dos leitores.

d) expressar o ponto de vista do narrador.

e) transformar o texto em algo objetivo e popular.

4. O tom predominante na crônica é o de:

a) comiseração.

b) remorso.

c) revolta.

d) desprezo.

e) tristeza.

5. Dentre as perguntas abaixo, aquela que poderia ser considerada como pergunta retórica é:

a) " Quem nunca viu um menor abandonado?".

b) " Segundo as estatísticas, como ele existem nada menos que 25 milhões no Brasil, que se pode fazer?".

c) " Qual seria a reação do menino se eu o acordasse para lhe dar todo o dinheiro que trazia no bolso?".

d) " Resolveria o seu problema?".

e) " (Resolveria) A injustiça social?".

Texto IV

DA " LIVRE MANIFESTAÇÃO" AO VANDALISMO

João Mellão Neto

[...] Recordo-me de um bar, no centro de São Paulo onde, na década de 60, nos toaletes, aparecia a seguinte inscrição: " Não risque as paredes. Se você acredita que seu pensamento seja tão original a ponto de merecer sua inscrição aqui, não se constranja. Procure a gerência e nós mesmos nos encarregamos de autorizá-lo".

O mesmo raciocínio vale para os pichadores. Se o que eles têm a manifestar tem algum valor artístico ou filosófico, sem dúvida existirão proprietários de muros dispostos a permitir-lhes a inscrição. Agora, pichação de bens públicos ou de muros

particulares, à revelia do proprietário, não é manifestação artística, é vandalismo. E, como tal, deve ser coibido.

O dever do Estado é proteger a propriedade de todos da sanha de cada um e a propriedade de cada um da sanha de todos. A pichação dos bens públicos ou particulares viola ambos os princípios e, portanto, é dever da autoridade competente tomar medidas coercitivas. Eu, como milhões de cidadãos, gosto de ver a minha cidade limpa. Faço minha parte, de um lado mantendo meu muro pintado e de outro pagando impostos para que a Prefeitura faça o mesmo com os nossos monumentos. Se os pichadores têm seus " direitos" de expressarem-se livremente, eu também tenho os meus de querer minha cidade em ordem e bonita. Com uma diferença: eu pago impostos para exercer a minha cidadania e eles, tão somente, adquirem uma lata de aerossol.

1. No título do texto IV, a expressão " livre manifestação" aparece entre aspas para:

a) distinguir uma citação do resto do contexto.

b) fazer sobressair termos não peculiares à linguagem normal.

c) acentuar o valor significativo de uma palavra ou expressão.

d) realçar ironicamente uma palavra ou expressão.

e) destacar o termo de maior valor do texto.

2. No título, os termos livre manifestação e vandalismo:

a) representam duas maneiras de encarar o mesmo fato.

b) falam, respectivamente, do aspecto ilegal e legal das pichações.

c) são argumentos favoráveis ao aparecimento de pichações.

d) indicam o pensamento das autoridades sobre as pichações.

e) mostram duas realidades que ocorrem simultaneamente.

3. O texto IV deve ser classificado, de forma mais adequada, como:

a) descritivo.

b) narrativo.

c) dissertativo expositivo.

d) dissertativo polêmico.

e) dissertativo informativo.

Texto V: " As fronteiras políticas das nações-estados são estreitas e limitadas demais para definir o escopo e o alcance da empresa moderna." (J. Spencer)

Texto VI: " As estruturas políticas mundiais são inteiramente obsoletas. Não mudaram em pelo menos cem anos e estão lamentavelmente desafinadas como progresso tecnológico." (J. Maisonrouge)

1. A afirmação correta em relação aos textos V e VI:

a) o texto V é narrativo enquanto o texto VI é dissertativo.

b) o texto V trata de tema menos amplo que o texto VI.

c) ambos os textos mostram que a tecnologia é prejudicial.

d) só o texto 3 defende a alteração das fronteiras políticas atuais.

e) os dois textos têm caráter descritivo.

Texto VII

SAIBA MAIS SOBRE O PROBLEMA

Recente documento, elaborado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), revela que o Brasil é um país mergulhado na sujeira: metade dos municípios não têm serviço de esgoto sanitário, 70% do lixo das cidades são jogados em lixões e alagados (rios, lagos, mar, etc.) e apenas poucos municípios fazem coleta seletiva de lixo.

Os brasileiros produzem todos os dias mais de 125.000 toneladas de lixo, além dos 14,5 milhões de metros cúbicos de esgoto. O destino inadequado de todo esse lixo e esgoto ajuda a explicar por que ainda sofremos com doenças do século XIX, como a febre amarela, as hepatites, as diarreias, os vermes e mesmo as recentes epidemias de Dengue.

Outros fatos preocupantes são:

- o grande volume de lixo encontrado nas ruas, o que segundo a COMLURB demonstra a falta de educação da população que joga lixo de todos os tipos nas vias públicas;
- as milhares de crianças que trabalham revirando lixo nos lixões, disputando com moscas, ratos e urubus, os restos de comida ou objetos que podem ser reaproveitados ou vendidos;
- o chorume, líquido contaminado liberado pelo lixo em decomposição, atinge rios, lagos e a Baía de Guanabara, dentre outros, contaminando peixes, aves e o próprio Homem, gerando graves doenças, problemas sociais e ambientais.

1. Este é um texto retirado de um pequeno jornal de um colégio do Rio de Janeiro e seu valor está no assunto que aborda: o lixo. Para dar valor ao que nele é expresso, o autor procurou destacar dois aspectos, manifestados na primeira linha do texto:

a) atualidade e credibilidade.

b) objetividade e cientificismo.

c) autoridade e sentimentalismo.

d) suspense e negativismo.

e) verdade e nacionalismo.

2. A finalidade principal do texto VII deve ser a de:

a) criticar as autoridades governamentais.

b) denunciar a poluição ambiental.

c) procurar aumentar o conhecimento do assunto.

d) mostrar soluções para o problema do lixo.

e) indicar os principais problemas do país.

3. O documento elaborado pelo IBGE tem valor prioritário de:

a) conselho.

b) denúncia.

c) acusação.

d) crítica.

e) elogio.

Texto VIII

A MARCA DA MORTE NOS CIGARROS

A partir de 1º de fevereiro, começa a circular no Brasil a nova safra de maços de cigarros impressos de acordo com a resolução da Agência Nacional de Vigilância Sanitária. A regra diz que as sessenta marcas vendidas no país devem estampar no verso da embalagem uma entre nove imagens associadas aos malefícios do cigarro. A iniciativa foi copiada de uma experiência bem-sucedida no Canadá. Com imagens explícitas, agressivas até – uma boca com dentes podres e a gengiva inflamada, um coração infartado ou um cérebro com as artérias estouradas – a campanha do Canadá provocou uma primeira reação negativa da sociedade, principalmente entre os não-tabagistas. É que muita gente não queria ser obrigada a conviver com as cenas repugnantes. O saldo final, no entanto, foi ótimo. Uma pesquisa realizada pela Sociedade Canadense do Câncer, com mais de 2000 pessoas, revela que a contrapropaganda surtiu efeitos positivos. Por causa das ilustrações, cerca de 45% dos fumantes ficaram motivados a abandonar o cigarro.

Veja, ed. 1735

1. O título do texto VIII se justifica porque:

a) o vício do fumo provoca doença em milhares de pessoas.

b) a maioria dos fumantes não sabe os riscos que corre.

c) as embalagens de cigarro vão aludir aos males que provoca.

d) fabricantes vão esconder dos fumantes os riscos que correm.

e) o vício do fumo está aumentando os óbitos por câncer.

2. O fato de vir por extenso a denominação "Agência Nacional de Vigilância Sanitária" em lugar da forma abreviada ANVS, mostra que:

a) o texto não pretende apresentar-se em forma resumida.

b) em textos informativos não se usam abreviaturas.

c) o público a que se dirige o texto não é da classe culta.

d) o texto pretende enfatizar o poder legal.

e) para o jornalista, nem sempre as abreviaturas são claras.

3. A resolução da ANVS e o texto-imagem dos maços de cigarros são respectivamente representantes de textos dos

tipos:

a) didático/informativo.

b) informativo/normativo.

c) normativo/publicitário.

d) publicitário/expressivo.

e) expressivo/didático.

4. Os textos informativos, como o texto VIII, só NÃO se caracterizam por:

a) objetividade e precisão.

b) abordagem de algo desconhecido do leitor.

c) reduzida participação do autor do texto no enunciado.

d) conteúdo de hipotético interesse de leitores.

e) profunda interação com o leitor.

Texto IX

TENTE LER ESTE ANÚNCIO DIRIGINDO

O anúncio de revista é rico em informações. Pode dar toda a literatura necessária sobre um produto. Explicar o que é, como funciona, a forma de pagamento, enfim, pode dar todos os detalhes tintim por tintim.

Ele é fantástico para um sujeito que dispõe desse tempo que você está tendo agora. Para folhear calmamente, lendo artigos e anúncios.

Já no trânsito, para passar a mensagem a quem está passando, aí o outdoor é imbatível.

Ele é rápido, telegráfico, gigante. Ótimo para anúncios institucionais ou promocionais de qualquer produto ou serviço.

O outdoor também apresenta um dos recalls mais elevados, dentro de uma relação custo/benefício bem atraente.

Dependendo do produto e seu mercado, você pode utilizar o outdoor para cercar o Brasil inteiro, um estado, uma cidade ou simplesmente um bairro. E vender tanto para o Brasil quanto para um bairro com a mesma eficiência, é uma versatilidade que nenhum outro veículo tem.

Além do quê, o outdoor é seu último apelo ao consumidor antes da compra. Porque ele está ali, na rua, bem próximo ao seu ponto de venda. E, você há de concordar, num mercado tão competitivo quanto o nosso, isso pode ser decisivo.

São detalhes como esse que você, anunciante, não pode deixar de levar em conta na hora de programar sua mídia. Principalmente se você quiser atingir um público como esse nosso, dirigido.

1. O anúncio de revista pode ser rico em informações porque:

a) o leitor dispõe de tempo para lê-lo.

b) todo produto a ser anunciado requer isso.

c) o leitor precisa ser convencido a comprar o produto.

d) apela para o gosto estético do leitor.

e) o anunciante exige que isso assim seja.

2. "Explicar o que é, como funciona..."; os dois tipos de textos a que se alude nesse segmento são, respectivamente:

a) jornalístico, publicitário.

b) publicitário, informativo.

c) informativo, instrucional.

d) instrucional, didático.

e) didático, jornalístico.

3. O quarto parágrafo mostra que este texto é:

a) publicitário, pois anuncia o próprio outdoor.

b) informativo, pois explica as qualidades do cartaz de rua.

c) didático, pois ensina o que é um outdoor.

d) jornalístico, pois destaca o surpreendente de um outdoor.

e) poético, pois apela para o bom-gosto do leitor.

4. "O anúncio de revista é rico em informações"; o item abaixo em que a relação expressa pelos elementos sublinhados é INADEQUADA:

a) o horóscopo é rico em previsões.

b) o livro didático é rico em ensinamentos.

c) o dicionário é rico em definições.

d) a bula de remédio é rica em informações.

e) o outdoor é rico em detalhes.

Texto X

PROCESSAMENTO DA ENTREVISTA

A Nogueira de Faria

A entrevista consiste em inquirir tecnicamente, de forma hábil, dentro de um plano e sequência previamente estudados, levando o interrogado ou entrevistado a se pronunciar sobre aquilo que desejamos saber e a emitir sua opinião, muitas vezes sem que formulemos a pergunta diretamente. É a maneira racional de levar alguém a fornecer os informes e as informações que possui em determinada área.

É uma técnica de comunicação direta entre duas pessoas que possuem alguns interesses em comum. Forma de pesquisa realizada através de diálogo estudado e preparado dentro de um plano e sequência previamente analisados, levando, sutilmente, o entrevistado a se manifestar sobre assuntos de seu conhecimento.

Pode ser entendida como sendo uma conversa planejada, capaz de conduzir à transmissão de uma mensagem, em que o

entrevistador orientou a produção e codificação das próprias mensagens por parte do entrevistado, para obter as informações que deseja.

Trata-se de um processo interpessoal de comunicação, com numerosas limitações no tempo e no e no espaço, pois o comportamento das pessoas varia muito. As entrevistas devem ser personalizadas e adaptadas às características do entrevistado, sua cultura, posição social, conhecimento técnico, etc.

Existe uma grande diferença entre a entrevista e a conversa informal entre duas pessoas. É necessário saber distinguir quando o diálogo informal é uma introdução e quando ele perde as características, acabando por se transformar numa palestra inconsistente, tomando tempo e prejudicando o processamento da entrevista propriamente dita.

Organização e métodos. Livros Técnicos e Científicos Edit. RJ, 1982

1. O parágrafo do texto que apresenta uma estrutura distinta da dos demais é o:

a) 1º .

b) 2º .

c) 3º.

d) 4º.

e) 5º.

Texto XI

ÁGUA INSALUBRE

Márcia Peltier. O Globo, 21/10/2002

Estudo do Pacific Institute of Oakland, na Califórnia, prevê que 76 milhões de pessoas morrerão de doenças relacionadas à água até 2020. As crianças serão as mais afetadas por males causados pelo uso e ingestão de água contaminada. No mesmo período, serão registrados 65 milhões de casos fatais em consequência da Aids em todo o mundo.

1. O título dado à notícia é "Água insalubre". Sabendo-se que "insalubre" significa "nocivo à saúde", pode-se dizer que:

a) o título nada esclarece sobre o conteúdo do texto.

b) parte do conteúdo do texto é antecipado pelo título.

c) o adjetivo "insalubre" contradiz o conteúdo do texto.

d) o título pretende atrair o leitor pelo aspecto trágico.

e) a menção da água contaminada introduz o assunto da Aids.

2. O texto lido poderia ser classificado como:

a) didático.

b) informativo.

c) normativo.

d) preditivo.

e) publicitário.

Texto XII

RAÍZES

Heloísa Seixas Domingo, n. 1336

Diante da minha janela havia uma pedra.

Não, não vou fazer imitação de poesia. Nada tem de poética a história que eu vou contar. A pedra de que falo é na verdade uma imensa pedreira, de topo liso, coberto em alguns pontos pela vegetação rasteira, uma espécie de enclave rural em pleno Leblon, onde às vezes cabras pastavam e onde um galo alucinado insistia em cantar na hora errada, no início da madrugada. Era o lugar ideal para, nas tardes de domingo, uma menina se deitar, sentindo nas costas o calor do sol retido pela pedra, enquanto olhava as pipas agitando-se no ar. Eu ia com meus irmãos e seus amigos, quando eles subiam lá para soltar pipa. São só lembranças. Essa pedra não existe mais. Ou pelo menos não existe assim, como a descrevo agora, a pedra da minha infância. Hoje, é uma pedra nua, morta.

Sua base ainda está lá e servirá, pelo que sei, de fundação para um shopping. Mas a superfície foi toda raspada, a vegetação desapareceu, a pedreira foi rebaixada em quatro ou cinco metros, retalhada durante dois anos por uma orquestra de britadeiras, e nela foram erguidos os primeiros andares do que seria um estacionamento.

Assim que começaram a destruir a pedreira, pensei com alarme numa pequena árvore, uma muda de amendoeira cujo crescimento árduo eu vinha acompanhado havia anos. A árvore crescera numa das laterais da pedra e seu tronco se encorpava, equilibrando-se de forma improvável no paredão íngreme. Eu admirava sua bravura, tirando seiva de um lugar onde não havia terra, fazendo um esforço enorme para crescer na ranhura mínima que encontrara. E caminhei um dia até o local onde ela crescia, para ver se, com as obras que tinham começado, a pequena árvore sobreviveria. Mas cheguei tarde demais. Só encontrei o tronco, decepado. Em torno, as raízes, que por anos se haviam agarrado à pedra com tanto esforço, agora condenadas a secar, inúteis.

O tempo passou. E eu não pensei mais no assunto. Até que, outro dia, assistindo a um documentário sobre os talibãs, vi uma inglesa de origem afegã mostrando a foto de um jardim onde brincava na infância e que fora destruído pela guerra civil. O documentário, feito antes da guerra com os Estados Unidos, fora gravado em solo afegão, e a moça conseguira chegar ao local do tal jardim. Mas não encontrou nada. A comparação com a foto que trazia nas mãos era chocante. Todo o verde havia desaparecido. No meio de um descampado monocromático, restara apenas o círculo de pedra de uma velha fonte seca. E a única coisa que não mudara na paisagem eram as montanhas, ao fundo, testemunhas da devastação que hoje sabemos estava apenas no princípio.

Aquela mulher e seu jardim desaparecido me fizeram pensar na pequena amendoeira que crescera na pedra e que também fora decepada. E, com isso em mente, voltei ao ponto do paredão onde ela um dia se agarrara. Com surpresa, descobri que das raízes deixadas na pedra surgiam brotos, com folhas de um verde limpo.

A amendoeira teimava em renascer como talvez fizesse o jardim afegão, apesar da fúria dos homens.

1. "Nada tem de poética a história que vou contar"; a história contada pela autora tem como ponto de partida cronológico:

a) a existência de uma pedra diante da janela da autora.

b) a foto de um jardim onde uma afegã brincara na infância.

c) o crescimento de uma pequena amendoeira na pedra.

d) o fato de a amendoeira ter sido decepada.

e) as lembranças da infância da autora.

Texto XIII

OS NÚMEROS

George Ifrah

Houve um tempo em que o ser humano não sabia contar. A prova: atualmente existem ainda homens incapazes de conceber qualquer número abstrato e que não sabem nem que dois e dois são quatro.

Inúmeras hordas " primitivas" se encontram, ainda hoje, nesse " grau zero" – se assim podemos dizer – quanto ao conhecimento dos números. É, por exemplo, o caso dos zulus e dos pigmeus, da África, dos aranda e dos kamilarai, da Austrália, dos aborígenes das Ilhas Murray e dos botocudos, do Brasil. " Um", " dois" e... " muitos" constituem as únicas grandezas numéricas desses indígenas que ainda vivem na Idade da Pedra.

Eles só conhecem dois " nomes de números" propriamente ditos: um para a unidade e um outro para o par. Dentre eles, os melhores em aritmética chegam certamente a exprimir os números 3 e 4 articulando algo como dois-um e dois-dois. Mas não avançam mais. Além daí é a imprecisão, a confusão: empregam então palavras ou expressões que poderíamos traduzir por muitos, vários, uma multidão. E é tão difícil para eles imaginar um número superior ou igual a 5 quanto é para nós representar quantidades como um trilhão de bilhões. De tal modo que, quando se trata de mais de 3 ou 4, alguns deles se contentam em mostrar a cabeleira, como se dissessem: " É tão inumerável quanto os cabelos da cabeça!"

1. A finalidade principal desse texto é:

a) ensinar.

b) comprovar.

c) informar.

d) contradizer.

e) protestar.

Texto XIV

BRASIL E O MUNDO PODEM PREJUDICAR A SUA SAÚDE

Minha profissão é ver o mal do mundo. Um dia, a depressão bate. Não aguento mais ver a cara do Bush ostentando rugas na testa de preocupação com o nosso destino (que ele azedou), não aguento mais o Lula de boné dançando xaxado, não aguento ver o Sarney feliz, mandando no país, guardando o PT no bolso do jaquetão, enquanto os petistas, comunistas, tucanistas e fascistas discutem para ver quem é mais de esquerda ou de direita, enquanto o país afunda em violência e miséria, com o Estado sendo loteado entre esquerdistas sem emprego; não dá mais para ouvir que há transgênicos de esquerda ou de direita, principalmente quando ninguém consegue impedir as queimadas na Amazônia; passo mal também quando vejo a cara dos oportunistas do MST, com a bênção da Pastoral da Terra, liderando pobres diabos para a revolução contra o capitalismo; não aguento secretários de

Segurança falando em forças-tarefa, em presídios perfeitos que não conseguem nem bloquear celulares; não suporto ver que o Exército se recusa a ajudar na repressão ao crime, com generais tão eficazes para arrasar a guerrilha urbana nos anos setenta.

Texto da Internet falsamente atribuído a Arnaldo Jabor

1. A melhor caracterização do texto o define como:

a) narrativo de tema político.

b) expositivo de tom crítico.

c) informativo de base argumentativa.

d) descritivo de situação.

e) argumentativo de tema social.

Texto XV

DO MUNDO VIRTUAL

Carlos Heitor Cony

Insisto em comentar as vantagens e desvantagens do mundo virtual. Não perderei tempo em lembrar as vantagens, elas entram pela cara da gente, tornam-se dia a dia mais indispensáveis e mais fáceis de manuseio.

Fico então com as desvantagens, e uma delas me remete ao processo de pensar, de refletir. Desde que Aristóteles criou o método peripatético, os melhores pensamentos da humanidade vieram quando filósofos, inventores, matemáticos, músicos e poetas obedeciam àquele processo de pensar caminhando, ou de caminhar pensando.

Beethoven passeava na floresta quando voltou correndo, com a Sexta Sinfonia inteira na cabeça. Kant era metódico, todos os dias saía para seu passeio à tarde, os vizinhos podiam acertar o relógio pela hora em que ele percorria o bosque de Konigsberg. E foi assim que ele criou seu monumental sistema dedicado à razão pura.

Strauss compunha suas valsas passeando pelos bosques de Viena e Anchieta escreveu seu poema nas areias de uma praia. Ficar " plugado" a uma tomada pode ser prático, mas não é criador. (...)

Viver " plugado" a uma corrente de pessoas e informações pode ser divertido e útil. Mas agride o que o ser humano tem de melhor e mais insubstituível: o seu gosto, o seu erro, a sua miséria e sua glória.

1. O segmento do texto que mostra interferência do autor no seu conteúdo é:

a) " Mas agride o que o ser humano tem de melhor".

b) " Viver " plugado" a uma corrente de pessoas e informações pode ser divertido e útil".

c) " Strauss compunha as suas valsas passeando pelos bosques de Viena".

d) " Fico então com as desvantagens".

e) " Desde que Aristóteles criou o método peripatético".

2. A melhor classificação do texto lido o enquadra entre os textos:

a) conversacionais.

b) descritivos.

c) narrativos.

d) dissertativos expositivos.

e) dissertativos argumentativos.

Texto XVI

O PIERCING: SER OU NÃO SER

Quando o meu filho Pedro, de 16 anos, falou da vontade de colocar piercing, antes de dizer-lhe um sonoro " não", ponderei o fato de meu filho não ser um veículo para que eu coloque em prática o meu projeto de ser humano. Muito pelo contrário: Ele é um ser independente, com projetos próprios e que tem como orientação básica o respeito ao ser humano e a consciência de que o mundo deve ser mais justo, inteligente, diversificado e saboroso. A partir daí, não me preocupa se ele fará drama ou comédia, com argola no nariz ou gravata no pescoço. O importante não será a sua forma, mais sim o seu conteúdo. (...) O adolescente, pelo menos, faz por festa, para treinar a sua rebeldia. Depois, o tempo passa e todas essas bandeiras pelo corpo vão perdendo a importância e para aqueles que só fazem onda, a coisa ficará no passado. Para os autênticos, a rebeldia fica adulta e muda de lugar. Vai pro olhar.

Texto XVII

ARREPENDIMENTO

Certo dia, no início deste ano, uma moça de 19 anos apareceu no gabinete no deputado Campos Machado na Assembleia Legislativa de São Paulo e contou uma história triste. Ela disse que quando tinha 15 anos se encantou com as tatuagens que viu nas colegas e resolveu entrar na onda da arte corporal. Hoje chora de arrependimento. Ao tentar ingressar na Aeronáutica, ela foi reprovada no exame médico justamente por causa do desenho estampado no corpo. Fez uma cirurgia reparadora, prestou exame e, mais uma vez, foi rejeitada em razão das cicatrizes incriminadoras.

1. O texto XVII mostra, ao final, diante do piercing, as posições do pai e do filho, que são, respectivamente, de:

a) aceitação / aprovação.

b) reprovação / aceitação.

c) aprovação / reprovação.

d) indiferença / arrependimento.

e) neutralidade / reprovação.

2. Oposição INCORRETA sobre os dois textos:

a) piercing X tatuagens.

b) realização X arrependimento.

c) aceitação X condenação.

d) primeira pessoa X terceira pessoa.

e) narração X descrição.

Texto XVIII

FRONTEIRAS

Heloísa Seixas

Tenho refletido sobre fronteiras. Sobre a linha tênue e imprecisa que divide realidade e sonho, sanidade e loucura. E me vem à mente história narrada por Otto Friedrich em seu livro Going Crazy (Enlouquecendo). Ele diz que andava um dia pelas ruas de Nova York a caminho do trabalho – como fazia todas as manhãs – quando de repente, diante de um cruzamento, parou, assaltado por uma sensação desconhecida. Era algo avassalador, a impressão exata de que algo se rompera, seguida de uma sensação de impotência e pânico. Ficou ali na calçada, paralisado, sem saber o que se passava. Demorou alguns segundos até compreender. Como fazia o mesmo percurso todos os dias, costumava andar totalmente desligado, imerso em seus pensamentos, o "piloto automático". Ocorre que, naquele dia, se deparava de repente com um sinal de trânsito quebrado – um elemento estranho à sua rotina. E aquela "ruptura" provocara uma espécie de curto-circuito em seu cérebro, justamente por estar num estágio de semiconsciência, tal a sua disposição. O sinal quebrado provocara uma pane em seu sistema de percepção. Fora coisa rápida, não mais do que alguns segundos. Mas o que perturbava era perceber que, naqueles instantes, vivera numa fronteira: estivera à beira do que se convencionou chamar "loucura".

1. A história narrada no texto da autora tem o papel de:

a) ilustrar um pensamento da autora.

b) demonstrar a correção do pensamento da autora.

c) mostrar que a preocupação da autora é universal.

d) indicar que sua preocupação é válida.

e) testemunhar algo narrado pela própria autora.

Texto XIX

DIAGNÓSTICO

O Globo, 15/10/2004

Em oito anos, o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio – é alarmante esse grau crescente de insegurança. Por maior que tenha sido a indignação manifestada pelo governo federal, são números que reforçam o alerta do Departamento de Estado americano a agências de turismo dos Estados Unidos, divulgado no início do mês, a respeito do perigo que apresentam o Rio e outras grandes cidades brasileiras.

Não é exagero classificar de urgente a tarefa de fazer o turista se sentir mais seguro no Rio, considerando que os visitantes movimentaram 13% da economia da cidade e que dentro de três anos teremos aqui o Pan.

Parte da solução é simples: reforçar o policiamento ostensivo. A Secretaria de Segurança do Estado informa que há quase duas centenas de policiais patrulhando a orla, do Leblon ao Leme, mas não é o que vê – nem é o que percebem os assaltantes.

Muitos destes aliás, são menores de idade com que o poder público simplesmente não sabe lidar, por falta de ação integrada entre autoridades estaduais e municipais, empenhadas num jogo de empurra sobre a responsabilidade por tirá-los das ruas. O

que lhes confere uma percepção de impunidade que só faz piorar a situação. Impunidade é também a sensação que resulta do deficiente trabalho de investigação policial: se não se consegue impedir o crime, sua gravação pelas câmeras da orla de pouco serve, pois não há um esquema eficaz de inteligência nem estrutura técnica adequada para seguir pistas. É fácil atribuir todos os problemas à falta de verbas. Mas é mais justo falar em dinheiro mal aplicado. As próprias autoridades anunciam fartos investimentos em aparato tecnológico contra o crime; o retorno que deveria produzir a aplicação eficiente desse dinheiro seria o que não está acontecendo: a redução a níveis mínimos dos assaltos a turistas.

1. O texto, por sua estrutura e características, deve ser prioritariamente classificado como:

a) expositivo.

b) narrativo.

c) informativo.

d) argumentativo.

e) descritivo.

Texto XX

A VIDA COMO ELA SERÁ

Jerônimo Teixeira

Daqui a mais ou menos 1 bilhão de anos, a Terra não será mais habitável. No limite do seu material combustível, o Sol estará se expandindo. A elevação da temperatura no terceiro planeta do sistema solar tornará inviável a sobrevivência de qualquer criatura. Isso significa que a vida em nosso mundo já ultrapassou a meia-idade. Estamos nós, seres vivos, mais perto do fim que do começo. No tempo que resta, que cara terá a vida sobre a Terra? Que espécies surgirão e quais estarão fadadas a desaparecer na trilha das mudanças evolucionárias? E por quanto tempo ainda viveremos nós, seres humanos, para presenciar essas mudanças?

1. Por seu conteúdo e estrutura, o texto lido tem como finalidade prioritária:

a) especular.

b) informar.

c) explicar.

d) ensinar.

e) prever.

Texto XXI

RACISMO, DISCRIMINAÇÃO, PRECONCEITO... COLOCANDO OS PINGOS NOS " IS"

Maria Aparecida da Silva

Recentemente assisti ao programa esportivo Cartão Verde, da TV Cultura, no qual se discutia, de maneira tímida, a discriminação racial que um jogador branco do Palmeiras (Paulo Nunes) teria praticado contra dois jogadores negros, Rincón (Corinthians) e Wagner (São Paulo), em momentos distintos. Havia controvérsias quanto à veracidade dos fatos, quanto à sinceridade dos protagonistas, quanto à oportunidade ou oportunismo das denúncias. Mas o que de fato despertou minha atenção foi a

relativização do racismo presente no futebol brasileiro. Os cronistas utilizavam a todo tempo a expressão preconceito, quando as situações em foco constituíam, na verdade, práticas de discriminação racial. Depois de feita essa constatação, procurei explicar para mim mesma porque existe tanta confusão em torno das palavras preconceito, discriminação racial e racismo. É preciso entender exatamente o significado de cada uma dessas expressões.

Estabelecendo diferenças

O preconceito é basicamente um sentimento negativo (é necessário que haja alguma possibilidade de comparação), um estado de espírito negativamente determinado com relação a um grupo ou pessoa. Ele é fruto da ignorância, de opiniões inexatas e de estereótipos. Os preconceitos são muito genéricos e disseminados. Em todas as épocas e em todo o mundo, os grupos humanos alimentaram preconceitos uns em relação aos outros. Diariamente, enfrentamos inúmeros preconceitos. O racial é um deles.

A discriminação é a materialização dos preconceitos. São as atitudes práticas que dão corpo e ação à disposição psicológica dos preconceitos. No caso específico da discriminação racial são as atitudes de vetar, impedir, dificultar, preterir pessoas (predominantemente negras, no caso brasileiro) em seu processo de desenvolvimento pleno como seres humanos.

O racismo. Ah, o racismo... tão presente em nossas vidas, nas instituições, na cultura e nas relações pessoais e tão ausente do rol de preocupações da intelectualidade brasileira e dos veículos formadores de opinião. A dificuldade de defini-lo – e assumir sua existência entre nós – vem do fato de o racismo constituir-se numa prática social negativa, cruel, humanamente repreensível, com a qual, ninguém, em sã consciência (afora os racistas declarados), deseja se identificar.

Revista Raça Brasil. São Paulo: Símbolo, ano 4, n. 39, nov. 1999, p. 51.

1. O texto lido deve ser considerado prioritariamente:

a) narrativo.

b) publicitário.

c) didático.

d) informativo.

e) normativo.

Texto XXII

CONSUMO ENERGÉTICO E IMPACTOS AMBIENTAIS

Demétrio Magnoli e Regina Araújo

Atualmente, os recursos energéticos mais utilizados no mundo são o carvão, o petróleo e o gás natural, à água e os minerais radioativos: juntos, eles correspondem a cerca de 90% do consumo energético mundial. A utilização de qualquer um deles acarreta danos ambientais. As fontes de energias limpas e renováveis, tais como a energia solar, a eólica e a geotérmica, ainda constituem parcelas desprezíveis no balanço energético mundial, em que pese os grandes investimentos em pesquisa realizados para torná-las mais eficientes e menos caras.

A queima do petróleo, do carvão e, em menor escala, do gás natural, libera gases poluentes na atmosfera, inclusive os gases de estufa. No caso do carvão, os impactos ambientais começam já nos procedimentos de extração – a exploração das grandes minas carboníferas devasta a cobertura vegetal. O transporte marítimo do petróleo é outra atividade potencialmente impactante, devido aos riscos de vazamento.

As grandes usinas hidrelétricas exigem a inundação de vastas áreas, causando alterações profundas nos ecossistemas. Também a fauna aquática dos rios pode ser seriamente afetada pela construção de barragens, que muitas vezes impossibilitam a migração sazonal, necessária para a reprodução de muitas espécies de peixes. Nas regiões onde a pesca é uma atividade econômica importante, o problema se torna ainda maior.

A energia nuclear, além do risco de acidentes, gera resíduos com grande poder de contaminação. A água aquecida pelos reatores transfere calor para os rios, mares e depósitos subterrâneos pelos quais circula, causando um tipo especial de poluição térmica capaz de comprometer os ecossistemas.

Certas correntes do pensamento ambientalista sustentam que despoluir o planeta implica diminuir a utilização desses recursos, ou, pelo menos, mantê-la em níveis próximos aos atuais. Entretanto os níveis de consumo vigentes nos países ricos são muitas vezes superiores aos dos países pobres. Assim, os patamares atuais excluem grande parte da humanidade não apenas da condição de poluidores, mas, principalmente, do consumo de bens e serviços considerados essenciais, e que precisam de energia para ser produzidos e distribuídos. Por isso, outras correntes defendem que a solução mais correta seria a adoção de padrões de consumo compatíveis com a sustentabilidade ambiental dos países ricos.

1. O texto lido pertence ao tipo de texto informativo; pode-se dizer sobre a estrutura desse texto que:

a) os dados fornecidos como informação são totalmente desconhecidos dos leitores.

b) o autor procura despertar interesse, por meio do suspense, nos possíveis leitores.

c) as informações fornecidas são fundamentadas em opiniões pessoais dos autores do texto.

d) os autores partem do pressuposto de que as informações dadas possuem algum interesse para os leitores.

e) a linguagem empregada é a mais coloquial possível, para que o entendimento do texto seja feito por todas as camadas sociais.

Texto XXIII

POR TRÁS DOS LINKS, AS PESSOAS

O matemático suíço Leonhard Euler foi, em 1780, o precursor do pensamento analítico sobre redes. Suas primeiras ideias diziam que eram compostas por nós e links – elos que ligam os nós. Os links são aleatoriamente espalhados entre os nós, formando redes de distribuição aleatória. A teoria de Euler aponta para o caos, ao sustentar que não existem nós centrais e que toda a rede é desprovida de hierarquia.

A palavra rede tem assumido novas conotações, e novas estruturas de comunicação surgiram, potencializando as possibilidades de conversação e circulação da informação. As estruturas matemáticas criadas por Euler para análise das redes passaram a ganhar maior relevância, mas muitas de suas previsões se mostraram sem sentido quando começamos a olhar para as redes sociais, a forma como os seres humanos se organizam – e para como se articulam nossas ações em rede. Se Euler estivesse correto, os quase 6 bilhões de seres humanos (nós) no planeta deveriam ter aproximadamente o mesmo número de amigos (links). No entanto, nos anos 60, Stanley Milgram, um pesquisador da Universidade de Harvard, realizou um experimento que ficou conhecido como " os seis graus de separação".

A compreensão popular do experimento de Milgram aponta que estamos a apenas seis graus de qualquer pessoa no mundo. Exemplo: será que conheço alguém, que conhece outro alguém, que conhece alguém que te conhece? Estar no máximo a seis níveis de separação de qualquer outra pessoa significa que o mundo é pequeno pra caramba. Entretanto, os resultados que Milgram obteve de seus experimentos foram mais radicais. Bem diferentes. Ele descobriu situações como as seguintes:

- três níveis de separação: algumas pessoas possuem links privilegiados, logo conseguem conectar-se com outras por três níveis de separação;
- cem níveis de separação: outras pessoas precisam em torno de cem links para chegarem a outras pessoas. É sinal de que são grupos de pessoas bem mal conectados, mal posicionados na estrutura das redes sociais;
- sem links: muitas pessoas possuem poucos ou nenhum link, restando como verdadeiras ilhas isoladas dentro da sociedade.

Surge, do experimento de Milgram, uma nova forma de enxergar as redes. O foco está nas experiências sociais. Os nós não seriam conectados aleatoriamente uns aos outros. Alguns deles aglutinam posições estratégicas, como elos. Ou seja, pessoas assumem papéis de protagonismo social a partir de suas possibilidades de conexão com outras pessoas.

Para validar tal premissa, um sociólogo norte-americano, Mark Granovetter, realizou um outro experimento no final dos anos 60. Tinha por objetivo pesquisar a forma como as pessoas procuravam emprego. Granovetter identificou que a sociedade era formada por grupos de pessoas, ou clusters. Ele percebeu que as pessoas que possuíam conexões ou relações distantes com outras fora do círculo familiar tinham duas vezes mais chances de conseguir uma vaga do que pessoas que tinham mais conexões próximas apenas no âmbito da família e dos amigos próximos. A análise de Granovetter era que grupos próximos mais fortemente conectados possuíam interesses similares, logo com menos possibilidades de inserção.

Essas descobertas geraram uma revolução no pensamento da sociologia da época. Novas propostas de como potencializar as conexões entre as redes sociais começaram a surgir. Pensando estrategicamente, o número de conexões era fundamental para ampliar a circulação da informação, seja de ideias, de vagas de emprego ou de experiências compartilhadas.

Coincidentemente ou não, estamos falando da mesma época do surgimento da Internet, as primeiras conexões entre computadores, permitindo que mensagens bastante simples fossem trocadas e que pessoas pudessem estabelecer novos links de conexão entre si.

A tecnologia que vinha sendo desenvolvida parecia permitir uma ampliação nesse potencial de conexão entre as pessoas, criando novas possibilidades de ampliação da capilaridade das redes sociais. Novas formas de conexão, de estabelecimento de links, novas formas de desenharmos nossas próprias redes e os grupos de pessoas organizados em torno da tecnologia. Surgia a dinâmica do virtual, do e-mail, das listas de discussões e das possibilidades de nos linkarmos usando as tecnologias da rede.

De lá para cá, muitas ideias foram implementadas, muitas tecnologias foram desenvolvidas. Surgiram Yahoo, Google, Orkut, MySpace, Facebook, Ning, Blogger, Youtube e tantas outras possibilidades de conversação em rede. Das muitas promessas de ampliação da conexão e do " todos conversando com todos", que as tecnologias da informação trouxeram, ainda observamos os mesmos padrões de comportamento das redes: clusters extremamente influentes nas articulações em rede e grupos isolados, com pouca ou nenhuma conectividade.

Novas tecnologias e novos desafios pela frente. O cenário está montado. Emerge um espaço para construção de um diálogo contínuo por várias lentes e percepções das dinâmicas de conversação, de desenvolvimento e ação que as novas tecnologias permitem a partir da construção de novas formas de redes sociais.

(Dalton Martins e Hernani Dimantas. In: Le Monde Diplomatique Brasil, outubro de 2007)

1. O texto XXIII deve ser classificado como:

a) descritivo, somente.

b) narrativo, somente.

c) narrativo-descritivo.

d) dissertativo.

e) injuntivo.

Texto XXIV

CRITÉRIO ARRISCADO

O exemplo veio da maior economia do mundo: as agências de regulação e desenvolvimento – caso da SEC (Securities Exchange Comission) americana, e da CVM brasileira – têm que ser mantidas a salvo da submissão ou das influências políticas. Esta é a melhor forma de preservar a independência de organismos desse tipo cuja eficiência e utilidade para a economia do país são consequência direta de sua credibilidade e da independência de seus dirigentes.

Recentemente, nos Estados Unidos, o presidente da SEC, Harvey Pitt, viu-se compelido a renunciar a seu mandato. Motivo? Ele teria iludido seus colegas de conselho (diretoria da SEC), para conseguir maioria na escolha de William Webster para a liderança de um novo comitê que supervisionará a indústria da contabilidade no país.

Para conseguir o que pretendia, Pitt deixara de informar os demais membros do conselho da SEC que Webster fora chefe de auditoria de uma das companhias que, recentemente, se envolveram com fraudes contábeis. Pitt havia sido indicado para o cargo por Bush, no ano passado, e deveria cumprir um mandato de quatro anos. Diante dos fatos que envolviam Webster, e que eram parte da onda de escândalos financeiros que assola os Estados Unidos há mais de um ano, Pitt não teve alternativa.

No Brasil, o mandato fixo, de quatro anos, para os diretores e presidente da CVM, existe como forma de preservar sua independência.

Ao serem empossados em seus cargos, o presidente e diretores da Comissão de Valores Mobiliários assumem com o país os compromissos de moralidade e legalidade de seus atos, que são comuns todos os servidores públicos. E tendo em vista a gravidade de sua missão, frequentemente confrontada com interesses do mercado e do próprio governo, têm como forma de defesa de sua independência a duração de seu mandato.

A lição recente dos Estados Unidos, em que o mandato fixo não foi suficiente para amparar a ilegalidade, é boa para americanos e serve para o Brasil. O episódio Pitt mostra que o mandato de quatro anos é bom para preservar a independência dos dirigentes da agência, mas não pode servir de escudo no momento em que o agente público atue contra os superiores interesses da moralidade e da legalidade.

Mostra, também, que a melhor forma de evitar constrangimentos futuros, na escolha de dirigentes com mandatos fixos, ainda é a observância dos critérios de competência técnica e de moralidade. A pura e simples filiação partidária não deve habilitar ninguém a cargos desse tipo. O risco é um eventual constrangimento, como o que Bush experimentou ao nomear Harvey Pitt.

(Jornal do Brasil, 17/11/2002, p. A14.)

1. Do ponto de vista do modo de organização do discurso, pode-se afirmar que os parágrafos do texto são:

a) narrativos, apesar de o objetivo do texto ser essencialmente argumentativo.

b) argumentativos, mas estruturados de acordo com o modelo narrativo.

c) argumentativos, sendo que o segundo e o terceiro parágrafos têm estrutura narrativa.

d) narrativos, sendo que o primeiro, o quarto e o quinto parágrafos têm estrutura argumentativa.

e) descritivos, mas a serviço de um texto cujo objetivo é predominantemente narrativo.

Texto XXV

Vários historiadores têm procurado entender a originalidade da monarquia brasileira vinculando-a à chegada da família real ao Brasil em 1808. de fato, é no mínimo inusitado pensar numa colônia sediando a capital de um império. Chamada por Maria Odila Leite da Silva Dias de a " internacionalização da metrópole", a instalação no Brasil da corte portuguesa, que fugia das tropas napoleônicas, significou não apenas um acidente fortuito, mas um momento angular da história nacional e de um processo singular de emancipação. Fuga ou golpe político, o fato é que com D. João e sua família, e contando com a ajuda inglesa, transferiram-se para o país a própria corte portuguesa – cujo número estimado de pessoas chegava a 20 mil, sendo que a cidade do Rio possuía apenas 60 mil almas – e várias instituições metropolitanas. Mas não era só: comerciantes ingleses e franceses, artistas italianos e naturalistas austríacos vinham junto com os baús. Difícil imaginar choque cultural maior.

Transformado em Reino Unido já em 1815, o Brasil passou a distanciar-se, aos poucos, de seu antigo estatuto colonial, ganhando uma autonomia relativa jamais conhecida naquele contexto. A partir de então, o Rio de Janeiro tornou-se capital de Portugal e de suas possessões na África e na Ásia, e os portos brasileiros se abriram ao comércio britânico (seguindo o acerto feito com a Inglaterra, que assegurou o transporte da corte, mas o trocou por esse acordo comercial). Tais fatos alteraram radicalmente a situação da colônia portuguesa na América.

(Adaptado de SCHWARCZ, Lilia Moritz. As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 35-36.)

1. Quanto à organização, afirma-se corretamente que o texto

a) mescla narração e dissertação, mas dá relevo àquela, uma vez que, para a autora, devem ser destacados os acontecimentos e não os comentários avaliativo que eles suscitaram.

b) descreve o modelo administrativo e a organização hierárquica da corte que se transferiu para o Brasil, oferecendo detalhado panorama dos aspectos burocráticos que redundaram no específico feitio da nação brasileira

c) Se restringe à narração do episódio da fuga da família real para a América, destacando suas causas, os meios pelos quais se efetivou e seu impacto sobre a pátria que aqui se formara.

d) Reúne as datas e os acontecimentos tomados como mais relevantes no processo de emancipação do país, para defender a ideia de que, na configuração de um dado quadro político, o mais importante são os antecedentes históricos imediatos.

e) Mobiliza dados históricos e outros trabalhos que se debruçam sobre o tema, com o fito de comprovar a hipótese apresentada sobre a formação da monarquia brasileira.

Texto XXVI

SECRETÁRIA

Luís Fernando Veríssimo

O teste definitivo para você saber se está ou não integrado no mundo moderno é a secretária eletrônica. O que você faz quando liga para alguém e quem atende é uma máquina.

Tem gente que nem pensa nisso. Falam com a secretária eletrônica com a maior naturalidade, qual é o problema? É apenas um gravador estranho com uma função a mais. Mas aí é que está. Não é uma máquina como qualquer outra. É uma máquina de atender

telefone. O telefone (que eu não sei como funciona, ainda estou tentando entender o estilingue) pressupõe um contato com alguém e não com alguma coisa. A secretária eletrônica abre um buraco nesta expectativa estabelecida. É desconcertante. Atendem – e é alguém dizendo que não está lá! Seguem instruções para esperar o bip e gravar a mensagem.

É aí que começa o teste. Como falar com ninguém no telefone? Um telefonema é como aqueles livros que a gente gosta de ler, que só tem diálogos. É travessão você fala,

travessão fala o outro. E de repente você está falando sozinho. Não é nem monólogo. É diálogo só de um.

– Ahn, sim, bom, mmm... olha, eu telefono depois. Tchau.

O " tchau" é para a máquina. Porque temos este absurdo medo de magoá-la. Medo de que a máquina nos telefone de volta e nos xingue, ou pelo menos nos bipe com reprovação.

Sei de gente que muda a voz para falar com secretária eletrônica. Fica formal, cuida a construção da frase. Às vezes precisa resistir à tentação de ligar de novo para regravar a mensagem porque errou a colocação do pronome.

Outros não resistem. Ao saber que estão sendo gravados, limpam a garganta, esperam o bip e anunciam:

– De Augustín Lara...

E gravam um bolero.

Talvez seja a única atitude sensata.

1. Considerando o texto como um todo, podemos classificá-lo predominantemente como:

a) narrativo.

b) descritivo.

c) expositivo.

d) argumentativo.

e) conversacional.

Texto XXVII

A FLOR DO GEÓGRAFO

Dom Marcos Barbosa O.S.B.

Creio que é a terceira vez que venho falar de motoristas. Até parece que vivo andando de táxi. E tenho sempre a sorte de encontrar no volante, ao contrário dos outros, um verdadeiro gentleman.

Para que não me acusem de suspeição e de especial simpatia pela classe, aviso logo que o fato de hoje não se deu comigo, mas como professor francês Pierre Desfontaines. Jamais esqueci, porém, a frase obscura que o ilustre geógrafo foi colher na trepidante Paulicéia.

Pierre Desfontaines, cujo nome nos fala de pedra e de fonte, não podia ser, realmente um geógrafo como os outros...

Ah, os geógrafos! Eles eram todos, quase todos, como o geógrafo do Petit Prince, que se contentava em anotar as montanhas, os rios e as cidades que os exploradores houvessem visto; mas não as flores, santo Deus! porque as flores eram efêmeras. Também não lhe interessava se os vulcões estavam extintos ou não. Só queria saber da terra, da montanha. Não do risco corrido pelos

homens, tão efêmeros quanto a flor. Anotava tudo a lápis. Só depois cobria à tinta, se o explorador se mostrasse fidedigno e trouxesse provas...

Mas felizmente alguns vieram a descobrir a "geografia humana", a geografia em função do homem; e eu vim a descobrir, por minha vez, a geografia humaníssima de Desfontaines, que me fez lamentar o árido estudo do meu tempo de ginásio e as áridas geografias que ainda hoje vejo nas mãos de tantos alunos.

O professor Desfontaines está longe de desprezar as coisas efêmeras. E por isso me trouxe a frase de quatro pétalas, que guardei como flor ressequida em velho livro, e que o chofer lhe entregara.

Voltara Desfontaines a São Paulo, onde havia estado anteriormente e morara algum tempo. Tendo contratado um carro para levá-lo não sei onde, reconheceu, ao passar, o sítio da sua antiga casa. Pediu ao chofer que parasse, saltou, foi redescobrir a fachada que lhe sorriu entre as outras, e em cujas janelas viu aparecerem a mulher e as filhas ausentes, mais moça aquela, menos crescidas estas... Viu-se a si mesmo como era, como fora, como havia sido. Até que, caindo em si – ou antes caindo de si – deu com o automóvel que largo tempo o esperava.

Subiu depressa ao carro, bateu a porta, pediu ao chofer que corresse. Quando chegou, atrasado, ao término da viagem e perguntou o preço, viu com surpresa que o chofer pedia o mesmo que antes haviam combinado.

– Mas (protestou Desfontaines) o senhor esteve parado muito tempo; não quero causar-lhe prejuízo!

E foi então que o chofer disse lentamente a sua frase, a sua flor: " Saudades não se pagam..."

1. Os quatro últimos parágrafos do texto exemplificam um modo de organização discursiva caracterizado como:

a) argumentativo.

b) informativo.

c) expositivo.

d) descritivo.

e) narrativo.

Texto XXVIII

O MEDO SOCIAL

Jurandir Freire Costa

No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado. De repente foi assaltada por um adolescente, que a roubou, ameaçando cortar a garganta do garoto. Dias depois, a mesma senhora reconhece o assaltante na rua. Acelera o carro, atropela-o e mata-o, com a aprovação dos que presenciaram a cena. Verídica ou não, a história é exemplar. Ilustra o que é a cultura da violência, a sua nova feição no Brasil.

Ela segue regras próprias. Ao expor as pessoas a constantes ataques à sua integridade física e moral, a violência começa a gerar expectativas, a fornecer padrões de respostas.Episódios truculentos e situações-limite passam a ser imaginados e repetidos com o fim de caucionar a ideia de que só a força resolve conflitos. A violência torna-se um item obrigatório na visão do mundo que nos é transmitida. Cria a convicção tácita de que o crime e a brutalidade são inevitáveis. O problema, então, é entender como chegamos a esse ponto. Como e por que estamos nos familiarizando com a violência, tornando-a nosso cotidiano.

Em primeiro lugar, é preciso que a violência se torne corriqueira para que a lei deixe de ser concebida como o instrumento de escolha na aplicação da justiça. Sua proliferação indiscriminada mostra que as leis perderam o valor normativo e os meios legais de coerção, a força que deveriam ter. Nesse vácuo, indivíduos e grupos passam a arbitrar o que é justo ou injusto, segundo decisões privadas, dissociadas de princípios éticos válidos para todos. O crime é, assim, relativizado em seu valor de infração. Os criminosos agem com consciências felizes. Não se julgam fora da lei ou da moral, pois conduzem-se de acordo com o que estipulam ser o preceito correto. A imoralidade da cultura da violência consiste justamente na disseminação de sistemas morais particularizados e irredutíveis a ideais comuns, condição prévia para que qualquer atitude criminosa possa ser justificada e legítima.

1. "No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado. De repente foi assaltada por um adolescente…"; a passagem do pretérito imperfeito para o pretérito perfeito marca a mudança de:

a) um texto descritivo para um texto narrativo.

b) a fala do narrador para a fala do personagem.

c) um tempo passado para um tempo presente.

d) um tempo presente para um tempo passado.

e) a mudança de narrador.

2. A narrativa contida no primeiro parágrafo tem a função textual de:

a) exemplificar algo que vai ser explicitado depois.

b) justificar a reação social contra a violência.

c) despertar a atenção do leitor para o problema da violência.

d) mostrar a violência nas grandes cidades.

e) relatar algo que vai justificar uma reação social.

3. O texto acima pode ser classificado, de forma mais adequada, como:

a) narrativo moralizante.

b) informativo didático.

c) dissertativo opinativo.

d) normativo regulamentador.

e) dissertativo polêmico.

Texto XXIX

A PUBLICIDADE INFANTIL DEVE SER PROIBIDA POR LEI?

Gilberto C. Leifert

Há um caminho simples: proibir. Há o caminho correto: educar. Pois cidadãos responsáveis e consumidores conscientes se forjam com informação.

Até recentemente, a sociedade entendia ser a educação tarefa exclusiva de pais e professores. Sabiamente, esse conceito evoluiu. Cobra-se, agora, o compromisso de educar também de veículos de comunicação, publicidade, das artes etc. Não poderia haver reivindicação mais justa, dada a importância da educação – desde que não se esqueça o essencial: a responsabilidade de pais e professores continua sendo intransferível.

O Conar aplica o Código Brasileiro, que cuida da publicidade em geral e que acaba de ser atualizado e ampliado em relação aos anúncios de produtos e serviços destinados a crianças e adolescentes. A autorregulamentação recomenda ainda que os anúncios não desmereçam valores sociais ou provoquem discriminação, em particular daqueles que não sejam consumidores do produto, tampouco associem crianças e adolescentes a situações incompatíveis com sua condição, sejam elas ilegais, perigosas ou socialmente condenáveis.

Mais: a publicidade, entre outras recomendações, não deve: impor a noção de que o consumo do produto proporciona superioridade ou, na sua falta, inferioridade; provocar situação de constrangimento aos pais com o propósito de impingir o consumo; empregar crianças e adolescentes como modelos para vocalizar apelo direto, recomendação ou sugestão de uso ou consumo, tipo " peça para mamãe comprar" ou " faça como eu, use".

Essas recomendações – e outras mais – são, para o Conar, contribuições muito mais efetivas à formação dos futuros consumidores do que a simplista proibição das mensagens.

Lembrando B. Russel: para todo problema complicado há uma solução simples, rápida, de baixo custo e ... errada.

1. O texto é do tipo argumentativo e a tese apresentada por seu autor pode ser resumida do seguinte modo:

a) educar, sim; proibir, não.

b) proibir é melhor que educar.

c) educar é mais fácil que proibir.

d) educar é proibir.

e) proibir, segundo a lei.

Texto XXX

FASCISMO SOCIAL NO PAÍS DO SOCIÓLOGO

Walter Ceneviva – Folha de São Paulo, 16/06/2001

A definição dos objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil está no artigo 3º de nossa Constituição. São todos de grande nobreza e esperança. Valem como pólos de concentração ideal para o povo, como destinos a serem alcançados pelo Brasil, na permanente viagem de nossos sonhos.

O primeiro desses objetivos consiste em realizar uma sociedade livre, justa e solidária. Para ser livre, a sociedade terá liberdades públicas asseguradas a todos. Cidadania livre é cidadania sem intervenção excessiva do poder. No país das medidas provisórias, o cidadão acorda tolhido, dia após dia, com e sem " apagões" e " caladões". Para que a sociedade possa ser tida como justa, é necessário diminuir as distâncias sociais, com pobres menos pobres. Depois que a moeda se estabilizou, durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, honra seja feita, houve melhora nesse campo, mas o Brasil ainda é dos mais atrasados do mundo na satisfação das necessidades sociais do ser humano.

A solidariedade proclamada no texto constitucional deve ser espontânea, colhida na consciência de cada um e, pelo menos, da

população mais aquinhoada em favor dos que têm pouco. A solidariedade do artigo 3º da Constituição precisa, porém, ser catalisada pelo Estado para o trabalho espontâneo em favor dos menos favorecidos. O objetivo social exigirá da administração pública e de seus funcionários que atuem em favor dos cidadãos, com eles e não contra eles, como se os considerassem inimigos. O desenvolvimento nacional, segunda das grandes metas do país, tem ido bem no plano econômico. Progredimos em termos materiais, mas não o quanto baste.

O terceiro e o quarto objetivos fundamentais, previstos no artigo 3º, são projetos de um sonho estratosférico. Erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir desigualdades sociais e regionais é trabalho para séculos. Não há nação do mundo sem faixas de miserabilidades – nem as mais ricas. A promoção do bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação carece de remédio forte, como criminalização das condutas contrárias. Sem a ameaça grave de sanções, a cobra raivosa do preconceito continuará agindo no coração de muitas pessoas.

A Carta proíbe a discriminação entre o homem e a mulher (artigo 5º, I, e artigo 226, parágrafo 5º), contra as liberdades fundamentais, e a prática do racismo (artigo 5º, incisos XLI e XLII). No trabalho, veda distinções quanto ao salário, ao exercício de funções e aos critérios de admissão por motivo de sexo, idade, cor ou estado civil (artigo 7º, inciso XXX). O sociólogo português Boaventura de Souza Santos, professor da faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, falando recentemente a esta Folha, verberou a polarização da riqueza em muitos países, inclusive no nosso, em condições parecidas com a dos Estados fascistas tradicionais. Exemplificou com grupos criminosos que substituem o Estado em certas regiões (vide o PCC) e com a parte corrupta da polícia, colaboradora do crime organizado, não se sabendo onde acaba a administração pública e começa a sociedade.

Boaventura lembra a incapacidade de redistribuição da riqueza, permitindo que o capitalismo opere contra o pobre, e não a favor dele. Chama essa situação de fascismo social. Neste país, presidido por um sociólogo, precisamos meditar sobre as insuficiências gerais e as do direito em particular, afirmadas pelo sábio sociólogo português. Meditar para corrigi-las.

1. O texto que serve de motivo a esta prova pode ser classificado, de forma mais adequada, como:

a) argumentativo opinativo.

b) narrativo moralizante.

c) expositivo informativo.

d) argumentativo polêmico.

e) expositivo didático.

Texto XXXI

AS RAÍZES DO CARÁTER NACIONAL

Dante Moreira Leite

Parece possível distinguir duas tendências fundamentais na reação ao grupo estranho: uma de admiração e aceitação, outra de desprezo e recusa.

Aparentemente, quase todos os seres humanos apresentam essas duas tendências fundamentais. A participação em nosso grupo provoca sentimentos de segurança e bem-estar, pois supomos entender que os que falam a nossa língua têm um passado em comum conosco, e também sabem o que esperar de nós. Mesmo quando nos desentendemos, sabemos por que isso ocorre,

podemos esperar que nosso interlocutor acabe por nos entender e aceitar. E nisso talvez a linguagem desempenhe um papel fundamental, pois os homens geralmente são incapazes de utilizar perfeitamente mais que uma língua, e só naquela aprendida na infância somos capazes de exprimir todas as sutilezas do pensamento, todas as formas de ódio e amor. Além disso, o local em que nascemos e crescemos, a paisagem que conhecemos, tudo isso parece constituir um universo próximo e amigo, cujo reencontro é sempre uma alegria e uma consolação.

No outro extremo, o estrangeiro provoca a nossa desconfiança, às vezes o nosso medo. Nem sempre entendemos os seus gestos e certamente não compreendemos a sua língua. Ele não se veste como nós, a sua fisionomia pode ser diferente da nossa e não adora nossos deuses. Entre os primitivos, o estrangeiro passava por uma complexa cerimônia, destinada a afastar os malefícios que trouxesse de seus demônios; ao voltar de uma viagem, as pessoas deveriam permanecer isoladas por algum tempo, até que delas se afastassem os demônios estranhos, acaso encontrados pelos caminhos.

E, no entanto, sentimos que o contrário também é verdade. Frequentemente sonhamos com o país distante, a terra prometida onde possamos realizar nossos desejos. Sentimos que aqueles que mais nos conhecem são também capazes de ignorar o que de melhor trazemos conosco. E o provérbio " ninguém é profeta em sua terra" traduz precisamente essa ideia de que não podemos compreender integralmente quem está muito próximo de nós. As situações novas, além disso, são atraentes e provocantes: o novo ou o desconhecido parece, pelo menos durante algum tempo, mais belo e atraente do que o velho; os nossos olhos parecem mais penetrantes ao observar a nova paisagem, ao admirar outras figuras humanas.

O caráter nacional brasileiro, SP. Pioneira, 1976. p.11.

1. O texto pode ser predominantemente classificado como:

a) descritivo.

b) narrativo.

c) argumentativo.

d) conversacional.

e) didático.

Texto XXXII

Um novo fantasma ronda os consultórios pediátricos: as lesões músculo-esqueléticas. O alerta vem do médico Clóvis Artur Almeida da Silva, responsável pela Unidade de Reumatologia Pediátrica, do Instituto da Criança, do Hospital das Clínicas (HC), em São Paulo. Segundo o especialista, é cada vez maior o número de pacientes com dores e lesões músculo-esqueléticas provocadas pelo uso excessivo de videogames e computadores. Os sintomas da doença são dores nas mãos e nos punhos, fadiga, comportamento agressivo, cefaléia e dores no abdômen, na coluna e no tórax. Além disso, o médico alerta para outros problemas que podem estar associados ao uso de computadores e videogames: a obesidade, o desinteresse pelo alimento (anorexia) e as convulsões por fotoestimulação, que acontecem em crianças já propensas ao problema.

1. Pelo conteúdo e estrutura do texto, pode-se dizer que sua preocupação maior é:

a) ensinar.

b) informar.

c) prever.

d) prevenir.

e) atemorizar.

Texto XXXIII

POR QUE O BUDISMO ENCANTA O OCIDENTE?

Frei Betto

O budismo faz tanto sucesso no Ocidente porque possui características que correspondem às tendências da pós-modernidade neoliberal. Num mundo em que muitas religiões se sustentam em estruturas autoritárias e apresentam desvios fundamentalistas, o budismo apresenta-se como uma não religião, uma filosofia de vida que não possui hierarquias, estruturas nem códigos canônicos. No budismo não há a ideia de Deus, nem de pecado. Centrado no indivíduo e baseado na prática da yoga e da meditação, o budismo não exige compromissos sociais de seus adeptos, nem submissão a uma comunidade ou crença em verdades reveladas. Há, contudo, muitos budistas engajados em lutas sociais e políticas. Nessa cultura do elixir da eterna juventude, em que o envelhecimento e morte são encarados, não como destinos, mas como fatalidades, o budismo oferece a crença na reencarnação. Acreditar que será possível viver outras vidas além dessa é sempre consolo e esperança para quem se deixa seduzir pela ideia da imortalidade e não se sente plenamente realizado nessa existência.

Outro aspecto do budismo que o torna tão palatável no Ocidente é a sua adequação a qualquer tendência religiosa. Pode-se ser católico ou protestante e abraçar o budismo como disciplina mental e espiritual, sem conflitos. Mesclar diferentes tradições religiosas é uma tendência crescente para quem respira a ideologia pós-moderna do individualismo exacerbado, segundo a qual cada um de nós pode ser seu próprio papa ou pastor, sem necessidade de referências objetivas. Como método espiritual, o budismo é de grande riqueza, pois nos ensina a lidar, sem angústia, com o sofrimento; a limpar a mente de inquietações; a adotar atitudes éticas; a esvaziar o coração de vaidades e ambições desmedidas; a ir ao encontro do mais íntimo de nós mesmos, lá onde habita aquele Outro que funda a nossa verdadeira identidade.

1. Pela estrutura e conteúdo, a melhor definição para esse tipo de texto é:

a) narrativo didático, pois ensina e mostra diferentes aspectos em ordem cronológica.

b) expositivo preditivo, pois antecipa situações futuras das relações entre as crenças.

c) argumentativo polêmico, pois apresenta ideias que defendem uma posição contra outras possíveis.

d) descritivo informativo, pois informa características novas sobre o budismo, que são de interesse geral.

e) dissertativo normativo, pois visa dar normas de conduta aos leitores.

Texto XXXIV

A CIÊNCIA NO SÉCULO XXI

Noventa e sete por cento das espécies vivas, 80.000 proteínas produzidas pelo corpo e bilhões de galáxias ainda não foram identificados. Quase nada sabemos da natureza do Universo, da origem da Vida, do funcionamento dos climas, do desenvolvimento do embrião e do cérebro.

Provavelmente não se descobrirá ainda no século XXI de onde surgiu o Universo, nem como começou a vida na Terra, nem como o cérebro engendra o pensamento e a consciência, nem se outras formas de vida existem em outros lugares. Em compensação, outras questões que hoje não são formuladas serão resolvidas, pois se descobrirá que certas respostas consideradas definitivas

estavam totalmente equivocadas.

(Dicionário do século XXI – Jacques Attali)

1. O livro de onde foi retirado esse texto é um dicionário sobre o século XXI, publicado no século XX, o que o mostra como um livro de profecias.

Analise os itens a seguir:

I. " Noventa e sete por cento das espécies vivas, 80.000 proteínas produzidas pelo corpo e bilhões de galáxias ainda não foram identificados."

II. " Quase nada sabemos da natureza do Universo, da origem da Vida, do funcionamento dos climas, do desenvolvimento do embrião e do cérebro."

III. " Provavelmente não se descobrirá ainda no século XXI de onde surgiu o Universo, nem como começou a vida na Terra."

IV. " Em compensação, outras questões que hoje não são formuladas serão resolvidas."

O(s) item(s) que melhor mostra(m) a presença desse discurso preditivo é/são:

a) I – II

b) III – IV

c) IV

d) II – III – IV

e) I – II – III – IV

Texto XXXV

A ARTE NA NOSSA VIDA

Jô Oliveira e Lucília Garcez

Você pode pensar que não conhece arte, que não convive com objetos artísticos, mas estamos todos muito próximos da arte. Nossa vida está cercada dela por todos os lados. Ao acordar pela manhã e olhar o relógio para saber a hora, você tem o primeiro contato do dia com a arte. O relógio, qualquer que seja o seu desenho, passou por um processo de produção que exigiu planejamento visual. Especialistas estudaram e aplicaram noções de arte. A forma do seu relógio é resultado de uma longa história da imaginação humana e das suas preferências. A cor, a forma, o volume, o material que foram escolhidos estão testemunhando o tempo e a transformação do gosto e da técnica. Ao observá-lo, você observa que é um objeto antigo ou moderno, você reconhece que quem o desenhou preferia formas curvas ou retas, ou ainda dourado, e até pedrinhas brilhantes. Quem escolhe um relógio para comprar decide com base em suas preferência pessoais. Alguns preferem os mais elaborados, outros preferem os mais simples. É o gosto pessoal que predomina, e este pode variar infinitamente. Varia porque recebe influências de acordo com a idade, com a época, com o meio social em que a pessoa vive. E, como nos diz a sabedoria popular: " gosto não se discute". Mas, quem sabe, possamos discutir o gosto? Em outros objetos do seu quarto e de seu cotidiano você pode observar a presença da arte: na estampa de seu lençol, no desenho da sua cama, no formato da sua escova de dentes, no desenho da torneira e da pia do banheiro, na xícara que você toma leite, nos talheres, no modelo do carro, no formato do telefone. Em todos os objetos há um pouco de arte aplicada. Esse esforço para produzir objetos bonitos, agradáveis ao olhar atraentes e

harmoniosos, está em todas as culturas, em todas as civilizações. E em nosso dia a dia.

1. Pela leitura do texto, podemos classificá-lo como:

a) informativo.

b) didático.

c) publicitário.

d) instrucional.

e) normativo.

Texto XXXVI

AS TARTARUGAS DE HERON

Heloísa Seixas

Amanhece na ilha de Heron. Sobre a imensa faixa de areia, que se estende em curva até desaparecer na bruma da manhã, despeja-se uma lua violácea, que pouco a pouco se encorpa. Mas é somente quando o sol oblíquo já incide sobre as areias e a água, sobre a vegetação rasteira e os tufos de algas que brilham nas pedras com a maré baixa, é só então – nunca antes – que se pode notar o primeiro movimento na praia.

De início, quase imperceptível. Alguns grãos de areia deslocados, apenas. Depois um movimento um pouco mais brusco, mais ousado, pequeno terremoto subterrâneo que suga a areia para dentro de si mesma. Os grãos estremecem, revoltam-se, até que, finalmente, após longa luta, uma forma de cor escura irrompe à superfície. É a cabecinha de uma tartaruga.

Logo, surgem outras. E mais outras, por toda parte. Ao longo de uma enorme extensão de areia, as tartarugas recém-nascidas caminham com seus passos incertos em direção ao mar da Austrália. Nem todas conseguirão alcançá-lo. Muitas morrerão ao longo do caminho até as ondas, levadas por aves predadoras, ou se perderão, confundidas pelo sol. Outras, tenazes, resistirão. Serão mais rápidas ou terão mais sorte – e logo seus pequenos corpos escuros serão apenas uma nódoa no mar de esmeralda líquida. Estarão salvas para cumprir seu destino.

E esse destino é nadar, seguir em frente. As tartarugas de Heron, assim que mergulham no mar, nadam incansavelmente em direção à Nova Zelândia, atravessando as águas do Mar da Tasmânia por anos a fio. Levam praticamente a vida toda nessa travessia, apenas para, um dia, voltar. Então, descrevem uma longa curva e atravessam de volta o oceano, rumo à mesma praia da ilha de Heron onde nasceram. Ali, já adultas, vão pôr seus ovos na areia – para que o ciclo da vida recomece.

Soube de tudo isso ao assistir a um documentário na televisão. E fiquei pensando. As tartarugas de Heron se parecem um pouco conosco.

Elas, como nós, atravessam o longo arco da vida – tão atribulada, tão cheia de batalhas – e, no fim das contas, vão parar no mesmo lugar. São navegantes sem sentido, mas que continuam, sempre e sempre, nadando rumo a seu destino. Nadam com grande afinco, empregando nas braças toda a sua energia, ano após ano, sem saber bem por que o fazem, talvez sem sequer pensar no sentido dessa trajetória. Mas vão em frente, navegam – como nós. Porque é preciso.

1. O texto começa pela descrição da ilha de Heron. Um texto descritivo é caracterizado fundamentalmente por:

a) ações que ocorrem em uma sequência cronológica.

b) reflexões sobre aspectos problemáticos da vida.

c) registro de elementos caracterizadores de uma realidade.

d) citação de informações sobre determinado objeto.

e) conjunto de pensamentos inacabados.

2. Fernando Pessoa, grande poeta português, disse em um de seus poemas que "Navegar é preciso, mas viver não é preciso"; as últimas palavras do texto:

a) demonstram que a autora do texto plagiou o poeta.

b) mostram que Fernando Pessoa conhecia a vida das tartarugas.

c) indicam a presença de um texto em outro.

d) documentam uma paródia das palavras do poeta.

e) ironizam as belas palavras do poema.

Texto XXXVII

PRISÃO DE VENTRE NA ALMA (fragmento)

Leandro Konder

Todos estamos nos tornando, hoje, mais desconfiados do que no passado. Com exceção das pessoas que se dispõem a pagar um preço altíssimo por uma unidade monolítica, somos todos bastante divididos interiormente.

Para o bem ou para o mal, vão rareando as convicções inabaláveis. Uma parte de nós quer acreditar, outra é descrente. Gostaríamos de ter segurança para acreditar em coisas que ninguém pode assegurar que são inteiramente dignas de nossa confiança.

As verdades do crente dependem da fé, enquanto a fé existe. Mas a fé também pode deixar de existir; ela não depende da razão, nem da ciência; depende de Deus, que a deu e pode tirá-la. O filósofo Pascal já no século XVII afirmava que a nossa razão serve, no máximo, para nos ajudar a fazer apostas mais convenientes.

As verdades científicas, por sua vez, dependem da história, são periodicamente revistas, reformuladas. As novas descobertas e as novas invenções não se limitam a complementar os conhecimentos já adquiridos: exigem que eles sejam rediscutidos e às vezes drasticamente modificados.

E as verdades filosóficas? Quanto maiores forem os pensadores que as enunciam, mais acirrada será a controvérsia entre eles. As verdades filosóficas se contradizem, umas questionam as outras.

Somos envolvidos, então, por uma onda de ceticismo. É possível que essa onda já tenha tido alguns efeitos favoráveis à liberdade espiritual dos indivíduos, ao fortalecimento neles do espírito crítico. É possível que ela tenha de algum modo "limpado o terreno" para um diálogo mais desenvolto entre as criaturas, para valores mais comprometidos com o pluralismo, contribuindo para a superação de algumas formas rígidas e dogmáticas de pensar.

Dentro de limites razoáveis, o ceticismo atenua certezas, suaviza conclusões peremptórias e abre brechas no fanatismo. Na medida em que se espraia indefinidamente, contudo, ele traz riscos graves. A própria dinâmica de um ceticismo ilimitado apresenta uma contradição insuperável.

O poeta Brecht expressou esse impasse num poeminha que tem apenas três versos e que não pode deixar de ser reproduzido aqui:

“ Só acredite no que seus olhos veem e no que seus ouvidos escutam.

Não acredite nem no que seus olhos veem e seus ouvidos escutam.

E saiba que, afinal, não acreditar ainda é acreditar.”

Realmente, quem não acredita, para estar convencido de que não está acreditando, precisa acreditar em seu poder de não acreditar. Aquele que não crê, curiosamente, está crendo na sua descrença.

1. O texto de Leandro Konder deve ser considerado como:

a) didático.

b) informativo.

c) argumentativo.

d) expressivo.

e) narrativo.

2. Característica abaixo que marca predominantemente os textos descritivos é:

a) a atenção às ações ou acontecimentos.

b) a sucessão temporal.

c) uso do pretérito perfeito do indicativo.

d) a presença marcante de substantivos e adjetivos.

e) pretende discutir, informar ou expor.

Gabarito comentado:

Textos I e II

1. D. Ambos os textos apresentam linguagem formal, sem apresentarem discurso coloquial.

Texto III

1. D. O texto “ Protesto tímido” é um exemplo de crônica, por ser narrativo, com aspectos dissertativos. O autor vem relatar o que lhe aconteceu certo dia ao se deparar com um menor abandonado. Ao longo do texto, ele descreve características do menor, bem como das cenas em que se envolveu, tecendo também comentários sobre o problema que a narração ilustra. A letra A, portanto, é eliminada, já que se trata de narração e não de registros históricos; a letra B não deve ser considerada, já que o estilo a predominar é o narrativo. Quanto à letra C, não se trata necessariamente de uma coluna de jornal. No entanto, a letra D diz que este é um pequeno conto, fato que pode se perceber pela extensão do texto, que não é verdadeiro.

2. B. Os tempos verbais – pretérito imperfeito e pretérito perfeito – são características dos modos descritivo e narrativo, respectivamente. A descrição indica ações contínuas, duradouras – representadas pelo pretérito imperfeito. Já o pretérito perfeito evidencia ações que se sucederam em uma evolução cronológica – característica do texto narrativo.

3. D. O uso da primeira pessoa do plural é uma forma de o narrador se incluir no texto, manifestar sua opinião. Nesse caso,

eliminam-se automaticamente as outras opções da questão.

4. B. Ainda que o narrador manifeste comiseração (“ escurinho, de seis ou sete anos, não mais”), certa revolta (“ vinte e cinco milhões de menores – um dado abstrato, que a imaginação não alcança”), desprezo (“ Imagino que ele venha a ser um desses que se esgueiram como ratos em trono aos botequins e lanchonetes e nos importunam cutucando-nos de leve – gesto que nos desperta mal contida irritação”) e tristeza (“ Para entender, só mesmo imaginando meu filho largado no mundo...”), o tom predominante no texto, que aparece fortemente ao final do texto é o de remorso (“ Mas a verdade é que hoje eu vi meu filho dormindo na rua, exposto ao frio da noite, e além de nada ter feito por ele, ainda o confundi com um monte de lixo.”).

5. A. Pergunta retórica é aquela que não busca resposta por parte do interlocutor, muitas vezes por ser esta óbvia, que é o que ocorre com a letra A. As outras perguntas não são retóricas por suscitarem reflexão por parte do leitor do texto – suas respostas são importantes para a compreensão da mensagem do texto.

Texto IV

1. D. O título do texto apresenta tom irônico. O autor, com o uso das aspas, já indica sua opinião – o ato de pichar é mais um comportamento vândalo do que um ato de livre manifestação.

2. A. O texto IV é dissertativo polêmico, pois apresenta duas formas de se encarar a mesma questão: o ato de pichar como resultado da liberdade de expressão ou como vandalismo. Quanto à letra B, o que se tem é a inversão das características: a liberdade de expressão é legal e o vandalismo é ilegal. Já a letra C não está correta porque só o primeiro argumento é a favor do aparecimento das pichações, não os dois. No entanto, a letra D extrapola o texto, pois não se tratou do pensamento das autoridades sobre as pichações. E a letra E está errada, pois não são duas realidades que ocorrem simultaneamente: pelo contrário – elas se excluem.

3. D. Ainda que o autor manifeste claramente sua crítica a respeito do tema, o texto é dissertativo polêmico, pois apresenta duas visões do mesmo assunto.

Textos V e VI

Letra A – Ambos os textos são dissertativos. Assertiva errada.

Letra B – Assertiva certa. O primeiro texto fala das fronteiras das nações-estados e as fronteiras da empresa moderna, tema mais específico, menos amplo do que o do segundo texto, que trata das estruturas políticas mundiais.

Letra C – Assertiva errada. Ambos os textos trazem a tecnologia sob uma visão positiva.

Letra D – Assertiva errada. O texto V é que fala da alteração das políticas atuais.

Letra E – Assertiva errada. Ambos os textos são dissertativos. *Das nações-estados* e *o alcance da empresa moderna*. Já o segundo texto trata de um âmbito mais amplo, de nível mundial.

Texto VII

1. A. A primeira linha do texto é reescrita na letra A, pois, ao se falar em “ recente documento”, está se falando em “ atualidade” e ao mencionar “ elaborado pelo IBGE”, quer-se dizer “ credibilidade”.

2. C. As letras A e D são eliminadas por falarem em “ criticar” e “ mostrar soluções”, características do texto argumentativo, e não informativo. A letra B extrapola o problema apresentado pelo texto ao mencionar “ poluição ambiental”. Da mesma forma, a letra E extrapola, pois o texto não trata dos principais problemas do país. Por ser informativo, o texto tem como meta aumentar

o conhecimento do leitor sobre o assunto em questão – o lixo.

3. B. O texto é informativo, tem como função prioritária denunciar um grave problema. As outras alternativas devem ser eliminadas, pois o texto não é argumentativo, com valor de conselho, acusação, crítica ou elogio.

Texto VIII

1. C. Ao se falar da " marca da morte", alude-se aos males produzidos pelo fumo; além disso, a expressão " marca nos cigarros" alude às embalagens do cigarro. A letra A omite a informação sobre as embalagens dos cigarros, presente no título. A letra B extrapola o título. A letra D contradiz o texto. A letra E, embora seja condizente com o texto, não é a reescritura do seu título.

2. E. O que se depreende do texto é que o jornalista, ao citar por extenso o significado da forma abreviada ANVS, pretendia esclarecer eventuais dúvidas por parte de algum leitor. A letra A não é verdadeira porque a tradução de uma abreviatura não transforma um texto algo mais ou menos resumido. A letra B é uma generalização excessiva – os textos informativos podem ou não usar abreviaturas. A letra C é uma extrapolação, pois explicitar uma abreviatura não significa direcionar um texto para uma classe não culta. Já a letra D vai além do objetivo do autor do texto, pois esclarecer uma abreviatura não pode significar a intenção do autor de enfatizar o poder de uma lei.

3. C. A resolução da ANVS é um texto normativo, pois estabelece regulamento, norma. Já o texto-imagem é publicitário, pois procura convencer o leitor a aderir a uma ideia: fumar prejudica a saúde.

4. E. Todas as alternativas representam características do texto informativo, exceto a última: o autor procura ser objetivo e impessoal, daí não serem comuns trechos interativos com o leitor.

Texto IX

1. A. O início do 2º parágrafo é a chave para essa resposta, pois afirma que o anúncio de revista é " fantástico para um sujeito que dispõe desse tempo...". A letra B apresenta uma generalização excessiva. Quanto à letra C, o texto não afirma que somente o texto rico em informações é capaz de convencer o leitor a comprar um produto; no entanto, a letra D confunde quantidade de informações com gosto estético e a letra E extrapola o texto.

2. C. O texto que explica, expõe dados, é o texto informativo. Já aquele que trata do funcionamento de algum objeto é o texto instrucional, que instrui o leitor a realizar algum tipo de ação. Eliminam-se, portanto, as outras alternativas.

3. A. Mais explicitamente no quarto parágrafo, o autor deixa clara a sua intenção de " vender uma ideia" – o outdoor (" Ótimo para anúncios institucionais ou promocionais de qualquer produto ou serviço"). Excluem-se automaticamente as outras opções.

4. E. O horóscopo, por ser um texto preditivo, é rico em previsões; o livro didático possui como meta ensinar; o dicionário é um texto que apresenta definições, conceitos; a bula de remédio, por ser um texto informativo, é rica em informações. Entretanto, o outdoor possui como característica principal a ausência de detalhes. A letra E contradiz o texto.

Texto X

1. E. O texto deve ser classificado como dissertativo didático – seu objetivo é ensinar o leitor como se processa uma entrevista. O único parágrafo que não apresenta tal tom didático, por veicular uma opinião do leitor, é o último: ele é o único parágrafo com características argumentativas.

Texto XI

1. B. Ao se falar em água insalubre, o autor antecipa a conotação negativa da água, que será tratada no texto, daí eliminarmos as letras A e C. Quanto à letra D, o título só anuncia um problema, não tendo, portanto, conteúdo trágico. A letra E é falsa, pois o assunto da Aids é mencionado no texto, não no título.

2. B. O texto tem como meta informar, acrescentar informações ao leitor acerca de um grave problema – a água.

Texto XII

1. B. O texto " Raízes" é um texto narrativo, composto de duas histórias – uma narrativa que se inicia na linha 3, que é secundária, sobre uma pedreira – e uma narrativa principal, que é a base do texto, sobre uma inglesa de origem afegã. É a essa narrativa que o autor alude na 3ª linha, quando anuncia " a história que eu vou contar".

Texto XIII

1. C. O texto XIII é informativo, sua principal finalidade é informar sobre uma época em que o ser humano não sabia contar.

Texto XIV

1. B. O texto XIV é expositivo – ele expõe fatos, problemas. Além disso, o autor manifesta, ao longo de sua exposição, um tom de crítica. Entretanto, não podemos considerar o texto argumentativo, pois ele não vem defender uma tese – ele somente expõe evidências.

Texto XV

1. D. Ao solicitar segmento do texto em que o autor interfira no seu conteúdo, o que se pretende é um trecho que seja responsável pela organização da argumentação do texto, que é " fico então com as desvantagens". Aqui, o autor organiza o conteúdo textual, anunciando que a base argumentativa do texto é falar sobre as desvantagens do mundo virtual.

2. E. O texto é dissertativo argumentativo. Sua meta é defender a tese, devidamente explicitada em seu último parágrafo do texto: " Viver plugado a uma corrente de pessoas e informações...agride o que o ser humano tem de melhor e insubstituível...".

Textos XVI e XVII

1. A. Segundo o texto, o pai não chega a aprovar o comportamento do filho, apenas o aceita " ponderei o fato de meu filho não ser um veículo para que eu coloque em prática o meu projeto de ser humano". No entanto, a postura do filho é de aprovação, já que o piercing foi sua escolha.

2. E. Ambos os texto são narrativos – relatam acontecimentos.

Texto XVIII

1. A. O texto é dissertativo – nele o autor utiliza-se de abstrações, conceitos. Sua meta é falar sobre " a linha tênue e imprecisa que divide realidade e sonho, sanidade e loucura". Sendo assim, sua narrativa caracteriza-se como uma estratégia de discurso – seu objetivo é ilustrar o pensamento do autor.

Texto XIX

1. D. Ainda que o texto apresente muitas informações – dados estatísticos resultantes de pesquisas – sua meta é defender a urgência de " fazer o turista se sentir mais seguro no Rio".

Texto XX

1. A. O objetivo do texto é especular, conjecturar sobre a vida daqui a uma grande quantidade de anos. Vale observar que o autor não apresenta tom de certeza, precisão, daí não ser esse texto informativo. Da mesma forma, o texto não prevê o futuro, pelo contrário, ele é finalizado por meio de uma série de perguntas, questionamentos.

Texto XXI

1. C. O objetivo da autora é ensinar a diferença entre racismo, discriminação e preconceito. Atente aos detalhamentos do texto e à apresentação de definições – tudo isso confere um tom didático ao texto lido. Assim, eliminam-se as outras alternativas. A letra D é falsa, pois o texto vai além da tarefa de informar – ele pretende ensinar.

Texto XXII

1. D. A letra A não está correta, pois não se pode afirmar que os dados apresentados pelo texto sejam totalmente desconhecidos pelos leitores. Quanto à letra B, não se pode afirmar que o texto se utilize de suspense – o autor apresenta de imediato as informações ao leitor. Na letra C, não se pode afirmar, tratando-se de um texto informativo, que suas informações são fruto de opiniões do autor. A letra D está correta, pois apresenta uma característica marcante do texto informativo – seu conteúdo deve ter, ao menos presumidamente, conteúdo de interesse para o leitor. Quanto à letra E, o texto não trata de linguagem coloquial – o texto informativo deve ter linguagem simples, mas não informal.

Texto XXIII

1. D.

Texto XXIV

1. C. O texto é predominantemente dissertativo argumentativo. Sua meta é defender uma tese explicitada nos dois últimos parágrafos do texto – a de que o mandato de quatro anos " não pode servir de escudo no momento em que o agente público atue contra os superiores interesses da moralidade e da legalidade", bem como " a melhor forma de evitar constrangimentos futuros, na escolha de dirigentes com mandatos fixos, ainda é a observância dos critérios de competência técnica e de moralidade". Vale observar que, ainda que a argumentação predomine, pode-se observar no texto características expositivas (4º e 5º parágrafos), onde o autor expõe o que sabe sobre o assunto, assim como narrativas (2º e 3º parágrafos), em que o autor relata acontecimentos sobre o episódio Pitt.

Texto XXV

1. E. O texto deve ser classificado como dissertativo, pois discorre sobre um assunto apresentado no início e retomado ao final do texto: a originalidade da monarquia brasileira. Seu objetivo não é contar a história sobre a vinda da família real ao Brasil, mas de apresentar fatos que ilustrem essa hipótese. Dessa forma, eliminam-se as letras A e C. A letra B, ao utilizar o verbo " descreve", a banca insinua que o texto é descritivo, fato que não é verdadeiro. A letra D é falsa, pois o texto não defende a ideia de que " o mais importante são os antecedentes históricos imediatos".

Texto XXVI

1. D. O objetivo do texto é o de discorrer sobre as transformações do mundo moderno e o autor utiliza a secretária eletrônica como um símbolo de modernidade. Sendo assim, o texto deve ser caracterizado como predominantemente dissertativo opinativo. A narração é uma estratégia utilizada para ilustrar sua tese – uma maneira de ilustrar o seu pensamento.

Texto XXVII

1. A. O texto lido deve ser classificado como predominantemente dissertativo argumentativo. Seu objetivo é discorrer sobre as vantagens da geografia humana em detrimento da árida geografia física. Entretanto, os quatro últimos parágrafos apresentam uma narrativa, utilizada para ilustrar o pensamento apresentado pelo texto.

Texto XXVIII

1. A. Na passagem do verbo no pretérito imperfeito (" dirigia") ao pretérito perfeito (" foi assaltada"), assinalou-se uma mudança de um trecho descritivo, em que o autor caracterizava uma cena, a um texto narrativo, com evolução cronológica.

2. A. O trecho narrativo é utilizado para ilustrar a defesa de tese que será desenvolvida na sequência textual. Conta-se uma história primeiro, para se defender uma tese depois – a banalização da violência.

3. C. O texto deve ser classificado como dissertativo opinativo, ou argumentativo, pois sua intenção é discorrer sobre uma tese, já elucidada ao final do 1º parágrafo (" o que é a cultura da violência, sua nova feição no Brasil") e retomada ao final do texto (" a imoralidade da cultura da violência"). A narração, mesclada com descrição, apresentada no 1º parágrafo serviu apenas para ilustrar a tese do autor.

Texto XXIX

1. A. Esse texto é um bom exemplo de argumentação. Por meio de argumentos apresentados ao longo da dissertação, o autor pretende defender a tese de que o melhor é educar e não proibir (" Há um caminho simples: proibir. Há o caminho correto: educar.").

Texto XXX

1. A. O objetivo do texto é o de defender uma tese – a de que os objetivos fundamentais do art. 3º da Constituição valem como destinos a serem alcançados pelo Brasil. Eliminam-se as outras alternativas. Atente à letra D: a intenção do autor não é a de provocar polêmica, dividir opiniões, mas sim de defender seu posicionamento.

Texto XXXI

1. C. A intenção do autor é a de defender o seguinte argumento central: o ser humano possui atitudes opostas em relação ao estrangeiro – de aceitação e de recusa.

Texto XXXII

1. D. Apesar de apresentar traços informativos, o objetivo do texto é alertar, prevenir o leitor quanto às lesões músculo-esqueléticas.

Texto XXXIII

1. C. O objetivo do texto é apresentar a filosofia budista contrapondo-a às outras religiões – característica do texto polêmico.

Texto XXXIV

1. B. O discurso preditivo é marcado pelos verbos no futuro do presente (" Provavelmente não se descobrirá ainda..."; " ... outras questões que hoje não são formuladas serão resolvidas"). Os trechos I e II não são preditivos, são informativos.

Texto XXXV

1. B. A intenção dos autores é nos ensinar a perceber a presença da arte em todos os detalhes da nossa vida. Além da intenção de

ensinar, pode-se perceber neste texto a presença de substantivos e adjetivos e o detalhamento nas caracterizações da presença da arte.

Texto XXXVI

1. C. Característica marcante dos textos descritivos é a presença de elementos que caracterizam uma realidade (substantivos e adjetivos). Quanto à letra A, vale observar que o 1º parágrafo não relata acontecimentos, descreve uma cena. O fato de o texto não ser dissertativo elimina as alternativas B e E. Quanto à letra D, não se pode falar em citação de informações, pois o trecho não é informativo.
2. C. Eis um exemplo de intertextualidade por alusão. O autor faz menção a outro autor em seu texto.

Texto XXXVII

1. C O texto deve ser classificado como dissertativo argumentativo. Seu objetivo é o de defender uma tese – a de que " todos estamos nos tornando, hoje, mais desconfiados do que no passado".
2. D. Como já vimos, o texto descritivo é marcado por uma forte presença de substantivos e adjetivos, pois seu objetivo é o de caracterizar, qualificar. Quanto às letras A, B e C, pode-se observar aí características de textos narrativos. A letra E apresenta perfil de texto dissertativo.

23.5. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

Leia o texto a seguir para responder à questão 1

Medo da eternidade

Jamais esquecerei o meu aflitivo e dramático contato com a eternidade.

Quando eu era muito pequena ainda não tinha provado chicles e mesmo em Recife falava-se pouco deles. Eu nem sabia bem de que espécie de bala ou bombom se tratava. Mesmo o dinheiro que eu tinha não dava para comprar: com o mesmo dinheiro eu lucraria não sei quantas balas.

Afinal minha irmã juntou dinheiro, comprou e ao sairmos de casa para a escola me explicou:

– Tome cuidado para não perder, porque esta bala nunca se acaba. Dura a vida inteira.

– Como não acaba? – Parei um instante na rua, perplexa.

– Não acaba nunca, e pronto.

Eu estava boba: parecia-me ter sido transportada para o reino de histórias de príncipes e fadas. Peguei a pequena pastilha cor-de-rosa que representava o elixir do longo prazer. Examinei-a, quase não podia acreditar no milagre. Eu que, como outras crianças, às vezes tirava da boca uma bala ainda inteira, para chupar depois, só para fazê-la durar mais. E eis-me com aquela coisa cor-de-rosa, de aparência tão inocente, tornando possível o mundo impossível do qual eu já começara a me dar conta.

Com delicadeza, terminei afinal pondo o chicle na boca.

– E agora que é que eu faço? – perguntei para não errar no ritual que certamente deveria haver.

– Agora chupe o chicle para ir gostando do docinho dele, e só depois que passar o gosto você começa a mastigar. E aí mastiga a vida inteira. A menos que você perca, eu já perdi vários. Perder a eternidade? Nunca.

O adocicado do chicle era bonzinho, não podia dizer que era ótimo. E, ainda perplexa, encaminhávamo--nos para a escola.

− Acabou-se o docinho. E agora?

− Agora mastigue para sempre.

Assustei-me, não saberia dizer por quê. Comecei a mastigar e em breve tinha na boca aquele puxa-puxa cinzento de borracha que não tinha gosto de nada. Mastigava, mastigava. Mas me sentia contrafeita. Na verdade eu não estava gostando do gosto. E a vantagem de ser bala eterna me enchia de uma espécie de medo, como se tem diante da ideia de eternidade ou de infinito.

Eu não quis confessar que não estava à altura da eternidade. Que só me dava era aflição. Enquanto isso, eu mastigava obedientemente, sem parar.

Até que não suportei mais, e, atravessando o portão da escola, dei um jeito de o chicle mastigado cair no chão de areia.

− Olha só o que me aconteceu! – disse eu em fingidos espanto e tristeza. Agora não posso mastigar mais! A bala acabou!

− Já lhe disse, repetiu minha irmã, que ela não acaba nunca. Mas a gente às vezes perde. Até de noite a gente pode ir mastigando, mas para não engolir no sono a gente prega o chicle na cama. Não fique triste, um dia lhe dou outro, e esse você não perderá.

Eu estava envergonhada diante da bondade de minha irmã, envergonhada da mentira que pregara dizendo que o chicle caíra da boca por acaso.

Mas aliviada. Sem o peso da eternidade sobre mim.

06 de junho de 1970

(LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo* – crônicas. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p.289-91)

1. (SEDU-ES – Professor B – FCC – Jan./2016)

Ainda que se saiba da liberdade com que Clarice Lispector lidava com esse gênero, pode-se assegurar que **Medo da eternidade** é uma **crônica** na medida em que se trata

a) de uma dissertação filosófica sobre uma questão fundamental da vida humana, ainda que a escritora acabe se valendo de sua experiência pessoal para ilustrar a tese que se dispõe a defender.

b) de uma visão subjetiva, pessoal, de um acontecimento do cotidiano imediato, muito embora vivenciado na infância, que acaba dando margem à reflexão sobre uma questão capaz de interessar a todos.

c) de um texto poético, mesmo que em prosa, em que os acontecimentos vividos no passado ganham uma tonalidade lírica e, em lugar de serem explicitamente narrados, são dados a conhecer de modo alusivo e sugestivo.

d) da rememoração de um episódio ocorrido na infância e que é narrado tal como foi vivido, sem deixar transparecer as crenças e convicções do adulto que rememora.

e) de um texto alegórico, em que a história narrada oculta um sentido que vai muito além dela, servindo apenas como veículo da expressão de ideias abstratas que os acontecimentos permitem concretizar.

Leia o texto a seguir para responder à questão 2.

A velhinha contrabandista

Todos os dias uma velhinha atravessava a ponte entre dois países, de bicicleta e carregando uma bolsa. E todos os dias era

revistada pelos guardas da fronteira, à procura de contrabando. Os guardas tinham certeza que a velhinha era contrabandista, mas revistavam a velhinha, revistavam a sua bolsa e nunca encontravam nada. Todos os dias a mesma coisa: nada. Até que um dia um dos guardas decidiu seguir a velhinha, para flagrá-la vendendo a muamba, ficar sabendo o que ela contrabandeava e, principalmente, como. E seguiu a velhinha até o seu próspero comércio de bicicletas e bolsas.

Como todas as fábulas, esta traz uma lição, só nos cabendo descobrir qual. Significa que quem se concentra no mal aparentemente disfarçado descuida do mal disfarçado de aparente, ou que muita atenção ao detalhe atrapalha a percepção do todo, ou que o hábito de só pensar o óbvio é a pior forma de distração.

(VERISSIMO, Luis Fernando. *O mundo é bárbaro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008, p. 41)

2. (Copergás/PE – Analista Administrador – FCC – Jul./2016)

Os dois parágrafos que compõem o texto constituem-se, respectivamente, de uma

a) tese exposta de modo categórico e sua demonstração factual.

b) narrativa de sentido intrigante e sua elucidação aberta em hipóteses.

c) narrativa de propósito moral e sua contestação no confronto com outro fato.

d) fábula de sentido enigmático e a busca inútil de seu esclarecimento.

e) fábula formulada como hipótese e a confirmação cabal de seu sentido.

Leia o texto a seguir para responder à questão 3.

Texto CB2A2BBB

O fenômeno da corrupção, em virtude de sua complexidade e de seu potencial danoso à sociedade, exige, além de uma atuação repressiva, também uma ação preventiva do Estado. Portanto, é preciso estimular a integridade no serviço público, para que seus agentes sempre atuem, de fato, em prol do interesse público.

Entende-se que a integridade pública representa o estado ou condição de um órgão ou entidade pública que está " completa, inteira, perfeita, sã", no sentido de uma atuação que seja imaculada ou sem desvios, conforme as normas e valores públicos.

De acordo com a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), a integridade é mais do que a ausência de corrupção, pois envolve aspectos positivos que, em última análise, influenciam os resultados da administração, e não apenas seus processos. Além disso, a OCDE compreende um sistema de integridade como um conjunto de arranjos institucionais, de gerenciamento, de controle e de regulamentações que visem à promoção da integridade e da transparência e à redução do risco de atitudes que violem os princípios éticos.

Nesse sentido, a gestão de integridade refere-se às atividades empreendidas para estimular e reforçar a integridade e também para prevenir a corrupção e outros desvios dentro de determinada organização.

Disponível em: <www.cgu.gov.br> (com adaptações).

3. (TCE-SC – Aud. Fiscal-Administ. – Cespe – Maio/2016)

Julgue o próximo item, relativo a aspectos linguísticos e às ideias do texto CB2A2BBB.

Nesse texto, de natureza informativo-argumentativa, busca-se convencer o leitor de que a integridade, como qualidade de órgãos e entidades públicas, contribui para que os agentes do serviço público atuem prevenindo a corrupção e em prol do interesse

público.

Leia o texto a seguir para responder à questão 4.

Texto IV

A metrópole de São Paulo vem se tornando mais heterogênea econômica, social e espacialmente e menos desigual quanto a renda, inserção no mercado de trabalho e condições de vida de seus habitantes, mesmo nas áreas mais precárias. A imagem emerge dos treze ensaios que compõem o livro **A Metrópole de São Paulo no Século XXI – Espaços, Heterogeneidades e Desigualdades**, os quais abordam temas específicos, a partir de um diagnóstico comum, para construir um panorama atual da região metropolitana. Tal retrato resulta das mudanças de diversas dimensões pelas quais a metrópole passou na última década, do perfil da pobreza às dinâmicas migratórias e ligadas ao crescimento demográfico, dos moldes de segregação social à produção habitacional e à mobilidade urbana.

A fisionomia da metrópole, central na economia do país, reflete a conjuntura de modo especial, segundo o organizador. Assim, tiveram impactos particulares na região metropolitana a redemocratização, na década de 80 do século XX (com a volta das eleições regulares e com a constituição de sistemas nacionais de políticas públicas), estabilização econômica, a abertura do mercado interno da década de 90 e o crescimento econômico vigoroso da primeira década do século XXI.

Disponível em: <www.fflch.usp.br> (com adaptações).

4. (Pref. SP – Agente Gestão P. Públicas – Cespe – Maio/2016)

O texto IV

a) é predominantemente narrativo, pois conta uma história cuja personagem central é a cidade de São Paulo.

b) é uma apresentação, pois introduz ao leitor textos fictícios ambientados na metrópole de São Paulo.

c) expressa uma opinião muito particular e pejorativa sobre a região metropolitana de São Paulo, não embasada em estudos ou fatos.

d) é predominantemente descritivo, pois descreve detalhadamente os espaços urbanos da capital paulista.

e) recupera e resume ideias de autores que analisaram a situação da metrópole de São Paulo.

Leia o texto a seguir para responder à questão 5.

Texto 1 – O futuro da medicina

O avanço da tecnologia afetou as bases de boa parte das profissões. As vítimas se contam às dezenas e incluem músicos, jornalistas, carteiros etc. Um ofício relativamente poupado até aqui é o de médico. Até aqui. A crer no médico e "geek" Eric Topol, autor de "The Patient Will See You Now" (o paciente vai vê-lo agora), está no forno uma revolução da qual os médicos não escaparão, mas que terá impactos positivos para os pacientes.

Para Topol, o futuro está nos *smartphones*. O autor nos coloca a par de incríveis tecnologias, já disponíveis ou muito próximas disso, que terão grande impacto sobre a medicina. Já é possível, por exemplo, fotografar pintas suspeitas e enviar as imagens a um algoritmo que as analisa e diz com mais precisão do que um dermatologista se a mancha é inofensiva ou se pode ser um câncer, o que exige medidas adicionais.

Está para chegar ao mercado um apetrecho que transforma o celular num verdadeiro laboratório de análises clínicas, realizando

mais de 50 exames a uma fração do custo atual. Também é possível, adquirindo lentes que custam centavos, transformar o *smartphone* num supermicroscópio que permite fazer diagnósticos ainda mais sofisticados.

Tudo isso aliado à democratização do conhecimento, diz Topol, fará com que as pessoas administrem mais sua própria saúde, recorrendo ao médico em menor número de ocasiões e de preferência por via eletrônica. É o momento, assegura o autor, de ampliar a autonomia do paciente e abandonar o paternalismo que desde Hipócrates assombra a medicina.

Concordando com as linhas gerais do pensamento de Topol, mas acho que, como todo entusiasta da tecnologia, ele provavelmente exagera. Acho improvável, por exemplo, que os hospitais caminhem para uma rápida extinção. Dando algum desconto para as previsões, " The Patient..." é uma excelente leitura para os interessados nas transformações da medicina.

Folha de S. Paulo online – Coluna Hélio Schwartsman – 17/01/2016.

5. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

" Para Topol, o futuro está nos *smartphones*. O autor nos coloca a par de incríveis tecnologias, já disponíveis ou muito próximas disso, que terão grande impacto sobre a medicina."

Segundo esse segmento do texto 1, pode-se inferir que o texto de Topol pertence ao seguinte modo de organização:

a) informativo;

b) histórico;

c) argumentativo;

d) instrucional;

e) injuntivo.

Leia os textos a seguir para responder à questão 6.

Texto I

Banhos de mar

Meu pai acreditava que todos os anos se devia fazer uma cura de banhos de mar. E nunca fui tão feliz quanto naquelas temporadas de banhos em Olinda, Recife.

Meu pai também acreditava que o banho de mar salutar era o tomado antes de o sol nascer. Como explicar o que eu sentia de presente prodigioso em sair de casa de madrugada e pegar o bonde vazio que nos levaria para Olinda ainda na escuridão?

De noite eu ia dormir, mas o coração se mantinha acordado, em expectativa. E de puro alvoroço, eu acordava às quatro e pouco da madrugada e despertava o resto da família. Nós nos vestíamos depressa e saíamos em jejum. Porque meu pai acreditava que assim devia ser: em jejum.

Saímos para uma rua toda escura, recebendo a brisa da pré-madrugada. E esperávamos o bonde. Até que lá de longe ouvíamos o seu barulho se aproximando. Eu me sentava bem na ponta do banco, e minha felicidade começava. Atravessar a cidade escura me dava algo que jamais tive de novo. No bonde mesmo o tempo começava a clarear, e uma luz trêmula de sol escondido nos banhava e banhava o mundo.

Eu olhava tudo: as poucas pessoas na rua, a passagem pelo campo com os bichos-de-pé: " Olhe, um porco de verdade!" gritei uma vez, e a frase de deslumbramento ficou sendo uma das brincadeiras da minha família, que de vez em quando me dizia rindo:

“ Olhe, um porco de verdade”.

Eu não sei da infância alheia. Mas essa viagem diária me tornava uma criança completa de alegria. E me serviu como promessa de felicidade para o futuro. Minha capacidade de ser feliz se revelava. Eu me agarrava, dentro de uma infância muito infeliz, a essa ilha encantada que era a viagem diária.

LISPECTOR, C. *A Descoberta do Mundo*. São Paulo: Rocco, 1999, p. 175. Adaptado.

Texto II

Festival reúne caravelas em barcos

Dizem que o passado não volta, mas a cada cinco anos boa parte da história marítima da Europa se reúne para navegar junto entre o Mar do Norte e o canal de Amsterdã. Caravelas e barcos a vapor do século passado se juntam a veleiros e lanchas contemporâneas que vêm de vários países para um dos maiores encontros náuticos gratuitos do mundo. Durante o Amsterdam Sail, entre os dias 19 e 23 de agosto, cerca de 600 embarcações celebram a arte de deslizar sobre as águas.

Desde 1975 o grande encontro aquático junta apaixonados pelo mar e curiosos às margens dos canais para ver barcos históricos e gente fazendo festa ao longo de cinco dias – na última edição, o público estimado foi de 1,7 milhão de pessoas. Há aulas de vela e de remo para adultos e crianças, além de atrações musicais. [...]

Você pode até achar que é coisa de criança, mas o jogo em que cada um leva o próprio balde e simula as tarefas a bordo de um navio é instrutivo e divertido para todas as idades.

MORTARA, F. *O Estado de S. Paulo, São Paulo*, 4 ago. 2015, Caderno D, p. 10. Adaptado.

6. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016)

Comparando-se o conteúdo e a tipologia do Texto I e do Texto II, tem-se que

a) há uma conexão temática entre os dois textos, já que ambos fazem menção ao mar.

b) ambos combinam o domínio literário com o domínio jornalístico.

c) predomina no Texto I a informatividade e no Texto II a narratividade.

d) é natural haver bondes e canais em textos que enaltecem as belezas do mar.

e) a infância é o tempo mais adequado para conhecer embarcações e tomar banhos de mar.

Leia o texto a seguir para responder à questão 7.

Entrevista com Frédéric Martel

Uma guerra mundial pelo conteúdo dos meios de comunicação se trava pela conquista do público dentro e fora dos países criadores. Batalhas se desenrolam pelo domínio da notícia, do formato de programas de TV e pela exibição de filmes, vídeos, música, livros. Nesse processo, um gigante domina: os Estados Unidos, com sua capacidade de produzir cultura de massas que agrada ao grande público em todos os continentes. Essa penetração cultural americana, que muitos críticos preferem chamar de imperialismo, leva os filmes, a música e a televisão americana para o mundo. Sua arma é o inverso da alta cultura, da contracultura, da subcultura, de nichos especializados. Visa o público em geral, cultura de massa, de milhões. Tornou-se a cultura internacional dominante, principal, a chamada *mainstream*, conforme o título do livro escrito pelo sociólogo francês Frédéric Martel. Para escrever *Mainstream*, ele percorreu 30 países durante cinco anos, entrevistou mais de 1.200 pessoas em

todas as capitais do *entertainment*, analisou a ação dos protagonistas, a lógica dos grupos e acompanhou a circulação internacional de conteúdo.

É um imperialismo diferente daquele político e militar. É uma espécie de imperialismo cultural que é bem recebido no mundo. A esse respeito, afirma Frédéric Martel: " É o que basicamente chamamos de *soft power*. *Soft power* significa influenciar as pessoas com coisas legais. Você é amigável, não é contundente. Você tem as forças armadas, tem a diplomacia tradicional e grandes empresas econômicas, que formam o *hard power*, e tem o *soft power*, que influencia as pessoas através de filmes, de livros, da internet e de valores".

" A língua é importante. Eu acredito – e essa é a principal conclusão do meu livro – que, no mundo em que estamos entrando, que reúne globalização e digitalização, a língua é importante. E eu acredito que a batalha, a luta, mesmo a guerra de conteúdo, será uma batalha a respeito da cultura nacional. Você pode ouvir Lady Gaga, gostar de *Avatar* e ler *O Código Da Vinci*, mas, no final das contas, a maior parte da cultura que você consome e ama geralmente é nacional, local, regional, e não global. A cultura global é apenas uma pequena parte do que você gosta. Então, no final das contas, os americanos são os únicos a poder prover essa cultura dominante global, mas essa cultura dominante global continua pequena.

Por quê? Porque a língua é muito importante, porque a identidade é muito importante. Quando você compra um livro de não ficção, quer saber o que acontece aqui, no seu país, e não na Coreia do Sul, por exemplo. Na Coreia do Sul você quer ouvir K-pop, que é a música pop coreana, e ver um drama coreano, e não ouvir uma música brasileira. Portanto, nós estamos em um mundo cada vez mais global, mas, ao mesmo tempo, a cultura ainda é e será muito nacional. Para resumir as coisas, eu diria que todos temos duas culturas: a nossa e a americana."

" Nós, como europeus, temos o mesmo tipo de relação que você, como brasileiro, tem com os EUA. Nós os amamos e odiamos. É uma complicada relação de amor e ódio. Nós esperamos que eles sejam como são; nós queremos criticá-los, mas, ao mesmo tempo, nós protestamos contra eles com tênis Nike nos pés. Nós trabalhamos para ser um pouco como eles, muito embora nós queiramos manter nossa identidade e cultura. E, a propósito, a boa notícia é que o debate no mundo hoje e no futuro não será entre nós – brasileiros, franceses, europeus – e os americanos. Será entre todos nós. O que eu quero dizer é que hoje não há apenas dois povos: nós e os EUA. O mundo é muito mais complicado, com países emergentes, que serão fundamentais nesse novo jogo."

" Para resumir, afirma Martel, eu diria que os EUA continuarão sendo peça importante da guerra de conteúdo, podemos dizer, nos próximos anos e décadas. Eu não acredito e não compro a ideia do declínio da cultura americana. Eu acho que eles são fortes e continuarão sendo fortes. Mas eles não são os únicos no jogo. Agora temos os países emergentes, que estão emergindo não só demográfica e economicamente, como pensávamos. E eu fui um dos primeiros a mostrar que eles estão emergindo com sua cultura, sua mídia e com a internet."

" Nesse mundo, a internet pode ser uma peça importante. O Brasil, por exemplo, vai crescer com a internet, com certeza. Criam-se ferramentas inovadoras de alfabetização, por exemplo, em comunidades, em favelas, em lugares onde os moradores não têm acesso a uma livraria ou biblioteca. Mas eles terão acesso à internet em *lan houses*, por exemplo, e mesmo no telefone. Hoje, todo mundo tem um telefone celular barato. Mesmo na África, todos têm celulares com funções básicas. Em cinco anos, todos terão um *smartphone*, pois os preços estão caindo muito. Assim, todos poderão acessar a internet pelo *smartphone*. Se você tem acesso à internet, pode baixar livros, acessar a rede, pode ver filmes e daí por diante."

" A questão não é se essa tecnologia é boa, conclui Martel. A questão é: ela não será boa ou ruim sozinha. Ela será o que você, o povo, o governo deste país e nós formos capazes de fazer com ela, criando uma boa internet e uma maneira melhor de ter acesso ao

conteúdo através da internet."

BOCCANERA, S. Entrevista concedida pelo sociólogo Frédéric Martel, Programa Milênio, Globo News. Disponível em: <http://www.conjur.com.br/2013-jan-25/ideias-milenio-frederic-martel-sociologo-jornalista-frances>. Acesso em: 10 nov. 2015. Adaptado.

7. (ANP – Téc. Reg. Petr&Der – Cesgranrio – Jan./2016)

Esse texto tem caráter argumentativo, porque o sociólogo entrevistado apresenta sua opinião a respeito da guerra mundial pelo conteúdo dos meios de comunicação.

Para defender a tese de que, apesar da globalização, as culturas nacionais vão sobreviver, ele utiliza como argumento a ideia de que

a) a maior parte da cultura que as pessoas consomem e com a qual se identificam geralmente é local, regional, e não global.

b) o imperialismo cultural, ao contrário do imperialismo político e militar, domina as pessoas sem que elas o percebam.

c) a penetração cultural americana tem origem na produção de cultura de massas que agrada ao grande público.

d) as pessoas criticam os americanos, mas, ao mesmo tempo, utilizam seus produtos, como o tênis Nike nos pés.

e) o mundo hoje é muito mais complicado, com países emergentes que serão fundamentais nas novas relações de poder.

Gabarito: 1. b; 2. b; 3. C; 4. e; 5. c; 6. a; 7. a.

24 ESTRUTURAÇÃO ARGUMENTATIVA

24.1. TEORIA RESUMIDA

Muitas provas de concursos públicos, além de buscarem do aluno seu conhecimento acerca da classificação dos textos, como narrativos, descritivos ou dissertativos, esperam que o candidato esteja apto a achar a tese de um texto dissertativo, resumir seus parágrafos, buscar uma assertiva que seja capaz de concluir tal texto, entre outros conceitos. Para isso, é preciso que o aluno domine as técnicas de estruturação argumentativa. Para esse tipo de questão, é preciso que você esteja apto a desvendar a estruturação de um texto dissertativo: achar sua tese, buscar em cada parágrafo o seu tópico frasal, entender como foram estruturados sua introdução, desenvolvimento e conclusão. Enfim, agregar conhecimentos que ajudarão você inclusive a redigir melhor, pois, ao observar os textos das provas, será possível entender as técnicas que se utilizam em produção textual. **Redigir é ato que deriva da leitura.**

Nosso próximo passo é ensinar você a desvendar as artimanhas de um texto dissertativo, que é a modalidade que mais aparece nas provas de concursos públicos. A partir daí, você estará apto a resolver questões que são as *preferidas* de bancas como Cespe, Esaf e FCC. Vamos lá?

Compreender um texto é muito mais que juntar palavras, frases. É depreender da leitura seu sentido maior, ultrapassando sua superfície. Uma boa maneira de interpretar um texto é buscar nele suas principais ideias, observando como foram estruturadas na argumentação.

Inicialmente, deparamo-nos com o **TEMA** sobre o qual repousa a discussão do texto. Caracteriza-se, portanto, por ser o assunto, o motivo da argumentação. Eis aí a diferença entre tema e tese. **A TESE** caracteriza-se por ser a tomada de posição do autor em relação ao tema e aparece, em um texto padrão, no 1º parágrafo. Será ela não só a ideia central do 1º parágrafo, ou **INTRODUÇÃO**, mas do texto em sua totalidade, o qual terá como compromisso desenvolver argumentos que a comprovem.

Nos parágrafos seguintes – que estruturarão o **DESENVOLVIMENTO** –, observa-se a presença dos **TÓPICOS FRASAIS**, que são os argumentos centrais de cada parágrafo. Serão eles desenvolvidos das mais variadas formas: apresentação de relações de causa e efeito, utilização de exemplos, comparações, analogias, dados estatísticos, testemunhos de autoridade etc.

Por fim, o último parágrafo, ou **CONCLUSÃO**, surge no texto representando a retomada da tese. É neste momento que, em geral, o autor externa suas opiniões, críticas, ou ainda sugestões sobre a discussão desenvolvida em sua dissertação, finalizando-se, assim, o ciclo textual.

Texto comentado

QUALIDADE DE VIDA

Estudo de uma tipologia textual – Educação/UFRJ

É de conhecimento geral que a qualidade de vida nas regiões rurais é, em alguns aspectos, superior à da zona urbana1, porque no campo inexiste a agitação das grandes metrópoles2, há maiores possibilidades de

se obterem alimentos adequados3 e, além do mais, as pessoas dispõem de maior tempo para estabelecer relações humanas mais profundas e duradouras4.

Ninguém desconhece que o ritmo de trabalho de uma metrópole é intenso5. O espírito de concorrência, a busca de se obter uma melhor qualificação profissional, enfim, a conquista de novos espaços lança o ambiente urbano em meio a um turbilhão de constantes solicitações. Esse ritmo excessivamente intenso torna a vida bastante agitada, ao contrário do que se poderia dizer sobre os moradores da zona rural.

Por outro lado, nas áreas campestres há maior qualidade de alimentos saudáveis6. Em contrapartida, o homem da cidade costuma receber gêneros alimentícios colhidos antes do tempo de maturação, para garantir maior durabilidade durante o período de transporte e comercialização.

Ainda convém lembrar a maneira como as pessoas se relacionam nas zonas rurais7. Ela difere da convivência habitual estabelecida pelos habitantes metropolitanos. Os moradores das grandes cidades, pelos fatos já expostos, de pouco tempo dispõem para alimentar relações humanas mais profundas.

Por isso tudo, entendemos que a zona rural proporciona a seus habitantes maiores possibilidades de viver com tranquilidade8. Só nos resta esperar que as dificuldades que afligem os habitantes metropolitanos não venham a se agravar com o passar do tempo9.

24.1.1. O parágrafo argumentativo

Segundo Othon M. Garcia, "o parágrafo é uma unidade de composição constituída por um ou mais de um período, em que se desenvolve determinada ideia central, ou nuclear, a que se agregam outras, secundárias, intimamente relacionadas pelo sentido e logicamente decorrente dela". O parágrafo seria, portanto, uma espécie de minitexto em que se poderia destacar – exatamente como se faz no texto argumentativo padrão – ao menos dois momentos: introdução (apresentação do argumento) e desenvolvimento (fundamentação do argumento), sendo a conclusão, portanto, facultativa.

Conhecer o parágrafo padrão seria fundamental ao leitor, já que diante de um texto curto – de apenas um parágrafo – poder-se-ia analisá-lo como um texto argumentativo padrão. E na hipótese de o aluno estar diante de um texto composto de mais de um parágrafo, analisar cada um separadamente lhe garantiria o método necessário para a intelecção do que está escrito.

24.1.2. O tópico frasal

Inicialmente, vale lembrar que **tópico frasal** é a ideia ou argumento central do parágrafo, apresentada de forma genérica. É a ideia-chave, a síntese do pensamento, a essência do parágrafo. Tudo que se afirma no parágrafo girará, portanto, em torno da fundamentação do tópico frasal.

No texto padrão, o tópico frasal inicia o parágrafo e na sequência vem a sua fundamentação. Esse é o método dedutivo de raciocínio, em que o autor parte da generalização para o seu detalhamento (GERAL → ESPECÍFICO).

Ex.: Conclui-se, sem esforço e sem exagero, que, **no Brasil, registram-se duas grandes falhas**: a) há um excesso na importação de produtos culturais; b) falta discernimento na escolha, havendo uma preferência, da parte dos empresários e, em consequência, da parte do consumidor – na TV, nos livros, na música – por coisas de nível inferior, pelo lixo cultural da época.

Pode também o parágrafo apresentar seu argumento principal no início ou no fim da argumentação. Aqui, o autor parte das definições, exemplos, comparações, dados estatísticos, para, na sequência, apresentar o tópico frasal. São parágrafos menos comuns, pautados no método indutivo de raciocínio (ESPECÍFICO → GERAL).

Ex.: Pesquisa da CNTE (Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação), realizada em 2003, mostrou que 51,1% dos professores em atividade estavam na faixa dos 40 aos 59 anos, e 38,4% tinham entre 25 e 39 anos. Só 2,9% se encontravam na categoria entre 19 e 24 anos. A pergunta inescapável é: **quem vai substituir os atuais mestres à medida que eles forem se aposentando?**

Além disso, o tópico frasal pode não ser explicitado claramente no texto. Ele pode estar diluído ao longo da argumentação, cabendo ao leitor juntar-lhe os segmentos e dar-lhe forma.

Ex.: As estimativas variam, mas podemos arriscar que há 50 milhões de brasileiros **abaixo da linha da pobreza**, cerca de 21,3 milhões de indigentes (com renda abaixo de R$ 60,00 por mês). Quarenta e cinco por cento deles são menores de 16 anos. E mais de 3 milhões de crianças até 6 anos não contam com alimentação adequada. Trinta e três por cento dos pobres das regiões urbanas têm até quatro anos de idade.

Nesse exemplo, o objetivo do parágrafo era criticar a situação de pobreza em que vive grande parte dos brasileiros. Os dados estatísticos apresentados seriam, portanto, capazes de induzir o leitor a compreender tal mensagem.

24.1.3. A estruturação do parágrafo argumentativo

De modo geral, o parágrafo de dissertação deve ser uma unidade completa de informação, sendo, portanto, constituído de:

1. uma ideia-núcleo (ou tópico frasal) – em geral apresentada no início do parágrafo;
2. desenvolvimento dessa ideia, que é então devidamente especificada, fundamentada, justificada logo a seguir;
3. conclusão, a qual se caracteriza por ser facultativa, representada, em geral, pela retomada do tópico frasal ou a apresentação da ideia-núcleo do parágrafo seguinte.

Ex.: "O governo federal foca seus esforços no aumento das exportações brasileiras e na direção certa, mas há um alvo maior e possível: a América do Sul. **(1)** Há uma agenda aguardando definição e atos, particularmente no que diz respeito aos juros. Espera-se também uma maior disponibilidade de recursos nos programas de fomento às exportações; uma reforma tributária, que é urgente e um aperfeiçoamento da legislação trabalhista. (...) **(2)** Esse conjunto de fatores – enquanto não definidos ou implementados – é que torna as empresas brasileiras vulneráveis no jogo do comércio internacional. Mas a questão da América do Sul merece uma análise especial.**(3)**"

24.1.4. Análise da estruturação do parágrafo

(1) Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal:

O governo federal foca seus esforços no aumento das exportações brasileiras e na direção certa, mas há uma agenda aguardando definições e atos,

(2) Desenvolvimento do parágrafo enumeração de detalhes:

(...) particularmente no que diz respeito aos juros – que precisam ser reduzidos a patamares compatíveis com os praticados nos lugares do mundo onde nossos concorrentes se financiam. Espera-se também uma maior disponibilidade de recursos nos programas de fomento às exportações; uma reforma tributária, que é urgente; um aperfeiçoamento da legislação trabalhista e uma ampliação e melhoria da infraestrutura nacional, principalmente no setor de transportes.

(3) Conclusão do parágrafo com reafirmação do tópico frasal e apresentação de consequências:

Esse conjunto de fatores – enquanto não definidos e implementados – é que torna as empresas brasileiras vulneráveis no jogo do comércio internacional.

24.1.5. Como expandir o parágrafo

Desenvolver o parágrafo significa expandir sua ideia-núcleo, de modo a torná-lo claro e bem fundamentado. Tal fundamentação pode ocorrer por diversos critérios, lembrando que, em um único parágrafo, o autor pode utilizar mais de um artifício na busca da maneira mais convincente de se expressar.

A seguir, observaremos algumas formas de se desenvolver o tópico frasal (a ideia-núcleo).

1. Enumeração ou descrição de detalhes

Neste caso, a ideia-núcleo é especificada por meio de detalhes, pormenores. Estabelece-se, portanto, uma explanação da ideia-núcleo, que é então desenvolvida, de modo a aprofundar a discussão iniciada pelo tópico frasal.

Ex.: Quem caminha pelos mais de 70 quilômetros de praia da Ilha Comprida, no litoral sul de São Paulo, pode perceber uma paisagem peculiar **(tópico frasal).** Em meio às dunas da restinga, onde deveria existir apenas vegetação rasteira, grandes pinheiros brotam por toda parte. A sombra das árvores é um bem-vindo refresco para os moradores da região, mas a verdade ecológica é que elas não deveriam estar ali – assim como os pombos não deveriam estar nas praças das cidades, nem as tilápias nas águas dos rios, nem o mosquito da dengue picando pessoas dentro de casa ou as moscas varejeiras rondando raspas de frutas nas feiras.

2. Estabelecimento de comparação (paralelo e contraste)

É o estabelecimento de um contraste (que enfoca as diferenças) ou um paralelo (que destaca as semelhanças) entre ideias, seres, fatos etc.

Ex.: Mas os saberes científicos têm uma característica inescapável: os enunciados que produzem são necessariamente provisórios, estão sempre sujeitos à superação e à renovação **(tópico frasal)**. Outros exercícios do espírito humano, como a cogitação filosófica, a inspiração poética ou a exaltação mística

poderão talvez aspirar a pronunciar verdades últimas; as ciências só podem pretender formular verdades transitórias, sempre inacabadas.

3. Apresentação de causas e/ou consequências

Aqui, ou o tópico frasal é a causa e seu desenvolvimento expõe suas consequências, ou será ele a consequência e o restante do parágrafo desenvolverá suas causas.

Ex.: A educação é uma função tão natural e universal da comunidade humana que, pela própria evidência, **(tópico frasal)** leva muito tempo a atingir a plena consciência daqueles que a recebem e praticam, sendo, por isso, relativamente tardio o seu primeiro vestígio na tradição literária **(consequências)**.

4. Apresentação de explicação ou esclarecimento

Neste caso, elucida-se o tópico frasal, quando este apresenta certa obscuridade, uma necessidade de maior clareza.

Ex.: As discussões sobre a liberdade assentam necessariamente e em princípio na negação de suas próprias bases possibilitadoras **(tópico frasal)**. Quero dizer que o único pressuposto histórico viável para que se possa instaurar a inteireza do entendimento da questão está na ausência de liberdade.

5. Utilização de exemplos

Os exemplos caracterizam-se como uma maneira bem elucidativa de concretizar o que há de abstrato no tópico frasal. Seguindo esse critério, o parágrafo se desenvolve por meio da ilustração da ideia-núcleo, constituindo-se em uma das formas mais simples de se demonstrar aquilo que se afirma.

Ex.: Dependendo das circunstâncias, as espécies invasoras podem ser meras "imigrantes" inofensivas ou invasoras altamente nocivas **(tópico frasal).** Dentro do sistema produtivo, por exemplo, o búfalo e o pinus são apenas espécies exóticas. Quando escapam para a natureza, entretanto, muitas vezes tornam-se organismos nocivos aos ecossistemas "naturais".

6. Divisão ou explanação das ideias em cadeia

Nesse tipo de fundamentação de tópico frasal, o autor divide sua ideia inicialmente apresentada em duas ou mais partes, e, na sequência, as explana, cada uma a seu momento. Essa explanação em cadeia pode durar o parágrafo inteiro ou pode avançar ao longo do texto, dependendo da dimensão da discussão.

Ex.: As cidades em processo rápido de crescimento no Brasil indicam pelo menos três modalidades de crescimento dos organismos urbanos **(tópico frasal)**: <u>um crescimento horizontal</u> por partilha de espaços de antigas chácaras ou glebas congeladas para especulação, de dinâmica similar a uma mancha de óleo em expansão; <u>um crescimento vertical</u>, à custa de edifícios de muitos andares, aproveitando as facilidades aparentes dos espaços centrais e subcentrais das cidades de porte médio, acumulando funções residenciais em uma área de permanência duvidosa para tais funções; e, por fim, <u>mecanismo de maior gravidade</u>, a partilha de glebas situadas em posições descontínuas, a quilômetros de distância da área central, inicialmente semi-isoladas no

meio de sítios e fazendas, os quais, por sua vez, são espaços potenciais para loteamentos ulteriores e instalações de unidades industriais, com eliminação quase total das funções agrárias que responderam pelo crescimento e a riqueza iniciais da própria cidade.

Para se ter uma ideia da importância que o tópico frasal possui em relação a tudo que se enuncia no restante do parágrafo, observemos um dos sermões de Padre Antônio Vieira:

(...) O sermão há de ser duma só cor, há de ter um só objeto, um só assunto, uma só matéria.

Há de tomar o pregador uma só matéria, há de defini-la para que se conheça, há de dividi-la para que se distinga, há de prová-la com a Escritura, há de declará-la com a razão, há de confirmá-la com o exemplo, há de amplificá-la com as causas, com os efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências que se hão de seguir, com os inconvenientes que se há de evitar, há de responder às dúvidas, há de satisfazer às dificuldades, há de impugnar e refutar com toda a força da eloquência os argumentos contrários, e depois disto há de colher, há de apertar, há de concluir, há de persuadir, há de acabar. Isto é sermão, isto é pregar, e o que não é isto, é falar de mais alto. Não nego nem quero dizer que o sermão não haja de ter variedade de discursos, mas esses hão de nascer todos da mesma matéria, e continuar e acabar nela.

(Sermão da Sexagésima. In: Os sermões. São Paulo, Difel, 1968. VI, p. 99.)

Ter uma só cor, um só objeto significa abordar a mesma ideia, ter um argumento como central, que em geral se apresenta no início do parágrafo. Posteriormente a essa introdução vem a fase do desenvolvimento em que o autor utiliza artifícios para comprovar seu argumento: definições ("há de defini-la para que se distinga"), testemunhos de autoridade ("há de prová-la com a Escritura"), explicações e esclarecimentos ("há de declará-la com a razão"), utilização de exemplos ("há de confirmá-la com o exemplo"), apresentação de causas ou efeito e outras relações semânticas – finalidade, tempo, concessão, condição. Por fim, surge a conclusão, em que o autor retoma o argumento que iniciou o parágrafo, optando ou não por acrescentar seu juízo de valor ("e depois disto há de colher, há de apertar, há de concluir, há de persuadir").

Conhecer a estruturação de um texto argumentativo constitui, portanto, uma forma de o aluno ir além da estrutura superficial do texto, compreendendo-o de fato. Com isso, o tempo de resolução de prova também diminui, pois o candidato não precisaria reler todo o texto a cada questão objetiva.

A seguir, as etapas de intelecção de um texto de prova aqui propostas:

1. Ler o texto do início ao fim para saber do que se trata.
2. Ir às questões objetivas, procurando resolver primeiramente aquelas que se refiram exclusivamente à gramática.
3. Voltar ao texto, sublinhando suas principais ideias – tese, argumentos.
4. Evidenciar as relações entre as ideias no texto – vincular por meio de setas cada exemplo, testemunho de autoridade, comparação etc. ao seu tópico frasal.

5. Voltar às questões da prova, agora com as ideias do texto já relacionadas entre si, podendo recorrer a elas com mais rapidez.

Bem, hora de treinar... Vamos verificar se você já consegue analisar os parágrafos, desvendando a forma como foram estruturados na argumentação. Assim, você não só aprenderá a ler os textos dissertativos com mais técnica, como também já estará se preparando para fazer redações. Aproveite os comentários!

24.2. EXEMPLOS COMENTADOS

Os trechos a seguir foram retirados de textos concursos públicos. Constitui cada qual uma única linha de raciocínio que apresenta as frases organizadas em torno de um tópico frasal, voltadas para um único fim: desenvolver ou retomar a ideia-núcleo, aumentando-lhe a compreensão.

Desta forma, destaque suas **ideias-núcleo**, indicando o seu **desenvolvimento** e, caso haja, sua **conclusão**. Analise também a(s) forma(s) como foram desenvolvidos os tópicos frasais ao longo dos parágrafos.

1. Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos. Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitar e dar afeto.

   Comentários:

   Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana". Desenvolvimento do parágrafo com enumeração de exemplos: "Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos". Conclusão do parágrafo com retomada do tópico frasal e acréscimo de consequências: "Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitar e dar afeto".

2. No início deste período, o homem inventou a escrita, graças à qual os conhecimentos venceram o tempo e o espaço. Venceram o tempo, pois, as experiências acumuladas puderam, sob a forma escrita, ser transmitidas com precisão às gerações seguintes. Venceram o espaço, pois os conhecimentos passaram a ser transportados de um lugar para o outro em papiros, papéis e demais materiais desenvolvidos para a fixação da escrita. Com o registro e com a circulação da informação, o homem se beneficiou de um crescente repertório de experiências, as quais lhe permitiram inventar mais, e mais facilmente.

   Comentários:

   Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "No início deste período, o homem inventou a

escrita, graças à qual os conhecimentos venceram o tempo e o espaço". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de explicações: "Venceram o tempo, pois, as experiências acumuladas puderam, sob a forma escrita, ser transmitidas com precisão às gerações seguintes. Venceram o espaço, pois os conhecimentos passaram a ser transportados de um lugar para o outro em papiros, papéis e demais materiais desenvolvidos para a fixação da escrita". Conclusão do parágrafo com retomada do tópico frasal e acréscimo de consequências: "Com o registro e com a circulação da informação, o homem se beneficiou de um crescente repertório de experiências, as quais lhe permitiram inventar mais, e mais facilmente".

3. Algumas pessoas refugiam-se nas drogas na tentativa de esquecer seus problemas. Em função disso, acabam tornando-se dependentes dos psicotrópicos dos quais se utilizam e, na maioria das vezes, transformam-se em pessoas inúteis para si mesmas e para a comunidade.

   Comentários:

   Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Algumas pessoas refugiam-se nas drogas na tentativa de esquecer seus problemas". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação consequências: "Em função disso, acabam tornando-se dependentes dos psicotrópicos dos quais se utilizam e, na maioria das vezes, transformam-se em pessoas inúteis para si mesmas e para a comunidade". Parágrafo sem conclusão.

4. Só o esforço conjunto de toda a nação brasileira conseguirá vencer os gravíssimos problemas econômicos, por todos há muito conhecidos. Quaisquer medidas econômicas, por si sós, não são capazes de alterar a realidade, se as autoridades que as elaboram não contarem com o apoio da opinião pública, em meio a uma comunidade de cidadãos conscientes.

   Comentários:

   Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Só o esforço conjunto de toda a nação brasileira conseguirá vencer os gravíssimos problemas econômicos, por todos há muito conhecidos". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento: "Quaisquer medidas econômicas, por si sós, não são capazes de alterar a realidade, se as autoridades que as elaboram não contarem com o apoio da opinião pública, em meio a uma comunidade de cidadãos conscientes". Parágrafo sem conclusão.

5. Liderança é um aspecto da personalidade, uma característica que alguns indivíduos têm e outros não. Por definição, bons líderes são pessoas diferentes da média. Eles têm mais determinação do que outros. Sua presença é tão marcante que ficam na memória das pessoas. Por isso, liderança não é para qualquer um, é um dom.

   Comentários:

   Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Liderança é um aspecto da personalidade, uma característica que alguns indivíduos têm e outros não". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de definição/esclarecimento: "Por definição, bons líderes são pessoas diferentes da média. Eles têm mais

determinação do que outros. Sua presença é tão marcante que ficam na memória das pessoas". Conclusão do parágrafo com retomada do tópico frasal: "Por isso, liderança não é para qualquer um, é um dom".

6. Há muitos tipos de líder, e gosto de destacar três. A primeira categoria é dos líderes que marcam diferença por serem grande estrategistas, objetivos e com visão de futuro. O legado deles é o método. O segundo tipo tem forte poder intelectual, mergulha com intensidade nas questões teóricas, disseca e diagnostica problemas como ninguém. São líderes que deixam ideias originais, com marca própria. E um terceiro tipo chamo de líderes inspiradores. Eles entendem as demandas do povo, suas paixões, conseguem entender emocionalmente as pessoas. Os maiores líderes da história têm força porque reúnem método, intelecto e habilidade de tocar nos sentimentos de seus liderados.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Há muitos tipos de líder, e gosto de destacar três". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de enumeração de detalhes: "A primeira categoria é dos líderes que marcam diferença por serem grande estrategistas, objetivos e com visão de futuro. O legado deles é o método. O segundo tipo tem forte poder intelectual, mergulha com intensidade nas questões teóricas, disseca e diagnostica problemas como ninguém. São líderes que deixam ideias originais, com marca própria. E um terceiro tipo chamo de líderes inspiradores. Eles entendem as demandas do povo, suas paixões, conseguem entender emocionalmente as pessoas". Conclusão do parágrafo com retomada do tópico frasal e acréscimo de opinião do autor: "Os maiores líderes da história têm força porque reúnem método, intelecto e habilidade de tocar nos sentimentos de seus liderados".

7. O homem hoje em dia desenvolveu para tudo que costumava fazer com o próprio corpo, extensões ou prolongamentos desse mesmo corpo. A evolução de suas armas começa pelos dentes e punhos e termina com a bomba atômica. Indumentária e casas são extensões dos mecanismos biológicos de controle da temperatura do corpo. A mobília substitui o acocorar-se e sentar-se no chão. Instrumentos mecânicos, lentes, televisão, telefones e livros que levam a voz através do tempo e do espaço constituem exemplos de extensões materiais. Dinheiro é meio de estender os benefícios e de armazenar trabalho. Nosso sistema de transporte faz agora o que costumávamos fazer com os pés e as costas. De fato, podemos tratar de todas as coisas materiais feitas pelo homem como extensões ou prolongamentos do que ele fazia com o corpo ou com alguma parte especializada do corpo.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "O homem hoje em dia desenvolveu para tudo que costumava fazer com o próprio corpo, extensões ou prolongamentos desse mesmo corpo". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de exemplos: "A evolução de suas armas começa pelos dentes e punhos e termina com a bomba atômica. Indumentária e casas são extensões dos mecanismos biológicos de controle da temperatura do corpo. A mobília substitui o acocorar-se e sentar-se no chão. Instrumentos mecânicos, lentes,

televisão, telefones e livros que levam a voz através do tempo e do espaço constituem exemplos de extensões materiais. Dinheiro é meio de estender os benefícios e de armazenar trabalho. Nosso sistema de transporte faz agora o que costumávamos fazer com os pés e as costas". Conclusão do parágrafo com reafirmação do tópico frasal: "De fato, podemos tratar de todas as coisas materiais feitas pelo homem como extensões ou prolongamentos do que ele fazia com o corpo ou com alguma parte especializada do corpo".

8. Existe uma grande diferença entre a entrevista e a conversa informal entre duas pessoas. É necessário saber distinguir quando o diálogo informal é uma introdução e quando ela perde as características, acabando por se transformar numa palestra inconsistente, tomando tempo e prejudicando o processamento da entrevista propriamente dita.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Existe uma grande diferença entre a entrevista e a conversa informal entre duas pessoas". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento: "É necessário saber distinguir quando o diálogo informal é uma introdução e quando ela perde as características". Conclusão do parágrafo com apresentação de consequências: "acabando por se transformar numa palestra inconsistente, tomando tempo e prejudicando o processamento da entrevista propriamente dita".

9. Estudo do Pacific Institute of Oakland, na Califórnia, prevê que 76 milhões de pessoas morrerão de doenças relacionadas à água até 2020. As crianças serão as mais afetadas por males causados pelo uso e ingestão de água contaminada. No mesmo período, serão registrados 65 milhões de casos fatais em consequência da Aids em todo o mundo.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Estudo do Pacific Institute of Oakland, na Califórnia, prevê que 76 milhões de pessoas morrerão de doenças relacionadas à água até 2020". Desenvolvimento do parágrafo com enumeração de detalhes e estabelecimento de comparação: "As crianças serão as mais afetadas por males causados pelo uso e ingestão de água contaminada. No mesmo período, serão registrados 65 milhões de casos fatais em consequência da Aids em todo o mundo". Parágrafo sem conclusão.

10. O Estatuto do Desarmamento, aprovado no fim do ano, e ainda em fase de regulamentação, surgiu por uma questão de sobrevivência. O contexto que deflagrou o movimento político pelo endurecimento da legislação sobre armas é no mínimo dramático. Em 20 anos, de 1980 a 2000, conforme estudo do IBGE, 600 mil brasileiros foram assassinados, uma média de 30 mil por ano.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "O Estatuto do Desarmamento, aprovado no fim do ano, e ainda em fase de regulamentação, surgiu por uma questão de sobrevivência". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento e dados estatísticos: "O contexto que deflagrou o movimento

político pelo endurecimento da legislação sobre armas é no mínimo dramático. Em 20 anos, de 1980 a 2000, conforme estudo do IBGE, 600 mil brasileiros foram assassinados, uma média de 30 mil por ano". Parágrafo sem conclusão.

11. O resultado foi a banalização do uso e do porte de armas e, como consequência, milhares de tragédias no cotidiano. Essa banalização impulsionou as estatísticas sobre violência: o número de homicídios, nesse período de vinte anos, aumentou 130%. E pior: a grande maioria das vítimas tem sido de jovens de 15 a 24 anos. Assim, famílias se desestabilizam e o futuro é cortado pela raiz.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "O resultado foi a banalização do uso e do porte de armas e, como consequência, milhares de tragédias no cotidiano". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de dados estatísticos: "O resultado foi a banalização do uso e do porte de armas e, como consequência, milhares de tragédias no cotidiano". Conclusão do parágrafo com apresentação de consequências: "Assim, famílias se desestabilizam e o futuro é cortado pela raiz".

12. Inúmeras hordas "primitivas" se encontram, ainda hoje, nesse "grau zero" – se assim podemos dizer – quanto ao conhecimento dos números. É, por exemplo, o caso dos zulus e dos pigmeus, da África, dos aranda e dos kamilarai, da Austrália, dos aborígenes das Ilhas Murray e dos botocudos, do Brasil. "Um", "dois" e... "muitos" constituem as únicas grandezas numéricas desses indígenas que ainda vivem na Idade da Pedra.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Inúmeras hordas 'primitivas' se encontram, ainda hoje, nesse 'grau zero' – se assim podemos dizer – quanto ao conhecimento dos números". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de exemplos: "É, por exemplo, o caso dos zulus e dos pigmeus, da África, dos aranda e dos kamilarai, da Austrália, dos aborígenes das Ilhas Murray e dos botocudos, do Brasil". Conclusão do parágrafo com correlação entre o exemplo fornecido e o tópico frasal: "'Um', 'dois' e... 'muitos' constituem as únicas grandezas numéricas desses indígenas que ainda vivem na Idade da Pedra".

13. Pois bem. Observemos como se transformou a vida humana. Em 99% desses 500 mil anos, alterou-se relativamente pouco. O homem aprendeu a fazer algumas ferramentas e armas com paus e pedras, a pintar na parede das cavernas e a plantar e colher. A partir de um grito primordial, conseguiu ainda desenvolver a fala, graças à qual pôde conversar, exprimir sentimentos e melhor compartilhar experiências com os membros do grupo. De qualquer modo, foi ainda bem pouco para quase cinco centenas de milhares de anos.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Pois bem. Observemos como se transformou a vida humana". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de exemplos, bem como relação de causa e efeito: "O homem aprendeu a fazer algumas ferramentas e armas com paus e pedras, a pintar na parede das cavernas e a

plantar e colher. A partir de um grito primordial, conseguiu ainda desenvolver a fala, graças à qual pôde conversar, exprimir sentimentos e melhor compartilhar experiências com os membros do grupo". Conclusão do parágrafo com reafirmação do tópico

14. A favor da mesma tese, poderíamos dizer que, muitas vezes, a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público. Inúmeros esforços publicitários não resultam em nada. Continuemos no campo das substancias ilícitas. Existem insistentes campanhas antidrogas nos meios de comunicação, algumas um tanto soporíferas, outras mais terroristas, e todas fracassam. Moral da história? Nem que seja para consumir produtos químicos ilegais, ainda somos minimamente livres diante do poder da mídia. Temos alguma autonomia para formar nossas decisões.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "A favor da mesma tese, poderíamos dizer que, muitas vezes, a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento e exemplos: "Inúmeros esforços publicitários não resultam em nada. Continuemos no campo das substancias ilícitas. Existem insistentes campanhas antidrogas nos meios de comunicação, algumas um tanto soporíferas, outras mais terroristas, e todas fracassam". Conclusão do parágrafo com correlação entre o exemplo fornecido e o tópico frasal: "Moral da história? Nem que seja para consumir produtos químicos ilegais, ainda somos minimamente livres diante do poder da mídia. Temos alguma autonomia para formar nossas decisões".

15. O terceiro e o quarto objetivos fundamentais, previstos no artigo 3º, são projetos de um sonho estratosférico. Erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir desigualdades sociais e regionais é trabalho para séculos. Não há nação do mundo sem faixas de miserabilidades – nem as mais ricas. A promoção do bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação carece de remédio forte, como criminalização das condutas contrárias. Sem a ameaça grave de sanções, a cobra raivosa do preconceito continuará agindo no coração de muitas pessoas.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "O terceiro e o quarto objetivos fundamentais, previstos no artigo 3º, são projetos de um sonho estratosférico". Desenvolvimento do parágrafo por esclarecimento: 3º objetivo – "Erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir desigualdades sociais e regionais é trabalho para séculos. Não há nação do mundo sem faixas de miserabilidades – nem as mais ricas". 4º objetivo – "A promoção do bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação carece de remédio forte, como criminalização das condutas contrárias. Sem a ameaça grave de sanções, a cobra raivosa do preconceito continuará agindo no coração de muitas pessoas". Parágrafo sem conclusão.

16. No outro extremo, o estrangeiro provoca a nossa desconfiança, às vezes o nosso medo. Nem sempre entendemos os seus gestos e certamente não compreendemos a sua língua. Ele não se veste como nós, a sua fisionomia pode ser diferente da nossa e não adora nossos deuses. Entre os primitivos, o estrangeiro passava por uma complexa cerimônia, destinada a afastar os malefícios que trouxesse de seus demônios; ao voltar de uma viagem, as pessoas deveriam permanecer isoladas por algum tempo, até que delas se afastassem os demônios estranhos, acaso encontrados pelos caminhos.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "No outro extremo, o estrangeiro provoca a nossa desconfiança, às vezes o nosso medo". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento e exemplos: "Nem sempre entendemos os seus gestos e certamente não compreendemos a sua língua. Ele não se veste como nós, a sua fisionomia pode ser diferente da nossa e não adora nossos deuses. Entre os primitivos, o estrangeiro passava por uma complexa cerimônia, destinada a afastar os malefícios que trouxesse de seus demônios; ao voltar de uma viagem, as pessoas deveriam permanecer isoladas por algum tempo, até que delas se afastassem os demônios estranhos, acaso encontrados pelos caminhos". Parágrafo sem conclusão.

17. Vários fatores criaram o espaço social necessário para transformar certo número de pessoas associadas a certas práticas sociais em leitores: o individualismo da sociedade burguesa, a visão de mundo antropocêntrica estimulada pela Renascença e difundida pela filosofia humanista, o progresso tecnológico que facultou o desenvolvimento da imprensa, a expansão da escola e do pensamento pedagógico apoiado na alfabetização, o fortalecimento de instituições culturais como as universidades, as bibliotecas e as academias de escritores.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Vários fatores criaram o espaço social necessário para transformar certo número de pessoas associadas a certas práticas sociais em leitores". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de exemplos: "o individualismo da sociedade burguesa, a visão de mundo antropocêntrica estimulada pela Renascença e difundida pela filosofia humanista, o progresso tecnológico que facultou o desenvolvimento da imprensa, a expansão da escola e do pensamento pedagógico apoiado na alfabetização, o fortalecimento de instituições culturais como as universidades, as bibliotecas e as academias de escritores".

18. Disso resultaram duas noções: de um lado, a noção de público, massa coletiva e anônima que, não obstante o anonimato, pode ter vontade própria e direção definida, incidindo em linhas de ação que a literatura, em parte ou no todo, acata ou não; de outro, a noção de leitor, indivíduo habilitado à leitura, com preferências demarcadas, figura que o escritor busca seduzir, lançando mão de técnicas e de artifícios contabilizados pela crítica e história da literatura.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Disso resultaram duas noções". Desenvolvimento do parágrafo com enumeração de detalhes: "de um lado, a noção de público, massa coletiva e anônima que, não obstante o anonimato, pode ter vontade própria e direção definida, incidindo em linhas de ação que a literatura, em parte ou no todo, acata ou não; de outro, a noção de leitor, indivíduo habilitado à leitura, com preferências demarcadas, figura que o escritor busca seduzir, lançando mão de técnicas e de artifícios contabilizados pela crítica e história da literatura". Parágrafo sem conclusão.

19. Comemoramos o nosso dia (8 de dezembro) sob o fogo cruzado da má vontade e da desinformação. O Judiciário não pode ser culpabilizado pelo que a mídia chama com exagero de impunidade. A polícia não prende, não investiga e nós, presos à aplicação da lei, pagamos o pato. Além disso, há um cipoal de leis, medidas provisórias e atos normativos que acabam por atravancar nossos corredores.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Comemoramos o nosso dia (8 de dezembro) sob o fogo cruzado da má vontade e da desinformação". Desenvolvimento do parágrafo com enumeração de detalhes: "A desinformação – O Judiciário não pode ser culpabilizado pelo que a mídia chama com exagero de impunidade. A polícia não prende, não investiga e nós, presos à aplicação da lei, pagamos o pato. A má vontade: Além disso, há um cipoal de leis, medidas provisórias e atos normativos que acabam por atravancar nossos corredores". Parágrafo sem conclusão.

20. Dinheiro é um facilitador das transações, mas não é a única forma de relação comercial. O mundo moderno não pode menosprezar a sabedoria de nossos antepassados, que sobreviveram séculos fazendo trocas. Um bom exemplo de alinhamento entre estratégias empresariais e apoio governamental, que resultou em uma equação, é o caso da Odebrecht em Angola: esta construtora constrói a hidrelétrica de que o país africano necessita, e o governo angolano paga com petróleo, produto abundante naquele país.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Dinheiro é um facilitador das transações, mas não é a única forma de relação comercial". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento e exemplos: "O mundo moderno não pode menosprezar a sabedoria de nossos antepassados, que sobreviveram séculos fazendo trocas. Um bom exemplo de alinhamento entre estratégias empresariais e apoio governamental, que resultou em uma equação, é o caso da Odebrecht em Angola: esta construtora constrói a hidrelétrica de que o país africano necessita, e o governo angolano paga com petróleo, produto abundante naquele país". Parágrafo sem conclusão.

21. Em oito anos, o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do

estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio – é alarmante esse grau crescente de insegurança.

Comentários:

Parágrafo indutivo. Fundamentação do tópico frasal com apresentação dos dados estatísticos: "Em oito anos, o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio". Apresentação do tópico frasal: "é alarmante esse grau crescente de insegurança".

22. Quando começa a modernidade? A escolha de uma data ou de um evento não é indiferente. O momento que elegemos como originário depende certamente da ideia de nós mesmos que preferimos, hoje, contemplar. E vice-versa: a visão de nosso presente decide das origens que confessamos (ou até inventamos). Assim acontece com as histórias de nossas vidas que contamos para os amigos e para o espelho: os inícios estão sempre em função da imagem de nós mesmos de que gostamos e que queremos divulgar. As coisas funcionam do mesmo jeito para os tempos que consideramos "nossos", ou seja, para a modernidade.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal, sob forma de pergunta/resposta: "Quando começa a modernidade? A escolha de uma data ou de um evento não é indiferente". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento e comparação por semelhança: "O momento que elegemos como originário depende certamente da ideia de nós mesmos que preferimos, hoje, contemplar. E vice-versa: a visão de nosso presente decide das origens que confessamos (ou até inventamos). Assim acontece com as histórias de nossas vidas que contamos para os amigos e para o espelho: os inícios estão sempre em função da imagem de nós mesmos de que gostamos e que queremos divulgar". Conclusão do parágrafo com reafirmação do tópico frasal: "As coisas funcionam do mesmo jeito para os tempos que consideramos 'nossos', ou seja, para a modernidade".

23. A consciência universal sobre a importância dos direitos humanos chegou a uma nitidez nunca antes atingida. Entende-se: já comemoramos o cinquentenário da Declaração Universal dos Direitos do Homem (aprovada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, de 10 de dezembro de 1948, em Paris).

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "A consciência universal sobre a importância dos direitos humanos chegou a uma nitidez nunca antes atingida". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento: "Entende-se: já comemoramos o cinquentenário da Declaração Universal dos Direitos do Homem (aprovada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, de 10 de dezembro de 1948, em Paris)".

Parágrafo sem conclusão.

24. Talvez não haja algum fenômeno social que assalte de forma tão brusca os direitos humanos como a pobreza o faz, por desgastar ou anular os direitos econômicos e sociais, como: direito à alimentação, à água potável, à saúde, à educação, à habitação, à segurança pessoal, à justiça e à dignidade. Embora todos esses direitos sejam interligados e interdependentes, observa-se que, para as pessoas que vivem na pobreza, talvez eles não passem de um sonho muito distante de se tornar realidade.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Talvez não haja algum fenômeno social que assalte de forma tão brusca os direitos humanos como a pobreza o faz". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de causas: "por desgastar ou anular os direitos econômicos e sociais, como: direito à alimentação, à água potável, à saúde, à educação, à habitação, à segurança pessoal, à justiça e à dignidade". Conclusão do parágrafo com reafirmação do tópico frasal: "Embora todos esses direitos sejam interligados e interdependentes, observa-se que, para as pessoas que vivem na pobreza, talvez eles não passem de um sonho muito distante de se tornar realidade".

25. Lagartixas são excelentes alpinistas: escalam paredes com uma velocidade que pode atingir um metro por segundo. O mecanismo usado por esses répteis para se fixarem às superfícies foi descrito pela equipe do biólogo Kellar Autumn, professor em Portland (EUA). Quando a lagartixa sobe pela parede, a geometria especial de seus dedos produz forças de Van der Waals, interações eletromagnéticas fracas que garantem adesão segura entre as patas do réptil e a superfície.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Lagartixas são excelentes alpinistas". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento, seguido de testemunho de autoridade: "escalam paredes com uma velocidade que pode atingir um metro por segundo. O mecanismo usado por esses répteis para se fixarem às superfícies foi descrito pela equipe do biólogo Kellar Autumn, professor em Portland (EUA). Quando a lagartixa sobe pela parede, a geometria especial de seus dedos produz forças de Van der Waals, interações eletromagnéticas fracas que garantem adesão segura entre as patas do réptil e a superfície". Parágrafo sem conclusão.

ANÁLISE DOS ENUNCIADOS DAS PROVAS

No estudo das técnicas de compreensão e interpretação de textos, assim como em outras disciplinas, faz-se necessário estabelecer um método de análise dos enunciados que comumente aparecem em provas de concursos públicos. É importante, por este motivo, que o aluno perceba que há uma técnica por trás da elaboração das questões e que, portanto, será a aplicação desta técnica na resolução de provas que irá garantir uma boa preparação para o seu concurso.

Enunciados mais comuns:

"O texto se estrutura...”; "Os argumentos do autor se fundamentam em...”; "Ao se distribuir o texto adequadamente em parágrafos...”; "O parágrafo que expressa a ideia geral do texto...”; "No texto, o autor defende, sobretudo, a tese de que...”; "O tema do texto é...”; "O trecho a seguir tem a função textual/ a utilidade textual de...”

24.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Nos exercícios de fixação deste capítulo, você já treinou as técnicas de leitura e decodificação de um parágrafo dissertativo. Alguns desses parágrafos você voltará a ver agora nas provas que escolhemos para análise. Nosso intuito é que você perceba como as bancas costumam cobrar tal conhecimento nas questões de concursos.

Primeiramente, veja uma prova elaborada pelo NCE, do concurso para a CVM, que trouxe um único texto. Ele servirá como exemplo do que se chama de texto dissertativo padrão.

"O homem hoje em dia desenvolveu para tudo que costumava fazer com o próprio corpo, extensões ou prolongamentos desse mesmo corpo. A evolução de suas armas começa pelos dentes e punhos e termina com a bomba atômica. Indumentária e casas são extensões dos mecanismos biológicos de controle de temperatura do corpo. A mobília substitui o acocorar-se e sentar-se no chão. Instrumentos mecânicos, lentes, televisão, telefones e livros que levam a voz através do tempo e do espaço constituem exemplos de extensões materiais. Dinheiro é meio de estender os benefícios e de armazenar trabalho. Nosso sistema de transportes faz agora o que costumávamos fazer com os pés e as costas. De fato, podemos tratar de todas as coisas materiais feitas pelo homem como extensões ou prolongamentos do que ele fazia com o corpo ou com alguma parte especializada do corpo".

(Leslie A. White, *The science of culture*)

1. Entre o primeiro e o último período do texto 1 há uma série de afirmações que têm a finalidade de:

a) dar credibilidade ao que é afirmado, já que as afirmações se apoiam em fatos historicamente comprovados.

b) explicitar o que são as "extensões" ou os "prolongamentos" do próprio corpo, vocábulos citados no primeiro período.

c) desenvolver, explicando, a afirmação feita no período inicial, por meio de exemplos esclarecedores.

d) opor-se a pensamentos contrários ao que é exposto no primeiro período, por tratar-se de um ponto de vista novo.

e) apresentar argumentos que comprovem a sua tese, argumentos esses apoiados em descobertas históricas recentes.

2. "**De fato**, podemos tratar de todas as coisas materiais feitas pelo homem como extensões ou prolongamentos..."; a expressão destacada tem a finalidade de:

a) retificar informações anteriores.

b) ampliar informações já fornecidas.

c) confirmar informação prestada anteriormente.

d) explicar informações pouco claras.

e) acrescentar dados aos já fornecidos.

Comentários:

1. Quanto à letra A, observe que o objetivo do que vem após o primeiro período do texto não é *dar credibilidade* ao que se disse anteriormente: credibilidade seria se o autor optasse pela citação de um *testemunho de autoridade* no assunto (as palavras de outro autor renomado). Não foi o caso.

   A letra B, por sua vez, reduz informações do texto: a fundamentação não fala só das *extensões ou prolongamentos do corpo*, mas também *de tudo que o homem costumava fazer com o próprio corpo.* Reduzir informações do texto também é erro de interpretação.

   Quanto à letra D, veja que contradição: a fundamentação do tópico frasal não apresenta pensamentos que sejam *contrários* ao que foi exposto no primeiro período. É justamente o oposto: ela apresenta *exemplos* que apoiam aquilo que foi dito no primeiro período do texto. Não se trata, portanto, de um *ponto de vista novo*, mas o mesmo ponto de vista.

   A letra E começou perfeita; de fato, trata-se de argumentos que comprovam a tese apresentada no primeiro período do texto, mas eles não se apoiam *em descobertas históricas recentes*. São exemplos que confirmam aquilo que se disse no início do texto.

   Tem-se, portanto, um texto que se inicia pela apresentação da tese (*O homem hoje em dia desenvolveu para tudo que costumava fazer com o próprio corpo, extensões ou prolongamentos desse mesmo corpo).* Logo a seguir, tem-se sua fundamentação, que é o desenvolvimento do texto, que ocorre por meio da apresentação de exemplos. Por fim, no último período do texto, tem-se sua conclusão, representada pela retomada do tópico frasal apresentado no início do texto (*De fato, podemos tratar de todas as coisas materiais feitas pelo homem como extensões ou prolongamentos do que ele fazia com o corpo ou com alguma parte especializada do corpo*).

   Resposta: C.

2. Como você viu, o último período do texto é a reafirmação do que se disse no primeiro período. Assim, o conectivo *de fato*, que é um adjunto adverbial de afirmação, exerce mesmo essa tarefa de *confirmar* o que se disse anteriormente.

   Dessa forma, elimina-se a letra A: o objetivo do texto não é *retificar*, *corrigir* o que foi dito anteriormente. As letras B e E são muito parecidas: o que se quer não é *dizer mais* do que foi dito, apenas *reafirmar*.

   Quanto à letra D, entenda que o último período não *explica* o que foi dito anteriormente, apenas *reescreve.*

   Reescrever o que se disse é *confirmar* uma afirmação, que é exatamente o que diz a letra C.

   Resposta: C.

Você percebeu pela questão que as bancas buscam também do candidato sua capacidade de descobrir a estratégia utilizada pelo autor para **fundamentar o tópico frasal introdutório do parágrafo**? Na verdade, o que se quer é que o aluno esteja apto a detectar o tipo de fundamentação que o autor utilizou em determinado parágrafo: a estratégia que se escolheu para desenvolver um parágrafo.

Você conhece as formas mais comuns de se desenvolver um parágrafo? Desenvolver o parágrafo significa expandir sua ideia-núcleo, de modo a torná-lo claro e bem fundamentado. Tal fundamentação pode ocorrer por diversos critérios, lembrando que, em um único parágrafo, o autor pode utilizar mais de um artifício na busca da maneira mais convincente de se expressar.

Antes de seguirmos com a análise de textos, é importante que você conheça as formas mais comuns de se desenvolver o tópico frasal (a ideia-núcleo do parágrafo).

Uma forma muito comum de se desenvolver um argumento é por meio de **enumeração ou descrição de detalhes:** nesse caso, a ideia-núcleo é especificada por meio de detalhes, pormenores. Estabelece-se, portanto, uma explanação da ideia-núcleo, que é então desenvolvida, de modo a aprofundar a discussão iniciada pelo tópico frasal. Veja um exemplo, que é um trecho retirado de uma prova elaborada pela Fundação Carlos Chagas, para o MPU:

> *Quem caminha pelos mais de 70 quilômetros de praia da Ilha Comprida, no litoral sul de São Paulo, pode perceber uma paisagem peculiar* ***(tópico frasal).*** *Em meio às dunas da restinga, onde deveria existir apenas vegetação rasteira, grandes pinheiros brotam por toda parte. A sombra das árvores é um bem-vindo refresco para os moradores da região.*

Nesse caso, o tópico frasal foi desenvolvido por meio de detalhamento, descrições: *grandes pinheiros*, *sombra das árvores…*

Além da apresentação de detalhes, enumerações, pode-se desenvolver um parágrafo pelo **estabelecimento de comparação**. Nesse caso, desenvolve-se uma ideia pela apresentação de <u>contrastes</u> (que enfocam as diferenças) ou <u>paralelos</u> (que destacam as semelhanças) entre ideias, seres, fatos etc.

Observe um trecho retirado de uma prova também da Fundação Carlos Chagas, que se desenvolveu por meio de *contrastes*:

> *Mas os saberes científicos têm uma característica inescapável: os enunciados que produzem são necessariamente provisórios, estão sempre sujeitos à superação e à renovação* ***(tópico frasal)****. Outros exercícios do espírito humano, como a cogitação filosófica, a inspiração poética ou a exaltação mística poderão talvez aspirar a pronunciar verdades últimas; as ciências só podem pretender formular verdades transitórias, sempre inacabadas.*

Nesse trecho, o autor opta por desenvolver um argumento (*a constante transformação das verdades científicas*), por meio da comparação entre a *ciência* e a *filosofia* ou *a poesia*.

Pode-se também desenvolver um argumento por meio da **apresentação de suas causas e/ou consequências**, estratégia, aliás, muito comum nos textos dissertativos. Nesse caso, ou o tópico frasal é a causa e seu desenvolvimento expõe suas consequências, ou será ele a consequência e o restante do parágrafo desenvolverá suas causas. Veja mais um trecho retirado de prova elaborada pela Fundação Carlos Chagas:

A educação é uma função tão natural e universal da comunidade humana que, pela própria evidência, ***(tópico frasal)*** *leva muito tempo a atingir a plena consciência daqueles que a recebem e praticam, sendo, por isso, relativamente tardio o seu primeiro vestígio na tradição literária* ***(consequências)****.*

É um texto filosófico, de difícil compreensão, sabemos disso, mas procure detectar a técnica utilizada pelo autor ao fundamentar seu parágrafo. Após a apresentação do tópico frasal, tem-se a concretização dessa ideia por meio de consequências.

Muitas vezes, o autor, para desenvolver um tópico frasal, opta por sua fundamentação por meio de simples **explicação ou esclarecimento**. É exatamente isto: afirma-se algo e, na sequência do parágrafo, diz-se o que foi dito antes, só que com outras palavras. Veja um exemplo:

As discussões sobre a liberdade assentam necessariamente e em princípio na negação de suas próprias bases possibilitadoras ***(tópico frasal)****. Quero dizer que o único pressuposto histórico viável para que se possa instaurar a inteireza do entendimento da questão está na ausência de liberdade.*

Percebeu como o autor, no segundo período do parágrafo, diz o que se disse anteriormente, com a utilização de outras palavras? É a fundamentação de uma ideia por meio de *explicação*.

Além da explicação, é muito comum que a fundamentação de um parágrafo ocorra por meio da **apresentação de exemplos**. Os exemplos caracterizam-se como uma maneira bem elucidativa de concretizar o que há de abstrato no tópico frasal. Seguindo esse critério, o parágrafo se desenvolve por meio da ilustração da ideia-núcleo, constituindo-se em uma das formas mais simples de se demonstrar aquilo que se afirma. Observe:

Dependendo das circunstâncias, as espécies invasoras podem ser meras "imigrantes" inofensivas ou invasoras altamente nocivas ***(tópico frasal).*** *Dentro do sistema produtivo, por exemplo, o búfalo e o pinus são apenas espécies exóticas. Quando escapam para a natureza, entretanto, muitas vezes tornam-se organismos nocivos aos ecossistemas "naturais".*

Percebeu como os exemplos facilitam a intelecção do que foi dito? Procure utilizá-los também em suas redações. Eles tornam o texto mais claro, evitando que ele se transforme em um amontoado de conceitos. Os exemplos *concretizam* o texto.

Além dessas estratégias de fundamentação de parágrafo, podemos citar algumas outras: **citação de testemunhos de autoridade** (que são depoimentos de um outro autor respeitado sobre o assunto discutido), **apresentação de dados estatísticos** (que são informações retiradas de pesquisas), **apresentação de narrações** (que são histórias utilizadas para ilustrar o tema discutido), entre outros recursos.

Elaboramos um exercício que tem como meta ensinar você a desvendar a estruturação de um parágrafo argumentativo. Com ele, você, não só aprenderá a ler com mais técnica, como também desenvolverá técnicas de redação. Todos os trechos foram retirados de textos de concursos públicos. Constitui cada qual uma única linha de raciocínio que

apresenta as frases organizadas em torno de um tópico frasal, voltadas para um único fim: desenvolver ou retomar a ideia-núcleo, aumentando--lhe a compreensão.

Dessa forma, destaque suas **ideias-núcleo**, indicando o seu **desenvolvimento** e, caso haja, sua **conclusão**. Analise também a(s) forma(s) como foram desenvolvidos os tópicos frasais ao longo dos parágrafos.

1. "Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos. Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitar e dar afeto."

Na introdução do parágrafo, tem-se a apresentação do tópico frasal: "Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana."

A seguir, desenvolve-se o argumento inicial com a enumeração de exemplos: "Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos."

Observe que, na conclusão, o autor não só retomou o tópico frasal, mas optou também por acrescentar consequências: "Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitar e dar afeto".

Trata-se, assim, de um parágrafo padrão, com introdução, desenvolvimento e conclusão.

2. "No início deste período, o homem inventou a escrita, graças à qual os conhecimentos venceram o tempo e o espaço. Venceram o tempo, pois, as experiências acumuladas puderam, sob a forma escrita, ser transmitidas com precisão às gerações seguintes. Venceram o espaço, pois os conhecimentos passaram a ser transportados de um lugar para o outro em papiros, papéis e demais materiais desenvolvidos para a fixação da escrita. Com o registro e com a circulação da informação, o homem se beneficiou de um crescente repertório de experiências, as quais lhe permitiram inventar mais, e mais facilmente."

Mais uma vez, introduz-se o parágrafo por meio da apresentação do tópico frasal: "No início deste período, o homem inventou a escrita, graças à qual *os conhecimentos venceram o tempo e o espaço*."

A seguir, desenvolve-se o argumento inicial por meio da apresentação de explicações: "*Venceram o tempo*, pois, as experiências acumuladas puderam, sob a forma escrita, ser transmitidas com precisão às gerações seguintes. *Venceram o espaço*, pois os conhecimentos passaram a ser transportados de um lugar para o outro em papiros, papéis e demais materiais desenvolvidos para a fixação da escrita".

Novamente, conclui-se o parágrafo com a retomada do tópico frasal e acréscimo de consequências: "Com o registro e com a circulação da informação, o homem se beneficiou de um crescente repertório de experiências, as quais lhe permitiram inventar mais, e mais facilmente".

3. "Liderança é um aspecto da personalidade, uma característica que alguns indivíduos têm e outros não. Por definição, bons líderes

são pessoas diferentes da média. Eles têm mais determinação do que outros. Sua presença é tão marcante que ficam na memória das pessoas. Por isso, liderança não é para qualquer um, é um dom."

Outro parágrafo organizado de forma padrão. Apresenta-se, de início, o tópico frasal: "Liderança é um aspecto da personalidade, uma característica que alguns indivíduos têm e outros não". A seguir, fundamenta-se o argumento central por meio de sua definição, que, nada mais é que seu *esclarecimento*: "Por definição, bons líderes são pessoas diferentes da média. Eles têm mais determinação do que outros. Sua presença é tão marcante que ficam na memória das pessoas".

Ao final do parágrafo, o autor retoma o tópico frasal inicial, que vem antecedido de um conector conclusivo: "Por isso, liderança não é para qualquer um, é um dom".

Bom de ler e de copiar em uma futura redação, não é?

4. "Há muitos tipos de líder, e gosto de destacar três. A primeira categoria é dos líderes que marcam diferença por serem grande estrategistas, objetivos e com visão de futuro. O legado deles é o método. O segundo tipo tem forte poder intelectual, mergulha com intensidade nas questões teóricas, disseca e diagnostica problemas como ninguém. São líderes que deixam ideias originais, com marca própria. E um terceiro tipo chamo de líderes inspiradores. Eles entendem as demandas do povo, suas paixões, conseguem entender emocionalmente as pessoas. Os maiores líderes da história têm força porque reúnem método, intelecto e habilidade de tocar nos sentimentos de seus liderados."

Introduz-se o parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Há muitos tipos de líder, e gosto de destacar três".

Logo a seguir desenvolve-se o parágrafo com a enumeração dos *três tipos de líder* citados na primeira linha do texto: "A primeira categoria é dos líderes que marcam diferença por serem grande estrategistas, objetivos e com visão de futuro. O legado deles é o método. O segundo tipo tem forte poder intelectual, mergulha com intensidade nas questões teóricas, disseca e diagnostica problemas como ninguém. São líderes que deixam ideias originais, com marca própria. E um terceiro tipo chamo de líderes inspiradores. Eles entendem as demandas do povo, suas paixões, conseguem entender emocionalmente as pessoas".

Observe que, na conclusão, o autor retoma tópico frasal acrescentando sua opinião: "Os maiores líderes da história têm força porque reúnem método, intelecto e habilidade de tocar nos sentimentos de seus liderados".

5. "Em oito anos, o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio – é alarmante esse grau crescente de insegurança."

Você consegue perceber que esse parágrafo está estruturado de forma diferente dos parágrafos anteriores? É que ele se inicia pelos dados estatísticos, e não pelo tópico frasal. Esse é o *parágrafo indutivo*, que foge ao padrão: ele vai da fundamentação à ideia, e não o contrário. Vai do concreto ao abstrato. Somente ao final do parágrafo é que se descobre qual é o argumento que o enseja: é alarmante esse grau crescente de insegurança.

Resumindo:

Parágrafo dedutivo é aquele que vai do tópico frasal à sua fundamentação: do abstrato ao concreto. Parágrafo indutivo é aquele que se inicia pela fundamentação do tópico (exemplos, dados estatísticos etc.) e só a seguir é que se apresenta o argumento que motivou o parágrafo.

24.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

Leia o texto a seguir para responder à questão 1.

Depois que se tinha fartado de ouro, o mundo teve fome de açúcar, mas o açúcar consumia escravos. O esgotamento das minas – que de resto foi precedido pelo das florestas que forneciam o combustível para os fornos –, a abolição da escravatura e, finalmente, uma procura mundial crescente, orientam São Paulo e o seu porto de Santos para o café. De amarelo, passando pelo branco, o ouro tornou-se negro.

Mas, apesar de terem ocorrido essas transformações que tornaram Santos num dos centros do comércio internacional, o local conserva uma beleza secreta; à medida que o barco penetra lentamente por entre as ilhas, experimento aqui o primeiro sobressalto dos trópicos. Estamos encerrados num canal verdejante. Quase podíamos, só com estender a mão, agarrar essas plantas que o Rio ainda mantinha à distância nas suas estufas empoleiradas lá no alto. Aqui se estabelece, num palco mais modesto, o contato com a paisagem.

O arrabalde de Santos, uma planície inundada, crivada de lagoas e pântanos, entrecortada por riachos estreitos e canais, cujos contornos são perpetuamente esbatidos por uma bruma nacarada, assemelha-se à própria Terra, emergindo no começo da criação. As plantações de bananeiras que a cobrem são do verde mais jovem e terno que se possa imaginar: mais agudo que o ouro verde dos campos de juta no delta do Bramaputra, com o qual gosto de o associar na minha recordação; mas é que a própria fragilidade do matiz, a sua gracilidade inquieta, comparada com a suntuosidade tranquila da outra, contribuem para criar uma atmosfera primordial.

Durante cerca de meia hora, rolamos por entre bananeiras, mais plantas mastodontes do que árvores anãs, com troncos plenos de seiva que terminam numa girândola de folhas elásticas por sobre uma mão de 100 dedos que sai de um enorme lótus castanho e rosado. A seguir, a estrada eleva-se até os 800 metros de altitude, o cume da serra. Como acontece em toda parte nessa costa, escarpas abruptas protegeram dos ataques do homem essa floresta virgem tão rica que para encontrarmos igual a ela teríamos de percorrer vários milhares de quilômetros para norte, junto da bacia amazônica. Enquanto o carro geme em curvas que já nem poderíamos qualificar como " cabeças de alfinete", de tal modo se sucedem em espiral, por entre um nevoeiro que imita a alta montanha de outros climas, posso examinar à vontade as árvores e as plantas estendendo-se perante o meu olhar como espécimes de museu.

(Adaptado de: LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes Trópicos*. Coimbra, Edições 70, 1979, p. 82-3)

1. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

O excerto, que narra a passagem de Lévi-Strauss por Santos, rumo a São Paulo,

a) representa com minúcia uma natureza que foi preservada graças ao desenvolvimento de Santos, impulsionado pelo cultivo do café.

b) descreve a natureza pujante da região, a despeito de seu desenvolvimento econômico, a ponto de recorrer a imagens de cunho religioso para melhor ilustrar seu ponto de vista.

c) tece juízo de valor a respeito do desenvolvimento econômico do Brasil, tendo como pano de fundo sua riqueza natural inexplorada.

d) compara a natureza litorânea de Santos à encontradiça junto ao leito do rio Bramaputra, com vistas a mostrar, paralelamente, o

quão luxuriante é a natureza brasileira.

e) lamenta o comércio que teria destruído praticamente toda a beleza natural, reduzindo-a a pequenos e secretos lugares, observáveis apenas em expedições como a que conduzia.

Leia o texto a seguir para responder à questão 2.

Medo da eternidade

Jamais esquecerei o meu aflitivo e dramático contato com a eternidade.

Quando eu era muito pequena ainda não tinha provado chicles e mesmo em Recife falava-se pouco deles. Eu nem sabia bem de que espécie de bala ou bombom se tratava. Mesmo o dinheiro que eu tinha não dava para comprar: com o mesmo dinheiro eu lucraria não sei quantas balas.

Afinal minha irmã juntou dinheiro, comprou e ao sairmos de casa para a escola me explicou:

– Tome cuidado para não perder, porque esta bala nunca se acaba. Dura a vida inteira.

– Como não acaba? – Parei um instante na rua, perplexa.

– Não acaba nunca, e pronto.

Eu estava boba: parecia-me ter sido transportada para o reino de histórias de príncipes e fadas. Peguei a pequena pastilha cor-de-rosa que representava o elixir do longo prazer. Examinei-a, quase não podia acreditar no milagre. Eu que, como outras crianças, às vezes tirava da boca uma bala ainda inteira, para chupar depois, só para fazê-la durar mais. E eis-me com aquela coisa cor-de-rosa, de aparência tão inocente, tornando possível o mundo impossível do qual eu já começara a me dar conta.

Com delicadeza, terminei afinal pondo o chicle na boca.

– E agora que é que eu faço? – perguntei para não errar no ritual que certamente deveria haver.

– Agora chupe o chicle para ir gostando do docinho dele, e só depois que passar o gosto você começa a mastigar. E aí mastiga a vida inteira. A menos que você perca, eu já perdi vários. Perder a eternidade? Nunca.

O adocicado do chicle era bonzinho, não podia dizer que era ótimo. E, ainda perplexa, encaminhávamo--nos para a escola.

– Acabou-se o docinho. E agora?

– Agora mastigue para sempre.

Assustei-me, não saberia dizer por quê. Comecei a mastigar e em breve tinha na boca aquele puxa-puxa cinzento de borracha que não tinha gosto de nada. Mastigava, mastigava. Mas me sentia contrafeita. Na verdade eu não estava gostando do gosto. E a vantagem de ser bala eterna me enchia de uma espécie de medo, como se tem diante da ideia de eternidade ou de infinito.

Eu não quis confessar que não estava à altura da eternidade. Que só me dava era aflição. Enquanto isso, eu mastigava obedientemente, sem parar.

Até que não suportei mais, e, atravessando o portão da escola, dei um jeito de o chicle mastigado cair no chão de areia.

– Olha só o que me aconteceu! – disse eu em fingidos espanto e tristeza. Agora não posso mastigar mais! A bala acabou!

– Já lhe disse, repetiu minha irmã, que ela não acaba nunca. Mas a gente às vezes perde. Até de noite a gente pode ir mastigando, mas para não engolir no sono a gente prega o chicle na cama. Não fique triste, um dia lhe dou outro, e esse você não perderá.

Eu estava envergonhada diante da bondade de minha irmã, envergonhada da mentira que pregara dizendo que o chicle caíra da boca por acaso.

Mas aliviada. Sem o peso da eternidade sobre mim.

06 de junho de 1970

(LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo* – crônicas. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p. 289-91)

2. (SEDU-ES – Professor B – FCC – Jan./2016)

As expressões *reino de histórias de príncipes e fadas, elixir do longo prazer e milagre* (7º parágrafo) são mobilizadas pela autora para

a) deixar entrever como a criança, a partir da descrição do chiclete pela irmã com palavras que sugerem a sua imperecibilidade, acabou por associá-lo ao mundo do maravilhoso e da fantasia.

b) ilustrar o modo como, para uma criança pobre, uma coisa simples e barata como um chiclete pode ser tão difícil de obter que a sua compra é associada à esfera do imaginário ou do miraculoso.

c) sugerir o caráter fictício do episódio, que no entanto é narrado como se realmente tivesse acontecido, o que leva ao embaralhamento entre o que seria próprio da ficção e o que pertenceria à realidade.

d) argumentar que, na infância, a imaginação sempre predomina sobre a realidade, o que faz com que a criança vivencie situações concretas como se estivesse no mundo da fantasia.

e) enfatizar a desconfiança da criança em relação à veracidade do que é dito pela irmã sobre o chiclete, pois antes de experimentá-lo não lhe parecia crível a existência de uma bala que não se acabava nunca.

Leia o texto a seguir para responder à questão 3.

O revolucionário projeto de viagem interestelar apoiado por Stephen Hawking para tentar "salvar a humanidade"

Um programa de pesquisa de US$ 100 milhões (cerca de R$ 350 milhões) para o desenvolvimento de "naves estelares" do tamanho de pequenos *chips* eletrônicos foi lançado pelo milionário Yuri Milner e apoiado pelo fundador do Facebook, Mark Zuckerberg.

A viagem interestelar tem sido um sonho para muitos, mas ainda enfrenta barreiras tecnológicas. Entretanto, o físico Stephen Hawking disse à BBC News que a fantasia pode ser realizada mais cedo do que se pensa. "Para que nossa espécie sobreviva, precisamos finalmente alcançar as estrelas", disse. "Os astrônomos acreditam que haja uma chance razoável de termos um planeta parecido com a Terra orbitando estrelas no sistema Alfa Centauri. Mas saberemos mais nas próximas duas décadas por intermédio de dados dos nossos telescópios na Terra e no espaço."

O projeto apoiado pelo físico ambiciona produzir aeronaves do tamanho de um chip usado em equipamentos eletrônicos e lançar milhares dessas "mininaves" na órbita da Terra. Mas antes de projetar naves espaciais capazes de chegar a outras estrelas, há muitos problemas a serem superados. Uma prioridade é desenvolver câmeras, instrumentos e sensores em miniatura.

Stephen Hawking acredita que o que antes era um sonho distante pode e deve se tornar uma realidade dentro de três décadas. "Não é sábio manter todos os novos ovos em uma cesta frágil", disse ele. "A vida na Terra enfrenta perigos astronômicos como asteroides e supernovas."

(Adaptado de: GHOSH, Pallab. O revolucionário projeto de viagem interestelar apoiado por Stephen Hawking para tentar "salvar a humanidade".

Disponível em: www.bbc.com/portuguese/ noticias/2016/04/160412 _interestelar_np)

3. (Copergás/PE – Téc. Seg. Trabalho – FCC – Jul./2016)

Ao afirmar " Não é sábio manter todos os novos ovos em uma cesta frágil" (4º parágrafo), Stephen Hawking reforça a tese de que

a) o conhecimento que o homem adquiriu sobre o universo é capaz de prevenir grandes catástrofes.

b) é preciso encontrar um planeta semelhante à Terra para abrigar parte das nossas próximas gerações.

c) a humanidade deveria desistir de enviar pessoas ao espaço, concentrando-se em naves minúsculas.

d) não devemos nos preocupar com o futuro distante, visto que a destruição da Terra está próxima.

e) a viagem interestelar será inviável e os humanos deveriam se ocupar dos problemas internos da Terra.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 4 e 5.

Abu Dhabi constrói cidade do futuro, com tudo movido a energia solar

Bem no meio do deserto, há um lugar onde o calor é extremo. Sessenta e três graus ou até mais no verão. E foi exatamente por causa da temperatura que foi construída em Abu Dhabi uma das maiores usinas de energia solar do mundo.

Os Emirados Árabes estão investindo em fontes energéticas renováveis. Não vão substituir o petróleo, que eles têm de sobra por mais 100 anos pelo menos. O que pretendem é diversificar e poluir menos. Uma aposta no futuro.

A preocupação com o planeta levou Abu Dhabi a tirar do papel a cidade sustentável de Masdar. Dez por cento do planejado está pronto. Um traçado urbanístico ousado, que deixa os carros de fora. Lá só se anda a pé ou de bicicleta. As ruas são bem estreitas para que um prédio faça sombra no outro. É perfeito para o deserto. Os revestimentos das paredes isolam o calor. E a direção dos ventos foi estudada para criar corredores de brisa.

(Adaptado de: " Abu Dhabi constrói cidade do futuro, com tudo movido a energia solar". Disponível em: <http://g1.globo.com/globoreporter/noticia/2016/04/abu-dhabi-constroi-cidade-do-futuro-com-tudo-movido-energia-solar.html>.)

4. (Eletrobras/Eletrosul – Téc. Seg. Trab. – FCC – Jun./2016)

A construção de uma das maiores usinas de energia solar do mundo em Abu Dhabi se justifica pela preocupação dos Emirados Árabes em

a) eliminar as fontes de calor, especialmente no verão.

b) preservar as minas de petróleo que ainda restam.

c) emitir menos poluentes durante a geração de energia.

d) fornecer energia a baixo custo para a população local.

e) pôr fim imediato à poluição gerada pelo uso do petróleo.

5. (Eletrobras/Eletrosul – Téc. Seg. Trab. – FCC – Jun./2016)

Acerca da cidade de Masdar, é correto afirmar que

a) foi projetada com estratégias para reduzir o calor.

b) permanece no papel, pois sua execução é inviável.

c) partiu de um projeto testado antes em outra região.

d) foi planejada durante uma época anterior aos carros.

e) é bem convencional, inspirada nas grandes metrópoles.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 6 e 7.

Ofertas do Google

Uma das coisas que admiro nas pessoas que sabem muito é o desapego. Elas não se contentam em saber – espalham generosamente o que sabem, vivem prontas a ensinar e fazem isso de graça, pelo prazer de ajudar. O conhecimento não é para ser guardado a ferros, mas dividido – aliás, a única maneira de multiplicá-lo.

Tive a sorte de trabalhar ou conviver com alguns verdadeiros arquivos vivos, gente capaz de responder na lata sobre muitos assuntos além dos de sua área – entre outros, Otto Maria Carpeaux e Franklin de Oliveira. Uma pergunta a um deles era a garantia de uma aula.

De 15 anos para cá, o Google se esforça para substituir as sumidades do conhecimento. É o maior banco de dados do mundo e ameaça tornar ociosos os dicionários, enciclopédias e compêndios – já absorvidos por ele, ao alcance de consultas rápidas e, melhor ainda, grátis.

Ou não? Posso estar errado, mas tenho visto que, de algum tempo para cá, ao procurar por qualquer assunto no Google, ele nos cumula de pechinchas comerciais sobre o dito assunto. Se você pesquisar " sorvete", " livro" ou " apartamento", ele aproveitará para apregoar um irritante varejo desses produtos.

(Adaptado de: CASTRO, Ruy. "Ofertas do Google". Disponível em: <www.folha.uol.com.br/colunas/ruycastro/2016/03/1748685-ofertas-do-google.shtml>.)

6. (Eletrobras/Eletrosul – Téc. Seg. Trab. – FCC – Jun./2016)

O autor faz uma crítica

a) ao fato de o Google ter feito com que os homens sábios parecessem charlatões.

b) à maneira como o Google divulga informações sem dar crédito aos autores.

c) à superficialidade do conteúdo do Google comparado com os livros tradicionais.

d) à falta de variedade de conteúdo disponível para pesquisas rápidas no Google.

e) à divulgação de conhecimento no Google aliada a interesses comerciais.

7. (Eletrobras/Eletrosul – Téc. Seg. Trab. – FCC – Jun./2016)

A expressão sublinhada tem seu sentido expresso, em outras palavras, em:

a) ... *ameaça tornar <u>ociosos</u> os dicionários, enciclopédias e compêndios*... (3º parágrafo) / obsoletos

b) ... *a única maneira de <u>multiplicá-lo</u>*. (1º parágrafo) / decompô-lo.

c) ... *o Google se esforça para substituir <u>as sumidades</u> do conhecimento*. (3º parágrafo) / os inábeis

d) *Uma pergunta a um deles era a <u>garantia</u> de uma aula*. (2º parágrafo) / prepotência

e) *De 15 anos para cá, o Google* *se esforça* *para substituir...* (3º parágrafo) / se surpreende

8. (Eletrobras/Eletrosul – Téc. Seg. Trab. – FCC – Jun./2016)

Considere o texto abaixo.

Da paginação

Os livros de poemas devem ter margens largas e muitas páginas em branco e suficientes claros nas páginas impressas, para que as crianças possam enchê-los de desenhos – gatos, homens, aviões, casas, chaminés, árvores, luas, pontes, automóveis, cachorros, cavalos, bois, tranças, estrelas – que passarão também a fazer parte dos poemas...

(QUINTANA, Mario. *Sapato florido*. São Paulo, Globo, 2005, p. 33)

Para o autor, os livros de poemas devem ter uma apresentação que

a) elimine a chance de mais de uma interpretação.

b) induza a uma leitura realista e bem objetiva.

c) estimule a participação ativa das crianças.

d) ensine as crianças a se portar com bons modos.

e) seja compreensível a pessoas que são analfabetas.

Leia o texto a seguir para responder à questão 9.

Em 2015, o Brasil comemorou os 150 anos de nascimento de Cândido Mariano da Silva Rondon, mais conhecido como Marechal Rondon, militar e sertanista brasileiro que desbravou as regiões Centro-Oeste e Norte nos séculos 19 e 20. Por causa das expedições que comandou, passou a ser habitada a região onde está situado o estado de Rondônia, assim denominado em sua homenagem.

Rondon nasceu em Mimoso (MT), no dia 5 de maio de 1865. Descendente, por parte de mãe, dos índios terenas e bororo, e por parte de pai, dos índios guanás, logo ficou órfão, sendo criado pelo avô. Depois de sua morte, transferiu-se para o Rio de Janeiro e ingressou na Escola Militar. Depois de se formar bacharel em Ciências Físicas e Naturais e tornar-se tenente, em 1890, foi transferido para o setor do Exército que implantava linhas telegráficas por todo o país.

A partir daí, durante quase vinte anos, Rondon viajou por todo o Brasil implantando o telégrafo e eventualmente abrindo estradas. Nessas viagens, ele frequentemente encontrou tribos indígenas que não tinham contato com a civilização e, aos poucos, desenvolveu uma técnica de aproximação amigável. Rondon contribuiu também para o reconhecimento e mapeamento de grandes áreas ainda inóspitas no interior do país. A partir daí, levantou dados e informações de mineralogia, geologia, botânica, zoologia e antropologia. E encontrou, em 1906, as ruínas do Real Forte do Príncipe da Beira, a maior relíquia histórica de Rondônia.

Em 1910, organizou e passou a dirigir o Serviço de Proteção aos Índios, que viria a se tornar a Fundação Nacional do Índio (Funai). Em 1952, propôs a criação do Parque Indígena do Xingu e, no ano seguinte, inaugurou o Museu Nacional do Índio.

Rondon morreu em 1958, no Rio de Janeiro, com quase 93 anos. Dedicou a vida a promover a colonização do interior do país, pacificando e tratando os índios. Ficou conhecido pelo lema indigenista: " Morrer se for preciso, matar nunca".

(Adaptado de: "Congresso comemora na próxima semana os 150 anos do Marechal Rondon". Agência Senado. Disponível em: <www12.senado.leg.br/noticias/materias/2015/04/30/congresso-comemora-na-proxima-semana-os-150-anos-do-marechal-rondon>.)

9. (TRT14R – Téc. Jud. – Área Adminis. – FCC – Fev./2016)

Destaca-se em Rondon

a) a personalidade instável e irascível.

b) o perfil autoritário e truculento.

c) o comportamento passivo e hesitante.

d) a atitude conformista e servil.

e) o espírito pacífico e desbravador.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 10 e 11.

Nós, o rio e o tempo

Fico olhando, Maria, o nosso rio,
o Madeira da nossa Juventude.
Na enchente, em constante inquietude
vencendo a cada curva um desafio.
Para depois, no decorrer do estio,
com a ribanceira em sua plenitude
toda plantada pelo braço rude
de quem espera o fruto do plantio.
Mas o tempo, Maria, nos comprova
que a cada instante o rio se renova
e nós a cada instante envelhecemos.
Por certo ele será sempre criança
e o seu poente um canto de esperança
na saudade daquilo que vivemos.

(SILVA, Antônio Cândido da. Disponível em: <www.acler.-com.br/?conteudo=artigosmostra&cod=318&autor=6>.)

10. (TRT14R – Téc. Jud. – Área Adminis. – FCC – Fev./2016)

Percebe-se, no poema, a

a) representação do tempo como algo imutável.

b) caracterização da natureza degradada pelo homem.

c) predominância de uma ambientação urbana.

d) descrição do eterno conflito entre homem e mulher.

e) expressão de um sentimento nostálgico.

11. (TRT14R – Téc. Jud. – Área Adminis. – FCC – Fev./2016)

Apresentam significações opostas, no poema, os termos

a) *rio* e *enchente*, já que o primeiro equivale à calmaria e o segundo, à agitação.

b) *plenitude* e *Juventude*, já que o primeiro representa a tradição e o segundo, o progresso.

c) *estio* e *ribanceira*, já que o primeiro faz referência à escassez e o segundo, à fartura.

d) *poente* e *saudade*, já que o primeiro se refere ao futuro e o segundo, ao passado.

e) *criança* e *canto*, já que o primeiro remete à alegria e o segundo, à tristeza.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 12 e 13.

Idades e verdades

O médico e jornalista Drauzio Varella escreveu outro dia no jornal uma crônica muito instigante. Destaco este trecho: " Nada mais ofensivo para o velho do que dizer que ele tem 'cabeça de jovem'. É considerá-lo mais inadequado do que o rapaz de 20 anos que se comporta como criança de dez. Ainda que maldigamos o envelhecimento, é ele que nos traz a aceitação das ambiguidades, das diferenças, do contraditório e abre espaço para uma diversidade de experiências com as quais nem sonhávamos anteriormente".

Tomo a liberdade de adicionar meu comentário de velho: não preciso que os jovens acreditem em mim, tampouco estou aberto para receber lições dos mocinhos. Nossa alternativa: ao nos defrontarmos com uma questão de comum interesse, discutirmos honestamente que sentido ela tem para nós. O que nos unirá não serão nossas diferenças, mas o que nos desafia.

(LAMEIRA, Viriato, *inédito*)

12. (Copergás/PE – Analista Administrador – FCC – Jul./2016)

Deve-se entender que as afirmações de Drauzio Varella e as do autor do texto mantêm entre si

a) uma clara relação de causa e efeito, na ordem em que são expostas.

b) uma relação de independência, uma vez que não os move uma questão comum.

c) uma interligação compulsória, pois não se entende uma sem a presença da outra.

d) um caráter de alguma complementaridade, dado que a segunda é motivada pela primeira.

e) uma relação de subordinação, pois a segunda é uma simples dedução da primeira.

13. (Copergás/PE – Analista Administrador – FCC – Jul./2016)

O texto citado de Drauzio Varella parte de uma premissa que ele considera

a) verdadeira: os velhos, apesar da experiência acumulada, têm nostalgia dos anos dourados da juventude.

b) enganosa: a de que os velhos gostariam de ser aceitos como se mantivessem a pujança da juventude.

c) aceitável: há algo de pueril na velhice, mas que não obsta aos velhos demonstrar tudo o que aprenderam.

d) legítima: desde cedo somos obrigados a enfrentar as ambiguidades e os paradoxos do nosso pensamento.

e) preconceituosa: a de que os velhos tendam a amaldiçoar sua idade, quando o que sucede é exatamente o contrário.

Leia o texto a seguir para responder à questão 14.

Uma energia que vem de longe

O aproveitamento de recursos hídricos nas formas e em escala que conhecemos hoje só se tornou possível no final do século XIX, após o domínio das leis da mecânica dos fluidos, o consequente aperfeiçoamento das máquinas hidráulicas até o rendimento máximo e, por fim, o desenvolvimento da fantástica indústria da eletricidade. Sua história, porém, remonta à época da emergência daquelas civilizações, na Ásia e na África, das quais toda a cultura moderna é tributária, e está intimamente associada ao desenvolvimento dos primeiros grandes sistemas energéticos da humanidade, baseados na cultura irrigada de cereais.

(LOPES, Bernardina Reina, *inédito*)

14. (Eletrobras/Eletrosul – Adm. Empres. – FCC – Jun./2016)

Deve-se entender do texto que o aproveitamento de recursos hídricos

a) mantém-se tecnicamente tão eficaz quanto já o era ao tempo dos primeiros grandes sistemas energéticos.

b) está dando uma contribuição decisiva para o surgimento da fundamental indústria da eletricidade.

c) deve muito de seu atual estágio aos avanços resultantes do domínio da mecânica dos fluidos.

d) remonta ao final do século XIX, quando se aperfeiçoou o sistema de irrigação da cultura de cereais.

e) é tributário da cultura moderna e ainda se vale significativamente das técnicas das antigas civilizações orientais.

Leia o texto a seguir para responder à questão 15.

Designado para fazer a crítica dos espetáculos líricos de setembro de 1846 a outubro do ano seguinte no *Jornal do Comércio*, Martins Pena se revelou um profundo conhecedor da arte cênica, tanto no que se refere à prática teatral (cenário, representação, maquinarias) quanto a sua história, sendo não raro seus incisivos argumentos a causa de grandes polêmicas no teatro representado na corte brasileira.

Pena ganhou evidência como comediógrafo a partir de 1838, ano em que foi encenada sua peça *O Juiz de Paz na Roça*. Embora tenha produzido alguns dramas (que lhe renderam duras críticas), destacou-se de fato pelas suas comédias e farsas, nas quais retratou a cultura e os costumes da sociedade do seu tempo.

Nas suas obras, Pena buscou uma tomada de consciência de um momento da história de nosso país, que recém adquiria uma limitada independência, e tentou pensar criticamente nossa cultura, com as restrições que o contexto impunha ao trabalho intelectual, desvencilhando-se da tradição clássica, das comédias francesas, do teatro lírico e do melodrama, para criar uma nova comédia com traços muito pessoais, o que lhe garantiu sucesso imediato em seu tempo e um significado ímpar na história do teatro brasileiro.

Disponível em: <www.questaodecritica.com.br> (com adaptações).

15. (INSS – Analista Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

Julgue o item subsequente, que versa sobre os sentidos e os aspectos linguísticos do texto acima.

Verifica-se uma contradição na argumentação do autor, uma vez que o sentido do trecho “ criar uma nova comédia com traços muito pessoais” (l. 11) é incompatível com o sentido do trecho “ retratou a cultura e os costumes da sociedade do seu tempo” (l. 7).

Leia o texto a seguir para responder à questão 16.

Texto CB2A2AAA

É inegável que o Estado representa um ônus para a sociedade, já que, para assegurar o seu funcionamento, consome riquezas da sociedade. Representa, porém, um mal necessário, pois até agora não se conseguiu arquitetar mecanismo distinto para catalisar a vida em comunidade. Então, se do Estado ainda não pode prescindir a civilização, cabe-lhe aprimorá-lo, buscando otimizar o seu funcionamento, de modo a torná-lo menos oneroso, mais eficiente e eficaz.

O bom funcionamento do Estado, que inclui também o bom funcionamento de suas estruturas encarregadas do controle público (Ministério Público, Poder Legislativo e tribunais de contas, entre outros), vem sendo alçado à condição de direito fundamental dos indivíduos. Pressupõe, notadamente sob as luzes do princípio constitucional da eficiência, os deveres de cuidado e de cooperação.

O dever de cuidado é consequência direta do postulado da indisponibilidade do interesse público. Em decorrência desse postulado, todo agente público tem o dever de, no cumprimento fiel de suas atribuições, perseguir o interesse público manifesto na Constituição Federal e nas leis. Conduz, portanto, à ideia de vedação da omissão, já que deixar de cumprir tais atribuições evidenciaria conduta ilícita.

O dever de cuidado conduz, ainda, a uma ampla interação entre as estruturas públicas de controle, ou seja, é um dever de cooperação, não como faculdade, mas como obrigação que, em regra, dispensa formas especiais, como previsões normativas específicas, convênios e acordos.

Sob essa perspectiva, o controle público do Estado deve incorporar à sua cultura institucional o compromisso com o direito fundamental ao bom funcionamento do Estado. Nesse contexto, os deveres de cuidado e de cooperação se impõem a todas as estruturas do Estado destinadas a promover o controle da máquina estatal.

A observância do dever de cuidado e do de cooperação – traduzida, portanto, na atuação comprometida e concertada das estruturas orientadas para a função de controle da gestão pública – deve promover, entre os agentes e órgãos de controle, comportamentos de responsabilidade e responsividade. Por responsabilidade entenda-se o genuíno compromisso com a integralidade do ordenamento jurídico, o que pressupõe, acima de tudo, o reconhecimento de um regime de vedação da omissão. Responsividade, por sua vez, traduz o comportamento orientado a oferecer respostas rápidas e proativas, impregnadas de verdadeiro compromisso com a ideia-chave de promover o bom funcionamento do Estado.

Diogo Roberto Ringenberg. Direito fundamental ao bom funcionamento do controle público. In: Controle Público, nº 10, abr./2011, p. 55 (com adaptações).

16. (TCE-SC – Aud. Fiscal-Administ. – Cespe – Maio/2016)

A respeito das ideias veiculadas no texto CB2A2AAA, julgue o item que se segue.

A tese defendida pelo autor do texto resume-se à ideia expressa na seguinte assertiva: o Estado é um peso para toda a sociedade, mas, como não se pode prescindir dele, devem-se arquitetar mecanismos para que os impostos pagos pela sociedade sejam distribuídos em favor dos mais pobres.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 17 – 20.

Texto II

O índio não teve muita sorte na literatura brasileira, depois do Romantismo. Enquanto nas letras hispano-americanas viceja um esplêndido indigenismo pelo século XX adentro, com tantos e tão importantes criadores dedicando-se a transpor o índio para a ficção, no Brasil se podem contar nos dedos das mãos os casos.

Torna a trazer o assunto à baila o aparecimento e grande vendagem de **Maíra**, romance de Darcy Ribeiro. O renomado antropólogo já tinha em seu acervo de realizações uma respeitável brasiliana, incluindo vários trabalhos sobre os índios, um dos quais, a história de Uirá, fora transformado em filme no início da década de 70. **Maíra** é, portanto, a primeira incursão do autor pelo épico, a menos que se considere a história de Uirá como uma primeira aproximação ao gênero.

O relato, como o filme, dá conta do trágico percurso de Uirá, da tribo Urubu-Kaapor, no Maranhão deste século, o qual um dia fica *iñaron* quando, após muitas desgraças comuns ao destino dos índios brasileiros, como fome, espoliação, epidemias, perseguições, perde também um dos filhos.

A palavra tupi *iñaron* designa um estado de fúria sagrada, associado ao sofrimento excessivo, não deixando de lembrar as famosas fúrias dos heróis gregos: Hércules, uma vez acometido por um desses acessos, enviado pela vingativa Hera, matou, sem o saber, seus três filhos e esposa, tal como vem narrado na tragédia **Héracles Furioso**, de Eurípedes. Nas **Bacantes**, do mesmo autor, Agave, fora de si, participa do desmembramento de seu filho adulto, Penteu, rei de Tebas. E talvez o mais formidável exemplo seja o da cólera de Aquiles, que dá nascimento à inteira composição da **Ilíada**, desencadeada por sua recusa a continuar lutando. Devido à recusa de Aquiles, quase foi perdida a guerra de Troia e, não fosse sua fúria, o poema não teria sido composto.

Em meio ao furacão histórico da fase do capitalismo selvagem no país, quando o acirramento da acumulação leva multinacionais e suas cabeças-de-ponte nacionais a apropriar-se dos mais recônditos confins com vistas ao lucro, encontram-se, estonteados, os índios. O único problema dos Mairum – nome inventado, tribo arquetípica de todas as tribos, povo de Maíra – é como sobreviver e como fazer sua cultura sobreviver, com crescente dificuldade.

O romance inteiro soa como uma lamentação, um carpir sobre o fim de uma civilização das mais admiráveis. Seus trechos mais bem realizados são aqueles nos quais uma espécie de narrador coletivo índio dá conta de sua maneira de ver o mundo, de como compreende e interpreta seus hábitos e tradições; e, o que é mais importante, franqueia para o leitor seu tremendo desejo de sobrevivência e alegria de viver.

A produção e publicação de um romance como esse, agora, mostra como o índio está mais vivo do que nunca em sua conexão com a literatura brasileira. Tampouco deve ser uma coincidência que, neste exato momento, outras ficções, filmes, romances, peças de teatro, novelas de televisão, canções, estejam sendo feitos, todos sobre os índios, todos lutando em defesa de sua preservação para a História. Quando há tanta desconfiança em relação à pulsão destrutiva da civilização ocidental e entre nós é tão escandaloso o capitalismo selvagem, isso pode vir a significar alguma coisa. Talvez uma postura mais cautelosa e menos arrogante, de quem está aprendendo a perceber que outras civilizações encontraram saídas melhores e, sobretudo, não suicidas para males que hoje parecem irremediáveis, como o problema do poder, da proliferação e potenciação dos armamentos, da destruição da natureza, do Estado e de seu aparelho, da igualdade nunca encontrada. A alegoria da moça branca morta ao parir mestiços mortos poderá significar também o caráter heteroletal e autoletal da etnia branca? Pode ser que a importância da civilização indígena esteja, final e penosamente, penetrando na consciência do corpo social brasileiro.

Walnice Nogueira Galvão. Indianismo revisitado. In: *Esboço de figura – Homenagem a Antonio Candido.* São Paulo: Duas Cidades, 1979, p. 379-89 (com adaptações).

(Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Julgue (C ou E) os itens seguintes, relacionados às ideias desenvolvidas no texto II.

17. Ao citar exemplos da literatura grega antiga, Walnice Nogueira Galvão indica que a organização tribal é capaz de gerar conflitos e tensões que transcendem o Brasil ou o espaço hispano-americano.

18. Com o trecho "encontram-se, estonteados, os índios" (l. 23), a autora do texto evidencia o confronto entre o "capitalismo selvagem no país" (l. 21) e a cultura indígena.

19. Tanto o romance **Maíra** quanto o relato de Uirá exibem enredos marcados pelas dificuldades enfrentadas por tribos indígenas, atingidas por flagelos trazidos pela civilização não indígena.

20. Ao afirmar que "o índio está mais vivo do que nunca em sua conexão com a literatura" (l. 30 e 31), a autora defende que romances como **Maíra** têm o mérito de salvar tribos e civilizações indígenas das forças destrutivas que predominam nas sociedades.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 21 e 22.

Texto I

Descaso com saneamento deixa rios em estado de alerta

A crise hídrica transformou a paisagem urbana em muitas cidades paulistas. Casas passaram a contar com cisternas e caixas-d'água azuis se multiplicaram por telhados, lajes e até em garagens. Em regiões mais nobres, jardins e portarias de prédios ganharam placas que alertam sobre a utilização de água de reúso. As pessoas mudaram seu comportamento, economizaram e cobraram soluções.

As discussões sobre a gestão da água, nos mais diversos aspectos, saíram dos setores tradicionais e técnicos e ganharam espaço no cotidiano. Porém, vieram as chuvas, as enchentes e os rios urbanos voltaram a ficar tomados por lixo, mascarando, de certa forma, o enorme volume de esgoto que muitos desses corpos de água recebem diariamente.

É como se não precisássemos de cada gota de água desses rios urbanos e como se a água limpa que consumimos em nossas casas, em um passe de mágica, voltasse a existir em tamanha abundância, nos proporcionando o luxo de continuar a poluir centenas de córregos e milhares de riachos nas nossas cidades. Para completar, todo esse descaso decorrente da falta de saneamento se reverte em contaminação e em graves doenças de veiculação hídrica.

Dados do monitoramento da qualidade da água – que realizamos em rios, córregos e lagos de onze Estados brasileiros e do Distrito Federal – revelaram que 36,3% dos pontos de coleta analisados apresentam qualidade ruim ou péssima. Apenas 13 pontos foram avaliados com qualidade de água boa (4,5%) e os outros 59,2% estão em situação regular, o que significa um estado de alerta. Nenhum dos pontos analisados foi avaliado como ótimo.

Divulgamos esse grave retrato no Dia Mundial da Água (22 de março), com base nas análises realizadas entre março de 2015 e fevereiro de 2016, em 289 pontos de coleta distribuídos em 76 municípios.

(MANTOVANI, Mário; RIBEIRO, Malu. *UOL Notícias*, abril/2016.)

21. (Pref. Paulínia-SP – Ag. Fiscaliz. – FGV – Maio/2016)

"*A crise hídrica transformou a paisagem urbana em muitas cidades paulistas. Casas passaram a contar com cisternas e caixas-d'água azuis se multiplicaram por telhados, lajes e até em garagens. Em regiões mais nobres, jardins e portarias de*

prédios ganharam placas que alertam sobre a utilização de água de reúso."

Nesse segmento há três períodos. O segundo e o terceiro períodos, em relação ao primeiro, funcionam como

a) explicação da transformação ocorrida.

b) exemplificação de mudanças a partir da crise hídrica.

c) conclusão do que é dito anteriormente.

d) justificativa das transformações feitas pela população.

e) ironia sobre as medidas inócuas adotadas.

22. (Pref. Paulínia-SP – Ag. Fiscaliz – FGV – Maio/2016)

"*Dados do monitoramento da qualidade da água – que realizamos em rios, córregos e lagos de onze Estados brasileiros e do Distrito Federal – revelaram que 36,3% dos pontos de coleta analisados apresentam qualidade ruim ou péssima. Apenas 13 pontos foram avaliados com qualidade de água boa (4,5%) e os outros 59,2% estão em situação regular, o que significa um estado de alerta. Nenhum dos pontos analisados foi avaliado como ótimo*."

A função principal desse parágrafo do texto é

a) demonstrar o valor das pesquisas para os textos jornalísticos.

b) mostrar a seriedade da pesquisa realizada.

c) comprovar a qualidade do veículo divulgador da notícia.

d) indicar a qualidade dos autores do texto.

e) alertar contra a péssima qualidade da água.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 23 - 25.

Texto 1 – O futuro da medicina

O avanço da tecnologia afetou as bases de boa parte das profissões. As vítimas se contam às dezenas e incluem músicos, jornalistas, carteiros etc. Um ofício relativamente poupado até aqui é o de médico. Até aqui. A crer no médico e "geek" Eric Topol, autor de "The Patient Will See You Now" (o paciente vai vê-lo agora), está no forno uma revolução da qual os médicos não escaparão, mas que terá impactos positivos para os pacientes.

Para Topol, o futuro está nos *smartphones*. O autor nos coloca a par de incríveis tecnologias, já disponíveis ou muito próximas disso, que terão grande impacto sobre a medicina. Já é possível, por exemplo, fotografar pintas suspeitas e enviar as imagens a um algoritmo que as analisa e diz com mais precisão do que um dermatologista se a mancha é inofensiva ou se pode ser um câncer, o que exige medidas adicionais.

Está para chegar ao mercado um apetrecho que transforma o celular num verdadeiro laboratório de análises clínicas, realizando mais de 50 exames a uma fração do custo atual. Também é possível, adquirindo lentes que custam centavos, transformar o *smartphone* num supermicroscópio que permite fazer diagnósticos ainda mais sofisticados.

Tudo isso aliado à democratização do conhecimento, diz Topol, fará com que as pessoas administrem mais sua própria saúde, recorrendo ao médico em menor número de ocasiões e de preferência por via eletrônica. É o momento, assegura o autor, de ampliar

a autonomia do paciente e abandonar o paternalismo que desde Hipócrates assombra a medicina.

Concordando com as linhas gerais do pensamento de Topol, mas acho que, como todo entusiasta da tecnologia, ele provavelmente exagera. Acho improvável, por exemplo, que os hospitais caminhem para uma rápida extinção. Dando algum desconto para as previsões, " The Patient..." é uma excelente leitura para os interessados nas transformações da medicina.

Folha de S. Paulo online – Coluna Hélio Schwartsman – 17/01/2016.

23. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

O segundo, o terceiro e o quarto parágrafos do texto 1 têm a função de:

a) demonstrar que a revolução já é uma realidade;

b) criticar os exageros do livro indicado;

c) resumir a obra de Topol;

d) justificar o título do livro referido;

e) explicitar o conteúdo do livro citado.

24. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

O primeiro parágrafo do texto 1 mostra uma estratégia no tratamento do tema, que é partir:

a) do passado para o presente;

b) do geral para o particular;

c) do todo para as partes;

d) do abstrato para o concreto;

e) do objetivo para o subjetivo.

25. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

" Para Topol, o futuro está nos *smartphones*. O autor nos coloca a par de incríveis tecnologias, já disponíveis ou muito próximas disso, que terão grande impacto sobre a medicina."

O segundo período desse segmento do texto 1, em relação ao período anterior, funciona como:

a) oposição à afirmação feita;

b) enumeração das tecnologias referidas anteriormente;

c) explicação do termo " smartphones";

d) justificativa de uma afirmação;

e) consequência de uma causa previamente citada.

Leia o texto a seguir para responder à questão 26.

Texto 2 – Manual de princípios éticos para sites de medicina e saúde na internet

A veiculação de informações, a oferta de serviços e a venda de produtos médicos na Internet têm o potencial de promover a saúde

mas também podem causar danos aos internautas, usuários e consumidores.

O CREMESP define a seguir princípios éticos norteadores de uma política de autorregulamentação e critérios de conduta dos sites de saúde e medicina na Internet.

1) TRANSPARÊNCIA

Deve ser transparente e pública toda informação que possa interferir na compreensão das mensagens veiculadas ou no consumo dos serviços e produtos oferecidos pelos sites com conteúdo de saúde e medicina. Deve estar claro o propósito do site: se é apenas educativo ou se tem fins comerciais na venda de espaço publicitário, produtos, serviços, atenção médica personalizada, assessoria ou aconselhamento. É obrigatória a apresentação dos nomes do responsável, mantenedor e patrocinadores diretos ou indiretos do site.

2) HONESTIDADE

Muitos sites de saúde estão a serviço exclusivamente dos patrocinadores, geralmente empresas de produtos e equipamentos médicos, além da indústria farmacêutica que, em alguns casos, interferem no conteúdo e na linha editorial, pois estão interessados em vender seus produtos.

A verdade deve ser apresentada sem que haja interesses ocultos. Deve estar claro quando o conteúdo educativo ou científico divulgado (afirmações sobre a eficácia, efeitos, impactos ou benefícios de produtos ou serviços de saúde) tiver o objetivo de publicidade, promoção e venda, conforme Resolução CFM Nº 1.595/2000.

3) QUALIDADE

A informação de saúde apresentada na Internet deve ser exata, atualizada, de fácil entendimento, em linguagem objetiva e cientificamente fundamentada. Da mesma forma produtos e serviços devem ser apresentados e descritos com exatidão e clareza. Dicas e aconselhamentos em saúde devem ser prestados por profissionais qualificados, com base em estudos, pesquisas, protocolos, consensos e prática clínica.

Os sites com objetivo educativo ou científico devem garantir a autonomia e independência de sua política editorial e de suas práticas, sem vínculo ou interferência de eventuais patrocinadores.

Deve estar visível a data da publicação ou da revisão da informação, para que o usuário tenha certeza da atualidade do site. Os sites devem citar todas as fontes utilizadas para as informações, critério de seleção de conteúdo e política editorial do site, com destaque para nome e contato com os responsáveis.

26. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

O título do texto 2 já define o seu conteúdo como:

a) preditivo;

b) informativo;

c) publicitário;

d) normativo;

e) instrucional.

Leia o texto a seguir para reponder à questão 27.

Texto 1 – Problemas Sociais Urbanos

Dentre os problemas sociais urbanos, merece destaque a questão da segregação urbana, fruto da concentração de renda no espaço das cidades e da falta de planejamento público que vise à promoção de políticas de controle ao crescimento desordenado das cidades. A especulação imobiliária favorece o encarecimento dos locais mais próximos dos grandes centros, tornando-os inacessíveis à grande massa populacional. Além disso, à medida que as cidades crescem, áreas que antes eram baratas e de fácil acesso tornam--se mais caras, o que contribui para que a grande maioria da população pobre busque por moradias em regiões ainda mais distantes.

Essas pessoas sofrem com as grandes distâncias dos locais de residência com os centros comerciais e os locais onde trabalham, uma vez que a esmagadora maioria dos habitantes que sofrem com esse processo são trabalhadores com baixos salários. Incluem-se a isso as precárias condições de transporte público e a péssima infraestrutura dessas zonas segregadas, que às vezes não contam com saneamento básico ou asfalto e apresentam elevados índices de violência.

A especulação imobiliária também acentua um problema cada vez maior no espaço das grandes, médias e até pequenas cidades: a questão dos lotes vagos. Esse problema acontece por dois principais motivos: 1) falta de poder aquisitivo da população que possui terrenos, mas que não possui condições de construir neles e 2) a espera pela valorização dos lotes para que esses se tornem mais caros para uma venda posterior. Esses lotes vagos geralmente apresentam problemas como o acúmulo de lixo, mato alto, e acabam tornando-se focos de doenças, como a dengue.

PENA, Rodolfo F. Alves. "Problemas socioambientais urbanos"; *Brasil Escola*. Disponível em: http://brasilescola.uol.com.br/brasil/problemas-ambientais-sociais-decorrentes-urbanização.htm. Acesso em 14 de abril de 2016.

27. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

A estruturação do texto 1 é feita do seguinte modo:

a) uma introdução definidora dos problemas sociais urbanos e um desenvolvimento com destaque de alguns problemas;

b) uma abordagem direta dos problemas com seleção e explicação de um deles, visto como o mais importante;

c) uma apresentação de caráter histórico seguida da explicitação de alguns problemas ligados às grandes cidades;

d) uma referência imediata a um dos problemas sociais urbanos, sua explicitação, seguida da citação de um segundo problema;

e) um destaque de um dos problemas urbanos, seguido de sua explicação histórica, motivo de crítica às atuais autoridades.

Leia o texto a seguir para responder à questão 28.

Texto 2 – Violência e favelas

O crescimento dos índices de violência e a dramática transformação do crime manifestados nas grandes metrópoles são alarmantes, sobretudo, na cidade do Rio de Janeiro, sendo as favelas as mais afetadas nesse processo.

" A violência está o cúmulo do absurdo. É geral, não é? É geral, não tem, não está distinguindo raça, cor, dinheiro, com dinheiro, sem dinheiro, tá de pessoa para pessoa, não interessa se eu te conheço ou se eu não te conheço. Me irritou na rua eu te dou um tiro. É assim mesmo que está, e é irritante, o ser humano está em um estado de nervos que ele não está mais se controlando, aí junta a falta de dinheiro, junta falta de tudo, e quem tem mais tá querendo mais, e quem tem menos tá querendo alguma coisa e vai descontar em cima de quem tem mais, e tá uma rivalidade, uma violência que não tem mais tamanho, tá uma coisa insuportável." (moradora da Rocinha)

A recente escalada da violência no país está relacionada ao processo de globalização que se verifica, inclusive, ao nível das redes de criminalidade. A comunicação entre as redes internacionais ligadas ao crime organizado são realizadas para negociar armas e drogas. Por outro lado, verifica-se hoje, com as CPIs (Comissão Parlamentar de Inquérito) instaladas, ligações entre atores presentes em instituições estatais e redes do narcotráfico.

Nesse contexto, as camadas populares e seus bairros/favelas são crescentemente objeto de estigmatização, percebidos como causa da desordem social o que contribui para aprofundar a segregação nesses espaços. No outro polo, verifica-se um crescimento da autossegregação, especialmente por parte das elites que se encastelam nos enclaves fortificados na tentativa de se proteger da violência.

(Maria de Fátima Cabral Marques Gomes, *Scripta Nova*)

28. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

A fala da moradora da Rocinha tem a seguinte finalidade:

a) demonstrar que as favelas são o centro da violência;

b) enumerar as consequências da violência nas favelas;

c) confirmar uma afirmação do parágrafo anterior;

d) mostrar a insignificância da vida humana;

e) provar que a violência é fruto da globalização.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 29 – 32.

Texto 1

Há pessoas que preferem enfrentar as gélidas noites paulistanas na rua a buscar acolhimento nos abrigos municipais. As razões para tal atitude, mesmo em meio a uma onda de frio que assola São Paulo, são várias: de inadequação às regras dos albergues a condições supostamente insalubres de alguns desses locais.

Mesmo quem busca uma vaga tem reclamações a fazer sobre os abrigos municipais: eles dizem que os banheiros e as roupas de cama estão em más condições e se queixam de tratamento desrespeitoso por parte de alguns funcionários.

(UOL Cotidiano, *Notícias*, junho de 2016)

29. (Compesa – A.S.G. – Técn. Segur. Trab. – FGV – Jul./2016)

O principal objetivo do texto é:

a) criticar as autoridades responsáveis pelos abrigos municipais.

b) mostrar as dificuldades no tratamento com os moradores de rua.

c) explicar as razões da recusa de os moradores de rua se recolherem nos abrigos municipais.

d) destacar a gravidade da situação dos que não têm onde morar.

e) demonstrar a necessidade urgente da melhora dos abrigos municipais.

30. (Compesa – A.S.G. – Técn. Segur. Trab. – FGV – Jul./2016)

No primeiro parágrafo do texto há dois períodos. Em relação ao primeiro, o segundo período desempenha o seguinte papel:

a) justificar a preferência de alguns moradores de rua.

b) reiterar as más condições climáticas no momento da elaboração do texto.

c) enumerar os problemas dos abrigos municipais de São Paulo.

d) destacar os motivos de os abrigos serem recusados por um morador de rua.

e) criticar as preferências de algumas pessoas por continuarem nas ruas.

31. (Compesa – A.S.G. – Técn. Segur. Trab. – FGV – Jul./2016)

O texto aborda um problema sem identificar os seus personagens e sem especificar o conteúdo de vários termos.

Assinale a opção que apresenta o termo que, ao contrário dos demais, mostra valor específico.

a) Pessoas.

b) Más condições.

c) Tratamento desrespeitoso.

d) Tal atitude.

e) Regras dos albergues.

32. (Compesa – A.S.G. – Técn. Segur. Trab. – FGV – Jul./2016)

Leia a frase: " *Sou como uma planta do deserto. Uma única gota de orvalho é suficiente* <u>*para me alimentar*</u>".

Nesse pensamento há uma oração reduzida sublinhada; essa oração, se modificada para a forma de uma oração desenvolvida, deveria ser:

a) para que me alimentasse.

b) para que eu fosse alimentado.

c) para a minha alimentação.

d) para que eu me alimente.

e) para eu ser alimentado.

33. (Compesa – An. Gest. Médico do Trabalho – FGV – Jul./2016)

Na frase " *Você quer estar certo ou quer ser feliz*"? ocorre

a) uma antítese paradoxal.

b) uma pergunta retórica.

c) uma ambiguidade intencional.

d) uma falsa oposição.

e) uma ausência de paralelismo.

Leia o texto a seguir para responder à questão 34.

Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador

A medicina do trabalho, enquanto especialidade médica, surge na Inglaterra, na primeira metade do século XIX, com a Revolução Industrial.

Naquele momento, o consumo da força de trabalho, resultante da submissão dos trabalhadores a um processo acelerado e desumano de produção, exigiu uma intervenção, sob pena de tornar inviável a sobrevivência e a reprodução do próprio processo.

Quando Robert Dernham, proprietário de uma fábrica têxtil, preocupado com o fato de que seus operários não dispunham de nenhum cuidado médico a não ser aquele propiciado por instituições filantrópicas, procurou o Dr. Robert Baker, seu médico, pedindo que indicasse qual a maneira pela qual ele, como empresário, poderia resolver tal situação. Baker respondeu-lhe:

" Coloque no interior da sua fábrica o seu próprio médico, que servirá de intermediário entre você, os seus trabalhadores e o público. Deixe-o visitar a fábrica, sala por sala, sempre que existam pessoas trabalhando, de maneira que ele possa verificar o efeito do trabalho sobre as pessoas. E se ele verificar que qualquer dos trabalhadores está sofrendo a influência de causas que possam ser prevenidas, a ele competirá fazer tal prevenção. Dessa forma você poderá dizer: meu médico é a minha defesa, pois a ele dei toda a minha autoridade no que diz respeito à proteção da saúde e das condições físicas dos meus operários; se algum deles vier a sofrer qualquer alteração da saúde, o médico unicamente é que deve ser responsabilizado".

A resposta do empregador foi a de contratar Baker para trabalhar na sua fábrica, surgindo, assim, em 1830, o primeiro serviço de medicina do trabalho.

Na verdade, despontam, na resposta do fundador do primeiro serviço médico de empresa, os elementos básicos da expectativa do capital quanto às finalidades de tais serviços:

- deveriam ser serviços dirigidos por pessoas de inteira confiança do empresário e que se dispusessem a defendê-lo;

- deveriam ser serviços centrados na figura do médico;

- a prevenção dos danos à saúde resultantes dos riscos do trabalho deveria ser tarefa eminentemente médica;

- a responsabilidade pela ocorrência dos problemas de saúde ficava transferida ao médico.

A implantação de serviços baseados nesse modelo rapidamente expandiu-se por outros países, paralelamente ao processo de industrialização e, posteriormente, aos países periféricos, com a transnacionalização da economia. A inexistência ou fragilidade dos sistemas de assistência à saúde, quer como expressão do seguro social, quer diretamente providos pelo Estado, via serviços de saúde pública, fez com que os serviços médicos de empresa passassem a exercer um papel vicariante, consolidando, ao mesmo tempo, sua vocação enquanto instrumento de criar e manter a dependência do trabalhador (e frequentemente também de seus familiares), ao lado do exercício direto do controle da força de trabalho.

MENDES, R; DIAS, E.C. Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador. *Revista Saúde Pública*, S.Paulo, 25: 341-9, 1991. Disponível em: <https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/2977.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2015. Adaptado.

34. (Basa – Médico do Trabalho – Cesgranrio – Set./2015)

No primeiro parágrafo do texto, o destaque para o contexto histórico em que surgiu a medicina do trabalho tem por objetivo

a) mostrar que esse tipo de medicina constituía uma necessidade apenas daquela época.

b) apontar o desenvolvimento industrial como determinante para o cuidado com a força de trabalho.

c) conduzir o leitor a uma percepção dessa área médica como uma tendência efêmera.

d) questionar o poder de alcance da medicina do trabalho dentro da indústria.

e) enfatizar uma exigência das leis britânicas no que se refere à saúde do trabalhador.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 35 e 36.

Daqui a vinte e cinco anos

Perguntaram-me uma vez se eu saberia calcular o Brasil daqui a vinte e cinco anos. Nem daqui a vinte e cinco minutos, quanto mais vinte e cinco anos. Mas a impressão-desejo é a de que num futuro não muito remoto talvez compreendamos que os movimentos caóticos atuais já eram os primeiros passos afinando-se e orquestrando-se para uma situação econômica mais digna de um homem, de uma mulher, de uma criança. E isso porque o povo já tem dado mostras de ter maior maturidade política do que a grande maioria dos políticos, e é quem um dia terminará liderando os líderes. Daqui a vinte e cinco anos o povo terá falado muito mais.

Mas se não sei prever, posso pelo menos desejar. Posso intensamente desejar que o problema mais urgente se resolva: o da fome. Muitíssimo mais depressa, porém, do que em vinte e cinco anos, porque não há mais tempo de esperar: milhares de homens, mulheres e crianças são verdadeiros moribundos ambulantes que tecnicamente deviam estar internados em hospitais para subnutridos. Tal é a miséria, que se justificaria ser decretado estado de prontidão, como diante de calamidade pública. Só que é pior: a fome é a nossa endemia, já está fazendo parte orgânica do corpo e da alma. E, na maioria das vezes, quando se descrevem as características físicas, morais e mentais de um brasileiro, não se nota que na verdade se estão descrevendo os sintomas físicos, morais e mentais da fome. Os líderes que tiverem como meta a solução econômica do problema da comida serão tão abençoados por nós como, em comparação, o mundo abençoará os que descobrirem a cura do câncer.

LISPECTOR, C. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. p. 33.

35. (Liquigás – Administrador Jr. – Cesgranrio – Set./2015)

No texto, a autora projeta como seu principal desejo a(o)

a) abolição da censura

b) diminuição da fome

c) cura do câncer

d) aumento da desigualdade

e) fim da corrupção

36. (Liquigás – Administrador Jr. – Cesgranrio – Set./2015)

No texto, a autora intensifica seu ponto de vista

a) mostrando não saber o que deseja para daqui a vinte e cinco anos.

b) afirmando ser o brasileiro um povo imaturo politicamente.

c) relacionando o câncer ao problema da fome no país.

d) expondo a ideia de que os políticos se importam com os necessitados.

e) desejando que, no futuro, os líderes sejam liderados pelo povo.

Leia o texto a seguir para responder à questão 37.

Texto I

Banhos de mar

Meu pai acreditava que todos os anos se devia fazer uma cura de banhos de mar. E nunca fui tão feliz quanto naquelas temporadas de banhos em Olinda, Recife.

Meu pai também acreditava que o banho de mar salutar era o tomado antes de o sol nascer. Como explicar o que eu sentia de presente prodigioso em sair de casa de madrugada e pegar o bonde vazio que nos levaria para Olinda ainda na escuridão?

De noite eu ia dormir, mas o coração se mantinha acordado, em expectativa. E de puro alvoroço, eu acordava às quatro e pouco da madrugada e despertava o resto da família. Nós nos vestíamos depressa e saíamos em jejum. Porque meu pai acreditava que assim devia ser: **em jejum**.

Saímos para uma rua toda escura, recebendo a brisa da pré-madrugada. E esperávamos o bonde. Até que lá de longe ouvíamos o seu barulho se aproximando. Eu me sentava bem na ponta do banco, e minha felicidade começava. Atravessar a cidade escura me dava algo que jamais tive de novo. No bonde mesmo o tempo começava a clarear, e uma luz trêmula de sol escondido nos banhava e banhava o mundo.

Eu olhava tudo: as poucas pessoas na rua, a passagem pelo campo com os bichos-de-pé: " Olhe, um porco de verdade!" gritei uma vez, e a frase de deslumbramento ficou sendo uma das brincadeiras da minha família, que de vez em quando me dizia rindo: " Olhe, um porco de verdade".

Eu não sei da infância alheia. Mas essa viagem diária me tornava uma criança completa de alegria. E me serviu como promessa de felicidade para o futuro. Minha capacidade de ser feliz se revelava. Eu me agarrava, dentro de uma infância muito infeliz, a essa ilha encantada que era a viagem diária.

LISPECTOR, C. *A Descoberta do Mundo*. São Paulo: Rocco, 1999, p. 175. Adaptado.

37. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016)

A leitura atenta do Texto I permite sustentar que a narradora

a) pertencia a uma família que era possuidora de uma casa em Olinda, Recife.

b) tinha uma alegria enorme quando chegavam as temporadas de banho de mar com a família.

c) sofria com uma infância infeliz e só se alegrava quando via um porco de verdade.

d) levantava mais cedo do que toda a família para tomar café e ir logo para a praia.

e) ficava assustada com o pouco movimento das ruas quase desertas.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 38 e 39.

Entrevista com Frédéric Martel

Uma guerra mundial pelo conteúdo dos meios de comunicação se trava pela conquista do público dentro e fora dos países criadores. Batalhas se desenrolam pelo domínio da notícia, do formato de programas de TV e pela exibição de filmes, vídeos,

música, livros. Nesse processo, um gigante domina: os Estados Unidos, com sua capacidade de produzir cultura de massas que agrada ao grande público em todos os continentes. Essa penetração cultural americana, que muitos críticos preferem chamar de imperialismo, leva os filmes, a música e a televisão americana para o mundo. Sua arma é o inverso da alta cultura, da contracultura, da subcultura, de nichos especializados. Visa o público em geral, cultura de massa, de milhões. Tornou-se a cultura internacional dominante, principal, a chamada *mainstream*, conforme o título do livro escrito pelo sociólogo francês Frédéric Martel. Para escrever *Mainstream*, ele percorreu 30 países durante cinco anos, entrevistou mais de 1.200 pessoas em todas as capitais do *entertainment*, analisou a ação dos protagonistas, a lógica dos grupos e acompanhou a circulação internacional de conteúdo.

É um imperialismo diferente daquele político e militar. É uma espécie de imperialismo cultural que é bem recebido no mundo. A esse respeito, afirma Frédéric Martel: " É o que basicamente chamamos de *soft power*. *Soft power* significa influenciar as pessoas com coisas legais. Você é amigável, não é contundente. Você tem as forças armadas, tem a diplomacia tradicional e grandes empresas econômicas, que formam o *hard power*, e tem o *soft power*, que influencia as pessoas através de filmes, de livros, da internet e de valores".

" A língua é importante. Eu acredito – e essa é a principal conclusão do meu livro – que, no mundo em que estamos entrando, que reúne globalização e digitalização, a língua é importante. E eu acredito que a batalha, a luta, mesmo a guerra de conteúdo, será uma batalha a respeito da cultura nacional. Você pode ouvir Lady Gaga, gostar de *Avatar* e ler *O Código Da Vinci*, mas, no final das contas, a maior parte da cultura que você consome e ama geralmente é nacional, local, regional, e não global. A cultura global é apenas uma pequena parte do que você gosta. Então, no final das contas, os americanos são os únicos a poder prover essa cultura dominante global, mas essa cultura dominante global continua pequena.

Por quê? Porque a língua é muito importante, porque a identidade é muito importante. Quando você compra um livro de não ficção, quer saber o que acontece aqui, no seu país, e não na Coreia do Sul, por exemplo. Na Coreia do Sul você quer ouvir K-pop, que é a música pop coreana, e ver um drama coreano, e não ouvir uma música brasileira. Portanto, nós estamos em um mundo cada vez mais global, mas, ao mesmo tempo, a cultura ainda é e será muito nacional. Para resumir as coisas, eu diria que todos temos duas culturas: a nossa e a americana."

" Nós, como europeus, temos o mesmo tipo de relação que você, como brasileiro, tem com os EUA. Nós os amamos e odiamos. É uma complicada relação de amor e ódio. Nós esperamos que eles sejam como são; nós queremos criticá-los, mas, ao mesmo tempo, nós protestamos contra eles com tênis Nike nos pés. Nós trabalhamos para ser um pouco como eles, muito embora nós queiramos manter nossa identidade e cultura. E, a propósito, a boa notícia é que o debate no mundo hoje e no futuro não será entre nós – brasileiros, franceses, europeus – e os americanos. Será entre todos nós. O que eu quero dizer é que hoje não há apenas dois povos: nós e os EUA. O mundo é muito mais complicado, com países emergentes, que serão fundamentais nesse novo jogo."

" Para resumir, afirma Martel, eu diria que os EUA continuarão sendo peça importante da guerra de conteúdo, podemos dizer, nos próximos anos e décadas. Eu não acredito e não compro a ideia do declínio da cultura americana. Eu acho que eles são fortes e continuarão sendo fortes. Mas eles não são os únicos no jogo. Agora temos os países emergentes, que estão emergindo não só demográfica e economicamente, como pensávamos. E eu fui um dos primeiros a mostrar que eles estão emergindo com sua cultura, sua mídia e com a internet."

" Nesse mundo, a internet pode ser uma peça importante. O Brasil, por exemplo, vai crescer com a internet, com certeza. Criam-se ferramentas inovadoras de alfabetização, por exemplo, em comunidades, em favelas, em lugares onde os moradores não têm acesso a uma livraria ou biblioteca. Mas eles terão acesso à internet em *lan houses*, por exemplo, e mesmo no telefone. Hoje, todo

mundo tem um telefone celular barato. Mesmo na África, todos têm celulares com funções básicas. Em cinco anos, todos terão um *smartphone*, pois os preços estão caindo muito. Assim, todos poderão acessar a internet pelo *smartphone*. Se você tem acesso à internet, pode baixar livros, acessar a rede, pode ver filmes e daí por diante."

" A questão não é se essa tecnologia é boa, conclui Martel. A questão é: ela não será boa ou ruim sozinha. Ela será o que você, o povo, o governo deste país e nós formos capazes de fazer com ela, criando uma boa internet e uma maneira melhor de ter acesso ao conteúdo através da internet."

BOCCANERA, S. Entrevista concedida pelo sociólogo Frédéric Martel, Programa Milênio, *Globo News*. Disponível em: <http://www.conjur.com.br/2013-jan-25/ideias-milenio-frederic-martel-sociologo-jornalista-frances>. Acesso em: 10 nov. 2015. Adaptado.

38. (ANP – Téc. Reg. Petr&Der – Cesgranrio – Jan./2016)

Para garantir uma compreensão adequada de um texto, é preciso reconhecer o modo como o tema foi desenvolvido, identificando a sequência em que as ideias nele foram expostas.

Assim, antes de o texto apresentar a opinião do sociólogo Martel sobre a convivência entre a cultura globalizada e as culturas locais (3º parágrafo), refere-se

a) ao aparecimento de países emergentes que podem interferir na polarização entre americanos e europeus no domínio dos bens culturais.

b) ao imperialismo cultural de origem americana promovido pela capacidade de produzir cultura de massas que agrada ao grande público.

c) à possibilidade de declínio da cultura americana devido à competição com os meios de comunicação dominados por países europeus.

d) à importância crescente da internet para criação de ferramentas inovadoras de alfabetização, para pessoas que não têm acesso a uma livraria ou biblioteca.

e) à complexa relação de amor e ódio que existe entre alguns povos do mundo e os americanos, devido à grande penetração em termos de cultura de massas.

39. (ANP – Téc. Reg. Petr&Der – Cesgranrio – Jan./2016)

O 6º parágrafo do texto pode ser sintetizado em:

a) A criação de ferramentas inovadoras de alfabetização para atender às comunidades pobres das favelas tem o objetivo de ampliar o acesso a livrarias e bibliotecas.

b) A prova de que a tecnologia só traz benefícios às pessoas é que a queda dos preços dos *smartphones* no Brasil e na África permitirá a veiculação das diferentes culturas nacionais a países de todo o mundo.

c) O crescimento da internet, promovido por programas governamentais de criação de *lan houses* e venda de *smartphones*, permitirá a ampliação do poder da cultura de massas de origem americana no Brasil.

d) A popularização dos meios de comunicação digital, como telefones celulares, permitirá que pessoas de classes desfavorecidas possam ter acesso às informações veiculadas na rede mundial de computadores.

e) O investimento em alfabetização, os programas de doação de livros e de acesso a bibliotecas são estratégias governamentais para possibilitar que todas as pessoas tenham acesso à informação e à cultura de massas.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 40 e 41.

Moeda digital deve revolucionar a sociedade

Nas sociedades primitivas, a produção de bens era limitada e feita por famílias que trocavam seus produtos de subsistência através do escambo, organizado em locais públicos, decorrendo daí a origem do termo "pregão" da Bolsa. Com o passar do tempo, especialmente na antiguidade, época em que os povos já dominavam a navegação, o comércio internacional se modernizou e engendrou a criação de moedas, com o intuito de facilitar a circulação de mercadorias, que tinham como lastro elas mesmas, geralmente alcunhadas em ouro, prata ou bronze, metais preciosos desde sempre.

A Revolução Industrial ocorrida inicialmente na Inglaterra e na Holanda, por volta de 1750, viria a criar uma quantidade de riqueza acumulada tão grande que transformaria o próprio dinheiro em mercadoria. Nascia o mercado financeiro em Amsterdã, que depois se espalharia por toda a Europa e pelo mundo. A grande inovação na época foi o mecanismo de compensação nos pagamentos, mais seguro e prático, no qual um banco emitia uma ordem de pagamento para outro em favor de determinada pessoa e esta poderia sacá-la sem que uma quantidade enorme de dinheiro ou ouro tivesse de ser transportada entre continentes. Essa ordem de pagamento, hoje reconhecida no mundo financeiro como "título cambial", tem como instrumento mais conhecido o cheque, "neto" da letra de câmbio, amplamente usada pela burguesia em transações financeiras na alta idade média. A teoria nos ensina que são três as suas principais características: a cartularidade, a autonomia e a abstração.

Ora, o que isso tem a ver com *bitcoins*? Foi necessária essa pequena exegese para refletirmos que não importa a forma como a sociedade queira se organizar, ela é sempre motivada por um fenômeno humano. Como nos ensina Platão, a necessidade é a mãe das invenções. Considerando o dinamismo da evolução da sociedade da informação, inicialmente revolucionada pela invenção do códex e da imprensa nos idos de 1450, que possibilitou na Idade Média o armazenamento e a circulação de grandes volumes de informação, e, recentemente, o fenômeno da internet, que eliminou distâncias e barreiras culturais, transformando o mundo em uma aldeia global, seria impossível que o próprio mundo virtual não desenvol-vesse sua moeda, não somente por questão financeira, mas sobretudo para afirmação de sua identidade cultural.

Criada por um "personagem virtual", cuja identidade no mundo real é motivo de grande especulação, a *bitcoin*, resumidamente, é uma moeda virtual que pode ser utilizada na aquisição de produtos e serviços dos mais diversos no mundo virtual. Trata-se de um título cambial digital, sem emissor, sem cártula, e, portanto, sem lastro, uma aberração no mundo financeiro, que, não obstante isso, tem valor.

No entanto, ao que tudo indica, essa questão do lastro está prestes a ser resolvida. Explico. Grandes corporações começam a acenar com a possibilidade de aceitar *bitcoins* na compra de serviços. Se a indústria pesada da tecnologia realmente adotar políticas reconhecendo e incluindo bitcoins como moeda válida, estará dado o primeiro passo para a criação de um mercado financeiro global de *bitcoins*. Esse assunto é de alta relevância para a sociedade como um todo e poderá abrir as portas para novos serviços nas estruturas que se formarão não somente no mercado financeiro, em todas as suas facetas – refiro-me à Bolsa de Valores, inclusive, bem como em novos campos do direito e na atividade estatal de regulação dessa nova moeda.

Certamente a consolidação dos *bitcoins* não revogará as outras modalidades de circulação de riqueza criadas ao longo da história, posto que ainda é possível trocar mercadorias, emitir letras de câmbio, transacionar com moedas e outros títulos. Ao longo do tempo aprendemos também que os instrumentos se renovaram e se tornaram mais sofisticados, fato que constitui um desafio para o mundo do direito.

AVANZI, Dane. UOL TV Todo Dia. Disponível em: <http://portal.tododia.uol.com.br/_conteudo/2015/03/opiniao/65848-moeda-digital-deve-

revolucionar-a-sociedade.php>. Acesso em: 09 ago. 2015. Adaptado.

40. (BB – Escriturário – Cesgranrio – Out./2015)

No texto, afirma-se que " a necessidade é a mãe das invenções" (l. 19) para justificar a ideia de que

a) as moedas virtuais podem tornar obsoleta a emissão de letras de câmbio, de cheques e demais títulos monetários.

b) a criação de uma moeda virtual atende às exigências da sociedade atual, marcada pela globalização da informação.

c) a manutenção do sistema financeiro global depende da criação de mecanismos virtuais de circulação de dinheiro.

d) a exigência de lastro para que as moedas virtuais sejam aceitas impossibilita o uso de *bitcoins* para transações na internet.

e) as transações financeiras devem ser realizadas virtualmente para que seja garantida maior segurança ao sistema bancário.

41. (BB – Escriturário – Cesgranrio – Out./2015)

Para que a leitura de um texto seja bem sucedida, é preciso reconhecer a sequência em que os conteúdos foram apresentados.

Esse texto, antes de explicar como eram realizadas as transações financeiras na época medieval, refere-se

a) à importância da criação de novos serviços na área financeira, o que é de grande relevância para a sociedade.

b) à possibilidade de criação de lastro para as moedas virtuais devido à adesão de grandes empresas mundiais.

c) à invenção de um documento financeiro para evitar o transporte de valores entre grandes distâncias.

d) à criação de instrumento a ser utilizado na aquisição de produtos e serviços por meio eletrônico.

e) ao surgimento do fenômeno da internet, responsável pela transformação do mundo em uma aldeia global.

Leia o texto a seguir para responder à questão 42.

O Rio de Janeiro voltou a ser a cidade que inspira o Brasil. Aos poucos, recupera a influência que tinha nos anos 1950 e 1960, época em que Burle Marx rasgava jardins e Oscar Niemeyer projetava os edifícios que faziam do Rio uma cidade ainda mais maravilhosa – digna de ser cantada nos versos de Tom Jobim e Vinícius de Moraes. No passado, a pujança cultural do Rio se escorava num time de criadores geniais como eles. Hoje, ela se deve principalmente à recuperação econômica, que fez com que florescessem na cidade novos polos de moda, cinema, música e esporte. Em cada um desses campos, novos criadores cariocas começam a deixar sua marca. A soma entre o dinheiro e a perspectiva de exposição internacional com dois grandes eventos esportivos – Copa do Mundo e Olimpíada – também atraiu o interesse de arquitetos de renome, além de movimentar o turismo. Com tudo isso, o carioca, aos poucos, começa a recuperar a autoestima.

Nas últimas décadas, os elogios ao Rio vinham sempre acompanhados de conjunções adversativas.

(*Época*, 04.03.2013)

42. (SEED-SP – An. Administrativo – Vunesp – Maio/2016)

O último parágrafo do texto pode ser exemplificado como o seguinte enunciado:

a) Cidade tão linda que inspirou os visitantes.

b) Cidade linda, no entanto violenta.

c) Cidade cara e pouco receptiva.

d) Cidade mágica, porque encanta.

e) Cidade não só violenta mas também suja.

Leia o texto a seguir para responder à questão 43.

CONTRATEMPOS

Ele nunca entendeu o tédio, essa impressão de que existem mais horas do que coisas para se fazer com elas. Sempre faltou tempo para tanta coisa: faltou minuto para tanta música, faltou dia para tanto sol, faltou domingo para tanta praia, faltou noite para tanto filme, faltou ano para tanta vida.

Existem dois tipos de pessoa. As pessoas com mais coisa que tempo e as pessoas com mais tempo que coisas para fazer com o tempo.

As pessoas com menos tempo que coisa são as que buzinam assim que o sinal fica verde, e ficam em pé no avião esperando a porta se abrir, e empurram e atropelam as outras para entrar primeiro no vagão do trem, e leem livros que enumeram os " livros que você tem que ler antes de morrer" ao invés de ler diretamente os livros que você tem de ler antes de morrer.

Esse é o caso dele, que chega ao trabalho perguntando onde é a festa, e chega à festa querendo saber onde é a próxima, e chega à próxima festa pedindo táxi para a outra, e chega à outra percebendo que era melhor ter ficado na primeira, e quando chega a casa já está na hora de ir para o trabalho.

Ela sempre pertenceu ao segundo tipo de pessoa. Sempre teve tempo de sobra, por isso sempre leu romances longos, e passou tardes longas vendo pela milésima vez a segunda temporada de " Grey's Anatomy" mas, por ter tempo demais, acabava sobrando tempo demais para se preocupar com uma hérnia imaginária, ou para tentar fazer as pazes com pessoas que nem sabiam que estavam brigadas com ela, ou escrever cartas longas dentro da cabeça para o ex-namorado, os pais, o país, ou culpar o sol ou a chuva, ou comentar " e esse calor dos infernos?", achando que a culpa é do mau tempo quando na verdade a culpa é da sobra de tempo, porque se ela não tivesse tanto tempo não teria nem tempo para falar do tempo.

Quando se conheceram, ele percebeu que não adiantava correr atrás do tempo porque o tempo sempre vai correr mais rápido, e ela percebeu que às vezes é bom correr para pensar menos, e pensar menos é uma maneira de ser feliz, e ambos perceberam que a felicidade é uma questão de tempo. Questão de ter tempo o suficiente para ser feliz, mas não o bastante para perceber que essa felicidade não faz o menor sentido.

(Gregório Duvivier. *Folha de S. Paulo*, 30.11.2015. Adaptado)

43. (IPSMI – Procurador – Vunesp – Abril/2016)

O último parágrafo, ao tratar do encontro das duas personagens, relata

a) uma mudança de ponto de vista das personagens, ao mesmo tempo que expressa uma visão negativa da felicidade.

b) a opção por se entregar à felicidade, vivendo-a no tempo sempre com a expectativa de que ela o vença.

c) o desejo de que o encontro da felicidade represente uma renovação na maneira de viver o cotidiano.

d) o anseio por desfrutar momentos felizes sem a interferência das racionalizações, que surgem quando se tem tempo.

e) novas maneiras de encarar a felicidade, anulando pensamentos que possam atrapalhar o tempo do convívio.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 44 e 45.

Vira e mexe alguns *blogs* maternos publicam textos sobre " As vantagens de ser mãe de menina" ou " Por que é bom ser mãe de menino": " meninos não têm frescura", " meninas são mais delicadas", " eles são mais corajosos", " elas são mais choronas" e por aí vai. Leio isso e tenho vontade de gritar por ver estereótipos de gênero tão pesados serem perpetuados sem nenhuma reflexão. Já pensou que seu filho é uma figura única e a infinidade de coisas que pode ser ou sentir não cabe em listas, caixas ou rótulos? Pior: que você definir como ele deve ser ou se comportar dependendo de seu gênero pode ser muito, muito cruel?

Aos meninos são permitidas vivências mais amplas. Eles podem subir muros, escalar os brinquedos do *playground*, enquanto as meninas não, veja bem, vai sujar seu sapato de princesa, filha, vai mostrar sua calcinha, não pega bem, filha, não é assim que uma menina brinca. E por isso, só por isso, que se perpetua a ideia de que os meninos são mais " aventureiros" e " danados" e as meninas mais " cuidadosas". Fazemos as meninas mais infelizes, isso sim.

Ser menino também pode não ser fácil, principalmente se os pais acreditarem que podem definir o que ele deve sentir ou gostar. Meu filho adorava brincar com os carrinhos de boneca das meninas do *playground* do prédio. Só depois de eu dizer que " tudo bem" as mães ou babás ficavam à vontade em deixá-lo empurrar as bonecas ou carregá-las. Por que tanto receio? O que um menino pode virar depois de brincar de boneca? Um pai carinhoso e dedicado no futuro?

Uma vez, em uma loja de brinquedos, meu filho ficou empolgadíssimo ao ver uma pia que funcionava de verdade, com uma torneirinha de água. E pediu muito para que eu comprasse. As opções de cores deixavam claro para quem o brinquedo era fabricado: só havia pias rosa e lilás. " Esse brinquedo é de menina", alertou a vendedora, cheia de boa vontade, como se eu estivesse me distraído e não percebido o " engano" ao considerar a compra. Eu disse para ela que na minha casa lavar louça é uma atividade *unissex*, que o pai do meu filho encara muito prato e panela suja e, por isso, brincar de casinha é uma brincadeira de menino sim. Meu filho saiu da loja feliz da vida com seu brinquedo rosa que, aliás, para ele é só uma cor, como outra qualquer. O avô estranhou o presente até eu levá-lo à reflexão: " Quantas pias de louça suja você lavou e lava na sua vida, para manter sua casa em ordem?". E só daí meu pai percebeu o tamanho da bobagem que fazia ao acreditar que lavar louça é uma atividade exclusivamente feminina.

E para quem gosta de listas, proponho uma única: " As vantagens de ser mãe de uma criança feliz". É essa que eu espero estar escrevendo, no dia a dia, ao não determinar como meu filho pode ou não ser.

(Rita Lisauskas, A crueldade de dividir o mundo entre "coisas de menino" e "coisas de meninas". Disponível em: <vida-estilo.estadao.com.br>. Acesso em 10-02-2016. Adaptado)

44. (Unesp – Ass. Administrativo I – Vunesp – Abril/2016)

É correto concluir que a autora

a) defende brincadeiras próprias para meninos, que as meninas devem evitar.

b) não permite que seu filho tenha brinquedos que comprometam seu desenvolvimento.

c) mostra-se contrária à atribuição de papéis e atitudes exclusivos a meninos e meninas.

d) põe limites a brincadeiras que possam prejudicar a masculinidade ou a feminilidade.

e) considera melhor ser mãe de meninas por estas serem mais delicadas e cuidadosas.

45. (Unesp – Ass. Administrativo I – Vunesp – Abril/2016)

O argumento usado pela autora para defender que seu filho brincasse com carrinhos de boneca está no reconhecimento de que

a) o gesto infantil antecipa o do pai que o menino será no futuro.

b) as crianças não conseguem escolher seus brinquedos sem ajuda dos pais.

c) não se deve censurar a opção por brinquedos perigosos.

d) meninos têm bastante força para empurrar carrinhos.

e) as meninas não se importavam em ceder os carrinhos a ele.

Leia o texto a seguir para responder à questão 46.

Comida "feia" também faz bem para a saúde

Frequentemente desprezadas por terem um aspecto que não está de acordo com os " padrões de beleza" impostos pela indústria, as frutas e verduras " feias" voltaram a ser um objeto atrativo pelos que lutam contra o desperdício de alimentos.

O agricultor francês Nicolas Chabanne, fundador do movimento em defesa dos " alimentos feios", trabalha para posicionar esses produtos no mercado e já tem mil parceiros no mundo todo.

Sua estratégia é simples. Vender uma maçã com um rótulo cujo logotipo mostra um rosto com um único dente aos produtores que se comprometem a colocá-la entre seus alimentos " feios", oferecendo-os pelo menor preço. Depois, parte do dinheiro arrecadado é destinada a associações de caridade e de consumidores.

" Quando você coloca uma maçã feia ao lado de outras muito bonitas, nossos olhos fixam antes nas mais bonitas", disse Chabanne, que se esforça para mostrar às pessoas que os produtos menos esteticamente atrativos também são de qualidade e, inclusive, mais baratos.

A iniciativa começou com frutos e legumes, mas, pouco a pouco, está se expandindo. Agora, engloba também outros produtos, como queijos e cereais ingeridos no café da manhã.

" É um negócio social e rentável porque aproveita a luta contra os resíduos a fim de voltar a vender parte da produção que não é normalmente valorizada", afirmou Thomas Pocher, proprietário de um supermercado no norte da França.

(EFE, disponível em: <http://exame.abril.com.br>. Adaptado)

46. (Unesp – Assistente Administrativo – Vunesp – Fev/2016)

As aspas empregadas em *Comida "feia"* (título), *frutas e verduras "feias"* (1º parágrafo) e *alimentos "feios"* (3º parágrafo) têm a função de

a) comparar os alimentos a produtos de beleza, os quais servem para enfeitar as pessoas.

b) sinalizar que a ideia de feiura se apresenta com conotação irônica, equivalendo a beleza.

c) sugerir uma crítica à distinção que se faz entre os alimentos a partir de um critério estético.

d) explicitar que a noção de beleza é consensual e, por isso, não deve ser questionada.

e) reproduzir a fala de cientistas que provaram que a aparência dos alimentos é irrelevante.

Gabarito: 1.b; 2. a; 3. b; 4. c; 5. a; 6. e; 7. a; 8. c; 9. e; 10. e; 11. d; 12. d; 13. b; 14. c; 15. E; 16. E; 17. E, 18. C; 19. C; 20. E; 21. b; 22. e; 23. e; 24. b; 25. d; 26. d; 27. b; 28. c; 29. c; 30. a; 31. d; 32. d; 33. d; 34. b; 35. b; 36. c; 37. b; 38. b; 39. d; 40. b; 41. c; 42. b; 43. a; 44. c; 45. a; 46. c.

25 COESÃO E COERÊNCIA

25.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Agora que você já conhece um parágrafo de dissertação e já consegue ler com mais técnica, vamos falar de coesão e coerência?

Diante de um texto bem construído, percebemos que as informações não se colocam de forma caótica entre si – pelo contrário, um texto de qualidade apresenta suas informações interligadas, conectadas. A essa conexão dá-se o nome de **coesão**. A coesão textual é o resultado da realização de recursos semânticos, por meio dos quais uma informação do texto se conecta à outra. O conceito de coesão textual está, portanto, relacionado aos elementos que estabelecem ligações linguísticas na superfície do texto.

No entanto, para que um texto faça sentido, faz-se necessário que as informações se encaixem de modo que a mensagem não se torne desconexa, ilógica. A essa correlação entre os conceitos de um texto dá-se o nome de **coerência**. Enquanto a coesão se relaciona aos elementos explícitos no texto, a coerência cuida do seu *sentido*, do seu *aspecto conceitual*.

Resumindo:
Coesão → Elementos de ligação explícitos no texto. → Superfície textual
Coerência → Conexão harmônica entre as informações do texto → Lógica textual

Você deve estar se perguntando: é possível haver coerência sem coesão?

Sim. É possível construir um texto coerente sem coesão, um texto cujas informações produzam sentido, mas que não se concatenem por meio de articuladores textuais:

Pedro estudou bastante. Pedro passou em 1º lugar.

Você consegue entender a informação veiculada, mas o texto não tem qualidade: bastaria utilizar-se uma conjunção e o segmento estaria mais bem elaborado (*Pedro estudou bastante, logo passou em 1º lugar*).

Em sentido contrário, é possível haver coesão que não produza coerência?

Sim. Pode-se ter um texto que apresente conectivos, só que mal utilizados, incapazes de produzir lógica, concatenação entre seus enunciados – *um texto com coesão e sem coerência:*

Pedro estudou bastante. Outrossim, o Botafogo ganhou o campeonato.

Utilizou-se um belíssimo conector de acréscimo (*outrossim*), que, no entanto, une orações que não fazem sentido quando relacionadas. Trata-se de *um trecho com coesão, mas sem coerência*.

Agora, você deve estar se fazendo mais uma pergunta: então, por que, quando se fala em coesão, fala-se também de coerência? Porque, para que um texto *seja de fato um texto* – para que ele apresente textualidade – é preciso que ele alie coesão a coerência. A utilização de elementos coesivos fornece ao texto clareza e maior legibilidade e contribui para que ele se torne mais facilmente compreendido pelo leitor. Daí ser a coesão tão desejável à produção de um texto coerente.

Assim:

COESÃO + COERÊNCIA = TEXTUALIDADE

Selecionamos algumas questões de concursos que versam sobre esse assunto. Vamos a elas?

25.2. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Primeiramente, veja esta questão de prova elaborada pelo Cespe/UnB, para o Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro:

> Debruçando-se sobre o estudo do exercício da política, Maquiavel dissecou a anatomia do poder de sua época: dos senhores feudais e da igreja medieval. E, por isso mesmo, por botar o dedo na ferida, foi considerado um autor maldito. Ele se mostra preocupado com o fato de que na política não existem regras fixas. Governar, isto é, tomar atitudes políticas, é um trabalho extremamente criativo e, por isso mesmo, sem parâmetros anteriores. Assim, essa preocupação do filósofo, por incrível que pareça, torna-se um bom instrumento para repensarmos a ética. Hoje, com o fim das garantias tradicionais, estamos todos mais ou menos na posição do príncipe de Maquiavel — isto é, em um mundo de incertezas, dentro do qual temos de inventar nossa melhor posição. É mergulhado nesse mundo de incertezas, de instabilidade social e política, de culto ao individualismo, que construímos nossa identidade, nosso modo de agir. Como seres humanos, nosso fim último é a felicidade. Como indivíduos sociais, precisamos entender que, por melhores que sejam nossos objetivos na vida, os meios para alcançá-los não podem entrar em contradição com a nobreza dos fins. Desse modo, não basta termos fins nobres, é necessário também que os meios para alcançá-los sejam adequados a essa nobreza.
>
> Planeta, jul./2006, p. 59 (com adaptações).

1. Na organização do texto, os termos que se referem a Maquiavel não incluem:

a) "se" em "Debruçando-se".

b) "autor maldito".

c) "Ele".

d) "filósofo".

e) "príncipe".

Comentários:

Trata-se de uma clássica questão de *coesão e coerência*. O que a banca quer é o único vocábulo que não se refira a Maquiavel. Quando um vocábulo se refere a outro no texto, ambos *possuem o mesmo referente*: representam a mesma realidade semântica textual.

O texto se inicia com uma palavra-chave – Maquiavel – que, por ser palavra importante na argumentação, irá voltar ao longo da estrutura textual de várias maneiras. Cada palavra que retomar "Maquiavel", já que estará sendo sua repetição, possuirá seu mesmo referente. Possuir o mesmo referente seria, portanto, fazer referência ao mesmo objeto no texto. Observe a seguir a análise de cada item da questão:

a) A partícula "se" aqui possui semanticamente o valor de "a si mesmo" e faz referência a Maquiavel, já que é ele que se "debruça sobre o estudo da política".

b) A expressão "autor maldito" é uma qualificação que, de fato, se refere a Maquiavel – é a sua qualificação.

c) O pronome reto "ele" é uma referência direta a Maquiavel.

d) O substantivo "filósofo" é um termo geral, um hiperônimo, que retoma Maquiavel, um termo mais específico; Saiba que hiperônimo é um termo geral, que retoma um outro, mais específico no texto.

e) O "príncipe" seria a única palavra a não fazer referência a Maquiavel, pois diz respeito não ao autor, mas a seu personagem de sua renomada obra "O Príncipe". Por não retomar Maquiavel no texto, não possuiria um mesmo referente.

Resposta: E.

Mais uma da mesma prova:

A crescente escassez de profissionais qualificados no mercado de trabalho doméstico está obrigando a Companhia Vale do Rio Doce a lançar uma campanha global de recrutamento para arregimentar pessoal especializado nos EUA, na Inglaterra, na Austrália e no Canadá. A previsão é de 62 mil contratações nos próximos cinco anos.

O Estado de S. Paulo, 21/03/2008 (com adaptações).

2. Assinale a opção que constitui continuação coesa e coerente para o fragmento de texto acima.

a) Essa disputa se tornou tão acirrada que elevou o nível médio salarial. Um soldador, por exemplo, hoje tem um ordenado inicial entre R$ 1,2 mil e R$ 2,1 mil. Nas escolas do SESI e do SENAC, os formandos são disputados pelos empregadores.

b) Essa é a iniciativa mais audaciosa já tomada por uma empresa brasileira em matéria de oferta de emprego, e é mais uma das consequências da globalização da economia.

c) Entretanto, com o extraordinário crescimento da produção industrial chinesa, nos últimos anos, o preço das commodities no mercado internacional disparou, o que abriu caminho para a expansão dos setores de mineração, siderurgia, petróleo e equipamentos de transporte pesado.

d) Desde então, as empresas mais competitivas desses setores criaram milhares de novos postos de trabalho e, de

forma cada vez mais agressiva, vêm disputando trabalhadores preparados para ocupá-los.

e) Todas essas empresas vêm publicando anúncios em inglês, em busca de profissionais qualificados de nível técnico superior. As empresas também vêm contratando trabalhadores aposentados e procurando atrair profissionais qualificados da PETROBRAS.

Comentários:

Primeiramente, aqui vai uma dica:

Avaliar uma possível continuidade para o texto significa que a alternativa a ser julgada deve repetir a ideia central do texto em questão, ainda que eventualmente acrescente informações que não foram antes mencionadas. É repetir a ideia inicial com eventuais acréscimos.

A informação central do texto é a de que a Companhia Vale do Rio Doce, em função de não dispor da quantidade necessária de profissionais qualificados, recruta tal mão de obra no exterior. Com base nessa direção argumentativa, vamos à análise das alternativas:

a) Alternativa errada. A alternativa utiliza uma expressão "essa disputa" que não possui antecedente lógico no texto. O texto não fala de uma "disputa de formandos por parte de empregadores nas escolas", mas sim da iniciativa de recrutamento do profissional no exterior.

b) Alternativa certa. Com a utilização do recurso coesivo "essa é a iniciativa mais audaciosa", retoma-se a "campanha global de recrutamento" do texto inicial. Além de reforçar a informação central, acresce que tal iniciativa seria "uma das consequências da globalização da economia".

c) Alternativa errada. Há aqui uma fuga ao assunto – passa-se a falar do "extraordinário crescimento da produção industrial chinesa", assunto não enfocado pelo texto.

d) Alternativa errada. Com a utilização do conector "Desde então", o trecho se propõe a apresentar um acontecimento que sucedeu o texto inicial na linha do tempo. Entretanto, esse trecho não reforça a informação central de que uma companhia vem necessitando buscar trabalhador especializado no exterior – aqui apenas se fala da criação de novos postos de trabalho e disputa por mão de obra para ocupá-los.

e) Alternativa errada. Ao utilizar o elemento de coesão "Todas essas empresas", a alternativa apresenta uma incoerência – o texto não menciona mais de uma empresa, apenas a Companhia Vale do Rio Doce.

Resposta: B.

Há cinco anos, sob o comando de George W. Bush, os Estados Unidos da América (EUA) invadiam o Iraque. Já se mostrou à exaustão que a aventura foi uma catástrofe humanitária e um fracasso político que encalacrou o Pentágono numa ocupação militar sem perspectiva de solução. Verifica-se, agora, que foi também um desastre financeiro.

Folha de S. Paulo, 20/03/2008 (com adaptações).

3. (Cespe/UnB) Assinale a opção em que o fragmento constitui continuação coesa e coerente para o texto acima.

a) Entretanto, Joseph Stiglitz, Prêmio Nobel de Economia, calcula que a empreitada poderá sair por assombrosos US$ 4 trilhões ou mais, dependendo de quanto tempo a ocupação durar.

b) Mas, agora que o país se encontra numa situação de déficit fiscal, a conta da guerra contribui para a crescente desvalorização da moeda norte-americana, num movimento que dificulta o combate à crise de crédito nos EUA e agrava suas repercussões globais.

c) Às vésperas da invasão, a Casa Branca estimava que gastaria algo entre US$ 50 bilhões e US$ 60 bilhões para derrubar Saddam Hussein e instalar um novo governo no país. Hoje, a conta está em US$ 600 bilhões e continua subindo.

d) Avaliações mais conservadoras, como a do Escritório de Orçamento do Congresso, órgão que municia o Poder Legislativo com informações técnicas, concluem que a ocupação não atingirá efetivamente a economia norte-americana.

e) Portanto, nada indica que o próximo presidente dos EUA terá condições de colocar um fim rápido à aventura. Fala-se em retirar as tropas até o fim de 2009. Isso, é claro, no melhor cenário. E o problema é que, no Iraque, o melhor cenário nunca se materializa.

Comentários:

Como já falamos anteriormente, buscar-se a continuação coesa e coerente significa encontrar uma alternativa que reafirme a ideia central do texto anterior, dando a ela uma sequência. Vale lembrar que o texto tem como tema central a questão da *invasão do Iraque pelos EUA como um desastre financeiro*.

a) Alternativa errada. O conector "Entretanto" deveria apresentar algo que se opusesse à questão do desastre financeiro, mas o que se tem na continuidade é algo que reforça a ideia inicial.

b) Alternativa errada. A conjunção adversativa também deve introduzir contraste, oposição, e o que se tem é algo que *reforça* a questão do desastre financeiro (*déficit fiscal, desvalorização da moeda...*).

c) Resposta certa. Por meio de informações como "a conta está em US$ 600 bilhões", este trecho reafirma o tema apresentado pelo texto.

d) Alternativa errada. Essa alternativa contradiz o texto ao afirmar que "a ocupação não atingirá efetivamente a economia norte-americana".

e) Alternativa errada. Aqui, apresenta-se evidente fuga ao tema: essa alternativa não fala da questão do desastre financeiro.

Resposta: C.

O conflito do Tibete, que se arrasta desde o século 13, requer solução pacífica pautada pelo signo da não violência.

Invadida pela China em 1950, a província luta pela autonomia há cinco décadas. Pequim resiste. Além de constante desrespeito aos direitos humanos, procede ao que o dalai-lama denomina "genocídio cultural" – sistemático esmagamento das tradições da região.

Com o controle dos meios de comunicação, as autoridades chinesas exercem violenta censura à informação e à livre circulação de pessoas. A tevê só mostra imagens liberadas pelos administradores locais. O mesmo ocorre com as notícias e certos sítios da Internet. Jornalistas e turistas encontram as fronteiras fechadas.

Torna-se difícil, assim, avaliar as dimensões e as consequências dos protestos que eclodiram recentemente. Pequim soma 13 mortos. Os tibetanos falam em mais de 100 e de centenas de prisões de dissidentes. Suspeita-se, com razão, do incremento da repressão.

Correio Braziliense, 20/03/2008 (com adaptações).

4. (Cespe/UnB) Assinale a opção que apresenta as ideias principais do texto acima.

a) Pequim controla os tibetanos, que vivem sob censura, sem possibilidade de livre circulação em sua própria região.

b) A tevê só mostra imagens liberadas pelos administradores locais, e as fronteiras estão fechadas para turistas e jornalistas.

c) Para Pequim, houve treze mortos nos conflitos recentes; para os tibetanos, houve mais de cem mortos e centenas de prisões de dissidentes.

d) A China procede a um genocídio cultural no Tibete, quando esmaga as tradições da região.

e) Embora haja controle dos meios de comunicação e das fronteiras, suspeita-se do aumento da repressão no Tibete, que luta pela autonomia, pois é ocupado pela China há mais de cinquenta anos.

Comentários:

Ao se requerer do candidato uma opção que apresente as ideias principais do texto, o que se quer é uma alternativa que resuma suas informações centrais, que componham sua introdução, seu desenvolvimento e posterior conclusão.

Neste texto, dividido em três parágrafos, o que se deve fazer é reescrever cada parágrafo, por meio de uma informação que resuma cada um deles. Assim, teríamos:

1º parágrafo: China invade Tibete. Conflito entre os países. Esmagamento cultural daquele país sobre esta região.

2º parágrafo: Controle dos meios de comunicação do Tibete, por parte das autoridades chinesas.

3º parágrafo: A repressão parece aumentar.

Após a reescritura dos parágrafos, deve o candidato partir à análise das alternativas, buscando aquela que seja capaz de juntar as três ideias mais importantes do texto.

a) Alternativa errada. Aqui só se mencionam ideias do 2º parágrafo.

b) Alternativa errada. Observa-se o mesmo equívoco da alternativa anterior: só se reescrevem informações do 2º

parágrafo.

c) Alternativa errada. Nessa alternativa só se reescreve informação do último parágrafo do texto.

d) Alternativa errada. Assim como as outras, essa opção só menciona um momento do texto, não o resume na sua totalidade. Nesse caso, a alternativa só reescreve o 1º parágrafo.

e) Resposta certa. Essa opção apresenta um resumo das três partes que compõem o texto.

Resposta: E.

5. (Cespe/UnB) Assinale a opção que constitui continuação coesa e coerente para o texto abaixo:

Até aqui o governo se dedicou a expor seu ponto de vista e começou a mover suas pedras no tabuleiro, a partir de sua opção pela prioridade sul-americana e do Mercosul. Estabeleceu, em seguida, uma série de pontes e alianças possíveis com a África e a Ásia, como aconteceu com o G21, na reunião de Cancun da OMC, e como está acontecendo nas negociações do G3, com a África do Sul e com a Índia. Ou ainda, como vem ocorrendo nas novas parcerias tecnológicas com a Ucrânia, a Rússia, a China, ou com os projetos infraestruturais com a Venezuela, a Bolívia, o Peru e a Argentina.

a) Não há dúvida, porquanto, de que essas principais disputas giraram em torno das divergências econômicas entre os Estados Unidos e o Brasil, em particular as negociações da OMC, FMI e ALCA.

b) O que se vê é a afirmação de uma nova política externa, ativa, presente, baseada no interesse nacional brasileiro e na afinidade histórica e territorial do Brasil com o resto da América do Sul, bem como na sua afinidade de interesses com os demais grandes países em desenvolvimento.

c) E do outro lado, naquele momento, estarão os grupos econômicos e as forças sociais, intelectuais e políticas que sempre lutaram por um projeto de desenvolvimento para o Brasil.

d) E aqui, não há como se enganar sobre as forças que esta batalha despertava, dentro e fora do governo: de um lado estarão, como sempre estiveram, os grupos de interesse que defendem uma relação subserviente com os Estados Unidos, em troca de uma acesso mais favorecido ao mercado interno americano.

e) Orientando-se pelos interesses nacionais do povo e não apenas pelos interesses imediatos e particulares do seu *agrobusiness*, e dos seus grupos financeiros defendidos e acobertados pela retórica diletante e pela política escandalosamente subserviente dos "diplomatas descalços".

Comentários:

Nesta questão, o que se busca é um trecho que dê continuidade à seguinte ideia central do texto: "a opção pelo governo brasileiro pela prioridade sul-americana e do Mercosul".

a) A alternativa fala de "disputas", enquanto o texto menciona "parcerias" e "alianças". Alternativa errada, portanto.

b) Resposta correta. Aqui, há um reforço à ideia central do texto ao se mencionar "uma nova política externa, ativa,

presente…".

c) Presença de um *conector sem antecedente* lógico no *texto* – "E do outro lado". O texto original não havia apresentado o *primeiro lado*. Além do mais, a alternativa não retoma a ideia central – as parcerias com os países do Sul.

d) Ao mencionar "as forças que esta batalha despertava", o trecho menciona uma batalha, que é o oposto do que se fala no texto original. Não há embates, há alianças.

e) Além de o trecho ter problemas de redação – lança-se uma oração subordinada "Orientando--se pelos interesses…" sem uma oração principal a ela correspondente, ele foge ao assunto por não mencionar a política de alianças.

Resposta: B.

Por fim, uma questão para ordenar fragmentos de um texto. Trata-se de um clássico muito utilizado em provas elaboradas pela Esaf:

6. (Cespe/UnB) Os trechos a seguir constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e aponte a opção correta:

( ) A aguda crise social desdobrou-se, então, em quatro vertentes de alternativa política: o fascismo italiano, o nazismo alemão, a social democracia sueca e o New Deal norte-americano.

( ) O desemprego é uma tragédia social com profundas implicações políticas.

( ) Um dado dessa natureza é importante, pois estabelece a conexão entre a crise social e o efeito político-eleitoral.

( ) A esmagadora maioria dos eleitores nas últimas eleições apontava esse fenômeno como o mais grave problema do país.

( ) Tal conexão apareceu pela primeira vez na História, claramente, há mais de 70 anos, nos principais países capitalistas, na Grande Depressão.

a) 5, 1, 3, 2, 4.

b) 3, 5, 1, 4, 2.

c) 2, 4, 3, 5, 1.

d) 4, 1, 3, 5, 2.

e) 2, 1, 4 5, 3.

Comentários:

O que se busca na questão é a ordenação dos trechos de modo que eles passem a formar um único texto. Nesse caso, a estratégia a ser utilizada consiste basicamente em observar em cada segmento sua ideia central e, na sequência, encontrar o trecho que apresente elemento de conexão que reforce a informação encontrada – procedimento que se

repetirá até o último segmento.

O trecho a iniciar o texto não deve possuir nenhum elemento de coesão que retome informações anteriores, afinal ele é o início do texto. Nesta questão específica, o único trecho que é passível de iniciar o texto é:

(1) O desemprego é uma tragédia social com profundas implicações políticas.

O próximo passo consiste em buscar a continuidade desse segmento. Nesse caso, o que se busca é um trecho que fale sobre o problema social que é *o desemprego* e que desdobre também suas *implicações políticas*. Logo, o trecho de continuidade seria:

(2) A esmagadora maioria dos eleitores nas últimas eleições (*implicações políticas*) apontava esse fenômeno como o mais grave problema do país (*tragédia social*).

A seguir, busca-se o trecho que retome também as informações essenciais de (2) mais importantes – *desemprego* e *resultados das últimas eleições*. Assim, teríamos:

(3) Um dado dessa natureza é importante, pois estabelece a conexão entre a crise social (*desemprego*) e o efeito político eleitoral *(últimas eleições*).

Como continuidade da cadeia coesiva que se forma, busca-se na sequência um trecho que mencione a questão da *conexão entre a crise social e seu efeito político eleitoral.* Assim:

(4) Tal conexão *(expressão que retoma "conexão" do trecho anterior)* apareceu pela primeira vez na História, claramente há mais de 70 anos, nos principais países capitalistas, na Grande Depressão.

Da mesma forma, o item que finalizará o texto deverá ser aquele que repise a ideia principal do trecho anterior, que, nesse caso, foi "a conexão … pela primeira vez na História … nos países capitalistas". Assim, observa-se o fechamento do texto em:

(5) A aguda crise social (*que se iniciou com o desemprego*) desdobrou-se, então,em quatro vertentes de alternativa política: o fascismo italiano, o nazismo alemão, a social democracia sueca e o New Deal norte-americano. (*principais países capitalistas mencionados no trecho imediatamente anterior*).

Resposta: A (5, 1, 3, 2, 4).

Aqui, vale uma dica:

Um trecho será uma possível continuidade do outro quando retomar aquilo que o anterior teve de essencial: sua informação mais importante.

Muitos concurseiros resolvem uma questão como essa por meio da estratégia de eliminação.

Assim, sabendo-se que somente o 2º trecho seria capaz de iniciar o texto, por não possuir nenhum elemento de conexão com ideias anteriores, o período a receber numeração **1** seria *O desemprego é uma tragédia social com profundas implicações políticas*. Logo, teríamos como possíveis respostas as alternativas A, D ou E, pois são elas

que apontam esse trecho como a introdução do texto. A partir daí, bastaria descobrir qual trecho poderia receber a numeração **2**. Nesse caso, vale a dica de que **2** deverá reforçar aquilo que **1** tinha de essencial: é o trecho *A esmagadora maioria dos eleitores nas últimas eleições apontava esse fenômeno como o mais grave problema do país* que reforça *as implicações políticas do desemprego*. Logo, a alternativa que apresenta essa numeração seria a letra A. É uma outra forma de resolver a mesma questão: a velha tática de eliminação...

Por fim, vamos resolver algumas provas anteriores, abordando com maior ênfase as estratégias de retomada nos textos (anáfora, catáfora, dêixis).

25.3. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

Texto I

O teste definitivo para você saber se você está ou não integrado no mundo moderno é a secretária eletrônica. O que você faz quando liga para alguém e quem atende é uma máquina. Tem gente que nem pensa nisso. Falam com a secretária eletrônica com a maior naturalidade, qual é o problema?

1. "O que você faz quando liga para alguém e quem atende é uma máquina". O comentário correto sobre o vocábulo O, colocado ao início desse período do texto, é que se trata de:

a) um pronome demonstrativo, referindo-se a "teste".

b) um artigo definido, determinando a oração seguinte.

c) um pronome pessoal, equivalendo a "ele".

d) um pronome interrogativo, juntamente com "que".

e) um pronome indefinido, correspondendo a "algum".

2. "Tem gente que nem pensa **nisso**." O pronome sublinhado se refere:

a) à existência de secretárias eletrônicas.

b) ao fato de sermos atendidos por máquinas.

c) ao teste de integração no mundo moderno.

d) à impossibilidade de falar com alguém para quem se ligou.

e) à dificuldade de dialogar com uma máquina.

Texto II

MAQUIAGEM

Nesta época, no ano passado, começou a se constatar nas prateleiras dos supermercados uma "maquiagem" de produtos. Consistia, basicamente, em reduzir a quantidade de mercadoria embalada, mantendo o preço de venda. O assunto despertou celeuma entre associações de consumidores, fábricas e autoridades governamentais. O Ministério da Justiça acabou por reagir, multando empresas que, segundo seu entendimento, haviam ludibriado a boa-fé dos consumidores. Um ano depois, pode-se dizer que houve alguma melhora na situação. Houve alguma confusão acerca do que estava errado na prática da "maquiagem".

(...)

Folha de São Paulo, dezembro de 2002.

1. "Nesta época" e "um ano depois", referem-se exata e respectivamente a:

a) dezembro de 2002 e dezembro de 2003.

b) dezembro de 2002 e dezembro de 2002.

c) dezembro de 2001 e dezembro de 2002.

d) dezembro de 2001 e dezembro de 2003.

e) dezembro de 2000 e dezembro de 2002.

2. "…a temperatura corporal elevada ajuda o sistema de defesa do organismo a identificar a causa de uma infecção e combatê-la"; o pronome *la*, ao final da frase, se refere ao seguinte termo anterior:

a) temperatura corporal elevada.

b) sistema orgânico.

c) causa de uma infecção.

d) defesa do organismo.

e) temperatura corporal e defesa do organismo.

3. Na construção de um texto, para sua coesão, alguns termos retomam termos anteriores; o termo em negrito cujo termo anterior NÃO foi corretamente destacado em maiúsculas é:

a) "Até recentemente, a sociedade entendia SER A EDUCAÇÃO TAREFA EXCLUSIVA DE PAIS E PROFESSORES. Sabiamente esse conceito evoluiu".

b) "COBRA-SE, AGORA, O COMPROMISSO DE EDUCAR TAMBÉM DE VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO, PUBLICIDADE, DAS ARTES etc. Não poderia haver reivindicação mais justa".

c) "O código recomenda ainda que os anúncios não desmereçam valores sociais ou provoquem discriminação, em particular DAQUELES que não sejam consumidores do produto".

d) "tampouco associem crianças e adolescentes a SITUAÇÕES INCOMPATÍVEIS com sua condição, sejam elas ilegais, perigosas ou socialmente condenáveis".

e) "a publicidade (...) não deve: IMPOR A NOÇÃO DE QUE O PRODUTO PROPORCIONA SUPERIORIDADE (...); PROVOCAR SITUAÇÃO DE CONSTRANGIMENTO AOS PAIS (...). Essas recomendações são, para o Conar, contribuições muito mais efetivas...".

Texto III

Sustentabilidade, Consumo e Publicidade

Nos últimos cinquenta anos, a população mundial mais do que dobrou, indo de 2,5 bilhões (1950) para 6 bilhões (2000). Durante esse mesmo período, a industrialização permitiu que o consumo aumentasse exponencialmente; como consequência, a poluição e o lixo também aumentaram. Já faz algum tempo que o planeta vem dando sinais de que não pode suportar o nosso

modo de vida, e estudos indicam que hoje, mesmo com grande parte da população mundial excluída, já consumimos 20% por ano a mais de recursos naturais renováveis do que o planeta Terra é capaz de regenerar.

1. O primeiro parágrafo emprega por duas vezes a palavra "já". Seus valores morfológicos são idênticos, mas semanticamente se distinguem. A frase abaixo em que a palavra "já" está empregada com um terceiro valor semântico é:

a) a sociedade já teve atitudes mais firmes.

b) se houver apagão, já sabemos o motivo.

c) os estudos já estão publicados na imprensa.

d) todos já começam a se preocupar com o futuro.

e) faz já décadas que a poluição é grande.

Texto IV

Dos três irmãos, dois fazem parte de um grupo cada vez mais comum na família brasileira contemporânea. São os jovens endividados. Além de adiar a saída de casa, mesmo depois de terminar a faculdade e arrumar trabalho, esses moços e moças não conseguem ajudar nas despesas de casa, nem tampouco pagar as próprias contas. Pior: acumulam dívidas. Muitos estão simplesmente falidos e entram na lista negra das entidades de proteção ao crédito.

1. "Muitos estão simplesmente falidos". O indefinido empregado nesse trecho serve para retomar o termo:

a) consumidores.

b) balzaquianos.

c) moços e moças.

d) três irmãos.

e) bancos e financeiras.

Texto V

Essa nova fase da filantropia americana surge num contexto em que sobressaem uma virtude e uma falha. A virtude é o estágio atual do próprio sistema capitalista, capaz, em sua forma mais avançada, de gerar excedentes vultosos que retornam à sociedade pela mão de empresários conscientes e abnegados. A falha é dos governos e das instituições internacionais, como o Banco Mundial, que se mostraram ineficazes no combate à pobreza e às endemias do mundo. Pessoas como Buffett e Gates, portanto, indicam um caminho para supri-la.

1. "Pessoas como Buffett e Gates, portanto, indicam um caminho para supri-**la**"; o pronome sublinhado se refere a:

a) pobreza.

b) endemia.

c) falha.

d) filantropia.

e) sociedade.

Texto VI

Estudo do Pacific Institute of Oakland, na Califórnia, prevê que 76 milhões de pessoas morrerão de doenças relacionadas à água até 2020. As crianças serão as mais afetadas por males causados pelo uso e ingestão de água contaminada. No mesmo período, serão registrados 65 milhões de casos fatais em consequência da Aids em todo o mundo.

1. Vocábulos do texto que NÃO apresentam o mesmo referente são:

a) pessoas / as crianças

b) doenças / males

c) água / água contaminada

d) até 2002 / mesmo período

e) morrerão / serão registrados 65 milhões de casos fatais

Texto VII

PETRÓLEO

Eduardo Frieiro

Os fatos desta vez deram razão a Monteiro Lobato. Existe o petróleo. Resta saber, e o grande escritor morreu antes que pudesse observá-lo, resta saber se o cobiçado líquido brindará os brasileiros com uma vida decente, ou fará do país outra Venezuela, onde, há um quarto de século, se põe fora, sem proveito para o povo, a maior fartura petrolífera da América Latina. (1948)

Texto VIII

PETRÓLEO

Monteiro Lobato

Esse produto é o sangue da terra; é a alma da indústria moderna; é a eficiência do poder militar; é a soberania; é a dominação. Tê-lo é ter o sésamo abridor de todas as portas. Não tê-lo é ser escravo.

1. "… resta saber se o cobiçado líquido brindará os brasileiros…"; para evitar a repetição do termo *petróleo*, o autor do texto se utilizou, no segmento em destaque, de um processo que também aparece em:

a) " ... e o grande escritor morreu antes que pudesse observá-lo..." (texto VII)

b) " ... se põe fora, sem proveito para o povo, a maior fartura petrolífera da América Latina." (texto VII)

c) " ... brindará os brasileiros com uma vida decente, ou fará do país outra Venezuela,..." (texto VII)

d) " Esse produto é o sangue da terra; é a alma da indústria moderna;" (texto VIII)

e) " Não tê-lo é ser escravo."

2. A ideia de o petróleo ser uma panaceia universal aparece no texto de Monteiro Lobato (texto VIII), e de forma mais específica no segmento:

a) " Esse produto é o sangue da terra".

b) " é a alma da indústria moderna".

c) “ é a eficiência do poder militar”.

d) “ é a soberania; é a dominação”.

e) “ tê-lo é ter o sésamo abridor de todas as portas”.

Texto IX

VIOLÊNCIA NO CAMPO

José Saramago

No dia 17 de abril de 1996, no estado brasileiro do Pará, perto de uma povoação chamada Eldorado dos Carajás (Eldorado: como pode ser sarcástico o destino de certas palavras...), 155 soldados da polícia militarizada, armados de espingardas e metralhadoras, abriram fogo contra uma manifestação de camponeses que bloqueavam a estrada em ação de protesto pelo atraso dos procedimentos legais de expropriação de terras, como parte do esboço ou simulacro de uma suposta reforma agrária na qual, entre avanços mínimos e dramáticos recuos, se gastaram já cinquenta anos, sem que alguma vez tivesse sido dada suficiente satisfação aos gravíssimos problemas de subsistência (seria mais rigoroso dizer sobrevivência) dos trabalhadores do campo. Naquele dia, no chão de Eldorado dos Carajás ficaram 19 mortos, além de umas quantas dezenas de pessoas feridas.

(...)

1. “Naquele dia, no chão de Eldorado dos Carajás…”; o emprego de naquele, neste contexto:

a) indica que o dia referido na frase não deve ser confundido com outro.

b) mostra que o dia referido está distante no tempo.

c) assinala uma distância de lugar.

d) identifica o dia como algo a ser esquecido.

e) refere-se a um dia que o leitor desconhece.

2. “Há detalhes que parecem insignificantes, mas revelam estágios de cidadania: respeitar-se o sinal vermelho no trânsito, não jogar papel na rua, não destruir telefones públicos. Por trás desse comportamento está o respeito à coisa pública”; nesse parágrafo, a expressão “ desse comportamento”:

a) refere-se à última das ações citadas.

b) retoma o conjunto de ações anteriores.

c) alude somente a aspectos negativos.

d) corresponde a um procedimento condenável.

e) traz em si mesma um conteúdo positivo.

Texto X

Infelizmente, a hipocrisia abunda no mundo, principalmente nas elites. Em troca do status de um nobre homem, pessoas vendem a alma ao diabo, traindo escancaradamente sua própria consciência e bom senso. A cretinice assume grau espantoso nos debates, e qualquer um que esteja mais preocupado com a verdade que com as aparências de suas intenções perde a paciência ao notar que está dando murro em ponta de faca. O interesse dessa elite pérfida não é a busca sincera pela verdade e resultados; mas, sim, o

conforto psíquico de apresentar ser bem intencionado. O mensageiro que traz a notícia, que destaca os fatos verdadeiros, que demonstra o absurdo das teorias românticas, esse é o culpado, um insensível, egoísta. A hipocrisia, aliada à ignorância de muitos, acaba vencendo a lógica e a verdade. A necessidade da mente humana de acreditar em explicações simplistas, culpar fatores exógenos e bodes expiatórios, e buscar conforto mesmo que na mentira alimenta bastante essa hipocrisia. Esse texto é um apelo para darmos um basta a isso.

1. " Em troca do status de um nobre homem"; a mesma ideia contida nesse segmento do texto aparece repetida em:

a) " vendem a alma ao diabo".

b) " aparentar ser bem intencionado".

c) " destaca os fatos verdadeiros".

d) " culpar fatores exógenos e bodes expiatórios".

e) " demonstra o absurdo das teorias românticas".

Texto XI

Mais de cem vezes o presidente George W. Bush ameaçou vetar projetos que fossem aprovados pelo Congresso americano, mas até agora ele nunca tinha cumprido a ameaça, ou precisado cumprir – por ter sido ela suficiente para levar os parlamentares a recuar rapidamente.

1. No primeiro parágrafo do texto ocorrem repetições de termos anteriores; a alternativa em que os dois termos sublinhados NÃO são exatamente um exemplo de repetição por não possuírem o mesmo referente é:

a) o presidente George W. Bush – ele.

b) projetos – que.

c) ameaçou vetar projetos – a ameaça.

d) a ameaça – ela.

e) Congresso americano – ele.

2. A alternativa em que NÃO há qualquer referência ao momento de ocorrência do fato comentado pela notícia do jornal é:

a) " mas até agora nunca tinha cumprido a ameaça".

b) " Mas ontem ele fez uso do veto".

c) " aprovada por 63 votos a 37 no Senado, terça-feira".

d) " um ano depois de sua aprovação na Câmara dos Representantes".

e) " O projeto, que há tempos seria impensável".

3. E, portanto, comprometidos demais para fazermos um juízo exato a esse respeito. Esse comprometimento inclui vítimas e algozes"; o tipo de relação de coesão exemplificado nesse segmento do texto entre as palavras sublinhadas se repete em:

a) toda a população está atemorizada demais com a violência e esse medo tem causado muitos problemas.

b) os direitos humanos têm sido desprezados pelas autoridades e se os desprezamos, caímos no caos.

c) as autoridades políticas estão bastante atarefadas e esse trabalho exagerado tem impedido que projetos mais importantes sejam discutidos.

d) as leis têm-se mostrado muito permissivas e essa permissividade tem incentivado a criminalidade.

e) são bastante contraditórias as leis dos direitos humanos e essa oposição tem prejudicado a sua discussão.

Texto XII

O PASTOREIO POLÍTICO

Luiz Carlos Lisboa

O século que se orgulha de grandes conquistas no terreno dos direitos humanos e das liberdades públicas é o mesmo em que se desenvolveram as formas mais requintadas e esmagadoras de dominação política e de intimidação coletiva. Essa contradição flagrante, escândalo de nosso tempo, é pouco analisada porque estamos todos muito imersos nela. E, portanto, comprometidos demais para fazermos um juízo exato a seu respeito. Esse comprometimento inclui vítimas e algozes, e cega a ambos da mesma forma.

1. O termo "ambos", presente na última linha do texto, refere-se a:

a) defensores e críticos dos direitos humanos.

b) os que possuem e não possuem liberdades públicas.

c) os que praticam e sofrem injustiças.

d) as vítimas e os que sofrem intimidação coletiva.

e) os que sofrem dominação política e intimidação coletiva.

Texto XIII

UM SENTIDO PARA A EDUCAÇÃO SEXUAL

A proposta de educação sexual nos currículos da escola de ensino médio é uma ideia que surge mais fortemente agora no Brasil. Um dos argumentos a favor da implantação da educação sexual nas escolas é o grande número de gestações na adolescência e o problema da Aids. Entretanto, não se observa redução nem no número de gestações indesejadas nem nas doenças sexualmente transmissíveis onde a educação sexual foi adotada como solução para este problema.

Nos Estados Unidos, a educação sexual foi considerada como a solução e a implantação dos programas aconteceu intensamente; no entanto, os resultados são deploráveis. Por que a educação sexual tal como foi implantada não é a solução? O desastre começa no próprio conceito. A educação sexual apresentada não toma como base valores morais, e se orienta para a informação restrita de contracepção e prevenção de doenças.

Isso não é educação sexual. Educação sexual é parte de algo mais complexo na vida do ser humano, e por isso não se pode restringir à informação sobre anatomia e fisiologia, ensino de meios contraceptivos e prevenção da Aids e outras doenças sexualmente transmissíveis. Educação sexual é antes de tudo educação de valores, educação do verdadeiro amor, amor de doação, incluindo-se a sexualidade. [...]

1. No terceiro parágrafo do texto, a educação sexual referida na primeira linha é:

a) a que já foi anteriormente implantada no Brasil.

b) a que está sendo implantada no Brasil.

c) a que foi implantada nos Estados Unidos e anteriormente implantada no Brasil.

d) a que foi implantada nos Estados Unidos e recentemente implantada no Brasil.

e) a que foi implantada nos Estados Unidos.

Texto XIV

A VERDADE E A FANTASIA

Miguel Pachá – Presidente do TJ/RJ

Um espectro ronda a Justiça brasileira neste final de ano: a Reforma do Judiciário. Espectro porque a realidade do Judiciário e a necessidade da sua reforma foram, nos últimos meses, deformados pelo " manto diáfano da fantasia".

Comemoramos o nosso dia (8 de dezembro) sob o fogo cruzado da má vontade e da desinformação. O Judiciário não pode ser culpabilizado pelo que a mídia chama com exagero de impunidade. A polícia não prende, não investiga e nós, presos à aplicação da lei, pagamos o pato. Além disso, há um cipoal de leis, medidas provisórias e atos normativos que acabam por atravancar nossos corredores.

Temos oferecido à sociedade ideias e propostas de melhoria da prestação de Justiça. Um exemplo: o julgamento virtual, que acelera a tramitação, elimina papel e dispensa deslocamentos de advogados. Quanto ao apregoado controle do Judiciário, pensamos que deveria antes vir de dentro que de fora, pelo ajuste de normas e práticas processuais, bem como pela supervisão sistemática. A autonomia financeira deu ao nosso Tribunal a possibilidade de ser um dos melhores do país: um dos mais ágeis e seguros, em condições objetivas de enfrentar o descrédito geral da Justiça.

A autonomia dos poderes – lembremos ainda uma vez – é a única garantia que temos da estabilidade da República e, em última instância, da continuidade do regime democrático – o pior de todos, com exceção dos outros. Falar em cidadania é falar em Judiciário. Em muitas sociedades tradicionais a norma de estabilidade é a do " poder trava poder". Ao invés do controle externo, sempre perigoso, talvez se pudesse confiar mais nesse controle sistêmico. De resto, temos à disposição diversos mecanismos endógenos, eficazes, de controle (os tribunais de conta, as corregedorias etc.).

A sociedade global, estimulada pelos formadores de opinião, não tem sido capaz de captar a verdade do Judiciário. Sob um cerco total de má vontade e desinformação, vemos exageradas as nossas deficiências e erros. " Sobre a nudez forte da verdade, o manto diáfano da fantasia" – parodiemos o slogan do velho Eça de Queiroz. E qual é a nossa verdade? Antes de enunciá-la, reconheçamos nossos erros e dificuldades, algumas conjunturais, de mais fácil correção, outras estruturais, mais difíceis. Recente pesquisa da OAB, mostrou que 55% da população mal conhece o Judiciário. E é ela a segunda instituição menos confiável do país. Nosso programa para o ano que se inicia é, pois, estabelecer a verdade da distribuição de Justiça em nosso Estado e vê-la reconhecida, senão por todos, ao menos pela maioria de nossos concidadãos.

Informativo TJ/RJ e EMERJ, n.12.

1. " De resto, temos à disposição diversos mecanismos endógenos, eficazes, de controle…"; a ideia aqui presente se repete aproximadamente em:

a) “ Quanto ao apregoado controle do Judiciário, pensamos que antes deveria vir de dentro que de fora...”

b) “ A sociedade global, estimulada pelos formadores de opinião, não tem sido capaz de captar a verdade do Judiciário.”

c) “ Sobre a nudez forte da verdade, o manto diáfano da fantasia.”

d) “ A autonomia dos poderes [...] é a única garantia que temos da estabilidade da República...”

e) “ Falar em cidadania é falar em Judiciário.”

2. Em relação aos “ mecanismos endógenos”, referidos no 4º parágrafo do texto, analise os itens a seguir:

I. “ ... antes vir de dentro que de fora, pelo ajuste de normas e práticas processuais,...”

II. “ Em muitas sociedades a norma de estabilidade é a do ‘ poder trava poder’ .”

III. “ Ao invés do controle externo, sempre perigoso, talvez se pudesse confiar mais nesse controle sistêmico.”

Os mecanismos referidos no enunciado correspondem a:

a) I – III

b) I – II – III

c) II – III

d) I – II

e) III

Texto XV

ANO NOVO, VELHOS PROBLEMAS

Ubiratan Iorio

A cada início de ano, é costume renovar esperanças e fortalecer confianças em relação ao futuro. Tempo de limpar gavetas, fazer faxinas e vestir cores que – acreditam muitos – ajudem a realizar antigos desejos e aspirações. Nada existe de errado com esses hábitos, descontado o teor de superstição que costuma motivá-los, nem com o fato de se os estender para o campo das relações econômicas. Afinal, também na economia a esperança pode mover montanhas. Mas para tal precisa fundamentar-se em fatos concretos.

Um pouco de realismo sempre faz bem. Os atos econômicos não são praticados em um vazio institucional, já que o homo economicus, aquele robô frio, calculista, pronto a maximizar resultados, sejam lucros, utilidades, taxas de retornos ou quaisquer outros, só existe nos livros de economia. Na vida real, as relações entre economia, política, direito, ética e outros campos da ação humana objetiva e subjetiva, são inevitáveis, sendo a soma dessas inter-relações o que se chama, reverentemente, de sociedade. O hábito arraigado de separar o econômico do social, do político, do ético e do legal, de que é exemplo o discurso de contrapor o “ mercado” ao “ social” – quase sempre denegrindo o primeiro e enaltecendo o segundo – é uma das causas das repetidas frustrações das esperanças de crescimento econômico sustentado.

1. “ Um pouco de realismo sempre faz bem.”; a mesma ideia reaparece em:

a) “ Afinal, também na economia a esperança pode mover montanhas.”

b) “ Mas para tal precisa fundamentar-se em fatos concretos.”

c) “ Os atos econômicos não são praticados em um vazio institucional...”

d) “ ... pessimistas nada mais são do que otimistas bem informados,...”

e) “ uma carga tributária extorsiva e crescente.”

2. Na progressão textual, a fim de evitar-se a repetição de palavras idênticas, ocorre a substituição de termos anteriores por uma série de diferentes elementos. O item em que a identificação do termo substituto do segmento sublinhado está INCORRETA é:

a) “ Afinal também na economia a esperança pode mover montanhas. Mas para tal precisa fundamentar-se em atos concretos.” – pronome demonstrativo

b) “ busquemos, apenas, ser realistas e olhemos para as instituições que nos circundam.” – pronome relativo

c) “ Tempo de limpar gavetas, fazer faxinas e vestir cores que – acreditam muitos – ajudem a realizar antigos desejos e aspirações. Nada existe de errado contra esses hábitos,...” – hiperônimo

d) “ Nada existe de errado contra esses hábitos, descontado o teor de superstição que costuma motivá-los,...” – pronome relativo

e) “ Nada existe de errado contra esses hábitos [...] nem com o fato de se os estender para o campo das relações econômicas.” – pronome pessoal

3. “ O hábito arraigado de separar o econômico do social, do político, do ético e do legal, de que é exemplo o discurso de contrapor o “ mercado” ao “ social” – quase sempre denegrindo **o primeiro** e enaltecendo **o segundo** – é uma das causas…”; mantendo-se o sentido original, os termos sublinhados poderiam ser corretamente substituídos, respectivamente, por:

a) este / aquele

b) este / esse

c) aquele / este

d) aquele / esse

e) esse / este

Texto XVI

O NECROLÓGIO DOS DESILUDIDOS DE AMOR

Carlos Drummond de Andrade

Os médicos estão fazendo a autópsia dos que se mataram.

Que grandes corações eles possuíam

Vísceras imensas, tripas sentimentais

e um estômago cheio de poesia.

1. Os “ desiludidos do amor” reaparecem em:

a) “ os médicos estão fazendo a autópsia...”.

b) “ ... dos que se mataram”.

c) “ Que grandes corações eles possuíam”.

d) “ Vísceras imensas, tripas sentimentais”.

e) “ estômago cheio de poesia”.

2. “ Bibliotecas. Vistas de dentro de grandes monumentos, elas parecem indestrutíveis. Mas, de fato, a história mostra que bibliotecas estão sempre sendo destruídas e cada vez que uma delas vem abaixo muito da civilização desaba com ela”; nesse segmento o termo que NÃO apresenta corretamente o termo anterior ao qual se refere ou que substitui é:

a) elas = bibliotecas

b) ela = uma delas

c) grandes monumentos = bibliotecas

d) desaba = vem abaixo

e) delas = das bibliotecas

Texto XVII

“ O rádio foi uma tragédia para os surdos. A televisão é uma tragédia para os cegos. É também, de quando em quando, uma tragédia para o espectador sensível, para quem contemplar a mediocridade é uma dolorosa experiência.” (Steve Allen)

1. “ É também, de quando em quando, uma tragédia para o espectador sensível, para quem contemplar a mediocridade é uma dolorosa experiência.”; o pronome *quem* se refere:

a) a qualquer espectador de TV.

b) ao espectador sensível.

c) à pessoa que não participa da dolorosa experiência.

d) ao espectador que contempla a mediocridade.

e) ao espectador de programas medíocres.

Texto XVIII

IMPÉRIO À DERIVA

Patrick Wilcken

Em 1807, no auge das Guerras Napoleônicas, o príncipe regente português D. João VI tomou uma decisão extraordinária. Embora aterrorizado com a ideia de viagens marítimas, optou por transplantar toda a sua corte e seu governo para a maior colônia de Portugal: o Brasil. Com as tropas francesas aproximando-se de Lisboa, aristocratas, ministros, padres e criados – no assombroso total de 10 mil pessoas – embarcaram às pressas na precária frota portuguesa. Após uma turbulenta travessia transatlântica, sob escolta britânica, desembarcaram imundos, cobertos de piolhos e esfarrapados, para espanto de seus súditos no Novo Mundo. Assim se iniciou um período excepcional de treze anos de governo imperial exercido nos trópicos.

1. Em uma outra obra sobre a chegada da família real ao Brasil, que comemorará 200 anos em 2008, o autor

(Laurentrino Gomes) escreve na capa do livro: "Como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a história de Portugal e do Brasil". De todas as referências presentes nesse segmento, a única que aparece comprovada no texto principal desta prova é:

a) a rainha de Portugal ser louca.

b) o príncipe regente ser medroso.

c) a corte portuguesa ser corrupta.

d) os portugueses terem enganado Napoleão.

e) a história de Portugal e Brasil ter sido mudada.

Texto XIX

Num dia quente de verão do primeiro semestre do novo milênio, a humanidade atravessou uma ponte rumo a uma nova era de tremenda importância. Ao mundo inteiro foi transmitido um pronunciamento, com destaque em praticamente todos os jornais mais importantes, apregoando que o primeiro rascunho do genoma humano, nosso manual de instruções, havia sido concluído.

(*A linguagem de Deus*, Francis S. Collins)

1. Ao dizer que a humanidade "atravessou uma ponte rumo a uma nova era", o autor do texto expressa simultaneamente um conjunto de ideias; entre elas, NÃO está presente a ideia de:

a) superação de obstáculos.

b) progresso da ciência.

c) conhecimento de novos espaços.

d) comunicação com o novo.

e) abandono do passado.

Texto XX

CIÊNCIA E NAVEGAÇÃO

Bento Ribeiro Dantas

A história da humanidade contém sagas de extraordinária beleza, mas nenhuma suplanta a história dos descobrimentos marítimos dos séculos XVI e XVII. Foi uma época em que os homens de coragem e de saber, em busca de conhecimento e riquezas, aventuraram-se por mares e oceanos totalmente desconhecidos. Para isso foram necessários avanços técnicos que transformaram e desenvolveram a ciência da construção naval e dos planos vélicos das embarcações, a arte da cartografia e os métodos de aquisição das informações geográficas essenciais à sua precisão, a navegação pela observação astronômica, os instrumentos e a matemática indispensáveis à sua utilização. Enfim, todos os meios que tornaram possível aos portugueses, e mais tarde aos demais europeus, a descoberta de mais de dois terços da Terra – até aquela época, para eles, incógnitos. A chegada ao Brasil foi fruto desse esforço heróico, que não deixou nada ao acaso.

1. Alguns elementos de um texto se referem a termos anteriormente expressos; o elemento do texto cuja referência a termos anteriores está corretamente identificada é:

a) “ mas *nenhuma* suplanta...” = extraordinária beleza

b) “ Foi *uma época*...” = séculos XV e XVI

c) “ Para *isso*...” = homens de coragem e de saber

d) “ ... essenciais à *sua* precisão,...” = informações geográficas

e) “ ... até aquela época, para *eles*, incógnitos.” = portugueses

Texto XXI

MISTURA PERIGOSA

Revista *Isto É*, 26/09/2007.

Em qualquer idade, o alcoolismo é uma tragédia. Na maioria dos casos, ele destrói o indivíduo, desequilibra a família e traz um custo imenso para a sociedade. Quando atinge pessoas jovens, no entanto, ganha cores ainda mais dramáticas – dá para imaginar, então, quando o álcool se associa à adolescência. Esse é um cenário que se está tornando comum no Brasil: os adolescentes participam de forma cada vez mais expressiva da estatística do alcoolismo no país e já correspondem a 10% da parcela dos brasileiros que bebem muito, somando um total de 3,5 milhões de jovens. Muitos não se preocupam com a dependência nem encaram a bebida como droga. Mas, segundo a Organização Mundial de Saúde, o álcool é a droga mais consumida no mundo, com dois bilhões de usuários.

1. Num texto, vários elementos repetem ou retomam elementos anteriores; a alternativa em que o termo destacado NÃO tem o elemento anterior corretamente identificado é:

a) “ Em qualquer idade, o alcoolismo é uma tragédia. Na maioria dos casos, ele destrói o indivíduo, desequilibra a família e traz um custo imenso para a sociedade.” – o alcoolismo

b) “ Quando atinge pessoas jovens, no entanto, ganha cores ainda mais dramáticas – dá para imaginar, então, quando o álcool se associa à adolescência” – o alcoolismo

c) “ Esse é um cenário que se está tornando comum no Brasil: os adolescentes participam de forma cada vez mais expressiva da estatística do alcoolismo no país” – um cenário

d) “ ... e já correspondem a 10% da parcela dos brasileiros que bebem muito, somando um total de 3,5 milhões de jovens” – 10%

e) “ Muitos não se preocupam com a dependência nem encaram a bebida como droga” – brasileiros

Texto XXII

A VIDA COMO ELA SERÁ

Jerônimo Teixeira

Daqui a mais ou menos 1 bilhão de anos, a Terra não será mais habitável. No limite do seu material combustível, o Sol estará se expandindo. A elevação da temperatura no terceiro planeta do sistema solar tornará inviável a sobrevivência de qualquer criatura. Isso significa que a vida em nosso mundo já ultrapassou a meia-idade. Estamos nós, seres vivos, mais perto do fim que do começo. No tempo que resta, que cara terá a vida sobre a Terra? Que espécies surgirão e quais estarão fadadas a desaparecer na trilha das mudanças evolucionárias? E por quanto tempo ainda viveremos nós, seres humanos, para presenciar essas mudanças?

1. A alternativa em que o termo sublinhado tem seu valor dependente da situação geral de produção do texto é:

a) " Daqui a mais ou menos 1 bilhão de anos."

b) " A elevação da temperatura no terceiro planeta do sistema solar."

c) " Estamos nós, seres vivos..."

d) " E por quanto tempo ainda viveremos nós..."

e) " Isso significa que a vida em nosso mundo..."

2. Se tivéssemos o raciocínio: " A Terra não será mais habitável daqui a 1 bilhão de anos já que o Sol estará se expandindo", o raciocínio apresenta um argumento em que:

a) se troca o efeito pela causa.

b) se troca a causa pela consequência.

c) se apela ao princípio da autoridade.

d) se troca a razão pela intuição.

e) ocorre desvio do assunto.

3. Num texto há muitas palavras anafóricas, ou seja, palavras cuja função é retomar algo que já foi expresso. A alternativa que mostra um termo sublinhado que NÃO é anafórico é:

a) " No limite do seu material combustível, o Sol estará se expandindo."

b) " A elevação da temperatura no terceiro planeta do sistema solar."

c) " Isso significa que a vida em nosso mundo..."

d) " para presenciar essas mudanças?"

e) " Isso significa que a vida em nosso mundo."

Texto XXIII

Tchecov escreveu: " Daqui a duzentos ou trezentos anos, ou mesmo mil anos – não se trata de exatidão – haverá uma vida nova. Nova e feliz. Não tomaremos parte nessa vida, é verdade... Mas é para ela que estamos vivendo hoje. É para ela que trabalhamos e, se bem que a soframos, nós a criamos. É nisso que está o objetivo de nossa existência aqui."

1. Algumas palavras têm sentido dêitico, ou seja, apresentam significado dependente da situação de produção do texto. *Daqui*, por exemplo, tem significado dependente do momento de produção do texto. Assinale o item em que a palavra sublinhada tem valor dêitico:

a) a partir de hoje teremos uma vida nova.

b) os homens nunca irão viver eternamente.

c) a vida na Terra é breve.

d) o futuro sempre está distante.

e) a partir de 1992, o mundo mudou.

2. "Não tomaremos parte **nessa** vida, é verdade…"; o uso do demonstrativo *nessa* se justifica pelo motivo seguinte: emprega-se *esse, essa, esses, essas:*

a) com referência a um termo expresso anteriormente.

b) em referência a um lugar próximo do interlocutor.

c) em relação a um tempo passado, anteriormente definido.

d) em correspondência com um tempo futuro, indeterminado.

e) para indicação de um lugar fictício.

3. Para evitar a repetição do termo *vida*, o autor substituiu-o por:

a) pronomes pessoais e demonstrativos.

b) pronomes pessoais e artigos.

c) artigos e pronomes demonstrativos.

d) pronomes pessoais.

e) pronomes demonstrativos.

Texto XXIV

O Piercing: ser ou não ser

Quando o meu filho Pedro, de 16 anos, falou da vontade de colocar *piercing*, antes de dizer-lhe um sonoro "não", ponderei o fato de meu filho não ser um veículo para que eu coloque em prática o meu projeto de ser humano. Muito pelo contrário: Ele é um ser independente, com projetos próprios e que tem como orientação básica o respeito ao ser humano e a consciência que de o mundo deve ser mais justo, inteligente, diversificado e saboroso. A partir daí, não me preocupa se ele fará drama ou comédia, com argola no nariz ou gravata no pescoço. O importante não será a sua forma, mais sim o seu conteúdo. (...) O adolescente, pelo menos, faz por festa, para treinar a sua rebeldia. Depois, o tempo passa e todas essas bandeiras pelo corpo vão perdendo a importância e para aqueles que só fazem onda, a coisa ficará no passado. Para os autênticos, a rebeldia fica adulta e muda de lugar. Vai pro olhar.

1. O elemento do texto cujo significado é indicado por elementos externos a ele é:

a) " Quando o meu filho Pedro, de 16 anos..."

b) " ... antes de dizer-lhe um sonoro não"

c) " Muito pelo contrário, ele é um ser independente..."

d) " A partir daí, não me preocupa..."

e) " Para treinar a sua rebeldia..."

Texto XXV

Quando eu me desespero, lembro-me de que, por toda a história, a verdade e o amor sempre vencem. Existiram assassinos e

tiranos e, por um tempo, eles pareceram invencíveis. Mas, no fim, eles sempre caíram. Penso nisso, sempre. (Mahatma Gandhi)

1. Em "penso nisso", o pronome "isso" teria como explicitação mais adequada:

a) que a verdade e o amor sempre vencem.

b) que existiram assassinos e tiranos.

c) que assassinos e tiranos parecem invencíveis.

d) que eles caíram.

e) que, apesar de invencíveis, os tiranos sempre caíram.

Gabarito: Texto I – 1. a; 2. b; **Texto II** – 1. c; 2. c; 3. d; **Texto III** – 1. a; **Texto IV** – 1. c; **Texto V** – 1. c; **Texto VI** – 1. a; **Textos VII e VIII** – 1. a; 2. e; **Texto IX** – 1. b; 2. b; **Texto X** – 1. b; **Texto XI** – 1. e; 2. e; 3. d; **Texto XII** – 1. c; **Texto XIII** – 1. d; **Texto XIV** – 1. a; 2. b; **Texto XV** – 1. b; 2. d; 3. c; **Texto XVI** – 1. b; 2. c; **Texto XVII** – 1. b; **Texto XVIII** – 1. b; **Texto XIX** – 1. e; **Texto XX** – 1. b; **Texto XXI** – 1. d; **Texto XXII** – 1. a; 2. a; 3. a; **Texto XXIII** – 1. a; 2. e; 3. d; **Texto XXIV** – 1. a; **Texto XXV** – 1. a.

26 COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

Nas provas de concursos públicos, em média, 30 a 40% são questões de compreensão e interpretação de textos. Geralmente, textos longos, algumas vezes até filosóficos, que demandam técnica e experiência do concurseiro.

Quem nunca teve de ler várias vezes um texto em uma prova, ou se perdeu na leitura? Quem nunca teve a sensação de olhar para um enunciado e nem saber como proceder, por onde começar? Há até casos de quem levou tanto tempo na prova de Língua Portuguesa e acabou por prejudicar completamente as questões de outras disciplinas.

Entender as técnicas de **compreensão e interpretação de textos**, além de ser importante para responder às questões específicas, com técnica e no tempo certo, é fundamental para que você compreenda o enunciado das questões de direito, de matemática, raciocínio lógico, por exemplo. Muitos candidatos, ainda que dominem tais disciplinas, acabam se prejudicando nas provas por não entenderem o que se pede no enunciado. Já pensou, nadar, nadar e morrer na praia? Nem pensar... O que se quer é dominar o conteúdo e saber fazer prova!

Pensando nisso, trouxe um passo a passo para você resolver a prova de Língua Portuguesa, otimizar seu tempo, solucionar as questões com técnica. É claro que sempre devemos considerar as particularidades de cada aluno, mas, de modo geral, existe uma metodologia, sim, para se resolver as questões relativas ao texto. Não se pode apenas "deixar fluir", ou "ver no que vai dar"... O que queremos é que você resolva a prova de Português com assertividade e ganhe tempo também para resolver as provas das outras disciplinas.

Vamos lá?

Oito Dicas de Compreensão e Interpretação de Textos

1. Leia o texto do início ao fim, para saber do que se trata.

2. Resolva primeiramente as questões de gramática. Reserve as de compreensão e intepretação de textos.

3. Leia o texto pela segunda vez. Na segunda leitura, marque em cada parágrafo o que representa a sua ideia central. Na introdução, a ideia central é chamada de tese. Nos parágrafos de desenvolvimento, é o tópico frasal. Na conclusão, a tese volta novamente.

4. Quando encontrar algum trecho que suscite dúvidas no texto, marque-o , faça uma interrogação na margem da folha para chamar sua atenção. Não perca muito tempo com ele. Desapegue-se. Ao longo das questões, "sua ficha vai caindo" e muito provavelmente você entenderá o que não lhe pareceu claro inicialmente.

5. Muita atenção aos enunciados! Muitas vezes o candidato perde uma questão por não entender exatamente o que pede o enunciado. Sempre destaque as palavras-chave do enunciado.

6. Existem dois tipos de questão de interpretação: recorrência (compreensão de textos) e inferência (interpretação de

textos). Na recorrência, você recorre ao texto e encontra a resposta, que não virá exatamente com as mesmas palavras do texto, mas sob a forma de paráfrase.

7. INFERÊNCIA é aquela em que você é levado a inferir, deduzir, concluir algo sobre o que leu, com base em pressupostos textuais.

8. O erro da recorrência e da inferência são as extrapolações: extrapolar é ir além do que diz o texto, normalmente com base em experiência e opiniões próprias.

26.1. COMPREENSÃO DE TEXTOS

Compreender um texto é identificar a ideia central de cada parágrafo. É conseguir resumi-lo. É também identificar o que é principal e o que é secundário, bem como estabelecer a correlação das informações entre si.

Entender um texto é ser capaz de dividi-lo em partes. Todo texto é feito seguindo um esquema lógico de pensamento. Sublinhar o que é mais importante em cada parágrafo e colocar setas, indicando ideias que se repetem e que se relacionam, é essencial para que você domine e compreenda efetivamente o que você está lendo.

Sempre digo que texto que não está sublinhado não é confiável. Após essa leitura "esquemática" do texto, com a identificação de suas ideias centrais, parte-se para a resolução das questões. A modalidade mais comum é a questão de Compreensão de Textos (ou Intelecção ou Recorrência), em que o candidato é convidado pela banca a localizar informações que estão lá no texto.

Você deve estar se perguntando... Se estão lá, por que eu não as encontro??? Bem, muitas vezes o candidato tem dificuldade de responder a esse tipo de questão, porque não entendeu muito bem o texto, não consegue encontrar as informações lá.

Ao responder a uma questão de recorrência, você deve estar apto a identificar a paráfrase. Paráfrase é o mesmo que reescritura. Isso porque a resposta que você vai marcar não estará lá no texto com as mesmas palavras com que está na alternativa. Parafrasear é dizer o mesmo que se disse, só que com outras palavras...

Um outro problema muito comum é que o candidato acaba querendo interagir com o texto, responder às questões com base em suas experiências pessoais... Costumo dizer que, nessa hora, tem-se que ter frieza mesmo, esquecer o que se pensa, suas convicções...

Selecionei uma bateria de questões de recorrência, de variadas bancas de concursos públicos, para que você treine bastante o reconhecimento de paráfrases!

Antes, quero ensinar direitinho como deve ser seu raciocínio, diante de cada alternativa da questão. Vou, então, comentar algumas questões para você depois resolver as outras sozinho!

Vamos lá?

RECORRÊNCIA Texto – Democracia refém (José Roberto de Toledo)

Desde 2008, o Ibope pergunta à população em idade de votar quão satisfeita ela está com o funcionamento da democracia no Brasil. Os resultados nunca foram brilhantes ainda menos se comparados com países latino-americanos como Uruguai e Argentina, mas jamais haviam sido tão chocantes quanto agora. Só 15% dos brasileiros se dizem "satisfeitos" (14%) ou "muito satisfeitos" (1%) com o jeito que o regime democrático funciona no país. (*Estado de S. Paulo*, 04/09/2015)

1. (Codemig – Analista de Desenvolvimento Econômico – FGV – 2015) O jornalista autor do texto 2 informa que os resultados da pesquisa foram muito chocantes, isso porque:

a) deixaram de ser brilhantes pela primeira vez;

b) mostraram concentração de respostas positivas;

c) indicaram reprovação do governo;

d) apontavam mais de 80% de reprovação;

e) destacaram insatisfação da população.

Como saber que essa questão é de recorrência?

Ao dizer "O autor do texto informa", tem-se a indicação de um enunciado de recorrência. É como se a banca estivesse batendo no seu ombro e dizendo assim: vá ao texto e localize o trecho em que o jornalista autor fale que os resultados da pesquisa foram muito chocantes e depois ache o porquê dessa informação.

O porquê deve vir logo depois da informação. O "porquê" que a banca pede está nos arredores, no contexto. Depois de localizar tal informação e ler o que vem ao redor dela, você irá voltar às alternativas e procurar aquela que seja a sua paráfrase, a sua reescritura, entende?

No texto, diz-se "os resultados da pesquisa jamais haviam sido tão chocantes quanto agora". Localizou a informação? Pois bem. O porquê vem logo depois disso. Continue lendo. Há um momento em que se diz "Só 15% dos brasileiros se dizem satisfeitos…". Esse é o porquê!

Então, primeiro ele afirma que os resultados nunca haviam sido tão chocantes quanto agora, e logo depois ele explica: só 15% dos brasileiros… Pronto, achamos o porquê!

Por fim, você vai voltar às assertivas que a banca oferece e vai buscar aquela que mais bem reescreva o que você acabou de ler.

A resposta é letra D ("apontavam mais de 80% de reprovação"). Isso é o mesmo que se dizer que "só 15% se dizem satisfeitos ou muito satisfeitos". A letra D é paráfrase do que você acabou de ler no texto, entendeu?

A letra A diz assim: "deixaram de ser brilhantes pela primeira vez", foi isso que você acabou de ler no texto? Vou repetir, a banca quer saber por que o autor disse que os resultados nunca foram tão chocantes quanto agora. Não, o autor não disse que foi "pela primeira vez", ele disse que "nunca foram tão chocantes quanto agora", mas não disse

“pela primeira vez”. Os resultados já podem ter sido pouco brilhantes, só que agora foram mais chocantes, entende?

Na letra B, diz-se que os resultados mostraram concentração de respostas positivas. O texto diz isso? Não, pelo contrário, 80% de reprovação. A letra “B” contradiz o texto.

Quanto à letra C, diz-se que os resultados indicam reprovação do governo? De fato, a maioria reprova, mas a letra C está generalizando excessivamente; a letra C é uma generalização excessiva; quando ela diz “indicaram reprovação do governo”, está-se generalizando, dizendo que todos reprovaram. Não, mais de 80% reprovaram, mas não foram todos que reprovaram. Portanto, a letra C vai além, extrapola o resultado da pesquisa.

Na letra E, fala-se que os resultados “destacaram insatisfação da população”. Não, eles não destacaram insatisfação, eles vieram falar daqueles que estão satisfeitos, que realmente são poucos! Mas não se pode afirmar “insatisfação” da população, pois, ao se falar assim, está-se também generalizando excessivamente. Você entendeu a diferença entre D e E? A letra D é a que mais bem reescreve o que veio logo depois da frase do enunciado, a letra E extrapola.

Você entendeu como se deve resolver uma questão de recorrência? Você tem que ir à frase do enunciado, depois localizá-la no texto, então olhar os arredores da informação (contexto) e marcar a alternativa que mais bem reescreva o que você acabou de ler, está bem?

É cruel, eu sei, porque dá vontade de marcar outra, mas você tem que se ater ao que está no texto, é assim que se resolve uma questão de recorrência. Tenha sempre cuidado com as extrapolações (ir além do texto), contradições (dizer o contrário do que diz o texto) e as generalizações excessivas (tomar algo que é particular e ampliar excessivamente).

Texto – A conquista do Brasil

Por gerações, o brasileiro se acostumou a ver o seu país, sua história e sua cultura como exemplos de paz e confraternização sem paralelo entre as nações. A imagem do brasileiro como um povo cordial que aceita melhor a miscigenação e é mais tolerante com as diferenças sociais e políticas, num país conciliador, que não se envolve em guerras e se mantém neutro diante de conflitos, se sobrepõe como traço cultural, sem grandes traumas nem contestações.

Os brasileiros se orgulham de pensar que o Brasil não precisou de uma guerra como a que separou os Estados Unidos da Inglaterra, nem passou por conflitos internos sangrentos como a Secessão. Manteve-se afastado das conflagrações, a começar pelas duas guerras mundiais que marcaram a primeira metade do século XX – na segunda delas, meio pró-forma, enviou expedicionários à Itália, numa fase em que o conflito já se encaminhava para o fim. O país manteve-se neutro na maioria dos grandes conflitos passados, recentes e contemporâneos.

E saiu pacificamente de uma ditadura militar de 21 anos, em 1985, com o restabelecimento do governo civil e, depois, da democracia. Ao construir um modelo de concórdia, que combina com a fachada do povo pobre, mas alegre, que se expressa pelo carnaval, o samba e o futebol, o Brasil esqueceu muita coisa. Foi o último país do mundo a abolir a escravidão, em 13 de maio de 1888. Um dos seus maiores heróis nacionais, Tiradentes, foi esquartejado. O Brasil dizimou a população masculina de um país vizinho na Guerra do Paraguai. Deixou uma esteira de mortos nos porões do

regime militar, que pela via do golpe havia derrubado em 1964 o presidente João Goulart.

Aliviaram-se tensões sociais latentes e sepultou-se o passado beligerante sobre o qual foi construída uma nação homogênea, mesmo em meio a tanta diversidade. O Brasil acomodou-se à versão oficial de sua história, em que foram escondidas as rupturas, as questões sociais e os fatos que não interessam tanto a sua autoimagem dentro do mundo civilizado. (Thales Guaracy)

2. **(Prefeitura de Cuiabá – Nutricionista – FGV – 2015)** Em certa passagem do texto, o autor diz que "o Brasil esqueceu muita coisa". Segundo o texto, essa "muita coisa" que nosso país esqueceu

a) demonstra a ignorância da população em relação ao seu passado histórico.

b) indica razões que se contrapõem à imagem de "país cordial".

c) mostra a semelhança entre nossa história e a dos países vizinhos.

d) ironiza a atitude intelectual de nossos historiadores.

e) comprova uma diferença entre a visão oficial e a visão dos historiadores.

A banca diz "em certa passagem do texto o autor diz…" Pronto! Questão de recorrência.

Como agir? Você não vai ficar lendo as opções que a banca dá, não (a, b, c, d, e), senão você vai se apaixonar por todas… Você vai fazer exatamente como eu fiz na questão anterior. Primeiro, você vai localizar esse trecho no texto, ler os arredores (contexto), e depois, sim, aí você vai ler cada uma das cinco alternativas e vai buscar a que mais bem reescreva o que você leu no texto.

Bom, no texto, diz-se "o Brasil esqueceu muita coisa" e a banca quer saber o que que quer dizer esse "muita coisa'', então isso esta lá no penúltimo paragrafo, vamos lá!

Lá, ao ler o contexto, o autor diz : Ao construir um modelo de concórdia, que combina com a fachada do povo pobre, mas alegre, que se expressa pelo carnaval, o samba e o futebol, o Brasil esqueceu muita coisa". Pronto! Perceba que antes desse trecho, estava-se falando de coisas positivas do Brasil, e que agora só vai se falar do negativo. Continue lendo… Porque o que você vai ler agora é o que você vai marcar como resposta.

É a reescritura do que vem depois desse trecho que será a resposta. Você entendeu como é que você vai agir na hora da questão? Você vai continuar lendo. Perceba que, na sequência, você vai ler: "…Foi o último país do mundo a abolir a escravidão, um dos seus maiores heróis nacionais Tiradentes foi esquartejado, o Brasil dizimou uma população masculina de um país vizinho…" Entendeu? Pois bem!

Agora você vai buscar a alternativa que mais bem reescreva o que você acabou de ler. A resposta é letra B. Por que que a resposta é a letra B? Porque a letra B reescreve o que veio no contexto. A letra B, olha que perfeição, ela reescreve o que veio antes e o depois, indica razões que se contrapõem à imagem de país cordial. Por que se contrapõe? Você acabou de ler, esse muita coisa é o quê? É tudo de ruim que o Brasil fez, quer dizer, Tiradentes foi esquartejado, dizimou a população… A letra B é a paráfrase do que você acabou de ler, entendeu?

Vamos ver as outras opções?

A letra A fala em "ignorância da população em relação ao seu passado histórico". Quem marcou letra A pensou mais ou menos assim, "ah realmente esse povo é muito ignorante, não sabe do seu passado…". Trata-se de uma extrapolação.

Na letra C, menciona-se uma "semelhança entre nossa história e os países vizinhos". O autor não veio falar isso, ele veio contrapor aspectos positivos e negativos da imagem do brasileiro. A letra C extrapola.

Quanto à letra D, fala-se em ironia à atitude intelectual dos historiadores. O texto tem esse objetivo? Volte ao texto, releia aquele trecho que indiquei, se necessário, e você verá que temos aqui mais uma extrapolação.

Na letra E, diz-se "…Comprova uma diferença entre uma visão oficial e a visão dos historiadores…". Não, realmente há uma diferença entre duas visões, mas a visão oficial do texto é a visão dos historiadores… Fala-se da mesma coisa duas vezes!

26.2. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

Leia o texto a seguir para responder à questão 1.

Abraçando árvore

Não era uma felicidade eufórica, estava mais pra uma brisa de contentamento, como se eu bebesse vinho branco à beira-mar.

Eu tinha acordado cedo naquela sexta – e acordar cedo sempre me predispõe à felicidade. O trabalho havia rendido bem e, antes do fim da manhã, já tinha acabado de escrever tudo o que me propusera para o dia. À uma, fui almoçar com o meu editor. Ele estava com alguns capítulos do meu livro novo desde dezembro e eu temia que não tivesse gostado. Gostou. Comemos um peixe na brasa – peixe e brasa também costumam me predispor à felicidade – e como era sexta-feira, e como somos amigos, e como comemorávamos essa pequena alegria que é uma parceria funcionar, brindamos com vinho branco – não à beira-mar, mas à beira do Cemitério da Consolação, que pode não ter a grandeza de um Atlântico, mas também tem lá os seus pacíficos encantos.

Saí andando meio emocionado, meio sem rumo pela tarde ensolarada e quando vi estava em frente à paineira da Biblioteca Mario de Andrade. É uma árvore gigante, que provavelmente já estava ali antes do Mario de Andrade nascer, continuou ali depois de ele morrer e continuará ali depois que todos os 18 milhões de habitantes que hoje perambulam pela cidade de São Paulo estiverem abaixo de suas raízes. Talvez tenha sido o assombro com essa longevidade, talvez acordar cedo, talvez os elogios ao livro, e o vinho certamente colaborou: fato é que senti uma súbita vontade de abraçar aquela árvore.

Acho importante deixar claro, inclemente leitor, que não sou do tipo que abraça árvore. Na verdade, sou do tipo que faz piada com quem abraça árvore. Se me contassem, até a última sexta, que algum amigo meu foi visto abraçando uma paineira na rua da Consolação eu diria, sem pestanejar: enlouqueceu. Mas...

Olhei prum lado. Olhei pro outro. Tomei coragem e foi só sentir o rosto tocar o tronco para ouvir: "Antonio?!". Era meu editor. Foram dois segundos de desespero durante os quais contemplei o distrato do livro, a infâmia pública, o alcoolismo e a mendicância, mas só dois segundos, pois meu inconsciente, consciente do perigo, me lançou a ideia salvadora. "Uma braçada", disse eu, girando pra esquerda e envolvendo a árvore novamente, "duas braçadas e... três". Então encarei, seguro, meu possível verdugo: "Três braçadas dá o quê? Uns cinco metros de perímetro? Tava medindo pra descrever, no livro. Tem uma parte mais no

fim em que essa paineira é importante".

Colou. Nos despedimos. Ele foi embora prum lado, a minha felicidade pro outro e agora estou aqui, já noite alta desta sexta-feira, tentando enfiar a todo custo um tronco de quase dois metros de diâmetro num livro em que, até então, não havia nem uma samambaia.

(Adaptado de: PRATA, Antonio. Disponível em: www.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/2016/01/1730364-abracando-arvore.shtml. Acesso em: 18.01.2016.)

1. (TRF3 – Técnico Judiciário – FCC – Abril/2016)

Para o autor, o ato de abraçar a paineira representou

a) a possibilidade de acelerar a conclusão de seu novo livro, já que a árvore era o elemento que faltava para enriquecer sua história.

b) o transbordamento de um estado de exaltação em face da beleza natural que contrastava com o aspecto deprimente da cidade de São Paulo.

c) a expressão de um sentimento aprazível, que dá lugar à frustração e ao constrangimento após ser flagrado por seu editor.

d) o desfecho infeliz de uma manhã de projetos bem-sucedidos, em razão do qual seu trabalho se viu malogrado de modo irreversível.

e) a demonstração de seu amor pela cidade de São Paulo, a qual, por ser cosmopolita, serve de ambientação a seu novo livro.

Leia o texto a seguir para responder à questão 2.

Cidades inteligentes, até demais

O conceito de "cidade inteligente" se popularizou como estratégia de solução e gerenciamento de problemas urbanos. Diz respeito à confluência de informação que circula em grandes cidades e ao uso da tecnologia para automatizar a gestão de setores urbanos, desde bases de dados de saúde e educação públicas, por exemplo, até os dados pessoais que circulam em redes sociais e aplicativos móveis. O advogado Cristiano Therrien, pesquisador em Direito da Tecnologia na Universidade de Montreal, no Canadá, conversou com o **Observatório da Privacidade e Vigilância** sobre o tema.

Observatório da Privacidade e Vigilância: O que é uma cidade inteligente?

Cristiano Therrien: Cidades inteligentes, cidades conectadas, cibercidades, cidades responsivas, são muitas as nomenclaturas usadas para destacar a dimensão informativa da cidade. Quando usamos essa terminologia, falamos da cidade enquanto um espaço de fluxos. A maioria das tecnologias necessárias para as cidades inteligentes já são viáveis economicamente em todo o mundo – fácil acessibilidade da computação em nuvem, dispositivos baratos de internet, sistemas de TI cada vez mais flexíveis. As duas cidades mais destacadas nos estudos de cidades inteligentes são Londres e Barcelona. Há experiências importantes em cidades brasileiras também.

OPV: A ideia de cidade inteligente sempre aparece relacionada à abertura de bases de dados por parte dos órgãos públicos. Você pode falar sobre isso?

CT: Encontramos muitas experiências diferentes em andamento nas cidades: uma parte prioriza a transparência como meio de prestação de contas e responsabilidade política frente à sociedade civil, como a ideia de governo aberto; outra parte prioriza a participação popular através da interatividade, bem como a cooperação técnica para o reúso de dados abertos por entidades e

empresas.

Mas, se pensarmos na alternativa de projetos de cidades inteligentes que não envolvam políticas públicas de dados abertos, que não prestem conta detalhada de suas atividades, ao mesmo tempo em que disponham dos sofisticados sistemas para o gerenciamento de dados de cidadãos em larga escala, encontraremos condições para o surgimento de um estado de vigilância e controle, pondo em risco as liberdades individuais.

Em nome da eficiência administrativa, podem-se armazenar, por exemplo, enormes massas de dados de mobilidade urbana (placas e identificação por radiofrequência em veículos, passes e GPS em ônibus), cujos bancos de dados podem ou não intencionalmente identificar seus usuários. Dados de mobilidade são de grande utilidade pública e podem ser " anonimizados" (ter os seus identificadores pessoais eliminados) e abertos. Contudo, existem estudos que apontam que bastariam meros quatro pontos de dados para identificar os movimentos de uma pessoa na cidade.

(Adaptado de: "Observatório da Privacidade e Vigilância". Disponível em: www.cartacapital.com.br/sociedade/cidadesinteligentes-atedemais. Acesso em: 18.01.2016.)

2. (TRF3 – Técnico Judiciário – FCC – Abril/2016)

O conceito de " cidade inteligente" envolve, entre outros,

a) a ideia de governança transparente, que equivale ao tratamento consensual dado a questões de ordem pública.

b) a solução de problemas públicos, por meio da contratação de consórcios privados ofertados em ambiente virtual.

c) o registro e a circulação de dados informatizados, visando ao atendimento de demandas da administração pública.

d) o rastreamento de indivíduos, promovido por empresas especializadas em prevenir a violência em meios digitalizados.

e) a eficiência administrativa, obtida pela criação de aplicativos móveis que priorizem a troca de dados pessoais.

Leia o texto a seguir para responder à questão 3.

Bem no fundo

no fundo, no fundo,

bem lá no fundo,

a gente gostaria

de ver nossos problemas

resolvidos por decreto

a partir desta data,

aquela mágoa sem remédio

é considerada nula

e sobre ela – silêncio perpétuo

extinto por lei todo o remorso,

maldito seja quem olhar pra trás,

Lá pra trás não há nada,

e nada mais

mas problemas não se resolvem,

problemas têm família grande,

e aos domingos saem todos passear

o problema, sua senhora

e outros pequenos probleminhas.

(LEMINSKI, Paulo. *Poesia contemporânea*. Instituto Cultural Itaú. São Paulo: ICI, 1997, p. 61. [Cadernos Poesia Brasileira; v. 4])

3. (TRF3 – Técnico Judiciário – FCC – Abril/2016)

Para o poeta,

a) problemas coletivos só vão se resolver com a cooperação dos indivíduos.

b) problemas familiares tornam-se insolúveis se destituídos da mediação das leis.

c) problemas pessoais se agravam quando sua resolução não é imediata.

d) problemas estruturais não se resolvem por meio de regulamentações.

e) problemas sociais não podem ser resolvidos senão com a intervenção do governo.

Leia o texto a seguir para responder à questão 4.

O museu é considerado um instrumento de neutralização – e talvez o seja de fato. Os objetos que nele se encontram reunidos trazem o testemunho de disputas sociais, de conflitos políticos e religiosos. Muitas obras antigas celebram vitórias militares e conquistas: a maior parte presta homenagem às potências dominantes, suas financiadoras. As obras modernas são, mais genericamente, animadas pelo espírito crítico: elas protestam contra os fatos da realidade, os poderes, o estado das coisas. O museu reúne todas essas manifestações de sentido oposto. Expõe tudo junto em nome de um valor que se presume partilhado por elas: a qualidade artística. Suas diferenças funcionais, suas divergências políticas são apagadas. A violência de que participavam, ou que combatiam, é esquecida. O museu parece assim desempenhar um papel de pacificação social. A guerra das imagens extingue-se na pacificação dos museus.

Todos os objetos reunidos ali têm como princípio o fato de terem sido retirados de seu contexto. Desde então, dois pontos de vista concorrentes são possíveis. De acordo com o primeiro, o museu é por excelência o lugar de advento da Arte enquanto tal, separada de seus pretextos, libertada de suas sujeições. Para o segundo, e pela mesma razão, é um " depósito de despojos". Por um lado, o museu facilita o acesso das obras a um status estético que as exalta. Por outro, as reduz a um destino igualmente estético, mas, desta vez, concebido como um estado letárgico.

A colocação em museu foi descrita e denunciada frequentemente como uma desvitalização do simbólico, e a musealização progressiva dos objetos de uso como outros tantos escândalos sucessivos. Ainda seria preciso perguntar sobre a razão do " escândalo". Para que haja escândalo, é necessário que tenha havido atentado ao sagrado. Diante de cada crítica escandalizada dirigida ao museu, seria interessante desvendar que valor foi previamente sacralizado. A Religião? A Arte? A singularidade absoluta da obra? A Revolta? A Vida autêntica? A integridade do Contexto original? Estranha inversão de perspectiva. Porque, simultaneamente, a crítica mais comum contra o museu apresenta-o como sendo, ele próprio, um órgão de sacralização. O

museu, por retirar as obras de sua origem, é realmente " o lugar simbólico onde o trabalho de abstração assume seu caráter mais violento e mais ultrajante". Porém, esse trabalho de abstração e esse efeito de alienação operam em toda parte. É a ação do tempo, conjugada com nossa ilusão da presença mantida e da arte conservada.

(Adaptado de: GALARD, Jean. *Beleza Exorbitante*. São Paulo, Fap.-Unifesp, 2012, p. 68-71)

4. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

De acordo com o texto,

a) o museu, enquanto depósito de despojos, confere destaque às características estéticas das obras, uma vez que apaga seu contexto social de produção.

b) o caráter antagônico dos museus pode ser expresso por dois pontos de vista: o da neutralização das obras modernas e o da evidenciação das lutas políticas nas obras antigas.

c) a crítica ao museu como um lugar que desmistifica a arte traz em seu bojo uma contradição, pois as acusações mais comuns lhe imputavam o mais das vezes a sacralização das obras.

d) o contexto original das obras, restaurado pelos museus, não oblitera as razões sociopolíticas que as engendraram, o que costuma ser motivo de crítica a essas instituições.

e) a junção das mais diversas obras de arte evidencia os conflitos políticos que as motivaram e que opõem diferentes matrizes estéticas, de modo que a função pacificadora dos museus pode ser questionada.

Leia o texto a seguir para responder à questão 5.

Platão argumenta que o tempo (*chrónos*) " é a imagem móvel da eternidade (*aión*) movida segundo o número" (**Timeu**, 37d). Partindo do dualismo entre mundo inteligível e mundo sensível, Platão concebe o tempo como uma aparência mutável e perecível de uma essência imutável e imperecível – eternidade. Enquanto que o tempo (*chrónos*) é a esfera tangível móbil, a eternidade (*aión*) é a esfera intangível imóbil. Sendo uma ordem mensurável em movimento, o tempo está em permanente alteridade. O seu domínio é caracterizado pelo devir contínuo dos fenômenos em ininterrupta mudança.

Posto que o tempo (*chrónos*) é uma imagem, ele não passa de uma imitação (*mímesis*) da eternidade (*aión*). Ou seja, o tempo é uma cópia imperfeita de um modelo perfeito – eternidade. Isso significa que o tempo é uma mera sombra da eternidade. Considerando que somente a região imaterial das formas puras existe em si e por si, podemos dizer que o tempo platônico é uma ilusão. Ele é real apenas na medida em que participa do ser da eternidade.

(DIVINO, Rafael. Sobre O tempo em Platão e Aristóteles, de R. Brague. Disponível em: https://serurbano.wordpress.com/ 2010/02/26/tempo-em-platao/. Acessado em: 28.12.2015)

5. (SEDU-ES – Professor B – FCC – Jan./2016)

De acordo com o texto,

a) o tempo, na visão platônica, não existe senão no mundo das ideias, pois a realidade é na verdade marcada pela ausência de mudanças, por mais que as aparências insistam em indicar o contrário.

b) tempo e eternidade, segundo Platão, são ambos ilusórios, já que o tempo apenas imita a eternidade, ao passo que esta não pode ter sua existência comprovada pelos sentidos.

c) as transformações vistas por nós ao longo do tempo, de acordo com Platão, participam do mundo sensível e, desse modo, são apenas reflexo da eternidade que caracteriza o mundo inteligível.

d) o dualismo platônico leva o filósofo grego ao estabelecimento de uma separação estanque entre o tempo, que conhecemos por meio dos sentidos, e o devir, que só é alcançado pelas ideias.

e) os fenômenos do mundo sensível e os modelos do mundo inteligível, segundo Platão, sofrem a ação do tempo, mas a constatação dessas pequenas mudanças não pode se dar em prejuízo do reconhecimento da preeminência da eternidade.

Leia o texto a seguir para responder à questão 6.

O revolucionário projeto de viagem interestelar apoiado por Stephen Hawking para tentar "salvar a humanidade"

Um programa de pesquisa de US$ 100 milhões (cerca de R$ 350 milhões) para o desenvolvimento de " naves estelares" do tamanho de pequenos *chips* eletrônicos foi lançado pelo milionário Yuri Milner e apoiado pelo fundador do Facebook, Mark Zuckerberg.

A viagem interestelar tem sido um sonho para muitos, mas ainda enfrenta barreiras tecnológicas. Entretanto, o físico Stephen Hawking disse à BBC News que a fantasia pode ser realizada mais cedo do que se pensa. " Para que nossa espécie sobreviva, precisamos finalmente alcançar as estrelas", disse. " Os astrônomos acreditam que haja uma chance razoável de termos um planeta parecido com a Terra orbitando estrelas no sistema Alfa Centauri. Mas saberemos mais nas próximas duas décadas por intermédio de dados dos nossos telescópios na Terra e no espaço."

O projeto apoiado pelo físico ambiciona produzir aeronaves do tamanho de um chip usado em equipamentos eletrônicos e lançar milhares dessas " mininaves" na órbita da Terra. Mas antes de projetar naves espaciais capazes de chegar a outras estrelas, há muitos problemas a serem superados. Uma prioridade é desenvolver câmeras, instrumentos e sensores em miniatura.

Stephen Hawking acredita que o que antes era um sonho distante pode e deve se tornar uma realidade dentro de três décadas. " Não é sábio manter todos os novos ovos em uma cesta frágil", disse ele. " A vida na Terra enfrenta perigos astronômicos como asteroides e supernovas."

(Adaptado de: GHOSH, Pallab. O revolucionário projeto de viagem interestelar apoiado por Stephen Hawking para tentar "salvar a humanidade". Disponível em: www.bbc.com/portuguese/ noticias/2016/04/160412 _interestelar_np)

6. (Copergás/PE – Téc. Seg. Trabalho – FCC – Jul./2016)

Uma afirmativa condizente com as informações do texto é:

a) Nas próximas décadas, um projeto milionário deverá construir espaçonaves capazes de transportar humanos a estrelas do sistema Alfa Centauri.

b) Naves de tamanho muito pequeno foram produzidas por pesquisadores financiados pelo milionário Yuri Milner e por Mark Zuckerberg.

c) O projeto apoiado por Stephen Hawking tem o objetivo de evitar que asteroides se choquem com a Terra nos próximos vinte anos.

d) O físico Stephen Hawking lidera pesquisadores na confecção de *chips* que serão inseridos em pequenos telescópios na Terra e no espaço.

e) Ainda existem muitos obstáculos a serem vencidos até que seja possível concretizar o projeto de lançar as pequenas naves ao

espaço.

Leia o texto a seguir para responder à questão 7.

Paraíso achado

Durante muito tempo, apenas a olhava de longe, sem outra pretensão que apenas apreciá-la. Até que um dia, num passeio demonstrativo de canoagem, o mar estava agitado e nos obrigou a ancorar naquela praia pequena e deserta, de onde avistávamos a cidade do outro lado do canal do estuário. Tão pequena, que nos deixava ouvir claramente cada onda se desmanchar ao tocar a areia. Tão simples, que abrigava poucas construções.

Passei a manhã e a tarde naquele paraíso recém-descoberto e vaguei pelas ruelas, visitando um novo mundo.

Desde então, penso naquele refúgio com carinho especial e o visito sempre que posso, para sorver seu silêncio, a areia fofa, os cães sem nome, os moradores e seus afazeres. A pele vai ficando escura; os pensamentos, claros.

(MARTINS, Madô. Paraíso achado. In: Rubem – *Revista da Crônica* – Notícias, entrevistas, resenhas e textos feitos ao rés-do-chão. Disponível em: https://rubem.wordpress.com/2016/04/08/paraiso-achado-mado-martins)

7. (Copergás/PE – Téc. Seg. Trabalho – FCC – Jul./2016)

Com a expressão *"novo mundo"* (2º parágrafo), a autora

a) caracteriza a praia na qual ancorou forçosamente como um lugar protegido contra os males da civilização.

b) descreve um cenário paradisíaco, criado por sua imaginação enquanto permanece no canal do estuário de sua cidade.

c) representa um lugar selvagem e inabitado próximo à cidade em que mora, aonde vai descansar quando possível.

d) apresenta a ilha que visitou por ocasião de um passeio de canoagem muito tranquilo nas proximidades de sua cidade.

e) retrata um refúgio de calmaria e belezas naturais que encontrou para pernoitar durante uma viagem de navio.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 8 e 9.

Inquilinos

Ninguém é responsável pelo funcionamento do mundo. Nenhum de nós precisa acordar cedo para acender as caldeiras e checar se a Terra está girando em torno de seu próprio eixo na velocidade apropriada e em torno do Sol, de modo a garantir a correta sucessão das estações. Como num prédio bem administrado, os serviços básicos do planeta são providenciados sem que se enxergue o síndico – e sem taxa de administração. Imagine se coubesse à humanidade, com sua conhecida tendência ao desleixo e à improvisação, manter a Terra na sua órbita e nos seus horários, ou se – coroando o mais delirante dos sonhos liberais – sua gerência fosse entregue a uma empresa privada, com poderes para remanejar os ventos e suprimir correntes marítimas, encurtar ou alongar dias e noites, e até mudar de galáxia, conforme as conveniências do mercado, e ainda por cima sujeita a decisões catastróficas, fraudes e falência.

É verdade que, mesmo sob o atual regime impessoal, o mundo apresenta falhas na distribuição dos seus benefícios, favorecendo alguns andares do prédio metafórico e martirizando outros, tudo devido ao que só pode ser chamado de incompetência administrativa. Mas a responsabilidade não é nossa. A infraestrutura já estava pronta quando nós chegamos.

(Adaptado de: VERISSIMO, Luis Fernando. *O mundo é bárbaro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008, p. 19)

8. (Eletrobras/Eletrosul – Adm. Empres. – FCC – Jun./2016)

Para bem comparar o funcionamento do mundo à boa administração de um prédio, o autor do texto se vale do fato de que, em ambos os casos,

a) as necessidades humanas imprimem a tudo as leis do mercado, a fim de evitar nossas falhas pessoais.

b) a distribuição e a qualidade dos serviços costumam ser justas, salvo em casos excepcionais.

c) a presença de um síndico só se faz sentir de modo positivo quando se trata de prevenir catástrofes.

d) a infraestrutura se acomoda às necessidades dos usuários, não cabendo falar em incompetência administrativa.

e) os serviços se oferecem com certa naturalidade, sem que se perceba a presença de um responsável.

9. (Eletrobras/Eletrosul – Adm. Empres. – FCC – Jun./2016)

Atente para as seguintes afirmações:

I. O autor mostra-se descrente quanto à competência dos homens para administrar o funcionamento do mundo, tal como acusa o segmento *mesmo sob o atual regime impessoal*.

II. As expressões *gerência* (...) *entregue a uma empresa privada* e *conveniências do mercado* ajudam a ilustrar o que entende o autor por *sonhos liberais*.

III. Ao dizer que a *infraestrutura já estava pronta quando nós chegamos*, o autor exime a humanidade de responder pelo que seriam as falhas de funcionamento do mundo natural.

Em relação ao texto, está correto o que se afirma em

a) I, II e III.

b) I e II, apenas.

c) I e III, apenas.

d) II e III, apenas.

e) II, apenas.

Leia o texto a seguir para responder às questões de 10 – 12.

Texto I

Naquele novo apartamento da rua Visconde de Pirajá pela primeira vez teria um escritório para trabalhar. Não era um cômodo muito grande, mas dava para armar ali a minha tenda de reflexões e leitura: uma escrivaninha, um sofá e os livros. Na parede da esquerda ficaria a grande e sonhada estante onde caberiam todos os meus livros. Tratei de encomendá-la a seu Joaquim, um marceneiro que tinha oficina na rua Garcia D' Ávila com Barão da Torre.

O apartamento não ficava tão perto da oficina. Era quase em frente ao prédio onde morava Mário Pedrosa, entre a Farme de Amoedo e a antiga Montenegro, hoje Vinicius de Moraes. Estava ali havia uma semana e nem decorara ainda o número do prédio. Tanto que, quando seu Joaquim, ao preencher a nota de encomenda, perguntou-me onde seria entregue a estante, tive um momento de hesitação. Mas foi só um momento. Pensei rápido: " Se o prédio do Mário é 228, o meu, que fica quase em frente, deve ser 227". Mas lembrei-me de que, ao ir ali pela primeira vez, observara que, apesar de ficar em frente ao do Mário, havia uma diferença na numeração.

– Visconde de Pirajá, 127 – respondi, e seu Joaquim desenhou o endereço na nota.

– Tudo bem, seu Ferreira. Dentro de um mês estará lá sua estante.

– Um mês, seu Joaquim! Tudo isso? Veja se reduz esse prazo.

– A estante é grande, dá muito trabalho... Digamos, três semanas.

Ferreira Gullar. A estante. In: *A estranha vida banal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989 (com adaptações).

(INSS – Técnico Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

No que se refere aos sentidos do **texto I**, julgue os próximos itens.

10. O trecho "dá muito trabalho" (l. 16) constitui uma referência de seu Joaquim à confecção da estante, tarefa que, segundo ele, seria trabalhosa.

11. De acordo com as informações do texto, Vinicius de Moraes passou a morar no apartamento onde antes residia Mário Pedrosa.

12. O "momento de hesitação" (l. 9) vivido pelo narrador deveu-se ao medo de informar o endereço a um desconhecido.

Leia o texto a seguir para responder à questão 13.

Levantou-se da cama o pobre namorado sem ter conseguido dormir. Vinha nascendo o Sol.

Quis ler os jornais e pediu-os.

Já os ia pondo de lado, por haver acabado de ler, quando repentinamente viu seu nome impresso no **Jornal do Comércio**.

Era um artigo *a pedido* com o título de **Uma Obra-Prima**.

Dizia o artigo:

Temos o prazer de anunciar ao país o próximo aparecimento de uma excelente comédia, estreia de um jovem literato fluminense, de nome Antônio Carlos de Oliveira.

Este robusto talento, por muito tempo incógnito, vai enfim entrar nos mares da publicidade, e para isso procurou logo ensaiar-se em uma obra de certo vulto.

Consta-nos que o autor, solicitado por seus numerosos amigos, leu há dias a comédia em casa do Sr. Dr. Estêvão Soares, diante de um luzido auditório, que aplaudiu muito e profetizou no Sr. Oliveira um futuro Shakespeare.

O Sr. Dr. Estêvão Soares levou a sua amabilidade ao ponto de pedir a comédia para ler segunda vez, e ontem ao encontrar-se na rua com o Sr. Oliveira, de tal entusiasmo vinha possuído que o abraçou estreitamente, com grande pasmo dos numerosos transeuntes.

Da parte de um juiz tão competente em matérias literárias este ato é honroso para o Sr. Oliveira.

Estamos ansiosos por ler a peça do Sr. Oliveira, e ficamos certos de que ela fará a fortuna de qualquer teatro.

O amigo das letras.

Machado de Assis. A mulher de preto. In: *Contos fluminenses*. São Paulo: Globo, 1997 (com adaptações).

13. (INSS – Analista Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

No que se refere aos sentidos e às características tipológicas do texto, julgue o item que se segue.

No texto, a palavra " fortuna" (l. 18) pode ser interpretada tanto como **sucesso** quanto como **riqueza**.

Leia o texto a seguir para responder à questão 14.

Texto II

Os lixões são depósitos sem qualquer controle, fontes de enormes impactos ambientais, causadores de contaminações – como, por exemplo, contaminações do solo, dos lençóis freáticos, das fontes de água – e lugares responsáveis pela proliferação de insetos transmissores de inúmeras doenças. São, portanto, um perigo constante à saúde e à qualidade de vida de todos. Os lixões deverão dar lugar a aterros sanitários, que, se não representam uma solução perfeita, ao menos são locais mais adequados para o depósito dos rejeitos, uma vez que evitam problemas como os citados anteriormente.

As cidades precisam se comprometer a dar cumprimento à Lei Nacional de Resíduos Sólidos. Uma maneira de fazer isso é adotar políticas de gestão eficiente dos resíduos a fim de que a menor quantidade possível desses materiais precise ser encaminhada para os aterros. Para que isso seja possível, será necessária a implantação ou a ampliação da coleta seletiva de lixo, além de apoio efetivo ao trabalho desenvolvido pelas cooperativas de catadores. Capacitar essas pessoas e dar-lhes condições dignas de trabalho são requisitos fundamentais para o sucesso da lei e para a melhoria das condições de vida e de trabalho desses profissionais. Mais de um milhão de pessoas trabalham e sobrevivem da reciclagem, muitas delas em condições bastante precárias.

O Brasil produz mais de 220 mil toneladas de lixo domiciliar por dia, o que resulta em mais de um quilo de lixo por pessoa. Ao menos 90% de todo esse material poderia ser reaproveitado, reutilizado ou reciclado. Apenas 3% acabam sendo efetivamente reciclados, um destino mais nobre do que o de se degradar e contaminar o nosso ambiente. Os especialistas calculam que o Brasil deixa de ganhar ao menos 8 bilhões de reais por ano por não reciclar toda essa grande quantidade de resíduos gerados no país.

Reinaldo Canto. As cidades brasileiras conseguirão tratar seu lixo? Disponível em: <www.cartacapital.com.br> (com adaptações).

14. (Pref. SP – Agente Gestão P. Públicas – Cespe – Maio/2016)

Para o autor do texto II, a solução do problema do lixo nas cidades grandes passa pela:

a) atribuição da responsabilidade pelos lixões às cooperativas de catadores.

b) diminuição da quantidade diária de resíduos produzidos pelas pessoas.

c) estipulação de uma política de gestão dos resíduos para acabar com os aterros.

d) capacitação e valorização dos trabalhadores que lidam com o lixo.

e) promoção da reciclagem doméstica do lixo para não sobrecarregar os trabalhadores dos aterros.

Leia o texto a seguir para responder à questão 15.

Texto CG1A1BBB

Eu tinha muito orgulho daquela espada dourada, não mais de dois centímetros, espetada na gola da camisa do colégio. Na minha turma da quarta série primária, era a única. Não me lembro que houvesse outras como ela entre os meus colegas da escola. Não do meu candidato. O broche que algumas crianças usavam trazia uma pequena vassoura. E era do " meu" adversário.

Porque aqueles símbolos, diminutos, eram tão fortes, talvez explique o fato de que – até muito tempo depois da tristeza e perplexidade que senti na derrota de Lott diante de Jânio Quadros – quando pensava naquela que foi a minha "primeira" campanha, eu lembrasse dela, basicamente, como uma eleição na qual minha espada havia sido, inexplicavelmente, derrotada por uma vassoura.

Aquele ano marcaria o despertar do meu interesse pela política.

Antônio Lavareda. *Emoções ocultas e estratégias eleitorais*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009 (com adaptações).

15. (PC-PE – Todos os Cargos – Conhec. Gerais – Cespe – Jun./2016)

Com relação ao texto CG1A1BBB e às ideias nele presentes, assinale a opção correta.

a) A maioria das crianças do colégio tinha preferência pelo candidato Lott.

b) O texto apresenta características típicas do gênero relato.

c) A vassoura representa, no texto, a candidatura de Lott.

d) O texto é predominantemente argumentativo.

e) No texto, o narrador descreve as emoções que teve ao votar pela primeira vez em eleições oficiais.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 16 – 19.

Texto I

"Ah, o Brasil, que país!", exclama uma personagem de **La Vie Dangereuse**. "Que país, esse Brasil!", repetirão, com diferentes entonações, o melancólico capitão de longo curso, um agente da Terceira Internacional, a mulher de um diplomata reformado. Na verdade, as dimensões míticas desse subcontinente verde, sobrecarregado de movimento e de vida, só poderiam fascinar a imaginação de Blaise Cendrars. Viajante sem bagagem e sem descanso, o poeta do **Transiberiano** já se havia declarado irrevogavelmente contra as descrições de paisagens. Penetrar as coisas, interpretá-las, descrever ao seu modo animais e homens era a missão do viajante algo entediado.

A dança da paisagem... As sempre mesmas Europas... Diante delas: o Brasil, vaga expressão geográfica, país novo, quase um desconhecido de si mesmo, imenso laboratório de culturas onde coexistiam as mais contraditórias experiências de tempo social. A síntese psicológica e cultural, a paisagem humana feita de contrastes tão variados do Brasil teriam de exercer gradativamente sobre Cendrars atração irresistível.

Mesmo antes da Grande Guerra – está-se farto de saber –, o jovem escritor suíço pretendia, com argumentos mais ou menos míticos, haver conhecido os países decisivos do mundo, da China aos Estados Unidos da América, da Alemanha ao Egito. O seu prestígio no mundo literário, consolidado já a partir de 1912 – data da primeira edição de **Les Pâques à New York** –, crescera definitivamente, no ano seguinte, com a **Prose du Transsibérien et de la Petite Jehanne de France**, para não falarmos de outros textos que publica em revistas de vanguarda. É preciso não esquecer também algumas *plaquettes* ilustradas pelos pintores cubistas mais conhecidos, e que os colecionadores disputam. A **Anthologie Nègre**, de 1921, vem a ser um êxito de público e de crítica; consegue mesmo rejuvenescer um pouco ainda a moda primitivista, já em desfavor nos meios mais à vanguarda.

É depois da publicação da **Anthologie** que o compositor Darius Milhaud, interessado pelo *jazz* desde o final da guerra, procura a colaboração do poeta para um balé de tema negro que deseja compor. De 1917 a 1918, Milhaud fora adido à Legação francesa

no Rio de Janeiro. Viera para essa cidade a convite de Paul Claudel, então chefe da missão diplomática do seu país junto ao governo brasileiro, e que não desejava interromper a colaboração intelectual que ambos mantinham na Europa. Compositor e poeta continuarão a trabalhar juntos no Brasil, em busca de uma integração dramática entre música e teatro declamado. Para Darius Milhaud, entretanto, que também escreve a música incidental para a farsa lírica **O Urso e a Lua**, do seu chefe, a descoberta da música popular brasileira – o maxixe, o choro, o tanguinho, o samba –, com os seus problemas específicos de ritmo, foi muito estimulante. No Rio, ele conhecera o jovem Villa-Lobos – para quem Stravinski acabara de ser uma revelação –, que começava a encarar a possibilidade de utilizar, de maneira orgânica, o vasto folclore nacional. Por sua vez, Milhaud, introduzido no ambiente da música popular do Rio, recolhe o material que utilizará em seguida no **Boeuf sur le Toît**, chaplinesca " cinema-sinfonia sobre temas sul-americanos", cujo título e frenético dinamismo se inspiram, entre outros motivos, no maxixe **Boi no Telhado**, de Zé Boiadêro.

Darius Milhaud foi, sem dúvida, o primeiro intelectual a despertar a curiosidade de Cendrars pelo Brasil. Conhecedor do singular temperamento do amigo novo, o compositor percebeu o interesse que a experiência de um mundo inteiramente inédito – dessa paisagem deveras *anônima*, conforme Gobineau a classificara com hepático mau humor cinquenta anos antes – iria provocar no poeta do **Panama**. Mesmo assim, é pouco provável que, nessa época, Cendrars alimentasse o mais vago propósito de partir para a América do Sul, rumo ao país delirante e ingênuo dos bois no telhado. Os acontecimentos, porém, se precipitam.

La Création du Monde seria dançada pelos Ballets Suédois, de Rolf de Maré, em outubro de 1923, e, em janeiro do ano seguinte, com o irônico desprendimento do turista ocasional, Cendrars estava zarpando para o Brasil a bordo do Formoso, vapor que batia bandeira francesa.

Alexandre Eulálio. *A aventura brasileira de Blaise Cendrars*. São Paulo: Quíron, 1978, p.14-6 (com adaptações).

(Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Com relação às ideias desenvolvidas no texto I, julgue (C ou E) os itens subsequentes.

16. O trecho "paisagem deveras *anônima*" (l. 37), que apresenta expressão atribuída a Gobineau, faz referência a um lugar novo e ainda desconhecido, tendo sentido similar ao do trecho "um mundo inteiramente inédito" (l. 37).

17. Segundo o autor do texto, Blaise Cendrars foi instigado a viajar ao Brasil devido à existência, no país, de ritmos musicais exóticos, entre os quais o maxixe.

18. Darius Milhaud, compositor que exerceu funções diplomáticas no Rio de Janeiro, inspirou-se na música popular carioca para compor o **Boeuf sur le Toît**.

19. Porquanto, conforme o texto, Blaise Cendrars era "Viajante sem bagagem e sem descanso" (l. 5) e exibia "o irônico desprendimento do turista ocasional" (l. 43), é correto concluir que o "poeta do **Transiberiano**" (l. 5) viajava ao acaso, sem que o motivasse maior curiosidade pelos lugares a que se dirigia.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 20 – 22.

Texto 1 – O futuro da medicina

O avanço da tecnologia afetou as bases de boa parte das profissões. As vítimas se contam às dezenas e incluem músicos, jornalistas, carteiros etc. Um ofício relativamente poupado até aqui é o de médico. Até aqui. A crer no médico e "geek" Eric

Topol, autor de “ The Patient Will See You Now” (o paciente vai vê-lo agora), está no forno uma revolução da qual os médicos não escaparão, mas que terá impactos positivos para os pacientes.

Para Topol, o futuro está nos *smartphones*. O autor nos coloca a par de incríveis tecnologias, já disponíveis ou muito próximas disso, que terão grande impacto sobre a medicina. Já é possível, por exemplo, fotografar pintas suspeitas e enviar as imagens a um algoritmo que as analisa e diz com mais precisão do que um dermatologista se a mancha é inofensiva ou se pode ser um câncer, o que exige medidas adicionais.

Está para chegar ao mercado um apetrecho que transforma o celular num verdadeiro laboratório de análises clínicas, realizando mais de 50 exames a uma fração do custo atual. Também é possível, adquirindo lentes que custam centavos, transformar o *smartphone* num supermicroscópio que permite fazer diagnósticos ainda mais sofisticados.

Tudo isso aliado à democratização do conhecimento, diz Topol, fará com que as pessoas administrem mais sua própria saúde, recorrendo ao médico em menor número de ocasiões e de preferência por via eletrônica. É o momento, assegura o autor, de ampliar a autonomia do paciente e abandonar o paternalismo que desde Hipócrates assombra a medicina.

Concordando com as linhas gerais do pensamento de Topol, mas acho que, como todo entusiasta da tecnologia, ele provavelmente exagera. Acho improvável, por exemplo, que os hospitais caminhem para uma rápida extinção. Dando algum desconto para as previsões, “ The Patient...” é uma excelente leitura para os interessados nas transformações da medicina.

Folha de S. Paulo online – Coluna Hélio Schwartsman – 17/01/2016.

20. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

Segundo o autor citado no texto 1, o futuro da medicina:

a) encontra-se ameaçado pela alta tecnologia;

b) deverá contar com o apoio positivo da tecnologia;

c) levará à extinção da profissão de médico;

d) independerá completamente dos médicos;

e) estará limitado aos meios eletrônicos.

21. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

“ O avanço da tecnologia afetou as bases de boa parte das profissões. As vítimas se contam às dezenas e incluem músicos, jornalistas, carteiros etc.”.

Sobre os componentes desse segmento do texto 1, a afirmativa adequada é:

a) muitas profissões já foram perturbadas pelos avanços tecnológicos;

b) o emprego do vocábulo “ vítimas” mostra que algumas profissões já foram extintas;

c) as profissões mais afetadas foram as que oferecem serviços ao público;

d) o segundo período enumera as dezenas de profissões afetadas;

e) a forma “ etc.” mostra a desvalorização das profissões citadas.

22. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

De acordo com o texto 1, o título do livro de Topol – O paciente vai vê-lo agora – já mostra uma revolução, pois:

a) aponta mais conhecimento dos pacientes sobre as doenças;

b) mostra maior interesse dos pacientes pelo tratamento;

c) inverte as posições de médico e paciente;

d) indica maior rapidez no atendimento médico;

e) critica o mau atendimento dos médicos.

Leia o texto a seguir para responder à questão 23.

Texto 2 – Violência e favelas

O crescimento dos índices de violência e a dramática transformação do crime manifestados nas grandes metrópoles são alarmantes, sobretudo, na cidade do Rio de Janeiro, sendo as favelas as mais afetadas nesse processo.

" A violência está o cúmulo do absurdo. É geral, não é? É geral, não tem, não está distinguindo raça, cor, dinheiro, com dinheiro, sem dinheiro, tá de pessoa para pessoa, não interessa se eu te conheço ou se eu não te conheço. Me irritou na rua eu te dou um tiro. É assim mesmo que está, e é irritante, o ser humano está em um estado de nervos que ele não está mais se controlando, aí junta a falta de dinheiro, junta falta de tudo, e quem tem mais tá querendo mais, e quem tem menos tá querendo alguma coisa e vai descontar em cima de quem tem mais, e tá uma rivalidade, uma violência que não tem mais tamanho, tá uma coisa insuportável." (moradora da Rocinha)

A recente escalada da violência no país está relacionada ao processo de globalização que se verifica, inclusive, ao nível das redes de criminalidade. A comunicação entre as redes internacionais ligadas ao crime organizado são realizadas para negociar armas e drogas. Por outro lado, verifica-se hoje, com as CPIs (Comissão Parlamentar de Inquérito) instaladas, ligações entre atores presentes em instituições estatais e redes do narcotráfico.

Nesse contexto, as camadas populares e seus bairros/favelas são crescentemente objeto de estigmatização, percebidos como causa da desordem social o que contribui para aprofundar a segregação nesses espaços. No outro polo, verifica-se um crescimento da autossegregação, especialmente por parte das elites que se encastelam nos enclaves fortificados na tentativa de se proteger da violência.

(Maria de Fátima Cabral Marques Gomes, *Scripta Nova*)

23. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

O primeiro parágrafo do texto 2 alude à " dramática transformação do crime"; essa transformação só NÃO se refere à(às):

a) quantificação dos índices de violência;

b) internacionalização da criminalidade;

c) tipologia das atividades criminosas;

d) consequências do processo de globalização;

e) modificações nas penalidades legais.

Leia o texto a seguir para responder à questão 24.

Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador

A medicina do trabalho, enquanto especialidade médica, surge na Inglaterra, na primeira metade do século XIX, com a Revolução Industrial.

Naquele momento, o consumo da força de trabalho, resultante da submissão dos trabalhadores a um processo acelerado e desumano de produção, exigiu uma intervenção, sob pena de tornar inviável a sobrevivência e a reprodução do próprio processo.

Quando Robert Dernham, proprietário de uma fábrica têxtil, preocupado com o fato de que seus operários não dispunham de nenhum cuidado médico a não ser aquele propiciado por instituições filantrópicas, procurou o Dr. Robert Baker, seu médico, pedindo que indicasse qual a maneira pela qual ele, como empresário, poderia resolver tal situação, Baker respondeu-lhe:

" Coloque no interior da sua fábrica o seu próprio médico, que servirá de intermediário entre você, os seus trabalhadores e o público. Deixe-o visitar a fábrica, sala por sala, sempre que existam pessoas trabalhando, de maneira que ele possa verificar o efeito do trabalho sobre as pessoas. E se ele verificar que qualquer dos trabalhadores está sofrendo a influência de causas que possam ser prevenidas, a ele competirá fazer tal prevenção. Dessa forma você poderá dizer: meu médico é a minha defesa, pois a ele dei toda a minha autoridade no que diz respeito à proteção da saúde e das condições físicas dos meus operários; se algum deles vier a sofrer qualquer alteração da saúde, o médico unicamente é que deve ser responsabilizado".

A resposta do empregador foi a de contratar Baker para trabalhar na sua fábrica, surgindo, assim, em 1830, o primeiro serviço de medicina do trabalho.

Na verdade, despontam, na resposta do fundador do primeiro serviço médico de empresa, os elementos básicos da expectativa do capital quanto às finalidades de tais serviços:

– deveriam ser serviços dirigidos por pessoas de inteira confiança do empresário e que se dispusessem a defendê-lo;

– deveriam ser serviços centrados na figura do médico;

– a prevenção dos danos à saúde resultantes dos riscos do trabalho deveria ser tarefa eminentemente médica;

– a responsabilidade pela ocorrência dos problemas de saúde ficava transferida ao médico.

A implantação de serviços baseados nesse modelo rapidamente expandiu-se por outros países, paralelamente ao processo de industrialização e, posteriormente, aos países periféricos, com a transnacionalização da economia. A inexistência ou fragilidade dos sistemas de assistência à saúde, quer como expressão do seguro social, quer diretamente providos pelo Estado, via serviços de saúde pública, fez com que os serviços médicos de empresa passassem a exercer um papel vicariante, consolidando, ao mesmo tempo, sua vocação enquanto instrumento de criar e manter a dependência do trabalhador (e frequentemente também de seus familiares), ao lado do exercício direto do controle da força de trabalho.

MENDES, R; DIAS, E.C. Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador. *Revista Saúde Pública*, S.Paulo, 25: 341-9, 1991. Disponível em: <https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/2977.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2015. Adaptado.

24. (Basa – Médico do Trabalho – Cesgranrio – Set./2015)

Conforme se lê no 2º parágrafo do texto, a medicina do trabalho é criada em virtude de os industriais se preocuparem com

a) o bem-estar social do trabalhador

b) a submissão dos trabalhadores

c) a convivência harmoniosa nas fábricas

d) o descaso em relação aos trabalhadores

e) a viabilidade do processo de produção

Leia o texto a seguir para responder à questão 25.

A sociedade da informação e seus desafios

Dificilmente alguém discordaria de que a sociedade da informação é o principal traço característico do debate público sobre desenvolvimento, seja em nível local ou global, neste alvorecer do século XXI. Das propostas políticas oriundas dos países industrializados e das discussões acadêmicas, a ex-pressão " sociedade de informação" transformou-se rapidamente em jargão nos meios de comunicação, alcançando, de forma conceitualmente imprecisa, o universo vocabular do cidadão.

A expressão " sociedade da informação" passou a ser utilizada como substituta para o conceito complexo de " sociedade pós-industrial", como forma de transmitir o conteúdo específico do " novo paradigma técnico-econômico". A realidade que os conceitos das ciências sociais procuram expressar refere-se às transformações técnicas, organizacionais e administrativas que têm como " fator-chave" não mais os insumos baratos de energia – como na sociedade industrial – mas os insumos baratos de informação propiciados pelos avanços tecnológicos na microeletrônica e nas telecomunicações.

Nesta sociedade pós-industrial, ou " informacional", as transformações em direção à sociedade da informação, em estágio avançado nos países industrializados, constituem uma tendência dominante mesmo para economias menos industrializadas e definem um novo paradigma, o da tecnologia da informação, que expressa a essência da presente transformação tecnológica em suas relações com a economia e a sociedade. Esse novo paradigma tem as seguintes características fundamentais: a informação é sua matéria--prima (no passado, o objetivo dominante era utilizar informação para agir sobre as tecnologias); os efeitos das novas tecnologias têm alta penetrabilidade (a informação é parte integrante de toda atividade humana, individual ou coletiva e, portanto, todas essas atividades tendem a ser afetadas diretamente pela nova tecnologia); a tecnologia favorece processos reversíveis devido a sua flexibilidade; trajetórias de desenvolvimento tecnológico em diversas áreas do saber tornam-se interligadas e transformam-se as categorias segundo as quais pensamos todos os processos (microeletrônica, telecomunicações, optoeletrônica, por exemplo).

O foco sobre a tecnologia pode alimentar a visão ingênua de determinismo tecnológico segundo o qual as transformações em direção à sociedade da informação resultam da tecnologia, seguem uma lógica técnica e, portanto, neutra e estão fora da interferência de fatores sociais e políticos. Nada mais equivocado: processos sociais e transformação tecnológica resultam de uma interação complexa em que fatores sociais preexistentes como a criatividade, o espírito empreendedor, as condições da pesquisa científica afetam o avanço tecnológico e suas aplicações sociais.

No campo educacional dos países em desenvolvimento, decisões sobre investimentos para a incorporação da informática e da telemática implicam também riscos e desafios. Será essencial identificar o papel que essas novas tecnologias podem dessempenhar no processo de desenvolvimento educacional e, isso posto, resolver como utilizá-las de forma a facilitar uma efetiva aceleração do processo em direção à educação para todos, ao longo da vida, com qualidade e garantia de diversidade. As novas tecnologias de informação e comunicação tornam-se, hoje, parte de um vasto instrumental historicamente mobilizado para a educação e a aprendizagem. Cabe a cada sociedade decidir que composição do conjunto de tecnologias educacionais mobilizar para atingir suas metas de desenvolvimento.

A Unesco tem atuado de forma sistemática no sentido de apoiar as iniciativas dos Estados-Membros na definição de políticas de

integração das novas tecnologias aos seus objetivos de desenvolvimento. No Programa Informação para Todos, as ações desse organismo internacional estão concentradas em duas áreas principais: conteúdo para a sociedade da informação e "infoestrutura" para esta sociedade em evolução, por meio da cooperação para treinamento, apoio ao estabelecimento de políticas de informação e promoção de conexões em rede.

No espírito da Declaração Universal dos Direitos do Homem, que constitui a base dos direitos à infor-mação na sociedade da informação, e levando em consideração os valores e a visão delineados anteriormente, o novo Programa Informação para Todos deverá prover uma plataforma para a discussão global sobre acesso à informação, participação de todos na sociedade da informação global e as consequências éticas, legais e societárias do uso das tecnologias de informação e comunicação. Deverá prover também a estrutura para colaboração internacional e parcerias nessas áreas e apoiar o desenvolvimento de ferramentas comuns, métodos e estratégias para a construção de uma sociedade de informação global e justa.

WERTHEIN, J. *Ciência da Informação*. Brasília, v. 29, n. 2, p. 71-77, maio/ago. 2000. Disponível em:<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/254>. Acesso em: 10 maio 2015. Adaptado.

25. (Petrobras – Advogado Jr. – Cesgranrio – Ago./2015)

De acordo com o ordenamento das ideias no texto, observa-se que, depois de afirmar que há uma interação complexa entre processos sociais e transformação tecnológica, de modo que a criatividade e o espírito empreendedor interfiram nas aplicações sociais da tecnologia, o texto se refere à ideia de que

a) a expressão "sociedade de informação" foi incorporada ao vocabulário comum por meio do jargão dos meios de comunicação.

b) o conceito de "sociedade pós-industrial" relaciona-se às transformações técnicas e organizacionais provocadas pelos avanços tecnológicos nas telecomunicações.

c) as atividades humanas, no novo paradigma da sociedade de informação, são afetadas diretamente pelas novas tecnologias porque a informação é parte integrante delas.

d) a visão de que as transformações tecnológicas em direção à sociedade da informação estão fora da interferência de fatores sociais e políticos é inadequada.

e) os países estão sendo auxiliados por órgão internacional na tarefa de integrar as novas tecnologias ao processo de desenvolvimento.

Leia o texto a seguir para responder à questão 26.

Texto I

Banhos de mar

Meu pai acreditava que todos os anos se devia fazer uma cura de banhos de mar. E nunca fui tão feliz quanto naquelas temporadas de banhos em Olinda, Recife.

Meu pai também acreditava que o banho de mar salutar era o tomado antes de o sol nascer. Como explicar o que eu sentia de presente prodigioso em sair de casa de madrugada e pegar o bonde vazio que nos levaria para Olinda ainda na escuridão?

De noite eu ia dormir, mas o coração se mantinha acordado, em expectativa. E de puro alvoroço, eu acordava às quatro e pouco da madrugada e despertava o resto da família. Nós nos vestíamos depressa e saíamos em jejum. Porque meu pai acreditava que assim devia ser: em jejum.

Saímos para uma rua toda escura, recebendo a brisa da pré-madrugada. E esperávamos o bonde. Até que lá de longe ouvíamos o seu barulho se aproximando. Eu me sentava bem na ponta do banco, e minha felicidade começava. Atravessar a cidade escura me dava algo que jamais tive de novo. No bonde mesmo o tempo começava a clarear, e uma luz trêmula de sol escondido nos banhava e banhava o mundo.

Eu olhava tudo: as poucas pessoas na rua, a passagem pelo campo com os bichos-de-pé: " Olhe, um porco de verdade!" gritei uma vez, e a frase de deslumbramento ficou sendo uma das brincadeiras da minha família, que de vez em quando me dizia rindo: " Olhe, um porco de verdade."

Eu não sei da infância alheia. Mas essa viagem diária me tornava uma criança completa de alegria. E me serviu como promessa de felicidade para o futuro. Minha capacidade de ser feliz se revelava. Eu me agarrava, dentro de uma infância muito infeliz, a essa ilha encantada que era a viagem diária.

LISPECTOR, C. *A Descoberta do Mundo*. São Paulo: Rocco, 1999, p. 175. Adaptado.

26. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016)

Que fragmento do Texto I comprova a valorização especial que a narradora dava a esse momento de sua infância?

a) " Meu pai também acreditava que o banho de mar salutar era o tomado antes de o sol nascer" (l. 3)

b) " Nós nos vestíamos depressa e saíamos em jejum" (l. 7-8)

c) " No bonde mesmo o tempo começava a clarear" (l. 11-12)

d) " a frase de deslumbramento ficou sendo uma das brincadeiras da minha família" (l. 14-15)

e) " Eu me agarrava [...] a essa ilha encantada que era a viagem diária" (l. 17-18)

Leia o texto a seguir para responder à questão 27

Texto I

Agricultura familiar

O que é agricultura familiar?

A agricultura familiar consiste em uma forma de organização social, cultural, econômica e ambiental, na qual são trabalhadas atividades agropecuárias e não agropecuárias de base familiar, desenvolvidas em estabelecimento rural ou em áreas comunitárias próximas, gerenciadas por uma família com predominância de mão de obra familiar e apresenta papel relevante para o desenvolvimento do País.

Por que a agricultura familiar é importante?

A agricultura familiar apresenta importante função para garantir a segurança alimentar; preserva os alimentos tradicionais, além de contribuir para uma alimentação balanceada, para a proteção da agrobiodiversidade e para o uso sustentável dos recursos naturais.

No cenário nacional, a agricultura familiar responde por 38% do valor bruto da produção agropecuária e é responsável por mais de 70% dos alimentos que chegam à mesa dos brasileiros.

Considerando-se o número de estabelecimentos rurais, a agricultura familiar consegue empregar três vezes mais do que a agricultura não familiar.

Disponível em: <http://www.bancoamazonia.com.br/index.php/agriculturaa-familiar>. Acesso em: 29 jul. 2015. Adaptado.

27. (Basa – Téc. Bancário – Cesgranrio – Set./2015)

No Texto I, compreende-se a agricultura familiar como uma

a) mão de obra estabelecida em cooperativas de cunho pecuário.

b) atividade de base familiar e de mão de obra predominantemente familiar.

c) forma de organização social, na qual são trabalhadas apenas atividades agrícolas.

d) agricultura que exerce um papel dispensável para o desenvolvimento nacional.

e) atividade familiar de ênfase cultural.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 28 e 29.

Donos do próprio dinheiro

Quando pensamos em bancos, imaginamos grandes empresas com agências elegantes, equipadas com caixas eletrônicos e funcionários engravatados, muita burocracia e mil procedimentos de segurança. Mas dezenas de pequenas instituições financeiras estão mudando a relação que milhares de brasileiros têm com o próprio dinheiro. São os bancos comunitários, que contam com moeda e sistema de crédito próprios e desenvolvem as economias locais.

Todas as agências são geridas e fiscalizadas pela comunidade. Hoje já existem 104 dessas instituições no país, e elas estão proliferando. De 2006 a 2012, o número de bancos comunitários aumentou dez vezes, de nove para 98 agências. Diferentemente das agências convencionais, essas instituições não consultam o nome do cliente no Serasa ou no Serviço de Proteção ao Crédito antes de abrir uma conta. Consultam a comunidade.

Uma das condições para a criação de um banco comunitário, como o próprio nome já dá a entender, é o envolvimento da comunidade. Isso porque o objetivo final não é o lucro, e sim o desenvolvimento da economia do entorno. Para tanto é criada uma moeda própria, que circula apenas na comunidade. O dinheiro para iniciar os bancos comunitários também vem do local, seja de rifas, seja de vaquinhas ou de eventos de arrecadação de fundos.

Os moradores podem pegar dois tipos de empréstimo: um para produção, como reforma de uma loja ou compra de estoque, em reais, e outro para consumo, compra de alimentos e outros produtos, na moeda do banco.

Dessa forma, artigos como alimentos, roupas, sapatos e até serviços de beleza ou aulas são consumidos na comunidade, nas lojas que aceitam a nova moeda, fazendo com que o dinheiro não deixe a região e sirva para desenvolver a economia local.

VELOSO, L. *Revista Planeta*. n. 504, novembro 2014. Adaptado.

28. (Liquigás –Ass. Adminis. – Cesgranrio – Set./2015)

De acordo com o texto, os bancos comunitários são

a) agências com funcionários engravatados e muita burocracia.

b) lojas que vendem alimentos, roupas, sapatos e emprestam dinheiro.

c) empresas com agências elegantes, equipadas com caixas eletrônicos.

d) instituições financeiras que criam uma moeda própria da comunidade.

e) estabelecimentos para emprestar dinheiro a pessoas de outras comunidades.

29. (Liquigás –Ass. Adminis. – Cesgranrio – Set./2015)

De acordo com o texto, um dos benefícios que os bancos trazem aos moradores é

a) aumentar o consumo de produtos importados.

b) avaliar a forma como empregam seu dinheiro.

c) aumentar o valor do salário recebido todo mês.

d) melhorar a relação entre os membros da comunidade.

e) facilitar o acesso a empréstimos com várias finalidades.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 30 e 31.

É permitido sonhar

Os bastidores do vestibular são cheios de histórias – curiosas, estranhas, comoventes. O jovem que chega atrasado por alguns segundos, por exemplo, é uma figura clássica, e patética. Mas existem outras figuras capazes de chamar a atenção.

Takeshi Nojima é um caso. Ele fez vestibular para a Faculdade de Medicina da Universidade do Paraná. Veio do Japão aos 11 anos, trabalhou em várias coisas, e agora quer começar uma carreira médica.

Nada surpreendente, não fosse a idade do Takeshi: ele tem 80 anos. Isto mesmo, 80. Numa fase em que outros já passaram até da aposentadoria compulsória, ele se prepara para iniciar nova vida. E o faz tranquilo: " Cuidei de meus pais, cuidei dos meus filhos. Agora posso realizar um sonho que trago da infância".

Não faltará quem critique Takeshi Nojima: ele está tirando o lugar de jovens, dirá algum darwinista social. Eu ponderaria que nem tudo na vida se regula pelo critério cronológico. Há pais que passam muito pouco tempo com os filhos e nem por isso são maus pais; o que interessa é a qualidade do tempo, não a quantidade. Talvez a expectativa de vida não permita ao vestibulando Nojima uma longa carreira na profissão médica. Mas os anos, ou meses, ou mesmo os dias que dedicar a seus pacientes terão em si a carga afetiva de uma existência inteira.

Não sei se Takeshi Nojima passou no vestibular; a notícia que li não esclarecia a respeito. Mas ele mesmo disse que isto não teria importância: se fosse reprovado, começaria tudo de novo. E aí de novo ele dá um exemplo. Os resultados do difícil exame trazem desilusão para muitos jovens, e não são poucos os que pensam em desistir por causa de um fracasso. A estes eu digo: antes de abandonar a luta, pensem em Takeshi Nojima, pensem na força de seu sonho. Sonhar não é proibido. É um dever.

(Moacyr Scliar. *Minha mãe não dorme enquanto eu não chegar*, 1996. Adaptado)

30. (Unifesp – Técnico Seg. Trab. – Vunesp – Abril/2016)

Para o narrador, a história de Takeshi Nojima chama a atenção porque este

a) inventou novos sonhos para não levar uma vida ociosa.

b) veio do Japão e trabalhou em várias coisas antes de estudar.

c) foi um filho dedicado e um pai responsável.

d) é um senhor de 80 anos que decidiu voltar a estudar.

e) está preocupado em obter a aposentadoria compulsória.

31. (Unifesp – Técnico Seg. Trab. – Vunesp – Abril/2016)

Em relação à atitude de Takeshi Nojima, o narrador

a) concorda com ela, pois acredita que a expectativa de vida dele será muito alta.

b) discorda dela, pois acredita que ele realmente estará tirando o lugar de jovens.

c) concorda com ela, pois acredita que uma pessoa deva perseguir os seus sonhos.

d) discorda dela, pois acredita que ele terá uma atuação profissional lastimável.

e) concorda com ela, pois acredita que ele esteja só se divertindo com a situação.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 32 e 33.

McLuhan já alertava que a aldeia global resultante das mídias eletrônicas não implica necessariamente harmonia, implica, sim, que cada participante das novas mídias terá um envolvimento gigantesco na vida dos demais membros, que terá a chance de meter o bedelho onde bem quiser e fazer o uso que quiser das informações que conseguir. A aclamada transparência da coisa pública carrega consigo o risco de fim da privacidade e a superexposição de nossas pequenas ou grandes fraquezas morais ao julgamento da comunidade de que escolhemos participar.

Não faz sentido falar de dia e noite das redes sociais, apenas em número de atualizações nas páginas e na capacidade dos usuários de distinguir essas variações como relevantes no conjunto virtualmente infinito das possibilidades das redes. Para achar o fio de Ariadne no labirinto das redes sociais, os usuários precisam ter a habilidade de identificar e estimar parâmetros, aprender a extrair informações relevantes de um conjunto finito de observações e reconhecer a organização geral da rede de que participam.

O fluxo de informação que percorre as artérias das redes sociais é um poderoso fármaco viciante. Um dos neologismos recentes vinculados à dependência cada vez maior dos jovens a esses dispositivos é a " nomobofobia" (ou " pavor de ficar sem conexão no telefone celular"), descrito como a ansiedade e o sentimento de pânico experimentados por um número crescente de pessoas quando acaba a bateria do dispositivo móvel ou quando ficam sem conexão com a Internet. Essa informação, como toda nova droga, ao embotar a razão e abrir os poros da sensibilidade, pode tanto ser um remédio quanto um veneno para o espírito.

(Vinicius Romanini, Tudo azul no universo das redes. *Revista USP,* nº 92. Adaptado)

32. (MPE/SP – Analista Técnico Científico – Vunesp – Jul./2016)

Do ponto de vista do autor, as redes sociais

a) são um universo ao qual os usuários resistem porque são afeitos à discrição nos relacionamentos.

b) preservam identidades e opiniões, sendo, portanto, ponto de referência para a busca de informações qualificadas.

c) garantem julgamentos justos, pela comunidade, dos usuários que nelas expõem seus hábitos e ideologias.

d) disponibilizam abundantes informações, o que exige que seus usuários filtrem o que de fato interessa.

e) condensam a infinidade de dados nelas circulantes, caracterizando-se como um meio confiável de exposição pessoal.

33. (MPE/SP- Analista Técnico Científico – Vunesp – Jul./2016)

Entre os aspectos negativos que se apontam para usuários das mídias eletrônicas estão

a) a possibilidade de exibição da intimidade e a ansiedade devido à falta de conexão em rede.

b) a superposição de virtudes a grandes fraquezas morais e a ênfase ao cultivo da individualidade.

c) a possibilidade de imiscuir-se na vida alheia e o consumo de remédios viciantes.

d) o convívio ilimitado com os demais usuários da rede e o uso regulado de informações.

e) o envenenamento do espírito e a harmonia entre os membros do grupo de usuários.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 34 e 35.

Fora do jogo

Quando a economia muda de direção, há variáveis que logo se alteram, como o tamanho das jornadas de trabalho e o pagamento de horas extras, e outras que respondem de forma mais lenta, como o emprego e o mercado de crédito. Tendências negativas nesses últimos indicadores, por isso mesmo, costumam ser duradouras.

Daí por que são preocupantes os dados mais recentes da Associação Nacional dos Birôs de Crédito, que congrega empresas do setor de crédito e financiamento.

Segundo a entidade, havia, em outubro, 59 milhões de consumidores impedidos de obter novos créditos por não estarem em dia com suas obrigações. Trata-se de alta de 1,8 milhão em dois meses.

Causa consternação conhecer a principal razão citada pelos consumidores para deixar de pagar as dívidas: a perda de emprego, que tem forte correlação com a capacidade de pagamento das famílias.

Até há pouco, as empresas evitavam demitir, pois tendem a perder investimentos em treinamento e incorrer em custos trabalhistas. Dado o colapso da atividade econômica, porém, jogaram a toalha.

O impacto negativo da disponibilidade de crédito é imediato. O indivíduo não só perde a capacidade de pagamento mas também enfrenta grande dificuldade para obter novos recursos, pois não possui carteira de trabalho assinada.

Tem-se aí outro aspecto perverso da recessão, que se soma às muitas evidências de reversão de padrões positivos da última década – o aumento da informalidade, o retorno de jovens ao mercado de trabalho e a alta do desemprego.

(*Folha de S.Paulo*, 08.12.2015. Adaptado)

34. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

As informações dos três parágrafos iniciais do texto sustentam a seguinte ideia:

a) o fato de 59 milhões de consumidores estarem impedidos de obter novos créditos limita os prejuízos à economia do país.

b) a Associação Nacional dos Birôs de Crédito tem alterado o tamanho das jornadas de trabalho e o pagamento de horas extras.

c) o aumento dos créditos aos consumidores teve como consequência imediata o não atendimento às suas obrigações.

d) o emprego e o mercado de crédito têm-se mantido inabalados diante de um cenário negativo da economia brasileira.

e) a alteração nos rumos da economia nacional fez com que expressiva parcela da população se tornasse inadimplente.

35. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Na conclusão no texto, “ o aumento da informalidade, o retorno de jovens ao mercado de trabalho e a alta do desemprego” são apontados como características

a) positivas e vivenciadas na economia da última década.

b) negativas e distantes do cenário econômico atual.

c) negativas e típicas do atual período de retração econômica.

d) negativas e improváveis na situação econômica presente.

e) positivas e marcantes da economia no presente do País.

Leia o texto a seguir para responder à questão 36.

Entre as boas figuras de boa-fé do Rio de Janeiro figurava o Garcia, bom homem, cujo único defeito era ser fraco de inteligência, defeito que todos lhe perdoavam por não ser culpa dele.

O nosso herói não se empregava absolutamente em outra coisa que não fosse comer, beber, dormir e trocar as pernas pela cidade. Tinha herdado dos pais o suficiente para levar essa vida folgada e milagrosa, e só gastava o rendimento do seu patrimônio.

Casara-se com d. Laura, que, não sendo formosa que o inquietasse, nem feia que lhe repugnasse, era mais inteligente e instruída que ele. Esta superioridade dava-lhe certo ascendente, de que ela usava e abusava no lar doméstico, onde só a sua vontade e a sua opinião prevaleciam sempre.

O Garcia não se revoltava contra a passividade a que era submetido pela mulher: reconhecia que d. Laura tinha sobre ele grandes vantagens intelectuais e, se era honesta e fiel aos seus deveres conjugais, que lhe importava a ele o resto?

(Artur Azevedo, O espírito. Em: *Seleção de Contos*, 2014. Adaptado)

36. (MPE/SP- Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

De acordo com a descrição do texto, Garcia era um homem de

a) limitada inteligência, não trabalhava e vivia com o rendimento do patrimônio deixado pelos pais.

b) razoável inteligência, não trabalhava porque aumentava o rendimento do patrimônio deixado pelos pais.

c) debilitada inteligência, não podia trabalhar, apesar de viver mal com o rendimento do patrimônio deixado pelos pais.

d) excepcional inteligência, e a explorava trabalhando muito para manter o rendimento do patrimônio deixado pelos pais.

e) nenhuma inteligência, trabalhava na cidade, pois não conseguia viver com o rendimento do patrimônio deixado pelos pais.

Gabarito: 1. c; 2. c; 3. d; 4. c; 5. c; 6. e; 7. a; 8. e; 9. d; 10. C; 11. E; 12. E; 13. C; 14. d; 15. e; 16. C; 17. E; 18. C; 19. E; 20. b; 21. a; 22. c; 23. e; 24. e; 25. e; 26. e; 27. b; 28. d; 29. e; 30. d; 31. c; 32. d; 33. a; 34. e; 35. c; 36. a.

26.3. RESUMO

Enunciados mais comuns de Compreensão de Textos:

De acordo com o texto…

Segundo o texto...

O texto diz...

O texto fala...

Ideia presente no texto...

Segundo o autor...

Compreende-se no texto...

26.4. INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

Bem, o mais importante é que você entenda que interpretar um texto é diferente de compreender. Até aqui, você viu que as questões de compreensão de textos são aquelas em que você precisa estar apto para localizar informações no texto, com técnica e agilidade. E precisa treinar o reconhecimento de paráfrases (reescrituras do texto).

Agora, vamos ver como são as questões de Interpretação de Textos. Interpretação é o mesmo que inferência, dedução. Neste caso, você precisa ir um pouco além do que diz o texto, concluir com base no que se leu.

Você deve estar aí pensando... Mas e se eu extrapolar? E, se na hora de eu responder, acabar indo muito além do que o texto permite?

Sim, esse é o cuidado que se deve ter! Como nas questões de inferência, você é convidado a sair "um pouquinho" do texto, o grande perigo é você viajar demais...

Por isso, sempre digo que, na hora de inferir, você deve buscar uma pista textual que permita tal inferência, tal dedução. É como se fosse uma discussão em uma relação. Você discute com seu parceiro(a), mas, quando vai analisar a fundo os motivos, acaba pensando que não há por quê... Nesse caso, você extrapolou!

Agora, se a discussão tem base em uma pista, algo que se disse ou que se fez, aí sim... Nesse caso, você tem um pressuposto textual.

Implícitos textuais são informações que se deduzem a partir do que foi lido. E normalmente haverá palavras ou expressões do texto que ensejam conclusões, inferências. Gosto de chamá-las de pistas textuais – são os pressupostos!

Veja exemplos. Ao dizer a uma pessoa que ela é a amiga mais querida que você tem, há aí uma pista para uma inferência. O vocábulo "mais" é a pista para que se deduza que "há outras amigas".

Ao se falar "Eu prefiro ficar aqui hoje", o verbo "preferir" é um pressuposto para que se deduza que há outras opções, mas a pessoa escolheu a alternativa de estar ali.

Quando se diz, por exemplo, que o Brasil ainda não alcançou certo grau de desenvolvimento, tem-se aí uma mensagem otimista. Pode-se deduzir, com base no pressuposto textual "ainda", que é certo que o país atinja esse nível.

Bem, vamos às questões de inferência?

Primeiro, vou dar exemplos, vou comentar duas questões, assertiva por assertiva, para você. Depois é a sua vez, ok?

QUESTÕES COMENTADAS

Texto 3 – Normose, um distúrbio da vida moderna

A sociedade moderna, com o corre-corre, a falta de tempo para o cuidado espiritual e o imediatismo fez com que as pessoas desenvolvessem com mais facilidade algumas doenças psicossomáticas. O pânico e a depressão são duas delas, assim como a normose. A última é uma "prima" menos conhecida e, por isso mesmo, menos identificada, segundo especialistas. "Ela (normose) surge quando o sistema no qual nós existimos encontra-se dominantemente doente, desequilibrado, corrompido, e quando predomina a violência, a competição e o egocentrismo. Uma pessoa adaptada a esse sistema está doente", explica o eminente psicólogo e antropólogo Roberto Crema, um dos especialistas do assunto no Brasil.

1. (TCE – Sergipe – Analista T.I. – Desenv. – FGV 2015) Pode-se inferir do segmento "A sociedade moderna, com o corre-corre, a falta de tempo para o cuidado espiritual e o imediatismo fez com que as pessoas desenvolvessem com mais facilidade algumas doenças psicossomáticas" que:

a) algumas doenças psicossomáticas são originadas do descuido geral com a saúde, por falta de tempo e dinheiro;

b) o corre-corre da vida moderna é a causa do distanciamento do espiritual e do imediatismo;

c) atualmente há mais possibilidade do desenvolvimento de doenças psicossomáticas do que anteriormente;

d) a falta de cuidado espiritual traz como consequência o relaxamento com os valores materiais;

e) as doenças psicossomáticas surgiram a partir das atribulações da vida moderna.

No trecho, tem-se a seguinte informação: "a sociedade moderna com o corre-corre, a falta de tempo para o cuidado espiritual e o imediatismo fez com que as pessoas desenvolvessem com mais facilidade".

E a banca quer que você assinale uma possível dedução. O que fazer? Primeiramente, resuma mentalmente o que você entendeu desse trecho. Resumir é organizar sintaticamente a frase, extraindo dela somente o que é essencial: sujeito, verbo, complemento.

Depois disso, busque, nas alternativas que a banca oferece, apenas aquela que tenha uma pista, um pressuposto para ela. Lembre-se de que só será uma possível inferência aquela que tiver um pressuposto no texto. Caso contrário, não será inferência, será extrapolação.

"A sociedade moderna fez com que as pessoas desenvolvessem com mais facilidade…". Já se consegue visualizar aqui um pressuposto textual… Ao se usar o vocábulo "mais", está se dizendo que na modernidade algo ficou mais fácil do que era… Está se querendo dizer que há uma facilidade na modernidade maior do que no passado. Por que eu deduzi isso?

Pressuposto textual. Quando o autor disse "a sociedade moderna fez com que as pessoas desenvolvessem com mais facilidade", então eu posso deduzir que atualmente é mais possível que isso aconteça do que anteriormente. Você entendeu o que é que é uma dedução? A dedução diz um pouco mais do que diz o texto, mas ela não viaja, não é uma extrapolação… Ela se atém ao que está no texto, só que se baseia em um pressuposto, em uma pista, que, nesse caso, a foi "mais facilidade". Pense comigo: se eu tenho mais facilidade numa sociedade moderna é porque antigamente era mais difícil isso.

Por isso, a resposta foi letra C. A palavra "anteriormente" na letra C não está no texto, mas é a inferência a partir do que se leu.

A letra A cria uma falsa relação de causa e efeito, que não está no texto. Pode até ser uma verdade da vida, mas o texto nem fala de falta de dinheiro… Extrapolação, portanto.

A letra B cria também uma falsa relação de causa e efeito entre ideias que estavam paralelas, coordenadas no texto. Observe que há uma enumeração nas primeiras linhas do texto (coordenação, portanto) entre o corre-corre, a falta de tempo para o cuidado espiritual e o imediatismo, mas essas ideias não se relacionam por causa e efeito.

A letra D cria também uma relação de causa e efeito falaciosa. O texto não diz que a falta de cuidado espiritual gera distanciamento dos valores materiais. Isso pode ser uma verdade da vida também, mas vai além do que se leu.

E, na letra E, há uma generalização excessiva. Não se pode dizer que todas as doenças psicossomáticas surgiram a partir das atribulações da vida moderna. O texto só nos permite dizer que "algumas surgiram" daí.

Todas extrapolam, portanto, somente a letra C é uma inferência possível a partir do que se leu.

Texto

A Prefeitura de São Paulo vai criar um manual para orientar funcionários de empresas de limpeza urbana sobre como proceder ao se depararem com grafites e pichações em muros públicos. Uma lei municipal proíbe inscrições em espaços públicos sem autorização. O problema é que obras autorizadas já foram apagadas por servidores da limpeza. Previsto para outubro, o documento tentará esclarecer funcionários da limpeza sobre o que deve ou não ser apagado. Os agentes passarão por um treinamento. A limpeza de grafites gerou constrangimento nas últimas duas gestões municipais.

2. (Prefeitura Cuiabá – Administrador Hospitalar – Superior – FGV 2015)

Deduz-se do texto que

a) os funcionários de limpeza urbana apagam todas as pichações.

b) os servidores da Prefeitura de São Paulo seguem a lei.

c) algumas pichações constrangedoras foram apagadas.

d) nem toda inscrição deve ser considerada vandalismo.

e) o treinamento vai ensinar como apagar as inscrições de rua.

Mais uma questão de inferência… Inicialmente, vamos resumir o que entendemos do texto (repare que a banca não destacou nenhum trecho do texto, as alternativas poderão se referir a qualquer parte do texto).

Bem, entendemos que haverá um manual para orientar funcionários para como se proceder diante de pichações em espaços públicos. E que há espaços públicos que têm autorização para pichação e há espaços sem autorização.

Vamos agora buscar a assertiva que possa ser deduzida com base em um pressuposto do texto. Lembre-se: somente uma poderá ser deduzida, as outras irão além do que permite o texto ou o contradirão.

A resposta é letra D. Por que eu posso deduzir que nem toda inscrição deve ser considerada vandalismo? A letra D diz que "nem toda inscrição deve ser considerada vandalismo" Tem-se aqui uma informação com pressupostos no texto. Um deles é quando se diz "o problema é que obras autorizadas já foram apagadas por servidores da limpeza". Ao se falar "obras autorizadas", está-se falando indiretamente que há obras não autorizadas.

Outro pressuposto presente no texto é quando se diz que "o documento tentará esclarecer funcionários da limpeza sobre o deve ou não deve ser apagado". Ao se dizer isso, subentende-se que nem toda pichação é vandalismo.

Vamos às outras?

A letra A contradiz o texto, dizendo que os funcionários apagam todas as pichações. Não todas.

A letra B mistura informações do texto. O texto fala em lei, mas, ao falar de lei, não diz que os funcionários da prefeitura a seguem. Apenas diz que a lei municipal proíbe inscrições em espaços públicos sem autorização. Além disso, percebeu que há também uma extrapolação? A letra B fala em "servidores da prefeitura" e o texto fala em "servidores de empresas de limpeza urbana". Não são todos os funcionários.

A letra C fala em "pichações constrangedoras", mas, segundo o texto, houve um constrangimento nas "gestões municipais".

A letra E também extrapola… O treinamento não vai ensinar a "apagar as inscrições", mas vai ensinar os funcionários a como "proceder ao ser depararem com grafites e pichações em muros públicos".

Agora é a sua vez…

26.5. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

Leia o texto a seguir para responder à questão 1.

Estava mal chegando a São Paulo, quando um repórter me provocou: "Mas como, Chico, mais um samba? Você não acha que isso já está superado?". Não tive tempo de me defender ou de atacar os outros, coisa que anda muito em voga. Já era hora de enfrentar o dragão, como diz o Tom, enfrentar as luzes, os cartazes, e a plateia, onde distingui um caro colega regendo um coro pra frente, de franca oposição. Fiquei um pouco desconcertado pela atitude do meu amigo, um homem sabidamente isento de preconceitos. Foi-se o tempo em que ele me censurava amargamente, numa roda revolucionária, pelo meu desinteresse em participar de uma passeata cívica contra a guitarra elétrica. Nunca tive nada contra esse instrumento, como nada tenho contra o tamborim. O importante é Mutantes e Martinho da Vila no mesmo palco.

Mas, como eu ia dizendo, estava voltando da Europa e de sua música estereotipada, onde samba, toada etc. são ritmos virgens para seus melhores músicos, indecifráveis para seus cérebros eletrônicos. " Só tenho uma opção, confessou-me um italiano – sangue novo ou a antimúsica. Veja, os Beatles, foram à Índia..." Donde se conclui como precipitada a opinião, entre nós, de que estaria morto o nosso ritmo, o lirismo e a malícia, a malemolência. É certo que se deve romper com as estruturas. Mas a música brasileira, ao contrário de outras artes, já traz dentro de si os elementos de renovação. Não se trata de defender a tradição, família ou propriedade de ninguém. Mas foi com o samba que João Gilberto rompeu as estruturas da nossa canção. E se o rompimento não foi universal, culpa é do brasileiro, que não tem vocação pra exportar coisa alguma.

Quanto a festival, acho justo que estejam todos ansiosos por um primeiro prêmio. Mas não é bom usar de qualquer recurso, nem se deve correr com estrondo atrás do sucesso, senão ele se assusta e foge logo. E não precisa dar muito tempo para se perceber " que nem toda loucura é genial, como nem toda lucidez é velha".

(Adaptado de: HOLANDA, Chico Buarque de, apud Adélia B. de Menezes, *Desenho Mágico*: Poesia e Política em Chico Buarque, São Paulo, Ateliê, 2002, p. 28-29)

1. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

Depreende-se da frase ... *nem toda loucura é genial, como nem toda lucidez é velha* que

a) a loucura, o mais das vezes, é vista como uma característica que marca a singularidade, enquanto a lucidez é um atributo costumeiro da velhice.

b) essas duas características, lucidez e loucura, devem ser vistas com reserva, uma vez que a fronteira entre ambas nem sempre é clara.

c) as inovações, por mais lúcidas que sejam, devem algo à loucura, pois é mediante o abandono da causalidade natural que se obtém algo inusitado.

d) ambas as características podem conviver em obras de arte de vanguarda, uma vez que não são conflitantes.

e) a genialidade pode ter algo de lucidez, embora, para que isso ocorra, tenha de negar a loucura, podendo ocorrer o inverso, o que caracteriza essencialmente a inovação.

Leia o texto a seguir para responder à questão 2.

Medo da eternidade

Jamais esquecerei o meu aflitivo e dramático contato com a eternidade.

Quando eu era muito pequena ainda não tinha provado chicles e mesmo em Recife falava-se pouco deles. Eu nem sabia bem de que espécie de bala ou bombom se tratava. Mesmo o dinheiro que eu tinha não dava para comprar: com o mesmo dinheiro eu lucraria não sei quantas balas.

Afinal minha irmã juntou dinheiro, comprou e ao sairmos de casa para a escola me explicou:

− Tome cuidado para não perder, porque esta bala nunca se acaba. Dura a vida inteira.

− Como não acaba? – Parei um instante na rua, perplexa.

− Não acaba nunca, e pronto.

Eu estava boba: parecia-me ter sido transportada para o reino de histórias de príncipes e fadas. Peguei a pequena pastilha cor-

de-rosa que representava o elixir do longo prazer. Examinei-a, quase não podia acreditar no milagre. Eu que, como outras crianças, às vezes tirava da boca uma bala ainda inteira, para chupar depois, só para fazê-la durar mais. E eis-me com aquela coisa cor-de-rosa, de aparência tão inocente, tornando possível o mundo impossível do qual eu já começara a me dar conta.

Com delicadeza, terminei afinal pondo o chicle na boca.

– E agora que é que eu faço? – perguntei para não errar no ritual que certamente deveria haver.

– Agora chupe o chicle para ir gostando do docinho dele, e só depois que passar o gosto você começa a mastigar. E aí mastiga a vida inteira. A menos que você perca, eu já perdi vários. Perder a eternidade? Nunca.

O adocicado do chicle era bonzinho, não podia dizer que era ótimo. E, ainda perplexa, encaminhávamo--nos para a escola.

– Acabou-se o docinho. E agora?

– Agora mastigue para sempre.

Assustei-me, não saberia dizer por quê. Comecei a mastigar e em breve tinha na boca aquele puxa-puxa cinzento de borracha que não tinha gosto de nada. Mastigava, mastigava. Mas me sentia contrafeita. Na verdade eu não estava gostando do gosto. E a vantagem de ser bala eterna me enchia de uma espécie de medo, como se tem diante da ideia de eternidade ou de infinito.

Eu não quis confessar que não estava à altura da eternidade. Que só me dava era aflição. Enquanto isso, eu mastigava obedientemente, sem parar.

Até que não suportei mais, e, atravessando o portão da escola, dei um jeito de o chicle mastigado cair no chão de areia.

– Olha só o que me aconteceu! – disse eu em fingidos espanto e tristeza. Agora não posso mastigar mais! A bala acabou!

– Já lhe disse, repetiu minha irmã, que ela não acaba nunca. Mas a gente às vezes perde. Até de noite a gente pode ir mastigando, mas para não engolir no sono a gente prega o chicle na cama. Não fique triste, um dia lhe dou outro, e esse você não perderá.

Eu estava envergonhada diante da bondade de minha irmã, envergonhada da mentira que pregara dizendo que o chicle caíra da boca por acaso.

Mas aliviada. Sem o peso da eternidade sobre mim.

06 de junho de 1970

(LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo* – crônicas. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p.289-91)

2. (SEDU-ES – Professor B – FCC – Jan./2016)

Atente para as afirmações abaixo.

I. Em *Jamais esquecerei o meu aflitivo e dramático contato com a eternidade* (1º parágrafo), os adjetivos empregados para qualificar esse *contato* visam estabelecer um contraste com os acontecimentos que serão efetivamente narrados, deixando entrever a sugestão da autora de que esses fatos, aparentemente importantes, seriam na verdade banais e corriqueiros.

II. Em *Mastigava, mastigava. Mas me sentia contrafeita* (15º parágrafo), a repetição do verbo "mastigar", cujo início ecoa ainda na conjunção *Mas* que inicia a frase seguinte, busca sugerir no campo da própria expressão o que havia de repetitivo nessa atividade e o aborrecimento que já advinha do mascar da goma insossa.

III. Em – *Olha só o que me aconteceu! – disse eu em fingidos espanto e tristeza. Agora não posso mastigar mais! A bala*

acabou! (18º parágrafo), o reiterado emprego do sinal de exclamação sugere o exagero próprio do fingimento.

Está correto o que se afirma APENAS em

a) I e II.

b) I e III.

c) I.

d) III.

e) II e III.

Leia o texto a seguir para responder à questão 3.

Um pequeno tesouro literário, guardado com esmero durante quatro gerações, veio a público nesta quinta-feira (15.10.2015). Dezenas de documentos, fotos e 61 cartas do crítico e acadêmico José Veríssimo, recebidas do escritor Machado de Assis, foram entregues pela família de Veríssimo à Academia Brasileira de Letras (ABL).

Textos manuscritos, datados do início do século passado, e até uma fotografia e 12 cartas inéditas do patrono da Academia ficaram guardados por décadas em um antigo gaveteiro de madeira, que veio passando de geração em geração e, por último, estava no apartamento da aposentada Helena Araújo Lima Veríssimo, viúva do jornalista Jorge Luiz Veríssimo, um dos netos de José Veríssimo.

Apesar do valor histórico e sentimental do material, a família achou melhor entregar a guarda dos documentos à ABL, que tem condições ideais para preservar a coleção, em que se destaca uma foto inédita de Machado de Assis. "O acervo do José Veríssimo estava com o marechal [Inácio José Veríssimo, filho do acadêmico], que era uma pessoa voltada para a literatura, apesar de ser militar. O marechal organizou o acervo, escreveu uma biografia de José Veríssimo e depois passou tudo para meu marido", disse Helena.

Para o presidente da ABL, Geraldo Holanda Cavalcanti, trata-se de um acervo precioso e que pode incentivar outras famílias, detentoras de material histórico sobre os acadêmicos, a também doarem o acervo à Academia. "Isto pode despertar a atenção de outras pessoas que tenham documentos em casa e se disponham a trazer para a Academia, que é a guardiã desse tipo de acervo, que é muito difícil de ser guardado em casa, pois o tempo destrói e aqui temos a melhor técnica de conservação de documentos", disse Cavalcanti.

(Adaptado de: OLIVEIRA, Gomes. Cartas inéditas de Machado de Assis são doadas à Academia Brasileira de Letras. Disponível em: <www.folharondoniense.com.br/cultura/cartas-ineditas-de-machado-de-assis-sao-doadas-a-academia-brasileira-de-letras>.)

3. (TRT14R – Téc. Jud. – Área Adminis. – FCC – Fev./2016)

O acervo do José Veríssimo estava com o marechal [Inácio José Veríssimo, filho do acadêmico], que era uma pessoa voltada para a literatura, apesar de ser militar.

A passagem destacada permite concluir que, na opinião de Helena Araújo Lima Veríssimo,

a) não é muito comum haver militares interessados em literatura.

b) não é raro encontrar militares que entendam profundamente de literatura.

c) é esperado que os militares de alta patente entendam de literatura.

d) é natural que um filho de acadêmico se torne um militar apaixonado por literatura.

e) é frequente encontrar militares com formação especializada em literatura.

Leia o texto a seguir para responder à questão 4.

Texto I

Naquele novo apartamento da rua Visconde de Pirajá pela primeira vez teria um escritório para trabalhar. Não era um cômodo muito grande, mas dava para armar ali a minha tenda de reflexões e leitura: uma escrivaninha, um sofá e os livros. Na parede da esquerda ficaria a grande e sonhada estante onde caberiam todos os meus livros. Tratei de encomendá-la a seu Joaquim, um marceneiro que tinha oficina na rua Garcia D' Ávila com Barão da Torre.

O apartamento não ficava tão perto da oficina. Era quase em frente ao prédio onde morava Mário Pedrosa, entre a Farme de Amoedo e a antiga Montenegro, hoje Vinicius de Moraes. Estava ali havia uma semana e nem decorara ainda o número do prédio. Tanto que, quando seu Joaquim, ao preencher a nota de encomenda, perguntou-me onde seria entregue a estante, tive um momento de hesitação. Mas foi só um momento. Pensei rápido: " Se o prédio do Mário é 228, o meu, que fica quase em frente, deve ser 227". Mas lembrei-me de que, ao ir ali pela primeira vez, observara que, apesar de ficar em frente ao do Mário, havia uma diferença na numeração.

– Visconde de Pirajá, 127 – respondi, e seu Joaquim desenhou o endereço na nota.

– Tudo bem, seu Ferreira. Dentro de um mês estará lá sua estante.

– Um mês, seu Joaquim! Tudo isso? Veja se reduz esse prazo.

– A estante é grande, dá muito trabalho... Digamos, três semanas.

Ferreira Gullar. A estante. In: *A estranha vida banal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989 (com adaptações).

4.(INSS – Técnico Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

No que se refere aos sentidos do texto I, julgue o próximo item.

De acordo com as informações do texto, é correto inferir que seu Joaquim era analfabeto, uma vez que ele " desenhou o endereço na nota" (l. 13).

Leia o texto a seguir para reponder às questões 5 – 7.

Levantou-se da cama o pobre namorado sem ter conseguido dormir. Vinha nascendo o Sol.

Quis ler os jornais e pediu-os.

Já os ia pondo de lado, por haver acabado de ler, quando repentinamente viu seu nome impresso no **Jornal do Comércio**.

Era um artigo *a pedido* com o título de **Uma Obra-Prima**.

Dizia o artigo:

Temos o prazer de anunciar ao país o próximo aparecimento de uma excelente comédia, estreia de um jovem literato fluminense, de nome Antônio Carlos de Oliveira.

Este robusto talento, por muito tempo incógnito, vai enfim entrar nos mares da publicidade, e para isso procurou logo ensaiar-se em uma obra de certo vulto.

Consta-nos que o autor, solicitado por seus numerosos amigos, leu há dias a comédia em casa do Sr. Dr. Estêvão Soares, diante de um luzido auditório, que aplaudiu muito e profetizou no Sr. Oliveira um futuro Shakespeare.

O Sr. Dr. Estêvão Soares levou a sua amabilidade ao ponto de pedir a comédia para ler segunda vez, e ontem ao encontrar-se na rua com o Sr. Oliveira, de tal entusiasmo vinha possuído que o abraçou estreitamente, com grande pasmo dos numerosos transeuntes.

Da parte de um juiz tão competente em matérias literárias este ato é honroso para o Sr. Oliveira.

Estamos ansiosos por ler a peça do Sr. Oliveira, e ficamos certos de que ela fará a fortuna de qualquer teatro.

O amigo das letras.

Machado de Assis. A mulher de preto. In: *Contos fluminenses*. São Paulo: Globo, 1997 (com adaptações).

(INSS – Analista Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

No que se refere aos sentidos e às características tipológicas do texto, julgue os itens que se seguem.

5. Do texto não é possível concluir se "o pobre namorado" (l. 1) é Antônio Carlos de Oliveira ou o Sr. Dr. Estêvão Soares.

6. Dada a assinatura "O amigo das letras" (l. 20), é correto concluir que o trecho publicado no Jornal do Comércio é uma carta.

7. Depreende-se do texto que Antônio Carlos de Oliveira vai iniciar uma atividade profissional ligada à propaganda, para a qual tem muito talento.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 8 e 9.

Texto CB2A2AAA

É inegável que o Estado representa um ônus para a sociedade, já que, para assegurar o seu funcionamento, consome riquezas da sociedade. Representa, porém, um mal necessário, pois até agora não se conseguiu arquitetar mecanismo distinto para catalisar a vida em comunidade. Então, se do Estado ainda não pode prescindir a civilização, cabe-lhe aprimorá-lo, buscando otimizar o seu funcionamento, de modo a torná-lo menos oneroso, mais eficiente e eficaz.

O bom funcionamento do Estado, que inclui também o bom funcionamento de suas estruturas encarregadas do controle público (Ministério Público, Poder Legislativo e tribunais de contas, entre outros), vem sendo alçado à condição de direito fundamental dos indivíduos. Pressupõe, notadamente sob as luzes do princípio constitucional da eficiência, os deveres de cuidado e de cooperação.

O dever de cuidado é consequência direta do postulado da indisponibilidade do interesse público. Em decorrência desse postulado, todo agente público tem o dever de, no cumprimento fiel de suas atribuições, perseguir o interesse público manifesto na Constituição Federal e nas leis. Conduz, portanto, à ideia de vedação da omissão, já que deixar de cumprir tais atribuições evidenciaria conduta ilícita.

O dever de cuidado conduz, ainda, a uma ampla interação entre as estruturas públicas de controle, ou seja, é um dever de cooperação, não como faculdade, mas como obrigação que, em regra, dispensa formas especiais, como previsões normativas específicas, convênios e acordos.

Sob essa perspectiva, o controle público do Estado deve incorporar à sua cultura institucional o compromisso com o direito fundamental ao bom funcionamento do Estado. Nesse contexto, os deveres de cuidado e de cooperação se impõem a todas as estruturas do Estado destinadas a promover o controle da máquina estatal.

A observância do dever de cuidado e do de cooperação – traduzida, portanto, na atuação comprometida e concertada das estruturas orientadas para a função de controle da gestão pública – deve promover, entre os agentes e órgãos de controle, comportamentos de responsabilidade e responsividade. Por responsabilidade entenda-se o genuíno compromisso com a integralidade do ordenamento jurídico, o que pressupõe, acima de tudo, o reconhecimento de um regime de vedação da omissão. Responsividade, por sua vez, traduz o comportamento orientado a oferecer respostas rápidas e proativas, impregnadas de verdadeiro compromisso com a ideia-chave de promover o bom funcionamento do Estado.

Diogo Roberto Ringenberg. Direito fundamental ao bom funcionamento do controle público. In: *Controle Público*, nº 10, abr./2011, p. 55 (com adaptações).

(TCE-SC – Aud. Fiscal-Administ. – Cespe – Maio/2016)

A respeito das ideias veiculadas no texto **CB2A2AAA**, julgue os itens que se seguem.

8. Infere-se do texto que os tribunais de contas agem sob a égide do dever de cuidado não apenas ao zelarem pelo interesse público expresso nos dispositivos legais, mas também ao se obrigarem a atuar em cooperação com as demais estruturas públicas de controle.

9. Depreende-se do texto que o não cumprimento do dever de cuidado por omissão poderá resultar na aplicação de sanções ao servidor público.

Leia o texto a seguir para responder à questão 10.

Texto II

Os lixões são depósitos sem qualquer controle, fontes de enormes impactos ambientais, causadores de contaminações – como, por exemplo, contaminações do solo, dos lençóis freáticos, das fontes de água – e lugares responsáveis pela proliferação de insetos transmissores de inúmeras doenças. São, portanto, um perigo constante à saúde e à qualidade de vida de todos. Os lixões deverão dar lugar a aterros sanitários, que, se não representam uma solução perfeita, ao menos são locais mais adequados para o depósito dos rejeitos, uma vez que evitam problemas como os citados anteriormente.

As cidades precisam se comprometer a dar cumprimento à Lei Nacional de Resíduos Sólidos. Uma maneira de fazer isso é adotar políticas de gestão eficiente dos resíduos a fim de que a menor quantidade possível desses materiais precise ser encaminhada para os aterros. Para que isso seja possível, será necessária a implantação ou a ampliação da coleta seletiva de lixo, além de apoio efetivo ao trabalho desenvolvido pelas cooperativas de catadores. Capacitar essas pessoas e dar-lhes condições dignas de trabalho são requisitos fundamentais para o sucesso da lei e para a melhoria das condições de vida e de trabalho desses profissionais. Mais de um milhão de pessoas trabalham e sobrevivem da reciclagem, muitas delas em condições bastante precárias.

O Brasil produz mais de 220 mil toneladas de lixo domiciliar por dia, o que resulta em mais de um quilo de lixo por pessoa. Ao menos 90% de todo esse material poderia ser reaproveitado, reutilizado ou reciclado. Apenas 3% acabam sendo efetivamente reciclados, um destino mais nobre do que o de se degradar e contaminar o nosso ambiente. Os especialistas calculam que o Brasil deixa de ganhar ao menos 8 bilhões de reais por ano por não reciclar toda essa grande quantidade de resíduos gerados no

país.

Reinaldo Canto. As cidades brasileiras conseguirão tratar seu lixo? Disponível em: <www.cartacapital.com.br> (com adaptações).

10. (Pref. SP – Agente Gestão P. Públicas – Cespe – Maio/2016)

Depreende-se do texto II que seu autor:

a) acredita que a solução para o lixo das cidades resume-se à coleta seletiva.

b) é contrário à existência dos lixões.

c) acredita que os governos precisam criar mais espaços como os lixões nas cidades.

d) é a favor da ideia de que no máximo 90% do lixo do Brasil seja reciclado.

e) defende que os lixões sejam privatizados.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 11 – 14.

Texto II

O índio não teve muita sorte na literatura brasileira, depois do Romantismo. Enquanto nas letras hispano-americanas viceja um esplêndido indigenismo pelo século XX adentro, com tantos e tão importantes criadores dedicando-se a transpor o índio para a ficção, no Brasil se podem contar nos dedos das mãos os casos.

Torna a trazer o assunto à baila o aparecimento e grande vendagem de **Maíra**, romance de Darcy Ribeiro. O renomado antropólogo já tinha em seu acervo de realizações uma respeitável brasiliana, incluindo vários trabalhos sobre os índios, um dos quais, a história de Uirá, fora transformado em filme no início da década de 70. **Maíra** é, portanto, a primeira incursão do autor pelo épico, a menos que se considere a história de Uirá como uma primeira aproximação ao gênero.

O relato, como o filme, dá conta do trágico percurso de Uirá, da tribo Urubu-Kaapor, no Maranhão deste século, o qual um dia fica *iñaron* quando, após muitas desgraças comuns ao destino dos índios brasileiros, como fome, espoliação, epidemias, perseguições, perde também um dos filhos.

A palavra tupi *iñaron* designa um estado de fúria sagrada, associado ao sofrimento excessivo, não deixando de lembrar as famosas fúrias dos heróis gregos: Hércules, uma vez acometido por um desses acessos, enviado pela vingativa Hera, matou, sem o saber, seus três filhos e esposa, tal como vem narrado na tragédia **Héracles Furioso**, de Eurípedes. Nas **Bacantes**, do mesmo autor, Agave, fora de si, participa do desmembramento de seu filho adulto, Penteu, rei de Tebas. E talvez o mais formidável exemplo seja o da cólera de Aquiles, que dá nascimento à inteira composição da **Ilíada**, desencadeada por sua recusa a continuar lutando. Devido à recusa de Aquiles, quase foi perdida a guerra de Troia e, não fosse sua fúria, o poema não teria sido composto.

Em meio ao furacão histórico da fase do capitalismo selvagem no país, quando o acirramento da acumulação leva multinacionais e suas cabeças-de-ponte nacionais a apropriar-se dos mais recônditos confins com vistas ao lucro, encontram-se, estonteados, os índios. O único problema dos Mairum — nome inventado, tribo arquetípica de todas as tribos, povo de Maíra — é como sobreviver e como fazer sua cultura sobreviver, com crescente dificuldade.

O romance inteiro soa como uma lamentação, um carpir sobre o fim de uma civilização das mais admiráveis. Seus trechos mais bem realizados são aqueles nos quais uma espécie de narrador coletivo índio dá conta de sua maneira de ver o mundo, de como compreende e interpreta seus hábitos e tradições; e, o que é mais importante, franqueia para o leitor seu tremendo desejo de sobrevivência e alegria de viver.

A produção e publicação de um romance como esse, agora, mostra como o índio está mais vivo do que nunca em sua conexão com a literatura brasileira. Tampouco deve ser uma coincidência que, neste exato momento, outras ficções, filmes, romances, peças de teatro, novelas de televisão, canções, estejam sendo feitos, todos sobre os índios, todos lutando em defesa de sua preservação para a História. Quando há tanta desconfiança em relação à pulsão destrutiva da civilização ocidental e entre nós é tão escandaloso o capitalismo selvagem, isso pode vir a significar alguma coisa. Talvez uma postura mais cautelosa e menos arrogante, de quem está aprendendo a perceber que outras civilizações encontraram saídas melhores e, sobretudo, não suicidas para males que hoje parecem irremediáveis, como o problema do poder, da proliferação e potenciação dos armamentos, da destruição da natureza, do Estado e de seu aparelho, da igualdade nunca encontrada. A alegoria da moça branca morta ao parir mestiços mortos poderá significar também o caráter heteroletal e autoletal da etnia branca? Pode ser que a importância da civilização indígena esteja, final e penosamente, penetrando na consciência do corpo social brasileiro.

Walnice Nogueira Galvão. Indianismo revisitado. In: *Esboço de figura – Homenagem a Antonio Candido*. São Paulo: Duas Cidades, 1979, p. 379-89 (com adaptações).

(Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Considerando as relações semântico-sintáticas estabelecidas no texto II, julgue (C ou E) os itens a seguir.

11. As relações semântico-sintáticas no período "Nas **Bacantes**, do mesmo autor, Agave, fora de si, participa do desmembramento de seu filho adulto, Penteu, rei de Tebas" (l. 16 e 17) sustentam a inferência de que Agave tinha mais de um filho e apenas um deles era adulto.

12. O trecho "viceja um esplêndido indigenismo" (l. 2) indica que, para a autora, prosperou na literatura hispano-americana, durante todo o século XX, a imagem do índio como herói, como bom selvagem, ou seja, como elemento diferenciador da identidade de nações sul-americanas.

13. A oração reduzida iniciada pelo gerúndio "incluindo" (l. 6-7) poderia ser corretamente substituída pela seguinte oração desenvolvida: no qual se inclui vários trabalhos sobre os índios.

14. Infere-se do texto que, na tribo Urubu-Kaapor, a fúria sagrada se manifesta sempre que um parente, em especial, um filho, morre, o que, por consequência, demonstra que os índios dessa tribo valorizam os laços familiares e não aceitam a impermanência da existência humana.

Leia o texto a seguir para responder à questão 15.

Texto I

Descaso com saneamento deixa rios em estado de alerta

A crise hídrica transformou a paisagem urbana em muitas cidades paulistas. Casas passaram a contar com cisternas e caixas-d'água azuis se multiplicaram por telhados, lajes e até em garagens. Em regiões mais nobres, jardins e portarias de prédios ganharam placas que alertam sobre a utilização de água de reúso. As pessoas mudaram seu comportamento, economizaram e cobraram soluções.

As discussões sobre a gestão da água, nos mais diversos aspectos, saíram dos setores tradicionais e técnicos e ganharam espaço no cotidiano. Porém, vieram as chuvas, as enchentes e os rios urbanos voltaram a ficar tomados por lixo, mascarando, de certa forma, o enorme volume de esgoto que muitos desses corpos de água recebem diariamente.

É como se não precisássemos de cada gota de água desses rios urbanos e como se a água limpa que consumimos em nossas casas, em um passe de mágica, voltasse a existir em tamanha abundância, nos proporcionando o luxo de continuar a poluir centenas de córregos e milhares de riachos nas nossas cidades. Para completar, todo esse descaso decorrente da falta de saneamento se reverte em contaminação e em graves doenças de veiculação hídrica.

Dados do monitoramento da qualidade da água – que realizamos em rios, córregos e lagos de onze Estados brasileiros e do Distrito Federal – revelaram que 36,3% dos pontos de coleta analisados apresentam qualidade ruim ou péssima. Apenas 13 pontos foram avaliados com qualidade de água boa (4,5%) e os outros 59,2% estão em situação regular, o que significa um estado de alerta. Nenhum dos pontos analisados foi avaliado como ótimo.

Divulgamos esse grave retrato no Dia Mundial da Água (22 de março), com base nas análises realizadas entre março de 2015 e fevereiro de 2016, em 289 pontos de coleta distribuídos em 76 municípios.

(MANTOVANI, Mário; RIBEIRO, Malu. *UOL Notícias*, abril/2016.)

15. (Pref. Paulínia-SP – Ag. Fiscaliz – FGV – Maio/2016)

"*A crise hídrica transformou a paisagem urbana em muitas cidades paulistas. Casas passaram a contar com cisternas e caixas-d'água azuis se multiplicaram por telhados, lajes e até em garagens. Em regiões mais nobres, jardins e portarias de prédios ganharam placas que alertam sobre a utilização de água de reúso.*"

Infere-se corretamente desse segmento do texto que

a) a utilização da água de reúso é uma estratégia menos sofisticada.

b) a reutilização da água traz perigo à saúde, daí as placas de alerta.

c) as caixas-d'água se localizam em telhados para recolherem água da chuva.

d) as lajes passaram a substituir telhados por serem mais seguras.

e) as garagens são a localização mais comum para as caixas-d'água.

Leia o texto a seguir para responder à questão 16.

Texto 1 – Problemas Sociais Urbanos

Dentre os problemas sociais urbanos, merece destaque a questão da segregação urbana, fruto da concentração de renda no espaço das cidades e da falta de planejamento público que vise à promoção de políticas de controle ao crescimento desordenado das cidades. A especulação imobiliária favorece o encarecimento dos locais mais próximos dos grandes centros, tornando-os inacessíveis à grande massa populacional. Além disso, à medida que as cidades crescem, áreas que antes eram baratas e de fácil acesso tornam-se mais caras, o que contribui para que a grande maioria da população pobre busque por moradias em regiões ainda mais distantes.

Essas pessoas sofrem com as grandes distâncias dos locais de residência com os centros comerciais e os locais onde trabalham, uma vez que a esmagadora maioria dos habitantes que sofrem com esse processo são trabalhadores com baixos salários. Incluem-se a isso as precárias condições de transporte público e a péssima infraestrutura dessas zonas segregadas, que às vezes não contam com saneamento básico ou asfalto e apresentam elevados índices de violência.

A especulação imobiliária também acentua um problema cada vez maior no espaço das grandes, médias e até pequenas cidades: a

questão dos lotes vagos. Esse problema acontece por dois principais motivos: 1) falta de poder aquisitivo da população que possui terrenos, mas que não possui condições de construir neles e 2) a espera pela valorização dos lotes para que esses se tornem mais caros para uma venda posterior. Esses lotes vagos geralmente apresentam problemas como o acúmulo de lixo, mato alto, e acabam tornando-se focos de doenças, como a dengue.

PENA, Rodolfo F. Alves. "Problemas socioambientais urbanos"; *Brasil Escola*. Disponível em http://brasilescola.uol.com.br/brasil/problemas-ambientais-sociais-decorrentes-urbanização.htm. Acesso em 14 de abril de 2016.

16. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

" Dentre os problemas sociais urbanos, merece destaque a questão da segregação urbana, fruto da concentração de renda no espaço das cidades e da falta de planejamento público que vise à promoção de políticas de controle ao crescimento desordenado das cidades."

Pode ser inferido desse segmento do texto 1 que:

a) não há concentração de renda em todas as cidades;

b) os problemas sociais urbanos resumem-se à segregação;

c) o planejamento público se destina a impedir o crescimento das cidades;

d) as políticas de controle impediriam a concentração de renda;

e) os problemas sociais urbanos são vários e passíveis de controle.

Leia o texto a seguir para responder à questão 17.

Texto 2 – Violência e favelas

O crescimento dos índices de violência e a dramática transformação do crime manifestados nas grandes metrópoles são alarmantes, sobretudo, na cidade do Rio de Janeiro, sendo as favelas as mais afetadas nesse processo.

" A violência está o cúmulo do absurdo. É geral, não é? É geral, não tem, não está distinguindo raça, cor, dinheiro, com dinheiro, sem dinheiro, tá de pessoa para pessoa, não interessa se eu te conheço ou se eu não te conheço. Me irritou na rua eu te dou um tiro. É assim mesmo que está, e é irritante, o ser humano está em um estado de nervos que ele não está mais se controlando, aí junta a falta de dinheiro, junta falta de tudo, e quem tem mais tá querendo mais, e quem tem menos tá querendo alguma coisa e vai descontar em cima de quem tem mais, e tá uma rivalidade, uma violência que não tem mais tamanho, tá uma coisa insuportável." (moradora da Rocinha)

A recente escalada da violência no país está relacionada ao processo de globalização que se verifica, inclusive, ao nível das redes de criminalidade. A comunicação entre as redes internacionais ligadas ao crime organizado são realizadas para negociar armas e drogas. Por outro lado, verifica-se hoje, com as CPIs (Comissão Parlamentar de Inquérito) instaladas, ligações entre atores presentes em instituições estatais e redes do narcotráfico.

Nesse contexto, as camadas populares e seus bairros/favelas são crescentemente objeto de estigmatização, percebidos como causa da desordem social o que contribui para aprofundar a segregação nesses espaços. No outro polo, verifica-se um crescimento da autossegregação, especialmente por parte das elites que se encastelam nos enclaves fortificados na tentativa de se proteger da violência.

(Maria de Fátima Cabral Marques Gomes, *Scripta Nova*)

17. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

“ Por outro lado, verifica-se hoje, com as CPIs (Comissão Parlamentar de Inquérito) instaladas, ligações entre atores presentes em instituições estatais e redes do narcotráfico”.

Esse segmento do texto 2 alude ao seguinte fato:

a) preocupação das autoridades com a ampliação do crime;

b) investigação policial sobre o crime organizado;

c) corrupção em altos escalões do poder;

d) crescimento do crime em nosso país;

e) chegada ao Brasil do crime organizado.

Leia o texto a seguir para responder à questão 18.

Texto I

Banhos de mar

Meu pai acreditava que todos os anos se devia fazer uma cura de banhos de mar. E nunca fui tão feliz quanto naquelas temporadas de banhos em Olinda, Recife.

Meu pai também acreditava que o banho de mar salutar era o tomado antes de o sol nascer. Como ex- plicar o que eu sentia de presente prodigioso em sair de casa de madrugada e pegar o bonde vazio que nos levaria para Olinda ainda na escuridão?

De noite eu ia dormir, mas o coração se mantinha acordado, em expectativa. E de puro alvoroço, eu acordava às quatro e pouco da madrugada e despertava o resto da família. Nós nos vestíamos depressa e saíamos em jejum. Porque meu pai acreditava que assim devia ser: em jejum.

Saímos para uma rua toda escura, recebendo a brisa da pré-madrugada. E esperávamos o bonde. Até que lá de longe ouvíamos o seu barulho se aproximando. Eu me sentava bem na ponta do banco, e minha felicidade começava. Atravessar a cidade escura me dava algo que jamais tive de novo. No bonde mesmo o tempo começava a clarear, e uma luz trêmula de sol escondido nos banhava e banhava o mundo.

Eu olhava tudo: as poucas pessoas na rua, a passagem pelo campo com os bichos-de-pé: “ Olhe, um porco de verdade!” gritei uma vez, e a frase de deslumbramento ficou sendo uma das brincadeiras da minha família, que de vez em quando me dizia rindo: “ Olhe, um porco de verdade.”

Eu não sei da infância alheia. Mas essa viagem diária me tornava uma criança completa de alegria. E me serviu como promessa de felicidade para o futuro. Minha capacidade de ser feliz se revelava. Eu me agarrava, dentro de uma infância muito infeliz, a essa ilha encantada que era a viagem diária.

LISPECTOR, C. *A Descoberta do Mundo*. São Paulo: Rocco, 1999, p. 175. Adaptado.

18. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016)

No Texto I, a narradora diz que “ uma luz trêmula de sol escondido nos banhava e banhava o mundo” (l. 12). Essa imagem apresenta indícios de que

a) o sol estava encoberto, talvez por nuvens, talvez por folhagens.

b) uma inversão entre o sol e sua luz justifica essa visão subjetiva.

c) a luz parecia reproduzir as mesmas emoções da menina.

d) o dia amanhecia mais tarde do que o costumeiro.

e) os banhos de mar aconteciam em qualquer lugar.

Leia o texto a seguir para responder às questões 19 e 20.

Uma noite no mar Cáspio

Na semana passada, uma aluna da Sorbonne foi encarregada de fazer um estudo sobre a literatura latino-americana, mal informada de tudo, inclusive sobre a América Latina. Veio entrevistar algumas pessoas e, não sei por que, pediu-me que a recebesse para uma conversa que pudesse explicar o Brasil com apenas um título que serviria de roteiro para o trabalho que deveria apresentar.

Já me pediram coisas extravagantes, recusei algumas, aceitei outras. Aleguei minha incompetência para titular qualquer coisa.

Mas não quis decepcionar a moça. Pensando na atual crise política, sugeri " Garruchas e punhais" – era o nome da briga entre os meninos da rua Cabuçu contra os meninos da rua Lins de Vasconcelos. Morei nas duas e era considerado um espião a soldo de uma ou de outra. O que no fundo era verdade, considerava idiotas os dois lados.

A moça riu mas não gostou. Todos os países têm garruchas e punhais. Dei outra sugestão: " O mosteiro de tijolos de feltro". Ela não gostou – nem eu. Parti então para uma terceira via, por sinal, a mais estúpida. Pensou um pouco, inicialmente recusou. Olhou bem para mim e aprovou: " Uma noite no mar Cáspio". Para meu espanto, ela aceitou. Acredito que os professores da Sorbonne também gostarão. E eu nem sei onde fica o mar Cáspio, embora também não saiba onde fica o Brasil.

(Carlos Heitor Cony. *Folha de S.Paulo,* 26.01.2016. Adaptado)

19. (C.M. Marília-SP – Proc. Jurídico – Vunesp – Abril/2016)

Com as passagens do texto " mal informada de tudo" (1º parágrafo) e " Mas não quis decepcionar a moça." (3º parágrafo), o narrador mostra-se

a) hostil, embora a aluna da Sorbonne não evidenciasse entusiasmo pelo assunto do trabalho a ser realizado.

b) apreensivo, pois a aluna da Sorbonne não demonstrava interesse no assunto do trabalho a ser realizado.

c) receptivo, ainda que a aluna da Sorbonne não dominasse o assunto do trabalho a ser realizado.

d) indiferente, tanto que a aluna da Sorbonne não manifestou conhecimento do assunto do trabalho a ser realizado.

e) confuso, à medida que a aluna da Sorbonne dava indícios de desconhecer o assunto do trabalho a ser realizado.

20. (C.M. Marília-SP – Proc. Jurídico – Vunesp – Abril/2016)

A frase – Morei nas duas e era considerado um espião a soldo de uma ou de outra. O que no fundo era verdade, considerava idiotas os dois lados (3º parágrafo) indica que o narrador, em suas brincadeiras de criança,

a) acreditava que a rivalidade entre as duas ruas era algo sem propósito.

b) orgulhava-se por ser espião nas duas ruas, principalmente pelo pagamento.

c) pagava aos meninos de ambas as ruas para não se envolver em suas brigas.

d) atendia os pedidos dos amigos, pois se considerava o melhor espião do lugar.

e) encantava-se com a richa entre as ruas, por isso defendia a mais forte.

(Leia o texto a seguir para responder à questão 21.

Vira e mexe alguns *blogs* maternos publicam textos sobre " As vantagens de ser mãe de menina" ou " Por que é bom ser mãe de menino": " meninos não têm frescura", " meninas são mais delicadas", " eles são mais corajosos", " elas são mais choronas" e por aí vai. Leio isso e tenho vontade de gritar por ver estereótipos de gênero tão pesados serem perpetuados sem nenhuma reflexão. Já pensou que seu filho é uma figura única e a infinidade de coisas que pode ser ou sentir não cabe em listas, caixas ou rótulos? Pior: que você definir como ele deve ser ou se comportar dependendo de seu gênero pode ser muito, muito cruel?

Aos meninos são permitidas vivências mais amplas. Eles podem subir muros, escalar os brinquedos do *playground*, enquanto as meninas não, veja bem, vai sujar seu sapato de princesa, filha, vai mostrar sua calcinha, não pega bem, filha, não é assim que uma menina brinca. E por isso, só por isso, que se perpetua a ideia de que os meninos são mais " aventureiros" e " danados" e as meninas mais " cuidadosas". Fazemos as meninas mais infelizes, isso sim.

Ser menino também pode não ser fácil, principalmente se os pais acreditarem que podem definir o que ele deve sentir ou gostar. Meu filho adorava brincar com os carrinhos de boneca das meninas do *playground* do prédio. Só depois de eu dizer que " tudo bem" as mães ou babás ficavam à vontade em deixá-lo empurrar as bonecas ou carregá-las. Por que tanto receio? O que um menino pode virar depois de brincar de boneca? Um pai carinhoso e dedicado no futuro?

Uma vez, em uma loja de brinquedos, meu filho ficou empolgadíssimo ao ver uma pia que funcionava de verdade, com uma torneirinha de água. E pediu muito para que eu comprasse. As opções de cores deixavam claro para quem o brinquedo era fabricado: só havia pias rosa e lilás. " Esse brinquedo é de menina", alertou a vendedora, cheia de boa vontade, como se eu estivesse me distraído e não percebido o " engano" ao considerar a compra. Eu disse para ela que na minha casa lavar louça é uma atividade *unissex*, que o pai do meu filho encara muito prato e panela suja e, por isso, brincar de casinha é uma brincadeira de menino sim. Meu filho saiu da loja feliz da vida com seu brinquedo rosa que, aliás, para ele é só uma cor, como outra qualquer. O avô estranhou o presente até eu levá-lo à reflexão: " Quantas pias de louça suja você lavou e lava na sua vida, para manter sua casa em ordem?". E só daí meu pai percebeu o tamanho da bobagem que fazia ao acreditar que lavar louça é uma atividade exclusivamente feminina.

E para quem gosta de listas, proponho uma única: " As vantagens de ser mãe de uma criança feliz". É essa que eu espero estar escrevendo, no dia a dia, ao não determinar como meu filho pode ou não ser.

(Rita Lisauskas, A crueldade de dividir o mundo entre "coisas de menino" e "coisas de meninas". Disponível em: <vida-estilo.estadao.com.br>. Acesso em 10-02-2016. Adaptado)

21. (Unesp – Ass. Administrativo I – Vunesp – Abril/2016)

O episódio ocorrido em uma loja de brinquedos demonstra que

a) a vendedora imaginou que a autora procurava um brinquedo de menina para presentear alguém.

b) o brinquedo que interessou ao menino é convencionalmente associado a uma atividade feminina.

c) brincar de casinha não merece a aprovação da autora, especialmente porque seu filho pode se interessar por isso.

d) o avô do garoto não acatou o argumento da filha e continuou sendo contrário a homem lavar louça.

e) a autora teve dificuldade em aceitar a escolha do filho, fazendo juízos equivocados das escolhas dele.

Leia o texto a seguir para responder à questão 22.

É permitido sonhar

Os bastidores do vestibular são cheios de histórias – curiosas, estranhas, comoventes. O jovem que chega atrasado por alguns segundos, por exemplo, é uma figura clássica, e patética. Mas existem outras figuras capazes de chamar a atenção.

Takeshi Nojima é um caso. Ele fez vestibular para a Faculdade de Medicina da Universidade do Paraná. Veio do Japão aos 11 anos, trabalhou em várias coisas, e agora quer começar uma carreira médica.

Nada surpreendente, não fosse a idade do Takeshi: ele tem 80 anos. Isto mesmo, 80. Numa fase em que outros já passaram até da aposentadoria compulsória, ele se prepara para iniciar nova vida. E o faz tranquilo: "Cuidei de meus pais, cuidei dos meus filhos. Agora posso realizar um sonho que trago da infância".

Não faltará quem critique Takeshi Nojima: ele está tirando o lugar de jovens, dirá algum darwinista social. Eu ponderaria que nem tudo na vida se regula pelo critério cronológico. Há pais que passam muito pouco tempo com os filhos e nem por isso são maus pais; o que interessa é a qualidade do tempo, não a quantidade. Talvez a expectativa de vida não permita ao vestibulando Nojima uma longa carreira na profissão médica. Mas os anos, ou meses, ou mesmo os dias que dedicar a seus pacientes terão em si a carga afetiva de uma existência inteira.

Não sei se Takeshi Nojima passou no vestibular; a notícia que li não esclarecia a respeito. Mas ele mesmo disse que isto não teria importância: se fosse reprovado, começaria tudo de novo. E aí de novo ele dá um exemplo. Os resultados do difícil exame trazem desilusão para muitos jovens, e não são poucos os que pensam em desistir por causa de um fracasso. A estes eu digo: antes de abandonar a luta, pensem em Takeshi Nojima, pensem na força de seu sonho. Sonhar não é proibido. É um dever.

(Moacyr Scliar. *Minha mãe não dorme enquanto eu não chegar*, 1996. Adaptado)

22. (Unifesp – Técnico Seg. Trab. – Vunesp – Abril/2016)

No último parágrafo do texto, na passagem –… se fosse reprovado, começaria tudo **de novo**. E aí **de novo** ele dá um exemplo. –, a repetição das expressões em destaque ressalta a ideia de

a) perseverança.

b) desilusão.

c) proibição.

d) abandono.

e) fracasso.

Leia o texto a seguir para responder à questão 23.

Entre as boas figuras de boa-fé do Rio de Janeiro figurava o Garcia, bom homem, cujo único defeito era ser fraco de inteligência, defeito que todos lhe perdoavam por não ser culpa dele.

O nosso herói não se empregava absolutamente em outra coisa que não fosse comer, beber, dormir e trocar as pernas pela cidade. Tinha herdado dos pais o suficiente para levar essa vida folgada e milagrosa, e só gastava o rendimento do seu patrimônio.

Casara-se com d. Laura, que, não sendo formosa que o inquietasse, nem feia que lhe repugnasse, era mais inteligente e instruída

que ele. Esta superioridade dava-lhe certo ascendente, de que ela usava e abusava no lar doméstico, onde só a sua vontade e a sua opinião prevaleciam sempre.

O Garcia não se revoltava contra a passividade a que era submetido pela mulher: reconhecia que d. Laura tinha sobre ele grandes vantagens intelectuais e, se era honesta e fiel aos seus deveres conjugais, que lhe importava a ele o resto?

(Artur Azevedo, O espírito. Em: *Seleção de Contos*, 2014. Adaptado)

23. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Ao dizer que uma das coisas que Garcia fazia era " trocar as pernas pela cidade", o narrador pretende dizer que o homem

a) andava sempre acompanhado.

b) ia a poucos lugares.

c) dava passos largos.

d) tinha as pernas fracas.

e) caminhava sem rumo.

Leia o texto a seguir para responder à questão 24.

Tato

Na poltrona da sala
as minhas mãos sob a nuca
    sinto nos dedos
    a dureza dos ossos da cabeça
    a seda dos cabelos
    que são meus
A morte é uma certeza invencível
    mas o tato me dá
    a consistente realidade
    de minha presença no mundo

(Ferreira Gullar, *Muitas vozes*, 2013)

24. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

A leitura do poema revela que a criação poética baseia-se em

a) uma situação prosaica.

b) um momento melancólico.

c) uma cena imaginária.

d) um fato inusitado.

e) uma circunstância irreal.

Gabarito: 1. a; 2. e; 3. a; 4. E; 5. C; 6. E; 7. E; 8. C; 9. C; 10. b; 11. C; 12. E; 13. E; 14. E; 15. b; 16. e; 17. c; 18. a; 19. c; 20. a; 21. b; 22. a; 23. e; 24. a.

26.6. RESUMO

Enunciados mais comuns de inferência:

• *Depreende-se/infere-se/conclui-se do texto que...*

• *O texto permite deduzir/inferir que...*

• *É possível subentender do texto que...*

• *Qual a intenção do autor quando afirma que...*

• *O texto possibilita o entendimento de que...*

• *O autor pretende mostrar que...*

Referências

BECHARA, Evanildo. *Gramática escolar da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

CARNEIRO, Agostinho Dias. *Redação em construção*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2001.

CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Luís Felipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FÁVERO, Leonor Lopes. *Coesão e coerência textuais*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. *Para entender o texto*. 12. ed. São Paulo: Ática, 1996.

GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna*. 20. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KOCH, Ingedore Villaça. *A coesão textual*. 11. ed. São Paulo: Contexto, 1999.

LUFT, Celso Pedro. *Dicionário prático de regência verbal*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995.

RIBEIRO, Manoel Pinto. *Nova gramática aplicada da Língua Portuguesa*. 16. ed. Rio de Janeiro: Metáfora, 2006.

RYAN, Maria Aparecida. *Conjugação dos verbos em português*. 9. ed. São Paulo: Ática, 1993.

TERRA, Ernani. *Curso prático de gramática*. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2007.

1 Os exemplos utilizados para explicar como se constrói uma narrativa são tirados de um mesmo texto de Ziraldo.

ROTEIRO DE REDAÇÃO
Lendo e argumentando

O problema da escrita não decorre da falta do domínio das regras gramaticais. É, antes de tudo, um problema de leitura. Este **Roteiro de redação** tem como objetivo resolver problemas básicos de redação pela leitura atenta de textos.

Ler e argumentar são hoje duas exigências que se fazem de qualquer estudante que pretende ingressar numa universidade. Aqui o professor encontrará um roteiro que vai da leitura à argumentação, sempre sob a ótica da coesão e da coerência.
O aluno é obrigado a refletir sobre o processo de construção de textos alheios para depois chegar ao seu.

O professor de redação deve ser consciente de que seu trabalho é trabalho de mão dupla: a aprendizagem da arquitetura textual se faz paralelamente à discussão de idéias sobre os temas que serão desenvolvidos, pois sem opinião formada não há como escrever qualquer texto.

ISBN 85-262-3255-X
9 788526 232549

editora scipione

ROTEIRO DE REDAÇÃO Lendo e argumentando

ROTEIRO DE REDAÇÃO
Lendo e argumentando

Antonio Carlos Viana (coord.)
Ana Valença
Denise Porto Cardoso
Sônia Maria Machado

LIVRO RESTAURADO

811.134.3'42
V152r
1998
Ex.2 BFA

N.Cham. 811.134.3'42 V152r 1998
Autor: Valença, Ana Maria Macedo
Título: Roteiro de redação : lendo e
36472 Ac. 8599
Ex.2 BFA

editora scipione

editora scipione

DIRETORIA
Luiz Esteves Sallum
Vicente Paz Fernandez
José Gallafassi Filho

GERÊNCIA EDITORIAL
Aurelio Gonçalves Filho

RESPONSABILIDADE EDITORIAL
Ângelo Alexandref Stefanovits

ASSISTÊNCIA EDITORIAL
Sandra Cristina Fernandez

REVISÃO
assistência – Miriam de Carvalho Abões
preparação – Maria Silvia Gonçalves
revisão – Andréa Vidal de Miranda e
Ana Paula Munhoz Figueiredo

ARTE
coordenação geral – Sérgio Yutaka Suwaki
edição de arte – Didier D. C. Dias de Moraes
coordenação de arte – Ascensión Rojas
capa e miolo – Ulhôa Cintra Comunicação Visual

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO
José Antonio Ferraz

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA E FILMES
Gama
coordenação – Mizue Jyo
diagramação – Elen Coppini Camioto

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
YANGRAF

Editora Scipione Ltda.
MATRIZ
Praça Carlos Gomes, 46
01501-040 São Paulo SP
e-mail: scipione@scipione.com.br
DIVULGAÇÃO
Rua Fagundes, 121
01508-030 São Paulo SP
Tel. (0XX11) 3272 8411
Caixa Postal 65131
VENDAS
Tel. (0XX11) 3277 1788

2004
ISBN 85-262-3255-X
1ª EDIÇÃO
(8ª impressão)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Valença, Ana
Roteiro de redação : lendo e argumentando / Ana Valença, Denise Porto Cardoso, Sônia Maria Machado coord. Antonio Carlos Viana. — São Paulo : Scipione, 1998.

1. Leitura (2º grau) 2. Português – Redação (2º grau) 3. Redação (Literatura) I. Cardoso, Denise Porto. II. Machado, Sônia Maria. III. Viana, Antonio Carlos, 1944- IV. Título.

97-2513 CDD-808.0469

Índices para catálogo sistemático:

1. Redação : Português : Ensino de 2º grau 808.0469

FACULDADES ALVES FARIA
Biblioteca
Exemplar nº: 36472
Class: 811.134.3'42 V152r ex2
NF: Doação Ed. Scipione
Go, 26 / 01 / 20 06

FACULDADES ALVES FARIA BIBLIOTECA

Prefácio

Este **Roteiro de redação** não surgiu por acaso. Ao contrário, é fruto de longa reflexão da equipe de pesquisa da Universidade Federal de Sergipe, liderada pelo Dr. Antonio Carlos Viana. Porque professores, desde há muito todos conviviam com as dificuldades de expressão de seus alunos, ouvindo sempre dos colegas as críticas ao ensino de 2º grau que, via de regra, não prepara sua clientela para os bancos acadêmicos. Sua visão abrangente permitia-lhes, ainda, perceber o círculo vicioso dessa sucessiva atribuição de culpas: os docentes do ensino médio culpam seus colegas do primeiro grau, que responsabilizam os do segundo, que criticam os do terceiro, que...

Diante da situação, deixaram de lado as lástimas e partiram para a tarefa de romper a cadeia de fracassos. E, para isso, contaram, antes de tudo, com o desejo político de mudar o estado de coisas, através de uma ação efetiva no contexto. A obra que agora temos em mãos é o resultado final desse esforço bem-sucedido. Ela significa a possibilidade de integrar todos os graus de ensino, uma vez que a pesquisa ultrapassa as salas da Academia e envolve outros segmentos escolares, dando chance a professores e alunos de atuarem efetivamente na sociedade.

O que sustenta a proposta de ensino de redação deste livro é a certeza da necessidade de democratização da cultura letrada. Ensinar a redigir é dar ao cidadão o instrumento-chave para participar da vida social, pois, desde a invenção da escrita, o mundo divide-se em alfabetizados e analfabetos, sendo os últimos sempre alijados das decisões e, conseqüentemente, do poder. Quando a escola fracassa, está em sintonia com a divisão injusta de classes, enganando os menos favorecidos ao outorgar-lhes um diploma de 2º grau sem que tenham condições de ler e escrever com competência. Por essas vias, reforçam-se as diferenças, impedindo-se os filhos das camadas populares de disputarem, em igualdade de condições, um lugar digno no mercado de trabalho.

Para mudar tal conjuntura, é preciso melhor distribuir o saber, e nesse sentido caminha o **Roteiro de redação**, partindo do pressuposto de que só escreve bem quem é leitor. Logo, todas as atividades de escritura propostas partem da leitura e interpretação de um texto. Como ninguém pode dissertar e argumentar sem idéias, é preciso descobrir sentidos, dialogar com os autores, posicionar-se, para, só depois, escrever.

Saliente-se, portanto, que o conceito de leitura que subjaz a esta proposta não se limita à decodificação dos sinais gráficos, mas é bem mais amplo e exigente. Para os autores, ler é colocar-se diante do texto, acionando todas as suas capacidades cognitivas e emocionais para interagir com os sentidos dali emergentes. E mais: o material escrito é um esquema de pistas, indicações e vazios que podem ser preenchidos e combinados de inúmeras maneiras, segundo as condições do leitor. Logo, quanto maior a experiência de leitura, mais eficiente é o resultado final.

Como o ato de ler enriquece os horizontes do leitor, na direção do conhecimento do mundo e de si, propicia o armazenamento dos conteúdos intelectuais e humanos que vão alimentar o processo da escrita. Então, à semelhança da leitura, pode-se dizer que escrever não é apenas codificar sinais gráficos, mas comunicar-se com o interlocutor, apresentar, aceitar e refutar idéias, expressar e provocar sentimentos, instigar respostas.

E mais: o conteúdo a ser expresso carece de uma estrutura formal que, para se mostrar coesa e coerente, repousa no domínio da técnica. Daí a estrutura do **Roteiro**: parte da micro para a macroestrutura textual, discutindo, exemplificando e provocando a produção escrita, demonstrando como se dá a arquitetura da redação. A lição final é a de que escrever se aprende, por ensaio e erro, não sendo privilégio de poucos, mas direito de todos.

Aí repousa outro ensinamento: o texto não nasce pronto. Escrever não é um ato de inspiração divina, um repente que se faz palavra escrita. Para redigir é preciso arregimentar conhecimentos, principalmente por meio da leitura, colocar-se diante deles para, só então, dar-lhes forma. Para isso, é necessário planejamento, trabalho, tentativas e correções até se chegar ao produto acabado. Pode-se dizer que uma redação está pronta quando o autor não encontra mais nenhuma modificação a ser feita, quando a considera capaz de expressar a seu leitor o melhor possível as idéias ali depositadas. Como percorrer esse caminho, o aluno vai aprender nestas dez lições de redação.

VERA TEIXEIRA DE AGUIAR
Doutora em Teoria da Literatura
Professora dos cursos de pós-graduação
em Letras da PUC-RS

BIBLIOTECA

Apresentação

Ler e escrever são atos indissociáveis. Só mesmo quem tem o hábito da leitura é capaz de escrever sem muita dificuldade. A leitura eficiente de livros, revistas e jornais permite-nos refletir sobre as idéias e formular nossa própria opinião. Sem opinião formada é impossível escrever qualquer texto.

Foi a partir desse princípio que criamos este roteiro de redação para o texto dissertativo-argumentativo. Voltado para o segundo grau, em especial para os alunos que vão fazer o vestibular, tivemos a preocupação de reduzir a parte teórica ao essencial. A teoria serve apenas de suporte para a prática dos exercícios. Por isso procuramos elaborá-los de forma que houvesse um ajuste perfeito entre teoria e prática.

Para melhores resultados, aconselhamos o professor a seguir as lições na ordem em que aparecem. Assim será possível passar ao aluno a idéia de que escrever é algo que se constrói passo a passo, a cada palavra enunciada de forma consciente. Sem isso, o texto não passará de um amontoado de idéias sem nexo.

Os dois primeiros capítulos tratam de estratégias de leitura, que vão da identificação das palavras-chave até as formas de expansão do texto. Do terceiro ao quinto, estudamos os recursos de coesão textual e a construção da frase, sempre tendo em vista a busca da coerência.

As lições aprendidas nos cinco capítulos iniciais servirão de base para o que se vai desenvolver nos seguintes. No sexto capítulo, trabalhamos as formas de estruturação do parágrafo, numa abordagem diferente da habitual. Ao chegar aos capítulos sétimo e oitavo, o aluno estará preparado para apreender o que significa a construção de um texto e o processo de argumentação. Como todo livro de redação, não poderiam faltar considerações sobre como melhorar a linguagem. Daí o capítulo nono, no qual chamamos a atenção para os erros mais comuns em redações escolares.

O último capítulo é composto de textos que devem ser explorados do ponto de vista de sua estruturação. Cada leitura deve comportar a busca de seus pressupostos, argumentos e conclusão. O estudante deverá tomar consciência de que, para escrever, é preciso, além do conhecimento de algumas regras de construção textual, ler muito a fim de estar seguro de sua posição diante de cada tema que terá de desenvolver.

Os resultados obtidos em nossas aulas com este roteiro animaram-nos a publicá-lo. Apesar de ser dirigido a alunos do segundo grau, nada impede que seja usado em cursos superiores ou por qualquer pessoa interessada na arte de escrever.

Antonio Carlos Viana

Sumário

1 Lendo o texto (I)
As palavras-chave ... 9
As idéias-chave ... 11
Exercícios ... 14

2 Lendo o texto (II)
A coerência ... 18
Processos de expansão das palavras ... 19
1. Associação ... 19
2. Identidade ... 20
3. Oposição ... 21
Exercícios ... 22

3 Dominando a coesão textual
Coesão e coerência ... 28
Recursos de coesão ... 30
1. Epítetos ... 30
2. Nominalizações ... 30
3. Palavras ou expressões sinônimas ou quase-sinônimas ... 30
4. Repetição de uma palavra ... 31
5. Um termo-síntese ... 31
6. Pronomes ... 31
7. Numerais ... 31
8. Advérbios pronominais (aqui, ali, lá, aí) ... 32
9. Elipse ... 32
10. Repetição do nome próprio (ou parte dele) ... 32
11. Metonímia ... 32
12. Associação ... 32
Exercícios ... 33

4 Ajustando a frase
Os paralelismos ... 38
Paralelismos mais freqüentes ... 41
1. Com as conjunções ... 41
2. Com as orações justapostas (aquelas que estão coordenadas sem conectivos) ... 42
Exercícios ... 43
A ênfase ... 46
Exercícios ... 47

5 Fazendo as conexões
Os conectivos ... 50
1. Os principais conectivos ... 53
2. As transições ... 54
Exercícios ... 56

6 Estruturando o parágrafo
Estruturas simples ... 62
Estruturas mistas ... 65
Exercícios ... 66

7 Construindo o texto
A articulação dos parágrafos ... 70
1. Articulação por desmembramento do primeiro parágrafo 70
2. Articulação por introdução de elementos novos a cada parágrafo ... 72
O parágrafo-chave: 18 formas para você começar um texto ... 75
1. Uma declaração ... 75
2. Definição ... 75
3. Divisão ... 76
4. Oposição ... 76
5. Alusão histórica ... 76
6. Uma pergunta ... 77
7. Uma frase nominal seguida de explicação ... 77
8. Adjetivação ... 77
9. Citação ... 77
10. Citação de forma indireta ... 78
11. Exposição de ponto de vista oposto ... 78
12. Comparação ... 78
13. Retomada de um provérbio ... 79
14. Ilustração ... 79
15. Uma seqüência de frases nominais (frases sem verbo) ... 79
16. Alusão a um romance, um conto, um poema, um filme ... 80
17. Descrição de um fato de forma cinematográfica ... 80
18. Omissão de dados identificadores ... 80
Exercícios ... 81

8 Argumentando
Pressupostos e argumentos ... 85
Análise de um texto argumentativo ... 87
1. Determinação do pressuposto ... 88
2. Detecção dos argumentos ... 89
Exercícios ... 94

9 Melhorando o texto
A frase 103
1. Extensão 103
2. Fragmentação 104
3. Sonoridade 104
4. Pronome relativo e conjunção integrante *que* 104
5. A conjunção *pois* 105
6. Onde 105
7. Poluição gráfica 106
8. Ponderação 106
O vocabulário 106
1. Adjetivos certos na medida certa 106
2. Lugares-comuns e modismos 108
3. A palavra mais simples 108
4. Palavras abstratas 109
5. Repetições desnecessárias 109
6. Pleonasmos 109
7. Aspas 110
8. Etc. 110
Particularidades léxicas e gramaticais 111
1. Dentre 111
2. Desde 111
3. Todo 111
4. Junto a 111
5. À medida que/na medida em que 111
6. Possuir/ter 112
7. Senão/se não 112
8. Por que/porque 112
9. Sequer/se quer 113
10. Mau/mal 113
11. Este, isto/esse, isso/aquele 113
12. Ao invés de/em vez de 114
13. Face a/frente a 115
14. Acerca de/a cerca de/há cerca de 115
15. Há/a 115
16. Haja vista 116
O leitor 116
Exercícios 116

10 Produzindo textos
Temas para redação 121
Temas e textos 122

Bibliografia 151

Capítulo 1

LENDO O TEXTO (I)

palavra que indica o que o texto fala

AS PALAVRAS-CHAVE

repetidas vezes, sinonimo ou modificada

Ninguém chega à escrita sem antes ter passado pela leitura. Mas leitura aqui não significa somente a capacidade de juntar letras, palavras, frases. Ler é muito mais que isso. É compreender a forma como está tecido o texto. Ultrapassar sua superfície e inferir da leitura seu sentido maior, que muitas vezes passa despercebido a uma grande maioria de leitores. Só uma relação mais estreita do leitor com o texto lhe dará esse sentido. Ler bem exige tanta habilidade quanto escrever bem. Leitura e escrita complementam-se. Lendo textos bem estruturados, podemos apreender os procedimentos lingüísticos necessários a uma boa redação.

Numa primeira leitura, temos sempre uma noção muito vaga do que o autor quis dizer. Uma leitura bem feita é aquela capaz de depreender de um texto ou de um livro a informação essencial. Para isso, é preciso ter pistas seguras para localizá-la. Uma boa estratégia é buscar as palavras mais importantes de cada parágrafo. Elas constituirão as palavras-chave do texto, em torno das quais as outras se organizam e criam um intercâmbio de significação para produzirem sentidos.

As palavras-chave formam um centro de expansão que constitui o alicerce do texto. Tudo deve ajustar-se a elas de forma precisa. A tarefa do leitor é detectá-las, a fim de realizar uma leitura capaz de dar conta da totalidade do texto.

Por adquirir tal importância na arquitetura textual, as palavras-chave normalmente aparecem ao longo de todo o texto das mais variadas formas: repetidas, modificadas, retomadas por sinônimos. Elas pavimentam o caminho da leitura, levando-nos a compreender melhor o texto. Além disso, fornecem a pista para uma leitura reconstrutiva porque nos levam à essência da informação.

Após encontrar as palavras-chave de um texto, devemos tentar reescrevê-lo, tomando-as como base. Elas constituem seu esqueleto.

Vejamos um exemplo:

Ninguém se enamora se está, mesmo parcialmente, satisfeito com o que tem e com o que é. O enamoramento surge da sobrecarga depressiva, isto é, da impossibilidade de encontrar

alguma coisa de valor na vida cotidiana. O "sintoma" da predisposição para o enamoramento não é o desejo consciente de se apaixonar, enamorar, uma forte intenção de enriquecer o existente, mas sentimento profundo de não ser e não ter nada de valor, e a vergonha de não tê-lo. Esse é o primeiro sinal da preparação para o enamoramento: o sentimento da nulidade e a vergonha da própria nulidade. Por essa razão, o enamoramento é mais freqüente entre os jovens, pois estes são profundamente inseguros, não têm certeza de seu valor e muitas vezes se envergonham de si mesmos. E o mesmo é válido em outras idades da vida, quando se perde algo do nosso ser; no final da juventude ou quando começa a velhice. Perde-se irreparavelmente algo de si, fica-se privado de valores, degradado, no confronto com o que se foi. Não é a nostalgia de um amor que nos faz enamorar-nos, mas a certeza de que nada temos a perder transformando-nos naquilo em que nos transformamos; é a perspectiva de ter o nada pela frente. Somente então se estabelece dentro de nós à disposição para o diferente e para o risco, a propensão de nos lançarmos no tudo ou nada que aqueles que de alguma forma estão satisfeitos com o próprio ser não poderão experimentar.

ALBERONI, Francesco. *Enamoramento e amor*. Trad. Ary Gonzalez Galvão. Rio de Janeiro, Rocco, 1991. pp. 46-7.

Além de estar presente no título do livro, a palavra *enamoramento* aparece quatro vezes e é retomada pelo verbo *enamorar-se* três vezes. É a primeira palavra que nos chama a atenção. Mas não é a única. É preciso descobrir as outras palavras que com ela formarão os pontos nodais do texto, onde está concentrada sua maior carga de significação.

Para explicar o que é o enamoramento, Alberoni fala:

- do sentimento da nulidade;
- da juventude;
- da velhice.

Uma vez encontradas as palavras-chave, devemos procurar a informação que elas trazem. O autor do texto diz que:

1. O enamoramento nasce:

- de uma "sobrecarga depressiva";
- de um "sentimento profundo de não ser e não ter nada de valor, e a vergonha de não tê-lo."

2. O primeiro sinal para o enamoramento é:

- "o sentimento da nulidade".

3. Esse sentimento é mais freqüente:

a) na juventude, porque os jovens

- "são profundamente inseguros";
- "não têm certeza de seu valor";
- "se envergonham de si mesmos".

b) e na velhice; porque é quando

- "se perde irreparavelmente algo de si";
- "fica-se privado de valores".

Entre as palavras-chave há uma mais abrangente, da qual podemos partir para esquematizar o texto:

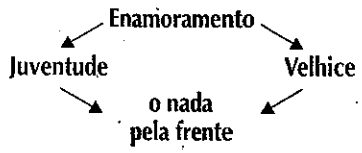

Com os dados recolhidos sobre cada uma dessas palavras é possível resumir o texto de Alberoni numa só frase:

O enamoramento ocorre com mais freqüência na juventude e na velhice, quando o indivíduo experimenta o sentimento da nulidade.

AS IDÉIAS-CHAVE

Muitas vezes temos dificuldades para chegar à síntese de um texto só pelas palavras-chave. Quando isso acontece, a melhor solução é buscar suas idéias-chave. Vejamos como isso pode ser feito:

Muita gente, pouco emprego

Os megaproblemas das grandes cidades

A população das megacidades cresce muito mais depressa do que sua capacidade de prover empregos e fornecer serviços decentes a seus novos moradores. O fenômeno, detectado no relatório da ONU sobre a população, é tanto mais grave porque atinge em cheio justamente os países mais pobres. Das dez megacidades do ano 2000, sete estarão fincadas no Terceiro Mundo. As pessoas saem do campo para as cidades por uma razão tão antiga quanto a Revolução Industrial: querem melhorar de vida. Mesmo apinhadas em periferias e favelas, suas chances

de prosperar são maiores do que na área rural. As cidades, escreveu o historiador Lewis Mumford, são "o lugar certo para multiplicar oportunidades".

A típica explosão urbana é a registrada em várias cidades da África e da Índia, que dobram de população a cada doze anos e não dão conta da demanda por emprego, educação e saneamento. Karachi, no Paquistão, com 8,4 milhões de habitantes, quase nada investe em sua rede de esgotos desde 1962. Mesmo as que crescem a uma taxa menos selvagem, como a Cidade do México, têm pela frente seus megaproblemas. A poluição produzida pelos milhões de veículos e 35 000 fábricas da capital mexicana, por exemplo, pode chegar, como em fevereiro passado, a um nível quatro vezes além do ponto em que o ar é considerado seguro em países desenvolvidos.

Ainda que todos os prognósticos sejam pessimistas, não se deve desprezar a capacidade de as megacidades encontrarem soluções até para seus piores desastres. A mobilização da população da capital mexicana em 1985 para reconstruir partes da cidade arrasadas por um violentíssimo terremoto evitou o pior — e mostrou que as mobilizações coletivas podem driblar o apocalipse anunciado para as megalópoles.

Veja, 14 jul. 1993.

O título é uma boa pista para encontrar as palavras-chave. No texto acima, temos: grandes cidades e megaproblemas. Essas palavras deverão guiar-nos na busca das idéias-chave.

Vamos por partes:

1º parágrafo — a reportagem trata dos problemas das megacidades no ano 2000, quando os países pobres serão os mais afetados. Chegamos à seguinte idéia-chave:

Os países pobres são os que terão mais problemas para resolver no ano 2000.

2º parágrafo — aqui o problema é a explosão urbana. Os exemplos dados referem-se a países pobres mais uma vez. A idéia-chave do parágrafo é o crescimento desregrado das cidades desses países. Não é preciso sublinhar que isso vai acontecer a cidades da África e da Índia. Os exemplos não interessam numa síntese. Podemos traduzir assim sua idéia-chave:

As cidades dos países pobres crescem desordenadamente.

3º parágrafo — a idéia-chave deste parágrafo é que, mesmo com problemas tão complexos, as megacidades pobres têm capacidade para resolvê-los. O exemplo da Cidade do México é acidental, pois se poderia citar qualquer outra megacidade do Terceiro Mundo. Por isso não devemos levá-lo em conta na síntese, do mesmo modo como não levamos as referências às cidades da África e da Índia no parágrafo anterior.

A idéia-chave deste parágrafo é:

As megacidades pobres podem encontrar soluções para seus problemas.

Com essas três idéias-chave podemos formular um esquema que explique a essência do texto:

1. no ano 2000, os países pobres serão os mais atingidos;
2. cidades dos países pobres crescem desordenadamente;
3. megacidades pobres podem encontrar soluções para seus problemas.

Daí para a síntese é simples. Basta juntar as idéias-chave e dar-lhes uma boa redação. Neste momento podemos acrescentar alguma idéia ou palavras que sublinhamos mas que não entraram no esquema.

Síntese a partir das idéias-chave:

As megacidades no ano 2000 irão enfrentar muitos problemas. As cidades dos países pobres são as que mais sofrerão devido ao crescimento desordenado de sua população e à poluição. Mas isso não significa o caos absoluto, pois essas metrópoles do Terceiro Mundo têm capacidade para resolver esses e outros problemas.

A partir desse trabalho e de posse de determinados recursos que a língua oferece, o ato de ler e redigir torna-se bem mais fácil. O que dissemos em relação aos dois textos acima pode ser aplicado à leitura de qualquer obra, seja qual for sua extensão. Mas vale uma ressalva: a leitura de um livro não é igual à leitura de um texto de duas ou três páginas. Se formos fazer a leitura de um livro parágrafo por parágrafo para encontrar as palavras-chave, levaremos muito tempo para concluí-la. Nesse caso, é melhor procurar as idéias-chave. O título do livro e, sobretudo, o de cada capítulo são um bom fio condutor porque sintetizam o que é desenvolvido a cada passo do texto.

Em linhas gerais, para fazermos uma boa leitura, devemos observar os seguintes passos:

1. procurar as palavras-chave e/ou as idéias-chave do texto;
2. se o levantamento for só de palavras-chave, procurar as informações que elas trazem;
3. se o levantamento for de idéias-chave, sublinhá-las e depois resumi-las de forma pessoal;
4. elaborar um gráfico ou um esquema para o texto;
5. sintetizar o texto, dando um bom encadeamento às idéias.

Leia os textos e responda às questões propostas.

TEXTO 1

Posição de pobre

Proprietários e mendigos: duas categorias que se opõem a qualquer mudança, a qualquer desordem renovadora. Colocados nos dois extremos da escala social, temem toda modificação para bem ou para mal: estão igualmente estabelecidos, uns na opulência, os outros na miséria. Entre eles situam-se — suor anônimo, fundamento da sociedade — os que se agitam, penam, perseveram e cultivam o absurdo de esperar. O Estado nutre-se de sua anemia; a idéia de cidadão não teria nem conteúdo nem realidade sem eles, tampouco o luxo e a esmola: os ricos e os mendigos são os parasitas do pobre.

Há mil remédios para a miséria, mas nenhum para a pobreza. Como socorrer os que insistem em não morrer de fome? Nem Deus poderia corrigir sua sorte. Entre os favorecidos da fortuna e os esfarrapados, circulam esses esfomeados honoráveis, explorados pelo fausto e pelos andrajos, saqueados por aqueles que, tendo horror ao trabalho, instalam-se, segundo sua sorte ou vocação, no salão ou na rua. E assim avança a humanidade: com alguns ricos, com alguns mendigos e com todos os seus pobres...

CIORAN, E. M. *Breviário de decomposição*. Trad. José Thomaz Brum. Rio de Janeiro, Rocco, 1989. pp. 113-4.

A Quais as palavras-chave do texto?

B Retire do texto dados que caracterizam cada uma dessas palavras.

C Elabore um gráfico com as palavras-chave do texto.

D Com as características encontradas no texto, redija uma frase para cada uma das palavras-chave.

E Sintetize o texto.

TEXTO 2

Ética e jornalismo

O jornalista não pode ser despido de opinião política. A posição que considera o jornalista um ser separado da humanidade é uma bobagem. A própria objetividade é mal-administrada, porque se mistura com a necessidade de não se envolver, o que cria uma contradição na própria formulação política do trabalho jornalístico. Deve-se, sim, ter opinião, saber onde ela começa e onde acaba, saber onde ela interfere nas coisas ou não. É preciso ter consciência. O que se procura, hoje, é exatamente tirar a consciência do jornalista. O jornalista não deve ser ingênuo, deve ser cético. Ele não pode ser impiedoso com as coisas sem um critério ético. Nós não temos licença especial, dada por um xerife sobrenatural, para fazer o que quisermos.

O jornalismo é um meio de ganhar a vida, um trabalho como outro qualquer; é uma maneira de viver, não é nenhuma cruzada. E por isso você faz um acordo consigo mesmo: o jornal não é seu, é do dono. Está subentendido que se vai trabalhar de acordo com a norma determinada pelo dono do jornal, de acordo com as idéias do dono do jornal. É como um médico que atende um paciente. Esse médico pode ser fascista e o paciente comunista, mas ele deve atender do mesmo jeito. E vice-versa. Assim, o totalitário fascista não pode propor no jornal o fim da democracia nem entrevistar alguém e pedir: "O senhor não quer dizer uma palavrinha contra a democracia?"; da mesma forma que o revolucionário de esquerda não pode propor o fim da propriedade privada dos meios de produção. Para trabalhar em jornal é preciso fazer um armistício consigo próprio.

ABRAMO, Cláudio. *A regra do jogo: o jornalista e a ética do marceneiro*. São Paulo, Companhia das Letras, 1993. pp. 109-11.

A Quais as idéias-chave do texto?

B Sintetize o texto a partir das idéias-chave.

TEXTO 3

Uma escola para os ricos e outra para os pobres

A Escola da Nobreza durou até que as estruturas do mundo feudal, rígidas e hierarquizadas, se tornassem anacrônicas por causa do desenvolvimento do capitalismo industrial.

A face do mundo transformou-se pela invenção da máquina e a utilização de novas fontes de energia. Com a revolução tecnológica, novas classes sociais emergiram: a nascente burguesia industrial, responsável pelo progresso técnico, tomou o poder da velha aristocracia rural; uma classe operária formada pela concentração, em torno dos novos centros de produção, de uma mão-de-obra pobre e desqualificada.

Neste panorama de um mundo em mudança, a escola mantinha-se reservada às elites.

No entanto, o desenvolvimento industrial requer um número muito maior de quadros técnicos e científicos. Esta exigência econômica leva a uma mudança radical nos conteúdos da escola. Ela é forçada a se modernizar.

As disciplinas científicas adquiriram importância crescente ao lado dos antigos conteúdos clássicos e literários.

Por outro lado, a burguesia dominante começou também a perceber a necessidade de um mínimo de instrução para a massa trabalhadora que se aglomerava nos grandes centros industriais. Os "ignorantes" deveriam socializar-se, isto é, deveriam ser "educados" para tornar-se bons cidadãos e trabalhadores disciplinados.

Foi assim que, paralelamente à escola dos ricos, foi surgindo uma outra escola, a escola dos pobres.

Sua função era dar aos futuros operários o mínimo de cultura necessário a sua integração por baixo na sociedade industrial.

A coexistência desses dois tipos de escola cria uma situação de verdadeira segregação social. As crianças do "povo" freqüentavam a "escola primária", que não é concebida para dar acesso a estudos mais aprofundados.

As crianças da elite seguiam um caminho à parte, com acesso garantido ao ensino de nível superior, monopólio da burguesia.

HARPER, Babette et al. *Cuidado, escola!* São Paulo, Brasiliense, s/d. p. 29.

A As palavras-chave do texto são: revolução tecnológica, escola para os ricos e escola para os pobres. Indique as frases que as desenvolvem.

B Com base na resposta anterior, complete os seguintes tópicos com o número de idéias-chave solicitado entre parênteses:

- revolução tecnológica (três idéias-chave)
- escola para os ricos (duas idéias-chave)
- escola para os pobres (duas idéias-chave)

TEXTO 4

A timidez e a contradição

Ser um tímido notório é uma contradição. O tímido tem horror a ser notado, quanto mais a ser notório. Se ficou notório por ser tímido, então tem que se explicar. Afinal, que retumbante timidez é essa, que atrai tanta atenção? Se ficou notório apesar de ser tímido, talvez estivesse se enganando junto com os outros, e sua timidez seja apenas um estratagema para ser notado. Tão secreto que nem ele sabe. É como no paradoxo psicanalítico: só alguém que se acha muito superior procura o analista para tratar um complexo de inferioridade, porque só ele acha que se sentir inferior é doença.

Todo mundo é tímido, os que parecem tímidos são apenas os mais salientes. Defendo a tese de que ninguém é mais tímido do que o extrovertido. O extrovertido faz questão de chamar atenção para sua extroversão, assim ninguém descobre sua timidez. Já no notoriamente tímido, a timidez que usa para disfarçar sua extroversão tem o tamanho de um carro alegórico. Daqueles que sempre quebram na concentração. Segundo minha tese, dentro de cada Elke Maravilha existe um tímido tentando se esconder e dentro de cada tímido existe um exibido gritando "Não me olhem! Não me olhem!" só para chamar a atenção.

O tímido nunca tem a menor dúvida de que, quando entra numa sala, todas as atenções se voltam para ele e para sua timidez espetacular. Se cochicham, é sobre ele. Se riem, é dele. Mentalmente, o tímido nunca entra num lugar. Explode no lugar, mesmo que chegue com a maciez estudada de uma noviça. Para o tímido, não apenas todo mundo mas o próprio destino não pensa em outra coisa a não ser nele e no que pode fazer para embaraçá-lo.

O tímido vive acossado pela catástrofe possível. Vai tropeçar e cair e levar junto a anfitriã. Vai ser acusado do que não fez, vai descobrir que estava com a braguilha aberta o tempo todo. E tem certeza de que cedo ou tarde vai acontecer o que o tímido mais teme, o que tira seu sono e apavora os seus dias: alguém vai lhe passar a palavra.

O tímido tenta se convencer de que só tem problemas com multidões, mas isto não é vantagem. Para o tímido, duas pessoas são uma multidão. Quando não consegue escapar e se vê diante de uma platéia, o tímido não pensa nos membros da platéia como indivíduos. Multiplica-os por quatro, pois cada indivíduo tem dois olhos e dois ouvidos. Quatro vias, portanto, para receber suas gafes. Não adianta pedir para a platéia fechar os olhos ou tapar um ouvido para cortar o desconforto do tímido pela metade. Nada adianta. O tímido, em suma, é uma pessoa convencida de que é o centro do Universo, e que seu vexame ainda será lembrado quando as estrelas virarem pó.

Luis Fernando Verissimo, *Jornal do Brasil*, 10 mar. 1996.

A Complete: a unidade de sentido do texto se funda nas palavras ... e ... .

B Aponte as idéias-chave sobre o tímido.

C Redija cinco frases que deixem evidentes as contradições do tímido.

Capítulo 2

LENDO O TEXTO (II)

A COERÊNCIA

Quando encontramos as palavras-chave de um texto, estamos de posse de seu alicerce semântico. Agora podemos ir além, descobrindo como se dá a expansão dessas palavras. É um outro caminho que se abre para a leitura do texto. Por meio desse procedimento, vamos depreender as relações existentes entre os segmentos que se organizam em torno das palavras-chave. Ao fazermos isso, estaremos diante da coerência, um importante fator da textualidade.

Para um texto manter-se coerente, é preciso que haja um elo conceitual entre seus diversos segmentos. Essas relações internas constroem a coerência. Os substantivos e os verbos devem estar interligados não apenas para acrescentar informações, mas também para alicerçar o sentido do texto.

Uma palavra isolada remete a um conceito isolado. Ela não pode surgir de repente, sem nenhuma relação com as anteriores. Faz parte de um todo que lhe dá sentido, desde que forme uma cadeia com as outras que a antecedem ou a sucedem. Interligadas, as palavras devem trabalhar a favor da unidade de sentido. Um texto resulta incoerente quando há falhas na continuidade de suas partes, quando as palavras aparecem de forma gratuita. Não é raro ouvirmos alguém dizer que determinada palavra está imprecisa, não diz com exatidão aquilo que pretendíamos dizer. A imprecisão resulta da falta de motivação entre as palavras que se sucedem numa cadeia em que um elo foi rompido. Para evitar isso, elas devem manter entre si um vínculo muito estreito.

Neste texto, poderemos observar como as palavras se expandem coerentemente:

Está na hora de a paixão reencontrar sua direção. Se as utopias criadas e alimentadas pela vida já não entusiasmam, cabe dirigir o ímpeto da paixão e do entusiasmo à própria vida. Não à vida biológica, reservada ao cuidado dos ecologistas, mas à vida biográfica, à minha vida, à vida de cada qual. Para viver com plenitude, tenho que me apaixonar pela minha circunstância e pelo meu destino, tenho que me identificar passionalmente com minha vocação, única maneira de imprimir à vida toda a fertilidade criadora de que ela é capaz.

KUJAWSKI, Gilberto de Mello. *A crise do século XX*. São Paulo, Ática, 1991. p. 188.

Paixão e *vida* são as duas palavras-chave do texto de Gilberto de Mello. Todas as outras integram-se a elas de forma coerente, como podemos visualizar neste gráfico:

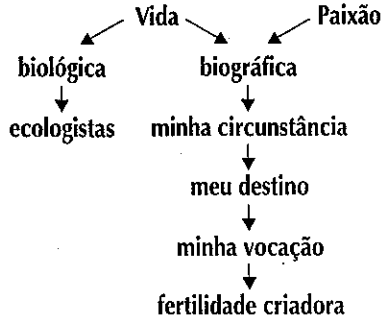

Esse esquema radiografa a coerência do texto e mostra, portanto, uma cadeia de sentido formada pelas palavras que decorrem das palavras-chave: a paixão não deve dirigir-se à vida biológica, mas à vida biográfica. O texto expande-se em palavras que levam a uma definição de vida biográfica, dando continuidade ao par *vida/paixão*.

Mas o texto também se expande pelos verbos. Segundo Gilberto de Mello, a paixão tem de "reencontrar sua direção". Mais adiante a palavra *vida* é retomada pelo verbo *viver*, que se prolonga em dois segmentos:

Para viver com plenitude, tenho que
1. me apaixonar pela minha circunstância e pelo meu destino;
2. me identificar passionalmente com minha vocação.

Os verbos com os substantivos formam a cadeia mais importante do texto, por meio do qual o sentido se manifesta.

PROCESSOS DE EXPANSÃO DAS PALAVRAS

1. Associação

No texto a seguir, poderemos observar melhor a expansão da palavra-chave, *Caravaggio*, através dos verbos, todos flexionados na terceira pessoa do singular:

Caravaggio começou a andar sobre o fio da navalha ainda adolescente, em Milão, onde torrou a herança do pai e foi parar na cadeia pela primeira vez. Em Roma, onde chegou aos 20 anos, caiu nas graças do cardeal Francesco del Monte, que o abrigou em seu palácio. Enquanto amadurecia e aprendia a pintar temas religiosos, o irrequieto pintor se comportava como um

bagunceiro de periferia. Uma noite, jogou um prato de alcachofras cozidas na cara de um garçom na Praça Navona. Noutra, apareceu apunhalado, mas disse à polícia que tinha caído acidentalmente sobre sua espada.

Veja, 18 mar. 1992.

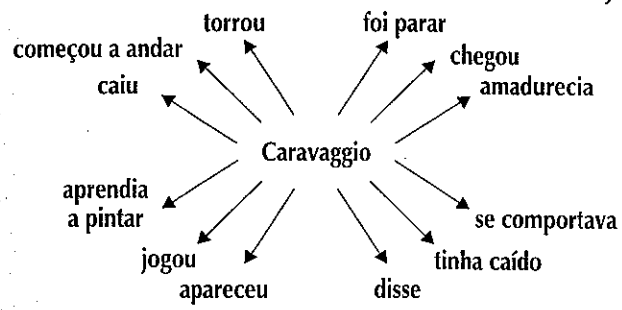

Como podemos ver, os verbos expandem a palavra-chave, acrescentando-lhe novas informações. Os verbos na terceira pessoa do singular referem-se todos a Caravaggio, garantindo assim a expansão dessa palavra central.

A continuidade de sentidos está assegurada entre as várias frases do texto porque cada segmento, ao reportar-se ao grande pintor italiano, descreve uma faceta de seu comportamento.

Para o estabelecimento da continuidade semântica e a produção de sentidos, os verbos do texto associaram-se a Caravaggio. A **associação** é um dos processos utilizados para desenvolver as idéias. Qualquer palavra pode fazer parte de um campo associativo, desde que contribua para alargar de forma coerente a significação do texto. Com o uso desse processo, ampliamos nossa comunicação, fazendo todas as associações que julgarmos convenientes à consolidação do que pretendemos dizer. Associar não significa apenas juntar. Significa estabelecer correlações entre palavras que fazem parte de nosso campo de conhecimento. Mas a associação não é livre, como pode parecer à primeira vista. Ela é ditada pelo contexto.

2. Identidade

Se uma palavra estabelece níveis de equivalência em determinado contexto, teremos a expansão por identidade. Em outro trecho da mesma reportagem de *Veja*, encontramos a seguinte frase:

Caravaggio é tão popular porque é um homem moderno, psicologicamente torturado e decidido a remar contra a corrente.

As qualidades atribuídas a Caravaggio — popular, homem moderno, torturado, decidido — criam uma equação. Ele é tudo isso. Há uma equivalência total de sentido entre o pintor e o que se diz dele. No processo de identidade não é preciso que as palavras sejam sinônimas. Basta que sejam equivalentes.

3. Oposição

Na oposição dá-se precisamente o contrário da identidade: os termos se relacionam pela diferença, sem, necessariamente, serem antônimos. Veja o seguinte exemplo, tirado da reportagem sobre a mostra do mesmo pintor:

A mostra cobre tanto o período juvenil de Caravaggio — em que ele se dedica à crônica de costumes de sua época e a pintar flores, frutos e figuras mitológicas pagãs — quanto as inesquecíveis cenas bíblicas da maturidade, o ponto alto de sua produção.

A estrutura da frase já faz prever o aparecimento da palavra *maturidade* em oposição a *juvenil* da primeira linha.

Vejamos agora como ocorrem esses três processos de expansão no parágrafo inicial de um texto sobre leitura, de Augusto Meyer. Para efeito de compreensão, vamos analisar apenas as relações criadas pelo verbo *ler*:

Ler um livro é desinteressar-se a gente deste mundo comum e objetivo para viver noutro mundo. A janela iluminada noite adentro isola o leitor da realidade da rua, que é o sumidouro da vida subjetiva. Árvores ramalham. De vez em quando passam passos. Lá no alto estrelas teimosas namoram inutilmente a janela iluminada. O homem, prisioneiro do círculo claro da lâmpada, apenas ligado a este mundo pela fatalidade vegetativa do seu corpo, está suspenso no ponto ideal de uma outra dimensão, além do tempo e do espaço. No tapete voador só há lugar para dois passageiros: leitor e autor.

MEYER, Augusto. *Do leitor*. Caderno de Leitura, Edusp, n. 1, out. 1992. p. 10.

Logo na primeira frase, o autor diz que *ler* é igual a "desinteressar-se a gente deste mundo comum e objetivo". Mais adiante, ele identifica a leitura a um estar "suspenso no ponto ideal de uma outra dimensão", o que gera a metáfora final, "tapete voador". Portanto, o ato de *ler* é idêntico a uma viagem por outros mundos. O processo de identidade está, assim, presente em todo o parágrafo.

Pelo processo de associação, à palavra *ler* se juntam *livro*, *autor* e *leitor*. O campo associativo de *ler* é vasto, mas, nesse contexto, essas palavras são suficientes para criar um sentido. Num texto que tratasse do assunto sob outro ângulo, *ler* poderia associar-se

a *escola, aluno, professor, biblioteca* etc. Tudo depende do encaminhamento que se dá ao tema.

Além da identidade e da associação, também encontramos o processo de oposição nos segmentos "(n)outro mundo" e "outra dimensão" que se contrapõem, respectivamente, ao "mundo comum e objetivo" e a "este mundo".

Esquematizando o texto, *ler* se expande:

1. por identidade

ler (um livro) = desinteressar-se a gente deste mundo comum e objetivo, para viver noutro mundo
= (estar) suspenso no ponto ideal de uma outra dimensão
= tapete voador

2. por associação

ler — livro, autor, leitor

3. por oposição

outro mundo (a leitura) × mundo comum e objetivo
outra dimensão × este mundo

ESTRUTURA

Leia os textos e responda às questões propostas.

TEXTO 1

A estrutura da escola

Considerada como uma reunião de indivíduos com objetivos comuns, num processo de interação contínua, a escola é um grupo social. Mas pode também ser vista como uma instituição, ou seja, um conjunto de normas e procedimentos padronizados, altamente valorizados pela sociedade, cujo objetivo principal é a socialização do indivíduo, a transmissão de aspectos determinados da cultura.

Como grupo social, a escola pode ser vista como um conjunto de alunos, professores e funcionários que desenvolvem um processo contínuo de cooperação, com o objetivo primordial de transmitir cultura.

No estudo da estrutura da escola, percebemos a coexistência de dois grupos distintos mas interdependentes: os educadores e os educandos. Os educadores (diretor, professores, orientadores e auxiliares) representam um grupo maduro, de idade mais avançada, geralmente integrados aos valores sociais vigentes. Sua tarefa principal é transmitir aos educandos tais valores sociais. Esse grupo possui *status* que lhe permite dirigir a aprendizagem, impor normas e exercer liderança sobre os alunos.

OLIVEIRA, Pérsio Santos de. *Introdução à sociologia*. 5. ed. São Paulo, Ática, 1991. p. 130.

A Quais as palavras que expandem *escola* pelo processo de identidade?

B Retire do segundo parágrafo a rede de palavras que se associa de imediato à palavra *escola*.

C Complete: É impossível escrever sobre escola sem falar em *educadores* e *educandos*. Essa forma de expansão de idéias se faz pelo processo de... .

D Retire do texto a frase que justifica o processo de identidade entre as palavras *diretor, professores, orientadores* e *auxiliares*.

E *Educadores* e *educandos* se reúnem no terceiro parágrafo pelo processo de ..., enquanto *educandos* e *alunos* pelo de... .

F Cite duas palavras que você associa a:

- escola;
- educadores;
- alunos.

G Redija uma frase com as palavras-chave da questão anterior, utilizando as palavras a elas associadas.

TEXTO 2

Sonhos

Presta-se sempre muita atenção às contas, à inflação, aos banqueiros, aos cardiologistas e aos ladrões que infestam as esquinas e espreitam bolsos e bolsas dos outros mortais. Presta-se ainda extrema atenção à guerra, aos políticos e às baleias

ameaçadas de extinção. Mas e os sonhos? Andam por aí, passeando entre nossos miolos, e ninguém se preocupa com eles. Mesmo os psicanalistas já não os examinam com tanto desvelo. E, no entanto, os sonhos são o adubo e o alicerce do dia inteiro. Moldam a alma com a qual acordamos.

Dirás, leitor — sei lá o que dirás. Mas digo-te eu que é grande asneira ficar sempre apostando no real. Ele termina dois passos depois. O resto é o que trazemos na algibeira. Ou na alma, se quiseres. Tanto faz.

Assim, sábado, acordei com a dita alma transformada em bobo lodaçal. Nela, tudo afundava e nem fazia plop. Tentei todos os recursos normais — banho, caminhada, chope e meio, almoço em casa amiga. Tudo em vão. Só a cama me tentava.

Graças a isso — e a certos sonhos bons, dos quais não lembro — acordei, domingo, mais saudável que um pão de centeio — que é a coisa mais saudável que existe. Então, aproveitando o frio e a fome, fui com Mme. K. ao Pulcinella.

Apicius, *Jornal do Brasil*, 11 ago. 1990.

A Quais as palavras que se correlacionam por oposição e constituem o alicerce do texto?

B Releia o primeiro parágrafo e escreva as palavras que estão associadas a *esquinas*, *bolsos* e *bolsas*.

C Retire do primeiro parágrafo as palavras que se opõem a:
- banqueiros, cardiologistas e ladrões;
- sonhos.

D No primeiro parágrafo, a palavra *sonho* liga-se:
- por associação a ...;
- por identidade a ... .

E Justifique no segundo parágrafo a associação de *alma* a *algibeira*.

F Qual a palavra que provoca, no terceiro parágrafo, o aparecimento de *afundava* e *plop*?

G Quais as palavras que justificam o aparecimento de *pão de centeio* no terceiro parágrafo?

TEXTO 3

A sedução

O que se diz de imediato sobre a sedução é que é um jogo. Caçada silenciosa entre dois olhares; captura numa rede perigosa de palavras. Jogo arriscado e fascinante — angústia e gozo — onde o vencedor não sabe o que fazer de seu troféu e o perdedor só sabe que perdeu seu rumo: um jogo cuja única possibilidade de empate se chama amor.

Jogo que pretendo abordar do ponto de vista do aparente perdedor — o seduzido — já que é ele quem nos deixa registro sobre sua experiência. É o seduzido que se expressa — na poesia, na literatura, nos consultórios de psicanálise. É o seduzido que tenta compreender a transformação que se deu nele ao mesmo tempo que tenta entender o poder do olhar sedutor. O que significa Odete para Swann? De que encanto o seduzido é presa, ele não sabe dizer. O sedutor é o que não se revela. Mas revela alguma coisa — o quê? — sobre o seduzido.

KEHL, Maria Rita. Masculino/Feminino: o olhar da sedução. In: ALVES, Adauto (org.). *O olhar*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990. p. 411.

O que é sedução?

A Retire do primeiro parágrafo as palavras que se agrupam por identidade.

B Quais os pares de palavras que se agrupam por oposição no primeiro parágrafo?

C Retire do primeiro parágrafo as palavras que se associam a:
- jogo; 4
- caçada. 3

D No segundo parágrafo, o *seduzido* se identifica ao ..., e se opõe ao ... .

perdedor seduzido vencedor

E No segundo parágrafo, *deixa registro* associa-se:
- ao verbo ...; → EXPRESSA-SE
- aos substantivos ... . Onde?

F Redija uma frase sobre a sedução em que entrem as seguintes palavras: jogo, angústia, gozo, perdedor, vencedor.

TEXTO 4

A classe do clássico

Os heróis clássicos são heróis da classe alta, que procuram demonstrar a "classe" dessa classe. "Classificar" a tragédia e a epopéia como gêneros maiores e ver nos seus heróis apenas o elevado seria desconhecer uma diferença básica entre o herói épico e o herói trágico, bem como uma dinâmica estrutural que se manifesta nas "grandes obras". Ainda que passe por grandes dificuldades e provações, e ainda que venha a constituir boa parte de sua grandeza através de uma série de "baixezas" (matar, mentir, tripudiar cadáveres, enganar e mentir), a narrativa épica clássica, adotando o ponto de vista do herói, trata de metamorfosear a negatividade em positividade, e o herói épico tem, por isso, um percurso fundamentalmente mais pelo elevado do que o herói trágico, cujo percurso é o da queda. Mas a queda do herói trágico é o que lhe possibilita resplandecer em sua grandeza, assim como as "baixezas" do herói épico é que o "elevam".

O herói épico e o herói trágico unem em si e em seu percurso as duas pontas do alto e do baixo. Aquiles, o grande guerreiro, é humilhado por Agamêmnon, perde a sua escrava preferida, perde o seu melhor amigo, fica ausente de muitas lutas e se barbariza ao tripudiar o cadáver de Heitor; Odisseu, o astuto, vencedor de Tróia, demora a descobrir o caminho de volta, perde todos os companheiros e troféus nesse percurso, para se recuperar no fim; Édipo, rei e benfeitor, vê-se transformado em malfeitor e pária social.

KOTHE, Flávio R. *O herói*. São Paulo, Ática, 1985. pp. 12-3.
(Série Princípios, nº 24)

A Quais os pares de palavras que se associam por oposição ao herói épico?

B Elabore uma frase sobre o herói épico usando uma das oposições da resposta anterior.

C Quais os verbos de sentido negativo e de sentido positivo associados ao herói épico no primeiro parágrafo?

D Qual a palavra que se associa exclusivamente ao herói trágico?

E Elabore uma frase sobre o herói trágico a partir de sua resposta anterior.

F Retire do texto os trechos que colocam o herói trágico e o herói épico no mesmo patamar de identidade.

G Retire do texto a frase que marca a oposição entre esses dois tipos de herói.

H Assinale os termos que marcam a oposição e a identidade dos heróis na frase: "Mas a queda do herói trágico é o que lhe possibilita resplandecer em sua grandeza, assim como as 'baixezas' do herói épico é que o 'elevam' ".

I Quais os verbos que expandem cada um dos heróis (Aquiles, Odisseu, Édipo) no segundo parágrafo?

J Pelo processo de identidade, temos:

- Aquiles = ...;
- Odisseu = ...;
- Édipo = ...

Capítulo 3

DOMINANDO A COESÃO TEXTUAL

COESÃO E COERÊNCIA

Quando escrevemos um texto, uma das maiores preocupações é como amarrar a frase seguinte à anterior. Isso só é possível se dominarmos os princípios básicos de coesão. A cada frase enunciada devemos ver se ela mantém um vínculo com a anterior ou anteriores para não perdermos o fio do pensamento. De outra forma, teremos uma seqüência de frases sem sentido, sucedendo-se umas às outras sem muita lógica, sem nenhuma coerência.

A coesão, no entanto, não é só esse processo de olhar constantemente para trás. É também o de olhar para adiante. Um termo pode esclarecer-se somente na frase seguinte. Se minha frase inicial for *Pedro tinha um grande desejo*, estou criando um movimento para adiante. Só vamos saber de que desejo se trata na próxima frase: *Ele queria ser médico*. O importante é cada enunciado estabelecer relações estreitas com os outros a fim de tornar sólida a estrutura do texto.

Mas não basta costurar uma frase a outra para dizer que estamos escrevendo bem. Além da coesão, é preciso pensar na coerência. Você pode escrever um texto coeso sem ser coerente. Por exemplo:

Os problemas de um povo têm de ser resolvidos pelo presidente. Este deve ter ideais muito elevados. Esses ideais se concretizarão durante a vigência de seu mandato. O seu mandato deve ser respeitado por todos.

Ninguém pode dizer que falta coesão a esse parágrafo. Mas de que ele trata mesmo? Dos problemas do povo? Do presidente? Do seu mandato? Fica difícil dizer. Embora ele tenha coesão, não tem coerência. Retomar a cada frase uma palavra da anterior não significa escrever bem. A coesão não funciona sozinha. No exemplo acima, teríamos que, de imediato, decidir qual a sua palavra-chave: *presidente* ou *problemas do povo*? A palavra escolhida daria estabilidade ao parágrafo. Sem essa base

estável, não haverá coerência no que se escrever; e o resultado será um amontoado de idéias. Enquanto a coesão se preocupa com a parte visível do texto, sua superfície, a coerência vai mais longe, preocupa-se com o que se deduz do todo.

A coerência exige uma concatenação perfeita entre as diversas frases, sempre em busca de uma unidade de sentido. Você não pode dizer, por exemplo, numa frase, que o "desarmamento da população pode contribuir para diminuir a violência", e, na seguinte, escrever: "Além disso, o desemprego tem aumentado substancialmente". É flagrante a incoerência existente entre elas.

Vejamos o texto abaixo:

Ulysses era impressionante sob vários aspectos, o primeiro e mais óbvio dos quais era a própria figura. Contemplado de perto, cara a cara, ele tinha a oferecer o contraste entre as longas pálpebras, que subiam e desciam pesadas como cortinas de ferro, e os olhos claríssimos, de um azul leve como o ar. As pálpebras anunciavam profundezas insondáveis. Quando ele as abria parecia estar chegando de regiões inacessíveis, a região dentro de si onde guardava sua força.

Roberto Pompeu de Toledo, *Veja*, 21 out. 1992.

Esse trecho de reportagem gira em torno de Ulysses Guimarães, que é sua palavra-chave. É a retomada direta ou indireta do nome de Ulysses que dá estabilidade ao texto, encaminhando-o numa só direção: fazer uma descrição precisa desse político brasileiro. Além disso, as frases estão bem amarradas porque seu redator soube usar com precisão alguns dos recursos de coesão textual, tanto dentro da frase, quanto ao passar de uma frase para outra. A coesão interna é tão importante quanto a externa.

Vejamos em primeiro lugar os recursos de que Roberto Pompeu se utiliza para manter a **coesão dentro de cada frase:**

1. na primeira frase, *vários aspectos* projeta o texto para adiante. A palavra *aspectos* é retomada pelo segmento *o primeiro e mais óbvio dos quais era a própria figura*;

2. na segunda frase, o pronome relativo *que* retoma *as longas pálpebras: que* (as quais) *subiam e desciam*;

3. na última frase:

- o relativo *onde* mantém o elo coesivo com a *região dentro de si onde* (na qual) *guardava sua força*;
- e os pronomes *si* (dentro de si) e *sua* (sua força) reportam-se ao sujeito *ele* de *quando ele as abria*.

Agora é preciso ver como se realiza a **coesão de frase para frase**:

1. o *ele* da segunda frase retoma o nome *Ulysses*, enunciado logo no início da primeira;

2. as *pálpebras* da terceira frase retoma as *longas pálpebras* da segunda;

3. na última frase, o sujeito *ele* (*quando ele as abria*) refere-se mais uma vez a *Ulysses* e o pronome *as* retoma *pálpebras* da frase anterior.

Em nenhum momento, o autor da reportagem se desvia do assunto (Ulysses Guimarães) porque se mantém atento à coesão.

RECURSOS DE COESÃO

Para escrever de forma coesa, há uma série de recursos, como:

1. Epítetos

Epíteto é a palavra ou frase que qualifica pessoa ou coisa.

Glauber Rocha fez filmes memoráveis. Pena que _o cineasta mais famoso do cinema brasileiro_ tenha morrido tão cedo.

Glauber Rocha foi substituído pelo qualificativo *o cineasta mais famoso do cinema brasileiro*.

2. Nominalizações

Ocorre nominalização quando se emprega um substantivo que remete a um verbo enunciado anteriormente.

Eles foram _testemunhar_ sobre o caso. O juiz disse, porém, que tal _testemunho_ não era válido por serem parentes do assassino.

Pode também ocorrer o contrário: um verbo retomar um substantivo já enunciado.

Ele não suportou a _desfeita_ diante de seu próprio filho. _Desfeitear_ um homem de bem não era coisa para se deixar passar em branco.

3. Palavras ou expressões sinônimas ou quase-sinônimas

Os _quadros_ de Van Gogh não tinham nenhum valor em sua época. Houve _telas_ que serviram até de porta de galinheiro.

4. Repetição de uma palavra

Podemos repetir uma palavra (com ou sem determinante) quando não for possível substituí-la por outra.

A propaganda, seja ela comercial ou ideológica, está sempre ligada aos objetivos e aos interesses da classe dominante. Essa ligação, no entanto, é ocultada por uma inversão: _a propaganda_ sempre mostra que quem sai ganhando com o consumo de tal ou qual produto ou idéia não é o dono da empresa, nem os representantes do sistema, mas, sim, o consumidor. Assim, _a propaganda_ é mais um veículo da ideologia dominante.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda & MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: introdução à filosofia*. São Paulo, Moderna, 1993. p. 50.

5. Um termo-síntese

O país é cheio de entraves burocráticos. É preciso preencher um sem-número de papéis. Depois, pagar uma infinidade de taxas. Todas essas _limitações_ acabam prejudicando o importador.

A palavra *limitações* sintetiza o que foi dito antes.

6. Pronomes

- **Vitaminas fazem bem à saúde. Mas não devemos tomá-_las_ ao acaso.**
- **O colégio é um dos melhores da cidade. _Seus_ dirigentes se preocupam muito com a educação integral.**
- **_Aquele político_ deve ter um discurso muito convincente. _Ele_ já foi eleito seis vezes.**
- **Há uma grande diferença entre Paulo e Maurício. _Este_ guarda rancor de todos, enquanto _aquele_ tende a perdoar.**

7. Numerais

- **Não se pode dizer que toda a _turma_ esteja mal preparada. _Um terço_ pelo menos parece estar dominando o assunto.**
- **Recebemos _dois telegramas_. O _primeiro_ confirmava a sua chegada; o _segundo_ dizia justamente o contrário.**

3642206
NOVA BIBLIOTECA

8. Advérbios pronominais (aqui, ali, lá, aí)

Não podíamos deixar de ir ao *Louvre*. *Lá* está a obra-prima de Leonardo da Vinci: a "Mona Lisa".

9. Elipse

O *ministro* foi o primeiro a chegar. *(Ele)* Abriu a sessão às oito em ponto e *(ele)* fez então seu discurso emocionado.

10. Repetição do nome próprio (ou parte dele)

- *Manuel da Silva Peixoto* foi um dos ganhadores do maior prêmio da loto. *Peixoto* disse que ia gastar todo o dinheiro na compra de uma fazenda e em viagens ao exterior.
- *Lygia Fagundes Telles* é uma das principais escritoras brasileiras da atualidade. *Lygia* é autora de "Antes do baile verde", um dos melhores livros de contos de nossa literatura.

11. Metonímia

Metonímia é o processo de substituição de uma palavra por outra, fundamentada numa relação de contigüidade semântica.

- O *governo* tem-se preocupado com os índices de inflação. O *Planalto* diz que não aceita qualquer remarcação de preço.
- Santos Dumont chamou a atenção de toda *Paris*. O *Sena* curvou-se diante de sua invenção.

12. Associação

Na associação, uma palavra retoma outra porque mantém com ela, em determinado contexto, vínculos precisos de significação.

São Paulo é sempre vítima das *enchentes* de verão. Os *alagamentos* prejudicam o trânsito, provocando engarrafamentos de até 200 quilômetros.

A palavra *alagamentos* surgiu por estar associada a *enchentes*. Mas poderia ter sido usada uma outra como *transtornos, acidentes, transbordamento do Tietê* etc.

EXERCÍCIOS

1. Identifique nos textos a seguir todos os termos que retomam as palavras em itálico:

A Em outubro de 1839 *Paris* ainda possuía a mesma mística embriagadora que *Chopin* experimentara ao chegar lá em setembro de 1831. A ausência de 11 meses só servira para aumentar seu apaixonado fascínio pela magnífica metrópole espraiada ao longo das sinuosas margens do Sena. Paris havia-se tornado a amante de Chopin muito antes de ele conhecer *Mme. Sand* e durante vários anos subseqüentes suas afeições ficariam divididas entre as duas. Ambas o adoravam, do mesmo modo que eram, por sua vez, cultuadas por ele, e ambas eram essenciais à sua existência. Com a saúde debilitada, o jovem músico não podia sobreviver ao estímulo de uma sem o amparo da outra.

ATWOOD, William G. *A leoa e seu filhote*. Trad. Bárbara Heliodora. Rio de Janeiro, Zahar, 1982. p. 139.

B Um antigo morador de *São Cristóvão* contava que, na mocidade, viajara diariamente, na barca que fazia o trajeto entre aquela praia e o *Cais Pharoux*, ou dos Franceses, como então se dizia, com *um adolescente aparentando 13 ou 14 anos*, magrinho, modesta mas limpamente vestido.

A barca vinha cedo para a cidade, e voltava à tarde, conduzindo sempre os mesmos *passageiros*, gente que tinha empregos no centro. Como era natural, a camaradagem se estabeleceu entre esses companheiros diários, todos conversavam para matar o tempo. Só o mocinho magro, sempre com um livro na mão, nunca dirigiu a palavra a ninguém. Mal se sentava, logo afundava na leitura, e assim ia e voltava, parecendo ignorar os que o cercavam, sem levantar os olhos do livro, indiferente aos espetáculos da viagem, à beleza da baía, às embarcações que encontravam. Era Machado de Assis.

Afinal, a única informação segura, clara, que nos chega sobre o princípio da adolescência de Joaquim Maria é essa imagem. Com certeza, só sabemos que ia todas as manhãs, bem cedo, do seu bairro para o centro urbano.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *Machado de Assis*. Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/Edusp, 1988. pp. 45-6.

C As imagens ficarão gravadas como um raio na memória dos brasileiros. Na sétima volta do Grande Prêmio de San Marino, no autódromo de Ímola, na Itália, *Ayrton Senna* passa direto pela curva Tamburello, a 300 quilômetros por hora, e espatifa-se no muro de concreto. À 1h40 da tarde, hora do Brasil, um boletim médi-

co do hospital Maggiore de Bolonha, para onde o piloto foi levado de helicóptero, anunciou a morte cerebral de Ayrton Senna. Não havia mais nada a fazer. Ayrton Senna da Silva, 34 anos, tricampeão de Fórmula 1, 41 vitórias de Grandes Prêmios, 65 *pole-positions*, um dos maiores fenômenos de todos os tempos no automobilismo, estava morto.

Ninguém simboliza melhor a comoção que tomou conta do mundo que a imagem de *Alain Prost*, chorando num dos boxes de Ímola. Não era o choro de um torcedor, mas de um rival, o maior de todos em dez anos de brigas dentro e fora das pistas, um alterego de Ayrton Senna na Fórmula 1. Na manhã de domingo, minutos antes de entrar pela última vez no cockpit de sua Williams, Senna encontrou-se com o ex-adversário, deu-lhe um tapinha nas costas e comentou: "Prost, você faz falta". Horas mais tarde, cercado pelos jornalistas, o francês não conseguiu retribuir a gentileza. "Estou consternado demais para falar", limitou-se a dizer , com lágrimas nos olhos.

Veja, Edição extra, 3 maio 1994, p. 7.

2. Leia os textos a seguir e escreva os termos retomados pelas palavras em itálico. Distribua-os em duas colunas: **coesão dentro da frase** e **coesão entre as frases**.

A Um gel desenvolvido por cientistas americanos para ajudar a cicatrização de ferimentos profundos e queimaduras graves representará o primeiro resultado comercialmente visível de uma nova geração de medicamentos. A *pomada cicatrizante, que* chegará às farmácias americanas até o início do próximo ano, será uma espécie de cola biodegradável, *cuja* função é juntar as células sadias em torno do ferimento, reconstituindo os tecidos em um tempo 30% mais rápido que qualquer outro remédio. Além disso, o *gel* elimina toda cicatriz. *O novo medicamento* é fruto do desenvolvimento de um dos ramos mais recentes da medicina, *o* que estuda a adesividade das células do corpo humano, a partir de uma constatação óbvia: os cerca de 100 trilhões de células *que* formam o organismo de uma pessoa podem ser comparados a tijolos de um edifício, *que* precisam estar devidamente unidos por camadas de *cimento*. Se o cimento é de má qualidade ou insuficiente, o prédio pode ruir. Da mesma forma, os *cientistas* trabalham agora com a certeza de que um "cimento biológico" dá estrutura ao corpo humano e o domínio *dessa substância* fará a medicina avançar a passos largos no combate a uma série de doenças.

Istoé, 14 out. 1992.

Coesão dentro da frase	Coesão entre as frases
que (*que chegará*) retoma...	pomada cicatrizante retoma...
cuja (*cuja função*)...	gel...
o (*o que estuda*)...	novo medicamento...
que (*que formam*)...	cimento...
que (*que precisam*)...	cientistas...
dessa substância...	

B A nova vocação dos computadores é funcionar com todo o aparato técnico fornecido pela informática, só que numa relação tão visual e emocionante quanto um jogo de videogame. Já existem *máquinas que* cruzam essa fronteira, produzindo imagens em três dimensões *nas quais* o usuário tem a sensação de penetrar. Imagine um visor *que* pode ser preso na frente dos olhos, como uma máscara de mergulho. Acoplado a um computador, *esse visor* cria imagens baseadas num programa e dá à pessoa a ilusão de que está no ambiente projetado na tela. Há mais. Usando uma luva cheia de sensores, *todos* ligados ao mesmo computador, o *operador do equipamento* pode "tocar" objetos *que* só existem na tela aberta diante de *seus* olhos. É possível, por exemplo, *operar* os comandos de um caça-bombardeiro com a mão enluvada e ver na tela os instrumentos sendo manobrados enquanto o avião se move com toda a aparência de uma situação real. Quem vê a *brincadeira* de fora vai enxergar apenas uma pessoa com os *olhos cobertos* por uma máscara levantando uma *mão enluvada* e nada mais.

Veja, 21 out. 1992.

Coesão dentro da frase	Coesão entre as frases
que (*que cruzam*) retoma...	máquinas retoma...
nas quais...	esse visor...
que (*que pode ser preso*)...	operador do equipamento...
todos...	operar...
que (*que só existem*)...	brincadeira...
seus (*seus olhos*)...	olhos cobertos...
	mão enluvada...

3. Utilizando os recursos de coesão, substitua os elementos repetidos quando necessário:

A O Brasil vive uma guerra civil diária e sem trégua. ~~No *Brasil*~~, que se orgulha da índole pacífica e hospitaleira de seu povo, a sociedade organizada ou não para esse fim promove a matança impiedosa e fria de crianças e adolescentes. Pelo menos sete milhões de *crianças e adolescentes*, segundo estudos do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), vivem nas ruas das cidades ~~do *Brasil*~~.

Texto modificado de *Isto é Senhor*, 28 ago. 1991.

B Todos ficam sempre atentos quando se fala de mais um casamento de Elizabeth Taylor. Casadoura inveterada, *Elizabeth Taylor* já está em seu oitavo *casamento*. Agora, diferentemente das vezes anteriores, *o casamento de ~~Elizabeth~~ Taylor* foi com um homem do povo que ~~*Elizabeth Taylor*~~ encontrou numa clínica para tratamento de alcoólatras, onde ela também estava. Com toda pompa, o *casamento* foi realizado na casa do cantor Michael Jackson e a imprensa ficou proibida de assistir *ao casamento de Elizabeth Taylor* com um *homem do povo*. Ninguém sabe se será o último *casamento* de *Elizabeth Taylor*.

C A poesia às vezes se impõe por sua própria força. Mesmo quem nunca leu Carlos Drummond de Andrade sabe que ele é um grande poeta. *Carlos Drummond de Andrade* marcou não só a literatura brasileira, mas também a vida cotidiana de muitas pessoas com suas crônicas publicadas no ***Jornal do Brasil***. A poesia de *Carlos Drummond de Andrade* também se preocupou com a nossa *vida cotidiana*. Nesses momentos a poesia de *Carlos Drummond de Andrade* nos faz refletir sobre sentimentos advindos de certos fatos que, ditos de outra forma, não nos teriam tocado tanto.

D O rio Mississipi, Pai de Todos os Rios, como dizem os americanos, é uma serpente caudalosa que rasga os Estados Unidos de norte a sul. Das Montanhas Rochosas aos Montes Apalaches, o *rio Mississipi* abastece-se de afluentes menos famosos em 31 dos cinqüenta Estados americanos. O *rio Mississipi* tem 3 800 quilômetros de extensão e irriga as terras mais férteis do planeta, na região que se convencionou chamar de meio-oeste. Planta-se milho, soja e trigo com baixos custos de adubagem e excelente produtividade, e os agricultores aceitam de bom grado as cheias periódicas do *rio Mississipi*, um fenômeno que se repete desde as eras glaciais. São elas que fertilizam o solo e tornam excepcionais as colheitas.

Adaptado de *Veja*, 28 jul. 1993.

E Todas as descobertas para emagrecer sem fazer muito esforço não passam de falsas promessas. Todas? Uma nova droga ainda em testes, o Orlistat, parece fugir à regra. O *Orlistat*, que está sendo desenvolvido pelo laboratório Hoffmann-La Roche, funciona mesmo como uma mágica. O *Orlistat* provoca uma rápida redução de peso, ainda que o paciente saia do sério na dieta. Em vez de inibir o apetite ou acelerar a queima de calorias pelas células, como fazem outras drogas desenvolvidas nas últimas décadas, o *Orlistat* impede que a gordura caia na corrente sangüínea e se acumule na cintura e nos culotes. O *Orlistat*, além de promissor, promete ser uma mina de ouro para seus fabricantes dentro de alguns anos, quando provavelmente deve chegar às prateleiras das farmácias. Enquanto isso, pesquisadores tentam mapear todos os possíveis efeitos colaterais do *Orlistat*, que ainda não são totalmente conhecidos.

Adaptado de *Veja*, 28 jul. 1993.

4. Para cada frase abaixo, redija uma segunda, utilizando o recurso de coesão sugerido entre parênteses.

A Um dos graves problemas das metrópoles são os meios de locomoção. (*palavra sinônima ou quase-sinônima*)

B Ayrton Senna foi um dos maiores esportistas brasileiros. (*epíteto*)

C Não se pode comparar São Paulo com o Rio de Janeiro. (*uso de pronomes*)

D Muitas pessoas estão preferindo ir morar em pequenas cidades do interior. (*advérbio pronominal*)

E O crescimento desordenado degrada qualquer cidade. (*nominalização*)

5. Para cada item do exercício anterior, acrescente uma terceira frase que dê continuidade ao seu pensamento, utilizando um recurso de coesão a sua escolha.

Capítulo 4

AJUSTANDO A FRASE

OS PARALELISMOS

Os paralelismos são também um recurso de coesão textual. Sua função é veicular informações novas através de determinada estrutura sintática que se repete, fazendo o texto progredir de forma precisa.

Tomemos a seguinte frase:

Falava-se da chamada dos conservadores ao poder e da dissolução da Câmara.

O conector *e* soma duas informações vinculadas ao verbo falar (*falava-se de*). Ambas vêm precedidas da mesma preposição (*de*), constituindo assim um paralelismo. Se esquematizarmos a frase, veremos com mais clareza sua construção:

Falava-se → **da chamada dos conservadores ao poder**
e
→ **da dissolução da Câmara**

Os dois segmentos de frase formam, portanto, construções paralelas. Se sempre observarmos esse tipo de construção, o texto se tornará mais coeso e, conseqüentemente, mais claro. A coerência também deve ser observada, pois a segunda parte da frase tem de estar não só sintática, mas também semanticamente associada à primeira.

Esta frase está correta do ponto de vista sintático, mas não do ponto de vista semântico:

Ele estava não só atrasado para o concerto, mas também sua mulher tinha viajado para a fazenda.

Com este exemplo queremos chamar a atenção para esse tipo de construção em que a primeira parte do paralelismo aponta numa direção e a segunda noutra. A presença dos conectivos *não só/mas também* exige um paralelismo de idéias. É preciso que os dois segmentos se harmonizem, formando um todo semanticamente coerente. Ao escrever uma frase, temos de nos preocupar com a unidade de sua mensagem para que nossa comunicação seja precisa. Os dois segmentos que constituem um paralelismo devem falar de temas da mesma área de significação, sobretudo quando se trata de textos objetivos, como uma argumentação. Já na ficção e na poesia é muito comum encontrar casos de quebra de paralelismo.

A frase anterior pode ser corrigida da seguinte forma:

Ele estava não só atrasado para o concerto, mas também preocupado com a fila que iria enfrentar.

Após a reelaboração, observam-se os paralelismos sintático e semântico e o equilíbrio necessário ao enunciado.

Dentro do parágrafo, o paralelismo pode ser um fator de ordenação de noções às vezes complexas, que ficam mais ao nosso alcance pela forma com que são enunciadas. Atente para este exemplo extraído de um livro de Marilena Chauí:

A Filosofia não é ciência: é uma reflexão crítica sobre os procedimentos e conceitos científicos. Não é uma religião: é uma reflexão crítica sobre as origens e formas das crenças religiosas. Não é uma arte: é uma interpretação crítica dos conteúdos, das formas, das significações das obras de arte e do trabalho artístico. Não é sociologia nem psicologia, mas a interpretação e avaliação crítica dos conceitos e métodos da sociologia e da psicologia. Não é política, mas interpretação, compreensão e reflexão sobre a origem, a natureza e as formas do poder. Não é história, mas interpretação do sentido dos acontecimentos enquanto inseridos no tempo e compreensão do que seja o próprio tempo. (...)

Convite à filosofia. São Paulo, Ática, 1994. p. 17.

O parágrafo obedece à estrutura "não é (...) mas é", o que programa de certa forma o espírito do leitor para ter bem distintos, em cada frase, os vínculos da Filosofia com os outros campos do saber.

Os casos mais comuns de paralelismos ocorrem dentro da frase, mas podem também ocorrer de uma frase para outra e até mesmo entre parágrafos. Nestes casos, o que se procura é tirar efeitos estilísticos de seu emprego, como mostraremos nos exemplos a seguir.

Observe o efeito que Joelmir Beting consegue nesta seqüência de frases:

***Pobre só tem* dinheiro. Chama-se cruzeiro. *Pobre não tem* casa, *não tem* carro. *Pobre não tem* emprego, *não tem* salário. *Pobre só tem* dinheiro do dia — exatamente o único valor não indexado da economia.**

O Globo, 19 dez. 1992.

Agora vejamos como se pode usar o paralelismo para estruturar um parágrafo em relação a outro. Gilberto Dimenstein, em *Como não ser enganado nas eleições*, escreve:

(...) este livro traz uma boa e uma má notícia.

A má: agora mesmo, neste exato instante em que você está lendo este parágrafo, há um batalhão de candidatos querendo seduzi-lo e trapaceá-lo, abocanhando seu voto. Ou seja, você corre o risco de fazer o papel de bobo.

A boa: agora mesmo, neste exato instante em que você está lendo este parágrafo, você começa a conhecer segredos e pode evitar as armadilhas preparadas por este batalhão de candidatos que disputam a presidência da República, governos estaduais, duas vagas para o Senado em cada Estado, Câmara dos Deputados e Assembléias Legislativas.

Op. cit. São Paulo, Ática, 1994. p. 14.

Os trechos por nós sublinhados deixam bem evidentes os paralelismos existentes nos dois parágrafos. O autor começa-os da mesma forma a fim de chamar a atenção do leitor para o que marca a oposição entre a boa e a má notícia. Estruturando os parágrafos dessa forma, ele conseguiu clareza e denotou um perfeito domínio de texto.

Os paralelismos são muito comuns em textos didáticos para que eles fluam com mais leveza, sobretudo quando há enumerações.

Quem já leu a nossa Constituição deve ter observado como cada artigo está escrito. A maioria deles está dividida em incisos que começam geralmente com a mesma estrutura sintática. Só a título de exemplo, leiamos os cinco primeiros incisos do Artigo 23:

É competência comum da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios:

I – zelar pela guarda da Constituição, das leis e das instituições democráticas e conservar o patrimônio público;

II – cuidar da saúde e assistência pública, da proteção e garantia das pessoas portadoras de deficiência;

III – proteger os documentos, as obras e outros bens de valor histórico, artístico e cultural, os monumentos, as paisagens naturais notáveis e os sítios arqueológicos;

IV – impedir a evasão, a destruição e a descaracterização de obras de arte e de outros bens de valor histórico, artístico ou cultural;

V – proporcionar os meios de acesso à cultura, à educação e à ciência; (...)

O Artigo tem doze incisos e todos começam com os verbos no infinitivo, o que dá uniformidade ao texto. Mas em outros artigos nem sempre os paralelismos são respeitados porque iriam contrariar o bom uso da língua, criando construções esdrúxulas. Isto significa que o paralelismo não é uma camisa-de-força. Trata-se apenas de um recurso estilístico que você deve usar quando achar conveniente. Nem sempre a sua ausência significa erro de estruturação. Cláudio Abramo, um dos maiores jornalistas brasileiros, não observou o paralelismo na seguinte frase:

Nos tempos modernos, devido a influências várias e por causa de jornalistas com pendores literários, a reportagem perdeu seu aspecto de narrativa fria (...).

A regra do jogo: o jornalista e a ética do marceneiro. São Paulo, Companhia das Letras, 1993. p. 111.

Ninguém pode dizer que o desrespeito ao paralelismo constitui aí erro. Se Abramo o tivesse observado, teria escrito da seguinte forma:

Nos tempos modernos, devido a influências várias e a jornalistas com pendores literários, a reportagem perdeu seu aspecto de narrativa fria (...).

Compare as duas frases e verá que a primeira é melhor que a segunda, pois, ao mudar de conectivo, ele coloca em relevo a segunda causa, chamando nossa atenção para o papel de alguns "jornalistas" na mudança de estilo da reportagem moderna. Se o paralelismo tivesse sido observado à risca, as duas causas teriam o mesmo nível de importância e, assim, se perderia o efeito de sentido imaginado pelo autor.

Para concluir: os paralelismos devem ser usados desde que tragam força, clareza e equilíbrio à frase. Caso contrário, não devem ser forçados.

PARALELISMOS MAIS FREQÜENTES

Os casos mais comuns de paralelismos dentro da frase ocorrem:

1. com as conjunções

a) e, nem.

Ele conseguiu transformar-se no comandante das Forças Armadas e no homem forte do governo.

Não adianta tomar atitudes radicais *nem* fazer de conta que o problema não existe.

b) não só... mas também.

O projeto *não só* será aprovado, *mas também* posto em prática imediatamente.

c) mas.

Não estou descontente com seu desempenho, *mas* com sua arrogância.

d) ou.

O governo *ou* se torna racional *ou* se destrói de vez.

e) tanto... quanto.

Estamos questionando *tanto* seu modo de ver os problemas *quanto* sua forma de solucioná-los.

f) isto é, ou seja etc.

Você devia estar preocupado com seu futuro, *isto é*, com a sua sobrevivência.

2. com as orações justapostas (aquelas que estão coordenadas sem conectivos)

O governo até agora não apresentou nenhum plano para erradicar a miséria, não criou nenhum programa de empregos, não destinou os recursos necessários para a educação e a saúde.

Esse tipo de paralelismo é muito comum em textos literários, sobretudo em poesia.

O vento varria as folhas,
O vento varria os frutos,
O vento varria as flores...

(Manuel Bandeira)

O poeta recorre aos mesmos termos e à mesma estrutura, sempre acrescentando uma informação nova ao verbo *varrer*.

EXERCÍCIOS

1. Esquematize as frases a seguir, pondo em evidência os paralelismos:

A (...) sempre existem voluntários capazes de se mobilizar para dizer o que pensam e pressionar o governo para defender o que consideram seu direito. (*Veja*, 20 nov. 1991)

B Uma experiência da China que teve sucesso no Ceará está em teste no Alto Solimões e pode evitar que o cólera se alastre e atinja outros locais do país através dos rios. (*O Globo*, 2 set. 1991)

C Pela propaganda, imagina-se não só que tudo foi produto exclusivo da gestão petista atual, mas também que as unidades estão trabalhando com capacidade plena. (*Folha de S.Paulo*, 24 ago. 1991)

D Muitas denúncias a atingiram sem terem sido dirigidas diretamente a ela, mas às Superintendências subordinadas à sua administração. (*O Globo*, 2 set. 1991)

E (...) a primeira preocupação não é a de elucidar os atos irregulares — até agora não refutados pela LBA —, mas sim a de acenar com a punição dos que revelam desmandos oficiais. (*Folha de S.Paulo*, 30 ago. 1991)

F Meu encontro com Julio Cortázar não se deveu a um acaso de percurso, nem a uma dispersa curiosidade intelectual. (Haroldo de Campos, *Folha de S.Paulo*, 30 ago. 1991)

G A linha dura do partido comunista apostou no imobilismo da sociedade soviética e numa reação frouxa do Ocidente para reinstalar um regime autoritário. (*Istoé Senhor*, 27 ago. 1991)

2. Reescreva as frases abaixo, estabelecendo os paralelismos:

A Os ministros negaram estar o governo atacando a Assembléia e que ele tem feito tudo para prolongar a votação do projeto.

B O presidente sentia-se acuado pelas constantes denúncias de corrupção em seu governo e o crescimento na Constituinte da pressão em favor da fixação de seu mandato em quatro anos.

C Quando o ditador morreu, seu porta-voz conseguiu transformar-se no comandante das Forças de Defesa e que era o homem forte do país.

D Poucas horas antes de um emissário lhe trazer a notícia e que se inteirasse dos fatos, ele se divertia com os netos.

E Aos poucos ele foi tomando consciência de que nem tudo dependia de sua presença e uma mão forte agia por trás dos últimos acontecimentos.

F Com isso, conseguia-se o objetivo duplo de fortalecer o governo amigo e ainda por cima os oposicionistas eram incriminados.

G Não só todos ficaram perplexos e partiram desesperançados.

H O carnaval ritualiza o reinício da vida com a desentronização do rei e quando se entroniza um outro.

3. Escreva um segundo segmento para cada frase, levando em consideração o paralelismo sintático e semântico:

A A expansão do narcotráfico no Brasil deve-se à desinformação dos males causados pelas drogas e...

B A saúde no Brasil necessita não só da atenção de nossos governantes, mas também...

C É preciso que todos se conscientizem de que só educando o povo é possível construir uma nação solidária e...

D O técnico da seleção ficou cheio de esperanças ao convocar jogadores tarimbados e...

E As grandes cidades ou param de crescer desenfreadamente ou...

F As crianças que vivem pelas ruas sofrem com o abandono da família e...

G Depois do espetáculo, os artistas voltaram ao palco para dar uma mensagem de esperança e...

4. Identifique os paralelismos nos textos abaixo:

A Há duas interpretações correntes e quase antagônicas para o grau de racismo existente no Brasil e nenhuma delas é verdadeira. De um lado, afirma-se que praticamente não há racismo no país. Essa é a versão do cadinho de raças, do mundo cordial onde pretos se casam com brancos e mulatos, numa integração quase perfeita. Haveria, por certo, uma brincadeira aqui, uma zombaria ali, um abuso acolá, mas nada perturbador num país pardacento e, graças a Deus, livre do vírus do desentendimento racial, da mesma forma que ficou fora da zona dos furacões e dos

terremotos. A outra versão, oposta, diz que o racismo está apenas dissimulado no Brasil. Justamente por não ser explícito, o preconceito seria pior. E nada ficaria a dever àquilo que se vê em países de violentos conflitos raciais.

Veja, 7 jul. 1993.

B A notícia de que era pai, de que Olga estava viva, de que a mãe e as irmãs estavam bem, encheu de esperanças um Prestes às portas da condenação por um tribunal de exceção. Ele releu, dezenas de vezes, a carta da mulher e a da mãe no cubículo em que continuava preso. Quando Sobral Pinto informou-o de que tinha obtido autorização para que respondesse à correspondência de Olga, ele fez uma exigência. Sabendo que as cartas eram censuradas, primeiro pela polícia de Filinto Müller, no Brasil, depois pela Gestapo, em Berlim, pediu ao advogado que lhe comprasse uma gramática alemã e um dicionário de alemão.

MORAES, Fernando. *Olga*. 14. ed. São Paulo, Alfa-Ômega, 1987. p. 233.

C O jogo é uma atividade livre, voluntária, desligada de todo e qualquer interesse material, praticada dentro de limites espaciais e temporais próprios, segundo uma certa ordem e certas regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias; ele é acompanhado de um sentimento de tensão e de alegria capaz de absorver o jogador de maneira intensa e total e de uma consciência de ser diferente da vida cotidiana. A essência do espírito lúdico é ousar, correr riscos, suportar a tensão e a incerteza. O elemento de tensão lhe confere um valor ético, na medida em que são postas à prova as qualidades dos jogadores: força e tenacidade, habilidade e coragem e, igualmente, as capacidades espirituais e a lealdade. A tensão aumenta a importância do jogo, e essa intensificação permite ao jogador "esquecer" que está apenas jogando. Ele cria ordem e é ordem. Introduz na confusão da vida e na imperfeição do mundo uma perfeição temporária e limitada, exige uma ordem suprema e absoluta: a menor desobediência a essa ordem "estraga o jogo", privando-o de seu caráter próprio e de todo e qualquer valor.

JANÔ, Antônio Januzelli. *A aprendizagem do ator*. São Paulo, Ática, 1986. pp. 54-55. (Série Princípios, nº 64)

D Em toda sociedade civilizada existem necessariamente duas classes de pessoas: a que tira sua subsistência da força de seus braços e a que vive da renda de suas propriedades ou do produto de funções onde o trabalho do espírito prepondera sobre o trabalho manual. A primeira é a classe operária; a segunda é aquela que eu chamaria a classe erudita.

Os homens da classe operária têm desde cedo necessidade do trabalho de seus filhos. Estas crianças precisam adquirir desde cedo o conhecimento e sobretudo o hábito e a tradição do trabalho penoso a que se destinam. Não podem, portanto, perder tempo nas escolas. (...)

Os filhos da classe erudita, ao contrário, podem dedicar-se a estudar durante muito tempo; têm muita coisa a aprender para alcançar o que se espera deles no futuro. Necessitam de um certo tipo de conhecimento que só se pode apreender quando o espírito amadurece e atinge determinado grau de desenvolvimento. (...)

Esses são fatos que não dependem de qualquer vontade humana; decorrem necessariamente da própria natureza dos homens e da sociedade: ninguém está em condições de poder mudá-los. Portanto, trata-se de dados invariáveis dos quais devemos partir.

Concluamos, então, que em todo Estado bem administrado e no qual se dá a devida atenção à educação dos cidadãos, deve haver dois sistemas completos de instrução que não têm nada em comum entre si.

TRACY, Destutt de. In: HARPER, Babette et al. *Cuidado, escola!* São Paulo, Brasiliense, s/d. p. 28.

A ÊNFASE

Compare as seguintes frases:

1. **Lênin desembarcou em 3 de abril de 1917 na estação Finlândia, em Petrogrado, retornando de trem do exílio.**
2. **Retornando de trem do exílio, Lênin desembarcou em 3 de abril de 1917 na estação Finlândia, em Petrogrado.**

Veja, 28 ago. 1991.

A segunda opção, evidentemente, é a melhor. Não porque tenha sido a preferida por *Veja*, mas porque põe em destaque segmentos de frase como *retornando de trem do exílio* e *em Petrogrado*. Seu autor preocupou-se em escrever de tal forma que o leitor lesse toda a frase com a mesma atenção. Em outras palavras, ele escreveu preocupado com a *ênfase*. A colocação deste ou daquele termo no princípio ou no fim da oração altera nossas expectativas. Trata-se de um recurso de expressividade por meio do qual alguns termos, que em outra posição passariam despercebidos, ganham relevo.

Geralmente, alguma circunstância (tempo, lugar, meio, fim) é enunciada em primeiro lugar, antecedendo o núcleo do pensamento. Nas frases acima, esse núcleo

ou idéia principal é: *Lênin desembarcou em 3 de abril de 1917 na estação Finlândia*. A segunda forma é mais enfática que a primeira. A idéia principal ficou entre duas circunstâncias:

de tempo — *retornando de trem do exílio*;
de lugar — *em Petrogrado*.

A ênfase cria certo suspense no leitor. Observe que a primeira versão diz o mais importante logo no início e, quando isso acontece, nossa tendência é não dar muita atenção ao que vem depois.

Mas é preciso muito cuidado para não abusar desse recurso. Se a cada passo fizermos inversões, poderemos cair num rebuscamento inócuo. A boa frase deve demonstrar equilíbrio.

Em geral, vêm no início da frase:

a) adjuntos adverbiais de tempo, lugar, modo, fim etc.

***No próximo dia 27,* o Brasil vai comemorar o centenário do grande escritor alagoano Graciliano Ramos.**

b) alguns tipos de orações subordinadas.

***Embora tivesse chegado atrasado,* não pediu desculpas.**

c) orações reduzidas de gerúndio, particípio ou infinitivo.

***Ao chegar em casa,* foi logo ralhando com as crianças.**

1. Reordene os períodos abaixo, observando a ênfase de alguns termos:

A O governo avançou por um caminho perigoso na semana passada, ao anunciar seu novo plano econômico.

B Os dois astronautas decidiram fazer a experiência por conta própria para provar sua teoria.

C Esse fenômeno vem acontecendo em outras regiões da Terra desde que as queimadas na Amazônia começaram a ser feitas sem nenhum controle.

D O técnico reuniu os jogadores de seu time para anunciar que vai abandonar o cargo, antes de iniciar os treinamentos ontem de manhã, caso não consigam vencer a partida do próximo sábado.

E O ministro da Justiça foi metralhado dentro de seu carro no centro de Bogotá, que começava a incomodar demais os chefões da droga, naquele oito de outubro.

F Várias grandes árvores tornaram-se raros habitantes de viveiros e hortos florestais, como o jequitibá que chega a mais de 50 metros, ou o próprio pau-brasil, no caso da vegetação, por exemplo.

Texto modificado de *Veja*, 20 nov. 1991.

G Seria de esperar que alguns problemas graves fossem resolvidos urgentemente, como a legião de 4,4 milhões de crianças que não freqüentam salas de aula, num país como o Brasil onde os recursos destinados à educação são liberados com dificuldade.

H O homem desembarcou, convencido de que a hipótese de confronto com a mulher é a última alternativa agora em jogo a respeito da herança, com o céu carregado de maus presságios, na última quinta-feira.

2. Reúna os segmentos de frase num só período, observando a ênfase e a clareza.

A Aos vinte anos nos sentimos invulneráveis, imunes às desgraças.
Pois desastres e catástrofes só acontecem aos outros.
A morte não faz parte de nossas preocupações.

B Dezenas de profissionais já trabalharam um sem-número de horas.
Quando a notícia chega até nós.
Seja pela televisão, rádio ou jornal.

C Cuidado, você está sendo vítima de um bombardeio.
Se você se sente tocado por um anúncio de TV.
Que é pensado milimetricamente por profissionais capazes de vender até um pedaço do céu.

D As pessoas ficam meio perdidas.
E digo que sou RP (relações-públicas).
Como se estivessem diante de um extraterrestre.
Quando me perguntam o que faço.

E O que nos transporta aos tempos em que os engenhos e o comércio faziam do lugar um dos portos mais importantes do Brasil-Colônia.
Principalmente quando se usufrui do aconchego de suas pousadas e restaurantes.
Parati é romântica.

Adaptado de *Ponte Aérea*, n. 89, s/d. p. 21.

F Acompanhados pelo reco-reco, pelo carimbó (atabaque grande) e pela viola.
Levantando os braços acima das cabeças.
Executando variada coreografia.
Os dançarinos se movimentam pelo salão.
Simulando o ruído de castanhola com os dedos.

Adaptado de *Cultura*, MEC, n. 3, 1971. p. 69.

G A imagem introduz um novo elemento de persuasão.
Conseguindo atingir pessoas de qualquer nível.
Quando bem trabalhada.
Num outdoor.

3. As frases dos textos abaixo sofreram modificação em sua estrutura. Reordene-as, observando a ênfase:

A Não aponte o dedo para cima quando, sem nenhuma nuvem maculando o negror cintilante, o céu estiver cheio de estrelas. Pode ser que apareça uma antiestética verruga em seu nariz no dia seguinte. Isso se o que dizem for verdade no interior do Brasil, é claro. Esta é uma das mais antigas e interessantes, antes de mais nada, superstições recolhidas pelos estudiosos do folclore.

Cultura, MEC, n. 3, jul./set. 1971. p . 66.

B Os mestres de jornal que mais viva impressão deixaram no meu espírito, avivando impressões que ali fui guardando, quando busco na memória, dou por mim na minha província natal, ao ver passar no Largo do Carmo esses dois vultos, em São Luís, que o tempo já desfez: Antônio Lopes da Cunha e Nascimento Morais.

MONTELLO, Josué. *Revista de Comunicação*, n. 31, mar. 1993. p. 31.

C Uma dieta que protege o coração e afasta o perigo do câncer deve incluir um copo, de preferência um Bordeaux, de bom vinho tinto, patê de fígado, muito azeite e um pouco de alho. Parece bom demais para ser verdade? O único problema com a dieta acima é o preço, segundo pesquisadores de algumas escolas de medicina mais conceituadas do mundo. Não pode haver comida melhor com respeito à saúde. O equivalente francês do Ministério da Saúde, o Inserm, em 1991, anunciou os resultados de uma longa pesquisa sobre hábitos alimentares. O Inserm concluiu, dissipando as plaquetas, que o vinho tinto protege o coração, que provocam coágulos e entopem as artérias. Afirma a pesquisa do Inserm, "os franceses comem mais gordura, exercitam-se menos, mas têm menos ataques cardíacos do que os americanos graças ao consumo de vinho tinto".

Veja, 30 jun. 1993.

Capítulo 5

FAZENDO AS CONEXÕES

OS CONECTIVOS

Leia o texto que segue:

É consolador para os telespectadores, as más notícias são trazidas por uma bela repórter, ou uma linda apresentadora. É alentador para quem trabalha em Redação conviver com gente atraente, em meio ao circo de horrores, consome o dia-a-dia. Quem está sob um rosto bonito ou um corpo desejável enfrenta preconceitos e constrangimentos em dose equivalente aos galanteios e gentilezas, — supõe-se — são privativos da formosura.

À parte algumas funções na televisão, a beleza não é condição necessária e obrigatória para o exercício do jornalismo. A inteligência, o domínio de informações e a capacidade de escrever bem são os atributos essenciais. Uma pretendente a um emprego oferecer também beleza, além disso tudo, suas chances são maiores. É só lembrar, mesmo com a invasão feminina no jornalismo, nas últimas décadas, e a redução progressiva da mentalidade machista na profissão, a maioria das chefias ainda é composta por homens.

Nota-se facilmente que o texto não está bem escrito. Ele foi transcrito assim propositalmente. Vejamo-lo em sua forma correta (preste atenção aos termos em itálico):

É consolador para os telespectadores *quando* as más notícias são trazidas por uma bela repórter, ou uma linda apresentadora. *Da mesma forma,* é alentador para quem trabalha em Redação conviver com gente atraente, em meio ao circo de horrores *que* consome o dia-a-dia. *Mas* quem está sob um rosto bonito ou um corpo desejável enfrenta preconceitos e constrangimentos em dose equivalente aos galanteios e gentilezas *que* — supõe-se — são privativos da formosura.

***É claro que,* à parte algumas funções na televisão, a beleza não é condição necessária e obrigatória para o exercício do jornalismo. *Agora, como sempre,* a inteligência, o domínio de informações e a capacidade de escrever bem são os atributos essenciais. *Mas é inegável que se* uma pretendente a um emprego oferecer também beleza, além disso tudo, suas chances são maiores. É só lembrar *que,* mesmo com a invasão feminina no jornalismo, nas últimas décadas, e a redução progressiva da mentalidade machista na profissão, a maioria das chefias ainda é composta por homens.**

Imprensa, n. 40, dez. 1990. p. 30.

Os elementos novos inseridos no segundo texto são os *conectores* ou *conectivos.* Eles são também responsáveis pela coesão de nosso pensamento e tornam a leitura mais fácil e fluente. Por isso temos de saber usá-los com precisão, tanto no interior da frase, quanto ao passar de um enunciado a outro, se a clareza assim o exigir. Sem esses conectores — preposições, advérbios, conjunções, termos denotativos, pronomes relativos — o pensamento não flui, muitas vezes não se completa, e o texto torna-se obscuro, sem nenhuma coerência.

Compare a primeira frase dos dois textos e veja a diferença:

1. **É consolador para os telespectadores, as más notícias são trazidas por uma bela repórter, ou uma linda apresentadora.**
2. **É consolador para os telespectadores *quando* as más notícias são trazidas por uma bela repórter, ou uma linda apresentadora.**

A primeira frase é incompreensível porque seu segundo segmento — *as más notícias são trazidas por uma bela repórter, ou uma linda apresentadora* — é apenas acrescentado ao primeiro, sem nenhuma conexão. Muitas vezes a obscuridade de um texto nasce do mau uso dos conectivos ou da falta de seu uso. O acréscimo de *quando* foi o suficiente para esclarecer o sentido da frase e dar-lhe coesão. Esse processo coesivo é fundamental para a redação de um bom texto. A frase bem estruturada é o ponto de partida para quem pretende escrever bem. É preciso cuidar, portanto, de sua forma.

Para quem tem o hábito da leitura, não é difícil saber se uma frase está bem ou mal construída. Ler jornais, revistas, obras literárias ajuda muito a escrever. Dessa maneira, apreende-se a estrutura frasal de forma quase imperceptível. Se você não tem esse hábito, é bom passar a tê-lo. De qualquer forma, tentaremos dar uma pista para você analisar sua própria frase e superar as dificuldades de construção que porventura houver. No entanto, voltamos a insistir: ler muito ainda é o melhor remédio.

Antes de tudo, precisamos saber em quantos segmentos divide-se a frase. Cada segmento deve estar bem conectado com o outro. Para sabermos quais os segmentos principais de uma frase, basta observar os verbos nela existentes e seus respectivos sujeitos. A frase expande-se a partir desses dois componentes. Cada par sujeito/

verbo constitui o núcleo de um segmento de frase. O período nasce da expansão dos segmentos articulados entre si. A coesão e a coerência de um período dependem da boa conexão entre eles.

Comecemos por isolar do resto do texto a frase que nos parece incorreta:

É consolador para os telespectadores, as más notícias são trazidas por uma bela repórter, ou uma linda apresentadora.

Nela aparecem dois verbos: *é* e *são trazidas*. Ela tem, portanto, dois segmentos:

- 1º segmento — *É consolador para os telespectadores.*
- 2º segmento — *As más notícias são trazidas por uma bela repórter, ou uma linda apresentadora.*

É preciso estabelecer um elo entre eles e quem o faz é a conjunção *quando*. O segundo segmento indica uma relação de temporalidade em relação ao primeiro:

É consolador para os telespectadores *quando* as más notícias são trazidas por uma bela repórter, ou uma linda apresentadora.

Essa precisão no uso dos conectivos é muito importante para transmitir nossas idéias. Devemos sempre escrever frases com sentido completo, em que seus diversos segmentos estejam bem ajustados.

O pensamento fragmentado é um dos erros mais graves de redação. Uma frase fragmentada não perfaz um sentido, pois está semanticamente incompleta. Para evitá-la, temos de saber quais os principais conectivos, sobretudo as conjunções e os pronomes relativos.

Na primeira versão do texto que nos está servindo de guia, encontramos uma frase em que a ausência do pronome relativo gera obscuridade de sentido:

Quem está sob um rosto bonito ou um corpo desejável enfrenta preconceitos e constrangimentos em dose equivalente aos galanteios e gentilezas, — supõe-se — são privativos da formosura.

Para entender melhor sua estruturação, vamos abandonar a oração intercalada *supõe-se*, visto que ela não tem nenhuma influência sobre as outras do ponto de vista sintático. A frase tem três segmentos:

- 1º segmento — *Quem está sob um rosto bonito ou um corpo desejável*
- 2º segmento — *enfrenta preconceitos e constrangimentos em dose equivalente aos galanteios e gentilezas.*
- 3º segmento: *são privativos da formosura.*

#Estudo#

Entre o primeiro e o segundo segmento não há problema de conexão, mas entre o segundo e o terceiro, sim. O conectivo que fará a ponte entre eles é o pronome relativo *que*.

Quem está sob um rosto bonito ou um corpo desejável enfrenta preconceitos e constrangimentos em dose equivalente aos galanteios e gentilezas *que* são privativos da formosura.

Os dois segmentos da frase estão agora bem articulados entre si, permitindo-nos compreender a mensagem de seu redator. A partícula que ele usa para articular uma frase a outra dá coesão ao seu pensamento.

1. Os principais conectivos

Uma preocupação de quem escreve é ver se os conectores estão empregados com precisão. A toda hora estamos fazendo uso deles. Por isso, damos a seguir uma lista sucinta desses conectivos e suas respectivas funções:

Conjunções, locuções conjuntivas, preposições e locuções prepositivas:

1. adição — e, nem, também, não só... mas também.
2. alternância — ou... ou, quer... quer, seja... seja.
3. causa — porque, já que, visto que, graças a, em virtude de, por (+ infinitivo).
4. conclusão — logo, portanto, pois.
5. condição — se, caso, desde que, a não ser que, a menos que.
6. comparação — como, assim como.
7. conformidade — conforme, segundo.
8. conseqüência — tão... que, tanto... que, de modo que, de sorte que, de forma que, de maneira que.
9. explicação — pois, porque, porquanto.
10. finalidade — para que, a fim de que; para (+ infinitivo).
11. oposição — mas, porém, entretanto; embora, mesmo que; apesar de (+ infinitivo).
12. proporção — à medida que, à proporção que, quanto mais, quanto menos.
13. tempo — quando, logo que, assim que, toda vez que, enquanto.

Pronomes relativos: que — quem — cujo — onde.

Ao empregar um pronome relativo, devemos ter o seguinte cuidado:

1. Observar a palavra a que ele se refere para evitar erros de concordância verbal.

Encontramos um bom número de pessoas *que* estavam reivindicando os mesmos direitos dos vinte funcionários vitoriosos.

que = as quais (pessoas)

2. Observar o fragmento de frase de que ele faz parte. Pode ser que haja um verbo ou um substantivo que exija uma preposição. Nesse caso, ela deve preceder o relativo.

Ninguém conseguiu até hoje esquecer a cilada *de que* ele foi vítima.

de que = da qual (cilada)
A preposição *de* foi exigida pelo substantivo *vítima* (ele foi vítima *de* uma cilada).
O mesmo acontece com os verbos.

As dificuldades *a que* você se refere são normais dentro de sua carreira.

a que = às quais (dificuldades)
O verbo *referir-se* pede a preposição *a*; por isso, ela aparece antes do *que*.

2. As transições

Alguns dos conectores que acabamos de estudar também aparecem com freqüência iniciando frases, como se fossem uma espécie de ponte entre um pensamento e outro. É o caso de *mas* em dois momentos do texto:

***Mas* quem está sob um rosto bonito ou um corpo desejável enfrenta preconceitos e constrangimentos em dose equivalente aos galanteios e gentilezas que — supõe-se — são privativos da formosura.**

***Mas* é inegável que se uma pretendente a um emprego oferecer também beleza, além disso tudo, suas chances são maiores.**

Em ambos os casos o *mas* está servindo de termo de transição entre um enunciado e outro, articulando uma idéia de oposição.

Eis outros casos em que os termos de transição desempenham papel importante para a continuidade e coesão do texto:

***Da mesma forma*, é alentador para quem trabalha em Redação conviver com gente atraente, em meio ao circo de horrores que consome o dia-a-dia.**

da mesma forma — indica semelhança, comparação entre o que se diz nesse enunciado e o que se disse no anterior.

***É claro que, à parte* algumas funções na televisão, a beleza não é condição necessária e obrigatória para o exercício do jornalismo.**

é claro que — anuncia que se fará uma afirmação segura.
à parte — indica exclusão.

***Agora, como sempre*, a inteligência, o domínio de informações e a capacidade de escrever bem são os atributos essenciais.**

agora, como sempre — fazem alusão ao tempo em que tais qualidades são atributos essenciais de um bom jornalista.

É *só* lembrar que, mesmo com a invasão feminina no jornalismo, nas últimas décadas, e a redução progressiva da mentalidade machista na profissão, a maioria das chefias ainda é composta por homens.

só — dá relevância ao fato que vai ser enunciado através do verbo *lembrar*.

O conhecimento desses termos de transição ajuda a dar maior organicidade ao pensamento, o que faz o texto progredir mais facilmente. Mas é preciso uma advertência: não devemos usá-los a cada frase começada. Se fizermos assim, tornaremos o texto pesado. Também não devemos cair no oposto: ignorá-los completamente. Nosso texto correrá o risco de ficar cansativo, quando não incompreensível. Saber usar os termos de transição deve ser uma preocupação constante de quem deseja escrever bem. Eles são muito úteis ao mudarmos de parágrafo porque estabelecem pontes seguras entre dois blocos de idéias.

Eis os mais importantes e suas respectivas funções:

1. afetividade: felizmente, queira Deus, pudera, oxalá, ainda bem (que).
2. afirmação: com certeza, indubitavelmente, por certo, certamente, de fato.
3. conclusão: em suma, em síntese, em resumo.
4. conseqüência: assim, conseqüentemente, com efeito.
5. continuidade: além de, ainda por cima, bem como, também.
6. dúvida: talvez, provavelmente, quiçá.
7. ênfase: até, até mesmo, no mínimo, no máximo, só.
8. exclusão: apenas, exceto, menos, salvo, só, somente, senão.
9. explicação: a saber, isto é, por exemplo.
10. inclusão: inclusive, também, mesmo, até.
11. oposição: pelo contrário, ao contrário de.
12. prioridade: em primeiro lugar, primeiramente, antes de tudo, acima de tudo, inicialmente.
13. restrição: apenas, só, somente, unicamente.
14. retificação: aliás, isto é, ou seja.
15. tempo: antes, depois, então, já, posteriormente.

EXERCÍCIOS

1. Os textos abaixo necessitam de conectores para sua coesão. Empregue as partículas que estão entre parênteses no lugar adequado.

A Uma alimentação variada é fundamental seu organismo funcione de maneira adequada. Isso significa que é obrigatório comer alimentos ricos em proteínas, carboidratos, gorduras, vitaminas e sais minerais. Esses alimentos são essenciais. Você esteja fazendo dieta para emagrecer, não elimine carboidratos, proteínas e gorduras de seu cardápio. Apenas reduza as quantidades. Você emagrece sem perder saúde.

Saúde, n. 5, maio 1993. p. 63.

(assim, mesmo que, para que)

B Toda mulher responsável pelos cuidados de uma casa já teve em algum momento de sua vida vontade de jogar tudo para o alto, quebrar os pratos sujos, mandar tudo às favas, fechar a porta de casa e sair. Já sentiu o peso desse encargo como uma rotina embrutecedora, que se desfaz vai sendo feito. Não é feito, nos enche de culpas e acusações, quando concluído ninguém nota, a mulher "não faz mais nada que sua obrigação".

SORRENTINO, Sara. *Presença da Mulher*, n. 16, abr./jun. 1990. p. 13.

(quando, pois, à medida que)

C O Brasil pretende sediar as Olimpíadas do ano 2004. A idéia é interessante. O que não podemos esquecer antes de mais nada temos que conquistar muitas medalhas nas olimpíadas da nossa existência como uma nação digna. Alguns dos nossos velhos e temíveis adversários a serem derrotados são a fome, a miséria, a violência, o analfabetismo e a ignorância. O nosso principal desafio será ganhar a medalha de ouro da moralidade, "o povo sem moral vai mal".

Jornal da Tarde, 17 ago. 1992.

(pois, até que, afinal, é que)

D Lembro-me, com muita saudade, do prazer que me dava receber das mãos de meu pai o exemplar da revista *O Cruzeiro* ele trazia para casa, a cada semana, um dia antes da distribuição nas bancas. Anos 50, início dos 60. A televisão engatinhava. Pode-se dizer que *O Cruzeiro* era o *Fantástico* da época, lido em todos os cantos do país — tiragem de 800 mil exemplares semanais! E eu tinha acesso àquela preciosidade, antes. Era com grande ansiedade, se não me engano, às segundas-feiras à noite, aguardava a chegada da revista. Uma decepção, por qualquer motivo, ela não vinha. Comecei, embora só muito mais tarde viesse a me aperceber disto, a compreender a necessidade do respeito um veículo de comunicação precisa ter para com seu público.

ATHAYDE, Antônio. *Imprensa*, n. 43, mar. 1991. p. 20.

(que, que, então, que, se)

E Nem sempre é fácil identificar a violência. Uma cirurgia não constitui violência, visa o bem do paciente, é feita com o consentimento do doente. Será violência a operação for realizada sem necessidade ou o paciente for usado como cobaia de experimento científico sem a devida autorização.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda & MARTINS, Maria Helena Pires. *Temas de Filosofia*. São Paulo, Moderna, 1992. p. 171.

(mas certamente, se, se, primeiro porque, depois porque, por exemplo)

2. Reúna as diversas frases num só período por meio de conjunções e pronomes relativos. Faça as devidas alterações de estrutura.

A O *camembert* é um dos queijos mais consumidos no mundo. Só se tornou popular durante a Primeira Guerra. Conquistou os soldados nas trincheiras.

B As moscas conseguem detectar tudo o que acontece à sua volta. Têm olhos compostos. Seus olhos lhes dão uma visão de praticamente 360 graus.

C Tratava-se de uma pessoa. Essa pessoa tinha consciência. Seu lugar só poderia ser aquele. Lutaria até o fim para mantê-lo.

D Ele ficava à cata das pessoas. Queria conversar. As pessoas não lhe davam a menor atenção.

E Ele era auxiliado em suas pesquisas por uma professora. Ele morava numa pensão. Ele se casaria mais tarde com essa professora.

F Era um cais de quase dois quilômetros de extensão. Gostávamos de caminhar ao longo desse cais. O tempo era sempre feio e chuvoso.

G Era um homem de frases curtas. A boca desse homem só se abria para dizer coisas importantes. Ninguém queria falar dessas coisas.

3. A coesão das frases abaixo está prejudicada por causa da ausência dos pronomes relativos. Faça a devida conexão, usando as preposições quando o verbo assim o exigir.

A Enxergo, em atitudes desse tipo, uma questão mais profunda, é a falta de consciência profissional. Uma sociedade acontecem casos assim nunca será respeitada.

B A escola é o lugar podem sair futuros cidadãos conscientes se poderá construir uma nação mais crítica de si mesma.

C O lixo doméstico a maioria dos países não reaproveita é um dramático problema. Imaginemos então o lixo atômico não há espaço. Ainda não se chegou a uma tecnologia adequada para manuseá-lo. Outra questão muito séria é a do lixo industrial poucos sabem lidar. São vinte bilhões de toneladas por ano temos de nos livrar.

D O arrocho salarial certos governos tanto insistem leva o trabalhador ao desespero. Além disso, os juros os comerciantes tanto se queixam anulam as vias de crédito. Este perverso quadro econômico todos vivenciamos há anos não pode continuar indefinidamente.

E O envolvimento de menores de ambos os sexos na prática de crimes é uma verdade não podemos fugir. Os poderes constituídos deveriam parar e refletir sobre esse fato os jornais enchem suas páginas diariamente. De nada adiantou o Estatuto da Criança e do Adolescente muitos delinqüentes adultos se valem para incitar menores à prática de roubos e assassinatos.

F Falta dinheiro para tudo no Brasil, mas as mordomias continuam. A verdade é que os impostos o governo mantém sua máquina emperrada são mal empregados. Há notícias de que órgãos públicos compram copos de cristal, talheres de prata, porcelanas finas, luxos não querem abrir mão, mesmo sabendo das dificuldades o povo passa.

G As pedras portuguesas a prefeitura do Rio calçou algumas ruas do centro vivem se soltando. Isto é resultado do trabalho de calceteiros incompetentes serviços foram contratados sem nenhum rigor. As ruas se transformaram numa verdadeira armadilha você pode torcer o pé ou deixar o salto de seu sapato.

H Cinco horas da manhã. O despertador Teresa nunca se separa toca. Acende a luz, é hora do banho. Da cozinha, deixou a cafeteira ligada, vem um forte cheiro de café. As crianças se arrumam para ir à escola. Os cadernos e lápis já estão na pasta cuidam com a maior atenção. O carro na garagem espera a hora da partida. Da casa ao trabalho, Teresa enfrenta o trânsito pragueja sem parar. Assim começa o seu dia. Um bom dia.

4. Não se faz uma boa redação sem o uso adequado dos termos de transição. Complete cada item com uma frase que dê seqüência à primeira, considerando o termo de transição presente. Não se esqueça de acrescentar uma informação nova.

A Não há brasileiro que não anseie por sair do subdesenvolvimento. Por enquanto, ...

B Tomar uma decisão é sempre difícil. Em primeiro lugar, ...

C Sonhar faz parte do dia-a-dia de todos nós. Às vezes, ...

D Para concretizarmos qualquer sonho, devemos estar certos de que ele é realmente necessário à nossa vida. Além disso, ...

E Votar nulo sempre termina por favorecer este ou aquele candidato. No entanto, ...

F Se o Brasil não investir em educação e saúde, nunca sairá do subdesenvolvimento. Com efeito, ...

G A força da juventude nunca deve ser subestimada. Ao contrário de ..., ...

5. Escreva duas frases para cada frase abaixo, observando os termos de transição presentes e a coerência que deve existir entre elas.

A A pena de morte é solução perigosa. De um lado, ... de outro, ...

B A nação precisa apurar todos os casos de corrupção denunciados pela imprensa. Primeiramente, ... Depois, ...

C O Nordeste é uma das regiões mais esquecidas do Brasil. Enquanto ..., ... Antes de tudo, ...

D Ser cidadão é ter seus direitos respeitados. No entanto, ... Mais do que nunca, ...

E A seca tem castigado o Nordeste brasileiro. Além de ... . Conseqüentemente, ...

F O mundo finalmente se volta para a Amazônia. Ainda bem que ... . Assim, ...

G O ingresso do jovem numa universidade o deixa sempre feliz. Em primeiro lugar, ... Em segundo, ...

6. Leia o texto abaixo e faça o que se pede.

Só isso aqui o texto não precisa!

Ignorância também é vício

Há uma série de dados estarrecedores no relatório da CPI do Narcotráfico, a ser divulgado oficialmente na próxima semana. Um ponto, entretanto, merece destaque: de acordo com o documento, haveria hoje sete milhões de/consumidores de drogas — quase três vezes a população de uma cidade como Belo Horizonte. Mas apenas duas mil vagas em hospitais para o tratamento de viciados.

Daí a importância de sugestões, também embutidas no relatório, destinadas a prevenir e não remediar. Prevenir significa, basicamente, educar — e nesse campo o Brasil está na pré-história. Não se vê nada parecido com as campanhas contra a Aids. A CPI propõe (e acertadamente, diga-se) um engajamento das escolas públicas e privadas. De início, pede um "Departamento Nacional de Prevenção às Drogas", no Ministério da Educação.

É sugerida a inclusão nos currículos escolares de uma matéria sobre drogas — além de se propiciarem cursos de formação e reciclagem dos professores. Em cada estabelecimento, haveria um "grupo de prevenção". O caminho é mesmo por aí: o Brasil não tem dinheiro para gastar na repressão como nos Estados Unidos. E, além disso, nem se sabe se a repressão funciona mesmo. Num país em que morrem 220 mil crianças antes de completarem um ano, nunca o combate às drogas será prioridade nas verbas sociais.

As drogas são mais uma faceta da "República da Ignorância" — ou seja, somos um país de desinformados. Mulheres não sabem como evitar filhos, mesmo desejando famílias pequenas. Milhões de crianças morrem por falta de cuidados elementares, devido ao despreparo das mães — aliás, esta relação foi cientificamente medida em documento do IBGE sobre crianças e adolescentes, recém-lançado. No Ceará, apenas com a divulgação de procedimentos básicos de saúde, a mortalidade infantil caiu, em três anos, 34%.

Em países desenvolvidos, onde o ensino é de melhor qualidade e mais democratizado, o vício é uma tragédia, ligado a desajustes emocionais, familiares e econômicos. Imagine-se, então, como será o Brasil sem nenhum tipo de prevenção, onde a imensa maioria dos pais e alunos são analfabetos em tóxicos. Não é à toa que quanto maior a pobreza, maior a ignorância, o desajuste familiar e emocional e, portanto, maior a ação das drogas. Basta lembrar que de cada cem meninos de rua pelo menos 80 são viciados em algum tipo de tóxico.

Gilberto Dimenstein, *Folha de S.Paulo*, 26 nov. 1991.

6 Leia o texto ~~[illegible]~~ e faça o que se pede:

A No primeiro parágrafo do texto há uma oposição de idéias. Resuma essa oposição numa só frase usando as palavras *hospitais, consumidores de drogas, Brasil, no entanto, duas mil vagas.*

B Reescreva sua frase acima, mantendo a mesma idéia de oposição. Use o conectivo *apesar de.*

C Releia o segundo parágrafo do texto e complete a seguinte frase: *Como o Brasil ainda está na pré-história em termos de educação, ...*

D Reescreva a frase anterior, invertendo a ordem dos segmentos.

E No início do terceiro parágrafo há duas idéias que se adicionam. Reescreva-as numa só frase usando o conectivo *e.*

F Com base no terceiro parágrafo, utilize-se de um conectivo de condição e escreva uma frase em que fiquem claros os meios de que o Brasil pode lançar mão para vencer as drogas.

G Complete cada frase de acordo com a sugestão que aparece entre parênteses:
No Brasil morrem 220 mil crianças antes de completar um ano, ... (*conclusão*)
Ninguém sabe se a repressão às drogas funciona mesmo, ... (*oposição*)
O Brasil só se livrará das drogas ... . (*tempo*)

H O segmento em itálico exprime causa. Reescreva-o utilizando um dos conectivos dessa área: já que, visto que, uma vez que, porque ou como:
Milhões de crianças morrem por falta de cuidados elementares, *devido ao despreparo das mães.*

I Complete a frase com um segmento que exprima a idéia de conseqüência:
No Ceará, o governo fez uma campanha de divulgação dos procedimentos básicos de saúde, ...

J Releia o último parágrafo e elabore duas frases que o interpretem. Conserve as primeiras palavras que lhe fornecemos:
Se o Brasil ... .
Como a maioria dos pais e alunos ... .

Capítulo 6

ESTRUTURANDO O PARÁGRAFO

ESTRUTURAS SIMPLES

Trapalhadas do Fisco

O contribuinte brasileiro precisa receber um melhor tratamento das autoridades fiscais. Ele é vítima constante de um Leão sempre descontente de sua mordida. Não há ano em que se sinta a salvo. É sempre surpreendido por novas regras, novas alíquotas, novos assaltos ao seu bolso.

A Receita Federal precisa urgentemente estabelecer regras constantes que facilitem a vida do brasileiro. Essas regras não podem variar ao sabor da troca de ministros. Cada um que entra se acha no direito de alterar o que foi feito anteriormente.

Agindo assim, a única coisa que se faz de concreto é perpetuar dois tipos de contribuintes que bem conhecemos. O que paga em dia seus tributos e o que sonega de tudo quanto é forma. Enquanto este continua livre de qualquer punição, aquele é vítima de impostos cada vez maiores. A impressão que se tem é de que mais vale ser desonesto que honesto.

Se o brasileiro é empurrado para a sonegação é porque há razões muito fortes para isso. Ninguém sabe para onde vai o dinheiro arrecadado. O que deveria ser aplicado na educação e na saúde some como por milagre ninguém sabe onde. Há muitos anos que não se fazem investimentos em transportes. Grande parte da população continua sofrendo por falta de moradia. Paga-se muito imposto em troca de nada.

Vale a pena lembrar o ano de 1991 quando, além das complicações costumeiras, os contribuintes foram surpreendidos com a suspensão da entrega da declaração na data prevista. Um deputado entrou na Justiça alegando inconstitucionalidade no fator multiplicador do imposto a pagar e a receber. Todos sentiram um alívio, mesmo que temporário.

O texto acima nos mostrará como se pode desenvolver um tema de forma bem objetiva. Cada parágrafo foi escrito obedecendo a uma certa estrutura. É evidente

que esta não é a única maneira de escrever um texto. Queremos apenas mostrar que há caminhos muito simples para desenvolvê-lo. Vejamos as formas aí empregadas:

Primeiro parágrafo (retomada da palavra-chave):

a) O contribuinte brasileiro precisa receber um melhor tratamento das autoridades fiscais.
b) Ele é vítima constante de um Leão sempre descontente de sua mordida.
c) Não há ano em que se sinta a salvo.
d) É sempre surpreendido por novas regras, novas alíquotas, novos assaltos ao seu bolso.

A palavra-chave deste parágrafo é *contribuinte brasileiro* (frase *a*). Ela é retomada nas frases seguintes através dos mecanismos de coesão já estudados no 3º capítulo.

Na frase *b*, *contribuinte brasileiro* é substituído pelo pronome *ele*. Nas frases *c* e *d*, aparece como sujeito oculto de *se sinta* e de *é sempre surpreendido*.

Resumindo:

O termo *contribuinte* está presente em todos os enunciados. Como você pode observar, basta retomar a palavra-chave a cada frase (de preferência sem repeti-la), acrescentando sempre uma informação nova a seu respeito. Uma palavra da frase *a* (contribuinte brasileiro) está presente nas frases *b*, *c* e *d*. Mas essa não é a única forma de escrever um parágrafo. Um texto todo escrito dessa forma se tornaria monótono e o leitor logo se cansaria.

Segundo parágrafo (por encadeamento):

a) A Receita Federal precisa urgentemente estabelecer regras constantes que facilitem a vida do brasileiro.
b) Essas regras não podem variar ao sabor da troca de ministros.
c) Cada um que entra se acha no direito de alterar o que foi feito anteriormente.

Aqui a estrutura já é bem diferente da anterior. A frase *b* retoma a palavra *regras* da frase *a*, e a frase *c* retoma *ministro* (cada um) da frase *b*, num encadeamento de frase para frase.

No primeiro exemplo, todo o parágrafo está amarrado a uma só palavra. Neste parágrafo, é como se houvesse uma corrida de revezamento, em que o segundo enunciado leva adiante uma palavra do primeiro, o terceiro do segundo e assim sucessivamente. Por esse método, o parágrafo pode prolongar-se até onde acharmos conveniente. A escolha da palavra a ser retomada é puramente pessoal. Em vez de *regras constantes*, podia-se muito bem ter escolhido *vida do brasileiro*. Neste caso, o rumo não só do parágrafo mas também da redação seria totalmente diferente.

É importante observar que há sempre uma palavra que mantém a unidade do parágrafo. Neste exemplo foi *regras*. Se não houver, corremos o risco de falar de várias coisas ao mesmo tempo, sem nenhuma coerência.

Terceiro parágrafo (por divisão):

a) Agindo assim, a única coisa que se faz de concreto é perpetuar dois tipos de contribuintes que bem conhecemos.
b) O que paga em dia seus tributos e o que sonega a torto e a direito.
c) Enquanto este continua livre de qualquer punição, aquele é vítima de impostos cada vez maiores.
d) A impressão que se tem é de que mais vale ser desonesto que honesto.

Temos agora um terceiro tipo de estrutura de parágrafo. A frase inicial delimita o nosso campo explanatório ao dividir os contribuintes em dois tipos. Quando isso acontece, o desenvolvimento do parágrafo restringe-se a explicar os componentes dessa divisão. A frase *b* esclarece quais são esses dois tipos de contribuintes. A frase *c* explica o que acontece com cada um deles. E a frase *d* conclui o assunto.

Quarto parágrafo (por recorte):

a) Se o brasileiro é empurrado para a sonegação é porque há razões muito fortes para isso.
b) Ninguém sabe para onde vai o dinheiro arrecadado.
c) O que deveria ser aplicado na educação e na saúde some como por milagre ninguém sabe onde.
d) Há muitos anos que não se fazem investimentos em transportes.
e) Grande parte da população continua sofrendo por falta de moradia.
f) Paga-se muito imposto em troca de nada.

Ao contrário da frase delimitadora do início do terceiro parágrafo, aparece aqui uma de sentido muito amplo. A palavra *razões* leva-nos a pensar muita coisa de uma só vez. Quando isso acontece, devemos fazer um recorte nas idéias que ela suscita, escolher apenas um ângulo para ser explorado, fazendo uma enumeração dos exemplos mais pertinentes.

Que razões seriam essas para o brasileiro driblar o fisco? Entre as muitas que existem, escolhemos a malversação do dinheiro arrecadado pelo governo (frase *b*). As frases *c*, *d* e *e* exemplificam as áreas para as quais deveria convergir o imposto, se não fosse tão mal aplicado. A frase *f* conclui, dizendo por que há tanta sonegação. É evidente que há outras razões para que muita gente se furte ao pagamento do imposto de renda, mas nos restringimos a detalhar uma delas: os descaminhos do dinheiro arrecadado. Se fôssemos falar de todas as razões, o parágrafo resultaria provavelmente longo e confuso.

Quinto parágrafo (por salto):

a) Vale a pena lembrar o ano de 1991 quando, além das complicações costumeiras, os contribuintes foram surpreendidos com a suspensão da entrega da declaração na data prevista.
b) Um deputado entrou na Justiça alegando inconstitucionalidade no fator multiplicador do imposto a pagar e a receber.
c) Todos sentiram um alívio, mesmo que temporário.

Diferentemente do que aconteceu nos parágrafos anteriores, aqui não se retoma nenhum termo da frase de abertura. À primeira vista, parece não haver um elo entre a primeira e a segunda frase, pois não existe um fator de coesão explícito inter-relacionando-as. O vínculo que existe é mental, por isso precisamos reconstituí-lo com nosso raciocínio. Por que houve tal suspensão? Porque o fator multiplicador do imposto a pagar e a receber era inconstitucional, daí o deputado ter entrado na Justiça. A suspensão de que se fala na primeira frase está relacionada com a inconstitucionalidade presente na segunda. É como se o autor desse um salto, mas sem perder a perspectiva do chão.

Observe que, de qualquer forma, há sempre uma palavra que governa todo o parágrafo. Neste último foi *suspensão*, que também está presente na frase *c* de forma subentendida, quando se fala do alívio temporário que ela gerou nos contribuintes.

ESTRUTURAS MISTAS

Vimos, assim, cinco formas básicas para se construir um parágrafo. Mas queremos deixar bem claro que nossa preocupação foi inteiramente didática. O mais comum é combinar com habilidade no mesmo parágrafo duas técnicas diferentes, usar uma estrutura mista, como acontece no seguinte exemplo:

Todos nós lidamos diariamente com os números. Todavia, poucos são aqueles que percebem que os números têm um sentido muito mais amplo que o de simples instrumento de medição. Na verdade, os números têm características e significados que lhes são próprios. A compreensão dessas características e significados leva a um caminho de descoberta, ainda que apenas de autodescoberta. Esse caminho, quando acertado, pode trazer grande compensação em termos de felicidade e sucesso.

ANDERSON, Mary. *Numerologia*. Trad. Edith Negraes e Denise Santana. São Paulo, Hemus, s/d. p. 9.

As três primeiras frases giram em torno da palavra-chave *números*. A quarta e a quinta usam a técnica do encadeamento. Na quarta, retoma-se *característica* que apareceu na terceira. Na quinta, é retomada a palavra *caminho* que apareceu na quarta. O parágrafo é construído, assim, a partir de duas técnicas: a retomada da palavra-chave mais o encadeamento. O importante é não perder o fio da meada. Veja que, mesmo mudando de técnica, a autora continuou falando do mesmo assunto: *números*.

Eis, em síntese, o que você deve observar para escrever um parágrafo:

1. O parágrafo é formado por um conjunto de enunciados. Todos eles devem convergir para a produção de um sentido.

2. A primeira frase de cada parágrafo, que se denomina **tópico frasal**, é sempre muito importante. Ela deve ter uma palavra de peso que possa ser explorada.

3. Fica difícil desenvolver bem um parágrafo se o tópico frasal for muito vago. Evite abstrações.

4. Todo parágrafo deve ter sempre uma palavra que o norteie.

5. Cada parágrafo deve explorar uma só idéia. Explorar várias idéias ao mesmo tempo torna o texto confuso, sem nenhuma coerência.

1. Explicite a forma como foi construído cada parágrafo, sempre observando a relação da frase seguinte com a anterior. Justifique como foi mantida a coerência em todos eles.

A (1) Em lugar dos homens, uma aranha é que vai escalar e vistoriar os tanques de armazenagem de gás espalhados pelo Japão. (2) Essa aranha é um robô de oito pernas, desenvolvido pela Tokyo Gas & Hitachi para detectar falhas e rachaduras no metal dos tanques. (3) Suas oito pernas, movidas a ar bombeado por um compressor no chão, grudam na superfície do tanque graças às ventosas nas patas.

Superinteressante, fev. 1994, p. 9.

Frase 2 em relação à frase 1...
Frase 3 em relação à frase 2...

B (1) Homens e mulheres ficaram extremamente exigentes uns com os outros. (2) Querem dos companheiros novos papéis e novos modos de ser, aos quais ainda não estão adaptados culturalmente. (3) Por exemplo: a mulher espera que o homem seja ao mesmo tempo provedor, amigo, amante; que seja sensível, terno com ela e com os filhos, bem-sucedido e agressivo na luta pela vida; o homem, por sua vez, espera que a mulher divida com ele as responsabilidades econômicas da família, ao mesmo tempo que sonha com uma parceira disponível, submissa, amante fogosa e esposa recatada.

LAPORTE, Ana Maria & VOLPE, Neusa Vendramin. In: CORDI, Cassiano et alii. *Para filosofar*. São Paulo, Scipione, 1995. p. 76.

Frase 2 em relação à frase 1...
Frase 3 em relação à frase 2...

C (1) Mesmo sem encontrar a solução para o problema do lixo atômico, pressionados pela opinião pública, os governos dos grandes países ocidentais são obrigados a dar alguns passos que sequer foram discutidos no Brasil. (2) Um deles é a criação de um organismo especial para tratar da questão do lixo atômico, incluindo nesta estrutura a maneira de financiar os trabalhos. (3) De um modo geral, cobra-se uma taxa sobre a energia elétrica produzida, e com esses recursos monta-se o projeto. (4) Vários elementos são levados em conta e um dos mais importantes é a questão do transporte seguro dos rejeitos. (5) Foram experimentados novos tipos de "containers" e existe uma disposição de não passar muito perto dos grandes centros urbanos.

GABEIRA, Fernando. *Goiânia, rua 57*. Rio de Janeiro, Guanabara, 1987. p. 48.

Frase 2 em relação à frase 1...
Frase 3 em relação à frase 2...
Frase 4 em relação à frase 3...
Frase 5 em relação à frase 4...

D (1) Em tempos idos, na Grécia, o rio Cefiso engravidou a ninfa Liríope. (2) Meses depois, Liríope, apesar de não desejar a gravidez, deu à luz uma criança de beleza extraordinária. (3) Por causa disso, Liríope consultou o adivinho Tirésias sobre o futuro de seu filho, e ele vaticinou que Narciso viveria, desde que nunca visse sua própria imagem.

(1) Sob essa condição, ele cresceu e tornou-se um moço tão belo quanto o fora em criança. (2) Não havia quem não se apaixonasse por ele. (3) Narciso, entretanto, permanecia indiferente.

(1) Um dia, porém, estando sedento, Narciso aproximou-se das águas plácidas de um lago e, ao curvar-se para beber, viu sua imagem refletida no espelho das águas. (2) Maravilhado com sua própria figura, apaixonou-se por si mesmo. (3) Desesperadamente, passou a precisar do objeto de seu amor, viu que não conseguiria mais viver sem aquele ser deslumbrante. (4) Sua vida reduziu-se à contemplação daquele jovem tão belo: desejava-o, queria possuí-lo. (5) Desvairado, inclinando-se cada vez mais ao encontro do ser amado, mergulhou nos braços frios da morte.

(1) Às margens do lago, nasceu uma entorpecedora flor: o narciso. (2) Ela relembra para sempre o destino trágico daquele que, aparentemente apaixonado por si mesmo, era, na verdade, incapaz de amar.

LAPORTE, Ana Maria & VOLPE, Neusa Vendramin. op. cit. p. 79.

1º parágrafo:

Frase 2 em relação à frase 1...
Frase 3 em relação à frase 2...

2º parágrafo:

Frase 2 em relação à frase 1...
Frase 3 em relação à frase 2...

3º parágrafo:

Frase 2 em relação à frase 1...
Frase 3 em relação à frase 2...
Frase 4 em relação à frase 3...
Frase 5 em relação à frase 4...

4º parágrafo:

Frase 2 em relação à frase 1...

2. Dada a primeira frase, desenvolva um parágrafo composto de quatro frases:

A Os países pobres precisam urgentemente de uma política de controle da natalidade.

B Costuma-se dizer que uma das características do brasileiro é a esperteza.

C Hoje em dia, dá medo sair à noite em qualquer cidade grande.

D Dois motivos levam os jovens a evitar a carreira do magistério.

E O Brasil, em pleno final do século XX, ainda é vítima de doenças que deveriam estar banidas de seu cotidiano.

F Há muitos Brasis dentro do Brasil.

G A criança brasileira vive em um clima de violência e medo.

3. Escreva um parágrafo sobre cada um dos temas abaixo:

A Menor abandonado

B Meios de comunicação de massa

C Racismo

D A impunidade no Brasil

4. Releia o texto "Uma escola para os ricos e outra para os pobres" (p.15) e redija três parágrafos independentes sobre cada uma de suas palavras-chave.

5. Releia o texto "A timidez e a contradição" (p.16) e redija um parágrafo sobre o tímido.

6. Escreva um parágrafo com quatro enunciados sobre a vida do brasileiro.

7. Continue o texto sobre a vida do brasileiro em mais dois parágrafos, variando o tipo de estrutura.

[illegible] do mundo [illegible] foi [illegible] pela construção do maquina e de [illegible] de [illegible] e assim [illegible] sociedade como o brasileiro [illegible] que foi responsavel pelo progresso tecnico [illegible] a velha [illegible] de uma [illegible] de obra [illegible]

Capítulo 7

CONSTRUINDO O TEXTO

A ARTICULAÇÃO DOS PARÁGRAFOS

Agora que você já domina as formas mais comuns de estruturação de um parágrafo, é preciso pensar na estrutura global do texto, ou seja, na sua macroestrutura. Veremos como se pode escrever uma redação coerente do princípio ao fim. O primeiro parágrafo (parágrafo-chave) é sempre o mais importante. Portanto, verifique se ele dá margem a uma boa expansão do tema. Nada sairá de um parágrafo-chave mal feito, em que se amontoam várias idéias ao mesmo tempo.

Na organização de um texto, é fundamental a interligação entre os parágrafos. São eles que conduzem nosso processo reflexivo. Funcionam como partes de um todo e devem articular-se de forma perfeita para que a informação não se disperse.

1. Articulação por desmembramento do primeiro parágrafo

Tomemos o texto de Bertrand Russell, "Minha vida", a fim de melhor apreendermos a forma como ele está construído:

Três paixões, simples mas irresistivelmente fortes, governaram minha vida: o desejo imenso de amor, a procura do conhecimento e a insuportável compaixão pelo sofrimento da humanidade. Essas paixões, como os fortes ventos, levaram-me de um lado para outro, em caminhos caprichosos, para além de um profundo oceano de angústias, chegando à beira do verdadeiro desespero.

Primeiro busquei o amor, que traz o êxtase — êxtase tão grande que sacrificaria o resto de minha vida por umas poucas horas dessa alegria. Procurei-o, também, porque abranda a solidão — aquela terrível solidão em que uma consciência horrorizada observa, da margem do mundo, o insondável e frio abismo sem vida. Procurei-o, finalmente, porque na união do amor vi, em mística miniatura, a visão prefigurada do paraíso que santos e poetas imaginaram. Isso foi o que procurei e, embora pudesse parecer bom demais para a vida humana, foi o que encontrei.

Com igual paixão busquei o conhecimento. Desejei compreender os corações dos homens. Desejei saber por que as estrelas brilham. E tentei apreender a força pitagórica pela qual o número se mantém acima do fluxo. Um pouco disso, não muito, encontrei.

Amor e conhecimento, até onde foram possíveis, conduziram-me aos caminhos do paraíso. Mas a compaixão sempre me trouxe de volta à Terra. Ecos de gritos de dor reverberam em meu coração. Crianças famintas, vítimas torturadas por opressores, velhos desprotegidos — odiosa carga para seus filhos — e o mundo inteiro de solidão, pobreza e dor transformam em arremedo o que a vida humana poderia ser. Anseio ardentemente aliviar o mal, mas não posso, e também sofro.

Isso foi a minha vida. Achei-a digna de ser vivida e vivê-la-ia de novo com a maior alegria se a oportunidade me fosse oferecida.

RUSSELL, Bertrand. *Revista Mensal de Cultura*. Enciclopédia Bloch, n. 53, set. 1971. p. 83.

O texto é constituído de cinco parágrafos que se encadeiam de forma coerente, a partir das palavras-chave *vida* e *paixões* do primeiro parágrafo:

palavras-chave

1º parágrafo — *vida/paixões*
2º parágrafo — *amor*
3º parágrafo — *conhecimento*
4º parágrafo — *compaixão*
5º parágrafo — *vida*

As palavras-chave *vida* e *paixões* prolongam-se em: *amor*, *conhecimento* e *compaixão*. Cada parágrafo irá ater-se a cada uma dessas paixões que moveram a vida de Russell.

Releia o texto e observe que as idéias desenvolvidas nos parágrafos 2, 3 e 4 estão contidas no parágrafo-chave (o primeiro) de forma embrionária. A passagem de um parágrafo para outro dá-se de forma bastante clara e precisa porque Bertrand Russell só o faz quando esgota o assunto específico de cada um deles. Ele desenvolveu em cada parágrafo apenas um tópico relativo à palavra-chave.

No último parágrafo, Russell usa um recurso de coesão textual (*isso*) que resume tudo o que disse antes sobre as paixões de sua vida (proposta de seu primeiro parágrafo), fechando o texto com exatidão. O parágrafo conclusivo deve sempre retomar, de forma sintetizadora, o pensamento que permeou todo o texto.

Podemos dizer que acabamos de ler um texto bem estruturado, pois em momento algum Bertrand Russell foge ao assunto que se propôs desenvolver. Os parágrafos encadeiam-se com naturalidade, fluindo com clareza para um fim, devido à forma como foram construídos. Tudo está amarrado ao primeiro parágrafo, que é a base da construção de um texto.

2. Articulação por introdução de elementos novos a cada parágrafo

"Nascimento e morte do Universo", de John Gribbin, vai nos mostrar uma outra maneira de construir um texto, no que se refere ao encadeamento dos parágrafos.

Os cosmólogos sentem-se hoje muito perto de poder responder à velha pergunta dos filósofos: de onde viemos, para onde vamos? Não é necessário ser um homem de ciência para ter ouvido falar do *Big Bang*, expressão que descreve o nascimento do Universo sob a forma de uma bola de fogo, há cerca de 15 bilhões de anos. Mas mesmo entre os estudiosos, são poucos os que sabem algo mais acerca dessa teoria.

A tese que liga o nascimento do Universo a seu fim deve muito à combinação de duas grandes conquistas da física do século XX: a relatividade geral e a teoria dos quanta. Pesquisadores como Jayant Narlikar, da Índia, e Jim Hartle, da Califórnia, assim como diversos especialistas soviéticos, deram sua contribuição. Mas aquele cujo nome está mais estreitamente associado a essa descoberta é Stephen Hawking, da Universidade de Cambridge, no Reino Unido.

Hawking é, certamente, muito conhecido hoje como o autor de um *best-seller* sobre a natureza do tempo, mas também como vítima de uma doença que o confina a uma cadeira de rodas, podendo comunicar-se apenas com os movimentos de uma das mãos, da qual se serve para soletrar laboriosamente palavras e frases com a ajuda de um pequeno computador. Mas muito antes de ter atingido a celebridade, Hawking já havia sido reconhecido por seus pares como um dos mais originais e bem-dotados pensadores de sua geração. Durante 20 anos, seus trabalhos concentraram-se no estudo da singularidade — isto é, um ponto de matéria de densidade infinita e de volume nulo, como deve existir (segundo a teoria geral da relatividade) no coração dos buracos negros, ou tal como deve ter existido na origem do Universo.

O Universo pode ser descrito, na verdade, com as mesmas equações de um buraco negro. Um buraco negro é uma região do espaço na qual a matéria está de tal forma concentrada, e exerce uma força de atração gravitacional tão poderosa, que a própria luz não pode se afastar de sua superfície. Os objetos exteriores podem nele se aglutinar, mas nada do que existe em um buraco negro pode ser diretamente percebido do exterior. Um buraco negro pode-se formar quando uma estrela um pouco mais maciça que nosso sol, chegando ao fim da vida, contrai-se sobre si mesma. As equações da relatividade geral mostram que toda estrela que se "colapsa" no interior de um buraco deve efetivamente se contrair até o estado final de uma singularidade.

Os estudiosos desconfiam das singularidades, e mais genericamente das equações contendo quantidades infinitas: eles tendem a considerá-las como um indício de que há alguma falha em seus cálculos. Mas, uma vez que a relatividade geral já havia demonstrado brilhantemente sua veracidade, tiveram que se resignar a aceitar a idéia das singularidades, das quais ela prediz a existência. É nesse ponto que Hawking coloca fogo nas cinzas: ele mostra que as equações em virtude das quais se prova que o colapso de uma estrela produz uma singularidade levam igualmente a pensar no nascimento do Universo a partir de uma singularidade.

GRIBBIN, John. In: *O correio da Unesco*, n. 7, jul. 1990. pp. 36-7.

As palavras-chave de Gribbin são *nascimento do Universo* e *Big Bang*. Observe que uma dessas palavras aparece sempre direta ou indiretamente a cada passo do texto. A elas se juntarão outras que darão especificamente a unidade de cada parágrafo. Vamos observar como Gribbin foi construindo seu texto:

- no primeiro parágrafo, ele pergunta de onde viemos, para onde vamos, e depois introduz o assunto de que vai tratar: o *Big Bang*. Ao final do parágrafo, Gribbin afirma que, entre os estudiosos do assunto, são poucos os que conhecem algo mais acerca dessa teoria do nascimento do Universo;
- o segundo parágrafo começa retomando essa teoria. Mas, em vez de usar a palavra *teoria*, ele preferiu usar o recurso de coesão da palavra quase-sinônima, *tese*. A essa tese se associam os nomes de dois pesquisadores: Jayant Narlikar e Jim Hartle. Ao terminar o parágrafo, John Gribbin diz que o nome que está mais associado a essa nova teoria sobre o nascimento do Universo é o do físico Stephen Hawking;
- é com o nome de Hawking que ele começa o terceiro parágrafo, que só tratará da figura desse físico. Mas, no seu final, já aparece uma outra palavra — *Universo* —, com a qual iniciará o parágrafo seguinte;
- o quarto parágrafo descreve o buraco negro a fim de explicar o Universo. No final, aparece a palavra *singularidade*, que servirá de abertura para o quinto parágrafo.

O texto de John Gribbin estende-se por mais quatro páginas, sempre seguindo essa forma de construção: o parágrafo encaminha-se para uma nova palavra que será o início do seguinte, mas sem perder de vista as palavras-chave: *Big Bang* e *Universo*.

Ao chegar à conclusão, escreve Gribbin:

Desse modo, os cosmólogos responderam à pergunta acerca de onde vem nosso Universo e para onde vai. Segundo eles, vivemos em um gigantesco buraco negro que encerra todo o cosmo. Surgido do nada como uma flutuação quântica do vazio, o Universo continuou sua expansão durante 15 bilhões de anos, mas em um ritmo sempre decrescente. Em um determinado momento de um futuro mais distante (dentro de várias dezenas de bilhões de anos, pelo menos), a força da atração da gravidade dará fim inevitavelmente a essa expansão e mudará

seu sentido. Durante algumas dezenas de bilhões de anos, ainda, isso não terá praticamente nenhum efeito inquietante sobre as estrelas, os planetas e as formas de vida que nos rodeiam. Mas chegará um momento em que as galáxias se fundirão e as estrelas se chocarão entre si, aglutinando-se em uma massa amorfa; por fim, o Universo se extinguirá, para desaparecer no nada como qualquer outra flutuação do vazio. Aqueles a quem esse anúncio da natureza efêmera do Universo possa entristecer consolar-se-ão ao saber que também devem existir outros Universos no infinito do espaço-tempo, alguns anteriores a nós, outros posteriores e outros, ainda, em certo sentido, ao nosso lado. *Sic transit gloria mundi.**

Veja que o parágrafo conclusivo retoma o problema suscitado no parágrafo-chave: de onde viemos, para onde vamos. Gribbin une, assim, as duas pontas do texto, fechando-o. É como se o texto desenhasse um círculo que, depois de sua trajetória, retomasse seu ponto de origem para alcançar a conclusão. É o mesmo processo que já havíamos observado no texto de Bertrand Russell.

Em síntese, eis o que devemos observar ao construir um texto:

1. O parágrafo é um conjunto de enunciados que se unem em torno de um mesmo sentido.

2. Não se deve esgotar o tema no primeiro parágrafo. Este deve apenas apontar a questão que vai ser desenvolvida.

3. O parágrafo seguinte é sempre uma retomada de algo que ficou inexplorado no parágrafo anterior ou anteriores. Pode ser uma palavra ou uma idéia que mereça ser desenvolvida.

4. Um texto é constituído por parágrafos interdependentes, sempre em torno de uma mesma idéia.

5. Reconheça mentalmente o que você sabe sobre o tema. É possível fazer um plano, mas talvez seja mais prático você listar as palavras-chave com que vai trabalhar. Preocupe-se com a seqüenciação do texto, utilizando os recursos de coesão de frase para frase e de parágrafo para parágrafo, sem perder de vista a coerência.

6. O parágrafo final deve retomar todo o texto para concluí-lo. Por isso, antes de escrevê-lo, releia tudo o que escreveu. A fim de fechar bem o texto, o parágrafo conclusivo deve retomar o que foi exposto no primeiro.

7. Todo texto representa o ponto de vista de quem o escreve. E quem escreve tem sempre uma proposta a ser discutida para poder chegar a uma conclusão sobre o assunto.

(*) Assim passa a glória do mundo. (N. do E.)

8. O texto deve demonstrar coerência, que resulta de um bom domínio de sua arquitetura e do conhecimento da realidade. Deve-se levar em conta a unidade de idéias, aliada a um bom domínio das regras de coesão.

9. Desde que o tema seja de seu domínio e você tenha conhecimento dos princípios de coesão e da estruturação dos parágrafos, as dificuldades de escrever serão bem menores.

10. Leia tudo o que for possível sobre o tema a ser desenvolvido para que sua posição seja firme e bem fundamentada.

O PARÁGRAFO-CHAVE: 18 FORMAS PARA VOCÊ COMEÇAR UM TEXTO

Ao escrever seu primeiro parágrafo, você pode fazê-lo de forma criativa. Ele deve atrair a atenção do leitor. Por isso, evite os lugares-comuns como: atualmente, hoje em dia, desde épocas remotas, o mundo de hoje, a cada dia que passa, no mundo em que vivemos, na atualidade.

Listamos aqui dezoito formas de começar um texto. Elas vão das mais simples às mais complexas.

1. Uma declaração (tema: liberação da maconha)

É um grave erro a liberação da maconha. Provocará de imediato violenta elevação do consumo. O Estado perderá o precário controle que ainda exerce sobre as drogas psicotrópicas e nossas instituições de recuperação de viciados não terão estrutura suficiente para atender à demanda.

Alberto Corazza, *Istoé*, 20 dez. 1995.

A declaração é a forma mais comum de começar um texto. Procure fazer uma declaração forte, capaz de surpreender o leitor.

2. Definição (tema: o mito)

O mito, entre os povos primitivos, é uma forma de se situar no mundo, isto é, de encontrar o seu lugar entre os demais seres da natureza. É um modo ingênuo, fantasioso, anterior a toda reflexão e não-crítico de estabelecer algumas verdades que não só explicam parte dos fenômenos naturais ou mesmo a construção cultural, mas que dão, também, as formas da ação humana.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda & MARTINS, Maria Helena Pires. *Temas de Filosofia*. São Paulo, Moderna, 1992. p. 62.

A definição é uma forma simples e muito usada em parágrafos-chave, sobretudo em textos dissertativos. Pode ocupar só a primeira frase ou todo o primeiro parágrafo.

3. Divisão (tema: exclusão social)

Predominam ainda no Brasil duas convicções errôneas sobre o problema da exclusão social: a de que ela deve ser enfrentada apenas pelo poder público e a de que sua superação envolve muitos recursos e esforços extraordinários. Experiências relatadas nesta *Folha* mostram que o combate à marginalidade social em Nova York vem contando com intensivos esforços do poder público e ampla participação da iniciativa privada.

Folha de S.Paulo, 17 dez. 1996.

Ao dizer que há duas convicções errôneas, fica logo clara a direção que o parágrafo vai tomar. O autor terá de explicitá-las na frase seguinte.

4. Oposição (tema: a educação no Brasil)

De um lado, professores mal pagos, desestimulados, esquecidos pelo governo. De outro, gastos excessivos com computadores, antenas parabólicas, aparelhos de videocassete. É este o paradoxo que vive hoje a educação no Brasil.

As duas primeiras frases criam uma oposicão (*de um lado/ de outro*) que estabelecerá o rumo da argumentação.

Também se pode criar uma oposição dentro da frase, como neste exemplo:

Vários motivos me levaram a este livro. Dois se destacam pelo grau de envolvimento: raiva e esperança. Explico-me: raiva por ver o quanto a cultura ainda é vista como artigo supérfluo em nossa terra; esperança por observar quantos movimentos culturais têm acontecido em nossa história, e quase sempre como forma de resistência e/ou transformação. (...)

FEIJÓ, Martin César. *O que é política cultural.* São Paulo, Brasiliense, 1985. p. 7.

O autor estabelece a oposição e logo depois explica os termos que a compõem.

5. Alusão histórica (tema: globalização)

Após a queda do Muro de Berlim, acabaram-se os antagonismos leste-oeste e o mundo parece ter aberto de vez as portas para a globalização. As fronteiras foram derrubadas e a economia entrou em rota acelerada de competição.

O conhecimento dos principais fatos históricos ajuda a iniciar um texto. O leitor é situado no tempo e pode ter uma melhor dimensão do problema.

6. Uma pergunta (tema: a saúde no Brasil)

Será que é com novos impostos que a saúde melhorará no Brasil? Os contribuintes já estão cansados de tirar dinheiro do bolso para tapar um buraco que parece não ter fim. A cada ano, somos lesados por novos impostos para alimentar um sistema que só parece piorar.

A pergunta não é respondida de imediato. Ela serve para despertar a atenção do leitor para o tema e será respondida ao longo da argumentação.

7. Uma frase nominal seguida de explicação (tema: a educação no Brasil)

Uma tragédia. Essa é a conclusão da própria Secretaria de Avaliação e Informação Educacional do Ministério da Educação e Cultura sobre o desempenho dos alunos do 3º ano do 2º grau submetidos ao Saeb (Sistema de Avaliação da Educação Básica), que ainda avaliou estudantes da 4ª série e da 8ª série do 1º grau em todas as regiões do território nacional.

Folha de S.Paulo, 27 nov. 1996.

A palavra *tragédia* é explicada logo depois, retomada por *essa é a conclusão*.

8. Adjetivação (tema: a educação no Brasil)

Equivocada e pouco racional. Esta é a verdadeira adjetivação para a política educacional do governo.

Anderson Sanches, *Infocus*, n. 5, ano 1, out. 1966. p. 2.

A adjetivação inicial será a base para desenvolver o tema. O autor dirá, nos parágrafos seguintes, por que acha a política educacional do governo equivocada e pouco racional.

9. Citação (tema: política demográfica)

"As pessoas chegam ao ponto de uma criança morrer e os pais não chorarem mais, trazerem a criança, jogarem num bolo de mortos, virarem as costas e irem embora." O comentário,

do fotógrafo Sebastião Salgado, falando sobre o que viu em Ruanda, é um acicate no estado de letargia ética que domina algumas nações do Primeiro Mundo.

DI FRANCO, Carlos Alberto. *Jornalismo, ética e qualidade.* Rio de Janeiro, Vozes, 1995. p. 73.

A citação inicial facilita a continuidade do texto, pois ela é retomada pela palavra *comentário* da segunda frase.

10. Citação de forma indireta (tema: consumismo)

Para Marx a religião é o ópio do povo. Raymond Aron deu o troco: o marxismo é o ópio dos intelectuais. Mas nos Estados Unidos o ópio do povo é mesmo ir às compras. Como as modas americanas são contagiosas, é bom ver de que se trata.

Cláudio de Moura e Castro, *Veja*, 13 nov. 1996.

Esse recurso deve ser usado quando não sabemos textualmente a citação. É melhor citar de forma indireta que de forma errada.

11. Exposição de ponto de vista oposto (tema: o provão)

O ministro da Educação se esforça para convencer de que o provão é fundamental para a melhoria da qualidade do ensino superior. Para isso, vem ocupando generosos espaços na mídia e fazendo milionária campanha publicitária, ensinando como gastar mal o dinheiro que deveria ser investido na educação.

Orlando Silva Júnior e Eder Roberto Silva, *Folha de S.Paulo*, 5 nov. 1996.

Ao começar o texto com a opinião contrária, delineia-se, de imediato, qual a posição dos autores. Seu objetivo será refutar os argumentos do opositor, numa espécie de contra-argumentação.

12. Comparação (tema: reforma agrária)

O tema da reforma agrária está presente há bastante tempo nas discussões sobre os problemas mais graves que afetam o Brasil. Numa comparação entre o movimento pela abolição da escravidão no Brasil, no final do século passado e, atualmente, o movimento pela reforma agrária, podemos perceber algumas semelhanças. Como na época da abolição da escravidão existiam elementos favoráveis e contrários a ela, também hoje há os que são a favor e os que são contra a implantação da reforma agrária no Brasil.

OLIVEIRA, Pérsio Santos de. *Introdução à sociologia.* São Paulo, Ática, 1991. p. 101.

Para introduzir o tema da reforma agrária, o autor comparou a sociedade de hoje com a do final do século XIX, mostrando a semelhança de comportamento entre elas.

13. Retomada de um provérbio (tema: mídia e tecnologia)

O corriqueiro adágio de que o pior cego é o que não quer ver se aplica com perfeição na análise sobre o atual estágio da mídia: desconhecer ou tentar ignorar os incríveis avanços tecnológicos de nossos dias, e supor que eles não terão reflexos profundos no futuro dos jornais é simplesmente impossível.

Jayme Sirotsky, *Folha de S.Paulo*, 5 dez. 1995.

Sempre que você usar esse recurso, não escreva o provérbio simplesmente. Faça um comentário sobre ele para quebrar a idéia de lugar-comum que todos eles trazem. No exemplo acima, o autor diz "o corriqueiro adágio" e assim demonstra que está consciente de que está partindo de algo por demais conhecido.

14. Ilustração (tema: aborto)

O *Jornal do Comércio*, de Manaus, publicou um anúncio em que uma jovem de dezoito anos, já mãe de duas filhas, dizia estar grávida mas não queria a criança. Ela a entregaria a quem se dispusesse a pagar sua ligação de trompas. Preferia dar o filho a ter que fazer um aborto.

O tema é tabu no Brasil. (...)

Antonio Carlos Viana, *O Quê*, edição de 16 a 22 jul. 1994.

Você pode começar narrando um fato para ilustrar o tema. Veja que a coesão do parágrafo seguinte se faz de forma fácil: a palavra *tema* retoma a questão que vai ser discutida.

15. Uma seqüência de frases nominais (frases sem verbo) (tema: a impunidade no Brasil)

Desabamento de *shopping* em Osasco. Morte de velhinhos numa clínica do Rio. Meia centena de mortes numa clínica de hemodiálise em Caruaru. Chacina de sem-terra em Eldorado dos Carajás.

Muitos meses já se passaram e esses fatos continuam impunes.

O que se deve observar nesse tipo de introdução são os paralelismos que dão equilíbrio às diversas frases nominais. A estrutura de cada frase deve ser semelhante.

16. Alusão a um romance, um conto, um poema, um filme (tema: a intolerância religiosa)

Quem assistiu ao filme *A rainha Margot*, com a deslumbrante Isabelle Adjani, ainda deve ter os fatos vivos na memória. Na madrugada de 24 de agosto de 1572, as tropas do rei de França, sob ordens de Catarina de Médicis, a rainha-mãe e verdadeira governante, desencadearam uma das mais tenebrosas carnificinas da História. (...)

Desse horror a História do Brasil está praticamente livre. (...)

Veja, 25 out. 1995.

O resumo do filme *A rainha Margot* serve de introdução para desenvolver o tema da intolerância religiosa. A coesão com o segundo parágrafo dá-se através da palavra *horror*, que sintetiza o enredo do filme contado no parágrafo inicial.

17. Descrição de um fato de forma cinematográfica (tema: violência urbana)

Madrugada de 11 de agosto. Moema, bairro paulistano de classe média. Choperia Bodega — um bar da moda, freqüentado por jovens bem-nascidos.

Um assalto. Cinco ladrões. Todos truculentos. Duas pessoas mortas: Adriana Ciola, 23, e José Renato Tahan, 25. Ela, estudante. Ele, dentista.

Josias de Souza, *Folha de S.Paulo*, 30 set. 1996.

O parágrafo é desenvolvido por *flashes*, o que dá agilidade ao texto e prende a atenção do leitor. Depois desses dois parágrafos, o autor fala da origem do movimento "Reage São Paulo".

18. Omissão de dados identificadores (tema: ética)

Mas o que significa, afinal, esta palavra, que virou bandeira da juventude? Com certeza não é algo que se refira somente à política ou às grandes decisões do Brasil e do mundo. Segundo Tarcísio Padilha, ética é um estudo filosófico da ação e da conduta humanas cujos valores provêm da própria natureza do homem e se adaptam às mudanças da história e da sociedade.

O Globo, 13 set. 1992.

As duas primeiras frases criam no leitor certa expectativa em relação ao tema que se mantém em suspenso até a terceira frase. Pode-se também construir todo o primeiro parágrafo omitindo o tema, esclarecendo-o apenas no parágrafo seguinte.

1. Os parágrafos do texto abaixo foram transcritos fora de ordem. Reordene-os, usando os números que os antecedem. Justifique depois sua seqüência.

A conquista do espaço urbano

1. Esses bairros se diferenciam dos chamados "bairros residenciais" pelo fato de serem construídos por seus próprios habitantes, que não recebem qualquer financiamento externo nem obedecem à legislação sobre propriedade ou às normas urbanísticas em vigor. Geralmente, a posse dos terrenos se dá de maneira ilegal — mediante ocupação ou invasão — e a cronologia do processo de urbanização estabelecida pela sociedade de direito se inverte: primeiro, ocupa-se o terreno, depois constrói-se nele, em seguida se cuida de urbanizá-lo e dotá-lo de serviços públicos para, finalmente, seu ocupante adquiri-lo legalmente.

2. Mas, de acordo com o dicionário, "espontâneo" é um movimento impulsivo, sem reflexão nem cálculo, um ato instintivo que obedece à natureza (e não à cultura), livre de qualquer incitação ou obstáculo. Temos de reconhecer que, pelo menos no caso de Lima, não é correto empregar-se esse adjetivo. Na realidade, os bairros assim qualificados possuem uma coerência e um rigor que não podem ser atribuídos a atos irrefletidos, involuntários e, menos ainda, desvinculados de qualquer contexto histórico. Eles constituem de fato a resposta dos pobres à ineficiência dos órgãos públicos e privados.

3. Em Lima, logo após a II Guerra Mundial, os chamados "bairros espontâneos" multiplicaram-se em virtude da concentração demográfica causada pelas migrações internas, da falta de moradias para as classes desfavorecidas e da ausência de uma política em matéria de habitação popular.

4. Nesse modo peculiar de ocupação do solo, os bairros construídos pelos pobres surgem repentinamente, às vezes em poucas horas, e durante anos conservam um aspecto inacabado, com construções precárias ou em obras, equipamentos deficientes e ausência de serviços municipais — características que deram a essa nova forma de urbanização o qualificativo de "espontânea".

O Correio da Unesco, n. 3, mar. 1991. pp. 29-30.

2. Leia o texto e responda às questões que o seguem.

A lição esquecida

A conclusão de um seminário da PUC, de que os professores no Brasil são uma espécie em extinção, deveria soar como novo sinal de alarme no já confuso panora-

ma de ensino. Há cursos inteiros em universidades que deixaram de atrair candidatos, como História, Geografia, Física, Letras e Matemática, permitindo concluir que a profissão de professor atinge o pior momento de baixa.

Esta decadência de uma profissão que já teve seu fastígio é uma das piores notícias nesta época em que os destinos da educação são sombrios. Enquanto o ensino público se degrada por má aplicação das verbas e o ensino particular atravessa séria crise em decorrência da decadência do ensino público, a mola mestra do ensino, o professor perde o impulso sem o qual nada funciona.

O *Jornal do Brasil* publicou sábado algumas entrevistas que mostram o tamanho da crise. O diretor de um colégio particular de segundo grau informa que não há professores de Física e Geografia no mercado e lembra que há quinze anos era comum conseguir um professor com dois ou três telefonemas. Hoje, o professor desapareceu. Mas é dramático o depoimento de uma velha professora que, no princípio da carreira, há mais de trinta anos, ganhava como professora primária salário que sobrava no fim do mês. Agora, sua filha, também professora, com o salário não pode sequer manter o padrão de vida a que se habituou.

A velha professora lembra que no seu tempo os pais dos alunos tinham confiança no professor: do ponto de vista do prestígio, o magistério era profissão comparável à dos médicos e advogados. Hoje em dia, para manter o padrão mínimo, o professor necessita se desdobrar em vários empregos, o que significa degradar a qualidade do ensino.

O ensino público, com seus descaminhos, é o grande responsável pela perda de substância do ensino geral. Tudo o que aumenta em quantidade tende a perder em qualidade. Sucessivas reformas, mais preocupadas em canalizar a distribuição das verbas do que melhorar a qualidade, acabaram por afrouxar os currículos de todas as faixas, estendendo ao conjunto os fatores de decadência que perturbavam certas partes. E um dos principais motivos da decadência do ensino público é a desqualificação do professor.

Os professores brasileiros ganham salário magro não pela falta de verbas, mas pela péssima utilização das verbas que se escoam num edifício burocrático esponjoso que tudo consome e quase nada produz. É espantoso que a União destine à educação 18% do orçamento e os estados e municípios 25% e os resultados do ensino brasileiro sejam tão pífios. Deve-se, portanto, mexer com a qualidade do professor, dando-lhe condições de trabalho; é necessário valorizá-lo salarialmente, atualizá-lo, reciclá-lo, estabelecer uma carreira estimulante e dar apoio para sua permanência nas salas de aula.

Assim como está, as universidades nada produzem em pesquisa; só copiam. O professor apenas dá aula e o aluno escuta e faz a prova. Não há professores atualizados, muito menos alunos atualizados. Os professores têm um conhecimento de segunda mão e passam para os alunos um conhecimento de terceira mão.

A propósito da última rebelião de estudantes franceses, o sociólogo Edgar Morin disse que não adianta tentar superar a crise do ensino com reformas institucionais, porque não basta mudar as instituições se não se mudam os espíritos, e nem adianta mudar os espíritos se não se mudam as instituições. Na França, como no Brasil, os docentes perderam a missão cultural que tinham no início do século. Hoje, todo um esforço de pensamento precisa ser refeito, de regeneração política. Caso contrário, volta-se à estaca zero.

Jornal do Brasil, 1º dez. 1990.

A Aponte os mecanismos responsáveis pelo aparecimento de cada parágrafo no texto.

B O que o último parágrafo retoma do primeiro a fim de fechar o texto?

3. Leia o texto abaixo e faça as atividades propostas:

Eu ensinei a todos eles

Lecionei no ginásio durante dez anos. No decorrer desse tempo, dei tarefas a, entre outros, um assassino, um evangelista, um pugilista, um ladrão e um imbecil.

O assassino era um menino tranqüilo que se sentava no banco da frente e me olhava com seus olhos azuis-claros; o evangelista era o menino mais popular da escola, liderava as brincadeiras dos jovens; o pugilista ficava perto da janela e, de vez em quando, soltava uma risada rouca que espantava até os gerânios; o ladrão era um jovem alegre com uma canção nos lábios; e o imbecil, um animalzinho de olhos mansos, que procurava as sombras.

O assassino espera a morte na penitenciária do Estado; o evangelista há um ano jaz sepultado no cemitério da aldeia; o pugilista perdeu um olho numa briga em Hong Kong; o ladrão, se ficar na ponta dos pés, pode ver minha casa da janela da cadeia municipal; e o pequeno imbecil, de olhos mansos de outrora, bate a cabeça contra a parede acolchoada do asilo estadual.

Todos estes alunos outrora sentaram-se em minha sala, e me olhavam gravemente por cima de mesas marrons. Eu devo ter sido muito útil para esses alunos — ensinei-lhes o plano rítmico do soneto elisabetano, e como diagramar uma sentença complexa.

PULLIAS, E.V. & YOUNG, J. Apud PILETTI, Claudino. *Didática geral*. 8. ed. São Paulo, Ática, 1987. p. 59.

A A partir de quais palavras-chave é construído o texto?

B O texto foi desenvolvido da seguinte forma:
no 1º parágrafo
no 2º parágrafo
no 3º parágrafo

C O que mantém a coerência do texto?

D Qual o recurso de coesão que os autores usam para concluir o texto?

E A clareza e a fluência do texto se assentam sobre uma série de paralelismos. Aponte-os.

4. Escreva um texto com o título *História de uma família*, usando as seguintes palavras: pai, mãe, filho, filha. Dê-lhe a mesma estrutura de "Eu ensinei a todos eles".

5. Escreva um texto sobre duas paixões do brasileiro, seguindo a mesma estrutura de "Minha vida", de Bertrand Russell.

6. Leia o texto a seguir e depois desenvolva-o, acrescentando-lhe mais três parágrafos. Não se esqueça do parágrafo conclusivo.

Formas da paixão

Não há ser humano que escape à paixão. Os homens negam a todo custo qualquer experiência de tal sentimento. Já as mulheres estampam no rosto, com muita facilidade, a descoberta do outro, que passa a ser motivo de êxtase. Na verdade, o primeiro nega para se proteger, enquanto o segundo se sente protegido ao alardear para o mundo que está apaixonado.

As pessoas apaixonadas podem chegar a dois extremos: a idolatria ou a violência. Os dois caminhos são extremamente perigosos aos que estão envolvidos em um relacionamento amoroso. Ambos são formas do exagero. A idolatria esconde no fundo uma fraqueza: a submissão. Já o crime passional reflete a cegueira que se apossa do apaixonado.

Capítulo 8

ARGUMENTANDO

PRESSUPOSTOS E ARGUMENTOS

O encaminhamento do tema é sempre produto de uma escolha que se dá dentro de uma ordem. O que escrever? Como escrever? Para que escrever? Tais perguntas delimitam este ato e fazem o recorte necessário para que o texto não se apresente como um aglomerado de afirmações sem um objetivo definido.

Assim como as palavras ordenam-se em frases, as frases em parágrafos, estes devem ordenar-se para formar um texto. Ao escrever, devemos procurar manter-nos fiéis ao tema, produzir sentidos e mostrar sua relação com a realidade.

Uma das maiores preocupações de quem escreve é a de não se perder dentro do tema que lhe foi proposto. A manutenção da unidade do texto e a produção de sentidos só acontecem se soubermos argumentar. Escrever bem é saber argumentar bem.

Ao expor um tema, é preciso pensar de antemão que direção pretendemos tomar, para onde queremos conduzir nossa argumentação. Para isso, é preciso ter uma posição definida em relação ao assunto, criar um pressuposto a partir do qual vamos encaminhá-lo, a fim de deixar bem claro nosso ponto de vista. Diante de um tema tão amplo como *educação*, por exemplo, a primeira atitude é recortá-lo, ou seja, delimitar nosso campo de questionamento, cuja base está no pressuposto.

Quem pretende escrever de forma coerente tem de partir de um pressuposto claro, bem definido. Isso vai depender do conhecimento que temos do mundo, das leituras que vimos fazendo ao longo do tempo. Antes mesmo de escrever, já devemos saber o que queremos passar ao leitor. A atividade escrita é uma atividade planejada.

O texto começa, portanto, bem antes de se colocar a caneta no papel. As primeiras palavras escritas são fruto de uma reflexão. Ninguém deve escrever intempestivamente. Qualquer afirmação que fazemos deve resultar de um conhecimento partilhado com outras pessoas, senão corremos o risco de não ser compreendidos. É difícil escrever sem ter convicção do que enunciamos. Se não conhecemos os fatos com propriedade, podemos chegar à incoerência, cair em contradição. Um

texto começa a mostrar sua fragilidade quando partimos de um pressuposto mal formulado, que não dá margem a uma boa argumentação. É muito difícil escrever sem saber de onde estamos partindo. E o ponto de partida é o pressuposto, que é o modo como cada um de nós vê e problematiza o tema. O pressuposto tem de dar margem a divergências, senão fica difícil argumentar.

Voltemos ao tema *educação*. Para começar, não basta saber como anda a educação no Brasil. É preciso formular um pressuposto para orientar toda nossa argumentação. Ele é uma espécie de "idéia fixa" que nos vai acompanhar do princípio ao fim do texto. Significa que estamos sendo fiéis à idéia que defendemos e demonstra que temos uma posição firmada diante do assunto.

Eis alguns pressupostos possíveis:

O Brasil só resolverá seus problemas quando a educação for preocupação prioritária do governo.

Não se pode pensar em desenvolvimento sem antes pensar em educação.

A ansiada passagem do Brasil para o Primeiro Mundo só se dará quando se resolverem os problemas da educação.

Cada um desses pressupostos criará um tipo de desenvolvimento de texto. A segunda etapa será procurar os argumentos que os sustentem. Antes, porém, transforma-se o pressuposto numa pergunta. O mais comum é perguntar *por quê?*, mas também pode se perguntar *como?*

Por que o Brasil só resolverá seus problemas quando a educação for preocupação prioritária do governo?

Por que não se pode pensar em desenvolvimento sem antes pensar em educação?

Por que a ansiada passagem do Brasil para o Primeiro Mundo só se dará quando se resolverem os problemas da educação?

As respostas serão seus argumentos, e cada uma delas servirá de base para a construção dos parágrafos.

A forma de argumentar é responsável pela estruturação do texto e demonstra o caminho que escolhemos para defender nossa opinião. A argumentação é um processo que exige ordem. Um argumento deve encadear-se ao outro naturalmente, em busca de uma unidade de sentido. Nossa capacidade de convencer o leitor depende da ordenação e da força de nossos argumentos. As melhores idéias se perdem se usarmos argumentos fracos ou se não soubermos encadeá-los. O encaminhamento do texto, fundado nos argumentos, revela ao mesmo tempo nossa capacidade de criação, avaliação e crítica. Nosso discurso deve passar ao leitor determinados questionamentos, observações e conclusões sobre o tema.

Uma argumentação sustenta-se basicamente em:

1. **argumentos de valor universal** — aqueles que são irrefutáveis, com os quais conquistamos a adesão incontinenti dos leitores. Se você diz, por exemplo, que sem resolver os problemas da família não se resolvem os das crianças de rua, vai ser difícil alguém contradizê-lo. Trata-se de um argumento forte. Por isso, evite afirmações baseadas em emoções, sentimentos, preconceitos, crenças, porque são argumentos muito pessoais. Podem convencer algumas pessoas, mas não todas. Use sempre argumentos relevantes, adequados à defesa de seu ponto de vista;
2. **dados colhidos na realidade** — as informações têm de ser exatas e do conhecimento de todos. Você não conseguirá convencer ninguém com informações falsas, que não têm respaldo na realidade;
3. **citações de autoridades** — procure ler os principais autores sobre o assunto de que você vai falar. Ler revistas e jornais ajuda muito;
4. **exemplos e ilustrações** — para fortalecer sua argumentação recorra a exemplos conhecidos, a fatos que a ilustrem.

ANÁLISE DE UM TEXTO ARGUMENTATIVO

Existem diversas maneiras de argumentar. O texto abaixo nos dará algumas pistas sobre o processo de argumentação.

Mil e uma noites

Era uma vez um sultão que descobriu que sua mulher o traía. Cortou-lhe a cabeça. Triste e infeliz, dedicou o resto da vida à vingança. Todas as noites dormia com uma mulher diferente, que mandava matar no dia seguinte. Sherazade, jovem princesa, se oferece para dormir com o cruel sultão. Caprichosa, garante que tem um plano infalível que a livrará da morte. Assim aconteceu. Passa mil e uma noites com o rei, contando histórias de traições. O sultão enganado mudou seu destino. Esquece da vingança, ouvindo muitos outros casos iguais ao seu.

O que aconteceu com o sultão? Conformou-se pois a traição faz parte da vida? Sossegou ao saber que muitos outros também eram enganados? Perdeu a inveja dos homens felizes? Ou simplesmente ficou entretido com as histórias de Sherazade?

Não se sabe como termina a história. O rei voltou a acreditar nas mulheres ou mandou matar Sherazade ao fim das mil e uma noites? Histórias emendadas umas às outras distraem, divertem e não fazem pensar. Anestesiam. As histórias têm certa magia.

Tenho pensado sobre os inúmeros casos de corrupção contados por jornais e revistas. Emendados uns aos outros, parecem histórias das mil e uma noites brasileiras.

A denúncia da imprensa é o instrumento mais importante de que dispõe a democracia para combater a corrupção e saber o que acontece por trás dos bastidores. O caso Watergate foi o resultado de exaustivas investigações dos jornalistas do *Washington Post*. Coletaram dados, levaram até o fim as suas suspeitas e correram o risco das suas acusações. Não foram notícias baseadas em diz-que-diz ou espalhadas nas páginas dos jornais por adversários políticos. Notícias divulgadas sem investigação jornalística mais profunda acabam sendo banalizadas.

A sociedade precisa ter acesso a fatos que a convençam. A esperada e saudável indignação não vai surgir com denúncias feitas sem provas. Histórias de corrupção em cores, fotos cruéis, denúncias vazias levam a quê? Será que com comédia e piadas é que se pretende apresentar fatos de tal relevância? Não há lugar para tanto *sense of humor* em um país onde a miséria seja tão grande como a nossa. Infelizmente, a hora não é para brincadeiras. Do contrário, as pessoas esperarão os jornais e revistas apenas ansiosas pelo próximo capítulo da novela das mil e uma corrupções brasileiras.

O que vai acontecer com os brasileiros? Vão se conformar com a corrupção pois faz parte da vida? Sossegar ao saber que existem casos iguais em outros países? Perder a admiração pelos homens honestos? Ou ficar simplesmente entretidos com histórias de Sherazade?

A corrupção não pode se tornar mais uma distração entre os brasileiros.

Corrupção faz parte da natureza humana. Para a controlar, a imprensa deve apresentar a denúncia com o máximo possível de provas. Só assim a sociedade pode reagir e a Justiça atuar. Os casos são contados muitas vezes apenas com insinuações e sem fatos. Muitos são esquecidos e substituídos por outros mais novos. Confundem as pessoas e levantam dúvidas sobre a veracidade da notícia. Não há tempo para se perder em histórias de mil e uma noites. Estamos escrevendo a história de um país com 130 milhões de habitantes. Gente muito sofrida. Pessoas não podem virar ficção. É preciso cuidado.

Cosette Alves, *Folha de S.Paulo*, 12 jul. 1991.

1. Determinação do pressuposto

Vejamos inicialmente qual o pressuposto de Cosette Alves para escrever seu artigo. Para encontrarmos o pressuposto do qual ela partiu, temos de ler todo o texto e descobrir suas palavras-chave: *imprensa* e *corrupção*. Assim descobrimos o pensamento que ela já havia formulado mentalmente sobre o assunto antes de começar o trabalho de redação propriamente dito. Do ponto de vista de quem escreve, o pressuposto tem de ser expresso com clareza e dar margem a questionamentos. Se se parte de um pressuposto fraco, que não suscite questões, uma redação dificilmente chegará a bom termo.

Vamo-nos colocar agora no lugar de Cosette Alves. Imaginemo-la em sua casa lendo jornais, vendo TV e ouvindo notícias sobre corrupção. Em certo momento, ela chegou à conclusão de que não estava havendo muita seriedade por parte da imprensa em suas denúncias, pois nem todas eram comprovadas. Muitas pareciam brincadeira porque, com o tempo, ninguém era capaz de trazer provas concretas que incriminassem as pessoas envolvidas. Ela chegou, assim, ao seu pressuposto:

A imprensa tem de ser mais séria ao denunciar os casos de corrupção.

2. Detecção dos argumentos

Após estabelecer o pressuposto, era preciso encontrar argumentos que o sustentassem. Fazendo a pergunta *Por que a imprensa não pode ser leviana quando denuncia casos de corrupção*?, poderemos descobrir seus argumentos. Voltemos ao texto e vejamos então se ele responde satisfatoriamente a essa pergunta, se Cosette Alves convence-nos mesmo de seu ponto de vista. Se responder, é sinal de que ela soube argumentar bem.

1º parágrafo

Era uma vez um sultão que descobriu que sua mulher o traía. Cortou-lhe a cabeça. Triste e infeliz, dedicou o resto da vida à vingança. Todas as noites dormia com uma mulher diferente, que mandava matar no dia seguinte. Sherazade, jovem princesa, se oferece para dormir com o cruel sultão. Caprichosa, garante que tem um plano infalível que a livrará da morte. Assim aconteceu. Passa mil e uma noites com o rei, contando histórias de traições. O sultão enganado mudou seu destino. Esquece da vingança, ouvindo muitos outros casos iguais ao seu.

2º parágrafo

O que aconteceu com o sultão? Conformou-se pois a traição faz parte da vida? Sossegou ao saber que muitos outros também eram enganados? Perdeu a inveja dos homens felizes? Ou simplesmente ficou entretido com as histórias de Sherazade?

3º parágrafo

Não se sabe como termina a história. O rei voltou a acreditar nas mulheres ou mandou matar Sherazade ao fim das mil e uma noites? Histórias emendadas umas às outras distraem, divertem e não fazem pensar. Anestesiam. As histórias têm certa magia.

Esses três primeiros parágrafos servem de introdução ao assunto e demonstram que Cosette Alves tem amplo domínio sobre a forma como se estrutura um texto.

Ao recorrer à história de Sherazade, ela captou de imediato a atenção do leitor para um tema por demais vulgarizado. À primeira vista, ficamos sem saber de que assunto ela vai tratar. O que estão fazendo Sherazade e o sultão num texto sobre a corrupção no Brasil? Só o saberemos à medida que progredirmos em nossa leitura.

No primeiro parágrafo, Cosette Alves informa-nos como nasceram as famosas histórias de *As mil e uma noites*. No segundo, pergunta o que teria acontecido depois com o sultão. E, no terceiro, afirma que ninguém sabe qual o fim dele e de Sherazade. Diz também que as histórias, emendadas umas às outras, divertem, não fazem pensar, servem de anestésico.

Até agora o leitor não sabe de que assunto a autora vai falar. Ela criou certa expectativa, como se nos estivesse preparando para chegar ao tema central. Só no quarto parágrafo veremos com clareza o tema a ser tratado:

4º parágrafo

Tenho pensado sobre os inúmeros casos de corrupção contados por jornais e revistas. Emendados uns aos outros, parecem histórias das mil e uma noites brasileiras.

Cosette Alves parece dar um salto muito grande entre o que disse anteriormente e o que está dizendo agora. Ela pretende falar da forma como a imprensa vem tratando os casos de corrupção que tomaram conta do país. Mas, como veremos, os três primeiros parágrafos terão importância fundamental na estruturação do texto, colaborando de forma precisa para a sua coerência. Nele nada foi escrito gratuitamente, apenas para preencher espaço.

O parágrafo seguinte trata do papel da imprensa ao denunciar casos de corrupção, aqui ou em outros países. A articulista vale-se do recurso da ilustração, recorrendo ao caso Watergate, quando ficou patente a seriedade dos jornalistas americanos:

5º parágrafo

A denúncia da imprensa é o instrumento mais importante de que dispõe a democracia para combater a corrupção e saber o que acontece por trás dos bastidores. O caso Watergate foi o resultado de exaustivas investigações dos jornalistas do *Washington Post*. Coletaram dados, levaram até o fim as suas suspeitas e correram o risco das suas acusações. Não foram notícias baseadas em diz-que-diz ou espalhadas nas páginas dos jornais por adversários políticos. Notícias divulgadas sem investigação jornalística mais profunda acabam sendo banalizadas.

Só no sexto parágrafo, com a alusão às *mil e uma corrupções brasileiras*, é que se cria o primeiro elo entre os três parágrafos introdutórios e o tema do artigo:

6º parágrafo

A sociedade precisa ter acesso a fatos que a convençam. A esperada e saudável indignação não vai surgir com denúncias feitas sem provas. Histórias de corrupção em cores, fotos cruéis, denúncias vazias levam a quê? Será que com comédia e piadas é que se pretende apresentar fatos de tal relevância? Não há lugar para tanto *sense of humor* em um país onde a miséria seja tão grande como a nossa. Infelizmente, a hora não é para brincadeiras. Do contrário, as pessoas esperarão os jornais e revistas apenas ansiosas pelo próximo capítulo da novela das mil e uma corrupções brasileiras.

Daí em diante tornam-se mais fortes os laços entre as circunstâncias que cercam *As mil e uma noites* e as *mil e uma corrupções brasileiras*. As mesmas perguntas que Cosette Alves fez em relação ao sultão, Sherazade e às histórias contadas, ela as faz agora em relação aos brasileiros, à imprensa (nossa Sherazade) e às histórias de corrupção que estamos cansados de ouvir. Observe a simetria das perguntas com as do segundo parágrafo:

7º parágrafo

O que vai acontecer com os brasileiros? Vão se conformar com a corrupção pois faz parte da vida? Sossegar ao saber que existem casos iguais em outros países? Perder a admiração pelos homens honestos? Ou ficar simplesmente entretidos com histórias de Sherazade?

Antes de chegar ao último parágrafo, Cosette Alves faz uma afirmação que serve de parágrafo de transição entre o sétimo e o nono:

8º parágrafo

A corrupção não pode se tornar mais uma distração entre os brasileiros.

O parágrafo de transição é uma espécie de ponte para alcançar o parágrafo seguinte. É constituído de uma só frase que é, ao mesmo tempo, pausa e gancho para a retomada do assunto. Uma espécie de respiradouro. Cosette Alves, ao lançar mão desse recurso, retoma a idéia de distração presente na última frase do sétimo parágrafo e introduz a palavra *corrupção*, que vai ser desenvolvida no parágrafo final:

9º parágrafo

Corrupção faz parte da natureza humana. Para a controlar, a imprensa deve apresentar a denúncia com o máximo possível de provas. Só assim a sociedade pode reagir e a Justiça atuar. Os casos são contados muitas vezes apenas com insinuações e sem fatos. Muitos são esquecidos e substituídos por outros mais novos. Confundem as pessoas e levantam dúvidas sobre a veracidade da notícia. Não há tempo para se perder em histórias de mil e uma noites. Estamos escrevendo a história de um país com 130 milhões de habitantes. Gente muito sofrida. Pessoas não podem virar ficção. É preciso cuidado.

A articulista conclui seu texto dizendo que a *imprensa deve apresentar a denúncia com o máximo possível de provas.* Em outras palavras: a imprensa deve ser séria ao apresentar suas denúncias. A história de Sherazade entra como um recurso de argumentação. A autora faz uma analogia entre o seu breve resumo de *As mil e uma noites* e o papel da imprensa brasileira. Ela fecha assim o artigo, retomando no parágrafo conclusivo o que disse no inicial, dando coerência a seu processo argumentativo. Ela amarrou o texto ao concluir que a corrupção não deve servir de distração para nós, como aconteceu com as histórias contadas por Sherazade para distrair o sultão. A imprensa deve tomar consciência de que, diferentemente de *As mil e uma noites*, tem à sua frente seres de carne e osso e não personagens de ficção.

Vejamos agora se os argumentos de Cosette Alves respondem a seu pressuposto inicial.

Retomemos a pergunta:

Por que a imprensa não pode ser leviana quando denuncia casos de corrupção?

Porque

1. a denúncia da imprensa é o instrumento mais importante de que dispõe a democracia para combater a corrupção e saber o que acontece por trás dos bastidores;
2. a sociedade precisa ter acesso a fatos que a convençam;
3. a corrupção não pode tornar-se mais uma distração para os brasileiros como acontece com as histórias contadas em *As mil e uma noites.*

Como podemos constatar, esses argumentos encadeiam-se de forma coesa e coerente, soldados uns aos outros, e levam a uma só conclusão. Usando uma conjunção conclusiva, ficará mais fácil de ver como isso acontece:

1º argumento:

A denúncia da imprensa é o instrumento mais importante de que dispõe a democracia para combater a corrupção e saber o que acontece por trás dos bastidores,

por isso

a imprensa deve apresentar a denúncia com o máximo possível de provas.

2º argumento:

A sociedade precisa ter acesso a fatos que a convençam,

por isso

a imprensa deve apresentar a denúncia com o máximo possível de provas.

3º argumento:

A corrupção não pode se tornar mais uma distração para os brasileiros como acontece com as histórias contadas em *As mil e uma noites,*

por isso

a imprensa deve apresentar a denúncia com o máximo possível de provas.

Daí podemos deduzir que Cosette Alves escreveu um texto preciso, coeso e coerente. Nele nada está fora de lugar, pois todas as suas partes ordenam-se com perfeição. Os argumentos convencem e a conclusão a que ela chegou está bem ajustada a eles.

Em síntese, *Mil e uma noites* está assim estruturado:

Pressuposto:

A imprensa não pode ser leviana quando denuncia casos de corrupção.

Argumentos:

1. A denúncia da imprensa é o instrumento mais importante de que dispõe a democracia para combater a corrupção e saber o que acontece por trás dos bastidores.

2. A sociedade precisa ter acesso a fatos que a convençam.

3. A corrupção não pode tornar-se mais uma distração para os brasileiros como acontece com as histórias contadas em As mil e uma noites.

Conclusão:

A imprensa deve apresentar a denúncia com o máximo possível de provas.

O esquema a que chegamos pode ser estendido à construção argumentativa de qualquer texto. O que pode variar é o número de argumentos.

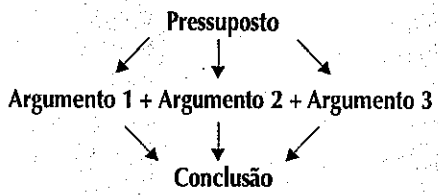

Em linhas gerais, para escrever um texto você deve:

1. ler tudo o que for possível sobre o assunto;
2. escolher um pressuposto como ponto de partida;
3. escolher dois ou três argumentos fortes;
4. não perder de vista as palavras-chave do pressuposto;
5. orientar a argumentação para uma conclusão coerente com o pressuposto.

Depois de escrito o texto, para verificar se não fugiu ao tema, observe se:

a) a palavra-chave (ou palavras-chave) propaga-se (ou propagam-se) por todos os parágrafos por meio de um daqueles recursos estudados no terceiro capítulo deste livro. Assim, a manutenção do tema está garantida;

b) você consegue esquematizar seu texto com clareza, unindo pressuposto, argumentos e conclusão.

1. Leia os textos a seguir e responda às questões propostas:

TEXTO 1

A juventude mudou? É, tem isto também. Ela se tornou mais pragmática e menos utópica. Tanto que as campanhas estudantis de maior repercussão têm sido as dos secundaristas, contra os aumentos extorsivos das anuidades nas escolas particulares. Há toda uma mudança de mentalidade, que pode ser constatada já na puberdade. Perguntem a uma criança de oito ou nove anos o que ela quer ser quando crescer, e, dificilmente — esta é, pelo menos, a minha experiência —, ouvirão as respostas clássicas das gerações mais antigas: médico, engenheiro, advogado, militar ou professora. Várias delas já me disseram que querem ganhar bem, não importa em que profissão.

Artur Poerner, *Jornal do Brasil*, 24 ago. 1992.

A Transcreva o argumento de que se vale Artur Poerner para justificar sua terceira frase.

B O autor diz que houve uma mudança de mentalidade na juventude de hoje em relação à escolha da profissão. Formule um pressuposto a partir do que ele diz a esse respeito e desenvolva um parágrafo a favor ou contra.

TEXTO 2

Utopia, sempre

Um traço que deve caracterizar o ser humano, ainda não embrutecido pela própria fraqueza ou pela realidade tremenda, é a liberdade que ele se reserva de opor ao evento defeituoso, à situação decepcionante, uma força contraditória. Essa força poderia chamar-se esperança; esperança de que aquilo que não é, não existe, pode vir a ser; uma espera no sonho, de que algo se mova para a frente, para o futuro, tornando realidade aquilo que precisa acontecer, aquilo que tem de passar a existir.

Essa força talvez pudesse ser chamada, também, de força do sonho. Mas também esse seria um nome inadequado: acima de tudo, porque não somos nós que temos um sonho e, sim, o sonho que nos tem. Ele escapa a nosso controle, impõe-se a nós tanto quanto se insinua sobre nós essa realidade manca ou sufocante que precisa ser mudada. E é necessário termos o controle dessa mudança, algum controle. Sonhar apenas, portanto, não serve.

Estaríamos mais perto do nome adequado a essa força de contradição se pensássemos na imaginação, essa capacidade de superar os limites freqüentemente medíocres da realidade e penetrar no mundo do possível. E esta designação para aquela força não seria inconveniente se a imaginação fosse vista não como um amontoado de insanidades, diversas das provocadas pelo sonho apenas pelo fato de serem produzidas de olhos abertos, mas sim como uma das estruturas de sustentação da própria realidade e sem a qual esta não pode existir sob pena de retirar-se desse real aquele elemento criativo capaz de fazer da vida algo diferente de uma câmara escura, de um caixão de defunto.

Mas a imaginação necessária à execução daquilo que deve vir a existir não é a imaginação digamos comum, aquela que se alimenta apenas da vontade subjetiva da pessoa e se volta unicamente para seu restrito campo individual, detendo-se exclusivamente para propor coisas como montanhas de ouro. Tem de ser uma imaginação exigente, capaz de prolongar o real existente na direção do futuro, das possibilidades; capaz de antecipar este futuro enquanto projeção de um presente a partir daquilo que neste existe e é passível de ser transformado. Mais: de ser melhorado.

Essa imaginação exigente tem um nome: é a imaginação utópica, ponto de contato entre a vida e o sonho, sem o qual o sonho é uma droga narcotizante como outra qualquer e a vida, uma seqüência de banalidades insípidas. É ela que, até hoje pelo menos, sempre esteve presente nas sociedades humanas, apresentando-se como

o elemento de impulso das invenções, das descobertas, mas, também, das revoluções. É ela que aponta para a pequena brecha por onde o sucesso pode surgir, é ela que mantém em pé a crença numa outra vida. Explodindo os quadros minimizadores da rotina, dos hábitos circulares, é ela que, militando pelo otimismo, levanta a única hipótese capaz de nos manter vivos: mudar a vida.

COELHO NETO, José Teixeira. *O que é utopia*. São Paulo, Abril Cultural/ Brasiliense, 1985. pp. 7-9. (Coleção Primeiros Passos)

Complete cada frase com um argumento encontrado no texto. Retire os argumentos dos parágrafos indicados entre parênteses:

A A esperança é uma força de que nos valemos para neutralizar um acontecimento decepcionante porque... . (*1º parágrafo*)

B Nem sempre o sonho nos serve porque... . (*2º parágrafo*)

C A imaginação é um termo mais positivo que o sonho porque... . (*3º parágrafo*)

D Só a imaginação exigente nos serve porque... . (*4º parágrafo*)

E A imaginação utópica exerce grande influência sobre a vida porque... . (*5º parágrafo*)

TEXTO 3

Um apelo à auto-regulamentação

De tanto que se falou sobre a violência na televisão brasileira — e este é um tema que sensibiliza tanto intelectuais quanto o espectador mais desatento — a questão parecia à beira do esgotamento, com poucas chances de ganhar algum fôlego suficientemente forte para mexer com o autoritarismo e a pasmaceira das emissoras. Mas há muita coisa que supera a mais arguta capacidade de análise e de antecipação dos fatos. E aqui entre as emissoras nacionais, nada inibe a voraz e aética disputa de audiência, como ficou comprovado agora com o espetáculo deprimente oferecido pelo SBT no seu amoral *Aqui e Agora*. Uma menina de 16 anos suicidou-se no centro de São Paulo para o gozo das câmeras sensacionalistas do seu telejornalismo e para a alegria dos seus editores, que contabilizaram preciosos índices de audiência.

Enquanto se discutia a violência dos filmes exibidos na televisão e se polemizava em cima da decisão das emissoras americanas de advertir os pais cada vez que vai ao ar uma produção mais forte, o SBT dava o seu *show* particular para desmoralizar todos os argumentos dos especialistas. E — o máximo do cinismo — como estão

fazendo as TVs dos Estados Unidos, colocou no ar a advertência sobre o conteúdo das cenas exibidas. Mas, de olho no ibope, esteve lá, exibindo a tragédia até que ela se consumasse.

É um fato perturbador a mexer com as teses dos estudiosos, porque aí ultrapassa os limites da questão da violência em si e abala os princípios éticos do jornalismo, principalmente os do telejornalismo, que tem o peso da imagem e a agressividade da invasão doméstica. Mas é bom insistir e repetir a mesma coisa: as emissoras só seguem este caminho porque o público em casa responde favoravelmente a ele. Como já se disse, é uma espécie de atração fatal a aproximar estes dois extremos do processo de comunicação. Os princípios de auto-regulamentação não vêm merecendo a atenção daqueles que fazem televisão, e isto abre espaço para os argumentos mais conservadores, que defendem a intervenção pura e simples, em nome de seus próprios conceitos. Daí, é um pulo para o controle da informação.

Arthur Santos Reis, *Jornal do Brasil*, 10 jul. 1993.

A De qual pressuposto partiu o autor para escrever o texto?

B A pequena extensão do texto permite que ele se sustente em apenas um argumento. Cite-o.

C A que conclusão chega o autor?

TEXTO 4

O jogo e o trabalho

Os brasileiros estão jogando cada vez mais. A prática das apostas ganha novos adeptos a cada dia. O jogo do bicho prospera. O Governo federal e os Governos estaduais promovem suas diversas loterias. Muita gente faz fila para arriscar a sorte na sena, na quina da loto, na loteria esportiva ou nas numerosas raspadinhas.

O fenômeno está preocupando muitos setores da sociedade. Nos círculos conservadores se fala, com escândalo, na "generalização da jogatina" e se adverte contra a expansão da "influência perniciosa do vício". Outras áreas lamentam que os poucos recursos economizados pelos assalariados sejam investidos numa aventura, em vez de serem sabiamente poupados e postos a render dividendos.

A discussão sobre o jogo é antiga. A maioria das pessoas reconhece que a proliferação da prática das apostas tende a desencadear efeitos socialmente negativos, acir-

rando paixões que causam dano à dimensão comunitária da existência, lançando os indivíduos numa competição desenfreada uns contra os outros e lhes enfraquecendo os princípios éticos.

Mesmo entre os que enxergam esses aspectos desagregadores, entretanto, há muitos espíritos críticos que procuram compreender o que está acontecendo e repelem a tentação autoritária do recurso simplista a medidas de repressão.

As proibições, com freqüência, são dolorosas, traumáticas e inócuas. Em lugar de tentar resolver os problemas prendendo e arrebentando, devemos procurar discernir suas raízes históricas e culturais. Devemos ter a coragem de indagar se o poder de atração do jogo não tem a ver com o tipo de sociedade que foi criado aqui, ao longo da nossa história.

A questão — note-se — não é exclusivamente brasileira: é fácil percebermos que ela tem uma presença marcante na América Latina. O grande escritor Jorge Luis Borges já escreveu uma vez: "Yo soy de un país donde la lotería es parte principal de la realidad". As sociedades do nosso continente nasceram, todas, sob o signo da aventura: os europeus que destruíram as culturas indígenas e importavam negros escravizados apostavam no enriquecimento rápido.

No caso brasileiro, as condições se agravaram enormemente com a modernização autoritária e a sucessão das negociatas. A população tinha a impressão de que as elites haviam transformado a sociedade num imenso cassino. Entre os grandes trambiqueiros do nosso país, quantos foram exemplarmente punidos? E quantos permaneceram (e permanecem) impunes?

Obrigado a dar duro para sobreviver, o trabalhador vem observando esse espetáculo e tentando extrair dele sua lição. A experiência quotidiana e o sufoco do salário arrochado lhe dizem com muita eloqüência que no mundo do trabalho quase não há espaço para a esperança. O sonho, expulso pela remuneração aviltante, emigra para o jogo.

A paixão pelo jogo cresce paralelamente à constatação de que o trabalho está caracterizado como ocupação de otário. O que conta, para o trabalhador, não são os discursos em que os políticos e os empresários o cobrem de elogios: é o salário que lhe mostra o que ele realmente vale, aos olhos do Estado e do patrão.

O homem do povo, o homem comum, está valendo pouco na nossa sociedade. Quando ele joga no bicho ou na loto, aposta no futebol ou nas corridas de cavalo, é claro que não está contribuindo, concretamente, para superar a situação frustrante para a qual foi empurrado, como vítima, pelos donos do poder político e econômico. A "fezinha" só pode resolver o problema de um ou outro no meio de muitos

milhares. No entanto, o movimento que leva a pessoa a jogar manifesta, também, ao lado da ilusão, certo inconformismo diante do vazio do presente. Quem joga, afinal, ainda está mostrando que é capaz de ansiar por um futuro melhor.

Como se pode canalizar esse inconformismo e essa ânsia de um futuro mais bonito para uma ação historicamente mais fecunda do que a febre das apostas? Como mobilizar coletivamente as energias que se dispersam na aventura individualista do jogo?

Creio que a direção política em que deve ser buscada uma resposta democrática para essas indagações passa, necessariamente, por uma enérgica revalorização do trabalho — e dos trabalhadores.

Leandro Konder, *O Globo*, 10 maio 1992.

A Qual o pressuposto do texto?

B Quais seus argumentos?

C Qual a conclusão?

TEXTO 5

Contra os tóxicos, a liberdade

Suicidar é humano. Seja radicalmente, por tiro, enforcamento, mergulho no espaço, sofisticada ingestão de medicamentos — ou a prestações, recorrendo a tabaco, álcool e consumo de drogas com variado grau de toxicidade. Há na praça até *best-sellers* a instruir a respeito.

Curiosamente, os países mais adiantados do mundo ergueram um muro que separa os suicidas morosos, adeptos do álcool e da mistura alcatrão-nicotina, daqueles que buscam a sepultura *snifando* cocaína, injetando nas veias heroína, fumando maconha, haxixe ou ópio e o mais que se siga. Os primeiros podem destruir-se livremente, desde que paguem o devido imposto ao Estado sobre os produtos com os quais se deixam devorar; os outros não podem, arriscam-se a ir para a cadeia como método de cura do vício, e enquanto não fazem enriquecem obscenamente os produtores e traficantes de narcóticos e as autoridades de todo tipo que se deixam corromper pelos primeiros, assim como sustentam todos os que, direta ou indiretamente, se envolvem na repressão ao narcotráfico ou a ela se dedicam.

Em escala bem menor, fenômeno semelhante se observou nos Estados Unidos, nas primeiras décadas do século, com a Lei Seca. Um surto de moralismo resolveu

proibir aos americanos o consumo de bebidas alcoólicas. E sob estímulo dessa lei de tão boas intenções prosperaram o gangsterismo, a máfia americana e uma das maiores ondas de corrupção da autoridade pública jamais vistas em qualquer país. O apogeu do crime durou até o momento em que o legislador dos Estados Unidos, rendendo-se à evidência, revogou a lei da qual a sociedade deixara de colher qualquer benefício. E parte das tensões da sociedade americana foi aliviada com o restabelecimento do direito de beber, desde que do seu exercício não derivasse prejuízo ou ameaça à segurança de terceiros.

Parece que não percebemos o ônus brutal que a obrigação de reprimir atira injustamente sobre os países nos quais os tóxicos são produzidos. Embora pobres, eles se vêem obrigados — pela pressão externa — a gastar recursos imensos nessa repressão. E assim aliviam, com seu suor e seu sangue, a responsabilidade dos países ricos, que são, estes sim, por margem larguíssima, os maiores clientes do narcotráfico.

Ora, não haveria produção se antes dela não houvesse a demanda. E, por outro lado, duvido que qualquer usuário de drogas deixe de consumi-las por não as encontrar à venda ou por temer as punições a que o uso o arriscaria. Basta ver o que acontece nesta nossa infeliz cidade do Rio. Quase diariamente somos despertados pelos estampidos de fogos de artifício com que os traficantes dos morros avisam à clientela dos bairros que a cocaína chegou e está à disposição da freguesia. Parece que só a Polícia ignora esse novo código auditivo.

Pertenço a uma geração que atingiu a maioridade sem sequer tomar conhecimento da existência de narcóticos, e muito menos do seu comércio. Até a década de 50, maconheiro era sinônimo de arruaceiro da praça Mauá — e cheguei a esse tempo sem ter tido azo de ver uma fileira de cocaína ou de conhecer algum cocainômano tido como tal. Me lembro da série de artigos de Paulo Mendes Campos no *Diário Carioca* sobre como se refletiu nele a experiência que fez uma vez com o LSD, ou o livro de Aldous Huxley sobre a mescalina. Uma narrativa e outra tinham caráter quase que científico, e despertaram em mim a curiosidade que me merecem hoje as tartarugas da Ilha de Trindade.

Coca, epadu, papoula, cactus, canabis — tudo isso é mato, é produto ordinário; a cocaína, o ópio, a heroína, a mescalina, os princípios tóxicos dessas plantas podem ser industrializados por processos singelos e relativamente baratos. Mas a cocaína que transpõe as fronteiras da Bolívia ou da Colômbia a determinado preço (já superdimensionado pela clandestinidade) alcança no mercado consumidor dos Estados Unidos (pela via Rabelo, entre outras) cotação muitas vezes maior. É a tarifa da proibição.

Não foi portanto o uso de narcóticos que criou um dos mais fabulosos negócios do mundo. Foi e é a proibição de consumi-los. Essa, sim, vale muitos bilhões de dólares. E por valer tanto cria estados dentro do Estado, financia guerras civis, induz ao vício gerações de jovens em todos os países, corrompe, mata, leva a sociedade ao apodrecimento.

Nunca deixou de haver, na nossa espécie, contingente propenso à autodestruição, pela infinita quantidade de razões que impõem ao ser humano a cruz da infelicidade pessoal. A idéia de que a repressão policial ou de exércitos conseguirá deter o narcotráfico é hipócrita. Mas a hipocrisia não é dos policiais e militares, obrigados por lei à repressão. É dos políticos cegos para a realidade de que o homem moderno — que, salvo os muçulmanos e algumas minorias, perdeu o medo dos castigos da vida eterna desde que pisou a Lua e foi informado da existência de milhões de galáxias — desdenha o mistério e exige que o convençam do que é certo e do que é errado. Com provas e sem dogmas.

A imensidão de recursos que se consome hoje nessa riquíssima guerra aos narcotráficos estaria muito mais bem aplicada se voltada para a educação, para demonstrar o mal terrível do vício, a degradação quase sempre sem retorno a que desce o viciado, o mergulho na dor, no desespero e na repugnância.

A essa saudável pedagogia chegaremos um dia, certamente. Só lastimo que por ora gerações estejam sendo contaminadas pelos maus efeitos de um puritanismo que nas últimas décadas tem ingenuamente exacerbado o consumo de narcóticos, para a grande prosperidade de fabricantes e vendedores.

Queremos acabar com a tragédia do narcotráfico? Tomadas as medidas necessárias para proteger os menores de idade da tentação do vício, tanto quanto os protegemos do álcool, e fixadas penas severas para que aqueles que, sob a ação dos narcóticos, perturbarem a tranqüilidade do próximo — liberemos o consumo e o sufoquemos com impostos.

Isto feito, que cada um cuide da sua responsabilidade, da sua vida e da sua morte.

Evandro Carlos de Andrade, *O Globo*, 18 ago. 1991.

A Qual a idéia que permeia todo o texto de Evandro Carlos de Andrade?

B A que conclusão chega o autor?

C Liste cinco argumentos que sustentam o texto.

D Identifique dois argumentos que ilustram o texto. Qual o objetivo do articulista ao usá-los como parte de sua argumentação?

2. Redija textos a partir do pressuposto, argumentos e conclusão aqui sugeridos:

A

Pressuposto:

É constrangedora a convivência diária com a miséria.

Argumento:

Ninguém em sã consciência gosta de ver seus semelhantes vivendo precariamente.

Conclusão:

A sociedade deve ser menos passiva diante da miséria.

B

Pressuposto:

As novas tecnologias contribuirão para aumentar ainda mais a taxa de desemprego no mundo.

Argumentos:

- *O futuro exigirá trabalhadores cada vez mais preparados.*
- *Os computadores poderão substituir o homem com total eficiência.*

Conclusão:

O alto nível de eficiência tecnológica poderá agravar os problemas sociais.

3. Formule um pressuposto para os seguintes temas:

A racismo

B violência urbana

C ética

4. Formule três argumentos para cada pressuposto acima.

5. Desenvolva cada um dos temas acima em cerca de cinco parágrafos.

6. **Tema:** Drogas: liberar ou não liberar?

Releia os textos "Ignorância também é vício" (p. 60) e "Contra os tóxicos, a liberdade" (p. 99) e argumente em favor de seu ponto de vista.

Extensão mínima de 20 linhas e máxima de 30.

Capítulo 9

MELHORANDO O TEXTO

Agora que você conhece os passos para escrever um texto com certa segurança, apresentamos, a seguir, algumas recomendações que ajudarão a melhorar sua redação. Lembre-se sempre de que escrever exige paciência e um trabalho contínuo com a palavra. Quanto mais você ler, mais fácil se tornará seu relacionamento com a escrita. Como afirmamos logo no início deste livro, ler bem é a primeira tarefa de quem quer escrever bem. As recomendações que faremos podem ajudá-lo, desde que você tenha seguido o nosso roteiro.

A FRASE

1. Extensão

Escreva sempre frases curtas, que não ultrapassem duas ou três linhas, mas também não caia no oposto, escrevendo frases curtas demais. Seu texto pode ficar cansativo.

Uma frase de boa extensão evita que você se perca. Seja objetivo. Quanto mais você se alonga, mais a frase ramifica-se em muitas outras sem chegar a lugar algum. Exemplo:

A crise de abastecimento de álcool não é apenas resultado da incompetência e irresponsabilidade das agências governamentais que deveriam tratar do assunto, pois ela também foi causada por um outro vício de origem que foi no primeiro caso os organismos do governo encarregados de gerir os destinos do Proálcool que foram pouco a pouco sendo apropriados pelos setores que eles deveriam controlar, se transformando em instrumentos de poder desses mesmos setores que através deles passaram a se apropriar de rendas que não lhes pertenciam.

Quando chegamos ao final da frase, não lembramos o que estava no seu início. O que fazer? Antes de tudo, ver quantas idéias existem aí e separá-las.

Uma possível redação para esse texto seria:

A crise no abastecimento do álcool não resulta apenas da incompetência e da irresponsabilidade do governo. Ela é também causada por certos vícios que rondam o poder. Os órgãos responsáveis pelo destino do Proálcool se eximem de controlá-lo com rigor. Disso resulta uma situação estranha: os órgãos do governo passam a ser dominados justamente pelos setores que deveriam controlar. Transformam-se assim em instrumentos de poder de usineiros que se apropriam do Erário.

2. Fragmentação

Um erro muito comum em redações escolares é a frase fragmentada. Nunca interrompa seu pensamento antes de pronomes relativos, gerúndios, conjunções subordinativas.

Errado:

O carro ficara estacionado no *shopping*. Onde tínhamos ido fazer compras.

O Detran tem aumentado sua receita. Multando carros sem nenhum critério.

Ele tem lutado para manter o *status*. Uma vez que perdeu quase toda a fortuna.

Certo:

O carro ficara estacionado no *shopping* onde tínhamos ido fazer compras.

O Detran tem aumentado sua receita, multando carros sem nenhum critério.

Ele tem lutado para manter o *status*, uma vez que perdeu quase toda a fortuna.

3. Sonoridade

É preciso cuidar também da sonoridade da frase. Ecos, aliterações, assonâncias devem ser evitados. Leia:

Não se realizará mais amanhã a *caminhada divulgada* nos jornais.

Melhor dizer:

Não se realizará mais amanhã a caminhada que os jornais divulgaram ontem.

4. Pronome relativo e conjunção integrante *que*

- Não transforme sem necessidade o pronome relativo *que* em o qual, a qual, os quais, as quais. Só o faça quando houver ambigüidade, como neste exemplo:

Encontramos a filha do fazendeiro que perdeu todo o dinheiro na Bolsa.

Nesse caso, o *que* pode se referir tanto à filha quanto ao fazendeiro. Se este foi o perdedor, desdobre o *que* em *o qual*; se foi a filha, use *a qual*, dando, assim, maior clareza à frase.

- Não abuse do *que* (pronome relativo e conjunção integrante) em suas frases. Isso torna o estilo pesado. Há muitos recursos lingüísticos para evitá-lo. Se for uma frase de boa extensão (duas ou três linhas), repeti-lo mais de uma vez é exagero. Há sempre uma forma de se chegar à frase enxuta.

Disseram-me *que* o professor *que* foi contratado para dar aulas de inglês morou muitos anos em Londres.

Melhor dizer:

Disseram-me *que* o professor contratado para dar aulas de inglês morou muitos anos em Londres.

5. A conjunção *pois*

Não use *pois* assim que começar um texto. *Pois* é uma conjunção explicativa ou conclusiva, e ninguém deve explicar ou concluir nada logo no primeiro parágrafo. As explicações só aparecem quando seu processo argumentativo está em andamento. Lembre-se de que, no primeiro parágrafo, deve-se apenas situar o problema.

6. Onde

Atenção para o emprego de *onde*. Só deve ser usado quando se referir a lugar.

O país *onde* nasci fica muito distante.

Nos demais casos, use *em que*.

São muito convincentes os argumentos *em que* você se baseia.

Não use *onde* para se referir a datas.

Isto aconteceu nos anos 70, *onde* houve uma verdadeira revolução de costumes.

Melhor dizer:

Isto aconteceu nos anos 70, *quando* houve uma verdadeira revolução de costumes.

7. Poluição gráfica

Não escreva um texto "manchado", cheio de travessões, aspas, exclamações, interrogações. O que dizer de uma seqüência como esta:

Será que Deus é mesmo brasileiro? Então viva o Brasil! Mas pelo visto...

8. Ponderação

Não generalize. Frases do tipo *Todo político é um corrupto* só fazem dizer que a pessoa escreve irrefletidamente.

O VOCABULÁRIO

Escreva com simplicidade. Não empregue palavras complicadas ou supostamente bonitas. Escrever bem não é escrever difícil. O vocabulário deve adequar-se ao tipo de texto que pretendemos redigir. No nosso caso, só trabalhamos com a linguagem padrão, aquela que a norma culta exige quando vamos tratar de algum problema de grande interesse para leitores de bom nível cultural. Dela deverão estar afastados erros gramaticais, ortográficos, termos chulos, gíria, que não condizem com a boa linguagem. Observe as inadequações neste exemplo:

Os grevistas refutaram o aumento proposto pelo governo. Enquanto o líder da situação fazia na Câmara os prolegômenos dos novos índices, os trabalhadores faziam do lado de fora o maior auê, achando que o governo não estava com nada.

É preciso ter muito cuidado com as palavras. Nem sempre elas se substituem com precisão. Empregar *refutar* por *rejeitar*, *prolegômenos* por *exposição* não torna o texto melhor. Não só palavras "bonitas" prejudicam um texto, mas também a gíria (*auê*) e expressões coloquiais (*não estava com nada*).

O texto poderia ser escrito da seguinte forma:

Os grevistas rejeitaram o aumento proposto pelo governo. Enquanto o líder da situação fazia na Câmara a exposição dos novos índices, os trabalhadores faziam do lado de fora uma grande manifestação.

1. Adjetivos certos na medida certa

O emprego indiscriminado de adjetivos pode prejudicar as melhores idéias. Para que dizer *um vendaval catastrófico destruiu Itu* quando vendaval já traz implícita a idéia de catástrofe?

Outro mau uso do adjetivo ocorre quando empregado intempestivamente, como se o autor quisesse "embelezar" o texto. O que ele consegue, no mínimo, é confundir o leitor. Veja:

Diante do mundo incomensurável, incógnito e desmedido que nos cerca, o homem se sente minúsculo, limitado, inepto, incapaz de compreender o menor movimento das coisas singulares, magnéticas e imprevisíveis com que se depara em seu cotidiano impregnado e assoberbado de interrogações.

Entendeu? Nem nós.

O adjetivo pode ser empregado, sim, mas quando traz uma informação necessária ao fato, à notícia:

O estresse, a fadiga crônica acompanhada de mãos geladas, insônia e irritabilidade atribuída em geral à correria da vida urbana, talvez só perca para o colesterol alto quando se trata de arranjar um culpado pelo surgimento de doenças.

Veja, 4 set. 1991.

Os adjetivos aí empregados não são supérfluos. Se forem retirados, vão fazer falta à informação, pois:

a) a fadiga, além de crônica, pode também ser passageira;

b) *geladas* é imprescindível a *mãos*, por ser um sintoma da fadiga crônica;

c) *vida* precisa do qualificativo *urbana* para evitar a generalização. A reportagem da *Veja* está falando só do estresse da vida urbana e não da vida em geral.

Evite usar adjetivos que já se desgastaram com o uso como:

calor *escaldante*
saudosa memória
longa jornada
doce lembrança
emérito goleador
grata surpresa
frio *siberiano*
inquietante silêncio
lauto banquete
último adeus
providências *cabíveis*
vibrante torcida

2. Lugares-comuns e modismos

Evite palavras, frases, expressões ou construções vulgares. A renovação da linguagem deve ser uma preocupação constante de quem escreve. Não há boa idéia que sobreviva num texto cheio de lugares-comuns. Abandone:

a) frases do tipo:

agradar a gregos e troianos
arrebentar a boca do balão
botar pra quebrar
chover no molhado
deitar e rolar
dar com os burros n'água
deixar o barco correr solto
dizer cobras e lagartos
estar em petição de miséria
estar com a bola toda
estar na crista da onda
ficar literalmente arrasado
ir de vento em popa
passar em brancas nuvens
ser a tábua de salvação
segurar com unhas e dentes
ter um lugar ao sol

b) modismos, invenções, como:

agudizar
alavancar
exitoso
imperdível
a nível de
curtir
galera
magnificar
apoiamento
chocante
gratificante
obstaculizar

Evite chavões para concluir um texto, tais como "diante do exposto", "conforme o mencionado acima", "pelo que foi dito acima", "após as considerações acima". Lute sempre por uma linguagem própria, distante do lugar-comum.

3. A palavra mais simples

Entre duas palavras, escolha a mais simples. Por que dizer *auscultar* em vez de *sondar*? *Obstância* em vez de *empecilho*?

Siga sempre o conselho do grande escritor francês Paul Valéry: "Entre duas palavras, escolha sempre a mais simples; entre duas palavras simples, escolha a mais curta". Evite também duas ou mais palavras quando uma é capaz de substituí-las. Use:

o governador em vez de *o chefe do executivo*
o presidente em vez de *o chefe da nação*
para em vez de *com o objetivo de*
em 1995 em vez de *no ano de 1995*

4. Palavras abstratas

As palavras abstratas podem ser empregadas, na maioria das vezes, no singular, sem nenhum prejuízo para a frase. Antes de usá-las no plural, experimente o singular e veja se o sentido da frase ficou mais preciso:

O projeto do governo tem gerado muita *polêmica*.

*(E não **"muitas polêmicas"**.)*

A pena de morte não vai acabar com o *crime*.

*(E não **"com os crimes"**.)*

Faça o mesmo quando o substantivo abstrato for o segundo elemento de uma locução ligada por "de" e for empregado em sentido genérico.

Os níveis de *emprego* caíram muito nos últimos anos.

Nossa capacidade de *investimento* está esgotada.

5. Repetições desnecessárias

Não repita palavras sem nenhuma razão estilística:

O servidor que ganha um *salário mínimo* pode ficar certo de que vai receber, no final do mês, o *salário mínimo* sem nenhum reajuste.

Melhor dizer:

O servidor que ganha um salário mínimo pode ficar certo de que vai recebê-*lo*, no final do mês, sem nenhum reajuste.

6. Pleonasmos

Alguns pleonasmos passam despercebidos quando escrevemos. Veja os mais comuns e troque-os pela forma exata:

a cada dia que passa = a cada dia
acabamentos finais = acabamentos
continua ainda = continua
elo de ligação = elo
encarar de frente = encarar destemidamente
há doze anos atrás = há doze anos
juntamente com = com
monopólio exclusivo = monopólio

7. Aspas

Não use aspas indiscriminadamente. Elas devem aparecer nos seguintes casos: citações, arcaísmos, neologismos, gírias, estrangeirismos, expressões populares, ou para indicar que determinada palavra está sendo usada com sentido diferente do habitual.

Para esconder os lucros exorbitantes que tinham com os negócios, as corretoras usavam endereços, contas e registros de empresas "laranjas".

Folha de S.Paulo, 12 mar. 1997.

A palavra *laranjas* significa, no caso, "de fachada".
As aspas também servem para indicar ironia:

Os "revolucionários" não dispensam um uísque importado e carros do último tipo.

8. Etc.

Não use **etc.** sem nenhum critério. Trata-se da abreviatura da expressão latina *et cetera*, que significa "e as demais coisas". Só devemos usá-la quando os termos que ela substitui são facilmente recuperáveis.

A notícia foi veiculada pelos principais jornais do país como *O Globo, Jornal do Brasil* etc.

O leitor bem informado sabe que outros jornais ficaram subentendidos, como *Folha de S.Paulo, O Estado de S. Paulo, A Tarde.*
Eis um caso de emprego de **etc.** que se deve evitar:

Muitas vezes os pais não sabem como falar aos filhos problemas relacionados ao sexo, à morte etc.

Quais seriam os outros problemas? Fica difícil saber.
Ainda duas observações sobre o **etc.**:

- nunca escreva "e etc.", pois a conjunção "e" já faz parte da abreviatura. Seria o mesmo que dizer "e as demais coisas";
- é indiferente o uso da vírgula antes.

PARTICULARIDADES LÉXICAS E GRAMATICAIS

1. Dentre

Significa "do meio de". Sempre se emprega com verbos como sair, tirar, ressurgir. Nos demais casos use **entre.**

Dentre as moças da sala, ele tirou a mais bela para dançar.
Entre os filmes em cartaz, o melhor é o do Palace.

2. Desde

Nunca escreva "desde de".
Não o vejo desde 1980. (*E não **"desde de 1980"***)

3. Todo

O pronome *todo*, quando acompanhado de artigo, particulariza o objeto; sem o artigo, generaliza-o. Compare estas duas frases:

Todo o livro é perfeito. (significa que o livro a que me refiro é perfeito do princípio ao fim)
Todo livro traz sempre algum benefício ao leitor. (significa "qualquer livro")

Escreva sempre *todos os que* e não *todos que.*

Todos os que fizeram a prova passaram.

4. Junto a

"Junto a" significa "adido a". Leia este exemplo:

Ele é nosso representante junto à FIFA.

Já esta frase não está correta:

Você tem de se explicar junto ao banco.

O certo é abandonar a palavra "junto" e usar a preposição exigida pelo verbo:

Você tem de se explicar ao banco.

5. À medida que/na medida em que

Não confunda "à medida que" com "na medida em que". A primeira locução dá idéia de proporção e a segunda de causa.

Você vai melhorar *à medida que* (à proporção que) for tomando esse remédio.

Vamos seguir o regulamento *na medida em que* (uma vez que) ele foi aprovado.

Observação: Não existe a forma "à medida em que".

6. Possuir/ter

Muito cuidado quando empregar o verbo *possuir*. Embora os dicionários o dêem como sinônimo de *ter*, nem sempre podemos trocar um pelo outro. Use *possuir* quando quiser dizer que alguém *tem a posse de, é proprietário de alguma coisa*:

Ele *possui* uma bela casa de campo.

Não é errado dizer que "ele tem uma bela casa de campo".
Mas há casos em que só o verbo *ter* é aceitável:

A praia *tem* agora quadras de esporte, bares limpos, boa iluminação.

Nós *temos* direitos adquiridos.

Ela *tem* cabelos castanhos e olhos azuis.

7. Senão/se não

- **senão** — significa "no caso contrário", "de outro modo", "a não ser", "mas sim".

Tome conta de seu cachorro, *senão* (no caso contrário) ele foge.

- **se não** — significa "quando não" ou "caso não".

Ele foi muito ríspido, *se não* (quando não) mal-educado.

8. Por que/porque

- **por que**

a) nas perguntas.

***Por que* você não veio à festa?**

b) quando se subentende a palavra "motivo":

Ele não me disse *por que* (motivo) faltou à aula.

c) quando puder ser substituído por "pelo qual", "pela qual", "pelos quais", "pelas quais".

Não vou lhe dizer as razões *por que* deixei de vir à aula.

d) no final de frase recebe acento circunflexo.

Você não veio à festa *por quê*?

Muitos estavam na passeata sem saber *por quê*.

porque
a) quando equivale a "pois", "uma vez que", "pelo fato".

Não vim à aula *porque* estava doente.

b) com acento quando é substantivo.

Não sei o *porquê* de sua ausência.

9. Sequer/se quer

sequer — significa "pelo menos", "ao menos".

Não disse *sequer* uma palavra para agradecer.

se quer — o "se" é conjunção condicional mais o verbo "querer".

***Se quer* viajar, viaje.**

10. Mau/mal

- **mau** — contrário de "bom".

Ele estava de *mau* humor.

- **mal** — contrário de "bem".

Ele é muito *mal*-humorado.

11. Este, isto/esse, isso/aquele

- **este, isto** — use para fazer referência a alguma coisa que vai ser ou acaba de ser mencionada.

O projeto do governo é *este*: acabar pouco a pouco com o vestibular.

Acabar com a corrupção e criar mais emprego. *Isto* é o que todo candidato diz antes de ser eleito.

esse, isso — refere-se a algo já mencionado.

Como já lhe disse, o projeto do governo era *esse*.

Não use o demonstrativo sem estar seguro da palavra a que ele se refere. Você estará cometendo um erro de coesão se logo na primeira frase escrever algo como: "O governo não está preocupado com esse problema da educação".

"Esse" refere-se a algo já dito: logo, seu emprego está incorreto. Seria melhor escrever: "O governo não está preocupado com a educação".

Nas indicações de tempo, use:

- **este, esta** — para tempo presente em relação à pessoa que fala.

  Tenho pensado muito em você *nestes* últimos dias.

- **esse, essa** — para tempo passado ou futuro não muito distantes de quem fala.

  Você vai ver que *esse* dia há de chegar.

  N*essas* horas ninguém aparece para dar uma ajuda.

- **esse** (e suas variantes) — em referência a uma data recém-enunciada.

  Ele mudou-se para o Rio de Janeiro em 1940. N*esse* ano, iria nascer seu quinto filho.

- **aquele, aquela** — para tempo indefinido, distante, em relação a quem fala.

  N*aquela* época nem se falava em televisão.

12. Ao invés de/em vez de

- **ao invés de** — significa "ao contrário de".

  ***Ao invés de* chorar, ele sorria.**

- **em vez de** — significa "em lugar de".

  ***Em vez de* estudar, preferiu ver televisão.**

"Em vez de" pode ser usado também no primeiro caso: "Em vez de chorar, ele sorria".

"Ao invés de" só é usado quando marca uma oposição. No segundo exemplo seu emprego não estaria correto, pois "estudar" não é o contrário de "ver televisão".

13. Face a/frente a

Nunca use. Substitua por "diante de", "em face de", "ante", "em vista de", "perante", "em frente de".

Inauguraram uma padaria *em frente de* nossa casa.

14. Acerca de/a cerca de/há cerca de

- **acerca de** = sobre

  Não disse nada *acerca do* plano econômico que elaborou.

- **a cerca de** = aproximadamente

  Minha casa fica *a cerca de* cem metros da praia.

- **há cerca de** = faz aproximadamente

  ***Há cerca de* dez anos que eles estudam esse assunto.**

15. Há/a

Não troque "a" por "há" e vice-versa.

Use "a" para exprimir distância ou tempo futuro.

Daqui *a* cinco anos estarei formado.

Minha escola fica *a* duzentos metros de casa.

Use "há" para tempo passado. Para saber se seu emprego está correto, substitua o verbo *haver* por *fazer*:

***Há* (faz) oito anos que não o vejo.**

Veja a diferença entre **a tempo** e **há tempo**.

Chegou *a tempo* de fazer as malas.

Ele está na Austrália *há* (faz) *tempo*.

16. Haja vista

Prefira sempre essa forma.

Haja vista **os casos de dengue dos últimos meses...**

Haja vista **o seu súbito interesse pelo caso...**

O LEITOR

Para finalizar: escreva sempre seu texto pensando no leitor a que se destina. A linguagem deve ser adequada ao fim a que você se propõe. Pensar no destinatário é um dos pré-requisitos para se alcançar uma boa comunicação. Uma redação escolar tem como alvo o professor ou a banca examinadora do vestibular, logo deve ser escrita em linguagem culta, sem gírias, sem lugares-comuns, sem coloquialismos, de preferência na 3ª pessoa, ou 1ª do plural. Mas hoje é bastante comum encontrar textos argumentativos na 1ª pessoa do singular. Porém é preciso ter cuidado para não dizer a cada passo "eu acho", "eu penso", "do meu ponto de vista". As intervenções devem ser discretas.

Já um texto escrito para um jornal destinado a jovens pode apresentar uma linguagem mais descontraída. A adaptação do texto ao destinatário é um dos pré-requisitos para se alcançar a boa comunicação. Mãos à obra e... sucesso!

EXERCÍCIOS

1. Complete as frases com uma das palavras entre parênteses:

A ... os países de pior distribuição de renda está o Brasil. (entre/dentre)

B ... o tempo passava, ele ia ficando mais otimista. (à medida que/na medida em que)

C O uso de novas tecnologias em educação ... sempre seus prós e contras. (tem/possui)

D Ele saiu ... horas. (há/a)

E ... tanta denúncia, ele preferiu se calar. (diante de/face a)

F Corra que você chegará ... tempo. (há/a)

G ... de ficar folheando revistas, vá estudar. (em vez de/ao invés de)

H Você não se saiu ... durante o debate. (mal/au)

I É uma pessoa lenta, ... preguiçosa. (senão/se não)

J Fale alto ... ninguém vai ouvir nada. (senão/se não)

2. Empregue **todo** ou **todo o** (e suas variantes):

A ... eleitorado compareceu às urnas.

B ... povo elege seus governantes pensando no futuro.

C ... que estavam no local tiveram de prestar depoimento.

D O pobre homem sai ... dia bem cedo na esperança de conseguir um emprego.

E Não conheço ... Nordeste, apenas Pernambuco e Sergipe.

F O professor ficou satisfeito com ... turma.

G Isto acontece em ... país preocupado com a infância.

H ... vestibular deveria ter redação.

I Ficou ... manhã de ontem esperando o correio.

J Ele empregou ... energia que tinha para conseguir o emprego.

3. Complete com **porque**, **porquê**, **por que** ou **por quê**:

A Não sei ... você tem tanto medo de avião.

B Ele está assim ... o pai viajou.

C Não fez o trabalho ... passou a noite inteira jogando.

D A causa ... lutamos é muito elevada.

E Todo crime tem seu ... .

F Isso dói e não sei ... .

G Eis ... não fui à sua festa.

H Isto acontece ... somos muito acomodados.

I Não me interessa o ... de sua ausência.

J Não vou dizer as razões ... deixamos de viajar com eles.

4. Empregue **acerca de**, **a cerca de** ou **há cerca de**:

A A torcida ficou ... cem metros dos jogadores.

B Quando nos encontramos, nada falamos ... da separação.

C Eles partiram ... meia hora.

D Aquele menino estudou tudo ... dinossauros.

E Falou abertamente sobre sua vida ... duzentas pessoas.

F Você nunca fala ... sua infância.

G Quando o encontrei, estávamos ... duzentos metros da fronteira.

H Os donativos foram distribuídos ... quinhentas pessoas.

I Não se falavam ... de cinco anos.

J Nada foi dito ... de sua inesperada saída.

5. Reescreva as frases abaixo substituindo os lugares-comuns por uma linguagem mais elevada:

A O mal de certos políticos é querer agradar a gregos e troianos.

B O brasileiro aprendeu a viver numa verdadeira corda bamba.

C É muito difícil jogar sob sol tão escaldante.

D Ela achava que aquele emprego seria a tábua de salvação de sua vida.

E Durante o depoimento houve um momento onde o réu deu com os burros n'água.

F A vida do funcionário público está em petição de miséria.

G Temos às vezes a impressão de que estamos numa nau sem rumo.

H O deputado demonstrou todo o seu poder de fogo.

I Durante a reunião o diretor e a professora trocaram farpas o tempo todo.

J Depois de todo o trabalho feito, voltamos à estaca zero.

6. Substitua os termos em negrito por outros mais apropriados à boa linguagem.

A A educação é uma **coisa** com que todo governo devia se preocupar.

B Os projetos para retirar as crianças da rua não passam de **conversa fiada**.

C A Justiça não devia ser tão **frouxa** com quem rouba o dinheiro público.

D Se o governo **não jogar duro** contra o crime organizado, a violência será cada vez maior nas grandes cidades.

E A tecnologia está cada vez mais **agindo** sobre a vida do homem.

F Gasta-se muito com computadores para as escolas, mas **não é por aí** que se vai melhorar a educação.

G Vários serviços que tinham grande importância no passado hoje **entraram em desuso**.

H Por causa dos baixos salários, os professores **estão ficando gradativamente mais escassos**.

I Fica difícil acreditar no futuro de um país **que tem tanto ladrão** ocupando cargos importantes.

J A escola pública **ensaia os primeiros passos** para melhorar sua qualidade.

Capítulo 10

PRODUZINDO TEXTOS

Chegou o momento de você aplicar tudo o que estudou até agora. Produzir um texto exige, em primeiro lugar, conhecimento do assunto e, em segundo, o domínio de recursos técnicos. Esses recursos, sozinhos, não resolvem o problema da escrita, apenas lhe fornecem o instrumental necessário para uma melhor estruturação das idéias. Ler muito será sempre a melhor solução.

Para pôr em prática os conhecimentos adquiridos ao longo dessas nove lições, escolhemos doze temas. Desenvolva-os em cerca de cinco parágrafos. Isto não significa um limite, mas o que consideramos como extensão mínima para se fazer uma boa argumentação.

A cada tema correspondem dois textos da seção **Temas e textos** (início na página 122). Leia-os procurando informações necessárias para sustentar seu ponto de vista. Você poderá utilizar dados neles presentes e mesmo fazer citações que julgue importantes, desde que indique a fonte. Para escrever, necessitamos de informações. Reforçamos assim nossa diretriz: leia tudo o que for possível.

Antes de começar a desenvolver o tema, faça sempre o seguinte:

a) formule um pressuposto e veja se ele permite uma boa argumentação. Faça a pergunta *por quê?* ou *como?*;

b) liste seus argumentos;

c) retire dos textos lidos informações, dados, exemplos, que possam ilustrar seu trabalho.

Quando terminar de escrever o texto, dê-lhe um título. Faça depois uma revisão rigorosa.

No plano das idéias, veja se:

a) logo no primeiro parágrafo ficou claro o que você quis discutir;

b) seus argumentos respondem ao pressuposto inicial;

c) seus argumentos vão numa mesma direção;

d) o último parágrafo tem estreita relação com o primeiro, fechando assim o texto.

No plano da forma, observe se:

a) há coesão entre as frases e entre os parágrafos;

b) as frases estão bem ajustadas do ponto de vista da ênfase e dos paralelismos;

c) as frases têm boa extensão (um ponto a cada duas ou três linhas);

d) não há lugares-comuns, assonâncias, palavras repetidas gratuitamente.

TEMAS PARA REDAÇÃO

Cada tema está relacionado com os textos da seção **Temas e textos**, que começa na página seguinte. Leia-os antes de escrever sua redação.

Tema 1 – Rua e escola: caminhos de vida. (UCSal-BA)

Tema 2 – Um sinal fechado, uma esmola, uma criança explorada. (UFPE)

Tema 3 – Censura rima ou não com os meios de comunicação?

Tema 4 – País sem educação, país à deriva.

Tema 5 – Preservar a cultura é preservar a identidade de um país.

Tema 6 – O Brasil e a globalização: um ganhador ou um perdedor?

Tema 7 – O trabalho do menor no Brasil deve ser tolerado?

Tema 8 – Sociedade violenta, sociedade doente.

Tema 9 – No Brasil, a discriminação não investe contra grupos raciais, mas contra segmentos sociais economicamente fracos.

Tema 10 – Não há sociedade forte sem princípios éticos sólidos.

Tema 11 – Os níveis de violência das grandes cidades brasileiras justificam a instituição da pena de morte?

Tema 12 – Brasileiro: cidadão de terceira classe.

Temas e textos

Ao ler cada texto, procure estabelecer:

1. o pressuposto do qual parte o autor;
2. os argumentos que sustentam o texto;
3. a conclusão a que o autor chega.

TEMA 1. O MENOR ABANDONADO

A. A infância escamoteada

B. A construção do futuro

Texto A

A infância escamoteada

A impressão de que alguns problemas, como o dos menores de rua, são crônicos no Brasil tem sido normalmente alimentada pela ineficácia das políticas públicas. Mas certas características da mentalidade popular contribuem para que se fortifique essa impressão de que o problema do menor é renitente.

Motoristas irritados acreditam que, ignorando a criança pedinte, estarão conscientizando-a de que deve trabalhar e ganhar dinheiro. Outros, porém, decidindo-se pela doação, encontram ali uma oportunidade para mitigar as dores de consciência que, em maior ou menor grau, atingem a todos.

Em ambos os casos, a consciência individual pretende dar o assunto por encerrado: no primeiro, o motorista foi didático em sua irredutibilidade e não tem mais nada a fazer; no segundo, o transeunte acredita ter se reconciliado com a miséria humana e contribuído para minorá-la um pouco.

Entre esses dois extremos, o da inflexibilidade de uns, travestida de "lição de vida", e o da suscetibilidade dos mais solidários, o problema da marginalidade infantil requer mais a formação de uma consciência social a respeito de sua magnitude do que o mero aplacamento das consciências individuais.

Folha de S.Paulo, 7 ago. 1995.

Texto B

A construção do futuro

Em um debate, em Brasília, foi perguntado aos líderes de meninos de rua se eles acreditavam que um dia o Brasil não teria mais uma única criança abandonada, e como isto poderia ser conseguido. Na hora, alguém respondeu: "Basta dar emprego a nossos pais".

Uma solução tão simples e perfeita que provocou o silêncio e a pergunta de todos: por que isso não seria feito?

Primeiro, porque a propriedade da terra teria de ser subordinada aos interesses da maioria de trabalhadores rurais, que ficaria no campo, que alimentaria suas famílias, que evitaria abandonar seus filhos nas ruas das cidades. Isso não foi feito. Os proprietários de terra, os governos do país preferiram que a terra servisse para a especulação, para a produção voltada à exportação. Criaram um sistema de incentivos, subsídios, manipulações, mortes, e, ao longo de décadas, expulsaram os milhões de pais das crianças abandonadas nas cidades.

Segundo, porque as opções de investimentos deveriam produzir os bens que atenderiam às necessidades da maioria, subordinando as técnicas e o aumento da produtividade ao emprego dos trabalhadores. Mas os empresários e os governos preferiram outro caminho. Em vez dos produtos de que a maioria necessitava, substituíram as importações por produtos que ricos importavam; substituíram a mão-de-obra por máquinas desenhadas para países com outras características.

Terceiro, porque em vez de investimentos na área social, que abolissem as doenças endêmicas, que educassem todos os habitantes, os governos optaram pela implantação da infra-estrutura econômica, das rodovias que viabilizam a indústria de automóveis, das hidrelétricas que viabilizam indústrias de alumínio.

As crianças não foram abandonadas, o abandono foi construído.

A reversão dessa situação não ocorrerá através de investimentos, mas de uma nova ética, e da redefinição dos propósitos nacionais. Não se trata de investir para que as indústrias que demitiram agora criem emprego. Se na década de 70 o Brasil cresceu e o abandono de crianças aumentou, o fim da tragédia não será a conseqüência direta da economia. Mas de um novo tipo de crescimento, onde a economia seja subordinada a objetivos sociais, entre os quais, o fim da tragédia social, do abandono de crianças, da miséria.

Só a subordinação da economia a uma ética social dará racionalidade à prioridade aos investimentos sociais sobre os industriais, à produção voltada para o consumo das massas nacionais sobre a exportação para mercados internacionais.

O Brasil tem 31 milhões de crianças, destas, apenas três milhões terminarão o curso secundário. É uma forma de abandono disfarçado, mesmo daquelas que não dormem na rua. Um programa educacional para todas estas crianças não se fará pela lógica do crescimento econômico, mas sim usando um crescimento econômico que seja subordinado e compatível com a educação.

Cristovam Buarque, *Humanidades,* n. 1, 1992. pp. 10-12.

TEMA 2. ESMOLA

A. A favor da esmola

B. Contra a esmola

Texto A

A favor da esmola

Nunca consigo deixar de dar esmola. Quando vejo uma pessoa na miséria absoluta, meto a mão no bolso e dou uma ajuda. Naquele momento em que recebe uma esmola, a pessoa excluída de um processo social injusto pode comer alguma coisa. Em tese, pode ser correta esta idéia de que "dar esmola não é bom nem para quem dá nem para quem **recebe**". Mas, na prática, a realidade é outra. Quem pede esmola está ou deve estar com fome. Vivo esta contradição, e acho que é a mesma que, no fundo, todo mundo vive. O ideal seria um mundo sem esmola, em que todos tivessem emprego, ganhassem seu salário, tivessem a sua dignidade, sua cidadania resguardada. Mas, infelizmente, nós vivemos em um país onde 20% da população vive na indigência.

Com tanta miséria, o que eu vou fazer no momento em que um menino, com fome, descalço, visivelmente fraco, me pede uma esmola? Vou dizer para ele: não, vá trabalhar! Não posso dizer isso. Estas campanhas como "não dê esmolas" só terão validade se antes for criada uma alternativa verdadeira. Se não, tornam-se perversas. Na situação atual, negar uma esmola a um excluído é um ato de insensibilidade. Não é difícil acabar com a miséria no Brasil. Mas não basta apenas o discurso. A comparação entre o que se faz na área social com o que se faz para salvar bancos é válida, porque para algumas coisas no Brasil somos rápidos e eficientes, mas, para outras, somos lentos e ineficientes, como no trato da questão **social.**

A miséria é uma vergonha para todos nós e, às vezes, chegamos a nos sentir cúmplices. Em alguma medida podemos ter responsabilidade, uns muito mais do que a maioria. A esmola não é alienante, a não ser quando é a única ação contra a miséria. Eu não posso, ao ver uma pessoa cair na rua, dizer, comodamente: um médico é que deve atender você. Acho que contemplar ou passar por cima é a pior coisa que uma pessoa pode fazer.

Herbert de Souza, *Istoé,* 19 jun. 1996.

Texto B

Contra a esmola

Esmola é o que se dá por caridade a alguém que necessita. Deve ser evitada e utilizada em último caso, quando todas as outras alternativas falharam. A todo ser humano, qualquer que seja a situação em que esteja vivendo, é preciso garantir dignidade. Desde o direito à privacidade, ao livre arbítrio, à educação, até o direito ao trabalho através do qual se entende que a própria pessoa possa administrar sua vida e obter o que necessita para viver.

Quando uma família se desestrutura, quando enfrenta alguma tragédia, doença prolongada de seu chefe, ou alguma impossibilidade para o trabalho, deve-se entender que esta situação não é definitiva e tem que ser encarada como passageira. Neste momento, quando se recorre à esmola, leva-se junto com ela também a humilhação, o rebaixamento à condição de favor. Ou seja, junto com o ato da caridade está implícito o ato de vontade: dou porque quero, não tenho obrigação. Com a esmola o direito acaba e o necessitado perde a condição de ser humano sujeito de direitos e passa à condição de objeto que vai receber alguma coisa dependendo da vontade de quem dá ou de quem a administra.

Por não se tratar de direitos, a administração da esmola também não tem critérios objetivos, ou seja, dá-se sempre a quem vê, a quem está mais perto e nem sempre a quem mais necessita. Uma sociedade que conta com políticas públicas para crianças, idosos, doentes e desempregados não precisa lançar mão de esmolas. A manutenção de políticas sociais estáveis, além de garantir direitos, tem também de garantir a universalidade do atendimento, ou seja, o serviço ou o benefício tem que atingir a todos que dele necessitam. A esmola só serve para deixar em paz a consciência de quem a dá. Ainda assim, a paz é falsa.

Alda Marco Antônio, *Istoé,* 19 jun. 1996.

TEMA 3. TV, INFORMAÇÃO, COMUNICAÇÃO

A. A responsabilidade contra o grotesco

B. O avião que caiu centenas de vezes

Texto A

A responsabilidade contra o grotesco

Num país como o Brasil, onde a pobreza faz com que a televisão seja a principal fonte de informação e entretenimento, ela desempenha um papel fundamental na vida de milhões e milhões de pessoas. A televisão não é um espelho neutro, objetivo, do que se passa na sociedade. Ela também contribui para divulgar modelos de comportamento, orientar atitudes e divulgar padrões de moralidade. Novelas, noticiários, filmes, programas humorísticos entram nas casas e seus personagens, conflitos e problemas passam a fazer parte da vida das pessoas. É um poder formidável que, exercido com sabedoria, além de divertir e entreter, serviria para melhorar o país.

O passado já ensinou que a censura não é, nem de longe, a maneira adequada de se ter uma programação melhor. A censura serviu tão-somente para desinformar a população, acobertar crimes e manter no poder políticos que chegaram a ele sem ter sido eleitos. A boa televisão só pode existir com liberdade. No último mês, diversas vozes protestaram contra excessos cometidos pelas emissoras de televisão. Não é preciso ser nenhum extremista puritano para perceber que, muitas vezes, cenas de violência gratuita, de erotismo e grotesca vulgaridade são mostradas em profusão, bem cedo na noite. A alternativa do telespectador pode ser a de mudar de canal, mas quando a concorrência entre as emissoras se acirra, o nível mais baixo costuma se tornar a norma. Se a censura não é o caminho, o que fazer diante da apelação?

O cidadão comum pode protestar junto ao poder público e às emissoras. Pode também desligar a televisão. Mas a responsabilidade de mudar os programas, extirpando os exageros, deve caber somente aos profissionais de televisão, aos diretores das redes e emissoras. Na semana passada, alguns profissionais deram passos no sentido de suprimir os abusos. Espera-se que continuem a caminhar, e sejam acompanhados por todos os seus colegas. A liberdade implica responsabilidade. Não pode existir sem ela. E o país só tem a ganhar com uma televisão livre, na qual seus profissionais se empenham em conquistar o público com talento e inteligência, e não com a exploração irresponsável do baixo nível.

Veja, 10 fev. 1993.

Texto B

O avião que caiu centenas de vezes

No mundo real, de aço, tijolo e gente, o avião da TAM caiu uma vez só. Foi em São Paulo, bem perto do Aeroporto de Congonhas. Mas na televisão, pelas telas do Brasil inteiro, o mesmo avião se destroçou centenas de vezes. Reconstituições animadas, chamas em câmara lenta, tudo se fez para prolongar o horror. Por que é que tem de ser assim?

Existe a resposta cínica: É notícia, um desastre com tais proporções merece todo o destaque nos meios de comunicação. Sem cinismo, a resposta não seria tão fácil. Que é notícia ninguém há de negar. Que os cidadãos devem ser informados sobre cada detalhe, também não se contesta. Mas o festival ininterrupto que perpetua o desastre na televisão não tem nada a ver com informação ou notícia. É show. Soa mórbido, mas é isso mesmo: como o desfile das escolas de samba ou as Olimpíadas, as catástrofes se convertem em show de TV, com a diferença de que o Carnaval e as Olimpíadas são shows um pouco menos apelativos.

A TV tem na informação jornalística um produto secundário. Seu negócio fundamental é o entretenimento. Daí a vocação para o espetáculo, o apelo à emoção. Mesmo os documentários não podem fugir à obrigação de emocionar. É o critério da emoção que faz com que imagens que já não informam nada de novo sejam repetidas sem parar. O gol de placa tem *replays* ao longo da semana. A trombada que matou Ayrton Senna também. O objetivo é fazer durar a emoção. Por isso, na televisão, as tragédias não acontecem simplesmente: elas ficam acontecendo, num gerúndio interminável que não é o tempo dos fatos, mas o tempo das sensações. Diante das chamas, dos corpos no chão, o telespectador se deixa aprisionar, ou melhor, se deixa entreter, atraído por aquilo tudo.

Entrevistada num dos programas sobre o acidente, uma testemunha contou que estava no quarto quando vislumbrou as chamas pela janela. Num impulso repentino, como numa recusa, fechou a janela. Mas, logo em seguida, abriu novamente. Precisava confirmar o que tinha acabado de ver. Olhou e ficou horrorizada. Talvez o telespectador alegue algo parecido: não desprega o olho do vídeo porque precisa ver para crer. Mas a televisão, ao contrário das janelas de verdade, não o aproxima de nada — ela protege de tudo. Quem viu pessoalmente as cenas do desastre se feriu na alma. Muita gente não conseguia dormir depois. Quem vê pela televisão as mesmas imagens se sente imune. Bebe um uísque, relaxa na poltrona. Sente um prazer estranho. Pede bis e é atendido.

Eugênio Bucci, *Veja*, 13 nov. 1996.

TEMA 4. EDUCAÇÃO

A. O cientista é uma pessoa que pensa melhor do que as outras?

B. Tecnologia, qualidade e educação

Texto A

O cientista é uma pessoa que pensa melhor do que as outras?

Antes de mais nada é necessário acabar com o mito de que o cientista é uma pessoa que pensa melhor do que as outras. O fato de uma pessoa ser muito boa para jogar xadrez não significa que ela seja mais inteligente do que os não-jogadores. Você pode ser um especialista em resolver quebra-cabeças. Isto não o torna mais capacitado na arte de pensar. Tocar piano (como tocar qualquer instrumento) é extremamente complicado. O pianista tem de dominar uma série de técnicas distintas — oitavas, sextas, terças, trinados, legatos, stacattos — e coordená-las, para que a execução ocorra de forma integrada e equilibrada. Imagine um pianista que resolva especializar-se (...) na técnica dos trinados apenas. O que vai acontecer é que ele será capaz de fazer trinados como ninguém — só que ele não será capaz de executar nenhuma música. Cientistas são como pianistas que resolveram especializar-se numa técnica só. Imagine as várias divisões da ciência — física, química, biologia, psicologia, sociologia — como técnicas especializadas. No início pensava-se que tais especializações produziriam, miraculosamente, uma sinfonia. Isto não ocorreu. O que ocorre, freqüentemente, é que cada músico é surdo para o que os outros estão tocando. Físicos não entendem os sociológos, que não sabem traduzir as afirmações dos biólogos, que por sua vez não compreendem a linguagem da economia, e assim por diante.

A especialização pode transformar-se numa perigosa fraqueza. Um animal que só desenvolvesse e especializasse os olhos se tornaria um gênio no mundo das cores e das formas, mas se tornaria incapaz de perceber o mundo dos sons e dos odores. E isto pode ser fatal para a sobrevivência.

O que eu desejo é que você entenda o seguinte: a ciência é uma especialização, um refinamento de potenciais comuns a todos. Quem usa um telescópio ou um microscópio vê coisas que não poderiam ser vistas a olho nu. Mas eles nada mais são que extensões do olho. Não são órgãos novos. São melhoramentos na capacidade de ver, comum a quase todas as pessoas. Um instrumento que fosse a melhoria de um sentido que não temos seria totalmente inútil, da mesma forma como telescópios e microscópios são inúteis para cegos, e pianos e violinos são inúteis para surdos.

A ciência não é um órgão novo de conhecimento. A ciência não é a hipertrofia

de capacidades que todos têm. Isto pode ser bom, mas pode ser muito perigoso. Quanto maior a visão em profundidade, menor a visão em extensão. A tendência da especialização é conhecer cada vez mais de cada vez menos.

ALVES, Rubem. Apud CORDI, Cassiano et alii. *Para filosofar*. São Paulo, Scipione, 1995. pp. 188-9.

Texto B

Tecnologia, qualidade e educação

Já não existem dúvidas de que o Brasil terá, neste final de século, de fazer um esforço redobrado se quiser superar o atraso histórico que nos distancia do mundo desenvolvido e parece nos aproximar de uma espécie de Quarto Mundo — a ser integrado pelas nações que não conseguirem resolver suas dificuldades para dar à população um mínimo de condições de sobrevivência. Nesse esforço, os conceitos de "qualidade" e "produtividade" são elementos decisivos. Não podem mais ser encarados como meramente técnicos, pois, permeando todo o desenvolvimento científico e tecnológico, eles se referem, antes de tudo, a um problema cultural e político.

O dilema industrial de até poucos anos atrás, por exemplo, entre optar por tecnologias de alto investimento em capital ou de alto investimento em trabalho já está superado. As tecnologias contemporâneas têm o seu investimento maior no alto grau de informação agregada ao produto. São tecnologias que privilegiam o conhecimento. Trata-se, mesmo, de um processo global: hoje, é necessário que o operário seja capaz de compreender o que faz e, assim, possa contribuir para o aperfeiçoamento do processo e do produto.

Esta ênfase, por sinal, não existe apenas na produção. Do outro lado da linha, o lado do consumidor — coletivamente caracterizado como "mercado", mas que preferimos identificar como cidadão —, também há um novo tipo de exigência. A produção, cada dia mais sofisticada, exige um indivíduo mais educado, mais preparado para o consumo da inovação, quer do ponto de vista de sua assimilação, quer do ponto de vista econômico. Fecha-se, assim, o círculo, que abriga em seu interior todos esses conceitos de qualidade, produtividade, ciência, tecnologia e modernidade.

O único fio capaz de costurar esse círculo é o da educação. Tanto o operário qualificado para a nova tarefa industrial quanto o especialista de nível superior capaz de inovar e desenvolver tecnologia, quanto o cidadão/consumidor habilitado intelectual e economicamente ao consumo só surgirão no Brasil (ou em qualquer outro país nas mesmas condições) após um longo período de maciços e permanentes investimentos em educação.

Primeiramente, na educação básica, pois só ela será capaz de tornar cidadãos — consumidores, por extensão — a maioria da população analfabeta ou semi-alfabetizada, situação que ainda persiste entre nós. Concomitantemente, é indispensável o aporte de recursos em volume suficiente e de forma regular e contínua para a pesquisa, única forma de desenvolver tecnologia. Como no Brasil tem sido a universidade pública a instituição responsável pelo desenvolvimento da quase totalidade da pesquisa, nada mais natural que esse investimento se dirija para ela, que já dispõe de estrutura razoável para responder a desafios dessa ordem.

Situação que não pode persistir, se queremos realmente atingir a modernidade com "qualidade" e "produtividade", é continuarmos a conviver com sistemas públicos de ensino, nos seus vários níveis, permanentemente em crise, por erros de políticas oficiais. Qualidade depende de ciência e tecnologia, que depende de educação, que por sua vez depende de vontade política. Ou, para ficar com o comentário do especialista em tecnologia e consultor da União dos Cientistas e Engenheiros japoneses Kaoru Ishikawa, "a qualidade começa com a educação e termina com a educação".

Vanessa Guimarães Pinto, *Superinteressante*, dez. 1991. p. 8.

TEMA 5. CULTURA

A. Dia da Cultura

B. Diferenças de cultura

Texto A

Dia da Cultura

No dia 5 de novembro comemoramos o Dia da Cultura. E apesar da data, ainda é muito comum que se faça uma certa confusão acerca do que é cultura. Isso acontece porque nos acostumamos a considerar como cultura o conjunto de costumes e valores de nossa sociedade, e nos esquecemos de que outros povos têm hábitos e crenças diferentes dos nossos.

Certamente você já ouviu a expressão "fulano é muito culto, ele tem muita cultura", para designar uma pessoa bem informada, que lê muitos livros, fala mais de uma língua, conhece teatro, cinema etc. Não que a expressão seja incorreta, mas devemos considerar que ela se refere a elementos da nossa cultura.

Vejamos por exemplo um índio que vive tranqüilamente em sua aldeia. Ele não

fala outra língua, não conhece a nossa literatura, não vai ao teatro ou ao cinema. Mas nem por isso ele tem mais ou menos cultura do que nós, porque os valores e costumes da sua cultura são diferentes.

Coloque-se então no lugar de um índio. Você não acharia estranho o fato de não sabermos usar uma zarabatana, pescar de arpão ou caçar de arco e flecha?

Fazem parte da cultura de um povo a forma como cultiva a terra, seus hábitos alimentares, os tipos de habitações que constrói, as roupas que veste, suas formas de arte — música, dança, teatro, pintura, escultura, literatura etc. —, sua língua, sua religião, suas técnicas, suas regras de convívio social e muitas outras coisas.

Cada povo, de acordo com sua origem, história, localização geográfica, enfim, de acordo com as suas necessidades, desenvolve o seu conjunto de costumes e valores. Portanto, existem várias culturas em todo o mundo, sem que se possa dizer que uma é melhor ou pior que a outra. É certo, por exemplo, que todos os homens precisam comer, dormir e morar. Mas o quê e como comer, onde dormir e como morar, são costumes que variam muito.

Nós nos arrepiamos quando ouvimos falar que os árabes comem olhos de carneiro, que os africanos comem larvas, que os filipinos comem cachorros ou que os chineses comem cérebros de macacos. Mas se oferecermos a um indiano um prato de bife com fritas, ele ficaria horrorizado porque na Índia a vaca é considerada animal sagrado.

Desde cedo aprendemos a cultura de nosso povo, ou seja, pensamos, agimos e sentimos como nosso povo. E isso é sempre tão bem feito que passamos a achar "natural" o que é cultural. Comer com garfo, dormir em cama, morar em casas nos parecem coisas óbvias, mas não são, pois nem todos os povos fazem isso. Os chineses comem com pauzinhos, os índios dormem em redes, os ciganos moram em tendas.

Mas nós só percebemos o quanto a cultura que aprendemos determina o nosso modo de pensar e agir quando conhecemos outras culturas. Por isso o contato entre sociedades diferentes deve ser estimulado, já que a troca de traços culturais enriquece e aproxima os povos, evitando o preconceito. Por outro lado, deve-se ter muito cuidado nesses intercâmbios, para impedir que uma cultura venha a destruir, por imposição, a outra.

Andréa Sampaio, *O Globo*, 27 out. 1991.

Texto B

Diferenças de cultura

Quando a criança chega à escola, ela já traz consigo experiências, atitudes, valores, hábitos de linguagem, que constituem e refletem a cultura de sua família e de

seu meio social. O desenvolvimento de sua inteligência, de sua personalidade, de sua afetividade, foi construído pela assimilação destas atitudes e destes valores.

Ora, a "cultura" da escola é a cultura do meio ambiente onde vivem as classes privilegiadas. As crianças dessas classes mais favorecidas estão habituadas desde a mais tenra infância à linguagem que a escola exige. Os textos escritos, livros e jornais, fazem parte de seu universo familiar e são percebidos como fonte de prazer e de informação.

Essas crianças sentem-se, assim, naturalmente à vontade na escola: mesma linguagem, mesma presença do livro, mesma cultura. Elas terão menos que outros o sentimento de que a escola é um mundo desligado arbitrariamente da realidade. Por isso, também, suportarão melhor as obrigações escolares, entrarão mais facilmente no jogo da expressão verbal e do raciocínio abstrato.

Ao inverso, as crianças dos meios populares sentem grande estranheza diante da linguagem, normas e valores da escola, que são totalmente diferentes daqueles a que estão habituadas. Elas se sentirão ainda mais inferiorizadas pelo fato de não poderem trazer para a escola sua maneira de falar e sua experiência na família e no bairro menos favorecido. Elas se sentirão perdidas diante da falta de sentido e utilidade imediata dos exercícios escolares, confusas pelo lado artificial das situações vividas na sala de aula.

Este mal-estar experimentado pelas crianças dos meios menos favorecidos pode desembocar numa atitude de recusa da escola, que se traduz em erros constantes, num mutismo dentro da sala de aula, em suma, na instalação progressiva do aluno numa situação de fracasso.

HARPER, Babette et alii. *Cuidado, escola!* São Paulo, Brasiliense, s/d. p. 75.

TEMA 6. GLOBALIZAÇÃO

A. A nova (des)ordem

B. Por uma globalização mais humana

Texto A

A nova (des)ordem

Em tempos de globalização de mercados, os países desenvolvidos passam por um processo perverso: o crescimento de uma riqueza é acompanhado por uma diminuição no nível de emprego. Atribui-se o encolhimento do mercado de trabalho à escalada dos padrões de qualidade e produtividade das empresas.

A revolução tecnológica é um processo sem volta. A cada inovação, levas de trabalhadores vão sendo privadas do relacionamento diário com o relógio de ponto.

Estudo feito por Carlos Alberto dos Santos Vieira e Edgar Luiz Gutierrez Alves, do Ipea, registra algo de que já se suspeitava: a modernização do modelo produtivo, fenômeno recente entre nós, assusta também o trabalhador brasileiro.

A exemplo do que ocorre no chamado Primeiro Mundo, a maior vítima do avanço tecnológico e gerencial é a mão-de-obra menos qualificada. O novo mercado tende a desprezar o funcionário formado à moda antiga, adestrado para executar tarefas específicas.

Na economia emergente são valorizados trabalhadores de formação educacional mais densa, pessoas com maior capacidade de raciocínio. "De maneira crescente é exigido menor grau de habilidades manipulativas e maior grau de abstração no desempenho do trabalho produtivo", diz o estudo do Ipea. "Torna-se importante o desenvolvimento da capacidade de adquirir e processar intelectualmente novas informações, de superar hábitos tradicionais, de gerenciar-se" a si próprio.

No contexto desse novo modelo, o grau de instrução do trabalhador passa a ser sua principal ferramenta. Os números disponíveis no Brasil a esse respeito são desoladores. Conforme pesquisa nacional feita pelo IBGE em 90, cerca de 33 milhões de trabalhadores brasileiros (53% do mercado de trabalho) tinham no máximo cinco anos de estudo.

A experiência mundial, ainda de acordo com o trabalho do Ipea, indica que são necessários pelo menos oito anos de estudos para que uma pessoa esteja em condições de receber treinamentos específicos.

O maior desafio do Brasil de hoje é, portanto, educar sua gente. Destruído como está, o conserto do modelo educacional do país é tarefa para duas décadas. Até lá, a horda de marginalizados vai inchar.

Josias de Souza, *Folha de S.Paulo*, 20 out. 1995.

Texto B

Por uma globalização mais humana

A globalização é o estágio supremo da internacionalização. O processo de intercâmbio entre países, que marcou o desenvolvimento do capitalismo desde o período

mercantil dos séculos XVII e XVIII, expande-se com a industrialização, ganha novas bases com a grande indústria, nos fins do século XIX e, agora, adquire mais intensidade, mais amplitude e novas feições. O mundo inteiro torna-se envolvido em todo tipo de trocas: técnicas, comerciais, financeiras, culturais.

Vivemos um novo período na história. A base dessa revolução é o progresso técnico, conseguido em razão do desenvolvimento científico e baseado na importância obtida pela tecnologia, a chamada ciência da produção.

Todo o planeta é praticamente coberto por um único sistema técnico, tornado indispensável à produção e ao intercâmbio, e fundamento do consumo, em suas novas formas.

Graças às novas técnicas, a informação pode se difundir instantaneamente em todo o planeta, e o conhecimento do que se passa em um lugar é possível em todos os pontos da Terra.

A produção e a informação globalizadas permitem a emergência de um lucro à escala mundial, buscado pelas firmas globais, constituindo o motor da atividade econômica.

Tudo isso é movido por uma concorrência superlativa entre os principais agentes econômicos — a competitividade.

Num mundo assim transformado, todos os lugares tendem a tornar-se globais e o que acontece em qualquer ponto do ecúmeno (parte habitada da Terra) tem relação com o que acontece em todos os demais.

Daí a ilusão de vivermos num mundo sem fronteiras, uma aldeia global. Na realidade, as relações chamadas globais são reservadas a um pequeno número de agentes, os grandes bancos e empresas transnacionais, alguns Estados, as grandes organizações internacionais.

Infelizmente, o estágio atual da globalização produz ainda mais desigualdades. E, ao contrário do que se esperava, crescem o desemprego, a pobreza, a fome, a insegurança do cotidiano, num mundo fragmentado e onde se ampliam as fraturas sociais. (...)

O mundo parece girar sem destino. É a globalização perversa. Ela está sendo mais perversa porque as enormes possibilidades oferecidas pelas conquistas científicas e técnicas não estão sendo adequadamente usadas.

Não cabe, todavia, perder a esperança, porque os progressos técnicos obtidos neste fim de século XX, se usados de uma outra maneira, bastam para produzir muito mais alimentos do que a população atual necessita e, aplicados à medicina, reduziriam drasticamente as doenças e a mortalidade.

Um mundo solidário produzirá muitos empregos, ampliando um intercâmbio pacífico entre os povos e eliminando a belicosidade do processo competitivo que, todos os dias, reduz a mão-de-obra. É possível pensar na realização de um mundo de bem-estar, onde os homens serão mais felizes, um outro tipo de globalização.

Milton Santos, *Folha de S.Paulo*, 5 abr. 1996.

TEMA 7. O TRABALHO INFANTIL

A. Miséria infantil

B. A fabricação do menor no trabalho

Texto A

Miséria infantil

No relatório apresentado em março de 95 na Cúpula sobre Desenvolvimento Social, em Copenhague, o governo já reconhecera que 16% das crianças brasileiras entre 5 e 14 anos de idade trabalham. A novidade do estudo da Organização Internacional do Trabalho divulgado esta semana é que, com esse espantoso índice — uma em cada seis crianças trabalha —, o Brasil só não está em pior situação do que cinco outros países.

Os casos mais graves, ignominiosos, são os de trabalho insalubre — crianças em longas jornadas em olarias, como no Piauí, ou em produções de gesso e carvão no Nordeste, intoxicando-se com tais materiais.

A atividade precoce na lavoura, ainda que nos casos de agricultura familiar pareça menos atroz, não deixa de ser uma grave chaga social. Essa situação explica em grande medida o analfabetismo e o baixo grau de instrução dessas populações. São crianças que não freqüentam normalmente a escola e que, dependendo da idade e do tipo de esforço a que estão submetidas, podem ver prejudicado também seu desenvolvimento físico.

Apesar do inegável mérito de alguns projetos específicos, está claro que somente medidas gerais e de grande fôlego, como os programas de renda mínima, são capazes de reduzir essa exploração infantil.

Afinal, enquanto persistir uma realidade econômica impelindo as famílias pobres a submeter suas crianças ao trabalho, dificilmente o poder público eliminará tais práticas só com a repressão. A renda mínima vinculada à assiduidade escolar é um projeto extremamente promissor, pois força a escolarização e ajuda a combater a miséria. Em Brasília, o programa praticamente eliminou o abandono escolar, que caiu a 0,2% (contra índices da ordem de 6% até 94).

O combate ao trabalho infantil pode ser feito. Trata-se de conferir-lhe a devida prioridade.

Folha de S.Paulo, 17 nov. 1996.

Texto B

A fabricação do menor no trabalho

As famílias pobres e exploradas buscam sobreviver, na desigualdade, através do trabalho. O trabalho da criança e dos adolescentes constitui um dos recursos que as famílias pobres utilizam para aumentar sua renda, e como mecanismo social para enfrentar emergências e situações de agravamento da subsistência. Isto acontece, por exemplo, em casos de invalidez, acidente, separação, desemprego e doença. Estas situações devem ser entendidas não como resultantes de dramas ou histórias isoladas e individuais das famílias pobres, mas como parte da história social da exploração.

Nas regiões predominantemente rurais o trabalho de menores é um fator de expansão da produção. No caso de fronteiras agrícolas há condições do menor prover, quando adulto, a própria subsistência pela ocupação de novas terras.

A modernização da agricultura, pela introdução de novas tecnologias e do assalariamento no campo, vem expulsando grandes contingentes de trabalhadores para as cidades, mudando a situação econômica, política e social da forma de inserção da família no sistema de produção.

Na zona urbana há uma determinação de condições de produção próprias ao desenvolvimento urbano-industrial e a uma economia direcionada para bens de consumo duráveis, que recruta um número relativamente reduzido de trabalhadores pela alta tecnologia utilizada, combinada à expansão de serviços e de pequenas oficinas que sobrevivem na periferia das grandes empresas.

Esta situação faz com que a família pobre se desarticule, levando, muitas vezes, o pai a ser uma espécie de pioneiro na busca de trabalho, obrigando-o a longos períodos de separação do resto da família. Por determinações do trabalho ocorre também um grande número de separações na família proletária, levando a mulher a ser chefe de família. As mulheres ocupam 35,6% da população em atividade econômica. (...)

Verifica-se, pois, que a desagregação da família proletária é provocada por condições de vida, de trabalho e de renda, bem como pela migração rural.

Nessas condições não basta à sobrevivência da família proletária o trabalho dos pais, o que obriga os filhos a ingressarem muito cedo no mercado de trabalho.

Vicente Ferreira, *Humanidades*, n. 12, fev./abr. 1987. pp. 7-8.

TEMA 8. VIOLÊNCIA

A. Vice-campeão dos campeões

B. O inimigo na sociedade

Texto A

Vice-campeão dos campeões

O relatório do Banco Mundial (Bird) que coloca a América Latina como a campeã de violência do planeta e o Brasil como vice-campeão da América Latina é preocupante. Mais violenta que o Brasil é apenas a Colômbia, país que foi literalmente assaltado pelos traficantes de drogas.

O que mais inquieta é a constatação, feita pelos especialistas durante encontro em Bogotá, de que o fenômeno da violência é como que uma epidemia que se instala na sociedade rompendo os laços de solidariedade e criando uma cultura que incentiva e procura tirar proveito da barbárie.

Embora seja causa importante, a pobreza não determina a violência. Países bem mais miseráveis da África e da Ásia apresentam taxas de homicídio por cem mil habitantes inferiores às verificadas em alguns países latino-americanos.

Os especialistas acrescentam à pobreza o crime organizado, o desemprego, a falta de educação e a impunidade como fatores causadores da epidemia da violência.

E, no quesito impunidade, o Brasil vem dando bons exemplos de como ela é arraigada. Do massacre de Carajás à explosão do *shopping* de Osasco passando por

tantos outros crimes, chacinas, casos da mais completa negligência, uma lista completa seria quase infactível.

E o despreparo — consentido ou involuntário — da polícia é um dos elementos que mais contribuem para a perpetuação da impunidade.

O açodamento policial no caso PC Farias e a trapalhada da PF na prisão dos assassinos de Chico Mendes são apenas os casos mais recentes e eloqüentes que evidenciam o despreparo de agentes da lei.

Se, com o Plano Real, o Brasil deu um passo no combate à pobreza, ainda resta muito a fazer na questão do desemprego, da educação e principalmente da impunidade. E é bom fazer rápido para não ter de conviver por mais tempo com esse triste título de vice-campeão dos campeões.

Folha de S.Paulo, 3 jul. 1996.

TEXTO B

O inimigo na sociedade

Mais do que qualquer outro fenômeno social, a banalização da violência, principalmente nas grandes cidades, enraizou-se em parte da sociedade brasileira. O maior perigo desse processo é a população deixar de indignar-se com atitudes bárbaras que ameaçam obter um lugar cativo no seu cotidiano.

Uma rápida e despropositada discussão de trânsito na zona sul da capital paulista foi o estopim para o linchamento do contador Washington Luís Poplade, 37, na noite do último sábado. Um desenhista, um músico e um comerciante confessaram o crime, afirmando terem agido em "legítima defesa", como se, para impedir qualquer suposta ação de um homem desarmado, outros três tivessem de espancá-lo até a morte.

Poplade não foi assassinado por um ladrão que tentava lhe tirar dinheiro. Tampouco foi vítima de um grupo armado de assaltantes ou traficantes de drogas. O contador foi morto pela intolerância que se instalou em parte das relações sociais, pela irritação, às vezes, transformada em violência bárbara, que muitos cidadãos demonstram em relação a outros.

Os três acusados não tinham passagem anterior pela polícia, mas atacaram a socos e pontapés um homem desarmado, acompanhado de sua mulher. Não se importaram com as testemunhas que presenciavam a cena, nem tentaram evitar que fossem reconhecidos. Voltaram às suas casas para serem presos horas depois, como se estivessem convictos de que agiram de forma adequada.

Casos como esse mostram que a violência está latente no coração da sociedade, manifestando-se em situações comuns. Contra ela, é preciso um trabalho de conscientização da própria população, cujos valores têm se mostrado impotentes para conter a agressividade humana.

O grito contra a violência que São Paulo lançou dois meses atrás não deve ser dirigido apenas contra o crime tido como "profissional". Qualquer campanha deve também questionar as relações dentro da sociedade que transformam, muitas vezes, o vizinho, o colega de trabalho ou o cidadão que ocupa o mesmo espaço no trânsito em um inimigo mortal.

Folha de S.Paulo, 15 out. 1996.

TEMA 9. A QUESTÃO RACIAL

A. Brasil: discriminação social ou racial?

B. Uma cultura mestiça?

Texto A

Brasil: discriminação social ou racial?

Na mesma semana em que morreu Ayrton Senna, morreu atropelada no Rio, mais precisamente na Avenida das Américas, na Barra da Tijuca, uma empregada doméstica chamada Rosilene. Durante uma hora os carros passaram por cima de seu corpo, a ponto de só ser reconhecida através das impressões digitais que restaram. O Brasil inteiro chorou a morte de Senna, mas poucos souberam do fim trágico de Rosilene.

Este é bem o retrato do país que habitamos. Somos cada dia mais dois Brasis. Um, dos ricos e famosos, que faz uma nação inteira chorar ou pelo menos se interessar pelo caso. Outro, o dos miseráveis, cujas vidas não interessam a ninguém.

Dividido socialmente em dois, o país também tem suas emoções divididas. Dificilmente alguém se comove com as muitas tragédias diárias que acontecem com os pobres. São apenas mais um número nas estatísticas de mortos e feridos na guerra social que o próprio Brasil deflagrou através de seus vários governos irresponsáveis.

O "apartheid" social é uma verdade de que não podemos fugir. É muito mais ostensivo que a discriminação racial. Desde que o indivíduo tenha alcançado uma posição social e fama, pouco nos importa a raça. Nele a nação se reconhece, enquanto o outro, o que ficou à margem, sempre é tido como um estorvo de que temos de escapar.

O ponto a que chegamos mostra que o país não pode mais continuar convivendo com essa cisão. Vivemos um momento em que o Brasil dos ricos sente-se ameaçado pelo dos pobres, e o pior, sem nenhuma solução à vista. Movimentos da sociedade civil já esboçam alguma reação. Mas sem a contrapartida de políticas governamentais voltadas verdadeiramente para o social, nada de concreto acontecerá. Salvo a propagação do clima de guerra que já se instaurou nas grandes cidades como Rio e São Paulo.

Antonio Carlos Viana

Texto B

Uma cultura mestiça?

"Todo brasileiro é mestiço. Se não no sangue, nas idéias." A observação é de Sílvio Romero, e foi feita há cerca de um século.

De fato, o material de que se alimenta a vida espiritual de todos os brasileiros provém de fontes étnicas muito diversas e muito misturadas. Tradições culturais européias se cruzam com raízes africanas e matrizes indígenas, antes de receberem influências asiáticas, sobretudo através da imigração japonesa.

A riqueza (a universalidade) de uma cultura nacional depende de muitos fatores. E depende, decisivamente, de sua capacidade de saber assimilar a diversidade das experiências humanas que lhe chegam, através dos mais distintos caminhos.

A vida cultural dos brasileiros, então, dispõe de possibilidades privilegiadas. O cidadão que se assume como espiritualmente mestiço pode incorporar elementos de origens diferentes à sua compreensão da realidade; nele, as qualidades da sensibilidade, da intuição, da percepção, do talento improvisador e da criatividade podem ser complementares às qualidades de racionalização, disciplina intelectual, rigor científico e competência organizativa (sem se excluírem mutuamente umas às outras). Na nossa História, contudo, essa incorporação da diversidade ficou muito prejudicada. A política cultural imposta pelos "de cima" acarretou uma verdadeira devastação nas expressões culturais dos "de baixo". O colonizador massacrou o colonizado. As razões dos brancos foram levadas aos índios e aos negros menos através da persuasão do que por meio do dinheiro e das armas de fogo.

A extraordinária riqueza das culturas indígenas, que vinham se sedimentando e amadurecendo ao longo de muitos séculos, foi dizimada. De quatro ou cinco milhões que eram, os indígenas ficaram reduzidos, hoje, a menos de 200 mil. Só nas primeiras seis décadas do nosso século se extinguiram mais de 80 povos. Segundo cálculos de alguns pesquisadores, é possível que 90% das línguas e dialetos falados pelos indígenas tenham desaparecido sem deixar traço. Levando em conta quantas experiências humanas acumuladas são necessárias para forjar um idioma, podemos ter idéia de como foi grave a perda para o nosso esforço no sentido de nos conhecermos melhor.

Na política cultural adotada em relação aos escravos trazidos da África, a repressão não foi menos violenta. Os negros só conseguiram sobreviver pagando um preço elevadíssimo em sofrimento e resistências multiformes. Houve escravos que se suicidavam, mulheres que preferiram abortar a pôr no mundo filhos cativos. Houve sabotagem no trabalho e houve revolta. De qualquer maneira, entretanto, era extremamente difícil aos representantes das numerosas nações sudanesas e bantos preservarem e transmitirem suas respectivas culturas.

A intolerância etnocêntrica dos brancos, detentores do poder e da riqueza, mutilou e empurrou para a clandestinidade as sabedorias densas e diferentes dos iorubás, dos geges, dos hauçás, dos angolas e dos cabindas. Cada uma dessas culturas tinha revelações importantes a nos fazer, mas suas vozes foram abafadas; as identidades daqueles que as encarnavam foram negadas.

Hoje, estimulados pelos avanços da antropologia, os sobreviventes das culturas oprimidas e sufocadas estão lutando pelo resgate dos valores espezinhados; estão empenhados em criar condições democráticas para que fontes proibidas voltem a jorrar com toda a força que originalmente tiveram.

Nessa hora, a velha tese de Sílvio Romero precisa ser reexaminada: a mestiçagem anímica do brasileiro, de fato, não se realizou num nível suficientemente profundo, porque os parceiros da sua realização estavam postos em condições históricas muito desiguais.

Para que o mestiçamento não seja uma máscara usada em nome de uma unidade cultural imposta, é preciso que todas as diferenças sejam legitimadas, que todas as identidades possam ser efetivamente assumidas e que todas as experiências culturais particulares sejam concretamente respeitadas.

Quando isso acontecer, então, sim, poderemos começar a aprender a ser, orgulhosamente, mestiços em nossas almas.

Leandro Konder, *O Globo*, 11 out. 1992.

TEMA 10. ÉTICA E MORAL

A. O relativismo moral

B. Os constituintes do campo ético

Texto A

O relativismo moral

A função da moral é garantir o funcionamento, a estabilidade da vida em sociedade e a possibilidade de melhorá-la. Ora, como as necessidades sociais variam no tempo e no espaço, as normas morais também sofrem mudanças. Os antigos gregos, por exemplo, sacrificavam as crianças deficientes. Para eles, tal procedimento não era imoral, uma vez que os deficientes não correspondiam ao ideal de homem grego.

As normas morais variam também entre sociedades de uma mesma época e até de um mesmo país. É o caso de alguns estados norte-americanos onde, ao contrário de outros, se admite a pena de morte.

Explica-se o relativismo das normas morais em função das diferentes e específicas situações em que são praticadas. Em outras palavras, a moral se encarna no contexto histórico-social de cada povo, tomando uma forma específica.

O relativismo moral pode acarretar um descrédito da própria moral. Exemplifiquemos com a justiça. Como as normas de justiça variam de um lugar para outro, alguns concluem que não existe justiça. Na realidade, o que varia são as formas de aplicação da justiça. A justiça em si, como um valor moral, é uma constante entre todos os povos. Além da justiça, outros valores morais são universalmente aceitos e praticados: a solidariedade, a fidelidade, a honestidade.

Portanto, a moral constitui uma característica essencial do homem em sociedade, um valor imprescindível que perpassa toda a história da humanidade.

BÓRIO, Elizabeth. In: CORDI, Cassiano et alii. *Para filosofar*. São Paulo, Scipione, 1995. p. 48.

Texto B

Os constituintes do campo ético

Para que haja conduta ética é preciso que exista o agente consciente, isto é, aquele que conhece a diferença entre bem e mal, certo e errado, permitido e proibido, virtude e vício. A consciência moral não só conhece tais diferenças, mas também reconhece-se como capaz de julgar o valor dos atos e das condutas e de agir em conformidade com os valores morais, sendo por isso responsável por suas ações e seus sentimentos e pelas conseqüências do que faz e sente. Consciência e responsabilidade são condições indispensáveis da vida ética.

A consciência moral manifesta-se, antes de tudo, na capacidade para deliberar diante de alternativas possíveis, decidindo e escolhendo uma delas antes de lançar-se na ação. Tem a capacidade para avaliar e pesar as motivações pessoais, as exigências feitas pela situação, as conseqüências para si e para os outros, a conformidade entre meios e fins (empregar meios imorais para alcançar fins morais é impossível), a obrigação de respeitar o estabelecido ou de transgredi-lo (se o estabelecido for imoral ou injusto).

A vontade é esse poder deliberativo e decisório do agente moral. Para que exerça tal poder sobre o sujeito moral, a vontade deve ser livre, isto é, não pode estar submetida à vontade de um outro nem pode estar submetida aos instintos e às paixões, mas, ao contrário, deve ter poder sobre eles e elas.

O campo ético é, assim, constituído pelos valores e pelas obrigações que formam o conteúdo das condutas morais, isto é, as virtudes. Estas são realizadas pelo sujeito moral, principal constituinte da existência ética.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo, Ática, 1994. p. 337.

TEMA 11. PENA DE MORTE

A. Pena de morte

B. Pão e circo

TEXTO A

Pena de morte

Cada aplicação da pena capital nos EUA ressalta o paradoxo entre uma sociedade tida como das mais democráticas do planeta e a preservação de um instituto marcadamente brutal e incivilizado. Com a morte de um prisioneiro anteontem na Califórnia, subiu para 167 o número de execuções nos EUA desde 1976, data da reimplantação da pena de morte.

Mais importante do que sublinhar a crueldade do método utilizado — a câmara de gás — é repisar os argumentos contrários a esse tipo de sanção. E eles são vários. Ao aplicar a pena de morte, o Estado desce à mesma condição aviltante do delinqüente responsável por um ato hediondo. Pior, correndo o sério risco de cometer uma injustiça, fruto de falhas processuais, as quais ficam sem possibilidade de reparação.

Nem sequer como medida exemplar o dispositivo pode ser justificado. São inúmeros os estudos a mostrar que a aplicação da pena de morte não diminui a criminalidade. Na medida em que toda sanção tem como um de seus objetivos coibir a reprodução de comportamentos anti-sociais, só esta constatação bastaria para desautorizar o uso de método tão bárbaro e sinistro.

O direito moderno dispõe de meios de dissuasão muito mais eficazes e contundentes para combater a delinqüência, sem precisar recorrer a procedimentos que atentem contra a inviolabilidade da vida humana. Por tudo isso, é extremamente lamentável que num país como os EUA os emocionalismos prevaleçam sobre os argumentos da razão.

Folha de S.Paulo, 21 ago. 1995.

Texto B

Pão e circo

Em tempos como este, em que crises abalam todos os setores do país, é comum buscar soluções imediatistas para problemas complexos, ou mesmo transferir as responsabilidades para um grupo ou classe. A pena de morte como solução da criminalidade no país é um desses casos.

Proclamam os seus defensores que a pena de morte aplicada a um criminoso serviria de exemplo para que outros não cometessem o mesmo erro. Todavia, já ficou provada a ineficiência da pena, quando se visa a esse fim, na experiência de alguns Estados norte-americanos, no início do século. A adoção da pena coincidiu com um aumento das agressões a policiais e não houve a desejada diminuição da criminalidade.

Existe, ainda, uma incoerência fundamental nesse raciocínio. Pretende-se combater o crime com a morte do criminoso, estabelecendo-se um círculo vicioso de violência, além de significar a institucionalização do assassinato pelo Estado, que passa a ter o supremo poder de decisão sobre a vida ou morte do réu.

Outra justificativa absurda é a de que a eliminação do criminoso pouparia os gastos que o governo teria para sustentá-los. Ora, não se pode deixar de considerar que o criminoso é o resultado de uma situação de miséria anterior a ele. Deve, então, a sociedade expurgar todos os membros que considerar um peso ou ameaça — como na Alemanha nazista — em vez de assumir sua total incompetência para reintegrar os frutos de suas injustiças?

Num país em que o Judiciário não é eficiente o bastante para fazer cumprir a lei como convém, em que o sistema penitenciário não cumpre com sua função de reformar os indivíduos considerados perigosos e inaptos para a convivência social e em que a corrupção e a incompetência permeiam quase todos os serviços públicos, seria difícil encontrar pessoas isentas para condenar um réu à morte. Resta a dúvida: quem seriam os "carrascos" indicados para tal função? Quem aceitaria sem hesitação a incumbência?

A pena de morte não é solução para a criminalidade. Ela atua como um mecanismo de vingança da população contra os criminosos, como um paliativo para a sensação de insatisfação, impotência e insegurança. Ao mesmo tempo, ressuscita a bem-sucedida — em sua época — política romana do pão e do circo. Não há pão para todos, mas haveria circo.

Não se pode permitir que a sociedade retroceda à brutalidade da lei de Talião apenas por mostrar-se incapaz de resolver a crise geral em que se encontra. Numa era de tantas conquistas no campo dos Direitos Humanos, é inconcebível que se cogite legalizar a irracionalidade e a violência, deixando recair sobre alguns o ônus social que é de todos.

Paula Pereira, *A Imprensa*, Faculdade Cásper Líbero, jun./jul. 1991.

TEMA 12. SER BRASILEIRO E CIDADANIA

A. Ser ou não ser brasileiro

B. A conquista da cidadania

Texto A

Ser ou não ser brasileiro

Do ponto de vista psicológico, a formação da identidade nacional de uma pessoa segue as mesmas regras de formação de qualquer outra de suas possíveis identi-

dades. Em poucas palavras, identidade é a imagem que cada um tem de si. Essa imagem é construída na relação com os outros, por meio do aprendizado e da interiorização de como se pode ou se deve desejar, sentir, pensar, falar ou agir em tais ou quais circunstâncias. Nossa identidade de adulto, por exemplo, exige que nos comportemos de maneira x em tais situações; nossa identidade profissional, de maneira y; nossa identidade religiosa, de maneira z e assim por diante.

O aprendizado dessas regras é longo e se baseia em dois requisitos. O primeiro é a existência de uma tradição que transmita, de modo estável, os modelos de identidade que caracterizam dada cultura. Esta tradição diz quais são os padrões ideais de conduta que devemos desejar e aos quais devemos obedecer. Ou seja, a tradição é o patrimônio de valores que mostra como as coisas devem ser, premiando as condutas que se aproximam dos ideais e punindo aquelas que deles se afastam. O segundo requisito é a coerência do mundo de valores que forma a tradição.

Uma cultura, para sobreviver, não pode propor ideais de comportamento contraditórios entre si, nem ideais incompatíveis com a vida real das pessoas. Não pode, por exemplo, dizer a um adulto que ser bom pai é ao mesmo tempo amar e odiar os filhos, nem tampouco impor um modelo de realização da função paterna, inconciliável com as condições reais de exercício da paternidade. Nesta hipótese, desorientado psicologicamente, o indivíduo não mais saberia o que é ser bom pai ou não mais poderia ser bom pai, mesmo conhecendo regras da paternidade ideal. Ou porque qualquer conduta poderia se enquadrar no modelo (primeiro caso), ou porque nenhuma conduta seria adequada (segundo caso). Na atual crise brasileira de valores e perspectivas, ocorre algo semelhante à desorientação mencionada no exemplo acima, no que diz respeito à identidade nacional.

Nossa tradição cultural, por diversas razões, criou um ideal de cidadania política sem vínculos com a efetiva vida social dos brasileiros. Na teoria aprendemos que devemos ser cidadãos; na prática, que não é possível, nem desejável, comportarmo-nos como cidadãos. A face política do modelo de identidade nacional é permanentemente corroída pelo desrespeito aos nossos ideais de conduta.

Idealmente, ser brasileiro significa herdar a tradição democrática na qual somos todos iguais perante a lei e onde o direito à vida, à liberdade e à busca da felicidade é uma propriedade inalienável de cada um de nós; na realidade, ser brasileiro significa viver em um sistema sócio-econômico injusto, onde a lei só existe para os pobres e para os inimigos e onde os direitos individuais são monopólio dos poucos que têm muito.

Preso nesse impasse, o brasileiro vem sendo coagido a reagir de duas maneiras. Na primeira, com apatia e desesperança. É o caso dos que continuam acreditando

nos valores ideais da cultura e não querem converter-se ao cinismo das classes dominantes e de seus seguidores. Essas pessoas experimentam uma notável diminuição da auto-estima na identidade de cidadão, pois não aceitam conviver com o baixo padrão de moralidade vigente, mas tampouco sabem como agir honradamente sem se tornarem vítimas de abusos e humilhações de toda ordem. Deixam-se assim contagiar pela inércia ou sonham em renunciar à identidade nacional, abandonando o país. Na segunda maneira, a mais nociva, o indivíduo adere à ética da sobrevivência ou à lei do vale-tudo: pensa escapar à delinqüência, tornando-se delinqüente.

Nos dois casos, obviamente, perde-se a confiança na idéia de justiça, legalidade e interesse comum. É o primeiro passo para o império do banditismo — o modo de convívio social em que a lei se confunde com o interesse de um indivíduo ou de um grupo e a força substitui o diálogo. No banditismo, as leis dão lugar ao mercado da violência, que tende à expansão ilimitada. Numa sociedade regida pela moral da delinqüência, a cada dia se inventam novas formas de transgressão e de desmoralização das leis e novas formas de submissão dos mais fracos aos mais fortes.

Em suma, enquanto o regime da justiça e da legalidade tem como ideal a distribuição eqüitativa do poder, dos direitos e deveres, o regime da delinqüência busca simplesmente subjugar os indivíduos aos donos do poder. Foi assim nas experiências políticas ditatoriais que conhecemos; vem sendo assim na experiência de governos pusilânimes e na prática irresponsável das elites brasileiras, que entregaram o poder, em nossa sociedade, às gangues de colarinho branco ou de pés descalços. Reagir de modo conseqüente a esse estado de coisas significa portanto começar por reconhecer que somos aquilo que nos ensinam a ser ou aquilo que acreditamos e desejamos ser, quando agimos socialmente.

A imagem que temos de nossa identidade nacional é uma espécie de profecia que se auto-realiza. Quanto mais desmoralizamos nossa identidade, mais nos convencemos de que somos cidadãos inviáveis e mais contribuímos para convencer os outros de que nada podemos fazer para mudar o *status quo*. É isso que o banditismo deseja. No momento, talvez pareça mais fácil descrer e desistir do que lutar por nossos direitos. No entanto, se refletirmos um pouco melhor, veremos que o impossível é apenas o inimaginável. A médio ou curto prazo, quem sabe, com um pouco mais de esforço e tenacidade, poderemos respirar aliviados e dizer: "Barbárie, nunca mais". Afinal, como disse a pensadora alemã Hanna Arendt, "os homens, embora devam morrer, não nascem para morrer, mas para começar".

Jurandir Freire Costa, *Superinteressante*, nov. 1991. p. 35.

Texto B

A conquista da cidadania

Em estudo recente, o historiador José Murilo Carvalho trata do maior paradoxo da cidadania brasileira: apesar da plenitude dos direitos políticos, a permanência da incerteza e da insegurança quanto ao nosso futuro de nação democrática. Há no Brasil eleições regulares e razoavelmente honestas, o sufrágio nunca foi tão amplo, incluindo até analfabetos e maiores de dezesseis anos, os partidos políticos podem ser organizados livremente, a liberdade de imprensa é completa.

Contudo, persiste o sentimento de que as instituições, como o Congresso, os partidos, a Presidência, os sindicatos, ainda não funcionam de maneira satisfatória. Há uma difusa sensação de que a democracia continua sendo um sonho irrealizado entre nós e que os problemas básicos da população permanecem irresolvidos. Segundo José Murilo Carvalho, tal frustração tem a ver com o maior desenvolvimento dos direitos políticos em relação aos direitos civis na sociedade brasileira.

Os direitos políticos arrolados pela Constituição — o direito de votar e ser votado, de organizar partidos e fazer reivindicações políticas — estão sendo atendidos. Mas, os direitos civis, também listados na Carta — a igualdade perante a lei, o direito de propriedade, a liberdade de pensamento, associação e religião, a preservação da honra e da privacidade, a inviolabilidade do lar e o direito de não ser privado de liberdade sem devido processo legal —, são violados sistematicamente no Brasil.

José Murilo evoca o clássico estudo de T. H. Marshall sobre a evolução histórica dos direitos que compõem a cidadania — os civis, os políticos e os sociais. Segundo ele, nos países onde se consolidou a democracia moderna, esses direitos surgiram seqüencialmente: primeiro os civis, depois os políticos, finalmente os sociais — a regulamentação do trabalho, a proteção à saúde do trabalhador, a pensão, as férias, a aposentadoria etc.

Tal encadeamento seqüencial explicaria a solidez da sedimentação do sentimento democrático nos países da Europa Ocidental e nos Estados Unidos. Neles, a cidadania foi uma construção lenta, transformando-se gradativamente num arraigado valor coletivo pelo qual os cidadãos consideram que vale a pena viver e morrer.

No Brasil, o caso é outro. A pressão popular pelo direito de voto foi praticamente inexistente em nossa história, havendo mesmo retrocessos em relação às garantias formais da Constituição imperial de 1824, como a retirada do voto do analfabeto, num país em que eles constituíam 80% da população. Pode-se dizer que o único

movimento reivindicando participação eleitoral em 170 anos de vida independente do país foi a campanha das diretas em 1984.

Lembremos que a Constituição de 1824 já garantia os direitos civis que figuravam na Constituição francesa de 1792. Mas se eles ainda hoje são ignorados, o que dizer da situação na sociedade escravista do século XIX? O uso sistemático da violência contra os trabalhadores e a soldadesca marcou todo esse período — é sintomático que a revolta da chibata, liderada pelo marinheiro João Cândido, tenha abolido a prática dos maus-tratos apenas em 1911.

Direitos políticos sem direitos civis e desprovidos da convicção cívica da liberdade individual e dos limites do poder do Estado redundam numa cidadania incompleta. Daí o trágico descompasso entre o formalismo eleitoral e as velhas mazelas anacrônicas, como o clientelismo, a irresponsabilidade da coisa pública, o paternalismo, o empreguismo e a impunidade. Tudo isto estaria na base do desencanto com as instituições democráticas, com os partidos políticos, com o Congresso e com os representantes do povo.

Os direitos sociais, por sua vez, desenvolveram-se no Brasil antes dos direitos políticos. A legislação social foi outorgada pelo paternalismo do Estado Novo, conformando a classe trabalhadora com o corporativismo e se enraizando na prática sindical de patrões e operários. Vantagens que foram concedidas como benesses, não conquistadas como direitos.

Acrescentemos a esta receita de incivilidade o imediatismo e a falta de visão de nossas elites, seu total desprezo pelos investimentos sociais. Não dá para tapar o sol com peneira: nossos dirigentes cuidam mal do povo brasileiro. Até há pouco tempo, as massas entravam nas negociações internacionais como "mão-de-obra barata", uma vantagem sustentada pela perpetuação da miséria e do analfabetismo.

Só que este processo cruel deixou de ser funcional. Uma das tendências mais evidentes no mundo de hoje é a menor utilização da força de trabalho na produção. Em indústrias eletrônicas sofisticadas, por exemplo, a força de trabalho representa somente 2% a 3% dos custos de produção.

Desapareceu, portanto, a vantagem competitiva do emprego de mão-de-obra desqualificada. O grande trunfo, hoje, é o nível de instrução, a qualificação técnica, a criatividade tecnológica. O futuro pertence aos países onde o setor público está ajudando as empresas privadas a atuar num ambiente altamente competitivo.

Uma consulta ao Relatório sobre o desenvolvimento humano (1992) das Nações Unidas sugere que o Brasil não está no páreo desses novos tempos. O Brasil exibe simplesmente a pior distribuição de renda do mundo. Estamos no capítulo

mais triste do *Guinness Book* de recordes: com um PIB de US$ 319,2 bilhões, o Brasil exibe uma distribuição de renda inferior à de Botswana, cujo PIB são modestíssimos US$ 2,5 bilhões. Como esperar que nossa população desenvolva uma noção ativa de cidadania?

O Brasil precisa refletir sobre esses graves temas: a importância dos investimentos em saúde e educação e o senso de liberdade cívica. O povo brasileiro não precisa ser substituído, mas apenas alimentado, educado e instruído. A liberdade cívica exige como contrapartida o senso de liberdade do outro. A prioridade é a construção de um espaço público onde a essência do governo democrático é o local onde se conciliam os interesses divergentes. A ausência de cultura cívica compromete o exercício dos direitos políticos. E o cidadão político só é eficaz se ele se apóia nos ombros do cidadão civil.

Jornal do Brasil, 20 set. 1992.

Bibliografia

ADLER, Mortimer J. & VAN DOREN, Charles. *Como ler um livro*. Trad. Aulyde Soares Rodrigues. Rio de Janeiro, Guanabara, 1990.

BARRASS, Robert. *Os cientistas precisam escrever*. 2. ed. Trad. Leila Novaes e Leônidas Hegenberg. São Paulo, T. A. Queiroz editor, 1986.

CERVONI, Jean. *A enunciação*. Trad. L. Garcia dos Santos. São Paulo, Ática, 1989. (Série Fundamentos, n. 61)

CHAROLLES, Michel. Introduction aux problèmes de la cohérence des textes. In: *Langue Française*, 38. Paris, Larousse, maio, 1978. pp. 7-41.

CITELLI, Adilson. *Linguagem e persuasão*. 6. ed. São Paulo, Ática, 1991. (Série Princípios, n. 17)

DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Trad. Eduardo Guimarães. Campinas, Pontes, 1987.

FAULSTICH, Enilde L. de J. *Como ler, entender e redigir um texto*. Petrópolis, Vozes, 1988. (Coleção Fazer)

FAVERO, Leonor et al. *Lingüística textual: texto e leitura*. (Org. de FAVERO, L. & PASCHOAL, M. S. Z.). São Paulo, Educ, 1985.

_____ & KOCH, Ingedore G. V. *Lingüística textual: introdução*. São Paulo, Cortez, 1983.

_____. *Coesão e coerência textuais*. São Paulo, Ática, 1991. (Série Princípios, n. 206)

GALLO, Solange Leda. *Discurso da escrita e do ensino*. Campinas, Editora da Unicamp, 1992.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. 13. ed. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1986.

GENOUVRIER, E. & PEYTARD, J. *Linguistique et enseignement du français*. Paris, Larousse, 1970.

GERALDI, João Wanderley (org.). *O texto na sala de aula: leitura e produção*. Cascavel, Assoeste, 1991.

GUIMARÃES, Eduardo. *Texto e argumentação*. Campinas, Pontes, 1987.

_____. (org.). *História e sentido da linguagem*. Campinas, Pontes, 1989.

GUIMARÃES, Elisa. *A articulação do texto*. São Paulo, Ática, 1990. (Série Princípios, n. 182)

KLEIMAN, Angela. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. 2. ed. Campinas, Pontes, 1992.

_____. *Oficina de leitura: teoria e prática*. Campinas, Editora da Unicamp/Pontes, 1993.

KOCH, Ingedore G. V. *Argumentação e linguagem*. 2. ed. São Paulo, Cortez, 1987.

_____. *A coesão textual*. São Paulo, Contexto, 1989.

_____ & TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Texto e coerência*. São Paulo, Cortez, 1989.

_____. *A coerência textual*. São Paulo, Contexto, 1990.

MANUAL DE ESTILO. 5. ed. São Paulo, Abril, 1990.

MANUAL DE REDAÇÃO E ESTILO. (Org. de Eduardo Martins). São Paulo, O Estado de S. Paulo, 1990.

ORLANDI, Eni Pulcinelli (org.). *Palavra, fé, poder*. Campinas, Pontes, 1987.

_____. *Discurso e leitura*. São Paulo/Campinas, Cortez/Editora da Unicamp, 1988.

OSAKABE, Haquira. *Argumentação e discurso político*. São Paulo, Kairós, 1979.

PERELMAN, Charles & OLBRECHTS, Tyteca L. *Traité de l'argumentation: la nouvelle réthorique*. 3. ed. Bruxelas, Edição da Universidade de Bruxelas, 1970.

PLATÃO & FIORIN. *Para entender o texto*. São Paulo, Ática, 1990.

ROCCO, Maria Theresa Fraga. *Linguagem autoritária*. São Paulo, Brasiliense, 1989.

SERAFINI, Maria Teresa. *Como escrever textos*. Trad. Maria Augusta Bastos de Matos. Adap. de Ana Luíza Marcondes Garcia. Rio de Janeiro, Globo, 1987.

SIEGFRIED, J. Schmidt. *Lingüística e teoria do texto*. Trad. Ernest F. Schurmann. São Paulo, Pioneira, 1978.

SILVA, Soeli Schreider. *Argumentação e polifonia da linguagem*. Campinas, Editora da Unicamp, 1991.

VIGNER, G. *Lire: du texte au sens*. Paris, CLE, 1979.

Romantismo

O Romantismo foi o estilo literário que perdurou no Brasil desde 1836 até 1881 (ano da publicação de **O Mulato** e **Memórias Póstumas de Brás Cubas**). O primeiro poeta romântico brasileiro foi **Gonçalves de Magalhães**, que publicou *Suspiros Poéticos e Saudades* em 1836. Era marcado por grande subjetividade, idealização (da mulher e do amor) e sentimentalismo. Foi a primeira tentativa consciente de se produzir literatura verdadeiramente brasileira.

Gonçalves Dias

Orgulhoso de ter o sangue de índios, negros e brancos em seu corpo, Antônio Gonçalves Dias nasceu a 10 de agosto de 1823 no Maranhão e morreu a 3 de novembro de 1864. Gonçalves Dias foi um poeta romântico indianista e bacharel em Direito pela universidade de Coimbra. Sua poesia trouxe a admiração da crítica e do rei, que o nomeou para vários cargos públicos e lhe permitiu viver mais confortavelmente, tendo viajado pelo Norte do Brasil a serviço da corte. Também fez teatro. Recusado pela família de sua amada, casou-se com outra e, doente, viajou a Europa para se tratar. Quando o governo cortou o subsídio que lhe concedia em 1864, decidiu voltar ao Brasil. Na volta, morre no naufrágio do "Ville de Boulogne" por estar doente, já que foi abandonado de cama em estado deplorável enquanto todos os outros se salvaram. Alguns de seus **poemas** indianistas mais famosos são *I-Juca Pirama* e *Os Timbiras*.

"Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá." *Canção do Exílio*

"Eu vi o brioso no largo terreiro,
Cantar prisioneiro
Seu canto de morte, que nunca esqueci:
Valente como era, chorou sem ter pejo;
Parece que o vejo,
Que o tenho nest'hora diante de mi." *I-Juca Pirama*

"Por onde quer que fordes de fugida
Vai o fero Itajuba perseguir-vos
Por água ou terra, ou campos, ou florestas;
Tremei!..." *Os Timbiras*

Álvares de Azevedo

Manuel Antônio Álvares de Azevedo nasceu em 1831, um gênio precoce que já falava francês, inglês e latim aos 10 anos de idade. Estudava Direito e participava de altas orgias em reuniões com outros grandes escritores românticos como seu amigo **Bernardo de Guimarães**. Além do maior poeta da tendência Mal do Século no Brasil, Álvares de Azevedo também escreveu contos e uma **peça de teatro** (*Macário*). Quando entrou na faculdade de Direito teve um pressentimento que não completaria o curso ao ver dois estudantes do quinto ano morrerem na sua frente. A morte foi uma constante em sua obra, já que o irmão morreu prematuramente e ele sentia fortes dores no peito. De fato, morreu meses após completar o quarto ano, com prematuros 20 anos de idade, de um tumor na fossa ilíaca descoberto após um acidente de equitação. Dois anos depois sua obra romântica, dividida entre Ariel (o bem) e Caliban (o mal), passou a ser publicada. Foi o maior poeta brasileiro da tendência do Mal do Século. Seguem passagens do livro de contos (Caliban) **Noite na Taverna**, uma amostra da poesia *Se eu morresse amanhã* (composta dias antes do acidente) e do livro de poesias **Lira dos Vinte Anos**.

"Mas essa dor da vida que devora
A ânsia de glória, o dolorido afã...
A dor no peito emudecera ao menos
Se eu morresse amanhã!"

" Quando falo contigo, no meu peito
esquece-me esta dor que me consome:
Talvez corre o prazer nas fibras d'alma:
E eu ouso ainda murmurar teu nome!" *Lira dos Vinte Anos*

"Pois bem, dir-vos-ei uma história. Mas quanto a essa, podeis tremer a gosto, podeis suar a frio da fronte grossas bagas de terror. Não é um conto, é uma lembrança do passado." *Noite na Taverna*

"A mulher recuava... Recuava. O moço tomou-a nos braços, pregou os lábios nos dela... Ela deu um grito, e caiu-lhe das mãos. Era horrível de ver-se. O moço tomou o punhal, fechou os olhos, apertou-os no peito, e caiu sobre ela. Dois gemidos sufocaram-se no estrondo do baque de um corpo…" *Noite na Taverna*

"Mais claro que o dia. Se chamas o amor a troca de duas temperaturas, o aperto de dois sexos, a convulsão de dois peitos que arquejam, o beijo de duas bocas que tremem, de duas vidas que se fundem tenho amado muito e sempre! Se chamas o amor o sentimento casto e poro que faz cismar o pensativo, que faz chorar o amante na relva onde passou a beleza, que adivinha o perfume dela na brisa, que pergunta às aves, à manhã, à noite, às harmonias da música, que melodia é mais doce que sua voz, e ao seu coração, que formosura há mais divina que a dela—eu nunca amei. Ainda não achei uma mulher assim. Entre um charuto e uma chávena de café lembro-me às vezes de alguma forma divina, morena, branca, loira, de cabelos castanhos ou negros. Tenho-as visto que fazem empalidecer—e meu peito parece sufocar meus lábios se gelam, minha mão se esfria…" *Macário*

"Esse amor foi uma desgraça. Foi uma sina terrível. Ó meu pai! ó minha segunda mãe! ó meus anjos! meu céu! minhas campinas! É tão triste morrer!" *Macário*

Junqueira Freire

O monge beneditino Luís José Junqueira Freire (1832-1855) permaneceu enclausurado até 1854, atormentado pela falta de vocação e com uma sexualidade latente e reprimida. Seus poemas mostram um jovem angustiado, incapaz de seguir a vida religiosa e que vê na morte a única fuga (Evasão na Morte, característica típica da poesia Mal do Século).

"Eis a descrença e a crença,
Eis o absinto e a flor,
Eis o amor e o ódio,
Eis o prazer e a dor!"

Joaquim de Sousândrade

Joaquim de Sousa Andrade (1833-1902) era um republicano e abolicionista convicto e militante, que morou em NY e mais tarde foi professor. Morto, sua obra foi esquecida e só na década de 1960 foi resgatada. Usou inovações como a criação de neologismos e metáforas, valorizadas só mais tarde. Segue aqui uma citação deste que é um dos menos conhecidos dos poetas românticos brasileiros, apesar de segundo apenas a Castro Alves na poesia social.

"Desde a noite funérea de tristeza
Heleura está doente. Ara, morrendo,

Nunca perdera as cores do semblante,
Um formoso defunto: "Vivo! Vivo!"
Gritava a filha p'ra que não o levassem:
"Vivo! Vivo!" Prenúncios maus, diziam."

Casimiro de Abreu

Comerciante, Casimiro José Marques de Abreu nasceu em 4 de Janeiro de 1839 no município de Barra de São João (que atualmente leva seu nome), levou vida boêmia e morreu tuberculoso em 18 de outubro de 1860, três anos após voltar de Portugal, onde estava a negócios. Sua poesia não foi muito inovadora, sendo considerado mais ingênuo dos românticos. Conhecido como "poeta da infância", fala muito da inocência perdida, como mostra a passagem abaixo. Um dos motivos de sua nostalgia era a intransigência do pai, que o obrigou a se tornar comerciante ao invés de lhe permitir ser poeta.

"Oh! Que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!"

Fagundes Varela

Luís Nicolau Fagundes Varela (1841-1875) foi um poeta romântico inspirado pelo byronismo. Boêmio, este estudante de direito que nunca conclui o curso perdeu seu filho ainda novo e da esposa o leva mais fundo à boêmia. Casando-se de novo, muda-se para Niterói e falece, alcoólatra e mentalmente desequilibrado. Considerado o menos ingênuo dos românticos, a perda do filho influenciou muito sua obra, sendo o *Cântico do Calvário* indicação disto. Segue uma passagem.

"Eras na vida a pomba predileta
Que sobre um mar de angústia conduzia
O ramo da esperança. - Eras a estrela
Que entre as névoas do inverno cintilava
Apontando o caminho ao pergueiro."

Castro Alves

Antônio Frederico de Castro Alves nasceu a 14 de março de 1847 na cidade que hoje leva seu nome e morreu tuberculoso a 6 de julho de 1871. Tinha 15 anos quando se matriculou no curso de Direito em Recife, onde iniciou sua carreira poética, escrevendo poesia lírica e social (a social sendo a que mais o consagrou) a favor da abolição da escravatura, sendo por isso chamado de Poeta dos Escravos. Sua poesia lírica era menos idealizada que a de seus contemporâneos românticos, apresentando uma mulher mais sensual menos idealizada. Entusiasmou-se pelo teatro e casou-se com uma atriz chamada Eugênia Câmara, dez anos mais velha, que o abandonou mais tarde. Tempos depois do casamento, atira contra o próprio pé em uma caçada e tem o membro amputado. As caçadas tiveram sua origem justamente como escapatória das constantes brigas que o casal tinha começado a ter quando se mudaram para São Paulo. Mas após este infeliz acidente ainda pôde andar, ainda que com o auxílio de uma bengala e um pé de borracha. Em 1870 publica *Espumas Flutuantes* na Bahia, sua única obra poética publicada em vida. O que segue é uma passagem de seu célebre *Navio Negreiro*, parte de sua obra publicada postumamente em **Os Escravos**.

"Eras um sono dantesco... O tombadilho,
Que das luzernas avermelha o brilho,
Em sangue a se banhar,

Tinir de ferros... Estalar do açoite...
Legiões de homens negros como a noite
Horrendos a dançar" *Os Escravos*

Gonçalves de Magalhães

Domingos José Gonçalves de Magalhães (1811-1882) nasceu em Niterói, RJ, e morreu em Roma. Formou-se em Medicina, trouxe e divulgou o Romantismo no Brasil após sua viagem à Europa. Fez poesia religiosa e indianista (estas o últimas o levaram a grande polêmica com José de Alencar). Não era um grande poeta e é considerado um poeta importante apenas pela introdução do Romantismo com seu livro *Suspiros poéticos e saudades*.

Tobias Barreto

Tobias Barreto de Meneses (1839-1889), além de filósofo, ensaísta, jurista, crítico, polemista, educador e político foi também um dos maiores nomes da poesia social brasileira. Quando estudante, participava de polêmicas célebres com **Castro Alves**. Brilhante, aos 15 anos ensinava latim. Aos 20 ia tornar-se padre, mas foi expulso do seminário por boemia e indisciplina. No Recife onde morreu foi catedrático da Faculdade de Direito. Seu único livro de versos publicado foi *Dias e Noites*.

Martins Pena

Luís Carlos Martins Pena (5/11/1815 - 7/12/1848) morreu jovem em Lisboa, tendo escrito no período 28 peças teatrais. Quando jovem, estudou Belas Artes e aprendeu mais sobre o teatro. Mais tarde trabalhou como censor teatral, aprendendo ainda mais sobre sua arte. Apesar de ter escrito sua primeira peça, *O Juiz de Paz da Roça*, em 1833, ela só foi encenada 5 anos mais tarde, pela trupe de João Caetano, então um dos mais importantes atores brasileiros. Apesar de ter tentado fazer teatro histórico (gênero bem-sucedido no Romantismo europeu), foi como comediógrafo que mais se destacou; entre 1844 e 1846 escreveu 17 peças cômicas, criando o teatro de costumes brasileiro. É comparado por alguns críticos com **Manuel Antônio de Almeida**, por fazer algo próximo de um Realismo ingênuo. Sua obra mais importante é *O Noviço*.

"E vós, senhoras, esperai da justiça dos homens o castigo deste malvado (Para Carlos e Emília:) E vós, meus filhos, sede felizes, que eu pedirei para todos (ao público) indulgência!" *O Noviço*

Bernardo Guimarães

Mineiro, Bernardo Guimarães foi juiz, jornalista e professor. Atuou como juiz em Catalão, onde tomou a polêmica medida de libertar presos que abarrotavam a cadeia municipal. Vivia em um grande desleixo, como atestam pessoas que o visitavam. Como professor também não era competente, tendo sido despedido por sua falta de assiduidade e competência. Ele pretendia, junto com **Álvares de Azevedo**, instalar a boêmia byroniana em São Paulo. Tornou-se célebre principalmente por sua famosa obra **A Escrava Isaura**, que foi adaptada para filme, teatro e televisão.

"As linhas do perfil desenhavam-se distintamente entre o ébano da caixa do piano, e as bastas madeixas ainda mais negras do que ele. São tão puras e suaves estas linhas, que fascinam os olhos, enlevam a mente, e paralisam toda análise. A tez é como o marfim do teclado, alva que não deslumbra, embaraçada por uma nuança delicada, que não sabereis dizer se é leve palidez ou cor-de-rosa desmaiada. O colo donoso e do mais puro louvor sustenta com graça inefável o busto maravilhoso. Os cabelos soltos e fortemente ondulados se despenham caracolando pelos ombros em espessos e luzidios rolos, e como franjas negras escondiam completamente o dorso da cadeira, a que se achava recostada." *A Escrava Isaura*

"Pobre Isaura! - disse Álvaro com a voz comovida, estendendo os braços à cativa. - Chega-te a mim... Eu protestei no fundo de minha alma e por minha honra desafrontar-te do jugo opressor e aviltante, que te esmagava, porque via em ti a pureza de um anjo, e a nobre e altiva resignação de um mártir. Foi uma missão santa, que julgo ter recebido do céu, e que hoje vejo coroada do mais feliz e completo resultado. Deus enfim, por minhas mãos vinga a inocência e a virtude oprimida, e esmaga o algoz." *A Escrava Isaura*

Manuel Antônio de Almeida

Escritor romântico de transição para o Realismo, Manuel Antônio de Almeida (1831-1861) se formou em Medicina mas era jornalista por excelência. Um de seus empregos antes do jornalismo foi assistente de tipógrafo. Só escreveu uma obra, que foi em vida assinada anonimamente por ele apenas como "Um Brasileiro". Este pseudônimo indicava que ele possivelmente não continuaria a carreira literária. Morreu tragicamente aos 30 anos de idade, no naufrágio do navio Hermes, enquanto fazia campanha para deputação federal. Seguem algumas passagens desta obra, **Memórias de um Sargento de Milícias**.

"O compadre compreendeu tudo: viu que o Leonardo abandonava o filho, uma vez que a mãe o tinha abandonado, e fez um gesto como quem queria dizer: - Está bom, já agora... Vá; ficaremos com uma carga às costas." *Memórias de um Sargento de Milícias*

"Passado o tempo indispensável de luto, o Leonardo, em uniforme de Sargento de Milícias, recebeu-se na Sé com Luisinha, assistindo à cerimônia a família em peso." *Memórias de um Sargento de Milícias*

Joaquim Manuel de Macedo

Joaquim Manuel de Macedo (1820-1882) nasceu no RJ e formou-se médico. Fundou a revista *Guanabara* com **Gonçalves Dias**, foi redator de revista, secretário, orador do Instituto Histórico, político e professor. Amigo do imperador, tornou-se preceptor dos filhos da princesa Isabel. Um dos primeiros românticos, provavelmente o mais puramente romântico de todos na prosa, produziu diversos livros entre os quais os mais célebres são **A Moreninha** (que escreveu ainda muito jovem, com apenas 20, 21 anos de idade e lhe deu fama imediata), *O Moço Loiro* e *A Luneta Mágica*.

"No dia 20 de julho de 18... Na sala parlamentar da casa nº... Da rua de..., sendo testemunhas os estudantes Fabrício e Leopoldo, acordaram Felipe e Augusto, também estudantes, que, se até o dia de 20 de agosto do corrente ano, o segundo acordante tiver amado a uma só mulher durante quinze dias ou mais, será obrigado a escrever um romance em que tal acontecimento confesse; e, no caso contrário, igual pena sofrerá o primeiro acordante. Sala parlamentar, 20 de julho de 18... Salva a redação." *A Moreninha*

"Achei minha mulher!... Bradava Augusto; encontrei minha mulher!... Encontrei minha mulher!..." *A Moreninha*

Franklin Távora

João Franklin da Silveira Távora (1842-1888) nasceu no Ceará mas viveu em Pernambuco, onde se formou em Direito, e, a partir de 1874, viveu no Rio e Janeiro. Foi deputado estadual em Pernambuco e funcionário da Secretaria do Império no Rio. Foi além de contista e romancista um grande historiador, e como morreu pobre, o Instituo Histórico e Geográfico Brasileiro do qual fazia parte deu uma pensão a sua viúva e filho. Parte de sua obra de historiografia foi destruída no final de sua vida pelo próprio autor, que sentia-se abandonado e miserável. Franklin Távora criou a "literatura do Norte", como ele mesmo batizou no prefácio de *O Cabeleira*. Embora tenha atacado **José de Alencar** no começo da carreira, ele se arrependeu depois. Távora é um romântico pré-

naturalista. mantendo poucas características do Romantismo mas não se desvencilhando totalmente deste. Entre as obras que fazem parte desta literatura do Norte destacam-se **O Cabeleira** e *O Matuto*.

"Pela sua organização, pelos seus predicados naturais, o Cabeleira não estava destinado a ser o que foi, nós o repetimos. Os maus conselhos e os péssimos exemplos que lhe foram dados pelos desnaturado pai converteram seu coração, acessível em começo, ao bem e ao amor, em um músculo bastardo que só pulsava por fim a paixões condenadas." *O Cabeleira*

"Morro arrependido de meus erros. Quando caí nos braços da justiça, meu braço era já incapaz de matar, porque eu já tinha entrado no caminho do bem." *O Cabeleira*

José de Alencar

Escritor, político e advogado, José Martiniano de Alencar nasceu a 1º de maio de 1829 no Ceará e morreu de tuberculose aos 48 anos no Rio de Janeiro, em 12 de dezembro de 1877. Fez curso de Humanidades no RJ e formou-se em Direito em SP, onde foi colega de aula de **Álvares de Azevedo** e **Bernardo Guimarães**. Foi ministro da Justiça (1868-1870) e Senador do Império. Um de seus descendentes foi o Presidente Humberto de Alencar Castelo Branco. É considerado o maior escritor romântico brasileiro, tendo criado obras regionalistas, sociais e indianistas. Neste último estilo, que criou junto com **Gonçalves Dias**, enquadra-se *O Guarani*, que inspirou a célebre ópera de Carlos Gomes. Alencar foi também poeta e teatrólogo. Entre seus maiores romances estão *O Guarani*, *Ubirajara*, **Iracema**, **Senhora**, **A Pata da Gazela**, **Diva**, **Lucíola**, *As Minas de Prata*, **A Viuvinha**, **Cinco Minutos**, *Til*, *O Gaúcho*, *O Sertanejo*, *Encarnação*, *Sonhos d'Ouro* e *O Tronco do Ipê*.

"Aurélia amava mais seu amor, do que seu amante; era mais poeta do que mulher; preferia o ideal ao homem." *Senhora*

"As cortinas cerraram-se, e as auras da noite, acariciando o seio das flores, cantavam o hino misterioso do santo amor conjugal." *Senhora*

"Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longo que seu talhe de palmeira.
O favo da jati não era doce como sue sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado." *Iracema*

"Pousando a criança nos braços paternos, a desventurada mãe desfaleceu, como a jetica, se lhe arrancam o bulbo. O esposo viu então como a dor tinha consumido seu belo corpo; mas formosura ainda morava nela, como o perfume na flor caída do manacá." *Iracema*

"Poucos homens conheciam como Horácio o coração da mulher; porque bem raros o teriam estudados com tamanha assiduidade. O mais sábio professor ficaria estupefato da lucidez admirável, com que o leão costumava ler nesse caos da paixão, que a anatomia chamou coração de mulher." *A Pata da Gazela*

" É verdade! Murmurou soltando uma fumaça de charuto. O leão deixou que o cerceassem as garras; foi esmagado pela pata da gazela." *A Pata da Gazela*

"Podia dar-lhe outra resposta mais breve, e dizer-lhe simplesmente que tudo isto sucedeu porque me atrasei cinco minutos." *Cinco Minutos*

"Calando-me naquela ocasião, prometi dar-lhe a razão que a senhora exigia; e cumpro o meu propósito mais cedo do que pensava. Trouxe no desejo de agradar-lhe a inspiração; e achei voltando a insônia de recordações que despertara a nossa conversa. Escrevi as páginas que lhe envio, às quais a senhora dará um título e um destino que merecem. É um 'perfil de mulher' apenas esboçado." *Lucíola*

"Quis pintar-lhe o que vi: a incubação de uma alma violentamente comprimida por uma terrível catástrofe; a vegetação de um corpo vivendo apenas pela força da matéria e do instinto; a revelação súbita da sensibilidade embotada pelos choques violentos que partiram o estame de uma infância feliz; a floração tardia do coração confrangido pelo escárnio e pelo desprezo; finalmente a energia e o vigor do espírito que surgia, soltando por misteriosa coesão os elos partidos da vida moral, e continuando no futuro a adolescência truncada." *Lucíola*

"Porque nasci para esta vida nova. Oh! Tu não sabes... Depois que reabilitei o nome de meu pai e o meu, ainda me faltava uma condição para voltar ao mundo. [...] A tua felicidade, o teu desejo. Se tivesses esquecido do teu marido para amar-me sem remorso e sem escrúpulo, eu estava resolvido... a fugir-te para sempre!" *A Viuvinha*

" A Emília, de quem eu te falo, não existiu para ninguém mais senão para mim, em quem ela viveu e morreu. A Emília, que o mundo conhecera e já esqueceu talvez, foi a moça formosa, que atravessou os salões, como a borboleta, atirando às turbas o pó dourado de suas asas. A flor, de que ela buscava o mel, não viçava ali, nem talvez na terra." *Diva*

" Não sei!... Respondeu-me com indefinível candura. O que sei é que te amo!... Tu não é só o arbítrio supremo de minha alma, és o motor de minha vida, meu pensamento e minha vontade. És tu que deve pensar e querer por mim... Eu?... Eu te pertenço; sou uma cousa tua. Podes conservá-la ou destruí-la; podes fazer dela tua mulher ou tua escrava!... É o teu direito e o meu destino. Só o que tu não podes em mim, é fazer que eu não te ame!..." *Diva*

Visconde de Taunay

O Visconde Alfredo d'Escragnolle Taunay foi um militar e político, tendo escrito o romance de transição para o Naturalismo **Inocência** e a obra em francês *Retirada de Laguna*. Foi também um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras; quando aconteceu a proclamação da República tomou desgosto da política e retirou-se da vida pública.

"À medida que as suspeitas sobre as intenções do inocente Meyer iam tomando vulto exagerado, nascia ilimitada confiança naquele outro homem que lhe era também desconhecido e que a princípio lhe causara tanta prevenção quanto o segundo." *Inocência*.

"Inocência, coitadinha...
Exatamente neste dia fazia dois anos que o seu gentil corpo fora entregue à terra, no imenso sertão de Santana do Paranaíba para aí dormir o sono da eternidade." *Inocência*

CONHECIMENTO PRÁTICO

LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA

OS SONS DA NOSSA LÍNGUA

RITMOS E MELODIAS DA COMUNIDADE LUSÓFONA

DEBATE
Preconceito linguístico como forma de dominação

LITERATURA INFANTIL
O fantástico nos contos, dos Irmãos Grimm a Harry Potter

LITERATURA BRASILEIRA
Viagem ao no sertão de Guimarães Rosa

LITERATURA ESTRANGEIRA: A saga da paquistanesa Malala em sua luta pelo direito à educação

ENTREVISTA: **Eliana Alves Cruz** faz um mergulho na ancestralidade com romances históricos

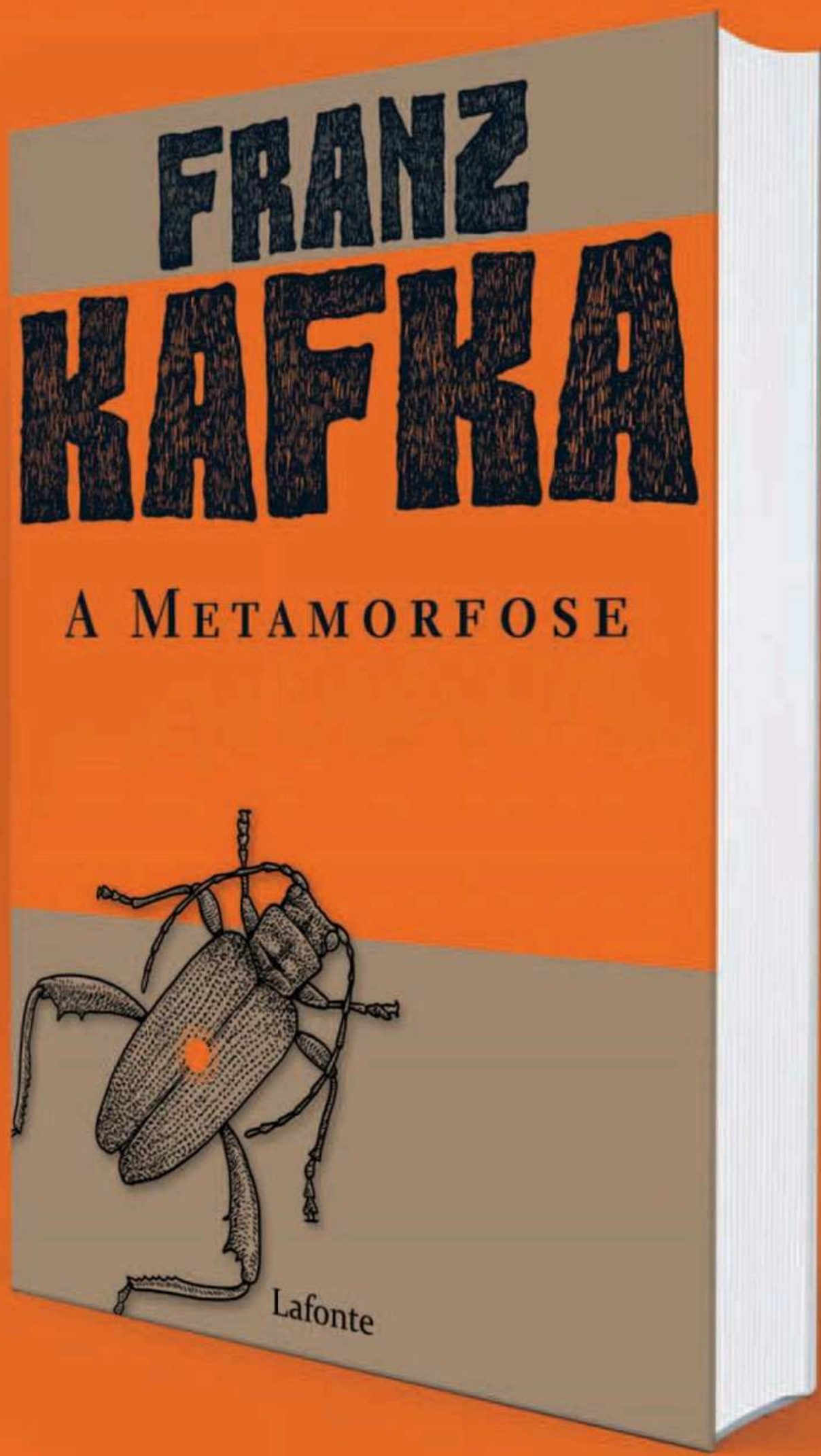

Conhecida por ter seu herói Gregor Samsa metamorfoseado em inseto, esta obra enfoca a existência humana em um mundo que leva os indivíduos à solidão. Com uma narrativa ágil, seduz o leitor por seu rigoroso apuro técnico

NAS LIVRARIAS!

Ou acesse **www.escala.com.br**
/escalaoficial

Lafonte

© VECTOR_S / ISTOCKPHOTO.COM

AOS MESTRES, COM GARRA!

Uma edição superlativa quando o centro de tudo é a palavra. Um amigo meu, doutor, sempre disse que gostava mais que lhe chamassem de mestre. Para ele, a palavra mestre carrega toda uma simbologia de afeto e credibilidade. Doutor não, doutor é território de ninguém, advoga. E foi fazer seu pós-doutorado, com sorriso e alma de mestre. É com esse sentimento que abrimos este número da nossa revista. Logo em Ponto de Encontro, deparamos com a força da palavra (para o bem e para o mal) e toda sua maestria em ***Que Tempos São Esses?***

Maestria é o que também conhecemos com Eliana Alves da Cruz, na entrevista ***Mergulho na Ancestralidade***, que foi buscar em sua história pessoal elementos para o grande salto de sua vida: virar escritora e lançar os premiados *Água de Barrela* e *O Crime no Cais de Valongo*.

As palavras, em seu território mais profícuo, o dicionário, mostram que são muito mais que termos com significados. Representam, antes, diversas visões da língua e de um povo, como se aprende com maestria com Avram Ascott em ***Pai de Muitos***.

Como ser um mestre da linguagem no WhatsApp? Andrei Ferreira de Carvalhaes Pinheiro explica tudo em ***Comunicação e a Dona Mãe do Rio***. E falar, com palavras, com o corpo, é o que fazem as feministas, de maneiras diferentes ao longo do tempo. Mestras no tanger da vida, ***Precisamos Falar Sobre Nós***, em Cabeceira, mostra por que a explosão feminista chegou e não vai embora.

E salve Guimarães Rosa. ***Viajando no Sertão Rosiano*** é o mais claro exemplo do que um mestre, com M para lá de maiúsculo, pode fazer com palavras, principalmente quando se é um inventor delas.

Mas tudo começa bem cedo, com os *Contos da Carochinha*. E as palavras vão se enredando nas poções de mestres da magia e palavras do universo infantil, desde as histórias de Grimm até Harry Potter. É o que conta Jussara Saraíba em ***Branca de Neve e a Pedra Filosofal***.

Palavras são, também, melódicas, rítmicas e, em nosso caso, tão diversas quanto os povos e países que compõem a comunidade lusófona. O grande mestre de prosa e verso Abrahão Costa de Freitas orquestra nossa matéria de capa ***Pura Melodia***.

Entretanto, com pegada de mestre, Wagner Ávilis chama a atenção para a discriminação linguística em ***Linguagem e Preconceito***. E, por lutar pelo acesso à educação, uma menina paquistanesa é baleada. Mas seu lugar de fala está garantido em ***Malala Para Todas***, na análise de Fernanda de Paula: encontro de grandes mestras, na vida e na escrita. E tome toques de mestre em ***Passagens da Crítica***, de Roberto Sarmento Lima, que disseca a crítica literária.

Sozinhas, fechadas em seu mundo dividido – Língua Portuguesa, História, Geografia e outras disciplinas –, as palavras têm a força reduzida. Mas juntas e misturadas, na transdisciplinaridade, Aline Fernanda Sampaio garante que se dá o pulo do mestre, como ensina em ***Educação do Futuro***.

E nada melhor que ler os grandes mestres gratuitamente, não é? A *internet* proporciona isso, como explica-se em Acontece.

Tudo isso não vale a pena se não soubermos lidar com expectativas, cobranças, limitações e habilidades. Para ser mestre nisso é preciso ser Do Tamanho Exato, sentencia Luís Cláudio Dallier Saldanha.

É, não se vive sem garra e maestria.

Boa leitura!

Mara Magaña, Editora

SUMÁRIO

EDIÇÃO 76

32. CAPA

SONORIDADE DA LÍNGUA

A diversidade de povos e países que compõem a comunidade lusófona lhe dá um caráter melódico que reúne uma constelação de ritmos e cadência excepcionais.

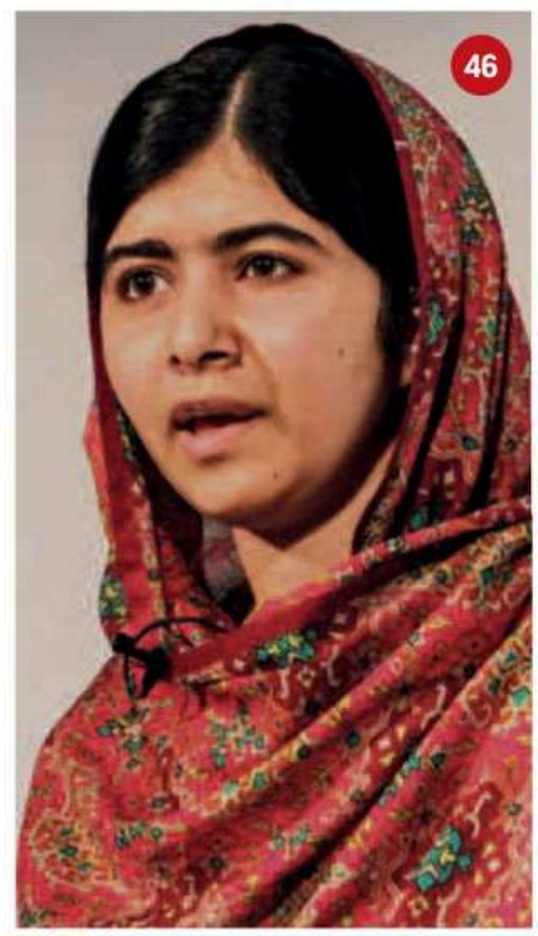

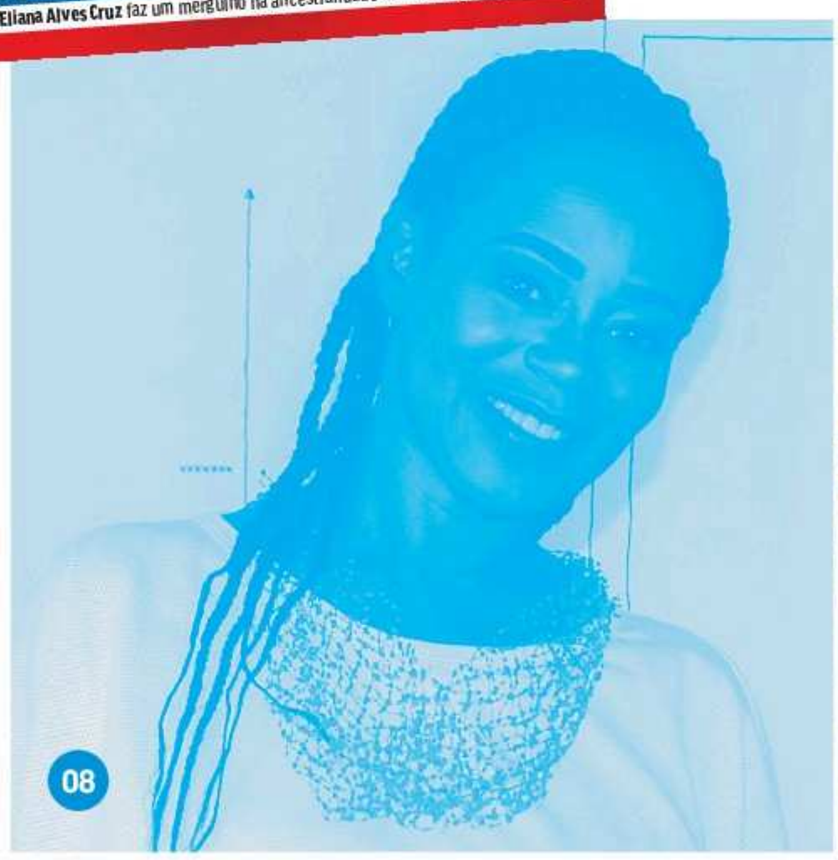

08. Entrevista: Eliana Alves da Cruz
A jornalista mergulhou em sua ancestralidade para fazer surgir uma escritora consciente de sua negritude e de tamanho imenso em nossa literatura.

14. Gramática
O dicionário é muito mais que um amontoado de palavras em ordem alfabética. Para além de significados, ele é também um gênero de discurso e reflete diversas visões da língua.

22. Literatura Brasileira
Um mergulho no sertão rosiano revela a grande obra de Guimarães Rosa, inventor de palavras e um dos maiores escritores brasileiros.

26. Literatura Infantil
O que têm em comum os contos dos Irmãos Grimm e as histórias extraordinárias de J. K. Rowling, a criadora do bruxinho Harry Potter? Muito mais que fadas, bruxas e elfos.

40. Debate
O preconceito linguístico pode se revelar quando um dos inúmeros instrumentos de dominação assume a forma de palmatória contra a língua portuguesa no Brasil.

46. Literatura Estrangeira
Malala, a menina paquistanesa que foi baleada por acreditar que tinha direito à educação.

52. Interpretação de Texto
A crítica literária e o jornalismo podem formar uma dupla imbatível se souberem fazer a passagem de um a outro discurso.

58. Ponto de Vista
Como a transdisciplinaridade, um novo modelo de conhecimento que pede uma visão integradora do saber, pode ser uma das soluções para a educação do futuro?

LEITURA RÁPIDA

05. Ponto de Encontro
Tempos sombrios.

06. Síntese
Fique por dentro dos acontecimentos do mundo da Língua Portuguesa e da Educação.

18. Língua Viva
Os meios digitais mostram como as práticas de uso linguístico são complexas e pautadas por palavras de ordem.

21. Cabeceira
Heloísa Buarque de Holanda reúne 50 anos de história em *Explosão Feminista*.

63. Acontece
Livros de graça na *internet*.

64. Estante
As novidades que estão chegando às livrarias.

66. Reticências
Conhecer as próprias fragilidades e virtudes auxilia na aprendizagem.

Texto de **Jussara Saraíba**

Que tempos são esses?

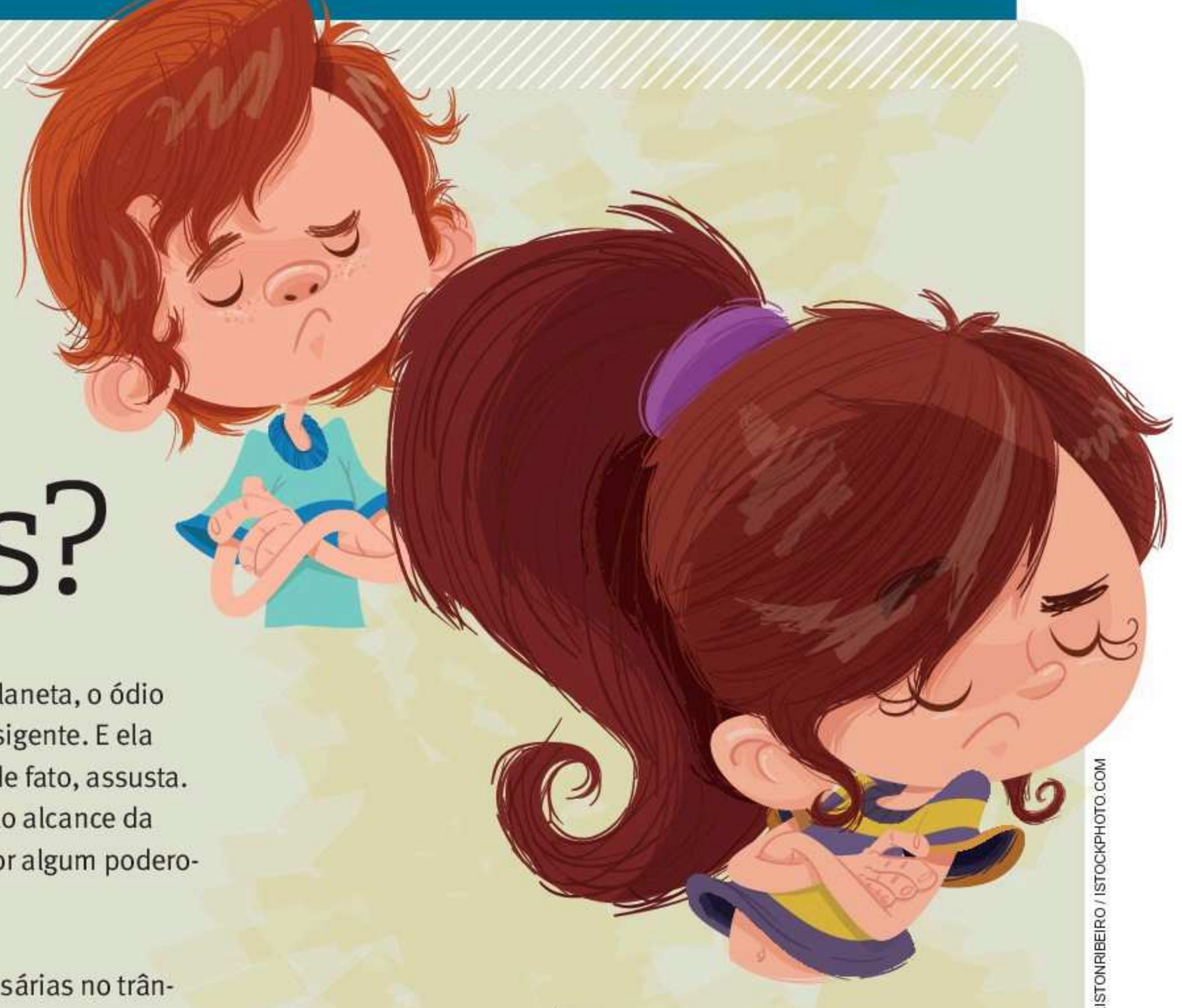

© CLERISTONRIBEIRO / ISTOCKPHOTO.COM

Os dias estão sombrios. Em todo o planeta, o ódio tem mostrado sua face mais intransigente. E ela parece com a nossa! Isso é o que, de fato, assusta. O poder da morte e da destruição ao alcance da nossa mão. A um *click*, a uma nota assinada por algum poderoso mandatário...

No centro de tudo, a Palavra.

Tenho visto brigas completamente desnecessárias no trânsito, homens e mulheres que dão espaço a uma verdadeira entidade guerreira graças a uma ultrapassagem indevida ou a uma simples buzinada. Jovens e adolescentes que se agridem pelas redes sociais. Políticos que usam o verbo para separar nações, apontar o dedo para cidadãos, enaltecer guerras.

No centro de tudo, a Palavra.

Diante dos temores e terrores da nossa época – e de todas as épocas – é a palavra que define o que somos. Na era da disseminação fácil, rápida e aleatória, notícias falsas podem produzir o andamento da história. Ou o contrário dela. Defender uma ideia, mesmo que levemente, pode determinar sua exclusão de um grupo social ou da própria família.

No centro de tudo, a Palavra.

A vida está sombria. E aquele que acha graça em uma brincadeira de criança, ou se delicia com um inocente sorvete, é visto com reservas, taxado de desvairado ou desvairada, com certeza falta-lhe um parafuso.

No centro de tudo, a Palavra.

Dos livros sagrados, da interpretação do que está escrito nessas obras, sempre em nome de Deus, se formam milícias, exércitos, alguém entra em uma mesquita e atira em uma centena de pessoas. Não sem antes deixar claro em vídeo o que vai em sua mente. Ao vivo. Ou um jovem escreve uma mensagem enigmática e assassina seus antes colegas da sua antiga escola. Pela dor que as palavras produziram em sua alma.

No centro de tudo, a Palavra.

"... É preciso urgentemente que se dê uma nova ordem à ordem social. Que se escancarem os risos, as canções, as histórias encantadas, as lendas..."

Os corações estão sombrios. E é preciso urgentemente que se dê uma nova ordem à ordem social. Que se escancarem os risos, as canções, as histórias encantadas, as lendas... Que venham as fadas, os duendes, elfos, bruxos e bruxas nos ensinarem, novamente, a razão da vida. E que isso não seja um pecado.

No centro de tudo, a Palavra.

Mas, como disse o grande escritor e dramaturgo Bertold Brecht, que fez da indignação com as sombras sua bandeira:

"Que tempos são esses, quando falar sobre flores é quase um crime?" CP

JUSSARA SARAÍBA é jornalista e contadora de histórias.

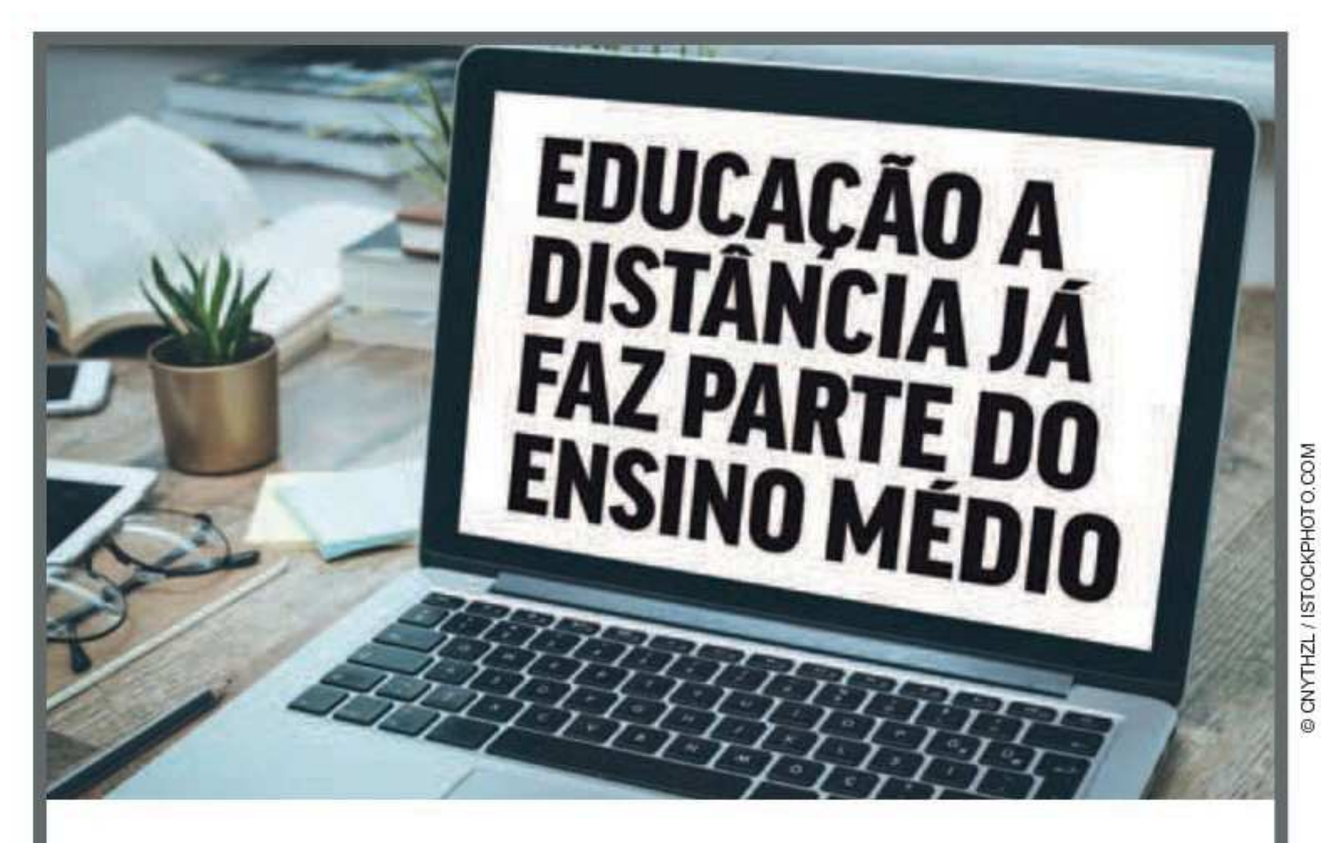

© CNYTHZL / ISTOCKPHOTO.COM

Com as novas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, a adoção da educação a distância para uma parte da carga horária – entre 20% e 80% – é uma mudança de destaque. O objetivo, segundo o MEC, é tornar o ensino médio mais atrativo para os jovens e, consequentemente, resolver tanto o problema da evasão como o da aprendizagem. Neste campo, os desafios são grandiosos. No exame de língua portuguesa da última edição da Prova Brasil, os alunos atingiram, em média, o nível 2 de proficiência em uma escala que vai de 1 a 8 – sendo o 8 o mais alto. Muitos alunos do ensino médio também estão, no mínimo, dois anos atrasados. A taxa de distorção idade-série é de 31,2% nessa etapa escolar, o que pode indicar a necessidade de ações específicas para incentivá-los a permanecer estudando. Isso porque o abandono é mais alto entre os mais velhos, chegando a 26,8% entre os que têm 20 anos ou mais.

A evasão também é maior entre os alunos de baixo nível socioeconômico, que comumente largam os estudos para trabalhar, e entre aqueles que estudam à noite. Estes poderão estudar até 30% dos conteúdos a distância, conforme as novas DCN. No período diurno, o limite será de 20%. A carga de 80% a distância será permitida apenas na Educação de Jovens e Adultos (EJA).

De acordo com Rafael Lucchesi, relator da proposta aprovada pelo CNE, a adoção do EAD foi necessária para garantir aos alunos o direito de escolher, no mínimo, entre dois itinerários. Considerando que mais de 60% das cidades têm apenas uma escola de ensino médio, seria perfeitamente cabível supor que, nesses locais, os alunos terão apenas um itinerário à disposição, dos cinco existentes (linguagens, matemática, ciências da natureza, ciências humanas e sociais aplicadas e formação técnica e profissional). No entanto, com o EAD, os alunos terão a oportunidade de cursar até 50% do itinerário escolhido em outra escola.

ÍNDIGENAS LANÇAM LIVRO SOBRE TRAJETÓRIA DE SUAS ANCIÃS

Onze guerreiras são as protagonistas de *Mulheres Indígenas da Tradição*, livro que apresenta a trajetória feminina das anciãs de 11 povos indígenas localizados em Pernambuco. Escrito apenas por mulheres indígenas, está disponível em PDF na *internet* e tem como proposta dar visibilidade à história feminina dessas aldeias. A obra é uma parceria do Centro de Cultura Luiz Freire (CCFL), Conselho Indigenista Missionário (Cimi) Regional Nordeste e Movimento de Mulheres Indígenas de Pernambuco.

Pernambuco não foi escolhido ao acaso, já que é o quarto estado com maior número de indígenas, 53.284 indivíduos, divididos entre 12 povos, segundo o IBGE. Atikum Dona Ana, Pankararu Entre Serras Dona Hilda, Kambiwá Dona Valdira, Kapinawá Dona Helena, Pankaiwká Dona Maria Antônia, Pankará Dona Emília, Pankararu Dona Maria, Pipipã Dona Lindalva, Truká Dona Marina, Tuxá Dona Lourdinha e Xucuru Dona Judite são exemplos da importância da mulher na preservação dos saberes tradicionais de cada etnia. Entre as 15 autoras indígenas estão Alcione Alves Laurentino, do povo Pipipã, Elisa Urbano Ramos, do povo Pankararu Entre Serras, Nayara Tayná Leite Silva, da etnia Atikum, e Sandra da Silva Pajeú Santos, do grupo Tuxá.

© FG TRADE / ISTOCKPHOTO.COM

© NOIPORNPAN / ISTOCKPHOTO.COM

NARRATIVA FILOSÓFICA PARA CRIANÇAS

Por meio de diálogos, a exemplo de Platão, *Deuses para Clarice*, do professor Clóvis de Barros Filho, tem o objetivo de facilitar o entendimento do que é filosofia para os pequenos. Recriando o ambiente da própria criança leitora, o ponto de partida se dá durante um almoço de família. Clarice diz que não está conseguindo acompanhar as aulas de filosofia na escola, e o pai se oferece então para ajudá-la. Depois, colegas da filha também participam da troca de ideias. Como o título sugere, as conversas são recheadas com referências a deuses. Uma referência à "desordem" do mundo contemporâneo, por exemplo, conduz ao deus Caos, que inspirou todo um grupo de divindades. Elas viviam no "céu", cuja ideia original não corresponde ao nosso entendimento da palavra – e então, ao explorar esse tópico, o livro tangencia temas religiosos. "Do dueto entre pai e filha, nascem histórias ao gosto de hoje, divertidas", escreve o jornalista Mario Vitor Santos no prefácio. "Contornam o anedótico. Incorporam as futilidades. Nenhuma curiosidade é omitida, muito menos censurada. O sabor geral tem o entusiasmo das primeiras histórias".

SÉRIE GUERREIROS DA FLORESTA À DISPOSIÇÃO NA INTERNET

As lutas e o universo das lideranças indígenas Yanomami, Huni Kuin e Suruí podem ser acessados pela *internet* e também já estão em exibição no canal Futura. Composta por 26 episódios e com duração de cerca de 26 minutos cada um, o objetivo é ampliar o protagonismo indígena – uma vez que o poder de fala é deles – nas escolas e outros setores da sociedade, por meio de conteúdos complementares, como artigos, documentos e filmes. Além disso, em breve haverá elaboração de guias de uso pedagógico para orientar o trabalho em sala de aula a partir dos episódios. Davi Kopenawa, liderança Yanomami, etnia localizada na Amazônia e em Roraima, Almir Suruí, da região de Rondônia e Mato Grosso, e Ninawa, do povo Inu Huni Kuin, é a maior população indígena do Acre. Os três são reconhecidos internacionalmente pela ONU e são destaques da série Guerreiros da Floresta. Disponível na plataforma de *streaming* Futura Play.

FESTIVAL PREMIA FILME SOBRE MOVIMENTO ESTUDANTIL

Espero tua (re)volta, documentário da diretora Eliza Capai, foi premiado pela Anistia Internacional e Fundação Heinrich Böll e destaca as ocupações das escolas estaduais por estudantes secundaristas, que ocorreram em São Paulo em 2015. O longa foi selecionado para o Festival de Berlim – um dos mais importantes eventos de cinema do mundo – e venceu o Prêmio da Anistia Internacional (AI), que dá ênfase a trabalhos voltados aos direitos humanos, e também ganhou o Prêmio da Paz, concedido pela Fundação Heinrich Böll.

Coube a três ex-secundaristas – Lucas "Koka", Marcela Jesus e Nayara Souza – narrarem a história dessas ocupações em São Paulo contra o fechamento de 90 escolas estaduais e o remanejamento de cerca de 300 mil alunos para outras unidades. Foram quase 60 dias em que cerca de 200 escolas foram ocupadas. A mobilização dos jovens fez o governo de São Paulo voltar atrás em sua decisão. Segundo Capai, os estudantes queriam a compreensão sobre o movimento estudantil e também fazer parte da construção da obra, que possui imagens de manifestações que ocorreram desde 2013 – ano em que os atos explodiram – até a vitória do presidente Jair Bolsonaro em 2018. Feminismo, temas LGBTQ+ e antirracismo também englobam os discursos dos narradores.

Mergulho na ANCESTRALIDADE

Eliana Alves Cruz inventou-se como escritora para resgatar a própria história. Seus livros falam da formação do povo brasileiro e dão visibilidade a pessoas que foram subalternizadas a vida inteira, em especial as mulheres negras

por **Mara Magaña**

© AAANIRAM / ISTOCKPHOTO.COM

Fôlego ela tem de sobra. Eliana Alves Cruz é mãe, jornalista, ex-chefe de Comunicação de uma confederação de esportes – cobriu quase 30 campeonatos mundiais, Olimpíadas, Jogos Pan-Americanos –, colunista, produtora cultural e ostenta três ex-maridos. Forjada pela necessidade imediata do trabalho, já escreveu sem energia elétrica, sentada no aeroporto, amamentando filho, com muito conforto, sem nenhum conforto –, sempre à hora que desse. Não havia o melhor momento. Para ela, escrever é uma prática: "Inspiração você tem no início. Fazendo analogia com a minha área, para preservar e ganhar a medalha de ouro, a gente tem de exercitar a escrita muito e muito". O tempo é uma *commodity*, sentencia. "Não entendo aquelas pessoas que dizem 'ah, vou tirar um ano sabático'. Não é uma possibilidade para as mulheres negras. O direito do planejamento da escrita e da vida é um direito branco".

Estamos em um momento especial na cultura, na literatura. As mulheres negras deixam de ser simples leitoras, espectadoras e assumem o papel de protagonistas. Você se insere nesse lugar, mas partiu para algo diferente, que é o romance histórico. Como foi isso?

Eliana Alves Cruz: Parti para o romance histórico porque acho que existe essa lacuna. A gente tem poucos romances publicados por escritoras negras, e a lacuna dessa escrita, desse lugar, também ocasiona uma lacuna na nossa própria história romanceada. Então isso me instigou. Obviamente que a motivação inicial foi o resgate da minha própria história. Eu comecei com o romance *Água de Barrela*, um resgate de um ramo da minha família, que vai da metade do século 19 até nossos dias. Atravessa cerca de 170 anos e tem como pano de fundo a própria história do Brasil, da formação do povo brasileiro. Mas os protagonistas, o ponto de vista, o olhar são de pessoas que foram subalternizadas a vida inteira. E principalmente de mulheres, e as mulheres como guardiãs de uma cultura essencial, de algo muito forte dentro delas, apesar das tentativas de todo apagamento, e daí vem o nome de *Água de Barrela* – para quem não é familiarizado, água de barrela é um tipo e alvejante caseiro, utilizado por lavadeiras no século passado. Eu quis fazer um paralelo da questão de clarear as vidas e apagar o vestígio da cultura negra de "limpeza do sangue". Eu quis fazer esse paralelo porque essas mulheres, muito pelo contrário, empreteceram muito mais a família... E aí nesse romance trouxe isso tudo, e foi muito forte. Muitas pessoas que leem, relatam que choram, se identificam, não tinham percebido esse processo dentro da própria vida. Então, sim, me insiro nesse novo cenário, se a gente pode chamar assim, das mulheres negras escritoras, que têm voz, um protagonismo na literatura brasileira, mas também resgatando coisas que ficaram para trás, de que a gente precisa muito ter conhecimento. A história está pulando na nossa frente, pulando...

Quanto tempo levou na parte de pesquisa histórica? Como foi esse processo de resgate emocional de memória?

Comecei a escrever esse livro com 44 anos. Então, perguntar quanto tempo levou para escrever esse livro... 44 anos. É um livro de uma vida toda. Porque eu convivi com boa parte daqueles personagens. Foi um processo muito intenso. Sabe aquela história que você diz "um dia vou escrever isso", "um dia vou escrever" e um dia eu sentei e disse "hoje vou escrever". De verdade. Comecei a pesquisar, primeiro, região – o livro se passa boa parte em Cachoeira, no Recôncavo Baiano. Nunca tinha ido ao Recôncavo. E isso me bateu: "meu Deus, por que eu nunca tentei saber o que acontecia lá?". E comecei a achar muita coisa. E por que 44 anos? Toda minha vida eu vi o relacionamento da minha avó com aquela família poderosa que eu retrato no livro. Ela se relacionava com os descendentes daquela família a vida toda. Ia para Salvador, visitava, eles vinham para o Rio... Tinha um intercâmbio ali, e eu ficava intrigadíssima para saber de onde minha avó conhecia aquelas pessoas com esse grau de intimidade. Quando ela já estava muito velha, com mais de cem anos, e minhas tias não viram outro jeito senão colocá-la em uma casa de idosos, com muita culpa no coração, a família Tosta saiu de lá e veio questionar as minhas tias por que

SAGA E MISTÉRIO

Se em *Água de Barrela*, Eliana Alves Cruz buscou em sua própria trajetória os subsídios para falar de um período que o Brasil tenta, de alguma forma, apagar, em *O Crime do Cais do Valongo* a perspectiva histórica permanece, mas o *start* para voltarmos é um cadáver abandonado na porta de um mestiço, nos tempos de D. Joao VI.
Com narrativa ágil e brilhante, misturando realidade e ficção, o livro é muito mais que um romance histórico-policial. O que se lê, na escritura da Eliana, é todo o horror da escravidão, que entrava por esse cais de importância ímpar para entendermos a formação brasileira. O livro traz uma parte pouco conhecida da África, a oriental. Segundo a autora, "a gente fala mais de axé, iorubá, bantu, Congo, mas não dos mitos de outros povos, que também passaram por aqui, entrando pelo Cais do Valongo. Está no nosso DNA". Há personagens reais, como o livreiro Manoel Mandillo, uma cantora lírica chamada Joaquina Lapinha e o Intendente-geral Paulo Fernandes Viana. Some-se a tudo isso um toque de um realismo mágico africano, e o resultado é uma obra fantástica. Para estar na estante de todos.

elas haviam colocado minha avó em uma casa de idosos. Tinha uma relação ali muito intensa. Então fui pesquisar a família deles e achei um monte de coisa. Peguei a documentação da minha família e descobri um mundo de coisas, pesquisei cada nome, cada referência, cada lugar e encontrei o elo, vi que nós fomos escravizados, na verdade, por aquela família, e que eles tinham uma relação de interdependência conosco a vida inteira, um cordão umbilical que nem eles nem a gente conseguia cortar. Eu achei esse mote simplesmente sensacional... Então, pensei: "agora vou escrever". E quando a minha família notou que eu realmente estava levando aquilo a sério, os baús se abriram. Eu tenho uma tia que é um pouco acumuladora, graças a Deus, então tinha muita coisa guardada. Na edição que já saiu pela Malê (editora), no final tem a carta de uma das bisnetas lá dos barões, que ela escreveu de próprio punho para minha avó por ocasião da morte da minha bisavó. E a minha tia veio com essa carta, que é quase um guia. Essa carta fala de vários personagens com quem ela conviveu. Foi muito fascinante descobrir essa carta e, por ela, eu fui ao Arquivo de Salvador, aí começa a parte da pesquisa histórica propriamente dita. Fui ao Arquivo Nacional para saber das terras do Engenho Natividade, fui ao Arquivo de Cachoeira para saber mais sobre a família, fui ao Arquivo de Salvador para saber de inventários da família, inventários que continham o nome de escravizados, e a terceira parte, que para mim é a cereja do bolo, a minha tia-avó Nunum, uma das personagens do livro, é diagnosticada com esquizofrenia paranoide. Ela está viva, com 98 anos, e não tem uma memória formal preservada, mas lembra de coisas que fazia aos nove anos. E lembra de verdade, porque eu fui investigar. Peguei alguns pesquisadores lá do Recôncavo Baiano, e eles disseram sim, esse lugar existe, essa festa acontecia... E um deles me falou: "Mas, vem cá, por que você não está acreditando nela? Só porque ela tem uma doença mental? Se despe de seus preconceitos, ela lembra, absorve essa memória. Você não vai achar isso em livro nenhum". E o que é mais interessante é que eu tive um trabalho para separar o que podia ser elucubra-

ção, criação dela, e o que realmente aconteceu. Só que a criação dela, enquanto literatura, me interessa, porque ela está criando em cima de algo que aconteceu.

Onde está nesse processo, onde se encontrou mais?

A Eliana está em quase tudo. Foi meu primeiro livro, minha primeira incursão na literatura. Então não tinha parâmetro, e eu mergulhei de cabeça, de tal forma que determinadas coisas eu até somatizei. Por exemplo, tem uma parte que fala da epidemia da cólera, eu tive todos aqueles sintomas. Em alguns momentos eu precisei, realmente, me afastar, para depois voltar e achar um meio-tempo, senão o livro ia me tragar. Acho que o ato de escrever não pode ser tão angustiante, deve ter um distanciamento para não deixar te consumir por cada coisa que você escreve. Eu fui tendo esse termômetro ao longo de todo esse processo que levou quase seis anos. Fui crescendo também como escritora. Da metade para o final, já tinha encontrado uma forma de pesquisar, já tinha descoberto uma forma de não me afetar tão profundamente com as coisas que eu descobria, porque fui descobrindo muita coisa: processos familiares, processos meus que estavam ligados aos processos familiares... Por exemplo, eu descobri uma documentação, um inventário de escravizados que me chegou por uma amiga lá de Salvador, que é antropóloga. O inventário é de 1855, da família Tosta, e tinha lá os nomes dos escravos arrolados. Muitos dos personagens que estão no livro estão naquele inventário. Olhar o nome da pessoa, com o preço do lado, misturado com todos os objetos da casa, perceber os objetos que aquelas pessoas eram... Como o ser humano é capaz de objetificar o outro com essa profundidade, dessa forma tão cruel? Isso tudo me tirou um pouco o fôlego, me afetou bastante, porque uma coisa é você ver isso nos livros de história, outra coisa é ver seu bisavô, sua bisavó dentro daquele processo. E perceber a solidão daquelas mulheres todas, como eram sozinhas, no final das contas. Essa tão falada solidão da mulher negra atravessa o livro inteiro. É um livro de laços rompidos, isso me marcou profundamente.

Você fala de laços rompidos... Acredita que o livro, de alguma maneira, reatou esses laços, resgata pelo menos um pouco dessa "sozinhez", dessa luta que ainda se trava no dia a dia?

Sim, acho que o livro me libertou, porque quando você entende os processos, tudo fica mais fácil. Acho que é por isso que as pessoas fazem análise. E a partir desse entendimento consegui dissolvê-los, desatar esses nós, esses entupimentos nas veias. Ele serviu como um solvente para as coisas fluírem, porque eu consegui entender que venho de cinco, seis gerações de mulheres absolutamente sozinhas. E que eu estava reproduzindo isso na minha vida – tenho três casamentos. Por que os meus casamentos não prosperaram? Claro que cada um tem seu questionamento, estamos no século 21, mas também tem toda uma carga ancestral de pessoas que carregaram o mundo nas costas, e sem perceber eu estava reproduzindo muita coisa desse processo. Quando entendi isso, eu me libertei demais, minha vida mudou. Minha vida se divide em antes e depois desse livro.

Tem outra questão que é a quantidade de escritoras negras. Além de dar conta do recado da vida – e para as negras é muito mais complicado –, como arrumar tempo e dinheiro para se dedicar à literatura? Passou por isso?

Tem pouca romancista negra no Brasil, porque a gente não dá conta de uma narrativa enorme dessas, tendo que lutar tudo o que a gente luta. A gente está na base da pirâmide brasileira. E quem está na base, está na guerra. Chega em casa destruída, depois de trabalhar muito, carregar o filho sozinha nas costas... Como é que você vai ter saúde para sentar e escrever, sem saber se um dia aquilo vai ter resultado, se alguém vai se interessar em publicar? Como você vai encarar uma escrita dessas sem saber se alguém um dia vai ler?

Antes de *Água de Barrela* houve alguma tentativa de escrever uma história?

Nunca tinha escrito nada de literatura antes. Eu não me via nesse lugar. Como jornalista, eu escrevia o dia inteiro. Escrevia outras coisas, factuais. Eu era muito tímida nesse campo. Eu

© POR FORA DO EIXO / COMMONS.WIKIMEDIA.ORG

1 **MARIA DA CONCEIÇÃO EVARISTO DE BRITO**

Escritora negra de maior projeção hoje no Brasil. Nasceu em uma comunidade na zona sul de Belo Horizonte e vem de uma família muito pobre, com nove irmãos e sua mãe. Trabalhou como empregada doméstica até concluir o curso normal, em 1971, já aos 25 anos. Mudou-se então para o Rio de Janeiro, onde passou em um concurso público para o magistério e estudou Letras na UFRJ. Na década de 1980, entrou em contato com o grupo Quilombhoje. Estreou na literatura em 1990, com obras publicadas na série Cadernos Negros.

2 **CAROLINA MARIA DE JESUS** (1914-1977)

Foi uma escritora brasileira, conhecida por seu livro *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada* publicado em 1960. Carolina de Jesus foi uma das primeiras escritoras negras do Brasil e é considerada uma das mais importantes do País.

REGINA DALCASTAGNÈ 3

Pesquisadora, escritora e crítica literária brasileira. Ela coordenou o estudo iniciado em 2003 pelo Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea da Universidade de Brasília, sobre o perfil do romancista brasileiro. Segundo a pesquisa, ele é homem, branco, de classe média, nascido no eixo Rio-São Paulo. Os números mostram a falta de mulheres e homens negros tanto na posição de autores (2%) como na de personagens (6%). Mulheres negras aparecem como protagonistas em apenas seis ocasiões, e outras duas como narradoras das histórias. A pesquisa analisou um total de 692 romances escritos por 383 autores em três períodos distintos: de 1965 a 1979, de 1990 a 2004 e de 2005 a 2014.

me lembro que conheci a **CONCEIÇÃO EVARISTO**[1], depois descobri a **CAROLINA MARIA DE JESUS**[2]. Mas assim, uma, duas, três... No cômputo geral, tudo o que eu lia, inclusive na faculdade, era homem branco. E aí as pesquisas da professora **REGINA DALCASTAGNÈ**[3] comprovaram a minha prática – 70% dos escritores nos últimos 60 anos são homens brancos, do Sudeste. Olha isso. E até os clássicos internacionais, a gente só lê homem branco, uma Clarice Lispector aqui, uma Virginia Wolf ali, mas mulher branca. Então eu não me via naquele lugar. Pensava "esse lugar não é para mim, nunca ninguém vai querer publicar um livro meu". Quando comecei a escrever *Água de Barrela* foi mais um processo meu, íntimo, de entendimento da minha família, foi mais um presente para os meus filhos, queria que eles crescessem tendo alguma coisa que eu não tive, que é essa referência de passado. Quando terminei é que pensei como ia publicar aquilo. Passei cinco, seis anos da minha vida escrevendo e quando terminei – eu me lembro exatamente do dia, 15 de setembro de 2015 – tomei uma cerveja para comemorar comigo mesma e disse: "E agora?". Então comecei a procurar e achei o concurso da Fundação Cultural Palmares. E aconteci como escritora.

São poucas as escritoras negras, mas temos Maria Firmina dos Reis, a primeira romancista brasileira e negra, Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, você... E uma moçada que começa a acontecer, indo atrás dos coletivos, agitando muito. Como você vê esses movimentos?

Vejo com muita felicidade todo esse movimento. Por exemplo, na Flup (Festa Literária das Periferias), aqui no Rio, eu vi um **SLAM**[4] de poesia simplesmente fantástico. Tem muita gente escrevendo coisas legais, muita gente ainda temerosa de encarar essa coisa de romance, por achar que é muito grande, mas poesia e conto a gente está dominando. Aí faço de novo a analogia com o esporte. Tem um estudo americano que diz que de mil atletas você tira um talento olímpico. Então tem de ter muita gente praticando esporte para ser uma potência olímpica. Eu acho que na escrita é mais ou menos a mesma coisa: quanto mais gente escrevendo, mais qualidade vamos ter. A qualidade sobressai do meio daquela multidão toda que resolveu escrever, que resolve colocar aquela prática para fora, as suas questões. Aí sim entra a questão do talento, da identificação com esse ou aquele escritor, mas a gente precisa ter muita gente produzindo e isso está acontecendo com a graça de Deus, finalmente. E eu acho que isso é fruto dos anos de cotas que a gente tem nas universidades, fruto de uma sociedade que em algum momento disse assim: "não existe limite para você, vai lá, conquista, todo lugar é seu, você é dono do mundo também".

Sobre essa questão de políticas públicas, cotas raciais, vivemos um momento difícil, da possibilidade de uma hora para outra essas políticas estarem na corda bamba. Como está vendo esse momento? Os negros vão ter de lutar mais por seu lugar de fala?

Olha, como escritora eu sou fruto de uma política pública. Não fosse o concurso da Palmares, que é uma instituição ligada ao extinto Ministério da Cultura, talvez eu estivesse até hoje para publicar a primeira edição do *Águas de Barrela*. Seria um processo infinitamente mais longo e dolorido. Não por acaso, a Conceição Evaristo só aconteceu com quase 70, nacionalmente, internacionalmente, porque dentro do movimento negro ela já é a Conceição há muito tempo. Então existe uma responsabilidade do Estado com relação à cultura negra, especialmente. Dentro das políticas de reparação, pelos quase quatro séculos de escravidão que tivemos, isso deveria estar incluído e deveria ser uma reivindicação de toda população brasileira, não só a negra. A questão da escravidão, da objetificação das pessoas, é uma questão da sociedade brasileira como um todo. A falta de entendimento disso é que possibilita todo o caos que vivemos. Estamos em um momento de retrocesso com relação a isso, mas acredito que há caminhos que não têm volta. Nós começamos um processo que não tem volta. As pessoas que foram empoderadas nesses últimos 15 anos, e que de alguma forma continuam porque é lei, estão aí, os professores estão aí, cumprindo o seu papel mesmo com

todas as dificuldades, eles continuam... O que precisamos é parar para pensar como vamos acelerar ao invés de estacionar.

A escritura das mulheres negras é navalha na carne, porque contém uma dor impensável para grande parte da população. E isso traz um certo acento de voz. Esse fardo histórico traz uma qualidade diferenciada?

A gente desde muito cedo é obrigada a encarar uma face de mundo que a maior parte das pessoas não faz a menor ideia. E isso tudo passa no nosso texto e incomoda demais. Talvez daí venha a reação que essa literatura provoca em alguns grupos. Se a gente for olhar a biografia da Carolina Maria de Jesus, o que aquela mulher passou, que vida foi aquela, uma vida que, escrevendo, por alguns segundos, ela transcendia tudo aquilo. Mas a dor, obviamente, é o texto dela inteiro. E essas vozes provocam uma culpa – as pessoas se confrontam com elas mesmas e nem todo mundo fica confortável. Não é um lugar confortável. Como diz a Conceição, nossa escrita não é para fazer ninar o pessoal da Casa Grande. Tem gente que nos diz que estamos muito presas à escravidão. E aí eu pergunto: "Onde você mora? No Rio de Janeiro?". Como uma pessoa que mora no Rio de Janeiro, a cidade mais escravocrata do País, da história da humanidade – 1 milhão de pessoas pisaram no Cais do Valongo, que formaram essa cidade – se acha livre disso, morando cercada de comunidades por todos os lados, onde a bala come solta? Então, para continuar nesse mundo de fantasia, é preciso negar a nossa escrita, é preciso negar a nossa existência. É preciso, principalmente, desqualificar. E tem essa questão do lugar de fala. Precisamos ter cuidado, porque, às vezes, essa fala é manipulada de forma muito pouco honesta. As pessoas usam essa questão pra te enclausurar num lugarzinho. "Ah, você só quer falar sobre isso, então fica aí falando...". Isso é perigoso. "Fica aí escrevendo sobre sua 'escrevivência'".

Falando agora um pouco do seu segundo romance, *O Crime do Cais do Valongo*, que começa com algo que aconteceu antes do Império...

Foi um livro bem interessante, gostoso de escrever porque pude brincar um pouco mais. Criei dois personagens, um é o Nuno, um mestiço, e uma escravizada, a Muana, uma moçambicana que vem pra cá. E os dois contam sobre esse crime. Morre um figurão, um **NOUVEAU RICHE**[5], que poderia se encaixar em um personagem que vive agora. Aliás, todos os personagens podem. O Nuno fica brigando entre ser branco e ser negro. Ele e um **BON VIVANT**[6], um sobrevivente, não está nem aí para as coisas. Para se manter naquela sociedade, faz várias concessões, é um cara de caráter bem duvidoso, e um dia topa com um cadáver na porta dele. Depois entra a Muana, que era escravizada pelo morto e começa a contar também sua história e aí vão aparecendo os personagens. Ficou muito interessante, porque foi uma forma que eu inventei de falar daquele período do Rio de Janeiro, daquele recortezinho de tempo, que é um pouco antes da chegada da família real até comecinho das questões da independência do Brasil, antes de 1822. Eu trago aquela época do Valongo, porque o próprio carioca não sabe o que aconteceu, e ali está o DNA do Brasil de hoje, é patrimônio da humanidade para a Unesco e um lugar vital para entender a sociedade brasileira. Foi o caminho do ouro, por ali entravam escravos que iam lá para Minas, dali saía ouro que ia parar em Portugal, e a gente não sabe nada sobre isso.

Você está preparando uma nova pesquisa, dá para falar um pouco sobre isso?

Estou preparando várias coisas novas. Este ano está saindo uma antologia de contos – *Do Índico e do Atlântico: contos brasileiros e moçambicanos*, eu estou lá, deve sair algum infantil, e estou escrevendo dois romances. O que está quase no término também é um romance histórico – eu recuo 100 anos na história do Valongo. É sobre homossexualidade no Brasil Colônia, talvez seja um pouco polêmico, porque vai trazer uma personagem trans. É, acho que vai ser bem polêmico. CP

4 SLAMS OU POETRY SLAMS

São encontros de poesia falada (*spoken word*) e performática, geralmente em forma de competição, onde um júri popular, escolhido espontaneamente entre o público, dá nota aos *slammers* (os poetas), levando em consideração principalmente dois critérios: a poesia e o desempenho.

5 NOUVEAU RICHE

(novo rico) é a pessoa originária de classe social baixa que enriquece subitamente, mas que mantém um estilo de vida, gostos e modos considerados vulgares pelas classes mais altas.

6 BON VIVANT

Uma expressão da língua francesa que designa uma pessoa que sabe aproveitar os prazeres da vida.

SOBRE A AUTORA

MARA MAGAÑA é jornalista, escritora e educadora.

Pai de muitos

Definir o que é um dicionário não é tarefa tão fácil quanto parece. Para além de uma extensa lista de palavras e seu significado, ele é também um gênero de discurso e reflete diversas visões da língua

por **Avram Ascot**

Mais do que uma simples lista de palavras organizadas em ordem alfabética, um dicionário é um objeto de conhecimento criado para satisfazer a curiosidade do ser humano sobre o significado daquilo que desconhece.

Perguntas como "o que é isto?" e "para o que serve aquilo?" são respondidas com relativa facilidade pelos mais diversos tipos de dicionários disponíveis em meio físico e/ou digital.

Todos nós em um momento ou outro de nossa vida de cidadãos de uma sociedade letrada já consultamos um dicionário: para saber o significado ou sinônimo de uma palavra, para concluir um trabalho escolar ou acadêmico, "fechar" uma palavra cruzada ou por simples curiosidade de saber o que quer dizer aquela palavrinha pedante que a mulher do Meireles insiste em repetir ao final de cada frase que pronuncia com aquele ar de sabichona.

Os dicionários estão em toda parte: nas escolas, nas bibliotecas, nas empresas e até mesmo na casa de todos aqueles que têm condições de adquirir um de seus mais diversos tipos e formatos.

© VASINA / ISTOCKPHOTO.COM

Na aldeia global formada pela *internet* é possível encontrar versões eletrônicas deles em variados *sites* de consulta e pesquisa. O acesso a um dicionário eletrônico é também um meio de inclusão digital.

Apesar dessa presença constante na vida das pessoas, poucos de nós sabemos o que é ou para que serve um dicionário. E, embora a resposta pareça óbvia, não é tão simples assim definir de modo claro e articulado o que é um dicionário.

Na tentativa de responder de maneira clara e objetiva a essas e outras dúvidas, vamos (re)lembrar aqui alguns dados importantes sobre os dicionários e sua importância para o professor, o aluno e a mulher do Meireles. (*Ver box Com direito à palavra*)

"Na aldeia global formada pela *internet* é possível encontrar versões eletrônicas deles em variados *sites* de consulta e pesquisa. O acesso a um dicionário eletrônico é também um meio de inclusão digital"

1 LINGUÍSTICA

É a ciência que tem como objeto de estudo a língua e suas estruturas. Estuda a linguagem humana em seus aspectos fonético, morfológico, sintático, semântico, sociocultural e psicológico.

COM DIREITO À PALAVRA

Consultar um dicionário não é assim tão fácil quanto parece. O acesso às informações por ele organizadas exige uma série de conhecimentos que só vamos adquirindo com o tempo.

Mais do que um simples suporte para o texto, o dicionário é também um gênero do discurso, e o ensino e aprendizagem de seu "uso" exige um trabalho pedagógico que privilegie práticas de leitura e escrita de uso cotidiano.

O uso do dicionário em sala de aula é uma oportunidade para, a partir do estudo do vocabulário e do léxico, desenvolver a proficiência em leitura e escrita de crianças e adolescentes.

Em uma sociedade letrada, que exige de seus cidadãos patamares superiores de proficiência em leitura e escrita, as práticas de letramento devem privilegiar situações de ensino e aprendizagem que ampliem o conhecimento sobre a língua e o léxico.

LEXICOGRAFIA 2
Área de estudos do léxico que se dedica à organização do repertório lexical existente em uma língua. É a responsável pela elaboração de dicionários, vocabulários e glossários.

FRANCISCO DA SILVA BORBA 3
Professor titular (aposentado) da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Graduado em Letras (USP), doutor em Letras (Unesp), livre-docente (USP). Tem experiência na área de Linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: sintaxe, teoria gramatical e lexicografia.

MARIA DA GRAÇA KRIEGER 4
Doutora em Linguística e Semiótica Geral pela USP e pós-doutora em Terminologia pela Universidad Pompeu Fabra (Barcelona, Espanha). Foi fundadora e coordenadora do Projeto TERMISUL (UFRGS) – que pesquisa o desenvolvimento dos estudos terminológicos –, atuou como presidente da Rede Ibero-americana de Terminologia (RITerm), foi a responsável pela área de dicionários da Comissão Técnica do Programa Nacional do Livro Didático (Ministério da Educação) e trabalha até hoje no Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada (UNISINOS).

O QUE FAZ UM DICIONÁRIO

Embora seja composto de palavras e seu principal objeto de conhecimento seja a palavra, um dicionário é muito mais do que simplesmente um catálogo de palavras.

As suas áreas de interesse vão muito além da **LINGUÍSTICA**[1] e da **LEXICOGRAFIA**[2], e seus objetos de conhecimento são tão distintos quanto diversificados. (*ver box Para além da palavra*)

Elaborado a partir de convicções teóricas e propostas lexicográficas distintas, cada dicionário é organizado de acordo com o público e o objetivo ao qual se destina. Nesse sentido, podemos dizer que o dicionário serve a diversos patrões e pode prestar os mais variados serviços a cada um deles.

Os conhecimentos culturalmente partilhados que ele classifica e cataloga vêm das mais diversas fontes e são produto de saberes populares não especializados, mas consensuais, e de saberes especializados oriundos das mais variadas procedências.

As possibilidades e os limites de um dicionário não se restringem às categorias e subcategorias de seres e coisas que ele cadastra, inventaria e relaciona.

Como descrição mais ou menos extensa do léxico de um idioma, cada dicionário é resultado de uma determinada convicção teórica e se organiza de acordo com os ideais linguísticos que defende.

Comprometidos com uma tradição lexicográfica que tem como modelo as normas urbanas de prestígio e os usos literários consagrados, a maioria dos dicionários confirma o que diz o professor **FRANCISCO DA SILVA BORBA**[3], livre-docente da Universidade de São Paulo, quando afirma que "Quem fala ou escreve pretende sempre colocar, mesmo que implicitamente, seu modo de ver e sentir o universo, seus pontos de vista e suas convicções, seu sistema de crenças".

Ao ampliar os limites do conhecimento estabelecido, o dicionário se estabelece como produto cultural e consolida uma determinada visão de língua, vocabulário, leitura e escrita.

Para a professora **MARIA DA GRAÇA KRIEGER**[4], ex-membro da Comissão Técnica do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), do Ministério da Educação, responsável pela área de dicionários, como produto de caráter social, o dicionário "reflete determinadas visões sobre a língua e, logo, posições do sujeito enunciador, a despeito de sua aparência de neutralidade, a qual está vinculada à articulação de um paradigma formal histórico e universalmente estabelecido, e que praticamente acompanha a história da humanidade".

O conhecimento sobre língua e linguagem que ele partilha, portanto, é construído a partir da **PRÁXIS LINGUÍSTICA**[5] do grupo social ao qual se destina como produto cultural e de consumo. (*Ver box Representações de gênero*)

PARA QUE SERVE UM DICIONÁRIO

Do ponto de vista da descrição lexicográfica, que é a descrição do léxico da língua, o dicionário fornece um conjunto de informações sobre cada uma das palavras que registra e sua utili-

PARA ALÉM DA PALAVRA

A organização de um dicionário obedece a critérios lexicográficos que vão além da origem e do significado das palavras. Como produto sociocultural destinado a um determinado grupo em uma comunidade de falantes, ele pode ser organizado de acordo com suas intenções, metas e finalidades. A partir desses critérios é possível estabelecer os principais domínios do conhecimento a que se destina cada tipo específico de dicionário:

- **Os objetos de conhecimento:** a linguagem, a vida e sociedade, o inconsciente, entre outros.
- **Ciências e disciplinas:** a filosofia, a linguística, a psicanálise, entre outras possíveis.
- **Grandes áreas epistemológicas:** ciências naturais, ciências humanas, ciências exatas etc.

REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO

Partindo do pressuposto de que as práticas e os papéis sociais do homem e da mulher na sociedade modificaram-se ao longo do tempo e de que essas mudanças foram fortemente marcadas pelas convenções sociais de cada época, é possível construir um painel de como se dão as representações de gênero nas práticas de linguagem de uma determinada sociedade e de como elas são reproduzidas na produção cultural desta sociedade.

Uma análise atenta sobre as entradas dos verbetes "homem" e "mulher" no dicionário, bem como dos substantivos e adjetivos que se referem a ambos, revela a prevalência de um discurso preconceituoso com relação à figura feminina e uma celebração da figura masculina.

A constituição anatômica e os papéis sociais assumidos pela mulher são diminuídos em face de uma exaltação da figura masculina que tem sua anatomia, seus papéis sociais e suas características psicológicas engrandecidas.

A predominância do gênero masculino na maioria dos verbetes revela uma enunciação fortemente marcada pelas convenções sociais e descontrói o mito da neutralidade do discurso presente no léxico. Esta reprodução de uma relação de poder marcada pelo patriarcalismo é socialmente construída e historicamente situada e pode ser constatada por trabalhos acadêmicos como *A representação do homem e da mulher no dicionário de usos do português do Brasil*, dos pesquisadores Antonio Luciano Pontes e Hugo Leonardo Gomes dos Santos, da Universidade Estadual do Ceará, e *A representação do gênero em dicionários monolíngues dos idiomas alemão, espanhol e português: uma análise crítica feminista de verbetes referentes às profissões*, das pesquisadoras Giselly Oliveira de Andrade, da Universidade Estadual do Ceará, Gislene Lima Carvalho, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, e Romana Castro Zambrano, da Universidade Federal de Sergipe.

dade vai muito além daquele tira-teima sobre a ortografia e/ou significado de uma palavra.

Ao indicar os diferentes domínios de conhecimentos a que uma determinada palavra está relacionada, ele não apenas amplia o campo semântico desta palavra, mas também desvenda as relações de forma e conteúdo que ela estabelece com outros vocábulos.

Para além das funções gramaticais, há um mundo de valores sociais e afetivos relacionados à palavra que o dicionário pode revelar a partir da análise de estilo e linguagem presentes nos enunciados da fala e da escrita.

Portanto, quanto mais ampla for a seleção vocabular feita por um dicionário, maior será a sua eficácia em desvendar a trajetória de uma palavra na língua.

Informações como a origem e o caráter regional de um vocábulo podem ajudar na descrição da pronúncia aproximada de um estrangeirismo ou regionalismo, bem como indicar os contextos mais típicos de uso do vocábulo e/ou expressão.

O cuidado descritivo e a representatividade de cobertura de um dicionário são o que determina a qualidade dos serviços que ele prestará e o uso que um determinado público fará dele.

As demandas de ensino e aprendizagem às quais um dicionário atende estão atreladas ao conjunto de "serviços" que ele pode prestar.

Vai longe a época em que o dicionário era chamado "pai dos burros". Com a ampliação do acervo cultural da humanidade e o enriquecimento do patrimônio cultural das sociedades letradas, ele se tornou em instrumento pedagógico fundamental e ferramenta didática eficaz no auxílio ao processo de ensino e aprendizagem. CP

5 PRÁXIS LINGUÍSTICA

Considera a língua como uma prática de linguagem inserida em um determinado contexto de uso e ação. É a partir dela que são construídos os significados para qualquer processo de enunciação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORBA, Francisco da Silva. *Dicionário de usos do português do Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.

HUMBLÉ, Philippe. *O discurso do dicionário*. In: Caldas-coulthard, Carmen Rosa e Scliar CaBral, Leonor. orgs. Desvendando discursos: conceitos básicos. Florianópolis: Ed. da UFSC. 2007.

ILARI, Rodolfo e GERALDI, Wanderley. *O significado das palavras*. In _. Semântica. São Paulo: Ática. 1987.

KRIEGER, Maria da Graça. 2001. *O universo dos dicionários*. In__ roesing, T. M. K. e BecKer, P. orgs. Jornadas Literárias de Passo Fundo: 20 anos de história – ensaios. Passo Fundo: UPF/ Edelbra, 2001.

NUNES, José Horta e PETTER, Margarida (orgs.). *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. São Paulo: Humanitas; Campinas: Pontes. 2002.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. Ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001.

SOBRE O AUTOR

Avram Ascot é heterônimo de Abrahão Costa de Freitas.

Comunicação e a dona mãe do Rio

Por **Andrei Ferreira de Carvalhaes Pinheiro**

A língua interativa, tão presente nos meios digitais, mostra que as práticas de uso linguístico são complexas, mas não dicotômicas, e pautadas por palavras de ordem

Na tradição linguística, muitas têm sido as formas pelas quais se investiga a língua, essa "entidade" de definição dependente – dependente porque a concepção do que seja língua (e do que se deve estudar nela) varia de acordo com a teoria da qual se parte. Por exemplo, a perspectiva estruturalista, segundo o pesquisador e linguista brasileiro Camara Jr., interessava-se pelo sistema linguístico; portanto, interessava-se, sobretudo, por aquilo que, na língua, fosse homogêneo e coletivo, compartilhado por todos os falantes de uma mesma comunidade. Não havia, pois, uma preocupação "interlinguística". Os autores **CARLOS MIOTO**[1], **MARIA CRISTINA FIGUEIREDO SILVA**[2] e **RUTH LOPES**[3] afirmam no *Novo Manual de Sintaxe* que, como o estruturalismo, também a linguística gerativa assume um caráter formalista: valoriza a estrutura linguística – ou seja, a sintaxe da língua – em detrimento do significado, de difícil apreensão. Diferentemente do estruturalismo, no entanto, o gerativismo busca por padrões comuns a todas as línguas naturais.

Surgem, contudo, em oposição às correntes formalistas de estudo linguístico, vertentes teóricas interessadas na língua em uso que se podem reunir sobre o termo correntes funcionalistas. Para pesquisadores e teóricos dessas vertentes, como a linguista Vera Paredes Silva, o estudo da língua pressupõe que se investiguem fatores discursivo-pragmáticos, aqueles que integram o contexto linguístico. Portanto, fazem-se necessários questionamentos como: Quem fala (ou escreve)? Para quem? Sobre o quê? Quando e onde isso acontece?

Ganha destaque, agora, aquilo que, na língua, se reconhece individual, ainda que não se negue, tampouco se ignore, o coletivo, já contemplado pelos linguistas estruturalistas.

Também o filósofo francês Gilles Deleuze e Félix Guattari – um filósofo, psicanalista e militante revolucionário francês, mas autodidata, sem nenhum estudo formal –, há mais de três décadas, apontavam para a necessidade de se reconhecer a língua enquanto prática. Notamos isso, por exemplo, quando os autores afirmam: "A unidade elementar da linguagem – o enunciado – é a palavra de ordem". Não é uma unidade meramente formal; é uma unidade interacional, pois a ordem se dá na interação. É, portanto, o uso da língua que deve assumir posição elementar nos estudos linguísticos, quaisquer que sejam as instâncias analisadas, da fala à escrita.

"... o uso da língua que deve assumir posição elementar nos estudos linguísticos, quaisquer que sejam as instâncias analisadas, da fala à escrita"

CONTÍNUO DE ORALIDADE-LETRAMENTO

Popularmente, costumamos tratar da fala e da escrita como se fossem conceitos dicotômicos: ou falamos, ou escrevemos. Entretanto, para os linguistas preocupados com o discurso, como o filósofo, linguista e escritor Luiz Antonio Marcuschi e Bortoni-Ricardo, o cenário é bem mais complexo. Na verdade, os textos falados e os textos escritos situam-se em um contínuo chamado, pela linguista e sociolinguista Stella Maris Bortoni-Ricardo, de contínuo de oralidade-letramento. Nos eventos de letramento, a base da interação é o texto escrito; nos de oralidade, o texto falado. Trata-se da base da interação; isso não impede que as características da fala e da escrita prototípicas interajam entre si para compor a comunicação.

Para compreendermos, com clareza e brevidade, ao que nos referimos quando tratamos fala e escrita em um contínuo, podemos recorrer a produções textuais em um ambiente de interações humanas que, desde o início do século XXI, tem se desenvolvido amplamente. Podemos recorrer ao ambiente digital.

Marcuschi e a linguista Susan Herring defendem que, na *internet*, a escrita assume posição central. No entanto, não podemos prontamente associá-la à escrita tradicional, pois desta se difere de inúmeras formas; tampouco podemos, ainda, dizer que se trata de uma "fala por escrito", pois também da fala tradicional a escrita digital se distancia em alguns aspectos.

Portanto, façamos aqui o seguinte: investiguemos, em uma curta interação entre duas pessoas pelo aplicativo WhatsApp, como diferentes semioses podem atuar na construção da comunicação, na construção da língua em uso, a fim de verificarmos, como objetivo último, quais palavras de ordem, segundo a proposta de Deleuze e Guattari, compõem a conversa. Sigamos à análise da interação abaixo:

(ARQUIVO PESSOAL DO AUTOR. REPRODUZIDA SOB AUTORIZAÇÃO DE AMBOS OS PARTICIPANTES DA INTERAÇÃO)

No excerto de conversa de WhatsApp disposto acima, notamos dois amigos que, de início, discutem sobre o aniversário da "Dona mãe do Rio" que se daria no dia seguinte ao dia da conversa. A interação entre os dois interlocutores se constrói, majoritariamente, por meio do texto escrito (nesse caso, digitado). Observamos, porém, alguns elementos que aproximam essa

1 CARLOS MIOTO
Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas, possui pós-doutorado pela Università di Siena (1998) e pós-doutorado pela Universidade Estadual de Campinas.

2 MARIA CRISTINA FIGUEIREDO SILVA
Doutora em Linguística pela Université de Genève. Atua em Teoria e Análise Linguística, especificamente dentro do quadro da Gramática Gerativa.

3 RUTH LOPES
Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. Tem pós-doutorado por três universidades: University of Maryland at College, University of Massachusetts, e University of Chicago.

escrita dos textos que, tradicionalmente, reconhecemos como textos orais. Por exemplo, os prolongamentos das palavras "quem" e "sim" logo no início do excerto apontam, conforme demonstra a escritora e mestranda em Linguística Yales Lima, para uma aproximação com a fala. Também o uso de um *emoticon* ao final do excerto visa, nas palavras da filóloga e linguista Vera Lúcia de Paiva, a "superar a ausência das expressões faciais e dos elementos paralinguísticos". Aqui, já temos uma característica interessante: os *emoticons* representam uma estratégia típica da escrita digital para contemplar aspectos da comunicação face a face.

Outra característica associada à escrita digital é o peculiar uso de asteriscos na interação apresentada. Na escrita convencional, os asteriscos costumam encaminhar o leitor, por exemplo, para as notas de rodapé; na escrita em ambiente digital, por outro lado, os asteriscos tendem a ser usados como uma forma de apontar uma correção: aquilo que se apresenta ao lado dos asteriscos retifica uma porção textual prévia tomada como equivocada. Quanto mais asteriscos são usados, mais intensa, mais urgente se faz a correção. A diferença, agora, é que esse uso dos asteriscos não dialoga, diretamente, com características da escrita tradicional, tampouco da fala; trata-se de uma característica típica da escrita digital, que a distingue da escrita tradicional, sem que, necessariamente, a aproxime da fala tradicional.

Onde, porém, vemos até aqui as palavras de ordem apresentadas por Deleuze e Guattari como "unidade elementar da linguagem"?

Podemos argumentar que, no início da interação, a palavra de ordem, por assim dizer, consiste em um mútuo acordo: ambos os interlocutores se posicionam na conversa – e confirmam o seu direito de participar dela – ao demonstrarem, ambos, estarem cientes de que, no dia seguinte àquela interação, seria aniversário da "Dona mãe do Rio".

Contudo, fazem-se mais claras as palavras de ordem pelas quais o texto, ao final do excerto, se constrói. Notamos, nessa porção da interação, um curto embate: enquanto o interlocutor à esquerda se propõe a corrigir uma estrutura linguística empregada anteriormente, o interlocutor à direita (que introduziu tal estrutura na interação) a confirma no texto e, pelo uso do *emoticon*, demonstra aversão à correção imposta. Ora, trata-se, portanto, de um embate de ideologias, conforme ensina o físico americano e professor de educação na Universidade de Michigan Jay Lemke: de um lado, apresenta-se uma ideologia linguística prescritiva, que estigmatiza estruturas como "levar ela", em que o complemento verbal se manifesta sob a forma de um pronome ("ele") recorrentemente associado à função de sujeito, não de complemento; de outro lado, apresenta-se uma ideologia democrática, que, segundo nos parece, reconhece como válidos usos linguísticos que se distanciam do padrão imposto pela gramática normativa, mas que são, de fato, produzidos em situação real de comunicação. Ambos os posicionamentos, porém, instanciam: "faça-se valer esta estrutura linguística (não aquela)". São, pois, palavras de ordem.

Demonstra-se, assim, que as práticas de uso linguístico são práticas complexas, por natureza não dicotômicas, e, conforme assumem Deleuze e Guattari, pautadas por palavras de ordem. O reconhecimento desses fatos requer que se tome, como objeto de análise, não a língua enquanto conjunto homogêneo de regras estruturais; mas a língua enquanto prática interativa. CP

"Outra característica associada à escrita digital é o peculiar uso de asteriscos na interação apresentada (...) típica da escrita digital, que a distingue da escrita tradicional, sem que, necessariamente, a aproxime da fala tradicional"

REFERÊNCIAS

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a Sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 25ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Postulados da Linguística*. In: _____; _____. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. Título original: Mille plateaux: capitalisme et schizophrénie, 1980.

HERRING, Susan C. *Computer-mediated discourse*. In: SCHIFFRIN, Deborah; TANNEN, Deborah; HAMILTON, Heidi E. (Org.). The Handbook of Discourse Analysis. Massachusetts: Blackwell Publishers, 2001, pp. 612-634.

LEMKE, J. L. *Textual politics: an introduction*. _____. Textual politics: discourse and social dynamics. London: Taylor and Francis, 1995, pp. 1-18.

LIMA, Yalis Duarte Rodrigues. *Forma e função em gêneros digitais: estrutura composicional e traços léxico-gramaticais no macrogênero blog*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2017.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital*. In: _____; XAVIER, Antonio Carlos (Org.). Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2010, pp. 15-80.

MIOTO, Carlos; SILVA, Maria Cristina Figueiredo; LOPES, Ruth. *Novo manual de sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2013.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. *Facebook: um estado atrator na internet*. In: ARAÚJO, Júlio; LEFFA, Vilson (Org.). Redes sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender? 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016, pp. 65-80.

PAREDES SILVA, Vera Lúcia. *Cartas cariocas: a variação do sujeito na escrita informal*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, mimeo, 1988.

SOBRE O AUTOR

Andrei Ferreira de Carvalhaes Pinheiro é mestrando em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); licenciado em Letras: Português-Inglês pela UFRJ e professor de Leitura e Produção de Texto do Colégio Mopi, no Rio de Janeiro.

Texto de **Mara Magaña**

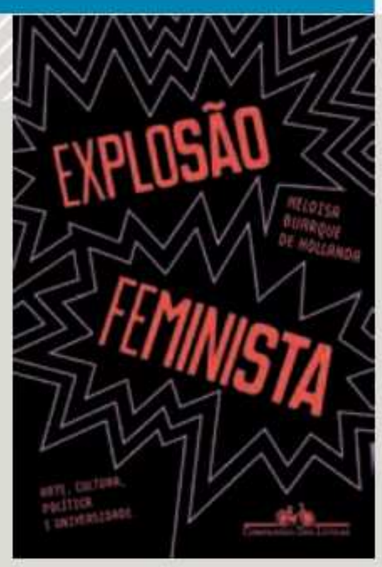

Precisamos falar mais sobre nós

Peço perdão aos meus leitores homens se me incluo no título deste artigo. É que minha cabeceira, no exato momento em que escrevo, é totalmente feminista. A culpa é de Heloisa Buarque de Holanda. *Explosão Feminista* (Companhia das Letras) apresenta-se como um livro-ocupação, logo na primeira frase da orelha. E é justamente essa a sensação que se tem ao travarmos conhecimento das histórias reunidas por Heloisa, com feministas-ativistas em diversas áreas, da política às artes, das garotas que mal saíram da adolescência, ou nem saíram, às veteranas velhas de guerra, dos variados tons e sons dos feminismos da diferença.

Assim como a autora, sou uma feminista da terceira onda. Mas isso já é passado: a minha luta por igualdade e representatividade aconteceu na universidade, nas redações, dentro da minha casa. O fazer político, o ativismo político que eu acreditava ser possível, não alcançava a minha representação nas ruas. E, para falar a verdade, nem dentro de partidos ou associações.

Mas existia. Prova disso é a última parte do livro, onde Heloisa Buarque de Holanda avisa: "Essa parte não fala de explosão feminista... Traz apenas o depoimento de algumas veteranas desta história: mulheres acadêmicas de um momento vital do feminismo no Brasil, que foi o período de 1975 até a virada do século...". Assim conhecemos a socióloga e historiadora Bila Sorj, que também se dividiu, inicialmente, entre o feminismo conhecido em Israel e a militância socialista. Ou Sueli Carneiro, que topou com as questões raciais e entrou para um movimento negro, mas não qualquer movimento, um coletivo negro de mulheres nos anos 1970. Ou como exemplifica a socióloga Jacqueline Pitanguy: "... A questão da mulher não existia para mim; eu não tinha consciência de que era especificamente mulher. Creio que essa era uma característica das pessoas politizadas da nossa geração. Nós estávamos preocupados com a política a nível macro". Mas, com a experiência adquirida no Chile de Salvador Allende, foi trabalhar como pesquisadora e professora de metodologia na PUC do Rio. Deu com os costados em uma pesquisa com a Organização Internacional do Trabalho e então entrou em contato com a opressão da mulher no mercado de trabalho. Foi o pontapé inicial para seu envolvimento em questões feministas.

Do fim para o início, aterrissamos na chamada quarta onda, com as jornadas de junho de 2013, que reuniu milhares de mulheres nas ruas do País, a partir do Movimento Passe Livre, e com uma novidade nunca antes utilizada: as redes sociais. Dava-se início às novas linguagens do ativismo. As mulheres, definitivamente, se fizeram ouvir (e ver). Como observa Ivana Bentes: "Destaco a emergência de novas linguagens nesses movimentos urbanos: as mulheres da Marcha das Vadias exibindo seios e corpos pintados, reivindicando direitos e liberdades..."

Dois anos depois, ainda sobre os ecos das manifestações feministas, essas e outras mulheres reagiram ao retrocesso que representou a aprovação do projeto de lei 509/2013, apresentado por Eduardo Cunha, que dificultava o acesso de vítimas de estupro a cuidados médicos essenciais. Não nos fizemos de rogadas: voltamos às ruas com palavras de ordem tipo "O Cunha sai, a pílula fica", ou as mais audaciosas empunhando cartazes com frases como "As puta, as bi, as trava, as sapatão, tá tudo organizada pra fazer revolução". Fomos ganhando força, atingindo cidades grandes, pequenas, trabalhadoras do campo.

Explosão Feminista é dividido em quatro partes. Na primeira, o lugar de fala é da nova geração política; na segunda, a palavra forte revela o feminismo nas artes em geral. A parte três traz os feminismos da diferença e aí o bicho pega: cisgênero, a própria Heloisa, negras, indígenas, asiáticas, transfeministas e as feministas lésbicas. São reflexões e entrevistas de mulheres que expõem suas veias abertas do feminismo. A quarta parte é a que abre essa reflexão.

A obra é fundamental para entendermos como andamos e para onde vamos. Mas ainda é pouco. Precisamos falar mais sobre e para nós. CP

MARA MAGAÑA é jornalista, escritora, contadora de histórias, mãe e feminista, ainda que seja da terceira onda.

© XOCHICALCO / ISTOCKPHOTO.COM

Viagem ao sertão rosiano

Cavaleiro de léguas e bandeirante das palavras, Rosa chega aos que nunca esquecem e aos que jamais leram a expressão que dilacera o espírito de um leitor – *Nonada* – em duas belíssimas edições: *Grande Sertão: Veredas* e *Sagarana*

Apeie vivente, que o causo carece...

por **Mara Magaña**

Tem de se entrar na atmosfera rosiana para abrir uma de suas páginas. Para quem nunca o leu, duas ótimas oportunidades se apresentam: *Sagarana*, na qual os críticos afirmam que Rosa encontrou Rosa – coletânea que traz em seu bojo um de seus contos mais conhecidos, *A Hora e a Vez de Augusto Matraga* –, e sua obra mais celebrada, *Grande Sertão: Veredas*.

Por decisão dos herdeiros, as produções de Guimarães Rosa ficaram divididas entre a Companhia das Letras e a Global (***ver box Duas Casas para um Só Gênio***). Nascido em Cordisburgo, interior de Minas Gerais, a 27 de junho de 1908, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras por unanimidade, em 1963. Mas não foi empossado imediatamente, porque adiou a cerimônia enquanto pôde. Dizia ter medo de morrer no dia do evento. Só tomou posse em 16 de novembro de 1967. Três dias depois morreu subitamente em seu apartamento no Rio de Janeiro, de infarto.

O sertão e a viagem por suas veredas são o território escolhido pelo também médico e diplomata Guimarães Rosa para nele desenvolver seus enredos e desenredos. O for-

te cunho poético e peculiar de sua escrita não espantou os tradutores – com a maioria deles, aliás, o autor manteve contato estreito, por meio de cartas. Rosa pode ser lido em alemão, espanhol, francês, holandês, inglês e italiano.

As telas gostam de seu estilo: já foram adaptados para o cinema *Grande Sertão: Veredas* (filme e série para a TV), o conto *A Hora e a Vez de Augusto Matraga*, em duas ocasiões, *Soroco, Sua Mãe, Sua Filha*, que inspirou *Cabaret Mineiro, Sagarana, Duelo, Mutum, Outras Estórias* e *A Terceira Margem do Rio*, de *Primeiras Histórias*.

Viajar ao universo rosiano é encarar uma encruzilhada entre o espaço geográfico e a literatura. Poucos artistas souberam colocar o sertão como protagonista da forma como Rosa o fez. Passando ao largo de desfiar nomes de todos que já usaram o mundo sertanejo como cenário, há aqueles que merecem citação, por sua forte intimidade com o espaço: **RACHEL DE QUEIROZ**[1], Graciliano Ramos, **JOSÉ LINS DO REGO**[2], **JORGE AMADO**[3], **ARIANO SUASSUNA**[4], **MANOEL DE BARROS**[5] (embora mais pantaneiro, mas igualmente colossal na criação de neologismos), na escrita; Elomar Figueira de Mello, na cantoria; Aldemir Martins, nas tintas.

Rosa é própria representação do Brasil, mas o caráter de sua obra é universal e permite interpretar o sertão das Gerais como um mundo inteiro: os personagens rosianos vivem em uma zona sacralizada, em que os níveis espiritual e material não têm fronteiras muito bem definidas.

Ler Guimarães Rosa é embarcar em uma viagem ao "quem" das coisas: requer atenção, disposição, cuidados e esperteza, como se o objetivo fosse desbravar trechos de matas virgens do sertão. Isso devido ao alto grau de elaboração de seus textos, com valiosas informações escondidas, muitos detalhes a serem observados, armadilhas linguísticas e trechos suntuosos com relevos acidentados a se percorrerem, repletos de bifurcações nos caminhos possíveis a serem trilhados. Ou, como sintetizam a cineasta Marly da Cunha Bezerra e o geógrafo Dieter Heidemann no *Dossiê Guimarães Rosa*: "Para quem tenha olhos para ver e ouvidos para ouvir, a geografia e a ficção se misturam e envolvem o viajante".

"O título do livro – que nasceu apenas Contos – dá uma pista do amálgama de que é feito Rosa: saga tem raiz germânica (conjunto ou série de estórias, aliás orais, derivado do verbo "dizer", portanto índice épico) e rana, o sufixo, ele foi buscar na língua tupi (à maneira de)"

ENTRADAS E BANDEIRAS

A estreia literária do bandeirante de palavras aconteceu em 1929, quando a revista *O Cruzeiro* publicou alguns contos seus, vencedores de um concurso literário da edição. Em 1936, a coletânea de versos *Magma*, obra que só viria a ser publicada postumamente, recebeu o Prêmio Academia Brasileira de Letras. *Sagarana*, oficialmente seu primeiro livro, data de 1946.

Essa estreia chamou atenção pela linguagem inovadora, singular estrutura narrativa e riqueza de simbologia dos contos, que o escritor havia começado a desenvolver dez anos antes. As histórias se passam em fazendas mineiras, tendo como personagens vaqueiros e criadores de gado. Observa-se, desde o início, a natureza totalmente oral do romance, por ser um elo de aproximação do leitor com o conteúdo denso do livro – aí o grande mérito da obra rosiana: essa força desmesuradamente simbólica da língua será sua marca registrada.

Baseada nessa oralidade sertaneja, aproveita regionalismos e arcaísmos ali preservados, dedicando-se igualmente a adaptar estrangeirismos e a criar neologismos. O título do livro – que nasceu apenas Contos – dá uma pista do amálgama de que é feito Rosa: saga tem raiz germânica (conjunto ou série de histórias, aliás orais, derivado do verbo "dizer", portanto índice

1 RACHEL DE QUEIROZ (1910-2003)
Tradutora, romancista, escritora, jornalista e dramaturga brasileira. Autora de destaque na ficção social nordestina. Foi a primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras. Em 1993, também foi a pioneira a ser galardoada com o Prêmio Camões.

2 JOSÉ LINS DO REGO CAVALCANTI (1901-1957)
Um escritor brasileiro que, ao lado de Graciliano Ramos, Erico Verissimo, Rachel de Queiroz, Jorge Amado e José Simões Lopes Neto, figura como um dos romancistas regionalistas mais prestigiosos da literatura nacional.

JORGE LEAL AMADO DE FARIA (1912-2001) **3**

Ou apenas Jorge Amado, foi um dos mais famosos e traduzidos escritores brasileiros de todos os tempos. Amado representava o Modernismo Regionalista (segunda geração do Modernismo). Integrou os quadros da intelectualidade comunista brasileira desde o final da primeira metade do século XX – ideologia presente em várias obras, como a retratação dos moradores do trapiche baiano em *Capitães da Areia*, de 1937.

épico) e rana, o sufixo, ele foi buscar na língua tupi (à maneira de).

Há nos contos expressões que marcam a fala mineira, tais como uai ou mesmando; também há a contração de palavras e expressões, como ocorre no conto *Duelo*: "... Foi buscar rapadura na Coanxa... Amanhã cedinho ele 'tá'qui 'tra vez...". Nesse mesmo viés, surgem construções peculiares e típicas do "cabra" que vive no interior mineiro como a frase dita pela personagem Turíbio Todo no mesmo conto: "Pega à unha, joão-da-cunha! ..."

O texto de Rosa transcende todos os paradoxos estabelecidos pela língua comum, possui caráter indomável, não obedece a estruturas nem regras, é rebelde, subversivo. Em *Sagarana*, Rosa mostra que é verdadeiramente cidadão do mundo, ao descrever ambientes quase desconhecidos de diferentes lugares por onde andou, destacando detalhes com a sutileza incomparável de quem decompõe o mundo por meio dos olhos da alma. E compõe um lirismo extremo da energia pulsante da palavra por meio do som, da forma, dos sentidos multiplicados e do estranhamento provocado por suas inovações linguísticas, como se pode observar no trecho de Minha Gente:

"Mas não era curta a viagem das Três Barras ao Saco-do-Sumidouro, tanto que houve tempo para pensar e sentir. Amplos campos navegantes; depois, o mato montano, onde pia o zabelê. Por aí, tive cansaço e vergonha de tudo o que antes eu dissera e fizera, e foram notáveis os meus pensamentos. O pio do zabelê é escandido

DUAS CASAS PARA UM SÓ GÊNIO

ARIANO VILAR SUASSUNA (1927-2014) **4**

Dramaturgo, romancista, ensaísta, poeta e professor. Idealizador do Movimento Armorial e autor das obras *Auto da Compadecida* e *O Romance d'A Pedra do Reino*, entre outras, foi um preeminente defensor da cultura do Nordeste do Brasil.

© XOCHICALCO / ISTOCKPHOTO.COM

Os herdeiros de Guimarães Rosa se dividiram e, por isso, duas, das cinco editoras que disputavam o tesouro literário, ficaram com as obras do autor, a Global e a Companhia das Letras. Esta última responde por *Grande Sertão: Veredas*, e a Global, pelo resto da obra.

A escrita máxima de Rosa recebeu da editora um lançamento impensável para o mercado brasileiro: uma edição de luxo, limitada a 63 exemplares, com a capa feita artesanalmente por bordadeiras dos coletivos Teia de Aranha e Linha Nove, de São Paulo, e das cidades de Andrequicé, Cordisburgo e Morro da Graça, em Minas. O desenho foi inspirado em uma arte de Arthur Bispo do Rosário. Cada uma das edições custava R$1.190 – todos os exemplares já foram vendidos. Ainda sairá este ano, pela Companhia das Letras, o audiolivro de *Grande Sertão*. A nova edição do livro adotou como referência a segunda, da Livraria José Olympio Editora, de agosto de 1958, porque o autor, conhecido pela obsessão com a integridade do texto, não fez mudanças significativas até 1967.

A Global, por sua vez, vai responder por todo o restante da herança literária rosiana. O primeiro foi *Sagarana*. Virão ainda *Primeiras Estórias*, *Zoo* e *Fita Verde no Cabelo* (infantis), *A Hora e a Vez de Augusto Matraga*, *Manuelzão e Miguilim* e outros. Ao término das publicações, a Global promete enfeixar a obra completa, inclusive *Grande Sertão*, pela Editora Nova Aguilar, que pertence ao grupo.

e gemido. A estrada do amor, a gente já está mesmo nela, desde que não pergunte por direção nem destino. E a casa do amor — em cuja porta não se chama e não se espera — fica um pouco mais adiante" ...

TRAVESSIA E TRANSGRESSÃO

"Mas o sentido do tempo o senhor entende, resenha duma viagem. Cantar que o senhor fosse. De ai, de mim."

A frase do autor, presente em *Grande Sertão: Veredas*, entrega o ponto de partida do livro. O diplomata decidiu, em maio de 1952, embrenhar-se no sertão mineiro. Na comitiva, ele, oito vaqueiras e trezentas cabeças de gado que foram tangendo durante o percurso de 240 quilômetros que separam Três Marias e Araçaí, na região central de Minas Gerais. Munido de uma caderneta, que trazia pendurada ao pescoço, anotava tudo o que achava importante: impressões, dificuldades na travessia, os cheiros, as cores, conversas com os peões, os sons. Foram dez dias que modificaram sua vida.

Grande Sertão foi publicado em 1956. Chamou a atenção desde o início pelo volume – são mais de 600 páginas – e por não possuir capítulos, apenas uma divisão em duas partes, como se fosse um grande conto. Encontram-se, no romance, o experimentalismo linguístico, marca característica da primeira fase do Modernismo, e a temática nordestina da segunda fase desse movimento. Essa simbiose criou uma obra única e inovadora.

O mundo todo é o sertão no livro. O sertanejo, seu modo de vida, sua cultura estão impregnados em toda a narrativa, na estrutura do texto. Mas a grande discussão que se apresenta é a relação entre o ser humano e o mundo. Daí a ponte entre o regional sertanejo e a universalidade.

A saga do ex-jagunço Riobaldo é relatada por ele ao leitor, chamado de "doutor da cidade" ou "moço". O romance começa exatamente assim: "– Nonada". Trata-se de um neologismo de Guimarães Rosa. "Nonada" significa, no contexto, "não é nada". Assim, o autor logo em seu primeiro ato lança mão do maior trunfo de seu estilo: traz à tona a arte, a fala e a cultura do sertanejo, por meio da linguagem e do ponto de vista.

Um dos temas centrais de *Grande Sertão* é o pacto com o diabo, realizado entre amores e guerras no meio do bando de jagunços. Os causos que Riobaldo vai desfiando ganham ares de uma epopeia vivida em pleno interior mineiro. Entrelaçam-se enredo e os caminhos percorridos pelo narrador. É quase possível "tocar" na fauna e flora da região. A natureza e a cultura do cerrado ganham *status* de personagens. Mas dentro desse universo concreto de tantos sertões há outro, igualmente vasto, rico e complexo: o mundo interior, íntimo e subjetivo das personagens – "Sertão: é dentro da gente".

O livro é constituído por um fluxo de consciência muitas vezes comparado ao de *Ulisses*, do romancista irlandês James Joyce, do qual, aliás, Rosa quase desdenhava, dizendo preferir o regionalista gaúcho João Simões de Lopes Neto, uma de suas referências. Paz e guerra, política e violência, Deus e Diabo, filosofia e simbolismo fazem a travessia dessas inesperadas páginas e revelam a transgressão do amor dos jagunços Riobaldo e Reinado (Diadorim).

"Aquele lugar, o ar. Primeiro, fiquei sabendo que gostava de Diadorim – de amor mesmo amor, mal encoberto em amizade. Me a mim, foi de repente, que aquilo se esclareceu: falei comigo. Não tive assombro, não achei ruim, não me reprovei – na hora. Melhor alembro."

A surpresa da verdadeira identidade de Diadorim só é descoberta no final:

"E disse. Eu conheci! Como em todo o tempo antes eu não contei ao senhor – e mercê peço: – mas, para o senhor divulgar comigo, a par justo o travo de tanto segredo, sabendo somente no átimo em que eu também só soube... Que Diadorim era o corpo de uma mulher; moça perfeita... Estarreci. A dor não pode mais do que a surpresa. A coice d'arma, de coronha..." CP

5 MANOEL WENCESLAU LEITE DE BARROS (1916-2014)

Um poeta brasileiro do século XX, pertencente, cronologicamente à Geração de 45, mas formalmente ao pós-Modernismo brasileiro. Seu primeiro livro, *Poemas concebidos sem pecado*, é de 1937. É autor de dezoito livros de poesia – como *Compêndio para uso dos pássaros* (1960), *O livro das ignorãças* (1993) e *Livro sobre nada* (1996) –, além de livros infantis e relatos autobiográficos. Recebeu duas vezes o Prêmio Jabuti, duas vezes o Prêmio Nestlé e também foi premiado pela Academia Brasileira de Letras, pela Biblioteca Nacional e pela APCA.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, Marly da Cunha; HEIDEMANN, Dieter. *Dossiê Guimaraes Rosa. Estudos Avançados* 20 (58), 2006

CANDIDO, Antonio. *O homem dos avessos*. In: COUTINHO, Eduardo F. (org.). Guimarães Rosa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

LIMA, Nísia Trindade. *Um sertão chamado Brasil. Intelectuais e representação geográfica da identidade nacional.* Rio de Janeiro: Revan/IUPERJ, 1999.

ROSA, Joao Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019

ROSA, João Guimarães. *Sagarana*. Rio de Janeiro: Global Editora, 2019.

https://www.youtube.com/watch?v=ndsNFE6SP68

https://www.revistabula.com/383-a-ultima-entrevista-de-guimaraes-rosa/

https://www.usp.br/bibliografia/index.php?s=grosa

SOBRE A AUTORA

MARA MAGAÑA é jornalista, escritora e educadora.

Branca de Neve e a Pedra Filosofal

O universo dos contos de fadas nunca foi rosinha ou azulzinho. Cores mais fortes garantiram o tom lúgubre e a análise psicanalítica, características que unem os clássicos Irmãos Grimm e a escritora inglesa *pop* Joanne Rowling

por **Jussara Saraíba**

De Charles Perrault a J. K. Rowling muitas palavras rolaram. Dos *Contes de ma mère l'Oye* (*Contos de Mamãe Gansa*), os *Contos da Carochinha*, como ficaram conhecidos em português, até as histórias fantásticas do bruxinho mais conhecido do planeta, um tal de Harry Potter, o universo maravilhoso de crianças e adolescentes foi parar até no divã.

Os seres mágicos acompanham a humanidade muito antes da escrita. Contos de fadas são uma categoria extraordinária da literatura, uma vez que o caráter ficcional é capaz de transformar o mundo real em um universo imaginário onde pessoas metamorfoseiam-se em animais (e vice-versa), animais são dotados da linguagem humana, tapetes voam como pássaros, fadas viram madrinhas – e podem ser muito más –, bruxos fazem as vezes de salvadores do mundo e todo esse universo onírico mantém uma relação significativa com o real. Afinal, não se cria a partir do nada: as estruturas linguísticas, sociais e ideológicas fornecem ao autor o material sobre o qual ele constrói o seu universo imaginário. Sendo assim, em cada momento e contexto histórico-social, os contos de fadas vêm sendo recriados e reinventados desde que surgiram, passando por readaptações para cada época e cultura, muitas vezes fugindo dos modelos arquetípicos propostos e desviando dos valores dos contos.

Uma dessas facetas de modernidade dos contos de fadas encontra-se na literatura fantástica de autores como **TOLKIEN**[1], **CLIVE STAPLES LEWIS**[2], **J. K. ROWLING**[3] e **GEORGE R. R. MARTIN**[4]. Após séculos de adaptações nas recontagens orais, os contos de fadas tornaram-se peças teatrais, filmes e séries de televisão. E desde o início do século XXI atraem um público fiel, seduzido pelas recontagens modernas.

Mas os contos de fadas não atraem apenas fãs ou pesquisadores. Até psicólogos entram nessa fila. Bruno Bettelhein foi um deles. Ele, em sua obra mais famosa, *A Psicanálise dos Contos de Fadas*, compara os contos ao **CONCEITO DE MITO**[5]. Segundo **BETTTELHEIN**[6], ao contrário do mito, o conto de fadas não visa dar um sentido ao mundo em que se vive, e sim aliar o elemento mágico, manter o inexplicável como personagem e agente de mudanças dentro da narrativa fantástica. Uma ficção que não se propõe como realidade, mas que deseja permanecer como elemento de sonho e irrealidade. Portanto, não existem apenas semelhanças essenciais entre os mitos e os contos de fadas; há também diferenças inerentes. Embora as mesmas figuras exemplares e situações se encontrem em ambos, e acontecimentos igualmente miraculosos ocorram nos dois, há uma diferença crucial na ma-

© MONTAGEM SOBRE IMAGEM DE THEPALMER / ISTOCKPHOTO.COM

neira como são comunicados. Colocado de forma simples, o sentimento dominante que um mito transmite é: isto é absolutamente singular; não poderia acontecer com nenhuma outra pessoa, ou em qualquer outro quadro; o acontecimentos são grandiosos, inspiram admiração e não poderiam possivelmente acontecer a um mortal comum como você ou eu. A razão não é tanto que os eventos sejam miraculosos, mas porque são descritos assim. Em contraste, embora as situações nos contos de fadas sejam com frequência inusitadas e improváveis, são apresentadas como comuns, algo que poderia acontecer com qualquer pessoa, como eu e você, quando estivesse caminhando na floresta. Mesmo os mais notáveis encontros são relatados de maneira casual e cotidiana. Uma diferença ainda mais significativa entre essas duas espécies de história é o final, que nos mitos é quase sempre trágico, enquanto sempre feliz nos contos.

JOHN RONALD REUEL TOLKIEN (1892-1973)
Conhecido internacionalmente por J. R. R. Tolkien, foi um premiado escritor, professor universitário e filólogo britânico, nascido na África, autor das obras *O Hobbit*, *O Senhor dos Anéis* e *O Silmarillion*.

CLIVE STAPLES LEWIS (1898-1963)
Comumente referido como C. S. Lewis, foi professor universitário, escritor, romancista, poeta, crítico literário, ensaísta e apologista cristão irlandês, autor de *As Crônicas de Nárnia*.

JACOB E WILHELM ENTRAM EM CENA

No início do século XIX, dois irmãos apaixonados por contos de fadas tiveram a mesma ideia de **PERRAULT**[7] e saíram por aí pesquisando fábulas e adaptando-as à literatura infantil. Foram os irmãos Grimm, ambos filólogos, que revelaram ao mundo personagens como Branca de Neve, Rapunzel e João e Maria. Eles tinham dois objetivos básicos com a pesquisa: o levantamento de elementos linguísticos para

DE GRIMM A ROWLING

Em reverso aos contos de fadas destinados às crianças, com um teor inocente e, acima de tudo, inofensivo, os Grimms optam por nos alertar não quanto às dificuldades que enfrentaremos em um momento que está por vir ou a lidar com os sentimentos, mas quanto à confiança e ambição, exemplificando que há uma linha tênue entre a cobiça, a crueldade e a violência.

Tudo isso pode ser lido (e guardado) com todo esmero em luxuosa edição, reunindo os dois tomos iniciais e minuciosa tradução de Christine Röhrig. *Grimm - Contos Maravilhosos Infantis & Domésticos* (1812-1815) faz parte da coleção fábula da Editora 34 e traz 86 histórias de arrepiar. Uma excelente oportunidade de resgatar aquela contação de histórias ao pé de ouvido para os pequenos ou proporcionar uma viagem inesquecível aos maiores.

Não é de espantar a legião de fãs de ambos que existe mundo afora, afinal a curiosidade por essas narrativas tomou proporções de maneira a invadir inclusive a cultura *pop*.

O tom sombrio e lúgubre adicionado às histórias, contrário à suavidade presente em *Contos de Mamãe Gansa* ou mesmo àquela retratada, mais à frente, por Hans Christian Andersen, talvez seja sua característica mais marcante, impactando o leitor que, em desacordo com o esperado, depara-se com versões distintas e sangrentas de fábulas clássicas, tais quais: *Cinderela*, *Branca de Neve e os Sete Anões*, *Rapunzel*, *A Bela Adormecida*, *A Princesa e o Sapo*, embora as histórias originais sejam bem mais arrepiantes, falando até em estupro.

Mas talvez sem o trabalho de Perrault, dos Grimms e de Andersen, as crianças, adolescentes e mesmo nós, adultos, não tivéssemos conhecido um bruxinho, órfão, renegado por todos, que se tornaria o grande fenômeno literário e cinematográfico do século XXI. O sucesso de *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, da escritora inglesa J. K. Rowling, publicado em 2001, traz uma síntese de todo esse mundo maravilhoso. Está tudo lá: bruxarias, animais fantásticos, duendes, elfos, gigantes, gente que se transforma em aves e toda sorte de maldades. Rowling bebeu de várias fontes – além dos Grimms e Perrault, encontra-se na literatura da inglesa ecos de Tolkien, criador dos *hobbits*, que deu origem à saga *O Senhor dos Anéis*, e Clive Staples Lewis, autor de *Crônicas de Nárnia*, que também ganhou as telonas com retumbante sucesso.

Em *Harry Potter – As Razões do Sucesso* (Contraponto Editora), a filósofa francesa Isabelle Smadja argumenta que a série constitui um conto de fadas moderno, inclusive no mote do órfão que luta contra o mal enquanto

© DANIEL OGREN / CC BY 2.0 / COMMONS.WIKIMEDIA.ORG

JOANNE "JO" ROWLING
Mais conhecida como J. K. Rowling, é uma escritora, roteirista e produtora cinematográfica britânica, notória por escrever a série de livros *Harry Potter*.

fundamentação dos estudos filológicos da língua alemã; e a fixação dos textos do folclore literário germânico, expressão autêntica do espírito da raça.

Os contos maravilhosos dos irmãos Grimm configuram-se como a mais conhecida antologia de fadas e de lendas já realizada na cultura ocidental, reunindo cerca de 210 narrativas plenas de magia e encantamento, entre os anos de 1812 e 1815. A tarefa de colecionar histórias e canções populares, que corriam o risco de caírem no esquecimento, já havia sido empreendida cerca de um século antes pelo já citado Perrault na França e, alguns anos antes, pelo filósofo Herder, o poeta e dramaturgo Goethe e o psicólogo Brentano na Alemanha.

Jacob e Wilhelm Grimm são de Hanau, na Alemanha. Jacob, o segundo de uma família de nove filhos, nasceu em 1785, e Wilhelm, um ano depois. Com a morte do pai, em 1798, ambos foram morar na casa de uma tia, na cidade de Kassel (Alemanha), onde terminaram os estudos secundários e iniciaram o curso de Direito. Foi por volta de 1806 que tiveram acesso a uma coletânea de poesias populares, que leram com grande interesse. Entusiasmados pela ingenuidade daqueles poemas, que foram transmitidos oralmente de geração a geração, começaram a reunir e a escrever os contos tradicionais narrados nos serões familiares, em uma época em que isso era muito comum, porque não existia outra diversão.

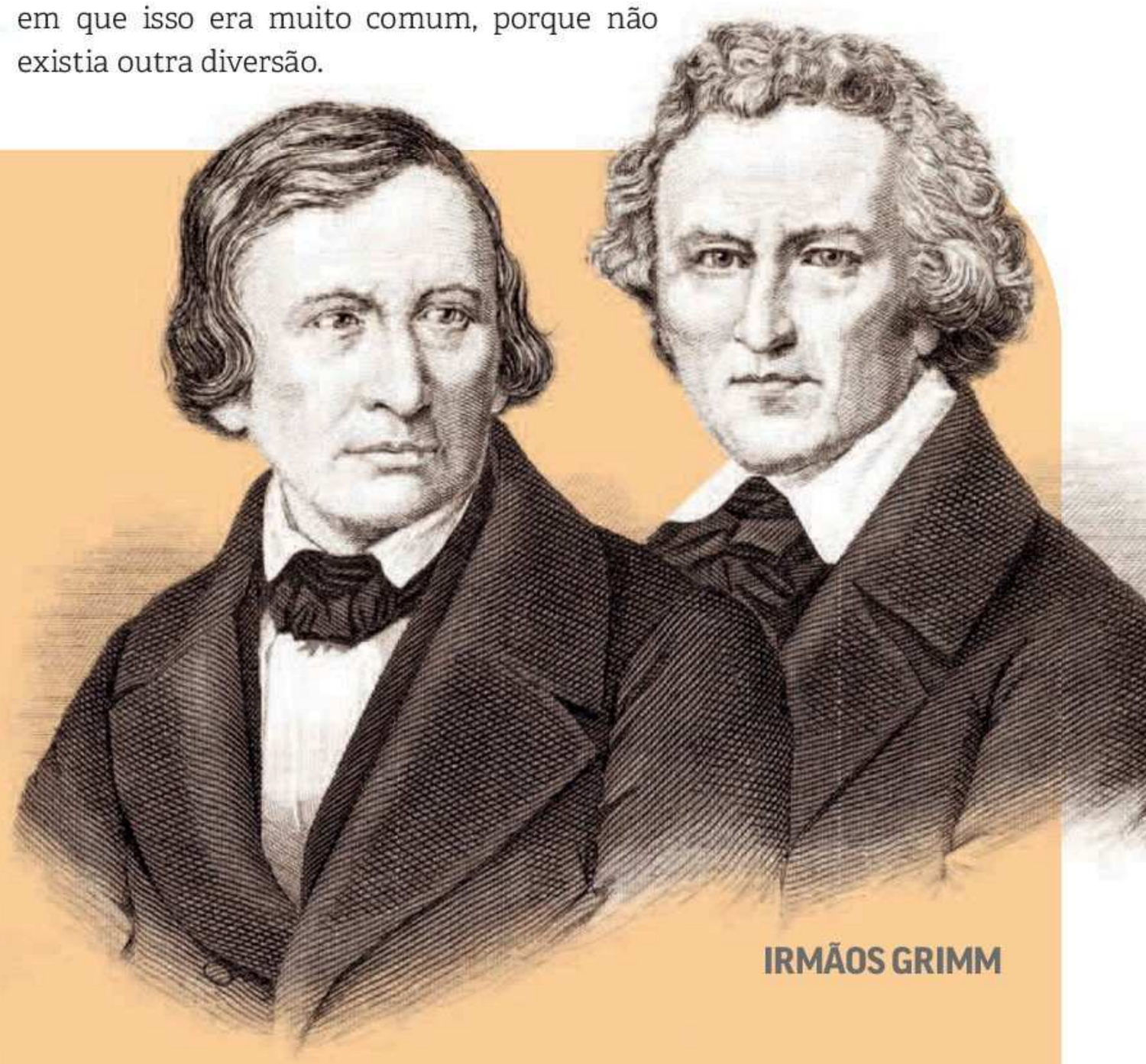

IRMÃOS GRIMM

busca sua real identidade (tal qual *Cinderela*, por exemplo). E chama a atenção para o fato de que a magia, na verdade, é uma metáfora da vida e que a humanidade dos personagens e seus conflitos é o ponto mais interessante para os leitores. "Ao descrever um mundo que os trouxas (os não bruxos) são excluídos, J. K. Rowling falou de todos nós", escreveu.

Na atualidade, esses clássicos contos de fadas estão contando uma outra história, ao serem recriados pela indústria cultural em filmes, livros, gibis e desenhos animados. Desvinculados dos valores tradicionais e da figura do herói, cujo percurso de reveses e dificuldades é percorrido, apresentam a superação à medida que o protagonista aprende as lições necessárias a seu crescimento pessoal de valores considerados "ultrapassados" para determinado público. Os contos de fadas, nesse aspecto, transformaram-se em produto, cujo objetivo maior é a obtenção de lucro; ou seja, o modelo capitalista apropriou-se dessas narrações e as transformou em novos modelos desvinculados dos propósitos iniciais de transmissão de valores.

Segundo a professora e linguista Leonor Fávero, "para o professor, conhecer o processo de transformação, as variações e a utilização original dos contos, possibilitará uma escolha mais adequada das histórias e do processo a ser desenvolvido em suas narrativas, permitindo-lhe um trabalho mais efetivo no tocante às inferências, por parte das crianças e adolescentes, auxiliando também no desenvolvimento de seu próprio raciocínio lógico".

Entretanto, a magia sobrevive na (re)contação dessas histórias, como a própria Rowling fez em *Os Contos de Beedle, o Bardo* (*Beedle, the Bard*), para não deixar dúvidas. Nem aos que torcem o nariz para sua obra, como explica Ana Luísa: "A leitura está associada à escolarização e isso traz uma grande resistência entre os jovens. Por isso, o fato de Potter ter sido rejeitado por uma elite acadêmica revelou-se em sucesso estelar de *Harry Potter*. O bruxinho ganhou um público que não estava nem aí para a expectativa pedagógica. Queriam, na verdade, aproveitar-se clandestinamente da leitura, embora nem soubessem disso. E, assim, muitos jovens despertaram para a leitura e para obras consideradas pelos puristas como mais sérias".

© POR HENRY SÖDERLUND PRE-HUGO PORTRAITURE IS LICENSED UNDER A CREATIVE COMMONS ATTRIBUTION 4.0 INTERNATIONAL LICENSE

© REPRODUÇÃO

4

GEORGE RAYMOND RICHARD MARTIN

Ou George R. R. Martin, é roteirista e escritor de ficção científica, terror e fantasia estadunidense. É mais conhecido por escrever a série de livros de fantasia épica *As Crônicas de Gelo e Fogo*, que deram origem à série televisiva *Game of Thrones*.

MITO 5

É o relato fantástico de tradição oral, espécie de narrativa acerca dos tempos heroicos, geralmente protagonizado por seres que encarnam as forças da natureza e os aspectos gerais da condição humana.

BRUNO BETTELHEIM 6
(1903-1990)

Foi um psicólogo judeu norte-americano, nascido na Áustria.

Em 1812, publicaram uma primeira coletânea com 86 contos, seguida, dois anos depois, por outra, que reunia mais 70 contos. O trabalho da dupla estendeu-se até o ano de 1815, e a obra foi publicada de acordo com o espírito romântico de resgate das origens e saberes populares. Através da iniciativa dos Irmãos Grimm, figuras e personagens, tais como Senhora Holle, Gata Borralheira, Bela Adormecida, Rapunzel, Chapeuzinho Vermelho, entre outras, romperam as fronteiras do mundo germânico e propagaram-se por solo europeu, além de singrarem os mares alcançando o Novo Mundo.

Uma das histórias que corre sobre a forma como os Grimms tiveram acesso a esse mundo mágico fala em uma mulher casada com um alfaiate, que os dois encontraram em Kassel, Dorothea. O encontro aconteceu em uma feira, para onde ela levou uma cesta de verduras. E Wilhelm e Jacob, percebendo o quanto ela sabia das histórias populares — ouvidas na cervejaria do pai, quando criança —, passaram a convidá-la semanalmente, nos dias de feira, à sua casa, recolhendo, assim, os quase 220 contos de seu livro, cujas edições, em 140 línguas, somam mais de 30 milhões de exemplares.

Foi por causa de encontros assim que eles publicaram *Contos de fadas para crianças e adulto* (*Kinder und Hausmaerchen*, no original em alemão), comumente abreviada para *Os Contos de Grimm*. Nessa época, os artistas e intelectuais europeus buscavam recuperar as tradições dos diferentes povos, afastando-se dos cânones clássicos gregos e latinos. Além disso, a descoberta de que a maioria das línguas da Europa derivava de uma antiga língua comum, chamada indo-europeu, fez com que o interesse pelos idiomas não latinos, como o alemão e o polonês, aumentasse. No caso dos irmãos Grimm, o interesse pela tradição oral os levou a estudar com profundidade a língua alemã e as suas origens. Inseridos em um contexto histórico alemão de resistência às conquistas napoleônicas, os Grimms recolheram diretamente da memória popular as antigas narrativas, lendas ou sagas germânicas, conservadas por tradição oral. Buscando encontrar as origens da realidade histórica germânica, os pesquisadores encontram a fantasia, o fantástico, o mítico em temas comuns da época medieval. Surge a grande literatura infantil para encantar crianças de todo o mundo.

COSTURANDO UMA HISTÓRIA

Contos de fadas possuem raízes históricas e são narrativas estruturadas como um sonho: uma linguagem condensada e carregada de simbolismos. Nem todo conto de fada tem a presen-

ça da fada, mas todos têm um ser ou elemento mágico. Portanto, é importante que se compreenda que personagens como bruxas, duendes, fadas, unicórnios e sereias representam muito mais que uma leitura simplista ou um olhar ligado à figura estereotipada e difundida no popular. Autores como o escritor e poeta dinamarquês Andersen e o jornalista e autor Colldi, só para citar dois dos mais conhecidos, adentraram no terreno do maravilhoso e fantástico e contribuíram para o incremento dessa forma de narrativa por meio de suas imaginações, o que, anos mais tarde e de forma distinta, também contribuiu para o desenvolvimento do chamado realismo mágico.

Esses contos vêm sendo contados desde tempos bastante remotos. Compartilhados em diferentes culturas, consistem em pequenas narrativas, nas quais o relato se dá a partir de uma heroína ou herói que, após superar os obstáculos impostos a si, saem vencedores no final. Antigamente, era através deles que os povos transmitiam valores e conhecimentos, passados de uma geração mais velha para os mais novos não somente na esperança de que estes se propagassem, mas também procurando ensiná-los sobre as grandes questões da existência humana, tais quais as etapas da vida e os sentimentos. Embora frutos da imaginação, traziam consigo um fundo de verdade, que se evidenciava devido às notórias alusões à realidade.

O conhecimento era repassado em reuniões, chamadas de *veillées* pelos franceses. As mulheres narravam seus casos enquanto fiavam e teciam, o que originou expressões como "tecer uma trama" e "costurar uma história". Os homens consertavam suas ferramentas ou quebravam nozes. No universo dos camponeses franceses pré-Revolução, nos séculos XVII e XVIII, não havia tempo para descanso. Durante o Antigo Regime, diversão e trabalho misturavam-se, como na história da pobre Gata Borralheira.

A verdadeira origem dos contos de fadas, entretanto, é desconhecida, visto que sua transmissão se dava oralmente; esta tradição passou a ter registros materiais apenas no século VII, com o emprego da escrita. No Brasil, eles surgiram no final do século XIX sob a denominação *Contos da Carochinha*, que posteriormente, no século XX, foi oficialmente substituída por contos de fadas.

Utilizando-se de componentes cotidianos, como a juventude, o amor, a amizade, o medo, entre outros, os contos de fadas procuravam preparar as crianças para o futuro, quando elas se depararíam com sonhos, temores e conflitos, então tendo que solucioná-los. Contam, assim, com um núcleo principalmente existencial, pois neles a heroína ou o herói estão frequentemente em busca da realização pessoal. O nome é proveniente de fada, entidade fantástica dotada de poderes comum ao folclore europeu – o que explica a constante presença de elementos mágicos, sobrenaturais ou encantados nessas histórias.

Mas o mundo dos contos de fadas só fica cor-de-rosa quando começa a ser feita a distinção entre infância e vida adulta. "A invenção da infância ocorre no século XVIII, quando as casas são separadas em quarto, sala e cozinha, e as tarefas e interesses também começam a ser divididos. É quando a redenção chega aos contos e se enfatiza o final feliz", diz Ana Luísa Fávero, doutora em Literatura Infantil.

O que Perrault fez em seu *Contos da Mamãe Gansa*, de 1697, de certa forma foi o que os contadores faziam nas aldeias: adaptou um fio condutor comum à sua realidade, eliminando detalhes violentos ou de conteúdo sexual e incluindo a "moral da história". A adaptação ao gosto do contador, aliás, é uma marca que atravessa os tempos. Em uma história da China do século IX, por exemplo, uma moça chamada Yeh-Hsien é ajudada por um peixe mágico, que lhe dá chinelas de ouro para a festa da aldeia. Na volta para casa, ela perde uma das chinelas, que vai parar nas mãos do governante. No fim, o chefe local apaixona-se pelos pés pequenos de Yeh-Hsien, em consonância com os costumes chineses de enfaixar os pés das meninas para que não crescessem. As diferenças culturais estão claras, mas pode-se reconhecer as origens de *Cinderela* no conto. "Uma história contada oralmente pode ser adaptada à situação e aos ouvintes. Já um conto escrito tem sua forma fixada. Mas o que a escrita fixa, o leitor e o ouvinte reescrevem, adaptando à sua própria experiência", diz a crítica literária Marisa Lajolo. E quem conta um conto sempre aumenta um ponto, seja na China do século IX, na França do século XVIII ou nos dias de hoje. CP

© DOMÍNIO PÚBLICO / COMMONS.WIKIMEDIA.ORG

7

CHARLES PERRAULT
(1628-1703)

Foi um escritor e poeta francês do século XVII que estabeleceu as bases para um novo gênero literário, o conto de fadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. 14. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

COLL, César e TEBEROSKY, Ana. *Aprendendo personagens: conteúdos essenciais para o ensino fundamental*. São Paulo: Ática, 2000. p.119 a 123.

GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. *Contos Maravilhosos Infantis & Domésticos* (1812-1815). São Paulo: Editora 34, 2018.

LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira*: história & histórias. São Paulo: Ática, 1985.

LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. *Um Brasil para crianças: para conhecer melhor a literatura infantil brasileira - histórias, autores e textos*. São Paulo: Global, 1986.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Global, 1981.

SOBRE A AUTORA

JUSSARA SARAÍBA é jornalista e contadora de histórias.

por **Abrahão Costa de Freitas**

PURA MELODIA

Com múltiplas sonoridades, a língua portuguesa é tão variada quanto a diversidade de povos e países que compõem toda sua comunidade lusófona

Falada por mais de 260 milhões de pessoas em todo o planeta, a língua portuguesa é composta por uma imensa constelação de sons com ritmo e cadência excepcionais. O equilíbrio singular entre vogais e consoantes dá à fala um andamento único, cuja harmonia produz um balanço para lá de musical. Em outras palavras, o português é pura melodia.

Como toda língua polifônica, a língua portuguesa é uma língua de múltiplas sonoridades. A paisagem linguística do português é tão variada quanto a diversidade de povos e países que compõem a **COMUNIDADE LUSÓFONA**[1].

Em seus mais de 700 anos de existência como língua de cultura, o português adquiriu uma identidade sonora típica que a distingue das demais línguas faladas no mundo ocidental. Os sons básicos de vogal única, assim como os ditongos, os tritongos, os dígrafos vocálicos e as vogais nasais dão à língua portuguesa um timbre de limpidez envolvente e sedutora.

O **CONTÍNUO SONORO**[2] do português é composto por sequências de vogais, semivogais e consoantes cuja altura, intensidade e duração ampliam em muito o conjunto de sons possíveis da língua, dando à fala um colorido capaz de produzir uma infinidade de sotaques.

Essa multiplicidade sonora produz uma espécie de fascínio no falante de outras línguas e uma espécie de orgulho xenófobo no falante nativo. O espanhol **MIGUEL DE CERVANTES**[3] dizia que "a língua portuguesa é a língua mais sonora que existe no mundo". A brazuco-ucraniana **CLARICE LISPECTOR**[4] falava que gostaria de não ter aprendido outras línguas para que sua abordagem do português fosse virgem e límpida.

©TRAIMAK_IVAN / ISTOCKPHOTO.COM

1 COMUNIDADE LUSÓFONA

É a comunidade formada por todos os povos e as nações que compartilham a língua e cultura portuguesas. Fazem parte desta comunidade Portugal, Brasil Angola, Cabo Verde, Galiza, Guiné-Bissau, Macau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Timor-Leste, Goa, Damão e Diu e diversas pessoas e comunidades em todo o mundo que têm o português como língua de cultura. Há inclusive um Dia da Lusofonia, comemorado em 5 de maio, dia esse dedicado à língua, cultura e expressão portuguesa.

2 CONTÍNUO SONORO

Nome que se dá à sequência de unidades sonoras em que se divide a palavra fonológica. Sobre o conceito de palavra fonológica, consultar CÂMARA JR., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 2011 [1973], p. 69-72.

MIGUEL DE CERVANTES (1547-1616)

Foi um romancista, dramaturgo e poeta castelhano. Sua obra-prima, *Dom Quixote*, é um clássico da literatura ocidental e uma crítica ácida às novelas de cavalaria.

Para o pensador basco **MIGUEL DE UNAMUNO**[5], "a língua portuguesa é um mimo, um regalo, sobretudo para quem tem ouvidos feitos para o forte martelado do ossudo castelhano".

Exageros à parte, esse fascínio não é gratuito; a acústica dos sotaques da língua portuguesa reflete a diversidade da cultura lusófona, marcada pela multiculturalidade e pela polifonia.

Como veremos ao longo desta nossa prosa prosódica, todas essas sonoridades reverberam para além da fonética e da fonologia e também repercutem nas expressões idiomáticas, nas gírias e em outros fenômenos semânticos de igual importância. A diferenciação fonética e morfossintática do português ao redor do mundo é também uma expressão da identidade nacional, regional e local de cada falante através do som. (**Ver *box* Blues Tupiniquim**)

MIGRAÇÕES SONORAS

Produzidos a partir de representações fonéticas distintas, os sotaques desencadeiam fenômenos de identificação e pertencimento. Através deles se constituem noções básicas de identidade, território e origem. Como marca de oralidade, representam de modo sinestésico todo o colorido e a diversidade dos falares lusófonos.

A apropriação cultural de cada povo em seu território fez com que a língua portuguesa produzisse sonoridades distintas de cores

BLUES TUPINIQUIM

LÍNGUA
Vamos atentar para a sintaxe paulista
E o falso inglês relax dos surfistas
Sejamos imperialistas
Cadê? Sejamos imperialistas
Vamos na velô da dicção choo-choo de Carmem Miranda
[...]
Adoro nomes
Nomes em ã
De coisa como rã e ímã...
Nomes de nomes como Scarlet Moon Chevalier
Glauco Mattoso e Arrigo Barnabé, Maria da Fé
Arrigo Barnabé
[...]
Poesia concreta e prosa caótica
Ótica futura
Samba-rap, chic-left com banana
Será que ele está no Pão de Açúcar
Tá craude brô, você e tu lhe amo.
Qué que'u faço, nego?
Bote ligeiro
arigatô, arigatô
Nós canto falamos como quem inveja negros
Que sofrem horrores no Gueto do Harlem
Livros, discos, vídeos à mancheia
E deixa que digam que pensem, que falem.

Os versos ao lado, extraídos do poema-canção Língua, de Caetano Veloso, podem ser vistos como uma celebração da fala brasileira: seus ritmos, acentos e sotaques. O modo peculiar de "canto-falarmos" é retratado a partir de exemplos que revelam a maneira pela qual construímos a acústica de nossa realidade. Nosso jeito de falar é uma construção cultural com lugar e origem bem definidos. Neste contexto, o som acaba por se constituir em um condutor de múltiplas identidades, todas elas criadas a partir da multiplicidade acústica de nosso falar.

"O contínuo sonoro do português é composto por sequências de vogais, semivogais e consoantes cuja altura, intensidade e duração ampliam em muito o conjunto de sons possíveis da língua, dando à fala um colorido capaz de produzir uma infinidade de sotaques"

sonoras diversas e únicas. Na imensidão do espaço lusófono, a língua portuguesa é uma e são várias. E esta talvez seja sua maior riqueza, como afirma **ANTONIO CARLOS SARTINI**[6], diretor do Museu da Língua Portuguesa.

Um rápido passeio pelo espaço do território ibérico revela o quanto há de colorido nessa variedade que é a língua portuguesa. O português europeu possui nada menos que dez dialetos: o açoriano, o madeirense, o alentejano, o algarvio, o alto-minhoto, o baixo-beirão, o alto-alentejano, o estremenho, o baixo-minhoto-duriense e o transmontano.

Para além do território europeu, o português foi no decorrer do tempo miscigenando-se e assumindo uma acústica de variados sotaques ao longo dos quatro continentes.

No continente africano, só em Angola, o português apresenta quatro variações: o benguelense, o luandense, o sulista e o huambense. E à medida que caminhamos no espaço lusófono africano encontramos outras variantes dialetais, como o cabo-verdiano, o guineense, o macaense, o moçambicano, o santomense, o timorense e o **GALEGO**[7].

Além dessa territorialidade, a língua portuguesa é idioma de comunicação informal para os povos timorense, cabo-verdiano e moçambicano. No entanto, para esses povos, as línguas maternas ainda são as línguas nacionais africanas.

A expressão de uma identidade cultural a partir da língua nesses territórios é um desafio que vai além da diferenciação fonética e morfossintática. O escritor **MIA COUTO**[8] afirma que no caso específico de seu país, Moçambique, qualquer projeto lusófono só será bem-sucedido se "apoiar a defesa de outras culturas moçambicanas". Isso porque "essas culturas e línguas de

METÁTESE

Processo fonológico intrinsecamente relacionado à fonética, a metátese acontece quando um fonema é deslocado de uma sílaba para outra em uma mesma palavra, como ocorre na palavra lagartixa que em algumas variantes dialetais do português não padrão brasileiro e africano é pronunciado como largatixa. Outras palavras que apresentam metátese em português são:

PORTUGUÊS PADRÃO	PORTUGUÊS NÃO PADRÃO
caderneta	cardeneta
formiga	frumiga
iogurte	iorgute
lagarto	largato
perseguir	presseguir
tábua	tauba
vidro	vrido

Estudos linguísticos recentes demonstram que, ao contrário do que prega o senso comum, a metátese não é um fenômeno marginal e irregular restrito à linguagem das crianças e aos erros de performance linguística. Mas um processo fonológico regular em uma ampla variedade de línguas.
No que diz respeito à ocorrência deste fenômeno no português do Brasil, vale a pena consultar o artigo *Português brasileiro, uma língua de metátese?* Letras hoje, Porto Alegre, set. 2007, dos pesquisadores Dermeval da Hora, Stella Telles e Valéria Monareto.

4 CLARICE LISPECTOR (1920-1977)
Foi uma escritora e jornalista brasileira de origem ucraniana, autora de romances, contos e ensaios. É considerada uma das escritoras brasileiras mais importantes do século XX. Sua obra está repleta de cenas cotidianas simples e tramas psicológicas, reputando-se como uma de suas principais características a epifania de personagens comuns em momentos do cotidiano.

© TRAIMAK_IVAN / ISTOCKPHOTO.COM

MIGUEL DE UNAMUNO 5
(1864-936)

Foi ensaísta, romancista, dramaturgo, poeta e filósofo espanhol. Foi também deputado entre 1931 e 1933 pela região de Salamanca. É o principal representante espanhol do existencialismo cristão, sendo conhecido principalmente por sua obra *O sentimento trágico da vida*, que lhe valeu a condenação do Santo Ofício.

ANTONIO CARLOS SARTINI 6

Bacharel em Direito pela PUC/SP. Palestrante, consultor, curador e conselheiro de diversas entidades e instituições. Desde 2006 é diretor do Museu da Língua Portuguesa.

raiz bantu necessitam de sobreviver perante a hegemonia de uma certa uniformização".

Portanto, além das frequências estereotipadas, é preciso que se leve em conta a sonoridade da língua com uma construção cultural do lugar onde ela é falada, considerando que cada "jeito de falar" reflete uma experiência do ouvir e reproduzir o que se ouve. A pluralidade de identidades da lusofonia também se faz representar a partir de suas valências acústicas.

Fenômenos rotacismos como a metátese são marcas da oralidade que refletem não apenas a expressão fonética de um território de origem, mas também os diversos diálogos que se podem estabelecer na interação entre falares distintos.

O *continuum* afro-brasileiro do português estabelece um fértil diálogo entre o português brasileiro, o português angolano e o português moçambicano. Fenômenos de alteração de fonemas na cadeia sonora como permuta, supressão ou acréscimo de sons são comuns e dão à fala um colorido todos especial delimitando territorialidades e identidades. ***(ver box Metátese)***

O português brasileiro, como veremos a seguir, é marcado por uma imensa polifonia de dialetos e sotaques, que, devido à nossa imensa extensão territorial, constitui um *continuum* de múltiplas identidades linguísticas.

"O português europeu possui nada menos que dez dialetos: o açoriano, o madeirense, o alentejano, o algarvio, o alto-minhoto, o baixo-beirão, o alto-alentejano, o estremenho, o baixo-minhoto--duriense e o transmontano"

SONS DO PORTUGUÊS

Análises fonológicas do português do Brasil assumem, geralmente, 19 fonemas consonantais /p, b, t, d, k, g, f, v, s, z, ʃ, ʒ, h, ɾ, m, n, ɲ, l, ʎ/ e 7 fonemas vocálicos /i, e, ɛ, a, ɔ, o, u/. No entanto, do ponto de vista fonético, o número de sons de fato articulados no português é de pelo menos 31 consoantes e 15 vogais. Além disso, há as combinações que formam os ditongos orais e nasais.

Os diversos traços sonoros de entonação e de melodia que contribuem para a formação do sotaque de cada uma das regiões brasileiras apresentam propriedades fonéticas específicas que ampliam em muito as possibilidades de articulação dos sons da língua, como se pode verificar nos exemplos apresentados nesta matéria.

CORES E TIMBRES DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Estudos recentes da sociolinguística demonstram que toda língua apresenta variações e especificidades que a distingue das demais. Fatores como pronúncia e diferenças lexicais variam de uma região para outra.

O português brasileiro não foge a essa regra e apresenta uma grande variação quanto à sonoridade, além de características bem específicas quanto à pronúncia e à realização de vogais e consoantes. *(Ver box Sons do Português)*

Tomando como ponto de partida a proposta de Antenor Nascentes sobre a divisão dialetal brasileira, *O Atlas Linguístico do Brasil* (ALiB) registra uma ampla diversidade de variantes lexicais, fonéticas, morfossintáticas e metalinguísticas em nosso País.

Compreender essa diversidade torna-se cada vez mais importante, quando nos damos conta de que, do ponto de vista global, há uma forte hegemonia do sotaque brasileiro na comunidade lusófona, uma vez que de cada dez falantes do português no mundo sete são brasileiros.

Neste contexto, o estudo do padrão de comportamento linguístico do falante do português brasileiro torna-se cada vez mais importante tanto em suas variáveis linguísticas quanto sociais.

Fenômenos como a prevalência dos dialetos paulista e fluminense na indústria cultural e na mídia de massas são condicionados não apenas por fatores internos comuns à estrutura da língua, mas também por fatores externos típicos da estrutura social em que se insere a comunidade de fala no Brasil.

Sob essa perspectiva, estudos como o realizado pelos linguistas **ABDELHAK RAZKY**[9] e **EDINALDO GOMES DOS SANTOS**[10], da Universidade Federal do Pará, que estudam O perfil geolinguístico da vogal /e/ no Estado do Pará, são de grande importância para que se rompa essa hegemonia de falares e se perceba o quanto há de diversidade na zona dialetal dos falares do Brasil. Sobretudo no que diz respeito à pauta pretônica do Norte, do Nordeste e da região amazônica. *(ver box Sistema Vocálico do Português Brasileiro)*

No que diz respeito ao nosso sistema consonantal, a classificação feita por **MATTOSO CÂMARA JÚNIOR**[11], tomando como ponto de partida o dialeto carioca, é bastante abrangente e descreve o comportamento variável desses fonemas levando em consideração fatores históricos e dialetais.

Nessa classificação, o autor define as consoantes de acordo com o lugar que ocupam na sílaba: posição de início, ou de ataque, posição de segundo elemento, ou **POSIÇÃO DE CODA**[12].

SISTEMA VOCÁLICO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

O sistema vocálico tônico do português brasileiro é composto de sete vogais: a vogal baixa /a/, as médias baixas /ɛ, ɔ/, as médias /e, o/ e as altas /i, u/. Esse sistema passa por uma neutralização de altura entre as médias e médias baixas em posição pretônica, resultando em um sistema de cinco vogais:

POSIÇÃO TÔNICA	POSIÇÃO PRETÔNICA
a. /i/ l/i/ngua	/i/ l/i/n'guagem
b. /e/ an/e/mico	an/e/'mia
c. /ɛ/ f/ɛ/re	f/e/'rida
d. /a/ m/a/ta	/a/ m/a/ta'gal
e. /ɔ/ b/ɔ/ta	b/o/'tina
f. /o/ g/o/rdo	g/o/r'dura
g. /u/ m/u/sica	/u/m/u/si'cal

No entanto, é importante ressaltar que a realização dessa pauta tônica é fortemente influenciada por uma série de fatores de ordem cultural, social e geográfica.

© TRAIMAK_IVAN / ISTOCKPHOTO.COM

7 GALEGO

Para os filólogos Celso Cunha e Luís Filipe Cintra, o galego é uma língua autônoma que tem como raiz a língua portuguesa e pode ser incluída na categoria das línguas galaico-portuguesas, pertencentes à família das línguas latinas.

© LUIS MIGUEL MARTINS / COMMONS.WIKIMEDIA.ORG

8 MIA COUTO

É um expoente da literatura africana. Mia Couto nasceu na Beira, em Moçambique, em 1955, e é biólogo de formação. Atualmente é o escritor moçambicano mais traduzido no exterior, as suas obras foram publicadas em 24 países.

9 ABDELHAK RAZKY

Pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPA (PPGL-UFPA), tem larga experiência na área de Linguística, com ênfase em Sociolinguística, Geografia Linguística e Dialetologia.

10 EDINALDO GOMES DOS SANTOS

Mestre em Linguística e Teoria Literária. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Sociolinguística.

JOAQUIM MATTOSO CÂMARA JR. 11
(1904-1970)

Foi pesquisador e linguista brasileiro. Formou-se em arquitetura e direito, mas destacou-se no campo da linguística, disciplina sobre a qual fez vários cursos de especialização dentro e fora do Brasil.

CODA 12

A coda é a consoante ou consoantes em posição pós-nuclear dentro de uma sílaba, ou seja, após a vogal nuclear. O português brasileiro é uma língua relativamente famosa por autorizar coda silábica prioritariamente em três de seus fonemas, /ʁ ~ ɾ/ (erre), /ʃ ~ s/ (esse) e ks (xis). Exemplos de codas:
r em mar
s em rês
x em fax
z em giz
É importante verificar que em vários dialetos do português brasileiro, o /-r / implosivo final, em especial nos infinitivos dos verbos, não é pronunciado. Assim é comum ouvirmos construções como "Eu vou te amá pra sempre meu amô".

Os aspectos sociodialetais do padrão fonético-fonológico do português brasileiro têm despertado o interesse de muitos estudiosos, como é o caso da professora **MARIA DO SOCORRO SILVA DE ARAGÃO**[13], da Universidade Federal do Ceará, que desenvolve um trabalho interessantíssimo sobre A neutralização dos fonemas /v, z, ʒ/ no falar de Fortaleza, revelando traços significativos das marcas fonéticas dos dialetos sociais do Nordeste.

Segundo a autora, "Uma das marcas fonéticas do falar cearense é a neutralização dos fonemas /v, z, Z, r/ realizados sob a variante [ɦ]". Assim como encontrar no falar cearense realizações fonéticas como "vamos ['vâmus] > ['ɦâmus]; tava ['tava] > ['taɦa]; mesmo ['mezmu] > ['mezmu]; mais ['mayz] > ['mayz]; gente ['ʒêti] > ['ɦêti]; janela ['ʒânEla] > ['ɦânEla]".

Estudada pela Escola de Praga desde a década de 30 do século passado, a neutralização de fonemas é um fenômeno fonético-fonológico que não se restringe à capital cearense e está presente em várias outras regiões do Brasil.

Ao traçar um perfil da fala carioca, a linguista **DINAH CALLOU**[14], da Universidade Federal do Rio de Janeiro, analisa quais condições geográficas, históricas e políticas possibilitaram que marcas típicas da pronúncia carioca, como o chiamento do /S/, migrassem para outras regiões do País, notadamente o Nordeste, amalgamando-se e fundindo-se em outras variedades regionais.

© TRAIMAK_IVAN / ISTOCKPHOTO.COM

JOGOS DE LINGUAGEM

Os jogos de linguagem são modificações que os falantes desenvolvem na organização de suas línguas para brincar de língua secreta ou simplesmente por diversão, como fazem as crianças com a língua do "p" ou os moradores da cidade de Sabino no interior de São Paulo com o "Sabinês". A canção abaixo, do grupo paulistano Virguloides, explora um desses jogos de linguagem brincando com a sonoridade das palavras.

Dum

Dum dum
Jacatunga laviscatunga
Radibejacatunga tinga
Aue sereberebe biscatunga
Radibejacatunga tinga

Dum dum la la la la la
Dum dum la la la la
Dum dum la la la la la
Dum dum la

Dum dum
Jacatunga laviscatunga
Radibejacatunga tinga
Aue sereberebe biscatunga
Radibejacatunga tinga

Dum dum la la la la la
Dum dum la la la la
Dum dum la la la la la
Dum dum la

Dum dum
Jacatunga laviscatunga
Radibejacatunga tinga
Aue sereberebe biscatunga
Radibejacatunga tinga

Dum dum la la la la la
Dum dum la la la la
Dum dum la la la
Dum dum la

Com raro senso de oportunidade, a autora revela em sua pesquisa que essa variação fônica não se restringe à cidade do Rio de Janeiro, mas também está presente em vários outros pontos do País.

E, como nos dizeres da própria autora, "a diferença entre um e outro dialeto [do português brasileiro] reside apenas na frequência de aplicação de uma determinada regra", não seria exagero relacionar sua pesquisa ao trabalho do professor Dante Lucchesi, da Universidade Federal da Bahia, que estuda A realização do /S/ implosivo no português popular de Salvador.

Analisando o português brasileiro do ponto de vista fônico, Lucchesi salienta que o falar brasileiro "caracteriza-se, no plano fonológico, por uma ampla variação na realização de suas consoantes pós-vocálicas, sobretudo em posição final de palavra".

Para o pesquisador baiano, no Brasil, "O /-r/ implosivo final, na fala coloquial distensa, praticamente não é pronunciado pelos falantes de todas as classes sociais, sobretudo nos infinitivos dos verbos" e "O /-l/ pós-vocálico medial e final vocalizou-se em praticamente todo o território nacional". Assim, "nesse contexto, pode-se dizer que o processo de variação que atinge o /-s/ implosivo seria o menos radical".

O trabalho desses pesquisadores revela nas múltiplas sonoridades do português brasileiro o quanto há de diversidade nos vários dialetos que compõem o falar brasileiro.

Um recorte acústico que para além das particularidades fonéticas típicas de cada acento e/ou sotaque abre espaço para as múltiplas vozes que compõem a paleta de sons de nossa língua brasileira.

POLIFONIAS

Como língua pluricêntrica e pluriétnica que é o português, apresenta variações consideráveis entre os seus dialetos. A distinção entre suas duas grandes variedades, português europeu e português brasileiro, é acentuadamente prosódica.

O português europeu é caracteristicamente uma língua de ritmo acentual e sílabas átonas de menor duração. As vogais átonas são reduzidas com frequência e o apagamento de consoantes finais quase não existe.

O português brasileiro, em contrapartida, apresenta uma organização textual-interativa mais dinâmica. Os dialetos das zonas rurais do Rio Grande do Sul e da Região Nordeste, sobretudo na Bahia, são mais sibiláveis do que os outros e variam em situações sociais distintas.

Já os dialetos do Sudeste, notadamente o do centro de Minas Gerais e o da costa setentrional e regiões leste do estado de São Paulo, apresentam um ritmo acentual que varia de acordo com os fatores linguísticos, sociais e geográficos envolvidos na fala.

O dialeto fluminense presente no Rio de Janeiro, no Espírito Santo e na Zona da Mata de Minas Gerais, bem como no Distrito Federal, reproduz com algumas leves modificações o ritmo acentual com neutralização de alguns fonemas em casos específicos.

O falar brasileiro é notadamente marcado por uma tendência às sílabas abertas terminadas em vogal. As sílabas terminadas em /m/ e /n/ tendem a não ser pronunciadas e geralmente apenas indicam a nasalização da vogal anterior.

O /l/ em final de sílaba é pronunciado como [u̯] ou [ʊ̯], exceto em algumas regiões do extremo Sul onde há uma velarização mais conservadora. No dialeto dito caipira e em regiões de fala caipira, este mesmo /l/ é pronunciado como um /ɹ/.

O /r/ final frequentemente não é articulado e um /i/ epentético quase sempre é inserido depois de consoantes, produzindo pronúncias como [ɐdʒivo̯ˈgadu] = advogado.

Os encontros consonantais mais frequentes no português brasileiro são formados pelos fonemas consonantais /b/, /k/, /d/, /f/, /g/, /p/, /t/, /s/ ou /z/ e /v/ seguidos de /l/ ou /ɾ/: flagrante. /ks/ também pode ser incluído nessa categoria: fixo [ˈfi.ksu] (mas não ficção [fikˈsɐ̃w]), látex [ˈlateks].

Esse perfil geolinguístico, no entanto, é bastante flexível e apresenta um caráter multidialetal com grande variabilidade no que diz respeito a diferenças diatópicas fônicas, morfossintáticas, léxico-semânticas e prosódicas.

Por outro lado, as preferências linguísticas e as variáveis sociais, como faixa etária e sexo, também alteram esse perfil e se evidenciam não apenas nos diversos jogos de linguagem que exploram as características fonético-fonológicas do falar brasileiro. *(ver box Jogos de Linguagem)* CP

13 MARIA DO SOCORRO SILVA DE ARAGÃO

Professora visitante titular da Universidade Federal do Ceará e professora voluntária titular da Universidade Federal da Paraíba. Tem experiência nas áreas de Linguística e Literatura, com ênfase em Sociolinguística, Dialetologia e Geolinguística.

14 DINAH CALLOU

Professora titular/emérita da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da UFRJ. Atua nas áreas de Fonética, Fonologia e Sintaxe, com ênfase em Sociolinguística e Linguística Histórica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. *Iniciação à fonética e à fonologia*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

CRISTÓFARO SILVA, Thaís. *Fonética e Fonologia de Português: Roteiro de Estudos e Guia de Exercícios*. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2002.

MALMBERG, Bertil. *A fonética: no mundo dos sons da linguagem*. Lisboa: Livros do Brasil, 1954.

RIBEIRO. Silvana Soares Costa. COSTA. Sônia Bastos Borba. CARDOSO. Suzana Alice Marcelino (org.) *Dos sons às palavras: nas trilhas da língua portuguesa*. Salvador: EDUFBA, 2009.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB (Brasil). *Atlas linguístico do Brasil: questionário 2001*. Londrina: Ed. UEL, 2001.

SOBRE O AUTOR

ABRAHÃO COSTA DE FREITAS é professor, escritor, tradutor por opção. Artista plástico entre um poema e outro. Formado em Letras e com especialização em Educomunicação pela Universidade de São Paulo e em Jornalismo Internacional pela PUC/SP. Com larga experiência em educação, o que o faz pulsar mais forte é a Língua Portuguesa. Adora Literatura, Teatro e Cinema..

LINGUAGEM E PRECONCEITO

O idioma pode servir de instrumento de dominação e exclusão, quando um dos inúmeros tentáculos da discriminação assume a forma de palmatória contra a língua portuguesa no Brasil

por **Wagner Ávilis**

Muito se debate sobre assuntos ambientais, genéticos e econômicos ultimamente. Temas sociológicos reincidentes como a homossexualidade, o racismo, a discriminação física, o tráfico etc. tornaram-se uma espécie de clichê político para candidatos, lugar-comum para cidadãos, porém com espaço garantido para novas (e velhas) discussões. Entretanto, exclusive o cientista da área, quase nunca se reserva espaço para refletir sobre a língua, examiná-la, discuti-la, expor os problemas que a envolve e que atingem seus falantes, pois que ela ainda é considerada por muita gente uma entidade dogmática não merecedora de investigações científicas, de atenção política e de debate por parte da população.

Uma das capacidades sem a qual o homem seria mais animal é a linguagem, uma vez que ela funciona como elemento de interação entre o indivíduo e a sociedade em que ele atua. A língua é o produto social dessa capacidade, sendo, portanto, pela língua, que indivíduo e sociedade se determinam mutuamente.

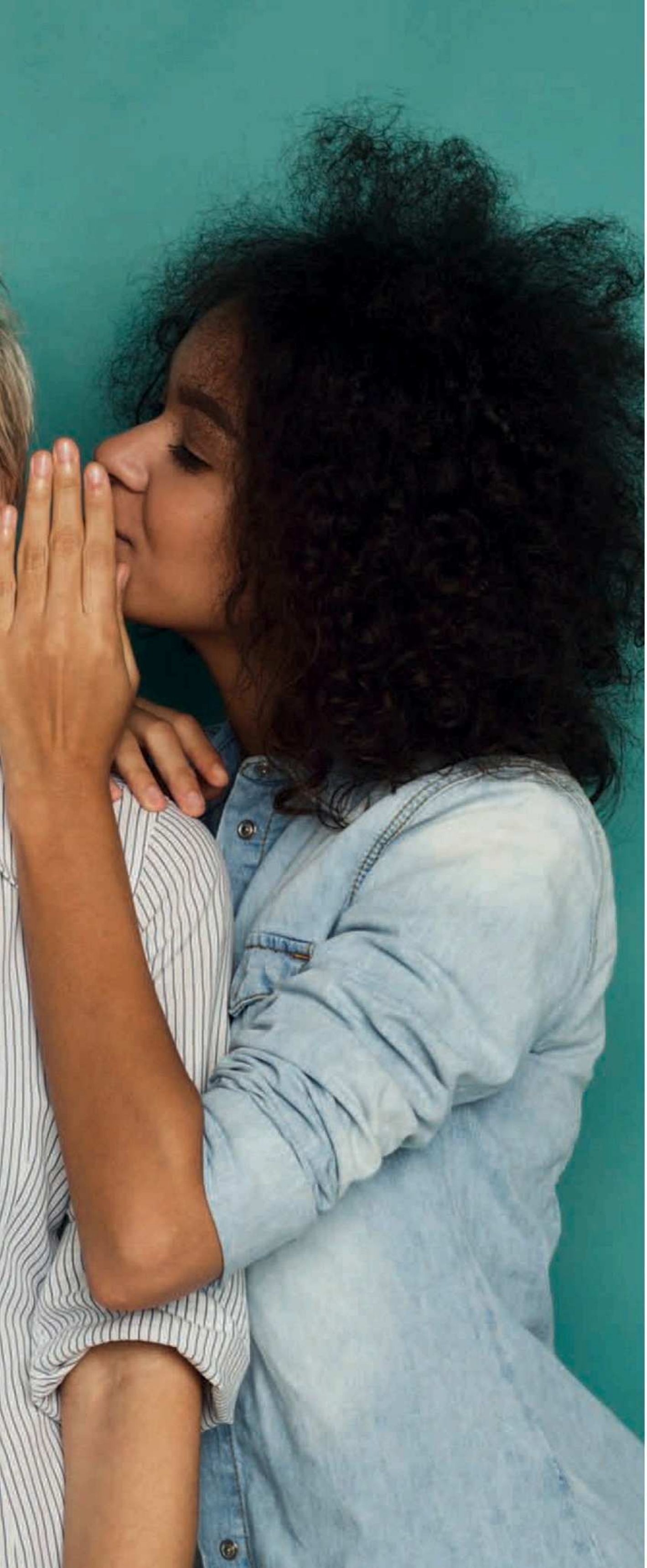

© MILKOS / ISTOCK.COM.BR

Ao contrário do que muitos acham, uma língua não se encerra nas regras gramaticais, bem como não é questão de "certo e errado", nem objeto para juízos de "melhor e pior, bela e feia, fácil e difícil". Uma língua é uma questão de organização da realidade, envolve conhecimento próprio de vida imposto pela nossa mente aos elementos que compõem o mundo, ou seja, entender uma língua é, em certo grau, entender o pensamento de seus falantes.

A ciência que estuda os fenômenos da linguagem é a Linguística, nascida na Europa do século XIX, desenvolvida na América do Norte no século XX e muito produtiva no Brasil hoje. Do ponto de vista dela, um dialeto (variante regional do mesmo idioma) é melhor tanto quanto o outro. Do ponto de vista social, um dialeto é melhor do que o outro. Essa ideia de superioridade dialetal impregnou-se na língua portuguesa usada no Brasil, dispersou-se através da tradição escolar, dos meios de comunicação, e atingiu os falantes do idioma que popularizaram essa ideia. Conseguintemente a escolha de uma variação como superior criou todo um aparato de dominação ideológica, preconceitos e mitos acerca do português e de seus usuários, sobretudo acerca dos nordestinos. Com respaldo científico da Linguística, discorrer e esclarecer algumas dessas distorções constitui essa matéria.

VARIAÇÕES PRIVILEGIADAS

JOÃO WANDERLEY GERALDI[1] e **SÍRIO POSSENTI**[2] professam que "... todas as línguas variam, isto é, não existe sociedade ou comunidade na qual todos falem da mesma forma. A variedade linguística é o reflexo da variedade social, e como em todas as sociedades existe alguma diferença de *status* ou papel, essas diferenças se refletem na linguagem". Estreitamente ligada ao corpo social, a língua expressa as diferenciações da sociedade – momento histórico, sua abertura econômica, seus acessos cultural e científico, contato estrangeiro; e de seus habitantes – posição geográfica, etnia, faixa etária, grau de instrução, classe econômica, papel social, religiosidade. A influência dessas diferenciações em uma língua resulta na variedade linguística.

A linguagem técnica do trabalho, o linguajar regional, o dialeto das elites, a fala popular, as gírias são exemplos de variedades linguísti-

JOÃO WANDERLEY GERALDI 1

Pesquisador da linguística brasileira e um dos mais reconhecidos intérpretes e divulgadores da obra de Mikhail Bakhtin no Brasil, tendo publicado inúmeros livros e artigos sobre a teoria do autor russo.

SÍRIO POSSENTI 2

Licenciado em Filosofia, tem mestrado e doutorado em Linguística. É professor titular (Análise do Discurso) no Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem (Unicamp). Estuda humor. Tem interesse pelos discursos jornalístico e publicitário. Dedica-se ao estudo de textos breves, especialmente piadas, pequenas frases e fórmulas. É autor de diversos livros. Pela Editora Contexto, publicou *Humor, língua e discurso* e, como coautor, *Sentido e significação*, *Ethos discursivo*, *A (des) ordem do discurso* e *Fórmulas discursivas*.

FRANCISCO DE SÁ DE MIRANDA (1481-1558) 3

Foi um poeta português, introdutor do soneto e do Dolce Stil Nuovo na nossa língua. Encontra-se sepultado na Igreja de São Martinho de Carrazedo em Amares.

cas. Para tentar uniformizar as variações, a fim de que todos os falantes da língua nativa leiam, escrevam, pronunciem e ouçam em comum entendimento as mesmas informações, a comunidade escolhe como padrão uma dentre as variedades. Em seguida, inspirada por noções estéticas e morais, prestigia a variação padrão como modelo ideal a imitar, atribuindo-lhe juízos de valor como "exemplar", "correta" e "bela".

No Brasil recém-colonizado adotou-se a variedade prestigiada da língua portuguesa corrente na corte de Lisboa. A produção do Renascimento era a grande novidade daquele século, e Portugal a conheceu quando **SÁ DE MIRANDA**[3] retornou da Itália em 1527, trazendo as inovações classicistas. O formalismo da prosa e da poesia, o silogismo, o mote glosado como ideia principal do texto, o uso do verso decassílabo, a poesia palaciana, o teatro popular, a escrita das investigações científicas influenciaram o vernáculo lusitano, ascendendo-o ao clássico. Logo, no Brasil colônia, eventualmente, a variedade usada por ícones portugueses como **FERNÃO LOPES**[4], **GARCIA DE RESENDE**[5], Gil Vicente (1465-1536) e Luís Vaz de Camões (1524-1580) passou a ser ensinada e oficializada. Legitimada como "norma-padrão", a variedade das elites foi sistematizada, convertendo-se no que conhecemos como manual de gramática.

Mais tarde, do século XVIII ao XIX, a cidade do Rio de Janeiro – então capital do Brasil – era o centro da plêiade literária, sendo ainda contemplada com a fundação da Academia Brasileira de Letras, em 1897. Com o advento do Modernismo, em 1922, a cidade de São Paulo ganha cenário, tornando-se a segunda capital cultural brasileira, além de ser o maior polo do comércio do café. Não é à toa, portanto, que ainda hoje os dialetos carioca e paulista são os prestigiados dentre os das cinco regiões do País.

APENAS UM MANUAL

Como visto, o que chamamos de "gramática da língua portuguesa" é, na verdade, apenas uma variedade das muitas que circundam o nosso idioma. Uma fração específica da língua não é toda a língua.

Não obstante, uma gama de autores gramáticos mais algumas personalidades ignoram tal fato. Uma cultura pregada por eles – a de que só a gramática é a única e verdadeira Língua Portuguesa a ser falada – tem marginalizado, taxado e repreendido toda a sorte de falares, conforme aponta Geraldi: "Fatos históricos (econômicos e políticos) determinam a 'eleição' de uma forma como a língua portuguesa. As demais formas de falar, que não correspondem à forma eleita, são todas qualificadas como 'errôneas', 'deselegantes', 'inadequadas para a ocasião'". Vejam-se exemplos dessa discriminação, pautados por grandes estudiosos da língua:

"É português estropiado que no Brasil se fala, língua de gíria, língua sem peias sintáticas, língua sem flexão arbitrária, língua do 'deixo vê', do 'mande ele', do 'já te disse que você', do 'não lhe conheço', do 'fiz ele estudar', do 'vi os meninos saírem'" – **NAPOLEÃO MENDES DE ALMEIDA**[6].

"Os jornalistas usam: o aumento do funcionalismo público, o aumento da gasolina, o aumento da carne. É o mais puro aumento da incompetência" – **LUIZ ANTONIO SACONNI**[7].

"O sujeito que usa um termo em inglês no lugar do equivalente em português é, na minha opinião, um idiota" – Pasquale Cipro Neto.

É nessa concepção que Língua Portuguesa não é toda manifestação oral e escrita de um povo que a usa; que cantigas de roda, o folclore, as danças típicas, os cordéis não consistem de uma variação do português legítimo, mas de um português "exótico", "cheios de erros", porque a variação válida é somente a falada/escrita pelas camadas dominantes da sociedade, a suposta norma culta ou padrão. É, pois, como reforçam Geraldi e Possenti, no centro de tal entendimento que se gera a exclusão pela e na linguagem, uma vez que "essa variação não é privilégio de tal concepção, mas o é de forma especial: a variação é vista como desvio, deturpação (...)".

Conivente com essa postura discriminante, o ensino escolar brasileiro reproduziu a cultura do preconceito linguístico até fins da década passada, fato que contribuiu com a propagação desse preconceito pregado até pelos não falantes da variedade das elites. Marcos Bagno cita Brito, doutor em Linguística e Filologia, e D'Angelis, também doutor em Linguística, quando aponta para a desmistificação dos argumentos de ensino da norma culta: "A insis-

tência no ensino da gramática articula-se com três noções que não se confirmam na análise das práticas sociais: a de que a ação normativa tem por finalidade evitar a corrupção e a degradação da língua nacional; a de que a chamada norma culta é própria das relações formais, de modo que seu não domínio implica na exclusão do sujeito dessas situações; e de que seu conhecimento garante o acesso a determinadas expressões superiores de cultura e informação".

Como efeito disso tudo, o fracasso do ensino gramatical, a rejeição das aulas de português, a insegurança das pessoas para discursar, redigir e interpretar, jargões do tipo "brasileiro não sabe português", "português é chato", "os pobres e iletrados falam errado"..., porque a variedade falada predominantemente no Brasil, que é a popular (coloquial), colide com a ensinada e minoritária, a culta. Os 180 milhões de brasileiros quase não falam a mesma variedade que leem e escrevem. A fala popular é, de fato, a língua materna do brasileiro, a que espontaneamente se fala, como explica o doutor em Letras e especialista em Teoria e Análise Linguística Mário Alberto Perini: "(...) o português (que aparece nos textos escritos) não é a nossa língua materna. A língua que aprendemos com os nossos pais, irmãos e avós é a mesma que falamos, mas não é a que escrevemos".

Portanto, o manual de gramática não é a Língua Portuguesa, e sim um substrato dela. O que se considera "erro de português" é, factivelmente, uma não correspondência à variedade das elites; nunca um erro do idioma. O que o ensino gramatical deve esclarecer, segundo Geraldi e Possenti, é: "... que essa variedade, a mais prestigiada de todas, possui força em razão de dois fatores: pelo fato de ser utilizada pelas pessoas mais influentes, donde se deduz que seu valor advém não de si mesma, mas de seus falantes; e por ter merecido, ao longo dos tempos, a atenção dos gramáticos, dos dicionaristas e dos escribas em geral".

GRAMÁTICA INTERNA DO PORTUGUÊS

Qualquer nativo falante do idioma possui um conhecimento implícito-intuitivo desse idioma. O saber implícito é a gramática interna da língua, que consiste em reconhecer uma lógica que conduz a ordem do enunciado, em elaborar sentenças compreensíveis ao ouvinte, em alternar sequências de ordem fonológica, morfológica, sintática e semântica sem auxílio de um saber técnico.

Perini mostrou que, na fala, podemos intercalar a um substantivo ou a um pronome uma oração adjetiva como "procurei Marília, que não me recebeu" (subst.: Marília; or. adj.: que não me recebeu). O falante pode atribuir valor substantivo a palavras como os pronomes (ex.: ele, nós, você) e intercalá-las com a

© PASSARINHO/PREF. OLINDA

DIALETO NORDESTINO COMO CARICATURA

Diz-se no Brasil que o nordestino figura entre as melhores piadas (digam-se os concursos de piadas na TV). A denominação "caipira" é a caricatura nacional de quem reside no Nordeste e sinônimo de humor. Veja-se o que escreveu a professora de Português e escritora Dad Squarisi em artigo no *Diário de Pernambuco*: "(...) Clareou este mundo cheinho de jecas-tatus. (...) Caipiras, caipiras e mais caipiras. Falamos o caipirês. Sem nenhum compromisso com a gramática portuguesa". E Luiz Antonio Sacconi no livro *Não Erre Mais!*: "Na Bahia, porém, na sempre formidável Bahia, as pessoas se acordam. O mais interessante é que se acordam e vão direto à praia".

Nas telenovelas os personagens nordestinos são interpretados num trejeito estereotipado. Suas falas são "engraçadas" e "inferiores" às dos personagens não nordestinos para divertirem a audiência. Tal retrato é reflexo do preconceito contra o dialeto nordestino, considerado por alguns um sotaque "gozado" de palavras esquisitas e feias.

Em contraposição a esse preconceito, já foi dito aqui: em termos científicos não há dialeto melhor ou pior, bonito ou feio, mas diferente. Cada dialeto possui elementos peculiares à realidade regional, funcionando, no entanto, com os mesmos mecanismos idiomáticos presentes em todas as variações da língua materna. Para demonstrar essas evidências, vejamos primeiramente um caso muito conhecido do sotaque nordestino. Nesse dialeto, ao dizer eita, deitar, oito, oiteiro, oitenta, muito, noite, o falante pronuncia a consoante [t] como /ts/ (semelhante a tcheco) quando a palavra tem um [i] como encontro vocálico antes do [t]. Se escrevêssemos isso teríamos: "Me deixe enfeitchar isso". Esse caso chama-se palatalização, visto por alguns como algo "feio, ridículo". Porém, ele está também presente no dialeto sudestino ao dizer tia, instinto, tinha etc., só que com o [i] palatalizador depois do [t] com ou sem encontro vocálico. Se assim escrevêssemos teríamos: "Oi tchitchia (titia)!"; e, no entanto, considera-se "bonito, normal" ao ouvir. Mas o fenômeno é o mesmo nos dois sotaques, invertendo apenas a posição do [i] da palatalização. Na verdade, o que se foca nesse juízo depreciativo do dialeto do Nordeste é a própria pessoa que fala essa variação do português nessa região geográfica, já que se associa a uma área pobre e atrasada – então seus habitantes com sua linguagem serão vistos da mesma maneira.

4 FERNÃO LOPES
(1378-1459)
Foi escrivão e cronista oficial do reino de Portugal e o 4º guarda-mor da Torre do Tombo. De origem plebeia, recebeu carta de nobreza pelos serviços prestados à Coroa.

oração adjetiva que. Mas se o falante perceber uma mudança naqueles pronomes (como a contração da preposição de+ele=dele ou as formas oblíquas lo, a, lhe), "o acréscimo de uma oração adjetiva dá resultados bem menos aceitáveis": *Fui procurá-la, que não me recebeu; *fui à sua casa, que não me recebeu. Exemplificou a lógica do objeto direto no enunciado: "Mas há uma restrição (...): nunca se pode usar uma frase na qual o objeto direto exprima um subconjunto do sujeito": *Nós me vimos na TV (nós: sujeito; me: objeto direto). Um ouvinte analfabeto ou uma criança entre 3 e 4 anos ao ouvir "a casa de Ana é alta" consegue, intuitivamente, distinguir o sujeito (casa), do adjetivo (alta) e do predicado (Ana), ligando o sujeito (a casa) ao seu predicativo (de Ana é alta), razão pela qual não confunde os termos, se entendesse Ana é que é alta.

Bagno igualmente expôs "erros que nenhum falante nativo da língua comete": * "Aquela garoto me xingou", * "eu nos vimos ontem na escola", * "Júlia chegou semana que vem", * "não duvido que ele não queira não vir aqui", * "que o livro que a moça que Luís que trabalha comigo me apresentou escreveu é bom não nego". Por isso, o autor atesta que todo falante é: "(...) capaz de discernir intuitivamente a gramaticalidade ou a agramaticalidade de um enunciado, isto é, se um enunciado obedece ou não às regras de funcionamento da língua".

No entanto, aqueles pregadores da norma padrão não mencionam nem investigam tais fenômenos. Como dependem da noção de erro (como instrumento de distinção social), recriminam todo enunciado que não se submeta às normas da gramática normativa, reforçando assim a crença da dificuldade de "aprender português" para que, no fundo, garantam-se as lucrativas saídas comerciais, as grandes tiragens de manuais, o *status* de "intelectual" e a distância entre "eruditos" e "leigos" em favor da "dominação por parte dos letrados sobre os iletrados", como reforça Bagno. É o

© QWAZZME / ISTOCKPHOTO.COM

VIXE, APOIS, MAINHA

Para reforçar o argumento de que os mesmos mecanismos linguísticos atuam nas variações do português a fim de que não se veja preconceitos, seguem análises de duas interjeições, uma conjunção e um substantivo típicos do Nordeste.

As interjeições escolhidas foram vixe e ôxi. O vixe é tido como estranho pelos sulistas; mas não há nada de estranho, e sim natural. Vixe é uma variante de virgem, no que se diz – "vige Maria!" (Virgem Maria) – que falantes com dificuldade de pronúncia do /r/ o suprimiram com a nasal /m/, passando a vige. Este [g] antes de vogais /e/ e /i/ em termos fonéticos obtém semelhante traço sonoro do [x] – chiado – (ex.: gengibre) no qual se transformou, passando a vixe. Outro caso visto com estranheza pelas outras regiões é o uso do ôxi, como em "ôxi, não entendi!". Ora, o "ôxi" nordestino expressa a mesma coisa que o "ué", o "puxa" e o "putz" dessas outras regiões: dúvida, espanto, admiração. São, portanto, interjeições. Vocábulos como oxum (antigo rio africano), oxossi (entidade da umbanda), oxalá (tomara) têm o mesmo radical de oxente (OX) – todas muito usadas no antigo Nordeste brasileiro pelos escravos africanos. Logo, por influência do som do radical [OX] oxente se reduziu para ôxi.

Como conjunção, o apois consiste em ótimo exemplo. Seu uso nordestino é tido como esquisito pelos dialetos de prestígio, como em: "Apois pronto! Vai ficar como está". Nesse caso vê-se dois aspectos – um semântico e outro morfológico. No semântico (que diz respeito ao sentido da palavra), o apois pode ser entendido como um efeito de conclusão ou uma conjunção coordenativa conclusiva feito o "então". Por exemplo: "Então pronto! Vai ficar como está"; "apois (então) faça isso..."; "apois (então) vá embora"; "apois aconteceu o que eu tinha dito". Isso porque "então" quando conjunção significa logo, portanto e pois (este embutido no apois). Quando "então" é advérbio de tempo, a gramática interna do falante não entende proposição ou inferência para concluir uma ideia, que é característica das conjunções. Por tal razão não se ouve: * "Até apois (então) chovia", * "desde apois (então) não fumo", * "não me doía, mas que apois (então) me dói". Enfim, a gramática do falante seleciona apois como se fosse "então", porque o entende como o "pois" das conjunções conclusivas. Já no aspecto morfológico (que diz respeito à estrutura da palavra),

que demonstra esse autor ao dizer que "a ideia de que 'português é muito difícil', serve como mais um dos instrumentos de manutenção do *status quo* das classes sociais privilegiadas".

Eles confundem, propositadamente, não correspondência à variedade elitista com "erro de português", variações linguísticas com "infrações gramaticais", fala com ortografia oficial. Ignoram o que consideram "erro" ser indício de evoluções no interior dos mecanismos do idioma provocadas pela atividade da gramática interna dos falantes.

É fato a existência do preconceito contra a linguagem, até porque em um país permeado por injustiças, desigualdades, discriminações e fundamentalismos, o idioma é só mais uma das vítimas dessas mazelas: Geraldi e Milton José de Almeida defendem que "... numa sociedade como a brasileira – que, por sua dinâmica econômica e política, divide e individualiza as pessoas, isola-as em grupo, distribui a miséria entre a maioria e concentra os privilégios nas mãos de poucos –, a língua não poderia deixar de ser, entre outras coisas, também a expressão dessa mesma situação".

Nosso País é munido de legislação contra o preconceito – em suas diversas formas: religiosa, racial, ideológica; entretanto, não há nada escrito que combata quem discrimina alguém por seu sotaque ou particularidade de língua. Desfazer esse tipo de preconceito, alerta Bagno, "só será possível quando houver uma transformação radical do tipo de sociedade em que estamos inseridos, que, para existir, precisa da discriminação de tudo o que é diferente, da exclusão da maioria em benefício de uma pequena minoria, da existência de mecanismos de controle, dominação e marginalização".

E, por todos esses conceitos, temos um Brasil muito longe de ser um país livre de preconceitos. CP

verifica-se a junção da interjeição ah de admiração com a conjunção pois: ah+pois = apois (o h de ah é mera ortografia, suprimindo-se), servindo de prótese à pronúncia e suporte para o elemento pois da conclusão da ideia – o que equivaleria como: "ah, pois aquilo aconteceu anteontem sim!", "ah, pois duvido que você se atreva". É um fenômeno similar ao que ocorre na expressão idiomática de interrogação aé?, que equivale a ah, é mesmo? (pois o ah tem seu h suprimido, fundindo-se com o é: ah+é = aé). O a de apois parece estar funcionando também como o prefixo latino a (no sentido de "direção", "aproximação", como em afluir e abeirar, diferente do a grego de negação, como em atípico e amoral) com a conjunção pois: a+pois = apois. Nesse sentido, talvez, o uso de "adepois" (a+depois) se justifique pela semelhança de som entre pois e depois e por ambas serem conjunções.

No caso dos substantivos, as expressões mãinha e painho são consideradas engraçadas por muitos não nordestinos. Acham "invenção da gíria matuta", já que o "certo" é mamãezinha e papaizinho. Não é bem isso. Esses diminutivos são resultados do processamento morfológico na gramática interna do português frequentes em todas as regiões brasileiras. Trata-se de substantivos no diminutivo sintético (como em casinha) com efeito afetivo, e não de medida ("mamãezinha" não é entendida como baixa, mas querida). Decompondo, ma é prefixo (morfema antes do radical); mãe é o radical (parte invariável com significado); [z] é consoante de ligação (elemento que liga morfemas para auxiliar a pronúncia, como em chá+eira = *chaeira+l = chaleira); inh é sufixo (morfema depois do radical) indicador de diminutivo; [a] é vogal temática (que acompanha um nome), e não desinência de gênero feminino, posto que o radical mãe já é o feminino heterônimo de pai. Têm-se então ma+mãe+z+inh+a. O prefixo ma é eliminado (mãezinha) juntamente com a consoante de ligação [z] – haja vista não comprometer a pronúncia (mãe inha). Adiante, há crase (fusão de vogais iguais ou com som semelhante) entre o som de /e/ em mãe e o /i/ de inha (mãe∪inha=mãinha). O mesmo ocorre com papaizinho: pa+pai+z+inh+o=#paizinho=pai inho=pai∪inho=painho.

Tal processo sucede-se em função da economia da fala (papaizinho – mais longo/ painho – mais breve) usado por todos os brasileiros em diversas palavras: cartinha (cartazinha), amiguinho (amigozinho), namoradinha (namoradazinha) etc. Como se vê, nada disso é "invenção da gíria matuta", segundo o preconceito linguístico.

5 GARCIA DE RESENDE (1470-1536)

Foi um poeta, cronista, músico, desenhista e arquiteto português.

6 NAPOLEÃO MENDES DE ALMEIDA (1911-1998)

Foi um gramático, filólogo e professor brasileiro de português e latim.

7 LUIZ ANTONIO SACCONI

Um gramático e lexicógrafo brasileiro, professor de Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo. Sacconi procura trabalhar em suas obras a interdisciplinaridade e os termos atuais que permanecerão no léxico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. *Preconceito Linguístico – O que é, como se faz*, 23ª edição. SP: Edições Loyola, 1999, p.95.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*, 37ª edição. RJ: editora Lucerna, 2006, p.51

GERALDI, João Wanderley. *O Texto na Sala de Aula*, 4ª edição. SP: editora Ática, 2006, p.43

PERINI, Mário Alberto. *Sofrendo a Gramática*. RJ: editora Ática, 1997, p.35.

PERINI, Mário Alberto. *Princípios de Linguística Descritiva*. SP: Parábola Editorial, 2007, ps. 46 e 47.

SOBRE O AUTOR

Wagner Ávlis é professor especialista em língua portuguesa, literatura e redação, crítico literário da Academia Maceioense de Letras, articulista de imprensa.

***O asterisco** marca sentenças não construídas pelos falantes, as quais poderíamos considerar erro de português.

Malala PARA TODOS

Ela só queria ir para a escola. A menina, ainda adolescente e brava ativista, mal sabia que sua obstinação lhe causaria dores, mas transformaria vidas e o cenário mundial

por **Fernanda De Paula**

Uma menina de 12 anos, um pai idealista, um sonho de liberdade para estudar e igualdade de oportunidades. Essa garotinha só queria ir à escola. Seu nome? Malala.

As obras *Eu sou Malala: como uma garota defendeu o direito à educação e mudou o mundo*, *Malala: a menina que queria ir para a escola* e *Longe de casa*, todas da Companhia das Letras, são três versões adoráveis que narram a história de Malala Yousafzai ***(ver box Nome de Guerreira)***, uma adolescente paquistanesa que no ano de 2012 tornou-se alvo de radicais ligados ao regime talibã. Sem pestanejar, entraram em um ônibus que transportava garotas para uma escola no vale do Swat (Paquistão), chamaram pelo nome dela e, ao identificarem-na, dispararam tiros contra sua cabeça. Mas qual o motivo para essa violência?

A garota, incentivada pelo ativismo de seu pai, educador e proprietário de uma escola, criara um *blog* – **DIÁRIO DE UMA ESTUDANTE PAQUISTANESA**[1] – para a

© POR RUSSELL WATKINS / DEPARTMENT FOR INTERNATIONAL DEVELOPMENT / CC BY 2.0 / COMMONS.WIKIMEDIA.ORG

NOME DE GUERREIRA

O pai de Malala, Ziauddin Yousafzai, escolheu esse nome para sua filha inspirado em uma heroína de seu povo, Malala de Maiwand, "poeta" e guerreira pashtun, que liderou o exército de seu povo contra os britânicos empunhando um véu como bandeira. Em muitas culturas, o significado do nome prenuncia o futuro da criança. Nesse caso, essa teoria se aplica: assim como a guerreira que defendeu seu povo e seu território a todo custo, Malala Yousafzai continua essa trajetória, lutando pela igualdade de direitos e oportunidades para todos, independentemente de sua classe social ou gênero.

BBC (British Broadcasting Corporation), rede pública de rádio e TV britânica, utilizando o pseudônimo Gul Makai. Nesse diário digital, ela denunciava os desmandos ocorridos em seu país, principalmente após a ocupação talibã, e defendia o acesso irrestrito à educação, independentemente do gênero, já que ali meninas eram proibidas de frequentar a escola. Suas publicações chamaram a atenção em sua região e a menina passou a conceder várias entrevistas para a imprensa local. A repercussão foi tanta que despertou o interesse internacional e, no ano de 2010, **O JORNAL NEW YORK TIMES RESOLVEU REALIZAR UM DOCUMENTÁRIO**[2] sobre o cotidiano de Malala naquele cenário de conflito e intervenção militar. Por todo seu engajamento político, acabou sendo vítima de um sistema repressor, passando por essa tentativa de assassinato que modificou sua vida e a de sua família. Mas essa história tão triste também teve sua parcela transformadora!

Ao ser resgatada e levada para tratar-se (e refugiar-se) longe de seu país, passando a residir na Inglaterra, sua causa ganhou visibilidade, dando-lhe a preciosa chance de dar voz aos oprimidos pelo sistema extremista talibã. Sua busca pela igualdade de direitos sem quaisquer restrições lhe rendeu a indicação ao Prêmio Internacional da Paz das crianças, o Prêmio Nacional da Paz no Paquistão e também a levou a se tornar a mais jovem ganhadora do Prêmio Nobel da Paz.

Eu sou Malala: como uma garota defendeu o direito à educação e mudou o mundo pertence ao gênero biografia ***(ver box Diálogo com o outro)*** e, assim sendo, foi escrita pela própria Malala Yousafzai, com a colaboração de **PATRICIA MCCORMICK**[3], jornalista norte-americana

DIÁRIO DE UMA ESTUDANTE PAQUISTANESA 1

Blog de Malala Yousafzai que a tornou conhecida. Uma das melhores maneiras de entender o pensamento dessa paquistanesa é por meio do depoimento da atriz, cineasta e ativista humanitária americana Angelina Jolie sobre o *blog* criado por Malala (http://www.ikmr.org.br/malala-yousafzai-por-angelina-jolie/).

DOCUMENTÁRIO 2

Assista ao documentário sobre Malala em https://www.youtube.com/watch?v=aFz6uR0h4Ng.

e escritora de obras consagradas para jovens, tendo sido duas vezes finalista do National Book Award, um dos mais importantes prêmios literários dos Estados Unidos. Já *Malala, a menina que queira ir para a escola* também é uma biografia, no entanto, em suas páginas temos claramente a presença da voz da autora, a jornalista **ADRIANA CARRANCA**[4], que desde o prefácio deixa clara sua missão investigativa, como cabe a todos bons repórteres que vão à trincheira em busca de notícias. *Longe de casa* segue também em tom biográfico e conta a trajetória de Malala e sua família após saírem do Paquistão, com a preciosa ajuda da "contadora de histórias, grandes ou pequenas", como gosta de se apresentar, Liz Welch (*ver box A Andarilha*).

Cabe destacar aqui a questão do hibridismo presente nesse gênero, em que literatura, história e jornalismo se justapõem, estando imbricados de tal forma em que as fronteiras entre as áreas não se aplicam. Sobre essa questão do gênero e do fazer literário na contemporaneidade, **JOSEFINA LUDMER**[5] diz em seu artigo Literaturas pós-autônomas: "Muitas escrituras do presente atravessam a fronteira da literatura (os parâmetros que definem o que é literatura) e ficam dentro e fora, como em posição diaspórica: fora, mas presas em seu interior. Como se estivessem 'em êxodo'. Seguem aparecendo como literatura e têm o formato livro (são vendidas em livrarias, pela *internet* e em feiras internacionais do livro) e conservam o nome do autor (que pode ser visto na televisão, em periódicos e revistas de atualidade e recebe prêmios em festas literárias), se incluem em algum gênero literário como o 'romance' e se reconhecem e definem a si mesmas como literatura. Aparecem como literatura, mas não se pode lê-las com critérios ou categorias literárias como autor, obra, estilo, escritura, texto e sentido. Não se pode lê-las como literatura porque aplicam 'à literatura' uma drástica operação de esvaziamento: o sentido (ou o autor, ou a escritura) resta sem densidade, sem paradoxo, sem indecidibilidade, 'sem metáfora', e é ocupado totalmente pela ambivalência: são e não são literatura ao mesmo tempo, são ficção e realidade".

UMA RELAÇÃO DELICADA

É interessante também refletirmos sobre a relação entre o gênero biografia e nossos tempos instáveis na política, na economia e na sociedade. Instabilidade que não é mais local, e sim mundial. Dadas essas circunstâncias, o jornalismo investigativo se apresenta como um campo em ascensão, já que grande parte dos acontecimentos contemporâneos fazem jus a (e até exigem) um debruçar sobre eles: conflitos em países vizinhos, guerras civis extensas, políticos adotando práticas ditatoriais, criminalidade estendendo suas ações, sociedade em meio à insegurança. Situações que requerem um olhar apurado e que, por suas problemáticas, tornam-se objetos para reportagens em busca da compreensão do agora. Há diversas obras nessa linha, como *O dono do morro: um homem e a batalha pelo Rio*, de **MISHA GLENNY**[6], ou *Rota 66* e *Abusados*, de **CACO BARCELLOS**[7], ambos jornalis-

DIÁLOGO COM O OUTRO

Sobre o gênero biografia e seu valor literário, esclarece-nos Mikhail Bakhtin: "O valor biográfico pode organizar não só a narração sobre a vida do outro, mas também o vivenciamento da própria vida e a narração sobre a minha própria vida, pode ser forma de conscientização, visão e enunciação da minha própria vida. (...) Os valores biográficos são valores comuns na vida e na arte, isto é, podem determinar os atos práticos como objetivos das duas; são as formas e os valores da estética da vida".

No gênero biografia o pacto que se dá entre leitor e obra firma-se pela identificação com a experiência. Nesse sentido, a leitura de uma obra biográfica é a ocasião para estabelecer diálogo com um Outro que se torna meu igual por meio da identificação, quer seja nas angústias e dramas narrados pela personagem, quer seja com a percepção do autor ao registrar seu recorte diante da realidade assistida ou ouvida. Nisso está a relevância da leitura das obras sobre Malala Yousafzai: o leitor é inserido em uma coletividade dialógica, em que entrará em contato com diferentes representações discursivas da realidade e os múltiplos sentidos presentes nelas.

tas consagrados tal como Patricia McCormick, Adriana Carranca e Liz Welch.

A grandeza de Patricia McCormick e Adriana Carranca em suas obras está na maestria com que ambas apresentam ao leitor um cenário de conflito, ao mesmo tempo em que ensinam sobre a cultura de um povo tão distante da nossa realidade plural e miscigenada. Ambas também conseguem relatar os despautérios de um regime extremista, sem, contudo, perder a beleza da infância de Malala, sua adolescência cheia de temores, tanto quanto repleta de engajamento. Nisso reside a beleza do encontro dos saberes: a literatura que narra a vida da corajosa ativista e o jornalismo que investiga e denuncia. Tudo isso feito com uma linguagem fluida, que torna a leitura agradável tanto para crianças e adolescentes, como para jovens e adultos.

As duas primeiras obras apresentam cuidadosas diagramações: em *Eu sou Malala* a biografia está dividida em cinco partes, em uma progressão narrativa. De imediato, na primeira parte, somos apresentados à família de Malala, às tensões (e restrições) vividas pelas mulheres naquela cultura, além da desigualdade social entre ricos e menos favorecidos. A seguir, a obra nos apresenta o discurso religioso que sustenta o regime talibã ao associar ensinamentos do Islã para justificar as ações extremistas. Nesse momento, somos comovidos pelas angústias da menina, ao declarar seu pavor e sua fé:

"Eu ficava com muito medo à noite, principalmente durante as explosões de bombas. Na minha cama no chão do quarto dos meus pais, recitava um verso especial do Sagrado Corão, o Ayat al Kursi ***(ver box O Maior Versículo do Alcorão)****. Bastava recitá-lo três vezes para livrar a casa de demônios e de qualquer tipo de perigo. Recitando cinco vezes, toda a vizinhança estará a salvo. Recitando sete vezes, a cidade inteira. Eu recitava sete, oito, nove vezes, tantas que perdia a conta. Então falava com Deus. Nos abençoe e nos proteja. Abençoe nosso pai e nossa família. Então me corrigia. Não. Abençoe nossa rua. Não, nossa vizinhança. Abençoe todo o Swat. Então dizia: Não, abençoe todo o Paquistão. Não, não só o Paquistão. Abençoe o mundo inteiro.*

O MAIOR VERSÍCULO DO ALCORÃO

"Deus! Não há divindade exceto Deus, Vivente, Subsistente, a Quem jamais alcança a inatividade ou o sono; d'Ele é tudo quanto existe nos céus e na terra. Quem poderá interceder junto a Ele, sem a Sua anuência? Ele conhece tanto o passado como o futuro, e eles (humanos) nada conhecem a Sua ciência, senão o que Ele permite. O Seu Trono abrange os céus e a terra, cuja preservação não O abate, porque é o Ingente, o Altíssimo." (Alcorão 2:255)

Conhecido em árabe como Ayah al-Kursi, o versículo fala de Deus de maneira bela. Esse versículo é conhecido por seu significado profundo e linguagem rítmica e sublime. O versículo resume, em palavras poderosas, os princípios básicos da fé islâmica, citando aqueles atributos de Deus que afirmam de maneira mais adequada o significado e a importância do princípio islâmico básico de Tawhid: a unicidade de Deus.

Eu tentava tampar as orelhas e imaginar minhas orações flutuando até Deus. De alguma forma, toda manhã acordávamos são e salvos. Eu não sabia o destino das outras pessoas por quem tinha rezado, mas desejava paz para todos. Especialmente para o Swat."

Pensar sobre a doçura, a inocência de uma criança em meio a tanta hostilidade é enternecedor. Entre a segunda e a terceira parte, temos a oportunidade de conhecer fotos da família de Malala e também ver imagens de civis entregando dinheiro para apoiar um líder talibã e até de um açoite público aplicado sobre alguém que transgrediu as normas do regime. Olhar as imagens da bebê, da criança, da aluna Malala, de sua família, sua região, nos convocam à reflexão sobre temas caros a todos: sonho, esperança, educação, medo e coragem, opressão, repressão política e de cunho religioso, terror *versus* fé.

Tudo isso já é suficiente para nos deter sobre a leitura dessa surpreendente história de vida. Mas em Alvo – a quarta parte do livro – Malala faz uma declaração crucial que nos constrange a repensarmos nosso posicionamento ante a nossa realidade, tanto em nosso microcosmo, quanto no macro:

"Ele jogou meu nome no Google. Malala Yousafzai, dizia o Talibã, deve morrer. (...) Encarei mais uma vez a mensagem na tela. Então, fechei o computador e nunca mais olhei

© HOFSTRA UNIVERSITY HONORS COLLEGE

3

PATRICIA MCCORMICK

Duas vezes finalista do National Book Award, além de *Malala, a menina que queira ir para a escola*, é autora de vários romances aclamados pela crítica – incluindo *Never Fall Down (Nunca Caia)*, a história real de um menino que sobreviveu ao campos de extermínio do Camboja (conhecidos como *Killing Fields*) tocando música para o Khmer Vermelho, e *Sold (Vendida)*, que conta a história de uma garota do Nepal chamada Lakshmi, que é vendida como escrava sexual na Índia.

ADRIANA CARRANCA 4

Colunista e repórter especial do jornal *O Estado de São Paulo* e *O Globo*, é especialista em cobertura internacional, já viajou para vários países, cobrindo guerras e conflitos de diferentes tipos relativos à intolerância religiosa, à condição da mulher e aos direitos humanos. Já foi aclamada com diversos prêmios, inclusive Melhor livro informativo e Escritora Revelação, por *Malala, a menina que queria ir à escola*, em 2016, pela Fundação Nacional do Livro e Juvenil (FNJIL).

JOSEFINA LUDMER (1939-2016) 5

Foi uma professora, ensaísta, escritora e crítica literária argentina, graduada em Letras na Universidade de Rosario em 1964.

MISHA GLENNY 6

Jornalista britânico, especializado em sudeste da Europa, crime organizado global e segurança cibernética.

CLÁUDIO BARCELLOS DE BARCELLOS 7

Mais conhecido como Caco Barcellos, é um jornalista, repórter de televisão e escritor brasileiro que se especializou em jornalismo investigativo, investigações, documentários e grandes reportagens sobre injustiça social e violência.

para aquelas palavras. O pior tinha acontecido. Eu era um alvo do Talibã. Agora tinha de voltar a fazer o que devia fazer.

Eu estava calma, mas meu querido pai estava em lágrimas.

— Você está bem, jani? – ele perguntou.

— Aba – eu disse, tentando acalmá-lo –, todo mundo sabe que vai morrer um dia. Ninguém pode escapar da morte. Não importa se ela vem pelas mãos de um talibã ou como câncer.

Ele não se convenceu. (...) Mas nunca imaginou que o Talibã direcionaria sua ira a uma criança. A mim.

Olhei para o rosto entristecido dele e soube que honraria meus desejos independentemente do que eu decidisse. Mas não havia nenhuma decisão a ser tomada. Aquela era minha vocação. Uma força poderosa habitava em mim. Algo maior e mais forte do que eu. Que me tornara destemida. Agora é que eu tinha que dar ao meu pai uma dose de coragem que ele sempre me dera.

— Aba, foi você quem me disse que se acreditarmos em algo que é maior do que nossa vida então nossa voz vai se multiplicar, mesmo se morrermos. Não podemos parar agora."

Destemida, corajosa, vocacionada. Um convite para uma tomada de posição de todos os leitores. Se queremos uma realidade diferente, precisamos forjá-la assim. Forjar é o verbo porque tal qual o metal bruto, nosso mundo não está pronto. E somos nós que devemos lapidá-lo por meio de nossas escolhas e práticas: no cotidiano doméstico, em nossos estudos, em nossas profissões. Aos docentes, Malala é uma provocação à resistência em tempos difíceis e hostis e uma convocação, pois "uma criança, um professor, um livro e uma caneta podem mudar o mundo".

A parte final de *Eu sou Malala* emociona o leitor, uma vez que as novas imagens aproximam-nos do drama vivenciado pela garota, além da descrição de sua vida pós-atentado, sua nova realidade na Inglaterra, sua reabilitação, o ajuste de sua família naquele novo lugar e nova cultura, mas acima de tudo por sua integridade e ímpeto em continuar cumprindo seus objetivos:

"Às vezes, os jornalistas parecem querer se concentrar no ataque, e não na campanha.

Isso me deixa frustrada, mas eu entendo. É a curiosidade humana. Mas o que penso sobre o assunto é o seguinte: eles já me machucaram, deixaram cicatrizes eternas. Mas da violência e da tragédia veio a oportunidade. (...)

Penso no mundo como uma família. Quando um de nós está sofrendo, todos devemos contribuir. Porque, quando as pessoas dizem que me apoiam, na verdade estão dizendo que apoiam a educação das meninas.

Então, sim, o Talibã atirou em mim. Mas eles só podem atirar em um corpo. Não podem atirar em sonhos, não podem matar minhas crenças e não podem impedir minha campanha para ver toda menina e todo menino na escola."

Já na obra de Adriana Carranca – *Malala, a menina que queria ir para a escola* – o leitor se aproximará da realidade da ativista paquistanesa com outra nuance. Logo no prefácio, a linguagem empregada pela autora adota um tom detetivesco, transformando sua experiência jornalística em aventura. Ela narrará sua chegada ao país, falará sobre a família que a acolheu, contará sobre os desafios e perigos enfrentados ante outra cultura e sociedade, assim como todas as descobertas que fará naquele estranho ambiente e região. E, de forma virtuosa, ela levará o leitor até os vales do Swat.

A narrativa criada pela jornalista privilegia o lúdico, promovendo a "chegada" à região de Malala um aprendizado agradável, pois ela faz associações com notórios líderes da história mundial, como Alexandre, o Grande, rei da antiga Macedônia, e o imperador mongol Gengis Khan. Assim, a leitura se faz como um deleite ao instigar o imaginário do leitor. Ao mesmo tempo, a autora cria uma ponte passado-presente ao apresentar contemporâneos notáveis, como Benazir Bhutto, duas vezes primeira-ministra do Paquistão, e a rainha Elizabeth I, assim como personalidades locais como o príncipe Miangul Adnan Aurangzeb – wali (espécie de imperador) não oficial de Swat –, o general Ayub Khan, ex-presidente do Paquistão, e o ex-líder talibã Fazal Hayat (Fazlullah) – conhecido como Mullah Radio.

As belíssimas ilustrações de Bruna Assis Brasil tornam a leitura ainda mais agradável, por meio de uma técnica em que ocorre a colagem de fotografias fundidas em adoráveis desenhos.

Uma obra delicada, que a contadora de histórias, como se autodenomina Liz Welch (http://lizwelch.com/), jornalista e memorialista – cujo primeiro livro, *The Kids Are All Right (As Crianças Estão Bem)*, em coautoria com suas irmãs Diana, Dan e Amanda Welch, foi aclamado pela crítica – soube conduzir com maestria, junto com Malala Yousafzai e as outras meninas que fazem parte dessa história. *Longe de Casa* (Companhia das Letras) mostra desde o momento em que a ainda menina Malala podia brincar à vontade com seus irmãos à trajetória involuntária a que é submetida após ter quase sido assassinada só porque queria estudar. É desconcertante o relato da chegada a Birmingham: ***"Quando minha família foi do Paquistão para Birmingham, levou apenas as roupas do corpo. (...) Meus pais tiveram que comprar pratos, panelas e talheres para que pudéssemos fazer refeições em casa. No Paquistão, minha mãe teria ficado muito feliz com isso! Ela adorava comprar utensílios legais para a cozinha em Mingora, mas em Birmingham dizia que não pareciam dela. Não havia uma sensação de pertencimento — minha mãe se sentia uma estranha numa terra estranha".*** Dividido em duas partes, Estou longe de casa e Estamos longe de casa, tem uma diferença com as obras anteriores: é que essa traz em seu bojo o coletivo. A migrante Malala visita uma série de campos de refugiados, que a faz repensar sua própria condição, onde se depara com outras garotas, de diversas partes do mundo. Essas meninas pertencem a diversas regiões do planeta, do Oriente Médio à America Latina, e, assim como Malala, deixaram para trás a vida que conheciam. Ficamos conhecendo os (des)caminhos impostos a outras Malalas: Zaynab, Sabreen, Muzoon, Najla, María, Analisa, Marie Claire, Jennifer, Ajida e Farah. No final do livro há uma breve informação de onde e o que estão fazendo cada uma dessas meninas. Ninguém soltou (e não vai soltar) a mão de ninguém. (Da Redação).

Ainda que a vida de Malala seja extremamente intensa e arriscada, a narrativa de Adriana Carranca conseguiu dar-lhe leveza, ao revezar entre a descrição das suas experiências pessoais na região e os fatos vividos pela protagonista. Sua maneira de contar cria uma esfera de aproximação com o leitor, ao mostrar seu olhar curioso diante do cenário em que está inserida e, ao mesmo tempo, em que busca compreender aquilo que faz parte do cotidiano da menina paquistanesa.

Dessa forma, ela vai nos despindo dos preconceitos com o povo muçulmano, revelando-nos a cultura daquela região com um novo olhar: descreve a generosidade existente nos gestos do povo, do príncipe, o cuidado em protegê-la, a hospitalidade e a força demonstrada por todos em superar um tempo de angústia. Revezando sua narrativa entre a primeira pessoa – quando tece suas observações – e a terceira pessoa – quando narra os fatos tal qual os percebia –, a autora torna empolgante a biografia de Malala, de tal forma que o leitor adere à sua incursão pela região e não conseguirá abandonar o percurso da leitura.

Há ainda, para auxiliar a compreensão do leitor, notas de rodapé esclarecendo conceitos sobre a região, povo, cultura, religião: informações importantes para o entendimento do texto.

Portanto, *Eu sou Malala: como uma garota defendeu o direito à educação e mudou o mundo* e *Malala, a menina que queria ir para a escola* são obras essenciais para a formação literária, quer docente, quer discente, quer para o leitor ávido por literatura de qualidade, porque são espaços do encontro. Encontro com a situação da mulher, com os impactos da guerra, com o extremismo religioso e suas consequências, com a força da educação para superar as desigualdades sociais e resistir à violência, com a importância de buscarmos a garantia da igualdade de direitos entre os gêneros. Um espaço que convoca e desperta, em que a inércia não é permitida e a indiferença igualmente é inadmissível. Afinal, como nos ensina Compagnon: "O próprio da literatura é a análise das relações sempre particulares que reúnem as crenças, as emoções, a imaginação e a ação, o que faz que ela encerre um saber insubstituível, circunstanciado e não resumível sobre a natureza humana, um saber de singularidades. (...) A literatura deve, portanto, ser lida e estudada porque oferece um meio – alguns dirão até mesmo o único – de preservar e transmitir a experiência dos outros, aqueles que estão diante de nós no espaço e no tempo, ou que diferem de nós por suas condições de vida. Ela nos torna sensíveis ao fato de que os outros são muito diversos e que seus valores se distanciam dos nossos". CP

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução por Tzvetan Todorov. 5ª ed. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2010.

CARRANCA, Adriana. *Malala a Menina que Queria ir para a Escola*. Companhia das Letras, 2015.

COMPAGNON, Antoine. *Literatura para quê?* – Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

YOUSAFZAI, Malala; McCormick, Patricia. *Eu sou Malala*. Companhia das Letras, ed. Juvenil, 2015.

YOUSAFZAI, Malala (com Liz Welch). *Longe de Casa*. Companhia das Letras, 2019.

SOBRE A AUTORA

FERNANDA DE PAULA
é especialista em Literatura e Teoria Literária (PUC-SP); coordenadora pedagógica na Rede Pública Estadual (SEE-SP); professora de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental II e Médio; capacitadora de professores em instituições públicas e privadas; revisora de textos acadêmicos e produtora de material didático.

Passagens da crítica

Gêneros como esse e o jornalismo podem se dar bem ou não, a depender das referências do tempo e da sensibilidade de quem analisa, promovendo a passagem de um a outro discurso para o estabelecimento dos juízos críticos que o ensaísta emite a respeito dos textos

Por **Roberto Sarmento Lima**

© JDAWNINK / ISTOCKPHOTO.COM

Uma frase colhida de certo texto do crítico **JOÃO RIBEIRO**[1], publicado no jornal carioca *O Imparcial*, em 7 de maio de 1917, chamou-me a atenção para o fato de que, ratificando uma ideia que habitualmente defendo, a crítica literária, assim como o jornalismo, podem muito bem dialogar. Mas é bom saber que padecem ambos da perda constante de atualidade. Atualidade de posicionamentos, dado o seu momento de produção, o que interfere na sintaxe, no emprego do vocabulário, no sentimento que vem embutido na expressão. Sabe-se que do crítico e do jornalista se espera que mantenham a objetividade da linguagem, que é um aspecto comum a esses dois gêneros discursivos. E também é própria deles a sua vocação para ancorar-se nas ideias correntes do tempo em que se está, na hora de escrever. Eis a frase que selecionei do texto de João Ribeiro, analisando a produção de um escritor:

> ***"Não é um escritor muito puro no sentido de escrupulosa correção; sê-lo-á quando o quiser e naturalmente é isso obra do tempo."***

A frase é compreensível, enxuta, sem ambiguidades, como requerem os dois gêneros. Refere-se a um escritor contemporâneo de Ribeiro, **LIMA BARRETO**[2], por sinal muito mal compreendido em sua época, infelizmente. Mas até aí tudo bem. O foco, ao que parece, é a peculiar maneira de dizer do autor de Triste fim de Policarpo Quaresma, tido por desleixado. É que Ribeiro não enxergou aí sinais do Modernismo, que se avizinhava, revelando-se um tanto alheio ao que acontecia, com as vanguardas pipocando mundo afora. De modo que não causa espécie (naquela época nem tanto, mas hoje, principalmente, é algo que espanta) certo bolor na frase do crítico acima transcrita. Pelo emprego da mesóclise ("sê-lo-á"), forma de colocação pronominal cada vez mais rara na **ESCRITA HODIERNA**[3], mas frequente e festejada no século XIX e nos inícios do século XX brasileiro, o crítico não poderia mesmo se sentir muito à vontade com o estilo despojado de Lima Barreto. E, até onde eu sei, estilo e ideias andam juntos. Vamos ver como é isso.

FEITO COMÉDIA, FEITO OFENSA

Quero mostrar que, a depender do momento da produção do texto, se pode sancionar uma posição e não outra, mas em geral aquela que o tempo permite e autoriza. Pois, caso contrário, das duas uma: ou o autor, avançadinho para a ocasião, não será ouvido e, por conseguinte, será relegado a ficar no seu esconderijo ou, na outra ponta, será, sim, publicado, lido, porém devidamente combatido por seus contemporâneos. No exemplo específico de Lima Barreto, o melhor seria mesmo abafá-lo em algum lugar, condenando-o ao esquecimento, já que ele fazia duras reprovações aos costumes, à hipocrisia reinante na burguesia e a seus apaniguados, agrupados na alta-roda de políticos e jornalistas, todos envolvidos no mesmo saco de gatos, reprovações essas que se estendiam, muito naturalmente, ao falso intelectualismo, ao mandonismo e à esterilidade da linguagem acadêmica. (Sobrou alguém?)

Se ao menos ele fosse sutil, menos impulsivo... se ao menos ele não fizesse tanto barulho com aquela sua pena atrevida e inquieta... se ao menos ele tivesse a finura do estilo de Machado de Assis, mais contido, mais maneiroso...

Continua João Ribeiro:

> ***"Conviria ainda que ele 'estilizasse' um pouco mais os seus personagens sob um véu mais diáfano, evitando nomes conhecidos"***

O interessante é que, nisso tudo, não podemos culpar João Ribeiro, guardião do conservadorismo de sua época, de ser meticuloso, vigilante, moralista ou receoso da lama que sempre se pode jogar aos costumes. Até hoje, aliás, há pessoas que ainda querem que o escritor seja elegante e aristocrático, nada direto ou escandaloso. Acontece que o tempo de Ribeiro é outro: o Brasil procurava refinar-se, imitar, na capital do País, o modo de ser cultural e arquitetônico da França, limpando as ruas centrais e adjacentes das inúmeras casas que tivessem

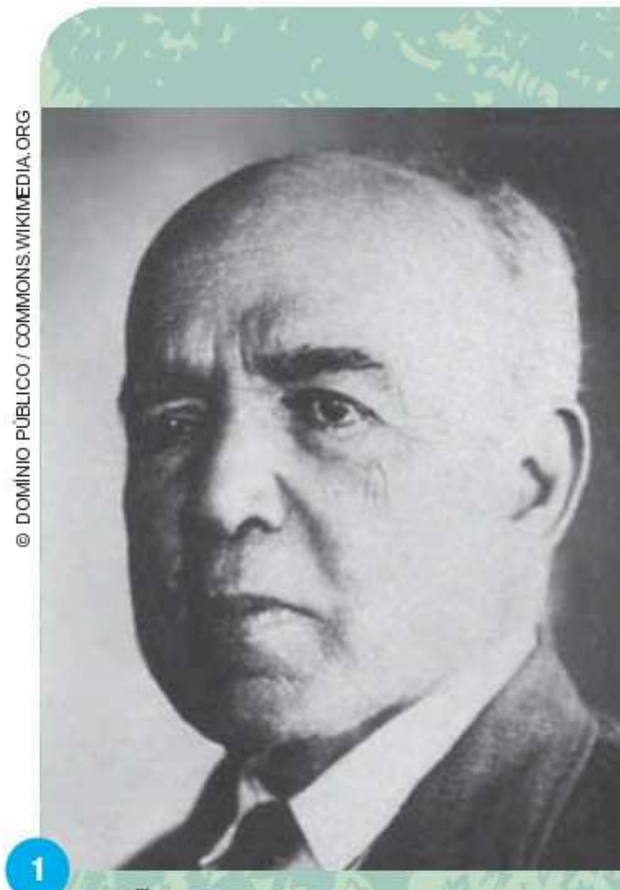

© DOMÍNIO PÚBLICO / COMMONS.WIKIMEDIA.ORG

1 **JOÃO BATISTA RIBEIRO DE ANDRADE FERNANDES** (1860-1934)

Mais conhecido como João Ribeiro, foi um jornalista, crítico literário, filólogo, historiador, pintor e tradutor brasileiro. Foi também membro da Academia Brasileira de Letras.

2 **AFONSO HENRIQUES DE LIMA BARRETO** (1881-1922)

Mais conhecido como Lima Barreto, foi um jornalista e escritor que publicou romances, sátiras, contos, crônicas e uma vasta obra em periódicos, principalmente em revistas populares ilustradas e periódicos anarquistas do início do século XX.

"... a depender do momento da produção do texto, se pode sancionar uma posição e não outra, mas em geral aquela que o tempo permite e autoriza..."

ESCRITA HODIERNA 3
É a que reflete o momento de agora, contemporâneo; moderno: época hodierna.

GREGÓRIO DE MATOS GUERRA 4
(1636-1696)
Alcunhado de Boca do Inferno ou Boca de Brasa, foi um advogado e poeta do Brasil colônia. É considerado um dos maiores poetas do Barroco em Portugal e no Brasil e o mais importante poeta satírico da literatura em língua portuguesa no período colonial.

NICOLAS BOILEAU-DESPRÉAUX 5
(1636-1711)
Foi um crítico e poeta francês. Publicou seu primeiro volume de sátiras em 1666. Foi apresentado na corte, em 1669, após a publicação de seu Discurso sobre a sátira. Nicolas Boileau-Despréaux era mais conhecido apenas por Boileau.

aparência de cortiço. Assim, na cara, no bom ar, na galhardia de uma mulher que se traja em Anjo, como excelentemente diria **GREGÓRIO DE MATOS**[4], deveria acender-se o respeitoso recato em tudo que ficasse à vista. Era urgente, como disse o crítico, "estilizar".

Mas não: Lima Barreto insistia, segundo os padrões de então, em ser solenemente grosseiro e bastante inconveniente em suas denúncias contra a sociedade brasileira, que, como a de hoje, vivia cheia de falhas de tudo que é jeito. E, por isso, preferindo a sociedade varrer para debaixo do tapete sua sujeira, eis que sua literatura, nada discreta, pagou caro pela audácia: estreitou-se, quase sufocando-se de vez, nos caminhos que ele percorria com visível denodo, sem se dar muita conta, vá lá, de que aquele afã de ser virulento na voz que opera o férreo desmascaramento do real poderia levá-lo ao desprezo dos seus contemporâneos. Afinal, quem lia no Brasil naquele período? Além de uma pequena classe média que surgia, era a chamada gente letrada que lia, aquela bem situada na vida, sem maiores problemas econômicos, sonhando de dia e de noite em ser parisiense sob o sol causticante do verão do Rio de Janeiro, indo a cafés e casas de chá, com aquele vestuário não adequado ao calor tropical.

Era justamente contra esse artificialismo, contra essa impostura em todos os sentidos — da vida que se levava, dos costumes que não eram exatamente os nossos e da hipocrisia que se confundia com recato e boas maneiras — que se levantava o escritor negro, humilhado várias vezes pela cor da pele que o submetia e pelas suas condições humildes de vida que o deixavam à margem.

Impiedoso como qualquer outro representante dos donos do poder, João Ribeiro chegou a comparar a literatura de Lima Barreto com a comédia da Antiguidade, que, como se sabe, ficou estigmatizada por sua compleição, dita então, desde os gregos, ofensiva, capaz de rir até dos deuses:

> ***"(...) a fim de fugir àquela bárbara maneira de Aristófanes (...) Os romanos corrigiram a comédia aristofânica e evitaram a ofensa pessoal inútil."***

Ou seja, para bom entendedor, Lima Barreto estava no campo escuso da comédia e da sua prima exagerada, a farsa, gênero menor considerado por grandes tratadistas, na Idade Antiga e ainda na Moderna; e, em razão dessa classificação oblíqua, deveria o autor ser olhado com cuidado e cautela, se não com reserva e temor. Mas, assim como a mesóclise foi ficando para trás (ninguém mais a usa, ou estarei enganado?), a reprovação da comédia, mais por valores morais do que por valores estéticos, foi também perdendo a força secular com que vinha sendo olhada.

O que espanta é que, décadas atrás, a crítica literária — que, por definição (de hoje, ao menos), deve ser mais especulativa do que normativa, ou, melhor, nada normativa, bem melhor dizer assim — impunha ao público, como ocorre em textos de doutrinação religiosa ou de proselitismo político, uma regra de aceitação de livros, textos e autores de acordo com a vigência de certo padrão moral e ético. Afinal, é preciso controlar a onda de "ofensa pessoal inútil". Mas como é que pode alguém, do lugar da crítica literária, pedir ao escritor que seja leve e suave, esbata todo e qualquer tom mais irônico ou agressivo, se à literatura não se deve mesmo pedir tal coisa, sob pena de a liberdade do escritor ir para o brejo? Acho que já se passaram os bons tempos de **BOILEAU**[5], lá no perdido para sempre século XVII, aquele francesinho que confundia crítica com boa etiqueta. Estamos em outra sintonia, mesmo nos começos do século XX, às vésperas do Modernismo.

TEMPO E SENSIBILIDADE

O negócio de João Ribeiro ainda era, então, fingir que não se estava vendo o que se via (o Brasil bem que parecia uma grande fazenda de gado, apesar dos esforços republicanos em

lhe dar cara nova). O negócio da literatura era, enfim, escamotear, como disse Ribeiro, em sua franca crença de que era desse jeito mesmo que se devia comportar o homem de letras. Escamotear imprimiria ao escritor dignidade, imparcialidade, justiça estética:

> ***"É uma escamoteação digna da imparcialidade literária. É sempre útil, sobre ser amável, ficarmos indecisos como aqueles empregados do Congresso que não sabiam se o grande homem era Nuno ou Numa"***

Como o meu prezado leitor deve ter acabado de notar, João Ribeiro está neste tempo todo se referindo a *Numa e a Ninfa*, de Lima Barreto, romance que ele começa a publicar em 1915, em forma de folhetim, pelo jornal A Noite, bem ao modo da época. O romance ataca as instituições da política, do casamento, da decência pública. É no mínimo suspeito que essa preocupação com o desmascaramento da sociedade, em Lima Barreto, tenha terminado por fazê-lo sacrificar o melhor da feição literária do texto. Não que o texto tivesse de ficar refinado, sutil e enevoado nas entrelinhas do discurso, não, não se trata disso, mas é que a enunciação, nele, por vezes se cobre de exageros e da intenção de ridicularizar, típicos da farsa, como se não tivesse havido planejamento para dar retoques ao texto — o que não escapou da sabedoria do crítico:

> ***"(...) há um defeito grave neste, como em outros romances de Lima Barreto. Não há razoável acabamento; falta sempre a chave da abóbada que ele carpinteja excelentemente."***

Um crítico de hoje disse isso mesmo, ao referir-se a esse suposto defeito de composição, mas de outro jeito, mais atual, mais complacente, ou mais lúcido. O crítico paulistano **ANTONIO ARNONI PRADO**[6], que faz a apresentação de *Numa e a Ninfa* na recente edição da Penguin Classics Companhia das Letras, de 2017, deu outro contorno à consideração crítica, não exatamente discordante embora de João Ribeiro, mas ao menos mais atenta à modernidade da obra:

> ***"Mais talvez do que isso, o que parece desfibrar o romance são as dissonâncias no tom que articula o relato, fazendo com que o modo de narrar desborde da natureza do gênero, ao submeter a duração ficcional aos excessos da motivação secundária, muitas vezes acidental e fortuita, para não dizer caricatural e grotesca."***

Desbordar da "natureza do gênero", como disse Arnoni Prado, não é hoje um modo de desqualificar (é, ao menos, o que a sua fina análise dá a entender), embora "excessos" sejam sempre preocupantes. Da mesma forma, a primazia da "motivação secundária" do que é "acidental" relativamente aos fatos que mais interessam à diegese também não é defeito, podendo, antes, até parecer que é um trunfo da escrita (moderna, sim senhor). Uma quebra de hierarquias no âmbito da trama pode resultar em um fragmentarismo que represente bem o fragmentarismo social de que, afinal, Lima Barreto quer dar conta, reduzindo-se esse aparente defeito do enredo ao que Antonio Candido chamou de "arbítrio transfigurador". Ou seja, esse princípio de escrita que faz com que o que está dito e pode ser lido no texto, por mais absurdo ou desconectado que possa pa-

TOM SATÍRICO SOBRE A SOCIEDADE REPUBLICANA

Numa e a Ninfa retrata os bastidores do governo do marechal Hermes da Fonseca. Publicado inicialmente em 1915 como folhetim no jornal A Noite, conta a história de um pequeno empregado que consegue formar-se em direito, Numa Pompílio de Castro, mesmo sem gostar de estudar ou apresentar talento jurídico. Na verdade, Numa queria mesmo é o que conseguiria financeiramente com os cargos que o título podia lhe trazer. Assim, torna-se um deputado medíocre, impulsionado pelo pai de sua bela mulher, Gilberta Cogominho, o qual era um alentado senador. Mas o presidente da Câmara, certo dia, exige que ele apresente um discurso do dia para a noite. É quando entra em cena o talento de Gilberta, afeita a leituras desde sempre, que passa a escrever seus discursos e, consequentemente, Numa deslancha, até o final surpreendente, principalmente para a época.

ANTONIO ARNONI PRADO 6

Mestre e doutor pela FFLCH-USP, com pós-doutorado na Fondazione Feltrinelli, de Milão. Desde 1979 leciona no Departamento de Teoria Literária da Unicamp, onde é professor titular. Entre outros trabalhos seus incluem-se a edição da crítica literária dispersa de Sérgio Buarque de Holanda nos dois volumes de *O espírito* e a letra e a publicação de uma coletânea de ensaios críticos reunidos em *Trincheira, palco e letras*, *Itinerário de uma falsa vanguarda: os dissidentes, a Semana de 22 e o Integralismo*, e *Lima Barreto: uma autobiografia literária*.

recer, internalize dados do real que, com efeito, transitaram de fora para dentro da composição termina por valorizar esteticamente a linguagem do romance.

É verdade que Arnoni Prado, ao salientar que defeitos de *Numa e a Ninfa* decorrem certamente da transformação dos contos que lhe deram origem, pela sua publicação periódica em jornal, em uma forma romanesca que daí resultou, não perdoa a Lima Barreto a má adaptação: "mais ajustado ao conto, o tema desandou no romance, ficando aquém do gênero maior". Mas é certo também que o crítico, mesmo reconhecendo isso, não deixa de dizer, em favor de Lima Barreto, que

> ***"Tal momento, que incide sobretudo no acirramento político dos textos de circunstância, como que impele a produção ficcional de Lima Barreto a uma espécie de metáfora das mazelas institucionais do país, que de tão inconcebíveis só parecem merecer registro quando afinadas aos tons mais baixos da chacota e do escárnio"***

Resumindo: em João Ribeiro, o defeito de forma de *Numa e a Ninfa* pode parecer (observe-se bem, pode parecer) contaminação das estratégias discursivas do jornalismo ("uma arte apressada e imperfeita que não deixa amadurecer e compor-se a congruência de obras mais complexas"). Logo, como que arrependido do juízo feito, pergunta: "Será assim? Não o sabemos". Afinal, diz o crítico ainda, "Lima Barreto é um grande romancista da cidade, conhecedor dessa Babilônia, como o foi Aluísio Azevedo, o autor do *Cortiço*". Já em Antonio Arnoni Prado o que pareceu a João Ribeiro, lá no passado, um grave problema de concepção — a influência no romance do relato jornalístico, apressado e mal-acabado — surge, agora, por um novo modo de ver essas relações textuais, como um argumento mais amainado, como um componente até apreciável. Arnoni Prado, que festeja tal hibridismo de discursos que se misturam e interpenetram, não sendo, pois, o inacabamento indício de fraqueza estilística, se não a sua força, completa seu arrazoado crítico:

> ***"Seja como for, deve-se ao traçado híbrido da estrutura do romance a sua impressão de acabamento apressado e muitas vezes desconexo, como se, nas versões do* Numa e a ninfa*, o conto anunciasse o foco de um tema que o romance, depois, acabaria desvirtuando, ora por carnavalizar a causalidade do relato, ora por pulverizar os motivos latentes do seu eixo dramático"***

Se acreditarmos que a desvirtuação da fonte primeira, que é o conto publicado em jornais, interferindo na composição do texto final de *Numa e a Ninfa*, e a pulverização dos motivos latentes, esgarçados nessa transição do conto ao romance, são traços modernos da narrativa, Arnoni Prado, em outra visada crítica, mais atenta à realidade presente, valoriza, por fim, a arte de Lima Barreto. Lá atrás, João Ribeiro proclama — embora sem a clareza necessária, questão apenas de pressuposição — que, sendo esse o "defeito grave" do escritor, *Numa e a Ninfa* tem "o mesmo desfalecimento, desproporcionado na conclusão" que se vê nos demais romances do autor, certamente porque "isso provém, talvez, de que escreva para os jornais e deixe para os azares dos dias a inspiração final dos seus trabalhos". Não desconfiava ele que o jornal, a pressa do veículo, sua precipitação em julgar, também afetavam a crítica literária, não apenas a literatura.

São essas as passagens da crítica, mas em dois sentidos: em primeiro lugar, a passagem do tempo (o que vale para uma época não vale tanto assim mais para outra, situada mais à frente, fazendo visivelmente contrastar os juízos) e, em segundo lugar, a passagem da sensibilidade de quem analisa (o olhar funciona em uma época como o seu farol, perscrutando o que é possível perscrutar: assim é que, na convivência do jornal com a literatura, se antes eles se juntavam e criavam problemas de assimetrias de posições, hoje um tira partido do outro, completando-se e alimentando-se mutuamente). A crítica, enfim, é um gênero que pode envelhecer. Disso não se pode acusar Lima Barreto, cada vez mais vivo, atual e necessário ao entendimento do Brasil de hoje. CP

SOBRE O AUTOR

Roberto Sarmento Lima é professor doutor da Universidade Federal de Alagoas. Autor do livro *O Narrador ou o Pai Fracassado: Revisão Crítica e Modernidade em Vidas Secas*, publicado em 2015 pela OmniScriptum/Novas Edições Acadêmicas, em Saarbrücken, Alemanha. *E-mail:* sarmentorob@uol.com.br

MOMENTO DO LIVRO

Sherlock Holmes

Um Estudo em Vermelho

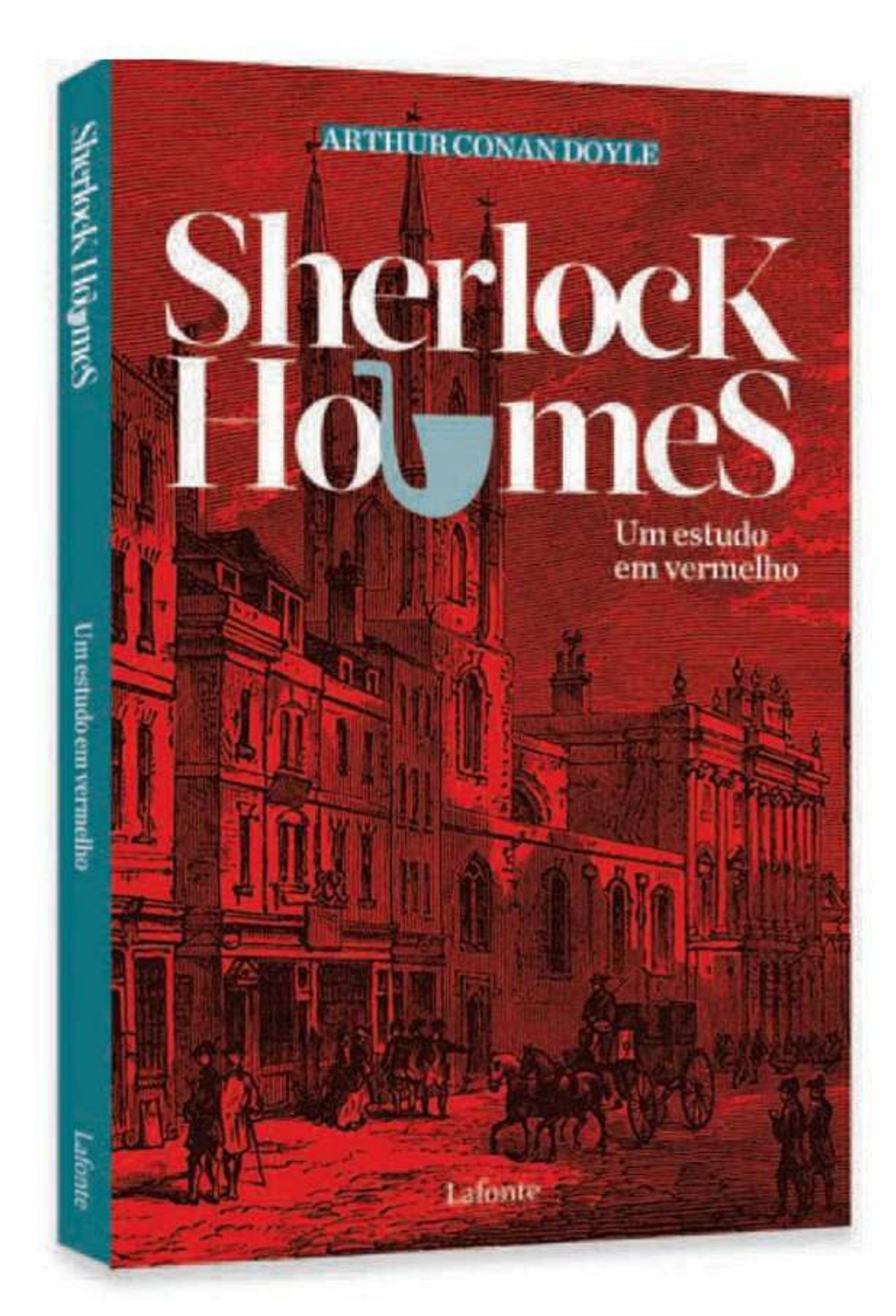

Assassinato, traição, vingança, romance e mistério compõem o pano de fundo para *Um Estudo em Vermelho*, que marca a estreia da parceria entre o detetive mais famoso do mundo, Sherlock Holmes, e o médico John Watson. A partir desse encontro, estará selado um pacto entre ambos: "Na meada incolor da vida, corre o fio vermelho do crime, e o nosso dever consiste em desenredá-lo, isolá-lo e expô-lo em toda a sua extensão".

Livro: *Sherlock Holmes Um Estudo em Vermelho*
Número de páginas: 176
Editora: Lafonte

Nas livrarias e na loja Escala **www.escala.com.br**

Educação do Futuro

Um novo modelo de conhecimento pede uma percepção integradora do saber, que se traduz em uma visão transdisciplinar permanente-abrangente e encantadora-transformadora dos indivíduos que dela participam

por **Aline Fernanda Sampaio**

Abrir as portas para uma formação transdisciplinar é uma questão de grande responsabilidade. Esta abordagem considera que os limites entre as diferentes áreas do conhecimento são abundantes de informações e possibilidades a serem exploradas.

NICOLESCU[1] defende que a transdisciplinaridade é uma postura, um espírito integralizador diante do saber, uma vocação articuladora para a compreensão da realidade – sem, no entanto, abandonar o respeito e o rigor pelas áreas do conhecimento – que se apoia sobre três pilares: a existência de diferentes instâncias de realidade, a percepção da complexidade da realidade e o reconhecimento da lógica do terceiro incluído.

Para o autor, o principal objetivo de uma abordagem transdisciplinar na educação é a geração de uma cultura transdisciplinar que, através da busca de uma compreensão mais global do mundo – entendido aqui como simultaneamente o universo interior do ser humano, o universo exterior e a interação que existe entre esses dois universos –, possa atuar pela progressiva redução das tensões que ameaçam a vida em nosso planeta e na construção de um mundo mais igualitário e mais feliz do que o que vivenciamos no presente.

Nicolescu afirma que a nossa vida individual e social é estruturada pela educação. Central em nosso **DEVIR**[2], o processo educativo tem o poder de moldar o futuro através de nossa formação presente. A percepção geral das sociedades atuais, porém, é a de que a educação oferecida na maioria das instituições educacionais está em defasagem entre as necessidades e os desafios da pós-modernidade, uma vez que os princípios e métodos sobre os quais está fundada estão em descompasso com a consciência que se faz necessária no mundo contemporâneo. Esse tem sido o tema dos estudos recentes sobre educação, em que se tenta formular propostas para a escola do futuro.

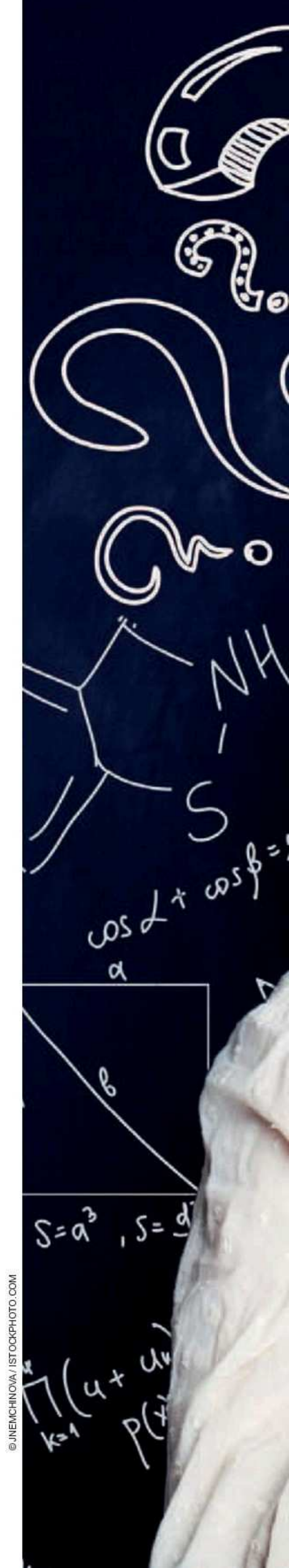

© JNEMCHINOVA / ISTOCKPHOTO.COM

IDEIA MULTIRREFERENCIAL E MULTIDIMENSIONAL

A Carta da transdisciplinaridade, de autoria de Edgar Morin, Basarab Nicolescu e Lima de Freitas, pintor e ensaísta português, foi divulgada durante o 1º Congresso Mundial sobre a Transdisciplinaridade, realizado no Convento da Arrábida, em Portugal, de 2 a 6 de novembro de 1994. Este evento foi organizado pelos três, com participações de diversos intelectuais (entre eles, Ruth Escobar, atriz e produtora cultural luso-brasileira, falecida em outubro de 2017), e define o conceito transdisciplinar assim:

Artigo 3: "(...) A Transdisciplinaridade não procura a dominação de várias disciplinas, mas a abertura de todas as disciplinas ao que as atravessa e as ultrapassa".

Artigo 7: "A transdisciplinaridade não constitui nem uma nova religião, nem uma nova filosofia, nem uma nova metafísica, nem uma ciência das ciências.

No âmbito acadêmico, já no século XX, com o intuito de unir o mundo 'não universitário' ao universitário, cuja separação se dá primordialmente pela hiperespecialização profissional, com grande número de disciplinas que não acompanham todo o desenvolvimento, principalmente na área tecnológica, temos um aprofundamento na utilização deste conceito, visando formar profissionais cada vez mais completos, compatíveis com as exigências do mercado de trabalho que este futuro profissional encontrará.

Assim tão complexo quanto os problemas que tenta solucionar, tem-se a transdisciplinaridade, que por ser tão sutil, ser a linha tênue que une e serve de limite entre o comprometimento e o individualismo de cada disciplina, que não possui uma definição exata, e ao mesmo tempo é um dos mais necessários conceitos quando tratamos de formação e educação" (...)

NICOLESCU BASARAB [1]

Físico honorário teórico do Centro Nacional de Pesquisa Científica (CNRS), Laboratoire de Physique Nucléaire et Hautes Énergies, Université Pierre et Marie Curie, Paris. Ele também é o presidente e fundador do Centro Internacional para Pesquisa e Estudos Transdisciplinares (CIRET), uma organização sem fins lucrativos. Além disso, ele é o cofundador, com René Berger, do Grupo de Estudos sobre Transdisciplinaridade na UNESCO (1992).

DEVIR [2]

(Do latim *devenire*, chegar) é um conceito filosófico que significa as mudanças pelas quais passam as coisas. O conceito de "se tornar" nasceu no leste da Grécia Antiga pelo filósofo Heráclito de Éfeso que, no século VI a.C., disse que nada neste mundo é permanente, exceto a mudança e a transformação. Sua teoria está em oposição com a de Parmênides, outro filósofo grego que acreditava que as mudanças ônticas ou os "tornar-se" que percebemos com nossos sentidos é algo enganoso, que há pura perfeição e eternidade por trás da natureza, e que esta é a verdade suprema. Na filosofia, a palavra "tornar-se" diz respeito a um conceito ontológico específico que não deve ser confundido com a filosofia do processo, esta última indicando uma doutrina metafísica da teologia.

OS SETE SABERES

Em 1999, com o objetivo de ampliar e fortalecer a visão transdisciplinar de educação, a UNESCO solicitou a **EDGAR MORIN**[3] que expressasse sua visão sobre a educação que se faz necessária para o século XXI. A proposta de Morin está concretizada em *Os Sete Saberes Necessários para a Educação do Futuro*. Esses sete saberes indispensáveis aos cidadãos contemporâneos são: as cegueiras do conhecimento — o erro e a ilusão; os princípios do conhecimento pertinente; a condição humana; a identidade terrena; enfrentar as incertezas; a compreensão; a ética do gênero humano.

Nicolescu, por sua vez, caracterizou a proposta transdisciplinar para a educação como uma educação *in vivo*, confrontando-a com a educação disciplinar tradicional que ele intitula *in vitro*.

É importante compreendermos que a proposta transdisciplinar para a educação, ao encorajar a reconciliação das diferentes áreas do conhecimento, não exclui a disciplinar, uma vez que elas não são antagônicas, mas complementares. É o que explica Nicolescu: "A transdisciplinaridade não ambiciona o domínio de diferentes disciplinas, mas tem como objetivo abrir todas as disciplinas para o que elas compartilham e para o que reside além delas", em seu artigo 3 da Carta (ver *box* Ideia multirreferencial e multidimensional).

Já Morim acredita que a transdisciplinaridade não prescinde, no entanto, da severidade científica. Sua racionalidade aberta pressupõe uma relação dialógica entre o rigor, a abertura e a tolerância.

A partir dos pressupostos teóricos da transdisciplinaridade e das propostas educacionais coerentes com eles colocadas em resumo anteriormente, podemos considerar que uma educação transdisciplinar se configura em uma vivência integralizadora, permanente-abrangente e encantadora-transformadora dos indivíduos que dela participam, características que não existem nem são postas em prática de maneira isolada, mas, ao contrário, se interpenetram e se influenciam simultaneamente.

> **"... a nossa vida individual e social é estruturada pela educação. Central em nosso devir, o processo educativo tem o poder de moldar o futuro através de nossa formação presente"**
>
> Nicolescu

Uma proposta integralizadora de formação diz respeito a seu objeto (a realidade vista por inteiro, sem fragmentações artificiais), a seus sujeitos (em sua totalidade aberta) e, especialmente, à integração de um ao outro.

A transdisciplinaridade concebe o mundo como um ente integral, e busca estabelecer um diálogo entre as diferentes áreas do conhecimento. As fronteiras entre as disciplinas se tornam mais tênues, ao mesmo tempo em que se busca o rigor disciplinar essencial na realização de um trabalho científico. A formação transdisciplinar, assim, procura ver a realidade como um conjunto coeso de seres e eventos reais, vivos e significativos para aqueles que se dispõem a compreendê-la. Portanto, um dos focos de tal educação é tornar os conteúdos expressivos para os estudantes, com o objetivo de auxiliá-los a integrar os conhecimentos dentro de si e atribuir sentido ao mundo em que se inserem e à maneira como nele atuam.

A perspectiva transdisciplinar considera cada ser humano como um ente inteiro, e outro de seus focos é a totalidade aberta que é cada pessoa. Assim, envolvendo em suas atividades não só a racionalidade, mas também o corpo, os sentimentos, a intuição, a imaginação e a espiritualidade, a educação transdisciplinar

PERMANENTE ENCANTAMENTO

O objetivo primordial de uma formação transdisciplinar é a compreensão de nós mesmos, de nossa realidade, do modo como nos relacionamos com ela e das emergências dessa relação. Acreditamos que essa compreensão pode ser propiciada pelo que Nicolescu denomina o "permanente encantamento". Podemos almejar que nossos estudantes experienciem um estado de deslumbramento perante suas vidas, sua realidade, seus semelhantes, encontrando em si e à sua volta universos a serem desvelados, sem jamais serem esgotados. Para que isso possa ocorrer, sua formação necessita lhes oferecer desafios prazerosos que instiguem sua curiosidade e sua criatividade e que lhes impulsione à permanente busca da compreensão.

A compreensão de nós mesmos que, na perspectiva transdisciplinar, passa pelo permanente exame e questionamento de como somos – nossas opiniões, valores e crenças – em face dos outros e da realidade, nos permite encontrar o que Nicolescu chama "nosso próprio lugar no mundo (um dos aspectos do que denominamos felicidade)" e nossa autorrealização como parte dele. A realização de nós mesmos e a valorização de nossa vida se configura, assim, como foco de uma formação na transdisciplinaridade.

Podemos também almejar transformar a realidade em decurso de nossa própria mudança e da modificação do modo como nos relacionamos com ela. Não só acreditamos que, conforme Nicolescu, transformamos o mundo ao mudar nosso olhar sobre ele, mas, principalmente, transformamos o mundo através de nossa participação nele, uma participação ao mesmo tempo autônoma e integrada, que reconhece nossa submissão à dinâmica que emerge de nossa interação com a realidade, e nosso poder sobre ela, poder de buscar sustentabilidade para nossa vida e para a vida sobre o planeta.

Essa proposta de educação, ao se tornar real, pode promover, através da geração da cultura e da postura transdisciplinares, um novo tipo de inteligência, aquilo que Morin chama de "o bem-pensar": o modo de pensar que permite que apreendamos simultaneamente o texto e o contexto, o ser e seu meio ambiente, o local e o global, ou seja, o complexo. Um pensar que favorece o questionamento e a revisão constantes de nossas concepções e crenças, que valoriza as diferentes dimensões humanas, capaz de apreender o mundo em sua totalidade e, ao mesmo tempo, manter-se eternamente aberto ao novo e ao devir.

Nesse sentido, Nicolescu compreende que a educação transdisciplinar é uma proposta da e para a libertação, uma vivência que permite e estimula a religação das pessoas, dos eventos e das pessoas aos eventos.

Dessa forma, a perspectiva transdisciplinar permite que tenhamos a esperança na redescoberta do prazer e da alegria que existem no infindável processo de aprender, viabilizando a reapropriação do mundo e de si mesmo, de forma ética e comprometida.

© JNEMCHINOVA / ISTOCKPHOTO.COM

EDGAR MORIN 3

Pseudônimo de Edgar Nahoum, é um antropólogo, sociólogo e filósofo francês judeu de origem sefardita. Pesquisador emérito do CNRS. Formado em Direito, História e Geografia, realizou estudos em Filosofia, Sociologia e Epistemologia.

se volta para os diversos aspectos do ser humano e procura oferecer aos estudantes subsídios para que possam buscar coesão em si mesmos, refletir sobre quem e como são e sobre os posicionamentos que assumem em face dos outros e da realidade.

Ao mesmo tempo em que contempla e valoriza cada pessoa em sua individualidade, a formação transdisciplinar busca também uma integração das pessoas entre si, concebendo a humanidade – e cada grupo de estudantes – como uma pluralidade complexa. Propiciar um ambiente que valorize as interações e que proporcione uma experiência de aprendizado cooperativo e compartilhado é outro foco da transdisciplinaridade, uma vez que nessa interação com os outros, cada um de nós aprende também sobre si mesmo.

O MUNDO NA SALA DE AULA

A busca da integração da realidade às pessoas – e vice-versa – é um objetivo primordial da transdisciplinaridade. No âmbito educacional, isso significa construir conhecimentos a partir de nossas realidades, trazendo nosso mundo – saberes, vivências e experiências, vislumbres e sonhos – para a sala de aula e, a partir deles, estabelecer as conexões existentes entre nossa vida cotidiana e os saberes formais. Os conhecimentos construídos, assim, são incorporados ao mundo dos estudantes, e são acessados e ativados em sua vida cotidiana, em um permanente movimento recursivo de influência e modificação.

Conceber a realidade como integral significa considerar a existência de diferentes instâncias de realidade e as emergências originadas na interação entre elas. Isso significa também considerar o conhecimento dessa realidade como eternamente em aberto, como entende Morin: "O conhecimento é uma aventura incerta que comporta em si mesma, permanentemente, o risco de ilusão e de erro". Portanto, uma formação transdisciplinar busca a consciência permanente do caráter inacabado do saber e, por conseguinte, da feição inesgotável da busca pelo saber.

Na perspectiva transdisciplinar, no entanto, o estado inacabado de nosso conhecimento não se configura apenas em limitações, mas – especialmente – em potencialidades também. Considerando que um ser integral é um complexo de relações entre suas diferentes instâncias de percepção, e das emergências de suas interrelações, uma formação transdisciplinar se volta para a permanente realização das potencialidades interiores das pessoas. Embora não possamos esgotar a realidade, podemos sempre reelaborar nossos conhecimentos sobre ela, e esse movimento de expansão sem ponto de chegada caracteriza uma formação transdisciplinar. Desse modo, essa é uma formação que se configura em um processo permanente, que ocorre ao longo da vida do sujeito.

Como as pessoas estão em interação dinâmica com sua realidade, uma formação transdisciplinar não se restringe a instituições de ensino formal. As ruas, os clubes, as igrejas, os locais onde encontramos lazer e diversão são tempos e espaços educativos, que podem estar incluídos nas experiências de formação abrangente que a transdisciplinaridade prevê. Não só o planejamento da educação pode propor vivências educativas fora da escola, mas principalmente necessita valorizar os conhecimentos e percepções construídos nesses lugares e trazidos para a sala de aula, tornando-os subsídios para discussão e também objetos de reflexão e questionamento, no espírito transdisciplinar proposto pelo artigo 11 da Carta de Nicolescu: "A educação autêntica não pode valorizar a abstração sobre outras formas de conhecimento. Ela deve ensinar abordagens contextualizadas, concretas e globais".

Para que cada instante de nossa vida seja potencialmente educativo e formador, necessitamos desenvolver curiosidade, habilidades de observação e reflexão sobre o que observamos, e também estratégias de aprendizagem que nos tornem capazes de continuar nos educando em diferentes lugares e momentos, em nossas relações com as pessoas e com o mundo, mesmo estando afastados de nossos educadores. Ao ajudar os estudantes a desenvolver essas capacidades, uma formação transdisciplinar os estará auxiliando a se tornarem mais autônomos e mais responsáveis não só por seu próprio processo de aprendizado, mas também por suas próprias ações. CP

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MORIN, Edgar. *A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, a2002.

MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, b2002.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários para a educação do futuro*. 6ª ed. São Paulo: Cortez, c2002.

NICOLESCU, Basarab. *Em busca de uma evolução transdisciplinar para a universidade*. In: Congresso Internacional "Que Universidade para o Amanhã?", 1997, Locarno. Disponível em: www. cetrans.futuro.usp.br.

NICOLESCU, Basarab. *A prática da transdisciplinaridade*. In: NICOLESCU, Basarab (org.). Educação e transdisciplinaridade. Brasília: UNESCO, 2000.

NICOLESCU, Basarab. *Manifesto da Transdisplinaridade*. Tradução de Lúcia Pereira de Souza. São Paulo: Triom, 2002.

SOBRE A AUTORA

ALINE FERNANDA CAMARGO SAMPAIO é mestra em Educação e Linguagem pela USP, especialista em Docência no Ensino Superior, graduada e licenciada em Letras/Português pela USP, pesquisadora do Grupo DiCLiME-USP (Diversidade Cultural, Linguagem, Mídia e Educação) e professora universitária. *E-mail:* alinefcsampaio@gmail.com.

Acesso fácil

A Imprensa Oficial oferece mais de 300 livros com *download* gratuito de livros importantes da área de educação, biografias, literatura, memórias... E há mais opções ao alcance de um *click*

A Livraria virtual da Imprensa Oficial do Estado oferece mais de 300 títulos para *download* gratuito. Em 2018, o *site* registrou 62,3 mil *downloads* de obras, 22% a mais que no ano anterior.

As três obras mais baixadas do ano passado foram *Educação Inclusiva: o que o professor tem a ver com isso?* (coedição da Imprensa Oficial com Ashoka Brasil), coordenado por Marta Gil; *Rede Manchete: aconteceu, virou história*, de autoria de Elmo Francfort; e *Odorico Paraguaçu: O Bem-Amado de Dias Gomes*, de José Dias. Elas registraram, respectivamente, 15.538, 8.302 e 6.533 *downloads*. Há outras obras, várias delas na área de teatro, cinema e muitas biografias de autores e dramaturgos.

De acordo com o diretor-presidente da Imprensa Oficial do Estado, Nourival Pantano Júnior, o acervo de livros gratuitos visa incentivar a leitura da população. "Fomentar a cultura e a educação é uma das diretrizes da Imprensa Oficial do Estado. É interessante observar que um material de orientação aos professores sobre a inclusão em sala de aula foi o livro mais baixado de 2018, o que reitera nosso papel social em avaliar e disponibilizar esses conteúdos", afirma.

O que poucos sabem é que desde 1942 a Imprensa Oficial publica livros e já ganhou vários prêmios literários e de excelência gráfica. Destacam-se 50 Prêmios Jabuti, o maior reconhecimento literário do País, conquistados em diversas categorias. Entre as obras premiadas, duas ganharam o prêmio de Melhor Livro do Ano: *Resmungos*, de Ferreira Gullar; e *Monteiro Lobato: livro a livro*, em coedição com a editora Unesp, de Marisa Lajolo e João Ceccantini.

DE TESES A QUADRINHOS

Os graduandos, pós-graduandos e pesquisadores em geral podem procurar por livros grátis no *site* da Scielo Livros ou da Universidade Estadual Paulista (UNESP), com facilidade, através do *site* Cultura Acadêmica. A Universidade de São Paulo (USP), por meio de seu Sistema Integrado de Biblioteca Virtual, também oferece obras raras e especiais, além de farta documentação histórica no endereço eletrônico Obras Raras. O Governo Federal também oferece no *site* Domínio Público mais de 186 mil obras gratuitas, que podem ser encontradas por meio de uma rápida pesquisa no próprio portal. A Biblioteca Digital Mundial da Unesco tem em seu acervo diversas obras, documentos raros, gravuras e até mapas para *downloads* gratuitos.

Nem quem gosta de quadrinhos ficou de fora: o *site* Outros Quadrinhos, além de disponibilizar todos gratuitamente em seu portal, ainda traduz HQs do mundo inteiro.

Aqueles que preferem audiolivros também têm seu cantinho. O *site* Universidade Falada selecionou alguns e está oferecendo gratuitamente, entre eles, clássicos da literatura.

Já o *site* Le Livros foi criado e é mantido por um grupo de estudantes residentes em Portugal, com o objetivo de democratizar o acesso à leitura gratuita. A Biblioteca Digital Camões oferece um conjunto de textos e documentos de grande relevância linguística e cultural.

Por fim, as crianças encontram uma pequena, mas boa, biblioteca de títulos infantis no Plano Nacional de Leitura.

Opções não faltam. É só clicar e viajar no mundo das letras. CP

PARA REALIZAR O *DOWNLOAD* DOS LIVROS, ACESSE:

http://livraria.imprensaoficial.com.br/somente-download
books.scielo.org
www.culturaacademica.com.br
www.obrasraras.usp.br
www.dominiopublico.gov.br
www.wdl.org
https://outrosquadrinhos.com.br
www.universidadefalada.com.br
www.lelivros.love
www.cvc.instituto-camoes.pt
www.planonacionaldeleitura.gov.pt

Estante

HIPERLINKS E NOSSO COMPORTAMENTO DIGITAL

© REPRODUÇÃO

A *web* é um hipertexto. Mas nós somos a rede e nossa interface com o mundo digital tem como chave mestra o *hiperlink*. É o que o professor e pesquisador Luiz Fernando Gomes discute em seu terceiro livro sobre leitura e escrita no mundo digital, intitulado *Hipertexto revisitado: novas perspectivas para pesquisa e ensino*, como os *links* controlam as informações a que temos acesso. Diante da hegemonia discursiva na *web* que se materializa pela distribuição "censitária" dos *links* e da estratégia dos *links* jornalísticos que remetem sempre para as mesmas fontes internas, oferecendo sempre mais do mesmo, o autor chama a atenção de que não se trata de ensinar as crianças e os jovens a manusear dispositivos digitais – isso a tecnologia mesma já faz –, mas trata-se de promover a inserção consciente do alunado no universo das mídias convergidas e dos discursos divergentes de forma crítica e sadia. Gomes cobra o protagonismo da escola e traz novos argumentos e subsídios para que ela insira práticas ativas de leitura de webnotícias e verbetes da Wikipédia, entre outros textos digitais, e promova a quebra da ciranda de *links* hegemônicos. Em estilo simples, direto e provocador, este livro é de interesse de pesquisadores e estudantes de Letras e Linguística, Comunicação, professores e de todos os que não vivem mais sem clicar.

Autor: Luiz Fernandes Gomes • **Páginas:** 114 • **Editora:** Edufal

Ó PAI, Ó, CHAPEUZINHO ATERRISA NO PELÔ

Ressignificar histórias infantis e inseri-las no mundo moderno é uma tendência, mas que pode desembocar justamente no oposto ao pretendido: ou a proposta sai vencedora e ganha ares imprescindíveis para a contemporaneidade ou, comparada com a original, fica renegada ao limbo do esquecimento. Palmira Heine foi feliz em *Chapeuzinho no Pelô*. Ao trazer mãe, avó e a própria Chapéu para Salvador dos dias atuais, direto da França do século XVIII, seguidas do insistente Lobo, de forma lúdica e lírica, agregou vivacidade e empoderamento à menina de capuz vermelho. O livrinho, no melhor dos sentidos, é um refrigério ao mostrar cenas de uma cidade negra aos olhos da curiosa Chapeuzinho. Também é muito divertido ver o lobo, ou melhor, seu irmão, com rastafáris e óculos de sol. As ilustrações de Tiago Sanso, cheias de detalhes, acompanham o lirismo da autora. Diversão garantida para os pequenos e para os nem tão pequenos assim!

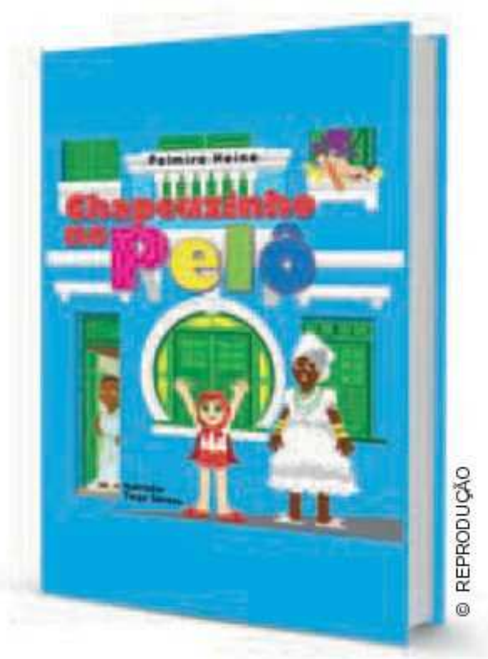

© REPRODUÇÃO

Autora: Palmira Heine • **Páginas:** 32 • **Editora:** Caliib

CLÁSSICO MODERNO DE RODARI CHEGA AO BRASIL

© REPRODUÇÃO

Gianni Rodari é um dos maiores escritores de literatura infantil, ganhador do maior prêmio internacional da categoria, o Hans Christian Andersen. Mas uma de suas melhores obras, *Fábulas por Telefone*, publicada pela primeira vez em 1980, ano da sua morte, com o título *Favole al telefono*, ainda estava inédito por aqui. O senhor Bianchi pouco podia estar em casa, já que não parava de viajar, então toda noite telefonava para a filha e contava uma história. Esses deliciosos contos são um convite à fantasia e ao aconchego. Quer algo mais divertido para colocar um pequeno na cama que contar o seguinte? "Certa vez, na cidade de Bolonha, construíram uma mansão de sorvete bem na praça principal, e as crianças vinham de longe para dar uma lambidinha nela", de A Mansão de Sovete. Ou "Um jovem camarão pensou: 'Por que na minha família todos caminham para trás? Quero aprender a caminhar para a frente, como as rãs... Que meu rabo caia se eu não conseguir", em O Jovem Camarão. As ilustrações do fantástico Bruno Munnari e a tradução da competente Silvana Cobucci Leite fecham o pacote extraordinário. Para ter à mão, sempre.

Autor: Gianni Rodari • **Páginas:** 224 • **Editora:** 34

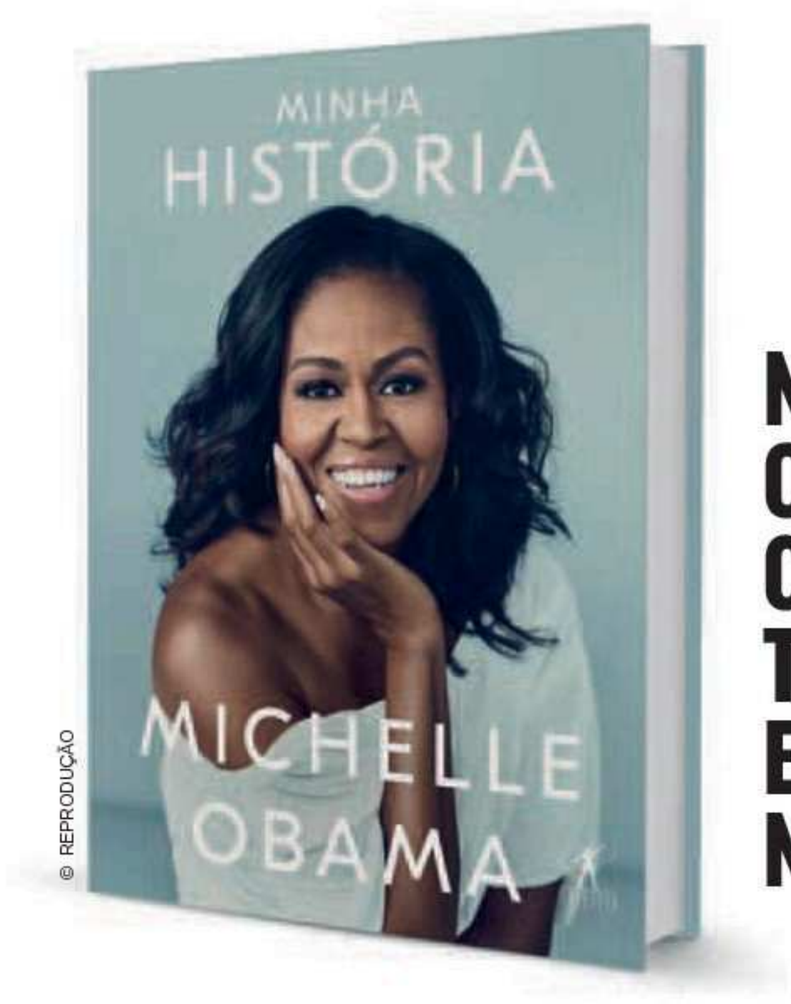

© REPRODUÇÃO

MICHELE OBAMA CONTA TUDO EM SUAS MEMÓRIAS

Memórias, gênero ainda engatinhando por aqui, é uma faca de dois gumes: ou é entediante e dificilmente se passa das primeiras páginas, ou seduz logo no início e você não larga o livro enquanto não lê a última página. *Minha História*, de Michele Obama, faz parte desse olimpo. A ex-primeira-dama dos Estados Unidos faz da sua trajetória uma daquelas quase novelas, quase série, que nos põem curiosos para o próximo capítulo, quer dizer, para o próximo fato. O grande trunfo do livro é a simplicidade tanto da escrita quanto dos relatos que Michelle acha importantes, como preparar sozinha, em plena Casa Branca, um sanduíche de queijo derretido. Mais: a primeira parte, em que conta sua infância em um pequeno apartamento em South Side, Chicago, é cinematográfica. Quase a vemos, pequena, treinando no piano da sua tia, que morava na parte de baixo. Da garota curiosa, estudante séria e profissional competente, que conheceu Obama no escritório onde trabalhava, à disputa da presidência da República por seu marido, incluindo o nascimento das filhas e a mudança drástica em seu cotidiano, em nenhum momento o texto perde a elegância. Mesmo escrito em ordem cronológica convencional – que poderia tirar o brilho da prosa –, Michelle não perde a pose. A quem interessar possa, o livro realmente foi escrito por ela.

A presidência de Obama, conquistada em 2008 para um primeiro mandato, vem na última parte, Uma história maior. Depois de listar algumas primeiras-damas célebres e a maneira como seus feitos foram encarados e rotulados, Michelle constata: "Eu já entendia que seria medida por uma outra régua. Como a única primeira-dama afro-americana a pisar na Casa Branca, eu era 'de outro tipo' quase automaticamente".

Autora: Michelle Obama • **Páginas:** 440 • **Editora:** Objetiva

LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA
CONHECIMENTO PRÁTICO

CONHECIMENTO PRÁTICO LÍNGUA PORTUGUESA & LITERATURA é uma publicação bimestral da EBR – Empresa Brasil de Revistas Ltda. ISSN 2595-6485. A publicação não se responsabiliza por conceitos emitidos em artigos assinados ou por qualquer conteúdo publicitário e comercial, sendo esse último de inteira responsabilidade dos anunciantes.

www.portalespacodosaber.com.br
Ano 8 - Edição 76

Ethel Santaella
DIRETORA EDITORIAL

PUBLICIDADE
GRANDES, MÉDIAS E PEQUENAS AGÊNCIAS E DIRETOS:
publicidade@escala.com.br

REPRESENTANTES Interior de São Paulo: L&M Editoração, Luciene Dias - Paraná: YouNeed, Paulo Roberto Cardoso - Rio de Janeiro: Marca XXI, Carla Torres, Marta Pimentel - Santa Catarina: Artur Tavares - Regional Brasília: Solução Publicidade, Beth Araújo.

www.midiakit.escala.com.br

COMUNICAÇÃO, MARKETING E CIRCULAÇÃO
GERENTE: Paulo Sapata

IMPRENSA - comunicacao@escala.com.br

VENDAS DE REVISTAS E LIVROS AVULSOS
(+55) 11 3855-2142 - atendimento@escala.com.br
ATACADO DE REVISTAS E LIVROS
(+55) 11 3855-2275 / 2855-1905 - vendas@escala.com.br

Av. Profª Ida Kolb, 551, Casa Verde, CEP 02518-000, São Paulo-SP, Brasil Tel.: (+55) 11 3855-2100 Caixa Postal 16.381, CEP 02515-970, São Paulo-SP, Brasil

FILIADA À
ANER

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Oceano Indústria Gráfica Ltda.
Nós temos uma ótima impressão do futuro

RESPONSABILIDADE AMBIENTAL
Esta revista foi impressa na Gráfica Oceano, com emissão zero de fumaça, tratamento de todos os resíduos químicos e reciclagem de todos os materiais não químicos.

Distribuída pela Dinap S/A - Distribuidora Nacional de Publicações, Rua Dr. Kenkiti Shimomoto, nº 1678, CEP 06045-390 - São Paulo - SP.
ABRIL/MAIO 2019

REALIZAÇÃO
FULL CASE
(11) 2809-5910
fullcase.com.br

DIRETOR-GERAL: Angel Fragallo
COORDENADORA-EXECUTIVA: Juliana Klein – Mtb. 48.542
EDITORA DE CONTEÚDO: Mara Magaña – Mtb. 15.179
linguaportuguesa@fullcase.com.br
DIAGRAMAÇÃO: Rodrigo Matias e Luciano Gatti
REVISÃO: Adriana Giusti
REDAÇÃO: Abrahão Costa de Freitas, Avram Ascot, Jussara Saraíba, Maria Beatriz, Márcio Scarpellini
COLABORADORES: Aline Fernanda Camargo Sampaio, Andrei Ferreira de Carvalhaes Pinheiro, Fernanda De Paula, Luís Cláudio Dallier Saldanha, Roberto Sarmento Lima, Wagner Ávilis

FALE CONOSCO

DIRETO COM A REDAÇÃO
Escreva: Conhecimento Prático Língua Portuguesa, Caixa Postal 16381, CEP 02599-970, São Paulo/SP - redacao@escala.com.br

PARA ANUNCIAR anunciar@escala.com.br
SÃO PAULO: (+55) 11 3855-2100
SP (CAMPINAS): (+55) 19 98132-6565
SP (RIBEIRÃO PRETO): (+55) 16 3667-1800
RJ: (+55) 21 2224-0095 **RS:** (+55) 51 3249-9368
PR: (+55) 41 3026-1175 **BRASÍLIA:** (+55) 61 3226-2218
SC: (+55) 47 3041-3323
Tráfego: trafego.publicidade@escala.com.br

ASSINE NOSSAS REVISTAS
(+55) 11 3855-2117 - www.assineescala.com.br

EDIÇÕES ANTERIORES
Adquira as edições anteriores de qualquer revista ou publicação da Escala
www.escala.com.br (sujeito à disponibilidade de estoque)

ATENDIMENTO AO LEITOR
De seg. a sex., das 9h às 18h. (+55) 11 3855-1009
atendimento@escala.com.br

LOJA ESCALA
Confira as ofertas de livros e revistas - **www.escala.com.br**

Reflexão de **Luís Cláudio Dallier Saldanha**

Do tamanho exato

Ter uma percepção adequada das próprias fragilidades e virtudes pode ser um dos segredos para a aprendizagem. Autoconhecimento é tão ou mais importante que o conhecimento que se busca nos bancos escolares.

Lembro de muitas vezes encorajar meus alunos a ter uma medida correta de suas limitações e possibilidades. Valia-me dos versos de Fernando Pessoa em que se recomenda: "Para ser grande, sê inteiro: nada teu exagera ou exclui".

Não exagerar ou não excluir o que somos e o que temos é um bom caminho para calibrar nossas percepções. Olhar para o próprio tamanho, sem preconceitos, ou sem megalomanias, não é tarefa fácil, mas é imprescindível.

Uma visão realista das dificuldades de aprendizagem pode ajudar a encontrar estratégias e métodos de estudo adequados, que contribuam para a superação dos desafios educacionais. Não enxergar nessas dificuldades apenas a limitação é a chave do sucesso.

A consciência dos pontos fortes, por sua vez, pode orientar o investimento em esforços e projetos que mais seguramente conduzem a conquistas na escola ou na universidade. Trabalhar nesses pontos, em detrimento de outros não tão merecedores de holofotes, é sinal de inteligência emocional.

Mas a tomada de consciência de nossas fraquezas e fortalezas depende, em parte, de evitar os exageros e as exclusões. Trata-se da medida do equilíbrio, tanto emocional quanto com relação a questões futuras, como trabalho ou mesmo desenvolvimento universitário.

Não exagerar nada que nos diga respeito chega a ser um ato de rebeldia em meio à cultura do excesso, nesta chamada "era da abundância", em que os meios digitais favorecem o inflacionamento da informação, do ego e do consumo.

Exagerar nossas virtudes ou mesmo nossas mazelas cria uma visão distorcida de nós mesmos e uma grande barreira para o autoconhecimento.

Por outro lado, excluir ou ignorar alguma parte do que somos, omitindo atributos positivos ou negativos, pode nos levar a uma avaliação enganosa de nossas capacidades ou fragilidades.

Nem superestimar nem subestimar o que somos, o que temos e o que podemos.

© HILCH / ISTOCKPHOTO.COM

"A consciência dos pontos fortes, por sua vez, pode orientar o investimento em esforços e projetos que mais seguramente conduzem a conquistas na escola ou na universidade"

Eis o desafio a todos que desejam construir uma autoimagem mais próxima das suas possibilidades e potencialidades! Eis a lição para quem busca desenvolver habilidades socioemocionais indispensáveis ao aprendizado e à formação integral na vida escolar ou mesmo na escola da vida! CP

Luís Cláudio Dallier Saldanha é doutor em Educação e diretor de Serviços Pedagógicos do Grupo Estácio.

coleção meus primeiros Clássicos

*A **Coleção Meus Primeiros Clássicos** traz as histórias mais conhecidas lindamente ilustradas para ensinar, emocionar e divertir!*

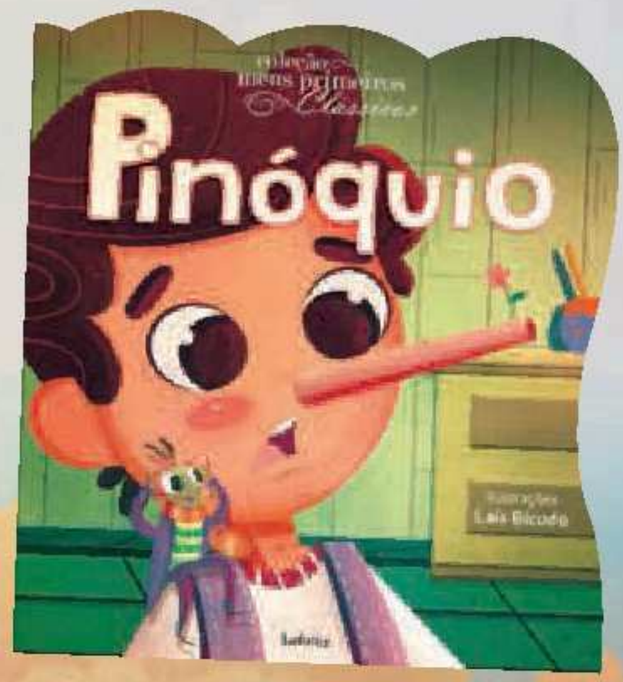

Nas bancas e Livrarias

Ou acesse **www.escala.com.br**
/escalaoficial

Lafonte

COLEÇÃO
manequim

A Coleção **Guia Completo do Crochê** apresenta todas as técnicas necessárias para a produção de roupas, acessórios, peças para a casa e objetos de decoração. Além das informações sobre fios, ferramentas e aviamentos, as instruções sobre como seguir um gráfico, fazer acabamentos e uma grande variedade de pontos e de receitas. São 3 livros com informações didáticas e práticas com toques de estilo e moda.

Confira também a Coleção Guia Completo do Tricô

NAS BANCAS!

Ou acesse **www.escala.com.br**
/escalaoficial

EDITORA escala
PAIXÃO POR LEITURA

2.740 Questões comentadas, alternativa por alternativa

3ª edição
revista e atualizada

LÍNGUA PORTUGUESA

DUDA NOGUEIRA

REVISAÇO

Questões **comentadas** e organizadas por assunto

INCLUI

- ✓ Dicas (resumo)
- ✓ Questões separadas por bancas, assuntos e níveis (fácil, médio e difícil)

ASSUNTOS ABORDADOS

- ✓ Acentuação
- ✓ Ortografia e Semântica
- ✓ Processo de formação das palavras
- ✓ Flexão nominal
- ✓ Pronome
- ✓ Verbo
- ✓ Análise sintática
- ✓ Período composto
- ✓ Concordância
- ✓ Regência
- ✓ Crase
- ✓ Pontuação
- ✓ Coesão e coerência (frases corretas)
- ✓ Figuras de linguagem
- ✓ Interpretação de texto

EDITORA JUSPODIVM
www.editorajuspodivm.com.br

DUDA NOGUEIRA

Coleção
REVISAÇO

Língua Portuguesa

3ª edição
revista e atualizada

2016

EDITORA JusPODIVM
www.editorajuspodivm.com.br

EDITORA
*Jus*PODIVM
www.editorajuspodivm.com.br

Rua Mato Grosso, 175 – Pituba, CEP: 41830-151 – Salvador – Bahia
Tel: (71) 3363-8617 / Fax: (71) 3363-5050 • E-mail: fale@editorajuspodivm.com.br

Copyright: Edições *Jus*PODIVM

Conselho Editorial: Dirley da Cunha Jr., Leonardo de Medeiros Garcia, Fredie Didier Jr., José Henrique Mouta, José Marcelo Vigliar, Marcos Ehrhardt Júnior, Nestor Távora, Robério Nunes Filho, Roberval Rocha Ferreira Filho, Rodolfo Pamplona Filho, Rodrigo Reis Mazzei e Rogério Sanches Cunha.

Capa: Rene Bueno e Daniela Jardim *(www.buenojardim.com.br)*

Todos os direitos desta edição reservados à Edições *Jus*PODIVM.

É terminantemente proibida a reprodução total ou parcial desta obra, por qualquer meio ou processo, sem a expressa autorização do autor e da Edições *Jus*PODIVM. A violação dos direitos autorais caracteriza crime descrito na legislação em vigor, sem prejuízo das sanções civis cabíveis.

Apresentação

Uma pequena síntese para que você, leitor-*concurseiro*, comece a se sentir em casa. Esta obra é indicada ao candidato que já possui domínio da teoria e precisa treinar português. A etapa de *treineiro* agora se torna muito fácil, já que o livro possui grandes diferenciais:

1) **Questões separadas por bancas e assuntos**: basta seguir a ordem dos capítulos para obter um bom desempenho;

2) **Questões divididas por grau de dificuldade: fáceis, médias (I e II) e difíceis**: prepare-se para todos os concursos públicos – níveis fundamental, médio e superior, incluindo carreiras fiscais. Você saberá como todas as bancas exigem os tópicos mencionados no edital. As questões da banca FGV (provas 2013 e 2015) por serem distintas, ou seja, mais complexas, foram inseridas no nível médio II.

3) ✪ **Nota da autora:** em algumas questões, a abordagem dos tópicos é abrangente e nas notas da autora você encontra as explicações;

4) **Dicas**: ficou com dúvida? No final de cada capítulo, há dicas resumidas da matéria;

5) **Editais**: para facilitar, na parte I, há exemplos de editais e onde você encontra no livro.

O objetivo deste longo trabalho é a sua aprovação, ou melhor, a sua convocação. Acredite: é possível!

Questões a serem feitas:

PARTE	Capítulo	Assunto	Questões
2 – Fonética	1	Acentuação	52
	2	Ortografia e Semântica	128
3 – Morfologia	1	Processos de formação das palavras	19
	2	Flexão Nominal (Substantivo e Adjetivo)	20
	3	Pronome	178
	4	Verbo	297
4 – Sintaxe	1	Análise Sintática	133
	2	Período Composto	273
	3	Concordância	278
	4	Regência	149
	5	Crase	127
	6	Pontuação	225
5	1	Coesão e Coerência – Reescritura de frases	690
6	1	Figuras de Linguagem	17
7	1	Interpretação de texto	154

Sumário

PARTE I

ENTENDA AS BANCAS 19

1. Introdução 19
2. Entenda as bancas 19
3. Editais 19
   - 3.1. TRT 4 – Rio Grande do Sul – FCC 2015 19
   - 3.2. TRF 1 – FCC (prova aplicada em 2014) 20
   - 3.3. RECEITA FEDERAL – ESAF (prova aplicada em 2014) 20
   - 3.4. TJ /GO – FGV (prova aplicada Outubro 2014) 20
   - 3.5. TRT 17 – ES – CESPE (prova aplicada em Dezembro 2013) 21
   - 3.6. INSS – FUNRIO (prova aplicada em Outubro 2013) 21

PARTE II

ACENTUAÇÃO 25

+ **QUESTÕES FÁCEIS** 25

1.VUNESP 25
2. CESPE 27
3. UECE 27
4. ISAE 28
5. AOCP 28
6. PM 28
7. FEPESE 29

+ **QUESTÕES MÉDIAS** 29

1. Nível médio 29
   - 1.1. CESPE 29
   - 1.2. ACP 30
   - 1.3. IPAD 32
2. Nível superior 33
   - 2.1. FCC 33
   - 2.2. CESPE 33
   - 2.3. MPE 34
   - 2.4. CONSULPLAN 35
   - 2.5. IVIN 36
   - 2.6. PONTUA 36
   - 2.7. FEPESE 36
   - 2.8. FGV 37
   - 2.9. FUNDAÇÃO AROEIRA 39
   - 2.10. CETRO 39

+ **QUESTÕES DIFÍCEIS** 39

3. CESPE 39

+ **QUESTÕES INÉDITAS** 40
+ **DICAS** 41

1. Proparoxítonas 41
2. Paroxítonas 41
3. Oxítonas 41
4. Monossílabos 41
   - 4.1. Monossílabos Tônicos 41
   - 4.2. Monossílabos Átonos 41
5. Regras Especiais 42
   - 5.1. Ditongos Abertos 42
   - 5.2. Hiatos 42
   - 5.3. Verbos ter e vir 42

ORTOGRAFIA E SEMÂNTICA 43

+ **QUESTÕES FÁCEIS** 43

1. VUNESP 43
2. FUNRIO 51
3. UPENET 51
4. FGV 52
5. FEPESE 52

+ **QUESTÕES MÉDIAS** 53

1. Nível médio 53
   - 1.1. VUNESP 53

1.2. FCC 54
1.3. CESPE 56
1.4. ESAF 57
1.5. UEL 58
1.6. IPAD 59
1.7. UEG 59
1.8. UFF 59
1.9. ACP 60
1.10. CESGRANRIO 63
2. Nível superior 64
2.1. FCC 64
2.2. CESPE 70
2.3. MPE 72
2.4. CONSULPLAN 76
2.5. FUNRIO 76
2.6. UFMT 77
2.7. AJURI 78
2.8. FUNCAB 79
2.9. MOVENS 80
2.10. UEL 80
2.11. FGV 81
2.12. FEPESE 85
2.13. VUNESP 87
2.14. MAIS 88
+ **QUESTÕES DIFÍCEIS** 89
1. ESAF 89
+ **QUESTÕES INÉDITAS** 91
+ **DICAS** 91
1. Afim de e afim 91
2. Vocábulos muito exigidos em concursos 91
3. Emprego dos porquês 92
4. Mal e mau 92
5. Viagem e viajem 92
6. Cessão, sessão e seção (ou secção) 92
7. Onde e aonde 92
8. Se não e senão 93
9. Tão pouco e tampouco 93
10. De encontro a e ao encontro de 93
11. Em vez de e ao invés de 93
12. Acerca de, a cerca de e há cerca de 93
13. Mas e mais 93
14. A fim e afim 93
15. Se quer e sequer 93

PARTE III

PROCESSO DE FORMAÇÃO DAS PALAVRAS 97
+ **QUESTÕES FÁCEIS** 97
1. VUNESP 97
2. UECE 98
3. FUNRIO 98
4. FGV 99
+ **QUESTÕES MÉDIAS** 99
1. Nível médio 99
1.1. UFF 99
1.2. ACP 100
1.3. FUMARC 101
2. Nível superior 102
2.1. CONSUPLAN 102
2.2. PONTUA 102
+ **QUESTÕES DIFÍCEIS** 104
+ **QUESTÕES INÉDITAS** 104
DicaS 105
1. Derivação 105
1.1. Derivação Prefixal 105
1.2. Derivação Sufixal 105
1.3. Derivação Prefixal e Sufixal 105
1.4. Derivação Parassintética 105
1.5. Derivação Regressiva 105
1.6. Derivação Imprópria 105
2. Composição 105
2.1. Composição por justaposição 105
2.2. Composição por aglutinação 106

FLEXÃO NOMINAL 107
+ **QUESTÕES FÁCEIS** 107
1. VUNESP 107
2. UECE 111
3. ACP 111
4. FCC 112

5. FGR ... 112
6. Fgv ... 113
+ **QUESTÕES MÉDIAS** ... 113
1. Nível médio ... 113
2. Nível superior ... 113
2.1. FEPESE ... 113
+ **QUESTÕES DIFÍCEIS** ... 113
+ **DICAS** ... 115
1. Flexão do substantivo ... 115
1.1. Flexão de Gênero ... 115
1.1.1. Substantivos Biformes e Substantivos Uniformes ... 115
1.1.2. Epicenos ... 115
1.1.3. Sobrecomuns ... 115
1.1.4. Comuns de dois gêneros ... 115
1.2. Formação dos Substantivos Biformes e Uniformes ... 115
1.2.1. Substantivos Biformes ... 115
1.2.2. Flexão de Número do substantivo ... 116
1.3. Flexão de Grau do Substantivo ... 117
1.4. Flexão de gênero do Adjetivo ... 118
1.4.1. Adjetivos Uniformes e Biformes ... 118
1.5. Flexão de Número ... 118
1.5.1. Plural dos Adjetivos Simples ... 118
1.5.2. Plural dos Adjetivos Compostos ... 118
1.6. Flexão de Grau ... 119
1.6.1. Grau comparativo ... 119
1.6.2. Grau superlativo ... 119

PRONOME ... 121
+ **QUESTÕES FÁCEIS** ... 121
1. VUNESP ... 121
2. FCC ... 134
3. FUNRIO ... 134
4. FGR ... 134
5. FGV ... 135
+ **QUESTÕES MÉDIAS** ... 135
1. Nível médio ... 135
1.1. FCC ... 135
1.2. CESPE ... 143
1.3. CESGRANRIO ... 145
1.4. VUNESP ... 145
1.5. UEGE ... 146
1.6. UFF ... 147
1.7. UNEMAT ... 148
1.8. UEL ... 148
1.9. ACP ... 149
1.10. IPAD ... 151
2. Nível superior ... 152
2.1. FCC ... 152
2.2. CESPE ... 165
2.3. FUNRIO ... 172
2.4. MPE ... 173
2.5. FUNCAB ... 176
2.6. DOM CINTRA ... 177
2.7. IVIN ... 178
2.8. FGV ... 178
2.9. CONSULPLAN ... 180
2.10. PONTUA ... 180
2.11. UNEMAT ... 181
2.12. FEPESE ... 181
2.13. VUNESP ... 183
+ **QUESTÕES DIFÍCEIS** ... 183
1. ESAF ... 183
2. FCC ... 188
3. CETRO ... 190
4. IC ... 190
+ **QUESTÕES INÉDITAS** ... 190
+ **DICAS** ... 191
1. Pessoal ... 191
2. Demonstrativo ... 191
3. Relativo ... 191
4. Colocação pronominal ... 192
4.1. Ênclise – Pronome depois do verbo ... 192
4.2. Mesóclise – Pronome no meio do verbo ... 192
4.3. Próclise – Pronome antes do verbo ... 192
4.4. Pronome átono nas locuções verbais 192

VERBO ... 193

+ **QUESTÕES FÁCEIS** ... 193
1. VUNESP ... 193
2. FCC ... 202
3. FUNRIO ... 203
4. CESPE ... 203
5. FEPESE ... 204
+ **QUESTÕES MÉDIAS** ... 204
1. Nivel Medio ... 204
   1.1. FCC ... 204
   1.2. CESPE ... 219
   1.3. CESGRANRIO ... 222
   1.4. VUNESP ... 222
   1.5. UFF ... 223
   1.6. UNEMAT ... 225
   1.7. UFMT ... 225
   1.8. ACP ... 226
2. Nível superior ... 227
   2.1. FCC ... 227
   2.2. CESPE ... 261
   2.3. UEG ... 267
   2.4. MPE ... 268
   2.5. UFMT ... 273
   2.6. DOM CINTRA ... 275
   2.7. AJURI ... 276
   2.8. UNEMAT ... 276
   2.9. FUNCAB ... 276
   2.10. FUNRIO ... 277
   2.11. FGV ... 279
   2.12. ESAF ... 282
   2.13. FEPESE ... 283
   2.14. IBFC ... 284
+ **QUESTÕES DIFÍCEIS** ... 284
1. ESAF ... 284
2. FCC ... 289
3. AFR ... 298
4. CETRO ... 298
+ **QUESTÕES INÉDITAS** ... 299
+ **DICAS** ... 300
1. MODOS ... 300
2. TEMPOS ... 300
3. VOZES VERBAIS ... 300

PARTE IV

ANÁLISE SINTÁTICA ... 303
+ **QUESTÕES FÁCEIS** ... 303
1. VUNESP ... 303
2. FCC ... 310
3. FUNRIO ... 311
4. UECE ... 311
5. FGR ... 312
6. CESPE ... 312
+ **QUESTÕES MÉDIAS** ... 312
1. Nível médio ... 312
   1.1. FCC ... 312
   1.2. CESPE ... 318
   1.3. CESGRANRIO ... 320
   1.4. ACP ... 320
   1.5. IPAD ... 321
   1.6. UFMT ... 321
   1.7. UEL ... 322
2. Nível superior ... 322
   2.1. FCC ... 322
   2.2. CESPE ... 326
   2.3. FGV ... 334
   2.4. MPE ... 336
   2.5. CONSULPLAN ... 337
   2.6. AJURI ... 337
   2.7. IVIN ... 338
   2.8. PONTUA ... 338
   2.9. UFMT ... 339
   2.10. FUNRIO ... 339
   2.11. UEG ... 340
   2.12. CESGRANRIO ... 341
   2.13. FEPESE ... 342
+ **QUESTÕES DIFÍCEIS** ... 342
1. ESAF ... 342
2. CETRO ... 347
3. CESPE ... 348
+ **QUESTÕES INÉDITAS** ... 349

+ DICAS 350
1. Frase, oração e período 350
2. Sujeito 350
3. Predicação Verbal 350
4. Predicativo 350
5. Predicado 351
6. Complementos verbais 351
7. Agente da passiva 351
8. Complemento Nominal 351
9. Adjunto Adverbial 351
10. Aposto 351
11. Vocativo 351

PERÍODO COMPOSTO 353
+ QUESTÕES FÁCEIS 353
1. VUNESP 353
2. FGV 366
3. CESPE 367
4. FCC 367
5. UEL 367
6. UPENET 367
7. FGR 368
+ QUESTÕES MÉDIAS 369
1. Nível médio 369
1.1. FCC 369
1.2. CESPE 376
1.3. CESGRANRIO 382
1.4. ACP 384
1.5. UEL 385
1.6. VUNESP 385
1.7. UEG 387
1.8. UFF 387
1.9. FUMARC 390
2. Nível superior 391
2.1. FCC 391
2.2. CESPE 409
2.3. FGV 424
2.4. MPE 429
2.5. CONSULPLAN 431
2.6. IVIN 432
2.7. PONTUA 432
2.8. UFMT 433
2.9. FUNRIO 434
2.10. UEG 436
2.11. CESGRANRIO 436
2.12. FUNCAB 438
2.13. DOM CINTRA 439
2.14. NUCEPE 441
2.15. FEPESE 441
2.16. MAIS 442
2.17. IBFC 442
+ QUESTÕES DIFÍCEIS 443
1. ESAF 443
2. FCC 453
3. CESPE 457
4. PUC 457
+ QUESTÕES INÉDITAS 458
+ DICAS 459
1. Coordenação 459
2. Subordinação 459

CONCORDÂNCIA 461
+ QUESTÕES FÁCEIS 461
1. VUNESP 461
1. FCC 474
2. FUNRIO 474
3. FEPESE 475
4. UECE 475
5. UPENET 475
+ QUESTÕES MÉDIAS 476
1. Nível Médio 476
1.1. FCC 476
1.2. CESPE 484
1.3. CESGRANRIO 487
1.4. VUNESP 488
1.5. UFF 488
1.6. FUMARC 489
1.7. UFMT 489
1.8. ACP 490
1.9. IPAD 491
1.10. ESAF 493
2. Nível superior 493

2.1. FCC ... 493
2.2. CESPE ... 517
2.3. UEL ... 528
2.4. FUNRIO ... 529
2.5. MPE ... 529
2.6. FGV ... 536
2.7. DOM CINTRA ... 539
2.8. CONSULPLAN ... 539
2.9. UNEMAT ... 540
2.10. NUCEPE ... 540
2.11. CESGRANRIO ... 541
2.12. ESAF ... 542
2.13. FEPESE ... 542
+ **QUESTÕES DIFÍCEIS** ... 545
1. ESAF ... 545
2. FCC ... 556
3. CESPE ... 559
4. FGV ... 561
5. IC ... 561
+ **QUESTÕES INÉDITAS** ... 562
+ **DICAS** ... 563
1. Concordância Verbal ... 563
2. Concordância Nominal ... 563

REGÊNCIA ... 565
+ **QUESTÕES FÁCEIS** ... 565
1. VUNESP ... 565
2. FCC ... 574
3. FUNRIO ... 575
4. CESPE ... 575
5. FGR ... 575
+ **QUESTÕES MÉDIAS** ... 576
1. Nível médio ... 576
1.1. FCC ... 576
1.2. CESPE ... 582
1.3. CESGRANRIO ... 583
1.4. ESPP ... 583
1.5. VUNESP ... 584
1.6. UFF ... 585
1.7. ACP ... 585
1.8. ESAF ... 587
2. Nível superior ... 587
2.1. FCC ... 587
2.2. CESPE ... 599
2.3. MPE ... 602
2.4. UFMT ... 604
2.5. IVIN ... 605
2.6. PONTUA ... 606
2.7. FGV ... 606
2.8. CESGRANRIO ... 609
2.9. ESAF ... 609
2.10. FEPESE ... 610
+ **QUESTÕES DIFÍCEIS** ... 611
1. ESAF ... 611
2. FCC ... 616
3. CETRO ... 618
3.1. Curiosidade ... 618
4. CESPE ... 618
5. IC ... 619
6. PUC ... 619
+ **QUESTÕES INÉDITAS** ... 619
+ **DICAS** ... 621
1. Regência verbal ... 621
2. Regência Nominal ... 621

CRASE ... 623
+ **QUESTÕES FÁCEIS** ... 623
1. VUNESP ... 623
2. FUNRIO ... 628
3. FCC ... 629
+ **QUESTÕES MÉDIAS** ... 629
1. Nível médio ... 629
1.1. FCC ... 629
1.2. CESPE ... 634
1.3. VUNESP ... 637
1.4. UFF ... 638
1.5. ACP ... 638
1.6. CESGRANRIO ... 640
1.7. ESAF ... 640
2. Nível superior ... 641
2.1. FCC ... 641
2.2. CESPE ... 646

2.3. MPE 653
2.4. DOM CINTRA 655
2.5. PONTUA 655
2.6. FGV 656
2.7. FUNCAB 657
2.8. CESGRANRIO 657
2.9. ESAF 658
2.10. FEPESE 658
2.11. MAIS 659
+ **QUESTÕES DIFÍCEIS** 659
1. ESAF 659
2. FCC 664
3. CETRO 665
4. CESPE 665
5. FGV 666
6. IC 666
+ **QUESTÕES INÉDITAS** 666
+ **DICAS** 667
1. Crase 667

PONTUAÇÃO 669
+ **QUESTÕES FÁCEIS** 669
1. VUNESP 669
2. FGV 677
3. FUNRIO 677
4. FCC 677
5. UEL 677
6. FEPESE 678
7. UECE 679
8. UPENETE 679
+ **QUESTÕES MÉDIAS** 679
1. Nível médio 679
1.1. FCC 679
1.2. CESPE 693
1.3. CESGRANRIO 697
1.4. VUNESP 698
1.5. UEG 699
1.6. UFF 699
1.7. FUMARC 700
1.8. ACP 701
1.9. IPAD 701
1.10. ESAF 702
2. Nível superior 703
2.1. FCC 703
2.2. CESPE 724
2.3. MPE 736
2.4. UFMT 740
2.5. CONSULPLAN 741
2.6. FGV 741
2.7. MOVENS 744
2.8. UEG 745
2.9. ESAF 745
2.10. FEPESE 746
2.11. VUNESP 746
2.12. IBFC 747
+ **QUESTÕES DIFÍCEIS** 747
1. ESAF 747
2. FCC 759
3. CESPE 763
4. PUC 764
5. IC 765
+ **QUESTÕES INÉDITAS** 766
+ **DICAS** 766
1. Vírgula 766
2. Ponto-e-vírgula 767
3. Dois-pontos 767

PARTE V

COESÃO E COERÊNCIA - REESCRITURA DE FRASES 771
+ **QUESTÕES FÁCEIS** 771
1. VUNESP 771
2. FGV 774
3. UEL 774
4. FEPESE 777
5. FCC 778
6. FUNRIO 779
7. CESPE 781
+ **QUESTÕES MÉDIAS** 781
1. Nível médio 781

1.1. FCC ... 781
1.2. CESPE ... 806
1.3. CESGRANRIO ... 816
1.4. VUNESP ... 817
1.5. UFF ... 818
1.6. UNEMAT ... 820
1.7. UFMT ... 821
1.8. ACP ... 822
1.9. FUMARC ... 824
1.10. IPAD ... 825
1.11. ESAF ... 826
2. Nível superior ... 829
2.1. FCC ... 829
2.2. CESPE ... 906
2.3. UEL ... 952
2.4. UEGE ... 954
2.5. FUNCAB ... 956
2.6. FGV ... 958
2.7. FUNRIO ... 969
2.8. MPE ... 974
2.9. UFMT ... 978
2.10. AJURI ... 988
2.11. IVIN ... 988
2.12. CONSULPLAN ... 989
2.13. UNEMAT ... 991
2.14. NUCEPE ... 994
2.15. MOVENS ... 996
2.16. CESGRANRIO ... 997
2.17. ESAF ... 997
2.18. FEPESE ... 1003
2.19. MAIS ... 1004
2.20. VUNESP ... 1005
2.21. IBFC ... 1006
+ **QUESTÕES DIFÍCEIS** ... 1007
1. ESAF ... 1007
2. FCC ... 1066
3. CESPE ... 1077
4. CETRO ... 1087
5. PUC ... 1088
+ **QUESTÕES INÉDITAS** ... 1089
+ **DICAS** ... 1091
1. O que é coesão textual? ... 1091
2. O que é coerência textual? ... 1092

PARTE VI

FIGURAS DE LINGUAGEM ... 1095
+ **QUESTÕES FÁCEIS** ... 1095
1. VUNESP ... 1095
2. UEL ... 1095
3. FUNRIO ... 1095
4. FGR ... 1096
+ **QUESTÕES MÉDIAS** ... 1097
1. Nível médio ... 1097
1.1. VUNESP ... 1097
1.2. UEG ... 1097
1.3. ACP ... 1097
1.4. UNEMAT ... 1099
1.5. IPAD ... 1099
2. Nível superior ... 1100
2.1. FGV ... 1100
2.2. MPE ... 1100
+ **QUESTÕES DIFÍCEIS** ... 1102
+ **DICAS** ... 1102
1. Classificação das Figuras de Linguagem ... 1102
2. Figura de Palavra ... 1102
2.1. Metáfora ... 1102
2.2. Metonímia ... 1102
2.3. Catacrese ... 1103
2.4. Perífrase ... 1103
2.5. Sinestesia ... 1103
3. Figuras de Pensamento ... 1103
3.1. Antítese ... 1103
3.2. Paradoxo ... 1103
3.3. Eufemismo ... 1103
3.4. Ironia ... 1103
3.5. Hipérbole ... 1104
3.6. Prosopopeia ou Personificação ... 1104

3.7. Apóstrofe 1104
3.8. Gradação 1104
4. Figuras de Construção ou Sintáticas 1104
4.1. Elipse 1104
4.3. Zeugma 1104
4.4. Silepse 1104
4.4.1. Silepse de Gênero 1104
4.4.2. Silepse de Número 1105
4.4.3. Silepse de Pessoa 1105
4.4.4. Polissíndeto/Assíndeto 1105
4.5. Pleonasmo 1105
4.6. Anáfora 1105
4.7. Anacoluto 1106
4.8. Hipérbato/Inversão 1106
4.9. Aliteração 1106
4.10. Assonância 1106
4.11. Onomatopeia 1106
5. Vícios de Linguagem 1106
5.1. Pleonasmo Vicioso ou Redundância 1106
5.2. Barbarismo 1106
5.3. Solecismo 1107
5.4. Ambiguidade ou Anfibologia 1107
5.5. Cacofonia 1107
5.6. Eco 1107
5.7. Hiato 1107
5.8. Colisão 1107

PARTE VII

INTERPRETAÇÃO DE TEXTO 1111
+ **QUESTÕES FÁCEIS** 1111
1. VUNESP 1111
+ **QUESTÕES MÉDIAS** 1115
1. Nível médio 1115
1.1. FCC 1115
1.2. CESPE 1154
2. Nível superior 1156
2.1. FCC 1156
2.2. CESPE 1189
2.3. FUNDAÇÃO AROEIRA 1193
2.4. FUNRIO 1198
2.5. UFMT 1202
2.6. FGV 1205
2.7 VUNESP 1211
+ **QUESTÕES DIFÍCEIS** 1214
1. ESAF 1214
2. FCC 1215
+ **QUESTÃO INÉDITA** 1216
+ **DICAS** 1217
1. Características de um texto informativos 1218
2. Função 1218
3. Modelos 1218
4. Conteúdo 1219
5. Formato 1219
6. Procedimentos de leitura 1219

REFERÊNCIAS 1221
1. Conteúdo gramatical – Dicas 1221
2. Dicionários 1221
3. Questões comentadas de concursos 1222
4. Sites 1222

Parte I

Entenda as Bancas

1. INTRODUÇÃO

O fácil entendimento da matéria para sua aprovação é o objetivo deste livro. Sendo assim, a primeira parte foi elaborada para direcionar os estudos do *concurseiro* e demonstrar que todos os tópicos de Língua Portuguesa exigidos pelas bancas estão inseridos no livro.

2. ENTENDA AS BANCAS

Não há segredo para desvendar o que cada instituição exige em concursos e, o mais interessante, o que poderá exigir em prova futura. Explico: seguindo o raciocínio de cada organizadora, você descobrirá como poderá ser a próxima questão, pois as questões são muito parecidas.

Descrever o que é mais pedido seria repetir o que você estudará em seguida. Siga o sumário, minuciosamente, e seu estudo será automaticamente direcionado.

Importante: didaticamente, sugiro que inicie com as questões de nível fácil, passe para as questões de nível médio (ensino médio e, depois, ensino superior); feitas as três partes, é hora de você se avaliar: resolva as questões de nível difícil.

DICA!

Estude por assunto para obter resultado.

Exemplo: se você for prestar concurso para o cargo de analista e a banca escolhida for FCC (Fundação Carlo Chagas), deverá iniciar a maratona de estudos seguindo cada parte do livro na ordem em que foi exposta, já que uma matéria depende da outra. Siga este esquema para facilitar:

1. Acentuação:

1.1 Questões fáceis de FCC;

1.2 Questões médias (nível 1 FCC);

1.3 Questões médias (nível 2 FCC);

1.4 Questões difíceis FCC (se houver, pois em provas de carreiras fiscais nem todo assunto é exigido*). *Não se preocupe, pois as questões do nível médio 2 são consideradas de grau elevado.

Sempre siga essa dica para que entenda a matéria e fixe toda a teoria através dos comentários que há em cada alternativa.

3. EDITAIS

Vamos, agora, aos editais sistematizados dos principais concursos do Brasil. Como exemplos, foram analisados **seis editais** e divididos em tópicos. Para o seu concurso, faça o mesmo, siga a dica da tabela. Veja qual banca elaborará a sua prova e direcione os estudos.

3.1. TRT 4 – RIO GRANDE DO SUL – FCC 2015

Cargos: Analista Judiciário e Técnico Judiciário		
ITENS DO EDITAL	**NO LIVRO**	**CAPÍTULOS**
Ortografia oficial	PARTE II	2
Acentuação gráfica	PARTE II	1
Flexão nominal e verbal	PARTE III	2
Pronomes: emprego, formas de tratamento e colocação	PARTE III	3
Emprego de tempos e modos verbais	PARTE III	4
Vozes do verbo	PARTE III	4
Concordância nominal e verbal	PARTE IV	3
Regência nominal e verbal	PARTE IV	4
Conjunção	PARTE IV	2
Ocorrência de crase	PARTE IV	5
Pontuação	PARTE IV	6
Redação: confronto e reconhecimento de frases corretas e incorretas	PARTE V	1
Intelecção de texto	PARTE VII	1

3.2. TRF 1 – FCC (PROVA APLICADA EM 2014)

Cargos: Analista Judiciário e Técnico Judiciário		
ITENS DO EDITAL	NO LIVRO	CAPÍTULOS
Ortografia oficial	PARTE II	2
Acentuação gráfica	PARTE II	1
Flexão nominal e verbal	PARTE III	2
Pronomes: emprego, colocação e formas de tratamento	PARTE III	3
Emprego de tempos e modos verbais	PARTE III	4
Vozes do verbo	PARTE III	4
Sintaxe da oração e do período	PARTE IV	1 e 2
Concordância nominal e verbal	PARTE IV	3
Regência nominal e verbal	PARTE IV	4
Emprego do sinal indicativo de crase	PARTE IV	5
Pontuação	PARTE IV	6
Compreensão e interpretação de textos	PARTE VII	1

3.3. RECEITA FEDERAL – ESAF (PROVA APLICADA EM 2014)

Cargo: Auditor Fiscal		
ITENS DO EDITAL	NO LIVRO	CAPÍTULOS
Compreensão Textual	PARTE VII	1
Ortografia oficial	PARTE II	2
Semântica	PARTE II	2
Morfologia	PARTE III	2, 3 e 4
Sintaxe	PARTE IV	1 a 5
(+coesão e coerência)	PARTE V	1
Pontuação	PARTE IV	6

3.4. TJ /GO – FGV (PROVA APLICADA OUTUBRO 2014)

Cargo: Analista Judiciário		
ITENS DO EDITAL	NO LIVRO	CAPÍTULOS
Elementos de construção do texto e seu sentido: gênero do texto (literário e não literário, narrativo, descritivo e argumentativo); interpretação e organização interna	PARTE VII	1
Semântica: sentido e emprego dos vocábulos; campos semânticos	PARTE II	2
Emprego de tempos e modos dos verbos em português	PARTE III	4
Morfologia: reconhecimento, emprego e sentido das classes gramaticais	PARTE III	1 a 4
Processos de formação de palavras; mecanismos de flexão dos nomes e verbos	PARTE III PARTE IV	1 3
Sintaxe: frase, oração e período; termos da oração	PARTE IV	1
Processos de coordenação e subordinação	PARTE IV	2
Concordância nominal e verbal	PARTE IV	3
Transitividade e regência de nomes e verbos	PARTE IV	4
Padrões gerais de colocação pronominal no português	PARTE III	3
Mecanismos de coesão textual	PARTE V	1
Ortografia	PARTE II	2
Acentuação	PARTE II	1
Emprego do sinal indicativo de crase	PARTE IV	5
Pontuação	PARTE IV	6
Estilística: figuras de linguagem	PARTE VI	1
Reescritura de frases: substituição, deslocamento, paralelismo; variação linguística: norma culta.	PARTE V	1

3.5. TRT 17 – ES – CESPE (PROVA APLICADA EM DEZEMBRO 2013)

Cargos: Analista Judiciário e Técnico Judiciário		
ITENS DO EDITAL	NO LIVRO	CAPÍTULOS
Compreensão e interpretação de textos de gêneros variados	PARTE VII	1
Reconhecimento de tipos e gêneros textuais	PARTE VII	1
Domínio da ortografia oficial	PARTE II	2
Emprego das letras	PARTE II	2
Emprego da acentuação gráfica	PARTE II	1
Domínio dos mecanismos de coesão textual	PARTE V	1
Emprego de elementos de referenciação, substituição e repetição, de conectores e outros elementos de sequenciação textual	PARTE V	1
Emprego/correlação de tempos e modos verbais	PARTE III	4
Domínio da estrutura morfossintática do período	PARTE IV	1 e 2
Relações de coordenação entre orações e entre termos da oração	PARTE IV	2
Relações de subordinação entre orações e entre termos da oração	PARTE IV	2
Emprego dos sinais de pontuação	PARTE IV	6
Concordância verbal e nominal	PARTE IV	3
Emprego do sinal indicativo de crase	PARTE IV	5
Colocação dos pronomes átonos	PARTE III	3
Reescritura de frases e parágrafos do texto	PARTE V	1
Substituição de palavras ou de trechos de texto	PARTE V	1
Retextualização de diferentes gêneros e níveis de formalidade	PARTE V	1

3.6. INSS – FUNRIO (PROVA APLICADA EM OUTUBRO 2013)

Cargo: Analista do Seguro Social		
ITENS DO EDITAL	NO LIVRO	CAPÍTULOS
Compreensão e interpretação de textos	PARTE VII	1
Tipologia textual	PARTE VII	1
Ortografia oficial	PARTE II	2
Acentuação gráfica	PARTE II	1
Emprego das classes de palavras	PARTE III	2 a 4
Emprego do sinal indicativo de crase	PARTE IV	5
Sintaxe da oração e do período	PARTE IV	1 e 2
Pontuação	PARTE IV	6
Concordância nominal e verbal	PARTE IV	3
Regência nominal e verbal	PARTE IV	4
Significação das palavras	PARTE II	2

Parte II

Acentuação

Sugestão de dicionário digital: http://www.dicio.com.br/

Quanto à reforma ortográfica – escrita correta e regras –, pesquise no site: www.umportugues.com

Observação: a banca que mais exigiu acentuação em provas 2015 foi CESPE. Em segundo lugar, CETRO.

Questões inéditas: **Simuladaço Língua Portuguesa**

Teoria e questões: **Língua Portuguesa para concursos**

QUESTÕES FÁCEIS

1.VUNESP

Texto:

Veja, aí estão eles, a bailar seu diabólico "pas de deux" (*): sentado, ao fundo do restaurante, o cliente paulista acena, assovia, agita os braços num agônico polichinelo; encostado à parede, marmóreo e impassível, o garçom carioca o ignora com redobrada atenção. O paulista estrebucha: "Amigô?!", "Chefê?!", "Parceirô?!"; o garçom boceja, tira um fiapo do ombro, olha pro lustre.

Eu disse "cliente paulista", percebo a redundância: o paulista é sempre cliente. Sem querer estereotipar, mas já estereotipando: trata-se de um ser cujas interações sociais terminam, 99% das vezes, diante da pergunta "débito ou crédito?".[...] Como pode ele entender que o fato de estar pagando não garantirá a atenção do garçom carioca? Como pode o ignóbil paulista, nascido e criado na crua batalha entre burgueses e proletários, compreender o discreto charme da aristocracia?

Sim, meu caro paulista: o garçom carioca é antes de tudo um nobre. Um antigo membro da corte que esconde, por trás da carapinha entediada, do descaso e da gravata borboleta, saudades do imperador. [...] Se deixou de bajular os príncipes e princesas do século 19, passou a servir reis e rainhas do 20: levou gim tônicas para Vinicius e caipirinhas para Sinatra, uísques para Tom e leites para Nelson, recebeu gordas gorjetas de Orson Welles e autógrafos de Rockfeller; ainda hoje fala de futebol com Roberto Carlos e ouve conselhos de João Gilberto. Continua tão nobre quanto sempre foi, seu orgulho permanece intacto.

Até que chega esse paulista, esse homem bidimensional e sem poesia, de camisa polo, meia soquete e sapatênis, achando que o jacarezinho de sua Lacoste é um crachá universal, capaz de abrir todas as portas. Ah, paulishhhhta otááário, nenhum emblema preencherá o vazio que carregas no peito – pensa o garçom, antes de conduzi-lo à última mesa do restaurante, a caminho do banheiro, e ali esquecê-lo para todo o sempre.

Veja, veja como ele se debate, como se debaterá amanhã, depois de amanhã e até a Quarta-Feira de Cinzas, maldizendo a Guanabara, saudoso das várzeas do Tietê, onde a desigualdade é tão mais organizada: "Ô, companheirô, faz meia hora que eu cheguei, dava pra ver um cardápio?!". Acalme-se, conterrâneo. Acostume-se com sua existência plebeia. O garçom carioca não está aí para servi-lo, você é que foi ao restaurante para homenageá-lo. (Antonio Prata, Cliente paulista, garçom carioca. Folha de S.Paulo, 06.02.2013)

(*) Um tipo de coreografia, de dança.

---

01. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2013) É correto dizer que a acentuação gráfica que o autor emprega tanto segue a norma-padrão quanto desobedece a ela, neste caso, numa tentativa de imitar a entonação oral do chamamento. Essa afirmação é baseada na acentuação, respectivamente, de

(A) sapatênis e Tietê.

(B) diabólico e marmóreo.

(C) esquecê-lo e amigô.

(D) companheirô e débito.

(E) chefê e parceirô.

COMENTÁRIO

Alternativa "c": correta – Importante atentar-se ao enunciado: acentuação gráfica que o autor emprega tanto segue a norma-padrão (**forma correta**) quanto desobedece a ela (**forma incorreta**), respectivamente:

1) esquecê-lo = correta – oxítona terminada em *e*.

2) amigô = incorreta. Corrigindo: amigo – paroxítona terminada em *o*.

▶ **Dica** – Acentuam-se as oxítonas terminadas em:

a(s)	**o(s)**
e(s)	**em, ens**

Alternativa "a" – Corretas as duas formas: **sapatênis** (paroxítona terminada em *is*) e **Tietê** (oxítona terminada em *e*).

▶ **Dica** – Acentuam-se as paroxítonas terminadas em:

l	**fácil**	**um, uns**	**álbum, álbuns**
n	**pólen**		
r	**cadáver**	**ã(s), ão(s)**	**órfã, órfãs, órfão, órfãos**
ps	**bíceps**		
x	**tórax**		
us	**vírus**	**ditongo oral (seguido ou não de s)**	**jóquei, túneis**
i, is	**júri, lápis**		
om, ons	**iândom, íons**		

Observações:

1) As paroxítonas terminadas em *"n"* são acentuadas (hífen), mas as que terminam em *"ens"*, não. (*hífens, jovens*)

2) Não são acentuados os prefixos terminados em *"i"* e *"r"*. (*semi, super*)

3) Acentuam-se as paroxítonas terminadas em ditongos crescentes: *ea(s), oa(s), eo(s), ua(s), ia(s), ue(s), ie(s), uo(s),io(s)*. (*Fonte: http://www.soportugues.com.br*)

Alternativa "b" – Corretas as duas formas: diabólico (proparoxítona) e marmóreo (paroxítona terminada em ditongo).

Alternativa "d" – Ordem inversa do que é pedido:

1) errada – companheirô (correção: companheiro)

2) correta – débito (proparoxítona) .

Alternativa "e" – As duas formas estão erradas: chefê (chefe) e parceirô (parceiro).

---

02. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2013) Assinale a alternativa com as palavras acentuadas segundo as regras de acentuação, respectivamente, de **intercâmbio** e **antropológico**.

(A) Distúrbio e acórdão.

(B) Máquina e jiló.

(C) Alvará e Vândalo.

(D) Consciência e características.

(E) Órgão e órfãs.

COMENTÁRIOS:

Alternativa "d": correta – Intercâmbio e consciência: paroxítonas terminadas em ditongo; antropológico e características = proparoxítonas.

Se apenas é pedida a mesma regra, fazendo uma *tabela-dica* e separando as sílabas, descobre-se rapidamente a alternativa correta, já que todas as sílabas acentuadas devem estar na mesma coluna.

Importante: não colocar na tabela as palavras que são acentuadas por serem hiatos ou monossílabos (após a reforma ortográfica, classificadas como oxítonas).

	Pro	Par	Oxi
in	ter	**câm**	bio
cons	ci	**ên**	cia

			Pro	Par	Oxi
an	tro	po	**ló**	gi	co
ca	rac	te	**rís**	ti	cas

Alternativa "a":

	Pro	Par	Oxi
in	ter	**câm**	bio
	dis	**túr**	bio

			Pro	Par	Oxi
an	tro	po	**ló**	gi	co
			a	**cór**	dão

Alternativa "b":

	Pro	Par	Oxi
in	ter	**câm**	bio
	má	qui	na

			Pro	Par	Oxi
an	tro	po	**ló**	gi	co
				ji	**ló**

Alternativa "c".

	Pro	Par	Oxi
in	ter	**câm**	bio
	al	va	**rá**

			Pro	Par	Oxi
an	tro	po	**ló**	gi	co
			vân	da	lo

Alternativa "e".

			Pro	Par	Oxi
		in	ter	**câm**	bio
				ór	gão

			Pro	Par	Oxi
an	tro	po	**ló**	gi	co
				ór	fãs

2. CESPE

A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

"...decidiu estrear 2008 como o primeiro do país, após mais de três décadas, a banir a pena de morte. A abolição foi aprovada pela assembleia legislativa por 44 votos a 36. Para os legisladores, foi um voto de pouco risco político, pois 51% da população já haviam manifestado sua preferência pela prisão perpétua sem sursis. Ademais, o voto estava ancorado em um estudo de 100 páginas, ..." Piauí, n.° 16, ano 2, jan,/2008, p, 70 (com adaptações).

03. (CESPE – Soldado PM da Polícia Militar – AC/2008) Nas palavras "país", "político", "preferência", "perpétua" e "páginas", o acento é decisivo para a determinação do sentido dos vocábulos, uma vez que, sem acento, tais palavras, mesmo estando escritas de acordo com a norma culta, teriam outro significado.

COMENTÁRIOS

Errado – Nem todos os vocábulos aqui citados têm significados diferentes se usados com ou sem acento. Apenas três deles têm essa característica:

- País (território em que vive um povo ou uma nação) – Pais (genitores, o pai e a mãe de uma pessoa);
- Perpétua (permanente, duradouro) – Perpetua (verbo "perpetuar" conjugado na 3ª pessoa do singular – Presente do Indicativo – "Ele perpetua";
- Páginas (cada um dos lados de uma folha) – Paginas (verbo "paginar" conjugado na 2ª pessoa do singular – Presente do Indicativo – "Tu paginas".

Já os outros dois vocábulos têm apenas um significado e devem estar, segundo as normas cultas, acentuados:

- Político (toda proparoxítona é acentuada);
- Preferência (paroxítonas terminadas em ditongo crescente são acentuadas).

Em relação ao trecho abaixo, julgue o item a seguir.

[...] Alterações na legislação têm sido feitas para endurecer penas, erguem-se prisões de segurança máxima..." O Globo, Editorial, 4/8/2008 (com adaptações).

04. (CESPE – Soldado PM da Polícia Militar – CE/2008) A retirada do acento gráfico na forma verbal "têm" implica erro de concordância verbal no parágrafo.

COMENTÁRIOS

Certo

✪ **Nota da autora:** Questão de acentuação (acento diferencial) e concordância. Sim, implica erro gramatical uma vez que se trata de acento diferencial: usa-se o acento circunflexo para o plural e não se usa acento para o singular = (ela) tem (singular) e (elas) têm (plural).

3. UECE

05. (UECE – Agente Penitenciário – CE/2011) *"Os que nada têm para doar, têm ainda o comportamento subserviente,* e de *qualquer modo, têm o débito moral que pode ser pago politicamente".* (SILVA, Marcos José Diniz. Diário do Nordeste. 25 set. 2011, cad. 1, p. 3). A forma verbal "têm", empregada três vezes no trecho acima, está graficamente acentuada, porque

(A) trata-se de um monossílabo tônico terminado em em.

(B) trata-se de um oxítono terminado em em.

(C) está empregada no singular.

(D) está empregada no plural.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Acentua-se com circunflexo a 3ª pessoa do plural do presente do indicativo do verbo **ter**, bem como os seus compostos (deter, conter, reter)

Alternativa "a" – a forma verbal "têm" recebe acento para diferenciar singular e plural e não por ser um monossílabo tônico.

Alternativa "b" – não é um oxítono, mas um monossílabo.

Alternativa "c" – não está empregada no singular, mas sim no plural.

4. ISAE

06. (ISAE – Soldado PM da Polícia Militar – AM/2011) As palavras "simpática", "ótimo" e "ventriloquos" devem obrigatoriamente receber acento gráfico porque são:

(A) paroxítonas;

(B) oxítonas;

(C) monossílabos tônicos;

(D) proparoxítonas.

Alternativa correta: letra "d" – Proparoxítona é a palavra cuja antepenúltima sílaba é tônica. Tabela:

x	**Pro**	Par	Oxi
sim	**pá**	ti	ca
	ó	ti	mo
ven	**trí**	lo	quos

Alternativa "a" – paroxítona = palavra cuja penúltima sílaba é tônica. (biênio, sapato, palavra)

Alternativa "b" – oxítona = palavra cuja última sílaba é tônica (anel, chapéu, aqui)

Alternativa "c" – monossílabo tônico = palavras formadas por uma única sílaba (chá, pé, mão)

07. (ISAE – Soldado PM da Polícia Militar – AM/2011) Os vocábulos "é", "só" e "nós" recebem acento gráfico porque são:

(A) monossílabos tônicos;

(B) monossílabos átonos;

(C) oxítonas;

(D) proparoxítonas.

Alternativa correta: letra "a" – Monossílabos tônicos terminados em **a(s)**, **e(s)** e **o(s)**, obedecendo a normas ortográficas, são acentuados.

Alternativa "b" – Não são monossílabos átonos. Se o fossem não receberiam acento.

Alternativa "c" – Esses vocábulos não são considerados oxítonos, pois são monossílabos.

Alternativa "d" – Somente vocábulos trissílabos ou polissílabos podem ser proparoxítonos e só assim são acentuados.

5. AOCP

08. (AOCP – Soldado PM da Polícia Militar – RS/2009) Assinale a alternativa que apresenta uma palavra que teve sua acentuação alterada de acordo com a Reforma Ortográfica da Língua Portuguesa.

(A) Século

(B) Prisões

(C) Frutífero

(D) Atômico

(E) Conseqüente

Alternativa correta: letra "e" – "Consequente", de acordo com a Reforma Ortográfica da Língua Portuguesa, teve sua grafia alterada com a supressão o sinal gráfico do **trema**.

Alternativa "a" – Século – proparoxítona, não teve sua acentuação alterada com a Reforma Ortográfica da Língua Portuguesa.

Alternativa "b" – Prisões – plural de prisão, não há motivo para mudar o uso do sinal gráfico "til".

Alternativa "c" – Frutífero – proparoxítona, não teve sua acentuação alterada com a Reforma Ortográfica da Língua Portuguesa.

Alternativa "d" – Atômico – proparoxítona, não teve sua acentuação alterada com a Reforma Ortográfica da Língua Portuguesa.

6. PM

09. (PM-PB – Soldado PM da Polícia Militar – PB/2008) Marque a alternativa em cuja frase não tem sílaba tônica idêntica à palavra em destaque do enunciado a seguir: "Quem disse que alguma coisa é **impossível**?"

(A) "Santos Dumont foi o primeiro homem [...] impulsionado por um motor aeronáutico".

(B) "[...] desenvolveu um óleo combustível mais limpo"

(C) "O que é necessário para transformar o não em sim?"

(D) "E quando o problema parece ser solúvel?"

(E) "Foi a primeira empresa privada a produzir petróleo."

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – O termo "**aeronáutico**" é acentuado por ser **proparoxítona** e "**impossível**" o é por ser **paroxítona** terminada em "**l**". Fácil, não?

Alternativa "b" – "**combustível**" leva acento por ser **paroxítona** terminada em "**l**".

Alternativa "c" – "**necessário**" leva acento por ser **paroxítona** terminada em **ditongo**. Guarde na memória.

Alternativa "d" – "**solúvel**" – Também **paroxítona** terminada em "**l**".

Alternativa "e" – "petróleo" – **Paroxítona** terminada em ditongo.

7. FEPESE

10. (FEPESE – Agente Penitenciário – SC/2013) Assinale a alternativa que apresenta todas as palavras corretamente acentuadas.

(A) vírus, há, anéis, ônix

(B) ítens, pólen, rúbrica, anzóis

(C) urubús, açúcares, imã, anistía

(D) prototipo, íbero, aváro, levedo

(E) juizes, delata-lo, vê, filantropia

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

✪ **Nota da autora:** se necessário, consulte as regras de acentuação no final do capítulo.

- vírus: paroxítona terminada em s; há: monossílabo ou oxítona terminada em a; anéis: ditongo aberto; ônix: paroxítona terminada em x.

Alternativa "b" – itens, rubrica.

Alternativa "c" – urubus, anistia.

Alternativa "d" – protótipo, ibero, avaro.

Alternativa "e" – juízes.

QUESTÕES MÉDIAS

1. NÍVEL MÉDIO

1.1. CESPE

01. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) Os vocábulos "juízes" e "país" são acentuados de acordo com regras de acentuação gráfica distintas.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Os dois vocábulos foram acentuados por se tratar de **hiato**. Em **ju-í-zes**, o **i** forma hiato com a vogal anterior (**u**) e só recebe acento porque a palavra está no plural; em **juiz** não há acento porque o **i** está seguido de **z** na mesma sílaba. Em **pa-ís**, o **i** forma hiato com a vogal anterior (**a**).

02. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – CNJ/2013) As palavras "políticas", "âmbito", "década" e "cônjuges" recebem acento gráfico com base em diferentes regras gramaticais.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: (Errado) – Não, todas as palavras desta questão são acentuadas pela mesma razão: são todas proparoxítonas e, portanto, são acentuadas.

Tabelinha para facilitar

x	Pro	Par	Oxi
po	lí	ti	cas
	âm	bi	to
	dé	ca	da
	côn	ju	ges

03. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) O emprego do acento gráfico nos vocábulos "próprio" e "decorrência" atende à mesma regra de acentuação gráfica.

COMENTÁRIOS

Certo – Colocando na tabela facilita:

	Pro	Par	Oxi
		pró	prio
de	cor	rên	cia

As duas palavras são paroxítonas terminadas em ditongo.

04. (UNB/CESPE – TRT 21ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) O emprego do acento gráfico em "primórdios" e "existência" atende à mesma regra de acentuação gráfica.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo.

As duas palavras são paroxítonas, pois o acento está na mesma coluna.

	pri	mór	dios
e	xis	tên	cia

1.2. ACP

05. (ACP – Escrivão de Polícia – RS/2010) Assinale a afirmativa correta, considerando casos de separação silábica de palavras e de tonicidade.

(A) Se fosse necessário separar as sílabas das palavras *aperfeiçoar* e *acessíveis*, deveríamos fazê-lo da seguinte forma: a-per-fei-ço-ar e aces-sí-veis, respectivamente.

(B) Na separação silábica de *fluidez*, o "i" deve ficar isolado, visto ser esta a sílaba tônica da palavra.

(C) Nas palavras *cumprir*, *desenvolver*, *transcrições* e *enviar*, a sílaba tônica recai na mesma posição.

(D) Assim como na palavra *meados* o "a", na divisão silábica, fica isolado (me-a-dos), no vocábulo *qualidade* isso também ocorre (qu-a-li-da-de).

(E) O vocábulo *soa* é um monossílabo átono, por isso, não se separa em sílabas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

- cumprir: cum-prir = dissílaba, oxítona;
- desenvolver: de – sem – vol – ver= polissílaba, oxítona;
- transcrições: trans – cri – ções= trissílaba, oxítona;
- enviar: en – vi – ar = trissílaba, oxítona.

Alternativa "a" – a – ces – sí – veis.

Alternativa "b" – Em fluidez o "i" deve ficar isolado, mas a sílaba tônica é *dez*.

Alternativa "d" – No vocábulo *qualidade* não há hiato, mas ditongo crescente: u (semivogal) + a (vogal): qua – li – da – de.

Alternativa "e" – O vocábulo *soa* é dissílabo: e ocorre o hiato (vogais pronunciadas em sílabas diferentes): so-a.

---

06. (ACP – Escrivão de Polícia – RS/2010) Dentre as alternativas abaixo, qual apresenta o par de palavras que são polissílabas e paroxítonas?

(A) complexo – disciplinar

(B) fiasco – vocabular

(C) esperança – desenvolvimento

(D) bibliotecas – gramatical

(E) continuamente – registra

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

- Es-pe-ran-ça: (4 sílabas) – polissílaba e paroxítona: tem como sílaba tônica a penúltima ran;
- De-sen-vol-vi-men-to: polissílaba (6 sílabas) e paroxítona – sílaba tônica men (penúltima).

Alternativa "a" – Com-ple-xo: (3 sílabas) trissílaba e paroxítona – sílaba tônica ple (penúltima);

- Dis-ci-pli-na: (4 sílabas) polissílaba e paroxítona – sílaba tônica pli (penúltima)

Alternativa "b" – Fi-as-co: (3 sílabas) trissílaba e paroxítona – sílaba tônica as;

- Vo-ca-bu-lar: (4 sílabas) polissílaba e oxítona – sílaba tônica lar.

Alternativa "d" – Bi-bli-o-te-cas: (5 sílabas) polissílaba e paroxítona – sílaba tônica te;

- Gra-ma-ti-cal: (4 sílabas) polissílaba e oxítona – sílaba tônica cal.

Alternativa "e" – Con-ti-nua-men-te: (5 sílabas) polissílaba e paroxítona – sílaba tônica men;

- Re-gis-tra: (3 sílabas) trissílaba e paroxítona – sílaba tônica gis.

---

07. (ACP – Escrivão de Polícia – RS/2010) Considere as afirmações abaixo sobre acentuação.

I. As formas verbais *será* e *dominá-la* recebem acento pela mesma razão.

II. É a mesma a regra que rege a acentuação em *eficiência*, *régua*, *gírias* e *áreas*.

III. Os termos *análise*, *avós* e *distância* formariam outras palavras da Língua Portuguesa caso se lhes retirasse o sinal gráfico de acentuação.

IV. Se as palavras *português*, *difícil* e *indispensável* fossem passadas para o plural continuariam a receber acento gráfico.

V. Os vocábulos *linguísticos*, *vícios* e *aí* recebem acento em razão da mesma regra.

Quais estão corretas?

(A) Apenas a II e a V.

(B) Apenas a I, a II e a III.

(C) Apenas a I, a III e a IV.

(D) Apenas a III, a IV e a V.

(E) Apenas a I, a II, a IV e a V.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

I. São palavras oxítonas terminadas em a e recebem o acento agudo. Acentuam-se as palavras oxítonas terminadas em a(s); também as seguidas de lá(s).

II. Acentuam-se as palavras paroxítonas terminadas em ditongo: eficiência / régua / gírias / áreas. Obs.: segundo o Aurélio, a palavra área(s) pode ser considerada terminada em hiato ou em ditongo: á-re-a ou á-rea.

III. Análise (s.f.) – analise: forma verbal (v. analisar); avós – avos (s.m.): fração de unidade quando dividida em mais de dez (10) partes iguais (matemática); é mais usado no plural – ex.: 1/12 – lê-se um doze avos; distância (s.f.) – distancia: forma verbal (v. distanciar) – exemplo: ela distancia-se rapidamente da multidão.

IV. Os adjetivos difíceis e indispensáveis (plural) continuam acentuadas: paroxítonas terminadas em ditongo; o adjetivo pátrio portugueses não recebe o acento gráfico.

V. Os vocábulos são acentuados por regras diferentes: linguísticos – proparoxítono todos os proparoxítonos são acentuados em português; vícios – paroxítono: acentuam-se os vocábulos paroxítonos terminados em ditongo io; aí – recebe o acento o i tônico que forma hiato com a vogal anterior: a-í.

---

08. (ACP – Inspetor de Polícia – RS/2010) Quanto à separação silábica das palavras citadas, assinale, nos parênteses, com C as afirmativas corretas e com I as incorretas.

( ) Separam-se corretamente as sílabas das palavras insubstituível e obscena, da seguinte forma: "in-su-bs-ti-tu-í-vel" e "o-bs-ce-na".

( ) As palavras linguagem e concluiu estariam corretamente separadas em sílabas se aparecessem assim: "lin-gua-gem" e "con-clu-iu".

( ) As palavras Afins e Após não podem ser separadas em sílabas porque a vogai inicial não pode ficar isolada.

( ) Estaria correto separar as sílabas das palavras *exceção* e *ainda* da seguinte maneira: "ex-ce-ção" e "a-in-da".

( ) As palavras *via* e *roer* são monossílabas, por isso não podem ser separadas em sílabas.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é

(A) C – I – C – I – C.

(B) C – I – I – C – I.

(C) I – C – C – I – C.

(D) I – C – I – C – I.

(E) I – I – I – C – I.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

i) in-subs-ti-tu-í-vel / obs – ce-na;

c) lin-gua-gem / con-clu-iu;

i) a-fins: o a isolado é considerado uma sílaba; as palavras afins e após são dissílabas.

c) ex-ce-ção: separaram-se o dígrafo xc quando entre letras vogais; a-in-da: o encontro ai em ainda soam separados.

i) as palavras via e roer não são monossílabas e sim, dissílabas – os encontros vocábulos soam separados: vi-a / ro-er.

---

09. (ACP – Inspetor de Polícia – RS/2010) Dentre as alternativas abaixo relacionadas, qual delas apresenta o par de palavras em que as respectivas sílabas tônicas estão corretamente sublinhadas?

(A) Jamais – linguagem

(B) primeiramente – folclorista.

(C) pernambucano – interditos

(D) malfadado – pesquisador

(E) lexicografia – Afinal

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

✪ **Nota da autora:** para facilitar, imagine-se chamando a palavra, a sílaba que prolongar é a sílaba tônica.

▶ **Lexicografia:** paroxítona – tônica na penúltima sílaba e afinal: oxítona.

Alternativa "a" – Jamais: oxítona – tônica na última sílaba; linguagem: tônica na penúltima sílaba – paroxítona.

Alternativa "b" – Primeiramente: paroxítona; folclorista = correto: paroxítona.

Alternativa "c" – Pernambucano: paroxítona; interditos: paroxítona.

Alternativa "d" – Malfadado: paroxítona; pesquisador: oxítona.

10. (ACP – Inspetor de Polícia – RS/2010) Qual das afirmativas abaixo sobre a acentuação de palavras é correta?

(A) As palavras *insubstituível*, *irresistível*, *início* e *arcaísmos* recebem acento pela mesma razão, isto é, o "i" é tônico.

(B) Os vocábulos *sociólogo*, *próprias*, *língua* e *domínio* são acentuados porque apresentam ditongos crescentes.

(C) Assim como *Há* e *dirá*, as palavras *só* e *Após* são acentuadas pelas mesmas razões.

(D) As palavras *volúpia* e *dicionário* não são regidas pela mesma regra de acentuação.

(E) Os termos *vocábulos*, *idiomáticas*, *política* e *público* recebem acento porque são proparoxítonas terminadas em vogai, seguidas ou não de "s".

Alternativa "c": correta – Acentuam-se todos os monossílabos tônicos terminados em a (s), o (s): há, só; acentuam-se todas as palavras oxítonas, com o devido acento (agudo ou circunflexo) terminadas em a (s), o (s) = dirá, após.

Alternativa "a" – As palavras são acentuadas por razões diferentes: são acentuados o i e o u tônicos dos hiatos: insubstituível – arcaísmo, desde que não formam sílaba com r, l, m, n, z e não estejam seguidos de nh; são acentuadas as palavras paroxítonas (acento agudo ou circunflexo) terminadas em l: irresistível; são acentuadas (acento agudo ou circunflexo) palavras terminadas em ditongo oral átono, quer crescente ou decrescente: início.

Alternativa "b" – Só as palavras *próprias*, *língua* e *domínio* são acentuadas porque terminam em ditongo crescente; a palavra *sociólogo* é acentuada por ser proparoxítona (acento na antepenúltima) e todas as proparoxítonas são acentuadas (acento agudo ou circunflexo).

Alternativa "d" – As palavras *volúpia* e *dicionário* são regidas pela mesma regra de acentuação: ambas são terminadas em ditongo crescente ia / io.

Alternativa "e" – Os termos *vocábulos*, *idiomáticas*, *política* e *público* não são acentuadas por terminarem em vogal seguidas ou não de s: são acentuadas por serem todas proparoxítonas.

1.3. IPAD

11. (IPAD – Escrivão de Polícia – PE/2007 - adaptada) Analise as afirmativas seguintes que envolvem as normas da língua escrita padrão.

(1) A acentuação gráfica dos vocábulos **até** e **ideia** está justificada pela mesma regra.

(2) Nos vocábulos **proximidades** e **deixou**, a letra x representa fonemas diferentes.

(3) Nos vocábulos **executivo** e **exemplo**, a letra x representa o mesmo fonema.

(4) Os vocábulos **início** e **negócio** são acentuados graficamente por serem oxítonos.

(5) **Discutir** implica discussão; analogamente, prosseguir implica procição.

(6) As reticências, quando usadas no final de parágrafo, reforçam e prolongam a ideia do período.

Estão corretas, apenas:

(A) 1, 2 e 3.

(B) 2, 3 e 4.

(C) 2, 3 e 6.

(D) 3, 4 e 5.

(E) 3, 5 e 6.

Alternativa "c": correta.

✪ **Nota da autora:** Esta questão foi elaborada antes da reforma ortográfica e o vocábulo *ideia* ainda possuía acento. Desde 2009, estamos na época de transição da Reforma ortográfica. Questão de ortografia e acentuação.

Item "1". Errado: Ideia era acentuada por possuir ditongo aberto e **até** por ser oxítona. Regras distintas

Item "2". Certo: Proximidade – /ss/; deixou – /ch/.

Item "3". Certo: A letra x o mesmo fonema: em ambos o x tem som de z: /ezecutivo/ e /ezemplo/.

Item "4". Errado: São vocábulos paroxítonos terminados em encontros vocálicos átonos – io (s), ou seja: ditongos crescentes.

Item "5". Errado: Em discussão – (do latim discurssio, abalo) – ato de discutir. Em procição – grafia incorreta. Correto: procissão – cortejo religioso ou outro cortejo; prosseguir – verbo transitivo: dar segmento a, seguir avante, continuar falando. O vocábulo procissão não deriva do verbo prosseguir – pross – procissão – radical prociss. Possuem, pois, radicais diferentes.

Item "6". Certo: Reticências – recurso estilístico usado com a intenção de prolongar a ideia, reforçar ou mesmo deixar para o leitor a conclusão dessa ideia que foi suspensa deliberadamente.

12. (IPAD – Agente de Polícia – PE/2006) Assinale a alternativa em que todas as palavras devem receber acento gráfico.

(A) refem – orfão – boia

(B) ferias – itens – taxi

(C) rubrica – caju – juiz

(D) reles – quiromancia – raiz

(E) umido – economia – aqui

Alternativa "a": correta

✪ **Nota da autora:** Esta questão foi anterior à reforma ortográfica e por isso a resposta é a alternativa *a*. Lembre-se: o vocábulo boia não mais é acentuado por possuir ditongo aberto na paroxítona.

- Refém – palavras oxítonas terminadas por **em, ens** (refém, além, parabéns) são acentuadas na última sílaba.
- Órfão – acentuam-se as palavras paroxítonas terminadas em **ão(s), ã(s) nasais**: órgão, órfão, órfãs.

Alternativa "b" – Apenas férias e táxi são acentuadas: férias – proparoxítona eventual, isto é, as paroxítonas terminadas em ditongo crescente: férias, série, lírio, etc. Táxi – palavra paroxítona terminada em i(s)= táxi, júri, lápis, etc.

Alternativa "c" – Nenhuma das palavras é acentuada. Rubrica – sílaba tônica bri: paroxítona; caju (oxítona); juiz (oxítona).

Alternativa "d" – Nenhuma das palavras é acentuada. Reles: paroxítona; quiromancia: paroxítona; raiz: oxítona.

Alternativa "e" – Apenas a palavra úmido: proparoxítona (todas as proparoxítonas são acentuadas).

2. NÍVEL SUPERIOR

2.1. FCC

13. (FCC – Analista Processual – MPU/ 2007) A frase que está totalmente correta quanto à grafia e acentuação é:

(A) O excesso de fracassos às vezes leva o governante de uma nação a por a culpa em pessoas ou sistemas, sem a mínima exitação.

(B) A parte teórica estava sucinta, mas o grande número de notas incertas de modo desorganizado no texto provocou um desequilíbrio desastrozo.

(C) Não se conseguiu reconhecer quem fez as rúbricas, por isso ninguém pode, ontem, ser admoestado.

(D) A análise dos obstáculos não para aí, por isso não é mau conselho sugerir que se aceite a colaboração espontânea dos especialistas na área.

(E) Alguns contratos foram recindidos porque a assessoria considerou certos valores extorsivos, chegando à sugerir uma auditoria no setor.

Alternativa "d": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de acentuação e ortografia.

Observações: o verbo *parar*, após a reforma ortográfica, perdeu o acento agudo na terceira pessoa do singular para diferenciar da preposição: Ele não **para** (verbo) de estudar **para** (preposição) a prova.

Alternativa "a" – excitação.

Alternativa "b" – desastroso.

Alternativa "c" – rubricas. Cuidado: admoestado = advertido (correto).

Alternativa "e" – rescindidos e **não há crase antes de verbo**: chegando **a** sugerir.

2.2. CESPE

14. CESPE 2015 – Os acentos gráficos das palavras "bioestatística" e "específicos" têm a mesma justificativa gramatical.

( ) Certo ( ) Errado

Certo - Todas as proparoxítonas são acentuadas.

15. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Os termos "série" e "história" acentuam-se em conformidade com a mesma regra ortográfica.

( ) Certo ( ) Errado

Pro	Par	Oxi
	sé	rie
his	**tó**	ria

16. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – CNJ/2013) A mesma regra de acentuação gráfica, justifica o emprego de acento gráfico nas palavras "construída" e "possíveis".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Construída = *i* formando hiato com vogal anterior; possíveis = paroxítona terminada em *L* (plural).

17. (CESPE – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) As palavras "países", "famílias" e "níveis" são acentuadas de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – PA-Í-SES: hiato; famílias e níveis: paroxítonas terminadas em ditongo.

Pro	Par	Oxi
fa	**mí**	lias
	ní	veis

18. (CESPE – Delegado de Polícia – ES/ 2011) Os vocábulos "público" e "caótico" obedecem à mesma regra de acentuação gráfica.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo –

	Pro	Par	Oxi
	pú	bli	co
ca	**ó**	ti	co

As duas palavras são proparoxítonas.

19. (UNB/CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 21ª Região/2010) O emprego de acento gráfico no vocábulo "barbárie" deve-se à mesma regra que se observa no emprego de acento em "caleidoscópio".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: Correta. Mais uma vez encontre as vogais para separar as sílabas corretamente: bar-bá-rie (o *i* é semivogal); ca-lei-dos-có-pio (o *i* é semivogal).

20. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária TRE – BA 2010) Nas palavras "referência" e "espécie", o emprego do acento atende à mesma regra de acentuação gráfica.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Tabelinha:

	Pro	Par	Oxi
re	fe	**rên**	cia
	es	**pé**	cie

As duas palavras são paroxítonas terminadas em ditongo crescente (semivogal + vogal).

21. (CESPE – Delegado de Polícia – TO/ 2008) Às palavras "ótimo", "vítima" e "britânica" aplica-se a mesma regra de acentuação gráfica.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Todas são proparoxítonas.

	Pro	Par	Oxi
	ó	ti	mo
	ví	ti	mo
bri	**tâ**	ni	ca

2.3. MPE

Atenção! Com relação aos aspectos linguísticos do texto abaixo, analise a questão.

[...] respeitando as normas de segurança – saída de emergência, tratamento acústico à prova de fogo, extintores, portas corta-fogo etc. [...] Muitos empresários recorrem a liminares: [...] a grande maioria dos prédios públicos de São Paulo também não tem alvará. (Revista Superinteressante, março/2013, Edição 316, p. 24).

22. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) O acento gráfico nas palavras "emergência", "empresários" e "prédios" é justificado pela mesma regra de acentuação gráfica.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – as três palavras são acentuadas porque são paroxítonas terminadas em ditongo crescente.

23. (MPE – MS – Promotor de Justiça – MS/2011) Segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Por-

tuguesa de 1990, assinale a alternativa em que **há erro** de acentuação gráfica:

(A) Eu abençoo todos os fiéis desta igreja, disse o padre;

(B) A ideia principal deste curso é proporcionar atualização sobre a matéria;

(C) Os cientistas estavam presentes na expedição no momento em que a jóia foi encontrada no fundo do mar;

(D) Todos os torcedores creem na recuperação do time nesta etapa final;

(E) Ele não pôde sair este final de semana, pois prestou concurso público sábado e domingo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – joia = os ditongos abertos "ei" e "oi" em paroxítonas deixam de levar acento.

Alternativa "a" – abençoo = após a reforma ortográfica, deixam de levar acento circunflexo as palavras terminadas em "oo". Exemplos: abençoo – perdoo – voo – enjoo – coroo – magoo – perdoo.

Alternativa "b" – ideia = os ditongos abertos "ei" e "oi" em paroxítonas deixam de receber acento.

Alternativa "d" – creem = deixa de ser usado o circunflexo na conjugação da terceira pessoa do plural do presente do indicativo ou do subjuntivo dos verbos crer, dar, ler, ver e seus derivados.

▶ **Dica** – Credeleve: cre / de / le / ve ¦ creem – deem – leem – veem.

Alternativa "e" – pôde = acento diferencial: na língua escrita, existem dois casos em que os acentos são utilizados para diferenciar palavras homógrafas (de mesma grafia). Veja:

1) pôde / pode ¦ *Pôde* é a forma do pretérito perfeito do indicativo do verbo *poder*. *Pode* é a forma do presente do indicativo. Exemplos:

▶ A menina *pôde* estudar.

▶ A menina *pode estudar*.

2) pôr / por ¦ *Pôr* é verbo e *por* é preposição. Exemplos:

▶ Eles precisam *pôr* o material na sala.

▶ Não ande *por* aí!

---

24. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2011) Analise as proposições abaixo:

I. A forma nominal "médico" pode também ser grafada, em outro contexto, como a forma verbal *medico*, neste último, a grafia dispensa o acento agudo, de acordo com as regras gramaticais de acentuação gráfica.

II. Na oração "não se confunde com a eutanásia passiva" o uso da próclise é justificada porque o sujeito anteposto ao verbo é pronome indefinido.

III. Em relação à regência nominal, tem-se a expressão "capacidade de" cuja preposição é facultativa.

IV. Pelas recomendações gramaticais modernas de regência verbal, substituindo-se "apesar do seu dever de assistir o paciente" por *"apesar do seu dever de assistir a pessoa"*, é obrigatório o uso do acento indicativo de crase no "a" destacado.

V. Em "agir do médico porque, apesar do seu dever de assistir o paciente, não terá o poder de salvá-lo", as vírgulas podem ser substituídas por travessões.

(A) Apenas as assertivas II e V estão corretas.

(B) Apenas as assertivas I, III e IV estão corretas.

(C) Apenas as assertivas I e V estão corretas.

(D) Apenas as assertivas II, III e V estão corretas.

(E) Todas as assertivas estão corretas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

▶ **Nota da autora:** Questão de acentuação e pontuação.

I. médico (substantivo masculino) proparoxítona acentuada como todas devem ser.

II. medico (verbo medicar na 1ª pessoa singular do Presente do Indicativo) paroxítona terminada em "o" não leva acento.

III. o uso da próclise se dá devido à presença de palavra ou expressão de valor negativo. Neste caso, temos o advérbio de negação "não" que atrai o pronome antes do verbo (próclise).

IV. não é facultativa, mas sim obrigatória a utilização da preposição "de" na expressão "capacidade de" (ter capacidade de algo).

V. o verbo assistir no sentido de dar assistência, auxílio, prestar ajuda ou socorrer é um Verbo Transitivo Direto (VTD) não aceitando, portanto o uso de preposição e consequentemente o da crase. (quem assiste/socorre – assiste/socorre alguém)

VI. sim, as vírgulas podem ser substituídas por travessões, pois se trata de aposto.

2.4. CONSULPLAN

---

25. (CONSULPLAN – Analista Judiciário – Área Judiciária – TSE/2012) Assinale a palavra que NÃO

tenha sido acentuada pelo mesmo motivo que as demais.

(A) substituído.

(B) polícia.

(C) jurisprudência.

(D) saqueável.

Alternativa "a": correta – vogal *i* formando hiato com vogal anterior. Ex. saúde, saída etc.

Alternativa "b" – Paroxítono terminado em ditongo crescente.

Alternativa "c" – Idem alternativa "b".

Alternativa "d" – Paroxítona terminada em "l".

2.5. IVIN

26. (Procurador do Município – Prefeitura Teresina – PI/2012 – IVIN) No trecho "(...) *Um aluno terrível fora levado a julgamento...*" A palavra destacada foi acentuada pela mesma razão que deveria ser acentuado o vocábulo:

(A) Funil.

(B) Trofeu.

(C) Reu.

(D) Lavavel.

Alternativa "d": correta – Acentuam-se as palavras paroxítonas terminadas em **L**: terrível – louvável.

Alternativa "a" – **funil** – quanto à sílaba tônica é palavra oxítona;

Alternativa "b" – **troféu** – quanto à sílaba tônica é palavra oxítona: acentuam-se os ditongos abertos *éu, ói, éi.*

Alternativa "c" – **réu** – acentuam-se os ditongos abertos *éu, ói, éi.*

2.6. PONTUA

27. (Pontua Concursos – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE – SC/2011) Assinale a série que apresenta somente palavras paroxítonas:

(A) Enciclopédia – página – relatório.

(B) Conteúdo – brechós – catálogo.

(C) Além – lá – bônus.

(D) Histórias – enciclopédia – bônus.

Alternativa "d": correta – Obrigatoriamente se deve separar as sílabas:

- his-**tó**-rias (paroxítona terminada em ditongo crescente);
- en-ci-clo-**pé**-dias (paroxítona terminada em ditongo crescente);
- **bô**-nus (paroxítona terminada em us).

Por eliminação para ganhar tempo:

- na alternativa a, **pá**-gi-na é proparoxítona;
- na b, con-te-**ú**-do é hiato, bre-**chós** é oxítona e ca-**tá**-lo – GO é proparoxítona;
- alternativa c, a-**lém** é oxítona, **lá** era monossílabo antes da reforma ortográfica, agora é considerada oxítona.

28. (Pontua Concursos – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE/SC/2011) Assinale a alternativa CORRETA quanto à separação silábica:

(A) Cri-an-ça-da.

(B) Doa-ções.

(C) Aden-do.

(D) A-traen-tes.

Alternativa "a": correta.

✪ **Nota da autora:** Para saber acentuação, é preciso dividir as sílabas. Por isso a questão foi inserida neste tópico.

Em questões de separação de sílaba é aconselhável encontrar todas as vogais da palavra para não haver possibilidade de engano, já que em cada sílaba existe uma vogal: cri-an-ça-da.

Correções:

- do-a-ções;
- a-den-do;
- a-tra-en-tes.

2.7. FEPESE

29. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

– O novo acordo ortográfico (2009) prevê que palavras paroxítonas com ditongos abertos "éi" e "ói" não são mais acentuadas. Servem de exem-

plo: paranóia, decibeis, ideia, asteroide, Coreia, Hanoi, carreteis, Tróia, anzóis, verborreia.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

Resposta: (falso) – Correções: paranoia, decibéis, Hanói e carreteis.

Como a questão se refere ao novo acordo ortográfico, vale a pena rever para fixar, já que a chance de questão futura é grande.

Antes do Acordo Ortográfico a regra era: acentuam-se todos os ditongos abertos éu, éi, oi. Exemplos: chapéu, assembléia, herói, anéis, idéia, jóia.

Depois do Acordo Ortográfico a regra passou a ser: acentuam-se apenas os ditongos de pronúncia aberta (éi, ói, éu), quando oxítonos ou monossílabos, seguidos ou não de "S".

ATENÇÃO: Os ditongos abertos não serão mais acentuados quando tônico formando vocábulos paroxítonos. Exemplos: I-dei-a, He-roi-co, Pa-ra-noi-co, Es-trei-a, Joi-a, As-sem-blei-a.

Sugestão para consulta Online: http://umportugues.com/

30. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

- A regra que explica a acentuação gráfica nas palavras Bocaiúva, Criciúma, feiúra, tuiuiú, heroísmo, Guaíba, Piauí e juízes, de acordo com o novo acordo ortográfico (2009), é: "As vogais tônicas "i" e "u" que formarem sílabas sozinhas ou com "s" serão acentuadas, exceto quando seguidas de "nh".

( ) Verdadeiro ( ) Falso

Resposta: (falso) – Nova regra: não se acentuam mais o i e o u tônicos, após ditongo em palavras paroxítonas. Exemplo: Bocaiúva = Bocaiuva; feiúra = feiura.

Complemento: a palavra Tuiuiú é falso hiato, é acentuada por ser oxítona e não hiato.

Sugestão para consulta Online: http://umportugues.com/

31. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

- Na frase "As normas do estabelecimento preveem que o garçom para de trabalhar sempre que tiver que pôr a mão no vaso sanitário, sentir náuseas ou enjoos", a acentuação gráfica está de acordo com as regras em vigor atualmente.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

Resposta: (verdadeiro) – Regras: Elimina-se o acento circunflexo das palavras terminadas em ÊEM. Exemplos: creem, deem, leem, vêem; Elimina-se o acento circunflexo das palavras terminadas em ÔO. Exemplos: abençoo, enjoo, voo, zoo.

Sugestão para consulta Online: http://umportugues.com/

32. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

- No Brasil, seguindo o que consta no novo acordo ortográfico (2009), em razão da predominante pronúncia com timbre fechado, costuma-se colocar acento circunflexo em palavras como econômico, acadêmico, fêmur. Todavia, em respeito ao novo acordo ortográfico, se um brasileiro escrever económico, académico, fémur, não cometerá erro de grafia.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

Resposta: (verdadeiro) – O Acordo manteve a duplicidade de acentuação (acento circunflexo ou acento agudo) em palavras como econômico/económico, acadêmico/académico, fêmur/fémur, bebê/bebé.

Entendeu-se que, como esta acentuação reflete o timbre fechado (mais frequente no Brasil) e o timbre aberto (mais freqüente em Portugal e nos demais países lusófonos) das pronúncias cultas das vogais nestes contextos, ela não deveria ser alterada.

Em princípio nada muda para nós brasileiros. A novidade é que as duas formas passam a ser aceitas em todo o território da lusofonia e devem ambas constar dos dicionários. Assim, se um brasileiro, que hoje é obrigado a usar o acento circunflexo, grafar com o agudo não estará cometendo erro gráfico.[1]

2.8. FGV

33. (FGV 2013)

1. Fonte: http://www.parabolaeditorial.com.br/downloads/novoacordo2.pdf

Assinale a alternativa que indica a palavra que só pode ser empregada com acento gráfico.

(A) Científico.

(B) É.

(C) Até.

(D) Físico.

(E) Vítima.

COMENTÁRIOS

GABARITO: D

- **fí.si.co** = proparoxítona. Regra: toda proparoxítona deve ser acentuada.

Alternativa "a" – Científico (adjetivo) ou **cientifico** (verbo).

Alternativa "b" – É (verbo) ou **e** (conjunção).

Alternativa "c" – Até (preposição) ou **ate** (do verbo atar).

Alternativa "e" – Vítima (substantivo) e **vitima** (verbo vitimar).

---

34. (FGV 2013) Assinale a alternativa que indica os vocábulos do texto que **não** são acentuados pela mesma regra de acentuação gráfica.

(A) após / só

(B) Petrópolis / óbitos

(C) possuíam / constituídas

(D) através / também

(E) vácuo / municípios

COMENTÁRIOS

GABARITO: A

Alternativa "a" – após: oxítona – regra: acentuam-se as oxítonas terminadas em a(s), e(s), o(s), em, ens.

só: monossílabo – regra: acentuam-se as oxítonas terminadas em a(s), e(s), o(s).

PRO	PAR	OXI
	a	**pós**

Alternativa "b" – Petrópolis / óbitos = **proparoxítonas.**

	PRO	PAR	OXI
Pe	**tró**	po	lis
	ó	bi	tos

Alternativa "c" – possuíam / constituídas são **hiato** e não precisamos inserir na tabela. Aliás, **não podemos** inserir.

pos – su – í – am

cons – ti – tu – í – das.

Alternativa "d" – através / também = **oxítonas.**

PRO	PAR	OXI
a	tra	**vés**
	tam	**bém**

Alternativa "e" – vácuo / municípios = **paroxítonas terminadas em ditongo.**

	PRO	PAR	OXI
		vá	cuo
mu	ni	**cí**	pios

---

35. (FGV 2013)

As alternativas a seguir apresentam palavras do texto acentuadas pela mesma regra de acentuação, **à exceção de uma**. Assinale-a

(A) será / está

(B) ônibus / últimos

(C) três / há

(D) política / econômica

(E) médio / saúde

COMENTÁRIOS

GABARITO: E

- médio: **mé.dio = paroxítona terminada em ditongo;**
- saúde: **sa.ú.de = hiato**

Alternativa "a" – será / está = oxítonas.

PRO	PAR	OXI
	es	**tá**
	se	**rá**

Alternativa "b" – ônibus / últimos = proparoxítonas

PRO	PAR	OXI
ô	ni	bus
úl	ti	mos

Alternativa "c" – três / há = **monossílabos** terminados em e(s) e a, respectivamente.

Alternativa "d" – política / econômica = proparoxítonas

		PRO	PAR	OXI
	po	**lí**	ti	ca
e	co	**nô**	mi	ca

2.9. FUNDAÇÃO AROEIRA

36. (Fundação Aroeira – Delegado de Polícia – TO/2014) O Texto 3 apresenta marcas das transformações recentes na padronização da língua portuguesa, como se vê na grafia das palavras

(A) tragédias; filósofo.

(B) herói; papéis.

(C) ideológicas; compactuam.

(D) idéia, freqüentemente.

Alternativa correta: letra "d"

✪ **Nota da autora:** Questão referente à reforma ortográfica de 2009.

Ideia = deixaram de ser acentuados os ditongos abertos em palavras paroxítonas;

Frequentemente = o trema deixou de ser usado.

Alternativa "a" – Paroxítona terminada em ditongo continua sendo acentuada, assim como as proparoxítonas.

Alternativa "b" – Ditongo aberto na última sílaba é acentuado (os dois vocábulos seguem a mesma regra).

Alternativa "c" – Proparoxítonas são acentuadas. **Compactuam** não recebe acento por ser paroxítona.

Acentuam-se as paroxítonas terminadas em:

L	Amável, automóvel
R	Açúcar, repórter
N	Hífen, pólen
X	Tórax, clímax
I(s)	Júri, lápis
U(s)	Vírus, bônus
Nos	Elétrons, prótons
UM(UNS)	Fórum
Ão(s)	Órfão, órfãos
Ã(s)	Órfã, órfãs
Os	Bíceps, fórceps
Ditongo	Sábio, colégio

2.10. CETRO

37. (CETRO 2015) De acordo com a norma-padrão da Língua Portuguesa e quanto à acentuação, assinale a alternativa em que as palavras devam ser acentuadas, respectivamente, de acordo com as **mesmas** regras de acentuação das palavras apresentadas abaixo.
Arquipélago/ notável/ inteligência

(A) Sofa / tambem/ violencia

(B) Cronica / acaraje/ pes

(C) Armazem / torax/ facil

(D) Lagrima / agradavel/ proverbio

(E) Album / pro/ jilo

Resposta: "d"

Arquipélago e lágrima = proparoxítonas.

Notável e tórax = paroxítonas.

Inteligência e provérbio = paroxítonas.

QUESTÕES DIFÍCEIS

Há poucas questões de acentuação em provas da área fiscal.

3. CESPE

01. (CESPE/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) Os vocábulos "assistência", "potável" e "elétrica" são acentuados de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.

( ) Certo ( ) Errado

	PRO	PAR	OXI
as	sis	**tên**	cia
	po	**tá**	vel
e	**lé**	tri	ca

O erro da questão está na palavra e-lé-tri-ca (proparoxítona), pois destoa da regra de assistência e potável que são paroxítonas.

QUESTÕES INÉDITAS

01. (Duda Nogueira) A frase em que a grafia e a acentuação estão em conformidade com as prescrições da norma padrão da Língua Portuguesa é:

(A) Os futuros de petróleo operam em baixa nesta manhã, à espera dos últimos dados oficiais sobre os estoques dos EUA e após a Arábia Saudita anunciar que sua produção atingiu novo recorde.

(B) Seus companheiros se surpreenderam com aquele ultrage vindo do próprio filho – nescio.

(C) Ontem o juíz não pode estudar, mas hoje ele póde.

(D) Advinhou que logo atras havia fortes concorrentes.

(E) Adimitiu que um dia foi alcóolatra.

Alternativa correta: letra "a"

✪ **Nota da autora:** Questão de acentuação e ortografia. Palavras e locuções mais exigidas em concursos.

A) – À espera de: é uma locução prepositiva, com o uso de palavra feminina ESPERA, portanto SEMPRE levará crase.

▶ **DICAS**

1. O mesmo ocorre com à custa de e **à procura de.**
2. Quando a palavra da locução prepositiva for masculina não levará crase como: **a respeito de.**
3. Se a locução for formada por verbo, não haverá crase: **a esperar por, a procurar por.**

B) Ortografia: **ultraje** – Insulto, ofensa grave; acentuação: **néscio** – sujeito ignorante, estúpido, incompetente, incoerente.

Regra de acentuação: todas as proparoxítonas são acentuadas.

C) Acentuação: juiz – vocábulo não acentuado.

▶ **DICAS**

1. Acentuam-se, via de regra, o i e o u tônicos, em hiato com vogal ou ditongo anterior, formando sílaba sozinhos ou com s: saída (sa – í – da), saúde (sa – ú – de), faísca (fa – ís – ca), caía (ca – í – a), saíra, egoísta, heroína, caí, Luís, uísque, balaústre, juízo, país, cafeína, baú, baús, Grajaú, saímos, eletroímã, reúne, construía, proíbem, Bocaiúva, influí, destruí-lo, etc.

Razão do acento gráfico: indicar hiato, impedir a ditongação.

2. Não se acentuam o *i* e o *u*:

2.1 quando seguidos de **nh**: rainha, fuinha, moinho, lagoinha.

2.2 quando formam sílaba com letra que não seja ***s:*** cair (ca – ir), saírmos, saindo, juiz, ainda, diurno, Raul, ruim, cauim, amendoim, saiu (sa – iu), contribuiu, instruiu, etc.

Razão da ausência do acento gráfico: não é possível a ditongação nesses casos.

- Ontem o juiz não **pôde** estudar, mas hoje ele **pode**.

DICA

Manteve, como exceção da reforma ortográfica, o acento diferencial de timbre em **pôde** (pretérito perfeito do indicativo de poder – *ele **pôde*** no passado) para diferenciar de **pode** (presente do indicativo – *ele **pode*** no presente).

D) Ortografia: **adivinhou**; acentuação: **atrás**. Regra: Acentuam-se as oxítonas terminadas em:

a(s):
e(s):
o(s):
em, ens:

E) Ortografia: **admitiu**; acentuação: **alcoólatra**. Regra: proparoxítona.

DICA

Segue a regra o vocábulo **álcool**.

Poesia para responder à questão.

O Amor – Poesia futurista

A Dona Branca Clara

Tome-se duas duzias de beijocas

Acrescente-se uma dose de manteiga do Desejo

Adicione-se tres gramas de polvilho de Ciume

Deite-se quatro colheres de açucar da Melancolia

Coloque-se dois ovos

Agite-se com o braço da Fatalidade

E de de duas em duas horas marcadas

No relogio de um ponteiro so!

(Oswald de Andrade)

02. (Duda Nogueira) Quantas palavras devem, obrigatoriamente, ser acentuadas para que a poesia siga as regras gramaticais vigentes?

(A) 8 acentos

(B) 7 acentos

(C) 6 acentos

(D) 5 acentos

(E) 4 acentos

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

Nota da autora: Poesia para acalentar.

Palavras que devem ser acentuadas:

Tome-se duas dúzias de beijocas

Acrescente-se uma dose de manteiga do Desejo

Adicione-se três gramas de polvilho de Ciúme

Deite-se quatro colheres de açúcar da Melancolia

Coloque-se dois ovos

Agite-se com o braço da Fatalidade

E dê de duas em duas horas marcadas

No relógio de um ponteiro só!

(Fonte: Livro Simuladaço Língua Portuguesa, Editora JusPodivm)

DICAS

1. PROPAROXÍTONAS

Sílaba tônica: antepenúltima.

As proparoxítonas são **todas** acentuadas graficamente: **trá**gico, pa**té**tico, **ár**vore

2. PAROXÍTONAS

Sílaba tônica: penúltima

Acentuam-se as paroxítonas terminadas em	Exemplo
l	**fá**cil
n	**pó**len
r	ca**dá**ver
ps	**bí**ceps
x	**tó**rax
us	**ví**rus
i, is	**jú**ri, **lá**pis
om, ons	**iân**dom, **í**ons
um, uns	**ál**bum, **ál**buns

Acentuam-se as paroxítonas terminadas em	Exemplo
ã(s), ão(s)	**ór**fã, **ór**fãs, **ór**fão, **ór**fãos
ditongo oral (seguido ou não de s)	**jó**quei, **tú**neis
r	ca**dá**ver
ps	**bí**ceps

Observações	
As paroxítonas terminadas em ***n*** são acentuadas (hífen), mas as que terminam em ***ens***, não.	hífens, jovens
Não são acentuados os prefixos terminados em ***i*** e ***r***.	semi, super
Acentuam-se as paroxítonas terminadas em ditongos crescentes: ***ea(s), oa(s), eo(s), ua(s), ia(s), ue(s), ie(s), uo(s),io(s).***	várzea, mágoa, óleo, régua, férias, tênue, cárie, ingênuo, início

3. OXÍTONAS

Sílaba tônica: última.

Acentuam-se as oxítonas terminadas em	Exemplo
a(s)	so**fá**, so**fás**
e(s)	ja**ca**ré, vo**cês**
o(s)	pa**le**tó, a**vós**
em, ens	ninguém, armazéns

4. MONOSSÍLABOS

4.1. MONOSSÍLABOS TÔNICOS

Possuem **uma sílaba** e são pronunciados fortemente.

Acentuam-se os monossílabos terminados em	Exemplo
a(s)	lá, cá
e(s)	pé, mês
o(s)	só, pó, nós, pôs

4.2. MONOSSÍLABOS ÁTONOS

Não possuem autonomia fonética, sendo proferidos **fracamente,** como se fossem sílabas átonas do vocábulo a que se apoiam: o(s), a(s), um, uns, me, te, se, lhe, nos, de, em, e, que, etc.

Observações:

- Os monossílabos átonos são palavras vazias de sentido, vindos representados por artigos, pronomes oblíquos, elementos de ligação (preposições, conjunções).
- Há monossílabos que são tônicos numa frase e átonos em outras. Exemplos:

  *Você trouxe sua mochila para **quê**?* (tônico)

  ***Que** tem dentro da sua mochila?* (átono)

  *Há sempre um **mas** para questionar.* (tônico)

  *Eu sei seu nome, **mas** não me recordo agora.* (átono)
- Muitos verbos, ao se combinarem com pronomes oblíquos, produzem formas oxítonas ou monossilábicas que devem ser acentuadas por acabarem assumindo alguma das terminações contidas nas regras. Exemplos:

  beijar + a = beijá-la

  fez + o = fê-lo

  dar + as = dá-las

  fazer + o = fazê-lo

5. REGRAS ESPECIAIS

Estas regras não podem ser encaixadas na tabela de dica mencionada no início do capítulo.

5.1. DITONGOS ABERTOS

Os ditongos **éi, éu** e **ói**, sempre que tiverem pronúncia aberta em palavras **oxítonas** (éi e não êi), são acentuados.	Exemplos: **éi (s)**:anéis, fiéis, papéis **éu (s)**:troféu, céus **ói (s)**: herói, constrói, caubóis
Os ditongos abertos ocorridos em palavras paroxítonas NÃO são acentuados.	Exemplos: assembleia, boia, colmeia, Coreia, estreia, heroico, ideia, jiboia, joia, paranoia, plateia, etc.
A palavra destróier é acentuada por ser uma paroxítona terminada em "r" (e não por possuir ditongo aberto **oi**).	

5.2. HIATOS

Acentuam-se o **i** e **u** tônicos quando formam hiato com a vogal anterior, estando eles sozinhos na sílaba ou acompanhados apenas de "**s**", desde que não sejam seguidos por – **nh.**	Exemplos: sa – **í** – da e – go – **ís** – mo sa – **ú** – de
Não se acentuam, portanto, hiatos como os das palavras seguintes	Exemplos: ju – **iz**, ra – **iz**, ru – **im**, ca – **ir**
Motivo: – **i** ou – **u** não estão sozinhos nem acompanhados de – **s** na sílaba.	
Cabe esclarecer que existem hiatos acentuados não por serem hiatos, mas por outras razões	Exemplos: po-é-ti-co: proparoxítona bo-ê-mio: paroxítona terminada em ditongo crescente. ja-ó: oxítona terminada em "o".

5.3. VERBOS TER E VIR

Acentua-se com circunflexo a 3ª pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos **ter** e **vir**, bem como nos seus compostos (*deter, conter, reter, advir, convir, intervir*, etc.).	Exemplos: Ele tem – Eles têm Ele vem – Eles vêm Ele retém – Eles retêm Ele intervém – Eles intervêm
Nos verbos compostos de ter e vir, o acento ocorre obrigatoriamente, mesmo no singular. Distingue-se o plural do singular mudando o acento de agudo para circunflexo	Exemplos: ele *detém* – eles *detêm* ele *advém* – eles *advêm*

Ortografia e Semântica

Aconselhável ter em mãos um dicionário atualizado (reforma ortográfica 2009) para consulta. Surgindo palavras desconhecidas, pesquise-as e anote o significado. Como uma palavra pode possuir vários sentidos, veja qual se encaixa no contexto, pois é preciso aprender a desvendar as palavras.

Questões inéditas: **Simuladaço Língua Portuguesa**

Teoria e questões: **Língua Portuguesa para concursos**

QUESTÕES FÁCEIS

1. VUNESP

01. (TJ SP – 2014) Considerando-se o contexto, na oração – ... que estudaram em colégios **privados** ... –, o termo em destaque opõe-se à ideia de

(A) restritos.

(B) particulares.

(C) governamentais.

(D) coletivos.

(E) confidenciais.

Alternativa correta: letra "c"

- Governamentais: Relativo ao governo; que pertence ao governo, ou seja, é público.

Antônimo: privado = Particular, que não é função pública.

(A) Que se encontra limitado; que está cercado ou limitado em comparação aos demais = privado.

(B) Que pertence exclusivamente a certas pessoas ou coisas = privado.

(D) Que é capaz de abranger um grande número de pessoas e/ou coisas = pode ser privado.

(E) Que se diz ou se faz em confidência; secreto = privado.

Trecho para a questão.

Um pé de milho

Aconteceu que no meu quintal, em um monte de terra trazido pelo jardineiro, nasceu alguma coisa que podia ser um pé de capim – mas descobri que era um pé de milho. Transplantei-o para o exíguo canteiro na frente da casa. Secaram as pequenas folhas, pensei que fosse morrer. Mas ele reagiu. Quando estava do tamanho de um palmo, veio um amigo e declarou desdenhosamente que na verdade aquilo era capim. Quando estava com dois palmos veio outro amigo e afirmou que era cana.(...)

(Rubem Braga. 200 crônicas escolhidas, 2001. Adaptado)

02. (TJ SP – 2014) Na oração – Transplantei-o para o **exíguo** canteiro na frente da casa. –, o termo em destaque significa

(A) primoroso.

(B) notável.

(C) contíguo.

(D) adequado.

(E) pequeno.

Alternativa correta: letra "e"

- Exíguo: Pronuncia-se: /ezíquo/. Que possui dimensões menores; pequeno: apartamento exíguo.

(A) primoroso = Feito com primor. Excelente, distinto, belo.

(B) notável = Que merece ser notado (digno de atenção).

(C) contíguo = Situado ao lado de; que está muito próximo de.

(D) adequado = Apropriado, adaptado, que corresponde perfeitamente a um objetivo; ajustado, apropriado.

03. (TJ SP – 2014) Assinale a alternativa em que, nas duas passagens, há termos empregados em sentido figurado.

(A) ... lança as suas folhas além do muro... / Há muitas flores belas no mundo...

(B) ... beijado pelo vento do mar... / Meu pé de milho é um belo gesto da terra.

(C) Ele cresceu, está com dois metros... / Tinha visto centenas de milharais...

(D) Secaram as pequenas folhas... / Sou um ignorante...

(E) Mas ele reagiu. /... na verdade aquilo era capim.

Alternativa correta: letra "b"

- Sentido figurado é conotação = Ação que consiste no emprego de uma palavra a partir de um sentido figurado, não literal, e dependente do contexto. Aquilo que uma palavra pode sugerir, além do seu sentido literal, através de associações com outras palavras, outros contextos, outros seres ou objetos.

- Sentido literal é denotação = Sentido próprio de uma palavra, ou qualquer outra coisa, desprovido de ampliações ou modificações em seu significado. Relação objetiva de significado entre a representação, símbolo, som, ícone, e o conceito estabelecido por eles.

Note que as alternativas A, C, D e E possuem sentido real, denotativo (dicionário).

Trecho.

Adolescentes vivendo em famílias que não lhes transmitiram valores sociais **altruísticos,** *formação moral e não lhes impuseram limites de disciplina.*

04. (VUNESP – Agente Penitenciário – SP/2013) O sentido contrário (antônimo) de **altruísticos**, nesse trecho, é:

(A) de desprendimento.

(B) de responsabilidade.

(C) de abnegação.

(D) de amor.

(E) de egoísmo.

Alternativa correta: letra "e"

✪ **Nota da autora:** Tenha cuidado, pois é pedido o antônimo (sentido oposto) e não sinônimo (mesmo sentido).

- Sinônimo de altruístico: Dedicação desinteressada ao próximo; FILANTROPIA.

- Antônimo: egoísmo.

Alternativa "a" – faz parte do mesmo campo semântico de altruísmo.

Alternativa "b" – sem relação.

Alternativa "c" – Abnegar é sacrificar-se. Não chega a tanto.

Alternativa "d" – Não é preciso que haja amor.

05. (VUNESP – Agente Penitenciário – SP/2013) Em – características **epidêmicas** –, o adjetivo **epidêmicas** corresponde a – características **de epidemias.**

Assinale a alternativa em que, da mesma forma, o adjetivo em destaque corresponde, corretamente, à expressão indicada.

(A) água **fluvial** – água da chuva.

(B) produção **aurífera** – produção de ouro.

(C) vida **rupestre** – vida do campo.

(D) notícias **brasileiras** – notícias de Brasília.

(E) costela **bovina** – costela de porco.

Alternativa correta: letra "b"

✪ **Nota da autora:** Questão de ortografia e adjetivo (locução).

- Aurífera: que contém ouro, ou que o produz.

Alternativa "a" – Fluvial: Ref. a rio ou próprio de rio.

Alternativa "c" – Rupestre: Ref. a rocha.

Alternativa "d" – Brasileiras: Que nasceu ou vive no Brasil, que é do Brasil; típico desse país ou de seu povo.

Alternativa "e" – Bovina: Do ou ref. ao boi.

Texto! Leia o trecho do texto referente à questão seguinte.

*Veja, aí estão eles, a bailar seu diabólico "pas de deux" (*): sentado, ao fundo do restaurante, o cliente paulista acena, assovia, agita os braços num agônico polichinelo; encostado à parede, marmóreo e impassível, o garçom carioca o ignora com redobrada atenção. O paulista estrebucha: "Amigô?!", "Chefê?!", "Parceirô?!"; o garçom boceja, tira um fiapo do ombro, olha pro lustre. (...) (Antonio Prata, Cliente paulista, garçom carioca. Folha de S.Paulo, 06.02.2013) (*Um tipo de coreografia, de dança).*

06. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2013) O sentido de marmóreo (adjetivo) equivale ao da expressão de mármore. Assinale a alternativa contendo as expressões com sentidos equivalentes, respectivamente, aos das palavras ígneo e pétreo.

(A) De corda; de plástico.

(B) De fogo; de madeira.

(C) De madeira; de pedra.

(D) De fogo; de pedra.

(E) De plástico; de cinza.

Alternativa "d": correta – Marmóreo: feito de mármore.

- Ígneo: referente ou próprio do fogo. Eliminadas *a, c* e *e*.
- Pétreo: referente ou próprio da pedra. Eliminada *b*.

Texto! Trecho para a próxima questão.

Sem querer estereotipar, mas já estereotipando: trata-se de um ser cujas interações sociais terminam, 99% das vezes, diante da pergunta "débito ou crédito"?

07. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2013) Nesse contexto, o verbo *estereotipar* tem sentido de

(A) considerar ao acaso, sem premeditação.

(B) aceitar uma ideia mesmo sem estar convencido dela.

(C) adotar como referência de qualidade.

(D) julgar de acordo com normas legais.

(E) classificar segundo ideias preconcebidas.

Alternativa "e": correta – Sentido figurado: atribuir qualidades, defeitos, características etc. a (algo ou alguém) de acordo com conceitos preconcebidos, ou classificações esquemáticas fixas, generalizações inexatas ou inadequadas etc.

Alternativa "a" – Eliminada por não ser sem premeditação.

Alternativa "b" – Não há relação com aceitar ou não.

Alternativa "c" – Não só qualidade.

Alternativa "d" – Não é de acordo com as normas legais.

08. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2013) Assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, as lacunas do trecho a seguir, de acordo com a norma-padrão. *"Além disso, _____ certamente _____ entre nós _____ do fenômeno da corrupção e das fraudes".*

(A) a ... concenso ... acerca

(B) há ... consenso ... acerca

(C) a ... concenso ... a cerca

(D) a ... consenso ... há cerca

(E) há ... consenço ... a cerca

Alternativa "b": correta.

- Há = existe. Eliminadas alternativas *a, c* e *d*.
- Consenso: concordância de ideias, de opiniões. Eliminada *e*.
- Acerca: a respeito de, com relação a.

Dica:

- Há cerca de: tempo decorrido.
- A cerca de ou cerca de: aproximadamente, mais ou menos.
- Acerca: a respeito de.

09. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2012) Na frase – Os autores têm até explicação para o fato de não acreditarmos muito nessas promessas. –, é correto afirmar que

(A) o termo "até", considerando seu uso contextual, poderia ser substituído por "inclusive".

(B) a forma verbal "acreditarmos" está errada, pois o sujeito da oração é "Os autores".

(C) o termo "para" introduz oração adverbial, expressando sentido de finalidade.

(D) a expressão "nessas promessas" não tem um referente preciso nas informações textuais.

(E) a forma verbal "têm" está grafada incorretamente, pois não haveria acento nesse contexto.

Alternativa "a": correta – *Até*, no contexto é advérbio e equivale a *também, ainda* e *inclusive*. Afirmativa correta.

Alternativa "b" – A forma verbal *acreditarmos* está certa porque o sujeito oculto é o pronome reto *nós*.

Alternativa "c" – *para*, no texto, não expressa sentido de finalidade e sim de direção.

Alternativa "d" – *nessas promessas* tem referente preciso: Era de superabundância, acesso a bens e serviços.

Alternativa "e" – *Têm* está grafada corretamente: 3ª pessoa do plural de indicativo de verbo *ter*.

10. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2012) Leia a charge.

(www.acharge.com.br)

(Fonte: Erasmo. www.acharge.com.br)

Um dos efeitos de humor da charge reside no fato de as personagens entenderem "**roçona**" e "**rocinha**" como

(A) palavras sinônimas derivadas de "roça".

(B) aumentativo e diminutivo de "roça", respectivamente.

(C) áreas urbanas onde se trabalha pouco.

(D) áreas rurais cuidadas pelo Exército.

(E) substantivos próprios relativos a logradouro.

Alternativa "b": correta – Entendem como aumentativo e diminutivo de "roça", por ignorarem "rocinha" como denominação de favela carioca.

Alternativa "a" – Palavras derivadas de *roça*, mas não sinônimas.

Alternativa "c" – Não se relacionam a áreas urbanas.

Alternativa "d" – Áreas suburbanas de favelas não rurais no Rio de Janeiro.

Alternativa "e" – *Rocinha* pode ser substantivo próprio por ser nome de favela, mas *roçona* não.

11. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2012)

Que mexer o esqueleto é bom para a saúde já virou até sabedoria popular. Agora, estudo levanta hipóteses sobre _____ praticar atividade física _____ benefícios para a totalidade do corpo. Os resultados podem levar a novas terapias para reabilitar músculos contundidos ou mesmo para _____ e restaurar a perda muscular que ocorre com o avanço da idade. (Ciência Hoje, março de 2012)

As lacunas do texto devem ser preenchidas, correta e respectivamente, com:

(A) porque ... trás ... previnir

(B) porque ... traz ... previnir

(C) porquê ... tras ... previnir

(D) por que ... traz ... prevenir

(E) por quê ... tráz ... prevenir

Alternativa "d": correta.

- *Por que*: a palavra **razão** está subentendida = Agora, estudo levanta hipóteses sobre por que (razão) praticar atividade física. Eliminadas *a, b, c* e *e*.
- *Traz* com *z*, correto, de *trazer*.
- *prevenir* grafado corretamente com *e* (do Lat. *Praevenire*), evitar.

12. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJM – SP/2011) O termo destacado no trecho – ... *mas a lei não* ***endossa*** – é sinônimo de

(A) invalida.

(B) obriga.

(C) prescreve.

(D) proíbe.

(E) apoia.

Alternativa "e": correta – endossar = apoiar e, no texto, a lei não apoia.

Alternativa "a" – *Não endossar* não significa *invalida*.

Alternativa "b" – *endossar* não significa obrigar.

Alternativa "c" – *endossar* também significa prescrição que é marcar, limitar, fixar.

Alternativa "d" – *endossar* é quase o contrário de proibir.

Texto:

Mas o futebol tem importância por mexer com outras dimensões da nossa natureza, como o instinto de competição física e a inclinação para o ritual simbólico. Como ao ler as lendas da mitologia ou os romances de aventura, projetamos no futebol um gosto pela façanha, uma curiosidade sobre o limite.

13. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/ 2010) Assinale a alternativa correta quanto à grafia da palavra porque.

(A) Mas o futebol tem importância por quê? Você sabe o motivo por que o brasileiro ama futebol? Porque ele mexe com outras dimensões de nossa natureza.

(B) Mas o futebol tem importância porque? Você sabe o motivo porque o brasileiro ama futebol? Porque ele mexe com outras dimensões de nossa natureza.

(C) Mas o futebol tem importância por quê? Você sabe o motivo porque o brasileiro ama futebol? Por que ele mexe com outras dimensões de nossa natureza.

(D) Mas o futebol tem importância por quê? Você sabe o motivo por que o brasileiro ama futebol? Por que ele mexe com outras dimensões de nossa natureza.

(E) Mas o futebol tem importância por que? Você sabe o motivo porque o brasileiro ama futebol? Por que ele mexe com outras dimensões de nossa natureza.

Alternativa "a": correta

1) Por quê? = final de frase. Eliminadas *b* e *e*.

2) Por que = pelo qual (pronome realtivo). Eliminada *c*.

3) Porque = explicação e equivale e pois. Eliminada *d*.

14. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2010)

I. Não precisa ir ao sebo, LPs _____ vão voltar às lojas.

II. Obra do autor revela _____ pelo purgatório.

III. Boato de _____ piora o mau-humor dos norte-coreanos.

IV. Decisão do tribunal é um marco e traz princípios _____.

a)	imprecindíveis	obseção	dezer-ção	balisa-dores
b)	imprescindíveis	obses-são	deser-ção	baliza-dores
c)	imprecindíveis	obses-são	dezer-ção	baliza-dores
d)	imprescindíveis	obseção	deser-ção	balisa-dores
e)	imprescindíveis	obses-são	dezer-ção	balisa-dores

Alternativa "b": correta.

- Imprescindíveis: que não podem faltar, indispensáveis, insubstituíveis. Eliminadas *a* e *c*.
- Obsessão: ideia fixa; preocupação excessiva com alguma coisa e que dificulta pensar em outra. Eliminada *d*.
- Deserção: ação ou resultado de desertar (desistir ou desviar-se de). Eliminada *b*. Encontrada a resposta antes de chegar à última frase. Ganhou tempo!
- Balizadores: aquilo que dá sustentação, apoio.

15. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2008)

As facções de traficantes do Rio de Janeiro __(1)__ os planos de Segurança Pública de sucessivos governadores __(2)__. Desde o início desse processo, na década de 80, não se via uma ação policial com índice de aprovação semelhante ao da __(3)__ realizada no Complexo do Alemão __(4)__ da abertura do Pan. (www.terra.com.br/istoe, 05.07.2007)

Os espaços do texto devem ser preenchidos, respectivamente, com

a)	explodi-ram	flumi-nense	megaope-ração	há poucos dias
b)	esplodi-ram	flumi-nense	megope-ração	há poucos dias
c)	explodi-rão	fluminen-ses	mega--opera-ção	a poucos dias
d)	explodi-ram	fluminen-ses	megaope-ração	a poucos dias
e)	esplodi-ram	flumi-nense	megaope-ração	há poucos dias

Alternativa "d": correta

✪ **Nota da autora:** Questão de ortografia (hífen), concordância e verbo.

- Explodiram: verbo explodir no pretérito perfeito do indicativo. Eliminadas alternativa *b* e *e* (com s) e *c* (verbo no futuro do presente do indicativo).
- Fluminenses – concorda com governadores. Eliminada alternativa *a*.
- Megaoperação: após a reforma ortográfica foi retirado o hífen.
- Há poucos dias: tempo decorrido.

▶ **Dica** – Para tempo: há = passado; a = futuro.

Texto:

De acordo com o relatório de 2005 da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), 17% dos habitantes dos países em desenvolvimento sofrem de _____ nutrição. Os números são preocupantes _____ a baixa no número da população atingida, cerca de 3% entre 1992 e 2002, foi anulada pelo aumento natural da população. A redução da média de vítimas de fome para 2005 ainda é um objetivo ilusório. No Brasil, os famintos somam 14 milhões. (Galileu, julho de 2006)

16. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2008) Os espaços do texto devem ser preenchidos, respectivamente, com

(A) má ... por quê

(B) mal ... por que

(C) mau ... porquê

(D) má ... porque

(E) mal ... porque

Alternativa "d": correta – Má: adjetivo feminino de mau (antônimo de bom). Porque: explicação e equivale a pois.

Alternativa "a" – Por quê: usado no final da frase interrogativa: você não veio, por quê?

Alternativa "b" – Mal: substantivo ou advérbio. Por que: equivale a *pelo qual* ou vem acompanhado pela palavra *razão* (mesmo que subentendida).

Alternativa "c" – Mau: adjetivo (contrário de bom). Porquê: substantivo e admite plural.

Alternativa "e" – Mal: substantivo ou advérbio.

17. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2007) Assinale a alternativa correta quanto à ortografia.

(A) O relatório sobre as condições climáticas representa um consenso avassalador que chega a ser sóbrio diante do volume de evidências, especialmente das adaptações ecológicas ao aquecimento.

(B) Com essa atitude política, as previsões se tornarão uma profescia auto-realizável, um resultado inevitável da omição dos políticos.

(C) O urso polar sobre bancos de gelo cada vez menores, fadado à estinção, transformou-se no íconi do aquecimento global.

(D) O animal não socumbiu apenas à seca, mas também ao impacto da aridez da região ecessivamente explorada.

(E) À medida que a água se torna mais cara, o ônos dos ajustes ao novo regime passará para os grupos subauternos, como os agricultores e os pobres das áreas urbanas.

Alternativa "a": correta – Alternativa correta ortograficamente.

Alternativa "b" – profecia, autorrealizável, omissão. Observação: de acordo com a reforma ortográfica = autorrealizável.

Alternativa "c" – extinção, ícone.

Alternativa "d" – sucumbiu, excessivamente.

Alternativa "e" – ônus, subalternos.

18. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2007) Assinale a alternativa correta quanto à ortografia.

(A) Os que pretendem fazer dos fascinorosos menores morais, incapazes de se decidir entre o bem e o mau, não se atrevem a pedir que lhes sejam caçado o direito de voto.

(B) O Ministério Público consagrou os princípios da unidade, da indivisibilidade e da independência funcional, tudo como estratégia para o desenvolvimento de uma atuação livre de injunções externas.

(C) O Direito Penal assume nova feição, devendo apontar suas baterias para os delitos que colocam em cheque os objetivos do Estado Social.

(D) No novo Código são previlegiadas as anotações sobre as novidades trazidas pelo sistema e os aspectos da jurisprudência nacional que remanecem do interesse para o novo sistema jurídico.

(E) A credebilidade do Ministério Público é alta e subistimálo é enfraquecer a cidadania, a justiça e o povo brasileiro, cuja defesa é a própria razão de sua existência.

COMENTÁRIO:

Alternativa "b": correta – Alternativa correta quanto à ortografia.

Alternativa "a" – facinorosos. Observação = mau (adjetivo) é antônimo de bom (adjetivo). Correto: mal (substantivo) que se opõe a bem (substantivo).

Alternativa "c" – cheque (substantivo) = ordem de pagamento do titular de conta bancária – talão de cheque. Correto: xeque (sentido figurado) = risco, perigo.

Alternativa "d" – privilegiados = 1) substantivo= quem goza de privilégio. 2) adjetivo= que goza privilégio= favorecido, único. Remanescem= remanescer (V.I.)= sobrar, restar.

Alternativa "e" – credibilidade = respeito, confiabilidade. Subestimá-lo = subestimar (V.T.) = desdenhar, menosprezar: lo = pronome oblíquo, terceira pessoa, com função de objeto direto = o, assume a forma lo diante de verbos terminados em r, s ou z = subestimá-los.

⊙ **Charge:**

(Folhateen, 19.12.2005)

19. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2007) Atente para as afirmações:

I. Corrigindo-se as falas do primeiro quadrinho, de acordo com a norma culta, tem-se: Então, amiga, vai emprestar?

É só para esta noite!

II. No quarto quadrinho, deve-se escrever: Sabe que estas coisas não se emprestam ...

III. A grafia da palavra *exceção*, no quinto quadrinho, deve ser corrigida.

Está correto apenas o contido em

(A) I.

(B) II.

(C) III.

(D) I e II.

(E) II e III.

Alternativa "d": correta

✪ **Nota da autora:** Questão de ortografia, pontuação e concordância.

I. Correto. As vírgulas estão isolando o vocativo amigas.

II. Correto. A forma verbal emprestam, terceira pessoa do plural (v. emprestar), concorda com o sujeito plural estas coisas. Voz passiva sintética: V.T.D + SE e equivale à analítica: Sabe que estas coisas não são emprestadas.

III. Errado. A grafia da palavra exceção está correta.

20. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2007) Assinale a alternativa correta, de acordo com o padrão culto escrito da língua portuguesa.

(A) A educação brasileira nem chegou à convalecença: ainda está na UTI.

(B) A medicina é uma carreira extritamente profissional, não prepara para outras funções.

(C) É lamentável que as associações médicas manifestam uma atitude tíbia diante das faculdades fracas.

(D) Os médicos, como os pilotos de avião, deveria passar por provas periódicas, para demonstrar sua atualização.

(E) Ao reivindicarem uma supervisão nas faculdades de medicina, as associações médicas mostram preocupação com a saúde da população.

COMENTÁRIO:

Alternativa "e": correta – Alternativa escrita corretamente, de acordo com o padrão culto da língua portuguesa.

Alternativa "a" – convalescença (substantivo feminino): estado entre a doença e a saúde.

Alternativa "b" – estritamente (advérbio de modo): rigorosamente, restritamente.

Alternativa "c" – (...) que as associações médicas (elas) manifestem: terceira pessoa do plural, no tempo presente do modo subjuntivo.

Alternativa "d" – A forma verbal deveria passar deve combinar com sujeito plural: os médicos, como os pilotos. O verbo principal permanece no singular e o auxiliar é flexionado no plural: **deveriam passar**. A forma verbal demonstrar (ação do mesmo sujeito): **demonstrarem**. Por indicar finalidade, poderia, também, permanecer no singular.

Charge

(www.chargeonline.com.br)

21. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2007) *"Considerando que as duas personagens estão jogando xadrez, deve-se entender que a primeira, referindo-se a uma jogada, quis dizer _____. A segunda entendeu como uma referência a um documento bancário – _____. Trata-se _____ com _____."* Os espaços da frase devem ser preenchidos, respectivamente, com

(A) xeque ... xeque ... da mesma palavra ... a mesma pronúncia

(B) cheque ... cheque ... da mesma palavra ... a mesma escrita

(C) cheque ... xeque ... de palavras diferentes ... a mesma pronúncia

(D) cheque ... cheque ... de palavras iguais ... a mesma pronúncia e escrita

(E) xeque ... cheque ... de palavras distintas ... a mesma pronúncia

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Xeque e cheque: palavras distintas com a mesma pronúncia. São palavras homófonas: têm a mesma pronúncia, com grafia e sentido diferentes (distintas): senso, censo; cesta, sexta.

- Xeque: no jogo de xadrez, lance em que o rei é ameaçado. Eliminadas alternativas *b, c* e *d*.
- Cheque: documento fornecido por um banco a quem nele tem conta, que equivale a dinheiro, uma vez preenchido com determinada quantia e assinado pelo titular da conta. Eliminada alternativa *a*.

▶ Dica:

Semântica	Escrita	Pronúncia	Significação
Homógrafos	igual	diferente	diferente
Homófonos	diferente	igual	diferente
Homônimos	igual	igual	diferente
Parônimos	semelhante	semelhante	diferente
Sinônimos	diferente	diferente	igual ou semelhante
Antônimos	diferente	diferente	oposto

22. (TJ – SP – Oficial de Justiça – TJ – SP/1999) Qual das opções preenche corretamente as lacunas? *"É um bom __(1)__. Embora com __(2)__ mas de um modo geral __(3)__, tudo bem, ácidos, bases e sais. Congela a zero graus __(4)__ e ferve a 100, quando a __(5)__ normal."* (Antônio Gedeão)

	1	2	3	4	5
a)	dissolvente	excessões	dessolve	centesimais	pressão
b)	dissolvente	exceções	dissolve	centésimais	preção
c)	dissolvente	exceções	dissolve	centesimais	pressão
d)	dessolvente	excessões	dissolve	centésimais	preção
e)	dessolvente	exceções	dessolve	centesimais	pressão

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

- dissolvente: que tem a propriedade de dissolver (falando de um líquido). Eliminadas *d* e *e*.
- exceções: exceção: ação ou resultado de não incluir, de excetuar, de excluir. Eliminada *a*.
- dissolver = dissolve.
- centesimais: concorda com graus. Eliminada *b*.
- pressão: força exercida por um fluido em todas as direções.

23. (TJ – SP – Oficial de Justiça – TJ – SP/1999) Assinale a alternativa que apresenta erro de grafia:

(A) O policial morrera na favela, no cumprimento do seu dever.

(B) Apanhado em flagrante, o homem começou a suar, sem dar explicações.

(C) Um dos acusados resolveu, delatar os outros cúmplices.

(D) Sua presença não foi impecilho na realização dos meus planos.

(E) Por causa da infiltração, as paredes precisavam de conserto.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – *Empecilho* (e) = estorvo.

Alternativa "a" – cumprimento: ação ou resultado de cumprir, realizar algo.

Alternativa "b" – flagrante: que é evidente, notório.

Alternativa "c" – delatar: denunciar delito ou revelar suas evidências.

Alternativa "e" – conserto: reparo.

2. FUNRIO

24. (Funrio – Agente Penitenciário Federal/2009) Qual a única série de palavras que contém dígrafos consonantais?

(A) através – problemas – crateras – caboclos.

(B) ternura – caspa – resultado – êxtase.

(C) farrista – aquecido – exceto – milharal.

(D) tampas – ventania – sintoma – fundação.

(E) hálito – hélice – hino – humilde.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – farrista – aquecido – exceto – milharal = dígrafos consonantais ocorrem quando duas consoantes são usadas para representar um único fonema (rr, qu seguido de "e", xc e lh).

Alternativa "a" – através – problemas – crateras – caboclos = encontros consonantais que resultam do contato consoante + l ou **r** e ocorrem numa mesma sílaba.

Alternativa "b" – ternura – caspa – resultado – êxtase = encontros consonantais que resultam do contato de duas consoantes pertencentes a sílabas diferentes.

Alternativa "d" – tampas – ventania – sintoma – fundação = dígrafos vocálicos ocorrem na representação das vogais nasais.

Alternativa "e" – hálito – hélice – hino – humilde= a letra "h", em início ou fim de palavras, não tem valor fonético. Conservou-se apenas como símbolo, por força da etimologia e da tradição escrita.

3. UPENET

25. (UPENET – Agente Penitenciário – PE/2009) Classifique as palavras conforme o que se pede. Use o código indicado.

Alternativa "a" –Palavra com dígrafo.

Alternativa "b" –Palavra com encontro consonantal.

I. Queimada.

II. Tronco.

III. Massa.

IV. Captar.

V. Fogueira.

Assinale a alternativa que apresenta a correlação CORRETA.

(A) I-A; II-B; III-A; IV-B; V-A

(B) I-B; II-A; III-B; IV-A; V-B

(C) I-A; II-A; III-B; IV-B; V-A

(D) I-B; II-B; III-A; IV-A; V-A

(E) I-A; II-A; III-B; IV-A; V-A

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

- Queimada/Massa/Fogueira = Dígrafos
- Tronco/Captar = Encontros consonantais

Entendendo a diferença! Dígrafos ocorrem quando duas letras são usadas para representar um único fonema (*di* = dois + *grafo* = letra). Podemos agrupá-los em dois tipos: *consonantais e vocálicos*.

Dígrafos consonantais		
Letras	**Fonemas**	**Exemplos**
lh	lhe	palhaço
nh	nhe	cozinheiro
ch	xe	chapa
rr	Re (no interior da palavra)	carroça
ss	se (no interior da palavra)	pássaro
qu	que (seguido de "e" e "i")	queijo, quibe
gu	gue (seguido de "e" e "i")	guerreiro, guia
sc	se	descer
sç	se	cresço
xc	se	exceto

Digrafos vocálicos: ocorrem na representação das vogais nasais		
Fonemas	**Letras**	**Exemplos**
~a	am	rampa
	an	canta
~e	em	tempo
	en	lenda
~i	im	limpeza
	in	linda
~o	om	tombo
	on	ponto
~u	um	bumbo
	un	profunda

Encontro consonantal é o agrupamento de duas ou mais consoantes, sem vogal intermediária. Existem basicamente dois tipos:

- os que resultam do contato consoante + l ou r e ocorrem numa mesma sílaba, como em: tron-co, pe-dra.
- os que resultam do contato de duas consoantes pertencentes a sílabas diferentes: cap-tar, por-ta.

Há, ainda, grupos consonantais que surgem no início dos vocábulos e, por isso, são inseparáveis: pneu, gno-mo, psi-có-lo-go.

Alternativas "b", "c", "d", e "e" – estas alternativas estão incorretas na medida em que a correlação foi alternada.

4. FGV

26. (FGV – Agente Penitenciário – MA/2013) "Outra solução criativa foi pensada e realizada na Austrália, onde um centro de detenção foi elaborado a partir de containers de transporte de mercadorias em navios modificados para servir como celas temporárias".

Assinale a alternativa em que o termo sublinhado apresenta uma função textual diferente da exercida pelo segmento "de detenção".

(A) Problemas de superlotação.

(B) Caixa de metal.

(C) Equipe de designers.

(D) Containers de transporte.

(E) Transporte de mercadorias.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – O termo foge da função textual, pois, embora containers transportem mercadorias, os do texto referem-se a transporte ou retenção de presos – seres humanos, contudo.

Alternativa "a" – De detenção relaciona-se com superlotação (presos).

Alternativa "b" – Refere-se ao lugar.

Alternativa "c" – Quem planejou, quem desenhou.

Alternativa "d" – Transporte dos detentos.

5. FEPESE

27. (FEPESE – Agente Penitenciário – SC/2013) Identifique qual das palavras entre parênteses completa a frase corretamente.

1) Está (eminente/iminente) a demolição do prédio.

2) É um (previlégio/privilégio) trabalhar nesta organização.

3) Mesmo se ele (quizer/quiser), não vou ceder ao seu pedido.

4) Talvez por receio, a comissão resolveu não (deferir/diferir) o pedido.

5. O orçamento para a construção de novos presídios é uma soma (vultosa/vultuosa).

Assinale a alternativa que indica as palavras corretas.

(A) iminente; privilégio; quiser; deferir; vultosa

(B) eminente; privilégio; quizer; deferir; vultosa

(C) iminente; previlégio; quiser; diferir; vultuosa

(D) eminente; previlégio; quiser; deferir; vultosa

(E) iminente; privilégio; quizer; diferir; vultuosa

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

1) Iminente: que está prestes a acontecer; IMEDIATO; PRÓXIMO.

2) Privilégio: direito ou vantagem especial que se concede a uma ou mais pessoas com exclusão dos outros; PRERROGATIVA.

3) Quiser: do verbo querer.

4) Deferir: Consentir; concordar com.

5) Vultosa: de muito vulto ou volume; VOLUMOSO.

Alternativa "b" – Eminente: que supera os demais; insigne (deputado eminente); EXCELENTE / quiser.

Alternativa "c" – Privilégio / vultuosa: diz-se de quem traz a face vermelha e inchada, com os olhos salientes / diferir: não concordar; DISCORDAR; DIVERGIR.

Alternativa "d" – Eminente: que supera os demais; insigne (deputado eminente); EXCELENTE / privilégio.

Alternativa "e" – quiser / deferir / vultosa.

QUESTÕES MÉDIAS

1. NÍVEL MÉDIO

1.1. VUNESP

01. (Vunesp – Investigador de Polícia – SP/2013) Considere as frases:

I. A Constituição ***provê*** que os historiadores e biógrafos se voltem para a história do país e reconstituam seu passado ou presente em narrativas ***urdidas*** ao redor de protagonistas e coadjuvantes.

II. (...) **arguir** no Supremo Tribunal Federal a inconstitucionalidade do artigo 20 do Código Civil.

Os termos em destaque têm como sinônimos, respectivamente,

(A) sugere, pensadas e invalidar.

(B) obriga, tecidas e acusar.

(C) dispõe, fechadas e contestar.

(D) antecipa, concluídas e impugnar.

(E) regulamenta, tramadas e argumentar.

Alternativa "e": correta.

- Prover: Providenciar acerca de; DISPOR; ORDENAR; REGULAR.
- Urdido: Que foi tramado, conspirado, maquinado.
- Arguir: Fazer perguntas a, interrogar (alguém) para avaliar seu conhecimento de algo.

Eliminam-se, assim as outras alternativas.

02. (Vunesp – Investigador de Polícia – SP/2013) Na frase – Atravessei, cauteloso, para a calçada fronteira. –, são antônimos de **cauteloso** e sinônimo de **fronteira**, respectivamente:

(A) petulante e divisa.

(B) presumido e adjacente.

(C) prevenido e limiar.

(D) incauto e anterior.

(E) imprudente e frontal.

Alternativa "e": correta – Cauteloso: que age com cautela; que procura ser moderado ou ponderado e evitar dificuldades, riscos, perigos; **precavido**; **prudente**. Antônimo: imprudente. **Fronteira**: Linha divisória entre territórios ou países; **divisa**; **limite**; que fica na parte da frente.

Eliminam-se as outras alternativas.

03. (Vunesp – Escrivão de Polícia – SP/2013) Na frase – **Não é fora de propósito** imaginar um cenário de perda de contato com essa nuvem. –, a expressão em destaque pode ser corretamente substituída, sem alteração da mensagem, por

(A) É contestável.

(B) É pertinente.

(C) É premeditado.

(D) É compulsório.

(E) É descabido.

Alternativa "b": correta – Primeiro pense na afirmação: fora de propósito; depois, acrescente o não = é pertinente. Descabidas as alternativas *a, c, d* e *e*.

04. (Vunesp – Escrivão de Polícia – SP/2013) São antônimos os termos

(A) moderno / ultrapassado.

(B) computadores / internet.

(C) salvo / guardados.

(D) primeiros / primórdios.

(E) amorfa / isolada.

Alternativa "a": correta – Moderno: inerente ou pertencente a época atual, contemporânea; ultrapassado: antiquado, obsoleto.

Alternativa "b" – Pertencem ao mesmo campo semântico, não são antônimos.

Alternativa "c" – Sinônimos.

Alternativa "d" – Sinônimos.

Alternativa "e" – Amorfa: uma pétala, ou seja, isolada.

05. (Vunesp – Escrivão de Polícia – SP/2013) Assinale a alternativa em que a palavra destacada pode ser corretamente substituída pelo termo entre parênteses, sem alteração do sentido da frase.

(A) Niemeyer acreditava incutir o **ardor** em quem experimentava suas construções. (ardorosamente)

(B) ... mas sinuoso ao conceber os monumentos de **concreto**. (concretamente)

(C) A vida é **demasiado** curta... (demasiadamente)

(D) ... ele foi duro nas convicções **pessoais**... (pessoalmente)

(E) ... parecia descrente da função **social** da arquitetura. (socialmente)

Alternativa "c": correta – Demasiado: Que ultrapassa os limites ou os padrões estabelecidos; EXCESSIVO = advérbio de intensidade, como demasiadamente.

Alternativa "a" – substantivo e advérbio = altera o sentido.

Alternativa "b" – locução adjetiva a advérbio = altera o sentido.

Alternativa "d" – adjetivo a advérbio = altera o sentido.

Alternativa "e" – adjetivo a advérbio = altera o sentido.

1.2. FCC

Trecho para a questão.

(...) A porta aberta, você dava logo de cara com um azulejo na parede: "Aqui mora um solteiro feliz". Uma pitada de humor com um toque popular. Essa graça espontânea que a tudo dá gosto. Do contrário, a vida é só enfado e mormaço. Era de fato um solitário. Precisava de ser só. Nisso, sua personalidade era feita de uma peça só. Incapaz de simulação, ou até, em certos casos, de uma ponta de hipocrisia que se debita à polidez social.(...)

(Adaptado **de: Otto Lara Resende. Bom dia para nascer: crônicas publicadas na Folha de S.Paulo. São Paulo: Cia. Das Letras, 2011, p. 259 e 260)**

06. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 12/2013) Do contrário, a vida é só enfado e mormaço.

A palavra empregada no texto que tem o mesmo sentido da grifada na frase acima é:

(A) pedantismo.

(B) simulação.

(C) tédio.

(D) recato.

(E) emoção.

Alternativa correta: letra "c" – Sinônimos de enfado: aborrecimento, agastamento, amofinação, chateação,maçada, tédio e zanga

Alternativa "a" – Comportamento, ação ou maneira de proceder da pessoa pedante; pedantice.

Alternativa "b" – Ação ou efeito de simular; fingimento, disfarce, dissimulação.

Alternativa "d" – Cautela, resguardo, prudência.

Alternativa "e" – Abalo moral ou afetivo; perturbação, geralmente passageira, provocada por algum fato que afeta o nosso espírito (boa ou má notícia, surpresa, perigo.

07. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 12/2013) O estilo é o modo particular com que um compositor organiza suas concepções e fala a linguagem de sua arte. De acordo com o contexto, os elementos grifados na frase acima têm, respectivamente, o sentido de:

(A) especial – inspirações

(B) oculto – composições

(C) singular – ideias

(D) habitual – percepções

(E) privativo – influências

Alternativa correta: letra "c" – *Particular* é *que pertence exclusivamente a certas pessoas ou coisas. Individual, pessoal.* Assim sendo, é particular. / A palavra *concepções* significa *conhecimentos, ideias, opiniões*, ou seja, ideais.

Alternativa "a" – Não são inspirações.

Alternativa "b" – Não é oculto e não são composições, respectivamente.

Alternativa "d" – Em nada se relaciona com particular e *percepções* são ações ou efeitos de perceber.

Alternativa "e" – *Influências* não são concepções.

Texto: leia o texto abaixo para responder à PRÓXIMA questão:

Paulo Leminski foi um escritor múltiplo: além de poeta, traduzia (indo de Petrônio a James Joyce) e escrevia ensaios (concentrados nos dois volumes de Anseios crípticos), artigos e romances, e também letras de música. Nascido em Curitiba, no Paraná, em 1944, numa família em que o pai, de origem polaca, era militar, e a mãe, de origem negra, era filha de um militar, estudou para ser monge beneditino no Colégio São Bento, em São Paulo, onde chegou a escrever um livro sobre a ordem. No entanto, acabou seguindo o caminho da poesia – em meio à agitação cultural e política dos anos 1960 e 1970. (...) (Adaptado de André Dick. Paulo Leminski e a flor ausente. www.cronopios.com.br/site/ensaios.asp?id=4027, 06/06/2009)

08. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 9/2013)

... estudou para ser monge beneditino no Colégio São Bento, em São Paulo, onde chegou a escrever um livro sobre a ordem. No entanto, acabou seguindo o caminho da poesia – em meio à agitação cultural e política dos anos 1960 e 1970.

Considerado o contexto, o sentido dos elementos grifados acima pode ser adequadamente reproduzido, na ordem dada, por:

(A) disposição – tumulto

(B) escola – confronto

(C) equilíbrio – burburinho

(D) congregação – efervescência

(E) prudência – radicalismo

Alternativa "d": correta.

Ordem: Congregação religiosa que segue certo regulamento comportamental e disciplinar, ao qual seus membros se obrigam em seus votos solenes.

Agitação: Estado de excitação, de animação; AGITO. Equivale à efervescência.

Alguns sinônimos dos demais vocábulos.

Alternativa "a" – Errada. Disposição: Arrumação segundo certa ordem; ARRANJO; DISTRIBUIÇÃO g *Tumulto: Grande confusão ou desordem.*

Alternativa "b" – Errada. Escola: Estabelecimento de ensino coletivo, público ou particular g *Confronto: Comparação, cotejo, confrontação.*

Alternativa "c" – Errada. Equilíbrio: Igualdade entre duas ou mais forças opostas; EQUIPARAÇÃO; PROPORCIONALIDADE g *Burburinho: som confuso, trêmulo e prolongado de muita gente falando ao mesmo tempo; ruído, rumor, murmúrio.*

Alternativa "e" – Errada. Prudência: Ponderação, sensatez ou paciência ao tratar de um assunto g *Radicalismo: Comportamento de quem é radical, inflexível; INSTRANSIGÊNCIA.*

09. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 14/ 2011) Das frases abaixo só NÃO há erros de ortografia em:

(A) Carbohidratos ricos em fibras são importantes aliados para manter estável o nivel de energia do organismo.

(B) Sabe-se que uma substancia encontrada no guaraná pode estimular a função cerebral e auxiliar na concentrasão.

(C) Consumir alimentos ricos em vitaminas e minerais pode ajudar a reduzir os efeitos negativos do estresse.

(D) O consumo de proteínas e gorduras em exceço pode ser nossivo para o processo digestivo.

(E) Manter o organismo mau hidratado pode prejudicar a eliminação de toxínas e provocar sérios problemas de saúde.

Alternativa "c": Não há erro.

Alternativa "a". Carboidratos e nível.

Alternativa "b". Substância e concentração.

Alternativa "d". Excesso e nocivo.

Alternativa "e". Mal e toxinas.

Atenção! Julgue o item que se segue, relativo a aspectos gramaticais e semânticos do trecho.

Com efeito, enquanto nos primórdios do século passado essa engrenagem estava fixada em determinado espaço físico, e o trabalhador dela se libertava quando encerrava o expediente e as portas se fechavam, hoje, ela tem existência virtual e, como tal, não para nunca, não fecha as portas, embora mantenha o velho esquema de limitar a atuação do trabalhador a espaços compartimentalizados, para que não tenha a noção do conjunto, e, assim, não haja a menor possibilidade de ocorrer perda de controle.

10. (UNB/CESPE – TRT 21ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) Seriam mantidas a clareza e a correção gramatical do texto se o termo "compartimentalizados" fosse substituído por **organizados.**

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Compartimentalizado: Dividido ou separado por compartimentos; compartimentado.

1.3. CESPE

Trecho para o item.

Há um dispositivo no Código Civil que condiciona a edição de biografias à autorização do biografado ou descendentes. As consequências da norma são negativas. Uma delas é a impossibilidade de se registrar e deixar para a posteridade a vida de personagens importantes na formação do país, em qualquer ramo de atividade. Permite-se a interdição de registros de época, em prejuízo dos historiadores e pesquisadores do futuro.

Dessa forma, tem sido sonegado, por exemplo, o relato da vida do poeta Manoel Bandeira e dos escritores Mário de Andrade e Guimarães Rosa. Tanto no jornalismo quanto na literatura não pode haver censura prévia. Publicada a reportagem (ou biografia), os que se sentirem atingidos que recorram à justiça. É preciso seguir o padrão existente em muitos países, em que há biografias "autorizadas" e "não autorizadas". (...)

O Globo, 23/9/2013 (com adaptações).

11. (CESPE – Técnico – MPU/2013) A palavra "sonegado" está sendo empregada com o sentido de reduzido, diminuído.

( ) Certo ( ) Errado

Errado – É um adjetivo que significa subtraído, tirado às ocultas; bifado, furtado, roubado.

Trecho para o item.

Uma legislação que tenha hoje 70 anos de vigência entrou em vigor muito antes do lançamento do primeiro computador pessoal e do início da histórica revolução imposta pela tecnologia digital. Isso não seria problema se esse não fosse o caso da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), destinada a regular um dos universos mais impactados por esta revolução, o das relações trabalhistas.

Instituída por Getúlio Vargas para outro Brasil — ainda agrário, com indústria e serviços incipientes —, a CLT tem sido defendida por sindicatos em nome da "preservação dos direitos do trabalhador".(...)

O Globo, Editorial, 22/8/2013 (com adaptações).

12. (CESPE – Técnico – MPU/2013) A palavra "incipientes" está empregada com o sentido de dependentes de tecnologia estrangeira.

( ) Certo ( ) Errado

Errado – Incipiente: alguém ou alguma coisa que está no começo, algo inicial, principiante.

Observação: seu homônimo homófono, *insipiente*, significa ignorante, simplório, tolo.

Trecho do texto de Sérgio Sampaio, que constitui a letra de uma música, para os próximos itens.

O bandido e o mocinho
São os dois do mesmo ninho
Correm nos estreitos trilhos
Lá no morro dos aflitos
(...)
Mais a dor é o documento
Que os agride e os separa
Não são mais dois inocentes
Não se falam cara a cara
Quem pode escapar ileso
Do medo e do desatino
(...)
O bandido veste a farda
Da suprema segurança
O mocinho agora amarga
Um bando, uma quadrilha
São os dois da mesma safra
Os dois são da mesma ilha
(...)

13. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) O termo "ileso" está empregado como sinônimo de **incólume**.

( ) Certo ( ) Errado

Certo – Pertencem ao mesmo campo semântico. Incólume: que não sofreu nenhum dano físico ou moral; ILESO; INTATO.

14. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) Os termos "ninho" e "safra" foram empregados em sentido denotativo e correspondem, respectivamente, ao local e à época de nascimento dos meninos.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Primeiro, vamos à dica.

Sentido denotativo: Significado básico e objetivo de uma palavra, um signo, um símbolo etc., sem derivações, sentidos figurados etc.

Sentido conotativo: (sentido figurado) – ideia ou sentimento que uma palavra ou coisa pode sugerir; significado suplementar que se atribui a uma palavra, expressão ou objeto, por se estabelecer algum tipo de associação com outras palavras, objetos e seres, ou outros contextos e situações, além daqueles presentes ou referidos diretamente.

- Ninho (conotação): Abrigo, refúgio, esconderijo.
- Safra (conotação): O resultado de um trabalho, de um processo, de uma ação de que resultem produtos; produção.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

O Conselho Nacional de Justiça (CNJ) é o melhor exemplo de que a reforma do Poder Judiciário não está estagnada. Dez anos atrás, época em que ainda se discutia a criação do conselho, ao qual cabia o epíteto "órgão de controle externo do Judiciário", a existência de um órgão nesses moldes, para controlar a atuação do Poder Judiciário, gerava polêmica. (...) (Folha de S.Paulo, Editorial, 7/4/2013, com adaptações).

15. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) O vocábulo "epíteto" introduz uma expressão que qualifica e explica a função do CNJ.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Epíteto: *palavra ou expressão com que se qualifica alguém, positiva ou negativamente; alcunha; apelido; cognome.* (Fonte: Dicionário Digital Aulete.)

No texto, o CNJ é citado e adjetivado logo no início; em seguida cita como poderia, também, ser definido: órgão de controle externo do Judiciário.

1.4. ESAF

16. (ESAF – Técnico – Área Administrativa – MPU/2004) Assinale o trecho que apresenta erro na grafia de palavra.

Alternativa "a" –O filme justiça mostra situações à beira da explosão, que de alguma maneira já conhecíamos por meio de filmes como Carandiru e O Prisioneiro da Grade de Ferro. O diferencial aqui é o acesso à intimidade de cinco casos específicos, flagrados no cenário ascéptico do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro.

Alternativa "b" –Por intermédio deles, o filme tenta construir uma metonímia da sociedade brasileira, na qual a Justiça funcionaria como elemento de reafirmação de uma ordem social fundamentalmente injusta.

Alternativa "c" –Antes de mais nada, Maria Augusta desvenda um pequeno mundo solenemente ignorado pela grande maioria dos espectadores. A frieza do ambiente nas salas de audiência e o caráter altamente ritualístico dos procedimentos de interrogatório favorecem o método da diretora.

Alternativa "d" –A câmera comporta-se como um olho neutro, fixo, quase ausente. Mas o uso de várias câmeras permite uma montagem que sublinha os jogos de olhares, as reações contidas, as dissimulações. E sobretudo a rigidez de um dispositivo em que o juiz todo-poderoso e o réu intimidado se confrontam sem qualquer sentido de proporção, ante o silêncio quase total dos demais circunstantes.

Alternativa "e" –O diálogo impossível – porque na verdade não é buscado – ressalta a impessoalidade dos julgamentos em ritmo industrial. Os longos corredores do tribunal, imersos em sua típica iluminação indistinta, materializam o labirinto sem saída de um sistema penal alienado das condições do país. O que o filme consegue captar desse "teatro" absurdo é simplesmente admirável.

(Adaptado de Carlos Alberto Mattos, Corredores sem saída, 24/06/2004 www.nominimo.com)

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – No trecho, o termo *justiça*, em *o filme Justiça*, pede letra inicial maiúscula por tratar-se do nome de um filme; **asséptico**: *que passou por assepsia; livre de agentes patogênicos**

Observações válidas nas demais alternativas:

Alternativa "b" – metonímia, reafirmação.

Alternativa "c" – desvenda,espectadores, frieza, ritualístico.

Alternativa "d" – dissimulações, rigidez.

Alternativa "e" – imersos, indistinta.

(*) Fonte: Dicionário Digital Aulete.

17. (ESAF – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2004) Marque o trecho inteiramente correto quanto à morfossintaxe e à grafia.

Alternativa "a" –Os defensores do controle externo da Magistratura e seus acolitos, num trabalho de marketing poucas vezes visto, passaram à sociedade brasileira a cativante idéia de que um controle heterogêneo irá, num passe de mágica, resolver todos os males que aflige o Poder Judiciário brasileiro.

Alternativa "b" –Verdade seja dita: afirmar que inexiste máculas no Poder Judiciário menos não seria do que querer "tapar o sol com a peneira".

Alternativa "c" –Há problemas que – sabemos todos muito bem – precisam ser debelados, entre os quais avulta a morosidade da prestação jurisdicional e o emaranhado das normas processuais civis e penais.

Alternativa "d" –Mas é preciso que a sociedade brasileira e notadamente os formadores de opinião saibam que nada adiantará esse controle externo com o atual cipozal de nossas leis processuais civis e penais.

Alternativa "e" –Quanto às primeiras, estão enfexadas em um código que, do ponto de vista doutrinário, é digno dos maiores elogios, porém deixa muito a desejar no que se refere à sua efetividade, a mercê da enorme gama de recursos que trás em seu bojo.

(Adaptado de Domingos Franciulli Netto, "O Controle do Judiciário", Carta Capital, 07/04/2004, p. 47, com modificações)

Alternativa "c": correta – Trecho correto quanto à morfossintaxe e à grafia. Os travessões indicam intercalação. Leia os termos em negrito: *Há problemas que – sabemos todos muito bem – precisam ser debelados, entre os quais avulta a morosidade da prestação jurisdicional e o emaranhado das normas processuais civis e penais.*

Alternativa "a" – acólitos (cúmplices) = palavra proparoxítona com a tônica recaindo na antepenúltima sílaba e leva a marca do acento agudo; **afligem** = *todos os males* possui função de sujeito.

Alternativa "b" – inexistem máculas; falta uma vírgula após *Judiciário.*

Alternativa "d" – cipoal = no sentido literal: mato abundante de cipós entrelaçados; no texto, cipoal está no sentido figurado= situação difícil, confusa: atual cipoal de nossas leis.O advérbio *notadamente* deveria estar entre vírgulas por estar dentro do sujeito: *a sociedade brasileira e, notadamente, os formadores de opinião saibam que nada adiantará esse controle externo.*

Alternativa "e" – enfeixadas = atadas em feixes, reunidas – ... enfeixadas (reunidas) em um código; **à mercê de** = sujeito a, ao capricho de (locução); **traz** (grafado com a letra **z**), presente do indicativo do verbo *trazer.*

▶ **Dica:**

- **Traz** = do verbo trazer
- **Atrás** = advérbio de lugar

1.5. UEL

18. (UEL COPS – Investigador de Polícia – PR/ 2010) Considere o trecho *"No mundo real, os exemplos da literatura especializada orbitam recorrentemente em torno de crimes que deixam vestígios, mormente do homicídio (...)"* Qual das alternativas a seguir substitui os termos grifados, sem alterar o sentido do trecho?

(A) situam-se; obviamente.

(B) são fabricados; apesar.

(C) gravitam; sobretudo.

(D) fixam-se; por conta.

(E) são interpretados; moralmente.

Alternativa "c": correta:

- Orbitam: o autor empregou o neologismo, verbalizando o substantivo órbita (trajetória de um astro em torno de outro) significando a trajetória dos exemplos literários com temática especializada em torno do crime.
- Gravitam: (gravitar – verbo intransitivo) = mover-se em torno de um centro de atração.
- Mormente (advérbio) = principalmente, sobretudo.
- Sobretudo (advérbio) = principalmente.

A substituição dos termos não altera o sentido do texto.

Alternativa "a" – Situam-se (verbo transitivo e pronominal) = posicionam-se; põem-se em certo lugar – não substitui orbitam.

- Obviamente (adjetivo) = claramente, evidentemente – não substitui mormente.
- Mormente = principalmente.

Alternativa "b" – A forma verbal "são fabricados" não substitui orbitam pois foge do contexto.

- Apesar: locução conjuntiva com valor adversativo ou concessivo cujo significado é uma situa-

ção de oposição e não substitui o advérbio mormente.

Alternativa "d" – Fixam-se: forma verbal com sentido contrário a movimento.

- Por conta: significa, no contexto, traduz o sentido de causa: por causa dos homicídios e foge do sentido expresso no advérbio mormente.

Alternativa "e" – A locução verbal "são interpretados" não traduz o sentido de orbitam e o advérbio moralmente não traduz mormente.

1.6. IPAD

19. (IPAD – Agente de Polícia – PE/2006) "Não podemos matar para extirpar as consequências." Neste trecho, a palavra sublinhada está grafada de maneira correta. Assinale a alternativa na qual a palavra sublinhada está grafada incorretamente.

(A) As críticas feitas à polícia brasileira são extensivas à de outros países.

(B) A multidão extendeu os braços em sinal de protesto contra a violência policial.

(C) Criminosos com uma extensa folha policial são, em geral, os mais violentos.

(D) De fato, alguns policiais extrapolam sua autoridade, e agem com muita violência.

(E) Para o policial, aceitar suborno é comparado a crime de extorsão.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Estendeu – terceira pessoa do verbo estender, singular, no pretérito perfeito do indicativo.

Alternativa "a" – Extensiva – correto (adjetivo: que se estende).

Alternativa "c" – Extensa – correto (adjetivo feminino, espaçosa, ampla).

Alternativa "d" – Extrapolam – correto (verbo extrapolar, terceira pessoa do plural= ir além dos limites).

Alternativa "e" – Extorsão – correto (substantivo feminino: ato criminoso de se obter algo através de ameaças, violência).

1.7. UEG

20. (UEG – Escrivão de Polícia – GO/2013) Na expressão "traços mnemônicos", a palavra sublinhada pode ser substituída por:

(A) imagéticos

(B) de conhecimento

(C) comportamentais

(D) de memória

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

1. Referente à memória; MNÊMICO; 2. Que segue os preceitos da mnemônica (exercício mnemônico); 3. Fácil de memorizar (número mnemônico). Eliminam-se, assim, as alternativas a, b e c.

1.8. UFF

21. (UFF – Inspetor de Polícia – RJ/2012) Grafam-se como o sufixo de "urbanização" – isto é, com "ç" – os sufixos de todos os substantivos arrolados em:

(A) interven...ão da polícia – subver...ão da ordem – conten...ão do distúrbio.

(B) suspei...ão de crime – presun...ão de culpa – restri...ão às drogas.

(C) extradi...ão do preso – perver...ão criminosa – insurrei...ão no presídio.

(D) remo...ão do corpo – conce...ão de benefício – submi...ão à lei.

(E) repercu...ão na imprensa – cessa...ão da pena – preven...ão na estrada.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Suspeição (suspeita, desconfiança); presunção (suspeita, suposição); restrição (limitação imposta).

Alternativa "a" – Intervenção (interferência, ação ou ato de intervir).

- Subversão (revolta contra norma, lei ou autoridade).
- Contenção (ação ou ato de conter).

Alternativa "c" – Extradição (entrega para cumprimento de pena).

- Perversão (corrupção).
- Insurreição (revolta, rebelião).

Alternativa "d" – Remoção (transferência, mudança de lugar).

- Concessão (autorização, permissão).
- Submissão (sujeição, obediência).

Alternativa "e" – Repercussão (efeito de contrário).

- Cessação (interrupção, fim da pena).

- Prevenção (medida tomada para evitar perigos ou danos).

1.9. ACP

Trecho para as próximas questões.

O Português em Debate

Será a língua portuguesa tão complexa a ponto de enredar aqueles que se propõem a dominá-la? Diante do fiasco de alguns homens públicos, profissionais em oratória, as pessoas comuns têm alguma esperança de expressar-se com maior clareza e eficiência? As respostas a essas duas perguntas são, pela ordem, não e sim. Para quem está empenhado em aperfeiçoar o manejo do idioma – e não será necessário lembrar que seu domínio, na fala ou na escrita, é crucial para o desenvolvimento profissional as oportunidades e as ferramentas são cada vez mais numerosas. Livrarias, bibliotecas e dicionários estão acessíveis pela internet, e a oferta de instrumentos auxiliares vem crescendo em volume e qualidade.

Mal amparado por escolas que se evadem a qualquer menção à análise sintática, o brasileiro nem sempre sabe onde buscar régua e compasso para disciplinar a língua que fala. (...)

E ler inclui de Machado de Assis e Graciliano Ramos até um blog decente na internet (mas atenção: é preciso ler de tudo – não uma coisa ou outra). Ler mostra as infinitas possibilidades de expressão da língua, enriquece o vocabulário (e o bom vocabulário é o melhor amigo da precisão), ensina o leitor a organizar seu pensamento e ainda oferece a ele algo de valor inestimável: conteúdo. Ter coisas interessantes e pertinentes a dizer é o primeiro passo para falar ou escrever bem. (Texto adaptado de: de Jerônimo Teixeira e Daniela Macedo. Revista Veja, 11 de agosto de 2010.)

22. (ACP – Escrivão de Polícia – RS/2010) O sentido dos termos **crucial** e **pertinentes** é, respectivamente,

(A) decisivo e paradoxais.

(B) crucífero e adequadas.

(C) inevitável e opinativas.

(D) difícil e importantes.

(E) fundamental e cabíveis.

Alternativa "e": correta.

- Crucial: adjetivo de domínio – ... o domínio do idioma é fundamental.
- Pertinentes: adjetivo de coisas – ter coisas interessantes e cabíveis a dizer.

Os adjetivos constantes nas opções *a, b, c,* e *d* não traduzem o sentido dos termos pedidos na questão.

23. (ACP – Escrivão de Polícia – RS/2010) Em qual das frases abaixo, a forma *evadem*, do verbo "evadir", tem o mesmo sentido que o no texto?

(A) Embora inquiridos, evadem-se a uma resposta.

(B) Para não serem molestados, evadem-se por entre a multidão.

(C) Muitos presos evadem-se dos cárceres porque a segurança é precária.

(D) Depois das brigas, fecham a porta e evadem-se.

(E) Apesar da insistência dos policiais em sua permanência no local, eles se evadem rapidamente.

Alternativa "a": correta – No texto, o sentido do verbo evadir é evitar, fugir a: ...escolas que se evadem – escolas fogem a, qualquer menção à análise sintática; ...inquiridos (interrogados) fogem a uma resposta.

Alternativa "b" – escapam por entre a multidão.

Alternativa "c" – fogem.

Alternativa "d" – desaparecem, somem.

Alternativa "e" – somem, desaparecem, fogem.

24. (ACP – Escrivão de Polícia – RS/2010) O termo sobre na frase *Ou seja, seu livro é uma ferramenta excelente não apenas para aprender a língua, mas também sobre ela* significa o mesmo que na alternativa:

(A) Vivia sobre a montanha.

(B) Este é um tema sobre o qual se discursou.

(C) Castigou-o sobre falsa acusação.

(D) Sobre a amizade que os unia, assumiu encargos demasiados.

(E) A propaganda foi redigida sobre as estratégias formuladas.

Alternativa "b": correta – A preposição *sobre* na frase do texto e na frase alternativa *b* tem o mesmo significado: sobre (texto) = a respeito dela (da língua); a respeito do qual (do tema) se discursou.

Alternativa "a" – em cima da montanha.

Alternativa "c" – por meio de.

Alternativa "d" – em nome de.

Alternativa "e" – por meio de.

Trecho para a próxima questão.

O poder do palavrão – Como insultar e praguejar em português, com a ajuda de um dicionário

(...) Acho difícil apontar o palavrão mais falado. A variedade parece infinita. Afinal, qualquer palavrão hoje não pode mais ser denominado de tabu. Uma exceção é a palavra escrita. Publicação que se _____ ainda hoje evita palavrões. Na internet, via blogs e redes sociais, o palavrão virou palavra qualquer – já se _____, como se fosse possível dizer assim para um tipo de termo que nasceu da própria banalidade da vida. Antigamente, ele vinha cercado de interditos, o palavrão "dito na hora certa" ostentava certa aura. Foi assim que virou moda na década de 60. O vocábulo grosseiro foi elevado à condição de troféu da contracultura. No Brasil, a moda foi coibida pela censura do regime militar.

Não é necessário abusar dos palavrões, pois eles se desgastam e perdem o valor como qualquer outra palavra demasiadamente empregada. O palavrão veio para ficar, até porque veio antes de qualquer outro vocábulo.

E aqui respondo à pergunta que me fiz no primeiro parágrafo. Ele _____. fascínio por ser inevitável. O usuário da língua vive em um mundo precário e imperfeito, vive situações cotidianas em que as emanações dos corpos, a sujeira, os crimes e as tentações aparecem, mesmo que ele queira evitá-las. (...) (Luís Antônio Giron. Texto adaptado da revista Época, 13 de julho de 2010)

25. (ACP – Inspetor de Polícia – RS/2010) A grafia dos termos que preenchem adequadamente as lacunas pontilhadas, na ordem em que ocorrem, é

(A) prese – banalisou – exerce.

(B) prese – banalizou – exerce.

(C) preze – banalizou – exerce.

(D) preze – banalizou – exerse.

(E) preze – banalisou – exerse.

Alternativa "c": correta

- Preze: terceira pessoa do singular – presente do subjuntivo do verbo prezar= respeitar, ter, apreço, considerar. Eliminadas *a* e *b*.
- banalizou: terceira pessoa do singular – pretérito perfeito do indicativo do verbo banalizar = vulgarizar. Eliminada *e*.
- exerce: terceira pessoa do singular – presente do indicativo do verbo exercer = desempenhar praticar. Eliminada *d*.

Trecho para as próximas questões.

O poder do palavrão – Como insultar e praguejar em português, com a ajuda de um dicionário

Qualquer dia é dia de palavrão. Ele é necessário e insubstituível, como disse o sociólogo Gilberto Freyre. Há quem reclame que as palavras de baixo calão invadiram a vida cotidiana de forma irresistível. Jamais se pronunciou tanto palavrão como nos dias de hoje, e com tanta volúpia, afirmam tanto os safados como os guardiões da língua e dos bons costumes. E, de fato, o palavrão (ou "palavrada", "palavra obscena" ou "palavra-cabeluda") se intrometeu em todos os registros de fala e todo tipo de conversação. Por que o fascínio pelo "submundo", pelos "esgotos" da linguagem? Vou tentar responder ao questionamento, recorrendo primeiramente a um livro.

Em 1974, o folclorista pernambucano Mário Souto Maior (1920-2001) concluiu o seu Dicionário do Palavrão e Termos Afins, agora republicado num caprichado volume da Editora Leitura, de Belo Horizonte.

Após um trabalho de dez anos, Souto Maior levantou 3 mil palavrões, entre vocábulos, locuções e expressões idiomáticas. A obra sofreu censura do regime militar e só foi publicada cinco anos depois, com o início da abertura política brasileira. Segundo o autor, a obra então já se afigurava incompleta, em virtude da criação constante de novos palavrões. Ao vir a público, já se tratava de um título ultrapassado. O que dirá hoje. Mas isso não importa. O dicionário é o flagrante de um tempo, que continua a ter validade trinta anos depois. No entanto, o malfadado Dicionário virou uma espécie de catecismo pornográfico que circulou de mão em mão dos adolescentes no fim dos anos 70.

Talvez tenha chegado o momento de entronizar (sem trocadilhos de segundo sentido) Souto Maior como um pioneiro da lexicografia realista. Como ele próprio disse, os falantes da língua criam palavrões diariamente. E tamanha a produtividade **fescenina** *da população que a criação de palavrões muitas vezes supera a das próprias palavras. Para chegar a seu dicionário, o pesquisador enviou questionários por carta a 3.620 pessoas. Agora seria muito mais fácil – e é curioso que não tenham aparecido desde*

então obras do mesmo fôlego. O amor pela descoberta era maior quando as dificuldades eram maiores...

Curiosamente, Souto Maior demonstrou que a língua portuguesa é mais pobre em palavrões que outros idiomas. Ela perde para os palavrões em alemão (9 mil) e em francês (9 mil). Em inglês, palavrões e afins são mais usados do que pelos falantes em português, basta ligar a televisão. E preciso dizer que, quando o Dicionário foi publicado, havia menos palavrões em circulação.

Mesmo assim, o autor concluiu, com base nas respostas a seu questionário: "criança de hoje ganha da de ontem quanto ao uso do palavrão; e o aumento dos meios de comunicação, como a televisão, foi o motivo mais apontado".

Outras conclusões do nosso "folclorista" (termo igualmente fora de moda) merecem comentários e relativizações: "O homem, o jovem e o pobre falam mais palavrão do que a mulher, o velho e o rico". Hoje talvez isso não valha mais. A gente ouve cada palavrão dito por mulheres e ricos...

"Quase todos falam palavrão; quando não falam, pensam", afirma Souto Maior, não sem razão. "Um palavrão do Nordeste é uma palavra educada no Sul e vice-versa".

Acho difícil apontar o palavrão mais falado. A variedade parece infinita. Afinal, qualquer palavrão hoje não pode mais ser mais ser denominado de tabu. Uma exceção-é a palavra escrita. Publicação que se preze ainda hoje evita palavrões. Na internet, via blogs e redes sociais, o palavrão virou palavra qualquer – já se banalizou, como se fosse possível dizer assim para um tipo de termo que nasceu da própria banalidade da vida. Antigamente, ele vinha cercado de interditos, o palavrão "dito na hora certa" ostentava certa aura. Foi assim que virou moda na década de 60. O vocábulo grosseiro foi elevado à condição de troféu da contracultura. No Brasil, a moda foi coibida pela censura do regime militar.

Não é necessário abusar dos palavrões, pois eles se desgastam e perdem o valor como qualquer outra palavra demasiadamente empregada. O palavrão veio para ficar, até porque veio antes de qualquer outro vocábulo.

E aqui respondo à pergunta que me fiz no primeiro parágrafo. Ele exerce fascínio por ser inevitável. O usuário da língua vive em um mundo precário e imperfeito, vive situações cotidianas em que as emanações dos corpos, a sujeira, os crimes e as tentações aparecem, mesmo que ele queira evitá-las. Ele sente desprezo, ele é tomado de preconceito, ele tem vontade de dizer palavras que talvez não pronuncie, mas pensa. O palavrão é senhor do nosso inconsciente.

Mesmo assim, apesar de seu carisma, até ele cai em desuso. E para esse aspecto que quero chamar a atenção. O Dicionário de Palavrões e Termos Afins está coalhado de deliciosas expressões que se tornaram arcaísmos. E o desuso as faz soar quase sublimes. No Nordeste se dizia antigamente "Amália chegou", quando uma mulher ficava menstruada., e "roer um couro" quando alguém sentia ciúmes. Os sinônimos para órgãos sexuais abundam no dicionário.

O palavrão é fascinante porque gira historicamente em torno do ato sexual. Pertence ao domínio púbico (sic). Examinado perto, o palavrão é igual a qualquer outro termo de uma determinada língua. Diria mais, é talvez o mais fiel e castiço dos vocábulos de um idioma, porque ele vem do fundo dos tempos. Não por outro motivo, um dos sinônimos para ele é o substantivo "palavra". (Luís Antônio Giron. Texto adaptado da revista Época, 13 de julho de 2010.)

---

26. (ACP – Inspetor de Polícia – RS/2010) O vocábulo *entronizar* tem, no texto, na frase em que se encontra, o mesmo sentido que o da alternativa:

(A) A corte entronizou uma rainha.

(B) Aquele governo entronizava a corrupção.

(C) Entronizou, em sua casa, um Cristo crucificado.

(D) Entronizou a alegria na alma.

(E) As tropas inimigas entronizaram-se na cidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – No texto e na alternativa, o verbo *entronizar* está no sentido de exaltar: exaltar Souto Maior (no texto) exaltar a corrupção (na alternativa).

Alternativa "a" – sentido de elevar uma rainha ao trono.

Alternativa "c" – sentido de colocar no altar ou em parede a imagem do Cristo crucificado.

Alternativa "d" – sentido de introduzir= introduziu a alegria na alma.

Alternativa "e" – sentido de ocupar, dominar = ocupavam a cidade, dominavam a cidade.

---

27. (ACP – Inspetor de Polícia – RS/2010) Dentre as palavras abaixo, a que NÃO pode ser considerada antônima de *fescenina* é

(A) ilibada.

(B) impoluta.

(C) lídima.

(D) dissoluta.

(E) pudica.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Dissoluta (adjetivo) = pervertida, libertina, devassa; não é antônima e sim, sinônima de fescenina (adjetivo) = obscena, licenciosa, devassa.

Alternativa "a" – ilibada (adjetivo) = pura, sem mácula.

Alternativa "b" – impoluta (adjetivo) = pura.

Alternativa "c" – lídima (adjetivo) = autêntica, verdadeira.

Alternativa "e" – pudica (adjetivo) = recatada, casta.

---

28. (ACP – Inspetor de Polícia – RS/2010) Analise as afirmações abaixo considerando o sentido de palavras do texto e a categoria gramatical que lhes é atribuída.

I. O adjetivo *interditos* significa "interditados", "proibidos".

II – O vocábulo *emanações* é um substantivo feminino plural e é sinônimo de "exalações".

III. O termo *castiço* é um adjetivo que, no contexto, tem sentido figurado; diz-se de linguagem correta, sem estrangeirismos; vernáculo.

Quais estão corretas?

(A) Apenas a I.

(B) Apenas a II.

(C) Apenas a III.

(D) Apenas a I e a II.

(E) Apenas a II e a III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta

I. Interditos (adjetivo)= no contexto, o adjetivo não está no sentido de proibido.

II. Emanações: substantivo feminino plural= origens, desprendimento de substâncias de corpos; exalações – substantivo feminino plural= emanações de um corpo sólido, odor.

III. Castiço (adjetivo) = sentido denotativo: de casta pura, puro, correto; no contexto, sentido conotativo, figurado = linguagem apurada, pura= vocábulo puro de um idioma.

Obs.: vernáculo= linguagem apurada, pura.

---

29. (ACP – Inspetor de Polícia – RS/2010) Sobre o termo *arcaísmos*, uma das afirmativas abaixo está INCORRETA. Assinale-a.

(A) Trata-se de uma palavra, expressão, construção sintática ou acepção que deixou de ser usada na norma atual de uma língua.

(B) No texto, são exemplos de arcaísmo as expressões "Amália chegou" e "roer um couro".

(C) O Dicionário de Palavrões e Termos Afins apresenta vários exemplos de palavras e expressões que ilustram o arcaísmo.

(D) Essa palavra é um vício de linguagem, também conhecido como barbarismo.

(E) O arcaísmo tem como antônimo o neologismo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – O termo *arcaísmo* não é um vício de linguagem, mas é a palavra que já está fora de uso, muito antiga; no texto, expressões que se tornaram arcaísmos. Também não é barbarismo= vício de linguagem: é o erro ao pronunciar uma palavra: eu truxe – correto= eu trouxe; salchicha – correto= salsicha.

Alternativa "a" – Alternativa comentada em D.

Alternativa "b" – O próprio texto traduz o significado dos arcaísmos: quando uma mulher ficava menstruada e quando alguém sentia ciúme, respectivamente.

Alternativa "c" – No décimo primeiro parágrafo do texto lê-se: o dicionário de palavrões e termos afins está coalhado de deliciosas expressões que se tornaram arcaísmos.

Alternativa "e" – Arcaísmo: palavra antiga, fora de uso; neologismo (substantivo masculino):

1) Palavra ou expressão nova numa língua.

2) Significado novo adquirido de palavra ou expressão já existente.

1.10 CESGRANRIO

---

30. (CESGRANRIO – Técnico Bancário-Banco da Amazônia/2013) Palavras como **regulação** e **emissão**, embora provenham igualmente de verbos (regular; emitir), apresentam uma divergência de grafia em sua terminação. É grafada com **– ção** a palavra criada a partir do verbo

(A) omitir

(B) competir

(C) permitir

(D) conceder

(E) converter

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – competição.

Alternativa "a" – omissão.

Alternativa "c" – permissão.

Alternativa "d" – concessão.

Alternativa "e" – conversão.

2. NÍVEL SUPERIOR

2.1. FCC

31. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 18/2013)

Vive dentro de mim /uma cabocla velha /de mau olhado, / acocorada ao pé do borralho, /olhando pra o fogo." [...] "Vive dentro de mim / a mulher proletária. / Bem linguaruda, / desabusada, sem preconceitos." "Vive dentro de mim / a mulher da vida. / Minha irmãzinha... / tão desprezada, / tão murmurada...

De acordo com o contexto, os elementos sublinhados no trecho acima têm, respectivamente, o sentido de:

(A) dobrada – malcriada – lastimosa

(B) encostada – acanhada – renomada

(C) agachada – avançada – mal amada

(D) agachada – atrevida – mal falada

(E) encostada – acanhada – mal falada

Alternativa "d": correta – Sem dicionário na prova, trabalhe por eliminação seguindo o contexto. Acredite: funciona!

- Acocorada: que se acocorou; sentada sobre os calcanhares, ou com o corpo encolhido e junto ao chão; AGACHADA. Eliminadas alternativas *a, b* e *e*.
- Desabusada: que é abusada, atrevida, insolente. Eliminada *c*.
- Murmurada: transmitido em voz muito baixa, audível apenas pelo receptor; SUSSURRADA, ou seja, mal falada.
- Dobrada: que se dobrou, que teve uma parte voltada sobre si mesma; malcriada: diz-se de pessoa que não tem educação; GROSSEIRO; RUDE; lastimosa: que causa dó, lástima; DEPLORÁVEL; LAMENTÁVEL; LASTIMÁVEL.
- Encostada: que se apoia, se arrima em alguém ou algo; acanhada: que não tem desembaraço, que é ou se mostra ou se torna tímido, retraído; renomada: que tem renome; que é conhecida, famosa.
- Agachada: ação ou resultado de agachar(-se); avançada: muito desenvolvida.
- Sinônimos nas alternativas anteriores.

32. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) *"... no interior mesmo do mundo objetivo da cultura, ao qual sua pintura se integra ..."* Sem prejuízo para a correção gramatical, o elemento sublinhado pode ser substituído por:

(A) abrange.

(B) inclui.

(C) incorre.

(D) completa.

(E) incorpora.

Alternativa "e": correta – Integrar: Fazer(-se) inteiro, incluído num só todo ou conjunto; INCORPORAR (-SE).

Alternativa "a": errada – Abranger: Chegar a; ALCANÇAR; ATINGIR.

Alternativa "b": errada – Incluir: Fazer constar ou constar em (lista, relação de nomes); ARROLAR(-SE).

Alternativa "c": errada – Incorrer: Ficar compreendido, incluído ou implicado (ger. em coisa desagradável).

Alternativa "d": errada – Completar: Acrescentar a (algo) o que o torna completo, preencher ou inteirar; tornar(-se) completo, inteiro, absoluto, pleno.

33. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) Sem prejuízo para a correção e o sentido, o elemento sublinhado pode ser substituído pelo indicado entre parênteses em:

(A) Irascível, foi extremamente rigoroso... (Dado a encolerizar-se)

(B) Ao expor a inépcia do desafeto... (veleidade do famigerado)

(C) A obra foi interrompida por surtos de peste... (Interromperam-se o feito)

(D) (...) iniciavam uma empreitada épica... (uma jornada bélica)

(E) Ele inventou um guindaste capaz de içar... (propício)

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Irascível: IRACUNDO (tormentoso, revolto). Encolerizar: causar a, provocar em ou sentir cólera; IRRITAR; ENFURECER.

Alternativa "b" – Errada. Inépcia: falta absoluta de aptidão; veleidade: capricho, leviandade; famigerado (sentido pejorativo): que tem má fama.

Alternativa "c" – Errada. Feito equivale à obra, mas a sequência da oração teria de ser alterada.

Alternativa "d" – Errada. Épica: fantástico, monumental, homérico; bélica: que é propenso a guerrear.

Alternativa "e" – Errada. Propício: que se mostra conveniente; ADEQUADO; OPORTUNO. Propício a algo.

34. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /PR/2012) A frase correta do ponto de vista da grafia é:

(A) Era grande a insidência de casos de enjoo quando era servido aquele alimento, por isso o episódio não foi tratado como exceção, atitude que garantiu o êxito das providências.

(B) Em meio a tanta opulência da mansão leiloada, encontrou a geringonça que, tratada criativamente por ele, garantiu por anos seu apoio a entidades beneficientes.

(C) Seus gestos desarmônicos às vezes eram mal compreendidos, mas seu jeito afável de falar, sem resquícios de mágoa, revelava sua intenção de restabelecer a paz entre os familiares.

(D) Defendeu-se dizendo que nunca pretendeu axincalhar ninguém, mas as suas caçoadas realmente humilhavam e incitavam à malediscência.

(E) Sempre ansiosos, desenrolaram no saguão apinhado a faixa com que brindavam os recém-formados, com os seguintes dizeres: "Viagem bastante e divirtam-se, nobres doutores".

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – a) incidência; b) beneficentes; d) achincalhar, maledicência; e) viajem

Observações:

1) Muito cuidado com a diferença entre êxito e hesito!

- êxito: bom resultado; sucesso;
- hesitar: ficar indeciso, não ter certeza (eu hesito g verbo no presente do indicativo)

2) Viagem é um substantivo, sempre dará para encaixar o artigo antes do vocábulo; viajem é verbo. Associe: viajem vem do verbo viajar.

A questão seguinte refere-se ao trecho.

À sua imagem e semelhança

(...)

A era da religiosidade terminou no Ocidente, libertando os homens da servidão milenar em relação aos planos traçados por um Outro onipotente, onisciente e onipresente. O homem contemporâneo continua procurando um mestre a quem servir e, em última instância, vai encontrá-lo em algumas representações inconscientes, onde se preserva a fantasia infantil sobre a onipotência do Outro. Por outro lado, o desamparo deixado pela falta de um Deus provocou uma onda de novos fundamentalismos religiosos. Mas a religiosidade pós-moderna é uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes para garantir as ambições terrenas dos fiéis.

O homem ocupa hoje o centro de sua própria existência. Essa emancipação nos confronta com o vazio. Não há Ninguém lá, de onde esperávamos que um Pai se manifestasse para dizer o que deseja de seus filhos. Não fomos feitos para corresponder à imagem e semelhança de Deus nenhum. Trata-se agora de reproduzir a imagem e semelhança de nós mesmos. Essa é a fantasia, ao mesmo tempo grandiosa e hedionda, da clonagem. Grandiosa pelo poder que confere à ciência e aos seus sacerdotes, supostamente capazes de abolir o acaso e a indeterminação da vida. Hedionda – pelas mesmas razões. (Trecho adaptado de Maria Rita Kehl. 18 crônicas e mais algumas. S. Paulo, Boitempo, 2011, p.109-10)

35. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) Essa é a fantasia, ao mesmo tempo grandiosa e hedionda, da clonagem.

De acordo com o contexto, os termos grifados acima têm, respectivamente, o sentido de:

(A) magnânima e assustadora.

(B) imensa e inatingível.

(C) extraordinária e repulsiva.

(D) soberba e temerária.

(E) sublime e sedutora.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Grandiosa: extraordinária; hedionda: repulsiva.

Alternativa "a" – Errada. Bom e aquilo que assusta.

Alternativa "b" – Errada. Sem limite e que não se pode atingir ou alcançar.

Alternativa "d" – Errada. Arrogância e de modo temerário, imprudentemente.

Alternativa "e" – Errada. Quase perfeito e atraente, cativante.

---

36. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) A frase redigida com clareza e correção gramatical e ortográfica é:

(A) Não é a toa que se diz que futebol e religião não se discute, pois sempre que surge este debate exalta-se os ânimos e todos hão de tomar uma atitude defensiva.

(B) Estamos de fato vivendo em uma outra era, onde haveria mais liberdade, ainda que nos sentimos muito mais sós do que antes sentiamos.

(C) Para os que aceitam e creem em Deus, todos os caminhos já estão traçados e aos homens só cabem percorrê-los de modo a cumprir os desígneos divinos.

(D) Muitos cientistas, ao fazerem a apologia da ciência e criticarem a religião com acidês inaudita, ficando no mesmo patamar dos religiosos mais intransigentes.

(E) Os agnósticos parecem ter uma postura equilibrada, tão distante do sectarismo dos muito devotos como do radicalismo dos ateus mais extremados.

Alternativa "e": correta – Frase redigida com clareza e correção gramatical.

Alternativa "a" –à toa, não se **discutem, exaltam-se.**

Alternativa "b" –onde = **em que**, pois não retoma lugar; **sentíamos.**

Alternativa "c" –cabe, desígnios.

Alternativa "d" –apologia à ciência; **acidez.**

---

37. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) Está correto o emprego de ambos os elementos sublinhados em:

(A) Se o por quê da importância primitiva de Paraty estava na sua localização estratégica, a importância de que goza atualmente está na relevância histórica porque é reconhecida.

(B) Ninguém teria porque negar a Paraty esse duplo merecimento de ser poesia e história, por que o tempo a escolheu para ser preservada e a natureza, para ser bela.

(C) Os dissabores por que passa uma cidade turística devem ser prevenidos e evitados pela Casa Azul, porque ela nasceu para disciplinar o turismo.

(D) Porque teria a cidade passado por tão longos anos de esquecimento? Criou-se uma estrada de ferro, eis porque.

(E) Não há porquê imaginar que um esquecimento é sempre deplorável; veja-se como e por quê Paraty acabou se tornando um atraente centro turístico.

Alternativa "c": correta.

✪ **Nota da autora:** Seguem as dicas do emprego dos porquês.

Na alternativa *c*: Os dissabores por que passa = pelos quais; porque ela nasceu = explicação.

Alternativa "a" – Errada. o porquê (substantivo e admite plural); por que = pela qual.

Alternativa "b" – Errada. por que (a palavra razão está subentendida); porque = explicação.

Alternativa "d" – Errada. Por que (a palavra razão está subentendida); por quê = final de frase.

Alternativa "e" – Errada. por que (a palavra razão está subentendida); por que (a palavra razão está subentendida).

---

38. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /TO/2011) "... *capaz de fornecer as mais diferentes soluções para questões humanas eminentes".* (último parágrafo) Considerando-se o par de palavras **eminentes / iminentes**, é correto afirmar que se trata de exemplo de

(A) antonímia.

(B) sinonímia.

(C) paronímia.

(D) homonímia.

(E) homofonia.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Parônimos são palavras parecidas. Eminente: que ocupa ou está em posição elevada; iminente: que está prestes a acontecer.

Antonímia é a relação entre palavras antônimas, opostas. Sinonímia é a relação de sentido entre dois vocábulos que têm significação própria. Homonímia: tem o mesmo nome. Homofonia: que tem o mesmo som ou a mesma articulação.

---

39. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /TO/2011) "... *por que nos darmos o trabalho de lê-lo?*" A expressão que contém o mesmo sentido do segmento grifado acima é:

(A) entediarmos ao.

(B) esforçarmos para.

(C) preservarmos de.

(D) pouparmos de.

(E) resguardarmos em.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Por se tratar de expressão coloquial, usada no dia a dia, imagine uma situação em que já a utilizou. Por exemplo: Não vou me dar o trabalho de ir até lá. Significa que não vou me esforçar para ir até lá. O mesmo ocorre na questão. As outras alternativas podem ser descartadas facilmente.

Estudar língua portuguesa para concurso torna-se fácil a partir do momento em que o candidato se conscientiza de que é a nossa língua, é o código que utilizamos para a comunicação. Traga-a para perto, imagine-se em determinadas situações e utilize a bagagem cultural. Misturando isso tudo, acertará as questões.

---

40. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /AC/2010) Está correto o emprego de **seção**, em *seção eleitoral*, assim como está correto o do termo sublinhado na frase:

(A) A secção em que se deveria homenageá-lo foi adiada para a próxima semana.

(B) Ele se indispôs contra a seção de seus direitos em favor de tantos parentes e contraparentes.

(C) Na sessão para a qual foi indicado para assumir nova função, o chefe é reconhecidamente um intolerante.

(D) Não houve como obter dele a cessão de seu posto para um colega mais experiente.

(E) A sessão longitudinal dessa planta expôs os vestígios do parasita que a fez definhar.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – A cessão de seu posto é no sentido de ceder. Para recordar facilmente, associe a letra c no início das duas palavras.

Alternativa "a" – Errada. Sessão: significa intervalo de tempo de uma reunião para determinado fim.

Alternativa "b" – Errada. Cessão: ato de ceder (transferir ou doar algo).

Alternativa "d" – Errada. Seção ou secção: dignifica corte, segmento, setor.

Alternativa "e" – Errada. Seção ou secção: dignifica corte, segmento, setor.

---

41. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRF – 4ª Região/2010) NÃO haverá prejuízo para a correção e o sentido do segmento do texto com a substituição do elemento sublinhado pelo indicado entre parênteses em:

(A) (...) inserindo-se no cotidiano *da vida pública e privada* (...) (emergindo no dia a dia)

(B) (...) *nos ajuda a entender (...) a* configuração da subjetividade *contemporânea*. (formação da veleidade íntima)

(C) Algumas vezes nos perguntamos *como sobrevivíamos antes da internet* (...). (Ocorre-nos, por vezes, indagar)

(D) *Lembremos que essas tecnologias* (...) *são* aquisições recentíssimas *da humanidade*. (conquistas açodadas)

(E) (...) *agiram* como se estivessem na iminência *de um ataque catastrófico*. (tal fosse prestes a sofrerem)

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Em questões assim, veja o significado das palavras separadamente, e não da expressão toda. Facilita e diminui o risco de erro.

Erros:

Alternativa "a" – Errada. *Emergir:* é manifestar-se, aparecer, surgir. *Inserir:* Introduzir, fazer entrar; colocar no meio de outros.

Alternativa "b" – Errada. *Veleidade:* Intenção pouco firme, ou dificilmente realizável.

Alternativa "c" – Errada. O sentido é alterado: no primeiro trecho perguntamos a nós mesmos; no segundo, ocorre a nós indagar, ou seja, retira a informação de quem indagar.

Alternativa "d" – Errada. *Iminência:* qualidade do que está iminente; AMEAÇA; PROXIMIDADE. Não há relação com o verbo *sofrerem.*

42. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /RS/2010) A frase em que a palavra destacada está empregada de modo **equivocado** é:

(A) Inerme diante da ofensiva tão violenta, não lhe restou nada a fazer senão render-se.

(B) Há quem proscreva construções linguísticas de cunho popular.

(C) Fui informado do diferimento da reunião em que o fato seria analisado.

(D) A descriminalização de algumas drogas é questão polêmica.

(E) A flagrância do perfume inebriava a todos os convidados.

Alternativa "e": correta – A fragrância: qualidade do que é fragrante; cheiro, perfume suave, aroma, odor. Como as palavras, às vezes, são repetidas em algumas provas, reforce os significados:

- Inerme: que não tem armas ou meios de defesa.
- Proscrever: banir, exilar, degredar.
- Prescrever: Ordenar; regular; comandar; estabelecer; preceituar; receitar; recomendar; fixar; limitar.
- Diferimento: Ato ou efeito de diferir; adiamento: o tribunal pronunciou-se pelo diferimento da causa.
- Descriminalização: ação ou efeito de revogar ou invalidar a criminalidade de um fato.

43. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /AL/2010) Na frase *Eis por que o espectador não se sente em casa em parte alguma, porque o espetáculo está em toda parte,* os elementos sublinhados podem ser correta e respectivamente substituídos por

(A) *a razão pela qual e visto que.*

(B) *por cujo motivo e visto que.*

(C) *a finalidade pela qual e dado que.*

(D) *o motivo por onde e conquanto.*

(E) *a alegação de que e conquanto.*

Alternativa "a": correta – Por que (separado) pode vir acompanhado pela palavra razão ou a mesma pode estar subentendida. Outra alternativa que poderia confundir é a d, mas vem seguido de por onde e não cabe no trecho. Encontra-se a resposta sem chegar à próxima palavra.

44. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – Especialidade Execução de Mandados – TRT 22ª Região/2010) Está plenamente adequado o emprego de ambos os elementos em destaque na frase:

(A) É por vezes mais preferível ignorar a razão de um fenômeno do que imaginá-lo esclarecido por um atalho místico.

(B) À medida em que a ciência avança, fenômenos de cuja causa desconhecíamos passam a ser explicados.

(C) Por hora, a ciência tem ainda muito que caminhar, já que o homem não renunciou a inflingir sua curiosidade ao mundo.

(D) Se sobrevir ao homem alguma calamidade em escala planetária, somente a ciência disporá os meios de enfrentá-la.

(E) A arrogância de que muitos homens são acometidos não parece estar entre os defeitos que se poderiam assacar ao autor.

Alternativa "e" – Correta.

✪ **Nota da autora:** questão de ortografia e regência.

Alternativa "e": correta – Porque *muitos homens são acometidos de arrogância.* Assacar: atribuir, imputar, infligir, irrogar.

Alternativa "a". É por vezes preferível ignorar a razão de um fenômeno a imaginá-lo esclarecido por um atalho místico.

Alternativa "b". À medida que a ciência avança, fenômenos cuja causa desconhecíamos passam a ser explicados. *À medida que* significa **proporção** e *na medida em que* indica **causa**.

Alternativa "c". Por ora, a ciência tem ainda muito que caminhar, já que o homem não renunciou a infligir sua curiosidade ao mundo. *Infligir: aplicar, assacar, atribuir; infringir: desobedecer, postergar, violar.*

Alternativa "d". Se sobrevier ao homem alguma calamidade em escala planetária, somente a ciência disporá dos meios de enfrentá-la.

Leia o texto abaixo para responder à próxima questão.

Rita

No meio da noite despertei sonhando com minha filha Rita. Eu a via nitidamente, na graça de seus cinco anos.

Seus cabelos castanhos – a fita azul – o nariz reto, correto, os olhos de água, o riso fino, engraçado, brusco...

Depois um instante de seriedade; minha filha Rita encarando a vida sem medo, mas séria, com dignidade.

Rita ouvindo música; vendo campos, mares, montanhas; ouvindo de seu pai o pouco, o nada que ele sabe das coisas, mas pegando dele seu jeito de amar – sério, quieto, devagar.

Eu lhe traria cajus amarelos e vermelhos, seus olhos brilhariam de prazer. Eu lhe ensinaria a palavra cica, e também a amar os bichos tristes, a anta e a pequena cutia; e o córrego; e a nuvem tangida pela viração.

Minha filha Rita em meu sonho me sorria – com pena deste seu pai, que nunca a teve. (Rubem Braga. 200 Crônicas escolhidas. 13. ed. Rio de Janeiro. Record, 1998, p.200)

45. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT – 8ª Região/2010) "... *na graça de seus cinco anos.* (primeiro parágrafo) ... *e a nuvem tangida pela viração".* (penúltimo parágrafo) As palavras grifadas nas frases transcritas acima têm, respectivamente, o sentido de

(A) alegria e mudança do clima.

(B) inocência graciosa e tempestade.

(C) dádiva e calmaria.

(D) encanto e brisa marinha.

(E) gratuidade e vento forte.

Alternativa "d": correta – Sem ler o texto seria difícil acertar, pois os sentidos estão entrelaçados ao contexto. Como o autor cita o sonho com a filha de cinco anos, concluímos que *graça* está no sentido de *encanto*, excluindo as alternativas restantes.

Alternativa "a" – Errada. Alegria: *sentimento de grande contentamento, de satisfação, de prazer.*

Alternativa "b" – Errada. Inocência: *ausência de malícia.*

Alternativa "c" – Errada. Dádiva: *ação ou resultado de dar algo a alguém, de boa vontade e espontaneamente.*

Alternativa "e" – Errada. gratuidade: *qualidade do que é gratuito. (Fonte dos significados das palavras: Dicionário digital Aulete).*

46. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/ 2007 – FCC) A frase em que a grafia e a acentuação estão em conformidade com as prescrições da norma padrão da Língua Portuguesa é:

(A) Ao se estender esse viez interpretativo, correm o risco de por tudo à perder, na medida em que será alterada a estratégia da pesquisa previamente adotada.

(B) Sua pretenção ao consenso esvaiu-se quase que de repente, quando notou que entorno de si as pessoas mais pareciam descansar que dispostas à debates.

(C) Tomou como ultrage a displicência com que foi recebido, advinhando que o mal-estar que impregnava o ambiente era mais que uma questão eminentemente pessoal.

(D) Estava atrás de um acessório que o despensasse de promover a limpeza do aparelho e sua consequente manutenção depois de cada utilização, mas não pôde achá-lo por alí.

(E) Quando se considera a par do tema, ajuiza sem medo, mas, ao se compreender insipiente, para tudo e pede aos especialistas que o catequizem no assunto para não passar por néscio.

Alternativa "e": correta – Atenção às formas: catequizar e catequese. Néscio: ignorante, incapaz.

Alternativa "a" – Viés, **a** perder – não se usa crase antes de verbo.

Alternativa "b" – Pretensão (e pretensioso); **a** debates: singular + plural = sem crase; em torno. Reforce o estudo no tópico de crase.

Alternativa "c" – Ultraje e adivinhando (adivinhar).

Alternativa "d" – Dispensasse (de dispensar) e alí.

47. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3ª região/ 2007 – FCC) Está correta a grafia de todas as palavras na frase:

(A) A presunção de verossimilhança é inerente aos escritos ficcionais, mesmo aos que exploram as rotas e as sendas mais fantasiosas da imaginação.

(B) Deprende-se do texto que, no futuro, as civilizações adotarão paradigmas que substituirão com vantajem aqueles que regeram a vida do século XX.

(C) Distila-se nesse texto o humor sutil de Mário Quintana, um autor gaúcho para quem a poesia e a vida converjem de modo inelutável.

(D) A apreenção humana diante das forças da natureza deriva de épocas préhistóricas, quando o homem não dispunha de recursos técnicos para enfrentá-las.

(E) As obsessões humanas pelo progresso parecem ignorar que as leis da natureza não sofrem nenhum processo de obsolecência, e custam caro para quem as transgrida.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Verossimilhança: *qualidade do que é verossímil; VEROSSIMILITUDE; VEROSSIMILIDADE*.*

Alternativa "b" – Depreende-se e vantagem.

Alternativa "c" – Destila-se e convergem.

Alternativa "d" – Apreensão e pré-históricas.

Alternativa "e" – Obsolescência

(*) *Fonte: Dicionário Digital Aulete.*

---

48. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 4ª região/ 2006 – FCC) Em *perpetuei e transmiti o respeito de meus pais pelas ficções*, não haverá necessidade de se alterar ou introduzir qualquer outro elemento nessa frase caso se substitua perpetuei e transmiti por

(A) honrei e convivi.

(B) herdei e difundi.

(C) habituei-me e aprendi.

(D) orgulhei-me e admirei.

(E) rendi-me e louvei.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Perpetuar: transmitir de geração em geração; transmitir: difundir (dados, relatos, acontecimentos).

Alternativa "a" – Honrar: respeitar, reverenciar, venerar.

Alternativa "c" – Sem relação semântica.

Alternativa "d" – Sem relação semântica.

Alternativa "e" – Sem relação semântica.

2.2. CESPE

Atenção! a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

A parte da natureza varia ao infinito. Não há, no universo, duas coisas iguais. Muitas se parecem umas às outras, mas todas entre si diversificam. Os ramos de uma só árvore, as folhas da mesma planta, os traços da polpa de um dedo humano, as partículas do mesmo pó, as raias do espectro de um só raio solar ou estelar. Tudo assim, desde os astros no céu, até os micróbios no sangue, desde as nebulosas no espaço até as gotas do rocio na relva dos prados. (...) (Ruy Barbosa. Oração aos moços. Internet: <http://home.comcast.net>, com adaptações).

---

49. (CESPE – Analista do MPU/2013) A palavra "nebulosas" é empregada, no texto, com função adjetiva, podendo ser substituída por *obscuras, enigmáticas*.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A palavra "nebulosas", no texto, foi empregada como um substantivo, além de não possuir sentido de obscuras e enigmáticas.

Trecho para o Item.

(...) A segunda concepção está centrada na ideia de que a segurança é um serviço público a ser prestado pelo Estado e cujo destinatário é o cidadão. Não há, nesse caso, mais inimigo a combater, mas cidadão para servir. A polícia democrática não discrimina, não faz distinções arbitrárias: trata os barracos nas favelas como domicílios invioláveis, respeita os direitos individuais, independentemente de classe, etnia e orientação sexual, não só se atendo aos limites inerentes ao estado democrático de direito, mas entendendo que seu principal papel é promovê-lo. (...)

Cláudio Pereira de Souza Neto. A segurança pública na Constituição Federal de 1988: conceituação constitucionalmente adequada, competências federativas e órgãos de execução das políticas. Internet: <www.oab.org.br> (com adaptações).

---

50. (CESPE – Delegado de Polícia – BA/2013) Dada a argumentação desenvolvida no texto, o adjetivo "arbitrárias" pode ser interpretado tanto como em **desacordo com as regras ou normas** quanto como **abusivas**.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Arbitrário significa *que não segue princípios lógicos; que está sujeito aos desejos e/ou vontades da pessoa que age; que não acompanha nem depende de regras ou normas.*

Texto! Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.

Fundada por Ptolomeu Filadelfo, no início do século IIIa.C., a biblioteca de Alexandria representa uma epígrafe perfeita para a discussão sobre a materialidade da comunicação. (...) (In: João C. de C. Rocha (Org.). Interseções: a materialidade da comunicação. Rio de Janeiro: Imago; EDUERJ, 1998, p. 12, 14-15, com adaptações)

51. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2012) O vocábulo "epígrafe" significa inscrição sobre a lápide de túmulos ou sobre monumentos funerários e é usado no texto como metáfora tanto da materialidade tumular da biblioteca de Alexandria, quanto do tempo decorrido desde sua existência até o presente.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – "Epígrafe" significa "inscrição acima, no começo de livros, capítulos", etc. e não só de lápides e túmulos.

Com relação a aspectos linguísticos do trecho, julgue o item a seguir.

Para além desse anedotário há, de fato, muito que refletirmos. Afinal, os mais diversos povos indígenas estão lidando com as grandes instituições da sociedade branca e com processos políticos pertencentes a uma gramática social e simbólica que lhes é absolutamente estranha, ao menos na maneira como estamos acostumados a pensar.

52. (UNB/CESPE – Poder Judiciário – TRE / ES/2012) O vocábulo "gramática", no texto, é empregado com o sentido de sistema.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Questão que desconsidera o uso de dicionário, já que a dica está no próprio trecho. Ao mencionar, anteriormente, as grandes instituições da sociedade branca e os processos políticos, conclui-se que o termo gramática é empregado no sentido de sistema.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

Bandos de homens armados perpetram anualmente 450 roubos a bancos e carros-fortes no Brasil. Tais episódios põem em risco a vida de clientes, agentes de segurança e policiais, mas o prejuízo financeiro é relativamente pequeno para as instituições. (...) (André Vargas. Assalto.com.br, In: Veja, 24/11/2010 com adaptações).

53. (CESPE – Delegado de Polícia – ES/ 2011) O vocábulo "perpetram" poderia ser substituído por **cometem**, sem que isso acarretasse prejuízo semântico ou sintático ao texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Perpetrar significa cometer (crime ou qualquer ato condenável).

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...)

Não obstante nas últimas duas décadas se terem verificado inovações na área da formação profissional, poucas iniciativas lograram sucesso no sentido de implementar mudanças efetivas nas práticas e nos procedimentos dominantes. A atividade policial mostra-se inscrita em um padrão de desempenho que se traduz não só na ineficácia dos resultados, mas que se reveste de aspectos suplementares, relacionados, fundamentalmente, à forma de atuação predominantemente violenta e arbitrária da polícia, permanecendo como desafio à sociedade contemporânea brasileira. (...) (Paula Poncioni. O modelo policial profissional e a formação profissional do futuro policial nas academias de polícia do estado do Rio de Janeiro. In: Sociedade e Estado, vol. 20, n.° 3. Brasília, set.-dez./2005. Internet: www.scielo.br, com adaptações).

54. (CESPE – Delegado de Polícia – ES/ 2011) A substituição do adjetivo "efetivas" pela expressão **capazes de produzir um efeito real** não afetaria o texto semântica nem sintaticamente.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Efetivo significa que é real, verdadeiro, que está em efeito.

Atenção! O trecho refere-se à questão seguinte.

Brinkmanship

Em 1964, o cineasta Stanley Kubrick lançava o filme Dr. Strangelove. Nele, um oficial norte-americano ordena um bombardeio nuclear à União Soviética e comete suicídio em seguida, levando consigo o código para cancelar o bombardeio. O presidente norte-americano busca o governo soviético na esperança de convencê-lo de que o evento foi um acidente e, por isso, não deveria haver retaliação. É, então, informado de que os soviéticos implementaram uma arma de fim do mundo (uma rede de bombas nucleares subterrâneas), que funcionaria automaticamente quando o país fosse atacado ou quando alguém tentasse desacioná-la. (...) (Fabio Zugman.Teoria dos jogos. Internet: www.iced.org.br, com adaptações).

55. (CESPE – Delegado de Polícia – RN/ 2008) No 1º parágrafo, o verbo implementar, na forma verbal "implementaram", está sendo usado no sentido de

(A) suprir de implementos.

(B) solucionar.

(C) demarcar.

(D) distribuir estruturas em determinada área.

(E) desenvolver ou produzir.

Alternativa "e": correta – Implementaram uma arma de fim do mundo = desenvolveram ou produziram uma arma.

Alternativa "a" – suprir: completar, fornecer o que é preciso, preencher, inteirar.

Alternativa "d" – solucionar: resolver, dar solução a.

Alternativa "c" – demarcar: delimitar, fixar limites, definir.

Alternativa "d" – distribuir: espalhar, dividir, ordenar, repartir.

Com referência às ideias e às estruturas linguísticas do texto, julgue o item a seguir.

Hoje o sistema isola, atomiza o indivíduo. Por isso seria importante pensar as novas formas de comunicação.Mas o sistema também nega o indivíduo. Na economia, por exemplo, mudam-se os valores de uso concreto e qualitativo para os valores de troca geral e quantitativa. Na filosofia aparece o sujeito geral, não o indivíduo. Então, a diferença é uma forma de crítica. Afirmar o indivíduo, não no sentido neoliberal e egoísta, mas no sentido dessa ideia da diferença é um argumento crítico. Em virtude disso, dessa discussão sobre a filosofia e o social surgem dois momentos importantes: o primeiro é pensar uma comunidade autor reflexiva e confrontar-se, assim, com as novas formas de ideologia. (...) (Miroslav Milovic. Comunidade da diferença. Relume Dumará, p. 131-2, com adaptações).

56. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STF/2008) A partir do desenvolvimento das ideias do texto, conclui-se que a palavra "crítico" está sendo empregada como crucial, perigoso.

( ) Certo ( ) Errado

Errado – Crítico aqui está sendo usada significando relativo à crise, que cabe julgamento.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue os itens a seguir.

Poderíamos definir o amazonismo como um conjunto de idéias e de discursos, produzidos pelo imaginário ocidental sobre a Amazônia e as populações nativas, destinado a viabilizar interesses políticos e econômicos. Como espaço imaginado pelo Ocidente, o amazonismo partilha muitas características com o orientalismo. Todavia, enquanto Said nos apresenta um Oriente construído de maneira negativa por um Ocidente hegemônico, o amazonismo constitui um campo ambíguo, catalisador de imagens e de discursos contraditórios, que podem ser mobilizados para servir a interesses muito divergentes. (...) (José Pimenta. Internet: ambienteacreano.blogspot.com, com adaptações).

57. ((CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Rio Branco – AC/2007) O termo "catalisador" está sendo empregado no mesmo sentido que tem na seguinte frase: O mito é catalisador de sentimentos e fantasias em relação ao universo amazônico.

( ) Certo ( ) Errado

Certo – O termo *catalisador*, no texto, está empregado no sentido de modificador dos sentimentos que estimulam a fantasia conforme interesses vários.

2.3. MPE

58. (MPE – MS – Promotor de Justiça – MS/2013) Assinale a série em que todas as palavras estão grafadas corretamente:

(A) pretensão, sucinto, regozijo, prazeirosamente.

(B) obsessão, supertição, oscilar, sopetão.

(C) propulsão, chuchu, frizar, insosso.

(D) coalizão, piche, deslize, lambujem.

(E) irascível, xícara, dissensão, irriquieto.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Coalizão = liga ou aliança entre países, partidos políticos, etc; coligação (palavra derivada do francês: coalition), Não confunda: coalizão com colisão (chocar-se, ir de encontro)

- Piche = palavra originária do inglês: pitch
- Deslize = palavra derivada de deslizar

Labujem = sinônimo de lambuja, pequena vantagem, resto de comida que fica nos pratos (derivação de lamber)

Alternativa "a" – prazeirosamente (incorreto) / prazerosamente (correto – palavra derivada de "prazer")

Alternativa "b" – supertição (incorreto) / superstição (correto – palavra originária do latim: superstitio)

Alternativa "c" – frizar (incorreto) / frisar (correto – colocar friso em algo)

Alternativa "e" – irriquieto (incorreto) / inquieto (correto – que revela inquietação)

---

59. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) Em relação ao uso dos porquês, o período abaixo está escrito de acordo com as normas gramaticais da língua escrita padrão.

Devemos repensar nos objetivos por que lutamos por um longo tempo e buscarmos o porquê fracassamos; talvez seja porque não somos autossuficientes ou por quê o ser humano é falível.

( ) Certo ( ) Errado

Errado:

- "... objetivos por que lutamos..." = sequência de uma **preposição** (por) + **pronome relativo** (que), equivalendo a *"pelo qual"* (ou alguma de suas flexões: *pela qual, pelos quais, pelas quais).*
- "... buscarmos o porquê fracassamos..." = representa um **substantivo**. Significa "causa", "razão", "motivo" e normalmente surge acompanhada de palavra determinante (artigo, por exemplo).
- "... talvez seja porque não somos autossuficientes..." = **conjunção**, equivalendo a *pois, já que, uma vez que, como.* Utiliza-se em respostas, para explicação ou causa.
- "... ou por quê o ser humano é falível." = Este "por quê" está empregado incorretamente no enunciado, pois sua utilização deve ocorrer apenas no final de uma frase, imediatamente antes de um ponto (final, de interrogação, de exclamação) ou de reticências, devido à posição na frase, o monossílabo *"que"* passa a ser **tônico.** De acordo com a norma culta, o correto é que se utilize, nesta situação, a conjunção explicativa "porque".

---

60. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) Em relação à ortografia, o período está de acordo com as normas gramaticais da língua escrita padrão. *"O cessionário que praticava charlatanices, especialmente no que se referia a usucapião, excedeu-se com o seu intercessor".*

( ) Certo ( ) Errado

Certo – sim, pontuação, regência, ortografia, coesão e coerência corretamente empregados no texto. Vejamos:

O cessionário que **praticava charlatanices,** (pronome relativo que pode ser substituído por "o qual" e retoma o termo antecessor "o cessionário")

- **especialmente no que se referia a usucapião,** aposto entre vírgulas e não se utilizou crase antes da palavra masculina "usucapião"
- **excedeu-se com o seu intercessor.** ortografia correta em "excedeu-se" e intercessor".

---

61. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) A expressão por que deve ser usada quando a conjunção por se combina com um pronome interrogativo (Por que não te calas?) ou quando se combina com pronome relativo (Mesmo assim, ouso dizer que poucos conhecem as causas por que luto).

( ) Certo ( ) Errado

Certo – A forma **"por que"** é a sequência de uma **preposição** (por) e um **pronome interrogativo** (que). Equivale a "por qual razão", "por qual motivo". Exemplos:

- Desejo saber **por que** você voltou tão tarde para casa.
- **Por que** você comprou este casaco?

Há casos em que **"por que"** representa a sequência **preposição + pronome relativo**, equivalendo a *"pelo qual"* (ou alguma de suas flexões: *pela qual, pelos quais, pelas quais).* Exemplos:

- Estes são os direitos **por que** estamos lutando. (pelos quais)

- O túnel **por que** passamos existe há muitos anos. (pelo qual)

---

62. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) No período *"Se não bastantes tais cautelas, é também preciso ter muita atenção com a forma por meio da qual se ajustará com o profissional o hiring bônus ou sign-on bônus na fase de negociação"*, a palavra destacada apresenta um desvio às orientações do padrão culto da língua escrita em relação à concordância nominal, pois é uma palavra invariável, logo não admite qualquer tipo de flexão. (Extraído da Revista Visão Jurídica, número 82, p. 13).

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A palavra "bastante" possui várias funções. Pode ser adjetivo, advérbio, pronome indefinido ou, ainda, substantivo masculino. No enunciado, ela está sendo utilizada como adjetivo. Sendo assim, cabe flexão para que seja feita a correta concordância nominal.

- **Adjetivo de dois gêneros**: Que basta ou é suficiente. Exemplo: *Ela já me deu provas bastantes de que ama você.*
- **Advérbio (invariável):**

§ Suficientemente, em quantidade, intensidade ou grau adequados, ou relativamente altos. Exemplos: *suas anotações foram bastante confusas; conseguiu andar bastante rápido.*

§ Muito; em grau ou intensidade altos, ou em grande quantidade; mais do que o considerado normal, habitual, desejável, aceitável, necessário, etc. Exemplo: *já estou bastante ocupada, não posso assumir novas tarefas.*

- **Substantivo masculino:** O que basta ou é suficiente. Exemplo: *os amigos fazem tudo por ele, mas nunca é o bastante.*
- **Pronome Indefinido** Muito, numeroso. Exemplo: *há bastantes pernilongos aqui.*

---

63. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) Todos os vocábulos listados a seguir são considerados de dois gêneros, isto é, são masculinos e femininos, mas o gênero não é marcado por flexão: estudante – dentista – aprendiz – colega – jornalista – caipira.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – o substantivo comum de dois gêneros possui forma invariável para os dois gêneros, masculino e feminino. A distinção de gênero pode ser feita pelo determinante, através da análise do artigo, pronome ou adjetivo, quando acompanharem o substantivo. Veja os exemplos:

- o dentista – a dentista
- este estudante – esta estudante
- ótimo aprendiz – ótima aprendiz
- o colega – a colega
- jornalista francês – jornalista francesa
- um caipira – uma caipira

---

64. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2012)

Irritado, sem saber por que(1) havia sido acusado pelo prefeito da cidade de "inimigo da lei e da ordem", o velho pároco foi procurá-lo. Devia haver um porquê(2) para aquela acusação... Não podia deixar de ir, porque(3) considerava aquela uma acusação inadmissível. Por que(4) mesmo estaria sendo acusado de "inimigo da lei e da ordem"? Precisava saber. Precisava urgentemente saber por quê(5).

Leia as justificativas sobre os diferentes usos do "porquê" que aparecem no texto acima e julgue-as certo ou errado:

I. (1) Sequência de preposição mais pronome relativo, equivalente a "por qual razão".

II. (2) Usado como substantivo.

III. (3) Conjunção que inicia oração coordenativa explicativa, ou subordinada adverbial causal.

IV. (4) Sequência de preposição mais pronome interrogativo, frase interrogativa.

V. (5) Usado em final de frase ou imediatamente antes de pontuação.

(A) Apenas as assertivas I e II estão corretas.

(B) Apenas as assertivas I, II e III estão corretas.

(C) Apenas as assertivas I, II, III e IV estão corretas.

(D) Apenas as assertivas III e IV estão corretas.

(E) Todas as assertivas estão corretas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – I e IV – "por que" = a junção da preposição por + *pronome interrogativo ou indefinido* que, possui o significado de "por qual razão" ou "por qual motivo"

II. "porquê" = substantivo e tem significado de "a razão", "o motivo". **Vem acompanhado de artigo, pronome, adjetivo ou numeral.**

III. "porque" = conjunção causal ou explicativa, com valor aproximado de "pois", "uma vez que", "para que"

V. " por quê" = quando **vier antes de um ponto**, seja final, interrogativo, exclamação, o por quê **deverá vir acentuado** e continuará com o significado de "por qual motivo", "por qual razão".

Alternativas "a", "b", "c", "d" – alternativas incorretas, de acordo com as explicações da alternativa "e".

---

65. (MPE – RS – Promotor de Justiça – RS/2012) As grafias das palavras autointeressado, bem-estar, autocentrados e ideia estão de acordo com os preceitos do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, vigente a partir de 1º de janeiro de 2009.

Assinale, entre as alternativas abaixo, a única palavra cuja grafia também está de acordo com as normas desse novo Acordo Ortográfico.

(A) asteróide

(B) co-interessado

(C) feiura

(D) mão-de-obra

(E) entre-safra

Alternativa "c": correta – a palavra "feiúra" deixou de receber acento, assim como todas as *paroxítonas* com i e u tônicos formando hiato (sequência de duas vogais que pertencem a sílabas diferentes), quando vierem *após um ditongo*.

Alternativa "a" – as-te-roi-de = deixou de ser acentuada, assim como todas as paroxítonas que possuam ditongos abertos "ei" e oi".

Alternativa "b" – cointeressado = palavras cujos prefixos terminem em vogal diferente da que se inicia a palavra seguinte, deixam de ser escritas com hífen.

Alternativa "d" – segundo o novo acordo ortográfico, palavras compostas com elemento de conexão só mantêm os hífens se forem palavras ligadas à zoologia ou à botânica: joão-de-barro, copo-de-leite. Nos demais casos, não há mais hífen: mão de obra, dona de casa, quartas de final, dia a dia, disse me disse, sobe e desce, vai e vem.

Alternativa "e" – entressafra = palavras escritas com o prefixo "entre" e com segunda palavra iniciada por "s", dobra-se o "s" e deixa de receber o hífen.

---

66. (MPE – RS – Promotor de Justiça – RS/2012) Assinale a alternativa que apresenta os sinônimos mais adequados para fundamentos, infusão e cruciais.

(A) alicerces – inserção – fulcrais

(B) dogmas – introdução – árduos

(C) pilares – inserção – insolúveis

(D) alicerces – miscelânea – árduos

(E) dogmas – introdução – fulcrais

Alternativa "a": correta.

Fundamentos = aquilo em que se baseia um pensamento, uma doutrina; base; alicerce.

Infusão = ação de inserir, introduzir, de fazer penetrar, de comunicar.

Cruciais = de extrema importância, básicos, fundamentais, fulcrais.

Alternativa "b", "c", "d" e "e":

- Dogmas = ideia ou preceitos apresentados como irrefutáveis.
- Introdução = ato de introduzir; texto breve que apresenta uma obra escrita.
- Árduos = grande dificuldade, penoso.
- Pilares = coluna de sustentação, apoio, esteio, suporte.
- Insolúveis = que não dissolve, indissolúvel.
- Miscelânea = mistura confusa de coisas diversas.

---

67. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2011) Em relação à ortografia:

I. O indigitado é falso como quê.

II. Perguntaram por que não saimos de casa ontem.

III. O recorrente nada declarou por quê?

IV. O corréu foi julgado em rito sumaríssimo.

V. No seminário íbero-americano discutiu-se uma ação mais ágil.

(A) Apenas as assertivas I, II, III e V estão corretas.

(B) Apenas as assertivas I, II, III e IV estão corretas.

(C) Apenas as assertivas I, III e IV estão corretas.

(D) Apenas as assertivas II, IV e V estão corretas.

(E) Todas as assertivas estão corretas.

Alternativa "c": correta

I. a palavra "quê" recebe acento circunflexo quando estiver no final de uma oração, pois, nessa situação, passa a ser um monossílabo tônico que, terminado em "e" deve ser acentuado.

III. a palavra "por quê" usada em final de frase ou imediatamente antes de pontuação, deve receber acento.

IV. a palavra "corréu", de acordo com a Nova Ortografia, passou a ser escrita sem hífen e com "r" dobrado, mantendo-se o acento no ditongo aberto por se tratar de oxítona.

Alternativas "a", "b", "d" e "e":

II. a palavra "saímos" deve ser acentuada de acordo com a regra do "i" tônico, não seguido de "r" ou "nh" e que constitua um hiato.

V. "ibero-americano" é uma palavra composta, cuja primeira é uma paroxítona não acentuada por terminar em "o" e não uma proparoxítona como mostra o enunciado.

2.4. CONSULPLAN

Trecho para a próxima questão.

(–) *A frase de Brecht seria sua jurisprudência mais básica: "O que é roubar um banco comparado a fundar um?" (...) (Marcia Tiburi. Cult, dezembro de 2011)*

68. (CONSULPLAN – Analista Judiciário – Área Judiciária – TSE/2012) A palavra jurisprudência, no texto, assume o sentido de

(A) "conjunto das decisões e interpretações das leis".

(B) "modelo de pensar".

(C) "desculpa".

(D) "argumento jurídico".

Alternativa "b": correta – Emprego de figura de palavra, metonímia, modelo de pensar, de considerar.

Alternativa "a" – Não cabe, aqui, interpretação de leis.

Alternativa "c" – Não há conotação de desculpa.

Alternativa "d" – Também não se trata de argumento jurídico.

2.5. FUNRIO

Texto I:

Colisão entre caminhão e carro deixa 4 mortos em Pernambuco

Uma colisão, na qual um caminhão foi de encontro a um carro, deixou 4 pessoas mortas e 2 feridas na noite desta terça-feira na cidade de Salgueiro, a 530km do Recife, no sertão de Pernambuco. Entre as vítimas fatais, estavam engenheiros responsáveis pela construção da Ferrovia Transnordestina.

Segundo informações da Polícia Rodoviária Federal, o caminhão com placa do Rio Grande do Norte, o qual a Polícia recolheu ao depósito, colidiu com o carro, um veículo Gol, com placa do Ceará. Dos 4 ocupantes do Gol, 3 morreram. Entre eles estavam engenheiros responsáveis pela construção da Ferrovia Transnordestina. O motorista do caminhão também morreu no local do acidente. Ao Hospital Regional de Salgueiro as vítimas do referido acidente foram levadas. (Ana Lima Freitas – Texto adaptado. http://noticias.terra.com.br/transito/interna, acesso em 26 ago. 2009).

69. (Funrio – Policial Rodoviário Federal/2009) Reescrevendo-se trechos do texto I, indicados entre parênteses, há correção ortográfica no item

(A) "Uma colisão,..., há 530km do Recife."

(B) "O motorista do caminhão também falesceu no local do acidente".

(C) "...um caminhão foi de encontro a um veículo...".

(D) "Entre eles estavam proficionais responsáveis".

(E) "Segundo relatorios da Polícia Rodoviária Federal".

Alternativa "c": correta – *De encontro a* = oposição; *ao encontro de* = semelhante, junto.

Alternativa "a" – Há: sentido de existir (considerado como impessoal) ou indica tempo decorrido (também impessoal e singular, nos dois casos mencionados). Na alternativa, deveria ser usado: **a** 530 km do Recife.

Alternativa "b" – Faleceu: verbo falecer no pretérito perfeito do indicativo.

Alternativa "d" – Profissionais: vem de profissão = ss.

Alternativa "e" – Relatórios: paroxítona terminada em ditongo. Dica de acentuação no final do capítulo.

70. (Funrio – Policial Rodoviário Federal/2009)

No afã de manter a elegância textual e a correção na utilização dos tempos e ortografia verbais, policial em rodovia diz a um companheiro de trabalho: "Na rodovia, _____ com _____ e agilidade quando _____ pessoas que necessitem de seu auxílio".

O item que completará adequadamente o período selecionado é:

(A) haja, descrição, ver.

(B) aja, descrição, vir.

(C) haja, discrição, ver.

(D) aja, discrição, vir.

(E) aja, discreção, ver.

Alternativa "d": correta – Aja = verbo agir. Altera-se o *g* pelo *j* por questão fonética. Eliminadas alternativas *a* e *c*.

- **Discrição**: qualidade de quem ou do que é discreto, de quem ou do que não chama a atenção. Eliminadas alternativas *b* (descrição: ação ou resultado de descrever alguma coisa, oralmente ou por escrito) e *e*.
- Verbo *ver* no futuro do subjuntivo = **vir**.

▶ **Dica:**

- No futuro do subjuntivo: ver = vir e vir = vier.
- Se ele vier (vir) aqui e vir (ver) você assim.

2.6. UFMT

71. (UFMT – Promotor de Justiça – MT/2012)

No Brasil, fast-food e alopatia convivem na boa com a mamadeira, a canjica, os chás de erva-cidreira e erva-doce. Geleia global. Tudo bem que os americanos tenham o seu "pieceofcake", designativo das coisas fáceis de obter. Houve tempo em que eles só souberam da fartura e não sentiram na carne o que é ter de descascar um abacaxi, resolver um pepino, encarar uma batata quente e enfrentar o angu de caroço que é o nosso dia a dia. Afinal, mesmo em crise, eles ainda ganham em dólar. E comem como poucos.(Rev. Língua Portuguesa, n. 78, 2012.)

Em relação aos recursos linguísticos e estilísticos do texto, marque V para as afirmativas verdadeiras e F para as falsas.

( ) Na caracterização feita ao nosso dia a dia, foram usadas metáforas de alimentação, todas indicativas da leveza de vida do brasileiro.

( ) A palavra geleia não mais é acentuada em função do novo Acordo Ortográfico, assim também papeis, pasteis e bachareis.

( ) Os termos fast-food e "pieceofcake" são estrangeirismos sem aportuguesamento que coexistem com as palavras em português, a exemplo de coffee break, delivery, off.

( ) Erva-cidreira e erva-doce mantêm o hífen, segundo o novo Acordo Ortográfico, por designarem espécies botânicas.

Assinale a sequência correta.

(A) F, V, V, F

(B) F, F, V, V

(C) V, F, F, V

(D) V, V, F, F

(E) F, V, F, F

Alternativa "b": correta.

(F) as metáforas utilizadas, ao contrário de demonstrar a a leveza de vida do brasileiro, mostra sim situações complicadas. No sentido figurativo:

- descascar um abacaxi e resolver um pepino = resolver um problema difícil
- encarar uma batata quente = enfrentar uma situação difícil, complicada
- enfrentar o angu de caroço que é nosso dia a dia = nosso dia a a dia é cheio de percalços, problemas e situações difíceis de se resolver.
- resolver um pepino = resolver um probema, uma complicação.

(F) Em função do Novo Acordo Ortográfico, ditongos abertos "ei" e "oi" em paroxítonas, deixam de ser acentuados, como é o caso de ge-lei-a, i-dei-a, ji-boi-a. Mas, atenção: esses ditongos em palavras oxítonas, continuam acentuados: pa-péis, pas-téis e ba-cha-réis.

(V) O aportuguesamento de termos estrangeiros é uma boa saída para aquelas palavaras para as quais não temos tradução. Imagine o termo "dumping". Não conseguimos aportuguesar e não há em português uma palavra para traduzi-la: "é quando uma empresa faz preços abaixo do mercado para quebrar o concorrente". É demais. Nestas horas, o termo estrangeiro é bem-vindo, pois enriquece a língua.

E há outros bons exemplos: *ranking, show, marketing, impeachment, fast food, coffe break*. São palavras devidamente incorporadas à nossa língua cotidiana.

Mas, cuidado: utilizar estrangeirismos para palavras devidamente aportuguesas, soa como modismo exagerado. Nossa língua possui um vocabulário riquíssimo. Lembre-se de futebol, ao invés de soccer, futebol de areia ao contrário de beach soccer, blecaute e não black out, estresse no lugar de stress, balé, filé, chope, espaguete e tantas outras palavras à nossa disposição.

(V) segundo o Novo Acordo Ortográfico, palavras compostas com elemento de conexão só mantêm os hifens se forem palavras ligadas à zoologia ou à botânica: joão-de-barro, copo-de-leite, erva-cidreira, erva-doce, etc.

Alternativas "a", "c", "d" e "e" – eliminadas diante da resposta da alternativa "b".

---

72. (Procurador do Município – Prefeitura de Cuiabá – MT/2007 – UFMT) Assinale o trecho em que há exemplo de conotação.

(A) uma equipe que analisou centena de milhares de textos literários ocidentais.

(B) reassuma sua estatuesca e inimitável majestade de Vênus tropical.

(C) Ninguém gosta de saber desses acontecimentos tristes.

(D) a maioria concordaria em que mulher tem que ter cintura.

(E) elas procuram sempre posar curvando os quadris para um lado.

Alternativa "b": correta – sua estatuesca e inimitável majestade de Vênus tropical: sentido conotativo com uma carga afetiva de admiração pela mulher brasileira.

Alternativa "a" – "centenas de milhares de textos ...": sentido próprio – denotativo.

Alternativa "c" – "acontecimentos tristes": sentido próprio – denotativo.

Alternativa "d" – sentido próprio – denotativo.

Alternativa "e" – sentido próprio – denotativo.

---

73. (Procurador do Município – Prefeitura de Cuiabá – MT/2007 – UFMT) Assinale a alternativa em que *mesmo* possui sentido semelhante ao que revela no trecho: **mesmo** as descinturadas por uma malhação perversa.

(A) Sinto o mesmo que você.

(B) Mesmo que seja convidado, não irei.

(C) Qualquer um pode se candidatar, mesmo eu ou você.

(D) E que padrão de beleza é esse, será mesmo "natural"?

(E) Seria bom que todas as escolas tivessem o mesmo nível de qualidade.

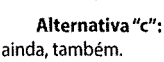

Alternativa "c": correta – mesmo eu ou você: até, ainda, também.

Alternativa "a" – o mesmo que: sentido de igualdade – conjunção comparativa.

Alternativa "b" – mesmo que seja: ainda que seja – sentido oposto a ser convidado – conjunção concessiva

Alternativa "d" – será mesmo "natural"?: realmente – sentido de dúvida marcada pela interrogação.

Alternativa "e" – o mesmo nível de qualidade: sentido de igualdade.

2.7. AJURI

---

74. (Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2012 – AJURI) Assinale a alternativa em que todas as palavras estão grafadas de acordo com a **Reforma Ortográfica**:

(A) boiúna / feiúme / auto-regulamentação / pré-natal / supra-sensível / ideia;

(B) enjoo / extrasseco / auto-aprendizagem / contra-indicação / antiaéreo / antiibérico;

(C) água-de-colônia / arco-da-velha / auto-ajuda / minissaia / anti-imperialista / ultra-sonografia;

(D) pró-desarmamento / arqui-irmandade / baiuca / neoexpressionista / arquirrivalidade / soto-mestre.

Alternativa "d": correta.

✪ **Nota da autora:** Confira as novas regras em cada palavra.

Erros:

Alternativa "a" – boiuna – Elimina-se o acento agudo dos I e U tônicos depois de ditongos, nas paroxítonas. Exemplos: baiúca/baiuca, feiúra/feiura, Sauípe/Sauipe.

- **feiume** – Elimina-se o acento agudo dos I e U tônicos depois de ditongos, nas paroxítonas.

Exemplos: baiúca/baiuca, feiúra/feiura, Sauípe/ Sauipe.

- **autorregulamentação** – Não se usa hífen: se o prefixo termina em vogal e a palavra seguinte inicia por R ou S. Além disso, o R e o S são dobrados. Exemplos: antirrugas, antissocial, contrarregra, minissaia, ultrassom. Exceções: Prefixos que sempre levam hífen: pré-, pró-, sota-, soto-, vice-, vizo-.
- **suprassensível** – Não se usa hífen: se o prefixo termina em vogal e a palavra seguinte inicia por R ou S. Além disso, o R e o S são dobrados. Exemplos: antirrugas, antissocial, contrarregra, minissaia, ultrassom. Exceções: Prefixos que sempre levam hífen: pré-, pró-, sota-, soto-, vice-, vizo-.

Alternativa "b" – autoaprendizagem – Não se usa hífen: se o prefixo termina em vogal e a palavra seguinte inicia por vogal diferente. Exemplos: antiaéreo, autoajuda, autoescola, infraestrutura. Exceções: Prefixos que sempre levam hífen: pré-, pró-, sota-, soto-, vice-, vizo-.

- **contraindicação** – Não se usa hífen: se o prefixo termina em vogal e a palavra seguinte inicia por vogal diferente. Exemplos: antiaéreo, autoajuda, autoescola, infraestrutura. Exceções: Prefixos que sempre levam hífen: pré-, pró-, sota-, soto-, vice-, vizo-.
- **anti-ibérico** – Usa-se hífen: se o prefixo termina com a mesma vogal que inicia a palavra seguinte. Exemplos: auto-observação, contra-almirante, micro-ondas, micro-organismo, semi-interno. Exceções: Prefixo CO-: coordenar, cooperar, cooperação, cooptar, coocupante. Prefixo RE-: reeleger, reenviar, reescrever.

Alternativa "c" – autoajuda – Não se usa hífen: se o prefixo termina em vogal e a palavra seguinte inicia por vogal diferente. Exemplos: antiaéreo, autoajuda, autoescola, infraestrutura. Exceções: Prefixos que sempre levam hífen: pré-, pró-, sota-, soto-, vice-, vizo-.

- **ultrassonografia** – Não se usa hífen: se o prefixo termina em vogal e a palavra seguinte inicia por R ou S. Além disso, o R e o S são dobrados. Exemplos: antirrugas, antissocial, contrarregra, minissaia, ultrassom. Exceções: Prefixos que sempre levam hífen: pré-, pró-, sota-, soto-, vice-, vizo-.

2.8. FUNCAB

75. (FUNCAB – Delegado de Polícia – ES/2013) Altera-se profundamente o sentido do enunciado no texto com a substituição do nome substantivo em destaque por qualquer dos nomes propostos em:

(A) a questão acabou ganhando o ENFOQUE da eficácia /ângulo, perspectiva

(B) e aplicada com REQUINTES de profissionalismo / primores, refinamentos

(C) atuam [...] sob a ÉGIDE de uma Constituição / amparo, respaldo

(D) "Isso é uma FÁBULA", diz o filósofo francês Michel Terestchenko /invenção, mentira

(E) a certeza tríplice é uma QUIMERA / tolice, estupidez

Alternativa correta: letra "e" – *Quimera* significa devaneio, fantasia, ilusão, ficção, sonho, visão e não pertence ao campo semântico de tolice e estupidez.

Alternativa "a" – Enfoque: Modo de considerar, de entender um assunto ou uma questão; ponto de vista, perspectiva.

Alternativa "b" – Requinte: Extremo grau de aperfeiçoamento; excesso de refinamento.

Alternativa "c" – Égide: no sentido figurado, significa *aquilo que pode servir para amparar; defesa ou proteção.*

Alternativa "d" – Fábula: no sentido figurado, significa mentira, ilusão, objeto de zombaria ou desdém: a promessa foi uma fábula.

76. (Delegado de Polícia – RO/ 2009 – FUNCAB) Assinale a opção em que a modificação feita na frase abaixo corresponde ao que preceitua a gramática quanto à grafia da palavra grifada. *"Essa definição explica por que a felicidade é tão efêmera."*

(A) A felicidade é tão efêmera porque?

(B) A felicidade é tão efêmera por quê?

(C) Porquê a felicidade é tão efêmera?

(D) Não sei porque a felicidade é tão efêmera.

(E) Esta é a razão porque a felicidade é tão efêmera.

Alternativa "b": correta – Em final de frase, usa-se por quê. Aproveitemos para relembrar os empregos dos porquês.

▶ **Dica:**

1) Por que = equivale a **pelo qual**

- vem acompanhado pela palavra **razão** *(mesmo que subentendida)*

Ex: Este é o caminho por que passo. Por que você foi embora logo?

2) Porque = é uma **explicação**,equivale a pois.

Ex: Fui embora logo porque estava muito cansado.

3) Porquê = é um substantivo,ou seja, nomeia. **Admite plural.**

Ex: Não sei o porquê de sua demora. O estudo da palavra porquê.

4) Por quê = segue a regra da palavra que: quando utilizada no **fim de uma frase,** será sempre acentuada.

Ex: Ele faltou, mas não sei por quê.

- Em final de frase, usa-se por quê.
- Por que (razão) a felicidade é tão efêmera?
- Não sei por que (razão) a felicidade é tão efêmera.
- Esta é a razão por que (pela qual) a felicidade é tão efêmera.

2.9. MOVENS

Atenção! O texto refere-se à questão seguinte.

(...)

Sobre o mesmíssimo território instala-se uma outra Amazônia, que quer e precisa ser desenvolvida. Nela vivem mais de 20 milhões de brasileiros. São pessoas com carteira de identidade, família para alimentar, filhos na escola, televisão na sala e uma vontade enorme de imitar em tudo o estilo de vida de seus conterrâneos das grandes cidades do Sul. Essa população, quase o dobro da existente na cidade de São Paulo, vive da destruição indiscriminada dos recursos naturais à sua volta. Árvores raras e animais selvagens são diariamente mortos e trocados por bens de consumo imediato, principalmente a fonte de energia mais barata disponível, o óleo que vem do Sul, de navio, e é usado para tocar o gerador que alimenta o televisor. Nesse mundo, uma tartaruga vale dois capítulos da novela. (...) (O desafio de crescer e preservar. In: Veja, n.º 2.118, 24/6/2009, com adaptações).

77. (Delegado de Polícia – PA/ 2009 – MOVENS) A palavra "indiscriminada" está empregada com sentido de

(A) indulgente.

(B) ilegal.

(C) incontrolada.

(D) inadmitida.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Indiscriminada significa *sem controle, sem ordem, sem critério etc.; DESCONTROLADO; DESORDENADO; DESREGRADO.*

Alternativa "a" – Indulgente: *que perdoa, desculpa ou releva facilmente.*

Alternativa "b" – Ilegal: *que desobedece à lei; ilícito.*

Alternativa "d" – Inadmitida: *que não foi aceita; RECUSADA; VETADA.*

(*) Fonte: Dicionário Digital Aulete.

2.10 UEL

Trechos para a questão.

(...) Apesar de não haver preconceito assumido, o relato dos negros brasileiros que denunciam olhares tortos, desconfiança, apelidos maldosos e tratamento "diferenciado" em lojas, consultórios, bancos ou supermercados não deixa dúvidas de que são discriminados em função do tom da pele. Estatísticas como as divulgadas pelo Mapa da Violência 2012, que detectou 75% de negros entre os jovens vitimados por homicídios no Brasil em 2010, totalizando 34.983 mortes, chamam a atenção em um país que aparentemente não enfrenta conflitos raciais.(...)

Ele enfatiza que os negros, vitimizados pela discriminação em função da cor da pele, são minoria nas universidades, na política, em cargos de gerência e outras esferas relacionadas ao poder. "Quando chegam a essas posições, causam 'euforia'", analisa, referindo-se, na história contemporânea, ao ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Joaquim Barbosa e ao presidente dos EUA, Barack Obama. Munhoz acrescenta que o racismo tem raiz histórica. "Remete ao sequestro de um povo de sua terra para trabalhar no Brasil. Quando foram supostamente libertados, acabaram nas periferias e favelas das cidades, impedidos de frequentar outros locais", afirma.(...)

(Adaptado **de: AVANSINI, C. Preconceito velado, mas devastador. Folha de Londrina. 3 fev. 2013, p.9.)**

78. (UEL – Delegado de Polícia – PR/2013) Sobre os termos "aparentemente" e "supostamente", assinale a alternativa correta.

(A) O termo "aparentemente" pode ser substituído por "visivelmente", sem prejuízo do sentido original da frase.

(B) O termo "supostamente" pode ser substituído por "previamente", sem prejuízo do sentido original da frase.

(C) São termos que podem ser deslocados aleatoriamente dentro das respectivas frases, sem prejuízo do sentido das mesmas.

(D) São termos que podem ser substituídos por "pretensamente", sem prejuízo dos sentidos originais das frases.

(E) São termos que podem ser suprimidos das frases que, mesmo assim, elas preservarão seu sentido original.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

Nota das autoras: Questão de ortografia e coerência textual.

- Basta retirar o sufixo – **mente** e saber o significado das palavras. **Aparente:** que aparece, visível, evidente: a diferença tornou-se aparente. Parecido, semelhante. Suposto, especioso, enganador: a contradição é apenas aparente; **suposto:** Admitido por hipótese. Fictício, falso: o suposto testamento. S.m. Suposição, conjetura, hipótese. Filosofia. O que subsiste por si; substância. Loc. conj. Suposto que, na suposição de que; dado o caso que.

Pretenso significa *que pretende ou supõe ser o que de fato não é; suposto, imaginado* e pode ser substituir os dois termos.

Alternativa "a" – Aparentemente está no sentido de **suposto, especioso, enganador.**

Alternativa "b" – Supostamente refere-se à hipótese e não à previamente. Prévio: Que deve ser feito, dito, examinado com antecipação, antes de outra coisa; antecipado.

Alternativa "c" – Não podem ser deslocados aleatoriamente, pois *aparentemente* está ligado ao verbo *enfrentar* e *supostamente*, ao adjetivo *libertados.*

Alternativa "e" – A supressão dos termos alteraria o sentido original.

2.11. FGV

79. (FGV 2015) "A questão acerca da aposentadoria das mulheres...".

Assinale a opção que indica a expressão sublinhada que está corretamente grafada.

(A) Há cerca de dez dias todos os políticos defendiam a aposentadoria.

(B) As mulheres trabalham acerca de cinco anos menos que os homens.

(C) A discussão na Câmara era a cerca da lei de aposentadoria.

(D) Nada se discutiu a cerca da nova lei.

(E) Estamos acerca de dez dias do final do ano.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

Há cerca de **indica tempo decorrido.**

DICA

Acerca de: **a respeito de, sobre.**

A cerca de: **perto de, aproximadamente, próximo de.**

(B) a cerca de

(C) acerca de

(D) acerca de

(E) a cerca de

80. (FGV – 2014)

Assinale a alternativa em que o sinônimo da palavra sublinhada está indicado corretamente.

(A) *"...e mais especificamente no Brasil..."* / regionalmente.

(B) *"...se mostrasse alguma tendência para a tirania..."* / desonestidade.

(C) *"Morus prescrevia dois escravos para cada família..."* / recomendava.

(D) *"Platão imaginou uma república idílica..."* / democrática.

(E) *"...pensadores imaginaram um futuro redentor..."* / divino.

Questão de ortografia. Como você está treinando, é viável consultar dicionário para aumentar o vocabulário. Indico este Online: http://www.dicio.com.br/

GABARITO: C

- Muito cuidado para não confundir sinônimo com antônimo. Na hora da prova, é normal o nervosismo e a falta de atenção

Sinônimo: é o nome que se dá a palavras que tenham **significados idênticos ou semelhantes.**

Antônimo: palavra que possui **sentido oposto** ao de outra palavra.

Na alternativa C: **prescrever** é ação daquele que fez uma **recomendação** ou uma ordenação; que receitou alguma coisa.

Alternativa "a" –especificamente = De maneira específica: preciso que me explique especificamente este assunto. / regionalmente = Que pertence a uma região: escola regional, exposição regional.

Alternativa "b" – tirania = Em que há ou denota violência; opressão: não se consegue compreender quando se recorre à tirania. / desonestidade = Ausência de honestidade; falta de sinceridade; particularidade da pessoa desonesta; má-fé; ação, comportamento e dito que se opõem à moral ou ao pudor.

Alternativa "d" – idílica = O resultado de uma fantasia (sonho ou imaginação); devaneio ou utopia. / democrática = ligado à democracia (governo em que o poder é exercido pelo povo).

Alternativa "e" – redentor = Que redime / divino = Pertencente a Deus; proveniente de Deus: a misericórdia divina.

81. (FGV 2013)

Nas alternativas abaixo foram colocadas algumas palavras do texto acompanhadas de definições do dicionário. Assinale a alternativa em que a definição dada **não** corresponde ao termo selecionado.

(A) *"desenvolvimento de remédios e terapias"* / tratamento de doentes.

(B) *"provocaram sequelas irreversíveis"* / anomalia consequente a uma moléstia, da qual deriva direta ou indiretamente.

(C) *"a medicina ainda não encontrou lenitivos"* / aquilo que soluciona um problema ou uma dificuldade.

(D) *"Usá-los ou não é um falso dilema."* / necessidade de escolha entre duas saídas contraditórias.

(E) *"...emprego de cobaias em laboratórios"* / qualquer animal ou pessoa que se usa em experimentos científicos.

Questão de ortografia (semântica). Se necessário, consulte o dicionário. Em caso de palavra desconhecida, anote o significado para fixar, só assim aumentará seu vocabulário.

GABARITO: C

- *Lenitivos* significa algo ou aquilo cujas propriedades amenizam dores ou contém características laxativas: um certo lenitivo ajudaria muito nesta situação; algo ou aquilo que abranda, ameniza ou acalma. adj. Figurado. Algo ou aquilo que causa alívio e/ou acalma; calmante: medicamento lenitivo.

Nada indica que solucione um problema ou dificuldade.

Comparemos os sinônimos mencionados na questão com os significados (em itálico) no dicionário Online de português.

Alternativa "a" –*terapias* / tratamento de doentes = *tratamento das doenças, terapêutica (pop).*

Alternativa "b" –*sequelas* / anomalia consequente a uma moléstia, da qual deriva direta ou indiretamente = *complicação mais ou menos tardia de uma doença, doença consecutiva.*

Alternativa "d" –*dilema* / necessidade de escolha entre duas saídas contraditórias = argumento composto de duas proposições contraditórias; no sentido figurado: situação embaraçosa que apresenta somente duas soluções, ambas difíceis ou inconvenientes, o que gera perplexidade para uma opção.

Alternativa "e" –*cobaias* / qualquer animal ou pessoa que se usa em experimentos científicos = no sentido figurado: assunto, objeto de experiência: servir de cobaia.

82. (FGV 2013)

No período *"A redução de riscos de desastres deve hoje constituir o cerne da política brasileira para os desastres"*, a palavra sublinhada significa

(A) o ponto problemático.

(B) a parte desprezível.

(C) o item essencial.

(D) o segmento dispensável.

(E) a seção dispendiosa.

Questão de ortografia. Como se trata de treino, é importante consultar o dicionário para aumentar o vocabulário e tirar dúvida. Em muitos casos, a banca exige o sentido figurado e isso facilita, pois retornando ao contexto, fica fácil decifrar.

GABARITO: C

- Sentido figurado, segundo o **dicionário online de português**: aquilo que pode ser o essencial, o mais importante, de (algo ou alguém); âmago.

Alternativa "a" –Não é problemático.

Alternativa "b" –Não é desprezível.

Alternativa "d" –Se não é desprezível, não pode ser dispensável.

Alternativa "e" –Dispendiosa não possui o mesmo valor semântico de *cerne*. *Dispendiosa* é que demanda muito dinheiro; que ocasiona muitas despesas; caro .

---

83. (FGV 2013)

"Particularmente, após o desastre da Região Serrana (RJ) em 2011, uma série de iniciativas importantes ocorreu. Criou-se o Centro Nacional de Monitoramento e Alerta de Desastres Naturais, a Força-Tarefa de Apoio Técnico e Emergência, a Força Nacional do SUS e reestruturou-se o Centro Nacional de Gerenciamento de Riscos de Desastres. Estas iniciativas ainda estão concentradas no monitoramento, alerta e respostas aos desastres. Faltam políticas integradas para redução de riscos".

Nas alternativas a seguir, a substituição do termo sublinhado foi feita por outro equivalente de modo adequado, à **exceção de uma**. Assinale-a.

(A) desastre / catástrofe

(B) reestruturou-se / reorganizou-se

(C) monitoramento / acompanhamento

(D) integradas / conjuntas

(E) redução / eliminação

GABARITO: E

- *Redução de riscos* significa que poderá diminuir e não *eliminar*.

Alternativa "a" – desastre = desgraça, fatalidade. Sentido figurado: insucesso, fracasso/ catástrofe = grande desgraça, acontecimento funesto, calamidade.

Alternativa "b" – reestruturou-se = fazer uma nova estruturação de; desenvolver ou criar novas estruturas para; reorganizar/ reorganizou-se = organizar mais uma vez; fazer uma nova organização; organizar criando melhorias, alterações e inovações; reestruturar.

Alternativa "c" – monitoramento = acompanhar, para consideração (informações fornecidas por instrumentos técnicos); monitorizar./ acompanhamento = observar a marcha, a evolução, o desenvolvimento de.

Alternativa "d" – integradas = fazer entrar num conjunto, num grupo./ conjuntas = reunião de pessoas, de coisas que formam um todo.

---

84. (FGV 2013)

"É uma situação bastante preocupante relacionadas aos municípios de grande porte e drástica nos municípios de pequeno porte". Entre os vocábulos sublinhados há uma clara intensificação semântica, que também ocorre em

(A) moradias / residências

(B) inundação / dilúvio

(C) afetadas / atingidas

(D) mortes / óbitos

(E) agravo / doença

Questão de ortografia e semântica.

GABARITO: B

- *Preocupante* e *drástica* pertencem ao mesmo campo semântico e, o mais importante, *drástica* intensifica *preocupante*: de tão preocupante, chega a ser drástica.

O mesmo ocorre entre *inundação* e *dilúvio*. **Inundação**: transbordamento das águas, cobrindo certa extensão do terreno; alagamento. **Dilúvio** é consequência de muita **inundação:** grande inundação.

Alternativa "a" – moradias / residências = sinônimos e não intensificam.

Alternativa "c" – afetadas / atingidas = sinônimos e não intensificam.

Alternativa "d" – mortes / óbitos = sinônimos e não intensificam.

Alternativa "e" – agravo = ataque, abuso / doença = alteração na saúde, no equilíbrio dos seres vivos; moléstia: doença epidêmic**Alternativa "a"** – Nem sinônimos são.

---

85. (FGV – 2014)

Assinale a alternativa em que os vocábulos sublinhados apresentam o mesmo valor semântico.

(A) *"Todas as utopias imaginadas até hoje acabaram em distopias, ou tinham na sua origem um defeito que as condenava". / "Até John Lennon, na canção "Imagine", propôs sua utopia, na qual não haveria, entre outros atrasos, violência e religião..."*

(B) *"A primeira, que deu nome às várias fantasias de um mundo perfeito que viriam depois, foi inventada por sir Thomas Morus em 1516". / "O governo seria exercido por um príncipe eleito, que poderia ser substituído se mostrasse alguma tendência para a tirania..."*

(C) *"Dizem que ele se inspirou nas descobertas recentes do Novo Mundo, e mais especificamente do Brasil, para descrever sua sociedade ideal, que significaria um renascimento para a humanidade, livre dos vícios do mundo antigo".*

(D) *"Mas para que tudo isso funcionasse Morus prescrevia dois escravos para cada família, recrutados entre criminosos e prisioneiros de guerra".*

(E) *"Quando surgiu e se popularizou o automóvel anunciou-se uma utopia possível".*

No contexto, as palavras alteram seu sentido.

GABARITO: B

- Parece difícil, mas o 'macete' é perceber que as duas preposições fazem parte do agente da passiva e, consequentemente, as orações encontram-se na voz passiva: *foi inventada por sir Thomas Morus em 1516* e *seria exercido por um príncipe eleito.*

Alternativa "a" – *"Todas as utopias imaginadas até hoje acabaram em distopias, ou tinham na sua origem um defeito que as condenava".* = **limite de tempo.**

"Até John Lennon, na canção "Imagine", propôs sua utopia, na qual não haveria, entre outros atrasos, violência e religião...". = **inclusão.**

Alternativa "c" – *"Dizem que ele se inspirou nas descobertas recentes do Novo Mundo* = **conjunção integrante**, pois liga a oração principal à oração subordinada substantiva objetiva direta.

(...) para descrever sua sociedade ideal, que significaria um renascimento para a humanidade = **pronome relativo.**

Alternativa "d" – *"Mas para que tudo isso funcionasse* = **conjunção final**, indica finalidade.

Morus prescrevia dois escravos para cada família = **destinados.**

Alternativa "e" – *"Quando surgiu e se popularizou o automóvel* = **parte integrante do verbo** (popularizar-se).

anunciou-se uma utopia possível" = **pronome apassivador**, pois está ao lado do verbo transitivo direto.

86. (FGV – 2014)

Assinale a alternativa em que a troca de posição entre os termos sublinhados **altera** o sentido do segmento.

(A) *"Mais uma vez, deu distopia".*

(B) *"...que significaria um renascimento para a humanidade..."*

(C) *"...o direito à educação e à saúde seria universal..."*

(D) *"...Morus prescrevia dois escravos para cada família..."*

(E) *"Quando surgiu e se popularizou o automóvel..."*

Questão de semântica e coerência textual.

GABARITO: E

- Mais raciocínio lógico do que língua portuguesa. Como pode o automóvel popularizar-se antes de surgir? Primeiro surge e depois de populariza, concorda?

Alternativa "a" – Uma vez mais e mais uma vez: mesmo sentido.

Alternativa "b" – Para a humanidade um renascimento e um renascimento para a humanidade: mesmo sentido.

Alternativa "c" – O direito à saúde e à educação e o direito à educação e à saúde: mesmo sentido.

Alternativa "d" – Para cada família dois escravos e dois escravos para cada família: mesmo sentido.

87. (FGV – 2014)

"Ele mesmo foi vítima da violência..."

Assinale a frase em que se repete o mesmo sentido do vocábulo sublinhado na frase do texto.

(A) Mesmo assim, John Lennon foi morto.

(B) A violência existe, mesmo que combatida.

(C) Todos acreditam no mesmo sonho utópico.

(D) Tudo foi escrito pelo mesmo autor.

(E) O livro mesmo já denuncia isso.

Questão de semântica e coerência textual.

GABARITO: E

- **Mesmo** está no sentido de **próprio**: Ele próprio; o livro próprio.

▶ **Dica:**

Adj. Exprime semelhança, identidade, paridade: eles têm o **mesmo** gosto. O próprio, não outro (colocado imediatamente depois de substantivo ou pronome pessoal): Ricardo **mesmo** me abriu a porta; uma poesia de Fernando Pessoa, ele **mesmo**. **Adv.** Exatamente, justamente: pusemos o livro **mesmo** aqui. Seguramente, com certeza, sem sombra de dúvida: os pastores tiveram **mesmo** a visão de Nossa Senhora! Ainda, até: chegaram **mesmo** a negar-me o cumprimento. **loc. conj. Mesmo** que, ainda que, conquanto: sairei, **mesmo** que não queiram. **loc. adv.** Na mesma, sem mudança de situação apesar da ocorrência de fato novo: sua explicação me deixou na mesma.*

*Fonte: http://www.dicionarioinformal.com.br/

Alternativa "a" - Exatamente assim, mesmo assim = advérbio.

Alternativa "b" - Ainda que combatida, **conquanto** fosse combatida = conjunção concessiva

Alternativa "c" - Adjetivo que indica **semelhança, identidade.**

Alternativa "d" - Semelhança, identidade.

2.12. FEPESE

88. (FEPESE - Promotor de Justiça - SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

Considerando a prescrição do novo acordo ortográfico (2009), com os prefixos hiper, inter e super, deve-se manter o hífen sempre que a forma seguinte seja iniciada por "h" ou por "r", como em super-homem, inter-regional, super-revistas, hiper-requintado etc. No entanto, em vista dessa regra, deve-se escrever hiperinflação, superdotado, intergrupal, intergeracional etc.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

Resposta: (verdadeiro)

✪ **Nota da autora:** Mais uma questão sobre o acordo ortográfico (antes exigido em acentuação).

Regras:

- Não se usa hífen: se o prefixo termina em consoante e a palavra seguinte inicia por vogal. Exemplos: hiperativo, interestadual, superinteressante.

Exceções: Prefixos BEM-, MAL - e aqueles que sempre levam hífen: além-, aquém-, ex-, pós-, recém-, sem-.

- Não se usa hífen: se o prefixo termina em consoante diferente da que inicia a palavra seguinte. Exemplos: hipermercado, intermunicipal, superproteção, subchefe.

Exceções: Segunda palavra iniciada por H e prefixos que sempre levam hífen: além-, aquém-, ex-, pós-, recém-, sem-.

▶ **Dica:** o caso do hífen (pode ser exigido na próxima prova).

O hífen é, tradicionalmente, um sinal gráfico mal sistematizado na ortografia da língua portuguesa. O texto do Acordo tentou organizar as regras, de modo a tornar seu uso mais racional e simples:

a) manteve sem alteração as disposições anteriores sobre o uso do hífen nas palavras e expressões compostas.

Determinou apenas que se grafe de forma aglutinada certos compostos nos quais se perdeu a noção de composição (mandachuva e paraquedas, por exemplo).

Para saber quais perderão o hífen, teremos de esperar a publicação do novo Vocabulário Ortográfico pela Academia das Ciências de Lisboa e pela Academia Brasileira de Letras. É que o texto do Acordo prevê a aglutinação, dá alguns exemplos e termina o enunciado com um etc. - o que, infelizmente, deixa em aberto a questão;

b) no caso de palavras formadas por prefixação, houve as seguintes alterações:

- só se emprega o hífen quando o segundo elemento começa por h

Ex.: pré-história, super-homem, pan-helenismo, semi-hospitalar

EXCEÇÃO: manteve-se a regra atual que descarta o hífen nas palavras formadas com os prefixos des - e in - e nas quais o segundo elemento perdeu o h inicial (desumano, inábil, inumano).

- e quando o prefixo termina na mesma vogal com que se inicia o segundo elemento

Ex.: contra-almirante, supra-auricular, auto-observação, micro-onda, infra-axilar

EXCEÇÃO: manteve-se a regra atual em relação ao prefixo co-, que em geral se aglutina com o segundo elemento mesmo quando iniciado por o (coordenação, cooperação, coobrigação)

Com isso, ficou abolido o uso do hífen:

- quando o segundo elemento começa com s ou r, devendo estas consoantes ser duplicadas

Ex.: antirreligioso, antissemita, contrarregra, infrassom.

EXCEÇÃO: manteve-se o hífen quando os prefixos terminam com r, ou seja, hiper-, inter - e super

Ex.: hiper-requintado, inter-resistente, super-revista.

- quando o prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa com uma vogal diferente

Ex.: extraescolar, aeroespacial, autoestrada, autoaprendizagem, antiaéreo, agroindustrial, hidroelétrica

OBSERVAÇÃO

Permanecem inalteradas as demais regras do uso do hífen.*

*Fonte: http://www.parabolaeditorial.com.br downloads/novoacordo2.pdf

89. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

Em respeito ao novo acordo ortográfico (2009), nas palavras formadas por prefixação, emprega-se hífen quando o segundo elemento começa por "h", como em **pré – histórico, sub-humano, pan-helenismo, semi-hospitalar**. Da mesma forma, emprega-se hífen quando o prefixo termina na mesma vogal com que se inicia o segundo elemento, como em **contra-almirante, supra-auricular, auto-observação, micro-onda, infra-axilar**. Todavia, o hífen deve ser descartado em palavras formadas pelos prefixos des – e in – e nas quais o segundo elemento perdeu o "h" inicial, como em **desumano, inábil, inumano**. Também não se usa hífen em relação ao prefixo co-, que em geral se aglutina com o segundo elemento mesmo quando iniciado por "o", como em **coordenação, cooperação, coobrigação**.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (verdadeiro) – Basta consultar as regras mencionadas na questão anterior. Infelizmente, esse tópico exige memorização, não há outra forma de acertar a questão.

90. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

Na frase: "A democracia que eles desejam impingir-nos é a democracia anti-povo, do anti-sindicato, da anti-reforma, ou seja, aquela que melhor atende aos interesses dos grupos a que eles servem ou representam", atribuída a João Goulart, não cabem reparos quanto à ortografia, considerando o novo acordo ortográfico de 2009.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (falso) – Devemos escrever: antipovo,antissindicato,antirreforma. Regras já mencionadas.

91. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) Escreve-se com Z (e não com S) os sufixos – izar, como nos seguintes exemplos: harmonizar, hierarquizar, demonizar, improvização, amenizar, integralização, analizar, infantilização, pesquizar.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (falso) – Escrevem-se com S as palavras: pesquisar (de pesquisa), analisar (de análise), improvisação (de improvisar).

Regra: **Usa-se o sufixo "IZAR" quando a palavra primitiva não tem "S" na última sílaba.**

- canalizar (canal)
- hospitalizar (hospital)
- deslizar (deslize)
- amenizar (ameno)
- fertilizar (fértil)
- utilizar (útil)
- banalizar (banal)

Usa-se "ISAR" quando a palavra primitiva tem "S" na última sílaba.

- pesquisar (pesquisa)
- avisar (aviso)
- analisar (análise)
- bisar (bis)
- precisar (preciso)
- alisar (liso)
- hidrolisar (hidrólise)
- **Exceções:**
- catequese – catequizar
- síntese – sintetizar
- parabéns – parabenizar*

*Fonte: http://www.recantodasletras.com.br/

Texto:

Mais uma vez a cidade foi tomada de surpresa por esta custumeira paralização dos motoristas e cobradores. Muito me admira os ditos: população querer fechar a Ponte Colombo Salles. Por que estes imbecis não avançaram contra o Sindicato, ou mais precisamente contra o mesmo de sempre, vagabundo, parasita Fulano de Tal. Este idiota mais uma vez afronta as autoridades e a população com a paralização da frota dos transportes coletivos. Não tem nada de fazer acordo, tem é que demitir esses bandidos inrustidos nos cargos de motoristas e cobradores. A população não suporta mais. Vamos nos unir e fazer o mesmo que fez a população do Rio Vermelho.

Disponível em: http://wp.clicrbs.com.br/moacirpereira/2014/05/08/greves-relampagos-e-a-jus-

tica-do-trabalho/?topo=67,2,18,,67 # comments. Acesso em 10/05/2014. Adaptado.

92. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

O autor do texto acima não pode ser acusado de ter cometido erros de ortografia.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

Resposta: (falso) – Houve erros de grafia em **costumeira, paralisação e enrustidos**. Além de erro de concordância, mas não foi exigido no enunciado. Cuidado para não cair em pegadinhas assim.

Complemento: os ditos muito me admiram = muito me admiram os ditos.

93. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) Nas frases a seguir, todos os porquês estão corretamente empregados.

Alternativa "a" –O uso do advérbio "sim", neste contexto, reflete o nível coloquial da língua, pouco compatível com o registro formal, razão por que foi substituído pela expressão enfática "de fato".

Alternativa "b" –Apesar de a explicação dada nos parecer consistente, todos sabem por que ele recusou a proposta do empreiteiro.

Alternativa "c" –Antes de este colegiado tomar a decisão sobre a melhor redação do texto, precisamos saber por que até o presente momento a certidão negativa de débito ainda não foi anexada aos autos.

Alternativa "d" –Comunico que vou me retirar da sala se alguém insistir em perguntar por quê.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

Resposta: (verdadeiro) – Todas as grafias dos porquês estão corretas, vamos às regras para fixar.

Alternativa "a" –razão por que = razão pela qual. O "que" é pronome relativo antecedido pela preposição "por".

Alternativa "b" –todos sabem por que ele recusou a proposta = todos sabemos por que (razão). A palavra "razão" está subentendida.

Alternativa "c" –precisamos saber por que até o presente momento = saber por que (razão).

Alternativa "d" –se alguém insistir em perguntar por quê = em final de frase, o porquê deve ser separado e com acento. Exceto se for substantivo (admitir plural), exemplo: Ele foi aprovado sem estudar, não entendi o porquê.

2.13. VUNESP

Leia o trecho da canção Chão de Estrelas, de Orestes Barbosa e Silvio Caldas, para responder à questão.

Nossas roupas comuns dependuradas
Na corda qual bandeiras agitadas
Pareciam um estranho festival
Festa dos nossos trapos coloridos
A mostrar que nos morros mal vestidos
É sempre feriado nacional

A porta do barraco era sem trinco
Mas a lua furando nosso zinco
Salpicava de estrelas nosso chão
Tu pisavas nos astros distraída
Sem saber que a alegria desta vida
É a cabrocha, o luar e o violão.

94. (Vunesp – Procurador Município – Prefeitura São José do Rio Preto – SP/2014) Nos versos – Mas a lua furando nosso zinco / Salpicava de estrelas nosso chão – observa-se o emprego de linguagem figurada, o que ocorre também em:

(A) A lua é nova quando está visível, voltada para a Terra, e não recebe nenhuma luz do Sol.

(B) Se a lua nasce por detrás da verde mata / Mais parece um sol de prata, prateando a solidão.

(C) Cheia, minguante, nova e crescente são as quatro fases da Lua; o planeta Terra possui apenas um satélite natural: a Lua.

(D) Como único satélite natural da Terra, a Lua nos acompanha desde sempre; o intervalo de tempo entre duas sucessivas fases de lua nova é de 29 dias.

(E) A Nova Lua é úmida, tem água, gelo e orvalho, mas antes a pesquisa mostrava que não havia nenhum sinal do líquido em nosso satélite.

Alternativa correta: letra "b"

✪ **Nota da autora:** Questão de semântica (conotação).

Há sentido figurado quando a palavra tem valor conotativo quando seu significado é ampliado ou alterado no contexto em que é empregada, sugerindo ideias que vão além de seu sentido mais usual.

No poema: a lua **furando** nosso zinco e a lua **salpicava** de estrelas o chão.

Na alternativa "b": a lua **prateando** a solidão.

Alternativa "a" – Os vocábulos estão no sentido denotativo, ou seja, sentido próprio, comum, habitual, preciso, aquele que consta nos dicionários.

Alternativa "c" – As quatro fases da lua (nova, crescente, minguante e cheia) indicam denotação.

Alternativa "d" – A lua é o único satélite natural da Terra = denotação.

Alternativa "e" – Características reais da lua.

---

95. (Vunesp – Procurador Município – Prefeitura São José do Rio Preto – SP/2014) Os termos em destaque em – ... ao mesmo tempo, permite que ela persista aqui na superfície. Nossa lua também é essencial. Sem a lua, esse eixo de rotação mudaria de ângulo aleatoriamente – estão, correta e respectivamente substituídos, quanto ao sentido, em:

(A) invista / preferencial / premeditadamente.

(B) perdure / indispensável / imprevisivelmente.

(C) resista / irrelevante / superficialmente.

(D) insista / relevante / provisoriamente.

(E) emerja / fundamental / necessariamente.

Alternativa correta: letra "b"

✪ **Nota da autora:** Questão de sinônimos. Trabalhe por eliminação.

Persistir: continuar a ser e a existir.

Sinônimos

conservar-se,

manter-se, durar, perdurar, estar, permanecer, continuar.

Eliminadas A, C, D e E.

Essencial: que é **indispensável.**

Sinônimos

imperioso, imprescindível, indispensável, forçoso,

obrigatório, necessário,inevitável.

Aleatoriamente: depende do acaso e de acontecimentos incertos.

Sinônimos

acidentalmente, casualmente, eventualmente, fortuitamente,

incertamente, inesperadamente.

2.14. MAIS

---

96. (MAIS – Procurador Município – Prefeitura Limeira – SP/2014) Ao fim do texto, a autora afirma que a poesia pode vir à mente em instantes fugazes. Se trocássemos o termo destacado por um sinônimo teríamos:

(A) inexoráveis.

(B) permanentes.

(C) vagarosos.

(D) efêmeros.

Alternativa correta: letra "d"

✪ **Nota da autora:** Questão de semântica.

Alternativa "d": No sentido figurado, significa "que desaparecem facilmente; de curta duração; que são passageiros; **efêmeros**".

Alternativa "a" – Que se mantêm rigorosamente irredutíveis; inflexíveis.

Alternativa "b" – Definitivos; que duram muito tempo; que permanecem; que não sofrem mudanças.

Alternativa "c" – Que não têm pressa; lentos.

---

97. (MAIS – Procurador Município – Prefeitura Limeira – SP/2014) Um dos artistas citados pela reportagem afirma que a vida é paradoxal. Se a vida não fosse paradoxal, e fosse exatamente o contrário disto, ela seria

(A) contraditória.

(B) coerente.

(C) sem nexo.

(D) incoerente.

Alternativa correta: letra "b"

✪ **Nota da autora:** Questão de semântica.

- *Paradoxal* é contradição; oposição aparente ausência de nexo ou lógica; antônimo: coerência.

Alternativa "a" – É sinônimo.

Alternativa "c" – Sinônimo.

Alternativa "d" – Sinônimo.

QUESTÕES DIFÍCEIS

1. ESAF

Atenção! A questão de número 1 refere-se ao texto seguinte.

Com devoção e entusiasmo, o sul do mundo copia e multiplica os piores costumes do norte. E do norte não recebe as virtudes, mas o pior: torna suas a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público bem como toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo. E o sul também recebe, de braços abertos, as fábricas mais porcas, as mais inimigas da natureza, em troca de salários que dão saudade da escravidão. No entanto, cada habitante do norte consome, em média, dez vezes mais petróleo, gás e carvão; e, no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio. Gula e jejum do cardápio ambiental: 75% da contaminação do mundo provém de 25% da população. E, nessa minoria, claro, não figuram o bilhão e duzentos milhões que vivem sem água potável nem o bilhão e cem milhões que, a cada noite, vão dormir de barriga vazia. Não é "a humanidade" a responsável pela devoração dos recursos naturais nem pelo apodrecimento do ar, da terra e da água. O poder encolhe os ombros: quando este planeta deixar de ser rentável, mudo-me para outro. (Eduardo Galeano. O teatro do bem e do mal. Trad. Sérgio Faraco. Porto Alegre: L&PM, 2006, p.123).

01. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/ 2010) Assinale a opção em que a expressão retirada do texto foi empregada em sentido denotativo.

(A) "a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público" (segundo período)

(B) "toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo" (segundo período)

(C) "de braços abertos" (terceiro período)

(D) "no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio" (quarto período)

(E) "Gula e jejum do cardápio ambiental" (quinto período)

Alternativa "d": correta.

✪ **Nota da autora:** Lembremos a diferença entre denotação e conotação.

Denotação: é o uso do vocábulo em seu sentido real, original. Associe a dicionário (letras d e d).

Conotação: é o uso do vocábulo em sentido figurado, simbólico, dando-lhe outro significado e não o original.

Exemplos: A **corda** era muito fina, por isso arrebentou = denotação; hoje ele está com a **corda** toda = conotação (energia, vigor).

Na alternativa d, todos os termos são denotativos: sul (localização), pessoas e carro.

Alternativa "a" – Religião não está no sentido de *crença na existência de forças ou entidades sobre-humanas responsáveis pela criação, ordenação e sustentação do universo.**

Alternativa "b" – Mitologia não está empregado no sentido de *história fabulosa dos deuses, semideuses, heróis e vilões lendários dos povos da Antiguidade.**

Alternativa "c" – O sul recebe de **braços abertos**: acolhedoramente, com alegria, demonstrando interesse.

Alternativa "e" – Não existe, denotativamente, um **cardápio ambiental**. Usou-se expressão no sentido simbólico.

**Fonte: Dicionário Digital Aulete.*

02. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/ 2010) Em relação aos elementos do texto, assinale a opção correta.

O presidente do Banco Central Europeu (BCE), Jean-Claude Trichet, ao anunciar que a taxa básica do BCE não seria mudada, alertou os governos da União Europeia sobre o déficit crescente das contas públicas, um perigo para a economia, pois enfraquece o crescimento na zona do euro. A advertência vale para o Brasil, embora as causas do nosso déficit sejam diferentes das da União Europeia. A crise que se iniciou em 2008 nos EUA para depois atingir todas as economias, no quadro da globalização, ao contrário da de 1929, levou os governos a optarem pela intervenção pública para salvar o sistema bancário e para dar um impulso à economia. Isso se traduziu como forte pressão sobre as finanças públicas, que estão acusando déficits muito elevados. (O Estado de S. Paulo, 16/01/2010)

(A) O nome próprio "Jean-Claude Trichet" está entre vírgulas por tratar-se de um vocativo.

(B) Mantém-se a correção gramatical do período e as informações originais ao se substituir "embora" (segundo período) por qualquer um dos seguintes termos: conquanto, se bem que, apesar de que, contanto que, consoante.

(C) A preposição **para** em "para depois atingir" tem a mesma função significativa que nas ocorrên-

cias "para salvar o sistema bancário" e "para dar um impulso" (terceiro período).

(D) A substituição de "se traduziu" (último período) por **foi traduzido** prejudica a correção gramatical do período.

(E) A palavra "acusando" (último período) está sendo empregada com a acepção de **indicando, mostrando, revelando.**

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de semântica (significados das palavras), pontuação, conjunção, preposição e vozes verbais.

Alternativa e: **acusar**, no sentido figurado significa *tornar evidente.; MOSTRAR; REVELAR.**

Alternativa "a" – "Jean-Claude Trichet" é aposto explicativo de *O presidente do Banco Central Europeu.*

▶ **Dica:**

Aposto explicativo possui pontuação;

Aposto especificativo não possui pontuação.

Exemplo: O poeta Carlos Drummond de Andrade escreveu belas poesias.

O poeta Carlos Drummond de Andrade possui função de sujeito. O núcleo é o substantivo poeta e **Carlos Drummond de Andrade** especifica o poeta, ou seja, á aposto especificativo.

Alternativa "b" – Relembremos as conjunções concessivas: *embora, ainda que, apesar de que, se bem que, mesmo que, por mais que, posto que, conquanto*, etc. Erros: **contanto que** é condicional e **consoante** é conformativa.

Lista conjunções subordinadas adverbiais

- Causais: porque, que, como (= porque, no início da frase), pois que, visto que, uma vez que, porquanto, já que, desde que, etc.
- Concessivas: embora, ainda que, apesar de que, se bem que, mesmo que, por mais que, posto que, conquanto, etc.
- Condicionais: se, caso, contanto que, salvo se, a não ser que, desde que, a menos que, sem que, etc.
- Conformativas: conforme, como (= conforme), segundo, consoante, etc.
- Finais: para que, a fim de que, que, porque (= para que), que, etc.
- Proporcionais: à medida que, à proporção que, ao passo que e as combinações quanto mais... (mais), quanto menos...(menos), quanto menos ...(mais), quanto menos...(menos), etc.
- Temporais: quando, enquanto, antes que, depois que, logo que, todas as vezes que, desde que, sempre que, assim que, agora que, mal (= assim que), etc.
- Comparativas: como, assim como, tal como, como se, (tão) (...) como, tanto como, tanto quanto, do que, quanto, tal, qual, tal qual, que nem, que(combinado com menos ou mais), etc.
- Consecutivas: de sorte que, de modo que, sem que (= que não), de forma que, de jeito que, que (tendo como antecedente na oração principal uma palavra como tal, tão, cada, tanto, tamanho), etc.

Fonte: http://www.soportugues.com.br/

Alternativa "c" – em "para depois atingir", a preposição está indicando adição de tempo, equivale a **e depois atingiu**. Em *os governos a optarem pela intervenção pública* para salvar o sistema bancário *e* para dar um impulso *à economia*, as circunstâncias são de **finalidade** (para quê?)

Alternativa "d" – *Isso* se traduziu = voz passiva sintética (verbo transitivo direto + se) e equivale a passiva analítica (ser + particípio): isso foi traduzido. Tal transposição não prejudica a correção gramatical.

---

03. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/2010) Assinale a opção que indica onde o texto foi transcrito com erro gramatical.

A lição reafirmada pela crise é a da (1) instabilidade como pressuposto da economia de mercado, transmitida por dois canais. O primeiro é o da confiança dos agentes – aspecto crucial nas observações de John Maynard Keynes – , que é volúvel e sujeita a mudança repentina em momentos de incerteza. Tal instabilidade pode ainda ser catalisada (2) pelo canal financeiro, como ficou claro, de forma dramática, em 2008. Falhas de mercado e manifestações de irracionalidade são comuns no capitalismo, sem dúvida, mas a derrocada recente não repõe (3) a polarização entre Estado e mercado. Reforça, isso sim, a necessidade de aperfeiçoar instituições, afim de (4) preservar a funcionalidade dos mercados e a concorrência, bens públicos que o mercado, deixado à (5) própria sorte, é incapaz de prover. (Adaptado de Folha de S. Paulo, Editorial, 17/01/2010.)

(A) (1)

(B) (2)

(C) (3)

(D) (4)

(E) (5)

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": A fim = indica um propósito, um intuito ou uma finalidade, tendo significado equivalente a **para.**

Dica: afim = refere-se a coisas que são semelhantes, possuindo af inidade e ligação. Significa também pessoas que são parentes por afinidade ou partidárias.

QUESTÕES INÉDITAS

01. (Duda Nogueira) Está plenamente correta a grafia na alternativa

(A) Ele correu devagar em vez de correr rápido.

(B) Ao invés de ir ao teatro, foi ao cinema ver ficção.

(C) As ideias dos concorrentes sempre vêm ao encontro das minhas. Talvez seja por isso que seremos eternos concorrentes.

(D) Conversaram muito acerca do tema da redação do concurso anterior.

(E) Nosso resultado veio de encontro às expectativas. A felicidade foi tanta que comemoramos quase a noite toda.

COMENTÁRIOS

Resposta correta – "d"

Nota da autora: Expressões que devem ser fixadas.

- Na "d", não há erro: *acerca de* significa **a respeito de, sobre.**

▶ DICA

- **A cerca de:** perto de, aproximadamente, próximo de.

- **Há cerca de:** tempo decorrido = desde aproximadamente, faz aproximadamente.

(A) **Ao invés de**: ao contrário de alguém ou alguma coisa, sendo sinônima de: ao contrário de, de maneira oposta, contrariamente, em oposição a, entre outras.

▶ DICA

Usado para **palavras opostas**: devagar e rápido, por exemplo.

(B) **Em vez de**: embora alguns dicionários considere a expressão como sinônima de "ao invés de", utilize (em provas) apenas quando significar **em lugar de** ou **em substituição de alguém ou alguma coisa.**

(C) O contexto é fundamental para saber o sentido. Neste caso, deve-se usar "As ideias dos concorrentes sempre vêm **de encontro às** minhas". Significado: **contra, em oposição a, para chocar-se com.**

(E) Se todos ficaram felizes, é claro que o resultado veio **ao encontro das** expectativas. Significado: **estar de acordo com, em direção a, favorável a, para junto de.**

02. (Duda Nogueira) Assinale a alternativa correta.

(A) Porventura minha, tudo o que estudei foi exigido na prova.

(B) Por ventura, você viu minha classificação?

(C) Por ventura nossa, não houve discussão.

(D) Porventura dele, foi classificado em primeiro lugar.

(E) Haverá por ventura alguém capaz de discutir a lei?

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

Porventura é advérbio e significa "por acaso, talvez"; *por ventura* (separadamente) possui sentido de *"por sorte, por felicidade".*

– Expressão empregada corretamente: Por sorte nossa, não houve discussão.

Porventura é advérbio e possui sentido de "por acaso, talvez"; deveria ter sido utilizada a expressão por ventura (separadamente) porque indica "por sorte".

Porventura = por acaso.

Por ventura = por sorte, por felicidade.

Porventura = por acaso.

(Fonte: Livro Simuladaço Língua Portuguesa, Editora JusPodivm)

DICAS

1. AFIM DE E AFIM

- **A fim de**: finalidade. Estudou a fim de ser aprovado = para ser aprovado. Deveria ter sido usada essa forma no item 4.
- **Afim**: que possui afinidade, analogia. Línguas afins com o português.

Alternativa "a" – é a da = é a lição da estabilidade.

Alternativa "b" – Catalisada = estimulada ou facilitada por algo.

Alternativa "c" – A derrocada repõe = o verbo deve concordar com o sujeito.

Alternativa "e" – Deixado à própria sorte = deixado ao próprio homem. Substitua o substantivo feminino por um masculino posterior à crase por qualquer substantivo masculino. Resultando em ao, haverá crase. Dicas nos testes de crase.

2. VOCÁBULOS MUITO EXIGIDOS EM CONCURSOS

agredir = agressão	manter = manutenção

progredir = progressão	reter = retenção
regredir = regressão	torcer = torção
transgredir = transgressão	distorcer =distorção
admitir = admissão	contorcer = contorção
demitir = demissão	apreender = apreensão
omitir = omissão	ascender = ascensão
permitir = permissão	compreender = compreensão
transmitir = transmissão	distender = distensão
aceder = acesso	estender = extensão
ceder = cessão	pretender = pretensão
conceder = concessão	suspender = suspensão
exceder = excesso, excessivo	tender = tensão
suceder = sucessão	verter = versão
discutir = discussão	reverter = reversão
percutir = percussão	converter = conversão
repercutir = repercussão	subverter = subversão
abster = abstenção	expelir = expulsão
ater = atenção	repelir = repulsão
deter = detenção	

3. EMPREGO DOS PORQUÊS

	Regras	Exemplos
Por que	equivale a **pelo qual**	Este é o caminho **por que** passo.
	vem acompanhado pela palavra **razão** *(mesmo que subentendida)*	**Por que** você foi embora logo?
Porque	é uma explicação,equivale a **pois.**	Fui embora logo **porque** estava muito cansado.
Porquê	é um substantivo,ou seja, nomeia.	Não sei o **porquê** de sua demora.
	Admite PLURAL	O estudo da palavra **porquê**.
Por quê	Segue a regra da palavra **que**: quando utilizada no fim de uma frase, será sempre acentuada.	Ele faltou, mas não sei **por quê.**

Em concurso:

- Faltou ontem e não sabemos **por quê.** Regra: final de frase.
- Faltou ontem e não sabemos o **porquê**. Regra: admite plural = não sabemos **os porquês**.

4. MAL E MAU

	Regras	Exemplos
Mal	**Substantivo** (nomeia)	O **mal** que a televisão me fez.
	Advérbio (indica circunstância)	Dormi **mal** a semana toda.
Mau	É um **adjetivo** (qualifica)	Ele é um **mau** aluno.

- **Facilitando**: em provas fáceis, pode pensar na antiga dica de antônimos.

Mal	x	**Bem**
Mau	x	**Bom**

5. VIAGEM E VIAJEM

	Regras	Exemplos
Viagem	**substantivo** (nomeia)	A **viagem** que farão.
Viajem	**verbo** (pode ser conjugado)	Que eles **viajem** bem.

6. CESSÃO, SESSÃO E SEÇÃO (OU SECÇÃO)

	Regras	Exemplos
Cessão	Ato de **ceder**	A **cessão** de terras não será feita pelo governo.
Sessão	reunião	A **sessão** de cinema começará às oito horas.
Seção ou secção	parte, divisão	Li a notícia na **seção** (ou **secção**) de esportes.

7. ONDE E AONDE

	Regras	Exemplos
Onde	Significa **no lugar** e equivale a em que, no(a) qual	O bairro **onde** fica a editora = A editora fica **no** bairro.
Aonde	Significa **ao lugar**	A casa **aonde** iremos = Iremos a casa.

8. SE NÃO E SENÃO

	Regras	Exemplos
Se não	Equivale a **caso não, quando não** ou no caso de o **se** ser conjunção integrante.	**Se não** fossem meus amigos, não seria quem sou. Perguntei aos alunos **se não** gostariam de estudar.
Senão	Equivale a **caso contrário, do contrário, de outro modo, a não ser, mas sim**	Estude bastante, **senão** não conseguirá aprender o suficiente.

9. TÃO POUCO E TAMPOUCO

	Regras	Exemplos
Tão pouco	muito pouco, curto, pouca coisa, algo pequeno, escasso	Estudei **tão pouco** que nem vou fazer a prova.
Tampouco	**também não** ou **nem**	Não estudou, **tampouco** trabalhou.

10. DE ENCONTRO A E AO ENCONTRO DE

	Regras	Exemplos
De encontro a	contra, em oposição a, para chocar-se com	A decisão foi **de encontro** a nossos ideais.
Ao encontro de	estar de acordo com, em direção a, favorável a, para junto de	Minha nota veio **ao encontro do** que desejava.

11. EM VEZ DE E AO INVÉS DE

	Regras	Exemplos
Em vez de	Em lugar de	**Em vez de** estudar, foi ao cinema.
Ao invés de	**Ao contrário de, lado oposto.** Utilizada para indicar ideias opostas, ideias contrárias.	**Ao invés de** rir, chorou muito.

12. ACERCA DE, A CERCA DE E HÁ CERCA DE

	Regras	Exemplos
Acerca de	**A respeito de** ou **sobre**	**Acerca do** fato, não darei minha opinião.
A cerca de	Perto de, aproximadamente, próximo de	O mar fica **a cerca de** 50 metros da pousada.
Há cerca de	Tempo decorrido	**Há cerca de** 10 anos, foi aprovado.

13. MAS E MAIS

	Regras	Exemplos
Mas	**Substantivo comum** = um defeito, um senão **Conjunção** = adversativa tem sentido de uma oposição ou limitação, podendo ser substituído por porém, todavia, contudo **Advérbio** = enfatiza uma afirmação	Nem **mas** nem meio mas, faça já o que mandaram. Não estudou, **mas** foi aprovado. Ele é bom aluno, **mas** tão bom aluno que tem sempre nota máxima nas provas.
Mais	Pode ser **substantivo, conjunção, advérbio de intensidade, preposição, pronome indefinido** indicando noção de maior quantidade ou intensidade. Significa também **ainda os outros, os demais, os restantes.**	Ela é a menina **mais** inteligente da turma. Dois **mais** dois são quatro. Isto é o **mais** que ele consegue fazer. Não faço **mais** nada do que pensar. Vou embora, os **mais** que se decidam.

14. A FIM E AFIM

	Regras	Exemplos
A fim	Locução de finalidade, equivale a **para**	Estudou **a fim de** ter salário fixo.
Afim	**Semelhante**, que tem afinidade	Nossos valores sempre foram **afins.**

15. SE QUER E SEQUER

	Regras	Exemplos
Se quer	Conjunção **se** + verbo **querer** = se desejar	**Se quer** ter sucesso, trabalhe.
Sequer	Ao menos = advérbio	Estava doente e **sequer** tinha remédio em casa.

Parte III

Processo de formação das palavras

As palavras podem ser formadas através de derivação ou composição. Este tópico é pouco pedido, fique atento ao edital.

QUESTÕES FÁCEIS

1. VUNESP

01. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2013) Assinale a alternativa contendo palavra do texto que é formada por prefixo.

(A) Máquina.

(B) Brilhantismo.

(C) Hipertexto.

(D) Textualidade.

(E) Arquivamento.

Alternativa "c": correta – Radical: texto; prefixo: hiper = 'superior'; 'a mais'; ' acima do normal ou do regular'; ' em excesso ou demasia'; ' muito ou muitíssimo'; ' extremamente, excessivamente ou fortemente'; ' aumento anormal (ou patológico)'.

Alternativa "a" – Radical.

Alternativa "b" – Radical: brilhant; sufixo: ismo.

Alternativa "d" – Radical: text; sufixo: idade.

Alternativa "e" – Radical: arquiv; sufixo: mento.

02. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2012) Em "iniciativas experimentais", o adjetivo é uma palavra formada por sufixação. Outro adjetivo do texto com essa mesma formação está destacado em:

(A) Falta mais dedicação dos **pesquisadores** e investidores...

(B) ... dispostos a deixá-las **acessíveis** ao grande público.

(C) ... dispostos a deixá-las acessíveis ao grande **público**.

(D) Os atuais **mecanismos** de busca na rede já estão ultrapassados...

(E) Ainda vamos ver sites como o Google com a mesma **nostalgia**...

Alternativa "b": correta – *Acessíveis* é adjetivo, tem origem em acesso ou acessar (v.) tal como *experimentais* que vem de experimento (subst.) ou de experimentar (v.).

Alternativa "a" – *pesquisadores* aqui é substantivo.

Alternativa "c" – *público* aqui também é substantivo e nem tem sufixo.

Alternativa "d" – *mecanismos*, também substantivo.

Alternativa "e" – *nostalgia* – substantivo. Vale saber: *nost(o)* – regresso + *alg(o)* – dor + *ia* estado.

03. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2011) Leia o trecho: "*Estudo da ONG Instituto Pólis mostra que,* ***infelizmente,*** *sem o tratamento e a destinação corretos, ...*" Assinale a alternativa que contém uma palavra formada pelo mesmo processo do termo destacado.

(A) infiel.

(B) democracia.

(C) lobisomem.

(D) ilegalidade.

(E) cidadania.

Alternativa "d": correta – *ilegalidade*: prefixo de negação, privação (*i, in*). Mais o único sufixo adverbial *mente*.

▶ **Dica** – Retiremos o prefixo: legalidade; o sufixo: ilegal. Como ocorre em infelizmente: infeliz e felizmente. Há derivação prefixal e sufixal por formarem novas palavras.

Na derivação parassintética, não se pode retirar prefixo ou sufixo. Exemplo: ESquentAR.

Alternativa "a" – Só tem o prefixo de negação.

Alternativa "b" – Há composição: mais de um radical = governo (cracia) do povo (demo).

Alternativa "c" – Formado por aglutinação ou composição.

Alternativa "e" – Formação diferente: só sufixo.

Texto:

Um tango para lá de desafinado

Uma imagem, uma constatação, uma estatística e uma frase resumem o estado das coisas na Argentina. A imagem: pedreiros acrescentando mais um andar às lajes das favelas de Buenos Aires. Enquanto a atividade da construção civil em geral está em queda, as precárias villas portenhas não param de crescer – na falta de espaço, para cima. A constatação: a quantidade cada vez maior de galões de água expostos sobre carros estacionados, principalmente na periferia da capital argentina. Este é o sinal convencionado pelos proprietários para anunciar que seus veículos usados estão à venda. Mais automóveis enfeitados com galões, mais pessoas com necessidade urgente de dinheiro. A estatística: a mortalidade infantil na província de Buenos Aires subiu 8% em 2007. ***Tudo isso*** *dá a ideia de que algo vai muito mal na Argentina. A população da capital que vive em moradias irregulares aumentou 30% nos últimos dois anos. Três em cada quatro argentinos dizem não ganhar o suficiente para cobrir os gastos diários. E, no mesmo ano em que o PIB da Argentina cresceu incríveis 8,7%, o mais básico dos indicadores sociais só piorou na principal província do país. Favelas em expansão, renda relativa em baixa e bebês morrendo – no mínimo, o governo deveria estar reconsiderando suas políticas econômicas e sociais. A presidente argentina diz que não é o caso. Formulada por Cristina Kirchner em um comício da campanha para as eleições legislativas do próximo domingo, eis a frase: "Encontramos o caminho e devemos segui-lo e aprofundá-lo". (Veja, 24.06.2009)*

04. (Vunesp – Oficial de Justiça – TJ – SP/2009) O sentido expresso pelo prefixo na palavra *desafinado*, no título do texto, também está presente na palavra destacada em:

(A) Eles teriam de cooperar com a nova administração do prédio.

(B) Trabalhou tanto e não salvou o documento, por isso o refez.

(C) No subtítulo do texto, havia uma palavra que não conhecia.

(D) Ele era incapaz de resolver um problema com agilidade.

(E) Era preciso esfriar o leite antes de acrescentar-lhe o café.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Na palavra *incapaz*, temos o prefixo *in* indicando negação (não é capaz), tal como *des* em *des*afinado (não é afinado).

Alternativa "a" – Não há sufixo indicando negação.

Alternativa "b" – Prefixo *RE* de refazer não expressa o mesmo sentido.

Alternativa "c" – Prefixo *sub* em subtítulo não expressa sentido de negação.

Alternativa "e" – Não há sufixo indicando negação.

2. UECE

05. (UECE – Agente Penitenciário – CE/2011) Assinale a opção que contém os elementos que estruturam a palavra "indefinível", separados e classificados corretamente.

(A) in (prefixo) + definir (raiz) + ível (sufixo)

(B) in (sufixo) + definir (raiz) + ível (prefixo)

(C) inde (raiz) + finir (prefixo) + vel (raiz)

(D) inde (raiz) + finir (sufixo) + vel (raiz)

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Radical: definir; prefixo (antes do radical): in; sufixo (após radical): ível.

Alternativa "b" – Trocou-se a ordem de prefixo e sufixo.

Alternativa "c" – **Finir** não é radical. Outros elementos mórficos (afixos) também desconexos.

Alternativa "d" – **Finir** não é radical. Outros elementos mórficos (afixos) também desconexos.

3. FUNRIO

06. (Funrio – Agente Penitenciário Federal/2009)

Escrever é triste. Impede a conjugação de tantos outros verbos. Os dedos sobre o teclado, as letras se reunindo com maior ou menor velocidade, mas com igual indiferença pelo que vão dizendo, enquanto lá fora a vida estoura não só em bombas como também em dádivas de toda natureza, inclusive a simples claridade da hora, vedada a você, que está de olho na maquininha.

O mundo deixa de ser realidade quente para se reduzir a marginália, purê de palavras, reflexos no espelho (infiel) do dicionário. (Carlos Drummond de Andrade: "Hoje não escrevo", 1974). O vocabulário usado pelo cronista inclui várias palavras derivadas. Algumas delas contêm sufixos, como comprova a seguinte alternativa, que transcreve apenas palavras formadas por derivação sufixal:

(A) indiferença, dádivas, maquininha, reflexos.

(B) conjugação, velocidade, claridade, marginália.

(C) realidade, teclado, dicionário, reunindo.

(D) você, também, reduzir, natureza.

(E) impede, inclusive, infiel, igual.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – conjugação deriva de conjugar; velocidade deriva de veloz; claridade deriva de claro; marginália deriva de marginal.

Alternativa "a" – Indiferença é prefixal = eliminada alternativa.

Alternativa "c" – Dicionário não possui afixo = eliminada.

Alternativa "d" – Você não possui afixo = eliminada.

Alternativa "e" – Igual não possui afixo = eliminada.

4. FGV

---

07. (FGV – Agente Penitenciário – MA/2013) A alternativa em que o significado do elemento sublinhado está indicado corretamente é:

(A) potencialmente / intensidade.

(B) autossustentar / modo.

(C) reciclagem / movimento para trás.

(D) superlotação / excesso.

(E) agricultura / tempo passado.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – Super é excesso, posição superior.

Alternativa "a" – Significa de determinada maneira.

Alternativa "b" – Significa por si mesmo ou de si mesmo; próprio, independente.

Alternativa "c" – Retrocesso; repetição; reforço; oposição.

Alternativa "e" – Curiosidade da língua portuguesa: *registra-se em vocábulos eruditos, muitos deles formados no próprio latim, como agricultura, e outros introduzidos na linguagem científica internacional, a partir do séc. XIX: agriculturável, agrimensão.* (Fonte: Dicionário digital Aulete)

---

08. (FGV – Agente Penitenciário – MA/2013) "Outra solução criativa foi pensada e realizada na Austrália, onde um centro de detenção foi elaborado a partir de containers de transporte de mercadorias em navios modificados para servir como celas temporárias. Outra prisão na Nova Zelândia também passou a usar a mesma solução para resolver problemas de superlotação".

Assinale a alternativa que mostra três substantivos derivados de verbos.

(A) solução / centro / detenção

(B) detenção / mercadorias / navios

(C) detenção / transporte / superlotação

(D) solução / mercadorias / prisão

(E) custos / prisão / celas

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Detenção vem de deter; transporte, de transportar; superlotação de superlotar.

Alternativa "a" – Erro: centro.

Alternativa "b" – Erros: mercadoria e navios.

Alternativa "d" – Erros: mercadoria e prisão.

Alternativa "e" – Erros: prisão e cela.

QUESTÕES MÉDIAS

1. NÍVEL MÉDIO

1.1. UFF

---

01. (UFF – Inspetor de Polícia – RJ/2012) Derivam de verbos pelo mesmo processo que "perda" deriva de "perder" e "desmonte" de "desmontar" ambos os substantivos destacados em cada uma das alternativas seguintes, EXCETO em:

(A) "ACÚMULO de conhecimento" / "CONSUMO de aulas".

(B) "AUMENTO nas vagas" / "VOLTA do passado".

(C) "no AVANÇO" / "a BUSCA da construção".

(D) "uma DISTORÇÃO absurda" / "essa PROPOSTA".

(E) "ACESSO a escola de qualidade" / "FALTA de recursos".

Alternativa "d": correta – Os substantivos distorção e proposta são formados por processos diferentes: perda / desmonte= são substantivo deverbais, isto é, derivados de verbos pelo processo derivação regressiva: perder (verbo) = perd = a / demonstrar (verbo) = desmont + e; os substantivos são formados pela junção das vogais: a, o, e ao radical do verbo.

- Distorção / proposta – em distorção o sufixo – cão: contém o sentido do resultado da ação distorcer, portanto, distorção é um substantivo deverbal= derivado do verbo distorcer.
- Proposta – palavra formada por *pro* – prefixo grego-latino= movimento para a frente + ponere (latim= colocar, botar) e dela deriva o verbo propor, portanto é substantivo formado de verbo.
- As alternativas: A, B, C e E contém substantivos deverbais: todos formados pelo processo de derivação regressiva: junção de uma vogal (a, o ou e) no radical do verbo:

Alternativa "a" – Acumulo / acumular – consumo / consumir.

Alternativa "b" – Aumento / aumentar – volta / voltar.

Alternativa "c" – Avanço / avançar – busca / buscar.

Alternativa "e" – Acesso / acessar – falta / faltar.

02. (UFF – Inspetor de Polícia – RJ/2012) Os substantivos que se formam com o auxílio de prefixos que possuem o mesmo significado dos prefixos destacados em "INTERagir" e "PREexistência" são, respectivamente:

(A) incorporação - anticorpo.

(B) autodefesa – retroalimentação.

(C) periferia – refluxo.

(D) entressafra – antevisão.

(E) intravenoso – contraprova.

Alternativa "d": correta – Inter / entre= prefixo de origem latina significando posição intermediária – internacional, entrelinha.

- Pré / ante= prefixo de origem latina significando anterioridade – antepor, anteontem, prefixo.

Alternativa "a" – Im / ante= prefixos com significados diferentes da proposta:

- im (1)= prefixo latino significando movimento para dentro – ingerir.
- im (2)= significa negação, privação – inativo, intocável.
- anti = prefixo grego significando oposição, ação contrária – antiaéreo, antídoto, antibiótico.

Alternativa "b" – Em autodefesa não há prefixo: a palavra autodefesa pertence aos substantivos eruditos formados por radicais gregos e latinos; esta composição associa dois termos sendo o primeiro determinante do segundo:

- auto = contém o sentido de si mesmo – autógrafo, autodefesa.
- anticorpo – anti – prefixo grego= significa ação contrária.

Alternativa "c" – Peri – radical grego= significa ao redor de, em torno de: periferia, perífrase, perispírito.

- Re – Prefixo latino= significa repetição, movimento para trás, intensidade: refluxo, renegar, retrair.

Alternativa "e" – Intra – prefixo latino significando movimento para dentro, posição interior: intravenoso, introduzir, intrometer.

- Contra – prefixo latino – significa contrária, oposição: contraprova, contradizer.

1.2. ACP

03. (ACP – Escrivão de Polícia – RS/2010) Considere as afirmações abaixo sobre o processo de formação de palavras do texto.

I. A exemplo de *desenvolvimento*, o sufixo – mento forma nomes de ação ou resultado de ação, derivados de verbo.

II. Tal qual *Livrarias*, – aria(s) é um sufixo formador de substantivos, usado para significar abundância, coleção, aglomeração.

III. Como em *brasileiro*, o sufixo – eiro é utilizado na formação de nomes de agente.

IV. Como em *continuamente*, o sufixo – mente é acrescido a um adjetivo para formar advérbios que exprimem uma ideia de quantidade ou medida.

V. Em *modismos* e "gerundismo", – ismo(s) é um sufixo que tem valor pejorativo.

Quais estão corretas?

(A) Apenas a I, a II e a III.

(B) Apenas a I, a IV e a V.

(C) Apenas a II, a IV e a V.

(D) Apenas a I, a III, a IV e a V.

(E) AI, a II, a III, a IVe a V.

Alternativa "b": correta – I, IV e V.

I. O sufixo nominal *mento* indica movimento, ação ou resultado de ação; desdobramento, sepultamento, levantamento etc.

II. *Aria* (s): sufixo nominal formados de substantivos – no caso de livrarias significa lugar (onde se encontra livros); outro exemplo: tesouraria; observação: há também o mesmo sufixo com significado de ação ou resultado dela: pirataria, patifaria.

III. O sufixo – *eiro* é utilizado na formação de nomes de agentes, profissão etc., mas em brasileiro há uma outra significação: brasileiro é uma das palavras, em português, em que o sufixo *eiro* tem o significado de origem (como em campineiro, natural de Campinas). Conforme Maria da Glória Perez Delgado Sanches, membro da Academia Cabista de Letras e Ciências de Arraial do Cabo, R.J., brasileiro vem de parte da história do Brasil relacionada com a exploração de riquezas da nova terra (Brasil): exploradores portugueses que se enriqueceram no Brasil eram brasileiros em Portugal.

IV. Continua + mente = *mente*: sufixo adverbial – é o único sufixo que forma advérbios – contínua (adjetivo), continuamente (advérbio): sucessiva + mente (ideia de medida).

V. *Ismo* – sufixo nominal com sentido de qualidade, estado; nos substantivos modismos e gerundismo o *ismo* tem valor pejorativo por traduzir sentido que fere a norma gramatical. Observação: no sufixo ismo há também o sentido de ciência, cristianismo, capitalismo, comunismo, hegelianismo etc.

04. (ACP – Inspetor de Polícia – RS/2010) Considere as afirmações abaixo sobre o processo de formação das palavras do texto e o significado de cada partícula.

I. Os prefixos – in e – i, em insubstituível, irresistível e incompleta dão ideia de "negação".

II. O prefixo – ultra, em ultrapassado, quer dizer "inversão", "mudança", assim como,em "anacrônico", o prefixo – ana.

III. O prefixo – des, em desprezo e desuso, significa "ação contrária".

Quais estão corretas?

(A) Apenas a III.

(B) Apenas a I e a II.

(C) Apenas a I e a III.

(D) Apenas a II e a III.

(E) A I, a II e a III.

Alternativa "c": correta

I. Não substitui e não resiste.

II. Ultra: extremo; Ana: para cima, para trás, por entre, através, de novo etc.

III. Correto: ações contrárias da informação do radical.

1.3. FUMARC

05. (Fumarc – Agente de Polícia – MG/2008) Grande parte das palavras de uma língua é criada a partir de outras ou de elementos mórficos que as compõem.

Assinale a alternativa inadequada sobre a significação dos elementos empregados na formação das palavras.

(A) Multifacetada: prefixo latino multi [DIFERENTE].

(B) Burocracias: radical grego cracia [AUTORIDADE].

(C) Representantes: prefixo latino re [REPETIÇÃO, MUDANÇA DE ESTADO] e sufixo nominal formador de substantivos ante [AGENTE].

(D) Especialização: sufixo verbal izar [MUDANÇA DE ESTADO] e sufixo nominal formador de substantivo derivado de verbo ção [resultado de ação].

Alternativa "a": correta – Está incorreto. O prefixo latino multi significa muito (a): multiplicidade de faces.

Alternativa "b" – Cracia: o radical funciona como segundo elemento na formação da palavra burocracias, (autoridade, poder). Burocracia: órgão público administrado segundo uma rígida hierarquia, no sentido pejorativo, diz-se da morosidade dos serviços prestados pelos órgãos públicos (segundo Caldas Aulete).

Alternativa "c" – Representantes: derivação prefixal re (repetição e sufixal ante – agente); re – prefixo latino, exemplos: (re) fluir, (re) por, (re) fazer; ante: sufixo nominal latino – forma substantivos de verbos: estud (radical do verbo estudar) – estudante.

Alternativa "d" – Especialização: derivação sufixal verbal izar e nominal ção; izar – derivação sufixal verbal: dá origem a um verbo (especializar) que recebe o sufixo nominal ção, no sentido de ação ou resultado dela e tem-se o substantivo especial iza / ção: adjetivo – verbo – substantivo.

2. NÍVEL SUPERIOR

2.1. CONSUPLAN

06. (CONSULPLAN – Analista Judiciário – Área Judiciária – TSE/2012) Assinale a palavra que tenha sido formada por processo DISTINTO do das demais.

(A) teológica.

(B) biografia.

(C) narcotráfico.

(D) desvalorizada.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Palavra formada por prefixo de negação *des* e sufixo verbal de ação *izada* e um radical *valor*.

Alternativa "a" – Palavra formada por dois radicais *teo*, Deus e *logia*, ciência.

Alternativa "b" – Idem – *bio*, vida e *grafia*, descrição.

Alternativa "c" – Idem – *narco*, torpor e *tráfico*, comércio.

Atenção!
Trecho para a próxima questão.

(...) O simples fato de que essa pergunta seja colocada implica o pressuposto de que uma verdade ética tal como a honestidade foi transvalorada. Isso significa que foi também desvalorizada. (...) (Marcia Tiburi. Cult, dezembro de 2011)

07. (CONSULPLAN – Analista Judiciário – Área Judiciária – TSE/2012) Assinale a alternativa em que o elemento destacado NÃO tenha o mesmo sentido que o de trans-, em transvalorada

(A) transbordar

(B) trasantontem

(C) tresnoitar

(D) trastejar

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Trastejar = gaguejar, vacilar ao responder. Deriva de traste; não há prefixo.

Alternativa "a" – prefixo "trans" = para além de.

Alternativa "b" – Prefixo "tras" o mesmo que "trans".

Alternativa "c" – Prefixo "tres" – idem alternativas "a" e "b".

2.2. PONTUA

Texto para a próxima questão:

A Educação é um processo de **ACÚMULO de conhecimento**, *não de* **CONSUMO de aulas**. *Mas as salas de aula de nossas faculdades estão parecendo restaurantes, onde se consomem aulas. Pela baixa qualificação dos alunos, o* **AUMENTO nas vagas** *do ensino superior não trará o resultado desejado. Elas fracassarão como construtoras de conhecimento de alto nível.*

A solução não está na **VOLTA do passado** *elitista, quando raríssimos jovens entravam em faculdades. A solução está* **no AVANÇO**, *pelo qual todos que desejem um curso superior tenham um ensino médio com qualidade e possam cursá-lo com a base educacional que os tempos atuais exigem.*

Nos últimos 20 anos, o número de vagas no ensino superior cresceu 503%, mas o número de jovens concluindo o ensino médio cresceu apenas 170%, e certamente sem melhora na qualidade. São 2,6 milhões de vagas no ensino superior para 1,8 milhão de concluintes do ensino médio. Em vez de dez a 15 candidatos por vaga, são 2,3 vagas por candidato. Mesmo considerando a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio, esta diferença é **uma DISTORÇÃO absurda** *e trará graves consequências na formação universitária no Brasil, ficando impossível ter boas universidades e faculdades, pois um bom ensino superior depende de boa educação de base. Eliminou-se o elitismo econômico e as boas e grátis universidades para os alunos que puderam pagar por boa educação de base.*

Corretamente, os últimos governos criaram vagas, mas pouco fizeram para que toda criança tenha **ACESSO a escola de qualidade**. *O governo Lula criou o ProUni, que paga a mensalidade dos carentes, que, por falta de bom ensino médio, não ingressam nas públicas. Abandonamos* **a BUSCA da construção** *de uma elite intelectual, sem destruir o elitismo social. Assim não acumulamos conhecimento, consumimos aulas.*

Além de mais vagas em faculdades é preciso promover uma formação de qualidade para todos na educação de base. Isso exige uma revolução, não apenas um II Plano Nacional de Educação, possivelmente tão irrelevante quanto o I PNE. Esta revolução só será possível se fizermos da educação de base uma questão nacional como já fizemos com o ensino superior. (...)

Um programa como esse pode ser iniciado de imediato, mas demora a ser implementado em todo o país, sobretudo por **FALTA de recursos** *humanos em quantidade. A solução é executá-lo por cidades. Pode-se imaginar que o novo quadro incorporaria cem mil professores a cada ano, sendo lotados em 10 mil escolas, em 250 cidades de porte médio, atendendo cerca de três milhões de alunos. A revolução se faria de imediato nessas cidades, e em todo o Brasil levaria 20 anos. Ao longo desse período, o novo sistema de escolas federais iria substituindo o sistema tradicional municipal ou estadual. Ao final de 20 anos o custo total estaria em 6,4 do PIB.*

Esta revolução foi iniciada no final de 2003, em 28 pequenas cidades, e interrompida antes mesmo de ser implementada. A posse de um novo ministro pode ser o momento para iniciar a execução **dessa PROPOSTA** *que em 2003 recebeu o nome de Escola Ideal. Com ela, contaremos todos com uma educação de base qualificada e teremos a possibilidade de um sistema de ensino superior de qualidade, no qual as vagas sejam disputadas sem discriminação social em vez de oferecidas com discriminação social. Teríamos o bom elitismo, intelectual, com a mesma chance para todos, como no futebol. E sem mentira. (BUARQUE, Cristovam. O Globo: 28/01/2012.)*

08. (Pontua Concursos – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE/SC/2011) *"É inexato, incompleto, incorreto."* Analise o item abaixo, sobre a estrutura das palavras *inexato, incompleto* e *incorreto:*

I. Todas apresentam o mesmo prefixo, que indica negação.

II. *Incompleto* é formado por mais de um radical.

III. Todas pertencem à classe dos adjetivos.

Está(ão) **CORRETO(S):**

(A) Apenas o item I.

(B) Apenas o item II.

(C) Apenas o item III.

(D) Apenas os itens I e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Questão de processos de formação das palavras

I. Todos os prefixos in indicam negação.

II. Incompleto possui apenas um radical: ***complet.***

III. Todos os vocábulos são adjetivos, pois qualificam.

Texto para a próxima questão:

Reciclopedistas:

Eles não batem mais de porta em porta, os ex-vendedores de enciclopédia. Têm mais o que fazer. Um empilhou os 18 volumes da enciclopédia perto do computador. Faz anos que confere no Google, na ordem editada, todos os verbetes do seu tesouro.

Está na página 48 do 7º volume. Ao chegar no último, pretende enviar um relatorio comparativo às autoridades educa – cionais. Ele não confia no conteúdo do Google. "É inexato, incompleto, incorreto", acusa.

Outro se tornou pipoqueiro, com carrinho em frente a uma escola. Seu prazer é passar dezenas de saquinhos de pipoca às mãos da criançada. Prazer

Num detalhe: entrega saquinhos de forro duplo: por dentro, saco normal, branco, asséptico; por fora, coladas ao saco, partes de páginas das enciclopédias acumuladas em casa. A cada criança, repete, cioso: – Lê aí enquanto come, menino. Vai melhorar suas notas.

Um terceiro reúne diferentes enciclopédias usadas. Garimpa nos sebos e põe anúncios ao contrário do passado: "Compra-se enciclopédias. " Já alugou uma garagem e arranjou cadeiras em brechós.

Assim que organizar a coleção e melhorar o ambiente, vai abrir o Museu da Enciclopédia. Lá, as pessoas poderão consultar de graça, à vontade. O letreiro ele mesmo pintou, com um adendo: Aceitase doações.

Um virou tatuador e, além do catálogo de desenhos, oferece um bônus aos clientes: tatuagem de palavra escolhida na enciclopédia, ali na estante. Ninguém escapa da sua persuasão: todos saem da lojinha com um termo definitivo na pele. Ao terminar cada trabalho, ouvem seu suspiro. Aí confundem o som da sua satisfação com ruído de cansaço. Tem um que fez um cartaz e, parado no centro, oferece verbetes de enciclopédia aos populares. O cartaz desafia: ME PERGUNTE QUALQUER COISA. A quem não resiste ao apelo, ele sempre responde com precisão. No fim do dia, uns reais no bolso,

toma um banho, uma sopa, e senta-se numa poltrona sob um abajur. Faceiro, recomeça a decoreba de algum volume.

Aquele outro é artesão no Brique da Redenção. Aos sábados, vende caixinhas porta-tudo. De todos os tamanhos, estampadas com recortes de verbetes. Sua arte é arranjar as colagens, que ficam atraentes e intrigantes: lado a lado, verbetes díspares criam jogo de interesse. Um sucesso.

Além desses, mais uns 20 se ocupam de A a Z. No domingo, esses ex-vendedores se juntam numa praça. Relembram as histórias da semana. De longe, parecem aposentados. Fossem ouvidos, se saberia que jamais deixarão a atividade. (Adaptado de: http://www.sinprors.org.br/extraclasse/set11/fraga.asp. Acesso em: 13 set. 2011).

09. (Pontua Concursos – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE/SC/2011) Assinale a alternativa **INCORRETA** sobre a formação das palavras:

(A) *Reciclopedistas* é um neologismo que significa, segundo o texto, aqueles que reciclam as enciclopédias.

(B) *Asséptico* apresenta derivação prefixal-sufixal.

(C) *Coleção* e *artesão* são substantivos derivados de verbos.

(D) *Porta-tudo* é composto por justaposição.

Alternativa "c": correta – Coleção e artesão não derivam de verbos, mesmo não sabendo a origem das palavras – matéria pouco exigida em provas de Fundação Carlos Chagas, CESPE e ESAF – , daria para acertar por eliminação. Atenção à alternativa *a*: Retornando ao texto, fica claro que a palavra RECICLOPEDISTAS não está no dicionário, sendo assim, trata-se de um neologismo (uso de palavra ou expressão nova).

QUESTÕES DIFÍCEIS

Não há questões de **Processos de formação das palavras** em provas da área fiscal, ou seja, não há questões difíceis.

QUESTÕES INÉDITAS

01. (Duda Nogueira) Nos vocábulos "enterrar", "entardecer", "entristecer" e "infelizmente" ocorre derivação parassintética.

( ) Certo ( ) Errado

Errado – Parassíntese ocorre quando a palavra resulta do acréscimo do sufixo e do prefixo simultaneamente: enTERRar, enTARDEcer, enTRISTEcer.

A derivação prefixal e sufixal existe quando um prefixo e um sufixo são acrescentados à palavra primitiva de forma independente, ou seja, mesmo sem a presença de um dos afixos a palavra continua tendo significado: inFELIZmente = infeliz, felizmente.

02. (Duda Nogueira) A alternativa em que todas as palavras são formadas pelo mesmo processo de composição é:

(A) Bem-me-quer, pontapé, peroba-do-campo, roda-viva, pernalta.

(B) Bem-me-quer, pontapé, peroba-do-campo, planalto, girassol.

(C) Bem-me-quer, pontapé, peroba-do-campo, roda-viva, girassol.

(D) Bem-me-quer, pontapé, embora, roda-viva, girassol.

(E) Bem-me-quer, pontapé, aguardente, roda-viva, girassol.

Resposta correta: "c" – Composição por haver mais de um radical; justaposição por não haver perda fonética (de som):

Bem + me + quer, ponta + pé, peroba + do + campo, roda + viva, gira + sol.

▶ **CURIOSIDADE**

Usa-se o hífen nos compostos que designam espécies animais e botânicas (nomes de plantas, flores, frutos, raízes, sementes), tenham ou não elementos de ligação. Exemplos: bem-te-vi, peixe-espada, peixe-do-paraíso, mico-leão-dourado, andorinha-da-serra, lebre-da-patagônia, erva-doce, ervilha-de-cheiro, pimenta-do-reino, peroba-do-campo, cravo-da-índia.*

*Fonte: Tufano, Douglas. Guia Prático da NOVA ORTOGRAFIA

(A) pernalta = perna + alta: composição por aglutinação (perde som).

(B) planalto = plano + alto: composição por aglutinação.

(D) embora = em + boa + hora: composição por aglutinação.

(E) aguardente = água + ardente: composição por aglutinação.

Fonte: Livro **Simuladaço Língua Portuguesa,** Editora JusPodivm.

DICAS

1. DERIVAÇÃO

É o processo de formação de novas palavras através da adição ou subtração de itens a uma palavra primitiva, ou seja, deriva de outra.

1.1. DERIVAÇÃO PREFIXAL

Ocorre quando a palavra nova é obtida por acréscimo de prefixo.

▶ **Dica:** Pré **indica anterioridade, antecipação, adiantamento.**

expor	**ex** + por
impor	**im** + por
percorrer	**per** + correr

1.2. DERIVAÇÃO SUFIXAL

Ocorre quando a palavra nova é obtida por acréscimo de sufixo.

▶ **Dica:** Sufixo **é afixo que se junta ao final de uma palavra para formar derivadas.**

dentista	dent + **ista**
amoroso	amor + **oso**
artista	art. + **ista**
boiada	boi + **ada**

1.3. DERIVAÇÃO PREFIXAL E SUFIXAL

Ocorre quando a palavra nova é obtida por acréscimo de prefixo e sufixo.

Em concursos: o prefixo ou o sufixo pode ser retirado e uma nova palavra é formada.

	Prefixo	Radical	Sufixo	Novas palavras
Deslealdade	des	leal	dade	desleal, lealdade
Infelizmente	in	feliz	mente	infeliz, felizmente
Inutilizar	in	util	izar	inútil, utilizar

1.4. DERIVAÇÃO PARASSINTÉTICA

Ocorre quando a palavra nova é obtida pelo acréscimo simultâneo de prefixo e sufixo. Por parassíntese formam-se, principalmente, verbos.

Em concursos: o prefixo ou o sufixo **não** pode ser retirado.

	Prefixo	Radical	Sufixo	
Entristecer	en	trist	ecer	Não há novas palavras
Entardecer	en	tard	ecer	
Esquentar	es	quent	ar	

1.5. DERIVAÇÃO REGRESSIVA

O nome já traz seu significado: a palavra reduz, ou seja, diminui.

botequim	boteco
português	portuga
barracão	barraco
sarampão	sarampo

É importante na formação de substantivos derivados de verbos.

verbo	substantivo
estudar	estudo
caçar	caça
pescar	pesca
chorar	choro

1.6. DERIVAÇÃO IMPRÓPRIA

Ocorre mudança na classe gramatical, por isso o nome **imprópria**.

substantivo	derivado do verbo
o **jantar**	jantar

adjetivo	derivado do substantivo
mulher **aranha**	aranha

substantivo	derivado do advérbio
"como será o **amanhã**?"	amanhã

2. COMPOSIÇÃO

É o processo que forma palavras compostas, a partir da junção de dois ou mais radicais.

Em concursos: Derivação possui **um** radical e composição possui **mais de um** radical.

2.1. COMPOSIÇÃO POR JUSTAPOSIÇÃO

Ao unirmos os radicais, **não** ocorre alteração fonética, ou seja, o som não muda.

passatempo	passa + tempo
varapau	vara + pau
obra-prima	obra + prima
malmequer	mal + me + quer
girassol*	gira + sol
couve-flor	couve + flor
salário-família	salário + família

*Em **girassol** houve acréscimo da consoante **s** para manter a sonoridade.

2.2. COMPOSIÇÃO POR AGLUTINAÇÃO

Ao unirmos dois ou mais vocábulos ou radicais, **ocorre supressão** de um ou mais de seus elementos fonéticos.

aguardente	água + ardente
planalto	plano + alto
embora	em + boa + hora
cabisbaixo	cabeça + baixa
fidalgo	filho + de + algo
vinagre	vinho + acre
pernilongo	perna + longa

Flexão nominal

Trata-se do estudo do plural e do grau dos substantivos e dos adjetivos. . Mais questões em concordância.

Questões inéditas: **Simuladaço Língua Portuguesa**

Teoria e questões: **Língua Portuguesa para concursos**

QUESTÕES FÁCEIS

1. VUNESP

01. (VUNESP – 2014) Comer _____ de nozes, castanhas, amêndoas e outras sementes oleaginosas todos os dias pode ser um dos segredos para a longevidade dos _____. Um estudo feito nos Estados Unidos descobriu que pessoas que _____ esse hábito desfrutam _____ uma melhor qualidade de vida do que aquelas que nunca consomem esses alimentos. (...) A pesquisa foi publicada nesta quinta-feira na revista The New England Journal of Medicine. (http://veja.abril.com.br/noticia/saude/comer-nozescontribui-com-a-longevidade 21.11.2013) Assinale a alternativa que completa, correta e respectivamente, as lacunas do texto, segundo a norma-padrão da língua portuguesa.

(A) porções... cidadãos ...mantêm... de

(B) porções...cidadões...mantêm...por

(C) porçãos...cidadãos...mantêm...a

(D) porções...cidadãos...mantem...de

(E) porçãos...cidadões...mantem...por

Resposta: "a"

Cuidado! As pessoas (sujeito plural) que mantêm (verbo plural) esse hábito.

Por eliminação:

1. porções = eliminadas C e E;

2. cidadãos = eliminada B;

3. mantêm = eliminada A e encontramos a resposta.

4. desfruta DE algo.

02. (VUNESP 2014) Considere o trecho: – *Mas você não levou relógio nenhum, filha. Você esqueceu ele na mesinha de cabeceira.* O substantivo **mesinha** está empregado no diminutivo, com a intenção de mostrar que se trata de um objeto de

(A) grande valor estético.

(B) utilidade questionável.

(C) pequenas proporções.

(D) grande apreço.

(E) alto valor monetário.

Resposta: "c"

Mesinha: sf (dim de mesa) Mesa pequena. M.-de-cabeceira: o mesmo que mesa de cabeceira.

Vejamos: A, D e E são eliminadas por se referirem a algo grande; a B é eliminada porque não há relação com algo duvidoso, questionável.

03. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2013) Assinale a alternativa cujas palavras se apresentam flexionadas de acordo com a norma-padrão.

(A) Os tabeliãos devem preparar o documento.

(B) Esses cidadões tinham autorização para portar fuzis.

(C) Para autenticar as certidãos, procure o cartório local.

(D) Ao descer e subir escadas, segure-se nos corrimãos.

(E) Cuidado com os degrais, que são perigosos!

Alternativa "d": correta – Corrimão: corrimãos.

Alternativa "a" – tabeliães.

Alternativa "b" – cidadãos.

Alternativa "c" – certidões.

Alternativa "e" – degraus.

04. (Vunesp – Investigador de Polícia – SP/2013) No período – *Quase igual ao horror pelos cães conhecidos, ou de conhecidos, cuja lambida fria, na intimidade que lhes tenho sido obrigado a conceder, tantas vezes, me provoca uma incontrolável repugnância.* – os termos em destaque, conforme o contexto que determina seus usos, classificam-se, respectivamente, como

(A) adjetivo, adjetivo e substantivo.

(B) substantivo, adjetivo e substantivo.

(C) adjetivo, substantivo e substantivo.

(D) adjetivo, adjetivo e adjetivo.

(E) substantivo, substantivo e adjetivo.

Alternativa "c": correta

- cães **conhecidos** = adjetivo. Eliminadas *b* e *e*.
- ou de **conhecidos** = substantivo. Eliminadas *a* e *d*.
- incontrolável **repugnância** = a repugnância é incontrolável = substantivo.

05. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2012) A flexão de número do termo "preços-sombra" também ocorre com o plural de

(A) guarda-costa.

(B) reco-reco.

(C) guarda-noturno.

(D) sem-vergonha.

(E) célula-tronco.

Alternativa "e": correta – Substantivo composto em que o segundo elemento define – limita o primeiro, indicando tipo ou finalidade, somente o primeiro elemento varia: preços-sombras e células-tronco.

Alternativa "a" – guarda-costa = substantivo + substantivo = variam os substantivos = guardas-costas.

Alternativa "b" – Composto formado por palavras repetidas ou muito parecidas só varia a segunda = reco-recos.

Alternativa "c" – nesta expressão *guarda* é substantivo seguido de adjetivo *noturno* – variam ambos por concordância.

Alternativa "d" – sem-vergonha admite plural inserindo o artigo plural: os sem-vergonha.

06. (Vunesp – Agente de Segurança Penitenciária – SP/2012) Em – *Como evitar que motoristas bêbados fiquem impunes...* – a palavra **motoristas** é um substantivo. O mesmo emprego se dá com a palavra em destaque na alternativa:

(A) "O Brasil possui uma **legislação** que dificulta..."

(B) "... a lei é **falha.**"

(C) "Sem o teste, não há **como** se punir com rigor."

(D) "Do jeito que está, não existe Lei **Seca** no País".

(E) "Os números mostram a ineficácia do **atual** Código de Trânsito.

Alternativa "a": correta – A legislação: substantivo.

Alternativa "b" – Adjetivo.

Alternativa "c" – Conjunção.

Alternativa "d" – Adjetivo.

Alternativa "e" – Adjetivo.

07. (Vunesp – Oficial de Justiça – TJ – SP/2009) Analise as afirmações:

I. Em – ... galões de água expostos sobre carros... – a preposição sobre poderia ser substituída por sob, sem prejuízo de sentido.

II. Fazem o plural da mesma forma que o substantivo galões as palavras cidadão, mamão e órfão.

III. O feminino de chefe se faz da mesma forma que presidente em – *A presidente argentina...*

Está correto o que se afirma em

(A) I, apenas.

(B) III, apenas.

(C) I e II, apenas.

(D) II e III, apenas.

(E) I, II e III.

Alternativa "b": correta – chefe e presidente são substantivos comuns de dois gêneros. Mesmo a contragosto de alguma presidente.

Observação: A partir de agora, a forma Presidenta passou a ser aceita. Motivo: lei.

Lei nº 12.605, De 3 de abril de 2012

Determina o emprego obrigatório da flexão de gênero para nomear profissão ou grau em diplomas.

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º As instituições de ensino públicas e privadas expedirão diplomas e certificados com a flexão de gênero correspondente ao sexo da pessoa diplomada, ao designar a profissão e o grau obtido.

Art. 2º As pessoas já diplomadas poderão requerer das instituições referidas no art. 1º a reemissão gratuita dos diplomas, com a devida correção, segundo regulamento do respectivo sistema de ensino.

Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação. Brasília, 3 de abril de 2012; 191º da Independência e 124º da República.

DILMA ROUSSEFF

Aloizio Mercadante

Eleonora Menicucci de Oliveira

Este texto não substitui o publicado no DOU de 04.04.2012 (Fonte: http://blogdotas.terra.com.br/2012/04/ 12/agora-e-lei-presidenta)

I. *Sobre* e *sob* possuem sentidos opostos: acima e abaixo, respectivamente.

II. *Cidadãos* e *órfãos*. Somente *mamões* é plural igual.

III. É a única afirmação correta.

Texto:

A mídia é sempre aquela. Mas...

Será a mídia a guardiã da ética, anjo protetor do decoro, sentinela do Estado de Direito?_____ vertiginosas dúvidas. No Brasil e no mundo, são poucos os órgãos midiáticos que ainda praticam o jornalismo à sombra dos velhos, insubstituíveis princípios: fidelidade canina à verdade factual, exercício desabrido do espírito crítico, fiscalização diuturna do poder _____ quer que se manifeste.

(...)

_____ avança o processo de afastamento do jornalismo do papel inicial de serviço público. No Brasil, a rota é diversa daquela percorrida em outros países, em decorrência do nosso atraso, a nos manter em um tempo especial, suspenso, mas não equilibrado, entre Idade Média e contemporaneidade. (www.cartacapital.com.br/2007/06/a-midia-e-sempre-aquela-mas/view)

08. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2008) Considerando I – guardiãos, II – guardiães e III – guardiões, é correto afirmar que o plural masculino do termo *guardiã*, que ocorre no primeiro parágrafo, está devidamente expresso apenas em

(A) I.

(B) II.

(C) III.

(D) I e III.

(E) II e III.

Alternativa "e": correta – Plurais de guardião: guardiães e guardiões.

09. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2008) Assinale a alternativa em que os termos fazem o plural a exemplo de *pré-universitária*.

(A) azul-marinho, super-homem.

(B) pôr do sol, reco-reco.

(C) infraestrutura, pós-graduação.

(D) homem-bomba, pé-de-moleque.

(E) viúva-negra, pau-a-pique.

Alternativa "c": correta – Prefixo é invariável: pré-universitárias. Na alternativa correta: infraestruturas e pós-graduações. Após a reforma ortográfica, o vocábulo infraestrutura deixou de ter hífen. Regra: Prefixo termina em vogal e o radical inicia com vogal distinta = sem hífen.

Alternativa "a" – Azul-marinho é invariável; super-homens.

Alternativa "b" – Pôr-do-sol – substantivo masculino – pores-do-sol. Reco-reco – palavra formada por elemento onomatopaico (imita a voz natural ou o som de alguma coisa) varia só o segundo elemento= reco-recos.

Alternativa "d" – homens-bomba; pés-de-moleque.

Alternativa "e" – Viúvas-negras: substantivo + adjetivo= variam os dois elementos. Pau-a-pique (paredes de varas entrecruzadas) substantivo + preposição + substantivo: varia só o primeiro elemento= paus-a-pique.

▶ **Dica – Plural dos substantivos compostos.** A formação do plural dos substantivos compostos depende da forma como são grafados, do tipo de palavras que formam o composto e da relação que estabelecem entre si. Aqueles que são grafados sem hífen comportam-se como os substantivos simples:

- aguardente e aguardentes
- girassol e girassóis

- pontapé e pontapés
- malmequer e malmequeres

O plural dos substantivos compostos cujos elementos são ligados por hífen costuma provocar muitas dúvidas e discussões. Algumas orientações são dadas a seguir:

Alternativa "a" –Flexionam-se os **dois** elementos, quando formados de:

- substantivo + substantivo = couve-flor e couves-flores
- substantivo + adjetivo = amor-perfeito e amores-perfeitos
- adjetivo + substantivo = gentil-homem e gentis-homens
- numeral + substantivo = quinta-feira e quintas-feiras

Alternativa "b" –Flexiona-se somente o **segundo** elemento, quando formados de:

- verbo + substantivo = guarda-roupa e guarda-roupas
- palavra invariável + palavra variável = alto-falante e alto-falantes
- palavras repetidas ou imitativas = reco-reco e reco-recos

Alternativa "c" –Flexiona-se somente o **primeiro** elemento, quando formados de:

- substantivo + preposição clara + substantivo = água-de-colônia e águas-de-colônia
- substantivo + preposição oculta + substantivo = cavalo-vapor e cavalos-vapor
- substantivo + substantivo que funciona como determinante do primeiro, ou seja, especifica a função ou o tipo do termo anterior.

Exemplos:

- palavra-chave g palavras-chave
- bomba-relógio g bombas-relógio
- notícia-bomba g notícias-bomba
- homem-rã g homens-rã
- peixe-espada g peixes-espada

Alternativa "d" –Permanecem invariáveis, quando formados de:

- verbo + advérbio = o bota-fora e os bota-fora
- verbo + substantivo no plural = o saca-rolhas e os saca-rolhas

Alternativa "e" –Casos Especiais:

o louva-a-deus e os louva-a-deus

o bem-te-vi e os bem-te-vis

o bem-me-quer e os bem-me-queres

o joão-ninguém e os joões-ninguém.

(Fonte: http://www.soportugues.com.br/secoes/morf/morf28.php).

Charge:

(www.chargeonline.com.br)

---

10. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2008) Na situação de comunicação apresentada, o aumentativo em "palhação" faz com que a palavra assuma um valor

(A) de espanto.

(B) de tamanho.

(C) afetivo.

(D) de admiração.

(E) pejorativo.

Alternativa "e": correta – Pejorativo: adjetivo que expressa sentido depreciativo, negativo no contexto.

Alternativa "a" – De espanto: seria surpresa.

Alternativa "b" – De tamanho: seria o grau aumentativo do substantivo palhaço.

Alternativa "c" – Afetivo: seria demonstração de afeição.

Alternativa "d" – De admiração: seria demonstração de surpresa ou respeito.

---

11. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2007) O grau do adjetivo *maior* em – ... *situação de fragilidade ainda maior* – repete-se em:

(A) A floresta tropical da Amazônia será substituída por uma vegetação menos rica que a savana.

(B) As populações da África são as mais vulneráveis do planeta.

(C) Os novos projetos de desenvolvimento sustentável são os melhores até agora apresentados.

(D) O cenário para o meio ambiente é o mais sombrio já projetado.

(E) O relatório científico deste ano teve um tom mais ameno que o do ano passado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta

Nota da autora: Questão de grau de adjetivo. Caso seja necessário relembrar a teoria, vá às dicas, no final do capítulo.

Na alternativa "e": Mais ameno – grau comparativo de superioridade e formado pelo advérbio ainda anteposto ao adjetivo ameno e a conjunção que (ou do que) vem posposta ao adjetivo. Mais ameno que / ainda maior que.

Lembre-se: "maior" equivale a "mais grande", por isso comparativo de superioridade.

Alternativa "a" – Menos rica – grau comparativo de inferioridade: o advérbio menos anteposto ao adjetivo menos que.

Alternativa "b" – A mais = grau superlativo relativo de superioridade. As populações da África = (os seres) se sobressaem em relação às outras populações.

Alternativa "c" – Os melhores = grau superlativo relativo de superioridade.

Alternativa "d" – O mais sombrio = grau superlativo relativo de superioridade.

2. UECE

12. (UECE – Agente Penitenciário – CE/2011) O plural do diminutivo das palavras "renovação" e "sinal está corretamente escrito em

(A) renovaçõesinhas e sinalsinhos.

(B) renovaçõeszinhas e sinaiszinhos.

(C) renovaçõezinhas e sinaizinhos.

(D) renovaçõizinhas e sinaezinhos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Renovação/Renovações/Renovaçõezinhas – Sinal/Sinais/Sinaizinhos.

Plural dos Diminutivos = Flexiona-se o substantivo no plural, retira-se o "**s**" final e acrescenta-se o sufixo diminutivo" zinhos (as)".

Exemplos:

- renovação = renovações(s) + zinhas = renovaçõezinhas
- sinal = sinai(s) + zinhos = sinaizinhos

Os substantivos terminados em **ão** fazem o plural de **três maneiras**.

- substituindo o – ão por – ões (Exemplo: renovação – renovações)
- substituindo o – ão por – ães (Exemplo:cão – cães)
- substituindo o – ão por – ãos (Exemplo:grão – grãos)

Os substantivos terminados em – **al**, – **el**, – **ol**, – **ul** flexionam-se no plural, trocando o – **l** por – **is**.

Exemplos: sinal – sinais / caracol – caracóis / hotel – hotéis

Exceções: mal e males, cônsul e cônsules.

Alternativas "a", "b", "d" e "e" – por estarem em desacordo com as regras expostas na alternativa "c", todas estas estão incorretas.

3. ACP

13. (ACP – Escrivão de Polícia – RS/2010) Relacione as colunas, associando as palavras da primeira coluna aos respectivos modos de formação de plural.

(1) Forma o plural somente em "ãos".

(2) Forma o plural somente em "ães".

(3) Forma o plural somente em "ões".

(4) Admite mais de uma forma para o plural.

( ) menção

( ) escrivão

( ) contramão

( ) sermão

( ) cidadão

( ) ancião

( ) tabelião

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, na segunda coluna, é

(A) 1 – 1 – 4 – 2 – 3 – 2 – 4.

(B) 1 – 2 – 4 – 3 – 2 – 4 – 3.

(C) 2 – 1 – 3 – 4 – 1 – 3 – 2.

(D) 3 – 2 – 1 – 3 – 1 – 4 – 2.

(E) 3 – 4 – 1 – 1 – 3 – 2 – 4.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

3) Menção – plural: menções;

2) Escrivão – plural: escrivães;

1) Contramão – plural: contramãos;

3) Sermão – plural: sermões;

1) Cidadão – plural: cidadãos;

4) Ancião – plural: admite mais de uma forma: anciães, anciões, anciãos;

2) Tabelião – plural: tabeliães.

14. (ACP – Inspetor de Polícia – RS/2010) A única palavra que forma o plural da mesma maneira que *alemão* é

(A) casarão.

(B) corrimão.

(C) acórdão.

(D) capelão.

(E) aldeão.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Capelão – alemão: palavras formam o plural dos substantivos terminados em ão = ães: capelães – alemães.

Alternativa "a" – casarões.

Alternativa "b" – corrimões ou corrimãos.

Alternativa "c" – acórdãos.

Alternativa "e" – aldeãos, aldeões ou aldeães.

4. FCC

15. (FCC – Agente de Segurança Penitenciária – PB/ 2008) *"Talvez um implante possa resgatar a saúde de anciãos devastados pelo mal de Alzheimer... (Adaptado* de Paula Neiva e Vanessa Vieira. Veja, 13 fev. 2008, p. 82-84). De acordo com a norma culta, a palavra grifada acima pode fazer o plural, também corretamente, como anciões e anciães. A palavra que sofre a mesma variação está grifada na frase:

(A) O cinema trata muitas vezes o comportamento do vilão como resultante de alterações no funcionamento do cérebro.

(B) O aumento da violência nos núcleos urbanos leva os pesquisadores à busca da razão da agressividade humana.

(C) No futuro as empresas poderão exigir de um cidadão exames que comprovem sua capacidade para o trabalho.

(D) O caráter ético deve ser o coração das pesquisas destinadas a comprovar a origem de comportamentos antissociais.

(E) Pesquisas que buscam explicar o comportamento de delinquentes podem indicar a solução para esse problema.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – vilão = vilãos, vilões e vilães.

Alternativa "b" – razão = razões.

Alternativa "c" – cidadão = cidadãos.

Alternativa "d" – coração = corações.

Alternativa "e" – solução = soluções.

As palavras terminadas em **– ão** podem formar plural de **três modos: – ões, – ãos** ou **– ães.** Não há uma regra específica a ser seguida para se fazer este plural, pois pode variar entre os três e dependerá unicamente da origem da palavra, ou seja, de sua etimologia. Então, devemos considerar:

a) A maioria das palavras que terminam em "**-ão**" faz o plural em "-ões".(Exemplos: razão – razões, coração – corações).

b) Algumas poucas mudam a terminação para "-ães"(Exemplos: pão – pães / cão – cães).

c) Algumas paroxítonas terminadas em "-ão", assim como certas oxítonas e monossílabas, têm sua forma pluralizada somente pelo acréscimo do "s"(Exemplos: bênção – bênçãos, irmão – irmãos, mãos – mãos).

d) E, finalmente, há palavras que admitem mais de uma forma de se fazer o plural (Exemplos:vilão – vilãos – vilões / ancião – anciãos – anciães e anciões).

5. FGR

Trecho para a próxima questão.

Segundo uma Comissão de direitos humanos da Assembleia Legislativa ... (Incêndio em prisão superlotada deixa 25 mortos em minas, 23 de agosto de 2007. Eduardo Kattah, Estado de São Paulo).

16. (FGR – Agente de Segurança Penitenciária – MG/2007) O substantivo comissão na frase acima pode ser **classificado** como:

(A) Feminino.

(B) Abstrato.

(C) Composto.

(D) Epiceno.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – A comissão: substantivo feminino.

Alternativa "b" – Concreto

Alternativa "c" – Simples = um radical.

Alternativa "d" – Usado apenas para plantas e animais.

6. FGV

17. (FGV – 2015) Da mesma forma que temos o adjetivo composto *"judaico- cristã"*, poderíamos ter outro adjetivo composto formado com os adjetivos *"técnica e científica"*. Nesse caso, assinale a opção que indica a forma correta desse adjetivo.

(A) Técnico-científica.

(B) Científica-técnica.

(C) Científica-técnico.

(D) Técnica-científica.

(E) Técnico-científico.

COMENTÁRIOS

Resposta: "a"

Adjetivos compostos: variam apenas o último elemento.

Cuidado com as exceções = surdos-mudos, azul-marinho, azul-celeste.

b) Científico-técnica.

c) Científico-técnica.

d) Técnico-científica.

e) Técnico-científica.

QUESTÕES MÉDIAS

1. NÍVEL MÉDIO

Não há questões nível médio.

2. NÍVEL SUPERIOR

2.1. FEPESE

01. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) Considerando os substantivos mal, quintal, mês, ônibus, caráter, rapaz, vez, entre outros nomes terminados em [l], [s], [r] ou [z], pode-se formular a seguinte regra de formação do plural:

O plural de todos os nomes terminados em [l], [s], [r] ou [z] é feito com acréscimo da uma vogal temática [e] e da desinência de número [s], mantendo-se o mesmo radical do singular.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (falso)

✪ Nota da autora: questão de concordância (flexão nominal, plural dos substantivos).

Regras:

Os substantivos terminados em "-s" formam o plural com acréscimo de "-es": gás/gases, mês/meses, país/países. Quando paroxítonos ou proparoxítonos, passam a ser invariáveis – o artigo (ou o numeral) indica a pluralização: um lápis/dois lápis, o atlas/os atlas, um ônibus/três ônibus, o pires/os pires, o vírus/os vírus.

Plurais dos vocábulos da questão: mal – males, quintal – quintais, mês – meses, ônibus – não possui, caráter – caracteres, rapaz – rapazes, vez – vezes.

QUESTÕES DIFÍCEIS

Não há questões difíceis.

01. (Duda Nogueira) Assinale a alternativa cujas palavras se apresentam flexionadas de acordo com a norma-padrão.

(A) abelhas-europa; abelhas-europas; laranjas-baiana; salários-mínimo;

(B) aves-maria; salve- rainhas; beija-flores; altos-falante

(C) os fora da lei; os fora de série; corres-corres; lambe-lambes

(D) abelha-europas; salários-mínimos; beijas-flor; os corre-corres

(E) foras da lei; os lambe-lambe; ave-marias; laranja-baianas

COMENTÁRIOS

Resposta correta: "c"

✪ **Nota da autora:** Visando a questões futuras, vamos a algumas exceções e novidades.

- **os fora da lei** e **os fora de série**

▸ **DICA**

Três ou mais palavras: Se o segundo elemento for uma preposição, só o primeiro irá para o plural.

Cuidado! Se o primeiro elemento for invariável, o substantivo todo ficará invariável.

- corres-corres

▸ **DICA**

Modernamente, os autores têm admitido duas pluralizações para os substantivos compostos formados por dois verbos: ambos no plural ou somente o último: corres-corres ou corre-corres.

- lambe-lambes

▸ **DICA**

O Volp, 5° edição, registra somente o plural **lambe-lambes** para o substantivo lambe-lambe, cujo significado é, segundo o dicionário Houaiss, "fotógrafo ambulante que fica geralmente postado em praças e jardins públicos".

a) **abelhas-europa** ou **abelhas-europas**

▸ **DICA**

Modernamente, os autores têm admitido duas pluralizações para os substantivos compostos formados por dois substantivos em que o segundo indique tipo ou finalidade do primeiro: ambos no plural ou somente o primeiro. O Volp corrobora com isso.*

- Correção: **laranjas-baianas** e **salários-mínimos**

▸ **DICA**

É a soma de substantivo com adjetivo.

Salário-mínimo, com hífen, é o nome dado ao trabalhador que recebe o **salário mínimo**, sem hífen, o salário propriamente dito.*

b) ave-marias e salve-rainhas

▸ **DICA**

Interjeição + substantivo: somente o último elemento se pluraliza.

- beija-flores

▸ **DICA**

verbo + substantivo: somente o último elemento se pluraliza.

- alto- falantes:

▸ **DICA**

Os vocábulos das alternativas D e E foram explicados acima.

*Fonte: disponível em < http://www.gramaticaonline.com.br/>

---

02. (Duda Nogueira) Em "A aluna néscia* é a personagem principal daquela história." e "O aluno néscio* é o personagem principal daquela história.", as flexões de gênero foram empregadas corretamente.
*Néscio(a): *característica de quem não possui conhecimento, capacidade, sentido ou coerência.*

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo

Pode-se usar **a personagem** ou **o personagem**.

A palavra *personagem* pode ser um substantivo feminino ou um substantivo masculino e se refere a uma pessoa importante, a um protagonista, a uma figura dramática.

Normalmente, na língua portuguesa, os substantivos acabados em *–agem* são femininos: barragem, tatuagem, garagem, passagem, viagem... Assim, a palavra personagem se apresenta como sendo um substantivo sobrecomum feminino.

Talvez por influência da regra do francês em que as palavras terminadas em *–age* são masculinas, a palavra personagem sofreu evolução na língua portuguesa, apresentando-se também como um substantivo sobrecomum masculino.

Outras opções também corretas:

A aluna néscia é **o personagem** principal daquela história.

O aluno néscio é **a personagem** principal daquela história.

Fonte: Livro **Simuladaço Língua Portuguesa,** Editora JusPodivm.

DICAS

1. FLEXÃO DO SUBSTANTIVO

1.1. FLEXÃO DE GÊNERO

Gênero é a propriedade que as palavras têm de indicar sexo real ou fictício dos seres. São dois gêneros: **masculino** e **feminino.**

1.1.1. SUBSTANTIVOS BIFORMES E SUBSTANTIVOS UNIFORMES

Atente-se ao que facilita: uni = uma; bi = duas.

Biformes: possuem duas formas, uma para o masculino e outra para o feminino.

Masculino	Feminino
Menino	Menina
Amigo	Amiga
Gato	Gata
Candidato	Candidata

Uniformes: possuem uma única forma e são classificados em:

1.1.2. EPICENOS

Têm um só gênero e nomeiam bichos.

Onça macho	Onça fêmea
Jacaré macho	Jacaré fêmea
Foca macho	Foca fêmea

1.1.3. SOBRECOMUNS

Têm um só gênero e nomeiam pessoas.

1) a criança
2) a testemunha
3) o cônjuge
4) o carrasco
5) o ídolo

Observação: há substantivos que, variando de gênero, variam em seu significado:

- o rádio (aparelho receptor) e a rádio (estação emissora)
- o capital (dinheiro) e a capital (cidade)

1.1.4. COMUNS DE DOIS GÊNEROS

Indicam o sexo das pessoas por meio do artigo.

o dentista	a dentista
um jovem	uma jovem
o imigrante	a imigrante

1.2. FORMAÇÃO DOS SUBSTANTIVOS BIFORMES E UNIFORMES

1.2.1. SUBSTANTIVOS BIFORMES

Regra geral	Troca-se a terminação **-o** por **-a**		Aluno – Aluna
Substantivos terminados em -ês	Acrescenta-se **-a** ao masculino		Freguês – Freguesa
Substantivos terminados em -ão	Fazem o feminino de **três** formas:	Troca-se **-ão** por **-oa**	Patrão – Patroa
		Troca-se **-ão** por **-ã**	Campeão – Campeã
		Troca-se **-ão** por **-ona**	Solteirão – Solteirona
			Barão – Baronesa
		Exceções:	Ladrão – Ladra Sultão – Sultana

Substantivos terminados em -or	1. Acrescenta-se **-a** ao masculino	Doutor – Doutora
	2. Troca-se **-or** por **-triz**	Imperador – Imperatriz
Substantivos com feminino em -esa, -essa, -isa	**-esa**	Cônsul – Consulesa
	-essa	Conde – Condessa
	-isa	Poeta – Poetisa
Substantivos que formam o feminino trocando o -e final por -a		Elefante – Elefanta
Substantivos que têm radicais diferentes no masculino e no feminino		Bode – Cabra / Boi – Vaca
Substantivos que formam o feminino de maneira especial, isto é, não seguem nenhuma das regras anteriores:		Czar – Czarina / Réu – Ré

1.2.2. FLEXÃO DE NÚMERO DO SUBSTANTIVO

1.2.2.1. PLURAL DOS SUBSTANTIVOS SIMPLES

Os substantivos terminados em	**vogal, ditongo oral e n fazem o plural pelo acréscimo de s**	pai – pais / ímã – ímãs hífen – hífens (sem acento, no plural) **Exceção:** cânon – cânones.	
	m fazem o plural em ns	homem – homens	
	r e z fazem o plural pelo acréscimo de es	revólver – revólveres / raiz – raízes **Atenção!** O plural de caráter é caracteres.	
	al, el, ol, ul flexionam-se no plural, trocando o l por is	quintal – quintais / caracol – caracóis / hotel – hotéis **Exceções:** mal e males, cônsul e cônsules.	
	-il fazem o plural de duas maneiras:	Quando **oxítonos**, em **is**.	canil – canis
		Quando **paroxítonos**, em **eis**.	míssil – mísseis.
		Obs.: a palavra réptil pode formar seu plural de duas maneiras: répteis ou reptis (pouco usada).	
	-s fazem o plural de duas maneiras:	Quando **monossilábicos** ou **oxítonos**, mediante o acréscimo de **es**.	ás – ases retrós – retroses
		Quando **paroxítonos** ou **proparoxítonos**, ficam **invariáveis**.	o lápis – os lápis o ônibus – os ônibus.
	-ão fazem o plural de três maneiras	substituindo o **– ão** por **– ões**	ação – ações
		substituindo o **– ão** por **– ães**	cão – cães
		substituindo o **– ão** por **– ãos**	grão – grãos
	x ficam invariáveis	o látex – os látex.	

1.2.2.2. Plural dos Substantivos Compostos

A formação do plural dos substantivos compostos depende da forma como são grafados, do tipo de palavras que formam o composto e da relação que estabelecem entre si. Aqueles que são grafados sem hífen comportam-se como os substantivos simples.

aguardente e aguardentes	pontapé e pontapés
girassol e girassóis	malmequer e malmequeres

O plural dos substantivos compostos cujos elementos são ligados por hífen costuma provocar muitas dúvidas e discussões. Vamos a elas.

1	**Flexionam-se os dois elementos, quando formados de**	substantivo + substantivo	couve-flor e couves-flores
		substantivo + adjetivo	amor-perfeito e amores-perfeitos
		adjetivo + substantivo	gentil-homem e gentis-homens
		numeral + substantivo	quinta-feira e quintas-feiras
2	**Flexiona-se somente o segundo elemento, quando formados de**	verbo + substantivo	guarda-roupa → guarda-roupas
		palavra invariável + palavra variável	alto-falante → alto-falantes
		palavras repetidas ou imitativas	reco-reco → reco-recos
3	**Flexiona-se somente o primeiro elemento, quando formados de**	substantivo + preposição clara + substantivo	água-de-colônia → águas-de-colônia
		substantivo + preposição oculta + substantivo	cavalo-vapor → cavalos-vapor
		substantivo + substantivo que funciona como determinante do primeiro, ou seja, especifica a função ou o tipo do termo anterior	palavra-chave → palavras-chave bomba-relógio → bombas-relógio notícia-bomba → notícias-bomba homem-rã → homens-rã peixe-espada → peixes-espada
4	**Permanecem invariáveis, quando formados de**	verbo + advérbio	o bota-fora e os bota-fora
		verbo + substantivo no plural	o saca-rolhas e os saca-rolhas
5	**Casos Especiais**	o louva-a-deus → os louva-a-deus o bem-te-vi → os bem-te-vis o bem-me-quer → os bem-me-queres o joão-ninguém → os joões-ninguém	

1.3. FLEXÃO DE GRAU DO SUBSTANTIVO

Grau é a propriedade que as palavras têm de exprimir as variações de tamanho dos seres.

Grau		Definição	Exemplo
Neutro		Indica um ser de tamanho considerado natural.	rocha, papel, lápis
Aumentativo	—	Indica o aumento do tamanho do ser.	bocarra (boca), muralha (muro), pedrona (pedra)
	Analítico	O substantivo é acompanhado de um adjetivo que indica grandeza.	casa grande
	Sintético	É acrescido ao substantivo um sufixo indicador de aumento. Fácil: sintético = sufixo.	casarão

Diminutivo	—	Indica a diminuição do tamanho do ser.	gatinho (gato), bigodinho (bigode), vidro (vidrinho)
	Analítico	Substantivo acompanhado de um adjetivo que indica pequenez.	casa pequena
	Sintético	É acrescido ao substantivo um sufixo indicador de diminuição. Fácil: sintético = sufixo.	casinha

1.4. FLEXÃO DE GÊNERO DO ADJETIVO

Os adjetivos concordam com o substantivo a que se referem (masculino e feminino.

1.4.1. ADJETIVOS UNIFORMES E BIFORMES

Biformes	Têm duas formas, sendo uma para o masculino e outra para o feminino.	Estudioso, estudiosa, vencedor, vencedora
uniformes	Têm uma só forma tanto para o masculino como para o feminino.	Feliz, confiante, contente

1.5. FLEXÃO DE NÚMERO

1.5.1. PLURAL DOS ADJETIVOS SIMPLES

Os adjetivos simples flexionam-se no plural de acordo com as regras estabelecidas para a flexão numérica dos substantivos simples.

mau e maus	feliz e felizes
ruim e ruins	boa e boas

Em concursos – Caso o adjetivo seja uma palavra que também exerça função de substantivo, ficará invariável, ou seja, se a palavra que estiver qualificando um elemento for, originalmente, um substantivo, ela manterá sua forma primitiva.

A palavra **violeta** é um substantivo, porém, se estiver qualificando um elemento, funcionará como adjetivo. Ficará invariável. Ex.: camisas **violeta**, ternos **violeta**.

Comparando	
Blusas **vinho** – substantivo adjetivado = singular	Blusas **verdes** – adjetivo = plural
Tetos **musgo** – substantivo adjetivado = singular	Tetos **azuis** – adjetivo = plural
Livros **monstro** – substantivo adjetivado = singular	Livros **grandiosos** – adjetivo = plural

1.5.2. PLURAL DOS ADJETIVOS COMPOSTOS

Adjetivo composto é aquele formado por dois ou mais elementos. Normalmente, esses elementos são ligados por hífen.

Regra: apenas o último elemento concorda com o substantivo a que se refere; os demais ficam na forma masculina, singular.	camisas **verde-claras**

Em concursos – Caso um dos elementos que forma o adjetivo composto seja um substantivo adjetivado, todo o adjetivo composto ficará invariável.

As palavras **ouro e café** são originalmente substantivos, porém, se estiverem qualificando um elemento, funcionarão como adjetivos. Caso se ligue a outra palavra por hífen, formará um adjetivo composto; como é um substantivo adjetivado, o adjetivo composto inteiro ficará invariável.

Ex.: 1) Camisas **amarelo-ouro.** 2) Telhados **marrom-café.**

Observações importantes	**Azul-marinho, azul-celeste, ultravioleta e qualquer adjetivo composto iniciado por cor-de-...** são sempre invariáveis. Ex.: Blusas **azul-marinho,** Blusas **azul-celeste,** Blusas **cor-de-rosa**
	Os adjetivos compostos **surdo-mudo e pele-vermelha** têm os dois elementos flexionados. Ex.: Meninos **surdos-mudos,** Crianças **peles-vermelhas**

1.6. FLEXÃO DE GRAU

Os adjetivos flexionam-se em grau para indicar a intensidade da qualidade do ser. São dois os graus do adjetivo: o **comparativo** e o **superlativo**.

1.6.1. GRAU COMPARATIVO

Igualdade	tão	como (quanto)
Superioridade	mais	(do que)
Inferioridade	menos	(do que)

Em concursos – Na comparação, a preposição é facultativa: **mais que** ou **mais do que, menos que** ou **menos do que.**

1.6.2. GRAU SUPERLATIVO

O superlativo expressa qualidades num grau muito elevado ou em grau máximo. O grau superlativo pode ser **absoluto** ou **relativo**.

Absoluto		**Relativo**	
Ocorre quando a qualidade de um ser é intensificada, sem relação com outros seres.		Ocorre quando a qualidade de um ser é intensificada em relação a um conjunto de seres.	
Analítico	**Sintético**	**Superioridade**	**Inferioridade**
a intensificação se faz com o auxílio de palavras que dão ideia de intensidade (advérbios. O secretário é **muito inteligente.**	A intensificação se faz por meio do acréscimo de sufixos. O secretário é **inteligentíssimo.**	Clara é **a mais** bela da sala.	Clara é **a menos** bela da sala.

Pronome

As questões de pronome estão diretamente ligadas à sintaxe de regência. Em alguns casos, é necessário saber a teoria de colocação pronominal – próclise, ênclise e mesóclise. Essencial saber quais palavras atraem o pronome oblíquo. Dicas no fim do capítulo.

Questões inéditas: **Simuladaço Língua Portuguesa**

Teoria e questões: **Língua Portuguesa para concursos**

QUESTÕES FÁCEIS

1. VUNESP

01. (TJ SP – 2014) Assinale a alternativa correta quanto à colocação pronominal, de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa.

(A) Por um período de 50 anos, manteriam-se o arcabouço democrático e a livre-iniciativa.

(B) O governo chinês recentemente se arrogou o direito de aprovação prévia dos candidatos.

(C) Não respeitaram-se os princípios que presidiram a passagem de Hong Kong à China.

(D) Se criou na China, com o acordo de transição, a fórmula "um país, dois sistemas".

(E) Os chineses têm questionado-se se o país pretende intervir e ampliar seu controle sobre Hong Kong.

Alternativa correta: letra "b"

- O advérbio de tempo "recentemente" atrai o pronome oblíquo.

(A) Por um período de 50 anos, **manter-se-iam** = mesóclise: verbo no futuro sem palavra atrativa.

(C) Não **me respeitaram** os princípios = o advérbio de negação atrai o oblíquo.

(D) **Criou-se** na China = não se inicia frase com pronome oblíquo.

(E) Os chineses **têm se questionado** = estando o verbo principal no particípio, o pronome oblíquo átono **não** poderá vir depois dele.

Trecho para questão.

As cotas raciais deram certo porque seus beneficiados são, sim, competentes. Merecem, sim, frequentar uma universidade pública e de qualidade. No vestibular, que é o princípio de tudo, os cotistas estão só um pouco atrás. Segundo dados do Sistema de Seleção Unificada, a nota de corte para os candidatos convencionais a vagas de medicina nas federais foi de 787,56 pontos. Para os cotistas, foi de 761,67 pontos. A diferença entre **eles**, *portanto, ficou próxima de 3%. (...)*

(www.istoe.com.br)

02. (TJ SP – 2014) O pronome **eles** tem como referente

(A) dados do Sistema de Seleção Unificada e pontos.

(B) candidatos convencionais e cotistas.

(C) beneficiados.

(D) dados do Sistema de Seleção Unificada.

(E) pontos.

Alternativa correta: letra "b"

- Basta reler o período anterior e substituir o pronome:

Segundo dados do Sistema de Seleção Unificada, a nota de corte para **os candidatos convencionais** a vagas de medicina nas federais foi de 787,56 pontos. Para **os cotistas**, foi de 761,67 pontos. A diferença entre **eles (candidatos e cotistas)**, portanto, ficou próxima de 3%.

Note que ocorre paralelismo sintático:

a nota de corte → para **os candidatos**

→ para **os cotistas**

Eliminadas, assim, as demais alternativas.

Trecho para a próxima questão.

Adolescentes vivendo em famílias que não **lhes** *transmitiram valores sociais altruísticos, formação moral e não* **lhes** *impuseram limites de disciplina.*

03. (VUNESP – Agente Penitenciário – SP/2013) O pronome **lhes**, nas duas ocorrências, nesse trecho, refere-se, respectivamente, a

(A) adolescentes e adolescentes.

(B) famílias e adolescentes.

(C) valores sociais altruísticos e limites de disciplina.

(D) adolescentes e famílias.

(E) famílias e famílias.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Substituindo para facilitar: famílias não transmitiram valores **aos adolescentes** e famílias que não impuseram limites **aos adolescentes.**

Alternativa "b" – O termo *famílias* possui função de sujeito.

Alternativa "c" – O pronome *lhe* não pode ter função de objeito direto (valores sociais e limites).

Alternativa "d" – O termo *famílias* possui função de sujeito.

Alternativa "e" – O termo *famílias* possui função de sujeito.

Trecho para a próxima questão.

Sem querer estereotipar, mas já estereotipando: trata-se de um ser cujas interações sociais terminam, 99% das vezes, diante da pergunta "débito ou crédito?".

04. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2013) Nessa passagem, a palavra *cujas* tem sentido de:

(A) lugar, referindo-se ao ambiente em que ocorre a pergunta mencionada.

(B) posse, referindo-se às interações sociais do paulista.

(C) dúvida, pois a decisão entre débito ou crédito ainda não foi tomada.

(D) tempo, referindo-se ao momento em que terminam as interações sociais.

(E) condição em que se deve dar a transação financeira mencionada.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Fácil. O pronome concorda com o substantivo *interações* (1); façamos pergunta ao verbo: o que terminam? As interações (2). O pronome relativo indica posse do termo posterior.

▶ **Dica** – Cujo(a) pode indicar posse do termo anterior: O autor de cujo texto gostei muito.

1) Cujo concorda com texto;

2) O texto de quem? Do autor. Indica posse do termo anteposto.

Alternativa "a" – Apenas o relativo *onde* indica lugar.

Alternativa "c" – Pronome relativo não indica dúvida, apenas verbo ou conjunção.

Alternativa "d" – Pronome relativo não indica tempo, apenas verbo ou conjunção.

Alternativa "e" – Pronome relativo não indica condição, apenas verbo ou conjunção.

05. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2013) Assinale a alternativa em que a nova redação dada a frases da tira está de acordo com a norma-padrão de regência e de emprego de pronome.

(A) A ideia é colocá-lo em contato com características totalmente distintas das dele.

(B) Vou receber uma grana para permitir-lhe a morar aqui por um tempo.

(C) Receberei uma grana para deixar um garoto morar aqui com nós por um tempo.

(D) A ideia é colocar ele em contato com características distintas às dele.

(E) A ideia é colocar-lhe em contato com características totalmente diferentes que as dele.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Colocar é transitivo direto: colocá-lo.

Alternativa "b" – Permiti-lo.

Alternativa "c" – Conosco.

Alternativa "d" – Colocá-lo.

Alternativa "e" – Colocá-lo.

Texto:

A disseminação do conceito de boas práticas corporativas, que ganhou força nos últimos anos, fez surgir uma estrada sem volta no cenário global e, consequentemente, no Brasil. **Nesse** *contexto, governos e empresas estão fechando o cerco contra a corrupção e a fraude, valendo-se dos mais variados mecanismos: leis severas, normas de mercado e boas práticas de gestão de riscos.* **Isso** *porque se cristalizou a compreensão de que atos ilícitos vão além de comprometer relações comerciais e o próprio caixa das empresas. Eles representam dano efetivo à repu-*

tação empresarial frente ao mercado e aos investidores, que exigem cada vez mais transparência e, em casos extremos, acabam em investigações e litígios judiciais que podem levar executivos à cadeia. (Fernando Porfírio, Pela solidez nas organizações. Em Mundo corporativo n.° 28, abril-junho 2010)

06. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2013) As palavras Nesse e Isso, em destaque no texto, são empregadas para

(A) indicar que o texto contém informações independentes umas das outras.

(B) contrastar informações incompatíveis com o conteúdo do texto.

(C) antecipar informações que serão enunciadas.

(D) fazer referência a dados fora do texto, como fatos e datas.

(E) recuperar informações enunciadas anteriormente.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – São pronomes demonstrativos anafóricos, ou seja, retomam ideias citadas.

Alternativa "a" – São dependentes.

Alternativa "b" – Não contrasta.

Alternativa "c" – Não antecipa.

Alternativa "d" – Faz referência a dados mencionados no texto.

Texto:

Restam dúvidas sobre o crescimento verde. Primeiro, não está claro até onde pode realmente chegar uma política baseada em melhorar a eficiência sem preços adequados para o carbono, a água e (na maioria dos países pobres) a terra. É verdade que mesmo que a ameaça dos preços do carbono e da água em si faça diferença, as companhias não podem suportar ter de pagar, de repente, digamos, 40 dólares por tonelada de carbono, sem qualquer preparação. Portanto, **elas** *começam a usar preços-sombra. Ainda assim, ninguém encontrou até agora uma maneira de quantificar adequadamente os insumos básicos. E sem* **eles** *a maioria das políticas de crescimento verde sempre será a segunda opção. (CartaCapital, 27.06.2012. Adaptado).*

07. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2012) Os pronomes "elas" e "eles", em destaque no texto, referem-se, respectivamente, a

(A) dúvidas e preços.

(B) políticas de crescimento e preços adequados.

(C) companhias e preços do carbono e da água.

(D) companhias e insumos básicos.

(E) dúvidas e insumos básicos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – *elas*, as companhias começam a usar; *eles*, os *insumos básicos*.

Alternativa "a" – O termo *dúvidas* está lá no início do texto, portanto não é referido de *elas*; *preços* idem.

Alternativa "b" – *Políticas de crescimento* está depois de *elas*; *preços adequados* está muito longe de *eles*.

Alternativa "c" – a *companhias*, sim mas não a *preços do carbono e da água*.

Alternativa "e" – *Dúvidas* idem ao comentário da alternativa *a* embora *insumos básicos* esteja correto.

Texto para as próximas questões:.

Há angústias sonhadas mais reais

Que as que a vida nos traz, há sensações

Sentidas só com imaginá-las

Que são mais nossas do que a própria vida.

(Fernando Pessoa. Cancioneiro – 197)

08. (Vunesp – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – SP/2012) No verso – Sentidas só com imaginá-<u>las</u> – o termo destacado refere-se a

(A) dores.

(B) sensações.

(C) doenças.

(D) angústias.

(E) pessoas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Sensações sentidas; imaginar sensações.

Alternativa "a" – Não imagina dores.

Alternativa "c" – Não imagina doenças.

Alternativa "d" – Não imagina angústias.

Alternativa "e" – Não imagina pessoas.

09. (Vunesp – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – SP/2012) No verso – Que **as** que a vida nos traz, há sensações – o termo destacado pode ser substituído por

(A) aquelas.

(B) com os.

(C) aquilo.

(D) para.

(E) lhes.

Alternativa "a": correta – Substitua para facilitar: Há angústias sonhadas mais reais /

Que **aquelas (angústias)** que a vida nos traz.

Alternativa "b" – Retoma termo feminino.

Alternativa "c" – Retoma termo feminino.

Alternativa "d" – Não cabe preposição.

Alternativa "e" – Não cabe pronome pessoal oblíquo.

10. (Vunesp – Agente de Segurança Penitenciária – SP/2012) No trecho:

*O álcool ganha poder de sedução por meio de propagandas direcionadas ao público jovem que **o** associa a situações de poder, conquista, de belas companhias, velocidade (Como evitar que motoristas bêbados fiquem impunes e continuem a matar no trânsito, Rodrigo Cardoso, Paula Rocha, Michel Alecrim e Luciani Gomes. ISTOÉ, nov. 2011. Adaptado)*

A palavra "o", em destaque, substitui a palavra

(A) álcool.

(B) meio.

(C) jovem.

(D) público.

(E) poder.

Alternativa "a": correta – Substituindo: O álcool ganha poder de sedução por meio de propagandas direcionadas ao público jovem que associa **o álcool** a situações de poder, conquista, de belas companhias, velocidade.

Alternativa "b" – Não associa o meio.

Alternativa "c" – Não associa o jovem.

Alternativa "d" – Não associa o público.

Alternativa "e" – Não associa o poder.

11. (Vunesp – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – SP/2012) Leia as orações a seguir:

I. Me diga quando será o aniversário.

II. Quem me trouxe essas flores?

III. Ele não se esqueceu do que falei.

A colocação pronominal está de acordo com a norma culta apenas em

(A) I.

(B) II.

(C) III.

(D) I e II.

(E) II e III.

Alternativa "e": correta.

I. Não se inicia frase com pronome oblíquo: Diga-me.

II. Certo. O pronome interrogativo atrai o oblíquo.

III. Certo. O advérbio atrai o oblíquo.

Trecho para a próxima questão:

No ano seguinte à implantação da Lei Seca, quando a fiscalização marcava presença nas ruas e os veículos de comunicação a divulgavam, houve uma redução (Como evitar que motoristas bêbados fiquem impunes e continuem a matar no trânsito, Rodrigo Cardoso, Paula Rocha, Michel Alecrim e Luciani Gomes. ISTOÉ, nov. 2011. Adaptado)

12. (Vunesp – Agente de Segurança Penitenciária – SP/2012) É correto afirmar que

(A) a palavra **a,** em destaque, é um pronome e substitui a palavra ruas.

(B) a forma verbal **divulgavam** deveria estar no singular, concordando com a palavra comunicação.

(C) a palavra **a,** em destaque, é um pronome e substitui a palavra comunicação.

(D) a forma verbal **divulgavam** está empregada corretamente, concordando com as palavras fiscalização e ruas.

(E) a palavra **a,** em destaque, é um pronome e substitui a expressão Lei Seca.

Alternativa "e": correta – Divulgavam a Lei Seca.

Alternativa "a" – Substitui a Lei.

Alternativa "b" – Concorda com veículos – plural.

Alternativa "c" – Substitui a Lei.

Alternativa "d" – Concorda com veículos – plural.

Texto:

WikiLeaks contra o Império

A diplomacia americana levará tempo para se recuperar da pancada que levou da WikiLeaks. Tudo indica que 250 mil documentos secretos foram copiados por um jovem soldado em um CD enquanto fingia ouvir Lady Gaga. Um vexame para um país que gasta US$ 75 bilhões anuais com sistema de segurança que agrupa repartições e emprega mais de 1 milhão de pessoas, das quais 854 mil têm acesso a informações sigilosas.

A WikiLeaks não obteve documentos que circulam nas camadas mais secretas da máquina, mas produziu aquilo que o historiador e jornalista Timothy Garton Ash considerou "sonho dos pesquisadores, pesadelo para os diplomatas". As mensagens mostram que mesmo coisas conhecidas têm aspectos escandalosos.

A conexão corrupta e narcotraficante do governo do Afeganistão já é antiga, mas ninguém imaginaria que o presidente Karzai chegasse a Washington com um assessor carregando US$ 52 milhões na bagagem. A falta de modos dos homens da Casa de Windsor é proverbial, mas o príncipe Edward dizendo bobagens para estranhos no Quirguistão incomodou a embaixadora americana.

O trabalho da WikiLeaks teve virtudes. Expôs a dimensão do perigo representado pelos estoques de urânio enriquecido nas mãos de governos e governantes instáveis. Se aos 68 anos o líbio Muammar Gaddafi faz-se escoltar por uma "voluptuosa" ucraniana, parabéns. O perigo está na quantidade de material nuclear que ele guarda consigo. Os telegramas relacionados com o Brasil revelaram a boa qualidade dos relatórios dos diplomatas americanos. O embaixador Clifford Sobel narrou a inconfidência do ministro Nelson Jobim a respeito de um tumor na cabeça do presidente boliviano Evo Morales. Seu papel era comunicar. O de Jobim era não contar.

A vergonha americana pede que se relembre o trabalho de 10 mil ingleses, entre eles alguns dos maiores matemáticos do século, que trabalharam em Bletchley Park durante a Segunda Guerra, quebrando os códigos alemães. O serviço dessa turma influenciou a ocasião do desembarque na Normandia e permitiu o êxito dos soviéticos na batalha de Kursk.

Terminada a guerra, Winston Churchill mandou apagar todos os vestígios da operação, mantendo o episódio sob um manto de segredo. Ele só foi quebrado, oficialmente, nos anos 70. Com a palavra Catherine Caughey, que tinha 20 anos quando trabalhou em Bletchley Park: "Minha grande tristeza foi ver que meu amado marido morreu em 1975 sem saber o que eu fiz durante a guerra". Alan Turing, um dos matemáticos do parque, matou-se em 1954. Mesmo condenado pela Justiça por conta de sua homossexualidade, nunca falou do caso (Ele comeu uma maçã envenenada. Conta a lenda que, em sua homenagem, esse é o símbolo da Apple). (Elio Gaspari, WikiLeaks contra o Império. Folha de S.Paulo. Adaptado)

13. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2011) Na passagem do 5.° parágrafo – O serviço **dessa turma** influenciou a ocasião do desembarque na Normandia e permitiu o êxito dos soviéticos na batalha de Kursk. – os termos em destaque referem-se

(A) aos códigos alemães.

(B) aos 10 mil ingleses.

(C) aos soviéticos.

(D) a todos os matemáticos.

(E) à equipe da WikiLeaks.

Alternativa "b": correta – Está claro no texto: aos 10 mil ingleses – A vergonha americana pede que se relembre o trabalho de **10 mil ingleses**, entre eles alguns dos maiores matemáticos do século, que trabalharam em Bletchley Park durante a Segunda Guerra, quebrando os códigos alemães. O serviço **dessa turma** influenciou a ocasião do desembarque na Normandia e permitiu o êxito dos soviéticos na batalha de Kursk.

Eliminam-se, automaticamente, as alternativas *a*, *c*, *d* e *e*.

◉ **Charge:**

(*Gazeta do Povo*, 18.12.2010)

(Ga*zeta do Povo, 18.12.2010)*

14. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJM – SP/2011) Imaginando que o pai desse uma resposta afirmativa à pergunta feita pelo filho, no 1º quadrinho, ele diria, em conformidade com a norma padrão:

(A) Sim, meu filho, eu costumo enganar-se eu mesmo.

(B) Sim, meu filho, eu costumo enganar eu mesmo.

(C) Sim, meu filho, eu costumo enganar a si mesmo.

(D) Sim, meu filho, eu costumo enganar a mim mesmo.

(E) Sim, meu filho, eu costumo enganar-se mesmo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Pontuação correta, verbos conjugados no tempo certo e uso correto do pronome *me*, nesse caso, substituindo, sendo objeto indireto: *a mim*.

Alternativa "a" – Como pronome reflexivo, o *se*, neste caso, está na terceira pessoa e pior, antes de *eu*.

Alternativa "b" – O segundo pronome *eu* usado erradamente, o correto é caso oblíquo = *a mim*.

Alternativa "c" – Outro uso errado do pronome reflexivo *SE*.

Alternativa "e" – Idem letras "a" e "c" pronome na terceira pessoa complementando verbo na primeira (costumo).

Texto – A política nunca foi tão cabeluda.

Uma ideia tentadora vem mexendo com a cabeça de políticos brasileiros – do alto e do baixo clero, da esquerda e da direita, de diferentes idades e dos mais variados estados da federação. Trata – se de uma operação cabeluda, _____ rastros os envolvidos se esforçam para ocultar. Feita entre quatro paredes, conta sempre com pouquíssimas testemunhas e apresenta risco baixíssimo. Já o resultado é altamente compensador, segundo os que já participaram dela. E eles nunca foram tantos. No mundo inteiro, a cirurgia de implante capilar cresceu 50% entre 2004 e 2008. (Veja, 25.05.2011)

15. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJM – SP/2011) Garantindo a coesão e a coerência do texto, a lacuna deve ser preenchida com

(A) dos quais

(B) cujos

(C) que os

(D) aos quais os

(E) onde

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta

✪ **Nota da autora:** Questão de pronome e regência. ***Ordem direta para facilitar:*** os envolvidos se esforçam para ocultar os rastros (objeto direto = sem preposição). Lembre-se: os rastros da operação cabeluda – indica posse do termo anterior.

Alternativa "a" – *dos quais* não concorda com operações cabeludas e não pode se referir a *rastros*.

Alternativa "c" – *que os* muda o sentido do texto tornando *os rastros* sujeito da oração subordinada *se esforçam para ocultar*.

Alternativa "d" – *aos quais* não concorda com "*operação cabeluda*".

Alternativa "e" – *onde*: advérbio de lugar ou pronome relativo equivalente a *em que*: não faz sentido no texto.

16. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2011) Assinale a alternativa cujo emprego do pronome está em conformidade com a norma padrão da língua.

(A) Não autorizam-nos a ler os comentários sigilosos.

(B) Nos falaram que a diplomacia americana está abalada.

(C) Ninguém o informou sobre o caso WikiLeaks.

(D) Conformado, se rendeu às punições.

(E) Todos querem que combata-se a corrupção.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – O pronome indefinido ninguém atrai o pronome obliquo átono para antes do verbo, ocorrendo a próclise: colocação que antecede o verbo: ninguém o informou.

Alternativa "a" – Não (advérbio de negação) atrai o pronome obliquo átono: ocorre a próclise: não nos autorizaram a ler.

Alternativa "b" – Não se inicia oração com pronomes átonos. O correto é: falaram-nos que a diplomacia.

Alternativa "d" – Conformado, rendeu-se às punições. Não se usa pronome oblíquo após a vírgula.

Alternativa "e" – A conjunção integrante atrai o oblíquo: Todos querem que se combata.

---

17. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2011) Em: – mamãe está recortando o jornal. – ao se substituir o jornal por um pronome, de acordo com a norma culta, tem-se:

(A) recortando-lo.

(B) recortando-o.

(C) recortando-no.

(D) recortando-lhe.

(E) recortando ele.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Recortando (V.T.D.) o jornal (objeto direto): cabe ao pronome átono o a substituição do termo o jornal, com função de objeto direto = recortando-o.

Alternativa "a" – Os pronomes pessoais oblíquos átonos o, a, os, as recebem a forma lo, la, los, las quando vierem depois de formas verbais terminadas em r, s, ou z, letras que então desaparecem: vou recortar (r) = recortá-lo, la. Ontem vimos o rapaz: vimos (s) = vimo-lo.

Alternativa "c" – As formas no, na, nos, nas ocorrem quando vierem depois de formas verbais terminadas em m, õe, ão: estudaram a matéria = estudaram-na. Pegaram os doces = pegaram-no.

Alternativa "d" – Recortando-lhe: o pronome oblíquo átono lhe exerce a função de objeto indireto. Não substitui o termo proposto o jornal (objeto direto).

Alternativa "e" – Os pronomes retos eu, tu, ele, nós, vós, eles exercem função de sujeito. Só funcionam como complemento, quando vierem após uma preposição: dei o presente para ele (a ele).

---

18. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/ 2010) Na frase ... projetamos no futebol um gosto pela façanha... a expressão *um gosto pela façanha* está corretamente substituída, de acordo com a norma culta, por um pronome pessoal, em

(A) ... projetamos-lhe no futebol...

(B) ... projetamo-lo no futebol...

(C) ... projetamos-no no futebol...

(D) ... projetamos-o no futebol...

(E) ... projetamo-lhe no futebol...

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – O pronome oblíquo átono o tem função de complemento – objeto direto; após formas verbais terminadas em r, s, ou z, os pronomes oblíquos o, a, os, as, recebem as formas lo, la, los, las. Observação: lembrando uma frase célebre de um ex-presidente da República, ilustra bem a questão acima: "fi-lo porque qui-lo" (Jânio Quadro). Correto: fiz porque o quis. A substituição do objeto direto gosto pela façanha está correta: a forma verbal perde o s da desinência plural e o pronome oblíquo recebe o l = lo.

Alternativa "a" – O pronome oblíquo átono *lhe* não substitui a expressão porque funciona obrigatoriamente como objeto indireto, adjunto adnominal ou complemento nominal.

Alternativa "c" – O pronome oblíquo átono o recebe a forma no quando a forma verbal terminar em nasal: projetam-no.

Alternativa "d" – Para evitar a cacofonia (encontro de sons do final de um vocábulo e início de outro, o que é desagradável de ouvir, suprime-se o s final, desinência da forma verbal e acrescenta-se l ao pronome o = lo.

Alternativa "e" – Além do erro da regência, lembre-se: não se retira o *s* quando acrescentamos *lhe*.

Texto:

Conta-se que, um dia, Sócrates parou diante de uma tenda do mercado em que estavam expostas diversas mercadorias. Depois de algum tempo, ele exclamou: "Vejam quantas coisas o ateniense pre-

cisa para viver." Naturalmente ele queria dizer com isto que ele próprio não precisava de nada daquilo.

Esta postura de Sócrates foi o ponto de partida para a filosofia cínica, fundada em Atenas por Antístenes – um discípulo de Sócrates, por volta de 400 a. C. Os cínicos diziam que a verdadeira felicidade não depende de fatores externos, como o luxo, o poder político e a boa saúde. Para eles, a verdadeira felicidade consistia em se libertar dessas coisas casuais e efêmeras. E justamente porque a felicidade não estava nessas coisas, ela podia ser alcançada por todos. E, uma vez alcançada, não podia mais ser perdida. (Jostein Gaarden, O Mundo de Sofia. São Paulo, Cia. das Letras, 1995)

19. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/ 2010) Se Sócrates se encontrasse com o Juiz da Suprema Corte de Atenas, deveria dirigir a ele o seguinte tratamento:

(A) Vossa Senhoria encontrou a verdadeira felicidade?

(B) Vossa Alteza encontrou a verdadeira felicidade?

(C) Meritíssimo, Vossa Excelência encontrou a verdadeira felicidade?

(D) Vossa Majestade encontrou a verdadeira felicidade?

(E) Vossa Magnificência encontrou a verdadeira felicidade?

Alternativa "c": correta – Meritíssimo (m.) – Vossa Excelência, Meritíssimo Juiz: tratamento dirigido a juiz. Vossa Excelência designa a pessoa a quem se fala (juiz, no contexto): segunda pessoa, mas o verbo vai para a terceira pessoa: encontrou. Meritíssimo, Vossa Excelência encontrou a verdadeira felicidade?

Alternativa "a" – Vossa Senhoria: tratamento dado a diretores de autarquias federais, estaduais e municipais, funcionários graduados e muito usado na linguagem comercial.

Alternativa "b" – Vossa Alteza: tratamento dado a príncipes, arquiduques e duques.

Alternativa "d" – Vossa Majestade: tratamento dado a reis e rainhas (Sua Majestade Real) e imperadores (Sua Majestade Imperial).

Alternativa "e" – Vossa Magnificência: tratamento dado a reitores de universidades.

20. (Vunesp – Agente de Segurança Penitenciária – SP/2009)

I. Quando _____ em perigo, o marido foi ao pronto-socorro.

II. Com a suspeita de envenenamento, o delegado interrogou a mulher e ela não _____ nada.

(A) viu se ... omitiu-lhe

(B) viu-se ... omitiu-lhe

(C) se viu ... o omitiu

(D) si viu ... omitiu-o

(E) se viu ... lhe omitiu

Alternativa "e": correta

- Quando é advérbio de tempo e atrai o pronome oblíquo: quando se viu. Eliminadas *a*, *b* e *d*.
- O advérbio **não** atrai o pronome oblíquo que substitui o objeto indireto de omitir: não lhe omitiu. Eliminada *c*.

Texto – Um tango para lá de desafinado.

Uma imagem, uma constatação, uma estatística e uma frase resumem o estado das coisas na Argentina. A imagem: pedreiros acrescentando mais um andar às lajes das favelas de Buenos Aires. Enquanto a atividade da construção civil em geral está em queda, as precárias villas portenhas não param de crescer – na falta de espaço, para cima. A constatação: a quantidade cada vez maior de galões de água expostos sobre carros estacionados, principalmente na periferia da capital argentina. Este é o sinal convencionado pelos proprietários para anunciar que seus veículos usados estão à venda. Mais automóveis enfeitados com galões, mais pessoas com necessidade urgente de dinheiro. A estatística: a mortalidade infantil na província de Buenos Aires subiu 8% em 2007. **Tudo isso** *dá a ideia de que algo vai muito mal na Argentina. A população da capital que vive em moradias irregulares aumentou 30% nos últimos dois anos. Três em cada quatro argentinos dizem não ganhar o suficiente para cobrir os gastos diários. E, no mesmo ano em que o PIB da Argentina cresceu incríveis 8,7%, o mais básico dos indicadores sociais só piorou na principal província do país. Favelas em expansão, renda relativa em baixa e bebês morrendo – no mínimo, o governo deveria estar reconsiderando suas políticas econômicas e sociais. A presidente argentina diz que não é o caso. Formulada por Cristina Kirchner em um comício da campanha para as eleições legislativas do próximo domingo, eis a frase: "Encontramos o caminho e devemos segui-lo e aprofundá-lo". (Veja, 24.06.2009)*

21. (Vunesp – Oficial de Justiça – TJ – SP/2009) A expressão *Tudo isso*, em destaque no texto, refere-se

(A) à quantidade de automóveis postos à venda na capital argentina.

(B) ao índice de 8% de mortalidade infantil vivenciado no país.

(C) aos problemas do país, citados anteriormente no parágrafo.

(D) ao estado das coisas na Argentina, tomados numa perspectiva positiva.

(E) aos dados auspiciosos da economia argentina, previamente apontados.

Alternativa "c": correta – Refere-se ao crescimento das favelas, os galões d'água em cima de carros, estatísticas alarmantes, etc.

Alternativa "a" – Não é só a quantidade de automóveis à venda que está em *tudo isso*.

Alternativa "b" – O índice de mortalidade infantil é apenas um dos itens mencionados.

Alternativa "d" – Ao estado das coisas na Argentina, mas não numa perspectiva positiva.

Alternativa "e" – Não há dados auspiciosos da economia e os 8,7% são mencionados bem depois.

Texto:

O casamento infeliz da corrupção com cumplicidade e a resultante crise de autoridade na vida pública (com reflexos em toda sociedade, inclusive na família) trazem à tona a questão da moralidade. (Não estou usando, de propósito, a palavra ética: a pobre anda humilhada demais.) Não se confunda moralidade com moralismo, que é filho da hipocrisia. Moralidade faz parte da decência humana fundamental. Dispensa teorias, mas é a base de qualquer convívio e ordem social. Embora não necessariamente escrita, está contida também nas leis tão mal cumpridas do país. Todos a conhecem em seus traços mais largos, alguns a praticam.

Moralidade é compostura. É exercer autoridade externa fundamentada em autoridade moral. É fiscalizar rigorosamente o cumprimento das leis sem ser policialesco. É respeitar as regras sem ser uma alma subalterna. Moralidade pode ser difícil num país onde o desregramento impera. Exige grande coragem dizer não quando a tentação (de roubar, de enganar, ou de compactuar com tudo isso) nos assedia de todos os lados, também de cima. Num governo, é o oposto de assistencialismo, que dá alguns trocados aos despossuídos, em lugar de emprego e educação, que lhes devolveriam a dignidade. É lutar pelo bem comum, perseguindo e escancarando a verdade mesmo que contrarie grandes e vários interesses. (Lya Luft, Veja, 20.09.2006)

22. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2008) Em – Todos **a** conhecem em seus traços mais largos, alguns **a** praticam. – os pronomes em destaque referem-se

(A) ambos ao termo *moralidade*.

(B) aos termos *ética* e *moralidade*, respectivamente.

(C) ambos à expressão *decência humana fundamental*.

(D) aos termos *corrupção* e *ética*, respectivamente.

(E) ambos ao termo *ética*.

Alternativa "a": correta – Basta substituir para se certificar: Moralidade faz parte da decência humana fundamental. Dispensa teorias, mas (a moralidade) é a base de qualquer convívio e ordem social. Embora não necessariamente escrita, está contida também nas leis tão mal cumpridas do país. Todos **a** conhecem (a moralidade) em seus traços mais largos, alguns **a** praticam (a moralidade).

Alternativa "b" – Não se refere à ética.

Alternativa "c" – Não há relação com a expressão.

Alternativa "d" – Não se refere à corrupção e à ética.

Alternativa "e" – Não se referem à ética.

23. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2008) "*Exige grande coragem dizer não quando a tentação (de roubar, de enganar, ou de compactuar com tudo isso) nos assedia de todos os lados*" Na frase, a referência do discurso é a 1.ª pessoa do plural, o que se confirma pelo emprego do pronome *nos*. Alterando-se essa referência para a 3.ª pessoa do plural, em norma culta, obtém-se: *Exige grande coragem dizer não quando a tentação*

(A) *assedia eles de todos os lados.*

(B) *lhes assedia de todos os lados.*

(C) *vos assedia de todos os lados.*

(D) *assedia você de todos os lados.*

(E) *os assedia de todos os lados.*

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Nos: pronome oblíquo átono – primeira pessoa do plural. Função de objeto

direto na frase original. Os: pronome oblíquo átono – terceira pessoa do plural. Função de objeto direto.

Alternativa "a" – Os pronomes retos só podem exercer função de sujeito.

Alternativa "b" – O verbo assediar é transitivo direto, não admite LHE.

Alternativa "c" – Vos: pronome pessoal oblíquo átono, correspondente ao pronome reto da segunda pessoa do plural, vos.

Alternativa "d" – Você: pronome de tratamento de terceira pessoa, usado com as flexões verbais de terceira pessoa, (tratamento familiar, íntimo).

Texto:

Num governo, é o oposto de assistencialismo, que dá alguns trocados aos despossuídos, em lugar de emprego e educação, que lhes devolveriam a dignidade. É lutar pelo bem comum, perseguindo e escancarando a verdade mesmo que contrarie grandes e vários interesses.

24. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2008) A palavra *que* aparece três vezes no trecho, sendo que,

(A) na primeira ocorrência, é pronome relativo; na segunda, conjunção subordinativa; e, na terceira, conjunção coordenativa.

(B) nas três ocorrências, trata-se de pronome relativo, cuja função sintática é de sujeito.

(C) nas duas primeiras ocorrências, trata-se de pronome relativo e, na última, forma uma locução conjuntiva concessiva com a palavra *mesmo*.

(D) nas duas primeiras ocorrências, trata-se de conjunção subordinativa e, na última, pronome relativo.

(E) na primeira ocorrência, trata-se de pronome relativo e, nas outras duas, conjunção subordinativa causal e consecutiva, respectivamente.

Alternativa "c": correta

- ... que dá = o qual: pronome relativo. Eliminada alternativa *d*.
- ... que lhes devolveriam: os quais: pronome relativo. Eliminadas alternativas *a* e *e*.
- mesmo que: conjunção concessiva, equivale a **embora**. Eliminada alternativa *b*.

Texto:

Prezado Senhor,

Confirmamos o cadastro do seu currículo.

O seu currículo já está disponível para ser analizado por nosso departamento de Recursos Humanos.

É importante que você mantenha todos os seus dados sempre atualizados. Este é um dos critérios mais importantes para nossa avaliação. Para tanto, tenha sempre consigo os dados abaixo, para que sempre que necessário você possa atualizar seu currículo.

25. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2008) No texto, uma palavra está grafada incorretamente e um pronome está mal empregado. Trata-se, respectivamente, de

(A) abaixo e você.

(B) Recursos e seu.

(C) necessário e Este.

(D) analizado e consigo.

(E) atualizar e nosso.

Alternativa "d": correta – Substantivo análise – adjetivo **analisado**. Verbo analisar: quando a palavra primitiva é grafada com s, todos os seus derivados também o são. Consigo: pronome reflexivo e representa o sujeito do verbo. Exemplo: os meninos trouxeram a bola consigo. No caso da questão, tenha sempre **com você**.

Alternativa "a" – Abaixo: grafado corretamente. Você: pronome pessoal empregado corretamente como sujeito.

Alternativa "b" – A palavra *recursos* está grafada corretamente; seu: pronome adjetivo empregado corretamente, concordando em gênero e número com o substantivo o qual designa = currículo (objeto possuído).

Alternativa "c" – Necessário: adjetivo grafado corretamente. Este: pronome adjetivo demonstrativo está empregado corretamente com a função de sujeito da forma verbal é.

Alternativa "e" – Atualizar e nosso – palavra (verbo) e pronome (possessivo) estão, respectivamente, grafados e empregados corretamente.

26. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2008) Considerando o tratamento expresso em

Prezado Senhor, se o remetente optasse por um pronome de tratamento mais formal, concordando com essa expressão, o início do 3º parágrafo deveria assumir a seguinte redação:

(A) É importante que Vossa Excelência mantenha todos os seus dados...

(B) É importante que Sua Excelência mantenha todos os vossos dados...

(C) É importante que Vossa Senhoria mantenha todos os seus dados...

(D) É importante que Sua Senhoria mantenha todos os vossos dados...

(E) É importante que Vossa Eminência mantenha todos os seus dados...

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Vossa Senhoria: tratamento formal para oficiais, funcionários graduados e usado na linguagem comercial.

▶ **Dica** – Para se dirigir à pessoa: Vossa; para se referir a ela: Sua. Quanto à concordância do verbo, sempre na terceira pessoa. Substitua o pronome de tratamento por **você (s)** para facilitar.

Alternativa "a" – Vossa Excelência: pronome de tratamento para altas patentes militares, ministros, presidente da república, pessoas de alta categoria.

Alternativa "b" – Sua Excelência: tratamento= comentado em *a*; **seus** dados.

Alternativa "d" – Sua Senhoria: tratamento dirigido a oficiais até coronel, funcionários graduados, pessoas de cerimônia; **seus** dados.

Alternativa "e" – Vossa Eminência: tratamento a cardeais.

Texto:

O empobrecimento da nossa sociedade provocou uma diminuição crônica dos investimentos em educação em nosso país e, por causa disso, houve nítida piora da qualidade do ensino público. Essa queda se acentuou nos últimos 30 anos, e a educação pré universitária foi, com certeza, a mais prejudicada.

É consenso que o acesso ao conhecimento é fator fundamental para inclusão e transformação social. Assim, mais do que nunca, todos os brasileiros devem ter acesso à educação, desde a mais tenra idade até a profissionalização, seja esta de que nível for.

No caso brasileiro, contudo, é preciso ir além desse consenso. Tendo em vista os graves problemas sociais que vivenciamos atualmente, não basta apenas educar até o estágio profissionalizante. É necessário discutir que tipo de profissionalização devemos promover.

São tantas as carências, que a formação profissionalizante deve ir além da capacitação técnica.

(Marcos Boulos, *Folha de S.Paulo*, 21.08.2006)

27. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2008) Em – ... *seja **esta** de que nível for.* – o pronome *esta* refere-se a

(A) transformação.

(B) educação.

(C) tenra idade.

(D) inclusão.

(E) profissionalização.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Façamos a substituição no trecho: Assim, mais do que nunca, todos os brasileiros devem ter acesso à educação, desde a mais tenra idade até a profissionalização, seja esta (a profissionalização) de que nível for. Eliminam-se, assim as outras alternativas.

▶ **Dica** – Para retomar elementos:

- Este (a) = retoma elemento mais próximo do pronome.
- Aquele (a) = retoma elemento mais distante do pronome.

28. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ SP/2007) Passe o pronome *você* do trecho para o plural, faça todas as adequações linguísticas decorrentes dessa alteração e assinale a alternativa correta.

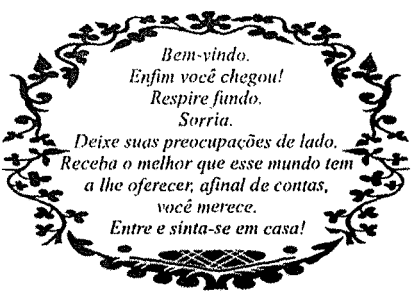

(Revista *Diva*, 2006)

(A) Bem-vindos. Enfim vocês chegaram. Respirem fundo. Sorriam. Deixem suas preocupações de lado. Recebam o melhor que esse mundo tem

a lhes oferecer, afinal de contas, vocês merecem. Entrem e sintam-se em casa!

(B) Bem-vindo. Enfim vocês chegaram. Respirem fundo. Sorriem. Deixem suas preocupações de lado. Recebam o melhor que esse mundo tem a lhes oferecer, afinal de contas, vocês merecem. Entram e sintam-se em casa!

(C) Bem-vindos. Enfim vocês chegaram. Respire fundo. Sorriam. Deixam suas preocupações de lado. Recebam o melhor que esse mundo tem a lhes oferecer, afinal de contas, vocês merecem. Entre e sinta-se em casa!

(D) Bem-vindos. Enfim vocês chegaram. Respire fundo. Sorriam. Deixam suas preocupações de lado. Recebam o melhor que esse mundo tem a lhe oferecer, afinal de contas, você merece. Entrem e sinta-se em casa!

(E) Bem-vindo. Enfim vocês chegaram. Respirem fundo. Sorriam. Deixem suas preocupações de lado. Recebem o melhor que esse mundo tem a lhes oferecer, afinal de contas, vocês merecem. Entram e sintam-se em casa!

Alternativa "a": correta – A alternativa está correta, conforme a proposta e feitas todas as adequações linguísticas necessárias.

Alternativa "b" – bem vindos; sorriam (vocês); entrem (vocês).

Alternativa "c" – respirem (vocês); deixem (vocês); entrem (vocês); sintam-se.

Alternativa "d" – respirem (vocês); deixem (vocês); lhes (plural); vocês; sintam-se.

Alternativa "e" – bem-vindos; recebam (vocês); entrem (vocês).

Observação: na opção correta todas as formas verbais estão flexionadas na terceira pessoa do imperativo afirmativo plural.

29. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2007) Você enviou uma correspondência ao Presidente da República. Assinale a alternativa com o texto correto, de acordo com a norma culta.

(A) Meritíssimo, é inadmissível que o Brasil detenha os piores rendimentos em educação. Se as autoridades não reverem os programas educacionais, o futuro do país estará comprometido.

(B) Excelência, é inadmiscível que o Brasil detém os piores rendimentos em educação. Se as autoridades não revirem os programas educacionais, o futuro do país estará comprometido.

(C) Excelência, é inadimissível que o Brasil detenha os piores rendimentos em educação. Se as autoridades não reverem os programas educacionais, o futuro do país estará comprometido.

(D) Excelência, é inadmissível que o Brasil detenha os piores rendimentos em educação. Se as autoridades não revirem os programas educacionais, o futuro do país estará comprometido.

(E) Prezado Senhor, é inadmissível que o Brasil deteem os piores rendimentos em educação. Se as autoridades não revirem os programas educacionais, o futuro do país estará comprometido.

Alternativa "d": correta – Texto correto, de acordo com a norma culta da língua portuguesa.

Alternativa "a" – Meritíssimo – errado= pronome de tratamento (de grande mérito, digníssimo) dado a juízes de direito; forma verbal correta do verbo rever, no futuro do subjuntivo: revirem (terceira pessoa do plural).

Alternativa "b" – inadmissível (adjetivo: que não se pode admitir); detenha, no presente do subjuntivo do verbo deter.

Alternativa "c" – inadmissível (adjetivo); revirem.

Alternativa "e" – Senhor – no Brasil, tratamento em forma de cortesia, respeito. Prezado senhor – errado= forma de tratamento geralmente usado em cartas comerciais e dirigidas a pessoas como forma de respeito, cortesia. É também usada por superiores dirigindo-se a seus inferiores, como forma de evitar intimidades e manter distância; detenha, no presente do modo subjuntivo (verbo deter).

30. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2007) A substituição das expressões em destaque por um pronome pessoal está correta, nas duas frases, de acordo com a norma culta, em:

Alternativa "a" –I. A concorrência promove *o interesse da sociedade.* / A concorrência promove-o.

II. Aqueles que defenderão *clientes.* / Aqueles que lhes defenderão.

Alternativa "b" –I. O governo fundou *escolas de direito e de medicina.* / O governo fundou elas.

II. Os graduados apenas ocasionalmente exercem *a profissão.* / Os graduados apenas ocasionalmente exercem-la.

Alternativa "c" –I. Torna *os graduados* mais cultos. / Torna-os mais cultos.

II. É preciso mencionar *os cursos de administração.* / É preciso mencionar-lhes.

Alternativa "d" –I. Os advogados devem demonstrar *muitos conhecimentos.* Os advogados devem demonstrá-los.

II. As associações mostram *à sociedade* o seu papel. / As associações mostram-lhe o seu papel.

Alternativa "e" –I. As leis protegem *os monopólios espúrios.* / As leis protegem-os.

II. As corporações deviam fiscalizar *a prática profissional.* / As corporações deviam fiscalizá-la.

Alternativa "d": correta – Demonstrar é transitivo direto: demonstrá-los; mostrar é transitivo direto e indireto e o termo destacado é objeto indireto: mostram-lhe.

Alternativa "a" – Defender é transitivo direto: Aqueles que **os** defenderão.

Alternativa "b" – Fundar é transitivo direto: O governo **as** fundou ou O governo fundou-**as.** / ocasionalmente (advérbio de tempo atrai o oblíquo) a exercem.

Alternativa "c" – Mencionar é transitivo direto: mencioná-los.

Alternativa "e" – Protegem-nos.

Texto:

As projeções sobre qual impacto o aquecimento global terá em relação à saúde das pessoas ainda são pouco precisas, principalmente quanto à incidência de doenças. Mas uma coisa é certa: a maior frequência de eventos climáticos extremos, como secas e inundações, vai deixar populações, cujo destino será incerto, em situação de fragilidade ainda maior. O problema é que os estudos são pouco específicos sobre os países onde ocorrerão as maiores alterações climáticas. Sabe-se apenas que esses lugares sofrerão com o aumento das ondas de calor e das doenças respiratórias.

Previsões sobre desnutrição, aumento de moléstias ligadas à água, como diarreias, são genéricas. Não há dúvidas de que haverá esse impacto na população, mas exatamente quando, onde e como não se sabe. (O Estado de São Paulo, 07.04.2007. Adaptado)

31. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2007) Assinale a alternativa em que está correto, de acordo com a norma culta, o uso do pronome, em destaque.

(A) Os conflitos pelo uso da água tendem a se multiplicar. Aquilo trará mais problemas às pessoas.

(B) O setor doméstico é responsável por 30% do consumo da água, onde à indústria cabem 18%.

(C) Este ano de 2007 será decisivo para aumentar a conscientização quanto ao meio ambiente.

(D) O Brasil, que os recursos hídricos são imensos, terá de economizar água.

(E) O país dispõe de 48,3 mil metros cúbicos anuais de água por habitante, segundo as estatísticas, e aquelas são confiáveis.

Alternativa "c": correta – **Este** se refere ao tempo presente (ano em que o texto foi publicado: 07/04/2007). Classifica-se como pronome adjetivo demonstrativo.

Alternativa "a" – Errado – As duas orações num só período, tem-se: os conflitos pelo uso da água tendem a se multiplicar e **isso** trará mais problemas às pessoas. **Isso:** pronome demonstrativo anafórico – retoma a ideia citada no período anterior.

Alternativa "b" – O setor doméstico é responsável por 30% do consumo da água, ***quanto*** à indústria cabem 18%.

Alternativa "d" – O Brasil, ***cujos*** recursos hídricos são imensos = Os recursos são imensos.

Alternativa "e" – O país dispõe de 48,3 mil metros cúbicos anuais de água por habitante, segundo as estatísticas, e ***estas*** *(as estatísticas)* são confiáveis.

32. (TJ SP – Oficial de Justiça – TJ SP/1999) *"O nosso símbolo de versatilidade põe todos os outros no bolso"* (Isto É, 16/9/98). Morfologicamente as palavras são:

(A) pronomes indefinidos

(B) artigos indefinidos

(C) pronomes demonstrativos

(D) advérbios

(E) pronomes relativos demonstrativos

Alternativa "a": correta – Pronomes indefinidos: possuem sentido vago.

Alternativa "b" – um, uma e suas variações.

Alternativa "c" – este, aquele, isto e suas variações.

Alternativa "d" – Advérbios indicam, normalmente, circunstâncias do verbo e, também, intensidade do adjetivo ou substantivo.

Alternativa "e" – Ou demonstrativos, ou relativos (que, quem, onde, o qual, cujo etc.)

2. FCC

Trecho para a próxima questão.

"Se o vento assobiava ao passar por frestas e galhos, se gotas caíam ritmicamente das folhas, os homens procuravam imitar esses sons, criando os instrumentos capazes de fazê-lo." (Marcelo Gleiser. Folha de S. Paulo, Mais!, 23 de agosto de 2009, com adaptações)

33. (FCC – Agente Penitenciário – BA/2010) A forma verbal grifada acima poderá ser corretamente substituída, sem alteração do sentido original, por:

(A) imitar os sons ouvidos na natureza.

(B) afastar fenômenos naturais violentos.

(C) conviver com os perigos da natureza.

(D) celebrar nas cavernas uma boa caça.

(E) desenvolver habilidades musicais e artesanais.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Substitua: Se o **vento assobiava** ao passar por frestas e galhos, se **gotas caíam** ritmicamente **das folhas**, os homens procuravam **imitar esses sons**, criando os instrumentos capazes de imitar os sons da natureza..

Alternativa "b" – Não são citados fenômenos violentos.

Alternativa "c" – Não há perigos.

Alternativa "d" – Não há celebração.

Alternativa "e" – Não se refere a habilidades.

3. FUNRIO

34. (Funrio – Agente Penitenciário Federal/2009)

Sonho meu, sonho meu

Vai buscar quem mora longe, sonho meu.

Vai mostrar essa saudade, sonho meu

Com a sua liberdade, sonho meu

No meu céu a estrela-guia se perdeu

A madrugada fria só me traz melancolia, sonho meu.

A letra de Dona Ivone Lara emprega o pronome possessivo à direita do substantivo "sonho" com o objetivo de

(A) criar um efeito estilístico original no português.

(B) designar um hábito polissêmico de colocação.

(C) indicar uma aproximação individual pejorativa.

(D) dar ênfase ao pronome no sintagma "sonho meu".

(E) acentuar um sentimento de polidez e deferência.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Enfatiza a posse: meu.

Alternativa "a" – Não há efeito estilístico.

Alternativa "b" – Não há polissemia (vários significados).

Alternativa "c" – Não é pejorativo.

Alternativa "e" – Não acentua tal sentimento.

4. FGR

35. (FGR – Agente de Segurança Penitenciária – MG/2007) A colocação do pronome oblíquo átono está **CORRETA** em:

(A) Nunca arrepender-me-ei disso.

(B) Ela tinha sentado-se a meu lado.

(C) Em se tratando de caso grave, procura-me.

(D) Garoto, nos diga tudo o que viu.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Preposição + gerúndio = pronome entre os termos.

Alternativa "a" – **Nunca** me arrependerei.

Alternativa "b" – Ele tinha se sentado.

Alternativa "d" – Diga-nos.

36. (FGR – Agente de Segurança Penitenciária – MG/2007) Toda pessoa deve responder pelos seus crimes cometidos. A palavra destacada é:

(A) Pronome adjetivo indefinido.

(B) Pronome substantivo indefinido.

(C) Pronome substantivo demonstrativo.

(D) Nenhuma alternativa acima é correta.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Toda = qualquer e está ao lado do substantivo pessoa = pronome adjetivo.

Alternativa "b" – Não substitui um nome e por isso não é pronome substantivo.

Alternativa "c" – Não é substantivo e nem demonstra.

Alternativa "d" – A alternativa a está correta.

---

37. (FGR – Agente de Segurança Penitenciária – MG/2007) Assinale a alternativa na qual o "QUE" NÃO está classificado corretamente:

(A) As pessoas que participaram do debate, gostaram. pronome relativo

(B) Temos que acabar com essa desordem. preposição

(C) Que medida o Governo vai tomar? pronome adjetivo interrogativo

(D) Que cela você entrou! Pronome substantivo indefinido

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Advérbio de intensidade.

Alternativa "a" – As quais.

Alternativa "b" – Temos de acabar. Que = de: preposição.

Alternativa "c" – Qual medida?

5. FGV

---

38. (FGV – Agente Penitenciário – MA/2013) Assinale a alternativa em que o pronome relativo sublinhado tem seu antecedente incorretamente indicado.

(A) "O projeto consiste em um complexo prisional suspenso no ar, o que em teoria dificultaria as tentativas de fuga..." / o.

(B) "... devido à altura potencialmente fatal de uma queda e à visibilidade que o fugitivo teria aos olhos dos pedestres na parte de baixo". / queda.

(C) "A cadeia ainda teria espaços para manter um campo de agricultura, onde os detentos poderiam trabalhar..." / campo.

(D) "...o teórico social Jeremy Betham projetou uma instituição que manteria todas as celas em um local circular..." / instituição.

(E) "Outra solução criativa foi pensada e realizada na Austrália, onde um centro de detenção foi elaborado..." / Austrália.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Ordem direta: o fugitivo teria aos olhos a **altura** e a **visibilidade**. Não se refere à queda.

Alternativa "a" – O (isso) + que (o qual) = pronome demonstrativo + pronome relativo. Ordem direta: Isso (o) dificultaria as tentativas.

Alternativa "c" – Os detentos poderiam trabalhar na cadeia = onde.

Alternativa "d" – Uma instituição manteria todas as celas = sujeito.

Alternativa "e" – Um centro de detenção foi elaborado na Austrália = onde (lugar).

QUESTÕES MÉDIAS

1. NÍVEL MÉDIO

1.1. FCC

---

01. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) Nunca precisaram de adjetivos para distingui-**los** dos astrolábios...

A forma pronominal acima, em negrito, será também encontrada em uma das frases abaixo, quando o termo nela sublinhado for substituído pelo pronome que lhe corresponde. Essa frase é:

(A) Reconheceram o valor do auxiliar e indicaram o jovem para promoção.

(B) Convocou todos os funcionários para agradecer a eles a especial colaboração.

(C) O sagaz lutador tem enfrentado seu adversário com coragem.

(D) Viu o filho da vizinha e não cumprimentou o menino pelo seu aniversário.

(E) Sabia que os nadadores estariam lá e realmente chegou a encontrar os rapazes.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – O pronome pessoal oblíquo **los** possui função sintática de **objeto**

direto (distinguir alguém); o verbo *encontrar* (transitivo direto) também exige como complemento o objeto direto: encontrar os rapazes = encontrar alguém: encontrá-**los**.

Alternativa "a" – *Indicar* pede o complemento objeto direto (o jovem), mas a conjunção *e* atrai o pronome oblíquo e resulta na forma ***e o indicaram***.

Alternativa "b" – *Agradecer* **a alguém**: verbo transitivo indireto: agradecer-lhes.

Alternativa "c" – *Tem enfrentado* equivale a *enfrentam*. Sugiro que sempre substitua os dois verbos por um para facilitar a classificação do verbo (quem enfrenta, enfrenta alguém = V.T.D.). Como se trata de tempo composto (ter + particípio), a colocação correta é **tem-no enfrentado**.

▶ **Dica:**

Nos tempos compostos, formados de um verbo auxiliar (TER ou HAVER) mais um verbo principal no particípio, o pronome átono se liga ao verbo auxiliar, nunca ao particípio. Exemplo: Tinha-me envolvido sem querer com aquela garota. Observação: Quando houver qualquer fator de próclise, esta será a única posição possível do pronome átono na frase, ou seja, antes do verbo auxiliar. Exemplos: Nós nos havíamos assustado com o trovão. O advogado não lhe tinha dito a verdade.

Alternativa "d" – *Cumprimentar* é transitivo direto, mas o advérbio de negação *não* atrai o pronome oblíquo: **não o cumprimentou**.

02. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 12/2013) A substituição do elemento grifado pelo pronome correspondente, com os necessários ajustes, foi realizada corretamente em:

(A) que cria laços = que nos cria (em: gostava desse clima de intimidade que cria laços)

(B) Não impostava a voz = Não lhe impostava

(C) manejar a lâmina = manejá-la

(D) tratam o forasteiro = tratam-lo

(E) espiava o Brasil = espiava-lhe

Alternativa correta: letra "c"

✪ **Nota da autora:** FCC, mais uma vez, exige o emprego do pronome pessoal junto com colocação pronominal. Cuidado.

– *Manejar* é transitivo direto (manejar algo) e termina em **r** = manejá-la.

Alternativa "a" – *Criar* é transitivo direto (cria algo) e o pronome relativo *que* atrai o oblíquo = que os cria.

Alternativa "b" – *Impostar* algo: verbo transitivo direto e o advérbio de negação atrai o oblíquo = não a impostava.

Alternativa "d" – *Tratam* alguém: transitivo direto e termina em ***m***: tratam-no.

Alternativa "e" – *Espiava* algo: transitivo direto = espiava-o.

Trecho para questão.

(...) Se o século XVI havia sido marcado pelas grandes descobertas, o seguinte testemunhou a consequência maior delas: o estabelecimento de um poderoso cinturão de comércio que ia da Europa à Ásia. "O sonho de chegar à China é o fio imaginário que percorre a história da luta da Europa para fugir do isolamento", diz o escritor canadense Timothy Brook, no livro O chapéu de Vermeer.

Isso determinou mudanças de comportamento e de valores: "Mais gente aprendia novas línguas e se ajustava a costumes desconhecidos". O estímulo a esse movimento era o desejo irreprimível dos ocidentais de consumir as riquezas produzidas no Oriente. A princípio refratários ao comércio com o exterior, os governantes chineses acabaram rendendo-se à evidência de que o comércio significava a injeção de riqueza na economia local (em especial sob a forma de toneladas de prata). (...)

(Adaptado **de: Marcelo Marthe. Veja, p. 136-137, 29 ago. 2012)**

03. (FCC – Escriturário-BB/2013.2) Isso determinou mudanças de comportamento e de valores ...

O pronome grifado evita a repetição, no texto, da expressão:

(A) o estabelecimento de um poderoso cinturão de comércio.

(B) a primeira onda da chamada globalização.

(C) a derrota em uma guerra contra a França.

(D) o desejo irreprimível dos ocidentais.

(E) a injeção de riqueza na economia local.

Alternativa correta: letra "a"

✪ **Nota da autora:** Questão de pronome e coesão textual.

O pronome demonstrativo *isso* possui valor anafórico por retomar ideia(s) citada(s). Releia o que mencionado no parágrafo anterior: *o (século) seguinte testemunhou a consequência maior delas:* ***o estabelecimento de***

um poderoso cinturão de comércio *que ia da Europa à Ásia.* Outra sugestão é perguntar ao verbo: o que determinou mudanças de comportamento e de valores? A resposta, ou seja, o sujeito é *o estabelecimento...*

Alternativa "b" – Não há essa informação no trecho anteposto ao pronome.

Alternativa "c" – Não há essa informação no trecho anteposto ao pronome.

Alternativa "d" – Essa informação está posposta ao pronome, descartada facilmente a alternativa porque se trataria de catáfora (cita ideias) e não é o caso.

Alternativa "e" – Informação posposta.

04. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 9/2013) A substituição do segmento grifado por um pronome, com os necessários ajustes, foi realizada corretamente em:

(A) *influenciam comportamentos e crenças* = influenciam-lhes

(B) *moldaram o pensamento e as ações das civilizações antigas e das nações modernas* = moldaram-os

(C) *alteram crenças e comportamentos humanos* = alteram-nos

(D) *trocar ideias* = trocar-nas

(E) *homogeneizar crenças* = lhes homogeneizar

Alternativa "c": correta – O verbo **alterar** é transitivo direto (altera algo): exige o pronome oblíquo **os**. O verbo está conjugado na terceira pessoa do plural e termina em **a** = acrescenta-se **n**.

Alternativa "a" – Errada. Influenciar é transitivo direto = influenciam-nos.

Alternativa "b" – Errada. Moldar é transitivo direto e termina, no texto, em **m** = moldaram-nos.

Alternativa "d" – Errada. Trocar é transitivo direto e termina em **r** = trocá-las.

Alternativa "e" – Errada. Homogeneizar é transitivo direto e termina em **r** = homogeneizá-la.

05. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 1/2013) A substituição do elemento grifado pelo pronome correspondente, com os necessários ajustes, foi realizada de modo INCORRETO em:

(A) resolve o problema da vida = resolve-o

(B) para ilustrar essa perplexidade = para ilustrá-la

(C) acreditava incutir o ardor = acreditava incuti-lo

(D) Nada superará a beleza = Nada lhe superará

(E) não correspondera a seu sonho = não lhe correspondera

Alternativa "d": correta – Superar é transitivo direto: quem supera, supera algo. O complemento verbal deve ser o pronome pessoal oblíquo **a** = Nada a superará.

▶ **Dica** – Colocação pronominal: o pronome indefinido **nada** atrai o pronome oblíquo.

Alternativa "a" – Errada. Quem resolve, resolve algo = resolve-o.

Alternativa "b" – Errada. Quem ilustra, ilustra algo = ilustrá-la.

Alternativa "c" – Errada. Quem incute, incute algo, mas o verbo termina em **r**: incuti-lo.

Alternativa "e" – Errada. Não corresponde **a algo** (objeto indireto): não lhe correspondera. Mais uma vez há palavra atrativa (o advérbio atrai o oblíquo).

06. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) A substituição do elemento grifado pelo pronome correspondente, com os necessários ajustes, foi realizada de modo INCORRETO em:

(A) contratar jovens efebos= contratar-lhes

(B) não possui mecanismos= não os possui

(C) resolver problemas= resolvê-los

(D) compromete a qualidade= compromete-a

(E) rejuvenescem seus quadros= rejuvenescem-nos

Alternativa "a": correta – O verbo **contratar** é transitivo direto (contrata alguém) e pede o pronome oblíquo **os**. O verbo termina em **r** e assume a forma **lós**: contratá-los.

Alternativa "b" – Errada. Possuir: transitivo direto. Importante: o advérbio **não** atrai o oblíquo.

Alternativa "c" – Errada. Resolver: transitivo direto e o verbo termina em **r**.

Alternativa "d" – Errada. Comprometer: transitivo direto.

Alternativa "e" – Errada. Rejuvenescer: transitivo direto e termina em **m**: nos.

07. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013)

I. a cidade acabou por assumir um ar romântico.

II. muros de pedra que alimentaram as lendas.

III. costume de os mais velhos contarem casos às crianças.

A substituição dos elementos grifados nos segmentos acima pelos pronomes correspondentes, com os ajustes necessários, foi realizada de modo correto em:

(A) a cidade acabou por assumir-lhe – muros de pedra que lhes alimentaram – costume de os mais velhos as contarem casos

(B) a cidade acabou por o assumir – muros de pedra que lhes alimentaram – costume de os mais velhos contarem-lhes casos

(C) a cidade acabou por assumi-lo – muros de pedra que as alimentaram – costume de os mais velhos lhes contarem casos

(D) a cidade acabou por assumi-lo – muros de pedra que as alimentaram – costume de os mais velhos as contarem casos

(E) a cidade acabou por assumir-lhe – muros de pedra que alimentaram-as – costume de os mais velhos lhes contarem casos

Alternativa "c": correta.

- Assumir é transitivo direto: assumi-lo. Eliminadas alternativas *a*, *b* e *c*.
- Alimentar é transitivo direto e o pronome relativo atrai o pronome oblíquo: que as alimentaram. Eliminada *e*. Resposta encontrada.
- Contar é transitivo direto e indireto, no contexto: os mais velhos lhes contarem casos ou os mais velhos contarem-lhes casos.

---

08. (FCC – TRT 6 – Técnico Judiciário – Área Administrativa/2012) Levando-se em conta as alterações necessárias, o termo grifado foi substituído corretamente por um pronome em:

(A) ao dilacerar os outro = dilacerar-lhes

(B) A Inveja habita o fundo de um vale = habitá-lo

(C) jamais se acende o fogo= lhe acende

(D) serviu de modelo a todos = serviu-os

(E) infectar a jovem Aglauros = infectá-la

Alternativa "e" – Correta.

✪ **Nota da autora:** Caso seja necessário, confira as dicas de empregos de pronomes pessoais no final do capítulo.

Infectar é transitivo direto. A jovem Aglouros = **a**; o verbo termina em **r**, deve ser suprimido e acrescentar **la**.

Alternativa "a" – Errada. dilacerar é transitivo direto = dilacerá-los.

Alternativa "b" – Errada. habitar é transitivo direto = habita-o.

Alternativa "c" – Errada. acender é transitivo direto e o advérbio (de negação ou tempo – já pedida em prova essa teoria "encontre o advérbio que pode indicar tempo e negação ao mesmo tempo": jamais e nunca) atrai o pronome oblíquo = jamais **o** acende.

Alternativa "d" – Errada. servir é transitivo indireto = serviu-lhes de modelo.

Texto para a próxima questão:

Na reunião em que foi eleito diretor-geral da Organização para a Alimentação e a Agricultura (FAO) da ONU, o ex-ministro brasileiro José Graziano da Silva assegurou – com sua experiência de gestor do programa de combate à fome entre nós – que esta será sua prioridade: enfrentar esse problema no mundo, para que até 2015 o número de carentes de alimentos no planeta, hoje em torno de 1 bilhão, se reduza à metade. "É o desafio do nosso tempo", disse na ocasião o ex-secretário da ONU, Kofi Anan, lembrando que um dos complicadores dessa questão, "o protecionismo dos ricos" à sua produção de alimentos, só tem aumentado. E isso quando a própria FAO alerta que os preços desses produtos continuarão a subir nos próximos dez anos. E que a produção precisará crescer 70% até 2050, para alimentar os 9,2 bilhões de pessoas que estarão no mundo nessa época. Ele alertou também para os crescentes compra e arrendamento de terras em outros países, por especuladores de fundos de alto risco de países indústrializados.

Tudo acontece num cenário paradoxal. Um relatório da própria FAO assegura que um terço dos alimentos produzidos no mundo, cerca de 1,3 bilhão de toneladas anuais, se perde ou é desperdiçado. Os consumidores ricos desperdiçam 222 milhões de toneladas de frutas e hortaliças – tanto quanto a produção de alimentos na África.

E assim vamos no mundo dos paradoxos. A produção de alimentos cresce, sobem os preços, "commodities" transformam-se em garantia para investimentos, juntamente com a compra de terras em países mais pobres. Mas não se consegue sair de perto do número terrível de 1 bilhão de famintos no planeta, 40% da humanidade, vivendo abaixo da linha de pobreza. (Trecho com adaptações do artigo de

Washington Novaes. O Estado de S. Paulo, A2, Espaço Aberto, 1 de julho de 2011)

09. (FCC – TRT – 11ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2012)

E isso quando a própria FAO alerta que os preços desses produtos continuarão a subir nos próximos dez anos. E que a produção precisará crescer 70% até 2050, para alimentar os 9,2 bilhões de pessoas que estarão no mundo nessa época.

Considerando-se a maneira como o autor inicia o segmento transcrito acima, é correto deduzir que se trata de

(A) crítica ao posicionamento dos países ricos, que vem dificultando tanto a oferta mundial de alimentos quanto sua aquisição por preços mais baixos.

(B) observação que se justifica pela busca de menores preços em um mercado de alimentos sempre sujeito à concorrência entre países produtores e países importadores.

(C) certeza de que a atuação da FAO vem sendo determinante para manter o equilíbrio da oferta no mercado de alimentos, apesar do constante e progressivo aumento de preços.

(D) conclusão de que a procura por terras destinadas à produção de alimentos nos países mais pobres poderá ajudar a reduzir o número de famintos no mundo.

(E) constatação de que o desafio existente em torno do necessário aumento da produtividade agrícola no mundo todo será de difícil resolução para a FAO.

Alternativa "a" – Correta.

Nota da autora: Questão de pronome demonstrativo e interpretação de texto.

Alternativa "a" – Errada. Alternativa correta: o pronome demonstrativo anafórico **isso** retoma ideias citadas nos períodos anteriores.

Alternativa "b" – Errada. Não há menção a preços menores.

Alternativa "c" – Errada. No texto, não há citação do que seja o trabalho da FAO,o autor apenas cita objetivos e metas a serem alcançados.

Alternativa "d" – Errada. Não há informações de que a produção de alimentos nos países mais pobres poderá ajudar a reduzir o número de famintos no mundo.

Alternativa "e" – Errada. Informação correta, mas não há relação com o pronome demonstrativo **isso** – sublinhado no enunciado.

10. (FCC – TRT – 11ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2012) A substituição do elemento grifado pelo pronome correspondente, com os necessários ajustes, foi corretamente realizada em:

(A) Duas figuras merecem atenção = Duas figuras merecem-na.

(B) poderá atingir a purgação = poderá lhe atingir.

(C) dissecando a estrutura = dissecando-la.

(D) provocar compaixão e terror = provocá-las.

(E) mandou organizar as festas = mandou organizar-lhes.

Alternativa "a": correta – Merecer é transitivo direto e o verbo termina em **m** = merecem-na.

Alternativa "b" – Errada.

Dica – Quando houver dois verbos, substitua-os por um para saber a predicação verbal (atingirá). O verbo atingir é transitivo direto = poderá atingi-la.

Alternativa "c" – Errada. Dissecar é transitivo direto = dissecando-a.

Alternativa "d" – Errada. Cuidado! Há "peguinha" de concordância, pois o segundo substantivo é masculino = provocá-los.

Alternativa "e" – Errada. Organizar é transitivo direto = organizá-las.

11. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 23/2011)

A tecnologia surgida no século XX beneficiou, em especial, os amantes da música, tornando possível ouvir música individualmente com fones de ouvido e transportar a música com facilidade por meio de aparelhos portáteis, o que transformou a música em uma diversão de fácil acesso.

Evitam-se as desnecessárias repetições da frase acima substituindo-se os elementos grifados, respectivamente, por:

(A) a ouvir – transportar-lhe – lhe transformou

(B) a ouvir – lhe transportar – transformou-na

(C) ouvi-la – transportar-lhe – transformou-a

(D) lhe ouvir – a transportar – transformou-lhe

(E) ouvi-la – transportá-la – a transformou

Alternativa "e" – Correta.

- ouvir música: verbo transitivo direto = ouvi-la. Eliminadas alternativas a, b e d.
- transportar a música: verbo transitivo direto = transportá-la. Eliminada alternativa c.
- o que transformou a música: verbo transitivo direto (a), mas há o pronome relativo (que) atraindo o oblíquo = o que a transformou.

12. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 24/2011) O emprego dos pronomes de tratamento está inteiramente correto na frase:

(A) A Vossa Excelência, como Membro deste Tribunal, será encaminhado o processo em que devereis anexar vosso Parecer.

(B) Esperamos que V. S.ª, aceiteis o convite que ora lhe fazemos, e que nos honrará com vossa presença nesse evento.

(C) V. Excia., Senhor Conselheiro deste Tribunal, deverá emitir a orientação a ser seguida por sua equipe de auxiliares.

(D) Solicitamos a vós todos, nobres senhores Deputados, que vos unis a nós em defesa dos direitos estabelecidos pela Constituição.

(E) É para vós, Vossa Senhoria, que dirigimos nossa solicitação, no sentido de nossa equipe ser recebida em vosso escritório.

Alternativa "c" – Correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de pronome e concordância. Muito cuidado, pois só chega à resposta através da concordância, já que a gramática admite a abreviação (ou abreviatura) de Vossa Excelência como **V.Ex.ª** ou **V.Exa.***

Na alternativa c, a concordância está na terceira pessoa: deverá e sua. Correta.

Alternativa "a" – Errada. A Vossa Excelência, como Membro deste Tribunal, será encaminhado o processo em que **deverá** anexar **seu** Parecer.

Alternativa "b" – Errada. Esperamos que V. Sa, **aceite** o convite que ora lhe fazemos, e que nos honrará com **sua** presença nesse evento.

Alternativa "d" – Errada. Solicitamos a todos, nobres senhores Deputados, que **se unam** a nós em defesa dos direitos estabelecidos pela Constituição.

Alternativa "e" – Errada. É para Vossa Senhoria, que dirigimos nossa solicitação, no sentido de nossa equipe ser recebida em **seu** escritório.

(Fonte: Manual de Redação da PUCRS – www.pucrs.br/manualred/tratamento.php

Texto para a próxima questão:

Aos óculos

Só fingem que põem o mundo ao alcance dos meus olhos míopes

Na verdade me exilam dele com filtrar-lhe a menor imagem.

Já não vejo as coisas como são: vejo-as como eles querem que as veja.

Logo, são eles que veem, não eu que, mesmo cônscio do logro, lhes sou grato por anteciparem em mim o Édipo curioso de suas próprias trevas.

(José Paulo Paes)

13. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 14/ 2011) Leia atentamente as afirmações abaixo:

I. No segmento lhes sou grato, o pronome grifado substitui corretamente, no contexto, a expressão Aos óculos do título.

II. Na frase vejo-as como eles querem que as veja, ambos os pronomes grifados evitam a repetição da palavra coisas.

III. O segmento mesmo cônscio do logro poderia ser substituído, com correção e lógica no contexto, por **portanto, ciente do enigma**.

Está correto o que se afirma em

(A) I, apenas.

(B) I e II, apenas.

(C) I e III, apenas.

(D) II e III, apenas.

(E) I, II e III.

Alternativa "b" – Correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de pronome e semântica (significado das palavras).

I. Correta: sou grato **aos óculos**.

II. Correta: não vejo as coisas como são / vejo **as coisas** como eles querem que veja **as coisas**.

III. Errada: logro significa fraude, engano.

Texto para a próxima questão

Nana para Glaura

Dorme como quem
porque nunca nascida
dormisse no hiato
entre a morte e a vida.
Dorme como quem
nem os olhos abrisse
por saber desde sempre
quanto o mundo é triste.
Dorme como quem
cedo achasse abrigo
que nos meus desabrigos
dormirei contigo.

(José Paulo Paes. Prosas seguidas de Odes mínimas. S.Paulo, Cia. das Letras, 1992, p.37)

14. (FCC – TRT 8ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) O pronome *contigo*, na última estrofe do poema, está empregado

(A) em desacordo com a norma culta, pois o correto seria "consigo", já que o poeta se dirige a Glaura na terceira pessoa do singular – *dorme*.

(B) corretamente, desde que considerado o uso informal da língua; no uso formal, o mais adequado seria "convosco".

(C) de acordo com a norma culta, pois o poeta dirige-se a Glaura na segunda pessoa do singular – *dorme*.

(D) em desacordo com a norma culta, apenas para rimar com a palavra *abrigo*, pois o correto seria "com você".

(E) corretamente, por ser o único momento do texto em que é possível assegurar em que pessoa o poeta se dirige a Glaura.

Alternativa "c": correta – Em primeiro lugar, precisa saber o tempo verbal para, depois, descobrirmos qual a pessoa utilizada no poema.Tempo: imperativo afirmativo (é uma ordem). Tirado do presente do indicativo – menos o **s**: tu dormes = dorme tu. O pronome **contigo** é da segunda pessoa do singular.

Alternativa "a" – Errada. Consigo é pronome de terceira pessoa e indica reciprocidade.

Alternativa "b" – Errada. Convosco é usado para a segunda pessoa do plural.

Alternativa "d" – Errada. Com você não pode ser usado, pois é um pronome de tratamento de terceira pessoa.

Alternativa "e" – Errada. Não é o único momento em que se dirige a ela. Isso ocorre no poema todo.

15. (FCC – TRT – 12ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa/2010) "*Esses mesmos princípios ( ) aplicam-se às comunicações oficiais: elas devem sempre permitir uma única interpretação e ser estritamente impessoais e uniformes, o que exige o uso de certo nível de linguagem*". As observações acima estão inteiramente respeitadas em:

(A) Tendo sido convidado para participar junto de V. Sª. da festa de encerramento do ano, apesar da evidente prova de amizade dada ao dirigir-me tão honroso convite, devo dizer-lhe que, infelizmente não poderei comparecer a tão auspicioso evento, por ter assumido outro importante compromisso na mesma data.

(B) Em cumprimento ao despacho de V. Ex.ª., publicado nesta data no Diário Oficial do Estado, encaminhamos-lhe as informações referentes ao andamento dos serviços, em consonância com o cronograma previamente estabelecido por esta pasta.

(C) Venho, em nome de toda a comunidade que tenho a honra de estar representando, enviar a V. Ex.ª e a todos servidores de seu gabinete, o convite para a merecida homenagem que desejamos prestar-lhe, em agradecimento ao vosso valioso auxílio para o andamento de nossos projetos sociais.

(D) Como estamos com tempo realmente reduzido, encaminho a vós, Senhor Responsável pelo setor de entregas deste Departamento, pedindo-lhe o despacho dos produtos com urgência, que se destina ao pessoal da limpeza destas dependências.

(E) Complementando, como deve ser feito, as informações que se referem ao ato que o Diário Oficial publicou, de V. S.ª, na semana passada, é meu dever informar a V.S.ª de que já está sendo tomada as devidas providências a respeito.

Alternativa "b" – Correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de pronome, concordância e redação oficial (Manual de Redação da Presidência da República: www.planalto.gov.br/ccivil_03/manual/manual.htm)

Na alternativa b, a concordância e o emprego de todos os pronomes estão corretos.

Alternativa "a" – Errada. prova de amizade dada **ao me dirigir** tão honroso convite, **devo-lhe dizer.**

Alternativa "c" – Errada. em agradecimento ao **seu** valioso auxílio.

Alternativa "d" – Errada. encaminho **ao** Senhor Responsável pelo setor de entregas deste Departamento.

Alternativa "e" – Errada. á **estão sendo tomadas** as devidas providências a respeito.

---

16. (FCC – TRT – 12ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) O emprego dos pronomes de tratamento está inteiramente correto em:

(A) Senhor João das Neves, respeitável representante da Sociedade Amigos e Amigos, queremos cumprimentar-vos pela gestão que V. Exa. tão bem tem conduzido neste último ano.

(B) Estamos à disposição de V. Exa. para dar continuidade aos trabalhos que vós encetaram neste setor, e esperamos fazê-lo tão bem quanto vós mesmos o fizestes.

(C) É notório que V. Sa. deveis estar sabendo dos progressos conseguidos por estas pessoas, e por isso vimos solicitar-vos vossa atenção para uma situação surgida recentemente.

(D) Pedimos encarecidamente a Vossa Senhoria que não abandoneis a organização de nossos programas culturais, em nome daqueles que dependem de vosso conhecimento nessa área.

(E) A Vossa Excelência, nossa prestigiada Embaixadora, dirigimos os votos de que possa cumprir com êxito sua missão diplomática em região tão conturbada por conflitos entre nações vizinhas.

Alternativa "e" – Correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de pronome e concordância.

Lembre-se de que a concordância do verbo com os pronomes de tratamento deve ser na terceira pessoa. Facilita se substituir o pronome por **você(s)**.

Vale ler o emprego dos pronomes de tratamento, às vezes a banca os exige.

Pronomes de tratamento	Abreviatura		Usados para
	Singular	Plural	
Você	V.	VV.	Usado para um tratamento íntimo, familiar.
Senhor, Senhora	Sr., Sr.ª	Srs., Srª.s	Pessoas com as quais mantemos um certo distanciamento mais respeitoso
Vossa Senhoria	V. S.ª	V. Sª.s	Pessoas com um grau de prestígio maior. Usualmente, os empregamos em textos escritos, como: correspondências, ofícios, requerimentos, etc.
Vossa Excelência	V. Ex.ª	V. Ex.ªs	Usados para pessoas com alta autoridade, como: presidente da república, senadores, deputados, embaixadores, etc.
Vossa Eminência	V. Em.ª	V. Em.ªs	Usados para cardeais.
Vossa Alteza	V. A.	VV. A A.	Príncipes e duques.
Vossa Santidade	V. S.	–	Para o papa.
Vossa Reverendíssima	V. Rev. mª	V. Rev. mªs	Sacerdotes e religiosos em geral.
Vossa Paternidade	V. P.	VV. PP.	Superiores de ordens religiosas.
Vossa Magnificência	V. Mag.ª	V. Mag. ªs	Reitores de universidades
Vossa Majestade	V. M.	V V. M M.	Reis e rainhas.

Fonte: http://www.brasilescola.com/

Alternativa "a" – Errada. Senhor João das Neves, respeitável representante da Sociedade Amigos e Amigos, queremos **cumprimentá-lo** pela gestão que V. Exa. tão bem tem conduzido neste último ano.

Alternativa "b" – Errada. Estamos à disposição de V. Exa. para dar continuidade aos trabalhos que **foram encetados** neste setor, e esperamos fazê-lo tão bem quanto **você mesmo o fez.**

Alternativa "c" – Errada. É notório que V. Sa. **deve** estar sabendo dos progressos conseguidos por estas pessoas, e por isso vimos solicitar-**lhe sua** atenção para uma situação surgida recentemente.

Alternativa "d" – Errada. Pedimos encarecidamente a Vossa Senhoria que não **abandone** a organização de nossos programas culturais, em nome daqueles que dependem de **seu** conhecimento nessa área.

17. (FCC – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2007) *"Quando a aranha tece sua teia, ela faz sua teia com fios muito finos, de modo que os insetos não veem esses fios, e não conseguem desvencilhar-se desses fios".* Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, respectivamente, por

(A) faz-lhe – lhes veem – deles

(B) a faz. veem eles – dos mesmos

(C) faz ela – os veem – deles

(D) lhe faz – veem-lhes – daqueles

(E) a faz – os veem – deles

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

✪ **Nota da autora:** Vale lembrar que usamos os pronomes oblíquos o(s), a(s) se o verbo não exige preposição e se terminado em r, s ou z, acrescentamos as formas lo(s), la(s) e suprimimos a última consoante. Verbos terminados em m, ão e õe pedem acréscimo da preposição **em**, resultando nas formas no(s), na(s). Se o verbo pede preposição, usamos o oblíquo lhe(s).

Caso seja necessário, consulte as dicas de colocação pronominal no final do capítulo.

- Faz a sua teia: verbo transitivo direto: **a faz**. Eliminadas alternativas a, c e d.
- Não veem esses fios: verbo transitivo direto posposto ao advérbio de negação, que atrai o oblíquo = **não os veem**. Eliminada alternativa b.
- desses fios: para evitar repetição (isso se chama coesão textual), usa-se **deles**.

1.2. CESPE

Trecho para o item.

De acordo com o ranking anual elaborado e divulgado recentemente pelo Fórum Econômico Mundial, o Brasil saltou de 82.° para 62.° lugar em se tratando de redução de desigualdade de gêneros. Tanto a Constituição Federal brasileira quanto a legislação infraconstitucional — trabalhista, eleitoral, civil e penal — contêm diversos dispositivos de proteção à mulher.(...) **A mulher e o assédio moral. Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).**

18. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) A partícula "se", em "em se tratando" poderia ser deslocada para imediatamente após a forma verbal "tratando", sem prejuízo da correção gramatical do texto desde que empregado o hífen.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A regra gramatical é clara: usa-se próclise diante de preposição **em** seguida de **gerúndio**. Exemplos: em se pensando, em se colocando, em se tratando.

Texto para o item.

Levei anos para aprender, e só fui aprender nos anos da ditadura, que ter medo não é apenas tremer de medo ou baixar a cabeça — obediente e resignado —, ou dizer "sim" quando quiséramos dizer "não". Há outro medo, muito mais profundo, que disfarça e não mostra o medo que tem, exatamente porque teme tanto que tem medo de aparentar medo. É o medo que engendra a omissão, o não importar-se com o que ocorra, ou o não assumir-se em nada. É um medo-fuga. E é, talvez, o único medo essencialmente perigoso, porque, estando próximo à covardia, nos torna cínicos e, como tal, nos destroça.

Flávio Tavares, Memórias do esquecimento, São Paulo: Globo, 1999, p. 169.

19. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) No trecho "o não importar-se com o que ocorra", é opcional a colocação do pronome "se" antes de "importar-se": o não se importar com o que ocorra.

COMENTÁRIOS

Certo – Uma observação é necessária: ocorreu derivação imprópria no emprego do termo *não*, já que foi substantivado e não possui função de advérbio. Mesmo assim, o pronome poderia ser deslocado utilizando a próclise.

Atenção! a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue os itens a seguir.

Dependerá da adesão dos demais ministros o êxito de um apelo feito pelo presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), para que seja extinta a prática de esconder os nomes de investigados em inquéritos criminais na mais alta corte do país. Ele defende que o STF deve livrar-se do costume de manter identidades em segredo, ou estará contrariando todos os esforços em busca de maior transparência. Enfatiza

o ministro que o bom senso recomenda a mudança, mesmo que alguns dos integrantes do Supremo defendam a manutenção do procedimento adotado em 2010.

É ultrapassado o entendimento de que, ao não identificar os investigados, o STF estaria protegendo pessoas que, no desfecho dos processos, poderiam vir a ser absolvidas ou ter seus casos arquivados. Por essa norma, os investigados são identificados apenas pelas iniciais, como se o STF estivesse, de alguma forma, resguardando acusados de algum delito. Assegura o presidente que a presunção de inocência não justifica o que define como "opacidade que prevalece no âmbito dos processos criminais no Supremo". (...) (Zero Hora, 8/4/2013).

20. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) No trecho "Enfatiza o ministro que o bom senso recomenda a mudança", mantêm-se a informação original e a correção gramatical do período ao se substituir "que o" por **cujo.**

( ) Certo ( ) Errado

Errado.

✪ **Nota da autora:** Se os pronomes relativos que, quem e o(a) qual se referem a termos posteriores e o relativo cujo(a) concorda com o termo posterior e indica posse do anterior, não pode ser substituído. Ganhe tempo:

- **Que** pode ser substituído por **o(a) qual ou os(as) quais.**
- **Quem** pode ser substituído por **o(a) qual ou os(as) quais.**
- **Onde** pode ser substituído por **em que, no(a) qual.**

O **cujo** não pode ser substituído por pronome algum.

21. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) No trecho "justifica o que define", o pronome "o" poderia ser corretamente substituído por **aquilo.**

( ) Certo ( ) Errado

Certo:

▶ **Dica – O** (ou **A**) + **QUE** = pronome demonstrativo + pronome relativo.

Estudei **o que** foi necessário = Estudei o (aquilo) que (o qual) foi necessário.

Justifica o que define = Justifica aquilo que define. Correto.

Atenção! Julgue o item que se segue, relativo a aspectos gramaticais e semânticos do trecho.

Os que se arriscam a adivinhar tendem a ser generosos com o governo e respondem que o volume de impostos é bem menor do que realmente o é.

22. (UNB/CESPE – TRT 21ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) Em "realmente o é", o pronome átono "o" refere-se ao substantivo "volume".

( ) Certo ( ) Errado

Certo – Basta encaixar o substantivo sugerido: *respondem que o volume de impostos é bem menor do que realmente o* ***volume*** *é.*

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) O corte de 125 mil empregos em junho indica que a esperança de gradual retomada do crescimento do mercado de trabalho no curto prazo era prematura e não deverá se concretizar. As razões para esse estancamento encontram-se no comportamento do polo dinâmico da economia mundial, os países emergentes, cujo desenvolvimento econômico começou a desacelerar – ainda que a partir de taxas exuberantes de expansão. (Valor Econômico, Editorial, 6/7/2010, com adaptações).

23. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2010) A O deslocamento do pronome "se" para imediatamente após a forma verbal "concretizar" – **não deverá concretizar-se** – não prejudicaria a correção gramatical do texto.

( ) Certo ( ) Errado

Certo – Não prejudicaria por haver dois verbos. Se tivéssemos apenas um verbo, prejudicaria: não se concretiza. O advérbio (de negação) atrai o pronome oblíquo.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

A pobreza é um dos fatores mais comumente responsáveis pelo baixo nível de desenvolvimento humano e pela origem de uma série de mazelas, algumas das quais proibidas por lei ou consideradas crimes. (...) (Jornal do Brasil, Editorial, 1,77/2010, com adaptações)

24. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/2010) A expressão "das quais" pode ser suprimida do período sem prejuízo da correção gramatical ou da coerência do texto.

( ) Certo ( ) Errado

Certo – Poderia, pois o trecho permaneceria coerente (com sentido) e correto gramaticalmente: algumas proibidas por lei ou consideradas crimes.

1.3. CESGRANRIO

25. (Cesgranrio – Escriturário – BB/2013) A substituição do termo destacado pelo pronome oblíquo adequado está de acordo com a norma-padrão em:

(A) "Arranje **uma dessas listas**" – Arranje-lhes

(B) "fica aqui **um convite**" – fica-o aqui

(C) "listando **as cem coisas**" – Listando-as

(D) "Eu prefiro encarar **a morte**" – Encarar-lhe

(E) "Falta **muito** ainda" – Falta-o ainda

Alternativa correta: letra "c"

✪ **Nota da autora:** É fundamental relembrar que os pronomes oblíquos **o(s), a(s)** possuem função de objeto direto (o complemento não exige preposição) e que o pronome **lhe** exige preposição e pode possuir função de objeto indireto, complemento nominal ou adjunto adnominal. Se necessário, vá a dicas no final do capítulo.

- Listando as cem coisas: quem lista, lista algo (V.T.D.) = listando-as.

Alternativa "a" – o verbo *arranjar* é transitivo direto = **arranje-as**.

Alternativa "b" – Opa! Um 'peguinha' clássico em provas de concursos. Em primeiro lugar encontre o sujeito para evitar erro de classificação sintática. O que fica? Um convite. Ordem direta (sujeito + verbo + adjunto adverbial de lugar, nesse caso – esclareço) = **Um convite fica aqui**. Não se substitui o sujeito por pronome oblíquo.

Alternativa "d" – o verbo *encarar* é transitivo direto = é preciso **encará-la**.

Alternativa "e" – *muito* é adjunto adverbial de intensidade e não pode ser substituído por pronome oblíquo.

26. (CESGRANRIO – Técnico Bancário-Banco da Amazônia/2013) Está substituído pelo pronome adequado, de acordo com a norma-padrão, o termo destacado na seguinte passagem do texto:

(A) "que começou **com o apoio do BNDES**" – começou-o

(B) "começaria a entender a **Amazônia**" – entender-lhe

(C) "pensar **um novo modelo**" – pensar-lhe

(D) "A questão liga **a Amazônia**" – liga-a

(E) "Às vezes, pensamos **na Amazônia**" – pensamo-la

Alternativa correta: letra "d" – liga algo = verbo transitivo direto: liga-a.

Alternativa "a" – O adjunto adverbial não pode ser substituído por pronome oblíquo.

Alternativa "b" – Entender algo = entendê-la.

Alternativa "c" – Pensar algo = pensá-lo.

Alternativa "e" – Pensamos nela (em algo).

1.4. VUNESP

27. (Vunesp – Escrivão de Polícia – SP/2013) Assinale a alternativa em que a colocação pronominal se dá em conformidade com a norma-padrão.

(A) Muito tem debatido-se acerca da relação entre arquitetura, arte e praticidade.

(B) Ninguém questiona-se a respeito do caráter original da obra de Niemeyer.

(C) Não deve-se esquecer que Niemeyer sempre teve a colaboração de excelentes engenheiros.

(D) Em Niterói, há um museu que ergue-se como o cálice de uma flor.

(E) O casal encontrou-se em São Paulo, no Memorial da América Latina.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Não há palavra que atrai o pronome oblíquo, por isso se usa a ênclise.

Alternativa "a" – Muito se tem.

Alternativa "b" – Ninguém se questiona.

Alternativa "c" – Não se deve.

Alternativa "d" – ... que se ergue.

1.5. UEGE

Trecho para a questão:

O conceito de violência: problemas semânticos

Uma das maiores dificuldades no tratamento da violência, mais precisamente das ações ditas violentas, é a imprecisão dos seus contornos semânticos. Várias são as razões **disso**. *Uma, de caráter mais psicológico, é que elas são assim denominadas, com frequência, muito mais pelo impacto emocional que produzem no imaginário das pessoas do que por razões objetivas consistentes. Outra razão, de caráter mais filosófico, é a dificuldade de encontrar um princípio racional que explique essas ações, particularmente sob o impacto emocional dos seus efeitos. Outra, de caráter mais antropológico, é que a qualificação das ações como violentas permite desqualificar seus autores, tornando-os a expressão máxima da desumanidade, rebaixando-os, equivocadamente, ao nível da animalidade, mundo onde não há lugar para a violência por não existir nele liberdade, intencionalidade, nem consciência, todas elas características da condição humana dos homens.*

Se toda palavra é por natureza polissêmica, suscetível de múltiplos sentidos, há algumas em particular que adquirem um sentido tal que lhes confere um potencial evocativo capaz de provocar intensas reações racionais ou emocionais nas pessoas. **Este** *parece ser o caso da palavra "violência" e dos adjetivos correspondentes, cujo poder evocativo faz com que a força do seu sentido seja maior que a do seu significado. (...) (PINO, Angel. Violência, educação e sociedade: um olhar sobre o Brasil contemporâneo. Educação e Sociedade, Campinas, v. 28, n. 100, p. 765-766, out. 2007).*

28. (UEG – Agente de Polícia – GO/2013) Os itens "disso" e "este" desempenham, respectivamente, funções textuais

(A) anafórica e catafórica

(B) catafórica e catafórica

(C) catafórica e anafórica

(D) anafórica e anafórica

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Os dois pronomes referem-se a algo que já foi mencionado, por isso são anafóricos.

Alternativa "a" – Não cita.

Alternativa "b" – Não cotam.

Alternativa "c" – Não cita.

29. (UEG – Agente de Polícia – GO/2013) Na frase "Há filósofos e antropólogos que veem a violência como uma característica própria do mundo sagrado", o trecho sublinhado poderia, de acordo com a norma culta da língua, ser substituído por

(A) que a veem

(B) que lhe veem

(C) que veem-lha

(D) que veem-lhe

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Emprego de pronome pessoal + colocação pronominal: vê algo = a; que = pronome relativo e atrai o pronome oblíquo: que a veem.

Alternativa "b" – Não é transitivo indireto.

Alternativa "c" – Não ocorre junção de objeto direto e indireto = lha.

Alternativa "d" – Não é transitivo indireto.

Trecho para a questão.

A 8 de dezembro de 1822, num solene Te Deum celebrado no Recife, o frade carmelita Joaquim do Amor Divino Caneca, participante da revolta de 1817 e ativista liberal em Pernambuco, pronunciou discurso de homenagem à Independência e ao imperador. **Estas** *foram suas palavras: "Debaixo deste império constitucional que abate o despotismo, ruína das ciências, das artes, dos costumes, da razão e da liberdade, veremos o gênio brasileiro apresentar prodígios" – bradou do alto do púlpito da matriz do Corpo Santo.*

Passado um ano, no lançamento de seu jornal Typhis Pernambucano, a 25 de dezembro de 1823, o brado de frei Caneca era outro: "Acorda, Pernambuco, do sono profundo e letárgico em que jazes! Atenta aos verdadeiros interesses, vê o perigo, olha o medonho nevoeiro que se levanta do Sul e que vai

se desfechar em desastrosa tempestade". Seis meses depois, o frade e muitos outros pernambucanos estavam em armas contra o Império.

Pernambuco já havia curado as feridas provocadas pela repressão da tentativa revolucionária de 1817. Na **sua** *tradição antilusitana e anticolonialista antecipara-se à emancipação brasileira, expulsando o governador português e elegendo uma junta governativa "democrática e independente" em 1821.*

30. (UEG – Escrivão de Polícia – GO/2013) Os termos "Estas" e "sua" fazem, respectivamente, referência

(A) catafórica e catafórica

(B) anafórica e anafórica

(C) anafórica e catafórica

(D) catafórica e anafórica

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Catáfora = cita: **Estas** foram suas palavras: "Debaixo deste império constitucional que abate o despotismo, ruína das ciências, das artes, dos costumes, da razão e da liberdade, veremos o gênio brasileiro apresentar prodígios"; anáfora = retoma: Pernambuco já havia curado as feridas provocadas pela repressão da tentativa revolucionária de 1817. Na **sua** tradição antilusitana e anticolonialista antecipara-se à emancipação brasileira.

Alternativa "a" – O segundo pronome é anafórico.

Alternativa "b" – O primeiro pronome é catafórico.

Alternativa "c" – Ordem inversa.

1.6. UFF

Texto para a próxima questão.

A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, não de consumo de aulas. Mas as salas de aula de NOSSAS faculdades estão parecendo restaurantes, ONDE se consomem aulas. Pela baixa qualificação dos alunos, o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado. Elas fracassarão como construtoras de conhecimento de alto nível.

(...)

Além de mais vagas em faculdades é preciso promover uma formação de qualidade para todos na educação de base. ISSO exige uma revolução, não apenas um II Plano Nacional de Educação, possivelmente tão irrelevante quanto o I PNE. Esta revolução só será possível se fizermos da educação de base uma questão nacional como já fizemos com o ensino superior. (...)

Um programa como esse pode ser iniciado de imediato, mas demora a ser implementado em todo o país, sobretudo por falta de recursos humanos em quantidade. A solução é executá-LO por cidades. Pode-se imaginar que o novo quadro incorporaria cem mil professores a cada ano, sendo lotados em 10 mil escolas, em 250 cidades de porte médio, atendendo cerca de três milhões de alunos. A revolução se faria de imediato nessas cidades, e em todo o Brasil levaria 20 anos. Ao longo desse período, o novo sistema de escolas federais iria substituindo o sistema tradicional municipal ou estadual. Ao final de 20 anos o custo total estaria em 6,4 do PIB.

Esta revolução foi iniciada no final de 2003, em 28 pequenas cidades, e interrompida antes mesmo de ser implementada. A posse de um novo ministro pode ser o momento para iniciar a execução dessa proposta que em 2003 recebeu o nome de Escola Ideal. Com ELA, contaremos todos com uma educação de base qualificada e teremos a possibilidade de um sistema de ensino superior de qualidade, no qual as vagas sejam disputadas sem discriminação social em vez de oferecidas com discriminação social. Teríamos o bom elitismo, intelectual, com a mesma chance para todos, como no futebol. E sem mentira. (BUARQUE, Cristovam. O Globo: 28/01 /2012.)

31. (UFF – Inspetor de Polícia – RJ/2012) Todos os pronomes em destaque fazem referência a elementos intratextuais, exceto o seguinte, cujo referente se encontra fora do texto:

(A) "as salas de aula de nossas faculdades estão parecendo restaurantes"

(B) "onde se consomem aulas"

(C) "isso exige uma revolução"

(D) "a solução é executá-lo por cidades"

(E) "Com ela, contaremos todos com uma educação de base qualificada"

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – O pronome possessivo plural *nossas* refere-se às faculdades em geral, elemento fora do texto e entrou como um elemento complementar aos intratextuais.

Alternativa "b" – Onde – pronome relativo onde (o lugar em que) refere-se às salas de aula, lugar em que (onde) se consomem aulas= intratextual: relacionado à educação – sala de aulas.

Alternativa "c" – Isso – pronome demonstrativo: incide sobre a educação de base mencionada anteriormente= intratextual (educação de base – tema central do texto).

Alternativa "d" – Executá-lo – lo= pronome oblíquo átono o objeto direto da forma verbal executar terminada em r: recebe a forma lo e refere-se ao sujeito um programa, no período anterior – elemento inserido no texto, portanto, é intratextual.

Alternativa "e" – Com ela – ela= pronome pessoal do caso reto: referente a escola ideal, mencionada anteriormente: o termo faz parte do tema central do texto – é elemento intratextual.

32. (UFF – Inspetor de Polícia – RJ/2012) A substituição do pronome relativo em destaque pelo relativo indicado contraria norma fixada por nossas gramáticas em:

(A) "estão parecendo restaurantes, ONDE se consomem aulas" / EM QUE.

(B) "não está na volta do passado elitista, QUANDO raríssimos jovens entravam em faculdades" / EM QUE.

(C) "está no avanço, PELO QUAL todos que desejem um curso superior tenham um ensino médio com qualidade" /ONDE.

(D) "paga a mensalidade dos carentes, QUE, por falta de bom ensino médio, não ingressam nas públicas" /OS QUAIS.

(E) "um sistema de ensino superior de qualidade, NO QUAL as vagas sejam disputadas sem discriminação social" /EM QUE.

Alternativa "c": correta – Substituição incorreta: relativo pelo qual = refere-se a coisa ou pessoa, antecedente= avanço e tem valor substantivo; pronome relativo onde= pode não se referir a antecedente e pode ser interpretado como: o lugar em que.

Alternativa "a" – onde e em que se equivalem: restaurantes onde = restaurantes em que.

Alternativa "b" – O advérbio temporal quando tem valor relativo, pois se refere ao antecedente do passado elitista e pode ser substituído pelo relativo em que com o mesmo valor temporal: na volta do passado elitista em que = quando.

Alternativa "d" – Os pronomes relativos que e os quais se referem a pessoas ou coisas, portanto a substituição pode ocorrer.

Alternativa "e" – No qual e em que – ambos se referem a antecedente e são procedidos de preposição = sistema de ensino de qualidade – no (qual) em + o = no ou em (que).

1.7. UNEMAT

33. (UNEMAT – Investigador de Polícia – MT/ 2010) Assinale a alternativa em que o pronome oblíquo foi usado em conformidade com a língua padrão.

(A) Nunca lhe disse antes, mas gosto muito de você.

(B) Agradecemos por você ter feito-nos este grande favor.

(C) Não fosse a exiguidade do espaço, a cerimônia de formatura poderia-se realizar no salão nobre.

(D) Te prepara, meu filho, porque a viagem será longa e cansativa.

(E) Os fortes não abatem-se com as derrotas.

Alternativa "a": correta – A forma verbal disse (verbo dizer – T.D.I.) pede complemento: disse algo a alguém; o pronome obliquo lhe está exercendo a função de objeto indireto da forma verbal disse e a negativa nunca o atrai para antes do verbo.

Alternativa "b" – O verbo principal está no particípio (feito): o pronome obliquo átono virá antes ou depois do verbo auxiliar (proclítico ou enclítico): ... ter-nos feito este... Exemplo de proclítico seguido de negativa: não nos termos feito este.

Alternativa "c" – Mesóclise: poder-se-ia. Verbo no futuro.

Alternativa "d" – Não se iniciam frases com pronomes oblíquos: prepara-te, meu filho.

Alternativa "e" – A locução verbal está precedida de palavra negativa: os fortes não se abatem.

1.8. UEL

Texto para as próximas questões:.

Nesse contexto, o grau de complexidade de condutas perpetradas por esses grupos, estruturados e voltados à prática de crimes que ocorrem de forma velada, sob o manto e a aparência de uma pretensa legalidade e que, normalmente, contam com a participação de agentes públicos e políticos, impõe a utilização de técnicas especiais de investigação.

34. (UEL COPS – Investigador de Polícia – PR/2010) As palavras sublinhadas no parágrafo referem-se, respectivamente, a

(A) prática – legalidade.

(B) crimes – aparência.

(C) grupos – crimes.

(D) voltados – legalidade.

(E) crimes – crimes.

COMENTÁRIO

Alternativa "e": correta

- prática de crimes que ocorrem de forma velada = os crimes ocorrem de forma velada. Eliminadas *a*, *c* e *d*.
- Houve paralelismo, confira: voltados à prática de crimes que ocorrem de forma velada e que, normalmente, contam com a participação de agentes públicos e políticos = crimes que contam com a participação. Eliminada *b*.

1.9. ACP

Trechos para a próxima questão.

O Português em Debate

(...)

Mal amparado por escolas que se evadem a qualquer menção à análise sintática, o brasileiro nem sempre sabe onde buscar régua e compasso para disciplinar a língua que fala. O português é uma entidade dinâmica, continuamente alterada e enriquecida por novas gírias, expressões, palavras importadas, mas **essa** *fluidez não faz dela um território sem leis. As gramáticas devem cumprir o papel do esclarecimento do que é correto ou não na escrita, a exemplo da obra de Evanildo Bechara. A fala, porém, admite muitas construções que seriam aberrantes na página impressa. "Vou no médico" é a forma mais comum, em conversas informais, ainda que o correto seja "vou ao médico". O que é preciso é achar o equilíbrio, mesmo nas diferenças de registro: um adolescente não pode empregar com os avós os mesmos termos que utiliza nas baladas com sua turma.*

No Brasil, a gramática da língua oral foi alvo de um estudo pioneiro em 1969, quando o linguista Nelson Rosso, da Universidade Federal da Bahia, desenvolveu o projeto Norma Urbana Culta (Nurc). O trabalho, feito em São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Salvador e Recife, resultou em 1500 horas de gravações de discursos formais, entrevistas e diálogos envolvendo profissionais graduados de diversas áreas. As transcrições servem, ainda hoje, como base de estudo para teses e artigos. Recentemente, o linguista Ataliba de Castilho, um dos coordenadores do Nurc, lançou uma obra de fôlego, baseada nesse material de análise. Sua Nova Gramática do Português Brasileiro apresenta um recurso inovador em relação aos similares tradicionais: a análise sintática é feita sobre frases presentes no cotidiano do leitor. Essa aproximação com a realidade estimula a observação dos recursos da língua no dia a dia – nas conversas, nas novelas, nos noticiários. Ou seja, seu livro é uma ferramenta excelente não apenas para aprender a língua, mas também sobre ela.

Nas últimas décadas, por força da urbanização, o fosso que separava a fala culta da "popular" tem se estreitado. Em meados do século passado, por exemplo, "a gente" não era aceito como um equivalente de "nós". Hoje, é uma forma perfeitamente apropriada. "Nós" ganhou certo ar formal. "De terno e gravata, a reunião é conosco. De bermuda e chinelo, pode falar com a gente mesmo", brinca o professor de português Sérgio Nogueira. "A gente fomos", é claro, continua sendo o que sempre foi: um solecismo.

E saudável manter distância de modismos linguísticos, que logo viram vícios, como o do chamado "gerundismo". Não é que "vou estar enviando" seja errado do ponto de vista gramatical.

Mas o transbordamento de verbos ofende a frase, que diria a mesma coisa com um"enviarei" ou "vou enviar".

O "gerundismo" pegou porque alguns creem que essa é uma forma sofisticada de falar. Outros, com o mesmo propósito, recorrem ao bacharelismo, confundindo afetação com riqueza vocabular. Dizer mais com menos é o ideal. E "falar difícil" é andar na contramão do bom-senso. No século XVII, o padre Antônio Vieira (que hoje, é verdade, soa rebuscado) já pregava a simplicidade: "O estilo há de ser muito fácil e muito natural", recomendava ele no Sermão da Sexagésima.

E aí se chega a uma recomendação que todo cidadão vem ouvindo desde que se sentou pela primeira vez nos bancos da escola: ler é indispensável para quem quer se expressar bem. E ler inclui de Machado de Assis e Graciliano Ramos até um blog decente na internet (mas atenção: é preciso ler de tudo – não uma coisa ou outra). Ler mostra as infinitas possibilidades de expressão da língua, enriquece o vocabulário (e o bom vocabulário é o melhor amigo da precisão), ensina o leitor a organizar seu pensamento e ainda oferece a ele algo de valor inestimável: conteúdo. Ter coisas interessantes e pertinentes a dizer é o primeiro passo para falar ou escrever bem. (Jerônimo Teixeira e Daniela Macedo. Texto adaptado da Revista Veja, 11 de agosto de 2010.)

35. (ACP – Escrivão de Polícia – RS/2010) Considere as afirmações abaixo sobre o uso dos pronomes.

I. As formas demonstrativas **essa, nesse** e **Essa** aludem ao que foi pelos autores antes mencionado.

II. Em **seu livro**, o possessivo aparece anteposto ao termo a que se refere, sendo essa, de modo geral, a sua posição normal; não havendo, porém, alteração de sentido em caso de posposição, conforme se vê em diversos outros exemplos, tais como "saudades minhas" e "minhas saudades", ou "suas cartas" e "cartas suas".

III. Em "De terno e gravata, a reunião é conosco", se substituíssemos o pronome conosco por "com nós mesmos", provocaríamos um erro na sentença.

Quais estão corretas?

(A) Apenas a I.

(B) Apenas a II.

(C) Apenas a III.

(D) Apenas a I e a II.

(E) Apenas a I e a III.

Alternativa "a": correta

I. Essa fluidez: o pronome demonstrativo essa está aludindo ao que foi dito na oração imediatamente anterior: o português é uma entidade dinâmica, continuamente..., palavras importadas, mas essa fluidez...; nesse: o demonstrativo está aludindo à obra de fôlego do linguista Ataliba de Castilho antes mencionada; essa: o demonstrativo está aludindo à análise sintática que é feita sobre frases presentes no cotidiano do leitor (aproximação).

II. O pronome possessivo adjetivo normalmente antecede o substantivo que determina: seu livro, minhas saudades, suas cartas. Se vier posposto ao substantivo – colocação que evidencia a ênfase –, muda o sentido que objetiva chamar a atenção, com valor estilístico muito usado em textos poéticos: saudades minhas, cartas suas.

III. A substituição do pronome conosco pela expressão com nós mesmos não ocasiona erro gramatical, pois há equivalência de sentido, mas, sim, mostra a aproximação da fala culta (conosco) à fala popular (com nós mesmos), dependendo do momento, do interlocutor e da situação em que se dá a fala.

Trecho para a próxima questão.

O Português em Debate

Será a língua portuguesa tão complexa a ponto de enredar aqueles que se propõem a dominá-la? Diante do fiasco de alguns homens públicos, profissionais em oratória, as pessoas comuns têm alguma esperança de expressar-se com maior clareza e eficiência? As respostas a essas duas perguntas são, pela ordem, não e sim. Para quem está empenhado em aperfeiçoar o manejo do idioma – e não será necessário lembrar **que** *seu domínio, na fala ou na escrita, é crucial para o desenvolvimento profissional as oportunidades e as ferramentas são cada vez mais numerosas. Livrarias, bibliotecas e dicionários estão acessíveis pela internet, e a oferta de instrumentos auxiliares vem crescendo em volume e qualidade.*

Mal amparado por escolas **que** *se evadem a qualquer menção à análise sintática, o brasileiro nem sempre sabe onde buscar régua e compasso para disciplinar a língua que fala. O português é uma entidade dinâmica, continuamente alterada e enriquecida por novas gírias, expressões, palavras importadas, mas essa fluidez não faz dela um território sem leis. As gramáticas devem cumprir o papel do esclarecimento do que é correto ou não na escrita, a exemplo da obra de Evanildo Bechara. A fala, porém, admite* **muitas construções que** *seriam aberrantes na página impressa. "Vou no médico" é a forma mais comum, em conversas informais, ainda que o correto seja "vou ao médico". (...)*

Nas últimas décadas, por força da urbanização, o fosso **que** *separava a fala culta da "popular" tem se estreitado. Em meados do século passado, por exemplo, "a gente" não era aceito como um equivalente de "nós". Hoje, é uma forma perfeitamente apropriada. "Nós" ganhou certo ar formal. "De terno e gravata, a reunião é conosco. De bermuda e chinelo, pode falar com a gente mesmo", brinca o professor de português Sérgio Nogueira. "A gente fomos", é claro, continua sendo o que sempre foi: um solecismo.*

É saudável manter distância de modismos linguísticos, **que** *logo viram vícios, como o do chamado "gerundismo". Não é que "vou estar enviando" seja errado do ponto de vista gramatical. (...) (Jerônimo Teixeira e Daniela Macedo. Texto adaptado da Revista Veja, 11 de agosto de 2010.)*

36. (ACP – Escrivão de Polícia – RS/2010) Considere as afirmações abaixo sobre ocorrências de que no texto.

I. O **que** do primeiro parágrafo e o **que** o do segundo parágrafo têm a mesma classe gramatical.

II. O **que** do segundo parágrafo substitui o sintagma nominal **muitas construções**.

III. O **que** do terceiro parágrafo e o **que** do quarto parágrafo exercem a função de sujeito nas orações em que aparecem.

Quais estão corretas?

(A) Apenas a I.

(B) Apenas a II.

(C) Apenas a III.

(D) Apenas a I e a II.

(E) Apenas a II e a III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – II e III.

I. Primeiro: não será necessário lembrar **isto**. Que = conjunção integrante. Segundo *que:* Mal amparado por escolas **que** se evadem = as quais – pronome relativo.

II. A fala, porém, admite **muitas construções que** seriam aberrantes = as quais. Equivale a muitas construções seriam berrantes.

III. Ordem direta: **o fosso** separava a fala culta da "popular" tem se estreitado = sujeito; **os modismos linguísticos** logo viram vícios, como o do chamado "gerundismo" = sujeito.

Trecho para a próxima questão.

O Português em Debate

Será a língua portuguesa tão complexa a ponto de enredar aqueles que se propõem a dominá-la? Diante do fiasco de alguns homens públicos, profissionais em oratória, as pessoas comuns têm alguma esperança de expressar-se com maior clareza e eficiência? As respostas a essas duas perguntas são, pela ordem, não e sim. (...)

Nas últimas décadas, por força da urbanização, o fosso que separava a fala culta da "popular" tem se estreitado. Em meados do século passado, por exemplo, "a gente" não era aceito como um equivalente de "nós". (...)

E aí se chega a uma recomendação que todo cidadão vem ouvindo desde que se sentou pela primeira vez nos bancos da escola: ler é indispensável para quem quer se expressar bem. (...) (Jerônimo Teixeira e Daniela Macedo. Texto adaptado da Revista Veja, 11 de agosto de 2010.)

37. (ACP – Escrivão de Polícia – RS/2010) Considere as afirmações abaixo sobre a colocação dos pronomes do texto.

I. Em *expressar-se*, tem-se a posposição do pronome átono ao vocábulo tônico a que se liga, o que constitui um caso de próclise.

II. Em *tem se estreitado*, há uma locução verbal constituída por verbo auxiliar + pronome átono + verbo principal no particípio, ou seja, uma mesóclise.

III. O pronome átono aparece anteposto ao verbo em *E aí se chega* porque não se pospõe pronome átono a verbo modificado diretamente por advérbio.

Quais estão corretas?

(A) Apenas a I.

(B) Apenas a II.

(C) Apenas a III.

(D) Apenas a I e a II.

(E) Apenas a II e a III.

Alternativa "c": correta

I. Não há próclise, mas, sim, ocorre a ênclise: a forma verbal no infinitivo impessoal expressar exige a preposição do pronome átono: expressar-se.

II. O verbo principal está no particípio (estreitado) – o pronome átono não pode vir depois dele, mas após o verbo auxiliar (ter). Não ocorre mesóclise.

III. Aí: advérbio significando e então, e a esse respeito, nesse caso, por ser assim se chega a... – o advérbio atrai o pronome átono, modificando o verbo, tem-se a próclise= pronome átono se colocado antes do verbo.

1.10 IPAD

38. (IPAD – Agente de Polícia – PE/2006) No trecho: "O Estado... não lhes dá as mínimas condições de trabalho...", a regência do verbo cria condições para o uso adequado do pronome sublinhado. Assinale a alternativa em que o uso desse pronome também está correto.

(A) Os policiais não quiseram participar da festa, embora o dono lhes tivesse convidado.

(B) Apesar de vários policiais estarem de guarda, os assaltantes pareciam não lhes ver.

(C) Os policiais cobraram do Estado as condições de trabalho que este lhes prometera.

(D) Os cidadãos estão clamando por menos violência, mas a polícia não lhes ouve.

(E) Os assaltantes conseguiram fugir, e a polícia não lhes encontrou ainda.

Alternativa "c": correta – Ordem direta: Este prometera condições de trabalho a eles (aos policiais): objeto indireto.

Alternativa "a" – Convidar é transitivo direto = os.

Alternativa "b" – Ver é transitivo direto = não os ver.

Alternativa "d" – Ouvir é transitivo direto = não os ouve.

Alternativa "e" – Encontrar é transitivo direto = não os encontrou.

2. NÍVEL SUPERIOR

2.1. FCC

39. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 3/2015) É adequado o seguinte comentário:

(A) A frase "Este é o jovem cujo trabalho li com atenção" pode ser redigida, de modo claro e condizente com a norma-padrão, assim: "O jovem que eu li o trabalho dele com atenção é este".

(B) "Os meninos por cujos destinos tanto lutamos andam já por conta própria" é frase com inadequação no segmento destacado, que seria sanada com sua substituição por "cujos os destinos".

(C) Em "Os meninos por cujos destinos tanto lutamos andam já por conta própria", a substituição do segmento destacado por "andam já por si só" mantém a correção e o sentido originais.

(D) Em "A orientadora do grupo, a qual é excelente, faltou hoje", emprega-se o que está em destaque para evitar o duplo sentido que o emprego da palavra "que", em seu lugar, originaria.

(E) A frase "Maria e Solange machucaram-se" evidencia que as duas receberam machucados, sem que se instale a dúvida: "uma machucou a outra?"; a palavra que poderia ser acrescentada para indicar esse segundo sentido seria "reciprocamente".

Alternativa correta: letra "D"

✪ **Nota da autora:** questão de pronome e regência.

Na "d": Ao utilizar o pronome realtivo "que", haveria ambiguidade = excelente é o grupo, ou a orientadora?

Alternativa "A" – 1. O relativo retoma *jovem*. Ordem direta: Li com atenção o trabalho do jovem = não exigiu preposição; 2. Substituindo por "que": O jovem de quem li o trabalho com atenção é este.

Alternativa "B" – A banca resolveu ser boazinha? Cujo e quem repelem o artigo, é inadmissível o uso de cujo o. De onde veio a preposição "de"? Ordem direta: Tanto lutamos pelos destinos dos meninos.

Alternativa "C" – Andam por si sós.

Alternativa "E" – Há dúvida! Aqui está o erro. Uma machucou a outra, ou as duas se machucaram? (alguém ou algo as machucou).

40. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 4/2014) O PET já se revelou um programa de sucesso, todos reconhecem os serviços do PET, graças a esses serviços do PET os menores infratores alcançam rápida inserção social, razão pela qual muitos tributam ao PET uma plena gratidão.

Evitam-se as viciosas repetições do texto acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

(A) lhe reconhecem os serviços – aos quais – lhe tributam

(B) o reconhecem seus serviços – a cujos – lhe tributam

(C) lhe reconhecem os serviços – a quem – tributam-no

(D) reconhecem-lhe os serviços – a estes – o tributam

(E) reconhecem-nos os serviços – a eles – tributam-lhe

Alternativa correta: letra "a"

✪ **Nota da autora:** Questão de pronome e coesão textual. Vamos trabalhar por eliminação para facilitar?

1. Reconhecem algo = verbo transitivo direto; "do PET" indica posse e devemos usar *lhe*. Detalhe: o pronome indefinido *todos* atrai o pronome oblíquo = todos lhe reconhecem os serviços. Eliminadas B, D e E. Que fácil!
2. O pronome relativo deve retomar "os serviços do PET" para que não repetição. Ordem direta: os menores infratores alcançam rápida inserção social **aos** serviços = **aos quais** ou **a que**.

   2.1 – O relativo *quem* retoma pessoa; não é o caso. Eliminada C.
3. Tributam algo (uma plena gratidão) a algo (ao PET = objeto indireto): **muitos** (pronome indefinido atrai o oblíquo) **lhe tributam**.

41. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 16/2014) As leis humanas são falíveis, os homens desrespeitam as leis humanas e destituem

as leis humanas do sentido de uma profunda equidade que deveria reger as leis humanas.

Evitam-se as viciosas repetições do período acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

(A) desrespeitam a elas – destituem-nas – deveria reger-lhes

(B) desrespeitam-lhes – as destituem – deveria regê – las

(C) desrespeitam-nas – lhes destituem – lhes deveria reger

(D) lhes desrespeitam – destituem-lhes – deveria regê-las

(E) desrespeitam-nas – destituem-nas – as deveria reger

Alternativa correta: letra "e" – Vamos trabalhar por eliminação?

- os homens desrespeitam as leis humanas e destituem as leis humanas = desrespeitam algo (verbo transitivo direto, exige objeto direto) e termina em **m: desrespeitam-nas**. . Eliminadas três alternativas: *a* e *b*;
- destituem as leis humanas = destituem algo (verbo transitivo direto, exige objeto direto) e termina em **m: destituem-nas** ou **a destituem**. Eliminadas duas alternativas: *c* e *d* e encontrada a resposta sem chegar ao final da questão. Que maravilha!
- profunda equidade que deveria reger as leis humanas = reger algo (verbo transitivo direto, exige objeto direto) e o pronome relativo atrai o pronome oblíquo: que as deveria reger.

42. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) Muita gente não enfrenta uma argumentação, prefere substituir uma argumentação pela alegação do gosto, atribuindo ao gosto o valor de um princípio inteiramente defensável, em vez de tomar o gosto como uma instância caprichosa.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados por, respectivamente,

(A) substituir a ela – atribuindo a ele – lhe tomar

(B) substituir-lhe – atribuindo-lhe – tomar-lhe

(C) substituir-lhe – atribuindo-o – tomá-lo

(D) substituí-la – atribuindo-lhe – tomá-lo

(E) substituí-la – lhe atribuindo – tomar-lhe

Alternativa correta: letra "d"

✪ **Nota da autora:** Típica questão que devemos trabalhar por eliminação.

- *Substituir* é transitivo direto (algo) e o verbo termina em *r* = **substituí-la**. Eliminadas alternativas *a*, *b* e *e*;
- *Atribuir* está transitivo direto e indireto e o termo sublinhado possui preposição, isto é, é objeto indireto = **atribuindo-lhe**. Eliminada alternativa *c*.
- *Tomar* é transitivo direto = **tomá-lo.**

43. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 12/2013) A frase em que o elemento sublinhado NÃO é um pronome está em:

(A) As informações sensíveis a que temos acesso...

(B) Mas o que aconteceria se tivéssemos de passar a lidar...

(C) O mais provável é que essa súbita mutação...

(D) ... uma fração diminuta do que há.

(E) Os órgãos sensoriais que nos ligam ao mundo...

Alternativa correta: letra "c" – Dica: encaixar o pronome demonstrativo **isto** antes da palavra *que*. Se couber, ou seja, se der ideia de algo será mencionado (catáfora), trata-se de conjunção integrante: O mais provável é **isto** = que é conjunção. Facilitou, não é mesmo?

▶ **Dica:** para ser pronome relativo, deve possuir valor de **o qual** e suas variações. Vejamos a seguir.

Alternativa "a" – As informações sensíveis **às quais** temos acesso = temos acesso **a.**

Alternativa "b" – Mas o que aconteceria se tivéssemos de passar a lidar. Bela pegadinha! Dica: sempre que houver **o (a) + que** teremos pronome demonstrativo (o) + pronome relativo (o qual). Exemplo: não sei o que ele disse = não sei aquilo **o qual** ele disse. Fique atento(a).

Alternativa "d" – Repetição do item anterior: do que = daquilo ou daquela **o qual** ou **a qual** há.

Alternativa "e" – Os órgãos sensoriais **os quais** nos ligam ao mundo.

44. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 15/2013) Os raios do Sol podem atingir o solo e irradiar calor na atmosfera, informam os pesquisadores à população. Reescrevendo a frase e

substituindo-se os termos em negrito pelos pronomes pessoais, o correto é:

(A) Os raios do Sol podem atingi-lo e irradiar calor na atmosfera, informaram-lhe os pesquisadores.

(B) Os raios do Sol podem lhe atingir e irradiar calor na atmosfera, a informamos pesquisadores.

(C) Os raios do Sol podem atingir-lhe e irradiar calor na atmosfera, informam-na os pesquisadores.

(D) Os raios do Sol podem atingir-lhe e irradiar calor na atmosfera, informam-lhes os pesquisadores.

(E) Os raios do Sol podem o atingir e irradiar calor na atmosfera, lhes informam os pesquisadores.

Alternativa correta: letra "a"

1) O verbo *atingir* é transitivo direto (atinge algo), exige o pronome oblíquo masculino singular *o* por substituir *o solo*. Detalhe o verbo está no infinitivo e termina em *r*, assim, deve assumir a forma **atingi-lo** (suprime-se a consoante *r*, como ocorre com *s* e *z*).

2) Ordem direta (iniciando a oração com o sujeito para facilitar): Os pesquisadores informam (V.T.D.I.) **à população** (O.I.) que os raios do Sol podem atingir o solo e irradiar calor na atmosfera (O.D.). Informam *a alguém:* **lhe**.

Alternativa "b" – Além de os dois pronomes oblíquos estarem errados, não se usa pronome oblíquo após a vírgula.

Alternativa "c" – Duas substituições erradas.

Alternativa "d" – O primeiro pronome está errado e pluralizou o segundo que se refere a um substantivo singular (população).

Alternativa "e" – Pronome depois da vírgula e pluralização inadequada.

---

45. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 12/2013) ... que merecia o primeiro lugar...

O tempo haveria de corrigir esse equívoco...

... deve ter ultrapassado a capacidade de apreciação do júri...

A substituição dos elementos sublinhados pelo pronome correspondente, com os necessários ajustes, foi efetuada de modo correto, respectivamente, em:

(A) que lhe merecia – O tempo haveria de corrigi-lo – deve ter-lhe ultrapassado

(B) que o merecia – O tempo haveria de corrigi-lo – deve tê-la ultrapassado

(C) que merecia-o – O tempo haveria de corrigir-lhe – deve ter-lhe ultrapassado

(D) que merecia-lhe – O tempo haveria de o corrigir – deve ter ultrapassado-a

(E) que o merecia – O tempo haveria de lhe corrigir – deve ter ultrapassado-na

Alternativa correta: letra "b" – *Que* é pronome relativo e atrai o pronome oblíquo; o verbo *merecer* é transitivo direto, logo a forma resulta em **que o merecia**. Eliminadas alternativas *a, c* e *d*.

- *Haveria de corrigir* equivale a corrigiria. Substitua os dois verbos por um para saber a predicação: quem corrige, corrige algo = verbo transitivo direto. Forma correta de substituição = **haveria de corrigi-lo**. Eliminada *e* e encontrada a resposta.
- *Deve ter ultrapassado* (algo): V.T.D. = em caso de locução, em vez de decorar regras, sugiro que soletre, pois pelo som (fonologia) descobre-se a forma correta: **deve tê-la ultrapassado.**

Em caso de dúvida, seguem as regras.

Colocação pronominal nas locuções verbais

1) Quando o verbo principal for constituído por um particípio

a) O pronome oblíquo virá depois do verbo auxiliar. *Ex.: Haviam-me convidado para a festa.*

b) Se antes da locução verbal houver palavra atrativa, o pronome oblíquo ficará antes do verbo auxiliar. *Ex.: Não me haviam convidado para a festa.*

▶ **Dica:s:** ***Se o verbo auxiliar estiver no futuro do presente ou no futuro do pretérito, ocorrerá a mesóclise, desde que não haja palavra atrativa antes dele.*** *Ex.: Haver-me-iam convidado para a festa.*

2) Quando o verbo principal for constituído por um infinitivo ou um gerúndio:

a) Se não houver palavra atrativa, o pronome oblíquo virá depois do verbo auxiliar ou depois do verbo principal. *Exemplos:*

Devo esclarecer-lhe o ocorrido/ Devo-lhe esclarecer o ocorrido.

Estavam chamando-me pelo alto-falante./ Estavam-me chamando pelo alto-falante.

b) Se houver palavra atrativa, o pronome poderá ser colocado antes do verbo auxiliar ou depois do verbo principal. *Exemplos:*

Não posso esclarecer-lhe o ocorrido./ Não lhe posso esclarecer o ocorrido.

*Não estavam chamando-me./ Não me estavam chamando.**

*Fonte: http://www.portugues.com.br/

46. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 12/2013) gerou um híbrido estranho – estremecem a metálica estrutura – perturbam a frieza do blindado maquinomem

Substituindo-se os elementos grifados acima por um pronome, com os necessários ajustes, o resultado correto será, respectivamente:

(A) gerou-o – estremecem-na – perturbam-lhe a frieza

(B) o gerou – estremecem-a – perturbam-no a frieza

(C) gerou-lhe – estremecem-na – o perturbam a frieza

(D) gerou-no – estremecem-lhe – perturbam-o a frieza

(E) gerou-lhe – lhe estremecem – perturbam-no a frieza

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

✪ **Nota da autora:** Vamos, mais uma vez, trabalhar por eliminação.

- *Gerar* é transitivo direto (algo): **gerou-o.** Eliminadas as quatro alternativas (b, c, d, e). Que facilidade!
- *Estremecer* é transitivo direto (algo) e o verbo termina em **m**, assumindo a forma: **estremecem-na.**
- *Perturbar* é transitivo direto e indireto e o objeto indireto está sublinhado: **perturbam-lhe.**

47. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 9/2013)

I. ... tinham nascido para usar coroas.

II. Ele trouxe estabilidade e prosperidade a todos...

III. ... que inspirou as revoluções do século XIX...

A substituição dos elementos sublinhados pelo pronome correspondente, com os necessários ajustes, tem como resultado correto, na ordem dada:

(A) tinham nascido para as usar – Ele lhes trouxe estabilidade e prosperidade – que lhes inspirou.

(B) tinham nascido para lhes usar – Ele trouxe-os estabilidade e prosperidade – que inspirou-as.

(C) tinham nascido para usá-las – Ele lhes trouxe estabilidade e prosperidade – que as inspirou.

(D) tinham nascido para usá-las – Ele os trouxe estabilidade e prosperidade – que lhes inspirou.

(E) tinham nascido para as usar – Ele trouxe-os estabilidade e prosperidade – que as inspirou.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

- Quem usa, usa algo: V.T.D. (exige pronome *as* e o verbo termina em *r*) = para usá-las. Eliminadas alternativas *a* (a preposição não atrai o pronome oblíquo), *b* e *e*.
- Quem traz, traz algo **a alguém**: V.T.D.I. (note que o objeto indireto está sublinhado = lhe): Ele lhes trouxe estabilidade e prosperidade. Eliminada *d*.
- *Peguinha*! Há o pronome relativo atraindo o oblíquo. Inspira algo: V.T.D. = que as inspirou.

48. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 18/2013) A substituição do elemento grifado pelo pronome correspondente foi realizada de modo INCORRETO em:

(A) sem levar em consideração os rótulos = sem levá-los em consideração

(B) capaz de abstrair um conceito geral = capaz de abstraí-lo

(C) suprissem suas necessidades= suprissem-nas

(D) conferem "consciência" a criaturas = conferem-lhes consciência

(E) que reconhecem seus parentes consanguíneos = que lhes reconhecem

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – O verbo **reconhecer** é transitivo direto: reconhece algo. Como a oração inicia-se com provável pronome relativo (que), a forma correta seria: **que os reconhecem**.

Alternativa "a" – Errada. Levar algo, o verbo termina em **r**: sem levá-lo.

Alternativa "b" – Errada. Abstrair algo: abstraí-lo.

Alternativa "c" – Errada. Suprissem é transitivo direto e termina em **m**: suprissem-nas.

Alternativa "d" – Errada. Conferem algo a alguém: transitivo direto e indireto. A forma sublinhada é o objeto indireto e por isso resulta em conferem-lhes consciência.

Duas importantes observações:

1) Se o termo consciência estivesse sublinhado, teríamos: conferem-na a criaturas.

2) Se os termos estivessem sublinhados, seria necessário juntar o objeto direto e o objeto indireto, resultando em conferem-lhas. O pronome **lhas** possui função de objeto direto e objeto indireto.

49. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 18/ 2013) *"tão gostoso pronunciar este nome – sentimento de quem abençoa a vida – Opõe à morte aleluias festivas".* A substituição dos elementos grifados acima pelos pronomes correspondentes, com os necessários ajustes, foi realizada corretamente em:

(A) tão gostoso pronunciá-lo – sentimento de quem a abençoa – Opõe-lhe aleluias festivas

(B) tão gostoso pronunciar-lhe – sentimento de quem abençoa-a – Lhe opõe aleluias festivas

(C) tão gostoso pronunciá-lo – sentimento de quem abençoa-lhe – Opõe-na aleluias festivas

(D) tão gostoso o pronunciar – sentimento de quem a abençoa – A opõe aleluias festivas

(E) tão gostoso lhe pronunciar – sentimento de quem lhe abençoa – Opõe-na aleluias festivas

Alternativa "a": correta.

- Pronunciar: verbo transitivo direto = pronunciá-lo. Eliminadas alternativas *b, d* e *e*.
- Abençoa é transitivo direto e há o pronome **quem** que atrai o pronome oblíquo: sentimento de quem a abençoa. Eliminada *c*.
- Opor: transitivo direto e indireto, o termo sublinhado é objeto indireto = opõe-lhes aleluias.

50. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013)

... embutir ao longo dos oito lados da cúpula nove anéis circulares horizontais – referência aos círculos que compõem o Paraíso na Divina Comédia de Dante Alighieri. Os anéis neutralizam as forças de tensão...

Fazendo-se as alterações necessárias, os segmentos sublinhados acima foram corretamente substituídos por um pronome, na ordem dada, em:

(A) os embutir – compõem-lhe – as neutralizam

(B) embuti-los – compõem-no – neutralizam-nas

(C) embutir-lhes – o compõem – lhe neutralizam

(D) embuti-los – lhe compõem – as neutralizam

(E) embutir-lhes – compõem-o – neutralizam-nas

Alternativa "b": correta.

- Embutir algo (verbo termina em **r**): embuti-los. Eliminadas alternativas *a, c* e *e*.
- Compõem é transito direto (verbo termina em **m**): compõem-no. Eliminada *d*.
- Neutralizam é transitivo direto (termina em **m**): neutralizam-nas.

Atenção! A questão seguinte refere-se ao texto abaixo.

O tempo, como o dinheiro, é um recurso escasso. Isso poderia sugerir que ele se presta, portanto, à aplicação do cálculo econômico visando o seu melhor proveito. O uso racional do tempo seria aquele que maximiza a utilidade de cada hora do dia. Diante de cada opção de utilização do tempo, a pessoa delibera e escolhe exatamente aquela que lhe proporciona a melhor relação entre custos e benefícios.

Ocorre que a aplicação do cálculo econômico às decisões sobre o uso do tempo é neutra em relação aos fins, mas exigente no tocante aos meios. Ela cobra uma atenção alerta e um exercício constante de avaliação racional do valor do tempo gasto. O problema é que isso tende a minar uma certa disposição à entrega e ao abandono, os quais são essenciais nas atividades que envolvem de um modo mais pleno as faculdades humanas. A atenção consciente à passagem das horas e a preocupação com o seu uso racional estimulam a adoção de uma atitude que nos impede de fazer o melhor uso do tempo.

Valéry investigou a realidade dessa questão nas condições da vida moderna: "O lazer aparente ainda permanece conosco e, de fato, está protegido e propagado por medidas legais e pelo progresso mecânico. O nosso ócio interno, todavia, algo muito diferente do lazer cronometrado, está desaparecendo. Estamos perdendo aquela vacuidade benéfica que traz a mente de volta à sua verdadeira liberdade. As demandas, a tensão, a pressa da existência moderna perturbam esse precioso repouso.

O paradoxo é claro. Quanto mais calculamos o benefício de uma hora "gasta" desta ou daquela maneira, mais nos afastamos de tudo aquilo que gostaríamos que ela fosse: um momento de entrega, abandono e plenitude na correnteza da vida. Na amizade e no amor; no trabalho criativo e na busca do saber; no esporte e na fruição do belo – as horas mais felizes de nossas vidas são precisamente aquelas em que perdemos a noção da hora. ((Adaptado de Eduardo Giannetti. **O valor do amanhã.** *São Paulo, Cia. das Letras, 2005, p.206-209)*

51. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /CE/2012) Leia atentamente as afirmações abaixo.

I. *O problema é que* isso *tende a minar...* (2º parágrafo) g O pronome grifado se refere a *decisões sobre o uso do tempo.*

II. ... os quais *são essenciais nas atividades que envolvem de um modo mais pleno as faculdades humanas.* (2º parágrafo) g O segmento grifado na frase acima se refere aos termos *a entrega* e *o abandono.*

III. Os segmentos *vacuidade benéfica* (3º parágrafo) e *fruição do belo* (4º parágrafo) estão corretamente traduzidos, respectivamente, por **esmorecimento revigorante** e **deleite venturoso.**

Está correto o que se afirma APENAS em

(A) II.

(B) I e III.

(C) I.

(D) II e III.

(E) I e II.

Resposta correta (A)

I. Errado. O pronome demonstrativo isso retoma a ideia citada no período anterior, ocorrendo anáfora. Eliminam-se alternativas b, c e e.

II. Correto. Trata-se de uma oração subordinada adjetiva: há pronome relativo e a oração está separada por pontuação.

III. Errado. Vacuidade: 1. Estado ou modo de ser do que se apresenta vazio; estado de vácuo; INANIDADE; 2. Privação, ausência, falta. / Esmorecimento: Qualidade, condição, estado de quem desanima; perda de força, de entusiasmo; ABATIMENTO; DESALENTO; DESÂNIMO.

Fruição: Ação ou resultado de fruir, de gozar; GOZO / Deleite: Sensação ou sentimento de intenso prazer, de grande satisfação. Esses vocábulos são sinônimos. O erro está na não tradução exata de vacuidade e esmorecimento.

52. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) A substituição do elemento grifado pelo pronome correspondente, com os necessários ajustes no segmento, foi realizada corretamente em:

(A) adverte os espectadores dos sustos = lhes adverte dos sustos

(B) vão engolindo cidades inteiras ao crescerem = vão engolindo-nas ao crescerem

(C) distorceram suas fontes de modo a impedir = distorceram-nas de modo a impedir

(D) determinou a sua temática através da estratégia = determinou-lhe através da estratégia

(E) que buscou criar um homem à sua própria semelhança = que buscou-o criar à sua própria semelhança

Alternativa "c": correta – Distorcer é transitivo direto, pede objeto direto **as**. Como o verbo termina em **m**, o pronome assume a forma **na**.

Alternativa "a" –Verbo transitivo direto = adverte-os.

Alternativa "b" –Verbo transitivo direto = vão as engolindo, ou vão engolindo-as.

Alternativa "d" –Verbo transitivo direto = determinou – as.

Alternativa "e" –Verbo transitivo direto = buscou criá-lo.

53. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) Amemos as ilhas, mas não emprestemos às ilhas o condão mágico da felicidade, pois quando fantasiamos as ilhas esquecemo-nos de que, ao habitar ilhas, leva-se para elas tudo o que já nos habita.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

(A) lhes emprestemos – lhes fantasiamos – habitá-las

(B) emprestemos-lhes – as fantasiamos – habitar-lhes

(C) as emprestemos – fantasiamo-las – as habitar

(D) lhes emprestemos – as fantasiamos – habitá-las

(E) as emprestemos – lhes fantasiamos – habitar-lhes

Alternativa "d": correta – Emprestamos algo **a algo** (objeto indireto) e o advérbio de negação atrai o oblíquo = não lhes emprestamos. Eliminadas alternativas *b, c* e *e*.

- Fantasiar é transitivo direto (as) e o oblíquo é atraído pelo vocábulo *quando* = quando as fantasiamos. Eliminada alternativa *a*.
- Habitar é transitivo direto, no contexto e termina em *r* = habitá-la.

54. (FCC – Promotor de Justiça – AP/2012) Ao se substituir um elemento de determinado segmento do texto, o pronome foi empregado de modo INCORRETO em:

(A) e têm a convicção = e têm-na

(B) que demonstra toda sua potência = que lhe demonstra

(C) alagam as planícies = alagam-nas

(D) só resta aos homens = só lhes resta

(E) providenciar barreiras e diques = providenciá-los

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Os pronomes pessoais oblíquos átonos "o(s)" e "a(s)" são utilizados como objetos diretos (sem preposição) e o "lhe(s)" para objeto indireto (com preposição) g *quem demonstra, demonstra algo (O.D. = o) e não a algo.*

Alternativa "a" – quem tem, tem algo (O.D. = a) e não a algo g *têm + a = têm + na (em verbos terminados em sons nasais, acrescenta-se o "n" ao pronome.)*

Alternativa "c" – quem alaga, alaga algo (O.D. = a) e não a algo g *alagam + as = alagam + nas (em verbos terminados em sons nasais, acrescenta-se o "n" ao pronome.)*

Alternativa "d" – Resta a quem? Resta aos homens. (O.I. = lhes)

Alternativa "e" – quem providencia, providencia algo (O.D. no plural= os) e não a algo g *providenciar barreiras e diques = providenciá-los (em verbos terminados em "r", exclui-se esta última letra e acrescenta-se "l" ao pronome – lo)*

55. (Analista Judiciário – Área Judiciária TRE/PE 2011 – FCC)

Os mais fortes empreendiam a conquista colonial, legitimavam a conquista colonial, atribuindo à conquista colonial o mérito de uma transformação civilizadora que tornava a conquista colonial uma espécie de benemerência.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

(A) legitimavam-na – atribuindo-lhe – a tornava

(B) a legitimavam – atribuindo-na – tornava-lhe

(C) legitimavam-na – lhe atribuindo – lhe tornava

(D) legitimavam-lhe – a atribuindo – a tornava

(E) legitimavam-a – lhe atribuindo – tornava-a

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Quem legitima, legitima algo (v.t.d.). Como termina em **m** = legitimavam-na. Eliminadas alternativas *d, e* e *b*, pois **não se usa pronome oblíquo após a vírgula.**

▶ **Dica – Exceção**: a não ser que exista uma intercalação: **Ninguém**, a não ser ele, **se** satisfez com o resultado.

- Atribuindo algo a alguém = atribuindo-lhe. Eliminada a alternativa *c* devido à colocação pronominal. Chegamos à resposta sem precisarmos do último item, mas vamos lá: torna algo (v.t.d.) = tornava-a.

▶ **Dica** – O pronome relativo atrai o pronome oblíquo: que (a qual) **a tornava.**

56. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /AP/2011)

A extensão do star-system *não se dá sem uma forma de banalização ou mesmo de degradação – da figura pura da estrela, trazendo consigo uma imagem de eternidade, chega-se à vedete do momento, à figura fugidia da celebridade do dia; do ícone único e insubstituível, passa-se a uma comunidade internacional de pessoas conhecidas, "celebrizadas", das quais revistas especializadas divulgam as fotos, contam os segredos, perseguem a intimidade.*

Considerado o fragmento acima, em seu contexto, é correto afirmar:

(A) A expressão *ou mesmo* indica que os autores atribuem à palavra *degradação* um sentido de rebaixamento mais intenso do que atribuem à palavra *banalização.*

(B) A substituição de *não se dá sem uma forma de banalização* por "procede de um tipo de atitude trivial" mantém o sentido original.

(C) A forma *trazendo* expressa, na frase, sentido de condicionalidade, equivalendo a "se trouxer".

(D) O contexto exige que se compreendam os segmentos *da figura pura da estrela* e *do ícone único e insubstituível* como expressões de sentidos opostos.

(E) A substituição de *das quais* por "cujas" mantém a correção e o sentido originais.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Questão de pronome, conjunção e verbo.

Alternativa "a" –Ao afirmar que "*A extensão do* star-system *não se dá sem uma forma de banalização*

ou mesmo de degradação", o autor enfatiza o rebaixamento do vocábulo degradação;

Alternativa "b" –Trivial: de pouca importância ou valor; banal; insignificante. O erro está no sentido do verbo proceder.

Alternativa "c" –O verbo no gerúndio – *trazendo* – denota ação contínua dando ideia de adição.

Alternativa "d" –Possuem o mesmo sentido.

Alternativa "e" –Os pronomes relativos que, quem, o(a) qual, os(as) quais se referem a seus termos antecedentes; *cujo(a)* refere-se ao termo posterior. Nunca tal substituição poderá ocorrer.

Atenção! Para responder à questão seguinte, considere o trecho abaixo.

As indústrias culturais, e mais especificamente a do cinema, criaram uma nova figura, "mágica", absolutamente moderna: a estrela. Depressa ela desempenhou um papel importante no sucesso de massa que o cinema alcançou. E isso continua. Mas o sistema, por muito tempo restrito apenas à tela grande, estendeu-se progressivamente, com o desenvolvimento das indústrias culturais, a outros domínios, ligados primeiro aos setores do espetáculo, da televisão, do show business. Mas alguns sinais já demonstravam que o sistema estava prestes a se espalhar e a invadir todos os domínios: imagens como as de Gandhi ou Che Guevara, indo de fotos a pôsteres, no mundo inteiro, anunciavam a planetarização de um sistema que o capitalismo de hiperconsumo hoje vê triunfar.

O que caracteriza o star-system em uma era hiper-Moderna é, de fato, sua expansão para todos os domínios. Em todo o domínio da cultura, na política, na religião, na ciência, na arte, na imprensa, na literatura, na filosofia, até na cozinha, tem-se uma economia do estrelato, um mercado do nome e do renome. A própria literatura consagra escritores no mercado internacional, os quais negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema que prevalece nas indústrias do espetáculo. Todas as áreas da cultura valem-se de paradas de sucesso (hit-parades), dos mais vendidos (best-sellers), de prêmios e listas dos mais populares.

Assim como de recordes de venda, de frequência e de audiência destes últimos. ( ) (Adap. de Gilles Lipovetsky e Jean Serroy. Uma cultura de celebridades: a universalização do estrelato. In A cultura – mundo: resposta a uma sociedade desorientada. Trad: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p.81 a 83)

57. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /AP/2011) Considere as afirmações que seguem.

I. A sequência *"na política, na religião, na ciência, na arte, na imprensa, na literatura, na filosofia, até na cozinha"* constitui elenco de profissões que tiveram de se associar ao *"domínio da cultura* para atingir a *economia do estrelato"*.

II. Em *"A própria literatura consagra escritores no mercado internacional, **os quais** negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema que prevalece nas indústrias do espetáculo,"* a expressão em destaque foi obrigatoriamente empregada para evitar a ambiguidade que ocorreria se, em seu lugar, fosse usado o pronome "que".

III. Em *"A própria literatura consagra escritores no mercado internacional, os quais negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema **que prevalece** nas indústrias do espetáculo"*, o segmento destacado poderia ser substituído por "prevalecente", sem prejuízo do sentido e da correção originais.

O texto legitima

(A) I, somente.

(B) II, somente.

(C) III, somente.

(D) I e III, somente.

(E) I, II e III.

Alternativa "c": correta.

I. Não tiveram de se associar ao domínio da cultura para atingir a economia do estrelato.

II. Não ocorreria ambiguidade porque o verbo posterior está no plural, evidencia-se, assim, que o pronome *que* retoma *escritores*.

III. *Prevalecente:* que prevalece; DOMINANTE; PREDOMINANTE; PREPONDERANTE; PREVALENTE.

58. (FCC – TRT 23 – Analista Judiciário/2011)

Muitos se dizem a favor da pena de morte, mas mesmo os que mais ardorosamente defendem a pena de morte não são capazes de atribuir à pena de morte o efeito de reparação do ato do criminoso que supostamente mereceria a pena de morte.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, respectivamente, por:

(A) a defendem – lhe atribuir – a mereceria.

(B) a defendem – atribui-la – lhe mereceria.

(C) defendem-na – atribui-la – merecer-lhe-ia.

(D) lhe defendem – lhe atribuir – mereceriam-na.

(E) defendem-lhe – atribuir-lhe – a mereceria.

Alternativa "a" – Correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de emprego dos pronomes pessoais e colocação pronominal.

- **defender** é transitivo direto (a) e o advérbio de modo atrai o oblíquo = **a defendem.** Eliminadas alternativas c, d e e.
- **atribuir** é transitivo direto e indireto, o termo sublinhado é objeto indireto (lhe), cabendo **atribuir-lhe** ou **lhe atribuir** (por mera questão fonética – de som). Eliminada alternativa b. Chegamos à resposta!
- **merecer** é transitivo direto (a) e o advérbio atrai o oblíquo = **a mereceria.**

59. (FCC – TRT 20 – Analista Judiciário/2011) Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre texto:

(A) Muita gente imagina que literatura é aonde se escreve como se fala, embora hajam autores que consigam fazê-lo com arte.

(B) O gosto literário dos antigos professores de português não sucitava qualquer dúvida quanto ao brilho da retórica exagerada.

(C) A formulação mesma dos temas de redação era um indubitável encaminhamento do aluno para o estilo grandiloquente.

(D) A linguagem rude de Paulo Honório não desestimulou-lhe de escrever um romance que se notabilizaria como literário.

(E) Embora Graciliano Ramos ache mais preferível uma linguagem concisa do que a empolada, ele é um escritor bastante culto.

Alternativa "c" – Correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de pronome, regência, crase, ortografia e concordância.

- **Mesma** concorda com o substantivo feminino singular **formulação.**

Alternativa "a" – Errada. Muita gente acha que **na** literatura se escreve como se fala, embora **haja** autores que consigam **fazê-la** com arte.

Alternativa "b" – Errada. Suscitava.

Alternativa "d" – Errada. não **o desestimulou**: desestimular é transitivo direto e o advérbio de negação **não** atrai o oblíquo.

Alternativa "e" – Errada. Embora Graciliano Ramos ache **preferível** uma linguagem concisa **à** empolada, ele é um escritor bastante culto.

Perceba que o substantivo **linguagem** está implícito e para se certificar do emprego do sinal indicativo de crase, faça a substituição por um substantivo masculino qualquer: ache preferível **um texto** conciso a **um texto** empolado.

Perigo: se não houvesse o artigo indefinido anteposto ao vocábulo **linguagem**, haveria crase. Exemplo: ache preferível a linguagem concisa **à** empolada = ache preferível **o texto** conciso ao **texto** empolado.

É preferível **algo a algo**, assim como o verbo **preferir**.

60. (FCC – TRT 20 – Analista Judiciário/2011) *"Nosso espírito logo se define, logo se agregam ao nosso espírito as marcas que distinguirão nosso espírito para sempre, já que nunca faltarão ao nosso espírito os impulsos determinantes da natureza".* Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, respectivamente, por:

(A) agregam-no – lhe distinguirão – lhe faltarão

(B) agregam-lhe – lhe distinguirão – faltar-lhe-ão

(C) agregam a ele – lhe distinguirão – lhe faltarão

(D) o agregam – o distinguirão – o faltarão

(E) lhe agregam – o distinguirão – lhe faltarão

Alternativa "e" – Correta.

✪ **Nota da autora:** questão de emprego dos pronomes pessoais e colocação pronominal.

- **agregar** é transitivo direto e indireto, o termo grifado é objeto indireto (lhe) e o pronome o oblíquo deve estar proclítico porque a conjunção o atrai = logo se lhe agregam. **Encontrada a resposta através do primeiro item.**
- **distinguir** é transitivo direto (o) e o pronome relativo atrai o oblíquo = que o distinguirão.
- **faltar** é transitivo direto e indireto, o termo grifado é objeto indireto (lhe) e o pronome o oblíquo deve estar proclítico porque o advérbio o atrai = nunca lhe faltarão.

61. (FCC – TRT 12 – Analista Judiciário/2010) A frase em que se apresenta adequado e uniforme o tratamento pessoal e verbal é:

(A) Vimos, por este intermédio, solicitar a Vossa Senhoria que vos digneis a acolher e enviar ao Juiz da 4ª Vara os autos do processo em tela.

(B) Viemos, por este intermédio, solicitar que Vossa Excelência se digneis a acolher o parecer do processo em tela e enviá-lo ao Juiz da 4ª Vara.

(C) Vimos, por este instrumento, solicitar-vos que acolhais o parecer que dispomos sobre o processo, e encaminhá-lo ao Juiz da 4ª Vara.

(D) Vêm aqui, por este recurso, solicitar-vos os interessados que Vossa Excelência remetais o parecer do processo em tela ao Juiz da 4ª Vara.

(E) Vimos, por este dispositivo, solicitar que Vossa Senhoria acolha e encaminhe ao Juiz da 4ª Vara os autos do referido processo.

Alternativa "e" – Correta.

✪ **Nota da autora:** questão de pronome, concordância e verbo.

1) Lembrar que a concordância com pronome de tratamento deve ser na terceira pessoa (você ou vocês) = eliminadas alternativas a, b, c e d, ou seja, chega-se à resposta;

2) O verbo **vir** no presente do indicativo é: venho, vens, vem, **vimos**, vindes, vêm.

Trecho para a próxima questão:

(...)

Também são constatadas falhas na garantia dos direitos dos jovens nos processos, como audiências apressadas e sem testemunhas de defesa – ou insuficiência de provas para a condenação. Cogitam-se mudanças no texto com o intuito de melhor detalhar as responsabilidades do poder público na execução das medidas socioeducativas. Nenhuma alteração, contudo, será suficiente se não forem criadas condições para aplicar as sanções alternativas, como a liberdade assistida, com acompanhamento de especialistas. São raros os municípios que contam com equipes preparadas e meios para implementar esses procedimentos. Essa deveria ser uma das prioridades do Estado ao lidar com crianças e adolescentes. Se juízes parecem atuar com excessivo rigor, inclinando-se pela internação, o fazem para responder a pressões da sociedade, que se sente vítima da insegurança, e por falta de condições para aplicar medidas mais adequadas. (Folha de S. Paulo, editorial, 14/07/2010)

62. (FCC – TRT 12 – Analista Judiciário/2010) De acordo com o contexto, na frase Essa deveria ser uma das prioridades do Estado ao lidar com crianças e adolescentes, o pronome sublinhado

(A) anuncia uma prioridade que se formulará em seguida, já no final do texto.

(B) refere-se à inexistência de equipamentos de segurança minimamente aceitáveis nos municípios.

(C) refere-se à necessidade já referida de se possibilitar a aplicação de sanções alternativas.

(D) anuncia a prioridade de se evitar a aplicação de penas a menores eventualmente infratores.

(E) refere-se à prioridade de garantir as conquistas já constatadas quando da aplicação do ECA.

Alternativa "c" – Correta.

✪ **Nota da autora:** O pronome demonstrativo, nesse caso, é anafórico (retoma ideia citada). Bastava voltar aos períodos imediatamente antepostos: nenhuma alteração, contudo, será suficientecse não forem criadas condições para aplicar as sanções alternativas, como a liberdade assistida, com acompanhamento de especialistas. São raros os municípios que contam com equipes preparadas e meios para implementar esses procedimentos.

Alternativa "a" – Errada. Os pronomes anafóricos (retomam ideias: esse, essa, isso) não podem anunciar algo. O pronome, nesse caso, deveria ser catafórico (cita ideias: isto, este, esta).

Alternativa "b" – Errada. Não se refere à inexistência de equipamento.

Alternativa "d" – Errada. O pronome anafórico não pode anunciar uma ideia.

Alternativa "e" – Errada. Não se refere à prioridade de garantir as conquistas.

63. (FCC – TRT 12 – Analista Judiciário/2010) *"Deus criou o mundo, mas logo considerou o mundo desprovido de vida, e resolveu acrescentar ao mundo seres vivos, que povoassem o mundo e imprimissem ao mundo a marca do sopro divino".* Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, respectivamente, por

(A) considerou-o – acrescentá-lo – povoassem-no – imprimissem-no

(B) considerou-lhe – acrescentar-lhe – povoassem-lhe – imprimissem-lhe

(C) o considerou – acrescentar-lhe – o povoassem – lhe imprimissem

(D) lhe considerou – acrescentá-lo – povoassem-no – imprimissem-lhe

(E) considerou-o – o acrescentar – lhe povoassem – lhe imprimissem

COMENTÁRIOS

Alternativa "c" – Correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de emprego dos pronomes pessoais e colocação pronominal.

- considerar é transitivo direto, logo admite **o** e como há o advérbio de tempo **logo** anteposto, este o atrai = **logo o considerou**. Eliminadas alternativas a, b, d e e.
- acrescentar é transitivo direto e indireto, o termo grifado é objeto indireto = acrescentar-lhe.
- povoar é transitivo direto = **o**; o pronome relativo **que** atrai o oblíquo = **que o povoassem**.
- imprimir é transitivo direto e indireto, o termo sublinhado é objeto indireto = **lhe**; a conjunção aditiva atrai o oblíquo = **e lhe imprimissem**.

---

64. (FCC – TRT 9 – Analista Judiciário/2010) "*Nossa aniquilação é inevitável ou será que seremos capazes de garantir nossa sobrevivência mesmo tendo em mãos armas de destruição em massa?*" Na frase acima,

(A) **mesmo as tendo em mãos** é correta alternativa de construção, com emprego pronominal.

(B) o termo **ou** expressa uma alternância repetitiva.

(C) o segmento **mesmo tendo** pode ser corretamente substituído por **desde que tenhamos**.

(D) **ou será que a seremos capazes de garantir** é correta alternativa de construção, com emprego pronominal.

(E) o segmento **Nossa aniquilação é inevitável** pode ser substituído pelo equivalente **nossa conflagração é irredutível.**

COMENTÁRIOS

Alternativa "a" – Correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de pronome (colocação pronominal), período composto e semântica.

O trecho **mesmo as tendo em mãos** substitui **armas de destruição em massa**, caso se referisse à **aniquilação é inevitável** ou à **nossa sobrevivência**, ficaria no singular: mesmo a tendo em mãos. Alternativa correta.

Alternativa "b" – Errada. Expressa alternância, mas não repetitiva.

Alternativa "c" – Errada. Desde que tenhamos indica condição e **mesmo tendo**, concessão. Não pode ser substituído.

Alternativa "d" – Errada. ou será que seremos capazes de **garanti-la.**

Alternativa "e" – Errada. Aniquilação: destruição, extinção; **conflagração**: grande excitação de ânimo.

---

65. (FCC – TRT 9 – Analista Judiciário/2010) É preciso CORRIGIR, por falha estrutural, a redação da frase:

(A) Não empreendamos caminhadas sem primeiro definir o trajeto a seguir, o esforço a despender, os objetivos a alcançar.

(B) Temerárias são as jornadas que mal definimos seus objetivos, assim como não avaliamos o esforço cujo trajeto nos exigirá.

(C) Quando não definimos o trajeto a cumprir e o esforço a despender em nossa caminhada, ela não nos trará qualquer recompensa.

(D) Dificilmente algum objetivo será alcançado numa caminhada para a qual não previmos um roteiro a ser seguido com segurança.

(E) Nenhum benefício poderemos colher de uma viagem para a qual não nos preparamos com um mínimo de cuidados e de antecedência.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Há dois erros no emprego do pronome relativo:

1) Temerárias são as jornadas **cujos** objetivos mal definimos = mal definimos os objetivos das jornadas.

2) Avaliamos o esforço que o trajeto nos exigirá = o trajeto nos exigirá esforço.

A e C: corretas.

Alternativa "d" – Errada. Correta: Não previmos um roteiro para a caminhada.

Alternativa "e" – Errada. Correta: Não nos preparamos para a viagem.

---

66. (FCC – TRT 9 – Analista Judiciário/2010) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:

(A) O pensamento clássico encerra uma riqueza em cujo valor poucos prestam o devido reconhecimento.

(B) A morte, cujo o temor nos faz querer esquecer dela, é uma questão permanente da filosofia estoica.

(C) Quase nunca atentamos para os limites a que devemos impor aos nossos desejos.

(D) Nossas esperanças não devem projetar-se para além do espaço cujo domínio estamos assegurados.

(E) Quem vagueia sem propósito pela vida fere um dos princípios de que os estoicos jamais.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Os estoicos jamais **dos** princípios.

Alternativa "a" – Errada. O pensamento clássico encerra uma riqueza **a cujo** valor poucos prestam o devido reconhecimento = poucos prestam o devido reconhecimento **ao** valor da riqueza.

Alternativa "b" – Errada. A morte, **cujo** temor nos faz querer esquecer dela, é uma questão permanente da filosofia estoica = faz-nos querer esquecer **o** temor da morte.

Não se usa artigo ao lado do pronome relativo cujo(a), não **havendo as construções: cujo o, cuja a** e **o cujo.**

Alternativa "c" – Errada. Quase nunca atentamos para os limites **que** devemos impor aos nossos desejos = devemos impor limites aos nossos desejos. O termo **limites** possui função sintática de objeto direto, não exigindo preposição.

Alternativa "d" – Errada. Nossas esperanças não devem projetar-se para além do espaço **de cujo** domínio estamos assegurados = estamos assegurados **do** domínio do espaço.

---

67. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 22ª Região/2010) *"A ciência é indispensável: deve-se à ciência o conhecimento de um sem-número de fenômenos que coube a ciência explicar, razão pela qual deve-se conferir à ciência a importância do que nos humaniza".* Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, respectivamente, por:

(A) deve-se a esta – lhes coube – lhe conferir

(B) deve-se à ela – coube-lhe – conferir-lhe

(C) deve-se-lhe – lhe coube – conferir-lhe

(D) deve-se à mesma – a coube – conferi-la

(E) deve-se-lhe – coube-lhe – conferi-la

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Deve-se **algo a alguém.** Verbo transitivo direto e indireto + SE = voz passiva.

Importante ressaltar que o termo *o conhecimento* possui função de sujeito: o conhecimento é devido à ciência. De qualquer forma, à ciência possui função de objeto indireto = deve-se-lhe.

Alternativa b eliminada pelo uso incorreto do acento indicativo de crase antes do pronome pessoal (ela). Coube **A ALGO**: objeto indireto = lhe. Mais: *número de fenômenos que lhe coube explicar.* O pronome relativo *que* atrai o pronome oblíquo.

Chega-se à resposta sem ao menos ir ao terceiro termo. *Deve-se conferir* **A ALGO**: objeto indireto = conferir-lhe.

Texto para a próxima questão:

Rita

No meio da noite despertei sonhando com minha filha Rita. Eu a via nitidamente, na graça de seus cinco anos. Seus cabelos castanhos – a fita azul – o nariz reto, correto, os olhos de água, o riso fino, engraçado, brusco

Depois um instante de seriedade; minha filha Rita encarando a vida sem medo, mas séria, com dignidade. Rita ouvindo música; vendo campos, mares, montanhas; ouvindo de seu pai o pouco, o nada que ele sabe das coisas, mas pegando dele seu jeito de amar – sério, quieto, devagar.

Eu lhe traria cajus amarelos e vermelhos, seus olhos brilhariam de prazer. Eu lhe ensinaria a palavra cica, e também a amar os bichos tristes, a anta e a pequena cutia; e o córrego; e a nuvem tangida pela viração. Minha filha Rita em meu sonho me sorria – com pena deste seu pai, que nunca a teve. (Rubem Braga. 200 Crônicas escolhidas. 13 ed. Rio de Janeiro. Record, 1998, p.200)

---

68. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT – 8ª Região/2010) *"(...) com pena deste seu pai, que nunca a teve".* O pronome relativo grifado na frase acima está também presente na seguinte frase:

(A) É de se perguntar que outro dilema poderia ter recebido expressão poética tão saborosa: *"Filhos? Melhor não tê-los! Mas se não os temos, como sabê-lo?*

(B) Tornou-se difícil encontrar nos jornais crônicas que não tenham como tema a política ou a economia, isto é, crônicas propriamente ditas.

(C) Muitos já notaram que as crônicas de Rubem Braga são verdadeiros poemas em prosa.

(D) Talvez não haja nada mais ambivalente que a maternidade ou a paternidade, com sua teimosa mistura de risos e lágrimas.

(E) Com frequência, o sonho nada mais é que a realização de nossos mais recônditos desejos.

Alternativa "b": correta – *Que* é um pronome relativo por equivaler a *o qual*. Basta tentar substituir o vocábulo nas alternativas.

Alternativa "b" –... *encontrar nos jornais crônicas as quais não tenham como tema a política ou a economia.* Pronto! QUE = AS QUAIS: pronome relativo.

Cuidado com as alternativas a e c: É de se perguntar isto. Se a ideia de que algo será citado posteriormente aparece, significa que o termo posterior (que) é uma conjunção integrante e que a oração é classificada como oração subordinada substantiva (no caso, subjetiva). *Muitos já notaram isto* = conjunção integrante.

69. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /AC/2010)

Com o tempo, o sarcasmo de Montesquieu tornou-se proverbial, mas no século XVIII temiam esse sarcasmo todos os que se sentissem objetos possíveis dele, já que o filósofo explorava esse sarcasmo com a arte de quem sabe tornar o sarcasmo uma arma mortal.

Evitam-se as viciosas repetições do período acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

(A) temiam-no – lhe explorava – o sabe tornar.

(B) lhe temiam – o explorava – lhe sabe tornar.

(C) temiam-no – o explorava – sabe torná-lo.

(D) temiam a ele – explorava-lhe – sabe torná-lo.

(E) o temiam – explorava-o – sabe tornar-lhe.

Alternativa "c": correta – *Temiam* é verbo transitivo direto e, por terminar em m, o pronome oblíquo o que se refere a *esse sarcasmo* assume a forma no. *Explorava* também é transitivo direto e o pronome deve assumir a forma o (*esse sarcasmo*). O mesmo ocorre com o verbo *tornar*, mas por terminar em r, o pronome oblíquo assume a forma de lo.

▶ **Rápida dica** – Verbos que acrescentam os pronomes oblíquos o (a), os (as) e terminam em R, S, Z suprime-se a última letra e acrescenta-se LO(A), LOS (LAS). Nos verbos que terminam em M, ÃO, ÕE, ou seja, fonemas nasais, acrescentam-se as formas NO(A), NOS(AS).

70. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRF – 4ª Região/2010)

Houve muitas discussões sobre medidas para se minimizar o aquecimento global, já que todos consideram o aquecimento global uma questão crucial para a humanidade, embora poucos tomem medidas concretas para reduzir o aquecimento global, não havendo sequer consenso quanto às verbas necessárias para mitigar os efeitos do aquecimento global.

Evitam-se as viciosas repetições do período acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

(A) o consideram – reduzir-lhe – mitigar-lhe os efeitos

(B) consideram-lhe – o reduzir – mitigar-lhe seus efeitos

(C) lhe consideram – reduzi-lo – mitigá-los aos efeitos

(D) o consideram – reduzi-lo – mitigar-lhe os efeitos

(E) consideram-no – reduzir-lhe – mitigar-lhes os efeitos

Alternativa "d": correta – Quem considera, considera algo: verbo transitivo direto pede o pronome oblíquo o. O pronome indefinido *todos* atrai o oblíquo. Eliminam-se as alternativas b, c e e.

Reduzir é transitivo direto = reduzi-lo. Mais uma vez não há necessidade de conferir o terceiro termo por já ter encontrado a resposta.

Mitigar os efeitos do aquecimento global equivale a mitigar os efeitos dele ou seus efeitos = mitigar-lhe os efeitos.

▶ Se o pronome oblíquo lhe pode ser substituído por um pronome possessivo, possui função sintática de adjunto adnominal. Como em: *Ajeitou-lhe as cobertas.* Substituindo: Ajeitou suas cobertas.

71. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3ª região/ 2007 – FCC) "*Devaneios, quem não tem devaneios (1)? Têm devaneios (2) as crianças e os jovens, dão aos devaneios (3) menos crédito os adultos, mas é impossível abolir os devaneios (4) completamente*". Evitam-se as indesejáveis repetições da frase acima substituindo – se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

	(1)	(2)	(3)	(4)
a)	os tem	Têm-lhes	dão-lhes	abolir-lhes
b)	tem eles	Têm-nos	dão-lhes	abolir-lhes
c)	os tem	Têm eles	dão-nos	aboli-los
d)	tem a eles	Os têm	dão a eles	abolir a eles
e)	os tem	Têm-nos	dão-lhes	aboli-los

Alternativa "e": correta – Quem tem, tem algo (V.T.D.), objeto direto: os. O advérbio de negação atrai o pronome oblíquo = não os tem. Eliminadas alternativas *b* e *c*.

- O mesmo verbo, transitivo direto, mas não há palavra atraindo o pronome oblíquo e o verbo termina em *m* = têm-nos. Eliminadas alternativas *a* e *d*. Chegamos à resposta!
- Dão é transitivo direto e indireto, o termo grifado é objeto indireto = dão-lhes menos crédito.
- Abolir é transitivo direto e o verbo termina em *r* = aboli-los.

72. (FCC – Analista Processual – MPU/ 2007) Empregou-se de acordo com o padrão culto a forma grifada em:

(A) Afirmou que a analogia pelas duas obras é claramente notada.

(B) Habituou-se em observar os menores detalhes de cada tela do pintor.

(C) O portão era ladeado com duas guaritas.

(D) O susto emudeceu-lhe.

(E) Desconfio que ele seja espião.

Alternativa "e": correta – *Peguinha* FCC: em orações subordinadas substantivas objetivas indiretas e completivas nominais, o uso da preposição não é obrigatório. Como em: Necessito que todos entendam. Quem necessita, necessita **de** algo, mas, por se tratar de uma oração, a preposição não foi inserida. Isso não ocorre em período simples: Necessito **de** estudo.

Foi o que ocorreu na alternativa correta: Desconfio que ele seja espião = quem desconfia, desconfia **de** algo, mas a preposição não é obrigatória.

Alternativa "a" – Afirmou que a analogia entre duas obras é claramente notada.

Alternativa "b" – Habituou-se a observar os menores detalhes de cada tela do pintor.

Alternativa "c" – O portão era ladeado de ou por duas guaritas.

Alternativa "d" – O susto emudeceu-o ou a.

73. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 1ª região/ 2006 – FCC)

O editorial foi considerado um desrespeito à soberania de Cuba, trataram a soberania de Cuba como uma questão menor, pretenderam reduzir a soberania de Cuba a dimensões risíveis, como se os habitantes do país não tivessem construído a soberania de Cuba com sangue, suor e lágrimas.

Evitam-se as viciosas repetições acima substituindo-se os segmentos sublinhados, respectivamente, por

(A) trataram a ela – reduzir-lhe – a tivessem construído.

(B) trataram-na – reduzi-la – a tivessem construído.

(C) a trataram – a reduziram – tivessem-na construído.

(D) trataram-lhe – reduziram-lhe – lhe tivessem construído.

(E) trataram-na – reduziram-lhe – lhe tivessem construído.

Alternativa "b": correta – Trataram é transitivo direto, pede o oblíquo **a**, mas o verbo termina em **m** = trataram-na. Eliminadas alternativas *a*, *c* e *d*. Reduzir é transitivo direto e pede o oblíquo **a**, como termina em **r** = reduzi-la. Eliminada alternativa *e*. Construir é transitivo direto e o advérbio de negação atrai o oblíquo = não a tivessem construído.

2.2. CESPE

Trecho para o item.

O uso indevido de drogas constitui, na atualidade, séria e persistente ameaça à humanidade e à estabilidade das estruturas e valores políticos, econômicos, sociais e culturais de todos os Estados e sociedades. Suas consequências infligem considerável prejuízo às nações do mundo inteiro, e não são detidas por fronteiras: avançam por todos os cantos da sociedade e por todos os espaços geográficos, afetando homens e mulheres de diferentes grupos étnicos, independentemente de classe social e econômica ou mesmo de idade. (...)

(Internet: <www.direitosh.umanos.usp.br>)

74. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) O pronome possessivo "Suas" refere-se a "de todos os Estados e sociedades".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Consequências de quê? Do "uso indevido de drogas".

Em relação ao texto abaixo, julgue o próximo item.

"[...] Problemas de consciência não os haveria de ter o julgador pela decisão em si, porque o seu veredito era baseado na contundência probatória do meio de prova "mais importante" — a confissão. [...]"

Getúlio Marcos Pereira Neves. Valoração da prova e livre convicção do juiz.

In: Jus Navigandi, Teresina, ano 9, n.° 401, ago./2004 (com adaptações).

75. (Cespe – Escrivão de Polícia Federal – DPF/2013) Seriam mantidas a correção gramatical e a coesão do texto, caso o pronome "os", em "não os haveria de ter", fosse deslocado para imediatamente depois da forma verbal "ter", escrevendo-se tê-los.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Segundo as regras da sintaxe de colocação pronominal, as duas opções são corretas. Veja:

Verbo Principal no Infinitivo ou Gerúndio

Frase com palavra atrativa = pronome antes do verbo auxiliar ou depois do verbo principal	**Não os** haveria de ter o julgador... **Não** haveria de tê-**los** o julgador...

Trecho para o item.

(...) O neurocientista relatou que quase três quartos dos primeiros 250 americanos que tiveram suas condenações penais anuladas graças ao exame de DNA haviam sido vítimas de falso testemunho ocular. Um psicólogo entrevistado afirmou que, dependendo de como se conduz uma acareação, ela pode confundir a pessoa interrogada.

Correio Braziliense, 26/7/2013 (com adaptações).

76. (CESPE – Analista – MPU/2013) Com correção gramatical e com mais precisão, a oração "que tiveram suas condenações penais anuladas graças ao exame de DNA" poderia ser estruturada da seguinte forma: cujas condenações penais foram anuladas em virtude de contraprova fornecida pelo exame de DNA.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Por se tratar de pronome relativo, é viável seguir o passo a passo. No trecho:

1) O pronome relativo **que** retoma três quartos dos primeiros 250 americanos (sujeito do verbo *tiveram*);
2) Ordem direta: três quartos dos primeiros 250 americanos tiveram suas condenações penais anuladas graças ao exame de DNA.

No item:

1) O pronome relativo **cujas** concorda com condenações penais anuladas;
2) Ordem direta: As condenações penais dos três quartos dos primeiros 250 americanos foram anuladas em virtude de contraprova fornecida pelo exame de DNA.

A ideia de posse do relativo *cujas* torna o trecho mais coerente e as expressões alteradas pertencem ao mesmo campo semântico (*graças ao exame de DNA* e *em virtude de contraprova fornecida pelo exame de DNA*).

77. (CESPE – Analista – MPU/2013) O trecho "a memória não pode ser considerada um papel carbono" poderia ser corretamente reescrita da seguinte forma: não pode-se considerá-la papel carbono.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Colocação pronominal: o advérbio de negação (não) atrai o pronome oblíquo. Forma correta: **não se pode** considerá-la.

Trecho para o item.

(...) Para não envelhecer, essa vilã dos contos de fadas ultrapassa todos os limites e quebra todos os interditos. Uma mulher da era a.CP (antes da cirurgia plástica), Ravenna suga a alma, a juventude e a beleza das adolescentes e devora corações puros, que arranca com suas unhas, enquanto chafurda na

amargura. **O filme**, *para quem não sabe* **e não viu**, *busca resgatar o conteúdo terrorífico das origens dos contos de fadas.* **Elaine Brum. Internet: <http://revistaepoca.globo.com> (com adaptações).**

78. (CESPE – Delegado de Polícia – AL/ 2012) Em "e não viu", seriam mantidos a correção gramatical e o sentido original do período caso o pronome **o** fosse inserido imediatamente antes de "viu", caso em que retomaria o antecedente "O filme".

( ) Certo ( ) Errado

Certo – Coesão e colocação pronominal: ... e não o viu = viu o filme. O pronome pessoal oblíquo átono é atraído pelo advérbio de negação (não).

Trecho para o item.

O filme Branca de Neve e o Caçador deveria chamar-se "Ravenna, a rainha má". Interpretada pela atriz Charlize Theron, a mãe-madrasta-bruxa da princesa é o mais interessante do filme, assim como as questões tão atuais **que** *ela nos traz. E a bela Charlize faz uma rainha inesquecível. (...)*

Elaine Brum. Internet: <http://revistaepoca.globo.com> (com adaptações).

79. (CESPE – Delegado de Polícia – AL/ 2012) O pronome "que" refere-se a "Charlize Theron".

( ) Certo ( ) Errado

Errado – O pronome relativo está retomando **questões atuais.** Entenda: as questões tão atuais as quais ela nos traz. Na ordem direta: Ela nos traz questões atuais.

Atenção! Julgue o item relativo a ideias e aspectos linguísticos do trecho:

A economia solidária vem-se apresentando como uma alternativa inovadora de geração de trabalho e renda e uma resposta favorável às demandas de inclusão social no país. Ela compreende uma diversidade de práticas econômicas e sociais organizadas sob a forma de cooperativas, associações, clubes de troca, empresas de autogestão e redes de cooperação – que realizam atividades de produção de bens, prestação de serviços, finanças, trocas, comércio justo e consumo solidário. ( ) (Internet: http://portal.mte.gov.br/imprensa, com adaptações).

80. (CESPE – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) No trecho "A economia solidária vem-se apresentando", o deslocamento do pronome pessoal oblíquo para depois do verbo principal da locução não prejudicaria a correção gramatical do texto: vem apresentando-se.

( ) Certo ( ) Errado

Certo – Por se tratar de locução verbal, as duas formas estão corretas.

▶ **Dica** – Colocação pronominal nas locuções verbais: podem ocorrer as seguintes colocações pronominais:

1) **verbo auxiliar + infinitivo ou gerúndio**

- depois do verbo auxiliar, se não houver justificativa para o uso da próclise: devo-*lhe* entregar o gabarito. Vou-*me* arrastando pelas ruas do Nordeste.
- depois do infinitivo ou gerúndio: devo entregar-*lhe* a o gabarito. Vou arrastando-*me* pelas ruas do Nordeste.

Se houver alguma palavra que justifique a próclise, o pronome poderá ser colocado.

Antes do verbo auxiliar ou depois do infinitivo ou gerúndio.

- antes do verbo auxiliar

Não *se* deve jogar livro fora. Não *me* vou arrastando pelas ruas.

- depois do infinitivo ou gerúndio.

Não deve calar-se. Não vou arrastando-me pelas ruas.

2) **verbo auxiliar + particípio.**

Se não houver palavras que justifique o uso da próclise, o pronome ficará depois do verbo auxiliar. Caso a locução verbal não inicie a oração, pode-se colocar o pronome oblíquo em duas posições: antes do verbo auxiliar ou entre os dois verbos. Não se coloca o pronome oblíquo após o particípio: haviam-*me* ofertado um cargo. Não *me* haviam ofertado cargo algum.

Atenção! Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.

(...) Tratava-se então de uma biblioteca imaginária, cujos livros talvez nunca tivessem existido? Persistiam, contudo, numerosas fontes clássicas que descreviam o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos. E eis a solução do enigma. O acervo da biblioteca de Alexandria era composto

por rolos e não por livros (...) In: João C. de C. Rocha (Org.). Interseções: a materialidade da comunicação. Rio de Janeiro: Imago; EDUERJ, 1998, p. 12, 14-15, com adaptações)

81. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2012) Logo após imaginária, "cujos" expressa uma relação de posse.

( ) Certo ( ) Errado

Certo – Exato. Os livros da biblioteca imaginária.

Atenção! Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.

(...) No entanto, jamais poderiam localizá-la, já que nãolevaram em consideração a materialidade dos meios de comunicação dominante na época (...) (In: João C. de C. Rocha (Org.). Interseções: a materialidade da comunicação. Rio de Janeiro: Imago; EDUERJ, 1998, p. 12, 14-15, com adaptações)

82. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2012) O trecho "jamais poderiam localizá-la" poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: jamais a poderiam localizar.

( ) Certo ( ) Errado

Certo – O advérbio "jamais" atrai o pronome oblíquo para antes do verbo (próclise), porém nessa forma verbal, admite-se corretamente também após o segundo verbo (ênclise).

Atenção! Julgue o item subsequente, acerca dos sentidos e da organização das ideias do trecho.

Dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) ajudam a traçar o perfil do eleitor brasileiro da última eleição. A inclusão política dos brasileiros vem, a cada eleição, consolidando-se e os dados são irrefutáveis quanto a isso. A cada cinco pessoas aptas a votar nas eleições de 2010, uma era analfabeta ou nunca havia frequentado uma escola. São, ao todo, 27 milhões de eleitores nessa situação no cadastro do TSE. Desses, oito milhões se declararam analfabetos e 19 milhões declararam saber ler e escrever, sem, entretanto, nunca terem estado em uma sala de aula. No total, havia 135,8 milhões de eleitores no país em 2010.

83. (UNB/CESPE – Poder Judiciário – TRE / ES/2012) Após o vocábulo *"Desses"*, está implícita a referência a *"27 milhões de eleitores nessa condição no cadastro do TSE"*.

( ) Certo ( ) Errado

Resposta correta: (x) – Questão anulada, analisemos: ao citar 27 milhões de eleitores e utilizar dados numéricos posteriormente, fica clara a retomada do termo. Oito milhões nunca terem estado em uma sala de aula e dezenove milhões declararam saber ler e escrever. O pronome está se referindo aos 27 milhões citados anteriormente. Alternativa correta.

Atenção! Julgue o item subsequente, acerca dos sentidos e da organização das ideias do trecho.

(...) O povo a que remete a ideia de soberania popular constitui uma unidade, e não, a soma de indivíduos. Jurídica e constitucionalmente, a representação "representa" o povo (e não, todos os indivíduos). Além disso, não há propriamente mandato, pois a função do representante se dá nos limites constitucionais e não se determina por instruções ou cláusulas estabelecidas entre ele (ou o conjunto de representantes) e o eleitorado. As condições para o exercício do mandato e, no limite, seu conteúdo estão predeterminados na Constituição e apenas nela. Estritamente, nem sequer é possível falar em representação, pois não há uma vontade pré-formada. Há a construção de uma vontade, limitada apenas aos contornos constitucionais. (Eneida Desiree Salgado. Princípios constitucionais estruturantes do direito eleitoral. Tese de doutoramento. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2010. Internet: http://dspace.c3sl.ufpr.br, com adaptações).

84. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE – RJ/2012) O pronome "ele" tem como referente o nome "representante".

( ) Certo ( ) Errado

Certo – Substituindo para facilitar: *Além disso, não há propriamente mandato, pois a função do* representante *se dá nos limites constitucionais e não se determina por instruções ou cláusulas estabelecidas entre* ele – **o representante** – *(ou o conjunto de representantes) e o eleitorado.*

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) As perdas resultantes de assaltos são de 50 milhões de reais anuais. Já os crimes cujas armas são os computadores devem, em 2010, ser responsáveis por perdas de 900 milhões de reais, dezoito vezes mais que nos assaltos convencionais. (...) (André Vargas. Assalto.com.br, In: Veja, 24/11/2010, com adaptações).

85. ((CESPE – Delegado de Polícia – ES/2011) O pronome "cujas" poderia ser substituído por **onde**, sem que houvesse prejuízo semântico ou sintático para o texto.

( ) Certo ( ) Errado

Errado – Em itens assim, nem é preciso voltar ao texto. Por quê? Porque os pronomes que retomam termos são: **que, quem, o (a) qual, os (as) quais.** O **cujo** concorda com o termo posterior, ou seja, nunca poderá ser substituído por pronome algum. É ímpar.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) Segundo o economista argentino Kliksberg, o círculo perverso da iniquidade só será rompido quando enxergarmos a pobreza como uma violação dos direitos humanos, contra a qual é preciso lutar diariamente. (Entrevista de Bernardo Kliksberg a CartaCapital, 12/5/2010, com adaptações).

86. (CESPE –Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) O uso de "a qual" em lugar de o que tem a vantagem de deixar claro que a luta diária deve ser contra a "pobreza" ou contra a "violação", não contra os "direitos humanos".

( ) Certo ( ) Errado

Certo – O pronome relativo **a qual** é, no texto, substitutivo de **pobreza** ou de **violação**. Ordem direta: É preciso lutar diariamente contra a pobreza e a violação dos direitos humanos.

Considerando a organização das ideias e estruturas linguísticas do texto, julgue os seguintes itens.

Inovar é recriar de modo a agregar valor e incrementar a eficiência, a produtividade e a competitividade nos processos gerenciais e nos produtos e serviços das organizações. Ou seja, é o fermento do crescimento econômico e social de um país. Para isso, é preciso criatividade, capacidade de inventar e coragem para sair dos esquemas tradicionais. Inovador é o indivíduo que procura respostas originais e pertinentes em situações com as quais ele se defronta. É preciso uma atitude de abertura para as coisas novas, pois a novidade é catastrófica para os mais céticos. Pode-se dizer que o caminho da inovação é um percurso de difícil travessia para a maioria das instituições. Inovar significa transformar os pontos frágeis de um empreendimento em uma realidade duradoura e lucrativa. A inovação estimula a comercialização de produtos ou serviços e também permite avanços importantes para toda a sociedade. Porém, a inovação é verdadeira somente quando está fundamentada no conhecimento. A capacidade de inovação depende da pesquisa, da geração de conhecimento. É necessário investir em pesquisa para devolver resultados satisfatórios à sociedade. No entanto, os resultados desse tipo de investimento não são necessariamente recursos financeiros ou valores econômicos, podem ser também a qualidade de vida com justiça social. (Luís Afonso Bermúdez, O fermento tecnológico. In: Darcy. Revista de jornalismo científico e cultural da Universidade de Brasília, novembro e dezembro de 2009, p, 37, com adaptações).

87. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) Subentende-se da argumentação do texto que o pronome demonstrativo, no trecho "desse tipo de investimento" (final do texto), refere-se à ideia de "fermento do crescimento econômico e social de um país" (segundo período).

Errado – Se foi usado o pronome demonstrativo anafórico esse (retoma ideias), este se refere ao período anterior *investir em pesquisa para devolver resultados satisfatórios à sociedade.*

88. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) No quarto período, o segmento "as quais" remete a "situações" e, por isso, admite a substituição pelo pronome que; no entanto, nesse contexto, tal substituição provocaria ambiguidade.

( ) Certo ( ) Errado

Errado – Ele se defronta com as situações: refere-se às situações; o pronome poderia ser substituído por

que, mas, ao contrário do que se afirma no item, **não provoca ambiguidade.**

Atenção! Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.

(...) Evidentemente, isso leva a perceber que há um conflito entre a autonomia da vontade do agente ético (a decisão emana apenas do interior do sujeito) e a heteronomia dos valores morais de sua sociedade (os valores são dados externos ao sujeito). Esse conflito só pode ser resolvido se o agente reconhecer os valores de sua sociedade como se tivessem sido instituídos por ele, como se ele pudesse ser o autor desses valores ou das normas morais, pois, nesse caso, ele será autônomo, agindo como se tivesse dado a si mesmo sua própria lei de ação. (Marilena Chaui. Uma ideologia perversa. In: Folhaonline, 14/3/1999, com adaptações).

89. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STF/2008) A organização das ideias no texto mostra que, em suas duas ocorrências, o pronome "ele" refere-se textualmente a "agente".

( ) Certo ( ) Errado

Certo – "agente" é sujeito da oração anterior os dois pronomes substituem o sujeito nas orações seguintes. (obs.: agora você vê porque "Uma ideologia *perversa*"!)

Atenção! Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.

(...) Parece que se busca conforto na condição de coisa. Se eu for objeto, isto é, se eu for natureza, meus males independem de minha vontade. Aliás, o que está em discussão não é tanto o que os causou, mas como resolvê-los: se eu puder solucioná-los com um remédio ou uma cirurgia,não preciso responsabilizar-me, a fundo, por eles. Tratarei a mim mesmo como um objeto. (...) (Roberto Janine Ribeiro. A cultura ameaçada pela natureza. Pesquisa Fapesp Especial, p. 40, com adaptações).

90. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STF/2008) A função sintática exercida por "a mim mesmo", em "Tratarei a mim mesmo" corresponde a **me** e, por essa razão, também seria gramaticalmente correta a seguinte redação: Tratarei-me.

( ) Certo ( ) Errado

Errado – Deveria ocorrer mesóclise, pois o verbo está no futuro: Tratar-me-ei.

Atenção! Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.

Em um artigo publicado em 2000, e que fez muito sucesso na Internet, Cristovam Buarque desenhava um idílico mundo futuro, liberto das soberanias nacionais, em que tudo seria de todos. (...) (Roberto Pompeu de Toledo. Amazônia: premissas para sua entrega. In: Veja, 28/5/2008, com adaptações).

91. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2008) Mantém-se a correção gramatical do texto e respeitam-se suas relações argumentativas ao se substituir "em que" por onde.

( ) Certo ( ) Errado

Certo – Em que = preposição + pronome relativo e equivale a **onde** sempre que retoma lugar.

Atenção! Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.

(...) Pode-se dizer, no que concerne à complexidade, que há um polo empírico e um polo lógico e que a complexidade aparece quando há simultaneamente dificuldades empíricas e dificuldades lógicas. (...) (Edgard Morin. Epistemologia da complexidade. In: Dora FriedSchnitman(Org.). Novos paradigmas, cultura e subjetividade. Porto Alegre: Artmed, 1996, p, 274, com adaptações).

92. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2008) Reforça-se a ideia de possibilidade, coerente com a argumentação desenvolvida no texto, e mantém-se sua correção gramatical, ao se utilizar, em lugar de "Pode-se dizer", o tempo verbal de futuro do pretérito, da seguinte forma: Poderia-se dizer.

( ) Certo ( ) Errado

Errado – Não reforçaria a argumentação do texto e não manteria a correção gramatical. Poder-se-ia (mesóclise): verbo no futuro.

Trecho para a próxima questão.

Um cenário polêmico é embasado no desencadeamento de um estrondoso processo de exclusão, diretamente proporcional ao avanço tecnológico, cuja projeção futura indica que a automação do trabalho exigirá cada vez menos trabalhadores implicados tanto na produção (...) (Gilberto Lacerda Santos. Formação para o trabalho e alfabetização informática. In: Linhas Críticas, v. 6, n.° 11, jul/dez, 2000, com adaptações).

93. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2008) Devido às relações de sentido entre as palavras do texto é correta a substituição do pronome "cuja" pela preposição de para expressar noção de posse entre "avanço tecnológico" e "projeção futura".

( ) Certo ( ) Errado

Errado – Não é correta a substituição do pronome pela preposição. Trunca o sentido e fere a concordância. A posse é do termo anteposto: a **proteção futura do avanço tecnológico** indica que a automação do trabalho exigirá cada vez manos trabalhadores.

Trecho para a próxima questão.

(...) Baseando-se unicamente nessa perspectiva, pode-se supor que a sociedade tecnológica seria caracterizada por um contexto no qual o trabalho passaria a ser uma necessidade (...) (Gilberto Lacerda Santos. Formação para o trabalho e alfabetização informática. In: Linhas Críticas, v. 6, n.° 11, jul/dez, 2000, com adaptações).

94. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2008) Mantém-se a noção de voz passiva, assim como a correção gramatical, ao se substituir "seria caracterizada" por caracterizaria-se.

( ) Certo ( ) Errado

Errado.

✪ **Nota da autora:** Questão de pronome e voz verbal. Não mantém a correção gramatical correta, pois o verbo está no futuro e deve ocorrer mesóclise (pronome no meio do verbo) = caracterizar-se-ia. Quanto à voz verbal, transpõe-se da passiva analítica para a sintética.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...)

Segundo o juiz, as medidas que tomou são previstas pela Lei de Execução Penal e objetivam acabar com a violação dos direitos humanos da população carcerária e "abrir o debate a respeito da regionalização dos presídios". Ele alega que muitos presos das penitenciárias da região são de famílias pobres da Grande São Paulo, que não dispõem de condições financeiras para visitá-los semanalmente, o que prejudica o trabalho de reeducação e de ressocialização. ( ) Estado de S. Paulo, 13/1/2008, p. A3, com adaptações)

95. (CESPE – Delegado de Polícia – AC/2008) No trecho "para visitá-los semanalmente", o pronome refere-se a "presos".

( ) Certo ( ) Errado

Certo – A forma do pronome *los*, refere-se a presos com função de objeto direto do verbo visitar = verbo terminado em *r*, acrescentando-se o *l* = visitá-los (visitar os presos)

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

À semelhança do Brasil, o Acre compõe-se de uma grande diversidade de povos indígenas, cujas situações frente à sociedade nacional também são muito variadas. Enquanto a grande maioria dos grupos se encontra em contato permanente ou regular com a população regional (mestiça ou branca), alguns ainda são classificados pelo órgão indigenista como "isolados". (...) (José Pimenta. Internet: ambienteacreano.blogspot.com, com adaptações).

96. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Rio Branco – AC/2007) A substituição de "cujas" por **as quais** mantém a correção gramatical do período e as relações lógicas originais.

Errado – O pronome relativo **cujas** refere-se a **situações** e indica posse de seu antecedente: as situações dos povos indígenas. Detalhe: em itens assim, nem é preciso voltar ao texto, pois o relativo cujo sempre irá referir-se ao termo anterior, enquanto os pronomes que, o(a) qual e os(as) quais irão se referir ao termo posterior.

A partir do texto, julgue a questão.

O Brasil, em toda sua imensa extensão territorial, é uma nação pluricultural, principalmente pelas diversas etnias que o formaram. (Moema Nascimento Queiroz. A educação patrimonial como instrumento de cidadania. Internet: http://www.revistamuseu.com.br/artigos. Acesso em 3/8/2004, com adaptações)

97. (CESPE – Defensor Público – DPU/2004) Embora sejam parcialmente alterados os sentidos, a construção textual admite que se substitua o pronome "o" por "a", sem que se prejudique sua correção gramatical ou a coerência da argumentação.

( ) Certo ( ) Errado

Certo – A substituição de "o" pelo "a" é perfeitamente possível sem que sejam prejudicadas a correção gramatical e a coerência textual, uma vez que o pronome pode se referir tanto ao substantivo masculino "Brasil", como ao substantivo feminino "nação".

Atenção! Julgue a questão, relativa ao trecho.

[...] Nossa cultura vem sendo transmitida através das sucessivas gerações, sempre se renovando e se recriando em um processo rico e dinâmico, propiciando à nação a possibilidade de construir sua própria identidade. E a manifestação dessa identidade se revela através do nosso Patrimônio Cultural, que não se restringe somente aos bens culturais... (Moema Nascimento Queiroz. A educação patrimonial como instrumento de cidadania. Internet: http://www.revistamuseu.com.br/artigos. Acesso em 3/8/2004, com adaptações).

98. (CESPE – Defensor Público – DPU/ 2004) O pronome "se" está empregado em sua função reflexiva: nas duas primeiras ocorrências referindo-se a "cultura"; na terceira, referindo-se a "manifestação", e, na quarta, referindo-se a "Patrimônio Cultural".

( ) Certo ( ) Errado

Certo – O pronome "se" será reflexivo quando o sujeito praticar a ação sobre si mesmo.

▶ **Dica** – Encaixar as expressões "ele(a) próprio(a), ele(a) mesmo(a)

"...nossa cultura [...], sempre se renovando e se recriando..."

"[...] E a manifestação [...]se revela..."

"..nosso Patrimônio Cultural, que não se restringe..."

Atenção! Julgue a questão, relativa ao trecho.

(...) procurei respeitar a agenda intelectual e pública de minha geração, mas não abdiquei de aproximá-la de minhas perplexidades pessoais, que consistiam em minha pauta (...) (Idem, ibidem, p. 55, com adaptações).

99. (CESPE – Defensor Público – DPU/ 2001) O pronome relativo "que" retoma a ideia de "perplexidades pessoais" e funciona, sintaticamente, como sujeito da oração.

( ) Certo ( ) Errado

Certo – O pronome relativo "que" retoma o termo antecedente "perplexidades pessoais" que, por sua vez, é o sujeito da oração. Como saber? Fazendo a pergunta ao verbo. Veja abaixo:

O que consistiam em minha pauta?

Minhas perplexidades pessoais consistiam em minha pauta.

2.3. FUNRIO

100. (FUNRIO – Analista do Seguro Social – INSS/2013) Assinale o item em que a palavra algum(as) se diferencia dos demais em significação e sentido:

(A) Algum dado importante faltou ao cadastro do candidato?

(B) Algum desejo do infeliz melhor seria que nunca tivesse se concretizado.

(C) Recebi algum informe importante e decisivo sobre o assunto em pauta.

(D) Naquela altura dos acontecimentos, remédio algum lhe mitigaria a dor que sentia.

(E) Traziam na velha mala de couro algum dinheiro para realizar a compra da fazendola.

Alternativa correta: letra "d" – Questão bem tranquila por se tratar de sentido positivo e negativo. Não precisa divagar, leitor.

- *Remédio algum* equivale a *nenhum remédio*: sentido negativo = não há remédio.

Alternativa "a" – Algum dado = há dado.

Alternativa "b" – Algum desejo = há desejo.

Alternativa "c" – Algum informe = há informe.

Alternativa "e" – Algum dinheiro = há dinheiro.

2.4. MPE

101. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) Considerando que o verbo "abraçar" é transitivo direto no sentido de "apertar com os braços", o pronome oblíquo destacado está corretamente empregado na frase a seguir: Na visita ao Sumo Pontífice, a mandatária argentina apesar de muito **lhe** querer abraçar, conteve-se a tempo.

( ) Certo ( ) Errado

Errado – abraçar = VTD (quem abraça, abraça alguém)

Abraçar + o = Abraçá-lo *(verbos terminados em r, exclui-se esta letra e acrescenta-se "l" ao pronome)*

"... apesar de muito querer abraçá-lo..."

102. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) *"No período a seguir, o pronome relativo a qual retoma o termo última enchente, concordando em gênero e número com o relativo".* Como membro da comissão responsável pela análise e distribuição dos recursos liberados pelo Ministério das Cidades para as vítimas da última enchente, gostaria de informá-los sobre a decisão, a qual julgo mais importante, resultante da reunião realizada nesta segunda-feira, dia 18/03.

( ) Certo ( ) Errado

Errado – a qual = pronome relativo que retoma o termo "a decisão".

103. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) Os períodos simples "O governador do Rio de Janeiro não considera a penúria fiscal dos demais estados" e "Nós lutamos contra a proposta do governador do Rio de Janeiro" podem ser combinados em um único período por meio do pronome relativo cuja, como em: *O governador do Rio de Janeiro, contra cuja proposta nós lutamos, não considera a penúria fiscal dos demais estados.*

( ) Certo ( ) Errado

Certo – a construção de um período composto a partir da união de dois períodos simples está de acordo com as normas cultas, uma vez que coesão e coerência foram mantidas no texto, além da correção gramatical. Destaca-se o uso correto do pronome relativo "cuja" que se refere ao termo posterior (proposta) e está devidamente combinado com a preposição "contra", pois dela faz parte quando se diz: "...lutamos contra a proposta..." o que resultará em "...contra cuja proposta nós lutamos."

104. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) Em *"Não se deve exigir do advogado qualquer tipo de procedimento para o exercício de um direito previsto legalmente"*, no sintagma verbal destacado há um pronome proclítico, exigido pela palavra não. No entanto, por se tratar de uma locução verbal, o pronome oblíquo pode ser deslocado para depois do verbo principal ou ainda para o meio da locução verbal. (Extraído da Revista Visão Jurídica, número 82, p. 11).

( ) Certo ( ) Errado

Certo – As locuções verbais são compostas por um verbo auxiliar (flexionado) + verbo principal em uma de suas formais nominais (infinitivo, gerúndio ou particípio). A colocação pronominal em tempos compostos deverá seguir as mesmas regras válidas para os tempos simples.

▶ Dica – Verbo Principal no Infinitivo ou Gerúndio:

▶ Sem palavra atrativa que exija a próclise:

Geralmente, emprega-se o pronome após a locução. Exemplo:

Quero ajudar-lhe ao máximo.

- Com palavra atrativa que exija próclise:

O pronome pode ser colocado antes ou depois da locução. Exemplos:

Nunca me viram cantar.

Não se deve exigir... (antes)

Não pretendo falar-lhe sobre negócios.

Não deve exigir-se... (depois)

105. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013)

Tampouco a doutrina e a jurisprudência trabalhista cuidam frequentemente da questão, posto que trata-se de um tema relativamente isolado e também em razão de não ser tão comum o fato de o profissional de nível singular postular diante da Justiça Especializada do Trabalho. (Extraído da Revista Visão Jurídica, número 82. p. 13).

Em relação ao período anterior, há um desvio às normas gramaticais, em relação às orientações do padrão culto da língua escrita, quanto à sintaxe de colocação pronominal, o que não implica transgressão às regras gramaticais.

( ) Certo ( ) Errado

Errado – o pronome relativo "que" é partícula atrativa no que diz respeito à colocação pronominal, ou seja, o pronome deverá assumir a posição anterior ao verbo, chamada próclise.

106. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2012)
Analise cada item de acordo com a colocação dos pronomes oblíquos átonos no texto:

I. Quero conhecer **o cantor mais famoso dos Beatles**.

Quero conhecer-**lhe**.

II. O filho perdoou **aos seus pais** pelos erros que cometeram.

O filho perdoou-**os** pelos erros que cometeram.

III. Eu paguei **ao empregado** o salário merecido.

Eu **lhe** paguei o salário merecido.

IV. Os candidatos fizeram **suas inscrições para o concurso**.

Os candidatos fizeram-**nas**.

V. Convencerei **meu cliente** de que a solução não será justa.

O convencerei de que a solução não será justa.

(A) Apenas as assertivas III e IV estão corretas.

(B) Apenas as assertivas III e I estão corretas.

(C) Apenas as assertivas III, IV e V estão corretas.

(D) Apenas a assertiva I está correta.

(E) Todas as assertivas estão corretas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

III. O pronome oblíquo átono lhe(s) é usado como complemento, ou seja, objeto indireto, aquele que exige preposição.

Eu paguei ao empregado o salário merecido. (quem paga, paga algo a alguém) g O.I.

Eu lhe paguei o salário merecido. g O.I.

IV. Os pronomes oblíquos átonos "o(s)" e "a(s)" são usados como complemento, ou seja, objeto direto (sem preposição).

Os candidatos fizeram suas inscrições para o concurso. (quem faz, faz algo) g O.D.

Os candidatos fizeram-nas. g O.D. [verbo terminado em sons nasais "m"= n + a (s)]

Alternativas "b", "c", "d" e "e":

I. quem conhece, conhece alguém (O.D. = o) e não a alguém.

II. quem perdoa, perdoa alguém (O.D. = o) e não a alguém.

V. quem convence, convence alguém (O.D. = o). O pronome eleito para esta questão está correto; no entanto, o erro está na colocação pronominal. Nunca se deve iniciar uma oração com o pronome pessoal oblíquo átono. E, especialmente neste caso em que o verbo está no Futuro do Presente do Indicativo, o correto é a mesóclise (pronome no meio do verbo):

Convencê-lo-ei de que a solução não será justa.

107. (MPE – MS – Promotor de Justiça – MS/2011)
Das frases abaixo:

1) A filha é tal quais os pais.

2) Os funcionários da empresa trabalham tal qual o empresário.

3) Há vagas bastantes para todos os interessados em participar do congresso.

4) Os candidatos tomaram bastantes cuidados com a alimentação antes da prova.

(A) somente um item está correto;

(B) somente dois itens estão corretos;

(C) somente três itens estão corretos;

(D) todos os itens estão corretos;

(E) todos os itens estão errados.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

Itens 1 e 2. Há duas formas igualmente corretas para a expressão "tal qual". Vejamos:

Existe o plural da expressão tal qual, haja vista que seus constituintes se classificam, respectivamente, como um pronome demonstrativo (tal) e um relativo (qual), sendo ambos passíveis de flexão de número (singular ou plural). Observe, no entanto, que a flexão pode ocorrer, simultaneamente, em ambos os termos ou em apenas um:

- O Gustavo é tal quais os pais.
- Eles eram tais qual o personagem daquele filme.
- Pâmela, na fase adulta, será tal quais suas primas.

A locução **tal qual** tem plural, sim, mas nem sempre esse plural é usado. É corrente o emprego de tal qual invariável, como partícula (conjunção comparativa), ou seja, o filho é tal qual o pai = o filho é como o pai; fizeram tal qual mandei = fizeram como mandei. Surge daí a forma evoluída, invariável:

- Os filhos são tal qual os pais.
- Os funcionários da empresa trabalham tal qual o empresário.

Itens 3 e 4 – Há quatro funções para a palavra "bastante".

- adjetivo (depois de um substantivo) = flexiona em número (singular ou plural) com o substantivo a que se refere e pode ser substituído por "muitos" ou "poucos".

  Há vagas bastantes (= muitas vagas)
- pronome indefinido (antes de um substantivo) = deverá concordar com o substantivo. Alguns gramáticos preferem evitar o uso de "bastante" como pronome indefinido, substituindo-o por "muitos".

  Ele tem bastantes problemas para resolver. (= muitos problemas)

  Os candidatos tomaram bastantes cuidados. (= muitos cuidados)
- advérbio = invariável, indicando intensidade e podendo ser substituído por "muito" ou "suficiente".

  Eles estão bastante integrados ao grupo. (muito)
- substantivo masculino = aquilo que basta, que é suficiente. Virá sempre acompanhado do artigo masculino "o"

  Nada que os pais façam é o bastante para ele. (suficiente)

Alternativas "a", "b", "c" e "e" – eliminadas diante da alternativa "d"

---

108. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2011) Substituindo-se a expressão destacada em *"apresentam o elemento da compaixão a alguém"* (trecho extraído da Entrevista de Luciano Fincatti Santoro à Revista Visão Jurídica, n. 64, p.10) por um pronome oblíquo, tem-se:

I. apresentam-no a alguém

II. apresentam-lhe a alguém

III. apresentam-lo a alguém

IV. apresentam-o a alguém

V. apresentam-lhes a alguém

(A) Apenas as assertivas I e II estão corretas.

(B) Apenas a assertiva III está correta.

(C) Apenas as assertivas II e V estão corretas.

(D) Apenas a assertiva I está correta

(E) Todas as assertivas estão corretas.

Alternativa "d": correta – neste caso, o verbo apresentar é VTDI (bitransitivo) e pede dois complementos: objeto direto e objeto indireto. (quem apresenta, apresenta algo (O.D.) a alguém (O.I.).

Para a composição do verbo + objeto, há algumas regras. Os pronomes o, os, a, as assumem formas especiais depois de certas terminações verbais.

- Verbos terminados em – z, – s ou – r: o pronome assume a forma lo, los, la ou las, ao mesmo tempo que a terminação verbal é suprimida. Exemplos:

fiz	+	o	=	fi-lo
fazeis	+	o	=	fazei-lo
dizer	+	a	=	dizê-la

- Verbos terminados em som nasal: o pronome assume as formas no, nos, na, nas. Exemplos:

viram	+	o	=	viram-no
repõe	+	os	=	repõe-nos
retém	+	a	=	retém-na
tem	+	as	=	tem-nas

"apresentam o elemento da compaixão a alguém" g O.D. O.I. g *(sem preposição) (com preposição)* g "apresentam-no"

Alternativas "a", "b", "c" e "e" – eliminadas diante da explicação da alternativa "d".

2.5. FUNCAB

Leia o texto abaixo e responda à questão proposta.

Afinal, a tortura funciona ou não funciona? O existencialista Jean-Paul Sartre disse – e, **nisso**, *estava certo – que a tortura era o mal do século XX. Morto em 1980, Sartre não viveu para testemunhar as tentativas às vezes pouco sutis de promover a tortura ao status de mal menor do século XXI. [Nos Estados Unidos] a questão acabou ganhando o enfoque da eficácia em decorrência da disputa política. A maioria dos republicanos defende o combate ao terror deflagrado pelo presidente George W. Bush,* **cujo** *governo legalizou as chamadas "técnicas aprimoradas" de interrogatório. Entre elas, inclui-se a "simulação de afogamento", tortura antiga, documentada pela primeira vez no século XIV, e aplicada com requintes de profissionalismo na Inquisição espanhola. Em geral, os republicanos consideram que as "técnicas aprimoradas" foram úteis para selar a vitória americana sobre a Al Qaeda e descobrir o esconderijo de Bin Laden.*

A maioria dos democratas, que hoje se opõem às políticas antiterror de Bush, mas nem sempre **o** *fizeram no calor da hora, acha que as "técnicas aprimoradas" não passam de eufemismo para a tortura – no que estão cobertos de razão. E alegam que a vitória sobre a Al Qaeda e a morte de Bin Laden não têm nada a ver com a tortura de suspeitos, e sim com anos de trabalho minucioso de inteligência. [...]*

As democracias ocidentais – e os Estados Unidos entre **elas**, *é claro – são moralmente superiores aos terroristas da Al Qaeda e seus protetores. Elas atuam sob o império da lei, sob a égide de uma Constituição, dão satisfação à opinião pública e, flagradas no erro, abrem investigações, punem os infratores e tentam corrigir o rumo. Soldados americanos torturaram guerrilheiros vietcongues. Foram processados e punidos. A França pagou um alto preço pelo uso da tortura na guerra da Argélia. Nada disso, como se sabe, acontece no universo do terrorismo. É exatamente por esse motivo que é relevante para o mundo analisar o tratamento moral e jurídico que as democracias – e os Estados Unidos entre elas, é claro – dão à tortura. Infelizmente, a discussão sobre* **sua** *eficácia contém uma armadilha. Lembra a célebre "parábola da bomba-relógio": o terrorista preso sabe onde está a bomba que, em pouco tempo, vai explodir e matar milhares de inocentes. É moralmente aceitável torturá-lo para que revele onde está a bomba e assim salvar vidas inocentes?*

"Isso é uma fábula", diz o filósofo francês Michel Terestchenko, autor de O Bom Uso da Tortura, em que discute a prática dos suplícios da atualidade. Fábula porque a parábola não existe na vida real.

Primeiro, é preciso ter certeza de que há uma bomba. Segundo, ter certeza de que o terrorista sabe onde ela está. Terceiro, ter certeza de que, uma vez torturado, o terrorista dará a informação correta. No mundo insondável do terror, a certeza tríplice é uma quimera. Por trás da charada – assim como por trás da eficácia dos suplícios –, esconde-se uma tentativa de legitimar a tortura. Escreveu o jornalista Elio Gaspari em A Ditadura Escancarada, livro em que disseca a tortura sob o regime militar no Brasil: "É um truque de lógica. Finge demonstrar a necessidade da tortura quando, na realidade, o que busca é a sua inimputabilidade". É claro que a tortura, às vezes, é eficaz. Em outras, é ineficaz. Mas em qualquer situação é crime. (PETRI, Andre. Rev. Veja: 19/12/2012, p. 130-132.)

109. (FUNCAB – Delegado de Polícia – ES/2013) Entre os pronomes em destaque, aquele que faz referência, não ao que se disse anteriormente no texto, mas ao que vai ser dito em seguida, é:

(A) e, NISSO, estava certo

(B) CUJO governo legalizou as chamadas "técnicas aprimoradas" de interrogatório

(C) mas nem sempre O fizeram no calor da hora

(D) e os Estados Unidos entre ELAS, é claro

(E) a discussão sobre SUA eficácia contém uma armadilha

Alternativa "a": correta – "Peguinha"! Pronome demonstrativo anafórico: retoma ideia citada anteriormente. No texto, como está intercalado, refere-se à ideia posterior: Afinal, a tortura funciona ou não funciona? O existencialista Jean-Paul Sartre disse – e, **nisso**, estava certo – que a tortura era o mal do século XX.

Alternativa "b" – O pronome relativo **cujo** concorda com o termo posterior e indica posse do anterior: O governo de George W. Bush legalizou as chamadas "técnicas aprimoradas" de interrogatório.

Alternativa "c" – A maioria dos democratas, que hoje se opõem às políticas antiterror de Bush, mas nem sempre **o** fizeram no calor da hora, acha que as "técnicas aprimoradas" não passam de eufemismo para a tortura – no que estão cobertos de razão.

Alternativa "d" – As democracias ocidentais – e os Estados Unidos entre **elas**, é claro.

Alternativa "e" – É exatamente por esse motivo que é relevante para o mundo analisar o tratamento moral e jurídico que as democracias – e os Estados Unidos entre elas, é claro – dão à tortura. Infelizmente, a discussão sobre **sua** eficácia contém uma armadilha.

2.6. DOM CINTRA

Atenção! O texto refere-se à questão posterior.

Consumismo jovem

Os jovens estão se endividando. Segundo pesquisa da Associação Comercial de São Paulo, 67% dos inadimplentes têm menos de 35 anos e 240% têm entre 26 e 30 anos.

Mais do que um levantamento estatístico ou curiosidade, tais números expressam uma realidade preocupante: a falta de educação para o consumo. Sem isso, o jovem compra acima de suas possibilidades e talvez prossiga nesse desequilíbrio quando for mais velho.

Além disso, essas pessoas não estão se endividando para comprar bens tecnológicos como computadores ou aparelhos que aumentem o conforto e a segurança no lar. Nada disso. Torraram dinheiro com roupas e calçados. O terceiro item da lista também é uma advertência, por si só: empréstimo pessoal.

A agiotagem é um dos negócios que mais se desenvolvem nos municípios brasileiros, com a oferta de dinheiro fácil, a juros extorsivos, para ávidos consumidores, principalmente das classes C e D.

Dever desde os primeiros anos de carteira de trabalho assinada é uma péssima tendência para o futuro. Hábitos de poupança não são estimulados nem valorizados aqui.

É evidente que todos querem consumir. Não há crime algum nisso, até porque, sem compras, não há produção nem empregos. A economia fica estagnada e o país caminha para trás. Certamente não defendo tal comportamento.

Mas o consumismo desenfreado é péssimo para as pessoas e para o ambiente e indica um descontrole que pode, sem trocadilho, custar muito caro.

Há situações que precipitam a inclusão do consumidor em listas de devedores. Desemprego e despesas inesperadas, provocadas por doenças, são totalmente compreensíveis. Planejar as compras, contudo, poderia evitar a maioria dos casos de inadimplência.

Prestações que "caibam no bolso", sem verificação do quanto se paga a mais por essa aparente facilidade; crédito rotativo dos cartões; e empréstimos em geral, inclusive os consignados, são alguns dos caminhos mais rápidos para estourar os orçamentos pessoais e familiares.

Falta, também, uma lei que proíba a concessão de crédito sem exigência de garantias. Porque não há milagre em finanças. Se uma empresa não exige comprovação de renda e bens que garantam o empréstimo, só há uma explicação plausível: ela compensa o risco de calote cobrando juros de agiota.

Agiotagem é crime e não deveria ser permitida.

Antes de chegar à faixa etária que tem mais devedores na pesquisa da ACSp, jovens frequentam escolas e universidades. São orientados sobre os riscos do consumo de drogas, do tabagismo e do alcoolismo e para a importância de preservar o ambiente. Muitas vezes, têm aulas sobre cidadania, política e grandes desafios mundiais, como a escassez de água e as guerras religiosas. Por que não recebem mais subsídios sobre consumo consciente, não somente com foco ambiental, mas também em relação à proteção de seus bolsos e à aplicação do Código de Defesa do Consumidor?

Também nessa área é tolice imaginar que as autoridades resolvam tudo, Não solucionam nem problemas gravíssimos como filas nos corredores dos hospitais públicos e transporte coletivo superlotado...

Os pais deveriam ajudar nesse processo educativo, mas, convenhamos, nem os adultos escapam do excesso de compras. Então, não é uma surpresa saber que os mais novos não conseguem pagar suas contas em dia.

Perder o crédito é um desastre para qualquer pessoa. Fecha as portas para a aquisição até de produtos fundamentais, totalmente necessários, como alimentos e medicamentos. Carimba os consumidores como devedores e isso tem repercussões em todos os segmentos da vida, inclusive o profissional.

Isso não pode, então, ser visto como mais uma tendência ou consequência da inclusão social. O papel aceita tudo. Fazer as contas e não assumir compromissos superiores à renda não é caretice. É uma das condições para um futuro melhor, sem sobressaltos, sem cobradores e sem insônia. Não desejamos novas gerações repletas de devedores. (DOLCI, Maria Inês. Folha de São Paulo. Folhainvest. 17/10/11, p. B8.)

110. (Procurador do Município – Prefeitura Petrópolis – RJ/2012 – Dom Cintra) No trecho "Prestações QUE 'caibam no bolso'" (parágrafo 9), observa-se que o pronome relativo em caixa alta substitui o substantivo que o antecede, relacionando sintaticamente os termos do período e dando coesão ao discurso. Dos pronomes destacados nos trechos abaixo extraídos do texto, aquele que NÃO substitui o termo indicado ao lado é:

(A) "Sem isso, o jovem compra acima de suas possibilidades e talvez prossiga NESSE desequilíbrio quando for mais velho." (parágrafo 2) / a falta de educação para o consumo;

(B) "Nada DISSO." (parágrafo 3) / comprar bens tecnológicos ou aparelhos que aumentem o conforto e a segurança no lar;

(C) "Não há crime nenhum NISSO" (parágrafo 6) / em consumir;

(D) "mas também em relação à proteção de SEUS bolsos" (parágrafo 12) / dos jovens;

(E) "Também NESSA área é tolice imaginar que as autoridades resolvam tudo." (parágrafo 13) / os jovens receberem mais subsídios sobre consumo consciente.

Alternativa "a": correta – Nesse (preposição **em** + pronome demonstrativo **esse**) não substitui o termo *a falta de educação para o consumo*, mas sim as ideias citadas nos períodos anteriores. É anafórico (retoma ideia). O catafórico cita ideias.

Alternativa "b" – Disso substitui *comprar bens tecnológicos ou aparelhos que aumentem o conforto e a segurança no lar.*

Alternativa "c" – Nisso substitui *em consumir.*

Alternativa "d" – Seus substitui *dos jovens.*

Alternativa "e" – Nessa substitui *os jovens receberem mais subsídios sobre consumo consciente.*

2.7. IVIN

111. (Procurador do Município – Prefeitura Teresina – PI/2012 – IVIN) A opção em que a colocação do pronome pessoal oblíquo átono foi feita de acordo com o padrão culto da língua é:

(A) Me causava preocupação observar os desvios de conduta do corpo discente da escola.

(B) Apesar de agridirem-se o diretor nada fez para coibir tal comportamento.

(C) Nem os jurados nem os advogados falou – nos o que precisávamos ouvir sobre o réu.

(D) Não se vá desta forma repentina, sua ausência como aluno é um vazio incomparável.

Alternativa "d": correta – A colocação do pronome átono **se** está correta em razão da negativa **não** que antecede a forma verbal **vá.** Ocorre a próclise com o pronome oblíquo átono se houver, antes do verbo, palavras negativas, advérbios, pronomes relativos, indefinidos e conjunções subordinativas.

Alternativa "a" – Não se inicia frase com o pronome oblíquo.

Alternativa "b" – O pronome **se** deveria vir proclítico (antes do verbo), pois a forma verbal **agredirem** está antecedida de *Apesar de*, conjunção concessiva.

Alternativa "c" – O pronome átono **nos** deveria estar proclítico ao verbo, devido à negativa ***nem** os jurados **nem** os advogados* que antecede o verbo.

2.8. FGV

Charge para a questão.

112. (FGV – 2014)

A fala do menino inclui a frase "Eu quero ir para esse lugar aí...".

Nesse caso, emprega-se a forma esse do demonstrativo porque

(A) se refere a algo distante no tempo.

(B) se refere a algo distante no espaço.

(C) se refere a algo socialmente distante.

(D) se refere a algo anteriormente expresso.

(E) se refere a algo dito ironicamente.

Questão de pronome demonstrativo.

GABARITO: D

- O pronome demonstrativo, na charge, refere-se à ideia e tal ideia foi expressa na frase escrita no muro, ou seja, já foi mencionada.

▶ **Dica:**

Pronome demonstrativo para ideias

- Anáfora: retoma ideia e pode ser frases, períodos ou parágrafo. Usa-se **isso**.
- Catáfora: refere-se à ideia que será citada. Usa-se **isto**.

Fixe: **cat**áfora **cita** / anáfora retoma.

Alternativa "a" – O demonstrativo não se refere a algo distante no tempo.

Alternativa "b" – Para se referir a algo distante no espaço, seria usado **aquele/aquilo.**

Alternativa "c" – Se interpretarmos, sim, mas não é o caso da questão, pois se trata de regra gramatical.

Alternativa "e" – O pronome demonstrativo não se refere a algo dito ironicamente, embora todos saibamos que um plano sem miséria é algo muito distante de nossa realidade social. Mais uma vez: a questão avalia a teoria gramatical, isto é, o porquê do uso do pronome demonstrativo.

113. (FGV) A alternativa que contraria a colocação pronominal exigida pelo padrão escrito culto é:

(A) os órgãos aos quais se destinam as verbas desenvolvem projetos de segurança pública.

(B) dever-se-ia refletir sobre a construção histórica da violência.

(C) não põe-se em prática uma adequada política de prevenção ao crime.

(D) o jovem prefeito foi-se afirmando no cenário político.

(E) o secretário vai enviar-lhe os resultados da pesquisa no início da semana.

Questão de colocação pronominal.

Resposta correta: C

– O advérbio (no caso, de negação) atrai o pronome oblíquo: **não se põe** em prática.

Alternativa "a" – O pronome relativo atrai o oblíquo: aos quais se destinam.

Alternativa "b" – Verbo no futuro sem palavra atrativa: mesóclise = dever-se-ia refletir.

Alternativa "d" – Verbo *ser* + gerúndio: foi-se afirmando.

Alternativa "e" – Vai enviar-lhe ou vai lhe enviar.

Leia o texto abaixo e responda à questão proposta.

Policial – mediador de conflitos

No momento em que começa a existir **essa** *transformação política e social, a compreensão da sociedade como um ambiente conflitivo, no qual os problemas da violência e da criminalidade são complexos, a polícia passa a ser demandada para garantir não mais uma ordem pública determinada, mas sim os direitos, como está colocado na constituição de 88. Nesse novo contexto, a ordem pública passa a ser definida também no cotidiano, exigindo uma atuação estatal mediadora dos conflitos e interesses difusos e, muitas vezes, confusos. Por isso, a democracia exige justamente uma função policial protetora de direitos dos cidadãos em um ambiente conflitivo. A ação da polícia ocorre em um ambiente de incertezas, ou seja, o policial, quando sai para a rua, não sabe o que vai encontrar diretamente; ele tem uma ação determinada a fazer e entra num campo de conflitividade social. Isso exige não uma garantia da ordem pública, como na polícia tradicional, sustentada somente nas ações repressivas, pelas quais o ato consiste em reprimir para resolver o problema. O campo de garantia de direitos exige uma ação mais preventiva, porque não tem um ponto determinado e certo para resolver. (Azor Lopes da Silva Junior).*

114. (FGV – Delegado de Polícia – MA/2012)

No momento em que começa a existir essa transformação política e social, a compreensão da sociedade como um ambiente conflitivo, no qual os problemas da violência e da criminalidade são complexos (...)

A presença do pronome demonstrativo essa na primeira frase desse segmento mostra que

(A) a transformação aludida está presente no momento em que o texto foi composto.

(B) esse segmento do texto não é o segmento inicial, já que se refere a algo dito antes.

(C) a transformação política e social acontecerá em futuro próximo.

(D) o autor apresenta uma visão depreciativa sobre a transformação referida.

(E) o autor do texto considera a transformação algo conhecido de todos.

Alternativa "b": correta – Perceba como cada instituição tem sua peculiaridade. Na questão anterior, ocorreu exatamente o contrário: o pronome anafórico referir-se-ia à ideia posposta. Aqui, fica claro que houve uma ideia citada anteriormente. A qual transformação o autor se refere? Apenas sabemos que é a transformação política e social, nada mais.

Alternativa "a" – Não está presente no momento.

Alternativa "c" – Está acontecendo.

Alternativa "d" – Não há relação com o emprego do pronome.

Alternativa "e" – Não há relação referência no texto.

115. (Delegado de Polícia – AP/ 2010 – FGV) A alternativa que contraria a colocação pronominal exigida pelo padrão escrito culto é:

(A) os órgãos aos quais se destinam as verbas desenvolvem projetos de segurança pública.

(B) dever-se-ia refletir sobre a construção histórica da violência.

(C) não põe-se em prática uma adequada política de prevenção ao crime.

(D) o jovem prefeito foi-se afirmando no cenário político.

(E) o secretário vai enviar-lhe os resultados da pesquisa no início da semana.

Alternativa "c": correta – O advérbio (no caso, de negação) atrai o pronome oblíquo: **não se põe** em prática.

Alternativa "a" – Alternativa "a" – O pronome relativo atrai o oblíquo: aos quais se destinam.

Alternativa "b" – Verbo no futuro sem palavra atrativa: mesóclise = dever-se-ia refletir.

Alternativa "d" – Verbo *ser* + gerúndio: foi-se afirmando.

Alternativa "e" – Vai enviar-lhe ou vai lhe enviar.

2.9. CONSULPLAN

Trechos para a próxima questão.

A tradição teológica e filosófica nunca conseguiu explicar o "mistério da iniquidade", a existência do mal como potência do desejo e da ação humanas.

Ora, a corrupção é o mal do nosso tempo. Curiosamente, ela aparece como uma nova regra de conduta, uma contraditória "moral imoral". Da governalidade aos atos cotidianos, o mundo da vida no qual ética e moral se cindiram há muito tempo transformou-se na sempre saqueável terra de ninguém.

Como toda moral, a corrupção é rígida. Daí a impossibilidade do seu combate por meios comuns, seja o direito, seja a polícia. Do contrário, meio mundo estaria na prisão. A mesma polícia que combate o narcotráfico nas favelas das grandes cidades poderia ocupar o Congresso e outros espaços do governo onde a corrupção é a regra.

(...)

Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque no sistema da corrupção o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro. (...) (Marcia Tiburi. Cult, dezembro de 2011)

116. (CONSULPLAN – Analista Judiciário – Área Judiciária – TSE/2012) Assinale a palavra que, no texto, NÃO exerça papel pronominal.

(A) onde

(B) muito

(C) qualquer

(D) outros

Alternativa "c": correta – Que belo "pega"! Se fosse qualquer ação, seria pronome indefinido. Ação qualquer é **adjetivo**.

Alternativa "a" – onde = em que, no qual: pronome relativo.

Alternativa "b" – Pronome indefinido.

Alternativa "d" – Pronome indefinido.

2.10 PONTUA

117. (Pontua Concursos – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE/SC/2011) Analise as ocorrências de "que" nos trechos a seguir:

I. o que fazer – Têm mais o que fazer.

II. Faz anos que confere no Google.

III. se saberia que jamais deixarão a atividade – De longe, parecem aposentados. Fossem ouvidos, se saberia que jamais deixarão a atividade.

Em qual(is) deles a palavra destacada é pronome relativo?

(A) Apenas no I e no III.

(B) Apenas no I.

(C) Apenas no III.

(D) Apenas no II e no III.

Alternativa "b": correta – Se na questão é pedido apenas o pronome relativo, obrigatoriamente, é preciso tentar substituir o que por o qual, a qual, os quais, as quais.

No item I, têm mais aquilo o qual fazer. Difícil entender?

Aqui há uma clássica *pegadinha* de concurso público: sempre que o pronome demonstrativo O ou

A vier seguido da palavra QUE, serão classificados, respectiva e morfologicamente, como pronome demonstrativo + pronome relativo.

Exemplo: Ela foi a que mais estudou para a prova = Ela foi aquela a qual mais estudou para a prova. Ao substituir, a sentença soa mal, por isso usamos a expressão a que. O exemplo é para que o candidato se certifique do porquê de tal classificação. Assim, eliminam-se as alternativas c e d.

Nos segundo e terceiro itens o que é uma conjunção integrante (basta encaixar o vocábulo isto antes da conjunção). Faz anos ISTO; se saberia ISTO.

2.11. UNEMAT

118. (Delegado de Polícia – MT / 2010 – UNEMAT) Assinale a alternativa em que o pronome oblíquo foi usado em conformidade com a língua padrão.

(A) Nunca lhe disse antes, mas gosto muito de você.

(B) Agradecemos por você ter feito-nos este grande favor.

(C) Não fosse a exiguidade do espaço, a cerimônia de formatura poderia-se realizar no salão nobre.

(D) Te prepara, meu filho, porque a viagem será longa e cansativa.

(E) Os fortes não abatem-se com as derrotas.

Alternativa "a": correta – O advérbio de negação ou tempo *nunca* atrai o pronome oblíquo.

Alternativa "b" – Ter nos feito. Para não precisar decorar regras, pronuncie, é uma boa dica.

Alternativa "c" – Poder-se-ia: verbo no futuro sem palavra atrativa = mesóclise.

Alternativa "d" – Não se inicia frase com pronome oblíquo: Prepara-te.

Alternativa "e" – O advérbio de negação *não* atrai o oblíquo: não se abatem.

2.12. FEPESE

119. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

Considerando que os pronomes, assim como os nomes, funcionam como substantivos ou adjetivos, analise os pronomes destacados no texto a seguir:

"Comentou-se, mas **comigo** até agora **ninguém** falou. Em **nenhum** momento, colega **meu** de partido ou de **outras** bancadas ou o presidente do partido falaram (n)**esse** assunto. A questão de renúncia nunca foi por **mim** cogitada."

( ) No texto, foram destacados sete pronomes, mas, dentre eles, apenas três são pronomes substantivos.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

Resposta: (verdadeiro) – Por ser pouquíssimo exigido em concursos, vale relembrar a teoria antes de comentarmos o item.

1) **Pronomes substantivos** substituem o substantivo numa frase. São utilizados de forma a tornar o discurso menos repetitivo, mais rico e variado. Tal como os substantivos que substituem, variam em gênero (masculino e feminino), número (plural e singular) e pessoa (1ª, 2ª ou 3ª pessoa do discurso). Podem assumir a função de sujeito da oração. **Exemplos:**

- Pedro sabe tocar piano.
- *Ele* sabe tocar piano. (Substitui o substantivo próprio Pedro.)
- Helena e Paulo foram ao cinema.
- *Eles* foram ao cinema. (Substitui os substantivos próprios Helena e Paulo.)
- Alguns trabalhadores saíram mais cedo que outros trabalhadores.
- Alguns trabalhadores saíram mais cedo que *outros*. (Substitui o substantivo comum trabalhadores.)
- Minha mãe está quase chegando. E a sua mãe?
- Minha mãe está quase chegando. E a *sua*? (Substitui o substantivo comum mãe.)
- Este livro é muito bom. Levei o livro para a escola.
- Este livro é muito bom. Levei-*o* para a escola. (Substitui o substantivo comum livro.)

Atenção!

A classificação em pronome substantivo não invalida outras classificações como pessoal, possessivo, demonstrativo,...

Exemplos:

- Nós vamos embora agora. (pronome pessoal substantivo)
- Aquela caneta é a minha. (pronome possessivo substantivo)
- O meu filho é aquele. (pronome demonstrativo substantivo)

2) **Pronomes adjetivos** acompanham, determinam e modificam os substantivos, ou seja, atribuem particularidades e características ao subs-

tantivo, como se fossem adjetivos. Tal como os substantivos que determinam, variam em gênero (masculino e feminino), número (plural e singular) e pessoa (1ª, 2ª ou 3ª pessoa do discurso). **Exemplos:**

- *Minha* prima chega hoje da Europa. (Determina o substantivo comum prima.)
- *Suas* dúvidas serão respondidas pela professora. (Determina o substantivo comum dúvidas.)
- *Aqueles* estudantes passaram no exame com distinção. (Determina o substantivo comum estudantes.)
- *Este* livro é muitíssimo bom. (Determina o substantivo comum livro.)

Atenção!

A classificação em pronome adjetivo não invalida outras classificações como possessivo, demonstrativo,...

Exemplos:

- Aquela caneta é azul. (pronome demonstrativo adjetivo)
- Meu filho é indisciplinado. (pronome possessivo adjetivo)

Pronomes são palavras que substituem ou determinam os substantivos. Assim, podem assumir a função de pronomes substantivos ou de pronomes adjetivos.*

Fonte: http://www.normaculta.com.br/

Vamos agora ao comentário. Pronomes substantivos (substituem o nome): comigo, ninguém e mim. Facilitando: os outros pronomes estão acompanhados de substantivos, logo são adjetivos: **nenhum** momento; colega **meu**; **outras** bancadas; **esse** assunto.

120. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) Nas frases a seguir, todos os pronomes destacados estão de acordo com as normas do português padrão escrito.

(A) Quando V. Sa. vier, traga **contigo** uma cópia do processo.

(B) Fica tranquilo, pois eu irei **consigo** ao escritório do advogado.

(C) Diga-lhe que não tome nenhuma iniciativa sem **mim** estar por perto.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (falso) – Há erros: **1.** A concordância do pronome pessoal com o pronome de tratamento deve ser na terceira pessoa e não na segunda (tu, contigo). Correção: **traga com você** (terceira pessoa); **2.** Só se usa a forma *consigo* para indicar reciprocidade e não é o caso. Correção: **com você; 3.** A forma correta é o pronome pessoal do caso reto **eu**, já que possui função sintática de sujeito do verbo "estar". Quem estar por perto: eu.

121. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) Emprega-se o pronome pessoal oblíquo "os" (objeto direto pleonástico) no masculino plural, quando se refere (ou retoma anaforicamente) nomes de diferentes gêneros. Exemplo: A generosidade, o amor, o respeito às pessoas e a dedicação ao trabalho e aos estudos, ensinaste-os aos filhos desde tenra idade.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

Resposta: (verdadeiro)

✪ **Nota da autora:** Questão de pronome, concordância e coesão textual.

O objeto direto (ou indireto) é chamado de pleonástico quando ocorre repetição. Quanto à concordância, havendo um nome masculino entre tantos femininos, o plural fica obrigatoriamente no masculino, como em "Irmã, prima, tia e tio estavam inquietos". Não há novidade nisso, concorda, leitor(a)? A banca quis complicar colocando complemento pleonástico, mas não conseguiu.

122. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) No texto a seguir, a mesóclise do pronome pessoal oblíquo átono está correta porque o verbo ao qual se vincula o pronome está flexionado no futuro do presente do indicativo e não há exigência de próclise:

"Onde quer que estejamos juntos Multiplicar-se-ão assuntos de mãos e pés E desvãos do ser." (Caetano Veloso)

( ) Verdadeiro ( ) Falso

Resposta: (verdadeiro) – Verbos no futuro do subjuntivo ou no futuro do pretérito do indicativo exigem mesóclise se não houver palavra atrativa.

▶ **Dica: de colocação pronominal.**

Próclise

É a colocação pronominal antes do verbo. A próclise é usada:

1) Quando o verbo estiver precedido de palavras que atraem o pronome para antes do verbo. São elas:

a) Palavras de sentido negativo: não, nunca, ninguém, jamais, etc.

Ex.: Não se esqueça de mim.

b) Advérbios.

Ex.: Agora se negam a depor.

c) Conjunções subordinativas.

Ex.: Soube que me negariam.

d) Pronomes relativos.

Ex.: Identificaram duas pessoas que se encontravam desaparecidas.

e) Pronomes indefinidos.

Ex.: Poucos te deram a oportunidade.

f) Pronomes demonstrativos.

Ex.: Disso me acusaram, mas sem provas.

2) Orações iniciadas por palavras interrogativas.

Ex.: Quem te fez a encomenda?

3) Orações iniciadas por palavras exclamativas.

Ex.: Quanto se ofendem por nada!

4) Orações que exprimem desejo (orações optativas).

Ex.: Que Deus o ajude.

Mesóclise

É a colocação pronominal no meio do verbo. A mesóclise é usada:

1) Quando o verbo estiver no futuro do presente ou futuro do pretérito, contanto que esses verbos não estejam precedidos de palavras que exijam a próclise.

Exemplos:

Realizar-se-á, na próxima semana, um grande evento em prol da paz no mundo.

Não fosse os meus compromissos, acompanhar-te-ia nessa viagem.

Fonte: http://www.portugues.com.br/

2.13 VUNESP

123. (Vunesp – Procurador Município – Prefeitura São José do Rio Preto – SP/2014) Assinale a alternativa em que a substituição da palavra em destaque por um pronome pessoal está correta, de acordo com a norma-padrão.

(A) Dá para entender por que precisamos proteger esse planeta ... / Dá para entender por que precisamos proteger-lhe.

(B) Foram elas que "descobriram" a fotossíntese. / Foram elas que descobriram-a.

(C) Nossa atmosfera permite aos seres vivos sobreviver. / Nossa atmosfera permite-lhes sobreviver.

(D) Agradeçam às cianobactérias pelo ar de cada dia. / Agradeçam-nas pelo ar de cada dia.

(E) A lua regula e estabiliza o eixo de rotação da Terra. / A lua regula e estabiliza-lhe.

Alternativa correta: letra "c"

Nota da autora: Questão de pronome e regência.

- Na "c": permite a alguém = permite-lhes (aos seres vivos).

Alternativa "a" – proteger algo (V.T.D.) = **protegê-lo.**

Alternativa "b" – descobriram algo (V.T.D.) = **descobriram-na.**

Alternativa "d" – agradecer **a** algo (V.T.I.) = **agradeçam-lhes.**

Alternativa "e" – estabiliza algo (V.T.D.) = **estabiliza-o** ou **o estabiliza.** A conjunção aditiva pode atrair o pronome oblíquo, por isso a próclise ou a ênclise estão corretas.

QUESTÕES DIFÍCEIS

1. ESAF

01. (ESAF – PECFAZ/2013) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto a seguir.

O minério de ferro tem liderado a pauta de exportações, tanto por sua qualidade __ 1 __ pela competitividade de algumas mineradoras. No passado, a mineração já foi uma atividade com muitos pontos negativos, especialmente __ 2 __ impacto ambiental. No entanto,

por pressão da sociedade e do próprio mercado é crescente o número de empresas que buscam desenvolver tecnologias capazes de reduzir significativamente __ 3 __ impacto.

Isso significa que o Brasil tem condições de tirar bom proveito de seus recursos minerais no presente, __ 4 __ beneficiar também as gerações futuras. É preciso que haja marcos regulatórios adequados __ 5 __ equacionar expansão do setor, preocupação com meio ambiente e criação de riquezas, principalmente __ 6 __ às áreas mais atingidas pela atividade.

	1	2	3	4	5	6
a)	e	no	tal	para	ao	nas
b)	quanto	pelo	um	a fim de	em	pelas
c)	quão	com o	o	de forma a	a fim a de	para
d)	mas	em	este	em	de forma a	com
e)	como	quanto ao	esse	de modo a	para	em relação

Alternativa correta: letra "e"

✪ **Nota da autora:** Questão de pronome demonstrativo, regência e período composto.

Fundamental trabalhar por eliminação para ganhar tempo. Iniciando pelo item 3, chega-se à resposta sem precisar "fritar os neurônios": *...por pressão da sociedade e do próprio mercado é crescente o número de empresas que buscam desenvolver tecnologias capazes de reduzir significativamente* ***esse*** *impacto* = o impacto ambiental citado no período anterior. É um pronome anafórico, pois retoma a ideia do parágrafo anterior. Eliminam-se, assim, as outras alternativas.

1 – tanto por sua qualidade **como** pela competitividade de algumas mineradoras

2 – No passado, a mineração já foi uma atividade com muitos pontos negativos, especialmente **quanto ao** impacto ambiental.

4 – Isso significa que o Brasil tem condições de tirar bom proveito de seus recursos minerais no presente, **de modo a** beneficiar também as gerações futuras.

5 – É preciso que haja marcos regulatórios adequados **para** equacionar expansão do setor

6 – preocupação com meio ambiente e criação de riquezas, principalmente **em relação** às áreas mais atingidas pela atividade.

02. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal do Brasil/2009) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial do jornal Valor Econômico de 1/9/2009. Assinale a opção em que o segmento apresenta erro gramatical.

(A) Diante de números ruins para o futuro do ambiente, não deixa de ser algo animador e cheio de possibilidades futuras a união de 22 grandes empresas para lançar uma carta ambiental.

(B) Uma das metas é buscar a redução contínua do balanço líquido de CO2 e uma maneira de tornar-lhe mensurável é a publicação de inventários anuais das emissões.

(C) As empresas se comprometem a monitorar a emissão dos gases do efeito estufa de várias formas. Uma delas, por meio de investimentos que promovam a diminuição da emissão nos processos, produtos e serviços.

(D) As companhias também aproveitarão o seu grande papel despoluidor na cadeia produtiva para convencer seus fornecedores a fazerem o mesmo.

(E) A iniciativa é inédita e as medidas propostas não passam perto de devaneios ou soluções idealistas – têm como pano de fundo o mais sólido realismo empresarial.

Alternativa "b": correta.

✪ **Nota da autora:** Para saber o emprego dos pronomes pessoais oblíquos, é necessária a teoria de predicação verbal – classificação dos verbos.

O verbo *tornar* é transitivo direto, assim sendo não admite o pronome *lhe*, mas sim *a: uma maneira de* ***torná-la*** *mensurável.* Confira as dicas dos empregos dos pronomes pessoais no final do capítulo.

As alternativas a, c, d e e estão corretas.

03. (ESAF – Analista Tributário da Receita Federal do Brasil/2009) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

O IDH é um índice que, pela simplicidade, se (1) disseminou mundialmente, tornando-se (2) um parâmetro de avaliação de políticas públicas na área social, o que não é pouco, levando-se em consideração que há respaldo científico.

No entanto, para além das filigranas metodológicas, é preciso não se perder (3) de vista o ponto fundamental do IDH, que é medir a qualidade de vida para além de indicadores econômicos. Nesse sentido, ele é uma bem-sucedida alternativa ideológica do indicador puro e simples do Produto Interno Bruto, no qual (4) pode camuflar o real nível de bem-estar da maioria da população. Com o

IDH, medir desenvolvimento humano passou a ser tão ou mais importante que aferir (5) o mero, e às vezes enganador, desenvolvimento econômico. (Jornal do Brasil, Editorial, 7/10/2009, adaptado.)

(A) (1)

(B) (2)

(C) (3)

(D) (4)

(E) (5)

Alternativa "d": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de pronome relativo, colocação pronominal e regência.

O pronome relativo **no qual** está retomando o produto bruto (que possui função de sujeito). Não se pode usar preposição no sujeito. A ordem direta equivale a *o produto bruto pode camuflar o real nível de bem-estar.* Corrigindo a frase, teremos: Nesse sentido, ele é uma bem-sucedida alternativa ideológica do indicador puro e simples do Produto Interno Bruto, **o qual** (ou **que**) pode camuflar o real nível de bem-estar da maioria da população.

Muito cuidado com a "pegadinha" do item 1, pois há uma intercalação e o pronome oblíquo *se* é atraído pelo pronome relativo *que* anteposto à intercalação.

Alternativa "a" –O pronome apassivador *se* está posposto à vírgula porque ocorreu uma intercalação (entre duas vírgulas) e o pronome relativo *que* o atrai.

Alternativa "b" –*Tornando-se* concorda com *índice.*

Alternativa "c" –O advérbio de negação atrai o pronome oblíquo.

Alternativa "e" –Aferir: avaliar.

04. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/ 2006) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

A história do petróleo no Brasil, dos primeiros passos até este (1) novo degrau, que é a conquista da autossuficiência, não tem nome ou fisionomia particular. Pertence, na verdade, a todos os (2) brasileiros e administradores que acreditaram na possibilidade de o nosso país desenvolver o seu setor de petróleo com competência e talento. Ela foi escrita, capítulo a (3) capítulo, por valorosos trabalhadores de várias categorias, do técnico de ponta ao mais modesto operário, e não somente (4) por esses, que labutam na linha de frente, nos trabalhos de pesquisas e análises, como também, com igual dedicação e entusiasmo, pelos que lhe (5) dão suporte, na retaguarda, inclusive no plano administrativo, essencial quando eficiente. (Joel Mendes Rennó, Jornal do Brasil, 19/04/2006)

(A) 1

(B) 2

(C) 3

(D) 4

(E) 5

Alternativa "e": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de pronome, crase e pontuação.

No item 5: ... pelos que **lhes** dão suporte = o pronome pessoal oblíquo é objeto indireto do verbo dar e se refere a *valorosos trabalhadores.*

Dúvidas prováveis:

Alternativa "a" –A expressão *até este* está correta porque **este** refere-se a **novo degrau** – termo posposto ao pronome. Confira as dicas do pronome demonstrativo no final do capítulo.

Alternativa "b" –Não se poderia usar o acento indicativo de crase por dois motivos: 1. Pronome indefinido; 2. Palavra masculina.

Alternativa "c" –Não se usa crase entre palavras repetidas – perceba que, além disso, está no masculino.

Alternativa "d" –A vírgula está empregada corretamente.

05. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/ 2006) Assinale a opção que não está de acordo com as estruturas do texto.

A relação conflituosa entre fazendeiros e colonos, aliada à crescente dificuldade de importação de escravos negros da África a partir da década de 60, exige que se use a mão de obra nativa, forçando-a ao trabalho na lavoura. Os fazendeiros também reclamavam uma legislação que permitisse garantias dos investimentos na mão de obra, do cumprimento dos contratos, da repressão às greves e, ainda, que lhes propiciasse adequada produtividade. A promulgação da Lei do Ventre Livre, em 1871, sinalizando a abolição da escravidão, criou as condições para uma legislação que, ao mesmo tempo em que fazia a regulação minuciosa da contratação do trabalho livre, previa a obrigação de o homem livre contratar, como mecanismo de combate à vadiagem. (Sidnei Machado – http://calvados.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/direito/ article/viewPDFInterstitial/1766/1463)

(A) A forma verbal "exige" (primeiro período) está no singular para concordar com "relação conflituosa" (início do texto).

(B) A expressão "reclamavam"(segundo período) está sendo empregada com o sentido de **lamentavam.**

(C) A substituição de "se use"(primeiro período) por **seja usada** mantém a correção gramatical do período.

(D) Em "que lhes propiciasse"o pronome "lhes" refere – se a "Os fazendeiros"(segundo período).

(E) As vírgulas após "1871" e após "escravidão"(último período) isolam oração reduzida de gerúndio.

Alternativa "b": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de pronome, concordância, verbo e pontuação.

Temos na alternativa b: o vocábulo reclamavam está empregado no sentido de exigir, demandar ou reivindicar.

Alternativa "a" –relação conflituosa é sujeito de exige. Ocorre uma intercalação, leia o que está em negrito: ***A relação conflituosa entre fazendeiros e colonos**, aliada à crescente dificuldade de importação de escravos negros da África a partir da década de 60, **exige que se use a mão de obra nativa, forçando-a ao trabalho na lavoura.***

Alternativa "c" –exige que **se use** a mão de obra = voz passiva sintética (verbo transitivo direto + se); exige **que seja usada** = voz passiva analítica (ser + particípio).

Alternativa "d" –Legislação que propiciasse **aos fazendeiros** adequada produtividade.

Alternativa "e" –Desenvolva a oração (insira conjunção ou pronome relativo) = que sinalizou a abolição da escravidão. Se coube pronome relativo, a oração é classificada como adjetiva; se há vírgula, é explicativa. Como na forma original do texto inseriu-se gerúndio e não aparece o relativo, a oração é classificada como subordinada adjetiva explicativa reduzida de gerúndio.

▶ **Dica – Oração reduzida**: não possui conjunção nem pronome relativo.

Possui verbo na forma nominal: gerúndio, particípio ou infinitivo.

---

06. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/ 2006)

Revolução Industrial também causou a formação de enormes aglomerados de desempregados nas cidades, __(1)__, em geral, cresciam sem nenhum planejamento urbano. Esse fenômeno, __(2)__ não passou despercebido a escritores como Émile Zola ou Alexis de Toqueville, propiciou o surgimento de fenômenos __(3)__ desconhecidos, __(4)__ o alcoolismo e a demência em massa. (Raquel Veras Franco, Breve Histórico da Justiça e do Direito do Trabalho no Mundo – http://www.tst.gov.br/Srcar/Documentos/Historico)

	1	2	3	4
a)	as quais	cujo	já	seja
b)	que	que	até então	como
c)	cujas	porém	então	tais como
d)	e	todavia	antes	sejam
e)	quando	entretanto	anteriormente	quais sejam

Alternativa "b": correta.

1) O pronome relativo retoma **cidades** e possui função de sujeito. Veja na ordem direta: As cidades cresciam sem nenhum planejamento urbano. Pode-se usar **que** ou **as quais**. Eliminadas alternativas c, d e e.

2) Ocorre o mesmo que no item 1: o pronome relativo retoma **fenômeno** (sujeito). Ordem direta: O fenômeno não passou despercebido. Pode usar **que**. Eliminada alternativa a e já encontramos a resposta.

3) ... fenômenos **até então** desconhecidos.

4) **como** o alcoolismo e a demência = exemplifica.

---

07. (ESAF – Técnico da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Lê-se no Manual de Redação da Presidência da República: "Onde – *Como pronome relativo significa 'em que (lugar)': A cidade* **onde** *nasceu".* Com base nessa definição e nas demais funções morfossintáticas que o termo **onde** pode desempenhar, aponte a frase na qual o emprego de tal termo está **incorreto**.

Alternativa "a" –(...) o método utilizado pode afastar os auditores, pela falta de estrutura, da descoberta dos grandes esquemas de corrupção. Porque ele está muito voltado a atender à grande novidade inventada por Waldir Pires, os sorteios dos municípios. Ali, faz-se uma auditoria por amostragem, onde pegar um grande esquema dependerá, como tudo num sorteio, da sorte.

Alternativa "b" –O Portal de Transparência é até onde a CGU conseguiu tornar possível a sua ideia de tornar público o Sistema Integrado de Administração Financeira (...).

Alternativa "c" –"Cultura" é um termo quase infinitamente maleável. (...). Sua origem ou, pelo menos, até onde se possa saber, seu sentido primitivo parece se relacionar com a criação, descoberta ou invenção da agricultura (...).

Alternativa "d" –Passada a euforia da libertação, muitos ex-escravos regressaram a suas fazendas, ou a fazendas vizinhas; para retomar o trabalho por baixo salário. Dezenas de anos após a abolição, os decendentes de escravos ainda viviam, nas fazendas, uma vida pouco melhor do que a de seus antepassados escravos. Outros dirigiram-se às cidades, como o Rio de Janeiro, onde foram engrossar a grande parcela da população sem emprego fixo.

Alternativa "e" –Onde havia dinamismo econômico provocado pela expansão do café, como em São Paulo, os novos empregos, tanto na agricultura como na indústria, foram ocupados por milhares de imigrantes italianos que o governo atraía para o país. Lá, os ex-escravos foram expulsos ou relegados aos trabalhos mais brutos e mais mal pagos.

(Fontes: Rudolfo Lago, Correio Braziliense, 24/10/2005; Nelson Archer, Relativismo cultural e multiculturalimo, FSP, 31/10/2005; José Murilo de Carvalho, Cidadania no Brasil: o longo caminho, pág.52)

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – O *onde*, nesta alternativa, retoma o substantivo *auditoria* e não indica lugar. Deveria ser substituído por **em que** ou **na qual**. O erro é por não indicar lugar.

Nas alternativas *b*, *c*, *d* e *e* indica lugar.

---

08. (ESAF – Secretaria da Receita Federal – Técnico da Receita Federal/2003)

(...) Um dos motivos principais pelos quais a temática das identidades é tão frequentemente focalizada tanto na mídia assim como na universidade (...)

(...) "se a modernidade alterou a face do mundo com suas conquistas materiais, tecnológicas, científicas e culturais, algo de abrangência semelhante ocorreu nas últimas décadas, fazendo surgir novos estilos, costumes de vida e formas de organização social" (...)

(...) É inegável que a possibilidade de vermos a multiplicidade da vida humana em um mundo globalizado, que as telas do computador e de outros meios de comunicação possibilitam, tem colaborado em tal questionamento ao vermos de perto como vivemos em um mundo multicultural e que essa multiculturalidade, para qual muitas vezes torcíamos/torcemos os narizes, está em nossa própria vida local, atravessando os limites nacionais (...)

Analise as seguintes alterações propostas para as estruturas linguísticas dos trechos e assinale a opção correta.

(A) Preserva-se a correção gramatical e a coerência textual ao usar o pronome relativo **que** em lugar de "quais", desde que precedido da preposição **por**.

(B) Preserva-se a correção gramatical e os sentidos do texto ao retirar "de abrangência".

(C) Preserva-se a correção gramatical mas altera-se a coerência textual ao usar a forma verbal flexionada **faz** no lugar da forma nominal "fazendo", desde que se insira antes dela a conjunção **e**.

(D) Preservam-se a correção gramatical e os sentidos do texto ao inserir **o** diante de "que", desde que seja retirada a vírgula após "possibilitam".

(E) Preserva-se a correção gramatical, mas prejudica-se a coerência textual ao substituir a forma nominal "atravessando" por **e atravessa**.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

✪ **Nota da autora:** *A temática das identidades é tão frequentemente focalizada* **por** um dos motivos. A dica é montar frase com os termos posteriores ao pronome até conseguir encaixar o vocábulo que o pronome relativo retoma. Assim, pode-se usar: um dos motivos **pelos quais**, ou um dos motivos **por que**.

Vale lembrar que o **por que** (separado) pode ser usado em frases nas quais podemos encaixar a palavra **razão** após (caso esteja subentendida), ou quando equivaler ao pronome relativo **pelo qual**.

Alternativa "b" –A correção gramatical é preservada, mas o sentido é alterado, pois informação é retirada.

Alternativa "c" –A coerência textual não é alterada, já que o gerúndio indica ação contínua e o presente do indicativo refere-se à ação habitual.

Alternativa "d" –Altera o sujeito.

Alternativa "e" –Perceba que a substituição sugerida é parecida com a da alternativa *c*. Além de a explicação ser a mesma, automaticamente eliminam-se as duas. Sempre que houver dois itens sugerindo a mesma ideia, descarte-os.

---

09. (ESAF – Secretaria da Receita Federal – Técnico da Receita Federal/2003) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

Todo e qualquer processo de reforma __(1)__ realiza pela necessidade de modificar procedimentos __(2)__ encontrem inadequados ou ultrapassados diante das finalidades para __(3)__ foram instituídos. O modelo tributário brasileiro foi redesenhado na Assembleia Nacional Constituinte de 1988, dentro de uma visão federativa __(4)__ buscava o fortalecimento dos Estados e municípios. Essa afirmação é comprovada __(5)__ observamos o espaço tributário pertencente à União que foi cedido aos Estados, como a tributação da energia elétrica, do petróleo e seus derivados, da comunicação e da presta-

ção do serviço de transporte (Adaptado de Lúcio Alcântara, Folha de S.Paulo,01/09/2003).

	1	2	3	4	5
a)	as	se	que	e	sempre que
b)	lhe	caso	que	mas	se
c)	se	que se	as quais	que	quando
d)	a	os quais	cuja	quem	caso
e)	os	que	quando	a qual	ao

Alternativa "c": correta.

✪ **Nota da autora:** Os dois verbos iniciais são transitivos diretos seguidos do pronome apassivador **se**, ou seja, as duas orações encontram-se na voz passiva sintética. Descobrindo essa estrutura sintática, chega-se à resposta.

Transpondo para a voz passiva analítica (ser + particípio):

- Todo e qualquer processo de reforma **se** realiza = Todo e qualquer processo de reforma **é realizado**.
- procedimentos **que se** encontrem inadequados = procedimentos **que são encontrados** inadequados g *(...) foram instituídos **para** as finalidades.*

4) A visão que buscava o fortalecimento (visão possui função de sujeito) = visão federativa **que** (ou **a qual**) buscava o fortalecimento dos Estados e municípios.

5) Essa afirmação é comprovada **quando** observamos o espaço = tempo.

2. FCC

10. (FCC – Agente Fiscal de Rendas/2009) *"Maravilho-me de vossa cegueira e loucura, que desfazeis as joias bem lavradas para fazer delas vigotes".* Se o poeta asteca tivesse se dirigido a seus interlocutores, os conquistadores espanhóis, por meio de outro pronome, a correlação entre esse novo pronome e a forma verbal, respeitado o contexto, estaria totalmente adequada ao padrão culto escrito em:

(A) Maravilho-me de sua cegueira e loucura, que desfaz as joias...

(B) Maravilho-me da cegueira e loucura de vocês, que desfazeis as joias...

(C) Maravilho-me de tua cegueira e loucura, que desfaz as joias...

(D) Maravilho-me de sua cegueira e loucura, que desfazem as joias...

(E) Maravilho-me de sua cegueira e loucura, que desfazes as joias...

Alternativa "d": correta – Passando da segunda pessoa do plural (vós) para a terceira do singular (você ou ele), resulta na forma: Maravilho-me de sua cegueira e loucura, que (as quais) desfazem as joias.

Alternativa "a": O erro está no verbo singular, já que o sujeito é composto: cegueira e loucura.

Alternativa "b": Vocês desfazeis? O verbo deve concordar com a terceira pessoa (desfazem). Além de alterar o sentido.

Alternativa "c": ***Tua*** cegueira: não corresponde ao que foi pedido no enunciado, pois quer que se dirija ao interlocutor e a concordância do verbo no singular também está errada.

Alternativa "e": Erro na concordância verbal com a segunda pessoa do singular.

11. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2006) *Por isso os historiadores, cujo ofício é lembrar o que outros esquecem, tornam-se mais importantes que nunca no fim do segundo milênio.*

Considerando-se o contexto, não haverá prejuízo para a correção e o sentido da frase acima se substituir

(A) cujo ofício é lembrar o que outros esquecem para os quais cabem resguardar o que foi esquecido.

(B) tornam-se mais importantes do que nunca por nunca se tornaram mais importantes.

(C) cujo ofício é lembrar o que outros esquecem por a quem cabe resgatar o que é esquecido.

(D) Por isso por pela razão que se exporá.

(E) tornam-se mais importantes que nunca por mais do que nunca fazem-se de importantes.

✪ **Nota da autora:** Questão de pronome e regência.

Alternativa "c": correta

Na alternativa C, não haveria erro pois o pronome *cujo* está se referindo a ***ofício*** e indica posse se ***historiadores***. O sentido não é alterado: *Por isso os historiadores, **a quem cabe resgatar o que é esquecido**, tornam-se mais importantes que nunca no fim do segundo milênio.*

Conferindo as incorretas substituições:

Alternativa "a": *Por isso os historiadores, **os quais cabem resguardar o que foi esquecido**, tornam-se mais importantes que nunca no fim do segundo milênio.* Altera o sentido.

Alternativa "b": *Por isso os historiadores, cujo ofício é lembrar o que outros esquecem,* ***nunca se tornaram mais importantes*** *no fim do segundo milênio.* Muda o sentido.

Alternativa "d": ***Pela razão que se exporá*** *os historiadores, cujo ofício é lembrar o que outros esquecem, tornam-se mais importantes que nunca no fim do segundo milênio.* Erro de concordância: ***exporão.***

Alternativa "e": *Por isso os historiadores, cujo ofício é lembrar o que outros esquecem,* ***mais do que nunca fazem-se de importantes*** *no fim do segundo milênio.* Altera sentido e a gramática fica incorreta (se fazem).

Atenção! A questão seguinte baseia-se nos dois versos.

Numa cidade onde falta

Verdade, Honra e Vergonha.

12. (AFR/SP – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2002) Mantendo-se a mesma relação gramatical e de sentido, o pronome "onde" poderia ser substituído por:

(A) aonde.

(B) que.

(C) de que

(D) em que

(E) cuja

✪ **Nota da autora:** O pronome relativo ***onde*** retoma lugar e pode ser substituído por ***em que*** ou ***na qual***.

Alternativa "d": correta

A verdade falta na cidade – Numa cidade ***em que*** falta a verdade.

Quando poderiam ser usados os pronomes das outras alternativas?

Alternativa "a": Aonde você vai? Quem vai, vai ***a*** algum lugar.

Alternativa "b": O aluno que estudou. Retoma sujeito.

Alternativa "c": O livro de que preciso. Quem precisa, precisa ***de*** algo.

Alternativa "e": A matéria cuja ideia citaram. Quem cita, cita algo. Citaram a ideia da matéria (indica posse do termo anterior).

Texto

Lei da Responsabilidade Fiscal pode punir os governantes por irregularidades administrativas

Pode parecer ironia festejar o fato de aprovado na semana passada uma lei obrigando os governantes a ter responsabilidade. Seria o mesmo que pedir a eles para ser honestos, ***defender o contribuinte****, lutar pelo bem-estar da população. De qualquer forma, como a legislação em vigor era frouxa nesse campo, a Lei da Responsabilidade Fiscal é o primeiro instrumento eficiente capaz de punir os políticos que gastam mais do que arrecadam, iniciam obras sem ter dinheiro para concluí-las e mantêm inchada a folha de funcionários. Antes dessa lei, votada pela Câmara e que agora aguarda apreciação de destaques para ser enviada ao Senado, nada acontecia com quem praticasse abusos. Observe-se, na prática como a coisa funciona. Neste ano, o prefeito paulistano Celso Pitta, tem dívidas vencendo no valor de 750 milhões de reais. O aparato legal ainda em vigor permite ao prefeito empurrar a conta para 2001. Desobrigado de pagar o que deve. Sobra-lhe algum dinheiro para gastar em obras no ano das eleições. Mas o que acontece com o prefeito que vier a suceder a ele?*

Estará endividado e sua gestão comprometida. Com a nova lei, Pitta seria obrigado a liquidar a fatura até o final de seu governo. Nada mais responsável do que isso. Os políticos costumam ser rigorosos na aprovação de leis para o resto da sociedade, mas tendem a redigir textos mais compreensivos quando o que está na mira são os próprios deslizes. Mais de uma vez, o Congresso aprovou leis criando limites para os gastos públicos, sem no entanto estabelecer punições.

A esperança, a partir de agora, é que a nova lei perdure. Também parece estranho dizer isso mas são frequentes os casos em que as leis são descumpridas sem que nada aconteça ou mesmo desfeitas caso incomodem demais. Quem sabe agora os políticos decidam punir os maus administradores em vez de punir toda a sociedade com o subdesenvolvimento. (Veja.02.02.200)

Considere as informações abaixo, referentes ao texto, para responder à questão.

I. "que pedir a eles" = que lhes pedir

II. "defender o contribuinte" = defendê-lo

III. "o primeiro instrumento eficiente capaz de punir os políticos" = o primeiro instrumento eficiente capaz de os punir

IV. "seria obrigado a liquidar a fatura" = seria obrigado a liquidar ela.

13. (AFR/SP – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2002) Dentre as informações acima aquelas que estão corretas quanto à substituição e colocação pronominal são apenas:

(A) I,II e IV.

(B) I, II e III.

(C) II e IV.

(D) I, III e IV.

(E) I e III.

COMENTÁRIOS

✪ **Nota da autora:** Dica no final do capítulo (pronome).

Alternativa "b": correta.

I. Correta, pois pede preposição = V.T.I.

II. Correta, pois não pede preposição = V.T.D.

III. Correta, pois não pede preposição = V.T.D.

IV. Errada. Verbo transitivo direto e pede o pronome oblíquo *a*. Como o verbo termina em *r*, assumirá a forma ***liquidá-la***.

3. CETRO

14. (Cetro – Auditor Fiscal Tributário Municipal – Campinas/SP) Assinale a alternativa que apresenta erro em relação à colocação pronominal.

(A) Entregaram-me os papéis atrasados.

(B) Não me deixaram ver os documentos.

(C) Farão-me uma proposta ao meio-dia.

(D) Alguém me entregou os papéis atrasados.

(E) Avistou-o, ao longe, e não conseguiu alcançá-lo.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Verbo no futuro sem palavra atrativa: mesóclise (pronome no meio do verbo) = far-me-ão.

Alternativa "a" – Não se inicia oração com pronome oblíquo.

Alternativa "b" – O advérbio (não) atrai o pronome oblíquo.

Alternativa "d" – O pronome indefinido atrai o pronome oblíquo.

Alternativa "e" – Não se inicia frase ou oração com pronome oblíquo.

4. IC

15. (IC – TCM/GO – Auditor de Controle Externo/2012) Marque a alternativa que preenche corretamente as lacunas, de acordo com as regras de colocação pronominal da gramática normativa da língua portuguesa.

"Mesmo quando o filme estrear, os produtores franceses que recusaram o projeto nunca _____."

(A) irão arrepender-se

(B) arrepender-se-ão

(C) se arrependerão

(D) arrependerem-se-ão

(E) irão se arrepender-se

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

Nunca se arrependerão: o advérbio de negação ou tempo (nunca) atrai o oblíquo: **nunca se arrependerão** ou **nunca irão se arrepender** – por se tratar de locução verbal (dois verbos que equivalem a um).

Alternativa "a" – o oblíquo não pode vir posposto ao verbo principal.

Alternativa "b" – há palavra atrativa e invalida a mesóclise.

Alternativa "d" – erro de grafia na mesóclise.

Alternativa "e" – não se utilizam dois pronomes oblíquos.

QUESTÕES INÉDITAS

01. (Duda Nogueira) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.

1. Disseram-_____ que o problema estava resolvido.
2. Roubaram-_____ todos os livros ontem.
3. Cumprimentei-_____ carinhosamente.
4. Informaram-_____ o gabarito antecipadamente.
5. Pagou-_____ aos devedores.

a) lhe, no, o, lhe, na.

b) no, lhe, na, lhe, o.

c) na, o, lhe, lhe, a.

d) lhe, lhe, o, lhe, o.

e) lhes, lhe, a, lhes, lhe.

COMENTÁRIO:

Alternativa correta: letra "d"

1. Disseram algo (que o problema estava resolvido) a alguém. O verbo é transitivo direto e indireto e o pronome possui função de objeto indireto.

Forma correta: disseram-lhe, ou disseram-lhes. Eliminadas B e C.

2. O pronome possui função sintática de adjunto adnominal por estar indicando posse. A oração equivale a "Roubaram todos os livros dele(s) ontem. Usa-se o pronome lhe: roubaram-lhe(s) todos os livros ontem. Eliminada A.

3. Cumprimentar é transitivo direto (cumprimentei alguém): cumprimentei-o ou cumprimentei-a.

4. Informaram algo (o gabarito) a alguém. O verbo é transitivo direto e indireto e o pronome possui função de objeto indireto. Forma correta: informaram-lhe, ou informaram-lhes.

5. O verbo pagar possui peculiaridade: para pessoa, pede preposição e para coisa, não exige a preposição.

Exemplo: Paguei o boleto. Paguei ao rapaz.

Na oração, está claro que se refere à coisa; usa-se o(a). Eliminada alternativa E.

Julgue o item.

02. (Duda Nogueira) Em "Haverá um concurso que tenha por objetivo a renovação de todos os servidores, ou seja, serão muitas vagas disponíveis", a oração "que tenha por objetivo" poderia ser substituída, sem prejuízo da correção gramatical, por *cujo objetivo seja*.

( ) Certo ( ) Errado

Certo – E você sempre imaginou que isso não poderia ocorrer, não é?

Antes vamos entender, juntos, o uso do "cujo".

O pronome relativo cujo indica que o substantivo posterior a ele possui o anterior. O artigo do substantivo posterior se contrai com o pronome relativo, formando, assim, quatro palavras:

- cujo + o = cujo
- cujo + a = cuja
- cujo + os = cujos
- cujo + as = cujas

EXEMPLOS

- o irmão do candidato / o candidato cujo irmão;
- a nota do rapaz / o rapaz cuja nota.

Partindo da dica acima, chegamos à conclusão que o pronome relativo **que** pode sim ser substituído pelo relativo **cujo**.

Voltando à frase do enunciado:

O pronome relativo **que** retoma concurso. Ordem direta: o concurso que tenha por objetivo a renovação.

Substituindo por **cujo objetivo seja**: Haverá um concurso cujo objetivo seja a renovação de todos os servidores, ou seja, serão muitas vagas disponíveis.

= O objetivo do concurso seja a renovação de todos os servidores. Frase corretíssima e sem desvio gramatical.

(Fonte: Livro Simuladaço Língua Portuguesa, Editora JusPodivm)

DICAS

1. PESSOAL

- **Retos:** usados como sujeito
- **Oblíquos:** usados como objeto direto ou objeto indireto.

O.D: o (s), a (s) / O.I: lhe (s)

Verbos terminados em: R, S, Z + o (s), a (s) = LO (s), LA (s)

Verbos terminados em: – M, ÃO, ÕE + o (s), a (s) = NO (s), NA (s)

2. DEMONSTRATIVO

- **Para ideias:**
- Esse (a), isso – para retomar ideia: **ANÁFORA**
- Este (a), isto – para citar ideia: **CATÁFORA**

3. RELATIVO

Retomam e substituem seu antecedente: QUE, QUEM *(para pessoa)*, ONDE *(para lugar)*, O(a) QUAL, OS(as) QUAIS.

CUJO: refere-se ao termo posterior e repele o artigo. Indica posse do termo anterior a ele. *Entende-se por essa regra que* ***não existem as formas cujo o, cuja a, o cujo.***

Não conheço o lugar **onde** você mora. *Você mora **no** lugar.*	Não conheço o lugar EM QUE você mora. Não conheço o lugar **no qual** você mora.

São fatos a **que** sou favorável. *Sou favorável **aos** fatos.*	São fatos **aos quais** sou favorável.
Conheço a garota de **quem** você falou. *Você falou **da** garota.*	Conheço a garota **da qual** você falou. Conheço a garota **de que** você falou.
Este é o autor a **cuja** obra me referi. *Eu me referi **à** obra.*	**Posse:** a obra é do autor (posse do anterior)
Estas são as pessoas com **cujas** ideias concordo. *Eu concordo **com** as ideias.*	**Posse:** as ideias são das pessoas (posse do anterior)

4. COLOCAÇÃO PRONOMINAL

4.1. ÊNCLISE – PRONOME DEPOIS DO VERBO.

É a colocação normal da língua culta.

Levantei-me cedo hoje.

Empresta – me a caneta.

▶ **Dica** – Não se inicia frase com oblíquo nem após vírgula.

4.2. MESÓCLISE – PRONOME NO MEIO DO VERBO

Verbos no futuro do presente e do pretérito, desde que não haja condição de próclise.

O torneio relizar-se-á amanhã.

O torneio **não** se realizará amanhã.

Contar-lhe-ia o segredo.

Amanhã lhe contaria o segredo.

4.3. PRÓCLISE – PRONOME ANTES DO VERBO

Há palavras que atraem o pronome:

- **palavras negativas** (não, nem, nada, ninguém) **não seguidas de vírgula.**

  Nunca nos revelou seu segredo.

  Não, disse-me ele, **não** me deve mais nada.

- **advérbio não seguido de vírgula.**

  Depois me dirigi ao balcão.

  Em seguida, despediu-se de todos.

- **pronomes** (verificar a fonética, som)

  O rapaz **que** me procurou é casado.

  Quem te acompanhou?

- **conjunção subordinativa**

  Espero **que** lhe deem o cargo.

- **orações optativas**

  Deus te abençoe.

- **preposição + gerúndio**

  Em se tratando de relógios, prefiro os suíços.

- **infinitivo pessoal**

  Por se encontrarem no local do crime, foram incluídos entre os suspeitos.

4.4. PRONOME ÁTONO NAS LOCUÇÕES VERBAIS

1) **Verbo principal ou auxiliar + infinitivo ou gerúndio:**

   Podemos contar-lhe o ocorrido.

   Podemos lhe contar o ocorrido.

2) **Auxiliar + particípio**

   Os médicos **haviam me sugerido** a cirurgia.

   Os médicos **me haviam sugerido** a cirurgia.

Verbo

Consulte, conjugue, faça a relação de tempos e modos verbais. No dicionário mencionado nos capítulos de ortografia e acentuação, há a opção de conjugar os verbos.

Questões inéditas: **Simuladaço Língua Portuguesa**

Teoria e questões: **Língua Portuguesa para concursos**

QUESTÕES FÁCEIS

1. VUNESP

Charge:

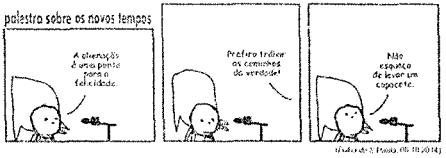

01. (TJ SP – 2014) Um enunciado possível em substituição à fala do terceiro quadrinho, em conformidade com a norma-padrão da língua portuguesa, é:

(A) Se você se mantiver nos caminhos da verdade, leve um capacete.

(B) Se você ir pelos caminhos da verdade, leve um capacete.

(C) Caso você se mantém nos caminhos da verdade, lembre de levar um capacete.

(D) Ainda que você se mantêm nos caminhos da verdade, leva um capacete.

(E) Caso você vá pelos caminhos da verdade, lembra-se de levar um capacete.

Alternativa correta: letra "a" – Se indica dúvida, ou seja, o verbo deve ser conjugado no futuro do subjuntivo usando a conjunção "se" ou "quando". O verbo **manter** é conjugado como o verbo **ter**.

Futuro do subjuntivo			
		ter	**manter**
Quando	eu	tiver	mantiver
	tu	tiveres	mantiveres
	ele	tiver	mantiver
	nós	tivermos	mantivermos
Se	vós	tiverdes	mantiverdes
	eles	tiverem	mantiverem

(B) Se você for = futuro do subjuntivo.

(C) Caso se mantenha = presente do subjuntivo.

(D) Ainda se mantenha = presente do subjuntivo.

(E) lembre-se = imperativo afirmativo.

(Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2013) Assinale a alternativa contendo a frase do texto na qual a expressão verbal destacada exprime possibilidade.

(A) ... o cientista Theodor Nelson sonhava com um sistema capaz de **disponibilizar** um grande número de obras literárias...

(B) Funcionando como um imenso sistema de informação e arquivamento, o hipertexto **deveria** ser um enorme arquivo virtual.

(C) Isso acarreta uma textualidade que **funciona** por associação, e não mais por sequências fixas previamente estabelecidas.

(D) Desde o surgimento da ideia de hipertexto, esse conceito **está ligado** a uma nova concepção de textualidade...

(E) **Criou**, então, o "Xanadu", um projeto para disponibilizar toda a literatura do mundo...

Alternativa "b": correta – Deveria: futuro do pretérito do indicativo = tempo condicional, ou seja, é uma possibilidade.

Alternativa "a" – Infinitivo: não indica tempo.

Alternativa "c" – Presente do indicativo: hábito.

Alternativa "d" – Presente do indicativo: hábito.

Alternativa "e" – Pretérito perfeito do indicativo: ação concluída, terminada.

---

02. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2013) Assinale a alternativa em que todos os verbos estão empregados de acordo com a norma-padrão.

(A) Enviaram o texto, para que o revíssemos antes da impressão definitiva.

(B) Não haverá prova do crime se o réu se manter em silêncio.

(C) Vão pagar horas-extras aos que se disporem a trabalhar no feriado.

(D) Ficarão surpresos quando o verem com a toga...

(E) Se você quer a promoção, é necessário que a requera a seu superior.

Alternativa "a": correta – Rever = ver: revíssemos.

Alternativa "b" – Manter = ter: mantivesse.

Alternativa "c" – Dispor = por: dispuserem.

Alternativa "d" – Ver no futuro do subjuntivo = virem.

Alternativa "e" – Requerer = requeira.

---

03. (Vunesp – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – SP/2012).

Há doenças piores que as doenças,

Há dores que não doem, nem na alma

[...]

Há angústias sonhadas mais reais...

(Fernando Pessoa. Cancioneiro – 197)

O verbo haver, empregado no trecho do poema na forma **há**, pode ser substituído, sem alteração de sentido e tempo, por

(A) haveria.

(B) existe.

(C) havia.

(D) hão.

(E) existem.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – O mesmo que ocorreu na questão anterior: haver = existir.

Alternativa "a" – Altera o tempo.

Alternativa "b" – Concordância errada.

Alternativa "c" – Altera o tempo.

Alternativa "d" – Haver, quando impessoal (sentido de existir) não admite flexão de número.

Trecho para a próxima questão.

Há pelo menos 170 projetos de lei propondo alterações na Lei Seca..." (Como evitar que motoristas bêbados fiquem impunes e continuem a matar no trânsito, Rodrigo Cardoso, Paula Rocha, Michel Alecrim e Luciani Gomes. ISTOÉ, nov. 2011. Adaptado)

---

04. (Vunesp – Agente de Segurança Penitenciária – SP/2012) Substituindo-se o verbo **haver** pelo verbo **existir** e conservando-se o mesmo tempo verbal, a correta concordância verbal está em:

(A) Existe.

(B) Existirá.

(C) Existiu.

(D) Existiram.

(E) Existem.

Alternativa "e": correta.

Nota da autora: Questão de verbo e concordância.

- Há: presente do indicativo; existem: presente do indicativo.
- Há: impessoal = sentido de existir – singular; existem: intransitivo e concorda com o sujeito – admite plural.

Alternativa "a" – Concordância errada.

Alternativa "b" – Tempo errado.

Alternativa "c" – Tempo errado.

Alternativa "d" – Tempo errado.

Trecho para a próxima questão.

(...) só repetindo verdades à exaustão **a gente** *tem chance de ser ouvido! (SeuFirmino e o STF, José-*

Datena. Diário de S.Paulo, 06 de novembro de 2011. Adaptado)

05. (Vunesp – Agente de SegurançaPenitenciária – SP/2012) Substituindo-se a expressão **a gente** pelo pronome **nós,** e mantendo-se o mesmo tempo verbal, tem-se o seguinte trecho:

(A) ...nós teremos chance de sermos ouvido!

(B) ...nós tivemos chance de sermos ouvidos!

(C) ...nós tínhamos chance de sermos ouvidos!

(D) ...nós teríamos chance de sermos ouvido!

(E) ...nós temos chance de sermos ouvidos!

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Note que o verbo está no presente do indicativo: nós temos chance.

Alternativa "a" – Altera o tempo verbal.

Alternativa "b" – Altera o tempo verbal.

Alternativa "c" – Altera o tempo verbal.

Alternativa "d" – Altera o tempo verbal.

06. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2012) Na frase – ... os níveis de pessoas sem emprego **estão apresentando** quedas sucessivas de 2005 para cá. – , a locução verbal em destaque expressa ação

(A) concluída.

(B) hipotética.

(C) futura.

(D) atemporal.

(E) contínua.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Contínua porque *estão apresentando* remete à ideia de que podem ainda estar, reforçada por *sucessivas*.

Alternativa "a" – Não é concluída, usaria pretérito perfeito do indicativo.

Alternativa "b" – Não é hipotética porque não se baseia em hipótese e não há duvida.

Alternativa "c" – Não é futura e sim presente: *estão apresentando*.

Alternativa "d" – A frase determina o tempo *de 2005 para cá*.

Charge:

(Gazeta do Povo, 18.12.2010)

07. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJM – SP/2011) No contexto, a correlação expressa pelos verbos destacados na frase – Se o *fizesse* não *teria* coragem de me olhar no espelho. – indica

(A) hipótese sobre a consequência de mentir.

(B) necessidade de comunicar-se sem enganar.

(C) certeza acerca de ser desnecessária a mentira.

(D) dúvida em relação àquilo que motiva a mentira.

(E) negação de que a mentira seja viável.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – O verbo *fizesse* (pret. imperf. do subjuntivo) indica uma condição hipotética e a sua consequência.

▶ **Dica** – Lembre-se de **se ria** = pretérito imperfeito do subjuntivo (fizesse) + futuro do pretérito do indicativo (teria): tempos condicionais.

Alternativa "b" – Não afirma necessidade de comunicar-se.

Alternativa "c" – Não diz que a mentira é desnecessária, apenas traz má consequência.

Alternativa "d" – Não demonstra dúvida.

Alternativa "e" – Não nega nem afirma a viabilidade da mentira.

08. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2011) Assinale a alternativa em que a locução verbal do trecho – Segundo especialistas, a taxa de reciclagem poderia chegar a 30%. – está reescrita corretamente, no futuro do presente do modo indicativo.

(A) pode chegar a 30%.

(B) possa chegar a 30%.

(C) poderá chegar a 30%.

(D) puder chegar a 30%.

(E) pudera chegar a 30%.

Alternativa "c": correta – Tempo correto: *poderá*. O futuro do presente do indicativo possui ideia de fato certo no futuro.

▶ **Dica** – Pense em **amanhã**.

Alternativa "a" – presente do indicativo.

Alternativa "b" – presente do subjuntivo, não faz sentido.

Alternativa "d" – futuro do subjuntivo não faz sentido.

Alternativa "e" – Não faz sentido, pretérito mais que perfeito.

09. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/ 2010) O período construído com duas das frases seguintes – "Isso não é importante."/ "Que perda de tempo."/ "Todo mundo tem seu lado irracional." – está correto, quanto à correlação de tempo verbal, em

(A) Se isso fosse importante, não era perda de tempo.

(B) Por mais que fosse irracional, não será perda de tempo.

(C) Embora se perca muito tempo com isso, não é uma irracionalidade.

(D) Talvez se perde muito com isso e seja assim uma irracionalidade.

(E) Contanto que isso era perda de tempo, é, pois, uma irracionalidade.

Alternativa "c": correta – Embora se perca: presente do subjuntivo (com valor eventual concessivo). Não é: presente do indicativo= a eventualidade da primeira ação (se perca) não impede a segunda ação (é).

Alternativa "a" – Se isso fosse: pretérito imperfeito do subjuntivo. Não **seria**: futuro do pretérito do indicativo. Tempos condicionais.

Alternativa "b" – Por mais que **seja**: presente do subjuntivo. Será: futuro do presente do indicativo (v. ser).

Alternativa "d" – Talvez se **perca**: presente do subjuntivo: indica dúvida, incerteza.

Alternativa "e" – Contando que isso **seja** perda de tempo.

10. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/ 2010) Atente para as afirmações:

I. A frase – Se as pessoas se opuserem à minha opção pelo futebol, eu me defendia. – obedece ao princípio de correlação de tempo verbal.

II. A frase – Intelectuais, professores, governo, ninguém desmobiliza a prontidão que o brasileiro tem pelo futebol. – está correta quanto à concordância verbal.

III. No período – Como ao ler as lendas da mitologia ou os romances de aventura, projetamos no futebol um gosto pela façanha... – a oração ao ler pode assumir, no contexto, a seguinte versão: quando lemos.

Está correto apenas o que se afirma em

(A) I.

(B) II.

(C) III.

(D) I e II.

(E) II e III.

Alternativa "e": correta

I. Errado: opuserem e **defenderia**.

II. Certo: sujeito simples = verbo singular.

III. Certo: indicam tempo.

11. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/ 2010)

I. Eles _____ os infratores prontamente.

II. Há dois meses, eles _____ o dinheiro roubado.

III. Sem que ninguém tivesse _____ , o menino tomou as providências.

IV. Se você _____ o advogado, recomende-lhe prudência.

(A) deteram ... reaveram... intervido ... ver

(B) deteram ... reouveram ... intervido ... vir

(C) detiveram ... reaveram ... intervindo ... ver

(D) detiveram ... reouveram ... intervindo ... vir

(E) detiveram ... reouveram ... intervido ... vir

Alternativa "d": correta

- Deter conjuga-se como o ter: tiveram = detiveram. Eliminadas *a* e *b*.
- Reaver conjuga-se como o haver (nas pessoas que possuem a consoante v): houveram = reouveram. Eliminada *c*.
- Intervir conjuga-se como o vir: vindo = intervindo. Eliminada *e*. Encontrada a resposta sem chegar à última alternativa.
- Ver no futuro do subjuntivo: vir.

Dica – Vir no futuro do subjuntivo: vier.

12. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/ 2010) Complete as lacunas das frases da charge, com as formas verbais corretas.

O TEMPO MÉDIO PRA SE ACHAR UM NOVO EMPREGO É DE 20,4 SEMANAS

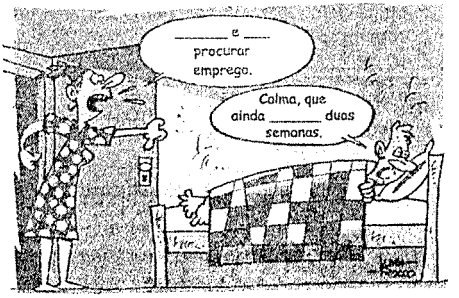

(http://humorama.vila.bol.com.br. Adaptado)

(A) Levanta ... vá ... faltam

(B) Levante ... vai... falta

(C) Levante ... vá ... falta

(D) Levantem ... vai... faltam

(E) Levante ... vá ... faltam

Alternativa "e": correta

Nota da autora: Como não sabemos se a concordância deverá ser feita com a terceira pessoa, ou segunda, trabalhemos por eliminação.

	Presente do Indicativo	Imperativo Afirmativo	Presente do Subjuntivo
eu	levanto	–	levante
tu	levantas-se	levanta	levantes
ele	levanta	levante	levante

	Presente do Indicativo	Imperativo Afirmativo	Presente do Subjuntivo
eu	vou	–	vá
tu	vais-se	vai	vades
ele	vai	vá	vá

Na segunda pessoa: levanta e vai = não há alternativa.

Na terceira pessoa: levante e vá. Eliminadas *a, b* e *d*.

- O que faltam? Duas semanas: sujeito = faltam duas semanas. Eliminada *c*.

Charge:

(Jornal da Manhã, SC, 05.12.2008)

13. (Vunesp – Oficial de Justiça – TJ – SP/2009) Analise as afirmações.

I. No contexto, o emprego da construção verbal *está caminhando* indica uma ação contínua, em processo.

II. Sem prejuízo de sentido, a construção verbal *está caminhando* pode ser substituída por *estaria caminhando*.

III. A construção verbal *vai ficar* confere ao texto uma perspectiva de tempo futuro, podendo ser substituída por *ficará*.

Está correto apenas o que se afirma em:

(A) I.

(B) II.

(C) III.

(D) I e II.

(E) I e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta

I. **Certo:** O gerúndio indica continuidade.

II. **Errado:** está caminhando, como mencionado no item I, indica ação contínua; estaria caminhando indica possibilidade de caminhar, condição. Verbo no futuro do pretérito do indicativo.

III. **Certo:** vai ficar significa que ficará.

---

14. (Vunesp – Agente de Segurança Penitenciária – SP/2009) Com o verbo no futuro, a frase – *Eu vou andar 10 km...* – deve ser reescrita da seguinte forma:

(A) Eu andava 10 km.

(B) Eu andarei 10 km.

(C) Eu tenho andado 10 km.

(D) Eu ando 10 km.

(E) Eu andara 10 km.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Vou andar equivale a uma ação futura – andarei.

▶ **Dica** – Locuções verbais: constituídas de verbos auxiliares mais gerúndio ou infinitivo. São conjuntos de verbos que, numa frase, desempenham papel equivalente ao de um verbo único. Nessas locuções, o último verbo, chamado principal, surge sempre numa de suas formas nominais; as flexões de tempo, modo, número e pessoa ocorrem nos verbos auxiliares. Exemplos:

Estou lendo o jornal.

Marta **veio correndo**: o noivo **acabara de chegar.**

Ninguém **poderá sair** antes do término da sessão. (Fonte: Disponível em http://www.soportugues.com.br)

Alternativa "a" – Altera o tempo para pretérito imperfeito.

Alternativa "c" – Passa para tempo composto (ter + particípio)

Alternativa "d" – Altera o tempo para presente do indicativo.

Alternativa "e" – Altera o tempo para pretérito mais-que-perfeito do indicativo.

---

15. (Vunesp – Agente de Segurança Penitenciária – SP/2009) Mantendo-se o mesmo modo e tempo verbal, a oração – Nenhuma das identidades era revelada. – pode ser reescrita da seguinte forma:

(A) Não se tem revelado nenhuma das identidades.

(B) Não se revelou as identidades nenhuma.

(C) Não revelarão nenhuma das identidades.

(D) Não são reveladas nenhuma das identidades.

(E) Não revelavam nenhuma das identidades.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Era e revelavam: pretérito imperfeito do indicativo = ações prolongadas.

Alternativa "a" – Presente do indicativo.

Alternativa "b" – Pretérito perfeito do indicativo.

Alternativa "c" – Futuro do presente do indicativo.

Alternativa "d" – Presente do indicativo.

---

16. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2008) Assinale a alternativa em que o verbo em destaque está corretamente grafado e flexionado.

(A) A crise de autoridade *adveem* do casamento infeliz da corrupção com cumplicidade.

(B) Muita gente *interveio* tentando lutar pelo bem comum social.

(C) Se uma pessoa *pôr* sua coragem em prática, dirá não quando a tentação assediar.

(D) Se uma pessoa *quizer* manter sua decência, deverá praticá-la.

(E) As leis mal cumpridas do país *contém* em si a tão necessária moralidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Interveio: do verbo intervir – flexionado na terceira pessoa do singular, no pretérito perfeito do indicativo, ação do sujeito muita gente, ideia de coletivo= singular. Intervir conjuga-se como o verbo vir: (ele) veio – (ele) interveio.

Alternativa "a" – verbo advir, na terceira pessoa do singular: advém, conjuga-se como o verbo vir. Verbo advir na terceira pessoa do singular, presente do indicativo, apresenta acento gráfico: a crise (...) advém.

Alternativa "c" – Forma correta para a terceira pessoa do singular do verbo pôr no futuro do subjuntivo: se uma pessoa puser.

Alternativa "d" – terceira pessoa do singular, no futuro do subjuntivo do verbo querer: se uma pessoa quiser.

Alternativa "e" – Verbo conter: presente do indicativo, terceira pessoa do plural, apresenta o acento circunflexo conforme o verbo ter. As leis (têm) contêm.

17. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2008) Assinale a alternativa em que a correlação entre os tempos verbais está correta.

(A) Seria importante que você mantesse todos os seus dados em dia.

(B) Será importante que você mantém todos os seus dados em dia.

(C) Seria importante que você mantivesse todos os seus dados em dia.

(D) Era importante que você manteria todos os seus dados em dia.

(E) Foi importante que você mantinha todos os seus dados em dia.

Alternativa "c": correta – Seria: futuro do pretérito do indicativo – afirmação condicional (exprime incerteza, probabilidade). Mantivesse: tempo: pretérito imperfeito do subjuntivo (exprimindo vontade ou comando).

Alternativa "a" – Forma verbal correta: mantivesse = verbo manter: segue o mesmo paradigma do verbo ter: pretérito imperfeito do subjuntivo= tivesse /mantivesse.

Alternativa "b" – Forma verbal correta: mantenha – noção presente do subjuntivo temporal no presente do subjuntivo, quase como uma ordem imperativa para o futuro. Será – importante que você mantenha.

Alternativa "d" – Era – tempo: pretérito imperfeito do indicativo (designa um fato passado não concluído). Manteria – tempo: futuro do pretérito do indicativo – indicando uma condição futura hipotética referente a fato passado que não se realizou.

Alternativa "e" – Foi e mantinha. Não há correlação de tempos verbais. Foi – tempo: pretérito perfeito do indicativo= ação concluída. Mantinha – tempo: pretérito imperfeito do indicativo= ação passada mas não concluída. Haveria correlação de tempo verbal com relação a forma foi da primeira oração em ... foi importante que você mantivesse todos..., no tempo: pretérito imperfeito do subjuntivo.

Charge:

(www.chargeonline.com.br)

18. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2008) Considerando-se o interlocutor do urso como VOCÊ, as formas verbais no imperativo devem assumir as seguintes flexões:

(A) vá – veja – avise.

(B) vai – veja – avisa.

(C) vais – vejas – avisas.

(D) vá – veja – avisa.

(E) vai – vê – avise.

Alternativa "a": correta – Vá (você) – veja (você) – avise (você), todas as formas verbais estão no imperativo afirmativo e são retiradas do presente do subjuntivo:

Imperativo afirmativo	Presente do subjuntivo
	que eu vá
	que tu vás
vá você	que ele vá

Imperativo afirmativo	Presente do subjuntivo
	que eu veja
	que tu vejas
veja você	que ele veja

Imperativo afirmativo	Presente do subjuntivo
	que eu avise
	que tu avises
avise você	que ele avise

Alternativa "b" – Vai: imperativo afirmativo (tu); avisa: imperativo afirmativo (tu).

Alternativa "c" – Vais: presente do indicativo (tu); vejas: presente do subjuntivo (tu); avisas: presente do indicativo (tu).

Alternativa "d" – Avisa: presente do indicativo (ele).

Alternativa "e" – Vai e vê: imperativo afirmativo (tu).

Texto

Da ambição se pode dizer que é uma força que, ao contrário da liberdade, não termina onde a do outro começa. O ambicioso não enxerga o cume nem quando o atinge. O céu para ele não é o limite. Não é por outra razão que os maiores desastres humanos foram gestados pela ambição sem limites. Em contrapartida, os mais espetaculares saltos intelectuais, científicos e políticos trazem a assinatura de homens e mulheres ambiciosos. (Veja, 01.03.2006)

19. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2007) Assinale a alternativa que altera a voz verbal e mantém a relação agente/paciente da frase: ... *os maiores desastres humanos foram gestados pela ambição sem limites.*

(A) Foram gestados pela ambição sem limites os maiores desastres humanos.

(B) Pela ambição sem limites foram gestados os maiores desastres humanos.

(C) Os maiores desastres humanos gestaram a ambição sem limites.

(D) A ambição sem limites gestou os maiores desastres humanos.

(E) A ambição sem limites é gestada pelos maiores desastres humanos.

Alternativa "d": correta – Na voz passiva: *os maiores desastres humanos* = sujeito paciente e *pela ambição sem limites* = agente da passiva. Transpondo para a voz ativa, retira-se o verbo ser: A ambição sem limites (sujeito) gestou os maiores desastres humanos (objeto direto).

Alternativa "a" – Não altera a voz verbal.

Alternativa "b" – Não altera a voz verbal.

Alternativa "c" – Alterou a informação e a relação agente/paciente.

Alternativa "e" – Alterou a relação agente/paciente.

20. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2007) Assinale a alternativa que apresenta correta correlação de tempo verbal entre as orações.

(A) Se os advogados demonstrarem um mínimo de conhecimento, poderiam defender bem seus clientes.

(B) Embora tivessem cursado uma faculdade, não se desenvolveram intelectualmente.

(C) É possível que os novos cursos passam a ter fiscalização mais severa.

(D) Se não fosse tanto desconhecimento, o desempenho poderá ser melhor.

(E) Seria desejável que os enguiços entre diplomas e carreiras se resolvem brevemente.

Alternativa "b": correta.

Nota da autora: -SE, -RIA: tempos condicionais: pretérito imperfeito do subjuntivo – fizes**SE**; futuro do pretérito do indicativo – pode**RIA**. Em concursos, são pedidos juntos em muitas questões. Pode estar na ordem inversa também.

Alternativa b – Há relação de tempo entre as orações. Primeira oração – tivessem – tempo: pretérito imperfeito, denotando ação ocorrida no passado com uma concessão: embora – conjunção adverbial concessiva= embora tivessem estudado, depende de outra ação passada. Segunda oração – se não se desenvolveram – tempo: pretérito perfeito, expressando um fato passado e concluído.

Alternativa "a" – poderão ou demonstrassem.

Alternativa "c" – Passam a ter = forma verbal do verbo poder, no tempo presente do indicativo + infinitivo ter, significando mudança de situação. O correto seria a forma verbal passem a ter, no tempo presente do subjuntivo que expressa possibilidade, suposição (ação subordinada à ação anterior) é possível que.

Alternativa "d" – poderia.

Alternativa "e" – resolvessem.

21. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2007) Assinale a alternativa em que o verbo em destaque repete o mesmo tempo verbal de ***terá*** em *"As projeções sobre qual impacto o aquecimento global terá em relação à saúde das pessoas ainda são pouco precisas*

(A) O país ainda não *conhece* a vulnerabilidade das pessoas em relação ao meio ambiente.

(B) Fenômenos extremos e menos qualidade de vida: *é* o novo clima.

(C) O que já *acontece* com a biosfera por causa do aquecimento global e da alta concentração do gás carbônico na atmosfera.

(D) Os próximos documentos das Nações Unidas *trarão* alternativas para a redução do efeito estufa.

(E) Problemas ambientais adversos *reduziram* a capacidade produtiva do solo.

Alternativa "d": correta – Terá – (verbo ter) terceira pessoa do singular no tempo futuro do presente do modo indicativo. Trarão – (verbo trazer) terceira pessoa do plural, no tempo futuro do presente do modo indicativo.

Alternativa "a" – Conhece – (verbo conhecer) terceira pessoa do singular, no tempo presente do indicativo.

Alternativa "b" – É (verbo ser) terceira pessoa do singular, no tempo presente do modo indicativo.

Alternativa "c" – Acontece – (verbo acontecer) no tempo presente do modo indicativo.

Alternativa "e" – Reduziram – (verbo reduzir) terceira pessoa do plural no tempo pretérito perfeito do modo indicativo.

22. (TJ – SP – Oficial de Justiça – TJ – SP/1999) A opção em que a forma verbal está correta é:

(A) Se pores tudo em ordem, ficarei satisfeito.

(B) O superior interveio na discussão, evitando a briga.

(C) Não se premiam os fracos que só obteram derrotas.

(D) Se a testemunha depor favoravelmente, o réu será absolvido.

(E) Disse ser falsas aquelas assinaturas.

Alternativa "b": correta – Intervir = vir: interveio.

Alternativa "a" – puseres.

Alternativa "c" – obter = ter: obtiveram.

Alternativa "d" – depuser.

Alternativa "e" – serem.

23. (TJ – SP – Oficial de Justiça – TJ – SP/1999) Indique a alternativa que preenche corretamente as lacunas. *"Meu pai montava a cavalo, _____ para o campo. Minha mãe ficava sentada _____. Meu irmão pequeno _____."* (Carlos Drummond de Andrade)

(A) ia | cozendo | dormia

(B) vai | cosendo | dorme

(C) vai | cosendo | dormia

(D) ia | cozendo | dorme

(E) ia | cosendo | dormia

Alternativa "e": correta.

- Meu pai montava (pretérito imperfeito do indicativo) e **ia** (continua a ação prolongada do imperfeito). Eliminadas *b* e *c*.
- Cosendo: costurando. Cozer é de cozinhar e não há como fazer sentada, certo? Eliminadas *a* e *d*.
- dormia: pretérito imperfeito do indicativo = ação contínua, prolongada.

24. (TJ – SP – Oficial de Justiça – TJ – SP/1999) Indique a alternativa que completa corretamente as lacunas: *"Mas __(1)__ que, por bela e por galharda, Posto que os Anjos nunca __(2)__ pesares, __(3)__ anjo, que me __(4)__ e me __(5)__."* (Gregório de Matos)

	1	2	3	4	5
a)	veja	daram	sois	tenta	guarde
b)	vejo	dão	sois	tenta	guarda
c)	vejo	dão	somos	tenta	guarda
d)	veja	dão	somos	tente	guarde
e)	vejo	deem	sois	tente	guarde

Alternativa "b": correta

- Vejo: presente do indicativo = a ação está acontecendo. Eliminada *d*.
- Dão: idem ao verbo ver. Eliminadas *a* e *e*.
- vós sois: presente do indicativo. Eliminada *c*.
- tenta e guarda: presente do indicativo.

25. (TJ – SP – Oficial de Justiça – TJ – SP/1999) Assinale a frase em que há um erro de conjugação verbal:

(A) Ele interviu no assunto.

(B) Requeiro-lhe um atestado de idoneidade.

(C) Eles foram pegos de surpresa.

(D) O comerciante proveu seu armazém do necessário.

(E) As crianças desavieram-se por causa do resultado do jogo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Correto é **interveio** de intervir (vir).

Alternativa "b" – Certo, de *requerer*.

Alternativa "c" – Certo, *ser* ou *estar pego*.

Alternativa "d" – Correto, de *prover* = dotar, abastecer.

Alternativa "e" – Correto, de *desavir*.

---

26. (TJ – SP – Oficial de Justiça – TJ – SP/1999) Ache o verbo que não está no tempo indicado ao lado:

(A) sua ; sue ; suemos ; suai ; suem (imperativo afirmativo)

(B) fui ; foste ; foi ; fomos ; fostes ; foram (pretérito perfeito do indicativo)

(C) haver ; haveres ; haver ; havermos ; haverdes ; haverem (infinitivo impessoal)

(D) não louves ; não louve ; não louvemos ; não louveis ; não louvem (imperativo negativo)

(E) pula ; pulas ; pula ; pulamos ; pulais ; pulam (presente do subjuntivo)

Alternativa "c": correta – Infinitivo, mas não impessoal, pois foi conjugado. Se foi conjugado, há sujeito e é pessoal.

Alternativa "a" – Verbo *suar*.

Alternativa "b" – Tanto poder ser v. *ser* como verbo *ir*.

Alternativa "d" – Verbo *louvar* v.t.d.

Alternativa "e" – Verbo *pular* – verbo intrans. ou trans. dir.(transpor).

2. FCC

---

27. (FCC – Agente Penitenciário – BA/2010) "Se o vento assobiava ao passar por frestas e galhos..." (Marcelo Gleiser. Folha de S. Paulo, Mais!, 23 de agosto de 2009, com adaptações). O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está na frase:

(A) A Terra tem uma idade aproximada de 4,5 bilhões de anos.

(B) Nossa espécie, o Homo sapiens, apareceu em torno de 200 mil anos atrás, na África.

(C) Evidências fósseis e genéticas indicam ...

(D) ... bandos de homens e mulheres corriam pelas savanas e planícies eurasiáticas ...

(E) ... mostram uma enorme variedade de animais e também de cenas de caçadas e de rituais.

COMENTÁRIO

Alternativa "d": correta – Assobiava e corriam indicam ações contínuas, prolongadas = pretérito imperfeito do indicativo.

Alternativa "a" – Presente do indicativo = ação habitual.

Alternativa "b" – Pretérito perfeito do indicativo = ação concluída.

Alternativa "c" – Presente do indicativo = ação habitual.

Alternativa "e" – Presente do indicativo = ação habitual.

---

28. (FCC – Agente Penitenciário – BA/2010) "... alguns animais também foram domesticados." (Marcelo Gleiser. Folha de S. Paulo, Mais!, 23 de agosto de 2009, com adaptações)

O verbo que admite transposição para a voz passiva, tal como no exemplo grifado acima, está na frase:

(A) Somos a presença mais recente neste planeta.

(B) ... bandos de homens e mulheres corriam pelas savanas ...

(C) ... os homens queriam cantar também.

(D) Se o vento assobiava ...

(E) Certamente o som das flautas e dos tambores acompanhava os rituais ...

Alternativa "e": correta – Apenas admitem voz passiva os verbos que possuem objeto direto, isto é, transitivo direto ou transitivo direto e indireto. Após se certificar da predicação tente inverter a oração.

Alternativa "a" – Verbo de ligação.

Alternativa "b" – Intransitivo.

Alternativa "c" – Não admite voz passiva.

Alternativa "d" – Intransitivo.

---

29. (FCC – Agente de Segurança Penitenciária – PB/2008) *O indiscutível êxito do produto demonstra que as dúvidas foram dissipadas* (O Estado de S. Paulo, B2 Economia, 16 de março de 2008, com adaptações). O verbo que admite transformação em

voz passiva, tal como o grifado acima, está também grifado na frase:

(A) A economia nacional parece hoje mais estável.

(B) O carro bicombustível chegou ao mercado brasileiro há pouco tempo.

(C) A indústria brasileira já vendeu 5 milhões de carros bicombustíveis.

(D) O álcool combustível permanece mais barato do que a gasolina.

(E) O Proálcool foi a resposta brasileira às crises do petróleo.

Alternativa "c": correta – Vender: transitivo direto. Na passiva analítica: 5 milhões de carros foram vendidos.

Alternativa "a" – Verbo de ligação não admite voz passiva.

Alternativa "b" – Intransitivo.

Alternativa "d" – Intransitivo.

Alternativa "e" – Verbo de ligação.

30. (FCC – Agente de Segurança Penitenciária – PB/2008) "... se o cérebro do candidato tem características que o credenciem à vaga." (Adaptado de Paula Neiva e Vanessa Vieira. Veja.13 de fevereiro de 2008, p. 82-84)

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que os do grifado acima está na frase:

(A) *...que permitem observar...*

(B) *...essa revolução na tecnologia abre novas possibilidades para um campo da ciência*

(C) *...que hoje desafiam a medicina.*

(D) *...que os testes para emprego exijam exames com tomografia ou ressonância magnética*

(E) *...que as lesões no lobo frontal induzem a comportamento instável*

Alternativa "d": correta – Credenciem e exijam estão conjugados no presente do subjuntivo e indicam ações duvidosas.

Alternativa "a" – Presente do indicativo.

Alternativa "b" – Presente do indicativo.

Alternativa "c" – Presente do indicativo.

Alternativa "e" – Presente do indicativo.

3. FUNRIO

31. (Funrio – Agente Penitenciário Federal/2009)

Um dia começou a guerra do Paraguai e durou cinco anos. João repicava e dobrava, dobrava e repicava pelos mortos e pelas vitórias. Quando se decretou o ventre livre dos escravos, João é que repicou. Quando se fez a abolição completa, quem repicou foi João. Um dia proclamou-se a República. João repicou por ela, repicaria pelo Império, se o Império retornasse. (Machado de Assis: Crônica sobre a morte do escravo João, 1897)

Os tempos verbais empregados na crônica são, em sua maioria, do pretérito perfeito. Sua finalidade no texto é transmitir a ideia de ações

(A) habituais.

(B) concluídas.

(C) contínuas.

(D) permanentes.

(E) hipotéticas.

Alternativa "b": correta – O pretérito perfeito indica ação concluída, finalizada.

Alternativa "a" – Presente do indicativo.

Alternativa "c" – Presente do indicativo.

Alternativa "d" – Pretérito imperfeito do indicativo.

Alternativa "e" – Tempos do modo subjuntivo.

4. CESPE

Trecho para a próxima questão:

(...) Ainda assim, a Bolívia resolveu, por questões políticas internas, depois da eleição do presidente Evo Morales, mudar as regras no meio do jogo. Desde então, não existe garantia de que novos investimentos serão realizados lá para manter o suprimento previsto. E o cumprimento das cláusulas contratuais tornou-se algo também duvidoso. (O Globo, Editorial, 12/4/2009, com adaptações).

32. (CESPE – Agente de Segurança Penitenciária – ES/2009) Em "tornou-se", o pronome "se" indica voz passiva.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não, nesta alternativa o "se" é utilizado com verbo pronominal, indicando que a ação do verbo afeta o sujeito da frase.

Para indicar Voz Passiva o "se" deve acompanhar um Verbo Transitivo Direto.

Memorize: VTD(I) +SE = VP...não pode esquecer!

5. FEPESE

33. (FEPESE – Agente Penitenciário - SC/2013) Assinale a frase que transpõe corretamente o verbo da voz passiva analítica para a voz passiva sintética.

(A) Os presos foram soltos. Soltou-se os presos.

(B) Na rua, eram vistos jovens se manifestando. Jovens manifestavam-se nas ruas.

(C) Os presídios foram reformados. Reformaram-se os presídios.

(D) Uma solução está sendo procurada pelos técnicos. Os técnicos procuraram uma solução.

(E) O rapaz ajudou o animal. O animal foi ajudado pelo rapaz.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Voz passiva analítica: ser + particípio; voz passiva sintética: verbo (transitivo direto ou indireto + SE): reformam-se os presídios.

Alternativa "a" – Soltaram-se os presos.

Alternativa "b" – Viam-se jovens.

Alternativa "d" – Procura-se uma solução.

Alternativa "e" – A oração está na voz ativa e não na passiva analítica. Na passiva sintética, teríamos: ajudou-se o animal.

QUESTÕES MÉDIAS

1. NIVEL MEDIO

1.1. FCC

01. (FCC TRT 4 – 2015 Técnico Judiciário). ... enquanto somos urdidos dentro dela.

O verbo **urdir** na frase acima está transposto para a voz passiva. Dentre as opções abaixo, o verbo que admite essa transposição está em:

(A) A vida é, para todos, comparável a uma tapeçaria de desenho, cores e espessura individuais.

(B) Necessitamos, habitualmente, de orientação segura na tomada de decisões corretas em nossa vida.

(C) Pessoas próximas colaboram conosco na definição de projetos ao longo de toda a vida.

(D) Durante toda a vida, estamos sempre fazendo opções acerca de nossos objetivos.

(E) As cores escolhidas para o bordado parecem ser o propósito definitivo de uma vida.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"- Considerações

1. Verbo transitivo direto e bitransitivo (direto e indireto) admitem voz passiva.

2. Exceção: verbo **haver** – quando impessoal.

Na alternativa "d", temos dois verbos, ao transpor para a passiva analítica, teremos três: opções **estão** sempre **sendo feitas**...

(A) verbo de ligação.

(B) verbo transitivo indireto.

(C) verbo transitivo indireto.

(E) verbo de ligação: parecem ser = são.

02. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 3/2015) Os tempos e modos verbais encontram-se adequadamente articulados na frase:

(A) Caso todos prefiram aderir aos arquivos de computador, as velhas fotografias teriam sido relegadas a um cruel desaparecimento.

(B) Talvez ainda venha a ocorrer a revalorização das velhas fotografias, caso as pessoas percebessem que estas contam uma história preciosa.

(C) Se alguém me perguntasse a respeito da necessidade de se preservar em álbuns as fotos familiares, não hesitarei em lhe dizer que eu alimentasse grande simpatia por esse hábito.

(D) A cada vez que alguém me perguntar se estou entusiasmado com as novas técnicas digitais, eu teria dito que não, que tenho preferência pelas velhas fotos em papel.

(E) Quando eu me punha a examinar os velhos álbuns de fotografia, era tomado por uma grande nostalgia, e passava a reconstituir histórias até então esquecidas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"- Todos os verbos indicam a mesma ação.

Quando eu me punha: pretérito imperfeito do indicativo = ação contínua, prolongada.

Era: pretérito imperfeito do indicativo.

Passava: pretérito imperfeito do indicativo.

(A) Caso todos **preferissem**... teriam = tempos condicionais: pretérito imperfeito do subjuntivo e futuro do pretérito do indicativo.

(B) caso as pessoas **percebam** = tempo hipotético: presente do subjuntivo.

(C) Se alguém me perguntasse... não **hesitaria**... **alimentava**.

(D) eu **direi** = ação futura certa: futuro do presente do indicativo.

03. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 3/2015) Transpondo-se para a **voz passiva** a forma verbal sublinhada na frase *Dentro deles surpreendo a vida que já foi*, obtém-se a expressão

(A) fora surpreendida.

(B) estou surpreendendo.

(C) será surpreendida.

(D) é surpreendida.

(E) tenho surpreendido.

Alternativa correta: letra "d"

1. Encontrar o objeto direto da voz ativa: a vida;

2. Invertendo o termo, acrescentando o verbo *ser* e mantendo o tempo verbal (presente do indicativo): a vida é surpreendida.

(A) Tempo alterado para pretérito mais-que-perfeito do indicativo.

(B) Só podemos acrescentar o verbo *ser*.

(C) Tempo alterado para futuro do presente do indicativo.

(E) Não se acrescenta o verbo *ter*, apenas o verbo *ser*.

04. (FCC - Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 16/2014) Antigamente, ... a forma de jogar de um time uma década. Vários jogadores entravam e saíam, mas alguma coisa, ... uma verdade de fundo, parecida com aquela que num artista podemos chamar de "estilo". Isso ..... definitivamente nos anos 90.

(Adaptado de DAMATTA, Roberto. Trechos dos ensaios "O futebol como filosofia" e "Antropologia do óbvio". Disponíveis em estadao.com.br e usp.br/revistausp. Acesso em 10/05/2014)

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

(A) durou - permanece - terminasse

(B) durava - permanecia - termina

(C) durara - permanecera - terminaria

(D) durava - permanece - terminara

(E) durou - permanecesse – terminava

Alternativa correta: letra "b"

✪ **Nota da autora:** Vamos eliminar as descabidas ara facilitar e ganhar tempo. Enquanto isso, o concorrente lê todas as alternativas.

- A dica para o primeiro tempo verbal é o advérbio antigamente. Indica que a ação iniciou no passado; outra dica é o segundo verbo (entravam) que está no pretérito imperfeito. Eliminamos facilmente as alternativas a, c e e.

- Alguma coisa permanecia: as ações continuam em curso e usamos, mais uma vez, o pretérito imperfeito do indicativo. Eliminada d pelo fato de o verbo estar no presente do indicativo e a ação não se referir a hábito. Encontrada a resposta.

- Isso termina nos anos 90 ou Isso terminou nos anos 90. As duas formas estão corretas.

05. (FCC - Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 16/2014) O trecho que admite transposição para a voz passiva encontra-se em:

(A) ... que estão no nível dos olhos do comprador...

(B) ... o consumidor já não precisa do vendedor...

(C) ... na história houve tal concentração de imagens...

(D) ... as mercadorias são não apenas visíveis...

(E) ... a publicidade invadiu as revistas...

Alternativa correta: letra "e"

✪ **Nota da autora:** Admitem voz passiva os verbos transitivos diretos e transitivos diretos e indiretos, já que é necessário o objeto direto. Cuidado, pois há exceção e a FCC pediu.

- Invadir algo: verbo transitivo direto = as revistas foram invadidas (verbo no pretérito perfeito do indicativo) pela publicidade.

▶ **Dica:** acrescenta-se o verbo ser (no mesmo tempo do verbo principal da voz ativa) + particípio e se altera a posição do objeto direto para sujeito paciente.

Alternativa "a" – Intransitivo + adjunto adverbial de lugar.

Alternativa "b" – Transitivo indireto + objeto indireto.

Alternativa "c" – O verbo haver é transitivo direto, mas não admite transposição para a voz passiva. Nem tente, pois a oração tornar-se-ia incorreta.

Alternativa "d" – Verbo de ligação + predicativo do sujeito.

---

06. (FCC - Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 19/2014) - que converte grandes extensões de floresta em pastagens -

Transpondo a frase acima para a voz passiva, a forma verbal passará a ser:

(A) tinham convertido.

(B) foi convertida.

(C) são convertidas.

(D) deveria converter.

(E) foram convertidos.

Alternativa correta: letra "c" – Encontrar o objeto direto, inverter a oração e inserir o verbo ser concordando com o sujeito paciente (que na ativa era objeto direto): grandes extensões de floresta em pastagens são convertidas.

Alternativa "a" – Não se acrescenta o verbo ter e muito menos se pode alterar o tempo verbal.

Alternativa "b" – Tempo, modo e concordância errados.

Alternativa "d" – Não se acrescenta o verbo dever e não se pode alterar o tempo verbal.

Alternativa "e" - Tempo, modo e concordância errados.

---

07. (FCC - Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 19/2014) O Nordeste não vem em sua poesia como um tema ou uma imposição doutrinária.

Nos segmentos, o verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está em:

(A) ... fez como um desterrado...

(B) ... "as impressões dum homem que esteve no cárcere".

(C) ... que tudo via em névoa...

(D) ... a que sai das fontes mais preciosas do coração.

(E) E que voltasse com todos os sentidos atacados de fome.

Alternativa correta: letra "d" – Verbo vir no presente do indicativo. Sai está no mesmo tempo e no mesmo modo.

Alternativa "a" – Pretérito perfeito do indicativo: ação concluída.

Alternativa "b" - Pretérito perfeito do indicativo.

Alternativa "c" – Pretérito imperfeito do indicativo: ação contínua, prolongada.

Alternativa "e" – Pretérito imperfeito do subjuntivo: ação condicional.

Trecho para a questão.

(...) Pelos últimos mil anos, dos manuscritos aos incunábulos e aos impressos a laser, os livros têm sido chamados de livros. Nunca precisaram de adjetivos para distingui-los dos astrolábios, das guilhotinas ou das cenouras. Quando se dizia "livro", todos entendiam um objeto de peso e volume, composto de folhas encadernadas, protegidas por papelão ou couro, nas quais se gravavam a tinta palavras ou imagens. (...)

---

08. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa - TRT 2/2014) A construção destacada que, devido ao tempo e modo verbais empregados, expressa fato iniciado no passado e que se prolonga até o momento em que se fala é:

(A) Com sorte, os livros continuarão "físicos".

(B) ...todos entendiam um objeto de peso e volume, composto de folhas encadernadas, protegidas por papelão ou couro.

(C) Foi nelas que leitores e escritores aprenderam a se encontrar e trocar ideias.

(D) ...leitores e escritores aprenderam a se encontrar.

(E) Pelos últimos mil anos, dos manuscritos aos incunábulos e aos impressos a laser, os livros têm sido chamados de livros.

Alternativa correta: letra "e" – O primeiro passo é transpor a oração da voz passiva analítica (ser + particípio) para a voz ativa. Por quê? Simplesmente para

se ter a noção exata do tempo verbal, já que existem dois verbos (tempo composto): Têm chamado os livros de livros.

Tempo: **Pretérito Perfeito Composto do Indicativo** - formação de locução verbal com o auxiliar ter ou haver no presente do indicativo e o principal no particípio, indicando fato que tem ocorrido com frequência ultimamente. Exemplo: tem (têm) chamado. Em outras palavras: expressa fato iniciado no passado e que se prolonga até o momento em que se fala, porque ainda são chamados.

Alternativa "a" – Continuarão está conjugado no futuro do presente do indicativo e se refere à ação futura certa, algo que realmente acontecerá. O grande perigo da alternativa é o emprego do verbo continuar, mas perceba que a questão exige tempo e modo e não semântica.

Alternativa "b" – Fica claro que se refere à ação passada ao voltar ao trecho em que foi mencionado. Os advérbios marcam ação que já ocorreram, embora o pretérito imperfeito do indicativo nos remeta a algo que ainda possa estar acontecendo: Pelos últimos mil anos; Nunca precisaram de adjetivos. Através do contexto fica claro que nem todos entendem mais livro com as características mencionadas. Por eliminação, descobrimos que não pode ser a alternativa correta.

Alternativa "c" – O pretérito perfeito do indicativo (foi) sugere ação passada e concluída, isto é, não está em curso.

Alternativa "d" - O pretérito perfeito do indicativo (aprenderam) sugere ação passada e concluída. O mesmo que ocorreu na alternativa anterior.

---

09. (FCC - Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 12/2013) Muito antes do modismo conservacionista, pleiteou a causa do macaco carvoeiro e de todo e qualquer ser ameaçado.

A transposição para a voz passiva da frase acima resultará na forma verbal:

(A) foi pleiteado.

(B) pleitearam-se.

(C) era pleiteada.

(D) foram pleiteados.

(E) foi pleiteada.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Sujeito da voz ativa: a causa do macaco carvoeiro e de todo e qualquer ser ameaçado; núcleo: causa. Na passiva: a causa... foi (verbo no mesmo tempo do verbo principal da voz ativa – pretérito perfeito do indicativo) + particípio.

Alternativa "a" – Concordância errada.

Alternativa "b" – Na voz passiva sintética (V.T.D. + SE) ficaria pleiteou-se.

Alternativa "c" – O verbo passou para o pretérito imperfeito do indicativo.

Alternativa "d" – Concordância errada.

---

10. (FCC - Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 12/2013) Fugia da cilada sentimental, ou da emoção, pelo atalho do senso de humor.

O verbo empregado nos mesmos tempo e modo que o verbo grifado acima está em:

(A) ... a quase avareza com que os mineiros tratam o forasteiro.

(B) ... você dava logo de cara com um azulejo na parede...

(C) Talvez tivesse qualquer coisa de bicho...

(D) ... uma ponta de hipocrisia que se debita à polidez social.

(E) Nunca vi solitário de porta tão aberta.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Os verbos fugia e dava estão conjugados no pretérito imperfeito do indicativo e se referem a ações contínuas, prolongadas.

Alternativa "a" – presente do indicativo = hábito.

Alternativa "c" – pretérito imperfeito do subjuntivo = condição.

Alternativa "d" – presente do indicativo = hábito.

Alternativa "e" – pretérito perfeito do indicativo = ação concluída, finalizada.

---

11. (FCC - Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 12/2013) A frase que NÃO admite transposição para a voz passiva é:

(A) ... com que um compositor organiza suas concepções...

(B) ... eles (...) beberam nas mesmas fontes...

(C) ... compositores que exerceram influência...

(D) Cada um deles (...) efetua um milagre totalmente pessoal.

(E) ... a indumentária musical (...) deixa sua marca...

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Apenas admite voz passiva a oração que possui objeto direto. Beber,

no contexto, está intransitivo, pois vem seguido de adjunto adverbial de lugar. Não admite voz passiva.

Alternativa "a" – O.D. = suas concepções: Suas concepções são organizadas.

Alternativa "c" – O.D. = influência: Influência foi exercida.

Alternativa "d" – O.D. = um milagre: Um milagre é efetuado.

Alternativa "e" – O.D. = sua marca: Sua marca é deixada.

12. (FCC - Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 12/2013) Essa linguagem musical é o elemento comum a compositores de uma determinada escola ou época.

... embora seja fácil aos que estão familiarizados com a linguagem do período distinguí-los.

Os verbos que estão conjugados na terceira pessoa do singular e nos mesmos tempos e modos em que o verbo "ser" aparece grifado nas frases acima são, respectivamente:

(A) faz - faça

(B) tem - tivesse

(C) pôde - puder

(D) deixe - deixou

(E) saía – saia

Alternativa correta: letra "a"

- Essa linguagem é: verbo no presente do indicativo = ação habitual, ou que acontece na hora da fala ou da escrita;

-... embora seja: verbo no presente do subjuntivo = ação duvidosa, hipotética.

Na alternativa a: faz está no presente do indicativo e faça, no presente do subjuntivo.

Alternativa "b" – O segundo verbo está no pretérito imperfeito do subjuntivo.

Alternativa "c" – Pôde: pretérito perfeito do indicativo; puder: futuro do subjuntivo.

Alternativa "d" – Deixe: presente do subjuntivo; deixou: pretérito perfeito do indicativo.

Alternativa "e" – Saía: pretérito imperfeito do indicativo; saia: presente do subjuntivo.

13. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRE-RO/2013) ... que as informações sirvam para nortear a elaboração e a implantação de políticas públicas e o planejamento das empresas.

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está em:

(A) "Mesmo que a quantidade de chuva fique inalterada...

(B) ... que as consequências da elevação da temperatura média global serão dramáticas no Brasil.

(C) "De 1990 a 2010, a intensidade da precipitação dobrou na região do cerrado"...

(D) Pesquisadores da Embrapa concluíram que algumas doenças...

(E) ... se a recuperação do equilíbrio biológico característico desses ambientes seria mesmo possível.

Alternativa correta: letra "a" – Os dois verbos (sirvam e fique) foram conjugados no presente do subjuntivo indicando dúvida, hipótese. Nada indica que as ações realmente acontecerão.

Alternativa "b" – Presente do indicativo: ação certa.

Alternativa "c" – Pretérito perfeito do indicativo: ação passada concluída (e certa, óbvio).

Alternativa "d" – Pretérito perfeito do indicativo: ação passada concluída.

Alternativa "e" – Futuro do pretérito do indicativo: ação condicional.

14. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 9/2013) " *além de poeta,* traduzia..." O verbo empregado nos mesmo tempo e modo que o grifado acima está em:

(A) Numa homenagem aos 80 anos de Edgard Braga, escreveu...

(B) Paulo Leminski foi um escritor múltiplo...

(C) ... Leminski é o nome mais representativo...

(D) Em seguida, publicaria...

(E) ... considerava que os grandes poetas

Alternativa "e": correta – *Traduzia* e *considerava* encontram-se conjugados no pretérito imperfeito do indicativo: ações contínuas, prolongadas.

Alternativa "a" – Errada. Pretérito perfeito do indicativo: ação concluída.

Alternativa "b" – Errada. Pretérito perfeito do indicativo: ação concluída.

Alternativa "c" – Errada. Presente do indicativo: ação certa e habitual.

Alternativa "d" – Errada. Futuro do pretérito do indicativo: tempo condicional.

15. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 9/2013) "*Em seguida, publicaria, em dois exemplares da revista* Invenção, *alguns poemas...*" Transpondo-se a frase acima para a **voz passiva**, a forma verbal resultante será:

(A) eram publicados.

(B) viria a publicar.

(C) seria publicado.

(D) seriam publicados.

(E) havia publicado.

Alternativa "d": correta – Primeira etapa: encontrar o objeto direto (alguns poemas); segunda: fazer a inversão do termo e inserir o verbo **ser**. Resultado: Em seguida, seriam publicados, em dois exemplares da revista. Mantenha o tempo verbal do verbo da voz ativa: futuro do pretérito do indicativo.

Alternativa "a" – Errada. Alterou tempo verbal para pretérito imperfeito do indicativo.

Alternativa "b" – Errada. Não se pode inserir outro verbo além do verbo **ser**.

Alternativa "c" – Errada. Concordância errada.

Alternativa "e" – Errada. Não se pode inserir outro verbo além do verbo **ser**.

16. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 9/2013) "*esta vida é uma viagem / pena* eu estar */ só de passagem*" O segmento em destaque nos versos acima transcritos equivale a: **que eu**

(A) estivera.

(B) esteja.

(C) estaria.

(D) estivesse.

(E) estava.

Alternativa "b": correta – Pena que eu esteja. Inserindo o vocábulo *que*, o verbo passa a indicar hipótese, ou seja, modo subjuntivo e, no caso, presente.

Alternativa "a" – Errada. O pretérito mais que perfeito indica ação passada em relação a outra ação também passada.

Alternativa "c" – Errada. O futuro do pretérito do indicativo refere-se à condição.

Alternativa "d" – Errada. O pretérito imperfeito do subjuntivo também se refere à condição.

Alternativa "e" – Errada. O pretérito imperfeito do indicativo remete-se à ideia de ação contínua, prolongada.

17. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 1/2013) "*... aquelas que um observador pode vislumbrar a partir do Museu de Arte Contemporânea de Niterói*" Transpondo-se a frase acima para a voz **passiva**, a forma verbal resultante será:

(A) pode-se vislumbrar.

(B) podem vislumbrar.

(C) pode ser vislumbrado.

(D) vislumbra-se.

(E) podem ser vislumbradas

Alternativa "e": correta.

Nota da autora: apenas admitem voz passiva os verbos que pedem como complemento o objeto direto, ou seja, verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos.

Dica – Para passar uma oração da voz ativa para a passiva analítica, acrescenta-se o verbo SER.

Para passar da passiva para a ativa, retira-se o verbo SER.

O objeto direto da voz ativa passa a ser sujeito paciente na passiva; o sujeito da ativa passa a agente da passiva.

- ... aquelas que um observador pode vislumbrar = voz ativa.
- ... aquelas que podem **ser** vislumbradas por um observador. = voz passiva

Alternativa "a" – Errada. Como não cita no enunciado voz passiva analítica (ser + particípio) ou sintética (V.T.D. ou V.T.D.I. + se), poderia acrescentar o **se** (pronome apassivador), mas a concordância está errada. Deveria ser: pode**m**-se vislumbrar.

Alternativa "b" – Errada. Voz ativa – apenas altera o sujeito.

Alternativa "c" – Errada. Concordância errada.

Alternativa "d" – Errada. Além de a concordância estar errada, falta verbo.

18. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 1/2013) "Assim pensava o maior arquiteto e mais invocado sonhador do Brasil". O verbo empregado nos mesmos tempo e modo que o verbo grifado acima está em:

(A) ... Niemeyer tinha "as montanhas do Rio dentro dos olhos"...

(B) ... este continua desprotegido, entregue à sorte que o destino...

(C) Houve um sonho monumental...

(D) ... descolara-se dela, na companhia de seu líder, em 1990.

(E) ... com que a vida seja mais justa.

Alternativa "a": correta – Pensava e **tinha**: pretérito imperfeito do indicativo = ações contínuas, prolongadas.

Alternativa "b" – Errada. Continua: presente do indicativo = ação que ocorre no ato da fala/escrita. Indica hábito.

Alternativa "c" – Errada. Houve: pretérito perfeito do indicativo = ação concluída.

Alternativa "d" – Errada. Descolara: pretérito mais que perfeito do indicativo = ação passada em relação à ação (outra) também passada.

Alternativa "e" – Errada. Seja: presente do subjuntivo = ação hipotética, duvidosa.

19. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013). .. e perca o contato com as mudanças em seu ambiente de negócios.

O verbo empregado nos mesmos tempo e modo que o verbo grifado acima está em:

(A) ... modelos de gestão de carreira que facilitem os processos...

(B) Alguns observadores batizaram o processo de "juniorização".

(C) ... menos de 40% das organizações pesquisadas reconhecem que...

(D) ... e uma horda juvenil se estabeleceu.

(E) ... a juniorização segue na contramão da demografia.

Alternativa "a": correta – Que eu perca, que tu percas, que ele perca: presente do subjuntivo, ação duvidosa, hipotética. O mesmo ocorre com **facilitem**: que eu facilite, que ele facilite... que eles facilitem.

Alternativa "b" – Errada. Pretérito perfeito do indicativo: ação concluída.

Alternativa "c" – Errada. Presente do indicativo: ação certa, habitual.

Alternativa "d" – Errada. Pretérito perfeito do indicativo: ação concluída.

Alternativa "e" – Errada. Presente do indicativo: ação certa, habitual.

20. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) *A juniorização [ ] põe em risco o futuro das companhias.* A transposição da frase acima para a voz passiva terá como resultado a forma verbal:

(A) foram postas.

(B) são postas.

(C) foi posto.

(D) põem-se.

(E) é posto.

Alternativa "e": correta – Encontrar o objeto direto: o futuro das companhias; acrescentar o verbo **ser** no mesmo tempo do verbo principal da voz ativa: **é** (presente) e colocar o verbo principal da ativa no particípio: **posto**.

Alternativa "a" – Concordância e tempo errados.

Alternativa "b" – Concordância errada.

Alternativa "c" – Tempo errado.

Alternativa "e" – Passou da ativa para a passiva sintética (+se) e a concordância está errada.

21. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013)

Não te _____ destruir...

Ajuntando novas pedras

E construindo novos poemas.

_____ tua vida, sempre, sempre.

_____ pedras (...)

(Cora Coralina. "Aninha e suas pedras", Op. cit., p. 148)

Preenchem corretamente as lacunas dos versos acima, na ordem dada:

(A) deixas – Recrie – Remove

(B) deixe – Recrie – Remova

(C) deixes – Recria – Remova

(D) deixes – Recria – Remove

(E) deixe – Recria – Remove

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

✪ **Nota da autora:** Perceba que a autora utiliza o pronome **te** no início do poema. Já descobrimos que se trata da segunda pessoa do singular (tu). No imperativo afirmativo (ordem, desejo), retiramos do presente do indicativo menos o **s**. No imperativo negativo, acrescamos a negação ao verbo do presente do subjuntivo. Confira nas tabelas:

	Presente do indicativo	Imperativo afirmativo	Presente do subjuntivo	Imperativo negativo
Eu			Deixe	
Tu			Deixes	Não deixes
Ele			Deixe	
Nós			Deixemos	
Vós			Deixeis	
Eles			Deixem	

Eliminadas alternativas *a*, *b* e *e*.

	Presente do indicativo	Imperativo afirmativo	Presente do subjuntivo	Imperativo negativo
Eu	Recrio			
Tu	Recrias	Recria		
Ele	Recria			
Nós	Recriamos			
Vós	Recriais			
Eles	Recriam			

	Presente do indicativo	Imperativo afirmativo	Presente do subjuntivo	Imperativo negativo
Eu	Removo			
Tu	Removes	Remove		
Ele	Remove			
Nós	Removemos			
Vós	Removeis			
Eles	Removem			

Eliminada alternativa *c*.

22. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013)

Diferentes tradições de estudos e pesquisas, não só em comunicação como em outras áreas disciplinares, __(1)__ possibilitado a ampliação do desenvolvimento de trabalhos,sobretudo a partir de 1980, envolvendo análises sobre a interação entre recepção e comunicação. A questão não é nova e __(2)__ sendo pesquisada desde o início do século, especialmente no que se __(3)__ às relações entre os veículos de comunicação e o receptor. (Mauro Wilton de Sousa. "Recepção e comunicação: a busca do sujeito". Sujeito, o lado oculto do receptor. São Paulo: Brasiliense. 1995. p.13)

Preenchem corretamente as lacunas do texto acima, na ordem dada:

	1	2	3
a)	têm	vêm	referem
b)	tem	vem	referem
c)	têm	vem	refere
d)	tem	vêm	refere
e)	têm	vem	referem

Alternativa "c": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de verbo e concordância. Atente-se ao sujeito.

- O que tem possibilitado? **Diferentes tradições têm possibilitado** = sujeito plural: verbo no plural. Eliminadas alternativas *b* e *d*.
- A questão **vem** (o verbo vir – singular). Eliminada *a*.
- Referir + se = verbo transitivo indireto (refere-se a algo), logo deve permanecer no singular, pois o sujeito é indeterminado.

▶ **Dica** – Apenas admitem plural, ao lado do **se**, os verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos por indicarem voz passiva (há sujeito).

Leram-se os livros → V.T.D. + SE sujeito = Na passiva analítica: Os livros foram lidos.

23. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) Os verbos de ambas as frases estão empregados nos mesmos tempo e modo:

(A) ... que até o ano de 1933 ostentou a condição de capital do Estado... / ... as lendas sobre os escravos que os construíram...

(B) Lendas que provocavam a imaginação das crianças... /... a aparente simplicidade que caracteriza a sua obra poética.

(C) ... a cidade atingiu o auge durante o século XVIII. / ... que ainda hoje conserva...

(D) Esses mesmos muros de pedra que alimentaram as lendas... / ... juntamente com os outros casos que os mais velhos contavam...

(E) ... surgiu das povoações fundadas, em 1926, pelo explorador paulista Bartolomeu Bueno, o filho. / ... é um fato psicológico que...

Alternativa "a": correta – Ostentou e construíram estão no pretérito perfeito do indicativo.

Alternativa "b" – Errada. Provocavam: pretérito imperfeito do indicativo; caracteriza: presente do indicativo.

Alternativa "c" – Errada. Atingiu: pretérito perfeito do indicativo; conserva: presente do indicativo.

Alternativa "d" – Errada. Alimentaram: pretérito perfeito do indicativo; contavam: pretérito imperfeito do indicativo.

Alternativa "e" – Errada. Surgiu: pretérito perfeito do indicativo; é: presente do indicativo.

24. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) A frase que NÃO admite transposição para a voz passiva é:

(A) Em seus poemas encontramos o estilo oral desses "casos"...

(B) A cidade de Goiás [...] surgiu das povoações...

(C) ... que alimentaram as lendas sobre os escravos...

(D) Lendas que provocavam a imaginação das crianças...

(E) ... a cidade atingiu o auge durante o século XVIII.

Alternativa "b": correta – Admitem transposição para a voz passiva apenas os verbos transitivos diretos e transitivos diretos e indiretos, porque é necessário o objeto direto: surgiu é verbo intransitivo.

Alternativa "a" – O estilo foi encontrado.

Alternativa "c" – As lendas foram alimentadas.

Alternativa "d" – A imaginação foi provocada.

Alternativa "e" – O auge foi atingido.

25. (FCC – TRT 6 – Técnico Judiciário – Área Administrativa/2012) "... *mas exige em troca um punhado de moedas de ouro*". Transpondo-se a frase acima para a voz **passiva**, a forma verbal resultante será:

(A) foram exigidas.

(B) são exigidos.

(C) é exigida.

(D) é exigido.

(E) foi exigido.

Alternativa "d" – Correta.

✪ **Nota da autora:** Para transpor a oração da voz ativa para a passiva, é necessário inserir o verbo **ser** no mesmo tempo em que está o verbo principal da voz ativa e colocar esse mesmo verbo principal da ativa no particípio. Certo?

Para transpor da voz passiva para ativa, retire o verbo **ser** e coloque o verbo principal no mesmo tempo em que está o **ser** na passiva.

Atente-se sempre à concordância entre sujeito e verbo, pois os termos são, obrigatoriamente, invertidos.

... mas exige em troca um punhado de moedas → V.T.D.

... mas um punhado de moedas **é exigido** em troca → O.D.

Alternativa "a" – Errada. Dois erros: tempo verbal (passou do presente do indicativo para o pretérito perfeito do indicativo) e os verbos estão no plural.

Alternativa "b" – Errada. Verbo no plural.

Alternativa "c" – Errada. Concordância errada.

Alternativa "e" – Errada. Alterou o tempo verbal.

26. (FCC – TRT 6 – Técnico Judiciário – Área Administrativa/2012) "*que já detestava a jovem*" O verbo empregado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:

(A) Não admitia que a mortal...

(B) A Inveja habita o fundo de um vale...

(C) todos os que falaram desse sentimento...

(D) ... porque esta a espionara...

(E) ... que interceda junto a Hersé...

Alternativa "a": correta – Detestava e **admitia** = pretérito imperfeito do indicativo (ação contínua).

Alternativa "b" – Errada. presente do indicativo.

Alternativa "c" – Errada. pretérito perfeito do indicativo.

Alternativa "d" – Errada. pretérito mais que perfeito do indicativo.

Alternativa "e" – Errada. presente do subjuntivo.

Texto para a próxima questão

A Amazônia, dona de uma bacia hidrográfica com cerca de 60% do potencial hidrelétrico do país, tem a chance de emergir como uma região próspera, capaz de conciliar desenvolvimento, conservação e diversidade sociocultural. O progresso está diretamente ligado ao papel que a região exercerá em duas áreas estratégicas para o planeta: clima e energia. Não se trata de explorar a floresta e deixar para trás terra arrasada, mas de aproveitar o valor de seus ativos sem qualquer agressão ao meio ambiente. Para isso, basta que o Brasil seja capaz de colocar em prática uma ampla e bem-sucedida política socioambiental, a exemplo do que faz a indústria cosmética nacional, que seduziu o mundo com a biodiversidade brasileira. É marketing e é conservacionismo também. (...) (Trecho de Diálogos capitais. CartaCapital, 7 de setembro de 2011, p. 46).

27. (FCC – TRT – 11ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa/2012) "Para isso, basta que o Brasil seja capaz de colocar em prática uma ampla e bem-sucedida política socioambiental..." O emprego da forma verbal grifada na frase acima indica:

(A) restrição à afirmativa anterior.

(B) condição da realização de um fato.

(C) finalidade de uma ação futura.

(D) tempo passado em correlação com outro.

(E) hipótese passível de se realizar.

Alternativa "e": correta – O presente do subjuntivo indica ação hipotética e ao reler o trecho em que foi inserido, certificamos que é passível de se realizar.

Alternativa "a" – Errada. Não há forma verbal que indique restrição.

Alternativa "b" – Errada. Os tempos que indicam condição são: pretérito imperfeito do subjuntivo e futuro do pretérito do indicativo.

Alternativa "c" – Errada. Não há forma verbal que indique finalidade, apenas conjunção.

Alternativa "d" – Errada. Tempo passado com relação a outro é o pretérito mais que perfeito do indicativo.

28. (FCC – TRT – 11ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2012) *"acentua seu significado estético, cívico e moral"*. O verbo conjugado nos mesmos tempo e modo que o grifado na frase acima está em:

(A) Ainda que existam estudos modernos levantando a hipótese...

(B) Duas figuras merecem atenção na fase primitiva do teatro grego...

(C) De forma competitiva, passaram a ser realizadas durante seis dias na primavera.

(D) Aristóteles deixou-nos o primeiro documento básico de teoria teatral...

(E) ... de que a tragédia grega teria tido sua origem em rituais fúnebres...

Alternativa "b": correta – Acentua e **merecem** estão conjugados no presente do indicativo, ação habitual, certa.

Alternativa "a" – Errada. Presente do subjuntivo: ação habitual.

Alternativa "c" – Errada. Pretérito perfeito do indicativo: ação concluída.

Alternativa "d" – Errada. Pretérito perfeito do indicativo: ação concluída.

Alternativa "e" – Errada. Futuro do pretérito do indicativo: ação condicional.

29. (FCC – TRT – 11ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2012) *"... uma cena da vida cotidiana, uma paisagem ou natureza morta poderiam constituir uma grande pintura tanto quanto uma imagem da história ou do mito"*. Transpondo-se a frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante será:

(A) poderiam serem constituídas.

(B) poderia vir a ser constituída.

(C) teria podido constituir.

(D) poderia ser constituída.

(E) poderiam ter sido constituídas.

Alternativa "d" – Correta.

✪ **Nota da autora:** Façamos passo a passo para não haver enganos.

1) Encontrar o objeto direto da voz ativa: *uma grande pintura.*
2) Iniciar a oração da voz passiva com o objeto direto (que passará a ser sujeito paciente). Se o termo está no singular, o verbo deverá, também, aparecer no singular. Eliminadas alternativas a e e.
3) Acrescentar o verbo **ser + particípio** do verbo principal. Importante: se na voz ativa há dois verbos, haverá três na passiva. Eliminada alternativa b. Na alternativa c, acrescentou-se o verbo **ter**, ou seja, eliminemos, pois o acréscimo só pode acontecer com o verbo **ser**.

Voz passiva: ***Uma grande pintura*** *tanto quanto uma imagem da história ou do mito* **poderia ser constituída** *por uma cena da vida cotidiana, uma paisagem ou natureza morta.*

Poderia haver intercalação (emprego de vírgulas na expressão *tanto quanto uma imagem da história ou do mito* para facilitar), mas não há.

30. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 4/ 2011) A frase em que o emprego das formas verbais está em harmonia com o padrão culto escrito é:

(A) Estou disposta a revisar o texto, caso ele manifesta interesse quando vier aqui.

(B) Esperamos que ele sentencie a nosso favor, já que nunca retorquimos suas decisões.

(C) Eles ansiam tanto pelo aumento do salário, que sequer discutem o novo valor.

(D) Se ele continui a se mostrar prestativo pouco importa, pois muitos já o odeiam por sua atuação irresponsável.

(E) O desejo de todos é o de que premiamos de acordo com as regras que apusemos no cartaz.

Alternativa "b": correta – Sentencie: presente do subjuntivo; retorquir: pretérito perfeito do indicativo.

Alternativa "a" – Errada. caso ele **manifeste** = dúvida.

Alternativa "c" – Errada. Eles **anseiam**.

Alternativa "d" – Errada. Se ele **continua**.

Alternativa "e" – Errada. O desejo de todos é o de que **premiemos** = dúvida.

31. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 23/2011) "(...) fato do qual as agências de publicidade há muito tinham consciência." Mantendo-se a correção e a lógica, o segmento grifado na frase acima poderia ser substituído, sem que nenhuma outra alteração fosse feita, por:

(A) estavam cientes.

(B) estavam familiarizadas.

(C) dominavam.

(D) davam como certo.

(E) reconheciam.

Alternativa "a": correta – Ter pode ser substituído por **estar. Consciência** é um substantivo e possui relação semântica com o adjetivo **ciente.**

Alternativa "b" – Errada. Não há relação semântica entre consciência e familiarizadas.

Alternativa "c" – Errada. O verbo dominar não cabe no contexto.

Alternativa "d" – Errada. Dar certo? Nada indica isso.

Alternativa "e" – Errada. Reconhecer é incabível.

Questão muito fácil, embora tenha misturado verbo e processos de formação das palavras.

32. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 23/ 2011) *"Houve uma ocasião em que desejava ser diretor de cinema".* O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado na frase acima se encontra em:

(A) ... eu escolheria um jornal.

(B) ... um meio de comunicação que não tinha limites.

(C) O senhor já pensou em fazer filme?

(D) ... o tempo que você passa com amigos.

(E) ... a isolar você do mundo real.

Alternativa "b": correta – Desejava e tinha: pretérito imperfeito do indicativo (ações contínuas, prolongadas).

Alternativa "a" – Errada. futuro do pretérito do indicativo = ação condicional.

Alternativa "c" – Errada. pretérito perfeito do indicativo = ação concluída.

Alternativa "d" – Errada. presente do indicativo = ação habitual.

Alternativa "e" – Errada. infinitivo = forma nominal.

Texto para a próxima questão:

O VENTO

Queria transformar o vento.

Dar ao vento uma forma concreta e apta a foto.

Eu precisava pelo menos de enxergar uma parte física do vento: uma costela, o olho...

Mas a forma do vento me fugia que nem as formas de uma voz.

Quando se disse que o vento empurrava a canoa do índio para o barranco

Imaginei um vento pintado de urucum a empurrar a canoa do índio para o barranco.

Mas essa imagem me pareceu imprecisa ainda.

Estava quase a desistir quando me lembrei do menino montado no cavalo do vento – que lera em Shakespeare.

Imaginei as crinas soltas do vento a disparar pelos prados com o menino.

Fotografei aquele vento de crinas soltas.

(Manoel de Barros. Ensaios fotográficos, in Poesia completa. São Paulo: Leya, 2010, p. 384-385)

33. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 23/ 2011) Está INCORRETA a afirmativa:

(A) O sentido original da frase *apta a foto* está reproduzido, com outras palavras, em: **passível de ser fotografada**.

(B) As reticências indicam a suspensão intencional do pensamento, mas permitem supor a continuidade da enumeração das demais partes de um corpo.

(C) A substituição correta da palavra grifada em transformar o vento (1º verso) e Dar ao vento (2º verso) pelos pronomes correspondentes deverá ser: **transformá-lo** e **Dar-lhe**.

(D) O emprego do tempo e do modo verbais em que lera denota uma ação que foi realizada em um tempo anterior e equivale a **que havia lido**.

(E) As formas verbais como **precisava, fugia, imaginei** e **pareceu** estão flexionadas na mesma pessoa e nos mesmos tempo e modo.

Alternativa "e" – Correta.

Nota da autora: Questão de verbo, pronome e semântica.

- Opa! Muito cuidado na alternativa e, pois os verbos estão no mesmo modo, mas não no mesmo tempo.
- **Precisava e fugia**: pretérito imperfeito do indicativo – ações prolongadas, contínuas;
- **Imaginei e pareceu**: pretérito perfeito do indicativo – ações concluídas, terminadas.

Alternativa "a" – Errada. apta: que é adequado, apropriado; passível: suscetível de sofrer ou experimentar certas ações.

Alternativa "b" – Errada. Sim, as reticências suspendem o pensamento e permitem dar continuidade à enumeração.

Alternativa "c" – Errada. Transformar é transitivo direto = transformá-lo; dar é transitivo direto e indireto (uma forma concreta: objeto direto – ao vento: objeto indireto) = dar-lhe.

Alternativa "d" – Errada. Lera = pretérito mais que perfeito do indicativo. Equivale a *havia lido*. Não é preciso decorar as relações dos tempos, apenas faça a substituição no texto e verifique se o tempo mantém a mesma relação, no caso, de passado.

34. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 20/ 2011) *"a leitura em profundidade foi substituída pela massa de informações, em sua maioria superficiais".* Com a transposição da frase acima para a voz ativa, o verbo passará a ser

(A) substituíram.

(B) substituiu.

(C) substituíra.

(D) tinham substituído.

(E) substituiriam.

Alternativa "b": correta – Como é para transpor da passiva para a ativa, encontremos o agente da passiva (quando não houver, colocar o verbo na terceira pessoa do plural para indeterminar o sujeito): **pela massa de informações** e retirar o verbo **ser**, colocando o verbo principal no mesmo tempo em que está o **ser**. Resultado: A massa de informações **substituiu** a leitura em profundidade.

Alternativa "a" – Errada. Verbo no plural.

Alternativa "c" – Errada. Alterou o tempo verbal de pretérito perfeito do indicativo para futuro do presente do indicativo.

Alternativa "d" – Errada. Acrescentou-se o verbo **ter** para transpor a voz passiva para a ativa? Nunca! Retira-se o verbo **ser**.

Alternativa "e" – Errada. Além do erro na concordância (verbo no plural), o tempo foi alterado. Questão fácil.

35. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 20/ 2011)

O ex-ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, afirma que os ganhos da produtividade na pecuária poderiam liberar terras suficientes para dobrar a área plantada com alimentos.

O emprego da forma verbal grifada acima indica, considerando-se o contexto,

(A) certeza que consolida a afirmativa feita.

(B) ação habitual e repetitiva, em relação à pecuária.

(C) fato histórico, constante no tempo.

(D) realidade a ser confirmada num futuro imediato.

(E) hipótese, a partir de certa condição implícita.

Alternativa "e": correta – Poderia está no **futuro do pretérito do indicativo** e indica condição, hipótese. Lembre-se de que normalmente vem acompanhado pelo pretérito imperfeito do subjuntivo.

Alternativa "a" – Errada. O presente do indicativo indicaria a ação.

Alternativa "b" – Errada. O presente do indicativo indicaria a ação.

Alternativa "c" – Errada. Seria usado o pretérito imperfeito do indicativo.

Alternativa "d" – Errada. O futuro do presente do indicativo demonstraria tal ação.

36. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 20/2011) "A expectativa é de que o Brasil tenha de arcar com 40% desse aumento". O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está também grifado na frase:

(A) Embora domine as técnicas mais modernas, na média, a produtividade da agropecuária brasileira ainda está distante de alcançar seu pleno potencial.

(B) Grosso modo, as pastagens brasileiras possuem uma unidade animal por hectare.

(C) Para isso, terá dois caminhos.

(D) ... esse investimento muitas vezes não se justifica do ponto de vista estritamente econômico.

(E) "Além disso, o Brasil ainda pode aumentar muito a produtividade de grãos, como o milho, o trigo e o feijão", afirma.

Alternativa "a": correta – Tenha e domine estão conjugados no presente do subjuntivo e indicam ações hipotéticas, duvidosas.

Alternativa "b" – Errada. presente do indicativo.

Alternativa "c" – Errada. futuro do presente do indicativo.

Alternativa "d" – Errada. presente do indicativo.

Alternativa "e" – Errada. presente do indicativo.

37. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 24/ 2011) *"hoje, talvez não sejamos intrinsecamente mais belos do que outras gerações"* O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está também grifado na frase:

(A) Na sociedade moderna sempre haverá expectativa de que nos considerem atraentes.

(B) Vestida de modo atraente, ela tentava despertar mais admiração naquele encontro.

(C) Todos imaginavam que estivessem devidamente preparados para a reunião festiva.

(D) O ideal de beleza se altera no decorrer das épocas, fato atestado em muitas obras de arte.

(E) Para nos sentirmos bem, é necessário cultivar certas qualidades, como a simpatia.

Alternativa "a": correta – Sejamos e considerem estão conjugados no **presente do subjuntivo** e indicam ações duvidosas.

Alternativa "b" – Errada. pretérito imperfeito do indicativo.

Alternativa "c" – Errada. pretérito imperfeito do subjuntivo.

Alternativa "d" – Errada. presente do indicativo.

Alternativa "e" – Errada. infinitivo pessoal: não indica tempo. Usado para indicar finalidade (é necessário cultivar certas qualidades para quê?).

38. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 14/ 2011) *"uma observação mais atenta das fotos deixou evidente"* O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado na frase acima está em:

(A) ... que estaria até hoje...

(B) A exploração da madeira (...) carece de fiscalização...

(C) ... vivendo de forma primitiva ...

(D) ... provavelmente fugiram do território peruano ...

(E) ... certamente são índios com um passado traumático ...

Alternativa "d": correta – Deixou e fugiram: pretérito perfeito do indicativo.

Alternativa "a" – Errada. futuro do pretérito do indicativo.

Alternativa "b" – Errada. presente do indicativo.

Alternativa "c" – Errada. forma nominal: gerúndio.

Alternativa "e" – Errada. presente do indicativo.

39. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 14/ 2011) "A exploração da madeira (...) é apontada por organizações não governamentais internacionais como uma das maiores ameaças ao bem-estar dos povos indígenas da região". Transpondo-se a frase acima para a **voz ativa**, a frase resultante será:

(A) A exploração da madeira sendo uma das maiores ameaças ao bem-estar dos povos indígenas da região aponta organizações não governamentais internacionais.

(B) O bem-estar dos povos indígenas da região apontam a exploração da madeira como uma das maiores ameaças pelas organizações não governamentais internacionais.

(C) A exploração da madeira aponta uma das maiores ameaças ao bem-estar dos povos indígenas da região por organizações não governamentais internacionais.

(D) Uma das maiores ameaças ao bem-estar dos povos indígenas da região, pelas organizações não governamentais internacionais, apontam a exploração da madeira.

(E) Organizações não governamentais internacionais apontam a exploração da madeira como uma das maiores ameaças ao bem-estar dos povos indígenas da região.

Alternativa "e" – Correta.

✪ **Nota da autora:** Relembrando!

Para transpor a oração da voz ativa para a passiva, é necessário inserir o verbo **ser** no mesmo tempo em que está o verbo principal da voz ativa e colocar esse mesmo verbo principal da ativa no particípio. Certo?

Para transpor da voz passiva para ativa, retire o verbo **ser** e coloque o verbo principal no mesmo tempo em que está o **ser** na passiva.

Atente-se sempre à concordância entre sujeito e verbo, pois os termos são, obrigatoriamente, invertidos.

A exploração da madeira **é apontada** por organizações não governamentais internacionais...

Organizações governamentais internacionais **apontam** a exploração da madeira...

Alternativa "a" – Errada. Altera o sentido e há erro no gerúndio **sendo**.

Alternativa "b" – Errada. Erro de concordância e sentido: o bem-estar **apontam** (aponta).

Alternativa "c" – Errada. Não é a exploração que aponta, mas sim a organização.

Alternativa "d" – Errada. Erro de concordância e sentido: uma das maiores ameaças **apontam** (aponta).

40. (FCC – TRT 8ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) "*Se amarão sem saber...*" O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está em:

(A) Ele pode esperar...

(B) Que nada é pra já

(C) O Rio será...

(D) Deixei pra você

(E) O amor não tem pressa

Alternativa "c": correta – O verbo **amar** e o verbo **ser** estão conjugados no futuro do presente do indicativo.

Alternativa "a" – Errada. Pode: presente do indicativo – esperar: infinitivo.

Alternativa "b" – Errada. É: presente do indicativo.

Alternativa "d" – Errada. Deixei: pretérito perfeito do indicativo.

Alternativa "e" – Errada. Tem: presente do indicativo.

41. (FCC – TRT 9ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) "*... que, segundo cientistas, a Terra registre 50 mil tremores todos os anos*". O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está na frase:

(A) ... que lembra o dos profetas religiosos.

(B) ... porque como carne.

(C) ... e esse número não esteja aumentado.

(D) ... o acesso ao conhecimento era mínimo.

(E) ... e, por isso, teme.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Registre: presente do subjuntivo (ação duvidosa). / c) Esteja: presente do subjuntivo.

Alternativa "a" – Errada. lembra: presente do indicativo.

Alternativa "b" – Errada. come: presente do indicativo.

Alternativa "d" – Errada. era: pretérito imperfeito do indicativo (ação contínua).

Alternativa "e" – Errada. teme: presente do indicativo.

---

42. (FCC – TRT – 12ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) *"Gilda de Mello e Souza dizia que o Brasil é muito bom nas novelas".* O verbo flexionado nos mesmos tempos e modos em que se encontra o grifado acima está em:

(A) *... explicava ela.*

(B) *Novelas vivem de conflitos.*

(C) *Talvez por isso a democracia não nos empolgue tanto, no seu dia a dia.*

(D) *que deveriam existir nos dois ou mais lados em concorrência*

(E) *Mas eles são bons só na vida privada.*

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Dizia e explicava: pretérito imperfeito do indicativo – ações contínuas.

Alternativa "b" – Errada. presente do indicativo.

Alternativa "c" – Errada. presente do subjuntivo.

Alternativa "d" – Errada. futuro do pretérito do indicativo.

Alternativa "e" – Errada. presente do indicativo.

---

43. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 22/ 2010) "... mas estima-se que esse número possa ser dez vezes maior". O emprego da forma verbal grifada acima introduz no contexto noção de

(A) situação passada, que se repete no presente.

(B) ênfase em um fato concreto e habitual.

(C) condição para que uma situação se realize.

(D) certeza baseada nas estimativas apresentadas.

(E) hipótese provável da ocorrência de um fato.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Presente do subjuntivo: dúvida, hipótese.

Alternativa "a" – Seria o pretérito imperfeito do indicativo (podia).

Alternativa "b" – Hábito é o presente do indicativo (pode).

Alternativa "c" – Condição: pretérito imperfeito do subjuntivo (pudesse) ou futuro do pretérito do indicativo (poderia).

Alternativa "d" – Certeza: presente do indicativo.

---

44. (FCC – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2007) A frase que NÃO admite transposição para a voz passiva é:

(A) Fiquei observando a construção caprichosa da teia da aranha.

(B) Os vegetarianos não fiquem aliviados.

(C) Tudo isso compõe uma trama de vida e morte.

(D) Eu teria reservado um melhor arremate para esta crônica.

(E) A natureza vai explicitando suas verdades o tempo todo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

✪ **Nota da autora:** apenas admitem voz passiva os verbos que pedem como complemento o objeto direto, ou seja, verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos.

▶ **Dica** – Para passar uma oração da voz ativa para a passiva analítica, acrescenta-se o verbo SER.

Para passar da passiva para a ativa, retira-se o verbo SER.

Alternativa "a" – fiquei observando equivale a observei (V.T.D.) = a construção ficou sendo observada por mim.

Alternativa "c" – V.T.D. = uma trama é composta.

Alternativa "d" – teria reservado equivale a reservaria (V.T.D.) = um melhor remate teria sido reservado.

Alternativa "e" – vai explicitando equivale a explicita (V.T.D.) = suas verdades vão sendo explicitadas.

45. (FCC – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2007) Está adequada a correlação entre os tempos e os modos verbais na frase:

(A) Nenhum inseto acabaria aprisionado numa teia, caso esta não tivesse sido tecida com tanto engenho e arte.

(B) Os vegetarianos não deveriam alegar que não matassem nada, apenas porque não viessem a comer a carne dos animais.

(C) Se um inseto cair na teia, a aranha terá caminhado para ele com a segurança de quem soubesse o que fazer.

(D) Não costuma ocorrer aos que se insurgissem contra a morte de animais que também os vegetais morreriam.

(E) O autor da crônica lamentara que não tenha um melhor arremate para seu texto, uma vez que desconheça as razões e os fins da natureza.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

▶ **Dica – Seria** = tempos condicionais: pretérito imperfeito do subjuntivo – tivesse e futuro do pretérito do indicativo – acabaria.

Alternativa "b" – Não há correlação entre os tempos e modos verbais. **Deveriam** : futuro do pretérito do modo indicativo; **matassem**: a forma verbal correlata seria **matam**, no presente do indicativo; **viessem a comer**: a forma verbal correlata seria **comem**, no presente do indicativo: Os vegetarianos não deveriam alegar que não matam nada, apenas porque não comem a carne dos animais.

Alternativa "c" – Inadequado o uso das formas verbais **terá caminhado**, **soubesse** e **fazer**. Haveria correlação adequada das formas verbais com **cair** da primeira oração em: Se um inseto **cair** na teia, a aranha **caminhará** para ele com a segurança de quem **sabe** o que **faz**. Caminhará: futuro do presente do modo indicativo (terceira pessoa do singular); sabe: presente do modo indicativo (terceira pessoa do singular); faz: presente do modo indicativo (terceira pessoa do singular).

Alternativa "d" – Não costuma ocorrer aos que insurgem contra a morte de animais que também os vegetais morrem.

Alternativa "e" – O autor da crônica **lamenta** que não **tenha** um melhor arremate para seu texto, uma vez que **desconhece** as razões e os fins da natureza.

46. (FCC – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2007) Todas as formas verbais estão corretamente flexionadas na frase:

(A) O cronista dá a entender que jamais interveio para libertar um inseto.

(B) Se não convisse matar para comer, a natureza não o determinaria.

(C) Nunca me aprouveu matar para comer; aguardo que matem por mim.

(D) Se a natureza revesse sua principal lei, que tipo de vida haveria?

(E) Se a vida não se compor com a morte, romper-se-á todo o equilíbrio.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Intervir é conjugado como o verbo **vir** = interveio.

Alternativa "b":convir = vir: conviesse.

Alternativa "c": aprazer (agradar) no pretérito perfeito do indicativo é aprouve.

Alternativa "d":rever = ver: revisse.

Alternativa "e":compor = por: compuser.

1.2. CESPE

Trecho para o item.

Existem várias formas de punição para aqueles que pratiquem assédio moral, podendo essa punição recair tanto no assediador, quanto na empresa empregadora que não coiba, ou que até mesmo incentive o assédio, como ocorre, por exemplo, no caso do assédio moral organizacional, decorrente de políticas corporativas.

O empregador responde pelos danos morais causados à vítima que tenha sofrido assédio em seu estabelecimento, nos termos do artigo 932 do Código Civil. Em caso de condenação, cabe à justiça do trabalho fixar um valor de indenização, com o objetivo de reparar o dano. (...) Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).

47. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) A forma verbal "responde", empregada no presente do indicativo, sugere ação que se repete no tempo, compatível com um texto de lei.

( ) certo ( ) errado

COMENTÁRIOS

Certo – A ação se repete, a ideia é que o empregador sempre responde pelos danos morais. Leitor(a), guarde esta dica muito exigida em provas recentes.

O PRESENTE DO INDICATIVO é empregado

1. quando se deseja retratar um fato ocorrido no momento da fala ou da escrita, também chamado de PRESENTE MOMENTÂNEO;

2. para expressar PROCESSOS HABITUAIS, regulares, ou que possuem validade permanente;

3. para narrar fatos passados, de modo a conferir-lhe atualidade; chamado de PRESENTE HISTÓRICO: Morre, em 13 de agosto de 2014, o economista, político brasileiro, ex-governador de Pernambuco, presidente do Partido Socialista Brasileiro (PSB) e candidato à Presidência da República nas eleições de 2014;

4. para relacionar-se ao ato de indicar um fato no FUTURO PRÓXIMO, tido como uma realização certa: Daqui a 2 meses você é aprovado;

5. para indicar ação delicada e familiar de pedir ou ordenar algo, possui VALOR IMPERATIVO: Vê se vocês estudam certo, sim?

Trecho para o item.

Uma legislação que tenha hoje 70 anos de vigência entrou em vigor muito antes do lançamento do primeiro computador pessoal e do início da histórica revolução imposta pela tecnologia digital. Isso não seria problema se esse não fosse o caso da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), destinada a regular um dos universos mais impactados por esta revolução, o das relações trabalhistas.

Instituída por Getúlio Vargas para outro Brasil — ainda agrário, com indústria e serviços incipientes —, a CLT tem sido defendida por sindicatos em nome da "preservação dos direitos do trabalhador".

Na vida real, longe das ideologias, a CLT, em função dos custos que impõe ao empregador, é, na verdade, eficiente instrumento de precarização do próprio trabalhador.

O Globo, Editorial, 22/8/2013 (com adaptações).

48. (CESPE – Técnico – MPU/2013) O emprego do subjuntivo em "que tenha" confere à informação um caráter hipotético.

( ) certo ( ) errado

Certo – O modo subjuntivo possui caráter hipotético, duvidoso = que talvez tenha 70 anos.

Vale relembrar o sentido dos demais modos: indicativo: certeza; imperativo: ordem ou desejo.

Trecho para o próximo item.

Balanço divulgado pela Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal (SSP/DF) aponta redução de 39% nos casos de roubo com restrição de liberdade, o famoso sequestro-relâmpago, ocorridos entre 1.° de janeiro e 31 de agosto deste ano, em comparação com o mesmo período do ano passado — foram 520 ocorrências em 2012 e 316 em 2013.

Em agosto deste ano, foram registrados 39 casos de sequestro-relâmpago em todo o DF, o que representa redução de 32% do número de ocorrências dessa natureza criminal em relação ao mesmo mês de 2012, período em que 57 casos foram registrados. (...)

DF registra 316 ocorrências de sequestro-relâmpago nos primeiros oito meses deste ano. R7, 6/9/2013, Internet: <http://noticias.r7.com>(com adaptações).

49. (CESPE – Agente de Polícia - DF/2013) A correção gramatical e o sentido da oração "Em agosto deste ano, foram registrados 39 casos de sequestro-relâmpago em todo o DF" seriam preservados caso se substituísse a locução verbal "foram registrados" por registrou-se.

( ) certo ( ) errado

Errado – Em "foram registrados", a oração encontra-se na voz passiva analítica e o sujeito paciente é apontado pela expressão "39 casos de sequestro relâmpago", ou seja, o sujeito é plural. Transpondo para a voz passiva sintética, o verbo deve permanecer no plural: registraram-se.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) Antes, os quase cem tribunais do país funcionavam sem nenhuma coordenação, e pouco – às vezes, nada – se sabia sobre eles. Não havia certeza sequer a respeito do total de 19 processos, juízes e recursos. A partir da elaboração de relatórios como o Justiça em Números, o CNJ pôde, por exemplo, criar metas para desatar os nós da justiça brasileira. Uma delas, de 2009, previa o julgamento de todos os processos distribuídos antes de 2006. Identificaram-se quase 4,5 milhões de casos; 90% deles já foram julgados. Folha de S.Paulo, Editorial, 7/4/2013, adaptado).

50. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) Prejudica-se a correção gramatical do

texto ao se substituir "Identificaram-se" por Foram identificados.

( ) Certo ( ) Errado

Errado.

▶ **Dica:**

1) Voz passiva analítica: verbo ser + particípio
2) Voz passiva sintética: verbo transitivo direto ou transitivo direto e indireto + se (pronome apassivador)

- No texto: *Identificaram-se 4,5 milhões de casos* → V.T.D. + SE = V.P. / sujeito
- Transpondo para a passiva analítica: *4,5 milhões de casos foram identificados* → SER + particípio

⊙ **Em relação às ideias e estruturas linguísticas do texto, julgue o item a seguir.**

Com o objetivo de apresentar boas práticas da organização judicial e discutir os desafios e perspectivas do Poder Judiciário no atual cenário de mudanças tecnológicas e organizacionais, acontecerá o seminário Atualidade e Futuro da Administração da Justiça, nos dias 11 e 12 de março de 2013, em Porto Alegre. O evento será organizado pelo Tribunal Regional Federal da 4.a Região (TRF4) e pelo Instituto Brasileiro de Administração do Sistema Judiciário.

O encontro terá a participação de ministros de tribunais superiores, desembargadores, juízes, promotores, advogados, delegados, diretores de tribunais e professores universitários. Entre as palestras, painéis e mesas-redondas estão programados temas a respeito de gestão, informatização, correição virtual, paradigmas, meio ambiente, conciliação, comunicação, todos eles relacionados à justiça. (Internet: www.trt10.jus.br, com adaptações).

51. (CESPE – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) Como o texto trata de um evento que ocorrerá no futuro, o emprego do presente do indicativo em "estão" está em desacordo com as exigências gramaticais de correlação entre os tempos e modos verbais.

( ) Certo ( ) Errado

Errado – O seminário acontecerá: evento futuro em relação à data em que o texto foi escrito. O verbo **estar** foi usado no presente por se referir a uma ação que está ocorrendo no momento em que o texto foi redigido e/ou lido.

⊙ **Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.**

(...)

No lugar de alta carga tributária e estrutura de impostos inadequada, o país deve priorizar investimentos que expandam a produção e contribuam simultaneamente para o aumento de produtividade, como é o caso dos gastos com educação. É dessa forma que são criadas boas oportunidades de trabalho, geradoras de renda, de maneira sustentável. (O Globo, Editorial, 12/7/2010, com adaptações).

52. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/2010) As formas verbais "expandam" e "contribuam" foram empregadas no modo subjuntivo porque estão inseridas em segmento de texto que trata de fatos incertos, prováveis ou hipotéticos.

( ) Certo ( ) Errado

Certo – Pode ser que os investimentos expandam e contribuam, não há certeza, por isso se usa o verbo no presente do subjuntivo.

⊙ **Atenção! A questão refere-se ao trecho abaixo – Os impactos sociais da velhice**

(...) Nós não estamos mais no mundo do trabalho estável, não temos mais o pleno emprego e as relações de trabalho hoje passam pela flexibilização. E a tão falada flexibilização significa informalização. A nossa política social é toda ligada ao trabalho. A Constituição de 1988 mudou um pouco, mas até então só tinha direito ao benefício da previdência quem trabalhava. Era uma cidadania ligada ao trabalho e, não, ao benefício do trabalhador. E isso não é mais possível. Nós estamos caminhando para um mundo sem trabalho. (Internet: www.techway.com.br, om adaptações).

53. (CESPE – Técnico do Seguro Social – INSS/2008) Se o trecho "mudou um pouco" for substituído por **modificou-se pouco,** preservam-se as relações textuais e o sentido original do texto.

( ) Certo ( ) Errado

Errado – Em primeiro lugar, houve alteração dos vocábulos mudou para modificou; em segundo lugar, passou-se a oração da voz ativa para a passiva sintética (verbo transitivo direto + se); em terceiro lugar, alterou-se, também, a locução adverbial um pouco por pouco.

Alteram-se o sentido original do texto e as relações textuais.

◉ **Atenção! A questão refere-se ao trecho abaixo - Como nasce uma história.**

(...)

Desde o meu tempo de ginásio sei que se trata de problema complicado, este do infinito pessoal. Prevaleciam então duas regras mestras que deveriam ser rigorosamente obedecidas. Uma afirmava que o sujeito, sendo o mesmo, impedia que o verbo se flexionasse. Da outra infelizmente já não me lembrava. (...) (Fernando Sabino. A volta por cima. Rio de Janeiro: Record, 1995, p. 137-140, com adaptações).

---

54. (CESPE - Técnico do Seguro Social - INSS/ 2008) A regra gramatical enunciada pelo autor em "Uma afirmava que o sujeito, sendo o mesmo, impedia que o verbo se flexionasse" aplica-se aos verbos subir e descer no seguinte exemplo: Se os funcionários querem subir, não devem descer.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo.

✪ **Nota da autora:** Questão de verbo, análise sintática e concordância.

Traduzindo a questão, considerada confusa por muitos: o verbo deve concordar com o sujeito e, no caso do enunciado, usaram-se dois verbos como *peguinha*. Obtemos facilmente as seguintes formas: os funcionários (sujeito plural) querem subir e os funcionários (sujeito plural) devem descer. A concordância está correta. É apenas isso.

1.3. CESGRANRIO

---

55. (CESGRANRIO - Técnico Bancário-Banco da Amazônia/2013) O verbo obter está empregado de acordo com a norma- padrão em:

(A) Quando eles obterem êxito, a situação da Amazônia melhorará bastante.

(B) A manifestação dos representantes da Amazônia legal obtêm bons resultados.

(C) Caso obtenham novos recursos, as cadeias produtivas continuarão proliferando.

(D) Na floresta, obtém-se materiais para diversas pesquisas científicas.

(E) Seria necessário que os empresários obtessem licença para atuar nessa área.

Comentários:

Alternativa correta: letra "c" - Obter vem do verbo ter = tenham e obtenham.

Alternativa "a" - Obtiverem.

Alternativa "b" - Obtém: deve concordar com o sujeito singular a manifestação.

Alternativa "d" - Obtêm: deve concordar com o sujeito plural materiais.

Alternativa "e" - Obtivessem = tivessem.

1.4. VUNESP

---

56. (Vunesp - Escrivão de Polícia - SP/2013) Assinale a alternativa que completa respectivamente as lacunas, em conformidade com a norma-padrão de conjugação verbal.

Há quem acredite que alcançará o sucesso profissional quando _____ um diploma de mestrado, mas há aqueles que _____ de opinião e procuram investir em cursos profissionalizantes.

(A) obtiver ... divirgem

(B) obter ... divergem

(C) obtesse ... devirgem

(D) obter ... divirgem

(E) obtiver ... divergem

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta

- Obter = ter - ob**tiver** (futuro do subjuntivo). Eliminadas *b, c* e *d*.
- divergir = divergem (presente do indicativo). Eliminada *a*.

---

57. (Vunesp - Escrivão de Polícia - SP/2013) Assinale a alternativa cuja forma verbal em destaque expressa uma hipótese.

(A) Já eu, dono do imóvel ultrapassado, **adotei** o livro digital.

(B) Porque cada vez menos gente **armazena** em casa seus arquivos digitais.

(C) Como na faixa de Gaza, o cessar-fogo **tem** curta duração.

(D) Sem livros físicos, sem CDs, os arquivos digitais **ficariam** perdidos na nuvem isolada.

(E) Mas, hoje, tudo **mudou**.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Verbo no futuro do pretérito do indicativo: ação condicional, hipotética.

Alternativa "a" – Pretérito perfeito do indicativo: ação finalizada.

Alternativa "b" – Presente do indicativo: ação habitual.

Alternativa "c" – Presente do indicativo: ação habitual.

Alternativa "e" – Pretérito perfeito do indicativo: ação finalizada.

---

58. (Vunesp – Investigador de Polícia – SP/2013) Assinale a alternativa em que o período *"Nos EUA e na Europa, se alguém se sente ofendido por uma biografia, processa o autor se quiser"* está corretamente redigido em conformidade com a norma-padrão da língua portuguesa.

(A) Nos EUA e na Europa, caso as pessoas se sintam ofendidas por uma biografia, processam o autor caso queiram...

(B) Nos EUA e na Europa, caso as pessoas se sentirem ofendidos por uma biografia, processa-se o autor caso quererem...

(C) Nos EUA e na Europa, caso as pessoas se sente ofendidas por uma biografia, processa o autor caso se quer...

(D) Nos EUA e na Europa, caso as pessoas se sintam ofendido por uma biografia, processam-se o autor caso se quer...

(E) Nos EUA e na Europa, caso as pessoas se sentem ofendido por uma biografia, processam o autor caso querem...

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta

✪ **Nota da autora:** Questão de verbo e concordância.

– Caso se sintam e as pessoas processam.

Erros:

Alternativa "b" – sentirem e processa-se.

Alternativa "c" – ... se sente e processa.

Alternativa "d" – ofendido = ofendidas, processam-se = processam.

Alternativa "e" – ... se sentem = se sintam, ofendido = ofendidas.

---

59. (Vunesp – Investigador de Polícia – SP/2013) No trecho:

O bicho estava perto. Ia atacar-me a barriga da perna? Passou-me pela cabeça o grave da situação. Que seria de mim, atacado por um cão feroz numa via deserta, em plena madrugada, na cidade estranha? Como me arranjaria? Como reagiria? Como lutar contra o monstro, sem pedra nem pau, duas coisas tão úteis banidas pela vida urbana?

As orações interrogativas indicam as

(A) evocações do passado do narrador.

(B) hipóteses levantadas pelo narrador.

(C) possibilidades de o narrador atacar o bicho.

(D) brincadeiras do narrador com a situação.

(E) sugestões dos transeuntes ao narrador.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – A maioria dos verbos está no futuro o pretérito do indicativo que indica condição, isto é, hipóteses.

Alternativa "a" – Não evoca o passado.

Alternativa "c" – Não há possibilidade.

Alternativa "d" – Não brinca.

Alternativa "e" – Não são sugestões.

1.5. UFF

◉ **Texto para a próxima questão.**

(...)

Um programa como esse pode ser iniciado de imediato, mas demora a ser implementado em todo o país, sobretudo por falta de recursos humanos em quantidade. A solução é executá-lo por cidades. Pode-se imaginar que o novo quadro incorporaria cem mil professores a cada ano, sendo lotados em 10 mil escolas, em 250 cidades de porte médio, atendendo cerca de três milhões de alunos. A revolução se faria de imediato nessas cidades, e em todo o Brasil levaria 20 anos. Ao longo desse período, o novo sistema de escolas federais iria substituindo o sistema tradicional municipal ou estadual. Ao final de 20 anos o custo total estaria em 6,4 do PIB.

Esta revolução foi iniciada no final de 2003, em 28 pequenas cidades, e interrompida antes mesmo de ser implementada. A posse de um novo ministro pode ser o momento para iniciar a execução dessa proposta que em 2003 recebeu o nome de Escola Ideal. Com ela, contaremos todos com uma educação de base qualificada e teremos a possibilidade de um sistema de ensino superior de qualidade, no

qual as vagas sejam disputadas sem discriminação social em vez de oferecidas com discriminação social. Teríamos o bom elitismo, intelectual, com a mesma chance para todos, como no futebol. E sem mentira. (BUARQUE, Cristovam. O Globo: 28/01 /2012)

60. (UFF – Inspetor de Polícia – RJ/2012) Com o emprego do futuro do pretérito – "incorporaria", "se faria", "levaria", "teríamos", o autor sinaliza que se deve entender o conteúdo das respectivas proposições como:

(A) necessário.

(B) possível.

(C) facultativo.

(D) certo.

(E) obrigatório.

Alternativa "b": correta – Nas proposições que contêm as formas verbais citadas, o futuro do pretérito está sinalizando afirmações condicionadas a fatos que deveriam ter sido realizados e que talvez não se realizem no futuro.

Alternativa "a" – Não é necessário.

Alternativa "c" – Não é facultativo.

Alternativa "d" – Impossível ser certo, pois é tempo condicional.

Alternativa "e" – Não é obrigatório.

61. (UFF – Inspetor de Polícia – RJ/2012) Evidencia-se a noção de que é indubitável o conteúdo da proposição: "Elas fracassarão como construtoras de conhecimento de alto nível", com a substituição de "Elas fracassarão" por:

(A) Elas poderão fracassar.

(B) Decerto elas vão fracassar.

(C) Elas deverão fracassar.

(D) Elas tendem a fracassar.

(E) Creio que elas fracassarão.

Alternativa "b": correta – O emprego da forma verbal *fracassarão* indica um futuro em caráter imperativo, o que dá à proposição a noção de que é indubitável: não deixa dúvida, portanto, decerto elas vão fracassar: o advérbio decerto está no sentido de certeza (sem dúvida).

Alternativa "a" – A forma verbal composta poderão fracassar traz o auxiliar no futuro do presente (poderão) + infinitivo (fracassar) indica noção de probabilidade para o fracassa, incerteza sobre incerteza no futuro.

Alternativa "c" – O auxiliar deverão no futuro do presente + infinitivo (fracassar) indica obrigação de fracassar.

Alternativa "d" – Auxiliar (tendem) presente do indicativo + infinitivo (fracassar): indica que há probabilidade de se encaminharem para o fracasso.

Alternativa "e" – A forma verbal creio traduz a ideia de que a primeira pessoa do presente do indicativo (eu) imagina, presume, julga que elas fracassarão (futuro do subjuntivo= probabilidade).

62. (UFF – Inspetor de Polícia – RJ/2012) A alternativa em que a substituição do verbo "ser" pelo verbo indicado, de significação mais específica, altera fundamentalmente o sentido do enunciado é:

(A) "aquelas ruas e construções, em tempos remotos, já **foram** habitat das camadas pobres daquelas regiões" /constituíram.

(B) "essa possibilidade pode **ser** perfeitamente viabilizada" /resultar.

(C) "**é** surpreendente verificar a existência de soluções criativas na produção do espaço construído" / parece.

(D) "a vivência dessas pessoas (...) **é** o melhor caminho para a adequação espacial dessas comunidades" / revela-se.

(E) "Ignorar o fato de que a favela faz parte da cultura carioca há mais de um século **é** negar a sua preexistência" /implica.

Alternativa "c": correta – Altera o sentido que difere do verbo *ser*: a) é surpreendente verificar a existência de solução: está caracterizando, qualificando a verificação da existência de solução (afirmação); b) parece surpreendente = é quase surpreendente, não chega a surpreender.

Alternativa "a" – A substituição do verbo ser (foram) por constituíram não altera o sentido do enunciado: (já) foram / constituíram= formas verbais no pretérito perfeito do indicativo= fato já concluído e acabado em época passada.

Alternativa "b" – Pode ser / pode resultar – ambas as formas verbais compostas, no infinitivo impessoal expressam uma ideia vaga da viabilidade da realização. Pode ocorrer a substituição sem alterar o sentido do enunciado.

Alternativa "d" – Ações reais, certas.

Alternativa "e" – Ações reais, certas.

63. (UFF – Inspetor de Polícia – RJ/2012) Há ERRO quanto à flexão do verbo destacado em: "não parece impossível ANTEVER um futuro semelhante para as favelas cariocas" no seguinte contexto oracional:

(A) Quando se antever um futuro semelhante para as favelas.

(B) Tão logo se anteveja um futuro semelhante para as favelas.

(C) Caso se anteveja um futuro semelhante para as favelas.

(D) Após se antever um futuro semelhante para as favelas.

(E) Se se antevir um futuro semelhante para as favelas.

Alternativa "a": correta – Há erro: antever – verbo conjugado como o ver – terceira pessoa do singular, no futuro do subjuntivo: vir – quando se antevir (futuro do subjuntivo) expressando ação futura temporal.

Alternativa "b" – forma verbal no presente do subjuntivo – expressa ação subordinada a outra, traduzindo possibilidade, suposição temporal: tão logo.

Alternativa "c" – expressa ação subordinada a outra, traduzindo possibilidade, suposição condicional: caso se.

Alternativa "d" – infinitivo impessoal: exprime ideia vaga da ação verbal.

Alternativa "e" – futuro do subjuntivo: exprime ação futura condicional.

1.6. UNEMAT

64. (UNEMAT – Investigador de Polícia – MT/2010) Considerando as flexões verbais nos enunciados e considerando a formalidade da língua, assinale a alternativa correta.

(A) A polícia federal não interviu no caso da guerrilha urbana, porque entendeu não ser de sua competência.

(B) Se este verão trazer mais chuvas, teremos novas enchentes Brasil afora.

(C) Em qualquer ramo da atividade humana, sempre houveram bons e maus profissionais.

(D) Especialistas recomendam que respeitemos a natureza se não quisermos legar desastres irreparáveis a nossos filhos.

(E) A adoção de políticas mais severas em Nova Iorque reteu a onda de crimes que assolava a cidade.

Alternativa "d": correta – Recomendam: terceira pessoa do plural (eles) – presente do indicativo; respeitamos: primeira pessoa do plural (nós) – presente do subjuntivo; quisermos: primeira pessoa do plural (nós) – futuro do subjuntivo; legar: infinitivo.

Alternativa "a" – o verbo intervir é conjugado como verbo vir = a polícia não interveio: terceira pessoa do singular, presente do indicativo.

Alternativa "b" – se este verão não trouxer: terceira pessoa do singular, no futuro do subjuntivo.

Alternativa "c" – Sempre houve bons e maus: o verbo haver quando é sinônimo de existir fica no singular; já o verbo existir concorda com o sujeito: sempre existiram bons e maus.

Alternativa "e" – reteve: o verbo reter é derivado do ter e segue o mesmo paradigma deste: teve / reteve= terceira pessoa do singular, pretérito perfeito do indicativo.

1.7. UFMT

65. (UFMT – Escrivão de Polícia – MT/2010) O uso dos verbos, quanto à conjugação, tempo ou modo, está correto em qual das alternativas?

(A) A empresa iria destinar mais recursos para problemas relacionados ao meio – ambiente se houver melhores incentivos financeiros.

(B) A empresa destinará mais recursos para problemas relacionados ao meio-ambiente se houverem melhores incentivos financeiros.

(C) A empresa irá destinar mais recursos para problemas relacionados ao meio-ambiente se haverem melhores incentivos financeiros.

(D) A empresa destinará mais recursos para problemas relacionados ao meio-ambiente se houvessem melhores incentivos financeiros.

(E) A empresa vai destinar mais recursos para problemas relacionados ao meio – ambiente se houver melhores incentivos financeiros.

Alternativa "e": correta – Todas as formas verbais estão corretas quanto à conjunção, tempo e modo: vai destinar – locução verbal (verbo principal + infinitivo), terceira pessoa do singular, no presente do indicativo (sujeito: a empresa). Se houver: forma verbal (condicional) no futuro do modo subjuntivo – o verbo haver, no sentido de existir é impessoal e fica no singular.

Alternativa "a" – Iria destinar está incorreto – futuro do pretérito do modo indicativo não concorda

com a forma se houver (futuro do subjuntivo que expressa ação vindoura).

Alternativa "b" – Se houver – o verbo haver, quando impessoal (= existir) concorda no singular.

Alternativa "c" – se houver (futuro do subjuntivo).

Alternativa "d" – A forma verbal destinará, futuro do presente do modo indicativo, leva a forma verbal da segunda oração para o futuro do modo subjuntivo: se houver (condicional).

1.8. ACP

Trecho para a próxima questão.

O PORTUGUÊS EM DEBATE

(...)

Mal amparado por escolas que se evadem a qualquer menção à análise sintática, o brasileiro nem sempre sabe onde buscar régua e compasso para disciplinar a língua que fala. O português é uma entidade dinâmica, continuamente alterada e enriquecida por novas gírias, expressões, palavras importadas, mas essa fluidez não faz dela um território sem leis. As gramáticas devem cumprir o papel do esclarecimento do que é correto ou não na escrita, a exemplo da obra de Evanildo Bechara. A fala, porém, **admite** *muitas construções que* **seriam** *aberrantes na página impressa. "Vou no médico" é a forma mais comum, em conversas informais, ainda que o correto seja "vou ao médico". O que é preciso é achar o equilíbrio, mesmo nas diferenças de registro: um adolescente não pode empregar com os avós os mesmos termos que utiliza nas baladas com sua turma.*

No Brasil, a gramática da língua oral foi alvo de um estudo pioneiro em 1969, quando o linguista Nelson Rosso, da Universidade Federal da Bahia, desenvolveu o projeto Norma Urbana Culta (Nurc). O trabalho, feito em São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Salvador e Recife, resultou em 1500 horas de gravações de discursos formais, entrevistas e diálogos envolvendo profissionais graduados de diversas áreas. As transcrições servem, ainda hoje, como base de estudo para teses e artigos. Recentemente, o linguista Ataliba de Castilho, um dos coordenadores do Nurc, **lançou** *uma obra de fôlego, baseada nesse material de análise. Sua Nova Gramática do Português Brasileiro apresenta um recurso inovador em relação aos similares tradicionais: a análise sintática é feita sobre frases presentes no cotidiano do leitor. Essa aproximação com a realidade estimula a observação dos recursos da língua no dia a dia – nas conversas, nas novelas, nos noticiários. Ou seja, seu livro é uma ferramenta excelente não apenas para aprender a língua, mas também sobre ela.*

Nas últimas décadas, por força da urbanização, o fosso que **separava** *a fala culta da "popular" tem se estreitado. Em meados do século passado, por exemplo, "a gente" não era aceito como um equivalente de "nós". Hoje, é uma forma perfeitamente apropriada. "Nós" ganhou certo ar formal. "De terno e gravata, a reunião é conosco. De bermuda e chinelo, pode falar com a gente mesmo", brinca o professor de português Sérgio Nogueira. "A gente fomos", é claro,* **continua sendo** *o que sempre foi: um solecismo. (...) (Jerônimo Teixeira e Daniela Macedo. Texto adaptado da Revista Veja, 11 de agosto de 2010.)*

66. (ACP – Escrivão de Polícia – RS/2010) A forma verbal empregada para indicar o transporte mental a uma época passada e a descrição do que era então presente é

(A) admite.

(B) seriam.

(C) lançou.

(D) separava.

(E) continua sendo.

Alternativa "d": correta – Separava: pretérito imperfeito do modo indicativo, refere-se a uma época anterior ao momento presente, mostrando a grande distância que era presente no passado: o fosso que separava a fala culta da popular (presente, então, no passado).

Alternativa "a" – Admite: forma verbal no presente do indicativo – admite hoje.

Alternativa "b" – Seriam: forma verbal no futuro do pretérito do indicativo refere-se a uma ação hipotética futura com relação ao fato passado (aberração), incluindo uma condição: o que é no presente, se acontecesse naquele tempo (passado) seria...

Alternativa "c" – Lançou: forma verbal no pretérito perfeito do modo indicativo, referindo-se a um fato passado, já concluído – não faz uma descrição para transporte mental à época passada: ...o linguista Ataliba de Castilho (...) lançou uma obra...

Alternativa "e" – Continua sendo: a locução verbal não remonta ao passado, mas indica uma situação contínua, através do gerúndio (sendo), que ainda acontece hoje.

67. (ACP – Escrivão de Polícia – RS/2010) Qual das alternativas abaixo apresenta a correta transformação de voz da frase *"as gramáticas devem cumprir o papel do esclarecimento do que é correto ou não na escrita?"*

(A) O papel do esclarecimento do que é correto ou não na escrita pode ser cumprido por gramáticas.

(B) O papel do esclarecimento do que é correto ou não na escrita é cumprido por gramáticas.

(C) O papel do esclarecimento do que é correto ou não na escrita deve ser cumprido pelas gramáticas.

(D) O papel do esclarecimento do que é correto ou não na escrita deve ser cumprido por gramáticas.

(E) Devem-se cumprir o papel do esclarecimento do que é correto ou não na escrita com gramáticas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

1) Encontrar o objeto direto: o papel do esclarecimento;

2) Inverter a ordem e acrescentar o verbo *ser* no mesmo tempo do verbo principal da voz ativa: o papel do esclarecimento **deve ser cumprido**. Feito!

Alternativa "a" – Altera o verbo.

Alternativa "b" – Altera o verbo.

Alternativa "d" – Peguinha! Faltou o artigo *a* do sujeito da voz ativa.

Alternativa "e" – Voz passiva sintética.

---

68. (ACP – Inspetor de Polícia – RS/2010) Caso se modificasse o tempo do primeiro verbo no trecho *"Qualquer dia é dia de palavrão. Ele é necessário e insubstituível, como disse o sociólogo Gilberto Freyre"* para a sua forma no pretérito imperfeito, as frases que daí resultariam seriam as da alternativa:

(A) Qualquer dia foi dia de palavrão. Ele foi necessário e insubstituível, como disse o sociólogo Gilberto Freyre.

(B) Qualquer dia foi dia de palavrão. Ele era necessário e insubstituível, como disse o sociólogo Gilberto Freyre.

(C) Qualquer dia era dia de palavrão. Ele é necessário e insubstituível, como dissera o sociólogo Gilberto Freyre.

(D) Qualquer dia era dia de palavrão. Ele era necessário e insubstituível, como disse o sociólogo Gilberto Freyre.

(E) Qualquer dia fora dia de palavrão. Ele fora necessário e insubstituível, como disse o sociólogo Gilberto Freyre.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Pretérito imperfeito indica ação contínua, prolongada = era; como disse.

Alternativa "a" – Pretérito perfeito do indicativo.

Alternativa "b" – Pretérito perfeito do indicativo.

Alternativa "c" – Pretérito imperfeito no primeiro caso, mas usou-se presente no segundo caso e por isso é descabida a alternativa.

Alternativa "e" – Pretérito mais-que-perfeito do indicativo.

---

69. (ACP – Inspetor de Polícia – RS/2010) Qual das alternativas abaixo apresenta a correta transformação de voz da frase *"No Brasil, a moda foi coibida pela censura do regime militar."*?

(A) A moda foi, no Brasil, coibida pela censura do regime militar.

(B) O Brasil coibiu a moda da censura no regime militar.

(C) No Brasil, a moda foi sendo censurada no regime militar.

(D) Coibiram, pela censura do regime militar, a moda no Brasil.

(E) A censura do regime militar coibiu a moda no Brasil.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – A oração está na voz analítica (ser + particípio), transpondo para a voz ativa, retira-se o verbo *ser*: censura do regime militar coibiu a moda no Brasil.

Alternativa "a" – Continua na voz passiva.

Alternativa "b" – Altera o sentido.

Alternativa "c" – Continua na voz passiva.

Alternativa "d" – Retirou-se o agente da passiva.

2. NÍVEL SUPERIOR

2.1. FCC

---

70. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 3/2015) Considere o trecho abaixo, extraído da **Nova gramática do português contemporâneo**, de Celso Cunha e Luís F. Lindley Cintra.

...o gerúndio apresenta duas formas: uma simples [...], *outra composta* [...].

A forma composta é de caráter perfeito e indica uma ação concluída anteriormente à que exprime o verbo da oração principal [...].

O que está exposto acima justifica o emprego do gerúndio na frase:

(A) Tendo já se consumido em lágrimas, despediu-se de todos e partiu.

(B) A professora lia sorrindo a narrativa do aluno espirituoso.

(C) Sendo considerada em plena posse de seu juízo no momento de depor, pôde falar a favor da sobrinha.

(D) Combinamos que, no horário das 13 às 15h, estarei atendendo aos fornecedores de laticínios.

(E) Os alunos estão indo para o laboratório porque já vai começar a aula de Biologia.

Resposta: "a" – Sem decoreba, a questão exige muito mais interpretação do que a própria gramática em si. Sorte de quem pensa, não é?

Oração principal: Despediu-se de todos. Antes de se despedir, tinha já se consumido em lágrimas (tendo se consumido = ação anterior à ação da oração principal).

▶ DICA

Quanto à localização na frase, o gerúndio possui certa flexibilidade, dependendo da intenção de comunicação que se pretendo com o uso do mesmo.

ANTES DA ORAÇÃO PRINCIPAL: ***Terminando o jantar, assistiremos a um espetáculo.***

→ O gerúndio pode indicar uma ação imediatamente anterior à oração principal.

AO LADO DO VERBO PRINCIPAL: ***O rapaz saiu tropeçando em tudo pela frente.***

→ O gerúndio indica uma ação simultânea à ação principal.

APÓS A ORAÇÃO PRINCIPAL: ***Os assaltantes foram presos, acalmando, assim, os moradores daquela rua.***

→ O gerúndio indica uma ação posterior à ação principal.*

*Fonte: http://www.infoescola.com/

(B) Ações simultâneas (acontecem ao mesmo tempo): lia e sorria.

(C) Além de haver causa e efeito, as ações são simultâneas: pôde falar a favor da sobrinha por ter sido considerada em plena posse de seu juízo momento de depor.

(D) Apenas reforça a ideia de continuidade, progressividade da ação, no futuro (estarei atendendo).

(E) Ações simultâneas: vai começar e eles estão indo

71. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 3/2015) Considerando a norma-padrão da língua e o emprego de forma verbal, é correta a seguinte frase:

(A) Os jogadores pleitearam que os juízes não intervissem a cada pequena confusão provocada por um choque de corpos ou por discussão banal.

(B) Enquanto aquela norma vigiu, não houve como solucionar o impasse e retirar o depósito que a justiça reteve em prol dos menores de idade.

(C) Embora não apoiemos, não nos opomos a que gaste tanto tempo com assuntos supérfluos, contanto que não interrompe a faculdade.

(D) Independentemente de onde provierem os recursos, convirjam ou não os pareceres dos técnicos consultados, eles, sempre destemidos, iniciarão a obra.

(E) Eles provêem de uma região em que a destruição de bens naturais ou culturais de importância reconhec reconhecida é considerada crime de lesa-pátria.

Resposta: "d" – Questão clássica de verbo:

1. Provir (originar-se) = futuro do subjuntivo – ação futura duvidosa (quando eles provierem);

2. Convergir = presente do subjuntivo – ação hipotética (que eles convirjam).

(A) Interviessem = vir = viessem.

(B) Vigeu = verbo regular (viger) conjugado como o verbo *vender*.

▶ CURIOSIDADE

Não existe a forma "vigir", apenas **viger**: *vigorar; possuir eficácia; estar em vigor, em andamento; diz-se das leis: a lei que vige no Brasil.*

(C) Opusemos = pôr = pusemos; interrompa = presente do subjuntivo: ação hipotética.

(E) Provêm = provir = vir = vêm.

72. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3/2014) Tinham seus prediletos ...

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:

(A) Dumas consentiu.

(B) ... levaram com eles a instituição do "lector".

(C) ... enquanto uma fileira de trabalhadores enrolam charutos...

(D) Despontava a nova capital mundial do Havana.

(E) ... que cedesse o nome de seu herói...

COMENTÁRIO

Alternativa correta: letra "d" – *Tinham* está conjugado no pretérito imperfeito do indicativo e se refere a uma ação contínua, prolongada. O mesmo ocorre com *despontava*.

Alternativa "a" – Pretérito perfeito do indicativo: ação concluída.

Alternativa "b" – Pretérito perfeito do indicativo: ação concluída.

Alternativa "c" – Presente do indicativo: ação que ocorre no momento da fala, ou da escrita.

Alternativa "e" – Pretérito imperfeito do subjuntivo: ação condicional.

73. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 4/2014) Ocorrem adequada transposição de voz verbal e perfeita correlação entre tempos e modos na seguinte passagem:

I. A vaidade, uma vez justificável, deixa de ser um vício abominável. = Se a justificarmos, a vaidade já não seria um vício abominável.

II. Ele toleraria a vaidade, desde que pudesse justificá-la. = A vaidade seria tolerada, desde que ela pudesse ser justificada por ele.

III. Ele não vê como poderia justificar a vaidade que eventualmente o assalta. = A vaidade não é vista justificada por ele, quando eventualmente é por ela assaltado.

Está correto o que consta APENAS em

(A) I.

(B) II.

(C) III.

(D) I e II.

(E) II e III.

COMENTÁRIO

Alternativa correta: letra "b"

I. Errado: Se for justificável, a vaidade não será um vício, ou caso fosse justificável, a vaidade não seria um vício.

II. Certo: tempos condicionais e transposição para a voz passiva analítica (verbo ser + particípio) correta. Cuidado: o tempo deve ser mantido! No caso, o futuro do pretérito do indicativo.

III. Errado: há verbos transitivos diretos, entretanto a transformação não respeitou a forma original na primeira parte do período: ele não vê como poderia ser justificada a vaidade que eventualmente é assaltada.

74. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa - TRT 16/2014) Transpondo-se para a voz passiva a frase vou glosar uma observação de Machado de Assis, a forma verbal resultante deverá ser

(A) terei glosado

(B) seria glosada

(C) haverá de ser glosada

(D) será glosada

(E) terá sido glosada

COMENTÁRIO

Alternativa correta: letra "d" – Fácil a questão. Encontre o objeto direto da ativa, faça a transposição e acrescente o verbo ser no tempo em que está o verbo principal da ativa: Uma observação de Machado de Assis será glosada por mim. = sujeito paciente + verbo ser no futuro do presente do indicativo + particípio do verbo principal + agente da passiva.

Alternativa "a" – Além de alterar o tempo, acrescentou-se o verbo ter e isso não pode ocorrer.

Alternativa "b" – O tempo foi alterado para futuro do pretérito do indicativo (condição).

Alternativa "c" – Se na ativa temos um verbo, na passiva teremos dois, já que acrescentaremos apenas o verbo ser. Eliminada facilmente.

Alternativa "e" – Mais uma vez há três verbos.

75. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa - TRT 16/2014) Está inteiramente adequada a correlação entre os tempos e os modos verbais da frase:

(A) Os prefácios correriam o risco de serem inúteis caso tenham sido escritos segundo as instruções convencionais.

(B) Houvesse enorme interesse pela leitura de prefácios e as editorias certamente cuidariam que fossem mais criativos.

(C) Quando se fizesse uma glosa de frase de um grande autor deve-se citar a fonte original: esse é um dever ético.

(D) Caso o autor viesse a infirmar tanto o nome do grande poeta como o da frágil poetisa, muitos o acusarão de indiscreto.

(E) Menos que seja objeto de preconceito, um bom prefácio sempre resistiria aos critérios de um crítico rigoroso.

COMENTÁRIO

Alternativa correta: letra "b"

✪ **Nota da autora:** Mais uma vez FCC pede os tempos condicionais: pretérito imperfeito do subjuntivo (houvesse) e futuro do pretérito do indicativo (cuidariam). Fácil demais!

Opções de correção:

Alternativa "a" - caso tivessem.

Alternativa "c" – quando se fizer.

Alternativa "d" – acusariam ou venham.

Alternativa "e" – resistirá.

---

76. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa - TRT 2/2014) Na passagem da voz ativa para a passiva, NÃO houve a devida correspondência quanto ao tempo verbal na seguinte construção:

(A) Será que ele apreciará tais formas ditatoriais? = Será que tais fórmulas ditatoriais serão apreciadas por ele?

(B) Haveremos de enfrentar esse e outros desafios = Esse e outros desafios haverão de ser enfrentados por nós.

(C) A questão de gosto dispensaria as razões = As razões teriam sido dispensadas pela questão de gosto.

(D) O autoritarismo apagava as diferenças reais = As diferenças reais eram apagadas pelo autoritarismo.

(E) Os acomodados têm proclamado a servidão ao capricho = A servidão ao capricho tem sido proclamada pelos acomodados.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Olhe a FCC mudando a forma de exigir voz verbal. O verbo da ativa está no futuro do pretérito do indicativo e o verbo ser na passiva deveria ser seriam dispensadas. Outro detalhe: se há um verbo na ativa, teremos dois na passiva. Fixe: só se acrescenta o verbo ser.

Alternativa "a" – Verbos no futuro do presente do indicativo.

Alternativa "b" – Verbos no futuro do presente do indicativo.

Alternativa "d" – Verbos no pretérito imperfeito do indicativo.

Alternativa "e" – Verbos no presente do indicativo.

---

77. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa - TRT 15/2013) Todos os dias, acompanhamos na televisão, nos jornais e revistas as catástrofes climáticas e as mudanças que estão ocorrendo, rapidamente, no clima mundial.

Trocando o verbo acompanhamos por acompanhávamos, a frase acima fica reescrita corretamente na voz passiva analítica em:

(A) Todos os dias, foram acompanhadas pela televisão as catástrofes climáticas e as mudanças que têm ocorrido, rapidamente, no clima mundial.

(B) Todos os dias, acompanham-se pela televisão as catástrofes climáticas e as mudanças que estavam ocorrendo, rapidamente, no clima mundial.

(C) Todos os dias, eram acompanhadas pela televisão as catástrofes climáticas e as mudanças que estavam ocorrendo, rapidamente, no clima mundial.

(D) Todos os dias, são acompanhadas pela televisão as catástrofes climáticas e as mudanças que ocorrem, rapidamente, no clima mundial.

(E) Catástrofes climáticas e as mudanças que ocorrem, rapidamente, no clima mundial.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – E a "Fundação Cuidado Comigo" tenta, mais uma vez, complicar a vida do concurseiro, mas não vou deixar isso acontecer.

Pede para alterar o verbo no presente do indicativo para pretérito imperfeito do indicativo;

Transpor a oração de voz ativa para voz passiva analítica (ser + particípio).

Resultado: as catástrofes climáticas e as mudanças eram (pretérito imperfeito) acompanhadas (particípio).

Alternativa "a" – O verbo ser não pode estar no pretérito perfeito do indicativo – ação concluída.

Alternativa "b" – A oração está na voz passiva sintética (verbo + se).

Alternativa "d" – O verbo ser permanece no presente do indicativo.

Alternativa "e" – Voz ativa e falta informação.

---

78. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 12/2013) Admite transposição para a voz passiva o que se encontra em:

(A) Aquilo [...] não passa, portanto, de uma fração diminuta...

(B) ... cada um atua dentro de sua faixa de registro...

(C) Há mais coisas entre o céu e a terra do que nossos cinco sentidos...

(D) O ganho de sensibilidade seria patente.

(E) As certezas sensíveis dão cor e concretude ao presente vivido.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Para admitir voz passiva, precisamos de objeto direto, isto é, o verbo deve ser transitivo direto ou transitivo direto e indireto. O verbo dar é transitivo direto e indireto: dão cor e concretude (objeto direto) a algo (ao presente vivido) = Cor e concretude são dadas pelas certezas sensíveis ao presente vivido.

Alternativa "a" – Verbo transitivo indireto não admite voz passiva. Exceção: verbo obedecer.

Alternativa "b" – Verbo intransitivo.

Alternativa "c" – Verbo transitivo direto, mas por ser impessoal (haver) não admite voz passiva. Nem tente transpor.

Alternativa "d" – Verbo de ligação + predicativo do sujeito.

---

79. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 12/2013) ... que uma mutação genética reduza drasticamente a seletividade natural dos nossos sentidos.

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:

(A) ... sugeria William Blake...

(B) Aquilo de que o nosso aparelho perceptivo nos faz cientes.

(C) O grande problema é saber se estaríamos aptos...

(D) ... ainda que o grau de sensibilidade dos indivíduos varie de acordo com idade...

(E) ... não comprometeram nossa sobrevivência...

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – Reduza e varie estão conjugados no presente do subjuntivo e indicam ação duvidosa, hipotética.

Alternativa "a" – Pretérito imperfeito do indicativo: ação prolongada.

Alternativa "b" – Presente do indicativo: ação habitual.

Alternativa "c" – Presente do indicativo: ação habitual.

Alternativa "e" – Pretérito perfeito do indicativo: ação concluída, finalizada.

---

80. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 12/2013) Se o mundo desaba, o caos impera.

Mantém-se correta correlação entre os tempos verbais da frase acima substituindo-se os verbos grifados, respectivamente, por:

(A) desabasse - imperaria

(B) desabe - imperava

(C) desaba - imperara

(D) desabar - imperaria

(E) desabava – imperara

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Dica fácil: se é uma conjunção condicional e basta passarmos os dois verbos para os tempos condicionais: pretérito imperfeito do subjuntivo e futuro do pretérito do indicativo = se o mundo desabasse, o cais imperaria. Fixe: a terminação dos verbos é se ria, ou o contrário.

Alternativa "b" – Não cabe a correlação entre presente do subjuntivo e pretérito imperfeito do indicativo.

Alternativa "c" – Não: presente do indicativo + pretérito mais-que-perfeito do indicativo.

Alternativa "d" – Não: futuro do subjuntivo (ou infinitivo pessoal) + futuro do pretérito do indicativo.

Alternativa "e" – Não: pretérito imperfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito do indicativo.

---

81. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 12/2013) aquela mágoa sem remédio é considerada nula

Transpondo-se a frase acima para a voz ativa, a forma verbal resultante será:

(A) considerava.

(B) consideram-se.

(C) considerou.

(D) consideraram.

(E) considera.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – A oração encontra-se na voz passiva analítica (verbo ser + particípio). Para transpor para a voz ativa, é necessário fazer a inversão dos termos e retirar o verbo ser. A banca judiou um pouco porque quando não há agente da passiva, o verbo deve, obrigatoriamente, assumir a forma plural para indeterminar o sujeito. Só chegamos à resposta pelo tempo verbal: Consideram (ou considera) aquela

mágoa nula. O verbo ser está conjugado no presente do indicativo. Cá entre nós, judiaram, hein?

Por eliminação:

Alternativa "a" – Verbo no pretérito imperfeito do indicativo.

Alternativa "b" – O verbo está no presente e no plural, mas continua na voz passiva (sintética, nesse caso).

Alternativa "c" – Verbo no pretérito perfeito do indicativo.

Alternativa "d" – Verbo no pretérito perfeito do indicativo.

---

82. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária - TRT 12/2013) O segmento que admite transposição para a voz passiva é:

(A) A ética epicurista é basicamente um hedonismo.

(B) ... que ele pode utilizar para sua felicidade.

(C) ... a delícia está na qualidade...

(D) ... prazeres que resultam em pesares...

(E) ... ou partem de carências.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – A única oração que possui objeto direto. Na voz passiva analítica (ser + particípio): que possa ser utilizado por ele para sua felicidade.

Alternativa "a" – Verbo de ligação + predicativo.

Alternativa "c" – Verbo intransitivo.

Alternativa "d" – Verbo transitivo indireto (em algo).

Alternativa "e" – Verbo transitivo indireto (de algo).

---

83. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária - TRT 12/2013) A forma verbal que exprime acontecimento passado anterior a outro igualmente passado se encontra em:

(A) ... a cidade está repleta de relatos folclóricos de batalhas, glórias e derrotas.

(B) Embora não fosse mais a capital da Turquia...

(C) ... por muitos séculos a cidade fora o epicentro de três impérios distintos...

(D) ... Istambul podia ser considerada um dos lugares com maior diversidade histórica no mundo.

(E) ... a cidade era literalmente a ponte que...

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – O tempo verbal é o pretérito mais que perfeito do indicativo: fora.

Alternativa "a" – Presente do indicativo: hábito.

Alternativa "b" – Pretérito imperfeito do subjuntivo: condição.

Alternativa "d" – Pretérito imperfeito do indicativo: ação prolongada, contínua.

Alternativa "e" - Pretérito imperfeito do indicativo: ação prolongada, contínua.

---

84. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária - TRT 12/2013) Hoje, no entanto, os asiáticos formam mais da metade da população do local.

Transpondo-se a frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante será:

(A) se formava.

(B) são formadas.

(C) é formado.

(D) é formada.

(E) era formada.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – O verbo principal está no presente do indicativo (o verbo ser deverá também estar) e o objeto direto é feminino singular (passa a ser sujeito): mais da metade da população local é formada por asiáticos.

Alternativa "a" – Altera o tempo verbal e a voz é passiva sintética (verbo + se).

Alternativa "b" – Concordância verbal errada.

Alternativa "c" – Concordância nominal errada.

Alternativa "e" – Altera o tempo verbal para pretérito imperfeito do indicativo.

---

85. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 9/2013) "*Sem dúvida, os britânicos se viam como lutadores pela causa da liberdade contra a tirania...*" O verbo empregado nos mesmos tempo e modo que o verbo grifado acima está em:

(A) Todos os homens comuns ficavam excitados pela visão ...

(B) O mito napoleônico baseia-se menos nos méritos de Napoleão ...

(C) ... exceto para os 250 mil franceses que não retornaram de suas guerras ...

(D) Ele destruíra apenas um coisa ...

(E) ... os próprios clichês o denunciam ...

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Viam e ficavam: pretérito imperfeito do indicativo = ação contínua, prolongada.

Alternativa "b" – Errada. Presente do indicativo.

Alternativa "c" – Errada. Pretérito perfeito do indicativo = ação concluída. Para não confundir, pense em **ontem** (foi, aconteceu, acabou).

Alternativa "d" – Errada. Pretérito mais-que-perfeito do indicativo.

Alternativa "e" – Errada. Presente do indicativo.

---

86. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 9/2013) A frase em que todos os verbos estão corretamente flexionados é:

(A) Quem se dispor a ler a obra seminal de Hobsbawm sobre as revoluções do final do século XVIII à primeira metade do XIX jamais protestará contra o tempo gasto e o esforço despendido.

(B) As reflexões sobre a Revolução Francesa de 1789 requerem muito cuidado para que não se perca de vista a complexidade que as afirmações categóricas tendem a desconsiderar.

(C) Os revolucionários de 1789 talvez não prevessem, ou sequer imaginassem, o impacto que o movimento iniciado na França teria na história de praticamente toda a humanidade.

(D) Se as pessoas não se desfazerem da imagem que cultivam de Napoleão, nunca deixarão de acreditar que o talento pessoal é o principal ou mesmo a único requisito para a obtenção do sucesso.

(E) Quando se pensa na história universal, nada parece tão disseminado no imaginário popular, sobretudo no ocidente, do que as imagens que adviram da Revolução Francesa de 1789.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Requerer no presente do indicativo: requerem; perder no presente do subjuntivo: perca.

Alternativa "a" – Errada. dispuser = por – puser.

Alternativa "c" – Errada. previssem = ver – vissem.

Alternativa "d" – Errada. desfizerem = fazer – fizerem.

Alternativa "e" – Errada. advieram = vir – vieram.

---

87. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 9/2013)

Em outubro de 1967, quando Gilberto Gil e Caetano Veloso apresentaram as canções Domingo no parque e Alegria, Alegria, no Festival da TV Record, logo houve quem percebesse que as duas canções eram influenciadas pela narrativa cinematográfica...

Transpondo-se a primeira das frases grifadas acima para a **voz passiva** e a segunda para a **voz ativa**, as formas verbais resultantes serão, respectivamente:

(A) se apresentaram – influencia

(B) foi apresentado – se influenciaram

(C) eram apresentadas – influenciou

(D) foram apresentadas – influenciava

(E) são apresentadas – influenciou

COMENTÁRIO

Alternativa "d": correta – Cuidado com o tempo verbal e com as inversões.

- *Gilberto Gil e Caetano Veloso* ***apresentaram*** *as canções* Domingo no parque *e* Alegria, Alegria = As canções Domingo no parque *e* Alegria, Alegria **foram apresentadas** por *Gilberto Gil e Caetano Veloso.* Verbos no pretérito perfeito do indicativo.
- *as duas canções* ***eram influenciadas*** *pela narrativa cinematográfica* = A narrativa cinematográfica **influenciava** as duas canções. Verbos no pretérito imperfeito do indicativo.

Alternativa "a" – Errada. Voz passiva sintética + tempo incorreto.

Alternativa "b" – Errada. Concordância errada + voz passiva sintética.

Alternativa "c" – Errada. Tempo errado + concordância errada.

Alternativa "e" – Errada. Tempo errado + concordância errada.

---

88. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 1/2013) É exemplo de construção na voz passiva o segmento sublinhado na seguinte frase:

(A) Ainda ontem fui tomado de risos ao ler um trechinho de crônica.

(B) A Solange toma especial cuidado com a escolha dos vocábulos.

(C) D. Glorinha e sua filha não partilham do mesmo gosto pelo requinte verbal.

(D) O enrubescimento da mãe revelou seu desconforto diante da observação da filha.

(E) Lembro-me de uma visita que recebemos em casa, há muito tempo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Duas opções para haver voz passiva:

Analítica	Sintética
ser + particípio	V.T.D ou V.T.D.I. + se

Alternativa "a" – Correta. Fui tomado = ser + particípio.

Alternativa "b" – Errada. Voz ativa.

Alternativa "c" – Errada. Voz ativa.

Alternativa "d" – Errada. Voz ativa.

Alternativa "e" – Errada. Voz ativa.

---

89. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 18/ 2013) "Não acredito que muitas pessoas sustentem nos dias de hoje uma versão tão forte da posição cartesiana..." O verbo empregado nos mesmos tempo e modo que o verbo grifado acima está em:

(A) ... certamente persiste como um paliativo...

(B) ... e que apenas os homens gozam de "consciência"...

(C) ... criatura alguma que não seja capaz de...

(D) .. desde que os territórios reservados suprissem suas necessidades corporais...

(E) ... os nossos ancestrais racistas argumentavam que...

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Sustentem e seja: presente do subjuntivo. Indicam ações hipotéticas, duvidosas.

Alternativa "a" – Errada. Presente do indicativo.

Alternativa "b" – Errada. Presente do indicativo.

Alternativa "d" – Errada. Pretérito imperfeito do subjuntivo: tempo condicional.

Alternativa "e" – Errada. Pretérito imperfeito do indicativo: ação contínua, prolongada.

---

90. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 18/2013) *"desde que os territórios reservados suprissem suas necessidades corporais de alimento e segurança"* A transposição da frase acima para a voz passiva terá como resultado a forma verbal:

(A) fossem supridas.

(B) forem supridos.

(C) fossem supridos.

(D) viessem a suprir.

(E) sejam supridas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Objeto direto: suas necessidades corporais; acrescenta-se o verbo **ser** no mesmo tempo do verbo principal da voz ativa: **fossem** (atente-se sempre à concordância) – verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo; o verbo principal da ativa passa a particípio: **supridas**. Desde que suas necessidades corporais de alimento e segurança fossem supridas.

Alternativa "b" – Errada. Além de alterar o tempo, a concordância do particípio está errada.

Alternativa "c" – Errada. Concordância do particípio errada.

Alternativa "d" – Errada. Na transposição para a voz passiva, acrescenta-se apenas o verbo *ser*.

Alternativa "e" – Errada. Alterou o tempo verbal.

---

91. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 18/2013) A frase que admite transposição para a voz passiva é:

(A) ... gosto muito deste nome...

(B) ... e depois desliza pelas entranhas do mar...

(C) ... uma mulher que vive em Goiás...

(D) ... passam as crianças e os miseráveis de hoje

(E) ... defende-os com espontânea opção...

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Reforçando: apenas admite voz passiva se houver objeto direto na voz ativa. Defende-os = eles são defendidos.

Alternativa "a" – Errada. Transitivo indireto não admite voz passiva.

Alternativa "b" – Errada. Intransitivo não admite voz passiva.

Alternativa "c" – Errada. Intransitivo.

Alternativa "d" – Errada. Cuidado! Ordem inversa: As crianças e os miseráveis de hoje passam = intransitivo.

---

92. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 18/2013) Estão corretos o emprego e a flexão de todos os verbos da frase:

(A) Proseia com a antiga colega de turma há quase uma hora e não atina com o nome dela.

(B) É realmente espantoso como tudo parece estar acontecendo exatamente como preveu.

(C) Ela requiz imediatamente os seus direitos, mas não encontrou quem lhe atendesse.

(D) Se intervisse a favor do amigo, certamente acabaria por se indispor com o chefe.

(E) Antes mesmo que ouvisse a má notícia, de que estava certo, atera-se à parede para não cair.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – **Prosear** significa conversar, no presente do indicativo: eu proseio, tu proseias, ele **proseia**, nós proseamos, vós proseais, eles proseiam. **Atinar** (descobrir, perceber ou entender (algo) usando o raciocínio, o tino), no presente do indicativo: eu atino, tu atinas, ele **atina**, nós atinamos, vós atinais, eles atinam.

Alternativa "b" – Errada. Prever no pretérito perfeito do indicativo é conjugado como o ver: previ, previste, **previu**, previmos, previstes, previram.

Alternativa "c" – Errada. Requerer não é conjugado como o querer. No pretérito perfeito do indicativo: ela requereu.

Alternativa "d" – Errada. Intervir é conjugado como o verbo vir: se interviesse.

Alternativa "e" – Errada. Estaria e ateria no futuro do pretérito do indicativo (tempo condicional utilizado junto com o pretérito imperfeito do subjuntivo): ater-se-ia. Usa-se a mesóclise porque o verbo está no futuro. Há outras possíveis combinações.

---

93. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) A frase em que se admite transposição para a voz passiva está em:

(A) Passava um pouco das 5 da tarde daquela sexta – feira...

(B) Em 8 de outubro de 2010 a terra tremeu como...

(C) ... e sua equipe instalaram sismógrafos em Mara Rosa...

(D) Mas nem todos concordam.

(E) ... a localização dos tremores não coincide com a desse conjunto de falhas...

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Instalar é transito direto e possui objeto direto: sismógrafos foram instalados em Mara Rosa por sua equipe.

Alternativa "a" – Errada. Não há objeto direto, não há voz passiva.

Alternativa "b" – Errada. Intransitivo.

Alternativa "d" – Errada. Intransitivo – sem objeto direto.

Alternativa "e" – Errada. Não há objeto direto.

---

94. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013)

A narrativa medieval descreve essa "doença do pensamento, do espírito" como um modo de obsessão que _____ o homem e a mulher, fazendo com que _____ presos no desejo de estar um com o outro e atormentados quando não podem se encontrar. A estrutura ideal _____ o amor impossível. Adaptado de: Luiz Felipe Ponde. Folha de S. Paulo, 11/02/2013).

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

(A) arrastaria – ficassem – suponha

(B) arrastava – ficam – supôs

(C) arraste – ficassem – suponha

(D) arrastaria – ficariam – supunha

(E) arrasta – fiquem – supõe

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Um modo de obsessão que **arrasta**: presente do indicativo, ação habitual; que **fiquem**: dúvida. Sujeito composto acompanhado de artigo: plural. A estrutura **supõe**: singular e verbo no presente do indicativo (hábito).

Alternativa "a" – Errada. Não cabe condição.

Alternativa "b" – Errada. Não cabe ação prolongada.

Alternativa "c" – Errada. Não é dúvida.

Alternativa "d" – Errada. Não cabe condição.

---

95. (FCC – Promotor de Justiça – AP/2012) *"não disponham de nenhum remédio"* O verbo empregado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:

(A) ... derrubam árvores e construções...

(B) ... nas coisas que se viram...

(C) ... quando vierem as cheias...

(D) ... todos fogem diante dele...

(E) ... eles escoem por um canal...

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – escoem/disponham = Presente do Subjuntivo

Que eu disponha | escoe

Que tu disponhas | escoes

Que ele disponha | escoe

Que nós disponhamos | escoemos

Que vós disponhais | escoeis

Que eles disponham | escoem

Alternativa "a" – derrubam = Presente do Indicativo

Alternativa "b" – viram = Pretérito Perfeito do Indicativo

Alternativa "c" – vierem = Futuro do Presente do Subjuntivo

Alternativa "d" – fogem = Presente do Indicativo

---

96. (FCC – Promotor de Justiça – AP/2012) *"eu mesmo em parte me inclinei a essa opinião"*. O segmento grifado acima pode ser substituído, sem qualquer outra alteração na frase e sem prejuízo para a correção, por:

(A) professei.

(B) propendi.

(C) defendi.

(D) perfilhei.

(E) compartilhei.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – propender = pender-se ou inclinar-se para (alguma direção). [verbo transitivo adverbiado]. Exemplo: Os galhos propendiam para o chão.

Além do sentido sinônimo entre "me inclinei" e "propendi", o que não acontece com as outras alternativas, temos tempo e modo verbais idênticos: Pretérito Perfeito do Indicativo.

Alternativa "a" – professar = ser seguidor ou adepto de algo.

Alternativa "c" – defender = afastar risco, perigo, de si ou de alguém.

Alternativa "d" – perfilar = traçar ou desenhar o perfil de algo.

Alternativa "e" – compartilhar = dividir ou repartir com alguém.

---

97. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2012) A forma destacada que apresenta o processo verbal em potência, aproximando-se, assim, do substantivo, é:

(A) Creio ser razoável perguntar...

(B) Há uma passagem...

(C) "Os historiadores quebram a cabeça procurando a melhor maneira de formular..."

(D) "... que eram, à época, o núcleo do capitalismo mundial."

(E) "Definir a diferença entre partes avançadas e atrasadas..."

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Verbo no infinitivo impessoal não flexionado, processo verbal em potência.

Alternativa "a" – Verbo flexionado formando locução verbal.

Alternativa "b" – Verbo haver impessoal igual a existir.

Alternativa "c" – Gerúndio sugerindo movimentação.

Alternativa "d" – Flexionado no pretérito imperfeito do indicativo.

---

98. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE – SP/2012) Analisando-se aspectos sintáticos das frases, é correto afirmar que em

(A) *Muitos se lembravam da alegria voraz com que foram disputadas as toneladas da vítima* as formas verbais sublinhadas têm um mesmo sujeito.

(B) *todos se empenhavam no lúcido objetivo comum* configura-se um caso de indeterminação do sujeito.

(C) *uma tripulação de camelôs anunciava umas bugigangas* a voz verbal é ativa, sendo umas bugigangas o objeto direto.

(D) *eu já podia recolher a minha aflição* não há a possibilidade de transposição para outra voz verbal.

(E) Logo *uma estatal, ó céus* o elemento sublinhado exerce a função de adjunto adverbial de tempo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Uma tripulação de camelôs = sujeito; anunciava = verbo transitivo direto (anunciava algo); umas bugigangas = objeto direto. Voz ativa, pois o sujeito pratica a ação.

Alternativa "a" – Sujeito de lembravam: muitos; sujeito paciente de foram disputadas: as toneladas de vítimas.

Alternativa "b" – **Sujeito simples** de empenhavam-se: todos.

Alternativa "d" – Podia recolher equivale a recolheria = verbo transitivo direto. Para haver transposição da voz ativa para a passiva, é necessário o objeto direto. Voz passiva analítica (acrescentando o verbo **ser**): a minha aflição já podia ser recolhida por mim.

Alternativa "e" – *Logo* não está indicando tempo, mas sim **justamente, precisamente, exatamente**.

---

99. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE – SP/2012) Está **inadequada** a correlação entre tempos e modos verbais no seguinte caso:

(A) Muitos se lembrariam da alegria voraz com que eram disputadas as toneladas da vítima.

(B) Foi salva graças à religião ecológica que andava na moda e que por um momento estabelecera uma trégua entre todos.

(C) Um malvado sugere que se dê por perdida a batalha e comecemos logo a repartir os bifes.

(D) Depois de se haver debatido por três dias na areia da praia a jubarte acabara sendo salva por uma traineira que vinha socorrê-la.

(E) Já informado do salvamento da baleia, o cronista teve um sonho em que o animal lhe surgiu com a força de um símbolo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – *Depois de se haver debatido:* particípio passado = ok; acabara sendo salva: o salvamento teria ocorrido antes de ela ter se debatido. Errado! Primeiro ela se debateu e depois foi salva.

Alternativa "a" – lembrariam = futuro do pretérito do indicativo; eram = pretérito imperfeito do indicativo.

Alternativa "b" – foi = pretérito perfeito do indicativo; andava = pretérito imperfeito do indicativo; estabelecera: pretérito mais que perfeito do indicativo.

Alternativa "c" – sugere = presente do indicativo; dê = presente do subjuntivo; comecemos = presente do subjuntivo.

Alternativa "e" – teve e surgiu = pretérito perfeito do indicativo.

---

100. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /CE/2012) *"As demandas, a tensão, a pressa da existência moderna perturbam esse precioso repouso".* Transpondo-se a frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante será:

(A) tem sido perturbado.

(B) são perturbadas.

(C) perturbam-no.

(D) perturbam-se.

(E) é perturbado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Muito importante relembrar que apenas admite voz passiva a oração que, na voz ativa, possui objeto direto. Sem objeto direto não há transposição para a voz passiva.

Objeto direto: esse precioso repouso. Acrescenta-se o verbo ser no mesmo tempo em que está o verbo principal da voz ativa (presente do indicativo).

Sendo assim, teremos: Esse precioso repouso é perturbado pelas demandas, pela atenção e pela pressa da existência moderna.

Alternativa "a" – Um verbo na ativa = dois na passiva.

Alternativa "b" – Concordância errada.

Alternativa "c" –Um verbo na ativa = dois na passiva.

Alternativa "d" – Voz passiva sintética: V.T.D. + SE.

---

101. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /CE/2012) *"... e ele pretendia fazer o terceiro filme seguido lá"* O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:

(A) Houve um tempo em que eu...

(B) ... o sucesso crítico e financeiro de *Match Point* deu origem a outras possibilidades.

(C) ... mas você gostaria de fazer alguma observação?

(D) ... estava ligado em comédia...

(E) Mas não sinto mais a mesma coisa.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

O verbo pretendia está conjugado no tempo pretérito imperfeito do modo indicativo.

Alternativa "a" – pretérito perfeito do indicativo;

Alternativa "b" – pretérito perfeito do indicativo;

Alternativa "c" – futuro do pretérito do indicativo;

Iternativa "d" – pretérito imperfeito do indicativo, indica ação contínua, prolongada;

Alternativa "e" – presente do indicativo.

102. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE – PR/2012)

No texto – que integra a coletânea "Criando Kane e Outros Ensaios", publicada no Brasil em 2000 –, Paulin e defendia que o roteirista Herman J. Mankiewicz era a força criativa por trás do filme, mais importante até que o diretor, Orson Welles (1915-85). Ela queria fazer justiça a Mankiewicz, que caíra em esquecimento, enquanto Welles entrara para a história com a reputação de gênio maldito, frequentemente reivindicando para si as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro – embora Pauline jurasse que Welles não escrevera nem sequer uma linha do script.

Considerado o trecho, é correto afirmar:

(A) O padrão culto escrito legitima tanto a forma *defendia que*, como a forma "defendia de que".

(B) O emprego de *até* denota que, considerada uma gradação, se tem a expectativa de que a força criativa de maior grandeza seja a do diretor do filme.

(C) Substituindo *Ela queria fazer* por "Ela tensionava fazer", o sentido e a correção originais estariam preservados.

(D) A expressão *entrara para a história* estaria corretamente substituída por "passou a figurar no conjunto de conhecimentos relativos ao passado do cinema e sua evolução".

(E) A ideia negativa presente na caracterização de *gênio* (*gênio maldito*) está também marcada na palavra *reputação*.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

Questão de regência também.

Alternativa "a" – Quem defende, defende algo e nunca DE algo.

Alternativa "c" –queria e tensionava possuem significados distintos. Querer: sentir vontade de; ter intenção de; DESEJAR; ASPIRAR. Tensionar: produzir tensão, tornar tenso.

O *peguinha* é confundir com o substantivo intenção.

Alternativa "d" – o verbo anterior também está no pretérito mais que perfeito do indicativo. Não há possibilidade de ser substituído por pretérito perfeito do indicativo.

Alternativa "e" – A palavra reputação não marca ideia negativa.

103. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /PR/2012) *"Há 40 anos, a mais célebre crítica de cinema dos Estados Unidos, Pauline Kael (1919-2001), publicava seu artigo mais famoso".* Transpondo a frase destacada para a voz passiva, a forma verbal encontrada é:

(A) publicaram.

(B) havia sido publicado.

(C) publicou-se.

(D) tinha publicado.

(E) era publicado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Encontrar o objeto direto da voz ativa: seu artigo mais famoso.

Fazer a inversão e acrescentar o verbo SER no tempo em que está o verbo principal na oração da voz ativa (pretérito imperfeito do indicativo): Seu artigo mais famoso era publicado.

Muito cuidado para não confundir o pretérito imperfeito do indicativo com o pretérito perfeito.

Alternativa "a" – Um verbo na ativa = dois na passiva.

Alternativa "b" – Um verbo na ativa = dois na passiva.

Alternativa "c" – Voz passiva sintética.

Alternativa "d" – Nunca acrescentaremos o verbo *ter*, apenas o **ser**.

Com relação a aspectos linguísticos do trecho, julgue o item a seguir.

As eleições no Brasil mobilizam os veículos de informação também pelo anedotário que produzem. Curiosamente, a presença crescente de indígenas no processo eleitoral nos é transmitida exatamente nesse registro.

104. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 2ª região/ 2012 – FCC)... mas encontro nele pouco que confirme a leitura hollywoodiana.

O verbo empregado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:

(A) A tecnologia humana não deve ir além de uma ordem...

(B) Um antigo provérbio latino adverte...

(C) ... homem de ciência que buscou criar um homem à sua própria semelhança...

(D) ... quão benignos sejam os propósitos do transgressor...

(E) ... estratégia mais "despojada" que se poderia conceber.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Confirme e sejam estão no presente do subjuntivo e indicam ações hipotéticas.

Alternativa "a" – deve: presente do indicativo – ação habitual.

Alternativa "b" – adverte: presente do indicativo – ação habitual.

Alternativa "c" – buscou: pretérito perfeito do indicativo – ação concluída.

Alternativa "e" – poderia: futuro do pretérito do indicativo – ação condicional.

---

105. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) A frase cujo verbo permite transposição para a voz passiva é:

(A) ... nenhuma passagem que trate da desobediência a Deus...

(B) O filme começa com um prólogo...

(C) ... porque cedeu a uma predisposição da natureza humana...

(D) O Frankenstein original de Shelley é um livro rico...

(E) ... e não cumpriu o dever de qualquer criador...

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Para haver a transposição da voz ativa para a passiva, é necessário haver o objeto direto: o dever. E o dever não foi cumprido.

Alternativa "a" – Verbo transitivo indireto não admite voz passiva.

Alternativa "b" – Verbo intransitivo não admite voz passiva.

Alternativa "c" – Verbo transitivo indireto não admite voz passiva.

Alternativa "d" – Verbo de ligação não admite voz passiva.

---

106. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/ 2012 – FCC)

Quando penso em comprar uma ilha, nenhuma dessas excelências me seduz mais do que as outras, nem todas juntas constituem a razão do meu desejo.

Estará adequada a nova correlação entre os tempos e os modos verbais caso se substituam os elementos sublinhados da frase acima, na ordem dada, por:

(A) Se eu vier a pensar – seduziria – constituíam

(B) Quando eu ficava pensando – seduzira – constituiriam

(C) Se eu vier a pensar – terá seduzido – viriam a constituir

(D) Quando eu pensava – houvesse de seduzir – tinham constituído

(E) Se eu viesse a pensar – seduziria – constituiriam

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Questão muito tranquila, porque basta usar os tempos condicionais: viesse (pretérito imperfeito do subjuntivo) e seduziria (futuro do pretérito do indicativo).

Algumas sugestões:

Alternativa "a" – vier, seduzirei.

Alternativa "b" – ficava, seduzia.

Alternativa "c" – vier, terei.

Alternativa "d" – Não há correlação entre os tempos.

---

107. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) Atentando-se para a voz verbal, é correto afirmar que em

(A) Por bondade abstrata nos tornamos atrozes ocorre um caso de voz passiva.

(B) A ideia de fuga tem sido alvo de crítica severa o elemento sublinhado é agente da passiva.

(C) Amemos a ilha a transposição para a voz passiva resultará na forma verbal seja amada.

(D) E por que nos seduz a ilha? não há possibilidade de transposição para a voz passiva.

(E) tudo isso existe fora das ilhas a transposição para a voz passiva resultará na forma verbal tem existido.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – O objeto direto é **a ilha**. Na voz passiva: A ilha seja amada por nós.

Alternativa "a" – Voz ativa. Sujeito: nós.

Alternativa "b" – Voz ativa, pois não há verbo **ser + particípio.** A ideia de fuga é alvo de crítica severa.

Alternativa "d" – Há possibilidade porque existe o objeto direto: E por que somos seduzidos pela ilha?

Alternativa "e" – Não admite transposição para a voz passiva pelo fato de o verbo ser intransitivo.

Perceba que a banca está mudando a forma de pedir vozes verbais. Cuidado!

108. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) O emprego, a grafia e a flexão dos verbos estão corretos em:

(A) A revalorização e a nova proeminência de Paraty não prescindiram e não requiseram mais do que o esquecimento e a passagem do tempo.

(B) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre renegada a um segundo plano, eis que ela imerge do esquecimento, em 1974.

(C) A cada novo ciclo econômico retificava-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, sobreviram longos anos de esquecimento.

(D) A Casa Azul envidará todos os esforços, refreando as ações predatórias, para que a cidade não sucumba aos atropelos do turismo selvagem.

(E) Paraty imbuiu da sorte e do destino os meios para que obtesse, agora em definitivo, o prestígio de um polo turístico de inegável valor histórico.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Envidar: empregar – futuro do presente do indicativo; refrear: dominar, vencer – gerúndio; sucumba – presente do subjuntivo.

✪ **Nota da autora:** Questão de verbo e ortografia.

▶ **Dica – para facilitar:**

- Envidar – envido, envidas, envida / envidei, envidaste, envidou.
- Refrear – refreio, refreias, refreia / refreei, refreaste, refreou.
- Sucumbir – sucumbo, sucumbes, sucumbe.
- Prescindir – prescindo, prescindes, prescinde / prescindi, prescindiste, prescindiu.
- Requerer – requeiro, requeres, requer / requeri, requereste, requereu.
- Sobrevir – sobrevenho, sobrevéns, sobrevém / sobrevim, sobrevieste, sobreveio (como o VIR).
- Obter – obtive, obtiveste, obteve (como o TER).
- Imbuir – imbuo, imbuis, imbui.

Alternativa "a" – Requereram. O requerer **não** é conjugado com o querer.

Alternativa "b" – Emerge. Atente-se ao contexto.

Alternativa "c" – Ratifica-se e sobrevieram.

Alternativa "e" – Obtivesse.

109. (FCC – TRT 11 – Analista Judiciário/2012) Existe transposição de uma voz verbal para outra em:

(A) Variam os níveis de percepção de uma fotografia = São vários os níveis de percepção de uma fotografia.

(B) As fotografias são uma espécie de espelhos = As fotografias tornam-se uma espécie de espelhos.

(C) A percepção de uma imagem muda com o passar do tempo = O passar do tempo muda a percepção de uma imagem.

(D) Os olhares hão de descongelar cada imagem = Cada imagem há de ser descongelada pelos olhares.

(E) Certas fotos se assemelham a espelhos = Há espelhos aos quais certas fotos se tornam semelhantes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d" – Correta.

✪ **Nota da autora:** Perceba que há dois verbos na voz ativa (hão de congelar), como precisamos acrescentar o verbo **ser** e fazermos a inversão do objeto direto, teremos na passiva analítica: cada imagem (sujeito paciente) há de ser descongelada pelos olhares (agente da passiva).

Alternativa "a" – As duas orações estão na voz ativa. Os níveis de percepção variam = verbo intransitivo não admite voz passiva.

Alternativa "b" – As duas orações estão na voz ativa. Verbo de ligação não admite voz passiva.

Alternativa "c" – As duas orações estão na voz ativa. Verbo intransitivo não admite voz passiva.

Alternativa "e" – As duas orações estão na voz ativa. Verbo transitivo indireto não admite voz passiva.

110. (FCC – TRT 11 – Analista Judiciário/2012)

Estamos vivendo uma época em que a bandeira da discriminação se apresenta em seu sentido mais positivo: trata-se de aplicar políticas afirmativas para promover aqueles que vêm sofrendo discriminações históricas.

Mantém-se adequada correlação entre tempos e modos verbais com a substituição das formas sublinhadas no trecho acima, na ordem dada, por:

	1	2	3	4
a)	estávamos	apresentava	tratava-se	vinham
b)	estaríamos	apresentara	tratava-se	viessem
c)	estaremos	apresente	tratar-se-ia	venham

d)	estávamos	apresentou	tratar-se-á	venham
e)	estaremos	apresentara	tratava-se	viessem

COMENTÁRIOS

Alternativa "a" – Correta.

Estávamos, apresentava, tratava-se e vinham: pretérito imperfeito do indicativo – ações contínuas.

Nas demais alternativas, para ficarem corretas, dever-se-ia ocorrer inúmeras alterações e, mesmo assim, por causa das ideias, ficaria difícil encaixar os tempos citados. Vejamos algumas situações desconexas que seriam facilmente eliminadas.

Alternativa "b" – Pretérito imperfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito do indicativo.

Alternativa "c" – Errada. As ações foram passadas para o modo subjuntivo (duvidoso).

Alternativa "d" – Errada. Mesclou imperfeito com perfeito + futuro do presente e presente do subjuntivo.

Alternativa "e" – Errada. Futuro do presente com pretérito mais-que-perfeito.

---

111. (FCC – TRT 6 – Analista Judiciário/2012) Atente para as seguintes frases:

I. Seria ótimo que a Igreja Católica venha a escolher, no próximo ano, um tema tão importante como o que já elegera para a campanha da fraternidade deste ano.

II. Se todas as religiões adotassem exatamente o mesmo sentido para o termo **dignidade**, este alcançaria o valor universal que cada uma delas postula.

III. Quando viermos a nos entender quanto ao que fosse **dignidade**, esse termo poderia ser utilizado sem gerar tantas controvérsias.

Ocorre adequada correlação entre os tempos e os modos verbais no que está em

(A) II, apenas.

(B) I, II e III.

(C) I e II, apenas.

(D) II e III, apenas.

(E) I e III, apenas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a" – Correta.

I. Errada: Seria ótimo que a Igreja Católica **viesse** a escolher, no próximo ano, um tema tão importante como o que já **elegeu** para a campanha da fraternidade deste ano.

II. Correta: usados os tempos condicionais – pretérito imperfeito do subjuntivo e futuro do pretérito do indicativo.

III. Quando viermos a nos entender quanto ao que **seja** dignidade, esse termo **poderá** ser utilizado sem gerar tantas controvérsias.

---

112. (FCC – TRT 24 – Analista Judiciário/2011) Ninguém imaginou que ele nos trairia. Supúnhamos, mesmo, que fosse o mais leal de nossos parceiros.

As frases acima estão reorganizadas numa só frase, sem prejuízo para a correção e o sentido, em:

(A) Sendo o mais leal de nossos parceiros, como sempre supomos, não é de se imaginar que nos traia.

(B) Uma vez que fosse o mais leal de nossos parceiros, como imaginar que haveria de nos trair?

(C) Na suposição de que ele era, mesmo, o mais leal de nossos parceiros, nenhum de nós imaginou que nos trairia.

(D) Conquanto tenha sido o mais leal de nossos parceiros, sua traição era para nós algo mesmo inimaginável.

(E) Por havermos suposto que fora o mais leal dos parceiros, não imaginaríamos que mesmo ele possa nos trair.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c" – Correta.

✪ **Nota da autora: q**uestão de verbo, período composto (conjunção) e coesão textual.

Uma dica está na conjugação do verbo **trair** que no enunciado é conjugado o futuro do pretérito do indicativo (trairia), indicando ação condicional.

Alternativa "a" – Sendo o mais leal de nossos parceiros, como sempre **supusemos**, não é de se imaginar que nos **trairia**.

Alternativa "b" – Uma vez que **era** o mais leal de nossos parceiros, como imaginar que haveria de nos trair?

Alternativa "d" – O erro está no emprego da conjunção **conquanto**, pois tornou o período incoerente.

Alternativa "e" – Errada. Por havermos suposto que fora o mais leal dos parceiros, não imaginaríamos que mesmo ele **pudesse** nos trair.

---

113. (FCC – TRT 24 – Analista Judiciário/2011) Transpondo-se para a voz passiva a frase Hoje a autoria institucional enfrenta séria concorrência dos

autores anônimos, obter-se-á a seguinte forma verbal:

(A) são enfrentados.

(B) tem enfrentado.

(C) tem sido enfrentada.

(D) têm sido enfrentados.

(E) é enfrentada.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Objeto direto da ativa: séria concorrência + verbo ser (no mesmo tempo do verbo principal da voz ativa – presente do indicativo) = **é**. Verbo principal da ativa no particípio = **enfrentada.**

Frase completa: Hoje séria concorrência dos autores anônimos **é enfrentada** pela autoria institucional.

Alternativa "a" – Errada. Eliminada porque o verbo está no plural.

Alternativa "b" – Errada. Nunca acrescentar verbo algum que não seja o verbo **ser.**

Alternativa "c" – Errada. Se há um verbo na ativa, na transposição, têm-se dois e nunca três. Por quê? Porque sempre acrescentamos apenas um verbo (SER).

Alternativa "d" – Errada. Acrescentado ao comentário anterior a seguinte observação: verbos no plural. O sujeito paciente está no singular.

---

114. (FCC – TRT 24 – Analista Judiciário/2011) Está plenamente adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase:

(A) As leis de perfeição teriam por objeto mais a bondade do homem que as seguisse do que a da sociedade na qual fossem observadas.

(B) As leis de perfeição tinham por objeto mais a bondade dos homens que as seguir do que a da sociedade na qual serão observadas.

(C) As leis de perfeição terão por objeto mais a bondade dos homens que as tivessem seguido do que a da sociedade na qual terão sido observadas.

(D) As leis de perfeição teriam por objeto mais a bondade do homem que as siga do que a da sociedade na qual têm sido observadas.

(E) As leis de perfeição terão tido por objeto mais a bondade do homem que viesse a segui-las do que a da sociedade na qual fossem observadas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a" – Correta.

✪ **Nota da autora:** Combinação de verbos para facilitar.

▶ **Dica – tempos condicionais: SSE** combina com **RIA** – pretérito imperfeito do subjuntivo e futuro do pretérito do indicativo.

(A) Teriam – seguisse – fossem.

As alternativas b, c, d e e são descabidas gramaticalmente.

---

115. (FCC – TRT 23 – Analista Judiciário/2011) *"Tanto as fontes quanto a própria historiografia falavam a linguagem do poder..."* Transpondo-se a frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante será:

(A) eram faladas.

(B) foi falada.

(C) se falaram.

(D) era falada.

(E) tinha-se falado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d" – Correta.

✪ **Nota da autora:** Encontrar o objeto direto (a linguagem do poder), inseri-lo no início da oração e acrescentar o verbo **ser** no mesmo tempo do verbo principal da voz ativa (pretérito imperfeito do indicativo) = era.

Feito! A linguagem do poder **era falada** tantos pelas fontes quanto pela própria historiografia.

Alternativa "a" – Errada. Verbos no plural.

Alternativa "b" – Errada. Muda-se o tempo para pretérito perfeito.

Alternativa "c" – Errada. Além do erro de plural, o tempo foi alterado para pretérito perfeito.

Alternativa "e" – Errada. Nunca acrescenta outro verbo além do **ser.**

---

116. (FCC – TRT 23 – Analista Judiciário/2011) O verbo corretamente empregado e flexionado está grifado em:

(A) É de se imaginar que, se os viajantes setecentistas antevessem as dificuldades que iriam deparar, muitos deles desistiriam da aventura antes mesmo de embarcar.

(B) O que quer que os compelisse, cabe admirar a coragem desses homens que partiam para o desconhecido sem saber o que os aguardava a cada volta do rio.

(C) Caso não se surtisse com os mantimentos necessários para o longo percurso, o viajante corria o risco de literalmente morrer de fome antes de chegar ao destino.

(D) Se não maldiziam os santos, é bastante provável que muitos dos viajantes maldizessem ao menos o destino diante das terríveis tribulações que deviam enfrentar.

(E) Na história da humanidade, desbravadores foram não raro aqueles que sobreporam o desejo de enriquecer à relativa segurança de uma vida sedentária.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Compelisse é a forma do verbo compelir conjugado no pretérito imperfeito do subjuntivo.

Alternativa "a" – Errada. Antever deve ser conjugado como o verbo **ver**. Se os viajantes vissem = **antevissem**.

Alternativa "c" – Errada. O verbo é **sortir** = **sortisse**.

Alternativa "d" – Errada. Maldizer é conjugado como o **dizer**. É bastante provável que muitos dos viajantes **dissessem** = **maldissessem.**

Alternativa "e" – Errada. Sobrepor é conjugado como o verbo **pôr.** Aqueles que **puseram** = **sobrepuseram**.

---

117. (FCC – TRT 23 – Analista Judiciário/2011) Está adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase:

(A) Os criminosos que tenham ultrajado a pátria seriam forçados a servi-la pelo tempo que se julgava necessário.

(B) Os que vierem a ultrajar a pátria deveriam ser submetidos a um castigo que trouxera consigo uma clara lição.

(C) Ninguém seria indiferente a uma vultosa soma que venha a receber como indenização ao delito que o prejudique.

(D) O próprio criminoso, se mantivesse alguma dose de decência, possa tirar proveito da lição a que seja submetido.

(E) Sempre houve povos que, por forte convicção, evitaram a guerra, ainda quando fossem provocados.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Houve e evitaram: pretérito perfeito do indicativo (ações concluídas); fossem: pretérito imperfeito do subjuntivo (ação condicional).

Opções de correção, já que sempre há mais de uma possibilidade.

Alternativa "a" – Errada. Os criminosos que **tivessem** ultrajado a pátria seriam forçados a servi-la pelo tempo que se **julgasse** necessário.

Alternativa "b" – Errada. Os que vierem a ultrajar a pátria **deverão** ser submetidos a um castigo que **trará** consigo uma clara lição.

Alternativa "c" – Errada. Ninguém seria indiferente a uma vultosa soma que **viesse** a receber como indenização ao delito que o prejudique.

Alternativa "d" – Errada. O próprio criminoso, se mantivesse alguma dose de decência, **poderia** tirar proveito da lição a que **seria** submetido.

---

118. (FCC – TRT 4 – Analista Judiciário/2011) "A conciliação, antes de tudo, tem proporcionado às partes o efetivo acesso à Justiça, pois elas participam diretamente no resultado apaziguador do conflito". Transpondo o segmento destacado na frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante é:

(A) têm proporcionado.

(B) tem sido proporcionado.

(C) tinham proporcionado.

(D) era proporcionado.

(E) foi proporcionado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Qual o objeto direto da voz ativa? **O efetivo acesso**.

Iniciemos a oração da voz passiva com o objeto direto (que passa a ser sujeito paciente) e acrescentemos o verbo **ser**: O efetivo acesso à Justiça **tem sido** proporcionado pela conciliação.

Eliminam-se a e c por estarem no plural; d e e por permanecerem com dois verbos.

▶ **Dica** – Se na ativa há 1 verbo, haverá 2 dois na passiva; 2 na ativa = 3 na passiva, certo?

---

119. (FCC – TRT 14 – Analista Judiciário/2011) Está adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase:

(A) Um fim talvez justificaria os meios caso estes implicarem sacrifícios que não se distribuam desigualmente.

(B) Ele acredita que haverão de justificar-se todos os meios quando os fins representarem um ganho de alcance coletivo.

(C) Tão logo fossem denunciados os horrores do stalinismo, os comunistas devem ter revisto suas antigas convicções.

(D) Será que alguém acreditou que uma sociedade sem classes e sem preconceitos possa ter-se formado num regime autoritário?

(E) Se a catequese pudesse propagar a fé religiosa sem recorrer à intimidação, talvez os convertidos tenham sido mais numerosos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Acredita: presente do indicativo; haverão: futuro do presente do indicativo. Ações certas.

Alternativa "a" – Errada. caso indica condição = implicassem.

Alternativa "c" – Errada. deveriam = tempos condicionais: pretérito imperfeito do subjuntivo e futuro do pretérito do indicativo.

Alternativa "d" – Errada. poderia = indica condição.

Alternativa "e" – Errada. tivessem = indica condição.

---

120. (FCC – TRT 20 – Analista Judiciário/2011) Paulo Honório (**querer**) contar a própria vida, mas, julgando que não o (**conseguir**), (**pedir**) ao jornalista Gondim que o (**fazer**).

Os verbos indicados entre parênteses estarão adequadamente correlacionados na frase acima caso se flexionem nas seguintes formas:

(A) quisera | conseguirá | pedisse | faria

(B) queria | conseguiria | pediu | fizesse

(C) queria | conseguisse | pedia | faça

(D) quis | consegue | pede | fizesse

(E) quis | conseguiu | pediu | faça

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Basta atentar-se ao que indica cada ação.

- queria: pretérito imperfeito do indicativo = ação contínua;
- conseguiria: futuro do pretérito do indicativo = ação condicional;
- pediu: pretérito perfeito do indicativo = ação concluída;
- fizesse: pretérito imperfeito do indicativo = ação condicional;

---

121. (FCC – TRT 20 – Analista Judiciário/2011) A transposição para a voz ativa da frase Foi assim que sempre se fez a literatura tem como resultado:

(A) Sempre foi assim que a literatura fez.

(B) Assim é que sempre foi feita a literatura.

(C) Terá sido feito sempre assim, a literatura.

(D) Foi sempre assim que a literatura tem feito.

(E) Foi assim que sempre fizeram a literatura.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e" – Correta.

✪ **Nota da autora:** Não há o agente da ação na voz passiva, por isso o verbo, na voz ativa, deve ficar no plural para indeterminar o sujeito: **fizeram** a literatura.

Alternativa "a" – Errada. Verbo no singular = eliminada.

Alternativa "b" – Errada. Oração na voz passiva analítica.

Alternativa "c" – Errada. Oração na voz passiva analítica.

Alternativa "d" – Errada. Além do verbo no singular, acrescentou-se o verbo **ter**.

---

122. (Analista Judiciário – Área Judiciária TRE/PE 2011 – FCC) Numa carta em que um velho jornalista se dirigisse a um recém-contratado do jornal, seria plenamente aceitável a redação da seguinte frase:

(A) Não temais, meu caro, a concorrência de teus colegas: confia em teus próprios valores, aferre-se a eles e segue em frente.

(B) Os valores que nortearão suas decisões profissionais não devem, meu caro, desmerecer os valores pessoais de que você se orgulha.

(C) Se te vierem ameaçar as piores tentações, fuja delas, amigo, não as dê qualquer atenção, e não terás motivo de arrependimento.

(D) Aprenderás com o tempo, meu jovem, que mesmo nas pequenas decisões que adotar, devem inspirá-lo os valores maiores da ética.

(E) Bem-vindo seja, colega, e atenta para que a ansiedade da competição não lhe desvie da missão que a comunidade nos confiou.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Meu caro: vocativo. Intercalação correta: "s valores que nortearão suas deci-

sões profissionais não devem, meu caro, desmerecer os valores pessoais de que você se orgulha".

Façamos a concordância com a segunda pessoa do singular e em seguida com a terceira para treinar o imperativo.

Alternativa "a" – Não **temas; aferre-te** / Não **tema; seus; confie; seus; siga**.

Alternativa "c" – foge; não **dês / o; fuja; dê; terá.**

Alternativa "d" – adotares, devem inspirar-**te** / **aprenderá.**

Alternativa "e" – és; atenta; te; te confiou / seja; atente.

---

123. (Analista Judiciário – Área Judiciária TRE/PE 2011 – FCC) Estão plenamente adequadas a flexão e a correlação entre tempos e modos dos verbos na frase:

(A) As ponderações de Kucinski seriam úteis se acatadas por todos os que estivessem envolvidos no campo de atuação que ele analisou.

(B) Todo louvor aos que se disporem a assumir valores éticos, sem que se importassem com os sacrifícios que isso representaria.

(C) Teria sido o mercado, e não a fraqueza moral de cada um, o fator que levará os jovens a uma competição cada vez mais violenta.

(D) Os jovens jornalistas agem hoje como se nunca houvera necessidade de sobreviver ao tempo em que trabalhassem os veteranos.

(E) Caso ninguém venha a se preocupar com a ética no trabalho, seria inútil que os velhos profissionais venham a nos lembrar o nome de Pulitzer.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Tempos condicionais: seriam = futuro do pretérito do indicativo; estivessem = pretérito imperfeito do subjuntivo.

Sugestões de correção:

(B) dispuserem, importem, representa.

(C) leva.

(D) houvesse, trabalham.

(E) será.

O trecho refere-se à próxima questão.

As indústrias culturais, e mais especificamente a do cinema, criaram uma nova figura, "mágica", absolutamente moderna: a estrela. Depressa ela desempenhou um papel importante no sucesso de massa que a cinema [illegible]

Mas o sistema, por muito tempo restrito apenas à tela grande, estendeu-se progressivamente, com o desenvolvimento das indústrias culturais, a outros domínios, ligados primeiro aos setores do espetáculo, da televisão, do show business. Mas alguns sinais já demonstravam que o sistema estava prestes a se espalhar e a invadir todos os domínios: imagens como as de Gandhi ou Che Guevara, indo de fotos a pôsteres, no mundo inteiro, anunciavam a planetarização de um sistema que o capitalismo de hiperconsumo hoje vê triunfar.

---

124. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /AP/2011) Em certas passagens do trecho, os autores referem-se a certas ações pretéritas que consideravam contínuas. A forma verbal que demonstra essa atitude é

(A) criaram.

(B) alcançou.

(C) continua.

(D) anunciavam.

(E) vê triunfar.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Se são pedidas ações pretéritas e contínuas, imediatamente eliminam-se as alternativas a, b, pois os verbos estão no pretérito perfeito e as ações são concluídas, terminadas. Nas alternativas c e e, os verbos estão no presente do indicativo, ou seja, as ações são habituais. Chega-se à resposta facilmente.

---

125. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /TO/2011) *"Para que nos faça feliz..."* O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está em:

(A) ...como a morte de alguém que amamos...

(B) ... por que nos darmos o trabalho...

(C) Se o livro que estamos lendo...

(D) ... livros que nos atinjam...

(E) Seríamos felizes da mesma forma...

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

▶ **Dica** – Verbo ao lado da conjunção QUE indica dúvida, hipótese. O verbo grifado encontra-se no presente do subjuntivo, assim como a forma atinjam, na alternativa D.

Alternativa "a" – *Presente do indicativo* – ação

Alternativa "b" – *Infinitivo pessoal* – não indica tempo

Alternativa "c" – *Presente do indicativo* – ação certa, habitual

Alternativa "d" – *Presente do subjuntivo* – ação duvidosa, hipotética

Alternativa "e" – *Futuro do pretérito do indicativo* – ação condicional

---

126. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /TO/2011) *"Minha outra mulher teve uma educação rigorosa, mas mesmo assim mamãe nunca entendeu por que eu escolhera justamente aquela, entre tantas meninas de uma família distinta".* O verbo grifado na frase acima pode ser substituído, sem que se altere o sentido e a correção originais, e o modo verbal, por:

(A) escolheria.

(B) havia escolhido.

(C) houvera escolhido.

(D) escolhesse.

(E) teria escolhido.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – *Escolhera* está no tempo mais-que-perfeito do indicativo. Sua forma no tempo composto (ter ou haver + particípio) equivale a *havia escolhido*, pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo.

Note a diferença de uso que está caindo em desuso, mas que já foi pedida em algumas provas (inclusive F.C.C.): A escolha entre os auxiliares **ter** e **haver** nos tempos compostos depende do registro a ser utilizado. Nos registros menos formais (linguagem coloquial, familiar, corrente) emprega-se o auxiliar **ter**; nos registros formais deve-se utilizar o verbo **haver**. Fica a dica para eventuais questões que possam pedir a substituição, por exemplo, questão de correspondência oficial.

⊙ **Atenção! Para responder às questões abaixo, considere o texto:**

Assim como os antigos moralistas escreviam máximas, deu-me vontade de escrever o que se poderia chamar de mínimas, ou seja, alguma coisa que, ajustada às limitações do meu engenho, traduzisse um tipo de experiência vivida, que não chega a alcançar a sabedoria mas que, de qualquer modo, é resultado de viver

Andei reunindo pedacinhos de papel em que estas anotações vadias foram feitas e ofereço-as ao leitor, sem que pretenda convencê-lo do que penso nem convidá-lo a repensar suas ideias. São palavras que, de modo canhestro, aspiram a enveredar pelo avesso das coisas, admitindo-se que elas tenham um avesso, nem sempre perceptível mas às vezes curioso ou surpreendente. (Carlos Drummond de Andrade. O avesso das coisas [aforismos]. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 2007, p. 3)

---

127. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 1ª REGIÃO/2011) Sobre o que se tem no texto, afirma-se com correção:

(A) o emprego de *Andei* colabora para que se imprima à frase um aspecto durativo, tal como ocorre em "Anda a reclamar de tudo, depois que ele viajou".

(B) a expressão *ou seja* introduz explicação acerca do que seria a *vontade de escrever.*

(C) o segmento *o que se poderia chamar de mínimas* expressa possibilidade bastante improvável, dado o caráter aleatório do nome proposto.

(D) se a expressão *pedacinhos de papel* fosse substituída por uma única palavra, estaria correto o emprego de "papelzinhos".

(E) reorganizando a frase *ajustada às limitações do meu engenho,* ela estaria correta assim "ajustada à mim, se for levado em conta as limitações do meu engenho".

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Aspecto é a duração do processo verbal (início, curso e fim). Aspecto durativo, cursivo ou progressivo indica que o processo está em desenvolvimento, ou seja, continua depois que se inicia. No texto, a forma andei está ligada ao gerúndio reunindo, reforçando a ideia de continuidade.

Alternativa "b" – ou seja introduz uma explicação acerca do que são mínimas.

Alternativa "c" – O uso do verbo no futuro do pretérito remete à ação condicional, improvável, mas não há *caráter aleatório do nome proposto.*

Alternativa "d" – O plural do substantivo masculino no diminutivo é papeizinhos.

Alternativa "e" – Erros na reorganização: a mim não admite crase por ser um pronome pessoal oblíquo; se forem levadas em consideração as limitações.

---

128. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 1ª REGIÃO/2011) *"em que estas anotações vadias foram feitas"* Observando o contexto em que a frase acima foi empregada, a sua transposição para

a voz ativa produz corretamente a seguinte forma verbal:

(A) fizeram-se.

(B) tinha feito.

(C) fiz.

(D) faziam.

(E) poderia fazer.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Sem voltar ao texto seria impossível acertar a questão. O agente da passiva na primeira pessoa do singular está explícito apenas no texto.

(A) Voz passiva sintética.

(B) Acrescentou o verbo *ter*, mais uma vez: errado.

(D) Concordância errada.

(E) Dois verbos na passiva = um verbo na ativa.

⊙ **Atenção! As composições a seguir estão entre as "anotações" de Carlos Drummond de Andrade na mesma obra de que se extraiu o texto anterior. Considera-as para responder à questão de número 10.**

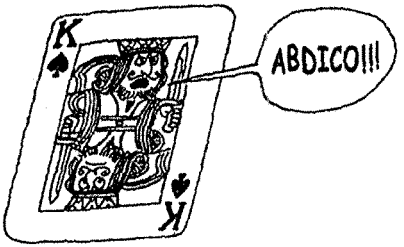

REI

O rei nunca está nu no banho;

cobre-se de adjetivos.

Ao tornar-se carta de baralho, e não o baralho inteiro,

o rei propicia o advento da República.

(Carlos Drummond de Andrade. O avesso das coisas [aforismos]. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 2007, p. 193)

---

129. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 1ª REGIÃO/2011) Contribuem para que as "anotações" de Carlos Drummond enunciem observação de valor geral o emprego

(A) do presente do indicativo e dos artigos "o" e "a".

(B) dos artigos "o" e "a" e do plural, em *adjetivos*.

(C) do plural, em *adjetivos*, e do mesmo título para duas distintas composições.

(D) do mesmo título para duas distintas composições e da formulação breve – duas pequenas linhas em cada composição.

(E) da formulação breve – duas pequenas linhas em cada composição – e do plural, em *adjetivos*.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Expressões: O rei, o banho, o baralho, o advento e está, cobre-se e propicia. Informação correta. Eliminam-se as alternativas *b, c, d* e *e* por não citarem o tempo (presente do indicativo).

---

130. (FCC – TRT 12 – Analista Judiciário/2010) NÃO admite transposição para a voz passiva a seguinte construção:

(A) a legislação é leniente nesses casos.

(B) o estatuto tem encontrado entraves.

(C) a legislação dificulta a aplicação de punições.

(D) o intuito de melhor detalhar as responsabilidades.

(E) para implementar esses procedimentos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Só admitem voz passiva os verbos transitivos diretos e transitivos diretos e indiretos. O verbo da alternativa a é de ligação.

Alternativa "b" – Errada. entraves têm sido encontrados no estatuto.

Alternativa "c" – Errada. a aplicação de punições é dificultada pela legislação.

Alternativa "d" – Errada. o intuito de as responsabilidades serem detalhadas melhor.

Alternativa "e" – Errada. para serem implementados esses procedimentos.

---

131. (FCC – TRT 12 – Analista Judiciário/2010) Está adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase:

(A) E teria determinado que ela tivesse reinado sobre a sua criação, uma vez que fosse sua obra mais bem acabada.

(B) E acabou determinando que ela haveria de reinar sobre a sua criação, visto que era a sua obra mais bem acabada.

(C) E determinara que ela houvesse de reinar sobre a sua criação, pois haverá de ter sido sua obra mais bem acabada.

(D) E foi determinando que ela estivesse reinando sobre a sua criação, sendo sua obra mais bem acabada.

(E) E tinha determinado que ela reinara sobre a sua criação, dado que estivesse sendo sua obra mais bem acabada.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Acabou: pretérito perfeito indicativo (ação concluída); haveria: futuro do pretérito do indicativo (ação condicional; era: pretérito imperfeito do indicativo (ação contínua).

Alternativa "a" – Que ela **reinasse**; uma vez que **era**.

Alternativa "c" – Que ela **reinasse**; pois **era**.

Alternativa "d" – Que ela **reinasse.**

Alternativa "e" – Que ela **reinaria;** dado que **era**.

---

132. (FCC – TRT 9 – Analista Judiciário/2010) A construção que NÃO admite transposição para voz passiva é:

(A) os que vivem na expectativa da felicidade absoluta.

(B) Os pensadores da antiguidade clássica deixaram – nos um tesouro.

(C) sigamos as coisas próximas

(D) E não invejemos os que estão mais alto

(E) favorecem nossa esperança.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a" – Correta.

✪ **Nota da autora:** Somente admitem transposição para a voz passiva os verbos transitivos diretos e transitivos indiretos por possuírem objeto direto.

Sem objeto direto não há voz passiva.

Alternativa "a" – Correta. Viver é intransitivo, porém não admite voz passiva.

Alternativa "b" – Errada. Deixar é transitivo direto e indireto: um tesouro foi deixado a nós pelos pensadores.

Alternativa "c" – Errada.Seguir é transitivo direto: que as coisas próximas sejam seguidas.

Alternativa "d" – Errada.Invejar é transitivo direto: e s que estão mais alto não são invejados por nós.

Alternativa "e" – Errada.Favorecer é transitivo direto: nossa esperança é favorecida.

---

133. (FCC – TRT 9 – Analista Judiciário/2010) Está INADEQUADA a correlação entre os tempos e modos verbais nesta reconstrução de uma frase do texto:

(A) Cercar-nos-íamos de inimigos reais ou virtuais e precisaríamos proteger nosso país.

(B) O pacto que acabássemos por realizar com o poder teria um preço muito alto.

(C) A menos que as coisas venham a mudar profundamente, será difícil ver essa estabilidade ameaçada.

(D) Tivesse sido assim, será que possamos contemplar um mundo com futuro?

(E) Teria sido bom se nos houvéssemos perguntado como chegamos até aqui.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Tivesse sido assim, será que **poderíamos** contemplar um mundo com futuro? Atente-se, mais uma vez, aos tempos condicionais: pretérito imperfeito do subjuntivo e futuro do pretérito do indicativo.

Alternativa "a" – Cercar-nos-íamos (futuro do pretérito do indicativo) de inimigos reais ou virtuais e **precisaríamos** (futuro do pretérito do indicativo) proteger nosso país.

Alternativa "b" – O pacto que **acabássemos** (pretérito imperfeito do subjuntivo) por realizar com o poder **teria** (futuro do pretérito do indicativo) um preço muito alto.

Alternativa "c" – A menos que as coisas **venham** (presente do subjuntivo) a mudar profundamente, **será** (futuro do presente do indicativo) difícil ver essa estabilidade ameaçada.

Alternativa "e" – Teria (futuro pretérito do indicativo) sido bom se nos **houvéssemos** (pretérito imperfeito do subjuntivo) perguntado como **chegamos** (pretérito perfeito do indicativo) até aqui.

---

134. (FCC – Analista Judiciário – TRT 22ª Região/2010) "(...) a *ciência jamais será capaz de responder a todas as perguntas*". Utilizou-se corretamente a voz passiva, preservando-se o sentido original, nesta nova redação da frase acima:

(A) A capacidade da ciência deixará de dar resposta a todas as perguntas.

(B) Jamais ocorrerá que todas as perguntas sejam respondidas pela ciência.

(C) Nenhuma das perguntas jamais obterá resposta pela ciência.

(D) A nem todas as perguntas será jamais a ciência capaz de dar respostas.

(E) Todas as perguntas, em qualquer tempo, deixarão de obter resposta pela ciência.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Além de precisar manter o advérbio jamais – que pode ser de negação ou tempo (tópico pedido em algumas provas)-, as outras alternativas estão na voz ativa. Se pede voz passiva, precisa haver verbo SER + PARTICÍPIO (analítica) ou verbo transitivo direto, transitivo direto e indireto + SE (sintética).

Alternativa "a" – Errada. voz ativa.

Alternativa "c" – Errada. voz ativa.

Alternativa "d" – Errada. voz ativa.

Alternativa "e" – Errada. voz ativa.

---

135. (FCC – Analista Judiciário – TRT 22ª Região/ 2010) Está inteiramente adequada a correlação entre os tempos e os modos verbais na frase:

(A) Sugere o autor que, quando falte argumento liberal para que alguns sejam altruístas, terão entrado em cena as conhecidas razões das tropas de choque.

(B) Nascessem alguns para ser a elite e outros para servi-la, os homens se organizariam socialmente com o mesmo equilíbrio que se manifesta entre as abelhas e entre as formigas.

(C) Assim como se organizassem as abelhas e as formigas, os homens podem inspirar-se nelas, havendo assumido a mesma divisão básica de trabalho.

(D) A natureza tem criado a iniciativa egoísta sem haver criado a iniciativa altruísta, o que acabava por gerar uma profunda desarmonia entre os homens.

(E) Caso venha a ocorrer uma radical flexibilização das leis trabalhistas, os operários mais esclarecidos teriam percebido os prejuízos que essa alteração lhes acarretasse.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Nascessem e organizariam: dois tempos condicionais (pretérito imperfeito do subjuntivo e futuro do pretérito do indicativo, respectivamente).

A seguir, algumas sugestões de correções, mas pode haver outras combinações.

Alternativa "a" – Errada. Sugere o autor que, quando faltar argumento liberal para que alguns sejam altruístas, terão entrado em cena as conhecidas razões das tropas de choque.

Alternativa "c" – Errada. Assim como se organizam as abelhas e as formigas, os homens podem inspirar-se nelas, havendo assumido a mesma divisão básica de trabalho.

Alternativa "d" – Errada. A natureza tem criado a iniciativa egoísta sem haver criado a iniciativa altruísta, o que acaba por gerar uma profunda desarmonia entre os homens.

Alternativa "e" – Errada. Caso viesse a ocorrer uma radical flexibilização das leis trabalhistas, os operários mais esclarecidos teriam percebido os prejuízos que essa alteração lhes acarretaria.

---

136. (FCC – Analista Judiciário – TRT – 9ª Região/ 2010) Está INADEQUADA a correlação entre os tempos e modos verbais nesta reconstrução de uma frase do texto:

(A) Teria sido bom se nos houvéssemos perguntado como chegamos até aqui.

(B) Cercar-nos-íamos de inimigos reais ou virtuais e precisaríamos proteger nosso país.

(C) O pacto que acabássemos por realizar com o poder teria um preço muito alto.

(D) A menos que as coisas venham a mudar profundamente, será difícil ver essa estabilidade ameaçada.

(E) Tivesse sido assim, será que possamos contemplar um mundo com futuro?

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Tivesse sido assim, será que poderíamos contemplar um mundo com futuro?

Vejamos as outras combinações verbais corretas:

Alternativa "a" – Errada. futuro do pretérito do indicativo + pretérito imperfeito do subjuntivo.

Alternativa "b" – Errada. dois verbos no futuro do pretérito do indicativo.

Alternativa "c" – Errada. pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito do indicativo.

Alternativa "d" – Errada. presente do subjuntivo + futuro do presente do indicativo.

---

137. (FCC – Analista Judiciário – TRT – 9ª Região/ 2010) A construção que NÃO admite transposição para voz passiva é:

(A) favorecem nossa esperança.

(B) os que vivem na expectativa da felicidade absoluta.

(C) Os pensadores da antiguidade clássica deixaram-nos um tesouro.

(D) sigamos as coisas próximas

(E) E não invejemos os que estão mais alto

COMENTÁRIOS

Alternativa "b" – Correta.

✪ **Nota da autora:** Se não admite voz passiva, **não há objeto direto**. O verbo da alternativa b é intransitivo (quem vive, vive).

Alternativa "a" – transitivo direto – objeto direto: nossa esperança (é favorecida).

Alternativa "c" – transitivo direto e indireto – objeto direto: um tesouro (foi deixado).

Alternativa "d" – transitivo direto – objeto direto: as coisas (sejam seguidas por nós as coisas).

Alternativa "e" – transitivo direto – objeto direto: os que estão mais alto (e não sejam invejados por nós os que estão mais alto).

---

138. (FCC – Analista Judiciário – TRT – 8ª Região/ 2010) *"(...) secavam as fibras num varal e (...) as carregavam para a propriedade, onde eram prensadas e enfardadas (...)"* Invertendo-se as vozes passiva e ativa da frase acima, a frase correta resultante será:

(A) As fibras secaram num varal e foram carregadas para a propriedade, onde lhes prensavam e enfardavam.

(B) As fibras ficavam secando num varal e lhes carregavam para a propriedade, onde as prensavam e enfardavam.

(C) As fibras eram secadas num varal e carregadas para a propriedade, onde a prensava e enfardava.

(D) As fibras secavam num varal e eram carregadas para a propriedade, onde lhes prensavam e enfardavam.

(E) As fibras eram secas num varal e carregadas para a propriedade, onde as prensavam e enfardavam.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – as fibras eram secas (secavam está no pretérito imperfeito do indicativo, não admitindo a forma no perfeito secaram). Assim, já se sabe a alternativa correta.

Eram secas e (eram) carregadas.

Eram prensadas e (eram) enfardadas = voz passiva analítica / onde as prensavam e as enfardavam = voz ativa.

Questão em que pede transposições da ativa para passiva e da passiva para a ativa.

⊙ **Texto para a próxima questão:**

Quando eu me encontrava preso
Na cela de uma cadeia
Foi que vi pela primeira vez
As tais fotografias
Em que apareces inteira
Porém lá não estavas nua
E sim coberta de nuvens...
Terra! Terra!
Por mais distante
O errante navegante
Quem jamais te esqueceria?...
Caetano Veloso

(fragmento de "Terra" – http://letras.terra.com/caetano-veloso/44780/)

---

139. (FCC – Analista Judiciário – TRT – 8ª Região/ 2010) Considere as afirmativas abaixo.

I. Ao transpor-se para a voz passiva o período constituído pelos versos *Foi que vi pela primeira vez / As tais fotografias*, a forma verbal resultante é **foram vistas**.

II. Caso o verbo **esquecer** em *Quem jamais te esqueceria?...* tivesse sido empregado em sua forma pronominal (esquecer-se), a regência verbal teria permanecido inalterada.

III. Na frase que constitui a segunda estrofe do fragmento transcrito, o verso *Por mais distante* exerce a função sintática de adjunto adverbial.

Está correto o que se afirma APENAS em:

(A) I.

(B) II.

(C) III.

(D) I e III.

(E) II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Questão de verbo, regência e análise sintática.

I. *Foi que vi pela primeira vez / As tais fotografias* = foi que as tais fotografias foram vistas por mim

II. **De** quem jamais se esqueceria. Os verbos esquecer e lembrar, com sujeitos na primeira pessoa do singular ou do plural, pedem preposição se acompanhados de pronome. Memorize assim: com pronome, com preposição; sem pronome, sem preposição. Esqueci seu livro. Esqueci-me de seu livro. Lembrei seu nome. Lembrei-me de seu nome.

III. Adjunto adverbial de lugar: onde? Distante, por mais distante.

Texto para a próxima questão:

Há uma rotina de ideias a que não escapa sequer o escritor original. Os grandes temas, os temas universais, reduzem-se a uma contagem nos dedos – e quem escreve ficção vai beber sempre na mesma aguada. Um ficcionista puxa outro. Dostoievski, Faulkner, Kafka deflagraram muitos contemporâneos, graças à sua força extraordinária de gravitação. Servem de impulso à primeira largada, seus modos de dizer e maneira de ver e sentir o mundo deixam de ser propriedade privada, incorporam-se à literatura como conquista de uma época, um condomínio em que as ideias se desligam e flutuam soltas.

Fala-se comumente em influências na obra deste ou daquele autor. O termo, com o tempo, perdeu contorno pejorativo. Quem não tem influências, quem não se abeberou em alguém? Literatura é um organismo vivo que não cessa de receber subsídios. Felizes os que, contribuindo com essa coisa inquietante que é escrever, revigoram-lhe o lastro. Eles se realizam em termos de criação artística e contribuem, com sua experiência e suas descobertas, para que outros cheguem e deitem ali, também, o seu fardo.

Stendhal inventou para o amor a teoria da cristalização que se poderia aplicar à coisa literária. No fundo, as ideias são as mesmas, descrevem um círculo vicioso que o escritor preenche conscientemente, se acrescentar ao que já encontrou feito uma dimensão pessoal. Criação espontânea, inspiração, musa? Provavelmente não existem, pelo menos na proporção em que os românticos quiseram valorizar as manifestações do seu espírito. Escrever – e falo sempre em termos de criar – é um exercício meticuloso em busca do amadurecimento; quem escreve retoma uma experiência sedimentada, com o dever, que só alguns eleitos cumprem, de alargá-la dentro da perspectiva do homem e da época. (Hélio Pólvora. Graciliano, Machado, Drummond & Outros. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975, pp. 37-38)

---

140. (FCC – Analista Judiciário – TRT – 8ª Região/ 2010) Considere as afirmativas abaixo.

I. O emprego do pronome **lhe** em *revigoram-lhe o lastro* imprime a esse pronome valor de possessivo, pois equivale a **revigoram seu lastro** ou, de outro modo, **revigoram o lastro da literatura**. (2º parágrafo)

II. O emprego das formas verbais *contribuem, cheguem* e *deitem*, flexionadas nos mesmos tempo e modo, denota, no contexto, uma mesma noção, a de **hipótese provável**. (2º parágrafo)

III. Ao transpor para a voz passiva a oração *que o escritor preenche conscientemente*, o resultado será **preenchidas conscientemente pelo escritor**, porque o pronome **que** refere-se diretamente a **ideias**. (3º parágrafo)

IV. A forma pronominal grifada em *alargá-la dentro da perspectiva do homem e da época* evita a substituição, no contexto, da expressão *uma experiência sedimentada*. (3º parágrafo)

Está correto o que se afirma APENAS em:

(A) I e IV.

(B) I, III e IV.

(C) I, II e III.

(D) II, III e IV.

(E) II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a" – Correta.

I. *Revigoram-lhe o lastro* = revigoraram seu lastro. O pronome LHE indica posse e possui função de adjunto adnominal.

II. Cheguem e deitem indicam hipóteses prováveis por estarem no presente do subjuntivo, mas contribuem está no presente do indicativo e se refere à ação certa.

III. O pronome relativo que se refere a *círculo vicioso* = um círculo vicioso que é preenchido pelo escritor.

IV. Item de coesão, basta voltar ao texto e substituir o pronome: quem escreve retoma uma experiência sedimentada, com o dever, que só alguns eleitos cumprem, de alargar a experiência sedimentada dentro da perspectiva do homem e da época.

---

141. (FCC – Analista Judiciário – TRT – 8ª Região/ 2010) *"(...) de um outro galo que apanhe o grito (...)"* O verbo que se encontra conjugado nos mesmos tempo e modo que o grifado na frase acima está presente nos seguintes versos de João Cabral de Melo Neto, retirados de **Morte e Vida Severina:**

(A) só morte tem encontrado / quem pensava encontrar vida...

(B) primeiro é preciso achar / um trabalho de que viva.

(C) Por onde andará a gente / que tantas canas cultiva?

(D) Os rios que correm aqui / têm a água vitalícia...

(E) Quem sabe se nesta terra / não plantarei minha sina?

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – A forma verbal apanhe está conjugada no presente do subjuntivo e indica dúvida. O mesmo ocorre com a forma viva.

Alternativa "a" – Na primeira oração, há tempo composto, como no enunciado o verbo grifado está no tempo simples, vá ao próximo verbo: pretérito imperfeito do indicativo (pensava).

Alternativa "c" – Futuro do presente do indicativo e presente do indicativo.

Alternativa "d" – Presente do indicativo os dois verbos.

Alternativa "e" – Presente do indicativo e futuro do presente do indicativo.

Texto para a próxima questão:

RITA

No meio da noite despertei sonhando com minha filha Rita. Eu a via nitidamente, na graça de seus cinco anos.

Seus cabelos castanhos – a fita azul – o nariz reto, correto, os olhos de água, o riso fino, engraçado, brusco

Depois um instante de seriedade; minha filha Rita encarando a vida sem medo, mas séria, com dignidade.

Rita ouvindo música; vendo campos, mares, montanhas; ouvindo de seu pai o pouco, o nada que ele sabe das coisas, mas pegando dele seu jeito de amar – sério, quieto, devagar.

Eu lhe traria cajus amarelos e vermelhos, seus olhos brilhariam de prazer. Eu lhe ensinaria a palavra cica, e também a amar os bichos tristes, a anta e a pequena cutia; e o córrego; e a nuvem tangida pela viração. (Minha filha Rita em meu sonho me sorria – com pena deste seu pai, que nunca a teve. (Rubem Braga. 200 Crônicas escolhidas. 13. ed. Rio de Janeiro. Record, 1998, p.200)

---

142. (FCC – Analista Judiciário – TRT – 8ª Região/ 2010) O emprego de um mesmo tempo e modo verbal em *traria, brilhariam* e *ensinaria*, no penúltimo parágrafo do texto,

(A) sugere que o sonho nada mais é que a lembrança de ações recém-realizadas durante o estado de vigília do autor.

(B) antecipa a revelação feita no último parágrafo de que a filha do autor nunca existiu, sendo tais ações apenas hipotéticas.

(C) indica que tais ações foram efetivamente realizadas enquanto a filha do autor ainda vivia, isto é, antes da morte dela aos cinco anos de idade.

(D) denota o desejo do autor de ver tais ações realizadas no futuro, quando a filha atingir a idade de cinco anos.

(E) enfatiza a tristeza do autor por não ter mais a guarda da criança, o que é revelado apenas no último parágrafo do texto.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Os verbos foram conjugados no futuro do pretérito do indicativo que indica ação condicional, hipotética.

Alternativa "a" – Errada. Não há afirmação ou sugestão.

Alternativa "c" – Errada. O tempo que indica ações realizadas é o pretérito perfeito do indicativo.

Alternativa "d" – Errada. O tempo que indica desejo é o imperativo.

Alternativa "e" – Errada. Não enfatiza, pois é uma condição.

No século XIX, enfatizou-se, nos mais diversos domínios, a busca de explicações sobre as origens – dos homens, das sociedades, das nações.

---

143. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE/AC/2010)

Está adequada a correlação entre tempos e modos verbais na seguinte construção:

(A) Aquelas cédulas de papel eram as que o eleitor devesse utilizar na hora em que se dispusesse a votar.

(B) Não tardava muito para que começassem a irromper discussões entre os que simpatizavam com diferentes candidatos.

(C) À medida que eram divulgados, os resultados parciais das eleições teriam provocado as mais distintas reações.

(D) Meu pai achava que um candidato com aquele sobrenome não pudesse vir a exercer um cargo daquela relevância.

(E) Eu faria qualquer coisa para que a sensação daqueles dias de eleição possa ressurgir em mim, com a mesma força.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

Alternativa "a" – deveria – há relação de condicionalidade com o verbo dispusesse (respectivamente: futuro do pretérito do indicativo e pretérito imperfeito do subjuntivo)

Alternativa "c" – À medida que são divulgados, os resultados parciais das eleições provocam as mais distintas reações.

Alternativa "d" – poderia

Alternativa "e" – pudesse

---

144. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /AC/2010) A forma verbal resultante da transposição para a voz passiva da frase

(A) Quanto às minas de ouro, o rei as tira da vaidade dos súditos será **tê-las-á tirado**.

(B) retrata satiricamente toda a civilização francesa será **tem-na retratado**.

(C) exerce seu império sobre o próprio espírito dos súditos será **têm sido exercidos**.

(D) fornece a eles (...) certos tratados de fé será **são-lhes fornecidos**.

(E) custa ao marido colocar sua mulher na moda será **custa-lhe tê-la colocado**.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

Alternativa "a" – Elas são tiradas

Alternativa "b" – Toda civilização é retratada

Alternativa "c" – Seu império é exercido

Alternativa "d" – certos tratados são-lhes fornecidos.

Alternativa "e" – Não possui objeto direto, logo não admite voz passiva.

---

145. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /AC/2010) Está correta a flexão de todas as formas verbais na frase:

(A) Muitos dos contemporâneos de Montesquieu conviram em que ele cometia intoleráveis abusos no exercício de sua crítica.

(B) O que hoje não mais constitue escândalo, à época de Montesquieu podia ser uma abominável prática social.

(C) Os herdeiros intelectuais de Montesquieu recomporam suas ideias ao longo do tempo e as adaptaram a diferentes circunstâncias.

(D) Mesmo que os católicos mais críticos intervissem junto às autoridades, Montesquieu não arrefeceria o tom de suas ironias.

(E) Nada faria com que um espírito crítico como o de Montesquieu detivesse sua mordacidade diante das mazelas de sua época.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

Alternativa "a" – Convieram

Alternativa "b" – Constitui – do verbo constituir (termina com *i*)

Alternativa "c" – Recompuseram

Alternativa "d" – Interviessem – de intervir = vir

---

146. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /AM/2010) Está correta a flexão de todas as formas verbais da frase:

(A) Tudo o que advir como poder da Igreja tem correspondência com o plano simbólico e espiritual.

(B) O poder civil e a esfera religiosa nem sempre conviram quanto à busca de um sereno estabelecimento de acordos.

(C) Ao longo da História, nações e igrejas muitas vezes se absteram de buscar a convergência de seus interesses.

(D) A pergunta de Stalin proveu de sua convicção quanto ao que torna de fato competitivo um país beligerante.

(E) Ciente da fragilidade militar da Igreja, o ditador não se conteve e interveio na História com a famosa frase.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Em questões de flexão das formas verbais, basta ficar atento, pois não é comum alterarem os verbos. As mesmas formas são pedidas.

Alternativa "a" – Advir vem do verbo VIR = advier

Alternativa "b" – Convir vem do verbo VIR = convieram

Alternativa "c" – Abster vem do verbo TER = abstiveram

Alternativa "d" – Provir vem do verbo VIR = proveio

---

147. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /AM/2010) A frase que admite transposição para a **voz passiva** é:

(A) Perto da Igreja, todos os poderosos do mundo parecem diletantes.

(B) A Concordata poderá incluir o retorno do ensino religioso.

(C) Há estatísticas controvertidas sobre esse poder eclesiástico.

(D) Não são incomuns atos religiosos com finalidade política.

(E) O Brasil é um país estratégico para a Igreja Católica.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Importante relembrar que apenas os verbos transitivos diretos e(ou) transitivos diretos e indiretos admitem voz passiva. É necessário haver o objeto direto. Na alternativa b, isso ocorre: substituindo os dois verbos por um (sempre faça assim para não haver engano na predicação), teremos a forma incluirá. A Concordata incluirá o retorno do ensino religioso = O ensino religioso poderá ser incluído pela Concordata. Se, na voz ativa, aparecem dois verbos; na voz passiva, três.

Alternativa "a" – Parecem é verbo de ligação

Alternativa "c" – O verbo haver é impessoal. Não admitirá voz passiva. Muito cuidado, pois ocorreu uma imensa *pegadinha*. Embora haja objeto direto, é impossível fazer a inversão da frase e acrescentar o verbo ser.

Alternativa "d" – São é verbo de ligação

Alternativa "e" – O verbo ser é de ligação.

---

148. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /AM/2010) Está adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase:

(A) Se o Papa dispusesse de inúmeras e bem armadas divisões, talvez Stalin reconsiderasse sua decisão e buscasse angariar a simpatia de Pio XI.

(B) Como alguém lhe perguntou se não é o caso de ganhar a simpatia de Pio XI, Stalin lhe respondera que ignorava com quantas divisões conta o Papa.

(C) Caso o Brasil não fosse um país estratégico para a Igreja, a Concordata não se revestirá da importância que lhe atribuíram os eclesiásticos.

(D) São tão delicadas as questões a serem discutidas na Concordata que será bem possível que levassem muito tempo para desdobrar todos os aspectos.

(E) Roberto Romano lembra-nos de que já houve, na História, atos religiosos que acabassem por atender a uma finalidade política que é prevista.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – A questão pode ser considerada fácil porque os verbos estão no mesmo tempo: pretérito imperfeito do subjuntivo. O tempo que indica condição, hipótese.

Na alternativa b, o verbo ser deve ser substituído por seria, no futuro do pretérito do indicativo.

Na alternativa c, o verbo revestir deve ser usado na forma condicional revestiria, já que o verbo anterior está no pretérito imperfeito do subjuntivo.

Na "d", ocorre o mesmo: verbo ser deve estar no futuro do pretérito do indicativo – seria.

Na alternativa e, o verbo acabar deve estar no pretérito perfeito do indicativo: acabaram.

---

149. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /RS/2010) A forma verbal que exprime acontecimento passado anterior a outro igualmente passado é encontrada no segmento:

(A) o mundo fora criado para o bem do homem.

(B) as outras espécies deviam se subordinar a seus desejos e necessidades.

(C) nunca pararam um instante.

(D) os teólogos e intelectuais [...] podiam apelar prontamente para os filósofos clássicos e a Bíblia.

(E) tudo teve um propósito.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Ação passada em relação a outra ação também passada? Pretérito mais-que-perfeito do indicativo. Aliás, o próprio nome já traz a ideia. Precisa-se de um perfeito para que haja o mais-que-perfeito (fora).

(B) pretérito imperfeito do indicativo

(C) pretérito perfeito do indicativo

(D) pretérito imperfeito do indicativo

(E) pretérito perfeito do indicativo

Texto:

Na Inglaterra dos períodos Tudor e Stuart, a visãotradicional era a de que o mundo fora criado para o bemdo homem e as outras espécies deviam se subordinar aseus desejos e necessidades. Tal pressuposto funda menta as ações dessa ampla maioria de homens quenunca pararam um instante para refletir sobre a ques tão. Entretanto, os teólogos e intelectuais que sentissema necessidade de justificá-lo podiam apelar prontamentepara os filósofos clássicos e a Bíblia. A natureza não feznada em vão, disse Aristóteles, e tudo teve um propó sito. As plantas foram criadas para o bem dos animais eesses para o bem dos homens. Os animais domésticosexistiam para labutar, os selvagens para serem caça dos. Os estoicos tinham ensinado a mesma coisa: anatureza existia unicamente para servir aos interesseshumanos.Foi nesse espírito que os comentadores Tudorinterpretaram o relato bíblico da criação. [...] É difícil, hoje em dia, ter noção do empolganteespírito antropocêntrico com que os pregadores das di nastias Tudor e Stuart interpretavam a história bíblica. (Thomas Keith. O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800). Trad. João Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 21-22)

150. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /RS/2010) O texto legitima a seguinte afirmação:

(A) Em *as outras espécies* deviam se subordinar *a seus desejos*, a substituição do segmento destacado por "haviam de se subordinar" mantém o sentido de inevitabilidade e a correção originais.

(B) Os segmentos *para refletir sobre a questão* e *para os filósofos clássicos e a* Bíblia exercem a mesma função sintática.

(C) De modo a preservar a correção e o sentido originais, a redação alternativa para elidir a dupla negação em *A natureza não fez nada em vão* é "A natureza fez tudo com gratuidade".

(D) Em *É difícil, hoje em dia, ter noção do empolgante espírito antropocêntrico*, a retirada da vírgula depois de *É difícil*, sem outra alteração, manteria a correção original.

(E) Os dois-pontos (penúltimo parágrafo) introduzem uma citação literal dos estoicos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Questão de verbo, pontuação e análise sintática.

Na alternativa a, se substituir os dois verbos por um, fica fácil. As duas expressões são equivalentes.

Alternativa "b" – *Sobre a questão* possui função de adjunto adverbial de assunto (refletir é intransitivo); *para os filósofos clássicos e a* Bíblia é objeto indireto do verbo *apelar* (apelar para algo);

Alternativa "c" – O perigo da alternativa é "elidir a dupla negação": A natureza nada fez em vão;

Alternativa "d" – A expressão *hoje em dia* está intercalada, por isso não pode ser retirada a vírgula posterior. Leia a frase sem a intercalação: *É difícil ter noção do empolgante espírito antropocêntrico.*

Alternativa "e" – Não é uma citação, é aposto explicativo de *mesma coisa.*

151. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /RS/2010) "... *a Coreia do Norte interrompeu comunicações com o vizinho* " Transpondo a frase acima para a voz passiva, a forma verbal corretamente obtida é:

(A) tinha interrompido.

(B) foram interrompidas.

(C) fora interrompido.

(D) haviam sido interrompidas.

(E) haveriam de ser interrompidas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Objeto direto: comunicações. Comunicações foram interrompidas pela Coreia do Norte. Mantenha o tempo e inverta o objeto direto.

Alternativa "a" – Acrescentou-se o verbo *ter*: incorreto.

Alternativa "c" – Concordância errada.

Alternativa "d" – Um verbo na ativa = dois na passiva (+ ser).

Alternativa "e" – Um verbo na ativa = dois na passiva (+ ser).

152. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /AL/2010) A frase que **admite** transposição para a voz passiva é:

(A) O cúmulo da ilusão é também o cúmulo do sagrado.

(B) O conceito de espetáculo unifica e explica uma grande diversidade de fenômenos.

(C) O espetáculo é ao mesmo tempo parte da sociedade, a própria sociedade e seu instrumento de unificação.

(D) As imagens fluem desligadas de cada aspecto da vida (...).

(E) Por ser algo separado, ele é o foco do olhar iludido e da falsa consciência.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Apenas admite voz passiva a ativa que possui objeto direto, ou seja, o verbo deve ser transitivo direto ou transitivo direto e indireto. Na alternativa b, explica uma grande diversidade: uma grande diversidade é explicada.

Alternativa "a" – verbo de ligação

Alternativa "c" – verbo de ligação

Alternativa "d" – intransitivo

Alternativa "e" – verbo de ligação.

---

153. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRF – 4ª Região/2010) Está plenamente adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase:

(A) Caso não se estabelecerem parâmetros para a ajuda de US$ 30 bilhões, essa iniciativa sequer terá recebido o aval da maioria dos países.

(B) A exigência de metas obrigatórias, que as nações desenvolvidas impuseram às emergentes, terá sido uma das razões da discórdia.

(C) Se alguém esperava um bom acordo na COP-15, frustrar-se-ia redondamente.

(D) Não houve acordo capaz de orquestrar os interesses de que nenhum dos países abrisse mão.

(E) Somente alguns países chegariam a firmar um acordo, pelo qual se previra os cortes de emissão que deveram ser efetuados.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Esperava: pretérito imperfeito do indicativo (ação prolongada) / Frustraria: futuro do pretérito do indicativo (ação condicional). A dica está na conjunção se, no início do período.

Alternativa "a" – estabeleçam

Alternativa "b" – teria

Alternativa "d" – haveria

Alternativa "e" – deveriam

---

154. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRF – 4ª Região/2010) *"O que temos de alcançar no México é tudo o que deveríamos ter alcançado aqui."* Transpondo-se a frase acima para a voz passiva, as formas sublinhadas devem ser substituídas, na ordem dada, por:

(A) tem de alcançar-se – deverá alcançar-se

(B) teremos alcançado – devia ser alcançado

(C) tem de ser alcançado – deveria ter sido alcançado

(D) será alcançado – devia ser alcançado

(E) tinha de ser alcançado – deveria ser alcançado

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Como há duas orações e consequentemente duas expressões verbais fica mais fácil para eliminar alternativas:

- temos de alcançar (presente do indicativo), acrescentando o verbo SER = aquilo tem de ser alcançado por nós;
- deveríamos ter alcançado (futuro do pretérito do indicativo), acrescentando o verbo SER = aquilo deveria ter sido alcançado. Fazendo a prova, já ganharia tempo ao transpor a primeira oração, pois se eliminam as outras.

---

155. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 5ª região/ 2008 – FCC) A frase que admite transposição para a voz passiva é:

(A) A prova de que não somos uma coisa só está em cada dia que amanhece.

(B) Outro dia recortei da Internet este fragmento de um blog (...).

(C) A humanidade não tem jeito.

(D) O pessimista não é inimigo das idealizações, muito pelo contrário.

(E) Nem tudo está perdido.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Recortar é transitivo direto, ou seja, há objeto direto: outro dia este fragmento de um blog foi recortado por mim.

Alternativa "a" – Verbo de ligação não admite voz passiva.

Alternativa "c" – Impossível haver transposição para a voz passiva.

Alternativa "d" – Verbo de ligação não admite voz passiva.

Alternativa "e" – Verbo de ligação não admite voz passiva.

156. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 5ª região/ 2008 – FCC) Todas as formas verbais estão corretamente flexionadas na frase:

(A) O marido enciumado conviu, por fim, em depor a arma e libertar a esposa, a quem vinha ameaçando diante das câmeras.

(B) Seria preciso que se revissem os parâmetros éticos de alguns violentos noticiários que vêm assolando a programação da TV.

(C) Serão bem-vindas todas as iniciativas que se proporem a melhorar a qualidade dos noticiários de TV.

(D) A independência que os habitantes do Timor Leste obteram foi reconhecida pela ONU; espera-se que venha a consolidar-se.

(E) Se um otimista não se conter, sua expectativa de êxtase cresce tanto que ele acaba por se juntar aos pessimistas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Rever: revissem; vir: vêm (plural).

Alternativa "a" – conveio = vir.

Alternativa "c" – propuserem = por.

Alternativa "d" – obtiveram = ter.

Alternativa "e" – contiver = ter.

157. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 5ª região/ 2008 – FCC) Está adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase:

(A) Nem bem o autor acabou de ler o texto daquele *blog* e encontrara nele ideias que se assemelhassem às suas.

(B) Se todos fossem otimistas de coração, não haverá razão para que se lamente o pessimismo que se aloje na consciência.

(C) Por mais que o autor insistiu em sua tese, eu não deixava de manter a clássica divisão entre pessimistas e otimistas.

(D) Se o marido continuasse a insistir em ameaçar a esposa que julgasse traí-lo, certamente os policiais terão tomado enérgicas providências.

(E) Uma vez transmitida a notícia de que o presidente do pequeno país asiático sofrera um atentado, houve grandes e indignados protestos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Sofrera: pretérito mais que perfeito do indicativo; houve: pretérito perfeito do indicativo.

Sugestões. Lembre-se: há mais de uma possibilidade.

Alternativa "a" – Acabara, encontrou.

Alternativa "b" – Haveria.

Alternativa "c" – Deixou.

Alternativa "d" – Teriam tomado.

158. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3ª região/ 2007 – FCC) Está adequada a correlação entre os tempos e os modos verbais na frase:

(A) Fosse qual fosse a qualidade dos professores, a escola despertaria interesse quando carregasse consigo uma promessa de futuro.

(B) A capacidade de os adolescentes virem a inventar seu futuro teria dependido dos sonhos aos quais nós renunciaremos.

(C) Seria desejável que a escola não apenas dê ressonância aos anseios pelo mercado de trabalho, mas que também alimente as aspirações dos estudantes.

(D) À medida que os adolescentes procurassem, nas entrelinhas das nossas falas, as aspirações que ocultaríamos, irão se deparar com sonhos frustrados.

(E) Quem vier a comparar os jovens de hoje com os da geração passada haveria de concluir que os adolescentes de agora devam sonhar muito menos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Tempos condicionais mais uma vez. Perceba que desde 2007 pedem os dois tempos: pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito do indicativo.

Sugestões de correção (há outras possibilidades):

Alternativa "b" – teria dependido = dependerá.

Alternativa "c" – desse, alimentasse.

Alternativa "d" – procuram, ocultamos, vão.

Alternativa "e" – haverá de concluir.

159. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3ª região/ 2007 – FCC) Todas as formas verbais estão corretamente flexionadas no contexto da seguinte frase:

(A) Se não nos entretermos com as ficções de nossas telas, dizem algumas pessoas, com que se preencherá nosso tempo ocioso?

(B) Quando finalmente convirmos em que os sonhos são estimulantes e necessários, a eles recorreremos para combater nosso excessivo pragmatismo.

(C) Já que aos adolescentes de ontem aprouve cultivar tantos sonhos, por que os de hoje terão abdicado do direito a todos os devaneios?

(D) Se as ficções não nos provissem de tantas imagens e informações, teríamos mais tempo para criar nossas próprias fantasias.

(E) As sucessivas gerações já muito se contra-dizeram, por força da diversidade de seus sonhos, ao passo que a de hoje parece ter renunciado a todos eles.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Aprazer: eu aprouve, tu aprouveste, ele aprouve.

Sugestões. Lembre-se: há outras possibilidades.

(A) Entretivermos.

(B) Conviermos.

(D) Proviessem (como o verbo vir).

(E) Contradisseram (como o dizer).

⊙ **O trecho refere-se à questão seguinte.**

(...)

Ora, por mais que se queira eliminar a liberdade do mundo humano, ela teima em aparecer, desafiando constantemente as previsões "científicas". Somos o único ser que combina, em sua vida social, a necessidade física e biológica com os deveres éticos, a sujeição aos fatos naturais com a autonomia de ação. Como é passível de comprovação, em toda sociedade o ideário e as estruturas de poder desenvolvem – se dentro dos limites postos por determinados fatores básicos, como o patrimônio genético, o meio geográfico ou o estado da técnica. Vencer tais limitações tem sido um desafio constante lançado à espécie humana. Mas nem por isso devemos tomar esses fatores condicionantes da vida social como seus princípios diretivos. (Adaptado de COMPARATO, Fábio Konder. Ética: direito, moral e religião no mundo moderno. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 494-5) OBS.: Hobbes (1588-1679), Leibniz (1646-1717), Espinosa (1632 – 1677) – filósofos ordine geometrico demonstrata – em tradução livre, "demonstrado segundo a ordem geométrica"

---

160. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/2007 – FCC) *"Vencer tais limitações tem sido um desafio constante lançado à espécie humana".* A frase acima, em seu contexto, abona a seguinte assertiva:

(A) *Vencer* constitui emprego do infinitivo como substantivo, emprego também exemplificado por "Recordar é viver", que equivale a "A recordação é vida".

(B) o pronome *tais* introduz ideia de indeterminação, para que se compreenda que o citado desafio está relacionado a qualquer que seja a limitação imposta à espécie humana.

(C) a palavra *limites*, cognata de *limitações*, foi empregada sem a noção de "cerceamento" notada no uso desta última.

(D) o emprego de *tem sido* constitui um deslize do autor, pois, de acordo com a norma padrão, a forma correta a ser empregada é "têm sido".

(E) o sinal indicativo da crase está usado em conformidade com a norma padrão, assim como o está em "lançado à qualquer que seja o ser humano".

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – O infinitivo é uma forma nominal: não indica tempo e possui valor de substantivo.

▶ **Dica** – Valores das formas nominais:

- Gerúndio: advérbio
- Particípio: adjetivo
- Infinitivo: substantivo

Alternativa "b" – As determinações foram citadas, portanto não introduz ideia de indeterminação.

Alternativa "c" – Cercear: impor limites a; impedir que algo se dê ou se processe completamente; dificultar o desenvolvimento, a difusão, a circulação de (algo). Não é o sentido.

Alternativa "d" – Sujeito oracional: *Vencer tais limitações* = verbo no singular. Tópico visto e revisto em concordância.

Alternativa "e" – Não se usa crase antes de pronome indefinido.

---

161. (FCC – Analista Processual – MPU/2007) Empregou-se de acordo com o padrão culto a forma grifada em:

(A) Provi os voluntários de todos os instrumentos necessários para o bom atendimento.

(B) Se eles se indisporem com o atual diretor, terão problemas no fim do ano.

(C) Caso ele se abstém de votar, será difícil justificar sua atitude.

(D) Quando satisfazerem plenamente suas vaidades, entenderão que foram fúteis.

(E) Sofreram tantos e tão variados revés na vida, que fortaleceram sua resistência.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Prover (abastecer) no pretérito perfeito do indicativo: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram.

Alternativa "b" – Indispor = por. **Indispuserem**.

Alternativa "c" – Caso ele se **abstenha** = presente do subjuntivo (ação hipotética).

Alternativa "d" – Quando **satisfizerem** = fazer. Futuro do subjuntivo (ação futura duvidosa).

Alternativa "e" – Reveses.

---

162. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 1ª região/ 2006 – FCC) A frase que admite transposição para a voz passiva é:

(A) O país pode chegar a uma situação caótica.

(B) O editorial é um desrespeito à soberania cubana.

(C) A atenção do Estado cubano para com a saúde popular é exemplo para todos.

(D) Houve indignação e protestos contra o editorial da revista.

(E) Cuba tem auxiliado países vítimas de catástrofes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – É preciso o objeto direto para haver voz passiva, ou seja, verbo transitivo direto ou transitivo direto e indireto.

Alternativa "a" – pode chegar = chegará: intransitivo.

Alternativa "b" – verbo de ligação.

Alternativa "c" – verbo de ligação.

Alternativa "d" – *Peguinha!* O verbo haver, apesar de ser transitivo direto, não aceita voz passiva quando for o verbo principal. Só aceita quando for auxiliar de outro verbo.

---

163. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 1ª região/ 2006 – FCC) Está adequada a articulação entre os tempos e os modos verbais da frase:

(A) A publicação conclamaria os Estados Unidos a terem providenciado ajuda humanitária para os cubanos.

(B) A publicação teria conclamado os Estados Unidos a que providenciassem ajuda humanitária para os cubanos.

(C) A publicação conclamará os Estados Unidos a que providenciam ajuda humanitária para os cubanos.

(D) A publicação tinha conclamado os Estados Unidos a que providenciariam ajuda humanitária para os cubanos.

(E) A publicação terá conclamado os Estados Unidos a que têm providenciado ajuda humanitária para os cubanos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Tempos condicionais.

▶ **Dica – Seria** (providenciassem e **teria**). Futuro do pretérito do indicativo (teria) e pretérito imperfeito do subjuntivo (providenciassem).

Sugestões (há outras possibilidades):

Alternativa "a" – conclamaria se tivessem providenciado.

Alternativa "c" – providenciem.

Alternativa "d" – providenciassem.

Alternativa "e" – teria e tivessem.

---

164. (Analista Judiciário – Execução de Mandados TRF 1ª região/ 2006 – FCC) Estão corretos o emprego e a flexão dos verbos na frase:

(A) A polêmica que o editorial tinha aceso entre os latino-americanos também acerrou os ânimos de intelectuais progressistas europeus.

(B) Atitudes colonialistas costumam insulflar ressentimentos entre os povos que buscam imergir de suas fundas penúrias.

(C) A revista **The Lancer** descriminou os cubanos, tratando – os como bem lhe aprouveu.

(D) Se os cubanos interviessem em outros países do modo como já intervieram as grandes potências, seriam duramente rechaçados.

(E) Que ninguém se surprenda se os cubanos recomporem seu estilo de vida, após uma eventual ruptura política.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Intervir = vir: **interviessem, intervieram.**

Alternativa "a" – Ao lado dos verbos auxiliares **ter** e **haver**, usam-se as formas regulares (terminadas em ado, ido – formas longas); ao lado dos auxiliares **ser** e **estar**, usam-se as formas irregulares (curtas). Assim, o correto seria **tinha acendido.**

Alternativa "b" – insuflar e emergir.

Alternativa "c" – discriminou e aprouve.

Alternativa "e" – surpreenda, recompuserem. Recompor = por.

---

165. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 4ª região/ 2006 – FCC) Transpondo-se para a voz passiva a frase *transmiti o respeito de meus pais pelas ficções*, a forma verbal resultante será

(A) fora transmitido.

(B) transmitiram-se.

(C) foi transmitido.

(D) terá sido transmitido.

(E) transmitiram-me.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Objeto direto primeiro: o respeito de meus pais **foi transmitido.**

Alternativa "a" – Altera o tempo.

Alternativa "b" – Voz passiva sintética.

Alternativa "d" – Eliminada porque há 3 verbos. Se há um, teremos dois, pois o verbo *ser* é acrescentado.

Alternativa "e" – Voz ativa e altera a informação.

---

166. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 4ª região/ 2006 – FCC) Está correta a articulação entre os tempos e modos verbais na frase:

(A) Embora a leitura nos faça conhecer a particularidade do Afeganistão, o que tornaria o romance irresistível será a história singular de Amir, o protagonista.

(B) Mesmo que a leitura nos fazia conhecer a particularidade do Afeganistão, o que torna o romance irresistível teria sido a história singular de Amir, o protagonista.

(C) Tanto mais a leitura nos fazia conhecer a particularidade do Afeganistão, tanto mais a história singular de Amir, o protagonista, tornou o romance irresistível.

(D) Se a leitura nos fazia conhecer a particularidade do Afeganistão, o que tornava o romance irresistível era a história singular de Amir, o protagonista.

(E) A leitura nos faria conhecer a particularidade do Afeganistão, mas fora a história singular de Amir, o protagonista, que tornasse o romance irresistível.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Fazia, tornava e era: pretérito imperfeito do indicativo (ações contínuas, prolongadas).

Sugestões:

Alternativa "a" – torna, é.

Alternativa "b" – fizesse, tornaria, seria.

Alternativa "c" – faz, tornaria.

Alternativa "e" – foi, tornara (ou tornou).

---

167. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 4ª região/ 2006 – FCC) Estão inteiramente corretas a forma e a flexão dos verbos na frase:

(A) A boa ficção não institue fantasias gratuitas; ela aprende o real por meio da mais fecunda imaginação.

(B) Embora muitos diverjam, não há por que não admitir que um romance policial reuna vários atributos estéticos.

(C) Embora não sejam propriamente ficções, os bons documentários propisciam a abertura de novos horizontes do real.

(D) Se achamos que a vida dos afegãos não tem nada haver com a nossa, o autor lembra que a história de Amir conflue para a de muita gente.

(E) Muitos autores entremeiam realidade e imaginação em suas narrativas para proverem a ficção dos mais estimulantes atrativos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de verbo e ortografia.

– Entremear no presente do indicativo: entremeiam. Prover está no infinitivo pessoal, pois não indica tempo e sim finalidade.

(A) institui – de instituir.

(B) Divirjam, reúna (hiato).

(C) Propiciam.

(D) nada a ver, conflui – de confluir.

▶ **Dica:**

Ter a ver = ter relação (com), dizer respeito (a).

Ter a haver = ter a receber.

2.2. CESPE

Trecho para o item.

(...) Pedi a um dos homens ao lado da parede que me contasse como tinha sido sua viagem. Ele objetou. Membros do snakebody têm de jurar segredo aos snakeheads que organizam sua viagem. Tive de convencê-lo, concordando em usar um nome falso e camuflar outros aspectos de sua jornada. Depois de uma série de encontros e entrevistas, pelos quais paguei alguma coisa, a história de como Huang chegou a Prato emergiu lentamente.

James Kynge. A China sacode o mundo.

São Paulo: Globo, 2007 (com adaptações).

168. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) A correção gramatical do texto seria preservada caso se substituísse a locução "tinha sido" pela forma verbal *fora*.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – "Tinha sido" = pretérito mais-que-perfeito composto (ter/haver + particípio); "fora" = pretérito mais-que-perfeito simples. As formas são equivalentes, ou intercambiais.

Trecho para o item.

(...) No passado, os escravos eram capturados e vendidos como mercadoria. Hoje, a pobreza que torna populações vulneráveis garante oferta de mão de obra para o tráfico — ao passo que a demanda por essa força de trabalho sustenta o comércio de pessoas. Esse ciclo atrai intermediários, como os gatos (contratadores que aliciam pessoas para serem exploradas em fazendas e carvoarias), os coiotes (especializados em transportar pessoas pela fronteira entre o México e os Estados Unidos da América) e outros animais, que lucram sobre os que buscam uma vida mais digna. (...)

Leonardo Sakamoto. O tráfico de seres humanos hoje.

In: História viva. Internet: <www2.uol.com.br> (com adaptações).

169. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) O sentido original do texto seria preservado caso a forma verbal "eram capturados" fosse substituída por foram capturados.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – **Eram capturados** indica ação contínua (ação expressa pelo pretérito imperfeito do indicativo) e **foram capturados** refere-se à ação concluída, finalizada (pretérito perfeito do indicativo). O sentido é alterado.

Trecho para o próximo item.

A inércia da vida real desaparece magicamente na navegação pelo ciberespaço, desprovida de fricção. No mercado atual, encontramos uma série de produtos privados de suas propriedades malignas: café sem cafeína, creme sem gordura, cerveja sem álcool... ciberespaço. (...)

Slavoj Zizek. Identidades vazias. Internet: <http://slavoj-zizek.blogspot.com.br>(com adaptações).

170. (CESPE – Analista Judiciário – Área Administrativa - STF/2013) Sem prejuízo para a correção gramatical do texto, o trecho "encontramos uma série de produtos privados de suas propriedades malignas" poderia ser reescrito da seguinte forma: encontra-se uma série de produtos destituídos de suas propriedades malignas.

COMENTÁRIOS

Certo – Detalhes cobrados por CESPE e que precisam ser muito bem distinguidos: correção gramatical e sentido. No caso, a correção é mantida, mas o sentido é alterado. Notemos que no enunciado não foi citado o sentido (a semântica) e por isso o item está correto.

Encontramos uma série de produtos (objeto direto); sujeito: nós.

Encontra-se uma série de produtos (sujeito): voz passiva sintética (V.T.D. + SE). Equivale a uma série de produtos é encontrada: voz passiva analítica (ser + particípio).

⊙ **Julgue o item relativo a ideias e aspectos linguísticos do texto.**

A economia solidária vem-se apresentando como uma alternativa inovadora de geração de trabalho e renda e uma resposta favorável às demandas de inclusão social no país. Ela compreende uma

diversidade de práticas econômicas e sociais organizadas sob a forma de cooperativas, associações, clubes de troca, empresas de autogestão e redes de cooperação – que realizam atividades de produção de bens, prestação de serviços, finanças, trocas, comércio justo e consumo solidário.

A Secretaria Nacional de Economia Solidária, do Ministério do Trabalho e Emprego, desde sua criação, em 2003, vem elaborando mecanismos de formação, fomento e educação para o fortalecimento da economia solidária no Brasil. Além da divulgação e da promoção de ações nessa direção, desde 2007 a Secretaria tem realizado chamadas públicas a fim de apoiar os empreendimentos econômicos alternativos. (Internet: http://portal.mte.gov.br/imprensa, com adaptações).

---

171. (CESPE – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) O emprego das formas verbais "vem elaborando" e "tem realizado", que denotam tempo continuado, associado ao das expressões temporais "desde sua criação, em 2003" e "desde 2007", evidencia a intenção do autor do texto de sinalizar o caráter produtivo do trabalho realizado pela Secretaria Nacional de Economia Solidária.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – *Vem realizando* = realiza e *tem realizado* = realiza, ou seja, são ações habituais desde as datas citadas. Corretíssimo.

---

172. (UNB/CESPE – Poder Judiciário – TRE – ES/2012) O trecho *"a presença crescente de indígenas no processo eleitoral nos é transmitida"* é equivalente, semanticamente, a transmitem a nós a presença crescente dos índios no processo eleitoral, enunciado que respeita as normas gramaticais e mantém a coerência do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Anulada – Analisemos: a forma é transmitida indica que a oração encontra-se na voz passiva analítica e não há referência do agente da passiva. Não havendo o agente da ação, ao transpor a oração para a voz ativa, o verbo deve ficar no plural, indicando indeterminação do sujeito, pois não se sabe quem a transmite. Assim sendo, o item está correto.

Com relação a aspectos linguísticos do trecho, julgue o item a seguir.

Para além desse anedotário há, de fato, muito que refletirmos. Afinal, os mais diversos povos indígenas estão lidando com as grandes instituições da sociedade branca e com processos políticos pertencentes a uma gramática social e simbólica que lhes é absolutamente estranha, ao menos na maneira como estamos acostumados a pensar.

---

173. (UNB/CESPE – Poder Judiciário – TRE – ES/2012) A locução verbal "estão lidando" poderia ser substituída pela forma verbal lidam, sem prejuízo da correção gramatical ou do sentido do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – É necessária muita atenção, pois dois itens devem ser analisados: a correção gramatical e a semântica. Normalmente, em questões desse tipo, há *peguinha*. Ao substituir, não ocorre prejuízo na correção gramatical, mas o sentido é alterado, ou seja, semanticamente ocorre alteração. Por isso o item é considerado incorreto.

---

174. (UNB/CESPE – Analista Judiciário – TRT 21ª Região/2010) Atenderia à prescrição gramatical o emprego da forma verbal **foi enfatizada**, em vez de "enfatizou-se".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – *Enfatizou* está no pretérito perfeito do indicativo e é verbo transitivo direto seguido do pronome apassivador SE (V.T.D. + SE = V.P.): voz passiva sintética.

Passando a oração para a voz passiva analítica (ser + particípio), resulta em *a busca de explicações sobre as origens* foi enfatizada.

Ora, se o campo se encontra mais perto do natural, pode ser associado à paz, à inocência, à virtude, a cidade, então, por sua vez, seria a expressão de "barbárie" – e isso deriva do entrelaçamento de significados que podem ser atribuídos aos qualificativos, ou seja, aos polos, a depender do sentido que se lhes atribui ou ao sentimento a eles associado, ou, ainda, ao que está, momentaneamente, sendo entrevisto.

---

175. (UNB/CESPE – Analista Judiciário – TRT 21ª Região/2010) Mantêm-se a correção gramatical e o sentido original do texto ao se substituir "podem ser atribuídos aos qualificativos" por **atribuem aos qualificativos**.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O sentido é alterado e a correção gramatical não seria mantida. Em podem ser atribuídos aos qualificativos, além de haver dúvida de que será atribuído (podem), a oração está na voz passiva analítica. Se fosse substituída pela voz ativa, assumiria a forma: os significados podem atribuir. Falta informação.

As formas de representação realizam outras mediações, constituem outras projeções e, carregadas de dubiedade e ambivalência, podem alcançar o homem (cidade versus campo; intelecto versus coração; razão versus sensibilidade), o povo, a Nação.

---

176. (UNB/CESPE – Analista Judiciário – TRT 21ª Região/2010) A estrutura sintática "constituem outras projeções" pode ser substituída, mantendo-se a correção gramatical e o sentido original do texto, por **constituindo projeções**.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O gerúndio indica uma ação em curso, ou seja, continua acontecendo, é prolongada. Enquanto o presente do indicativo refere-se à ação que acontece no momento da fala, da escrita e muitas vezes possui ideia de hábito, ação repetitiva. Se as formas nominais (gerúndio, particípio e infinitivo) não indicam tempo, não podem ser substituídas pelos tempos presente, futuro ou pretérito. O sentido é alterado, embora a correção gramatical seja mantida.

---

177. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) É obrigatório o uso do verbo trazer no modo subjuntivo – "**traga**" – porque essa forma verbal integra uma oração iniciada pelo vocábulo "embora".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A conjunção **embora** indica que a oração possui ideia concessiva, de oposição. O verbo **trazer** está conjugado no presente do subjuntivo (ação hipotética, duvidosa), por isso se torna obrigatória a forma no modo subjuntivo.

⊙ **Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.**

(...) Será que um computador também seria capaz de encontrar o verdadeiro assassino? Durante um curso da Universidade de Essen, os alunos testaram diversos programas concebidos em estudos sobre inteligência artificial (IA). Para isso, utilizaram o caso apresentado em O Mistério do Baú Espanhol, servindo-se da IA para desvendar as estratégias intelectuais do detetive Poirot. A grande questão era se a IA era capaz desse exercício intelectual ou se apenas fazia uma imitação da inteligência humana. Interessava saber se apresentaria características que poderiam ser associadas a um comportamento inteligente. O objetivo era verificar se o software conseguiria descobrir o assassino tão rapidamente quanto Poirot. ( ) (Mente & Cérebro, fev./2007, com adaptações).

---

178. (Delegado de Polícia – TO/ 2008 – CESPE) No segmento "se a IA era capaz desse exercício intelectual ou se apenas fazia uma imitação da inteligência humana", as formas verbais poderiam ser corretamente substituídas por seria e faria, respectivamente.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Era / fazia (terceira pessoa do singular), ambas as formas estão no pretérito imperfeito do modo indicativo e apresentam um fato anterior não concluído, ambas as formas são antecedidas da conjunção subordinativa *se* que as colocam na posição condicional.

Seria / faria (terceira pessoa do singular), no futuro do pretérito do modo indicativo = apresentam fato posterior, hipotético e carregam a ideia de condição. As substituições das formas verbais propostas estariam corretas.

⊙ **Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do texto, julgue o item a seguir.**

Na sociedade moderna, ao inverso das anteriores, não há fronteiras, não há exterioridade. Todos os conflitos são resolvidos ou são passíveis de soluções internas. Com a o surgimento do espaço da igualdade e do Estado-nação, foram implementados mecanismos internos de resolução de conflitos. ( ) (Elimar Pinheiro do Nascimento. In: No meio da rua – nômades, excluídos e viradores. Marcel Bursztyn (Org.). Rio de Janeiro: Garamond, 2000, p. 122-3, com adaptações).

---

179. (Delegado de Polícia – TO/ 2008 – CESPE) A locução verbal "foram implementados" corresponde à forma implementaram-se.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Implementaram-se: voz passiva sintética (V.T.D. +SE). Foram implementados: voz passiva analítica (ser + particípio).

⊙ **Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.**

(...) Se tudo der certo no planeta (o que é discutível), quem sabe um dia, daqui a mil ou dois mil anos, cheguemos lá. Como nada ainda deu certo no planeta, a internacionalização só será aceitável quando se cumprirem duas premissas. Primeira: que desapareçam os Estados nacionais. Segunda: que os grupos, ou comunidades, ou sociedades que restarem mantenham entre si relações impecavelmente equitativas. (...) (Roberto Pompeu de Toledo. Amazônia: premissas para sua entrega. In: Veja, 28/5/2008, com adaptações).

---

180. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2008) O emprego das formas verbais "cheguemos", "desapareçam" e "mantenham" indica a expressão de ações hipotéticas; mas o desenvolvimento do texto permite, coerentemente, considerá-las assertivas, e sem que se prejudique a correção gramatical, em seus lugares, é possível empregar as formas chegamos, desaparecem e mantêm, respectivamente.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não é possível, pois não permite considerá-las todas assertivas e prejudicaria sim a correção gramatical.

⊙ **Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.**

(...) Como nada ainda deu certo no planeta, a internacionalização só será aceitável quando se cumprirem duas premissas. (...) (Roberto Pompeu de Toledo. Amazônia: premissas para sua entrega. In: Veja, 28/5/2008, com adaptações)

---

181. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2008) Preservam-se a correção gramatical e a coerência da argumentação do texto ao se substituir a expressão "se cumprirem" por forem cumpridas.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – As duas formas verbais são corretas: voz passiva sintética para voz passiva analítica.

⊙ **Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.**

Pode-se dizer que há complexidade onde quer que se produza um emaranhamento de ações, de interações, de retroações. (...) (Edgard Morin. Epistemologia da complexidade. In: Dora Fried Schnitman (Org.). Novos paradigmas, cultura e subjetividade. Porto Alegre: Artmed, 1996, p, 274, com adaptações).

---

182. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2008) O desenvolvimento das ideias do texto permite, também, a utilização gramaticalmente correta e textualmente coerente da forma verbal **produz** no lugar de "produza".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A forma verbal correta é "produza" por indicar dúvida: presente do subjuntivo.

⊙ **Trecho para a próxima questão.**

O mundo do trabalho tem mudado numa velocidade vertiginosa e, se os empregos diminuem, isso não quer dizer que o trabalho também.

Só que ele está mudando de cara. Como também está mudando o perfil de quem acaba de sair da universidade, da mesma forma que as exigências da sociedade e – por que não? – do mercado, cada vez mais globalizado e competitivo. (...) (Revista do Provão, n.º 4, 1999, p. 13, com adaptações).

---

183. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2008) A opção pelo emprego das formas verbais "tem mudado" e "está mudando" indica que a argumentação do texto mostra as mudanças do "trabalho" como durativas, estendidas no tempo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – As formas *tem mudado* (muda) e *está mudando* (muda) são formas verbais que dão sentido de continuidade: equivalem a presente do indicativo, hábito, ou seja, são ações durativas.

▶ **Dica – Ação durativa** – "O gerúndio exprime uma ação em curso ou simultânea, ou a ideia de progressão indefinida. Sua combinação com verbos auxiliares define uma ação durativa, cuja significação é determinada pelo auxiliar. A frase "Estou almoçando"

indica que estou executando a ação durativa de almoçar neste exato e rigoroso momento, por exemplo. Já a expressão "A vida foi passando" denota uma ação durativa realizada progressivamente. (Fonte: http://pt.wikipedia.org)

⊙ **Trecho para a próxima questão.**

(...) Embora não se possa falar de supressão do trabalho assalariado, a verdade é que a posição do trabalhador se enfraquece, tendo em vista que o trabalho humano tende a tornar-se cada vez menos necessário para o funcionamento do sistema produtivo. (Gilberto Lacerda Santos. Formação para o trabalho e alfabetização informática. In: Linhas Críticas, v. 6, n.° 11, jul/dez, 2000, com adaptações).

---

184. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2008) Caso se substituísse "Embora" por Apesar de, a ideia de concessão atribuída a essa oração seria mantida, assim como a correção gramatical do período.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado.

✪ **Nota da autora:** Questão de período verbo e período composto.

Manteria a ideia de concessão, mas não a correção gramatical: Apesar de não se poder falar. O tempo verbal deve ser alterado.

⊙ **Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.**

(...)

As sociedades indígenas acreanas dividem-se de maneira desigual em duas grandes famílias linguísticas: Pano e Arawak. Alguns desses povos encontram-se também nas regiões peruanas e bolivianas fronteiriças ao Acre. Do ponto de vista da antropologia, o conhecimento sobre as sociedades indígenas do estado é muito desigual. Se alguns povos, como os Kaxinawá ou os Ashaninka, atraíram o interesse de vários pesquisadores, as informações etnográficas disponíveis sobre a maior parte dos povos indígenas acreanos ainda são muito incipientes. (...) (José Pimenta. Internet: ambienteacreano.blogspot.com, com adaptações).

---

185. (Procurador do Município – Prefeitura Rio Branco – AC/2007 – CESPE) A substituição de "dividem-se" por **são divididas** mantém a correção gramatical do período.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Em *As sociedades dividem-se*, a oração encontra-se na voz passiva sintética (V.T.D. SE = V.P.). Transpondo-a para a voz passiva analítica (ser + particípio), teremos: As sociedades indígenas são divididas. Já na ativa: Dividem as sociedades indígenas.

⊙ **Atenção! A respeito da organização do texto, julgue a questão.**

O patrimônio linguístico de um país é um dos seus maiores bens, além de seu maior legado às gerações futuras, pois, com a transmissão dos idiomas, transferem-se milhares de características, fatores e costumes especiais e únicos. (Antônio Silveira. R. dos Santos. Patrimônio linguístico: importância e proteção. In: Correio Braziliense, Direito e Justiça, 5/7/2004, p. 3, com adaptações).

---

186. (CESPE – Defensor Público – DPU/ 2004) Preservam-se a coerência textual e a correção gramatical, ao mesmo tempo que se mantém a estrutura sintática de voz passiva, com a substituição de "transferem-se" por são transferidas.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Dá-se o nome de voz à forma assumida pelo verbo para indicar se o sujeito gramatical é agente (voz ativa) ou paciente da ação (voz passiva). Na voz passiva o sujeito é paciente, ou seja, recebe a ação expressa pelo verbo. Ela pode ser formada por dois processos: analítico e sintético:

- Passiva Analítica: SER + PARTICÍPIO → "...são transferidas milhares de características..." (ser + partic. sujeito paciente)
- Passiva Sintética: V.T.D + SE = V.P. → "...transferem-se milhares de características..." (V.T.D + SE + sujeito)

⊙ **Quanto às ideias e ao emprego das estruturas linguísticas do texto abaixo, julgue as questões.**

[...] Daí a conveniência do plural majestático, ainda que soe desagradavelmente pedante. O desconforto talvez decorra, paradoxalmente, da vaidade: a primeira pessoa do singular deixaria o narcisismo excessivamente exposto, produzindo vergo-

nha e culpa. (Luiz Eduardo Soares. A ética e o intelectual no século XXI. In: O desafio ético. Rio de Janeiro: Garamond, 2000, p. 51-2, com adaptações).

187. (CESPE – Defensor Público – DPU/ 2001) Para que a norma culta seja adequadamente respeitada, a forma verbal em "ainda que soe" deve ser substituída por soasse.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – "Ainda que soe" está conjugado adequadamente no presente do subjuntivo. Ao substituir por "soasse" levaria a construção para o pretérito imperfeito do subjuntivo, levando a construção ao conflito de tempos verbais.

188. (CESPE – Defensor Público – DPU/ 2001) A retirada do advérbio em "talvez decorra" exige também a mudança do modo verbal, de "decorra" para "decorre".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Em "talvez decorra" o modo verbal adequadamente utilizado é o Subjuntivo (Presente), modo que indica dúvida. Ao retirarmos o advérbio de dúvida "talvez" é adequada a mudança do modo verbal para o Indicativo (Presente), sugerindo certeza ao se dizer "decorre".

189. (CESPE – Defensor Público – DPU/ 2001) Pela estrutura frasal, a oração "produzindo vergonha e culpa" admite ser substituída por "e produziria vergonha e culpa".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Sim, a estrutura frasal permite a substituição para a forma verbal "produziria", uma vez que estaria harmonizada com o verbo antecedente "deixaria", ambos conjugados no Futuro do Pretérito do Indicativo.

⊙ **Julgue a questão, relativa à oração.**

Nem sempre agendas individuais e coletivas coincidem. (Idem, ibidem, p. 55, com adaptações).

190. (CESPE – Defensor Público – DPU/2001) Transforma-se corretamente em voz passiva como: Nem sempre agendas individuais e coletivas são coincididas.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Coincidir é um Verbo Intransitivo e, portanto, não pede complemento. Seu uso intransitivo pressupõe reciprocidade da regência: "agendas individuais e coletivas coincidem" equivale a "uma agenda coincidirá com a outra".

Nem sempre	agendas individuais e coletivas	coincidem.
Adj. adv. tempo	*Sujeito*	*V.I.*

Importante ressaltar que, para transformar uma oração em Voz Passiva, é necessário que haja um V.T.D. ou V.T.D.I. na oração da Voz Ativa. Então Vejamos:

VOZ ATIVA: o sujeito pratica a ação.

Todos os alunos	ouviram	aquela música.
sujeito	*V.T.D.*	*objeto direto*

Atenção! para passar uma oração da voz ativa para a passiva, o objeto direto é obrigatório.

VOZ PASSIVA: o sujeito sofre a ação. Há dois tipos de voz passiva:

- Passiva Analítica: SER + PARTICÍPIO

  Aquela música foi ouvida por todos os alunos.

  sujeito paciente ser + partic. agente da passiva
- Passiva Sintética: V.T.D + SE = V.P. (sujeito)

  Vende-se livro. (V.P. sintética)

  Livro é vendido. (V.P. analítica)

  VENDEM-se livros.

  Atenção! sujeito no plural = verbo no plural

⊙ **Julgue a questão, com relação às ideias do trecho abaixo e à correção gramatical.**

[...] Os cultores do artificialismo não distinguem, por exemplo, cérebro e mente. Ao desvendarem certos mecanismos do cérebro, pensam ter descoberto... (Adauto Novaes. A máquina do homem e da ciência. In: O homem e a máquina – ciclo de conferências, Rio e Brasília: Centro Cultural Banco do Brasil, 27/3/2001, paginação irregular, com adaptações).

191. (CESPE – Defensor Público – DPU/ 2001) O emprego do infinitivo flexionado em "Ao desvendarem" põe em evidência os autores da ação.

COMENTÁRIOS

Certo – Existem duas possibilidades de uso para o infinitivo: tanto pode ser **impessoal**, assim considerado pelo fato de se referir apenas ao processo verbal em si, como pode ser **pessoal**, fazendo referência, especificamente, a uma pessoa gramatical.

Esta questão está diretamente ligada à segunda possibilidade, já que o infinitivo flexionado é obrigatório nos casos referentes a um sujeito elíptico, reconhecido pela desinência verbal. Exemplos:

- É essencial obedecermos aos nossos pais. (sujeito simples e elíptico "nós")
- Ao desvendarem certos mecanismos do cérebro, pensam ter descoberto... (sujeito simples e elíptico "eles")

2.3. UEG

Atenção! Trecho para a questão posterior.

OBSERVAÇÕES SOBRE O DIREITO DE PUNIR

(...) O que é certo, na questão da punição, é que determinadas instituições, em dada época, sentindo-se ameaçadas em sua solidez com a perpetração de determinados atos, com mão de ferro taxa-os como puníveis, muitas vezes nesses atos não há nem a sombra de um delito natural: essas instituições querem apenas se defender. Outra humanidade falaria antes em "direito de se defender", direito de lutar, de deixar de comparecer ao campo de guerra a instituição velha e nova. Porque o crime significa um ataque a determinada instituição vigente, em grande parte das vezes, e se não fosse punido representaria a derrocada dessa instituição e o estabelecimento duma nova. Processar-se-ia, pois, uma evolução mais rápida e violenta, de resultados provavelmente maus, tendo-se em vista a frequente anormalidade do criminoso. A sociedade, porém, mais sabiamente, prefere falar num "direito de punir", força unilateral, garantidora de uma boa defesa contra o ataque à sua estabilidade.

Uma hipótese quanto ao surgimento e evolução do direito de punir. De início, não existiam direitos, mas poderes. Desde que o homem pôde vingar a ofensa a ele dirigida e verificou que tal vingança o satisfazia e atemorizava a reincidência, **deixou de exercer** *sua força perante uma força maior. No entanto, como acontece muitas vezes no domínio biológico, a reação – vingança – começou a ultrapassar de muito a ação – ofensa – que a provocara. Os fracos uniram-se: e é então que começa propriamente o plano, isto é, a incursão do consciente e do raciocínio no mecanismo social, ou melhor, é aí que começa a sociedade propriamente dita. Fracos unidos não deixam de constituir uma força. E os fracos, os primeiros ladinos e sofistas, os primeiros inteligentes da história da humanidade, submeteram aquelas relações, até então naturais, biológicas e necessárias, ao domínio do pensamento. Surgiu, como defesa, a ideia de que, embora não tivessem força, tinham direitos, fundados nas noções de Justiça, Caridade, Igualdade e Dever. (...) (LISPECTOR, Clarice. Outros escritos. Rio de Janeiro: Rocco, 2005. p. 45-46, adaptado).*

---

192. (UEG – Delegado de Polícia – GO/2013) Na frase *"[o homem] deixou de exercer sua força perante uma força maior"*, há o seguinte pressuposto acionado linguisticamente pelo verbo *"deixar"*:

(A) No passado, o homem exerceu sua força perante uma força maior.

(B) O homem é por natureza um ser que procura impor-se pela força física.

(C) O homem esperto sabe que pode exercer sua força perante o mais fraco.

(D) Nos dias atuais, o homem busca várias formas de exercer seu poder sobre os demais.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Se ele deixou de exercer sua força perante uma força maior, significa que anteriormente ele exerceu.

Alternativa "b" – Não há relação com o verbo destacado, muito menos com força física.

Alternativa "c" – Não há comparação, apenas ideia de tempo.

Alternativa "d" – Sem relação com o verbo destacado.

---

193. (Delegado de Polícia – GO/ 2008 – UEG) Leia os períodos abaixo:

(1) "Se os tempos e as circunstâncias, porém, mudarem, ele cairá em ruína não alterando o seu comportamento."

(2) "Sendo a sorte (*fortuna*) inconstante e os homens obstinados em suas formas de agir, estes serão felizes pelo tempo em que com ela convergirem e desditosos quando dela divergirem."

As formas verbais de gerúndio em (1) e (2) estabelecem, respectivamente, relações de

(A) causa e condição.

(B) condição e causa.

(C) concomitância e concessão.

(D) concessão e concomitância.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Em (1), a forma verbal de gerúndio alterando contém a condição proposta pela conjunção condicional se, que introduz a oração subordinada condicional: Se os tempos e as circunstâncias (...) mudarem, e estabelece a relação de causa com o gerúndio alternando. Em (2), a forma de gerúndio sendo apresenta a sorte [fortuna]: inconstante – ação esta (sendo) decorrente do adjetivo inconstante e, portanto: a causa da felicidade ou desdita dos homens conforme sua forma de agir.

Alternativa "a": a opção A é inversa à opção B e não estabelece relações verídicas quanto às formas verbais de gerúndio em (1) e em (2);

Alternativa "c": concomitância – substantivo feminino: simultaneidade; concessão – substantivo feminino: permissão para que algo aconteça. Os substantivos concomitância e concessão não estabelecem relações quanto às formas verbais de gerúndio em (1) e (2);

Alternativa "d": os substantivos concessão e concomitância não estabelecem nenhuma relação de quanto às formas verbais de gerúndio em (1) e (2).

2.4. MPE

⊙ **Com relação aos aspectos linguísticos do texto abaixo, analise as próximas questões.**

Abrir um estabelecimento é um caminho duro: começa com a dificuldade de achar um espaço para o seu bar ou boate. Depois, você procura um engenheiro [...] anexando laudos de engenheiros para provar que cumpriu as normas de segurança. [...] Mas não são apenas os comércios particulares que estão ilegais: a grande maioria dos prédios públicos de São Paulo também não tem alvará. (Revista Superinteressante, março/2013, Edição 316, p. 24)

194. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) O uso do infinitivo impessoal "Abrir" é justificado por ele não estar se referindo a nenhum agente determinado.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – quando se diz que um verbo está no infinitivo impessoal, isso significa que ele apresenta sentido genérico ou indefinido, não relacionado a nenhuma pessoa, e sua forma é invariável. Assim, considera-se apenas o processo verbal. O infinitivo impessoal é usado:

1) Quando apresenta uma ideia vaga, genérica, sem se referir a um sujeito determinado. Exemplo: É proibido andar de bicicleta neste jardim
2) Quando tiver o valor de Imperativo. Exemplo: Soldados, marchar! (= Marchai!)
3) Quando é regido de preposição e funciona como complemento de um substantivo, adjetivo ou verbo da oração anterior. Exemplo: Eles não têm o direito de gritar assim.

195. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) Segundo as normas do português padrão quanto à flexão verbal dos verbos indicados entre parênteses.

Os participantes do fórum abstiveram-se de votar, temendo que se mantivessem as críticas e os ânimos não se refizessem. (abster, manter e refazer).

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Abstiveram-se (Pretérito Perfeito do Indicativo) = indica certeza da ocorrência de um fato que teve início e fim no passado, chamado, por isso, de Pretérito Perfeito. O modo Indicativo apresenta a ação como um fato real.

Mantivessem e refizessem (Pretérito Imperfeito do Subjuntivo) = o modo Subjuntivo indicada subordinação e dependência de outro fato, ou seja, uma condicional. *"Diz-se do modo verbal que enuncia o fato como subordinado a outro, sendo usado para expressar a ação irreal, um fato possível ou desejado, ou para emitir um juízo sobre um fato real."* (fonte: Aulete Digital).

Entendendo melhor...

Os participantes do fórum abstiveram-se de votar,	temendo que se mantivessem as críticas e os ânimos não se refizessem.
Situação certamente ocorrida	*Situação condicional à primeira, podendo ou não ocorrer*

196. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) Segundo as normas do português padrão quanto à flexão verbal dos verbos indicados entre parênteses.

Mesmo que os fatos interviessem a seu favor, ficara evidente que ela não previra as consequências que adviriam de seu impensado gesto. (intervir, prever e advir)

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Interviessem (Pretérito Imperfeito do Subjuntivo) = indica ação passada (ou atemporal) em oração subordinada iniciada por "que" ou em orações subordinadas condicionais iniciadas por "se" ou "caso".

Lembre-se que o modo Subjuntivo indica uma situação de subordinação entre os fatos.

Previra (Pretérito Mais-que-perfeito do Indicativo) = tempo verbal que indica uma ação anterior à outra já passada, neste caso, o verbo intervir flexionado no Pretérito Imperfeito.

Adviriam (Futuro do Pretérito do Indicativo) = tempo verbal do modo indicativo que enuncia ação ou estado em tempo futuro em relação a momento passado, ou uma condição hipotética ou irrealizável.

Entendendo melhor...

"Mesmo que os fatos interviessem a seu favor,	*ficara evidente que ela não previra as consequências*	*que adviriam de seu impensado gesto."*
(ação passada condicional)	(ação anterior à outra também passada)	(ação futura condicional)

197. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) Segundo as normas do português padrão quanto à flexão verbal dos verbos indicados entre parênteses.

O responsável pelo processo requereu a dispensa da taxa concedida aos que reouveram, como nós, os bens que pleiteavam. (requerer, reaver e pleitear)

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Vamos às conjugações verbais:

Requereu – flexão do verbo requerer no Pretérito Perfeito do Indicativo.

Eu requeri.

Tu requereste.

Ele requereu.

Nós requeremos.

Vós requerestes.

Eles requereram.

Reouveram – (Pretérito Perfeito do Indicativo) = O certo é REOUVERAM, porque REAVER é derivado do verbo HAVER:

Ele houve – ele **reouve.**

Nós houvemos – nós **reouvemos.**

Eles houveram – eles **reouveram.**

Se eu houvesse – se eu **reouvesse.**

Quando ele houver – quando ele **reouver.**

Reaver: tornar a haver ou ter; **recuperar.**

[Conjuga-se sem o h, e, por ser defectivo, apresenta apenas as formas em que no radical do paradigma (haver) haja "v"]

[Formação: re + haver] (fonte: Aulete Digital – com adaptações)

Já que o verbo REAVER é defectivo: no presente do indicativo, só existem as formas nós REAVEMOS e vós REAVEIS; no presente do subjuntivo, nada; no pretérito e no futuro, segue a conjugação do verbo HAVER.

Pleiteavam – verbo pleitear flexionado no Pretérito Imperfeito do Subjuntivo.

Eu pleiteava

Tu pleteavas

Ele pleiteava

Nós pleiteávamos

Vos pleiteáveis

Eles pleiteavam

198. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) Em "Apesar do grande volume de processos já julgados, existem ainda cerca de 12 mil ações pendentes de decisão", o verbo existem pode ser substituído, sem prejuízo quanto ao sentido e à correção gramatical, pela locução verbal deve haver.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Para que o sentido seja mantido, a substituição deve ser feita pelo verbo haver flexionado no mesmo tempo e modo verbais, ou seja, "há" (verbo haver no Presente do Indicativo). A locução "deve haver" sugere incerteza, já o "há" indica uma afirmação.

199. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) No período "O sucesso na liderança, o sucesso nos negócios e o sucesso na vida foram, são e continuarão a ser a capacidade de trabalhar e agir em conjunto com os outros", os verbos estão flexionados, sequencialmente, no presente, pretérito imperfeito e futuro do presente do modo indicativo, sugerindo ideia de progressão. (Extraído da Revista Visão Jurídica, número 82, p. 17).

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Há, sim, a ideia de progressão ao passo que é traçada uma linha temporal que tem início no passado, transita pelo presente e se estende para o futuro. Além disso, todos os Modos Verbais pertencem ao Indicativo, aquele que expressa certeza. No entanto, os tempos verbais corretos são:

Foram = Pretérito Perfeito do Indicativo

São = Presente do Indicativo

Continuarão = Futuro do Presente do Indicativo

---

200. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2012) Leia o texto e analise as assertivas que seguem:

Cremos que o ser humano é a única razão do Estado. O Estado está conformado para servi – lo, como instrumento por ele criado com tal finalidade. Nenhuma construção artificial, todavia, pode prevalecer sobre os seus inalienáveis direitos e liberdades, posto que o Estado é um meio de realização do ser humano, e não um fim em si mesmo. E cabe a todos nós, profissionais do Direito, a difícil tarefa de realizá-lo voltados para o homem e seus fins existenciais. Nós somos, portanto, todos, sem exceção, magistrados, promotores, advogados, consultores, serventuários, auxiliares, muito mais do que profissionais do Direito. Nós somos os verdadeiros profissionais do maior ideal do homem. Nós somos os profissionais da justiça. (Fonte: Ives Gandra da Silva Martins. A Justiça e o Direito Natural. (Fragmento) Disponível em http://iusvi.com/pecas/13992, acesso em 03/05/12).

I. Os verbos do texto estão predominantemente no presente do indicativo.

II. O texto ora está em 1ª pessoa do plural, ora em 3ª pessoa do singular.

III. A primeira e a última oração do texto apresentam o mesmo sujeito: nós.

IV. Os períodos do texto, em sua maioria, são longos e com poucos demarcadores de pontuação, o que o torna complexo e de difícil entendimento.

V. Encontram-se no texto vestígios que permitem concluir que ele foi escrito segundo as normas do último Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

(A) Apenas a assertivas I e IV estão corretas.

(B) Apenas as assertivas II e V estão corretas.

(C) Apenas a assertiva III está correta.

(D) Apenas as assertivas I, II e III estão corretas.

(E) Todas as assertivas estão corretas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

I. Os verbos estão, em sua maioria, no Presente do Indicativo. Exemplos de trechos:

"Cremos que o ser humano"

"O Estado está..."

"Nenhuma construção....pode prevalecer..."

"Nós somos..."

II. 1ª pessoa do plural (nós)

"Cremos que..."

"Nós somos, portanto..."

"Nós somos os verdadeiros..."

"Nós somos os profissionais..."

3 ª pessoa do singular (ele, ela)

"O Estado está conformado..."

"Nenhuma construção...pode prevalecer..."

"O Estado é um meio de realização..."

III. "(...) Cremos que o ser humano é a única razão do Estado." = Sujeito elíptico (nós = 1ª pessoa do plural)

"Nós somos os profissionais da justiça." = Sujeito simples (nós = 1ª pessoa do plural)

Alternativas "a, "b, "c", e "e":

IV. Períodos corretamente pontuados, conferindo ao texto clareza no entendimento.

V. Não há, no texto, palavras que se submeteram às alterações do Novo Acordo Ortográfico, como por exemplo: trema, hífen, ditongos abertos em paroxítonas, acentos diferenciais. Sendo assim, não se pode concluir se o texto foi ou não escrito sob as novas regras.

---

201. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2012) O verbo, quando usado no modo imperativo, torna o texto mais vigoroso e com forte teor de persuasão, porém precisa ser usado corretamente, de acordo com o sujeito a que se refere. Identifique, pois, a(s) alternativa(s) em que o sujeito apresentado correspondente à flexão do verbo:

I. Chora, grita, esperneia, mas demonstra alguma reação. (sujeito: você)

II. Confira detalhadamente toda a documentação anexa ao processo. (sujeito: você)

III. Não demonstres qualquer reação durante o depoimento das testemunhas. (sujeito: tu)

IV. Compreende que a decisão tomada pelo juiz foi bastante coerente. (sujeito: tu)

V. Sê cuidadoso com tudo o que é dito ou escrito. (sujeito: tu)

(A) Apenas as assertivas I e II estão corretas.

(B) Apenas as assertivas III, IV e V estão corretas.

(C) Apenas as assertivas II, III, IV e V estão corretas.

(D) Apenas as assertivas I, II, e IV estão corretas.

(E) Todas as assertivas estão corretas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Aplicando a tabela de Processo de Formação do Modo Imperativo, abaixo, chegamos facilmente às formas verbais do imperativo afirmativo e negativo.

II. Confira você

III. Não demonstres tu

IV. Compreende tu

V. Sê tu cuidadoso

	Processo de formação do modo imperativo			
	Presente indicativo	**Imperativo afirmativo**	**Presente subjuntivo**	**Imperativo negativo**
Eu	confiro	—	Que eu confira	—
Tu	conferes (-s)	confere	Que tu confiras	Não confiras
Ele	confere	confira	Que ele confira	Não confira
Nós	conferimos	confiramos	Que nós confiramos	Não confiramos
Vós	conferis (-s)	conferi	Que vós confirais	Não confirais
Eles	conferem	confiram	Que eles confiram	Não confiram

Alternativas "a", "b", "d" e "e": I – Chora tu (ou chore você)

---

202. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2012) Escrever corretamente se insere nas habilidades consideradas fundamentais para o êxito profissional, e o uso correto de HÁ (verbo) ou A (preposição) é fundamental ao redator de qualquer tipo de texto. Considere seu uso nas frases:

I. Há dez dias do encerramento do prazo de inscrição de novos projetos, poucas pessoas demonstraram interesse em participar.

II. Estou a anos-luz de distância de compreender a alma humana.

III. O assassino ainda estava a dois metros de distância de sua vítima.

IV. A pouco fiz uma visita a meus parentes que não via havia tempos.

V. Já havia tentado uma oportunidade dessas a muito tempo.

(A) Apenas as assertivas II e III estão corretas.

(B) Apenas as assertivas I, IV estão corretas.

(C) Apenas as assertivas II, V estão corretas.

(D) Apenas as assertivas I, III, IV, V estão corretas.

(E) Todas as assertivas estão corretas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – confunde-se "a" com "há", talvez porque sejam homônimas (têm a mesma pronúncia), mas são palavras com uso bem distinto. Note:

- Há (flexão do verbo haver) = tempo passado e distância percorrida:

"Há 30 anos, estive naquela cidade."(= **Faz** 30 anos)

"Há 30 km atrás ele devia ter feito a conversão à direita."

- A (preposição) = tempo futuro e distância a percorrer:

"Estou a anos-luz de distância de compreender a alma humana."

"O posto de combustível está a 40 km daqui"

Alternativas "b", "c", "d" e "e" – eliminadas de acordo com as explicações contidas na alternativa a.

---

203. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2012) Existem certas expressões usadas de forma inadequada na Língua Portuguesa, que de tão frequentes, passam a soar como corretas. Assinale a(s) frase(s) que está(ão) devidamente corrigida(s):

I. Será promovido **haja visto** seus esforços. / Será promovido **haja vista** seus esforços.

II. A audiência teve início às **8 hrs**. / A audiência teve início às **8 h**

II. O processo deu entrada **junto ao** STF. / O processo deu entrada **no** STF.

IV. A promoção veio **de encontro** aos seus desejos. / A promoção veio **ao encontro de** seus desejos.

V. São infundados os boatos de desavenças entre **eu e tu**. / São infundados os boatos de desavenças entre **mim e ti.**

(A) Apenas as assertivas II e IV estão corretas.

(B) Apenas as assertivas II, III e IV estão corretas.

(C) Apenas a assertiva V está correta.

(D) Apenas as assertivas II e III estão corretas.

(E) Todas as assertivas estão corretas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta

I. haja vista = tendo em vista (expressão invariável)

II. abreviatura de hora (s) = h (minúsculo)

III. "...deu entrada junto ao STF..." (Onde o processo deu entrada? Deu entrada em algum lugar e não junto a algum lugar). Portanto, "O processo deu entrada no (em + o) STF."

IV. "Ir de encontro a" = ir contra a alguma coisa

"Ir ao encontro de" = ir a favor ou estar a favor a alguma coisa

"A promoção veio ao encontro de seus desejos."

Perceba a diferença: a favor a seus desejos e não contra eles!

V. após as preposições (entre, para, por, etc) emprega-se a forma oblíqua dos pronomes pessoais. Veja:

- Isso fica **entre** eu e ela. (Errado)
- Isso fica **entre** mim e ela. ou Isso fica **entre** mim e ti. (Certo)

Os pronomes do caso oblíquo exercem função de complemento, enquanto os pronomes pessoais do caso reto, de sujeito.

Alternativas "a", "b", "c" e "d": eliminadas.

---

204. (MPE – RS – Promotor de Justiça – RS/2012) Leia os períodos abaixo, adaptados do texto "SCHELP, D. A arte de culpar os outros. Veja, 16 de maio de 2012, p. 113-114", e os verbos propostos para preencher as respectivas lacunas.

1) É de se lamentar que em nossa sociedade ainda se _____ a figura do bode expiatório, (cultuar)

2) Seria indispensável que os indivíduos _____ por seus atos. (responsabilizar-se)

3) Muitas mulheres foram condenadas por suspeita de que _____ bruxas, (ser)

De modo a expressar a correta relação entre tempos e modos verbais, considere as seguintes justificativas para o preenchimento da lacuna de cada um desses períodos.

I. A lacuna do período 1 deve ser preenchida com a forma verbal cultue, pois a construção É de se lamentar que requer o uso do verbo no presente do subjuntivo na oração subordinada.

II. A lacuna do período 2 deve ser preenchida com a forma verbal se responsabilizassem, pois a construção Seria indispensável que requer o uso do verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo na oração subordinada.

III. A lacuna do período 3 deve ser preenchida com a forma verbal fossem, pois a construção por suspeita de que requer o uso do modo indicativo na oração subordinada.

Quais justificativas estão corretas em relação ao preenchimento das lacunas?

(A) Apenas I.

(B) Apenas III.

(C) Apenas I e II.

(D) Apenas II e III.

(E) I, II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

I. que a sociedade cultue = Presente do Subjuntivo

II. que se responsabilizassem = Pretérito Imperfeito do Subjuntivo / colocação pronominal: próclise – antes do verbo (partícula atrativa "que")

Alternativas "a", "b", "d" e "e":

III. de que seriam bruxas = Futuro do Pretérito do Indicativo (forma compatível com "foram" – Pretérito Perfeito do Indicativo)

---

205. (MPE – RS – Promotor de Justiça – RS/2012) Considere o enunciado: *"Armatya Sen assim se manifestou por ocasião de uma conferência internacional: 'Procurarei, em meus escritos, expandir as fronteiras da economia que tanto me têm feito refletir.'"* (Adaptado de: DONXNELLI-MENDES, R. Zero Hora, 3 de março de 2012, p. 4-5). Assinale a alternativa que apresenta as formas corretas para completar a reescrita desse enunciado em discurso indireto. Armatya Sen disse que __(1)__, __(2)__, expandir as fronteiras da economia que tanto __(3)__ __(4)__ refletir.

	1	2	3	4
a)	procuraria	em seus escritos	o	haviam feito
b)	procurará	em alguns escritos seus	lhe	fizeram

c)	procuraria	nos escritos dele	o	teriam feito
d)	há de procurar	em escritos dele	lhe	tinham feito
e)	procurará	em seus escritos	o	teriam feito

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – primeiro, vejamos a diferença entre:

- **Discurso Direto**: Neste tipo de discurso as personagens ganham voz. É o que ocorre normalmente em diálogos. Isso permite que traços da fala e da personalidade das personagens sejam destacados e expostos no texto. O discurso direto reproduz fielmente as falas das personagens. Verbos como dizer, falar, perguntar, entre outros, servem para que as falas das personagens sejam introduzidas e elas ganhem vida, como em uma peça teatral. Travessões, dois pontos, aspas e exclamações são muito comuns durante a reprodução das falas.

- **Discurso Indireto**: O narrador conta a história e reproduz fala, e reações das personagens. É escrito normalmente em terceira pessoa. Nesse caso, o narrador utiliza-se de palavras suas para reproduzir aquilo que foi dito pela personagem.

Discurso direto	
Procurarei	Futuro do Presente do Indicativo
Em meus escritos	Meus = pronome possessivo – 1ª pessoa singular (eu)
Me	Pronome pessoal oblíquo átono – 1ª pessoa singular (eu). Utilizado como complemento (objeto indireto)
Têm feito	Tempo verbal composto – Pretérito Perfeito do Indicativo
Discurso indireto	
Procuraria	Futuro do Pretérito do Indicativo
Em seus escritos	Seus = pronome possessivo – 3ª pessoa do singular (ele)
O	Pronome pessoal oblíquo átono – 3ª pessoa singular (ele). Utilizado como complemento (objeto direto)
Haviam feito	Tempo verbal composto – Pretérito-mais-que-perfeito do Indicativo. Nos tempos verbais compostos, o verbo auxiliar "ter" pode ser substituído pelo verbo "haver" na linguagem formal. No modo indicativo, essa troca ocorre mais com o pretérito mais-que-perfeito, o futuro do presente e o futuro pretérito. No modo subjuntivo, esta substituição é mais comum no pretérito mais-que-perfeito e futuro.

Alternativas "b", "c", "d" e "e": eliminadas diante das explicações do quadro acima.

2.5. UFMT

INSTRUÇÃO: Leia parte de texto publicado na revista Linha Direta, em agosto de 2013, intitulado O som da comunidade, e responda às questões.

O Instituto Cultural Flauta Mágica (ICFM) surgiu em 1998, quando o maestro Gilberto Mendes apresentou à Secretaria Municipal de Cuiabá/MT um projeto que visava trabalhar teoria e prática musical com crianças das escolas públicas do local. O trabalho tem como base a utilização de uma metodologia pautada no prazer que a música e a dança oferecem, além de focar na aprendizagem em grupo, o que, segundo a metodologia, proporciona um aprendizado mais prazeroso e rápido. Já no ano seguinte, o projeto contava com 40 alunos que, com apenas seis meses de aulas e ensaios, já realizavam apresentações para o público da cidade.

O maestro usou sua metodologia como agente transformador de realidades, como elemento de desenvolvimento social e cultural na comunidade do bairro Jardim Vitória, na periferia de Cuiabá/MT.

---

206. (UFMT – Promotor de Justiça – MT/2014) A respeito de formas verbais do texto, assinale a afirmativa correta.

(A) Por indicar uma ação terminada no passado, apresentações dos alunos, antes de outra também no passado, uso da metodologia de grupo, a forma realizavam foi empregada no pretérito imperfeito do indicativo.

(B) A forma visava indica que a ação do projeto é posterior à época em que o maestro o apresentou à Secretaria Municipal de Cuiabá, daí estar no pretérito perfeito do indicativo.

(C) Indicando ação terminada, a forma usou leva o emprego da metodologia do maestro para tempo anterior ao do aprendizado das crianças, por isso estar no pretérito mais que perfeito do indicativo.

(D) As formas tem e proporciona estão no presente do indicativo, indicando ações que ainda se realizam atualmente.

(E) A forma oferecem, por referir-se a um fato passado, o uso da metodologia do ICFM, deveria estar conjugado em um tempo passado.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – O presente do indicativo indica hábito, ou seja, ação que se realiza atualmente.

Alternativa "a" – Ação contínua e não concluída.

Alternativa "b" – Pretérito imperfeito do indicativo e indica ação contínua.

Alternativa "c" – Pretérito perfeito do indicativo e indica ação terminada, concluída.

Alternativa "e" - Presente do indicativo e se refere à ação habitual.

Trechos para a questão.

Consta que Galeno, o maior médico da Roma amiga, chegou certa vez a uma cidade atingida pela peste, onde foi recebido com grandes esperanças pelos notáveis locais. Que sorte a nossa, pensaram todos — certo nesta hora, eis que nos aparece o grande Galeno, o homem que mais conhece o corpo humano em todo o império e consegue curar as doenças mais infames em circulação por aí. Galeno olhou um pouco a sua volta, pensou por um 5 minuto e deu sua receita para o tratamento da peste: "Vão embora daqui o mais rápido que puderem. Vão para o lugar mais longe possível. (...)

O episódio permanece, no anedotário da história, como uma prova de que é perfeitamente possível aproveitar a própria ignorância para obter um benefício importante — importantíssimo, na verdade, para os que salvaram a sua vida seguindo a recomendação recebida. Galeno não tinha a mais remota ideia de como curar a peste, algo que só seria descoberto uns 1600 anos depois, mais ou menos. (...) Não se importava nem um pouco, enfim, em admitir sua ignorância sobre o assunto: ao contrário dos seus colegas, que ficavam receitando remédios absurdos, rezas e mandingas para esconder o fato de que não sabiam nada sobre o tratamento da doença, preferia salvar pela observação lógica aqueles que ainda não estavam condenados.

Galeno, na escuridão do século II, não sabia muita coisa. [...] Achava, por exemplo, que o sangue se originava no fígado, e tinha dúvidas sobre a disposição dos músculos do corpo humano: hoje, provavelmente, não o deixariam clinicar num posto de saúde do interior do Ceará. (...)

Em muita coisa, no Brasil de hoje, vivemos um momento oposto ao do mundo mental de Galeno — a ignorância serve para derrotar a inteligência. Grandes vultos do nosso mundo cultural, político, social e outros abarrotam seus sites com cursos, mestrados, pós-graduações e outros feitos d'armas que atribuem a si próprios: infelizmente, não informam o que aprenderam. Sem isso, o que se tem é zero mais zero.[...]

(GUZZO, J.R. Veja, 29 de maio de 2013.)

---

207. (UFMT - Promotor de Justiça - MT/2014) Em relação a formas verbais usadas no trecho, assinale a afirmativa INCORRETA.

(A) No segundo parágrafo, importava está no pretérito imperfeito do indicativo e exprime um fato durativo, anterior ao momento em que se fala.

(B) No primeiro parágrafo, Vão está no presente do indicativo e indica uma atitude de interferência do falante sobre o interlocutor.

(C) No terceiro parágrafo, deixariam está no futuro do pretérito do indicativo e indica, na linguagem polida, um fato futuro que se acredita não se realizar.

(D) No quarto parágrafo, abarrotam está no presente do indicativo e exprime um fato que ocorre no momento da fala.

(E) No segundo parágrafo, salvaram está no pretérito perfeito do indicativo e indica uma ação passada e concluída.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – O verbo está no imperativo afirmativo (terceira pessoa do plural) e indica ordem, desejo de Galeano.

Alternativa "a" - O pretérito imperfeito refere-se à ação prolongada, durativa.

Alternativa "c" – O futuro do pretérito do indicativo é tempo condicional.

Alternativa "d" – O presente do indicativo é a ação que ocorre no momento da fala e pode indicar, também, hábito.

Alternativa "e" – O pretérito perfeito do indicativo indica ação terminada, concluída.

---

208. (UFMT - Promotor de Justiça - MT/2012) O verbo indicado entre parênteses deverá adotar obrigatoriamente uma forma do **singular** para preencher de modo adequado a lacuna de qual enunciado?

(A) Somente em 2003, _____ (morrer) 16.345 jovens por balas de arma de fogo, representando 41,6% do total de vítimas.

(B) Atualmente, ao contrário do que diz o senso comum, nas mãos dos civis _____ (estar) mais da metade do armamento convencional, do que se conclui que a violência armada não é coisa de guerra.

(C) No dia 23 de outubro de 2005, _____ (ir) às urnas quase 95 milhões de brasileiros para opinar sobre a proibição do comércio de armas de fogo.

(D) Entre os 36 países mais desenvolvidos, _____ (liderar) outro triste índice os Estados Unidos: a maior taxa de mortalidade por arma de fogo.

(E) Desde o fim da ditadura até hoje, _____ (monitorar) as vendas domésticas e exportações de armas pequenas os militares das Forças Armadas que também decidem que tipo de armas os civis podem portar.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – "... nas mãos dos civis está mais da metade do armamento convencional..." (o que está nas mãos dos civis? Mais da metade do armamento civil está.)

Alternativa "a" – "... morreram 16.345 jovens..." (quem morreu? 16.345 jovens morreram.

Alternativa "c" – "... foram às urnas quase 95 milhões de brasileiros..." (quem foi às urnas? 95 milhões de brasileiros foram.)

Alternativa "d" – "... lideram outro triste índice os Estados Unidos..." (quem lidera? Os Estados Unidos lideram.) Lembre-se de que o artigo é o termo regente na concordância verbal.

Alternativa "e" – "... monitoraram as vendas domésticas e exportações de armas pequenas os militares das Forças Armadas..." (quem monitorou? Os militares das Forças Armadas monitoraram.)

---

209. (UFMT – Promotor de Justiça – MT/2012) Qual enunciado apresenta todas as formas verbais corretamente flexionadas?

(A) Ninguém mais acredita de modo pleno em mistérios a cercar os acidentes aéreos, mesmo se dizerem que os investigadores não encontraram outras causas.

(B) Na juventude, nossos pais se abstiveram de muita coisa, hoje, não nos contentamos com pouco, embora tenhamos seus exemplos.

(C) Se a turma exigir diferente metodologia, os facilitadores seriam obrigados a reverem sua prática pedagógica ou irão embora.

(D) Enquanto os funcionários não porem a limpo esse comentário, ordem expressa do chefe do departamento, não haverão vantagens financeiras.

(E) Morreria aquele que tiver menos paciência, como prevêm alguns homens religiosos a modo de cativar os fiéis.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

	Abstiveram (abster)	Contentamos (contentar)	Tenhamos (ter)
	Pretérito perfeito do indicativo	**Presente do indicativo**	**Presente do subjuntivo**
Eu	me abstive	me contento	que eu tenha
Tu	te abstiveste	te contentas	que tu tenhas
Eles	se absteve	se contenta	que ele tenha
Nós	nos abstivemos	nos contentamos	que nós tenhamos
Vós	vos abstivestes	vos contentais	que vós tenhais
Eles	se abstiveram	se contentam	que eles tenham

Alternativa "a" – "acredita" (incorreto) – "acreditaria" (correto – Futuro do Pretérito do Indicativo)

- "se dizerem" (incorreto) – "se dissessem" (correto – Pretérito Imperfeito do Subjuntivo)

Alternativa "c" – "se a turma exigir" (incorreto) – "se a turma exigisse" (correto – Pretérito Imperfeito do Subjuntivo)

- "a reverem" (incorreto) – "a rever" (correto – Infinitivo pessoal após a preposição "a")
- "irão" (incorreto) – "ir" (correto – Infinitivo Pessoal após a preposição "a")

Alternativa "d" – "não porem" (incorreto) – "não puserem" (correto – Futuro do Subjuntivo)

- "não haverão vantagens" (incorreto) – "não haverá vantagens" (o verbo haver no sentido de existir é impessoal ou seja, não é flexionado)

Alternativa "e" – "morreria" (incorreto) – "morrerá" (correto – Futuro do Presente do Indicativo)

- "prevêm" (incorreto) – "preveem" (na Nova Ortografia, os verbos crer, dar, ler e ver na 3ª pessoa do plural (eles) são escritos com duplo "e" e sem o acento circunflexo.
- "a modo de cativar" (incorreto) – "de modo a cativar" (correto)

2.6. DOM CINTRA

---

210. (Procurador do Município – Prefeitura Petrópolis – RJ/2012 – DOM CINTRA) No trecho "Prestações que 'CAIBAM no bolso", o verbo em caixa alta remete à questão da flexão dos verbos irregulares em português. Considerando-se esse fato da língua, em sua modalidade culta, pode-se afirmar que há flexão verbal INCORRETA na frase:

(A) Contenham-se em seus hábitos de consumo, para que não venham a arrepender-se mais tarde.

(B) Os jovens contravieram às minhas ordens e fizeram dívidas impagáveis.

(C) Se tu te dispuseres a educar-te em relação ao hábito de consumo, eu posso ajudar-te.

(D) Se veres algum jovem consumindo exageradamente, aconselha-o a moderar-se.

(E) Couberam aos jovens as tarefas mais "indigestas": comprar roupas e calçados.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – A flexão do verbo **ver** na segunda do singular do futuro do subjuntivo é **vires:** se tu vires.

Alternativa "a" – o verbo **conter** está corretamente flexionado na terceira pessoa do plural do presente do subjuntivo. É conjugado como o verbo ter: tenham / contenham.

Alternativa "b" – o verbo **contravir** é conjugado como o verbo **vir** e está corretamente flexionado na terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do modo indicativo – eles vieram/ eles contravieram.

Alternativa "c" – o verbo **dispor** é conjugado como o verbo **pôr**. A sua flexão está aqui correta na segunda pessoa do singular do futuro do subjuntivo – se tu puseres (verbo pôr) / se tu te dispuseres (verbo dispor).

Alternativa "e" – a flexão do verbo **caber** está correta, dada a sua irregularidade, no pretérito perfeito do modo indicativo – coube – coubeste – coube – coubemos – coubestes – couberam.

2.7. AJURI

211. (Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2012 – AJURI) Assinale a alternativa em que há erro na flexão da forma verbal destacada:

A) O conciliador propôs uma trégua e nós aceitamos. / Se o conciliador propuser uma trégua, nós aceitaremos.

B) O facilitador do SEBRAE previu a falência da empresa e alertou os sócios. / Se o facilitador previr a falência da empresa, alertará os sócios.

C) O ônibus proveio do interior e provocou um acidente. / Se o ônibus provier do interior, provocará um acidente.

D) O procurador interveio na discussão e evitou a briga. / Se o juiz intervir na discussão, evitará a briga.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

✪ **Nota da autora:** Nas alternativas A, B, C os verbos prever, propor, provir estão flexionados corretamente como os verbos ver, por , vir (respectivamente) dos quais são derivados.

Na alternativa **d**: Se o juiz intervir = erro. O verbo **intervir** é derivado do verbo **vir** , devendo ser flexionado como este no futuro do subjuntivo : vier – intervier = Se o juiz intervier. O mesmo verbo intervir, na oração anterior, está flexionado corretamente: interveio – pretérito perfeito do indicativo.

2.8. UNEMAT

212. (Delegado de Polícia – MT / 2010 – UNEMAT) Considerando as flexões verbais nos enunciados e considerando a formalidade da língua, assinale a alternativa correta.

(A) A Polícia Federal não interviu no caso da guerrilha urbana, porque entendeu não ser de sua competência.

(B) Se este verão trazer mais chuvas, teremos novas enchentes Brasil afora.

(C) Em qualquer ramo da atividade humana, sempre houveram bons e maus profissionais.

(D) Especialistas recomendam que respeitemos a natureza se não quisermos legar desastres irreparáveis a nossos filhos.

(E) A adoção de políticas mais severas em Nova Iorque reteu a onda de crimes que assolava a cidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Que respeitemos: presente do subjuntivo – dúvida. Quisermos: pretérito imperfeito do subjuntivo – condição.

Alternativa "a" – Interveio = vir: veio.

Alternativa "b" – Trouxer.

Alternativa "c" – Houve.

Alternativa "e" – Reteve = ter: teve.

2.9. FUNCAB

213. (Delegado de Polícia – RO/ 2009 – FUNCAB) Indique a opção em que a forma verbal grifada se refere ao infinitivo entre parênteses.

(A) Se ele for embora, não conseguiremos outra pessoa tão competente. (ser)

(B) Quando ele for à diretoria, peça-lhe que leve os documentos. (ser)

(C) "Se sua ambição não for acompanhada da devida competência, você se frustrará." (ir)

(D) "Se a distância entre os dois balões for excessiva, você ficará frustrado, ansioso..." (ir)

(E) Quando ele for mais velho, aprenderá a delegar poderes. (ser)

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Quando ele for mais velho = a forma verbal for é a terceira pessoa singular do infinitivo *ser*, no futuro do modo subjuntivo.

Alternativa "a" – Se ele for embora = a forma verbal *for* é a terceira pessoa singular do verbo *ir*, no futuro do modo subjuntivo.

Alternativa "b" – Quando ele for à diretoria = a forma verbal *for* é a terceira pessoa singular do verbo *ir*, no futuro do modo subjuntivo.

Alternativa "c" – Se sua ambição for acompanhada da = a forma verbal *for* é a terceira pessoa singular do verbo *ser*, no futuro do modo subjuntivo.

Alternativa "d" – Se a distância (...) for = a forma verbal *for* é a terceira pessoa singular do verbo *ser*, no futuro do modo subjuntivo.

2.10. FUNRIO

Texto – Violência no trânsito.

Se quase sempre é difícil fazer uma autoavaliação, é impossível adivinhar o estado de espírito do motorista ao lado. Assim, uma atitude preventiva – e, por que não, defensiva – é a melhor maneira de não se envolver em situações de violência. O psiquiatra forense Everardo Furtado de Oliveira afirma que é possível prevenir uma briga, evitando, por exemplo, contato de olhos com o condutor agressivo, não fazer ou revidar gestos obscenos, não ficar na cola de ninguém e não bloquear a mão esquerda, por exemplo. Medalhista olímpico em 1992, o judoca Rogério Sampaio não pensa muito diferente: "Respire fundo, tenha consciência de que não vale a pena brigar e, principalmente, pense em sua família". (...) (Internet: http://quatrorodas.abril.uol.com.br/reportagens/conteudo_288447.shtml. Acesso em 29/8/2009, com adaptações).

214. (Funrio – Policial Rodoviário Federal/2009) No trecho "O psiquiatra forense Everardo Furtado de Oliveira afirma que é possível prevenir uma briga, evitando, por exemplo, contato de olhos com o condutor agressivo", verifica-se o emprego do infinitivo verbal, cujo papel gramatical é

(A) indicar tempo futuro hipotético.

(B) condensar a estrutura de sua oração.

(C) caracterizar a opinião do psiquiatra.

(D) reforçar o caráter atemporal da condução agressiva.

(E) manter a clareza e originalidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Perceba que o uso da forma nominal – infinitivo – faz parte da oração subordinada substantiva (pode-se encaixar isto antes do verbo: é possível isto) subjetiva (possui função de sujeito da oração principal) e reduzida de infinitivo. A oração reduzida é condensada, resumida.

Desenvolvendo a oração: É possível que previna uma briga.

Alternativa "a" – Formas nominais não indicam tempo.

Alternativa "c" – Forma nominal que pode caracterizar é o particípio, pois possui valor de adjetivo.

Alternativa "d" – Não reforça caráter atemporal, apenas reduz a oração, retirando-se a conjunção.

Alternativa "e" – Não é o objetivo.

215. (Funrio – Policial Rodoviário Federal/2009) No português brasileiro, há a preferência pelo emprego da terceira pessoa para o tratamento do interlocutor, como se pode observar no trecho "Respire fundo, tenha consciência de que não vale a pena brigar e, principalmente, pense em sua família.. Assinale a alternativa em que essa mesma tendência é praticada adequadamente.

(A) "Vem pra Caixa você também."

(B) "Faz um 21."

(C) "Seja mais um motorista consciente."

(D) "Deixa a preguiça no sofá. Anda de bicicleta."

(E) "Afasta de mim esse cálice."

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Conjugue o verbo no presente do indicativo (ação certa, habitual);

1) Conjugue no presente do subjuntivo (ação duvidosa);

2) Monte o imperativo afirmativo (não há a primeira pessoa) retirando **tu** e **vós** do presente do indicativo menos o S.

3) As demais pessoas, retire-as do presente do subjuntivo. Lembre-se: não sofre alteração.

4) Monte o imperativo negativo, apenas acrescentando o **não** antes do verbo.

▶ **Dica** – No imperativo negativo NÃO se retira o S.

Acompanhe na tabela:

Presente do indicativo	Imperativo afirmativo	Presente do subjuntivo	Imperativo negativo
eu respiro	—	que eu respire	—
tu respiras	**-s = respira tu**	tu respires	não respires tu
ele respira	respire você	ele respire	não respire você
nós respiramos	respiremos nós	nós respiremos	não respiremos nós
vós respirais	**-s = respirai vós**	vós respireis	não respireis vós
eles respiram	respirem vocês	eles respirem	não respirem eles

– Respire você, tenha você, pense você. Alternativa *c*: **seja você.**

Alternativa "a" – Venha pra Caixa **você** também. Na segunda pessoa: Vem pra caixa.

Alternativa "b" – Faça (você) um 21.

Alternativa "d" – Deixe, ande (você).

Alternativa "e" – Afaste (você).

◉ **Texto para a próxima questão– Outra de elevador.**

"Ascende", dizia o ascensorista. Depois: "Eleva-se." " Para cima." "Para o alto." Escalando." Quando perguntavam: " Sobe ou desce?", respondia: "A primeira alternativa." Depois dizia "Descende", "Ruma para baixo", "Cai controladamente." "A segunda alternativa." " Gosto de improvisar", justificava-se. Mas como toda a arte tende para o excesso, chegou ao preciosismo. Quando perguntavam "Sobe?", respondia: "É o que veremos..." Nem todo o mundo compreendia, mas alguns os instigavam. Quando comentavam que devia ser uma chatice trabalhar em elevador, ele respondia: "Tem seus altos e baixos", como esperavam. Respondia, criticamente, que era melhor que trabalhar em escala, ou que não se importava, embora o seu sonho fosse um dia, comandar alguma coisa que andasse para os lados. E quando ele perdeu o emprego, porque substituíram o elevador antigo do prédio por um moderno automático, daqueles que têm música ambiental, disse: "Era só me pedirem – eu também canto." (Luis Fernando Veríssimo – jornal O Globo, 2002)

---

216. (Funrio – Policial Rodoviário Federal/2009) O elemento em destaque em cada vocábulo que deve ser identificado como um morfema, indicador de ação em processo é:

(A) controladamente → mente.

(B) chatice → ice.

(C) escalando → ndo.

(D) ambiental → al.

(E) pedirem → rem.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

✪ **Nota da autora:** Questão de verbo e processo de formação das palavras.

Na alternativa *c*, o sufixo *ndo* indica gerúndio e por isso se refere à ação em processo: escalando.

▶ **Dica – Gerúndio:** *o gerúndio pode funcionar como adjetivo ou advérbio.*

Exemplos:

Saindo *de casa, encontrei alguns amigos. (função de advérbio)*

Nas ruas, havia crianças vendendo *doces. (função adjetivo)*

Na forma simples, o gerúndio expressa uma ação em curso; na forma composta, uma ação concluída.

Exemplos:

Trabalhando, *aprenderás o valor do dinheiro.*

Tendo trabalhado, *aprendeu o valor do dinheiro.*

▶ **Dica complementar – Sufixos:**

Sufixos são elementos (isoladamente insignificativos) que, acrescentados a um radical, formam nova palavra. Sua principal característica é a mudança de classe gramatical que geralmente opera. Dessa forma, podemos utilizar o significado de um **verbo** num contexto em que se deve usar um **substantivo**, por exemplo.

Como o sufixo é colocado depois do radical, a ele são incorporadas as desinências que indicam as flexões das palavras variáveis. Existem dois grupos de sufixos formadores de substantivos extremamente importantes para o funcionamento da língua. São os que formam nomes de **ação** e os que formam nomes de **agente.**

2.11. FGV

Trecho para a questão.

A sociedade moderna, com o corre-corre, a falta de tempo para o cuidado espiritual e o imediatismo fez com que as pessoas desenvolvessem com mais facilidade algumas doenças psicossomáticas. O pânico e a depressão são duas delas, assim como a normose. (...)

217. (FGV 2015) A forma "fez com que as pessoas desenvolvessem" pode ser reescrita, com correta correspondência de tempos verbais, de várias formas; a forma INADEQUADA é:

(A) faz as pessoas desenvolverem;

(B) faz com que as pessoas desenvolvam;

(C) faria com que as pessoas desenvolvessem;

(D) fará com que as pessoas desenvolvam;

(E) tinha feito com que as pessoas tenham desenvolvido.

COMENTÁRIOS

GABARITO: E

Tinha feito com que as pessoas **tivessem** desenvolvido: pede a correta correspondência de tempos verbais e o segundo verbo indica condição = pretérito imperfeito do subjuntivo.

(A) presente do indicativo + infinitivo

(B) presente do indicativo + presente do subjuntivo = ação certa e outra duvidosa

(C) futuro do pretérito do indicativo + pretérito imperfeito do subjuntivo = tempos condicionais

(D) futuro do presente + presente do subjuntivo = certeza e dúvida (não se sabe se desenvolverão).

218. (FGV - 2014)

As frases a seguir apresentam exemplos de voz passiva, à exceção de uma. Assinale-a.

(A) "A primeira, que deu nome às várias fantasias de um mundo perfeito que viriam depois, foi inventada por sir Thomas Morus em 1516".

(B) "Na Utopia de Morus o direito à educação e à saúde seria universal, a diversidade religiosa seria tolerada e a propriedade privada, proibida".

(C) "O governo seria exercido por um príncipe eleito, que poderia ser substituído se mostrasse alguma tendência para a tirania, e as leis seriam tão simples que dispensariam a existência de advogados".

(D) "Além disso, o príncipe deveria ser sempre homem e as mulheres tinham menos direitos que os homens".

(E) "Quando surgiu e se popularizou o automóvel anunciou-se uma utopia possível".

COMENTÁRIOS

Existem dois tipos de voz passiva:

Analítica: ser + particípio

Sintética: verbo transitivo direto ou verbo transitivo direto e indireto + se

DICA QF - QUESTÃO FUTURA

A banca pode retirar (deixar implícito) o verbo SER na voz passiva analítica. Dificultaria, mas você estará seguro e saberá o que fazer.

Os testes resolvidos por alunos.

Opa! Transportemos a oração acima para a voz ativa: Alunos resolveram os testes.

Assim sendo, deduzimos que o verbo ser está implícito e que se trata de voz passiva: Os testes (foram) resolvidos por alunos.

GABARITO: D

– O sujeito é ativo (o príncipe) e os dois verbos não são SER + PARTICÍPIO: deveria ser equivale a seria = VOZ ATIVA.

a. SER + particípio = foi inventada

b. SER + particípio = seria tolerada

c. SER + particípio = seria exercido

e. VERBO TRANSITIVO DIRETO + SE = anunciou-se uma utopia possível.

▶ **Dica:**

Para não haver engano, transponha para a voz passiva analítica: Uma utopia possível foi anunciada.

219. (FGV - 2014)

"Dizem que ele se inspirou nas descobertas recentes do Novo Mundo, e mais especificamente do Brasil, para descrever sua sociedade ideal, que significaria um renascimento para a humanidade, livre dos vícios do mundo antigo".

A forma reduzida "para descrever" poderia ser adequadamente substituída por

(A) para que fosse descrita.

(B) para ser descrita.

(C) para que descrevesse.

(D) para que descreva.

(E) para que tivesse sido descrita.

COMENTÁRIOS

A coerência está diretamente ligada à clareza e ao sentido; o verbo, a vozes verbais; a pontuação, à análise sintática. É impossível pontuar sem saber fazer a correta análise sintática da oração.

GABARITO: C – A dica para o uso do tempo verbal correto está no verbo posterior (significaria). Se foi usado o futuro do pretérito do indicativo, há certeza de que a ação é condicional. Assim, o outro tempo que também indica condição deve ser usado: pretérito imperfeito do subjuntivo (descrevesse).

DICA

Tempos condicionais: pretérito imperfeito do subjuntivo (descrevesse) e futuro do pretérito do indicativo (significaria). Para fixar, lembre-se da terminação dos dois verbos: se ria. Pode-se, também, inverter a ordem e ser usado o ria se, mas de qualquer forma, temos o SERIA.

Alternativa "a" – Ao inserir o verbo ser + particípio, a oração passa para a voz passiva e o sentido é alterado.

Alternativa "b" – Mais uma vez, voz passiva analítica.

▶ **Dica:** se há duas alternativas na voz passiva analítica, descartamo-las, pois não pode existir duas alternativas como resposta, certo?

Alternativa "d" – Não cabe o uso do verbo no presente do subjuntivo porque temos o verbo subsequente que indica condição.

Alternativa "e" – Totalmente descabida, porque, além de colocar a oração na voz passiva, acrescentou-se o verbo ter.

---

220. (FGV - 2014)

"...Marx e Engels e outros pensadores previram um futuro redentor...". Nesse segmento o verbo irregular prever é conjugado de forma correta no pretérito perfeito do indicativo.

Assinale a frase em que a forma desse mesmo verbo está conjugada de forma errada.

(A) Quando ele prever o resultado, todos se espantarão.

(B) Elas preveem coisas impossíveis.

(C) Espero que elas prevejam boas coisas.

(D) Ela já previra o resultado, antes de a partida terminar.

(E) Se todos previssem a vida, ela seria diferente.

COMENTÁRIOS

Questão de conjugação verbal. Se necessário, leia a lista dos verbos mais pedidos em concursos no arquivo teórico.

GABARITO: A

– O verbo prever é conjugado como o verbo VER. Como o verbo está no futuro do subjuntivo, a forma correta é previr.

quando eu	previr
quando tu	previres
quando ele/ela	**previr**
quando nós	previrmos
quando vós	previrdes
quando eles/elas	previrem

Presente do indicativo

eu	prevejo
tu	prevês
ele/ela	prevê
nós	prevemos
vós	prevedes
eles/elas	**preveem**

Presente do subjuntivo

que eu	preveja
que tu	prevejas
que ele/ela	preveja
que nós	prevejamos
que vós	prevejais
que eles/elas	**prevejam**

Pretérito mais que perfeito do indicativo

eu	previra
tu	**previras**
ele/ela	**previra**
nós	prevíramos
vós	previreis
eles/elas	previram

Pretérito imperfeito do subjuntivo

se eu	previsse
se tu	previsses

se ele/ela	previsse
se nós	previssemos
se vós	previsseis
se eles/elas	**previssem**

221. (FGV 2013)

"Usá-los ou não é um falso dilema,...."; a forma verbal sublinhada é fruto da união do infinitivo "usar" + o pronome pessoal "os".

A forma do presente do indicativo desse mesmo verbo que, unido a esse mesmo pronome pessoal, apresenta erro é

(A) uso-os (eu).

(B) usa-os (tu).

(C) usamo-los (nós).

(D) usai-los (vós).

(E) usam-nos (eles).

COMENTÁRIOS

Questão de verbo e pronome pessoal.

Verbos com as terminações r, s e z assumem as formas lo (a) com a supressão da consoante. Exemplo: estudar a matéria = estudá-la.

Verbos com as terminações m, ão e õe assumem as formas no (a) sem supressão alguma. Exemplo: estudam a matéria = estudam-na.

GABARITO: B - Tabelinha para facilitar, com as respectivas alternativas.

alternativa	pronome reto	verbo	pronome oblíquo	igual a
a)	eu	uso	os	uso-os
b)	tu	usas	os	usa-los
	ele	usa	os	usa-os
c)	nós	usa-mos	os	usamo-los
d)	vós	usais	os	usai-los
e)	eles	usam	os	usam-nos

222. (FGV 2013)

"Criou-se o Centro Nacional de Monitoramento e Alerta de Desastres Naturais, a Força-Tarefa de Apoio Técnico e Emergência, a Força Nacional do SUS e reestruturou-se o Centro Nacional de Gerenciamento de Riscos de Desastres".

Com relação às formas verbais sublinhadas, é correto afirmar que

(A) permitem elogios às autoridades criadoras dos órgãos citados.

(B) fazem com que se aumente o valor das medidas tomadas.

(C) produzem uma expressão mais popular e informal.

(D) omitem os criadores dos órgãos citados.

(E) criam suspense, escondendo-se informações importantes.

COMENTÁRIOS

Questão de verbo, especificamente de vozes verbais, concordância e interpretação.

GABARITO: D

– Orações na voz passiva sintética têm como objetivo omitir o sujeito paciente. Apenas na voz passiva analítica, o agente da passiva pode surgir.

Detalhe importante: como o verbo está anteposto ao sujeito, pode permanecer no singular.

Criou-se o Centro Nacional de Monitoramento e Alerta de Desastres Naturais, a Força-Tarefa de Apoio Técnico e Emergência, a Força Nacional do SUS equivale a o Centro Nacional de Monitoramento e Alerta de Desastres Naturais, a Força-Tarefa de Apoio Técnico e Emergência, a Força Nacional do SUS foram criados (na passiva analítica);

reestruturou-se o Centro Nacional de Gerenciamento de Riscos de Desastres equivale a o Centro Nacional de Gerenciamento de Riscos de Desastres foi criado (na passiva analítica).

Nos dois casos, não sabemos quem foi o criador.

Alternativa "a" – Não existem elogios às autoridades criadoras dos órgãos citados.

Alternativa "b" – Não aumenta o valor das medidas tomadas.

Alternativa "c" – Nada de popular e informal.

Alternativa "e" – Não criam suspense e não são informações importantes.

223. (FGV 2013)

"...não prolongando os efeitos dos desastres, como temos visto".

O tempo verbal sublinhado indica uma ação

(A) terminada há algum tempo.

(B) realizada antes de outra ação passada.

(C) a ser indicada em futuro breve.

(D) começada há algum tempo e continuada no presente.

(E) ocorrida no presente, sob condições.

COMENTÁRIOS

Questão de tempo verbal.

GABARITO: D

– Tempo composto (ter + particípio) = Pretérito Perfeito Composto do Indicativo formado por auxiliar **ter** ou **haver** no Presente do Indicativo e o principal no particípio. Indica que começou há algum tempo e continua: vemos.

Alternativa "a" – terminada há algum tempo = pretérito perfeito do indicativo (simples: um verbo).

Alternativa "b" – realizada antes de outra ação passada = pode ser usado o pretérito mais que perfeito do indicativo (simples: um verbo).

Alternativa "c" – a ser indicada em futuro breve = futuro do presente do indicativo (simples: um verbo).

Alternativa "e" – ocorrida no presente, sob condições = presente do subjuntivo (simples: um verbo).

---

224. (FGV – Oficial de Cartório – RJ/2009) "Se interviessem, implodiriam as contas públicas". Assinale a alternativa que apresente erro em uma das formas verbais.

(A) Se o comando reouvesse o prestígio, os criminosos desistiriam.

(B) Se os policiais requisessem maiores salários, tudo se arrumaria.

(C) Se os criminosos se acovardassem, a polícia os deteria.

(D) Se os jornais proviessem de fora, as notícias entreteriam mais.

(E) Se as autoridades quisessem, nada disso se faria.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – (se) requisessem – verbo requerer (abundante) segue o paradigma do verbo querer, mas difere em algumas pessoas e tempos. No pretérito imperfeito do subjuntivo: se eu requeresse, tu requeresses, ele requeresse, nós requerêssemos, vós requerêsseis, portanto: se os policiais (eles) requeressem se arrumaria (verbo arrumar) – futuro do pretérito do indicativo.

Alternativa "a" – Reouvesse – o verbo reaver segue os parâmetros do verbo haver: se o comando reouvesse (houvesse) – terceira pessoa do singular, do pretérito imperfeito do subjuntivo. (Eles) desistiram (verbo desistir) – futuro do pretérito, do indicativo – terceira pessoa do plural.

Alternativa "c" – Se (eles) se acovardassem (verbo acovardar) terceira pessoa do plural, no pretérito imperfeito do subjuntivo. Deteria (verbo deter) – segue o paradigma do verbo ter – terceira pessoa do singular, no futuro do pretérito, modo indicativo.

Alternativa "d" – Proviessem (verbo provir) segue o paradigma do verbo vir = terceira pessoa do plural, no pretérito imperfeito do modo subjuntivo. Entreteriam (verbo entreter) segue o paradigma do verbo ter – terceira pessoa do plural (teriam) – futuro do presente do modo indicativo.

Alternativa "e" – Quisessem (verbo querer) terceira pessoa do plural, no pretérito imperfeito do subjuntivo. Faria (verbo fazer) terceira pessoa do singular, no futuro do pretérito do subjuntivo.

---

225. (FGV – Oficial de Cartório – RJ/2009) Ao dizer que o papel da polícia tem sido o de impor o medo, o autor do texto, com o emprego do tempo verbal sublinhado, mostra que essa ação:

(A) se repete ultimamente.

(B) só existiu no passado.

(C) só vai existir no futuro.

(D) começou no presente e se prolonga no futuro.

(E) depende de uma condição anterior.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – O verbo auxiliar no presente do indicativo remete à ideia de ação habitual, ou seja, se repete ultimamente.

Alternativa "b" – Não é passado.

Alternativa "c" – Não é futuro.

Alternativa "d" – Não se prolonga. O pretérito imperfeito se prolonga, mas se inicia no passado.

Alternativa "e" – Não há dependência.

2.12. ESAF

Atenção! A questão a seguir refere-se ao texto abaixo.

A queda do muro de Berlim sepultou a maioria dos sonhos revolucionários do mundo. Apesar do abalo na fé da transformação via revolução, a esquerda e os setores progressistas no Brasil foram capazes de reorganizar os valores que os orientavam em torno de uma agenda política que elegeu a cidada-

nia, como criação e ampliação de direitos, e uma exigência ética na prática política como suas prioridades.

Mas a compatibilidade das lutas de esquerda com o capitalismo é apenas um ponto de partida e não de chegada; depende do quanto formos capazes de radicalizar a democracia em todas as esferas da vida social de forma a tensionar o capitalismo e confrontar a democracia de baixa intensidade que o informa. (Suely Carneiro, Correio Braziliense, 27/02/2004, com adaptações)

---

226. (ESAF – Analista Processual – MPU/2004) Assinale a opção que representa, na voz passiva, uma ideia correspondente à do texto.

(A) Houve abalo na fé de que a transformação seria via revolução.

(B) Os setores progressistas no Brasil puderam ser capazes de se reorganizar em torno de uma agenda política.

(C) A cidadania, como criação e ampliação de direitos, e uma exigência ética na prática política foram eleitas como prioridades de uma agenda política.

(D) Apenas a radicalização da democracia em todas as esferas da vida social é dependente de nossa capacidade.

(E) A democracia de baixa intensidade que informa o capitalismo também o confronta.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – A ideia do trecho é uma síntese que representa e corresponde às ideias do texto,na voz passiva, caracterizada pela forma verbal **foram eleitas.**

(A) Voz ativa.

(B) Voz ativa.

(D) Voa ativa.

(E) Voz ativa.

2.13. FEPESE

---

227. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) Na frase " Vai e acesse o site!", há dois verbos no imperativo afirmativo, e ambos estão flexionados na mesma pessoa gramatical e, portanto, concordam com o mesmo sujeito gramatical.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (falso)

A frase é imperativa, logo se deveria optar pela segunda ou terceira pessoa e não misturar os sujeitos.

Segunda pessoa: verbos tirado da segunda pessoa do singular do presente do indicativo menos o s: vai e acesse;

Terceira pessoa: verbos tirados da terceira pessoa do singular do presente do subjuntivo: vá e acesse.

---

228. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) Nas frases abaixo, considerando os verbos, as pessoas gramaticais e os tempos indicados entre parênteses, as lacunas serão corretamente preenchidas pelas formas verbais:

(A) propõe

(B) interveio

(C) retiverem

(D) revir

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Alternativa "a" – Visto que assim pensas, então uma nova resolução normativa. (propor, 2a. pessoa do singular do imperativo afirmativo).

Alternativa "b" – Os manifestantes não conseguiram invadir o saguão da Assembleia legislativa porque o batalhão de choque _____ a tempo. (intervir, 3a. pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo).

Alternativa "c" – Se os seguranças do aeroporto meus documentos, ficarei muito chateado (reter, 3a. pessoa do plural do futuro do subjuntivo).

Alternativa "d" – Quando voo texto, preste atenção no ritmo da frase e na regência dos verbos (rever, 3a. pessoa do singular do futuro do subjuntivo)

Resposta: (verdadeiro) – Às análises:

▶ **Dica:** pensas (segunda pessoa do singular) = propõe: imperativo (ordem). Do presente do indicativo (tu propões) menos o S.

Intervir é conjugado como o VIR: veio = interveio – ação concluída.

Reter é conjugado como TER: tiverem = retiverem – ação futura duvidosa.

Rever é conjugado como o VER: vir = revir – ação futura duvidosa.

▶ **Dica:** no futuro do subjuntivo, VER = VIR e VIR = VIER.

229. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) Os temas dos verbos "estar" e "dar" na segunda pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo são, respectivamente, estive[ste] e de[ste], com vogal temática aberta [é]. Esses temas se repetem em todas as formas verbais dos mesmos verbos quando flexionados no pretérito mais-que-perfeito do indicativo, no pretérito imperfeito do subjuntivo e no futuro do subjuntivo.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (verdadeiro) – O tema é formado pelo radical + vogal temática; no pretérito perfeito do indicativo: estiveste e deste; no pretérito mais-que-perfeito: estivera, dera; no pretérito imperfeito do subjuntivo: estivesse e desse; no futuro do subjuntivo: estiver e der

2.14 IBFC

230. (IBFC – Analista Judiciário – Área Judiciária–TRE-AM/2014) Observe o seguinte fragmento:

"não se diz a ninguém que ele tem o nariz torto, mas, se for alguém que estiver em outra mesa,"

Para construir sua crítica, a autora utilizou, na primeira oração desse trecho, um tipo específico de voz verbal. Sobre essa voz é correto afirmar que:

(A) se trata da passiva.

(B) se trata da ativa.

(C) tem caráter reflexivo.

(D) tem caráter recíproco.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Voz passiva sintética. Na passiva analítica: Não é dito a mínguem...

Alternativa "b" – O sujeito não pratica a ação.

Alternativa "c" – O sujeito não pratica e sofre a ação.

Alternativa "d" – Não há dois elementos como sujeito: um pratica a ação sobre o outro, que pratica a ação sobre o primeiro.

231. (IBFC – Analista Judiciário – Área Judiciária–TRE-AM/2014) O modo subjuntivo pode transportar o leitor para uma realidade hipotética. Assinale a opção que apresenta um trecho em que a autora faça uso desse modo verbal.

(A) "Mas esses elogios, que fazemos tão naturalmente"

(B) "Fiquei remoendo meus pensamentos"

(C) "se for alguém que estiver em outra mesa,"

(D) "Fique atenta"

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – **Se for** e **estiver** = futuro do subjuntivo: dúvida, hipótese.

Alternativa "a" – presente do indicativo: certeza.

Alternativa "b" – pretérito perfeito do indicativo: ação certa e já ocorrida.

Alternativa "d" – imperativo afirmativo: desejo ou ordem..

QUESTÕES DIFÍCEIS

1. ESAF

Texto para a questão.

A prefeitura municipal, através da Secretaria de Assistência Social, promove a Campanha Imposto de Renda Solidário, projeto cujo objetivo é, através de doação do imposto de renda devido, ajudar a financiar projetos de defesa e promoção dos direitos de crianças e adolescentes de Chapadão do Sul.

A ideia é que todos que queiram participar direcionem parte do valor devido ao Fundo Municipal dos Direitos da Infância e Adolescência (FMDCA) e assim participem da Campanha. A doação, estabelecida pela Lei n. 8.069/90, é simples, não traz ônus a quem colabora e os valores doados são abatidos do imposto de renda devido. O valor destinado ao Fundo Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, respeitados os limites legais, é integralmente deduzido do IR devido na declaração anual ou acrescido ao IR a restituir. Quem quiser contribuir deve procurar um escritório de contabilidade e solicitar que seu imposto de renda seja destinado ao FMDCA de Chapadão do Sul.

A doação pode ser dirigida a um projeto de escolha do doador, desde que esteja inscrito no CMDCA-Conselho Municipal de Direitos da Criança e do Adolescente, que analisará e aprovará o repasse do recurso e posteriormente fiscalizará sua execução.

(Adaptado de: <http://www.ocorreionews.com.br>. Acesso em: 19 mar. 2014.)

01. (ESAF – Auditor-Fiscal– RFB/2014) No desenvolvimento da argumentação do texto, o modo e tempo verbais são usados para indicar uma possibilidade, uma hipótese em

(A) "ajudar a financiar".

(B) "queiram participar".

(C) "são abatidos".

(D) "deve procurar".

(E) "analisará e aprovará".

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Queiram participar nos remete à ideia de hipótese por estar conjugado no futuro do pretérito do indicativo. Dica: Tempos que indicam hipótese, condição: futuro do pretérito do indicativo e pretérito imperfeito do subjuntivo. São tempos condicionais.

Alternativa "a" – Verbos no infinitivo não indicam tempo ou hipótese, pois se trata de formas nominais.

Alternativa "c" – O presente do indicativo refere-se à ação certa e habitual (no caso).

Alternativa "d" – O presente do indicativo refere-se à ação certa e habitual (no caso).

Alternativa "e" – O futuro de presente do indicativo refere-se à ação futura certa.

02. (ESAF – Analista Tributário da Receita Federal do Brasil/2009) Em relação aos elementos do texto, assinale a opção correta.

Um ano após o agravamento da crise financeira, o Brasil tem mais de US$ 230 bilhões em reservas. Tanto o Tesouro como grandes empresas voltaram a lançar títulos no exterior, com sucesso. A valorização do real se tornou, então, um fenômeno inevitável, que reflete o enfraquecimento do dólar no mercado internacional e o fluxo positivo de capitais no país.

No entanto, dado o ritmo de crescimento projetado para o ano que vem, o mais provável é que a demanda por importações aumente e a pressão em favor do real diminua.

Enquanto isso, além de uma paulatina liberalização do câmbio, o que pode ser feito no curto prazo é a continuidade da acumulação de reservas cambiais, com o Banco Central comprando no mercado excedentes de divisas. Qualquer invencionice só estimularia operações especulativas no câmbio, que acabariam provocando uma valorização ainda mais indesejável da moeda nacional. (O Globo, Editorial, 14/10/2009, adaptado.)

(A) A expressão "No entanto" (ℓ.8) estabelece, no texto, uma relação de comparação.

(B) O emprego do subjuntivo em "aumente" (ℓ.10) e em "diminua" (ℓ.11) justifica-se por se tratar de fatos de realização garantida.

(C) A expressão "Enquanto isso" (ℓ.12) estabelece no texto uma relação de condição.

(D) A palavra "invencionice" (ℓ.16) está sendo empregada no sentido de iniciativa rotineira, previsível.

(E) O emprego do futuro do pretérito em "estimularia" (ℓ.17) indica um acontecimento futuro em relação a um ato passado que se configura no fato relacionado aos termos "Qualquer invencionice".

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de verbo e período composto.

O futuro do pretérito é um tempo condicional e o verbo posposto reforça a ideia: ***acabariam*** *provocando uma valorização.*

Alternativa "a" – *No entanto* é uma locução adverbial que indica concessão. Possui valore de *embora, apesar de.*

Alternativa "b" – Sem pensar no valor do tempo verbal, sabe-se que está incorreta a informação através da expressão *o mais provável.* O presente do subjuntivo indica uma ação hipotética.

Alternativa "c" – *Enquanto isso* indica tempo.

Alternativa "d" – *Invencionice* está no sentido de mentira, embuste.

⊙ **Leia o texto a seguir para responder à questão.**

Na opinião de Malthus, os habitantes da Terra multiplicar-se-iam numa taxa muito superior à disponibilidade de recursos. Seria uma catástrofe.

Sua previsão falhou por não prever o espetacular desenvolvimento da ciência e o aumento da eficiência na produção de alimentos e outros bens. Mas será que essa eficiência será mantida nos próximos 50 anos? É bem provável que sim, a despeito de certos recursos que estão se esgotando, como é o caso da terra agricultável e da água. (Antônio Ermírio de Moraes, O planeta e o desafio do futuro. Jornal do Brasil, 20 de março de 2005, com adaptações)

03. (ESAF – Técnico da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) A respeito do emprego dos modos e tempos verbais no texto, assinale a opção incorreta.

(A) O sentido do verbo e o emprego do pretérito perfeito em "falhou"(ℓ.4) justifica o emprego do futuro do pretérito em "multiplicar-se-iam" (ℓ. 1-2) e em "Seria" (ℓ.3).

(B) Embora "prever" (ℓ.4) não tenha marca de tempo, subentende-se textualmente que indica uma ação ocorrida no passado.

(C) Com o emprego do futuro do presente em "será que"(ℓ.7), o autor anuncia um acontecimento provável em tempo posterior ao da elaboração do texto.

(D) Considerando a ideia de hipótese ou probabilidade da oração, o desenvolvimento da textualidade permitiria que o modo indicativo na flexão de "É" (ℓ.8) fosse alterado para o correspondente modo subjuntivo.

(E) O emprego da forma composta em "estão se esgotando"(ℓ.9) enfatiza a ideia de continuidade, duração do fato em um momento preciso do presente; ênfase que não haveria com a flexão de presente simples do indicativo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – O verbo *ser*, empregado no presente do indicativo, faz parte da oração principal anteposta ao sujeito oracional. A ideia de probabilidade se restringe ao adjetivo *provável* apenas. Não pode ser substituído. As outras alternativas estão corretas, confira os aspectos verbais:

Alternativa "a" – Pretérito perfeito do indicativo: ação concluída; futuro do pretérito do indicativo: tempo condicional.

Alternativa "b" – Sim, pois o verbo anteposto – *falhou* – está no pretérito perfeito do indicativo.

Alternativa "c" – O futuro do presente do indicativo indica ação futura certa.

Alternativa "e" – O presente do indicativo e o gerúndio indicam continuidade.

04. (ESAF – Técnico da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Em relação ao texto abaixo, assinale a opção incorreta.

Está infringindo a legislação de propriedade industrial quem fabrica, exporta, vende, expõe ou oferece à venda, tem em estoque, oculta ou recebe, para utilização com fins econômicos, um produto que seja objeto de patente de invenção ou de modelo de utilidade, segundo os artigos 183 e 184 da Lei n. 9.279, de 14 de maio de 1996, uma das mais modernas e avançadas leis de propriedade industrial do mundo. Se houver comprovação de delito, a penalidade poderá variar de um mês a um ano de detenção ou multa, conforme o caso específico.

Também incorre em ilícito penal aquele que fabrica, sem autorização do titular, exporta, vende, tem em estoque, oculta ou recebe, para utilização com fins econômicos, objeto que incorpore ilicitamente um desenho industrial registrado, ou imitação substancial que possa induzir a erro ou confusão. É um crime contra o registro de desenho industrial. É um desrespeito ao consumidor que, muitas vezes, pela aparência, não consegue distinguir o produto original do copiado, mas tem de arcar com o prejuízo de adquirir um artigo de má qualidade. (Cláudio França Loureiro, Valor Econômico, 28/ 09/2005)

(A) A expressão "Está infringindo" (ℓ.1) está no singular para concordar com "quem" (ℓ.2).

(B) As quatro primeiras vírgulas (ℓ.2 e 3) justificam-se porque separam elementos de uma enumeração.

(C) Mantém-se a correção gramatical e o significado da informação do período ao se substituir "Se houver" (ℓ.9) por "Caso haja".

(D) O emprego do modo subjuntivo em "incorpore" (ℓ.14) e em "possa" (ℓ.16) justifica-se por se tratar de um fato certo, confirmado, assegurado.

(E) Subentende-se após "induzir" (ℓ.16) qualquer uma das expressões a seguir: **os consumidores, alguém, as pessoas, os compradores**.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

✪ **Nota da autora:** O modo indicativo indica ações certas; o subjuntivo, duvidosas e o imperativo, ordem ou desejo.

Alternativa *d:* o modo subjuntivo indica dúvida, hipótese. Não há certeza das ações citadas.

Alternativa "a" – Colocando a oração na ordem direta (iniciar com o sujeito): Quem fabrica, exporta (...) **está** infringindo a legislação.

Alternativa "b" – Se indica enumeração, cabe a conjunção *e* no lugar das vírgulas.

Alternativa "c" – *Se houver* e *caso haja* indicam condição.

Alternativa "e" – Basta retornar ao texto e fazer as inserções.

05. (ESAF – Técnico da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Indique a opção que preenche com as formas gramaticalmente corretas as lacunas do trecho.

Numa economia industrial, a inversão faz crescer diretamente a renda da coletividade em quantidade idêntica __(1)__. A inversão feita numa economia __(2)__ é fenômeno inteiramente diverso. A mão de obra escrava pode ser comparada às instalações de uma fábrica: a inversão consiste na compra do escravo, e sua manutenção representa custos fixos. __(3)__ a fábrica ou o escravo trabalhando ou não, os gastos de manutenção __(4)__. (Celso Furtado, Formação econômica do Brasil, com adaptações)

	1	2	3	4
a)	a si mesma	exportadora-escravocrata	Esteja	terão de ser dispendidos
b)	a si própria	exportadora-escravista	Estejam	terão de ser dispendidos
c)	a ela mesma	exportadora-escravista	Esteja	terão de ser despendidos
d)	consigo mesma	exportadora-escravagista	Estejam	terão de ser despendidos
e)	consigo própria	exportadora-escravagista	Estando	terão de ser dispendiosos

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

✪ **Nota da autora:** trabalhe por eliminação para chegar à resposta rapidamente.

O item 3 é uma boa opção para iniciar, pois é concordância verbal, basta encontrar o sujeito. Há a conjunção *ou* indicando exclusão, o verbo deve ficar no singular. Na alternativa *e*, o verbo está no gerúndio e não cabe no contexto. **Eliminadas alternativas *b, d* e *e*.**

Através do item 4, **elimina a alternativa *a***: os gastos de manutenção **terão de ser despendidos**.

1) Idêntica *a* algo: a ela mesma.

2) Economia exportadora-escravista.

06. (ESAF – Técnico da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Escolha a opção que preenche com correção as lacunas do trecho abaixo.

Mesmo que __(1)__ evitar a superprodução, não seria possível evitar que a política de defesa dos preços do café fomentasse a produção desse artigo naqueles outros países que __(2)__ de terras e de mão de obra em condições semelhantes às do Brasil, ainda que menos vantajosas. A manutenção dos preços em baixos níveis era condição indispensável para que os produtores brasileiros __(3)__ sua situação de semimonopólio. __(4)__ dessa situação semimonopolística para defenderem os preços, estavam eles destruindo as bases em que se assentara o seu privilégio. (Celso Furtado, Formação econômica do Brasil, com adaptações)

	1	2	3	4
a)	se lograsse	dispossem	retessem	Ao se prevalecer
b)	se lograsse	dispusessem	retivessem	Ao se prevalecerem
c)	tivesse se logrado	dispunham	retessem	Ao se prevalecerem
d)	tivesse se logrado	dispunham	retivessem	Ao se prevalescer
e)	se tivesse logrado	dispusessem	retivessem	Ao se prevalescerem

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

✪ **Nota da autora:** o verbo *dispor* é conjugado como o verbo *pôr* e *reter*, como o verbo *ter*. Assim, **eliminam-se alternativas *a* e *c*.**

4) O sujeito de *prevalecer* é plural: *eles* = ao se prevalecerem. **Eliminada alternativa *d*.**

1) Mesmo que **se lograsse** evitar a superprodução, não **seria** possível evitar (...)

Opção para usar **se tivesse logrado:** Mesmo que **se tivesse logrado** evitar a superprodução, não **teria sido** possível evitar (...)

2) Outros países que **dispusessem** de terras e de mão de obra. O verbo indica dúvida e o emprego do subjuntivo é obrigatório, no caso, pretérito imperfeito do subjuntivo.

3) A manutenção dos preços em baixos níveis era condição indispensável para que os produtores brasileiros **retivessem** sua situação de semimonopólio. Mais uma vez, mantém a condição do pretérito imperfeito do subjuntivo.

⊙ **Leia o texto para responder à questão a seguir.**

O advento da moderna indústria tecnológica fez com que o contexto em que passa a dispor-se a máquina mudasse completamente de configuração. Entretanto, tal mudança obedece a certas coordenadas que começam a ser pensadas já na antiga Grécia, que novamente se relacionam com a questão da verdade. É que a verdade, a partir de Platão e Aristóteles, passa a ser determinada de um modo novo, verificando-se uma transmutação em sua própria essência. Desde então, entende-se usualmente a verdade como sendo o resultado de uma adequação, ou seja, a verdade pode ser constatada sempre que a ideia que o sujeito forma de determinado objeto coincida com esse objeto. (Gerd Bornheim. Racionalidade e acaso. fragmento)

07. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Assinale a opção correta a respeito do uso das estruturas linguísticas do texto.

(A) Mantém-se a coerência da argumentação ao substituir "fez" (ℓ.1) por **faz**; mas para que a correção gramatical seja mantida, torna-se obrigatória então a substituição de "mudasse" (ℓ.3) para **mude.**

(B) Preservam-se as relações de sentido entre "contexto" (ℓ.2) e "máquina" (ℓ.3) com a substituição do pronome relativo "que" (ℓ.2) por **qual**, mantendo-se obrigatória a presença de "em".

(C) Tanto a supressão da preposição no termo "a certas coordenadas" (ℓ.4 e 5) como sua substituição por **às** preservam as relações de sentido e respeitam as regras de regência verbal.

(D) A construção da textualidade mostra que o advérbio "então" (ℓ.10) refere-se ao tempo de "Platão e Aristóteles" (ℓ.8); por isso, preservam-se a coerência e a correção do texto ao substituir "Desde então" (ℓ.10) por **Adiante desses filósofos.**

(E) A expressão "ou seja" (ℓ.12) permite a troca de lugar entre os termos "adequação" (ℓ.12) e "verdade pode ser constatada sempre que a ideia que o sujeito forma de determinado objeto coincida com esse objeto" (ℓ.12 a 14), sem prejudicar a correção gramatical do texto.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

✪ **Nota da autora:** a substituição do verbo de pretérito imperfeito do subjuntivo (condicional) para presente do subjuntivo (duvidoso) torna-se obrigatória: O advento da moderna indústria tecnológica **faz** com que o contexto em que passa a dispor-se a máquina **mude** completamente de configuração.

(B) *em que* : **no qual**.

(C) A preposição não pode ser suprimida porque o verbo *obedecer* é transitivo indireto e exige a preposição **a**.

(D) *Desde então*: a partir de; *adiante de*: em ocasião anterior, em posição anterior no tempo; na frente.

(E) A correção gramatical é prejudicada.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

✪ **Nota da autora:** Questão de verbo, semântica e concordância.

*Outra compensação encontrava eu em **usufruir**, ainda que vagamente, da sombra da autoridade que **provém** de um fiscal de rendas.*

Substitua cada verbo pedido em cada alternativa e perceba que nas alternativas a, b, c e d ocorrem erros.

08. (ESAF – Secretaria da Receita Federal – Técnico da Receita Federal/2003)

(...) Um dos motivos principais pelos quais a temática das identidades é tão frequentemente focalizada tanto na mídia assim como na universidade são as mudanças culturais, sociais, econômicas, políticas e tecnológicas que estão atravessando o mundo e que são experienciadas, em maior ou menor escala, em comunidades locais específicas.

(...) Há nas práticas sociais cotidianas que vivemos um questionamento constante de modos de viver a vida social que têm afetado a compreensão de classe social, do gênero, da sexualidade, da idade, da raça, da nacionalidade etc. (...)

(...) É inegável que a possibilidade de vermos a multiplicidade da vida humana em um mundo globalizado, que as telas do computador e de outros meios de comunicação possibilitam, tem colaborado em tal questionamento ao vermos de perto como vivemos em um mundo multicultural e que essa multiculturalidade, para qual muitas vezes torcíamos/torcemos os narizes, está em nossa própria vida local, atravessando os limites nacionais (...)

Assinale a opção correta a respeito do emprego dos verbos nos trechos.

(A) As regras gramaticais da norma culta exigem o emprego de plural em "são" para respeitar a concordância com "tanto na mídia assim como na universidade".

(B) A alternativa textual de se empregar o verbo **existir** no lugar do impessoal "Há", e preservar a correção gramatical, exige que seja usada a forma de plural: **existem**.

(C) O emprego do acento em "têm", tornando o vocábulo tônico, indica que o verbo está aí concordando com "práticas sociais cotidianas".

(D) A complementação do verbo **viver** preenche funções sintáticas diferentes nas ocorrências no texto.

(E) A dupla possibilidade verbal que o texto oferece, "torciamos/torcemos" envolve variação no tempo e modo verbais, mas preserva a pessoa gramatical.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

✪ **Nota da autora:** Predicação do verbo *viver nos dois trechos*:

- vivemos um questionamento constante = verbo transitivo direto seguido de objeto direto.
- vivemos em um mundo multicultural = verbo intransitivo seguido de adjunto adverbial de lugar.

(A) O sujeito do verbo *ser* é o substantivo plural *motivos*.

(B) Substituindo o verbo haver (impessoal) por existir (pessoal), deve se manter no singular pelo fato de o sujeito estar no singular: *um questionamento*.

(C) O sujeito do verbo *ter* é *um questionamento*.

(E) Muitas vezes **torcíamos** o nariz: pretérito imperfeito do indicativo (ação contínua, prolongada). Muitas vezes **torcemos** o nariz: presente do indicativo (ação habitual). Perceba que não ocorreu variação no modo (indicativo); apenas, no tempo.

2. FCC

Trecho para a questão.

A COGNOSCIBILIDADE DO PLANETA

O período histórico atual vai permitir o que nenhum outro período ofereceu ao homem, isto é, a possibilidade de conhecer o planeta extensiva e aprofundadamente. Isto nunca existiu antes, e deve-se, exatamente, aos progressos da ciência e da técnica (melhor ainda, aos progressos da técnica devidos aos progressos da ciência).

Esse período técnico-científico da história permite ao homem não apenas utilizar o que encontra na natureza: novos materiais são criados nos laboratórios como um produto da inteligência do homem, e precedem a produção dos objetos. Até a nossa geração, utilizávamos os materiais que estavam à nossa disposição. Mas a partir de agora podemos conceber os objetos que desejamos utilizar e então produzimos a matéria-prima indispensável à sua fabricação. Sem isso não teria sido possível fazer os satélites que fotografam o planeta a intervalos regulares, permitindo uma visão mais completa e detalhada da Terra. Por meio dos satélites, passamos a conhecer todos os lugares e a observar outros astros. O funcionamento do sistema solar torna-se mais perceptível, enquanto a Terra é vista em detalhe; pelo fato de que os satélites repetem suas órbitas, podemos captar momentos sucessivos, isto é, não mais apenas retratos momentâneos e fotografias isoladas do planeta. Isso não quer dizer que tenhamos, assim, os processos históricos que movem o mundo, mas ficamos mais perto de identificar momentos dessa evolução. (...)

(SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: Do pensamento único à consciência universal. 6. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2001, p. 31)

09. (FCC – TCE/PI – Auditor Fiscal de Controle Externo/2014) Considerado o contexto, é correto afirmar:

(A) A forma verbal utilizávamos descreve ação pontual, iniciada e concluída em uma extensão do passado explicitamente indicada no texto.

(B) A forma produzimos deve, em um registro linguístico mais cuidado, ser substituída por "produzirmos", que melhor denota o caráter hipotético do período sintático em que se insere.

(C) Em *...não teria sido possível fazer os satélites...*, o segmento destacado faz menção a evento efetivamente realizado.

(D) Em outra redação igualmente correta, a forma permitindo pode ser substituída por "que permite".

(E) No que concerne à correlação entre tempos e modos verbais, na norma-padrão escrita, o emprego de tenhamos é incompatível com o de ficamos.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – O período inicia com o pronome anafórico *isso*, retomando a ideia do parágrafo anterior. A grande dica está no verbo posposto à expressão: Sem isso *não teria sido possível fazer os satélites* que **fotografam** o planeta a intervalos regulares. Se foi utilizado o presente do indicativo, fica claro que a ação é habitual e certa. Lendo as ideias anteriores e se atentando ao verbo posterior, sabemos que se refere a evento efetivamente realizado. Fácil.

Alternativa "a" – O verbo está no pretérito imperfeito do indicativo e indica ação contínua, prolongada.

Alternativa "b" – O tempo é presente, refere-se à ação que está acontecendo e não a uma ação futura duvidosa: quando produzirmos – futuro do subjuntivo.

Alternativa "d" – *Permitindo* está no gerúndio e remete à ideia de ação contínua, ou de adição: e permite. Não cabe *que permite.*

Alternativa "e" – Não é incompatível por haver uma dúvida expressa pelo presente do subjuntivo (**tenhamos**) e uma certeza em seguida: **ficamos** mais perto – presente do subjuntivo.

---

10. (FCC – TCE/AM – Analista Técnico de Controle Externo/2013) Transpondo-se para a voz passiva as construções *A gente a reverencia* e *Tínhamos visto juntos uma coleção de curtas-metragens antigos*, as formas verbais resultantes serão, respectivamente,

(A) reverencia-nos e teria sido vista.

(B) é reverenciada e tinha sido vista.

(C) reverenciamo-la e víramos.

(D) tem sido reverenciada e fora visto.

(E) sofre a reverência e tem sido vista.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

✪ **Nota da autora:** Para passar uma oração da voz ativa para a passiva, é necessário haver objeto direto. Precisa, também, acrescentar o verbo **ser** no mesmo tempo do verbo principal na ativa.

Atente-se ao número de verbo para facilitar.

VOZ ATIVA		VOZ PASSIVA
1 verbo	+ ser	2 verbos
2 verbos	+ ser	3 verbos

VOZ PASSIVA		VOZ ATIVA
2 verbos	+ ser	1 verbo
3 verbos	+ ser	2 verbos

1.

A gente	a	reverencia	Voz ativa / verbo no presente do indicativo
sujeito	O.D.	V.T.D	

Ela	é reverenciada	pela gente	Voz passiva / verbo SER no presente do indicativo + particípio do verbo principal
sujeito paciente	ser+ particípio	agente da passiva	

2.

Tínhamos vistos	juntos	uma coleção de curtas-metragens antigos.	Voz ativa / 2 verbos; tempo do auxiliar: pretérito imperfeito do indicativo
V.T.D. (ver)	predicativo do sujeito = e estávamos juntos	O.D	

Uma coleção de curtas-metragens antigos.	tinha sido vista	por nós	juntos.
sujeito paciente	ter(auxiliar) + ser + particípio	agente da passiva	

Alternativa "a" – 1. A oração continua na voz ativa; 2. Altera o verbo para futuro do pretérito do indicativo.

Alternativa "c" – 1 e 2 continuam na ativa.

Alternativa "d" – 1. Acrescentou o verbo ter; 2. Retirou o verbo ter e mudou o tempo para pretérito mais que perfeito do indicativo.

Alternativa "e" – 1. Voz ativa; 2. Tempo alterado para presente do indicativo

---

11. (FCC – TCE/AM – Analista Técnico de Controle Externo/2013) Está plenamente adequada a correlação entre os tempos e os modos verbais da frase:

(A) Quantos órgãos públicos já não terão sofrido a ação deletéria dos que perverteram sua razão de ser e sua finalidade última?

(B) Nunca teria havido um momento da História em que os homens deixem de se aproveitar da solidez e da justificativa social das instituições.

(C) Se formos ao dicionário Houaiss, lá encontraríamos interessantes acepções que o dicionarista reservaria para esse verbete.

(D) Quantos não viriam a se escudar na legitimidade das instituições para haverem assim mascarado seus atos mais escusos?

(E) Tal missão não seria modesta, sendo que devesse ser exercida por quem a empolgar com toda a seriedade.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – *Terão* está no futuro do presente do indicativo e se refere à ação futura certa; *perverteram* está no pretérito perfeito do indicativo e denota ação concluída, finalizada.

Alternativa "b" – teria havido... os homens **deixassem** = tempos condicionais: futuro do pretérito do indicativo e pretérito imperfeito do indicativo.

Alternativa "c" – se formos.. lá **encontraremos... reserva.**

Alternativa "d" – viriam... **houvessem** mascarado = mascarassem. Tempos condicionais mais uma vez.

Alternativa "e" – seria... sendo que **deveria...** a **empolgasse.**

---

12. (FCC – TCE/AM – Analista Técnico de Controle Externo/2013) Quanto à flexão verbal, há uma irregularidade na frase:

(A) Todos os benefícios que advirem de atos ilícitos acabarão por desmoralizar as instituições.

(B) Nem sempre convirá a todos prestar o devido respeito às instituições que regulam nossa vida social.

(C) O que caberia fazer, caso nos propusessem extinguir todas as instituições que já foram manipula- das?

(D) Se eles requeressem os bons serviços da instituição, não seriam atendidos, uma vez que já a prejudicaram.

(E) Por serem honestos, nunca lhes aprouve beneficiar- se viciosamente das instituições, públicas ou privadas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – *Advir* é conjugado como o verbo *vir*. A forma correta é **advierem.** Pense em **vierem** – futuro do subjuntivo.

Alternativa "b" – *Convir* = vir; no futuro do presente do indicativo: convirá.

Alternativa "c" – *Caberia* está corretamente conjugado no futuro do pretérito do indicativo.

Alternativa "d" – *Requerer* **não** é conjugado como o *querer*. No pretérito imperfeito do subjuntivo é requeressem.

Alternativa "e" – *Aprazer* no pretérito perfeito do indicativo é aprouve. Verbo muito exigido por Fundação Carlos Chagas. No presente do indicativo: aprazo, aprazes, apraz, aprazemos, aprazeis, aprazem.

---

13. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – SP/2013)

Talvez seja exagero prever uma "Primavera Europeia" em países como Espanha, Grécia e Portugal, caso ali persistam os atuais índices de desemprego. É inegável, entretanto, que pouco se tem feito para dissipar tamanho surto de aflições. (Desespero de Causa – Folha de S.Paulo, opinião, p. 2A, 7/ 11/2012)

Considerado o trecho acima transcrito, é correto afirmar:

(A) O verbo "prever" está empregado em conformidade com o padrão culto escrito, como o está o verbo "rever" na frase "A diretoria espera que o departamento revê a prestação de contas apresentada ontem".

(B) A formulação "São inegáveis as ações, poucas entretanto, que têm sido levadas a efeito para dissipar tamanho surto de aflições" mantém a direção argumentativa da frase original.

(C) Se em vez da palavra caso fosse empregada a palavra "se", a substituição de persistam por "persistirem" preservaria o sentido e a correção originais.

(D) A substituição de Talvez seja exagero por "Talvez seja escessivo" preserva a correção da frase original.

(E) Se, na frase É inegável, entretanto, que pouco se tem feito para dissipar tamanho surto de aflições, tivesse sido empregada a forma "que pouco se fez" não haveria perda de nenhum traço de sentido.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – sentido e correção preservados ao se utilizar o Pretérito Imperfeito do Modo Subjuntivo, conjugação que indica dúvida, na flexão do verbo (**se** ali **persistirem** os atuais índices...").

Alternativa "a" – "...que o departamento reveja" é a forma correta de conjugar o verbo no Presente do Subjuntivo.

Alternativa "b" – a direção argumentativa é completamente alterada, pois no texto original a ideia é que "poucas ações têm ocorrido" e nesta alternativa a ideia transmitida é que "ações têm ocorrido, mas poucas delas são concretizadas, efetivadas."

Alternativa "d" – a ortografia correta é excessivo.

Alternativa "e" – haveria, sim, perda de sentido uma vez que "pouco se fez" (Pretérito Perfeito) indica uma ação completamente acabada e "pouco se tem feito" (Forma Nominal do Verbo – Particípio) indica que a ação começou no passado e ainda persiste, não foi finalizada.

---

14. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – SP/2013) Acerca de verbos encontrados no texto é correto afirmar, tomando como parâmetro o padrão culto escrito:

(A) "prever" – está adequadamente empregado na frase "Quando os analistas preverem baixa dos juros, os empréstimos aumentarão".

(B) "atribuir" – está corretamente grafado na frase "Ela sempre atribuia ao auxiliar os equívocos nos documentos".

(C) "afligir" – a única forma de particípio aceitável é "aflito", pois "afligido" é forma incorreta.

(D) "submeter" – tem duplo particípio.

(E) "abater" – está adequadamente empregado na frase "Se eles abativessem pelo menos 10% do valor total, eu pagaria à vista".

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – o verbo submeter possui dois particípios: submisso e submetido.

Alternativa "a" – "quando os analistas previrem..." (Futuro do Subjuntivo).

Alternativa "b" – "ela sempre atribuía..." (Pretérito Imperfeito do Indicativo).

Alternativa "c" – Particípio é a forma nominal de um verbo que tem várias funções, podendo funcionar como um substantivo, adjetivo, advérbio e também pode ser utilizada na construção de frases compostas. O particípio dos verbos abundantes pode ter forma regular ou irregular. O verbo 'afligir' possui dois particípios: aflito (irregular) e afligido (regular).

As formas regulares do particípio são empregadas na voz ativa.

Exemplo: **O banco havia aceitado o cheque.**

As formas irregulares, por sua vez, são empregadas na voz passiva e, no exemplo abaixo, com função de adjetivo.

Exemplo: **O cheque foi aceito pelo banco.**

Alternativa "e" – "se eles aba**tessem...**" (Pretérito Imperfeito do Subjuntivo)

---

15. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – SP/2013) *"Se as deficiências de infraestrutura forem enfrentadas."* A transposição da frase para outra modalidade da mesma voz verbal gerará a seguinte forma correta:

(A) Se se enfrentarem.

(B) Se enfrentar-se.

(C) Se enfrentar.

(D) Se for enfrentada.

(E) Se tiverem sido enfrentadas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Dá-se o nome de voz à forma assumida pelo verbo para indicar se o sujeito gramatical é agente (voz ativa) ou paciente da ação (voz passiva). Na Voz Passiva o sujeito é paciente, ou seja, recebe a ação expressa pelo verbo. Ela pode ser formada por dois processos: analítico e sintético.

1 – Voz Passiva Analítica

Verbo SER + particípio do verbo principal.

Exemplos: A escola será pintada. "Se as deficiências de infraestrutura forem enfrentadas".
2 – Voz Passiva Sintética (onde o agente não costuma vir expresso)

Verbo na 3ª pessoa, seguido do pronome apassivador SE.

Exemplos: Abriram-se as inscrições para o concurso. "Se se enfrentarem as deficiências de infraestrutura" (o 1º 'se' = condicional; o 2º 'se' = pronome apassivador)

Alternativa "b" – a frase foi transposta para outra modalidade da voz passiva, mas apresenta erro de concordância verbal e colocação pronominal.

Alternativa "c" – a frase utiliza o infinitivo pessoal do verbo, perdendo as características da voz passiva.

Alternativa "d" – mantém a voz passiva analítica e apresenta erro de concordância verbal deficiências 'forem enfrentadas' e não 'for enfrentada'

Alternativa "e" – mantém a voz passiva analítica, mudando apenas o tempo e modo verbais de Futuro do Subjuntivo (se forem) para a Forma Nominal – Particípio Passado (se tiverem sido)

---

16. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – SP/2013) Considerado o contexto, a frase em que a ação destacada, tendo ocorrido no passado, é referida como sendo anterior a outra ação igualmente passada é: (trechos de: Alberto Manguel, Lendo imagens: uma história de amor e ódio. Trad. Rubens Figueiredo, Rosaura Eichemberg, Cláudio Strauch, São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 143 e 144).

(A) ... na efervescência da Bolonha do séculoXVI,uma pintura, fosse um retrato ou uma cena, fosse religiosa ou alegórica, histórica ou privada, era criada com a intenção de ser lida.

(B) Essa era uma característica inerente e essencial do ato estético: a possibilidade, por meio de um vocabulário compartilhado, da comunicação entre o ponto de vista do artista e o ponto de vista do público.

(C) Um quadro podia ser venerado pela sua arte ou seu conteúdo, mas acima da veneração estava a promessa de algo a ser aprendido ou pelo menos reconhecido.

(D) Ainda no século vi, o papa Gregório, o Grande, havia declarado: "Uma coisa é adorar um qua-

dro, outra é aprender em profundidade, por meio dos quadros, uma história venerável".

(E) Temos permitido que a propaganda e a mídia eletrônica privilegiem a imagem para transmitir informações instantaneamente ao maior número de pessoas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – havia declarado = havia (Pretérito Imperfeito do Indicativo) + declarado (Forma Nominal – Particípio) = duas ações que começaram e finalizaram no passado.

Alternativa "a" – era criada = ação iniciada e finalizada no passado (Pretérito Imperfeito do Indicativo)

Alternativa "b" – era = ação iniciada e finalizada no passado (Pretérito Imperfeito do Indicativo)

Alternativa "c" – podia ser venerado = ação iniciada e finalizada no passado (Pretérito Imperfeito do Indicativo)

Alternativa "e" – temos permitido = ação iniciada no passado e que ainda não foi finalizada (Verbo **ter** no Presente do Indicativo + Forma Nominal do Verbo **permitir** – particípio)

---

17. (FCC – Agente Fiscal de Rendas/2009)

E quanto à segunda tentação, a presunção da interpretação a posteriori, a ideia de que o passado atua para produzir nosso presente específico? O falecido Stephen Jay Gould salientou, com acerto, que um ícone dominante da evolução na mitologia popular, uma caricatura quase tão ubíqua quanto a de lêmingues atirando-se ao penhasco (aliás, outro mito falso), é a de uma fila de ancestrais simiescos a andar desajeitadamente, ascendendo na esteira da majestosa figura que os encabeça num andar ereto e vigoroso: o Homo sapiens sapiens – o homem como a última palavra da evolução (e nesse contexto é sempre um homem, e não uma mulher), o homem como o alvo de todo o empreendimento, o homem como um magneto, atraindo a evolução do passado em direção à proeminência.

No trecho, é correto afirmar que, independentemente do estrito significado do verbo, a estrutura que expressa continuidade da ação é:

(A) *o passado atua.*

(B) *para produzir.*

(C) *a andar.*

(D) *os encabeça.*

(E) *nesse contexto é.*

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – A andar equivale a que andam, andando. Se pode ser substituído por gerúndio, indica continuidade da ação.

Alternativa "a": Ação que acontece no presente, não se refere à continuidade.

Alternativa "b": Finalidade.

Alternativa "d": Afirmação.

Alternativa "e": O presente do indicativo refere-se à ação habitual, certa e não à continuidade.

---

18. (FCC – Agente Fiscal de Rendas/2009) *"Quem olha a evolução dessa perspectiva deixa passar a maior parte do que é importante".* Alterando-se as formas verbais da frase acima, a correlação entre as novas formas ainda estará em conformidade com o padrão culto escrito em:

(A) olharia – deixava passar – foi

(B) olhasse – deixaria passar – é

(C) olhe – deixava passar – seja

(D) olharia – deixou passar – fosse

(E) olhar – deixou passar – era

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta Quem olhasse: condição (pretérito imperfeito do subjuntivo); deixaria: ação condicional também (futuro do pretérito do indicativo); é: ação habitual (presente do indicativo).

As alternativas a, c, d e e são descabidas pelos motivos mencionados acima.

Instruções: Considere o texto a seguir para responder às questões posteriores (duas).

14 DE FEVEREIRO

Conheci ontem o que é celebridade. Estava comprando gazetas a um homem que as vende na calçada da Rua de S. José, esquina do Largo da Carioca, quando vi chegar uma mulher simples e dizer ao vendedor com voz descansada:

– Me dá uma folha que traz o retrato desse homem que briga lá fora.

– Quem?

– Me esqueceu o nome dele.

Leitor obtuso, se não percebeste que "esse homem que briga lá fora" é nada menos que o nosso Antônio Conselheiro, crê-me que és ainda mais obtuso do que pareces. A mulher provavelmente não sabe ler, ouviu falar da seita de Canudos, com muito

pormenor misterioso, muita auréola, muita lenda, disseram-lhe que algum jornal dera o retrato do Messias do sertão, e foi comprá-lo, ignorando que nas ruas só se vendem as folhas do dia. Não sabe o nome do Messias; é "esse homem que briga lá fora". A celebridade, caro e tapado leitor, é isto mesmo. O nome de Antônio Conselheiro acabará por entrar na memória desta mulher anônima, e não sairá mais. Ela levava uma pequena, naturalmente filha; um dia contará a história à filha, depois à neta, à porta da estalagem, ou no quarto em que residirem. (Machado de Assis, Crônica publicada em ***A semana****, 1897. In* ***Obra completa****, vol. III, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997, p. 763).*

---

19. (FCC – Agente Fiscal de Rendas/2009) Considerado o contexto, está correto o que se afirma em:

(A) *Estava comprando* indica, entre ações simultâneas, a que se estava processando quando sobrevieram as demais.

(B) ***dera*** exprime ação ocorrida simultaneamente a ***disseram***.

(C) ***acabará por entrar*** expressa um desejo.

(D) ***levava*** designa fato passado concebido como permanente.

(E) ***residirem*** exprime fato possível, mas improvável.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – A dica é o verbo no gerúndio.

Alternativa "b": O pretérito mais que perfeito do indicativo normalmente se refere à ação do pretérito perfeito do indicativo e nunca simultânea.

Alternativa "c": Expressa uma ação futura certa: futuro do presente do indicativo.

Alternativa "d": Designa ação contínua, prolongada, mas não um passado concebido como permanente.

Alternativa "e": Futuro do subjuntivo: ação futura duvidosa.

---

20. (FCC – Agente Fiscal de Rendas/2009) Se o cronista tivesse preferido contar com suas próprias palavras o que a mulher disse ao vendedor, a formulação que, em continuidade à frase... *quando vi chegar uma mulher simples e pedir ao vendedor com voz descansada*, atenderia corretamente ao padrão culto escrito é:

(A) que desse uma folha que traria o retrato desse homem que briga lá fora.

(B) que lhe desse uma folha que trazia o retrato daquele homem que brigava lá fora.

(C) que lhe dê uma folha que traz o retrato desse homem que briga lá fora.

(D) que me dê uma folha que traz o retrato desse homem que brigaria lá fora.

(E) que: Dê-me uma folha que traz o retrato daquele homem que brigaria lá fora.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Perceba que as ações são duvidosas, condicionais e por isso os usos do pretérito imperfeito do subjuntivo e do futuro do pretérito do indicativo são obrigatórios (desse e traria).

Opções de alteração do verbo:

(B) traria.

(C) traga.

(D) traga.

(E) traga.

---

21. (FCC – Agente Fiscal de Rendas/2009) *"... crê-me que és ainda mais obtuso do que pareces".* Trocando a segunda pela terceira pessoa, a frase acima está em total conformidade com o padrão culto escrito em:

(A) creia-me que é ainda mais obtuso do que parece.

(B) crede-me que é ainda mais obtuso do que parecei.

(C) crê-me que é ainda mais obtuso do que parece.

(D) creia-me que é ainda mais obtuso do que parecei.

(E) crede-me que és ainda mais obtuso do que parecei.

COMENTÁRIOS

✪ **Nota da autora:** É preciso saber em qual tempo encontram-se os verbos, em primeiro lugar.

- Crê: imperativo afirmativo
- és: presente do indicativo
- pareces: presente do indicativo

Os verbos na terceira pessoa do imperativo afirmativo e negativo são retirados do presente do subjuntivo: que eu creia, que tu creias, ***que ele creia***. Eliminadas alternativas b, c e e.

Verbo *ser* no presente do indicativo: eu sou, tu és, ***ele é***; verbo parecer no presente do indicativo: eu pareço, tu pareces, ***ele parece***.

Alternativa "a": correta

22. (FCC – Agente Fiscal de Rendas/2009) "*... um dia contará a história à filha, depois à neta*". Transpondo para a voz passiva a frase acima, a forma verbal obtida corretamente é:

(A) seriam contadas.

(B) haverá de ser contada.

(C) será contada.

(D) haveria de ser contada.

(E) poderiam ser contadas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

✪ **Nota da autora:** Para passar uma oração da voz ativa para a passiva, o ***objeto direto é obrigatório.***

Voz ativa: o sujeito pratica a ação.			
... um dia	contará	a história	à filha
sujeito (ele)	V.T.D.I.	obj. direto	obj. indireto

Voz passiva: o sujeito sofre a ação			
Passiva analítica: ser + particípio			
... um dia	contará	a história	à filha
sujeito (ele)	V.T.D.I.	obj. direto	obj. indireto

... um dia	a história	será contada	à filha	por ele.
	sujeito paciente	ser + particípio	objeto indireto	agente da passiva

Basta iniciar a oração com o objeto direto e acrescentar o verbo ***ser*** (no mesmo tempo do verbo principal na oração de voz ativa) + particípio. Só? Não! Há, também, a obrigatoriedade de inverter os termos: o objeto direto passa a ser sujeito paciente e o sujeito passa a ser agente da passiva. Por isso é necessário o objeto direto.

23. (FCC – Agente Fiscal de Rendas/2009) A frase que respeita inteiramente o padrão culto escrito é:

(A) Nada disso influe no que foi acordado já faz mais de dez dias, mas eles quiseram que eu reiterasse a sua disposição de manter o que foi estabelecido.

(B) Gás lacrimogênio foi usado para dispersar os grupos que cultivavam antiga richa, reforçando a convicção de que dali há anos ainda estariam de lados opostos.

(C) Ficou na dependência de ele redigir tudo o que os acionistas mais antigos se disporam a oferecer, se, e só se, os mais novos não detiverem o curso das negociações.

(D) Semeemos a ideia de que tudo será resolvido de acordo com os itens considerados prioritários, nem que para isso precisamos apelar para a decência de todos.

(E) Vocês divergem, mas agora é necessário que se remedeie a situação; por isso, façam novos contratos e provejam o setor de profissionais competentes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta

✪ **Nota da autora:** Questão de verbo e ortografia.

Na alternativa *e* não há erro: divergem (presente do indicativo), remedeie (conjugação do verbo remediar no presente do subjuntivo), façam (imperativo afirmativo) e provejam (imperativo afirmativo).

▶ **Dica:**

1) Há duas formas corretas na alternativa *b* – ***lacrimogênio*** e ***lacrimogêneo.***

2) Em relação a tempo, use ***há*** para indicar tempo decorrido e ***a*** para tempo futuro.

Exemplos: Aconteceu ***há*** vários anos. Daqui ***a*** alguns meses, todos serão aprovados.

Correções:

Alternativa "a": Nada disso ***influi*** no que foi acordado já faz mais de dez dias, mas eles ***quiseram*** que eu reiterasse a sua disposição de manter o que foi estabelecido.

Alternativa "b": Gás lacrimogênio foi usado para dispersar os grupos que cultivavam antiga ***rixa,*** reforçando a convicção de que dali ***a*** anos ainda estariam de lados opostos.

Alternativa "c": Ficou na dependência de ele redigir tudo o que os acionistas mais antigos se ***dispuseram*** a oferecer, se, e só se, os mais novos não detiverem o curso das negociações.

Alternativa "d": Semeemos a ideia de que tudo será resolvido de acordo com os itens considerados prioritários, nem que para isso ***precisemos*** apelar para a decência de todos.

24. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2006) A frase *Platão a comparou ao adestramento de cães de raça* está corretamente transposta para a voz passiva em:

(A) Ela foi comparada por Platão ao adestramento de cães de raça.

(B) Haviam sido comparados por Platão o adestramento de cães de raça e ela.

(C) O adestramento dos cães de raça é comparado a ela por Platão.

(D) A comparação entre ela e o adestramento de cães tinha sido feito por Platão.

(E) Comparou-se o adestramento de cães e ela, feito por Platão.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Objeto direto = a. Na voz passiva equivale a ***ela***. Acrescentando o verbo ser no mesmo tempo do verbo principal (comparou – pretérito perfeito do indicativo) e iniciando a frase com o objeto direto, teremos: Ela foi comparada por Platão ao adestramento de cães de raça.

Alternativa "Além de haver erro no acréscimo do verbo haver e não do verbo ser, a concordância está incorreta.

▶ **Dica:**

1) Para passar uma oração da voz ativa para a passiva, acrescenta-se o verbo ***ser***;

2) Para passar uma oração da voz passiva para a ativa, retira-se o verbo ***ser***.

Não há possibilidade de outras alterações.

Alternativa "c": Altera sentido e o objeto não passa a ser sujeito.

Alternativa "d": Três verbos? Não. Se há ***um*** na ativa, obrigatoriamente haverá ***dois*** na passiva, pois se acrescenta o verbo ***ser***.

Alternativa "e": A oração está na voz passiva sintética e alterou o sentido.

---

25. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2006)

Precisa, em outras palavras, evocar o mar Mediterrâneo – este pátio comum navegável e navegado por milênios, espécie de útero vital compartilhado – ara entender por que a viagem de Colombo acabou e continua sendo uma metáfora do fim do mundo fechado, do abandono da casa materna e paterna.

É correto afirmar que, no fragmento acima,

(A) *casa materna e paterna* equivale a "casa da mãe e do pai", assim como *do fim* equivale a "final".

(B) a composição da metáfora baseia-se na aproximação, por semelhança, entre *viagem de Colombo* e *mundo fechado*.

(C) *navegável e navegado por milênios* equivale a "que poderia, um dia, não só permitir a navegação, como também chegar a ser navegado durante milênios".

(D) *para entender* equivale a "para traduzir corretamente em palavras".

(E) *acabou e continua sendo* é expressão que alia um fato considerado pontual (ocorreu num momento preciso do passado) e um fato considerado em sua permanência.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Acabou: a viagem acabou. Continua sendo uma metáfora: ação que prevalece.

Nas demais alternativas a, b, c e d há erros.

---

26. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2006) A frase que respeita o padrão culto no que se refere à flexão é:

(A) Em troca-trocas acalorados de ideias, poucos se atêem às questões mais relevantes da temática.

(B) Quando aquele grupo de pesquisadores reaver a credibilidade comprometida nos últimos revés, certamente apresentará com mais tranquilidade sua contribuição.

(C) No caso de proporem um diálogo sem pseudodilemas teóricos, o professor visitante diz que medeia as sessões.

(D) Chegam a constituir-se como clãs os grupos que defendem opiniões divergentes, como as que interviram no último debate público.

(E) Ele era o mais importante testemunha do acalorado embate entre opiniões contrárias, de que adviram os textos de difusão que roduziu.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

✪ **Nota da autora:** Questão de verbo e concordância. Cuidado para não confundir o infinitivo pessoal com o futuro do subjuntivo. O verbo ***propor*** está no infinitivo e o verbo ***mediar*** foi conjugado corretamente (medeio, medeias, ***medeia***, mediamos, mediais, medeiam).

Infinitivo pessoal: não indica tempo e possui sujeito, por isso é chamado de pessoal. A conjugação é feita com o radical + as terminações. Exemplo: eu propor, tu propor***es***, ele propor, nós propo***mos***, vós propor***des***, eles propor***em***.

Futuro do subjuntivo: indica ação futura duvidosa e vem acompanhado das conjunções ***se*** ou ***quando***. Exemplo: quando ou se eu propuser, tu pro-

puseres, ele propuser, nós propusermos, vós propuserdes, eles propuserem.

Você pensou: são diferentes, por que é preciso ter cuidado? Simples: os verbos regulares (que não sofrem alteração no radical nem na desinência) são conjugados da mesma forma.

Infinitivo pessoal do verbo cantar: cantar, cantar***es***, cantar, cantar***mos***, cantar***des***, cantar***em***.

Futuro do subjuntivo: quando ou se eu cantar, tu cantares, ele cantar, nós cantarmos, vós cantardes, eles cantarem.

Problema: saber se o verbo está no infinitivo ou no futuro.

Solução: se estiver indicando tempo, ou seja, se estiver no futuro, virá acompanhado das conjunções mencionadas acima.

Exemplos: Para cantares, é necessário voz.(infinitivo) / Quando cantares, aplaudiremos.(futuro do subjuntivo).

Alternativa "a": *Atêm* – conjugado como o verbo ter. Por possuir sujeito plural, o verbo deve receber acento. Como em ele tem e eles têm.

Alternativa "b": Quando o grupo ***reouver***. Ocorreu outro erro: o plural de revés é ***reveses.***

Alternativa "d": *Intervieram*: intervir é conjugado como o verbo ***vir***.

Alternativa "e": Erro de concordância: ***a*** testemunha; erro de conjugação verbal: ***advieram*** – conjugado como o verbo ***vir***.

---

27. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2006) *"O perigo está em que o movimento de busca cesse e dê lugar à paralisia dos valores estratificados".* Alterando-se os tempos dos verbos da frase acima, a articulação entre suas novas formas estará correta em:

(A) O perigo estava em que o movimento da busca cessou e dera lugar à paralisia dos valores estratificados.

(B) O perigo estaria em que o movimento da busca cessasse e desse lugar à paralisia dos valores estratificados.

(C) O perigo estava em que o movimento da busca cessava e desse lugar à paralisia dos valores estratificados.

(D) O perigo estará em que o movimento de busca cessasse e tivesse dado lugar à paralisia dos valores estratificados.

(E) O perigo estaria em que o movimento da busca cessar e dar lugar à paralisia dos valores estratificados.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

✪ **Nota da autora:** Mais uma vez surge o uso dos dois tempos condicionais – futuro do pretérito do indicativo e pretérito imperfeito do subjuntivo (estaria, cessasse e desse).

Inviável corrigir as alternativas *a, c, d* e *e* porque só há uma possibilidade, que é usar os tempos condicionais.

---

28. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2006) Na transposição de uma voz verbal para outra, ocorre uma ***impropriedade*** no seguinte caso:

(A) *que constituiriam o "eixo do bem"* = o "eixo do bem" que seria constituído.

(B) *comprometemos de vez a dinâmica* = a dinâmica é por nós de vez comprometida.

(C) *a necessidade que temos de estabelecer algum juízo de valor* = a necessidade que temos de que houvesse sido estabelecido algum juíz de valor.

(D) *passa a classificar países inteiros* = países inteiros passam a ser classificados.

(E) *segundo o critério da religião que este professa* = segundo o critério da religião que por este é professada.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

✪ **Nota da autora:** Caso necessite, releia a dica da questão 9.

Correção da alternativa c: a necessidade que temos de que fosse estabelecido um juiz de valor (acrescente o verbo ***ser***).

Alternativa "a": *constituiriam* = seria constituído. Acrescenta-se o verbo ***ser*** no mesmo tempo da oração na voz ativa – futuro do pretérito do indicativo.

Alternativa "b": *comprometemos* = é comprometida. Presente do indicativo.

Alternativa "d": *passa a classificar* = passam a ser classificados. Presente do indicativo.

Alternativa "e": *professa* = é professada. Presente do indicativo.

---

29. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2006) *"Outra compensação encontrava eu em desfrutar, ainda que vagamente, da sombra da autoridade que emana de um fiscal de rendas".* Todas as palavras da frase acima poderão permanecer rigorosamente as mesmas caso as formas verbais sublinhadas sejam substituídas por, respectivamente,

(A) comprazer-me e esparge.

(B) deleitar-me e se associa.

(C) incorporar e projeta.

(D) usufruir e provém.

(E) beneficiar e instila.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

Questão de semântica e verbo – sentido das palavras (sem gabarito)

1. desfrutar = usufruir; fazer uso de vantagens, benefícios; possuir alguma coisa. Eliminadas A, B e C.

2. emana = ocorre em certo momento; tem início em (provir). Eliminada E.

3. AFR

Instruções: Considere o trecho abaixo para responder à questão.

Os políticos costumam ser rigorosos na aprovação de leis para o resto da sociedade, mas tendem a redigir textos mais compreensivos quando o que está na mira são os próprios deslizes. Mais de uma vez o Congresso aprovou leis criando limites para os gastos públicos sem no entanto estabelecer punições.

30. (AFR/SP – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2002) A primeira parte do trecho, reescrita no passado, apresenta-se correta quanto à correlação entre os verbos em:

(A) Os políticos costumaram ser rigorosos na aprovação de leis para o resto da sociedade, mas tendiam a redigir textos mais compreensivos quando o que estava na mira são os próprios deslizes.

(B) Os políticos costumam ser rigorosos na aprovação de Leis para o resto da sociedade, mas tenderam a redigir textos mais compreensivos quando o que estivesse na mira fossem os próprios deslizes.

(C) Os políticos costumaram ser rigorosos na aprovação de leis para o resto da sociedade, mas tendiam a redigir textos mais compreensivos quando o que estava na mira eram os próprios deslizes.

(D) Os políticos costumaram ser rigorosos na aprovação de leis para o resto da sociedade, mas tenderiam a redigir textos mais compreensivos quando o que estiver na mira forem os próprios deslizes.

(E) Os políticos costumavam ser rigorosos na aprovação de leis para o resto da sociedade, mas tenderiam a redigir textos mais compreensivos quando o que estiver na mira forem os próprios deslizes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

Nota da autora: Perceba que, dependendo do trecho, o verbo aparecerá no pretérito perfeito do indicativo ou no pretérito imperfeito do indicativo. Basta trabalhar por eliminação.

- costumam = costumaram. Eliminadas b e e.
- tendem = tendiam. Eliminada a d.
- está = estava.
- são = eram. Eliminada alternativa a.

31. (AFR/SP – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2002) No trecho "Com a nova lei, Pitta seria obrigado a liquidar a fatura até o final de seu governo", o emprego do verbo no futuro do pretérito indica:

(A) hesitação.

(B) dúvida

(C) possibilidade.

(D) obrigação.

(E) certeza.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – O futuro do pretérito do indicativo refere-se à ação condicional, ou seja, à ação que indica possibilidade.

Não há verbo que indica hesitação. Dúvida é subjuntivo; obrigação é imperativo; certeza é indicativo (presente e futuro do presente do indicativo).

4. CETRO

32. (Cetro – Auditor Fiscal Tributário Municipal – Campinas/SP) Leia o trecho abaixo e, em seguida, assinale a alternativa que preenche correta e respectivamente as lacunas.

O diretor _____ e _____ a discussão entre os funcionários, que foram dispensados. Contudo, um deles _____ seu emprego.

(A) interviu/ conteu/ reaviu

(B) interveio/ conteve/ reouve

(C) interveio/ conteve/ reaviu

(D) interviu/ conteu/ reouve

(E) interviu/ conteve/ reviu

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Intervir é conjugado como o verbo VIR = veio – interveio. Eliminadas alternativas a, d e e.

- Conter é conjugado como o verbo TER = teve – conteve. Nenhuma eliminada.
- Reaver é conjugado como o verbo HAVER = houve – reouve. Eliminada a alternativa c

QUESTÕES INÉDITAS

01. (Duda Nogueira) Transpondo-se para a voz passiva a construção *Depois veio a explicar o projeto inteiro*, a forma verbal resultante será:

(A) foi explicado.

(B) veio a ser explicado.

(C) explicou.

(D) fora explicado.

(E) tinha sido explicado.

COMENTÁRIOS

Resposta: "b"

Há dois verbos na voz ativa e isso significa que na passiva serão três. Eliminam-se as alternativas A, C e D.

Outro ponto a ser avaliado: tempo verbal = pretérito perfeito do indicativo (veio). Eliminada a alternativa E por dois motivos: alteração do tempo para pretérito imperfeito do indicativo e acréscimo do verbo *ter*. Só pode acrescentar o verbo SER.

Texto para a questão.

ALEGRIA QUE ELE QUER

Deus nos dá pessoas e coisas,

para aprendermos a alegria...

Depois, retoma coisas e pessoas

para ver se já somos capazes da alegria sozinhos...

Essa... a alegria que ele quer.

(João Guimarães Rosa)

02. (Duda Nogueira) É correto afirmar que, dentre as formas verbais destacadas no período acima,

(A) há um verbo na voz passiva.

(B) dois verbos no presente do indicativo e um no infinitivo.

(C) três verbos no presente do indicativo e dois no infinitivo.

(D) quatro verbos no presente do indicativo e dois verbos na voz ativa.

(E) há voz reflexiva.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

✪ **Nota da autora:** Questão de tempo, modo e vozes verbais.

Vamos analisar um a um:

1. Dá = presente do indicativo – voz ativa

2. Aprendermos = infinitivo pessoal: não indica tempo; indica finalidade. – Voz ativa

▸ **DICA**

2.1 INFINITIVO IMPESSOAL apresenta sentido genérico ou indefinido, não relacionado a nenhuma pessoa, e sua forma é invariável. Assim, considera-se apenas o processo verbal. É usado:

- **Quando apresenta uma ideia vaga, genérica, sem se referir a um sujeito determinado:** É proibido **colar** cartazes neste recinto;
- **Quando tiver o valor de Imperativo:** Leitores, estudar! (= Estudai!);
- **Quando é regido de preposição e funciona como complemento de um substantivo, adjetivo ou verbo da oração anterior:** Os candidatos foram impedidas **de participar** da prova;

Observação: na voz passiva dos verbos "**contentar**", "**tomar**" e "**ouvir**", por exemplo, o infinitivo (verbo auxiliar) deve ser flexionado. Exemplo: Aqueles livros são ruins de **serem** lidos.

- **Nas locuções verbais:** Vamos **pensar** no seu caso.
- **Quando o sujeito do infinitivo é o mesmo do verbo da oração anterior:** Todos foram condenados a **pagar** pesadas multas.

Observação: quando o infinitivo preposicionado, ou não, preceder ou estiver distante do verbo da oração principal (verbo regente), pode ser flexionado para melhor clareza do período e também para se enfatizar o sujeito (agente) da ação verbal: Na esperança de **sermos** contemplados, muito lhe agradecemos.

- Com os verbos causativos "deixar", "mandar" e "fazer" e seus sinônimos que não formam locução verbal com o infinitivo que os segue: Deixei-os **fazer** a prova ontem.

- **Com os verbos sensitivos "ver", "ouvir", "sentir" e sinônimos, deve-se também deixar o infinitivo sem flexão:** Vi-os **chegar** atrasados.

(Fonte: Livro Simuladaço Língua Portuguesa, Editora JusPodivm)

DICAS

1. MODOS

- INDICATIVO: certeza
- SUBJUNTIVO: dúvida
- IMPERATIVO: ordem

2. TEMPOS

A) **Presente**:

- do indicativo: indica ação que acontece no momento da fala; hábito.
- do subjuntivo: indica hipótese, dúvida.

B) **Futuro**:

- do presente do indicativo: ação futura certa (amanhã)
- do pretérito do indicativo: tempo condicional
- do subjuntivo: ação futura duvidosa

C) **Pretérito**:

- Perfeito do indicativo: ação concluída (ontem)
- Imperfeito do indicativo: ação prolongada, contínua
- Mais-que-perfeito do indicativo: ação passada em relação a outra ação também passada.
- Imperfeito do subjuntivo: tempo condicional

3. VOZES VERBAIS

A) **Voz ativa:** o sujeito pratica a ação.

Todos os alunos ouviram aquela música.

sujeito V.T.D. objeto direto

- Para passar uma oração da voz ativa para a passiva, o objeto direto é obrigatório.

B) **Voz passiva:** o sujeito sofre a ação

Passiva Analítica: SER + PARTICÍPIO

Aquela música foi ouvida por todos os alunos.

sujeito paciente ser + partic. agente da passiva

Passiva Sintética: V.T.D(I) + SE = V.P. (sujeito)

Vende – se livro. V.P. sintética

V.T.D. + se = VP sujeito

Livro é vendido. V.P. analítica

C) **Voz reflexiva**: o sujeito pratica e sofre a ação.

Ele se feriu ontem à noite.

- **Correlações de tempos verbais mais pedidas em concursos.**
- presente do indicativo = presente do indicativo ou presente do subjuntivo
- pretérito perfeito do indicativo = pretérito mais-que-perfeito do indicativo ou pretérito imperfeito do indicativo
- pretérito imperfeito do indicativo = pretérito imperfeito do subjuntivo ou pretérito imperfeito do indicativo
- futuro do presente do indicativo = futuro do subjuntivo
- futuro do pretérito do indicativo = pretérito imperfeito do subjuntivo.

▶ **Dica – Seria** (tempos condicionais: terminação do verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo **-se** é futuro do pretérito do indicativo **-ria**).

Parte IV

Análise sintática

Estudaremos, agora, a relação dos termos na oração. Fundamental estar atento à predicação verbal, tópico mais exigido.

Questões inéditas: **Simuladaço Língua Portuguesa**

Teoria e questões: **Língua Portuguesa para concursos**

QUESTÕES FÁCEIS

1. VUNESP

Charge para a próxima questão.

RECRUTA ZERO

(Leila Lauar Sarmento e Douglas Tufano. Português. Volume Único)

01. (VUNESP – Agente Penitenciário – SP/2013) Nos primeiro e segundo quadrinhos, estão em destaque dois advérbios: AÍ e AINDA.

Considerando que advérbio é a palavra que modifica um verbo, um outro advérbio ou um adjetivo, expressando a circunstância em que determinado fato ocorre, assinale a alternativa que classifica, correta e respectivamente, as circunstâncias expressas por eles.

(A) Lugar e negação.

(B) Lugar e tempo.

(C) Modo e afirmação.

(D) Tempo e tempo.

(E) Intensidade e dúvida.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Fazendo a pergunta correta: Acabo de limpar **onde**? Aí = lugar. Ainda = já: tempo.

Alternativa "a" – Não nega.

Alternativa "c" – Não se pergunta *como* e não afirma.

Alternativa "d" – Não se faz a pergunta *quando?*

Alternativa "e" – Não há relação de intensidade, nem de dúvida.

02. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2012) Na passagem – Talvez sim, talvez não. Abundance é definitivamente um livro ousado... –, o advérbio em destaque equivale a

(A) oportunamente, estabelecendo relação de tempo.

(B) decididamente, estabelecendo relação de afirmação.

(C) previsivelmente, estabelecendo relação de intensidade.

(D) possivelmente, estabelecendo relação de certeza.

(E) provavelmente, estabelecendo relação de dúvida.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – *Definitivamente* significa decididamente, de forma concludente; é uma relação afirmativa.

Alternativa "a" – É definidamente e não há relação de tempo.

Alternativa "c" – Não há indícios de previsão nem de intensidade.

Alternativa "d" – Afirma que é definitivamente e possivelmente não denota certeza.

Alternativa "e" – Não estabelece dúvida.

03. (Vunesp – Agente de Segurança Penitenciária – SP/2012) Assinale a alternativa cuja palavra em destaque é uma preposição que estabelece, entre as palavras, relação de **finalidade.**

(A) ... continuem **a** matar no trânsito

(B) ... número **de** mortes em acidentes de trânsito.

(C) ... a ineficácia **do** atual Código de Trânsito.

(D) ... vítimas fatais **em** ruas e avenidas.

(E) ... um dos caminhos **para** inibir as pessoas .

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta

✪ **Nota da autora:** Questão de preposição (relação) e análise sintática (adjunto adverbial).

– Para quê? Para inibir as pessoas = finalidade.

▶ **Dica – Relações da preposição:**

Caneta **de** Maria	Posse	De quem?
Ver **de** perto	Lugar	De onde?
Mesa **de** trabalho	Finalidade	Para que a mesa?
Morreu **de** felicidade	Causa	Morreu de quê?
Falava **de** amor	Assunto	Falava de quê?
Saiu **com** os amigos	Companhia	Saiu com quem?
Sou **de** Ribeirão	Lugar (origem)	De onde?
Bola **de** couro	Matéria	De que é feita a bola?
A música é **de** Caetano Veloso	Autoria	De quem?
A escolha será **por** sorteio	Modo ou conformidade	Como?
Andaremos **a** cavalo	Meio	De quê?
Palmeiras jogou **contra** Corinthians	Oposição	Contra quem?
Tomei um copo **de** vinho	Conteúdo	De quê?
Vendeu o livro **(a) por** R$ 50,00	Preço	Por quanto?
Formou-se **em** medicina	Especialidade	Em quê?
Olhe **para** frente sempre	Destino ou direção	Para onde?
Foi **até** o fim	Limite	
Está **sem** paciência	Ausência, falta	
Saiu do palco **sob** muitos aplausos	Lugar conotativo (sentido figurado)	

Alternativa "a" – Modo: como?

Alternativa "b" – Nem todas as preposições indicam, obrigatoriamente, relações. Esse é um caso. Podemos classificar como especificidade: de quê?

Alternativa "c" – Posse: de quê?

Alternativa "d" – Lugar: onde?

04. (Vunesp – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – SP/2012) O termo destacado em – Seu avô leva os quadrinhos bem a sério. – pode ser trocado, sem alteração de sentido, por

(A) muito.

(B) pouco.

(C) bom.

(D) bastantes.

(E) muitos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de classes gramaticais, concordância e análise sintática (morfossintaxe).

Muito = advérbio de intensidade (significa: em grande quantidade, bastante); bem = advérbio de intensidade (significa: muito, bastante).

Alternativa "b" – pouco = advérbio (antônimo de muito).

Alternativa "c" – bom = adjetivo (significa: bondoso, generoso, magnânimo, benévolo)

Alternativa "d" – bastantes =

▶ Adjetivo:que basta ou é suficiente.

Exemplo: Ele já me deu demonstrações bastantes de que gosta de você

▶ Pronome indefinido: muito, numeroso.

Exemplo: Há bastantes mosquitos aqui.

Alternativa "e" – muitos = pronome indefinido.

05. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/ 2010) Assinale a alternativa em que a colocação dos termos na frase foge da usual, tal como se observa em... do futebol de conchavos nada se aprende.

(A) A mídia usa os ídolos para comover a população com emoções fortes.

(B) A nação embarca num patriotismo desproporcional às vésperas de cada Copa.

(C) O futebol se amarrou à autoimagem do país para sempre.

(D) Dos técnicos de futebol muito se fala.

(E) O surgimento consagrador de Pelé compensou o trauma de 1950.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Dos técnicos de futebol muito se fala. A colocação usual dos termos da frase seria: fala-se muito dos técnicos de futebol, ou seja, a oração não se inicia com o sujeito.

▶ **Dica** – Bastaria eliminar as alternativas que se iniciam com sujeito.

Alternativa "a" – A mídia (sujeito); verbo usar: transitivo direto; para comover a população: adjunto adverbial de finalidade.

Alternativa "b" – A nação (sujeito); verbo embarcar: intransitivo.

Alternativa "c" – O futebol (sujeito); verbo amarrar-se: transitivo indireto.

Alternativa "e" – O surgimento consagrador de Pelé (sujeito); verbo compensar: transitivo direto.

---

06. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/ 2010) Assinale a alternativa em que as duas frases apresentam sujeito composto, como em ... racionalidade e irracionalidade não são duas instâncias lado a lado,...

(A) Vargas e seus ministros não eram fãs de futebol./ Mas o governo Vargas reinventou o Brasil, dando-lhe identidade cultural.

(B) Mario Filho e Nelson Rodrigues foram os grandes cronistas do futebol./ Não se sentem à vontade para falar de futebol os comentaristas e os cronistas mais velhos.

(C) Dois historiadores estrangeiros não querem usar o futebol para pregar nacionalismo./ O mundo exalta os ídolos por unir beleza e eficácia.

(D) A fase de autoafirmação por meio do futebol já passou./ Geram ainda muita polêmica o futebol-arte e o futebol-força.

(E) Eram dois grandes escritores, mas não se davam bem./ Intelectuais estrangeiros dedicam-se a estudar o fenômeno do futebol no Brasil.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta

- Primeira frase: Mário Filho e Nelson Rodrigues = sujeito composto – apresenta dois núcleos.
- Segunda frase: Os comentaristas e os cronistas mais velhos = sujeito composto – apresenta dois núcleos: comentaristas, cronistas.

Alternativa "a" – Só a primeira frase apresenta sujeito composto: Vargas e seus ministros. Segunda frase: sujeito simples = o governo Vargas.

Alternativa "c" – Primeira frase: sujeito simples = dois historiadores estrangeiros. Segunda frase: sujeito simples = o mundo.

Alternativa "d" – Só a segunda frase apresenta sujeito composto (o futebol-arte e o futebol-força). Primeira frase: – a fase da autoafirmação por meio do futebol.

Alternativa "e" – Primeira frase: sujeito simples = dois grandes escritores. Segunda frase: sujeito simples = intelectuais estrangeiros.

---

07. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/ 2010) Assinale a alternativa em que a oração se estrutura, sequencialmente, com as mesmas funções sintáticas dos termos da oração: As artes nunca desperdiçam nosso tempo.

(A) Os prazeres da vida não têm as mesmas relações com o jogo?

(B) O futebol me ensinou muito mais que os livros de história.

(C) Os intelectuais sempre criticam os esportes.

(D) Projetamos sobre o futebol um gosto pela façanha.

(E) Os livros e as artes sempre são importantes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

As artes	nunca	desperdiçam	nosso tempo
sujeito	adj. adv. tempo	V.T.D.	O.D.

Os intelectuais	sempre	criticam	os esportes
sujeito	adj. adv. tempo	V.T.D.	O.D.

Alternativa "a"

Os prazeres da vida	não	têm	as mesmas relações com o jogo?
sujeito e adjunto adnominal do sujeito (da vida)	adj. adv. negação	V.T.D.	O.D.

Alternativa "b"

O futebol	me	ensinou	muito mais	que os livros de história
sujeito	O.I.	V.T.D.I.	adj. adv. intensidade	Sujeito do verbo elíptico ensinou

Alternativa "d"

Projetamos	sobre o futebol	um gosto	pela façanha
V.T.D.	adj. adv. lugar	O.D.	C.N.

Alternativa "e"

Os livros e as artes	sempre	são	importantes
sujeito composto	adj. adv. tempo	V.L.	predicativo do sujeito

---

08. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/ 2010) A alternativa em que as duas expressões em destaque exercem, no contexto frasal, a função sintática de circunstância de tempo, é:

(A) **Quando** algumas pessoas que **só** acompanham meu trabalho cultural sabem que admiro futebol...

(B) ... sugerem que os livros e as artes **sempre** são importantes e **nunca** desperdiçam nosso tempo...

(C) **Como** nas artes, na política **ou** na paquera, o grande segredo mora no "timing".

(D) O futebol **também** me ensinou **sobre a natureza humana**.

(E) **Se** 2 bilhões de pessoas param para ver a Copa do Mundo, um observador cultural **não** pode ficar indiferente a isso.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – As duas expressões em destaque exercem no contexto, a função sintática temporal, através dos adjuntos adverbiais de tempo, basta fazer a pergunta quando?

Alternativa "a" – Quando: tempo; só: exclusão = apenas.

Alternativa "c" – Comparação e alternância.

Alternativa "d" – Inclusão e assunto.

Alternativa "e" – Condição e negação.

---

09. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/ 2010) Assinale a alternativa em que a expressão em destaque exerce ao mesmo tempo dupla função sintática.

(A) Todos sabem *que admiro futebol.*

(B) O futebol ensina *belas lições* ao autor.

(C) O professor decidiu *defender a tese.*

(D) Pelé pensa *rápido.*

(E) Quantos prazeres da vida não têm *a mesma relação* com o jogo?

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

- Pelé pensa como? Rápido = adjunto adverbial de modo.
- Pelé pensa e é rápido = predicativo do sujeito.

Alternativa "a" – Objeto direto.

Alternativa "b" – Objeto direto.

Alternativa "c" – Objeto direto.

Alternativa "e" – Objeto direto.

---

10. (Vunesp – Agente de Segurança Penitenciária – SP/2009) Em *"Posteriormente, essa instituição passou a se denominar Educandário Sampaio Vieira..." (Livres, anônimos e abandonados. Sociologia: ciência&vida, ano II, n. 17. Adaptado), o advérbio Posteriormente indica _____ e seu antônimo é _____."* Os espaços da frase devem ser preenchidos, correta e respectivamente, com

(A) modo ... antigamente

(B) tempo ... anteriormente

(C) afirmação ... concomitantemente

(D) tempo ... após

(E) modo ... raramente

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta

- Quando? Posteriormente = tempo. Eliminadas alternativas *a, c* e *e.*
- Antônimo: anteriormente. Eliminada alternativa *d.*

---

11. (Vunesp – Agente de Segurança Penitenciária – SP/2009) Na frase – *"... e atacou uma delas com disposição."* (O caso da coxinha envenenada. Folha de S.Paulo, 11.03.2009) – a preposição com forma uma expressão indicativa de

(A) conformidade.

(B) comparação.

(C) causa.

(D) modo.

(E) consequência.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

✪ **Nota da autora:** Questão de preposição (relação) e análise sintática (adjunto adverbial).

▶ Atacou uma delas como? = Modo.

Alternativa "a" – Indica regra = conforme.

Alternativa "b" – Normalmente há **verbo elíptico**: Estudou como ele (estuda).

Alternativa "c" – Faz-se a pergunta **por quê?**

Alternativa "e" – Encaixa-se a locução **de modo que** entre as orações.

---

12. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2008) Sobre a oração – ... a pobre anda humilhada demais. – afirma – se que

I. o sujeito é a expressão *a pobre*;

II. o predicado é verbal;

III. o núcleo do predicado é o termo *anda*.

Está correto apenas o que se afirma em

(A) I.

(B) II.

(C) III.

(D) I e III.

(E) II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta

I. Correto. A pobre: sujeito simples.

II. Errado. O predicado é nominal e possui, como núcleo, humilhada: predicativo do sujeito a pobre e o verbo andar é um verbo de ligação.

III. Errado. O núcleo do predicado nominal é o predicativo.

▶ **Dica:**

P.V. = verbo (menos o de ligação)

P.N. = verbo de ligação + predicativo (núcleo)

P.V.N. = verbo (+ verbo de ligação elíptico) + predicativo

---

13. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2008) Em – ... está contida também nas leis ***tão mal*** cumpridas do país. – as duas expressões adverbiais em destaque estabelecem, respectivamente, relação de

(A) modo e tempo.

(B) intensidade e modo.

(C) modo e modo.

(D) intensidade e causa.

(E) modo e causa.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Tão: advérbio de intensidade (tão, tanto); mal: advérbio de modo (mal, bem).

Alternativa "a" – Tão não indica modo e mal não indica tempo.

Alternativa "c" – Tão não indica modo e mal não indica modo.

Alternativa "d" – Mal não indica causa.

Alternativa "e" – Tão não indica modo e mal não indica causa.

Texto:

Num governo, é o oposto de assistencialismo, que dá alguns trocados aos despossuídos, em lugar de emprego e educação, que lhes devolveriam a dignidade. É lutar pelo bem comum, perseguindo e escancarando a verdade mesmo que contrarie grandes e vários interesses.

---

14. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2008) Assinale a alternativa em que, na primeira coluna, está indicada, corretamente, a palavra a que se refere o pronome *lhes* e, na segunda, um emprego sintático semelhante do pronome.

a)	Governo	A leitura dos contos era-lhe uma atividade bem prazerosa.
b)	Assistencialismo	O cabeleireiro cortou-lhe os cabelos com navalha.
c)	Trocados	Foi-lhe bastante útil o exercício sobre regência.
d)	Despossuídos	Informaram-lhe com atraso os dias de matrícula.
e)	Emprego e educação	A namorada rasgou-lhe as cartas por ciúmes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Primeira coluna: despossuídos = objeto indireto do verbo dar: dar algo a alguém. Segunda coluna: lhe = objeto indireto da forma verbal informaram (a alguém) lhe objeto indireto.

Alternativa "a" – governo: núcleo do adjunto adverbial; lhe: complemento nominal (prazerosa a ele).

Alternativa "b" – assistencialismo: adjunto adnominal; lhe: objeto indireto da ação verbal cortou = os cabelos de alguém.

Alternativa "c" – trocados: núcleo do objeto direto alguns trocados; lhe: complemento nominal.

Alternativa "e" – Rasgou **suas** cartas: adjunto adnominal.

▶ **Dica** – Sempre que o pronome LHE puder ser substituído por pronome possessivo, terá função de adjunto adnominal. *Emprego e educação* não são adjuntos adnominais.

Charge:

(Quino, Toda Mafalda)

15. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2008) No último quadrinho, a vírgula empregada antes de *pessoal* se explica por separar, na oração, o

(A) vocativo.

(B) sujeito.

(C) aposto.

(D) complemento nominal.

(E) objeto direto.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Vocativo: termo de chamamento, de invocação, e se caracteriza pela entonação exclamativa.

Alternativa "b" – O sujeito da expressão exclamativa: *olha aqui, pessoal* é **a gente**, da oração subsequente.

Alternativa "c" – Aposto é o termo que explica ou esclarece um termo.

Alternativa "d" – Complemento nominal completa o sentido de uma palavra: substantivo, adjetivo, ou advérbio e se liga a eles através da preposição.

Alternativa "e" – Objeto direto é complemento verbal: **o mundo.**

Texto:

Da ambição se pode dizer que é uma força que, ao contrário da liberdade, não termina onde a do outro começa. O ambicioso não enxerga o cume nem quando o atinge. O céu para ele não é o limite. Não é por outra razão que os maiores desastres humanos foram gestados pela ambição sem limites. Em contrapartida, os mais espetaculares saltos intelectuais, científicos e políticos trazem a assinatura de homens e mulheres ambiciosos. (Veja, 01.03.2006)

16. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2007) Assinale a alternativa em que as palavras em destaque exercem, respectivamente, as mesmas funções sintáticas de *humanos* e *a assinatura*, em destaque no trecho.

(A) Uma situação muito *debatida* diz respeito *às mulheres ambiciosas.*

(B) É preciso ter uma visão *sensata* da ambição: não é apenas ganhar *dinheiro* ou ficar famoso.

(C) Há ambiciosos *compulsivos* que se sentem ameaçados pela opinião *dos outros.*

(D) *A ambição* feminina pode ser considerada mais *ampla.*

(E) Não há *razão* alguma para acreditar que a ambição *masculina* seja maior que a feminina.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta

- os maiores desastres *humanos:* sujeito paciente. Núcleo: desastres; *humanos:* adjunto adnominal.
- científicos e políticos trazem *a assinatura:* trazer é transitivo direto e *a assinatura* possui função sintática de objeto direto.

Alternativa b: – uma visão *sensata*: objeto direto. Núcleo: visão; *sensata*: adjunto adnominal.

- ganhar *dinheiro*: ganhar é transitivo direto e *dinheiro* possui função sintática de objeto direto.

Alternativa "a" – adjunto adnominal e complemento nominal.

Alternativa "c" – adjunto adnominal e adjunto adnominal ou aposto especificativo.

Alternativa "d" – sujeito e predicativo do sujeito.

Alternativa "e" – objeto direto e adjunto adnominal.

---

17. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2007) Assinale a alternativa em que as palavras em destaque exercem, respectivamente, a mesma função sintática das expressões assinaladas em: *Os graduados* apenas *ocasionalmente* exercem *a profissão.*

(A) Se aprendem pouco, *a culpa* é da *fragilidade* do ensino *básico*.

(B) *A interferência* das corporações não *passa* de uma prática *monopolista*.

(C) *Abrir e* fechar *cursos de* "formação geral" é *assunto* do MEC.

(D) *O estudante* de direito *exercita* preferencialmente uma lógica *rigorosa*.

(E) *Boas razões* existirão *sempre* para o advogado buscar *conhecimento*.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – *Os graduados* e *boas razões* = sujeito simples plural. *Ocasionalmente* e *sempre* = advérbio temporal. *A profissão* e *conhecimento* = objeto direto.

✪ **Nota da autora:** Fazer a análise sintática de todos os vocábulos leva a uma perda de tempo imensa. Indicamos que o candidato sempre escolha um termo para trabalhá-lo nas alternativas. Vamos iniciar pelo último termo para eliminarmos as outras alternativas? *A profissão:* objeto direto.

Alternativa "a" – Básico: aposto especificativo de **ensino.** Eliminada.

Alternativa "b" – Monopolista: aposto especificativo de **prática.** Eliminada.

Alternativa "c" – Assunto: predicativo do sujeito. Eliminada.

Alternativa "d" – Conhecimento: objeto direto; **exercita:** verbo transitivo direto. Eliminada.

---

18. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2007) Assinale a alternativa em que o adjetivo em destaque tem a mesma função predicativa do adjetivo *genéricas* em – *Previsões sobre desnutrição, aumento de moléstias ligadas à água, como diarreias, são genéricas.*

(A) Até 2050 o acesso à água *potável* e aos alimentos diminuirá.

(B) O impacto do aquecimento *global* atingirá a África severamente.

(C) Os fenômenos *extremos* também trarão impacto à saúde.

(D) Se houver uma migração em massa de gente *doente*, aí haverá um problema.

(E) São *conflitantes* as conclusões a respeito da África.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – *são genéricas:* verbo de ligação + predicativo do sujeito; *São conflitantes:* verbo de ligação + predicativo do sujeito.

Alternativa "a" – Potável – adjunto adnominal do sujeito.

Alternativa "b" – Global – adjunto adnominal do substantivo sujeito.

Alternativa "c" – Extremos – adjunto adnominal do sujeito.

Alternativa "d" – Doente – adjunto adnominal do complemento nominal *de gente doente.*

---

19. (TJ – SP – Oficial de Justiça – TJ – SP/1999)

Não quero aparelhos

para navegar.

Ando naufragado,

Ando sem destino.

Pelo voo dos pássaros

quero me guiar...

(Jorge de Lima)

Os verbos destacados no poema classificam-se, quanto à predicação, como:

(A) transitivo indireto _ verbo de ligação

(B) transitivo indireto _ intransitivo

(C) transitivo direto _ intransitivo

(D) transitivo direto _ verbo de ligação

(E) transitivo direto e indireto _ transitivo direto

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

- Quero algo: V.T.D. / aparelhos: O.D.

  Eliminadas *a* e *b*.

- Ando naufragado = estou naufragado: verbo de ligação. Eliminadas *c* e *e*.

20. (TJ – SP – Oficial de Justiça – TJ – SP/1999)

Os jardins de corais do litoral da Flórida (EUA) estão estressados. Esse foi o diagnóstico feito por biólogos marinhos depois de analisarem pequenas manchas brancas que estão infestando as formações de corais de todas as cores. Essas manchas, causadas por bactérias, são sintomas de stress. (Isto É, 16/9/98)

Com base no texto podemos constatar:

(A) que o objeto direto do verbo analisar é pequenas manchas brancas.

(B) que de corais é adjunto adverbial.

(C) que sintomas de stress é objeto indireto do verbo ser.

(D) que da Flórida (EUA) é predicativo.

(E) que essas manchas é núcleo do sujeito.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Quem analisa, analisa algo: V.T.D.

Alternativa "b" – Adjunto adnominal.

Alternativa "c" – Predicativo.

Alternativa "d" – Adjunto Adverbial de lugar.

Alternativa "e" – núcleo: manchas; essas: adjunto adnominal.

2. FCC

21. (FCC – Agente Penitenciário – BA/2010) *"... que a natureza tinha seus próprios ritmos, alguns regulares e outros irregulares".* (Marcelo Gleiser. Folha de S. Paulo, Mais!, 23 de agosto de 2009, com adaptações) A frase cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:

(A) Nossa espécie, o Homo sapiens, apareceu em torno de 200 mil anos atrás ...

(B) ... que grandes migrações da África em direção à Eurásia e à Oceania ocorriam já há 70 mil anos.

(C) Os perigos eram muitos ...

(D) ... se gotas caíam ritmicamente das folhas ...

(E) ... mostram uma enorme variedade de animais...

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Verbos **ter** e **mostrar** são transitivos diretos: algo.

Alternativa "a" – Intransitivo.

Alternativa "b" – Intransitivo.

Alternativa "c" – Intransitivo.*

Alternativa "d" – Intransitivo.

▶ **Dica** – Minuciosidades do verbo de ligação

(*) **Obs.:** o verbo "ser" pode também ser intransitivo quando seu significado se equivaler a "realizar-se", "ocorrer", acompanhado sempre de um adjunto adverbial de tempo ou lugar.

Ex: A solenidade de formatura será no Central Park.

Sujeito | verbo intransitivo | adjunto adverbial de lugar

- Os verbos, ser, estar, permanecer, ficar e continuar classificar-se-ão como intransitivos quando indicarem posição do sujeito em um dado lugar.

Ex: Os candidatos permanecem na sala de provas. Sujeito | verbo intransitivo | adjunto adverbial de lugar

- Em determinados contextos linguísticos, haverá a possibilidade de os verbos transitivos e intransitivos ocuparem o posto de verbo de ligação.

Ex: Aqui a menina vira um anjo.

aqui g adjunto adverbial de lugar

a menina g sujeito

vira g verbo transitivo direto

um anjo g objeto direto

- O predicativo do sujeito também poderá ocorrer com verbos intransitivos ou transitivos.

Ex: A aluna, atormentada, caminhava pela escola.

Sujeito | predicativo | verbo intransitivo

Fonte: Disponível em www.portugues.com.br.

22. (FCC – Agente de Segurança Penitenciária – PB/ 2008) *"Quem acompanhou a trajetória do Programa Nacional do Álcool..."* (O Estado de S. Paulo, B2 Economia, 16 de março de 2008, com adaptações). O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o do grifado acima está na frase:

(A) *...ninguém apostava no seu êxito imediato ...*

(B) *...com que ele não contava em experiências anteriores do uso do álcool...*

(C) *...sabe de seus altos e baixos.*

(D) *...provocaram a queda das vendas desses veículos ...*

(E) *...que se tornaram residuais.*

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Acompanhar e provocar são transitivos diretos (algo) e exigem objeto direto como complemento.

Alternativa "a" – Transitivo indireto.

Alternativa "b" – Transitivo indireto.

Alternativa "c" – Transitivo indireto.

Alternativa "e" – Verbo de ligação.

3. FUNRIO

23. (Funrio – Agente Penitenciário Federal/ 2009) Chama-se adequação sintática a construção coerente de períodos e orações, observadas as relações existentes entre seus termos e a sua organização. Qual o parágrafo dentre os abaixo transcritos que preserva o princípio do paralelismo sintático, segundo o qual quaisquer elementos da frase coordenados entre si devem apresentar estrutura gramatical similar?

(A) Aqui não pretendemos defender a ideia de mais intervenção do Estado na economia ou que ele volte a produzir aço em grande quantidade.

(B) Aqui não pretendemos defender a ideia de que o Estado intervenha mais na economia ou a volta de uma produção de aço em grande quantidade.

(C) Aqui não pretendemos defender a ideia de que o Estado intervenha mais na economia ou que volte a produzir aço em grande quantidade.

(D) Aqui não pretendemos defender a ideia de que a intervenção do Estado deva ser maior na economia ou uma produção de aço voltando a ter quantidade.

(E) Aqui não pretendemos defender a ideia de um Estado intervindo mais na economia ou que ele volte à produção de aço em grande quantidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Aqui (adjunto adverbial de lugar) não (adjunto adverbial de negação) pretendemos (verbo transitivo direto) defender a ideia (objeto direto oracional de pretendemos) de que o Estado intervenha mais na economia ou que volte a produzir aço em grande quantidade.

Alguns erros:

Alternativa "a" – a ideia de **mais** intervenção do Estado.

Alternativa "b" – ou a **volta** de uma produção de aço em grande quantidade.

Alternativa "d" – a intervenção do Estado deva ser maior na economia ou uma produção de aço voltando a ter quantidade.

Alternativa "e" – um Estado intervindo mais na economia.

4. UECE

24. (UECE – Agente Penitenciário – CE/2011) Analise as seguintes frases tiradas do texto "A falta que nos move" **(Vida Simples. Set 2011, p. 48-51)**

I. "a atriz Ísis Valverde desabafou".

II. "diz a professora de mitologia HeleniceHartmann".

III. "sugere o filósofo francês André Comte – Sponville".

Com base na estrutura sintática das frases, é correto dizer-se que há sujeito em

(A) I e II apenas.

(B) I e III apenas.

(C) II e III apenas.

(D) I, II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Faz-se a pergunta **quem?** ao verbo.

I. Sujeito: a atriz Ísis Valverde.

II. Sujeito: a professora de mitologia HeleniceHartmann.

III. Sujeito: o filósofo francês André Comte – Sponville.

25. (UECE – Agente Penitenciário – CE/2011) Na sequência "avançar sinal vermelho, jogar lixo na rua, furar fila, ignorar faixa de pedestre"(SILVA, Marcos José Diniz. Diário do Nordeste. 25 set. 2011. Cad. 1, p. 3), o autor empregou somente verbos

(A) de ligação.

(B) transitivos diretos.

(C) transitivos indiretos.

(D) intransitivos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Avançar algo; jogar algo; furar algo; ignorar algo.

Alternativa "a" – Não há predicativo.

▶ **Dica** – Sem predicativo, não há verbo de ligação (não indica ação).

Alternativa "c" – Não exigem preposição.

Alternativa "d" – Exigem complementos.

5. FGR

26. (FGR – Agente de Segurança Penitenciária – MG/2007) A partícula "SE" NÃO está classificadas corretamente em:

(A) O juiz zangou-se com tantas reclamações. (parte integrante do verbo)

(B) Localizaram-se as testemunhas todas. (pronome apassivador)

(C) Cultiva-se muito mal o respeito pelo outro. (índice de indeterminação do sujeito)

(D) Precisa-se de bons Agentes de Segurança Penitenciários. (parte integrante do verbo)

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: anulada por haver duas respostas.

Alternativa "a" – Parte integrante do verbo. Verbos pronominais: arrepender-se, sentar-se, queixar-se, zangar-se, penteaí-se, enganar-se etc.

Alternativa "b" – As testemunhas foram localizadas.

Alternativa "c" – O respeito é cultivado: pronome apassivador. ERRADA.

Alternativa "d" – Verbo transitivo indireto + SE = índice de indeterminação do sujeito. ERRADA.

27. (FGR – Agente de Segurança Penitenciária – MG/2007) Leia o trecho abaixo:

"Com uma hora, nós conseguimos conter o tumulto na cadeia, mas não tínhamos condições de adentrar no prédio sem apagar o incêndio, sem o rescaldo e diminuir a quantidade de fumaça, que era enorme", justificou o delegado regional Luiz Carlos Chardouni.

O texto combinou vocábulos (grifados) bem precisos para colocar em evidência:

(A) Verbo intransitivo e substantivo masculino.

(B) Verbo transitivo direto e substantivo masculino.

(C) Verbo regular e substantivo abstrato.

(D) Verbo intransitivo e substantivo concreto.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta

✪ **Nota da autora:** Questão de análise sintática e substantivo.

- Adentrar: intransitivo seguido de adjunto adverbial de lugar. Eliminadas alternativas *b* e *c*.
- O rescaldo: substantivo masculino e abstrato. Eliminada *d*.

6. CESPE

Trecho para a próxima questão.

O Brasil apostou alto na parceria firmada com a Bolívia para o suprimento de gás. O país comprometeu-se a comprar um enorme volume do produto antes mesmo que os reservatórios tivessem sua capacidade de oferta comprovada. O Brasil também bancou financeiramente grande parte do gasoduto construído no lado boliviano. (O Globo, Editorial, 12/4/2009, com adaptações).

28. (CESPE – Agente de Segurança Penitenciária – ES/2009) Em "O país comprometeu-se", o pronome "se" tem a função de sujeito indeterminado.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não, o "se" tem função pronominal. Veja abaixo:

se

pr. pess. (pronominal pessoal)

1. Indica que a ação do verbo afeta o sujeito da frase: Maria vestiu-se em dois minutos: As ondas se espalhavam pela praia;

3. Usado com verbos pronominais que expressam mudança de estado, sentimento, ou movimento: O abajur espatifou-se no chão: Ângela alegrou-se com as visitas: Encaminhou-se à diretoria para fazer a queixa;

4. Us. como parte integrante de certos verbos (p.ex., arrepender-se, suicidar-se, queixar-se); (fonte: Dicionário Aulete Digital)

QUESTÕES MÉDIAS

1. NÍVEL MÉDIO

1.1. FCC

01. (FCC TRT 4 – 2015 Técnico Judiciário) *E havia uma gramática...*

O verbo que possui o mesmo tipo de complemento que o verbo grifado acima está empregado em:

(A) João só será definitivo...

(B) Estão em toda parte.

(C) E não exigem nada.

(D) Eu sonho com um poema ...

(E) As pessoas atrapalham.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

- Havia = verbo transitivo direto; uma gramática = objeto direto;

- Exigem = verbo transitivo direto; nada = objeto direto.

(A) verbo de ligação + predicativo do sujeito.

(B) intransitivo + adjunto adverbial de lugar.

(D) transitivo indireto + objeto indireto.

(E) intransitivo.

---

02. (FCC TRT 4 - 2015 Técnico Judiciário) ... *ou seja, como fornecedora de alimentos para o mercado interno.*

A relação estabelecida entre os termos constantes do segmento sublinhado acima está reproduzida no segmento, também sublinhado, em:

(A) *Nas cidades do Sul* ...

(B) ... *e a exposição de um certo verniz social* ...

(C) ... *implicavam em moldar as mulheres de uma determinada classe.*

(D) *Nas imagens dos jornais das cidades do Sul* ...

(E) *Os altos preços do café no mercado externo* ...

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

- Em "fornecedora de alimentos" temos sentido passivo: alimentos são fornecidos. Função sintática = complemento nominal;

- Em "exposição de um certo verniz social" também há sentido passivo: um certo verniz social é exposto. Função sintática = complemento nominal.

▶ **DICA**

Termo preposicionado e ligado a um substantivo:

→ complemento nominal = sentido passivo;

→ adjunto adnominal = sentido ativo.

Vamos conferir as alternativas.

(A) Adjunto adverbial de lugar. Núcleo: cidades; do Sul: adjunto adnominal.

(C) Objeto direto. Núcleo: mulheres; de uma determinada classe: adjunto adnominal.

(D) Adjunto adverbial de lugar. Núcleo: imagens; dos jornais: adjunto adnominal.

(E) O café possui preço = sentido ativo = A.A.

---

03. (FCC - Técnico Judiciário - Área Administrativa - TRT 3/2015) A frase em que **ambos** os elementos sublinhados exercem a função de **núcleo do sujeito** é:

(A) Muitos acham que não é justo apagar os vestígios do passado.

(B) Dessa escolha da Assembleia Nacional nasceram os museus.

(C) Os bens dos aristocratas deviam ser considerados patrimônio de quem os tomou.

(D) Os parisienses revoltados arrebentaram as casas dos nobres.

(E) Os museus, ao contrário do que se imagina, são uma invenção moderna.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

1. O que deviam ser considerados? Os bens dos aristocratas = sujeito;

2. Quem os tomou? Quem = sujeito.

Perceba que na frase "Alguém tinha dúvida", o sujeito é o pronome indefinido "alguém". Segue o mesmo raciocínio na segunda oração.

▶ **OBSERVAÇÃO**

Quando o sujeito é um pronome indefinido, não será sujeito indeterminado. Sujeito indeterminado nunca apresenta pronome indefinido na oração. Sujeito representado por esse pronome será sempre *simples:* Alguém viu o candidato? Ninguém viu o candidato.

(A) 1. Predicativo do sujeito = apagar os vestígios do pássaro (sujeito do verbo *ser*) não é **justo** (predicativo); 2. Apagar algo: **os vestígios** do passado = objeto direto do verbo *apagar*.

(B) Ordem direta: os museus nasceram dessa escolha. 1. Dessa **escolha** = objeto indireto (de algo); 2. Os museus = **sujeito** do verbo *nasceram*.

(D) 1. Sujeito; 2. Adjunto adnominal: arrebentaram (V.T.D.) as casas dos nobres (O.D.); núcleo: casas; **dos nobres** = adjunto adnominal.

(E) 1. Sujeito; 2. Predicativo do sujeito.

---

04. (FCC - Técnico Judiciário - Área Administrativa - TRT 19/2014) A Amazônia tem também a maior bacia fluvial do mundo...

Nas frases transcritas, o verbo que exige o mesmo tipo de complemento do grifado acima está em:

(A) ...a perda de ambientes naturais é maior numa região...

(B) ... a maior parte está no Brasil ...

(C) ... as florestas de várzea sofrem mais com a ocupação humana.

(D) ... que levam direta ou indiretamente à perda de hábitats...

(E) ... que detém 69% da área coberta pela floresta.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – O verbo *ter* é transitivo direto no contexto (tem algo) e exige como complemento o objeto direto (a maior bacia fluvial do mundo); o verbo *deter* também é transitivo direto (detém algo) e exige o objeto direto (69% da área).

Alternativa "a" – Verbo de ligação + predicativo do sujeito.

Alternativa "b" – Intransitivo + adjunto adverbial de lugar.

Alternativa "c" – Intransitivo + adjunto adverbial de causa: por que sofre?

Alternativa "d" – Transitivo indireto + objeto indireto.

---

05. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 12/2013) ... clima de intimidade que cria laços de confiança e amizade para sempre.

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o verbo grifado acima está empregado em:

(A) Não impostava a voz, nem a pena.

(B) Talvez por isso nunca se esqueceu de um almoço em Caeté...

(C) Essa graça espontânea que a tudo dá gosto.

(D) Era um ser livre e lírico.

(E) Fugia da cilada sentimental, ou da emoção, pelo atalho do senso de humor.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – *Cria* algo = verbo transitivo direto + objeto direto (laços de confiança e amizade); não *impostava* algo = V.T.D. + O.D. (a voz).

Alternativa "b" – nunca *se esqueceu* de algo = verbo transitivo indireto + objeto indireto.

Alternativa "c" – *dá* algo a algo = V.T.D.I. (gosto: O.D.; a tudo: O.I.).

Alternativa "d" – verbo de ligação + predicativo do sujeito.

Alternativa "e" – *fugia* de algo = verbo transitivo indireto + objeto indireto.

---

06. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 15/2013) Nos segmentos abaixo, a relação sintático-semântica estabelecida entre as orações está indicada corretamente em:

(A) Por isso prefiro falar mais de vida do que de literatura... – identifica-se uma condição no exemplo transcrito.

(B) ... não obstante, que antes de começar a escrever... – o segmento se inicia por uma locução que introduz sentido explicativo.

(C) ... para se tornar mais interessante, lança declarações inesperadas e gratuitas. – a conjunção introduz noção de comparação entre duas situações distintas, com oposição de sentido.

(D) ... como se a obra em si mesma já contivesse tudo quanto é possível dizer... – o exemplo denota noção de tempo.

(E) ... aqueles que escrevem, ou aqueles que leem, ou aqueles que sentem, ou aqueles que compõem música ou que pintam ou que esculpem... – a conjunção que se repete une segmentos semelhantes que exprimem equivalência de conceitos.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"

✪ **Nota da autora:** Questão de análise sintática e período composto.

- Possuem equivalência de conceitos por possuírem função de sujeito. Leia-se: aqueles que escrevem, aqueles que leem, aqueles que sentem, aqueles que compõem música ou que pintam ou que esculpem. Claro que subentendemos a função sintática e é importante notar que todos praticam alguma ação. De qualquer forma, por eliminação, chegar-se-ia à resposta.

Alternativa "a" – Há comparação entre falar de vida e falar de literatura.

Alternativa "b" – *Não obstante* indica concessão, ideias opostas.

Alternativa "c" – *Para* indica finalidade.

Alternativa "d" – *Como* pode indicar comparação, causa, conformidade, mas nunca tempo.

07. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 1/2013) E como dizer que a cidade, ao fim, deixara de corresponder à modernidade empenhada?

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o verbo grifado acima está empregado em:

(A) No Planalto Central, construíra a identidade escultural do Brasil.

(B) Brasília [...] resultara em alguma decepção.

(C) Houve um sonho monumental...

(D) Nada superará a beleza...

(E) Filho de fazendeiros, fora o único ateu e comunista da família...

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Complemento verbal nada mais é do que objeto direto ou objeto indireto. **Corresponder** é transitivo indireto (corresponde **a** algo); **resultar** é transitivo indireto também (resulta **em algo**).

Alternativa "a" – Errada. Construir é transitivo direto = a identidade: objeto direto.

Alternativa "c" – Errada. Haver é transitivo direto = um sonho: objeto direto.

Alternativa "d" – Errada. Superar é transitivo direto = a beleza: objeto direto

Alternativa "e" – Errada. Ser é verbo de ligação e não admite complemento, apenas predicativo (termo que qualifica).

08. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) *"... elas não contam com modelos de gestão de carreira..."* O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o verbo grifado acima está empregado em:

(A) ... as empresas rejuvenescem seus quadros.

(B) ... que a empresa trate de questões mais substantivas...

(C) Algumas conclusões são preocupantes.

(D) A juniorização[...] compromete a qualidade da gestão...

(E) ... mas a planilha de custos fala mais alto.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Quem conta, conta **com** algo, o complemento exigido é objeto indireto. Tratar: quem trata, trata **de** algo = verbo transitivo indireto também.

Alternativa "a" – Errada. Transitivo direto, exige objeto direto.

Alternativa "c" – Errada. Verbo de ligação + predicativo do sujeito. O predicativo não completa verbo.

Alternativa "d" – Errada. Transitivo direto: compromete algo.

Alternativa "e" – Errada. Intransitivo.

09. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) *"Em seus poemas encontramos o estilo oral desses "casos", sem invencionices literárias..."* Os verbos que exigem o mesmo tipo de complemento que o grifado acima estão empregados nas seguintes frases:

I. A cidade de Goiás [...] surgiu das povoações...

II. Esse costume de os mais velhos contarem casos às crianças...

III. ... as lendas sobre os escravos que os construíram...

IV. Lendas que provocavam a imaginação das crianças...

Atende ao enunciado APENAS o que consta em

(A) I, II e III

(B) I, II e IV.

(C) I e III.

(D) II e IV.

(E) III e IV.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Encontrar é transitivo direto e exige como complemento o objeto direto.

Item "I": Intransitivo: o que surge, surge.

Item "II": Transitivo direto e indireto: contar algo a alguém.

Item "III": Transitivo direto com objeto direto: construíram algo.

Item "IV": Transitivo direto: provoca algo; objeto direto: a imaginação das crianças.

10. (FCC – Técnico do Seguro Social – INSS/ 2012) Na frase O compositor dedicava inteiramente à criação musical os meses de verão, o termo sublinhado exerce a mesma função sintática que o termo em destaque na frase:

(A) A visão de mundo de uma geração mais jovem teve influência central aqui.

(B) Intérpretes conhecidos e pesquisadores descobriram o compositor.

(C) Em vida, Mahler foi alvo de intensas polêmicas.

(D) Mahler empreendia longas caminhadas que lhe proporcionaram inspiração para grandiosas sinfonias.

(E) Essas casinhas das alturas alpinas hoje se transformaram em memoriais.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – O verbo **dedicar** é transitivo direto e indireto: os meses de verão = objeto direto; à criação musical = objeto indireto. Na alternativa a, o verbo **ter** é transitivo direto e possui o termo influência central como complemento = objeto direto.

Alternativa "b" –Sujeito.

Alternativa "c" –Adjunto adverbial de tempo (quando foi alvo de intensas polêmicas?).

Alternativa "d"–Complemento nominal do objeto direto inspiração (proporciona inspiração **para algo**).

Alternativa "e" –Sujeito.

---

11. (FCC – TRT 6 – Técnico Judiciário – Área Administrativa/2012) *"... e favoreça os seus amores por ela..."* O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está empregado em:

(A) Assiste com despeito aos sucessos dos homens...

(B) A jovem é irmã de Hersé...

(C) ... este espetáculo a corrói...

(D) ... Palas Atena vai à morada da Inveja...

(E) ... e ordena-lhe que...

COMENTÁRIOS

Alternativa "c" – Correta.

✪ **Nota da autora:** complemento do verbo são o objeto direto e o objeto indireto. Precisa-se saber a predicação de cada verbo.

Favorecer: verbo transitivo direto (quem favorece, favorece algo) – objeto direto: os seus amores; **corroer:** verbo transitivo direto (o que corrói, corrói alguém) – objeto direto: a.

Alternativa "a" – Errada. Assistir é transitivo indireto no sentido de ver: **a algo.**

Alternativa "b" – Errada. Ser é verbo de ligação, portanto não possui complemento, mas sim predicativo (termo que qualifica = irmã).

Alternativa "d" – Errada. Ir é intransitivo, não exige complemento. O termo posposto possui função de adjunto adverbial de lugar.

Alternativa "e" – Errada. Ordenar é transitivo direto e indireto. **Cuidado!** O termo explícito é o objeto indireto (a alguém = lhe). A oração subordinada substantiva objetiva direta não está explícita na alternativa, por isso não pode ser a resposta.

---

12. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 23/ 2011) *"As roupas, acessórios, calçados e armas dos cangaceiros não tinham função única"*. A mesma relação existente entre o verbo e seu complemento, grifados acima, se encontra na frase:

(A) O cangaço está nas telas de nossos maiores artistas...

(B) A riqueza do fenômeno parece sem fim.

(C) Essa característica do cangaceiro [...] mostra o caráter arcaico do homem...

(D) ... peças que servem de pagamento à graça alcançada.

(E) ... malefícios que poderiam estar a cada dobra do rio...

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Quem tem, tem algo (verbo transitivo direto) – função (objeto direto).

Alternativa "a" – Errada. intransitivo – nas telas (adjunto adverbial de lugar).

Alternativa "b" – Errada. verbo de ligação – sem fim (predicativo do sujeito).

Alternativa "d" – Errada. intransitivo – de pagamento (adjunto adverbial de finalidade).

Alternativa "e" – Errada. poderiam estar = estavam: intransitivo – a cada dobra do rio (adjunto adverbial de lugar).

---

13. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 20/2011) *"Quanto mais dependemos dos sites de busca..."* A mesma relação existente entre o verbo e seu complemento, grifados no segmento acima, está em:

(A) A internet produziu transformações espetaculares na sociedade na última década...

(B) É uma nova linha de investigação científica.

(C) ... se essas informações estão disponíveis no Google, a dois toques do mouse?

(D) ... que necessita de uma memória mais potente.

(E) Ou um piano martelado por um músico de uma nota só que, ao fim e ao cabo, vira um bumbo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Quem depende, depende **de** algo = verbo transitivo indireto + objeto indireto. Assim como o verbo **necessitar**: quem necessita, necessita **de** algo. De uma memória mais potente: objeto indireto.

Alternativa "a" – Errada. transitivo direto.

Alternativa "b" – Errada. verbo de ligação.

Alternativa "c" – Errada. verbo de ligação.

Alternativa "e" – Errada. verbo de ligação.

---

14. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 24/ 2011) *"... mais exportações agrícolas (e minerais) pouco contribuem para o crescimento de longo prazo..."* A mesma relação entre o verbo e o complemento grifados acima está em:

(A) ...o que resultou em uma proposição...

(B) ...e mais agricultura é ruim do ponto de vista do crescimento.

(C) ...pois provocam valorização cambial e pouca expansão do emprego...

(D) Uma parte crescente das novidades tecnológicas não está na indústria...

(E) ...formando cadeias muito mais complexas do que no passado...

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Contribuir e resultar são transitivos indiretos e exigem objetos indiretos. Contribui **para** algo e resulta **em** algo.

Alternativa "b" – Errada. verbo de ligação.

Alternativa "c" – Errada. verbo transitivo direto.

Alternativa "d" – Errada. verbo intransitivo.

Alternativa "e" – Errada. verbo transitivo direto.

Texto para a próxima questão:

Futuros amantes

Não se afobe, não
Que nada é pra já
O amor não tem pressa
Ele pode esperar em silêncio
Num fundo de armário
Na posta-restante
Milênios, milênios
No ar
E quem sabe, então
O Rio será
Alguma cidade submersa
Os escafandristas virão
Explorar sua casa
Seu quarto, suas coisas
Sua alma, desvãos
Sábios em vão
Tentarão decifrar
O eco de antigas palavras
Fragmentos de cartas, poemas
Mentiras, retratos
Vestígios de estranha civilização
Não se afobe, não
Que nada é pra já
Amores serão sempre amáveis
Futuros amantes, quiçá
Se amarão sem saber
Com o amor que eu um dia
Deixei pra você
(Chico Buarque. www.chicobuarque.com.br)

---

15. (FCC – TRT 8ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) *"Não se afobe, não"* Observe as frases abaixo retiradas da canção **Bom Conselho**, de Chico Buarque. Dentre elas, aquela cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:

(A) *Aja duas vezes antes de...*

(B) *... que a dor não passa.*

(C) *Que eu lhe dou de graça.*

(D) *...bebo a tempestade.*

(E) *Espere sentado...*

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – **Afobar** é transitivo direto (afoba alguém: a si – aqui, preposicionado); **beber** é transitivo direto (bebe algo: a tempestade).

Alternativa "a" – Errada. Agir: intransitivo.

Alternativa "b" – Errada. Passar: intransitivo.

Alternativa "c" – Errada. Dar: transitivo direto e indireto.

Alternativa "e" – Errada. Esperar: intransitivo.

16. (FCC – TRT 9ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) *"Na França, o governo duplicou a verba de publicidade..."* O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que está grifado acima se encontra em:

(A) *... quando o jornal é o símbolo e um dos últimos redutos do jornalismo...*

(B) *Mas, para chegar ao auge...*

(C) *... e também serve como fonte – em geral gratuita – de informações.*

(D) *Mas em nenhum outro lugar a tormenta é tão assustadora quanto nos Estados Unidos.*

(E) *Vários jornais, mesmo bastante antigos e tradicionais, fecharam suas portas.*

COMENTÁRIOS

Alternativa "e" – Correta.

▸ O governo duplicou a verba. = Vários jornais fecharam suas portas.

Sujeito V.T.D. O.D. Sujeito V.T.D. O.D.

Alternativa "a" – Errada. verbo de ligação + predicativo.

Alternativa "b" – Errada. intransitivo.

Alternativa "c" – Errada. intransitivo.

Alternativa "d" – Errada. verbo de ligação.

17. (FCC – TRT – 12ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) *"O projeto rendeu frutos".* A mesma relação entre verbo e complemento, ambos grifados acima, se reproduz na frase:

(A) *... entre 2002 e 2007 o produto interno bruto cresceu a uma taxa de 4% ao ano.*

(B) *... elas respondem, agora, por 28% da economia nacional.*

(C) *Hoje, um em cada quatro brasileiros vive em cidades médias.*

(D) *... esses municípios obtiveram melhores resultados na preservação de seu tecido urbano.*

(E) *... os investidores depararam com capitais estranguladas...*

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Render é transitivo direto e exige o objeto direto como complemento (frutos), como ocorre com o verbo obter (obtém algo) = melhores resultados é objeto direto.

Alternativa "a" – Errada. intransitivo.

Alternativa "b" – Errada. transitivo indireto.

Alternativa "c" – Errada. intransitivo.

Alternativa "e" – Errada. transitivo indireto.

18. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 22/ 2010) *"... que provocou conflitos em várias partes do mundo em 2008..."* O verbo que exige o mesmo tipo de complemento – grifados ambos acima – está em:

(A) ... e os estoques mundiais estão em nível bem mais alto do que em 2008.

(B) ... que não encontram atrativos no mercado financeiro...

(C) ... as cotações de alguns dos principais produtos (...) subiram muito nos últimos meses...

(D) ... que foram às compras...

(E) ... que este ano sua produção de grãos será 38% menor do que a de 2009.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – O verbo **provocar** é transitivo direto e exige, como complemento, objeto direto (conflitos). O mesmo ocorre com o verbo **encontrar**: objeto direto = atrativos.

Alternativa "a" – Errada. verbo ligação.

Alternativa "c" – Errada. intransitivo.

Alternativa "d" – Errada. intransitivo.

Alternativa "e" – Errada. verbo ligação.

1.2. CESPE

Trecho para o item.

(...) Com o passar do tempo, as mercadorias se tornaram inconvenientes às transações comerciais, devido à oscilação de seu valor, pelo fato de não serem fracionáveis e por serem 16 facilmente perecíveis, o que não permitia o acúmulo de riquezas. Surgiram, então, no século VII a.C., as primeiras moedas com características semelhantes às das atuais: pequenas peças de metal com peso e valor definidos e com a impressão do cunho oficial, isto é, a marca de quem as emitiu e garante o seu valor. (...)

Internet: <www.bcb.gov.br>(com adaptações).

19. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) O referente do sujeito da oração "e garante o seu valor" é "marca".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Quem garante o seu valor? Sujeito: quem (as emitiu).

Trecho para o item.

O monitoramento por imagens *há algum tempo tem sido fonte de conflito entre patrões e trabalhadores, da mesma forma que* **o controle de emails** *e* **as escutas e gravações de ligações telefônicas dos empregados. São** *questões que a justiça trabalhista está aprendendo a contemporizar, já que influenciam a convivência no ambiente de trabalho e dizem respeito à saúde do trabalhador. (...)*

Tecnologias de controle criam novas situações de dano moral. Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).

20. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) Identificam-se como referentes do sujeito elíptico da oração iniciada pela forma verbal "São": "O monitoramento por imagens", "o controle de emails" e "as escutas e gravações de ligações telefônicas dos empregados".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Item bem fácil. Pergunta-se: o que são questões que a justiça trabalhista está aprendendo? "O monitoramento por imagens", "o controle de emails" e "as escutas e gravações de ligações telefônicas dos empregados". Como os termos estão no período anteposto ao verbo, sabemos que o sujeito da oração é elíptico (ou desinencial, ou oculto). Se estivesse na mesma oração, seria sujeito composto.

Trechos do texto de Sérgio Sampaio, que constitui a letra de uma música, para o próximo item.

Quem pode escapar ileso
Do medo e do desatino
Quem viu o pavio aceso do destino?

21. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) Os termos "Do medo", "do desatino" e "do destino" exercem a mesma função sintática.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – *do medo* e *do destino* são complementos verbais do verbo escapar (transitivo indireto = escapa de algo) e possuem função de objeto indireto. *Do destino* relaciona-se ao substantivo *pavio*. Ordem direta: quem viu o pavio do destino aceso – aposto especificativo, pois não possui pontuação.

22. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) O sujeito da forma verbal "viu", em "Quem viu o pavio aceso do destino?", é indeterminado, pois não se revela, no texto, quem pratica a ação de ver.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Façamos a pergunta ao verbo para descobrirmos o sujeito: quem viu o pavio? A resposta é: quem. Embora pareça muito estranho, é o correto. Outro exemplo clássico de concurso: Quem saiu? Sujeito: Quem.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

Dependerá da adesão dos demais ministros o êxito de um apelo feito pelo presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), para que seja extinta a prática de esconder os nomes de investigados em inquéritos criminais na mais alta corte do país. Ele defende que o STF deve livrar-se do costume de manter identidades em segredo, ou estará contrariando todos os esforços em busca de maior transparência. Enfatiza o ministro que o bom senso recomenda a mudança, mesmo que alguns dos integrantes do Supremo defendam a manutenção do procedimento adotado em 2010. (...) (Zero Hora, 8/4/2013.

23. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) A expressão "o êxito" exerce função sintática de complemento direto da forma verbal "Dependerá".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado:

✪ **Nota da autora:** Para não errar, faça, sempre, a pergunta ao verbo para encontrar o sujeito:

1) O quê? – para coisa;
2) Quem? – para pessoa.

Só depois, verifique a predicação verbal.

▶ No texto: o que dependerá? O êxito **(sujeito)** dependerá da adesão dos demais ministros.

Em relação às ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o item a seguir.

(...) Seguiram-se outras instituições extrajudiciais com funções semelhantes em setores localizados, como as juntas de trabalho marítimo e o Conselho Nacional do Trabalho, ambos de 1933. Somente com o advento do Decreto-lei nº 9.797 é que foi organizada a justiça do trabalho como hoje ela funciona, integrada ao Poder Judiciário. (Internet: www.trt10.jus.br, com adaptações).

24. (CESPE – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) Em "Seguiram-se", o pronome "se" indica que o sujeito do período é indeterminado.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Quem segue, segue algo: verbo transitivo direto + se (pronome apassivador) = voz passiva sintética. Sujeito simples: outras instituições extrajudiciais.

1.3. CESGRANRIO

Atenção! A questão refere-se ao texto abaixo.

Procura-se uma casa

Admiro as pessoas que vivem a vida inteira na mesma casa. Tenho almejado isso secretamente, mas por uma fatalidade estou sempre mudando. Quando me mudo para uma nova casa, tenho a sensação de que vou ficar ali pra sempre. E é nesse estado de espírito que vivo nas casas.

A casa precisa ser natural, cair bem, como um paletó cortado no alfaiate. Precisamos nos sentir bem dentro dela, ainda mais agora, que as autoridades admitiram a nossa cotidiana guerrinha civil. (...)

Estou de mudança. Mais uma vez, na minha vida, estou de mudança. A perspectiva da mudança causa em mim sentimentos indefinidos, uma mistura de medo, euforia, excitação, coragem. Há o sentimento de perda, claro, vou perder a minha vista para as ilhas, para as chuvas que vêm do infinito, para a imensidão oceânica, vou perder o meu jornaleiro, o Dinho, vou perder os meus porteiros a quem tanto me afeiçoei, o seu Jonas, que lava meu carro, o seu Expedito, o Pará, a escadaria que dá nas figueiras seculares, o barulho do vento, a serena ordem da minha biblioteca, o Corcovado, e tudo o que construí pra sempre agora naufraga no irremissível. Mas assim é a vida.

E tenho de decidir para onde me mudarei. Vou botar um anúncio no jornal: Procura-se uma casa com janelas, vizinhos discretos, clara e arejada, com sol da manhã no pé da cama, um sótão de onde se possa ver a lua em fevereiro (mas também em agosto e dezembro), e as estrelas por uma claraboia. Procura-se uma casa em que caibam os meus livros, tantos e tão poucos, as minhas velhas cadeiras de vime, os meus castiçais acesos, e vinhos, o meu silêncio e o meu amor, a minha insuportável queda para a felicidade, o tédio, a insatisfação e a melancolia. Uma casa com uma boa cozinha onde se possa conversar sussurrando com o homem amado, uma janela dando para o quintal, onde eu possa ver as crianças correndo, crescendo, e o tempo passando como sempre, inexorável e eterno. (MIRANDA, Ana. O Dia – Rio, 14 ago. 1999).

25. (Cesgranrio – Técnico Previdenciário – INSS/2005) Assinale a única oração sem sujeito.

(A) "A casa precisa ser natural," (segundo parágrafo)

(B) "Precisamos nos sentir bem dentro dela," (segundo parágrafo)

(C) "Há o sentimento de perda," (terceiro parágrafo)

(D) "Mas assim é a vida." (terceiro parágrafo)

(E) "Procura-se uma casa..." (último parágrafo)

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Haver é impessoal, pois pode ser substituído por **existir**.

▶ **Dica importantíssima** – Há o sentimento = oração sem sujeito g v.t.d objeto direto; Existe o sentimento g intransitivo sujeito.

Alternativa "a" –Sujeito: a casa.

Alternativa "b" –Sujeito simples e elíptico (ou desinencial): nós

Alternativa "d" –Sujeito: a vida.

Alternativa "e" –Sujeito paciente: uma casa.

▶ **Dica** – Verbo transitivo direto (ou transitivo direto e indireto) + se = Voz passiva sintética e admite plural.

Exemplos:

Procura-se **uma casa** = Uma casa é procurada.

Procuram-se **algumas casas** = Algumas casas são procuradas.

1.4. ACP

Trechos para a próxima questão.

O Português em Debate

Será a língua portuguesa tão complexa a ponto de enredar aqueles que se propõem a dominá-la? Diante do fiasco de alguns homens públicos, profissionais em oratória, as pessoas comuns têm alguma esperança de expressar-se com maior clareza e efi-

ciência? As respostas a essas duas perguntas são, pela ordem, não e sim. (...)

No Brasil, a gramática da língua oral foi alvo de um estudo pioneiro em 1969, quando o linguista Nelson Rosso, da Universidade Federal da Bahia, desenvolveu o projeto Norma Urbana Culta (Nurc). (...)

E saudável manter distância de modismos linguísticos, que logo viram vícios, como o do chamado "gerundismo". Não é que "vou estar enviando" seja errado do ponto de vista gramatical. (...)

E aí se chega a uma recomendação que todo cidadão vem ouvindo desde que se sentou pela primeira vez nos bancos da escola: ler é indispensável para quem quer se expressar bem. E ler inclui de Machado de Assis e Graciliano Ramos até um blog decente na internet (mas atenção: é preciso ler de tudo – não uma coisa ou outra). Ler mostra as infinitas possibilidades de expressão da língua, enriquece o vocabulário (e o bom vocabulário é o melhor amigo da precisão), ensina o leitor a organizar seu pensamento e ainda oferece a ele algo de valor inestimável: conteúdo. Ter coisas interessantes e pertinentes a dizer é o primeiro passo para falar ou escrever bem. (Jerônimo Teixeira e Daniela Macedo. Texto adaptado da Revista Veja, 11 de agosto de 2010).

26. (ACP – Escrivão de Polícia – RS/2010) Dentre os segmentos abaixo relacionados, qual funciona como complemento verbal?

(A) de alguns homens públicos.

(B) de expressar-se com maior clareza e eficiência.

(C) de um estudo pioneiro em 1969.

(D) de modismos linguísticos.

(E) de Machado de Assis e Graciliano Ramos até um blog decente na internet.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Inclui algo = verbo transitivo direto, logo o termo posposto possui função de objeto direto.

Alternativa "a" – adjunto adnominal.

Alternativa "b" – complemento nominal de alguma esperança (objeto direto).

Alternativa "c" – complemento nominal de alvo (predicativo do sujeito).

Alternativa "d" – complemento nominal de distância (objeto direto).

1.5. IPAD

Texto 1

Usina Nuclear no Nordeste

O Governo Federal já deixou claro que os planos da Eletrobras para o Nordeste não se resumem à construção de novas hidrelétricas. E mais cedo do que se esperava, em cerca de três anos, o sistema deve anunciar a construção da primeira usina nuclear da Região, tendo as proximidades do Rio São Francisco como um dos maiores candidatos ao projeto, segundo afirmou com exclusividade à coluna o presidente da Eletronuclear, Othon Luiz Pinheiro da Silva. Nas palavras do executivo, a Chesf pode ser uma parceira natural desse projeto. Mas essa intenção – já que não se tratam de estudos oficiais – só será revelada no início de 2007, quando a estatal divulgará o seu programa estratégico para os próximos dez anos. Para se ter ideia do tamanho do negócio, os reatores mais modernos do mundo, com potência de 1 mil Megawatts, custam cerca de US$ 2 bilhões. A usina de Angra I, por exemplo, dispõe de 626 Megawatts.

No entanto, antes de se levar adiante um empreendimento desse porte, é preciso iniciar uma polêmica discussão com os órgãos de defesa ao meio ambiente, pois até os estudos de localização dessas usinas só podem prosseguir com autorização do Conselho Nacional de Política Energética. (...) (CAMPOS, Bruna Siqueira. Folha de Pernambuco. Folha Econômica. p.2. (adaptado)

27. (IPAD – Escrivão de Polícia – PE/2007) Aponte a única expressão do texto que NÃO indica circunstância temporal.

(A) mais cedo

(B) em cerca de três anos

(C) primeira usina nuclear

(D) no início de 2007

(E) antes de se levar

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Possui função de objeto direto do verbo **anunciar.**

Alternativa "a" – Quando?

Alternativa "b" – Quando?

Alternativa "d" – Será revelada quando?

Alternativa "e" – Quando?

1.6. UFMT

28. (UFMT – Escrivão de Polícia – MT/2010) *"Ouviram do Ipiranga as margens plácidas de um povo heroico o brado retumbante."* A função sintática de cada um dos termos grifados é, respectivamente:

(A) Núcleo do sujeito e objeto direto.

(B) Objeto direto e sujeito.

(C) Adjunto adverbial de lugar e sujeito.

(D) Sujeito e objeto indireto.

(E) Substantivo e adjunto adnominal.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Tem-se aí um hipérbato: figura de sintaxe que consiste na inversão da ordem das palavras na frase. Ordem direta: as margens plácidas do Ipiranga ouviram o brado retumbante de um povo heroico.

- Sujeito: as margens plácidas do Ipiranga; núcleo margens. Eliminadas alternativas *b, c* e *e*.
- Ouviram algo: o brado = objeto direto. Eliminada *d*.

1.7. UEL

Texto para a questão:.

Nesse contexto, o grau de complexidade de condutas perpetradas por esses grupos, estruturados e voltados à prática de crimes que ocorrem de forma velada, sob o manto e a aparência de uma pretensa legalidade e que, normalmente, contam com a participação de agentes públicos e políticos, impõe a utilização de técnicas especiais de investigação.

29. (UEL COPS – Investigador de Polícia – PR/2010) O termo "impõe" concorda com

(A) a prática de crimes.

(B) a aparência de uma pretensa legalidade.

(C) a participação de agentes públicos e políticos.

(D) o grau de complexidade.

(E) a utilização de técnicas especiais de investigação.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – A forma verbal "impõe" concorda com o sujeito o grau de complexidade = impõe.

Alternativa "a" – complemento nominal.

Alternativa "b" – adjunto adverbial.

Alternativa "c" – objeto indireto.

Alternativa "e" – objeto direto.

2. NÍVEL SUPERIOR

2.1. FCC

30. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 4/2014) Ambos os elementos sublinhados são exemplos de uma mesma função sintática na frase:

(A) Muitos desacreditaram de tais iniciativas.

(B) São atendidos jovens com idade entre 16 e 21 anos.

(C) Recebem atendimento multidisciplinar e acompanhamento jurídico.

(D) Vários jovens já concluíram os estudos e reorganizaram a vida.

(E) "Virando a página" é uma iniciativa que deveria ser imitada por outras associações

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

Vários jovens	já	concluíram	**os estudos**	e	reorganizaram	**a vida.**
sujeito	Adjunto adverbial de tempo	Verbo transitivo direto	**Objeto direto**	Conjunção coordenada aditiva	Verbo transitivo direto	**Objeto direto**

Alternativa "a" – sujeito e objeto indireto.

Alternativa "b" – sujeito paciente e aposto especificativo.

Alternativa "c" – verbo transitivo direto e adjunto adnominal.

Alternativa "e" – predicativo do sujeito e agente da passiva.

31. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 12/2013) problemas têm família grande

O verbo que, no contexto, exige o mesmo tipo de complemento que o grifado na frase acima está empregado em:

(A) lá pra trás não há nada

(B) maldito seja quem...

(C) a gente gostaria de...

(D) ... quem olhar pra trás

(E) e aos domingos saem todos passear

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – O verbo *ter* é transitivo direto (têm algo), assim como o verbo *haver* (há algo) que é, também, impessoal: sentido de existir.

Alternativa "b" – Verbo de ligação.

Alternativa "c" – Verbo transitivo indireto.

Alternativa "d" – Verbo intransitivo + adjunto adverbial de lugar.

Alternativa "e" – Verbo intransitivo + adjunto adverbial de tempo.

---

32. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 12/2013) De tudo isso resulta o valor atribuído pela ética epicurista ao tempo...

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está empregado em:

(A) ... desejo que [...] constitui imposição do meio social em seu aparente progresso.

(B) O primeiro tipo é o prazer em repouso...

(C) ... eis o caminho que conduz à serena felicidade.

(D) ... o homem constrói sua liberdade no tempo...

(E) ... há também um plano de realidade...

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – *Resultar* é transitivo indireto. Na ordem direta para não correr risco: O valor atribuído resulta de tudo isso (de algo = objeto indireto); o mesmo ocorre com *conduzir* (conduz a algo): verbo transitivo indireto + objeto indireto.

Alternativa "a" – Verbo transitivo direto.

Alternativa "b" – Verbo de ligação + predicativo do sujeito.

Alternativa "d" – Verbo transitivo direto.

Alternativa "e" – Verbo transitivo direto.

---

33. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 9/2013) "... *Glauber Rocha transformaria, com Deus e o Diabo na terra do sol, a história do cinema no Brasil*". O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está empregado em:

(A) *A ponte entre* Cinema Novo e Tropicalismo *ficaria mais evidente...*

(B) O Cinema Novo *nasceu na virada da década de 1950 para a de 1960...*

(C) *Dois anos depois, o cineasta lançou* Terra em transe...

(D) *A grande audiência de TV entre nós é um fenômeno novo.*

(E) ... *empresa paulista que faliu em 1957...*

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – *Transformar* e *lançar* são transitivos direitos e exigem objetos diretos como complementos: *a história do cinema no Brasil* e *Terra em transe*, respectivamente.

Alternativa "a": Verbo de ligação.

Alternativa "b": Intransitivo.

Alternativa "d": Verbo de ligação.

Alternativa "e": Intransitivo.

---

34. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 18/ 2013) *"Algumas pessoas não atribuirão "consciência" a criatura alguma..."* O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o verbo grifado acima está em:

(A) ... e que os "primitivos" africanos não lamentariam a terra natal e a família abandonadas à força...

(B) ... essa questão assume uma importância central...

(C) ... as expressões vocais e faciais desses parentes evolutivos próximos são semelhantes às nossas próprias reações...

(D) ... isso depende da definição escolhida.

(E) ... uma vez que a escravidão lhes assegurasse a sobrevivência do ponto de vista físico.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Atribuir é transitivo direto e indireto no contexto: atribuir algo (consciência) a alguém (a criatura alguma). O mesmo ocorre com **assegurar**: assegura algo (a sobrevivência) a alguém (lhes). Os dois verbos exigem objeto direto e objeto indireto como complementos.

Alternativa "a" – Errada. Transitivo direto = objeto direto.

Alternativa "b" – Errada. Transitivo direto = objeto direto.

Alternativa "c" – Errada. Verbo de ligação + predicativo do sujeito (semelhantes)

Alternativa "d" - Errada. Transitivo indireto = objeto indireto.

---

35. (FCC - Analista Judiciário - Administrativa - TRT 18/2013) *"A dificuldade mais monumental [...] provinha dos desafios técnicos do projeto..."* O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está empregado em:

(A) Ele inventou um guindaste capaz de...

(B) ... os governantes da cidade italiana iniciavam uma empreitada épica...

(C) ... ele fazia seus projetos em código.

(D) Em outra ocasião, armou uma farsa para...

(E) O gênio de Brunelleschi residia em seu domínio da dinâmica dos materiais...

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - Perigosa a questão, mas por eliminação chegaria à resposta: provém **de (lugar)** e reside **em (lugar)**. O único verbo que também exige preposição é o da alternativa *e*, ou que é intransitivo.

Alternativa "a" - Errada. Transitivo direto = sem preposição.

Alternativa "b" - Errada. Transitivo direto = sem preposição.

Alternativa "c" - Errada. Transitivo direto = sem preposição.

Alternativa "d" - Errada. Transitivo direto = sem preposição.

---

36. (FCC - Promotor de Justiça - AP/2012) *"... quando vierem as cheias..."* O segmento em destaque exerce na frase acima a mesma função sintática que o elemento grifado exerce em:

(A) ... todos fogem diante dele...

(B) ... as coisas do mundo sejam governadas pela fortuna e por Deus...

(C) ... mas deixa a nosso governo a outra metade...

(D) ... sem poder contê-lo minimamente...

(E) ... só resta aos homens providenciar barreiras e diques...

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - O que vierem? As cheias = sujeito. Quem foge diante deles? Todos = Sujeito.

Alternativa "b" - sejam governadas pela fortuna e por Deus... g Agente da passiva (V.P. Analítica)

Alternativa "c" - quem deixa, deixa algo (a outra metade) g Objeto Direto

Alternativa "d" - quem contém (no sentido de segurar), contém algo (lo) g Objeto Direto

Alternativa "e" - restar (VTI regido pela preposição) "Só resta aos homens providenciar barreiras e diques." g Objeto Indireto

Atenção! "providenciar barreiras e diques" é sujeito e não objeto direto de "resta". É mais fácil perceber isso quando colocamos a oração na ordem direta. Veja:

"Providenciar barreiras e diques só resta aos homens" g o que resta aos homens? = providenciar barreiras e diques (sujeito).

---

37. (FCC - Analista Judiciário - Área Administrativa - TRE /CE/2012) *"... aquele que maximiza a utilidade de cada hora do dia".* O verbo que exige o mesmo tipo de complemento do verbo grifado acima está em:

(A) ... aquela que lhe proporciona a melhor relação entre custos e benefícios.

(B) ... a adoção de uma atitude que nos impede de...

(C) Valéry investigou a realidade dessa questão nas condições da vida moderna...

(D) Diante de cada opção de utilização do tempo, a pessoa delibera...

(E) ... que ele se presta, portanto, à aplicação do cálculo econômico...

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - Maximiza a utilidade de cada hora do dia: o que maximiza, maximiza algo - verbo transitivo direto

Alternativa "a" -proporciona algo a alguém: verbo transitivo direto e indireto.

Alternativa "b" -impede alguém de algo: verbo transitivo direto e indireto.

Alternativa "c" -investiga algo: verbo transitivo direto.

Alternativa "d" -delibera: intransitivo.

Se voltasse ao texto, a predicação seria alterada. Observe o trecho: "... a pessoa delibera e escolhe exatamente aquela que lhe proporciona a melhor relação...". Deliberar, nesse caso, é transitivo direto, ou seja, teríamos duas respostas. Em questões nas quais a banca já expõe o trecho, não volte ao texto!

Alternativa "e" -Ele se presta a algo: verbo transitivo indireto.

Trecho para a questão seguinte.

(...)

O homem ocupa hoje o centro de sua própria existência. Essa emancipação nos confronta com o vazio. Não há Ninguém lá, de onde esperávamos que um Pai se manifestasse para dizer o que deseja de seus filhos. Não fomos feitos para corresponder à imagem e semelhança de Deus nenhum. Trata-se agora de reproduzir a imagem e semelhança de nós mesmos. Essa é a fantasia, ao mesmo tempo grandiosa e hedionda, da clonagem. Grandiosa pelo poder que confere à ciência e aos seus sacerdotes, supostamente capazes de abolir o acaso e a indeterminação da vida. Hedionda – pelas mesmas razões. (Trecho adaptado de Maria Rita Kehl. 18 crônicas e mais algumas. S. Paulo, Boitempo, 2011, p.109-10)

38. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) Essa emancipação nos confronta com o vazio. O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está empregado em:

(A) Essa é a fantasia, ao mesmo tempo grandiosa e hedionda, da clonagem.

(B) Grandiosa pelo poder que confere à ciência e aos seus sacerdotes...

(C) Se o projeto original do ser humano correspondia à imagem e semelhança de Deus...

(D) A era da religiosidade terminou no Ocidente...

(E) O homem ocupa hoje o centro de sua própria existência.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Questão um pouco complicada, caso não voltasse ao texto, pois o sujeito está no período anterior. Trabalhemos, primeiro, por eliminação: Essa emancipação confronta alguém (nos) com algo (com o vazio) – verbo transitivo direto e indireto.

Alternativa "a" –verbo de ligação.

Alternativa "b" –Voltando ao texto, encontra-se o sujeito: A fantasia é grandiosa pelo poder que confere à ciência – confere algo (o poder) a alguém (à ciência). Grande "peguinha": a fantasia confere poder à ciência.

Alternativa "c" –verbo transitivo indireto.

Alternativa "d" –intransitivo.

Alternativa "e" –transitivo direto.

39. (Analista Judiciário – Área Judiciária TRE/ PE 2011 – FCC) O termo sublinhado em *"Sabe-se quão barbaramente os ingleses subjugaram os hindus"* exerce a função de _____, a mesma função sintática que é exercida por _____ na frase *"Cometeram-se incontáveis violências contra os hindus"*. Preenchem corretamente as lacunas do enunciado acima, respectivamente:

(A) objeto direto – os hindus.

(B) sujeito – os hindus

(C) sujeito – violências

(D) agente da passiva – os hindus

(E) agente da passiva – violências

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Os ingleses subjugaram os hindus = quem subjugaram? Os ingleses: sujeito. Eliminadas alternativas *a, d* e *e*.

Cometeram-se incontáveis violências = voz passiva sintética (V.T.D + SE). Transpondo para a passiva analítica para se certificar da concordância: incontáveis violências foram cometidas. Incontáveis violências: sujeito. Núcleo = violência. Eliminada alternativa *b*.

40. (FCC – TRT 23 – Analista Judiciário/2011) *"Destes proviriam as pistas que indicariam o caminho..."* O verbo empregado no texto que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está também grifado em:

(A) ... a principal tarefa do historiador consistia em estudar possibilidades de mudança social.

(B) Os caminhos institucionalizados escondiam os figurantes mudos e sua fala.

(C) Enfatizava o provisório, a diversidade, a fim de documentar novos sujeitos...

(D) ... sociabilidades, experiências de vida, que por sua vez traduzissem necessidades sociais.

(E) Era engajado o seu modo de escrever história.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a" – Correta.

✪ **Nota da autora:** Muito cuidado, pois **a oração encontra-se na ordem inversa**.

As pistas (sujeito) que indicariam o caminho **proviriam (verbo transitivo indireto)** destes **(objeto indireto)**. Na alternativa a, temos: a principal tarefa do historiador (sujeito) **consistia (verbo transitivo indireto)** em estudar... **(objeto indireto)**.

Alternativa "b" – Errada. Esconder é transitivo direto; os figurantes mudos e sua fala = objeto direto.

Alternativa "c" – Errada. Enfatizar é transitivo direto; a diversidade (sujeito) enfatizava o provisório = objeto direto.

Alternativa "d" – Errada. Traduzissem é transitivo direto; necessidades sociais = objeto direto.

Alternativa "e" – Errada. Era é verbo de ligação. O seu modo de escrever a história (sujeito) era engajado (predicativo do sujeito).

---

41. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT – 8ª Região/2010)

Há uma rotina de ideias a que não escapa sequer o escritor original. Os grandes temas, os temas universais, reduzem-se a uma contagem nos dedos – e quem escreve ficção vai beber sempre na mesma aguada. Um ficcionista puxa outro. Dostoievski, Faulkner, Kafka deflagraram muitos contemporâneos, graças à sua força extraordinária de gravitação. Servem de impulso à primeira largada, seus modos de dizer e maneira de ver e sentir o mundo deixam de ser propriedade privada, incorporam-se à literatura como conquista de uma época, um condomínio em que as ideias se desligam e flutuam soltas.

Fala-se comumente em influências na obra deste ou daquele autor. O termo, com o tempo, perdeu contorno pejorativo. Quem não tem influências, quem não se abeberou em alguém? Literatura é um organismo vivo que não cessa de receber subsídios. Felizes os que, contribuindo com essa coisa inquietante que é escrever, revigoram-lhe o lastro. Eles se realizam em termos de criação artística e contribuem, com sua experiência e suas descobertas, para que outros cheguem e deitem ali, também, o seu fardo. (...) (Hélio Pólvora. Graciliano, Machado, Drummond & Outros. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975, pp. 37-38)

A respeito do trecho, é INCORRETO o que se afirma em:

(A) *Servem de impulso à primeira largada, (...) incorporam-se à literatura como conquista de uma época...* → Os segmentos grifados exercem a mesma função sintática, em seus respectivos períodos.

(B) *... um condomínio em que as ideias se desligam e flutuam soltas* → Na frase acima, a noção de *condomínio* pressupõe um conjunto de autores que deixaram o testemunho de sua maneira de ver e de sentir o mundo, característica de determinada época.

(C) *Há uma rotina de ideias a que não escapa sequer o escritor original* → Uma nova redação, sem alteração do sentido original da frase acima, está em: **Nem mesmo o escritor original escapa a uma rotina de ideias.**

(D) *... e quem escreve ficção vai beber sempre na mesma aguada...* → O sentido da afirmativa acima é retomado na questão colocada no 2º parágrafo: *quem não se abeberou em alguém?*

(E) *Dostoievski, Faulkner, Kafka deflagraram muitos contemporâneos, graças à sua força extraordinária de gravitação* → Observa-se entre as orações do período acima relação sintática de consequência e sua causa imediata, respectivamente.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – *à primeira largada* é complemento nominal de impulso; *à literatura* é objeto indireto de incorporam-se. Assim sendo, não exercem a mesma função sintática.

Alternativa "b" – Errada. Sim, um conjunto de autores que deixaram o testemunho.

Alternativa "c" – Errada. *não escapa sequer o escritor original* = Nem mesmo o escritor original escapa.

Alternativa "d" – Errada. Referem-se ao mesmo campo semântico.

Alternativa "e" – Errada. *Dostoievski, Faulkner, Kafka deflagraram muitos contemporâneos* **por quê?** (consequência)

- *graças à sua força extraordinária de gravitação* = causa

2.2. CESPE

Trecho para o item.

(...) Em meio a esse cenário, foi elaborado o texto constitucional, que, desde então, recebeu a denominação de Constituição Cidadã. O art. 14 desse texto confere ênfase à titularidade do poder para ressaltar que "A soberania popular é exercida pelo sufrágio universal e pelo voto direto e secreto, com valor igual a todos", deixando transparecer que a intenção da Lei Maior é fazer que o povo exerça efetivamente o seu direito de participar da formação da vontade política.

Fernando Marques Sá. Desaprovação das contas de campanha do candidato – avanço da legislação para as eleições de 2014. In: Estudos Eleitorais. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral. Vol. 9, n.º 2, 2014, p. 52-3. Internet: <www.tse.jus.br>(com adaptações).

---

42. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) A forma verbal "deixando transparecer" retoma o sujeito "O art. 14 desse texto".

COMENTÁRIOS

Certo – Paralelismo sintático:

O art. 14 desse texto → confere

→ "deixa" transparecer

Trecho para o item.

(...) Questão de relevância na discussão dos efeitos adversos do uso indevido de drogas é a associação do tráfico de drogas ilícitas e dos crimes conexos — geralmente de caráter transnacional — com a criminalidade e a violência. Esses fatores ameaçam a soberania nacional e afetam a estrutura social e econômica interna, devendo o governo adotar uma postura firme de combate ao tráfico de drogas, articulando-se internamente e com a sociedade, de forma a aperfeiçoar e otimizar seus mecanismos de prevenção e repressão e garantir o envolvimento e a aprovação dos cidadãos.

(Internet: <www.direitoshumanos.usp.br>)

43. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) O referente do sujeito da oração "articulando-se internamente e com a sociedade", que está elíptico no texto, é "o governo".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Na ordem direta:

O governo (sujeito) deve adotar uma postura...

O governo (sujeito) articula-se internamente e com a sociedade.

Trecho para o próximo item.

(...) Não há como ter certeza de quem sejam, de que sejam "realmente" como se descrevem, ou de saber se existe uma pessoa "real" por trás da persona online. A persona online é uma máscara para uma multiplicidade de pessoas? A pessoa "real" com quem converso possui e manipula mais personas no computador, ou estou simplesmente me relacionando com uma entidade digitalizada que não representa pessoa "real" alguma?

Slavoj Zizek. Identidades vazias. Internet: <http://slavoj-zizek.blogspot.com.br>(com adaptações).

44. (CESPE – Analista Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) O termo "se" exerce função de pronome apassivador da forma verbal "descrevem".

COMENTÁRIOS

Errado – A ideia imediata é de que esteja correto, pois, normalmente, o verbo descrever vem seguido de sujeito, mas CESPE é CESPE e é claro que não facilitaria tanto. Analise:

1) ...como se descrevem os processos: aqui, quem descreve, descreve algo + SE (pronome apassivador) = voz passiva sintética e equivale a como são descritos os processos (sujeito).

2) No texto: ...como se descrevem: o verbo está intransitivo e por isso não possui sujeito. O **se** é pronome reflexivo. Eis é A BANCA!

Trecho para o próximo item.

(...) Dessa vez nem caí: guiava-me a promessa do livro, o dia seguinte viria, os dias seguintes seriam mais tarde a minha vida inteira, o amor pelo mundo me esperava, andei pulando pelas ruas como sempre e não caí nenhuma vez.

Clarice Lispector. Felicidade clandestina. In: Felicidade clandestina: contos. Rio de Janeiro:Rocco, 1998 (com adaptações).

45. (CESPE – Analista Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) Na oração "guiava-me a promessa do livro", o pronome "me" exerce a função de complemento da forma verbal "guiava".

COMENTÁRIOS

Certo – Ordem direta para facilitar: A promessa do livro (sujeito) guiava-me = verbo transitivo direto (guiava alguém) + complemento verbal (O.D. = me).

Atenção! A respeito das ideias e de aspectos linguísticos do trecho abaixo, julgue o item.

(...) A segunda concepção está centrada na ideia de que a segurança é um serviço público a ser prestado pelo Estado e cujo destinatário é o cidadão. Não há, nesse caso, mais inimigo a combater, mas cidadão para servir. A polícia democrática não discrimina, não faz distinções arbitrárias: trata os barracos nas favelas como domicílios invioláveis, respeita os direitos individuais, independentemente de classe, etnia e orientação sexual, não só se atendo aos limites inerentes ao estado democrático de direito, mas

entendendo que seu principal papel é promovê-lo. A concepção democrática estimula a participação popular na gestão da segurança pública, valoriza arranjos participativos e incrementa a transparência das instituições policiais. O combate militar é, então, substituído pela prevenção, pela integração com políticas sociais, por medidas administrativas de redução dos riscos e pela ênfase na investigação criminal. A decisão de usar a força passa por considerar não apenas os objetivos específicos a serem alcançados pelas ações policiais, mas também, e fundamentalmente, a segurança e o bem-estar da população envolvida. (Cláudio Pereira de Souza Neto. A segurança pública na Constituição Federal de 1988: conceituação constitucionalmente adequada, competências federativas e órgãos de execução das políticas. Internet: www.oab.org.br, com adaptações).

46. (CESPE – Delegado de Polícia – BA/2013) No trecho "não só se atendo aos limites inerentes ao Estado democrático de direito", a partícula "se", cujo referente é "A polícia democrática", exerce a função de complemento da forma verbal "atendo".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O verbo é pronominal: ater-se, logo o "se" é parte integrante do verbo.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

Por outro lado, a justiça nunca **se** *põe como um problema isolado, porque sempre* **se** *acha em essencial correlação com outros da mais diversa natureza, dos filosóficos aos religiosos, dos sociais aos políticos, dos morais aos jurídicos.*

47. (CESPE – Analista do MPU/2013) A partícula "se" é empregada, em ambas as ocorrências, como índice de indeterminação do sujeito, o que confere maior formalidade ao texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado.

- A justiça nunca **se** põe como um problema isolado: o verbo *pôr* é transitivo direto, ou seja, V.T.D. + SE = V.P. (voz passiva) e o termo posposto possui função de sujeito. Transpondo para a voz passiva analítica: a justiça nunca é posta como um problema isolado. O **se** é pronome apassivador e **a justiça**, sujeito paciente.
- O verbo *achar* também é transitivo direto + se. A justiça sempre é achada em essencial correlação com outros da mais diversa natureza. O **se** é pronome apassivador e **a justiça**, sujeito paciente.

Note que há **paralelismo** (frases que apresentam estruturas gramaticais idênticas) na estrutura sintática:

- a justiça nunca **se** põe como um problema isolado,
- (a justiça) sempre **se** acha em essencial correlação com outros da mais diversa natureza...

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) A regra da igualdade não consiste senão em quinhoar desigualmente aos desiguais na medida em que se desigualam. Nessa desigualdade social, proporcionada à desigualdade natural, é que se acha a verdadeira lei da igualdade. O mais são desvarios da inveja, do orgulho ou da loucura. Tratar com desigualdade a iguais, ou a desiguais com igualdade, seria desigualdade flagrante e não igualdade real. (...) (Ruy Barbosa. Oração aos moços. Internet: <http://home.comcast.net>, com adaptações).

48. (CESPE – Analista do MPU/2013) A oração "quinhoar desigualmente aos desiguais na medida em que se desigualam" exerce a função de complemento indireto da forma verbal "consiste".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo:

- O verbo *consistir* é transitivo indireto (consiste em algo).
- Como há verbo posterior, há uma oração. Lembre-se: o número de oração é exatamente igual ao número de verbo.
- Classificando a oração: A regra da igualdade não consiste senão **nisto**. Encaixei o pronome demonstrativo catafórico = oração subordinada substantiva.
- O que consiste, consiste **em** algo = oração objetiva indireta.
- Há conjunção? Não há. Sem conjunção, a oração é reduzida e precisa ter uma forma nominal (gerúndio, particípio ou infinitivo). Temos o verbo quinhoar (que significa compartilhar),

logo a classificação completa da oração "quinhoar desigualmente aos desiguais na medida em que se desigualam" é: oração subordinada substantiva objetiva indireta reduzida de infinitivo.

Dúvida: precisaria pensar nisso tudo? Claro que não, apenas inseri um longo comentário para brincarmos um pouco mais com a gramática e facilitar o caminho da aprovação.

Síntese: Consistir é transitivo indireto e a oração completa o verbo: é complemento indireto.

Atenção! Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.

Fundada por Ptolomeu Filadelfo, no início do século III a.C., a biblioteca de Alexandria representa uma epígrafe perfeita para a discussão sobre a materialidade da comunicação. As escavações para a localização da biblioteca, sem dúvida um dos maiores tesouros da Antiguidade, atraíram inúmeras gerações de arqueólogos. Inutilmente. Tratava-se então de uma biblioteca imaginária, cujos livros talvez nunca tivessem existido? Persistiam,contudo, numerosas fontes clássicas que descreviam o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos. E eis a solução do enigma. O acervo da biblioteca de Alexandria era composto por rolos e não por livros (...) (In: João C. de C. Rocha (Org.). Interseções: a materialidade da comunicação. Rio de Janeiro: Imago; EDUERJ, 1998, p. 12, 14-15, com adaptações)

49. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2012) A partícula "se", em "Tratava-se" e em "se encontravam", classifica-se como pronome reflexivo e retoma, respectivamente, "uma biblioteca imaginária"e "centenas de milhares de rolos".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Em tratava-se é índice de indeterminação do sujeito (V.T.I. + se).

Trecho para os itens.

Colonialismo

Se, durante os séculos XVI a XVIII, os interesses comerciais europeus haviam levado países como Portugal, Espanha, França e Inglaterra a explorar economicamente o continente americano, no século XIX foi a busca por novos mercados consumidores e por matérias-primas de baixo custo, em decorrência da Revolução Industrial, o que levou as nações europeias a voltarem-se para as regiões da África e da Ásia. Foi, portanto, durante o século XIX e início do século XX, que assistimos à dominação política e econômica de países considerados economicamente subdesenvolvidos **pelas grandes potências da Europa**. *(...)*

Após a Segunda Guerra Mundial, **os movimentos nacionalistas e independentistas** *que vinham se firmando desde o período entre-guerras ganharam força tanto na África quanto na Ásia. (...)*

Internet: <http://acervo.estadao.com.br> (com adaptações).

50. (CESPE – Delegado de Polícia – AL/ 2012) O trecho "os movimentos nacionalistas e independentistas" exerce a função de sujeito da locução verbal "vinham-se firmando".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Que delícia de banca! Tem pegadinha, pois há oração subordinada adjetiva (pronome relativo). O pronome **que** retoma *os movimentos nacionalistas e independentistas* e está mais próximo do verbo, concorda? Assim sendo, o sujeito de "vinham-se firmando" é o **que**, enquanto o sujeito de "ganharam" são os movimentos.

Em caso de dúvida, desmembre as orações:

1) Oração principal (sem pronome relativo): **os movimentos nacionalistas e independentistas** ganharam força tanto na África quanto na Ásia.

2) Oração subordinada adjetiva restritiva (sem pontuação): **que** vinham se firmando desde o período entre-guerras.

51. (CESPE – Delegado de Polícia – AL/ 2012) O termo "pelas grandes potências da Europa" exerce a função de agente da passiva da oração cujo núcleo é "subdesenvolvidos".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Para haver agente da passiva, a oração, obrigatoriamente, deve estar na voz passiva e isso não ocorre: **(nós)** assistimos à dominação política e econômica de países considerados economicamente subdesenvolvidos pelas grandes potências da Europa = voz ativa.

– Nós: sujeito elíptico;

- assistimos: verbo transitivo indireto (a algo);
- à dominação política e econômica de países considerados economicamente subdesenvolvidos: objeto indireto;
- pelas grandes potências da Europa: complemento nominal.

Atenção! Julgue o item subsequente, acerca dos sentidos e da organização das ideias do trecho.

(...) O povo a que remete a ideia de soberania popular constitui uma unidade, e não, a soma de indivíduos. Jurídica e constitucionalmente, a representação "representa" o povo (e não, todos os indivíduos). Além disso, não há propriamente mandato, pois a função do representante se dá nos limites constitucionais e não se determina por instruções ou cláusulas estabelecidas entre ele (ou o conjunto de representantes) e o eleitorado. As condições para o exercício do mandato e, no limite, seu conteúdo estão predeterminados na Constituição e apenas nela. Estritamente, nem sequer é possível falar em representação, pois não há uma vontade pré-formada. Há a construção de uma vontade, limitada apenas aos contornos constitucionais. (Eneida Desiree Salgado. Princípios constitucionais estruturantes do direito eleitoral. Tese de doutoramento. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2010. Internet: <http://dspace.c3sl.ufpr.br>, com adaptações).

52. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE – RJ/2012) Os termos nominais "o povo" e "mandato" completam o sentido das formas verbais 'representa' e "há", respectivamente.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A representação (sujeito) **representa** (verbo transitivo direto) **o povo** (objeto direto); não **há** (verbo transitivo direto) **mandato** (objeto direto): o verbo haver, quando impessoal (oração sem sujeito, sentido de existir), é transitivo direto. Assim, podemos afirmar que completam o sentido das formas verbais. Termos que completam o verbo: objeto direto e objeto indireto. **Nunca** adjunto adverbial ou predicativo. Fique atento(a)!

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) A atividade policial mostra-se inscrita em um padrão de desempenho que se traduz não só na ineficácia dos resultados, mas que se reveste de aspectos suplementares, relacionados, fundamentalmente, à forma de atuação predominantemente violenta e arbitrária da polícia, permanecendo como desafio à sociedade contemporânea brasileira. Salvo raríssimas exceções, as propostas para reformulação da formação profissional da polícia no país não incorporaram o debate sobre o modelo profissional a ser adotado pela polícia e as metodologias práticas de intervenção para a realização das tarefas cotidianas que envolvem a manutenção da ordem e da segurança públicas. (Paula Poncioni. O modelo policial profissional e a formação profissional do futuro policial nas academias de polícia do estado do Rio de Janeiro. In: Sociedade e Estado, vol. 20, n.° 3. Brasília, set.-dez./2005. Internet: <www.scielo.br>, com adaptações).

53. (CESPE – CESPE –Delegado de Polícia – ES/2011) As formas verbais "incorporaram" e "envolvem" apresentam, respectivamente, complementação direta e complementação indireta.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Os dois verbos exigem complementações diretas.

- As propostas não incorporaram o debate.
  sujeito V.T.D. objeto direto
- As tarefas cotidianas envolvem a manutenção.
  sujeito V.T.D. objeto direto

Considerando a organização das ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o seguinte item.

(...) Além disso, cada uma das ideologias em que se fundamentam essas teorias políticas e econômicas constitui uma visão dos fenômenos sociais e individuais que pretende firmar-se em uma descrição verdadeira da natureza biológica, psicológica ou espiritual do humano. (Humberto Maturana. Biologia do fenômeno social: a ontologia da realidade, Miriam Graciano (Trad.), Belo Horizonte: UFMG, 2002, p, 195, com adaptações).

54. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) Em "firmar-se" (último período), o pronome indica que o sujeito do verbo é considerado de modo genérico, como indeterminado, porque a "descrição verdadeira" (último período) constitui parte de uma teoria política e econômica.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Sujeito: **a visão**. O **se** indica **reflexividade**: firmar ela mesma, ela própria.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) O particularismo das relações pessoais atravessa os novos arranjos institucionais que vêm sendo propostos como mecanismos de construção de novas formas de sociabilidade e ação coletiva na esfera pública. Finalmente, considero que, embora a formação de novos sujeitos sociais e políticos e de arenas de participação da sociedade na formulação e gestão das políticas públicas traga as marcas de nossa trajetória histórica, constitui, ao mesmo tempo, possibilidade aberta para outra equação entre universalismo e particularismo na sociedade brasileira. (Jeni Vaitsman, Desigualdades sociais e particularismos na sociedade brasileira, br. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, n.º 18 (Suplemento), p. 38, com adaptações).

55. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) Por meio da conjunção "e", empregada três vezes no trecho, é estabelecida a seguinte organização de ideias: a primeira ocorrência liga duas características de "novos sujeitos"; a segunda liga dois complementos de "formação"; a terceira, dois complementos de "arenas de participação da sociedade".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (Certo)

- novos sujeitos / sociais e políticos.
- formação / de novos sujeitos sociais e políticos e de arenas de participação da sociedade.
- arenas de participação da sociedade / na formulação e gestão das políticas públicas.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

Hipermodernidade é o termo usado para denominar a realidade contemporânea, caracterizada pela cultura do excesso, do acréscimo sempre quantitativo de bens materiais, de coisas consumíveis e descartáveis. (...) (Renato Nunes Bittencourt. Consumo para o vazio existencial. In: Filosofia, ano V, n, 48, p, 46-8, com adaptações).

56. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) A repetição da preposição de em "do acréscimo", "de bens materiais" e "de coisas" indica que esses termos são empregados, no texto, como complementos de "cultura", vocábulo que tem como primeiro complemento "do excesso".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Há paralelismos em **cultura**: do acesso e do acréscimo. Outro em **quantitativo**: de bens materiais e de coisas. Assim, não são todos os termos complementos de cultura.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias dos trechos, julgue os itens a seguir.

A desigualdade e a sustentabilidade estão diretamente ligadas aos desequilíbrios na inclusão das pessoas nos processos produtivos. (...)

No âmbito global, esse é um problema que atinge quase dois terços da população mundial a quem se trava o acesso ao financiamento, às tecnologias, ao direito de cada um ganhar o pão da sua família. (Ignacy Sachs, Cailos Lopes e Ladislau Dowbor. Crises e oportunidades em tempos de mudança. Jaa/2010. Internet: <http://dowbor.org>, com adaptações).

57. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) O uso da preposição "a" antes do pronome "quem" é exigência da relação entre o verbo **travar** e a expressão "dois terços da população mundial"; mas o uso da mesma preposição antes das palavras "financiamento", "tecnologias" e "direito" é exigência da palavra "acesso" (final do trecho).

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Trava-se o acesso a dois terços da população= a quem; trava o acesso ao financiamento; trava o acesso às tecnologias; ter acesso ao direito de. As palavras *financiamento*, *tecnologia* e *direito*, no texto, exercem a função de complemento nominal do substantivo **acesso**.

58. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) A ocorrência da prepo-

sição *em* nos termos "na inclusão" e "nos processos" indica que esses dois termos complementam "desequilíbrios" (início do trecho).

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A preposição em, nos dois termos, completa o sentido de **inclusão das pessoas** e possui função de adjunto adverbial de lugar.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

Há duas maneiras de olhar para o desenvolvimento no mundo contemporâneo. Uma, profundamente influenciada pelo crescimento da economia e pelos valores que lhe estão subjacentes, refere-se ao desenvolvimento essencialmente como uma expansão rápida e sustentada do produto nacional bruto per capita, talvez qualificada por uma exigência de que os frutos dessa expansão alcancem todas as camadas da comunidade. Uma segunda visão, que contrasta com a anterior, vê o desenvolvimento como um processo que aumenta a liberdade dos envolvidos para perseguir quaisquer objetivos que valorizem. (...) (Amartya Sem. Desenvolvimento com opulência, ou com liberdade efetiva. In: Planeta, maio/2010, p. 75, com adaptações).

59. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) O uso de terceira pessoa do singular em "aumenta" tem a função textual e gramatical de associar esse verbo a "Uma segunda visão".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O verbo **aumenta**, na terceira pessoa do singular, tem como sujeito o pronome relativo que, e está associado a *um processo*, da oração anterior, e não a *Uma segunda visão*.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) Uma em cada seis pessoas passa fome em um mundo que pode fornecer alimentos para uma população maior que a atual. A crise econômica mundial agravou esses problemas. A cidadania exige modelos econômicos que incluam a todos e existe uma demanda ativa e crescente em muitos países nesse sentido. (...) (Entrevista de Bernardo Kliksberg a CartaCapital, 12/5/2010, com adaptações).

60. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) Mantêm-se a coerência e a correção gramatical do texto ao se retirar a preposição do termo "a todos".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Inclui todos ou a todos. O verbo incluir é transitivo direto, portanto, a preposição "a" pode ser excluída. Trata-se de um objeto direto preposicionado.

▶ **Dica** – Quando ficar em dúvida se a preposição pode ou não ser retirada, coloque o pronome de tratamento **você** (se se referir à pessoa): inclui você ou inclui a você: Inclui você. A preposição pode ser retirada e vem posposta a um verbo transitivo direto.

Outro exemplo: Bebeu da água = bebeu a água (bebeu algo).

Atenção! Julgue os seguintes itens, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.

Aceitar que somos indeterminados naturalmente, que seremos lapidados pela educação e pela cultura, que disso decorrem diferenças relevantes e irredutíveis aos genes é muito difícil. Significa aceitarmos que há algo muito precário na condição humana. Parte pelo menos dessa precariedade ou indeterminação alguns chamarão liberdade.Porém nem mesmo a liberdade é tão valorizada quanto se imagina. Ela implica responsabilidades.

Parece que se busca conforto na condição de coisa. Se eu for objeto, isto é, se eu for natureza, meus males independem de minha vontade. Aliás, o que está em discussão não é tanto o que os causou, mas como resolvê-los: se eu puder solucioná-los com um remédio ou uma cirurgia,não preciso responsabilizar-me, a fundo, por eles. Tratarei a mim mesmo como um objeto. (...) (Roberto Janine Ribeiro. A cultura ameaçada pela natureza. Pesquisa Fapesp Especial, p. 40, com adaptações).

61. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STF/2008) O emprego de verbos e pronomes como "somos", "se busca", "eu" e "minha" mostra que os argumentos se opõem pela ligação de alguns a um sujeito coletivo e, de outros, a um sujeito individual, associando o coletivo a sujeito social e o individual a objeto, coisa.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não é verdade. Cada verbo e cada pronome são empregados de acordo com a ideia central do texto o que não denota ligações determinadas.

62. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STF/2008) As orações que precedem "é" (no primeiro parágrafo) constituem o sujeito que leva esse verbo para o singular.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – As orações constituem o sujeito, mas o verbo "é" concorda com "*aceitar* que somos..., que seremos..., que disso decorre...".

Trecho para a próxima questão.

(...) O capital, podendo optar por um investimento de porte em automação, em informática e em tecnologia de ponta, cada vez mais barata e acessível, não mais teria seu funcionamento embasado exclusivamente na exploração dos trabalhadores, (...) (Gilberto Lacerda Santos. Formação para o trabalho e alfabetização informática. In: Linhas Críticas, v. 6, n.° 11, jul/dez, 2000, com adaptações).

63. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2008) No texto, o aposto "cada vez mais barata e acessível" qualifica apenas "automação".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Qualifica "tecnologia de ponta", que inclui os itens anteriores.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) A sentença determina, entre outras medidas, que as penitenciárias somente acolham presos que residam em um raio de 200 km.

Segundo o juiz, as medidas que tomou são previstas pela Lei de Execução Penal e objetivam acabar com a violação dos direitos humanos da população carcerária e "abrir o debate a respeito da regionalização dos presídios". Ele alega que muitos presos das penitenciárias da região são de famílias pobres da Grande São Paulo, que não dispõem de condições financeiras para visitá-los semanalmente, o que prejudica o trabalho de reeducação e de ressocialização.

Sua sentença foi muito elogiada. Contudo, o governo estadual anunciou que irá recorrer ao Tribunal de Justiça, sob a alegação de que, se os estabelecimentos penais não puderem receber mais presos, os juízes das varas de execuções não poderão julgar réus acusados de crimes violentos, como homicídio, latrocínio, seqüestro ou estupro. (...) (Estado de S. Paulo, 13/1/2008, p. A3, com adaptações)

64. (CESPE – Delegado de Polícia – AC/2008) As orações subordinadas "que as penitenciárias somente acolham presos", "que tomou" e "que irá recorrer ao Tribunal de Justiça" desempenham a função de complemento do verbo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Classifiquemos as orações:

- *A sentença determina* que as penitenciárias somente acolham presos = oração subordinada substantiva objetiva direta (completa o verbo determinar).
- *as medidas* que tomou = oração subordinada adjetiva (possui pronome relativo) restritiva (sem vírgula). Não complementa verbo.
- *o governo estadual anunciou* que irá recorrer ao Tribunal de Justiça = oração subordinada substantiva objetiva direta (completa o verbo anunciar).

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...)

As sociedades indígenas acreanas dividem-se de maneira desigual em duas grandes famílias linguísticas: Pano e Arawak. Alguns desses povos encontram-se também nas regiões peruanas e bolivianas fronteiriças ao Acre. Do ponto de vista da antropologia, o conhecimento sobre as sociedades indígenas do estado é muito desigual. Se alguns povos, como os Kaxinawá ou os Ashaninka, atraíram o interesse de vários pesquisadores, as informações etnográficas disponíveis sobre a maior parte dos povos indígenas acreanos ainda são muito incipientes. (...) (José Pimenta. Internet: ambienteacreano.blogspot.com, com adaptações).

65. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Rio Branco – AC/2007) Em "encontram-se", o pronome "se" indica que o sujeito da oração é indeterminado, o que contribui para a impessoalização do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O verbo **encontrar** é transitivo direto: V.T.D. + SE = Voz Passiva e possui sujeito (alguns desses povos). Transpondo para a voz passiva analítica (já que a oração encontra-se na passiva sintética), teremos: Alguns desses povos são encontrados. *Alguns desses povos*, nos dois casos, possui função de sujeito paciente e o **se** é pronome apassivador.

2.3. FGV

66. (FGV 2013)

Uma das maneiras de estabelecer-se a diferença entre adjunto adnominal e complemento nominal é a de ver-se a diferença entre agente (adjunto) e paciente (complemento).

Assinale a alternativa em que o termo sublinhado funciona como adjunto adnominal.

(A) Desenvolvimento de remédios.

(B) Uso de animais.

(C) Vítima de diversos tipos de moléstias.

(D) Emprego de cobaias.

(E) Eliminação do sofrimento físico.

COMENTÁRIOS

Questão de análise sintática – diferença entre adjunto adnominal e complemento nominal.

GABARITO: C

– Antes de comentar o gabarito, é válido relembrar a teoria.

Adjunto adnominal – termo preposicionado, dentro do sujeito e com sentido ativo.

Complemento nominal – termo preposicionado, dentro do sujeito e com sentido passivo.

Fixe: Adjunto adnominal = ativo (temos o **A** em todos os termos).

Na alternativa **c**, diversos tipos de moléstias atacaram as vítimas = sentido ativo = adjunto adnominal.

Alternativa "a" – Desenvolvimento de remédios = os remédios **foram desenvolvidos** por alguém = sentido passivo: complemento nominal.

Alternativa "b" – Uso de animais = os animais **foram usados** por alguém = sentido passivo: complemento nominal.

Alternativa "d" – Emprego de cobaias = as cobaias **foram empregadas (usadas)** por alguém = sentido passivo: complemento nominal.

Alternativa "e" –Eliminação do sofrimento físico = o sofrimento físico **foi eliminado** por alguém = sentido passivo: complemento nominal.

67. (FGV 2013)

Assinale a alternativa cujo termo sublinhado exerce função **diferente** da dos demais.

(A) Conjunto de políticas.

(B) Redução de riscos.

(C) Situações de desastres.

(D) Presenças de ameaças.

(E) Condições de vulnerabilidade.

COMENTÁRIOS

Questão de análise sintática, embora a banca não tenha especificado. Normalmente é preciso avaliar se o termo preposicionado é complemento nominal ou adjunto adnominal, como ocorreu em questão anterior.

GABARITO: B

– Equivale a **os riscos foram reduzidos** e possui sentido passivo = complemento nominal.

Alternativa "a" –Conjunto de políticas = sentido ativo: as políticas possuem um conjunto = adjunto adnominal.

Alternativa "c" – Situações de desastres = sentido ativo: as desastre possuem situações = adjunto adnominal.

Alternativa "d" – Presenças de ameaças = sentido ativo: as ameaças estão presentes = adjunto adnominal.

Alternativa "e" –Condições de vulnerabilidade sentido ativo: a vulnerabilidade possui condições = adjunto adnominal.

Fixe:

Adjunto adnominal = sentido ativo.

Complemento nominal = sentido passivo.

68. (FGV – Projetos – Fundação Pró-Sangue Hemocentro de São Paulo – Advogado/2013)

Nas alternativas a seguir, o termo sublinhado funciona como paciente do termo anterior, **à exceção de uma**. Assinale-a.

(A) ânsia por cigarro.

(B) dependência do tabaco.

(C) consumo de tabaco.

(D) relaxamento de todo o corpo.

(E) técnica de meditação.

COMENTÁRIOS

Questão de análise sintática. Diferença entre adjunto adnominal e complemento nominal.

GABARITO: E

- **A meditação** possui técnica, isto é, o termo possui sentido ativo e possui função sintática de adjunto adnominal.

a. ânsia por cigarro = alguém possui ânsia por cigarro e não o cigarro possui ânsia: complemento nominal.

b. dependência do tabaco = alguém depende do tabaco e não o tabaco depende de alguém: complemento nominal.

c. consumo de tabaco = alguém consome o tabaco e não o tabaco consome alguém: complemento nominal.

d. relaxamento de todo o corpo = alguém relaxa todo o corpo e não todo o corpo relaxa alguém: complemento nominal.

---

69. (FGV – Delegado de Polícia – MA/2012) Assinale a alternativa cujo termo sublinhado desempenha uma função textual diferente de todas as demais.

(A) Consumo de cocaína.

(B) Combate ao tráfico.

(C) Busca de aperfeiçoamento.

(D) Enfrentamento da questão.

(E) Custo da operação.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"

Nota das autoras: Mais uma vez, FGV exige a diferença entre adjunto adnominal e complemento nominal (termo preposicionado com sentido ativo ou passivo, respectivamente).

- E: A operação custa = sentido ativo: adjunto adnominal.

Alternativa "a" – A cocaína é consumida = sentido passivo: complemento nominal.

Alternativa "b" – O tráfico é combatido = sentido passivo: complemento nominal.

Alternativa "c" – O aperfeiçoamento é buscado = sentido passivo: complemento nominal.

Alternativa "d" – A questão é enfrentada = sentido passivo: complemento nominal.

---

70. (FGV – Delegado de Polícia – MA/2012) "Certamente, a indesejada posição no ranking mundial de consumo de drogas levanta a questão sobre o papel de cada entidade pública e de cada cidadão no enfrentamento da questão das drogas. Contudo, é preciso avaliar inúmeros outros aspectos na constante busca de aperfeiçoamento da atividade de cada envolvido, de forma que se possa dar a devida contribuição para o enfrentamento da questão com eficiência."

No segmento acima, o termo sublinhado que tem seu valor semântico corretamente identificado é:

(A) certamente – dúvida

(B) sobre – lugar

(C) contudo – conclusão

(D) de forma que – comparação

(E) com – modo

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – **Como** possa dar a devida contribuição para o enfrentamento da questão? De que maneira? = modo: com eficiência.

Alternativa "a" – Afirmação, certeza.

Alternativa "b" – Assunto, em relação a.

Alternativa "c" – Adversidade, oposição.

Alternativa "d" – Finalidade, para algum fim.

---

71. (Delegado de Polícia – AP/ 2010 – FGV) A alternativa que analisa corretamente a função sintática do fragmento transcrito é:

(A) a sociedade brasileira tradicional – *aposto*. Em: *Portanto, a sociedade brasileira tradicional, a partir de um complexo equilíbrio de hierarquia e individualismos, desenvolveu o uso da violência, mais ou menos legítimo, por parte de atores sociais bem definidos.*

(B) organizada – *objeto direto*. Em: *A sociedade civil, por si só, é insuficientemente organizada para enfrentar esses desafios e criar alternativas legítimas para o enfrentamento da violência.*

(C) mecanismos de controle social – *sujeito*. Em: *Na sociedade tradicional, com sua violência constitutiva, existiam mecanismos de controle social que marcaram uma moralidade básica compartilhada.*

(D) inevitavelmente – *adjunto adnominal*. Em: *Hoje um projeto capaz de mobilizar a nação passa, inevitavelmente, pelo estabelecimento de uma política efetiva de segurança pública dentro da ordem democrática.*

(E) de credibilidade – *objeto indireto*. Em: *A perda de credibilidade e de referências simbólicas significativas destrói expectativas de convivência social elementares.*

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Mecanismos de controle social existiam.

Alternativa "a" –Sujeito.

Alternativa "b" –Predicativo do sujeito: a sociedade é organizada.

Alternativa "d" –Adjunto adverbial.

Alternativa "e" –Adjunto adnominal do sujeito (núcleo: perda).

2.4. MPE

72. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) Em "A sentença, já a escrevi várias vezes, mas ainda sinto-me confuso" os termos destacados, na morfossintaxe, são pronomes oblíquos e objeto direto.

COMENTÁRIOS

Certo – São chamados átonos os pronomes oblíquos que não são precedidos de preposição. Possuem acentuação tônica fraca. Exemplo: *Ela me deu uma flor.* Veja, abaixo, o quadro dos pronomes oblíquos átonos:

- 1ª pessoa do singular (eu): me
- 2ª pessoa do singular (tu): te
- 3ª pessoa do singular (ele, ela): o, a, lhe
- 1ª pessoa do plural (nós): nos
- 2ª pessoa do plural (vós): vos
- 3ª pessoa do plural (eles, elas): os, as, lhes

Importante:

- O lhe é o único pronome oblíquo átono que já se apresenta na forma contraída, ou seja, houve a união entre o pronome o ou a e preposição a ou para. Por acompanhar diretamente uma preposição, o pronome lhe exerce sempre a função de objeto indireto na oração.
- Os pronomes me, te, nos e vos podem tanto ser objetos diretos como objetos indiretos.
- Os pronomes o, a, os e as atuam, exclusivamente, como objetos diretos.

73. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) A frase *"Papa Francisco confirma viagem ao Brasil na missa de Domingo de Ramos"*, extraída do site diariocatarinense.clicrbs.com.br/sc/noticia/2013/03/francisco-anuncia-vinda-e-conclama-jovens-a-estar-no-rio-4084408.html, em 24/03/2013, tem sentido ambíguo. Uma das alternativas para eliminar essa ambiguidade consiste em transformar o adjunto adverbial "na missa de Domingo de Ramos" em uma oração subordinada adverbial temporal.

COMENTÁRIOS

Certo – "Papa Francisco confirma viagem ao Brasil na missa de Domingo de Ramos"

A viagem do Papa foi confirmada durante a missa de Domingo de Ramos?

– ou –

A viagem do Papa ocorrerá na missa de Domingo de Ramos?

Acabando com a ambiguidade...

"Durante a missão de Domingo de Ramos, Papa Francisco confirma viagem ao Brasil" g oração subordinada adverbial de tempo oração principal

Uma oração subordinada adverbial é aquela que exerce a função de adjunto adverbial do verbo da oração principal, neste caso, o verbo "confirma". Dessa forma, pode exprimir circunstância de tempo, modo, fim, causa, condição, hipótese, etc. Quando desenvolvida, vem introduzida por uma das conjunções subordinativas (com exclusão das integrantes). A classificação das orações subordinadas adverbiais é feita do mesmo modo que a classificação dos adjuntos adverbiais, baseando-se na circunstância expressa pela oração.

74. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) No período "para provar que cumpriu as normas de segurança" o verbo destacado, quanto à transitividade, é bitransitivo ou transitivo direto e indireto, por isso exige dois complementos: um sem preposição e o outro regido por ela.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – "provar" = VTD – Verbo Transitivo Direto (aquele que exige apenas um complemento sem preposição). Quem prova, prova algo ou alguma coisa.

"...para provar que cumpriu as normas ..." g V.T.D + O.D.

2.5. CONSULPLAN

Trechos para a próxima questão.

(...)

Como toda moral, a corrupção é rígida. Daí a impossibilidade do seu combate por meios comuns, seja o direito, seja a polícia. Do contrário, meio mundo estaria na prisão. A mesma polícia que combate o narcotráfico nas favelas das grandes cidades poderia ocupar o Congresso e outros espaços do governo onde a corrupção é a regra. (...)

(...) Verdade é que a ação em nome de um universal por si só caracteriza qualquer moral. É por meio dela que se faz o cálculo do "sentido" no qual, fora da vantagem que define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário.

Se a moral é medida em dinheiro, não entregar-se a ele poderá parecer um luxo. Mas um contraditório luxo de pobre, já que a questão da honestidade não se coloca para os ricos, para quem tal valor parece de antemão assegurado.

Daí que jamais se louve nos noticiários a honestidade de alguém que não se enquadra no estereótipo do "pobre". Honesto é sempre o pobre elevado a cidadão exótico. Na verdade, por meio desse gesto o pobre é colocado à prova pelo sistema. Afinal ele teria tudo para ser corrupto, ou seja, teria todo o motivo para sê-lo. Mas teria também todo o perdão? (...)

Ora, sabemos que essa "moral imoral" tem sempre dois pesos e duas medidas, diferentes para ricos e pobres. No vão que as separa vem à tona a incompreensibilidade diante do mistério da honestidade. De categoria ética, ela desce ao posto de irrespondível problema metafísico. (...) (Marcia Tiburi. Cult, dezembro de 2011)

---

75. (CONSULPLAN – Analista Judiciário – Área Judiciária – TSE/2012) Assinale o termo que, nos trechos, desempenhe função sintática idêntica à de incompreensibilidade.

(A) a regra

(B) vão

(C) cálculo

(D) Honesto

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Que se faz o cálculo: o cálculo foi feito = sujeito. Ordem direta: a incompreensibilidade vem à tona = sujeito.

Alternativa "a" – predicativo do sujeito.

Alternativa "b" – Adjunto adverbial de lugar.

Alternativa "d" – Ordem direta: o pobre elevado a cidadão exótico é honesto = predicativo do sujeito.

2.6. AJURI

---

76. (Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2012 – AJURI) Assinale a alternativa em que aparece pronome apassivador:

(A) Não se acredita mais em políticos.

(B) Não se fabricam mais bolsas de couro como antigamente.

(C) Necessita-se de vários funcionários na EMHUR.

(D) Precisa-se de profissionais qualificados para preenchimento de vagas em empresas privadas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – V.T.D. + SE = voz passiva (pronome apassivador): Bolsas de couro não são fabricadas mais como antigamente.

Alternativa "a" –índice de indeterminação do sujeito = verbo transitivo indireto + se.

Alternativa "c" –índice de indeterminação do sujeito = verbo transitivo indireto + se.

Alternativa "d" –índice de indeterminação do sujeito = verbo transitivo indireto + se.

---

77. (Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2012 – AJURI) Em todas as alternativas há objeto indireto, exceto:

(A) Sou favorável à sinalização adequada nas vias do município de Boa Vista.

(B) As ruas de Boa Vista necessitam de medidas urgentes e necessárias para a conservação.

(C) Os moradores de Boa Vista gostariam de mais segurança e policiamento nas praças.

(D) Alguns motoristas desobedecem às normas de segurança do trânsito e por isso provocam muitos acidentes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – exceção porque *à sinalização adequada* é complemento nominal do predicativo do sujeito *favorável* e não objeto indireto como ocorre nas demais alternativas.

Alternativa "b" –Medidas urgentes = complementa o verbo NECESSITAM – V.T.I. (necessitam de algo).

Alternativa "c" –De mais segurança e = complementa o verbo GOSTARIAM – V.T.I. (gostariam de algo).

Alternativa "d" –Às normas do trânsito = complementa o verbo DESOBEDECEM – V.T.I. (desobedece a algo).

2.7. IVIN

---

78. (Procurador do Município – Prefeitura Teresina – PI/2012 – IVIN) Na passagem: *"Com essa pergunta, o tribunal se dissolveu porque perceberam que todos, inclusive o juiz e o advogado de acusação, eram culpados..."* A CORRETA função sintática do termo destacado está na opção:

(A) Índice de indeterminação do sujeito.

(B) Objeto direto reflexivo.

(C) Sujeito.

(D) Partícula apassivadora.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – O termo destacado **se** é objeto direto reflexivo, pois é complemento da forma verbal transitiva direta "dissolveu" que traz ação reflexiva: o tribunal dissolveu-**se** (a si mesmo).

Alternativa "a" –O **se**, índice de indeterminação do sujeito, tem a função sintática de indeterminar o sujeito. Neste período, o sujeito está explícito – *o tribunal.*

Alternativa "c" –O **se** funciona como sujeito nas frases em que ele é o sujeito de verbos no infinitivo.

Alternativa "d" –O **se** é partícula apassivadora em frases onde o agente não é determinado e o sujeito é geralmente ser inanimado: Vendem-se casas.

---

79. (Procurador do Município – Prefeitura Teresina – PI/2012 – IVIN) Em: *"O juiz – não me lembro se menina ou menino – nomeou o advogado de acusação, e o réu nomeou seu próprio advogado."*

A forma verbal destacada classifica-se como:

(A) Verbo de ligação.

(B) Transitivo indireto.

(C) Intransitivo.

(D) Transitivo direto.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – A forma verbal destacada **nomeou** é transitiva direta e tem como complemento o objeto direto **seu próprio advogado**.

Alternativa "a" –Para haver verbo de ligação é necessário o predicativo (termo que qualifica): o réu **era** culpado.

Alternativa "b" –Exige preposição: o réu **necessita** de advogado.

Alternativa "c" –Não exige complemento: o réu **sumiu** do tribunal.

2.8. PONTUA

---

80. (Pontua Concursos – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE/SC/2011) Assinale a alternativa em que o substantivo apresentado seja núcleo do sujeito da oração em que está inserido:

(A) anos (Faz anos)

(B) criança (A cada criança, repete, cioso: – Lê aí enquanto come, menino.)

(C) pessoas (Lá, as pessoas poderão consultar de graça, à vontade.)

(D) tatuagem (oferece um bônus aos clientes: tatuagem de palavra)

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – (a) Faz **anos**: objeto direto. O verbo fazer indicando tempo decorrido é impessoal e transitivo direto;

Alternativa "b" –repete a cada **criança**: objeto indireto – repete algo a alguém;

Alternativa "c" –as **pessoas** poderão consultar: sujeito. Quem poderá consultar?;

Alternativa "d" –tatuagem possui função de aposto explicativo de bônus. Note que há dois pontos.

---

81. (Pontua Concursos – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE/SC/2011) Analise as afirmações, julgando-as V (Verdadeiras) e F (Falsas):

( ) Em *Compra-se enciclopédias* e *Aceita-se doações*, de acordo com o que prescreve a norma culta padrão, o sujeito é indeterminado.

( ) Em *Tem um que fez um cartaz*, o verbo *ter* está sendo empregado no lugar de *haver*.

( ) Em *Me pergunte qualquer coisa*, o pronome oblíquo foi empregado de acordo com as regras prescritas pela norma culta padrão.

Assinale a alternativa que complete **CORRETA** e respectivamente, de cima para baixo, os parênteses:

(A) F – V – F.

(B) V – V – F.

(C) V – F – F.

(D) F – F – V.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Questão de análise sintática e concordância

Em Compra-se enciclopédias e Aceita-se doações além de haver sujeito, há erro de concordância, pois o sujeito está no plural e o verbo no singular. Retificando: compram-se enciclopédias e aceitam-se doações. Quem compra, compra algo, verbo transitivo direto seguido do pronome apassivador **SE** indica voz passiva sintética.

Facilitando: **V.T.D. + SE = V.P. – não pode esquecer.** Verbo transitivo direto e indireto + se também é igual voz passiva. Veja: Dão-se explicações aos leitores. Explicações são dadas aos leitores. Explicações possui função de sujeito.

O primeiro item está incorreto, já que afirma haver sujeito indeterminado e o sujeito é simples e determinado. Eliminam-se as alternativas b e c.

No segundo item, basta substituir ter por haver: Há um que fez o cartaz. Fica correto, verdadeira. Já chegamos à resposta, pois a alternativa d foi descartada.

No terceiro item, inicia frase com pronome oblíquo, o que está incorreto. Não se inicia frase com pronome oblíquo e nem pode vir posposto à vírgula.

2.9. UFMT

82. (Procurador do Município – Prefeitura de Cuiabá – MT/2007 – UFMT) Sobre estruturas morfossintáticas, assinale a afirmativa INCORRETA.

(A) A oração *o Criador seja louvado!* equivale a Louve-se o Criador!, com verbo no imperativo, expressando ordem ou convite.

(B) Em *só aparecem as lindas e bem sucedidas*, o verbo concorda em número e pessoa com o sujeito posposto.

(C) O termo *conclusão* funciona como adjunto adverbial em: chegou à conclusão de que a cintura... sempre foi elogiadíssima.

(D) São intransitivos todos os verbos do período: Aliás, ninguém entende, nem mesmo Freud, que, num momento de aparente exasperação, perguntou o que as mulheres querem e morreu sem saber.

(E) *Gostosas irretocáveis* funciona como agente da passiva em: mulheres, massacradas sem clemência por gostosas irretocáveis.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – *Entender* e *perguntar* são transitivos diretos.

Alternativa "a" –O Imperativo indica ordem ou desejo. No caso mencionado, o verbo encontra-se, respectivamente, na voz passiva analítica e na voz passiva sintética.

Alternativa "b" –Ordem direta (iniciando com o sujeito): ***as lindas e bem sucedidas** só aparecem.*

Alternativa "c" –Adjunto adverbial por ser feita a pergunta ao verbo *chegar*. **Ad** origina-se do grego e significa junto, ou seja, junto do verbo.

Alternativa "e" –Voz ativa: gostosas irretocáveis massacram mulheres.

2.10 FUNRIO

83. (Funrio – Policial Rodoviário Federal/2009) *"Quando você me ouvir cantar, Venha, não creia, eu não corro perigo."* A canção de Caetano Veloso emprega uma estrutura sintática que combina os verbos "ouvir" e "cantar" com o pronome "me". Quanto a essas palavras, é correto afirmar que

(A) os verbos "ouvir" e "cantar" formam uma locução verbal vinculada ao pronome "me".

(B) apenas o verbo "cantar" é transitivo direto, sendo "me" o objeto direto.

(C) o pronome oblíquo ocupa uma posição de ênclise ao verbo "ouvir".

(D) apenas o verbo "ouvir" é intransitivo, sendo "me" uma palavra expletiva.

(E) o pronome "me" se relaciona gramaticalmente com "cantar" e com "ouvir".

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Você ouvir alguém cantar (me = objeto direto).

Alternativa "a" – Não é locução por não poderem ser substituídos por um verbo haver.

Alternativa "b" – Cantar é intransitivo: quem canta, canta.

Alternativa "c" – O pronome oblíquo está antes do verbo: próclise.

▶ **Dica:**

- Ênclise: depois do verbo;
- Próclise: antes do verbo;
- Mesóclise: no meio do verbo.

Alternativa "d" – Ouvir é transitivo direto e me é objeto direto, como mencionado na alternativa *e*.

84. (Funrio – Policial Rodoviário Federal/2009)

No tema indígena e em outros, devem-se proteger os interesses de todos e a paz social, imprescindível para o funcionamento do país, mas também devem-se proteger os direitos das partes. As florestas têm seus direitos, independentemente de algumas discussões que possam vir a acontecer sobre a propriedade de determinados territórios, porque as comunidades têm os seus. Deve – se fazer um esforço para dialogar que permita avanço no processo. (El Diario Austral, 30 set.2001).

O trecho acima foi retirado do discurso do subsecretário do Ministério de Desenvolvimento e Planejamento do Chile, publicado naquele país. Assinale a alternativa que analisa gramaticalmente de modo correto uma das passagens do texto.

(A) "Devem-se proteger os interesses de todos" contém pronome com função indeterminadora do sujeito.

(B) O advérbio "independentemente" introduz uma locução concessiva de causa.

(C) A locução verbal "possam vir a acontecer" indica a precisão das discussões.

(D) O pronome possessivo "seus" está empregado com o valor de "alguns".

(E) O termo "para o funcionamento do país" é complemento nominal de "imprescindível".

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Imprescindível para o funcionamento do país. Vamos facilitar?

1) O termo é preposicionado.
2) Voltemos ao vocábulo anteposto e tentemos conjugá-lo (imprescindível é adjetivo, ou seja, nome e não se pode conjugar). Pronto, temos complemento nominal.

Exemplo: Todos têm medo da reprovação.

- Todos: sujeito;
- Têm: verbo transitivo direto;
- Medo: objeto direto;
- Quem tem medo, tem medo de algo: da reprovação é complemento nominal.

Façamos assim: da reprovação = termo preposicionado. Voltemos ao termo anteposto = medo. É um substantivo e não pode ser conjugado: complemento nominal.

Alternativa "a" – Pronome apassivador. Faça a transposição para a voz passiva analítica para de certificar: os interesses de todos devem ser protegidos.

Alternativa "b" – Independentemente: de modo independente; livremente. Indicam causa: **porque, que, como (= porque, no início da frase), pois que, visto que, uma vez que, porquanto, já que, desde que,** etc.

Alternativa "c" – O verbo está no presente do subjuntivo, logo não indica precisão, mas sim dúvida.

Alternativa "d" – As comunidades têm os seus direitos.

85. (Funrio – Policial Rodoviário Federal/2009) Em relação à manutenção da coesão e coerência do trecho "Ao Hospital Regional de Salgueiro as vítimas do referido acidente foram levadas", pode-se afirmar que

(A) há manutenção da coesão e coerência textuais desfavorecidas pelo emprego da voz passiva.

(B) é sujeito paciente o termo "as vítimas", como comprova a concordância de "serem levadas".

(C) realizando os ajustes necessários, a expressão "foram levadas" seria erroneamente substituída por levaram-se.

(D) há inversão da ordem direta da oração, ocasionando incoerência textual e ambiguidade.

(E) é incoerência textual alocar adjunto adverbial no início do período construído na voz passiva.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – As vítimas foram levadas: as vítimas = sujeito paciente da voz passiva analítica (ser + particípio).

Alternativa "a" – Não são desfavorecidas pelo emprego da voz passiva analítica.

Alternativa "c" – Transpõe-se a oração da voz passiva analítica (ser + particípio) para a passiva sintética (V.T.D. + se).

Alternativa "d" – A inversão não ocasiona incoerência.

▶ **Dica** – Inversão: a oração não se encontra na ordem direta = sujeito + verbo + complemento.

Alternativa "e" – Como mencionado acima, não é incoerente inverter termos.

2.11. UEG

86. (Delegado de Polícia – GO/ 2008 – UEG) Assinale a alternativa em que os termos destacados exercem a mesma função sintática:

(A) "Creio igualmente que é feliz aquele que coaduna o seu modo de operar com as condições da sua época"; "Notamos também, de dois

homens cautos, que um realiza o seu propósito e o outro não".

(B) "os homens, com a sua sabedoria, não poderiam retificá-las"; "a qual manifesta seu poder onde não há forças organizadas que lhe resistam".

(C) "dois que se conduzem diversamente logram o mesmo resultado"; "A isso subordina-se igualmente o caráter cambiante do sucesso".

(D) "não é nulo nosso livre arbítrio"; "E eu a comparo a um destes rios torrentosos".

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Os dois termos possuem função de sujeito: nosso livre arbítrio é nulo; eu comparo.

Alternativa "a" –Aquele é **feliz**: predicativo do sujeito; um realiza **seu propósito**: objeto direto.

Alternativa "b" –Para ganhar tempo, nem precisaria encontrar as funções sintáticas, pois os pronomes oblíquos **o(s), a(s)** possuem função de objeto direto e o **lhe** pode ser objeto indireto, complemento nominal ou adjunto adnominal.

Retificar é transitivo direto = **las**: objeto direto; resistir é transitivo indireto = **lhe**: objeto indireto.

Alternativa "c" –**O mesmo resultado**: objeto direto; **a isso**: objeto indireto.

2.12. CESGRANRIO

Atenção! A questão refere-se ao texto abaixo.

O sentido da vida

Quantas vezes ficamos desesperados procurando entender a logicidade do que não tem lógica. Queremos uma explicação lúcida e convincente daquilo que não se explica. Simplesmente é.

Nos perdemos em um mar de "por quês". Por que isso, por que aquilo. Por que justamente comigo? Nos afundamos nos "por quês" em tudo que nos cerca, e perdemos o sentido do fluxo do nosso caminho.

Não existem caminhos pré-determinados. O caminho de cada um se faz ao caminhar. Ou seja, a maneira como eu percorro o meu caminho é que vai determinar como ele irá se delinear. O ponto de chegada é a meta que eu necessito para a evolução da minha consciência, do meu ser interior. Aquilo que eu devo aprender. A conclusão a que eu devo chegar.

Mas, a maneira como eu caminho, se me posiciono às margens, de um lado ou de outro, ou se prefiro a via central, o caminho do meio, depende de mim. Tudo é uma questão de posicionamento. Onde eu me coloco diante de tal fato? De que lugar eu estou, neste momento, olhando para minha vida? Onde eu estou? Onde você está?

Aquilo que nós carregamos através desse caminho pertence apenas a nós mesmos. Se oferecemos algo a alguém, e isto é aceito, deixa de nos pertencer. E se não for aceito, continua conosco. E é isso que acontece com nossos sentimentos de amor, compaixão, inveja, raiva e tudo que nossa alma humana possa criar. Se o amor que eu sinto não é aceito, eu não posso doá-lo. Se a raiva que eu sinto não é aceita, eu não posso depositá-la. Se o outro não me recebe, eu não posso chegar. Eu continuo a sentir o que sinto, mas não chega ao destinatário.

Só carregamos aquilo que não é nosso se dermos permissão para isso. Ou melhor, se eu aceito levar uma carga que não me pertence é porque eu estou fazendo essa escolha. E esse é o caminho que eu estou escolhendo. Se, ao contrário, eu percebo e discrimino aquilo que tem a ver comigo e reconheço como pertencente a mim, eu entro no fluxo da minha vida, me apodero do sentido que ela tem para mim.

Os "por quês" já não são importantes. Mas, sim, buscar o sentido através do "para quê". Procurando compreender o propósito das atitudes. Aprendendo a fazer a leitura dos gestos. Se uma pessoa (nos incluindo também) tem um determinado comportamento, não devemos perguntar: "Por que isso"? Mas, o melhor é perguntar: "Para que isso? O que você quer obter ou provocar?

Qual a sua intenção em fazer tal coisa"?

Dessa maneira, temos a possibilidade de transformar a situação que nos aflige. Não é desvendando o "por quê", mas compreendendo o "para quê".

Ninguém tem o direito de escolher o caminho que você deve seguir! Só se você permitir...
(LIMA, Eneida. Jornal do Brasil. Revista Vida. Rio de Janeiro, 28 ago. 2004. ano I, no 38. p. 20.

87. (Cesgranrio – Analista Previdenciário – INSS/ 2005) Assinale a opção em que o verbo ser está empregado, tanto semântica quanto sintaticamente, de forma diferente das demais.

(A) "Tudo é uma questão de posicionamento." (quarto parágrafo)

(B) "Se oferecemos algo a alguém, e isto é aceito, deixa de nos pertencer." (quinto parágrafo)

(C) "Se o amor que eu sinto não é aceito, eu não posso doá-lo." (quinto parágrafo)

(D) "Só carregamos aquilo que não é nosso se dermos permissão para isso." (sexto parágrafo)

(E) "Ou melhor, se eu aceito levar uma carga que não me pertence é porque eu estou fazendo essa escolha." (sexto parágrafo)

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Perceba que nas outras alternativas o verbo ser é de ligação, seguido, óbvio, de predicativo. O que não ocorre na alternativa e, pois apenas acompanha a conjunção coordenada explicativa porque.

Alternativa "a" –verbo de ligação seguido de predicativo do sujeito (uma questão de posicionamento).

Alternativa "b" –verbo de ligação seguido de predicativo do sujeito (aceito).

Alternativa "c" –verbo de ligação seguido de predicativo do sujeito (aceito).

Alternativa "d" –verbo de ligação seguido de predicativo do sujeito (nosso).

2.13. FEPESE

Texto:

Sábias palavras, Edison: completas e verdadeiras. Nada a acrescentar; pena que suas palavras não surtiram efeito nos meios políticos, pois para eles isso nada importa; o que importa é a cultura do poder e a manutenção de suas regalias, custe o que custar... pois quem paga por isso é o povo, o mesmo povo que chamam de vândalos, mas na época das eleições recebem até tapinha nas costas e belos sorrisos nas fotos...

88. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) No texto acima, ocorrem dois predicativos do sujeito: um na oração "o que importa é a cultura do poder", representado por "a cultura do poder"; o outro na oração "pois quem paga por isso é o povo", representado por "o povo".

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (falso) – Bela pegadinha da banca! As duas orações encontram-se na ordem indireta, ou seja, não se iniciam com o sujeito. À analise:

A cultura do poder (sujeito) é o que importa = predicativo: O (pronome demonstrativo que pode ser substituído por "aquilo").

O povo (sujeito) é quem paga.

89. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) O objeto indireto e o complemento nominal, quando formados por preposição seguida de um substantivo, apresentam a mesma estrutura e, por isso, podem se confundir. Todavia, a diferença entre eles é a seguinte: o objeto indireto completa o sentido de um verbo transitivo indireto; o complemento nominal completa o sentido de um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio). Servem de exemplo:

COMENTÁRIOS

Alternativa "a" –Objeto indireto:

- O inimigo não resistiu ao ataque.
- Eles não precisam de apoio.

Alternativa "b" –Complemento nominal:

- Anteriormente ao presidente, falou o embaixador.
- Vou me esforçar, mas não tenho certeza do resultado positivo.
- Estou cercado de chupins.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (verdadeiro) – a) não resistiu (verbo) a algo: O.I.; não precisa (verbo) de algo: O.I.; b) Anteriormente (advérbio – nome) a algo: C.N.; cercado (adjetivo) de algo: C.N.

▶ **Dica: rápida:** nomes não são conjugados.

QUESTÕES DIFÍCEIS

1. ESAF

01. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal do Brasil/2009) Os trechos a seguir constituem um texto adaptado de **Valor Econômico**. Assinale a opção que apresenta erro de sintaxe.

(A) Pela primeira vez desde a década de 1970, uma onda de fome se espalha por vários pontos do globo simultaneamente. Os protestos não ocorrem apenas na miserável África, mas atingem o Vietnã e as Filipinas, na Ásia, as ex-províncias soviéticas, como o Cazaquistão, e os países latino-americanos, como o México.

(B) Ao contrário das crises de anos anteriores, não há nenhuma grande quebra de safra provocada por desastres climáticos de grandes proporções – a única exceção atual é o trigo. Desta vez, os próprios preços se abatem sobre os miseráveis e remediados dos países em desenvolvimento com a força de calamidades naturais.

(C) A reação dos governos diante da pressão de massas esfomeadas na rua, ou diante da possibilidade de tê-las em futuro próximo, foi a suspensão das exportações, a redução das tarifas de importação, o subsídio direto ao consumo ou o controle de preços.

(D) As previsões de inflação média dos países emergentes subiram para algo em torno de 7% este ano. Quando examinada a inflação específica dos alimentos, os índices pulam para os dois dígitos. O trigo aumentou 77% no ano passado e o caso do arroz é dramático para os pobres da Ásia: ele mais que dobrou de preço no ano.

(E) A instabilidade econômica criada com a crise das hipotecas nos EUA soma-se agora princípios de instabilidade política em boa parte do planeta, fruto de uma situação que tem tudo para se tornar explosiva. A alta dos preços dos alimentos é forte e disseminada à ponto de elevar os índices de inflação em todo o mundo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

✪ **Nota da autora:** Quando no enunciado houver *sintaxe*, atente-se a concordância, regência e crase.

Há dois erros e iniciemos pelo mais fácil: acento indicativo de crase antes substantivo masculino *ponto*. Quanto ao segundo erro, há duas possibilidades: "A instabilidade econômica criada com a crise das hipotecas nos EUA soma-se agora **a** princípios de instabilidade política em boa parte do planeta" ou "**À** instabilidade econômica criada com a crise das hipotecas nos EUA **somam**-se agora princípios de instabilidade política em boa parte do planeta".

Nas alternativas a, b, c e d não há erros.

---

02. (ESAF – Analista Tributário da Receita Federal do Brasil/2009) Em relação à função do "se", assinale a opção correta.

A queda de rentabilidade das exportações se agrava(1) a cada dia em razão da valorização do real. Tudo indica que a moeda nacional deve continuar a se valorizar(2) e o Banco Central (BC), apesar das suas intervenções cada vez maiores, está impotente diante dessa valorização, que torna mais difícil a exportação e favorece a importação, ameaçando o crescimento da indústria nacional. O governo se mostra(3) incapaz de encontrar um modo de compensar esse efeito.

Está-se(4) observando também uma queda no quantum das exportações de manufaturados, de 17,4% nos sete primeiros meses do ano, junto com uma queda de preços de 5,5%, enquanto nos produtos básicos um aumento de 6,5% no quantum correspondeu a uma queda de 16,1% nos preços.

Não se pode(5) pensar que o fluxo de dólares possa diminuir nos próximos anos e, assim, criar um ambiente muito favorável a uma desvalorização, pois os Investimentos Diretos Estrangeiros devem crescer, a Bolsa de Valores acompanhará a melhora da economia e a produção de petróleo, apesar da criação de um fundo especial, aumentará as receitas. (O Estado de S. Paulo, Editorial, 14/10/2009)

(A) (1) Indica voz passiva analítica.

(B) (2) Indica sujeito indeterminado.

(C) (3) Funciona como objeto indireto.

(D) (4) Indica voz reflexiva.

(E) (5) Indica sujeito indeterminado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de análise sintática e voz verbal.

Não se pode pensar equivale a **não se pensa:** para evitar erro, substitua os dois verbos por um, assim, elimina-se o auxiliar e facilita a classificação. Quem pensa, pensa em algo = **verbo transitivo indireto + se** indica sujeito indeterminado e a oração está na voz ativa.

Alternativa "a" –Voz passiva analítica: verbo ser + particípio. Não há tal construção.

Alternativa "b" –O que deve continuar a se valorizar? **A moeda nacional** possui função de sujeito simples.

Alternativa "c" –Não há objeto indireto no período. O único termo preposicionado é *de encontrar um modo de compensar esse feito* e possui função sintática de complemento nominal (quem é incapaz, é incapaz de algo).

Alternativa "d" –Está-se observando = observa-se (verbo transitivo direto + se). A oração está na voz passiva sintética e equivale a uma queda no quantum das exportações é observada (voz passiva analítica).

---

03. (ESAF – Analista Tributário da Receita Federal do Brasil/2009) Assinale a opção que apresenta proposta de substituição correta de palavra ou trecho do texto.

5 10	Há sociedades que têm a vocação do crescimento, mas sem a vocação da espera. E a resultante, quando não é inflação ou crise do balanço de pagamentos, é uma só: juros altos. O conflito entre as demandas do presente vivido e as exigências do futuro sonhado é um traço permanente da condição humana. Evitar excessos e inconsistências dos dois lados é um dos maiores desafios em qualquer sociedade. No afã de querer o melhor de dois mundos, o grande risco é terminar sem chegar a mundo algum: a cigarra triste e a formiga pobre. (Texto adaptado de Eduardo Giannetti. O valor do amanhã: ensaio sobre a natureza dos juros. São Paulo: Companhia das Letras, 2005)

(A) "Há" (ℓ.1) por "Existe".

(B) "que têm a vocação do crescimento" (ℓ.1) por "cuja vocação de crescimento".

(C) "No afã de querer" (ℓ.8 e 9) por "No equívoco de visar".

(D) "E a resultante, quando não é" (ℓ.2 e 3) por "E se caso a resultante não seja".

(E) "mas sem a vocação da espera" (ℓ.2) por "mas não, a da espera".

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de análise sintática, concordância, semântica e período composto.

Alternativa "e": correta porque ocorreu zeugma (omissão de palavra): Há sociedades que têm a vocação do crescimento, **mas não, a da espera** = mas não (a vocação) da espera.

Alternativa "a" –Há sociedades: oração sem sujeito, verbo impessoal e no singular. **Existem** sociedades: o sujeito é o substantivo *sociedades* e o verbo deve concordar com o sujeito plural.

Alternativa "b" –O pronome relativo *que* refere-se a *sociedades* e não pode ser substituído pelo *cuja* por se referir ao termo posposto (vocação). Os pronomes relativos *que, quem, onde, o(a) qual, os (as) quais* nunca poderão ser substituídos por *cuja(o).*

Alternativa "c" –Afã significa ânsia, sofreguidão, não havendo relação semântica com *equívoco.*

Alternativa "d" –Altera a circunstância de adição para condição (se caso).

---

04. (ESAF – Analista Tributário da Receita Federal do Brasil/2009) Com relação a aspectos semânticos e sintáticos do texto, assinale a opção correta.

Aconteceu poucos dias após o início do governo Collor, a partir do congelamento dos depósitos bancários. Estávamos na longa e irritante fila de um grande banco, em busca da minguada nota de cinquenta a que cada um tinha direito. Uma fila pode ser tomada como um exercício de psicologia comparada. Se, por absurdo, uma fila assim tivesse de ser formada em um banco americano, aposto que nela reinaria a frustração controlada e a incomunicação. A cena no banco brasileiro era diferente. Quase todos conversavam animadamente, irmanados na dor de ver seu dinheiro distanciar-se para, quem sabe, não mais retornar. Havia os ministros da Fazenda, que mediam as possibilidades incertas de recuperar os depósitos, havia os conformados, que aceitavam tudo, se esse fosse o preço a ser pago pela morte do dragão inflacionário. Havia os que ficavam especulando sobre as alternativas que poderiam ter adotado para escapar ao sequestro. A opção mais aceita punha nas nuvens o português dono de padaria. Ele, sim, fizera o certo, guardando seu dinheiro debaixo do colchão. (Boris Fausto. Memória e História. São Paulo: Graal Ltda., 2005)

(A) Atendidas as prescrições gramaticais, o segundo período do segundo parágrafo assim poderia ser reescrito: Aposto que, se, por absurdo, tal fila tivesse sido formada em um banco dos Estados Unidos, teriam, nela, reinado a frustração controlada e o silêncio.

(B) Atendidos os preceitos gramaticais, é uma construção alternativa para a oração "a que cada um tinha direito": a qual cada um de nós tínhamos direito.

(C) São duas formas corretas de substituição do segmento "pode ser tomada como": pode suscitar; pode ser comparada a.

(D) Como o verbo da primeira oração do texto é impessoal, não há expressão que exerça a função de sujeito, o que não acarreta prejuízo semântico nem sintático para o parágrafo, porque, no período seguinte, é explicitado o fato narrado pelo autor do texto.

(E) São exemplos de expressões empregadas no texto com sentido denotativo e conotativo, respectivamente: "os ministros da Fazenda" e "morte do dragão inflacionário".

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de análise sintática, pontuação, regência e semântica.

As vírgulas, na alternativa a, indicam várias intercalações, leia as sequências em negrito: *Aposto que, se, por absurdo, tal fila tivesse sido formada em um banco dos Estados Unidos, teriam, nela, reinado a frustração controlada e o silêncio.*

A vírgula após a conjunção integrante *que* está indicando intercalação da oração subordinada adverbial condicional "se, por absurdo, tal fila tivesse sido formada em um banco dos Estados Unidos" e a expressão *por absurdo* indica, também, intercalação. O com-

plemento verbal do verbo *apostar* (oração principal) é a oração subordinada substantiva objetiva direta "teriam, nela, reinado a frustração controlada e o silêncio" e o adjunto adverbial de lugar *nela* (retomando fila) aparece intercalado.

Erros nas demais alternativas:

Alternativa "b" –Há dois erros na substituição: 1. Ao substituir o pronome relativo *que* por *a qual, este deveria* receber o acento indicativo de crase já que a regência do substantivo *direito* pede a preposição a (tem direito a algo): **à qual** *cada um de nós tinha direito.* Para se certificar do emprego da crase, substitua o substantivo feminino *nota,* a que o pronome relativo se refere, por um substantivo masculino qualquer: o dinheiro **ao qual** cada um de nós tinha direito. Resultando na forma **ao**, indica que há crase na expressão. 2. A concordância verbal na expressão cada um exige verbo no singular: **cada um de nós tinha direito.**

Alternativa "c" –A expressão *pode ser tomada como* indica comparação. Poderia ser substituída por *pode ser comparada a,* mas não por *pode suscitar.* Suscitar: fazer aparecer, provocar, originar.

Alternativa "d" –Pelo simples fato de afirmar que "no período seguinte, é explicitado o fato narrado pelo autor do texto", sabe-se que o verbo não é impessoal.

Alternativa "e" –Sem entender o teor do texto, certamente surgiriam dúvidas, mas no contexto, a expressão *os ministros da Fazenda* está se referindo aos espertos, pois "mediam as possibilidades incertas de recuperar os depósitos", ou seja, está empregada no sentido conotativo também, como a "morte do dragão inflacionário".

Leia o texto para responder à questão 05.

5	Boa parte de nossa infelicidade ou aflição nasce do fato de vivermos rodeados (por vezes esmagados ou algemados) por mitos. Nem falo dos belos, grandiosos ou enigmáticos mitos da Antiguidade Grega. Falo, sim, dos mitinhos bobos que inventou nosso inconsciente medroso, sempre beirando precipícios com olhos míopes e passo temeroso. Inventam-se os mitos, ou deixamos que aflorem, e construímos em cima deles a nossa desgraça. (Lya Luft, Faxina nos mitos. Veja, 20 de abril, 2005, com adaptações)
10	

05. (ESAF – Técnico da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Julgue os seguintes itens a respeito das estruturas linguísticas do texto:

I. De acordo com as regras gramaticais, o verbo da primeira oração do texto poderia ser empregado tanto no singular quanto no plural.

II. É pela flexão de número no verbo da oração subordinada, "que inventou nosso inconsciente medroso" (ℓ.5 e 6), que são identificados o sujeito e o objeto dessa oração.

III. A ideia de "sempre beirando precipícios com olhos míopes e passo temeroso" (ℓ. 6 e 7) constitui uma forma figurativa para explicar "mitinhos" (ℓ.5).

IV. O desenvolvimento do texto mostra que **inventar** e **deixar aflorar** são empregados para indicar a passividade dos mitos na sua criação.

Estão corretos apenas

(A) I e II

(B) I e III

(C) II e III

(D) III e IV

(E) II e IV

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de análise sintática, concordância verbal e semântica.

I. Errada: o verbo deve permanecer no singular por concordar com o substantivo singular *parte.*

II. Correta: a oração está na ordem inversa (não se inicia com o sujeito).

Nosso inconsciente medroso	que inventou	os mitinhos bobos
sujeito	v.t.d.	objeto direto

III. Errada: a ideia explica "nosso inconsciente medroso".

IV. Correta, pois o verbo *inventar* está seguido pelo pronome apassivador *se,* ou seja, voz passiva.

06. (ESAF – Técnico da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Os segmentos abaixo são partes sequenciadas de um texto. Assinale o trecho incorreto quanto à organização sintática.

Alternativa "a" –O Estado, em dificuldades, já não consegue atender às demandas da sociedade, notadamente aquelas dos segmentos mais carentes.

Alternativa "b" –Esses, proporcionalmente, concentram seus maiores contingentes nos países mais pobres, reduzindo-lhes crescentemente a possibilidade de superar a discriminação de toda ordem e o resgate de seus direitos econômicos, sociais, políticos e até de sobrevivência.

Alternativa "c" –Movida pelas necessidades decorrentes da carência, a sociedade procura construir sua autonomia e sua identidade fora da tutela do Estado.

Alternativa "d" –Num processo de reivindicação e expressão de luta, ela busca uma nova maneira de encarar o Estado e de agir coletivamente, manifestando suas aspirações e necessidades.

Alternativa "e" –Nasce, então, novos atores sociais e políticos, que não só lutam por políticas públicas que os atendam, mas, principalmente, pelo reconhecimento como sujeitos legítimos na construção e efetivação de direitos e de uma cultura política de respeito às liberdades, à igualdade social, à justiça econômica e à transparência das ações do poder público.

(itens adaptados de Carlos Eugênio Friedrich Barretohttp://www2.uerj.br/~labore/cquestoesc/sociedade_2-main.htm)

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão, também, de concordância verbal.

O verbo deve concordar com o sujeito: novos atores sociais e políticos **nascem**.

As alternativas *a, b, c* e *d* estão corretas.

---

07. (ESAF – Técnico da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Assinale a opção em que inexiste erro de natureza gramatical e/ou linguística.

Alternativa "a" –Um dos grandes impulsionadores de mudanças são os gestores urbanos que adotam a forma incrementalista de atuação e agem, associados ou não a empresas imobiliárias, no intuito de alterar usos da terra urbana ou de ampliar fisicamente os limites da cidade.

Alternativa "b" –A cidade também apresenta fixos com permanência, nos quais não se alteram mesmo ao longo de processos seculares, e é por isso que algumas cidades apresentam feições históricas, preservadas como testemunhas de culturas passadas, ultimamente "tombadas como patrimônios históricos da humanidade".

Alternativa "c" –Aparentemente, as cidades parecem apresentar maior densidade de fixos, pois o caráter de mudanças e transformações não é capturado ao longo de uma mesma geração social, ou se percebe apenas aquelas mudanças de maior impacto, como derrubada de velhas fábricas nas quais se constroem modernos centros de compras.

Alternativa "d" –A cidade, como construto socioespacial, reveste-se de caráter cambiante conforme a atuação das forças que impulsionam o processo de urbanização. Daí por que, no decurso de algumas dezenas de anos, certos "fixos urbanos" poderão não resistir à pressões da sociedade, emergindo estruturas novas a partir de intervenções nos antigos cascos da cidade.

Alternativa "e" –Nessa ação incremental de governo tem papel de destaque um amplo trabalho de *marketing* político sob a hégide da "ideologia da casa própria" e a partir da doação de terreno e uso constante dos meios de comunicação de massa anunciando as diferentes estratégias de acesso a lotes.

(Aldo Paviani, A realidade da metrópole: mudança ou transformação na cidade?, com adaptações)

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

✪ **Nota da autora:** Há erros de regência (com emprego de pronome relativo), concordância, crase, pontuação e ortografia.

Na alternativa *a*, o verbo *ser* concorda com o predicativo do sujeito (plural): *os gestores urbanos.*

Alternativa "b" –Pronome relativo: fixos **que** (ou **os quais**) não se alteram. O substantivo *fixos* possui função de sujeito e não admite preposição.

Alternativa "c" –Concordância verbal: ... se **percebem** aquelas mudanças. A oração encontra-se na voz passiva sintética e o termo *aquelas mudanças* possui função de sujeito = aquelas mudanças são percebidas.

Alternativa "d" –O acento indicativo de crase antes do substantivo plural *pressões* também está errado. Não se usa crase em singular + plural.

Alternativa "e" –Faltou vírgula para isolar a inversão do adjunto adverbial: ***Nessa ação incremental de governo,*** *tem papel de destaque um amplo trabalho de marketing político*; erro ortográfico: **égide**: o que serve de amparo, defesa, proteção.

---

08. (ESAF – Secretaria da Receita Federal – Técnico da Receita Federal/2003) Em relação ao texto, assinale a opção incorreta.

5 10	A ciência moderna desestruturou saberes tradicionais, e seu paradigma mecanicista, que encara o mundo natural como máquina desmontável, levou a razão humana aos limites da perplexidade, porquanto a fragmentação do conhecimento em pequenos redutos fechados se afasta progressivamente da visão do conjunto. A excessiva especialização das partes subtrai o conhecimento do todo. Daí resulta a dificuldade teórica e prática para que o espírito humano se situe no tempo e no espaço da sua existência concreta. (José de Ávila Aguiar Coimbra, Fronteiras da Ética, São Paulo: Senac, 2002, p. 27)

(A) O sentido da palavra "paradigma"(ℓ.2) está associado à ideia de modelo, ponto de vista teórico.

(B) As vírgulas após "mecanicista"(ℓ.2) e após "desmontável" (ℓ.3) isolam uma expressão de caráter explicativo.

(C) Pelos sentidos do texto, o sujeito sintático de "levou"(ℓ.4) é "seu paradigma mecanicista" (ℓ.2).

(D) Ao se substituir a conjunção "porquanto" (ℓ.5) pela conjunção **porque**, as relações sintáticas e semânticas do período são mantidas.

(E) Em "se situe"(ℓ.10) o pronome "se" indica indeterminação do sujeito e contribui para conferir impessoalidade ao texto.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – O sujeito do verbo *situar* é *o espírito humano.*

Alternativa "a" –*Paradigma* mecanicista: modelo, ponto de vista teórico.

Alternativa "b" –As vírgulas separam oração subordinada adjetiva explicativa, portanto possui valor explicativo.

Alternativa "c" –Retire a intercalação da oração citada acima: *seu paradigma mecanicista levou a razão humana aos limites da perplexidade.*

Alternativa "d" –*Porquanto* e *porque* são conjunções explicativas.

---

09. (ESAF – Secretaria da Receita Federal – Técnico da Receita Federal/2003) Assinale a opção em que o trecho do texto foi transcrito com erro de sintaxe.

Alternativa "a" –As empresas do setor imobiliário que deixaram de prestar contas das transações realizadas em 2002 vão ser alvo de investigação da Receita Federal. Imobiliárias, construtoras e incorporadoras tinham prazo limitado para entregar a Declaração de Informação sobre Atividades Imobiliárias-Dimob.

Alternativa "b" –A estimativa é de que metade das empresas não declarou, mas o coordenador-geral de Fiscalização da Receita acredita que muitas delas ainda vão cumprir a exigência. Até o prazo foram entregues 21.395 declarações, mas nos registros da Receita constam em cerca de 40 mil empresas que estariam obrigadas a declarar.

Alternativa "c" –O coordenador diz que os dados da Dimob serão confrontados com as informações da declaração das empresas e das pessoas físicas. O coordenador afirma ainda que as informações serão cruzadas com os dados da CPMF, que têm sido instrumento indispensável ao trabalho de fiscalização do órgão.

Alternativa "d" –Na declaração, as imobiliárias só devem informar as operações realizadas no ano passado. As empresas que não tiveram atividades em 2002 estão desobrigadas de prestar contas. Quem deixou de entregar a declaração no prazo pagará multa mínima de R$ 5 mil por mês-calendário. Em caso de omissão ou informação de dados incorretos ou incompletos, a multa será de 5% sobre o valor da transação.

Alternativa "e" –Essa declaração foi criada em fevereiro de 2003 para identificar as operações de venda e aluguel de imóveis. A Receita quer saber, por exemplo, a data, o valor da transação e a comissão paga ao corretor. No ano passado, foram fiscalizadas 495 empresas do setor, cujas autuações somaram R$ 1,2 bilhão.

(Adaptado de www. receita. fazenda.gov.br, 5/06/2003)

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Correção: *A estimativa é de que metade das empresas não declarou, mas o coordenador-geral de Fiscalização da Receita acredita que muitas delas ainda vão cumprir a exigência.* ***Até o prazo,*** *foram entregues 21.395 declarações, mas nos registros da Receita constam* ***que cerca de 40 mil empresas estariam*** *obrigadas a declarar.*

As alternativas *a, c, d* e *e* estão corretas.

2. CETRO

---

10. (Cetro – Auditor Fiscal Tributário Municipal – Campinas/SP) Em relação ao trecho: "Mais convincente é **a drástica recuperação nas taxas de expansão dos PIBs da Índia e China** [...]", retirado do quarto parágrafo, assinale a alternativa cujo termo destacado equivale sintaticamente ao termo destacado acima.

(A) "A conexão entre abertura comercial e prosperidade econômica é **forte e sugestiva**."

(B) "Os críticos, então, **mudam de assunto** e argumentam que o crescimento motivado pelo comércio beneficia apenas as elites e não os pobres [...]"

(C) "**Os defensores do livre comércio** também não precisam ter receio [...]"

(D) "[...] o argumento negativo de que a experiência histórica justifica os argumentos a favor do protecionismo é **falho**."

(E) "Também não podemos argumentar que o crescimento tenha **pouco a ver com a política comercial** [...]"

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Questão fácil, mas precisaria, em primeiro lugar, colocar na ordem direta: sujeito + verbo.

- A pergunta: o que é convincente? A drástica recuperação... / O verbo é de ligação e *convincente* é predicativo do sujeito. **Os defensores do livre comércio = sujeito.**

Alternativa "a" – Predicativo do sujeito.

Alternativa "b" – Grifaram o verbo *mudar*: alternativa facilmente descartada.

Alternativa "d" – Predicativo do sujeito.

Alternativa "e" – Grifaram o advérbio de intensidade *pouco*: alternativa facilmente descartada.

3. CESPE

Trecho para o item.

(...) Respeitam-se, decerto, as características particulares da administração pública.

(...) o governo necessita de que as escolas assumam um papel de "escola corporativa de gestão", alinhando-se às políticas e diretrizes de governo no sentido da melhoria da gestão pública.(...)

Adriano Cesar Ferreira Amorim. O programa de capacitação de servidores públicos e de cidadãos do Tribunal de Contas da União: um exemplo de atuação estratégica das escolas de governo. Revista do TCU, ano 45, n.º 26, jan.-abr./2013. Internet:<http://portal2.tcu.gov.br> (com adaptações).

11. (CESPE/UnB – TCE/RO – Auditor de Controle Externo/2013) Nas expressões "Respeitam-se" e "alinhando-se", o pronome "se" foi empregado para indicar a indeterminação do sujeito das respectivas formas verbais.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

- **Errado** – Se há **SE** acompanhado de verbo, deve-se verificar a predicação verbal:

Respeitam-se as características = quem respeita, respeita algo (verbo transitivo direto). Trata-se de voz passiva sintética. O **se** é pronome apassivador e o termo **as características** possui função de sujeito. Transpondo para a voz passiva analítica: as características particulares da administração pública são respeitadas. Sem analisar o segundo verbo já descobrimos que o item está incorreto. Fácil assim.

Trecho para o próximo item.

(...) Eis aí o fundamento primeiro das políticas em favor de quaisquer minorias. No que toca às pessoas com deficiência, é possível afirmar que o viés assistencialista e caridosamente excludente que orientava as ações governamentais tem sido substituído por programas de efetiva inclusão, que visam formar cidadãos sujeitos do próprio destino, e não mais meros beneficiários de políticas de assistência social. (...)

Brasil. Ministério do Trabalho e Emprego. Secretaria de Inspeção do

Trabalho. A inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho.

2.aed., Brasília, 2007. Internet: <www.dominiopublico.gov.br> (com adaptações).

12. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) A inserção de vírgulas imediatamente antes e depois da oração "que orientava as ações governamentais" manteria a correção gramatical, mas alteraria o sentido do período.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A oração inicia-se com pronome relativo, ou seja, é subordinada adjetiva restritiva. Ao inserir vírgula, a correção gramatical é mantida, mas o sentido passaria de restritivo (alguns) a explicativo (todos).

4. IC

(IC – TCM/GO – Auditor de Controle Externo/2012) Assinale a análise correta do termo da oração destacado.

O filme "O Artista" ultrapassou os limites do público segmentado.

(A) Objeto direto.

(B) Objeto indireto.

(C) Sujeito.

(D) Predicativo do sujeito.

(E) Agente da passiva.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – O verbo *ultrapassar* é transitivo direto: ultrapassou algo – e exige objeto direto como complemento.

Alternativa "b" – O verbo precisaria ser transitivo indireto. Exemplo: obedeceu aos limites.

Alternativa "c" – Sujeito: O filme "O Artista", sendo que A ARTISTA possui função de aposto especificativo.

Alternativa "d" – Não qualifica, logo não pode ser predicativo.

Alternativa "e" – Para haver agente da passiva, a oração deveria estar na voz passiva. Exemplo: os limites foram ultrapassados **pelo filme**. Não é o caso.

QUESTÕES INÉDITAS

01. (Duda Nogueira) Indique a função sintática dos termos destacados, respectivamente, em: "Testes avaliados pela banca apontam erros crassos." e "Não lhe serei fiel eternamente."

(A) complemento nominal e objeto indireto.

(B) sujeito paciente e adjunto adnominal.

(C) agente da passiva e objeto indireto.

(D) complemento nominal e complemento nominal.

(E) agente da passiva e complemento nominal.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"

– Errar a classificação dos termos seria fácil, caso não estivéssemos pensando em algo difícil que possa ser exigido em prova futura.

1. Para haver voz passiva analítica, automaticamente, você procura esta estrutura: **verbo ser ou verbo estar + particípio**. O que aconteceu na primeira frase? Retirei o verbo SER para tentar confundir você. A frase equivale a Testes (foram) avaliados **pela banca** e o termo preposicionado – também em destaque – possui função de agente da passiva. Eliminadas alternativas A, B e D.

Transpondo para a voz ativa – há duas informações e apenas a primeira nos interessa: **A banca avaliou testes.**

Temos:

Testes	(foram) avaliados	**pela banca.**
sujeito paciente	ser (implícito) + particípio	**agente da passiva**

2. Para a correta classificação, é imprescindível colocar a oração na ordem direta:

(Eu) não serei fiel **a você** (= lhe) eternamente.

Não serei fiel (predicativo do sujeito = nome) **a alguém**: complemento nominal. Eliminada alternativa C porque deveria completar um verbo transitivo indireto e não um nome (adjetivo, no caso).

	(eu)	não	serei	fiel	**a você (=lhe)**	eternamente.
Análise sintática	sujeito	adjunto adverbial de negação	verbo de ligação	predicativo do sujeito	**complemento nominal**	adjunto adverbial de tempo
Análise morfológica	pronome pessoal reto	advérbio de negação	verbo	adjetivo	preposição + pronome de tratamento	advérbio de tempo

Da forma como está no enunciado:

	(eu)	não	**lhe (= a você)**	serei	fiel	eternamente.
Análise sintática	sujeito	adjunto adverbial de negação	**complemento nominal**	verbo de ligação	predicativo do sujeito	adjunto adverbial de tempo
Análise morfológica	pronome pessoal reto	advérbio de negação	pronome pessoal oblíquo	verbo	adjetivo	advérbio de tempo

▸ Dica: sempre coloque a oração na ordem direta.

( ) Certo ( ) Errado

02. (Duda Nogueira) Existe diferença entre pronome reflexivo e pronome reflexivo recíproco e podem possuir função de objeto direto ou objeto indireto.

COMENTÁRIOS

Certo

✪ **Nota da autora:** Chega de ter dúvida sobre o emprego desses pronomes e suas funções sintáticas.

Diferença entre pronome reflexivo e reflexivo recíproco

1. **Pronome reflexivo** = dependendo da predicação a que se relaciona o verbo, o pronome "se" pode exercer a função de objeto direto, indireto ou sujeito de um infinitivo, assumindo o sentido de "a si mesmo".

Exemplo: Narciso penteava-se durante horas na frente do espelho.

Função sintática: objeto direto – penteava alguém.

2. **Pronome reflexivo recíproco** = Podendo também funcionar como objeto direto ou indireto, o pronome "se" corresponde a outro. Tal reciprocidade refere-se à ação do próprio sujeito.

Exemplo: Os amigos se respeitam.

Função sintática: objeto direto – respeitam alguém.

(Fonte: Livro Simuladaço Língua Portuguesa, Editora JusPodivm)

DICAS

1. FRASE, ORAÇÃO E PERÍODO

Frase: possui sentido completo.

Oração: possui verbo

Período: possui orações.

Período simples: uma oração (um verbo).

Período composto: mais de uma oração (mais de um verbo)

2. SUJEITO

Alternativa "a" –Indeterminado: não se sabe quem é o sujeito.

Ocorre quando o verbo está na

- 3ª pessoa do plural ou na terceira pessoa do singular + se *(índice de indeterminação do sujeito)*

Telefonaram para você.

Acredita-se em discos voadores.

V.T.I.

- *CUIDADO:* ***se o verbo for V.T.D. ou V.T.D.I., Haverá sujeito e admitirá plural,*** *já que teremos, neste caso, VOZ PASSIVA.*

Calcula-se o rendimento.

V.T.D. + SE = V.P. sujeito

Pronome apassivador

CALCULAM-SE OS RENDIMENTOS.

V.T.D. + SE = V.P. Sujeito

Os rendimentos são calculados.

Alternativa "b" –Oração sem sujeito:

singular

Verbo HAVER no sentido de EXISTIR ou OCORRER.

plural plural

HAVIA muitos alunos na sala.

EXISTIAM muitos alunos na sala.

DEVE HAVER muitos alunos.

DEVEM EXISTIR muitos alunos.

O.D.

HÁ DE HAVER muitos alunos.

HÃO DE EXISTIR muitos alunos.

Sujeito

- **Verbos SER, ESTAR e FAZER** indicando tempo ou fenômeno meteorológico
- FAZER INDICANDO TEMPO PASSADO: SINGULAR
- **Verbos que indicam fenômeno da natureza.**

3. PREDICAÇÃO VERBAL

Alternativa "a" –Intransitivo: o verbo não exige complemento, por isso o prefixo in.

Alternativa "b" –Transitivo direto: o verbo exige complemento sem preposição.

Alternativa "c" –Transitivo indireto: o verbo exige complemento com preposição.

Alternativa "d" –Transitivo direto e indireto: o verbo exige dois complementos.

Alternativa "e" –Verbo de ligação: liga o sujeito ao predicativo (termo que qualifica), não indica ação. Indica estado.

Para haver verbo de ligação, é preciso haver **predicativo**.

4. PREDICATIVO

Qualifica o sujeito ou o objeto.

- **do sujeito:**

A plateia	aplaudiu	o espetáculo	**emocionada.**
sujeito	*V.T.D*	*O.D.*	*predicativo do sujeito*
aplaudiu E ESTAVA emocionada.			

- **do objeto:**

Encontrei	**mortos**	os soldados.
V.T.D	*predicativo do objeto*	*O.D.*
e eles ESTAVAM mortos.		

5. PREDICADO

É a declaração feita do sujeito

Alternativa "a" –Predicado verbal: o núcleo é o verbo (menos o de ligação)

Alternativa "b" –Predicado nominal: o núcleo é o predicativo (há v.L.)

Alternativa "c" –Predicado verbo-nominal: há dois núcleos = verbo (+ v.L. Oculto) + predicativo

6. COMPLEMENTOS VERBAIS

Objeto direto (sem preposição) e objeto indireto (com preposição).

Alternativa "a" –Objeto direto preposicionado: vem após verbo transitivo direto. g *Aparece uma preposição que não foi pedida e pode ser retirada.*

Alternativa "b" –Objeto direto pleonástico: ocorre repetição do objeto direto.

7. AGENTE DA PASSIVA

É o termo que age na voz passiva, ou seja, quem pratica a ação.

8. COMPLEMENTO NOMINAL

É o termo que completa o nome e possui preposição.

9. ADJUNTO ADVERBIAL

Indica circunstância do verbo.

10. APOSTO

É o termo que explica ou especifica.

Alternativa "a" –Especificativo: sem pontuação

Alternativa "b" –Explicativo: com pontuação

11. VOCATIVO

É o termo que invoca, chama. *Possui pontuação.*

Período composto

Período composto é a circunstância que a conjunção estabelece entre as orações.

Questões inéditas: **Simuladaço Língua Portuguesa**

Teoria e questões: **Língua Portuguesa para concursos**

QUESTÕES FÁCEIS

1. VUNESP

Trecho para a questão.

As cotas raciais deram certo porque seus beneficiados são, sim, competentes. Merecem, sim, frequentar uma universidade pública e de qualidade. No vestibular, que é o princípio de tudo, os cotistas estão só um pouco atrás. Segundo dados do Sistema de Seleção Unificada, a nota de corte para os candidatos convencionais a vagas de medicina nas federais foi de 787,56 pontos. Para os cotistas, foi de 761,67 pontos. A diferença entre eles, portanto, ficou próxima de 3%. (...)

(www.istoe.com.br)

01. (TJ SP – 2014) A conjunção portanto expressa ideia de

(A) conclusão.

(B) adição.

(C) condição.

(D) explicação.

(E) comparação.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Há ideia de conclusão e pode ser substituída por mesmo que; logo, por conseguinte, consequentemente, por isso, assim sendo, desse modo, pois.

(B) adição = **e, nem** (= e não), **não só... mas também, não só... como também, bem como, não só... mas ainda.**

(C) condição = **se, caso, contanto que, salvo se, a não ser que, desde que, a menos que, sem que,** etc.

(D) explicação = **que, porque, pois** (= porque), **porquanto.**

(E) comparação = **como, assim como, tal como, como se, (tão)... como, tanto como, tanto quanto, do que, quanto, tal, qual, tal qual, que nem, que (combinado com menos ou mais),** etc.

02. (TJ SP – 2014) Assinale a alternativa em que a vírgula foi empregada para separar oração introduzida por pronome relativo, a exemplo do que ocorre em: ...um coeficiente de apenas 3% separa os privilegiados, que estudaram em colégios privados...

(A) Ele observou o local, sabia, com certeza, que ali já estivera em outra ocasião, mas quando?

(B) Estou vendo essa tempestade se formar, entre, que aqui estaremos bem mais protegidos dela.

(C) Ela estava pensando em que lugar estaria, que dia seria, que pessoas eram aquelas ao seu redor.

(D) Ficou encantada com a história, acabara de ler o livro, que já tinha sido traduzido para o inglês.

(E) Era possível, àquela altura da vida, que todos os seus maiores desejos se realizassem enfim.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

✪ **Nota da autora**: Período composto e pontuação.

1. Importante relembrar que a oração que inicia com pronome relativo é subordinada adjetiva.

2. Há dois tipos: explicativa = com pontuação e restritiva = sem pontuação.

3. No enunciado e na alternativa D, temos oração adjetiva explicativa, pois generaliza (enquanto a restritiva individualiza, restringe).

4. Dica: o **que** pode ser substituído por o(a) qual.

(A) Ele observou o local, sabia **isto**: que = conjunção integrante.

(B) que = conjunção explicativa.

(C) Ela estava pensando **nisto:** que = conjunção integrante.

(E) Era possível **isto**: que = conjunção integrante.

Trecho para a questão.

Um pé de milho

Aconteceu que no meu quintal, em um monte de terra trazido pelo jardineiro, nasceu alguma coisa que podia ser um pé de capim – mas descobri que era um pé de milho. Transplantei-o para o exíguo canteiro na frente da casa. Secaram as pequenas folhas, pensei que fosse morrer. Mas ele reagiu. Quando estava do tamanho de um palmo, veio um amigo e declarou desdenhosamente que na verdade aquilo era capim. Quando estava com dois palmos veio outro amigo e afirmou que era cana. Sou um ignorante, um pobre homem da cidade. Mas eu tinha razão. Ele cresceu, está com dois metros, lança as suas folhas além do muro – e é um esplêndido pé de milho. Já viu o leitor um pé de milho? Eu nunca tinha visto. Tinha visto centenas de milharais – mas é diferente. Um pé de milho sozinho, em um canteiro, espremido, junto do portão, numa esquina de rua – não é um número numa lavoura, é um ser vivo e independente. Suas raízes roxas se agarram ao chão e suas folhas longas e verdes nunca estão imóveis.(...)

(Rubem Braga. 200 crônicas escolhidas, 2001. Adaptado)

03. (TJ SP – 2014) Assinale a alternativa em que há relação de causa e consequência entre as informações.

(A) ... podia ser um pé de capim – mas descobri que era um pé de milho. (1º §)

(B) Quando estava com dois palmos veio outro amigo e afirmou que era cana. (1º §)

(C) Transplantei-o para o exíguo canteiro na frente da casa. Secaram as pequenas folhas... (1º §)

(D) Tinha visto centenas de milharais – mas é diferente. (2º §)

(E) Suas raízes roxas se agarram ao chão e suas folhas longas e verdes nunca estão imóveis. (2º §)

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

- Para haver causa, é necessário fazer a pergunta **por quê?**

Por que transplantei-o para o exíguo canteiro na frente da casa?

Porque secaram as pequenas folhas.

(A) adversidade, oposição.

(B) tempo e adição

(D) adversidade, oposição.

(E) adição.

04. (VUNESP – Agente Penitenciário – SP/2013) O trecho – Obrigados a optar por uma repressão policial mais ativa, aumentaremos o número de prisioneiros. – pode ser reescrito de acordo com a norma-padrão da língua, e mantendo o mesmo sentido, em:

(A) O número de prisioneiros serão aumentados embora sejamos obrigados a optar por uma repressão policial mais ativa.

(B) O número de prisioneiros será aumentado a menos que sejamos obrigado a optar por uma repressão policial mais ativa.

(C) Aumentaremos o número de prisioneiros à medida que formos obrigados a optar por uma repressão policial mais ativa.

(D) O número de prisioneiros aumentará, todavia seremos obrigados a optar por uma repressão policial mais ativa.

(E) Aumentaremos o número de prisioneiros quando sermos obrigado a optar por uma repressão policial mais ativa.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Ideia de ações simultâneas, ou seja, proporcionalidade: acontecem ao mesmo tempo.

Alternativa "a" – Não cabe concessão (embora).

Alternativa "b" – Altera o sentido.

Alternativa "d" – Não cabe adversidade.

Alternativa "e" – Não indica tempo.

05. (VUNESP – Agente Penitenciário – SP/2013) Considere o trecho.

Enquanto não aprendermos a educar e oferecer medidas preventivas **para que** os pais evitem ter filhos que não serão capazes de criar, cabe a nós a responsabilidade de integrá-los na sociedade por meio da educação formal de bom nível, das práticas esportivas e da oportunidade de desenvolvimento artístico.

As conjunções em destaque estabelecem, entre as orações, respectivamente, relações de

(A) proporção e conclusão.

(B) contraste e conformidade.

(C) explicação e oposição.

(D) tempo e finalidade.

(E) condição e concessão.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

✪ **Nota da autora:** Faça pergunta à oração próxima e evitará erro.

- Quando cabe a nós a responsabilidade de integrar os filhos na sociedade? Enquanto não aprendermos a educar e oferecer medidas preventivas = tempo.
- Não aprendemos a educar e oferecer medidas preventivas para quê? Para que os pais evitem ter filhos que não serão capazes de criar = finalidade.

Alternativa "a" – Não são ideias simultâneas e nada conclui.

Alternativa "b" – Não há contraste (oposição) nem regra (conformidade).

Alternativa "c" – Não explica, nem opõe.

Alternativa "e" – Não é condição, muito menos concessão (embora, apesar de).

---

06. (VUNESP – Agente Penitenciário – ES/2013) Considere o trecho a seguir.

Meu marido, **se** quiser pescar, pesque, [...]

ele fala coisas como "este foi difícil" [...]

e faz o gesto com a mão

As conjunções em destaque – **se** e **e** – estabelecem, correta e respectivamente, relações de

(A) causa e adição.

(B) conclusão e explicação.

(C) tempo e oposição.

(D) oposição e condição.

(E) condição e adição.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Se quiser pescar equivale a caso queira pescar. Se substituímos a conjunção se por caso, indica condição. Ele fala coisas... e faz gestos = faz isso + isso, ou seja, adição de ideias.

Alternativa "a" – Não é causa, pois deveríamos fazer a pergunta por quê?

Alternativa "b" – Não conclui nem explica.

Alternativa "c" – Para indicar tempo, far-se-ia a pergunta quando? / Não indica ideias opostas.

Alternativa "d" – Não se trata de oposição e condição, respectivamente.

---

07. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2013) Assinale a alternativa em que a oração destacada expressa finalidade, em relação à outra que compõe o período.

(A) Se deixou de bajular os príncipes e princesas do século 19, passou a servir reis e rainhas do 20...

(B) Pensa o garçom, antes de conduzi-lo à última mesa do restaurante...

(C) Você é que foi ao restaurante para homenageá-lo.

(D) ... nenhum emblema preencherá o vazio que carregas no peito – ...

(E) O garçom boceja, tira um fiapo do ombro...

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Você foi ao restaurante para quê? Para homenageá-lo: finalidade.

Alternativa "a" – Se = caso: condição.

Alternativa "b" – Antes de: tempo.

Alternativa "d" – Que = pronome relativo: oração subordinada adjetiva restritiva (sem pontuação).

Alternativa "e" – Orações coordenadas (independentes sintaticamente) assindéticas (sem conjunção).

---

08. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2013) Assinale a alternativa em que o emprego de nexos sintáticos entre as orações do período – Eu disse "cliente paulista", percebo a redundância: o paulista é sempre cliente. – mostra-se adequado ao sentido do texto.

(A) Eu disse cliente paulista, mas percebo a redundância, pois o paulista é sempre cliente.

(B) Eu disse cliente paulista, se percebo a redundância, mas o paulista é sempre cliente.

(C) Eu disse cliente paulista, porque percebo a redundância, contanto que o paulista seja sempre cliente.

(D) Eu disse cliente paulista, desde que percebi a redundância, para que o paulista seja sempre cliente.

(E) Eu disse cliente paulista, sem perceber a redundância, portanto o paulista é sempre cliente.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta

- mas percebo a redundância: adversidade, ideias opostas.
- pois o paulista é sempre cliente: porque = explicação.

Alternativa "b" – Se = condição e a terceira oração não indica oposição (mas).

Alternativa "c" – Porque = explicação, contanto = condição.

Alternativa "d" – Desde que = tempo; contanto = condição.

Alternativa "e" – Portanto = conclusão.

Texto:

Desde o surgimento da ideia de hipertexto...

... informações ligadas especialmente à pesquisa acadêmica,

... uma "máquina poética", algo que funcionasse por analogia e associação...

Quando o cientista Vannevar Bush [...] concebeu a ideia de hipertexto...

... 20 anos depois de seu artigo fundador...

09. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2013) As palavras destacadas que expressam ideia de tempo são:

(A) algo, especialmente e Quando.

(B) Desde, especialmente e algo.

(C) especialmente, Quando e depois.

(D) Desde, Quando e depois.

(E) Desde, algo e depois.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Para indicar tempo, faz-se a pergunta **quando?**

Alternativa "a" – *Algo* e *especialmente* não indicam tempo.

Alternativa "b" – *Algo* e *especialmente* não indicam tempo.

Alternativa "c" – *Especialmente* não indica tempo.

Alternativa "e" – *Algo* não indica tempo.

10. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2013) Na passagem – Nesse contexto, governos e empresas estão fechando o cerco contra a corrupção e a fraude, **valendo-se dos mais variados mecanismos...** – a oração destacada expressa, em relação à anterior, sentido que responde à pergunta:

(A) "Quando?"

(B) "Por quê?"

(C) "Como?"

(D) "Para quê?:

(E) "Onde?"

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Estão fechando o cerco como? De que modo?

Alternativa "a" – Tempo.

Alternativa "b" – Causa.

Alternativa "d" – Finalidade.

Alternativa "e" – Lugar.

11. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2013) Assinale a alternativa que substitui o trecho em destaque na frase – Assinarei o documento, **contanto que garantam sua autenticidade.** – sem que haja prejuízo de sentido.

(A) desde que garantam sua autenticidade.

(B) no entanto garantam sua autenticidade.

(C) embora garantam sua autenticidade.

(D) portanto garantam sua autenticidade.

(E) a menos que garantam sua autenticidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Contanto, desde que, se, caso = condição.

Alternativa "b" – Adversidade.

Alternativa "c" – Concessão: ideias opostas (apesar de).

Alternativa "d" – Conclusão.

Alternativa "e" – Condição.

12. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2012) No período – A pesquisa do Dieese é um medidor importante, pois sua metodologia leva em conta **não só** o desemprego aberto (quem está procurando trabalho), **como também** o oculto (pessoas que desistiram de procurar ou estão em postos pre-

cários). –, os termos em destaque estabelecem entre as orações relação de

(A) causa.

(B) alternância.

(C) adição.

(D) oposição.

(E) explicação.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Adicionam *quem está procurando* a *pessoas que desistiram*.

Alternativa "a" – Não estabelecem relação de causa porque não denotam consequência.

Alternativa "b" – Não há alternância nos termos em destaque, nem no período.

Alternativa "d" – Haveria oposição se estabelecessem relação contrária.

Alternativa "e" – Há explicação, mas não nos termos em destaque.

Trecho:

(...)

Os autores têm até explicação para o fato de não acreditarmos muito nessas promessas. Como fomos programados para ver o mundo como um lugar ameaçador, nutrimos um inescapável pessimismo global, que não nos deixa perceber as revoluções silenciosas de que participamos.

Talvez sim, talvez não. Abundance é definitivamente um livro ousado, e mesmo que lhe apliquemos um deságio cético de, vá lá, 80%, ainda _____ coisas surpreendentes. (Hélio Schwartsman, Abundância e otimismo. Folha de S.Paulo, 16.09.2012. Adaptado)

13. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2012) Observando as ocorrências da palavra "como" em – Como fomos programados para ver o mundo como um lugar ameaçador. – é correto afirmar que se trata de conjunção

(A) conformativa nas duas ocorrências.

(B) comparativa na primeira ocorrência.

(C) causal na primeira ocorrência.

(D) comparativa nas duas ocorrências.

(E) causal na segunda ocorrência.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Causal porque *como* em lugar de *por causa, em virtude de, por motivo de*. Façamos pergunta à oração principal: nutrimos um inescapável pessimismo global por quê?

Alternativa "a" – Não há conformação.

Alternativa "b" – Não há comparação e sim causa.

Alternativa "d" – Comparativa só na 2ª ocorrência.

Alternativa "e" – Na segunda ocorrência há comparação.

14. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2012) Leia a charge.

(*Gazeta do Povo*, 14.09.2012)

(Gazeta do Povo, 14.09.2012)

Em relação ao enunciado "andar tão por baixo", a ideia contida em "ganhar apelido de pano de chão" deve ser considerada

(A) a sua finalidade.

(B) a sua causa.

(C) o seu oposto.

(D) a sua consequência.

(E) a sua conclusão.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Consequência: basta inserir a expressão **de modo que**.

Alternativa "a" – O fato de ganhar o apelido não denota finalidade.

Alternativa "b" – Ganhar o apelido não é a causa e sim a consequência.

Alternativa "c" – Não há ideia de oposição.

Alternativa "e" – Nãohá nenhuma conclusão.

Texto:

A Groenlândia nunca derreteu tanto

No verão da Groenlândia, é normal que suas camadas de gelo se derretam. Em julho de 2012,

no entanto, em apenas quatro dias (de 9 a 12), a superfície gelada sofreu um derretimento nunca antes observado: a área descongelada passou de 40 para 97%. Apesar de os cientistas definirem o fenômeno como "extremo", eles explicam que não há motivos para alarde: experimentos apontaram que nos últimos dez milênios, houve um vasto derretimento a cada 150 anos. As informações são da Nasa. (IstoÉ, 01.08.2012)

15. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2012) O sentido da conjunção destacada no texto também está presente na seguinte passagem, adaptada do editorial da Folha de S.Paulo, de 02.06.2012:

(A) Heloisa, minha mulher, ficou logo sabendo, mas quis me poupar. Ele era nosso amigo.

(B) No dia 26, voltei para casa. Horas depois, liguei o computador e abri a lista de mensagens.

(C) Assim que abri os olhos, li a notícia: "Morreu Pery Ribeiro.".

(D) No dia 24 de fevereiro, eu estava no CTI de um hospital, recém-saído de uma cirurgia, quando morreu o cantor Pery Ribeiro.

(E) O cuidado de Heloisa foi inútil, pois havia uma TV no CTI, bem à minha frente.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – *No entanto* e *mas* são conjunções adversativas.

Alternativa "b" – Adição.

Alternativa "c" – Tempo.

Alternativa "d" – Tempo.

Alternativa "e" – Explicação.

16. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2012) O trecho – ... a superfície gelada sofreu um derretimento nunca antes observado: a área descongelada passou de 40 para 97%. – está corretamente reescrito em:

(A) ... a superfície gelada sofreu um derretimento que nunca antes foi observado, logo a área descongelada passou de 40 para 97%.

(B) ... a superfície gelada sofreu um derretimento que nunca antes fora observado, haja vista que a área descongelada passou de 40 para 97%.

(C) ... a superfície gelada sofreu um derretimento que nunca antes se havia observado, como a área descongelada passou de 40 para 97%.

(D) ... a superfície gelada sofreu um derretimento que nunca antes era observado, que a área descongelada passou de 40 para 97%.

(E) ... a superfície gelada sofreu um derretimento que nunca antes tivera sido observado, enquanto a área descongelada passou de 40 para 97%.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – A expressão *haja vista que* está substituindo os dois pontos, o que indica *o que se deve ponderar, considerar* (a grande área descongelada).

Alternativa "a" – *logo* nem como advérbio, nem como conjunção no contexto, pode substituir os dois pontos sem mudar o sentido da mensagem.

Alternativa "c" – A conjunção *como* não substitui os dois pontos, pois altera o sentido da frase.

Alternativa "d" – *nunca antes era observado* não equivale a *nunca antes observado* e há erro na conjunção *que*.

Alternativa "e" – *tivera sido observado:* tempo e modo de verbos inadequados; *enquanto:* conjunção *que* não substitui os dois pontos.

Trecho para a próxima questão.

"... rever socialmente o conceito que temos sobre o álcool, porém, não é fácil." (Como evitar que motoristas bêbados fiquem impunes e continuem a matar no trânsito, Rodrigo Cardoso, Paula Rocha, Michel Alecrim e Luciani Gomes. ISTOÉ, nov. 2011. Adaptado)

17. (Vunesp – Agente de Segurança Penitenciária – SP/2012) A conjunção em destaque na frase estabelece, entre as orações, sentido de

(A) oposição, e pode ser substituída por **contudo.**

(B) conclusão, e pode ser substituída por **logo.**

(C) adição, e pode ser substituída por **mas também.**

(D) alternância, e pode ser substituída por **ou.**

(E) explicação, e pode ser substituída por **porque.**

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Conjunção coordenada adversativa. São elas: mas, **porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante, nada obstante.**

Alternativa "b" – logo, portanto, pois, então, assim, por isso, por conseguinte, de modo que, em vista disso, etc.

Alternativa "c" – e, nem, não só... mas (também), tanto...como, e semelhantes.

Alternativa "d" – ou, ora...ora, já...já, quer... quer..., seja...seja, etc.

Alternativa "e" – que, porque e pois.

Trecho para a próxima questão.

No ano seguinte à implantação da Lei Seca, ... (Como evitar que motoristas bêbados fiquem impunes e continuem a matar no trânsito, Rodrigo Cardoso, Paula Rocha, Michel Alecrim e Luciani Gomes. ISTOÉ, nov. 2011. Adaptado)

18. (Vunesp – Agente de Segurança Penitenciária – SP/2012) Substituindo-se a expressão destacada por outra, a alternativa que apresenta construção de acordo com a norma-padrão é:

(A) No momento que houve a implantação da Lei Seca,...

(B) No momento em que a implantação da Lei Seca se efetivou,...

(C) Após à implantação da Lei Seca,...

(D) Após da implantação da Lei Seca,...

(E) Por ocasião à implantação da Lei Seca,...

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – No momento em que: a preposição deve ser utilizada duas vezes, pois não há a forma *no momento que*, assim como não há *na medida que*.

Alternativa "a" – Não existe essa expressão.

Alternativa "c" – Sem crase.

Alternativa "d" – Não se pode utilizar a preposição *de*.

Alternativa "e" – Alternativa em desacordo com a norma culta.

19. (Vunesp – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – SP/2012) No trecho – Ainda nenhum clube brasileiro se aproxima dos times com maior renda do mundo, como o Real Madrid e o Manchester United, todavia o que impressiona é a rápida expansão. – o termo em destaque pode ser substituído, sem alteração de sentido por

(A) entretanto.

(B) conforme.

(C) portanto.

(D) conquanto

(E) embora.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – entretanto = mas, porém, no entanto, todavia.

Alternativa "b" – conforme = de acordo com, segundo.

Alternativa "c" – portanto= consequentemente, logo, por conseguinte.

Alternativa "d" – conquanto = embora, se bem que.

Alternativa "e" – embora = ainda que, posto que, apesar de que.

20. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2011) Em – Tudo indica que 250 mil documentos secretos foram copiados por um jovem soldado num CD **enquanto** fingia ouvir Lady Gaga. – a palavra destacada exprime ideia de

(A) hipótese.

(B) condição.

(C) concessão

(D) causa.

(E) tempo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Pergunta à oração principal (sem conjunção): documentos secretos foram copiados por um jovem soldado **quando?** Enquanto fingia ouvir Lady Gaga.

Conjunções mais utilizadas para as outras opções:

Alternativa "a" – Se, caso.

Alternativa "b" – Se, caso.

Alternativa "c" – Embora, apesar de.

Alternativa "d" – Já que, porque.

21. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2011) Em "A falta de modos dos homens da Casa de Windsor é proverbial, mas o príncipe Edward dizendo bobagens para estranhos no Quirguistão incomodou a embaixadora americana" a conjunção destacada pode ser substituída por

(A) portanto.

(B) como.

(C) no entanto

(D) porque.

(E) ou.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – *Mas* é conjunção adversativa e pode ser substituída por *no entanto*.

Alternativa "a" – Conclusão.

Alternativa "b" – Conformidade, comparação, modo e seguido de *já* indica causa. Depende do contexto.

Alternativa "d" – Explicação.

Alternativa "e" – Alternância ou adição.

---

22. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJM – SP/2011) Sem que haja alteração de sentido, unindo-se em um só período as frases do trecho:

I. O moço israelense está morto.

II. Todavia, ele ainda pode gerar uma vida. – obtém-se:

(A) Se o moço israelense está morto, ele ainda pode gerar uma vida.

(B) O moço israelense está morto, portanto ele ainda pode gerar uma vida.

(C) Apesar de o moço israelense estar morto, ele ainda pode gerar uma vida.

(D) Quando o moço israelense estiver morto, ele ainda poderá gerar uma vida.

(E) O moço israelense está morto, pois ele ainda pode gerar uma vida.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – O período *"apesar de ... estar ..."* está no presente (infinitivo) assim como *"ele ainda pode ..."* exatamente como as frases enunciadas. Indicam concessão: ideias opostas.

Alternativa "a" – O *"se"* indica uma condição que denota facilitação, o que não traduz a mesma ideia.

Alternativa "b" – Aqui é o *"portanto"* que exprime a ideia de conclusão.

Alternativa "d" – *Quando* muda o sentido do trecho anunciado, pois indica tempo.

Alternativa "e" – Afirmação errada, pois diz que o moço está morto porque pode gerar uma vida.

---

23. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJM – SP/2011) Considere as informações textuais e as versões da frase: A Ciência permite, mas a lei não endossa.

I. A Ciência permite a inseminação, mas a lei não a endossa.

II. A Ciência permite que seja feita a inseminação, mas a lei não endossa-a.

III. A Ciênciapemite que se realize a inseminação, mas a lei não lhe endossa.

De acordo com a norma padrão está correto apenas o contido em

(A) I.

(B) II.

(C) III.

(D) I e II.

(E) I e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – *Permite* = dá poder, condição,capacidade; *não endossa* = *não apoia*, "não defende". O conteúdo está correto, de acordo com a informação inicial.

I. O sentido das palavras transmite exatamente a mensagem original.

II. *Permite*, aqui, está no sentido de autorizar, (permitir que...) o que não corresponde à verdade, o *não* pede a posição do pronome oblíquo "a"antes do verbo = *não a endossa*. (objeto direto).

III. O uso de *lhe* é errado nesta frase porque endossar é verbo transitivo direto e lhe se usa em trans. Indireto.

Texto:

Mas o futebol tem importância por mexer com outras dimensões da nossa natureza, como o instinto de competição física e a inclinação para o ritual simbólico. Como ao ler as lendas da mitologia ou os romances de aventura, projetamos no futebol um gosto pela façanha, uma curiosidade sobre o limite.

---

24. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/ 2010) Assinale a alternativa que reescreve, sem alteração de sentido, a frase – Mas o futebol tem importância por mexer com outras dimensões da nossa natureza,...

(A) Pois o futebol tem importância por mexer com outras dimensões da nossa natureza, ...

(B) Porém o futebol tem importância por mexer com outras dimensões da nossa natureza, ...

(C) Logo, o futebol tem importância por mexer com outras dimensões da nossa natureza, ...

(D) Assim, o futebol tem importância por mexer com outras dimensões da nossa natureza, ...

(E) E o futebol tem importância por mexer com outras dimensões da nossa natureza, ...

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – A frase original e a reescrita são iniciadas por conjunções adversativas: mas, porém, ligando pensamentos que contrastam entre si.

Alternativa "a" – Pois = porque: explicação; pois = logo: conclusão.

Alternativa "c" – Logo: conjunção conclusiva.

Alternativa "d" – Assim: conclusão.

Alternativa "e" – E: adição.

---

25. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/ 2010) A alternativa que reescreve corretamente o período – É preciso ensaiar para não fazer em campo apenas as jogadas ensaiadas. – iniciando-o com a ideia de finalidade, é:

(A) Para que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.

(B) Embora não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.

(C) Ainda que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.

(D) Por mais que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.

(E) Contanto que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Para que – conjunção subordinativa final: ideia de finalidade.

Alternativa "b" – Embora: conjunção subordinativa concessiva = liga duas orações em que a segunda contém um fato contrário à ideia da oração principal mas não a nega, admite a ideia contrária = mesmo que, se bem que, por mais que, etc.

Alternativa "c" – Ainda que: conjunção subordinativa concessiva= ideia de concessão.

Alternativa "d" – Por mais que: conjunção subordinativa concessiva.

Alternativa "e" – Contanto que – não contém ideia de afirmação: conjunção subordinativa condicional: ideia de condição = se, salvo se, desde que, etc.

Texto:

Conta-se que, um dia, Sócrates parou diante de uma tenda do mercado em que estavam expostas diversas mercadorias. Depois de algum tempo, ele exclamou: "Vejam quantas coisas o ateniense precisa para viver." Naturalmente ele queria dizer com isto que ele próprio não precisava de nada daquilo.

Esta postura de Sócrates foi o ponto de partida para a filosofia cínica, fundada em Atenas por Antístenes – um discípulo de Sócrates, por volta de 400 a. C. Os cínicos diziam que a verdadeira felicidade não depende de fatores externos, como o luxo, o poder político e a boa saúde. Para eles, a verdadeira felicidade consistia em se libertar dessas coisas casuais e efêmeras. E justamente porque a felicidade não estava nessas coisas, ela podia ser alcançada por todos. E, uma vez alcançada, não podia mais ser perdida. (Jostein Gaarden, O Mundo de Sofia. São Paulo, Cia. das Letras, 1995)

---

26. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/ 2010) Assinale a alternativa que introduz, corretamente, de acordo com o sentido do texto, uma conjunção na frase: E, uma vez alcançada, não podia mais ser perdida.

(A) E, por mais que alcançada, não podia mais ser perdida.

(B) E, ainda que alcançada, não podia mais ser perdida.

(C) E, quando alcançada, não podia mais ser perdida.

(D) E, para que alcançada, não podia mais ser perdida.

(E) E, nem alcançada, não podia mais ser perdida.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Uma vez alcançada equivale a quando alcançada. Indicam tempo.

Alternativa "a" – Por mais que: conjunção subordinativa adverbial concessiva: (ainda que, mesmo que) expressa ideias contrárias.

Alternativa "b" – Ainda que: conjunção subordinativa adverbial concessiva.

Alternativa "d" – Para que: conjunção subordinativa adverbial final (para que, a fim de que, etc.).

Alternativa "e" – Nem: conjunção coordenativa aditiva: liga ideias semelhantes (e, nem, mas também).

---

27. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/ 2010) Assinale a alternativa que substitui corretamente, sem alteração de sentido, as expressões em destaque nas frases:

I. Conta-se que, um dia, Sócrates parou diante de uma tenda do mercado **em que** estavam expostas diversas mercadorias.

II. E **porque** a felicidade não estava nessas coisas, ela podia ser alcançada por todos.

(A) onde, visto que

(B) na qual, por mais que

(C) aonde, contanto que

(D) de onde, embora

(E) por onde, logo que

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta

- estavam expostas mercadorias **na** tenda: **em que, na qual** ou **onde** (retoma lugar e pede a preposição em). Eliminadas *c, d* e *e*.
- Porque e visto que indicam causa da oração principal. Eliminada *b*.

Trecho para a próxima questão.

Se o réu é culpado, a pena foi pouca. Se o réu é inocente, a pena foi muita. (A justiça como é feita. Folha de S.Paulo, 05.03.2009)

28. (Vunesp – Agente de Segurança Penitenciária – SP/2009) As orações iniciadas pela conjunção se expressam sentido de

(A) conclusão.

(B) consequência.

(C) conformidade.

(D) condição.

(E) concessão.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – **Se** equivale a **caso** = condição.

Alternativa "a" – Não cabe **logo.**

Alternativa "b" – Não cabe **de modo que.**

Alternativa "c" – Não indica **regra.**

Alternativa "e" – Não cabe **apesar de.**

29. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2008) Assinale a alternativa correta sobre o período – *Dispensa teorias, mas é a base de qualquer convívio e ordem social.*

(A) É um período composto por coordenação, e a segunda oração é aditiva.

(B) É um período composto por subordinação, e a segunda oração é concessiva.

(C) É um período composto por coordenação, e a segunda oração é adversativa.

(D) É um período composto por subordinação, e a segunda oração é causal.

(E) É um período composto por coordenação, e a segunda oração é alternativa.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – O período é composto por coordenação e a segunda oração, iniciada pela conjunção mas, é adversativa ligando ideias opostas.

Alternativa "a" – Orações coordenadas aditivas contêm ideias similares de soma, adição e são iniciadas por nem, e, mas também, mas ainda, etc.

Alternativa "b" – Não há subordinação e a segunda oração não apresenta ideia concessiva.

Alternativa "d" – Não há subordinação nem há ideia adverbial causal.

Alternativa "e" – A segunda oração não contém ideia alternativa (ou... ou; ora... ora; quer... quer, etc.).

Charge:

(Quino, Toda Mafalda)

30. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2008) As orações "Quando eu era adolescente" e "Se a gente não se esforçar" estabelecem, respectivamente, relações de

(A) tempo e condição.

(B) consequência e dúvida.

(C) tempo e finalidade.

(D) finalidade e condição.

(E) causa e finalidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Quando: conjunção subordinativa adverbial indicando circunstância temporal. Se = caso: conjunção subordinativa condicional.

Alguns exemplos para fixar:

Alternativa "b" – de modo que, talvez.

Alternativa "c" – quando, para quê?

Alternativa "d" – para quê? e caso, se.

Alternativa "e" – por quê? e para quê?

---

31. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2008) Em – *É necessário discutir que tipo de profissionalização devemos promover* – a oração substantiva em destaque funciona sintaticamente como

(A) aposto.

(B) predicativo.

(C) complemento nominal.

(D) sujeito.

(E) objeto direto.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – É necessário discutir algo (verbo transitivo direto): objeto direto.

Alternativa "a" – Na oração apositiva, há pontuação.

Alternativa "b" – A oração principal deveria terminar em verbo de ligação.

Alternativa "c" – A oração principal termina em nome (predicativo ou adjunto adverbial).

Alternativa "d" – Exemplo de oração subordinada substantiva subjetiva: É certo que serei aprovado. O que é certo? Que serei aprovado.

---

32. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ SP/ 2008) No período – *São tantas as carências, que a formação profissionalizante deve ir além da capacitação técnica* – a oração destacada apresenta informações que, em relação às precedentes, devem ser consideradas como

(A) causa.

(B) consequência.

(C) comparação.

(D) finalidade.

(E) concessão.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Consequência: de modo que = São tantas as carências, ***de modo que** a formação profissionalizante deve ir além da capacitação técnica.*

Alternativa "a" – já que.

Alternativa "c" – como.

Alternativa "d" – para quê?

Alternativa "e" – embora, apesar de.

---

33. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2007) Observa-se na legenda da foto uma relação de causa e consequência entre os fatos. Assinale a alternativa que estabelece essa relação e reescreve a legenda, de acordo com a norma culta.

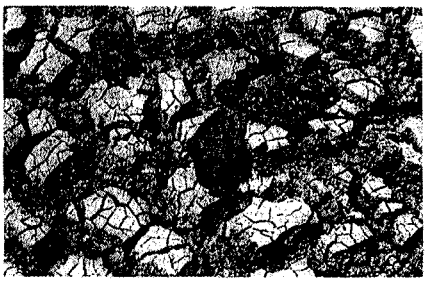

Pressão – Aridez no Nordeste pode levar a uma migração em massa e redistribuição de doenças (O Estado de S.Paulo, 07.04.2007)

(A) Quando houver aridez no Nordeste, poderá haver migração em massa e redistribuição de doenças.

(B) Como há aridez no Nordeste, poderá haver migração em massa e redistribuição de doenças.

(C) Há aridez no Nordeste com migração em massa e redistribuição de doenças.

(D) Sempre houve aridez no Nordeste, mas não havia migração em massa e redistribuição de doenças.

(E) À medida que houver aridez no Nordeste, haverá também migração em massa e redistribuição de doenças.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta

✪ **Nota da autora:** encaixe a expressão **porque** ou **já que**.

- **Já que** há aridez no Nordeste, (causa) poderá haver migração em massa e redistribuição de doenças, (consequência).

Alternativa "a" – Condição.

Alternativa "c" – Modo.

Alternativa "d" – Adversidade.

Alternativa "e" – Proporcionalidade.

---

34. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2007) Assinale a alternativa em que se repete o tipo de oração introduzida pela conjunção *se*, empregado na frase – *Questionamos também se uma corporação profissional deve ter carta-branca para determinar a dificuldade das provas,*

(A) A sociedade não chega a saber *se* os advogados são muito corporativos.

(B) *Se* os advogados aprendem pouco, a culpa é da fragilidade do ensino básico.

(C) O advogado afirma que *se* trata de uma questão secundária.

(D) É um curso no qual *se* exercita lógica rigorosa.

(E) No curso de direito, lê-*se* bastante.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – A conjunção **se** é subordinativa integrante.

▶ **Dica** – Encaixe o pronome demonstrativo catafórico (cita ideias) antes da conjunção para se certificar.

- *Questionamos também* **isto.** Feito! A ideia que temos é de que haverá algo a ser explicado posteriormente. Coube o pronome, temos uma conjunção integrante e a oração posterior é subordinada substantiva.
- O mesmo ocorre em: A sociedade não chega a saber **isto.**

Alternativa "b" – Conjunção condicional = caso.

Alternativa "c" – Índice de indeterminação do sujeito. Tratar é transitivo indireto.

Alternativa "d" – Pronome apassivador: exercitar é transitivo direto + se = V.P. (voz passiva). Equivale a a lógica é exercitada.

Alternativa "e" – Índice de indeterminação do sujeito. Ler é intransitivo.

---

35. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2007) Assinale a alternativa em que o período formado com as frases I, II e III estabelece as relações de condição entre I e II e de adição entre I e III.

I. O advogado é aprovado na OAB.

II. O advogado raciocina com lógica.

III. O advogado defende o cliente no tribunal.

(A) Se o advogado raciocinar com lógica, ele será aprovado na OAB e defenderá o cliente no tribunal com sucesso.

(B) O advogado defenderá o cliente no tribunal com sucesso, mas terá de raciocinar com lógica e ser aprovado na OAB.

(C) Como raciocinou com lógica, o advogado será aprovado na OAB e defenderá o cliente no tribunal com sucesso.

(D) O advogado defenderá o cliente no tribunal com sucesso porque raciocinou com lógica e foi aprovado na OAB.

(E) Uma vez que o advogado raciocinou com lógica e foi aprovado na OAB, ele poderá defender o cliente no tribunal com sucesso.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Se o advogado raciocinar com lógica (II) será aprovado na OAB (I)= relação de condição determinada pela conjunção se condicional = será aprovado na OAB se raciocinar com lógica. Relação de adição = o advogado aprovado na OAB (I) defenderá o cliente no tribunal com sucesso (III).

Alternativa "b" – Apresenta relação de adversidade e adição (conjunção adversativa mas).

Alternativa "c" – Apresenta relação de causa, consequência e adição.

Alternativa "d" – Apresenta relação de explicação e adição.

Alternativa "e" – Apresenta relação de causa e adição.

---

36. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ SP/2007)

Assinale a alternativa que reescreve, corretamente, de acordo com o sentido do período, o trecho em destaque em: *Não há dúvidas de que haverá esse impacto na população, mas quando, onde e como não se sabe.*

(A) Não há dúvida de que haverá esse impacto na população, entretanto não se sabe quando, onde e como.

(B) Não há dúvida de que haverá esse impacto na população porque não se sabe quando, onde e como.

(C) Não há dúvida de que haverá esse impacto na população e com isso não se sabe quando, onde e como.

(D) Não há dúvida de que haverá esse impacto na população, dessa forma não se sabe quando, onde e como.

(E) Não há dúvida de que haverá esse impacto na população, logo que se souber quando, onde e como.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – As conjunções adversativas **entretanto** e **mas** têm a mesma significação, ligando ideias opostas entre as orações. A alternativa reescreve, corretamente, o período, de acordo com o sentido.

Alternativa "b" – A conjunção porque muda o sentido para **explicação**.

Alternativa "c" – A locução aditiva e com isso muda o sentido.

Alternativa "d" – Dessa forma muda o sentido para **consequência**.

Alternativa "e" – Logo muda o sentido para **conclusão**.

Texto:

Palavra da semana: vaidade. Excessivo orgulho por algo que uma pessoa enxerga nela mesma, mas que os demais não conseguem admirar com igual intensidade. A palavra veio do latim vanus, "vazio". Ao se espremer uma pessoa com alto teor de vaidade, obtém-se um suco de nada. (Época, 15.03.2007).

37. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2007) Assinale a alternativa que reescreve, corretamente, a oração em destaque, de acordo com o sentido do contexto: – Ao se espremer uma pessoa com alto teor de vaidade, obtém-se um suco de nada.

(A) Por ter se espremido uma pessoa com alto teor de vaidade, obtém-se um suco de nada.

(B) Assim que se espremeu uma pessoa com alto teor de vaidade, obter-se-á um suco de nada.

(C) Quando se espreme uma pessoa com alto teor de vaidade, obtém-se um suco de nada.

(D) Por mais que se espremeu uma pessoa com alto teor de vaidade, obter-se-á um suco de nada.

(E) Quanto mais se espremer uma pessoa com alto teor de vaidade, mais se obteve um suco de nada.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – A conjunção subordinada está indicando circunstância de tempo: no momento em que se espreme, ao se espremer. A preposição a + o artigo o = ao e indica circunstância temporal. O mesmo ocorre em **quando** se espreme.

Alternativa "a" – Causa.

Alternativa "b" – Tempo.

Alternativa "d" – Concessão = embora.

Alternativa "e" – Proporcionalidade.

38. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2007) Assinale a alternativa em que o conectivo em destaque estabelece entre as orações o mesmo sentido expresso pelo conectivo *mas* em – *Excessivo orgulho por algo que uma pessoa enxerga nela mesma,* mas que os demais não conseguem admirar com igual intensidade.

(A) O ambicioso não enxerga o cume *nem* quando o atinge.

(B) A pessoa ambiciosa move o mundo, *a fim de* conseguir o poder.

(C) Há pessoas e pessoas, *porém* todas podem aprender a acender a chama interior do sucesso.

(D) *Quando* alguém é tomado por uma ambição desmedida, acaba tornando-se infeliz.

(E) A ambição não é uma qualidade superior, *portanto*, não há mérito no ambicioso.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – O conectivo **mas** é conjunção coordenada adversativa: estabelece relação de oposição, contraste entre as orações. **Porém** estabelece a mesma relação de oposição, contraste entre as orações, prevalecendo o mesmo sentido do período original.

Alternativa "a" – Não há oposição.

Alternativa "b" – Finalidade.

Alternativa "d" – Tempo.

Alternativa "e" – Conclusão.

39. (TJ – SP – Oficial de Justiça – TJ – SP/1999) *"Embora não haja uma data fechada, a Microsoft deve desovar em abril o Windows 98, sistema operacional que aposentará os 120 milhões de cópias do Win95".* (Isto É, 4/3/98). A oração subordinada destacada é:

(A) adverbial consecutiva

(B) substantiva predicativa

(C) adjetiva restritiva

(D) adverbial concessiva

(E) adjetiva explicativa

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Ideia de concessão = *apesar de*, embora.

Alternativa "a" – Caberia *de modo que*.

Alternativa "b" – Para ser substantiva, deveria caber o pronome **isto** e não cabe. Predicativa se a oração principal terminasse em verbo de ligação.

Alternativa "c" – Para ser adjetiva, precisaria do pronome relativo.

Alternativa "e" – Não podemos fazer a pergunta **por quê?**

2. FGV

Trecho para a questão.

Tendências para as cadeias no futuro?

(...) Outra solução criativa foi pensada e realizada na Austrália, onde um centro de detenção foi elaborado a partir de containers de transporte de mercadorias em navios modificados para servir como celas temporárias. Outra prisão na Nova Zelândia também passou a usar a mesma solução para resolver problemas de superlotação.

Entretanto, o conceito tem causado muita polêmica, pois as condições das celas em containers seriam desumanas — o que temos que levar em consideração em se tratando de um país tão quente. "Morar" em uma caixa de metal sob um sol de escaldar não deve ser nada agradável.

(Fernando Daquino, 04/11/2012 – Arquitetura)

---

40. (FGV – Agente Penitenciário – MA/2013) O último parágrafo do texto, em relação a algo expresso anteriormente, introduz uma ideia de

(A) explicação.

(B) concessão.

(C) comparação.

(D) conclusão.

(E) oposição.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – *Entretanto* é conjunção adversativa, logo indica oposição. Lista das mais pedidas: **mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante.**

Alternativa "a" – que, porque, pois (= porque), porquanto.

Alternativa "b" – embora, ainda que, apesar de que, se bem que, mesmo que, por mais que, posto que, conquanto, etc.

Alternativa "c" – como, assim como, tal como, como se, (tão)... como, tanto como, tanto quanto, do que, quanto, tal, qual, tal qual, que nem, que (combinado com menos ou mais), etc.

Alternativa "d" – logo, pois (= logo), portanto, por conseguinte, por isso, assim.

---

41. (FGV – Agente Penitenciário – MA/2013) "Embora um presídio nesse estilo tenha sido construído em Cuba, ele nunca chegou a entrar em funcionamento". As alternativas a seguir apresentam formas de reescrever esse período do texto mantendo seu significado original, à exceção de uma. Assinale-a.

(A) Ainda que um presídio nesse estilo tenha sido construído em Cuba, ele nunca chegou a entrar em funcionamento.

(B) Em virtude de um presídio nesse estilo ter sido construído em Cuba, ele nunca chegou a entrar em funcionamento.

(C) A despeito de um presídio nesse estilo ter sido construído em Cuba, ele nunca chegou a entrar em funcionamento.

(D) Apesar de um presídio nesse estilo ter sido construído em Cuba, ele nunca chegou a entrar em funcionamento.

(E) Não obstante um presídio nesse estilo ter sido construído em Cuba, ele nunca chegou a entrar em funcionamento.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – O presídio foi construído em Cuba; o presídio nunca chegou a entrar em funcionamento: ideias opostas, ou seja, concessão. A conjunção *embora* nos remete a essa ideia. *Em virtude de* indica causa e altera o sentido do trecho.

Alternativa "a" – Ainda que = concessão (oposição).

Alternativa "c" – A despeito de = concessão.

Alternativa "d" – Apesar de = concessão.

Alternativa "e" – Não obstante = concessão.

3. CESPE

Trecho para a próxima questão.

A produção brasileira de gás natural crescerá nos próximos anos em decorrência da entrada em operação de campos importantes nas bacias do Espírito Santo, de Campos, Santos e Camamu. No Amazonas ficará pronto o gasoduto que ligará Coari a Manaus, que cria uma demanda permanente e expressiva para o gás extraído dos poços de Urucu. (O Globo, Editorial, 12/4/2009, com adaptações).

42. (CESPE – Agente de Segurança Penitenciária – ES/2009) O emprego de vírgula logo após "Manaus" justifica-se por isolar a subsequente oração subordinada de caráter explicativo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Sim, usa-se vírgula para separar a oração principal da oração subordinada adjetiva explicativa, a qual pode ser retirada sem prejudicar o sentido.

"No Amazonas ficará pronto o gasoduto que ligará Coari a Manaus,	*que cria uma demanda permanente e expressiva para o gás extraído dos poços de Urucu."*
Oração principal	Oração subordinada adjetiva explicativa

4. FCC

Trecho para a próxima questão.

O estudo do cérebro conheceu avanços sem precedentes nas últimas duas décadas, com o surgimento de tecnologias que permitem observar o que acontece durante atividades ... (Adaptado de Paula Neiva e Vanessa Vieira. Veja.13 de fevereiro de 2008, p. 82-84)

43. (FCC – Agente de Segurança Penitenciária – PB/2008) O segmento grifado acima introduz, no período, noção de

(A) causa.

(B) conclusão.

(C) ressalva.

(D) temporalidade.

(E) finalidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Por que o estudo do cérebro conheceu avanços? Porque houve o surgimento de tecnologias.

Alternativa "b" – Caberia **logo.**

Alternativa "c" – Caberia **apesar de.**

Alternativa "d" – Seria: **quando?**

Alternativa "e" – Seria: **para quê?**

5. UEL

44. (UEL – Agente Penitenciário – PR/2013) No fragmento "Se a palavra de ordem for olhar para frente", a palavra em destaque apresenta o seguinte efeito de sentido:

(A) comparação.

(B) consequência.

(C) conclusão.

(D) explicação.

(E) condição.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – *Se* equivale a *caso* e indica condição. Sempre substitua para não ocorrer engano: Se a palavra for olhar para frente = caso a palavra seja olhar para frente.

Alternativa "a" – Indicam comparação: como, tão... como (quanto), mais (do) que, menos (do) que.

Alternativa "b" – que, de forma que, de sorte que, tanto que, etc., e pelas estruturas tão... que, tanto... que, tamanho... que.

Alternativa "c" – logo, portanto, pois, então, assim, por isso, por conseguinte, de modo que, em vista disso, etc.

Alternativa "d" – que, porque e pois.

6. UPENET

45. (UPENET – Agente Penitenciário – PE/2009) Em "Sempre escondida, que a patroa não gostava de criança", o vocábulo em destaque é

(A) pronome relativo.

(B) conjunção causal.

(C) conjunção integrante.

(D) advérbio.

(E) pronome substantivo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Por que ficava sempre escondida? Porque a patroa não gostava de criança = causa.

Alternativa "a" – Não pode ser substituído por o(a) qual.

Alternativa "c" – Não se pode encaixar o pronome demonstrativo *isto*.

Alternativa "d" – Não está ligado ao verbo e não intensifica termos.

Alternativa "e" – Não é pronome.

---

46. (UPENET – Agente Penitenciário – PE/2009) Todas as conjunções sublinhadas abaixo são adverbiais causais, EXCETO UMA. Assinale-a.

(A) A criança levou uma surra porque fez muitas travessuras.

(B) Já que não pretendes estudar, deves procurar um trabalho.

(C) Como não pagasse as contas, teve os créditos cortados.

(D) Como estava doente, não fui à festa.

(E) Tudo ocorreu como eu tinha previsto .

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Eu tinha previsto e ocorreu **como (conforme)** eu previa = conformidade = regra.

Alternativa "a" – Por que levou uma surra?

Alternativa "b" – Por que deves procurar trabalho?

Alternativa "c" – Por que teve os créditos cortados?

Alternativa "d" – Por que não fui à festa?

7. FGR

---

47. (FGR – Agente de Segurança Penitenciária – MG/2007) As ideias entre parênteses estão corretamente indicadas, **EXCETO** em:

(A) Segundo informações da Polícia Militar, os presos estariam com três armas, pois portavam um revólver calibre 38, uma pistola e uma escopeta. (conclusão)

(B) Três policiais civis também foram feitos reféns. (adição)

(C) Cerca de 700 presos do Centro de Remanejamento de Presos, em Betim, na região metropolitana de Belo Horizonte (MG), começaram uma rebelião logo depois das 19h30 de hoje. (temporal)

(D) O policial agiu mais rápido que os detentos. (consecutiva)

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Há verbo implícito: O policial agiu mais rápido que os detentos (agiram) = comparação.

Alternativa "a" – pois = logo.

Alternativa "b" – também = e.

Alternativa "c" – quando? = tempo.

---

48. (FGR – Agente de Segurança Penitenciária – MG/2007) As orações subordinadas substantivas destacadas abaixo estão corretamente identificadas nos parênteses, **EXCETO** em:

(A) Compreender o sentido do termo reeducar ***é importante. (subjetiva)***

(B) Todos lhe pediram que conceituasse educação. (objetiva direta)

(C) **Não teve a certeza** de que entendera o conceito de educação. *(completiva nominal)*

(D) Só desejava isto: que compreendesse o conceito de educar.(objetiva direta)

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – A oração explica e possui dois pontos: apositiva.

Alternativa "a" – O que é importante? = sujeito.

Alternativa "b" – Pediram algo (V.T.D.) = objeto direto.

Alternativa "c" – Certeza de algo = complemento nominal.

---

49. (FGR – Agente de Segurança Penitenciária – MG/2007) Classifique as orações, numerando a segunda coluna de acordo com a primeira:

I. Oração coordenada assindética.

II. Oração coordenada sindética.

III. Oração subordinada adverbial.

IV. Oração subordinada adjetiva.

( ) "Se fosse dor tudo na vida, seria a morte o grande bem". (Manuel Bandeira)

( ) "Escorrega-se no sangue, tropeça-se sobre cadáveres, mas a luta continua..." (Visconde de Ouro Preto)

( ) "Anseio ardentemente aliviar o mal, mas não posso, e também sofro." (Bertrand Russell)

( ) "A justiça que corrige ou castiga deve ser inspirada na bondade que nobilita e eleva." (Malba Tahan)

Marque a alternativa CORRETA:

(A) III, IV, II, I.

(B) II, I, II, IV.

(C) III, I, II, IV.

(D) I, II, IV, III.

COMENTÁRIOS

Questão anulada pela banca.

III = Adverbial condicional

II = Coordenada assindética, coordenada assindética + coordenada sindética adversativa.

II = Coordenada assindética, coordenada sindética adversativa + coordenada sindética aditiva.

II e IV = Subordinada adjetiva, coordenada sindética alternativa + subordinada adjetiva restritiva.

---

50. (FGR – Agente de Segurança Penitenciária – MG/2007) Leia os períodos, substituindo a oração adjetiva por um adjetivo:

Os temas que tratam da violência devem ser discutidos. Aquele homem é um que teme as leis. Tomaste uma atitude que surpreendeu.

Marque a alternativa CORRETA:

(A) fugidio-temor – enormidade

(B) violentos – temente – surpreendente

(C) Violentos – temor – superior

(D) violentos – temente – superioridade

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta

- Que tratam = os temas violentos. Eliminada *a*.
- Que teme = temente. Eliminada *c*: temor é substantivo.
- Que surpreendeu = surpreendente. Eliminada *d*.

QUESTÕES MÉDIAS

1. NÍVEL MÉDIO

1.1. FCC

Texto para a questão.

O FIM DOS ÁLBUNS DE FOTOGRAFIAS

Quando me pergunto o que deverá desaparecer nos próximos anos, por conta dos avanços tecnológicos que mudam ou suprimem hábitos e valores tradicionais, incluo os álbuns de fotografias. Na verdade, são as fotografias mesmas, aquelas reveladas em papel, que estão desaparecendo para dar lugar às imagens arquivadas num celular ou num computador. Não é mais o tempo que as torna apagadas ou amareladas; é o nosso súbito desinteresse que as remove de vez ao toque de um "delete". Nem pensar em armazená-las naqueles álbuns de capa dura e folhas de papelão, alguns encadernados em pano, álbuns de família, que se acumulavam em baús ou velhos armários. São monumentos remotos, de um tempo em que a memória ia longe, chegava aos avós e aos bisavós.

Pergunto-me se não é a qualidade mesma da nossa memória, do nosso interesse pelas recordações, se não é o valor mesmo da memória que está mudando de forma radical. Parece estar havendo um crescente desprestígio de tudo o que se refere ao passado, ainda quando esse passado seja recente. Com isso, o tempo se reduz ao instante que está passando e ao aguardado amanhã, do qual se exigem novas revelações, novos milagres. Um álbum de fotografias, nessa velocidade, é um objeto de museu, testemunha de tempos mais ingênuos e de imagens paralisadas.

Enquanto não morrem de vez, ainda me detenho em alguns desses álbuns. Quase sempre são de gosto duvidoso, com capas pretensiosas, ilustradas com flores coloridas, gatinhos meigos, paisagens poéticas e outros mimos. Dentro deles surpreendo a vida que já foi, os olhares que nos apanham em nossa vez de ser modernos. Aí me ocorre que nossas imagens não irão parar em álbuns caprichosos, talvez nem mesmo em arquivos digitais: não estarão em lugar nenhum. É o preço que se paga pelo desapego à memória.

(Vitório Damásio, inédito)

---

01. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 3/2015) O autor estabelece uma relação de causa e efeito entre

(A) a perda da memória familiar, entre os que se iludem com o avanço tecnológico, e a possibilidade da restauração de hábitos outrora prestigiados.

(B) a nova tecnologia aplicada ao arquivamento de imagens e o crescente desinteresse pela revelação de fotos e por sua conservação em álbuns próprios.

(C) o preço que se deve pagar pelo desapego à memória e o hábito, arraigado entre nós, de conservarem álbuns as velhas fotografias de família.

(D) o desprestígio que vêm atingindo as lembranças do passado recente e a revalorização das lembranças registradas num tempo mais remoto.

(E) o desprestígio por que momentaneamente passam os álbuns de fotografias e o mau gosto das capas que passaram a ostentar.

Gabarito: B

Por que ↓	Porque ↓
houve um crescente desinteresse pela revelação de fotos e por sua conservação em álbuns próprios?	existe uma nova tecnologia aplicada ao arquivamento de imagens.
A pergunta é a consequência	A resposta é a **causa**

Nas alternativas A, C, D e E, não existe relação de causa.

▶ **OBSERVAÇÃO**

Causa e efeito é o mesmo que causa e consequência.

Onde há causa, há obrigatoriamente consequência, já que a oração para a qual se faz a pergunta é o efeito (consequência).

---

02. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 16/2014) O consumidor já não precisa do vendedor para se servir, ... a visibilidade do produto se torna um fator-chave.

Reescrevendo-se o segmento, de forma a manter, em linhas gerais, o sentido original, preenche corretamente a lacuna acima o que está em:

(A) conquanto

(B) ainda que

(C) mas

(D) de modo que

(E) se

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – A ideia é de consequência, por isso usa-se *de modo que*. Estaria, também, correta a utilização de: **de sorte que, sem que (= que não), de forma que, de jeito que, que (tendo como antecedente na oração principal uma palavra como tal, tão, cada, tanto, tamanho).**

Alternativa "a" – Indica concessão, ideias opostas.

Alternativa "b" – Indica concessão, ideias opostas.

Alternativa "c" – Conjunção adversativa, ideias opostas.

Alternativa "e" – Conjunção condicional, equivale a *caso*.

---

03. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) Ainda que já tivesse uma carreira solo de sucesso [...], sentiu que era a hora de formar seu próprio grupo.

Outra redação para a frase acima, iniciada por "Já tinha uma carreira..." e fiel ao sentido original, deve gerar o seguinte elo entre as orações:

(A) de maneira que

(B) por isso.

(C) mas.

(D) embora.

(E) desde que.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Muito fácil! Já tinha carreira solo, mas sentiu que era a hora de formar seu próprio grupo = ideias opostas. O normal é acontecer o contrário: grupo e carreira solo.

Alternativa "a" – Não indica consequência.

Alternativa "b" – Não é conclusão.

Alternativa "d" – Não é concessão.

Alternativa "e" – Não se trata de condição.

---

04. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 12/2013)... e esses compositores estão obviamente vinculados um ao outro, <u>embora</u> seja fácil aos que estão familiarizados com a linguagem do período distingui-los.

Sem qualquer outra alteração da frase, o elemento sublinhado acima pode ser corretamente substituído por:

(A) de modo que

(B) desde que

(C) ainda que

(D) visto que

(E) à medida que

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – *Embora* indica concessão (ideias opostas) e *ainda que* também possui essa ideia. Conjunções concessivas: **embora, ainda que, apesar de que, se bem que, mesmo que, por mais que, posto que, conquanto,** etc.

Alternativa "a" – Consequência.

Alternativa "b" – Condição. Atenção! Em *desde que chegou, está calado, desde que* indica tempo. Depende, sempre, do contexto.

Alternativa "d" – Causa.

Alternativa "e" – Proporção. Dica: *na medida em que* é causa.

---

05. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 1/2013) *"Como a agremiação partidária não correspondera a seu sonho, descolara-se dela, na companhia de seu líder, em 1990".* Sem prejuízo para a correção e o sentido, a frase acima pode ser reescrita do seguinte modo: Descolara-se da agremiação partidária, na companhia de seu líder, em 1990,

(A) se bem que ela não correspondera a seu sonho.

(B) visto que ela não correspondera a seu sonho.

(C) contanto que ela não correspondera a seu sonho.

(D) conquanto ela não correspondera a seu sonho.

(E) por conseguinte ela não correspondera a seu sonho.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Deslocara-se dela **por quê?** Porque a agremiação partidária não correspondera a seu sonho = causa.

▶ **Dica** – Conjunções causais: porque, que, como (= porque, no início da frase), pois que, visto que, uma vez que, porquanto, já que, desde que, etc.

Alternativa "a" – Errada. Concessivas: embora, ainda que, apesar de que, se bem que, mesmo que, por mais que, posto que, conquanto, etc.

Alternativa "c" – Errada. Condicionais: se, caso, contanto que, salvo se, a não ser que, desde que, a menos que, sem que, etc.

Alternativa "d" – Errada. Concessiva.

Alternativa "e" – Errada. Coordenadas conclusivas: logo, pois (= logo), portanto, por conseguinte, por isso, assim.

---

06. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013)

Em primeiro lugar, menos de 40% das organizações pesquisadas reconhecem que quadros mais maduros podem constituir alternativa à escassez de talentos. Consequentemente, a maioria das empresas não possui mecanismos para atrair e manter tais quadros.

As frases acima articulam-se num único período, com correção, clareza e mantendo-se o sentido original, em:

(A) Em primeiro lugar, menos de 40% das organizações pesquisadas reconhecem que quadros mais maduros podem constituir alternativa à escassez de talentos, se bem que a maioria das empresas não possui mecanismos para atrair e manter tais quadros.

(B) Em primeiro lugar, menos de 40% das organizações pesquisadas reconhecem que quadros mais maduros podem constituir alternativa à escassez de talentos, de sorte que a maioria das empresas não possui mecanismos para atrair e manter tais quadros.

(C) Em primeiro lugar, menos de 40% das organizações pesquisadas reconhecem que quadros mais maduros podem constituir alternativa à escassez de talentos, por que a maioria das empresas não possui mecanismos para atrair e manter tais quadros.

(D) Em primeiro lugar, menos de 40% das organizações pesquisadas reconhecem que quadros mais maduros podem constituir alternativa à escassez de talentos, contanto que a maioria das empresas não possui mecanismos para atrair e manter tais quadros.

(E) Em primeiro lugar, menos de 40% das organizações pesquisadas reconhecem que quadros mais maduros podem constituir alternativa à escassez de talentos, ao passo em que a maioria das empresas não possui mecanismos para atrair e manter tais quadros.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – De sorte que: consequência. Fácil se trabalhar por eliminação:

Alternativa "a" – Errada. Se bem que equivale a concessão, ideias opostas, não cabe no contexto.

Alternativa "c" – Errada. Por que: quando explica deve ser grafado junto = porque.

Alternativa "d" – Errada. Contanto: condição.

Alternativa "e" – Errada. Ao passo que: proporção. Não se usa ao passo em que.

Texto para a próxima questão:

(...) Segundo o pesquisador Beto Veríssimo, fundador do Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (Imazon), a floresta é fundamental para a redução global das emissões de gases de efeito estufa. "O Brasil depende da região para produzir mais energia e não sou contra a expansão da rede de usinas aqui, mas é preciso cautela, para não repetir erros do passado, quando as hidrelétricas catalisaram ocupação desordenada, conflitos sociais e desmatamentos. Enfrentar o desmatamento da Amazônia é crucial para o Brasil." (Trecho de Diálogos capitais. CartaCapital, 7 de setembro de 2011, p. 46)

07. (FCC – TRT – 11ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2012) *...e não sou contra a expansão da rede de usinas aqui, mas é preciso cautela...* O segmento grifado acima denota

(A) finalidade decorrente do próprio desenvolvimento do texto.

(B) ressalva em correlação com o sentido da afirmativa anterior.

(C) temporalidade necessária à concretização da ação prevista.

(D) causa que justifica o posicionamento do pesquisador.

(E) condição para a realização da hipótese anterior a ele.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – A conjunção **mas** é coordenada adversativa e ressalva significa consideração com que se corrige ou retifica alguma coisa. Correto.

Alternativa "a" – Errada. Conjunções que indicam finalidade: para que, a fim de que, que, porque (= para que), que, etc.

Alternativa "c" – Errada. Conjunções temporais: quando, enquanto, antes que, depois que, logo que, todas as vezes que, desde que, sempre que, assim que, agora que, mal (= assim que), etc.

Alternativa "d" – Errada. Conjunções causais: porque, que, como (= porque, no início da frase), pois que, visto que, uma vez que, porquanto, já que, desde que, etc.

Alternativa "e" – Errada. Conjunções condicionais: se, caso, contanto que, salvo se, a não ser que, desde que, a menos que, sem que, etc.

Texto para a próxima questão:

Isolados por opção

Imagens inéditas de índios supostamente isolados em meio à floresta amazônica recentemente chamaram a atenção de todo o mundo. O flagrante dos indígenas vivendo de forma primitiva na região fronteiriça entre o Brasil e o Peru foi divulgado como o novo registro visual de uma população que estaria até hoje sem contato direto com o homem branco. Porém, uma observação mais atenta das fotos deixou evidente a presença de utensílios modernos, como facões e panelas, entre as ferramentas usadas pelos índios. Logo, a polêmica estava criada. ( ) (Adaptado de artigo de Paula Rocha. ISTOÉ, 9 de fevereiro de 2011, p. 67)

08. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 14/ 2011) *"Porém, uma observação mais atenta das fotos deixou evidente a presença de utensílios modernos, como facões e panelas, entre as ferramentas usadas pelos índios."* A frase acima introduz

(A) uma oposição ao que vinha sendo afirmado.

(B) a conclusão dos argumentos anteriormente apresentados.

(C) uma explicação que complementa a afirmação anterior.

(D) a síntese da ideia principal do texto.

(E) a opinião do autor a respeito do assunto tratado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a" – Correta.

✪ **Nota da autora:** a dica é saber quais circunstâncias indicam as conjunções.

Alternativa "a" – Errada. Conjunções **adversativas:** mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante. Ideias opostas.

Alternativa "b" – Errada. Conclusivas: logo, pois, portanto, por conseguinte, por isso, assim.

Alternativa "c" – Errada. Explicativas: que, porque, pois, porquanto.

Alternativa "d" – Errada. Palavras que indicam síntese: em suma, em síntese, em conclusão, enfim, em resumo, portanto, assim, dessa forma, dessa maneira, logo, pois.

Alternativa "e" – Errada. Opinião do autor: usada a primeira pessoa.

Tendo por base um levantamento elaborado por Otton Moacyr Garcia (*Comunicação em Prosa Moderna*), seguem os elementos de ligação mais usuais – advérbios, locuções, conjunções e preposições. Os itens seguintes encerram o significado de cada grupo de elementos de ligação.

[illegible]	[illegible]
Prioridade, relevância	Em primeiro lugar, antes de mais nada, primeiramente, acima de tudo, precisamente, principalmente, primordialmente, sobretudo
Tempo *(frequência, duração, ordem, sucessão, anterioridade, posterioridade)*	Então, enfim, logo, logo depois, imediatamente, logo após, a princípio, pouco antes, pouco depois, anteriormente, posteriormente, em seguida, afinal, por fim, finalmente, agora, atualmente, hoje, frequentemente, constantemente, às vezes, eventualmente, por vezes, ocasionalmente, sempre, raramente, não raro, ao mesmo tempo, simultaneamente, nesse interim, nesse meio tempo, enquanto, quando, antes que, depois que, logo que, sempre que, assim que, desde que, todas as vezes que, apenas, já, mal.
Semelhança, comparação, conformidade	Igualmente, da mesma forma, assim também, do mesmo modo, similarmente, semelhantemente, analogamente, por analogia, de maneira idêntica, de conformidade com, de acordo com, segundo, conforme, sob o mesmo ponto de vista, tal qual, tanto quanto, como, assim como, bem como, como se.
Condição, hipótese	Se, caso, eventualmente
Adição, continuação	Além disso, (a)demais, outrossim, ainda mais, ainda por cima, por outro lado. Também as conjunções aditivas: e, nem, não só, mas também etc.
Dúvida	Talvez, provavelmente, possivelmente, quiçá, quem sabe, é provável, não é certo, se é que.
Certeza, ênfase	De certo, por certo, certamente, indubitavelmente, inquestionavelmente, sem dúvida, inegavelmente, com toda a certeza.
Surpresa, imprevisto	Inesperadamente, inopinadamente, de súbito, subitamente, de repente, imprevistamente, surpreendentemente.
Ilustração, esclarecimento	Por exemplo, isto é, quer dizer, em outras palavras, ou por outra, a saber, ou seja.
Propósito, intenção, finalidade	Com o fim, a fim de, com o propósito de, para que, a fim de que.

[illegible]	[illegible]
Lugar, proximidade, distância	Perto de, próximo a ou de, junto a ou de, dentro, fora, mais adiante, aqui, além, acolá, lá, ali. E ainda algumas preposições e os pronomes demonstrativos.
Resumo, recapitulação, conclusão	Em suma, em síntese, em conclusão, enfim, em resumo, portanto, assim, dessa forma, dessa maneira, logo, pois.
Causa e consequência, explicação	Por consequência, por conseguinte, como resultado, por isso, por causa de, em virtude de, assim, de fato, com efeito, porque, porquanto, pois, que, já que, uma vez, visto que, como (= porque), portanto, logo, pois (posposto ao verbo), que (= porque).
Contraste, oposição, restrição, ressalva	Pelo contrário, em contraste com, salvo, exceto, menos, mas, contudo, todavia, entretanto, embora, apesar de, ainda que, mesmo que, posto que, conquanto, se bem que, por mais que, por menos que, no entanto.

Certas palavras têm classificação à parte, por isso convém dizer apenas palavra ou locução denotativa de:

1) **Inclusão:** até, inclusive, mesmo, também etc.
2) **Exclusão:** apenas, exceto, salvo, senão, só, somente etc.
3) **Designação:** eis
4) **Realce:** cá.lá. é que, só etc.
5) **Retificação:** aliás, ou antes, isto é, ou melhor etc.
6) **Situação:** afinal, agora, então, mas etc.

(*) Fonte: *http://www.passeiweb.com/na_ponta_lingua/sala_de_aula/portugues/redacao/dissertacao_e_narracao/elementos_ligacao*

Texto para a próxima questão:

Aos óculos

Só fingem que põem o mundo ao alcance dos meus olhos míopes

Na verdade me exilam dele com filtrar-lhe a menor imagem.

Já não vejo as coisas como são: vejo-as como eles querem que as veja.

Logo, são eles que veem, não eu que, mesmo cônscio do logro, lhes sou grato por anteciparem em mim o Édipo curioso de suas próprias trevas.

(José Paulo Paes)

09. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 14/ 2011) *"por anteciparem em mim"* O segmento acima introduz no contexto noção de

(A) condição.

(B) consequência.

(C) ressalva.

(D) causa.

(E) temporalidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – não lhes sou grato **por quê?** Por anteciparem em mim o Édipo curioso de suas próprias trevas (causa).

Relembremos as demais conjunções.

Alternativa "a" – Errada. Condicional: se, caso, contanto que, salvo se, a não ser que, desde que, a menos que, sem que, etc.

Alternativa "b" – Errada. Consecutiva: de sorte que, de modo que, sem que (= que não), de forma que, de jeito que, que (tendo como antecedente na oração principal uma palavra como tal, tão, cada, tanto, tamanho), etc.

Alternativa "c" – Errada. Palavras que indicam ressalva: pelo contrário, em contraste com, salvo, exceto, menos, mas, contudo, todavia, entretanto, embora, apesar de, ainda que, mesmo que, posto que, conquanto, se bem que, por mais que, por menos que, no entanto.

Alternativa "e" – Errada. Temporal: quando, enquanto, antes que, depois que, logo que, todas as vezes que, desde que, sempre que, assim que, agora que, mal (= assim que), etc.

Texto para a próxima questão:

Após a década de 1950, as palavras que dominavam as sociedades de consumo ocidentais não eram mais as de escritores seculares, mas as marcas comerciais de produtos ou do que se podia comprar. As imagens que se tornaram ícones de tais sociedades eram as das diversões e consumo de massa: astros e latas. Não surpreende que na década de 1950, no coração da democracia de consumo, a principal escola de pintores abdicasse diante de fabricantes de imagens tão mais poderosas que a arte anacrônica. A arte pop passava o tempo reproduzindo, com tanta exatidão e insensibilidade quanto possível, os badulaques do comercialismo americano: latas de sopa, bandeiras, Marilyn Monroe.

Insignificante como arte (no sentido que o século XIX deu à palavra), essa corrente, apesar disso, reconhecia que o triunfo do mercado de massa se baseava, de modo bastante profundo, na satisfação das necessidades tanto espirituais quanto materiais dos consumidores, fato do qual as agências de publicidade há muito tinham consciência quando destinavam suas campanhas a vender não o sabonete, mas o sonho de beleza, não as latas de sopa, mas a felicidade familiar. O que se tornou cada vez mais claro foi que isso tinha o que se podia chamar de uma dimensão estética, uma criatividade de base, ocasionalmente ativa mas sobretudo passiva, que os produtores tinham de competir para oferecer. Como dizia o populismo partilhado pelo mercado, o importante não era distinguir entre bom e ruim, elaborado e simples, mas no máximo entre o que atraía mais ou menos pessoas. Isso não deixava muito espaço para o clássico conceito das artes. (Adaptado de Eric Hobsbawm. Era dos Extremos. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo, Cia. das Letras, 2006, p. 496)

10. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 23/ 2011) *"... essa corrente, apesar disso, reconhecia que..."* (2º parágrafo). O termo grifado na frase acima poderia ser substituído, sem prejuízo para o sentido e a correção da frase, por:

(A) consequentemente.

(B) desse modo.

(C) no entanto.

(D) embora.

(E) portanto.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Conjunções concessivas (ideias opostas): embora, ainda que, apesar de que, se bem que, mesmo que, por mais que, posto que, conquanto, etc.

Alternativa"a" – Errada. Consequência: de sorte que, de modo que, sem que (= que não), de forma que, de jeito que, que (tendo como antecedente na oração principal uma palavra como tal, tão, cada, tanto, tamanho), etc.

Alternativa "b" – Errada. Consequência: de sorte que, de modo que, sem que (= que não), de forma que, de jeito que, que (tendo como antecedente na oração principal uma palavra como tal, tão, cada, tanto, tamanho), etc.

Alternativa "d" – Errada. Cuidado! Embora indica, também **concessão**, mas teríamos que alterar o verbo posposto para reconhecesse.

Alternativa "e" – Errada. Conclusão: logo, pois (depois do verbo), portanto, por conseguinte, por isso, assim.

---

11. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 20/ 2011) *"As margens da agricultura são mínimas, então o produtor só consegue competir se tiver escala e tecnologia de ponta. Como faltam mecanismos para financiar a modernização, ele opta pela expansão da área, que é muito mais barata", explica.* O segmento grifado acima

(A) estabelece relação de causa e consequência entre as duas afirmativas que o compõem.

(B) indica a finalidade que justifica a afirmativa anterior, acrescentando uma razão lógica para ela.

(C) se apoia em condição anterior necessária para a comprovação do sentido de todo o contexto.

(D) assinala proporcionalidade entre as duas afirmativas, pois a segunda somente se concretiza a partir do que foi dito na primeira.

(E) aponta para uma relação de tempo e espaço, necessária para a clareza e a compreensão do assunto desenvolvido.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Ele opta pela expansão da área **por quê?** Porque faltam mecanismos para financiar a modernização (causa). A oração para que fazemos a pergunta por quê? é a consequência.

Alternativa "b" – Errada. Finalidade seria **para quê?**

Alternativa "c" – Errada. Não há condição.

Alternativa "d" – Errada. Proporcionalidade seria **à medida que, à proporção que**, ações simultâneas.

Alternativa "e" – Errada. Para indicar tempo, faríamos a pergunta **quando?** – Não é o caso.

Trecho para a próxima questão

Essa dicotomia apresenta hoje muitos problemas para ser usada sem cautela, por algumas razões. Uma parte crescente das novidades tecnológicas não está na indústria, mas sim nos serviços, onde se destacam a Tecnologia da Informação (TI), as comunicações, os serviços criativos, etc. Esse fenômeno é tão poderoso que se reconhece que vivemos uma revolução de software, onde se gera a maior parte do valor, que coloca o hardware (máquinas e equipamentos), como caudatários do processo. Por outro lado, a TI permitiu uma ampla modificação no sistema de produção, em que se busca cada vez mais foco e especialização para a cadeia de produção. Como consequência, as atividades produtivas se organizam de maneiras diferentes, formando cadeias muito mais complexas do que no passado e tornando, a meu juízo, envelhecidas as contraposições do tipo agricultura versus indústria. (Adaptado do artigo de José Roberto Mendonça de Barros. O Estado de S. Paulo, B6/Economia, 7 de março de 2010)

---

12. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 24/ 2011) *"Esse fenômeno é tão poderoso que se reconhece que vivemos uma revolução de software..."* No segmento grifado acima identifica-se

(A) uma restrição e sua conclusão imediata.

(B) uma condição e o fato dela consequente.

(C) uma explicação lógica, decorrente de uma causa.

(D) uma hipótese provável, seguida de explicação.

(E) a causa evidente de um fato e sua consequência.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – vivemos uma revolução de software **por quê?** (consequência);

▸ **Porque** esse fenômeno é tão poderoso (causa).

Alternativa "a" – Errada. Não restringe nem conclui.

Alternativa "b" – Errada. Condição: caso, se.

Alternativa "c" – Errada. Não há explicação.

Alternativa "d" – Errada. Não há hipótese nem explicação.

---

13. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 22/ 2010) Preocupada com a ameaça de repetição da crise alimentar que provocou conflitos em várias partes do mundo em 2008, a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO) convocou uma reunião de emergência, em Roma.

Entre as informações presentes na afirmativa, há relação, respectivamente, de

(A) finalidade e conclusão.

(B) tempo e consequência.

(C) explicação e finalidade.

(D) causa e consequência.

(E) tempo e conclusão.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d" – Correta.

✪ **Nota da autora:** mais uma vez causa e consequência! Reparou como tais circunstâncias se repetem em provas FCC?

- a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO) convocou uma reunião de emergência, em Roma **por quê?** (esse período indica a consequência).
- Porque estava preocupada com a ameaça de repetição da crise alimentar que provocou conflitos em várias partes do mundo em 2008 (eis a causa!).

Alternativa "a" – Errada. Finalidade = para quê? / Conclusão = logo.

Alternativa "b" – Errada. Tempo = quando? / Consequência = de modo que.

Alternativa "c" – Errada. Explicação = porque / Finalidade = para quê?

Alternativa "e" – Errada. Tempo = quando? / Conclusão = logo.

Trecho para a próxima questão:

(...)

Em meados dos anos 90, os investidores depararam com capitais estranguladas e resolveram interiorizar suas operações industriais e comerciais. Hoje, de cada real produzido nas fábricas brasileiras, 44 centavos são provenientes de unidades instaladas em cidades médias. Um dos resultados da expansão econômica foi o aumento vertiginoso do setor de serviços. Tais mudanças conferiram tanta independência às cidades médias que 60% delas não precisam ter maiores vínculos com a região metropolitana da capital de seu Estado. (Especial Cidades Médias. Veja, 1 de setembro de 2010, pp. 78-80, com adaptações.)

14. (FCC – TRT – 12ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) *"Tais mudanças conferiram tanta independência às cidades médias que 60% delas não precisam ter maiores vínculos com a região metropolitana da capital de seu Estado".* A relação sintático-semântica que se estabelece entre as orações do período acima é, respectivamente, de

(A) causa e consequência.

(B) condição e fato dela decorrente.

(C) hipótese provável e ressalva.

(D) temporalidade e constatação de um fato.

(E) fato real e finalidade decorrente desse fato.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Fácil. Vamos à pergunta:

1) *60% delas não precisam ter maiores vínculos com a região metropolitana da capital de seu Estado* **por quê?** (consequência).

2) **Porque** *tais mudanças conferiram independência às cidades médias = causa.*

▶ **Dica** – Se fizemos a pergunta por quê? à oração, significa que esta indicará a consequência. A resposta é a causa.

Alternativa "b" – Errada. Condição = caso, se.

Alternativa "c" – Errada. Hipótese = verbo no subjuntivo.

Alternativa "d" – Errada. Tempo = quando?

Alternativa "e" – Errada. Finalidade = para quê?

1.2. CESPE

Trecho para o item.

(...) São questões que a justiça trabalhista está aprendendo a contemporizar, já que influenciam a convivência no ambiente de trabalho e dizem respeito à saúde do trabalhador. (...) **Tecnologias de controle criam novas situações de dano moral. Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).**

15. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) O conectivo "já que" inicia oração que apresenta a conclusão da ideia apresentada na oração imediatamente anterior.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – **Por** influenciarem a convivência, **porque** influenciam a convivência, são questões que a justiça trabalhista está aprendendo a contemporizar = **causa**.

▶ **Dica:** conjunções causais mais exigidas em provas: porque, posto que, visto que, uma vez que, por isso que, porquanto, como (equivalente a "porque").

Trecho para o item.

O Ministério Público é fruto do desenvolvimento do estado brasileiro e da democracia. A sua história é marcada por processos que culminaram na sua formalização institucional e na ampliação de sua área de atuação.(...)

Internet: <www.mpu.mp.br> (com adaptações).

16. (CESPE – Técnico – MPU/2013) O termo "que" introduz oração de natureza restritiva.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Atentemos a dois detalhes: 1. Para a oração ser restritiva, é necessário haver o pronome relativo (no caso, **que**) para ser oração adjetiva; 2. Quanto à pontuação, não pode existir. Por isso o item está correto.

Fixando: explicativa = com pontuação; restritiva = sem pontuação.

Trecho para o item.

Há um dispositivo no Código Civil que condiciona a edição de biografias à autorização do biografado ou descendentes. As consequências da norma são negativas. Uma delas é a impossibilidade de se registrar e deixar para a posteridade a vida de personagens importantes na formação do país, em qualquer ramo de atividade. (...)

O Globo, 23/9/2013 (com adaptações).

17. (CESPE – Técnico – MPU/2013) O trecho "que condiciona a edição de biografias à autorização do biografado ou descendentes" é de natureza explicativa.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Note que já foi exigido o mesmo tópico na questão anterior. Há pronome relativo (que = o qual), a oração é adjetiva e se não possui pontuação, trata-se de oração restritiva. A explicativa exige pontuação.

Trecho para o item.

Uma legislação que tenha hoje 70 anos de vigência entrou em vigor muito antes do lançamento do primeiro computador pessoal e do início da histórica revolução imposta pela tecnologia digital. Isso não seria problema se esse não fosse o caso da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), destinada a regular um dos universos mais impactados por esta revolução, o das relações trabalhistas. (...)

O Globo, Editorial, 22/8/2013 (com adaptações).

18. (CESPE – Técnico – MPU/2013) A conjunção "se" tem valor condicional na oração em que está inserida.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Sempre que **se** equivaler a **caso**, indicará condição. Faça a substituição: se esse não fosse o ... = caso esse não fosse...

Exemplo: **Se** estudar mais, terá chance de ser aprovado = **Caso** estude mais, terá chance de ser aprovado.

Trecho para a questão.

Levei anos para aprender, e só fui aprender nos anos da ditadura, que ter medo não é apenas tremer de medo ou baixar a cabeça — obediente e resignado —, ou dizer "sim" quando quiséramos dizer "não". Há outro medo, muito mais profundo, que disfarça e não mostra o medo que tem, exatamente porque teme tanto que tem medo de aparentar medo. É o medo que engendra a omissão, o não importar-se com o que ocorra, ou o não assumir-se em nada. É um medo-fuga. E é, talvez, o único medo essencialmente perigoso, porque, estando próximo à covardia, nos torna cínicos e, como tal, nos destroça.

Flávio Tavares, Memórias do esquecimento, São Paulo: Globo, 1999, p. 169.

19. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) O termo "que" introduz oração que complementa de forma direta o sentido do verbo "aprender".

COMENTÁRIOS

Certo – *Nos anos da ditadura* é adjunto adverbial de tempo. Na ordem direta: só fui aprender (isto) que ter medo não é apenas tremer de medo ou baixar a cabeça = quem aprende, aprende algo (verbo transitivo direto): oração subordinada substantiva objetiva direta.

Trecho para a questão.

O passado jamais pode ser objeto de escolha: ninguém escolhe ter havido o saque de Troia; com efeito, a deliberação não se refere ao passado, mas ao futuro e ao contingente, pois o passado não pode não ter sido. Agatão está certo ao escrever: "Pois há uma única coisa de que o próprio Deus está privado: fazer que o que foi não tenha sido". (...)

Marilena Chaui. Contra a servidão voluntária. Belo Horizonte: Editora Fundação Perseu Abramo, 2013, vol. 1, p. 114 (com adaptações).

20. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) Seriam mantidos o sentido e a correção gramatical do texto, caso o termo *portanto* substituísse "pois".

COMENTÁRIOS

Errado – A conjunção *pois*, no contexto, remete-nos a uma ideia explicativa, enquanto a conjunção *portanto* indica oposição, adversidade. O sentido seria alterado.

Trecho do texto de Sérgio Sampaio, que constitui a letra de uma música, para o próximo item.

(...)
Com um pouco mais de idade
E já não são como antes
Depois que uma autoridade
Inventou-lhes um flagrante
Quanto mais escapa o tempo
Dos falsos educandários
Mais a dor é o documento
Que os agride e os separa
Não são mais dois inocentes
Não se falam cara a cara
Quem pode escapar ileso
Do medo e do desatino
(...)

21. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) O trecho "Quanto mais escapa o tempo / Dos falsos educandários / Mais a dor é o documento / Que os agride e os separa" poderia, sem prejuízo para a correção gramatical, ser reescrito da seguinte forma: À medida que escapa o tempo dos falsos educandários, a dor vai se tornando o documento que os agride e os separa.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – As ideias das expressões "quanto mais (...) mais" e "à medida que" indicam proporcionalidade, ou seja, ações simultâneas (acontecem ao mesmo tempo).

Trecho para o próximo item.

(...) Ao todo, 82% das vítimas (32 pessoas) estavam sozinhas no momento da abordagem dos bandidos, por isso as forças de segurança recomendam que as pessoas tomem alguns cuidados, entre os quais, não estacionar em locais escuros e distantes, não ficar dentro de carros estacionados e redobrar a atenção ao sair de residências, centros comerciais e outros locais.

DF registra 316 ocorrências de sequestro-relâmpago nos primeiros oito meses deste ano. R7, 6/9/2013, Internet: <http://noticias.r7.com>(com adaptações).

22. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) O trecho "por isso as forças de segurança recomendam que as pessoas tomem alguns cuidados" expressa uma ideia de conclusão e poderia, mantendo-se a correção gramatical e o sentido do texto, ser iniciado pelo termo *porquanto* em vez da expressão "por isso".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O termo *porquanto* pode explicar, além de concluir, tornando o sentido distinto do que possui no período.

Trecho para os próximos itens.

Eu não sou capaz de me lembrar do cheiro que meu pai tinha quando eu era criança. As pessoas mudam de cheiro com a idade, assim como mudam de pele e de voz, e quando você fala da infância, é possível que associe a figura do seu pai com a figura do seu pai como é hoje. Então, quando me lembro dele me trazendo um triciclo de presente, ou mostrando como funcionava uma máquina de costura, ou pedindo que eu lesse algumas palavras escritas no jornal, ou conversando comigo sobre as coisas que se conversam com uma criança de três anos, sete anos, treze anos, quando me lembro de tudo isso, a imagem dele é a que tenho hoje, os cabelos, o rosto, meu pai bem mais magro e curvado e cansado do que em fotografias antigas que não vi mais que cinco vezes na vida. (...)

Michel Laub. Diário da queda. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 48-9 (com adaptações).

23. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) No trecho "é possível que associe a figura do seu pai com a figura do seu pai como é hoje", o conectivo "que" inicia oração que complementa o sentido do adjetivo "possível".

COMENTÁRIOS

Errado – Trata-se de oração subordinada substantiva subjetiva, ou seja, possui função de sujeito e o termo que liga as orações é denominado conjunção integrante.

▶ **Dica:** encaixe o pronome catafórico *isto* antes da conjunção, certificando-se da afirmação = é possível **isto** (citará algo).

24. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) O pronome "que" (utilizado duas vezes no final do trecho) introduz oração que restringe a significação dos antecedentes "a" e "fotografias antigas", respectivamente.

COMENTÁRIOS

Anulada – Gabarito preliminar: certo. Foi anulada em seguida.

A refere-se à *imagem*: a imagem dele é *a (imagem) que* tenho hoje = oração subordinada adjetiva (possui pronome relativo) restritiva (não possui pontuação); o segundo *que* faz parte de uma comparação e por isso não restringe. Motivo da banca: A ausência de indicação de qual pronome "que" no final do texto deveria ser analisado pode ter induzido os candidatos ao erro, motivo pelo qual se opta pela anulação do item.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

Inalterado desde a redemocratização, o sistema político brasileiro está finalmente diante de uma oportunidade concreta de mudanças, principalmente em relação a aspectos que dão margem a uma série de deformações e estimulam a corrupção já a partir do período de campanha eleitoral. Se as restrições históricas às transformações não prevalecerem, a Câmara dos Deputados deverá dar início ao debate sobre uma série de inovações com chance de valerem já para as próximas eleições. Mais uma vez, questões importantes como o voto facultativo e o distrital ficarão de fora, o que faz que as atenções se concentrem em aspectos mais polêmicos, como o financiamento público de campanha, a partir da criação de um fundo proposto por meio de projeto de lei. Se a intenção é mesmo reduzir as margens para desvios de dinheiro, é importante que as pretensões, nesse e em outros pontos, sejam avaliadas com objetividade e sem prejulgamentos. (Zero Hora, 8/4/2013).

25. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) Em "se concentrem" e "Se a intenção", o vocábulo se desempenha a mesma função: introduzir oração condicional.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado:

- ... o que faz que as atenções se concentrem = o que faz que as atenções sejam concentradas: verbo transitivo direto + se = voz passiva e o **se** é pronome apassivador.
- Se a intenção é mesmo reduzir as margens para desvios de dinheiro = caso a intenção seja mesmo reduzir. Sempre que o **se** puder ser substituído por **caso**, indicará condição de alguma coisa, ou seja, é uma conjunção subordinada condicional.

Trecho para o próximo item.

Cidadãos de áreas rurais que estejam ligados a atividades culturais e estudantes universitários de todas as regiões do Brasil, por exemplo, são beneficiados por um dos projetos da SID: as Redes Culturais. Essas redes abrangem associações e grupos culturais para divulgar e preservar suas manifestações de cunho artístico. (Identidade e diversidade. Internet: <www.brasil.gov.br/sobre/cultura>, com adaptações).

26. (CESPE – Investigador de Polícia – BA/2013) No período "Essas redes abrangem associações e grupos culturais para divulgar e preservar suas manifestações de cunho artístico.", duas orações expressam finalidades das "Redes Culturais".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Essas redes abrangem associações e grupos culturais para quê? Para divulgar (uma oração final) e (para) preservar (outra oração final).

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) As razões para esse estancamento encontram-se no comportamento do polo dinâmico da economia mundial, os países emergentes, cujo desenvolvimento econômico começou a desacelerar – ainda que a partir de taxas exuberantes de expansão. (Valor Econômico, Editorial, 6/7/2010, com adaptações)

27. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/2010) No trecho "cujo desenvolvimento econômico (...) expansão", identifica-se relação de causa e conseqüência entre a construção sintática destacada com travessão e a oração que a antecede.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – *Ainda que* equivale a *mesmo que, embora*, ou seja, indica concessão, idéias opostas. Para indicar causa e conseqüência teria que caber a conjunção *de modo que* e caberia, também, a pergunta *por quê?*

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

Para a maioria das pessoas, os assaltantes, assassinos e traficantes que possam ser encontrados em uma rua escura da cidade são o cerne do problema criminal. Mas os danos que tais criminosos causam são minúsculos quando comparados com os de criminosos respeitáveis, que vestem colarinho branco e trabalham para as organizações mais poderosas. (...) (James William Coleman, A elite do crime, 5,a ed São Paulo: Manole, 2005, p. 1, com adaptações).

28. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/2010) Sem prejuízo para a coerência textual e a correção gramatical, o trecho *"Mas os danos ( ) minúsculos*, que inicia o segundo período do texto, poderia ser substituído por: *Embora os danos causados por esses criminosos sejam ínfimos (–*

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – *Mas* é uma conjunção coordenada adversativa e *embora* é conjunção subordinada concessiva. Como as orações são independentes sintaticamente, não se pode substituir por conjunção subordinada (liga orações dependentes sintaticamente).

29. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2010) A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

Para a maioria das pessoas, os assaltantes, assassinos e traficantes que possam ser encontrados em uma rua escura da cidade são o cerne do problema criminal. (...) (James William Coleman, A elite do crime, 5,a ed São Paulo: Manole, 2005, p. 1, com adaptações).

A correção gramatical e a coerência do texto seriam preservadas se a oração "que possam ser encontrados em uma rua escura da cidade" estivesse entre vírgulas.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Nunca, ao se inserir ou retirar a vírgula antes do pronome relativo (oração subordinada adjetiva), a coerência será preservada.

▶ **Dica:**

- **Oração adjetiva explicativa**: é separada por pontuação e pode ser retirada sem que o sentido seja alterado, pois generaliza.
- **Oração adjetiva restritiva**: não possui pontuação porque restringe, especifica e não pode ser retirada por necessitar da informação: *os assaltantes, assassinos e traficantes que possam ser encontrados em uma rua escura da cidade são o cerne do problema criminal* indica que nem todos podem ser encontrados em uma rua escura da cidade e que nem todos são o cerne do problema criminal.

30. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2010) A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) Foi assim na Revolução Industrial de ontem e nas economias ditas avançadas. E ainda é, nos dias de hoje, nas manufaturas da Ásia ou em diversas regiões do Brasil. Enquanto, entre as nações ricas, o trabalho infantil foi minimizado, já que nunca se pode dizer erradicado, ele continua sendo grave problema nos países mais pobres. (Jornal do Brasil, Editorial, 1,77/2010, com adaptações)

Estariam preservadas a coerência textual e a correção gramatical se a expressão **Não obstante** fosse inserida, com os devidos ajustes de maiúsculas e minúsculas e seguida de vírgula, antes da palavra "Enquanto", obtendo-se: *Não obstante, enquanto, entre (...) mais pobres.*

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – a inserção de NÃO OBSTANTE antes da palavra ENQUANTO não preservaria a coerência textual e a correção gramatical: não obstante e enquanto exercem funções diferentes = enquanto – conjunção subordinativa adverbial temporal; não obstante – locução adverbial com valor concessivo (apesar de) .

31. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2010) A respeito da organização das estrutu-

ras linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...)

No lugar de alta carga tributária e estrutura de impostos inadequada, o país deve priorizar investimentos que expandam a produção e contribuam simultaneamente para o aumento de produtividade, como é o caso dos gastos com educação. É dessa forma que são criadas boas oportunidades de trabalho, geradoras de renda, de maneira sustentável. O Globo, Editorial, 12/7/2010, com adaptações).

A ausência de vírgula logo após o termo "investimentos" permite concluir que, segundo o autor do texto, é necessário que, no Brasil, sejam priorizados investimentos voltados para a expansão da produção e para o aumento da produtividade.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Por não haver vírgula, entende-se que não se trata de quaisquer investimentos, mas sim dos *que expandam a produção e contribuam simultaneamente para o aumento de produtividade*. Restringe e não explica.

Atenção! Julgue o item que se segue, relativo a aspectos gramaticais e semânticos do trecho.

Quando apregoou aos quatro cantos que a tecnologia seria uma aliada importante na redução do tempo de trabalho e na ampliação dos períodos de lazer, Domenico de Masi conquistou corações e mentes. Argumentou que chegara o momento do ócio criativo, o tempo em que, na sociedade, se imporiam novos sujeitos, em que a indústria e o trabalho perderiam a centralidade. O tempo destinado à formação, aos cuidados consigo e à folga prevaleceria claramente sobre o tempo destinado ao trabalho. Então, poderíamos trabalhar apenas de 3 a 4 horas por dia com a mesma produtividade das 8 horas habituais e reservar um período maior para o lazer.

Apesar das boas intenções, o conhecido sociólogo não logrou comprovar suas ideias. Pelo contrário.

32. (UNB/CESPE – TRT 21ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) A expressão "Apesar das" introduz ideia de oposição em relação à ideia expressa no período anterior.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A oposição é em relação à oração posterior (oração principal): *o conhecido sociólogo não logrou comprovar suas ideias.*

Atenção! Julgue o item que se segue, relativo a aspectos gramaticais e semânticos do trecho.

Brasileiros de todas as classes sociais e regiões do país sabem que pagam impostos quando consomem.

33. (UNB/CESPE – TRT 21ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) A oração "que pagam impostos quando consomem" mantém relação de coordenação com a anterior.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: Errado

✪ **Nota da autora:** Caso seja necessário relembrar a teoria de período composto, consulte-a no final do livro.

O **que** é conjunção integrante, porque podemos encaixar a palavra **isto** anteposta: Brasileiros de todas as classes sociais e regiões do país sabem **isto** (a ideia será citada). Pronto! Trata-se de uma oração subordinada substantiva objetiva direta e não coordenada.

Atenção! Julgue o item que se segue, relativo a aspectos gramaticais e semânticos do trecho.

A que deu origem a O Dedo na Ferida foi realizada no ano passado e revela que, apesar de a população estar ciente de que é tributada ao adquirir bens e serviços, a maioria desconhece a proporção dos impostos embutidos nos preços finais.

34. (UNB/CESPE – TRT 21ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) O trecho "apesar de a população estar ciente" poderia ser substituído por **ainda que a população esteja ciente** sem prejuízo do sentido do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: Certo – A ideia é de oposição em relação à oração posterior, as duas conjunções são concessivas, portanto poderia ser substituída.

1.3. CESGRANRIO

35. (Cesgranrio – Escriturário – BB/2013) Os períodos "Hoje é dia de mais um sorteio da Mega-Sena. O prêmio está acumulado em cinquenta milhões de reais." foram reescritos, com adaptações, para transformá-los em um único período.

Aquele que mantém o sentido original e está adequado à norma-padrão é:

(A) Embora o prêmio esteja acumulado em cinquenta milhões de reais, hoje é dia de mais um sorteio da Mega-Sena.

(B) Hoje é dia de mais um sorteio da Mega-Sena porque o prêmio está acumulado em cinquenta milhões de reais.

(C) Desde que o prêmio da Mega-Sena está acumulado em cinquenta milhões de reais, hoje é dia do sorteio.

(D) Hoje é dia em que o prêmio da Mega-Sena, acumulado em cinquenta milhões de reais, vai ser sorteado.

(E) Hoje é dia de mais um sorteio da Mega-Sena já que o prêmio está acumulado em cinquenta milhões de reais.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – Período composto e pontuação (intercalação).

Note que há apenas adição de duas informações: acontece isso + isso. Toda informação que surge entre vírgulas, ou entre travessões, ou entre parênteses pode ser retirada que será mantida a sequência sintática. Leia o que está em negrito: **Hoje é dia em que o prêmio da Mega-Sena**, acumulado em cinquenta milhões de reais, **vai ser sorteado**.

Alternativa "a" – *Embora* indica concessão e não cabe no período essa ideia.

Alternativa "b" – *Porque* é explicação e os períodos apenas adicionam ideias.

Alternativa "c" – *Desde que* refere-se a tempo e não há essa circunstância no trecho mencionado.

Alternativa "e" – *Já que* indica causa. Não há como fazer a pergunta *por quê?* no trecho.

36. (Cesgranrio – Escriturário – BB/2013) O conector que classifica-se diferentemente do que se destaca em "coisas **que** você deve fazer" em:

(A) "Eu, **que** não apostei na Mega-Sena"

(B) "coisas **que** a gente precisa porque precisa fazer"

(C) "lugares **que** você deve conhecer"

(D) "os cem pratos **que** você deve provar"

(E) "terem a certeza absoluta de **que** você vai morrer"

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Pronome e período composto (conjunção).

- Ter certeza absoluta de algo (disto): a informação será mencionada e cabe o pronome demonstrativo catafórico **isto**. Temos uma **conjunção integrante** ligando a oração principal à oração subordinada substantiva completiva nominal. Na frase do enunciado, o *que* retoma o substantivo *coisas* e pode ser substituído por **as quais**, ou seja, é pronome relativo = coisas as quais você deve fazer. Perceba que ocorre o mesmo nas outras alternativas.

Alternativa "a" – eu = quem, o qual.

Alternativa "b" – coisas = as quais.

Alternativa "c" – lugares = os quais.

Alternativa "d" – cem pratos = os quais.

37. (CESGRANRIO – Técnico Bancário-Banco da Amazônia/2013) No trecho "constataremos **que** são áreas com menor Índice de Desenvolvimento Humano", a palavra *que* tem a mesma classificação do que se destaca em:

(A) "O tiro **que** eu daria seria na mudança de mentalidade."

(B) "pensar um novo modelo de desenvolvimento **que** una a questão ambiental à econômica."

(C) "principalmente por ser o Brasil um país **que** agrega a maioria do território amazônico".

(D) "deveríamos levar adiante algumas iniciativas **que** podem ser, até mesmo, replicadas em cidades como Rio de Janeiro ou São Paulo."

(E) "Vamos imaginar **que** sou do Rio Grande do Sul,"

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"

✪ **Nota da autora:** Questão de período composto e pronome relativo.

1) Constataremos que... = constataremos isto. Coube o pronome demonstrativo e indica que algo será citado. A conjunção é integrante e a oração é subordinada substantiva (objetiva direta);

2) Alternativa e: vamos imaginar isto. Coube, também, o pronome demonstrativo e indica que algo será citado. A conjunção é integrante e a oração é subordinada substantiva (objetiva direta).

Alternativa "a" – O tiro **o qual**: pronome relativo.

Alternativa "b" – um novo modelo de desenvolvimento **o qual**: pronome relativo.

Alternativa "c" – um país **o qual**: pronome relativo.

Alternativa "d" – algumas iniciativas **as quais**: pronome relativo.

---

38. (CESGRANRIO – Técnico Bancário-Banco da Amazônia/2013) Na frase "Vou enfrentar uma concorrência desleal, **e** minha empresa fechará no vermelho.", a palavra em destaque pode ser substituída, sem prejuízo do sentido original do texto, por

(A) ou

(B) mas

(C) portanto

(D) visto que

(E) no entanto

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – A conjunção **e** está indicando conclusão e pode ser substituída por *portanto, logo* ou *pois*.

Alternativa "a" – Alternância não cabe.

Alternativa "b" – Adversidade (oposição) não cabe no contexto.

Alternativa "d" – Causa. A pergunta (*por quê?*) não cabe.

Alternativa "e" – Adversidade não cabe no contexto.

Atenção! A questão de número 1 refere-se ao trecho abaixo.

O pior era um aluno grandalhão – iria pelos 14 anos – que não acertava nunca. Chegando a vez dele, a roda cantava: "8x7?" A roda esperava e ele gaguejava, ficava da cor de um pimentão e começava a chorar. (QUEIROZ, Rachel de. As terras ásperas – Crônicas. S. Paulo: Ed. Siciliano, 1993.

---

39. (Cesgranrio – Técnico Previdenciário – INSS/2005) "**Chegando a vez dele**, a roda cantava: '8x7 ?'". A oração em destaque exprime ideia de:

(A) causa.

(B) concessão.

(C) tempo.

(D) finalidade.

(E) consequência.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

✪ **Nota da autora:** Para saber a exata circunstância expressa pela oração subordinada adverbial, é necessário fazer pergunta à oração principal (não possui conjunção): **Quando** a roda cantava? Quando chegava a vez dele – tempo.

Confira, na lista abaixo, as demais conjunções das alternativas a, b, d e e.

Relembrando a lista conjunções subordinadas adverbiais mais utilizadas em provas INSS.

- **Causais**: porque, que, como (= porque, no início da frase), pois que, visto que, uma vez que, porquanto, já que, desde que, etc.
- **Concessivas**: embora, ainda que, apesar de que, se bem que, mesmo que, por mais que, posto que, conquanto, etc.
- **Condicionais**: se, caso, contanto que, salvo se, a não ser que, desde que, a menos que, sem que, etc.
- **Conformativas**: conforme, como (= conforme), segundo, consoante, etc.
- **Finais**: para que, a fim de que, que, porque (= para que), que, etc.
- **Proporcionais**: à medida que, à proporção que, ao passo que e as combinações quanto mais... (mais), quanto menos...(menos), quanto menos ...(mais), quanto menos...(menos), etc.
- **Temporais**: quando, enquanto, antes que, depois que, logo que, todas as vezes que, desde que, sempre que, assim que, agora que, mal (= assim que), etc.
- **Comparativas**: como, assim como, tal como, como se, (tão)...como, tanto como, tanto quanto, do que, quanto, tal, qual, tal qual, que nem, que(combinado com menos ou mais), etc.
- **Consecutivas**: de sorte que, de modo que, sem que (= que não), de forma que, de jeito que, que (tendo como antecedente na oração principal uma palavra como tal, tão, cada, tanto, tamanho), etc.

Fonte: http://www.soportugues.com.br/

40. (Cesgranrio – Técnico Previdenciário – INSS/ 2005) "Tenho almejado isso secretamente, mas por uma fatalidade estou sempre mudando." Entre as orações do período acima existe uma relação de:

(A) oposição.

(B) tempo.

(C) explicação.

(D) causa e consequência.

(E) consequência e finalidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Mas é uma conjunção coordenada adversativa e indica oposição de ideias.

Relembrando a lista conjunções coordenadas mais utilizadas em provas INSS.

- **Aditivas:** e, nem (= e não), não só... mas também, não só...como também, bem como, não só...mas ainda.
- **Adversativas:** mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante.
- **Alternativas:** ou, ou...ou, ora, já...já, quer... quer, seja...seja, talvez...talvez.
- **Conclusivas:** logo, pois, portanto, por conseguinte, por isso, assim.
- **Explicativas:** que, porque, pois, porquanto.

Fonte: http://www.soportugues.com.br/

1.4. ACP

41. (ACP – Inspetor de Polícia – RS/2010) Em qual das frases abaixo o termo "como" tem valor conformativo?

(A) como disse o sociólogo Gilberto Freyre (em *Ele é necessário e insubstituível, como disse o sociólogo Gilberto Freyre*).

(B) Jamais se pronunciou tanto palavrão como nos dias de hoje.

(C) afirmam tanto os safados como os guardiões da língua e dos bons costumes.

(D) como a televisão (em *o aumento dos meios de comunicação, como a televisão, foi o motivo mais apontado*).

(E) como se fosse possível dizer assim para um tipo de termo que nasceu da própria banalidade da vida, (em *já se banalizou, como se fosse possível dizer assim para um tipo de termo que nasceu da própria banalidade da vida*).

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Para ter valor conformativo, deve ser substituído por *conforme* e indicar regra: *Ele é necessário e insubstituível,* ***conforme*** *disse o sociólogo Gilberto Freyre*

Alternativa "b" – modo.

Alternativa "c" – adição.

Alternativa "d" – exemplifica.

Alternativa "e" – condição.

Trecho para a próxima questão.

O Português em Debate

Mal amparado por escolas que se evadem a qualquer menção à análise sintática, o brasileiro nem sempre sabe onde buscar régua e compasso para disciplinar a língua que fala. O português é uma entidade dinâmica, continuamente alterada e enriquecida por novas gírias, expressões, palavras importadas, mas essa fluidez não faz dela um território sem leis. As gramáticas devem cumprir o papel do esclarecimento do que é correto ou não na escrita, a exemplo da obra de Evanildo Bechara. A fala, porém, admite muitas construções que seriam aberrantes na página impressa. "Vou no médico" é a forma mais comum, em conversas informais, ainda que o correto seja "vou ao médico". O que é preciso é achar o equilíbrio, mesmo nas diferenças de registro: um adolescente não pode empregar com os avós os mesmos termos que utiliza nas baladas com sua turma.

No Brasil, a gramática da língua oral foi alvo de um estudo pioneiro em 1969, quando o linguista Nelson Rosso, da Universidade Federal da Bahia, desenvolveu o projeto Norma Urbana Culta (Nurc). (...)

E aí se chega a uma recomendação que todo cidadão vem ouvindo desde que se sentou pela primeira vez nos bancos da escola: ler é indispensável para quem quer se expressar bem. (...) (Jerônimo Teixeira e Daniela Macedo. Texto adaptado da Revista Veja, 11 de agosto de 2010).

42. (ACP – Escrivão de Polícia – RS/2010) Dentre as alternativas abaixo, qual contém uma afirmação INCORRETA acerca dos nexos oracionais do texto?

(A) O **mas** enlaça apenas duas unidades, acentuando a oposição entre elas e podendo ser substituído por "porém".

(B) O **ou** enlaça unidades coordenadas, matizando-as de um valor alternativo, para exprimir a compatibilidade dos conceitos envolvidos.

(C) É possível substituir-se a locução conjuntiva concessiva **ainda que** por "apesar de", desde que haja alteração na forma verbal **seja**.

(D) O **mesmo** é um operador de inclusão, que assinala o argumento mais forte, orientando no sentido de determinada conclusão.

(E) Embora ambas as conjunções exprimam o tempo do fato expresso na oração principal, **quando** e **desde que** não são, no texto, intercambiáveis.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – **Ou**, na frase, não está exprimindo uma exclusão entre uma ou outra alternativa para compatibilizar os conceitos envolvidos, mas está explicando o papel das gramáticas: ou, nesse caso, é esclarecer o que é certo e o que não é correto (também) na escrita: o certo e o errado.

Alternativa "a" – A conjunção adversativa *mas* acentua a oposição entre entidade dinâmica e um território sem leis; pode perfeitamente ser substituída pela conjunção adversativa porém: o português é uma entidade dinâmica..., porém essa fluidez não faz dela um território sem leis.

Alternativa "c" – A locução conjuntiva pode ser substituída por *apesar de*, pois as duas locuções se equivalem: ...é a forma mais comum, em conversas, apesar de o correto ser... – ainda que seja / apesar de ser = concessão.

Alternativa "d" – *Mesmo* está funcionando como advérbio de inclusão: até mesmo, também, até.

Alternativa "e" – São conjunções temporais, porém não são intercambiáveis (uma não substitui a outra) no fato expresso na oração principal: no Brasil, a gramática da língua oral foi alvo de um estudo pioneiro em 1.969 (tempo cronológico); ...vem ouvindo desde que (desde o momento) que se sentou pela primeira vez nos bancos da escola: ação contínua (não concluída): vem ouvindo.

1.5. UEL

43. (UEL COPS – Investigador de Polícia – PR/2010) Considere a frase: "**Porém**, o mundo, a sociedade e, por seu turno, os crimes e as maneiras de se cometê-los evoluíram". Assinale a alternativa a seguir que a substitui corretamente.

(A) Embora o mundo, a sociedade e, por seu turno, os crimes e as maneiras de se cometerem tivessem evoluído.

(B) Para que o mundo, a sociedade e, por seu turno, os crimes e as maneiras de terem sido cometidos evoluíssem.

(C) No entanto, o mundo, a sociedade e, por seu turno, os crimes e as maneiras de serem cometidos evoluíram.

(D) Provavelmente, o mundo, a sociedade e, por seu turno, os crimes e as maneiras de se cometerem evoluirão.

(E) Afinal, o mundo, a sociedade e, por sua vez, os crimes e as maneiras de se cometerem devem ser evoluídos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Conjunções adversativas: mas, porém, contudo, todavia, entretanto e as locuções no entanto, não obstante, nada obstante.

Alternativa "a" – Embora: concessão. A frase sugerida não substitui a proposta pois está faltando o complemento do verbo que pede objeto direto = ...de se cometerem algo.

Alternativa "b" – A frase está no sentido de finalidade, fugindo do sentido da frase original.

Alternativa "d" – O advérbio "provavelmente" expressa hipótese; a forma verbal "evoluíram" (futuro do presente do indicativo) indica um fato a realizar-se, o que contraria a ideia concluída na frase proposta = evoluíram no pretérito perfeito do indicativo.

Alternativa "e" – Frase sem coerência.

Trecho para a próxima questão.

1.6. VUNESP

Leia o cartum.

(Mandrade, www1.folha.uol.com.br, 02.10.2012)

(Mandrade, www1.folha.uol.com.br, 02.10.2012)

44. (Vunesp – Escrivão de Polícia – SP/2013) A expressão **desde que** estabelece, entre as orações, relação de

(A) condição.

(B) comparação.

(C) conformidade.

(D) causa.

(E) consequência.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Conjunções condicionais: se, caso, contanto que, salvo se, a não ser que, desde que, a menos que, sem que, etc.

Alternativa "b" – como, assim como, tal como, como se, (tão)...como, tanto como, tanto quanto, do que, quanto, tal, qual, tal qual, que nem, que(combinado com menos ou mais), etc.

Alternativa "c" – conforme, como (= conforme), segundo, consoante, etc.

Alternativa "d" – porque, que, como (= porque, no início da frase), pois que, visto que, uma vez que, porquanto, já que, desde que, etc.

Alternativa "e" – de sorte que, de modo que, sem que (= que não), de forma que, de jeito que, que (tendo como antecedente na oração principal uma palavra como tal, tão, cada, tanto, tamanho), etc.

---

45. (Vunesp – Escrivão de Polícia – SP/2013) Observe a passagem:

Nos últimos tempos, o artista dizia no estilo direto habitual que, _____ fosse um rapaz hoje, em lugar de fazer arquitetura, percorreria a rua protestando contra este mundo em que vivemos.

Assínale a alternativa que apresenta uma expressão que introduz a oração destacada, sem alterar o sentido do texto.

(A) já que

(B) ainda que

(C) embora

(D) se acaso

(E) porque

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Fosse: verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo; indica condição = se acaso.

Alternativa "a" – causa.

Alternativa "b" – concessão.

Alternativa "c" – concessão.

Alternativa "e" – explicação.

---

46. (Vunesp – Escrivão de Polícia – SP/2013) Observe a passagem: *"são algumas das pessoas que não concluíram o ensino superior e se tornaram profissionais bem-sucedidos".*

Assinale a alternativa em que o acréscimo de uma conjunção explícita a ideia de oposição entre as orações dessa passagem.

(A) e, assim, se tornaram profissionais bem-sucedidos.

(B) e, pois, se tornaram profissionais bem-sucedidos.

(C) e, contudo, se tornaram profissionais bem-sucedidos.

(D) e, portanto, se tornaram profissionais bem-sucedidos.

(E) e, porque, se tornaram profissionais bem-sucedidos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Conjunções adversativas: **mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante.**

Alternativa "a" – Conclusiva.

Alternativa "b" – Conclusiva ou explicativa.

Alternativa "d" – Conclusiva.

Alternativa "e" – Explicativa.

Para responder à próxima questão, considere a seguinte passagem: Já o Código Civil, em seu artigo 20, faz com que não apenas o protagonista tenha amparo na lei para se insurgir contra um livro e exigir sua retirada do mercado, como estende essa possibilidade a coadjuvantes de quarta grandeza ou a seus herdeiros.

---

47. (Vunesp – Investigador de Polícia – SP/2013) O par correlato "não apenas... como", em destaque na passagem do texto, estabelece entre as orações relação de

(A) adversidade.

(B) alternância.

(C) conclusão.

(D) adição.

(E) explicação.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Indicam adição: e, nem (= e não), não só... mas também, não só...como também, bem como, não só...mas ainda, não apenas... como.

Alternativa "a" – Não há oposição.

Alternativa "b" – Não alterna.

Alternativa "c" – Não conclui.

Alternativa "e" – Não explica.

1.7. UEG

Trecho para a questão.

As origens sociais da memória indireta

O estudo da memória humana revela que, mesmo nos estágios mais primitivos do desenvolvimento social, existem dois tipos fundamentalmente diferentes de memória. Uma delas, dominante no comportamento de povos iletrados, caracteriza-se pela impressão não mediada de materiais, pela retenção das experiências reais como a base dos traços mnemônicos. Nós a chamamos de memória natural. Esse tipo de memória está muito próximo da percepção sensorial, uma vez que surge como consequência da influência direta dos estímulos externos sobre os seres humanos. Do ponto de vista da estrutura, o processo todo caracteriza-se pela qualidade do imediatismo. (...) (VIGOTSKI, L.S. A formação social da mente. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 31-32. (Adaptado).

48. (UEG – Escrivão de Polícia – GO/2013) Nos trechos "mesmo nos estágios mais primitivos do desenvolvimento social" e "uma vez que surge como consequência da influência direta dos estímulos externos sobre seres humanos", os itens sublinhados expressam, respectivamente, sentido de

(A) explicação e restrição

(B) inclusão e causa

(C) condição e finalidade

(D) tempo e comparação

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta

- Mesmo = até: inclusão. Eliminadas alternativas *a, c* e *d*.
- Uma vez que = já que causa. Por que esse tipo de memória está muito próximo da percepção sensorial?

49. (UEG – Escrivão de Polícia – GO/2013) A oração sublinhada em "A análise comparativa mostra que tal tipo de atividade está ausente mesmo nas espécies superiores de animais" exerce a mesma função sintática da oração que está destacada em:

(A) "No caso das funções superiores, a característica essencial é a estimulação autogerada, isto é, a criação de estímulos artificiais que se tornam a causa imediata do comportamento."

(B) "Elas estendem a operação de memória para além das dimensões biológicas do sistema nervoso humano, permitindo incorporar a ele estímulos artificiais, ou autogerados, que chamamos signos."

(C) "O estudo da memória humana revela que [...] existem dois tipos fundamentalmente diferentes de memória."

(D) "Essa incorporação, que caracteriza os seres humanos, tem o significado de uma forma inteiramente nova de comportamento."

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Mostra algo: V.T.D. e revela algo: V.T.D., note que as duas orações são subordinadas substantivas objetivas diretas e possuem conjunção integrante.

Alternativa "a" – Que = os quais: pronome relativo e oração adjetiva.

Alternativa "b" – Que = os quais: pronome relativo e oração adjetiva.

Alternativa "d" – Que = a qual: pronome relativo e oração adjetiva

1.8. UFF

50. (UFF – Inspetor de Polícia – RJ/2012) Altera-se o sentido de: "Mesmo considerando a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio, esta diferença é uma distorção absurda" reescrevendo-se a oração subordinada como:

(A) Ainda que considerada a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

(B) Conquanto se considere a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

(C) A despeito de se considerar a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

(D) Posto que considerando a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

(E) Visto considerar-se a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Alternativa com sentido alterado: a oração original subordinativa conces-

siva passaria a subordinada causal na troca de mesmo por visto.

Mesmo – concessão = liga duas orações onde o fato contido na segunda oração não impede a realização do fato exposto na oração principal

Visto – inicia a oração que contém o efeito da ideia da segunda oração.

Visto que a necessidade de vagas= seria a causa e não a concessão.

Alternativas *a, b, c,* e *d* – são sugeridas as conjunções subordinativas: ainda que, conquanto, porquanto: todas são conjunções concessivas, não alternando o sentido da oração proposta na questão.

---

51. (UFF – Inspetor de Polícia – RJ/2012) Invertem-se os termos da relação causa/consequência expressa em: "Pela baixa qualificação dos alunos, o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado" na alternativa:

(A) Dado que é baixa qualificação dos alunos, o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.

(B) É baixa a qualificação dos alunos, motivo por que o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.

(C) O aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado, porquanto é baixa a qualificação dos alunos.

(D) É baixa a qualificação dos alunos, a ponto de que o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.

(E) O aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado, portanto é baixa a qualificação dos alunos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Portanto indica conclusão. A inversão dos termos resultou em consequência / causa. Trabalhe por eliminação: a resposta é o período que possui uma conjunção consecutiva e não causal.

Alternativa "a" – Por que o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado? – A resposta é a causa e a oração a quem fazemos a pergunta é a consequência.

Alternativa "b" – Há o mesmo sentido da alternativa *a*.

Alternativa "c" – Porquanto: conjunção causal.

Alternativa "d" – Por que o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado?

---

52. (UFF – Inspetor de Polícia – RJ/2012) Na frase: "Elas fracassarão COMO construtoras de conhecimento de alto nível", a palavra em destaque expressa noção idêntica à que se lê em:

(A) Como lhe disse, estou cansado de trabalhar.

(B) Como chegou tarde, não pode entrar em sala.

(C) Ele é tão trabalhador como o pai.

(D) Venceu, mas como, se nunca quis nada?

(E) Para mim, isto não diz nada como poesia.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta

✪ **Nota da autora:** Questão perigosa e por isso precisamos passear pela teoria da palavra COMO.

Alternativa "a" –Como **advérbio**:

1) Us. em indagações (sobre modo): Como se faz isso?

2) Us. para pedir repetição do que foi dito: Como? Que disse?

3) Us. para expressar pasmo, surpresa, ou indignação, ou para pedir explicação: Como?! Você não quer?: Como é que você faz uma coisa dessas?

4) Us. para expressar intensidade (algo além do comum): Como é belo o seu jardim!: Como você está bonita hoje!

5) Pelo qual, por que: Esse é o jeito como fazemos as coisas: É educada a forma como nos tratam.

6) Com noção de modo; do jeito que, da forma que: Agiu como quis, sem dar satisfações a ninguém: O trabalho não está como eu quero.

7) Com ideia de medida, quantidade ou valor aproximado; cerca de: Levou como um mês para fazer o serviço.

Alternativa "b" –Como **conjunção comparativa**:

8) Mas também (us. na correlação não só... como (também): Não só é bela como simpática.

Alternativa "c" –Como **conjunção causal**:

9) Porque, pois que: Como chovia, não saiu.

Alternativa "d" –Como **conjunção conformativa**:

10) Conforme: Como se pode ver, é impossível ganhar o campeonato.

Alternativa "e" –Como **conjunção integrante**:

11) Como integrante, significando"o modo pelo qual": Ele ensinou como montar o som: Não sabia como sair daquele labirinto. *(Fonte: Dicionário Aulete).*

Voltando à questão: na frase proposta e na alternativa *e*, como é preposição acidental, equivale a na qualidade. = Na qualidade de Construtora de Alto Nível, elas

fracassarão, Elas fracassarão COMO (na qualidade de) construtoras de conhecimento de alto nível. Para mim, isto não diz nada como (na qualidade de) poesia.

Alternativa "a" – Como – expressa noção de conformidade – conjunção conformativa= conforme lhe disse.

Alternativa "b" – Como – expressa noção de causa – conjunção causal= porque chegou tarde, não pode.

Alternativa "c" – Há verbo implícito, portanto indica comparação.

Alternativa "d" – Advérbio usado em indagações.

---

53. (UFF – Inspetor de Polícia – RJ/2012) Em: "A revolução se faria de imediato nessas cidades, e em todo o Brasil levaria 20 anos", a conjunção "e" assume o mesmo valor relacional que na seguinte frase extraída do São Bernardo, de Graciliano Ramos:

(A) "Madalena estava prenha, e eu pegava nela como em louça fina".

(B) "O nordeste começou a soprar, e a porta bateu com fúria".

(C) "Joguei o guardanapo sobre os pratos, antes da sobremesa, e levantei-me".

(D) "No tempo de d. Pedro, corria pouco dinheiro, e quem possuía um conto de réis era rico".

(E) "O vento frio da serra entrava pela janela, mordia – me as orelhas, e eu sentia calor".

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

Alternativa "a" – Adição.

Alternativa "b" – Adição.

Alternativa "c" – Adição.

Alternativa "d" – Adição.

Texto para a próxima questão.

Texto 2:

Diz uma lenda grega que a Esfinge, uma criatura mitológica das civilizações do Egito e da Mesopotâmia, após invadir a cidade de Tebas e destruir suas plantações, teria ameaçado os moradores que não conseguissem decifrar o seu enigma, dizendo: decifra-me ou te devoro. A lição extraída dessa passagem talvez não seja o suficiente para levar a sociedade a refletir sobre o significado das favelas na estrutura da cidade. **Mas**, *de alguma forma, aponta um caminho para decifrar o seu enigma: o conhecimento da sua realidade, da sua complexa organização espacial, das suas particularidades, das suas vicissitudes, dos seus defeitos, das suas qualidades e, principalmente, da sua cultura.*

Pode causar estranheza, mas quem hoje circula pelas ruas estreitas das velhas cidades medievais ou pelos caminhos íngremes e sinuosos das ilhas gregas, desfrutando da sua beleza singular, talvez não imagine que aquelas ruas e construções, em tempos remotos, já foram habitat das camadas pobres daquelas regiões. A transformação desses locais em ambientes acolhedores se deve, indiscutivelmente, à preocupação dos povos europeus em respeitar a espacialidade original das suas cidades e, concomitantemente, oferecer melhores condições de vida para os seus moradores. **Portanto**, *não parece impossível antever um futuro semelhante para as favelas cariocas.*

A resposta positiva que a sociedade vem dando às formas de integração social com as favelas pacificadas indica que essa possibilidade pode ser perfeitamente viabilizada. **Já** *se percebe um grande contingente de pessoas frequentando regularmente as favelas, participando de eventos e interagindo com a população local sem as preocupações de outras épocas. Para que esses territórios sejam urbanizados e integrados definitivamente ao contexto urbano da cidade oficial basta que se tenha vontade política. (...)*

Apesar da impressão que se tem de que o progresso jamais passou por perto dessas comunidades, é surpreendente verificar a existência de soluções criativas na produção do espaço construído. O exame dessas preexistências revela uma variedade extraordinária de manifestações técnicas e culturais transmitidas, de geração em geração, através de um rito de passagem que valoriza o conhecimento e o utiliza como instrumento de sobrevivência diante da carência de recursos materiais. (...)

É preciso entender que os moradores dessas comunidades possuem histórias de vida **e** *que, nesse percurso, fizeram investimentos materiais e imateriais que não podem ser desconsiderados. Nas favelas e nos loteamentos irregulares a cultura se manifesta através da moradia individual e da organização social nos espaços públicos. Portanto, a vivência dessas pessoas, incorporada aos projetos de urbanização e de melhorias habitacionais, é o melhor caminho para a adequação espacial dessas comunidades e, consequentemente, para a sua integração ao tecido urbano da cidade. Ignorar o fato de que a favela faz parte da cultura carioca há mais de um século é negar a sua preexistência e, também, o seu modo espontâneo de habitar. Portanto, não há como justificar o emprego de soluções universais para resolver problemas particulares e de caráter específico. Vivemos em uma época de profundas*

transformações, onde, certamente, as culturas locais terão um papel relevante a desempenhar. Em meio ao turbilhão de ideias, conceitos e interesses diversos, somente o tempo poderá dizer se, de fato, o enigma da favela foi decifrado. Quem viver verá. (JANOT, Luiz Fernando. O Globo: 28/01 /2012.)

54. (UFF – Inspetor de Polícia – RJ/2012) Em relação ao papel desempenhado na argumentação desenvolvida pelo autor, é insustentável o comentário que se faz acerca de:

(A) MAS / contrapõe argumentos orientados no texto para conclusões contrárias.

(B) PORTANTO / introduz conclusão preliminar à conclusão a que se pretende chegar.

(C) JÁ / introduz argumento cujo pressuposto é: "antes, pouca gente frequentava a favela".

(D) APESAR DE / introduz argumento orientado para a conclusão do texto.

(E) E – em: "possuem histórias de vida E" / soma argumentos a favor da conclusão pretendida.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Apesar de: conjunção adverbial concessiva = a despeito de, ainda que; a argumentação do autor não conduz à conclusão do texto, mas pondera que, muitas vezes, só se observa o aparente, sem se atentar para a profundidade do que está por trás daquilo que levou a criar-se tal ou qual situação ou tomar tal medida (olhar superficial) sem conhecer a sabedoria que há por trás da arquitetura, estrutura que garante a sobrevivência.

Alternativa "a" – Mas: a conjunção adversativa introduz um chamamento para decifrar o enigma da favela e conhecê-la na sua profundidade antes de julgá-la: conhecer a sua bagagem vivencial, sua experiência de vida e sua capacidade de superação.

Alternativa "b" – Portanto: conjunção que encerra uma dedução do raciocínio do autor antevendo uma possibilidade para uma transformação na vida dos moradores das favelas cariocas.

Alternativa "c" – Já: o advérbio temporal mostra que agora acontece o que não antes não acontecia.

Alternativa "e" – E: conjunção aditiva = o autor está acrescentando atitudes, atos e efeitos dos moradores da favela para concluir que transformações podem vir a ocorrer para que o enigma da favela possa ser decifrado e que o bicho papão não devorou a ninguém.

55. (UFF – Inspetor de Polícia – RJ/2012) Em: "Já se percebe um grande contingente de pessoas frequentando regularmente as favelas, participando de eventos e interagindo com a população local", a última oração torna – se, argumentativamente, mais forte que as duas anteriores com a seguinte redação:

(A) e, ALÉM DISSO, interagindo com a população local.

(B) e, ATÉ MESMO, interagindo com a população local.

(C) e, TAMBÉM, interagindo com a população local.

(D) e, ADEMAIS, interagindo com a população local.

(E) e, AINDA, interagindo com a população local.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – *Até mesmo* é locução adverbial de afirmação com ideia de inclusão reforçando o argumento: e, realmente, de fato interagindo.

Nas alternativas *a, c, d* e *e*, apenas há adição.

1.9. FUMARC

56. (Fumarc – Escrivão de Polícia – MG/2011) Assinale a alternativa CORRETA, em relação à articulação das orações do período: *"Adotamos a premissa de que os valores não são nem ensinados, nem nascem com as pessoas.*

(A) Composto por Coordenação, com 02 orações assindéticas.

(B) Composto por Subordinação e Coordenação, com 04 orações.

(C) Composto por Subordinação, com 01 oração completiva nominal.

(D) Composto por Subordinação e Coordenação, com 01 oração principal e 01 oração sindética aditiva.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Se há três verbos, há três orações.

- Adotamos a premissa = oração principal. Eliminadas alternativas *a* e *b*.
- de que os valores não são nem ensinados = oração subordinada substantiva completiva nominal.
- nem nascem com as pessoas = oração coordenada sindética aditiva. Eliminada alternativa *c* por não citar a coordenada.

57. (Fumarc – Agente de Polícia – MG/2008) "A experiência brasileira demonstra que a segurança pública quase sempre ficou a cargo dos governos

que, lançando mão das burocracias estatais, utilizaram-se dos órgãos policiais para efetivá-la."

Assinale a alternativa INCORRETA sobre o período acima.

(A) Contém 04 (quatro) orações.

(B) O período é composto por subordinação.

(C) "[...] lançando mão das burocracias estatais" é uma oração intercalada.

(D) Nele há 02 (duas) orações reduzidas: uma de gerúndio e outra de particípio.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Orações reduzidas (sem conjunção) ou pronome relativo: lançando mão das burocracias estatais = que lançam mão...; para efetivá-la = para que efetive. O erro é: oração reduzida de infinitivo e não de particípio.

Alternativa "a" – Há quatro verbos, logo há quatro orações.

Alternativa "b" – Sim, não há orações coordenadas.

Alternativa "c" – Intercalada porque está separada por pontuação. Leia o que está em negrito: *A experiência brasileira demonstra que a segurança pública quase sempre ficou a cargo dos governos que,* lançando mão das burocracias estatais, *utilizaram-se dos órgãos policiais para efetivá-la.*

2. NÍVEL SUPERIOR

2.1. FCC

58. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 3/2015) *Abre parêntese: há momentos – felizmente raros – em que a história pessoal se impõe às percepções conjunturais e o relato na primeira pessoa, embora singular, parcial, às vezes suspeito, sobrepõe-se à narrativa impessoal, ampla, genérica. Fecha parêntese.*

Sem que haja prejuízo do sentido e correção originais, a conjunção acima destacada pode ser substituída por:

(A) porque.

(B) já que.

(C) contudo.

(D) apesar de.

(E) quando.

COMENTÁRIOS

Resposta: "d" – Tanto "embora" quanto "apesar de" ligam orações com ideias concessivas (contrárias).

As mais usadas são: **embora, ainda que, apesar de que, se bem que, mesmo que, por mais que, posto que, conquanto.**

(A) *Porque* é explicação.

(B) *Já que* indica causa.

(C) *Contudo* é coordenada adversativa: liga orações sintaticamente independentes.

(E) *Quando* indica tempo.

Texto para a questão.

Reunir-se para ouvir alguém ler tornou-se uma prática necessária e comum no mundo laico da Idade Média. Até a invenção da imprensa, a alfabetização era rara e os livros, propriedade dos ricos, privilégio de um pequeno punhado de leitores.

Embora alguns desses senhores afortunados ocasionalmente emprestassem seus livros, eles o faziam para um número limitado de pessoas da própria classe ou família.

(Adaptado de: MANGUEL, Alberto, op. cit.)

59. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3/2014) Mantêm-se a correção e as relações de sentido estabelecidas no texto, substituindo-se Embora (2º parágrafo) por

(A) Contudo.

(B) Desde que.

(C) Porquanto.

(D) Uma vez que.

(E) Conquanto.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – *Embora* é conjunção concessiva e possui ideia de oposição. Por isso pode ser substituída por *conquanto*. Conjunções concessivas mais utilizadas: embora, **conquanto** e as locuções **ainda que, ainda quando, mesmo que, se bem que, posto que, apesar de que.**

Alternativa "a" – Adversativa – na oração coordenada.

Alternativa "b" – Condição.

Alternativa "c" – Explicação – na oração coordenada.

Alternativa "d" – Causa.

Texto para a questão.

A guerra dos dez anos começou quando um fazendeiro cubano, Carlos Manuel de Céspedes, e duzentos homens mal armados tomaram a cidade de Santiago e proclamaram a independência do país em relação à metrópole espanhola. Mas a Espanha reagiu. Quatro anos depois, Céspedes foi deposto por um tribunal cubano e, em março de 1874, foi capturado e fuzilado por soldados espanhóis.

Entrementes, ansioso por derrubar medidas espanholas de restrição ao comércio, o governo americano apoiara abertamente os revolucionários e Nova York, Nova Orleans e Key West tinham aberto seus portos a milhares de cubanos em fuga. Em poucos anos Key West transformou-se de uma pequena vila de pescadores numa importante comunidade produtora de charutos. Despontava a nova capital mundial do Havana.

Os trabalhadores que imigraram para os Estados Unidos levaram com eles a instituição do "lector". Uma ilustração da revista Practical Magazine mostra um desses leitores sentado de pernas cruzadas, óculos e chapéu de abas largas, um livro nas mãos, enquanto uma fileira de trabalhadores enrolam charutos com o que parece ser uma atenção enlevada.

O material dessas leituras em voz alta, decidido de antemão pelos operários (que pagavam o "lector" do próprio salário), ia de histórias e tratados políticos a romances e coleções de poesia. Tinham seus prediletos: O conde de Monte Cristo, de Alexandre Dumas, por exemplo, tornou-se uma escolha tão popular que um grupo de trabalhadores escreveu ao autor pouco antes da morte dele, em 1870, pedindo-lhe que cedesse o nome de seu herói para um charuto; Dumas consentiu.

Segundo Mário Sanchez, um pintor de Key West, as leituras decorriam em silêncio concentrado e não eram permitidos comentários ou questões antes do final da sessão.

(Adaptado de: MANGUEL, Alberto. Uma história da leitura. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo, Cia das Letras, 1996, p. 134-136)

60. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3/2014) Há relação de causa e consequência, respectivamente, entre

(A) a abertura dos portos americanos a fugitivos cubanos e a produção de charutos estabelecida em solo americano.

(B) o apoio dos Estados Unidos aos revolucionários e a proclamação da independência cubana por Céspedes.

(C) as medidas de restrição ao comércio adotadas pelo governo espanhol e a tomada do poder por um líder revolucionário.

(D) a imigração de cubanos para os Estados Unidos à procura de trabalho e o amplo apoio dado pelo país aos revolucionários.

(E) a transformação da pequena vila de Key West em uma importante comunidade produtora de charutos e a abertura dos portos americanos a fugitivos cubanos.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Por que "em poucos anos Key West transformou-se de uma pequena vila de pescadores numa importante comunidade produtora de charutos"? Porque "Nova York, Nova Orleans e Key West tinham aberto seus portos a milhares de cubanos em fuga".

Em poucos anos Key West transformou-se de uma pequena vila de pescadores numa importante comunidade produtora de charutos.	Nova York, Nova Orleans e Key West tinham aberto seus portos a milhares de cubanos em fuga.
porque	por quê?
causa	consequência

A reposta da pergunta é a causa; a pergunta é a consequência.

Alternativa "b" – Há relação de tempo intermediário, demonstrado por "entrementes".

Nas alternativas "c", "d" e "e" não cabe a pergunta **por quê?**

61. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 15/2013) Identifica-se relação de causa e consequência entre os seguintes fatos apontados no texto:

(A) presença de um grupo de pintores em Florença e a busca por conhecimento referente aos projetos em que estariam envolvidos.

(B) aumento da importância literária de Shakespeare e questionamentos a respeito da autoria de suas obras.

(C) desconhecimento da língua latina e leitura de obras de Dante, Petrarca e Boccaccio.

(D) questionamentos a respeito da correta datação do Renascimento italiano e as características das obras produzidas nesse período.

(E) busca por temas e formas ainda não explorados na arte renascentista e conhecimento disseminado da obra de escritores do mesmo período.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

✪ **Nota da autora:** Embora a questão se refira a período composto, facilita inserir no tópico de interpretação porque as ideias pertencem ao mesmo raciocínio.

- **Por que** *começou-se a questionar se ele era realmente o autor de seus dramas*? Porque importância literária de Shakespeare cresceu tanto = causa.

▶ **Dica:** a oração para que fazemos a pergunta *por quê?* é a consequência; a resposta à pergunta é a causa.

A importância literária de Shakespeare cresceu tanto	*começou-se a questionar se ele era realmente o autor de seus dramas*
Porque a importância literária de Shakespeare cresceu tanto (2)	**por quê?** (1)
resposta: **causa**	**consequência**

Alternativa "a" – Ideias adicionais que se complementam.

Alternativa "c" – Ideias de adversidade: não conheciam latim, mas liam literatura.

Alternativa "d" – Não é informação consecutiva, são informações adicionais.

Alternativa "e" – Exposição de características, sem rastro algum de causa.

---

62. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 15/2013) Como esta camada de poluentes dificulta a dispersão do calor, o resultado é o aumento da temperatura global.

Na frase acima, o conectivo *como* tem o valor de ....., podendo ser substituído sem prejuízo do sentido e da correção por.....

As lacunas são completadas corretamente em:

(A) conformidade – por que

(B) comparação – porque

(C) causa – tanto que

(D) comparação – tanto que

(E) causa – porque

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Há duas informações a serem avaliadas:

1) A relação existente entre os dois períodos.

Como esta camada de poluentes dificulta a dispersão do calor	o resultado é o aumento da temperatura global
Porque esta camada de poluentes dificulta a dispersão do calor (2)	**por quê?** (1)
resposta: **causa**	**consequência**

Assim sendo, eliminam-se as alternativas *a*, *b* e *d*.

2) Qual conjunção possui o mesmo sentido. Para isso, vamos relembrar quais são as principais conjunções causais: porque, visto que, já que, uma vez que, como (= porque).

Alternativa "a" – Não é regra (conformidade) e *por que* pode ser pronome preposição + pronome relativo e não cabe no trecho.

Alternativa "b" – Para haver comparação, normalmente há verbo implícito e não há, embora o *porque* indique causa.

Alternativa "c" – *Tanto que* pode indicar quantidade indefinida.

Alternativa "d" – Não compara.

---

63. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 12/2013) As informações sensíveis a que temos acesso, embora restritas, não comprometeram nossa sobrevivência no laboratório da vida.

Mantendo-se a correção e a lógica, sem que nenhuma outra alteração seja feita na frase acima, o elemento sublinhado pode ser corretamente substituído por:

(A) conquanto.

(B) contanto que.

(C) entretanto.

(D) porém.

(E) no entanto.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – *Embora* indica concessão (ideias opostas) e *conquanto* também. São conjunções subordinadas por possuírem dependência sintática. Dica: se há três alternativas com conjunções adversativas, elimine-as.

Alternativa "b" – Condição.

Alternativa "c" – Adversativa – coordenada (orações independentes sintaticamente).

Alternativa "d" – Adversativa – coordenada.

Alternativa "e" – Adversativa – coordenada.

---

64. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 9/2013) *"Ele trouxe estabilidade e prosperidade a todos, exceto para os 250 mil franceses que não retornaram de suas guerras, embora até mesmo para os parentes deles tivesse trazido a glória".* Sem prejuízo para o sentido e a correção, os elementos em destaque na frase acima podem ser substituídos, respectivamente, por:

(A) se não – apesar de

(B) a não ser – conquanto

(C) aparte – não obstante

(D) à exceção – porém

(E) afora – contanto que

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Exceto = *À exceção de, menos*, ou seja, **a não ser**. *Embora* é uma conjunção e indica concessão, oposição, o mesmo que *conquanto*.

Alternativa "a" – Errada. Se não: conjunção subordinativa condicional **se** + o advérbio de negação **não**. Significa dizer **caso não**; **apesar de** indica concessão, mas tornaria a gramática incorreta.

Alternativa "c" – Errada. Aparte: palavra ou frase com que se interrompe quem fala durante um discurso formal ou uma conversa, ou que a própria pessoa introduz como esclarecimento ou adendo. Não cabe no contexto.

Alternativa "d" – Errada. Porém: conjunção coordenada adversativa. Ao inserir *à exceção*, a preposição *para* deveria ser substituída por *de 250 mil franceses*.

Alternativa "e" – Errada. Afora: com exceção de = caberia. *Contanto* indica condição e não concessão.

Atenção! A próxima questão refere-se ao texto que segue.

Cada um fala como quer, ou como pode, ou como acha que pode. Ainda ontem me divertiu este trechinho de crônica do escritor mineiro Humberto Werneck, de seu livro Esse inferno vai acabar:

" – Meu cabelo está pendoando – anuncia a prima, apalpando as melenas.

Tenho anos, décadas de Solange, mas confesso que ela, com o seu solangês, às vezes me pega desprevenido.

– *Seu cabelo está o quê?*

– *Pendoando – insiste ela, e, com a paciência de quem explica algo elementar a um total ignorante, traduz:*

– *Bifurcando nas extremidades.*

É assim a Solange, criatura para a qual ninguém morre, mas falece, e, quando sobrevém esse infausto acontecimento, tem seu corpo acondicionado num ataúde, num esquife, num féretro, para ser inumado em alguma necrópole, ou, mais recentemente, incinerado em crema – tório. Cabelo de gente assim não se torna vulgarmente quebradiço: pendoa."

Isso me fez lembrar uma visita que recebemos em casa, eu ainda menino. Amigas da família, mãe e filha adolescente vieram tomar um lanche conosco. D. Glorinha, a mãe, achava meu pai um homem intelectualizado e caprichava no vocabulário. A certa altura pediu ela a mim, que estava sentado numa extremidade da mesa:

– *Querido, pode alcançar-me uma côdea desse pão?*

– *Por falta de preparo linguístico não sabia como atender a seu pedido. Socorreu-me a filha adolescente:*

– *Ela quer uma casquinha do pão. Ela fala sempre assim na casa dos outros.*

– *A mãe ficou vermelha, isto é, ruborizou, enrubesceu, rubificou, e olhou a filha com reprovação, isto é, dardejou-a com olhos censórios.*

Veja-se, para concluir, mais um trechinho do Werneck:

"Você pode achar que estou sendo implicante, metido a policiar a linguagem alheia. Brasileiro é assim mesmo, adora embonitar a conversa para impressionar os outros. Sei disso. Eu próprio já andei escrevendo sobre o que chamei de ruibarbosismo: o uso de palavreado rebarbativo como forma de, numa discussão, reduzir ao silêncio o interlocutor ignaro. Uma espécie de gás paralisante verbal." (Cândido Barbosa Filho, inédito)

---

65. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 1/2013) Há uma relação de causa e efeito entre estas duas formulações:

(A) Cada um fala como quer e ou como acha que pode. (1º parágrafo)

(B) para ser inumado em alguma necrópole e incinerado em crematório. (7º parágrafo)

(C) visita que recebemos em casa e eu ainda menino. (8º parágrafo)

(D) achava meu pai um homem intelectualizado e caprichava no vocabulário. (8º parágrafo)

(E) olhou a filha com reprovação e dardejou-a com olhos censórios. (12º parágrafo)

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Para indicar causa e efeito, deve-se encaixar a conjunção **porque** ou **de modo que**.

- Caprichava no vocabulário por quê? Porque achava meu pai um homem intelectualizado.
- Porque achava meu pai um homem intelectualizado = causa
- Achava meu pai um homem intelectualizado de modo que caprichava no vocabulário.
- Caprichava no vocabulário = consequência, ou seja, efeito.

Alternativa "a" – Errada. Adição.

Alternativa "b" – Errada. Finalidade.

Alternativa "c" – Errada. Tempo.

Alternativa "e" – Errada. Adição.

---

66. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 1/2013) Por falta de preparo linguístico não sabia como atender a seu pedido.

Caso se dê uma nova redação à frase acima, iniciando-se por **Não sabia como atender a seu pedido**, a complementação que não traz prejuízo para o sentido e a correção é:

(A) mesmo porque não teria preparo linguístico.

(B) haja visto minha despreparação linguística.

(C) tendo em mira minha despreparação linguística.

(D) em razão de meu despreparo linguístico.

(E) não obstante meu despreparo na linguística.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Façamos a pergunta: Não sabia atender a seu pedido **por quê?** Em razão de meu despreparo: causa.

Alternativa "a" – Errada. Concessiva: **embora, ainda que, apesar de que, se bem que, mesmo que, por mais que, posto que, conquanto,** etc.

Alternativa "b" – Errada. *Peguinha!* Não existe *haja visto*, apenas **haja vista**, pois equivale a **tendo em vista**.

Alternativa "c" – Errada. *Tendo em mira*: linguagem coloquial.

Alternativa "e" – Errada. Não obstante = concessão (ideias opostas).

---

67. (FCC – Analista Judiciário – Exec. Mandados – TRT 1/2013) "*Mesmo quando o confiante se vê malogrado, a confiança terá valido o tempo que durou*". Complementa-se com coerência e correção esta nova redação dada à frase acima: A confiança terá valido a pena

(A) a menos que o confiante se malogre.

(B) tão logo se veja malogrado quem confiou.

(C) uma vez que o confiante veja seu malogro.

(D) ainda que o confiante se veja malogrado.

(E) assim que se malogre o confiante.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Ainda que indica concessão (oposição) – exatamente a circunstância exigida no período acima. Conjunções concessivas: **embora, ainda que, apesar de que, se bem que, mesmo que (quando), por mais que, posto que, conquanto,** etc.

Alternativa "a" – Errada. *A menos que* = condição. Conjunções condicionais: **se, caso, contanto que, salvo se, a não ser que, desde que, a menos que, sem que,** etc.

Alternativa "b" – Errada. *Tão logo* = tempo. Conjunções temporais: **quando, enquanto, antes que, depois que, logo que, todas as vezes que, desde que, sempre que, assim que, agora que, mal (= assim que),** etc.

Alternativa "c" – Errada. *Uma vez que* = causa. Conjunções causais: **porque, que, como (= porque, no início da frase), pois que, visto que, uma vez que, porquanto, já que, desde que,** etc.

Alternativa "e" – Errada. *Assim que* = tempo.

---

68. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 18/ 2013)

Não acredito que muitas pessoas sustentem nos dias de hoje uma versão tão forte da posição cartesiana, mas a tradição de se considerar os animais "inferiores" como "menos capazes de sentir" certamente persiste como um paliativo que ajuda a justificar nossa rapacidade – do mesmo modo como os nossos ancestrais racistas argumentavam que os "insensíveis" índios eram incapazes de experimentar alguma forma de dor conceitual ou filosófica pela perda de seu ambiente ou modo de vida (desde que os territórios reservados suprissem suas necessidades corporais de alimento e segurança), e que os "primitivos" africanos não lamentariam a terra natal e a família abandonadas à força uma vez que a escravidão lhes assegurasse a sobrevivência do ponto de vista físico.

Mantém-se clara e correta a redação da frase acima caso, sem qualquer outra alteração, os elementos sublinhados sejam substituídos, respectivamente, por:

(A) embora – de modo que

(B) contudo – contanto que

(C) conquanto – porquanto

(D) embora – contanto que

(E) porém – antes que

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Mas: conjunção coordenada adversativa e equivale a **contudo** e **porém. Desde que** e **contanto que** indicam condição.

Alternativa "a" – Errada. Concessão e consequência.

Alternativa "b" – Errada. Concessão e explicativa (porque; dado que; visto que) ou conclusiva (em conclusão; portanto).

Alternativa "c" – Errada. Concessão e condição.

Alternativa "e" – Errada. Adversativa e temporal.

---

69. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) *"Suas telas, se não eram destruídas ou vilipendiadas, eram guardadas..."* Preservando-se o sentido original, o elemento sublinhado acima pode ser corretamente substituído por

(A) embora.

(B) como.

(C) quando.

(D) desde que.

(E) caso.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Belíssima pegadinha! Apenas através do tempo verbal chega-se à resposta. A primeira impressão é de que indica condição, não é? Se fosse condição, o período seria escrito assim: Suas telas, se não **fossem** destruídas ou vilipendiadas, **seriam** guardadas. Da forma como está no enunciado, fazemos a pergunta: **quando eram guardadas?** Quando não eram destruídas = tempo.

Alternativa "a" Não é concessão.

Alternativa "b" Como pode ser conformidade, comparação ou causa, não cabem essas circunstâncias.

Alternativa "d" Concessão.

Alternativa "e" Condição.

Texto:

No ano de 1296, ao lançarem a pedra fundamental da Igreja de Santa Maria Del Fiore – a Catedral de Florença, os governantes da cidade italiana iniciavam uma empreitada épica que se estenderia por quase 600 anos. Tão grandioso que parece estabelecer uma conexão entre o casario florentino e o céu, o edifício em questão só seria concluído no século XIX. A obra foi interrompida por surtos de peste que chegaram a dizimar quatro quintos da população local. Enfrentaram-se contratempos para transportar em barquetas ao longo do Rio Arno enormes quantidades de materiais como o mármore da vizinha Carrara. A dificuldade mais monumental, contudo, provinha dos desafios técnicos do projeto, como a construção da cúpula da igreja que ficou sob o comando de FilippoBrunelleschi.

O gênio de Brunelleschi residia em seu domínio da dinâmica dos materiais e da matemática. Ele inventou um guindaste capaz de içar toneladas de material do chão ao cume da abóbada da Catedral só com a tração de alguns bois. Mas a grande façanha da obra foi embutir ao longo dos oito lados da cúpula nove anéis circulares horizontais – referência aos círculos que compõem o Paraíso na Divina Comédia de Dante Alighieri. Os anéis neutralizam as forças de tensão, mantendo a estruturasuspensa. A façanha fez de Brunelleschi a primeira celebridade da arquitetura.

Paranoico com o risco de plágio, ele fazia seus projetos em código. Irascível, foi extremamente rigoroso com pedreiros grevistas. Em outra ocasião, armou uma farsa para humilhar seu rival, o escultor Lorenzo Ghiberti. Inconformado por ter de dividir com ele o gerenciamento da construção, Brunelleschi teria se fingido de doente para que ficasse a cargo de Ghiberti a decisão sobre como tocar a obra. Ao expor a inépcia do desafeto, ganhou mais poder e triplicou seu salário. Diante do milagre de Santa Maria Del Fiore, fica uma certeza: cada florim pago ao genioso arquiteto foi muito bem gasto. (Adaptado de: Marcelo Marthe. Revista Veja, 12/06/13. p. 136)

---

70. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) Considerando-se o contexto, há relação de causa e consequência em:

(A) Paranoico com o risco de plágio, ele fazia seus projetos em código.

(B) O gênio de Brunelleschi residia em seu domínio da dinâmica dos materiais e da matemática.

(C) ... os governantes da cidade italiana iniciavam uma empreitada épica que se estenderia por quase 600 anos.

(D) Em outra ocasião, armou uma farsa para humilhar seu rival, o escultor Lorenzo Ghiberti.

(E) ... o edifício em questão só seria concluído no século XIX.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Trabalhe assim: ele fazia seus projetos em código **por quê?** Porque era paranoico com o riso de plágio. A oração em que se faz a pergunta por quê é a consequência, ou o efeito.

Alternativa "b" – Errada. Residia em = lugar.

Alternativa "c" – Errada. Oração adjetiva (pronome relativo) restritiva (sem pontuação).

Alternativa "d" – Errada. Tempo.

Alternativa "e" – Errada. Não há circunstância.

---

71. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) A dificuldade mais monumental, contudo, provinha dos desafios técnicos do projeto...

Sem que nenhuma outra alteração seja feita, mantêm-se o sentido e a correção da frase acima, caso se substitua o elemento sublinhado por

(A) haja vista.

(B) conquanto.

(C) todavia.

(D) porquanto.

(E) apesar disso.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Contudo e todavia são conjunções coordenadas adversativas, indicam oposição.

Alternativa "a" – Errada. Consequência.

Alternativa "b" – Errada. Concessão – subordinada.

Alternativa "d" – Errada. Explicação ou conclusão.

Alternativa "e" – Errada. Concessão.

---

72. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013). .. enquanto o amor seria algo mais sólido, dado a parcerias de longa duração.

Considerando-se o contexto, no segmento acima há uma

(A) concessão.

(B) indicação de finalidade.

(C) comparação.

(D) contradição.

(E) indicação de causa.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – O amor seria algo **mais** sólido que algo = comparação.

Alternativa "a" – Errada. Não há oposição.

Alternativa "b" – Errada. Não faz a pergunta **para quê?**

Alternativa "d" – Errada. Não contradiz.

Alternativa "e" – Errada. Não faz a pergunta **por quê?**

Texto para a próxima questão

Fotografias

Toda fotografia é um portal aberto para outra dimensão: o passado. A câmara fotográfica é uma verdadeira máquina do tempo, transformando o que é naquilo que já não é mais, porque o que temos diante dos olhos é transmudado imediatamente em passado no momento do clique. Costumamos dizer que a fotografia congela o tempo, preservando um momento passageiro para toda a eternidade, e isso não deixa de ser verdade. Todavia, existe algo que descongela essa imagem: nosso olhar. Em francês, imagem e magia contêm as mesmas cinco letras: image e magie. Toda imagem é magia, e nosso olhar é a varinha de condão que descongela o instante aprisionado nas geleiras eternas do tempo fotográfico. (...) (Adaptado de Pedro Vasquez, em Por trás daquela foto. São Paulo: Companhia das Letras, 2010)

---

73. (FCC – TRT 11 – Analista Judiciário/2012) No contexto, o segmento Todavia, existe algo que descongela essa imagem pode ser substituído, sem prejuízo para a correção e a coerência do texto, por:

(A) Tendo isso em vista, há que se descongelar essa imagem.

(B) Ainda assim, há mais que uma imagem descongelada.

(C) Apesar de tudo, essa imagem descongela algo.

(D) Há, não obstante, o que faz essa imagem descongelar.

(E) Há algo, outrossim, que essa imagem descongelará.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Em primeiro lugar, atentemo-nos à conjunção **todavia**, que indica adversidade. **Não obstante**, além de manter a circunstância da conjunção, mantém a coerência.

Alternativa "a" – Errada. Perde-se a relação adversativa entre os períodos.

Alternativa "b" – Errada. Além da ideia incorreta de concessão, não existe mais de uma imagem descongelada.

Alternativa "c" – Errada. Além da ideia incorreta de concessão, não é a própria imagem que descongela algo.

Alternativa "e" – Errada. Perde-se a coerência. Não é a própria imagem que descongela algo.

---

74. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /PR/2012)

Ela queria fazer justiça a Mankiewicz, que caíra em esquecimento, enquanto Welles entrara para a história com a reputação de gênio maldito, frequentemente reivindicando para si as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro – embora Pauline jurasse que Welles não escrevera nem sequer uma linha do script.

Outra redação para o trecho destacado, que preserva o sentido e a correção originais, é:

(A) a despeito de Pauline jurar que Welles não tinha escrito nem ao menos uma linha do script.

(B) apesar de Pauline negar a Welles o mérito de escrever mais do que uma linha do script.

(C) não obstante Pauline jurava que Welles não tinha escrito nem sequer uma linha do script.

(D) mesmo tendo sabido que Pauline jurou: "Welles não escreve ainda que seja uma linha do script".

(E) apesar da crítica Pauline jurar que Welles não escrevia pelo menos uma linha do script.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – *Embora* e *a despeito de* são conjunções adverbiais concessivas. O segredo é ler as alternativas e atentar-se aos tempos verbais.

Alternativa "b" –mérito.

Alternativa "c" –jurava.

Alternativa "d" –escreveu.

Alternativa "e" –Além de a palavra *crítica* estar errada, há erro de regência, pois não pode haver preposição no sujeito: de a crítica Pauline jurar.

---

75. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) *"Victor fracassou porque cedeu a uma predisposição da natureza humana..."* O elemento grifado na frase acima tem o mesmo sentido de:

(A) ainda que.

(B) conquanto.

(C) enquanto.

(D) embora.

(E) uma vez que.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Porque, já que, uma vez que = causa.

Alternativa "a" –Concessão, oposição.

Alternativa "b" –Concessão, oposição.

Alternativa "c" –Pode indicar: tempo, proporcionalidade ou conformidade.

Alternativa "d" –Concessão, oposição.

---

76. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) *"...uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes para garantir as ambições terrenas dos fiéis".* No contexto da frase acima, é correto dizer que o segmento grifado possui sentido de

(A) consequência.

(B) finalidade.

(C) concessão.

(D) proporção.

(E) condição.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Para que invoca as forças celestes? **Para** garantir as ambições terrenas dos fiéis.

Alternativa "a" –de sorte que, de modo que, sem que (= que não), de forma que, de jeito que, que (tendo como antecedente na oração principal uma palavra como tal, tão, cada, tanto, tamanho), etc.

Alternativa "c" –embora, ainda que, apesar de que, se bem que, mesmo que, por mais que, posto que, conquanto, etc.

Alternativa "d" –à medida que, à proporção que, ao passo que e as combinações quanto mais... (mais), quanto menos... (menos), quanto menos... (mais), quanto menos... (menos), etc.

Alternativa "e" -se, caso, contanto que, salvo se, a não ser que, desde que, a menos que, sem que, etc.

---

77. (Analista Judiciário - Área Judiciária - TRF 2ª região/ 2012 - FCC) Atente para estas frases:

I. Não podemos contar com a sorte.

II. Daqui para frente, preservar é suor.

Para articulá-las de modo a preservar o sentido do contexto, será adequado uni-las por intermédio deste elemento:

(A) no entanto.

(B) ainda assim.

(C) haja vista que.

(D) muito embora.

(E) por conseguinte.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - Indica conclusão, logo deve-se usar *por conseguinte.*

Alternativa "a" -Adversativa.

Alternativa "b" -Concessão.

Alternativa "c" -Causal.

Alternativa "d" -Concessão.

---

78. (FCC - Analista Judiciário - Área Judiciária - TRF 1ª REGIÃO/2011) "... *que não chega a alcançar a sabedoria mas que, de qualquer modo, é resultado de viver".* Iniciando o segmento acima com "que, de qualquer modo, é resultado de viver", a sequência que preserva o sentido original e a correção é:

(A) porém não chega a alcançar a sabedoria.

(B) ainda que não chegue a alcançar a sabedoria.

(C) e não chega assim a alcançar a sabedoria.

(D) considerando que não chega a alcançar a sabedoria.

(E) sendo o caso que não chegue a alcançar a sabedoria.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - Ainda que = mesmo que, embora. Concessão.

Alternativa "a" - Adversativa.

Alternativa "c" - Adição.

Alternativa "d" - Adição: e considera.

Alternativa "e" - Perde a noção de oposição.

▶ **DICA:** Na coordenada adversativa, usam-se as conjunções *mas, porém, contudo, todavia.* Já nas subordinadas adverbiais concessivas, usam-se *embora, apesar de, conquanto, ainda que.* Sempre necessário notar se as orações possuem dependência sintática (subordinadas) ou se são independentes sintaticamente (coordenadas).

---

79. (FCC - Analista Judiciário - Área Judiciária - TRF 1ª REGIÃO/2011)

Andei reunindo pedacinhos de papel em que estas anotações vadias foram feitas e ofereço-as ao leitor, sem que pretenda convencê-lo do que penso nem convidá-lo a repensar suas ideias. São palavras que, de modo canhestro, aspiram a enveredar pelo avesso das coisas, admitindo-se que elas tenham um avesso, nem sempre perceptível mas às vezes curioso ou surpreendente. ( ) admitindo-se que elas tenham um avesso (...)

Respeitando a situação em que foi empregada a frase acima, a ÚNICA reformulação INCORRETA para o segmento destacado é:

(A) no caso de se admitir que.

(B) caso se admita que.

(C) tomando-se como pressuposto que.

(D) visto que é patente que.

(E) aceitando como hipótese que.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - Em quatro alternativas, há ideia de condição, de hipótese. Na alternativa d, a circunstância indicada é de causa. Chegaria à resposta trabalhando por eliminação. Questão fácil!

---

80. (Analista Judiciário - Área Judiciária TRE/ RN 2011 - FCC) *"Ainda assim, provavelmente não foi a captura para o consumo pelo homem o que selou o destino do dodô, pois sua extinção ocorreu sobretudo pelos efeitos indiretos da perturbação humana".* Os elementos grifados na frase acima podem ser substituídos, sem prejuízo para o sentido e a correção, respectivamente, por:

(A) Contudo – não obstante.

(B) Conquanto – por que.

(C) Em que pese isso – embora.

(D) Apesar disso – visto que.

(E) Por isso – porquanto.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - Ainda assim: concessiva = *apesar de*; **pois:** explicativa e equivale à conjunção causal *visto que.*

Alternativa "a" –adversativa e concessiva.

Alternativa "b" –concessiva e pronome relativo: pelo (a) qual.

Alternativa "c" –equivale a *mesmo que custe*: concessiva; concessiva.

Alternativa "e" –Por isso: conclusiva; porquanto: explicativa (quando equivaler a *porque, dado que, visto que*) e conclusiva (sentido de *em conclusão, portanto*).

---

81. (Analista Judiciário – Área Judiciária TRE/PE 2011 – FCC) A oração sublinhada exprime uma finalidade em:

(A) Ele trabalha por trabalhar, e não por qualquer razão mais nobre.

(B) Kucinski escreveu um livro por sentir-se indignado com as atitudes de seus colegas.

(C) Há jornalistas que perseguem valores éticos para orientá-los no exercício de sua profissão.

(D) A ideia de trabalhar para a comunidade não está comovendo os jovens profissionais.

(E) Ele dedicou parte de sua vida ao jornalismo enquanto acreditava na alta relevância de sua profissão.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Para indicar finalidade, basta fazer a pergunta **para quê?**

Jornalistas perseguem valores éticos para quê? Para orientá-los no exercício de sua profissão.

Alternativa "a" –Adversativa. Cuidado; a conjunção **e** está indicando oposição.

Alternativa "b" –Causa: por quê?

Alternativa "d" –Não há conjunção.

Alternativa "e" –Quando? Tempo.

O trecho refere-se à questão posterior

Gesso

Esta minha estatuazinha de gesso, quando nova

– O gesso muito branco, as linhas muito puras –

Mal sugeria imagem de vida (Embora a figura chorasse).

Há muitos anos tenho-a comigo.

O tempo envelheceu-a, carcomeu-a, manchou-a de pátina amarelo-suja.

Os meus olhos, de tanto a olharem,

Impregnaram-na da minha humanidade irônica de tísico.

(...)

(Manuel Bandeira)

---

82. (Analista Judiciário – Área Judiciária TRE/RN 2011 – FCC) *"Mal sugeria imagem de vida (Embora a figura chorasse)"*. É correto afirmar que a frase entre parênteses tem sentido

(A) adversativo.

(B) concessivo.

(C) conclusivo.

(D) condicional.

(E) temporal.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Conjunções concessivas: **embora, ainda que, apesar de que, se bem que, mesmo que, por mais que, posto que, conquanto,** etc.

Alternativa "a" –mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante.

Alternativa "c" –logo, pois (depois do verbo), portanto, por conseguinte, por isso, assim.

Alternativa "d" –se, caso, contanto que, salvo se, a não ser que, desde que, a menos que, sem que, etc.

Alternativa "e" –quando, enquanto, antes que, depois que, logo que, todas as vezes que, desde que, sempre que, assim que, agora que, mal (= assim que), etc.

---

83. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /TO/2011) *"A principal delas é a reconstrução de cinco estações de pesquisa na Antártida, para realizar estudos sobre mudanças climáticas, recursos pesqueiros e navegação por satélite, entre outros"*. O segmento grifado na frase acima tem sentido

(A) adversativo.

(B) de consequência.

(C) de finalidade.

(D) de proporção.

(E) concessivo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Para que servirá a reconstrução? *Para realizar estudos...* indica FINALIDADE.

Facilitando para descartar as outras alternativas: a) sentido adversativo são ideias opostas (mas, porém, contudo); b) Para consequência, basta encaixar a expressão de modo que. "Peguinha" de FCC: se há consequência, há causa e vice-versa; d) Proporção são ações simultâneas, ocorrem ao mesmo tempo (à medida que, à proporção que); e) Concessão também indica ideias opostas, mas em orações subordinadas (embora, apesar de). As conjunções aparecem repetidas.

---

84. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /AP/2011)

Mas o sistema, por muito tempo restrito *apenas à tela grande, estendeu-se progressivamente, com o desenvolvimento das indústrias culturais, a outros domínios, ligados primeiro aos setores do espetáculo, da televisão, do* show business.

Na frase acima, o segmento destacado equivale a:

(A) por conta de ter ficado muito tempo restrito.

(B) ainda que tenha ficado muito tempo restrito.

(C) em vez de ter ficado muito tempo restrito.

(D) ficando há muito tempo restrito.

(E) conforme tendo ficado muito tempo restrito.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Expressões que poderiam substituir a grifada: ainda que tenha ficado restrito, mesmo que tenha ficado restrito, embora tenha ficado restrito. Todas indicando concessão.

Alternativa "a" –Causa.

Alternativa "c" –Em vez de = em lugar de.

Alternativa "d" –Incoerente.

Alternativa "e" –Conformidade.

Texto para a próxima questão

Esta é uma história da Bossa Nova e dos rapazes e moças que a fizeram, quando eles tinham entre quinze e trinta anos. É também um livro que se pretende o mais factual e objetivo possível. Evidente que, tendo sido escrito por alguém que vem ouvindo Bossa Nova desde que ela ganhou este nome (e que nunca se conformou quando o Brasil começou a trocá-la por exotismos), uma certa dose de paixão acabou se intrometendo na receita – sem interferir, espero, pró ou contra, na descrição da trajetória de qualquer personagem. Os seres humanos, assim como os LPs, têm lados A e B, e houve um esforço máximo para que ambos fossem mostrados.

Para compor essa história, as informações foram buscadas em primeira mão, entre os protagonistas, coadjuvantes ou figurantes de cada evento aqui descrito, citados na lista de agradecimentos. Toda informação importante foi checada e rechecada com mais de uma fonte. A natureza de certas informações torna impossível que sejam especificadas como "entrevista realizada no dia X, na cidade Y, com Fulano de Tal", porque isto seria a quebra de um preceito ético de proteção à fonte. No caso de fontes que não se furtaram a ser identificadas, estas são mencionadas no corpo do texto. As histórias aqui incluídas levaram em conta apenas a importância que tiveram no desenvolvimento ou na carreira deste ou daquele artista ou da Bossa Nova em conjunto. (Ruy Castro, "Introdução e agradecimentos". Chega de saudade: a história e as histórias da Bossa Nova. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 15)

---

85. (FCC – TRT 4 – Analista Judiciário/2011) No contexto, o segmento que expressa uma causa é:

(A) que a fizeram.

(B) que se pretende o mais factual e objetivo possível.

(C) tendo sido escrito por alguém.

(D) uma certa dose de paixão acabou se intrometendo na receita.

(E) as informações foram buscadas em primeira mão.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – *Uma certa dose de paixão acabou se intrometendo na receita* **por quê?** Porque foi *escrito por alguém que vem ouvindo Bossa Nova desde que ela ganhou este nome.* = causa

Alternativa "a" – Errada. Oração adjetiva (possui pronome relativo) restritiva (sem pontuação).

Alternativa "b" – Errada. Oração adjetiva (possui pronome relativo) restritiva (sem pontuação).

Alternativa "d" – Errada. Afirmação.

Alternativa "e" – Errada. Oração principal da subordinada adverbial final *Para compor essa história.*

---

86. (FCC – TRT 24 – Analista Judiciário/2011) "*As leis religiosas têm mais sublimidade; as leis civis dispõem de mais extensão*". Atenção! A respeito da construção da frase acima, é correto afirmar que

(A) o verbo dispor foi empregado no mesmo sentido que assume na frase **A solidão dispõe o homem à melancolia**.

(B) da comparação entre leis civis e leis religiosas, expressa pelo termo mais, resulta a superioridade inconteste de uma delas.

(C) entre os dois segmentos separados pelo ponto e vírgula estabelece-se uma relação de sentido equivalente ao da expressão **ao passo que**.

(D) entre os dois segmentos separados por ponto e vírgula estabelece-se uma relação de sentido equivalente ao da expressão **por conseguinte**.

(E) o verbo dispor foi empregado no mesmo sentido que assume na frase **O sacristão dispôs o altar para a missa**.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c" – Correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de período composto, pontuação, semântica e coesão.

As leis religiosas têm mais sublimidade (**à medida que** ou à **proporção que**) as leis civis dispõem de mais extensão = ações simultâneas, indica proporcionalidade.

Alternativa "a" – Errada. A dica está na predicação dos dois verbos: na frase do enunciado é transitivo indireto e na alternativa, transitivo direto. As leis civis dispõem de mais extensão: servem-se, utilizam-se; A solidão dispõe o homem à melancolia: incita, induz.

Alternativa "b" – Errada. Não resulta a superioridade inconteste.

Alternativa "d" – Errada. Por conseguinte indica conclusão e a ideia é de proporcionalidade.

Alternativa "e" – Errada. Ocorreu o mesmo que na alternativa a, mudou a predicação. O sacristão dispôs o altar para a missa = preparar.

Texto para a próxima questão

A conciliação, antes de tudo, tem proporcionado às partes o efetivo acesso à Justiça, pois elas participam diretamente no resultado apaziguador do conflito. Além de despertar no cidadão o sentimento de segurança e confiança, encorajando-o na defesa de seus direitos, a conciliação devolve credibilidade, eficiência e, sobretudo, rapidez na prestação jurisdicional". Com essas palavras, o desembargador federal coordenador do gabinete da Conciliação do Tribunal Regional Federal da 3ª Região (TRF3), Antonio Cedenho, define o que é este ato capaz de reduzir processos na justiça. (Viviane Ponstinnicoff. "Conciliação é a solução. (Justiça em Revista – publicação bimestral da Justiça Federal de Primeiro Grau em São Paulo. Ano IV – dezembro 2010, n. 20, p. 6)

87. (FCC – TRT 4 – Analista Judiciário/2011) A substituição que garante o sentido original, com clareza e correção, é:

(A) e, sobretudo, rapidez na prestação jurisdicional por "e sobretudo, rapidez na prestação jurisdicional".

(B) despertar no cidadão por despertar-lhe.

(C) encorajando-o na defesa de seus direitos por encorajando este na sua defesa de direitos.

(D) pois por porquanto.

(E) Antonio Cedenho, define por "Antonio Cedenho define".

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – *A conciliação, antes de tudo, tem proporcionado às partes o efetivo acesso à Justiça, **porquanto** elas participam diretamente no resultado apaziguador do conflito.* = Conjunções explicativas.

Alternativa "a" – Errada. A conjunção deve ficar intercalada por pontuação.

Alternativa "b" – Errada. Despertar **nele**.

Alternativa "c" – Errada. Torna o período incorreto gramaticalmente.

Alternativa "e" – Errada. Antônio Cedenho está entre vírgulas por ser aposto explicativo.

88. (FCC – TRT 14 – Analista Judiciário/2011) Pode-se substituir o elemento sublinhado pelo que está negritado entre parênteses, sem prejuízo para a correção e o sentido da frase, no seguinte caso:

(A) Extrema esquerda e extrema direita se parecem não porque amam seus ideais, mas porque amam os extremos. (**não obstante**)

(B) Todos os fins são nobres para quem os justifica. (**com aquele que**)

(C) O próprio sacrifício de ovos pelo sacrifício de ovos tem uma genealogia respeitável. (**extrinsecamente**)

(D) (...) o fim é uma humanidade melhor – só variando de extremo para extremo o conceito de melhor. (**a menos que varie**)

(E) O fim justificaria todos os meios extremos, já que o fim é uma humanidade "melhor". (**porquanto**)

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Porquanto indica causa e equivale a **já que.**

Alternativa "a" – Errada. Não obstante = apesar de, apesar disso.

Alternativa "b" – Errada. São nobres para alguém e não com alguém.

Alternativa "c" – Errada. Extrinsecamente = derivado de extrínseco. Extrínseco = que não é essencial, exterior, que não faz parte da essência.

Alternativa "d" – Errada. só = condição (caso varie).

---

89. (FCC – TRT 23 – Analista Judiciário/2011) *"quando a bordo, e por não poderem acender fogo, os viajantes tinham de contentar-se, geralmente, com feijão frio, feito de véspera".* Identificam-se nos segmentos grifados na frase acima, respectivamente, noções de

(A) modo e consequência.

(B) causa e concessão.

(C) temporalidade e causa.

(D) modo e temporalidade.

(E) consequência e oposição.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c" – Correta.

1.**Quando** os viajantes tinham de contentar-se? Quando estavam a bordo = tempo.

Eliminada a (modo = como?); b (causa = por quê?); d (modo = como?); e (consequência = de modo que).

2. Os viajantes tinham de contentar-se, geralmente, com feijão frio, feito de véspera **por quê**? Por não poderem acender o fogo.

---

90. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /AC/2010) Atente para as seguintes construções:

I. *(confesso: antes mesmo de haver televisores nas casas).*

II. *Eu não entendia bem o motivo mesmo daqueles dias agitados.*

III. *meu pai provocava amistosamente o vizinho do outro lado da rua, que tinha o mesmo hábito.*

Preserva-se o sentido dessas construções caso se substituam os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

(A) até, ainda assim e próprio.

(B) até, exato e igual.

(C) ainda assim, próprio e inclusive.

(D) inclusive, ainda assim e próprio.

(E) propriamente, exato e inclusive.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – A palavra mesmo pode ter vários significados e pertencer a classes gramaticais distintas:

- **Adjetivo:** exprime semelhança, identidade, paridade: eles leram o mesmo livro. O próprio, não outro (colocado imediatamente depois de substantivo ou pronome pessoal): ele mesmo abriu a porta; uma poesia de Fernando Pessoa, ele mesmo.
- **Advérbio:** exatamente, justamente: pusemos o livro mesmo aqui. Seguramente, com certeza, sem sombra de dúvida: Os alunos tiveram mesmo a visão errada na questão. Ainda, até: chegaram mesmo a negar-me o cumprimento.
- **Locução conjuntiva** (mesmo que, ainda que, conquanto): estudarei mais, mesmo que não queiram.
- **Locução adverbial:** na mesma, sem mudança de situação apesar da ocorrência de fato novo: sua explicação me deixou na mesma.

Na questão, bastava substituir.

I. *(confesso: antes até de haver televisores nas casas).* = advérbio

II. *Eu não entendia bem o motivo exato daqueles dias agitados.* = adjetivo (o próprio)

III. *meu pai provocava amistosamente o vizinho do outro lado da rua, que tinha igual hábito.* = adjetivo

---

91. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /AC/2010) *"Ainda acho, tantas décadas mais velho, muito especiais os dias de eleição".* É plenamente aceitável esta nova redação da frase acima:

(A) Embora envelhecido por tantas décadas, ainda considero muito especiais os dias de eleição.

(B) Percebo, porquanto mais velho tantas décadas, como são muito especiais os dias de eleição.

(C) Mais velho tantas décadas, julgo-lhes ainda muito especiais, os dias de eleição.

(D) Por quanto já mais velho tantas décadas, vejo quão especiais são os dias de eleição.

(E) Acho ainda o quanto são especiais, mesmo mais velho por décadas, os dias de eleição.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – A expressão ainda acho possui ideia de concessão, ou seja, ideias opostas. Além da circunstância indicada, é preciso atentar-se à coerência e clareza.

Alternativa "b" –Incoerente.

Alternativa "c" –Além de incoerente, há erro no emprego do pronome *lhe*: julgo-o (verbo transitivo direto).

Alternativa "d" –Incoerente.

Alternativa "e" –Incoerente.

Texto:

(...)

À crítica da autoridade política, característica do Século das Luzes, junta-se a da autoridade religiosa, quando os persas encontram "um outro mágico, mais forte que o rei e não menos mestre de seu próprio espírito quanto do espírito dos outros. Esse mágico chama-se Papa e faz crer aos súditos que três não é mais que um, que vinho não é vinho, que pão não é pão, e mil outras coisas da mesma espécie. Para não dar descanso aos súditos e não deixá-los perder o hábito da crença, fornece a eles, de quando em quando, certos tratados de fé."

O sarcasmo estende-se aos costumes, e Montesquieu põe na boca dos persas palavras de admiração ao encontrarem mulheres muito habilidosas que "fazem da virgindade uma flor que perece e renasce todos os dias". Os caprichos da moda entre os franceses parecem-lhes surpreendentes, e "não se acreditaria em quanto custa ao marido colocar sua mulher na moda". (Extraído do encarte a Montesquieu. S. Paulo: Abril, Os pensadores, 1973)

92. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /AC/2010) Atente para as seguintes afirmações:

I. O sentido da frase *Esse rei é um grande mágico: exerce seu império sobre o próprio espírito dos súditos* não se altera caso se substitua o sinal de dois-pontos por **conquanto**.

II. Na frase *O sarcasmo estende-se aos costumes, e Montesquieu põe na boca dos persas palavras de admiração ao encontrarem mulheres muito habilidosas* (...), a conjunção **e** pode ser substituída por **haja vista que**.

III. Com a afirmação *"fazem da virgindade uma flor que perece e renasce todos os dias"*, Montesquieu reconhece os sinceros escrúpulos da moralidade francesa.

Está correto APENAS o que se afirma em

(A) II.

(B) III.

(C) I e II.

(D) II e III.

(E) I.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

- Em I, o sinal de dois-pontos pode ser substituído por *pois* ou *porque*, por se tratar de uma explicação.
- Em II, a conjunção *e* indica adição e há ênfase por haver vírgula. *Haja vista* é explicação.
- III. Correto.

93. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /AM/2010) Na frase *Quem precisa de divisões* tendo como exército a eternidade?, o segmento sublinhado pode ser substituído, sem prejuízo para o sentido e a correção, por

(A) ao ter no exército sua eternidade?

(B) fazendo do exército sua eternidade?

(C) contando na eternidade com o exército?

(D) dispondo da eternidade como exército?

(E) provendo o exército assim como a eternidade?

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – As alternativas a e b são descartadas porque há o pronome possessivo sua e, no trecho, não ocorre tal sentido. Na c, surge o verbo *contar* e a preposição é alterada para *com*. Na e, o verbo prover altera todo o sentido.

O texto refere-se à questão seguinte.

Embora um conflito armado não seja do interesse de nenhuma das partes envolvidas na longeva disputa entre as duas Coreias, são imprevisíveis as consequências da escalada de hostilidades entre os dois países nos últimos dias.

Os primeiros movimentos sul-coreanos foram cautelosos. Após ter um navio de guerra atacado por torpedos, em março, o país não respondeu de imediato ao que se afigurava como o mais audacioso ato de hostilidade do vizinho em mais de duas décadas. Investigadores internacionais foram chamados a avaliar o episódio – e determinaram, após longa perícia, que um submarino norte-coreano havia sido o responsável pelos disparos.

A prudência da Coreia do Sul e de seu principal aliado, os EUA, é compreensível. São preocupantes as consequências de um conflito aberto com o decrépito

regime do ditador comunista Kim Jong-il, que realizou, nos últimos anos, testes balísticos e nucleares.

Para os norte-americanos, que ainda têm batalhas a travar no Afeganistão e mantêm tropas no Iraque, não faz sentido abrir uma nova frente de combate na Ásia.

Há ainda o fato de que a capital sul-coreana, Seul, fica próxima à fronteira, e essa situação de vulnerabilidade desaconselha uma aventura militar contra o norte.

Compelido a responder ao ataque, o governo sulCoreano suspendeu o que restava da política de reaproximação com o país vizinho – intensificada na última década, mas já alvo de restrições na Presidência do conservador Lee Myung-Bak. Cortou o comércio com o norte da península e voltou a classificar Pyongyang como o seu "principal inimigo".

Em resposta, a Coreia do Norte interrompeu comunicações com o vizinho e expulsou sul-coreanos do complexo industrial de Kaesong, mantido pelas duas nacoes no território comunista. É um retrocesso a lamentar, já que interesses econômicos comuns e troca de informações, por pequenos que sejam, podem ajudar na prevenção de conflitos armados.

Nesse cenário em que os atores envolvidos não são capazes de entender os movimentos e as intenções do rival, os processos de hostilidade mútua podem se tornar incontroláveis.

Mesmo que o imbróglio não tenha consequências graves, ele chama a atenção para o imprevisível desenlace da lenta derrocada do regime comunista de Pyongyang, uma herança anacrônica dos tempos da Guerra Fria. (Folha de S. Paulo. A2 opinião, quarta-feira, 26 de maio de 2010).

---

94. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /RS/2010) Sempre levando em conta o contexto, é correto afirmar:

(A) A conjunção *Embora* equivale a "na medida em que".

(B) A expressão *Após ter* pode ser substituída por "Tendo tido", sem prejuízo do sentido original.

(C) Em *ao que se afigurava como o mais audacioso ato de hostilidade do vizinho em mais de duas décadas*, tem-se uma avaliação que compara um ato (I) a outro específico anteriormente realizado (II), evidenciando a superioridade de (I).

(D) Em A prudência *da Coreia do Sul e de seu principal aliado, os EUA, é compreensível*, se o que está em destaque for substituído por "As atitudes oportunas" nenhuma outra alteração será necessária para se manter a correção original.

(E) A frase *que realizou, nos últimos anos, testes balísticos e nucleares* define melhor o antecedente não bem delimitado, como ocorre em "A pessoa que se esforça vence".

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Pode ocorrer a substituição desde que o sentido de tempo seja mantido: *o país não respondeu de imediato* após ter (ou tendo tido) *um navio de guerra atacado por torpedos.*

Alternativa "a" –Pense na oração na ordem inversa para facilitar: *são imprevisíveis as consequências da escalada de hostilidades entre os dois países nos últimos dias,* **embora** *um conflito armado não seja do interesse de nenhuma das partes envolvidas na longeva disputa entre as duas Coreias.* A conjunção indica concessão, ideias opostas. Na medida em que indica causa, ou seja, os sentidos são distintos. Relembrando que à medida que indica proporção.

Alternativa "c" –Dois erros: não compara e não evidencia superioridade.

Alternativa "d" –As atitudes oportunas são compreensíveis. Se o sujeito é plural, o verbo deverá com ele, alterações são necessárias.

Alternativa "e" –A frase citada não define melhor o antecedente, mesmo porque o verbo realizar é transitivo direto e, antes do complemento verbal (objeto direto), há uma intercalação de adjunto adverbial de tempo.

---

95. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /AL/2010) No trecho *"quanto mais contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes, menos ele compreende a sua própria existência"* expressa-se uma relação de

(A) causalidade entre *menos vive* e *mais aceita*.

(B) oposição entre *mais contempla* e *mais aceita*.

(C) exclusão entre *menos vive* e *menos compreende*.

(D) alternância entre *mais contempla* e *mais aceita*.

(E) proporção entre *mais contempla* e *menos vive*.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – São ações simultâneas, ocorrem ao mesmo tempo: à medida que (na proporção que) mais contempla, menos vive.

Para indicar causa (a), deveria caber por quê?; oposição (b), mas, porém, contudo, todavia; exclusão (c), caberia a conjunção ou. Embora em algumas frases, para gerar dúvidas, a conjunção indique adição: prosa ou verso agradam-me; proporção (e), se houvesse relação de ações simultâneas. Não há.

96. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRF – 4ª Região/2010) Constituem uma causa e seu efeito, nessa ordem, os segmentos:

(A) *Na segunda metade da década de 90, um novo sistema de comunicação eletrônica começou a ser formado // com a fusão da mídia de massa.*

(B) *Utilizando surpreendentes recursos do jornalismo radiofônico // levou pânico aos norte-americanos.*

(C) *Algumas vezes nos perguntamos // como sobrevivíamos antes da internet.*

(D) *Um fato que se tornou clássico // foi protagonizado em 1938 pelo cineasta Orson Welles.*

(E) *O interesse cada vez maior pela tecnologia // é um dos traços da modernidade.*

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Desnecessário voltar ao texto (por isso não foi colocado acima), pois através dos períodos, mesmo que isolados, chega-se à resposta. Importante ressaltar que nem foram citadas as linhas em que aparece cada período, Não há como perder tempo procurando tais trechos, certo?

Para haver relação de causa e efeito, precisa-se de dois verbos (duas orações). Eliminam-se as alternativas a e e. Na alternativa c, a oração é subordinada substantiva (Algumas vezes perguntamos ISTO).

Façamos a pergunta correta na alternativa b: por que levou pânico aos norte-americanos? Porque utilizou surpreendentes recursos do jornalismo radiofônico. Há causa e efeito, ou causa e consequência.

97. (FCC – TRT 12 – Analista Judiciário/2010) Em "*Nenhuma alteração, contudo, será suficiente se não forem criadas condições para aplicar as sanções alternativas (...)*", o segmento sublinhado pode ser substituído, sem prejuízo para a correção e o sentido da frase, por:

(A) Não há alteração, ademais, que se mostre inapta

(B) Todavia, será insuficiente qualquer alteração

(C) Uma vez que não haja mais alteração, bastará esta

(D) Nenhuma alteração, fora esta, poderá bastar

(E) Por conseguinte, qualquer alteração deixará de ser suficiente

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Contudo indica adversidade, oposição. Conjunções coordenadas adversativas: mas, porém, contudo, **todavia**, entretanto, no entanto, não obstante.

Alternativa "a" – Errada. Ademais: além disso; além do mais.

Alternativa "c" – Errada. Uma vez que: causal.

Alternativa "d" – Errada. Afirmação.

Alternativa "e" – Errada. Por conseguinte: consecutiva.

98. (FCC – Analista Processual – MPU/ 2007) "*Isso não funcionou. Nos anos 20 e 30, o modelo entrou em colapso, em termos políticos e econômicos*". A relação estabelecida no texto entre as duas frases acima está corretamente expressa por:

(A) à proporção que.

(B) no entanto.

(C) por conseguinte.

(D) se bem que.

(E) uma vez que.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – A relação estabelecida entre os períodos é de causa por isso cabe a expressão *uma vez que* ou *já que*.

Alternativa "a" –Proporcionalidade.

Alternativa "b" –Adversidade.

Alternativa "c" –Conclusão.

Alternativa "d" –Concessão: ideias opostas.

99. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3ª região/ 2007 – FCC) O emprego do elemento sublinhado **compromete** a coerência da frase:

(A) Cada época tem os adolescentes que merece, pois estes são influenciados pelos valores socialmente dominantes.

(B) Os jovens perderam a capacidade de sonhar alto, por conseguinte alguns ainda resistem ao pragmatismo moderno.

(C) Nos tempos modernos, sonhar faz muita falta ao adolescente, bem como alimentar a confiança em sua própria capacidade criativa.

(D) A menos que se mudem alguns paradigmas culturais, as gerações seguintes serão tão conformistas quanto a atual.

(E) Há quem fique desanimado com os jovens de hoje, porquanto parece faltar-lhes a capacidade de sonhar mais alto.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – *Por conseguinte* indica conclusão e a ideia é de adversidade, caberiam as conjunções **mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante.**

Alternativa "a" –Explicação.

Alternativa "c" –Como = comparação.

Alternativa "d" –Condição. Equivale a *se, caso.*

Alternativa "e" –Explicação.

O texto refere-se às questões seguintes (duas).

Os princípios éticos são normas de comportamento social, e não simples ideais de vida, ou premissas doutrinárias. Como normas de comportamento humano, os princípios éticos distinguem-se nitidamente não só das regras do raciocínio matemático, mas também das leis naturais ou biológicas. Ao contrário do que sustentaram grandes pensadores, como Hobbes, Leibniz e Espinosa, a vida ética não pode ser interpretada segundo o método geométrico (ordine geometrico demonstrata). As normas éticas tampouco podem ser reduzidas a enunciados científicos, fundados na observação e na experimentação, como se se tratasse de leis zoológicas. Durante boa parte do século XIX, alguns pensadores, impressionados pelo extraordinário progresso alcançado no campo das ciências exatas, com a produção de certeza e previsibilidade no conhecimento dos dados da natureza, sucumbiram à tentação de explicar a vida humana segundo parâmetros deterministas.

Ora, por mais que se queira eliminar a liberdade do mundo humano, ela teima em aparecer, desafiando constantemente as previsões "científicas". Somos o único ser que combina, em sua vida social, a necessidade física e biológica com os deveres éticos, a sujeição aos fatos naturais com a autonomia de ação. Como é passível de comprovação, em toda sociedade o ideário e as estruturas de poder desenvolvem – se dentro dos limites postos por determinados fatores básicos, como o patrimônio genético, o meio geográfico ou o estado da técnica. Vencer tais limitações tem sido um desafio constante lançado à espécie humana. Mas nem por isso devemos tomar esses fatores condicionantes da vida social como seus princípios diretivos. (Adaptado de COMPARATO, Fábio Konder. Ética: direito, moral e religião no mundo moderno. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 494-5) OBS.: Hobbes (1588-1679), Leibniz (1646-1717), Espinosa (1632 – 1677) – filósofos ordine geometrico demonstrata – em tradução livre, "demonstrado segundo a ordem geométrica".

100. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/ 2007 – FCC) No contexto, a frase do primeiro parágrafo que expressa uma causa é:

(A) impressionados pelo extraordinário progresso alcançado no campo das ciências exatas, com a produção de certeza e previsibilidade no conhecimento dos dados da natureza.

(B) os princípios éticos distinguem-se nitidamente não só das regras do raciocínio matemático, mas também das leis naturais ou biológicas.

(C) a vida ética não pode ser interpretada segundo o método geométrico (ordine geométrico demonstrata).

(D) As normas éticas tampouco podem ser reduzidas a enunciados científicos, fundados na observação e na experimentação.

(E) e não simples ideais de vida, ou premissas doutrinárias.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Alguns pensadores sucumbiram à tentação de explicar a vida humana segundo parâmetros deterministas **por quê? Porque** estavam impressionados pelo extraordinário progresso alcançado no campo das ciências exatas, com a produção de certeza e previsibilidade no conhecimento dos dados da natureza.

Alternativa "b" –orações coordenadas.

Alternativa "c" –oração principal.

Alternativa "d" –oração principal.

Alternativa "e" –oração coordenada adversativa.

101. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/ 2007 – FCC) "*Ora, por mais que se queira eliminar a liberdade do mundo humano, ela teima em aparecer, desafiando constantemente as previsões "científicas".* Considerada a frase acima, em seu contexto, é correto afirmar:

(A) A conjunção *Ora* estabelece com a frase anterior relação de mera adição, equivalendo a "além disso".

(B) A locução verbal *queira eliminar* expressa um fato considerado em sua efetiva realização.

(C) A forma verbal *desafiando* expressa noção de "tempo".

(D) A expressão *por mais que se queira* pode ser substituída por "ainda que se deseje e se insista em", sem prejuízo do sentido original e da correção gramatical.

(E) A expressão *previsão "científica"* é formada por palavras que se excluem mutuamente, o que justifica o emprego das aspas para indicar que deve ser entendida em sentido figurado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – As expressões pertencem ao mesmo campo semântico, indicam concessão. Facilitando: encaixe a conjunção *embora*.

Alternativa "a" –*Ora* indica adversidade: entretanto, mas.

Alternativa "b" –*Queira* indica hipótese, ação provável: presente do subjuntivo.

Alternativa "c" –O gerúndio indica adição: e desafia as previsões.

▶ **Dica** – As formas nominais (gerúndio, particípio e infinitivo) não indicam tempo. Em provas difíceis, já ocorreu de pedirem o valor da forma nominal, como saber? Volte ao verbo mais próximo e verifique o tempo. Fácil.

Alternativa "e" –As aspas indicam ironia.

O texto refere-se à próxima questão

Senhores:

Investindo-me no cargo de presidente, quisestes começar a Academia Brasileira de Letras pela consagração da idade. Se não sou o mais velho dos nossos colegas, estou entre os mais velhos. É simbólico da parte de uma instituição que conta viver, confiar da idade funções que mais de um espírito eminente exerceria melhor. Agora que vos agradeço a escolha, digo-vos que buscarei na medida do possível corresponder à vossa confiança.

Não é preciso definir esta instituição. Iniciada por um moço, aceita e completada por moços, a Academia nasce com a alma nova e naturalmente ambiciosa. O vosso desejo é conservar, no meio da federação política, a unidade literária. Tal obra exige não só a compreensão pública, mas ainda e principalmente a vossa constância. A Academia Francesa, pela qual esta se modelou, sobrevive aos acontecimentos de toda a casta, às escolas literárias e às transformações civis. A vossa há de querer ter as mesmas feições de estabilidade e progresso. Já o batismo de suas cadeiras com os nomes preclaros e saudosos da ficção, da lírica, da crítica e da eloqüência nacionais é indício de que a tradição é o seu primeiro voto. Cabe-vos fazer com que ele perdure. Passai a vossos sucessores o pensamento e a vontade iniciais, para que eles os transmitam também aos seus, e a vossa obra seja contada entre as sólidas e brilhantes páginas da nossa vida brasileira. Está aberta a sessão.

(ASSIS, Machado. Discurso inaugural, na Academia Brasileira, aos 20 dias do mês de julho de 1897. Obra completa, vol.III, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997, p.926)

102. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 2ª região/ 2007 – FCC) A relação estabelecida entre os segmentos indicados está corretamente apontada, na devida ordem, em:

(A) *Investindo-me no cargo de presidente / quisestes começar a Academia Brasileira de Letras pela consagração da idade* – finalidade da ação; ação considerada.

(B) *Se não sou o mais velho dos nossos colegas / estou entre os mais velhos* – ação hipotética; decorrência da ação.

(C) *Passai a vossos sucessores o pensamento e a vontade iniciais / para que eles os transmitam também aos seus* – ação realizada; consequência.

(D) *Tal obra exige não só a compreensão pública / mas ainda e principalmente a vossa constância* – assertiva; negação da assertiva.

(E) *Iniciada por um moço, aceita e completada por moços / a Academia nasce com a alma nova e naturalmente ambiciosa* – ações tomadas como causas: consequência.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Por que *a Academia nasce com a alma nova e naturalmente ambiciosa?* **Porque** foi *iniciada por um moço, aceita e completada por moços.*

Alternativa "a" –Não há finalidade.

Alternativa "b" –Condição (se) e não há decorrência de ação.

Alternativa "c" –Finalidade = para quê?

Alternativa "d" –Adição.

103. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 2ª região/ 2007 – FCC) *"Cabe-vos fazer com que ele perdure. Passai a vossos sucessores o pensamento e a vontade iniciais, para que eles os transmitam também aos seus, e a vossa obra seja contada entre as sólidas e brilhantes páginas da nossa vida brasileira".* Observados o fragmento acima e a norma padrão da Língua Portuguesa, é correto afirmar:

(A) A supressão da preposição em *fazer com que* altera o sentido original e prejudica a correção da frase.

(B) Mantendo o tempo e o modo, a forma verbal correspondente a *Passai*, no singular, é "passe".

(C) A conjunção *e* (em *e a vossa obra*) adita duas ideias que expressam a mesma noção de finalidade da ação.

(D) Na frase *para que* eles *os transmitam também aos* seus, os pronomes destacados remetem a três referentes que não têm relação entre si.

(E) O deslocamento do adjetivo *iniciais*, com as devidas alterações, produz "os iniciais pensamento e vontade", com prejuízo do sentido original.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Há paralelismo:

Passai a vossos sucessores o pensamento e a vontade iniciais, para que ***eles os transmitam também aos seus,*** *e a vossa obra seja contada entre as sólidas e brilhantes páginas da nossa vida brasileira.*

Alternativa "a" –Fazer que ele perdure: não altera o sentido e nem há erro gramatical.

Alternativa "b" –*Passai* está na segunda pessoa do plural do imperativo afirmativo (ordem) e equivale a **passa**, no singular. Retira-se o **s** da segunda pessoa do presente do indicativo.

Alternativa "d" –Referem-se aos *sucessores.*

Alternativa "e" –Não produz prejuízo.

---

104. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 4ª região/ 2006 – FCC) Amir, afastado de nós pela particularidade de seu grupo, revela-se igual a nós pela singularidade de sua experiência. Caso o autor quisesse explicitar o sentido contextual da expressão sublinhada na frase acima, poderia ter escrito:

(A) desde que afastado de nós.

(B) porque afastado de nós.

(C) conquanto afastado de nós.

(D) uma vez afastado de nós.

(E) dado que afastado de nós.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Conquanto equivale a *embora* = concessão. Mesmo afastado de nós, Amir revela-se igual a nós.

Alternativa "a" –Causal.

Alternativa "b" –Causal ou explicativa.

Alternativa "d" –Causal.

Alternativa "e" –Causal.

---

105. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 1ª região/ 2006 – FCC) "*De quebra, a publicação insinua que há dúvidas sobre a capacidade do sistema de saúde cubano fazer frente a esse quadro*". A frase acima conservará a correção e o sentido caso se substituam os elementos sublinhados, respectivamente, por

(A) Apesar disso – confrontar-se com esse quadro.

(B) Não obstante – enquadrar esse fato.

(C) Além disso – enfrentar esse quadro.

(D) Ainda assim – ficar face a face com esse quadro.

(E) Por isso mesmo – enquadrar-se nisso.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Além disso e de quebra indicam adição; fazer frente equivale a enfrentar.

Alternativa "a" –Concessão.

Alternativa "b" –Concessão.

Alternativa "d" –Concessão.

Alternativa "e" –Conclusão.

2.2. CESPE

Trecho para o item.

(...) Nós também temos um hardware e um software. O hardware são os nervos do cérebro, os neurônios, tudo aquilo que compõe o sistema nervoso. O software é constituído por uma série de programas que ficam gravados na memória. Do mesmo jeito que nos computadores, ficam, na memória, símbolos, entidades levíssimas, "espirituais", sendo o programa mais importante a linguagem. (...)

Rubem Alves. Sobre o tempo e a eternidade.

Campinas: Papirus, 1996 (com adaptações).

---

106. (CESPE – Analista – MPU/2013) A oração subordinada reduzida de gerúndio "sendo o programa mais importante a linguagem" poderia ser corretamente reescrita na seguinte forma de oração com conector: onde o programa mais importante é a linguagem.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Poderia ser usado o pronome relativo *onde* se estivesse retomando lugar e não é o caso. Nem se trata de oração adjetiva para usar o relativo, mas sim de uma oração adverbial causal.

Note: A escola onde fizemos a prova estava lotada = fizemos a prova na escola = lugar.

▶ **Dica:** fácil

O relativo **onde** retoma lugar e pode ser substituído por **em que, no(a) qual**.

O relativo **cujo** concorda com o termo posterior e indica posse do termo anterior. Isso indica que sem alterar a estrutura sintática não pode ser substituído por outro pronome relativo.

Os relativos **cujo** e **quem** não admitem artigo, ou seja, nunca haverá crase anteposta a eles.

Trecho para o item.

(...) Dados esses pressupostos teóricos, estamos agora em condições de oferecer uma receita que garantirá àqueles que a seguirem à risca saúde mental até o fim dos seus dias. Opte por um software modesto. Evite as coisas belas e comoventes. A beleza é perigosa para o hardware. Cuidado com a música. Brahms e Mahler são especialmente contraindicados. Quanto às leituras, evite aquelas que fazem pensar. E, aos domingos, não se esqueça dos programas de auditório. Seguindo essa receita você terá uma vida tranquila, embora banal. Mas, como você cultivou a insensibilidade, você não perceberá o quão banal ela é.

Você se aposentará, para, então, realizar os seus sonhos. Infelizmente, entretanto, quando chegar tal momento, você já terá esquecido como eles eram.

Rubem Alves. Sobre o tempo e a eternidade.

Campinas: Papirus, 1996 (com adaptações).

107. (CESPE – Analista – MPU/2013) No período iniciado pelo conector "Mas", o autor argumenta, por meio de uma relação sintática não só de oposição, mas também de causa e efeito, que a lógica em que se baseia a receita torna inócuo um dos efeitos de seu uso, não se abstendo o autor, entretanto, de apresentar, no último período, o que, no contexto, corresponderia ao efeito colateral do uso contínuo da receita.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – 1. Você terá uma vida tranquila, embora banal. **Mas** não perceberá o quão banal ela é. = oposição; 2. Você cultivou a insensibilidade (causa), você não perceberá o quão banal a vida é (consequência/efeito).

Trecho para o item.

(...) Um computador pode enlouquecer por defeitos no hardware ou no software. Nós também. Quando o nosso hardware fica louco, são chamados psiquiatras e neurologistas, que virão, com suas poções químicas e bisturis, consertar o que se estragou. Entretanto, quando o problema está no software, poções e bisturis não funcionam. Não se conserta um programa com chave de fenda, porque o software é feito de símbolos, e somente símbolos podem entrar nele. Assim, para se lidar com o software, há que se fazer uso dos símbolos. Por isso, quem trata das perturbações do software humano nunca se vale de recursos físicos para tal. Suas ferramentas são palavras, e podem ser de poetas, humoristas, palhaços, escritores, gurus, amigos e até mesmo de psicanalistas. (...)

Rubem Alves. Sobre o tempo e a eternidade.

Campinas: Papirus, 1996 (com adaptações).

108. (CESPE – Analista – MPU/2013) O trecho "que virão, com suas poções químicas e bisturis, consertar o que se estragou" especifica o instrumental utilizado no tratamento e, portanto, restringe as categorias de profissionais que devem prestar assistência às pessoas cujo hardware ficou louco.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não restringe as categorias de profissionais pelo simples fato de ter sido utilizado sinal de pontuação e haver pronome relativo. Ocorre explicação e não restrição. Temos uma oração (possui verbo) subordinada adjetiva (pronome relativo) explicativa (possui pontuação).

Trecho para o item.

(...) A primeira concebe a missão institucional das polícias em termos bélicos, atribuindo-lhes o papel de combater os criminosos, que são convertidos em inimigos internos. A política de segurança é, então, formulada como estratégia de guerra, e, na guerra, medidas excepcionais se justificam. Instaura-se, adotando-se essa concepção, uma política de segurança de emergência e um direito penal do inimigo. Esse modelo é reminiscente do regime militar e, há décadas, tem sido naturalizado, **não obstante** *sua incompatibilidade coma ordem constitucional brasileira. (...)*

Cláudio Pereira de Souza Neto. A segurança pública na Constituição Federal de 1988: conceituação constitucionalmente adequada, competências federativas e órgãos de execução das políticas. Internet: <www.oab.org.br>(com adaptações).

109. (CESPE – Delegado de Polícia – BA/2013) A expressão "não obstante" poderia ser corretamente substituída por **apesar de** ou por **embora**, sem prejuízo para a ideia original do período.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Essa questão gerou tanta polêmica! O erro (simples) está na continuidade da oração ao efetuar a troca da expressão. Vejamos:

Esse modelo é reminiscente do regime militar e tem sido naturalizado, **não obstante** sua incompatibilidade coma ordem constitucional brasileira.

Por apesar de: certo = Esse modelo é reminiscente do regime militar e tem sido naturalizado, **apesar de** sua incompatibilidade coma ordem constitucional brasileira.

Por embora, fica incoerente o trecho: Esse modelo é reminiscente do regime militar e tem sido naturalizado, **embora** sua incompatibilidade coma ordem constitucional brasileira. Percebeu? Falta algo, uma informação, como embora (exista) incompatibilidade. Fácil assim.

▶ **Dica: Não obstante** é uma **locução conjuntiva** cujo significado se refere a uma situação de **oposição** a uma **outra ideia apresentada**, mas que não impede sua concretização. É sinônimo de **"apesar de", "conquanto", "contudo", "a despeito de", "nada obstante"**.

Habitualmente utiliza-se "não obstante" para expressar que determinada situação aconteceu de forma contrária daquela que se esperava; algo que deveria ter acontecido de um modo, mas que por algum motivo aconteceu de outro.

A locução "não obstante" faz parte das conjunções com valor adversativo ou concessivo e tem o mesmo sentido de "mas", "porém", "todavia", "entretanto", etc. A sua identificação muitas vezes é feita de acordo com o contexto em que a locução é utilizada.

"Inobstante" tem o mesmo significado de "não obstante". É um termo muito usado em textos jurídicos.*

*Fonte: http://www.significados.com.br/

Trecho para o item.

(...) A primeira concebe a missão institucional das polícias em termos bélicos, atribuindo-lhes o papel de combater os criminosos, que são convertidos em inimigos internos. (...)

Cláudio Pereira de Souza Neto. A segurança pública na Constituição Federal de 1988: conceituação constitucionalmente adequada, competências federativas e órgãos de execução das políticas. Internet: <www.oab.org.br>(com adaptações).

110. (CESPE – Delegado de Polícia – BA/2013) O emprego da vírgula logo após "criminosos" justifica-se por isolar oração de caráter explicativo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Há pronome relativo, pois o **que** pode ser substituído por **os quais**. A oração é adjetiva; possui pontuação: é explicativa.

Fixando:

adjetiva (pronome relativo) explicativa = com pontuação;

adjetiva (pronome relativo) restritiva = sem pontuação.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) No Panamá, por exemplo, o número é de 15,3 promotores para cada cem mil habitantes; na Guatemala, de 6,9; no Paraguai, de 5,9; na Bolívia, de 4,5. Em situação semelhante ou ainda mais crítica do que o Brasil, estão, por exemplo, o Peru, com 3,0; a Argentina, com 2,9; e, por fim, o Equador, com a mais baixa relação: 2,4. É correto dizer que há nações proporcionalmente com menos promotores que o Brasil. No entanto, as atribuições do Ministério Público brasileiro são muito mais extensas do que as dos Ministérios Públicos desses países. (Maria Tereza Sadek. A construção de um novo Ministério Público resolutivo. Internet: https://aplicacao.mp.mg.gov.br, com adaptações).

111. (CESPE – Analista do MPU/2013) Seriam mantidas a coerência e a correção gramatical do texto se, feitos os devidos ajustes nas iniciais maiúsculas e minúsculas, o período "É correto (...) o Brasil" fosse iniciado com um vocábulo de valor conclusivo, como *logo, por conseguinte, assim ou porquanto*, seguido de vírgula.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Opa! "Peguinha" comum de CESPE. Entre as conjunções, inserem uma que não indica a mesma circunstância. Logo, por conseguinte e assim indicam conclusão; porquanto pode indicar, também, explicação. Exemplo: Cancelou o encontro, porquanto teve de viajar.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) Essa blasfêmia contra a razão e a fé, contra a civilização e a humanidade, é a filosofia da miséria; executada, não faria senão inaugurar a organização da miséria. Se a sociedade não pode igualar os que a natureza criou desiguais, cada um, nos limites da sua energia moral, no entanto, pode reagir sobre as desigualdades nativas, pela educação, atividade e perseverança. Tal a missão do trabalho. (...) (Ruy Barbosa. Oração aos moços. Internet: http://home.comcast.net, com adaptações).

112. (CESPE – Analista do MPU/2013) Não haveria prejuízo para o sentido original nem para a correção gramatical do texto caso se inserisse **quando** ou **se for** imediatamente antes de "executada".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Sem voltar ao trecho, chega-se à resposta. Pensando rápido: quando indica tempo e se indica condição. Se as conjunções são diferentes, não podemos inserir uma ou outra. Aprofundando: 1. Tempo = **quando** for executada, não **fará** senão inaugurar a organização; 2. Condição = **se for** executada, não **fará** senão inaugurar a organização.

▶ **Dica** – A conjunção **se** pode ser usada em verbos no futuro do subjuntivo ou no pretérito imperfeito do subjuntivo: se for, se fosse; se estudar, se estudasse.

Atenção! Julgue o item relativo a ideias e aspectos linguísticos do trecho.

(...)

Um requisito básico para que o crescimento econômico dos países se traduza em menos pobreza e maior bem-estar e justiça social é melhorar as condições de vida das mulheres, dos negros e de outros grupos discriminados da sociedade; outro é aumentar sua possibilidade de acesso a empregos capazes de garantir uma vida digna para si próprios e para suas famílias. A pobreza está diretamente relacionada aos níveis e padrões de emprego, assim como às desigualdades e à discriminação existentes na sociedade. Além disso, as diferentes formas de discriminação estão fortemente associadas aos fenômenos de exclusão social que dão origem à pobreza e são responsáveis pelos diversos tipos de vulnerabilidade e pela criação de barreiras adicionais que impedem as pessoas e grupos discriminados de superar situações de pobreza. () (Internet: www.oit.org.br, com adaptações).

113. (CESPE – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) Sem prejuízo para a coerência e a correção gramatical do texto, o período – "A pobreza está diretamente relacionada (...)" – poderia ser introduzido, feita a devida adaptação de maiúscula e minúscula, da seguinte forma: Não obstante, a pobreza está diretamente relacionada (...)

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Ao inserir **não obstante**, o período passa a ter ideia de oposição, ou seja, ocorre prejuízo para a coerência (sentido).

Com relação às ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue os próximos itens.

A discriminação, como um componente indissociável do relacionamento entre os seres humanos, reveste-se inegavelmente de uma roupagem competitiva. Afinal, discriminar nada mais é do que tentar reduzir as perspectivas de uns em benefício de outros. Quanto mais intensa a discriminação e mais poderosos os mecanismos inerciais que impedem o seu combate, mais ampla é a clivagem entre discriminador e discriminado. Dessa lógica resulta, inevitavelmente, que aos esforços de uns em prol da concretização da igualdade se contraponham os interesses de outros na manutenção do **status quo**. *(...) (Joaquim Barbosa B. Gomes. As ações afirmativas e os processos de promoção da igualdade efetiva. In: AJUFE (Org.). Seminário internacional: as minorias e o direito. 1.ª ed. 2003, p. 91-2, com adaptações).*

114. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – CNJ/2013) Sem prejuízo para a coerência e a correção gramatical, os dois primeiros períodos do texto poderiam ser condensados no seguinte período: A discriminação, elemento indissociável do relacionamento entre seres humanos, reveste-se inegavelmente de uma roupagem competitiva, porquanto

corresponde a uma tentativa de se reduzirem as perspectivas de uns em benefício de outros.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Apenas se uniram os dois períodos empregando uma conjunção coordenativa explicativa.

Com relação aos sentidos e a aspectos linguísticos do trecho, julgue o item que se segue.

Como afirma Foucault, a verdade jurídica é uma relação construída a partir de um paradigma de poder social que manipula o instrumental legal, de um poder-saber que estrutura discursos de dominação. Assim, não basta proteger o cidadão do poder com o simples contraditório processual e a ampla defesa, abstratamente assegurados na Constituição. (...) (Newton de Oliveira Lima. Um valor discursivo e político. In: Revista Jus Vigilantibus. Internet: <http://jusvi.com>, com adaptações).

115. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – CNJ/2013) As orações "que manipula o instrumental legal" e "que estrutura discursos de dominação" têm sentido restritivo, isto é, especificam os termos a que se referem – "poder social" e "poder-saber", respectivamente.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Têm sentido restritivo e em ambas é usado *que* como pronome relativo (sem pontuação): orações subordinadas adjetivas restritivas.

Com relação ao sentido e aos aspectos linguísticos do trecho abaixo, julgue os itens subsequentes.

Colonialismo

(...)

A França foi a pioneira na dominação do continente africano. A Inglaterra, no entanto, consagrada como grande potência marítima desde a queda de Napoleão, rapidamente assumiu a liderança da colonização.

Alemanha, Itália, Espanha, Portugal e Bélgica também empreenderam áreas de dominação no continente. Chegaram a estabelecer regras de partilha para a ocupação de novos territórios na costa ocidental africana a partir de meados da década de 80 do século XIX, por meio da resolução firmada entre os países europeus durante a Conferência de Berlim.

Na Ásia, a Inglaterra adotou uma política empenhada na conquista da Índia, que passou ao seu domínio após a Guerra dos Cipaios (1857-1858). Como garantiam o domínio sobre a Índia, os ingleses não se opuseram à penetração francesa na Ásia, particularmente no território da Indochina. Embora o Leste Asiático tenha se mantido independente, a China (com a Primeira Guerra do Ópio, de 1839 a 1842) e o Japão (com a ameaça naval do Comodoro Perry, em 1854) foram obrigados a abrir seus portos aos europeus, dando-lhes diversas vantagens comerciais. Às vésperas da Primeira Guerra Mundial, a China se via imersa em uma crise política. Vários territórios asiáticos e africanos sofriam influência inglesa e francesa, e a Coreia havia sido anexada pelo Japão em 1910 – país que, a partir dos anos 30 do século XX, aumentou consideravelmente seu poder sobre o continente. (...) (Internet: http://acervo.estadao.com.br, com adaptações).

116. (CESPE – Delegado de Polícia – AL/ 2012) A conjunção "Embora", em "Embora o Leste Asiático tenha se mantido independente", poderia ser corretamente substituída por Apesar de, feitas as devidas alterações na forma verbal "tenha".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Sim, *embora* e *apesar de* indicam concessão, ou ideias opostas. Fazendo a alteração do verbo, torna-se, também, correta.

Atenção! Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.

Fundada por Ptolomeu Filadelfo, no início do século III a.C., a biblioteca de Alexandria representa uma epígrafe perfeita para a discussão sobre a materialidade da comunicação. As escavações para a localização da biblioteca, (...)

(...) eles, na verdade, procuravam uma biblioteca estruturada para colecionar livros e não rolos. (...) (In: João C. de C. Rocha (Org.). Interseções: a materialidade da comunicação. Rio de Janeiro: Imago; EDUERJ, 1998, p. 12, 14-15, com adaptações)

117. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2012) A preposição "para", em "para a discus-

são" e em "para colecionar livros" introduz expressão que exprime finalidade.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Em ambos os casos "para" exprime para "qual finalidade".

Atenção! Julgue o item subsequente, acerca dos sentidos e da organização das ideias do trecho.

Os dados de escolaridade do TSE são uma estimativa, já que foram fornecidos pelos eleitores no momento em que eles tiraram o título e só serão atualizados caso ocorra uma revisão do cadastro.

118. (UNB/CESPE – Poder Judiciário – TRE / ES/2012) A substituição da locução "já que" por **se bem que** ou por **ainda que** não alteraria o sentido do texto nem prejudicaria a sua correção gramatical.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – A locução conjuntiva já que possui valor de causa; se bem que e ainda que possuem valor concessivo, de oposição. O sentido do texto é prejudicado.

Atenção! Julgue o item subsequente, acerca dos sentidos e da organização das ideias do trecho.

Os dados de escolaridade do TSE são uma estimativa, Já que foram fornecidos pelos eleitores no momento em que eles tiraram o título e só serão atualizados caso ocorra uma revisão do cadastro. No entanto, há boas notícias: o percentual de eleitores que nunca frequentaram a escola caiu de 23,5%, na eleição presidencial de 2006, para 20,5% na de 2010, ou seja, além da ampliação da participação da sociedade na escolha dos governantes a cada novo pleito, a qualidade do eleitor tem melhorado, o que significa um voto mais qualificado, visto que o voto das pessoas com menos escolaridade tende a ser menos ideológico e mais personalista.

119. (UNB/CESPE – Poder Judiciário – TRE / ES/2012) A oração "visto que o voto (...) mais personalista" constitui uma justificativa para a "ampliação da participação da sociedade na escolha dos governantes".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Questão de conjunção e coesão textual. Por que o voto das pessoas com menos escolaridade tende a ser menor? Porque *a qualidade do eleitor tem melhorado, o que significa um voto mais qualificado*. Não há relação de causa com a *ampliação da participação da sociedade na escolha dos governantes.*

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

Bandos de homens armados perpetram anualmente 450 roubos a bancos e carros-fortes no Brasil. Tais episódios põem em risco a vida de clientes, agentes de segurança e policiais, mas o prejuízo financeiro é relativamente pequeno para as instituições. Para os bancos, a maior ameaça está embutida nos serviços prestados pela Internet ou por outros meios eletrônicos. ( ) (André Vargas. Assalto.com.br, In: Veja, 24/11/2010, com adaptações).

120. (CESPE – Delegado de Polícia – ES/ 2011) A conjunção "mas" poderia ser substituída, no texto, sem afetar o sentido ou a correção gramatical deste, por **todavia** ou por **entretanto**.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A conjunção *mas* é coordenada adversativa, como *todavia* e *entretanto*.

▶ **Dica – Conjunções coordenadas**

1) Aditivas: e, nem (= e não), não só... mas também, não só...como também, bem como, não só...mas ainda.
2) Adversativas: mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante.
3) Alternativas: ou, ou...ou, ora, já...já, quer... quer, seja...seja, talvez...talvez.
4) Conclusivas: logo, pois (logo), portanto, por conseguinte, por isso, assim.
5) Explicativas: que, porque, pois (porque), porquanto.

121. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) Considerando a organização das ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o seguinte item.

(...) Pode-se dizer que o caminho da inovação é um percurso de difícil travessia para a maioria das instituições. Inovar significa transformar os pontos frágeis de um empreendimento em uma realidade duradoura e lucra-

tiva. A inovação estimula a comercialização de produtos ou serviços e também permite avanços importantes para toda a sociedade. (...) (Luís Afonso Bermúdez, O fermento tecnológico. In: Darcy. Revista de jornalismo científico e cultural da Universidade de Brasília, novembro e dezembro de 2009, p. 37, com adaptações).

O período sintático iniciado por "Inovar significa" estabelece, com o período anterior, relação semântica que admite ser explicitada pela expressão Por conseguinte, escrevendo-se: Por conseguinte, inovar significa (...).

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A relação entre os dois períodos é de causa, cabendo **já que** e não **por conseguinte**, que indica consequência.

▶ **Dica** – Já que você estuda, será aprovado.

Por quê?

- A oração em que fazemos esta pergunta indica consequência.
- A resposta (porque você estuda) é a causa.

---

122. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) O imaginário, acionado pela imaginação individual, é pluriespacial e, na interação social, constrói a memória, a história museológica. Mesmo que possamos pensar que estereótipos são resultado de matrizes, a cultura é dinâmica, porquanto símbolos e estereótipos são olhados e ressignificados em determinado instante social. (Dina Maria Martins Ferreira. Não pense, veja. São Paulo: Fapesp&Annablume, p. 62, com adaptações).

Preservam-se as relações argumentativas do texto bem como sua correção gramatical, caso se inicie o último período por **Ainda**, em lugar de "Mesmo".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – **Ainda** e **mesmo** são advérbios com funções análogas e mesmo valor adverbial no sentido de ainda que, mesmo que, portanto o advérbio ainda pode ser substituído pelo advérbio mesmo.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do texto, julgue os itens a seguir.

A desigualdade e a sustentabilidade estão diretamente ligadas aos desequilíbrios na inclusão das pessoas nos processos produtivos. A mão de obra, a nossa imensa capacidade ociosa de produção, mais parece um problema do que uma oportunidade. O fato essencial para nós é que o modelo atual subutiliza a metade das capacidades produtivas do país. Evoluir para formas alternativas de organização torna-se simplesmente necessário.

Assim, o drama da desigualdade não constitui apenas um problema de distribuição mais justa da renda e da riqueza: envolve a inclusão produtiva digna da maioria da população desempregada, subempregada, ou encurralada nos diversos tipos de atividades informais. Um PIB que cresce mas não inclui as populações não é sustentável.

No âmbito global, esse é um problema que atinge quase dois terços da população mundial a quem se trava o acesso ao financiamento, às tecnologias, ao direito de cada um ganhar o pão da sua família. (Ignacy Sachs, Cailos Lopes e Ladislau Dowbor. Crises e oportunidades em tempos de mudança. Jaa/2010. Internet: <http://dowbor.org>, com adaptações).

Julgue os itens a seguir, a respeito das estruturas linguísticas e da organização das ideias no texto acima.

---

123. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) O período sintático que inicia o segundo parágrafo apresenta a ideia que resume a argumentação desenvolvida no texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A dica está no início do período. A conjunção assim indica conclusão, ou seja, resume a argumentação desenvolvida anteriormente. Conjunções conclusivas: sendo assim, portanto, todavia, desta forma, diante disso. Desta forma, o período resume a argumentação desenvolvida no texto.

---

124. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) No trecho "da renda e da riqueza: envolve" a função do sinal de dois-pontos corresponde à função de um conectivo explicativo; por isso, preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se reescrever esse trecho do seguinte modo: da renda e da riqueza, pois envolve.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Os dois pontos equivalem ao conectivo explicativo **pois** e apresentam a oração explicativa "envolve a inclusão produtiva digna da maioria da população desempregada, subempregada, ou encurralada nos diversos tipos de atividades informais."

125. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) No desenvolvimento da argumentação, apesar de enfraquecer a ideia de oposição, a substituição de "mas" por *e* mantém a coerência e a correção do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A substituição da adversativa **mas** pela conjunção aditiva **e** manteria coerência e coesão do texto, pois sua função seria ligar duas situações opostas. A conjunção *e* pode indicar oposição também. Quanto à correção gramatical, seria necessário inserir a vírgula anteposta, mas não foi citada a gramática no item. Cuidado para não haver engano.

Atenção! Julgue o item subsequente, acerca dos sentidos e da organização das ideias do trecho.

A pluralidade étnica dos brasileiros impressionava vivamente os estrangeiros que, desde 1808, se avolumavam como viajantes, naturalistas ou comerciantes no país. Apesar disso, para além do espanto dos viajantes, são raros os registros dessa convivência interétnica do século passado fora da clássica relação senhor escravo. (...) (Hebe M. Mattos de Castro. Laços de família e direitos no final da escravidão. In: História da vida privada no Brasil: Império. Coordenador-geral Fernando A. Novais; organizador do volume Luiz Felipe de Alencastro. vol. 2. (São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 341-3, com adaptações).

126. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária TRE – BA 2010) A expressão "Apesar disso" introduz uma ideia que se opõe à expectativa sugerida no período anterior.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – **Apesar de** indica concessão, ou seja, oposição. Verifique a relação das ideias: a pluralidade étnica impressiona os estrangeiros x são raros os registros dessa convivência interétnica.

Atenção! O trecho refere-se às questões seguintes.

O jargão

Nenhuma figura é tão fascinante quanto o Falso Entendido. É o cara que não sabe nada de nada, mas sabe o jargão. E passa por autoridade no assunto. Um refinamento ainda maior da espécie é o tipo que não sabe nem o jargão. Mas inventa.

– Ó Matias, você, que entende de mercado de capitais...

– Nem tanto, nem tanto...

(Uma das características do Falso Entendido é a falsa modéstia.)

– Você, no momento, aconselharia que tipo de aplicação?

– Bom. Depende do yield pretendido, do throwback e do ciclo refratário. Na faixa de papéis top market – ou o que nós chamamos de topi-marque ⊠ o throwback recai sobre o repasse e não sobre o release, entende?

– Francamente, não.

Aí o Falso Entendido sorri com tristeza e abre os braços como quem diz: "É difícil conversar com leigos...".

Uma variação do Falso Entendido é o sujeito que sempre parece saber mais do que ele pode dizer. A conversa é sobre política, os boatos cruzam os ares, mas ele mantém um discreto silêncio. Até que alguém pede a sua opinião e ele pensa muito antes de se decidir a responder:

⊠ Há muito mais coisa por trás disso do que vocês pensam

Ou então, e esta é mortal:

⊠ Não é tão simples assim

(...)

(Luis Fernando Verissimo. As mentiras que os homens contam. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000, com adaptações).

127. (CESPE – Delegado de Polícia – RN/ 2008) Com base no texto, julgue os itens a seguir.

I. A substituição de "nem" por sequer não altera essencialmente o significado do texto nem prejudica a sua correção gramatical.

II. A oração "que entende de mercado de capitais..." é uma oração restritiva e restringe a referência de "Matias".

III. No texto, o sentido de "Francamente, não" é o mesmo de Não entendo de maneira franca.

IV. A expressão "ciclo refratário" é um exemplo de nonsense usado pelo "Falso Entendido".

V. Pela leitura de "É difícil conversar com leigos", conclui-se que o "Falso Entendido" não se considera um leigo.

A quantidade de itens certos é igual a

(A) 1.

(B) 2.

(C) 3.

(D) 4.

(E) 5.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

I. (certo) – a conjunção aditiva *nem* pode normalmente ser substituída pelo advérbio *sequer* no texto, pois se equivalem: *nem mesmo*.

II. (errado) – a oração "que entende de mercado de capitais..." é adjetiva explicativa e coloca em destaque uma característica atribuída a um elemento já identificado na oração anterior: Matias.

III. (errado) – "Francamente, não." – francamente – advérbio de modo = em que há sinceridade, honestidade: – Honestamente, não.

IV. (certo) – a expressão "ciclo refratário" é exemplo de *nonsense* (dito popular sem sentido), o personagem "Falso Entendido" usa para disfarçar seu desconhecimento de causa e confundir seu interlocutor, a quem considera leigo;

V. (certo) – a fala do "Falso Entendido" "É difícil conversar com leigos" mostra que ele não se considera um leigo e, sim, seu interlocutor.

---

128. (CESPE – Delegado de Polícia – RN/ 2008) Assinale a opção em que a reescritura proposta mantém o sentido e a correção gramatical do período "A conversa é sobre política, os boatos cruzam os ares, mas ele mantém um discreto silêncio".

(A) Embora a conversa é sobre política e os boatos cruzam os ares, ele mantém um discreto silêncio.

(B) A conversa é sobre política e os boatos cruzam os ares, apesar de ele manter um discreto silêncio.

(C) A conversa é sobre política mas ele mantém um discreto silêncio, embora os boatos cruzam os ares.

(D) A conversa é sobre política e, embora ele mantenha um discreto silêncio, os boatos cruzam os ares.

(E) Apesar de a conversa ser sobre política e de os boatos cruzarem os ares, ele mantém um discreto silêncio.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – A conjunção subordinativa concessiva "apesar de", no início da primeira oração acrescenta ideia de contraste quanto às orações coordenadas seguintes, mantendo, na reescritura, o sentido e a correção gramatical do período proposto na assertiva.

Alternativa "a" –a conjunção subordinativa concessiva "embora" que inicia a primeira oração, nesta reescritura, levaria as formas verbais da primeira e da segunda oração para o presente do subjuntivo: "seja" e "cruzem"; o sentido do período e a correção gramatical ficam prejudicados.

Alternativa "b" –o período está prejudicado, nesta reescritura, tanto no sentido quanto na correção gramatical,pois sendo a terceira oração uma coordenada, não caberia aí, a conjunção subordinativa "apesar de".

Alternativa "c" –a terceira oração está erradamente colocada e não cabe aí a conjunção subordinativa concessiva "embora", pois é uma oração coordenada.

Alternativa "d" –a conjunção subordinativa concessiva "embora" está mal colocada na segunda oração, mudando o sentido do período: "ele mantém um discreto silêncio" apesar de "a conversa ser sobre política e de os boatos cruzarem os ares". No texto, o contraste não se dá em "os boatos cruzarem os ares", mas sim no fato de ele manter-se em silêncio, apesar de.

Atenção! O trecho refere-se à questão seguinte.

O poema nasce do espanto, e o espanto decorre do incompreensível. Vou contar uma história: um dia, estava vendo televisão e o telefone tocou. Mal me ergui para atendê-lo, o fêmur de uma das minhas pernas roçou o osso da bacia. Algo do tipo já acontecera antes? Com certeza. Entretanto, naquela ocasião, o atrito dos ossos me espantou. Uma ocorrência explicável, de súbito, ganhou contornos inexplicáveis. ( ) (Ferreira Gullar. Bravo, mar./2009, com adaptações).

---

129. (CESPE – Delegado de Polícia – RN/ 2008) O sentido geral do texto estaria preservado se, em lugar de "um dia, estava vendo televisão e o telefone tocou", estivesse

(A) certo dia, enquanto o telefone tocava, eu via televisão.

(B) um dia, quando o telefone tocava, eu via televisão.

(C) um dia, quando eu estava vendo televisão, o telefone tocou.

(D) um dia, o telefone tocou e eu vi televisão.

(E) eu estava vendo televisão; certo dia, o telefone tocou.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – o advérbio temporal "quando" exprime o momento e a circunstância em que o fato ocorreu e preservaria o sentido geral do texto se "Um dia, estava vendo televisão e o telefone tocou" fosse substituído por Um dia, quando eu estava vendo televisão, o telefone tocou.

Alternativa "a" –a mudança de circunstâncias e a mudança dos tempos verbais prejudicam o sentido geral do texto.

Alternativa "b" –Altera o tempo.

Alternativa "d" –o sentido geral do texto fica prejudicada, pois a colocação inversa das orações muda as circunstâncias e o tempo verbal no pretérito perfeito dá a ideia de fato consumado.

Alternativa "e" –não se justifica, aí, a pausa feita pela colocação do ponto e vírgula.

Atenção! O trecho refere-se à questão posterior.

As mudanças e transformações globais nas estruturas políticas e econômicas no mundo contemporâneo colocam em relevo as questões de identidade e as lutas pela afirmação e manutenção das identidades nacionais e étnicas. Mesmo que o passado que as identidades atuais reconstroem seja, sempre, apenas imaginado, ele proporciona alguma certeza em um clima que é de mudança, fluidez e crescente incerteza. ( )

Tomaz Tadeu da Silva (Org.). Stuart. Hall e Kathryn Woodward. Identidade e diferença – A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 24-5, com adaptações).

130. (CESPE – Delegado de Polícia – PB/ 2008) Preservam-se a correção gramatical do texto e a coerência de sua argumentação ao se substituir, no início do segundo período, o conectivo "Mesmo que" por

(A) Sendo que.

(B) Ainda que.

(C) Apesar de.

(D) Embora.

(E) Visto que.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Ainda que – A substituição do conectivo *mesmo que* por *ainda que* não altera a correção gramatical do texto nem a coerência de sua argumentação, pois ambos exercem função subordinativa concessiva, ligando a ideia do segundo período à ideia do primeiro período.

Alternativa "a" –Sendo que – conectivo indicando consequência; altera tanto a correção gramatical do texto quanto a coerência da argumentação.

Alternativa "c" –Apesar de – prejudica a correção gramatical comprometendo a forma verbal "seja". Com o conectivo apesar de a forma verbal iria para "ser".

Alternativa "d" –*Embora* indica concessão, mas não haveria correção gramatical.

Alternativa "e" –Visto que – locução conjuntiva subordinativa causal: muda a coerência da argumentação que é concessiva e compromete a correção gramatical, pois a forma verbal "seja" fica incorreta: Visto que ....é.

Atenção! O texto refere-se à questão posterior.

As mudanças na economia global têm produzido uma dispersão das demandas ao redor do mundo. Isso ocorre não apenas em termos de bens e serviços, mas também de mercados de trabalho. A migração dos trabalhadores não é, obviamente, nova, mas a globalização está estreitamente associada à aceleração da migração. E a migração produz identidades plurais, mas também identidades contestadas, em um processo que é caracterizado por grandes desigualdades em termos de desenvolvimento. Nesse processo, o fator de expulsão dos países pobres é mais forte que o fator de atração das sociedades pós-industriais e tecnologicamente avançadas. (Tomaz Tadeu da Silva (Org.). Stuart. Hall e Kathryn Woodward. Identidade e diferença – A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 24-5, com adaptações).

131. (CESPE – Delegado de Polícia – PB/2008) Assinale a opção correspondente à relação de causa e efeito que se depreende da argumentação do texto.

(A) A migração dos trabalhadores tem como causa a aceleração dos movimentos de globalização.

(B) A formação de identidades plurais provoca mais resistência dos trabalhadores às mudanças na economia global.

(C) A migração gera desigualdade de desenvolvimento e confronto entre países pobres e ricos.

(D) A dispersão das demandas ao redor do mundo acelera a migração e a constituição de identidades plurais.

(E) A atração que sociedades tecnologicamente avançadas exercem sobre os migrantes acarreta a expulsão de trabalhadores dos países pobres.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta. A desordenada procura por outros países produz no mundo todo grande variação de identidades,pois pessoas das mais diversas origens se deslocam em busca de trabalho ou de mudança de vida, acelerando, assim, a migração constituída de identidades plurais.

Alternativa "a" –Não é a globalização que ocasiona a migração dos trabalhadores e, sim a aceleração da migração é que fortalece os movimentos da globalização.

Alternativa "b" –os trabalhadores se deslocam de seus países (geralmente os mais pobres), atraídos para países mais desenvolvidos, onde ocorrem mudanças da economia global, e, a pobreza mais o instinto de sobrevivência são mais fortes que a atração pelo avanço da economia em países mais desenvolvidos que o país de sua origem.

Alternativa "c" –A desigualdade de desenvolvimento e o confronto entre países pobres e ricos é que geradores da migração.

Alternativa "e" –"... o fator de expulsão dos países pobres é mais forte que o fator de atração" que as sociedades tecnologicamente avançadas exercem sobre os migrantes, Esse fator mais forte é a desigualdade social, o que ocasiona a busca por melhores condições de vida.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...)

Segundo o juiz, as medidas que tomou são previstas pela Lei de Execução Penal e objetivam acabar com a violação dos direitos humanos da população carcerária e "abrir o debate a respeito da regionalização dos presídios". Ele alega que muitos presos das penitenciárias da região são de famílias pobres da Grande São Paulo, que não dispõem de condições financeiras para visitá-los semanalmente, o que prejudica o trabalho de reeducação e de ressocialização.

Sua sentença foi muito elogiada. Contudo, o governo estadual anunciou que irá recorrer ao Tribunal de Justiça, sob a alegação de que, se os estabelecimentos penais não puderem receber mais presos, os juízes das varas de execuções não poderão julgar réus acusados de crimes violentos, como homicídio, latrocínio, sequestro ou estupro. ( ) (Estado de S. Paulo, 13/1/2008, p. A3, com adaptações)

132. (CESPE – Delegado de Polícia – AC/2008) O emprego da conjunção "Contudo" estabelece uma relação de causa e efeito entre as orações.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A conjunção *contudo* estabelece uma relação adversativa entre as orações, ligando ideias em contraste: sua sentença foi muito elogiada x o governo estadual anunciou que irá recorrer ao tribunal de justiça.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

Falara com voz sincera, exaltando a beleza da paisagem e revelando que, se dependesse só dele, passaria o resto da vida ali, morreria na varanda, abraçado à visão do rio e da floresta. Era isso o que mais queria, se Alícia estivesse ao seu lado.

Agora, ao vê-lo assim, suado e nervoso, mudando de lugar o tempo todo e murmurando palavras que me escapavam, temia que me abordasse para conversar sobre o filho. ( ) (Milton Hatoum. Cinzas do Norte. São Paulo: Companhia da Letras, 2005, p. 86-7.

133. (CESPE – Delegado de Polícia – AC/ 2008) As orações "se dependesse só dele" e "se Alícia estivesse ao seu lado" estabelecem circunstância de condição em relação às orações às quais se subordinam.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Se dependesse só dele = oração subordinada adverbial condicional: a conjunção subordinativa *se* estabelece circunstância de condição em relação às orações subsequentes: passaria o resto da vida ali / morreria na varanda abraçado à visão do rio e da floresta.

- Se Alícia estivesse ao lado = oração subordinada adverbial condicional: a conjunção *se* estabelece circunstância de condição em relação às anteriores: Era isso / o que mais queria.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...)

Agora, ao vê-lo assim, suado e nervoso, mudando de lugar o tempo todo e murmurando palavras que me escapavam, temia que me abordasse para conversar sobre o filho. Não parecia estar no iate, e sim em sua casa, em Manaus: sentado, pernas e pés juntos, tronco ereto, a cabeça oscilando, como se fizesse um não em câmera lenta. Despertava como quem leva um susto, ia lavar o rosto e retomava sua ronda, que me deixava mareado. Eu esperava o fim da tarde com ansiedade; mal escurecia, entrava no camarote para ler, mas ficava pensando nos dois: Mundo e seu pai. Quando não conseguia dormir, subia ao convés e via o vulto sentado na popa, o focinho de Fogo no colo; Jano não se voltava. (Milton Hatoum. Cinzas do Norte. São Paulo: Companhia da Letras, 2005, p. 86-7.

134. (CESPE – Delegado de Polícia – AC/ 2008) A oração "como se fizesse um não em câmera lenta" expressa uma comparação estabelecida pelo narrador.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Na oração citada há uma comparação estabelecida pelo narrador e é explicada pela conjunção comparativa como que a inicia.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

Na sociedade moderna, ao inverso das anteriores, não há fronteiras, não há exterioridade. Todos os conflitos são resolvidos ou são passíveis de soluções internas. Com 4 o surgimento do espaço da igualdade e do Estado-nação, foram implementados mecanismos internos de resolução de conflitos. O sistema capitalista, na medida em que se implantou, por sua vocação natural à mundialização, dirimiu a noção de exterioridade. Quando os escravos rebelavam-se no Brasil colônia, só havia uma possibilidade de vitória: a criação de quilombos, as organizações exteriores à sociedade colonial-escravagista. ( ) (Elimar Pinheiro do Nascimento. In: No meio da rua – nômades, excluídos e viradores. Marcel Bursztyn (Org.). Rio de Janeiro: Garamond, 2000, p. 122-3, com adaptações).

135. (CESPE – Delegado de Polícia – TO/2008) A expressão "por sua vocação natural à mundialização", que exprime causa, poderia corretamente ser substituída por devido sua aptidão à globalização.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A expressão *por sua vocação* exprime causa = por causa de sua tendência à mundialização. A expressão *devido sua aptidão* é consequência = de sua aptidão (habilidade).

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do texto, julgue o item a seguir.

(...)

Cria-se, dessa forma, um paradoxo na sociedade moderna, pois o excluído sempre está dentro, na medida em que não existe mais o estar fora. Sempre está envolvido no processo de produção-consumo. Sempre ocupa um desses lugares, senão os dois. Os catadores de papel ou lixo em geral, por exemplo, estão inseridos no processo produtivo, ocupando a base de uma hierarquia de negócios, cujo ápice é ocupado por indivíduos ricos que se apropriam dos valores produzidos na base. ( ) Elimar Pinheiro do Nascimento. In: No meio da (rua – nômades, excluídos e viradores. Marcel Bursztyn (Org.). Rio de Janeiro: Garamond, 2000, p. 122-3, com adaptações).

136. (CESPE – Delegado de Polícia – TO/ 2008) Sem prejuízo para a coerência textual, a locução "na medida em que" poderia ser substituída por *visto que*.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – *Na medida em que* e *visto que* indicam causa: por que o excluído sempre está dentro? Porque não existe mais o estar fora.

▶ **Dica** – À medida que: proporcionalidade.

Com referência às ideias e às estruturas linguísticas do trech, julgue o item a seguir.

Hoje o sistema isola, atomiza o indivíduo. Por isso seria importante pensar as novas formas de comunicação. Mas o sistema também nega o indivíduo. Na economia, por exemplo, mudam-se os

valores de uso concreto e qualitativo para os valores de troca geral e quantitativa. Na filosofia aparece o sujeito geral, não o indivíduo. Então, a diferença é uma forma de crítica. Afirmar o indivíduo, não no sentido neoliberal e egoísta, mas no sentido dessa ideia da diferença é um argumento crítico. (...) (MiroslavMilovic. Comunidade da diferença. Relume-Dumará, p. 131-2, com adaptações).

137. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STF/2008) O conectivo "Então" estabelece uma relação de tempo entre as ideias expressas em duas orações.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Aqui, ***então*** está significando, *sendo assim, dessa forma.*

Atenção! Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.

(...) Significa aceitarmos que há algo muito precário na condição humana. Parte pelo menos dessa precariedade ou indeterminação alguns chamarão liberdade. Porém nem mesmo a liberdade é tão valorizada quanto se imagina. Ela implica responsabilidades. (...) (Roberto Janine Ribeiro. A cultura ameaçada pela natureza. Pesquisa Fapesp Especial, p. 40, com adaptações).

138. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STF/2008) Dadas as relações de sentido do texto, os dois últimos períodos do primeiro parágrafo poderiam ser ligados pelo termo "porque". Nesse caso, o ponto final que encerra o primeiro desses períodos deveria ser retirado e o termo "Ela" deveria ser escrito com letra minúscula.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Passaria a ser um só período composto com uma oração subordinada. Não caberia maiúscula então.

Em relação às ideias e às estruturas linguísticas do trecho, julgue o item a seguir.

Se a perspectiva do político é a perspectiva de como o poder se constitui e se exerce em uma sociedade, como se distribui, se difunde, se dissemina, mas também se oculta, se dissimula em seus diferentes modos de operar, então é fundamental uma análise do discurso que nos permita rastreá-lo. (...) (Danilo Marcondes. Filosofia, linguagem e comunicação. São Paulo: Cortez, 2000, p. 147-8, com adaptações).

139. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2008) A vírgula logo depois de "operar" indica que a relação entre as ideias expressas no período iniciado por "então é fundamental" e as ideias expressas no período anterior seria mantida se a palavra "então" fosse substituída por posto que.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O advérbio "então" (*neste caso, sendo assim*), não pode ser substituído por "posto que" (*embora, se bem que*).

Trecho para a próxima questão.

O mundo do trabalho tem mudado numa velocidade vertiginosa e, se os empregos diminuem, isso não quer dizer que o trabalho também. (...) (Revista do Provão, n.° 4, 1999, p. 13, com adaptações).

140. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2008) A conjunção "se" introduz uma condição para que o trabalho diminua.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A conjunção introduz uma condição de os empregos diminuírem. Note: isso não quer dizer que o trabalho também diminuirá.

Trecho para a próxima questão.

(...) O capital, podendo optar por um investimento de porte em automação, em informática e em tecnologia de ponta, cada vez mais barata e acessível, não mais teria seu funcionamento embasado (...) (Gilberto Lacerda Santos. Formação para o trabalho e alfabetização informática. In: Linhas Críticas, v. 6, n.° 11, jul/dez, 2000, com adaptações).

141. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2008) O valor de adjetivo do gerúndio em "podendo optar" fica preservado se essa ora-

ção reduzida for substituída pela subordinada adjetiva correspondente: que pode optar. Essa substituição manteria a coerência e a correção gramatical do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A oração reduzida, como possui verbo no infinitivo, gerúndio ou particípio, aceita transformação em oração subordinada desenvolvida.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...)

Essas entradas permaneceram limitadas, subindo os rios apenas parcialmente, mas inauguraram uma série de explorações da região durante as décadas de 50 e 60 do século XIX. Entre essas expedições, destaca-se a viagem, a mando da Royal Geographical Society de Londres, do geógrafo inglês William Chandless, que subiu o Purus em 1864/65 e o Juruá em 1867. Todavia, a historiografia regional consagrou os nomes de Manoel Urbano, explorador 19 do Purus em 1858, e de João da Cunha Corrêa, que percorreu o Juruá em 1861, como os primeiros "desbravadores" e "descobridores" das terras acreanas. (José Pimenta. Internet: ambienteacreano.blogspot.com, com adaptações).

142. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Rio Branco – AC/2007) O termo "Todavia" pode, sem prejuízo para a correção gramatical e para as informações originais do período, ser substituído por qualquer um dos seguintes: Porém, Contudo, Entretanto, No entanto, Porquanto, Conquanto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Sendo o termo **todavia** uma conjunção adversativa, dentre as conjunções propostas aqui há uma que **não** se enquadra às demais: **porquanto** é uma conjunção explicativa e não cabe na substituição do termo *Todavia*, sem prejuízo da correção gramatical e das informações originais do período. As demais conjunções inseridas na proposição são cabíveis, pois são adversativas.

143. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TSE/2006)

O terreno da ética é o próprio chão onde estão fincadas as bases de uma sociedade. Essa construção é feita todos os dias. Há algo de imaterial em todos os edifícios políticos. Eles não estão aí por obra divina. Precisam ser reforçados permanentemente, por meio de atos significativos em que as pessoas reconheçam o interesse público. É isso que mantém a ordem pública, e não somente, nem, sobretudo, a força policial. Se as pessoas deixam de acreditar em uma ética subjacente ao dia-a-dia em um código de conduta que rege a ação dos políticos, pode-se prever que todo o edifício da sociedade estará ameaçado. (O Globo, 30/11/2006, p. 6, com adaptações).

Acerca das relações lógico-sintáticas textuais, as opções seguintes apresentam propostas de associação, mediante o emprego de conjunção, entre períodos sintáticos do texto acima. Assinale a opção que apresenta proposta de associação **incorreta**.

	Período	Conjunção	Período
a)	primeiro	e	segundo
b)	terceiro	entretanto	quarto
c)	quarto	conquanto	quinto
d)	quinto	já que	sexto

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – **Conquanto** significa "por mais que" ou "embora" e se empregada a conjunção, deturparia significativamente o sentido do texto = concessão.

Alternativa "a" – A conjunção "e" se emprega muito bem na ligação dos dois primeiros períodos.

Alternativa "b" – Entre o terceiro e o quarto períodos "entretanto" mantém o teor da mensagem: adversidade (oposição).

Alternativa "d" – Já entre o quinto e sexto períodos "já que" faz a conjunção perfeitamente: causa.

▶ **Dica** – Caso seja necessário, leia a lista no final do capítulo – em período composto.

Atenção! A respeito da organização do trecho abaixo, julgue a questão.

[...] O patrimônio linguístico de um país é um dos seus maiores bens, além de seu maior legado às gerações futuras, pois, com a transmissão dos idiomas, transferem-se milhares de características, fatores e costumes especiais e únicos. Por consequência, a morte de um idioma implica perda imensurável a um país e, inclusive, à humanidade, [...]

Portanto, a manutenção de um idioma é um fator importantíssimo para a identidade de um povo,

por constituir um dos seus principais suportes culturais, além de ser uma expressão preservadora de sua dignidade e orgulho. Daí a necessidade de conhecermos nosso riquíssimo patrimônio linguístico, (...) (Antônio Silveira. R. dos Santos. Patrimônio linguístico: importância e proteção. In: Correio Braziliense, Direito e Justiça, 5/7/2004, p. 3, com adaptações).

144. (CESPE – Defensor Público – DPU/ 2004) Os conectivos "Por consequência" e "Daí" desempenham, no texto, a mesma função sintático-semântica de introduzir orações que expressam consequência das ideias anteriores; por isso, admitem substituição por Consequentemente, sem que sejam desrespeitadas as regras do padrão culto da língua.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Introduzir orações que expressam consequência das ideias anteriores é função das conjunções subordinativas adverbiais consecutivas. São elas: de sorte que, de modo que, sem que (= que não), de forma que, de jeito que, que (tendo como antecedente na oração principal uma palavra como tal, tão, cada, tanto, tamanho). Ao substituirmos "por consequência" e "daí" pelo advérbio "consequentemente" alteraremos o sentido do texto.

Atenção! A respeito da organização do trecho, julgue a questão.

[...] Daí a necessidade de conhecermos nosso riquíssimo patrimônio linguístico, conscientizarmo-nos de sua importância e da necessidade de protegê-lo... (Antônio Silveira. R. dos Santos. Patrimônio linguístico: importância e proteção. In: Correio Braziliense, Direito e Justiça, 5/7/2004, p. 3, com adaptações).

145. (CESPE – Defensor Público – DPU/ 2004) O emprego do modo infinitivo em "conscientizarmo-nos" indica que a oração serve de complemento a "necessidade".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Anulada – A banca explica o porquê: "Anulado em decorrência de erro na indicação do número da linha em que o elemento ao qual se refere o infinitivo – "necessidade" (linha 23) – ocorre, o que prejudicou a sua análise." Analisemos: Daí a necessidade disto = de conhecermos nosso (...). A oração completa o substantivo **necessidade** e não possui conjunção. Classifica-se como: oração subordinada substantiva completiva nominal reduzida de infinitivo. A *oração conscientizarmo-nos de sua importância* completa, também, o substantivo **necessidade**, ou seja, a questão estaria **certa.**

Atenção! Julgue a questão a respeito das ideias do texto.

Por definição, vida intelectual e recusa a assumir ideias não combinam. Esse, aliás, é um traço distintivo entre os verdadeiros intelectuais e aqueles letrados que não precisam, não podem ou não querem mostrar, à luz do dia, o que pensam.

Por isso, a atividade intelectual jamais é cômoda (...) (Milton Santos. O intelectual anônimo. In: Correio Braziliense, 3/6/2001, p. 14, com adaptações).

146. (CESPE – Defensor Público – DPU/ 2001) O emprego do conectivo "Por isso", ligando as ideias do segundo parágrafo ao primeiro, indica que o fato de a atividade intelectual não ser cômoda tem como causa a necessidade de "assumir ideias".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Analisando a atividade intelectual sob o aspecto de causa e efeito, temos como consequência o desconforto, muitas vezes, gerado ao assumir e sustentar as ideias expostas que serão, neste caso, a causa do incômodo.

Atenção! Julgue a questão a respeito das ideias do texto abaixo.

... faz que a sociedade reconheça os seus portadores como porta-vozes das suas mais profundas aspirações... (Milton Santos. O intelectual anônimo. In: Correio Braziliense, 3/6/2001, p. 14, com adaptações).

147. (CESPE – Defensor Público – DPU/ 2001) Mantêm-se as mesmas relações semânticas ao deslocar a conjunção "como" para logo depois do verbo: **reconheça como os seus portadores.**

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Semântica estuda o significado e a interpretação do significado de uma palavra, de um signo, de uma frase ou de uma expressão em um determinado contexto.

Vamos à análise:

- "A exigência de inconformismo faz (algo) que a sociedade reconheça (quem?) os seus portadores (como o quê?) como porta-vozes das suas mais profundas aspirações e como arautos do futuro."

As relações semânticas do trecho acima, nos levam a interpretar que a sociedade reconhece os portadores do inconformismo como seus porta-vozes e também os reconhece como arautos do futuro.

- A exigência de inconformismo faz (algo) que a sociedade reconheça como os seus portadores porta-vozes das suas mais profundas aspirações e como arautos do futuro.

Já nessa construção, as relações semânticas sofrem alteração à medida que nos levam à conclusão que a sociedade reconhece seus porta-vozes como inconformistas.

2.3. FGV

148. (FGV – 2015) "Com isso, o custo de manter a família cresce e cria a necessidade de a mulher ter fonte de renda para o sustento da casa."

O segmento "para o sustento da casa" pode ser adequadamente substituído pela seguinte oração desenvolvida:

(A) para sustentar a casa.

(B) para que sustente a casa.

(C) para que a casa fosse sustentada.

(D) para a casa ser sustentada.

(E) para que sustentem a casa.

COMENTÁRIOS

GABARITO: B

Transportar a oração reduzida (sem conjunção) para oração com conjunção (desenvolvida): cria a necessidade de a mulher ter fonte de renda para que sustente a casa = oração subordinada adverbial final (para quê?).

(A) Sem conjunção = oração reduzida.

(C) A oração foi transposta para a voz passiva.

(D) Sem conjunção = oração reduzida.

(E) Erro de concordância: o verbo deve concordar com o sujeito simples e singular "a mulher".

Trecho para a questão.

A sociedade moderna, com o corre-corre, a falta de tempo para o cuidado espiritual e o imediatismo fez com que as pessoas desenvolvessem com mais facilidade algumas doenças psicossomáticas. O pânico e a depressão são duas delas, assim como a normose. A última é uma "prima" menos conhecida e, por isso mesmo, menos identificada, segundo especialistas. (...)

149. (FGV 2015) "O pânico e a depressão são duas delas, assim como a normose"; em relação ao período anterior, esse segundo período do texto funciona como:

(A) explicação;

(B) exemplificação;

(C) comparação;

(D) conclusão;

(E) modalização.

COMENTÁRIOS

GABARITO: B

Exemplificação, ou seja, através de exemplos, pois cita duas doenças psicossomáticas: o pânico e a depressão.

(A) Não desenvolve, não faz compreender.

(C) Não compara.

(D) Não conclui.

(E) Não há modalização. Significado: fenômeno discursivo em que um sujeito falante se coloca como fonte de referências pessoais, temporais, espaciais, e, ao mesmo tempo, toma uma atitude em relação ao que diz ou ao seu coenunciador. Ela pode ser evidenciada nas manifestações escritas e orais da linguagem, nos mais variados contextos.

150. (FGV 2015) "A sociedade moderna, com o corre-corre, a falta de tempo para o cuidado espiritual e o imediatismo fez com que as pessoas desenvolvessem com mais facilidade algumas doenças psicossomáticas. O pânico e a depressão são duas delas, assim como a normose. A última é uma "prima" menos conhecida e, por isso mesmo, menos identificada, segundo especialistas". O conectivo sublinhado que tem seu valor semântico corretamente indicado é:

(A) para / direção;

(B) com / companhia;

(C) assim como / exemplificação;

(D) por isso / conclusão;

(E) segundo / conformidade.

COMENTÁRIOS

GABARITO: E

Segundo = conforme (regra).

a) Finalidade

b) Modo

c) Adição

d) Consequência – sentido de "por consequência", "dessa forma".

---

151. (FGV 2015) "A vida hoje está tão moderna, tão moderna, que todos nós nascemos atrasados tecnologicamente". (Nouailles) A segunda oração desse pensamento tem valor de:

(A) consequência;

(B) modo;

(C) comparação;

(D) causa;

(E) concessão.

COMENTÁRIOS

GABARITO: A

A vida hoje está tão moderna, tão moderna, **de modo que** todos nós nascemos atrasados tecnologicamente.

Está clara a ideia de causa e consequência.

(B) Não indica modo.

(C) Mais usadas em provas: **tão... como** (quanto), **mais** (do) **que, menos** (do) **que.**

(D) Mais usadas em provas: porque, **como** (sempre introduzido na oração anteposta à oração principal), **pois, pois que, já que, uma vez que, visto que.**

(E) Mais usadas em provas: embora, **conquanto** e as locuções **ainda que, ainda quando, mesmo que, se bem que, posto que, apesar de que.**

---

152. (FGV – 2014)

"Quando surgiu e se popularizou o automóvel anunciou-se uma utopia possível".

Nesse segmento do texto, a conjunção e une

(A) duas ações simultâneas.

(B) duas ações de mesmo sentido.

(C) duas ações que se contrariam.

(D) duas ações que mostram causa/consequência.

(E) duas ações que se seguem.

COMENTÁRIOS

GABARITO: E

- Existe, claramente, relação de **adição, de soma**: surgiu **e** se popularizou. Se adicionam, são ações que se seguem.

Alternativa "a" – Para serem simultâneas, indicariam proporcionalidade: à medida que.

▶ **Dica: na medida em que** indica causa. Cuidado para não confundir.

Alternativa "b" – Não possuem o mesmo sentido, nesse caso, seria aposto.

Alternativa "c" – Para contrariar, teríamos concessão (embora, apesar de) ou adversidade (mas, porém, contudo etc.).

Alternativa "d" – Para mostrar causa / consequência, teríamos de fazer a pergunta **por quê?** e a conjunção que liga as orações deveria ser causal (**já que**, por exemplo).

---

153. (FGV 2013) *"Embora, por óbvio, o homem ainda seja vítima...".*

O conectivo que **não** substitui adequadamente o sublinhado, por alterar o sentido da frase, é

(A) *"Apesar de, por óbvio, o homem ainda ser vítima..."*

(B) *"Ainda que, por óbvio, o homem ainda seja vítima..."*

(C) *"Não obstante, por óbvio, o homem ainda ser vítima..."*

(D) *"Mesmo que, por óbvio, o homem ainda seja vítima..."*

(E) *"Sem que, por óbvio, ainda seja vítima..."*

COMENTÁRIOS

Questão de período composto (conjunção subordinada adverbial).

GABARITO: E

- **Embora** é uma conjunção subordinada concessiva e indica ideias opostas; **sem que** pode indicar exclusão, condição ou causa. Nunca indicará concessão.

▶ **Dica:**

Conjunções subordinadas adverbiais concessivas mais exigidas em concursos: **embora, ainda que, apesar de que, se bem que, mesmo que, por mais que, posto que, não obstante, conquanto,** etc.

Perceba, agora, que em todas as alternativas as conjunções indicam oposição.

Alternativa "a" – *Apesar de* = concessão.

Alternativa "b" –*Ainda que* = concessão.

Alternativa "c" –*Não obstante* = concessão.

Alternativa "d" –*Mesmo que* = concessão.

---

154. (FGV 2013)

"A legítima busca do homem por descobertas que o desassombrem do fantasma de doenças que podem ser combatidas com remédio e, em última instância, pelo aumento da expectativa de vida está na base da discussão sobre o emprego de animais em experimentos científicos".

Nesse período, quanto à sua estruturação sintática, é correto afirmar que

(A) é composto por cinco orações.

(B) é composto por três orações.

(C) é composto por orações coordenadas e subordinadas.

(D) o período apresenta uma oração reduzida de infinitivo.

(E) a primeira oração do período apresenta elipse de verbo.

COMENTÁRIOS

Questão de período composto. Em toda oração, é necessário haver verbo, assim sendo, basta dividi-las.

GABARITO: B

Primeira oração: *A legítima busca do homem por descobertas pelo aumento da expectativa de vida está na base da discussão sobre o emprego de animais em experimentos científicos* = oração principal.

Segunda oração: *que o desassombrem do fantasma de doenças* = **as quais**: oração subordinada adjetiva restritiva.

Terceira oração: *que podem ser combatidas com remédio e, em última instância* = **as quais**: oração subordinada adjetiva restritiva.

---

155. (FGV 2013) *"Estas iniciativas ainda estão concentradas no monitoramento, alerta e respostas aos desastres. Faltam políticas integradas para redução de riscos".*

Com relação aos dois períodos desse segmento do texto, o segundo deles, em relação ao primeiro, indica

(A) uma retificação.

(B) uma explicação.

(C) uma consequência.

(D) uma conclusão.

(E) uma concessão.

COMENTÁRIOS

GABARITO: B

- Para haver relação de explicação ou causa, faz-se a pergunta **por quê?** ou pode ser inserida a conjunção **porque**. É exatamente o que ocorre entre os dois períodos:

Por que *estas iniciativas ainda estão concentradas no monitoramento, alerta e respostas aos desastres?*

Porque *faltam políticas integradas para redução de riscos.*

Alternativa "a" – Retificação não há, já que não corrigi.

Alternativa "c" – Para indicar consequência, poder-se-ia encaixar a locução **de modo que**. Não é o caso.

Alternativa "d" – Para ser conclusão, caberia a conjunção **logo**.

Alternativa "e" – Concessão é oposição. Conjunções mais usadas em concursos: **embora** e **apesar de**.

---

156. (FGV 2013)

"Os estudos sobre tabagismo normalmente recrutam quem deseja diminuir ou livrar-se do hábito de fumar. Neste caso, os pesquisadores optaram por outro método: buscaram voluntários interessados em diminuir o estresse e melhorar o desempenho nas atividades diárias".

Em função da significação dos elementos do texto, o conectivo que poderia ser empregado em lugar do ponto que separa os dois períodos desse segmento é

(A) entretanto.

(B) do mesmo modo.

(C) quando.

(D) ou.

(E) portanto.

COMENTÁRIOS

GABARITO: A

- Os estudos recrutam (alistam), **mas** os pesquisadores optaram por outro método. A ideia entre os dois períodos é de oposição e a única conjunção possível, na questão, é **entretanto**.

▶ **Dica:** de conjunções adversativas: **mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante.**

Alternativa "b" – **do mesmo modo** significa *da mesma maneira*, assim, com igualdade, com tal característica, da mesma forma, da mesma maneira, de modo igual etc.

Alternativa "c" – quando indica tempo.

Alternativa "d" – ou indica alternância ou adição.

Alternativa "e" – portanto indica conclusão.

157. (FGV 2013)

"Fumantes que participaram de uma técnica de meditação denominada 'treino integrativo de corpo e mente' conseguiram reduzir a ânsia pelo cigarro e diminuíram em 60% o hábito de fumar".

Em termos de lógica, pode-se afirmar que no fragmento acima

(A) o primeiro segmento é uma consequência do segundo.

(B) o segundo segmento é uma consequência do primeiro.

(C) os dois segmentos mostram ações bastante distantes no tempo.

(D) o segundo segmento mostra uma consequência inesperada do estudo.

(E) o primeiro segmento mostra um dado aquém do esperado.

COMENTÁRIOS

GABARITO: B

- Superdica: onde há causa, há consequência e onde há consequência, há causa.

Para indicar consequência, podemos encaixar a locução **de modo que** e para indicar causa, **já que** ou **porque**.

- *conseguiram reduzir a ânsia pelo cigarro* **de modo que** *diminuíram em 60% o hábito de fumar".*

causa	consequência
	(por quê?)

Vamos complicar?

Invertendo as orações, as ideias são as mesmas.

(Fumantes) *diminuíram em 60% o hábito de* fumar, **já que** *conseguiram reduzir a ânsia pelo cigarro.*

consequência	causa
	(por quê?)

Entenda: a oração para que fazemos a pergunta **por quê?** é a consequência da oração a que perguntamos e a resposta é a causa. Viu como é fácil?

Alternativa "a" – o primeiro segmento é uma **causa** do segundo.

Alternativa "c" – não há relação com o tempo.

Alternativa "d" – o segundo segmento mostra uma **causa**.

Alternativa "e" – não é inesperado o dado.

158. (FGV 2013)

Assinale a alternativa em que a identificação do valor semântico do conectivo sublinhado está **incorreta**:

(A) *"A crise que o país atravessa desde a eclosão dos primeiros protestos..."* / tempo.

(B) *"A sociedade quer transporte, saúde e educação de qualidade, pois ela paga cara por isso..."* / conclusão.

(C) *"...continuam usando aviões da FAB para passear..."* / finalidade.

(D) *"...ocupando cargos de liderança ou participando de comissões no Congresso".* / alternância.

(E) *"...já que não há discurso ou propaganda que camufle a corrosão do poder de compra..."* / causa.

COMENTÁRIOS

GABARITO: B

- Pode ser substituído por **porque** e indica **explicação**.

DICA – QUESTÃO FUTURA

O vocábulo "POIS" pode ser classificado como:

1. **conjunção coordenativa** = utilizada para unir orações ou períodos que possuem as mesmas características sintáticas e podem significar:

1.1 **conjunção explicativa**: porque, visto que, já que: leve um guarda-chuva, pois o tempo está fechado.

1.2 **conjunção conclusiva**: então, portanto, logo, nesse caso: depois de suas considerações acerca do tema, concluímos, pois, que a vida é efêmera.

1.3 **conjunção adversativa**: mas, porém, no entanto: Você conseguiu estudar para a prova? Pois eu não consegui.

2. **Advérbio:** que aparece antes de uma pergunta, sendo que os termos podem estar implícitos ou não, dependendo do contexto; realmente, de fato, por certo: você me ligou, pois não? (pois não ligou?); pois, você me ligou?

Alternativa "a" – *"A crise que o país atravessa desde a eclosão dos primeiros protestos..."* = desde quando? Tempo.

Alternativa "c" – *"...continuam usando aviões da FAB para passear..."* = para quê? Finalidade.

Alternativa "d" – *"...ocupando cargos de liderança ou participando de comissões no Congresso"* = Alternância: ou um, ou outro.

Alternativa "e" – *"...já que não há discurso ou propaganda que camufle a corrosão do poder de compra..."* = por quê? Causa.

Texto 1

Refundar as polícias

No Rio de Janeiro ninguém está satisfeito com as polícias, tanto Civil quanto Militar. Nem a sociedade, nem os próprios oficiais. Porém, as forças fluminenses não são as únicas em estado adiantado de degradação: suas deficiências apenas se tornaram mais visíveis.

Em quase todo o país as avaliações sobre essas corporações são negativas. Os baixos salários são o problema central e têm como consequência direta a necessidade de "bicos" para completar o orçamento familiar.

Nesse cenário, nada mais natural que a maioria dos policiais procure uma vaga na segurança privada. A lei proíbe, mas o bolso manda. E como não há fiscalização de fato para conter a jornada dupla, fica mais fácil burlar a regra – a responsabilidade sobre a segurança privada é da Polícia Federal, mas faltam agentes e sobram missões. (....) (Luiz Eduardo Soares, Le Monde Diplomatique, janeiro 2009)

---

159. (FGV – Oficial de Cartório – RJ/2009) O segundo parágrafo do texto estabelece uma relação entre uma causa – os baixos salários – e uma consequência – a necessidade de "bicos"; o item abaixo em que há uma relação correta entre causa e consequência dentro do que é expresso no texto é:

(A) a degradação das polícias fluminenses traz como consequência a degradação das polícias dos demais estados.

(B) as avaliações negativas das polícias civil e militar trazem como consequência os baixos salários dessas corporações.

(C) a necessidade de "bicos" para completar o orçamento familiar traz como consequência a maior facilidade de burlar a regra.

(D) o fato de burlar a regra da dupla jornada traz como consequência a reduzida fiscalização desse fato pelas autoridades competentes.

(E) a intervenção das secretarias para aumentar os salários dos policiais traria como consequência a implosão das contas públicas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – O aumento dos salários = causa; implosão das contas públicas = consequência. As orações estão subordinadas numa relação de causa e consequência através da conjunção como = e com isto, por causa disso...

Alternativa "a" – Essa consequência não estabelece relação de causa com o segundo parágrafo do texto.

Alternativa "b" – Houve, aí, uma inversão: o que é dado como consequência seria a causa – então: os baixos salários dessas corporações (causa); as avaliações negativas... (consequência).

Alternativa "c" – Não; a falta de fiscalização (responsabilidade da polícia federal) na segurança privada (informal e ilegal) é que facilita o "gato – orçamentário" = bico.

Alternativa "d" – A consequência apontada no item é que é a causa e traz o fato de se burlar a regra que é a consequência.

---

160. (FGV – Oficial de Cartório – RJ/2009) "Se interviessem, implodiriam as contas públicas,...";; uma outra forma de escrever-se essa mesma frase que altera o seu significado original é:

(A) Caso interviessem, as contas públicas seriam implodidas.

(B) Implodiriam as contas públicas, se interviessem.

(C) As contas públicas seriam implodidas, caso interviessem.

(D) Ainda que interviessem, implodiriam as contas públicas.

(E) Em caso de intervenção, implodiriam as contas públicas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – A troca da conjunção subordinativa adverbial no início da frase altera o significado: SE propõe uma hipótese, uma condição para o que se expressa na segunda oração – se interviessem... = nessa condição (hipótese) realizar-se-ia a ação da segunda oração; na alternativa proposta: altera o sentido original, pois ainda que propõe uma ideia contrária: ainda que – conjunção concessiva.

Alternativa "a" – Caso: a conjunção subordinativa adverbial mantém a condição proposta na frase original – caso = se = condição.

Alternativa "b" – Embora haja deslocamento das orações a condição continua e não altera o sentido original da frase.

Alternativa "c" – Continua a ideia condicional mantida pela conjunção *caso*.

Alternativa "e" – Locução condicional: preserva o significado da frase original.

Trecho para a próxima questão.

Filme antigo

Cerradas as cortinas do Fórum Social Mundial, algumas evidências saltaram do palco armado em Belém para o desfile de líderes de movimentos que supostamente buscam alternativas sociais e econômicas às políticas arquitetadas em Davos. A mais cristalina foi a disparidade de reivindicações de um encontro convocado para discutir os agravos ao meio ambiente da Amazônia. Num clima em que cada movimento representado no encontro procurou puxar para sua agenda o mote das discussões, abordou-se de tudo – da liberação da maconha à defesa do sexo livre, numa pauta que atendia a todo o leque ideológico reunido no Pará.

No entanto, o tema central do encontro – o desmatamento de uma região que perde um Rio de Janeiro por mês de floresta – foi o que menos parece ter mobilizado os 15 participantes. Não sem motivo: o tópico há de ter criado embaraços para um dos organizadores e uma das estrelas de maior grandeza do Fórum, o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra, que faz vista grossa para a preocupante e indefensável realidade de que cerca de 30% da área desmatada da Amazônia é ocupada por assentamentos alinhados com a política de ocupação defendida pelo MST. (...) (O Globo, 8/02/2009)

161. (FGV – Oficial de Cartório – RJ/2009) No início do segundo parágrafo do texto aparece o conectivo "no entanto", que pode ser substituído, mantendo-se o sentido original, por:

(A) ainda que.

(B) entretanto.

(C) portanto.

(D) visto que.

(E) pois.

COMENTÁRIO

Alternativa "b": correta – Conjunções adversativas indicam oposição: mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante.

Alternativa "a" – concessiva.

Alternativa "c" – conclusiva.

Alternativa "d" – causal.

Alternativa "e" – explicativa ou conclusiva.

2.4. MPE

162. (MPE – MS – Promotor de Justiça – MS/2013) Correlacione as orações subordinadas adverbiais abaixo com suas respectivas classificações:

I. Tantos problemas havia, que ela desistiu do projeto.

II. Quanto mais alto é o cargo, maior é a responsabilidade.

III. Conquanto houvesse barulho, ouvia-se bem a sua voz.

IV. Os portões abriram-se para que todos entrassem.

V. Quando acabou o debate, houve a votação.

( ) Concessiva

( ) Consecutiva

( ) Final

( ) Temporal

( ) Proporcional

A sequência correta é:

(A) I, II, IV, V, III

(B) IV, II, III, V, I

(C) II, I, IV, III, V

(D) IV, I, V, III, II

(E) III, I, IV, V, II

COMENTÁRIO

Alternativa "e": correta

III. Conquanto houvesse barulho, ouvia-se bem a sua voz. (concessiva) g *(ouvia-se bem a sua voz, embora houvesse barulho)*

A ideia é que havendo barulho, nada seria ouvido. E, se foi algo foi ouvido, houve uma g concessão.

I. Tantos problemas havia, que ela desistiu do projeto. (consecutiva) g *(ela desistiu do projeto porque havia muitos problemas)*

IV. Os portões abriram-se para que todos entrassem. (final) g *(os portões se abriram para que finalidade? Para que todos entrassem)*

V. Quando acabou o debate, houve a votação. (temporal) g *(a votação ocorreu quando / em que tempo? Ocorreu quando o debate acabou.)*

II. Quanto mais alto é o cargo, maior é a responsabilidade. (proporcional) g *(quanto mais....maior é / quanto menos....menor é)*

163. (MPE – MS – Promotor de Justiça – MS/2013) Assinale a oração na qual a palavra "quê" aparece como conjunção integrante:

(A) Irei até aí, que preciso falar-te.

(B) Desejo que este ensino lhe seja proveitoso.

(C) Temos que agir sempre.

(D) Ficamos como que extasiados.

(E) Que limitada é a inteligência do homem!

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Conjunção integrante = Indica que a oração subordinada por ela introduzida completa ou integra o sentido da oração principal. Introduz orações que equivalem a substantivos. São elas: que, se. Exemplos:

- Espero que você volte. (Espero sua volta.)
- Desejo que este ensino lhe seja proveitoso. (Desejo o proveito do ensino)

Alternativa "a" – Conjunção explicativa = liga a oração anterior a uma oração que a explica, que justifica a ideia nela contida. São elas: **que, porque, pois (antes do verbo), porquanto.**

Exemplo:

- **Irei** até aí, que (porque) preciso falar com você.

Alternativa "c" – O vocábulo "que" é preposição quando equivaler à preposição "de" em locuções verbais que tenham, como auxiliares, os verbos ter e haver. Exemplos:

- Há que vencer as dificuldades.
- Tive que estudar bastante.
- Temos que agir sempre.

Alternativa "d" – Aqui, o "que" integra e completa a locução adverbial "como que". Equivale ao advérbio "aparentemente".

Alternativa "e" – A palavra "que" é advérbio quando intensificar adjetivos ou advérbios. Nesse caso, poderá ser substituída por "quão" ou "muito". Em geral é utilizada em frases exclamativas. Exemplos:

- Que linda essa garota! (quão linda)
- Que limitada é a inteligência do homem! (muito limitada).

Atenção! Com relação aos aspectos linguísticos do texto abaixo, analise a questão.

... inauguração da casa levando em conta que a prefeitura tem de 30 a 90 dias para responder a seu pedido.[...] laudos de engenheiros para provar que cumpriu as normas de segurança. (Revista Superinteressante, março/2013, Edição 316, p. 24).

164. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) A partícula que em "que a prefeitura tem de 30 a 90 dias" e "que cumpriu as normas de segurança" é morfologicamente conjunção integrante, em ambos os períodos, e introduz oração subordinada substantiva objetiva direta.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Conjunção integrante indica que a oração subordinada por ela introduzida completa ou integra o sentido da oração principal. Introduz orações que equivalem a substantivos. A oração subordinada substantiva tem valor de **substantivo** e vem introduzida, geralmente, por conjunção integrante (que, se).

A **oração subordinada substantiva objetiva direta** exerce função de objeto direto do verbo da oração principal. Exemplo:

Todos supõem o cumprimento das normas de segurança.

Objeto Direto

Todos supõem que cumpriu as normas de segurança. (Todos supõem isso)

Oração principal Oração subordinada substantiva objetiva direta

165. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) No sintagma verbal *"Quando a experiência é positiva, a propaganda boca a boca ajuda a vender cada vez mais o produto ou serviço"*, se a conjunção destacada for substituída por sempre que, ainda assim fica estabelecida a relação de tempo contida na oração principal. (Extraído da Revista Visão Jurídica, número 82, p. 21).

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Conjunção subordinativa adverbial temporal: introduz uma oração que acrescenta uma circunstância de tempo ao fato expresso na oração principal. São elas: quando, enquanto, antes que, depois que, logo que, todas as vezes que, desde que, sempre que, assim que, agora que, mal (= assim que), etc. Exemplos:

- Quando a experiência é positiva, o cliente demonstra satisfação.
- Sempre que a experiência é positiva, o cliente demonstra satisfação.

166. (MPE – MS – Promotor de Justiça – MS/2011) As conjunções grifadas nas expressões abaixo se referem respectivamente às relações de:

I. À medida que os meses passavam, sentia-me mais preparado para o concurso de minha vida.

II. Apesar dos esforços constantes, a comunidade do bairro não logrou êxito na prefeitura para o asfalto na linha de ônibus.

III. Ainda que tenha se esforçado, não conseguiu chegar a tempo para o baile.

IV. Assim que chegar, não se esqueça de trancar a porta.

(A) consequência – concessão – concessão – tempo;

(B) proporcionalidade – concessão – concessão – tempo;

(C) consequência – finalidade – concessão – tempo;

(D) proporcionalidade – concessão – concessão – condição.

(E) consequência – concessão – concessão – condição.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Conjunção é a palavra invariável que liga duas orações ou dois termos semelhantes de uma mesma oração. Recebem o nome de locução conjuntiva os conjuntos de palavras que atuam como conjunção. Essas locuções geralmente terminam em **"que"**. As conjunções não exercem propriamente uma função sintática: são *conectivos. Podem expressar:*

Proporcionalidade (à medida que) = introduz uma oração que expressa um fato relacionado proporcionalmente à ocorrência da principal. São elas: *à medida que, à proporção que, ao passo que* e as combinações *quanto mais...(mais), quanto menos...(menos), quanto menos ...(mais), quanto menos...(menos)*, etc.

Concessão (apesar de, ainda que) = introduz uma oração que expressa ideia contrária à da principal, sem, no entanto, impedir sua realização. São elas: *embora, ainda que, apesar de que, se bem que, mesmo que, por mais que, posto que, conquanto*, etc.

Tempo (assim que) = introduz uma oração que acrescenta uma circunstância de tempo ao fato expresso na oração principal. São elas: *quando, enquanto, antes que, depois que, logo que, todas as vezes que, desde que, sempre que, assim que, agora que, mal (= assim que), etc.*

Alternativas "a", "c", "d", e "e":

Consequência = introduz uma oração que expressa a consequência da principal. São elas: *de sorte que, de modo que, sem que (= que não), de forma que, de jeito que, que (tendo como antecedente na oração principal uma palavra como tal, tão, cada, tanto, tamanho), etc.*

Finalidade = introduz uma oração que expressa a finalidade ou o objetivo com que se realiza a principal. São elas: *para que, a fim de que, que, porque (= para que), que, etc.*

Condição = introduz uma oração que indica a hipótese ou a condição para ocorrência da principal. São elas: *se, caso, contanto que, salvo se, a não ser que, desde que, a menos que, sem que, etc.*

2.5. CONSULPLAN

167. (CONSULPLAN – Analista Judiciário – Área Judiciária – TSE/2012) Aquele que age na direção da lei como que age contra a moral caracterizada pelo "fazer como a grande maioria", levando em conta que no âmbito da corrupção se entende que o que a maioria quer é "dinheiro". A respeito do período anterior, analise as afirmativas a seguir.

I. O período apresenta orações coordenadas e subordinadas.

II. Há ocorrência de exemplo de oração reduzida.

III. Há ocorrência de exemplo de oração subordinada substantiva objetiva direta.

Assinale

(A) se todas as afirmativas estiverem corretas.

(B) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.

(C) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.

(D) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta

I. Errada: Há orações subordinadas apenas.

II. Certa: Oração reduzida não apresenta conjunção integrante, adverbial e pronome relativo; possui verbo na forma nominal (gerúndio, particípio e infinitivo). No período: levando em conta = reduzida de gerúndio.

III. Certa: o que a maioria quer **é "dinheiro"**: querer é transitivo direto.

168. (CONSULPLAN – Analista Judiciário – Área Judiciária – TSE/2012)

Verdade é que (1) a ação em nome de um universal por si só caracteriza qualquer moral. É por meio dela que (2) se faz o cálculo do "sentido" no qual, fora da vantagem que (3) define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário.

A respeito das ocorrências do QUE no período anterior, é correto afirmar que se trata de conjunção em

(A) (1), apenas.

(B) (3), apenas.

(C) todas.

(D) (2), apenas.

Alternativa "a": correta – A verdade é isto = conjunção integrante.

Alternativa "b" – O cálculo é feito por meio dela. O **que** pode ser retirado sem que haja prejuízo gramatical: partícula expletiva.

Alternativa "c" – Não são todas, apenas a alternativa "a".

Alternativa "d" – Pronome relativo = a qual.

Charge para a próxima questão.

Rodrigo Zoom. https://farm5.staticflickr.com/4061/4541220951_cf692e3e54_o_d.jpg

169. (CONSULPLAN – Analista Judiciário – Área Judiciária – TSE/2012) Assinale a alternativa que NÃO poderia substituir a primeira fala do quadrinho, sob pena de alteração grave de sentido.

(A) Você ouviu falar do menino que morreu porque comeu sucrilhos?

(B) Você ouviu falar do menino que morreu quando comeu sucrilhos?

(C) Você ouviu falar do menino que morreu não obstante comer sucrilhos?

(D) Você ouviu falar do menino que morreu por ter comido sucrilhos?

Alternativa "c": correta – A expressão *não obstante* (concessão) altera totalmente o sentido da mensagem-humor.

Alternativa "a" – Apenas modifica a forma de dar o motivo sem alterar o humor.

Alternativa "b" – Não altera o sentido de humor, apenas denota o momento do ocorrido.

Alternativa "d" – Idem alternativa "a".

2.6. IVIN

170. (Procurador do Município – Prefeitura Teresina – PI/2012 – IVIN) Em: "*Todos vocês sabiam **que o nosso colega estava em dificuldades.***" (5° parágrafo).

A CORRETA classificação da oração destacada em negrito está na opção:

(A) Subordinada adverbial causal.

(B) Subordinada adjetiva restritiva.

(C) Subordinada substantiva objetiva direta.

(D) Subordinada adverbial proporcional.

Alternativa "c": correta.

1) A oração é subordinada substantiva porque se pode encaixar o pronome demonstrativo **isto** antes da conjunção (que e integrante).

2) **Todos vocês sabiam:** o verbo **saber** é transitivo direto: *que o nosso colega estava em dificuldade* = **objeto direto** que complementa a forma verbal **sabiam** da oração anterior – **oração subordinada substantiva objetiva direta.**

Alternativa "a" – Na oração subordinada em destaque não há circunstância adverbial de causa. Far-se-ia a pergunta **por quê?**

Alternativa "b" – A oração subordinada em destaque não está limitando significado de substantivo antecedente. Não há pronome relativo.

Alternativa "d" – Na oração em destaque não há conjunção subordinativa proporcional: ações simultâneas (à medida que, à proporção que).

2.7. PONTUA

171. (Pontua Concursos – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE/SC/2011) Assinale a alternativa em que as orações que compõem o período "*No fim do dia, uns reais no bolso, toma um banho, uma sopa, e senta-se numa poltrona sob um abajur*" estejam corretamente separadas:

(A) [No fim do dia, uns reais no bolso,] [toma um banho, uma sopa,] [e senta-se numa poltrona sob um abajur]

(B) [No fim do dia,] [uns reais no bolso,] [toma um banho,] [uma sopa,] [e senta-se numa poltrona] [sob um abajur]

(C) [No fim do dia, uns reais no bolso, toma um banho,] [uma sopa, e senta-se numa poltrona] [sob um abajur]

(D) [No fim do dia, uns reais no bolso, toma um banho, uma sopa,] [e senta-se numa poltrona sob um abajur]

Alternativa "d": correta – Primeira etapa é encontrar os verbos para poder dividir as orações. Lembre-se de que há um verbo em cada oração: [No fim do dia, uns reais no bolso, **toma** um banho, uma sopa,] [e **senta-se** numa poltrona sob um abajur].

Notemos que as orações são coordenadas, ou seja, possuem independência sintática. A primeira oração é coordenada assindética (não possui conjunção) e a segunda, coordenada sindética aditiva (possui valor de soma, de adição).

Alternativa "a" –Não há verbo no primeiro trecho.

Alternativa "b" –Não há verbo no primeiro trecho.

Alternativa "c" –Separou oração sem haver conjunção.

172. (Pontua Concursos – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE/SC/2011) Assim que organizar a coleção e melhorar o ambiente, vai abrir o Museu da Enciclopédia.

Em Assim que *organizar a coleção e melhorar o ambiente*, a expressão destacada estabelece relação de:

(A) Conclusão.

(B) Conformidade.

(C) Tempo.

(D) Concessão.

Alternativa "c": correta – A dica é fazer pergunta à oração principal: quando vai abrir o Museu? Quando organizar a coleção. Quando indica tempo. Por eliminação, também, chegaria à resposta:

Alternativa "a" –conclusão = pois.

Alternativa "b" –conformidade = regra, conforme.

Alternativa "d" –concessão = embora, apesar de (ideias opostas).

173. (Pontua Concursos – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE/SC/2011) A **CORRETA** transformação da oração reduzida do período *Ao terminar cada trabalho, ouvem seu suspiro* em desenvolvida está na alternativa:

(A) Após terminar cada trabalho, ouvem seu suspiro.

(B) Quando termina cada trabalho, ouvem seu suspiro.

(C) Quando terminam cada trabalho, ouvem seu suspiro.

(D) Terminando cada trabalho, ouvem seu suspiro.

Alternativa "b": correta – Oração principal (sem conjunção): ouvem seu suspiro – quando? Quando terminar cada trabalho.

Alternativa "a" –O verbo continua no infinitivo e como pede para desenvolver a oração, coloca-se uma conjunção e não se usa as formas nominais (gerúndio, particípio e infinitivo).

Alternativa "c" –O erro está em passar o verbo para o plural.

Alternativa "d" –Continua com forma nominal (particípio) e não acrescentou a conjunção.

2.8. UFMT

174. (UFMT – Promotor de Justiça – MT/2012) A construção de enunciados por meio de períodos compostos coordenativos e subordinativos possibilita que se evidenciem ideias e se estabeleçam de forma clara relações de sentido. Leia os trechos abaixo.

- Galileu acreditava que a Terra gira em torno do Sol.
- Foi forçado a renunciar ao seu ponto de vista diante da Inquisição.
- Passar o resto de sua vida em sua casa de campo em Florença foi sua sentença.
- Em 1992, o papa João Paulo II anunciou que a Igreja tinha errado ao julgar Galileu.

Reconstruindo as frases em um período composto, tendo como oração principal a segunda delas, ficaria:

(A) Galileu, apesar de acreditar que a Terra gira em torno do Sol, foi forçado a renunciar ao seu ponto de vista diante da Inquisição, mesmo assim recebeu sentença de passar o resto de

sua vida na casa de campo em Florença, mas, em 1992, o papa João Paulo II anunciou que a Igreja tinha errado ao julgá-lo.

(B) Passar o resto da vida em sua casa de campo em Florença foi a sentença que Galileu recebeu por ter acreditado que a Terra gira em torno do Sol, apesar de ter sido forçado a renunciar ao seu ponto de vista, portanto em 1992, o papa João Paulo II anunciou que a Igreja tinha errado em julgá-lo.

(C) Em 1992, o papa João Paulo II anunciou que a Igreja tinha errado em julgar Galileu que, apesar de acreditar que a Terra gira em torno do Sol, foi forçado a renunciar ao seu ponto de vista diante da Inquisição para passar o resto da vida em sua casa de campo em Florença.

(D) Galileu, após a Inquisição onde foi forçado a renunciar ao seu ponto de vista sobre a Terra girar em torno do Sol, passou o resto de sua vida em sua casa de campo em Florença, e, em 1992, o papa João Paulo II anunciou que a Igreja tinha errado em julgá-lo.

(E) Galileu acreditava que a Terra gira em torno do Sol, por isso foi sentenciado a passar o resto de sua vida em sua casa de campo em Florença, apesar de ter sido forçado a renunciar ao seu ponto de vista diante da Inquisição, mas, em 1992, o papa João Paulo II anunciou que a Igreja tinha errado em julgá-lo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – vejamos, abaixo, a construção correta do período composto:

Galileu, apesar de acreditar que a Terra gira em torno do Sol, foi forçado a renunciar ao seu ponto de vista diante da Inquisição,

Oração principal

"...,apesar de acreditar que a Terra gira em torno do Sol, ..."

Oração subordinada concessiva – conjunção "apesar" (ocupando ordem intercalada na frase)

"... mesmo assim recebeu sentença de passar o resto de sua vida na casa de campo em Florença, "

Oração coordenada sindética conclusiva – conjunção "assim"

"... mas, em 1992, o papa João Paulo II anunciou que a Igreja tinha errado ao julgá-lo."

Oração coordenada sindética adversativa – conjunção "mas".

Alternativas "b", "c", "d" e "e" – nestas alternativas, faltam:

- Coesão e coerência aos períodos;
- Clareza na ordenação das ideias;
- Utilização da oração eleita pelo enunciado como sendo a principal.

2.9. FUNRIO

Texto para a questão.

TECNOLOGIA EDUCACIONAL E DIGITAL NO CENÁRIO CONTEMPORÂNEO

Elaine Turk Faria

O objetivo deste artigo é apresentar um estudo sobre as possibilidades e necessidade de utilização da tecnologia digital nas instituições de ensino, bem como da introdução da cultura tecnológica entre alunos e professores, onde se inclui a educação à distância e as disciplinas semipresenciais no ambiente acadêmico.

Com frequência, lemos nos jornais, revistas e na literatura científica atual o quanto nossos jovens estão familiarizados com a tecnologia e têm facilidade no seu manuseio. Veem e Vrakking (2009) denominam os jovens desta época de "geração homo zappiens, que cresceu usando múltiplos recursos tecnológicos desde a infância". Para estes autores, a geração homo zappiens é digital, e a escola é analógica. Reforçando essa posição, Marc Prensky, educador americano, escreveu um artigo em 2001 sobre os imigrantes digitais e os nativos digitais, em que faz uma divisão entre os que veem o computador como uma novidade e os que não imaginam a vida antes dele, pois têm contato com a tecnologia logo após o nascimento.

Esta situação, vivenciada na sociedade contemporânea, tem implicações tanto nas escolas de educação básica quanto nas universidades, já que este é o novo perfil dos estudantes e dos acadêmicos. Consequentemente, os cursos de licenciatura, onde se inclui também o curso de Pedagogia, têm de preparar os futuros professores para atuarem neste contexto.

[Texto adaptado] Fonte: Aprender e ensinar: diferentes olhares e práticas. Maria Beatriz Jacques Ramos & Elaine Turk Faria (orgs.). Porto Alegre: PUCRS, 2011, p. 13.

175. (FUNRIO – Analista do Seguro Social – INSS/2014) No último parágrafo, a autora diz que "esta situação, vivenciada na sociedade contemporânea, tem implicações tanto nas escolas de educação básica quanto nas universidades, já que este é o novo perfil dos estudantes e dos acadêmicos".

Assinale a alternativa que reescreve o trecho acima sem comprometer o significado original.

(A) Como o novo perfil dos estudantes e dos acadêmicos é este, o que se vivencia na sociedade atual é uma situação que tem implicações sobretudo nas escolas de educação básica e nas universidades.

(B) Esta situação, que a sociedade contemporânea vivencia, tem implicações não só nas escolas de educação básica como nas universidades, tendo em vista que este é o novo perfil tanto dos estudantes quanto dos acadêmicos.

(C) A sociedade contemporânea tem vivenciado esta situação, cujas implicações se dão não apenas nas escolas de educação básica, mas inclusive nas universidades, porquanto este perfil é muito novo entre estudantes e acadêmicos.

(D) A vivência da sociedade contemporânea em relação a este novo perfil de estudantes e acadêmicos é uma situação que implica escolas de educação básica e universidades.

(E) Já que a sociedade contemporânea vivencia uma situação que implica tanto as universidades quanto as escolas de educação básica, esse é o novo perfil dos estudantes e dos acadêmicos.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

Período composto – emprego das conjunções. Para facilitar, vamos dividir as informações.

- esta situação, vivenciada na sociedade contemporânea, tem implicações tanto nas escolas de educação básica quanto nas universidades = Esta situação, que a sociedade contemporânea vivencia, tem implicações não só nas escolas de educação básica como nas universidades.
- **já que** este é o novo perfil dos estudantes e dos acadêmicos (causa) = **tendo em vista que** este é o novo perfil tanto dos estudantes quanto dos acadêmicos.

Há relação de causa e consequência entre os períodos.

Alternativa "a" – Alterou o sentido, atente-se ao emprego de *sobretudo* que significa acima de tudo, principalmente.

Alternativa "c" – Comprometeu o sentido, pois *porquanto* pode indicar conclusão, além de ter incluído ideia oposta com o uso da conjunção *mas*.

Alternativa "d" – Período totalmente incoerente (sem sentido).

Alternativa "e" – O uso da comparação alterou o sentido (tanto... quanto).

---

176. (Funrio – Policial Rodoviário Federal/2009)

Um importante aspecto da experiência dos outros na vida cotidiana é o caráter direto ou indireto dessa experiência. Em qualquer tempo é possível distinguir entre companheiros com os quais tive uma atuação comum situações face a face e outros que são meros contemporâneos, dos quais tenho lembranças mais ou menos detalhadas, ou que conheço simplesmente de oitiva. Nas situações face a face tenho a evidência direta de meu companheiro, de suas ações, atributos, etc. Já o mesmo não acontece no caso de contemporâneos, dos quais tenho um conhecimento mais ou menos dignos de confiança.

No trecho "Já o mesmo não acontece no caso de contemporâneos, dos quais tenho um conhecimento mais ou menos dignos de confiança.", a palavra "já" pode ser substituída, sem alteração de sentido, por

(A) entretanto.

(B) como.

(C) à medida que.

(D) se.

(E) quando.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Pelo contexto, conclui-se que o vocábulo *já* indica oposição, ou seja, adversidade. Pode ser substituído por **mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante.**

Alternativa "b" – Como pode indicar comparação, conformidade ou causa.

Alternativa "c" – Proporção.

Alternativa "d" – Condição.

Alternativa "e" – Tempo

▶ **Dica – Conjunções coordenadas**

1) **Aditivas**: e, nem (= e não), não só... mas também, não só...como também, bem como, não só...mas ainda.

2) **Adversativas:** mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante.

3) **Alternativas:** ou, ou...ou, ora, já...já, quer... quer, seja...seja, talvez...talvez.

4) **Conclusivas:** logo, pois (logo), portanto, por conseguinte, por isso, assim.

5) **Explicativas:** que, porque, pois (porque), porquanto.

Lista de **conjunções subordinadas adverbiais** mais pedidas.

- **Causais**: porque, que, como (= porque, no início da frase), pois que, visto que, uma vez que, porquanto, já que, desde que, etc.
- **Concessivas**: embora, ainda que, apesar de que, se bem que, mesmo que, por mais que, posto que, conquanto, etc.
- **Condicionais**: se, caso, contanto que, salvo se, a não ser que, desde que, a menos que, sem que, etc.
- **Conformativas**: conforme, como (= conforme), segundo, consoante, etc.
- **Finais**: para que, a fim de que, que, porque (= para que), que, etc.
- **Proporcionais**: à medida que, à proporção que, ao passo que e as combinações quanto mais... (mais), quanto menos...(menos), quanto menos ...(mais), quanto menos...(menos), etc.
- **Temporais**: quando, enquanto, antes que, depois que, logo que, todas as vezes que, desde que, sempre que, assim que, agora que, mal (= assim que), etc.
- **Comparativas**: como, assim como, tal como, como se, (tão)...como, tanto como, tanto quanto, do que, quanto, tal, qual, tal qual, que nem, que (combinado com menos ou mais), etc.
- **Consecutivas**: de sorte que, de modo que, sem que (= que não), de forma que, de jeito que, que (tendo como antecedente na oração principal uma palavra como tal, tão, cada, tanto, tamanho), etc.

Fonte: http://www.soportugues.com.br/

2.10 UEG

Trechos para a questão.

(...) E não há o direito de punir, pois a própria representação do crime na mente humana é o que há de mais instável e relativo: como julgar que posso punir baseada apenas em que o meu critério de julgamento para tonalizar tal ato como criminoso ou não é superior a todos os outros critérios? (...)

Surgiu, como defesa, a ideia de que, embora não tivessem força, tinham direitos, fundados nas noções de Justiça, Caridade, Igualdade e Dever. Essas noções foram se insinuando naquele grupo humano primitivo, instituído pelos que delas necessitavam, tão certo como o é o fato de os primeiros remédios terem sido inventados pelos doentes. (...)

LISPECTOR, Clarice. Outros escritos. Rio de Janeiro: Rocco, 2005. p. 45-46. *(Adaptado)*

177. (UEG – Delegado de Polícia – GO/2013) Os termos "pois" e "embora" expressam, respectivamente, sentido

(A) final e causal

(B) explicativo e concessivo

(C) conformativo e alternativo

(D) adversativo e condicional

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – *Pois* equivale a **porque**, isto é, explica; *embora* é conjunção concessiva e indica oposição.

Alternativa "a" – Faríamos a pergunta **para quê?** = finalidade; **por quê?** para causa.

Alternativa "c" – Conformidade é regar = conforme; alternância é ou... ou, ora... ora.

Alternativa "d" – Adversativo: mas, porém, contudo, todavia etc.; condicional: caso, se.

2.11. CESGRANRIO

178. (Cesgranrio – Analista Previdenciário – INSS/2005) Em "O caminho de cada um se faz ao caminhar.", a oração reduzida pode ser substituída, sem alterar o sentido, por:

(A) desde que se caminhe.

(B) porque se caminha.

(C) quando se caminha.

(D) pois se caminha.

(E) no entanto se caminha.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

✪ **Nota da autora:** Em primeiro lugar, é necessário relembrar o que significa oração reduzida, certo?

Como o próprio nome sugere, ela é menor, ou seja, não possui conjunção, mas sim um verbo na forma nominal (infinitivo, gerúndio ou particípio). Para desenvolvê-la, é necessário retirar a forma nominal e encaixar uma conjunção (uma palavra), ou uma locução conjuntiva (mais de uma palavra).

Exemplo: Terminada a prova, todos saíram.

- Todos saíram = oração principal;
- Terminada a prova = oração subordinada adverbial temporal (quando?) reduzida (sem conjunção) de particípio (terminada).

Desenvolvendo-a: Quando terminou a prova, todos saíram.

Fácil, não é?

Voltemos à questão: O caminho de cada um se faz ao caminhar.

- O caminho de cada um se faz = oração principal;
- Ao caminhar = oração subordinada adverbial temporal (quando?) reduzida de infinitivo (caminhar).

Desenvolvendo: O caminho de cada um se faz quando se caminha.

Alternativa "a" –Condição.

Alternativa "b" –Explicação.

Alternativa "d" –Explicação.

Alternativa "e" –Adversidade (oposição).

Atenção! As questões de números 4 e 5 referem-se ao texto abaixo.

O sentido da vida

Quantas vezes ficamos desesperados procurando entender a logicidade do que não tem lógica. Queremos uma explicação lúcida e convincente daquilo que não se explica. Simplesmente é.

Nos perdemos em um mar de "por quês". Por que isso, por que aquilo. Por que justamente comigo? Nos afundamos nos "por quês" em tudo que nos cerca, e perdemos o sentido do fluxo do nosso caminho.

Não existem caminhos pré-determinados. O caminho de cada um se faz ao caminhar. Ou seja, a maneira como eu percorro o meu caminho é que vai determinar como ele irá se delinear. O ponto de chegada é a meta que eu necessito para a evolução da minha consciência, do meu ser interior. Aquilo que eu devo aprender. A conclusão a que eu devo chegar.

Mas, a maneira como eu caminho, se me posiciono às margens, de um lado ou de outro, ou se prefiro a via central, o caminho do meio, depende de mim. Tudo é uma questão de posicionamento. Onde eu me coloco diante de tal fato? De que lugar eu estou, neste momento, olhando para minha vida? Onde eu estou? Onde você está?

Aquilo que nós carregamos através desse caminho pertence apenas a nós mesmos. Se oferecemos algo a alguém, e isto é aceito, deixa de nos pertencer. E se não for aceito, continua conosco. E é isso que acontece com nossos sentimentos de amor, compaixão, inveja, raiva e tudo que nossa alma humana possa criar. Se o amor que eu sinto não é aceito, eu não posso doá-lo. Se a raiva que eu sinto não é aceita, eu não posso depositá-la. Se o outro não me recebe, eu não posso chegar. Eu continuo a sentir o que sinto, mas não chega ao destinatário.

Só carregamos aquilo que não é nosso se dermos permissão para isso. Ou melhor, se eu aceito levar uma carga que não me pertence é porque eu estou fazendo essa escolha. E esse é o caminho que eu estou escolhendo. Se, ao contrário, eu percebo e discrimino aquilo que tem a ver comigo e reconheço como pertencente a mim, eu entro no fluxo da minha vida, me apodero do sentido que ela tem para mim.

Os "por quês" já não são importantes. Mas, sim, buscar o sentido através do "para quê". Procurando compreender o propósito das atitudes. Aprendendo a fazer a leitura dos gestos. Se uma pessoa (nos incluindo também) tem um determinado comportamento, não devemos perguntar: "Por que isso"? Mas, o melhor é perguntar: "Para que isso? O que você quer obter ou provocar?

Qual a sua intenção em fazer tal coisa"?

Dessa maneira, temos a possibilidade de transformar a situação que nos aflige. Não é desvendando o "por quê", mas compreendendo o "para quê".

Ninguém tem o direito de escolher o caminho que você deve seguir! Só se você permitir ... (LIMA, Eneida. Jornal do Brasil. Revista Vida. Rio de Janeiro, 28 ago. 2004. ano I, no 38. p. 20.

179. (Cesgranrio – Analista Previdenciário – INSS/ 2005) O conector em destaque estabelece uma relação de causa e consequência entre a ideia ou argumento que introduz e a ideia anterior em:

(A) "Nos afundamos nos "por quês" em tudo que nos cerca, e perdemos o sentido do fluxo do nosso caminho." (segundo parágrafo)

(B) "O ponto de chegada é a meta que eu necessito para a evolução da minha consciência, do meu ser interior." (terceiro parágrafo)

(C) "Só carregamos aquilo que não é nosso se dermos permissão para isso." (sexto parágrafo)

(D) "Se, ao contrário, eu percebo e discrimino aquilo que tem a ver comigo..." (sexto parágrafo)

(E) "Não é desvendando o "por quê", mas compreendendo o "para quê"." (penúltimo parágrafo)

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

✪ **Nota da autora:** Em primeiro lugar, veja se encaixa a pergunta **por quê?** – Perdemos o sentido do fluxo por quê? Porque nos afundamos nos "por quês" em tudo que nos cerca (aqui está a causa – na reposta

da pergunta). A oração para que fazemos a pergunta é a consecutiva. Pronto. Muito fácil.

- Consecutiva: perdemos o sentido do fluxo. Em caso de dúvidas faça assim: Nos afundamos nos "por quês" em tudo que nos cerca, **de modo que** perdemos o sentido do fluxo do nosso caminho. Encaixou de modo que está provado que se trata de uma consequência.

Alternativa "b" –que eu necessito = oração subordinada adjetiva (pronome relativo) restritiva (sem pontuação).

Alternativa "c" –que não é nosso = oração subordinada adjetiva (pronome relativo) restritiva (sem pontuação); se dermos permissão para isso = oração subordinada adverbial condicional (caso).

Alternativa "d" –Se eu percebo = oração subordinada adverbial condicional (caso perceba); e discrimino aquilo = oração coordenada aditiva; que tem a ver comigo = oração subordinada adjetiva (pronome relativo) restritiva (sem pontuação).

Alternativa "e" –mas compreendendo o "para quê" = oração coordenada adversativa.

---

180. (Cesgranrio – Analista Previdenciário – INSS/ 2005) Assinale a oração que NÃO apresenta uma ideia de circunstância.

(A) "...procurando entender a logicidade do ..." (primeiro parágrafo)

(B) "...ao caminhar." (terceiro parágrafo)

(C) "Procurando compreender o propósito das atitudes." (sétimo parágrafo)

(D) "Aprendendo a fazer a leitura dos gestos." (sétimo parágrafo)

(E) "...de transformar a situação..." (penúltimo parágrafo)

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – É preciso rever o período todo – voltando ao texto – para se certificar de que não há circunstância: temos a possibilidade de transformar a situação

v.t.d. objeto direto complemento nominal

Alternativa "a" –tempo – ficamos desesperados **quando?**

Alternativa "b" –tempo – o caminho de cada um se faz **quando?**

Alternativa "c" –modo – buscar o sentido através do "para quê" **como?**

Alternativa "d" –modo – buscar o sentido através do "para quê" **como?**

Atenção! A questão a seguir refere-se ao trecho abaixo.

Jovem tem saudade?

A juventude de hoje vive um processo inusitado na história: tem saudades daquilo que não conheceu nem viveu mas sabe como foi e curte. Por quê? Em primeiro lugar, porque vive um quotidiano de grande mutação que a nada fixa, consolida ou solidifica. (...) (Artur da Távola. Disponível em: http:// www.jornalhorah.com.br/colunas/ artur1.htm. Acesso em 28 dez. 2004).

---

181. (Cesgranrio – Analista Previdenciário – INSS/ 2005) Na passagem *"A juventude de hoje vive um processo inusitado na história: tem saudades daquilo"*, os dois pontos podem ser substituídos, sem alterar o sentido, por:

(A) desde que.

(B) porque.

(C) quando.

(D) no entanto.

(E) mas também.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Se os dois pontos indicam explicação, a conjunção só pode ser **porque**. Nas demais circunstâncias, não cabem os dois pontos, confirmemos as circunstâncias expressas pelas conjunções.

Alternativa "a" –concessão – ideias opostas.

Alternativa "c" –tempo.

Alternativa "d" –adversidade.

Alternativa "e" –aditiva.

▶ **Dica** – A conjunção **mas** é adversativa, caso venha acompanhada do vocábulo **também**, torna-se **aditiva**.

(*) Observação: nas provas atuais, não foi pedido este tópico.

2.12. FUNCAB

---

182. (FUNCAB – Delegado de Polícia – ES/2013) Em: "Morto em 1980, Sartre não viveu para testemunhar as tentativas às vezes pouco sutis de promover a tortura ao status de mal menor do século XXI.", o adjunto adverbial "Morto em 1980" expressa a seguinte circunstância:

(A) tempo.

(B) consequência.

(C) condição.

(D) causa.

(E) fim.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Sartre não viveu para testemunhar as tentativas **por quê?** Porque morreu em 1980 = causa.

Alternativa "a" –Quando?

Alternativa "c" –De modo que.

Alternativa "c" –Se, caso.

Alternativa "e" –Para quê?

---

183. (Delegado de Polícia – RO/ 2009 – FUNCAB) A oração grifada no período abaixo classifica-se como subordinada adverbial: *"Curiosamente, à medida que a distância entre seus sonhos e suas competências diminui pelo seu próprio sucesso, surge frustração, e não felicidade."*

(A) comparativa.

(B) concessiva.

(C) proporcional.

(D) conformativa.

(E) temporal.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – *À medida que* indica proporcionalidade, ou seja, ações simultâneas.

▶ **Dica** – *Na medida em que*: causa.

Alternativa "a" –Como, assim como, tal como, como se, (tão)...como, tanto como, tanto quanto, do que, quanto, tal, qual, tal qual, que nem, que (combinado com menos ou mais), etc.

Alternativa "b" –Embora, ainda que, apesar de que, se bem que, mesmo que, por mais que, posto que, conquanto, etc.

Alternativa "d" –Conforme, como (= conforme), segundo, consoante, etc.

Alternativa "e" –Quando, enquanto, antes que, depois que, logo que, todas as vezes que, desde que, sempre que, assim que, agora que, mal (= assim que), etc.

2.13. DOM CINTRA

Atenção! As questões seguintes referem-se ao texto.

Consumismo jovem

Os jovens estão se endividando. Segundo pesquisa da Associação Comercial de São Paulo, 67% dos inadimplentes têm menos de 35 anos e 240% têm entre 26 e 30 anos.

Mais do que um levantamento estatístico ou curiosidade, tais números expressam uma realidade preocupante: a falta de educação para o consumo. Sem isso, o jovem compra acima de suas possibilidades e talvez prossiga nesse desequilíbrio quando for mais velho.

Além disso, essas pessoas não estão se endividando para comprar bens tecnológicos como computadores ou aparelhos que aumentem o conforto e a segurança no lar. Nada disso. Torraram dinheiro com roupas e calçados. O terceiro item da lista também é uma advertência, por si só: empréstimo pessoal.

A agiotagem é um dos negócios que mais se desenvolvem nos municípios brasileiros, com a oferta de dinheiro fácil, a juros extorsivos, para ávidos consumidores, principalmente das classes C e D.

Dever desde os primeiros anos de carteira de trabalho assinada é uma péssima tendência para o futuro. Hábitos de poupança não são estimulados nem valorizados aqui.

É evidente que todos querem consumir. Não há crime algum nisso, até porque, sem compras, não há produção nem empregos. A economia fica estagnada e o país caminha para trás. Certamente não defendo tal comportamento.

Mas o consumismo desenfreado é péssimo para as pessoas e para o ambiente e indica um descontrole que pode, sem trocadilho, custar muito caro.

Há situações que precipitam a inclusão do consumidor em listas de devedores. Desemprego e despesas inesperadas, provocadas por doenças, são totalmente compreensíveis. Planejar as compras, contudo, poderia evitar a maioria dos casos de inadimplência.

Prestações que "caibam no bolso", sem verificação do quanto se paga a mais por essa aparente facilidade; crédito rotativo dos cartões; e empréstimos em geral, inclusive os consignados, são alguns dos caminhos mais rápidos para estourar os orçamentos pessoais e familiares.

Falta, também, uma lei que proíba a concessão de crédito sem exigência de garantias. Porque não há milagre em finanças. Se uma empresa não exige comprovação de renda e bens que garantam o empréstimo, só há uma explicação plausível: ela compensa o risco de calote cobrando juros de agiota.

Agiotagem é crime e não deveria ser permitida.

Antes de chegar à faixa etária que tem mais devedores na pesquisa da ACSp, jovens frequentam

escolas e universidades. São orientados sobre os riscos do consumo de drogas, do tabagismo e do alcoolismo e para a importância de preservar o ambiente. Muitas vezes, têm aulas sobre cidadania, política e grandes desafios mundiais, como a escassez de água e as guerras religiosas. Por que não recebem mais subsídios sobre consumo consciente, não somente com foco ambiental, mas também em relação à proteção de seus bolsos e à aplicação do Código de Defesa do Consumidor?

Também nessa área é tolice imaginar que as autoridades resolvam tudo, Não solucionam nem problemas gravíssimos como filas nos corredores dos hospitais públicos e transporte coletivo superlotado...

Os pais deveriam ajudar nesse processo educativo, mas, convenhamos, nem os adultos escapam do excesso de compras. Então, não é uma surpresa saber que os mais novos não conseguem pagar suas contas em dia.

Perder o crédito é um desastre para qualquer pessoa. Fecha as portas para a aquisição até de produtos fundamentais, totalmente necessários, como alimentos e medicamentos. Carimba os consumidores como devedores e isso tem repercussões em todos os segmentos da vida, inclusive o profissional.

Isso não pode, então, ser visto como mais uma tendência ou consequência da inclusão social. O papel aceita tudo. Fazer as contas e não assumir compromissos superiores à renda não é caretice. É uma das condições para um futuro melhor, sem sobressaltos, sem cobradores e sem insônia. Não desejamos novas gerações repletas de devedores. (DOLCI, Maria Inês. Folha de São Paulo. Folhainvest. 17/10/11, p. B8.)

---

184. (Procurador do Município – Prefeitura Petrópolis – RJ/2012 – DOM CINTRA) O parágrafo 5 está estruturado em dois períodos entre os quais parece não haver relação de sentido. A leitura dos dois períodos, entretanto, tomados na dimensão da leitura integral do texto, permite depreender que o segundo período exprime em relação ao primeiro o sentido de:

(A) proporcionalidade;

(B) causalidade;

(C) conclusão;

(D) analogia;

(E) consequência.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – O fato negativo mostrado no primeiro período causa a situação explicitada no primeiro período. Faz-se a pergunta **por quê?**

Por que hábitos de poupança não são estimulados nem valorizados aqui? Porque é uma péssima tendência para o futuro.

Alternativa "a" –Proporção: à medida que, à proporção que, ao passo que **e as combinações** quanto mais...(mais), quanto menos...(menos), quanto menos ...(mais), quanto menos,..(menos), etc.

Alternativa "c" –Conclusão: logo, pois (depois do verbo), portanto, por conseguinte, por isso, assim.

Alternativa "d" –Analogia é comparação: como, assim como, tal como, como se, (tão)...como, tanto como, tanto quanto, do que, quanto, tal, qual, tal qual, que nem, que(combinado com menos ou mais), etc.

Alternativa "e" –para haver consequência a proposição deveria vir invertida. Consequência: de sorte que, de modo que, sem que (= que não), de forma que, de jeito que, que (tendo como antecedente na oração principal uma palavra como tal, tão, cada, tanto, tamanho), etc.

---

185. (Procurador do Município – Prefeitura Petrópolis – RJ/2012 – Dom Cintra) Na linha de argumentação desenvolvida pela autora, pode-se interpretar que o parágrafo 7 exprime em relação ao parágrafo 6 o sentido de:

(A) comparação;

(B) meio;

(C) modo;

(D) oposição;

(E) finalidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Exato, uma vez que o parágrafo 6 mostra o lado positivo do consumismo consciente, enquanto o parágrafo 7 mostra o contrário.

Alternativa "a" –comparação: como, assim como, tal como, como se, (tão)...como, tanto como, tanto quanto, do que, quanto, tal, qual, tal qual, que nem, que (combinado com menos ou mais), etc.

Alternativa "b" –meio: modo de procedimento, de ação; forma; jeito.

Alternativa "c" –modo: estado, situação das coisas. e) finalidade: para que, a fim de que, que, porque (= para que), que, etc.

---

186. (Procurador do Município – Prefeitura Petrópolis – RJ/2012 – DOM CINTRA) Na redação do período "Agiotagem é crime e não deveria ser permitida" (parágrafo 11) a autora omitiu elemento de coesão textual que poderia exprimir com mais cla-

reza a relação de sentido entre as duas orações. Em cada uma das redações abaixo do referido período foi acrescentado elemento de coesão adequado à relação do sentido do texto, COM EXCEÇÃO DE:

(A) Agiotagem é crime, e, porquanto, não deveria ser permitida.

(B) Agiotagem é crime e, por isso, não deveria ser permitida.

(C) Agiotagem é crime e não deveria ser permitida, pois.

(D) Agiotagem é crime e, por conseguinte, não deveria ser permitida.

(E) Agiotagem é crime e, em razão disso, não deveria ser permitida.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – O elemento de coesão **porquanto** não é adequado ao sentido do texto, porque é explicativo e a segunda oração é conclusiva. Todos os elementos de coesão textual das redações abaixo são adequados à relação de sentido do texto:

Alternativa "b" –por isso: conclusivo.

Alternativa "c" –Houve omissão do elemento de coesão textual, mas o sentido de relação é garantido.

Alternativa "d" –por conseguinte: conclusivo.

Alternativa "e" –em razão disso: conclusivo.

2.14. NUCEPE

187. (Delegado de Polícia – PI/ 2009 – NUCEPE) Observe o trecho: "Os seres humanos não vivem em sociedade apenas porque escolhem esse modo de vida, *mas também* porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana." O conectivo destacado expressa um sentido de:

(A) oposição.

(B) concessão.

(C) conclusão.

(D) adição.

(E) comparação.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – A conjunção *mas* indica adversidade (oposição) caso não esteja acompanhada pelo vocábulo também (inclusão). Mas também = adição.

Alternativa "a" –Mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante.

Alternativa "b" –Embora, ainda que, apesar de que, se bem que, mesmo que, por mais que, posto que, conquanto, etc.

Alternativa "c" –Logo, pois, portanto, por conseguinte, por isso, assim.

Alternativa "e" –Como, assim como, tal como, como se, (tão)...como, tanto como, tanto quanto, do que, quanto, tal, qual, tal qual, que nem, que(combinado com menos ou mais), etc.

188. (Delegado de Polícia – PI/ 2009 – NUCEPE) Considere o valor semântico do conectivo grifado no seguinte trecho: "as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material, como os alimentos, a roupa, a moradia". Essa expressão tem o mesmo sentido na alternativa seguinte:

(A) Como só nos afirmamos na convivência com os outros, ninguém pode sobreviver sozinho.

(B) Todos conhecemos como é difícil viver sem a participação dos outros.

(C) A convivência social também implica a existência de limites; como acontece até mesmo com os grupos familiares.

(D) Falamos ou calamos como permitem os contextos sociais em que atuamos.

(E) Como aprender a conviver com as diferenças de pessoas e grupos?

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – O conectivo *como* possui valor de exemplificação nos dois períodos mencionados: ordem material, como os alimentos, a roupa, a moradia; existência de limites acontece até mesmo com os grupos familiares.

Alternativa "a" –Causa

Alternativa "b" –Todos conhecemos **isto**. Como = conjunção integrante. Sempre que conseguir encaixar o pronome demonstrativo antes da conjunção, classifica-se a oração posposta como subordinada substantiva e a conjunção é integrante.

Alternativa "d" –Conformidade, regra.

Alternativa "e" –De que maneira?

2.15. FEPESE

189. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

Analise o período composto a seguir:

"Assim, se retomarmos a teoria da argumentação, exposta anteriormente, perceberemos que a intenção daquele que argumenta é formar a opinião do leitor ou ouvinte, tentando convencê-lo."

( ) No período acima, existem mais de cinco orações

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (verdadeiro)

✪ **Nota da autora:** para saber o número de orações, é necessário saber o número de verbo, pois em toda oração existe um verbo.

1) Assim, se retomarmos a teoria da argumentação, exposta anteriormente;
2) Perceberemos
3) que a intenção daquele é
4) formar a opinião do leitor ou ouvinte
5) que argumenta
6) tentando convencê-lo.

---

190. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) A forma porque, junto e sem acento, equivale a porquanto, por causa de/que, pois, uma vez que. Essa forma representa, em geral, uma conjunção coordenativa explicativa depois de oração com verbo no imperativo, como no exemplo "A", ou uma conjunção subordinativa causal, como no exemplo "B".

Exemplo A:

Sugiro que faças atividades físicas na academia, porque assim você exercita o corpo e retarda as doenças da velhice.

Exemplo B:

Depois disso, num certo momento, ele disse que estava preocupado porque faz um trabalho voluntário com crianças carentes.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (verdadeiro)

✪ **Nota da autora: questão de período composto e ortografia.**

- Em A, o "porque" equivale a POIS, ou seja, explica. Perceba que as orações são independentes sintaticamente, portanto se trata de coordenação; Em B, o "porque" equivale a JÁ QUE e indica causa por estar ligando orações subordinadas – possuem dependência sintática.

Facilitando:

A – orações independentes:

1) Sugiro que faças atividades físicas na academia
2) assim você exercita o corpo e retarda as doenças da velhice.

B – orações dependentes:

1) Depois disso, num certo momento, ele disse que estava preocupado
2) porque faz um trabalho voluntário com crianças carentes.

2.16 MAIS

---

191. (MAIS – Procurador Município – Prefeitura Limeira – SP/2014) O texto afirma em determinado momento que esses criadores "pensam como artistas, porém trabalham como contadores". O termo destacado é uma

(A) preposição, invariável e adversativa.

(B) preposição, variável e adversativa.

(C) conjunção de contrariedade, que liga palavras ou orações, e variável.

(D) conjunção adversativa, que liga palavras ou orações, e invariável.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – Conjunção porque liga duas orações e invariável por não admitir plural nem feminino; é coordenada adversativa pelo fato de exprimir ideias opostas. As mais usadas são: **mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante.**

Alternativa "a" – Preposição liga palavras e não possui ideia adversativa.

Alternativa "b" – Preposição não é variável.

Alternativa "c" – É conjunção coordenada adversativa, liga orações, e invariável.

2.17 IBFC

---

192. (IBFC – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-AM/2014) O modo pelo qual as palavras se relacionam no texto é determinante para a construção de sentidos. Assim, no fragmento "Apesar da minha admiração, fiquei caiada,", é possível notar que a expressão "apesar da" assume valor:

(A) explicativo

(B) concessivo

(C) conclusivo

(D) consecutivo

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – *Apesar de* indica concessão: admite uma contradição ou um fato inesperado. Indicam concessão: embora, **conquanto** e as locuções **ainda que, ainda quando, mesmo que, se bem que, posto que, apesar de que.**

Alternativa "a" – que, porque e **pois** (= porque).

Alternativa "c" – logo, portanto e **pois** (= logo). Usa-se ainda: **então, assim, por isso, por conseguinte, de modo que, em vista disso,** etc.

Alternativa "d" – que, de forma que, de sorte que, tanto que, etc., e pelas estruturas **tão... que, tanto... que, tamanho... que.**

QUESTÕES DIFÍCEIS

1. ESAF

01. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2014) Assinale a opção que preenche a lacuna do

texto de forma a torná-lo gramaticalmente correto, coeso e coerente.

Normalmente o Estado de Direito é confundido com o Estado Constitucional (Estado Democrático de Direito), entretanto, isto é um equívoco. _____

Com efeito, se é a legislação que serve de parâmetro para atuação estatal, então, esta mesma legislação, por conseguinte, é livre. Em tais Estados (Estado de Direito), o absolutismo do rei é substituído pelo absolutismo do parlamento (supremacia do parlamento e não da constituição).

(Disponível em: <http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=8873>. Acesso em: 17 mar. 2014.)

(A) Conquanto, no Estado Constitucional, a constituição funciona como fundamento de validade de toda ordem jurídica, disciplinando não só a atuação do Executivo e Judiciário, como também do legislativo, vigendo, aí sim, a supremacia da constituição.

(B) Embora, no Estado Constitucional, o legislador encontra limites jurídicos nas normas constitucionais, as quais traçam o perfil de cada exação, de forma que a competência tributária é delimitada através da conjugação das normas que tratam especificamente de cada tributo com os princípios constitucionais.

(C) Daí podermos concluir que, no Brasil, por força de uma séria de disposições constitucionais, não há falar em poder tributário (incontrastável, absoluto), mas, tão somente, em competência tributária (regrada, disciplinada pelo Direito).

(D) Isso porque no Estado de Direito os atos do Executivo e do Judiciário estão submetidos ao princípio da legalidade; contudo, o Legislativo é livre para atuar, já que esse princípio não pode ser aplicado, por imposição lógica, à legislação.

(E) Portanto, poder tributário tinha a Assembléia Constituinte, que era soberana. Ela realmente tinha um poder ilimitado, inclusive em matéria tributária. Contudo, a partir do momento em que foi promulgada a Constituição, o Poder Tributário retornou ao povo, restando aos poderes constituídos as competências tributárias.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – A lacuna apresentada possui valor de explicação, pois explica o motivo da afirmação anterior. Pede-se, assim, oração coordenada explicativa: isso **porque**...

Alternativa "a" – *Conquanto* indica concessão – ideias opostas.

Alternativa "b" – *Embora* indica, também, concessão

Alternativa "c" – *Daí podermos concluir que* é conclusão.

Alternativa "e" – *Portanto* é conclusiva e não cabe no contexto. Além disso, surgiu o acento agudo em ditongo aberto na sílaba paroxítona em **assembleia**. Atenção: no edital, não foi especificada a exigência de reforma ortográfica.

02. (ESAF – PECFAZ/2013) Assinale a opção que justifica corretamente o fato de o segmento grifado estar entre vírgulas.

Lucio Costa concebeu Brasília como civitas e como urbs — a cidade tem um duplo caráter. Por um lado, é a cidade do poder, dos símbolos, das representações, das cerimônias (civitas); por outro, a cidade secular da vida cotidiana dos habitantes (urbs). E ele não concebeu a Esplanada como uma "pura" civitas. Alguns não sabem que há no projeto uma clara indicação de um edifício baixo, conectando os blocos ministeriais entre si, que abrigaria serviços diversos. Nunca foi feito. Noutras palavras, o arquiteto também trazia serviços da vida cotidiana para o coração da civitas. Lucio Costa tinha por referência afetiva as cidades europeias, conti-

nentais ou inglesas. E, nelas, sagrado e secular, uso cotidiano e excepcional misturam-se para definir alguns dos espaços urbanos mais fortes da história.

(Sagrado e profano, Frederico de Holanda, Correio Braziliense, 17/6/2013, com adaptações).

O segmento grifado é

(A) aposto.

(B) adjunto adverbial.

(C) oração de natureza restritiva.

(D) oração reduzida de gerúndio de natureza explicativa.

(E) oração principal intercalada no período entre outras orações.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – Para se certificar da resposta, é aconselhável desenvolver a oração, ou seja, inserir uma conjunção (se se tratar de oração coordenada, ou subordinada substantiva ou adverbial), ou um pronome relativo (se for oração subordinada adjetiva): Alguns não sabem que há no projeto uma clara indicação de um edifício baixo, **que conecta os blocos ministeriais entre si**, que abrigaria serviços diversos.

Retirando a forma nominal do verbo (gerúndio), coube o pronome relativo. Isso significa que a oração é subordinada adjetiva reduzida de gerúndio e possui valor explicativo por estar entre vírgulas. Poderia estar, também, entre travessões ou parênteses.

Alternativa "a" – É uma oração e não um aposto: possui verbo.

Alternativa "b" – Não indica circunstância para ser adjunto adverbial.

Alternativa "c" – Seria restritiva se não houvesse pontuação.

Alternativa "e" – Não é oração principal, pois possui um verbo na forma nominal e, ao desenvolvê-la, cabe o pronome relativo para ligar as orações.

---

03. (ESAF – Analista-Tributário – RFB/2012) Assinale a opção que, ao preencher a lacuna do parágrafo, provoca erro gramatical e/ou incoerência na argumentação do texto.

A inflação, que deveria voltar a ser um problema só no ano que vem, vai causar preocupação no curto prazo. _____, mais uma vez a taxa vai ficar acima do centro, ainda que permaneça dentro da margem de segurança. A alta foi pequena, mas dá uma ideia do pessimismo que anda dominando os mercados. (Adaptado de Correio Braziliense, de 7 de agosto de 2012)

(A) A serem confirmadas as expectativas do mercado.

(B) Apesar de confirmá-las as expectativas do mercado.

(C) Se a expectativa do mercado se confirmar.

(D) Confirmando-se as expectativas do mercado.

(E) Caso sejam confirmadas as expectativas de mercado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – O período indica concessão (ideias opostas). Conjunções adverbiais concessivas: **embora, ainda que, apesar de que, se bem que, mesmo que, por mais que, posto que, conquanto**, etc.

Alternativa "a" –Condição = se forem confirmadas.

Alternativa "c" –Condição.

Alternativa "d" –Condição = caso se confirmem.

Alternativa "e" –Condição.

---

04. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/ 2010) Em relação às estruturas do texto, assinale a opção incorreta.

Para que a cobertura mínima oferecida pelos planos de saúde aos seus segurados inclua as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente, a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) acrescentou 73 novos procedimentos à lista de exames, consultas, cirurgias e outros serviços que as operadoras são obrigadas a oferecer.

Criada em 2000 para "promover a defesa do interesse 10 público na assistência suplementar à saúde e regular as operadoras setoriais, inclusive quanto às suas relações com prestadores (de serviços) e consumidores", a ANS opera numa corda bamba. Entre suas atribuições está a de elaborar a lista dos procedimentos de cobertura obrigatória nos planos de saúde. Ela tem de assegurar aos que buscam a proteção dos planos de saúde a cobertura mais completa possível, o que inclui as novas tecnologias na área de medicina. Mas, muitas vezes, os novos procedimentos têm um custo tão alto que limita seu uso. Se a ANS impuser às operadoras a obrigatoriedade do oferecimento desses procedimentos poderá levá-las à ruína financeira, o que, no limite, destruiria o sistema de assistência suplementar à saúde. (O Estado de S. Paulo, Editorial, 17/01/2010.)

(A) O termo "Para que" (primeiro parágrafo) confere ao período em que ocorre a ideia de finalidade.

(B) O emprego do modo subjuntivo em "inclua" (primeiro parágrafo) justifica-se por se tratar de

uma oração subordinada que apresenta um fato hipotético ou provável.

(C) A expressão "numa corda bamba" (segundo parágrafo) tem significação conotativa e confere um tom de informalidade ao texto.

(D) A expressão "aos que buscam a proteção dos planos de saúde" (segundo parágrafo) tem, no período, a função de objeto direto.

(E) As expressões "novas tecnologias na área da medicina""os novos procedimentos", "desses procedimentos" (segundo parágrafo), formam uma cadeia coesiva que retoma a ideia inicial de "as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente"(início do texto).

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

✪ Nota da autora: Questão de período composto, análise sintática, verbo e coesão textual.

Analisando, sintaticamente, todos os termos do período da alternativa d:

Ela tem de assegurar aos que buscam a proteção dos planos de saúde a cobertura mais completa possível.

- Ela: sujeito;
- tem de assegurar deve ser substituído por um verbo para facilitar a classificação: **assegura** – quem assegura, assegura algo a alguém = verbo transitivo direto e indireto;
- aos que buscam a proteção do s planos de saúde = **objeto indireto** de assegurar;
- a cobertura mais completa possível = objeto direto de assegurar.

Alternativa "a" –Faz-se a pergunta **para quê?** à oração principal: *a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) acrescentou 73 novos procedimentos à lista de exames, consultas, cirurgias e outros serviços para quê? Para que a cobertura mínima oferecida pelos planos de saúde aos seus segurados inclua as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente* = finalidade.

Alternativa "b" –em *Para que a cobertura **inclua***, fica claro que a ação é hipotética, duvidosa. Não se sabe se realmente incluirá.

Alternativa "c" –*Numa corda bamba* está no sentido conotativo (figurado) e foi empregada no sentido de estar correndo riscos.

Alternativa "e" –As expressões retomam "as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente", basta voltar ao texto.

05. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal do Brasil/2009) Em relação ao texto, assinale a opção correta.

5 10 15	Há alguma esperança de que a diminuição do desmatamento no Brasil possa se manter e não seja apenas, e mais uma vez, o reflexo da redução das atividades econômicas causada pela crise global. Mas as notícias ruins agora vêm de outras frentes. As emissões de gases que provocam o efeito estufa pela indústria cresceram 77% entre 1994 e 2007, segundo estimativas do Ministério do Meio Ambiente a partir de dados do IBGE e da Empresa de Pesquisa Energética. Para piorar, as fontes de energia se tornaram mais "sujas", com o aumento de 122% do CO2 lançado na atmosfera, percentual muito acima dos 71% da ampliação da geração no período. Assim, enquanto as emissões por desmatamento tendem a se reduzir para algo entre 55% e 60% do total, as da indústria e do uso de combustíveis fósseis ganham mais força. (Editorial, Valor Econômico, 1/9/2009)

(A) Em "possa se manter" (ℓ.2) o pronome "se" indica sujeito indeterminado.

(B) O termo "causada" (ℓ.4) está no singular e no feminino porque concorda com "esperança" (ℓ.1).

(C) O termo "enquanto" (ℓ.14) confere ao período uma relação de consequência.

(D) Em "se tornaram" (ℓ.11) o pronome "se" indica voz passiva.

(E) O segmento "que provocam o efeito estufa pela indústria" (ℓ.6 e 7) constitui oração subordinada adjetiva restritiva.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

✪ Nota da autora: *Questão de período composto, análise sintática, concordância nominal e voz verbal.*

Alternativa *e:* para ser uma oração subordinada adjetiva, é obrigatória a presença do pronome relativo e para ser classificada como restritiva não pode haver pontuação antes do pronome: "As emissões de gases que provocam o efeito estufa pela indústria cresceram 77 %...". Oração principal: as emissões de gases cresceram 77%; oração subordinada adjetiva restritiva: que (as quais) provocam o efeito estufa pela indústria.

Alternativa "a" –O sujeito de *possa se manter* é *a diminuição do desmatamento.*

Alternativa "b" –*Causada* concorda com redução: a redução é causada.

Alternativa "c" –No texto, *enquanto* indica proporcionalidade por estar se referindo a ações simultâneas.

Em alguns casos, pode indicar tempo, depende do contexto em que está inserido.

Alternativa "d" –"... as fontes de energia se tornaram mais sujas..." = a oração se encontra na voz ativa. Os verbos que indicam voz passiva seguidos do pronome apassivador **se** são transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos. O verbo *tornar* é de ligação.

06. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal do Brasil/2009) Em relação ao texto, assinale a opção correta.

> A queda das exportações brasileiras se deveu basicamente a dois fatores: queda na demanda externa de commodities e, mais ainda, na de produtos manufaturados, situação que foi agravada pela evolução da taxa cambial, pois a valorização do real ante o dólar encareceu os bens brasileiros para os estrangeiros. Parece difícil que neste final do ano haja mudança de situação, pois os países industrializados mostram uma recuperação muito limitada – especialmente os europeus –, enquanto as perspectivas para os da América Latina continuam difíceis. Poderá haver, talvez, apenas uma ligeira melhora na exportação de *commodities*. Não se pode esperar nenhuma revolução na política cambial. No caso das importações, ao contrário, a situação pode mudar significativamente até o final do ano, quando a demanda doméstica aumenta e estimula a indústria a produzir mais. (Editorial, O Estado de S. Paulo, 2/9/2009)

(A) Subentende-se no trecho "na de produtos manufaturados" (ℓ.4 e 5) a elipse da palavra "queda" (ℓ.2) após "na".

(B) O termo "pois" (ℓ.5) estabelece no período uma relação de consequência.

(C) O termo "quando" (ℓ.16) estabelece no período uma relação de condição.

(D) Estaria gramaticalmente correta a redação para a linha 13: **Não se podem esperar**.

(E) Mantém-se a correção gramatical do período e suas informações originais ao se substituir a expressão "ante o" (ℓ.5) por qualquer uma das seguintes: **em relação ao, diante do, frente ao**.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de período composto (conjunção), coesão textual e concordância verbal.

Em itens como esse, substitua os termos indicados, um a um, e confira se o sentido continua o mesmo: "... a valorização do real **ante** o dólar..." = a valorização do real **em relação ao** dólar, a valorização do real **diante do** dólar, a valorização do real **frente ao** dólar. Perceba que em todos os casos o sentido se mantém.

Alternativa "a" –... na demanda externa e na (demanda) de produtos. O substantivo *demanda* está elíptico.

Alternativa "b" –A conjunção *pois* estabelece relação de explicação.

Alternativa "c" –*Quando* indica tempo.

Alternativa "d" –"Não se pode esperar nenhuma revolução": a primeira dica é juntar os dois verbos em um para não encontrar predicação errada. *Pode esperar* equivale à **espera**. Não se espera nenhuma revolução. *Esperar* é transitivo direto acompanhado pelo pronome apassivador se, isso indica que *nenhuma revolução* possui função sintática de sujeito. Impossível o verbo ir para o plural.

07. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal do Brasil/2009) Assinale a opção correta em relação ao texto.

> O número de brasileiros com acesso à internet em sua residência vem crescendo em ritmo cada vez mais veloz. No início do ano passado, o Brasil tinha 14 milhões de usuários residenciais da rede mundial de computadores. Em fevereiro de 2008, os internautas residenciais do País somavam 22 milhões de pessoas – mais 8 milhões, ou 57%. Esses números tornam a internet o segundo meio de comunicação mais abrangente do Brasil, atrás apenas da televisão. Chegou-se a dizer que esse é um meio elitizado, utilizado apenas pelas classes A e B. Mas uma pesquisa mostra que as classes C e D utilizam amplamente a internet. No ano passado, os brasileiros compraram mais computadores (10,5 milhões de unidades) do que televisores. As vendas continuam a crescer em 2008, o que justifica previsões de que, no fim do ano, haverá 45 milhões de internautas no País. (O Estado de S. Paulo, 9/4/2008)

(A) A eliminação de "do" em "do que televisores" (ℓ.14 e 15) mantém a correção gramatical do período.

(B) Em "Chegou-se"(ℓ.9), o "-se" indica voz passiva.

(C) O termo "Mas"(ℓ.10) insere no texto uma relação de comparação.

(D) O emprego de sinal indicativo de crase em "à internet" (ℓ.1) justifica-se pela regência de "brasileiros".

(E) A presença de preposição em "previsões de que" (ℓ.16) decorre da regência de "justifica".

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de período composto (conjunção), voz verbal, regência e crase.

Perceba que no trecho citado, na alternativa *a*, ocorre comparação, por isso a eliminação de **do** pode ocorrer. Na oração: *Ele é mais estudioso que você*, sabe-se que há comparação pela omissão de um verbo, sendo assim podemos inserir a contração da preposição e a oração continua correta: Ele é mais estudioso **do** que você.

Alternativa "b" –Eis um grande *peguinha*! Se a oração não possuísse o verbo chegar, o se indicaria voz passiva e *que esse é um meio elitizado* seria sujeito oracional (oração subordinada substantiva subjetiva). Colocando o verbo chegar, o sujeito passa a ser simples e elíptico (ele) e o se é apenas uma partícula de realce (pode ser retirada) e indica voz ativa.

Alternativa "c" –*Mas* indica adversidade, oposição.

Alternativa "d" –Quem tem acesso, tem acesso a algo. A preposição é exigida pelo substantivo acesso.

Alternativa "e" –"... justifica previsões de que..." = previsões é complemento verbal – objeto direto – de justifica (quem justifica, justifica algo – verbo transitivo direto). Justifica previsões **de** algo, a preposição de decorre da regência do substantivo *previsões*.

---

08. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal do Brasil/2009) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto abaixo.

O tema espinhoso da conferência de dezembro em Copenhague será a redução de emissões __(1)__ desmatamento e degradação de florestas, conhecida como Redd (ao apodrecer ou queimar, a madeira lança CO2 no ar). Redd é uma maneira barata de reduzir emissões, __(2)__ restringe só atividades predatórias, como a pecuária extensiva de baixa rentabilidade. O Brasil poderia obter bons recursos no mercado mundial de carbono, pois vem reduzindo o desflorestamento. Brasília, contudo, aceita apenas doações voluntárias __(3)__ compensação pelo desmatamento evitado. Resiste __(4)__ converter o ativo em créditos negociáveis, argumentando que países ricos se safariam de suas obrigações pagando pouco pelo "direito de poluir" (créditos de carbono Redd que inundariam o mercado). Para impedir o desvio, bastaria acordar um teto para os créditos Redd. Por exemplo, 10% do total de reduções. Para usufruir desse mercado, o Brasil precisaria recalcular quanto produz, hoje, de poluição __(5)__ desmatamento. (Folha de S. Paulo, Editorial, 31/8/2009)

	1	2	3	4	5
a)	do	porque	de	à	no
b)	por	pois	como	a	com o
c)	com o	embora	em	por	em
d)	em	mas	por	ao	pelo
e)	no	já que	na	de	contra o

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Certifique-se de pelo menos um item e trabalhe por eliminação. Se iniciar pelo item 4, encontrará a resposta: quem resiste, resiste **a** algo. O vocábulo posterior é um verbo e não se usa o acento indicativo de crase antes de verbo. Feito! A alternativa b é a correta.

Se iniciar pelo item 1, também chegará à resposta: redução de emissões **por** desmatamento e degradação de florestas. O paralelismo facilitou: havendo dois termos ligados ao substantivo emissão, sabe-se que o artigo acompanhará os dois, ou nenhum. Assim são eliminadas as alternativas *a*, *c* e *e*. (Exemplo: redução de emissões **do** desmatamento e **da** degradação de florestas. Obrigatoriamente deveria repetir o artigo no segundo paralelismo).

Item 2: *Redd* é uma maneira barata de reduzir emissões **porque** (ou **pois**) restringe só atividades predatórias. É uma explicação.

Item 3: doações voluntárias **como** compensação.

Item 5: Para usufruir desse mercado, o Brasil precisaria recalcular quanto produz, hoje, de poluição **com o** desmatamento.

---

09. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/2006) Assinale a opção de proposta de alteração para o texto que resulta em erro gramatical e/ou incoerência textual.

No atual estágio da sociedade brasileira, se se deseja um regime democrático, não basta abolir a necessidade de bens básicos. É necessário que o processo produtivo seja capaz de continuar, com eficiência, a produção e a oferta de bens considerados supérfluos.

Em se tratando de um compromisso democrático, uma hierarquia de prioridades deve colocar o básico sobre o supérfluo. O que deve servir como incentivo para a proposta de casar democracia, fim da apartação e eficiência econômica em geral é o fato de que o potencial econômico do país permite otimismo quanto à possibilidade de atender todas essas necessidades, dentro de uma estratégia em que o tempo não será muito longo. (Adaptado de Cristovam Buarque, Da modernidade técnica à modernidade ética, p.29)

(A) Substituir a relação expressa por "em que o tempo" (final do texto) pela relação expressa por **cujo tempo.**

(B) Inserir o pronome indicativo de indeterminação de sujeito depois de "abolir" (primeiro período), resultando em: **abolir-se.**

(C) Retirar a preposição da expressão "Em se tratando" (início do segundo parágrafo), deslocando-se o pronome para depois do verbo e fazendo-se os ajustes nas iniciais maiúsculas; o que resulta em **Tratando-se**.

(D) Inserir a preposição a antes de "todas essas necessidades"(último período).

(E) Substituir o conectivo de valor condicional "se" (início do texto) por **caso**, resultando em: **caso se**.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de período composto (conjunção), pronome e verbo.

A junção da conjunção condicional **se** e do pronome apassivador **se** normalmente acarreta dúvida, mas a expressão está correta porque a conjunção atrai o oblíquo. No caso proposto, caso ocorresse a substituição, deveria ser: **caso se deseje** um regime democrático = caso um regime democrático seja desejado.

Alternativa "a" –dentro de uma estratégia **cujo tempo** não será muito longo = o tempo da estratégia não será muito longo.

▶ **Dica** – O pronome relativo **cujo** concorda com o termo posposto e indica posse do anterior.

Alternativa "b" –Não acarreta erro, nem incoerência, apenas altera o sujeito: abolir **a necessidade** = objeto direto, abolir-se **a necessidade** = sujeito.

Alternativa "c" –Nada altera: **Tratando-se** de um compromisso democrático.

Alternativa "d" –O verbo **atender** admite as duas construções (transitivo indireto e transitivo direto): atender **a todas as necessidades** ou atender **todas as necessidades**.

---

10. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/ 2006)

A extinção do uso da mão de obra escrava no Brasil se deu por um processo lento, com vistas à transição para a formação de um mercado de trabalho livre. __(1)__, a segunda metade do século XIX é um período marcado pela preocupação de constituição e regulamentação legal do uso do trabalho livre no Brasil. A regulação dessas novas modalidades de uso da mão de obra contou com a mediação do Estado (Império), que disciplinava os contornos do trabalho livre. __(2)__ haja uma inexplicável lacuna na bibliografia do direito do trabalho, as leis de locação e serviços de 1830,1837 e 1879 representam o principal marco na experiência de intervenção estatal na contratação do trabalho livre no Brasil. O período de transição da escravidão __(3)__ adoção do trabalho livre é longo. A importação de mão de obra europeia tem início no ano de 1850, __(4)__ talvez a primeira experiência na importação de colonos pela firma Vergueiro & Cia. Os colonos eram cativados para o paraíso de terras férteis e abundantes __(5)__ oferta de trabalho livre e passavam a conviver com a mão de obra escrava nas fazendas. (Sidnei Machado – http://calvados.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/direito/article/viewPDFInterstitial/1766/1463)

	1	2	3	4	5
a)	Todavia	Contudo	Na	era	com a
b)	Por isso	Conquanto	Para a	sendo	pela
c)	Porquanto	No entanto	Com a	é	da
d)	Conquanto	Desde que	Até a	seria	na
e)	No entanto	Porquanto	pela	foi	e

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

1) A lacuna deve ser preenchida com conjunção conclusiva, eliminando alternativas a (adversativa), d (concessiva).

2) As ideias são opostas, portanto devemos usar conjunção concessiva: **conquanto**. Eliminada alternativa e (explicativa ou conclusiva).

3) Relação de finalidade. Eliminada alternativa c.

4) ... **sendo** talvez a primeira experiência.

5) ... eram cativados **pela** oferta.

---

11. (ESAF – Técnico da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

A ideia de responsabilidade social, __(1)__ não seja nova, ganhou notoriedade quando a deterioração dos ecossistemas, provocada pela poluição, estimulou o debate __(2)__ benefícios e malefícios da sociedade industrial. Parece evidente que as consequências indesejáveis da industrialização aguçaram a consciência ecológica de certos segmentos sociais e motivaram o surgimento de grupos de ativistas que se propuseram a combater o comportamento ecologicamente irresponsável de certas empresas e ramos de negócios, __(3)__ os madeireiros, os caçadores de baleias, a indústria de pele de animais, as empresas petrolíferas e organizações que trabalham com materiais radioativos, entre outras. O princípio da responsabilidade social se baseia na premissa de que as organizações são instituições sociais porque foram socialmente legitimadas. __(4)__, as empresas são depositárias dos recursos sociais e afetam a qualidade de vida da sociedade; __(5)__, por isso mesmo, a obrigação de agir segundo os interesses da sociedade, devendo prestar contas de suas ações a ela. (Adaptado de Carlos Eugênio Friedrich Barreto – http://www2.uerj.br/~labore/cquestoesc/sociedade_2-main.htm)

	1	2	3	4	5
a)	talvez	a cerca dos	Quais sejam	Apesar disso	assim
b)	embora	sobre os	como	Assim sendo	têm
c)	certamente	cerca dos	tais como	Diante disso	detém
d)	caso	sob os	sejam	Comparativamente	tem
e)	como	em relação aos	seja	Em decorrência	recebem

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Eliminando pelo primeiro item: a ideia de responsabilidade social não é nova, mas ganhou notoriedade. A circunstância é de **concessão**. Descartadas as demais alternativas.

2) estimulou o debate **sobre** benefícios = assunto

3) **como** os madeireiros, os caçadores de baleias = exemplificação ou conformidade

4) **Assim sendo**, as empresas são depositárias dos recursos sociais = conclusão

5) As empresas **têm** a obrigação = o verbo deve concordar com o sujeito.

---

12. (ESAF – Técnico da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

Talvez, na história da sociedade industrial, a mais antiga manifestação de cumprimento da responsabilidade social empresarial __(1)__ expressa pelos direitos dos trabalhadores assegurados pela legislação trabalhista e seguridade social.

Em cada país, __(2)__ sua história de luta política das organizações trabalhistas, de participação dos partidos políticos e de interveniência do Estado – ou __(3)__ de ações conjugadas entre os três – essa história de conquistas, muitas vezes marcada pela violência, fruto da intransigência da classe dominante, e também, __(4)__ marcada por manifestações de radicalismo ideológico dos próprios trabalhadores, foi sendo construída ao longo do tempo. (Carlos Eugênio Friedrich Barreto – http://www2.uerj.br/~labore/cquestoesc/sociedade_2-main.htm)

	1	2	3	4
a)	é	de acordo com	com mesmo	ou
b)	seja	em relação a	mesmo com	mesmo
c)	tenha sido	conforme a	até mesmo	outras vezes
d)	será	diante de	seja	cada vez
e)	tendo sido	frente a	diante	certa vez

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Através do quarto item se chega à resposta: ao citar **muitas vezes** marcada pela violência, deduzimos que haja **outras vezes.** Perceba que as outras opções são descabidas.

1) A dica está no advérbio de dúvida **talvez** que inicia o período. O modo do verbo pedido é subjuntivo: **tenha sido.**

2) *Conforme* indica conformidade, regra.

3) *Até mesmo* indica inclusão.

---

13. (ESAF – Técnico da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Assinale a opção correta em relação à função do "se".

Embora a recuperação da confiança tenha sido modesta em setembro, é possível que a tendência positiva se(1) acentue no final do ano, se(2) a queda do juro básico se(3) transferir para o crédito ao consumo e se(4) os salários reais continuarem a se(5) recuperar devido à contenção da inflação, que eleva o poder aquisitivo. (O Estado de S. Paulo, 04/10/2005, Editorial)

(A) 1 – conjunção condicional

(B) 2 – pronome reflexivo

(C) 3 – índice de indeterminação do sujeito

(D) 4 – conjunção condicional

(E) 5 – palavra expletiva ou de realce

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

✪ **Nota da autora:** *se continuarem* equivale a **caso continue**. Fazendo a substituição, não há como haver enganos.

Alternativa "a" –*se acentue* equivale a **seja acentuada**. O **se** é um pronome apassivador. A oração está na voz passiva sintética.

Alternativa "b" –*se a queda se transferir* equivale a **caso a queda se transfira**: conjunção condicional.

Alternativa "c" –*se a queda se transferir* equivale a **se a queda for transferida**: pronome apassivador.

Alternativa "e" –o verbo *recuperar-se* está no sentido de **reintegrar-se à sociedade de maneira positiva*, ou seja, é um pronome reflexivo (recuperar a si mesmo).

*Aulete Dicionário Digital

14. (ESAF – Técnico da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) No trecho abaixo, foram inseridos erros no que respeita ao emprego da norma gramatical padrão. Para eliminá-los do trecho, foram propostas seis alterações. Analise-as e responda ao que se pede.

O ministro da Controladoria Geral da União, Waldir Pires, escreveu uma longa carta a Oded Grajew, na qual reconhece que o Brasil ainda carece de ações preventivas no combate à corrupção.

Diante de uma máquina estatal pouco transparente e que reage as tentativas de publicidade das suas ações, o País surpreende-se com os casos de corrupção, e só os descobre quando já são esquemas consolidados e milionários.

Waldir Pires afirma que vem mudando essa realidade. Criou o Portal da Transparência e o sistema de auditoria por sorteio, estabeleceu convênio para troca de informações com o Ministério Público, articulou-se com a Polícia Federal em diversas operações que a PF realizou nos últimos anos.

A carta do ministro para Oded, tornada pública, gerou uma segunda carta, dessa vez do presidente da União Nacional dos Analistas e Técnicos de Finanças e Controle (Unacon), Fernando Antunes, que reconhece o desejo real da CGU de tornar o Estado brasileiro mais transparente. Consequentemente admite a existência de uma queda de braço entre setores do governo. Nem a todos interessa a publicidade dos atos governamentais. (Adaptado de Rudolfo Lago, Correio Braziliense, 24/10/2005)

Alterações propostas:

I. Usar o acento grave para indicar ocorrência de crase na expressão "reage as tentativas".

II. Alterar a configuração morfossintática do final do primeiro parágrafo para: só descobrindo-os quando já são esquemas consolidados e milionários.

III. Desenvolver a oração reduzida da linha 15 na seguinte oração adverbial: quando se tornou pública.

IV. Substituir "Consequentemente" por Mas.

V. Reescrever a última oração do terceiro parágrafo assim: Não são todos que se interessam pela publicidade dos atos governamentais.

Indique a opção que relaciona apenas as alterações necessárias para eliminar os erros gramaticais do trecho.

(A) I, IV e V

(B) I, II, III e IV

(C) I e IV

(D) II e IV

(E) III, IV e V

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

Nota da autora: Questão de período composto, crase, colocação pronominal e vozes verbais.

Verbos que admitem transposição para a voz ativa: transitivos diretos e transitivos diretos e indiretos. É preciso o objeto direto.

I. Correta: reage às tentativas. Substitua o substantivo feminino por um masculino e se resulta em **ao** (preposição + artigo), indica que há crase = reage **ao** teor.

II. Errada. O advérbio de exclusão só atrai o pronome oblíquo.

III. O uso de oração reduzida não indica erro, logo não é preciso desenvolvê-la. A oração reduzida indica causa e não tempo: por se tornar pública.

IV. Correta, pois as ideias são adversas, opostas.

V. Errada. Altera o sujeito e altera o sentido. No texto: a publicidade não interessa a todos; no item V: não são todos que se interessam pela publicidade. O verbo interessar, nesse contexto, não admite voz passiva.

Leia o texto para responder à questão.

É urgentemente necessário criar critérios objetivos para a seleção de projetos, obrigando a autoridade pública a comprovar o atendimento a critérios mínimos de interesse público, de viabilidade econômico-financeira, de equilíbrio social e ambiental e de agregação de valor.

Diante da realidade federativa do Brasil, é de se esperar também que o governo federal tenha uma visão ampla e generosa do papel central que deve exercer, no incentivo às boas práticas de planejamento e implantação de projetos.

Essas inquietações surgem porque ações prepósteras do governo podem gerar erros graves na condução de programas de Parcerias Público-Privadas (PPP). Reverter erros em PPP – que se verificam na experiência internacional – pode custar muito caro ao país e a frustração decorrente pode inviabilizar mudança cultural tão necessária. (Rubens Teixeira Alves & Leonardo Grilo. PPP – uma lei só não faz verão. Correio Braziliense, 25 de julho de 2005, com adaptações)

15. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) A argumentação textual está organizada em torno da seguinte relação de condicionalidade:

(A) Não haverá realidade federativa se o governo federal não tiver uma visão ampla e generosa do seu papel central de incentivador das boas práticas de planejamento e implantação de projetos.

(B) Se ações proteladoras do governo gerarem inquietações que ocasionem erros graves na condução de programas de PPPs, poderá ser inviabilizada a mudança cultural por eles pretendida.

(C) Será urgentemente necessário criar critérios objetivos para a seleção de projetos, se for verificada na experiência internacional que reverter erros nas PPPs pode custar caro.

(D) Erros graves na condução de PPPs podem custar caro ao país, se não forem criados critérios objetivos para a seleção de projetos e a autoridade pública não comprovar o atendimento a critérios mínimos.

(E) Se custar muito caro ao país a frustração decorrente de más práticas de planejamento e implantação de projetos, poderá ser inviabilizada a mudança cultural tão necessária para a implantação das PPPs.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

✪ **Nota da autora:** Em primeiro lugar, precisa haver relação de condicionalidade e em segundo, sublinhar as ideias principais da tese (primeiro parágrafo).

Condição correta: *se não forem criados critérios objetivos para a seleção de projetos e a autoridade pública não comprovar o atendimento a critérios mínimos.* O texto foi escrito para convencer o leitor de que é urgentemente necessário criar critérios objetivos para a seleção de projetos.

Alternativa "a" –Condição errônea: *se o governo federal não tiver uma visão ampla e generosa do seu papel central de incentivador das boas práticas de planejamento e implantação de projetos.*

Alternativa "b" –Condição errônea: *Se ações proteladoras do governo gerarem inquietações que ocasionem erros graves na condução de programas de PPPs.*

Alternativa "c" –Condição errônea: *se for verificada na experiência internacional que reverter erros nas PPPs pode custar caro.*

Alternativa "e" –Condição errônea: *Se custar muito caro ao país a frustração decorrente de más práticas de planejamento e implantação de projetos.*

16. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Assinale a opção que preenche corretamente a sequência de lacunas do texto, mantendo sua coerência textual e sua correção gramatical.

Tendo __(1)__ unidade de análise o gênero humano no tempo, Morgan dispõe __(2)__ sociedades humanas na história segundo graus de complexidade crescente __(3)__ se aproximam da civilização. Diferentes organizações sociais sucedem-se porque se superam __(4)__ desenvolvimento de sua capacidade de __(5)__ e de dominar a natureza, identificando vantagens biológicas e econômicas em certas formas de comportamento que são, então, instituídas __(6)__ modos de organização social. (Sylvia G. Garcia, Antropologia, modernidade, identidade. In: Tempo Social, vol. 5, nº 1-2, com adaptações).

	1	2	3	4	5	6
a)	por	as	conforme	pelo	adaptar-se	como
b)	por	das	à medida que	no	adaptarem-se	em
c)	como	as	na medida em que	ao	se adaptar	por
d)	como	nas	conforme	até	se adaptarem	como
e)	a	das	à medida que	como	adaptar-se	em

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – *Tendo* **por** (ou **como**) *unidade de análise o gênero humano no tempo* indica causa. **Eliminada alternativa e.**

O verbo *dispor* foi usado como transitivo direto (dispõe algo). **Alternativa *d* eliminada.**

Conforme está no sentido de *à medida que* porque indica proporcionalidade. *Na medida em que* indica causa, portanto **eliminada alternativa c** g *(...) porque se superam* **pelo** ou **no** *desenvolvimento.* Nenhuma eliminada.

Através da concordância, encontra-se a resposta: *adaptar-se.* A dica está no verbo posterior (singular): *e de* ***dominar*** g *(...) são, então, instituídas* **como** *modos de organização social.*

Leia o texto para responder à questão.

Um dos motivos principais pelos quais a temática das identidades é tão frequentemente focalizada tanto na mídia assim como na universidade são as mudanças culturais, sociais, econômicas, políticas e tecnológicas que estão atravessando o mundo e que são experienciadas, em maior ou menor escala, em comunidades locais específicas. Como indica Fridman (2000, p. 11), "se a modernidade alterou a face do mundo com suas conquistas materiais, tecnológicas, científicas e culturais, algo de abrangência semelhante ocorreu nas últimas décadas, fazendo surgir novos estilos, costumes de vida e formas de organização social". Há nas práticas sociais cotidianas que vivemos um questionamento constante de modos de viver a vida social que têm afetado a compreensão da classe social, do gênero, da sexualidade, da idade, da raça, da nacionalidade etc., em resumo, de quem somos na vida social contemporânea. É inegável que a possibilidade de vermos a multiplicidade da vida humana em um mundo globalizado, que as telas do computador e de outros meios de comunicação possibilitam, tem colaborado em tal questionamento ao vermos de perto como vivemos em um mundo multicultural e que essa multiculturalidade, para qual muitas vezes torcíamos/torcemos os narizes, está em nossa própria vida local, atravessando os limites nacionais: os grupos gays, feministas, de rastafaris, de hip-hop, de trabalhadores rurais sem-terra etc. (Luiz Paulo da Moita Lopes, Discursos de identidades, p. 15)

17. (ESAF – Secretaria da Receita Federal – Técnico da Receita Federal/2003) Das seguintes relações de causa (primeira coluna) e consequência (segunda coluna), assinale a única que não é possível inferir a partir do texto.

a)	mudanças culturais e sociais	focalização da temática das identidades
b)	modernidade no mundo	novas formas de organização social
c)	acesso à multiculturalidade	acesso às telas do computador
d)	questionamento dos modos de viver	alteração na compreensão da sexualidade
e)	novas conquistas tecnológicas e culturais	novos estilos e costumes de vida

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

✪ **Nota da autora:** Facilitando: fazendo a pergunta **por quê?** encontra-se a causa. A oração em que foi feita a pergunta é a consequência.

Exemplo:

Já que não estudou o suficiente,	foi reprovado
causa	*por quê? consequência*

Na alternativa *c*, não há esse tipo de relação: *É inegável que a possibilidade de vermos a multiplicidade da vida humana em um mundo globalizado, que **as telas do computador** e de outros meios de comunicação possibilitam, tem colaborado em tal questionamento ao vermos de perto como **vivemos em um mundo multicultural** e que essa multiculturalidade (...)*

Nas alternativas *a, b, d* e *e*, basta voltar ao texto, linhas indicadas abaixo, e fazer a pergunta **por quê?** às ideias citadas na segunda coluna (que indicam consequência). A resposta será o conteúdo da primeira coluna, ou seja, a causa.

Alternativa "a" –Linhas 1 a 8.

Alternativa "b" –Linhas 9 a 15.

Alternativa "d" –Linhas 15 a 22.

Alternativa "e" –Linhas 9 a 15.

Instruções: considere o trecho abaixo para responder às questões posteriores (duas).

Os políticos costumam ser rigorosos na aprovação de leis para o resto da sociedade, mas tendem a redigir textos mais compreensivos quando o que está na mira são os próprios deslizes. Mais de uma vez o Congresso aprovou leis criando limites para os gastos públicos sem no entanto estabelecer punições.

18. (AFR/SP – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2002) A ideia que a conjunção "mas" estabelece entre orações no trecho é de:

(A) adição.

(B) oposição.

(C) tempo.

(D) conclusão.

(E) causa.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – A conjunção ***mas*** indica adversidade (oposição), ou adição (se acompanhada do vocábulo ***também***).

Relembrando as conjunções	
Aditivas	E, nem (= e não), não só... mas também, não só...como também, bem como, não só...mas ainda.

Adversativas	Mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante.
Temporais	Quando, enquanto, antes que, depois que, logo que, todas as vezes que, desde que, sempre que, assim que, agora que, mal (= assim que), etc.
Conclusivas	Logo, pois (depois do verbo), portanto, por conseguinte, por isso, assim.
Causais	Porque, que, como (= porque, no início da frase), pois que, visto que, uma vez que, porquanto, já que, desde que, etc.

19. (AFR/SP – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2002) A ideia contida no trecho "o Congresso aprovou leis criando limites para os gastos públicos" aparece em:

(A) o Congresso aprovou leis porque criava limites para os gastos públicos.

(B) o Congresso aprovou leis, mas criou limites para os gastos públicos.

(C) o Congresso aprovou leis, sem que criasse limites para os gastos públicos.

(D) o Congresso aprovou leis logo que criou limites para os gastos públicos.

(E) o Congresso aprovou leis e criou limites para os gastos públicos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta

✪ Nota da autora: Questão de período composto e verbo.

A grande dica é que o gerúndio indica continuidade. Sendo assim, podemos deduzir que as ações se adicionam. A conjunção ***e*** indica tal adição.

Alternativa "a": Explicação.

Alternativa "b": Adversidade.

Alternativa "c": Modal.

Alternativa "d": Conclusiva.

Instruções: Considere o trecho abaixo para responder à questão.

"mas são frequentes os casos em que as leis são descumpridas sem que nada aconteça, ou mesmo desfeitas, caso incomodem demais"

20. (AFR/SP – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2002) Mantendo-se o mesmo sentido, a conjunção "caso" pode ser substituída por:

(A) desde que.

(B) conforme.

(C) embora.

(D) mesmo que.

(E) porque.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – A conjunção indica condição e tem o mesmo valor de: se, contanto que, salvo se, a não ser que, desde que, a menos que, sem que.

Alternativa "b": Conformidade: conforme, como (= conforme), segundo, consoante, etc.

Alternativa "c": Concessão: embora, ainda que, apesar de que, se bem que, mesmo que, por mais que, posto que, conquanto, etc.

Alternativa "d": Concessão

Alternativa "e": Explicação: que, porque, pois, porquanto.

2. FCC

Texto para a questão.

PENSANDO NAS INSTITUIÇÕES

Vamos ao dicionário Houaiss e lá encontraremos, entre outras, a seguinte acepção do verbete instituição: "organismo público ou privado, estabelecido por meio de leis ou estatutos, que visa atender a uma necessidade de dada sociedade ou da comunidade mundial". Qual seria essa necessidade de que trata o verbete? A de organização das relações humanas, sem a qual não se estabelece a vida social civilizada. Necessárias, portanto, são as instituições, para que os homens tracem os deveres, os direitos e o alcance das atividades de cada um dos agrupamentos constituídos. Sempre alicerçadas numa base jurídica, as instituições buscam ainda resguardar os valores éticos, que se presumem inerentes ao seu funcionamento.

Instituições há de toda sorte e tamanho, do pequeno grêmio estudantil ao grande partido político, do modesto sindicato à confederação nacional de trabalhadores, de uma associação filantrópica à ONU. A todas elas deve-se o reconhecimento da legitimidade, como de todas se espera a lisura e a eficiência, sem o que elas não teriam razão de ser. Nascidas como instrumentos da ordem civilizada, elas são indispensáveis: nunca houve momento da História em que o homem tenha abdicado delas.

Mas os homens não são anjos. Sempre houve, e provavelmente sempre haverá, aqueles que se aproveitam da solidez e da justificativa social de uma instituição, valendo-se da legitimidade que é dela para

fraudá-la em benefício próprio. Quantos partidos, órgãos administrativos, corporações e entidades não sofrem a ação deletéria de quem perverte o caráter positivo das instituições para fazer delas instrumentos de ambição pessoal? Quantos não se escudam na legitimidade delas para ocultar atos escusos, praticados em benefício próprio?

Para buscar sanar esses vícios existem instituições específicas, cuja função é justamente fiscalizar o funcionamento das demais. Não é preciso lembrar que são essas instituições fiscalizadoras as que mais severamente devem olhar para si mesmas, a fim de honrar ao máximo a legitimidade da missão que lhes cabe: assegurar que esteja plenamente resguardado o sentido público das atividades de outros órgãos. A missão não é pequena, nem fácil, devendo ser exercida por quem, administrando-a, honre o sentido deste outro verbete (de onde pro- veio administrar), numa acepção bem específica: ministério, que tem como um dos sinônimos o vocábulo sacerdócio.

(Servílio Moreira, inédito)

21. (FCC – TCE/AM – Analista Técnico de Controle Externo/2013) Considerando-se o contexto, estabelecem entre si uma relação de causa e efeito, nesta ordem, os seguintes segmentos:

(A) devem olhar para si mesmas – A missão não é pequena

(B) organização das relações humanas – vida social civilizada

(C) resguardar os valores éticos – inerentes ao seu funcionamento

(D) Instituições há de toda sorte – Nascidas como instrumentos da ordem

(E) os homens não são anjos – A todas elas deve-se o reconhecimento da legitimidade

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

Nota da autora: Para haver causa e consequência, é necessário fazer a pergunta **por quê?**

Por que a vida social civilizada se estabelece? Por causa da organização das relações humanas = causa.

Fica assim:

Por que a vida social civilizada se estabelece?	Por causa da organização das relações humanas
efeito (ou consequência)	causa

A oração para a qual fazemos a pergunta é a consequência.

Alternativa "a" – As orações estão em períodos distintos, não há relação de causa e efeito.

Alternativa "c" – Há pronome relativo entre as orações, trata-se de oração adjetiva explicativa por possuir pontuação.

Alternativa "d" – As orações estão, também, em períodos distintos, não há relação de causa e efeito.

Alternativa "e" – A primeira oração é coordenada adversativa, não há causa nem efeito.

Instruções! Considere o trecho abaixo para responder à questão.

Segundo todos os testemunhos, o tesouro real asteca era magnífico e ao ser reunido diante dos espanhóis formou três grandes pilhas de ouro compostas, em grande parte, de utensílios requintados, que sugeriam sofisticadas cerimônias sociais: colares intrincados, braceletes, cetros e leques decorados com penas multicoloridas, pedras preciosas, pérolas, pássaros e flores cuidadosamente cinzelados. Essas peças, segundo o próprio Cortês, "além de seu valor, eram tais e tão maravilhosas, que, consideradas por sua novidade e estranheza, não tinham preço, nem é de acreditar que algum entre todos os Príncipes do Mundo de que se tem notícia pudesse tê-las tais, e de tal qualidade". (Adaptado de Alberto Manguel, À mesa com o Chapeleiro Maluco: ensaios sobre corvos e escrivaninhas. Trad. Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 21-22)

22. (FCC – Agente Fiscal de Rendas/2009) No início do parágrafo, o segmento que corresponde a uma circunstância de tempo é

(A) Segundo todos os testemunhos.

(B) o tesouro real asteca era magnífico.

(C) ao ser reunido diante dos espanhóis.

(D) formou três grandes pilhas de ouro.

(E) que sugeriam sofisticadas cerimônias sociais.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

Nota da autora: Fundamental encontrar a oração principal para fazer a pergunta correta e obter a resposta cabível. Oração principal (sem conjunção): *formou três grandes pilhas de ouro compostas – **quando?***

Oração subordinada adverbial temporal: *ao ser reunido diante dos espanhóis.*

Alternativa "a": Conformativa – regra: conforme.

Alternativa "b": Oração coordenada em relação à oração posterior.

Alternativa "d": Oração principal.

Alternativa "e": Oração subordinada adjetiva explicativa. Adjetiva por possuir pronome relativo e explicativa por haver pontuação.

Instruções! Considere o trecho abaixo para responder à questão.

Montezuma pretendia que o tesouro fosse um tributo de sua corte ao rei espanhol. Mas os soldados de Cortês exigiram que o tesouro fosse tratado como butim e que cada um deles recebesse uma parte do ouro. Feita a partilha entre o rei da Espanha, o próprio Cortês e tantos outros envolvidos, chegava-se a cem pesos para cada soldado raso, uma soma tão insignificante diante de suas expectativas que, no fim, muitos se recusaram a aceitá-la. Cedendo à vontade de seus homens, Cortês ordenou aos afamados ourives de Azcapotzalco que convertessem os preciosos objetos de Montezuma em lingotes, em que se estamparam as armas reais. Os ourives levaram três dias para realizar a tarefa. Hoje, os visitantes do Museu do Ouro de Santa Fé de Bogotá podem ler, gravados na pedra sobre a porta, os seguintes versos, dirigidos por um poeta asteca aos conquistadores espanhóis: "Maravilho-me de vossa cegueira e loucura, que desfazeis as joias bem lavradas para fazer delas vigotes". (Adaptado de Alberto Manguel, À mesa com o Chapeleiro Maluco: ensaios sobre corvos e escrivaninhas. Trad. Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 21-22)

23. (FCC – Agente Fiscal de Rendas/2009) Pode-se entender corretamente como expressão de causa a seguinte passagem, em seu contexto:

(A) Montezuma pretendia que o tesouro fosse um tributo de sua corte ao rei espanhol.

(B) chegava-se a cem pesos para cada soldado raso.

(C) no fim, muitos se recusaram a aceitá-la.

(D) Cedendo à vontade de seus homens.

(E) dirigidos por um poeta asteca aos conquistadores espanhóis.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

✪ **Nota da autora:** para indicar causa, deve-se fazer a pergunta ***por quê?*** ao verbo.

Cortês ordenou aos afamados ourives de Azcapotzalco que convertessem os preciosos objetos de Montezuma em lingotes ***por quê?*** Porque cedeu à vontade de seus homens.

Se necessário, leia as dicas de período composto no final do capítulo.

Por eliminação:

Alternativa "a": Oração principal seguida de oração subordinada substantiva objetiva direta.

Alternativa "b": Oração principal.

Alternativa "c": Oração subordinada adverbial consecutiva: ***de modo que***.

Alternativa "e": Oração subordinada adjetiva explicativa reduzida de particípio. Perceba que um pronome relativo pode ser encaixado: *os seguintes versos,* ***que*** *foram dirigidos por um poeta asteca aos conquistadores espanhóis.*

24. (FCC – Agente Fiscal de Rendas/2009) *"Feita a partilha entre o rei da Espanha, o próprio Cortês e tantos outros envolvidos, chegava-se a cem pesos para cada soldado raso, uma soma tão insignificante diante de suas expectativas que, no fim, muitos se recusaram a aceitá-la".* É afirmação correta sobre o fragmento acima:

(A) *muitos se recusaram a aceitá-la* expressa uma finalidade.

(B) a correlação instaurada por *tão* cumpre-se pela associação entre esse termo e *no fim*.

(C) *no fim* equivale a "finalmente", exprimindo que o desenlace da situação ocorreu exatamente como todos desejavam.

(D) *chegava-se a cem pesos para cada soldado raso* exprime consequência de condição anteriormente cumprida.

(E) a eliminação da primeira vírgula em *que, no fim, muitos se recusaram a aceitá-la* mantém a pontuação correta.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

✪ **Nota da autora:** Questão de período composto e coesão textual. A dica é tentar encaixar a locução conjuntiva de modo que para se certificar de que é consequência.

Alternativa "a": Expressa consequência.

Alternativa "b": O advérbio intensifica o adjetivo insignificante.

Alternativa "c": Finalmente equivale a por fim e não a no fim.

Alternativa "e" Não mantém a correção, pois as duas vírgulas marcam intercalação da expressão no fim.

25. (FCC – Agente Fiscal de Rendas/2009)

A história evolutiva pode ser representada como uma espécie depois da outra. Mas muitos biólogos hão de concordar comigo que se trata de uma ideia tacanha. Quem olha a evolução dessa perspectiva deixa passar a maior parte do que é importante. A evolução rima, padrões se repetem. E não simplesmente por acaso. Isso ocorre por razões bem compreendidas, sobretudo razões darwinianas, pois a biologia, ao contrário da evolução humana ou mesmo da física, já tem a sua grande teoria unificada, aceita por todos os profissionais bem informados no ramo, embora em várias versões e interpretações. Ao escrever a história evolutiva, não me esquivo a buscar padrões e princípios, mas procuro fazê-lo com cautela.

No trecho, a alteração que mantém o sentido e a correção originais é a de

(A) *Mas* por "Apesar de".

(B) *Quem* por "Muitos biólogos".

(C) *embora* por "não obstante".

(D) *Ao escrever* por "Salvo se escrever".

(E) *mas procuro* por "ainda que procure".

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

✪ **Nota da autora:** Relembrando quais conjunções que indicam concessão – ***embora***, muito embora, conquanto, ainda que, mesmo que, posto que, bem que, se bem que, apesar de que, nem que,em que, que,e, a despeito de, ***não obstante*** etc.

Alternativa "a": Mas é adversativa (coordenada) e apesar de, concessiva (subordinada).

Alternativa "b": Não há relação entre os dois termos.

Alternativa "d": Ao escrever indica tempo; salvo se escrever equivale a exceto se. Altera o sentido.

Alternativa "e": Mas procuro equivale a ideias opostas, adversas; ainda que procure pode ser substituído por mesmo que procure, ou seja, indica concessão (subordinada).

26. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2006) No texto, os segmentos *"As regras das artes e ofícios resistiam naturalmente* e *a sua própria natureza"* estão em relação, respectivamente, de

(A) fato e conclusão.

(B) hipótese e consequência.

(C) fato e hipótese.

(D) consequência e causa.

(E) condição e conclusão.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

✪ **Nota da autora:** Embora o trecho tenha sido retirado do texto de Werner Jaeger, não é necessário voltar ao contexto.

▶ **Dica para encontrar causa e consequência** – a oração em que se faz a pergunta ***por quê?*** indica a consequência, isto é, classifica-se como consecutiva e a resposta indica a causa. Eliminam-se as alternativas a, b, c e e.

As regras das artes e ofícios resistiam naturalmente ***por quê?*** = consequência.

Por causa da sua própria natureza = causa.

27. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2006) *"A escolha do critério de julgamento é sempre crítica e sofrida, quando responsável; dispensando-se, porém, a responsabilidade dessa escolha, restará a terrível fatalidade dos dogmas."* Mantêm-se o sentido e a correção da frase caso se substitua

(A) *quando responsável* por *posto que responsável.*

(B) *quando responsável* por *conquanto seja responsável.*

(C) *dispensando-se, porém* por *se dispensarem-se, ademais.*

(D) *dispensando-se, porém* por *uma vez dispensado, no entanto.*

(E) *quando responsável* por *desde que responsável.*

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Quando responsável indica condição; o mesmo ocorre em desde que responsável.

Alternativa "a": Posto que = concessão (ideias opostas – subordinadas).

Alternativa "b": Conquanto = concessão (ideias opostas – subordinadas).

Alternativa "c": Porém = adversidade (ideias opostas – coordenadas).

Alternativa "d": Porém = adversidade (ideias opostas – coordenadas).

- **Coordenação:** orações independentes sintaticamente.
- **Subordinação:** orações dependentes sintaticamente.

Obs.: Consulte as dicas no último capítulo.

3. CESPE

Trecho para o próximo item.

Embora as conquistas obtidas a partir da Revolução Francesa tenham possibilitado a consolidação da concepção de cidadania, elas não foram suficientes para que essa condição se verificasse na prática. A mera declaração formal das liberdades nos documentos e nas legislações esboroava diante da inexorável exclusão econômica da maioria da população. Em vista disso, já no século XIX, buscaram-se os direitos sociais com ações estatais que compensassem tais desigualdades, municiando os desvalidos com direitos implantados e construídos de forma coletiva em prol da saúde, da educação, da moradia, do trabalho, do lazer e da cultura para todos.(...)

Brasil. Ministério do Trabalho e Emprego. Secretaria de Inspeção do Trabalho. A inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho. 2.aed., Brasília, 2007. Internet: <www.dominiopublico.gov.br> (com adaptações).

28. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) Dada a relação de concessão estabelecida entre as duas primeiras orações do trecho, a palavra "Embora" poderia, sem prejuízo do sentido ou da correção gramatical do texto, ser substituída por *Conquanto*.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A conjunção *embora* equivale à (conjunção) *conquanto* e indicam concessão, ideias opostas.

Conjunções concessivas mais usadas em provas: embora, ***conquanto*** e as locuções ainda que, ainda quando, mesmo que, se bem que, posto que, apesar de que.

Trecho para o próximo item.

Embora as conquistas obtidas a partir da Revolução Francesa tenham possibilitado a consolidação da concepção de cidadania, elas não foram suficientes para que essa condição se verificasse na prática. A mera declaração formal das liberdades nos documentos e nas legislações esboroava diante da inexorável exclusão econômica da maioria da população. Em vista disso, já no século XIX, buscaram-se os direitos sociais com ações estatais que compensassem tais desigualdades, municiando os desvalidos com direitos implantados e construídos de forma coletiva em prol da saúde, da educação, da moradia, do trabalho, do lazer e da cultura para todos.

No entanto, foi somente depois da Segunda Guerra Mundial que a afirmação da cidadania se completou, haja vista que só então se percebeu a necessidade de se valorizar a vontade da maioria, respeitando-se, sobretudo, as minorias, em suas necessidades e peculiaridades. Em outras palavras, verificou-se claramente que a maioria pode ser opressiva, a ponto de conduzir legitimamente ao poder o nazismo ou o fascismo. Para que fatos como esse não se repetissem, fez-se premente a criação de salvaguardas em prol de todas as minorias, uma vez que a soma destas empresta legitimidade e autenticidade à vontade da maioria.(...)

Brasil. Ministério do Trabalho e Emprego. Secretaria de Inspeção do Trabalho. A inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho. 2.aed., Brasília, 2007. Internet: <www.dominiopublico.gov.br> (com adaptações).

29. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) No trecho "o nazismo ou o fascismo", a conjunção "ou" evidencia a relação de sinonímia existente entre os nomes "nazismo" e "fascismo".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Em primeiro lugar, vamos às definições: Nazismo = *Ideologia política de extrema direita, fascista, racista e totalitária, base do movimento nacional-socialista alemão fundado e chefiado por Adolf Hitler (1889-1945); HITLERISMO; NACIONAL-SOCIALISMO*; fascismo = *Regime político nacionalista, imperialista, antiliberal e antidemocrático, com base na força, na censura e na supressão violenta da oposição, como o imposto por Benito Mussolini (1883-1945) na Itália em 1922.* Diante disso, certificamo-nos de que não há relação de sinonímia entre os termos, mas sim de alternância.

4. PUC

30. (PUC/PR – TCE/MS – Auditor/2013) Assinale a alternativa que substitui corretamente a locução conjuntiva destacada e mantém o sentido original da frase.

Os problemas no escoamento da produção rural provocam perdas, na medida em que o setor agrícola se expande sem o devido lastro de infraestrutura.

(A) À proporção que o setor agrícola se expande sem o devido lastro de infraestrutura, os problemas no escoamento da produção rural provocam perdas.

(B) Os problemas no escoamento da produção rural provocam perdas, porque o setor agrícola se expande sem o devido lastro de infraestrutura.

(C) À medida que o setor agrícola se expande sem o devido lastro de infraestrutura, os problemas no escoamento da produção rural provocam perdas.

(D) Os problemas no escoamento da produção rural provocam perdas, do mesmo modo que o setor agrícola se expande sem o devido lastro de infra- estrutura.

(E) O setor agrícola se expande sem o devido lastro de infraestrutura, tendo em vista os problemas no escoamento da produção rural que provoca perdas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

Nota da autora: Pegadinha muito comum em provas de concursos: na medida em que = causa; à medida que = proporção, ou seja, ações simultâneas. Sendo assim, **porque** também indica causa.

Alternativa "a" – Proporcionalidade.

Alternativa "c" – Proporcionalidade.

Alternativa "d" – *Do mesmo modo que* não indica causa e pode ser substituído por:

1. Destarte

Sinônimos: *deste modo, desta maneira, assim, destarte,* ***do mesmo modo,*** *igualmente, portanto, desta maneira, desta sorte, por esta forma, daquele modo, desta sorte, dessa forma, desse modo, desta forma;*

2. Portanto

Sinônimos: *logo, por conseguinte, assim, destarte, deste modo,* ***do mesmo modo,*** *igualmente, portanto, imediatamente, já, por consequência, por isso.**

*Fonte: http://www.dicionarioinformal.com.br/sinonimos

Alternativa "e" – *Tendo em vista* é o mesmo que *haja vista* e indica causa, mas a ordem das orações foi alterada, não mantendo o sentido original da frase.

QUESTÕES INÉDITAS

01. (Duda Nogueira) Em qual alternativa a conjunção foi classificada corretamente?

(A) O músico toca, e o empresário recebe todo o dinheiro. (adversativa)

(B) O candidato era estudioso, mas principalmente esforçado. (adversativa)

(C) Seu Jorge não só canta, mas também compõe muito bem. (alternância)

(D) Não discutimos várias propostas, nem analisamos quaisquer soluções. (adversativa)

(E) Vou embora, que cansei de esperá-lo. (conclusiva)

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – A adversidade pode ser introduzida pela conjunção "e". Isso ocorre normalmente em orações coordenadas que possuem sujeitos diferentes:

- Quem toca? O músico (sujeito);

- Quem recebe? O empresário (sujeito).

b) O candidato era estudioso **e** principalmente esforçado = a conjunção **mas** pode ser substituída por **e** e indica adição de ideias: isso + isso.

c) **não só... mas (também), tanto...como,** e semelhantes são usadas quando se pretende enfatizar o conteúdo da segunda oração e possuem ideia de adição.

d) **nem** (= e não) indica adição.

e) **que** (= porque) indica explicação.

Julgue o item.

02. (Duda Nogueira) No trecho "Embora tenha estudado pouco, conseguiu fazer ótima prova", a conjunção pode ser substituída, sem modificar o restante da frase, por "conquanto".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo

Nota da autora: Perceba que há uma bela pegadinha no enunciado = sem modificar o restante da frase.

Embora indica concessão (ideias opostas), assim como *conquanto*. Substituindo a conjunção, o verbo

continua sendo conjugado no presente do subjuntivo: Conquanto *tenha* estudado pouco.

(Fonte: Livro Simuladaço Língua Portuguesa, Editora JusPodivm)

DICAS

1. COORDENAÇÃO

São orações independentes sintaticamente.

Alternativa "a" -Assindéticas: não possuem conjunção;

Alternativa "b" -Sindéticas: possuem conjunção e classificam-se em: aditiva, adversativa, alternativa, conclusiva e explicativa.

2. SUBORDINAÇÃO

São orações dependentes sintaticamente.

Alternativa "a" -Substantiva: pode-se colocar ISTO ou DISTO antes da conjunção.

Sendo assim, haverá **oração principal** (sem conjunção), **conjunção integrante** e **oração subordinada substantiva**. São elas: subjetiva, objetiva direta, objetiva indireta, predicativa, completiva nominal e apositiva.

Alternativa "b" -Adjetiva: o pronome relativo liga a oração principal à subordinada. **Explicativa** possui pontuação e **restritiva** não possui pontuação.

Alternativa "c" -Adverbial: indica circunstância da oração principal. Classificam-se em: causal (por quê?), consecutiva (de modo que), condicional (se, caso), concessiva (embora, apesar de), comparativa, conformativa (conforme), final (para quê?), proporcional (à proporção que) e temporal.

Concordância

Para ganhar tempo, leia as alternativas já encontrando os respectivos sujeitos. Assim não haverá necessidade de reler os trechos.

Teoria e questões: **Língua Portuguesa para concursos**

Teoria e questões: **Língua Portuguesa para concursos**

QUESTÕES FÁCEIS

1. VUNESP

01. (TJ SP – 2014) Os dados do Sistema de Seleção Unificada comprovam que a diferença de percentual entre os candidatos à medicina egressos tanto de escolas particulares quanto de escola públicas foi quase _____, pois eles tiveram desempenho _____ . Em conformidade com a norma-padrão da língua portuguesa, as lacunas devem ser preenchidas, respectivamente, com:

(A) nulo ... bastante semelhantes

(B) nula ... bastante semelhantes

(C) nula ... bastantes semelhantes

(D) nula ... bastante semelhante

(E) nulo ... bastante semelhante

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"– Por eliminação para ganhar tempo:

1. O que foi quase **nula**? A DIFERENÇA possui função de sujeito e o adjetivo deve concordar com o substantivo (morfologicamente), ou o predicativo deve concordar com o sujeito (sintaticamente). Eliminadas A e E;
2. **Bastante** equivale a **muito**, logo é advérbio e invariável = bastante semelhante. Eliminada C.
3. **Semelhante** concorda com "desempenho". Eliminada B.

02. (TJ SP – 2014) Pato manco. O termo da política norte-americana é usado para classificar executivos eleitos cuja aprovação popular e minoria no Legislativo os _____ incapacitados de alterar significativamente a vida dos governados. Se tudo correr como _____as pesquisas de intenção de voto, as eleições de novembro nos EUA, com renovação completa da Casa dos Representantes e um terço do Senado, _____o presidente Barack Obama refém de um Congresso dominado pela oposição.

(www.cartacapital.com.br, 06.10.2014. Adaptado)

Em conformidade com a norma-padrão da língua portuguesa, as lacunas do texto devem ser preenchidas, respectivamente, com:

(A) deixam ... indicam ... deixará

(B) deixam ... indicam ... deixarão

(C) deixa ... indicam ... deixarão

(D) deixam ... indica ... deixarão

(E) deixa ... indica ... deixará

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

1. Aprovação popular e minoria **deixam**. Eliminadas C e E;

2. As pesquisas (sujeito) **indicam**. Eliminada D;

3. As eleições (sujeito) **deixarão.** Eliminada A.

⊙ **Charge.**

(*Folha Dirigida*, 13 a 19 de agosto de 2012. Adaptado)

03. (VUNESP – Agente Penitenciário - ES/2013) As lacunas da tirinha devem ser preenchidas, correta e respectivamente, com:

(A) Fazem ... fazem ... conseguirei... eram

(B) Faz ... fazem ... conseguisse ... eram

(C) Havia ... faz ... conseguia ... era

(D) Há ... faz ... consigo ... eram

(E) Fazem ... fazem ... conseguiria ... era

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Trabalhemos por eliminação para ganhar tempo e não correr risco algum de errar:

- FAZ nove dias: o verbo fazer indicando tempo decorrido permanece no singular; outra opção é utilizar o verbo haver no presente do indicativo porque também pode se referir a tempo decorrido. Eliminadas alternativas a, c e e.

- Encontrando o sujeito para fazer a correta concordância: o que não fazem efeito? Os remédios (sujeito). Sujeito no plural = verbo no plural: FAZEM. Eliminada alternativa d. Note que já chegamos à resposta.

- Se (conjunção condicional) eu não conseguisse = verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo que se refere à condição.

- O verbo deve concordar com o numeral: nem ERAM 4 da manhã. Se fosse 1 da manhã, usaríamos ERA. Questão muito fácil.

Trecho para a questão.

O tango, que pode ser tanto a música quanto a dança, _____ o drama, a paixão, a sexualidade, a agressividade; é sempre e totalmente triste. Como dança, é "duro", masculino, sem meneios femininos; a mulher é sempre submissa. Nas letras, é quase sempre o homem quem sofre por amor, _____ a culpa é sempre da mulher.

(Verbete "Tango", Wikipédia. Disponível em <HTTP:// PT.wikipédia.org>. Adaptado)

04. (VUNESP – Agente Penitenciário - ES/2013) Respeitando a concordância verbal e a coesão do texto, as lacunas devem ser preenchidas, correta e respectivamente, com:

(A) mesclam ... isto é

(B) mesclam ... contanto que

(C) mescla... se

(D) mesclam ... mas também

(E) mescla... porém

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"

✪ **Nota da autora:** Questão de concordância e período composto.

- Trabalhar por eliminação para facilitar:

1. Retire a intercalação (o que está entre vírgulas) para melhor entender: O tango mescla o drama, a paixão, a sexualidade, a agressividade; é sempre e totalmente triste. = o verbo deve concordar com o sujeito simples e singular. Eliminadas alternativas a, b e d.

2. O homem sofre por amor, porém a culpa é sempre da mulher = ideia de adversidade (oposição). A conjunção se, na alternativa c, denota condição e não cabe no contexto.

Leia trecho da crônica de Marina Colasanti para responder à questão.

A gente se acostuma a coisas demais para não sofrer. Se o cinema está cheio, a gente se senta na primeira fila e torce um pouco o pescoço. Se a praia está contaminada, a gente molha só o pé e sua no resto do corpo.

---

05. (VUNESP – Agente Penitenciário - SP/2013) Mantendo-se inalterados os tempos verbais e o sentido do trecho, ao serem substituídos os termos a gente nas expressões em destaque, tem-se, correta e respectivamente, e de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa:

(A) Nós nos acostumamos ... nós nos sentamos ... nós molhamos

(B) Nós se acostumamos ... nós se sentamos ... nós se molhamos

(C) Nós nos acostumávamos ... nós nos sentávamos ... nós molhávamos

(D) Eu se acostumo ... eu me sento ... eu se molho

(E) Nós nos acostumávamos ... nós nos sentamos ... nós nos molhamos

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Nós nos acostumamos: trata-se de verbo pronominal e o pronome deve ser conjugado junto com o verbo; outra opção seria eu me acostumo.

- Nós nos sentamos ou eu me sento.

- Nós molhamos ou eu molho.

Alternativa "b" – Se é usado para a terceira pessoa.

Alternativa "c" – Alterou o tempo verbal.

Alternativa "d" – Se é usado para a terceira pessoa.

Alternativa "e" – Altera tempo e foi acrescentado pronome indevido ao verbo molhar. No enunciado, não pede alteração.

---

06. (VUNESP – Agente Penitenciário - SP/2013) Assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, as lacunas do texto apresentado.

Metade dos presos das penitenciárias federais faz visitas _____. "Se a gente não _____ o melhor (por eles), com certeza o prejuízo final será de toda a sociedade", diz a pedagoga Jocemara Rodrigues. De acordo como Departamento Penitenciário Nacional (Depen), _____ dificuldades operacionais em algumas unidades da Defensoria Pública da União (DPU), mas a contratação de uma banda maior de transmissão de dados já _____.

(O Estado de S.Paulo, 31 de março de 2013. Adaptado)

(A) virtual ... fizer ... houveram ... foram providenciados

(B) virtual ... fazer ... houveram ... foram providenciados

(C) virtual ... fizer ... houveram ... foi providenciado

(D) virtuais ... fazer ... houve ... foram providenciados

(E) virtuais ... fizer ... houve ... foi providenciada

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Eliminando para ganhar tempo e não errar:

- O adjetivo deve concordar com o substantivo plural: visitas virtuais. Eliminadas três alternativas = a, b e c.

- Se (condição) = verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo: fizer. Encontrada a resposta!

- Houve: verbo impessoal no sentido de existir = singular.

- O que foi providenciada? A contratação de uma banda maior de transmissão = sujeito feminino e singular.

---

07. (Vunesp–EscreventeTécnicoJudiciário–TJSP/2013) Assinale a alternativa contendo frase com redação de acordo com a norma-padrão de concordância.

(A) Pensava na necessidade de ser substituído de imediato os métodos existentes.

(B) Substitui-se os métodos de recuperação de informações que se ligava especialmente à pesquisa acadêmica.

(C) No hipertexto, a textualidade funciona por sequências fixas que se estabeleceram previamente.

(D) O inventor pensava em textos que já deveria estar disponíveis em rede.

(E) Era procurado por ele máquinas com as quais pudesse capturar o brilhantismo anárquico da imaginação humana.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – A textualidade funciona; sequências fixas foram estabelecidas: passa-se para a voz passiva analítica (verbo ser + particípio) para facilitar = sequências fixas que se estabeleceram (voz passiva sintética: V.T.D. + SE).

Alternativa "a" – Pensava na necessidade de **serem substituídos** de imediato os métodos existentes.

Alternativa "b" – Substituem-se os métodos; informações que **se ligavam.**

Alternativa "d" – textos que já **deveriam estar** disponíveis.

Alternativa "e" – Eram procuradas por ele máquinas.

Texto:

SÃO PAULO – Se você leu Cândido, de Voltaire, e achou o dr. Pangloss um sujeito muito otimista, é porque não abriu Abundance, de Peter Diamandis e Steven Kotler.

Os autores, um milionário com formação em engenharia espacial, genética e medicina e um jornalista científico, dizem com todas as letras que a humanidade está para entrar numa era de superabundância, na qual tecnologias tornarão itens essenciais tão baratos que todos os habitantes da Terra terão acesso a bens e serviços até há pouco ao alcance apenas dos muito ricos. E tudo isso no horizonte de uma geração.

Os autores têm até explicação para o fato de não acreditarmos muito nessas promessas. Como fomos programados para ver o mundo como um lugar ameaçador, nutrimos um inescapável pessimismo global, que não nos deixa perceber as revoluções silenciosas de que participamos.

Talvez sim, talvez não. Abundance é definitivamente um livro ousado, e mesmo que lhe apliquemos um deságio cético de, vá lá, 80%, ainda _____ coisas surpreendentes. (Hélio Schwartsman, Abundância e otimismo. Folha de S.Paulo, 16.09.2012. Adaptado)

---

08. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2012) De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, a lacuna da última frase do texto pode ser preenchida indiferentemente com

(A) sobra ou tem

(B) existe ou há

(C) sobram ou há

(D) existe ou têm

(E) sobram ou se vê

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Verbos em tempo e concordância corretos e sentido preciso: **sobram** concorda com coisas e **há** deve ficar no singular por ser verbo impessoal (pode ser substituído por existir).

Alternativa "a" – Concordância dos verbos errada, verbo deveriam estar no plural.

Alternativa "b" – Existem.

Alternativa "d" – Existem.

Alternativa "e" – Veem.

Texto:

_____ dúvidas sobre o crescimento verde. Primeiro, não está claro até onde pode realmente chegar uma política baseada em melhorar a eficiência sem preços adequados para o carbono, a água e (na maioria dos países pobres) a terra. É verdade que mesmo que a ameaça dos preços do carbono e da água em si _____ diferença, as companhias não podem suportar ter de pagar, de repente, digamos, 40 dólares por tonelada de carbono, sem qualquer preparação. Portanto, elas começam a usar preços-sombra. Ainda assim, ninguém encontrou até agora uma maneira de quantificar adequadamente os insumos básicos. E sem eles a maioria das políticas de crescimento verde sempre _____ a segunda opção. (CartaCapital, 27.06.2012. Adaptado)

---

09. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2012) De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, as lacunas do texto devem ser preenchidas, correta e respectivamente, com:

(A) Restam / ... faça ... será

(B) Resta ... / faz ... será

(C) Resta ... / fazem ... será

(D) Restam / ... façam ... serão

(E) Restam / ... faz ... serão

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta

- *Restam* concorda em tempo, número e modo com *dúvidas*. Eliminadas *b* e *c*.
- *faça* concorda com *ameaça* e deve ser conjugado no presente do subjuntivo por indicar dúvida. Eliminadas *d* e *e*.
- *será* concorda com *maioria*

10. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2012) Assinale a alternativa em que o trecho – Ainda assim, ninguém encontrou até agora uma maneira de quantificar adequadamente os insumos básicos. – está corretamente reescrito, de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa.

(A) Ainda assim, temos certeza de que ninguém encontrou até agora uma maneira adequada para que os insumos básicos seja quantificado.

(B) Ainda assim, temos certeza que ninguém encontrou até agora uma maneira adequada para que os insumos básicos sejam quantificado.

(C) Ainda assim, temos certeza de que ninguém encontrou até agora uma maneira adequada de se quantificarem os insumos básicos.

(D) Ainda assim, temos certeza que ninguém encontrou até agora uma maneira adequada de se quantificar os insumos básicos.

(E) Ainda assim, temos certeza de que ninguém encontrou até agora uma maneira adequada de os insumos básicos ser quantificados.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Mensagem transmite exatamente a ideia do enunciado, mudando apenas os modos de alguns verbos, observando concordâncias verbal e nominal e pontuação.

Alternativa "a" – Sejam qualificados.

Alternativa "b" – O certo é *de* que: *temos certeza de que*; sejam qualificados.

Alternativa "d" – *temos certeza de que; de se quantificarem* é os insumos = voz passiva sintética (V.T.D. + SE).

Alternativa "e" – serem quantificados = voz passiva analítica (ser + particípio).

11. (Vunesp – Agente de Segurança Penitenciária – SP/2012) Leia as frases a seguir.

I. A punição aos motoristas que dirige embriagados inibem as pessoas de dirigir depois de beber.

II. Nos últimos meses, muitos acidentes têm chocado a opinião pública.

III. Os maiores problemas da eficácia da Lei Seca são a fiscalização e a educação das pessoas.

Quanto à concordância verbal, está(ão) correta(s), de acordo com a norma-padrão, apenas

(A) I.

(B) II.

(C) III.

(E) I e II.

(D) II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta

I. Dirigem; inibe.

II. Correto.

III. Correto.

12. (Vunesp – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – SP/2012) Assinale a alternativa correta em relação à norma culta da língua.

(A) Ocorreu quinze faltas no último jogo.

(B) Fomos nós que compramos os ingressos.

(C) Foi rebaixado mais de cinco times no último campeonato.

(D) Faltou uns cinco jogadores no último amistoso.

(E) Aconteceu dois incidentes com a torcida.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – O verbo concorda com o pronome pessoal: nós compramos.

Alternativa "a" – Ocorreram.

Alternativa "c" – Foram rebaixados.

Alternativa "d" – Faltaram.

Alternativa "e" – Aconteceram.

13. (Vunesp – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – SP/2012) Assinale a alternativa que apresenta concordância nominal de acordo com a norma culta.

(A) Ela está meia nervosa com o resultado da prova.

(B) Os torcedores estão bastantes tensos neste ano.

(C) Ele comprou duzentas gramas de mozarela.

(D) Alguns alunos esperavam menas questões no exame final.

(E) É proibido entrada de animais no clube de campo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Sem artigo, predicativo no masculino: proibido.

Alternativa "a" – Meio: um pouco = advérbio.

Alternativa "b" – Bastante: muito = advérbio.

Alternativa "c" – Duzentos gramas.

Alternativa "d" – Menos. Não existe variação para essa forma.

---

14. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2011) Leia o que segue.

I. Há bastante motivos para se preocupar com o vazamento de informações.

II. O assessor de Karzai trouxe anexo as encomendas solicitadas.

III. A embaixadora americana apresentou um relatório aos diplomatas e ela mesmo criticou o príncipe Edward.

IV. Winston Churchill e outros líderes que marcaram seus nomes na história venceram bastantes batalhas.

De acordo com a norma padrão da língua, está correto apenas o contido em

(A) I.

(B) II.

(C) III.

(D) IV.

(E) II e IV.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

I. Errado: **bastantes** motivos: o adjetivo deve concordar com o substantivo plural.

II. Errado: trouxe **anexas** as encomendas.

III. Errado: ela **mesma**.

IV. Certo: Winston Churchill e outros líderes que marcaram (...) venceram bastantes (muitas) batalhas.

---

15. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJM – SP/2011) Leia a tira.

(Folha de São Paulo, 03.06.2011)

As lacunas das frases devem ser preenchidas, correta e respectivamente, com

(A) vazia ... há ... condição

(B) vazia ... existe ... medo

(C) vazias ... há ... limitação

(D) vazias ... existem ... sinônimo

(E) vazias ... existe ... ícone

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Concordância nominal (*vazia*) correta; verbos conjugados (*há*) corretamente e significado das palavras coerente.

Alternativa "a" – No singular, primeira lacuna errada; os dois verbos seguintes não expressam a intenção da mensagem e não há concordância.

Alternativa "b" – Idem *vazia*, verbo no singular. Medo não combina com o contexto.

Alternativa "c" – Segunda lacuna, verbo inconveniente; *limitação* não se encaixa no contexto.

Alternativa "e" – Segundo verbo no singular; *ícone* não se encaixa no contexto.

---

16. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2011) Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal.

(A) Começaram as investigações pelas ações do jovem soldado.

(B) Um jovem soldado e a WikiLeaks divulgou informações secretas.

(C) Mais de um relatório diplomático vazaram na internet.

(D) Repartições, investimentos, pessoas, nada impediram o jovem soldado.

(E) Os telegramas relacionados com o Brasil foi, para o ministro Jobim, muito negativos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – A forma verbal *começaram* tem como sujeito *as investigações pelas ações do jovem soldado* cujo núcleo é *investigações* e o verbo concorda corretamente com esse núcleo do plural. As investigações começaram.

Alternativa "b" – A forma verbal *divulgou* deve concordar com os núcleos do sujeito composto: soldado e Wikileaks: um jovem soldado e a wikileaks divulgaram.

Alternativa "c" – O sujeito contém a expressão *mais de um* mais o substantivo relatório: o verbo fica no singular, com o núcleo relatório: mais de um relatório diplomático vazou.

▶ **Dica** – Se a expressão mais de um se repetir ou se houver ideia de reciprocidade, o verbo vai para o plural.

Exemplos: Mais de um soldado e mais de tenente compareceram à cerimôni

a. Mais de um aluno se engalfinharam no pátio da escola.

Alternativa "d" – O pronome indefinido *nada* resume todos os núcleos do sujeito e o verbo concorda com o núcleo nada no singular: repartições, investimentos, pessoas, nada impediu.

Alternativa "e" – A forma verbal deve concordar com o núcleo do sujeito simples, no plural: os telegramas relacionados com o Brasil (sujeito) foram para o ministro Jobim, muito negativos. Núcleo do sujeito: telegramas foram.

---

17. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2011) Assinale a alternativa que completa, correta e respectivamente, as lacunas do trecho.

I. _____ 103 toneladas de lixo reciclável diariamente.

II. _____ 16 centrais de triagem em São Paulo...

(A) Coleta-se ... Têm-se

(B) Coleta-se ... Hoje tem

(C) Coletam-se ... Existe

(D) Coleta-se ... São

(E) Coletam-se ... Hoje existem

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta

- Coletar é transitivo direto + se = voz passiva sintética e equivale a 103 toneladas são coletadas. Correto: **coletam-se**. Eliminadas *a, b* e *d*.
- O sujeito da segunda oração é plural: 16 centrais de triagem, ou seja, o verbo deve estar, também no plural: **têm-se**. Eliminada *c*, pois deveria ser *existem*.

---

18. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2011) Assinale a alternativa em que a concordância verbal está correta.

(A) Haviam cooperativas de catadores na cidade de São Paulo.

(B) O lixo de casas e condomínios vão para aterros.

(C) O tratamento e a destinação corretos do lixo evitaria que 35% deles fosse despejado em aterros.

(D) Fazem dois anos que a prefeitura adia a questão do lixo.

(E) Somos nós quem paga a conta pelo descaso com a coleta de lixo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Correto, *somos nós quem paga* ou somos nós quem pagamos.

Alternativa "a" – Verbo impessoal, não tem plural = havia.

Alternativa "b" – Núcleo do sujeito: lixo = vai.

Alternativa "c" – Sujeito plural, verbo plural: O tratamento e a destinação corretos do lixo **evitariam** que 35% deles **fossem despejados** em aterros.

Alternativa "d" – No sentido de tempo, *faz* só usa no singular.

---

19. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/ 2010) O trecho *"... era produto de um trabalho mental, consciente, forjado em tentativa e erro, repetidas vezes. O craque não é o que pensa mais rápido*

e, assim, aplica o que faz com a bola dentro da narrativa da partida" está correto quanto ao plural das formas em:

(A) ... eram produtos de trabalho mentais, conscientes, forjados em tentativa e erro, repetidas vezes. Os craques não são os que pensa mais rápido e, assim, aplicam o que fazem com a bola dentro da narrativa da partida.

(B) ... eram produtos de trabalhos mentais, conscientes, forjado em tentativa e erro, repetidas vezes. O craque não são os que pensam mais rápido e, assim, aplica o que fazem com a bola dentro da narrativa da partida.

(C) ... eram produtos de trabalhos mentais, conscientes, forjados em tentativa e erro, repetidas vezes. Os craques não são os que pensam mais rápido e, assim, aplicam o que fazem com a bola dentro da narrativa da partida.

(D) ... eram produtos de trabalhos mentais, conscientes, forjados em tentativa e erro, repetidas vezes. Os craques não é o que pensam mais rápidos e, assim, aplicam o que faz com a bola dentro da narrativa da partida.

(E) ... eram produtos de trabalho mentais, consciente, forjado em tentativa e erro, repetidas vezes.

O craque não são o que pensam mais rápidos e, assim, aplicam o que faz com a bola dentro da narrativa da partida.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

- era produto de um trabalho mental, consciente = eram produtos de trabalhos mentais, conscientes. Eliminada *e*.
- forjado em tentativa e erro = forjados em tentativa e erro. Eliminada *b*.
- O craque não é o que pensa mais rápido = Os craques não são os que pensam mais rápido. Eliminadas *a* e *d*.
- aplica o que faz com a bola dentro da narrativa da partida = aplicam o que fazem com a bola dentro da narrativa da partida.

---

20. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/ 2010) Assinale a alternativa correta, quanto à concordância verbal, na alteração da frase: O craque não é o que faz isso ou aquilo.

(A) Não se tratam de craques que fazem isso ou aquilo.

(B) Isso ou aquilo não são coisas que deve ser feitas pelo craque.

(C) Isso ou aquilo não são o que deve fazer craques.

(D) O craque talvez não seja o que faz isso ou aquilo.

(E) Não podem existir craque que façam isso ou aquilo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – O verbo ser (seja) concorda com o sujeito *craque*.

Alternativa "a" – Tratar é transitivo indireto seguido de se (índice de indeterminação do sujeito) e não admite plural: não se trata.

Alternativa "b" – devem ser feitas.

Alternativa "c" – não é o que deve fazer os craques.

Alternativa "e" – não podem existir craques.

---

21. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/ 2010) De acordo com a norma culta, a frase correta para legenda da foto é:

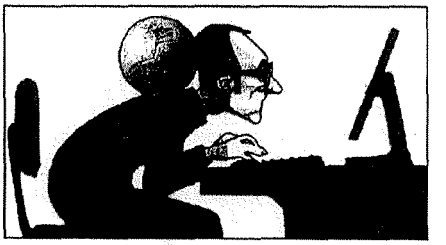

(A) Os observadores culturais, qualquer que sejam eles, devem ser sensíveis às aptidãos lúdicas do povo.

(B) Vocês, leitores não impeçam o autor do texto de dedicar-se as inclinações esportivas.

(C) Apto à discorrer sobre futebol, o autor revelou-se um esímio especialista no assunto.

(D) O autor reage às inflexíveis provocações advinda de pessoas que lhe são próxima, por conta de seu interesse por futebol.

(E) Simulacro de nossas mais íntimas potencialidades lúdicas, até de nossas idiossincrasias, o futebol imuniza a todos contra a barbárie.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – A frase está correta, de acordo com a norma culta, tanto na escolha do vocabulário como nas concordâncias verbal e nominal, numa interpretação também lúdica da caricatura apresentada na foto.

1. Simulacro = simulação, aparência.

2) Potencialidades lúdicas = capacidade para diversões, jogos, brincadeiras.

3) Idiossincrasias = comportamento peculiar (próprio, específico) do indivíduo.

4) Imuniza (v. imunizar) = defender, livrar da barbárie (selvageria).

Alternativa "a" – Erro de concordância nominal: quaisquer que sejam eles; aptidões.

Alternativa "b" – Faltou vírgula após o substantivo leitores, que deve ser isolado entre vírgulas; faltou o sinal indicativo de crase em as inclinações: dedicar-se a (preposição) + as inclinações = às inclinações esportivas. Substituindo: Dedicar-se **aos projetos.**

Alternativa "c" – Não há o sinal indicativo de crase diante dos verbos: a discorrer; exímio: eficiente, habilidoso.

Alternativa "d" – Erro de concordância em: inflexíveis provocações advindas; pessoas próximas.

Trecho para a próxima questão.

LIVRES, ANÔNIMOS E ABANDONADOS

Fazendo um retrospecto na história, encontramos que a primeira instituição com caráter de atendimento à infância tenha nascido na Itália e se expandido por toda Europa e posteriormente no Brasil. Chamava-se "Roda dos Expostos" e recebia essa denominação porque em sua entrada havia um dispositivo que se encaixava em um eixo giratório. Sua função era dar anonimato ao abandono de crianças. Para "expor" uma criança bastava colocá-la dentro da caixa, girá-la a 180° e apertar a campainha. Do outro lado ficava o funcionário para receber a criança abandonada. Nenhuma das identidades era revelada. Esta era uma instituição do tipo total, pois as crianças passavam tempo integral de suas vidas e tinham nela seu único abrigo. No Brasil, esse tipo de instituição chegou por volta de 1726 e esteve em vigor até 1950. (...) (Sociologia:ciência&vida, ano II, número 17. Adaptado)

---

22. (Vunesp – Agente de Segurança Penitenciária – SP/2009) No título *"Livres, anônimos e abandonados"*, os termos estão flexionados, concordando gramaticalmente com

(A) crianças.

(B) expostos.

(C) nós (adultos e crianças).

(D) identidades.

(E) funcionário e instituição.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – A Roda dos **expostos** *livres, anônimos e abandonados.*

Alternativa "a" – As concordâncias tornar-se-iam erradas.

Alternativa "c" – As concordâncias tornar-se-iam erradas.

Alternativa "d" – As concordâncias tornar-se-iam erradas.

Alternativa "e" – Concordâncias estariam corretas, mas a coesão ficaria errada, pois não se refere a funcionário e instituição.

---

23. (Vunesp – Agente de Segurança Penitenciária – SP/2009) Assinale a alternativa correta quanto à concordância nominal.

(A) O cão, com bem menos sofisticação no gosto do que o dono, comeu todas as coxinhas.

(B) O marido e o cachorro foram vítima da mulher, que queria esconder suas falcatruas.

(C) O cachorro morreu e seu dono quase, porque a mulher lhes serviu coxinhas envenenada.

(D) A mulher temia que o marido soubesse que R$ 15 mil foram desviado da conta de ambos.

(E) A mulher, meia apavorada com a suspeita de envenenamento, contou tudo ao delegado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Menos sofisticação = correto.

Alternativa "b" – vítimas.

Alternativa "c" – envenenadas.

Alternativa "d" – desviados.

Alternativa "e" – meio = um pouco: advérbio.

---

24. (Vunesp – Oficial de Justiça – TJ – SP/2009) Observe as frases:

I. Reina no País a violência e a impunidade.

II. Fazem duas semanas que o comitê da ONU sabatinou membros do governo em Genebra, na Suíça.

III. De acordo com o relatório da ONU, cabe às autoridades brasileiras medidas mais austeras no combate à pobreza.

IV. Não apenas a revisão dos mecanismos de acompanhamento do programa como também o aumento da renda distribuída são cobrados pela ONU.

Quanto à concordância verbal, está correto apenas o contido em

(A) I.

(B) IV.

(C) I e III.

(D) I e IV

(E) II, III e IV.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

I. **Certo:** Verbo anteposto ao sujeito composto pode concordar com o primeiro núcleo apenas ou com os dois.

II. **Errado:** Verbo *fazer* indicando tempo decorrido = singular – **faz**.

III. **Errado: cabem** medidas.

IV. **Certo: Sujeito** = a revisão dos mecanismos de acompanhamento do programa como também o aumento da renda distribuída **são cobrados** pela ONU.

Charge:

(Quino, Toda Mafalda)

25. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2008) Transpondo a fala do último quadrinho para a primeira pessoa do plural, obtém-se:

(A) Olha aqui, pessoal! Se nós não se esforçar para mudarmos o mundo, depois é o mundo que nos vai mudar.

(B) Olha aqui, pessoal! Se nós não nos esforçarmos para mudar o mundo, depois é o mundo que nos vai mudar.

(C) Olha aqui, pessoal! Se nós não nos esforçar para mudarmos o mundo, depois é o mundo que vai mudar a gente.

(D) Olha aqui, pessoal! Se nós não se esforçarmos para mudar o mundo, depois é o mundo que vai mudar nós.

(E) Olha aqui, pessoal! Se nós não nos esforçar para mudar o mundo, depois é o mundo que vai mudar nós.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta

- Se nós não nos esforçarmos. Eliminadas *a*, *c*, *d* e *e*. Chegamos à resposta!
- Para mudar o mundo = por indicar finalidade, admite singular.
- depois é o mundo que nos vai mudar.

Texto

A MÍDIA É SEMPRE AQUELA. MAS...

Será a mídia a guardiã da ética, anjo protetor do decoro, sentinela do Estado de Direito? _____ vertiginosas dúvidas. No Brasil e no mundo, são poucos os órgãos midiáticos que ainda praticam o jornalismo à sombra dos velhos, insubstituíveis princípios: fidelidade canina à verdade factual, exercício desabrido do espírito crítico, fiscalização diuturna do poder _____ quer que se manifeste.

(...)

_____ avança o processo de afastamento do jornalismo do papel inicial de serviço público. No Brasil, a rota é diversa daquela percorrida em outros países, em decorrência do nosso atraso, a nos manter em um tempo especial, suspenso, mas não equilibrado, entre Idade Média e contemporaneidade. (www.cartacapital.com.br/2007/06/a-midia-e-sempre-aquela-mas/view)

26. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2008) Os espaços do texto devem ser preenchidos, respectivamente, com

(A) Justifica-se ... aonde ... Faz décadas que

(B) Justifica-se ... onde ... Fazem décadas que

(C) Justificam-se ... aonde ... São décadas que

(D) Justificam-se ... onde ... Há décadas

(E) Justificam-se ... aonde ... Fazem décadas que

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

- Justificar é transitivo direto + se = voz passiva sintética. Transpondo para a passiva analítica, teremos: Vertiginosas dúvidas são justificadas, portanto **justificam-se**. O verbo deve concordar com o sujeito plural. Eliminadas alternativas *a* e *b*.
- O processo de afastamento avança em algum lugar: **onde**. Eliminadas *c* e *e*. Encontramos a resposta!

▶ **Dica** – Usa-se "aonde" apenas quando o verbo ou o nome posposto pedir a preposição *a*: **Aonde** você **vai**? Quem vai, vai **a** algum lugar. Onde você mora? Quem mora, mora em algum lugar = onde.

- **Há décadas** ou **Faz décadas**: tempo decorrido = singular.

---

27. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2008) Assinale a alternativa correta quanto à concordância.

(A) Cerca de 3% da população mundial sofre com o problema da fome, segundo dados da ONU.

(B) Calculam-se que 14 milhões de pessoas no Brasil sofram com a fome, apesar da baixa na população por ela atingida.

(C) Não se mantém os índices de desenvolvimento de um país se nele ainda persiste a fome.

(D) O relatório da ONU e a quantidade de famintos no Brasil mostra um quadro de desolação.

(E) Houve baixa no número de famintos, mas com o aumento natural da população vê-se que ainda existe muitos deles.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – A forma verbal **sofre**, no singular, está concordando com **cerca de**.

Alternativa "b" – Calcular é transitivo direto. V.T.D. + SE = V.P. (voz passiva).

Peguinha: o sujeito é oracional – possui verbo – e o verbo deve, obrigatoriamente permanecer no singular. Transpondo para a passiva analítica: que 14 milhões de pessoas no Brasil sofram com a fome **é calculado.**

Alternativa "c" – V.T.D. + SE = V.P. (há sujeito) = Os índices não são mantidos: **não se mantêm.**

Alternativa "d" – A forma verbal *mostra* deve concordar com o sujeito composto: o relatório da ONU e a quantidade de famintos no Brasil **mostram**.

Alternativa "e" – A forma verbal *existe* refere-se a famintos e deve concordar no plural= ainda **existem** muitos deles (famintos).

⊙ **Texto:**

DIPLOMA E MONOPÓLIO

Faz quase dois séculos que foram fundadas escolas de direito e medicina no Brasil. É embaraçoso verificar que ainda não foram resolvidos os enguiços entre diplomas e carreiras. Falta-nos descobrir que a concorrência (sob um bom marco regulatório) promove o interesse da sociedade e que o monopólio só é bom para quem o detém. Não fora essa ignorância, como explicar a avalanche de leis que protegem monopólios espúrios para o exercício profissional?

Desde a criação dos primeiros cursos de direito, os graduados apenas ocasionalmente exercem a profissão. Em sua maioria, sempre ocuparam postos de destaque na política e no mundo dos negócios. Nos dias de hoje, nem 20% advogam.

Mas continua havendo boas razões para estudar direito, pois esse é um curso no qual se exercita lógica rigorosa, se lê e se escreve bastante. Torna os graduados mais cultos e socialmente mais produtivos do que se não houvessem feito o curso. Se aprendem pouco, paciência, a culpa é mais da fragilidade do ensino básico do que das faculdades. Diante dessa polivalência do curso de direito, os exames da OAB são uma solução brilhante. Aqueles que defenderão clientes nos tribunais devem demonstrar nessa prova um mínimo de conhecimento. Mas, como os cursos são também úteis para quem não fez o exame da Ordem ou não foi bem sucedido na prova, abrir ou fechar cursos de "formação geral" é assunto do MEC, não da OAB. A interferência das corporações não passa de uma prática monopolista e ilegal em outros ramos da economia. Questionamos também se uma corporação profissional deve ter carta-branca para determinar a dificuldade das provas, pois essa é também uma forma de limitar a concorrência – mas trata-se aí de uma questão secundária. (...) (Veja, 07.03.2007. Adaptado)

---

28. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2007) Assinale a alternativa que reescreve, com correção gramatical, as frases: *Faz quase dois séculos que foram fundadas escolas de direito e medicina no Brasil. / É embaraçoso verificar que ainda não foram resolvidos os enguiços entre diplomas e carreiras.*

(A) Faz quase dois séculos que se fundou escolas de direito e medicina no Brasil. / É embaraçoso verificar que ainda não se resolveu os enguiços entre diplomas e carreiras.

(B) Faz quase dois séculos que se fundava escolas de direito e medicina no Brasil. / É embaraçoso verificar que ainda não se resolveram os enguiços entre diplomas e carreiras.

(C) Faz quase dois séculos que se fundaria escolas de direito e medicina no Brasil. / É embaraçoso verificar que ainda não se resolveu os enguiços entre diplomas e carreiras.

(D) Faz quase dois séculos que se fundara escolas de direito e medicina no Brasil. / É embaraçoso verificar que ainda não se resolvera os enguiços entre diplomas e carreiras.

(E) Faz quase dois séculos que se fundaram escolas de direito e medicina no Brasil. / É embaraçoso verificar que ainda não se resolveram os enguiços entre diplomas e carreiras.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta

- Faz: tempo decorrido = singular;
- que se fundaram escolas: o verbo fundar é transitivo direto e possui o pronome apassivador ao lado. Lembre-se: V.T.D. + SE = V.P. não pode esquecer. Traduzindo: verbo transitivo direto ou transitivo direto e indireto seguido da partícula apassivadora **se** indica voz passiva sintética. Transponha para a passiva analítica para se certificar: que escolas são fundadas. **Sujeito no plural = verbo no plural**. Eliminadas alternativas *a, b, c* e *d*. Chegamos, já, à resposta.
- não se resolveram os enguiços = não foram resolvidos os enguiços. Voz passiva como no comentário anterior.

---

29. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ SP/ 2007) Assinale a alternativa que completa, correta e respectivamente, de acordo com a norma culta, as frases:

I. O monopólio só é bom para aqueles que _____.

II. Nos dias de hoje, nem 20% advogam, e apenas 1% _____.

III. Em sua maioria, os advogados sempre _____.

(A) o retêem / obtem sucesso / se apropriaram os postos de destaque na política e no mundo dos negócios

(B) o retém / obtém sucesso / se apropriaram aos postos de destaque na política e no mundo dos negócios

(C) o retém / obtêem sucesso / se apropriaram os postos de destaque na política e no mundo dos negócios

(D) o retêm / obtém sucesso / sempre se apropriaram de postos de destaque na política e no mundo dos negócios

(E) o retem / obtêem sucesso / se apropriaram de postos de destaque na política e no mundo dos negócios

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

- **Retêm** – verbo reter (derivado do verbo ter) terceira pessoa do plural, com acento circunflexo, está concordando com o sujeito aqueles. Eliminadas alternativas *b, c* e *e*.
- **Obtém** (verbo obter) terceira pessoa do singular = concorda com o sujeito apenas 1%. Eliminada *a*. Resposta encontrada.
- ... **se apropriaram** (verbo apropriar) terceira pessoa do plural = concorda com o sujeito os advogados.

---

30. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2007) Assinale a alternativa em que se admite a concordância verbal tanto no singular como no plural como em: *A maioria dos advogados ocupam postos de destaque na política e no mundo dos negócios.*

(A) Como o direito, a medicina é uma carreira estritamente profissional.

(B) Os Estados Unidos e a Alemanha não oferecem cursos de administração em nível de bacharelado.

(C) Metade dos cursos superiores carecem de boa qualificação.

(D) As melhores universidades do país abastecem o mercado de trabalho com bons profissionais.

(E) A abertura de novos cursos tem de ser controlada por órgãos oficiais.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – A forma verbal **carecem** está distanciada do coletivo maioria e próxima de **dos cursos superiores**: o verbo poderá concordar no singular com maioria ou ir para o plural, concordando com cursos superiores.

Alternativa "a" – Não há sujeito coletivo.

Alternativa "b" – A forma verbal só pode concordar na plural porque o sujeito é composto.

Alternativa "d" – A forma verba só pode concordar no plural porque o sujeito simples está no plural.

Alternativa "e" – A alternativa não se enquadra na questão, porque a forma verbal só concorda, no singular com o núcleo do sujeito abertura (singular).

---

31. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2007) Assinale a alternativa correta, de acordo com o padrão culto escrito da língua portuguesa.

(A) O aquecimento global está causando a perda de espécies numa velocidade comparável ao desaparecimento dos dinossauros, há 65 milhões de anos.

(B) Por que nossos líderes se furtam o dever de lutar pelo meio ambiente?

(C) Se continuar no ritmo atual, em 2090 não haverão mais matas nativas.

(D) A recuperação da camada de ozônio na atmosfera é um exemplo de como os países conseguem remedear um problema global.

(E) Hoje dispomos toda a tecnologia que precisamos para começar a combater o aquecimento global.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta

✪ **Nota da autora:** Questão de concordância e regência.

Alternativa "a": correta, de acordo com o padrão culto escrito da língua portuguesa.

Alternativa "b" – Por que nossos líderes se furtam **do** dever de lutar pelo meio ambiente?

Alternativa "c" – Se continuar no ritmo atual, em 2090 não **haverá** mais matas nativas.

Alternativa "d" – Remediar (V.T.D.): aliviar, atenuar.

Alternativa "e" – Verbo dispor no sentido de possuir, dispor + de (T.I.). Hoje dispomos **de** toda tecnologia **de** que precisamos = precisamos **da** tecnologia.

---

32. (TJ – SP – Oficial de Justiça – TJ – SP/1999) Assinale a alternativa em que a concordância está incorreta.

(A) Quantos anos faz que os ecologistas se reúnem?

(B) Cinco meses vai fazer que não chove no sertão.

(C) Cento e cinquenta mil reais ainda são pouco.

(D) Precisa-se de alternativas viáveis.

(E) Em nossos dias necessita-se de projetos arrojados.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Concordância incorreta. O certo é ***é pouco***: advérbio ligado ao verbo não varia.

Alternativa "a" – Faz: singular = tempo decorrido.

Alternativa "b" – Faz: singular = tempo decorrido.

Alternativa "d" – V.T.I. + SE (índice de indeterminação do sujeito) não varia.

Alternativa "e" – V.T.I. + SE (índice de indeterminação do sujeito) não varia.

---

33. (TJ – SP – Oficial de Justiça – TJ – SP/1999) Tomou-lhe a mão e a fronte frio.

Ocorreu nesta frase um erro de:

(A) concordância verbal

(B) regência nominal

(C) regência verbal

(D) próclise

(E) concordância nominal

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Os artigos mandam na concordância: a mão e a fronte **frias.**

Alternativa "a" – Está verbalmente concorde.

Alternativa "b" – Não é caso de regência nominal.

Alternativa "c" – Nem caso de regência verbal.

Alternativa "d" – Não há condição de antepor pronome oblíquo.

---

34. (TJ – SP – Oficial de Justiça – TJ – SP/1999) Encontre onde não há concordância verbal:

(A) Regressou Fernando e sua filha Clara.

(B) Regressaram Fernando e sua filha Clara.

(C) O navio ou o avião poderão levar a carga.

(D) Ernesto ou Luís casarão com Vera.

(E) Nem eu nem ele vamos ao espetáculo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Apenas um dos dois *casará* com Vera. Não há concordância verbal: casará.

Alternativa "a" – Neste caso o plural é aceito tanto quanto o singular.

Alternativa "b" – Neste caso o plural é aceito tanto quanto o singular.

Alternativa "c" – Ambos *poderão levar...*, mesmo que apenas um venha fazê-lo, há concordância.

Alternativa "e" – Sujeito composto concorda no plural.

1. FCC

35. (FCC – Agente Penitenciário – BA/2010) A concordância verbal e nominal está inteiramente correta na frase:

(A) Os vestígios que a ciência estuda para tentar recompor os hábitos de nossos ancestrais demonstram como se formaram os primeiros agrupamentos humanos.

(B) É sabido, hoje, que nas sociedades primitivas o instinto artístico vinham associados aos ruídos produzidos pela própria natureza.

(C) Os povos primitivos, cuja origem remonta à África, se espalhou por outras regiões, fato que foi comprovado pelos cientistas.

(D) O homem primitivo encontrava na própria natureza os elementos de que precisavam para transformarem em objetos de arte.

(E) A natureza, com seus ritmos regulares e irregulares, eram fonte de inspiração para a criação artística que caracterizavam os homens primitivos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Os vestígios demonstram como se formam: correto.

Alternativa "b" – vinha associado.

Alternativa "c" – Os povos se espalharam.

Alternativa "d" – ... de que precisa para transformar.

Alternativa "e" – A natureza era fonte... que caracterizava (a criação).

36. (FCC – Agente de Segurança Penitenciária – PB/2008) A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:

(A) Há uns trinta anos, com as crises mundiais de petróleo, estimulou-se as vendas de carros a álcool, que representaram a quase totalidade do mercado brasileiro.

(B) O inesperado sucesso dos carros, movido a gasolina ou a álcool em qualquer proporção, surpreenderam aqueles que não apostavam na nova tecnologia.

(C) O álcool combustível produzido no Brasil nas últimas décadas tornaram-se uma das alternativas menos poluentes do ar nas grandes cidades.

(D) Em meio às preocupações com a preservação ambiental, a possibilidade de uso de fontes de energia renováveis coloca o Brasil em posição de destaque no mundo todo.

(E) Pesquisas sobre a produção e o uso do etanol foi desenvolvido no Brasil, como alternativa para o consumo de combustíveis fósseis, mais caros e poluentes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – A possibilidade coloca = certo.

Alternativa "a" – Estimularam-se.

Alternativa "b" – Movidos; surpreendeu.

Alternativa "c" – Tornou-se.

Alternativa "e" – Foram desenvolvidas.

2. FUNRIO

37. (Funrio – Agente Penitenciário Federal/2009) Rio, podem dizer o que quiser, Mas o xodó do povo é o Rio. Casa do samba e do amor, do Redentor, Louvado seja o Rio.

Sobre os versos iniciais da canção "Delírio dos Mortais", de Djavan, é correto afirmar que a concordância verbal do trecho "podem dizer o que quiser" é

(A) facultativa: pode-se considerar que o sujeito desses verbos está oculto.

(B) ideológica: prevalece a ideia genérica e não identificada do sujeito.

(C) rígida: admite-se que o sujeito indeterminado leve o verbo à 3ª pessoa.

(D) estilística: integra o individual no coletivo com a mistura de tratamento.

(E) viciosa: deveria ser corrigida para "podem dizer o que quiserem".

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Podem dizer o que quiserem: sujeito indeterminado.

Alternativa "a" – Não é facultativa e o sujeito não está oculto.

Alternativa "b" – Não é ideológica.

Alternativa "c" – Não é rígida.

Alternativa "d" – Não é estilística.

3. FEPESE

38. (FEPESE – Agente Penitenciário - SC/2013) Assinale a frase correta, observando-se as regras de concordância nominal ou verbal.

(A) Nem eu nem ele faltou com a palavra.

(B) Subiram de preço a mão de obra e o material.

(C) Louve-se, apesar dos pesares, os esforços empreendidos para a segurança nos presídios.

(D) Os Estados Unidos tem um estudo avançado sobre prisões de segurança máxima.

(E) Poderão fazer invernos menos rigorosos naquele país.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Ordem direta (iniciando com o sujeito): A mão de obra e o material (sujeito composto) subiram (verbo plural) de preço.

Alternativa "a" – Nem eu nem ele = nós: faltamos.

Alternativa "c" - Os esforços = sujeito: louvem-se.

Alternativa "d" – Os Estados Unidos têm.

Alternativa "e" – Opa! Verbo fazer indicando fenômeno meteorológico = singular. Como há verbo auxiliar = singular também: poderá fazer invernos.

4. UECE

39. (UECE – Agente Penitenciário – CE/2011) Com relação à concordância, à regência e à colocação, assinale a opção que contém a única frase gramaticalmente correta.

(A) Cada um dos brasileiros deve ter consciência de que não se deve desobedecer às leis.

(B) Os políticos não tornarão-se admirados, enquanto houverem práticas maldosas devido o seu comportamento.

(C) O brasileiro se lembra dos corruptos, os quais nada faz, para melhorar a imagem pessoal.

(D) Os políticos se simpatizam com a população, a qual entrega-lhes os votos de confiança.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta

✪ **Nota da autora:** Questão de concordância, regência e colocação pronominal.

▸ Cada um **deve** ter consciência **de** que não se **deve** desobedecer **às** leis.

Alternativa "b" – ... não se tornarão... enquanto houver práticas maldosas devido ao seu comportamento.

Alternativa "c" – ... nada fazem (os políticos).

Alternativa "d" – Os políticos simpatizam (o verbo simpatizar não admite pronome).

5. UPENET

40. (UPENET – Agente Penitenciário – PE/2009) A compreensão dos enunciados abaixo nos faz ver que a norma da concordância verbal foi respeitada em

(A) Via-se, lá do alto, as pessoas que se dirigiam ao estádio.

(B) Nesta empresa, precisam-se de vários letricistas.

(C) Percebe-se alguns erros neste trabalho.

(D) Destruiu-se infelizmente todas as provas do crime.

(E) Dão-se aulas de piano.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Voz passiva sintética, sujeito: aulas. Na passiva analítica: Aulas de piano são dadas.

Alternativa "a" – Viam-se as pessoas = as pessoas eram vistas.

Alternativa "b" – Precisa-se: verbo transitivo indireto + se não admite plural.

Alternativa "c" – Percebem-se alguns erros = Alguns erros são percebidos.

Alternativa "d" – Destruíram-se todas as provas = Todas as provas foram destruídas.

41. (UPENET – Agente Penitenciário – PE/2009) Todas as frases apresentam inadequações de língua portuguesa, EXCETO:

(A) Que horas é?

(B) Já é duas horas.

(C) São meio-dia.

(D) Fazem dez anos que moro em Recife.

(E) É meio-dia e meia.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Meio dia e meia (hora).

Alternativa "a" – Que horas são?

Alternativa "b" – Já são duas horas.

Alternativa "c" – É meio-dia.

Alternativa "d" – Faz dez anos que moro em Recife.

QUESTÕES MÉDIAS

1. NIVEL MÉDIO

1.1. FCC

01. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 3/2015) As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na seguinte frase:

(A) Uma sucessão de fotos pode ilustrar um segmento importante de uma história familiar, à qual pertenceram aqueles velhos rostos e expressões.

(B) A todas as pessoas deveriam caber, em respeito aos que as antecederam, conservar as imagens de outro tempo, de outros hábitos.

(C) Já quase não se coleciona em álbum, em função das técnicas digitais, as fotografias familiares que tanto contavam de nossa história.

(D) Para muita gente já não são mais necessários conservar os velhos álbuns de fotografias, substituídos que foram pelos arquivos digitais.

(E) Aquelas velhas fotos não convêm ninguém desprezar, estão sendo cada vez mais raras, e algum dia acabará por converter-se num precioso documento.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Sujeitos e verbos: Uma **sucessão** de fotos **pode ilustrar**; aqueles velhos rostos e expressões **pertençam**.

(B) **deveria caber** conservar as imagens = sujeito oracional (possui verbo).

(C) não se **colecionam** as fotografias familiares = voz passiva sintética. Transpondo para a passiva analítica (verbo ser + particípio): as fotografias familiares não são colecionadas. O verbo está concordando com o sujeito.

(D) não **é necessário** conservar os velhos álbuns de fotografias= sujeito oracional (possui verbo).

(E) 1. O que não **convém**? Ninguém desprezar aquelas velhas fotos: sujeito oracional = verbo no singular.

2. ...algum dia (aquelas velhas fotos) **acabarão** por converter-se = converter-se-ão.

Note que há outras possibilidades de construção, embora fique clara a avaliação de concordância verbal: ...e algum dia (aquelas fotos) **acabarão convertendo-se** num precioso documento.

02. (FCC - Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 19/2014) Nas frases transcritas, o verbo que deverá permanecer no singular, mesmo com a substituição do segmento grifado pela proposta entre parênteses, está em:

(A) ... o estrangeiro que se aproxima da poesia brasileira... (os sentidos do estrangeiro)

(B) Não lhe falta o contato com a realidade afro-nordestina... (os valores da vivência)

(C) ... movimento dos nossos dias que (...) teve, entretanto, condições próprias... (tendências de composição poética)

(D) ... que foi uma espécie de parente pobre... (manifestações de parente pobre)

(E) Experiência brasileira não falta a Jorge de Lima ... (Vivências da realidade brasileira)

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Os sentidos do estrangeiro (sujeito) que se aproximam (concordando com sentidos) ou que se aproxima (concordando com estrangeiro). Importante: o sujeito da oração é o pronome relativo QUE e isso facilita para entender melhor a questão. Por eliminação, chegar-se-ia à resposta. Vejamos as outras alternativas.

Alternativa "b" - Os valores da vivência não lhe faltam.

Alternativa "c" - Tendências de composição poética tiveram condições.

Alternativa "d" – ... foram manifestações de parente pobre = o predicativo do verbo ser no plural manda na concordância.

Alternativa "e" - Vivências da realidade brasileira não faltam.

03. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa - TRT 2/2014) A frase em que a concordância respeita as regras da gramática normativa é:

(A) É bilateral, sem dúvida alguma, os interesses pela exploração desse tipo de negócio, por isso os países envolvidos terão de fazer concessões mútuas.

(B) Cada um dos interessados em participar dos projetos devem apresentar uma proposta de ação e uma previsão de custos.

(C) Acordos luso-brasileiros têm sido recebidos com entusiasmo, o que sugere que haverá de serem cumpridos fielmente.

(D) Quanto mais discussão houver sobre as questões pendentes, mais se informarão, com cer-

teza, os que têm de decidir os próximos passos do processo.

(E) Procede, por uma questão técnica, segundo os especialistas entrevistados, as medidas divulgadas ontem, pois a urgência de saneamento é indiscutível.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – O verbo haver, quando impessoal (sentido de existir), não admite plural.

Para facilitar as correções, colocarei as orações na ordem direta (sujeito + verbo) para você fixar e fazer da mesma maneira na prova.

Alternativa "a" – Os interesses são bilaterais.

Alternativa "b" - Cada um dos interessados deve apresentar.

Alternativa "c" – Que bela pegadinha! Haver de ser é locução e pode ser substituída serão. O verbo haver é auxiliar e admite plural porque deve concordar com o sujeito. A ideia é que os acordos luso-brasileiros serão cumpridos fielmente. Correção da frase: haverão de ser.

Alternativa "e" – As medidas procedem.

---

04. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 12/2013) Se considerarmos a substituição dos elementos grifados pelos elementos entre parênteses ao final da frase, o verbo que deverá permanecer no singular está em:

(A) Incapaz de simulação, ou até, em certos casos, de uma ponta de hipocrisia que se debita à polidez social. (das tendências hipócritas)

(B) Seu claro olhar de sabedoria espiava o Brasil com algum tédio. (Seus olhos cheios de sabedoria)

(C) "Aqui mora um solteiro feliz". (pessoas felizes)

(D) Essa graça espontânea que a tudo dá gosto. (Esses divertimentos espontâneos)

(E) Na sua relação com a natureza, não havia intermediação de ordem intelectual. (interferências do intelecto)

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Ordem direta: interferências do intelecto não havia = haver, no sentido de existir ou ocorrer, permanece no singular. Indicando tempo decorrido também.

Alternativa "a" - das tendências hipócritas que se debitam = que são debitadas.

Alternativa "b" - Seus olhos cheios de sabedoria espiavam.

Alternativa "c" - pessoas felizes moram aqui = pense, sempre, na ordem direta para não errar (sujeito + verbo).

Alternativa "d" - Esses divertimentos espontâneos que a tudo dão gosto.

---

05. (FCC - Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 12/2013) O diretor artístico ressalta a qualidade que o Festival alcançou em sua oitava edição, e diz que o projeto pedagógico, a exemplo dos anos anteriores, _____ grandes talentos. Segundo ele, há alunos que _____ ao FEMUSC com o objetivo específico de serem ouvidos pelos mestres e assim poderem concorrer a bolsas. O diretor artístico estima que, somados os valores das bolsas dos mais de 30 alunos do FEMUSC,_____ a algo em torno de 3 a 4 milhões de dólares.

(Adaptado de: Ronaldo Corrêa, 07/02/2013, www.femusc.com.br/2013/02/07/sucesso-renovado/)

Preenchem corretamente as lacunas do texto acima, na ordem dada:

(A) mostrou - vem - chega-se

(B) mostraram - vem - chegam-se

(C) mostrou - vem - chegam-se

(D) mostraram - vêm - chega-se

(E) mostrou - vêm - chega-se

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"

✪ **Nota da autora:** É interessante trabalhar por eliminação em questões de preencher espaços para ganhar tempo e disparar na frente de seu concorrente.

- O projeto pedagógico (sujeito) mostrou. Eliminadas alternativas b e d;
- Alunos (sujeito) vêm = verbo vir no plural. Eliminadas a e c, chegamos à resposta sem precisar ver o terceiro verbo.
- Vamos lá para nos certificarmos: chega-se a algo.

▶ **Dica:** admitem plural os verbos transitivo direto e transitivo direto e indireto seguido de SE (pronome apassivador).

---

06. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRE-RO/2013) Nos segmentos adaptados do texto, a concordância verbal e nominal está correta apenas em:

(A) Os cultivos agrícolas em algumas regiões, como o semiárido nordestino, será prejudicado pela elevação da temperatura média anual.

(B) Existe muitos desafios apontados no relatório.

(C) Uma das prováveis consequências da redução de terras aptas à agricultura é a queda na renda das populações.

(D) Os atuais padrões tecnológicos da agricultura ainda não se encontra adaptado a essas novas ocorrências.

(E) Investimentos intensivos em sistemas agrícolas consorciados, e não somente na produção agrícola solteira, torna-se imperiosos.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Ordem direta: a queda na renda das populações é uma das prováveis consequências da redução de terras aptas à agricultura.

Alternativa "a" – Os cultivos agrícolas serão prejudicados.

Alternativa "b" – Muitos desafios existem.

Alternativa "d" – Os atuais padrões tecnológicos não se encontram adaptados.

Alternativa "e" – Investimentos tornam-se imperiosos.

---

07. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 9/2013) O verbo que pode ser corretamente flexionado no plural está grifado em:

(A) *...na última década surgiu a comunicação digital...*

(B) *...e parte das interações sociais adquiriu um caráter virtual...*

(C) *...é difícil definir e medir separadamente a contribuição...*

(D) *Mais tarde, nas cidades, havia discussões em praça pública...*

(E) *Como teria sido a Primavera Árabe sem* e-mail, Twitter *e* Facebook?

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Sujeito: a parte das interações. Concordando com o núcleo (substantivo) parte = parte adquiriu; concordando com o adjunto adnominal interações sociais = adquiriram. As duas concordâncias estão corretas.

Alternativa "a" – Errada. Sujeito simples e singular: a comunicação digital.

Alternativa "c" – Errada. Sujeito oracional (possui verbo) = verbo singular.

Alternativa "d" – Errada. Verbo **haver** impessoal (sentido de existir) = singular.

Alternativa "e" – Errada. Sujeito simples e singular: a Primavera Árabe.

---

08. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 9/2013)

Atualmente _____ que o número de brasileiros conectados na internet já _____ ultrapassado a casa de 80 milhões, sendo que 72.640.000 são usuários ativos de redes sociais, e 56% destes _____ um aparelho celular para acessar a internet. (Dados publicados em www.agenciaopen.com/blog/perfil-do-brasileiro-nas-redes-sociais-o-que-ha-de-novo).

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

(A) estima-se – tenham – usa

(B) estima-se – tenham – usam

(C) estimam-se – tenha – usa

(D) estima-se – tenha – usam

(E) estimam-se – tenham – usa

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

✪ **Nota da autora:** Embora as alternativas não tenham deixado dúvida, seria interessante lembrar que não se usa pronome oblíquo após a vírgula: estima-se.

▶ **Dica FCC** – exceto em intercalações.

Exemplo: Hoje, muito cedo, se encontrou a solução. Note que o advérbio de tempo *hoje* atraiu o oblíquo e que os advérbios de intensidade (muito) e tempo (cedo) estão intercalados. Lê-se: Hoje se encontrou a solução.

Voltemos à questão. O verbo **estimar** é transitivo direto acompanhado do pronome apassivador **se. V.T.D.** (ou V.T.D.I.) + **se = V.P.** (voz passiva), isto é, há sujeito e oracional (possui verbo): *que o número de brasileiros conectados na internet já tenha ultrapassado a casa de 80 milhões.* Verbo no singular = estima-se. Equivale a **é estimado.** Eliminadas alternativas *c* e *e*.

O número **tenha** ultrapassado = o verbo deve concordar com o sujeito. Eliminadas *a* e *b*.

56% **usam**. Se fosse 1%, seria **usa.**

---

09. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 1/2013) Substituindo-se o segmento em desta-

que pelo colocado entre parênteses ao final da frase, o verbo que deverá manter-se no **singular** está em:

(A) O comunismo resolve o problema da vida... (**As revoluções vitoriosas da esquerda**)

(B) Niemeyer vira a possibilidade... (**Os arquitetos da geração de Niemeyer**)

(C) Houve um sonho monumental... (**sonhos monumentais**)

(D) Bem disse Le Corbusier que Niemeyer... (**os que mais conheciam a sua obra**)

(E) Assim pensava o maior arquiteto... (**grandes arquitetos como Niemeyer**)

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Haver, quando impessoal (sentido de existir ou ocorrer), deve permanecer sempre no **singular** = **Houve** sonhos monumentais

Alternativa "a" – Errada. As revoluções vitoriosas da esquerda **resolvem** o problema da vida.

Alternativa "b" – Errada. Os arquitetos da geração de Niemeyer **viram** a possibilidade...

Alternativa "d" – Errada. Bem **disseram** os que mais conheciam a sua obra que Niemeyer...

Alternativa "e" – Errada. Assim **pensavam** grandes arquitetos como Niemeyer...

---

10. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) O verbo empregado no singular que também poderia ter sido empregado no plural, sem prejuízo do respeito às normas de concordância verbal, está grifado em:

(A) Uma pesquisa recente [...] procurou avaliar como o mundo corporativo se prepara para o fenômeno.

(B) A juniorização, por ser realizada com o propósito de reduzir custos, compromete a qualidade da gestão...

(C) Então, o trabalho emperra, os clientes reclamam, mas a planilha de custos fala mais alto.

(D) Em terceiro lugar, há poucas iniciativas para garantir maior qualidade de vida e para ter quadros mais saudáveis no futuro.

(E) Consequentemente, a maioria das empresas não possui mecanismos para atrair e manter tais quadros.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – FCC se repetindo, mais uma vez. Bom para você, leitor. Sujeito: a maioria das empresas = concordando com maioria: possui, concordando com o substantivo plural (empresas): possuem.

Alternativa "a" – Errada. Uma pesquisa prepara.

Alternativa "b" – Errada. A juniorização compromete.

Alternativa "c" – Errada. A planilha fala.

Alternativa "d" – Errada. Há: existem. Verbo haver, quando impessoal, é invariável.

---

11. (FCC – TRT 6 – Técnico Judiciário – Área Administrativa/2012) *"Uma vez. _____ as limitações fundamentais da condição humana, é possível dominar a fantasia e _____ as possibilidades concretas que se. _____ para todos nós".* Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

(A) aceita – testarem – abrem

(B) aceita – testar – abrem

(C) aceitas – testar – abrem

(D) aceita – testarem – abre

(E) aceitas – testar – abre

COMENTÁRIOS

Alternativa "c" – Correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de verbo e concordância.

As limitações (sujeito) **aceitas**. Eliminadas alternativas a, b e d.

É possível **testar** as possibilidades concretas (oração subordinada substantiva subjetiva).

As possibilidades que se **abrem** = que são abertas. Eliminada alternativa e.

---

12. (FCC – TRT – 11ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2012) O verbo que se mantém corretamente **no singular**, apesar das alterações propostas entre parênteses para o segmento grifado, está na frase:

a) *É o desafio do nosso tempo.* (**os desafios**)

b) *E isso quando a própria FAO alerta...* (**os especialistas da própria FAO**)

c) *E que a produção precisará crescer 70% até 2050* (**a produção de alimentos**)

d) *Tudo acontece num cenário paradoxal* (**Todos os problemas**)

e) *Um relatório da própria FAO assegura...* (**Os dados de um relatório**)

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – O sujeito continua no singular: *E que* **a produção de alimentos** *precisará crescer 70% até 2050.*

Alternativa "a" – Errada. São **os desafios** *do nosso tempo.*

Alternativa "b" – Errada. *E isso quando* **os especialistas da própria FAO** *alertam...*

Alternativa "d" – Errada. Todos os problemas *acontecem num cenário paradoxal.*

Alternativa "e" – Errada. Os dados de um relatório *da própria FAO asseguram...*

---

13. (FCC – TRT – 11ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2012) A frase que mantém o respeito às regras de concordância é:

(A) Outra descoberta foi a de que também existia na figuração de um motivo em que estivesse ausente o ser humano alguns valores profundos.

(B) Uma gama de estados de espírito que não sabemos nomear, apesar de sua grande força, podem ser suscitados pelos artefatos e signos que o homem produz.

(C) É numa concepção de humanidade modificada ao longo do tempo que se assenta noções relativas a uma dimensão humana da arte.

(D) Não fazem muitos anos que na grande arte só se podiam admitir temas heroicos, míticos ou religiosos.

(E) As obras e seu respectivo valor haviam de ser avaliados na medida da importância do tema tratado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Cuidado! O verbo **haver** é auxiliar e não impessoal (não pode ser substituído por existir). Haviam de ser avaliados = seriam avaliados.

Alternativa "a" – Errada. Outra descoberta foi a de que também **existiam** na figuração de um motivo em que estivesse ausente o ser humano alguns valores profundos.

Alternativa "b" – Errada. Uma gama de estados de espírito que não sabemos nomear, apesar de sua grande força, **pode ser suscitada** pelos artefatos e signos que o homem produz.

Alternativa "c" – Errada. É numa concepção de humanidade modificada ao longo do tempo que **se assentam** noções relativas a uma dimensão humana da arte.

Alternativa "d" – Errada. Não **faz** muitos anos que na grande arte só se podiam admitir temas heroicos, míticos ou religiosos.

---

14. (FCC – Técnico do Seguro Social – INSS/ 2012) As normas de concordância estão plenamente atendidas em:

(A) Sempre houveram pessoas sensíveis o suficiente para perceberem a enorme riqueza e a profundidade que poderiam atingir a música de Mahler.

(B) Entre os que reconheceram o talento de Mahler em vida está o escultor francês Auguste Rodin, que esculpiu, em 1909, vários bustos do compositor.

(C) Prematuramente falecido, Mahler não chegou a usufruir do prestígio que lhe dedicaram, anos depois de sua morte, a geração seguinte.

(D) Mahler foi regente titular da Ópera Imperial de Viena, da qual se tornou diretor artístico em 1897, sendo que, depois de anos no cargo, certas perseguições os fizera abandonar a função.

(E) Não couberam aos contemporâneos de Mahler prestar-lhe as justas homenagens que cabem a um gênio artístico de sua envergadura.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Reconheceram concorda com os que (pronome demonstrativo + pronome relativo); esculpiu concorda com o escultor francês.

a) **houve**. O verbo haver, quando impessoal (sem sujeito e no sentido de existir), deve ficar no singular.

c) dedicou = a geração seguinte lhe **dedicou**.

d) Certas perseguições **fizeram** Mahler (**o**) abandonar a função: certas perseguições **o fizeram** abandonar a função.

e) Não **coube** prestar-lhe as justas homenagens. Há um **sujeito oracional** (por possuir verbo) e o **verbo da oração principal** deve, obrigatoriamente, manter-se **no singular**.

▶ **Dica** – Sujeito oracional = verbo no singular

---

15. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 23/ 2011) A concordância verbal e nominal está inteiramente correta em:

(A) O interesse pelos acontecimentos que envolveram os cangaceiros e seus hábitos peculiares levam sempre a novas interpretações desse fenômeno do sertão brasileiro.

(B) A roupa com proteção de couro e o chapéu de abas viradas, que facilitavam a visão de emboscadas, traziam adereços que buscava resguardar os integrantes do bando.

(C) Consta que os cangaceiros, num gesto de grandeza, quando pretendia invadir uma determinada fazenda, informava ao dono o dia e a hora desse ataque.

(D) A vestimenta adotada pelos cangaceiros eram uma adaptação da roupa dos vaqueiros sertanejos, adequado ao ambiente, com o calor do dia e o frio da noite.

(E) Para esses guerreiros surgidos com o cangaço, os elementos que compunham seu traje criavam uma espécie de blindagem contra os perigos que corriam.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – guerreiros surgidos; elementos compunham; elementos criavam; os perigos corriam.

Alternativa "a" – Errada. O interesse pelos acontecimentos que envolveram os cangaceiros e seus hábitos peculiares **leva** sempre a novas interpretações desse fenômeno do sertão brasileiro.

Alternativa "b" – Errada. A roupa com proteção de couro e o chapéu de abas viradas, que facilitavam a visão de emboscadas, **trazia** adereços que **buscavam** resguardar os integrantes do bando.

Alternativa "c" – Errada. Consta que os cangaceiros, num gesto de grandeza, quando **pretendiam** invadir uma determinada fazenda, **informavam** ao dono o dia e a hora desse ataque.

Alternativa "d" – Errada. A vestimenta adotada pelos cangaceiros **era** uma adaptação da roupa dos vaqueiros sertanejos, **adequada** ao ambiente, com o calor do dia e o frio da noite.

---

16. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 20/ 2011) As normas de concordância verbal e nominal estão inteiramente respeitadas na frase:

(A) O emprego de recursos tecnológicos no setor agropecuário, com vistas à produção de carne e à colheita recorde de grãos, deverão ser objetivos prioritários dos investidores.

(B) Deverá ser utilizado, como metas a ser atingidas pelo setor, os investimentos em infraestrutura para facilitar o escoamento da produção de grãos.

(C) Buscam-se, atualmente, soluções eficazes, por meio da tecnologia disponível, que venham propiciar melhor rendimento ao setor pecuário brasileiro.

(D) A determinação das atividades se concentrarão na ampliação de recursos aos pecuaristas, visando à obtenção de margens de lucro maiores.

(E) Ainda que os interesses de um investidor seja as possibilidades de lucro em determinado prazo, eles resultam em benefícios para o setor escolhido.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Soluções são buscadas = buscam-se; soluções eficazes que venham propiciar.

Alternativa "a" – Errada. O emprego de recursos tecnológicos **deverá ser objetivo prioritário** dos investidores.

Alternativa "b" – Errada. Deverão ser utilizados os investimentos.

Alternativa "d" – Errada. A determinação das atividades **se concentrará**.

Alternativa "e" – Errada. os interesses de um investidor **sejam** as possibilidades.

---

17. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 24/ 2011) A frase em que há desrespeito às normas de concordância verbal e nominal é:

(A) Uma das mais efetivas conquistas decorrentes do avanço tecnológico está na obtenção de safras recordes em áreas reduzidas de plantio.

(B) Já estão sendo levados a efeito a aplicação dos recursos tecnológicos no setor de serviços, garantindo-lhes enorme importância na economia.

(C) Um feito considerável, resultante das inovações tecnológicas, foi a introdução do uso do etanol em veículos, o que possibilitou o sucesso dos carros flex.

(D) A produção de bioplásticos degradáveis constitui um projeto de alto impacto, que vai permitir uma forte expansão da indústria química.

(E) Desenvolvem-se atualmente projetos de produção de diesel, a ser obtido a partir do caldo da cana, que não contém enxofre, como o mineral.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Já estão sendo **levada** a efeito a aplicação dos recursos tecnológicos no setor de serviços, garantindo-lhes enorme importância na economia.

Observação: embora a questão seja de concordância, pode haver dúvida em relação à regência (pronome lhe), mas está correto. Quem garante, garante algo (enorme importância na economia) a alguém (a eles).

Alternativa "a" – Errada. Uma das mais efetivas conquistas **decorrentes** do avanço tecnológico **está** na obtenção de safras recordes em áreas reduzidas de plantio.

Alternativa "c" – Errada. Um feito considerável, resultante das inovações tecnológicas, **foi** a introdução do uso do etanol em veículos, o que **possibilitou** o sucesso dos carros flex.

Alternativa "d" – Errada. A produção de bioplásticos degradáveis **constitui** um projeto de alto impacto, que **vai permitir** uma forte expansão da indústria química.

Alternativa "e" – Errada. Desenvolvem-se atualmente projetos de produção de diesel, a **ser obtido** a partir do caldo da cana, que não **contém** enxofre, como o mineral.

---

18. (FCC – TRT 9ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) A concordância verbal e nominal está inteiramente correta na frase:

(A) Quando se discutem questões em que se misturam profecias e evidências científicas fica difícil o pensar com racionalidade.

(B) Fenômenos naturais, muitas vezes de proporções locais, como a erupção de um vulcão, é visto como catástrofes que afetam toda a vida no planeta.

(C) O impacto econômico causado pela ocorrência de fenômenos naturais estão atingindo os mais variados setores de produção em todo o mundo.

(D) Quando se tratavam de questões relativas aos conhecimentos espirituais, era os profetas religiosos que traduziam os sinais contidos nos astros.

(E) A ocorrência de eventos naturais, nem sempre explicável para os povos primitivos, deram origem às mais diversas teorias sobre o fim do mundo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Questões são discutidas = discutem-se; profecias e evidências são misturadas = misturam-se.

Alternativa "b" – Errada. Fenômenos naturais **são vistos.**

Alternativa "c" – Errada. O impacto econômico **está** atingindo.

Alternativa "d" – Errada. Quando se **tratava** de questões relativas.

Alternativa "e" – Errada. A ocorrência **deu** origem.

---

19. (FCC – TRT – 12ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) A concordância verbal e nominal está inteiramente correta na frase:

(A) Personagens do bem e personagens do mal mostra a dualidade que existe em todas as ações humanas no decorrer de uma trama realmente capaz de manter o interesse dos espectadores.

(B) O drama representado em uma novela, com personagens atraentes que se divide entre o bem e o mal, atraem, durante vários meses, a atenção de um público fiel e interessado em suas peripécias.

(C) Uma novela que chame a atenção do público e leve os espectadores a acompanhar a trama, muitas vezes longa, deve basear-se em uma realidade transmudada em sonho e fantasia.

(D) Para que seja atraente as situações criadas pelo autor de uma novelas, é preciso que as personagens tenham atitudes coerentes e convincentes para o público que a acompanham diariamente.

(E) O drama que vive as personagens de novelas, ainda que seja baseado em tipos humanos reais, nem sempre convencem os espectadores, que desejam se distrair em casa, após o trabalho.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Uma novela que **chame** a atenção do público e **leve** os espectadores a acompanhar a trama, muitas vezes longa, **deve basear-se** em uma realidade transmudada em sonho e fantasia.

Alternativa "a" – Errada. Personagens do bem e personagens do mal **mostram.**

Alternativa "b" – Errada. O drama representado em uma novela, com personagens atraentes que se **dividem** entre o bem e o mal, **atrai**, durante vários meses, a atenção de um público fiel e interessado em suas peripécias.

Alternativa "d" – Errada. Para que **sejam atraentes** as situações criadas pelo autor de uma novelas, é preciso que as personagens tenham atitudes coerentes e convincentes para **o público** que a **acompanha** diariamente.

Alternativa "e" – Errada. O drama que vive as personagens de novelas, ainda que seja baseado em tipos humanos reais, nem sempre **convence** os espectadores, que desejam se distrair em casa, após o trabalho.

20. (FCC – TRT 8ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) Embora pudesse estar estampada na primeira página de um jornal, a manchete que NÃO está redigida de acordo com a norma culta é:

(A) Já há mais trabalhadores com carteira assinada do que no mercado informal.

(B) Ações orquestradas pelos três poderes freiam o desmatamento na região amazônica.

(C) Condenado há vinte anos de prisão por homicídio duplamente qualificado.

(D) Aprovado projeto de lei que prevê mudanças significativas na educação.

(E) Polícia fecha o cerco a sequestradores de empresário da construção civil.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c" – Correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de concordância e ortografia.

Erro da alternativa c: Condenado **a** vinte anos de prisão por homicídio duplamente qualificado.

Alternativa "a" – Errada. Haver impessoal = singular.

Alternativa "b" – O verbo concorda com o sujeito plural.

Alternativa "d" – Errada. O verbo concorda com o sujeito plural.

Alternativa "e" – Errada. Cuidado: não pode haver acento indicativo de crase antes de palavra masculina.

21. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 22/ 2010) A concordância verbal e nominal está inteiramente correta em:

(A) A ameaça de crise alimentar, ainda que os estoques mundiais consigam suprir as necessidades do mercado, conduz à alta de preços.

(B) Os países mais pobres, que dependem da importação de produtos agrícolas para alimentar sua população, é que saí mais prejudicada.

(C) Vários países que são grandes produtores de trigo, como a Rússia e seus vizinhos, para evitar a escassez desse alimento, suspendeu as exportações.

(D) A importação de alimentos, principalmente em algumas regiões castigadas pelos fenômenos climáticos, são essenciais para evitar escassez prolongada.

(E) A instabilidade política gerada por conflitos decorrentes da falta de alimentos básicos, levam governos a manter grandes estoques de produtos agrícolas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – A ameaça conduz; os estoques consigam.

Alternativa "b" – Errada. Os países mais pobres, que dependem da importação de produtos agrícolas para alimentar sua população, é que **saem** mais **prejudicados**.

Alternativa "c" – Errada. Vários países que são grandes produtores de trigo, como a Rússia e seus vizinhos, para evitar a escassez desse alimento, **suspenderam** as exportações.

Alternativa "d" – Errada. A importação de alimentos, principalmente em algumas regiões castigadas pelos fenômenos climáticos, **é essencial** para evitar escassez prolongada.

Alternativa "e" – Errada. A instabilidade política gerada por conflitos decorrentes da falta de alimentos básicos, **leva** governos a **manterem** grandes estoques de produtos agrícolas.

22. (FCC – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2007) A concordância verbal está plenamente respeitada na frase:

(A) Nem a banana, nem a laranja, nem a batata, nenhum desses vegetais escolheria morrer, se lhes fosse dada uma escolha.

(B) Não devem aliviar os vegetarianos a presunção de que eles não matam nada para comer.

(C) Os fios de uma laboriosa e artística teia de aranha costuma enredar fatalmente um inseto desprevenido.

(D) Atribuem-se às aranhas um comportamento cruel, como se elas pudessem escolher qualquer outro.

(E) Entre as leis que regulam a vida natural, competem – nos obedecer, em primeiro lugar, à da própria sobrevivência.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Nenhum escolheria: correta a concordância.

b) Se o sujeito for verbo, o verbo da oração principal deverá, sempre, permanecer no singular: não **deve** aliar.

c) Os fios **costumam**.

d) Verbo transitivo direto + se = voz passiva sintética e possui sujeito. Transpondo para a passiva analítica: um comportamento cruel é atribuído

às aranhas = **atribui-se** um comportamento cruel.

e) O que compete: obedecer (o sujeito é o verbo = singular). **Compete** obedecer.

23. (FCC – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2007) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do plural para preencher corretamente a lacuna da frase:

(A) Não ____ (dever) espantar-nos o fato de que mesmo os grandes insetos não consigam escapar dos fios de uma teia.

(B) Os desenhos formados pelos fios de uma teia ____ (assemelhar-se) à trama dos fios de uma rede de pescar.

(C) ____ (queixar-se) dos incômodos de uma teia quem precisa demovê-la do alto de uma cumeeira.

(D) Tal como as aranhas fazem com seus fios, ____ (fazer) com as palavras todo aquele que se dispõe a articular um texto com precisão.

(E) Não nos ____ (caber) atribuir adjetivos como cruéis ou maldosos aos atos praticados pelos animais.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Os desenhos assemelham-se.

Alternativa "a": O sujeito é o verbo espantar: não **deve** espantar.

Alternativa "c": Quem precisa queixa-se.

Alternativa "d": Todo aquele **faz**.

Alternativa "e": O sujeito de caber é o verbo atribuir: não **cabe** atribuir.

1.2. CESPE

Trecho para o item.

Empresas reclamam da falta de profissionais qualificados na área de tecnologia da informação

(...) Apesar de não haver estatísticas que revelem a expansão do setor, especialistas estimam o crescimento em torno de 10% ao ano. Com isso, a não regulamentação das profissões ligadas à computação torna ainda mais acirrada a disputa por vagas e delega ao mercado a seleção do bom profissional.(...)

Internet: <www1.folha.uol.com.br>(com adaptações).

24. (CESPE – Técnico Bancário - CEF/2014) Sem prejuízo da correção gramatical e do sentido original do texto, a forma verbal "haver" poderia ser substituída por existir.

( ) certo ( ) errado

COMENTÁRIOS

Errado – Concordância e análise sintática.

Haver, quando impessoal (sem sujeito, sentido de existir ou ocorrer) não admite plural. Assim, teremos:

Não	haver	estatísticas	oração sem sujeito
	V.T.D. singular	O.D.	

Não	existirem	estatísticas	sujeito simples e plural
	I. plural	sujeito	

Trecho para o item.

Existem várias formas de punição para aqueles que pratiquem assédio moral, podendo essa punição recair tanto no assediador, quanto na empresa empregadora que não coiba, ou que até mesmo incentive o assédio, como ocorre, por exemplo, no caso do assédio moral organizacional, decorrente de políticas corporativas. (...) Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).

25. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) A substituição da forma verbal "Existem" por haverão manteria a correção gramatical do período e não prejudicaria a coerência textual dado o emprego do subjuntivo "pratiquem".

( ) certo ( ) errado

COMENTÁRIOS

Errado – Nem é preciso pensar muito, pois o verbo haver, quando impessoal (Sentido de existir) deve permanecer no singular.

▶ **Dica:** ao se referir tempo decorrido também permanece no singular.

Trecho para o item.

(...) No período colonial, o Brasil foi orientado pelo direito lusitano. Não havia o Ministério Público como instituição. Mas as Ordenações Manuelinas de 1521 e as Ordenações Filipinas de 1603 já faziam menção aos promotores de justiça, atribuindo a eles o papel de fiscalizar a lei e de promover a acusação criminal. Existiam os cargos de procurador dos feitos da Coroa (defensor da Coroa) e de procurador da Fazenda (defensor do fisco). (...)

Internet: <www.mpu.mp.br> (com adaptações).

26. (CESPE – Técnico – MPU/2013) A correção gramatical e as informações originais do texto são mantidas com a substituição do termo "Existiam" por Haviam.

( ) certo ( ) errado

COMENTÁRIOS

Errado

✪ **Nota da autora:** Questão de concordância e análise sintática.

O verbo haver, quando está no sentido de existir ou quando indica tempo decorrido, não admite plural por ser verbo impessoal, ou seja, por não possuir sujeito.

Existiam (intransitivo) os cargos de procurador (sujeito) = Havia (verbo transitivo direto) os cargos de procurador (objeto direto): oração sem sujeito.

27. (CESPE – Agente de Polícia - DF/2013) O sentido original do trecho seria alterado, mas a sua correção gramatical seria preservada caso o trecho "Pode ser que haja no mundo / Outra maior ironia" fosse assim reescrito no plural: Podem ser que hajam no mundo / Outras maiores ironias.

( ) certo ( ) errado

COMENTÁRIOS

Errado – O verbo haver, quando impessoal (sentido de existir ou ocorrer), não admite plural. Além disso, não cabe a pluralização do verbo poder. Questão fácil, pois possui dois erros.

⊙ **Em relação às ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o item a seguir.**

(...)

A medida é de grande importância porque equipamentos considerados obsoletos ou de baixo rendimento para o TRT – como impressoras, teclados e computadores – podem ser muito úteis para instituições voltadas ao trabalho social, que não teriam como obtê-los a não ser pela via da doação.

Esse ato integra o rol de ações relacionadas à responsabilidade social do tribunal, intensificado a cada gestão. (Internet: www.trt10.jus.br, com adaptações).

28. (CESPE – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) O termo "intensificado" está no singular porque concorda com "rol", mas estaria também correto se colocado no feminino plural – intensificadas –, forma que concordaria com "ações".

( ) certo ( ) errado

COMENTÁRIOS

Certo – ***o rol*** *de ações relacionadas à responsabilidade social do tribunal,* ***intensificado*** *a cada gestão* ou *o rol de* ***ações*** *relacionadas à responsabilidade social do tribunal,* ***intensificadas*** *a cada gestão.*

⊙ **Em relação às ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o item a seguir.**

Também em 1922 foram instituídas no Brasil as convenções coletivas de trabalho como forma de composição de interesses entre trabalhadores e empregadores, reflexo da forte influência italiana entre nós, estimulada pela grande imigração de europeus – daí derivando a necessidade de um órgão com competência para conhecer e dirimir eventuais conflitos decorrentes dessa prática coletiva. Com isso, surgiram então as comissões mistas de conciliação, cuja função era conciliar os dissídios coletivos, e, no mesmo momento, criaram-se as juntas de conciliação e julgamento, que conciliavam e julgavam os dissídios individuais do trabalho. (...) (Internet: www.trt10.jus.br, com adaptações).

29. (CESPE – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) Mantém-se a correção gramatical do período ao se substituir "criaram-se" por foram criadas.

( ) certo ( ) errado

COMENTÁRIOS

Certo – Quem cria, cria algo: verbo transitivo direto + se (pronome apassivador) = voz passiva sintética. Sujeito: as juntas. Na voz passiva analítica (ser + particípio) = foram criadas as juntas.

Trecho para o próximo item.

A Rede Cultural dos Estudantes promove eventos e mostras culturais e artísticas e apoia a criação de Centros Universitários de Cultura e Arte. (Identidade e diversidade. Internet: www.brasil.gov.br/sobre/cultura, com adaptações).

30. (CESPE – Investigador de Polícia – BA/2013) A correção gramatical do trecho seria mantida caso as formas verbais "promove" e "apoia" fossem flexionadas no plural, para concordar com o termo mais próximo, "dos Estudantes".

( ) certo ( ) errado

COMENTÁRIOS

Errado – O núcleo do sujeito é a **rede** e por isso os verbos devem permanecer no singular.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) É ultrapassado o entendimento de que, ao não identificar os investigados, o STF estaria protegendo pessoas que, no desfecho dos processos, poderiam vir a ser absolvidas ou ter seus casos arquivados. Por essa norma, os investigados são identificados apenas pelas iniciais, como se o STF estivesse, de alguma forma, resguardando acusados de algum delito. Assegura o presidente que a presunção de inocência não justifica o que define como "opacidade que prevalece no âmbito dos processos criminais no Supremo". (...) (Zero Hora, 8/4/2013).

31. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) A substituição de "vir a ser" por **virem a serem** prejudicaria a correção gramatical do período.

( ) certo ( ) errado

COMENTÁRIOS

Certo – Opa! É preciso voltar ao texto: poderiam vir a ser. Note que o verbo auxiliar já está pluralizado (poderiam). Não se usam dois verbos no plural, portanto não há possibilidade de pluralizar.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

Dependerá da adesão dos demais ministros o êxito de um apelo feito pelo presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), para que seja extinta a prática de esconder os nomes de investigados em inquéritos criminais na mais alta corte do país. Ele defende que o STF deve livrar-se do costume de manter identidades em segredo, ou estará contrariando todos os esforços em busca de maior transparência. (...) (Zero Hora, 8/4/2013).

32. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) Seria mantida a correção gramatical do texto, caso a forma verbal "manter" fosse flexionada no plural – **manterem.**

( ) certo ( ) errado

COMENTÁRIOS

Errado – Encontremos o sujeito para nos certificarmos: o que deve livra-se do costume de manter identidades em segredo? **O STF.** Feito! O Supremo Tribunal Federal deve livra-se do costume de manter.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

O Conselho Nacional de Justiça (CNJ) é o melhor exemplo de que a reforma do Poder Judiciário não está estagnada. Dez anos atrás, época em que ainda se discutia a criação do conselho, ao qual cabia o epíteto "órgão de controle externo do Judiciário", a existência de um órgão nesses moldes, para controlar a atuação do Poder Judiciário, gerava polêmica. (...) (Folha de S.Paulo, Editorial, 7/4/2013, com adaptações).

33. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) Prejudica-se a correção gramatical do texto ao se substituir a expressão "Dez anos atrás" por Há dez anos.

( ) certo ( ) errado

COMENTÁRIOS

Errado – O verbo **haver** refere-se a tempo decorrido, a passado. Correta substituição desde que não se repita o advérbio *atrás*, pois seria pleonasmo.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) Os Estados Unidos da América cresceram a uma taxa superior a 3% em 12 meses, mas a maioria dos analistas aposta que a economia americana perderá força no segundo semestre. (...) (Valor Econômico, Editorial, 6/7/2010, com adaptações)

34. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/2010) Se o verbo da oração "mas a maioria dos analistas aposta" estivesse flexionado no plural – **apostam** –, o período estaria incorreto, visto que, de acordo com a prescrição gramatical, a concordância verbal, em estrutura dessa natureza, deve ser feita com o termo "maioria".

( ) certo ( ) errado

COMENTÁRIOS

Errado – A gramática normativa aceita duas concordâncias neste caso (singular ou plural): **A maioria** ou **a minoria + substantivo plural.**

1.3. CESGRANRIO

35. (Cesgranrio – Escriturário – BB/2013) O emprego do verbo obter está adequado à norma-padrão apenas em:

(A) Com as apostas, obtém-se recursos para diversas pesquisas científicas.

(B) Quando o pessoal obtiverem êxito, o grupo que faz aposta coletiva vai viajar pelo mundo.

(C) Caso obtenham êxito na Mega-Sena, os apostadores farão as cem coisas possíveis antes de morrer.

(D) A procura das pessoas pelo enriquecimento rápido obtêm bons recursos financeiros para o país.

(E) Se obterem recursos, certamente as pessoas farão mais de cem coisas antes de morrer.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Análise sintática, voz verbal e concordância.

✪ **Nota da autora:** encontre, sempre, o sujeito fazendo, ao verbo, a pergunta o quê? (para coisa) ou quem? (para pessoa) e, em seguida, coloque a oração na ordem direta (sujeito + verbo + complemento).

▶ Quem obtenham êxito? Os apostadores = os apostadores obtenham êxito.

Alternativa "a" – Verbo transitivo direto ou transitivo direto e indireto + se indicam voz passiva sintética e possui sujeito. Transpondo para a voz passiva analítica: recursos são obtidos. Correção: obtém-se recursos.

▶ **Dica:** o verbo obter é derivado do verbo ter e possui acento diferencial = ele tem / ele obtém – eles têm / eles obtêm.

Alternativa "b" – Quem obtiver êxito? O pessoal (sujeito) = o pessoal obtiver êxito.

Alternativa "d" – O que obtém bons recursos? A procura = A procura das pessoas pelo enriquecimento rápido obtém bons recursos.

Alternativa "e" – Se o verbo obter é derivado do verbo ter, deve ser conjugado igual = se as pessoas tiverem recursos, correto? Inserindo o prefixo, temos: se as pessoas obtiverem recursos.

36. (Cesgranrio – Técnico Previdenciário – INSS/2005) Assinale a frase correta quanto à concordância verbal.

(A) Existe ambientes escolares bem acolhedores.

(B) Evoluiu pouco a pouco as escolas e o sistema de avaliação.

(C) Por muito tempo ainda persistiu certos costumes.

(D) Haviam alunos que conseguiram superar dificuldades.

(E) Castigavam-se as crianças que não sabiam a tabuada.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

✪ **Nota da autora:** Por se tratar de voz passiva sintética, é preciso ter cuidado.

▶ **Dica** – Admitem plural os **verbos transitivos diretos** ou **transitivos diretos e indiretos seguidos de SE** (pronome apassivador) por possuírem sujeito. Para facilitar e evitar erros, **transponha a oração para a voz passiva analítica** (ser + particípio).

▶ Castigavam-se as crianças = Crianças eram castigadas.

Exemplo de transitivo direto e indireto: Entregaram-se os prêmios aos vencedores = Os prêmios foram entregues aos vencedores.

a) **Existem** ambientes. Ordem direta = Ambientes existem.

b) **Evoluíram** as escolas e o sistema. Ordem direta = As escolas e o sistema evoluíram.

c) **Persistiram** certos costumes. Ordem direta = Certos costumes persistiram.

d) **Havia** alunos. Se pode ser substituído por **existiram**, o verbo haver deve ficar no singular.

▶ **Dica** – Em *havia alunos*, além de o verbo permanecer no singular, o termo posposto a ele possui função de **objeto direto** e o classificamos como **transitivo direto**. Em *existiam alunos*, o sujeito é o substantivo plural **alunos** e o verbo *existir* é **intransitivo**.

37. (Cesgranrio – Técnico Previdenciário – INSS/2005)

I. Sensações diversas _____ seu pensamento distante por alguns momentos.

II. Já morou em uma casa onde os livros não _____.

As formas verbais que preenchem, correta e respectivamente, as frases acima são:

(A) manteem – couberam.

(B) manteem – caberam.

(C) mantém – caberam.

(D) mantêm – couberam.

(E) mantem – couberão.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

✪ **Nota da autora:** Quando o verbo for derivado de outro (acrescentou-se o prefixo), conjugue o verbo primitivo.

Manter é conjugado como o verbo **ter**: sensações diversas **têm = mantêm**.

Eliminadas alternativas a, b, c e d.

▶ **Dica** – Os verbos que dobram o **e** no plural são: **crer, dar, ler e ver** e seus derivados.

Os livros não **couberam**.

1.4. VUNESP

38. (Vunesp – Escrivão de Polícia – SP/2013) Assinale a alternativa em que a concordância se dá em conformidade com a norma-padrão.

(A) Fazem anos que me mudei para este apartamento com minhas filhas, que havia acabado de voltar do exterior.

(B) Os amigos que acreditavam no desaparecimento do livro teve de rever suas convicções diante das vendas de livros, que continua aumentando.

(C) Apesar de ter criticado as estantes, os amigos do autor concluiu que era muito cômodo dispor de uma grande variedade de livros e CDs.

(D) Já existe muitos jovens que tem baixado músicas pela internet e já se desfez de seus leitores de CDs tradicionais.

(E) Um casal de amigos questionou a utilidade das estantes que haviam sido compradas para o apartamento novo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Haviam sido compradas concorda com as estantes.

Alternativa "a" – Faz = tempo decorrido; haviam acabado = voltaram: concorda com as filhas.

Alternativa "b" – tiveram e continuam.

Alternativa "c" – terem criticado e concluíram.

Alternativa "d" – existem, têm e desfizeram.

39. (Vunesp – Escrivão de Polícia – SP/2013) Considerando a norma-padrão, assinale a alternativa correta quanto à concordância nominal.

(A) Foi formada, graças a Niemeyer, uma geração de novos arquitetos dedicados a dar continuidade a seus projetos.

(B) Já foram realizado, em diferentes universidades, vários estudos sobre a produção do arquiteto brasileiro.

(C) Considerado uma das criações mais inovadoras do século XX, a arquitetura de Niemeyer é singular.

(D) Seria celebrado, no Rio de Janeiro, uma grande festa em comemoração aos 105 anos de Oscar Niemeyer.

(E) As visitas a Brasília se tornaram frequente, em especial para se apreciar a arquitetura de Niemeyer.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Uma geração foi formada.

Alternativa "b" – realizados.

Alternativa "c" – considerada.

Alternativa "d" – celebrada.

Alternativa "e" – frequentes (predicativo do sujeito deve concordar com o sujeito)

1.5. UFF

40. (UFF – Inspetor de Polícia – RJ/2012) A concordância verbal praticada em: "Eliminou-se o elitismo econômico e as boas e grátis universidades para os alunos" justifica-se gramaticalmente com base na mesma regra que abona a concordância feita na seguinte oração:

(A) Então viria o julgamento e os longos meses, talvez anos de prisão.

(B) Não havia assistentes, mestres, doutores ou catedráticos.

(C) Se candidatos, Lula ou Fernando Henrique será eleito de novo Presidente.

(D) Viam-se homens caindo no despenhadeiro sem fim.

(E) Faltavam-me a sela e os arreios.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Quando há mais de um sujeito após o verbo, este pode concordar com o sujeito mais próximo dele: viria o julgamento (sujeito mais próximo do verbo) e os longos meses (sujeito). (Estaria correto, também, se concordasse com os dois núcleos.)

Alternativa "b" – Nesta opção o verbo haver é sinônimo de existir = é flexionado no singular – já o verbo existir seria flexionado no plural.

Alternativa "c" – Os núcleos do sujeito estão ligados pela conjunção ou com valor excludente: o verbo fica no singular= será.

Alternativa "d" – Forma verbal com a partícula apassivadora *se* = o verbo concorda com o sujeito: viam-se homens (sujeito plural) – homens eram vistos.

Alternativa "e" – Sujeito composto – a sela e os arreios = o verbo irá para o plural independente da sua posição em relação ao sujeito: faltavam-me a sela e os arreios / a sela e os arreios me faltavam. O "peguinha" é o verbo no singular, no enunciado.

---

41. (UFF – Inspetor de Polícia – RJ/2012) A tentativa de reestruturação do texto em que ocorre ERRO de concordância verbal ou nominal encontra-se em:

(A) "A transformação desses locais em ambientes acolhedores SE DEVE (...) à preocupação dos povos europeus" / é devido.

(B) "indica que essa possibilidade PODE SER PERFEITAMENTE VIABILIZADA" / se pode perfeitamente viabilizar.

(C) "fizeram investimentos materiais e imateriais que não PODEM SER DESCONSIDERADOS" / se podem desconsiderar.

(D) "Nas favelas e nos loteamentos irregulares a cultura SE MANIFESTA através da moradia individual" / é manifestada.

(E) "somente o tempo poderá dizer se, de fato, O ENIGMA DA FAVELA FOI DECIFRADO" / se decifrou o enigma da favela.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – A transformação é **devida**.

Nota da autora: Questão de concordância e vozes verbais. Relembre os dois tipos de voz passiva.

Alternativa "b" – Passa-se da voz passiva analítica para a sintética.

Alternativa "c" – Passa-se da voz passiva analítica para a sintética.

Alternativa "d" – Passa-se da voz passiva sintética para a analítica.

Alternativa "e" – Passa-se da voz passiva analítica para a sintética.

1.6. FUMARC

---

42. (Fumarc – Escrivão de Polícia – MG/2011) A concordância verbal das frases justifica-se pela mesma razão: o verbo concorda com o sujeito simples em número e pessoa, EXCETO.

(A) "Hoje, no entanto, o significado da cidadania assume contornos mais amplos, (...)".

(B) "Não existe o objetivo explícito de formação ética e moral das futuras gerações."

(C) "Mas como os valores são apropriados pelos sujeitos?"

(D) "Uma questão a ser apontada é que atualmente as crianças e os adolescentes vão à escola para aprender as ciências(...)."

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Sujeito composto = verbo no plural: as crianças e os adolescentes **vão**...

Alternativa "a" – o significado da cidadania **assume**: sujeito simples = singular.

Alternativa "b" – Não **existe** o objetivo explícito: sujeito simples = singular.

Alternativa "c" – os valores **são** apropriados: sujeito simples = singular.

1.7. UFMT

---

43. (UFMT – Escrivão de Polícia – MT/2010) Analise a frase. "*A multidão se dirigiu para onde havia água em abundância, pois assim teriam mais tempo até serem resgatados*". Com base nela, assinale a correta.

(A) Está correta, pois, os verbos no plural se explicam como um caso de silepse de número.

(B) Não está correta porque o primeiro verbo está no singular.

(C) Não há concordância em número, pois há, para o sujeito "multidão", verbos tanto no singular quanto no plural.

(D) A conjunção "pois" é coordenativa explicativa e em seu lugar deveria haver uma subordinativa conformativa.

(E) Está totalmente incorreta, pois não há concordância em número ou em gênero.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Silepse é a figura de construção cuja concordância se faz pelo sentido (concordância ideológica), com o que se entende. Na frase proposta há silepse de número: a multidão se dirigiu / teriam mais tempo: as pessoas que compõem a multidão (teriam mais tempo).

Alternativa "b" – Multidão: sujeito coletivo – no singular; o verbo concorda no singular: ...se dirigiu.

Alternativa "c" – A concordância está correta. Com sujeito no coletivo, o verbo só vai para o plural se o coletivo estiver no plural: as multidões se dirigiram.

Alternativa "d" – A conjunção coordenativa explicativa *pois* está correta: introduz uma oração coordenada explicativa e não informativa. Pois assim: porque, dessa forma, desse modo (explicando) e não de conformidade.

Alternativa "e" – A frase está correta quanto às concordâncias de número e gênero (explicado em A, B, e C).

1.8. ACP

44. (ACP – Escrivão de Polícia – RS/2010) Caso se passasse para o singular o termo **pessoas** em *Diante do fiasco de alguns homens públicos, profissionais em oratória, as pessoas comuns têm alguma esperança de expressar-se com maior clareza e eficiência?*, quantos termos, ao todo, sofreriam, obrigatoriamente, ajustes para fins de se estabelecer a concordância?

(A) Cinco.

(B) Quatro.

(C) Três.

(D) Dois.

(E) Um.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Com o termo pessoa, no singular, obrigatoriamente mais três termos sofreriam ajustes para fins de concordância – ao todo seriam quatro termos: *Diante do fiasco de alguns homens públicos, profissionais em oratória, **a pessoa comum tem** alguma esperança de expressar-se com maior clareza e eficiência?*

Eliminam-se, assim, as alternativas *a, c, d* e *e*.

Trecho para a próxima questão.

O PODER DO PALAVRÃO – COMO INSULTAR E PRAGUEJAR EM PORTUGUÊS, COM A AJUDA DE UM DICIONÁRIO

Qualquer dia é dia de palavrão. Ele é necessário e insubstituível, como disse o sociólogo Gilberto Freyre. Há quem reclame que as palavras de baixo calão invadiram a vida cotidiana de forma irresistível. Jamais se pronunciou tanto palavrão como nos dias de hoje, e com tanta volúpia, afirmam tanto os safados como os guardiões da língua e dos bons costumes. (...)

Após um trabalho de dez anos, Souto Maior levantou 3 mil palavrões, entre vocábulos,locuções e expressões idiomáticas. A obra sofreu censura do regime militar e só foi publicada cinco anos depois, com o início da abertura política brasileira. Segundo o autor, a obra então já se afigurava incompleta, em virtude da criação constante de novos palavrões. Ao vir a público, já se tratava de um título ultrapassado. O que dirá hoje. Mas isso não importa. O dicionário é o flagrante de um tempo, que continua a ter validade trinta anos depois. No entanto, o malfadado Dicionário virou uma espécie de catecismo pornográfico que circulou de mão em mão dos adolescentes no fim dos anos 70.

Talvez tenha chegado o momento de entronizar (sem trocadilhos de segundo sentido) Souto Maior como um pioneiro da lexicografia realista. Como ele próprio disse, os falantes da língua criam palavrões diariamente. E tamanha a produtividade fescenina da população que a criação de palavrões muitas vezes supera a das próprias palavras. Para chegar a seu dicionário, o pesquisador enviou questionários por carta a 3.620 pessoas. Agora seria muito mais fácil – e é curioso que não tenham aparecido desde então obras do mesmo fôlego. O amor pela descoberta era maior quando as dificuldades eram maiores...

Curiosamente, Souto Maior demonstrou que a língua portuguesa é mais pobre em palavrões que outros idiomas. Ela perde para os palavrões em alemão (9 mil) e em francês (9 mil). Em inglês, palavrões e afins são mais usados do que pelos falantes em português, basta ligar a televisão. E preciso dizer que, quando o Dicionário foi publicado, havia menos palavrões em circulação.

Mesmo assim, o autor concluiu, com base nas respostas a seu questionário: "criança de hoje ganha da de ontem quanto ao uso do palavrão; e o aumento dos meios de comunicação, como a televisão, foi o motivo mais apontado".

Outras conclusões do nosso "folclorista" (termo igualmente fora de moda) merecem comentários e

relativizações: "O homem, o jovem e o pobre falam mais palavrão do que a mulher, o velho e o rico". Hoje talvez isso não valha mais. A gente ouve cada palavrão dito por mulheres e ricos...(...)

Na internet, via blogs e redes sociais, o palavrão virou palavra qualquer – já se banalizou, como se fosse possível dizer assim para um tipo de termo que nasceu da própria banalidade da vida. Antigamente, ele vinha cercado de interditos. o palavrão "dito na hora certa" ostentava certa aura. Foi assim que virou moda na década de 60. O vocábulo grosseiro foi elevado à condição de troféu da contracultura. No Brasil, a moda foi coibida pela censura do regime militar. (...) (Luís Antônio Giron. Texto adaptado da revista Época, 13 de julho de 2010).

45. (ACP – Inspetor de Polícia – RS/2010) Dentre os pares de palavras abaixo relacionadas, em qual ambas são variáveis, considerando o contexto em que estão inseridas?

(A) Qualquer – fim.

(B) quem – hoje.

(C) só – tamanha.

(D) mesmo – menos.

(E) cada – certa.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Qualquer dia: o pronome indefinido adjetivo *qualquer* só é variável em número: quaisquer dias; no fim dos anos 70: o substantivo fim varia em número= nos fins dos anos 70.

Alternativa "b" – quem: pronome substantivo é invariável; hoje (atualmente): advérbio temporal = invariável.

Alternativa "c" – só é advérbio = somente: invariável; tamanha, no contexto, é adjetivo (tão grande, enorme) = variável em gênero e número: sentia tamanho medo / contou tamanhas (enormes) asneiras.

Alternativa "d" – obras do mesmo fôlego (de igual fôlego, idêntico): pronome adjetivo variável em gênero e número: obras dos mesmos portes / da mesma categoria; menos: pronome indefinido (menor quantidade de) = invariável.

Alternativa "e" – cada, no contexto, pronome indefinido usado como intensificador (nota do dicionário Caldas Aulete) – invariável; certa, no contexto, variável em gênero e número: certo, certa, certos, certas.

46. (ACP – Inspetor de Polícia – RS/2010) Caso se pluralizasse a primeira ocorrência de "ele" na frase *Ele sente desprezo, ele é tomado de preconceito, ele tem vontade de dizer palavras que talvez não pronuncie, mas pensa*, quantos outros termos deveriam sofrer ajustes para fins de concordância?

(A) Nove.

(B) Oito.

(C) Sete.

(D) Seis.

(E) Cinco.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – *Eles **sentem** desprezo, **eles são tomados** de preconceito, **eles têm** vontade de dizer palavras que talvez não **pronunciem**, mas **pensam**.* Eliminam-se, assim as alternativas *a, c, d* e *e*.

1.9. IPAD

Trecho para a questão.

USINA NUCLEAR NO NORDESTE

O Governo Federal já deixou claro que os planos da Eletrobras para o Nordeste não se resumem à construção de novas hidrelétricas. E mais cedo do que se esperava, em cerca de três anos, o sistema deve anunciar a construção da primeira usina nuclear da Região, tendo as proximidades do Rio São Francisco como um dos maiores candidatos ao projeto, segundo afirmou com exclusividade à coluna o presidente da Eletronuclear, Othon Luiz Pinheiro da Silva. Nas palavras do executivo, a Chesf pode ser uma parceira natural desse projeto. Mas essa intenção – já que não se tratam de estudos oficiais – só será revelada no início de 2007, quando a estatal divulgará o seu programa estratégico para os próximos dez anos. Para se ter ideia do tamanho do negócio, os reatores mais modernos do mundo, com potência de 1 mil Megawatts, custam cerca de US$ 2 bilhões. A usina de Angra I, por exemplo, dispõe de 626 Megawatts.

No entanto, antes de se levar adiante um empreendimento desse porte, é preciso iniciar uma polêmica discussão com os órgãos de defesa ao meio ambiente, pois até os estudos de localização dessas usinas só podem prosseguir com autorização do Conselho Nacional de Política Energética. Se a discussão sobre a transposição do "Velho Chico" deu trabalho, imaginem então a construção de uma usina nuclear...

"Chernobyl foi um trauma, não se constroem mais usinas daquela forma." (Othon Luiz Pinheiro da Silva, presidente da Eletronuclear, minimizando o temor da população quando o assunto é a instalação de reatores nucleares no País). CAMPOS, Bruna

Siqueira. Folha de Pernambuco. Folha Econômica. p.2. (adaptado)

47. (IPAD – Escrivão de Polícia – PE/2007) Identifique a alternativa que analisa as relações de concordância no texto, de acordo com o que recomenda a gramática normativa.

(A) O plural da forma verbal **resumem** justifica-se em razão de o termo **novas hidrelétricas** também estar no plural.

(B) A pluralização no termo **um dos maiores candidatos** tem relação com o plural de **as proximidades**.

(C) Em "já que não se tratam de estudos oficiais", a relação de concordância indica um sujeito apassivado.

(D) A forma verbal **podem** concorda com o termo "os órgãos de defesa".

(E) A pluralização da forma verbal imaginem indica a concordância com um sujeito subentendido: leitores.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Forma verbal *imaginem* – terceira pessoa do plural: ... imaginem (vocês leitores) possui sujeito subentendido.

Alternativa "a" – A forma verbal **resumem** no plural concorda com **os planos da Eletrobras**.

Alternativa "b" – Há relação de comparação no período.

Alternativa "c" – Em primeiro lugar: a forma verbal está incorreta, já que se trata de um verbo transitivo indireto: não admite plural. O **se** é índice de indeterminação do sujeito.

Alternativa "d" – A forma verbal **podem**, terceira pessoa do plural no presente do indicativo, concorda com os estudos de localização dessas usinas.

48. (IPAD – Agente de Polícia – PE/2006) No que se refere à concordância verbal, analise os enunciados abaixo.

1) O resultado das pesquisas realizadas recentemente mostram que o brasileiro não confia na sua polícia.

2) Estávamos tão apavorados que nenhum de nós ousamos desafiar a força policial.

3) Durante as comemorações, a população ficou tranquila, porque haviam diversos policiais guardando o local.

4) Já faz muitos anos que a população recifense não se sente segura para sair de casa à noite.

5) É preciso frear a violência; mas, para isso, faltam coragem e determinação.

Está(ão) correto(s), apenas:

(A) 2 e 3.

(B) 4 e 5.

(C) 1 e 3.

(D) 3.

(E) 1, 2 e 4.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – 4 e 5.

1) Errado: O resultado mostra.

2) Errado: Nenhum de nós ousou.

3) Errado: Havia diversos policiais = existiam.

4) Certo: Faz muitos anos: a forma verbal faz, no sentido temporal é impessoal, portanto está correta no singular. O sujeito é coletivo (a população); o verbo concorda no singular (terceira pessoa).

5) Certo: É preciso frear a violência: tem-se e um sujeito oracional = frear a violência (oração subordinada reduzida de infinitivo); o verbo concorda com o sujeito na terceira pessoa do singular: é. Faltam coragem e determinação: está correto; o sujeito composto (dois núcleos) coragem e determinação está posposto ao verbo, que pode concordar com o primeiro elemento ou ir para o plural.

49. (IPAD – Agente de Polícia – PE/2006) No que se refere à concordância verbal, analise os enunciados abaixo.

1) O resultado das pesquisas realizadas recentemente mostram que o brasileiro não confia na sua polícia.

2) Estávamos tão apavorados que nenhum de nós ousamos desafiar a força policial.

3) Durante as comemorações, a população ficou tranquila, porque haviam diversos policiais guardando o local.

4) Já faz muitos anos que a população recifense não se sente segura para sair de casa à noite.

5) É preciso frear a violência; mas, para isso, faltam coragem e determinação.

Está(ão) correto(s), apenas:

(A) 2 e 3.

(B) 4 e 5.

(C) 1 e 3.

(D) 3.

(E) 1, 2 e 4.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – 4 e 5 .

1) Errado: O resultado mostra.

2) Errado: Nenhum de nós ousou.

3) Errado: Havia diversos policiais = existiam.

4) Certo: Faz muitos anos: a forma verbal faz, no sentido temporal é impessoal, portanto está correta no singular. O sujeito é coletivo (a população); o verbo concorda no singular (terceira pessoa).

5) Certo: É preciso frear a violência: tem-se e um sujeito oracional = frear a violência (oração subordinada reduzida de infinitivo); o verbo concorda com o sujeito na terceira pessoa do singular: é. Faltam coragem e determinação: está correto; o sujeito composto (dois núcleos) coragem e determinação está posposto ao verbo, que pode concordar com o primeiro elemento ou ir para o plural.

1.10. ESAF

50. (ESAF – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2004) No Estatuto Social de uma determinada Cooperativa, figura o seguinte artigo: *"Artigo XX. O mandato da Diretoria será de 4 (quatro) anos, contados da data da Assembléia que os elegeu".* Analise o segmento sublinhado e marque com V para assertiva verdadeira e com F para falsa. Assinale, a seguir, a sequência correta.

( ) As normas gramaticais de concordância do padrão culto da língua portuguesa permitem que se empregue o pronome pessoal no feminino singular.

( ) A concordância do pronome pessoal, no caso, é dita ideológica, isto é, faz-se com a idéia de "diretoria" e não com a forma da palavra, que está no singular.

( ) Ficam mantidas as mesmas relações de referência do texto original se o pronome pessoal for flexionado no masculino singular.

(A) V – F – V

(B) V – V – F

(C) F – F – V

(D) F – V – F

(E) V – V – V

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

(v) O pronome pessoal em *que os elegeu* pode ser empregado no feminino singular e estará concordando com o termo antecedente Diretoria.

(v) A concordância é ideológica, no segmento, com a ideia de diretoria, ou seja, com a ideia dos membros que formam a Diretoria.

(f) O masculino singular para a flexão do pronome pessoal, no caso, não mantém as relações de referência do texto original por não existir elemento antecedente pra sua concordância no masculino singular.

2.NÍVEL SUPERIOR

2.1. FCC

51. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 3/2015) A frase em que a concordância se faz em conformidade com a norma-padrão é:

(A) Ontem foram constituídos três grupos de estudo, um do qual bastante reduzido, mas, como já havia passado dois meses desde a liberação da verba de incentivo, não puderam mais aguardar interessados.

(B) O coordenador das áreas julgava irrelevante, nessa altura das discussões, os depoimentos recém-anexados ao processo disciplinar, vistos anteriormente como bastante úteis.

(C) Entrevistou-se, rigorosa e meticulosamente, os últimos quinze profissionais que concorriam à vaga, cuidados que poderão, sem dúvida, acarretarem bom desempenho em diversas áreas.

(D) As receitas dos médicos foram encaminhadas ao setor responsável, que as organizou em pastas e arquivou-as, passos que se deve ao protocolo da área específica de registros.

(E) Para não merecerem repreensão dos pais, os rapazes pediram ao tio que não os repreendesse caso não lhe pudessem telefonar para avisá-lo do início do jogo.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "E" – Aos sujeitos: para os rapazes não merecerem; o tio não os repreendesse; os rapazes não pudessem lhe telefonar.

Alternativa "A" – 1. Três grupos de estudo, um **dos quais... haviam passado equivale a passaram. O verbo haver é apenas auxiliar e admite plural por**

concordar com o sujeito *dois meses*. Ordem direta: Dois meses haviam passado.

Alternativa "B" – Os depoimentos eram irrelevantes. Cuidado: "bastante" é advérbio (muito) e invariável.

Alternativa "C" – 1. Entrevistou alguém = verbo transitivo direto + se (pronome apassivador): Entrevistaram-se os últimos quinze profissionais. Na voz passiva analítica: OS últimos quinze profissionais foram entrevistados; **2.** Cuidados que poderão **acarretar** = acarretarão: não se pluraliza dois verbos em locução.

Alternativa "D" – passos que se devem. Como no enunciado está claro que é para analisar apenas a concordância, deixemos a análise da colocação pronominal em "e arquivou-as". Pense sobre, leitor(a). Assunto visto em pronome.

---

52. (FCC – 2015) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se concordando com o termo sublinhado na frase:

(A) O autor do texto acha que (**ser**) de se lamentar que tantas pessoas sejam enganadas pelos falsários da internet.

(B) Seria preciso que se (**aplicar**) a esses falsários alguma sanção, para que não houvesse tantos abusos.

(C) Quem jamais leu Shakespeare nem (**imaginar**) as lições literárias e as discussões éticas que está perdendo.

(D) Não (**dever**) caber aos usuários da internet o direito de publicar o que quer que seja com assinatura falsa.

(E) Infelizmente não se (**punir**) esses falsos gênios da internet com medidas rigorosas e exemplares.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Esses falsos gênios da internet não são punidos = **não se punem.**

(A) que tantas pessoas sejam enganadas pelos falsários da internet **é de se lamentar.**

(B) que alguma sanção fosse aplicada = que **se aplique.**

(C) Quem jamais leu Shakespeare nem **imagina.**

(D) o direito de publicar o que quer que seja com assinatura falsa não **deve caber** aos usuários da internet.

---

53. (FCC – 2015) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se de modo a concordar com o elemento sublinhado na frase:

(A) É possível que a muitos deles ..... (**interessar**) repetir aquela experiência, que não deixara de ser uma grande revelação.

(B) Foi gratificante notar que, ao final da sessão, o gosto pelos clássicos ..... (**começar**) a se incutir em todos eles.

(C) Nenhum dos alunos que estavam ouvindo as músicas que eu selecionara se ..... (**dispor**) a interromper a sessão.

(D) A variação dos compositores apresentados ..... (**indicar**) minha preocupação didática: fazê-los ouvir um pouco de tudo.

(E) Percebi que os andamentos mais melancólicos, sobretudo os do Romantismo, ... (**deixar**) em cada um deles uma expressão nostálgica.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"- os andamentos mais melancólicos **deixam** em cada um deles uma expressão nostálgica.

(A) Repetir aquela experiência (sujeito oracional) interessa...

(B) gosto (núcleo do sujeito) começa...

(C) Nenhum dos alunos (sujeito) se dispôs...

(D) variação (núcleo do sujeito) indica...

Trechos para a questão (adaptada).

(...)

Skinner não falava apenas de novas formas de escravidão, como o tráfico de mulheres na Europa ou nos Estados Unidos. A escravidão que denunciava com dureza era a velha escravidão clássica – a exploração braçal e brutal de milhares ou milhões de seres humanos trabalhando em plantações ou pedreiras ao som do chicote. [...]

A Índia, tal como o livro de Benjamin Skinner já anunciava, continua a espantar o mundo em termos absolutos com um número que hoje oscila entre os 13 milhões e os 14 milhões de escravos. Falamos, na grande maioria, de gente que continua a trabalhar uma vida inteira para pagar as chamadas "dívidas transgeracionais" em condições semelhantes às dos escravos do Brasil nas roças.(...)

(Adaptado de: COUTINHO, João Pereira. "Os Escravos". Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br)

---

54. (FCC 2015) O verbo em negrito deve sua flexão ao elemento sublinhado em:

(A) *A Índia, tal como o livro de Benjamin Skinner já* ***anunciava...***

(B) ...*com um número que hoje* ***oscila*** *entre os 13 milhões...*

(C) *Pessoalmente,* ***interessam-me*** *duas.*

(D) *A escravidão que* ***denunciava*** *com dureza...*

(E) ...*o ruidoso silêncio que a escravidão moderna* ***merece***...

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – o que oscila? Um número (sujeito).

a) Sem voltar ao texto seria impossível acertar: "A Índia" é sujeito de "continua"; o sujeito de "anunciava" é "o livro de *Benjamin Skinner*".

A Índia, tal como o livro de Benjamin Skinner já anunciava, continua a espantar o mundo em termos absolutos com um número que hoje oscila entre os 13 milhões e os 14 milhões de escravos.

c) Duas (sujeito) interessam a mim (me = O.I.).

d) Skinner denunciava a escravidão. Sujeito: ele.

Skinner não falava apenas de novas formas de escravidão, como o tráfico de mulheres na Europa ou nos Estados Unidos. A escravidão que denunciava com dureza era a velha escravidão clássica – a exploração braçal e brutal de milhares ou milhões de seres humanos trabalhando em plantações ou pedreiras ao som do chicote.

e) Ordem direta: a escravidão moderna (sujeito) merece (V.T.D.) o ruidoso silêncio (O.D.).

---

55. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3/2014) As regras de concordância estão plenamente respeitadas em:

(A) O crescimento indiscriminado que se observa na cidade de São Paulo fazem com que alguns de seus bairros sejam modificados em poucos anos.

(B) Devem-se às múltiplas ofertas de lazer e cultura a atração que São Paulo exerce sobre alguns turistas.

(C) Apesar de a cidade de São Paulo exibir belas alamedas arborizadas, deveriam haver mais áreas verdes na cidade.

(D) O ruído dos carros, que entram pelas janelas dos apartamentos, perturbam boa parte dos paulistanos.

(E) Na maioria dos bairros de São Paulo, encontram-se referências culinárias provenientes de diversas partes do planeta.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – A oração "*Encontram-se* referências" está na voz passiva sintética e o verbo concorda com o sujeito. 1. O verbo encontrar é transitivo direto + se (pronome apassivador); 2. Na passiva analítica: Referências são encontradas.

Alternativa "a" – O crescimento indiscriminado **faz**.

Alternativa "b" – A atração **deve-se**.

Alternativa "c" – **Deveria** haver ou **deveriam** existir. Haver = singular; existir = plural.

Alternativa "d" – O ruído, que **entra, perturba**.

---

56. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3/2014) O verbo flexionado no plural que também estaria corretamente flexionado no singular, sem que nenhuma outra alteração fosse feita, encontra-se em:

(A) Não é à toa que partiram daqui várias manifestações culturais...

(B) Sempre me pareceram sem sentido as guerras...

(C) São Paulo são muitas cidades em uma.

(D) São Paulo não tem símbolos que deem conta de...

(E) ... onde as informações diversas se misturam...

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Concordância com o verbo SER. Por se tratar de nome próprio, o verbo pode concordar com o substantivo (singular) ou com o predicativo (plural) do sujeito.

Alternativa "a" – Várias manifestações partiram.

Alternativa "b" – As guerras me parecem.

Alternativa "d" – Símbolos que deem conta.

Alternativa "e" – As informações de misturam.

---

57. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 4/2014) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se, obrigatoriamente, em uma forma do plural para preencher de modo adequado a lacuna da frase:

(A) A situação de vulnerabilidade social que a tantos jovens ..... (**constranger**) pode ser plenamente superada por programas como o PET.

(B) Aos desafios de criar, desenvolver e sobretudo manter um programa de reinserção social ..... (**corresponder**), felizmente, um número expressivo de conquistas.

(C) Durante mais de dez anos só..... (**vir**) a crescer a convicção de que as medidas adotadas pelo PET eram bastante eficazes.

(D) A muitos daqueles que torceram o nariz para as iniciativas do PET não ..... (**ocorrer**) que tais medidas afirmativas poderiam ser tão eficazes.

(E) A um projeto como o "Virando a página" ..... (**dever**) emprestar todo o apoio os agentes envolvidos na reabilitação dos menores infratores.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Ordem direta: Os agentes envolvidos na reabilitação dos menores infratores **devem** emprestar todo o apoio a um projeto como o "Virando a página".

Alternativa "a" – *A situação de vulnerabilidade social* (sujeito) **constrange.**

Alternativa "b" – *Um número expressivo de conquistas* (sujeito) **corresponde.**

Alternativa "c" – *A convicção...* (sujeito) só **veio** a crescer.

Alternativa "d" – Sujeito oracional (com verbo) = verbo no singular: *que tais medidas afirmativas poderiam ser tão eficazes* (sujeito, ou oração subordinada substantiva) não **ocorre.**

---

58. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 4/2014) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se de modo a concordar em número com o elemento sublinhado na frase:

(A) Vaidades, (**haver**) muitas delas pelo mundo; poucas são, no entanto, as que se justificam.

(B) Todo aquele que (**abominar**) as fraquezas humanas deveria buscar discerni-las e qualificá-las, antes de as julgar.

(C) Aos avanços tecnológicos (**poder**) seguir-se uma sensata parceria com outras atividades de que o homem é capaz.

(D) Em que (**consistir**), em nossa época, práticas efetivamente humanistas, que nos definam pelo que essencialmente somos?

(E) A quantos outros vícios não se (**curvar**) quem costuma julgar a vaidade como o mais abominável de todos?

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – Práticas **consistem.**

Alternativa "a" – **Havia** vaidades ou **existiam** vaidades = haver: singular; existir: plural.

Alternativa "b" – *Todo aquele* (sujeito) que **abomina.**

Alternativa "c" – *Uma sensata parceria* (sujeito) pode seguir-se.

Alternativa "e" – *Quem costuma julgar a vaidade* (sujeito) não se curva.

---

59. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa - TRT 16/2014) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se de modo a concordar com o elemento sublinhado na frase:

(A) As características a que (dever) atender um prefácio podem torná-lo um estraga-prazeres.

(B) Há casos em que o prefácio se (revelar) um componente inteiramente inútil de um livro.

(C) Às vezes, numa bibliografia (ganhar) mais destaque as páginas de um prefácio do que o texto principal de um livro.

(D) Não é incomum que se (recorrer) a frases de Machado de Assis para glosá-las, dada a graça que há nelas.

(E) O autor confessa o que a muitos (parecer) impensável: é possível gostar mais de um prefácio do que do restante da obra.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Sujeito: as páginas. O verbo deve concordar com o sujeito: as páginas de um prefácio ganham mais destaques.

Alternativa "a" – Ordem direta: Um prefácio (sujeito) deve atender a características (O.I.).

Alternativa "b" - O prefácio se revela = o prefácio é revelado. A oração está na voz passiva sintética e o sujeito paciente (prefácio) manda na concordância.

Alternativa "d" – Verbo transitivo indireto (recorre a algo) seguido de objeto indireto = verbo no singular e o sujeito da oração que se recorra a frases de Machado de Assis é indeterminado.

Alternativa "e" – Parece impensável a alguém. Não possui função de sujeito, logo não manda na concordância.

---

60. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa - TRT 16/2014) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se no plural para preencher corretamente a lacuna da seguinte frase:

(A) ..... (ganhar) proeminência, entre as convicções de Montesquieu, a de que Deus nunca se afasta em definitivo de suas criaturas, ainda quando estas o esqueçam.

(B) Às leis imutáveis do mundo físico não se (ater) a legislação dos homens, caracterizada

muitas vezes pela inconstância e pela dificuldade de cumprimento.

(C) Dado que não (competir) aos homens governar o mundo natural, deveriam eles buscar governar a si mesmos do modo mais justo e mais eficiente possível.

(D) Montesquieu lembra que (dever) caber aos filósofos alertar os homens para não se esquecerem das leis morais que devem ser cumpridas.

(E) ..... (atuar) claramente nesse texto, onde tão bem se representa o pensamento de Montesquieu, os conceitos fundamentais de mundo físico e mundo inteligente.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Sujeito: os conceitos; verbo no plural: atuam. Questão fácil demais, não achou?

Alternativa "a" – Ganha. Perceba que é impossível pluralizar o verbo.

Alternativa "b" – A legislação não se atém.

Alternativa "c" – Governar... não compete aos homens. Dica: fez-se a pergunta ao verbo para encontrar o sujeito e a resposta é um verbo (ou uma oração), o verbo deve ficar sempre no singular. FCC não gosta disso; FCC ama isso. Não se esqueça.

Alternativa "d" – Alertar os homens deve caber aos filósofos.

---

61. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa - TRT 2/2014) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se concordando com o elemento sublinhado na frase:

(A) As incertezas quanto ao meu próprio futuro não (dever) eximir-me de ser responsável por minhas decisões.

(B) Os desafios que cada um de nós hoje se (obrigar) a enfrentar fortalecem-nos diante do futuro.

(C) Há trabalhos que a gente (executar) sem imaginar o sentido que ganharão no futuro.

(D) Os minutos de que se (necessitar) viver plenamente devem trazer consigo uma expectativa de futuro.

(E) As privações que me (competir) enfrentar não devem desestimular meus empreendimentos.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – O verbo deve concordar com o sujeito: As incertezas não devem eximir-se. Em seguida, os sujeitos e os verbos:

Alternativa "b" - cada um de nós hoje se obriga a enfrentar.

Alternativa "c" - a gente executa.

Alternativa "d" - ... de que se necessita viver: verbo transitivo indireto + se = sujeito indeterminado e verbo no singular, obrigatoriamente.

Alternativa "e" – compete a mim enfrentar as privações = sujeito oracional (possui verbo) e verbo no singular.

---

62. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 12/2013) As normas de concordância estão plenamente respeitadas na frase:

(A) Lentes que refratam as ondas eletromagnéticas emitidas pelo calor permite divisar com clareza o movimento de corpos em meio ao breu da noite.

(B) Cada um dos órgãos sensoriais que nos ligam ao mundo têm uma função específica.

(C) A maior parte das ondas sonoras que perpassa o nosso caminho (celulares, rádios, TVs etc.) é inaudível para os ouvidos humanos.

(D) Apenas alguns poucos animais, como o cão, consegue escutar sons como as ondas hertzianas.

(E) As vibrações sonoras que o morcego é capaz de perceber se situa fora do alcance do ouvido humano.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – perpassa e é estão concordando com a maior parte e poderiam estar, também, no plural para concordar com as ondas: perpassam e são. As duas formas estão corretas (singular ou plural).

Alternativa "a" – Lentes permitem.

Alternativa "b" – Cada um que nos liga.

Alternativa "d" – Alguns poucos animais conseguem.

Alternativa "e" – As vibrações se situam.

---

63. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária - TRT 12/2013) Além de O Vampiro de Curitiba (1965), _____ na obra de Dalton Trevisan os livros Cemitério dos Elefantes (1964), A Guerra Conjugal (1969) e Crimes da Paixão (1978).

De acordo com o presidente da Fundação Biblioteca Nacional (FBN), Galeno Amorim, "o Prêmio Camões é uma possibilidade para que se mostre ao mundo a

literatura de grande qualidade que _____ em nossos países".

A escolha do autor foi feita em 21 de maio pelo júri do prêmio, instituído pelos governos do Brasil e de Portugal em 1988. Desde então, já _____ o Camões onze escritores de Portugal, dez do Brasil, dois de Angola, um de Moçambique e um de Cabo Verde.

(Adaptado de: www.cartacapital.com.br/cultura/)

Preenchem corretamente as lacunas do texto acima, na ordem dada:

(A) destaca-se – se produz - receberam

(B) destaca-se – se produzem - recebeu

(C) destacam-se – se produzem - recebeu

(D) destacam-se – se produz - receberam

(E) destacam-se – se produzem - receberam

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – destacam-se os livros: voz passiva sintética. Transpondo para a passiva analítica (ser + particípio), resulta em os livros são destacados;

- a literatura que se produz = a literatura que é produzida;

- onze escritores já receberam o Camões.

Alternativa "a" – Erro: destaca-se.

Alternativa "b" – Todas as formas estão erradas.

Alternativa "c" – Erros: se produzem e receberam.

Alternativa "e" – Erro: se produzem.

---

64. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária - TRT 12/2013) Sem prejuízo do sentido original e sem que se faça qualquer outra alteração na frase, o verbo flexionado no singular que também estaria corretamente flexionado no plural se encontra em:

(A) ... grande parte dos imigrantes do Estado mais populoso dos EUA hoje vem da Ásia.

(B) ... existe uma história de conflitos sobre regulamentos escritos apenas em inglês.

(C) ... uma mudança drástica nas tendências migratórias da Califórnia, na última década, que pode ser vista em toda a área...

(D) Mas o crescimento não ocorreu sem certas reações.

(E) ... aproximadamente dois terços da população do subúrbio de San Marino, em Los Angeles, era branca.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Grande parte dos imigrantes vem (concordando com grande parte) ou vêm (concordando com imigrantes).

Alternativa "b" - uma história existe.

Alternativa "c" - uma mudança drástica pode ser vista.

Alternativa "d" - o crescimento não ocorreu.

Alternativa "e" - a população era branca. Pegadinha: no enunciado temos "sem que se faça qualquer outra alteração na frase". Se concordássemos com o numeral, o adjetivo "branca" deveria obrigatoriamente ser alterado para "brancos".

---

65. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 9/2013) As normas de concordância estão plenamente respeitadas na frase:

(A) Cada um dos filmes dirigidos por Glauber Rocha apresentavam um caráter revolucionário único.

(B) A maioria dos integrantes do movimento conhecido como Cinema Novo estava profundamente interessada nos problemas sociais do país.

(C) Muitas expressões artísticas, como o neorrealismo italiano, contribuiu para o desenvolvimento do Cinema Novo.

(D) A maior parte dos cineastas envolvidos com o Cinema Novo integravam um grupo que tentavam novos caminhos para o cinema nacional.

(E) O Tropicalismo, em que Caetano Veloso e Gilberto Gil se projetou, e o Cinema Novo, cujo principal expoente foi Glauber Rocha, se configura como movimentos artísticos expressivos no século XX.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – A maioria dos integrantes **estava** profundamente **interessada** nos problemas sociais do país.

Alternativa "a" – Errada. Cada um **apresentava**.

Alternativa "c" – Errada. Muitas expressões artísticas **contribuíram**.

Alternativa "d" – Errada. Grupo que **tentava**.

Alternativa "e" – Errada. O Tropicalismo e o Cinema Novo se **configuram.**

---

66. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 1/ 2013) As normas de concordância verbal estão plenamente observadas na frase:

(A) Cabem a cada um dos usuários de uma língua escolher as palavras que mais lhes parecem convenientes.

(B) D. Glorinha valeu-se de um palavrório pelo qual, segundo lhe parecia certo, viessem a impressionar os ouvidos de meu pai.

(C) As palavras que usamos não valem apenas pelo que significam no dicionário, mas também segundo o contexto em que se emprega.

(D) Muita gente se vale da prática de utilizar termos, para intimidar o oponente, numa polêmica, que demandem uma consulta ao dicionário.

(E) Não convém policiar as palavras que se pronuncia numa conversa informal, quando impera a espontaneidade da fala.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Sujeitos e verbos: Muita gente se **vale**. Perigo: houve intercalação entre o sujeito **termos** e o pronome relativo **que**, resultando em *prática de utilizar termos que demandem uma consulta ao dicionário*. Corretíssima a alternativa.

Alternativa "a" – Errada. Cabe a cada um dos usuários de uma língua escolher as palavras que mais lhes parecem convenientes.

Alternativa "b" – Errada. D. Glorinha valeu-se de um palavrório pelo qual, segundo lhe parecia certo, **viesse** a impressionar os ouvidos de meu pai.

Alternativa "c" – Errada. As palavras que usamos não valem apenas pelo que significam no dicionário, mas também segundo o contexto em que **se empregam**. = em que são empregadas (as palavras).

Alternativa "e" – Errada. Não convém policiar as palavras que **se pronunciam** numa conversa informal, quando impera a espontaneidade da fala. = que são pronunciadas (as palavras).

---

67. (FCC – Analista Judiciário – Exec. Mandados – TRT 1/2013) Estão plenamente acatadas as normas de concordância verbal na seguinte frase:

(A) A virtude da confiança, assim como a da desconfiança, não independe das circunstâncias que a requisitam.

(B) As ações de confiar ou desconfiar constitui uma alternativa que não raro corresponde a um dilema.

(C) Destacam-se, no capítulo das desconfianças, a escola dos filósofos clássicos identificados com o ideário do ceticismo.

(D) Entre todas as virtudes, a da confiança é das que mais requer argumentos para se afirmarem junto aos críticos.

(E) Aos desconfiados parecem inaceitável ingenuidade pensar que o otimismo e a esperança possam nutrir alguém.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – A virtude não **independe**; circunstâncias **requisitam**.

Alternativa "b" – Errada. As ações de confiar ou desconfiar **constituem.**

Alternativa "c" – Errada. Destaca-se, no capítulo das desconfianças, a escola: A escola é destacada.

Alternativa "d" – Errada. Para **se afirmar** a confiança: para que seja afirmada a confiança.

Alternativa "e" – Errada. Parece inaceitável pensar.

---

68. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 18/ 2013)

O aquário propriamente dito teve um nascimento interessante e particular na metade do século XIX. Antes disso, alguns poucos naturalistas _____ conseguido manter os organismos marinhos vivos em recipientes dentro de casa por períodos consideráveis – mas somente com um esforço contínuo e substancial (que _____ a cargo dos empregados domésticos, o que revelava outra realidade social daqueles tempos). Um exemplo são os animais marinhos que _____ nos vasos cilíndricos de vidro que sir John Graham Dalyell mantinha em sua casa no início do século XIX. (Adaptado de: Stephen Jay Gould. Op. cit., p.77-9)

Preenchem corretamente as lacunas do texto acima, na ordem dada:

(A) haviam – ficavam – haviam

(B) havia – ficava – haviam

(C) haviam – ficava – havia

(D) havia – ficavam – havia

(E) haviam – ficava – haviam

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

✪ **Nota da autora:** O verbo **haver** não admite plural apenas quando for impessoal (sem sujeito), sentido de existir ou ocorrer. Quando auxiliar (acompanha o verbo principal),admite plural.

- Alguns poucos naturalistas **haviam conseguido** = conseguiram. O verbo haver é auxiliar. Eliminadas alternativas *b* e *d*.
- Um esforço que **ficava** a cargo do s empregados. Eliminada *a*.
- Animais marinhos que **havia** nos vasos = existiam. Verbo haver impessoal (oração sem sujeito): singular. Eliminada *e*.

---

69. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 18/ 2013) O verbo empregado no plural que, sem prejuízo das normas de concordância verbal, também poderia ser empregado no singular está grifado neste fragmento de um poema de Cora Coralina:

a) Filhos, pequeninos e frágeis... eu os carregava, eu os alimentava?

Não. Foram eles que me carregaram, que me alimentaram.

b) Sobraram na fala goiana algumas expressões africanas, como Inhô, Inhá, Inhora, Sus Cristo. [...]

c) Suas roseiras, jasmineiros, cravos e cravinas, escumilhas, Onde beija-flores faziam seus ninhos delicados [...]

d) Na Fazenda Paraíso, grandes terras de Sesmaria, nos dias da minha infância ali viviam meu avô, minha bisavó Antônia, que todos diziam Mãe Yayá, minha tia Bárbara, que era tia Nhá-Bá.

e) E vinham os companheiros, eu vi, escondida na moita de bambu...

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Peculiaridade de concordância em FCC: verbo anteposto a sujeito composto admite singular ou plural = ali viviam meu avô, minha bisavó Antônia ou ali vivia meu avô, minha bisavó Antônia.

Alternativa "a" – Errada. Foram eles: impossível utilizar o verbo no singular.

Alternativa "b" – Errada. Algumas expressões sobraram.

Alternativa "c" – Errada. Beija-flores faziam.

Alternativa "e" – Errada. Os companheiros vinham.

---

70. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) O verbo flexionado no singular que também pode ser corretamente flexionado no plural, sem que nenhuma outra alteração seja feita na frase, está em:

(A) Muitas vezes a localização dos tremores não coincide com...

(B) ... a uns três quilômetros de profundidade, há uma extensa rachadura...

(C) ... uma extensa cicatriz na crosta terrestre que cruza o Brasil...

(D) Parte dos geólogos atribui a elevada frequência de tremores nessa área...

(E) E, ao longo dessa fratura que se estende por cinco quilômetros...

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Parte dos geólogos atribui ou **parte dos geólogos** atribuem.

Alternativa "a" – Errada. A localização não coincide.

Alternativa "b" – Errada. Há (existe) uma extensa rachadura.

Alternativa "c" – Errada. Uma extensa cicatriz cruza.

Alternativa "e" – Errada. Essa fratura se estende = é estendida.

---

71. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) As normas de concordância estão plenamente respeitadas na frase:

(A) Sobressai, na igreja projetada por Brunelleschi, os nove anéis circulares horizontais que se estende pelos oito lados da cúpula.

(B) Imagina-se que devam haver outras referências ao poeta Dante Alighieri nos projetos arquitetônicos de Brunelleschi.

(C) Famoso por sua ousadia, nunca inquietou Brunelleschi os nove anéis circulares horizontais que seriam embutidos ao longo dos oito lados da cúpula da igreja.

(D) Quando deparam com a Catedral de Florença, os turistas não imaginam que tantas intempéries, como a peste negra, por exemplo, detiveram sua construção.

(E) Cada um dos círculos que se encontra na cúpula da igreja projetados por Brunelleschi foram inspirados no Paraíso de Dante Alighieri.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Os turistas quando se **deparam**... não **imaginam**... tantas intempéries **detiveram**.

Alternativa "a" – Errada. Os nove anéis **sobressaem**... **se estendem**.

Alternativa "b" – Errada. deva haver outras referências ou **devam** existir.

Alternativa "c" – Errada. os nove anéis nunca **inquietaram** Brunelleschi.

Alternativa "e" – Errada. Cada um **foi inspirado**.

---

72. (FCC – Promotor de Justiça – AP/2012) Ao reescrever um segmento do texto, a frase em que se manteve o respeito às normas de concordância verbal é:

(A) Como ocorre com um rio devastador, há de voltar-se os ímpetos da fortuna para onde não há barreiras e diques que possam detê-la.

(B) Parece relativamente disseminada esta convicção: com nenhum remédio conta os homens para corrigir as coisas do mundo.

(C) Devem-se às grandes mutações nas coisas que se viram e se veem todos os dias essa opinião a cada dia mais acreditada.

(D) Ainda que possam decidir metade de nossas ações, a fortuna deixa sempre a outra metade, ou quase, a nosso governo.

(E) A maioria dos homens está inteiramente convencida de que são as coisas do mundo governadas pela fortuna e por Deus.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – "A maioria dos homens está inteiramente convencida..." = quando o sujeito é formado por uma expressão partitiva (parte de, uma porção de, o grosso de, metade de, a maioria de, a maior parte de, grande parte de...) seguida de um substantivo ou pronome no plural, o verbo pode ficar no singular ou no plural. Exemplo:

Amaioriadosjornalistasaprovou/aprovaramaideia. A maioria dos homens está convencida / estão convencidos.

Esse mesmo procedimento pode se aplicar aos casos dos coletivos, quando especificados.

Exemplo: Um bando de vândalos destruiu / destruíram o monumento.

Atenção! Nesses casos, o uso do verbo no singular enfatiza a unidade do conjunto; já a forma plural confere destaque aos elementos que formam esse conjunto.

Alternativa "a" – "...há de voltarem-se os ímpetos da fortuna para onde não há barreiras e diques que possam detê-la (a fortuna) ou detê-los (os ímpetos).

Alternativa "b" – com nenhum remédio contam os homens (quem contam? Os homens)

Alternativa "c" – "...deve-se às grandes mutações [...] essa opinião." (há inversão da oração: essa opinião deve-se às grandes mutações)

Alternativa "d" – ainda que possa decidir, a fortuna deixa (há inversão da oração: a fortuna deixa sempre a outra metade, ainda que (ela = fortuna) possa decidir nossas ações.

---

73. (FCC – TRT 6 – Analista Judiciário/2012) O verbo indicado entre parênteses deve flexionar-se no **plural** para preencher corretamente a lacuna da seguinte frase:

(A) Quantas vezes já se _____ (**aplicar**) aos burocratas dos serviços essenciais alguma sanção por sua negligente abulia?

(B) Nenhuma das concepções de dignidade, postuladas por diferentes crenças, _____ (**alcançar**) uma validade efetivamente universal.

(C) Não se _____ (**atribuir**) às burocracias, nesse texto, o mérito de tomar a iniciativa de atender aos interesses públicos.

(D) A terceirização e a comercialização da saúde, para dom Odilo Scherer, ...(**constituir**) um profundo desrespeito aos mais pobres.

(E) Raramente se ..... (**dispensar**) aos mais pobres o mesmo cuidado médico das clínicas particulares.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Sujeito plural = verbo plural: A terceirização e a comercialização da saúde **constituem**.

Alternativa "a" – Errada. Quantas vezes já se **aplica** alguma sanção.

Alternativa "b" – Errada. Nenhuma das concepções de dignidade **alcança**.

Alternativa "c" – Errada. Não se **atribui** o mérito.

Alternativa "e" – Errada. Raramente se **dispensa** o mesmo cuidado.

---

74. (FCC – TRT 11 – Analista Judiciário/2012) O verbo indicado entre parênteses deverá ser flexionado no **plural** para preencher corretamente a lacuna da frase:

(A) Nem todos discriminam, numa foto, os predicados mágicos que a ela se ..... (**atribuir**) nesse texto.

(B) Os tempos que (**documentar**) uma simples foto, aparentemente congelada, são complexos e estimulantes.

(C) A associação entre músicos e fotógrafos profissionais..... (**remeter**) às especificidades de cada tipo de sintaxe.

(D) A poucos (**costumar**) ocorrer que as fotografias podem enfeixar admiráveis atributos estéticos, como obras de arte que são.

(E) Imaginem-se os sustos que não (**ter**) causado aos nativos de tribos remotas a visão de seus rostos fotografados!

COMENTÁRIOS

Alternativa "a" - Correta.

✪ **Nota da autora:** Questão perigosa porque duas orações estão na ordem inversa.

Alternativa "a" - Errada. Plural: Os predicados mágicos são atribuídos a ela = que a ela se **atribuem**.

Alternativa "b" - Errada. Uma simples foto **documenta** os tempos. Cuidado: ordem inversa.

Alternativa "c" - Errada. A associação **remete**.

Alternativa "d" - Errada. O sujeito é oracional: que as fotografias podem enfeixar admiráveis atributos estéticos. O verbo, obrigatoriamente, deve ficar no singular = A poucos **costuma** ocorrer.

Alternativa "e" - Errada. Ordem inversa mais uma vez: a visão de seus rostos **tem** causado sustos.

---

75. (FCC - TRT 11 - Analista Judiciário/2012) As normas de concordância verbal encontram-se plenamente observadas em:

(A) A utilidade dos dicionários, mormente quando se trata de palavras polissêmicas, manifestam-se nas argumentações ideológicas.

(B) Não se notam, entre os preconceituosos, qualquer disposição para discutir o sentido de um juízo e as consequências de sua difusão.

(C) Não convém aos injustiçados reclamar por igualdade de tratamento quando esta pode levá-los a permanecer na situação de desigualdade.

(D) Como discernimento e preconceito são duas acepções de discriminação, hão que se esclarecer o sentido pretendido.

(E) Uma das maneiras mais odiosas de refutar os argumentos de alguém surgem na utilização de preconceitos já cristalizados.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - Verbos em negrito e sujeitos sublinhados: Não **convém** aos injustiçados reclamar por igualdade de tratamento quando esta **pode** levá-los a permanecer na situação de desigualdade.

Correções:

Alternativa "a" - Errada. A utilidade dos dicionários, mormente quando se trata de palavras polissêmicas, manifesta-se nas argumentações ideológicas.

Alternativa "b" - Errada. Não se **nota**, entre os preconceituosos, qualquer disposição para discutir o sentido de um juízo e as consequências de sua difusão.

Cuidado! O sentido do juízo e as consequências de sua difusão possuem função de objeto direto do verbo discutir.

Alternativa "d" - Errada. Como discernimento e preconceito são duas acepções de discriminação, **há** que se esclarecer o sentido pretendido.

Alternativa "e" - Errada. Uma das maneiras mais odiosas de refutar os argumentos de alguém **surge** na utilização de preconceitos já cristalizados.

---

76. (FCC - Analista Judiciário - Área Judiciária - TRE - SP/2012) Estão plenamente observadas as normas de concordância verbal em:

(A) À noite, davam-se aos trabalhos de poucos e à diversão de muitos uma trégua oportuna, para tudo recomeçar na manhã seguinte.

(B) Aos esforços brutais da jubarte não correspondiam qualquer efeito prático, nenhum avanço obtinha o gigante encalhado na areia.

(C) Sempre haverá de aparecer aqueles que, diante de um espetáculo trágico, logram explorá-lo como oportunidade de comércio.

(D) Como se vê, cabe aos bons princípios ecológicos estimular a salvação das baleias, seja no alto-mar, seja na areia da praia.

(E) Da baleia encalhada em 1966 não restou, lembra - nos o autor, senão as postas em que a cruel voracidade dos presentes retalhou o animal.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - O sujeito de **cabe** é oracional: estimular **a salvação das baleias.**

▶ **Dica** - Se há verbo no sujeito, o verbo da oração principal deve ficar no singular.

a) À noite, **dava-se** aos trabalhos de poucos e à diversão de muitos uma trégua oportuna, para tudo recomeçar na manhã seguinte.

b) Aos esforços brutais da jubarte não **correspondia** qualquer efeito prático, nenhum avanço obtinha o gigante encalhado na areia.

c) Sempre **haverão de aparecer** (aparecerão) aqueles que, diante de um espetáculo trágico, logram explorá-lo como oportunidade de comércio.

e) Da baleia encalhada em 1966 não **restaram**, lembra – nos o autor, senão as postas em que a cruel voracidade dos presentes retalhou o animal.

---

77. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE – SP/2012) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do **plural** para preencher de modo adequado a lacuna da seguinte frase:

(A) As acusações que _____ **(promover)** quem defende o "assembleísmo" baseiam-se na decantada "soberania" das assembleias.

(B) Não _____ **(convir)** aos radicais da meritocracia admitir que pode haver boas resoluções obtidas pelo critério do voto.

(C) Por que _____ **(haver)** de caber a um simples passageiro as responsabilidades do comando de uma aeronave?

(D) O que aos bons políticos não _____ **(poder)** faltar, sobretudo nos momentos de decisão, é o espírito público.

(E) Não _____ **(caber)** às associações de classe, em assembleias, avaliar o mérito técnico, julgar a qualificação profissional de alguém.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Haverão de caber as responsabilidades. Equivale a **as responsabilidades caberão.**

a) Quem defende **promove.**

b) Não **convém** admitir.

d) Não **pode faltar** o espírito público.

e) Não **cabe** avaliar.

---

78. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /PR/2012) "*Há 40 anos, a mais célebre crítica de cinema dos Estados Unidos, Pauline Kael (1919-2001), publicava seu artigo mais famoso*". Considerado o acima transcrito, é correto afirmar:

(A) Na frase, há duas informações prestadas de modo subentendido.

(B) Se em vez de *Há 40 anos* fosse outra a formulação, esta estaria correta: "Devem fazer uns 40 anos".

(C) Se *Há 40 anos* fosse deslocado para o fim da frase, não haveria alteração de sentido, pois o contexto não contém contraponto que justificasse ter sido dado relevo ao segmento por meio de sua colocação no início do enunciado.

(D) Considerados (I) ***a mais célebre crítica de cinema dos Estados Unidos*** e (II) *seu artigo mais famoso*, a ausência, em II, do determinante destacado em I sinaliza que, numa dada escala, I ocupa lugar significativamente mais elevado do que o lugar ocupado por II.

(E) A forma verbal *publicava* foi empregada para denotar uma ação passada habitual ou repetida.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Questão de concordância e verbo.

Por eliminação, chega-se à resposta.

b) O verbo *fazer* indicando tempo decorrido deve permanecer sempre no singular por se tratar de verbo impessoal. Ao colocar um verbo auxiliar, este, também, assumirá a forma singular: deve fazer.

c) A colocação da locução adverbial de tempo no início da frase dá ênfase ao tempo, à data. O sentido não altera, mas o não, citado na alternativa, torna-a incorreta.

d) O artigo definido feminino apenas está sendo usado para enfatizar o grau superlativo relativo do adjetivo, não podendo afirmar que ocupa lugar significativo em relação ao termo citado em II.

e) O pretérito imperfeito do indicativo refere-se a ações contínuas, prolongadas.

---

79. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) As normas de concordância verbal estão plenamente observadas na frase:

(A) Evitem-se, sempre que possível, qualquer excesso no convívio humano: nem proximidade por demais estreita, nem distância exagerada.

(B) Os vários atrativos de que dispõem a vida nas ilhas não são, segundo o cronista, exclusividade delas.

(C) Cabem aos poetas imaginar espaços mágicos nos quais realizemos nossos desejos, como a Pasárgada de Manuel Bandeira.

(D) Muita gente haveriam de levar para uma ilha os mesmos vícios a que se houvesse rendido nos atropelos da vida urbana.

(E) A poucas pessoas conviria trocar a rotina dos shoppings pela serenidade absoluta de uma pequena ilha.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Cuidado: sujeito oracional – **conviria** trocar a rotina dos shoppings...

a) **Evite-se** qualquer excesso.

b) A vida **dispõe** de vários atrativos.

c) **Cabe** imaginar.

d) Muita gente **haveria de levar**: levaria.

---

80. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /AP/2011) Está correta a seguinte frase:

(A) Ainda que os méritos pela execução do projeto não coubessem àquele engenheiro, foram-lhe logo atribuídos, mas ele, com humildade, não hesitou em recusá-los.

(B) Parecia haver muitas razões para que seus estudos de metereologia não convencesse, mas a mais excêntrica era inventar pretextos inverossímeis para seus erros.

(C) Devem fazer mais de seis meses que ele não constroe nenhuma maquete, talvez por estresse; por isso, muitos são a favor de que lhe seja concedido as férias acumuladas.

(D) Ele é especialista em vegetais euros-siberianos, motivo das suas análizes serem feitas em extensa faixa da Europa e dele viajar tão à vontade.

(E) Ao que me disseram, tratam-se de questões totalmente irrelevante para o pesquisador, mas, mesmo assim, jornalistas tentam assessorá-lo na divulgação delas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Questão de concordância e ortografia

b) convencessem (concorda com os estudos) e meteorologia (erro de grafia);

c) deve fazer (verbo fazer indicando tempo decorrido mantém-se no singular. O mesmo acontece quando há verbo auxiliar – o caso da alternativa), constrói (erro de grafia) e sejam concedidas, pois concorda com férias;

d) análises e de ele viajar tão à vontade (quem irá viajar? ELE). Não se usa contração ou combinação de preposição com o termo que possui função de sujeito.

e) Trata-se: o verbo é transitivo indireto e não admite plural. Verbos seguidos de SE que admitem plural (por estarem na voz passiva e possuírem sujeito = verbo transitivo direto e verbo transitivo direto e indireto. No final da alternativa há o pronome pessoal do caso reto usado indevidamente, causando falta de coesão. Poderia ser substituído por pronome demonstrativo: *tentam assessorá-lo em tais divulgações.*

---

81. (Analista Judiciário – Área Judiciária TRE/RN 2011 – FCC) Embora pudesse estar estampada na primeira página de um jornal, a manchete fictícia que traz **deslize** quanto à concordância verbal é:

(A) Economistas afirmam que em 2011 haverá ainda mais oportunidades de emprego na indústria e no comércio do que em 2010.

(B) "Os que insistem na minha culpa haverão de se arrepender pela injustiça cometida", declara o secretário exonerado.

(C) Expectativas em relação ao aumento da inflação faz bolsas caírem ao menor nível este ano.

(D) Crescem no Brasil a venda e o comércio de produtos importados ilegalmente.

(E) "Ergueram-se mais edifícios nos últimos dois anos do que nos cinco anos anteriores", constata estudo sobre o mercado imobiliário.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Expectativas **fazem.**

a) Economistas afirmam; haverá oportunidades ou existirão oportunidades.

b) Os = aqueles. Os que insistem; haverão de arrepender equivale a arrependerão.

d) A venda e o comércio crescem.

e) Mais edifícios foram erguidos = ergueram-se.

---

82. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /AP/2011) A alternativa que apresenta frase correta é:

(A) – Senhor Ministro, peço sua licença para advertir que Vossa Excelência se equivocais no julgamento dessa lei tão polêmica.

(B) Seus companheiros, até os recém-contratados, não lhe atribuem nenhum deslize e creem que esse é mais um injusto empecilho entre tantos com que ele já se defrontou.

(C) Se eles não satisfazerem todas as exigências, não se têm como contratá-los sem enveredar pelo caminho da irregularidade.

(D) O traumático episódio gerou grande ansiedade, excitação desmedida que lhe fez xingar e investir contra a pessoa mais cumpridora com seus deveres.

(E) Caso ele venha a se opor, será uma compulsão a que ninguém deve compartilhar, sob perigo de todos os envolvidos se virem em situação de risco na empresa.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Questão de concordância, regência, coerência, pontuação e verbo.

a) Equivocou. Ao utilizar pronome de tratamento, a concordância verbal deve ser feita com a terceira pessoa – do singular ou do plural – VOCÊ (s).

f) Se eles não satisfizerem todas as exigências, não se tem como contratá-los. No primeiro caso, a conjunção SE indica que há dúvida, portanto usam-se as formas verbais no futuro do subjuntivo (que é o caso) ou no pretérito imperfeito do subjuntivo. O verbo TER deve permanecer no singular.

g) Há duas opções de correção: 1. *O traumático episódio gerou grande ansiedade, excitação desmedida que lhe fizeram xingar e investir contra a pessoa mais cumpridora com seus deveres.* Verbo no plural por considerar sujeito composto. 2. *O traumático episódio gerou grande ansiedade, excitação desmedida, que lhe fez xingar e investir contra a pessoa mais cumpridora com seus deveres.* Verbo no singular por considerar o termo *excitação desmedida* como aposto de *ansiedade.* Além do erro citado, há a preposição com que deve ser substituída por de: *cumpridora de seus deveres.*

h) *será uma compulsão que ninguém deve compartilhar:* é necessária a retirada da preposição a, porque o verbo compartilhar é transitivo direto.

---

83. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /TO/2011) Com a substituição do segmento grifado pela expressão entre parênteses no final da transcrição, o verbo **que deverá ser mantido no singular** está em:

a) *... o raciocínio conservacionista tem sido puramente contábil* (o raciocínio dos conservacionistas)

b) *Mas, ainda que seja um assunto cada vez mais popular...* (assuntos cada vez mais populares)

c) *... de quem está mergulhado nas decisões mais prosaicas do dia a dia.* (daqueles que)

d) *... nunca, na história do planeta, registrou-se um número tão grande de espécies ameaçadas.* (tantas espécies ameaçadas)

e) *... um tema que se discuta nos bares...* (daqueles temas)

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Ao substituir o adjunto adnominal por um termo pluralizado, a concordância entre verbo e sujeito não é alterada, pois o núcleo raciocínio mantém-se no singular.

b) ainda que sejam assuntos: o verbo concorda com o sujeito plural assuntos;

c) daqueles que estão mergulhados nas decisões: o verbo concorda com o sujeito plural;

d) registraram-se tantas espécies ameaçadas: quem registra, registra algo – verbo transitivo direto, voz passiva. Equivale à passiva analítica *tantas espécies foram registradas.* O verbo deve permanecer no plural.

e) daqueles temas que se discutam nos bares: temas que são discutidos nos bares. Verbo transitivo direto seguido do pronome apassivador.

---

84. (FCC – TRT 24 – Analista Judiciário/2011) As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na frase:

(A) No passado, com as qualificações escrita, falada e televisada pretendiam-se designar toda a abrangência das formas de comunicação jornalística.

(B) A multiplicação de tantos autores anônimos de blogs acabaram por representar uma séria concorrência para os profissionais da comunicação.

(C) Em nossos dias, cabem a quaisquer cidadãos tomar a iniciativa de criar um blog para neles desenvolverem seus temas e pontos de vista.

(D) Já não se opõem, num blog, a instância do que seja de interesse privado e a instância do que seja de interesse público.

(E) Permitem-se aos seguidores de um blog levantar discordância quanto às linhas de argumentação desenvolvidas por seu autor.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Sujeito composto = verbo plural: a instância do que seja de interesse privado e a instância do que seja de interesse público já não se **opõem.**

Alternativa "a" – Errada. pretendia-se designar = designar era pretendido (sujeito oracional = verbo no singular).

Alternativa "b" – Errada. A multiplicação **acabou.**

Alternativa "c" – Errada. cabe tomar a iniciativa (sujeito oracional = verbo no singular).

Alternativa "e" – Errada. Permite-se levantar (sujeito oracional = verbo no singular).

---

85. (FCC – TRT 24 – Analista Judiciário/2011) O verbo indicado entre parênteses deverá ser flexionado numa forma do **plural** para preencher de modo correto a lacuna da frase:

(A) Às bondades individuais _____ **(dever)** seguir um benefício que se estenda ao conjunto de uma sociedade.

(B) Nem sempre _____ **(haver)** de respeitar as leis da religião quem se curva às leis civis.

(C) Não se _____ **(respeitar)** as leis civis por bondade, nem as religiosas por espírito cívico.

(D) Não se _____ **(opor)** o princípio da religião ao da ordem civil, embora as instâncias de uma e outra sejam distintas.

(E) _____ **(ser)** de se notar, entre as leis civis e as religiosas, a diferença dos princípios que as regem.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – As leis civis não **são respeitadas** (voz passiva analítica) = Não se **respeitam** as leis (voz passiva sintética).

Alternativa "a" – Errada. Um benefício **deve** seguir.

Alternativa "b" – Errada. Quem se curva nem sempre **haverá** de respeitar.

Alternativa "d" – Errada. Não se **opõe** o princípio da religião. Mais uma vez oração na passiva sintética.

Alternativa "e" – Errada. A diferença **é** de se notar.

---

86. (FCC – TRT 20 – Analista Judiciário/2011) As normas de concordância verbal estão plenamente atendidas na frase:

(A) Interessava aos antigos professores de português suscitar nos alunos o gosto pelos efeitos de retórica nas redações.

(B) A nenhum dos professores do ginásio ocorreriam imaginar que a linguagem falada pode ser um registro de alto valor estético.

(C) Nos dois trechos citados de Graciliano Ramos encontram-se elementos da linguagem falada a que não faltam vivacidade.

(D) O autor faz votos de que aos bons gramáticos se reservem, por justas razões, acomodação privilegiada no céu.

(E) Graças às convicções de que Graciliano não abriam mão, acabou produzindo uma obra-prima em estilo seco e incisivo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Sujeito oracional (com verbo) = verbo da oração principal no singular: suscitar nos alunos o gosto pelos efeitos de retórica nas redações **interessava** aos antigos professores de português.

Orações na ordem direta para facilitar a correta concordância:

Alternativa "b" – Errada. Imaginar que a linguagem falada pode ser um registro de alto valor estético **ocorria** a nenhum dos professores do ginásio.

Alternativa "c" – Errada. Vivacidade não **falta** aos elementos da linguagem falada.

Alternativa "d" – Errada. Reserve-se acomodação (voz passiva sintética) = acomodação seja reservada (voz passiva analítica). Faça essa transposição sempre para não haver enganos.

Alternativa "e" – Errada. Graciliano não **abria** mão.

---

87. (FCC – TRT 14 – Analista Judiciário/2011) Estão plenamente observadas as normas de concordância verbal na frase:

(A) Destinam-se aos homens-placa um lugar visível nas ruas e nas praças, ao passo que lhes é suprimida a visibilidade social.

(B) As duas tábuas em que se comprimem o famigerado homem-placa carregam ditos que soam irônicos, como "compro ouro".

(C) Não se compara aos vexames dos homens-placa a exposição pública a que se submetem os guardadores de carros.

(D) Ao se revogarem o emprego de carros-placa na propaganda imobiliária, poupou-se a todos uma demonstração de mau gosto.

(E) Não sensibilizavam aos possíveis interessados em apartamentos de luxo a visão grotesca daqueles velhos carros-placa.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – A exposição não é comparada = não se compara a exposição; os guardadores são submetidos = a que se submetem os guardadores.

Alternativa "a" – Errada. Destina-se um lugar visível = um lugar visível é destinado.

b) ... em que se **comprime** o famigerado = em que o famigerado é comprimido.

Alternativa "d" – Errada. Ao se **revogar** o emprego de carros-placa = o emprego de carros-placa ao ser revogado.

Alternativa "e" – Errada. Não **sensibilizava** a visão grotesca.

---

88. (FCC – TRT 14 – Analista Judiciário/2011) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do **plural** para preencher adequadamente a lacuna da frase:

(A) Os ovos de que se _____ (**compor**) a omelete ilustram o caso em que a violência de um ato se justifica pela causa a que serve.

(B) A todos os meios extremos _____ (**costumar**) corresponder, segundo os radicais, uma justificativa aceitável.

(C) Mesmo aos maiores sádicos _____ (**poder**) ocorrer uma certa direção de argumentos para justificar seus horrores.

(D) Agrada aos extremistas propagar que, a menos que se _____ (**quebrar**) ovos, nunca se fará uma omelete.

(E) Aos sádicos _____ (**dever**) agradar ouvir os ovos quebrando-se, como preâmbulo de uma omelete.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – A menos que ovos sejam quebrados = a menos que se **quebrem** ovos (sujeito paciente – voz passiva sintética).

Alternativa "a" – Errada. a omelete é composta de ovos = que se **compõe**.

Alternativa "b" – Errada. uma justificativa **costuma** corresponder.

Alternativa "c" – Errada. uma certa direção **pode** ocorrer.

Alternativa "e" – Errada. ouvir os ovos quebrando-se **deve** agradar aos sádicos = sujeito oracional, verbo no singular!

---

89. (FCC – TRT 4 – Analista Judiciário/2011) Está correta a seguinte frase:

(A) Já está inserto na obra o trecho em que ele afirma acreditar muito na água que considera benta, pois diz que, tendo sido benzida em dia de muito fervor, é miraculosa.

(B) Urge, e ninguém discorda disso, as medidas já anunciadas, porém se o secretário dispuser de imediato de toda a verba prometida, poderá haver problemas mais à frente.

(C) Tratam-se de advertências as mais singulares, entre elas a que incita os cidadãos a que remediem por si sós os danos cuja reparação está legalmente sob o dever do estado.

(D) O presidente advertiu Vossa Excelência para que não deixeis passar o prazo previsto no acordo, caso em que sereis responsabilizado legalmente pelo decurso.

(E) Tenho exausto minhas forças nesse pretencioso projeto, mas nem que consiga o octagésimo lugar no concurso, que é o último, espero vê-lo analisado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a" – Correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de concordância, ortografia e verbo.

Na alternativa a, não se encontra erro.

Alternativa "b" – Errada. Urgem.

Alternativa "c" – Errada. Trata-se, remedeiem.

Alternativa "d" – Errada. Deixe, será. A concordância, quando há pronome de tratamento, deve ser feita com a terceira pessoa (você ou vocês).

Alternativa "e" – Errada. Exaurido (do verbo exaurir), pretensioso (vem de pretensão), octogésimo.

---

90. (FCC – TRT 4 – Analista Judiciário/2011) O segmento que, tendo sido transformado, preserva a correção é:

(A) qualquer que sejam as personagens.

(B) devem haver muitas fontes mencionadas no corpo do texto.

(C) torna inacessível as especificações desejáveis.

(D) as fontes devem serem especificadas.

(E) os esforços haveriam de ser grandes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Substitua por um verbo para se certificar da concordância correta: Os esforços **seriam** grandes.

Alternativa "a" – Errada. Quaisquer.

Alternativa "b" – Errada. Deve haver.

Alternativa "c" – Errada. Tornam inacessíveis.

Alternativa "d" – Errada. Devem ser.

---

91. (FCC – TRT 23 – Analista Judiciário/2011) As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na frase:

(A) Havendo quem vos pretendam convencer de que a pena de morte é necessária, perguntem onde e quando ela já se provou indiscutivelmente eficaz.

(B) Entre os cidadãos de todos os países nunca deixarão de haver, por força do nosso instinto de violência, os que propugnam pela pena de morte.

(C) Destaca-se, entre as qualidades de Voltaire, suas tiradas irônicas e seu humor ferino, armas de que se valia em suas pregações de homem liberal.

(D) Embora remontem aos hábitos das sociedades mais violentas do passado, a pena de talião ainda goza de prestígio entre cidadãos que se dizem civilizados.

(E) Opõe-se às ideias libertárias de Voltaire, um lúcido pensador iluminista, a violência das penas irracionais que se aplicam em nome da justiça.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Cuidado! Encontre o sujeito: um lúcido pensador iluminista. Importante ressaltar que **nunca haverá crase no sujeito**: Um pensador iluminista **opõe-se** às ideias libertárias de Voltaire.

Alternativa "a" – Errada. Havendo quem vos **pretenda** convencer de que a pena de morte é necessária, perguntem onde e quando ela já se provou indiscutivelmente eficaz.

Alternativa "b" – Errada. Entre os cidadãos de todos os países nunca **deixará** de haver (ou **deixarão de existir**), por força do nosso instinto de violência, os (aqueles) que (os quais) propugnam pela pena de morte.

Alternativa "c" – Errada. Suas tiradas irônicas e seu humor ferino são destacados = **destacam-se**.

Alternativa "d" – Errada. Embora a pena de talião **remonte** aos hábitos.

---

92. (FCC – TRT 14 – Analista Judiciário/2011) Está clara e correta a redação deste livre comentário:

(A) Há momentos onde o afã de se fazer propaganda não mede esforços para lançar mão dos mais grotescos recursos.

(B) Ainda se vê em grandes cidades as figuras antagônicas de pobres entalados em cartazes nos quais se diz venderem ouro.

(C) Muitos acreditam ter requinte em morar num edifício de nome estrangeiro, além das novidades ligadas à onda de gastronomia.

(D) Quando o corpo humano se reduz em suporte exclusivamente material para qualquer coisa, nossa dignidade deixa de ter preço.

(E) Requer-se de um guardador de carros, diferentemente do que ocorre com um homem-placa, que tenha iniciativa e presença.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e" – Correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão, concordância e pronome.

Na alternativa e, o sujeito de **requer-se** é oracional (que tenha iniciativa e presença), por isso o verbo deve ficar no singular.

▶ **Dica – Onde,** empregado como pronome relativo, só pode ser usado para se retomar lugar e puder ser substituído por **em que, no qual, na qual**.

Alternativa "a" – Errada. Há momentos **em que** o afã de se fazer propaganda...

Alternativa "b" – Errada. Ainda se **veem** as figuras = as figuras ainda são vistas.

Alternativa "c" – Errada. Não há coerência (sentido).

Alternativa "d" – Errada. Quando o corpo humano **reduz-se** em suporte: não há palavra atraindo o pronome oblíquo.

▶ **Dica** – Verbo **fazer** indicando tempo decorrido = singular.

---

93. (FCC – TRT 12 – Analista Judiciário/2010) As normas de concordância verbal estão plenamente observadas na seguinte frase:

(A) São dignos de nota, por conta da implementação do ECA, os avanços que está havendo nos cuidados dispensados aos menores.

(B) Foram necessários reunir todos os direitos dos jovens num estatuto único, para que a todos os menores se dispensassem a atenção que merecem.

(C) Os entraves que apresentam esse Estatuto devem – se, em grande parte, à dificuldade de se estabelecer penas para os menores infratores.

(D) Cabem aos que devem aplicar os dispositivos do ECA zelar pela prudência quando da aplicação das medidas punitivas a ser tomadas.

(E) A aplicação de penas extremamente rigorosas, que alguns juízes vem determinando na maioria dos casos, não contribuem para a formação dos adolescentes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Os avanços que está havendo = que há; os avanços são dignos. Cuidado: poderia usar o verbo **existir** e o verbo pluralizar por se transformar em verbo pessoal (com sujeito) = os avanços que estão existindo.

Alternativa "b" – Errada. Foi necessário reunir (o sujeito é oracional = verbo no singular).

Alternativa "c" – Errada. dificuldade de se **estabelecerem** penas = dificuldade de penas serem estabelecidas. O verbo é transitivo direto + partícula apassivadora **se**. Voz passiva sintética.

Alternativa "d" – Errada. Cabe zelar e medidas a **serem** tomadas.

Alternativa "e" – Errada. alguns juízes **vêm** determinando; a aplicação não **contribui**.

---

94. (FCC – TRT 12 – Analista Judiciário/2010) O verbo indicado entre parênteses deve flexionar-se em uma forma do **singular** para preencher de modo correto a lacuna da frase:

(A) É intolerável a extrema cautela que **(desejar)** impor à prática do humor os defensores do "politicamente correto".

(B) A cada vez que se **(propor)** a legislar sobre o humor, os próprios legisladores se convertem em matéria de riso.

(C) Ao pobre ou ao rico não **(costumar)** reservar os humoristas piadas justas, mas tão somente engraçadas.

(D) Diante da ação do humor **(haver)** sempre de tremer os que querem ocultar suas fraquezas.

(E) Aos palhaços do mundo não se **(determinar)** limite para os risos que sabem provocar.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – A oração está na voz passiva sintética (verbo transitivo direto + se), passemo-la para a passiva analítica: limite não é determinado = **não se determina limite**.

Alternativa "a" – Errada. Os defensores **desejam** impor.

Alternativa "b" – Errada. Os próprios legisladores **se propõem.**

▶ **Dica** – Cuidado com o verbo **pôr** e seus derivados, pois, no plural, possuem o **m**: eles põem, eles propõem.

Alternativa "c" – Errada. Os humoristas não **costumam** reservar.

Alternativa "d" – Errada. Os que querem ocultar suas fraquezas **haverão** sempre de tremer.

---

95. (FCC – TRT 9 – Analista Judiciário/2010) As normas de concordância verbal estão plenamente acatadas na frase:

(A) Não devem os leitores de hoje imaginar que cabiam aos filósofos antigos preocupar-se com questões que já não fazem sentido.

(B) Leitores de hoje, não devemos imaginar que a um filósofo clássico ocorressem tão somente questões específicas de sua época histórica.

(C) Nenhum de nossos desejos, de acordo com Sêneca, deveriam transpor nossos limites, fronteiras que se deve sempre determinar.

(D) A cada um dos princípios do estoicismo devem corresponder, como se postulavam entre os estoicos, lúcida e consequente iniciativa nossa.

(E) Àqueles que não temem refletir sobre a morte reserva-se as recompensas de uma vida mais lúcida e mais intensa.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Para ganhar tempo, leia as alternativas já fazendo pergunta ao verbo e verificando a concordância com o sujeito. Não há erro na b: (nós) leitores não devemos imaginar; questões científicas ocorressem.

Alternativa "a" – Errada. cabia preocupar-se. Cuidado: o sujeito é o verbo, por isso usa-se singular.

Alternativa "c" – Errada. Nenhum **deveria**; fronteiras que se **devem** determinar.

Alternativa "d" – Errada. deve corresponder; **postula**.

Alternativa "e" – Errada. reservam-se as recompensas.

---

96. (FCC – TRT 9 – Analista Judiciário/2010) Está adequada a concordância verbal nesta construção:

(A) nem negligência, nem incúria: a combinação letal do medo e da ganância trouxeram-nos até aqui.

(B) dizem muito, sobre nós e nossa espécie, o que nos fez chegar até aqui?

(C) diante do inimigo, real ou virtual, lançam-se mão dos recursos nucleares.

(D) são cada vez mais difíceis considerar como permanentes as fronteiras entre os Estados.

(E) repousa nas providências que levem a Estados sem fronteiras a expectativa de que sobrevivamos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – A expectativa repousa. A oração está na ordem inversa.

Alternativa "a" – Errada. a combinação **trouxe-nos.**

Alternativa "b" – Errada. diz. Complicadinha porque o sujeito de **diz** é a oração: o que nos fez chegar até aqui. Se o sujeito possui verbo = singular.

Alternativa "c" – Errada. lança-se mão.

Alternativa "d" – Errada. é cada vez mais **difícil** considerar.

---

97. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 22ª Região/2010) As normas de concordância verbal estão plenamente observadas na frase:

(A) Não ficaram claro, para os leitores do texto, quais exatamente foram os versos parafraseados do poeta Lucrécio.

(B) Quando se partem de regiões obscuras, nossas ideias não poderão ser produtivas.

(C) Duas alternativas sempre haverão, restando-nos sempre a dificuldade de optar entre elas.

(D) Esquivar-se das perguntas que todas as pessoas vivem fazendo implicam um reforço do sobrenatural.

(E) Ao fenômeno cuja natureza os cientistas ignoram costuma o leigo recorrer como prova do sobrenatural.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e" – Correta.

Alternativa "a" – Errada. Não ficou claro quais exatamente foram os versos parafraseados do poeta Lucrécio. O que não ficou claro? Quais exatamente foram os versos parafraseados do poeta Lucrécio = sujeito oracional (possui verbo). Se o sujeito é um verbo ou uma oração, o verbo da oração principal, obrigatoriamente, deve ficar no singular. Cuidado se surgir verbo transitivo direto ou transitivo direto e indireto seguido do pronome apassivador SE na oração principal, pois o processo será o mesmo.

Alternativa "b" – Errada. Quando se parte de regiões obscuras = partir é um verbo intransitivo, sendo assim não admite plural. Apenas os verbos citados na alternativa anterior admitem plural (se o sujeito estiver no plural também).

Alternativa "c" – Errada. Duas alternativas sempre haverá, ou duas alternativas sempre existirão.

Alternativa "d" – Errada. Esquivar-se das perguntas que todas as pessoas vivem fazendo implica um reforço do sobrenatural. O sujeito é o verbo *esquivar-se* = singular.

---

98. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 22ª Região/2010) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do **plural** para preencher de modo correto a lacuna da frase:

(A) O motivo pelo qual se _____ **(dirigir)** à vida de uma colmeia tantos aplausos é a harmonia de que as abelhas são capazes.

(B) Nem às formigas nem às abelhas _____ **(competir)** decidir quais funções serão exercidas por quem.

(C) Quase todos os problemas que _____ **(caber)** à humanidade resolver derivariam de um engano da natureza.

(D) _____-se **(atribuir)** às leis do mercado uma racionalidade tal que é acusado de insano quem contra elas se insurge.

(E) A força de tantas compulsões egoístas entre os homens _____ **(costumar)** redundar em profundas injustiças.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – O motivo pelo qual se dirigem à vida de uma colmeia tantos aplausos é a harmonia de que as abelhas são capazes. TANTOS APLAUSOS SÃO DIRIGIDOS À VIDA.

Alternativa "b" – Errada. compete decidir = o sujeito é o verbo.

Alternativa "c" – Errada. cabe resolver = o sujeito é o verbo.

Alternativa "d" – Errada. atribui-se uma racionalidade = uma racionalidade é atribuída. Em alternativas assim, é aconselhável passar a oração da voz passiva sintética para analítica.

Alternativa "e" – Errada. A força costuma redundar.

---

99. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT – 9ª Região/2010) Está adequada a concordância verbal nesta construção:

(A) são cada vez mais difíceis considerar como permanentes as fronteiras entre os Estados.

(B) repousa nas providências que levem a Estados sem fronteiras a expectativa de que sobrevivamos.

(C) nem negligência, nem incúria: a combinação letal do medo e da ganância trouxeram-nos até aqui.

(D) dizem muito, sobre nós e nossa espécie, o que nos fez chegar até aqui?

(E) diante do inimigo, real ou virtual, lançam-se mão dos recursos nucleares.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – A expectativa repousa: a oração está na ordem inversa, coloque-a na ordem direta para se certificar do sujeito.

Alternativa "a" – Errada. é cada vez mais difícil **considerar** = o sujeito é o verbo;

Alternativa "c" – Errada. a combinação letal do medo e da ganância trouxe-nos;

Alternativa "d" – Errada. o que nos fez chegar até aqui diz muito sobre nós;

Alternativa "e" – Errada. lança-se **mão.**

---

100. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT – 9ª Região/2010) As normas de concordância verbal estão plenamente acatadas na frase:

(A) Àqueles que não temem refletir sobre a morte reserva-se as recompensas de uma vida mais lúcida e mais intensa.

(B) Não devem os leitores de hoje imaginar que cabiam aos filósofos antigos preocupar-se com questões que já não fazem sentido.

(C) Leitores de hoje, não devemos imaginar que a um filósofo clássico ocorressem tão somente questões específicas de sua época histórica.

(D) Nenhum de nossos desejos, de acordo com Sêneca, deveriam transpor nossos limites, fronteiras que se deve sempre determinar.

(E) A cada um dos princípios do estoicismo devem corresponder, como se postulavam entre os estoicos, lúcida e consequente iniciativa nossa.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c" – Correta.

Alternativa "a" – Errada. reservam-se as recompensas = as recompensas são reservadas

Alternativa "b" – Errada. cabia preocupar-se

Alternativa "d" – Errada. Nenhum de nossos desejos deveria transpor

Alternativa "e" – Errada. deve corresponder

TRECHO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

A declaração, marcadamente humanista e sociopolítica, não imaginou o neoliberalismo deste fim de século, com sua "des-historicização" do tempo, com sua despolitização da vida, com seu messianismo consumista, com a entronização da economia de mercado como uma "fatalidade" natural, irreversível, fora da qual não há possibilidades, com um *laissez faire* que significa exclusão.

---

101. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /AC/2010) Estão plenamente observadas as normas de concordância verbal na frase:

(A) Sempre haverá esses mágicos canais da memória que nos transportam para situações antigas, quando as vem evocar alguma situação do presente.

(B) Votavam-se, nas antigas eleições, com as mesmas cédulas de papel que fartamente se distribuía entre os eleitores, às vezes ainda indecisos.

(C) Mas nem tudo era manifestações de entusiasmo, já que sempre tinham de haver alguns debates entre os eleitores, como os que estabeleciam meu pai com o vizinho.

(D) Tudo, desde os alto-falantes até os gritos da criançada, se somavam para que se guardasse daquela agitação algumas das lembranças mais vívidas da infância.

(E) Enquanto houverem parapeitos e janelas, não faltarão senhores e senhoras que ali se debrucem, cuidando para que não se perca quaisquer detalhes da rotina da rua.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Vale repetir que o verbo HAVER, quando impessoal (oração sem sujeito), assume a forma singular. Na alternativa A, pode ser substituído por EXISTIRÃO.

b) Votava-se: verbo intransitivo seguido de SE (índice de indeterminação do sujeito) = singular. *As mesmas cédulas de papel que fartamente* se distribuíam (as cédulas eram distribuídas).

c) Cuidado! Há duas opções de concordância para o verbo ser entre pronome indefinido e substantivo plural: nem tudo era manifestações ou nem tudo eram manifestações. As duas formas são consideradas corretas, mas, em seguida, há um erro, o que inviabiliza a alternativa: *sempre* tinha de haver *alguns debates* ou *sempre* tinham de existir alguns debates.

d) *Tudo* se somava para que se guardassem *algumas das lembranças.* Tudo era somado e algumas das lembranças fossem guardadas.

e) *Enquanto* houver *parapeitos* ou *enquanto* existirem *parapeitos. ( ) para que não* se percam quaisquer detalhes: para que quaisquer detalhes não sejam perdidos.

---

102. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /AC/2010) O verbo indicado entre parênteses deverá ser flexionado numa forma do **singular** para preencher de modo correto a lacuna da frase:

(A) Nem mesmo se _____ **(atrever)** a repudiar as mordazes críticas de Montesquieu quem por elas se sentisse atingido.

(B) _____ **(vir)** somar-se ao autoritarismo político as ingerências autoritárias do poder religioso.

(C) Não _____ **(ficar)** à margem da dura crítica de Montesquieu nem mesmo algumas características das construções parisienses.

(D) _____ **(constituir)** matéria para o riso do filósofo até mesmo os ritos e os símbolos católicos.

(E) Não _____ **(escapar)** à crítica de Montesquieu quaisquer atitudes que lhe parecessem viciosas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Nem mesmo se atreve a repudiar as mordazes críticas.

b) Vieram-se somar as ingerências.

c) Algumas características não ficam à margem. Caso haja dificuldade em encontrar o sujeito, o que ocorre em provas mais difíceis, coloque a oração na ordem direta (iniciando-a com o sujeito). Facilita.

d) Os ritos e os símbolos católicos constituem matéria.

e) Quaisquer atitudes não escapam à crítica.

---

103. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /AM/2010) As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na frase:

(A) Deve-se firmar alguns acordos entre o Vaticano e o Brasil durante as discussões da Concordata.

(B) Nunca chegou a preocupar Stalin, naturalmente, os guardas suíços que constituem a segurança do Vaticano.

(C) Ao se deterem na estátua Cristo Redentor, no Rio de Janeiro, os olhos de um turista não verão o que de fato ela consagra.

(D) As concessões vantajosas que pretendem obter, nas discussões da Concordata, a Igreja Católica, dizem respeito a questões polêmicas.

(E) Muitas repercussões passarão a haver no direito interno, caso a Concordata consagre os acordos que constituem o principal interesse da Igreja.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

a) Devem-se firmar alguns acordos;

b) Os guardas-civis nunca chegaram a preocupar;

d) Cuidado! Oração na ordem inversa. Ordem direta: **A igreja católica** pretende obter as concessões vantajosas.

e) Muitas repercussões passará a haver ou passarão a existir.

---

104. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /AM/2010) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do **plural** para preencher corretamente a lacuna da frase:

(A) _____-se **(atribuir)** aos clássicos a propriedade de nos encantar em qualquer tempo ou idade que os busquemos.

(B) _____-se **(distinguir)** os clássicos pelo fato de conservarem o mesmo poder de revelação ao longo do tempo.

(C) _____-nos **(impressionar)** nos clássicos o sentido de uma perenidade que não implica cristalização.

(D) _____-se **(queixar)** dos clássicos apenas quem os lê com a desatenção ou o desamor das tarefas obrigatórias.

(E) _____-nos **(confortar)** nos clássicos a companhia dos mais altos valores humanos que põem à nossa disposição.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Distinguem-se os clássicos = Os clássicos são distinguidos. Verbo transitivo direto + SE = VP (voz passiva) e possui sujeito. Invertendo fica mais fácil descobrir o sujeito.

a) Atribui-se a propriedade = a propriedade é atribuída.

c) O sentido impressiona-nos.

d) Quem se queixa.

e) A companhia conforta-nos.

105. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /RS/2010) A frase em total concordância com o padrão culto escrito é:

(A) Dirigimo-nos a V.Sa. para solicitar que, em vossa apreciação do documento, haja bastante precisão quanto aos pontos que quereis ver alterados.

(B) Senhor Ministro, sabemos todos que Vossa Excelência jamais fizestes referência desairosa ao poder legislativo, mas desejamos pedir-lhe que desfaça o mal-entendido.

(C) Ao encontrar-se com Sua Magnificência, não se conteve: – Senhor Reitor, sou o mais novo membro do corpo docente e vos peço um minuto de sua atenção.

(D) Assim que terminou a cerimônia, disse à Sua Santidade: – Ponho-me a vossa disposição se acaso deseje mandar uma mensagem ao povo brasileiro.

(E) Entendemos que V.Exa. necessita de mais dados sobre a questão em debate e, assim, lhe pedimos que nos conceda um prazo para que o documento seja mais bem elaborado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Questão de concordância e crase.

a) _____ que, em sua apreciação _____ pontos que quer ver alterados. A concordância do verbo, quando surge pronome de tratamento, deve ser feita com a terceira pessoa do singular ou plural (você ou vocês). Em prova, é aconselhável riscar o pronome e substituí-lo por você(s).

b) _____ jamais fez. Segue a regra citada no item anterior.

c) _____ e lhe peço um minuto.

d) Dois erros: _____ disse a Sua Santidade (não se usa crase antes de pronome de tratamento que não remeta a uma mulher – como Dona, Senhora, Senhorita, Madame); _____ ponho-me a sua disposição.

106. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /AL/2010) Estão inteiramente respeitadas as normas de concordância verbal em:

(A) Quando às coisas se preferem a imagem delas, privilegia-se o espetáculo das aparências.

(B) As palavras do filósofo Feurbach, um pensador já tão distante de nós, mantém-se como um preciso diagnóstico.

(C) O que resultam de tantas imagens dominantes são a identificação dos indivíduos com algo exterior a eles.

(D) Já não se distingue nos gestos dos indivíduos algo que de fato os identifique como autênticos sujeitos.

(E) Cabem-nos, a todos nós, buscar preservar valores como a verdade e a transparência, ameaçados de desaparição.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

a) Ordem inversa, é necessário colocar a oração na ordem direta: **a imagem** se prefere às coisas;

b) **As palavras** mantêm-se;

c) O **que** resulta ... é a identificação dos indivíduos = Aquilo o qual resulta (pronome demonstrativo + pronome relativo)

e) Cabe-nos **buscar.**

107. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /AL/2010) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do **plural** para preencher corretamente a lacuna da frase:

(A) _____ **(haver)** de se dar a conhecer, em algum dia do futuro, crianças semelhantes às de tempos passados?

(B) Crianças como as de hoje, ao que se sabe, jamais _____ **(haver)**, tão absortas e imobilizadas em seus afazeres.

(C) Até quando se _____ **(verificar)**, em relação às nossas crianças, tamanha incongruência nos valores e nas expectativas educacionais?

(D) Quase todo prazer que hoje às crianças se _____ **(reservar)** por longas horas diárias, está associado à tecnologia.

(E) _____ **(caber)** aos pais e professores, sobretudo, proporcionar às crianças espaço e tempo para as necessárias atividades físicas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Hão de se dar a conhecer **crianças semelhantes.**

b) jamais haverá = existirão;

c) ... se verifica tamanha incongruência = jamais se é verificada (passa-se da passiva sintética para a analítica);

d) ... se reserva = todo prazer é reservado;

e) Cabe **proporcionar.**

108. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRF – 4ª Região/2010) Ao se reconstruir uma frase do texto, houve **deslize** quanto à concordância verbal em:

(A) Deveram-se às manobras de desconversas, na definição das tarefas dos países, o impasse final das negociações entabuladas em Copenhague.

(B) Sequer foi possível, na COP-15, estabelecer um financiamento para os países pobres a quem coubesse adotar políticas de mitigação das emissões.

(C) Se todos esperávamos um bom acordo na COP-15, frustrou-nos o que dela acabou resultando.

(D) Acabou culminando num final dramático, naquele 18 de dezembro de 2009, o período de duas semanas de acaloradas discussões.

(E) Às nações pobres propôs-se uma ajuda de US$ 30 bilhões, medida a que não deu aval nenhum dos países insatisfeitos com as conversas finais.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Deveu-se. O verbo deve concordar com o sujeito singular **impasse**: o impasse deveu-se às manobras.

109. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRF – 4ª Região/2010) O verbo indicado entre parênteses deverá adotar uma forma do **plural** para preencher de modo correto a lacuna da frase:

(A) Orson Welles talvez não imaginasse o risco da tragédia que _____ (**poder**) provocar as dramatizações de sua transmissão radiofônica.

(B) Quaisquer que sejam as técnicas, não lhes _____ (**caber**) determinar por si mesmas o sentido que ganhará sua aplicação.

(C) Muito do que se _____ (**prever**) nos usos de uma nova técnica depende, para realizar-se, do que se chama "vontade política".

(D) Nenhuma das vantagens que _____ (**oferecer**) a tecnologia mais ousada é capaz de satisfazer as aspirações humanas.

(E) Quando não se _____ (**reconhecer**) nas ciências o bem que elas nos trazem, as saídas místicas surgem como solução.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – As dramatizações podem provocar = ordem inversa.

b) ... não lhes cabe **determinar;**

c) **Muito** do que se prevê;

d) **A tecnologia** oferece;

e) Quando se reconhece **o bem**.

110. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 5ª região/ 2008 – FCC) As normas de concordância verbal estão plenamente observadas na frase:

(A) O que há de mais terrível nas cenas de violência transmitidas pela TV estão nas reações de indiferença de alguns espectadores.

(B) Não se devem responder aos sacrifícios humanos com o cinismo de quem se julga superior.

(C) Não se levante contra o pessimista as acusações de imobilismo moral e inconsequência política.

(D) Ainda que não houvessem outras razões, o surdo idealismo dos pessimistas bastaria para os aceitarmos.

(E) Os otimistas não julguem os pessimistas, nem estes àqueles, pois ambos convergem para alguma forma de idealismo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Verbos concordando com os sujeitos.

a) O que há de mais terrível **está** nas reações de indiferença.

b) Não se **deve** responder.

c) Não se **levantem** as acusações.

d) Ainda que não **houvesse** outras razões: haver impessoal.

111. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3ª região/ 2007 – FCC) As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na frase:

(A) Não se imputem aos adolescentes de hoje a exclusiva responsabilidade pelo fato, lastimável, de aspirarem a tão pouco.

(B) A presença maciça, em nossas telas, de tantas ficções, não nos devem fazer crer que sejamos capazes de sonhar mais do que as gerações passadas.

(C) Se aos jovens de hoje coubesse sonhar no ritmo das ficções projetadas em nossas telas, múltiplos e ágeis devaneios se processariam.

(D) Ficaram como versões melhoradas da nossa vida acomodada de hoje o vestígio dos nossos sonhos de ontem.

(E) Ao pretender que se mobilize os estudantes para as exigências do mercado de trabalho, o professor de nossas escolas impede-os de sonhar.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Coubesse sonhar.

a) Não se **impute** a exclusiva responsabilidade.

b) A presença maciça não nos **deve fazer** crer.

d) O vestígio **ficou como versão melhorada.**

e) ... que se **mobilizem** os estudantes.

---

112. (FCC – Analista Processual – MPU/ 2007) A concordância está totalmente de acordo com a norma padrão da língua em:

(A) Tudo indica que vai ser questionado, em cada setor, a decisão de ser prorrogado o início das férias de todos os funcionários.

(B) Ela quer que seja pedido aos encarregados, o mais rapidamente possível, as listas de compras, para que seja possível atender-lhe as solicitações antes do fim do mês.

(C) Exige-se, sim, de toda a equipe, as maneiras mais polidas no trato com os visitantes, pois a eles se devem as possibilidades de manutenção do parque.

(D) Tratam-se de questões espinhosas, incluindo as que diz respeito aos novos termos da lei, por si sós bastante discutíveis.

(E) Deve-se aos trâmites internos, mais do que às argumentações produzidas no processo, a demora do julgamento, visto que os analistas ainda não as puderam ter em mãos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – A demora **deve-se.**

a) vai ser **questionada** em cada setor, a decisão.

b) **sejam pedidas** as listas.

c) **Exigem-se** as maneiras = as maneiras são exigidas.

d) **Trata-se** de questões = verbo transitivo indireto + se não admite plural, pois indetermina o sujeito.

---

113. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3ª região/ 2007 – FCC) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do **plural** para preencher corretamente a lacuna da frase:

(A) Para que não _____ (**restringir**) o sonho de um jovem, as imposições do mercado de trabalho devem ter sua importância relativizada.

(B) Seria essencial que nunca _____ (**faltar**) aos adolescentes, mesmo em nossos dias pragmáticos, a liberdade inclusa nos sonhos.

(C) Entre as duas hipóteses que _____ (**examinar**), considera o autor que o elemento comum é redução da capacidade de sonhar.

(D) Não se _____ (**delegar**) às escolas a missão exclusiva de preparar os jovens para sua inserção no mercado de trabalho.

(E) É pena que _____ (**faltar**) aos jovens a referência dos sonhos que seus pais já tenham alimentado em sua época de adolescentes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – As imposições restrinjam.

b) Falte a liberdade.

c) O autor **examina.**

d) Não se **delega** a hipótese = a hipótese não é delegada.

e) A referência **falta.**

---

114. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/ 2007 – FCC) A frase em que a concordância está totalmente conforme as prescrições da norma padrão da Língua Portuguesa é:

(A) A legalidade e a pertinência dos contratos, pelo menos agora, não é mesmo aferível, dado que no campo das relações lusas-latino-americanas deve haver muitos acordos sem registro.

(B) Os diretores houveram por bem antecipar o anúncio das novas diretrizes, que deveriam passar a ser respeitadas imediatamente em quaisquer que fossem as áreas.

(C) Foi irresistível a ideia, naquela ocasião, de se estipularem quais as ações solidárias mais úteis do ano e concluiu-se que não existe condições de acordo nesse particular.

(D) É possível que surja, e não existem pessoas que defendam o contrário, opiniões divergentes de especialistas renomados, e devemos considerá-las com todo respeito.

(E) Os alicerces teóricos do modelo em estudo pode ser encontrado em várias obras, de vários escritores, inclusive na de um chinês, já encontrada em língua portuguesa.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Cuidado! Houveram por antecipar equivale a participaram: há sujeito (os diretores), ou seja, o verbo *haver* é auxiliar e admite plural.

a) A legalidade e a pertinência não **são** mesmo **aferíveis... luso**-latino-americanas (me adjetivos compostos, apenas o último elemento varia).

c) não **existem** condições.

d) **surjam** opiniões.

e) Os alicerces **podem ser encontrados.**

---

115. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3ª região/ 2007 – FCC) Considerando-se as normas de concordância verbal, há uma **incorreção** na frase:

(A) Tão rápidos quanto os "cliques" das mágicas maquininhas são o prazer e o enfado que caracterizam as modernas sessões de fotografia.

(B) Não é de se crer que todos os produtos com alta tecnologia cheguem a se banalizar, já que a banalidade está nas circunstâncias em que se venham a utilizá-los.

(C) Não compete nem aos cientistas nem aos produtores responsabilizar-se pelas consequências da utilização do que nos oferecem.

(D) Quantos mais inventos haja, mais impulsivos hão de ser nossos desejos de os consumir, como vem sucedendo no caso dos engenhos eletrônicos.

(E) Seria de se esperar que se associassem à moderna tecnologia apenas os benefícios reais, que a ela se tributassem tão somente vantagens inequívocas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Venha deve concordar com *banalidade.*

a) O prazer e o enfado são.

c) Responsabilizar-se pelas consequências da utilização não compete.

d) Haja inventos.

e) ... se associam-se os benefícios.

---

116. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 1ª região/ 2006 – FCC) Para que se respeite a concordância verbal, será preciso corrigir a frase:

(A) Têm havido dúvidas sobre a capacidade do sistema de saúde cubano.

(B) Têm sido levantadas dúvidas sobre a capacidade do sistema de saúde cubano.

(C) Será que o sistema de saúde cubano tem suscitado dúvidas sobre sua eficácia?

(D) Que dúvidas têm propalado os adversários de Cuba sobre seu sistema de saúde?

(E) A quantas dúvidas tem dado margem o sistema de saúde de Cuba?

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Tem havido dúvidas equivale a **há** dúvidas. O verbo haver, quando impessoal, permanece no singular.

b) Dúvidas têm sido levadas.

c) O sistema tem suscitado.

d) Os adversários têm propalado dúvidas.

e) O sistema tem dado margem.

---

117. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 1ª região/ 2006 – FCC) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do **singular** para preencher corretamente a lacuna da frase:

(A) Há muito não se ..... (**tolerar**) atitudes arrogantes como a do editorial da revista britânica.

(B) É natural que ..... (**ferir**) o orgulho do povo cubano as exortações publicadas na revista britânica.

(C) Os pesquisadores não ..... (**haver**) de se ofender, caso os termos do editorial da revista fossem menos prepotentes.

(D) Foi precisa a argumentação de que se ..... (**valer**) os pesquisadores latino-americanos em sua réplica ao editorial.

(E) Aos países ricos não ..... (**competir**) tomar decisões que afetem a soberania dos países em desenvolvimento.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – O que não compete? Tomar decisões = sujeito. Sujeito oracional (possui verbo), verbo da oração principal no singular.

a) Atitudes não são toleradas = não se toleram.

b) As exortações firam = que firam.

c) Os pesquisadores não hão de se ofender = não se ofenderão. Verbo *haver* é auxiliar.

d) Os pesquisadores se valem da argumentação = de que se valem.

---

118. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 4ª região/ 2006 – FCC) As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na frase:

(A) A nem todos os pais são dados reconhecer que filmes e romances constituem elementos vitais para a formação dos filhos.

(B) Ainda que não tivesse outros méritos, as ficções sempre apresentariam a diversidade do mundo e constituiriam um repertório do possível.

(C) Sejam num ensaio ou num documentário, a caracterização de valores étnicos representam-se de modo distinto do das ficções.

(D) Para além das diferenças étnicas que pode um ensaio revelar, há aquela semelhança humana que somente às ficções cabe dar viva expressão.

(E) O respeito pelas ficções, que o autor reconhece na formação que lhe deram seus pais, viriam a inspirá-lo na educação de seus filhos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Um ensaio pode revelar.

a) **É dado reconhecer** que filmes e romances constituem elementos vitais para a formação dos filhos = sujeito oracional / verbo no singular.

b) **tivessem** / as ficções.

c) **Seja** e a caracterização **representa-se.**

e) O respeito **viria** a inspirá-lo.

---

119. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 4ª região/ 2006 – FCC) O verbo indicado entre parênteses deverá adotar obrigatoriamente uma forma do **plural** para preencher de modo adequado a lacuna da frase:

(A) _____ (persistir), a par de tão distintas particularidades dos grupos étnicos, a singularidade dos traços humanos comuns a todas as criaturas.

(B) Não _____ (caber) apenas aos documentaristas assumir todos os compromissos com a complexidade do real.

(C) Acima de todas as diferenças culturais, _____-se (impor), nas ficções como na vida, um fundo universal de humanidade.

(D) Ler romances e assistir a filmes são atividades prazerosas a que se _____ (dever) entregar todo aquele que cultive seu processo de formação.

(E) _____-se (ler) com a mesma deferência, na família do autor, um romance policial e uma novela de Dostoiévski.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Dois artigos = verbo no plural, mesmo estando anteposto ao sujeito composto: Leem-se um romance policial e uma novela.

a) A singularidade **persiste**.

b) Assumir todos os compromissos não **cabe** apenas aos documentaristas.

c) Um fundo universal **impõe-se** = é imposto.

d) Todo aquele que cultive seu processo de formação **deve-se entregar.**

2.2. CESPE

Trecho para o item.

(...) Formalmente, a Constituição de 1891 definia como cidadãos os brasileiros natos e, em regra, os naturalizados. Podiam votar os cidadãos com mais de vinte e um anos de idade que tivessem se alistado conforme determinação legal. Mas o que, exatamente, significava isso? Em 1894, na primeira eleição para presidente da República, votaram 2,2% da população. Tudo indica que, apesar de a República ter abolido o critério censitário e adotado o voto direto, a participação popular continuou sendo muito baixa em virtude, principalmente, da proibição do voto dos analfabetos e das mulheres. (...)

Ane Ferrari Ramos Cajado, Thiago Dornelles e Amanda Camylla Pereira.

Eleições no Brasil: uma história de 500 anos. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral, 2014, p. 27-8. Internet: <www.tse.jus.br>(com adaptações).

---

120. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) O trecho "votaram 2,2% da população" poderia, sem prejuízo gramatical ou de sentido para o texto, ser reescrito da seguinte forma: 2,2% da população votou.

COMENTÁRIOS

Certo – 2,2% votaram = o verbo concorda com a porcentagem; 2,2% da população votou = o verbo pode concordar com o numeral da porcentagem ou com o substantivo.

Texto para o item.

A fim de solucionar o litígio, atos sucessivos e concatenados são praticados pelo escrivão. Entre eles, estão os atos de comunicação, os quais são indispensáveis para que os sujeitos do processo tomem conhecimento dos atos acontecidos no correr do procedimento e se habilitem a exercer os direitos que lhes cabem e a suportar os ônus que a lei lhes impõe.

Internet: <http://jus.com.br> (com adaptações).

---

121. (Cespe – Escrivão de Polícia Federal – DPF/2013) O trecho "os sujeitos (...) lhes impõe"

poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: cada um dos sujeitos do processo tome conhecimento dos atos acontecidos no correr do procedimento e se habilite a exercer os direitos que lhes cabe e a suportar os ônus que a lei lhes impõe.

COMENTÁRIOS

Errado – Os diretos que **lhe cabem** (...) que a lei **lhe** impõe.

- Justificativa de anulação e de manutenção de gabarito (com base no modelo de prova disponível no sítio do CESPE/UnB): não se respeitou a concordância verbal e nominal na substituição dos pronomes e verbos da última linha do trecho dado.

Trecho para o item.

(...) Nós também temos um hardware e um software. O hardware são os nervos do cérebro, os neurônios, tudo aquilo que compõe o sistema nervoso. O software é constituído por uma série de programas que ficam gravados na memória. Do mesmo jeito que nos computadores, ficam, na memória, símbolos, entidades levíssimas, "espirituais", sendo o programa mais importante a linguagem. (...)

Rubem Alves. Sobre o tempo e a eternidade.

Campinas: Papirus, 1996 (com adaptações).

122. (CESPE – Analista – MPU/2013) Mantendo-se a correção gramatical do texto, a oração "que ficam gravados na memória" poderia ser substituída pela estrutura gravada na memória.

( ) certo ( ) errado

COMENTÁRIOS

Certo

✪ **Nota da autora:** Questão de concordância e período composto.

– Trata-se de oração subordinada adjetiva (que = os quais: pronome relativo). Ao subtrair o relativo, é necessário manter um verbo na forma nominal (gravada) para transpor a oração para a forma reduzida. A forma nominal fica no singular e feminino porque pode concordar com uma série, embora pudesse, também, concordar com programas (gravados). Concordando com série, se inseríssemos o relativo, teríamos de usar a qual.

Trecho para o próximo item.

A inércia da vida real desaparece magicamente na navegação pelo ciberespaço, desprovida de fricção. No mercado atual, encontramos uma série de produtos privados de suas propriedades malignas: café sem cafeína, creme sem gordura, cerveja sem álcool... ciberespaço. (...)

Slavoj Zizek. Identidades vazias. Internet: <http://slavoj-zizek.blogspot.com.br>(com adaptações).

123. (CESPE – Analista Judiciário – Área Administrativa - STF/2013) Seriam mantidas as relações sintáticas e semânticas do primeiro período do texto, caso o termo "desprovida" fosse substituído por desprovido, passando, assim, a concordar com o elemento imediatamente anterior: "ciberespaço".

COMENTÁRIOS

Errado – Pergunta: o que é desprovida? Sujeito: a inércia. O elemento anterior é adjunto adverbial e, em hipótese alguma, manda na concordância.

⊙ **Julgue o item relativo a ideias e aspectos linguísticos do trecho.**

(...)Um requisito básico para que o crescimento econômico dos países se traduza em menos pobreza e maior bem-estar e justiça social é melhorar as condições de vida das mulheres, dos negros e de outros grupos discriminados da sociedade; outro é aumentar sua possibilidade de acesso a empregos capazes de garantir uma vida digna para si próprios e para suas famílias. A pobreza está diretamente relacionada aos níveis e padrões de emprego, assim como às desigualdades e à discriminação existentes na sociedade. Além disso, as diferentes formas de discriminação estão fortemente associadas aos fenômenos de exclusão social que dão origem à pobreza e são responsáveis pelos diversos tipos de vulnerabilidade e pela criação de barreiras adicionais que impedem as pessoas e grupos discriminados de superar situações de pobreza. Internet: <www.oit.org.br>, com adaptações).

124. (CESPE – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) Em "dão origem à pobreza e são responsáveis pelos diversos tipos de vulnerabilidade e pela criação de barreiras adicionais", o emprego das formas verbais no plural justifica-se pela concordância com "as diferentes formas de discriminação".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Os verbos concordam com o substantivo **fenômenos** que é retomado pelo pronome relativo **que**.

Atenção! A respeito das ideias e de aspectos linguísticos do trecho seguinte, julgue o item.

No Brasil, duas grandes concepções de segurança pública opõem-se desde a reabertura democrática até o presente: uma centrada na ideia de combate, outra, na de prestação de serviço público. A primeira concebe a missão institucional das polícias em termos bélicos, atribuindo-lhes o papel de combater os criminosos, que são convertidos em inimigos internos. A política de segurança é, então, formulada como estratégia de guerra, e, na guerra, medidas excepcionais se justificam. Instaura-se, adotando-se essa concepção, uma política de segurança de emergência e um direito penal do inimigo. Esse modelo é reminiscente do regime militar e, há décadas, tem sido naturalizado, não obstante sua incompatibilidade com a ordem constitucional brasileira. Nesses anos, o inimigo interno anterior – o comunista – foi substituído pelo traficante, como elemento de justificação do recrudescimento das estratégias bélicas de controle social. (...) (Cláudio Pereira de Souza Neto. A segurança pública na Constituição Federal de 1988: conceituação constitucionalmente adequada, competências federativas e órgãos de execução das políticas. Internet: <www.oab.org.br, com adaptações).

125. (CESPE – Delegado de Polícia – BA/2013) A forma verbal "Instaura" poderia ser corretamente flexionada no plural – **Instauram** –, caso em que passaria a concordar com ambos os núcleos do sujeito composto "uma política de segurança de emergência e um direito penal do inimigo".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – *Instaurar* é transitivo direto seguido do pronome apassivador SE e está anteposto ao sujeito composto. Por isso admite duas concordâncias: com o primeiro núcleo (política) ou com os dois (política e direito). Transpondo para a voz passiva analítica: Uma política de segurança de emergência e um direito penal do inimigo são instaurados.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) Nem podia ser de outra forma, em se tratando de uma das questões basilares da história, a qual não pode ser vista segundo uma continuidade linear, devendo ser vista como o desenrolar de ciclos culturais diferentes, com diversificadas conjunturas histórico-culturais. (...) Miguel Reale. Variações sobre a justiça (I). In: O Estado de S.Paulo, 4/8/2001. Internet: http://home.comcast.net, com adaptações).

126. (CESPE – Analista do MPU/2013) A forma adjetiva "histórico-culturais" poderia estar flexionada corretamente também como **históricos-culturais**.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado:

✪ **Nota da autora:** A regra geral da pluralização dos adjetivos compostos é: apenas o segundo elemento varia.

Exceções, também pedidas em provas:

1) Se o segundo elemento for substantivo: singular = blusas amarelo-**ouro** (o ouro).
2) Azul-marinho e azul-celeste são invariáveis. Cuidado, pois alguns dicionários trazem variações, mas a gramática não aceita.
3) Surdo-mudo: é o único composto que os dois elementos variam = meninas **surdas-mudas**.

▸ Forma correta: conjunturas **histórico-culturais.**

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

A beleza do direito transfunde-se no cipoal entrançado do formalismo. Ao que nele penetrou espanta somente encontrar fórmulas, só ouvir fórmulas, só conseguir fórmulas – tudo amarelo, cor de ouro, e nada, nada azul, a cor da justiça. O azul, a justiça, a harmonia, a equidade – puras ilusões da ótica humana. (...) (José Bento Monteiro Lobato. Literatura do minarete. São Paulo: Globo, 2008, p. 265, adaptado).

127. (CESPE – Analista do MPU/2013) A forma verbal "espanta" flexiona-se no singular para concordar com o sujeito oracional "Ao que nele penetrou".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O que espanta? **Encontrar fórmulas.** Há verbo no sujeito, ou seja, o sujeito é oracional. Sujeito oracional = verbo no singular. Apenas trocaram o sujeito oracional no enunciado. Belo "pega"!

128. (UNB/CESPE – Poder Judiciário – TRE / ES/2012) A forma verbal "é" está flexionada no singular porque concorda com o nome "disputa".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – O vocábulo disputa exerce função de adjunto adverbial e não de sujeito. O verbo deve concordar com o sujeito. O que é apresentada? *A participação* dos indígenas é apresentada.

⊙ **Julgue o item subsequente, acerca dos sentidos e da organização das ideias do trecho.**

(...) O número reduzido de mulheres que ocupam cargos públicos – atualmente, uma média mundial de 19% nas assembleias nacionais – constitui um déficit a corrigir. A participação das mulheres em todos os níveis do governo democrático – local, nacional e regional – diversifica a natureza das assembleias democráticas e permite que o processo de tomada de decisões responda a necessidades dos cidadãos não atendidas no passado. (Internet: http://www.unric.org/pt, com adaptações).

---

129. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE – RJ/2012) Se a palavra "atendidas" fosse flexionada no masculino – atendidos –, estariam mantidos a correção gramatical e o sentido original do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Basta fazer a pergunta ao verbo para encontrar o sujeito: o que não foram atendidas no passado? As **necessidades** dos cidadãos. O núcleo do sujeito é um substantivo feminino plural e a concordância deve ser feita com ele. Forma correta: atendidas.

---

130. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) As normas de concordância estão inteiramente respeitadas:

(A) De bons livros dificilmente se faz bons filmes, costuma declarar, com a ênfase das formulações paradoxais, importantes críticos de cinema.

(B) É bastante incomum que se enalteça as adaptações cinematográficas de modo tão enfático como se faz com os livros que lhes deu origem.

(C) Hão de realizar grandes adaptações os diretores que somarem à cultura literária um profundo conhecimento da arte cinematográfica e das diferenças que as separam.

(D) A manutenção da figura do narrador que há nos livros, com raríssimas exceções, dificilmente se justificam na adaptação que dele se faz para as telas do cinema.

(E) Mais de uma vez já foi dito que a obsessão pela fidelidade aos livros a ser adaptados são o primeiro passo para o fracasso de um filme.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – E mais uma vez vem FCC com verbo **haver** auxiliar admitindo plural. Hão de realizar = realizarão. Os diretores: sujeito.

a) ... se **fazem** bons filmes; **costumam declarar** importantes críticos.

b) ... se **enalteçam** as adaptações; os livros **deram** origem.

d) A manutenção raramente **se justifica**.

e) A obsessão **é** o primeiro passo.

⊙ **Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.**

Bandos de homens armados perpetram anualmente 450 roubos a bancos e carros-fortes no Brasil. Tais episódios põem em risco a vida de clientes, agentes de segurança e policiais, mas o prejuízo financeiro é relativamente pequeno para as instituições. Para os bancos, a maior ameaça está embutida nos serviços prestados pela Internet ou por outros meios eletrônicos. As perdas resultantes de assaltos são de 50 milhões de reais anuais. Já os crimes cujas armas são os computadores devem, em 2010, ser responsáveis por perdas de 900 milhões de reais, dezoito vezes mais que nos assaltos convencionais. () (André Vargas. Assalto.com.br, In: Veja, 24/11/2010, com adaptações).

---

131. (Delegado de Polícia – ES/ 2011 – CESPE) A forma verbal "são" está no plural porque concorda com o nome "crimes".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – As armas são os computadores.

⊙ **Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue os itens a seguir.**

No Brasil, um exame, ainda que superficial, da questão da segurança pública revela que há um crescimento contínuo da criminalidade e da violência, principalmente nas regiões metropolitanas e nas periferias das grandes cidades do país, e que o sistema judiciário e, em particular, a polícia têm – se mostrado ineficazes para o enfrentamento da questão.

Especialmente nas áreas urbanas do país, a sensação de medo e insegurança tem sido experimentada como grave problema público devido à expectativa de que qualquer pessoa pode-se tornar vítima de crime em qualquer ponto das cidades e em qualquer momento de sua vida cotidiana. ( )

Paula Poncioni. O modelo policial profissional e a formação profissional do futuro policial nas academias de polícia do estado do Rio de Janeiro. In: Sociedade e Estado, vol. 20, n.° 3. Brasília, set.-dez./2005. Internet: <www.scielo.br>, com adaptações).

132. (Delegado de Polícia – ES/ 2011 – CESPE) A substituição da expressão "um crescimento contínuo" por **elevações constantes** não exigiria a mudança de número do verbo **haver** – "há" –, mas alteraria o sentido original do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – há um crescimento contínuo *da criminalidade e da violência* por há **elevações constantes**: o verbo haver, por ser impessoal, não admite pluralidade. O sentido é alterado, porque crescimento não significa exatamente elevação.

133. (Delegado de Polícia – ES/2011 – CESPE) Para concordar com os referentes "medo" e "insegurança", a forma verbal "tem" poderia ser flexionada no plural: têm.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O núcleo sujeito do verbo *ter* é **sensação**. Sendo assim, não admite pluralização.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) Uma segunda visão, que contrasta com a anterior, vê o desenvolvimento como um processo que aumenta a liberdade dos envolvidos para perseguir quaisquer objetivos que valorizem. Em consonância com essa visão do desenvolvimento, a expansão da capacidade humana pode ser descrita como a característica central do desenvolvimento. (...) (Amartya Sem. Desenvolvimento com opulência, ou com liberdade efetiva. In: Planeta, maio/2010, p. 75, com adaptações).

134. (Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010 – CESPE) A substituição de "quaisquer objetivos" por *qualquer objetivo* manteria a coerência entre os argumentos e não prejudicaria a correção gramatical do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O plural em **quaisquer** apenas reforça a ideia de *muitos objetivos*; a substituição por qualquer objetivo não alteraria a coerência nem prejudicaria a correção gramatical do texto.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) O conceito de "capacidade" de uma pessoa pode ser encontrado em Aristóteles, para quem a vida de um indivíduo pode ser vista como uma sequência de coisas que ele faz e que constituem uma sucessão de funcionamentos. (...) (Amartya Sem. Desenvolvimento com opulência, ou com liberdade efetiva. In: Planeta, maio/2010, p. 75, com adaptações).

135. (Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010 – CESPE) A flexão de plural em "constituem" mostra que o pronome "que" concorda em número com "coisas"; mas seria igualmente correto e coerente usar-se aí a flexão de singular, constitui, caso em que o pronome concordaria com "sequência".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Coisas é adjunto adnominal de sequência, portanto, admitiria a flexão singular constitui que concordaria com sequência (núcleo do sujeito). Em caso de dúvida, coloque a oração na ordem direta: Uma sequência de coisas **constitui** ou Uma sequência de coisas **constituem**.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

O mundo tem gerado excepcionais avanços tecnológicos nas últimas décadas e aumentado drasticamente sua capacidade de produzir bens e serviços. Ao mesmo tempo, convivemos com 3 bilhões de pobres, dos quais 1,2 bilhão são extremamente pobres. Uma em cada seis pessoas passa fome em um mundo que pode fornecer alimentos para uma

população maior que a atual. A crise econômica mundial agravou esses problemas. (...) Entrevista de Bernardo Kliksberg a CartaCapital, 12/5/2010, com adaptações).

136. (Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010 – CESPE) A substituição da flexão de singular em "passa" pela flexão de plural, passam, manteria a correção gramatical do texto, mas colocaria a ênfase em "seis pessoas".

COMENTÁRIOS

Errado – Neste caso, a ação verbal passa recai sobre o núcleo **uma**, no singular, não podendo, portanto, concordar com seis pessoas.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) Nos países nórdicos, no Canadá e na pequena, mas muito ativa eticamente, Costa Rica está comprovado que práticas éticas fazem bem à economia, geram maior expectativa de vida e criam coesão social. Segundo o economista argentino Kliksberg, o círculo perverso da iniquidade só será rompido quando enxergarmos a pobreza como uma violação dos direitos humanos, contra a qual é preciso lutar diariamente. (Entrevista de Bernardo Kliksberg a CartaCapital, 12/5/2010, com adaptações).

137. (Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010 – CESPE) O uso da flexão de masculino em "comprovado" respeita as regras de concordância da norma culta porque está subentendida a palavra país antes de "Costa Rica".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O sujeito de comprovado é oracional (possui verbo = oração subordinada substantiva subjetiva): que práticas éticas fazem bem à economia. O motivo mencionado está incorreto.

Considerando a organização das ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o seguinte item.

A capacidade de inovação depende da pesquisa, da geração de conhecimento. É necessário investir em pesquisa para devolver resultados satisfatórios à sociedade. No entanto, os resultados desse tipo de investimento não são necessariamente recursos financeiros ou valores econômicos, podem ser também a qualidade de vida com justiça social. (Luís Afonso Bermúdez, O fermento tecnológico. In: Darcy. Revista de jornalismo científico e cultural da Universidade de Brasília, novembro e dezembro de 2009, p, 37, com adaptações).

138. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) O emprego do adjetivo "necessário", no masculino, estabelece a concordância com a oração que a ele se segue; por isso, a retirada de "investir em" manteria a coerência textual, mas exigiria a concordância de "necessário" com "pesquisa".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (Certo)

Nota da autora: Questão de concordância e período composto.

- O que é necessário? = oração principal; investir em pesquisa = oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo (nomeada também de sujeito oracional, por possuir verbo); para devolver resultados satisfatórios à sociedade = oração subordinada adverbial final.

1) Oração principal não possui conjunção ou pronome relativo;

2) Oração subordinada substantiva porque se pode encaixar o pronome demonstrativo catafórico **isto** (é necessário isto);

3) Subjetiva porque é o sujeito da oração principal.

Sempre que o sujeito for oracional, o verbo deve permanecer no singular.

Quanto à concordância nominal citada, retirando o verbo, **a pesquisa** passa a exercer função de sujeito e assim manda na concordância.

Cuidado! Se o substantivo não está seguido de artigo, o adjetivo deve ficar no masculino: É necessário pesquisa. Inserindo o artigo feminino, teríamos: É necessária a pesquisa.

Considerando a organização das ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o seguinte item.

Inovar é recriar de modo a agregar valor e incrementar a eficiência, a produtividade e a competitividade nos processos gerenciais e nos produtos e serviços das organizações. Ou seja, é o fermento do crescimento econômico e social de um país. (...) (Luís Afonso Bermúdez, O fermento tecnológico. In: Darcy. Revista de jornalismo científico e cultural da Univer-

sidade de Brasília, novembro e dezembro de 2009, p, 37, com adaptações).

139. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) A forma verbal "é" (segundo período) está flexionada no singular porque, na oração em que ocorre, subentende-se "Inovar" (L1) como sujeito.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Ocorre paralelismo sintático e o verbo **investir** é o sujeito.

Inovar **é** recriar. **É** o fermento do crescimento econômico.

⊙ **Considerando a organização das ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o seguinte item.**

(...) Assim, distintas teorias políticas e econômicas, fundadas em diferentes ideologias do humano, enfatizam um aspecto ou outro dessa dualidade, seja reclamando uma subordinação dos interesses individuais aos interesses sociais, ou, ao contrário, afastando o ser humano da unidade de sua experiência cotidiana. Além disso, cada uma das ideologias em que se fundamentam essas teorias políticas e econômicas constitui uma visão dos fenômenos sociais e individuais que pretende firmar-se em uma descrição verdadeira da natureza biológica, psicológica ou espiritual do humano. (Humberto Maturana. Biologia do fenômeno social: a ontologia da realidade, Miriam Graciano (Trad.), Belo Horizonte: UFMG, 2002, p, 195, com adaptações).

140. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) No último período, na concordância com "cada uma das ideologias", a flexão de plural em "fundamentam" reforça a ideia de pluralidade de "ideologias"; mas estaria gramaticalmente correto e textualmente coerente enfatizar "cada uma", empregando-se o referido verbo no singular.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado.

✪ **Nota da autora:** Questão de concordância e análise sintática.

- Encontremos o sujeito de fundamentam. *Peguinha*: o verbo está acompanhado do **se.** Em primeiro lugar, deve-se classificar o verbo para saber se há sujeito: quem fundamenta, fundamenta algo (verbo transitivo direto + se) = voz passiva sintética e possui sujeito.

Façamos a transposição para a voz passiva analítica: essas teorias econômicas e políticas são fundamentadas. Concluímos que a flexão de plural em fundamentam não reforça a ideia de pluralidade de ideologias (adjunto adverbial de lugar: fundamentam-se onde?)

▶ **Dica:**

- Precisa-se de livros → V.T.I. (quem precisa, precisa **de** algo) = o **se** é índice de indeterminação do sujeito e **de livros** possui função de objeto indireto.
- Entregaram-se os livros aos sorteados → V.T.D.I. (quem entrega, entrega **algo** a **alguém**) = o **se** é pronome apassivador porque a voz verbal é passiva sintética (verbo transitivo direto ou verbo transitivo direto e indireto + se indicam tal voz). Faça sempre a transposição para se certificar: Os livros foram entregues aos sorteados.

Livros → sujeito; aos sorteados → objeto indireto.

⊙ **Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.**

As diferenças de classes vão ser estabelecidas em dois níveis polares: classe privilegiada e classe não privilegiada. Nessa dicotomia, um leitor crítico vai perceber que se trata de um corte epistemológico, na medida em que fica óbvio que classificar por extremos não reflete a complexidade de classes da sociedade brasileira, apesar de indicar os picos. (...) (Dina Maria Martins Ferreira. Não pense, veja. São Paulo: Fapesp&Annablume, p. 62, com adaptações).

141. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) O uso da forma verbal "se trata", no singular, atende às regras de concordância com o termo "um corte epistemológico" e seriam mantidas a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto se fosse usado o termo no plural, **cortes epistemológicos**, desde que o verbo fosse flexionado no plural: **se tratam.** ERRADO

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Opa! Verbo transitivo indireto + se = sujeito indeterminado. A expressão de um corte epistemológico possui função de objeto indireto e em nada implica se está no singular ou plural.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) O movimento da vida passa a ser uma efervescência constante e as mudanças a ocorrer em ritmo quase esquizofrênico, determinando os valores fugidios de uma ordem temporal marcada pela efemeridade. Como tentativas de acompanhar essa velocidade vertiginosa que marca o processo de constituição da sociedade hipermoderna, surge a flexibilidade do mundo do trabalho e a fluidez das relações interpessoais. (...) (Renato Nunes Bittencourt. Consumo para o vazio existencial. In: Filosofia, ano V, n, 48, p, 46-8, com adaptações).

142. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) A forma verbal "surge" está flexionada no singular porque estabelece relação de concordância com o conjunto das ideias que compõem a oração anterior.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Muito cuidado! Se o verbo está anteposto ao sujeito composto, pode concordar apenas com o primeiro núcleo: **surge** a flexibilidade. Estaria gramaticalmente correto também se assim fosse usado: **surgem** a flexibilidade do mundo do trabalho e a fluidez das relações interpessoais.

Trecho para a questão.

A declaração, marcadamente humanista e sociopolítica, não imaginou o neoliberalismo deste fim de século, com sua "deshistoricização" do tempo, com sua despolitização da vida, com seu messianismo consumista, com a entronização da economia de mercado como uma "fatalidade" natural, irreversível, fora da qual não há possibilidades, com um laissez faire que significa exclusão.

143. (UNB/CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 21ª Região/2010) Atenderia à norma gramatical a substituição da forma verbal "há" por existem.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Verbo *haver* no sentido de existir ou ocorrer é impessoal e invariável, ou seja, não possui sujeito (classificado como verbo transitivo direto) e não admite plural.

Com referência às ideias e às estruturas linguísticas do texto, julgue o item a seguir.

Hoje o sistema isola, atomiza o indivíduo. Por isso seria importante pensar as novas formas de comunicação. Mas o sistema também nega o indivíduo. Na economia, por exemplo, mudam-se os valores de uso concreto e qualitativo para os valores de troca geral e quantitativa. Na filosofia aparece o sujeito geral, não o indivíduo. (MiroslavMilovic. Comunidade da diferença. RelumeDumará, p. 131-2, com adaptações).

144. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STF/2008) Preservando-se a correção gramatical do texto, bem como sua coerência argumentativa, a forma verbal "mudam-se" poderia ser empregada também no singular.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Sim, poderia ser empregada a forma no singular: "muda-se o valor de uso concreto ..."

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue os itens a seguir.

*Uma decisão singular de um juiz da Vara de Execuções Criminais de Tupã, pequena cidade a 534 km da cidade de São Paulo, impondo critérios **bastante** rígidos para que os estabelecimentos penais da região possam receber novos presos, confirma a dramática dimensão da crise do sistema prisional. A sentença determina, entre outras medidas, que as penitenciárias somente acolham presos que residam em um raio de 200 km. () (Estado de S. Paulo, 13/1/2008, p. A3, com adaptações)*

145. (Delegado de Polícia – AC/ 2008 – CESPE) As palavras "singular" e "dramática" qualificam, respectivamente, os substantivos "decisão" e "dimensão".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O adjetivo *singular* (invariável em gênero) retoma e qualifica o substantivo *decisão* e concorda com ele em número; o adjetivo *dramática* recai sobre o substantivo dimensão, qualificando-o, e com ele concorda em número e gênero.

146. (Delegado de Polícia – AC/ 2008 – CESPE) A correção gramatical do texto seria mantida se a palavra "bastante" fosse flexionada no plural, para concordar com o substantivo "critérios".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – 1. Adjetivo = que basta, suficiente; 2. Pronome Indefinido = muito, numeroso; 3. Advérbio = em quantidade suficiente. No texto, *bastante* está funcionando como advérbio do adjetivo rígidos; nesse caso, fica invariável, não podendo ser flexionado no plural. Isso prejudicaria a correção gramatical do texto.

Nota: bastante é variável em número quando funciona como adjetivo modificando um substantivo: Ex. Temos alunos bastantes para formar o curso = suficientes.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

() Agora, ao vê-lo assim, suado e nervoso, mudando de lugar o tempo todo e murmurando palavras que me escapavam, temia que me abordasse para conversar sobre o filho. Não parecia estar no iate, e sim em sua casa, em Manaus: sentado, pernas e pés juntos, tronco ereto, a cabeça oscilando, como se fizesse um não em câmera lenta. Despertava como quem leva um susto, ia lavar o rosto e retomava sua ronda, que me deixava mareado. Eu esperava o fim da tarde com ansiedade; mal escurecia, entrava no camarote para ler, mas ficava pensando nos dois: Mundo e seu pai. Quando não conseguia dormir, subia ao convés e via o vulto sentado na popa, o focinho de Fogo no colo; Jano não se voltava. (Milton Hatoum. Cinzas do Norte. São Paulo: Companhia da Letras, 2005, p. 86-7).

147. (Delegado de Polícia – AC/ 2008 – CESPE) A forma verbal "temia" concorda com o sujeito de terceira pessoa do singular ele, que foi omitido pelo narrador.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A forma verbal temia concorda com o sujeito de primeira pessoa do singular eu que foi omitido pelo narrador (sujeito simples elíptico).

Atenção! A questão refere-se ao trecho abaixo.

EM BUSCA DO TEMPO (LIVRE) PERDIDO

(...) Em todo o mundo, uma série de organizações tem buscado colocar a redução e a flexibilização do horário de trabalho e o aumento do período de férias na pauta política de seus países. "Nos Estados 16 Unidos, temos as menores férias do mundo industrializado: 8,1 dias depois de um ano de trabalho e 10 dias depois de três anos", acrescenta Robinson. Galileu, out./2005, com adaptações).

148. (CESPE – Analista do Seguro Social 2008 – INSS/ 2008) Dada a organização das estruturas linguísticas do trecho, o verbo ter, em "tem buscado", pode ser empregado também no plural (têm), sem que a coerência nem a correção gramatical do texto fiquem prejudicadas.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O sujeito é uma série de organizações. Concordando com **série**, temos: **tem buscado** ou busca; concordando com **organizações**, temos **têm** buscado ou buscam. As duas concordâncias são possíveis.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do texto, julgue o item a seguir.

Na sociedade moderna, ao inverso das anteriores, não há fronteiras, não há exterioridade. Todos os conflitos são resolvidos ou são passíveis de soluções internas. Com 4 o surgimento do espaço da igualdade e do Estado-nação, foram implementados mecanismos internos de resolução de conflitos. () (Elimar Pinheiro do Nascimento. In: No meio da rua – nômades, excluídos e viradores. Marcel Bursztyn (Org.). Rio de Janeiro: Garamond, 2000, p. 122-3, com adaptações).

149. (Delegado de Polícia – TO/ 2008 – CESPE) A forma verbal "há", nas duas ocorrências, poderia ser corretamente substituída pela forma existe.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Em *não há fronteiras*, a forma verbal *há* esta no singular, porque o verbo *haver*, no sentido de *existir*, concorda no singular; se substituído pelo verbo *existir* deverá vir no plural: não **existem** fronteiras. Na

segunda ocorrência, a substituição de *há* pela forma verbal *existe* deve vir no singular: não existe exterioridade.

150. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STF/2008) Preservando-se a correção gramatical do texto, bem como sua coerência argumentativa, a forma verbal "mudam-se" poderia ser empregada também no singular.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Sim, poderia ser empregada a forma no singular: "muda-se o valor de uso concreto ..."

⊙ **Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.**

Aceitar que somos indeterminados naturalmente, que seremos lapidados pela educação e pela cultura, que disso decorrem diferenças relevantes e irredutíveis aos genes é muito difícil. Significa aceitarmos que há algo muito precário na condição humana. Parte pelo menos dessa precariedade ou indeterminação alguns chamarão liberdade. Porém nem mesmo a liberdade é tão valorizada quanto se imagina. Ela implica responsabilidades. (...) (Roberto Janine Ribeiro. A cultura ameaçada pela natureza. Pesquisa Fapesp Especial, p. 40, com adaptações).

151. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STF/2008) A substituição de primeira pessoa do plural em "aceitarmos" pela forma correspondente não flexionada, **aceitar**,manteria coerente a argumentação, mas provocaria incorreção gramatical.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não manteria coerente a argumentação e não provocaria incorreção gramatical.

⊙ **Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.**

(...) Não há, entretanto, sociedade organizada sem formas de exercício de poder. A questão, portanto, deve ser: como e em nome de quem este poder se exerce? (Danilo Marcondes. Filosofia, linguagem e comunicação. São Paulo: Cortez, 2000, p. 147-8, com adaptações).

152. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2008) A flexão de plural em "formas" indica que, se em lugar do verbo impessoal, em "Não há", for empregado o verbo existir, serão preservadas a coerência textual e a correção gramatical com a forma existem.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – "não há" refere-se à sociedade e não a "formas".

⊙ **Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.**

(...) Mas há também outra complexidade que provém da existência de fenômenos aleatórios (que não podem ser determinados e que, empiricamente, agregam incerteza ao pensamento) (...) (Edgard Morin. Epistemologia da complexidade. In: Dora FriedSchnitman(Org.). Novos paradigmas, cultura e subjetividade. Porto Alegre: Artmed, 1996, p, 274, com adaptações).

153. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2008) O sentido impessoal do verbo haver permite que a afirmação generalizada "Mas há também outra complexidade que provém" seja substituída por uma frase nominal no plural: Mas também outras necessidades provém.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Afirmação absurda: o verbo *haver* não generaliza. Erro gramatical: provêm.

⊙ **Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.**

(...) O argumento da suposta infalibilidade dos mercados em bases científicas e a pretensão de transformar economia e finanças em ciências exatas produzem uma perigosa mistificação: (...) (Paulo Guedes. Os mercados são demasiado humanos. In: Época, 21/7/2008, com adaptações).

154. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2008) No trecho acima transcrito, a flexão de plural da forma verbal "produzem" é exigida pelo termo "economia e finanças".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A flexão de plural é exigida pelos termos "o argumento (...)" e "a pretensão (...)".

⊙ **Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.**

(...) Os mercados não são perfeitos. São, isto, sim, poderosos instrumentos de coordenação econômica em busca permanente de eficiência. Mas são também o espelho de nossos humores, refletindo nossa falibilidade nas avaliações. (...) (Paulo Guedes. Os mercados são demasiado humanos. In: Época, 21/7/2008, com adaptações).

---

155. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2008) O termo "o espelho" permite que o verbo ser, nessa oração, seja flexionado também no singular: Mas é também o espelho.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – "são também..." concorda com "os mercados..." e "... poderosos instrumentos...".

⊙ **Trecho para a próxima questão.**

(...) Tudo indica que mais de 70% do trabalho no futuro vão requerer a combinação de uma sólida educação geral com conhecimentos específicos; (...) Revista do Provão, n.° 4, 1999, p. 13, adaptado).

---

156. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2008) O emprego da flexão de plural em "vão" respeita as regras de concordância com "mais de 70% do trabalho".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Concorda com o numeral. "70" exige plural.

⊙ **Trecho para a próxima questão.**

Preferimos, a grande maioria, fazer o que temos em comum com os outros animais: comer, dormir, descansar, acasalar. (Emir Sader. Trabalhemos menos, trabalhemos todos. In: Correio Braziliense, 18/11/2007, com adaptações).

---

157. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2008) As substituições de "Preferimos" por Prefere e de "temos" por tem preservam a correção gramatical do texto, mas enfraquecem a argumentação de que é a maioria de nós "homens" que prefere "comer, dormir, descansar, acasalar".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – As substituições preservam a correção gramatical (prefere, a grande maioria, fazer o que tem...), mas afetam o estilo da escrita; além do que "a ... maioria" constitui aposto e antes está oculto um "nós".

⊙ **Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.**

À semelhança do Brasil, o Acre compõe-se de uma grande diversidade de povos indígenas, cujas situações frente à sociedade nacional também são muito variadas. Enquanto a grande maioria dos grupos se encontra em contato permanente ou regular com a população regional (mestiça ou branca), alguns ainda são classificados pelo órgão indigenista como "isolados". (...) (José Pimenta. Internet: ambienteacreano.blogspot.com, com adaptações).

---

158. (Procurador do Município – Prefeitura Rio Branco – AC/2007 – CESPE) A forma verbal "encontra" está no singular para concordar com "a grande maioria".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A grande maioria dos grupos se encontra. Em construções de maioria ou minoria + substantivo plural, a concordância do verbo admite singular ou plural (concordando com o substantivo).

⊙ **Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue os itens a seguir.**

(...) Símbolo de riqueza e miséria, de medo e esperanças, de sonhos e pesadelos, de futuro e passado, de inferno e paraíso. A alteridade é o espelho invertido do ocidente e é manipulada conforme os interesses em jogo. Essas imagens contraditórias acompanharam e informaram a conquista da América e o encontro com as populações indígenas. Além de legitimarem a ocupação e a exploração econômica, os mitos também serviram para sustentar os

interesses políticos e ideológicos da Europa. (José Pimenta. Internet: ambienteacreano.blogspot.com, com adaptações).

159. (Procurador do Município – Prefeitura Rio Branco – AC/2007 – CESPE) O termo "manipulada" está no feminino singular para concordar com "alteridade".

COMENTÁRIOS

Certo – O adjetivo *manipulada* concorda em gênero e número com o substantivo singular, feminino *alteridade*. Ocorre paralelismo:

A alteridade é o espelho invertido do ocidente e **é manipulada** conforme os interesses em jogo.

160. (CESPE – Defensor Público – DPU/2004) Mantêm-se a coerência textual e a correção gramatical ao se substituir "Trata-se de nosso patrimônio linguístico" por "Tratam-se de nossas línguas e idiomas nacionais."

COMENTÁRIOS

Errado – Com a substituição proposta, a correção gramatical fica prejudicada, uma vez que dentre as diversas funções exercidas pelo "se", há duas de particular interesse para a concordância verbal: quando é índice de indeterminação do sujeito; quando é partícula apassivadora.

Quando índice de indeterminação do sujeito, o **se** acompanha os verbos intransitivos, transitivos indiretos e de ligação, que obrigatoriamente são conjugados na terceira pessoa do singular. Exemplos: Trata-se de nosso direito. Trata-se de nossos direitos e obrigações. (VTI = quem trata, trata de alguma coisa).

Quando pronome apassivador, o **se** acompanha verbos transitivos diretos e indiretos na formação da voz passiva sintética. Nesse caso, o verbo deve concordar com o sujeito da oração. Exemplos: Vende-se casa. Vendem-se casas. (VTD = quem vende, vende algo).

Atenção! A respeito da organização do texto abaixo, julgue a questão.

[...]sejam quais forem as circunstâncias –, um manto de trevas acaba por cobrir a vida social, uma vez que o debate possível torna-se, por natureza, falso. (Milton Santos. O intelectual anônimo. In: Correio Braziliense, 3/6/2001, p. 14, com adaptações).

161. (CESPE – Defensor Público – DPU/ 2001) A substituição da expressão "as circunstâncias" por "**o motivo**" leva, obrigatoriamente, à substituição de "sejam quais forem" por "**seja qual for**".

COMENTÁRIOS

Certo – Sim, a expressão **sejam quais forem** está no plural, pois retoma a expressão anterior "as circunstâncias" que também está no plural. Sendo assim, por uma questão de concordância verbo-nominal, ao substituir a expressão no plural por uma expressão no singular "o motivo", o termo que a retoma também deverá estar no singular "seja qual for". Veja: sejam quais forem (o quê?) as circunstâncias; seja qual for (o quê?) o motivo.

2.3. UEL

Trechos para a questão.

A repercussão sobre o tratamento ofensivo dispensado a um menino negro de 7 anos que acompanhava os pais adotivos em uma concessionária de carros importados no Rio de Janeiro, há algumas semanas, jogou luz sobre uma discussão que permeia a história do Brasil: afinal, somos um país racista?

Apesar de não haver preconceito assumido, o relato dos negros brasileiros que denunciam olhares tortos, desconfiança, apelidos maldosos e tratamento "diferenciado" em lojas, consultórios, bancos ou supermercados não deixa dúvidas de que são discriminados em função do tom da pele. Estatísticas como as divulgadas pelo Mapa da Violência 2012, que detectou 75% de negros entre os jovens vitimados por homicídios no Brasil em 2010, totalizando 34.983 mortes, chamam a atenção em um país que aparentemente não enfrenta conflitos raciais.(...)

(Adaptado de: AVANSINI, C. Preconceito velado, mas devastador. Folha de Londrina. 3 fev. 2013, p.9.)

162. (UEL - Delegado de Polícia - PR/2013) Quanto à concordância, a forma verbal

(A) "jogou", no 1° parágrafo, concorda com "tratamento".

(B) "denunciam", no 2° parágrafo, concorda com "olhares".

(C) "deixa", no 2° parágrafo, concorda com "relato".

(D) "chamam", no 2° parágrafo, concorda com "mortes".

(E) "enfrenta", no 2° parágrafo, concorda com "atenção".

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

Nota das autoras: Faça, sempre, a pergunta o quê? (para coisa) ou quem? (para pessoa) ao verbo.

O que não deixa dúvidas? O relato dos negros brasileiros = sujeito.

Alternativa "a" – O que jogou luz sobre uma discussão? A repercussão sobre o tratamento ofensivo dispensado a um menino negro de 7 anos = sujeito.

Alternativa "b" – Quem denunciam olhares tortos? Os negros brasileiros = sujeito.

Alternativa "d" – O que chamam a atenção? Estatísticas como as divulgadas pelo Mapa da Violência 2012 = sujeito.

Alternativa "e" – O que não enfrenta conflitos raciais? Um país = sujeito.

2.4. FUNRIO

163. (FUNRIO - Analista do Seguro Social – INSS/2013) "A língua é viva, eu sei, mas sujeita a vírus que, de repente, atacam a TV, a internet e a imprensa, contaminam milhões, e as pessoas começam a achar que foi sempre assim que se falou ou se deve falar."(Ruy Castro. Folha de S.Paulo, 27/06/2012)

Assinale a assertiva correta sobre o emprego, no texto, da flexão de número da palavra "vírus":

(A) esta é uma palavra que só se emprega no plural, tal como ocorre com "bodas" e "óculos".

(B) está empregada no singular, como se pode depreender do uso do artigo definido que a precede.

(C) está empregada no plural, como se percebe pela flexão da forma verbal de "atacar".

(D) foi empregada no singular por ter-se originado do Latim.

(E) exemplifica o emprego de uma palavra que preserva integralmente a grafia latina.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

Sintaxe: concordância aplicada ao texto.

A língua é sujeita a vírus que atacam a TV = o que atacam? Os vírus atacam. O verbo concorda com o sujeito e se o verbo está no plural, sabe-se que o sujeito também está.

Opção de o vocábulo vírus estar no singular: A língua é sujeita a vírus que ataca a TV = o que ataca? O vírus.

Observação: vocábulo inalterado quanto ao número (singular e plural).

Alternativa "a" – Pode ser empregada, também, no singular. Nos casos citados, não é admitido o artigo singular: as bodas, os óculos.

Alternativa "b" – Opa! Se é sujeita, é sujeita a algo. Trata-se de uma preposição exigida pelo adjetivo sujeita.

Alternativa "d" – Certamente a alternativa foi para confundir o candidato. Espero, sinceramente, que não tenha caído no peguinha da banca.

Alternativa "e" – A concordância mencionada no enunciado não se relaciona com a origem da palavra, mas sim com o verbo plural.

2.5. MPE

⊙ **Com relação aos aspectos linguísticos do texto abaixo, analise a questão.**

" ...terminado o prazo de 90 dias, você entra com uma liminar na justiça, anexando laudos de engenheiros para provar que cumpriu as normas de segurança" (Revista Superinteressante, março/2013, Edição 316, p. 24)

164. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) Seguindo-se as orientações gramaticais relativas à concordância nominal e os parâmetros de coerência, se a estrutura linguística "anexando laudos" fosse substituída pela expressão em anexos laudos não haveria prejuízo de sentido e nem gramatical ao texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – sim, essa alteração estaria gramaticalmente incorreta. Veja o porquê:

Anexo = adjetivo que combina com o substantivo (cartas anexas, documento anexo)

Em anexo = locução adverbial, invariável (cartas em anexo, documento em anexo)

165. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) Em *"Tampouco a doutrina e a jurisprudência trabalhista cuidam frequentemente da questão, posto que trata-se de um tema relativamente isolado e também em razão de não ser tão comum o fato de o profissional de nível singular postular diante da Justiça Especializada do Trabalho"*, em relação à concordância nominal, se a palavra trabalhista for flexionada em número não há agressão às normas da língua escrita, porém pode haver alteração semântica. (Extraído da Revista Visão Jurídica, número 82. p. 13).

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Em relação à concordância nominal, as duas construções estariam corretas. Mas, perceba a alteração semântica (quanto ao sentido) entre elas:

"... a doutrina e a jurisprudência trabalhista cuidam..." = aqui temos a doutrina e a jurisprudência trabalhista (somente esta última é trabalhista!)

"... a doutrina e a jurisprudência trabalhistas cuidam..." = aqui, ambas são trabalhistas, tanto a doutrina como a jurisprudência.

---

166. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) Segundo as recomendações do nível formal da língua escrita, quanto à concordância verbal, quando houver a expressão mais de um, o verbo da oração deverá permanecer no singular, como exemplo, Mais de um criminalista, mais de um interventor, mais de um jornalista participou do debate sobre o dia internacional da mulher.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Quando o sujeito é formado por expressão que indica quantidade aproximada (cerca de, mais de, menos de, perto de...) seguida de numeral e substantivo, o verbo concorda com o substantivo. Observe:

Cerca de mil estudantes participaram da palestra. Perto de quinhentos alunos compareceram à formatura. Mais de um atleta estabeleceu novo recorde nas últimas Olímpiadas.

Atenção! Quando a expressão "mais de um" se associar a verbos que exprimem reciprocidade, o plural é obrigatório. Exemplo: *mais de um colega se abraçaram ontem. (Abraçaram um ao outro)*

---

167. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) A frase abaixo não está escrita de acordo com as normas gramaticais da língua-padrão. Para corrigi-la, basta colocar o verbo será e o adjetivo feito no plural.

Na tarde de 4ª feira será feito os últimos ajustes nas câmeras e em outros pequenos itens que não ficaram adequados na última montagem.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – "Na tarde de 4ª feira serão feitos os últimos ajustes..." = oração na Voz Passiva Analítica (ser + particípio) o verbo combina com o sujeito. (o que serão feitos? Os últimos ajustes.)

---

168. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) Na oração "a grande maioria dos prédios públicos de São Paulo também não tem alvará" se o verbo estivesse flexionado na terceira pessoa do plural, a oração estaria incorreta, visto que, de acordo com a determinação gramatical, nesse tipo de estrutura oracional a concordância só pode ser feita com o termo maioria.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – substantivo coletivo/partitivo (maioria) + substantivo plural (prédios)= duas concordâncias.

- A grande maioria dos prédios não tem alvará. (concordância singular "maioria")
- A grande maioria dos prédios não têm alvará. (concordando com substantivo plural "prédios")

---

169. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2012) A Língua Portuguesa faz uso de um mecanismo de concordância – verbal ou nominal – para manter formalmente as relações de determinação ou dependência entre os constituintes da frase. Analise a(s) afirmativa(s) quanto à concordância entre os constituintes dos sintagmas nominais:

I. Na frase: "Os policiais prenderam imediatamente a moça e o rapaz mascarados que tentavam assaltar a agência bancária". Ao colocar o adjetivo 'mascarados' no singular, ocorre alteração de sentido.

II. Está correta a frase: "Espero que Vossa Excelência, com vosso bom entendimento, compreenda os motivos que me levam a fazer esta acusação."

III. "Foram elas mesmo que solicitaram vistas do processo." A frase segue as orientações da norma culta da língua."

IV. Há erro em: "Saber qual necessidades, desejos e ambições, metas e objetivos de vida ainda são as melhores armas para uma possível tentativa de felicidade."

V. A concordância entre os sintagmas nominais está correta em "No Direito, utilizamos com frequência argumentos baseado em conceitos e concepções, até mesmo porque a lei é feita de signos, cuja significação estão em processo contínuo de ressignificações."

(A) Apenas as assertivas I e II estão corretas.

(B) Apenas as assertivas III, IV e V estão corretas.

(C) Apenas as assertivas IV e V estão corretas.

(D) Apenas as assertivas I e IV estão corretas.

(E) Todas as assertivas estão corretas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta –

I. sim, moça e rapaz mascarados (ambos estão mascarados) ≠ moça e rapaz mascarado (apenas o rapaz está mascarado)

IV. quais necessidades, desejos e ambições, metas e objetivos (o pronome relativo deve estar no plural concordando com os substantivos)

Alternativas "a", "b", "c" e "e" –

II. "...que Vossa Excelência...com seu bom entendimento...compreenda..." = embora o pronome de tratamento Vossa Excelência seja de 2ª pessoa, os pronomes e verbos a ele ligados devem ser conjugados em 3ª pessoa.

III. "...foram elas mesmas" (mesmas = substantivo feminino plural, concordando como pronome pessoal "elas)

V. "...argumentos baseados em conceitos..." (baseados = adjetivo que deve combinar em número (plural) com o substantivo a que se refere)

"...cuja significação está em processo..." (verbo "está" deve ficar no singular combinando com o sujeito "significação")

---

170. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2012) Analise as alternativas quanto à Concordância Verbal:

I. Depois de dado os esclarecimentos solicitados pelos jornalistas, retirou-se o prefeito com seus secretários.

II. Aqui se obedece aos severos regulamentos estabelecidos por lei.

III. Assegurou o presidente e o treinador ainda não terem escolhido aquele que se enquadra na posição de capitão do time.

IV. Os Estados Unidos não só desenvolveu a indústria, como também incentivou a agricultura.

V. Depois de sua indicação, fazem dois meses que sou leitor assíduo desta coluna do jornal.

(A) Apenas as assertivas I e II estão corretas.

(B) Apenas as assertivas II e III estão corretas.

(C) Apenas as assertivas III, IV e V estão corretas.

(D) Apenas a assertiva I está correta.

(E) Todas as assertivas estão corretas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta

II. "Aqui se obedece aos severos regulamentos..." = quem obedece, obedece a algo (VTI)

III. "Assegurou o presidente e o treinador ainda não terem escolhido aquele que se enquadra na posição de capitão do time." = quem assegura, assegura algo.

Nesta oração o sujeito é elíptico. (ele) assegurou o quê? Assegurou o presidente e o treinador não terem escolhido..."

Assegurar =

1 Tornar certo, seguro; GARANTIR. [td.: A chuva assegurou uma boa safra.] [tdi. + a, para: O governo quer assegurar a paz para seus cidadãos.]

2 Dizer algo com certeza ou com conhecimento de causa; ASSEVERAR. [td.: O cientista assegura ter descoberto uma nova vacina.] [tdi. + a, para : "até que me asseguravam que o próprio ordenança do ministro já estava longe" (Joaquim Manuel de Macedo, A luneta mágica)]

3 Dar ou adquirir certeza; CERTIFICAR(-SE). [td.: O juiz assegurou a posse do bem pretendido pelo solicitante.] [tr. + de: O candidato quis assegurar – se de que havia passado.] (fonte: Dicionário Aulete Digital)

Alternativas "a", "c", "d" e "e":

I. "Depois de dado os esclarecimentos solicitados pelos jornalistas..." = o que foram dados? Os esclarecimentos foram dados.

O segundo trecho desse mesmo período, possui uma construção que, normalmente, gera dúvidas. Vale a pena analisar: "..., retirou-se o prefeito com seus secretários." = aqui temos uma concordância verbal correta. Mas, veja que temos duas opções:

- quando os núcleos do sujeito são unidos por **"com"**, o verbo pode ficar no **plural**. Nesse caso, os núcleos recebem um mesmo grau de importância e a palavra **"com"** tem sentido muito próximo ao de **"e"**. Veja:

  O pai com o filho montaram o brinquedo.

  O prefeito com seus secretários retiraram-se.

- nesse mesmo caso, o verbo pode ficar no **singular**, se a ideia é enfatizar o primeiro elemento.

  O pai com o filho **montou** o brinquedo.

  O prefeito com seus secretários retirou-se.

Atenção! Com o verbo no singular, não se pode falar em sujeito composto. O sujeito é simples, uma vez que as expressões "com o filho" e "com os secretários"

são adjuntos adverbiais de companhia. Na verdade, é como se houvesse uma inversão da ordem. Veja:

"O pai montou o brinquedo com o filho."

"O prefeito retirou-se com os secretários."

IV. "Os Estados Unidos não só desenvolveu a indústria, como também incentivou a agricultura." = A presença do artigo manda na concordância. Muita atenção:

Os Estados Unidos desenvolveram e incentivaram...

Estados Unidos desenvolveu e incentivou...

V. "Depois de sua indicação, fazem dois meses que sou leitor assíduo desta coluna do jornal." = verbo fazer (no sentido de tempo) é impessoal, não flexiona. Fica, portanto, no singular.

Trecho para a próxima questão.

Armatya Sen, Nobel de Economia em 1998, não é apenas um pensador singular que. _____ para a transformação e expansão das fronteiras de disciplinas supostamente estanques: economia e ética filosófica. Ele é um viajante global em busca da construção de um mundo melhor.

Qualquer consideração sobre o chamado "bem humano", incluindo valores, compromissos e objetivos não centrados no interesse pessoal,. _____ na dimensão única da satisfação individual. E no passo seguinte a esse radical reducionismo, ao se interpretar monoliticamente bem-estar como utilidade, a origem "ética" da economia desapareceu.

Nesse movimento, todas as dificuldades do utilitarismo como ética filosófica _____ para baixo da mesa.(Adaptado de: DONXNELLI-MENDES, R. Zero Hora, 3 de março de 2012, p. 4-5.)

---

171. (MPE – RS – Promotor de Justiça – RS/2012) Assinale a alternativa que preenche corretamente, e de acordo com o sentido do texto, as lacunas.

(A) vem contribuindo – foi achatada – foram varridas

(B) tem contribuído – foram achatados – foi varrida

(C) vem contribuindo – foram achatados – foram varridas

(D) tem contribuído – seria achatada – foi varrida

(E) tinha contribuído – foi achatada – será varrida

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta –

"Armatya Sen, Nobel de Economia em 1998, não é apenas um pensador singular que vem contribuindo para a transformação..." (quem vem contribuindo? Armatya Sen.) O gerúndio composto (vem contribuindo) dá a ideia de que a ação teve início no passado e continua se desenrolando até a atualidade.

"Qualquer consideração sobre o chamado "bem humano", incluindo valores [...], foi achatada na dimensão..." (o que foi achatada? Qualquer consideração.)

"...todas as dificuldades [...] foram varridas para baixo da mesa." (o que foram varridas? Todas as dificuldades.)

Alternativas "b", "c","d" e "e" – eliminadas diante da explicação da alternativa "a".

(MPE – RS – Promotor de Justiça – RS/2012) *Considere o enunciado abaixo e as três propostas para completá-lo.*

...definida como um tipo de eficiência exclusivamente associada ao comportamento...

...a obra de Sen, como um todo, é um ponto de partida imprescindível para quem anseia por corrigir as injustiças do mundo. (Adaptado de: DONXNELLI-MENDES, R. Zero Hora, 3 de março de 2012, p. 4-5.)

No tocante à regência verbal e nominal, seria possível, sem prejuízo da correção gramatical e do significado contextual, substituir:

1) associada ao / por associada com o.

2) imprescindível para / por imprescindível a.

3) anseia por /por anseia em.

Quais propostas estão corretas?

(A) Apenas 1.

(B) Apenas 2.

(C) Apenas 3.

(D) Apenas 1e 2.

(E) Apenas 2 e 3.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

1) as preposições "a" e "com" (no sentido de relacionar-se a algo) são sinônimas. O verbo associar é regido por ambas. (associadas com alguma coisa ou associadas a alguma coisa).

2) as preposições "para" e "a" são sinônimas e, neste caso, podem ser substituídas uma pela outra, sem prejuízo gramatical, pois o adjetivo imprescindível é regido por ambas.

Alternativas "a", "b", "c" e "e":

3) "ansiar" é um Verbo Transitivo Relativo regido apenas pela preposição "por", não cabendo a preposição "em" em sua construção. (quem anseia, anseia por alguma coisa)

172. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2011) *"Analise as proposições abaixo em relação à concordância nominal".* (trechos extraídos da Entrevista de Luciano Fincatti Santoro à Revista Visão Jurídica, no 64, p.10).

I. Na oração "que recebam tratamentos jurídicos distintos" a concordância nominal está correta porque, segundo as regras gramaticais, quando o núcleo do objeto é expresso por apenas um substantivo, o adjetivo concorda com ele em gênero e número.

II. Em "alguém que está acometido" se o adjetivo destacado for flexionado no feminino, ainda assim, a concordância será aceita pelos padrões gramaticais.

III. Em *Os pseudosmédicos ainda não conseguiram explicar de forma eficiente os princípios da ortotanásia em pacientes terminais,* a palavra *pseudo,* por ser um adjetivo, concorda com o substantivo ao qual se refere.

IV. Em *Os juízes, mesmo diante do projeto, consideraram a inviolabilidade do direito à vida,* a palavra destacada é invariável.

V. Em *Reconhecida a licitude da ortotanásia, após a instrução processual os familiares, bastantes* consternados, pediram o arquivamento do processo, *a palavra destacada concorda com o substantivo anteposto por ser um adjetivo.*

(A) Apenas as assertivas I, II e IV estão corretas.

(B) Apenas as assertivas II, III e IV estão corretas.

(C) Apenas as assertivas I e II estão corretas.

(D) Apenas as assertivas III e V estão corretas.

(E) Todas as assertivas estão corretas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta –

I. adjetivo combina em número (singular/plural) e gênero (masculino/feminino) com o adjetivo.

II. alguém acometido ou alguém acometida = ambos corretos, pois alguém é pronome indefinido.

IV. mesmo diante do projeto = conjunção concessiva (invariável)

Alternativas "b", "c", "d" e "e":

III. pseudomédicos = pseudo é um prefixo, portanto invariável.

V. bastante consternados = neste caso, bastante é um advérbio (= muito) e por isso, invariável.

173. (MPE – MS – Promotor de Justiça – MS/2011) Dadas as afirmativas:

1) Quais de nós farão contato com o supervisor de vendas amanhã?

2) 95% do eleitorado votou nas últimas eleições.

3) 95% aplaudiram o discurso do candidato.

4) A maior parte dos moradores não acreditou na erosão causada pela chuva.

Pode-se afirmar que:

(A) somente dois itens estão corretos;

(B) somente um item está correto;

(C) somente três itens estão corretos;

(D) todos os itens estão errados;

(E) todos os itens estão corretos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta

1) Quando o sujeito é um pronome interrogativo ou indefinido plural (quais, quantos, alguns, poucos, muitos, quaisquer, vários) seguido por "de nós" ou "de vós", o verbo pode concordar com o primeiro pronome (na terceira pessoa do plural) ou com o pronome pessoal. Veja → *Quais de nós são / somos capazes? Quais de nós farão contato / faremos contato com o supervisor de vendas amanhã? Vários de nós propuseram / propusemos sugestões inovadoras.*

2) Quando o sujeito é formado por uma expressão que indica porcentagem seguida de substantivo, o verbo deve concordar com o substantivo. Exemplos → *25% do orçamento do país deve destinar-se à Educação. 85% dos entrevistados não aprovam a administração do prefeito. 95% do eleitorado votou nas últimas eleições.*

3) Quando a expressão que indica porcentagem não é seguida de substantivo, o verbo deve concordar com o número. Veja → *25% querem a mudança. 95% aplaudiram o discurso do candidato.*

4) Quando o sujeito é formado por uma expressão partitiva (parte de, uma porção de, o grosso de, metade de, a maioria de, a maior parte de, grande parte de...) seguida de um substantivo ou pronome no plural, o verbo pode ficar no singular ou no plural. Exemplos → *A maioria dos empresários aprovou / aprovaram a ideia. Metade dos alunos não apresentou / apresentaram trabalhos interessantes. A maior parte dos moradores não acreditou / acreditaram na erosão causada pela chuva.*

Alternativas "a", "b", "c" e "d": eliminadas diante da explicação da alternativa "e"

174. (MPE – MS – Promotor de Justiça – MS/2011) Assinale a opção **incorreta** quanto à flexão verbal:

(A) Alguns moradores do bairro não interviram no assunto em pauta na reunião da associação;

(B) É claro que ele reviu o contrato antes de assiná-lo;

(C) O rapaz reouve todos os documentos perdidos;

(D) A polícia mandou os moradores evacuarem a área;

(E) Os Promotores de Justiça do interior se deslocaram até a Capital para participar do curso sobre o crime organizado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – o verbo intervir é derivado do verbo vir. Portanto, a conjugação correta é: eles vieram – eles intervieram.

Alternativa "b" – o verbo revir é derivado do verbo vir, ficando assim sua conjugação: ele viu – ele reviu.

Alternativa "c" – reaver = tornar a haver ou ter, recuperar, readquirir a posse de algo. O verbo reaver é derivado do verbo haver (re + haver). Conjuga-se sem o h, e, por ser defectivo, apresenta apenas as formas em que o radical do paradigma contiver a letra "v".

	Presente do Indicativo		Pretérito Perfeito do Indicativo	
	Haver	**Reaver**	**Haver**	**Reaver**
Eu	hei	—	houve	reouve
Tu	hás	—	houveste	reouveste
Ele	há	—	houve	reouve
Nós	havemos	reavemos	houvemos	reouvemos
Vós	haveis	reaveis	houvestes	reouvestes
Eles	hão	—	houveram	reouveram

Alternativa "d" – "quando eles evacuarem" = Futuro do Subjuntivo

Alternativa "e" – "os promotores [...] se deslocaram [...] para participar.

▶ **Dica – Oração principal reduzida de infinitivo** – São duas orações. "Os promotores se deslocaram" é a oração principal e "para participar" é reduzida de infinitivo. Aqui são duas orações, mas o sujeito é o mesmo (eles = os promotores). Como o sujeito do infinitivo está oculto (eles), alguns autores consideram um caso facultativo, outros afirmam que é um caso de infinitivo não flexionado. Em geral, a preferência é pelo SINGULAR.

175. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2011) Analise as proposições no tocante à concordância verbal:

I. Ele irritou-se com a morosidade do trabalho, pois haviam ainda cinco inquéritos para serem ajuizados pela comissão designada.

II. E assim ficou estabelecido que 15% do orçamento da empresa deveria destinar-se à Educação do município.

III. O freguês, o poeta, o escritor, ninguém perdeu a expectativa em relação à abertura da exposição, mesmo diante da grande catástrofe.

IV. Aquilo eram sintomas visíveis de uma grande degradação, resultado de uma vida desequilibrada que levara na juventude.

V. Acredita-se naqueles homens, pois serão capazes de reverter a situação frente à livre concorrência do mercado financeiro.

(A) Apenas as assertivas II e IV estão corretas.

(B) Apenas as assertivas, I, III e V estão corretas.

(C) Apenas as assertivas I, II e IV estão corretas.

(D) Apenas as assertivas II, III, IV e V estão corretas.

(E) Todas as assertivas estão corretas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

II. "...15% do orçamento da empresa deveria..." = quando o sujeito é formado por uma expressão que indica porcentagem seguida de substantivo, o verbo deve concordar com o substantivo.

III. "O freguês, o poeta, o escritor, ninguém perdeu..." = quando os elementos de um sujeito composto são resumidos por um aposto recapitulativo (neste caso: ninguém), a concordância é feita com esse termo resumidor.

IV. "Aquilo eram sintomas visíveis..." = a concordância verbal se dá sempre entre o verbo e o sujeito da oração. No caso do verbo ser, essa concordância pode ocorrer também entre o verbo e o predicativo do sujeito. O verbo ser concordará com o predicativo do sujeito quando o sujeito for representado pelos pronomes – isto, isso, aquilo, tudo, o – e o predicativo estiver no plural.

V. "Acredita-se naqueles homens, pois serão capazes de reverter..."

O trecho grifado possui duas orações. "(Os homens) serão capazes" é a oração principal e "de reverter" é reduzida de infinitivo. Mas o sujeito é o mesmo (eles = os homens). Como o sujeito do infinitivo está oculto (eles), alguns autores consideram um caso facultativo,

outros afirmam que é um caso de infinitivo não flexionado. Em geral, a preferência é pelo SINGULAR.

Alternativas "a" e "e" = eliminadas diante da explicação da alternativa "d"

Alternativas "b" e "c":

I. o verbo "haver" no sentido de existir é impessoal, não sofre flexão, ficando no singular.

"...pois havia ainda cinco inquéritos..."

---

176. (MPE - SC - Promotor de Justiça - SC/2011) Analise os períodos abaixo com relação às normas gramaticais:

I. O consumidor contra-argumentou, defendendo ter pagado a dívida na forma proposta pela empresa recorrente; não pode, pois, ser-lhe atribuído a responsabilidade pelo erro.

II. A despeito de o apelado possuir outra restrição contemporânea àquela em causa, tal circunstância não elide a reparação.

III. A presença de vigilantes demonstra a preocupação do condomínio na manutenção da integridade física e moral dos seus condôminos, contudo não pode ser entendida como forma de assunção do resultado.

IV. Enquanto o nosso regulador de pressão e a nossa insulina paga 40% de impostos, os produtos veterinários não pagam um único centavo na rúbrica "impostos indiretos".

V. Prédios, casas e outros empreendimentos podem interferir em toda a geografia e desenvolvimento de uma região, por isso a discussão sobre a sustentabilidade ganha cada vez mais espaço no setor.

(A) Apenas as assertivas I, III e IV estão corretas.

(B) Apenas as assertivas II e V estão corretas.

(C) Apenas as assertivas I, II, III e V estão corretas.

(D) Apenas as assertivas II, III e V estão corretas.

(E) Todas as assertivas estão corretas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

II. Estrutura gramaticalmente correta. Vejamos:

- "A despeito de o apelado possuir..." = de acordo com a gramática normativa, a forma contraída (de + o = do / de + ele = "dele") não pode ser sujeito da oração, porque não há "sujeito preposicionado". Assim sendo, se houver após a forma contraída um verbo no infinitivo, devemos separar a preposição do pronome na função do sujeito: "A despeito de o apelado possuir..." Lembre-se: o segredo para a separação da preposição do artigo ou do pronome é a presença do verbo, sempre no infinitivo.
- "...outra restrição contemporânea àquela em causa,..." = haverá crase diante de pronomes demonstrativos (aquele, aquela, aquilo e seus plurais) sempre que o termo regente exigir a preposição "a".
- "...tal circunstância não elide a reparação." = verbo elidir: fazer elisão de; ELIMINAR; SUPRIMIR. Este é um VTD e exige complemento (objeto direto). Quem elide, elide algo.

III. Utilização correta da gramática:

- "A presença de vigilantes demonstra" = o que demonstra? A presença demonstra.

V. Elaboração gramaticalmente corretas dos períodos:

- "Prédios, casas e outros empreendimentos podem interferir" = o verbo concorda com o sujeito e, neste caso, sendo sujeito composto, o verbo fica no plural.
- "...interferir em toda a geografia e desenvolvimento de uma região..." = o que interfere, interfere em algo (termo regido pela preposição "em").
- "...por isso a discussão sobre a sustentabilidade ganha cada vez mais espaço no setor." = quem discute, discute sobre algo)

Alternativas "a", "b", "c" e "e" - Nestas alternativas, analisaremos as incorreções gramaticais. Vejamos, então:

I. "Pode" = o verbo "poder" deveria estar no pretérito perfeito do indicativo e, sendo assim, receber acento diferencial: pôde

- Não pôde, pois, ser-lhe atribuída = nesta construção, há duas palavras atrativas e que exigem a próclise (colocação do pronome antes do verbo): "não" (palavra negativa) e "pois" (conjunção subordinativa). Sendo assim, o correto é "não pôde, pois, lhe ser atribuída..."
- "Atribuída a responsabilidade" = o que é atribuída? A responsabilidade (palavra feminina).

IV. "Enquanto o nosso regulador de pressão e a nossa insulina paga 40% de impostos..." = o verbo concorda com o sujeito e, neste caso, sendo sujeito composto, o verbo fica no plural (nosso regulador e nossa insulina pagam 40%)

- "Rúbrica" = a prosódia ocupa-se da correta emissão de palavras quanto à posição da sílaba tônica, segundo as normas da língua culta. Existe uma série de vocábulos que, ao

serem proferidos, acabam tendo o acento prosódico deslocado. Ao erro prosódico dá-se o nome de **silabada.** Foi exatamente o que houve aqui, pois a palavra rubrica é uma paroxítona e, devido à sua terminação em "a", não recebe acento.

2.6. FGV

177. (FGV - 2014)

"...na qual não haveria, entre outros atrasos, violência e religião".

Assinale a forma verbal que substitui erradamente a forma verbal sublinhada.

(A) deveria haver

(B) deveria existir

(C) poderiam haver

(D) poderiam existir

(E) poderia haver

COMENTÁRIOS

Questão de concordância e análise sintática.

GABARITO: C

– O verbo haver, quando impessoal (sentido de existir, ou indicando tempo decorrido), não admite pluralização. Assim, a forma correta seria poderia haver ou poderiam existir.

▶ **Dica:**

Haver: singular = havia questões / devia haver questões / há de haver questões.

Existir: plural = existiam questões / deviam existir questões / hão de existir questões.

Alternativa "a" – Ao lado do haver = singular.

Alternativa "b" – Ao lado do existir = plural ou singular. Pegadinha: se o verbo estiver anteposto ao sujeito composto, pode concordar com o primeiro núcleo ou com os dois, ou seja, verbo no singular ou no plural.

Alternativa "d" – O verbo está concordando com os dois núcleos (violência e religião).

Alternativa "e" – Ao lado do haver = singular.

▶ **Dica:**

Sujeito anteposto:

Violência e religião não haveria (ou existiriam).

Violência e religião não deveria haver (ou deveriam existir).

Violência e religião não poderia haver (ou não poderiam existir).

Fácil demais!

178. (FGV 2013)

"É inegável que a opção pelo emprego de animais no desenvolvimento de fármacos implica uma discussão ética. Mas a questão não é se o homem deve ou não recorrer a cobaias; cientistas de todo o mundo, inclusive de países com pesquisas e indústria farmacêutica mais avançadas que o Brasil, são unânimes em considerar que a ciência ainda não pode prescindir totalmente dos testes com organismos vivos, em razão da impossibilidade de se reproduzir em laboratório toda a complexidade das cadeias de células".

Sobre a concordância nominal e verbal desse segmento do texto, é correto afirmar que

(A) o adjetivo "inegável" concorda com "opção".

(B) o adjetivos "avançadas" concorda com "pesquisas".

(C) o adjetivo "unânimes" concorda com "países".

(D) a forma verbal "implica" concorda com o sujeito "discussão".

(E) a forma verbal "deve" concorda com o sujeito "questão".

COMENTÁRIOS

Questão de concordância verbal, nominal e período composto.

Concordância verbal: o verbo deve concordar com o sujeito; exceto o verbo ser, em alguns casos.

Concordância nominal: os termos que acompanham o substantivo devem com ele concordar.

GABARITO: C

– Quem são unânimes em considerar que a ciência (...)? Os países são unânimes em considerar. Concordância correta.

Alternativa "a" – o adjetivo "inegável" concorda com a oração subordinada substantiva subjetiva – por possuir função de sujeito – 'que a opção pelo emprego de animais no desenvolvimento de fármacos implica uma discussão ética'.

Alternativa "b" – o adjetivos "avançadas" concorda com pesquisas e indústria farmacêutica.

▶ **Dica:** O que são mais avançadas?

Alternativa "d" – a forma verbal "implica" concorda com o sujeito a opção pelo emprego de animais.

▶ **Dica:** O que implica?

Alternativa "e" – a forma verbal "deve" concorda com o sujeito o homem.

▶ **Dica:** Quem deve ou não recorrer às cobaias?

179. (FGV 2013)

"Particularmente, após o desastre da Região Serrana (RJ) em 2011, uma série de iniciativas importantes ocorreu". Nesse período, a forma verbal "ocorreu" concorda com o núcleo do sujeito "série".

Assinale a alternativa em que há dupla possibilidade de concordância verbal.

(A) "Entre 1990 e 2010, mais de 96 milhões de pessoas foram afetadas por desastres no Brasil".

(B) "Destas, mais de 6 milhões tiveram de deixar suas moradias..."

(C) "...quase 3,5 mil morreram imediatamente após os mesmos".

(D) "A redução de riscos de desastres deve hoje constituir o cerne da política brasileira para os desastres".

(E) "Dados do IBGE revelam que apenas 1,2% dos municípios possuíam plano municipal de redução de riscos".

COMENTÁRIOS

GABARITO: E

– Façamos a pergunta ao verbo para encontrarmos o sujeito (primeira etapa): quem possuíam plano municipal? 1,2% dos municípios = sujeito.

O sujeito é formado de numeral (porcentagem) + substantivo plural. Sendo assim, pode concordar com o numeral 1 (possui) ou com o substantivo plural municípios (possuem).

Encontre sujeito (sublinhado) e verbo (em negrito).

Alternativa "a" – "Entre 1990 e 2010, mais de 96 milhões de pessoas foram afetadas por desastres no Brasil".

Alternativa "b" – "Destas, mais de 6 milhões tiveram de deixar suas moradias..."

Alternativa "c" – "...quase 3,5 mil morreram imediatamente após os mesmos".

Alternativa "d" – "A redução de riscos de desastres deve hoje constituir o cerne da política brasileira para os desastres".

180. (FGV 2013)

Assinale a alternativa em que o verbo sublinhado poderia ser flexionado em outro número (singular ou plural).

(A) "A dependência do tabaco e de outras substâncias ENVOLVE um conjunto particular de áreas cerebrais".

(B) "Os pesquisadores questionaram se um treino destinado a influir na dependência poderia ajudar os fumantes a REDUZIR o consumo de tabaco".

(C) "Os estudos sobre tabagismo normalmente RECRUTAM quem deseja diminuir ou livrar-se do hábito de fumar".

(D) "Entre os voluntários havia 27 fumantes, com uma idade média de 21 anos, e que FUMAVAM uma média de dez cigarros por dia".

(E) "Muitos dos participantes só se deram conta que TINHAM reduzido o consumo de cigarros".

COMENTÁRIOS

GABARITO: C

– Não gostei desta questão e não concordo com o gabarito, mas a banca gostou e concordou, por isso temos de "engolir".

Sujeito: Os estudos sobre tabagismo = concordância com o núcleo estudos (recrutam) ou com o adjunto adnominal tabagismo (recruta). Portanto, essa regra não existe em gramática alguma. Vamos analisar as outras alternativas para tentar esclarecer, mas a correta é a alternativa B.

Alternativa "a" – A dependência (núcleo do sujeito) do tabaco e de outras substâncias envolve = verbo singular.

Alternativa "b" – ajudar os fumantes (núcleo do sujeito) a reduzir ou reduzirem. Resposta correta, segundo as regras gramaticais.

Alternativa "d" – 27 fumantes (sujeito) fumavam = sujeito plural e verbo plural.

Alternativa "e" – Muitos dos participantes (sujeito) só se deram conta que tinham reduzido = sujeito plural e verbo plural.

181. (FGV) De acordo com as regras de concordância verbal do padrão escrito culto, assinale a alternativa incorreta.

(A) A maioria dos brasileiros já viveram situações violentas no cotidiano.

(B) Sem dúvida, devem haver formas de combater pacificamente a violência.

(C) No artigo em análise, trata-se de questões referentes à origem histórica da violência.

(D) Faz séculos que se verificam situações de opressão na sociedade brasileira.

(E) Sempre existirão pessoas dispostas a resistir ao comodismo.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (B)

– O verbo haver, quando impessoal (equivalendo a existir), permanece no singular. Ao inserir um verbo

auxiliar, deverá seguir a mesma regra: singular. Deve haver formas.

Alternativa "a" – A maioria dos brasileiros já viveram (ou viveu).

Alternativa "c" – Tratar é transitivo indireto + se (índice de indeterminação do sujeito) = singular

▶ **Dica:**

Apenas admitem plural os verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos + se, pois se trata de voz passiva sintética e há sujeito.

Alternativa "d" – Fazer indicando tempo decorrido = singular.

▶ **Dica:**

Foi pedido em prova: Passaram 5 anos. No caso, o verbo admite pluralização por dois motivos: 1. Não foi utilizado o verbo fazer; 2. Possui sujeito: 5 anos. Na ordem direta: Passaram 5 anos.

Alternativa "e" – Pessoas existirão ou pessoas haverá.

◉ **Cartaz:**

---

182. (FGV – Delegado de Polícia – MA/2012) Mantendo o mesmo nível de linguagem do cartaz, a forma plural da frase nele exposta é:

(A) Vida nós queremos! Drogas, estamos fora!

(B) Vida nós queremos! Drogas, estamos foras!

(C) Vida nós quer! Drogas, tamos fora!

(D) Vida nós queremos! Drogas, tamos fora!

(E) Vida nós quer! Drogas, tamos foras!

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Muito cuidado ao ler o enunciado: mantendo o mesmo nível de linguagem. Por isso a resposta é nós queremos (verbo concorda com o sujeito) e tamos fora (mantendo o nível da linguagem não se pode usar a forma correta do verbo – estamos).

Alternativa "a" – Estamos: não mantém a linguagem do texto, embora esteja conjugada corretamente.

Alternativa "b" – Estamos (pelo motivo mencionado acima) e foras: forma invariável por ser advérbio.

Alternativa "c" – Nós quer: o verbo não concorda com o sujeito.

Alternativa "e" – Nós quer: o verbo não concorda com o sujeito e foras: forma invariável por ser advérbio.

---

183. (Delegado de Polícia – AP/ 2010 – FGV) De acordo com as regras de concordância verbal do padrão escrito culto, assinale a alternativa incorreta.

(A) A maioria dos brasileiros já viveram situações violentas no cotidiano.

(B) Sem dúvida, devem haver formas de combater pacificamente a violência.

(C) No artigo em análise, trata-se de questões referentes à origem histórica da violência.

(D) Faz séculos que se verificam situações de opressão na sociedade brasileira.

(E) Sempre existirão pessoas dispostas a resistir ao comodismo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – O verbo *haver*, quando impessoal (equivalendo a *existir*), permanece no singular. Ao inserir um verbo auxiliar, deverá seguir a mesma regra: singular. **Deve haver** formas.

Alternativa "a" – A maioria dos brasileiros já viveram (ou viveu).

Alternativa "c" – Tratar é transitivo indireto + se (índice de indeterminação do sujeito) = singular

▶ **Dica** – Apenas admitem plural os verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos + se, pois se trata de voz passiva sintética e há sujeito.

Alternativa "d" – *Fazer* indicando tempo decorrido = singular.

▶ **Dica** – Foi pedido em prova: *Passaram 5 anos*. No caso, o verbo admite pluralização por dois motivos: 1. Não foi utilizado o verbo *fazer*; 2. Possui sujeito: 5 anos. Na ordem direta: Passaram 5 anos.

Alternativa "e" – Pessoas existirão ou pessoas haverá.

---

184. (FGV – Oficial de Cartório – RJ/2009) "...a maioria dos policiais procure...."; as gramáticas de língua portuguesa ensinam que com a expressão "a maioria de" seguida de substantivo plural, a concordância se faz predominantemente no singular (concordando com maioria), mas pode concordar no plural, em função do substantivo (Maria Helena de Moura Neves, Guia de uso do português, Editora Unesp, SP,

2003, p. 493). Assim sendo, pode-se dizer da concordância verbal feita nessa frase do texto que ela:

(A) assume a única forma possível de concordância verbal.

(B) prefere uma das formas de concordância verbal possível.

(C) apresenta uma forma errada de concordância verbal.

(D) mostra preferência por uma concordância verbal menos utilizada.

(E) indica a utilização de uma forma verbal de concordância não estudada nas gramáticas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Quando o sujeito é uma expressão que indica parte do todo, o verbo pode ir para o singular, caso se queira enfatizar a noção do todo, ou ir para o plural, conforme se queira enfatizar a ação de cada elemento.

Ex.: a maior parte dos alunos faltou (ou faltaram) hoje – (Douglas Tufano, Gramática e Literatura Brasileira), portanto, a opção está correta: ...a maioria dos policiais procure... ou a maioria dos policiais procurem...

Alternativa "a" – Não é a única forma possível de concordância da forma verbal com o sujeito partitivo, conforme comentado em A.

Alternativa "c" – A concordância verbal não está errada.

Alternativa "d" – A autora em questão apenas optou por uma das formas de concordância.

Alternativa "e" – A forma de concordância utilizada no trecho é também encontrada nas gramáticas.

2.7. DOM CINTRA

185. (Procurador do Município – Prefeitura Petrópolis – RJ/2012 – DOM CINTRA) No período "Falta, também, uma lei que proíba a concessão de crédito sem exigência de garantias", a concordância verbal foi feita em consonância com a norma culta da língua. Das alterações feitas abaixo na redação do citado período, aquela em que está INCORRETA a concordância é:

(A) Faltam, também, leis que proíbam a concessão de crédito sem exigência de garantias.

(B) Parece também não existirem leis que proíbam a concessão de crédito sem exigência de garantias.

(C) Provavelmente, também não devem haver no país leis que proíbam a concessão de crédito sem exigência de garantias.

(D) Nota-se que inexistem, também, algumas leis que proíbam a concessão de crédito sem exigência de garantias.

(E) A rigor, também não existem no país leis rigorosas que proíbam a concessão de crédito sem exigência de garantias.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – deve haver: o verbo **haver**, no sentido de **existir**, é impessoal e flexionado no singular, portanto , na flexão "deve haver" o auxiliar "deve" o acompanha. Outra possibilidade: devem existir.

Alternativa "a" – Faltam leis – o verbo faltar (intransitivo) concorda em número com o sujeito **leis.**

Alternativa "b" – existirem leis – o verbo existir (intransitivo) concorda em número com substantivo **leis.**

Alternativa "d" – o verbo **inexistir** é derivado do verbo existir e está concordando em número com **algumas leis.**

Alternativa "e" – o verbo **existir** está concordando em número com o termo **leis rigorosas.**

⊙ **Com relação a aspectos linguísticos do trecho, julgue o item a seguir.**

De certo modo, a participação dos indígenas na disputa por vagas nos Poderes Legislativo e Executivo é apresentada no mesmo tom de estranheza com que o jornalismo brasileiro descreve xinguanos paramentados com sandálias havaianas e calções adidas.

2.8. CONSULPLAN

186. (CONSULPLAN – Analista Judiciário – Área Judiciária – TSE/2012) Assinale a alternativa em que a alteração da primeira fala do quadrinho tenha respeitado a norma culta.

(A) Sua Senhoria ouvistes falar do menino que morreu comendo sucrilhos?

(B) Vossa Senhoria ouvistes falar do menino que morreu comendo sucrilhos?

(C) Vossa Excelência ouviu falar do menino que morreu comendo sucrilhos?

(D) Sua Senhoria ouviste falar do menino que morreu comendo sucrilhos?

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – *Vossa Excelência* exige verbo na terceira pessoa do singular.

Alternativa "a" – *Sua Senhoria* exige verbo na terceira pessoa do singular: ouviu.

Alternativa "b" – *Vossa Senhoria* também exige terceira pessoa do singular: ouviu.

Alternativa "d" – *Sua Senhoria* ouviu.

2.9. UNEMAT

187. (Delegado de Polícia – MT / 2010 – UNEMAT) Analise a frase. *"A multidão se dirigiu para onde havia água em abundância, pois assim teriam mais tempo até serem resgatados"*. Com base nela, assinale a **correta.**

(A) Está correta, pois, os verbos no plural se explicam como um caso de silepse de número.

(B) Não está correta porque o primeiro verbo está no singular.

(C) Não há concordância em número, pois há, para o sujeito "multidão", verbos tanto no singular quanto no plural.

(D) A conjunção "pois" é coordenativa explicativa e em seu lugar deveria haver uma subordinativa conformativa.

(E) Está totalmente incorreta, pois não há concordância em número ou em gênero.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – A multidão equivale a várias pessoas: teriam.

▶ **Dica – Silepse de Número:** os números são **singular** e **plural**. A silepse de número ocorre quando o verbo da oração não concorda gramaticalmente com o sujeito da oração, mas com a ideia que nele está contida.

Exemplos:

*A **procissão** saiu. **Andaram** por todas as ruas da cidade de Salvador.*

*Como vai a **turma? Estão** bem?*

*O **povo** corria por todos os lados e **gritavam** muito alto.*

Note que nos exemplos acima, os verbos ***andaram, estão** e **gritavam*** não concordam gramaticalmente com os sujeitos das orações (que se encontram no singular, ***procissão, turma** e **povo***, respectivamente), mas com a ***ideia*** de pluralidade que neles está contida. Procissão, turma e povo dão a ideia de muita gente, por isso que os verbos estão no plural. (Fonte: http://www.soportugues.com.br).

Alternativa "B" – Está correta, pois tanto o singular como o plural estão corretos.

Alternativa "C" – Há concordância em número.

Alternativa "D" – É explicativa (porque) e não pode ser substituída por conformativa.

Alternativa "E" – Está correta.

2.10. NUCEPE

188. (Delegado de Polícia – PI/ 2009 – NUCEPE) Na afirmação: "não *há* quem não necessite de outros muitas vezes por dia". Do ponto de vista da concordância verbal, o uso do verbo *haver* também estaria correto em:

(A) Se não *houvessem* tantas necessidades de apoio, o ser humano poderia sobreviver sozinho.

(B) *Devem haver* sociedades em que as pessoas dependem inteiramente umas das outras.

(C) *Houveram* sociedades em que a sobrevivência esteve ameaçada pela falta de convivência.

(D) Os seres humanos *haviam chegado* mais cedo ao desenvolvimento se tivessem sabido conviver pacificamente.

(E) Convém que *hajam* sociedades organizadas, para que se construam os ideais da justiça.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Haviam chegado – verbo haver no sentido de ter, pluraliza. A forma verbal haviam está concordando com o sujeito plural – os seres humanos tinham / haviam chegado = chegaram.

Alternativa "a" – Verbo *haver* no sentido de *existir* não se pluraliza = verbo existir pluraliza = se não existissem (houvesse) tantas necessidades.

Alternativa "b" – Na locução verbal auxiliar não é flexionado, só o principal = *deve haver* = nesse caso, a locução tem como auxiliar deve e o verbo principal haver, no sentido de existir, portanto: deve haver.

Alternativa "c" – Verbo *haver* no sentido de *existir* = houve sociedades.

Alternativa "e" – Convém que hajam... – errado = o verbo haver é impessoal e está no sentido de existir. Não há sujeito é o verbo conjugado na terceira pessoa do singular. Convém que haja sociedades organizadas.

189. (Delegado de Polícia – PI/ 2009 – NUCEPE) Observe a flexão do verbo *manter* no seguinte trecho: *"No decorrer das últimas décadas, enquanto a miséria se mantinha mais ou menos do mesmo tamanho, todos os indicadores sociais brasileiros melhoraram"*. Em uma das alternativas abaixo, o uso de verbos derivados do verbo ter também está conforme seu paradigma de conjugação. Identifique-a.

(A) Enquanto a miséria se manter mais ou menos do mesmo tamanho, os indicadores sociais brasileiros não melhoram.

(B) Se detêssemos os níveis de miséria do Brasil, melhoraríamos os indicadores sociais de desenvolvimento.

(C) Vamos priorizar os setores que conteem maiores recursos de desenvolvimento.

(D) Os setores que contiverem maiores recursos de desenvolvimento serão priorizados.

(E) As autoridades manteram a população informada acerca dos últimos acontecimentos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – No texto, *mantinha* (derivado do verbo ter – manter) terceira pessoa do singular – pretérito imperfeito, do modo indicativo – em (D) – *contiverem* (derivado do ter – conter) – terceira pessoa do plural – futuro do modo subjuntivo. A forma verbal *contiverem* está empregada corretamente conforme o paradigma do verbo ter.

Alternativa "a" – Correto = se mantiver (v. ter = se tiver) = futuro do subjuntivo.

Alternativa "b" – Correto = se detivéssemos = verbo deter = pretérito imperfeito do subjuntivo.

Alternativa "c" – Correto = que contêm = presente do indicativo = terceira pessoa do plural =verbo ter = têm.

Alternativa "e" – Correto = mantiveram – verbo manter – terceira pessoa do plural pretérito perfeito do indicativo. Verbo ter – tiveram.

---

190. (Delegado de Polícia – PI/ 2009 – NUCEPE) Pelas normas gramaticais que regem a concordância verbal, está correta a alternativa:

(A) Qual das crianças em idade escolar estão frequentando com assiduidade a sala de aula?

(B) Em qualquer outro período da nossa história, existiu crianças fora da escola.

(C) Deve existir razões obscuras que justifiquem a falta de escolas para todos.

(D) Nenhuma das crianças brasileiras deveriam estar fora de escolas de qualidade.

(E) Alguma das crianças teve acesso, no meio rural brasileiro, a escolas de qualidade?

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – A forma verbal teve está no singular, concordando com o pronome indefinido singular alguma.

Alternativa "a" – Errado – a forma verbal deveria concordar com o pronome relativo interrogativo qual, no singular = qual das crianças **está** frequentando.

Alternativa "b" – Errado – a forma verbal, no pretérito perfeito do indicativo, deveria estar no plural = **existiram** crianças fora da escola.

Alternativa "c" – Na locução verbal deve existir = o verbo auxiliar deve ser flexionado no plural concordando com razões obscuras e o verbo principal existir permanece no singular = **devem existir** razões obscuras.

Alternativa "d" – Errado – a locução verbal deve concordar com o pronome indefinido nenhuma no singular = nenhuma (das crianças brasileiras) **deveria estar.**

2.11. CESGRANRIO

Atenção! A questão refere-se ao texto abaixo.

JOVEM TEM SAUDADE?

(...) O jovem percebe a existência – em décadas anteriores – de sentimentos, maneiras de ser, formas de expressar, vivências. Ele percebe que eram tempos de menos loucura, doença, agressão, tensão, terror. São, portanto, duas formas de saudade diferentes da saudade tradicional, digamos, aquela que se sente por pessoas, músicas, tempos vividos. Há também, contemporaneamente, uma terceira forma de saudade. A que eu chamo de saudade do recente. É tal a rapidez da mudança e a vertiginosidade do processo de transformação que nos atinge, que vivências recentes ficam logo sepultadas pela avalancha de novidades inerentes ao sistema industrial sempre a exigir substituições permanentes de tudo. Assim, o que vivemos recentemente fica parecendo tão distante e longínquo como o vivido há muito, muito tempo. Mesmo uma geração ainda jovem já pode ter essa forma de saudade. Com a rapidez da mudança, de alguns anos para cá, há mais coisas sepultadas do que o ocorrido, gasto, feito, acontecido, usado, há quatro ou cinco décadas. Haveria uma quarta forma de saudade. Chamo-a a "saudade pelo não-vivido". Há vivências, sofrências, pungências, sentimentos, impulsos, momentos adivinhados, absolutamente reais para nossa sensibilidade, só que jamais vividos na realidade externa. É a saudade do não-vivido, do apenas adivinhado na vastidão mutante e cortada de ventos imaginosos da sensibilidade humana. (Artur da Távola. Disponível em: <http:// www.jornalhorah.com.br/colunas/ artur1.htm>. Acesso em 28 dez. 2004

---

191. (Cesgranrio – Analista Previdenciário – INSS/ 2005) Assinale a opção em que a substituição do verbo haver pela forma verbal apresentada a seguir está em **desacordo** com a norma culta da língua.

(A) "Há também, contemporaneamente, uma terceira forma de saudade." – Existe.

(B) "há mais coisas sepultadas..." – Podem existir.

(C) "há quatro ou cinco décadas." – Faz.

(D) "Haveria uma quarta forma de saudade." – Poderia haver.

(E) "Há vivências, sofrências," – Deve existir.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Há equivale a **existem** ou **devem existir.**

▶ **Dica:**

- **haver = singular** (quando impessoal)
- **existir = plural**

Alternativa "a" – Há uma terceira forma (objeto direto) = existe uma terceira forma (sujeito).

Alternativa "b" – Há coisas (objeto direto) = podem existir coisas ou existem coisas (sujeito).

Alternativa "c" – Há quatro ou cinco décadas = faz (tempo decorrido, verbo fazer no singular).

▶ **Dica:**

- Tempo passado: **há** → *Há duas semanas fizemos a prova.*
- Tempo futuro: **a** → *Daqui a duas semanas faremos a prova.*

Alternativa "d" – Haveria uma quarta forma (objeto direto) = poderia existir uma quarta forma (sujeito).

2.12. ESAF

⊙ **Atenção! A questão a seguir refere-se ao texto abaixo.**

Ao longo de 60 anos, todas as estratégias brasileiras visavam a definir os meios para realizar o projeto previamente aceito para o futuro do país. A diferença para hoje é que não basta só definir os meios, mas também os próprios fins. Nenhum dos chamados problemas brasileiros de hoje será resolvido sem uma modificação dos objetivos que a sociedade brasileira deve perseguir em sua ânsia modernizadora. (Cristovam Buarque, Da modernidade técnica à modernidade ética, com adaptações)

192. (ESAF – Analista Processual – MPU/2004) Julgue as seguintes afirmações a respeito das estruturas linguísticas do texto.

I. Mantém-se a correção gramatical do texto ao retirar a preposição "a" que antecede "definir".

II. Alteram-se os sentidos do texto, mas mantém-se sua correção gramatical, ao retirar a preposição "para" que antecede "hoje".

III. O singular da expressão verbal "será resolvido" deve-se ao singular de "Nenhum".

IV. O emprego do feminino em "sua" deve-se ao uso do feminino de "sociedade brasileira".

Estão corretos apenas os itens

(A) I e II

(B) III e IV

(C) II e III

(D) II, III e IV

(E) I, II e III

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

I. Certo – O verbo visar que antecede **definir** está no sentido de *ter em vista* (V.T.I.). Se retirada a preposição, o valor do objeto indireto em *definir os meios para* continua implícito na oração.

II. Certo – a preposição **para** antecedendo *hoje* especifica a diferença entre o que se visa hoje e o que era visado há 60 anos. Se retirar a preposição *para*, o texto continua gramaticalmente correto: *a diferença hoje é...*, mas quanto à coerência perde-se o sentido comparativo temporal.

III. Certo – O pronome indefinido **nenhum** é o núcleo do sujeito da oração e resume, no singular, os adjuntos no plural. A locução verbal *será resolvido* concorda com o núcleo no singular.

IV. **Errado** – O emprego do feminino para o pronome possessivo **sua** deve-se ao feminino de *ânsia modernizada.*

2.13. FEPESE

193. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) Considerando os substantivos mal, quintal, mês, ônibus, caráter, rapaz, vez, entre outros nomes terminados em [l], [s], [r] ou [z], pode-se formular a seguinte regra de formação do plural:

O plural de todos os nomes terminados em [l], [s], [r] ou [z] é feito com acréscimo da uma vogal temática [e] e da desinência de número [s], mantendo-se o mesmo radical do singular.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (falso)

✪ **Nota da autora:** questão de concordância (flexão nominal, plural dos substantivos).

Regras:

Os substantivos terminados em "-s" formam o plural com acréscimo de "-es": gás/gases, mês/meses, país/paíse .

Quando paroxítonos ou proparoxítonos, passam a ser invariáveis – o artigo (ou o numeral) indica a pluralização: um lápis/dois lápis, o atlas/os atlas, um ônibus/três ônibus, o pires/os pires, o vírus/os vírus.

Plurais dos vocábulos da questão: mal – males, quintal – quintais, mês – meses, ônibus - não possui, caráter – caracteres, rapaz – rapazes, vez – vezes.

---

194. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) Sujeito composto ligado por "ou" ou "nem" leva o verbo para o singular ou para o plural, conforme haja ideia de ação individual (exclusividade) ou de ação conjunta (alternância). Exemplos:

(A) Pedro ou Luís receberão a resposta, pois ambos devem saber a verdade.

(B) Nem as greves nem os protestos preocupam o governo e os organizadores da copa.

(C) Ana Maria ou Valdete será eleita prefeita em outubro deste ano na capital.

(D) Conclui-se que nem um, nem outro foi o último proprietário do terreno.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (verdadeiro) – Exatamente! Regra: Quando no sujeito aparecerem as conjunções **ou** e **nem**, transmitindo ideia de inclusão, o verbo deverá aparecer no plural. Quando transmitirem ideia de exclusão, o verbo deverá aparecer no singular.*

Fonte: http://www.normaculta.com.br/

---

195. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) Na frase: "Costuma-se dizer que em política não se fecham portas, nem se queimam pontes", os verbos destacados concordam em pessoa e número com os respectivos sujeitos.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (verdadeiro) – Bem tranquila a questão, basta encontrarmos o sujeito:

1. Fechar é transitivo direto + se (partícula apassivadora) = oração na voz passiva sintética. Equivale a "as portas (sujeito) não serão fechadas". O verbo concordou com o sujeito paciente.

2. Queimar é transitivo direto + se (partícula apassivadora) = oração na voz passiva sintética. Equivale a "pontes (sujeito) nem serão queimadas". O verbo concordou com o sujeito paciente.

---

196. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) A frase a seguir está escrita de acordo com as normas da língua escrita padrão.

"Foi surpreendente a quantidade de advogados que veio participar, aprender na prática e conhecer essas inovações que vão facilitar o acesso da população e a transparência de todas as ações."

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (verdadeiro) – O verbo "veio" está no singular por concordar com "quantidade".

---

197. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

Leia e analise as frases a seguir:

(A) Assim que iniciou o mês de dezembro, chegou à cidade cerca de 30 ônibus de estudantes do Paraná.

(B) Diferentemente de tempos pretéritos, atualmente aqui na Ilha de Santa Catarina quase não pode mais haver criadouros de animais silvestres.

( ) Em relação às frases, é correto dizer que, na frase "a", o verbo "chegou" está concordando com o respectivo sujeito, a saber: "diversos ônibus de estudantes do Paraná". Na frase "b", da mesma forma, o verbo auxiliar "pode", que compõe a perífrase verbal "pode haver", não está concordando com o respectivo sujeito, que é "criadouros de animais silvestres"

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (falso)

Alternativa "a" – Quem chegou à cidade? Cerca de 30 ônibus de estudantes do Paraná = sujeito.Regra: **Quantidade aproximada** - É o caso em que o sujeito é formado por expressões que indicam quantidade aproximada (cerca de, menos de, mais de, perto de) seguidas de numeral e substantivo: o verbo concordará com o substantivo. Exemplos: Mais de um aluno compareceu à entrega dos resultados. Cerca de aproximadamente mil pessoas participaram da manifestação.

Correção: chegaram cerca de 30 ônibus.

Alternativa "b" – O verbo não concorda com o sujeito por ser impessoal (haver no sentido de existir). A expressão "criadouros de animais silvestres" possui função de objeto direto.

---

198. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) Em se tratando de concordância verbal, quando o sujeito for formado por uma porcentagem seguida de um especificador, mesmo que o número seja o núcleo do sujeito, a tendência é fazer o verbo concordar com o termo que lhe é mais próximo (daí a expressão "concordância atrativa"), situação que se demonstra com o exemplo "A". No entanto, se o número percentual estiver acompanhado de elemento restritivo (artigo, pronome adjetivo) ou das expressões "mais de", "menos de", "perto de", a concordância se dará apenas com o número percentual, situação que se demonstra nos exemplos "B".

Exemplo A: Apenas 43% da população já votou ao menos uma vez na vida.

Exemplos B: Os 30% do FGTS que o trabalhador aplicar no fundo renderão quase nada ao ano. Menos de 5 motoristas comparecem hoje ao trabalho.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (verdadeiro) – A banca ajuda, pois descreve a regra com exemplo.

Porcentagens - 40% da população votou (concorda com o substantivo próximo: concordância atrativa).

Quantidade aproximada – É o caso em que o sujeito é formado por expressões que indicam quantidade aproximada (cerca de, menos de, mais de, perto de) seguidas de numeral e substantivo: o verbo concordará com o substantivo.

---

199. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) Em relação aos vocábulos compostos, permanecem invariáveis (sem flexionar) os adjetivos compostos formados por adjetivo + substantivo. Essa regra só é aplicável a um dos exemplos a seguir.

Exemplos:

(A) Os cavalos puro-sangue serão transportados de Porto alegre para o Rio de Janeiro em breve.

(B) Os peles-vermelhas são índios americanos.

(C) Em nossa escolas, as crianças mal-educadas são acompanhadas por um psicólogo.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (verdadeiro)

✪ **Nota da autora:** questão de concordância (flexão dos adjetivos compostos).

O único exemplo a que a regra se refere é cavalos puro-sangue, pois o segundo elemento é substantivo. As duas frases (b e c) possuem adjetivos compostos que terminam com adjetivos (vermelhas e educadas), por isso variam.

▶ **Dica:** Regras da pluralização dos adjetivos compostos.

Nos adjetivos compostos, só o último elemento vai para o plural:

cantor norte-americano - cantores norte-americanos

Exceções:

1. adjetivos compostos invariáveis:

sapato azul-marinho - sapatos azul-marinho

camisa azul-celeste - camisas azul-celeste

2. São invariáveis os adjetivos compostos cujo último elemento é um substantivo:

Blusa verde-bandeira – blusas verde-bandeira

tecido verde-abacate - tecidos verde-abacate

batom vermelho-paixão – batons vermelho-paixão

3. Também são invariáveis os adjetivos composto por COR+DE+SUBSTANTIVO:

Blusa cor-de-rosa

Blusas cor-de-rosa

4. Flexão dos dois elementos:

Menino surdo-mudo – meninos surdos-mudos*

*Fonte: http://www.infoescola.com/

200. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

Considere as frases:

(A) É necessário a autorização prévia para visitar o paciente.

(B) Não são permitidas fotos neste local.

(C) São proibidos os animais sem dono na enfermaria e no pátio.

(D) É necessária a boa vontade de uma santa para fazer tal serviço.

( ) Considerando que as locuções "é bom", "é necessário", "é proibido" etc. devem permanecer inalteradas quando o sujeito não vier determinado, conclui-se que apenas as frases "c" e "d" estão corretas quanto à flexão verbal e nominal.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (verdadeiro) – Correções:

a) 1. É necessário autorização; 2. É necessária a autorização = o artigo manda na concordância.

b) Não é permitido fotos. As expressões "é bom", "é necessário", "é proibido" etc. ficam invariáveis se o substantivo não estiver acompanhado de artigo o pronome plural. Belo "peguinha" da banca, pois não pensamos nisso.

201. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) A frase " Geralmente, os funcionários daquela empresa começam a trabalhar ao meio- dia e meio, fazendo, nos finais-de-semana, diversas horas extra" está correta quanto à concordância nominal.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (falso) – Erro crasso, ainda bem. Correção: meio-dia e meia, pois a palavra hora está implícita e o numeral deve concordar com o substantivo: meio-dia e meia (hora).

Curiosidade: o correto é fim de semana e sem hífen. Plural: fins de semana.

É incorreta a forma final de semana.

Quanto ao hífen: Não se usa hífen: nas locuções substantivas, adjetivas, pronominais, adverbiais, prepositivas e conjuncionais.

Exemplos: calcanhar de aquiles, cão de guarda, ponto e vírgula. Exceções: Palavras já consagradas pelo uso: água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao deus-dará, à queima-roupa.[1]

202. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) Na frase "Capas verde-musgo, saias e camisas branco-acinzentadas, meias e acessórios amarelo-âmbar, tudo estava em liquidação na nova loja do da Av. 25 de Março", a flexão nominal das cores está de acordo com as normas gramaticais da língua portuguesa padrão.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (verdadeiro) – verde-musgo e amarelo-âmbar: o segundo elemento não varia por ser substantivo; saias e camisas branco-acinzentadas: o primeiro elemento do adjetivo composto é invariável e o segundo é variável (exceto se for substantivo).

QUESTÕES DIFÍCEIS

1. ESAF

01. (ESAF – Auditor-Fiscal– RFB/2014) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia de palavra inserido na transcrição do texto.

No desenho constitucional, os tributos são fonte importantíssima dos recursos financeiros de cada ente político, recursos esses indispensáveis para que façam frente ao (1) seu dever social. Consequentemente, o princípio federativo é indissociável das competências tributárias constitucionalmente estabelecidas. Isso porque tal princípio prevê (2) a autonomia dos diversos entes integrantes da federação (União, Estados, DF e Municípios). A exigência da autonomia econômico- financeira determina que seja outorgado (3) a cada ente político vários tributos de sua específica competência, para, por si próprios, instituírem (4) o tributo e, assim, terem (5) sua própria receita tributária.

(Adaptado de: <http://www.ambito-juridico.com.br/site>. Acesso em: 17mar. 2014.)

(A) (1)

(B) (2)

(C) (3)

1. Fonte: http://umportugues.com

(D) (4)

(E) (5)

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

✪ **Nota da autora:** questão de concordância e regência.

- Concordância. Sujeito: vários tributos. O verbo deve concordar com o sujeito = sejam outorgados (predicativo do sujeito).

Alternativa "a" - Regência. Frente a algo.

Alternativa "b" - Concordância. Sujeito: tal princípio; verbo no singular: prevê.

Alternativa "d" - Concordância. Sujeito: vários tributos; verbo no plural: instituírem.

Alternativa "e" - Concordância. Sujeito: vários tributos; verbo no plural: terem.

Texto para a questão.

Duas pesquisas divulgadas recentemente revelam que os brasileiros não são tão solidários quanto parece. Uma delas aponta ainda que, quando abrimos a mão, a preferência é pelos pedintes, a quem se destinam 30% da ajuda. As organizações não governamentais (ONGs) levam só 14%. Além disso, poucos contribuintes sabem que é possível abater impostos através de doações - embora o complicado processo afaste também quem conhece o sistema.

(Adaptado de IstoÉ, 19/3/2014.)

02. (ESAF - Auditor-Fiscal - RFB/2014) Assinale a opção em que a substituição da forma verbal usada no texto provoca erro gramatical e/ou incoerência textual.

(A) "aponta" > apontam

(B) "parece" > parecem

(C) "destinam" > destina

(D) "abrimos" > abrem

(E) "abater" > abaterem

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" - Facilite: há duas pesquisas e apenas uma aponta. Tranquilo demais, não é?

Alternativa "b" - ... quanto parece(m) ser.

Alternativa "c" - 30% se destinam (são destinados) ou a ajuda se destina (e destinada).

Alternativa "d" - (nós) abrimos a mão ou abrem a mão (sujeito indeterminado).

Alternativa "e" - ... é possível abater ou abaterem impostos.

03. (ESAF - Analista de Finanças e Controle - CGU/2012) Assinale a opção que fornece a correta justificativa para as relações de concordância no texto abaixo.

O bom desempenho do lado real da economia proporcionou um período de vigoroso crescimento da arrecadação. A maior lucratividade das empresas foi decisiva para os resultados fiscais favoráveis. Elevaram-se, de forma significativa e em valores reais, deflacionados pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), as receitas do Imposto de Renda Pessoa Jurídica (IRPJ), a Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSLL), e a Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins). O crescimento da massa de salários fez aumentar a arrecadação do Imposto de Renda Pessoa Física (IRPF) e a receita de tributação sobre a folha da previdência social. Não menos relevantes foram os elevados ganhos de capital, responsáveis pelo aumento da arrecadação do IRPF.

(Adaptado de http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/publicacoes/cartaconjuntura/carta05/7, acesso em 29/4/2012)

(A) Emprega-se o singular em "proporcionou" para respeitar as regras de concordância com "economia".

(B) O uso do plural em "valores" é responsável pela flexão de plural em "deflacionados".

(C) O plural em "resultados" é responsável pela flexão de plural em "Elevaram-se".

(D) O singular em "a arrecadação" é responsável pela flexão de singular em "fez aumentar".

(E) A flexão de plural em "foram" justifica-se pela concordância com "relevantes".

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" - Para não haver confusão, é aconselhável tirar as intercalações: Elevaram-se a Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSLL), e a Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins). Agora, analisemos a intercalação que foi retirada: de forma significativa e em valores reais, deflacionados pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA). Desenvolvendo a oração reduzida de particípio: que (os quais) foram deflacionados pelo Índice de Preços = oração adjetiva (possui pronome relativo) explicativa (possui pontuação). O que foram

deflacionados? Os valores. Vamos às outras explicações para sanar dúvidas.

Alternativa "a" – O bom desempenho proporcionou.

Alternativa "c" – *Elevaram-se* é verbo transitivo direto + se (pronome apassivador), o sujeito composto é a *Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSLL), e a Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins)* foram elevados (voz passiva analítica). Eis o porquê de o verbo estar no plural.

Alternativa "d" – O crescimento fez aumentar.

Alternativa "e" – Ordem direta: os elevados ganhos de capital, responsáveis pelo aumento da arrecadação do IRPF não foram relevantes (predicativo do sujeito).

---

04. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2012) Assinale o segmento de texto que foi transcrito com total correção gramatical.

a) Na administração do Estado, em seus vários níveis, está presente o destino que se dão aos impostos, que nada mais é do que bens privados transferidos obrigatoriamente para a esfera estatal.

b) Logo, é normal que se coloque questões atinentes à moralidade na gestão desses recursos, que devem – ou deveriam – estar destinados à melhoria das condições de vida dos cidadãos.

c) Espetáculos de imoralidade de parte dos políticos e de seus partidos são percebidos como desvios de recursos privados que tiveram destinação eticamente indevida.

d) Não surpreende de que, em pesquisas de opinião sobre prefeitos, a honestidade, o ter palavra, o cumprir promessas tenha surgido como qualidades requeridas do homem público.

e) Ter princípios são considerados essenciais. Política sem valores equivale a um cheque em branco dado a governantes e parlamentares no uso dos recursos públicos.

(Dennis L. Rosenfield, "Ausência de princípios", O Estado de São Paulo, 16/07/2012 ,com adaptações. http://avaranda.blogspot.com.br/2012/07/ausencia-de-principios-denis-lerrer.html)

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de concordância e regência verbal.

Alternativa c correta: o verbo concorda com o sujeito: **Espetáculos** de imoralidade de parte dos políticos e de seus partidos **são** percebidos.

Alternativa "a" – o destino que se **dá** aos impostos: o destino que é dado aos impostos; nada mais **são** do que bens privados.

Alternativa "b" – é normal que se **coloquem** questões: é normal que questões sejam colocadas.

Alternativa "d" – Não surpreende **que**:o verbo surpreender é transitivo direto; a honestidade, o ter palavra, o cumprir promessas **tenham** surgido como qualidades requeridas.

Alternativa "e" – Sujeito oracional (possui verbo) = verbo no singular: Ter princípios **é considerado essencial**.

---

05. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2012) Assinale o trecho de relatório contábil que se apresenta inteiramente correto quanto ao emprego do padrão formal escrito da língua portuguesa.

a) A crédito desta conta vem sendo contabilizada mensalmente a importância de R$10.628,75. Indagamos ao setor contábil sobre os referidos valores, que ao longo do ano soma-se mais de cem mil reais. No entanto, não nos foi fornecida nenhuma explicação.

b) Alertamos que, a falta de controles internos e da conciliação contábil da conta podem propiciar fraudes e desvios de valores, pois funcionários que têm conhecimento do fato podem utilizá-lo para fins de desfalques.

c) Alertamos que empréstimos feitos a funcionários não firmados mediante contrato, e sem cláusula de cobrança de encargos financeiros, poderão ser considerados pelo fisco como adiantamentos salariais e tributados na fonte, na ocasião da liberação dos recursos.

d) Recomendamos ampliar as atenções sobre os adiantamentos pendentes de longa data, haja visto, que, desta forma, eles se caracterizam como empréstimo, sendo necessário, daqui por diante, a elaboração de contratos com previsão de cobrança de encargos financeiros.

e) Entre as adições ao ativo fixo da companhia, persiste situação comentada em nosso relatório anterior onde se constatou valores que se caracterizam como despesa operacional invez de custo de aquisição ou desenvolvimento de bens permanentes.

(http://pt.scribd.com/doc/55427164/Modelo--Relatorio-Auditoria-Contabil, com adaptações)

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de concordância e pontuação. Normalmente, em questões com enunciados que utilizam *norma culta correta ou padrão culto*, os erros são de concordância e pontuação. Na alternativa *c*, verbos concordam com os respectivos sujeitos e a pontuação está correta.

Alternativa "a" – Indagamos **o** setor contábil: o verbo *indagar* é transitivo direto; **somam-se**.

Alternativa "b" – Dois erros: Alertamos **que (1)** a falta de controles internos e da conciliação contábil da conta **(2) pode** propiciar fraudes: 1. Não se separa com vírgula a oração principal da subordinada substantiva (alertamos *isto*); 2. O verbo deve concordar com o sujeito.

Alternativa "d" – **Haja vista** equivale a *tendo em vista* = invariável; sendo **necessária**, daqui por diante, a elaboração.

Alternativa "e" – Erros: persiste situação comentada em nosso relatório anterior **em que** se constatou: constatou **no** relatório = *em que* ou *no qual*; (...) em que se **constataram** valores: valores foram constatados; **invés**.

▶ **Dicas:**

1) O pronome relativo ***onde*** apenas pode retomar lugar e pode ser substituído por ***em que, no (a) qual.***

2) ***Ao invés de***: ao contrário de (usar acompanhado de palavras antônimas: ao invés de dia, era noite); ***em vez de:*** no lugar de, em lugar de.

---

06. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/ 2010) Com base na norma gramatical da língua escrita, analise as propostas de alteração do texto abaixo e, a seguir, assinale a opção incorreta.

A civilização industrial leva à concentração de poder e ao declínio da liberdade individual, mas, ao mesmo tempo, liberta os homens das piores formas de servidão, do peso do trabalho alienante, tornando possível imaginar um mundo de homens livres que conseguirão a "liberdade do impulso criativo" – este é o verdadeiro objetivo da reconstrução social. Por meio do aumento dos padrões de conforto e acesso à informação, essa civilização cria condições favoráveis para desafiar radicalmente os velhos laços de autoridade.

(A) No trecho "à concentração de poder e ao declínio da liberdade individual" (início do texto), substituir "à" por "a" e suprimir "ao".

(B) Substituir o trecho "tornando possível imaginar" por "no qual possibilita imaginarem-se".

(C) Substituir o segmento "um mundo de homens livres que conseguirão" por "um mundo cujos homens livres conquistarão".

(D) Inserir o adjetivo "industrial" após o substantivo "civilização" (final do texto).

(E) Substituir o segmento "para desafiar" (final do texto) por "para que se desafiem".

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

✪ **Nota da autora** – Questão de concordância, conjunção, regência (crase) e verbo.

Na alternativa b, haveria dois erros ao substituir a expressão indicada: 1. Concordância – verbo transitivo direto + se indica voz passiva sintética e possui sujeito. O correto seria: possibilita imaginar-se um mundo = um mundo é imaginado; 2. A preposição em está descabida porque vocábulo algum a pede. Correção: **que possibilita imaginar-se.**

Alternativa "a" – Muito cuidado: questão de crase com paralelismo. Se há dois termos ou mais, usa-se o artigo em todos ou em nenhum. Daí surge o grande *peguinha*. Vamos entender melhor?

A civilização industrial leva **à** concentração de poder (preposição + artigo) e **ao** declínio da liberdade individual (preposição + artigo)

A civilização industrial leva **a** concentração de poder (preposição) e declínio da liberdade individual

No segundo caso, a preposição **a** está regendo os dois termos.

Alternativa "c" – Ao inserir o pronome relativo **cujo**, forma-se a seguinte sequência: os homens livres conquistarão o mundo.

Alternativa "d" – No início do texto, há a expressão **civilização industrial**, basta retornar para se certificar da coesão: *A civilização industrial leva à concentração de poder e ao declínio da liberdade individual (...) essa civilização* **industrial** *cria condições favoráveis para desafiar radicalmente os velhos laços de autoridade.*

Alternativa "e" – essa civilização cria condições favoráveis **para que se desafiem** radicalmente os velhos laços de autoridade = a finalidade foi mantida e a oração que estava na voz ativa foi transposta para passiva sintética (verbo transitivo direto + se). Atentando-nos à concordância, passemos para a passiva analítica: para que os velhos laços de autoridade sejam desafiados radicalmente.

07. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/ 2010) Assinale a opção que corresponde a palavra ou expressão destacada no texto abaixo que foi empregada de acordo com as regras de concordância.

Como nunca antes, a ordem e a cultura do capital mostram inequivocamente o seu rosto inumano, revelam a lógica perversa que as(1) dominam(2) internamente e que, antes, podiam ser escamoteadas(3) a pretexto do confronto com o socialismo: criam, por um lado, grande riqueza e concentração de poder à custa da devastação da natureza, da exaustão da força de trabalho e de uma estarrecedora pobreza. A utilização crescente da informatização e da robotização criam(4), ao dispensar o trabalho humano, os desempregados estruturais, hoje, totalmente descartáveis. E soma-se(5) aos milhões só nos países do Primeiro Mundo. (Adaptado de Leonardo Boff. Depois de 500 anos: que Brasil queremos? Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p.41.)

(A) (1)

(B) (2)

(C) (3)

(D) (4)

(E) (5)

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

1) A lógica perversa domina **a ordem e a cultura capital** = **as** domina.

2) A lógica **domina**.

3) A lógica **podia ser escamoteada**.

4) A utilização **cria**.

5) Os desempregados estruturais **somam-se** = são somados. Quando a oração estiver na voz passiva sintética (verbo transitivo direto ou transitivo direto e indireto + se), transponha-a para a voz passiva analítica (verbo ser + particípio) para ter certeza da correta concordância.

08. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/ 2010) Assinale a opção que, ao substituir elemento destacado no texto, acarreta erro gramatical.

Entre as diversas providências que o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) vem tomando com o objetivo de tornar mais transparente e eficiente a administração do Poder Judiciário, uma das mais simples começará a ser adotada brevemente. Trata-se da divulgação, pela internet, de todas as despesas de custeio e de investimento da Justiça Federal, da Justiça do Trabalho, das Justiças estaduais, da Justiça Eleitoral e da Justiça Militar. Até hoje, só alguns tribunais vinham divulgando suas contas.

A medida, juntamente com os indicadores de desempenho funcional e as inspeções da Corregedoria Nacional de Justiça, permitirá identificar os casos de má gestão financeira, de arbitrariedades, de malversação de recursos públicos e de gastos perdulários. Por gastar excessivamente com a manutenção dos gabinetes de seus dirigentes, por exemplo, alguns Tribunais de Justiça estaduais não dispunham de recursos suficientes para manter as varas judiciais, prejudicando com isso o atendimento à população.

Contribuindo para racionalizar a gestão dos recursos financeiros dos tribunais, as novas regras do CNJ ajudarão o Judiciário a melhorar sua imagem perante a opinião pública. Há dois meses, a pesquisa índice Latino-americano de Transparência Orçamentária, realizada em 12 países, apontou o Judiciário como o mais "opaco" dos Três Poderes. Quanto mais transparente for a Justiça, maior será sua credibilidade. (O Estado de S. Paulo, Editorial, 17/01/2010.)

(A) "vem tomando" (primeiro parágrafo) → tem tomado.

(B) "vinham divulgando" (primeiro parágrafo) → tem divulgado.

(C) "permitirá identificar" (segundo parágrafo) → vai permitir que se identifiquem.

(D) "prejudicando com isso" (segundo parágrafo) → o que tem prejudicado.

(E) "Contribuindo" (último parágrafo) → Ao contribuir.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

✪ **Nota da autora** – Questão de concordância e verbo.

Se o sujeito está no plural, o verbo deve estar no plural = alguns tribunais **têm divulgado** suas contas. Além de haver erro de concordância na substituição, ocorre também alteração no tempo verbal. Vinham divulgando = divulgavam; tem divulgado = divulgam.

Alternativa "a" – O Conselho vem tomando = O Conselho tem tomado.

Alternativa "c" – A medida permitirá identificar = A medida vai permitir que se identifiquem os casos. Altera o sujeito, mas a concordância permanece correta. Os casos que serão identificados.

Alternativa "d" – prejudicando com isso o atendimento à população = o que tem prejudicado o atendimento à população. Note que o o anteposto ao pronome relativo é um pronome demonstrativo.

▶ **Dica** – O (a) + que = pronome demonstrativo + pronome relativo.

Exemplo: Ele foi o que mais estudou = Ele foi aquele o qual mais estudou.

Alternativa "e" – Contribuindo para racionalizar a gestão dos recursos = Ao contribuir para racionalizar a gestão dos recursos. Por indicar tempo, a substituição é correta.

---

09. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal do Brasil/2009) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado de O Globo. Assinale a opção que apresenta erro de concordância.

(A) Para sustentar um crescimento duradouro nos moldes do registrado no ano passado, a economia brasileira precisa se preparar, multiplicando seus investimentos, que, aliás, parecem deslanchar. Mas leva algum tempo até que atinjam a fase de maturação.

(B) Nesse período, seria preferível que a economia crescesse em ritmo moderado, na faixa de 4% a 5% ao ano, para evitar pressões indesejáveis sobre os preços ou uma demanda explosiva por importações, o que poderia comprometer em futuro próximo as contas externas do país.

(C) O Brasil felizmente tem uma economia de mercado, na qual controles artificiais não funcionam ou causam enormes distorções. As iniciativas de política econômica para se buscar um equilíbrio conjuntural deve, então, se basear nos conhecidos mecanismos de mercado.

(D) No caso do Banco Central, o instrumento que tem mais impacto sobre as expectativas de curto prazo, sem dúvida, é a taxa básica de juros, que estabelece um piso para a remuneração dos títulos públicos e, em consequência, para as demais aplicações financeiras e operações de crédito não subsidiado.

(E) Se a taxa de juros precisa agir sozinha na busca desse equilíbrio conjuntural, o aperto monetário pode levar os agentes econômicos a reverem seus planos de investimento, e com isso o ajuste se torna mais moroso, sacrificando emprego e renda.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

✪ **Nota da autora:** Além de encontrar o sujeito, sempre sublinhe o núcleo para não haver enganos. Normalmente a concordância é verbal, mesmo se não citada no enunciado.

As iniciativas de política econômica para se buscar um equilíbrio conjuntural devem, então, se basear nos conhecidos mecanismos de mercado. O sujeito do verbo *dever*, além de possuir artigo plural, é um substantivo plural (iniciativas).

Verbos em negrito e sujeitos sublinhados:

Alternativa "a" – Para sustentar um crescimento duradouro nos moldes do registrado no ano passado, a economia brasileira **precisa se preparar**, multiplicando seus investimentos, que, aliás, **parecem** deslanchar. Mas leva algum tempo até que **atinjam** a fase de maturação.

Alternativa "b" – Nesse período, seria preferível que a economia **crescesse** em ritmo moderado, na faixa de 4% a 5% ao ano, para evitar pressões indesejáveis sobre os preços ou uma demanda explosiva por importações, o que **poderia comprometer** em futuro próximo as contas externas do país. *Que* é o sujeito que retoma o pronome demonstrativo *o*.

Alternativa "d" – No caso do Banco Central, o instrumento que **tem** mais impacto sobre as expectativas de curto prazo, sem dúvida, **é** a taxa básica de juros, que **estabelece** um piso para a remuneração dos títulos públicos e, em consequência, para as demais aplicações financeiras e operações de crédito não subsidiado. O primeiro *que* é o sujeito que retoma o substantivo *instrumento*; o segundo *que* retoma *a taxa básica*.

Alternativa "e" – Se a taxa de juros **precisa agir** sozinha na busca desse equilíbrio conjuntural, o aperto monetário **pode levar** os agentes econômicos a **reverem** seus planos de investimento, e com isso o ajuste **se torna** mais moroso, sacrificando emprego e renda.

---

10. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal do Brasil/2009) Os trechos a seguir constituem um texto adaptado do Editorial de O Estado de S. Paulo, de 30/8/2009. Assinale a opção em que o segmento apresenta erro gramatical.

(A) A Pesquisa Anual de Serviços, do IBGE, é um retrato confiável do emprego, do salário e da renda no setor que mais contribui para o PIB (65,8%). Na pesquisa que saiu agora, de 2007, o IBGE se valeu de dados de 1 milhão de empresas, que empregavam 8,7 milhões de pessoas e obtiveram receita operacional de R$ 580,6 bilhões.

(B) O rendimento médio dos trabalhadores do setor declinou de 3,2 salários mínimos para 2,5 salários mínimos no período. Sabe-se que o salário mínimo foi corrigido bem acima da inflação, mas o salário real nos serviços cresceu apenas 6,3% entre 2003 e 2007, ou seja, abaixo do PIB.

(C) A participação da folha de salários no valor adicionado caiu de 51,8%, em 2003, para 47,4%, em 2007. É um indício de que mais recursos foram destinados para pagamento de tributos ou para aumentar os lucros das companhias.

(D) Nela, o IBGE comparou os dados de 2003 com os de 2007, período em que a massa salarial paga pelas empresas pesquisadas evoluíram de R$ 61 bilhões para R$ 106,8 bilhões.

(E) Quando se somam salários, retiradas e outras remunerações, alguns setores apresentaram recuperação expressiva entre 2006 e 2007 – caso dos serviços financeiros de corretoras e distribuidoras de valores (+28,6%), atividades imobiliárias e aluguel de bens (+18,6%), serviços de informação (+10,3%) e serviços prestados às famílias (+9,8%).

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – A massa salarial **evoluiu**. O verbo deve concordar com o sujeito (núcleo: massa).

Nas alternativas *a, b, c* e *e* não há erros.

---

11. (ESAF – Analista Tributário da Receita Federal do Brasil/2009) Assinale o trecho do texto adaptado de Maria Rita Kehl (O tempo e o cão: a atualidade das depressões. São Paulo: Boitempo, 2009) em que, na transcrição, foram plenamente atendidas as regras de concordância e regência da norma escrita formal da Língua Portuguesa.

(A) Paradoxalmente, as mesmas inovações tecnológicas destinadas a nos poupar o tempo de certas tarefas manuais e aumentar o tempo ocioso vem produzindo um sentimento crescente de encurtamento à temporalidade. Tal sentimento talvez esteja relacionado com o encolhimento da duração.

(B) A vivência contemporânea da temporalidade é dominada por um subproduto das ideologias da produtividade, às quais reza que se devem aproveitar, ao máximo, cada momento da vida.

(C) Desligado do frágil fio que ata o presente à experiência passada, voltado, sofregamente, para o futuro, o indivíduo sofre com o encurtamento da duração. Assim, desvalorizam-se o tempo vivido e o saber que sustenta os atos significativos da existência.

(D) Segundo Bergson, a duração se mede pela sensação de continuidade entre o instante presente, o passado imediato e o futuro próximos; no entanto, nada indica que o registro psíquico dessas duas formas do tempo que alongam o presente devam limitar-se em curtos períodos antes e depois do brevíssimo instante.

(E) Talvez a medida do transcorrer do tempo não individual não se assemelhe com o desenrolar de um fio, mas do tecer de uma rede que abriga e embala um grande número de pessoas ligado entre si pela experiência.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de concordância e regência. Cuidado, pois na alternativa *c*, o pronome relativo **que** está se referindo apenas ao termo **saber** e por isso o verbo está no singular.

Alternativa "a" – O verbo deve concordar com o sujeito: as mesmas inovações **vêm** produzindo um sentimento crescente de encurtamento à temporalidade.

Alternativa "b" – Há dois erros: o subproduto o qual reza que se deve aproveitar cada momento da vida. *A vivência contemporânea da temporalidade é dominada por um subproduto das ideologias da produtividade,* ***o qual*** *reza que se* ***deve*** *aproveitar, ao máximo, cada momento da vida.* O pronome relativo refere-se a *subproduto* (que possui função de sujeito). *Deve aproveitar* pode ser substituído por **aproveita**. Como o verbo principal é transitivo direto seguido do pronome apassivador *se*, o sujeito é *cada momento da vida*. Equivale a: cada momento da vida deve ser aproveitado.

Alternativa "d" – Dois erros: o adjetivo **próximo** deve concordar apenas com *o futuro* e quem se limita, limita-se *a* algo: devam limitar-se **a** curtos períodos.

Alternativa "e" – Fácil! Pessoas **ligadas**.

---

12. (ESAF – Analista Tributário da Receita Federal do Brasil/2009) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado de Luiz Gonzaga Beluzzo, Valor Econômico de 14 de outubro de 2009. Assinale a opção que apresenta erro gramatical.

(A) Os movimentos observados no interior da circulação financeira, em si mesmos, não prometem à economia global uma recuperação rápida e brilhante, mas indicam que os mercados não temem a formação de novas bolhas de ativos nos mercados emergentes.

(B) Diante do frenesi que ora turbina as bolsas, as moedas dos emergentes e as *commodities* não faltam prognósticos que anunciam o fim da crise e preconizam uma recuperação rápida da economia global, liderada pelos emergentes.

(C) Nas circunstâncias atuais, a realocação de carteiras favorecem as bolsas, as moedas dos emergentes e as *commodities*, enquanto o dólar segue uma trajetória de declínio, depois da valorização observada nos primeiros meses de crise.

(D) No rol de vencedores da batalha contra a depressão global, figuram, em posição de res-

peito, a China, a Índia e o Brasil, cada qual com suas forças e fragilidades.

(E) Entre as fragilidades, sobressaem a pressão para valorização das moedas nacionais e as ações de esterilização dos governos, com efeitos indesejáveis sobre a dinâmica da dívida pública dos países receptores da "chuva de dinheiro externo".

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – O verbo deve concordar com o sujeito: a realocação de carteiras **favorece** as bolsas.

As alternativas *a, b, d* e *e* não possuem erro.

---

13. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/ 2006) Os trechos abaixo constituem um texto. Assinale a opção que apresenta erro gramatical.

a) No livro Breve História do Trabalho no Brasil, Almir Pazzianotto esboça a trajetória da classe trabalhadora, da colonização portuguesa ao último governo militar. Mostra como se explorou, sem limites éticos e humanos, a mão de obra indígena e negra e como, durante a Primeira República, as oligarquias, com medo das ideias revolucionárias trazidas pelos imigrantes, procuraram bloquear as tentativas de organização dos trabalhadores.

b) Mostra também como se desenhou o modelo sindical brasileiro, a partir do primeiro governo de Getúlio Vargas, e por que esse modelo se manteve incólume até a Constituição de 1988, apesar das profundas transformações político-institucionais pelas quais passou o País nesse período.

c) Registra, também, que a redemocratização do Brasil significou apenas uma atenuação do modelo anterior, sendo ainda marcante a participação do Estado na vida sindical, por meio de normas obrigatórias relativas a modelo de organização, registro, quotas compulsórias, negociações salariais e dissídios coletivos.

d) O autor dedica atenção especial à figura marcante de Getúlio Vargas, suas ideias sobre o movimento trabalhista e sobre o papel reservado às classes operárias no desenvolvimento nacional, trazendo o livro, em apêndice, a íntegra da Carta Testamento e de três célebres discursos proferidos no Dia do Trabalho.

e) Embora fundamentado em sólida bibliografia, o livro não tem a aridez dos textos acadêmicos. Almir Pazzianotto Pinto, como advogado trabalhista no ABCD paulista, como Ministro do Trabalho ou como Ministro do Tribunal Superior do Trabalho, conviveu com muitos dos personagens que retratam e foi testemunha de outras tantas histórias que registra, emprestando, assim, um calor especial à narrativa.

(http://www.stpinf.com:8080/producao/genadm.nsf/Paginas)

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

✪ **Nota da autora:** Pode-se considerar esta questão como difícil. Se houve dificuldade, não se apavore, porque o erro está mesmo difícil de ser encontrado.

Vejamos: Almir Pazzianotto Pinto conviveu com muitos dos personagens que **retrata** e foi testemunha de outras tantas histórias que registra. O sujeito dos verbos *conviver, retratar, ser e registrar* é Almir Pazzianotto Pinto, por isso os verbos devem permanecer no singular.

Sujeitos e verbos:

Alternativa "a" – Almir Pazzianotto **esboça;** Almir Pazzianotto **mostra; se explorou** a mão de obra; as oligarquias **procuraram bloquear** as tentativas de organização dos trabalhadores.

Alternativa "b" – se desenhou o modelo; esse modelo **se manteve; passou** o País.

Alternativa "c" – a redemocratização **significou.**

Alternativa "d" – O autor **dedica.**

---

14. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/ 2006) Os trechos abaixo constituem um texto. Assinale a opção que apresenta erro.

a) A Primeira Revolução Industrial pode ser entendida como uma guinada de todos os indicadores econômicos ingleses, sobretudo nas duas últimas décadas do século XVIII.

b) Tal avanço dos indicadores econômicos tiveram várias razões: a intensificação do Comércio Internacional desde o século XVI, a Revolução Agrícola (e a expulsão de vastos contingentes de campesinos para as cidades), o surgimento de uma indústria têxtil inglesa etc.

c) Esses acontecimentos propiciaram o que o historiador Eric Hobsbawm chama de a "partida para o crescimento autossustentável". Por "crescimento autossustentável" entende-se: o poder produtivo das sociedades humanas, até então sujeito a variáveis climáticas ou demográficas, tornou-se crescente e constante – livre de epidemias, fomes, pestes ou intempéries, que regularmente ceifavam grandes contingentes de mão de – obra em quase toda a Europa.

d) Contraposto à Idade Média, em que o problema crônico da produção era a falta de homens e mulheres nos campos (e não de terras), o período que se segue à Revolução Industrial é aquele em que o homem começa a tornar-se um pouco mais supérfluo.

e) Como explicita Hobsbawm, trata-se de período em que, às grandes massas de desempregados e campesinos desapossados, juntou-se um sistema fabril mecanizado que produzia "em quantidades tão grandes e a um custo tão rapidamente decrescente a ponto de não mais depender da demanda existente, mas de criar o seu próprio mercado".

(Raquel Veras Franco, Breve Histórico da Justiça e do Direito do Trabalho no Mundo.http://www.tst.gov.br/Srcar/Documentos/Historico)

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Tal avanço **teve** várias razões.

Sujeitos e verbos:

Alternativa "a" – A Primeira Revolução Industrial **pode ser** entendida.

Alternativa "c" – Esses acontecimentos **propiciaram**; o historiador Eric Hobsbawm **chama**; o poder **tornou-se**.

Alternativa "d" – o problema crônico **era**; o período **é** aquele; o homem **começa a tornar-se**.

Alternativa "e" – explicita Hobsbawm; **juntou-se** um sistema.

---

15. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/ 2006) Os trechos a seguir constituem um texto. Assinale a opção que apresenta erro de concordância.

a) As riquezas geradas eram, de fato, imensas e as condições de vida nas cidades costumavam ser horríveis. Para se ter ideia, alguns recenseamentos ingleses, da década de 1840, relatam que o homem do campo vivia, em média, 50 anos e o da cidade, 30 anos.

b) Talvez esses números sejam indicadores da dramaticidade das modificações ocasionadas, na vida de milhões de seres humanos, pela Revolução Industrial.

c) Essa dramaticidade que, muitas vezes, nos escapa, mas que podemos entrever, como nos informa Hobsbawm, se levarmos em conta que era comum, nas primeiras décadas dos oitocentos, encontrar trabalhadores citadinos vivendo de forma que seria absolutamente irreconhecível para seus avós ou mesmo para seus pais.

d) A fragmentação das sociedades campesinas tradicionais, que originou as grandes massas nas cidades, fazem com que, nas palavras de Hobsbawm, "nada se tornasse mais inevitável" do que o aparecimento dos movimentos operários.

e) Aqueles trabalhadores, que viviam em condições insuportáveis, não tinham quaisquer recursos legais, somente alguns rudimentos de proteção pública.

(Raquel Veras Franco, Breve Histórico da Justiça e do Direito do Trabalho no Mundo – http://www.tst.gov.br/Srcar/Documentos/ Historico)

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – A fragmentação, que originou (...), **faz**.

Sujeitos e verbos:

Alternativa "a" – As riquezas **eram**; as condições de vida nas cidades **costumavam** ser; alguns recenseamentos **relatam**; o homem **vivia**.

Alternativa "b" – esses números **sejam**.

Alternativa "c" – Essa dramaticidade **escapa**; **era** comum encontrar trabalhadores; forma **seria**.

▶ **Dica** – Palavrinha que todos os *concurseiros* adoram: **sempre** que o sujeito for oracional (possuir verbo), o verbo da oração principal deve ficar no singular.

Exemplo: Era necessário obter bom resultado. O que era necessário? Obter bom resultado (sujeito). Classifica-se, também, como oração subordinada substantiva subjetiva.

Alternativa "e" – Aqueles trabalhadores, que **viviam**; Aqueles trabalhadores não **tinham** quaisquer recursos.

---

16. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/ 2006) Os trechos abaixo constituem um texto. Assinale a opção gramaticalmente correta.

a) O primeiro interesse dos espanhóis e portugueses pela América foi o ouro acumulado. A mera exploração do ouro, no entanto, não assegurou à Portugal a manutenção da colônia, ameaçada de ocupação. Nesse período, somente a ocupação representava verdadeiro domínio. Por outro lado, os gastos de defesa eram bastante elevados.

b) Como os portugueses já possuíam experiência no cultivo do açúcar em grande escala nas ilhas do Atlântico, a junção desse conhecimento técnico dos portugueses com a capacidade de transporte dos holandeses na Europa permitiriam a produção do açúcar em larga escala no Brasil.

c) O principal problema para essa expansão seria a mão de obra, pois não haviam na colônia e o transporte de Portugal era economicamente inviável.

d) Na expansão da plantação do açúcar no Brasil, Portugal utilizou-se, inicialmente, do trabalho de índios escravizados. Mas o sistema de monopólio da produção do açúcar entraram em decadência com o início da produção nas ilhas das Antilhas, fazendo com que o preço do produto caísse.

e) A necessidade política de colonização das terras e a ausência de mão de obra excedente na Península Ibérica, na época, levaram Portugal a optar pela introdução da mão de obra escrava africana (negra).

(Sidnei Machado. Internet: http://calvados.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/direito/article/viewPDFInterstitial/1766/1463)

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de concordância e crase.

Cuidado na alternativa e! O sujeito é composto e o verbo está correto: A necessidade política de colonização das terras e a ausência de mão de obra excedente na Península Ibérica **levaram**.

Alternativa "a" – não assegurou **a** Portugal = para lugar, usar a antiga dica voltei de Portugal. Não há acento indicativo de crase.

▶ **Dica** – Para se certificar se haverá crase antes de lugar, relembremos o velho macete: quem vai a e volta da = crase no a, quem vai a e volta de = crase para quê?

Exemplo: Foi **à** China / Voltou **da** China. Foi **a** Roma / Voltou **de** Roma.

Alternativa "b" – a junção desse conhecimento técnico dos portugueses com a capacidade de transporte dos holandeses na Europa **permitiu**.

Alternativa "c" – não **havia** mão de obra na colônia.

▶ **Dica** – Verbo **haver** no sentido de **existir** ou **ocorrer** é impessoal (sem sujeito, sem pessoa) e deve ficar no **singular.**

Exemplo: Havia candidatos = Existiam candidatos.

Alternativa "d" – o sistema de monopólio da produção do açúcar **entrou** em decadência.

---

17. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/ 2006) Os trechos a seguir foram adaptados de uma reportagem da Folha de S. Paulo, 30 de abril de 2006. Assinale aquele que não apresenta erro de natureza gramatical.

(A) Um diploma universitário ou o ingresso no ensino superior não são garantias que os salários não se deteriorem de modo mais intenso nos períodos de crise, pois as maiores perdas entre 2002 e 2006, ocorreram nos trabalhadores com mais de 11 anos de estudo.

(B) A maior perda real da remuneração das pessoas, com maior nível de instrução ocorre em razão da grande oferta de mão de obra qualificada, sem ter a contrapartida da expansão das vagas "de classe média".

(C) À força de trabalho "abundante" traz-se um alto nível de competição no mercado de trabalho que "achatam" os salários, especialmente em períodos de fraco nível de atividade econômica.

(D) Com farta oferta de mão de obra no Brasil, as empresas podem selecionar profissionais qualificados pagando – lhes salários mais baixos e, muitas vezes, contratar um profissional mais capacitado do que a função exigiria.

(E) O fenômeno não é uma tendência mundial: trata-se de uma anomalia do mercado de trabalho brasileiro, que existe uma redução de postos de trabalho possuindo remunerações mais elevadas por que o modelo econômico brasileiro destrói empregos de classe média.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de concordância, ortografia, pontuação e regência.

Apesar de não haver erro, vale a pena comentar o emprego do pronome pessoal oblíquo **lhes**: quem paga, paga algo a alguém = objeto indireto de pagar.

Alternativa "a" – não são garantias **de** que os salários = não são garantias de algo; pois as maiores perdas**, entre 2002 e 2006,** ocorreram = intercalar o adjunto adverbial de tempo (inserir vírgula antes).

Alternativa "b" – A maior perda real da remuneração das pessoas**, com maior nível de instrução,** ocorre em razão da grande oferta de mão de obra qualificada = intercalar a expressão em negrito com vírgula após instrução.

Alternativa "c" – um alto nível de competição no mercado de trabalho que **"achata"** os salários.

Alternativa "e" – trata-se de uma anomalia do mercado de trabalho brasileiro, **em que** (ou **onde**, ou **no qual**) existe uma redução de postos de trabalho = existe uma redução de postos de trabalho no mercado; possuindo remunerações mais elevadas **porque** o modelo econômico brasileiro destrói empregos de

classe média = **porque** é uma conjunção explicativa e equivale a pois.

▶ **Dica dos porquês:**

1) **Por que**: equivale a pelo(a) qual (pronome relativo) = O caminho por que passo; vem acompanhado pela palavra razão = Não sei por que você atrasou tanto.

2) **Porque**: é uma explicação e normalmente pode ser substituído por pois = Fala demais porque pensa pouco.

3) **Por quê**: segue a regra da palavra quê. Usado em final de frase = Ele saiu rápido e não sei por quê.

4) **Porquê**: para facilitar, pense que admite plural (nem sempre virá acompanhado pelo artigo) = Saiu rápido e não sei o porquê. O estudo da palavra porquê – sem artigo e admite plural!

---

18. (ESAF – Secretaria da Receita Federal – Técnico da Receita Federal/2003) Assinale o trecho do texto que foi transcrito com erro.

a) Os direitos humanos, a grande conquista moderna, procedem da ideia de que o governo está a serviço dos cidadãos, e não o contrário. Cada indivíduo, antes mesmo de fazer parte do poder político, já detêm direitos que são seus, pelo simples ato de nascer.

b) É esse vínculo dos direitos humanos ao nascimento que permite dizer que eles são direitos naturais. Já o Estado é um instrumento para realizar fins comuns às pessoas.

c) Vários teóricos da política, ao longo dos séculos XVII e XVIII, afirmaram que o Estado nasceria de um contrato. Eles foram indevidamente contestados depois que os avanços da história mostraram que seria impossível a pessoas isoladas entre si desenvolverem a sofisticação necessária para adotar o conjunto de regras e leis que forma um Estado.

d) O que os contratualistas pretendiam não era tanto afirmar uma verdade histórica, ou sequer uma hipótese, mas expressar uma ideia filosófica forte, revolucionária: o indivíduo tem prioridade sobre o Estado.

e) Mesmo que cada um de nós, em sua vida, nasça dentro de um Estado – e, portanto, depois dele –, este último somente tem validade como ferramenta ou meio para promover fins que são os nossos.

Adaptado de Renato Janine Ribeiro, Fronteiras da Ética, São Paulo: Senac, 2002, p.134,135.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – O verbo deve concordar com o sujeito: cada indivíduo **detém**.

Nas alternativas *b, c, d* e *e* não há erros.

---

19. (ESAF – Secretaria da Receita Federal – Técnico da Receita Federal/2003) Assinale a opção em que a concordância está de acordo com a norma padrão.

(A) Os milhares de pessoas que cometeram delitos, após cumprirem suas penas, ficam quites com a sociedade.

(B) Nenhum dos colegas de seção afirmaram ter presenciado qualquer ato delituoso, apenas relataram o que ouviram do funcionário punido.

(C) A maioria dos casos examinados indicava ser necessário a instauração de sindicância, ainda que alguns de nós relutássemos em acatar a auditoria realizada.

(D) Dadas as circunstâncias em que ocorreu um grande número de exonerações, foi publicado, na mídia, uma nota que justificava tal procedimento administrativo.

(E) Seguia anexo ao processo administrativo a cópia dos contratos de serviços especializados que haviam sido prestados na gestão anterior.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

✪ **Nota da autora:** Como no enunciado não especifica a concordância, verificar verbos e sujeitos, adjetivos, artigos e substantivos. Na alternativa *a* não há erros.

Alternativa "b" – Concordância verbal: a única obrigatoriedade de mudança é no primeiro verbo: nenhum dos colegas **afirmou**. Os demais podem permanecer no plural e concordar com *colegas*.

Alternativa "c" – Concordância nominal: **necessária** a instauração. O artigo manda na concordância. Sem o artigo: **necessário** instauração.

Alternativa "d" – Concordância verbal: foi **publicada** uma nota (sujeito). A oração está na voz passiva analítica e o particípio deve concordar com o sujeito.

Alternativa "e" – Concordância nominal: a cópia seguia **anexa**.

2. FCC

20. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – SP/2013) Do ponto de vista da concordância, está correto o seguinte enunciado:

(A) O fôlego da transição depende, já fazem décadas, de estrutura física e mecanismos institucionais que o sustente.

(B) Pode ter havido elevações significativas na base educacional da população, talvez sem a proporção de ciência e engenharia que seria desejável.

(C) É caracterizado como armadilha da média renda a situação em que ocorre um baixo crescimento da produtividade e muito pouca elevação do número de profissionais de alta qualificação exercendo atividades criativas.

(D) O México precisa de leis condizente com os novos contextos mercadológicos, precisa quebrar a rigidez em áreas como petróleo e telecomunicações.

(E) A Argentina está entre os países que parece estarem presos à armadilha do baixo crescimento; a maioria chegaram a desenvolver capacidade tecnológica em algumas poucas áreas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – O verbo **haver**, no sentido de ocorrer ou existir, é impessoal, permanecendo na 3ª pessoa do singular, pois não possui sujeito. Exemplo: Haverá elevações.

Já os verbos **ocorrer** e **existir** têm sujeito e, portanto, as flexões de número e pessoa são pertinentes. Exemplos: *Ocorrerão elevações. Existirão elevações.* (elevações ocorrem/elevações existem).

É importante observar que os verbos auxiliares assumem o comportamento dos verbos principais. Assim, temos o seguinte:

- Deverão *ocorrer* elevações. Podem ter ocorrido elevações.
- Deverão *existir* elevações. Podem ter existido elevações.
- Deverá *haver* elevações. Pode ter havido elevações.

Alternativa "a" – o verbo **fazer** é impessoal quando se trata de tempo.

Alternativa "c" – pergunta: o que é caracterizado como armadilha da média renda? Encontrando como resposta " a situação...", sabe-se que a concordância correta é "É caracterizada como armadilha [...] a situação..." (= a situação é caracterizada)

Alternativa "d" – leis **condizentes** = o adjetivo **condizente** deve combinar em número (plural) com o substantivo **leis**.

Alternativa "e" – **parece estarem** presos = Embora possa soar pouco familiar, esta construção, chamada de construção literária, é uma das duas formas corretas do infinitivo pessoal de "parece estar". O verbo "parecer" pode relacionar-se de duas maneiras distintas com o infinitivo.

- Quando "parecer" é verbo auxiliar de um outro verbo: Elas parecem chorar. (construção corrente)
- Elas parece chorarem: nesse exemplo ocorre, na verdade, um período composto. "Parece" é o verbo de uma oração principal cujo sujeito é a oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo "elas chorarem". Como desdobramento dessa reduzida, podemos ter a oração "Parece que elas choram." (construção literária)

O erro de concordância presente nesta questão é: "a maioria **chegaram**", uma vez que o correto é: a maioria **chegou**.

21. (FCC – Agente Fiscal de Rendas/2009) *"Mas muitos biólogos hão de concordar..."* Diferentemente do que se tem acima, a frase que, consoante o padrão culto escrito, exige o emprego do verbo "haver" no singular é:

(A) Muitas teorias já _____ sido submetidas à sua análise quando ele expressou essa convicção.

(B) Talvez _____ algumas versões da teoria citada, mas certamente poucos as conhecem.

(C) Quantos biólogos _____ pesquisado o assunto e talvez não tenham a mesma opinião.

(D) Alguns mitos falsos _____ merecido representação artisticamente irrepreensível.

(E) Nós _____ de corresponder às expectativas depositadas em nossa equipe.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta

Nota da autora: O verbo *haver* não é impessoal por três motivos:

1) Possui sujeito (muitos biólogos);

2) Não pode ser substituído por ***existir*** ou ***ocorrer*** (***hão de concordar*** = concordarão);

3) Admite plural.

Alternativa "b": Talvez ***haja*** algumas versões = Talvez ***existam*** algumas versões.

Na primeira oração o verbo é impessoal, por equivaler a ***existir*** e a análise sintática da frase é:

Talvez haja ***algumas versões.*** Talvez existam ***algumas versões.***

v.t.d. ***objeto direto*** – oração sem sujeito intransitivo ***sujeito simples***

Fixe assim: ***haver = singular / existir = plural.***

1) Muitas teorias já ***haviam*** sido submetidas à sua análise. Muitas teorias = sujeito.

2) Quantos biólogos ***haviam pesquisado*** o assunto. Quantos biólogos = sujeito / haviam pesquisado = pesquisaram.

3) Alguns mitos falsos ***haviam merecido*** representação. Alguns mitos = sujeito / haviam merecido = mereceram.

4) Nós ***haveremos de corresponder*** às expectativas. Nós = sujeito / haveremos de corresponder = corresponderemos.

---

22. (FCC – Agente Fiscal de Rendas/2009) A frase que está em total conformidade com o padrão culto escrito é:

(A) A sua crescente habilidade para o diálogo ao mesmo tempo franco e polido foi atribuído aos ambientes em que frequentava por conta da profissão.

b) Não vai fazer diferença, a essa altura, os pareceres desfavorável ao projeto, pois grande parte dos consultores reconheceu a possibilidade de implementá-lo.

c) Esses argumentos em estilo tão requintado é fatal para convencer aqueles que os consideram mais pela aparência que pela consistência, que é um grande equívoco.

d) Em favor à ideia ele expôs uma dezena de fatores, cujo teor poucos tinham tido acesso antes da polêmica reunião.

e) O foco dos debates era aquela teoria, e ninguém dentre eles poderia alegar que não fora avisado da necessidade de a ele se ater, para que se evitassem situações embaraçosas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta

✪ **Nota da autora:** Questão de concordância, ortografia, pontuação, verbo e regência.

Na alternativa e não há erro.

Correções:

Alternativa "a": A sua crescente habilidade para o diálogo ao mesmo tempo franco e polido foi ***atribuída*** aos ambientes ***que*** frequentava por conta da profissão.

Alternativa "b": Não ***vão*** fazer diferença, a essa altura, os pareceres ***desfavoráveis*** ao projeto, pois grande parte dos consultores reconheceu a possibilidade de implementá-lo.

Alternativa "c": Esses argumentos em estilo tão requintado ***são fatais*** para convencer aqueles que os consideram mais pela aparência que pela consistência, ***o*** que é um grande equívoco.

Alternativa "d": Em favor à ***ideia,*** ele expôs uma dezena de ***fatores a cujo*** teor poucos tinham tido acesso antes da polêmica reunião.

Observações: A vírgula após *ideia* é necessária por haver inversão de termos; retirar a vírgula após *fatores*, pois indica posse do pronome relativo *cujo*; a regência do substantivo *acesso* pede a preposição ***a*** e deve ser colocada anteposta ao pronome relativo.

---

23. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2006) A frase em que a concordância está em conformidade com o padrão culto é:

(A) É sempre falível, a meu ver, os juízos que se fundamentam mais na verve do orador que no conteúdo de seu discurso, mesmo quando os ouvintes lhe neguem aquele predicado.

(B) Suponho que devem existir sérias razões para ele ter-se comportado assim: todas as questões que lhe eram postas ele julgava irrelevantes.

(C) O relatório, de cujo dados discordou-se, foi rejeitado imediatamente, tendo sido sugerido, em caráter de urgência, a sua plena revisão ou até mesmo sua substituição.

(D) Os advogados reclamaram da indecisão do depoente, sem perceber que as perguntas que a ele eram dirigidas lhes parecia obscura, difíceis de serem compreendidas.

(E) Era intrincada a associação de idéias do promotor e o apelo que fazia aos jurados, o que, consideradas as circunstâncias, os conduziram a uma decisão questionável.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – ***Devem*** existir ou ***deve*** haver. Haver = singular; existir = plural.

Correções:

Alternativa "a": ***São*** sempre ***falíveis***, a meu ver, os juízos que se fundamentam mais na verve do orador que no conteúdo de seu discurso, mesmo quando os ouvintes lhe neguem aquele predicado.

Alternativa "c": O relatório, de ***cujos*** dados discordou-se, foi rejeitado imediatamente, tendo sido ***sugerida***, em caráter de urgência, a sua plena revisão ou até mesmo sua substituição.

Alternativa "d": Os advogados reclamaram da indecisão do depoente, sem ***perceberem*** que as perguntas que a ele eram dirigidas lhes ***pareciam obscuras***, difíceis de serem compreendidas.

Alternativa "e": ***Eram intrincados*** a associação de ideias do promotor e o apelo que ***faziam*** aos jurados, o que, consideradas as circunstâncias, os conduziram a uma decisão questionável.

---

24. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2006) Considere a seguinte frase: A busca de distinção entre o que é "do bem" e o que é "do mal" *traz consigo um dilema (...).* O verbo ***trazer*** deverá flexionar-se numa forma do ***plural*** caso se substitua o elemento sublinhado por

(A) Essa divisão entre o bem e o mal, à medida que se acentua nos indivíduos, (...).

(B) As oscilações que todo indivíduo experimenta entre o bem e o mal (...).

(C) O fato de quase todas as pessoas oscilarem entre o bem e o mal (...).

(D) A dificuldade de eles distinguirem entre as boas e as más ações (...).

(E) Muitas pessoas sabem que tal alternativa, nas diferentes situações, (...).

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – As oscilações trazem: sujeito plural = verbo plural.

Alternativa "a": Essa divisão traz.

Alternativa "c": O fato traz.

Alternativa "d": A dificuldade traz.

Alternativa "e": Tal alternativa traz. Não confunda o sujeito: muitas pessoas sabem e tal alternativa traz.

---

25. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2006) ***Ambos*** os verbos indicados entre parênteses deverão flexionar-se numa forma do ***plural*** para preencherem corretamente as lacunas da frase:

(A) _____ (avultar), aos olhos dos próprios historiadores contemporâneos, a figura de Eric Hobsbaw como um dos intérpretes que melhor _____ (compreender) o século XIX.

(B) Não _____ (competir) aos historiadores exercer a mera função de arquivistas públicos; mais que isso, _____-se (esperar) deles uma compreensão participativa da história.

(C) _____ (ser) de se lamentar que aos jovens de hoje _____ (restar) viver o tempo como uma espécie de presente contínuo, sem qualquer conexão com o passado.

(D) Ao historiador _____ (dever) sensibilizar as omissões de toda e qualquer experiência que _____ (sofrer) nossos antepassados.

(E) _____ (aprazer) aos governantes fazer esquecer o que não lhes _____ (interessar) lembrar, para melhor se valerem da falta de memória histórica.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – As omissões ***devem*** sensibilizar e nossos antepassados ***sofrem***.

Alternativa "a": A figura ***avulta*** e um dos intérpretes que melhor ***compreende***.

Alternativa "b": Exercer não ***compete*** (sempre que o sujeito for um verbo, a concordância deve ser no singular). ***Espera-se*** uma compreensão (V.T.D. + se = voz passiva) – Uma compreensão é esperada.

Alternativa "c": ***É*** de se lamentar (sujeito oracional – mesmo caso da alternativa anterior) e ***resta*** viver.

Alternativa "e": Fazer apraz e lembrar interessa.

---

26. *(AFR/SP – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2002)* À frase "Observe-se, na prática como a coisa funciona", reescrita de forma objetiva e de acordo com as prescrições da norma culta, equivale a:

(A) Veja-se, na prática, a forma como a lei é aplicada.

(B) Tratam-se de perceber, na prática, as aplicações da lei.

(C) Note-se como o negócio acontece na prática.

(D) Considere-se os procedimentos adotados na prática.

(E) Perceba-se como acontece as coisas na prática.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta

✪ **Nota da autora:** Questão de concordância e coerência textual.

Divida as orações para ganhar tempo: observa-se = veja-se / como a coisa funciona = como a lei é aplicada.

Alternativa "b": O erro está na pluralização do verbo ***tratar***.

▶ **Dica** – Apenas admitem plural os verbos ***transitivos diretos*** ou verbos ***transitivos diretos e indiretos + se*** por terem sujeito e indicarem voz passiva.

Exemplo: Dão-se as resposta aos candidatos = As repostas são dadas aos candidatos.

Dão-se	as resposta	aos candidatos
V.T.D.I. + se	*sujeito*	*objeto indireto*

No caso do verbo ***tratar***, é transitivo indireto = voz ativa e sujeito indeterminado. Obrigatoriamente, o verbo deve ficar no singular: ***Trata***-se de perceber, na prática, as aplicações da lei.

Alternativa "c": Altera o sentido.

Alternativa "d": Erro de concordância: ***considerem-se*** os procedimentos adotados. O verbo é transitivo direto.

Alternativa "e": Erro de concordância: perceba-se como ***acontecem*** as coisas na prática.

---

27. (AFR/SP – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2002) Assinale a alternativa em que os versos, reescritos, estão corretos quanto à concordância verbal:

(A) Numa cidade onde a Verdade, a Honra e a Vergonha desaparece.

(B) Numa cidade onde faltam cultivar a Verdade, a Honra e a Vergonha.

(C) Numa cidade onde não devem haver a Verdade, a Honra e a Vergonha.

(D) Numa cidade onde a Verdade, a Honra e a Vergonha não está.

(E) Numa cidade onde a Verdade, a Honra e a Vergonha desaparecem.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Sujeito composto = verbo plural.

Correções:

Alternativa "a": ***desaparecem*** concorda com o sujeito composto ***a Verdade, a Honra e a Vergonha.***

Alternativa "b": ***falta*** concorda com ***cultivar***. Se o sujeito é um verbo = singular.

Alternativa "c": ***deve*** haver. Haver = singular; existir = plural / verbo auxiliar do haver = singular / auxiliar do existir = plural.

Alternativa "d": ***estão*** concorda com o sujeito composto ***a Verdade, a Honra e a Vergonha.***

---

28. (AFR/SP – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2002) A concordância de nomes e verbos está de acordo com a norma culta na alternativa:

(A) Na discussão do assunto, lançam-se mão de dois recursos, com base em dados socioeconômicos.

(B) Tratam-se, talvez, das referências mais citadas para defender valores mais expressivos para os salários-família.

(C) Os fatos que houveram causaram espanto, por ter sido os carros-bomba lançados contra um grupo de crianças inocentes.

(D) Era necessário experiência aos bombeiros para que pudessem enfrentar e resolverem os problemas.

(E) Cremos que esses são livros que se inscrevem entre os pesos pesados do panorama literário ibero – americano.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Concordâncias verbal e nominal corretas.

Erros:

Alternativa "a": ***lança***-se mão = mão é lançada.

Alternativa "b": ***Trata***-se = verbo transitivo indireto + se (índice de indeterminação do sujeito) não admite plural.

Alternativa "c": Os fatos que ***houve*** causaram espanto, por ***terem*** sido os ***carros-bomba*** lançados contra um grupo de crianças inocentes.

- Haver = ocorreram – singular / carros-bomba = substantivo composto – o segundo elemento indica tipo, assim, apenas o primeiro elemento varia, como ocorreu em salários-família, alternativa b / O verbo deve concordar com o sujeito = terem sido.

Alternativa "d": Duas opções de correção: Era ***necessário*** experiência ou Era ***necessária*** a experiência (o artigo manda na concordância).

3. CESPE

Trecho para julgar o item.

(...) Outros aspectos sociotécnicos importantes que caracterizam a nova governança pública se relacionam aos anseios de maior participação e controle social nas ações de governo, que, somados ao de liberdade, estabelecem o cerne do milenar conceito

de cidadania (participação no governo) e os valores centrais da democracia social do século XXI.

Internet: <http://aquarius.mcti.gov.br>(com adaptações).

29. (CESPE/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) A forma verbal "estabelecem" está flexionada no plural porque concorda com o termo antecedente "aspectos"

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – *Aspectos* sociotécnicos caracterizam a nova governança. O que estabelecem o cerne do milenar conceito de cidadania? Os anseios de maior participação e controle social = sujeito do verbo *estabelecer*.

Trecho para julgar o item.

O crescimento populacional e econômico, aliado à evolução dos mercados e à complexidade das relações sociais, traduz-se em demandas por serviços públicos mais sofisticados, em maior quantidade e com mais qualidade. Para estar à altura das exigências da sociedade do século XXI, o desafio que se coloca ao país é a construção de um Estado "inteligente", que incorpore os avanços tecnológicos, a rapidez e as facilidades da era digital. (...)

Por dentro do Brasil. Modernização da gestão pública. Internet (com adaptações).

30. (CESPE/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) O emprego do adjetivo "aliado" no plural não prejudicaria a correção gramatical do texto, dada a possibilidade, no contexto, de concordância com os termos anteriores mais próximos — "populacional e econômico".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O que está aliado à evolução dos mercados? O crescimento populacional e econômico. O adjetivo concorda com o substantivo masculino singular *crescimento* e não pode admitir plural.

Trecho para julgar o item.

(...)

A análise do IDEB apontou a necessidade de aperfeiçoamento da metodologia de obtenção desse índice. Segundo avalia o ministro relator do processo, "O IDEB é um importante instrumento para a aferição da qualidade da educação, por isso deve ser aprimorado de forma a permitir um diagnóstico mais fidedigno dos sistemas de ensino".

Outro instrumento de gestão educacional avaliado foi o sistema integrado de monitoramento do MEC, que, segundo a auditoria, também deve ser melhorado. Parte dos dados encontra-se desatualizada.

TCU avalia gestão da educação básica em municípios brasileiros. Notícia publicada em 12/9/2013. Internet: <www.tcu.gov.br/> (com adaptações).

31. (CESPE/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) Haveria prejuízo da correção gramatical do texto caso o primeiro período do primeiro parágrafo fosse assim reescrito: Na análise do IDEB, foi atestado a necessidade de aperfeiçoar a metodologia que obtém esse índice.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Concordância errada: o predicativo do sujeito deve concordar com o sujeito. Há o verbo SER + artigo feminino singular. Na ordem direta, para facilitar: **A necessidade** de aperfeiçoar a metodologia que obtém esse índice foi **atestada**.

Trecho para o item.

(...) Por outro lado, cada vez mais, os governos recorrem à sociedade em busca de parcerias para o desenvolvimento de ações. As formas e os mecanismos de desenvolver essas parcerias variam, mas essa prática é cada vez mais adotada e, em alguns casos, até mesmo institucionalizada, por meio da incorporação de diferentes atores sociais na definição e na gestão de políticas públicas. (...)

Adriano Cesar Ferreira Amorim. O programa de capacitação de servidores públicos e de cidadãos do Tribunal de Contas da União: um exemplo de atuação estratégica das escolas de governo. Revista do TCU, ano 45, n.º 26, jan.-abr./2013. Internet:<http://portal2.tcu.gov.br> (com adaptações).

32. (CESPE/UnB – TCE/RO – Auditor de Controle Externo/2013) A forma verbal "variam" está empregada no plural para concordar com os nomes "formas" e "mecanismos".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O que variam? As **formas** e os **mecanismos** de desenvolver essas parcerias = sujeito. O verbo deve concordar com o sujeito.

Trecho para o próximo item.

(...) Muitas razões podem explicar esse comportamento mais favorável às mulheres do que aos homens, no que se refere à expansão do nível de ocupação. Uma delas decorre da amplitude do processo de reestruturação produtiva iniciada na década de noventa do século passado, que afeta principalmente o emprego industrial, cuja redução massiva tem rebatimentos negativos e incide mais sobre os homens do que sobre as mulheres, pouco representadas no setor. (...)

Tânia M. Fontenele-Mourão. Mulheres no topo de carreira: flexibilidade e persistência. Brasil: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2006.

Internet: <www.dominiopublico.gov.br> (com adaptações).

33. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) As formas verbais "tem" e "incide" estão flexionadas no singular porque concordam com o termo "redução massiva".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A redução massiva do emprego industrial tem rebatimentos negativos e (a redução massiva do emprego industrial) incide mais sobre os homens.

4. FGV

34. (FGV – TCE/BA – Analista de Controle Externo/2013)

"Pesquisa realizada pelo Instituto Patrícia Galvão e o Data Popular revela que 54% das pessoas entrevistadas disseram conhecer uma mulher que já foi agredida por um parceiro, enquanto 56% afirmaram que conhecem um homem que já agrediu uma companheira".

Nas expressões de porcentagem, a concordância do verbo tanto se realiza com o número (54) quanto com o termo partitivo (das pessoas entrevistadas).

Assinale a alternativa em que a forma verbal só pode aparecer no plural.

(A) 32% do povo brasileiro não creem nos políticos.

(B) 1,6% dos cariocas pertencem à classe dos milionários.

(C) 3% do nosso grupo apoiaram o projeto.

(D) 2,5% de nós condenaram a aprovação da lei.

(E) 56% da biblioteca foram queimados.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – Se concordar com o numeral, deve permanecer no plural (condenaram); se concordar com o pronome pessoal da primeira pessoa do plural, óbvio que também deve permanecer no plural (condenamos).

Alternativa "a" – Pode concordar com o substantivo masculino singular *povo* = crê.

Alternativa "b" – Pode concordar com o numeral = 1,6% pertence.

Alternativa "c" – Pode concordar com o substantivo coletivo masculino singular *grupo* = apoiou.

Alternativa "e" – Pode concordar com o substantivo feminino singular *biblioteca* = foi queimada.

5. IC

35. Preenche corretamente as lacunas, do ponto de vista da concordância verbal.

Já ..... muitos anos que não se lançava nenhum filme mudo, mas ..... muitas pessoas que ainda ..... por este tipo de filme.

(A) devem fazer, tem, se apaixona

(B) deve fazer, há, se apaixonam

(C) deve fazerem, há, se apaixona

(D) fazem, há, se apaixona

(E) faz, haviam, se apaixonarão

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

Nota da autora: em questões desse estilo, é aconselhável trabalhar por eliminação:

1. Já **faz** ou **deve fazer** muitos anos: verbo fazer indicando tempo decorrido = singular. Eliminadas A e D;

2. Há ou **existem** ou **têm** muitas pessoas = haver: singular por ser impessoal (oração sem sujeito); existir: plural por haver sujeito. Fixe:

Há	muitas pessoas
V.T.D.	O.D.

Existem	muitas pessoas
I.	sujeito

Eliminada E.

1. Muitas pessoas **se apaixonam.** Eliminada C.

QUESTÕES INÉDITAS

01. (Duda Nogueira) Quanto às normas de concordância, está plenamente correta a alternativa:

(A) "Quando fazemos tudo para que nos amem e não conseguimos, resta-nos um último recurso: não fazer mais nada. Por isso, digo, quando não obtivermos o amor, o afeto ou a ternura que havíamos solicitado, melhor será desistir e procurar mais adiante os sentimentos que nos negaram."

(B) "Meu Deus, me dê a coragem de viver trezentos e sessenta e cinco dias e noites, todos vazios de Tua presença. Me dê a coragem de considerar esse vazio como uma plenitude. Faça com que eu seja a Tua amante humilde, entrelaçada a Ti em êxtase. Faça com que eu possa falar com este vazio tremendo e receber como resposta o amor materno que nutre e embalam."

(C) "Havia a levíssima embriaguez de andarem juntos, a alegria como quando se sente a garganta um pouco seca e se vê que por admiração se estava de boca entreaberta: eles respiravam de antemão o ar que estava à frente, e ter esta sede era a própria água deles. Andavam por ruas e ruas falando e rindo, falavam e riam para dar matéria peso à levíssima embriaguez que era a alegria da sede dele."

(D) "Sou o que se chama de pessoa impulsiva. Como descrever? Acho que assim: vem-me uma ideia ou um sentimento e eu, em vez de refletir sobre o que me veio, ajo quase que imediatamente. O resultado tem sido meio a meio: às vezes acontece que agi sob uma intuição dessas que não falha, às vezes erro completamente, o que prova que não se tratava de intuição, mas de simples infantilidade."

(E) "Sou como você me vê...posso ser leve como uma brisa ou forte como uma ventania, depende de quando e como você me vê passar...suponho que me entender não é uma questão de inteligência e sim de sentir, de entrar em contato... tenho uma alma muito prolixa e uso poucas palavras, sou irritável e firo facilmente. Também sou muito calma e perdoo logo."

(Trechos retirados da obra de Clarice Lispector – com adaptações.)

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Verbos concordando com os respectivos sujeitos e nomes com os substantivos. Alguns trechos:

você vê = sujeito e verbo;

alma prolixa = adjetivo e substantivo;

poucas palavras = pronome indefinido e substantivo.

(A) Melhor será **desistirmos** (nós).

(B) o amor materno que nutre e **embala**.

(C) riam para dar matéria peso à levíssima embriaguez que era a alegria da sede **deles**.

(D) às vezes acontece que agi sob uma intuição dessas que não **falham.**

(Duda Nogueira) Considere os itens.

I. Nada menos que 950 metros quadrados de murais registrou a paixão de Ramsés II pela princesa Nefertari – a primeira de suas seis esposas e a única a merecer um túmulo monumental desse celebrado faraó egípcio, que foi coroado com menos de 10 anos, reinou 67, de 1304 a.C. a 1237 a.C. e teve mais de cem filhos. A obra, construída há 3.200 anos, ficou escondida entre as rochas da região de Luxor até 1904, quando foi descoberta por arqueólogos italianos. Seus murais, considerados um dos maiores exemplos de arte do Antigo Egito, mostra Nefertari muitas vezes ao lado da deusa do amor, como uma bela jovem coberta de joias.

II. Na época da descoberta, as pinturas estavam impregnadas de misteriosos grãos de sal, que danificou as imagens. Por isso, em 1950, o monumento foi fechado para visitantes. Finalmente, em 1986, equipes de restauradores de diversos países começaram a pesquisar o local. Até o fim do ano, iniciar-se-á os trabalhos de restauração.

III. Trata-se de um empreendimento faraônico: executado com as melhores técnicas do século XX, milhares de tiras de papel de arroz foram gastas para segurar as áreas onde as paredes coloridas ameaçam descascar; para reconstituir as partes danificadas, correspondentes a 20% da área dos murais, os cientistas estão usando ondas de ultrassom, que devem revelar os desenhos que ali existiam originalmente.

A concordância está correta em

(A) I

(B) II

(C) III

(D) I e II

(E) I e III

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

I. Errada: Nada menos que 950 metros quadrados de murais **registraram** a paixão de Ramsés II pela princesa Nefertari (...) Seus murais, considerados um dos maiores exemplos de arte do Antigo Egito, **mostram** Nefertari muitas vezes ao lado da deusa do amor.

II. Errada: Na época da descoberta, as pinturas estavam impregnadas de misteriosos grãos de sal, que **danificaram** as imagens. (...) **iniciar-se-ão** os trabalhos de restauração.

▶ **DICAS**

1. A mesóclise (pronome no meio do verbo) é obrigatória pelo fato de o verbo estar no futuro do indicativo;

2. Havendo **se** acompanhado do verbo, deve-se saber a predicação: iniciar algo = verbo transitivo direto. Indica que temos voz passiva sintética e a oração transposta para a voz passiva analítica resulta em: Os trabalhos de restauração serão iniciados.

Há sujeito e o verbo deve com ele concordar: iniciar-se-ão os trabalhos...

III. Correta. Importante encontrar todos os sujeitos.

1. Trata-se de um empreendimento faraônico = verbo transitivo indireto + se (índice de indeterminação do sujeito). O sujeito é indeterminado e "de um empreendimento faraônico" possui função sintática de objeto indireto. Verbo, obrigatoriamente, no singular.

▶ **DICA**

Apenas os verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos + se admitem plural por existir sujeito que os acompanham.

2. milhares de tiras de papel de arroz **foram gastas** para segurar as áreas = o verbo concorda com o sujeito paciente, já que a oração se encontra na voz passiva analítica (ser + particípio).

3. as paredes coloridas **ameaçam** descascar = o verbo concorda com o sujeito simples plural.

4. para reconstituir as partes danificadas = a oração indica finalidade e por isso o verbo pode ficar no singular.

5. os cientistas **estão** usando ondas de ultrassom = o verbo concorda com o sujeito simples plural.

6. ondas de ultrassom, que (ou quais) **devem** revelar = o verbo concorda com o sujeito simples plural.

▶ **DICA**

O sujeito da forma verbal **devem** é o pronome relativo **que** o qual retoma ondas (substantivo que manda na concordância).

7. os desenhos que ali **existiam** originalmente = o verbo concorda com o sujeito simples plural.

▶ **DICA**

O sujeito da forma verbal **existiam** é o pronome relativo **que** o qual retoma os desenhos (substantivo que manda na concordância).

(Fonte: Livro Simuladaço Língua Portuguesa, Editora JusPodivm.)

DICAS

1. CONCORDÂNCIA VERBAL

O verbo deve concordar com o sujeito. No caso do verbo ser, o verbo pode concordar com o predicativo (se estiver no plural ou for pronome pessoal).

A melhor forma de fixar as regras é exercitando, por isso a teoria foi sintetizada.

2. CONCORDÂNCIA NOMINAL

Os vocábulos que acompanham o substantivo devem concordar em número e gênero com ele.

Algumas regras importantes:

- Escolheu **péssima** hora e momento para falar → *Adjetivo antes de dois substantivos concorda com o mais próximo.*
- Leitura é **bom**. A leitura é **boa** → *O artigo manda na concordância.*
- Havia **bastantes** razões para ele faltar → *Bastante ao lado de substantivo plural = plural.*

Exercite para aprender, é o segredo.

Regência

Tópico relacionado ao emprego do pronome relativo. A dica está no verbo ou nome posposto ao pronome relativo.

Questões inéditas: **Simuladaço Língua Portuguesa**

Teoria e questões: **Língua Portuguesa para concursos**

QUESTÕES FÁCEIS

1. VUNESP

⊙ **Leia a charge.**

(*Folha de S.Paulo*, 08.10.2014. Adaptado)

01. (TJ SP – 2014) A lacuna na fala da personagem deve ser preenchida, corretamente, com:

(A) em que

(B) ao qual

(C) aonde

(D) em cujo

(E) que

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

1. O pronome relativo retoma **mundo melhor**;

2. Ordem direta: Todos sejam iguais **no** mundo melhor;

3. A preposição **em** é pedida. Eliminadas B, C e E;

4. Podemos usar: **em que**, **no qual** ou **onde**.
Eliminada D por se referir ao termo anterior.

⊙ **Leia a charge.**

(*Folha de S.Paulo*, 08.10.2014)

---

02. (TJ SP – 2014) A fala da personagem oculta, no segundo quadrinho, está formulada, em um enunciado completo, segundo a norma-padrão da língua portuguesa, em:

(A) É melhor seguir com os caminhos da verdade, distanciando-se à alienação.

(B) É melhor seguir os caminhos da verdade, distanciando-se sob a alienação.

(C) É melhor seguir aos caminhos da verdade, distanciando-se sobre a alienação.

(D) É melhor seguir nos caminhos da verdade, distanciando-se pela alienação.

(E) É melhor seguir pelos caminhos da verdade, distanciando-se da alienação.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"

1. Seguir **por** caminho = pelos caminhos. Eliminadas A, C e D (pode ser seguir algo = B);

2. Quem se distancia, distancia **de** algo. Eliminada B.

---

03. (TJ SP – 2014) Apesar das previsões _____ os próximos meses deverão ter chuvas dentro da média em São Paulo, isso não garante _____o sistema Cantareira volte a ter níveis confortáveis de reserva de água até abril, segundo especialistas. Ainda que chova bem acima do esperado, a superfície seca e exposta do Cantareira terá maior dificuldade _____ reter a água.

(www.folha.uol.com.br.08.10.2014. Adaptado)
De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, as lacunas do texto devem ser preenchidas, respectivamente, com:

(A) que ... de que ... para

(B) de que ... de que ... de

(C) que ... em que ... para

(D) de que ... que ... em

(E) em que ... de que ... a

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

- Previsão **de** algo. Eliminadas A, C e E.

- Garante **algo** = V.T.D: **que**. Eliminada B e já chegamos à resposta.

- Dificuldade **em** algo.

---

04. (TJ SP – 2014) A lacuna na fala da personagem deve ser preenchida, corretamente, com:

(A) em que

(B) ao qual

(C) aonde

(D) em cujo

(E) que

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

1. O pronome relativo retoma **mundo melhor**;

2. Ordem direta: Todos sejam iguais **no** mundo melhor;

3. A preposição **em** é pedida. Eliminadas B, C e E;

4. Podemos usar: **em que, no qual** ou **onde.** Eliminada D por se referir ao termo anterior.

05. (VUNESP – Agente Penitenciário – ES/2013) Leia o texto (horóscopo) a seguir e assinale a alternativa que completa, correta e respectivamente, as lacunas.

A mente precisa _____ nutrição, tal qual o corpo físico. A nutrição da mente se dá através de uma boa leitura, talvez um filme, ou por meio de conversas que sirvam _____ propósito _____ viajar para lugares desconhecidos.

(A) de ... ao ... de

(B) de ... o ... de

(C) a ... ao ... de

(D) por... o ... a

(E) a ... o ... para

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Questão fácil, basta prestar muita atenção.

- Quem precisa, precisa **de** algo. Eliminadas *c, d* e *e*.
- ...que sirvam **a** algo: ao propósito. Eliminada *b* e encontrada a resposta.
- há propósito **de** algo: de viajar.

06. (VUNESP – Agente Penitenciário – SP/2013) As lacunas das frases a seguir devem ser preenchidas, correta e respectivamente, com:

Crianças que foram humilhadas são vulneráveis doença da violência.

As crianças devem ter limites de disciplina impostos _____ pais.

Alternativa "a" –pela ... de

Alternativa "b" –de ... com os

Alternativa "c" –à ... pelos

Alternativa "d" –com ... aos

(E) por ... em

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Por eliminação:

- se são vulneráveis, são vulneráveis **a** algo = resposta encontrada, que sem graça!
- se é imposto, é imposto **por** alguém:por + os = pelos.

Texto:

Desde o surgimento da ideia de hipertexto, esse conceito está ligado a uma nova concepção de textualidade, na qual a informação é disposta em um ambiente no qual pode ser acessada de forma não linear. Isso acarreta uma textualidade que funciona por associação, e não mais por sequências fixas previamente estabelecidas.

Quando o cientista Vannevar Bush, na década de 40, concebeu a ideia de hipertexto, pensava, na verdade, na necessidade de substituir os métodos existentes de disponibilização e recuperação de informações ligadas especialmente à pesquisa acadêmica, que eram lineares, por sistemas de indexação e arquivamento que funcionassem por associação de ideias, seguindo o modelo de funcionamento da mente humana. O cientista, ao que parece, importava-se com a criação de um sistema que fosse como uma "máquina poética", algo que funcionasse por analogia e associação, máquinas que capturassem o brilhantismo anárquico da imaginação humana.

Parece não ser obra do acaso que a ideia inicial de Bush tenha sido conceituada como hipertexto 20 anos depois de seu artigo fundador, exatamente ligada à concepção de um grande sistema de textos que pudessem estar disponíveis em rede. Na década de 60, o cientista Theodor Nelson sonhava com um sistema capaz de disponibilizar um grande número de obras literárias, com a possibilidade de interconexão entre elas. Criou, então, o "Xanadu", um projeto para disponibilizar toda a literatura do mundo, numa rede de publicação hipertextual universal e instantânea. Funcionando como um imenso sistema de informação e arquivamento, o hipertexto deveria ser um enorme arquivo virtual. (Disponível em: http://www.pucsp.br/~cimid/4lit/longhi/hipertexto.htm. Acesso em: 05 fev 2013. Adaptado)

07. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2013) Assinale a alternativa em que a forma verbal destacada, que substitui a original nos parágrafos indicados entre parênteses, apresenta regência de acordo com a norma-padrão.

(A) ... **planejava** também na criação de um sistema... (2.º)

(B) Isso **ocasiona** em uma textualidade que funciona por associação... (1.º)

(C) ... Vannevar Bush, na década de 40, **idealizou** pela ideia de hipertexto... (2.º)

(D) ... o cientista Theodor Nelson **ansiava** em um sistema... (3.º)

(E) ... o cientista Vannevar Bush [...] **cogitava**, na verdade, sobre a necessidade de substituir os métodos existentes... (2.º)

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – O verbo *cogitar* é intransitivo. Sobre a necessidade de substituir os métodos existentes indica assunto. Cogitava-se sobre algo.

Alternativa "a" – Planejava algo: planejava também a criação de um sistema.

Alternativa "b" – Ocasiona algo: isso ocasiona uma textualidade.

Alternativa "c" – Idealizou algo: idealizou a ideia de hipertexto.

Alternativa "d" – Ansiava por algo: ansiava por um sistema.

---

08. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2013) Assinale a alternativa em que a expressão entre parênteses substitui, com correção, a expressão destacada na frase.

(A) ... a informação é disposta em um ambiente **no qual** pode ser acessada de forma não linear. (**em que**)

(B) ... textos **que** pudessem estar disponíveis em rede. (**cujos**)

(C) ... recuperação de informações ligadas especialmente à pesquisa acadêmica, **que** eram lineares... (**aonde**)

(D) Isso acarreta uma textualidade **que** funciona por associação... (**na qual**)

(E) ... esse conceito está ligado a uma nova concepção de textualidade, **na qual** a informação é disposta em um ambiente... (**em cuja**)

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Pode ser acessada de forma não linear **no ambiente** = em que ou no qual.

Alternativa "b" – O pronome relativo cujo nunca poderá ser substituído, pois se refere a termo posposto. O que pudessem estar disponíveis em rede? Os textos = que ou os quais.

Alternativa "c" – O pronome relativo onde só pode ser usado para se referir a lugar. O que eram lineares? Informações = que ou as quais.

Alternativa "d" – O que funciona por associação? Uma textualidade = que ou a qual.

Alternativa "e" – O pronome relativo cujo nunca poderá ser substituído, pois se refere a termo posposto. Poderia ser substituído por *em que*.

---

09. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2012) Examine a imagem.

(*UOL*, 17.01.2012)

Na frase, há um erro de regência que se corrige com a seguinte redação:

(A) Será interessante correr na equipe a qual meu tio pilotou.

(B) Será interessante correr na equipe de que meu tio pilotou.

(C) Será interessante correr na equipe em cuja meu tio pilotou.

(D) Será interessante correr na equipe aonde meu tio pilotou.

(E) Será interessante correr na equipe em que meu tio pilotou.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Ordem direta: meu tio pilotou na equipe: **em que** ou **na qual.**

Alternativa "a" – Aqui a equipe se tornou objeto direto, o que muda o sentido da frase.

Alternativa "b" – Preposição *de* mal colocada, não faz sentido.

Alternativa "c" – *Cuja* é pronome possessivo que, além de mal utilizado aqui, não exprime a mensagem original.

Alternativa "d" – Dá ideia de movimento, para onde.

10. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2012) Em conformidade com a norma-padrão da língua portuguesa, o trecho – Os atuais mecanismos de busca na rede já estão ultrapassados por projetos inovadores... – está corretamente reescrito em:

(A) Os atuais mecanismos de busca na rede, projetos inovadores já ultrapassaram-lhes.

(B) Os atuais mecanismos de busca na rede, projetos inovadores já ultrapassaram-nos.

(C) Os atuais mecanismos de busca na rede, projetos inovadores já ultrapassaram eles.

(D) Os atuais mecanismos de busca na rede, projetos inovadores já os ultrapassaram...

(E) Os atuais mecanismos de busca na rede, projetos inovadores já lhes ultrapassaram.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Tal qual o enunciado, período simples, uso correto de pronome oblíquo, apenas deslocados sujeito, objeto direto e verbo.

- Ultrapassar é transitivo direto, admite **os** e advérbio de tempo **já** atrai o pronome oblíquo.

Alternativa "a" – Pronome pessoal oblíquo *lhe* usado após o verbo (ênclise) = errado.

Alternativa "b" – pronome oblíquo após o verbo (ênclise): errado. O advérbio atrai o pronome para antes do verbo (próclise).

Alternativa "c" – Erro crasso, usar pronome no caso reto em lugar do oblíquo.

Alternativa "e" – Objeto direto não admite **lhe**.

11. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2012) Assinale a alternativa em que o período, adaptado da revista Pesquisa Fapesp de junho de 2012, está correto quanto à regência nominal e à pontuação.

(A) Não há dúvida que as mulheres ampliam, rapidamente, seu espaço na carreira científica ainda que o avanço seja mais notável em alguns países, o Brasil é um exemplo, do que em outros.

(B) Não há dúvida que as mulheres ampliam rapidamente, seu espaço na carreira científica, ainda que, o avanço seja mais notável em alguns países (o Brasil é um exemplo) do que em outros.

(C) Não há dúvida de que, as mulheres, ampliam rapidamente seu espaço na carreira científica; ainda que o avanço seja mais notável, em alguns países, o Brasil é um exemplo!, do que em outros.

(D) Não há dúvida de que as mulheres, ampliam rapidamente seu espaço, na carreira científica, ainda que o avanço seja mais notável, em alguns países: o Brasil é um exemplo, do que em outros.

(E) Não há dúvida de que as mulheres ampliam rapidamente seu espaço na carreira científica, ainda que o avanço seja mais notável em alguns países – o Brasil é um exemplo – do que em outros.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta

✪ **Nota da autora:** questão de regência e pontuação.

- Não há dúvida **de** que. Eliminadas *a* e *b*.
- Intercalação: **Não há dúvida que as mulheres ampliam**, rapidamente, **seu espaço na carreira científica.** Eliminadas *c* e *d*.
- ampliam rapidamente seu espaço na carreira científica, **ainda que** o avanço seja mais notável em alguns países: a vírgula separa oração subordinada adverbial concessiva.
- Intercalação: **ainda que o avanço seja mais notável em alguns países** – o Brasil é um exemplo – **do que em outros.**

12. (Vunesp – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – SP/2012) Leia as orações a seguir:

I. Dizem que José está apto com essa função.

II. Ele está muito acostumado de tomar cerveja.

III. A secretária é muito atenciosa para com a família.

A regência nominal está correta apenas em

(A) I.

(B) II.

(C) III.

(D) I e III.

(E) II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

I. Apto para essa função.

II. Acostumado a tomar cerveja.

III. Correta: atenciosa para com alguém.

Frase para a próxima questão.

É assim que campanhas de segurança no trânsito mundo afora tiveram sucesso. (Como evitar que motoristas bêbados fiquem impunes e continuem a matar no

trânsito, Rodrigo Cardoso, Paula Rocha, Michel Alecrim e Luciani Gomes. ISTOÉ, nov. 2011. Adaptado)

13. (Vunesp – Agente de Segurança Penitenciária – SP/2012) Se o início dessa frase for modificado para – O sucesso no mundo afora se deveu. – deverá ser completada, corretamente, com

(A) À campanhas de segurança no trânsito.

(B) as campanhas de segurança no trânsito.

(C) às campanhas de segurança no trânsito.

(D) as programações de segurança no trânsito.

(E) à programas de segurança no trânsito.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

✪ **Nota da autora:** Questão de regência e crase.

▶ O sucesso no mundo afora se deveu **às** campanhas de segurança no trânsito = deveu-se **a** algo + artigo feminino plural: deveu-se *às*.

Facilitando: substitua o substantivo feminino por um masculino e veja se resulta em **ao(s)**. Se resultar, há crase = ...se deveu **aos projetos**.

Alternativa "a" – a campanhas: não há crase em singular + plural.

Alternativa "b" – às: plural + plural, nesse caso = crase.

Alternativa "d" – às: plural + plural, nesse caso = crase.

Alternativa "e" – a programas: não há crase antes de palavra masculina (o programa).

14. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2011) Leia o que segue.

I. Muitos dos que assistiram o simpósio sobre reciclagem saíram desapontados.

II. Muitos catadores antipatizam com os projetos da prefeitura.

III. A comunidade visa uma política mais eficiente para a destinação do lixo.

IV. Alguns moradores aspiram uma cidade mais limpa.

De acordo com a norma padrão da língua, a regência verbal está correta em

(A) I.

(B) II.

(C) III.

(D) I e III.

(E) II e IV.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Única frase correta na regência verbal v. trans. Indireto.

I. *assistir* nesse caso é transitivo indireto assistir *ao*.

II. É a correta: antipatizar com.

III. Visa a algo, sentido de almejar.

IV. Aspira a algo, sentido de almejar.

▶ **Dica** – Verbos no sentido de **almejar** pedem a preposição **a**, mas o verbo almejar é transitivo direto. Muito cuidado! g *Almejamos o cargo*.

15. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/ 2010) A nova versão da frase – *"... eu digo sempre que o futebol me ensinou mais sobre o Brasil do que muitos livros de história"* – está correta, quanto à regência, de acordo com a norma culta, em

(A) O autor disse: recorro sempre sobre o futebol onde me ensina mais sobre o Brasil que muitos livros de história.

(B) O futebol franqueou-me mais conhecimentos sobre o Brasil que os livros de história.

(C) Ele referiu-se com o fato que aprendeu mais sobre o Brasil com o futebol que com os livros de história.

(D) Supõe-se de que o futebol ensine mais sobre o Brasil que os livros de história.

(E) Os livros de história não são propensos de ensinamentos sobre o Brasil quanto o futebol.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – A forma verbal franquear-me está empregada como transitiva direta e indireta: franqueou algo a alguém objeto direto = me e objeto indireto = mais conhecimentos sobre o Brasil.

Alternativa "a" – A forma verbal recorrer (a) está no sentido de lançar mão de, valer-se de: sempre **ao** futebol. Está incorreto o uso do advérbio onde. O correto seria o pronome relativo que = recorro sempre ao futebol **que** me ensina mais sobre.

Alternativa "c" – Referir-se: fez menção a, aludiu-a (preposição a) = ele referiu-se **ao** fato = preposição a + artigo o = ao. Ele referiu-se ao fato de que aprendeu mais sobre o Brasil com o futebol que com os livros de história.

Alternativa "d" – Supõe-se: verbo supor (T.D.) = presumiu= supõe algo. Supõe-se **que** o futebol (O.D.).

Alternativa "e" – Propenso (adjetivo): ser favorável a algo. Não são propensos **a** ensinamentos sobre o Brasil. Quanto (adv. de intensidade no sentido comparativo). Propensa a ... (tanto) quanto ao futebol (o é).

---

16. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/ 2010) As frases do trecho – Concordo que o futebol não é importante, que as pessoas lhe dão muita importância, que um time de 11 marmanjos serve como modelo para uma nação. – estão corretamente reescritas em:

(A) Atenho-me à ideia de que o futebol não é importante, de que as pessoas supervalorizam-no, de que um time de 11 marmanjos presta-se a modelo para uma nação.

(B) Atenho-me a ideia de que o futebol não é importante, de que as pessoas supervalorizam-lo, de que um time de 11 marmanjos presta-se a modelo para uma nação.

(C) Atenho-me à ideia de que o futebol não é importante, de que as pessoas supervalorizam-lhe, de que um time de 11 marmanjos presta-se à modelo para uma nação.

(D) Atenho-me a ideia de que o futebol não é importante, de que as pessoas supervalorizam-no, de que um time de 11 marmanjos presta-se a modelo para uma nação.

(E) Atenho-me a ideia de que o futebol não é importante, de que as pessoas supervalorizam ele, de que um time de 11 marmanjos presta-se à modelo para uma nação.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

- Atenho-me **à** ideia = atenho-me **ao** valor. Eliminadas alternativas *b, d* e *e*.
- Supervalorizar é transitivo direto (admite o pronome oblíquo o), como o verbo está no plural e termina em *m*, a forma correta é supervalorizam-no. Eliminada alternativa *c*.

---

17. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/ 2010) Assinale a alternativa que completa corretamente a frase dada.

Uma final de Copa do Mundo é um evento

(A) de que um observador cultural não pode ficar indiferente.

(B) sob o qual um observador cultural não pode ficar indiferente.

(C) ao qual um observador cultural não pode ficar indiferente.

(D) ao que um observador cultural não pode ficar indiferente.

(E) do qual um observador cultural não pode ficar indiferente.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Ordem direta: Um observador cultural não pode ficar indiferente **ao evento**. Quem fica indiferente, fica indiferente a algo = ao qual.

Apenas a alternativa *d* poderia gerar dúvida, mas a eliminamos porque não existe pronome relativo **o que**, apenas **que**. Eliminadas, também, as alternativas *a* (de que), *b* (sob o qual) e *e* (do qual).

---

18. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/ 2010) Assinale a alternativa que reescreve, corretamente, de acordo com a norma culta, os segmentos frasais:

As pessoas sabem que pratico futebol .../O futebol tem mais importância que as artes. / ... algo que me dá prazer.

(A) As pessoas sabem que adiro o futebol ... / O futebol sobrepõem-se às artes. / ... algo que me apraz.

(B) As pessoas sabem que adero ao futebol ... / O futebol sobrepõe-se as artes./... algo que apraza-me.

(C) As pessoas sabem que adiro ao futebol ... / O futebol sobrepõe-se as artes. / ... algo que me apraz.

(D) As pessoas sabem que vou aderir ao futebol... / O futebol sobrepõe-se as artes. / ... algo que me aprazerá.

(E) As pessoas sabem que adiro ao futebol ... / O futebol sobrepõe-se às artes./... algo que me apraz.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de regência, concordância e verbo.

1) Verbo aderir no presente do indicativo: eu **adiro**. Eliminada *b*.

2) Quem adere, adere **a** algo: adiro **ao** futebol. Eliminada *a*.

3) O futebol **sobrepõe**-se: o verbo deve concordar com o sujeito.

4) Sobrepõe-se **às** artes. Substituindo: sobrepõe-se **aos** estudos (com acento indicativo crase). Eliminadas *c* e *d*.

5) Verbo aprazer no presente do indicativo: apraz (terceira pessoa do singular).

---

19. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/ 2010) Una as frases por meio de um pronome relativo e assinale a alternativa com formas gramaticais corretas, de acordo com a norma culta: Pelé fazia muito em campo./As brincadeiras de infância de Pelé ficaram guardadas na memória corporal.

(A) Pelé, cujas brincadeiras de infância provinham da memória corporal, fazia muito em campo.

(B) Pelé, quem as brincadeiras de infância procedia da memória corporal, fazia muito em campo.

(C) Pelé, que as brincadeiras de infância proviam da memória corporal, fazia muito em campo.

(D) Pelé, cujas as brincadeiras de infância se extraia da memória corporal, fazia muito em campo.

(E) Pelé, cujas brincadeiras de infância se fabricava da memória corporal, fazia muito em campo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Ordem direta: As brincadeiras de infância de Pelé provinham da memória corporal.

Observações importantes:

1) O pronome realtivo *cujas* concorda com o termo posterior *brincadeiras* e indica posse do anterior *Pelé*.

2) O verbo correto é provir: originar-se de.

Alternativa "b" – quem as = cujas; procedia = procediam.

Alternativa "c" – que = cujas; proviam = provinham: terceira pessoa do plural.

Alternativa "d" – Cujas as = cujas: não existe artigo definido após o pronome relativo cujo(s) e cuja(s); extraia = extraiam.

Alternativa "e" – fabricava = fabricavam. Verbo transitivo direto + se é voz passiva. Brincadeiras = sujeito plural.

---

20. (Vunesp – Agente de Segurança Penitenciária – SP/2009) Analise as afirmações.

I. Em – ... *localizada no bairro do Pacaembu...* – se o termo *localizada* for substituído por *próxima*, haverá alteração da regência, devendo-se empregar *ao* no lugar de *no*.

II. Em – ... *que atendia crianças do sexo masculino e feminino* – a forma verbal pode ser substituída por *cuidava*, sem alteração da regência verbal.

III. Em – ... *que atendia crianças do sexo masculino e feminino – atendia* pode ser substituído, sem prejuízo de sentido, por *assistia*, devendo-se substituir *crianças* por *à crianças*.

Está correto apenas o que se afirma em

(A) I.

(B) II.

(C) III.

(D) I e II.

(E) I e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta

I. Localizada no bairro e próxima **do** bairro.

II. Errado: atendia crianças e cuidava **de** crianças.

III. Errado: assistia crianças – sentido de cuidar, atender = verbo transitivo direto, isto é, não pede preposição e não pode haver o acento indicativo crase.

---

21. (Vunesp – Oficial de Justiça – TJ – SP/2009) Eliminando-se o sinal de dois-pontos do trecho – Por fim, constata: a cultura da violência e da impunidade reina no País. – obtém-se:

(A) Por fim, constata de que a cultura da violência e da impunidade reina no País.

(B) Por fim, constata que a cultura da violência e da impunidade reina no País.

(C) Por fim, constata em que a cultura da violência e da impunidade reina no País.

(D) Por fim, constata a que a cultura da violência e da impunidade reina no País.

(E) Por fim, constata para que a cultura da violência e da impunidade reina no País.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – *Constata que* ligação de oração subordinada substantiva direta. O verbo constar é transitivo direto e não admite preposição.

Alternativa "a" – *de que* é usado quando o verbo é transitivo indireto.

Alternativa "c" – *em que* denota lugar onde.

Alternativa "d" – *a que* é usado quando o verbo é transitivo indireto.

Alternativa "e" – *para que* denota finalidade.

---

22. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2008) Assinale a alternativa correta quanto ao emprego de pronomes e à regência.

(A) Não esqueça os dados de seu currículo para que possa sempre manter-lhe em dia.

(B) Não se esqueça dos dados de seu currículo para que possa sempre mantê-lo em dia.

(C) Lembre-se sempre os dados de seu currículo para que possa manter-no em dia.

(D) Lembre dos dados de seu currículo para que possa manter-lhe em dia sempre.

(E) Lembre-se dos dados de seu currículo para que possa sempre manter-lhe em dia.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Esquecer é verbo transitivo indireto quando pronominal: não se esqueça **de**. A negativa (não) traz o pronome se, integrante da forma verbal, para antes do verbo, formando a próclise. Verbo *manter*: transitivo direto: mantê-lo.

Alternativa "a" – Não esqueça: sem pronome, sem preposição = correto. Erro: o verbo *manter* é transitivo direto: mantê-lo.

Alternativa "c" – Lembre-**se de** algo e, mais uma vez, erro na regência do verbo manter.

Alternativa "d" – Lembre-se dos dados ou **lembre os dados**. Verbo *manter* é transitivo direto

Alternativa "e" – para que possa mantê-lo (o currículo) em dia.

---

23. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2007) Assinale a alternativa que reescreve a frase de acordo com a norma culta.

(A) Os graduados apenas ocasionalmente exercem a profissão. / Os graduados apenas ocasionalmente se dedicam a profissão.

(B) Os advogados devem demonstrar nessa prova um mínimo de conhecimento. / Os advogados devem primar nessa prova por um mínimo de conhecimento.

(C) Ele não fez o exame da OAB. / Ele não procedeu o exame da OAB.

(D) As corporações deviam promover o interesse da sociedade. / As corporações deviam almejar do interesse da sociedade.

(E) Essa é uma forma de limitar a concorrência. / Essa é uma forma de restringir à concorrência.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – demonstrar algo; primar **por** algo.

Alternativa "a" – Os graduados apenas ocasionalmente se dedicam **à profissão**. Substituindo: ... se dedicam **aos** estudos.

Alternativa "c" – O verbo *proceder* é transitivo indireto. Na segunda frase – não procedeu (a + o) exame: não **procedeu ao exame**.

Alternativa "d" – O verbo almejar, neste contexto, é transitivo direto= **almejar** (desejar) **o interesse** (objeto direto).

Alternativa "e" – No contexto, o verbo *restringir* está no sentido de limitar, diminuir= transitivo direto – **restringir a concorrência** = objeto direto.

---

24. (TJ – SP – Oficial de Justiça – TJ – SP/1999) Indique a regência verbal correta.

(A) Desde criança sempre aspirava uma posição de destaque.

(B) Aspirando o perfume das centenas de flores que enfeitavam a sala, desmaiou.

(C) Os desempregados visam melhores condições de vida.

(D) Obedeça o regulamento.

(E) O noivo chegou atrasado na igreja.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – *Aspirar*, como *cheirar*, *inalar* é verbo transitivo direto.

Alternativa "a" – *Aspirar* como *pretender*, *desejar* é transitivo indireto exige a preposição *a*: aspirava **a** uma posição.

Alternativa "c" – visam **a** melhores condições.

Alternativa "d" – Obedeça **ao** regulamento.

Alternativa "e" – chegou **à** igreja. Quem chega, chega a algum lugar.

---

25. (TJ – SP – Oficial de Justiça – TJ – SP/1999) Em todas as opções, a expressão destacada está empregada corretamente, conforme as normas cultas da língua padrão, exceto em:

(A) O verso a que se refere o poeta é mais belo, mais variado e mais inspirado.

(B) Acataremos as ordens do Presidente, de cuja probidade não tem o direito de duvidar.

(C) Encontrei um amigo de infância cujo nome não me lembrava.

(D) Aqui está a foto a que me referi.

(E) O projeto a que estão dando andamento é incompatível com as tradições da firma.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Não me lembrava do nome = **de** cujo nome.

Alternativa "a" – O poeta se refere **ao** verso = a que ou a qual.

Alternativa "b" – O diretor não tem de duvidar **da** probidade = de cuja.

Alternativa "d" – Referi-me **à** foto = a que ou à qual.

Alternativa "e" – Estão dando andamento **ao** projeto = a que ou ao qual.

---

26. (TJ – SP – Oficial de Justiça – TJ – SP/1999) Marque a opção em que ocorre erro de regência nominal.

(A) O plano tem de ser benéfico ao povo.

(B) Infelizmente, com base neste currículo, a candidata ainda não está apta para o cargo.

(C) Aquele que se mostra ávido à sabedoria enriquece sua alma.

(D) Sempre tivestes ânsia por adquirir novos conhecimentos.

(E) É um profissional que está sempre alheio da situação.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Ávido **de** algo = ávido de sabedoria.

Alternativa "a" – benéfico ao.

Alternativa "b" – apta para.

Alternativa "d" – *Ansiar por.*

Alternativa "e" – *Alheio de.*

---

27. (TJ – SP – Oficial de Justiça – TJ – SP/1999) Indique onde há erro de regência nominal:

(A) Ele é muito apegado em bens materiais.

(B) Estamos fartos de tantas promessas.

(C) Ela era suspeita de ter assaltado a loja.

(D) Ele era intransigente nesse ponto do regulamento.

(E) A confiança dos soldados no chefe era inabalável.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Ser apegado *a* alguma coisa.

Alternativa "b" – *estar farto de.*

Alternativa "c" – *ser suspeita de.*

Alternativa "d" – *ser intransigente em.*

Alternativa "e" – *confiança em.*

2. FCC

---

28. (FCC – Agente Penitenciário – BA/2010) *"A diferença é que eles viviam em comunhão com o mundo..."* (final do texto). A frase cuja lacuna estará corretamente preenchida pela palavra grifada acima é:

(A) As hipóteses _____ que a humanidade teve sua origem na África já foram comprovadas por cientistas.

(B) As armas _____ que os homens primitivos se defendiam dos perigos eram feitas de materiais encontrados na natureza.

(C) Ossos de animais serviam _____ que os nossos ancestrais reproduzissem as melodias percebidas nos sons da natureza.

(D) São inúmeras as cavernas _____ que se encontraram desenhos primitivos, as chamadas pinturas rupestres.

(E) Instrumentos foram criados pelo homem de modo _____ que ele conseguisse reproduzir os sons ouvidos no mundo exterior.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta

✪ **Nota da autora:** É viável sempre colocar na ordem direta para evitar erro g Os homens primitivos se defendiam dos perigos com **as armas** (palavra retomada pelo pronome relativo)

Alternativa "a" – O que foram comprovadas? As hipóteses (sujeito). Se o relativo retoma sujeito, não há preposição = As hipóteses já foram comprovadas.

Alternativa "c" – CUIDADO! Trata-se de conjunção integrante (serviam para **isto**) e não de pronome relativo: serviam para que os ancestrais reproduzissem.

Alternativa "d" – Encontravam-se desenhos nas cavernas: **em que, nas quais** ou **onde.**

Alternativa "e" – Locução conjuntiva de modo: de modo que ele conseguisse reproduzir os sons.

3. FUNRIO

29. (Funrio – Agente Penitenciário Federal/ 2009)

Todo o nosso comportamento social está regulado por normas a que devemos obedecer, se quisermos ser corretos. O mesmo acontece com a linguagem, apenas com a diferença de que as suas normas, de um modo geral, são mais complexas e coercitivas. Por isso, e para simplificar as coisas, define-se o "linguisticamente correto" como aquilo que é exigido pela comunidade linguística a que se pertence. (Celso Cunha: "A Noção de Correto", 1985)

Qual das frases abaixo, embora consagrada pelo uso na imprensa de prestígio, ainda é apontada como um desvio em relação às normas da língua padrão?

(A) Custa-me crer que tudo isso ainda seja proibido na sociedade brasileira contemporânea.

(B) Quinze por cento da população gaúcha declararam que seus momentos de lazer diminuíram.

(C) A maior parte daqueles bairros não tinham nenhuma estrutura para suportar as enchentes.

(D) Assim que elas intervieram, a dúvida foi sanada e todos ficamos satisfeitos e felizes.

(E) O público feminino preferia mais a punição da vilã do que a vingança da heroína.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Preferia a punição da vilã à vingança.

Alternativa "a" – Custa algo a alguém.

Alternativa "b" – Declarar é transitivo direto.

Alternativa "c" – Os bairros não tinham estrutura.

Alternativa "d" – Intervir é conjugado como o verbo **vir**.

4. CESPE

Trecho para a próxima questão.

Ainda assim, a Bolívia resolveu, por questões políticas internas, depois da eleição do presidente Evo Morales, mudar as regras no meio do jogo. Desde então, não existe garantia de que novos investimentos serão realizados lá para manter o suprimento previsto. E o cumprimento das cláusulas contratuais tornou-se algo também duvidoso. (O Globo, Editorial, 12/4/2009, com adaptações).

30. (CESPE – Agente de Segurança Penitenciária – ES/2009) O emprego da preposição "de" em "existe garantia de que novos investimentos" é exigido pela regência de "existe".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não, aqui temos uma questão de regência nominal, onde o termo regente é "garantia" (garantia de quê?) e não de regência verbal, pois o termo regente "existe" não exige preposição (existe algo).

5. FGR

31. (FGR – Agente de Segurança Penitenciária – MG/2007) Considere a regência dos verbos sublinhados nas seguintes frases:

I. Assisti e gostei ***da reportagem.***

II. O policial assistia os acidentados.

III. Esqueceram-me os acontecimentos.

IV. Todos ansiamos por dias melhores.

Estão **CORRETAS** as seguintes afirmativas:

(A) As opções I, II e III.

(B) As opções I, II e IV.

(C) As opções II, III e IV.

(D) Todas as opções.

COMENTÁRIOS

Anulada. A resposta deveria ser "c".

I. Errada: Assisti à reportagem e gostei dela.

II. Correta: sentido de cuidar.

III. Correta: Os acontecimentos esqueceram a mim.

IV. Correta: anseia por algo.

32. (FGR – Agente de Segurança Penitenciária – MG/2007) Está INCORRETA a seguinte construção:

(A) O diretor informou aos agentes penitenciários de que não haverá revista. (transitivo indireto e transitivo indireto)

(B) Eles desobedeciam aos Estatutos? (transitivo indireto – regência clássica)

(C) Você pagou ao chefão? Ele não perdoa a ninguém. (transitivo indireto)

(D) O ataque visava o quartel-general. (transitivo direto)

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Informar é transitivo direto e indireto no contexto. Perceba que há duas pre-

posições e isso acarreta erro. Informa algo a alguém: informou aos agentes que não haverá revista.

Alternativa "b" – Desobedecer **a algo.**

Alternativa "c" – Pagar **a alguém**; perdoar **a alguém.**

Alternativa "d" – Sentido de mirar: verbo transitivo direto.

QUESTÕES MÉDIAS

1. NÍVEL MÉDIO

1.1. FCC

01. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 3/2015) Está correto o emprego do elemento sublinhado na seguinte frase:

(A) Há no passado muitas lições históricas em cujas podemos aprender.

(B) Os museus e os monumentos são instituições aonde algum aprendizado da história sempre se dá.

(C) Os debates da Assembleia Nacional, à que se refere o autor, foram calorosos.

(D) As casas dos nobres de cujas se lançaram os revoltosos foram saqueadas.

(E) O tempo com que frequentemente nos importamos não é o passado, mas o futuro.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"

1. O pronome relativo retoma "o tempo";

2. Ordem direta: (Nós) importamo-nos frequentemente **com** o tempo = **com que** ou **com o qual**.

▶ **Correções**

a) Podemos aprender **com** as lições: **com que** ou **com as quais**.

b) Algum aprendizado da história sempre se dá **nas** instituições (museus e monumentos): **onde, em que** ou **nas quais**.

c) O autor se refere **aos** debates: **a que** ou **ao qual**.

▶**DICA**

O pronome relativo retoma um termo masculino (os debates) e isso impede de que haja o sinal indicador de crase.

d) Os revoltosos se lançaram **nas** casas: **em que, nas quais** ou **onde.**

---

02. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 16/2014) O elemento em destaque está empregado corretamente em:

(A) Mais que o luxo do produto, é a aparência de luxo de que conta para os consumidores.

(B) Os produtos e as marcas permitem com que as pessoas adquiram a visibilidade desejada.

(C) A visibilidade é uma das características pelas quais se estrutura a sociedade de consumo.

(D) Quanto mais se tem a impressão em que se é visto com os novos produtos, mais se quer adotá-los.

(E) Nas sociedades por cuja ordem social é abalada com guerras, a ostentação é particularmente visível.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

✪ **Nota da autora:** Questão de regência e período composto.

É fundamental seguir o passo a passo para não cometer erro.

1) O pronome relativo retoma *características;*

2) Ordem direta da oração posposta ao relativo: A sociedade de consumo se estrutura **por** características;

3) Juntando as duas informações, pode-se optar por *pelas quais* ou *por que.*

Alternativa "a" – A aparência de luxo conta para os consumidores. O relativo retoma o sujeito e não admite preposição anteposta: *que* ou *a qual.*

Alternativa "b" – Não se trata de pronome relativo, mas sim de conjunção integrante: Os produtos e as marcas permitem *isto.* A oração é subordinada substantiva objetiva direta e não exige preposição: *que.*

▶ **Dica:** quando houver pronome relativo, a pergunta deve ser feita ao verbo ou ao nome posposto; se for conjunção integrante, pergunta-se ao termo anteposto.

Alternativa "d" – Conjunção integrante: Quanto mais se tem a impressão *disto.* A oração é subordinada substantiva completiva nominal e a preposição exigida é *de*: *de que* (ou *que*).

▶ **Dica:** Nas orações objetivas indiretas e completivas nominais, a preposição é facultativa.

Alternativa "e" – A ordem social é abalada com guerras. O relativo retoma o sujeito e não admite preposição anteposta: *cuja*.

▶ **Dica:** o relativo *cujo* indica posse do termo anterior: a ordem social da sociedade é abalada.

---

03. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) Quando se dizia "livro", todos entendiam um objeto de peso e volume, composto de folhas encadernadas, protegidas por papelão ou couro, nas quais se gravavam a tinta palavras ou imagens.

A expressão acima destacada é equivalente à sublinhada na seguinte frase:

(A) As janelas sob as quais foram gravadas as cenas eram pintadas de verde.

(B) As folhas rubricadas, as quais entreguei à secretária, foram anexadas ao prontuário.

(C) As urnas em que foram depositados os votos foram lacradas pela diretoria do clube.

(D) Os rapazes de quem foram gravados os depoimentos foram entrevistados ontem.

(E) O livro de onde retirei a citação está emprestado.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Se pensasse rápido, não gastaria 5 segundos nesta questão. *Nas quais* só pode equivaler a *em que*, por exigir a preposição *em*. Vamos ao passo a passo:

1) O pronome relativo retoma *folhas encadernadas;*

2) Ordem direta: Palavras ou imagens eram gravadas **nas** folhas encadernadas.

3) Opções de uso do relativo: **nas quais** ou **em que**.

Alternativa "a" – As cenas foram gravadas **sob** as janelas = *sob as quais* ou *sob que*.

Alternativa "b" – Entreguei à secretária as folhas rubricadas: verbo transitivo direto e indireto e o relativo retoma o objeto direto (sem preposição) = **que** ou **as quais**.

Alternativa "d" – Foram gravados os depoimentos **dos** rapazes = **de que** ou **dos quais**.

Alternativa "e" – Retirei a citação **do** livro = de onde, do qual ou de que.

---

04. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) Observadas a regência e a flexão verbal, está correta a seguinte frase:

(A) Ressentiu-se, com razão, da oposição da prima, e pensou que, se expusesse com calma seus motivos, poderia obter sua concordância.

(B) A casa que, na época, nos instalamos era a que podíamos pagar, mas tínhamos um pacto: se todos se mantessem firmes em seus empregos, moraríamos melhor.

(C) Aborreceu-se de tanta conferência de abaixo-assinados e requis transferência para outro setor da administração.

(D) Dizem que é ele que obstroi a discussão, por isso, para defender-se, aludiu o nome do responsável pelo atraso.

(E) Medio, sim, seu encontro com esse advogado mais experiente, pois sei como você está temeroso pelo poder de argumentação do promotor.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

✪ **Nota da autora:** Questão de regência e verbo.

– Quem se ressente, ressente-se **de** algo; quem pensa, pensa **algo**; quem obtém, obtém **algo.** O verbo expor foi conjugado corretamente no pretérito imperfeito do subjuntivo.

Alternativa "b" – Instalamo-nos **na** casa = **em que** ou **na qual**; se todos se **mantivessem.**

Alternativa "c" – Aborreceu-se **com** algo = com tanta conferência; e **requereu**: o verbo requerer não é conjugado como o *querer.*

Alternativa "d" – **obstrui**; aludiu **ao** nome.

Alternativa "e" – **Medeio**; temeroso **do** poder.

---

05. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 12/2013) Estas inovações serão discutidas ao longo do desenvolvimento da nona edição, cuja data de realização já foi definida...

Mantém-se a correção da frase acima caso, sem qualquer outra alteração, os segmentos grifados sejam substituídos, respectivamente, por:

(A) de cuja – foi dada notícia

(B) na qual – se divulgou

(C) a cuja – foi noticiada

(D) pela qual – foi feita divulgação

(E) a qual – se noticiou

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – *Foi dada a notícia* **da data de realização** = de cuja data de realização foi dada notícia.

Alternativa "b" – cuja data se divulgou = a data foi divulgada. Função de sujeito: sem preposição e o pronome deve concordar com o termo posposto: cuja.

Alternativa "c" – cuja data foi noticiada = sujeito.

Alternativa "d" – de cuja = foi feita a divulgação **da** data.

Alternativa "e" – cuja se noticiou = a data foi noticiada = sujeito.

---

06. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 9/2013)

Em artigo a respeito das várias redes sociais existentes, o colunista Alexandre Matias exprime-se com franqueza: "entrei em redes sociais _____ nem mais lembro a senha". (http://blogs.estadao.com.br/alexandre-matias/2012/10/07/o-primeiro-bilhao-do-facebook-e-o-futuro-das-redes-sociais).

Preenche corretamente a lacuna da frase acima o que consta em:

(A) a qual

(B) a que

(C) aonde

(D) de que

(E) na qual

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

✪ **Nota da autora:** Esta questão gerou dúvida porque muitos se lembraram do verbo pronominal e não pronominal (tabela baixo), mas se trata, apenas, de verbo transitivo direto e indireto: lembrar algo (a senha) **de algo (das redes sociais)**. Ordem direta: Lembro a senha (O.D.) das redes sociais (O.I.). Eliminam-se, assim, as alternativas *a, b, c* e *e*.

▶ **Dica – Esquecer e lembrar:**

1) Lembrar algo / esquecer algo: Ele esqueceu o livro. Ele lembrou o fato g Transitivos diretos, ou seja, exigem complemento sem preposição.

2) Lembrar-**se de** algo / esquecer-**se de** algo (pronominal): – Ele se esqueceu do caderno g Eu me esqueci da chave. Eles se esqueceram da prova. Nós nos lembramos de tudo o que aconteceu.

Verbos são pronominais (-se, – me, etc.) e exigem complemento com a preposição "de". São, portanto, transitivos indiretos.

Há uma construção em que a coisa esquecida ou lembrada passa a funcionar como sujeito e o verbo sofre leve alteração de sentido. É uma construção muito rara na língua contemporânea, porém, é fácil encontrá-la em textos clássicos tanto brasileiros como portugueses: Esqueceu-me a tragédia. (cair no esquecimento). Lembrou-me a festa. (vir à lembrança)

O verbo lembrar também pode ser transitivo direto e indireto (lembrar alguma coisa a alguém ou alguém de alguma coisa).

---

07. (FCC – TRT – 11ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa/2012) *"beleza criada pelo domínio de forma e cor de que dispunha o pintor".*

O verbo empregado no texto com a mesma regência do grifado acima está em:

Alternativa "a" –*A ideia de uma dimensão humana da arte repousa numa concepção de humanidade*

Alternativa "b" –*A paisagem e a natureza morta também incorporavam a percepção emotiva do artista*

Alternativa "c" –*Com o tempo tornou-se claro que uma cena da vida cotidiana...*

Alternativa "d" – *que havia alguns valores profundos na representação de um motivo*

Alternativa "e" – *na relação com aquilo que o rodeia, nos seus artefatos*

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Ordem direta: o pintor dispunha **de** algo: verbo transitivo indireto que exige a preposição **de**.

Trabalhemos por eliminação por não sabermos se pede a mesma preposição ou não.

Alternativa "a" – Correta. O que repousa, repousa **em** algum lugar. O verbo pede a preposição **em**.

Alternativa "b" – Errada. Incorporar é transitivo direto.

Alternativa "c" – Errada. Tornar-se é verbo de ligação.

Alternativa "d" – Errada. Verbo haver no sentido de existir é impessoal (não possui sujeito) e classificado transitivo direto.

Alternativa "e" – Errada. Rodear é transitivo direto.

Perceba que foi pedido apenas o emprego da preposição, não especificando qual. Os verbos das outras alternativas são intransitivos (sem complemento e sem preposição) e transitivos diretos (com complemento sem preposição).

08. (FCC – Técnico do Seguro Social – INSS/ 2012) Está adequado o emprego do elemento sublinhado em:

(A) Mahler, compositor a quem as gerações seguintes fizeram justiça, foi muito incompreendido em vida.

(B) A obra de Mahler, na qual tantos manifestaram incompreensão, acabou marcando o século XX.

(C) Visitando Steinbach, aonde Mahler tanto se inspirou musicalmente, o turista reconhecerá a paz de que se beneficiou o compositor.

(D) Mahler amava a paz da natureza, em cuja se valeu para concentrar-se e compor.

(E) O século XX, ao qual sobressaíram grandes compositores, como Mahler, foi marcado por criações bastante polêmicas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

✪ **Nota da autora:** Seguir as etapas abaixo:

1) Ver a qual termo o pronome relativo de refere (compositor);

2) Montar oração na ordem direta – iniciando com o sujeito – com as informações pospostas ao relativo até encaixar a palavra retomada (as gerações seguintes fizeram justiça **ao compositor** = a quem, a que ou ao qual).

Alternativa "b" –Tantos manifestaram incompreensão **da obra** = de que, da qual.

Alternativa "c" –Mahler se inspirou tanto **em Steinbach** = em que, no qual.

Alternativa "d" –Valeu-se para concentrar-se e compor **na paz da natureza** = em que, na qual.

Alternativa "e" –Grandes compositores sobressaíram **no século XX** = em que, no qual.

09. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 23/ 2011) *"... e com o tempo em que você pode trabalhar".* O segmento grifado na frase acima preenche corretamente a lacuna da frase:

(A) Muitos escritores afirmam não saber lidar com a fama ____ almejam em determinado momento de suas carreiras.

(B) Alguns escritores menores tentam demonstrar em suas obras uma erudição ____ não possuem de fato.

(C) Não por coincidência, o jornalismo é uma profissão ____ vários escritores recorrem em determinado momento de suas vidas.

(D) O mercado cinematográfico internacional ____ muitos roteiristas iniciantes tentam se inserir é por demais competitivo e estressante.

(E) Dizem que o trabalho árduo e diário e uma disciplina tenaz são as principais armas ____ um jovem escritor deve se valer.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Você pode trabalhar **no** tempo = **em que**; muitos roteiristas iniciantes tentam se inserir **no** mercado cinematográfico internacional = **em que**.

Alternativa "a" – Errada. Os escritores almejam a fama (verbo transitivo direto) = a fama **que** almejam.

Alternativa "b" – Errada. Alguns escritores não possuem de fato uma erudição (verbo transitivo direto) = erudição **que** não possuem.

Alternativa "c" – Errada. Vários roteiristas recorrem **a** uma profissão = **a que**.

Alternativa "e" – Errada. Um jovem escritor deve se valer **das** principais armas = **de que**.

10. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 20/ 2011) *"o cérebro é uma orquestra sinfônica em que os instrumentos vão se modificando à medida que são tocados".* A expressão pronominal em que, grifada acima, preenche corretamente a lacuna da frase:

(A) As questões ____ se preocupam os cientistas dizem respeito às alterações cerebrais devidas ao uso indiscriminado da internet.

(B) É incalculável o número de informações, sobre os mais diversos temas ____ o cérebro humano é capaz de processar.

(C) As hipóteses aventadas ____ se baseiam os especialistas, devem ainda ser comprovadas por exames acurados.

(D) As implicações causadas pela onipresença da internet ____ está sujeito o cérebro humano, são objeto de preocupação de cientistas.

(E) As informações ____ dispõem os usuários da comunicação eletrônica são múltiplas, embora sejam superficiais.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Ordem direta do enunciado: os instrumentos vão se modificando à medida que são tocados **na** orquestra = **em que**; alternativa c: os especialistas se baseiam **nas** hipóteses = **em que.**

Alternativa "a" – Errada. Os cientistas se preocupam **com** as questões = **com que**.

Alternativa "b" – Errada. O cérebro humano é capaz de processar os temas (objeto direto: sem preposição) = **que**

Alternativa "d" – Errada. O cérebro humano está sujeito **às** implicações = **a que**.

Alternativa "e" – Errada. Os usuários da comunicação dispõem **das** informações = **de que**.

---

11. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 24/ 2011) Por outro lado, a TI permitiu uma ampla modificação no sistema de produção, em que se busca cada vez mais foco e especialização...

A expressão pronominal grifada acima preenche corretamente a lacuna da frase:

(A) A evolução tecnológica aplicada à agricultura tem sido importante _____ se desenvolvam novos métodos eficazes de produção.

(B) A visão tradicional é a _____ um parque industrial pujante deve garantir o crescimento econômico de qualquer país.

(C) Os produtores _____ defendem o aumento da exportação agrícola, buscam melhores condições para o transporte da safra aos portos.

(D) A preocupação com os lucros _____ se baseiam as transações comerciais, conduz à aplicação de novas tecnologias no setor de serviços.

(E) Todas as pesquisas _____ se referiam os economistas indicavam a expansão da produção agrícola, fundamentada no avanço tecnológico.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Ordem direta do enunciado: busca-se cada vez mais foco **no** sistema de produção = **em que**; alternativa d: as transações comerciais se baseiam **na** preocupação com os lucros = **em que**.

Alternativa "a" – Errada. Não é pronome relativo, mas sim conjunção integrante: A evolução tecnológica aplicada à agricultura tem sido importante **para isto** = **para que**.

Alternativa "b" – Errada. A visão tradicional é a **de que** um parque industrial pujante deve garantir o crescimento.

Alternativa "c" – Errada. Os produtores defendem o aumento da exportação: o relativo retoma o sujeito e não admite preposição = **que**.

Alternativa "e" – Errada. Os economistas se referiam **a** todas as pesquisas = **a que**.

Texto para a questão seguinte:

Aclamado por crítica e público, "Bom Dia, Babilônia" é um belíssimo filme sobre os bastidores do mundo do cinema, com direção dos consagrados irmãos Taviani. Em busca de uma vida melhor, os irmãos Nicola e Andrea imigram para os Estados Unidos e, logo após chegarem, acabam trabalhando em Hollywood na construção dos cenários de D. W. Griffith, o genial criador da linguagem cinematográfica. Quando tudo parece correr tranquilamente, vem o início da Primeira Guerra e, com ela, uma tragédia que marcará para sempre o destino dos irmãos, que lutam em lados opostos. Um filme sensacional, que nos mostra até onde podemos chegar para conquistar nossos objetivos. (Adaptado do texto de apresentação do filme Bom Dia, Babilônia constante do invólucro do DVD)

---

12. (FCC – TRT 8ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) Dos verbos utilizados ao longo do texto, é correto afirmar que possuem a mesma regência:

(A) *marcará* e *conquistar.*

(B) *é* e *conquistar.*

(C) *imigram* e *mostra.*

(D) *imigram* e *lutam.*

(E) *lutam* e *mostra.*

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Marcará: transitivo direto – o destino dos irmãos: objeto direto; conquistar: transitivo direto – nossos objetivos: objeto direto.

Alternativa "b" – Errada. é: verbo de ligação – belíssimo filme: predicativo do sujeito; conquistar: transitivo direto – nossos objetivos: objeto direto.

Alternativa "c" – Errada. imigram: intransitivo – para os Estados Unidos: adjunto adverbial de lugar; mostra: transitivo direto – onde podemos chegar: objeto direto.

Alternativa "d" – Errada.imigram: intransitivo – para os Estados Unidos: adjunto adverbial de lugar; lutam: intransitivo.

Alternativa "e" – Errada. lutam: intransitivo; mostra: transitivo direto – onde podemos chegar: objeto direto.

---

13. (FCC – TRT 9ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) *"... o manuscrito em que informavam sobre disputas de gladiadores..."* A expressão pronominal grifada acima preenche corretamente a lacuna da frase:

(A) O grupo controlador de um jornal é sempre aquele.. .... se exige especialmente compromisso com a ética e a verdade.

(B) As manchetes,.. .... atraem leitores, nem sempre apontam para fatos verdadeiramente relevantes para a maioria.

(C) O editorial trata de questões.. .... são expostas as linhas de pensamento e a posição crítica do corpo diretivo de um jornal.

(D) Em pequenas cidades, um jornal é o veículo.. .... contam os moradores para obter informações locais.

(E) Seria necessário considerar os avanços da tecnologia.. .... os tradicionais jornais se adaptem às necessidades de um mundo moderno.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Coloque na ordem direta: Informam sobre disputas de gladiadores **no** manuscrito = EM QUE.

Ordem direta da alternativa c: As linhas de pensamento e a posição crítica são expostas **nas** questões = EM QUE.

Alternativa "a" – Errada. Exige-se compromisso **do** grupo = DE QUE.

Alternativa "b" – Errada. As manchetes atraem os leitores. **Manchetes** possui função de sujeito, assim sendo não pede preposição = QUE.

Não se usa preposição antes de pronome relativo que retoma sujeito.

Alternativa "d" – Errada. Os moradores contam **com** o veículo (um jornal) = COM QUE.

Alternativa "e" – Errada. Os tradicionais jornais se adaptem às necessidades de um mundo moderno **com** os avanços da tecnologia = COM QUE.

---

14. (FCC – TRT – 12ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) A expressão **em que** preenche corretamente a lacuna da frase:

(A) A trama das novelas transforma fatos reais em sonhos _____ muitos se distraem à noite, em suas casas.

(B) Após algum tempo, as pessoas esquecem as propostas _____ marcaram o andamento da trama novelesca, mesmo que tenha obtido sucesso.

(C) Devemos estar atentos ao fato _____ novelas, por serem instrumento de lazer, tendem a mostram visão fantasiosa do mundo.

(D) Formas de comportamento _____ o autor projeta defeitos e virtudes da sociedade podem ser encontradas diariamente nas ruas.

(E) As novelas _____ o crítico se referia haviam discutido situações desagradáveis, que passam despercebidas para a maioria das pessoas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – O autor projeta defeitos e virtudes **nas** formas de comportamento = **em que.**

Alternativa "a" – Errada. Muitos se distraem **com** a trama das novelas = **com que.**

Alternativa "b" – Errada. As propostas marcaram o andamento = **que.**

▶ **Dica** – Se o pronome relativo retoma o sujeito, não pode vir acompanhado de preposição, pois não há preposição no sujeito.

Alternativa "c" – Errada. "Peguinha"! O QUE não é pronome relativo e sim conjunção integrante (devemos estar atentos ao fato DISTO) = **de que.**

Alternativa "e" – Errada. O crítico se referia **às** novelas = **a que.**

---

15. (FCC – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2007) A expressão com que preenche corretamente a lacuna da seguinte frase:

(A) Os fios ___ se vale a aranha para tecer sua teia são praticamente invisíveis.

(B) As mais duras leis da natureza, ___ é impossível para nós combater, são ditadas pela necessidade de viver e de morrer.

(C) Pergunto-me ___ armas pode contar essa aranha, afora os fios da magnífica teia que sabe tecer.

(D) A necessidade de escrever, _____ o autor nos confessa ao fim do texto, é compreendida como uma lei também natural.

(E) A comparação _____ o cronista estabelece entre uma teia de aranha e um texto não deixa de ser justificável.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

✪ **Nota da autora:** Em caso de questão de regência com pronome relativo, precisamos colocar a oração na ordem direta (usando os termos pospostos ao pronome relativo) = essa aranha pode contar **com** as armas: com que.

Alternativa "a" –A aranha se vale **dos fios** = de que.

Alternativa "b" –É impossível combater as mais duras leis da natureza = que.

Alternativa "d" –O autor nos confessa a necessidade = que.

Alternativa "e" –O cronista estabelece comparação = que.

1.2. CESPE

Trecho para o item.

(...) Quando me lembro do meu pai me proibindo de mudar de escola, a voz que ouço dele é a de hoje, e me pergunto se algo parecido acontece com ele: se a lembrança que ele tem de mim aos treze anos se confunde com a visão que ele tem de mim agora, depois de tudo o que ficou sabendo a meu respeito nessas quase três décadas, um acúmulo de fatos que apagam os tropeços do caminho para chegar até aqui, e o que para mim foi um capítulo decisivo da vida, a briga que tivemos por causa da mudança de escola, para ele pode não ter sido mais que um fato banal, uma entre tantas coisas que aconteciam em casa e no trabalho e na vida dele com a minha mãe e as outras pessoas ao redor durante a adolescência do filho.

Michel Laub. Diário da queda. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 48-9 (com adaptações).

16. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) Seria mantida a correção gramatical do texto caso a expressão "mais que" fosse substituída por *mais do que*.

COMENTÁRIOS

Certo – O segundo termo de comparação pode ser introduzido por **que** ou por **do que**.

Trecho para a questão.
Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) A chaga encontra terreno fértil nas sociedades subdesenvolvidas, mas também viceja onde o capitalismo, em seu ambiente mais selvagem, obriga crianças e adolescentes a participarem do processo de produção. Foi assim na Revolução Industrial de ontem e nas economias ditas avançadas. (...) (Jornal do Brasil, Editorial, 1,77/2010, com adaptações)

17. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2010) O emprego de preposição em "a participarem" é exigido pela regência da forma verbal "obriga".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O verbo é transitivo direto e indireto: obriga alguém (crianças e adolescentes) **a algo** (a participarem).

Atenção! Julgue o item que se segue, relativo a aspectos gramaticais e semânticos do trecho.

Tal como em seu best-seller A Cabeça do Brasileiro, o autor expõe no livro as conclusões de pesquisa realizada em todo o país. A que deu origem a O Dedo na Ferida foi realizada no ano passado e revela que, apesar de a população estar ciente de que é tributada ao adquirir bens e serviços, a maioria desconhece a proporção dos impostos embutidos nos preços finais.

18. (UNB/CESPE – TRT 21ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) No trecho "A que deu origem a **O Dedo na Ferida** foi realizada no ano passado", o elemento **a** recebe a mesma classificação na primeira e na segunda ocorrências.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado.

✪ **Nota da autora:** Palavra mágica que todo *concurseiro* ama: **sempre** que **o** ou **a** estiver ao lado do pronome relativo **que**, será classificado como pronome demonstrativo.

Exemplo: Ele foi **o** que mais estudou a matéria = Ele foi **aquele** que mais estudou a matéria.

Voltando à questão. **A** que deu origem: **Aquela** que deu origem = pronome demonstrativo.

Deu origem **a** O Dedo na Ferida = deu origem **a** algo. O substantivo *origem* pede a **preposição a**.

Acerca do gênero textual e das estruturas linguísticas do trecho, julgue o item a seguir.

De tanta simplicidade, atingi a síntese perfeita do que Nelson Rodrigues chamava de óbvio ululante, ou seja, a enunciação de algo que não quer dizer absolutamente nada:

Se quiser descer, não suba. (Fernando Sabino. A volta por cima. Rio de Janeiro: Record, 1995, p. 137-140, com adaptações).

19. (CESPE – Técnico do Seguro Social – INSS/ 2008) O sentido do período seria mantido, mas a correção gramatical seria prejudicada, caso se substituísse "atingi a síntese perfeita" por **cheguei à síntese perfeita**.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado.

✪ **Nota da autora:** Questão de regência verbal e crase.

- Atingir e chegar são sinônimos. Regência: atinge **algo** = verbo transitivo direto; chega **a algo** = verbo transitivo indireto.

▶ **Dica de crase** – Trabalhar por substituição:

- cheguei à síntese perfeita = **ao resumo perfeito** (substitua por qualquer substantivo masculino, resultou em AO = crase).

1.3. CESGRANRIO

20. (Escriturário-BB/2012 – Cesgranrio) A frase em que a presença ou ausência da preposição está de acordo com a norma-padrão é:

(A) A certeza que a sorte chegará para mim é grande.

(B) Preciso de que me arranjem um emprego.

(C) Convidei à Maria para vir ao escritório.

(D) A necessidade que ele viesse me ajudar me fez chamá-lo.

(E) Às dez horas em ponto, estarei à sua casa.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Quem precisa, precisa **de** algo. Por se tratar de oração subordinada substantiva objetiva indireta.

Alternativa "a" – certeza **de** algo: A certeza **de que** a sorte...

Alternativa "c" – convidei alguém: convidei **a** Maria.

Alternativa "d" – Se há necessidade, há necessidade **de** algo: A necessidade **de que** ele viesse.

Alternativa "e" – estarei **em** algum lugar: estarei **na** sua casa.

21. (Cesgranrio – Técnico Previdenciário – INSS/ 2005) Marque a opção em que o termo entre parênteses NÃO preenche corretamente a lacuna, pois não atende à regência do verbo da frase.

(A) O emprego _____ aspirava requeria mais preparo. (a que)

(B) Muitos alunos _____ frequentavam a escola se formaram. (que)

(C) A palmatória era a razão _____ os meninos temiam as sabatinas. (com que)

(D) Mesmo nas escolas de antigamente havia aulas _____ os alunos gostavam. (de que)

(E) Os jogos _____ a menina assistia lhe pareciam emocionantes. (a que)

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Os meninos temiam às sabatinas **por** causa da palmatória: pela palmatória = pela qual ou por que.

Aproveitemos para relembrar os empregos dos porquês.

▶ **Dica:**

1) Por que = equivale a **pelo qual;** vem acompanhado pela palavra **razão** *(mesmo que subentendida)* g *Ex: Este é o caminho por que passo. Por que você foi embora logo?*

2) Porque = é uma **explicação**,equivale a pois g *Ex: Fui embora logo porque estava muito cansado.*

3) Porquê = é um substantivo,ou seja, nomeia. **Admite plural** g *Ex: Não sei o porquê de sua demora. O estudo da palavra porquê.*

4) Por quê = segue a regra da palavra que: quando utilizada no **fim de uma frase,** será sempre acentuada g *Ex: Ele faltou, mas não sei por quê.*

Alternativa "a" –Aspirava **ao emprego** = a que ou ao qual.

Alternativa "b" –Quem frequentam a escola? Os alunos = que ou as quais.

Sempre que o pronome relativo retomar o sujeito, não poderá estar acompanhado por preposição.

Alternativa "d" –Os alunos gostavam **da aula** = de que ou das quais.

Alternativa "e" –A menina assistia **aos jogos** = a que ou aos quais.

1.4. ESPP

22. (ESPP – Técnico Bancário-BanPará/2012) Assinale a alternativa que completa corretamente a lacuna.

Não encontrei o documento o gerente fez referência.

(A) que

(B) o qual

(C) no qual

(D) a que

(E) no qual

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

✪ **Nota da autora:** Questão de pronome e regência. Trabalhemos por eliminação para facilitar.

1) O relativo retoma o substantivo *documento*.

2) Ordem direta: o gerente fez referência **ao documento.**

3) Se fez referência **a** algo, a preposição **a** foi exigida. Resposta: a que ou ao qual.

Eliminam-se as alternativas *a, b, c* e *e* por não possuírem a preposição a.

1.5. VUNESP

23. (Vunesp – Investigador de Polícia – SP/2013) Leia a charge.

(Gazeta do Povo, 01.11.2012. Adaptado)

Em norma-padrão da língua portuguesa, a fala do funcionário demitido é completada com:

(A) ... prefiro ser demitido a ser demetido.

(B) ... prefiro antes ser demitido que ser demetido.

(C) ... prefiro mais ser demitido do que ser demetido.

(D) ... prefiro ser demitido do que ser demetido.

(E) ... prefiro mais ser demitido a ser demetido.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

- Prefiro algo = ser demitido. Eliminadas *b, c* e *e*.
- Prefiro algo A ALGO = a ser demetido. Eliminada *d*.

24. (Vunesp – Escrivão de Polícia – SP/2013) No que se refere às regras de regência nominal, assinale a alternativa que substitui corretamente a expressão destacada em – **Buscando** compreender o que considerou ser uma tendência para o século 21, Michael Ellsberg realizou seu estudo [...].

(A) Determinado a

(B) Empenhado sob

(C) Resolvido de

(D) Propenso em

(E) Disposto com

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Buscando algo (compreender) e determinado a algo (a compreender).

Alternativa "b" – em.

Alternativa "c" – a.

Alternativa "d" – a.

Alternativa "e" – a.

25. (Vunesp – Escrivão de Polícia – SP/2013) Assinale a alternativa em que a expressão em destaque está empregada de acordo com a norma-padrão da língua.

(A) Imagino o futuro desse universo digital, **cujo** parece ser cheio de riscos e incertezas.

(B) Sugeri sairmos do apartamento para deixar de ouvir as críticas, **o qual** estavam me incomodando.

(C) Um colapso na nuvem trará graves consequências, **as quais** podem envolver todo o tipo de usuário.

(D) Meu amigo criticou as estantes, **as quais** os espaços vazios seriam ocupados por livros e CDs.

(E) Eu separei algumas estantes para guardar os CDs **cujo** havia trazido da casa de meus pais.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – O relativo retoma o sujeito. Ordem direta: Graves consequências podem envolver todo tipo de usuário sem preposição anteposta ao relativo.

Alternativa "a" – que ou o qual = universo digital.

Alternativa "b" – as quais ou que = as críticas.

Alternativa "d" – cujos = espaços vazios. Cujo(a) referem-se a termos pospostos.

Alternativa "e" – que ou quais = CDs.

26. (Vunesp – Escrivão de Polícia – SP/2013) Considerando as regras de regência verbal, assinale a alternativa correta.

(A) Ao ver a quantidade excessiva de prateleiras, o amigo comentou de que o livro estava acabando.

(B) Enquanto seu amigo continua encomendando livros de papel, o autor aderiu o livro digital.

(C) Álvaro convenceu-se de que o melhor a fazer seria sair para jantar.

(D) As estantes que o autor aludiu foram projetadas para armazenar livros e CDs.

(E) O único detalhe do apartamento que o amigo se ateve foi o número de estantes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Convencer alguém de algo.

Alternativa "a" – comentou que = V.T.D.

Alternativa "b" – aderir a algo: aderiu ao livro.

Alternativa "d" – aludir a algo: a que.

Alternativa "e" – ater-se a algo: a que se ateve.

1.6. UFF

27. (UFF – Inspetor de Polícia – RJ/2012) A alternativa em que a duplicidade de regência verbal documentada é INACEITÁVEL no português culto é a seguinte:

(A) "refletir sobre o significado das favelas" / refletir no significado das favelas.

(B) "desfrutando da sua beleza singular" / desfrutando a sua beleza singular.

(C) "oferecer melhores condições de vida para os seus moradores" / oferecer (...) aos seus moradores.

(D) "entender que os moradores dessas comunidades possuem histórias de vida" (parágrafo 5) / entender de que os moradores.

(E) "Vivemos em uma época de profundas transformações" (parágrafo 5) / Vivemos uma época.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Entender que / entender de que entender – verbo transitivo (direto) é preciso entender algo= que os moradores possuem história de vida – oração subordinada substantiva adjetiva direta (sem preposição de).

Alternativa "a" – O verbo refletir pede preposição em ou sobre: refletir no (em + o) significando...

Alternativa "b" – Desfrutar de algo ou desfrutar algo.

Alternativa "c" – Oferecer algo ou oferecer a alguém.

Alternativa "e" – Viver: intransitivo; viver: transitivo direto.

1.7. ACP

Trecho para a próxima questão.

O Português em Debate

(...)

No Brasil, a gramática da língua oral foi alvo de um estudo pioneiro em 1969, quando o linguista Nelson Rosso, da Universidade Federal da Bahia, desenvolveu o projeto Norma Urbana Culta (Nurc). O trabalho, feito em São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Salvador e Recife, resultou em 1500 horas de gravações de discursos formais, entrevistas e diálogos envolvendo profissionais graduados de diversas áreas. As transcrições servem, ainda hoje, como base de estudo para teses e artigos. Recentemente, o linguista Ataliba de Castilho, um dos coordenadores do Nurc, lançou uma obra de fôlego, baseada nesse material de análise. Sua Nova Gramática do Português Brasileiro apresenta um recurso inovador em relação aos similares tradicionais: a análise sintática é feita sobre frases presentes no cotidiano do leitor. (...)

O "gerundismo" pegou porque alguns creem que essa é uma forma sofisticada de falar. Outros, com o mesmo propósito, recorrem ao bacharelismo, confundindo afetação com riqueza vocabular. Dizer mais com menos é o ideal. E "falar difícil" é andar na contramão do bom-senso. No século XVII, o padre Antônio Vieira (que hoje, é verdade, soa rebuscado) já pregava a simplicidade: "O estilo há de ser muito fácil e muito natural", recomendava ele no Sermão da Sexagésima.

E aí se chega a uma recomendação que todo cidadão vem ouvindo desde que se sentou pela primeira vez nos bancos da escola: ler é indispensável para quem quer se expressar bem. E ler inclui de Machado de Assis e Graciliano Ramos até um blog decente na internet (mas atenção: é preciso ler de tudo – não uma coisa ou outra). Ler mostra as infinitas possibilidades de expressão da língua, enriquece o vocabulário (e o bom vocabulário é o melhor amigo da precisão), ensina o leitor a organizar seu pensamento e ainda oferece a ele algo de valor inestimável: conteúdo. Ter coisas interessantes e pertinentes a dizer é o primeiro passo para falar ou escrever bem. (Jerônimo Teixeira e Daniela Macedo. Texto adaptado da Revista Veja, 11 de agosto de 2010.)

28. (ACP – Escrivão de Polícia – RS/2010) Em que alternativa a correspondência entre termo regente e termo regido está INCORRETA?

(A) resultou – de.

(B) baseada – nesse.

(C) recorrem – ao.

(D) inclui – até.

(E) ensina – a.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – A forma verbal resultou (resultar v.t.) está no sentido de efeito de, consequência de, resultado de, portanto pede a preposição **em** que o liga ao seu complemento verbal 1.500 horas de gravações (objeto indireto). **Resultou em** 1.500 horas de gravações.

Alternativa "b" – Baseada (adjetivo) em quê? – em + esse (demonstrativo)= nesse.

Alternativa "c" – recorrem ao bacharelismo: recorrem a (preposição) + o (artigo) bacharelismo= ao.

Alternativa "d" – *até* está funcionando como advérbio de inclusão: também, inclusive – ...inclui até (também, inclusive) um blog decente.

Alternativa "e" – Ensina a: ...ensina o leitor a organizar seu pensamento – a preposição *a* está ligando o verbo ensinar (v.t.d.i.) à oração objetiva indireta – organizar seu pensamento.

Trecho para a próxima questão:

O poder do palavrão – Como insultar e praguejar em português, com a ajuda de um dicionário

Qualquer dia é dia de palavrão. Ele é necessário e insubstituível, como disse o sociólogo Gilberto Freyre. Há quem reclame que as palavras de baixo calão invadiram a vida cotidiana de forma irresistível. Jamais se pronunciou tanto palavrão como nos dias de hoje, e com tanta volúpia, afirmam tanto os safados como os guardiões da língua e dos bons costumes. E, de fato, o palavrão (ou "palavrada", "palavra obscena" ou "palavra-cabeluda") _____ todos os registros de fala e todo tipo de conversação. Por que o fascínio pelo "submundo", pelos "esgotos" da linguagem? Vou tentar responder ao questionamento, recorrendo primeiramente a um livro.

Em 1974, o folclorista pernambucano Mário Souto Maior (1920-2001) concluiu o seu Dicionário do Palavrão e Termos Afins, agora republicado num caprichado volume da Editora Leitura, de Belo Horizonte.

Após um trabalho de dez anos, Souto Maior levantou 3 mil palavrões, entre vocábulos,locuções e expressões idiomáticas. A obra _____ censura do regime militar e só foi publicada cinco anos depois, com o início da abertura política brasileira. Segundo o autor, a obra então já se afigurava incompleta, em virtude da criação constante de novos palavrões. Ao vir a público, já _____ um título ultrapassado. O que dirá hoje. Mas isso não importa. O dicionário é o flagrante de um tempo, que continua a ter validade trinta anos depois. No entanto, o malfadado Dicionário _____ uma espécie de catecismo pornográfico que circulou de mão em mão dos adolescentes no fim dos anos 70.

(...)

Acho difícil apontar o palavrão mais falado. A variedade parece infinita. Afinal, qualquer palavrão hoje não pode mais ser _____ tabu. Uma exceção é a palavra escrita. Publicação que se preze ainda hoje evita palavrões. Na internet, via blogs e redes sociais, o palavrão virou palavra qualquer – já se banalizou, como se fosse possível dizer assim para um tipo de termo que nasceu da própria banalidade da vida. Antigamente, ele vinha cercado de interditos, o palavrão "dito na hora certa" _____ certa aura. Foi assim que virou moda na década de 60. O vocábulo grosseiro foi elevado à condição de troféu da contracultura. No Brasil, a moda foi coibida pela censura do regime militar. (...) (Luís Antônio Giron. Texto adaptado da revista Época, 13 de julho de 2010).

29. (ACP – Inspetor de Polícia – RS/2010) Considerando as normas de regência, assinale a alternativa que completa adequadamente as lacunas com traço contínuo do texto, na ordem em que ocorrem.

(A) intrometeu-se em – sofreu – se tratava de – tornou-se – denominado de – ostentava.

(B) intrometeu-se em – sofreu – se tratava de – tornou-se em – denominado como – ostentava.

(C) intrometeu-se por – sofreu de – se tratava de – tornou-se em – denominado de – ostentava de.

(D) intrometeu-se por – sofreu de – se tratava por – tornou-se – denominado como – ostentava de.

(E) intrometeu-se em – sofreu de – se tratava por – tornou-se em – denominado como – ostentava de.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta

- Intrometeu-se **em** = introduzir-se em assuntos alheios; pronome se= parte integrante do verbo – preposição em= indica ato de propor: (em)

todos os registros de fala e todo tipo de conversação= objeto indireto. Eliminadas *c* e *d*.

- A obra **sofreu** censura do regime militar = terceira pessoa do singular, no pretérito perfeito do indicativo – sofrer (V.T.D.) = a obra sofre (algo) = censura do regime militar= objeto direto. Eliminada *e*.
- ... já **se tratava** de um título ultrapassado = pretérito imperfeito do modo indicativo – tratar (V.T.I.) = já se trata de = sentido de já era assunto ultrapassado – um título ultrapassado = objeto indireto. O advérbio atrai o pronome oblíquo.
- ... o malfadado dicionário **tornou-se** uma espécie de catecismo = terceira pessoa do singular, pretérito perfeito do modo indicativo= tornar-se (verbo de ligação) no sentido de transformar-se, fazer-se= uma espécie de catecismo= predicativo. Eliminada *b*. Chegamos à resposta.
- **denominado de** – particípio do verbo denominar (V.T.) no sentido de chamado de = ...qualquer palavra hoje não pode mais ser denominado de tabu;
- o palavrão (...) **ostentava** certa aura = terceira pessoa do singular, no pretérito imperfeito do indicativo – verbo ostentar (T.D.) – certa aura= objeto direto.

1.8. ESAF

30. (ESAF – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2004) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

A internacionalização da cultura não é um fato inédito na história da humanidade. O fenômeno manifestou-se no império de Alexandre Magno, __(1)__ a cultura grega impôs-se; no império romano, __(2)__ o latim e o grego se generalizaram; no decorrer da Idade Média, unificada pelo uso do latim e __(3)__ uma religião comum; finalmente na época das grandes navegações ibéricas, quando o uso do português e do castelhano ligou os diversos continentes. Essa internacionalização conheceu novos impulsos, __(4)__ século XVII, com a entrada em cena de outros atores, tais como a Holanda, a França e a Inglaterra. Mas foi a partir do século XIX que a expansão mundial do capitalismo deu origem à consciência __(5)__ uma cultura mundial estava verdadeiramente em via de surgir. (Sérgio Paulo Rouanet, Do fim da cultura ao fim do livro, in Reflexões sobre os caminhos do livro, Eduardo Portella (org.) São Paulo: UNESCO/ Ed. Moderna, 2003, p. 63)

	1	2	3	4	5
a)	em que	quando	de	a partir do	de
b)	no qual	no qual	com	com o	que
c)	quando	em que	por	desde o	de que
d)	ao qual	já que	em	no	à qual
e)	ao tempo em que	pois	para	pelo	em que

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – O primeiro espaço deve ser preenchido com conjunção ou advérbio que indica tempo, por se tratar de uma oração adverbial temporal: Quando o fenômeno manifestou-se? Eliminadas alternativas a, b e e.

- O latim e o grego se generalizam no império = em que. Eliminada alternativa d sem ao menos verificarmos os três outros espaços restantes.
- Paralelismo: unificada pelo uso do latim e por uma religião.
- Desde o século XVII.
- Se há consciência, há consciência **de algo** = de que.

2. NÍVEL SUPERIOR

2.1. FCC

31. (FCC TRT 4 – 2015 – Analista Judiciário Área Judiciária) *Em nenhum momento da história a sociedade, como um todo, conseguiu sustentar facilmente os custos exorbitantes da ópera.*

Na frase acima, a locução verbal está empregada com regência idêntica à presente em:

(A) Jamais se afastou daquele velho conselho do pai.

(B) O crítico elegeu o jovem cantor o maior artista da temporada.

(C) Apresentou-nos currículo repleto de menções honrosas.

(D) Sem falsa modéstia, recebeu a ovação com elegância e alegria.

(E) Tentou cantar de modo condizente com as recomendações do maestro.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – Opa! No enunciado está a dica: *a **locução verbal** está empregada com regência idêntica.*

1. Se temos dois verbos, o primeiro passo é substituí-los por um = sustentou (conseguiu sustentar).

2. Sustentar é transitivo direto: sustentou algo; seguido de objeto direto.

3. Recebeu a ovação: recebeu algo (verbo transitivo direto + objeto direto).

(A) Afastou-se **de algo** = objeto indireto.

(B) Elegeu **alguém** (o jovem cantor) e ele era o maior artista da temporada = predicativo do sujeito.

Duas respostas corretas?

Aprofundando a análise:

→ *conseguiu sustentar facilmente os custos* = há um adjunto adverbial anteposto ao objeto direto.

Vejamos o que ocorreu na alternativa D, que é a resposta:

→ recebeu a ovação com elegância e alegria = há, também, um adjunto adverbial (embora esteja posposto ao objeto direto).

Qual a análise da banca ao exigir a mesma regência?

Objeto direto + adjunto adverbial ou adjunto adverbial + objeto direto.

(C) Apresentou **algo** (currículo) **a alguém** (a nós = nos).

(E) Cantar é intransitivo; de modo condizente com as recomendações do maestro = adjunto adverbial de modo.

---

32. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 16/2014) As lacunas da frase Um prefácio nossa inteira atenção esteja voltada certamente conterá qualidades força é impossível resistir preenchem-se adequadamente, na ordem dada, pelos seguintes elementos:

(A) para o qual – a cuja

(B) ao qual – de cuja a

(C) com o qual – por cuja

(D) aonde – de que a

(E) por onde – das quais a

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Se tem pronome relativo, temos que seguir o passo a passo:

1) Ver qual termo o pronome retoma: prefácio;

2) Colocar a oração posposta ao relativo na ordem direta e encaixar o termo retomado pelo pronome: nossa inteira atenção esteja voltada **para o prefácio** ou **ao prefácio.** Eliminadas alternativas *c, d* e *e*.

O relativo, no segundo caso, concorda com **força** (termo posposto)

1) É impossível resistir **à força** = a cuja.

E você tem idade para achar que existe a forma da alternativa *b (cuja a)?* NÃO TEM!

Não existem as formas **cujo o, cuja a** e **o cujo** porque os relativos **cujo** e **quem** repelem o artigo. Eliminada *b*.

---

33. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 16/2014) O segmento do verbete que apresenta descuido quanto à regência é:

(A) Adoção [...] de políticas e práticas organizacionais socialmente responsáveis.

(B) Seu objetivo básico é atuar no meio ambiente [...], inter-relacionando-se com o equilíbrio ecológico, com o desenvolvimento econômico e com o equilíbrio social.

(C) a organização que exerce sua responsabilidade social procura respeitar e cuidar da comunidade.

(D) a organização que exerce sua responsabilidade social procura [...] conservar a vitalidade da terra e a biodiversidade.

(E) a organização que exerce sua responsabilidade social procura [...] promover o desenvolvimento sustentável, o bem-estar e a qualidade de vida.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – FCC e suas novidades. Dois verbos só podem admitir o mesmo complemento se possuírem a mesma predicação, isto é, se exigirem o mesmo tipo de complemento. Correção: procura respeitar a comunidade e cuidar dela = respeitar é transitivo direto (O.D.) e cuidar é transitivo indireto (O.I. que exige a preposição *de*).

Alternativa "a" – Adoção **de** algo.

Alternativa "b" – Atuar **em** algo.

Alternativa "d" – Exercer algo e conservar algo.

Alternativa "e" – Exercer algo e promover algo.

---

34. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) A construção da frase eu pressuponho esse futuro com o qual nada me autoriza a contar permanecerá correta caso se substitua o elemento sublinhado por

(A) perante o qual não sei avaliar.

(B) em cujo nada posso desconfiar.

(C) de cujo pouco posso prever.

(D) por quem nada posso antecipar.

(E) do qual nada me é dado esperar.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"

✪ **Nota da autora:** Importante seguir o passo a passo para não errar. É fácil!

1) O pronome relativo retoma *esse futuro;*

2) Ordem direta com os termos pospostos ao pronome relativo: Nada me autoriza a contar **com** o futuro. Pode-se usar **com o qual** ou **com que.**

Na alternativa e: Nada me é dado a esperar **do** futuro = **do qual** ou **de que.**

Alternativa "a" – Não sei avaliar o futuro = V.T.D. (avaliar algo) = **o qual** ou **que.**

Alternativa "b" – Nada posso confiar **no** futuro: confiar em = **em que ou** no **qual.**

Alternativa "c" – Pouco posso prever o futuro = V.T.D. (prever algo) = **o qual** ou **que.**

Alternativa "d" – Nada posso antecipar **do** futuro = V.T.I. (antecipar de algo) = **de que** ou **do qual.**

---

35. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 12/2013) Aquilo de que o nosso aparelho perceptivo nos faz cientes...

O elemento sublinhado na frase acima preenche corretamente a lacuna da frase

(A) A luz do sol os objetos refletem leva cerca de oito minutos e dezoito segundos para atingir a superfície da Terra.

(B) A correnteza ligeira do tempo nos dá a impressão ..... estamos em contato com o mundo em tempo real.

(C) Aquilo chamamos presente depende do lugar que ocupamos no espaço.

(D) As sensações os seres humanos experimentam advêm de sua percepção do mundo exterior.

(E) A memória faz tenhamos a possibilidade de estabelecer relações de causa e efeito entre eventos do passado.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – O relativo retoma *aquilo*; ordem direta: o nosso aparelho nos faz cientes **daquilo** = **de que** ou **do qual.**

Alternativa "a" – Os objetos refletem a luz do sol (objeto direto – não exige preposição) = que ou a qual.

Alternativa "c" – Chamamos aquilo (de) presente. Dica 1. O predicativo pode vir acompanhado de preposição ou não. Chamar admite algo ou a algo. Opções para completar: que ou o qual.

Alternativa "d" – Os seres humanos experimentam as sensações = que ou as quais.

Alternativa "e" – Olhe, olhe! Não se trata de pronome relativo, sendo assim a pergunta deve ser feita ao verbo anteposto (faz algo – verbo transitivo direto) = que (conjunção integrante que faz parte da oração subordinada substantiva objetiva direta).

---

36. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 12/2013) Há quem faça canções com acurado conhecimento de causa musical, ... o trato de harmonias complexas concilia-se com o gosto popular. Há outros que trabalham apenas com um violão ..... não dominam mais do que dois ou três acordes. No entanto, como a canção popular é campo fértil para as relações entre o sofisticado e o elementar, soluções muito simples dispõem às vezes de uma força criativa genuína.

(Adaptado do ensaio de Jose Miguel Wisnick, em Paulo Leminski, Toda Poesia, São Paulo, Cia. das Letras, 2013. p. 387 e 388)

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

(A) na qual – a que

(B) nas quais – do qual

(C) às quais – que

(D) a qual – de que

(E) as quais – onde

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

✪ **Nota da autora:** Façamos, juntos, o passo a passo para que você não erre.

1) O relativo retoma *canções;*

2) Ordem direta (com as palavras pospostas ao pronome relativo): o trato de harmonias complexas concilia-se com o gosto popular **nas canções;**

3) Podemos usar **em que** ou **nas quais.** Eliminadas alternativas *a, c, d* e e. Encontramos a resposta? Sim! Olhe que fácil.

Segunda regência:

1) O relativo retoma *violão;*

2) Ordem direta (com as palavras pospostas ao pronome relativo): não dominam mais do que dois ou três acordes **do violão;**

3) Podemos usar **de que** ou **do qual.**

37. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 9/2013) *–Em 1992, a indústria cinematográfica do país entrou numa crise_____ só começou a se recuperar na segunda metade da década de 1990. (Adaptado* de Eduardo Bueno, *op.cit.)"* Preenche corretamente a lacuna da frase acima:

(A) *a qual*

(B) *a que*

(C) *na qual*

(D) *onde*

(E) *da qual*

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Colocando na ordem direta: só começou a recuperar **da** crise = **de que** ou **da qual**.

Alternativa "a" – Errada. Seria utilizado se o verbo não pedisse preposição.

Alternativa "b" – Errada. O verbo exigiria a preposição **a**.

Alternativa "c" – Errada. O verbo exigiria a preposição **em**.

Alternativa "d" – Errada. O pronome relativo retomaria lugar.

38. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 1/2013) "Ruibarbosismo" é um neologismo do qual se valeu o autor do texto para lembrar o estilo retórico pelo qual se notabilizou o escritor baiano. Não haverá prejuízo para a correção da frase acima ao se substituírem os segmentos sublinhados, na ordem dada, por:

(A) a que recorreu – que fez notável.

(B) do qual incorreu – com que se afamou.

(C) a cujo recorreu – o qual celebrizou.

(D) em que fez uso – em cujo deu notabilidade

(E) em cujo incorreu – com o qual se propagou.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Quem se vale, vale-se **de algo** = **de que**; o escritor baiano notabilizou-se **pelo** estilo – quem se notabiliza, notabiliza-se **por** algo = **pelo qual** ou **por que.**

- Quem recorre, recorre **a algo** = **a que;** fez notável o estilo (sujeito) = **que** fez ou **o qual** fez. Não se usa preposição quando o relativo se refere ao sujeito.

Alternativa "b" – Errada. Incorrer **em** = **em que**, afamou-se **com** o estilo = **com que.**

Alternativa "c" – Errada. Recorreu **ao** neologismo = **ao qual** ou **a que**; celebrizou-se **com** o estilo = **com o qual** o **com que.**

Alternativa "d" – Errada. Fez uso **do** neologismo = **de que** ou **do qual**; deu notabilidade **ao** estilo = **a que** ou **ao qual.**

Alternativa "e" – Errada. Incorreu **ao** neologismo = **a que** ou **ao qual**; propagou-se **com** o estilo = **com o qual** ou **com que.**

39. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 18/2013) *"... uma vez que as expressões vocais e faciais desses parentes evolutivos próximos são semelhantes às nossas próprias reações aos mesmos estímulos..."* Sem que qualquer outra modificação seja feita na frase acima, o sinal indicativo de crase deverá ser mantido caso o segmento sublinhado seja substituído por:

(A) afiguram.

(B) parecem.

(C) correspondem.

(D) lembram.

(E) rememoram.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de regência e crase. **Substituindo**: são semelhantes às nossas próprias reações = são semelhantes **aos** nossos próprios objetivos.

Alternativa c: correspondem **às** nossas próprias reações = correspondem **aos** nossos próprios objetivos.

Alternativa "a" – Errada. Transitivo direto, não exige preposição = sem crase.

Alternativa "b" – Errada. Verbo de ligação.

Alternativa "d" – Errada. Transitivo direto, não exige preposição = sem crase.

Alternativa "e" – Errada. Transitivo direto, não exige preposição = sem crase.

40. (FCC – TRT 11 – Analista Judiciário/2012) Está correto o emprego da expressão sublinhada em:

(A) Os dicionários são muito úteis, sobretudo para bem discriminarmos o sentido das palavras em cujas resida alguma ambiguidade.

(B) O texto faz menção ao famoso caso das cotas, pelas quais muitos se contrapuseram por considerá-las discriminatórias.

(C) Por ocasião da defesa de políticas afirmativas, com as quais tantos aderiram, instaurou-se um caloroso debate público.

(D) Um dicionário pode oferecer muitas surpresas, dessas em que não conta quem vê cada palavra como a expressão de um único sentido.

(E) Esclarece-nos o texto as acepções da palavra discriminação, pela qual se expressam ações inteiramente divergentes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e" – Correta.

✪ **Nota da autora:** Como mencionado no início do capítulo, regência, muitas vezes, é pedido junto com o emprego do pronome relativo.

Iniciemos o comentário com a resposta correta: expressam-se ações divergentes **pela** palavra (ou **através da** palavra).

Alternativa "a" – Errada. Os dicionários são muito úteis, sobretudo para bem discriminarmos o sentido das palavras **nas quais** resida alguma ambiguidade. = Reside alguma ambiguidade **nas** palavras.

Alternativa "b" – Errada. O texto faz menção ao famoso caso das cotas, **a que** (ou **às** quais) muitos se contrapuseram por considerá-las discriminatórias. = muitos se contrapuseram **às** cotas.

Alternativa "c" – Errada. Por ocasião da defesa de políticas afirmativas, **às quais** tantos aderiram, instaurou-se um caloroso debate público. = tantos adeririam **às** políticas afirmativas

Alternativa "d" – Errada. Um dicionário pode oferecer muitas surpresas, dessas **que** não conta quem vê cada palavra como a expressão de um único sentido. = quem vê não conta as surpresas. O verbo é transitivo direto, não exige preposição.

---

41. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE – SP/2012) Está correto o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

(A) A argumentação na qual se valeu o ministro baseava-se numa analogia em cuja pretendia confundir função técnica com função política.

(B) As funções para cujo desempenho exige-se alta habilitação jamais caberão a quem se promova apenas pela aclamação do voto.

(C) Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto do que a promoção pelo mérito onde nem todos confiam.

(D) A má reputação de que se imputa ao "assembleísmo" é análoga àquela em que se reveste a "meritocracia".

(E) A convicção de cuja não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo à natureza do caso.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Colocar, sempre, na ordem direta para não haver erro:

- Alta habilitação é exigida **para** o desempenho = para cujo.
- as funções jamais caberão **a** alguém = a quem.

Alternativa "a" –O ministro se valeu **da** argumentação = da qual ou de que; pretendia confundir função técnica com função política **na** analogia = em que ou na qual.

Alternativa "c" –Preferível algo a algo = preferível uma escolha baseada no consenso do voto **à** promoção pelo mérito; nem todos confiam **no** mérito = em que, no qual.

Alternativa "d" –A má reputação que se imputa = que é imputada. Reputação é sujeito: nunca se usa preposição se o relativo refere-se ao sujeito = que ou a qual; a "meritocracia" se reveste **em** algo = em que ou na qual.

Alternativa "e" –O autor não se afasta **da** convicção = de que ou da qual; segundo **a** natureza = segundo o homem (sem crase).

---

42. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /CE/2012) "*em especial uma comédia* em que *atuo...*" O segmento grifado acima preenche corretamente a lacuna da frase:

(A) A trilha sonora ..... Philip Glass compôs para o filme *Sonho de Cassandra* é carregada de tensão.

(B) O estúdio musical ..... as trilhas sonoras de Woody Allen são gravadas já abrigou uma galeria de arte.

(C) A crítica ..... os cineastas deparam a cada filme costuma ser inócua para suas obras.

(D) Um filme ..... Woody Allen deve se orgulhar é *Match Point*.

(E) Diane Keaton é uma atriz ..... Woody Allen pôde contar diversas vezes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

Atuo na comédia. A preposição em é exigida pelo verbo atuar.

Na alternativa A, compôs a trilha sonora = que. Na B, as trilhas sonoras são gravadas em estúdio = em que. Na C, os cineastas deparam com críticas = com que.

Na D, Woody Allen deve se orgulhar do filme = de que. Finalmente, na alternativa E, Woody Allen pôde contar com uma atriz = com que.

---

43. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /PR/2012) Considerado o padrão culto escrito, a frase que NÃO exige correção é:

(A) No memorial do professor está registrado que ingressou para a universidade em idade inferior à determinada pela lei.

(B) O fato que o acusado se recusa a dar detalhes é o que mais pesará na decisão dos jurados.

(C) O movimento que me filiei nos anos 70 foi grandemente responsável pela renovação da pintura no Brasil.

(D) Esta é, enfim, a parca remuneração da qual arco totalmente com as despesas da casa.

(E) Os valores por que tantos lutaram e morreram não serão jamais esquecidos, pois nossa geração se dedicará a relembrá-los a cada passo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

Quem luta, luta POR algo. Os valores por que lutamos = pelos quais

Alternativa "a" –Com idade inferior

Alternativa "b" –O acusado recusa a dar detalhes do fato = de que

Alternativa "c" –Filei-me ao movimento = a que

Alternativa "d" –arco com a remuneração = com a qual

---

44. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) *"... deveria viver buscando a perfeição a que estaria destinado".* O segmento grifado na frase acima preenche corretamente a lacuna frase:

(A) Os temas _____ tratava eram sempre ligados de algum modo à religião e a fenômenos que a ciência não conseguia explicar.

(B) Preferia gastar todo o tempo necessário na minuciosa execução do trabalho _____ não tivesse de refazê-lo depois.

(C) Suas leituras e seus estudos, _____ nunca deixava de fazer alusão, eram o que havia de mais caro para ele.

(D) Mais do que um simples sonho, tinha sido um horrível pesadelo, _____ não conseguia mais deixar de pensar.

(E) Os projetos mais mirabolantes e de mais difícil realização eram aqueles mais _____ ficava entusiasmado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Ordem direta (iniciando com o sujeito): Estaria destinado **à** perfeição = a que; nunca deixava de fazer alusão **a** suas leituras e seus estudos = a que.

Alternativa "a" –Tratava **dos** temas = de que.

Alternativa "b" –para que não tivesse de refazê-lo: não se trata de pronome relativo, mas sim de conjunção adverbial final.

Alternativa "d" –Não conseguia deixar de pensar **no** horrível pesadelo = em que.

Alternativa "e" –Ficava entusiasmado **com** a realização dos projetos = com que.

---

45. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) A expressão de que preenche adequadamente a lacuna da frase:

(A) Os projetos e atividades _____ implementamos na Casa Azul visam à harmonia de Paraty.

(B) O prestígio turístico _____ veio a gozar Paraty não cessa de crescer, por conta de novos projetos e atividades.

(C) O esquecimento _____ Paraty se submeteu preservou-a dos desgastes trazidos por um progresso irracional.

(D) A plena preservação ambiental, _____ Paraty faz por merecer, é uma das metas da Casa Azul.

(E) Os ciclos econômicos do ouro e do café, _____ tanto prosperou Paraty, esgotaram-se no tempo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Paraty veio a gozar **do** prestígio turístico = de que.

Alternativa "a" –Implementamos projetos e atividades (V.T.D.) = que.

Alternativa "c" –Paraty se submeteu **ao** esquecimento = a que.

Alternativa "d" –Paraty fez por merecer a preservação ambiental = que.

Alternativa "e" –Cuidado! Inversão: Paraty tanto prosperou **nos** os ciclos = em que.

Regência de *prosperar: tornar-se mais produtivo (em); PRODUZIR; CRESCER. [tr. + em: O país prosperava na agricultura e no comércio] (Fonte: Dicionário Digital Aulete*

46. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2012) *"O que definia o século XIX era a mudança: mudança em termos de e em função dos objetivos das regiões dinâmicas do Atlântico norte, que eram, à época, o núcleo do capitalismo mundial."* Estrutura que considera, como a destacada acima, corretamente as regências, encontra-se em frases que seguem, com EXCEÇÃO desta única:

(A) Comprovou que e alegou de que os documentos eram originais.

(B) Segurou o menino com e pela mão esquerda.

(C) Por conta de e para saldar as dívidas, penhorou seu único imóvel.

(D) Necessitava de e exigia os documentos que haviam ficado retidos indevidamente.

(E) Os estados se unificaram em e por uma sólida confederação.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Erro crasso de regência verbal. Correto é **alegou que**.

▶ **Dica** – Havendo dois verbos, apenas há possibilidade de usar um único complemento se os verbos possuírem a mesma predicação. No caso: comprovar e alegar são transitivos diretos: comprovou e alegou que os documentos eram originais. Caso contrário, a preposição deve estar explícita.

Alternativa "b" – Segurou o menino com a mão e segurou pela mão.

Alternativa "c" – Por conta das dívidas e para saldar as dívidas.

Alternativa "d" – Necessitava dos documentos e exigia os documentos.

Alternativa "e" – Os estados se unificaram em uma sólida confederação e por uma sólida confederação.

O texto refere-se à questão seguinte.

Nas ilhas Mascarenhas – Maurício, Reunião e Rodriguez –, localizadas a leste de Madagáscar, no oceano Índico, muitas espécies de pássaros desapareceram como resultado direto ou indireto da atividade humana. Mas aquela que é o protótipo e a tataravó de todas as extinções também ocorreu nessa localidade, com a morte de todas as espécies de uma família singular de pombos que não voavam – o solitário da ilha Rodriguez, visto pela última vez na década de 1790; o solitário da ilha Reunião, desaparecido por volta de 1746; e o célebre dodô da ilha Maurício, encontrado pela última vez no início da década de 1680 e quase certamente extinto antes de 1690.

Os volumosos dodôs pesavam mais de vinte quilos. Uma plumagem cinza-azulada cobria seu corpo quadrado e de pernas curtas, em cujo topo se alojava uma cabeça avantajada, sem penas, com um bico grande de ponta bem recurvada. As asas eram pequenas e, ao que tudo indica, inúteis (pelo menos no que diz respeito a qualquer forma de voo). Os dodôs punham apenas um ovo de cada vez, em ninhos construídos no chão.

Que presa poderia revelar-se mais fácil do que um pesado pombo gigante incapaz de voar? Ainda assim, provavelmente não foi a captura para o consumo pelo homem o que selou o destino do dodô, pois sua extinção ocorreu sobretudo pelos efeitos indiretos da perturbação humana. Os primeiros navegadores trouxeram porcos e macacos para as ilhas Mascarenhas, e ambos se multiplicaram de maneira prodigiosa. Ao que tudo indica, as duas espécies se regalaram com os ovos do dodô, alcançados com facilidade nos ninhos desprotegidos no chão – e muitos naturalistas atribuem um número maior de mortes à chegada desses animais do que à ação humana direta. De todo modo, passados os primeiros anos da década de 1680, ninguém jamais voltou a ver um dodô vivo na ilha Maurício. Em 1693, o explorador francês Leguat, que passou vários meses no local, empenhou-se na procura dos dodôs e não encontrou nenhum. (Extraído de Stephen Jay Gould. "O Dodô na corrida de comitê", A montanha de moluscos de Leonardo da Vinci. São Paulo, Cia. das Letras, 2003, pp. 286-8).

47. (Analista Judiciário – Área Judiciária TRE/RN 2011 – FCC) Estão empregados no texto com idêntica regência os verbos grifados em:

(A) – *Os dodôs punham*... (2º parágrafo) / *sua extinção ocorreu*... (último parágrafo)

(B) *muitas espécies de pássaros desapareceram*... (1º parágrafo) / *Os primeiros navegadores trouxeram*... (último parágrafo)

(C) – *Uma plumagem cinza-azulada cobria*... (2º parágrafo) / *e não encontrou nenhum.* (último parágrafo)

(D) – *Os volumosos dodôs pesavam*... (2º parágrafo) / *não foi a captura*... (último parágrafo)

(E) – ... *a tataravó de todas as extinções também ocorreu*... (1º parágrafo) / ... *e muitos naturalistas atribuem*... (último parágrafo)

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – cobria: verbo transitivo direto, seu corpo: objeto direto; **encontrou**: verbo transitivo direto, nenhum: objeto direto.

Alternativa "a" –verbo transitivo direto e intransitivo.

Alternativa "b" –intransitivo e verbo transitivo direto.

Alternativa "d" –intransitivo e verbo de ligação.

Alternativa "e" –intransitivo e verbo transitivo direto e indireto.

---

48. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /TO/2011)

... *para a preservação das espécies e das áreas* em que *elas se encontram*. (último parágrafo). A expressão pronominal grifada acima preenche corretamente a lacuna da frase:

(A) O número de espécies de um bioma garante a matéria genética _____ dispõem os pesquisadores para estudos nas mais diversas áreas do conhecimento.

(B) Material genético disponível para estudos mais aprofundados na área da saúde humana é tudo aquilo _____ possam sonhar os cientistas.

(C) Justifica-se uma preocupação maior com a sustentabilidade do planeta, tendo em vista _____ se acelera o ritmo da degradação de diversos biomas.

(D) As inúmeras espécies que constituem os biomas oferecem material de estudo _____ se fundamentam os cientistas para descobrir a cura de doenças.

(E) É necessário ampliar o conhecimento sobre a importância da biodiversidade para a vida no planeta _____ se amplie o campo das pesquisas genéticas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Os cientistas se fundamentam no material de estudo = EM QUE

Alternativa "a" –Os pesquisadores dispõem da matéria genética = DE QUE

Alternativa "b" –Os cientistas possam sonhar com aquilo = COM QUE

Alternativa "c" –... tendo em vista QUE se acelera o ritmo = tendo em vista isto. O QUE é conjunção integrante.

Alternativa "e" –É necessário ampliar o conhecimento sobre a importância da biodiversidade para a vida no planeta, para que se amplie o campo das pesquisas genéticas. A oração indica finalidade (subordinada adverbial).

---

49. (FCC – TRT 24 – Analista Judiciário/2011) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

(A) Os recursos da internet, dos quais podemos nos valer a qualquer momento, permitem veicular mensagens por cujo conteúdo seremos responsáveis.

(B) Artistas plásticos, que suas obras lhes interessa divulgar, frequentam os espaços da internet, mediante aos quais promovem a divulgação de seu trabalho.

(C) Jornalistas veteranos, de cujas colunas tantos leitores já frequentaram, passaram a criar seus próprios blogs, pelos quais acrescentam uma dose de subjetivismo.

(D) É comum que, num blog, os assuntos públicos, a cujo interesse social ninguém duvida, coabitem aos assuntos particulares, que a poucos interessará.

(E) As múltiplas formas de linguagem com que o autor de um blog pode lançar mão obrigam-no a se familiarizar com técnicas de que jamais cogitou dominar.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Podemos nos valer **dos** recursos = **dos quais**; seremos responsáveis **pelo** conteúdo das mensagens = **por cujo**.

Alternativa "b" – Errada. Interessa divulgar as obras do artista plástico (verbo transitivo direto) = **cujas obras**; promovem a divulgação de seu trabalho mediante **os espaços** (não é pedida preposição) = **mediante os quais.**

Alternativa "c" – Errada. Tantos leitores frequentaram as colunas dos jornalistas (verbo transitivo direto) = **cujas colunas**; acrescentaram uma dose de subjetivismo **aos** blogs = **aos quais**.

Alternativa "d" – Errada. Ninguém duvida **do** interesse social dos assuntos públicos = **de cujo**; coabitem os assuntos.

Alternativa "e" – Errada. O autor do blog pode lançar mão **das** múltiplas formas de linguagem = **de que**; jamais cogitou dominar as técnicas (verbo transitivo direto) = **que**.

---

50. (FCC – TRT 23 – Analista Judiciário/2011) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

(A) Os argumentos de que devemos nos agarrar devem se pautar nos limites da racionalidade e da justiça.

(B) Os casos históricos em que Voltaire recorre em seu texto ajudam-no a demonstrar de que a pena de morte é ineficaz.

(C) A pena de talião é um recurso de cuja eficácia muitos defendem, ninguém se abale em tentar demonstrá-la.

(D) Os castigos a que se submetem os criminosos devem corresponder à gravidade de que se reveste o crime.

(E) As ideias liberais, de cuja propagação Voltaire se lançou, estimulam legisladores em quem não falte o senso de justiça.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Os criminosos se submetem **aos** castigos; o crime se reveste **da** gravidade.

Alternativa "a" – Errada. Devemos nos agarrar **aos** argumentos = **a que**.

Alternativa "b" – Errada. Voltaire recorre **aos** castigos = **a que**; quem demonstra, demonstra algo (verbo transitivo direto) = demonstra **que** a pensa de morte.

Alternativa "c" – Errada. Muitos defendem a eficácia do recurso = **cuja**; ninguém se abale **ao** tentar demonstrá-la.

Alternativa "e" – Errada. Voltaire se lançou **à** propagação = **a cuja**; não falta o senso **aos** legisladores = **a que**.

---

51. (FCC – TRT 20 – Analista Judiciário/2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:

(A) Não deu certo o tal do método prático em cuja eficiência Paulo Honório chegou a acreditar.

(B) Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada em que nenhum escritor pode abdicar.

(C) Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal de que jamais toleraria.

(D) Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas de cujo brilho ninguém superaria.

(E) A linguagem com que Paulo Honório de fato aspirava era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Paulo Honório chegou a acreditar **na** eficiência do método prático = **em cuja**.

Alternativa "b". Nenhum autor pode abdicar **da** técnica = **de que**.

Alternativa "c". Jamais toleraria um artificialismo verbal (verbo transitivo direto) = **que**.

Alternativa "d". Ninguém superaria o brilho dos poemas (verbo transitivo direto) = **cujo** brilho.

Alternativa "e". Paulo Honório de fato aspirava **à** linguagem (quem aspira, aspira a algo) = **a que**.

---

52. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /AM/2010) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:

(A) Os clássicos são livros em cuja particular influência torna-os inesquecíveis.

(B) As dobras da memória, aonde se ocultam imagens dos clássicos, são o refúgio do inconsciente.

(C) Há um tempo na vida adulta no qual poderíamos utilizar para uma redescoberta dos clássicos.

(D) A perspectiva histórica é determinante, por cuja os clássicos ganham um novo significado.

(E) O poder de revelação de que se imbuem os clássicos acaba por nos revelar para nós mesmos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Os clássicos se imbuem DO poder.

Alternativa "a" –Cuja. Particular influência possui função de sujeito e não se usa preposição ao lado do termo que exerce função do sujeito do verbo posposto. O que os torna inesquecíveis? A particular influência. Corrigindo: Os clássicos são livros cuja particular influência torna-os inesquecíveis.

Alternativa "b" –Ocultam-se imagens dos clássicos NAS dobras da memória = EM QUE

Alternativa "c" –Poderíamos utilizar o tempo na vida adulta (verbo transitivo direto) = QUE

Alternativa "d" –O artigo posposto ao *cujo* já elimina possibilidade de ser a correta, pois nunca haverá artigo acompanhando os pronomes relativos QUEM e CUJO.

---

53. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRF – 4ª Região/2010) Está correto o emprego do elemento sublinhado em:

(A) A segunda metade da década de 90, aonde se consolidou a multimídia, foi um marco na vida contemporânea.

(B) O homem do nosso tempo, diante dos admiráveis recursos nos quais jamais sonhou alcançar, é por vezes um deslumbrado.

(C) A obra de ficção **A guerra dos mundos**, em cuja Orson Welles se baseou, ganhou dramática adaptação radiofônica.

(D) A tecnologia de ponta, sobre a qual por vezes pairam desconfianças, leva-nos apenas aonde queremos ir.

(E) O cotidiano contemporâneo deixa-se afetar pelas conquistas técnicas, de cujas muita gente alimenta sérias desconfianças.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Orson Welles se baseou na obra de ficção = EM CUJA

Alternativa "a" –A multimídia se consolidou na segunda metade da década de 90 = EM QUE, NA QUAL

Alternativa "b" –O homem jamais sonhou alcançar os recursos (verbo transitivo direto) = OS QUAIS, QUE

Alternativa "d" –Pairam desconfianças da tecnologia de ponta = DE QUE

Alternativa "e" –Muita gente alimenta sérias desconfianças das conquistas = DE QUE, DAS QUAIS

---

54. (FCC – TRT 12 – Analista Judiciário/2010) Está correto o emprego dos termos sublinhados na frase:

(A) Tem sido marca de nossa época uma extrema preocupação com os valores edificantes de que, a rigor, pouca gente põe em prática.

(B) O alcance crítico com que se atribui ao humor não é desprezível, pois fere fundo e faz pensar.

(C) A caricatura e o exagero são assumidos pelo humorista como intensificações de uma verdade da qual não quer abdicar.

(D) Todas as formas de riso, de cujas os moralistas tanto temem, vêm sendo praticadas desde o início da civilização.

(E) Para quem ama o humor, o "politicamente correto" é uma obstinação na qual os falsos moralistas costumam se apegar.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Não quer abdicar **da** verdade = da qual.

Alternativa "a" – Errada. Pouca gente põe em prática os valores (verbo transitivo direto) = valores edificantes **que**, a rigor, pouca gente põe em prática.

Alternativa "b" – Errada. O alcance é atribuído ao humor = O alcance crítico **que** se atribui ao humor.

Alternativa "d" – Errada. Os moralistas temem as formas de riso = Todas as formas de riso, **que** os moralistas tanto temem.

Alternativa "e" – Errada. Os falsos moralistas costumam se apegar **a** uma obstinação = o "politicamente correto" é uma obstinação **à qual** os falsos moralistas costumam se apegar.

---

55. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT – 9ª Região/2010) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:

(A) Quem vagueia sem propósito pela vida fere um dos princípios de que os estoicos jamais descuram.

(B) O pensamento clássico encerra uma riqueza em cujo valor poucos prestam o devido reconhecimento.

(C) A morte, cujo o temor nos faz querer esquecer dela, é uma questão permanente da filosofia estoica.

(D) Quase nunca atentamos para os limites a que devemos impor aos nossos desejos.

(E) Nossas esperanças não devem projetar-se para além do espaço cujo domínio estamos assegurados.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Os estoicos jamais se descuidam dos princípios = DE QUE.

Alternativa "b" – Errada. Poucos prestam o devido reconhecimento ao valor = A CUJO. Muito importante ressaltar que o termo que acompanha o pronome relativo *cujo* é uma preposição e não um artigo (reconhecimento A algo).

Alternativa "c" – Errada. O temor nos faz esquecer da morte. *O temor* possui função de sujeito, assim não pode vir acompanhado de preposição = CUJO temor.

Alternativa "d" – Errada. Devemos impor limites (verbo transitivo direto dispensa preposição) = QUE

Alternativa "e" – Errada. Estamos assegurados do domínio = DE CUJO

---

56. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3ª região/ 2007 – FCC) Está inteiramente correta a construção da seguinte frase:

(A) É mais preferível lidar com adolescentes tranquilos do que ficar lidando com rebeldes em quem se ignora a causa.

(B) Prefira-se lidar com adolescentes tranquilos a lidar com rebeldes cuja causa eles próprios parecem ignorar.

(C) Dê-se preferência a lidar com adolescentes tranquilos do que com os rebeldes cuja causa nem eles suspeitam.

(D) É preferível lidar com adolescentes tranquilos em vez de lidar com os rebeldes, onde a causa nem para eles se explicita.

(E) Há a preferência de lidar com adolescentes tranquilos e não dos rebeldes, cuja a causa lhes permanece incógnita.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Prefira algo a algo; eles ignoram a causa dos rebeldes = cuja causa.

Alternativa "a" –O verbo preferir e o adjetivo preferível não admitem termo que os intensifiquem, além de ser algo a algo: **É preferível** lidar com adolescentes tranquilos **a** ficar lidando com rebeldes em quem se ignora a causa.

Alternativa "c" –Além da incoerência do verbo *dar*, há duas regências erradas: **Dá-se** preferência a lidar com adolescentes tranquilos **a** com os rebeldes **de** cuja causa nem eles suspeitam. Não suspeitam da causa.

Alternativa "d" –É preferível lidar com adolescentes tranquilos **a** lidar com os rebeldes, **cuja** causa nem para eles se explicita.

Alternativa "e" –Há a preferência **em** lidar com adolescentes tranquilos e não dos rebeldes, **cuja** causa lhes permanece incógnita.

---

57. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3ª região/ 2007 – FCC) Considere as seguintes frases:

I. É muito restritivo o aspecto da "razoabilidade" dos sonhos, de que o autor do texto analisa no segundo parágrafo.

II. Talvez um dos "dragões" a que se deva dar combate em nossos dias seja o império dos interesses materiais.

III. Os sonhos em cuja perseguição efetivamente nos lançamos podem transformar-se em conquistas objetivas.

Está correto o emprego do elemento sublinhado APENAS em

(A) I.

(B) II.

(C) III.

(D) II e III.

(E) I e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

I. O autor analisa o aspecto da "razoabilidade" dos sonhos: verbo transitivo direto = que.

II. Deva dar combate **aos** "dragões" = a que.

III. Lançamo-nos **na** perseguição = em cuja.

---

58. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3ª região/ 2007 – FCC) Está correto o emprego de **ambas** as expressões sublinhadas em:

(A) As áreas aonde os homens se concentravam exibiam edifícios em cujos não havia arejamento.

(B) Em cortiços de cimento, a que faltavam espaço e arejamento, comprimiam-se milhões de indivíduos para quem a natureza parecia representar uma ameaça.

(C) Esse texto, de cujo o autor era também poeta, promove um típico exercício de imaginação em que muitos autores de ficção são tentados.

(D) Os mistérios porque somos atraídos na ficção costumam impressionar os leitores em cujos também não falta a liberdade da imaginação.

(E) Os espaços urbanos pelos quais se espanta o imaginário narrador seriam testemunho de uma civilização à qual eram frouxos os laços com a natureza.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Faltam espaço e arejamento **aos** cortiços de cimento = a que ou ao qual; a natureza parecia apresentar uma ameaça **para** milhões de indivíduos = para quem.

Alternativa "a" –Os homens se concentram **nas** áreas = em que, nas quais ou onde; não havia arejamento **nos** edifícios = em que ou nos quais.

Alternativa "c" –O autor era também poeta do texto = cujo (o artigo nunca acompanhará os pronomes relativos quem e cujo); muitos autores são tentados **ao** exercício da imaginação = a que ou aos quais.

Alternativa "d" –por que = pelos quais (separado); não falta a liberdade da imaginação **aos** leitores = a quem.

Alternativa "e" –O imaginário se espanta **com** os espaços urbanos = com que ou com os quais; os laços eram frouxos **na** civilização = em que ou na qual.

---

59. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 1ª região/ 2006 – FCC) "*O editorial é um desrespeito à soberania de Cuba*". A frase acima perma-

necerá formalmente correta caso se substitua o segmento sublinhado por

(A) constitui uma afronta da soberania de Cuba.

(B) representa um atentado contra a soberania de Cuba.

(C) estabelece uma restrição com a soberania de Cuba.

(D) é uma desconsideração em meio à soberania de Cuba.

(E) trata com descaso pela soberania de Cuba.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Atentado: ofensa aos preceitos morais, ou às disposições legais, ou às convenções aceitas pela sociedade, ou seja, desrespeito. Desrespeito a algo e atentado contra algo.

Alternativa "a" –afronta à soberania.

Alternativa "c" –restrição à soberania.

Alternativa "d" –desconsideração com a soberania.

Alternativa "e" –trata com descaso a soberania.

---

60. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 1ª região/ 2006 – FCC) A expressão **com que** preenche corretamente a lacuna da frase:

(A) Foi dura, mas justa, a réplica ___ Sergio Pastrana se valeu, em desagravo à dignidade do país.

(B) Foi grande a repercussão ___ obteve o editorial da revista entre pesquisadores latino-americanos.

(C) A muitos cubanos ofenderam os termos _____ o editorial se referiu ao futuro do país.

(D) As grandes potências costumam ser presunçosas quando analisam o tipo de sociedade _____ os pequenos países escolheram construir.

(E) A revista britânica esqueceu-se de que os cubanos notabilizaram-se pelo sentimento de solidariedade _____ já demonstraram nas últimas décadas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – O editorial se referiu ao futuro do país **com** os termos = com que, com os quais.

Alternativa "a" –Sergio Pastrana se valeu **da** réplica = de que, da qual.

Alternativa "b" –o editorial da revista obteve repercussão = que ou a qual.

Alternativa "d" –os pequenos países escolheram construir o tipo de sociedade = que, o qual.

Alternativa "e" –demonstraram sentimento = que, o qual.

---

61. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 4ª região/ 2006 – FCC) A frase "*Cresci numa família* em que *ler romances e assistir a filmes ( ) não era considerado uma perda de tempo*" permanecerá formalmente correta caso se substitua a expressão sublinhada por

(A) aonde.

(B) para a qual.

(C) em cuja.

(D) dentre à qual.

(E) da qual.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Ordem direta: ler romances e assistir a filmes não era considerado uma perda de tempo **na** família = em que; ler romances e assistir a filmes não era considerado uma perda de tempo **para** a família = para que ou para a qual.

Alternativa "a" –*Aonde* é para lugar e se a preposição for pedida.

Alternativa "c" –Não cabe o pronome *cuja*.

Alternativa "d" –Além de ser preposição errada, há crase indevida.

Alternativa "e" –A preposição *de* não é pedida.

---

62. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 4ª região/ 2006 – FCC) A expressão **com que** preenche corretamente a lacuna da frase:

(A) As ficções, sobretudo as da meninice, _____ o autor tanto conviveu e se impressionou, marcaram-no para sempre.

(B) O exemplo de "O Caçador de Pipas", _____ devemos atentar, é um caso de particularismo cultural que imediatamente se universaliza.

(C) A "mágica da ficção" é um efeito artístico _____ o autor, já em seus primeiros contatos com esse universo, demonstrou sua preferência.

(D) As experiências da vida comum, _____ muita gente não atribui valor especial, revelam-se extraordinárias ao ganhar forma artística.

(E) O entusiasmo _____ o autor demonstrou pelas ficções prova sua convicção quanto à verdade expressa pelas artes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – O autor tanto conviveu **com** as ficções = com que ou com as quais.

Alternativa "b" –Devemos atentar **ao** exemplo = a que ou ao qual.

Alternativa "c" –O autor demonstrou sua preferência **a** (ou **por**) um efeito artístico = a que, ao qual ou por que ou pelo qual.

Alternativa "d" –Muita gente não atribui valor especial **às** experiências = a que ou às quais.

Alternativa "e" –O autor demonstrou entusiasmo pelas ficções (objeto direto) = que ou o qual.

---

63. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 4ª região/ 2006 – FCC) Está correto o emprego da forma sublinhada na frase:

(A) Na família do autor, romances eram lidos livremente; quanto aos filmes, todos também assistiam-nos com grande interesse.

(B) Quando o autor leu o romance "O Caçador de Pipas", de cujas páginas tanto se agradou, absorveu o sentido universal da história narrada.

(C) Muitos depreciam as ficções – não o autor do texto, que lhes considera essenciais para a formação de um indivíduo.

(D) Admirar um romance de Dostoiévski, de cujo valor ninguém contesta, não exclui a possibilidade de se admirar o gênero policial.

(E) Rememorando os hábitos de sua família, louva-lhes o autor como estímulos essenciais para a sua formação de leitor.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Tanto se agradou **das** páginas do romance= de cujas. O *peguinha* é o uso do pronome ao lado do verbo: agradar-se de algo (sentido de gostar, afeiçoar-se).

Alternativa "a" –Assistiam a eles.

▶ **Dica** – Os verbos assistir, aspirar e visar, quando transitivos indiretos, não admitem a forma *lhe*.

Alternativa "c" –... que as considera. Considerar é transitivo direto.

Alternativa "d" –Ninguém contesta o valor do romance = cujo valor.

Alternativa "e" –louva-os. Louvar é transitivo direto e não admite *lhe*.

---

64. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 4ª região/ 2006 – FCC) Existe a ideia (comum) segundo a qual a ficção é uma "escola de vida" (...) Não haverá prejuízo para a correção e a coerência da frase acima caso se substitua o segmento sublinhado por

(A) Comumente tem-se a ideia diante da qual.

(B) Conforme a ideia corrente, é a de que.

(C) Tem-se em comum a ideia na qual.

(D) Há a ideia corrente em cuja.

(E) É corrente a ideia de que.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Existe a ideia segundo a qual = É corrente a ideia de que = de algo.

Alternativa "a" –Erro: diante da qual.

Alternativa "b" –Erro: é a de que.

Alternativa "c" –Erro: na qual.

Alternativa "d" –Erro: em cuja.

2.2. CESPE

Trecho para o item.

(...) Questão de relevância na discussão dos efeitos adversos do uso indevido de drogas é a associação do tráfico de drogas ilícitas e dos crimes conexos — geralmente de caráter transnacional — com a criminalidade e a violência. Esses fatores ameaçam a soberania nacional e afetam a estrutura social e econômica interna, devendo o governo adotar uma postura firme de combate ao tráfico de drogas, articulando-se internamente e com a sociedade, de forma a aperfeiçoar e otimizar seus mecanismos de prevenção e repressão e garantir o envolvimento e a aprovação dos cidadãos.

(Internet: <www.direitosh.umanos.usp.br>)

---

65. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) O emprego da preposição "com", em "com a criminalidade e a violência", deve-se à regência do vocábulo "conexos".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – É a associação → de algo (do tráfico de drogas ilícitas e dos crimes conexos)

→ com algo (com a criminalidade e a violência), isto é, a preposição deve-se à regência do vocábulo "associação".

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

O indivíduo da "cultura" tecnicista vivencia uma situação paradoxal: ao mesmo tempo em que lhe são ofertados continuamente os recursos para que possa gozar efetivamente as dádivas materiais da vida, ocorre, no entanto, a impossibilidade de se desfrutar plenamente desses recursos. (Renato Nunes Bittencourt. Consumo para o vazio existencial. In: Filosofia, ano V, n, 48, p, 46-8, com adaptações).

66. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) O uso da preposição "em" é obrigatório para marcar a relação estabelecida com a forma verbal "vivencia"; por isso, a omissão dessa preposição provocaria erro gramatical e impossibilitaria a retomada do referente do pronome "que".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Em primeiro lugar, é necessário conferir a qual termo a preposição está ligada. Para isso, é necessário colocar a oração na ordem direta: Os recursos lhe são ofertados **no** (preposição em + artigo o) mesmo tempo = adjunto adverbial de tempo. Assim, concluímos que a preposição é exigida pelo particípio ofertados (ofertados quando? Em algum tempo). O erro está na primeira informação.

Atenção! Julgue o item subsequente, acerca dos sentidos e da organização das ideias do trecho.

(...)

Antônio Ramos foi processado pelo assassinato do negociante Feliciano Lisboa e de sua "caseira" (amásia), Isabel Leme. Todas as testemunhas que depuseram contra ele no processo acreditavam que o motivo do crime fora uma vingança pelo fato de Isabel tê-lo chamado de negro após um jantar na casa das vítimas.

O que verdadeiramente interessa no caso é que, no processo, a indignação de Ramos, apesar de ele ter sido considerado um homem violento, pareceu compreensível aos depoentes. Ainda que ele não tivesse justificado seu ato extremo, nenhuma das testemunhas negou-lhe razão por ter raiva de Isabel, que, afinal, o recebera em casa. É rara, na documentação, referência tão explícita à convivência interétnica no nível privado bem como às normas de comportamento e tensões que implicava, consubstanciadas no sentido pejorativo que a qualificação negro, dada por Isabel ao seu convidado, tinha para os que conviviam com eles, ou seja, não foi o convite de Lisboa e Isabel para que Ramos jantasse em sua casa – um homem livre, ao que tudo indica, descendente de africanos – que causou estranheza às testemunhas, mas o fato de que, nessa situação, a anfitriã o tivesse chamado de negro, desqualificando-o, desse modo, como hóspede à mesa do casal. (...) (Hebe M. Mattos de Castro. Laços de família e direitos no final da escravidão. In: História da vida privada no Brasil: Império. Coordenador-geral Fernando A. Novais; organizador do volume Luiz Felipe de Alencastro. vol. 2. (São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 341-3, com adaptações).

67. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária TRE – BA 2010) O segmento "apesar de ele ter sido considerado um homem violento" pode ser corretamente substituído pelo seguinte: apesar dele haver sido considerado um homem violento.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não pode haver preposição no sujeito, ou contração de preposição + artigo, preposição + pronome. Quem ter sido considerado? Ele = sujeito. Apenas está correta a forma **de ele ter sido considerado.**

Trecho para os itens.

(...) É tempo de voltar ao filósofo Espinosa e imaginar a democracia como uma potencialidade do social, que, se de um lado exige a criação de formas e de configurações legais e institucionais, por outro não permite parar. A democratização no século XX não se limitou à extensão de direitos políticos e civis. O tema da igualdade atravessou, com maior ou menor força, as chamadas sociedades ocidentais.

(Renato Lessa. Democracia em debate. In: Revista Cult, n.° 137, ano 12, jul./2009, p. 57 (com adaptações).

68. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2009) Pela acepção usada no texto, o emprego da forma verbal pronominal "se limitou" exige a presença da preposição a no complemento verbal; a substituição pela forma não pronominal — não limitou a extensão —, sem uso da preposição, preservaria a correção gramatical, mas mudaria o efeito da ideia de "democratização".

COMENTÁRIOS

Certo – A democratização não se limitou **a** algo (à extensão de direitos...): sentido de reciprocidade – a ela mesma, a ela própria; a democratização não limitou

a extensão: sentido de agente, *a extensão* passa a ser objeto direto.

Justificativa de anulação e de manutenção de gabarito (com base no modelo de prova disponível no sítio do CESPE/UnB): Deve ser avaliado se, pela acepção usada no texto, o emprego da forma verbal pronominal "se limitou" exigiria a presença da preposição "a" no complemento verbal, e se a substituição pela forma não pronominal — não limitou a extensão —, sem uso da preposição, preservaria a correção gramatical, apesar de mudar o efeito da ideia de "democratização". O desenvolvimento das ideias do texto mostra que é possível a substituição do verbo limitar, em sua função pronominal, "limitou-se", pela função transitiva, limitou, sem prejudicar a correção gramatical. No entanto, nesse caso, a democratização seria agente de "limitar", imposta aos direitos políticos. A mudança na transitividade do verbo provoca alteração nas relações semânticas. Como, no original, a limitação afeta a própria democratização, a alteração provocada redireciona a argumentação mas respeita as normas gramaticais. Com é isso que, em outras palavras, afirma o item, deve ser marcado como correto.

---

69. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2009) Em textos de normatização mais rígida do que o texto jornalístico, como os textos de documentos oficiais, a contração de preposição com artigo, com em "da igualdade", deve ser desfeita, devendo-se escrever de a igualdade, para que o sujeito da oração seja claramente identificado.

COMENTÁRIOS

Errado – Sujeito: o tema da igualdade. Nesse caso, o termo preposicionado possui função de adjunto adnominal e foi corretamente utilizado. Errado seria se a preposição combinasse com o núcleo do sujeito: Está na hora **dele** sair. Correção está na hora **de ele** sair.

Justificativa de anulação e de manutenção de gabarito (com base no modelo de prova disponível no sítio do CESPE/UnB): Busca-se avaliar, no item, como deve ser usada a contração da preposição com o artigo. Esse foco não se deixou perturbar pela ausência do (recuperável) grafema "o". Assim, "Em textos de normatização mais rígida do que o texto jornalístico, como os textos de documentos oficiais, a contração de preposição com artigo" nem sempre precisa ser desfeita. Recomendam as gramáticas que apenas quando houver barreira sintática não deve ser escrita em forma de contração. Portanto, no caso em tela, não há necessidade de marcar o sujeito da oração; mesmo porque não se trata de termo em função de sujeito (o núcleo do sujeito é "tema") e a contração não ultrapassa barreiras sintáticas. Por isso, não há obrigatoriedade gramatical da separação e o item afirma hipercorreção – ERRO sintático.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

Falara com voz sincera, exaltando a beleza da paisagem e revelando que, se dependesse só dele, passaria o resto da vida ali, morreria na varanda, abraçado à visão do rio e da floresta. Era isso o que mais queria, se Alícia estivesse ao seu lado.

Agora, ao vê-lo assim, suado e nervoso, mudando de lugar o tempo todo e murmurando palavras que me escapavam, temia que me abordasse para conversar sobre o filho. ( ) (Milton Hatoum. Cinzas do Norte. São Paulo: Companhia da Letras, 2005, p. 86-7.

---

70. (CESPE – Delegado de Polícia – AC/ 2008) A correção gramatical do texto seria mantida se o pronome "que", em "que me escapavam", fosse substituído por quê.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O pronome *que* em que me escapavam é relativo (as quais) e não pode ser substituído pelo *quê* substantivo.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...)

Agora, ao vê-lo assim, suado e nervoso, mudando de lugar o tempo todo e murmurando palavras que me escapavam, temia que me abordasse para conversar sobre o filho. Não parecia estar no iate, e sim em sua casa, em Manaus: sentado, pernas e pés juntos, tronco ereto, a cabeça oscilando, como se fizesse um não em câmera lenta. Despertava como quem leva um susto, ia lavar o rosto e retomava sua ronda, que me deixava mareado. Eu esperava o fim da tarde com ansiedade; mal escurecia, entrava no camarote para ler, mas ficava pensando nos dois: Mundo e seu pai. Quando não conseguia dormir, subia ao convés e via o vulto sentado na popa, o focinho de Fogo no colo; Jano não se voltava. (Milton Hatoum. Cinzas do Norte. São Paulo: Companhia da Letras, 2005, p. 86-7.

---

71. (CESPE – Delegado de Polícia – AC/ 2008) A correção gramatical e o sentido do texto seriam mantidos se a preposição *a* fosse incluída após a forma verbal "esperava": Eu esperava ao fim da tarde com ansiedade.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A forma verbal esperava (esperar V.T.D.) pede complemento direto – esperava algo = o fim da tarde = objeto direto, não cabendo a preposição *a* o que comprometeria a correção gramatical e o sentida do texto.

Atenção! Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.

(...) A necessidade de discussão da questão política e do exercício do poder está em que, em última análise, todos os grupos, classes, etnias visam, de uma forma ou de outra, o controle do poder político. (...) (Danilo Marcondes. Filosofia, linguagem e comunicação. São Paulo: Cortez, 2000, p. 147-8, com adaptações).

72. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2008) Mantendo-se as ideias originalmente expressas no texto, assim como a sua correção gramatical, o complemento da forma verbal "visam" poderia ser introduzido pela preposição a: ao controle.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O verbo visar no sentido de almejar pede a proposição **a**.

Trecho para a próxima questão.

Muitas coisas nos diferenciam dos outros animais, mas nada é mais marcante do que a nossa capacidade de trabalhar, de transformar o mundo segundo nossa qualificação, nossa energia, nossa imaginação. (...) (Emir Sader. Trabalhemos menos, trabalhemos todos. In: Correio Braziliense, 18/11/2007, com adaptações).

73. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2008) A retirada da preposição em "de transformar" violaria as regras de gramática da língua portuguesa, já que essa expressão complementa "capacidade".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não violaria porque está expressa antes em "de trabalhar", ou seja, há paralelismo sintático: dois termos ligados ao substantivo capacidade.

Atenção! A respeito da organização do texto abaixo, julgue a questão.

[...] Por consequência, a morte de um idioma implica perda imensurável a um país e, inclusive, à humanidade, pois perde-se, além da forma básica de comunicação, ... (Antônio Silveira. R. dos Santos. Patrimônio linguístico: importância e proteção. In: Correio Braziliense, Direito e Justiça, 5/7/2004, p. 3, com adaptações).

74. (CESPE – Defensor Público – DPU/ 2004) O emprego da preposição que antecede os termos "um país" e "humanidade" é exigido pelas regras de regência segundo as quais está empregado o verbo implicar.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Implicar, no seu sentido mais usado, significa 'produzir como consequência'. Nesse sentido, ele é verbo transitivo direto – aquele que pede como complemento um objeto direto da ação verbal, sem o uso de preposição.

V.T.D. + O.D. (implica algo e não "em" algo)

2.3. MPE

Atenção! Com relação aos aspectos linguísticos do texto abaixo, analise a questão.

Se não bastantes tais cautelas, é também preciso ter muita atenção com a forma por meio da qual se ajustará com o profissional o hiring bônus ou sign-on bônus na fase de negociação. (Extraído da Revista Visão Jurídica, número 82, p. 13).

75. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) Em relação ao período acima, se a expressão da qual for suprimida não ocorrerá prejuízo da correção gramatical ou da coerência do período.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Retirar a expressão "da qual" implicará erro, além de deixar o texto sem sentido. Veja:

"...é também preciso ter muita atenção com a forma por meio (da qual) se ajustará..."

Como será feito o ajuste? Por meio de alguma forma.

Com relação aos aspectos linguísticos do texto abaixo, analise as próximas duas questões.

... levando em conta que a prefeitura tem de 30 a 90 dias para responder a seu pedido. É aí que começa a Via Crúcis: vão-se os noventa dias, depois 120, depois 150, e nada de a prefeitura responder. (Revista Superinteressante, março/2013, Edição 316, p. 24

76. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) Quando rege infinitivo, a preposição não deve se contrair com artigos, o que se justifica em "e nada de a prefeitura responder".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A preposição é um conectivo que liga palavras entre si num processo de subordinação denominado regência. Diz-se regência devido ao fato de que, na relação estabelecida pelas preposições, o primeiro elemento – chamado antecedente – é o termo que rege, que impõe um regime; o segundo elemento, por sua vez – chamado consequente – é o temo regido, aquele que cumpre o regime estabelecido pelo antecedente. Há algumas particularidades em seu uso. Uma delas é que: o sujeito das orações reduzidas de infinitivo não deve vir contraído com uma preposição. Exemplos:

- A maneira dele estudar não é correta. [Inadequado]
- A maneira de ele estudar não é correta. [Adequado]
- "...e nada da prefeitura responder" [Inadequado]
- "...e nada de a prefeitura responder [Adequado]

77. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2012) Na Língua Portuguesa, é primordial o conhecimento da sintaxe de regência, isto é, a relação sintática de dependência que se estabelece entre nomes e verbos e seu complemento, com a presença ou não de preposição. Essa preposição pode estar associada ao pronome relativo. Assim, assinale o(s) item(ns) que contempla(m) duas versões da mesma frase consideradas corretas:

I. Prefiro ser um bom advogado a um mau juiz. / Prefiro ser um bom advogado do que um mal Juiz.

II. Os livros já foram, um dia, objeto sagrado onde o acesso era permitido a poucos. / Os livros já foram, um dia, objeto sagrado cujo acesso era permitido a poucos.

III. Haverá recursos do Estado para a associação de cuja parte nós fazemos. / A associação de que fazemos parte receberá recursos do Estado.

IV. Causou polêmica a medida provisória que autoriza o plantio de soja transgênica no país. / Causou polêmica a medida provisória a qual autoriza o plantio de soja transgênica no país.

V. O dinheiro que o político dispõe para a campanha política é bem mais que ele receberá em salário. / O dinheiro de que o político dispõe para a campanha política é bem mais do que ele receberá em salário.

(A) Apenas as assertivas III e IV estão corretas.

(B) Apenas as assertivas I e IV estão corretas.

(C) Apenas as assertivas II e V estão corretas.

(D) Apenas as assertivas I, III, IV e V estão corretas.

(E) Todas as assertivas estão corretas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta

III. de cuja parte nós fazemos = de que fazemos parte (quem faz parte, faz parte de algo)

IV. que = a qual (ambos são pronomes relativos, podendo ser substituídos um pelo outro)

Alternativas "b", "c", "d" e "e":

I. prefiro a (uso devido – quem prefere, prefere algo a algo) ≠ prefiro do que (uso indevido)

II. onde (uso indevido – pronome relativo que retoma o termo antecedente e é usado exclusivamente para lugares) ≠ cujo (uso devido – pronome relativo que se refere ao termo posterior)

V. que dispõe (uso indevido – quem dispõe, dispõe de algo) e bem mais que ele receberá (uso indevido – bem mais do que ele receberá) ≠ de que dispõe (uso devido) e nem mais do que ele receberá (uso devido)

78. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2011) Analise as proposições em relação à regência.

I. Mediante as circunstâncias, os novos detentos ansiavam por uma chance no julgamento seguinte.

II. O documento, como forma da lei, informava que o criminoso aspirava a sua liberdade.

III. Ele declarou que maior representatividade na doutrina e na jurisprudência implicava novos

entendimentos entre as partes envolvidas naquele processo.

IV. Ela, calada e ansiosa, apenas assistia ao julgamento esperançosa do veredito.

V. No final da sessão, informaram aos associados o saldo devedor da franquia, o qual deveria ser depositado dentro de quarenta e oito horas.

(A) Apenas as assertivas II e III estão corretas

(B) Apenas as assertivas I, III e IV estão corretas.

(C) Apenas as assertivas II, IV e V estão corretas.

(D) Apenas as assertivas I, IV e V estão corretas.

(E) Todas as assertivas estão corretas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta

I. ansiar (no sentido de almejar, desejar) é regido pela preposição "por". Quem anseia, anseia por algo.

II. aspirar (no sentido de almejar, desejar) é VTI regido pela preposição "a". Quem aspira, aspira a algo.

III. implicar (no sentido de ter como consequência, acarretar, provocar) é um VTD. Simplesmente: implica algo (sem preposição).

IV. assistir (no sentido de ver) é VTI regido pela preposição "a". Quem assiste, assiste a algo.

V. informar (no sentido de deixar alguém ciente de algo) é um verbo bitransitivo, ou seja, direto e indireto. Quem informa, informa algo (objeto direto) a alguém (objeto indireto).

Alternativas "a", "b", "c" e "d": eliminadas diante da explicação da alternativa "e".

2.4. UFMT

79. (UFMT – Promotor de Justiça – MT/2014) O trecho abaixo foi extraído da reportagem da revista Veja, 26/06/2013, sobre os acontecimentos relativos às manifestações populares ocorridas na semana de 17 a 22 de junho.

Quando se espalhou por São Paulo um protesto o aumento de 20 centavos na passagem de ônibus, todo mundo sentiu a coisa era bem maior. Tão maior, tão inebriante, mais mobilizadora, mais assustadora e mais apaixonante que, em uma semana, multidões bem acima de 1 milhão de pessoas jorraram Brasil afora na histórica noite de quinta-feira.

Todos os parâmetros comparativos anteriores, Diretas Já e Fora Collor, empalideceram diante do abismo aberto representantes dos poderes, de um lado, e o poder dos que se sentem muito mal representados, de outro. A presidente acuada, as instituições em estado de estupor, os políticos desaparecidos e a turbamulta subindo a frágil passarela do Palácio Itamaraty criaram outro sentimento estarrecedor: é muito fácil quebrar o vidro _____separa a ordem do caos.

Assinale a alternativa que preenche correta e respectivamente as lacunas do texto.

(A) sobre, que, entre as, com os, de que

(B) contra, que, como, entre os, que

(C) sobre, o qual, como, com os, em que

(D) contra, a qual, entre as, com, que

(E) sobre, o qual, entre as, como, em que

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

- Um protesto CONTRA algo (ou SOBRE algo), não podemos eliminar alternativa alguma;
- sentiu algo = V.T.D. (sem preposição e cabe o pronome **isto**). Eliminadas alternativas C, D e E (pronome relativo);
- Exemplifica: como. Não cabe a expressão "entre os". Encontrada a resposta.
- Abismo aberto em algum lugar: entre os;
- O pronome relativo retoma *vidro*. O que separa a ordem do caos? O vidro = sujeito. Ordem direta: o vidro separa = sem preposição, pois não há preposição no sujeito.

80. (UFMT – Promotor de Justiça – MT/2014) Em relação à regência verbal e nominal no texto, assinale a afirmativa correta.

(A) Em *ninguém que optou por obedecer à sua prescrição morreu*, pode-se retirar o acento grave porque o verbo obedecer não rege preposição.

(B) Em *chegou certa vez a uma cidade*, deve-se substituir a preposição a por *em*, conforme regem as normas da escrita culta.

(C) Em *tinha dúvidas sobre a disposição dos músculos do corpo humano*, a preposição *sobre* está indevidamente empregada porque a palavra dúvida exige *a cerca de ou em*.

(D) Em *vivemos um momento oposto ao do mundo mental de Galeno*, a preposição *a* está corretamente empregada em função da regência do adjetivo oposto.

(E) Em *Galeno era um ás em servir-se da sua inteligência*, a preposição *em* deveria ser substituída por *de*, em função da regência do verbo servir.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – Se é oposto, é oposto **a** algo.

Alternativa "a" – O verbo obedecer é transitivo indireto (exige a preposição **a**) e a crase – para algumas bancas – é facultativa por estar anteposta a um pronome possessivo feminino. Se substituir por masculino, resulta em **ao** e por esse motivo, é melhor manter a crase: obedecer **ao seu projeto**.

Alternativa "b" – Quem chega, chega **a** algum lugar. Dica: Cheguei ao metrô. Cheguei no metrô. No primeiro caso, o metrô é o lugar a que vou; no segundo caso, é o meio de transporte por mim utilizado. A oração "Cheguei no metrô", popularmente usada a fim de indicar o lugar a que se vai, possui, no padrão culto da língua, sentido diferente. Aliás, é muito comum existirem divergências entre a regência coloquial, cotidiana de alguns verbos, e a regência culta.*

*Fonte: http://www.recantodasletras.com.br/

Alternativa "c" – Tem dúvida **de** algo, **sobre** algo, **a cerca de** algo, **em** algo (dúvida em fazer os exercícios = com verbo posposto à preposição). Dica: **Acerca de** significa **a respeito de, sobre**. Não tem qualquer relação de sentido com as outras duas expressões. Exemplo: Falávamos **acerca de (a respeito de)** assuntos interessantes. A diferença entre **Há cerca de** e **a cerca de** está no **há x a**, já que **cerca de** significa **aproximadamente**. Portanto, sabendo utilizar **há** e **a** (que também causam dúvidas), você dominará das expressões em que aparecem. Então, vejamos: **Há**, do verbo haver, é utilizado para indicar existência de algo ou tempo decorrido. Pode ser substituído por **existe(m)** ou **faz** (indicando tempo decorrido). **Exemplos:** Naquela sala, **há / existem (cerca de)** sessenta estudantes. Estamos aguardando o resultado do exame **há / faz (cerca de)** duas horas. **A** é preposição, utilizada em **a cerca de** para marcar distância no espaço e no tempo futuro. **Exemplos:** Vimos o carro tombar **a (cerca de)** 30 metros de onde estávamos. Naquele momento, estávamos **(a cerca de)** dois meses das eleições presidenciais.*

*Fonte: http://www.pucrs.br/manualred/

Alternativa "e" – A preposição *em* é exigida por ás: ele era um ás **em** algo.

---

81. (UFMT – Promotor de Justiça – MT/2012) Assinale a alternativa em que a expressão pronominal sobre o qual preenche corretamente a lacuna do enunciado.

(A) A essência do pensamento cartesiano consiste na elaboração de um sistema complexo _____ o filósofo pretendia substituir a Escolástica.

(B) O estudo Principia, _____ Newton trata matematicamente dos movimentos dos corpos, chegou ao Brasil trezentos anos após sua publicação.

(C) Descartes elaborou um modelo de universo _____ afirmou que teria mais cuidado que Copérnico em perceber o mundo por meio de ideias claras e distintas.

(D) Aos olhos da Inglaterra do século XVIII, Newton é o novo Moisés _____ as "tábuas da lei" foram reveladas, disse o prêmio Nobel Pregogine em 1997.

(E) Contemplar o trabalho de Marie Curie _____ saíram descobertas incríveis para o século XX nos faz admirar uma das mulheres mais notáveis do mundo da ciência.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – O uso da expressão pronominal deve respeitar o termo regente (afirmou). Veja:

(quem afirma, afirma algo sobre alguma coisa)

Descartes afirmou algo sobre o quê?

Sobre o modelo de universo criado por ele.

Portanto: "Descartes elaborou um modelo de universo sobre o qual afirmou...".

Alternativa "a" – "pelo qual" = "o filófoso pretendia substituir a Escolástica por um sistema complexo."

Alternativa "b" – "no qual" = Newton trata matematicamente dos movimentos dos corpos no estudo Principia.

Alternativa "d" – "a quem" = "...as tábuas foram reveladas a Newton."

Alternativa "e" – "de quem" ou "da qual" = "Descobertas incríveis saíram de Marie Curie."

2.5. IVIN

---

82. (Procurador do Município – Prefeitura Teresina – PI/2012 – IVIN) Na passagem: *"(...) O diretor, que apenas **assistia** à sessão, relatou-me sua impressão"*. A opção em que observamos a mesma regência verbal da forma destacada acima é:

(A) O advogado de defesa não **assistiu** o cliente.

(B) Não **assisti** ao final do julgamento do discente.

(C) A menina **assistiu** o garoto a pedido do juiz.

(D) O promotor **assistiu** a vítima do crime.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – O verbo **assistir** está no sentido de **presenciar, ver**, exigindo proposição **a:** Não assisti **ao** final do julgamento. Assisti **à** sessão.

Alternativa "a" –Verbo transitivo direto = cuidar, dar assistência.

Alternativa "c" –Verbo transitivo direto = cuidar, dar assistência.

Alternativa "d" –Verbo transitivo direto = cuidar, dar assistência.

2.6. PONTUA

83. (Pontua Concursos – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE/SC/2011) Assinale a alternativa em que, de acordo com norma culta padrão, a regência verbal **NÃO** esteja correta:

(A) Eles não batem mais de porta em porta .

(B) Ao chegar no último.

(C) A cada criança, repete, cioso.

(D) ...oferece um bônus aos clientes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – quem chega, chega A e não em. Questão muito fácil!

Alternativa "a" – Correta: porta em porta.

Alternativa "c" – Repete: intransitivo.

Alternativa "d" – Oferece algo a alguém.

2.7. FGV

84. (FGV 2013)

No segmento "*Isto significa combinar um conjunto de políticas não só para o durante os riscos e situações de desastres, o que avançamos bem, mas também e principalmente para o antes e o depois dos mesmos*", há um erro de construção, por omissão da preposição EM antes de "o que avançamos bem" (no que avançamos bem).

Assinale a alternativa que apresenta um erro no emprego da preposição antes de pronome relativo.

(A) Os desastres a que nos referimos ocorreram há um ano.

(B) As verbas de que foram reparadas as pontes, são federais.

(C) Os problemas de que se ocuparam, dizem respeito aos reparos.

(D) Os perigos com que se depararam, são variados.

(E) As soluções por que lutaram, demoraram a chegar.

COMENTÁRIOS

Questão de regência e pronome relativo.

GABARITO: B

Para aquecer, vamos, primeiro, fazer o passo a passo da frase do enunciado:

1) O relativo **que** retoma o pronome demonstrativo **o** que se refere a situações de desastre;

2) Ordem direta com os termos pospostos ao relativo: Avançamos bem **nas** situações de desastre;

3) A preposição **em** foi exigida e deve ser inserida antes do relativo: **no que** avançamos.

Na alternativa **b**:

1) O relativo retoma verbas;

2) Ordem direta com os termos pospostos ao relativo: As pontes foram reparadas **com** as verbas;

3) A preposição **com** foi exigida e deve ser inserida antes do relativo: As verbas **com** que foram reparadas as pontes, são federais.

Alternativa "a" – Os desastres a que nos referimos ocorreram há um ano = referimo-nos **aos desastres** = **a que** ou **aos quais** – retoma os desastres.

Alternativa "c" – Os problemas de que se ocuparam, dizem respeito aos reparos = ocuparam-se **de problemas** = **de que** ou **dos quais** – retoma os problemas.

Alternativa "d" – Os perigos com que se depararam, são variados = depararam-se **com perigos** = **com que** ou **com os quais** – retoma os perigos.

Alternativa "e" – As soluções por que lutaram, demoraram a chegar = lutamos **pelas soluções** = **por que** ou **pelas quais** – retoma as soluções.

85. (FGV 2013)

"*A crise que o país atravessa...*". Nesse segmento temos uma oração adjetiva não precedida de preposição porque o verbo "*atravessar*" não a exige. Assinale a alternativa em que a frase apresenta ***erro*** quanto à regência.

(A) A crise a que o país assiste, é muito grave.

(B) Os remédios de que o Brasil necessita, são de conhecimento público.

(C) Os problemas com que nos deparamos, são os de sempre.

(D) Os argumentos a que nos opomos, são falsos.

(E) As soluções com que sugerimos, não foram aceitas.

COMENTÁRIOS

GABARITO: E

- Vamos 'picotar' as informações porque são muitas.

1) Temos uma oração adjetiva = para termos uma oração adjetiva, é necessário ter **pronome relativo**, ou seja, o **que** pode ser substituído por **o (a) qual** e suas variações. A crise **que** o país atravessa equivale a A crise **a qual** o país atravessa;

2) O relativo retoma **a crise**;

3) Ordem direta da oração (com os termos pospostos ao relativo até encaixar o termo retomado pelo pronome relativo): O país atravessa **a crise**. O verbo *atravessar* é transitivo direto e não exige preposição.

Você se pergunta: mas o a que acompanha **crise** não é preposição?

Eu respondo: não, é artigo! Se ficar em dúvida, coloque no plural.

▶ **Dica:** o artigo admite plural; a preposição não admite por ser invariável. Simples assim.

- Alternativa **e**:

1) 1. O relativo retoma **as soluções**;

2) Ordem direta da oração: Sugerimos **soluções**. O verbo *solucionar* é transitivo direto e não exige preposição = **que** ou **as quais**.

3) A preposição **com** deve ser retirada da oração: **As soluções que sugerimos, não foram aceitas.**

Alternativa "a" – A crise a que o país assiste, é muito grave = o país assiste **à crise = a que** ou **à qual.**

Alternativa "b" – Os remédios de que o Brasil necessita, são de conhecimento público = o Brasil necessita **de remédios = de que** ou **dos quais.**

Alternativa "c" – Os problemas com que nos deparamos, são os de sempre = deparamo-nos **com problemas = com que** ou **com os quais.**

Alternativa "d" – Os argumentos a que nos opomos, são falsos = opomo-nos **aos problemas = a que** ou **ao quais.**

Atenção! O trecho refere-se à questão posterior.

(...) Como construir e sustentar um projeto nacional nessas circunstâncias? A sociedade civil, por si só, é insuficientemente organizada para enfrentar esses desafios e criar alternativas legítimas para o enfrentamento da violência. Só o Estado, reformado e renovado, incluindo o Legislativo e o Judiciário, poderá dispor de meios e recursos, articulado à opinião pública, para reverter essa ameaça de colapso. Estou falando, bem entendido, de regime democrático e não de ditaduras salvacionistas. (...)

(VELHO, Gilberto. Violência: faces e máscaras. In: www.scielo.br – com adaptações)

86. (FGV) A regência do verbo dispor é a mesma de:

(A) O artigo defende a necessidade de uma nova ética social.

(B) Convém atualizar velhas formas de comportamento.

(C) O autor expressa suas ideias de forma clara e objetiva.

(D) O palestrante fugiu ao foco dos debates.

(E) Busca-se uma saída para a crise institucional.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (D)

- *Dispor* **de**; fugir **ao**. Os dois verbos exigem preposição.

Alternativa "a" – Defende algo: verbo transitivo direto.

Alternativa "b" – Intransitivo. Ordem direta: Atualizar convém.

Alternativa "c" – Expressa algo: verbo transitivo direto.

Alternativa "e" – Verbo transitivo direto + se = voz passiva sintética.

87. (FGV) Observa-se o correto emprego do pronome relativo em:

(A) o julgamento a que se assistiu foi transmitido via satélite.

(B) eis um programa de TV cujo o assunto me interessa.

(C) o escritor que me refiro nasceu e viveu no interior.

(D) foi preso o procurado o qual a imprensa deu destaque.

(E) esse é um medicamento onde sem ele o paciente não sobrevive.

Resposta correta: (A)

1) O pronome relativo retoma o substantivo *julgamento*.

2) Montar oração com os termos pospostos ao relativo até que surja o termo retomado: Assistiu-se

ao julgamento. Quem assiste, assiste **a** algo = **a que** ou **ao qual**.

Alternativa "b" – Não se usa artigo ao lado dos pronomes relativos **cujo** e **quem**. O pronome refere-se a *assunto* (possui função de sujeito e não admite preposição): O assunto me interessa = cujo assunto me interessa.

▶ **Dica:**

Indica posse do termo anteposto: O assunto do programa de TV.

Alternativa "c" – O relativo retoma *escritor;* refiro-me **ao** escritor = **a que** ou **ao qual**.

Alternativa "d" – O relativo retoma *procurado;* a imprensa deu destaque **ao** procurado = **a que** ou **ao qual**.

Alternativa "e" – *Onde* só pode retomar *lugar* e pode ser substituído por *em que, no (a) qual*. O relativo retoma *medicamento*; o paciente não sobrevive **sem** o medicamento = **sem o qual**.

Atenção! O trecho refere-se à questão posterior.

(...)

Como construir e sustentar um projeto nacional nessas circunstâncias? A sociedade civil, por si só, é insuficientemente organizada para enfrentar esses desafios e criar alternativas legítimas para o enfrentamento da violência. Só o Estado, reformado e renovado, incluindo o Legislativo e o Judiciário, poderá dispor de meios e recursos, articulado à opinião pública, para reverter essa ameaça de colapso. Estou falando, bem entendido, de regime democrático e não de ditaduras salvacionistas. (...) (VELHO, Gilberto. Violência: faces e máscaras. In: www.scielo.br – com adaptações)

88. (Delegado de Polícia – AP/ 2010 – FGV) A regência do verbo dispor é a mesma de:

(A) O artigo defende a necessidade de uma nova ética social.

(B) Convém atualizar velhas formas de comportamento.

(C) O autor expressa suas ideias de forma clara e objetiva.

(D) O palestrante fugiu ao foco dos debates.

(E) Busca-se uma saída para a crise institucional.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – *Dispor* **de**; fugir **ao**. Os dois verbos exigem preposição.

Alternativa "a" –Defende algo: verbo transitivo direto.

Alternativa "b" –Intransitivo. Ordem direta: Atualizar convém.

Alternativa "c" –Expressa algo: verbo transitivo direto.

Alternativa "e" –Verbo transitivo direto + se = voz passiva sintética.

89. (Delegado de Polícia – AP/ 2010 – FGV) Observa-se o correto emprego do pronome relativo em:

(A) o julgamento a que se assistiu foi transmitido via satélite.

(B) eis um programa de TV cujo o assunto me interessa.

(C) o escritor que me refiro nasceu e viveu no interior.

(D) foi preso o procurado o qual a imprensa deu destaque.

(E) esse é um medicamento onde sem ele o paciente não sobrevive.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

1) O pronome relativo retoma o substantivo *julgamento.*

2) Montar oração com os termos pospostos ao relativo até que surja o termo retomado: Assistiu-se **ao** julgamento. Quem assiste, assiste **a** algo = **a que** ou **ao qual**.

Alternativa "b" – Não se usa artigo ao lado dos pronomes relativos **cujo** e **quem**. O pronome refere-se a *assunto* (possui função de sujeito e não admite preposição): O assunto me interessa = cujo assunto me interessa.

▶ **Dica** – Indica posse do termo anteposto: O assunto do programa de TV.

Alternativa "c" –O relativo retoma *escritor;* refiro-me **ao** escritor = **a que** ou **ao qual**.

Alternativa "d" –O relativo retoma *procurado;* a imprensa deu destaque **ao** procurado = **a que** ou **ao qual**.

Alternativa "e" –*Onde* só pode retomar *lugar* e pode ser substituído por *em que, no (a) qual*. O relativo retoma *medicamento*; o paciente não sobrevive **sem** o medicamento = **sem o qual**.

2.8. CESGRANRIO

90. (Cesgranrio – Analista Previdenciário – INSS/2005) Assinale a opção em que o emprego do pronome relativo NÃO obedece à regência do verbo, segundo a norma culta da língua.

(A) "...que eu necessito..." em *O ponto de chegada é a meta que eu necessito.*

(B) "...a que eu devo chegar." em *A conclusão a que eu devo chegar.*

(C) "Onde eu me coloco diante de tal fato?"

(D) "De que lugar eu estou, neste momento, olhando para minha vida?"

(E) "..que não me pertence.." em *uma carga que não me pertence.*

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Eu necessito **da meta** = de que ou da qual.

Alternativa "b" –Devo chegar **à conclusão** = a que.

Alternativa "c" –Em me coloco **em algum lugar** = onde.

▶ **Dica** – Quando onde possuir função de pronome relativo, deve retomar lugar e pode ser substituído por em que, no(a) qual.

Exemplo: O bairro **onde** moro (moro no bairro) = em que, no qual.

Alternativa "d" –Estou olhando para minha vida **de algum lugar** = de que.

Alternativa "e" –Uma carga não pertence a mim = que ou a qual.

2.9. ESAF

91. (ESAF – Analista Processual – MPU/2004) Marque a opção que, ao preencher as lacunas do texto abaixo, atende às relações de regência e as articulações semânticas entre as orações.

A redemocratização brasileira __(A)__ ícones foram a Campanha das Diretas Já, em 1984, a eleição do Presidente Tancredo Neves e a posse do governo civil, em 1985, e a promulgação da Constituição, em 5 de outubro de 1988 – conferiu significado mais amplo __(B)__ substantivo cidadão. A cada dia de liberdade política, o termo foi se consolidando __(C)__ predicado essencial __(D)__ pessoas, em suas atividades e no cotidiano de sua interação com a sociedade, o Estado, a Justiça, a imprensa e o mercado consumidor. (Ruy Altenfelder, Correio Braziliense, 26/02/2004, com adaptações)

	(A)	(B)	(C)	(D)
a)	dos quais	do	em	em
b)	cujos	para o	a	das
c)	que	ao	em	às
d)	cujos	ao	como	das
e)	dos quais	do	como	às

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Trabalhar por eliminação para ganhar tempo!

- Os ícones da democratização foram a campanha = **cujos.** Eliminadas alternativas a, c e e.
- cofere significado **a alguém** = ao cidadão.
- o termo foi se consolidando de que modo? **Como.**
- predicado essencial **de alguém** = das.

92. (ESAF – Analista Processual – MPU/2004) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas do texto adaptado de Cristovam Buarque, Da modernidade técnica à modernidade ética.

O retrato do mundo atual __(1)__ o Brasil representa pode servir para que o Brasil __(2)__ o retrato que o mundo do futuro pode ser, em um projeto __(3)__ ética e democracia se casem. __(4)__ uma sociedade que respeite as liberdades individuais, __(5)__ toda forma de apartação, concentre o esforço humano __(6)__ ampliação do patrimônio cultural das sociedades, respeitando o equilíbrio ecológico, sem abandonar, mas __(7)__ por último o sonho do consumo supérfluo como parte da meta civilizatória.

	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)
a)	onde	e l a - bora	que	Através de	e l i - mina	de	considere
b)	que	e l a - bora	n o qual	Em	elimi- nando	na	considera
c)	onde	e l a - bore	para que	Em	e l i - mine	de	c o n - s i d e - rando
d)	que	e l a - bore	e m que	Através de	e l i - mine	na	c o n - s i d e - rando
e)	d e que	elabo- rasse	n o qual	Através de	elimi- nando	na	considere

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta. Trabalhar por eliminação para ganhar tempo, mais uma vez.

- O Brasil representa o retrato = **que** ou **o qual.** Eliminadas alternativas a, c e e.

- Para **que elabore**: a ideia é duvidosa e se o verbo está posposto ao **que** = modo subjuntivo. Eliminada b. Resposta encontrada.
- Ética e democracia se casem **no** projeto = **em que.**
- **Através de** uma sociedade.
- Uma sociedade que respeite e **elimine.**
- Concentre o esforço **na** ampliação.
- ... mas **considerando** o sonho.

2.10 FEPESE

Texto:

Peço licença _____dizer _____meus colegas de trabalho, _____encaminhei previamente os formulários on-line, _____o processo não faz nenhuma alusão ____ prova documental obtida _____ajuda de cães treinados.

93. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro: b

( ) No texto acima, as lacunas serão corretamente preenchidas, da esquerda para a direita com: para, aos, a quem, que, à, com a.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (verdadeiro) – 1. Peço licença **para algo;** 2. Dizer **a alguém; 3.** Encaminhei **a alguém** (algo); 4. Dizer **algo (que)**; 5. Faz alusão **a algo**; 6. Obtida **com algo**. Faça a pergunta a cada termo para evitar erros.

94. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) Considerando que a frase " O banco, que a empresa tinha submetido o projeto, visto que tinha negócios com ela, propôs um novo procedimento para pagamento de juros a longo prazo" contém diversos problemas de ordem gramatical e textual, uma das possibilidades de correção, sem alterar o sentido, é:

O banco ao qual a empresa tinha submetido o projeto propôs um novo procedimento para pagamento de juros a longo prazo, visto que já tinha negócios com ela.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (verdadeiro) – **1.** O pronome relativo retoma *banco*. Ordem direta: a empresa tinha submetido o projeto **ao** banco = a que ou ao qual; **2.** Para ficar coerente, a oração subordinada adverbial causal deve ser inserida no final do período.

Texto:

Ninguém é obrigado a gostar do que escrevo ou do que afirmo em meus livros: dirão que rigidez e disciplina na educação _____ desgaste e muito trabalho. No entanto, uma educação severa e exigente são mil vezes _____ educação do miolo mole assumida por certos pedagogos.

95. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) As lacunas, no texto acima, serão corretamente preenchidas, respectivamente, por: "implicam em", "preferíveis a".

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (falso) – O verbo *implicar* é transitivo direto: **implicam desgastes e muito trabalho**; faltou o acento indicativo de crase após *preferíveis*: **preferíveis à educação**. Substituindo o substantivo feminino por um masculino, resulta em **ao** (preposição + artigo) e por isso tem crase: preferíveis **ao** mercado. Mais dicas de crase no próximo tópico a ser estudado.

Complementando: quanto à regência, é preferível **a** algo.

96. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

Leia as frases a seguir.

(A) Então você não seria contra a censura e repressão de ideias que não gostasse?

(B) Concluo, assim, que você não se opõe que eu me exponha a arte?

( ) Nas frases "a" e "b", a regência dos verbos "gostar", "opor" e "expor" está em desacordo com a norma padrão escrita.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (verdadeiro) – a) gostasse DE algo = repressão de idéias **de que não gostasse**; opor-se A algo = você se opõe **a que**; exponha-me A algo = eu me exponha **à arte**. Substituindo o substantivo feminino por um masculino, temos: eu me exponha **ao ofício**. Resultou em AO = crase antes da palavra feminina.

---

97. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) Na frase, "Frente a frente a meus adversários políticos, peço licença para dirigir especial saudação à moça de blusa branca, sentada aqui à direita, a cuja família vou recorrer se a decisão a que cheguei estiver correta", não há reparos a fazer quanto à regência verbal e nominal, ou quanto ao emprego do sinal de crase.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (verdadeiro)

✪ **Nota da autora:** Questão de regência e crase.

Analisemos:

1) Frente a frente: não se usa crase entre palavras repetidas que possuam função de adjunto adverbial. **PERIGO:** se se tratar de complemento verbal, haverá crase. Exemplo: Prefere a guerra (OD) à guerra (OI);
2) Frente a frente A alguém = regência correta;
3) Peço licença PARA = regência correta;
4) Dirigir saudação A alguém = regência correta;
5) Saudação à moça = saudação AO moço: crase correta;
6) Sentada à direita = crase correta: locução adverbial com palavra feminina;
7) A cuja família vou recorrer = vou recorrer A alguém: a cuja família;
8) Chegar A algo = a decisão a que chegar.

---

98. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

Preencha as lacunas com o(s), a(s), lo(s), la(s) no(s) na(s) ou lhe(s) de acordo com a regência do verbo:

(1) Se Bernardo quiser, eu ___ substituo na comissão de bens patrimoniais.

(2) Estimados Paulo e Júlia, tenho o prazer de informar ___ que pretendo retornar nos próximos dias.

(3) D. Mercedes, se a minha presença ___ incomoda, eu vou embora já.

(4) Se vocês encontrarem D. Lígia e a Ester, avisem ___ de que a reunião será amanhã.

( ) As formas pronominais que preenchem corretamente as lacunas, de cima para baixo, são:

(A) o

(B) lhes

(C) a

(D) nas

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (verdadeiro)

✪ **Nota da autora:** questão de regência e emprego dos pronomes pessoais.

Alternativa "a" – substituo alguém = VTD: substitui-o;

Alternativa "b" – informar algo a alguém = VTDI: informar-lhe (O.I) que... (O.D.)

Alternativa "c" –incomoda alguém = VTD: a incomoda.

Alternativa "d" – avisem alguém de algo: VTDI: avisem-nas (O.D.) de que... (O.I.).

QUESTÕES DIFÍCEIS

1. ESAF

Leia os comentários de cada item e trabalhe com as dicas. Não é preciso decorar, apenas substituir os termos. Atente-se, também, ao pronome relativo (regência).

Texto para a questão.

A prefeitura municipal, através da Secretaria de Assistência Social, promove a Campanha Imposto de Renda Solidário, projeto cujo objetivo é, através de doação do imposto de renda devido, ajudar a financiar projetos de defesa e promoção dos direitos de crianças e adolescentes de Chapadão do Sul.

A ideia é que todos que queiram participar direcionem parte do valor devido ao Fundo Municipal dos Direitos da Infância e Adolescência (FMDCA) e assim participem da Campanha. A doação, estabelecida

pela Lei n. 8.069/90, é simples, não traz ônus a quem colabora e os valores doados são abatidos do imposto de renda devido. O valor destinado ao Fundo Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, respeitados os limites legais, é integralmente deduzido do IR devido na declaração anual ou acrescido ao IR a restituir. Quem quiser contribuir deve procurar um escritório de contabilidade e solicitar que seu imposto de renda seja destinado ao FMDCA de Chapadão do Sul.

A doação pode ser dirigida a um projeto de escolha do doador, desde que esteja inscrito no CMDCA – Conselho Municipal de Direitos da Criança e do Adolescente, que analisará e aprovará o repasse do recurso e posteriormente fiscalizará sua execução.

(Adaptado **de: <http://www.ocorreionews.com.br>. Acesso em: 19 mar. 2014.)**

---

01. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2014) Assinale a opção correta a respeito da justificativa para o uso da preposição a nas relações de regência no texto.

(A) Em "ao Fundo Municipal...", é exigida pelo termo "devido".

(B) Em "a quem" introduz um complemento do verbo trazer.

(C) Em "ao Fundo Municipal...", é exigida pelo termo "valor".

(D) Em "ao IR", introduz um paralelo entre os complementos de "declaração anual".

(E) Em "a um projeto", introduz um complemento para o substantivo "doação".

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Não traz algo (ônus: O.D.) a alguém (**a quem**: O.I.). O verbo trazer é transitivo direto e indireto.

Alternativa "a" – É objeto direto do verbo direcionar (algo a algo).

Alternativa "c" – A preposição é exigida pelo adjetivo destinado (a algo).

Alternativa "d" – Acrescido a algo (ao IR).

Alternativa "e" – ... pode ser dirigida a algo (a um projeto).

Leia os comentários de cada item e trabalhe com as dicas. Não é preciso decorar, apenas substituir os termos. Atente-se, também, ao pronome relativo (regência).

Texto para a questão.

A prefeitura municipal, através da Secretaria de Assistência Social, promove a Campanha Imposto de Renda Solidário, projeto cujo objetivo é, através de doação do imposto de renda devido, ajudar a financiar projetos de defesa e promoção dos direitos de crianças e adolescentes de Chapadão do Sul.

A ideia é que todos que queiram participar direcionem parte do valor devido ao Fundo Municipal dos Direitos da Infância e Adolescência (FMDCA) e assim participem da Campanha. A doação, estabelecida pela Lei n. 8.069/90, é simples, não traz ônus a quem colabora e os valores doados são abatidos do imposto de renda devido. O valor destinado ao Fundo Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, respeitados os limites legais, é integralmente deduzido do IR devido na declaração anual ou acrescido ao IR a restituir. Quem quiser contribuir deve procurar um escritório de contabilidade e solicitar que seu imposto de renda seja destinado ao FMDCA de Chapadão do Sul.

A doação pode ser dirigida a um projeto de escolha do doador, desde que esteja inscrito no CMDCA – Conselho Municipal de Direitos da Criança e do Adolescente, que analisará e aprovará o repasse do recurso e posteriormente fiscalizará sua execução.

(Adaptado **de: <http://www.ocorreionews.com.br>. Acesso em: 19 mar. 2014.)**

---

02. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2014) Assinale a opção correta a respeito da justificativa para o uso da preposição a nas relações de regência no texto.

(A) Em "ao Fundo Municipal...", é exigida pelo termo "devido".

(B) Em "a quem" introduz um complemento do verbo trazer.

(C) Em "ao Fundo Municipal...", é exigida pelo termo "valor".

(D) Em "ao IR", introduz um paralelo entre os complementos de "declaração anual".

(E) Em "a um projeto", introduz um complemento para o substantivo "doação".

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Não traz algo (ônus: O.D.) a alguém (**a quem**: O.I.). O verbo trazer é transitivo direto e indireto.

Alternativa "a" – É objeto direto do verbo direcionar (algo a algo).

Alternativa "c" – A preposição é exigida pelo adjetivo destinado (a algo).

Alternativa "d" – Acrescido a algo (ao IR).

Alternativa "e" – ... pode ser dirigida a algo (a um projeto).

03. (ESAF – PECFAZ/2013) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

O presidente do Federal Reserve (o banco central americano), Ben Bernanke, anunciou que até o final do ano que vem serão retirados os estímulos monetários que ajudaram __1__ reequilibrar o sistema financeiro e __2__ impulsionar __3__ economia dos EUA. Uma parte do mercado financeiro já especulava que __4__ eliminação dos estímulos começaria este mês, mas Bernanke disse que o início desse processo ocorrerá logo que condições da economia americana assim o permitirem, provavelmente até dezembro. A recuperação econômica dos Estados Unidos vem agitando os mercados pelo mundo todo, com valorização do dólar em relação __5__ demais moedas e flutuações expressivas nos preços dos títulos mais negociados, __6__ começar pelos papéis emitidos pelo próprio Tesouro dos Estados Unidos.

(O Globo, 21/6/2013, com adaptações).

a)	a	a	uma	a	a	a
b)	ao	ao	na	uma	essas	de
c)	a	a	a	a	às	a
d)	para	para	com a	essa	tais	ao
e)		em	essa	tal	outras	se

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

Nota da autora: Questão de regência e crase (mais questões comentadas no próximo a seguir).

Trabalhando por eliminação para ganhar tempo:

1. ajudaram **a** reequilibrar ou ajudaram **para.** Eliminadas alternativas *b* e *e*.

2. houve paralelismo sintático: ajudaram → a reequilibrar; ajudaram → a impulsionar. Outra opção: ajudaram → para reequilibrar; ajudaram → para impulsionar.

3. impulsionar **a** economia: impulsionar é verbo transitivo direto = impulsiona algo. Eliminada *a* porque não cabe o artigo indefinido, já que especifica; eliminada, também, a alternativa *d* por não caber a preposição *com*. Resposta já encontrada.

4. especulava que **a** eliminação dos estímulos começaria: se possui função de sujeito, não pode haver crase.

5. em relação **às** demais moedas: substitua por palavra masculina da mesma classe gramática, se resultar em **ao**, haverá crase: em relação aos demais contextos.

6. A começar: não há crase antes de verbo.

04. (ESAF – PECFAZ/2013) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto a seguir.

Salvo uma improvável grande decepção 1__ economia americana, nos próximos anos haverá um enxugamento do capital farto __2__ circulação __3__ mundo. O Brasil está mais preparado __4__ no passado para enfrentar a turbulência: tem US$ 375 bilhões __5__ reservas, e a dívida __6__ dólar do governo foi eliminada, entre outros fatores.

(Folha de S. Paulo, 21/6/2013).

a)	na	de	no	em que	nas	de
b)	da	pela	do	cujo	com as	com
c)	pela	com a	ao	para	das	do
d)	com a	em	pelo	que	em	em
e)	em	da	ao	de que	pelas	ao

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – Vamos, mais uma vez, trabalhar por eliminação.

1. grande decepção **com** economia americana: se há decepção, há decepção com algo. Encontrada a resposta!

2. capital farto **em** circulação: farto em algo.

3. circulação **pelo** mundo: circulação por algum lugar.

4. O Brasil está mais preparado **que** no passado: comparação.

5. tem US$ 375 bilhões **em** reservas.

6. a dívida **em** dólar do governo.

Texto para a próxima questão.

Luiz Emygdio Franco da Rosa Júnior traz-nos cinco fases por que as receitas públicas passaram em sua evolução histórica. No mundo antigo, houve o estágio parasitário, em que a obtenção de tais receitas ocorria através de extorsão, pilhagem, saque e exploração do povo vencido. Na Idade Medieval, predominou a fase dominial, segundo a qual a receita pública advinha da exploração, pelo Estado, de bens de seu patrimônio, tendo o imposto um caráter excep-

cional. A fase regaliana caracteriza-se pela cobrança de determinadas contribuições (regalias) de terceiros, para que estes explorem determinados serviços, como o pedágio cobrado pela passagem em pontes ou estradas reais. No estágio denominado tributário, o Estado passou a obter seus recursos mediante a coação dos indivíduos ao pagamento de tributos de que se tornaram a principal fonte de receita. A última fase é a social, em que a entidade estatal usa o tributo também com uma finalidade extrafiscal.

(Adaptado de Lucas Clemente de Brito Pereira. http://jus.com.br/revista/texto/10256/nocoes-gerais--acerca-das-financas-publicas, acesso em 26/1/2013)

05. (ESAF – Analista de Finanças e Controle – STN/2012) Nas relações sintático-semânticas entre as estruturas linguísticas do texto foi inserida uma preposição que não permite retomar a função do termo referido e, por isso, provoca erro gramatical e incoerência textual. Assinale-a.

(A) "por que as receitas".

(B) "em que a obtenção".

(C) "para que estes explorem".

(D) "de que se tornaram".

(E) "em que a entidade".

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – O pronome relativo *que* está retomando o termo *tributos*. Ordem direta: Tributos tornam-se a principal fonte de receita. Por ser sujeito, não admite preposição.

Para facilitar, à ordem direta de todas as frases:

Alternativa "a" – as receitas públicas passaram **por** cinco fases: **por que** ou **pelas quais**.

Alternativa "b" – a obtenção de tais receitas ocorria **no** estágio parasitário: **em que** ou **no qual**.

Alternativa "c" – *Para que* está indicando finalidade, portanto a preposição é obrigatória.

Alternativa "e" – a entidade estatal usa o tributo **na** última fase social: **em que** ou **na qual**.

06. (ESAF – Analista Tributário da Receita Federal do Brasil/2009) Assinale a opção em que o trecho do texto de Emir Sader (A nova toupeira: os caminhos da esquerda latino-americana) foi transcrito com correção gramatical.

(A) Atualmente, as alternativas de contraposição a hegemonia enfrentam os dois pilares centrais do sistema dominante: o modelo neoliberal e a hegemonia imperial estadunidense. É no confronto com aqueles que se tem de medir o processo de construção de "outro mundo possível", para se analisar seus avanços, revezes, obstáculos e perspectivas.

(B) De certa maneira, pode-se resumir os eixos que articulam o poder atual no mundo à partir de três grandes monopólios: o das armas, o do dinheiro e o da palavra. O primeiro reflete a política de militarização dos conflitos, em que os Estados Unidos acreditam dispor de superioridade inquestionável.

(C) A região tem-se mostrado refratária a política de guerra infinita promovida pelos Estados Unidos. Internamente, a Colômbia, epicentro regional da política estadunidense, permanece isolada. No entanto, em seu conjunto, a América Latina produziu espaços de autonomia relativa no tocante a hegemonia econômica e política dos Estados Unidos, o que a torna o elo mais frágil da cadeia neoliberal no século XXI.

(D) O terceiro trata-se do monopólio da mídia privada no processo – profundamente seletivo e antidemocrático – de formação da opinião pública. Palco inicial da implantação do modelo neoliberal e sua vítima privilegiada, a América Latina passa por uma espécie de ressaca do neoliberalismo, com governos que rompem com o modelo e com outros que buscam readequações que lhe permitam não sucumbir com ele.

(E) O segundo retrata a política neoliberal de mercantilização de todas as relações sociais e dos recursos naturais, que tem buscado produzir um mundo em que tudo tem preço, tudo se vende, tudo se compra e cuja utopia são os grandes centros de compras.

COMENTÁRIOS

✪ **Nota da autora:** Questão de crase, regência e concordância.

Alternativa "e": correta – Sujeitos sublinhados e verbos em negrito: O segundo **retrata** a política neoliberal de mercantilização de todas as relações sociais e dos recursos naturais, que **tem buscado produzir** um mundo em que tudo **tem** preço, tudo **se vende**, tudo se compra e cuja utopia **são** os grandes centros de compras.

Que retoma *a política neoliberal*. Perceba que no último caso, o sujeito do verbo *ser* é *utopia*, mas a concordância deve ser com o predicativo do sujeito plural, pois se trata do verbo *ser*. Como ocorre em: A vida são alegrias.

Erros:

Alternativa "a" –*as alternativas de contraposição à hegemonia* – há contraposição **a** algo. Para facilitar,

substitua a palavra feminina por uma masculina qualquer que pertença à mesma classe gramatical (no caso, substantivo): contraposição **ao** plano. Se substituir e resultar na combinação **ao** (preposição + artigo), significa que haverá crase.

Alternativa "b" –Não se usa o acento indicativo de crase antes de verbo: a partir.

Alternativa "c" –Faltou crase: *A região tem-se mostrado refratária à política de guerra.* Substituindo por um substantivo masculino: tem-se mostrado refratária **ao** governo.

Alternativa "d" –Buscam readequações que permitam aos governos não sucumbir. O pronome oblíquo átono deve estar no plural: readequações que **lhes** permitam.

---

07. (ESAF – Técnico da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

É clara a relação __(1)__ endividamento e as expectativas __(2)__ futuro da economia, tendo o endividamento aumentado de 28,3% para 31,9% – ou seja, 3,6 pontos – o porcentual __(3)__ se declaram endividados. É o nível de endividamento mais alto desde julho de 2003 e confirma a avaliação dos analistas __(4)__ o motor da recuperação é o crédito, mais __(5)__ renda. Daí o temor dos especialistas da FGV quanto ao risco de aumento da inadimplência. (O Estado de S. Paulo, 04/10/2005, Editorial)

	1	2	3	4	5
(A)	do	com o	de quem	que	que
(B)	entre	quanto ao	dos que	de que	do que a
(C)	com	pelo	daqueles que	qual	da
(D)	de	relativas ao	dos quais	de	pela
(E)	sobre	do	que	cujo	de

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Através de um item, chega-se à resposta:

4) O motor da recuperação é o crédito **da** avaliação: **de que**.

É clara a relação **entre** endividamento e as expectativas **quanto ao** futuro da economia, tendo o endividamento aumentado de 28,3% para 31,9% – ou seja, 3,6 pontos – o porcentual **dos que** se declaram endividados. É o nível de endividamento mais alto desde julho de 2003 e confirma a avaliação dos analistas **de que** o motor da recuperação é o crédito, mais **do que a** renda. Daí o temor dos especialistas da FGV quanto ao risco de aumento da inadimplência.

---

08. (ESAF – Secretaria da Receita Federal – Técnico da Receita Federal/2003)

O Tribunal de Contas da União, por meio do (1) Acórdão (2) nº 1.137, de 13 de agosto de 2003, apresentou o resultado de trabalhos de inspeção realizados junto aos Órgãos Centrais, à (3) Delegacia da Receita Federal em Brasília e à Delegacia Especial de Instituições Financeiras em São Paulo, tendo por objeto avaliar o controle exercido pela Superintendência da Receita Federal sobre à (4) rede arrecadadora de receitas federais. Em diversos trechos de seu relatório, aquele Tribunal reconhece os benefícios advindos (5) do Projeto de Reestruturação do Controle da Rede Arrecadadora de Receitas Federais – Projeto Nova Rarf. (Adaptado de www.receita. fazenda.gov.br, 10/09/2003)

(A) 1

(B) 2

(C) 3

(D) 4

(E) 5

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

✪ **Nota da autora:** Se a junção da preposição *a* + artigo *a* resulta no acento indicativo de crase, deduzimos que não há crase após uma preposição, pois teríamos: preposição + preposição + artigo. Tal estrutura não existe.

O erro é o acento indicativo de crase após a preposição. Substitua: sobre o lugar = sobre **a rede**.

Nas alternativas *a, b, c* e *e* não há erros.

---

09. (ESAF – Secretaria da Receita Federal – Técnico da Receita Federal/2003)

A sociedade humana, desde os seus primórdios, soube desenvolver as dimensões essenciais de sua atividade prática – e já por isso o homem pôde (1) ser definido como tendo sido, desde a sua origem, um animal técnico, ou seja, uma criatura afeita à fainas (2) da transformação da natureza. Foi a filosofia grega, no entanto, e apenas ela, que conseguiu estabelecer aquelas categorias fundamentais para o desdobramento da tecnologia. Não que esse desdobramento estivesse desde sempre (3) na mira daqueles primeiros pensadores gregos. Em verdade (4), a ligação entre esse pensamento das categorias de base e a sua subserviência ao desenvolvimento da tecnologia só viria a manifestar-se (5) dois milênios mais tarde. (Adaptado de Gerd Bornheim, Fronteiras da Ética, São Paulo: Senac, 2002, p.147).

(A) 1

(B) 2

(C) 3

(D) 4

(E) 5

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

✪ **Nota da autora:** Não se usa crase em termo singular + termo plural. Se houvesse artigo acompanhando a preposição, obrigatoriamente estaria no plural, já que o artigo deve concordar com o substantivo.

Exemplo: Foram a festas = foram a cinemas. O mesmo ocorreu no item 2: afeita **a** fainas.

As alternativas *a, c, d* e *e* estão corretas.

2. FCC

---

10. (FCC – TCE/AM – Analista Técnico de Controle Externo/2013) Na frase *Qual seria essa necessidade de que* ***trata*** *o verbete?*, o elemento sublinhado deverá ser substituído por..... caso seja utilizada a forma verbal ..... no lugar de **trata**.

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, respectivamente:

(A) de cuja – se ocupa

(B) a que – cuida

(C) com que – se refere

(D) pela qual – informa

(E) à qual - alude

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Vamos a todas as análises:

1. Qual seria a necessidade de que trata o verbete?

1.1 o relativo retoma necessidade;

1.2 ordem direta: o verbete trata **da** necessidade;

1.3 a preposição **de** deve estar anteposta ao pronome relativo.

2. Alternativa E – Qual seria a necessidade **a** que **alude** o verbete?

2.1 o relativo retoma necessidade;

2.2 ordem direta: o verbete alude à necessidade;

2.3 a preposição a deve estar anteposta ao pronome relativo.

Alternativa "a" – Ocupa-se **da necessidade = da qual** ou **de que.**

Alternativa "b" – Cuida **da necessidade = da qual** ou **de que.**

Alternativa "c" – Refere-se **à necessidade = à qual** ou **a que.**

Alternativa "d" – Informa **a necessidade** (verbo transitivo direto) = **que** ou **a qual.**

---

11. (FCC – Agente Fiscal de Rendas/2009) *"aquele monarca distante e invisível cujo poder Cortês representava".* Considerado do ponto de vista estritamente gramatical, o segmento acima mantém a correção se a forma verbal *representava* for substituída por

(A) contestava.

(B) se curvava.

(C) desconfiava.

(D) fazia frente.

(E) se apoiava.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta

✪ **Nota da autora:** A dica é ver a predicação verbal: representar é transitivo direto, assim como o verbo contestar (quem constata, constata algo).

Alternativa "b": Curvar-se é transitivo indireto: a *cujo poder Cortês* se curvava.

Alternativa "c": Desconfiar é transitivo indireto: de *cujo poder Cortês* desconfiava.

Alternativa "d": Fazia frente exige a preposição a (regência nominal): a *cujo poder Cortês* fazia frente.

Alternativa "e": Apoiar-se é transitivo indireto: a *cujo poder Cortês* se apoiava.

---

12. (FCC – Agente Fiscal de Rendas/2009) Está clara e em total conformidade com o padrão culto escrito a seguinte redação:

(A) A comparação que os artistas fizeram entre as duas peças foi possível perceber que materiais distintos exigem a mesma dedicação, ainda que especificidades sejam atendidas de outra maneira.

(B) O talentoso pintor, aos 13 de idade, partilhou com o trabalho do mestre por 7 anos, experiência que rendeu conhecimento de recursos expressivos que dispôs em produções posteriores.

(C) Aludiu de maneira discreta àquele que o havia contestado, mas reconheceu tanto a pertinência quanto a importância do discordar, pois a isso, muitas vezes, devem-se avanços na ciência.

(D) As ações levadas a efeito pelo grupo junto aos jovens possibilitaram reconhecimento e respeito de seus direitos, o que lhes mobilizou a dar transparência ao movimento e resultados.

(E) A rapidez das ações é relevante para essa iniciativa, aonde o sucesso depende da interferência imediata, pois, caso uma das atitudes for adiada, muito, muitas etapas mesmo, se deixariam sem resolver.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

✪ **Nota da autora:** Questão de regência, coesão, pronome e colocação pronominal.

Na alternativa *c* não há erro: quem alude, alude ***a*** algo. O perigo é achar que o pronome ***isso*** seja o sujeito de ***devem-se***, mas não é. O sujeito é o substantivo plural ***avanços***.

Correções:

Alternativa "a": ***Na*** comparação que os artistas fizeram entre as duas peças foi possível perceber que materiais distintos exigem a mesma dedicação, ainda que especificidades sejam atendidas de outra maneira. (possível perceber ***na*** comparação.)

Alternativa "b": O talentoso pintor, aos 13 de idade, partilhou ***do*** trabalho do mestre por 7 anos, experiência que rendeu conhecimento de recursos expressivos que dispôs em produções posteriores. (partilha ***de*** algo.)

Alternativa "d": As ações levadas a efeito pelo grupo junto aos jovens possibilitaram reconhecimento e respeito de seus direitos, o que ***os*** mobilizou a dar transparência ao movimento e resultados. (mobilizar é transitivo direto.)

Alternativa "e": A rapidez das ações é relevante para essa iniciativa, ***cujo*** sucesso depende da interferência imediata, pois, caso uma das atitudes ***seja*** adiada ***muito***, muitas etapas ***deixar-se-iam*** sem resolver.

Observações: o sucesso da iniciativa depende; seja – verbo no presente do subjuntivo, pois indica dúvida – , o final estava incoerente, além de haver verbo no futuro do pretérito do indicativo exigindo mesóclise (pronome no meio do verbo).

---

13. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2006) A frase em que a regência está totalmente de acordo com o padrão culto é:

(A) Foram informados que esboços da inóspita região circundada com imensas pedras podiam ser consultados.

(B) Havia registro de uma insatisfação em que os insurretos às atitudes arbitrárias de um navegante foram impedidos de lhe inquirir.

(C) Esperavam encontrar todos os documentos que os estudiosos se apoiaram para descrever a viagem de Colombo.

(D) Estavam cientes de que teriam muito a fazer para conseguir os registros de que dependiam.

(E) Encontraram-se referências à coerção que marinheiros mais experientes faziam contra os mais novos que trabalhassem mais arduamente.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Quem está ciente, está ciente ***de*** algo. Quem depende, depende ***de*** algo. Como há pronome relativo na última oração, a preposição deve vir anteposta: os registros ***de*** que dependiam.

Correções:

Alternativa "a": Foram informados ***de*** que esboços da inóspita região circundada ***de*** imensas pedras podiam ser consultados.

Alternativa "b": Havia registro de uma insatisfação ***de*** que os insurretos às atitudes arbitrárias de um navegante foram impedidos de ***o*** inquirir.

Alternativa "c": Esperavam encontrar todos os documentos ***a*** que os estudiosos se apoiaram para descrever a viagem de Colombo.

Alternativa "e": Encontraram-se referências ***da*** coerção que marinheiros mais experientes faziam contra os mais novos que trabalhassem mais arduamente.

---

14. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2006) *Nessa compulsória liberdade,* de que *fala o filósofo* (...) Numa nova redação da frase acima, mantém-se corretamente a expressão sublinhada caso se substitua *fala o filósofo* por

(A) aflige o filósofo.

(B) disserta o filósofo.

(C) se refere o filósofo.

(D) cuida o filósofo.

(E) investiga o filósofo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Quem cuida, cuida ***de*** algo: *Nessa compulsória liberdade,* de que cuida o filósofo (...).

Alternativa "a" que aflige o filósofo = verbo transitivo direto.

Alternativa "b" que disserta o filósofo = verbo transitivo direto.

Alternativa "c" a que se refere o filósofo = refere-se ***a*** algo.

Alternativa "e" que investiga o filósofo = verbo transitivo direto.

---

15. (AFR/SP – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2002) Assinale a alternativa em que a regência verbal está correta:

(A) Ele é um homem de cujo olhar triste não me esqueço.

(B) Não discordou com a esposa, pois ela tinha razão.

(C) Trata-se de um político a cujo nome não me recordo.

(D) Ele se referiu sobre o filme de forma indelicada.

(E) Esse direito não assiste em trabalhadores rurais.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta

✪ **Nota da autora:** Coloque na ordem direta (iniciando com o sujeito): Eu não me esqueço ***do*** olhar triste do homem.

Correções:

Alternativa "b": Não discordou ***da*** esposa, pois ela tinha razão = quem discorda, discorda ***de*** alguém.

Alternativa "c": Trata-se de um político ***de*** cujo nome não me recordo = quem não se recorda, não se recorda ***de*** algo.

Alternativa "d": Ele se referiu ***ao*** filme de forma indelicada = quem se refere, refere-se ***a*** algo.

Alternativa "e": Esse direito não assiste ***a*** trabalhadores rurais = se assiste, assiste ***a*** alguém.

3. CETRO

3.1. CURIOSIDADE

---

16. (Cetro – Auditor Fiscal Tributário Municipal – Campinas/SP) Em relação à regência nominal, assinale a alternativa incorreta.

(A) Ele enviará anexos ao contrato os recibos.

(B) A entrada de funcionários não autorizados naquele setor era proibida.

(C) Com o dinheiro que ganhou na loteria, Natália poderá comprar bastantes presentes.

(D) Não há recursos suficiente para a construção de um novo projeto.

(E) O economista e sua esposa eram muito famosos.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – Em primeiro lugar, é preciso salientar que no enunciado deveria ser pedido CONCORDÂNCIA NOMINAL e não regência nominal, mas vamos à questão.

- Erro: não há recursos **suficientes**: o adjetivo deve concordar com o substantivo.

Alternativa "a" – anexos concorda com **recibos.**

Alternativa "b" – A entrada era **proibida.** Outra opção: entrada é proibido. = sem artigo: predicativo no masculino.

Alternativa "c" – Bastantes, nesse caso, é adjetivo e deve concordar com o substantivo plural **presentes.**

Alternativa "e" – Sujeito composto (substantivo masculino + substantivo feminino): adjetivo no masculino plural = **famosos.**

4. CESPE

Trecho para julgar o item.

(...) Contemporaneamente, para o alcance de resultados de desenvolvimento nacional, exige-se dessa liderança não apenas o enfrentamento de desafios de gestão, como a busca da eficiência na execução dos projetos e das atividades governamentais, no conhecido lema de "fazer mais com menos", mas também o desafio de "fazer melhor" (com mais qualidade), como se espera, por exemplo, nos serviços públicos de educação e saúde prestados à população.

Internet: <http://aquarius.mcti.gov.br> (com adaptações).

---

17. (CESPE/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) O emprego da preposição em "dessa liderança" justifica-se pela regência do verbo **exigir**.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Exige-se **de** alguém não apenas o enfrentamento. A estrutura vale ser comentada por se tratar de verbo transitivo direto e indireto seguido de SE (pronome apassivador).

A oração está na voz passiva sintética, transpondo para a analítica, teremos: não apenas o enfrentamento é exigido por alguém.

5. IC

18. (IC – TCM/GO – Auditor de Controle Externo/2012) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas das frases a seguir:

I. O filme "O Artista" agradou ..... todos em Hollywood.

II. Este é um filme ..... a associação dos atores americanos reconheceu.

III. O produtor Thomas Langmann bancou as filmagens na própria Hollywood, ... os atores moraram durante a filmagem.

(A) ao, qual, em que

(B) a, quem, onde

(C) a, a quem, em que

(D) a, ao qual, onde

(E) quem, a quem, quando

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

✪ **Nota da autora:** Trabalhe por eliminação para ganhar tempo.

1. Agradar é transitivo indireto: a alguém = **a todos**. Eliminadas E e A (não cabe o artigo definido masculino **o** antes de pronome indefinido *todos*.

2. O pronome relativo retoma *filme*; na ordem direta, temos: a associação dos atores americanos reconheceu **ao filme**.Opa! O verbo reconhecer não é transitivo direto?No contexto, possui sentido de dar valor ou reconhecimento de algo, por isso precisamos da preposição (e por eliminação também): **a que** ou **a qual**. Eliminadas B e C (por não se tratar de pessoa, não cabe *quem*). Encontramos a resposta.

3. O relativo retoma *Hollywood*; os atores moraram **em** Hollywood (lugar): **onde**.

6. PUC

19. (PUC/PR – TCE/MS – Auditor/2013) Indique a alternativa em que o segmento textual está seguindo a norma padrão da língua portuguesa.

(A) Sem dúvida, esta acusação é uma das tantas coisas absurdas que sou obrigado a me defender.

(B) Esta é a escola que os pais confiam, por isso não será fácil encontrar vagas para matricular alunos novos.

(C) São escassos os recursos de que os municípios dispõem para a resolução dos problemas de mobilidade urbana, por isso aguardam a verba prometida pelo governo federal.

(D) Os times devem obedecer o novo regulamento do campeonato, aprovado mesmo sem o consenso dos participantes do processo de sua elaboração.

(E) Os trabalhadores da construção civil declaram greve. Eles aspiram melhores salários.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

✪ **Nota da autora:** Siga o passo a passo abaixo para facilitar.

1. O pronome relativo que retoma *recursos;*

2. Ordem direta com os termos pospostos ao relativo (até surgir a palavra retomada pelo relativo): os municípios dispõem **de** recursos para a resolução dos problemas de mobilidade urbana;

3. Se a preposição **de** é exigida pelo verbo, deve vir anteposta ao relativo. Opções: **de que** ou **dos quais.**

Alternativa "a" – Sou obrigado a me defender **de** tantas coisas absurdas: **de que** sou obrigado ou **das quais** sou obrigado a me defender.

Alternativa "b" – Os pais confiam **na** escola: **em que** os pais confiam ou **na qual** os pais confiam.

Alternativa "d" – Devem obedecer **ao novo** regulamento: **a que** ou **aos quais**.

Alternativa "e" – Aspiram **a melhores salários**: **a que** ou **aos quais**.

QUESTÕES INÉDITAS

01. (Duda Nogueira) Preencha os espaços com a preposição adequada.

I. Foi fechado recentemente o fórum _____ eu trabalhava.

II. É exatamente esse o cargo _____ almejo desde a época de faculdade.

III. Esse é o professor _____ confio.

IV. A rua _____ moramos é bastante movimentada.

V. A estreia _____ assistimos é muito **diferente do livro.**

A sequência correta é:

(A) I. em que; II. a que; III. no qual; IV. na qual ; V. a qual

(B) I. em que; II. que ; III. em que; IV. na qual; V. à qual

(C) I. que; II. que; III. o qual; IV. em que ; V. a que

(D) I. onde; II. a que; III. que; IV. que ; V. que

(E) I. no qual; II. o qual; III. em que; IV. onde; V. a qual

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

Nota da autora: É fundamental seguir o passo a passo a seguir:

1. Veja qual termo o pronome relativo retoma;

2. Coloque a oração na ordem direta (usando os termos pospostos ao pronome relativo) até encaixar o vocábulo retomado pelo relativo;

3. Se o verbo ou o nome (anteposto ao termo retomado) exigir preposição, esta deverá ser encaixada antes do pronome relativo.

Difícil? Vamos às frases, pois é muito fácil; melhor: pode ficar fácil.

I. Foi fechado recentemente o fórum _____ eu trabalhava.

1. Fórum;

2. Eu trabalhava no fórum = em algum lugar;

3. ... o fórum em que eu trabalhava, ou no qual, ou onde (por indicar lugar fixo).

- Dica: eliminada alternativa C.

II. É exatamente esse o cargo _____ almejo desde a época de faculdade.

1. Cargo;

2. (eu) almejo o cargo desde a época de faculdade.= verbo transitivo direto (não exige preposição);

3. o cargo que almejo, ou o qual.

- Dica: eliminadas alternativas A e D.

III. Esse é o professor _____ confio.

1. Professor;

2. (eu) confio no professor = em alguém;

3. Esse é o professor em que confio, ou no qual, ou em que.

IV. A rua _____ moramos é bastante movimentada.

1. Rua;

2. (nós) moramos na rua = em algum lugar;

3. A rua em que moramos, ou na qual, ou onde.

V. A estreia _____ assistimos é muito diferente do livro.

1. Filme;

2. (nós) assistimos ao filme = a algo;

3. A estreia a que assistimos, ou à qual.

- Dica 1: eliminada alternativa B.
- Dica 2: questão de regência e crase.

Quando o pronome relativo retomar uma palavra feminina, aconselho que substitua por uma palavra masculina que pertença à classe gramatical idêntica e se resultar em ao, haverá crase antes do pronome relativo.

- A estreia a qual assistimos.

1. O relativo retoma estreia (substantivo);

2. Substituindo: O show ao qual assistimos. Opa! Resultou em ao (preposição a + artigo o) = crase.

Observação: claro que se trata da regência do verbo assistir, mas se você errar a regência do verbo ou do nome, poderá errar a questão. Dessa forma, não há chance de erro.

Note a diferença quando se usa o pronome relativo que:

- A estreia a que assistimos.

1. O relativo retoma estreia (substantivo);

2. Substituindo: O show a que assistimos. Não resultou em ao = não há o acento indicativo de crase.

Você pensa: eu sabia! Não há crase antes de que, quem e cuja.

Adianto que pode existir crase antes do pronome relativo que. Estudaremos esse assunto daqui a pouco.

Julgue o item quanto à regência.

02. (Duda Nogueira) "A temperatura média, de cerca de 15 graus Celsius, subiria 11 graus. Isso só não acontece porque as nuvens refletem 22% da radiação solar.

Mas, ao mesmo tempo, parte dessa radiação chega ao solo e nos aquece, e o planeta irradia de volta esse calor ao espaço. Aí, as nuvens funcionam como uma tampa de panela. Retêm o calor aqui embaixo e, assim, aumentam o efeito estufa — o aquecimento da Terra resultante ao bloqueio da sua irradiação pelos gases da atmosfera."

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Resultante **de** algo: o aquecimento da Terra resultante **do** bloqueio da sua irradiação.

(Fonte: Livro Simuladaço Língua Portuguesa, Editora JusPodivm)

DICAS

1. REGÊNCIA VERBAL

Lista dos verbos mais pedidos:

1) **Assistir:**

- pertencer: V.T.I. (A) – O direito de informar assistia ao chefe.
- ver: V.T.I. (A) – Assistimos ao concerto.
- cuidar: V.T.D. – O médico assistiu o paciente.

2) **Visar:**

- mirar: V.T.D. – O caçador visou o coelho.
- passar visto: V.T.D. – O gerente visou o cheque.
- almejar: V.T.I. (A) – Ele visa ao cargo.

3) **Querer:**

- desejar: V.T.D. – Quero você.
- estimar: V.T.I. (A) – Quero aos meus amigos.

4) **Aspirar:**

- inspirar: V.T.D. – Aspiramos seu perfume.
- almejar: V.T.I. (A) – Aspiramos à aprovação.

5) **Esquecer e lembrar: V.T.D.:**

- Esqueci seu nome.
- Lembrei seu nome.

6) **Esquecer-se e lembrar-se: V.T.I. (de):**

- Esqueci – me do seu nome.
- Lembrei – me do seu nome

2. REGÊNCIA NOMINAL

Normalmente pedida como acento indicativo de crase.

Crase

Crase nada mais é que regência. Evitando erros, trabalhemos com o "macete" de substituição e, claro, relembrando algumas regras importantes.

Questões inéditas: **Simuladaço Língua Portuguesa**

Teoria e questões: **Língua Portuguesa para concursos**

QUESTÕES FÁCEIS

1. VUNESP

01. (TJ SP – 2014) _____quebra do compromisso entre Hong Kong e China, que atinge _____ eleições marcadas para 2017, seguiram-se manifestações, pois, com o controle da cidade, haveria ameaça _____ garantia de plenas liberdades. As lacunas devem ser preenchidas, correta e respectivamente, com:

(A) À ... as ... à

(B) A ... as ... à

(C) A ... às ... à

(D) À ... às ... à

(E) A ... às ... a

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Questão perigosa! Há inversão.

- Ordem direta: Seguiram-se manifestações à quebra do compromisso. Eliminadas B, C e E.

- atinge **as** eleições. Substituindo por palavra masculina não resulta em **ao** = atinge os políticos. Eliminada D e encontramos a reposta.

- haveria ameaça **a** algo = **à** garantia. Substituindo: haveria ameaça **ao** poder. Resultou em AO = crase.

02. (VUNESP – Agente Penitenciário – ES/2013) Leia a tirinha para responder à questão.

(*10 anos de Mafalda*, Adaptado)

As lacunas da tirinha devem ser preenchidas, correta e respectivamente, com:

(A) à ... a ... à ... à

(B) a ... à ... à ... a

(C) a ... a ... à ... a

(D) a ... à ... a ... a

(E) a ... a ... à ... à

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Por eliminação e substituição:

- Daqui **a** alguns dias = tempo futuro e não admite crase por ser apenas uma preposição. Eliminada *a*.
- Começar **a** ir = além de ser apenas uma preposição (sem junção de artigo), não se usa crase antes de verbo. Eliminadas *b* e *d*.
- Ir **à** escola = substituindo por um substantivo masculino, resulta em **ao**, assim sendo, há crase: ir ao cinema.
- Aprender **a** ler = não se usa crase antes de verbo. Eliminada *e*.

03. (VUNESP – Agente Penitenciário – SP/2013) O acento indicativo de crase está corretamente empregado em:

(A) Tendências agressivas começam à ser relacionadas com as dificuldades para lidar com as frustrações de seus desejos.

(B) A agressividade impulsiva deve-se à perturbações nos mecanismos biológicos de controle emocional.

(C) A violência urbana é comparada à uma enfermidade.

(D) Condições de risco aliadas à exemplo de impunidade alimentam a violência crescente nas cidades.

(E) Um ambiente desfavorável à formação da personalidade atinge os mais vulneráveis.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Substituindo: desfavorável à formação = desfavorável **ao** problema. Resultou em **ao** = crase.

Alternativa "a" – Não se usa crase antes de verbo.

Alternativa "b" – Não se usa crase em singular + plural, pois indica que existe apenas uma preposição: a (singular) + perturbações (plural).

Alternativa "c" – Não se usa crase antes de artigo indefinido.

Alternativa "d" – Não se usa crase antes de palavra masculina (a não ser que indique à moda de, ao estilo de).

04. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2013) Assinale a alternativa que completa as lacunas do trecho a seguir, empregando o sinal indicativo de crase de acordo com a norma-padrão. *"Não nos sujeitamos _____ corrupção; tampouco cederemos espaço _____ nenhuma ação que se proponha _____ prejudicar nossas instituições".*

(A) à / à / à

(B) a / à / à

(C) à / a / a

(D) à / à / a

(E) a / a / à

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Basta trabalhar por substituição do termo feminino por um masculino que pertença à mesma classe gramatical. Resultando em **ao**, haverá crase.

- Não nos sujeitamos **ao corrupto** = **à** corrupção. Eliminadas alternativas *b* e *e*.
- cederemos espaço **a nenhum** = **a** nenhuma. Não há crase antes de pronome indefinido e não resultou em **ao**. Eliminadas *a* e *d*. Chegamos à resposta sem preenchermos o terceiro espaço. Perfeito, não é?
- proponha **a** prejudicar = não há crase antes de verbo.

05. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2012)

No Brasil, as discussões sobre drogas parecem limitar-se _____ aspectos jurídicos ou policiais. É como se suas únicas consequências estivessem em legalismos, tecnicalidades e estatísticas criminais. Raro ler _____ respeito envolvendo questões de saúde pública como programas de esclarecimento e prevenção, de tratamento para dependentes e de reintegração desses _____ vida. Quantos de nós sabemos o nome de um médico ou clínica _____ quem tentar encaminhar um drogado da nossa própria família? (Ruy Castro, Da nossa própria família. Folha de S.Paulo, 17.09.2012. Adaptado)

As lacunas do texto devem ser preenchidas, correta e respectivamente, com:

(A) aos / à / a / a

(B) aos / a / à / a

(C) a / a / a / a

(D) a / a / à / à

(E) à / à / à / à

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta

- Limitar-se **a** algo: **a** ou **aos**.
- **a** respeito: não se usa crase antes de palavra masculina. Eliminadas *a* e *e*.
- reintegração desses **à** vida = **ao** mundo. Eliminadas *c* e *d*.
- **a** quem = não se usa crase antes dos pronomes relativos quem e cujo por não admitirem artigo.

06. (Vunesp – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – SP/2012) Leia as orações a seguir:

I. Entreguei o livro à aluna.

II. Assistimos à novela.

III. Comprei um automóvel à gasolina.

Está(ão) de acordo com a norma culta

(A) apenas a oração I.

(B) apenas a oração II.

(C) as orações I e II, apenas.

(D) as orações I e III, apenas.

(E) as orações I, II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Substitua a palavra feminina por uma masculina que pertença à mesma classe gramatical. Se resultar em **ao(s)**, significa que há o acento indicativo de crase.

I. Entreguei o livro **ao rapaz** = à aluna.

II. Assistimos **ao filme** = à novela.

III. Não se usa crase neste caso, embora seja polêmica a regra: alguns gramáticos aceitam e outros não. Caberia recurso.

Outros casos polêmicos:

1) Ensino a distância

2) Filé a cavalo e frango a passarinho.

3) Só faz vendas a vista.

4) Fez a redação a máquina.

5) Foi recebido a bala.

6) Ataque a bomba.

7) Baile a fantasia.

8) Sujeito a multa.

9) Todos os itens estão sujeitos a inspeção.

---

07. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2011) Assinale a alternativa que completa, correta e respectivamente, as lacunas das frases.

I. _____ situações insustentáveis do lixo na capital.

II. Esse problema chega _____ autoridades que deverão tomar _____ providências cabíveis.

(A) As / as / as

(B) Há / às / as

(C) Há / as / às

(D) Às / as / às

(E) As / hás / as

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

▶ **Há** situações = existem situações. O verbo haver é impessoal e deve permanecer no singular. Eliminadas *a, d* e *e*.

▶ Chega **às** autoridades = chega **aos** juízes. Substituiu por substantivo masculino e resultou em **ao** = crase. Eliminada *c*.

▶ deverão tomar **as** providências = **os** cuidados.

---

08. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2011) Assinale a alternativa correta quanto ao uso do acento indicativo da crase.

(A) Os catadores andam à pé e coletam lixo reciclável pelas ruas da cidade.

(B) O lixo reciclável é destinado à aterros sanitários em municípios vizinhos.

(C) Os especialistas estão à procura de soluções para o tratamento do lixo.

(D) A prefeitura tem muito à fazer antes de implantar a coleta seletiva do lixo.

(E) A notícia do lixo em São Paulo chegou à Vossa Excelência pelo jornal.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – *à procura de* é locução, por isso há crase e pelo fato e ser formada por palavra feminina, claro.

▶ **Dica** – Cuidado para não confundir com *a procurar por*, pois não há crase antes de verbo, embora a expressão seja, também, uma locução.

Alternativa "a" – Palavra masculina: não há crase.

Alternativa "b" – Palavra masculina: não há crase.

Alternativa "d" – Não se usa crase antes de verbos;

Alternativa "e" – Não se usa crase antes de pronomes que repelem artigo. Admitem artigo apenas os pronomes de tratamento: Dona, Senhora, Senhorita e Madame.

---

09. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/ 2010)

I. A Fúria se rende ____ vuvuzelas.

II. Caim é o último livro de José Saramago, que morreu _____ uma semana.

III. Sujeito _____ crises de humor, ele não vive em paz.

IV. As vizinhas do andar de cima? Não _____ vejo faz tempo.

(A) às / há / às / as

(B) as / há / as / às

(C) às / a / as / às

(D) às / a / às / as

(E) as / há / às / as

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

- As fúrias se rendem **às** vuvuzelas = **aos** barulhos. Eliminadas *b* e *e*.
- Morreu **há** uma semana: tempo decorrido. Eliminadas *c* e *d*. Encontrada a resposta.
- Sujeito **às** crises: sujeito **aos** problemas.
- Não **as** vejo: não vejo as vizinhas = pronome pessoal oblíquo.

▶ **Dica** – Não há crase em pronome pessoal oblíquo.

Texto:

Conta-se que, um dia, Sócrates parou diante de uma tenda do mercado em que estavam expostas diversas mercadorias. Depois de algum tempo, ele exclamou: "Vejam quantas coisas o ateniense precisa para viver." Naturalmente ele queria dizer com isto que ele próprio não precisava de nada daquilo.

Esta postura de Sócrates foi o ponto de partida para a filosofia cínica, fundada em Atenas por Antístenes – um discípulo de Sócrates, por volta de 400 a. C. Os cínicos diziam que a verdadeira felicidade não depende de fatores externos, como o luxo, o poder político e a boa saúde. Para eles, a verdadeira felicidade consistia em se libertar dessas coisas casuais e efêmeras. E justamente porque a felicidade não estava nessas coisas, ela podia ser alcançada por todos. E, uma vez alcançada, não podia mais ser perdida. (Jostein Gaarden, O Mundo de Sofia. São Paulo, Cia. das Letras, 1995)

10. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/ 2010) Assinale a alternativa que reescreve, corretamente, uma frase do texto.

(A) Fatores externos não conduzem para à verdadeira felicidade.

(B) A verdadeira felicidade não se reduz as coisas efêmeras.

(C) Os atenienses não vislumbram à verdadeira felicidade.

(D) Os sábios almejam e alcançam a verdadeira felicidade.

(E) O luxo, o poder político não constroem à verdadeira felicidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – A frase está reescrita corretamente. Substituindo: Os sábios almejam e alcançam o verdadeiro valor = sem crase, pois não resultou em **ao**.

Alternativa "a" – Fatores externos não conduzem para **a** verdadeira felicidade = não conduzem para o verdadeiro amor = sem crase.

Alternativa "b" – A verdadeira felicidade não se reduz **às** coisas efêmeras. = não se reduz **aos** fatos efêmeros = com crase.

Alternativa "c" – Os atenienses não vislumbram **a** verdadeira felicidade. = não vislumbram **o** verdadeiro sucesso = sem crase.

Alternativa "e" – O luxo, o poder político não constroem **a** verdadeira felicidade. = não constroem **o** verdadeiro amor.

11. (Vunesp – Oficial de Justiça – TJ – SP/2009) Leia a frase e assinale a alternativa que contém os termos que preenchem, correta e respectivamente, as lacunas.

Entre os brasileiros _____ frente de negócios próprios abertos _____ menos de quatro anos, a porcentagem dos que _____ de 45 _____ 54 anos dobrou nesta década – de 7% em 2001 para 15% hoje. (Veja, 15.07.2009)

(A) à / à / têm /à

(B) a / a / tem / à

(C) à / há / têm / a

(D) a / a / tem / a

(E) a / há / têm / à

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

- *à frente:* expressão adverbial feminina. Eliminadas *b*, *d* e *e*.
- *há menos* (v. haver): tempo decorrido. Eliminada *a*. Chegamos à resposta sem lermos o terceiro item. Ganhou tempo!
- *têm*: 3ª pessoa plural do verbo ter.

▶ **Dica** – O (a) + que = pronome demonstrativo + pronome relativo. Substituindo: porcentagem daqueles os quais. Sujeito no plural, verbo no plural.

- *a*: entre numerais não se usa crase e aqui não há artigo.

12. (Vunesp – Agente de Segurança Penitenciária – SP/2009)

O marido se pôs _____ comer as coxinhas, sentiu um gostoestranho e disse _____ mulher que elas estavam fora de seupadrão culinário. Ela, então, respondeu que era devido _____ pimenta do reino".

(A) à / a / a

(B) a / a / a

(C) a / à / à

(D) à / à / à

(E) a / a / à

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

- **a** comer = não se usa crase antes de verbo. Eliminadas alternativas *a* e *d*.
- disse **à** mulher que elas... = disse **aos** homens que... Eliminadas *b* e *e*.
- devido à pimenta = devido **ao** gosto.

---

13. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2008) Assinale a alternativa correta quanto à crase.

(A) No Brasil, a rota não se parece com nada à que se viu percorrer em outros países.

(B) No Brasil, a rota não equivale à nenhuma daquelas percorridas em outros países.

(C) No Brasil, a rota não tem à ver com aquela percorrida em outros países.

(D) No Brasil, a rota não se assemelha à nenhum caso percorrido em outros países.

(E) No Brasil, a rota não é igual àquela percorrida em outros países.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Houve contração da preposição a com o a inicial do pronome demonstrativo aquela: igual (a) preposição + aquela= àquela. Substituindo para facilitar: a rota não é igual a rota: o destino não é igual **ao** destino.

Alternativa "a" – O acento indicativo de crase antes do pronome relativo *que* só pode ser usado em comparação: Sua caneta é igual à que comprei = seu lápis é igual **ao** que comprei.

Alternativa "b" – Não se usa crase diante do pronome indefinido *nenhuma*, pois não há o artigo *a*.

Alternativa "c" – Não se usa crase antes de verbos.

Alternativa "d" – Nenhum: pronome indefinido e masculino = não há crase.

---

14. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2008) Assinale a alternativa correta quanto à crase.

(A) É consenso que o acesso à muitas informações é fator fundamental para inclusão e transformação social.

(B) É consenso que o acesso às informações é fator fundamental para inclusão e transformação social.

(C) É consenso que o acesso a todas às informações é fator fundamental para inclusão e transformação social.

(D) É consenso que o acesso à uma grande quantidade de informações é fator fundamental para inclusão e transformação social.

(E) É consenso que o acesso à todo tipo de informações é fator fundamental para inclusão e transformação social.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Que o acesso a (preposição) + as (artigo definido plural) informações= às. Facilitando: o acesso **aos** lugares = **às** informações.

Alternativa "a" – Não há crase antes de pronome indefinido, além disso, a palavra posposta está no plural, ou seja, fácil notar que há apenas uma preposição.

Alternativa "c" – Não há crase antes de pronome indefinido, além disso, a palavra posposta está no plural, ou seja, fácil notar que há apenas uma preposição.

Alternativa "d" – Não há crase antes de artigo indefinido.

Alternativa "e" – Não há crase antes de palavra masculina (e pronome indefinido)..

---

15. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2007) Assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, as lacunas das frases, quanto ao sinal indicativo da crase.

1) Para fazer vatapá, tutu _____ mineira e todas as comidas favoritas dos brasileiros.

2) O papa quer interagir com a multidão, mas o risco será analisado caso _____ caso.

3) Ajudar empresas _____ transformar seu ambiente de trabalho.

(A) a / a / a

(B) à / à / a

(C) à / a / a

(D) a / à / à

(E) à / à / à

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

1) Tutu à mineira= à (moda) mineira. Eliminadas alternativas *a* e *d*.

2) Caso a caso= não se usa o sinal indicativo da crase em expressões formadas de palavras repetidas. Eliminadas alternativas *b* e *e*. Encontramos a resposta!

3) Ajudar empresas a transformar= não se usa crase antes de verbo.

16. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2007) Atente para as afirmações:

I. A frase – *As projeções sobre qual impacto o aquecimento global terá em relação à saúde das pessoas ainda são pouco precisas* – está corretamente reescrita em: As projeções sobre qual impacto o aquecimento global terá no que tange a saúde das pessoas ainda são pouco precisas.

II. Os dois pontos em – *Mas uma coisa é certa: a maior frequência de eventos climáticos extremos, como secas e inundações, vai deixar populações* – indicam explicação de ideia anteriormente enunciada.

III. Em – *O problema é que os estudos são pouco específicos* – a palavra *pouco* expressa ideia de intensidade.

Está correto apenas o contido em

(A) I.

(B) II.

(C) III.

(D) I e II.

(E) II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta

Nota da autora: Questão de crase, pontuação e semântica.

I. Errado. A frase não está corretamente reescrita: a forma verbal tange (verbo tanger), no sentido de referir-se a é verbo transitivo indireto e pede complemento indireto (preposição). O correto seria: no que tange à saúde: tange a (preposição) a (artigo) saúde= à.

II. Correto. Os dois pontos estão explicando uma ideia, uma situação anterior, o que fica claro pela conjugação adversativa mas no início do período .

III. Correto. A palavra pouco (advérbio) expresso a ideia de intensidade, está indicando estudos em pequena quantidade (intensidade), não aprofundado no assunto.

17. (TJ – SP – Oficial de Justiça – TJ – SP/1999) A frase em que o uso do sinal indicativo da crase está incorreta é:

(A) Os candidatos estavam à espera de uma vaga.

(B) Viajou à Londres a fim de rever parentes de sua mãe.

(C) Àquele jornalista é atribuída a melhor versão do fato.

(D) Já passei por uma situação análoga à que você está vivendo atualmente.

(E) Suas previsões não deixaram de ter razão, pois à uma hora da madrugada é um perigo andar a pé, sozinho.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Utilizar a dica do verbo **voltar**, quando se tratar de lugar: Voltou de Londres = sem crase.

▶ Dica:

- Fui à China: voltei da China – vai a e volta da = crase no a.
- Fui a Roma: voltei de Roma – vai a e volta de = crase para quê?
- Lembra-se disso? Foi nossa Tia lá do ginásio quem ensinou. Não me contive.

Alternativa "a" – Locução formada com palavra feminina: com crase.

Alternativa "c" – Para não errar: **ao** jornalista é atribuída a melhor versão do fato = àquele.

Alternativa "d" – O pronome relativo **que** retoma o substantivo feminino **situação**. Façamos a substituição: Já passei por **um problema** análoga **ao** que você está vivendo atualmente = com crase.

Alternativa "e" – Para hora, basta substituir por **meio-dia**, resultando em **ao**, haverá crase: à uma hora da madrugada é um perigo andar a pé = **ao meio-dia** é perigoso.

2. FUNRIO

18. (Funrio – Agente Penitenciário Federal/ 2009)

Tendo começado quase ao mesmo tempo a vida de escritor e a de professor, bem se pode imaginar quanto me vi às voltas com as regras ditadas durante todos aqueles anos por filólogos e gramáticos. De modo geral, faço justiça a eles, reconhecendo que os bons são indispensáveis: é necessário que alguém coloque alguma ordem no modo de um Povo falar e escrever seu idioma. (Ariano Suassuna: "Receita para Escrever Nomes Próprios", 2000)

Assim como está adequado o emprego do acento de crase no sintagma "às voltas", também está correto esse uso do acento em:

(A) Peço encarecidamente à V.Exa a transferência desse indivíduo.

(B) Os vales-refeição serão distribuídos à partir de amanhã à tarde.

(C) Encomendei um sanduíche à metro e comprei comida à quilo.

(D) À meia-noite, assistimos pela tevê à chegada do Ano Novo.

(E) Saíram às escondidas e foram à pé até à esquina pegar um táxi.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – À meia-noite equivale a **ao** meio-dia. Usou AO = crase.

Alternativa "a" – Antes de pronome de tratamento não se usa crase. Exceções: senhora, senhorita, dona e madame.

Alternativa "b" – Não há crase antes de verbo.

Alternativa "c" – Não se usa crase antes de palavra masculina.

Alternativa "e" – A pé: não se usa crase antes de palavra masculina.

3. FCC

19. (FCC – Agente de Segurança Penitenciária – PB/2008)

Em vários países, pesquisadores ligados _____ universidades tentam apontar os motivos que induzem jovens _____ criminalidade, submetendo-os _____ uma série de exames por imagem". As lacunas estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por

(A) à – à – a

(B) a – à – a

(C) a – a – à

(D) à – à – à

(E) à – a – a

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta

- ligados **a** universidades = singular + plural: sem crase. Eliminadas *a, d* e *e*.
- induzem jovens **à** criminalidade = **ao** crime. Eliminada *c*.
- submetendo-os a uma série = a um encontro.

QUESTÕES MÉDIAS

1. NÍVEL MÉDIO

1.1. FCC

01. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 19/2014) ... que podem representar uma das principais ameaças à conservação do ecossistema ...

O sinal indicativo de crase deverá permanecer, como no exemplo acima, caso o segmento grifado seja substituído por:

(A) cada componente da biodiversidade.

(B) alguma das espécies ameaçadas.

(C) qualquer ser vivo da floresta.

(D) respeito das condições do ambiente.

(E) recente pesquisa de medicamentos.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"

✪ **Nota da autora:** Há duas maneiras de resolver, escolha a mais fácil.

1) Regência: se há ameaças, há ameaças **a** algo (a preposição a foi exigida) + artigo definido feminino singular a que acompanha o substantivo feminino singular *conservação*. Preposição + artigo = à;

2) Substituição por palavra masculina que pertença à classe gramatical idêntica: principais ameaças **ao** poder (substantivo masculino qualquer). Resultou em **ao**, há crase.

Alternativa "a" – Não se usa crase antes de pronome indefinido e nem antes de palavra masculina (componente).

Alternativa "b" – Não se usa crase antes de pronome indefinido. Substitua para ter certeza: ameaças **a** algum dos homens.

Alternativa "c" – Não se usa crase antes de pronome indefinido e nem antes de palavra masculina (ser).

Alternativa "d" – Não se usa crase antes de palavra masculina (respeito).

02. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 12/2013) Talvez tivesse qualquer coisa de bicho, esse homem sensível à beleza fugaz deste mundo.

A crase empregada acima pode ser corretamente mantida caso, sem qualquer outra alteração da frase, o segmento sublinhado seja substituído por:

(A) muitas formas belas e efêmeras.

(B) toda sorte de formas belas e fugazes.

(C) determinada categoria de beleza.

(D) efêmera graciosidade das formas.

(E) tudo o que é fugazmente formoso.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – Sensível **a** algo = à beleza: **ao** ritmo; sensível **à** efêmera graciosidade das formas = sensível **ao** efêmero poder.

Alternativa "a" – sensível a muitas: não se usa crase antes de pronome indefinido e nem em palavra plural seguida de singular (a muitas).

Alternativa "b" – sensível a toda sorte: não se usa crase antes de pronome indefinido.

Alternativa "c" – sensível a determinada categoria = sensível a determinado poder. Sem **ao** antes da palavra masculina = sem crase.

Alternativa "e" – sensível a tudo: não se usa crase antes de pronome indefinido.

---

03. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 9/2013)

O acesso _____ redes sociais voltadas para a carreira pode ajudar o profissional _____ conseguir uma colocação no mercado de trabalho. Mas é preciso atenção ao se criar um perfil na internet, pois todo o conteúdo ali veiculado afetará positiva ou negativamente _____ imagem do profissional.

Preenchem corretamente as lacunas do texto acima, na ordem dada:

(A) às – a – a

(B) as – à – a

(C) as – à – à

(D) às – a – à

(E) às – à – a

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Façamos a substituição por palavra masculina que pertença a mesma classe gramatical:

- acesso **às** redes sociais = acesso **aos** setores. Resultou em **ao**, há crase, pois indica junção de artigo + preposição. Eliminadas alternativas *b* e *c*.
- **a** conseguir = não se usa o acento indicativo crase antes de verbo. Eliminada *e*.
- afetará positiva ou negativamente **a** imagem do profissional = afetará positiva ou negativamente **o** perfil. Sem **ao**, sem crase.

---

04. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013)

Essa matriarca era de uma saúde admirável e não mais se intrometia na direção da casa. Tinha um pitinho pequenino de barro, feito _____ capricho pelas paneleiras do lugar. O fumo era preparado por Nhá-Bá, colhido nas hortas. Destaladas, murchas as folhas, eram entregues _____ velha mãe que fazia a torção de forma especial, que só ela sabia fazer. [...] Daquela avó emanava um cheiro indefinido e adocicado de folhas murchas que se misturavam fumo desfiado, cânfora e baunilha. (Cora Coralina. "Na Fazenda Paraíso", Op. cit., p.59)

Preenchem corretamente as lacunas dos versos acima, na ordem dada:

(A) à – a – à

(B) a – à – a

(C) a – a – à

(D) à – à – a

(E) a – à – à

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Trabalhando com substituição e por eliminação. Fácil, fácil.

- feito **a** capricho: não se usa crase antes de palavra masculina. Eliminada alternativa **a**.
- eram entregues **à** velha mãe: entregues **ao** velho pai. Resultou em **ao** = crase. Eliminada alternativa **c**.
- folhas murchas **a** que se misturavam: o pronome relativo retoma palavra feminina, mas está no plural = sem crase. Quando retomar palavra feminina, substitua por uma masculina: galhos murchos a que se misturavam. Não resultou em **ao**.

▶ **Dica** – Se fosse o pronome relativo **as quais**, haveria crase.

Folhas murchas **às quais** se misturavam = galhos murchos **aos** quais se misturavam.

---

05. (FCC – TRT 6 – Técnico Judiciário – Área Administrativa/2012)

Apesar de comumente confundidas, a admiração e a inveja não pertencem _____ mesma categoria de afe-

tos, pois a última causa prejuízo _____ autoestima e leva, constantemente,. _____ sensações de insatisfação e angústia.

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

(A) à – à – à

(B) a – a – à

(C) a – à – a

(D) à – à – a

(E) à – a – à

COMENTÁRIOS

Alternativa "d" – Correta.

✪ **Nota da autora:** Trabalhemos por substituição e relembrando as regras fundamentais:

- a admiração e a inveja não pertencem **à** mesma categoria = **ao mesmo conceito** (substitua por qualquer substantivo masculino, resultou em AO = crase). Eliminadas alternativas b e c.
- causa prejuízo **à** autoestima = **ao ego.**
- leva, constantemente, **a** sensações = **não** se usa o acento indicativo de crase quando houver **singular + plural.**

Por quê? Porque se trata apenas de uma preposição anteposta ao substantivo e não de artigo.

---

06. (FCC – TRT – 11ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2012)

É a atividade de construção de que o artista dispõe, o seu poder de imprimir _____ um trabalho sentimentos e sensações, e a qualidade de pensamento que conferem humanidade _____ arte; e essa humanidade pode ser realizada com uma série ilimitada de temas ou elementos formais. Tudo isso já foi repetido _____ exaustão. (Fragmento de Meyer Schapiro, a dimensão humana da pintura abstrata, p.9)

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

(A) à – à – a

(B) a – à – à

(C) a – à – a

(D) à – a – à

(E) à – a – a

COMENTÁRIOS

Alternativa "b" – Correta.

- *poder de imprimir **a** um trabalho:* além de não haver o acento indicativo de crase antes de artigo indefinido, o termo é masculino. Eliminadas alternativas a, d e e.
- *conferem humanidade **à** arte:* conferem humanidade **ao** artista = com crase.
- *foi repetido **à** exaustão:* usa-se crase em locuções adverbiais e prepositivas femininas. Eliminada alternativa c.

---

07. (FCC – Técnico do Seguro Social – INSS/ 2012)

Consta que, durante o verão, em meio _____ beleza das montanhas dos Alpes, Mahler buscava _____ inspiração necessária para compor sinfonias que, felizmente, foram legadas _____ gerações futuras.

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

(A) à. / à. / as

(B) a. / a. / às

(C) à. / a. / às

(D) a. / à. / às

(E) à. / a. / as

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

✪ **Nota da autora:** Trabalhemos por substituição e relembrando as regras fundamentais.

- em meio **à** beleza: em meio **ao** cenário. Substitua o vocábulo posposto ao a por um masculino que pertença à mesma classe gramatical, não havendo necessidade de ser o masculino da palavra (como feito anteriormente). Se resultar em AO significa que receberá o acento indicativo de crase, já que há junção de preposição + artigo. Eliminadas alternativas b e d.
- buscava **a** inspiração: buscava **o** resultado = não houve a combinação AO, logo não há crase. Eliminada alternativa a.
- foram legadas **às** gerações: foram legadas **aos** homens. Usa-se a crase. Eliminada alternativa e.

---

08. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 14/ 2011) *"É difícil ficar indiferente _____ causa defendida por algumas organizações não governamentais que ajudam captar recursos para preservar _____ cultura de tribos da floresta amazônica".* Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

(A) a – à – à

(B) à – a – a

(C) à – a – à

(D) à – à – a

(E) a – à – a

COMENTÁRIOS

Alternativa "b" – Correta.

✪ **Nota da autora:** Mais uma vez, trabalhar por substituição e relembrar as regras fundamentais:

- ficar indiferente **à** causa = **ao sofrimento** (substitua por qualquer substantivo masculino, resultou em AO = crase). Eliminadas a e e.
- ajudam **a** captar = **não se usa crase antes de verbo.** Eliminada d.
- preservar **a** cultura = **o texto** (não resultou em AO, não há crase).

---

09. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 23/ 2011) *"Gabriel García Marquez cresceu em meio _____ plantações de banana de Arataca, situada _____ poucos quilômetros do vilarejo de Macondo, que ele se dedicou _____ retratar na obra Cem anos de solidão".* Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

(A) as – à – a

(B) as – à – à

(C) às – a – a

(D) às – à – à

(E) as – a – à

COMENTÁRIOS

Alternativa "c" – Correta.

- em meio **às** plantações = **aos** frutos. Eliminadas a, b e e.
- situada **a** poucos. Eliminada d.
- dedicou **a** retratar = não tem crase antes de verbo.

Trecho para a próxima questão:

(...)

Existe uma longa tradição analítica que divide a economia em três setores: primário (atividades agropecuárias), secundário (indústrias extrativas, de transformação, construção civil e utilidades públicas) e terciário (que inclui todos os tipos de serviços públicos e privados). Até aí tudo bem. Entretanto, há também uma tradição em associar as atividades primárias a baixa produtividade, pouca tecnologia e reduzida interconexão com o resto da economia, além de reduzida eficiência organizacional. Ao mesmo tempo, associam-se à indústria qualidades opostas, ou seja, elevada produtividade, maior nível tecnológico e sofisticada organização. (Adaptado do artigo de José Roberto Mendonça de Barros. O Estado de S. Paulo, B6/Economia, 7 de março de 2010)

---

10. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 24/ 2011) A respeito do trecho do texto, está INCORRETO o que consta em:

(A) Substituindo-se a expressão *uma longa tradição analítica* por **análises tradicionais**, os verbos *Existe* e *divide* devem ser colocados no plural, em respeito às normas de concordância.

(B) A presença dos dois pontos assinala a introdução de um segmento enumerativo como explicação necessária para a expressão três setores.

(C) Os segmentos que aparecem entre parênteses especificam o sentido do termo imediatamente anterior a cada um deles.

(D) A ausência e a presença do sinal de crase nos segmentos associar as atividades primárias **a** baixa produtividade, pouca tecnologia e reduzida interconexão com o resto da economia e associam-se **à** indústria qualidades opostas denotam **incorreção**, por ter sido empregado o mesmo verbo, **associar**.

(E) *Entretanto* e *Ao mesmo tempo* têm função adverbial no contexto em que se situam, introduzindo ressalva em relação ao que se afirma antes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d" – Correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de crase, concordância, pontuação e coesão.

Peguinha! No primeiro caso, o verbo associar não está acompanhado pelo pronome, ou seja, é transitivo direto e indireto: associar as atividades primárias (objeto direto) **à** baixa produtividade (objeto indireto); no segundo caso, o verbo é pronominal (associam-se à indústria = **ao** comércio). O erro da alternativa está na afirmação por ter sido empregado o mesmo verbo. Em um caso o verbo é pronominal, no outro, não.

Alternativa "a" – Errada. Existem **análises tradicionais** que dividem a economia em três setores.

Alternativa "b" – Errada. Explica os três setores.

Alternativa "c" – Errada. Especificam o primário, secundário e terciário.

Alternativa "e" – Errada. Sim, pois vêm seguidos de ideias opostas, ou seja, houve ressalva (qualquer observação por escrito com o fito de corrigir ou emendar algo ou para validar o que anteriormente se registrou).

11. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 24/ 2011) Considere as frases seguintes:

I. As inovações no ramo da estética permitem _____ um grande número de pessoas se sentirem mais belas.

II. Sempre existiu preocupação com a beleza, embora mudem os critérios _____ que ela obedece.

III. A beleza, _____ parte alguns exageros, deve ser buscada até mesmo com intervenções cirúrgicas.

As lacunas das frases acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:

(A) à – a – à

(B) a – a – a

(C) a – à – à

(D) à – à – a

(E) a – a – à

COMENTÁRIOS

Alternativa "e" – Correta.

Item "I" – a um grande número = além de não haver crase antes de palavra masculina, não há crase antes de artigo indefinido. Eliminadas alternativas a e d.

Item "II" – Mudem os critérios **a** que ela obedece.

▶ **Dica de crase antes de pronome relativo**: assim como substituímos as palavras femininas por masculinas, basta sabermos a qual é a palavra o relativo está se referindo. Caso seja uma palavra feminina, substituamos por uma masculina. Se retoma uma palavra masculina (como é o caso do item II), não há crase = Obedece **aos** critérios. Eliminada alternativa c.

Exemplo de crase antes do relativo **que**: Esta caneta é igual **à** que dei a você = Este lápis é igual **ao** que dei a você.

Não há crase antes dos pronomes relativos **quem** e **cujo(a)** por não admitirem artigo.

Item "III" – À parte = locução.Eliminada alternativa b.

Há crase em locuções conjuntivas e prepositivas desde que seja composta por palavra feminina.

12. (FCC – TRT 8ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) *"A paisagem do Norte do país já fascinou _____ muitos, como o fotógrafo Marcel Gautherot, que por décadas voltou repetidamente _____ Região, disposto _____. captar parte de sua essência".* Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

(A) à – à – à

(B) à – a – à

(C) a – a – à

(D) à – a – a

(E) a – à – a

COMENTÁRIOS

Alternativa "e" – Correta.

- Fascinou a muitos = não se usa crase antes de pronome indefinido. Facilitando: não se usa crase antes de palavra masculina.
- Voltou à região = voltou **ao** lugar.
- Disposto a captar = não se usa crase antes de verbo. Lembrando esta regra, eliminaríamos as alternativas a, b e c.

13. (FCC – TRT 9ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) *"A erupção de um vulcão provocou perdas _____. economia europeia bem superiores _____ trazidas pelos atentados terroristas de 2001, fato que obrigou a ONU _____ criar um plano internacional de redução dos riscos de acidentes".* As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:

(A) à – aquelas – a

(B) à – aquelas – à

(C) à – àquelas – a

(D) a – aquelas – a

(E) a – àquelas – à

COMENTÁRIOS

Alternativa "c" – Correta.

✪ **Nota da autora:** Façamos as substituições sugeridas no final do livro (em dicas):

- provocou perdas **à** economia = **ao** sistema
- superiores **àquelas** = superiores **aos** vulcões. Perceba que ao substituir o pronome demonstrativo por um substantivo masculino, resulta em **ao**. Pronto! Temos certeza de que há crase **no pronome**, não importando se é feminino ou masculino, certo?
- a criar = **não se usa o acento indicativo de crase antes de verbo.**

14. (FCC – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2007) Justifica-se o uso do sinal de crase apenas em:

(A) As aranhas tecem à toda hora, seja para construir, seja para reforçar a teia.

(B) Os vegetais também ficam à desfrutar o sol, a chuva, o vento.

(C) A aranha assiste pacientemente à luta do inseto para livrar-se da teia.

(D) A conclusão à que aspira o cronista seria a explicação da vida e da morte.

(E) Os vegetarianos levam à sério a idéia de que não matam nada para comer.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

✪ **Nota da autora:** Com *macetes* e relembrando algumas regras, a questão é facilmente resolvida.

▶ **Dica** – Substitua a palavra feminina posterior ao **a** ou **as** por uma masculina pertencente à mesma classe gramatical. Se resultar na combinação **ao** – preposição **a** + artigo **o** –, indica que haverá crase.

Alternativa c: A aranha assiste pacientemente **à** luta = assiste **ao espetáculo**.

Alternativa "a" –**a** toda hora = **a todo momento**.

Regra: não há crase antes de pronome indefinido.

Alternativa "b" –**a** desfrutar = não se usa crase antes de verbo.

Alternativa "d" –O pronome relativo **que** retoma o substantivo feminino **conclusão**. Substituamos: **O final** a que aspiro.

Regra com exceção: não se usa crase antes dos relativos **que**, **quem** e **cujo**. A exceção muito pedida em provas é que quando indicar comparação, haverá crase antes do relativo **que**. Indico que sempre faça a substituição para não haver erro: a apostila é igual **a** que comprei = o livro é igual **ao** que comprei.

Alternativa "e" –levam **a** sério = não se usa crase antes de palavra masculina.

1.2. CESPE

15. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) Seria mantida a correção gramatical do trecho caso fosse empregado o sinal indicativo de crase no "a" em "ligados a computação, informática, TI e análise de sistemas".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Item de que CESPE tanto gosta: paralelismo. Há duas formas corretas de usar a preposição ou a crase.

1) Usando apenas a preposição 'a' exigida pelo adjetivo *ligados:*

Ligados a:

→ computação

→ informática

→ TI

→ e análise de sistemas

2) Usando a preposição 'a' + artigo 'a' em todos os termos, resultando, então, no sinal indicativo de crase. Aproveito e dou a dica da substituição por termo masculino que pertença à classe gramatical idêntica. Resultando em **ao**, haverá crase.

Ligados:

→ **à** computação (ao trabalho)

→ à informática (ao trabalho)

→ à ti (ao trabalho)

→ e **à** análise de sistemas (ao trabalho)

3) Exemplo de paralelismo se os substantivos fossem masculinos:

Ligados **a** livro, trabalho, estudo e comprometimento.

Ligados **ao** livro, **ao** trabalho, **ao** estudo e **ao** comprometimento.

Trecho para o item.

(..) São questões que a justiça trabalhista está aprendendo a contemporizar, já que influenciam a convivência no ambiente de trabalho e dizem respeito à saúde do trabalhador. (...)

Tecnologias de controle criam novas situações de dano moral. Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).

16. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) É facultativo o emprego do sinal indicativo de crase na expressão "respeito à saúde do trabalhador", de modo que sua supressão não prejudicaria a correção gramatical do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Primeira opção: regência = se há respeito, há respeito **a** algo; a preposição **a** foi exigida pelo substantivo (regente) respeito + o artigo definido feminino que pode acompanhar o substantivo saúde resulta em acento indicativo de crase.

Segunda opção: substituir o termo feminino por um masculino da mesma classe gramatical: respeito **ao** corpo. Resultou em **ao**, há crase. As duas opções

de raciocínio deixam claro que é obrigatório o uso da crase.

Trecho para o item.

(...) A Constituição de 1988 faz referência expressa ao Ministério Público no capítulo Das Funções Essenciais à Justiça. Define as funções institucionais, as garantias e as vedações de seus membros. Isso deu evidência à instituição, tornando-a uma espécie de ouvidoria da sociedade brasileira.

Internet: <www.mpu.mp.br> (com adaptações).

17. (CESPE – Técnico – MPU/2013) O emprego do sinal indicativo de crase é obrigatório, dadas a regência da forma verbal "deu", que exige complemento preposicionado, e a presença do artigo definido feminino *a*, que antecede o substantivo "instituição".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo

✪ **Nota da autora:** Questão de crase e regência.

O verbo *dar*, no contexto, é transitivo direto e indireto: deu algo (evidência) a algo (à instituição) = complemento preposicionado + artigo definido a: crase. Substituindo por palavra masculina da mesma classe gramatical, resulta em **ao**, isto é, há crase: deu evidência à instituição = deu evidência **ao** poder.

Trecho para a questão.

Levei anos para aprender, e só fui aprender nos anos da ditadura, que ter medo não é apenas tremer de medo ou baixar a cabeça — obediente e resignado —, ou dizer "sim" quando quiséramos dizer "não". Há outro medo, muito mais profundo, que disfarça e não mostra o medo que tem, exatamente porque teme tanto que tem medo de aparentar medo. É o medo que engendra a omissão, o não importar-se com o que ocorra, ou o não assumir-se em nada. (...)

Flávio Tavares, Memórias do esquecimento, São Paulo: Globo, 1999, p. 169.

18. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) Não acarretaria prejuízo para a correção gramatical e os sentidos do texto a substituição de "engendra a omissão" por *dá existência à omissão.*

COMENTÁRIOS

Certo

✪ **Nota da autora:** Questão de crase e regência verbal.

O verbo *engendrar* é transitivo direto (engendra algo) e não pede preposição. Substituindo por *dá existência*, a preposição *a* passa a ser exigida pelo substantivo: dá existência **a** algo. Trocando o substantivo feminino por outro masculino, obtém-se a forma **ao** e há o acento indicativo de crase: dá existência **ao** homem.

Trecho para a questão.

(...) Em outras palavras, a necessidade do passado se contrapõe à possibilidade do presente, em decorrência da indeterminação do futuro. (...) É essa passagem do contingente ao necessário por meio do possível que dá à ação humana um peso incalculável.

Marilena Chaui. Contra a servidão voluntária. Belo Horizonte: Editora Fundação Perseu Abramo, 2013, vol. 1, p. 114 (com adaptações).

19. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) Nos trechos "se contrapõe à possibilidade do presente" e "dá à ação humana", o emprego do sinal indicativo de crase justifica-se pela regência das formas verbais e pela presença de artigo definido feminino precedendo os vocábulos "possibilidade" e "ação".

COMENTÁRIOS

Certo – No primeiro caso: contrapõe-se **a** algo. A preposição **a** foi exigida pelo verbo e o substantivo feminino *ação* vem seguido de artigo feminino. Substituindo: se contrapõe **ao** tempo; no segundo caso, o verbo *dar* exige objeto direto e indireto (algo: um peso, a algo: à ação), o substantivo feminino ação pede o artigo feminino. Substituindo: dá **ao** homem um peso. É aconselhável sempre fazer a substituição para não haver engano.

Em relação às ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o item a seguir.

A primeira ideia de criação de uma jurisdição trabalhista surgiu com a Lei nº 1.637/1907, que previa em seu artigo 8º os conselhos permanentes de conciliação e arbitragem. Posteriormente, a Lei nº 1.869/1922 criou em São Paulo os tribunais rurais – os primeiros tribunais trabalhistas do país. Já existia o Patronato Agrícola, ligado à Secretaria de Agricultura, o qual se ocupava de tais questões. À época, entendeu o governo estadual de São Paulo que o modelo de solução entre

trabalhadores e proprietários rurais era inadequado. (Internet: www.trt10.jus.br, com adaptações).

20. (CESPE – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) O emprego do sinal indicativo de crase em "ligado à Secretaria de Agricultura" justifica-se porque o verbo ligar exige complemento regido pela preposição a, e a palavra "Secretaria" é antecedida pelo artigo definido feminino singular a.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Quanto à regência: se é ligado, é ligado **a** algo; o artigo definido feminino **a** individualiza *Secretaria*. Outra forma é substituir: ligado **ao** secretário. Pronto! Há preposição + artigo.

Considerando as ideias e aspectos linguísticos do trecho, julgue o item a seguir.

O respeito às diferentes manifestações culturais é fundamental, ainda mais em um país como o Brasil, que apresenta tradições e costumes muito variados em todo o seu território. (...)

A Rede Cultural da Terra realiza oficinas de capacitação, cultura digital e atividades ligadas às artes plásticas, cênicas e visuais, à literatura, à música e ao artesanato. (...) (Identidade e diversidade. Internet: www.brasil.gov.br/sobre/cultura, com adaptações).

21. (CESPE – Investigador de Polícia – BA/2013) O emprego do sinal indicativo de crase é obrigatório em "às diferentes manifestações" e facultativo em "às artes plásticas", "à literatura" e "à música".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Obrigatório em *O respeito às diferentes manifestações culturais é fundamental*, façamos a substituição por um termo masculino: O respeito **aos diferentes exemplares**. Resultou em **ao**, há crase. Em *ligadas às artes plásticas, cênicas e visuais, à literatura, à música*, é também obrigatória: ligadas **aos fatos, ao ensino, ao som.**

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue os itens a seguir.

Inalterado desde a redemocratização, o sistema político brasileiro está finalmente diante de uma oportunidade concreta de mudanças, principalmente em relação a aspectos que dão margem a uma série de deformações e estimulam a corrupção já a partir do período de campanha eleitoral. Se as restrições históricas às transformações não prevalecerem, a Câmara dos Deputados deverá dar início ao debate sobre uma série de inovações com chance de valerem já para as próximas eleições. (...) (Zero Hora, 8/4/2013.

22. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) Mantém-se a correção gramatical do texto ao se substituir o trecho "a uma série" por à uma série, dado o caráter facultativo do emprego do sinal indicativo de crase nesse caso.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – em **uma** série, há artigo indefinido e isso impossibilita o uso de crase. Para não decorar regras, substitua o vocábulo feminino por uma masculino que pertença à mesma classe gramatical, se resultar em **ao**, há crase.

- dão margem a uma série de deformações = dão margem a um tópico de deformações: sem crase.

23. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) O emprego do sinal indicativo de crase em "às transformações" justifica-se porque o termo "restrições" exige complemento regido pela preposição a e a palavra "transformações" está precedida de artigo definido feminino no plural.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Se as restrições históricas às transformações não prevalecerem = Se as restrições **a** algo. Substitua para ter certeza da regência: Se as restrições históricas aos fatos não prevalecerem.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) A ocultação, pela indústria do asbesto (amianto), dos perigos representados por seus produtos provavelmente custou tantas vidas quanto as destruídas por todos os assassinatos ocorridos nos Estados Unidos da América durante uma década inteira; e outros produtos perigosos, como o cigarro, também provocam, a cada ano, mais mortes do que

essas. (James William Coleman, A elite do crime, 5ª ed. São Paulo: Manole, 2005, p. 1, com adaptações).

24. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/2010) No segmento "quanto as destruídas", o emprego do acento grave é facultativo, visto que o termo "quanto" rege complemento com ou sem a preposição a.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não é facultativa, porque em hipótese alguma haverá crase o sujeito. Há uma comparação e o segundo termo exerce função de sujeito do verbo implícito: a ocultação custou tantas vidas quanto as destruídas (custaram).

25. (UNB/CESPE – TRT 21ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) Em "O tempo destinado à formação", o emprego do sinal indicativo de crase em "à" deve-se à forma nominal "destinado" que rege complemento com a preposição **a** e à presença do artigo definido feminino.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta: Certo

✪ **Nota da autora:** Divida as informações, pois normalmente há *peguinha*.

1) O tempo é destinado **a** algo. A preposição é exigida pela regência do adjetivo **destinado**.
2) O substantivo **formação** é feminino e por isso pode vir acompanhado pelo artigo feminino.

Poderia, também, apenas substituir por um termo masculino pertencente à mesma classe gramática: O tempo destinado **ao** lazer.

Atenção! Julgue o item que se segue, relativo a aspectos gramaticais e semânticos do trecho.

De cada 100 reais, 25 são destinados ao pagamento de pessoal, e outros 67, ao custeio da máquina – despesas que vão do cafezinho servido nas repartições públicas à gasolina que move os veículos de autoridades.

26. (UNB/CESPE – TRT 21ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) O emprego do acento grave em "à gasolina" justifica-se pela regência de "repartições públicas" e pela presença de artigo definido feminino.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A preposição **a** é exigida pelo verbo **ir**: vão de algo **a** algo.

1.3. VUNESP

27. (Vunesp – Investigador de Polícia – SP/2013)

Depois da Constituição, o Código Penal é a mais importante peça jurídica. É ele que define os limites de fato _____ liberdade individual e estabelece quando o Estado está autorizado _____ exercer violência contra o cidadão, encarcerando-_____. (Folha de S.Paulo, 17.06.2012, adaptado)

De acordo com a norma-padrão, as lacunas do texto são preenchidas, correta e respectivamente, com:

(A) à / à / o
(B) a / a / lhe
(C) a / à / o
(D) à / à / lhe
(E) à / a / o

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta

✪ **Nota da autora:** Questão de crase e pronome.

- define os limites de fato **à** liberdade = ao poder: com crase. Eliminadas *b* e *c*.
- autorizado **a** exercer = não se usa crase antes de verbo. Eliminas *a* e *d*.
- encarcerar alguém: verbo transitivo direto = o.

28. (Vunesp – Escrivão de Polícia – SP/2013) Assinale a alternativa em que o acento indicativo de crase está empregado corretamente.

(A) A combinação de vidro e concreto armado é comum à praticamente toda a obra de Niemeyer.
(B) No ano passado, Niemeyer falou à vários estudantes de arquitetura.
(C) Em Belo Horizonte, fomos à uma igreja projetada por Niemeyer.
(D) Niemeyer sempre procurava integrar suas construções à paisagem local.
(E) Darcy Ribeiro chegou à atribuir ao arquiteto o título de "único gênio" do Brasil.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Integrar algo a algo. Substituamos por um apalavra masculina para facilitar: integrar suas construções **ao** sonho. AO = com crase.

Alternativa "a" – Não cabe artigo na construção sugerida.

Alternativa "b" – Não se usa crase antes de palavra masculina, pronome indefinido, nem em singular mais plural.

Alternativa "c" – Não se usa crase antes de artigo indefinido = a um pastor.

Alternativa "e" – Não há crase antes de verbo.

1.4. UFF

---

29. (UFF – Inspetor de Polícia – RJ/2012) O acento grave no "a" destacado em: "para que toda criança tenha acesso **A** escola de qualidade" torna-se obrigatório quando se substitui o complemento de "acesso" por:

(A) a essa escola de qualidade.

(B) a uma escola de qualidade.

(C) a escolas de qualidade.

(D) a sua primeira escola de qualidade.

(E) a escola de qualidade que almeja.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Tenha acesso **à** escola = **ao** livro.

Vamos trabalhar por substituição para facilitar:

Alternativa "a" – a esse livro. Não resultou em **ao**, não há crase.

Alternativa "b" – a um livro.

Alternativa "c" – a livros: singular + plural = sem crase.

Alternativa "d" – a seu livro. A crase antes de pronome possessivo é facultativa.

1.5. ACP

Texto para a próxima questão.

O Português em Debate

Será a língua portuguesa tão complexa _____ ponto de enredar _____ que se propõem a dominá-la? Diante do fiasco de alguns homens públicos, profissionais em oratória, as pessoas comuns têm alguma esperança de expressar-se com maior clareza e eficiência? As respostas a essas duas perguntas são, pela ordem, não e sim. Para quem está empenhado em aperfeiçoar o manejo do idioma – e não será necessário lembrar que seu domínio, na fala ou na escrita, é crucial para o desenvolvimento profissional as oportunidades e as ferramentas são cada vez mais numerosas. Livrarias, bibliotecas e dicionários estão acessíveis pela internet, e a oferta de instrumentos auxiliares vem crescendo em volume e qualidade.

Mal amparado por escolas que se evadem a qualquer menção _____ análise sintática, o brasileiro nem sempre sabe onde buscar régua e compasso para disciplinar a língua que fala. O português é uma entidade dinâmica, continuamente alterada e enriquecida por novas gírias, expressões, palavras importadas, mas essa fluidez não faz dela um território sem leis. As gramáticas devem cumprir o papel do esclarecimento do que é correto ou não na escrita, _____ exemplo da obra de Evanildo Bechara. A fala, porém, admite muitas construções que seriam aberrantes na página impressa. "Vou no médico" é a forma mais comum, em conversas informais, ainda que o correto seja "vou ao médico". O que é preciso é achar o equilíbrio, mesmo nas diferenças de registro: um adolescente não pode empregar com os avós os mesmos termos que utiliza nas baladas com sua turma.

No Brasil, a gramática da língua oral foi alvo de um estudo pioneiro em 1969, quando o linguista Nelson Rosso, da Universidade Federal da Bahia, desenvolveu o projeto Norma Urbana Culta (Nurc). O trabalho, feito em São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Salvador e Recife, resultou em 1500 horas de gravações de discursos formais, entrevistas e diálogos envolvendo profissionais graduados de diversas áreas. As transcrições servem, ainda hoje, como base de estudo para teses e artigos. Recentemente, o linguista Ataliba de Castilho, um dos coordenadores do Nurc, lançou uma obra de fôlego, baseada nesse material de análise. Sua Nova Gramática do Português Brasileiro apresenta um recurso inovador em relação aos similares tradicionais: a análise sintática é feita sobre frases presentes no cotidiano do leitor. Essa aproximação com a realidade estimula _____ observação dos recursos da língua no dia _____ dia – nas conversas, nas novelas, nos noticiários. Ou seja, seu livro é uma ferramenta excelente não apenas para aprender a língua, mas também sobre ela.

Nas últimas décadas, por força da urbanização, o fosso que separava a fala culta da "popular" tem se estreitado. Em meados do século passado, por exemplo, "a gente" não era aceito como um equivalente de "nós". Hoje, é uma forma perfeitamente apropriada. "Nós" ganhou certo ar formal. "De terno e gravata, a reunião é conosco. De bermuda e chinelo, pode falar com a gente mesmo", brinca o professor de português Sérgio Nogueira. "A gente fomos", é claro, continua sendo o que sempre foi: um solecismo.

E saudável manter distância de modismos linguísticos, que logo viram vícios, como o do chamado "gerundismo". Não é que "vou estar enviando" seja errado do ponto de vista gramatical.

Mas o transbordamento de verbos ofende _____ frase, que diria a mesma coisa com um "enviarei" ou "vou enviar".

O "gerundismo" pegou porque alguns creem que essa é uma forma sofisticada de falar. Outros, com o mesmo propósito, recorrem ao bacharelismo, confundindo afetação com riqueza vocabular. Dizer mais com menos é o ideal. E "falar difícil" é andar na contramão do bom-senso. No século XVII, o padre Antônio Vieira (que hoje, é verdade, soa rebuscado) já pregava a simplicidade: "O estilo _____ de ser muito fácil e muito natural", recomendava ele no Sermão da Sexagésima.

E aí se chega _____ uma recomendação que todo cidadão vem ouvindo desde que se sentou pela primeira vez nos bancos da escola: ler é indispensável para quem quer se expressar bem. E ler inclui de Machado de Assis e Graciliano Ramos até um blog decente na internet (mas atenção: é preciso ler de tudo – não uma coisa ou outra). Ler mostra as infinitas possibilidades de expressão da língua, enriquece o vocabulário (e o bom vocabulário é o melhor amigo da precisão), ensina o leitor a organizar seu pensamento e ainda oferece a ele algo de valor inestimável: conteúdo. Ter coisas interessantes e pertinentes _____ dizer é o primeiro passo para falar ou escrever bem. (Jerônimo Teixeira e Daniela Macedo. Texto adaptado da Revista Veja, 11 de agosto de 2010.)

30. (ACP – Escrivão de Polícia – RS/2010) As lacunas do texto estariam corretamente preenchidas com

(A) a – àqueles – à – a – à – a – à – há – a – a.

(B) a – aqueles – à – a – a – a – a – há – a – a.

(C) à – aqueles – à – à – a – à – a – há – à – a.

(D) à – àqueles – à – à – à – à – à – à – à – à.

(E) a – aqueles – a – a – a – a – a – a – a – a.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – As substituições (e algumas regras) para não errar:

- tão complexa a ponto de = não se usa crase antes de palavra masculina. Eliminadas alternativas *c* e *d*.
- enredar aqueles que = verbo transitivo direto: sem preposição, sem crase. Eliminada *a*.
- qualquer menção à análise sintática = qualquer menção **ao** problema (substantivo masculino). Eliminada *e*. Encontramos a resposta antes de avaliarmos o restante. Ganhou tempo!
- a exemplo da... = não há crase antes de palavra masculina.
- estimula a observação = estimula **o** sentido. Não resultou em **ao**, não há crase.
- dia a dia = não há crase entre palavras repetidas de pertencerem à locução adverbial. Sendo complementos verbais, haverá. Exemplo: prefere guerra à guerra = prefere guerra **ao** terror.
- ofende a frase = ofende **o** homem.
- o estilo há de ser = equivale a será: verbo *haver* é auxiliar.
- aí se chega a uma recomendação = aí se chega a um ponto.
- coisas interessantes a dizer = não há crase antes de verbo.

Trecho para a próxima questão.

O poder do palavrão – Como insultar e praguejar em português, com a ajuda de um dicionário

Qualquer dia é dia de palavrão. Ele é necessário e insubstituível, como disse o sociólogo Gilberto Freyre. Há quem reclame que as palavras de baixo calão invadiram a vida cotidiana de forma irresistível. Jamais se pronunciou tanto palavrão como nos dias de hoje, e com tanta volúpia, afirmam tanto os safados como os guardiões da língua e dos bons costumes. E, de fato, o palavrão (ou "palavrada", "palavra obscena" ou "palavra-cabeluda") se intrometeu em todos os registros de fala e todo tipo de conversação. Por que o fascínio pelo "submundo", pelos "esgotos" da linguagem? Vou tentar responder ao questionamento, recorrendo primeiramente a um livro.

Em 1974, o folclorista pernambucano Mário Souto Maior (1920-2001) concluiu o seu Dicionário do Palavrão e Termos Afins, agora republicado num caprichado volume da Editora Leitura, de Belo Horizonte. (...)

O palavrão é fascinante porque gira historicamente em torno do ato sexual. Pertence ao domínio púbico (sic). Examinado perto, o palavrão é igual a qualquer outro termo de uma determinada língua. Diria mais, é talvez o mais fiel e castiço dos vocábulos de um idioma, porque ele vem do fundo dos tempos. Não por outro motivo, um dos sinônimos para ele é o substantivo "palavra". (Luís Antônio Giron. Texto adaptado da revista Época, 13 de julho de 2010.)

31. (ACP – Inspetor de Polícia – RS/2010) Considere as afirmações abaixo sobre possibilidades de ocorrência de crase no texto.

I. Caso se substituísse o termo *questionamento* por "questão", a crase seria obrigatória.

II. Se a expressão *um livro* fosse substituída por "duas enciclopédias", haveria a crase no termo antecedente.

III. Caso se trocasse o segmento *seu dicionário* pela expressão "sua obra", em *Para chegar a seu dicionário* poder-se-ia colocar crase no *a* que a antecede.

IV. O *a* que ocorre no final do trecho não tem crase porque seu uso é proibido diante de pronome demonstrativo.

Quais estão corretas?

(A) Apenas a I e a II.

(B) Apenas a I e a III.

(C) Apenas a I e a IV.

(D) Apenas a II e a III.

(E) Apenas a II e a IV.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta

I. Vou tentar responder ao **questionamento = à questão.** A dica já está no texto: AO.

II. Não há crase antes de numeral, apenas quando indica hora e ao substituir por meio-dia, resultar em **ao.** Chegou às duas horas = ao meio-dia. Está aqui desde as duas horas = desde o meio-dia.

III. Sim. Vamos à substituição: para chegar **à sua obra.** Lembre-se: a crase antes de pronome possessivo é facultativa.

IV. Não tem crase por se tratar de uma preposição.

1.6. CESGRANRIO

32. (Cesgranrio – Técnico Previdenciário – INSS/2005) Coloque C ou I nos parênteses, conforme esteja correto ou incorreto o uso do acento indicativo da crase.

( ) Dona Maria José dirigia-se à cada criança e perguntava.

( ) O bonde elétrico já chegara àquela cidade.

( ) À custa de muito empenho, os alunos aprendiam.

A sequência correta é:

(A) C – C – I.

(B) C – I – C.

(C) I – C – I.

(D) I – C – C.

(E) I – I – C.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

i) ...dirigia-se **a** cada criança: dirigia-se **a** cada menino. Regra: não se usa crase antes de pronome indefinido.

Alternativa "c" –... chegava **àquela** cidade. Há duas opções: 1. Verificar a regência do verbo chegar (quem chega, chega **a** algum lugar: a + aquela = **àquela**); para evitar erro, sugiro a dica 2: substitua o próprio pronome demonstrativo por um substantivo masculino qualquer = chegara **ao** mar. Resultando em **ao**, significa que haverá crase **no pronome demonstrativo.**

Alternativa "c" –À custa de é uma locução prepositiva formada com palavra feminina = crase. Regra: usa-se crase em locuções prepositivas e conjuntivas que não são compostas por palavras masculinas (exemplo: saiu a pé).

1.7. ESAF

33. (ESAF – Técnico – Área Administrativa – MPU/2004) Assinale a opção correta em relação ao texto abaixo.

Manifestações públicas em defesa do poder do Ministério Público (MP) para desenvolver atividades de investigação criminal aconteceram nas principais capitais do País. A questão deve ser decidida pelo Supremo Tribunal Federal, no julgamento do Inquérito n° 1968. Argumenta-se que somente a polícia tem atribuições para praticar atos de investigação na apuração criminal e que provas obtidas pelo MP devem ser invalidadas. A Associação Nacional dos Procuradores da República (ANPR) organizou, em conjunto com outras entidades de membros do Ministério Público, um Dia Nacional de Mobilização com o objetivo de alertar a sociedade para as consequências de uma eventual restrição da atribuição investigatória do MP. O presidente da ANPR destacou que o papel investigatório do Ministério Público é fundamental no combate eficaz à criminalidade. (Adaptado de www.mpu.gov.br/noticias – 22/06/2004).

(A) Para que o período obedeça às exigências da norma escrita culta, é necessário inserir uma vírgula antes de "aconteceram".

(B) A eliminação da vírgula após "Federal" torna o texto incorreto e causa ambigüidade.

(C) Em "Argumenta-se" o "se" indica reflexividade.

(D) A conjunção "e" está sendo empregada com o valor semântico de mas.

(E) O emprego do sinal indicativo de crase em "combate eficaz à criminalidade" justifica-se pela regência de "combate".

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de crase, pontuação, pronome e período composto.

Na alternativa e: é fundamental no combate **à** criminalidade = é fundamental no combate **a** algo. O substantivo **combate** exige a preposição **a**. Em caso de dúvida, substitua: combate **ao crime**.

Alternativa "a" –É necessário inserir vírgula antes de *aconteceram* e depois de *manifestações públicas* por haver intercalação: Manifestações públicas, em defesa do poder do Ministério Público (MP) para desenvolver atividades de investigação criminal, aconteceram nas principais capitais do País. Apenas inserir antes de *aconteceram* deixa o período incorreto gramaticalmente.

Alternativa "b" –Dois erros: não torna o período incorreto porque a oração encontra-se na ordem direta e a vírgula está separando o adjunto adverbial (facultativo o uso) e não causa ambiguidade.

Alternativa "c" –O verbo argumentar é transitivo direto + se = voz passiva sintética + pronome apassivador e há sujeito (no caso, oração subordinada substantiva subjetiva). Fazendo a transposição para a passiva analítica, temos: que somente a polícia tem atribuições é argumentado. Não indica reflexividade (sujeito pratica e sofre a ação), mas sim passividade (o sujeito sofre a ação).

Alternativa "d" –*Mas* indica adversidade, oposição e a conjunção **e** está indicando adição.

2. NÍVEL SUPERIOR

2.1. FCC

---

34. (FCC TRT 4 – 2015 Técnico Judiciário) *A idealização das mulheres em seus papéis familiares é muito semelhante àquelas idealizações divulgadas no final do século XVIII e início do século XX nos grandes centros europeus.*

Mantém-se a correção no emprego do sinal indicativo de crase se o segmento grifado na frase acima for substituído por:

(A) à uma determinada idealização divulgada.

(B) à cada uma das idealizações divulgadas.

(C) à algumas idealizações divulgadas.

(D) à típica idealização divulgada.

(E) à qualquer das idealizações divulgadas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – semelhante àquelas = semelhante **aos** idealizadores.

- semelhante à típica idealização = semelhante **ao** típico organizador.

Substituições que não resultam em **ao** (preposição + artigo) + regra.

(A) semelhante **a** um determinado ideal = não há crase antes de artigo indeterminado.

(B) semelhante **a** cada um dos idealizadores = não há crase antes de pronome indefinido.

(C) semelhante **a** alguns idealizadores = não há crase antes de pronome indefinido.

(E) semelhante **a** qualquer dos idealizadores = não há crase antes de pronome indefinido.

---

35. (FCC – 2015) O termo entre parênteses preenche corretamente a lacuna da frase em:

(A) A mudança, começaram ..... senti-la apenas os descendentes dos escravos. (à)

(B) Não foi apenas com o intuito de libertar ..... escravos que se promulgou a lei Áurea. (aos)

(C) As condições iniciais dos libertos eram muito próximas ..... de escravidão. (as)

(D) ..... vésperas do século XX ainda eram debatidas questões como a escravidão. (Às)

(E) Muito embora lhes fosse conferida ..... condição de liberto, muitos continuavam subjugados. (à)

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – "às vezes" é locução adverbial formada por palavra feminina.

Substituindo por termos masculinos:

(A) Começaram **a** senti-la = não se usa crase em pronome pessoal oblíquo.

(B) libertar **os** escravos = verbo transitivo direto.

(C) as condições eram próximas **às** (condições) = os projetos eram próximos aos (projetos).

(E) **a** condição = sujeito. Não há preposição (crase) no sujeito.

---

36. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 12/2013) No trabalho em equipe, respeito _____ diretrizes é essencial, mas muitos profissionais decidem ignorar _____ regras e tomam decisões de acordo com o que acham melhor. A resistência em aceitar regras geralmente

está ligada _____ adoção de novos procedimentos e sistemas.

(Adaptado de: revistaalfa.abril.com.br)

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

(A) às – as – à

(B) as – as – à

(C) as – às – à

(D) às – às – a

(E) as – às – a

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

✪ **Nota da autora:** Vamos trabalhar por eliminação e substituição.

- respeito **às** diretrizes é essencial: 1. Pela regência: respeito **a** algo + artigo definido feminino singular = crase; 2. Por substituição: respeito **aos** diretores (substantivo masculino plural) = resultou em **aos**, há crase. Eliminadas alternativas *b, c* e *e*.
- *ignorar* é verbo transitivo direto: ignorar algo e não exige preposição = sem crase; ignorar **os** termos = sem crase porque não resultou em **ao**. Eliminada *d* e chegamos à resposta.
- está ligada **à** adoção: 1. Pede a preposição **a** + artigo definido feminino singular = crase; 2. Ligada **ao** homem = resultou em **ao**, há crase.

---

37. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 12/2013) Entre as capitais brasileiras, somente o Rio de Janeiro é palco _____ altura de Florianópolis na diversidade das belezas naturais. Com 400 mil habitantes, a cidade começa no continente e toma _____ imensa Ilha de Santa Catarina, com cerca de 60 km de extensão, o que faz com que sejam longas as distâncias de uma praia _____ outra.

(Adaptado **de: www.viagem.uol.com.br)**

Preenchem corretamente as lacunas do texto acima, na ordem dada:

(A) à – à – a

(B) à – a – a

(C) a – à – à

(D) a – a – à

(E) à – à – à

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

- palco **à** altura de Florianópolis: usa-se crase em locução adverbial composta por palavra feminina. Eliminadas *c* e *d*.
- e toma **a** imensa Ilha = toma algo – o verbo não exige preposição; e toma **o** imenso terreno: não resulta em **ao** substituindo a palavra feminina por uma masculina = não há crase. Eliminadas *a* e *e*. Mais uma vez chegamos à resposta sem precisar analisar a última substituição.
- as distâncias de uma praia **a** outra: 1. Não se usa crase antes de pronome indefinido. Precisa decorar? Nada!; 2. Substituindo: distância de um ponto **a** outro. Não resultou em ao, não há crase.

---

38. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 9/2013)

Costuma-se atribuir _____ originalidade da obra de Glauber Rocha o êxito do movimento denominado Cinema Novo, cujos filmes ajudaram _____ alavancar temporariamente _____ indústria cinematográfica nacional. Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

(A) à – à – a

(B) a – à – a

(C) a – a – à

(D) a – à – à

(E) à – a – a

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – As substituições para evitar erro.

- Coloque na ordem direta primeiro: costuma-se atribuir o êxito do movimento **à** originalidade = **ao** sucesso. Eliminadas alternativas *b, c* e *d*.
- Ajudaram **a** alavancar: não se usa crase antes de verbo. Eliminada *a*.
- Alavancar **a** indústria = alavancar **o** comércio. Não resultou em **ao**, não há crase.

---

39. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) O sinal indicativo de crase está empregado corretamente na frase:

(A) As origens da poesia amorosa italiana geram controvérsias; as opiniões diferem conforme se dá mais relevo à novidade do conteúdo ou à novidade da forma artística.

(B) No século XVI, a literatura italiana antecipou-se à todas as outras literaturas europeias, criando novos gêneros e formas de expressão.

(C) Com os mestres de Dante, começa a poesia amorosa; Dante e Petrarca à continuam e Boccaccio fornece a ela novo requinte psicológico.

(D) Com a enorme influência da literatura francesa medieval não pode ser comparada à da literatura italiana do século XVI.

(E) As famílias florentinas dos Bardi e Peruzzi, comerciantes de lã, chegaram à conceder vultosos empréstimos à outras nações.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – As substituições e a algumas regras:

- As origens da poesia amorosa italiana geram = não há preposição no sujeito, ou seja, não há crase.
- as opiniões diferem = mesma regra mencionada acima.
- conforme se dá mais relevo à novidade do conteúdo =. .. se dá mais relevo **ao** novo: com crase.
- ou à novidade da forma artística = ou **ao** novo: crase.

Perceba que houve paralelismo: conforme se dá mais relevo à novidade do conteúdo ou (se dá mais relevo) à novidade da forma artística.

Alternativa "b" – Errada. a literatura italiana antecipou-se **a** todas as outras literaturas: não se usa crase antes de pronome indefinido.

Alternativa "c" – Errada. Dante e Petrarca **a** continuam = continuam algo. O **a** é pronome pessoal oblíquo e não pode receber o acento indicativo de crase.

Alternativa "d" – Errada. Com a enorme influência da literatura francesa medieval não pode ser comparada **a** da literatura italiana = houve inversão e termos implícitos. MUITO PERIGOSO O PERÍODO! Ordem direta: A enorme influência da literatura italiana não pode ser comparada com a enorme influência da literatura francesa. Sem crase por se tratar de sujeito.

Alternativa "e" – Errada. chegaram **a** conceder vultosos empréstimos **a** outras nações = não se usa crase antes de verbo e antes de pronome indefinido.

---

40. (FCC – Promotor de Justiça – AP/2012)

A palavra "maquiavélico", _____ que se costuma atribuir uma acepção negativa, está longe de fazer justiça _____ complexidade do pensamento de Maquiavel, mesmo aquele restrito _____ seu mais famoso tratado, O príncipe.

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

(A) a / à. / à

(B) à / a. / a

(C) à / a. / à

(D) a / à. / a

(E) à / à. / à

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

- "... a que se costuma atribuir..." (atribuir = VTDI quem atribui, atribui alguma coisa a alguém ou a algo).
- "... fazer justiça à complexidade..."(fazer = VTI quem faz, faz alguma coisa a alguém ou a algo. Nesta caso há crase devido à regência do verbo e por se tratar de palavra feminina).
- "... restrito a seu mais famoso tratado..." (não há crase antes de pronome possessivo masculino)

Alternativas "a", "b", "c" e "e" – todas estão incorretas, conforme explicações dadas na alternativa "d".

---

41. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /CE/2012)

Das decisões cotidianas relacionadas _____ distrações e dietas _____ escolhas profissionais e afetivas de longo prazo, o modo como usamos o tempo influencia todos os setores da vida e acarreta algum tipo de ônus _____ ser pago futuramente.

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

(A) a – às – à

(B) à – as – à

(C) à – às – a

(D) à – as – a

(E) a – às – a

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

Apenas com *macetes* a questão é resolvida!

Relacionadas a distrações: singular + plural nunca admitirá crase. Por quê? Por haver apenas uma preposição. Se houvesse artigo, certamente teríamos plural, assim haveria o acento indicativo de crase.

Ocorre paralelismo: decisões cotidianas relacionadas a distrações e dietas às escolhas profissionais (substitua por a palavra feminina posterior ao AS por uma masculina pertencente à mesma classe gramatical, ou seja, substantivo = relacionadas AOS processos). Se ao substituir por um vocábulo masculino resultar

na combinação AO – preposição A + artigo O –, indica que há crase.

No último caso, há verbo posposto ao A. Não pode haver crase antes de verbo.

42. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 2ª região/ 2012 – FCC)

Não deixa de ser paradoxal o fato de o crescimento da descrença, que parecia levar _____ uma ampliação da liberdade, ter dado lugar _____ escalada do fundamentalismo religioso, _____ que se associam manifestações profundamente reacionárias.

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

(A) a – à – a

(B) à – a – a

(C) a – a – à

(D) à – à – a

(E) a – à – à

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

- levar **a** uma ampliação = levar a um ponto: sem crase. Eliminadas alternativas *b* e *d*.
- ter dado lugar **à** escalada = ter dado lugar **ao** escalão: com crase. Eliminada *c*.
- fundamentalismo religioso **a** que se associam manifestações = a que: sem crase porque o pronome relativo retoma termo masculino. Eliminada alternativa *e*.

43. (Analista Judiciário – Área Judiciária TRE/ RN 2011 – FCC)

O valor que atribuímos _____ coisas é resultado, não raro, de uma história pessoal e intransferível, de uma relação construída em meio a acidentes e percalços fundamentais. Assim, nosso apreço por elas não corresponde absolutamente _____ valorização que alcançariam no mercado, esse deus todo-poderoso, que, no entanto, resta impotente quando ao valor econômico se superpõe _____ afeição.

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada,

(A) às – à – a

(B) as – à – a

(C) as – a – à

(D) às – a – a

(E) às – à – à

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Atribuímos **às** coisas = **aos** sons. Eliminadas alternativas *b* e *c*.

- Não correspondem **à** valorização = **ao** intuito. Eliminada *d*.
- **A** afeição possui função de sujeito: afeição é superposta. Eliminada *e*.

▶ **Dica** – Não há crase em sujeito.

44. (FCC – TRT 23 – Analista Judiciário/2011)

"Como historiador quis elaborar formas de apreensão do mutável, do transitório e de processos ainda incipientes no vir a ser da sociedade brasileira". A frase acima está corretamente reescrita, preservando-se em linhas gerais o sentido original, em:

(A) Às formas de apreensão do mutável, do transitório e de processos ainda incipientes no vir a ser da sociedade brasileira voltou-se o historiador Sérgio Buarque, com o intento de elaborá-las.

(B) Sérgio Buarque, como historiador, dedicou-se à elaborar formas de apreensão do mutável, do transitório e dos processos ainda incipientes no vir a ser da sociedade brasileira.

(C) As formas de apreensão do mutável, do transitório e de processos ainda incipientes no vir a ser da sociedade brasileira o historiador Sérgio Buarque pretendeu dar elaboração.

(D) Em seu trabalho como historiador, Sérgio Buarque tinha como meta chegar à certas formas de apreensão do mutável, do transitório e de processos ainda incipientes no vir a ser da sociedade brasileira.

(E) O historiador Sérgio Buarque dedicou-se a elaboração de formas de apreensão do mutável, do transitório e de processos ainda incipientes no vir a ser da sociedade brasileira.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – O historiador voltou-se **às** formas de apreensão. Substituindo por um substantivo masculino plural qualquer, resulta em: o historiador voltou-se **aos projetos**. Resultou em **ao = crase.**

Alternativa "b" – Errada. a elaborar = não se usa crase antes de verbo.

Alternativa "c" – Errada. às formas = explicação acima.

Alternativa "d" – Errada. a certas formas. Se a palavra posposta é adjetivo, substituamos por um adjetivo masculino (embora o fato de ser uma palavra singular seguida de uma palavra plural já eliminar a crase). Chegar **a certos momentos = sem crase.**

Alternativa "e" – Errada. dedicou-se **à** elaboração. Substituindo: dedicou-se **ao plano = crase.**

---

45. (FCC – TRT 24 – Analista Judiciário/2011) Justifica-se plenamente o emprego de **ambos** os sinais de crase em:

(A) Ela pode voltar à qualquer momento, fiquemos atentos à sua chegada.

(B) Dispôs-se à devolver o livro, à condição de o liberarem da multa por atraso.

(C) Postei-me à entrada do cinema, mas ela faltou também à esse compromisso.

(D) Àquela altura da velhice já não assistia à filmes trágicos, apenas aos de humor.

(E) Não confie à priminha os documentos que obtive à revelia do nosso advogado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Não confie **ao moço = à** priminha; **à revelia** = locução adverbial.

Alternativa "a" – Errada. a qualquer = além de não se usar crase antes de pronome indefinido, a palavra posterior é masculina; **à sua chegada** = crase antes de pronome possessivo é facultativa, portanto pode ser considerada correta.

Alternativa "b" – Errada. a devolver = não se usa crase antes de verbo; **à condição** = locução.

Alternativa "c" – Errada. à entrada = locução adverbial de lugar; **a esse** compromisso = não há crase antes de palavra masculina.

Alternativa "d" – Errada. Àquela altura = locução adverbial; **a filmes** = não há crase antes de palavra masculina.

---

46. (FCC – TRT 12 – Analista Judiciário/2010) Observam-se plenamente as regras que regulamentam o emprego do sinal de crase em:

(A) Se uma forma de reação ao humor é rir à socapa, outra forma, contrária àquela, é rir às escâncaras.

(B) O humor não pede licença à ninguém para se fazer presente, nem recorre à normas de boa conduta para se justificar.

(C) Assiste à toda gente o direito de não se rir de uma piada, mas não cabe à nenhuma pessoa impedir que alguém a conte.

(D) O humorista requisitou àquela senhora para contracenar com ele, mas, afeita à defender o "politicamente correto", ela se recusou.

(E) É à partir das reações de alguém à ação do humor que podemos chegar à alguma conclusão sobre o seu caráter pessoal.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a" – Correta.

✪ **Nota da autora:** Trabalhar por substituição e relembrar as regras fundamentais:

- à socapa = locução adverbial de modo
- contrária àquela = contrária **ao** riso: **àquela**
- às escâncaras = locução adverbial de modo

Alternativa "b" – Errada. a ninguém = não há crase antes de pronome indefinido; recorre **a** normas = não há crase em a (singular) + vocábulo no plural.

Alternativa "c" – Errada. Assiste **a** toda = não há crase antes de pronome indefinido; não cabe **a** nenhuma pessoa = não há crase antes de pronome indefinido.

Alternativa "d" – Errada. requisitou àquela senhora = **ao** senhor (certo); **a** defender = não há crase antes de verbo.

Alternativa "e" – Errada. a partir = não há crase antes de verbo; chegar **a** alguma conclusão = não há crase antes de pronome indefinido.

---

47. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT – 8ª Região/2010) Considere as frases abaixo.

I. _____ quem não o podia pegar o grito foi lançado.

II. Aludiam _____ uma imensa tela dourada os fios de sol que se cruzavam.

III. O resultado de seu trabalho foi comparado _____ luz da manhã.

Preenchem corretamente as lacunas, respectivamente:

(A) a – à – à

(B) à – a – à

(C) a – a – à

(D) a – a – a

(E) à – à – a

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Antes dos pronomes quem e cujo(a) NUNCA haverá crase. Eliminam-se as alternativas b e e.

Fazendo a substituição do termo feminino por um masculino, não ocorre a combinação AO. Veja: aludiam a um imenso telão. Caso queira relembrar a regra: não

se usa o acento indicativo de crase antes de artigo indefinido. Elimina-se a alternativa a. No item III, voltemos à substituição: foi comparado AO dia.

O grande problema em trabalhar com a regência em questão de crase (são sinônimos), é errar a regência e consequentemente errar a crase. Opte pela substituição para não haver possibilidade de erro.

---

48. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3ª região/ 2007 – FCC) É preciso **suprimir** um ou mais sinais de crase em:

(A) À falta de coisa melhor para fazer, muita gente assiste à televisão sem sequer atentar para o que está vendo.

(B) Cabe à juventude de hoje dedicar-se à substituição dos apelos do mercado por impulsos que, em sua verdade natural, façam jus à capacidade humana de sonhar.

(C) Os sonhos não se adquirem à vista: custa tempo para se elaborar dentro de nós a matéria de que são feitos, às vezes à revelia de nós mesmos.

(D) Compreenda-se quem aspira à estabilidade de um emprego, mas prestem-se todas as homenagens àquele que cultiva seus sonhos.

(E) Quem acha que agracia à juventude de hoje com elogios ao seu pragmatismo não está à salvo de ser o responsável pela frustração de toda uma geração.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – O verbo agraciar é transitivo direto e não admite preposição. Facilitemos com as substituições: Quem acha que agracia **o jovem** = a juventude; **a** salvo: não se usa crase antes de palavra masculina.

Alternativa "a" –**Ao** momento de coisa melhor...; assiste **ao** filme.

Alternativa "b" –Cabe **ao** jovem; dedicar-se **ao** estudo; façam jus **ao** texto.

Alternativa "c" –**à vista, às vezes e à revelia** são locuções adverbiais.

Alternativa "d" –Aspira **ao** emprego; prestem-se todas as homenagens **ao** leitor.

Lembre-se: a substituição deve ocorrer por classe gramatical idêntica à posterior ao possível indicador de crase, não pelo masculino da palavra. Exceção no pronome demonstrativo, pois se pensar pela regência, pode errar. Substitua por um substantivo masculino e garanta sua vaga. Fica a dica.

---

49. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 4ª região/ 2006 – FCC) Quanto à observância da necessidade do sinal de crase, a frase inteiramente correta é:

(A) Voltam-me à memória os romances a que me dediquei como jovem leitor, bem como os filmes a que assisti com tanto prazer.

(B) Se à princípio os jovens demonstram pouco interesse pelas ficções, o contínuo estímulo a elas pode reverter esse quadro.

(C) Quem se entrega à boa leitura pode avaliar sua inestimável contribuição à uma vida interior mais rica e mais profunda.

(D) Ao se referir à ficção de "O Caçador de Pipas", o autor tomou-a como exemplo essencial a argumentação que desenvolvia.

(E) Os que se dedicam à cultivar a boa literatura sabem o quanto é difícil dotar as palavras de um sentido verdadeiramente essencial.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Voltam-me **ao** cérebro = à memória.

Alternativa "b" –a princípio = não se usa crase antes de palavra masculina.

Alternativa "c" –a uma vida = não se usa crase antes de artigo indefinido. Substitua: a um trajeto.

Alternativa "d" –exemplo essencial à argumentação = ao texto.

Alternativa "e" –a cultivar = não se usa crase antes de verbo.

2.2. CESPE

Trecho para o item.

Os primeiros anos que se seguiram à Proclamação da República foram de grandes incertezas quanto aos trilhos que a nova forma de governo deveria seguir. Em uma rápida olhada, identificam-se dois grupos que defendiam diferentes formas de se exercer o poder da República: os civis e os militares. (...)

Ane Ferrari Ramos Cajado, Thiago Dornelles e Amanda Camylla Pereira.

Eleições no Brasil: uma história de 500 anos. Brasília: Tribunal Superior

Eleitoral, 2014, p. 27-8. Internet: <www.tse.jus.br>(com adaptações).

50. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-GO/2015) O trecho "que se seguiram à Proclamação" poderia ser reescrito, sem alteração da ideia original nem prejuízo gramatical, da seguinte forma: que seguiram a Proclamação.

COMENTÁRIOS

Certo – Os primeiros anos que foram seguidos à Proclamação (substantivo feminino) = foram seguidos **ao** poder (substantivo masculino). A crase é obrigatória por ter resultado em **ao** (preposição a + artigo o). Os anos que seguiram a Proclamação = os anos que seguiram **o** poder. Substituindo a palavra feminina por uma masculina de classe gramatical idêntica e resultando em **ao**, haverá crase; resultando em **o**, não haverá crase.

▸ **Dica complementar** (quanto a não alteração da ideia): O verbo *seguir* no sentido de "vir na sequência, vir depois, continuar, prosseguir, suceder" pode ser intransitivo (usado sem pronome) ou pronominal: "as informações que seguem" ou "as informações que se seguem". É também intransitivo com o significado de "estar próximo".

51. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-GO/2015) No trecho "Em meio a esse cenário", a inserção de sinal indicativo de crase no "a" acarretaria prejuízo à correção gramatical do texto.

COMENTÁRIOS

Certo – Não se usa crase antes de palavra masculina.

Cuidado: a crase aparece antes de palavra masculina quando uma palavra feminina está subentendida na construção da frase, como em "fez um gol à David Luiz", que é "gol à moda de David Luiz", e "vou à João Mendes", que é "vou à praça João Mendes".

Trecho para o item.

O uso indevido de drogas constitui, na atualidade, séria e persistente ameaça à humanidade e à estabilidade das estruturas e valores políticos, econômicos, sociais e culturais de todos os Estados e sociedades. (...)

(Internet: www.direitosh.umanos.usp.br)

52. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) O acento indicativo de crase em "à humanidade e à estabilidade" é de uso facultativo, razão por que sua supressão não prejudicaria a correção gramatical do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Pela regência: ameaça **a** algo = a preposição foi exigida pelo substantivo (regência nominal) + substantivo feminino que pode admitir artigo (a) = à. Nesse caso, a crase é obrigatória.

Outra forma seria abusar do paralelismo e usar apenas a preposição ligando os dois termos: ameaça **a** → humanidade e → estabilidade.

Trecho para o próximo item.

(...) Até o dia seguinte eu me transformei na própria esperança de alegria: eu não vivia, nadava devagar em um mar suave, as ondas me levavam e me traziam. No dia seguinte, fui à sua casa, literalmente correndo. Não me mandou entrar. (...)

Clarice Lispector. Felicidade clandestina. In: Felicidade clandestina: contos. Rio de Janeiro: Rocco, 1998

(com adaptações).

53. (CESPE – Analista Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) O acento indicativo de crase em "à sua casa" é obrigatório, uma vez que o vocábulo "casa" está especificado pelo pronome "sua" e o verbo ir — "fui" — exige a preposição a.

COMENTÁRIOS

Errado – O que CESPE fez agora? Simplesmente juntou duas regras para tentar achacar o candidato. Você pensou: a regra de crase antes das palavras *terra* e *casa* é ímpar. Sim, vamos relembrar: só se usa o acento indicativo de crase se especificadas. Até aí, tudo bem. Mas isso foi pedido? Não. Esqueça a palavra *casa* e se atente ao pronome possessivo *sua*. A regra é: **crase facultativa** antes de pronome possessivo feminino, por isso está errado o item, não é obrigatório.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) Quando o escravo vai à labuta, o outro voa às alturas, enojado. À noite, nesse momento calmo em que o isolamento e o silêncio nos integram, os dois irmãos se encontram e confabulam ou filosofam. (José Bento Monteiro Lobato. Literatura do minarete. São Paulo: Globo, 2008, p. 265, com adaptações).

54. (CESPE – Analista do MPU/2013) O emprego do sinal indicativo de crase é facultativo em "à labuta" e "às alturas"; por isso, sua omissão não traria prejuízo para correção gramatical do período.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Vamos substituir as palavras femininas por masculinas pertencentes à mesma classe gramatical?

- Quando o escravo vai à labuta = vai **ao** labor: com crase porque na forma masculina há preposição **a** + artigo **o**. Resultou em AO, crase!
- o outro voa às alturas = voa **aos** ares: com crase.

Poderia, também, simplesmente pensar que as expressões são adverbiais compostas por palavras femininas. A omissão traria prejuízo.

Trecho para o item.

(...) Reprimimos em nós desejos e fantasias que nos parecem ameaçar o convívio social. Logo, frustrados, zelamos pela prisão daqueles que não se impõem as mesmas renúncias. Mas a coisa muda quando a pena é radical, pois há o risco de que a morte do culpado sirva para nos dar a ilusão de liquidar, com ela, o que há de pior em nós. Nesse caso, a execução do condenado é usada para limpar nossa alma. (...)

Contardo Calligaris. Terra de ninguém – 101 crônicas. São Paulo: Publifolha, 2004, p. 94-6 (com adaptações).

55. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2012) Considerando-se a dupla regência do verbo *impor* e a presença do pronome "mesmas", seria facultado o emprego do acento indicativo de crase na palavra "as" da expressão "as mesmas renúncias".

COMENTÁRIOS

Errado – O emprego da crase é obrigatório e não facultativo. Substituindo: daqueles que não se impõem **às mesmas regras** = **aos mesmos projetos.** Substituindo pela mesma classe gramatical e resultando em **ao** (preposição a + artigo o), há crase.

Atenção! Julgue o item subsequente, acerca do trecho.

A cada cinco pessoas aptas a votar nas eleições de 2010, uma era analfabeta ou nunca havia frequentado uma escola.

56. (UNB/CESPE – Poder Judiciário – TRE / ES/2012) Em "aptas a votar", a substituição do verbo "votar" pelo substantivo votação tornaria obrigatório, para a manutenção do sentido do texto, o emprego do acento grave: aptas à votação.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Substituindo o verbo *votar* pelo substantivo *votação*, o acento grave é obrigatório, pois as pessoas estão aptas a algo (preposição) + o artigo feminino a. E se errar a regência? Erra a questão! Trabalhe com a dica da substituição por uma palavra masculina da mesma classe gramática: pessoas aptas ao voto. Percebe como facilita e se gasta menos tempo?

Atenção! Julgue o item subsequente, acerca dos sentidos e da organização das ideias do trecho.

(...) O povo a que remete a ideia de soberania popular constitui uma unidade, e não, a soma de indivíduos. Jurídica e constitucionalmente, a representação "representa" o povo (e não, todos os indivíduos). Além disso, não há propriamente mandato, pois a função do representante se dá nos limites constitucionais e não se determina por instruções ou cláusulas estabelecidas entre ele (ou o conjunto de representantes) e o eleitorado. As condições para o exercício do mandato e, no limite, seu conteúdo estão predeterminados na Constituição e apenas nela. Estritamente, nem sequer é possível falar em representação, pois não há uma vontade pré-formada. Há a construção de uma vontade, limitada apenas aos contornos constitucionais. (Eneida Desiree Salgado. Princípios constitucionais estruturantes do direito eleitoral. Tese de doutoramento. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2010. Internet: <http://dspace.c3sl.ufpr.br>, com adaptações).

57. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE – RJ/2012) A correção gramatical do texto seria mantida caso a expressão "aos contornos constitucionais" fosse substituída por **à legislação constitucional.**

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Limitada **a algo**: limitada **à** legislação. Substitua o substantivo feminino por um masculino qualquer: limitado **ao** juiz. Resultou em ao = crase. Já havia a dica no texto: aos contornos.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

( ) Quando são presos, os criminosos respondem geralmente por estelionato, cuja pena máxima é de cinco anos de cadeia. Se fossem condenados por assalto a banco, eles poderiam ser punidos com até quinze anos de prisão. Por causa dessas vantagens, há de 100 a 150 quadrilhas virtuais em atividade no país. Para reverter esse quadro, a Federação Brasileira de Bancos tenta convencer o Congresso Nacional a criar uma legislação específica para punir os delitos eletrônicos, semelhante àquela adotada há nove anos pela União Europeia. (André Vargas. Assalto.com.br, In: Veja, 24/11/2010, com adaptações).

58. (CESPE – Delegado de Polícia – ES/ 2011) O uso do acento grave no pronome "àquela" é obrigatório.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Em questões de crase, trabalharemos por substituições. Mesmo se tratando da crase no pronome demonstrativo, para evitar erro.

Criar uma legislação semelhante **àquela** = semelhante **ao texto**. Resultou em ao = crase.

Exemplo: Apesar de comumente confundidas, a admiração e a inveja não pertencem _____ mesma categoria de afetos, pois a última causa prejuízo _____ autoestima e leva, constantemente, _____ sensações de insatisfação e angústia.

- a admiração e a inveja não pertencem **à** mesma categoria = **ao mesmo conceito** (substitua por qualquer substantivo masculino, resultou em AO = crase). Eliminadas alternativas b e c.
- causa prejuízo **à** autoestima = **ao ego.**
- leva, constantemente, **a** sensações = **não** se usa o acento indicativo de crase quando houver **singular + plural**.

Por quê? Porque se trata apenas de uma preposição anteposta ao substantivo e não de artigo.

59. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) A ausência de sinal indicativo de crase no segmento "a classes" indica que foi empregada apenas a preposição a, exigida pelo verbo **dar**, sem haver emprego do artigo feminino.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Sempre que houver a formação a (singular) + substantivo plural, significa que teremos preposição + substantivo. Se houvesse artigo acompanhando o substantivo, obviamente, estaria também no plural. Dão quitação **a** algo = preposição exigida pelo substantivo quitação.

▶ **Dica** – Primeiro, faça a substituição para saber se há preposição + artigo

- Singular + singular = crase. Quitação à classe: **ao** pagamento.
- Plural + plural = crase. Quitação às classes: **aos** pagamentos.
- Singular + plural = sem crase. Quitação a classes: a pagamentos.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) A capacidade refere-se às combinações alternativas de funcionamentos a partir das quais uma pessoa pode escolher. Assim, a noção de capacidade é essencialmente um regime de liberdade – o leque de opções que uma pessoa tem para decidir que tipo de vida levar. (...) (Amartya Sem. Desenvolvimento com opulência, ou com liberdade efetiva. In: Planeta, maio/2010, p. 75, com adaptações).

60. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) O acento grave em "às combinações" indica aí a presença do artigo feminino antes do substantivo; mas seria igualmente correto omitir o artigo, ao retirar o acento grave e escrever as combinações.

COMENTÁRIOS

Errado.

✪ **Nota da autora:** Eis um clássico exemplo de *peguinha* de CESPE. Se o termo posposto ao as for plural e o verbo anterior pedir a preposição a, haverá crase. Basta substituir por uma palavra masculina pertencente à mesma classe gramatical (substantivo, no caso) = refere-se às combinações: refere-se aos encontros. Resultando em ao, haverá crase. Por quê? Porque ocorre a combinação de preposição + artigo.

Se estivessem no singular, haveria crase também = refere-se à combinação: refere-se ao encontro.

A informação do item acima está incorreta, pois de o artigo definido for retirado (antes do substantivo plural), obrigatoriamente teremos apenas uma preposição

e esta não admite plural, ou seja, teríamos a seguinte construção: refere-se a combinações.

▶ **Dica** (desde que se faça a substituição):

- Singular + plural = sem crase: refere-se a combinações = refere-se a encontros.
- Singular + singular = com crase: refere-se à combinação = refere-se ao encontro.
- Plural + plural = com crase: refere-se às combinações = refere-se aos encontros.

Atenção! Julgue o item subsequente, acerca dos sentidos e da organização das ideias do trecho.

(...)

O que verdadeiramente interessa no caso é que, no processo, a indignação de Ramos, apesar de ele ter sido considerado um homem violento, pareceu compreensível aos depoentes. Ainda que ele não tivesse justificado seu ato extremo, nenhuma das testemunhas negou-lhe razão por ter raiva de Isabel, que, afinal, o recebera em casa. É rara, na documentação, referência tão explícita à convivência interétnica no nível privado bem como às normas de comportamento e tensões que implicava, consubstanciadas no sentido pejorativo que a qualificação negro, dada por Isabel ao seu convidado, tinha para os que conviviam com eles, ou seja, não foi o convite de Lisboa e Isabel para que Ramos jantasse em sua casa – um homem livre, ao que tudo indica, descendente de africanos – que causou estranheza às testemunhas, mas o fato de que, nessa situação, a anfitriã o tivesse chamado de negro, desqualificando-o, desse modo, como hóspede à mesa do casal. (...)

Hebe M. Mattos de Castro. Laços de família e direitos no final da escravidão. In: História da vida privada no Brasil: Império. Coordenador-geral Fernando A. Novais; organizador do volume Luiz Felipe de Alencastro. vol. 2. (São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 341-3, com adaptações).

---

61. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária TRE – BA 2010) No trecho "bem como às normas de comportamento e tensões", o emprego do acento indicativo de crase justifica-se pela regência da forma verbal "implicava" e pela presença do artigo definido.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Note o paralelismo:

Referência tão explícita / à convivência / às normas de comportamento.

O acento indicativo de crase justifica-se pela regência do adjetivo explícita.

Trecho para o item.

A visão do sujeito indivíduo — indivisível — pressupõe um caráter singular, único, racional e pensante em cada um de nós. Mas não há como pensar que existimos previamente a nossas relações sociais: nós nos fazemos em teias e tensões relacionais que conformarão nossas capacidades, de acordo com a sociedade em que vivemos. (...)

Flávia Schilling. Perspectivas sociológicas. Educação & psicologia. In: Revista Educação, vol. 1, p. 47 (com adaptações).

---

62. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2009) A inserção do sinal indicativo de crase em "existimos previamente a nossas relações sociais" preservaria a correção gramatical e a coerência do texto, tornando determinado o termo "relações".

COMENTÁRIOS

Errado – Não se usa o acento indicativo de crase com palavra singular + plural por se tratar apenas de uma preposição e não de preposição e artigo.

▶ Dica: se fosse singular + singular, ou plural + plural = crase.

- existimos previamente a nossa relação social = ao nosso estrito relacionamento;

- existimos previamente às nossas relações sociais = aos nossos estritos relacionamentos.

Justificativa de anulação e de manutenção de gabarito (com base no modelo de prova disponível no sítio do CESPE/UnB): A inserção do sinal indicativo de crase em "existimos previamente a nossas relações sociais" preservaria a correção gramatical e a coerência do texto apenas se estivesse marcada a coocorrência da preposição e do artigo: o sinal indicativo de crase indica essa coocorrência da preposição a e do artigo definido. Como o termo regido está no plural, para a correta concordância, o artigo deveria estar no plural. Portanto, sem a presença do S não existe artigo. E sem o artigo, não há crase.

Atenção! O texto refere-se à questão seguinte.

Acredito que, no século XXI, o sucesso de qualquer sociedade dependerá de quatro características: sua geografia e sua base de recursos; sua capacidade de administrar mudanças complexas; seu compromisso com os direitos humanos; e seu comprometimento

com a ciência e a tecnologia. O Brasil pode vir a exceder em todos esses aspectos. No passado, o calcanhar de aquiles do Brasil se situou naquela terceira esfera, a dos direitos humanos. Como os Estados Unidos da América (EUA) e, na verdade, a maior parte das Américas, o Brasil foi forjado em um cadinho de conquista colonial e escravidão brutal. Esse nascimento violento deixou um legado de enormes divisões étnicas entre as elites de ascendência europeia, as comunidades indígenas e as populações de origem africana, descendentes de escravos. Da mesma forma que os EUA, o Brasil ainda não superou essa genealogia cruel. As desigualdades associadas a raça e etnia configuram um abismo – e, claro, propiciaram a geração de conflitos, a inclinação para o populismo e a instalação ocasional de regimes autoritários. (Jeffrey Sachs. In: Veja 40 Anos, set./2008, com adaptações).

63. (CESPE – Delegado de Polícia – PB/ 2008) Preservam-se a coerência do texto e o atendimento às regras gramaticais da língua portuguesa ao se inserir sinal indicativo de crase em

(A) "a ciência e a tecnologia": à ciência e à tecnologia.

(B) "a dos direitos": à dos direitos.

(C) "as comunidades indígenas e as populações de origem africana": às comunidades e às populações de origem africana.

(D) "As desigualdades": Às desigualdades.

(E) "a raça": à raça.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Associadas **à raça** = **ao** homem.

Alternativa "a" –*seu comprometimento com* a ciência e a tecnologia = com **o** estudo e **o** valor. Substituindo não resulta em AO, logo não há crase.

Alternativa "b" –A esfera dos direitos = **o** momento dos direitos. É aposto explicativo = sem crase, pois a preposição não foi pedida.

Alternativa "c" –Mais uma vez, trata-se de aposto explicativo e não admite crase.

Alternativa "d" –**Nunca** haverá crase no sujeito, pois não pode haver preposição.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

Falara com voz sincera, exaltando a beleza da paisagem e revelando que, se dependesse só dele, passaria o resto da vida ali, morreria na varanda, abraçado à visão do rio e da floresta. Era isso o que mais queria, se Alícia estivesse ao seu lado.

Agora, ao vê-lo assim, suado e nervoso, mudando de lugar o tempo todo e murmurando palavras que me escapavam, temia que me abordasse para conversar sobre o filho. ( ) (Milton Hatoum. Cinzas do Norte. São Paulo: Companhia da Letras, 2005, p. 86-7).

64. (CESPE – Delegado de Polícia – AC/ 2008) O emprego da crase antes do substantivo "visão" é optativo, visto que o termo "abraçado" pode ser seguido por complemento direto ou indireto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Abraçado à visão = o advérbio modal abraçado pede complemento indireto: abraçado a quem ou a que, portanto, ocorre a composição do artigo A + preposição A: à visão, não sendo, nesse caso, optativo o uso da crase antes do substantivo visão.

Diquinha: Abraçado **ao** olho.

Atenção! Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.

(...) A ação ética só é virtuosa se for livre e só o será se for autônoma, isto é, se resultar de uma decisão interior do próprio agente e não de uma pressão externa. Evidentemente, isso leva a perceber que há um conflito entre a autonomia da vontade do agente ético (a decisão emana apenas do interior do sujeito) e a heteronomia dos valores morais de sua sociedade (os valores são dados externos ao sujeito). (...) (Marilena Chaui. Uma ideologia perversa. In: Folhaonline, 14/3/1999, com adaptações).

65. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STF/2008) É pela acepção do verbo levar, em "leva a perceber", que se justifica o emprego da preposição "a" nesse trecho, de tal modo que, se for empregado o substantivo correspondente a "perceber", percepção, a preposição continuará presente e será correto o emprego da crase: à percepção.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Correto e gramaticalmente necessário o emprego da crase antes do substantivo percepção. Substitua por um substantivo masculino: leva **ao entendimento = leva à percepção.**

Atenção! Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.

(...) Como nada ainda deu certo no planeta, a internacionalização só será aceitável quando se cumprirem duas premissas. Primeira: que desapareçam os Estados nacionais. (...) (Roberto Pompeu de Toledo. Amazônia: premissas para sua entrega. In: Veja, 28/5/2008, com adaptações).

66. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2008) Mantêm-se a coerência de ideias e a correção gramatical do texto ao se empregar o sinal indicativo de crase no "a", em "a internacionalização", situação em que esse termo seria empregado como objeto direto preposicionado.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A internacionalização possui função de sujeito e não há crase no sujeito.

67. (CESPE – Analista do Seguro Social – INSS/2008) No trecho "o tempo livre tende em direção contrária à de seu próprio conceito", o acento grave indica crase da preposição a, exigida pela regência de "contrária", com o pronome demonstrativo a.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Cuidado! Há palavra elíptica (oculta): *o tempo livre tende em direção contrária à* (direção = àquela) *de seu próprio conceito.* Substituindo o substantivo feminino direção por um masculino qualquer, teremos: *o tempo livre tende em* sentido *contrário* ***ao*** *(sentido) de seu próprio conceito.*

Trecho para a próxima questão.

(...) Na sociedade capitalista, a produtividade do trabalho aumentou simultaneamente a tão forte rotinização, apequenamento e embrutecimento do processo de trabalho (...) (Emir Sader. Trabalhemos menos, trabalhemos todos. In: Correio Braziliense, 18/11/2007, com adaptações).

68. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2008) A ausência do sinal indicativo de crase em "a tão forte" indica que nesse trecho não foi empregado artigo, mas apenas preposição.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Nem cabe artigo na expressão.

Atenção! A respeito da organização do trecho abaixo, julgue a questão.

Não temos dado muita atenção a uma de nossas mais importantes riquezas nacionais. [...] (Antônio Silveira R. dos Santos. Patrimônio linguístico: importância e proteção. In: Correio Braziliense, Direito e Justiça, 5/7/2004, p. 3, com adaptações).

69. (CESPE – Defensor Público – DPU/ 2004) É gramaticalmente opcional o emprego do sinal indicativo de crase em "a", mas seu uso tornaria o sentido de "atenção" menos genérico e mais especificamente direcionado para "riquezas nacionais".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – a utilização da crase, neste caso, seria gramaticalmente incorreta, e não opcional, uma vez que seu uso não ocorre antes de numerais cardinais (uma, duas, três, etc.).

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) Estudos a respeito de riqueza e pobreza ora dão quitação a classes pela forma quantitativa da ordem do ganho econômico, ora pelo grau de consumo na sociedade capitalista, ora pela forma de apresentação em vestuário, ora pela violência de quem não tem mais nada a perder e assim por diante. (...) (Dina Maria Martins Ferreira. Não pense, veja. São Paulo: Fapesp&Annablume, p. 62, com adaptações).

70. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) A ausência de sinal indicativo de crase no segmento "a classes" indica que foi empregada apenas a preposição a, exigida pelo verbo **dar**, sem haver emprego do artigo feminino.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Sempre que houver a formação a (singular) + substantivo plural, significa que teremos preposição + substantivo. Se houvesse artigo acompanhando o substantivo, obviamente, estaria também no plural.

Dão quitação **a** algo = preposição exigida pelo substantivo quitação.

▶ **Dica** – Primeiro, faça a substituição para saber se há preposição + artigo

Singular + singular = crase. Quitação à classe: **ao** pagamento.

Plural + plural = crase. Quitação às classes: **aos** pagamentos.

Singular + plural = sem crase. Quitação a classes: a pagamentos.

2.3. MPE

Com relação aos aspectos linguísticos do texto abaixo, analise as próximas questões.

... tratamento acústico à prova de fogo, extintores, portas corta-fogo etc. [...] laudos de engenheiros para provar que cumpriu as normas de segurança. (Revista Superinteressante, março/2013, Edição 316, p. 24.

71. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) O uso do acento da crase em "à prova de fogo" justifica-se por ser uma locução prepositiva com núcleo no feminino.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – usa-se crase em locuções adverbiais, prepositivas e conjuntivas de que participam palavras femininas.

72. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) Na oração *"cumpriu as normas de segurança"* o emprego do acento grave da crase é facultativo, uma vez que o verbo antecedente exige um complemento com/ou sem preposição.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – o verbo cumprir é VTD e exige um complemento sem preposição (quem cumpre, cumpre algo). Portanto, neste caso, a crase não é opcional, mas sim incorreta.

73. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) Em relação ao período "Meu conhecimento se equipara à minha idade, logo, seria um desperdício deixar de compartilhá-lo por estar aposentado", o sinal gráfico de crase em "à minha idade" é obrigatório por estar enfatizando a idade ao conhecimento.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – o uso da crase é facultativo diante de pronome possessivo feminino porque é facultativo o uso do artigo. Exemplos:

▶ **Dica – A minha idade ou minha idade** – Sendo seu uso facultativo, teremos duas opções, ambas corretas. Veja:

"Meu conhecimento se equipara à minha idade..."

"Meu conhecimento se equipara a minha idade..."

Atenção! Com relação aos aspectos linguísticos do texto abaixo, analise a questão.

Quando a experiência é positiva, a propaganda boca a boca ajuda a vender cada vez mais o produto ou serviço (Extraído da Revista Visão Jurídica, número 82, p. 21).

74. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) Em relação à expressão 'boca a boca', extraída do período anterior, embora constituída de palavras femininas, o sinal gráfico da crase é opcional de acordo com as normas da língua escrita padrão.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – não se usa crase em locuções com termos repetidos.

75. (MPE – MS – Promotor de Justiça – MS/2013) Qual frase emprega corretamente a crase:

(A) Dirigiu-se à Marechal Floriano.

(B) Vende-se à prazo.

(C) Refiro-me à esta carta.

(D) Enviei dois ofícios à Vossa Senhoria.

(E) Assim que saiu do escritório, dirigiu-se à casa.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – há crase quando estiverem subentendidas as expressões "rua", "loja", "estação de rádio", etc.

Dirigiu-se à Marechal Floriano. (= Dirigiu-se à Rua Marechal Floriano)

Aparecido telefonou à Diário. (= Aparecido telefonou à rádio Diário)

Fomos à C&A. (= Fomos à loja C&A)

Alternativa "b" – não se usa crase antes de palavra masculina.

Alternativa "c" – não há crase antes do pronome demonstrativo "esta".

Alternativa "d" – não se usa crase diante da maioria dos pronomes e das expressões de tratamento, com exceção das formas: senhora, senhorita e dona.

Alternativa "e" – nesta construção, o uso da crase está incorreto. Há duas particularidades diante da palavra "casa". Veja:

Voltamos a casa. (não específica = sem crase)

Voltamos à casa dos amigos. (específica = crase)

---

76. (MPE – MS – Promotor de Justiça – MS/2011) Assinale a alternativa em que o sinal indicador da crase foi empregado **incorretamente:**

(A) Dirigimos até à Assembleia Legislativa para participarmos de uma solenidade de posse;

(B) Ele não se referiu à ninguém da festa, apenas comentou o caso para puxar assunto;

(C) Quanto àquela expressão, não deixe de incluí-la no texto;

(D) Fui à bela Veneza passar quinze dias de férias;

(E) nenhuma das alternativas anteriores.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Não se usa crase antes de pronome indefinido.

Alternativa "a" – a crase é facultativa após a preposição "até".

Alternativa "c" – haverá crase diante de pronome demonstrativo sempre que o termo regente exigir a preposição "a" (quanto a quê? Quanto àquela expressão).

Alternativa "d" – usa-se crase diante de palavra feminina.

Alternativa "e" – alternativa inválida, uma vez que existe uma que atende ao enunciado da questão.

---

77. (MPE – PB – Promotor de Justiça – PB/2011) Considerando os enunciados abaixo, não ocorre a crase em:

(A) "Cada um tem de mim exatamente o que cativou, e cada um é responsável pelo que cativou. Não suporto falsidade e mentira. A verdade pode machucar, mas é sempre mais digna. Bom mesmo é ir a luta com determinação, abraçar a vida e viver com paixão. (Por Charlie Chaplin.) (com adaptações.)

(B) Quando alguém compreende que é contrário ao caráter do homem obedecer a leis injustas, nenhuma tirania pode escravizá-lo". (Por Mohandas Karamchand Gandhi. Com adaptações.).

(C) Prefiram o que é positivo e múltiplo, a diferença a uniformidade, os fluxos as unidades, os agenciamentos móveis aos sistemas. (Por Michel Foucault.) (Com adaptações.)

(D) Se eu desejar algo para mim, não seriam riquezas nem poder, mas apenas a paixão da possibilidade. Eu desejaria ter um olho eternamente jovem, ardendo eternamente, a luz da exigência de ver a possibilidade. (Ernst Bloch, El princípio Esperanza. Com adaptações.).

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – a crase é a junção de duas vogais idênticas, uma representando a preposição e outra o artigo que deve combinar em número (singular ou plural) com o termo posterior.

"...obedecer a leis injustas..."

"...obedecer às leis injustas..."

Alternativa "a" – "...ir à luta" usa-se crase antes palavra feminina.

Alternativa "c" – O verbo "preferir" é regido por dois objetos (direto e indireto), sendo o direto expresso por aquilo que se escolhe, e o indireto, regido pela preposição "a", expresso por aquilo que se deixa em segundo plano. Assim, preferimos uma coisa a outra.

"Prefiram [...] a diferença à uniformidade, os fluxos às unidades."

Alternativa "d" – "...ardendo [...]à luz da exigência" há crase em locuções adverbiais, prepositivas e conjuntivas de que participam palavras femininas.

---

78. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2011) Quanto ao uso da crase:

I. Estamos esperando o procurador desde às 8 h em ponto.

II. O Brasil tem mais água doce, à vista e debaixo do chão, do que qualquer outro país.

III. É sua obrigação prestar conta dos seus atos à população.

IV. Esse tipo de ataque à sua maneira de lidar com o sucesso era de se esperar.

V. Foi à Paraíba duas vezes durante a viagem pelo Nordeste.

(A) Apenas as assertivas II, III, IV e V estão corretas.

(B) Apenas as assertivas II, III e V estão corretas.

(C) Apenas as assertivas I e IV estão corretas.

(D) Apenas as assertivas I, II, III e V estão corretas.

(E) Todas as assertivas estão corretas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta

II. usa-se crase em locuções adverbiais, prepositivas e conjuntivas de que participam palavras femininas (à vista).

III. há crase antes de palavra feminina. (quem presta contas, presta contas a alguém – à população).

IV. a crase é facultativa diante de pronome possessivo feminino (à sua maneira).

V. alguns nomes de lugar não admitem a anteposição do artigo "a". Outros, entretanto, admitem o artigo, como é o caso de "Paraíba", de modo que diante deles haverá crase, desde que o termo regente exija a preposição "a".

▶ **Dica** – Para saber se um nome de lugar admite ou não a anteposição do artigo feminino "a", deve-se substituir o termo regente por um verbo que peça a preposição "de" ou "em". A ocorrência da contração "da" ou "na" prova que esse nome de lugar aceita o artigo e, por isso, haverá crase. Exemplos: Cheguei à Paraíba. (Vim da Paraíba. Estou na Paraíba.)

Vou a São Paulo. (Vim de São Paulo. Estou em São Paulo.)

Mas, atenção: quando o nome de lugar estiver especificado, sempre ocorrerá crase. Veja:

Retornarei **à** São Paulo da garoa.

Irei **à** Salvador de Jorge Amado.

Alternativas "b", "c", "d" e "e" – o correto é: "... desde as 8h00". Não se usa crase depois das preposições "após", "desde", "entre" e "para". Mas, atenção: a crase é opcional após a preposição "até".

2.4. DOM CINTRA

79. (Procurador do Município – Prefeitura Petrópolis – RJ/2012 – DOM CINTRA) No trecho "mas também em relação à proteção de seus bolsos", o acento indicativo da crase foi empregado corretamente. Das alterações feitas abaixo na redação da frase acima, aquela em que está INCORRETO o emprego do acento indicativo da crase é:

(A) mas também em relação à sua proteção e à de seus bolsos;

(B) mas também em relação àquela proteção que é necessária à seus bolsos;

(C) mas também em relação à mesma proteção de que seus bolsos necessitam;

(D) mas também em relação à proteção segura que seus bolsos solicitam;

(E) mas também em relação à igual proteção de seus bolsos e à que diz respeito ao CDC.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Não se usa crase antes de palavra masculina.

Vamos trabalhar com substituição da palavra feminina por palavra masculina (pertencente à mesma classe gramatical) para facilitar. Resultando em **ao**, haverá crase.

Alternativa "a" –o acento indicativo da crase foi empregado corretamente – à sua = ao seu.

Alternativa "c" –o acento indicativo da crase foi empregado corretamente – à mesma = ao mesmo.

Alternativa "d" –o acento indicativo da crase foi empregado corretamente – à proteção = ao terror.

Alternativa "e" –o acento indicativo da crase foi empregado corretamente – à igual proteção = ao igual protetor.

2.5. PONTUA

Texto:

Reciclopedistas

Eles não batem mais de porta em porta, os ex-vendedores de enciclopédia____ mais o que fazer.

Um empilhou os 18 volumes da enciclopédia perto do computador. Faz anos que confere no Google, na ordem editada, todos os verbetes do seu tesouro.

Está na página 48 do 7º volume. Ao chegar no último, pretende enviar um relatorio comparativo____ autoridades educacionais. Ele não confia no conteúdo do Google. "É inexato, incompleto, incorreto", acusa.

Outro se tornou pipoqueiro, com carrinho em frente____ uma escola. Seu prazer é passar dezenas de saquinhos de pipoca____ mãos da criançada.

80. (Pontua Concursos – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE/SC/2011) Assinale a alternativa que completa CORRETA e respectivamente as lacunas do texto:

(A) Tem – as – à – às

(B) Têm – às – a – às

(C) Têm – as – à – as

(D) Tem – às – a – às

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Questão de crase e concordância.

(Eles) têm mais o que fazer. No singular, ele tem; no plural, eles têm. Essa regra não foi alterada com a reforma ortográfica: ele tem, eles têm = acento diferencial de singular e plural.

Pretende enviar um relatório comparativo às *autoridades*: AOS alunos. Substituindo o substantivo feminino plural por outro substantivo masculino qualquer, resulta em AO, ou seja, há preposição + artigo = crase.

Frente a *uma escola:* substituindo, frente a um homem. Mesmo não utilizando a substituição, encontra-se a resposta, pois não há o acento indicador de crase antes de artigo indefinido.

Passar dezenas de pipoca às *mãos da criançada*: AOS meninos. Trata-se de uma locução adverbial formada com palavra feminina, por isso há crase.

2.6. FGV

81. (FGV 2013)

Observem-se as quatro ocorrências do acento grave indicativo da crase nas frases a seguir.

I. *"que levavam à morte prematura".*

II. *"legou à Humanidade doses substanciais de fármacos".*

III. *"impensável viver sem eles à disposição".*

IV. *"em relação à escala do uso de animais".*

Um dos princípios do uso desse acento é o que o indica em locuções adverbiais. Nesse caso, serve(m) de exemplo

(A) apenas III.

(B) apenas I, II e IV.

(C) apenas IV.

(D) apenas I e II.

(E) apenas II e III.

COMENTÁRIOS

Questão de crase. Para ganhar tempo e não correr risco de errar, trabalhe por substituição da palavra feminina por uma masculina que seja da mesma classe gramatical. O sentido não interessa, interessa apenas se resulta em **ao** ou não. Em caso afirmativo, há crase; resultando apenas em **a**, não haverá crase. Simples assim.

Detalhe: há algumas regras que não podem ser esquecidas. Quem avisa professora é. J

GABARITO: ANULADA – Analisemos juntos.

I. *levavam à morte* (substantivo) = levavam **ao** sucesso. Resultou em **ao**? Crase!

II. *legou à Humanidade doses substanciais de fármacos* = levou **ao** homem.

III. *viver sem eles à disposição* = crase obrigatória por se tratar de locução adverbial de modo formada por palavra feminina.

IV. *em relação à escala do uso de animais* = em relação **ao** trabalho.

Itens comentados, agora é hora de entender o porquê de a questão ter sido anulada. O único item que possui locução é o III, portanto **a resposta correta seria alternativa A.**

82. (FGV 2013)

Assinale a alternativa em que o emprego do acento grave indicativo da crase ocorre por razão ***distinta*** da dos demais.

(A) *"...e não recebe em troca serviços públicos à altura".*

(B) *"Acrescentar o adjetivo hediondo à corrupção de pouco adianta...".*

(C) *"...recentemente incorporadas à economia formal".*

(D) *"...dar respostas concretas e rápidas às demandas feitas nas ruas...".*

(E) *"...e não às questões que ninguém fez".*

COMENTÁRIOS

GABARITO: A

– **à altura**: locução adverbial de modo.

Alternativa "b" – *"Acrescentar o adjetivo hediondo à corrupção de pouco adianta..."* = acrescentar algo **a algo** (objeto indireto). Facilitando: substitua a palavra feminina por masculina: adjetivo hediondo **ao** homem.

Alternativa "c" – *"...recentemente incorporadas à economia formal"* = incorporadas **a algo** (complemento nominal): incorporadas **ao** vazio.

Alternativa "d" – *"...dar respostas concretas e rápidas às demandas feitas nas ruas..."* = dar algo **a algo** (objeto indireto): dar respostas concretas e rápidas às demandas: **aos** pedidos.

Alternativa "e" – *"...e não às questões que ninguém fez"* = *e não* **aos** problemas.

Percebeu que apenas em um caso temos locução adverbial e a preposição não foi exigida por verbo ou nome? Era essa a análise exigida pela bela banca FGV.

83. (FGV) O acento indicativo de crase foi corretamente empregado apenas em:

(A) o cidadão não atende à apelos sem fundamento.

(B) no artigo, o autor citou à necessária reforma do Estado.

(C) convencemos à todos da necessidade de um pacto social.

(D) o debatedor não se rendeu àqueles discursos demagógicos.

(E) os governantes dispuseram-se à colaborar.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (D)

– Se errar a regência, erra a questão. Vamos à dica?

Mesmo se tratando de pronome demonstrativo, retiremo-lo: o debatedor não se rendeu **aos** discursos. Resultou em **ao** (s), descobrimos que há preposição + artigo. Resultado: há o acento indicativo no pronome demonstrativo: não se rendeu **àqueles** discursos.

Alternativa "a" – Não se usa o acento indicativo de crase antes de palavra masculina.

Alternativa "b" – Citou **a** necessária reforma = citou **o** necessário tópico.

Alternativa "c" – Não se usa crase antes de pronome indefinido.

Alternativa "e" – Não se usa crase antes de verbo.

---

84. (Delegado de Polícia – AP/ 2010 – FGV) O acento indicativo de crase foi corretamente empregado apenas em:

(A) o cidadão não atende à apelos sem fundamento.

(B) no artigo, o autor citou à necessária reforma do Estado.

(C) convencemos à todos da necessidade de um pacto social.

(D) o debatedor não se rendeu àqueles discursos demagógicos.

(E) os governantes dispuseram-se à colaborar.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Se errar a regência, erra a questão. Vamos à dica?

Mesmo se tratando de pronome demonstrativo, retiremo-lo: o debatedor não se rendeu **aos** discursos. Resultou em **ao** (s), descobrimos que há preposição + artigo. Resultado: há o acento indicativo no pronome demonstrativo: não se rendeu **àqueles** discursos.

Alternativa "a" –Não se usa o acento indicativo de crase antes de palavra masculina.

Alternativa "b" –Citou **a** necessária reforma = citou **o** necessário tópico.

Alternativa "c" –Não se usa crase antes de pronome indefinido.

Alternativa "e" –Não se usa crase antes de verbo.

2.7. FUNCAB

---

85. (Delegado de Polícia – RO/ 2009 – FUNCAB) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da frase. *"Todos os dias, desde oito horas, ele faz o mesmo trajeto _____ pé, tentando convencer _____ pessoas que encontra pelo caminho de que vale _____ pena participar das reuniões do sindicato".*

(A) às – à – as – a

(B) as – à – as – à

(C) as – a – as – a

(D) às – a – às – a

(E) às – a – as – à

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

- desde **as** oito horas: quando se tratar de hora, substitua por *meio-dia = desde* **o meio-dia.** Sem crase. Eliminadas alternativas *a*, *b* e *e*.
- ele faz o mesmo trajeto **a** pé = não seu usa crase antes de palavra masculina. Eliminada alternativa *a*. Resposta encontrada.
- tentando convencer **as** pessoas = convencer **os** homens. Sem crase.
- vale **a** pena = vale **o** esforço.

2.8. CESGRANRIO

---

86. (Cesgranrio – Analista Previdenciário – INSS/ 2005) _____ *vezes, fico* _____ *buscar soluções para meus problemas, mas,* _____ *cada situação vivida, chego* _____ *conclusão de que ainda não sei viver.* Completa correta e respectivamente as lacunas acima a opção:

(A) As – a – à – a.

(B) As – à – à – à.

(C) Às – a – a – à.

(D) Às – à – a – à.

(E) Às – a – a – a.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

- **Às** vezes: locução adverbial de tempo = crase. Eliminadas alternativas a e b.
- **a** buscar: não se usa crase antes de verbo. Eliminada alternativa d.
- **a** cada situação: não se usa crase antes de pronome indefinido. Para ganhar tempo e não precisar memorizar, substitua por palavra masculina (como fizemos nas questões anteriores) = a cada momento. Não resulta em **ao**.
- chego **à** conclusão: chego **ao** ponto = crase! Eliminada alternativa e.

2.9. ESAF

87. (ESAF – Analista Processual – MPU/2004) Assinale a opção que corresponde a uso incorreto de estrutura linguística sublinhada no texto.

Passamos por um momento em que (1) nada é previsível. Escolha uma área qualquer da vida, e o que se encontra (2) é incerteza. Seja no que diz respeito à segurança nacional e à vida das empresas, seja no encaminhamento das carreiras individuais. Ninguém mais está seguro de nada. Esse ambiente se encaixa às (3) definições técnicas e científicas das teorias sobre o caos. Hoje em dia, muitas ideias que foram sólidas como rocha para gerações e gerações se desmancharam no ar como fumaça. As regras antigas foram jogadas pela janela. Não surgiram outras. O que se tem a fazer agora é seguir adiante e refazê-las (4) à medida que avançamos (5). (Tom Peters, O mundo está um caos, VEJA, 17 de dezembro de 2003, com adaptações)

(A) 1

(B) 2

(C) 3

(D) 4

(E) 5

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – *Peguinha* de ESAF e CESPE: paralelismo = *Esse ambiente se encaixa / **as** definições técnicas e / científicas das teorias sobre o caos* ou *Esse ambiente se encaixa / **às** definições técnicas e / **às** científicas das teorias sobre o caos.*

Alternativa "a" –Nada é previsível **no momento** = em que.

Alternativa "b" –O que é encontrado é certeza = se encontra.

Alternativa "d" –Refazer é transitivo direto = refazê-las.

Alternativa "e" –à medida que = proporção.

2.10 FEPESE

88. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) Na frase: "Atendendo a insistentes pedidos, atenderemos de segunda a sexta-feira, das 8 às 18 horas", não há reparos a fazer quanto ao emprego do sinal de crase.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (verdadeiro)

- a insistentes pedidos: não se usa crase antes de palavra masculina e nem entre palavra singular (a) + plural (insistentes);
- de segunda a sexta: não há crase antes de numeral (não indicando hora exata);
- das 8 às 18 horas = substitua por meio-dia, se resultar em ao tem crase: das 8 **ao meio-dia.**
- a fazer: não há crase antes de verbo.

89. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

Leia as frases:

(A) A obediência as leis é fator indispensável a boa administração de qualquer entendida pública ou privada.

(B) Disseram ao prefeito que iriam a Secretaria de Educação a procura de maiores esclarecimentos sobre as normas de matrícula na escola do bairro.

(C) Com vistas a ampliação do mercado, nossa empresa enviou representantes a Itália, a Israel e a Cuba.

( ) Em cada uma das frases acima, faltou empregar o sinal de crase duas vezes.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (verdadeiro)

✪ **Nota da autora:** Para ganhar tempo, vamos trabalhar com substituição do termo feminino por um masculino da mesma classe gramatical. Resultando em **ao,** há crase.

Alternativa "a" –A obediência às leis = **aos** processos; fator indispensável à boa administração = **ao** bom desempenho.

Alternativa "b" –Disseram ao prefeito que iriam à Secretaria de Educação = **ao** cinema; à procura de = locução formada com palavra feminina (procura): crase obrigatória.

c) Com vistas à ampliação do mercado = **ao** projeto; enviou representantes à Itália = para lugar, usar "voltei da" (Itália = com crase) ou "voltei de" (Israel e Cuba).

2.11 MAIS

90. (MAIS – Procurador Município – Prefeitura Limeira – SP/2014) "Às vezes a inspiração precisa ter um prazo", conclui o texto. Assinale a alternativa em que há o uso correto do acento grave indicador de crase, como na frase citada.

(A) Dirigiu-se àquele grupo mais à esquerda da sala.

(B) Entregou às chaves do carro à Ricardo na garagem.

(C) Débora ficou cara à cara com uma dura realidade.

(D) O grupo voltou à contemplar a lua no fim da noite.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

1. Na frase citada, trata-se de locução adverbial feminina;

2. Na alternativa "a": dirigiu-se **a** algo (o verbo exige preposição) + aquele = **àquele.**

Alternativa "b" – Entregou algo = as chaves do carro (a alguém). É objeto direto e não exige preposição. Substituindo por palavra masculina, não resulta em **ao**: entregou os documentos do carro...

Alternativa "c" – Não se usa crase entre palavras repetidas se se tratar de locução adverbial.

Alternativa "d" – Não há crase antes de verbo.

QUESTÕES DIFÍCEIS

1. ESAF

01. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2014) Assinale a opção que preenche as lacunas do texto de forma gramaticalmente correta e textualmente coerente.

Sem __1__ pujança econômica de outrora, __ 2 __ Europa registra nos últimos tempos o fortalecimento de pressões xenófobas e anti-imigração. Após __ 3 __ crise global, iniciada em 2008, e o consequente aumento dos índices de desemprego no continente, grupos de extrema – direita conquistaram níveis inéditos de participação nos Parlamentos nacionais da Suécia e da Grécia. Não satisfeitos em exercer __ 4 __ representação política, tais agremiações têm protagonizado lamentáveis episódios de agressão __ 5 __ minorias de outras nacionalidades.

(Adaptado **de Folha de S. Paulo, 12/02/2014.)**

	1	2	3	4	5
a)	à	a	à	a	as
b)	a	a	a	a	às
c)	a	à	a	à	as
d)	a	a	à	a	às
e)	à	à	a	à	as

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

✪ **Nota da autora:** Trabalhemos por eliminação e com dicas de substituição do termo feminino por um masculino da mesma classe gramatical.

- Sem **a** pujança econômica = sem o valor econômico. Não resultou em **ao**, não há crase. Eliminadas alternativas *a* e *e*.
- **a** Europa registra = o artigo definido feminino é adjunto adnominal do sujeito e não pode haver crase no sujeito, aliás, não há preposição no sujeito. Caso queira substituir, vamos lá: o país registra. Eliminada *c*.
- Após **a** crise global = após o perigo global: sem crase, sem combinação de preposição e artigo (ao). Eliminada alternativa *d* e chegamos à resposta.
- exercer **a** representação: o verbo é transitivo direto, mas vamos substituir para facilitar = exercer o fato. Sem **ao** = sem crase.
- agressão **às** minorias = agressão **aos** adultos. Resultou em **ao** = **crase!** Quanto à regência: se há agressão, há agressão **a** alguém.

02. (ESAF – PECFAZ/2013) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical na transcrição do texto a seguir.

Não existe sistema de educação de alta qualidade em **que** __ (1) __ o exercício do magistério não seja equiparado a profissões de alta complexidade e prestígio. Professores **têm** __ (2) __ de ser recrutados **a partir** __ (3) __ da nata dos graduados, amparados com

políticas e instrumentos para aprimorar e compartilhar conhecimentos e desafiados **à tratar** __ (4) __ as necessidades de seus alunos de forma multidisciplinar e inovadora. Não existe compromisso com a educação sem aperfeiçoamento constante e continuado, **estratégia** __ (5) __ eficaz, conexão com a realidade global e valores éticos difundidos e assumidos por todos.

(Zero Hora, RS, 18/6/2013, com adaptações).

(A) 1

(B) 2

(C) 3

(D) 4

(E) 5

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

✪ **Nota da autora:** em questões de crase, faça a substituição da palavra feminina por uma masculina, resultando em AO, terá vírgula. Atente-se, também, a algumas regras. Esta questão é de crase, regência e ortografia.

- **Alternativa d:** Não existe crase antes de verbo. Questão muito tranquila.

Alternativa "a" – Ordem direta: o exercício do magistério não seja equiparado a profissões **no** sistema de educação = *em que* ou *no qual*.

Alternativa "b" – Sujeito plural = verbo plural: Professores **têm.** No singular, teríamos: professor tem. Trata-se de acento diferencial.

Alternativa "c" – Não se usa crase antes de verbo: correto.

Alternativa "e" – estratégia: arte de utilizar os meios de que se dispõe para conseguir alcançar certos objetivos.

---

03. (ESAF – Analista-Tributário – RFB/2012) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical na transcrição do texto abaixo.

A pequena reação da indústria em junho (crescimento de 0,2% em relação a maio) não foi suficiente para compensar **a** *(1) queda da produção no primeiro semestre, da ordem de 3,8%, quando comparada* **à** *(2) produção do mesmo período de 2011. Segundo o IBGE, responsável por essa estatística, a indústria brasileira hoje produz o mesmo que* **há** *(3) três anos. Mesmo que o setor tenha passado por um ponto de inflexão, como acredita o ministro da Fazenda, Guido Mantega, é pouco provável que* **a** *(4) produção chegue* **à** *(5) registrar crescimento em 2012. Os especialistas projetam uma queda de até 2%, o que contribuirá para o fraco desempenho do Produto Interno Bruto (PIB) este ano. (Editorial, O Globo, 3/8/2012)*

(A) (1) a

(B) (2) à

(C) (3) há

(D) (4) a

(E) (5) à

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Chegue **a** registrar: não se usa o acento indicativo de crase antes de verbo.

Trabalhando com substituição:

Alternativa "a" –não foi suficiente para compensar **a** (1) queda = não foi suficiente para compensar **o** (1) crescimento.

Alternativa "b" –quando comparada **à** (2) produção = quando comparada **ao** (2) produto.

Alternativa "c" –hoje produz o mesmo que **há** (3) três anos = tempo decorrido.

▶ **Dica** – Para tempo

A: futuro – Daqui a dois dias.

Há: passado – Há dois dias estivemos lá.

Alternativa "d" –é pouco provável que **a** (4) produção chegue = é pouco provável que **o** (4) produto chegue.

---

04. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2012) Indique a opção que corresponde a erro gramatical na transcrição do texto.

A*(1) seca nos Estados Unidos prenuncia mais uma fase de preços altos para os alimentos, com perspectivas de bons ganhos para os exportadores e de graves dificuldades para* **as***(2) economias pobres e dependentes da importação de comida. Um dia depois de anunciada no Brasil a maior safra de grãos e oleaginosas de todos os tempos, o governo americano confirmou grandes perdas nas lavouras de soja e milho.* **A***(3) longa estiagem, excepcionalmente severa, afeta mais de 60% do país e a maior parte das regiões agrícolas. O mercado reagiu imediatamente* **às***(4) novas estimativas, divulgadas pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, com indicações de redução dos estoques na temporada 20122013. O Brasil será um dos países em condições de aproveitar* **às***(5) oportunidades abertas pela quebra da safra americana. (O Brasil e a seca nos EUA, Editorial, O Estado de S. Paulo, 12/8/2012)*

(A) A (1)

(B) as (2)

(C) A (3)

(D) às (4)

(E) às (5)

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – aproveitar **as** (5) oportunidades: aproveitar é transitivo direto = aproveitar **os** desafios.

Alternativa "a" –**A**(1) seca nos Estados Unidos prenuncia mais uma fase de preços altos: sujeito (nunca haverá crase) = **O**(1) encontro nos Estados Unidos prenuncia mais uma fase de preços altos.

Alternativa "b" –graves dificuldades para **as**(2) economias pobres = graves dificuldades para **os**(2) países pobres.

Alternativa "c" –**A**(3) longa estiagem afeta mais de 60% do país: sujeito (nunca haverá crase) = **O**(3) longo período afeta mais de 60% do país.

Alternativa "d" –O mercado reagiu imediatamente **às**(4) novas estimativas = O mercado reagiu imediatamente **aos**(4) novos projetos.

---

05. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/ 2010) O texto a seguir foi transcrito com erros. Assinale o único trecho que atende plenamente às prescrições gramaticais.

(A) Constroe-se o espaço social de tal modo que os agentes ou grupos são aí distribuídos em razão de sua posição nas distribuições estatísticas de acordo com os dois princípios de diferenciação que, em sociedades mais desenvolvidas, são sem dúvida, os mais eficientes: o capital econômico e o capital cultural.

(B) Na dimensão mais importante, os detentores de um grande volume de capital global, como empresários, membros de profissões liberais e professores universitários, opõe-se globalmente aqueles menos providos de capital econômico e de capital cultural, como os operários não qualificados.

(C) Na perspectiva em que se considere o peso relativo do capital econômico e do capital cultural no patrimonio dos agentes sociais, os professores – relativamente mais ricos em capital cultural que em capital econômico – , estão em oposição, nitidamente, aos empresários – relativamente mais ricos em capital econômico que em capital cultural.

(D) O espaço de posições sociais traduz-se em um espaço de tomada de posição, pela intermediação do espaço de disposições. Em outras palavras, ao sistema de separações diferenciais que definem as posições nos dois sistemas principais do espaço social corresponde um sistema de separações diferenciais nas propriedades dos agentes sociais.

(E) À cada classe de posições correspondem uma classe habitus (ou de gostos) produzidos pelos condicionamentos sociais e, pela intermediação desses habitus, um conjunto sistemático de bens e de propriedades, vinculadas entre si por uma afinidade de estilo.

(Texto adaptado de Pierre Bordieu. Razões práticas: sobre a teoria da ação. Campinas, SP: Papirus, 1996, p.19.)

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de crase, ortografia, pontuação e concordância.

Não há erro na alternativa d. Verifiquemos as concordâncias: o espaço traduz-se; separações diferenciais que definem as posições; corresponde um sistema.

Alternativa "a" –**Constrói**-se o espaço = o espaço é construído; faltou intercalar a expressão sem dúvida = são, **sem dúvida,** os mais eficientes.

Alternativa "b" –os detentores **opõem-se** globalmente **àqueles.** O verbo deve concordar com o sujeito plural e o pronome demonstrativo deve ter o acento indicativo de crase devido à regência do verbo opor-se (quem se opõe, opõe-se **a** alguém).

Alternativa "c" –**Patrimônio**; retirar a vírgula após a intercalação, pois não se separa com pontuação o sujeito do verbo e verbo do complemento: **os professores** – relativamente mais ricos em capital cultural que em capital econômico – **estão** em oposição, nitidamente, aos empresários.

Alternativa "e" –**A** cada classe **corresponde** uma classe (...) produzidos pelos condicionamentos sociais **e** pela intermediação desses habitus, um conjunto sistemático de bens e de propriedades, **vinculado** entre si por uma afinidade de estilo. Não se usa crase antes de pronome indefinido. Para não precisar decorar regra, substitua a palavra feminina por uma masculina que pertença à mesma classe gramatical = uma classe corresponde **a** cada homem.

---

06. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/2010) Os trechos abaixo compõem, sequencialmente, um texto adaptado do Editorial do jornal Zero Hora (RS) de 18/01/2010.

Assinale a opção que está gramaticalmente correta quanto à ausência ou à presença do acento grave indicativo de crase.

(A) O novo estímulo aos usineiros, também com pesado suporte de subsídios, levou à indústria automobilística a investir na produção não mais de carros movidos a álcool, mas de veículos flex, que permitem o uso dos dois combustíveis. No ano passado, as vendas de carros flex cresceram 14% em relação a 2008.

(B) Apresentado nos anos 70 como opção à crise do petróleo, sob forte apoio governamental, o álcool perdeu relevância nas décadas de 80 e 90. A produção foi retomada e intensificada nos últimos anos, com a explosão nos preços internacionais dos derivados da energia fóssil.

(C) As montadoras aplicaram recursos no desenvolvimento de tecnologias, e o consumidor se dispôs a pagar mais por veículos mais modernos. Ambos apostaram nas vantagens de um combustível que, além de reduzir à dependência da gasolina e do diesel, apresentava ainda as virtudes do ecologicamente correto, por ser menos poluente e renovável.

(D) A partir do ano passado, com a queda nos preços do petróleo, outros fatores de mercado conspiraram contra o álcool, como a quebra na produção da cana e o aumento dos preços do açúcar. Mesmo que o álcool se submeta à oscilações de cotações, como qualquer outro produto, o que não se pode admitir é que essas variações façam com que a oferta do produto seja imprevisível e instável.

(E) A sazonalidade e outras questões envolvidas não são suficientes para explicar a ausência de uma política que assegure, à fabricantes e consumidores, a certeza de que investiram em uma opção de combustível tratada com a seriedade que merece.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

✪ **Nota da autora:** Trabalhemos por substituição, relembrando as regras fundamentais:

- opção à crise do petróleo = opção **ao** momento do petróleo. (substitua por qualquer substantivo masculino, resultou em **AO** = **crase**).
- A produção foi retomada = **o** efeito foi retomado. Não se usa crase em sujeito, pois não se usa preposição no sujeito.
- com a explosão nos preços = com **o** problema nos preços.

Alternativa "a" –levou **a** indústria automobilística a investir = levou **o** empresário; levou a investir = não se usa crase antes de verbo; carros movidos a álcool = não se usa crase antes de palavra masculina; as vendas cresceram = os serviços cresceram – não se usa crase no sujeito.

Alternativa "c" –As montadoras aplicaram recursos = Os montadores; dispôs a pagar = não se usa crase antes de verbo; além de reduzir **a** dependência = além de reduzir **o** problema; apresentava ainda as virtudes = **os** bens.

Alternativa "d" –A partir do ano passado = não se usa crase antes de verbo; com a queda nos preços = com **o** aumento nos preços; como a quebra na produção = como **o** sigilo na produção; o álcool se submeta **a** oscilações = não se usa crase na construção **singular + plural** (a oscilações), pois indica que não há artigo acompanhando o substantivo; a oferta do produto seja imprevisível = **o** número do produto seja imprevisível.

Alternativa "e" –A sazonalidade e outras questões envolvidas não são suficientes = **O** impacto e outras questões envolvidas não são suficientes – não se usa crase no sujeito; explicar a ausência = explicar **o** problema; assegure a certeza = assegure **o** momento; **a** fabricantes e consumidores = não se usa crase em construções de singular + plural.

---

07. (ESAF – Analista Tributário da Receita Federal do Brasil/2009) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto adaptado do Jornal do Brasil, Editorial, 7/10/2009.

Vários, e de distintos naipes, foram os questionamentos __(1)__ construção do IDH como tal. Por que não mortalidade infantil de crianças abaixo de 5 anos de idade em vez de expectativa de vida? Por que não incluir outros indicadores, tais como nível de pobreza, déficit habitacional, acesso __(2)__ água potável e saneamento básico? Por que não acrescentar outras dimensões relacionadas __(3)__ meio ambiente (que afeta o padrão de vida desta e das próximas gerações), aos direitos civis e políticos, __(4)__ segurança pessoal e no trabalho, __(5)__ facilidade de locomoção? Qual a confiabilidade dos dados fornecidos por quase duas centenas de países?

Há uma escassez de informação em relação __(6)__ maioria das dimensões sugeridas para uma comparação internacional, sem contar __(7)__ confiabilidade dos dados.

	1	2	3	4	5	6	7
a)	à	a	ao	à	à	à	a
b)	da	à	com o	com a	da	com a	da
c)	a	na	pelo	da	na	da	à
d)	na	da	no	na	de	a	uma
e)	pela	de	a	em	com a	pela	com a

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

✪ **Nota da autora:** Basta trabalhar por eliminação e atentar-se ao paralelismo sempre pedido em provas ESAF.

Item 2: *acesso* **a** *água potável e saneamento básico.* Quem tem acesso, tem acesso **a** algo, mas o substantivo *saneamento* não está acompanhado de artigo, sendo assim, sabe-se que o substantivo *água* também não o possui: **sem crase.** Chegamos à resposta!

Façamos as demais substituições por palavras masculinas da **mesma classe gramatical**, resultando em **ao**, haverá crase:

1) Questionamentos **à** construção: **ao** poder

3) Este item é fácil porque ocorre paralelismo com os demais termos (ligados ao adjetivo *relacionadas*). Relacionadas **ao** meio ambiente.

4) Relacionadas **à** segurança: **ao** convívio (qualquer substantivo).

5) Relacionadas **à** facilidade: **ao** tempo (qualquer substantivo).

6) Em relação **à** maioria: **ao** direito (qualquer substantivo).

7) Sem contar **a** confiabilidade: sem contar **o** depoimento = sem crase.

---

08. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/ 2006)

Os primeiros imigrantes trazidos por empresas importadoras eram, em geral, obrigados __(1)__ assinar contratos de parceria com o importador para trabalharem nas lavouras do café do estado de São Paulo. O contratante adiantava __(2)__ despesas de transporte da Europa __(3)__ colônias e o necessário __(4)__ subsistência inicial. Nas colônias, o imigrante recebia determinado número de pés de café para cultivar. Tinha direito __(5)__ meação no resultado da venda. (Sidnei Machado, http://calvados.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/direito/article/viewPDFInterstitial/1766/1463)

	1	2	3	4	5
a)	à	as	as	à	a
b)	à	às	às	à	à
c)	a	as	as	a	a
d)	a	às	às	a	à
e)	a	as	às	à	à

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

1) obrigados **a** assinar = não se usa crase antes de verbo. Eliminadas alternativas a e b.

2) adiantava **as** despesas (algo) = adiantava **os** gastos. Eliminada alternativa d.

3) adiantava as despesas **às** colônias (a alguém) = adiantava as despesas **aos** homens. Eliminada alternativa c e já encontrada a resposta correta sem haver necessidade de ler as seguintes (na prova!).

4) o necessário **à** subsistência = o necessário **ao** lazer.

5) Tinha direito **à** meação = tinha direito **ao** lucro.

---

09. (ESAF – Técnico da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto abaixo.

Na próxima reunião de cúpula do Mercosul, no fim do ano, os diplomatas esperam sacramentar __(1)__ regulamentação para acabar com a burocracia nas aduanas, para a passagem de produtos hoje sujeitos __(2)__ alíquota zero na tarifa de importação comum. É o primeiro passo para estender progressivamente a liberalização do trânsito de produtos __(3)__ outros importados, esses sujeitos a pagamento de tarifas. A maior resistência __(4)__ liberalização vem do Paraguai, pela dependência do país em relação __(5)__ receitas das alfândegas – 40% do total arrecadado pelo Tesouro local. Os europeus já ofereceram a sua experiência aos países do Cone Sul, para tentar remover as resistências e obstáculos __(6)__ integração das alfândegas. (Sergio Leo, Valor Econômico,12/09/2005)

	1	2	3	4	5	6
a)	a	a	a	a	as	a
b)	à	à	a	à	às	a
c)	a	a	à	a	as	a
d)	à	à	à	a	as	a
e)	a	a	a	à	às	à

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Basta substituir os termos femininos por masculinos (da mesma classe gramatical), resultando na combinação **ao**, haverá crase:

1) sacramentar **a** regulamentação = **o** regime. **Eliminadas alternativas *b* e *d*.**

2) sujeitos **a** alíquota zero = **a** número zero.

3) liberalização do trânsito de produtos **a** outros importados = antes de pronome indefinido, palavra masculina e plural não se usa crase. **Eliminada alternativa c.**

4) A maior resistência **à** liberalização = **ao** lucro. Se antes do substantivo masculino há preposição + artigo, antes do feminino também haverá, sendo assim, o acento indicativo de crase é obrigatório. **Eliminada alternativa *a*.** Resposta correta já encontrada no quarto item.

5) em relação **às** receitas = **aos** elementos.

6) remover as resistências e obstáculos **à** integração das alfândegas = **ao** poder das alfândegas.

2. FCC

10. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – SP/2013) Quanto ao emprego do sinal indicativo de crase, respeitado o padrão culto escrito, a única alternativa correta é:

(A) Essa foi uma estratégia que serviu ao Brasil e a maioria dos países inseridos na turma dos remediados.

(B) O estudo dá ênfase à educação e às telecomunicações, ajudando à entender por que o Brasil cresce pouco em comparação à outras nações de economia emergente.

(C) O país tem de fazer a transição à um sistema que premie o desempenho de professores e que garanta à todos os alunos talentosos resultados de excelência em exames internacionais.

(D) Vimos uma estratégia equivocada à época da reserva de informática. O país pagou um preço, porque a reserva não gerou "campeões nacionais" e ainda deixou os usuários atrasados em relação à população de outros países.

(E) O processo de urbanização levou à transferir atividades dos setores de subsistência, de baixo valor de mercado, para atividades mais modernas, que envolvem mais capital e mais tecnologia. Mas isso ocorreu sem novos requisitos à novas estratégias educacionais.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – equivocada **à** época: usa-se crase nas locuções adverbiais de tempo; em relação à população = crase correta, combinando número – singular – e gênero – feminino-, além de respeitar o termo regente que exige uma preposição (em relação **a** que?). Facilitando: em relação **ao** povo.

Alternativa "a" – e **à** maioria dos países. FCC ajudando? Atente-se: serviu **ao** Brasil e a maioria dos países. A dica está na combinação (preposição + artigo) antes do substantivo Brasil. Substituindo: serviu ao Brasil e **aos** países.

Alternativa "b" – ajudando **a** entender = não se usa crase diante de verbos no infinito; em comparação **a** outras nações = a crase deve combinar em número e gênero com o substantivo, neste caso, não há esta concordância, pois "nações" está no plural.

Alternativa "c" – **a** um sistema – não se usa crase antes de artigo indefinido; garanta **a** todos = não se usa crase antes de pronome indefinido.

Alternativa "e" – levou **a** transferir = não se usa crase antes de verbo no infinitivo; requisitos **a** novas estratégias = a crase deve combinar em número e gênero com o adjetivo e com o substantivo, neste caso, não há esta concordância, pois "novas estratégias" está no plural.

11. (AFR/SP – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2002) Assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, o trecho abaixo:

Proponho _____ Vossa Senhoria dar, _____ que se destacarem, oportunidades de promoção; porém espero que tal promoção não se restrinja _____ pessoas do primeiro escalão, mas aplique-se _____ todos os funcionários da casa.

(A) a – àqueles – às – a

(B) à – àqueles – as – a

(C) a – aqueles – às – à

(D) a – àqueles – as – à

(E) à – aqueles – às – à

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta

✪ **Nota da autora:** Questão de regência e crase. Ler as dicas de crase no final do capítulo antes de ler os comentários.

- Proponho ***a*** Vossa Senhoria = só se usa o acento indicativo de crase antes dos pronomes de tratamento ***senhora, dona, senhorita*** e ***madame***.
- dar, ***àqueles*** que se destacarem, oportunidades = dar algo ***a*** alguém (a + aqueles = àqueles).
- não se restrinja ***às*** pessoas = ***aos*** homens.
- aplique-se ***a*** todos = não se usa crase antes de palavra masculina.

3. CETRO

12. (Cetro – Auditor Fiscal Tributário Municipal – Campinas/SP) Assinale a alternativa correta em relação à ocorrência ou não de crase.

(A) O investidor assistiu, desolado, a queda de suas ações.

(B) Os preços aumentaram muito devido à inflação.

(C) Clarice fez referências à esta Lei.

(D) Pedro estava disposto à trabalhar com afinco.

(E) Réu e vítima estavam frente à frente.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Substitua a palavra feminina por uma da mesma classe gramatical, se resultar em AO ou em AOS, haverá crase. Fácil, não é?

- Os preços aumentaram devido **ao consumo** (substantivo masculino). Resultou em AO = crase.

Atenção: não precisa manter o sentido da frase. É apenas um macete para não errar crase.

Alternativa "a" – assistiu **ao filme = à queda.**

Alternativa "c" – fez referência **a este processo = a esta lei.** Sem AO, sem crase. Regra: não se usa crase antes de pronome demonstrativo.

Cuidado: usa-se crase no pronome demonstrativo (aquele(a)) = Entregou o livro àquele aluno = ao aluno.

Alternativa "d" – Não se usa crase antes de verbo = **a trabalhar.**

Alternativa "e" – Não se usa crase entre palavras repetidas que façam parte de locução adverbial. Se possuírem função de complemento verbal, haverá crase: prefiro guerra à guerra = prefiro algo A algo.

4. CESPE

Trecho para julgar o item.

O Tribunal de Contas da União (TCU) avaliou ações para a elaboração de diagnóstico e suporte à educação básica. A auditoria conferiu aspectos relativos ao Plano de Ações Articuladas, à assistência técnica prestada pelo Ministério da Educação (MEC) e ao levantamento de dados necessários à formação e ao cálculo do índice de desenvolvimento da educação básica (IDEB). (...)

TCU avalia gestão da educação básica em municípios brasileiros. Notícia publicada em 12/9/2013. Internet: <www.tcu.gov.br/> (com adaptações).

13. (CESPE/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) O emprego do acento grave, indicativo de crase, em "à assistência técnica prestada", justifica-se pela regência do termo "Articuladas" e pela presença do artigo a, que define o substantivo "assistência".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A auditoria conferiu algo **a alguém** = verbo transitivo direto e indireto, sendo "à assistência técnica" objeto indireto. Em outras palavras, o termo possui crase porque o verbo conferir exige a preposição *a* mais o artigo feminino singular *a* = crase.

▸ Dica: para saber se há crase ou não, substitua a palavra feminina por uma masculina que pertença à classe gramatical idêntica. Resultando em **ao**, haverá crase. Ficaria assim: A auditoria conferiu aspectos relativos ao Plano de Ações Articuladas, ao assistente.

Trecho para a questão.

As empresas vêm transformando as unidades de treinamento em universidades corporativas. Em parte, devido à incapacidade demonstrada pelas universidades tradicionais de cumprir com o papel de formação e desenvolvimento de quadros, mas também em decorrência da necessidade de atender às próprias especificidades. (...)

Adriano Cesar Ferreira Amorim. O programa de capacitação de servidores públicos e de cidadãos do Tribunal de Contas da União: um exemplo de atuação estratégica das escolas de governo. Revista do TCU, ano 45, n.º 26, jan.-abr./2013. Internet:<http://portal2.tcu.gov.br> (com adaptações).

14. (CESPE/UnB – TCE/RO – Auditor de Controle Externo/2013) A correção gramatical do texto seria mantida caso o trecho "às próprias especificidades" fosse substituída por **a especificidades próprias.**

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Atender **a** algo. Singular + plural = sem crase, por se tratar de preposição apenas: por **a especificidades próprias.**

No caso, como a preposição foi exigida pelo verbo *atender*, singular + singular = crase; plural + plural = crase. Atender à especificidade própria = **ao** texto próprio; atender às especificidades próprias = **aos** textos próprios.

5. FGV

15. (FGV – TCE/BA – Analista de Controle Externo/2013)

Em todas as frases a seguir está presente o acento grave indicativo da crase.

I. "A entrega do Relatório Final da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito da Violência Contra a Mulher (CP-MIVCM) à presidente Dilma Rousseff".

II. "...foi um marco na luta das mulheres brasileiras pela garantia de seus direitos, principalmente, o enfrentamento à violência de gênero".

III. "o que garante o atendimento especializado no SUS às vítimas de violência".

IV. "o que assegura benefício temporário da Previdência às vítimas".

Assinale a opção em que o acento grave é devido à junção de uma preposição de regência verbal mais um artigo definido feminino.

(A) Somente na frase II.

(B) Somente na frase IV.

(C) Somente nas frases I e III.

(D) Somente nas frases I e II.

(E) Somente nas frases II e IV.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

✪ **Nota da autora:** questão regência verbal e nominal e crase.

I. A entrega a alguém = completa o nome;

II. Enfrentamento a algo = completa o nome;

III. Atendimento especializado a algo = completa o nome;

IV. Assegura algo a alguém = a preposição foi exigida pelo verbo *assegurar* seguida do substantivo feminino plural *vítimas* – que pede o artigo feminino plural como acompanhamento. Correta.

6. IC

16. (IC – TCM/GO – Auditor de Controle Externo/2012) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas:

O diretor Michel Hazanavicius só conseguiu realizar seu projeto depois de estar frente ..... frente com o produtor Thomas Langmann.

Thomas Langmann observava ..... distância a realização do filme.

Certa vez, Hazanavicius gravou com sua equipe até ..... uma hora da madrugada.

(A) à, à à

(B) a, a, a

(C) a, à, a

(D) à, à, a

(E) a, a, à

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"

✪ **Nota da atora:** Trabalhemos por eliminação e substituição.

1. Frente a frente: não se usa crase entre palavras repetidas que fazem parte de locução adverbial. Se possuírem função de objeto indireto, pode haver crase. Exemplo: prefere a guerra à guerra (objeto indireto). Eliminadas A e D.

2. observava **a** distância: a distância não foi definida, portanto não pode ser usada a crase. Eliminada C.

▸ **Dica:** "a distância" só leva crase se for acompanhada da preposição "de" (à distância de), ou seja, quando a distância for determinada. Exemplos: *Observamos tudo a distância. Observamos tudo **à** distância **de** 5 metros.* (distância determinada).

A ordem dos termos também não mudaria a crase. Exemplos: *Observamos a distância a menina brincando. Observamos a menina brincando a distância.**

**Fonte: Manual de Redação da PUC-RS. Disponível em <http://www.pucrs.br/manualred/crase.php>*

1. até **à** uma hora Para hora, substitua por meio-dia. Haverá crase se resultar em **ao:** Até **ao** meio-dia.

Observação: a forma até o meio-dia também está correta. Questão passível de recurso.

QUESTÕES INÉDITAS

01. (Duda Nogueira) Avalie os itens quanto ao uso do acento indicativo de crase.

I. A fofoca está no cotidiano, limita-se a informação sobre os outros e ocorre com frequência nos momentos de convivência e troca de conhecimento social.

II. "Na origem, o termo se referia a passar o tempo conversando com os amigos", diz o antropólogo Robin Dunbar, da Universidade de Liverpool, na Inglaterra.

III. Enquanto a fofoca oferece apoio à cultura do grupo e mantém as pessoas unidas, tem uma utilidade moral. Mas pode também abalar amizades, hierarquias e organizações. São resultados negativos como esses que levam às pessoas a considerar a fofoca como uma prática maléfica.

IV. Os homens fofocam sobre outros homens somente quando os tópicos se referem à posições na hierarquia social. "As pesquisas confirmaram que nem toda fofoca serve ao interesse do grupo como um todo", diz McAndrew.

(A) F, V, F, F

(B) F, V, F, V

(C) V, F, V, F

(D) V, V, F, F

(E) F, F, F, V

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

Eliminando e substituindo, certo?

I. Falso: limita-se **à informação** = limita-se ao poder. **Ao** = crase. Eliminadas alternativas C e D.

II. Verdadeiro: não se usa crase antes de verbo. Eliminada E.

III. Falso: leva as pessoas a considerar. = leva os homens a considerar. Não resultou em **ao**, não há crase.

IV. Falso: não se usa crase com palavra singular (a = preposição) + plural (posições). = quando os tópicos se referem **a posições**. Eliminada B.

---

02. (Duda Nogueira) Preencha os espaços com a forma correta.

O STE referiu-se, na última reunião, _____ novas leis, projetos e membros da comissão. Acredita que _____ medidas deverão ser tomadas o mais rápido possível, já que a situação pode ficar ainda mais complicada daqui _____ alguns meses.

(A) às, as, a

(B) as, às, há

(C) a, as, a

(D) a, às, há

(E) às, às, à

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

✪ **Nota da autora**: questão com "pegadinha" comum. Preste muita atenção.

Em primeiro lugar, é importante saber como trabalhar a questão.

Se iniciar pelo último espaço, eliminará duas alternativas: "daqui **a** alguns meses" indica tempo futuro e não se pode utilizar **há** por se referir apenas a tempo decorrido. Eliminadas B e D.

No segundo espaço: "medidas" possui função de sujeito e não pode haver preposição (crase) no sujeito. O que deverão der tomadas? **As** medidas = sujeito. Eliminada E.

Agora, vamos ao detalhe muito exigido por várias bancas: paralelismo sintático. Quando há vários termos ligados a um verbo ou a um nome, devemos usar o artigo em todos ou em nenhum e aqui mora o segredo.

Veja: Quem se refere, refere-se **a** algo.

Com a preposição – que é obrigatória – e <u>sem</u> artigo:

Referiu-se A → novas leis

→ projetos

→ membros

Com a preposição – que é obrigatória – e <u>com</u> artigo:

Referiu-se → <u>à</u>s novas leis

→ <u>a</u>os projetos

→ <u>a</u>os membros

Onde está a dica? Nos termos pospostos. No trecho do enunciado, não há artigo nos termos, logo não há crase, pois não ocorre junção de preposição + artigo. Eliminada A porque possui preposição e artigo e só é exigida a preposição.

(Fonte: Livro Simuladaço Língua Portuguesa, Editora JusPodivm)

DICAS

1. CRASE

Trabalhar substituindo a palavra feminina por uma masculina da mesma classe gramatical. Resultando em **ao**, há crase:

- Eu me referi à diretora = ***AO** DIRETOR*
- Era insensível à dor = ***AO** PERIGO*
- Chegou às sete horas = ***AO** MEIO-DIA*

- Fui à cidade = *AO SÍTIO*

Cuidado:

- Eu conheço a diretora = *O DIRETOR*
- Eu me refiro a ela = *A ELE*

a) Não se usa crase:

- Antes de verbo;
- Antes de palavra masculina;
- Entre palavras repetidas;
- Singular + plural (a festas);

b) Crase com pronomes demonstrativos aquele(s), aquela(s) e aquilo:

- Assisti àquele filme = **AO** FILME
- Aspiro àquela vaga = **AO** CARGO
- Prefiro isto àquilo = **AO** LIVRO

c) Crase diante de pronomes relativos:

- **A qual e as quais** g A cidade à qual iremos possui praias às quais chegaremos g *O sítio AO qual iremos possui rios AOS quais chegaremos.*
- **Quem e cuja** g Nunca haverá crase antes de QUEM e CUJA:

▸ Esta é a mulher a quem obedeço; Este é o autor a cuja obra me refiro.

- **Que:**

▸ Esta é a faculdade a que aspiro. = *Este é o cargo A QUE aspiro*

▸ Esta é a cidade a que iremos. = *Este é o país* A QUE *iremos.*

▸ Sua caneta é igual à que comprei. = *Seu lápis é igual* AO QUE *comprei.*

▸ Este é o bairro a que iremos. = Retoma palavra masculina: sem crase!

Pontuação

Para saber pontuar, é necessário saber análise sintática, as funções exercidas por cada termo na oração ou no período.

Questões inéditas: **Simuladaço Língua Portuguesa**

Teoria e questões: **Língua Portuguesa para concursos**

QUESTÕES FÁCEIS

1. VUNESP

(TJ SP – 2014) Assinale a alternativa correta quanto à pontuação, de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa.

(A) Um amigo, declarou que meu pé de milho era capim. Outro amigo que era cana. Já viu leitor, um pé de milho?

(B) Um amigo declarou: meu pé de milho era capim. Outro amigo: que era cana. Já viu leitor um pé de milho?

(C) Um amigo declarou que meu pé de milho era capim. Outro amigo, que era cana. Já viu, leitor, um pé de milho?

(D) Um amigo declarou: que meu pé de milho era capim. Outro amigo, que era cana. O leitor já viu um pé de milho?

(E) Um amigo declarou, que meu pé de milho, era capim. Outro amigo que era cana. O leitor, já viu um pé de milho?

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

- A primeira vírgula indica zeugma: omissão de termo = Outro amigo (declarou) que era cana;

- As duas vírgulas posteriores isolam o vocativo "leitor".

Eliminam-se, assim, as alternativas restantes.

Trecho para a próxima questão.

Casamento

(...) ele fala coisas como "este foi difícil"
"prateou no ar dando rabanadas"
e faz o gesto com a mão. (...)

(Adélia Prado, Poesia Reunida)

01. (VUNESP – Agente Penitenciário – ES/2013) As aspas empregadas nos versos servem para

(A) indicar uma citação do autor.

(B) explicar uma expressão.

(C) salientar expressão de outra língua.

(D) isolar falas de personagem do restante do texto.

(E) intercalar ideia complementar ao texto.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – As aspas, nesse caso, isola falas da personagem. Pode ser usada também para abrir e fechar citações; exprimir ironia ou destacar uma palavra ou expressão usada fora do contexto habitual; palavras ou expressões populares, gírias, neologismos ou arcaísmos; para marcar estrangeirismo (quando não há opção de itálico); delimitar o título de uma obra.

Alternativa "a" – Não é citação.

Alternativa "b" – Não explica.

Alternativa "c" – Não se trata de estrangeirismo.

Alternativa "e" – Não intercala.

02. (VUNESP – Agente Penitenciário – ES/2013) Assinale a alternativa em que a pontuação permanece correta.

(A) Este peixe, foi difícil, e prateou no ar dando rabanadas.

(B) Os peixes, foram colocados, na travessa.

(C) Porque somos noivo e noiva, coisas prateadas espocam.

(D) Meu marido, pesca, e limpa, os peixes.

(E) Na primeira vez que nos vimos houve, profundo silêncio.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – A vírgula indica inversão da oração explicativa. A oração coordenada assindética (sem conjunção) é: Coisas prateadas espocam.

Alternativa "a" – Não se separa sujeito do verbo: Este peixe foi difícil. A segunda vírgula pode ser mantida, embora muitos acreditem que não. Pode indicar ênfase.

Alternativa "b" – Não se separa sujeito do verbo e em oração na ordem direta (sujeito + verbo + complemento) não se usa vírgula: Os peixes foram colocados na travessa.

Alternativa "d" – O mesmo que ocorreu na alternativa b: Meu marido pesca e limpa os peixes.

Alternativa "e" – A vírgula está colocada no lugar errado. Há inversão do adjunto adverbial de tempo: Na primeira vez que nos vimos, houve profundo silêncio.

---

03. (VUNESP – Agente Penitenciário – SP/2013) Assinale a alternativa em cujas frases do texto, que foram alteradas, o emprego da vírgula está correto.

(A) A violência urbana, enfermidade contagiosa acomete indivíduos, de todas as classes sociais.

(B) Os fatores de risco, associados à falta de acesso, aos recursos materiais, alimentam a violência nas cidades.

(C) Entre as cidades de um mesmo país e de um país para outro, a prevalência da violência varia muito.

(D) Crianças que apanharam e foram vítimas de abusos, têm maior inclinação, ao comportamento violento.

(E) A sociedade, responde com o aprisionamento à criminalidade mas o criminoso fica impedido de delinquir apenas, enquanto estiver preso.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – A vírgula indica inversão do adjunto adverbial. A oração não se inicia com o sujeito.

Correções:

Alternativa "a" – A violência urbana, enfermidade **contagiosa,** acomete **indivíduos de** todas as classes sociais.

Alternativa "b" – Os fatores de risco, associados à falta de **acesso aos** recursos materiais, alimentam a violência nas cidades.

Alternativa "d" – Não se separa sujeito do verbo: Crianças que apanharam e foram vítimas de **abusos têm** maior **inclinação ao** comportamento violento.

Alternativa "e" – Não se separa sujeito do verbo: A **sociedade responde** com o aprisionamento à **criminalidade, mas** o criminoso fica impedido de **delinquir, apenas**, enquanto estiver preso.

Texto:

A disseminação do conceito de boas práticas corporativas, que ganhou força nos últimos anos, fez surgir uma estrada sem volta no cenário global e, consequentemente, no Brasil. Nesse contexto, governos e empresas estão fechando o cerco contra a corrupção e a fraude, valendo-se dos mais variados mecanismos: leis severas, normas de mercado e boas práticas de gestão de riscos. Isso porque se cristalizou a compreensão de que atos ilícitos vão além de comprometer relações comerciais e o próprio caixa das empresas. Eles representam dano efetivo à reputação empresarial frente ao mercado e aos investidores, que exigem cada vez mais transparência e, em casos extremos, acabam em investigações e litígios judiciais que podem levar executivos à cadeia. (Fernando Porfírio, Pela solidez nas organizações. Em Mundo corporativo n.° 28, abril-junho 2010)

---

04. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2013) No trecho – Nesse contexto, governos e empresas estão fechando o cerco contra a corrupção e a fraude, valendo-se dos mais variados mecanismos: leis severas, normas de mercado e boas práticas de gestão de riscos. – o emprego de dois-pontos cumpre a função de

(A) enumerar dados novos, que desmentem uma afirmação precedente.

(B) expor um ponto de vista contrário àquele adotado pelo autor.

(C) apresentar ideias contrastantes, para instalar uma polêmica.

(D) deslocar a atenção do leitor para informações não pertinentes ao texto.

(E) introduzir informações que especificam uma afirmação anterior.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Os dois pontos especificam os mais variados mecanismos.

Alternativa "a" – Não desmentem.

Alternativa "b" – Não é contrário.

Alternativa "c" – Não há ideias contrastantes.

Alternativa "d" – Não desloca a atenção.

Texto:

Restam dúvidas sobre o crescimento verde. Primeiro, não está claro até onde pode realmente chegar uma política baseada em melhorar a eficiência sem preços adequados para o carbono, a água e (na maioria dos países pobres) a terra. É verdade que mesmo que a ameaça dos preços do carbono e da água em si faça diferença, as companhias não podem suportar ter de pagar, de repente, digamos, 40 dólares por tonelada de carbono, sem qualquer preparação. Portanto, elas começam a usar preços-sombra. Ainda assim, ninguém encontrou até agora uma maneira de quantificar adequadamente os insumos básicos. E sem eles a maioria das políticas de crescimento verde sempre será a segunda opção. (CartaCapital, 27.06.2012. Adaptado)

05. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2012) Na passagem – ... e (na maioria dos países pobres) a terra. – , o uso dos parênteses indica uma informação

(A) comum aos termos/ *carbono, água* e *terra*. Nesse contexto, eles poderiam ser substituídos por reticências.

(B) específica relacionada ao termo "terra". Nesse contexto, eles poderiam ser substituídos por travessões.

(C) principalmente relativa ao termo "terra". Nesse contexto, eles poderiam ser eliminados.

(D) relativa aos termos "carbono", "água" e "terra". Nesse contexto, eles poderiam ser substituídos por vírgulas.

(E) excluída da referência ao termo "terra". Nesse contexto, eles poderiam ser substituídos por dois pontos ou ponto e vírgula.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Parênteses são usados para um comentário acessório. Aqui especifica *terra* é o elemento imediato, seguinte dos três mencionados no período e poderiam (os parênteses) serem substituídos por travessões.

Alternativa "a" – Não se referem aos termos *carbono* e *água* só a *terra*. Reticências, não têm lugar neste contexto.

Alternativa "c" – Não poderiam ser eliminados – somente substituídos.

Alternativa "d" – Não indica informação relativa aos termos *Carbono* e *água*, somente a *terra* embora pudessem ser substituídos por vírgulas.

Alternativa "e" – Afirmativa duplamente absurda.

06. (Vunesp – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – SP/2012) Assinale a alternativa que apresenta o correto emprego da vírgula.

(A) Caso haja, interesse, procure-nos, amanhã.

(B) Machado de Assis, escritor brasileiro, escreveu contos e romances.

(C) Peguei, comprei mas não consegui montar.

(D) Foi até a banca, comprou o jornal leu e dormiu.

(E) Maria comprou muitas coisas: frutas, chocolate, balas, e, sorvete.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – As vírgulas separam aposto explicativo de Machado de Assis.

Alternativa "a" – Caso haja interesse, procure-nos amanhã.

Alternativa "c" – Peguei, comprei, mas não consegui montar.

Alternativa "d" – Foi até a banca, comprou o jornal, leu e dormiu.

Alternativa "e" – Maria comprou muitas coisas: frutas, chocolate, balas e sorvete.

07. (Vunesp – Agente de Segurança Penitenciária – SP/2012)

As garras do Judiciário, na maioria dos casos, não têm alcançado esses motoristas porque a lei é falha." (Como evitar que motoristas bêbados fiquem impunes e continuem a matar no trânsito, Rodrigo Cardoso, Paula Rocha, Michel Alecrim e Luciani Gomes. ISTOÉ, nov. 2011. Adaptado).

Assinale a alternativa em que, alterando-se a ordem das palavras, a frase permanece com a pontuação correta.

(A) Na maioria dos casos as garras do Judiciário, não têm alcançado esses motoristas porque a lei é falha.

(B) As garras do Judiciário, não têm alcançado esses motoristas, na maioria dos casos porque a lei é falha.

(C) Porque a lei é falha, as garras do Judiciário, na maioria dos casos, não têm alcançado esses motoristas.

(D) Não têm alcançado, esses motoristas as garras do Judiciário na maioria dos casos, porque a lei é falha.

(E) As garras do Judiciário, porque a lei é falha não têm alcançado na maioria dos casos, esses motoristas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

- Inversão: Porque a lei é falha
- Intercalação – leia a parte em negrito: **as garras do Judiciário**, na maioria dos casos, **não têm alcançado esses motoristas.**

Alternativa "a" – Na maioria dos casos, as garras do Judiciário não têm alcançado esses motoristas porque a lei é falha.

Alternativa "b" – As garras do Judiciário não têm alcançado esses motoristas, na maioria dos casos, porque a lei é falha.

Alternativa "d" – Não têm alcançado, esses motoristas, as garras do Judiciário na maioria dos casos, porque a lei é falha.

Alternativa "e" – As garras do Judiciário, porque a lei é falha, não têm alcançado, na maioria dos casos, esses motoristas.

Texto – trecho:

WikiLeaks contra o Império

(...)

A vergonha americana pede que se relembre o trabalho de 10 mil ingleses, entre eles alguns dos maiores matemáticos do século, que trabalharam em Bletchley Park durante a Segunda Guerra, quebrando os códigos alemães. O serviço dessa turma influenciou a ocasião do desembarque na Normandia e permitiu o êxito dos soviéticos na batalha de Kursk.

Terminada a guerra, Winston Churchill mandou apagar todos os vestígios da operação, mantendo o episódio sob um manto de segredo. Ele só foi quebrado, oficialmente, nos anos 70. Com a palavra Catherine Caughey, que tinha 20 anos quando trabalhou em Bletchley Park: "Minha grande tristeza foi ver que meu amado marido morreu em 1975 sem saber o que eu fiz durante a guerra". Alan Turing, um dos matemáticos do parque, matou-se em 1954. Mesmo condenado pela Justiça por conta de sua homossexualidade, nunca falou do caso. (Ele comeu uma maçã envenenada. Conta a lenda que, em sua homenagem, esse é o símbolo da Apple). (Elio Gaspari, WikiLeaks contra o Império. Folha de S.Paulo. Adaptado)

08. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2011) Em – (Ele comeu uma maçã envenenada. Conta a lenda que, em sua homenagem, esse é o símbolo da Apple.) – o uso dos parênteses justifica-se porque

(A) menciona uma lenda.

(B) isola indicação acessória, explicativa.

(C) enfatiza o final de uma frase declarativa.

(D) indica a mudança de interlocutor.

(E) separa os elementos de uma enumeração.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Explica o fato e o isola.

Alternativa "a" – Não é para mencionar a lenda.

Alternativa "c" – Não enfatiza.

Alternativa "d" – Não muda o interlocutor.

Alternativa "e" – Não separa elementos.

▶ **Dica** – Os parênteses servem:

- para separar qualquer indicação de ordem explicativa, comentário ou reflexão.
- para incluir dados informativos sobre bibliografia (autor, ano de publicação, página etc.)
- para isolar orações intercaladas com verbos declarativos, em substituição à vírgula e aos travessões.
- para delimitar o período de vida de uma pessoa.
- para indicar possibilidades alternativas de leitura.
- para indicar marcações cênicas numa peça de teatro.

09. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2011) Considere os enunciados.

I. O embaixador Clifford Sobel, fez declarações sobre o presidente boliviano.

II. Aquela declaração, foi dada ao jornal, por Catherine Caughey.

III. Muammar Gaddafi, presidente da Líbia, possui arsenal nuclear sob seu controle.

O emprego da vírgula está correto apenas em

(A) I.

(B) II.

(C) III.

(D) I e III.

(E) II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

I. Não se usa vírgula separando o sujeito do predicado: o embaixador Clifford (sujeito) fez declarações... (predicado) ou intercalar: O embaixador, Clifford Sobel, fez declarações sobre o presidente boliviano.

II. Não se separa sujeito do verbo ou do predicado: Aquela declaração foi dada ao jornal por Catherine Caughey. Note que a oração está na ordem direta.

III. Correto: As vírgulas estão isolando corretamente o aposto: presidente da Líbia.

Texto:

Quando algumas pessoas que só acompanham meu trabalho como jornalista cultural sabem que admiro, pratico e comento futebol, isso sem falar de quando declaro o time para o qual torço, soltam frases como "Isso não é importante", "Que perda de tempo" ou "Todo mundo tem seu lado irracional". São frases engraçadamente preconceituosas. Sugerem que os livros e as artes são sempre importantes, nunca desperdiçam nosso tempo e agem como veículos da nossa razão. E está claro que não é assim... E sugerem, por outro lado, que do futebol nada se aprende. Bem, muitos intelectuais aprenderam dele, como de outros esportes, e eu digo sempre que o futebol me ensinou mais sobre o Brasil do que muitos livros de história. Também me ensinou sobre a natureza humana.

Concordo que o futebol não é "importante"; mais ainda, que as pessoas lhe dão muita importância, desde o torcedor que briga com a mulher ou com o vizinho porque o time perdeu até o professor que decide defender a tese de que um time de 11 marmanjos de calções serve como modelo para o que uma nação deve fazer com sua economia, educação, etc. Mas o futebol tem importância por mexer com outras dimensões da nossa natureza, como o instinto de competição física e a inclinação para o ritual simbólico. Como ao ler as lendas da mitologia ou os romances de aventura, projetamos no futebol um gosto pela façanha, uma curiosidade sobre o limite. Viver é mover.

Se 2 bilhões de pessoas param para ver uma final de Copa do Mundo, um observador cultural não pode ficar indiferente a isso. Logo, ver algo que me dá prazer como simulação de nossas possibilidades motoras e lúdicas, não precisa ser perda de tempo. (...)

Sobre o lado irracional, uma das coisas que o futebol mostra é que racionalidade e irracionalidade não são duas instâncias lado a lado, mas que se mesclam e muitas vezes com resultados positivos. O que Pelé fazia em campo podia partir de uma memória corporal vinda desde as brincadeiras de infância – e quantos prazeres da vida não têm a mesma relação com o jogo? – e, no entanto, era produto de um trabalho mental, consciente, forjado em tentativa e erro, repetidas vezes. O craque não é o que pensa mais rápido e, assim, aplica o que faz com a bola dentro da narrativa da partida. Como nas artes, na política ou na paquera, o grande segredo mora no "timing". É preciso ensaiar para não fazer em campo apenas as jogadas ensaiadas. (Daniel Piza, O Estado de S.Paulo, 13.06.2010. Adaptado)

10. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/–2010) A oração ... isso sem falar de quando declaro o time para o qual torço..., no contexto do primeiro parágrafo,

(A) indica redundância de ideias e torna o trecho ininteligível.

(B) apresenta pontuação inadequada, por estar entre vírgulas.

(C) contém estrutura sintática sem nexo lógico.

(D) deveria estar no final do período para garantir-lhe a coesão.

(E) poderia vir entre travessões, pois trata-se de oração intercalada.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Poderia vir entre travessões, pois trata-se de uma intervenção do autor no meio da própria fala. As vírgulas podem ser substituídas por travessões ou parênteses.

Alternativa "a" – Não há redundância (pleonasmo) de ideias.

Alternativa "b" – O emprego das vírgulas está correto.

Alternativa "c" – A estrutura sintática está correta e compatível.

Alternativa "d" – A oração está bem colocada no meio do período, mas se estivesse colocada no final, não mudaria o sentido.

11. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/–2010) Assinale a alternativa correta quanto à pontuação.

(A) Participe do 21Curso Estado de Jornalismo. Lá estarão presentes, alguns dos mais importantes profissionais da área do jornalismo, no Brasil e no mundo. E bom lembrar esse é o último curso no gênero reconhecido, como extensão universitária. Por isso, atenção focas o curso oferece 30 vagas gratuitas.

(B) Participe, do 21Curso Estado de Jornalismo. Lá estarão presentes alguns dos mais importantes profissionais da área do jornalismo no Brasil e, no mundo. É bom lembrar; esse é o último curso no gênero, reconhecido como extensão universitária. Por isso atenção focas, o curso oferece 30 vagas gratuitas.

(C) Participe do 21Curso Estado de Jornalismo. Lá, estarão presentes alguns dos mais importantes profissionais da área do jornalismo, no Brasil e no mundo. É bom lembrar esse é o último curso, no gênero reconhecido, como extensão

universitária. Por isso atenção, focas o curso oferece 30 vagas gratuitas.

(D) Participe do 21Curso Estado de Jornalismo. Lá estarão presentes, alguns dos mais importantes profissionais da área do jornalismo no Brasil e no mundo. É bom lembrar: esse é o último curso no gênero reconhecido como extensão universitária. Por isso atenção, focas o curso oferece, 30 vagas gratuitas.

(E) Participe do 21Curso Estado de Jornalismo. Lá estarão presentes alguns dos mais importantes profissionais da área do jornalismo, no Brasil e no mundo. É bom lembrar: esse é o último curso no gênero reconhecido como extensão universitária. Por isso, atenção, focas, o curso oferece 30 vagas gratuitas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

- Participe do 21Curso Estado de Jornalismo. Eliminada *b*.
- Lá estarão presentes alguns dos mais importantes profissionais da área do jornalismo, no Brasil e no mundo. = a vírgula separa o adjunto adverbial de lugar. Eliminada *a*, *c* e *d*. Encontrada a resposta.
- É bom lembrar: esse é o último curso no gênero reconhecido como extensão universitária. = os dois pontos explicam.
- Por isso, atenção, focas, o curso oferece 30 vagas gratuitas. = intercalações.

Texto:

Conta-se que, um dia, Sócrates parou diante de uma tenda do mercado em que estavam expostas diversas mercadorias. Depois de algum tempo, ele exclamou: "Vejam quantas coisas o ateniense precisa para viver." Naturalmente ele queria dizer com isto que ele próprio não precisava de nada daquilo.

Esta postura de Sócrates foi o ponto de partida para a filosofia cínica, fundada em Atenas por Antístenes – um discípulo de Sócrates, por volta de 400 a. C. Os cínicos diziam que a verdadeira felicidade não depende de fatores externos, como o luxo, o poder político e a boa saúde. Para eles, a verdadeira felicidade consistia em se libertar dessas coisas casuais e efêmeras. E justamente porque a felicidade não estava nessas coisas, ela podia ser alcançada por todos. E, uma vez alcançada, não podia mais ser perdida. (Jostein Gaarden, O Mundo de Sofia. São Paulo, Cia. das Letras, 1995)

12. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/–2010) A frase de Sócrates, em nova versão, está correta, de acordo com a norma culta, em

(A) Vejam, atenienses, quantas coisas vocês precisam, para viver.

(B) Vejam atenienses quantas coisas vocês precisam para viver.

(C) Vejam, atenienses, de quantas coisas vocês precisam para viver.

(D) Vejam atenienses quantas coisas, vocês, precisam para viver.

(E) Vejam, atenienses, de quantas, coisas vocês, precisam para viver.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Alternativa em nova versão, correta, de acordo com a norma culta.

Alternativa "a" – Quem precisa, precisa de algo: de quantas coisas; está incorreto o emprego da vírgula antes de oração subordinada reduzida de infinitivo.

Alternativa "b" – Faltam as vírgulas isolando o vocativo *atenienses*.

Alternativa "d" – Não há vírgulas isolando o pronome *você*; as vírgulas deveriam isolar o vocativo *atenienses*.

Alternativa "e" – Emprego incorreto das vírgulas isolando *coisas vocês*.

13. (Vunesp – Oficial de Justiça – TJ – SP/2009) Considerando que o termo *Cristina* é sujeito de oração, assinale a alternativa correta quanto à pontuação.

(A) Cristina, encontra o caminho e, recompõe, a Argentina.

(B) Cristina, encontra o caminho e recompõe a Argentina.

(C) Cristina encontra o caminho, e recompõe, a Argentina.

(D) Cristina, encontra o caminho, e recompõe a Argentina.

(E) Cristina encontra o caminho e recompõe a Argentina.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – É uma utopia, mas a frase está correta apenas com o ponto final.

Alternativa "a" – Não se separa com vírgula o sujeito e o verbo; há mais duas vírgulas desnecessárias e incorretas.

Alternativa "b" – Idem alternativa "a" quanto ao sujeito e o verbo.

Alternativa "c" – Não se usa vírgula antes da conjunção *e* (exceto para enfatizar, ou seja, indicar efeito cascata de ações = isso + isso + isso); não se usa vírgula entre verbo e complemento.

Alternativa "d" – Idem alternativas "a" e "c" quanto ao sujeito e o verbo, e a conjunção *e*, respectivamente.

---

14. (Vunesp – Agente de Segurança Penitenciária – SP/2009) Assinale a alternativa correta quanto à pontuação.

(A) A Casa de Expostos de São Paulo a partir de 1935, passou a ser conhecida como Asilo Sampaio Vieira.

(B) A Casa de Expostos de São Paulo, passou a ser conhecida como Asilo Sampaio Vieira a partir de 1935.

(C) A Casa de Expostos de São Paulo, passou a ser conhecida como Asilo Sampaio Vieira, a partir de 1935.

(D) A Casa de Expostos de São Paulo, a partir de 1935, passou a ser conhecida como Asilo Sampaio Vieira.

(E) A Casa de Expostos de São Paulo passou a partir de 1935, a ser conhecida como Asilo Sampaio Vieira.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Intercalação do adjunto adverbial de tempo – leia o que está em negrito: **A Casa de Expostos de São Paulo**, a partir de 1935, **passou a ser conhecida como Asilo Sampaio Vieira.**

Alternativa "a" – **A Casa de Expostos de São Paulo**, a partir de 1935, **passou a ser conhecida como Asilo Sampaio Vieira.**

Alternativa "b" – A Casa de Expostos de São Paulo passou a ser conhecida como Asilo Sampaio Vieira a partir de 1935.

Alternativa "c" – A Casa de Expostos de São Paulo passou a ser conhecida como Asilo Sampaio Vieira a partir de 1935.

Alternativa "e" – A Casa de Expostos de São Paulo passou, a partir de 1935, a ser conhecida como Asilo Sampaio Vieira.

---

15. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2008) Assinale a alternativa em que a frase está correta quanto à pontuação.

(A) A crise de autoridade na vida pública, resulta do casamento da corrupção com cumplicidade.

(B) Fazem parte da decência humana fundamental, a ética e a moralidade.

(C) As leis, que são mal cumpridas no país têm em si, a moralidade.

(D) Quando a tentação nos assedia, é preciso coragem – e muita – para dizer não.

(E) A crise de autoridade, verificada na vida pública também se reflete, na família.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

- A primeira vírgula indica inversão da oração subordinada adverbial temporal (está antes da oração principal);
- Os duplos travessões intercalam a expressão *e muita*. Leia o negrito: **é preciso coragem** – e muita – **para dizer não.**

Alternativa "a" – Não se separa o sujeito do verbo: A crise de autoridade na vida pública resulta do casamento da corrupção com cumplicidade.

Alternativa "b" – Não se separa o sujeito do verbo: Fazem parte da decência humana fundamental a ética e a moralidade.

Alternativa "c" – A vírgula antes do pronome relativo QUE está separando oração adjetiva restritiva e só podemos usar pontuação anteposta ao relativo se a oração for explicativa: As leis que são mal cumpridas no país têm em si a moralidade.

Alternativa "e" – Intercalação errada: A crise de autoridade, verificada na vida pública, também se reflete na família.

---

16. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2007) Das manchetes jornalísticas foram retirados os sinais de pontuação. Assinale a alternativa com pontuação correta das frases.

Sobremesa a R$ 0,84 Doceiras badaladas dão a receita

A nova febre em São Paulo fumar narguilé

Só é preciso uma coisa para viver bem saúde

Para você profissional de RH

(O Estado de S.Paulo, 07.04.2007)

(A) Sobremesa a R$ 0,84? Doceiras badaladas dão a receita

A nova febre em São Paulo: fumar narguilé

Só é preciso uma coisa: para viver bem saúde

Para você profissional de RH:

(B) Sobremesa a R$ 0,84? Doceiras badaladas dão a receita

A nova febre em São Paulo: fumar narguilé

Só é preciso uma coisa para viver bem: saúde

Para você, profissional de RH

(C) Sobremesa a R$ 0,84; Doceiras badaladas dão a receita

A nova febre: em São Paulo fumar; narguilé

Só é preciso uma coisa? para viver bem saúde

Para você, profissional de RH

(D) Sobremesa a R$ 0,84? Doceiras badaladas dão a receita;

A nova febre em São Paulo fumar: narguilé

Só é preciso uma coisa para viver bem, saúde

Para você; profissional de RH

(E) Sobremesa a R$ 0,84; Doceiras badaladas dão a receita

A nova febre; em São Paulo fumar narguilé

Só é preciso uma coisa para viver; bem saúde

Para você profissional de RH?

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta

- Sobremesa a R$ 0,84? Doceiras badaladas dão a receita = pergunta e resposta. Eliminadas alternativas *c* e *e;*
- A nova febre em São Paulo: fumar narguilé = os dois pontos explicam (aposto explicativo a nova febre). Eliminada alternativa *d;*
- Só é preciso uma coisa para viver bem: saúde = os dois pontos explicam (aposto explicativo uma coisa para viver bem). Eliminada *a*.
- Para você, profissional de RH = a vírgula separa o aposto explicativo você.

Observar que a proposta é escrita em versos, formando uma estrofe, por isso não o ponto no final dos versos e estes são iniciados com letra maiúscula.

---

17. (Vunesp – Escrevente Técnico Judiciário – TJ – SP/2007) Na frase – *Se aprendem pouco, paciência, a culpa é mais da fragilidade do ensino básico do que das faculdades.* – a palavra *paciência* vem entre vírgulas para, no contexto,

(A) garantir a atenção do leitor.

(B) separar o sujeito do predicado.

(C) intercalar uma reflexão do autor.

(D) corrigir uma afirmação indevida.

(E) retificar a ordem dos termos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – *Paciência* possui valor subjetivo: reflexão do autor.

Alternativa "a" – Na frase, a palavra *paciência* não expressa esse valor.

Alternativa "b" – Não atende à questão.

Alternativa "d" – Não há essa correção.

Alternativa "e" – Não há retificação nos termos.

---

18. (TJ – SP – Oficial de Justiça – TJ – SP/1999) Assinale a alternativa em que a vírgula foi empregada incorretamente.

(A) "Deus é contra a guerra, mas fica do lado de quem atira bem."(Voltarie)

(B) "Se você quer que as pessoas pensem que você é muito inteligente, simplesmente concorde com elas." (Provérbio judaico)

(C) "De qualquer maneira, case-se; se conseguir, uma boa esposa você será feliz; se arranjar uma esposa ruim você se, tornará um filósofo." (Sócrates)

(D) "No tronco mais verde, que no prado houvesse, Amor me mandou seu nome escrevesse." (Tomás Antônio Gonzaga)

(E) "Mais longe, derramados pelo vale, viam-se o monjolo, a bolandeira, o moinho, a serraria, tocados pela água de um ribeiro que serpejava rumorejando entre as margens pedregosas." (José de Alencar)

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – "De qualquer maneira, case-se; se **conseguir uma** boa esposa, você será feliz; se arranjar uma esposa ruim, você se tornará um filósofo." (Sócrates)

Dentro das orações separadas por ponto e vírgula, ocorre inversão das orações.

Alternativa "a" – Usa-se vírgula antes da conjunção adversativa *mas.*

Alternativa "b" – Inversão da oração subordinada condicional.

Alternativa "d" – Inversão do adjunto adverbial de lugar, isolamento da oração subordinada adjetiva explicativa.

Alternativa "e" – Intercalação e termos coordenados (cabe a conjunção *e*).

2. FGV

19. (FGV – Agente Penitenciário – MA/2013) "'Morar' em uma caixa de metal sob um sol de escaldar não deve ser nada agradável".

Nesse período do texto, o vocábulo 'morar' aparece entre aspas porque

(A) recebe um sentido especial, de valor positivo.

(B) indica uma expressão de autoria alheia.

(C) mostra um termo empregado em sentido afetivo.

(D) destaca um termo importante para o sentido do texto.

(E) apresenta um significado irônico.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – As aspas indicam clara ironia, já que morar em uma caixa de metal sob um sol de escaldar não é agradável. O uso das aspas foi citado em questões anteriores.

Alternativa "a" – Não é sentido positivo.

Alternativa "b" – Não é autoria alheia, o nome do autor foi citado.

Alternativa "c" – Longe de ser afetividade.

Alternativa "d" – Não é termo importante.

3. FUNRIO

20. (Funrio – Agente Penitenciário Federal/–2009) *"Senhoras e senhores, chamo ao palco neste momento o Professor Doutor Simão Bacamarte, ilustre Paraninfo das turmas concluintes do Ensino Médio de nosso querido Colégio".* A função textual das duas vírgulas dessa frase é separar, respectivamente,

(A) o sujeito e o predicativo.

(B) os substantivos e os adjetivos.

(C) o vocativo e o aposto.

(D) o verbo e o nome.

(E) o acessório e o enfático.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

- Senhoras e senhores: vocativo – com quem se fala. Eliminadas as alternativas restantes.
- ilustre Paraninfo... = aposto explicativo de Professor Doutor Simão Bacamarte.

4. FCC

21. (FCC – Agente de Segurança Penitenciária – PB/2008)

Ao mesmo tempo, essa revolução na tecnologia abre novas possibilidades para um campo da ciência que sempre despertou controvérsias de caráter ético – a interferência no cérebro destinada a alterar o comportamento de pessoas. (Adaptado de Paula Neiva e Vanessa Vieira. Veja. 13 de fevereiro de 2008, p. 82-84)

O emprego do travessão indica, considerando-se o contexto,

(A) enumeração de fatos de caráter científico.

(B) retomada resumida do assunto do parágrafo.

(C) repetição destinada a introduzir o desenvolvimento posterior.

(D) retificação de uma afirmativa feita anteriormente.

(E) especificação de uma expressão usada anteriormente.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Especifica as controvérsias de caráter ético.

Alternativa "a" – Duas afirmações erradas.

Alternativa "b" – Não retoma.

Alternativa "c" – Não repete.

Alternativa "d" – Não retifica.

5. UEL

Texto para a questão.

Resolução do Conselho Nacional de Trânsito (Contran) publicada ontem instituiu, na prática, a tolerância zero de álcool no trânsito em todo o país. Agora, mesmo que o motorista parado nas blitz e da lei seca tenha bebido menos de um copo de cerveja terá de pagar multa por infringir a lei – que aumentou para R$ 1.915,40 no fim de 2012. A resolução 432 do Contran foi publicada no Diário Oficial da União. Ela regulamentou as mudanças aprovadas pelo Congresso Nacional, que foram sancionadas pela presidenta Dilma Rousseff em 20 de dezembro, e passaram, por exemplo, a aceitar testemunhos de embriaguez como prova de que o motorista cometeu infração.

Uma das principais mudanças foi estabelecer como infração dirigir sob "qualquer influência" de álcool. Mas, como há certos níveis de imprecisão nos

aparelhos de bafômetro, faltavam regras para definir como caracterizar qualquer limite. A decisão do Contran, após uma série de estudos, foi determinar que o motorista terá cometido infração se tiver 0,01 miligrama de álcool para cada litro de ar expelido dos pulmões na hora de fazer o teste. Mas definiu, na regulamentação, que o limite de referência será de 0,05 miligramas – por causa dessas diferenças dos aparelhos, em uma espécie de "margem de erro" aceitável. Assim, se o bafômetro apresentar o número "0,05" no visor, o motorista já terá de pagar multa de R$ 1.915,40.

Outra determinação é que, no caso de o motorista fazer exame de sangue, não será admitido nenhum nível de álcool no sangue. "Sabemos que os acidentes não são reduzidos por decreto, mas é preciso dar um basta à violência no trânsito", disse ontem o ministro das Cidades, Aguinaldo Ribeiro, durante evento em Brasília para detalhar as mudanças na legislação. "O grande objetivo é mudar a postura da sociedade em relação ao risco do uso do álcool ao volante", explicou.

(Adaptado **de: RIBEIRO, B.; VALLE, C. do; MENDES, V. Começa a valer tolerância zero de álcool no trânsito. O Estado de S. Paulo. São Paulo, 30 jan. 2013. Cidades. C8.)**

---

22. (UEL – Agente Penitenciário – PR/2013) De acordo com os recursos linguístico-semânticos do texto, considere as afirmativas a seguir.

I. No trecho "O grande objetivo é mudar a postura da sociedade em relação ao risco do uso do álcool ao volante", as aspas são usadas no texto por se tratar de um discurso direto.

II. No fragmento "Resolução do Conselho Nacional de Trânsito (Contran) publicada ontem", os parênteses foram usados para indicar a sigla da expressão anterior.

III. Em "Uma das principais mudanças foi estabelecer como infração dirigir sob "qualquer influência" de álcool", a expressão em destaque está entre aspas no texto por se tratar de uma metáfora.

IV. No fragmento "Sabemos que os acidentes não são reduzidos por decreto, mas é preciso dar um basta à violência no trânsito", as aspas são usadas no texto para realçar o argumento apresentado.

(A) Somente as afirmativas I e II são corretas.

(B) Somente as afirmativas I e IV são corretas.

(C) Somente as afirmativas III e IV são corretas.

(D) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.

(E) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

✪ **Nota da autora:** Tipos de discurso que são exigidos em provas:

Discurso é a prática humana de construir textos, sejam eles escritos ou orais. Sendo assim, todo discurso é uma prática social. A análise de um discurso deve, portanto, considerar o contexto em que se encontra, assim como as personagens e as condições de produção do texto.

Em um texto narrativo, o autor pode optar por três tipos de discurso: o discurso direto, o discurso indireto e o discurso indireto livre. Não necessariamente estes três discursos estão separados, eles podem aparecer juntos em um texto. Dependerá de quem o produziu.

1. Discurso Direto: Neste tipo de discurso as personagens ganham voz. É o que ocorre normalmente em diálogos. Isso permite que traços da fala e da personalidade das personagens sejam destacados e expostos no texto. O discurso direto reproduz fielmente as falas das personagens. Verbos como dizer, falar, perguntar, entre outros, servem para que as falas das personagens sejam introduzidas e elas ganhem vida, como em uma peça teatral.

Travessões, dois pontos, aspas e exclamações são muito comuns durante a reprodução das falas.

2. Discurso Indireto: O narrador conta a história e reproduz fala, e reações das personagens. É escrito normalmente em terceira pessoa. Nesse caso, o narrador se utiliza de palavras suas para reproduzir aquilo que foi dito pela personagem.

3. Discurso Indireto Livre: O texto é escrito em terceira pessoa e o narrador conta a história, mas as personagens têm voz própria, de acordo com a necessidade do autor de fazê-lo. Sendo assim é uma mistura dos outros dois tipos de discurso e as duas vozes se fundem.

FONTE: *Celso Cunha in Gramática da Língua Portuguesa, 2ª edição.*

I. Certo: trata-se da fala do o ministro das Cidades, Aguinaldo Ribeiro.

II. Certo: é aposto explicativo – com sigla.

III. Errado: não se trata de metáfora, mas sim tenta especificar uma expressão que generaliza, já que não se sabe quais são as influências.

IV. Errado: é a fala do o ministro das Cidades, Aguinaldo Ribeiro.

6. FEPESE

---

23. (FEPESE – Agente Penitenciário – SC/2013) Assinale a frase com pontuação correta.

(A) Não recebi reconhecimento mas compareci à cerimônia, mesmo assim.

(B) O chefe foi recebido pela autoridade máxima e o servidor, pelos companheiros de sala.

(C) A ele não lhe deem o perdão, que na visão deste Tribunal, é caso encerrado.

(D) Quando olhava aqueles adolescentes lembrava-me, de tudo o que estava em suas histórias, de vida.

(E) Ainda não decidimos quando, se efetivarão os cargos aprovados.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – A vírgula está indicando que ocorre zeugma, ou seja, está substituindo os verbos *foi recebido*.

Correções:

Alternativa "a" – Não recebi reconhecimento, mas compareci à cerimônia mesmo assim.

Alternativa "c" – A ele, não lhe deem o perdão que na visão deste Tribunal é caso encerrado.

Alternativa "d" – Quando olhava aqueles adolescentes, lembrava-me de tudo o que estava em suas histórias de vida.

Alternativa "e" – Ainda não decidimos quando se efetivarão os cargos aprovados.

7. UECE

24. (UECE – Agente Penitenciário – CE/2011) Sobre as vírgulas empregadas na frase "Na mitologia grega, a mãe de Eros, o desejo, é a Penúria, a falta.", retirada do texto **A Falta que nos move (Vida Simples. Set 2011, p. 48-51)**, é correto afirmar-se que

(A) a primeira isola uma oração, a segunda e a terceira isolam um aposto e a quarta isola outro aposto.

(B) a primeira isola uma oração, a segunda e a terceira isolam um vocativo e a quarta isola outro vocativo.

(C) a primeira isola uma expressão adverbial, a segunda e a terceira isolam um aposto e a quarta isola outro aposto.

(D) a primeira isola uma expressão adverbial, a segunda e a terceira isolam um vocativo e a quarta isola outro vocativo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

- Na mitologia grega: inversão do adjunto adverbial de lugar. Eliminadas *a* e *b*.
- O desejo é aposto explicativo. Eliminada *d*.
- A falta é aposto explicativo de Penúria.

8. UPENETE

25. (UPENET – Agente Penitenciário – PE/2009) Nas alternativas abaixo, a vírgula foi incorretamente empregada, EXCETO EM:

(A) Na verdade, seus amigos, não ajudaram em nada.

(B) Entregue esses documentos, ao secretário da escola.

(C) Durante o jogo, aconteceram brigas e confusões.

(D) Felipe, professor do 6° ano vai levar os alunos ao museu.

(E) Eu realmente, quero muito sua aprovação.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Inversão do adjunto adverbial de tempo.

Alternativa "a" – Na verdade, seus amigos não ajudaram em nada.

Alternativa "b" – Entregue esses documentos ao secretário da escola.

Alternativa "d" – Felipe, professor do 6° ano, vai levar os alunos ao museu.

Alternativa "e" – Eu, realmente, quero muito sua aprovação.

QUESTÕES MÉDIAS

1. NÍVEL MÉDIO

1.1. FCC

01. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 3/2015) Está plenamente adequada a pontuação da seguinte frase:

(A) Não apenas os museus como também os monumentos históricos, constituem formas de uma memória histórica, que não se deseja perder.

(B) Sempre haverá quem acredite que a memória do passado histórico, quando bem preservada,

ajuda-nos a evitar os graves erros que foram outrora cometidos.

(C) Depois de muitos debates, os membros da Assembleia Nacional instalada pela Revolução Francesa, decidiram criar museus públicos, para preservar o passado.

(D) Embora muitos imaginem, que os museus são instituições antiquíssimas, eles de fato nasceram, tão somente no século da Revolução Francesa.

(E) Se era para começar tudo do zero, mais lógico seria naquele momento revolucionário, deixar que se a pagassem todos os vestígios do passado.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

Observação: inversão de advérbio (sempre) não obriga o uso de vírgula; apenas exige se se tratar de locução adverbial. Para algumas bancas, com mais de 3 palavras.

Correções:

(A) Não apenas os museus, **como também os monumentos históricos**, constituem formas de uma memória histórica **que** não se deseja perder. = intercalação necessária + retirada na vírgula antes do pronome relativo por se tratar de oração adjetiva restritiva.

(C) Depois de muitos debates, os membros da Assembleia Nacional, **instalada pela Revolução Francesa**, decidiram criar museus públicos **para** preservar o passado. = intercalação necessária entre sujeito e verbo; a vírgula antes da oração adverbial final não é necessária por estar o período na ordem direta.

(D) Embora muitos imaginem **que** os museus são instituições antiquíssimas, eles de fato nasceram **tão** somente no século da Revolução Francesa. = não se separa oração principal da oração subordinada substantiva; não há motivo para inserir outra vírgula no período.

(E) Se era para começar tudo do zero, mais lógico seria, **naquele momento revolucionário**, deixar que se a pagassem todos os vestígios do passado. = intercalação obrigatória.

Trechos para a questão.

Para ver uma cidade não basta ficar de olhos abertos. É preciso primeiramente descartar tudo aquilo que impede vê-la, todas as ideias recebidas, as imagens pré – constituídas que continuam a estorvar o campo visual e a capacidade de compreensão. (...)

A comparação da cidade com uma máquina é, ao mesmo tempo, pertinente e desviante. Pertinente porque uma cidade vive na medida em que funciona, isto é, serve para se viver nela e para fazer viver. Desviante porque, diferentemente das máquinas, que são criadas com vistas a uma determinada função, as cidades são todas ou quase todas o resultado de adaptações sucessivas a funções diferentes, não previstas por sua fundação anterior (penso nas cidades italianas, com sua história de séculos ou de milênios).

Mais do que com a máquina, é a comparação com o organismo vivo na evolução da espécie que pode nos dizer alguma coisa importante sobre a cidade: como, ao passar de uma era para outra, as espécies vivas adaptam seus órgãos para novas funções ou desaparecem, assim também as cidades. E não podemos esquecer que na história da evolução toda espécie carrega consigo características que parecem de outras eras, na medida em que já não correspondem a necessidades vitais, mas que talvez um dia, em condições ambientais transformadas, serão as que salvarão a espécie da extinção. (...)

(CALVINO, Italo. Os deuses da cidade. Assunto encerrado: discurso sobre literatura e sociedade. Trad. Roberta Barni. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 333-334)

02. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) O comentário correto sobre o emprego do sinal de pontuação no trecho citado é:

(A) parecem de outras eras, na medida em que já não correspondem a necessidades vitais / a vírgula introduz expressão que, em consequência do emprego de *na medida em que*, expressa ideia de "em conformidade com".

(B) (penso nas cidades italianas, com sua história de séculos ou de milênios) / os parênteses abrigam lembrança cuja presença no texto sugere que elas sejam o exemplo mais expressivo das adaptações referidas.

(C) descartar tudo aquilo que impede vê-la, todas as ideias recebidas, as imagens pré – constituídas / a substituição das duas vírgulas por parênteses, seguidos por vírgula, não altera a relação original entre os segmentos.

(D) uma cidade vive na medida em que funciona, isto é, serve para se viver nela e para fazer viver / a segunda vírgula, por ser optativa, pode ser retirada sem que haja prejuízo da correção gramatical.

(E) pode nos dizer alguma coisa importante sobre a cidade: como, ao passar de uma era para outra, as espécies vivas ... as cidades / os dois-pontos introduzem a síntese do que foi tratado com mais detalhes anteriormente na frase.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Relendo o parágrafo em que foram inseridos os parênteses e as ideias, fica claro que a intenção é dar ênfase ao trecho. Por eliminação também daria para chegar à resposta. Vejamos as alternativas.

Alternativa "a" – *Na medida em que* indica causa e não conformidade. Dica: *à medida que* possui relação de proporcionalidade. Não confunda.

Alternativa "c" – Os termos *todas as ideias recebidas* e *as imagens pré – constituídas* possuem função de aposto de *tudo aquilo que impede vê-la*. Não podendo, assim separar as expressões, muito menos inserir vírgula após os parênteses.

Alternativa "d" – As expressões *isto é* e *ou seja* são explicativas e devem, obrigatoriamente, estar entre vírgulas.

Alternativa "e" – Os dois-pontos não sintetizam, mas sim explicam, citam.

Trecho para a próxima questão.

(...) Cheias e secas mais frequentes e intensas devem causar uma redução na produção agrícola também por outra razão. Pesquisadores da Embrapa concluíram que algumas doenças – principalmente as causadas por fungos – e pragas podem se agravar em muitas culturas analisadas, em decorrência da elevação dos níveis de CO2 do ar, da temperatura e da radiação ultravioleta, acenando com a possibilidade de aumento de preços e redução da variedade de cereais, hortaliças e frutas.

Cheias e secas devem também alterar a vazão dos rios e prejudicar o abastecimento dos reservatórios das hidrelétricas, acelerar a acidificação da água do mar e reduzir a biodiversidade dos ambientes aquáticos brasileiros. A perda de biodiversidade dos ambientes naturais deve se agravar; alguns já perderam uma área expressiva – o cerrado, 47%, e a caatinga, 44% – a ponto de os especialistas questionarem se a recuperação do equilíbrio biológico característico desses ambientes seria mesmo possível.

(Adaptado **de: FIORAVANTI, Carlos. Revista FAPESP, agosto de 2013, p. 23 e 24)**

03. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRE-RO/2013) Os segmentos isolados por travessões,

(A) referem-se a dados coletados em estudos atuais que indicam solução de possíveis problemas para a agricultura brasileira.

(B) indicam, respectivamente, especificação e enumeração de fatores determinantes da situação apontada em cada um.

(C) apresentam informações de sentido explicativo, em relação ao que consta imediatamente antes de cada um deles.

(D) introduzem, como exemplos, um dado resultante de pesquisas anteriores e a fala de um especialista, respectivamente.

(E) reproduzem comentários de caráter pessoal, como juízos de valor a respeito de algumas conclusões apresentadas no texto.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Questão muito fácil: a primeira intercalação explica algumas doenças e a segunda, explica as porcentagens no cerrado e na caatinga.

Alternativa "a" – No primeiro caso, não são dados coletados.

Alternativa "b" – Não enumera.

Alternativa "d" – Não é dado resultante de pesquisa seguido da fala de especialista.

Alternativa "e" – Não possuem caráter pessoal.

(FCC – Escriturário-BB/2013.2) A Companhia das Índias Orientais – a primeira grande companhia de ações do mundo, criada em 1602 – foi a mãe das multinacionais contemporâneas.

O segmento isolado pelos travessões constitui, no contexto, comentário que

(A) especifica as qualidades empresariais de uma companhia de comércio.

(B) contém informações de sentido explicativo, referentes à empresa citada.

(C) enumera as razões do sucesso atribuído a essa antiga empresa.

(D) enfatiza, pela repetição, as vantagens oferecidas pela empresa.

(E) busca restringir o âmbito de ação de uma antiga empresa de comércio.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Questão muito fácil. Os travessões, assim como os parênteses e as vírgulas separam termos com sentido explicativo.

▶ **Dica:**

O travessão é empregado:

- No discurso direto, para indicar a fala da personagem ou a mudança de interlocutor nos diálogos.

- Para separar expressões ou frases explicativas, intercaladas.

- Para destacar algum elemento no interior da frase, servindo muitas vezes para realçar o aposto.

- Para substituir o uso de parênteses, vírgulas e dois-pontos, em alguns casos.

Alternativa "a" – Não especifica e se refere à Companhia das Índias Orientais.

Alternativa "c" – Não enumera.

Alternativa "d" – Não ocorre repetição.

Alternativa "e" – Não restringe âmbito de ação.

Trecho para a questão.

(...) Para o diretor executivo do Instituto FEMUSC, o resultado não chega a surpreender. "Estamos satisfeitos com a resposta do público, que este ano lotou todas as noites dos concertos, nos teatros da Sociedade Cultura Artística, mas também marcou presença em outros ambientes do Centro Cultural", assinala. (...)

(Adaptado **de: Ronaldo Corrêa, 07/02/2013, disponível em www.femusc.com.br/2013/02/07/sucesso-renovado/)**

04. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 12/2013) O emprego das aspas indica:

(A) síntese das ideias principais do texto.

(B) citação das palavras de outra pessoa.

(C) ressalva ao que foi dito anteriormente.

(D) realce irônico atribuído ao segmento.

(E) valor particularmente significativo da expressão.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Muito fácil. Tão fácil que chega a dar medo de responder. Não pense assim. É fácil porque você está estudando e só pode ser uma citação.

Alternativa "a" – Não é resumo de ideia.

Alternativa "c" – Não retifica algo.

Alternativa "d" – Não há ironia.

Alternativa "e" – Não é valor da expressão.

05. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 12/2013) Atente para as afirmações abaixo sobre o emprego da vírgula.

I. Em *Certamente as fisionomias musicais de Mozart. e Haydn são bem conhecidas...*, uma vírgula poderia ser colocada imediatamente depois de Certamente, sem prejuízo para o sentido e a correção.

II. Em *uma combinação dominada pelos métodos dos compositores que exerceram influência preponderante em seu tempo*, uma vírgula poderia ser colocada imediatamente depois de compositores, sem prejuízo para o sentido e a correção.

III. Em *Podemos notar, voltando ao exemplo de Mozart. e Haydn, que eles se beneficiaram da mesma cultura, beberam nas mesmas fontes, e aproveitaram as descobertas um do outro*, a vírgula colocada imediatamente depois de fontes poderia ser retirada, sem prejuízo para o sentido e a correção.

Está correto o que se afirma em

(A) II, apenas.

(B) III, apenas.

(C) II e III, apenas.

(D) I e III, apenas.

(E) I, II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

I. Certo. Indica inversão do adjunto adverbial. Dica: a oração não se inicia com o sujeito (as fisionomias musicais...).

II. Errado. Após *compositores*, há um pronome relativo (*que* equivale a *os quais*) e o sentido sem a vírgula é de restrição (oração sub. adjetiva restritiva); se inserirmos a vírgula, passará para explicativa e o sentido é alterado, generalizaria.

III. Certo. A vírgula pode ser retirada por haver a conjunção *e* (aditiva) ligando as orações. **Dica**: Vírgula + e indica ênfase, informações em efeito cascata (isso + isso + isso). Chamado também de polissíndeto.

06. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 9/2013) A frase que apresenta pontuação inteiramente adequada é:

(A) Ainda que tenha se aproximado, dos poetas concretos, Paulo Leminski deixou uma obra poética, que não se reduz ao concretismo, mas

que é caracterizada antes de tudo, por uma dicção extremamente pessoal, avessa a todas as tentativas de rotulação.

(B) Ainda que tenha se aproximado dos poetas concretos, Paulo Leminski deixou uma obra poética que não se reduz ao concretismo, mas que é caracterizada, antes de tudo, por uma dicção extremamente pessoal, avessa a todas as tentativas de rotulação.

(C) Ainda, que tenha se aproximado dos poetas concretos, Paulo Leminski deixou uma obra poética que não se reduz ao concretismo, mas, que é caracterizada, antes de tudo por uma dicção, extremamente pessoal, avessa a todas as tentativas de rotulação.

(D) Ainda que tenha se aproximado dos poetas concretos, Paulo Leminski, deixou uma obra poética, que não se reduz ao concretismo mas que é caracterizada, antes de tudo, por uma dicção extremamente pessoal avessa, a todas as tentativas de rotulação.

(E) Ainda que tenha se aproximado dos poetas, concretos, Paulo Leminski deixou uma obra poética que, não se reduz ao concretismo, mas que é caracterizada antes de tudo por uma dicção extremamente pessoal, avessa a todas, as tentativas de rotulação.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

- A primeira vírgula indica inversão da oração subordinada adverbial concessiva. Eliminadas alternativas *a, c* e *e;*
- A vírgula anteposta à conjunção *mas* é obrigatória (indica ideia adversa, oposta). Eliminada alternativa *d*. Aos fortes: já chegamos à resposta!
- As vírgulas entre a expressão *antes de tudo* indicam intercalação;
- A última vírgula une termos coordenados: pessoal (e) avessa. Encaixando a conjunção *e* no lugar da vírgula, certificamo-nos de que a vírgula deve permanecer.

---

07. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 1/2013) Sobre a pontuação empregada, afirma-se corretamente:

(A) Em *um observador diante da monumentalidade que ele próprio idealizara para Brasília...*, uma vírgula poderia ser colocada imediatamente depois de monumentalidade, sem prejuízo para o sentido.

(B) Em *No Planalto Central, construíra a identidade escultural do Brasil*, a retirada da vírgula implicaria prejuízo para a clareza e a lógica.

(C) Em *Bem disse Le Corbusier que Niemeyer tinha "as montanhas do Rio dentro dos olhos"*, a justificativa para o emprego de aspas é o realce irônico que se quer dar à expressão que elas isolam.

(D) Em *Mas o ser humano, este continua desprotegido...*, a vírgula poderia ser retirada sem prejuízo para o sentido e a lógica.

(E) Em Brasília, em que pese o sonho necessário, resultara em alguma decepção, as vírgulas poderiam ser substituídas por travessões sem prejuízo para a clareza e a lógica.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Por indicarem intercalação de oração, as vírgulas podem, sem prejuízo algum, ser substituídas por travessões ou parênteses.

Alternativa "a" – Errada. Não se pode inserir vírgula anteposta ao pronome relativo (que = a qual), pois a oração passa de adjetiva restritiva (especifica) à oração adjetiva explicativa (generaliza). Altera o sentido.

Alternativa "b" – Errada. Não implica prejuízo para a clareza e a lógica, apenas fica gramaticalmente errada, pois na inversão de locução adverbial a vírgula é obrigatória.

▶ **Dica** – Inversão de advérbio (uma palavra) = a vírgula é facultativa g *Hoje recebemos o gabarito. Hoje, recebemos o gabarito.*

Alternativa "c" – Errada. Trata-se de uma citação de *Le Corbusier.*

Alternativa "d" – Errada. A vírgula não pode ser retirada por haver separar um termo pleonástico: Mas **o ser humano, este** continua desprotegido, entregue à sorte que o destino lhe impõe.

Texto para a próxima questão:

O tempo não para

O processo é conhecido. Os custos crescem, os competidores avançam, e os acionistas querem resultados. Saída: renovar os quadros. Leia-se: livrar-se dos funcionários mais velhos e caros, contratar jovens efebos, com muita vontade e pequeno salário. Dito e feito. Então, o trabalho emperra, os clientes reclamam, mas a planilha de custos fala mais alto. Assim tem sido: a cada crise, interna ou externa, as empresas rejuvenescem seus quadros. Alguns observadores batizaram o processo de "juniorização".

Uma empresa "juniorizada" salta aos olhos. Antes, o escritório, silencioso e solene, era dominado

por calvícies e cabelos brancos. Seis meses depois, o nível de ruído aumentou, e uma horda juvenil se estabeleceu. Foram-se as regras e procedimentos, substituídos por um frenesi frequentemente confundido com agilidade e produtividade. O mais importante é, porém, que a folha de pagamento foi reduzida. Inferno na Terra, paz no Olimpo corporativo.

Renovar sistematicamente os quadros é um princípio de gestão importante para as empresas. Profissionais mais jovens trazem novas ideias, colocam em xeque processos anacrônicos e ajudam a evitar que a empresa envelheça e perca o contato com as mudanças em seu ambiente de negócios. A renovação, realizada na medida certa, traz efeitos positivos.

A juniorização, por ser realizada com o propósito de reduzir custos, compromete a qualidade da gestão e põe em risco o futuro das companhias. Vista como panaceia, evita que a empresa trate de questões mais substantivas, relacionadas ao seu modelo de negócios e às suas práticas de gestão.

Além disso, a juniorização segue na contramão da demografia. O Brasil está envelhecendo. Nas próximas décadas, as empresas terão de lidar com quadros profissionais cada vez mais maduros. Uma pesquisa recente, realizada pela consultoriaPwC e a FGV-Eaesp, instituição à qual este escriba está ligado, procurou avaliar como o mundo corporativo se prepara para o fenômeno. Foram ouvidas mais de cem empresas, de diversos segmentos da economia. Algumas conclusões são preocupantes.

Em primeiro lugar, menos de 40% das organizações pesquisadas reconhecem que quadros mais maduros podem constituir alternativa à escassez de talentos. Consequentemente, a maioria das empresas não possui mecanismos para atrair e manter tais quadros. Em segundo lugar, as companhias reconhecem: profissionais mais maduros possuem competências valiosas, relacionadas à capacidade de realizar diagnósticos e resolver problemas, além de apresentar maior equilíbrio emocional. Paradoxalmente, elas não contam com modelos de gestão de carreira que facilitem os processos pelos quais tais características poderiam ser mais bem exploradas. Em terceiro lugar, há poucas iniciativas para garantir maior qualidade de vida e para ter quadros mais saudáveis no futuro. Há também poucas ações para acomodar o perfil e as necessidades dos profissionais próximos da aposentadoria. (Adaptado de: Thomaz Wood Jr., CartaCapital, 21/04/2013, www.cartacapital.com.br/sociedade/o-tempo-nao-para)

---

08. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) Sobre a pontuação empregada no texto, afirma-se corretamente que, na frase

(A) Paradoxalmente, elas não contam com modelos de gestão de carreira que facilitem os processos pelos quais tais características poderiam ser mais bem exploradas (último parágrafo), uma vírgula poderia ser colocada imediatamente depois de carreira, sem prejuízo para o sentido original.

(B) Renovar sistematicamente os quadros é um princípio de gestão importante para as empresas (3º parágrafo), seria adequada a colocação de uma vírgula imediatamente depois de quadros.

(C) Assim tem sido: a cada crise, interna ou externa, as empresas rejuvenescem seus quadros (1º parágrafo), os dois-pontos poderiam ser suprimidos sem prejuízo para a clareza e o sentido original.

(D) Foram-se as regras e procedimentos, substituídos por um frenesi frequentemente confundido com agilidade e produtividade (2º parágrafo), a vírgula poderia ser deslocada para logo depois de substituídos, sem prejuízo para a correção e a clareza.

(E) Os custos crescem, os competidores avançam, e os acionistas querem resultados (1º parágrafo), a colocação da vírgula imediatamente depois de avançam está plenamente adequada.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Iniciemos pela primeira vírgula: separa orações com sujeitos distintos, mas com ideias afins. A segunda vírgula, além de separar oração com sujeito distinto, altera o sentido para consequência.

Alternativa "a" –Não se pode inserir vírgula antes do pronome relativo, pois passa a oração adjetiva restritiva (alguns) para explicativa (todos). Altera o sentido.

Alternativa "b" –Não se separa o sujeito do verbo, ou seja, o sujeito do predicado.

Alternativa "c" –Os dois-pontos explicam como tem sido e não podem ser retirados.

Alternativa "d" –Se deslocasse a vírgula, separaria o complemento nominal tornando o período incorreto.

---

09. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) Adaptada de texto da orelha do livro Vintém de cobre, a frase cuja pontuação está inteiramente adequada é:

(A) Cora Coralina nasceu na cidade de Goiás, em 1889, e teve uma trajetória literária peculiar, pois, embora escrevesse desde moça, tinha 76 anos quando seu primeiro livro foi publicado.

(B) Cora Coralina nasceu, na cidade de Goiás, em 1889 e teve uma trajetória literária peculiar,

pois embora escrevesse desde moça, tinha 76 anos quando seu primeiro livro foi publicado.

(C) Cora Coralina nasceu na cidade de Goiás, em 1889 e teve uma trajetória literária peculiar pois, embora escrevesse desde moça tinha 76 anos, quando seu primeiro livro foi publicado.

(D) Cora Coralina nasceu na cidade de Goiás, em 1889, e teve uma trajetória literária, peculiar, pois embora escrevesse desde moça, tinha 76 anos quando seu primeiro livro foi publicado.

(E) Cora Coralina, nasceu na cidade de Goiás em 1889, e teve uma trajetória literária peculiar, pois embora escrevesse, desde moça, tinha 76 anos quando seu primeiro livro foi publicado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

- As vírgulas entre **em 1889** intercalam o adjunto adverbial de tempo.
- Antes da conjunção **pois** separa oração coordenada explicativa = porque.
- Entre **embora escrevesse desde moça** intercala oração subordinada adverbial concessiva.

Trecho para a próxima questão:

Um dos mitos narrados por Ovídio nas Metamorfoses conta a história de Aglauros. A jovem é irmã de Hersé, cuja beleza extraordinária desperta o desejo do deus Hermes. Apaixonado, o deus pede a Aglauros que interceda junto a Hersé e favoreça os seus amores por ela; Aglauros concorda, mas exige em troca um punhado de moedas de ouro. Isso irritou Palas Atena, que já detestava a jovem porque esta a espionara em outra ocasião. Não admitia que a mortal fosse recompensada por outro deus; decide vingar-se, e a vingança é terrível: Palas Atena vai à morada da Inveja e ordena-lhe que vá infectar a jovem Aglauros. (Adaptado de Renato Mezan. "A inveja". Os sentidos da paixão. São Paulo: Funarte e Cia. das Letras, 1987. p.124-25)

10. (FCC – TRT 6 – Técnico Judiciário – Área Administrativa/2012) Atente para as afirmações abaixo sobre o seguinte fragmento do trecho citado acima.

Isso irritou Palas Atena, que já detestava a jovem porque esta a espionara em outra ocasião. Não admitia que a mortal fosse recompensada por outro deus; decide vingar – se, e a vingança é terrível: Palas Atena vai à morada da Inveja e ordena-lhe que vá infectar a jovem Aglauros.

I. De acordo com o contexto, os pronomes grifados acima se referem, respectivamente, à atitude de Aglauros e a Palas Atena.

II. A vírgula colocada imediatamente após Atena poderia ser suprimida sem prejuízo para a correção e o sentido original.

III. Os dois-pontos introduzem uma síntese do que foi dito antes.

Está correto o que se afirma APENAS em

(A) I.

(B) I e II.

(C) I e III.

(D) II.

(E) II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a" – Correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de pontuação, período composto, pronome e coesão textual.

Item "III" – Correto: ocorre anáfora. O pronome demonstrativo retoma as ideias mencionadas nos períodos anteriores: *Apaixonado, o deus pede a Aglauros que interceda junto a Hersé e favoreça os seus amores por ela; Aglauros concorda, mas exige em troca um punhado de moedas de ouro. Isso irritou Palas Atena, que já detestava a jovem porque esta a espionara em outra ocasião.*

Item "III" – Errado: a vírgula não pode ser suprimida por separar uma oração adjetiva (possui pronome relativo) explicativa (possui pontuação).

Item "III" – Errado: os dois-pontos introduzem uma explicação e não uma síntese.

Texto para a próxima questão:

Na reunião em que foi eleito diretor-geral da Organização para a Alimentação e a Agricultura (FAO) da ONU, o ex-ministro brasileiro José Graziano da Silva assegurou – com sua experiência de gestor do programa de combate à fome entre nós – que esta será sua prioridade: enfrentar esse problema no mundo, para que até 2015 o número de carentes de alimentos no planeta, hoje em torno de 1 bilhão, se reduza à metade. "É o desafio do nosso tempo", disse na ocasião o ex-secretário da ONU, Kofi Anan, lembrando que um dos complicadores dessa questão, "o protecionismo dos ricos" à sua produção de alimentos, só tem aumentado. E isso quando a própria FAO alerta que os preços desses produtos continuarão a subir nos próximos dez anos. E que a produção precisará crescer 70% até 2050, para alimentar os 9,2 bilhões de pessoas que estarão no mundo

nessa época. Ele alertou também para os crescentes compra e arrendamento de terras em outros países, por especuladores de fundos de alto risco de países industrializados. ( ) (Trecho com adaptações do artigo de Washington Novaes. O Estado de S. Paulo, A2, Espaço Aberto, 1 de julho de 2011)

11. (FCC – TRT – 11ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2012) O comentário colocado entre os travessões destaca a

(A) informação que perde validade diante da constatação pela FAO do número de famintos no planeta.

(B) importância das diversas funções dos especialistas ligados às atividades da FAO.

(C) escolha de um novo diretor-geral para a FAO, em razão da crise de alimentos no mundo.

(D) qualificação de quem traça a meta a ser perseguida pela FAO.

(E) repetição de dados para realçar a amplitude de ações da FAO.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d" – Correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de pontuação e interpretação de texto.

O ex-ministro possui *experiência de gestor do programa de combate à fome entre nós*, ou seja, qualifica.

Alternativa "a" – Errada. Não há perda de validade.

Alternativa "b" – Errada. Dos diversos especialistas não, apenas do *ex-ministro brasileiro José Graziano da Silva.*

Alternativa "c" – Errada. O erro está na causa: *em razão da crise de alimentos no mundo.*

Alternativa "e" – Errada. Não ocorre repetição de dados.

Trecho para a próxima questão

Ainda que existam estudos modernos levantando a hipótese de que a tragédia grega teria tido sua origem em rituais fúnebres, danças mímicas de atores mascarados em homenagem a heróis mortos, a tese geralmente aceita é a de que nasceu dos cultos a Dionísios, deus do vinho e da fertilidade, das fontes da vida e do sexo.

Duas figuras merecem atenção na fase primitiva do teatro grego: um tirano, Pisístrato, e um ator, Téspis. O primeiro oficializou o culto a Dionísios, mandou organizar as festas dionisíacas urbanas e chamou Téspis para promovê-las anualmente. De forma competitiva, passaram a ser realizadas durante seis dias na primavera. Para muitos, Téspis foi o primeiro ator. E também o responsável por transformações decisivas na libertação da dramaturgia das amarras da poesia.

*Aristóteles deixou-nos o primeiro documento básico de teoria teatral: **Poética**, dissecando a estrutura da tragédia e da comédia, caracterizando os gêneros e suas diferenças, explicando suas origens e analisando seus elementos. Estudando a poesia dramática em relação à lírica e à épica, acentua seu significado estético, cívico e moral. Para Aristóteles a arte é imitação da natureza; o drama é a imitação de ações, tendo por objetivo provocar compaixão e terror. A identificação do público com os personagens coloca o primeiro em estado de êxtase e assim poderá atingir a purgação dessas emoções. (Fragmento adaptado de Fernando Peixoto. O que é teatro, 4.ed., S.Paulo: Brasiliense, 1981, p.67 e 68)*

12. (FCC – TRT – 11ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2012) Com relação à pontuação empregada no texto, é correto afirmar:

(A) No segmento *na fase primitiva do teatro grego: um tirano, Pisístrato, e um ator, Téspis,* a retirada das três vírgulas não implicaria prejuízo para a correção e o sentido original.

(B) Os dois-pontos empregados no início do terceiro parágrafo poderiam ser substituídos por ponto e vírgula, sem prejuízo para a correção e o sentido original.

(C) No segmento *coloca o primeiro em estado de êxtase e assim poderá atingir a purgação*, a palavra *assim* poderia ser colocada entre vírgulas, sem prejuízo para a correção e a lógica.

(D) Em *Para Aristóteles a arte é imitação da natureza*, a colocação de uma vírgula imediatamente depois de *Aristóteles* implicaria prejuízo para a correção e a lógica.

(E) No segmento a *tese geralmente aceita é a de que nasceu*, a colocação de uma vírgula imediatamente depois da palavra *aceita* não implicaria prejuízo para a correção e a lógica.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Não ocorre prejuízo algum pelo fato de que o termo **assim** ficaria intercalado (pode ser retirado): ***coloca o primeiro em estado de êxtase e**, assim, **poderá atingir a purgação.***

Alternativa "a" – Errada. Os termos separados por vírgulas são apostos explicativos. As vírgulas não podem ser retiradas.

Alternativa "b" – Errada. Os dois-pontos explicam e não podem ser substituídos por ponto e vírgula.

Alternativa "d" – Errada. Ficaria correto o período porque separaria uma inversão.

Alternativa "e" – Errada. Não podemos separar os termos que se encontram na ordem direta. No caso: sujeito e verbo. Assim como não se separa verbo e complemento.

---

13. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 14/ 2011)

A fonte de mais disposição pode estar perto / cientistas de várias partes do globo estão empenhados na tarefa de formular uma espécie de cardápio ideal que forneça a energia de que o organismo necessita / esses pesquisadores estão em busca dos melhores combustíveis para mantê-lo em atividade e garantir menor desgaste e melhor desempenho. (Adaptado de "O cardápio certo para ganhar energia". Rachel Costa. ISTOÉ, 9 de fevereiro de 2011, p. 77)

As frases acima se articulam em um único parágrafo, corretamente pontuado, em:

(A) A fonte de mais disposição pode estar perto, cientistas de várias partes do globo estão empenhados na tarefa de formular uma espécie de cardápio ideal, que forneça a energia de que o organismo necessita; esses pesquisadores, estão em busca dos melhores combustíveis para mantê-lo em atividade – e garantir menor desgaste e melhor desempenho.

(B) A fonte de mais disposição pode estar perto. Cientistas de várias partes do globo, estão empenhados na tarefa de formular uma espécie de cardápio ideal – que forneça a energia de que o organismo necessita. Esses pesquisadores estão em busca dos melhores combustíveis para mantê-lo em atividade e garantir menor desgaste e melhor desempenho.

(C) A fonte de mais disposição pode estar perto; cientistas de várias partes do globo estão empenhados na tarefa de formular uma espécie de cardápio, ideal, que forneça a energia de que o organismo necessita: esses pesquisadores estão em busca dos melhores combustíveis para mantê-lo em atividade e garantir menor desgaste e melhor desempenho.

(D) A fonte de mais disposição pode estar perto. Cientistas, de várias partes do globo estão, empenhados na tarefa de formular uma espécie de cardápio (ideal) que forneça a energia de que o organismo necessita: esses pesquisadores estão em busca dos melhores combustíveis, para mantê-lo em atividade, e garantir: menor desgaste e melhor desempenho.

(E) A fonte de mais disposição pode estar perto: cientistas de várias partes do globo estão empenhados na tarefa de formular uma espécie de cardápio ideal que forneça a energia de que o organismo necessita. Esses pesquisadores estão em busca dos melhores combustíveis para mantê-lo em atividade e garantir menor desgaste e melhor desempenho.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e" – Correta.

- Os dois pontos explicam porque a fonte de mais disposição pode estar perto.
- O restante está na ordem direta e não necessita de pontuação.

Alternativa "a" – Errada. Erros: vírgula antes do pronome relativo que, pois a oração é adjetiva restritiva; vírgula entre sujeito e verbo (após pesquisadores) e travessão antes da conjunção aditiva e.

Alternativa "b" – Errada. Erros: vírgula entre sujeito e verbo (cientistas) e travessão antes do pronome relativo.

Alternativa "c" – Errada. Erros: ponto e vírgula após o advérbio perto; ideal entre vírgulas e dois pontos após o verbo necessita.

Alternativa "d" – Errada. Erros: intercalação da expressão de várias partes do globo estão; ideal entre parênteses, dois pontos após o verbo necessita; intercalação da expressão para mantê-lo em atividade e dois pontos após o verbo garantir.

---

14. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 14/ 2011)

A fonte de mais disposição pode estar perto / cientistas de várias partes do globo estão empenhados na tarefa de formular uma espécie de cardápio ideal que forneça a energia de que o organismo necessita / esses pesquisadores estão em busca dos melhores combustíveis para mantê-lo em atividade e garantir menor desgaste e melhor desempenho. (Adaptado de "O cardápio certo para ganhar energia". Rachel Costa. ISTOÉ, 9 de fevereiro de 2011, p. 77)

As frases acima se articulam em um único parágrafo, corretamente pontuado, em:

(A) A fonte de mais disposição pode estar perto, cientistas de várias partes do globo estão empenhados na tarefa de formular uma espécie de cardápio ideal, que forneça a energia de que o organismo necessita; esses pesquisadores, estão em busca dos melhores combustíveis para

mantê-lo em atividade – e garantir menor desgaste e melhor desempenho.

(B) A fonte de mais disposição pode estar perto. Cientistas de várias partes do globo, estão empenhados na tarefa de formular uma espécie de cardápio ideal – que forneça a energia de que o organismo necessita. Esses pesquisadores estão em busca dos melhores combustíveis para mantê-lo em atividade e garantir menor desgaste e melhor desempenho.

(C) A fonte de mais disposição pode estar perto; cientistas de várias partes do globo estão empenhados na tarefa de formular uma espécie de cardápio, ideal, que forneça a energia de que o organismo necessita: esses pesquisadores estão em busca dos melhores combustíveis para mantê-lo em atividade e garantir menor desgaste e melhor desempenho.

(D) A fonte de mais disposição pode estar perto. Cientistas, de várias partes do globo estão, empenhados na tarefa de formular uma espécie de cardápio (ideal) que forneça a energia de que o organismo necessita: esses pesquisadores estão em busca dos melhores combustíveis, para mantê-lo em atividade, e garantir: menor desgaste e melhor desempenho.

(E) A fonte de mais disposição pode estar perto: cientistas de várias partes do globo estão empenhados na tarefa de formular uma espécie de cardápio ideal que forneça a energia de que o organismo necessita. Esses pesquisadores estão em busca dos melhores combustíveis para mantê-lo em atividade e garantir menor desgaste e melhor desempenho.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – O sinal de dois pontos indica explicação. As orações encontram-se na ordem direta, por isso não há necessidade de pontuá-las.

Nas outras alternativas (a, b, c, e d), todas as pontuações são descabidas, basta compará-las com a alternativa correta.

Textos para as próximas questões (2)

I. Errata (ed, dc) 1. Lista de retificação de erros que saíram impressos em uma publicação. A errata é geralmente impressa em página separada (colada no início ou no fim do exemplar, ou simplesmente encartada solta) e em papel diferente do que foi usado na publicação. Traz a indicação de erros, o número das páginas onde se encontram e as formas corrigidas. Alguns profissionais distinguem errata de corrigenda: este último termo, no caso, é aplicado para erros redacionais ou de conteúdo, ao passo que errata diz respeito principalmente a erros de composição ou de montagem, que escaparam aos revisores e saíram impressos na publicação. 2. Cada um dos erros relacionados nessa lista. (Carlos Alberto Rabaça e Gustavo Guimarães Barbosa. Dicionário de comunicação. 2. ed. rev. e atualizada. Rio de Janeiro: Elsevier, 2001, p. 276)

II. O dicionário de onde foi extraído o verbete acima contém uma página com o título CONVENÇÕES UTILIZADAS NESTA OBRA, e nela se lê:

*1) **Áreas e acepções***

Este dicionário inclui definições em 23 áreas, indicadas da seguinte forma:

- *(av) recursos audiovisuais*
- *(cn) cinema*
- *(co) teoria da comunicação*
- *(dc) documentação*
- *(ed) editoração, artes gráficas etc.*

---

15. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 4/ 2011) Considerado I, é correto afirmar:

(A) Os parênteses em (colada no início [] solta) podem ser substituídos por travessões sem prejuízo do sentido e da correção originais.

(B) A substituição de ao passo que por "conforme" mantém o sentido e a correção originais.

(C) Tanto em (colada no início ou no fim do exemplar, ou simplesmente encartada solta), quanto em errata diz respeito principalmente a erros de composição ou de montagem, ou estabelece relação de exclusão entre os elementos associados.

(D) A expressão diz respeito está também empregada em conformidade com o padrão culto escrito em "As manchetes desse jornal de hoje diz respeito sobretudo às enchentes que ocorrem no país".

(E) Se o que consta no segmento 2 fosse empregado na frase "Cada um dos erros relacionados nessa lista receberam a devida correção", a concordância com o padrão culto escrito estaria assegurada.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a" – Correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de pontuação, período composto (conjunção) e concordância.

Alternativa "a" - Errada. Correta: os parênteses podem ser substituídos por travessões ou por vírgulas por indicarem intercalação.

Alternativa "b" - Errada. Conforme é conjunção conformativa, indica regra, conformidade.

Alternativa "c" - Errada. Não há relação de exclusão.

Alternativa "d" - Errada. As manchetes **dizem** respeito.

Alternativa "e" - Errada. Cada um dos erros relacionados nessa lista **recebeu** a devida correção.

---

16. (FCC - Técnico Judiciário - TRT 4/ 2011) Em diferentes segmentos do texto foi inserida uma vírgula. O segmento que mantém a correção original é:

(A) A errata é geralmente, impressa em página separada...

(B) em papel diferente, do que foi usado na publicação.

(C) o número das páginas onde se encontram, e as formas corrigidas.

(D) Alguns profissionais distinguem errata, de **corrigenda...**

(E) ao passo que, errata diz respeito principalmente a erros de composição ou de montagem.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - Podemos separar as orações com vírgula por possuírem sujeitos distintos.

Alternativa "a" - Errada. Ou tira a vírgula, ou acrescenta-se antes de geralmente para intercalar: A errata é geralmente impressa em página separada; A errata é, geralmente, impressa em página separada;

Alternativa "b" - Errada. a vírgula está separando o complemento nominal.

Alternativa "d" - Errada. Distinguem algo de algo: sem vírgula entre os complementos.

Alternativa "e" - Errada. A vírgula poderia ser usada se houvesse intercalação posposta, mas não há.

Texto para a próxima questão:

(...)

O ex-ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, afirma que os ganhos da produtividade na pecuária poderiam liberar terras suficientes para dobrar a área plantada com alimentos, "sem derrubar uma única árvore". "Além disso, o Brasil ainda pode aumentar muito a produtividade de grãos, como o milho, o trigo e o feijão", afirma. Rodrigues sustenta, porém, que faltam políticas públicas capazes de assegurar a incorporação de tecnologia no campo, especialmente entre os pequenos. "As margens da agricultura são mínimas, então o produtor só consegue competir se tiver escala e tecnologia de ponta. Como faltam mecanismos para financiar a modernização, ele opta pela expansão da área, que é muito mais barata", explica. (Gerson de Freitas Jr. CartaCapital, 11 de maio de 2011, p. 24, com adaptações)

---

17. (FCC - Técnico Judiciário - TRT 20/ 2011) Considere o que se diz a respeito do emprego dos sinais de pontuação nas frases abaixo:

I. Para isso, terá dois caminhos: incorporar novas áreas ou ampliar a produtividade. Os dois-pontos assinalam o sentido especificativo e explicativo do segmento introduzido por eles.

II. "sem derrubar uma única árvore" (trecho citado anteriormente). As aspas isolam a afirmativa que constitui a ideia principal, em torno da qual se desenvolve o texto.

III. ele opta pela expansão da área, que é muito mais barata.

A vírgula pode ser retirada do período, que permanece correto, porém com alteração do sentido original.

Está correto o que consta APENAS em

(A) I.

(B) II.

(C) I e II.

(D) I e III.

(E) II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d" - Correta.

Item "I" - Certo: explica e especifica.

Item "II" - Errado: as aspas isolam a citação do ex-ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues.

Item "III" - Certo: se retirada a vírgula, o período permanece correto, mas altera de oração explicativa para restritiva.

Texto para a próxima questão:

(...)

A progressiva compreensão das formas de beleza e as tecnologias dela surgidas produziram uma grande conquista: hoje, talvez não sejamos intrinsecamente mais belos do que outras gerações - mas podemos ficar mais bonitos do que nunca. Tudo

que nos permite explorar nossos pontos fortes e driblar nossas fraquezas genéticas é resultante da combinação entre os avanços nos cuidados com a aparência física e o estilo, a possibilidade de envelhecer com saúde e, não menos essencial, a valorização de atributos sociais como autoestima, simpatia, cultura e expressividade. "É o equilíbrio dessas qualidades que torna um indivíduo mais ou menos atraente", diz o cirurgião plástico Noel Lima, do Rio de Janeiro. (Adaptado de Anna Paula Buchalla. Veja, 12 de janeiro de 2011, p. 79)

---

18. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 24/ 2011) Considere, nas frases abaixo, as afirmações sobre o emprego de sinais de pontuação.

I. Há, de fato, na beleza – de uma flor, de uma pessoa, de uma obra de arte – algo que parece transcender... Os travessões podem ser corretamente substituídos por parênteses, sem alteração do sentido original.

II. ... a beleza não é apenas questão de gosto: é a reunião feliz, e não muito comum, de simetria, harmonia e unidade. O emprego dos dois pontos realça uma afirmativa cujo sentido se contrapõe, de modo claro, ao exposto na afirmativa anterior.

III. "É o equilíbrio dessas qualidades que torna um indivíduo mais ou menos atraente" As aspas isolam transcrição exata das palavras do médico citado no trecho acima.

Está correto o que consta em

(A) II, apenas.

(B) I e II, apenas.

(C) I e III, apenas.

(D) II e III, apenas.

(E) I, II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c" – Correta.

Item "I" – Certo: podem ser separados por parênteses e não por vírgulas, por haver outras intercalações e tornar o período confuso: Há, de fato, na beleza (de uma flor, de uma pessoa, de uma obra de arte) algo que parece transcender...

Item "II" – Errado: Os dois pontos estão definindo o substantivo beleza.

Item "III" – Certo: A dica está no trecho diz o cirurgião plástico Noel Lima.

Texto para a próxima questão:

Nana para Glaura

Dorme como quem
porque nunca nascida
dormisse no hiato
entre a morte e a vida.
Dorme como quem
nem os olhos abrisse
por saber desde sempre
quanto o mundo é triste.
Dorme como quem
cedo achasse abrigo
que nos meus desabrigos
dormirei contigo.
José Paulo Paes

(Prosas seguidas de Odes mínimas. S.Paulo, Cia. das Letras, 1992, p.37)

---

19. (FCC – TRT 8ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) Desconsiderada a sua organização em versos, o período que constitui a primeira estrofe do poema está corretamente pontuado em:

(A) Dorme como quem, porque nunca nascida, dormisse no hiato entre a morte e a vida.

(B) Dorme, como quem, porque nunca nascida dormisse, no hiato entre a morte e a vida.

(C) Dorme, como quem porque nunca nascida, dormisse no hiato, entre a morte e a vida.

(D) Dorme como quem, porque nunca nascida dormisse no hiato, entre a morte e a vida.

(E) Dorme como quem porque, nunca nascida, dormisse no hiato entre a morte, e a vida.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a" – Correta.

✪ **Nota da autora:** Vale ressaltar que basta atentar-se à intercalação (leia o que está em negrito): **Dorme como quem**, porque nunca nascida, **dormisse no hiato entre a morte e a vida**. Eliminadas as alternativas b, c, d e e.

---

20. (FCC – TRT 8ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010)

I. *O Polo Norte está ameaçado: o oceano gelado que o rodeia começou a derreter.* (início do texto)

II. *Vamos assistir a um fenômeno raro: uma subversão da geografia que se desenrolará diante de nossos olhos.* (2º parágrafo)

III. *As nações que margeiam o Oceano Ártico já estão na linha de largada: Estados Unidos, Rússia, Canadá, Groenlândia (Dinamarca) e Noruega.* (4º parágrafo)

Identifica-se, nos segmentos introduzidos por dois pontos, respectivamente, a noção de:

(A) temporalidade, explicação com sentido causal e repetição enfática de dados já constantes anteriormente.

(B) especificação do sentido de um termo anterior, constatação decorrente da exposição e repetição enumerativa.

(C) explicação de sentido causal, especificação do significado da expressão anterior a eles e enumeração.

(D) consequência de um fato, explicação adicional e especificação necessária para o entendimento do texto.

(E) causa e consequência, conclusão decorrente da afirmativa anterior e especificação dos interesses em disputa.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c" – Correta.

Item "I" } O Polo Norte está ameaçado **porque** o oceano começou a derreter = causa. Eliminadas alternativas a, b e c.

Item "II" – especifica qual é o fenômeno. Eliminada alternativa e.

Item "III" – Enumera as nações.

Texto para a próxima questão:

(...)

Protestos contra a alta exagerada de alguns produtos, como o pão, e a escassez de outros, já ocorreram em Moçambique, no Egito e na Índia. Na Rússia, a falta de trigo preocupa a população, e a história recente do país mostra que a escassez de produtos essenciais – como salsicha, sal e vodca, além de farinha de trigo – pode resultar em instabilidade política. ( ) (Adaptado de O Estado de S. Paulo, Notas e Informações, A3, 12 de setembro de 2010)

21. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 22/ 2010) *como salsicha, sal e vodca, além de farinha de trigo* – Identifica-se, no segmento isolado pelos travessões,

(A) especificação enumerativa referente à expressão anterior.

(B) repetição enfática de afirmativa já apresentada.

(C) retificação de informação constante do desenvolvimento.

(D) conclusão esperada do que vem sendo discutido no parágrafo.

(E) reprodução exata de citação constante em documento oficial.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Especifica, enumerando, os produtos essenciais.

Alternativa "b" – Errada. Não repete.

Alternativa "c" – Errada. Não retifica.

Alternativa "d" – Errada. Não conclui.

Alternativa "e" – Errada. Documento oficial? Não!

Texto para a próxima questão:

(...)

*Desde que os romanos passaram a pregar em locais públicos sua **Acta Diurna**, o manuscrito em que informavam sobre disputas de gladiadores, nascimentos ou execuções, os jornais começaram a entrar na veia das sociedades civilizadas. Mas, para chegar ao auge, a humanidade precisou fazer uma descoberta até hoje insubstituível (o papel), duas invenções geniais (a escrita e a impressão) e uma vasta mudança social (a alfabetização). Por isso, um jornal, ainda que seja um negócio, não é como vender colírio ou fabricar escadas rolantes. (André Petry. Revista Veja, 29 de abril de 2009, pp. 90-93, com adaptações)*

22. (FCC – TRT 9ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) Os segmentos isolados por parênteses no último parágrafo do texto constituem

(A) repetição, sem necessidade, da ideia que acaba de ser exposta.

(B) citação fiel de informações constantes de outros autores.

(C) enumeração que especifica as afirmativas que os precedem.

(D) ressalva importante, que esclarece a opinião defendida pelo autor.

(E) conclusão necessária à coerência do que vem sendo exposto.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – O papel é insubstituível; a escrita e a impressão são duas invenções geniais; a alfabetização é uma vasta mudança social.

Erros

Alternativa "a" – Errada. repetição, sem necessidade.

Alternativa "b" – Errada. citação fiel de informações.

Alternativa "d" – Errada. ressalva importante.

Alternativa "e" – Errada. conclusão necessária.

Texto para a próxima questão:

Gilda de Mello e Souza dizia que o Brasil é muito bom nas novelas. Para ter público, a novela precisa dispor de personagens de todas as classes sociais, explicava ela, o que exige uma trama complexa. Acrescento: a mobilidade social é decisiva nas novelas e se dá sobretudo pelo amor entre ricos e pobres. Provavelmente as novelas exibam casos de ascensão social pelo amor – genuíno ou fingido – em proporção maior que a vida real... Mas a novela não é um retrato do Brasil, ou melhor, é sim, mas como aqueles retratos antigos do avô e da avó, fotografados em preto e branco, mas, depois, cuidadosamente retocados e coloridos. O fundo é real. A tela: ideais, sonhos, fantasias. () (Trecho do artigo de Renato Janine Ribeiro. O Estado de S. Paulo, C2+música, D17, 11 de setembro de 2010, com adaptações.)

23. (FCC – TRT – 12ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) *"Provavelmente as novelas exibam casos de ascensão social pelo amor – genuíno ou fingido – em proporção maior que a vida real..."* O emprego das reticências no final do segmento transcrito acima denota.

(A) nova referência, desnecessária, ao comentário de alguém alheio ao contexto.

(B) recurso adotado pelo autor, no sentido de estimular o interesse do leitor.

(C) certeza da concordância de um eventual leitor com a opinião ali exposta.

(D) desejo de que a ficção possa se deter, realmente, em fatos que ocorrem na vida real.

(E) hesitação, pela presença de um comentário de cunho subjetivo, sem base em dados reais.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Não há certeza do que foi escrito.

As reticências podem indicar:

- dúvida, hesitação, surpresa;
- suspensão da fala, provocada pelo interlocutor; supressão de palavras, frases ou parágrafos de um texto, entre parênteses;
- prolongamento da ideia, ao término de um período.

Alternativa "a" – Errada. Não é nova referência.

Alternativa "b" – Errada. Não estimula o interesse do leitor.

Alternativa "c" – Errada. Não há certeza.

Alternativa "d" – Errada. Não indica desejo.

24. (FCC – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2007) Está inteiramente correta a pontuação do período:

(A) Sejam animais, sejam vegetais, tudo o que se alimenta e é alimento está sujeito, não há dúvida, à lei da necessidade de sobreviver.

(B) Sejam animais sejam vegetais, tudo o que se alimenta, e é alimento está sujeito, não há dúvida, à lei, da necessidade de sobreviver.

(C) Sejam animais, sejam vegetais, tudo, o que se alimenta, e é alimento, está sujeito – não há dúvida à lei da necessidade de sobreviver.

(D) Sejam animais; sejam vegetais: tudo o que se alimenta e é alimento, está sujeito, não há dúvida, à lei da necessidade de sobreviver.

(E) Sejam animais; sejam vegetais, tudo o que se alimenta e é alimento, está sujeito não há dúvida: à lei da necessidade de sobreviver.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Facilitando para ganhar tempo em prova:

- sejam animais **ou** sejam vegetais = coube conjunção? Use vírgula. Eliminadas alternativas b, d e e.
- A vírgula antes de **tudo** é obrigatória por indicar inversão (a oração não se inicia com sujeito).
- Em **tudo o que se alimenta** não pode haver vírgula por se tratar de uma oração subordinada adjetiva restritiva = tudo o (aquilo: pronome demonstrativo) que (o qual: pronome relativo). Eliminada alternativa c.
- As duas últimas vírgulas indicam intercalação. Leia o que está em negrito: **tudo o que**

se alimenta e é alimento está sujeito, não há dúvida, **à lei da necessidade de sobreviver.**

1.2. CESPE

Trecho para o item.

(...) Na Idade Média, surgiu o costume de guardar os valores com um ourives, pessoa que negociava objetos de ouro e prata e que, como garantia, entregava um recibo. Esse tipo de recibo passou a ser utilizado para efetuar pagamentos, circulando de mão em mão, e deu origem à moeda de papel. Com o tempo, da forma como ocorreu com as moedas, os governos passaram a conduzir a emissão de cédulas, controlando as falsificações e garantindo o poder de pagamento. Atualmente, quase todos os países possuem bancos **centrais**, *encarregados das emissões de cédulas e moedas.*

Internet: <www.bcb.gov.br>(com adaptações).

25. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) Seriam mantidas a correção gramatical e a coerência do texto caso a vírgula empregada imediatamente após "centrais" fosse suprimida, embora o sentido do trecho fosse alterado.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo

✪ **Nota da autora:** Questão de pontuação e período composto.

Temos uma oração subordinada adjetiva (cabe pronome relativo) reduzida (não há pronome relativo) de particípio.

Desenvolvendo a oração, ou seja, inserindo o pronome relativo e retirando o verbo da forma nominal, temos: todos os países possuem bancos centrais, **que** são encarregados das emissões de cédulas e moedas.

- Com pontuação: oração adjetiva explicativa;
- Sem pontuação: oração adjetiva restritiva.

A correção gramatical é mantida e o sentido é alterado.

Trecho para o item.

(...) Mas será que nosso conjunto de leis tem sido suficiente para impedir que milhares de mulheres que vêm conquistando mais espaço no mundo do trabalho sejam tratadas de forma discriminatória, humilhante e muitas vezes doentia? (...)

A mulher e o assédio moral. Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).

26. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) O emprego de vírgula imediatamente após a expressão adverbial "muitas vezes" manteria a correção gramatical do período.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Poderia sim ser inserida a vírgula após a expressão, mas deveria, obrigatoriamente, vir acompanhada de outra vírgula anteposta para ocorrer intercalação do adjunto adverbial. Impossível inserir apenas uma vírgula apenas. A intercalação (inserção de duas vírgulas) ficaria assim: sejam tratadas de forma discriminatória, humilhante e, **muitas vezes,** doentia?

▶ **Dica:** no lugar das vírgulas, poderíamos utilizar dois travessões ou parênteses.

Trecho para o item.

(...) No período colonial, o Brasil foi orientado pelo direito lusitano. Não havia o Ministério Público como instituição. Mas as Ordenações Manuelinas de 1521 e as Ordenações Filipinas de 1603 já faziam menção aos promotores de justiça, atribuindo a eles o papel de fiscalizar a lei e de promover a acusação criminal. (...)

Internet: <www.mpu.mp.br> (com adaptações).

27. (CESPE – Técnico – MPU/2013) A vírgula após "colonial" é utilizada para isolar aposto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A vírgula indica inversão, pois a oração não se inicia com o sujeito, mas sim com o adjunto adverbial de tempo.

Observação: em inversão de advérbio (uma palavra), a vírgula é facultativa; em inversão de locução adverbial (mais de uma palavra), a vírgula é obrigatória.

Trecho para o item.

(...) Quando me lembro do meu pai me proibindo de mudar de escola, a voz que ouço dele é a de hoje, e me pergunto se algo parecido acontece com ele: se a lembrança que ele tem de mim aos treze anos se con-

funde com a visão que ele tem de mim agora, depois de tudo o que ficou sabendo a meu respeito nessas quase três décadas, um acúmulo de fatos que apagam os tropeços do caminho para chegar até aqui, e o que para mim foi um capítulo decisivo da vida, a briga que tivemos por causa da mudança de escola, para ele pode não ter sido mais que um fato banal, uma entre tantas coisas que aconteciam em casa e no trabalho e na vida dele com a minha mãe e as outras pessoas ao redor durante a adolescência do filho.

Michel Laub. Diário da queda. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 48-9 (com adaptações).

28. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) A substituição das vírgulas por travessões manteria a correção gramatical e o sentido do texto.

COMENTÁRIOS

Certo – As vírgulas intercalam aposto explicativo e podem ser substituídas por travessões ou parênteses.

Trecho para o item.

(...) É o medo que engendra a omissão, o não importar-se com o que ocorra, ou o não assumir-se em nada. É um medo-fuga. E é, talvez, o único medo essencialmente perigoso, porque, estando próximo à covardia, nos torna cínicos e, como tal, nos destroça.

Flávio Tavares, Memórias do esquecimento, São Paulo: Globo, 1999, p. 169.

29. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) A eliminação da vírgula logo após a conjunção "porque" não acarretaria prejuízo à correção gramatical do texto.

COMENTÁRIOS

Errado – A vírgula após a conjunção está intercalando a oração *estando próximo à covardia* e não pode ser retirado. Leia o que está em negrito: **porque**, estando próximo à covardia, **nos torna cínicos.**

Trecho para os próximos itens.

Balanço divulgado pela Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal (SSP/DF) aponta redução de 39% nos casos de roubo com restrição de liberdade, o famoso sequestro-relâmpago, ocorridos entre 1.° de janeiro e 31 de agosto deste ano, em comparação com o mesmo período do ano passado — foram 520 ocorrências em 2012 e 316 em 2013.(...)

Ao todo, 82% das vítimas (32 pessoas) estavam sozinhas no momento da abordagem dos bandidos, por isso as forças de segurança recomendam que as pessoas tomem alguns cuidados, entre os quais, não estacionar em locais escuros e distantes, não ficar dentro de carros estacionados e redobrar a atenção ao sair de residências, centros comerciais e outros locais.

DF registra 316 ocorrências de sequestro-relâmpago nos primeiros oito meses deste ano. R7, 6/9/2013, Internet: <http://noticias.r7.com>(com adaptações).

30. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) A expressão "o famoso sequestro-relâmpago" está entre vírgulas porque explica, em termos populares, a expressão "roubo com restrição de liberdade".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Trata-se de aposto explicativo e foi usada expressão popular para elucidar.

31. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) A correção gramatical e o sentido do texto seriam preservados caso a vírgula imediatamente após o termo "quais" fosse substituída pelo sinal de dois-pontos.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Sim, pois ocorre exemplificação do que foi citado anteriormente (alguns cuidados):"as forças de segurança recomendam que as pessoas tomem alguns cuidados".

Em relação às ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue os dois itens a seguir.

O Tribunal Regional do Trabalho da 10.a Região (TRT), após autorização da presidenta, efetuou a doação de diversos equipamentos, chamados de "passíveis de desfazimento", a duas entidades: Creche Magia dos Sonhos e Associação dos Deficientes de Brasília, consideradas pela administração do tribunal como legalmente aptas a receber os bens. ( ) (Internet: www.trt10.jus.br, com adaptações).

32. (CESPE – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) O trecho "após autorização da presidenta" está entre vírgulas porque se trata de adjunto

adverbial intercalado na oração principal, ou seja, deslocado em relação à ordem direta.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Ordem direta: sujeito + verbo + complemento + predicativo ou adjunto adverbial, ou complemento nominal. Lê-se: O Tribunal Regional do Trabalho da 10.a Região (TRT) efetuou a doação de diversos equipamentos, chamados de "passíveis de desfazimento", a duas entidades: Creche Magia dos Sonhos e Associação dos Deficientes de Brasília, consideradas pela administração do tribunal como legalmente aptas a receber os bens.

---

33. (CESPE – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) O emprego de aspas em 'passíveis de desfazimento' justifica-se porque 'desfazimento' é expressão não dicionarizada que constitui neologismo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Dois erros:

1) Se se tratasse de neologismo (uso de palavra ou expressão nova, ger. com base em léxico, semântica e sintaxe preexistentes, na mesma língua ou em outra), as aspas deveriam estar apenas no vocábulo *desfazimento*;

2) Segundo o Dicionário Eletrônico Aulete, desfazimento significa *alteração ou transformação de alguma coisa, material ou não (desfazimento do acordo, desfazimento do muro); DESMANCHO; DESMONTE*. Não é neologismo.

Em relação às ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o item a seguir.

(...)

O encontro terá a participação de ministros de tribunais superiores, desembargadores, juízes, promotores, advogados, delegados, diretores de tribunais e professores universitários. Entre as palestras, painéis e mesas-redondas estão programados temas a respeito de gestão, informatização, correição virtual, paradigmas, meio ambiente, conciliação, comunicação, todos eles relacionados à justiça. (Internet: www.trt10.jus.br, com adaptações).

---

34. (CESPE – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) No trecho, excetuada a última, todas as demais vírgulas têm a mesma justificativa de uso.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – As vírgulas separam termos coordenados.

▶ **Dica** – Certifique-se encaixando o conectivo *e*: O encontro terá a participação de ministros de tribunais superiores **e** desembargadores **e** juízes **e** promotores **e** advogados **e** delegados **e** diretores de tribunais e professores universitários. Entre as palestras **e** painéis e mesas-redondas estão programados temas a respeito de gestão **e** informatização **e** correição virtual **e** paradigmas **e** meio ambiente **e** conciliação **e** comunicação.

Em relação às ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o item a seguir.

A primeira ideia de criação de uma jurisdição trabalhista surgiu com a Lei nº 1.637/1907, que previa em seu artigo 8º os conselhos permanentes de conciliação e arbitragem. Posteriormente, a Lei nº 1.869/1922 criou em São Paulo os tribunais rurais – os primeiros tribunais trabalhistas do país. Já existia o Patronato Agrícola, ligado à Secretaria de Agricultura, o qual se ocupava de tais questões. À época, entendeu o governo estadual de São Paulo que o modelo de solução entre trabalhadores e proprietários rurais era inadequado. (...) (Internet: www.trt10.jus.br, com adaptações).

---

35. (CESPE – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) O trecho "criou em São Paulo (...) do país" admite, sem prejuízo para a correção gramatical e o sentido do texto, a seguinte reescrita: criou em São Paulo os primeiros tribunais trabalhistas do país: os tribunais rurais.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O travessão está separando o aposto explicativo, por isso os dois pontos podem substituí-lo.

Usam-se os dois-pontos: em enumerações; antes de uma citação; quando se quer esclarecer algo; no vocativo em cartas, sejam comerciais ou sociais (ou vírgulas); após as palavras: exemplo, observação, nota, importante, etc.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

Inalterado desde a redemocratização, o sistema político brasileiro está finalmente diante de uma oportunidade concreta de mudanças, principalmente em relação a aspectos que dão margem a uma série de deformações e estimulam a corrupção já a partir do período de campanha eleitoral. (...) (Zero Hora, 8/4/2013).

36. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) Estariam mantidas a correção gramatical e a coerência do texto se, feitos os devidos ajustes de maiúsculas e minúsculas, o trecho "Inalterado desde a redemocratização" fosse deslocado e inserido, entre vírgulas, imediatamente após "brasileiro".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Continuam corretas a gramática e a coerência: O sistema político brasileiro, inalterado desde a redemocratização, está finalmente diante de uma oportunidade concreta de mudanças.

▶ **Dica** – Leia o trecho como se a intercalação não existisse para ter certeza da correção gramatical (em negrito apenas): *O sistema político brasileiro, inalterado desde a redemocratização, está finalmente diante de uma oportunidade concreta de mudanças.*

Trecho para o próximo item.

O respeito às diferentes manifestações culturais é fundamental, ainda mais em um país como o Brasil, que apresenta tradições e costumes muito variados em todo o seu território. (Identidade e diversidade. Internet: www.brasil.gov.br/sobre/cultura, com adaptações).

37. (CESPE – Investigador de Polícia – BA/2013) A retirada da vírgula após "Brasil" manteria a correção gramatical e os sentidos do texto, visto que, nesse caso, o emprego desse sinal de pontuação é facultativo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A vírgula anteposta ao pronome relativo indica que a oração é adjetiva explicativa, se retirada, a oração passa a adjetiva restritiva, ou seja, não manteria a correção gramatical.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) A ocultação, pela indústria do asbesto (amianto), dos perigos representados por seus produtos provavelmente custou tantas vidas quanto as destruídas por todos os assassinatos ocorridos nos Estados Unidos da América durante uma década inteira; e outros produtos perigosos, como o cigarro, também provocam, a cada ano, mais mortes do que essas. (James William Coleman, A elite do crime, 5,a ed,, São Paulo: Manole, 2005, p. 1, com adaptações).

38. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/2010) Não haveria prejuízo para o sentido original do texto nem para a correção gramatical caso a expressão "a cada ano" fosse deslocada, com as vírgulas que a isolam, para imediatamente depois de "e".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Poderia ser deslocada mantendo as vírgulas por ser uma intercalação. Leiamos os termos em negrito para nos certificarmos: e, a cada ano, **outros produtos perigosos, como o cigarro, também provocam mais mortes do que essas.**

39. (UNB/CESPE – TRT 21ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) Julgue o item que se segue, relativo a aspectos gramaticais e semânticos do trecho.

▶ A que deu origem a **O Dedo na Ferida** foi realizada no ano passado e revela que, apesar de a população estar ciente de que é tributada ao adquirir bens e serviços, a maioria desconhece a proporção dos impostos embutidos nos preços finais.

A supressão das vírgulas no trecho "revela que, apesar de a população estar ciente de que é tributada ao adquirir bens e serviços, a maioria" não acarretaria prejuízo à correção gramatical do período.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Acarretaria erro, já que as vírgulas intercalam uma oração subordinada adverbial concessiva. Leia apenas os termos em negrito para se certificar: *"revela que, apesar de a população estar ciente de que é tributada ao adquirir bens e serviços, a maioria desconhece a proporção dos impostos embutidos nos preços finais.*

40. (UNB/CESPE – TRT 21ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) Julgue o item que se segue, relativo a aspectos gramaticais e semânticos do trecho. *"A cada ano, aproximadamente 92% dos gastos do governo federal – excluindo-se pagamento de dívidas e transferências – são engolidos pelas engrenagens do Estado brasileiro".* Os travessões poderiam ser substituídos por vírgulas, sem prejuízo para a correção gramatical e sem alterar o sentido original do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Os travessões separam uma intercalação e podem ser substituídos por vírgulas ou parênteses. Item muito pedido em provas CESPE.

1.3. CESGRANRIO

41. (Cesgranrio – Escriturário – BB/2013) A seguinte frase está redigida com adequada grafia de palavras, correta acentuação e pontuação de acordo com a norma-padrão:

(A) A raiz, geralmente subterrânea, não abdica de compostos nitrogenados e outras substâncias orgânicas.

(B) As raízes geralmente subterrâneas, não abidicam de compostos nitrogenados e outras substâncias orgânicas.

(C) As raízes, crescem abaixo da superficie da terra, mas não abidicam de compostos nitrogenados e outras substâncias orgânicas.

(D) A raíz é o membro das árvores que cresce abaixo da terra, mas não abdica de compostos nitrogenados e outras substâncias orgânicas.

(E) A raíz é o membro das árvores que, apesar de crescer abaixo da terra não abdica de compostos nitrogenados e outras substâncias orgânicas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Pontuação, ortografia e acentuação.

- A **raiz** = eliminadas *d* e *e* já que a palavra foi acentuada e não deveria.
- A expressão *geralmente subterrânea* pode ser intercalada por sinal de pontuação. Eliminadas *b* e *c* porque não se separa com pontuação o sujeito do verbo, ou o sujeito do predicado. Além do erro ortográfico de **abdicam** e de acentuação em **superfície.**

Alternativa "b" – Não se separa com pontuação o sujeito do verbo, ou o sujeito do predicado; erro ortográfico em **abdicam.**

Alternativa "c" – Não se separa com pontuação o sujeito do verbo, ou o sujeito do predicado; erro de acentuação em **superfície.**

Alternativa "d" – Quando a vogal *i* forma hiato com vogal anterior e vem seguida de *z* na mesma sílaba, não há acento.

Alternativa "e" – Quando a vogal *i* forma hiato com vogal anterior e vem seguida de *z* na mesma sílaba, não há acento.

42. (CESGRANRIO – Técnico Bancário-Banco da Amazônia/2013) A mudança de pontuação manteve o sentido original do trecho, bem como observou os preceitos da norma-padrão, em:

(A) Vivemos neste exato momento duas crises. Uma econômica internacional, outra ambiental." / Vivemos, neste exato momento, duas crises: uma econômica internacional, outra ambiental.

(B) Como posso concorrer com 99% dos empreendimentos, que são ilegais? / Como posso concorrer com 99% dos empreendimentos? Que são ilegais?

(C) Essa é a prática na Amazônia. / Essa, é a prática na Amazônia.

(D) Às vezes, acho que o Brasil desconhece a Amazônia." / Às vezes, acho, que o Brasil desconhece a Amazônia.

(E) Outro ponto a ser levado em consideração é o ordenamento territorial. / Outro ponto a ser levado em consideração, é o ordenamento territorial.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – No segundo trecho, houve intercalação do adjunto adverbial de tempo 'neste exato momento' e o uso dos pontos foi utilizado para explicar as duas crises.

Alternativa "b" – Sem coerência. Segundo período incorreto.

Alternativa "c" – Não se separa sujeito e verbo com pontuação.

Alternativa "d" – A vírgula inserida após *acho* está incorreta por separar a oração principal da oração subordinada.

Alternativa "e" – A vírgula não cabe no período.

1.4. VUNESP

43. (Vunesp – Investigador de Polícia – SP/2013) Assinale a alternativa correta quanto à pontuação e à colocação pronominal.

(A) Infelizmente, se transformou, o ímpeto de Hagar, num passo lento depois que casamos.

(B) Depois que casamos, infelizmente se transformou, o ímpeto de Hagar num passo lento.

(C) Infelizmente se transformou o ímpeto de Hagar num passo lento, depois que casamos.

(D) Se transformou num passo lento, infelizmente, o ímpeto de Hagar depois que casamos.

(E) Depois que casamos infelizmente transformou-se num passo lento o ímpeto de Hagar.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

Nota da autora: Questão de pontuação e pronome.

- Alternativa c: pontuação correta e a colocação do pronome também está certa: o advérbio atrai o oblíquo.

Correções:

Alternativa "a" – Infelizmente, transformou-se o ímpeto de Hagar num passo lento depois que casamos.

Alternativa "b" – Depois que casamos, infelizmente se transformou o ímpeto de Hagar num passo lento.

Alternativa "d" – Transformou-se, num passo lento, infelizmente, o ímpeto de Hagar depois que casamos.

Alternativa "e" – Depois que casamos, infelizmente se transformou num passo lento o ímpeto de Hagar.

Leia o cartum.

– Dando continuidade à série "Culinária Saudável", vamos fazer hoje um leitão à pururuca, sem utilizar a carne de porco.

(Zero, http://www.cartuns.com.br, 08.12.2012)

– *Dando continuidade à série "Culinária Saudável", vamos fazer hoje um leitão à pururuca, sem utilizar carne de porco. (Zero, http://www.cartuns.com.br, 08.12.2012)*

44. (Vunesp – Escrivão de Polícia – SP/2013) Assinale a alternativa em que a frase do cartum está reescrita corretamente, no que se refere à pontuação.

- Dando continuidade à série "Culinária Saudável",

(A) vamos fazer um leitão à pururuca, hoje, sem utilizar a carne de porco.

(B) vamos fazer, um leitão à pururuca hoje, sem utilizar a carne de porco.

(C) vamos fazer um leitão à pururuca, sem utilizar hoje, a carne de porco.

(D) vamos fazer, um leitão à pururuca, sem utilizar a carne de porco hoje.

(E) vamos fazer um leitão à pururuca, sem utilizar, hoje a carne de porco.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Houve intercalação do adjunto adverbial de modo.

Alternativa "b" – Faltou vírgula para intercalar.

Alternativa "c" – Intercalação errada.

Alternativa "d" – Não se separa verbo do complemento.

Alternativa "e" – Intercalação errada.

1.5. UEG

45. (UEG – Escrivão de Polícia – GO/2013) A pontuação está empregada de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa em:

(A) Ainda que dotados de algum grau de inteligência, os animais superiores não têm a capacidade de falar.

(B) Os dois tipos de memória: natural e autogerada; estão presentes nos seres humanos.

(C) Os estudos recentes sobre a memória, mostram que a capacidade do cérebro, é quase infinita.

(D) A memória natural, intimamente relacionada à percepção sensorial também está presente nos animais.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – A vírgula indica inversão: a oração inicia com a adverbial concessiva.

Correções:

Alternativa "b" – Os dois tipos de memória, natural e autogerada, estão presentes nos seres humanos.

Alternativa "c" – Os estudos recentes sobre a memória mostram que a capacidade do cérebro é quase infinita.

Alternativa "d" – memória natural, intimamente relacionada à percepção sensorial, também está presente nos animais.

1.6. UFF

Texto para a próxima questão.

Texto 2:

Diz uma lenda grega que a Esfinge, uma criatura mitológica das civilizações do Egito e da Mesopotâmia, após invadir a cidade de Tebas e destruir suas plantações, teria ameaçado os moradores que não conseguissem decifrar o seu enigma, dizendo: decifra-me ou te devoro. A lição extraída dessa passagem talvez não seja o suficiente para levar a sociedade a refletir sobre o significado das favelas na estrutura da cidade. Mas, de alguma forma, aponta um caminho para decifrar o seu enigma: o conhecimento da sua realidade, da sua complexa organização espacial, das suas particularidades, das suas vicissitudes, dos seus defeitos, das suas qualidades e, principalmente, da sua cultura. (...) (JANOT, Luiz Fernando. O Globo: 28/01/2012.)

46. (UFF – Inspetor de Polícia – RJ/2012) O sinal de dois-pontos após "dizendo" e, logo a seguir, após "o seu enigma", tem como fim introduzir no texto, respectivamente:

(A) citação – explicitação ou esclarecimento.

(B) citação – exemplificação.

(C) explicitação ou esclarecimento – exemplificação.

(D) citação – resultado ou consequência.

(E) resultado ou consequência – explicitação ou esclarecimento.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Os dois-pontos após dizendo, está introduzindo uma citação; os dois pontos após o seu enigma, está introduzindo uma explicação, um esclarecimento.

Alternativa "b" – Parcialmente correto, pois não há exemplificação.

Alternativa "c" – A explicitação ou esclarecimento está no segundo sinal de dois pontos e não há exemplificação.

Alternativa "d" – Não há resultado ou consequência.

Alternativa "e" – Parcialmente correto – só explicitação ou esclarecimento.

Trecho para a questão.

Texto 2:

Diz uma lenda grega que a Esfinge, uma criatura mitológica das civilizações do Egito e da Mesopotâmia, após invadir a cidade de Tebas e destruir suas plantações, teria ameaçado os moradores que não conseguissem decifrar o seu enigma, dizendo: decifra-me ou te devoro. A lição extraída dessa passagem talvez não seja o suficiente para levar a sociedade a refletir sobre o significado das favelas na estrutura da cidade. Mas, de alguma forma, aponta um caminho para decifrar o seu enigma: o conhecimento da sua realidade, da sua complexa organização espacial, das suas particularidades, das suas vicissitudes, dos seus defeitos, das suas qualidades e, principalmente, da sua cultura. (...)

A resposta positiva que a sociedade vem dando às formas de integração social com as favelas pacificadas indica que essa possibilidade pode ser perfeitamente viabilizada. Já se percebe um grande contingente de pessoas frequentando regularmente as favelas, participando de eventos e interagindo com a

população local sem as preocupações de outras épocas. Para que esses territórios sejam urbanizados e integrados definitivamente ao contexto urbano da cidade oficial basta que se tenha vontade política. (...)

É preciso entender que os moradores dessas comunidades possuem histórias de vida E que, nesse percurso, fizeram investimentos materiais e imateriais que não podem ser desconsiderados. Nas favelas e nos loteamentos irregulares a cultura se manifesta através da moradia individual e da organização social nos espaços públicos. Portanto, a vivência dessas pessoas, incorporada aos projetos de urbanização e de melhorias habitacionais, é o melhor caminho para a adequação espacial dessas comunidades e, consequentemente, para a sua integração ao tecido urbano da cidade. Ignorar o fato de que a favela faz parte da cultura carioca há mais de um século é negar a sua preexistência e, também, o seu modo espontâneo de habitar. Portanto, não há como justificar o emprego de soluções universais para resolver problemas particulares e de caráter específico. (...) ((JANOT, Luiz Fernando. O Globo: 28/01/2012.)

47. (UFF – Inspetor de Polícia – RJ/2012) De acordo com as normas de pontuação vigentes, pode-se usar vírgula imediatamente depois de:

(A) "A lição extraída dessa passagem".

(B) "A resposta positiva que a sociedade vem dando às formas de integração social com as favelas pacificadas".

(C) "Para que esses territórios sejam urbanizados e integrados definitivamente ao contexto urbano da cidade oficial".

(D) "É preciso entender que os moradores dessas comunidades".

(E) "Ignorar o fato de que a favela faz parte da cultura carioca há mais de um século".

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – A vírgula indica inversão da oração subordinada adverbial final. Coloquemos na ordem direta (iniciando com a oração principal): Basta que se tenha vontade política **para que esses territórios sejam urbanizados e integrados definitivamente ao contexto urbano da cidade oficial.**

Alternativa "a" – Separaria sujeito do verbo. Opção: intercalar o advérbio de dúvida com duas vírgulas, ou travessões ou parênteses.

Alternativa "b" – Não se separa sujeito do verbo.

Alternativa "d" – Não se separa sujeito do verbo.

Alternativa "e" – Não se separa sujeito do verbo.

1.7. FUMARC

48. (Fumarc – Escrivão de Polícia – MG/2011) Analise a pontuação do período abaixo e indique a alternativa INADEQUADA.

Tal tarefa, complexa por natureza, pressupõe a educação de todos (crianças, jovens e adultos), a partir de princípios coerentes com esses objetivos, e com a intenção explícita de promover a cidadania pautada na democracia, na justiça, na igualdade, na equidade e na participação ativa de todos os membros da sociedade nas decisões sobre seus rumos.

(A) A expressão "complexa por natureza" está entre vírgulas, para isolar um termo intercalado.

(B) Os parênteses foram utilizados para uma indicação acessória na explicação do termo "todos".

(C) O uso da vírgula antes do "e" no trecho: "...com esses objetivos, e com a intenção explícita...", justifica-se pela relação de consequência estabelecida.

(D) A vírgula está empregada em uma enumeração no trecho: "...pautada na democracia, na justiça, na igualdade, na equidade e na participação ativa...".

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Facilite: se há consequência, há causa. No trecho não se faz a pergunta *por quê?*

Alternativa "a" – A intercalação corta a sequência da frase e, por isso, deve estar entre vírgulas; a expressão *complexa por natureza* está intercalada entre o sujeito tal tarefa e o verbo pressupõe da oração.

Alternativa "b" – Os parênteses são indicados para isolar palavras, frases ou orações com sentido explicativo, uma indicação acessória, seja uma reflexão, um comentário acrescentados à ideia do que se está expondo.

Alternativa "d" – A vírgula está ligando termos independentes na oração, que possuem o mesmo valor sintático e não estão ligados pela conjunção *e*.

49. (Fumarc – Agente de Polícia – MG/2008) Marque a alternativa em que as vírgulas foram empregadas para separar termos intercalados e os elementos de uma enumeração.

(A) As polícias, por sua vez, devem negar enfaticamente a exclusividade da solução do problema.

(B) Essa compreensão, no entanto, deve perpassar os governos, as polícias e também a sociedade.

(C) Segurança pública, então, é resultado de ações conjuntamente articuladas entre os governos e a sociedade.

(D) Uma possível acomodação da sociedade no sentido da não participação nesse processo pode-se traduzir, no limite, na sua condição última de vítima.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta No entanto: termo intercalado, separados por vírgulas; a vírgula após governos está separando a enumeração os governos, as polícias; a conjunção e (com valor de vírgula) separa: também a sociedade.

Alternativa "a" – Só há vírgulas separando o termo intercalado: por sua vez.

Alternativa "c" – Só há vírgulas separando o termo intercalado: então.

Alternativa "d" – Só há vírgulas separando o termo intercalado: no limite.

1.8. ACP

Trecho para a próxima questão.

O poder do palavrão – Como insultar e praguejar em português, com a ajuda de um dicionário

Qualquer dia é dia de palavrão. Ele é necessário e insubstituível, como disse o sociólogo Gilberto Freyre. Há quem reclame que as palavras de baixo calão invadiram a vida cotidiana de forma irresistível. Jamais se pronunciou tanto palavrão como nos dias de hoje, e com tanta volúpia, afirmam tanto os safados como os guardiões da língua e dos bons costumes. E, de fato, o palavrão (ou "palavrada", "palavra obscena" ou "palavra-cabeluda") se intrometeu em todos os registros de fala e todo tipo de conversação. Por que o fascínio pelo "submundo", pelos "esgotos" da linguagem? Vou tentar responder ao questionamento, recorrendo primeiramente a um livro.

Em 1974, o folclorista pernambucano Mário Souto Maior (1920-2001) concluiu o seu Dicionário do Palavrão e Termos Afins, agora republicado num caprichado volume da Editora Leitura, de Belo Horizonte.

Após um trabalho de dez anos, Souto Maior levantou 3 mil palavrões, entre vocábulos, locuções e expressões idiomáticas. A obra sofreu censura do regime militar e só foi publicada cinco anos depois, com o início da abertura política brasileira. Segundo o autor, a obra então já se afigurava incompleta, em virtude da criação constante de novos palavrões. Ao vir a público, já se tratava de um título ultrapassado. (...)

Talvez tenha chegado o momento de entronizar (sem trocadilhos de segundo sentido) Souto Maior como um pioneiro da lexicografia realista. Como ele próprio disse, os falantes da língua criam palavrões diariamente. E tamanha a produtividade fescenina da população que a criação de palavrões muitas vezes supera a das próprias palavras. Para chegar a seu dicionário, o pesquisador enviou questionários por carta a 3.620 pessoas. Agora seria muito mais fácil – e é curioso que não tenham aparecido desde então obras do mesmo fôlego. O amor pela descoberta era maior quando as dificuldades eram maiores... (...) (Luís Antônio Giron. Texto adaptado da revista Época, 13 de julho de 2010).

50. (ACP – Inspetor de Polícia – RS/2010) Considere as afirmações abaixo sobre casos de pontuação empregada no texto.

I. Os parênteses poderiam ser substituídos por duplo travessão.

II. O emprego das vírgulas no segundo parágrafo justifica-se pela mesma razão.

III. A expressão *Segundo o autor* deveria aparecer entre vírgulas e com inicial minúscula, caso figurasse depois de *a obra*.

IV. No final do trecho, há um travessão que não é depois fechado em razão da ocorrência do ponto.

Quais estão corretas?

(A) Apenas II e III.

(B) Apenas III e IV.

(C) Apenas I, II e IV.

(D) Apenas II, III e IV.

(E) I, II, III e IV.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta

I. Poderia por se tratar de intercalação. Leia o que está em negrito: **E, de fato, o palavrão** (ou "palavrada", "palavra obscena" ou "palavra-cabeluda") **se intrometeu em todos os registros de fala.**

II. Sim: separa aposto explicativo.

III. Sim, pois passaria a ser intercalação.

IV. Exato. Mesmo porque não há como usar travessão seguido de ponto final.

1.9. IPAD

51. (IPAD – Agente de Polícia – PE/2006) *"O Estado recruta pessoas sem condições até mesmo de sobrevivência, verdadeiros renegados, não os prepara suficientemente, não lhes dá as mínimas condições de trabalho e os abandona como feras feridas, lobos atrás de suas presas fáceis, os cidadãos".* Para o trecho acima,

assinale a alternativa em que a pontuação está incorreta.

(A) O Estado recruta pessoas sem condições até mesmo de sobrevivência, verdadeiros renegados, não os prepara suficientemente, não lhes dá as mínimas condições de trabalho e os abandona como feras feridas, lobos atrás de suas presas fáceis: os cidadãos.

(B) O Estado recruta pessoas sem condições até mesmo de sobrevivência, verdadeiros renegados. Não os prepara suficientemente; não lhes dá as mínimas condições de trabalho; e os abandona como feras feridas, lobos atrás de suas presas fáceis, os cidadãos.

(C) O Estado, recruta pessoas sem condições até mesmo de sobrevivência, verdadeiros renegados. Não os prepara, suficientemente, não lhes dá as mínimas condições de trabalho e os abandona como feras feridas, lobos atrás de suas presas fáceis; os cidadãos.

(D) O Estado recruta pessoas sem condições até mesmo de sobrevivência, verdadeiros renegados; não os prepara suficientemente, não lhes dá as mínimas condições de trabalho e os abandona como feras feridas, lobos atrás de suas presas fáceis: os cidadãos.

(E) O Estado recruta pessoas sem condições até mesmo de sobrevivência, verdadeiros renegados. Não os prepara suficientemente, não lhes dá as mínimas condições de trabalho e os abandona como feras feridas, lobos atrás de suas presas fáceis – os cidadãos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Não se separa sujeito do verbo (ou predicado). Correções: O Estado recruta pessoas sem condições até mesmo de sobrevivência, verdadeiros renegados. Não os prepara, suficientemente, não lhes dá as mínimas condições de trabalho e os abandona como feras feridas, lobos atrás de suas presas fáceis: os cidadãos.

Perceba as possíveis alterações nas outras alternativas:

Alternativas "a", "b", "d", e **"e"** – Após *renegados*, pode-se usar vírgula, ponto-e-vírgula ou ponto final; antes do aposto *os cidadãos*, podemos usar dois-pontos, vírgula ou travessão.

1.10 ESAF

52. (ESAF – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2004) Em relação à pontuação do texto abaixo, analise as modificações propostas e assinale a opção correta.

Lidar com leis, processos demorados, cartórios e tribunais talvez não seja uma atividade comumente associada à nova economia. No entanto, poucas profissões foram renovadas e se tornaram tão necessárias ao bom funcionamento das novas empresas quanto o ofício do advogado. Além disso, embora a sociedade brasileira não chegue perto da americana em termos de mentalidade litigiosa, temos bem concentrada na herança cultural uma dose gigantesca de burocracia regulamentações e cartórios. Lidar com essa herança já é o campo de trabalho para muitas gerações. (Gilson Schwartz, As profissões do futuro, São Paulo, Publifolha, 2000, p.36)

Modificações propostas:

I. por se tratar de aposto explicativo, suprimir as vírgulas que isolam a expressão após "processos demorados".

II. inserir vírgula antes de "talvez" porque se inicia uma oração explicativa.

III. eliminar a vírgula após "No entanto" para não isolar circunstância.

IV. inserir vírgula após "americana" para isolar oração explicativa subseqüente.

V. inserir vírgula após "burocracia", pois se trata de uma enumeração.

Para deixar o texto corretamente pontuado,

(A) é necessário implementar as modificações I e II.

(B) as modificações II e IV são necessárias.

(C) somente a modificação III é necessária.

(D) são necessárias as modificações III e IV.

(E) apenas a modificação V é necessária.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

I. Exatamente pelo fato de ser aposto explicativo não se pode retirar a vírgula.

▶ **Dica:**

- Aposto explicativo: possui pontuação.
- Aposto especificativo: não possui pontuação. Exemplo: O poeta Mário de Andrade escreveu lindos poemas.

O poeta Mário de Andrade = sujeito. Núcleo do sujeito: poeta. **Mário de Andrade** é aposto especificativo de poeta.

II. *Talvez* é um advérbio de dúvida, não é necessário inserir vírgula anteposta.

III. A conjunção adversativa *no entanto*, neste caso, exige a vírgula.

IV. Não cabe a vírgula porque se trata de uma oração intercalada: **Além disso**, embora a socie-

dade brasileira não chegue perto da americana em termos de mentalidade litigiosa, **temos bem concentrada na herança cultural uma dose gigantesca de burocracia regulamentações e cartórios.**

V. Se podemos encaixar a conjunção **e**, há enumeração: temos bem concentrada na herança cultural uma dose gigantesca de burocracia, (e) regulamentações e cartórios.

2. NÍVEL SUPERIOR

2.1. FCC

53. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 3/2015) A frase pontuada em conformidade com as orientações da gramática normativa é:

(A) O conferencista comprovou que a contextualização é o traço mais forte na área da história das ideias que mais avançou na última década: a história do pensamento político.

(B) Sempre voltou seu olhar para as flores mais sensíveis e, de cultivo mais difícil, porém, ao longo de sua trajetória valeu-se de cautelas mais adequadas ao cultivo de espécies mais resistentes.

(C) Não fica muito claro, como os veteranos estudiosos da área poderiam abrigar o pensamento desse jovem pesquisador, porque o ponto de vista dele é agudo e sobretudo, excêntrico.

(D) Seria um equívoco atribuir ao procurador, daquela pessoa idosa, doente, e fragilizada a responsabilidade pelos malfeitos que foram descobertos, pois ele a tem em alta consideração.

(E) Se é justo valorizar a experiência de nossos antepassados, o saber advindo de nossas próprias vivências, não deve ser tido como menos valoroso; ao contrário pode harmonizar-se com o saber herdado.

COMENTÁRIOS

Resposta: "a" – Período pontuado corretamente e prova que a vírgula não é para respirar. Está na ordem direta e possui uma oração subordinada adjetiva restritiva (repele a vírgula): *que mais avançou na última década.*

Os dois-pontos separam um aposto explicativo.

Correções:

(B) Sempre voltou seu olhar para as flores mais sensíveis **e de** cultivo mais difícil, porém, **ao longo de sua trajetória,** valeu-se de cautelas mais adequadas ao cultivo de espécies mais resistentes.

(C) Não fica muito **claro como** os veteranos estudiosos da área poderiam abrigar o pensamento desse jovem pesquisador, porque o ponto de vista dele é agudo **e, sobretudo**, excêntrico.

(D) Seria um equívoco atribuir ao **procurador daquela** pessoa idosa, **doente e** fragilizada a responsabilidade pelos malfeitos que foram descobertos, pois ele a tem em alta consideração.

(E) Se é justo valorizar a experiência de nossos antepassados, o saber advindo de nossas próprias **vivências não** deve ser tido como menos valoroso; **ao contrário,** pode harmonizar-se com o saber herdado.

54. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 3/2015) A frase que está pontuada como dispõe a gramática normativa é:

(A) Foi o caráter destrutivo da guerra tanto física quanto moral, que finalmente levou os países em confronto a conhecerem as situações mais dramáticas e desumanas.

(B) Podemos indagar o sentido que têm essas manifestações recentes: seriam, por acaso, a expressão de que o cidadão comum chegou a seu limite no que se refere a aceitar, inerte, a usurpação de seus direitos?

(C) Nem pelas razões alegadas contudo, altera-se o mecanismo de apelo imediato à justiça quando os cidadãos não se entendem entre si, modo de agir que impede esforços de outros tipos de mediações.

(D) Não é de se admirar que: muitos críticos contemporâneos entendam como mero exibicionismo, certas atitudes e práticas artísticas das primeiras décadas do século XX.

(E) Estudar o ontem em função do hoje – e também do amanhã, é o propósito das reflexões, que ocorrem, semanalmente no centro de cultura instalado numa das regiões mais carentes da cidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "B" – Os dois-pontos esclarecem que podemos indagar o sentido das manifestações; as vírgulas intercalam a expressão "por acaso" e o adjetivo "inerte".

▶ **DICA**

Os dois-pontos são usados em enumerações, antes de uma citação, quando se quer esclarecer algo, no vocativo, após as palavras: **exemplo, observação, nota, importante etc.**

Alternativa "A" – Não se separa o sujeito do predicado. Opções de correção:

1. **retirar a vírgula:** Foi o caráter destrutivo da guerra tanto física quanto moral que finalmente levou os países...

2. **intercalar termos:** Foi o caráter destrutivo da guerra, **tanto física quanto moral**, que finalmente levou os países...

Alternativa "C" – A conjunção deveria estar intercalada: Nem pelas razões alegadas, **contudo**, altera-se o mecanismo. Além da pontuação, percebe-se a falta de coerência do trecho.

Alternativa "D" – Os dois pontos após a conjunção integrante "que" podem ser retirados tranquilamente; mais uma vez, duas opções de correção:

1. **retirar a vírgula:** críticos contemporâneos entendam como mero exibicionismo certas atitudes e práticas artísticas...

2. **intercalar:** críticos contemporâneos entendam, **como mero exibicionismo**, certas atitudes e práticas artísticas...

Alternativa "E" – A intercalação só é aceitável com sinais idênticos de pontuação: *função do hoje – e também do amanhã – é o propósito* ou *função do hoje, e também do amanhã, é o propósito...*

Texto para a questão.

A guerra dos dez anos começou quando um fazendeiro cubano, Carlos Manuel de Céspedes, e duzentos homens mal armados tomaram a cidade de Santiago e proclamaram a independência do país em relação à metrópole espanhola. Mas a Espanha reagiu. Quatro anos depois, Céspedes foi deposto por um tribunal cubano e, em março de 1874, foi capturado e fuzilado por soldados espanhóis.

Entrementes, ansioso por derrubar medidas espanholas de restrição ao comércio, o governo americano apoiara abertamente os revolucionários e Nova York, Nova Orleans e Key West tinham aberto seus portos a milhares de cubanos em fuga. Em poucos anos Key West transformou-se de uma pequena vila de pescadores numa importante comunidade produtora de charutos. Despontava a nova capital mundial do Havana.

Os trabalhadores que imigraram para os Estados Unidos levaram com eles a instituição do "lector". Uma ilustração da revista Practical Magazine mostra um desses leitores sentado de pernas cruzadas, óculos e chapéu de abas largas, um livro nas mãos, enquanto uma fileira de trabalhadores enrolam charutos com o que parece ser uma atenção enlevada.

O material dessas leituras em voz alta, decidido de antemão pelos operários (que pagavam o "lector" do próprio salário), ia de histórias e tratados políticos a romances e coleções de poesia. Tinham seus prediletos: o Conde de Monte Cristo, de Alexandre Dumas, por exemplo, tornou-se uma escolha tão popular que um grupo de trabalhadores escreveu ao autor pouco antes da morte dele, em 1870, pedindo-lhe que cedesse o nome de seu herói para um charuto; Dumas consentiu.

Segundo Mário Sanchez, um pintor de Key West, as leituras decorriam em silêncio concentrado e não eram permitidos comentários ou questões antes do final da sessão.

(Adaptado de: MANGUEL, Alberto. Uma história da leitura. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo, Cia das Letras, 1996, p. 134-136)

55. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3/2014) Sem prejuízo para o sentido original e a correção gramatical,

(A) uma vírgula pode ser inserida imediatamente após "revolucionários", no segmento... *o governo americano apoiara abertamente os revolucionários e Nova York, Nova Orleans e Key West tinham aberto seus portos a milhares de cubanos em fuga.* (2º parágrafo)

(B) o segmento ... *que imigraram para os Estados Unidos...* (3º parágrafo) pode ser isolado por vírgulas.

(C) uma vírgula pode ser inserida imediatamente após "leituras", no segmento *o material dessas leituras em voz alta, decidido...*, contanto que se suprima a vírgula colocada imediatamente após "alta" (4º parágrafo).

(D) a vírgula colocada imediatamente após os parênteses que isolam o segmento ... *que pagavam o "lector" do próprio salário* (4º parágrafo), pode ser suprimida.

(E) a vírgula colocada imediatamente após Céspedes, no segmento ... *Carlos Manuel de Céspedes, e duzentos homens mal armados...* (1º parágrafo) pode ser suprimida.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – A vírgula pode ser inserida por separar orações com sujeitos distintos: 1. o governo americano; 2. Nova York, Nova Orleans e Key West.

Alternativa "b" – Se inseridas vírgulas, a oração passa a adjetiva explicativa e indica que todos os trabalhadores imigraram para os Estados Unidos. A informação é outra: apenas os que imigraram para os Estados Unidos levaram com eles a instituição do "lector".

Alternativa "c" – Não pode intercalar, pois o termo posposto refere-se à leitura. Note que há outra

vírgula após *alta* e intercalaria. O período tornar-se-ia incorreto.

Alternativa "d" – A vírgula está intercalando. Há sequência sintática entre sujeito e predicado (ou sujeito e verbo): **O material dessas leituras em voz alta**, decidido de antemão pelos operários (que pagavam o "lector" do próprio salário), **ia de histórias e tratados políticos a romances e coleções de poesia.**

Alternativa "e" – Não pode ser suprimida por estar intercalando o aposto explicativo "Carlos Manuel de Céspedes".

---

56. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 4/2014) Quanto à pontuação, a frase inteiramente correta é:

(A) Para Edward Said, a linguagem, é o terreno de onde partem os humanistas, uma vez que é nela que se estabelecem, não apenas as relações de sentido, mas também o desafio de o leitor divisar e compartilhar as escolhas produzidas pelo escritor.

(B) Para Edward Said a linguagem é o terreno, de onde partem os humanistas, uma vez que é nela que se estabelecem não apenas as relações de sentido mas, também, o desafio de o leitor divisar, e compartilhar as escolhas produzidas pelo escritor.

(C) Para Edward Said, a linguagem é o terreno de onde partem os humanistas, uma vez que é nela que se estabelecem não apenas as relações de sentido, mas também o desafio de o leitor divisar e compartilhar as escolhas produzidas pelo escritor.

(D) Para Edward Said, a linguagem, é o terreno de onde partem os humanistas uma vez que, é nela, que se estabelecem não apenas as relações de sentido, mas também o desafio de o leitor divisar e compartilhar, as escolhas produzidas pelo escritor.

(E) Para Edward Said, a linguagem é o terreno de onde partem os humanistas uma vez que é nela, que se estabelecem não apenas as relações de sentido, mas também o desafio, de o leitor divisar e compartilhar, as escolhas produzidas pelo escritor.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

✪ **Nota da autora:** Quando as frases forem iguais, basta trabalhar por eliminação.

1. Para Edward Said, = inversão. Vírgula obrigatória. Eliminada B;

2. ... , uma vez que = a vírgula separa a oração subordinada adverbial causal.

2.1 Eliminadas A e D por separarem sujeito (linguagem) e verbo (é).

3. ... , mas também = a vírgula antes da conjunção coordenada adversativa é obrigatória.

3.1 Eliminada E por não caber a vírgula após a contração de preposição (em) e pronome (ela) = nela.

---

57. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 16/2014) Quanto à pontuação, a frase inteiramente correta é:

(A) Já pela má fama adquirida já por preconceito, sempre haverá por parte de certos leitores, alguma relutância diante da leitura de um prefácio.

(B) O autor do texto não hesita honestamente, de recorrer a experiências pessoais, para demonstrar sua tese, favorável em boa parte à existência mesma dos prefácios.

(C) A escritora Cecília Meireles tão talentosa quanto bonita, é citada no texto como parâmetro de excelência, na comparação com uma jovem, bela e pouco inspirada poetisa.

(D) Muita gente acabará por confessar tal como fez o autor, que um prefácio pode prender nossa atenção, com muito mais força, do que o texto principal de uma obra.

(E) O autor conclui, não sem razão, que as bibliografias que indicam apenas o prefácio de uma obra permitem deduzir, não há dúvida, que o restante do livro não importa muito.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – As quatro vírgulas marcam intercalações. Perceba, ao ler a parte em negrito, que os termos podem ser retirados e a sequência do período não é alterado: **O autor conclui**, não sem razão, **que as bibliografias que indicam apenas o prefácio de uma obra permitem deduzir**, não há dúvida, **que o restante do livro não importa muito.**

Correções:

Alternativa "a" – Já pela má fama **adquirida, já** por preconceito, sempre **haverá, por** parte de certos leitores, alguma relutância diante da leitura de um prefácio.

Alternativa "b" – O autor do texto não **hesita, honestamente**, de recorrer a experiências **pessoais para** demonstrar sua **tese favorável** em boa parte à existência mesma dos prefácios.

Alternativa "c" – A escritora Cecília **Meireles, tão** talentosa quanto bonita, é citada no texto como parâ-

metro de excelência, na comparação com uma **jovem bela** e pouco inspirada poetisa.

Alternativa "d" – Muita gente acabará por **confessar, tal** como fez o autor, que um prefácio pode prender nossa atenção, com muito mais **força do** que o texto principal de uma obra.

---

58. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 16/2014) Segmentos receberam nova pontuação. O que mantém a adequação à norma-padrão é:

(A) Adoção, por parte da empresa ou de qualquer instituição, de políticas e práticas organizacionais socialmente responsáveis / Adoção por parte da empresa ou de qualquer instituição, de políticas e práticas organizacionais, socialmente responsáveis.

(B) Do ponto de vista mercadológico, a responsabilidade social procura harmonizar as expectativas dos diferentes segmentos ligados à empresa / Do ponto de vista, mercadológico, a responsabilidade social procura harmonizar as expectativas dos diferentes segmentos, ligados à empresa.

(C) a organização que exerce sua responsabilidade social procura respeitar e cuidar da comunidade, melhorar a qualidade de vida / a organização – que exerce sua responsabilidade social – procura, respeitar e cuidar, da comunidade, melhorar a qualidade de vida.

(D) gerar uma consciência nacional para integrar desenvolvimento e conservação / gerar uma consciência nacional, para integrar, desenvolvimento e conservação.

(E) para integrar desenvolvimento e conservação, ou seja, promover o desenvolvimento sustentável, o bem-estar e a qualidade de vida / para integrar desenvolvimento e conservação, ou seja: promover o desenvolvimento sustentável, o bem-estar e a qualidade de vida.

Alternativa correta: letra "e" – As expressões *isto é* e *ou seja* são explicativas e devem, obrigatoriamente, vir entre pontuações. Pode ser entre vírgulas ou seguida de dois-pontos, já que haverá explicação posterior.

Alternativa "a" – Não daria para errar, pois a vírgula após *instituição* é descabida e nem precisa de teoria para saber, certo? Qualifica o substantivo.

Alternativa "b" – Duas vírgulas erradas: após *ponto de vista* e após *segmentos.*

Alternativa "c" – Não cabe o travessão anteposto ao pronome realtivo porque a oração é restritiva; a vírgula entre os verbos procurar e respeitar também está errada por separar locução verbal; separar o verbo *cuidar* de seu complemento não é permitido; a última vírgula deve ser retirada porque a oração se encontra na ordem direta. É interessante item assim, já que possui vários erros, um pelo menos você encontrará. Não se desespere, pense fácil.

Alternativa "d" – Não se separa verbo do complemento: integrar (V.T.D.) desenvolvimento e conservação (O.D.); a vírgula separando a oração final não é obrigatória, é facultativa.

---

59. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) Quanto à colocação das vírgulas, a frase inteiramente correta é:

(A) Num de seus textos, a que deu o título de "Do justo e do injusto", Voltaire aborda, com a propriedade de sempre, a questão da natureza mesma do sentimento da justiça, que, segundo ele, foi-nos concedido por Deus, que também nos deu um cérebro para contrabalançar os impulsos do coração.

(B) Num de seus textos, a que deu o título de "Do justo e do injusto" Voltaire aborda, com a propriedade de sempre a questão da natureza mesma do sentimento da justiça, que segundo ele foi-nos concedido por Deus que, também, nos deu um cérebro para contrabalançar os impulsos do coração.

(C) Num de seus textos a que deu o título de "Do justo e do injusto", Voltaire aborda com a propriedade de sempre, a questão da natureza mesma do sentimento da justiça, que segundo ele foi-nos concedido por Deus, que também nos deu um cérebro, para contrabalançar, os impulsos do coração.

(D) Num de seus textos, a que deu o título de "Do justo e do injusto", Voltaire aborda, com a propriedade de sempre, a questão da natureza mesma, do sentimento da justiça, que segundo ele foi-nos concedido por Deus que, também nos deu um cérebro, para contrabalançar os impulsos do coração.

(E) Num de seus textos a que deu o título de "Do justo e do injusto", Voltaire aborda com a propriedade de sempre, a questão da natureza mesma do sentimento da justiça que, segundo ele, foi-nos concedido por Deus que também nos deu um cérebro para contrabalançar os impulsos do coração.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Analisemos, juntos, cada vírgula e para ganhar tempo, eliminemos as alternativas descabidas:

1. Num de seus textos, a que deu o título de "Do justo e do injusto", = intercalação (o que está entre vírgulas pode ser retirado que mantém a sequência sintática). Eliminadas *b* (falta a segunda vírgula da intercalação) *c* e *e;*

2. Voltaire aborda, com a propriedade de sempre, = intercalação;

3. a questão da natureza mesma do sentimento da justiça, = separa oração subordinada adjetiva (possui pronome relativo) explicativa (com pontuação). Eliminada *d* e encontramos a resposta.

4. que, segundo ele, foi-nos concedido = intercalação;

5. por Deus, que também nos deu um cérebro para contrabalançar os impulsos do coração = separa oração subordinada adjetiva (possui pronome relativo) explicativa (com pontuação).

Trechos para a questão.

Num passado não muito remoto, cada um era definido por sua proveniência, e as perguntas iniciais diziam: quem foram seus pais e antepassados? Onde você nasceu? Quais são as dívidas que você herdou?

Prefiro os dias de hoje, em que são nossas próprias façanhas que nos definem. É uma escolha que deveria nos deixar mais livres, mas acontece que a praticamos de um jeito estranho: junto com os laços que nos prendiam às nossas origens e ao passado, nossa vida concreta também é silenciada na descrição de nossa identidade. (...)

(Adaptado **de: Contardo Caligaris, Folha de S. Paulo, 17/10/2009.**

Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/folha/publifolha/ ult10037u398900.shtml.)

60. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 12/2013) Atente para o que se afirma abaixo a respeito da pontuação empregada no texto.

I. *É uma escolha que deveria nos deixar mais livres.* Uma vírgula pode ser inserida imediatamente após *que*, sem prejuízo para a correção.

II. No segmento *cada um era definido por sua proveniência, e as perguntas iniciais diziam...* a vírgula pode ser suprimida, sem prejuízo para a correção.

III. Quem foram seus pais e antepassados?

Onde você nasceu? Quais são as dívidas que você herdou?

Os pontos de interrogação podem ser suprimidos, sem prejuízo para a correção e o sentido, pois as perguntas feitas nas frases acima são retóricas.

Está correto o que se afirma APENAS em

(A) III.

(B) I e II.

(C) II e III.

(D) I e III.

(E) II.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"

I. Errado: o *que* é pronome relativo que retoma *escolha* e possui função de sujeito. Não pode haver vírgula entre sujeito e verbo.

II. Certo: a vírgula pode ser retirada porque já existe a conjunção aditiva *e*.

III. Errado: Trata-se de frases interrogativas e não se pode suprimir pontuação alguma. Dica: retórica é *arte de bem falar; valer-se da eloquência ou da argumentação clara para se comunicar.* Não é retórica. São apenas exemplos das perguntas iniciais.

61. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 9/2013) Atente para as seguintes afirmações sobre a pontuação.

I. *Os homens que se tornaram conhecidos por terem abalado o mundo de forma decisiva no passado tinham começado como reis, como Alexandre, ou patrícios, como Júlio César.* .. O segmento em destaque poderia ser isolado por vírgulas, sem prejuízo para o sentido e a correção.

II. *Para os franceses ele foi também algo bem mais simples: o mais bem-sucedido governante de sua longa história.* Uma vírgula poderia ser colocada imediatamente depois do termo *franceses*, sem prejuízo para a correção e a lógica.

III. *Ele destruíra apenas uma coisa: a Revolução de 1789, o sonho de igualdade, liberdade e fraternidade, do povo se erguendo na sua grandiosidade para derrubar a opressão.* Os dois-pontos introduzem no contexto um segmento explicativo.

Está correto o que se afirma em

(A) I e II, apenas.

(B) I, apenas.

(C) I, II e III.

(D) III, apenas.

(E) II e III, apenas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

Item "I" – Errado: *Os homens que* equivale a *Os homens* **os quais** (pronome relativo). O pronome relativo inicia uma oração subordinada adjetiva restritiva (apenas os homens que se tornaram conhecidos...). Ao inserir vírgula antes do relativo, a oração passa a ser explicativa e o sentido é alterado para: todos os homens se tornaram conhecidos... e todos os homens tinham começado como reis.

Fixe: explicativa = todos; restritiva: alguns.

Item "II" – Certo: A vírgula separaria inversão – a oração não se inicia com o sujeito.

Item "III" – Certo: Os dois-pontos explicam o que ele destruíra.

---

62. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 1/2013) Está plenamente adequada a pontuação do seguinte período:

(A) Acredita-se sobretudo entre os estudiosos da linguagem, que por não haver dois sinônimos perfeitos, há que se empregar com toda a precisão os vocábulos de uma língua, ainda que com isso, se corra o risco de passar por pernóstico.

(B) Acredita-se, sobretudo entre os estudiosos da linguagem que, por não haver dois sinônimos perfeitos há que se empregar, com toda a precisão, os vocábulos de uma língua ainda que com isso, se corra o risco de passar por pernóstico.

(C) Acredita-se sobretudo entre os estudiosos da linguagem que, por não haver dois sinônimos perfeitos, há que se empregar com toda a precisão, os vocábulos de uma língua ainda que, com isso, se corra o risco de passar por pernóstico.

(D) Acredita-se, sobretudo, entre os estudiosos da linguagem, que, por não haver dois sinônimos perfeitos, há que se empregar com toda a precisão, os vocábulos de uma língua, ainda que com isso, se corra o risco de passar por pernóstico.

(E) Acredita-se, sobretudo entre os estudiosos da linguagem, que, por não haver dois sinônimos perfeitos, há que se empregar com toda a precisão os vocábulos de uma língua, ainda que com isso se corra o risco de passar por pernóstico.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Intercalações: *Acredita-se, sobretudo entre os estudiosos da linguagem, que, por não haver dois sinônimos perfeitos, há que se empregar com toda a precisão os vocábulos de uma língua...*

▸ A última vírgula isola oração concessiva.

Alternativa "a" – Errada. Faltou vírgula para isolar intercalação.

Alternativa "b" – Errada. Faltou vírgula para isolar intercalação.

Alternativa "c" – Errada. Faltou vírgula para isolar intercalação.

Alternativa "d" – Errada. Intercalação a mais: não há motivo para intercalar *sobretudo*. Perde a coerência.

---

63. (FCC – Analista Judiciário – Exec. Mandados – TRT 1/2013) Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:

(A) Não é fácil – confessemos logo – estabelecer uma clara linha divisória entre o que há de virtuoso na confiança, reconhecida como atividade positiva e criativa, e o que há de meritório em desconfiar, quando isso significa problematizar uma decisão.

(B) Não é fácil, confessemos logo, estabelecer uma clara linha divisória: entre o que há de virtuoso na confiança reconhecida como atividade positiva, e criativa, e o que há de meritório em desconfiar, quando isso significa problematizar uma decisão.

(C) Não é fácil, confessemos logo: estabelecer uma clara linha divisória, entre o que há de virtuoso na confiança reconhecida, como atividade positiva e criativa, e o que há de meritório em desconfiar quando, isso, significa problematizar uma decisão.

(D) Não é fácil, confessemos logo estabelecer, uma clara linha divisória, entre o que há de virtuoso, na confiança reconhecida, como atividade positiva e criativa, e o que há de meritório em desconfiar, quando isso significa problematizar uma decisão.

(E) Não é fácil – confessemos logo – estabelecer uma clara linha divisória, entre o que há de virtuoso, na confiança reconhecida como atividade positiva e criativa, e o que há de meritório, em desconfiar quando isso significa problematizar uma decisão.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

- Os travessões indicam intercalação: **Não é fácil** – confessemos logo – **estabelecer uma clara linha divisória;**
- As vírgulas posteriores também indicam intercalação: **entre o que há de virtuoso na confiança**, reconhecida como atividade positiva e criativa, **e o que há de meritório em desconfiar.**
- A última vírgula separa a oração subordinada adverbial temporal **quando isso significa problematizar uma decisão.**

Alguns erros:

Alternativa "b" – Errada. Dois pontos após *divisória.*

Alternativa "c" – Errada. Dois pontos após *logo.*

Alternativa "d" – Errada. Vírgula após *estabelecer.*

Alternativa "e" – Errada. Vírgula após *divisória.*

---

64. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 18/2013) Atente para as afirmações abaixo sobre a pontuação.

I. Outros conferem "consciência" a criaturas que reconhecem seus parentes consanguíneos e se recordam de locais prévios relacionados a situações de perigo ou de prazer.	Sem prejuízo para o sentido e a correção, uma vírgula poderia ser colocada imediatamente depois da palavra criaturas.
II. Não acredito que muitas pessoas sustentem nos dias de hoje uma versão tão forte da posição cartesiana...	Sem prejuízo para a correção e a clareza, o segmento em destaque poderia ser isolado por vírgulas.
III. ... os "insensíveis" índios eram incapazes de experimentar alguma forma de dor conceituai ou filosófica pela perda de seu ambiente ou modo de vida (desde que os territórios reservados suprissem suas necessidades corporais de alimento e segurança), e que os "primitivos" africanos...	A substituição dos parênteses por travessões não implicaria prejuízo para a correção e a lógica.

Está correto o que se afirma em

(A) II, apenas.

(B) I, apenas.

(C) I, II e III.

(D) II e III, apenas.

(E) I e III, apenas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

Item "I" – Após a palavra criaturas há pronome relativo e indica que a oração é subordinada adjetiva restritiva. Ao inserir a vírgula, a oração passa a ser adjetiva explicativa. Altera o sentido. Eliminadas alternativas *b, c* e *e.*

Item "II" – Poderia ser isolado porque intercalaria o adjunto adverbial de tempo.

Item "III" – Em intercalações, os parênteses podem ser substituídos por vírgulas ou travessões. Eliminada *a.*

---

65. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 18/ 2013) A frase cuja pontuação está inteiramente adequada é:

(A) Sendo um nome hoje conhecido de todos os que apreciam a poesia, Cora Coralina deve ter encontrado, já muitos intérpretes de sua obra, alguns certamente sensíveis, e argutos, mas poucos terão escrito sobre sua poesia, de maneira tão poética como o fez Drummond, ele mesmo um de nossos maiores poetas.

(B) Sendo um nome hoje conhecido, de todos os que apreciam a poesia, Cora Coralina deve ter encontrado já muitos intérpretes de sua obra, alguns certamente sensíveis e argutos, mas, poucos terão escrito sobre sua poesia, de maneira tão poética como o fez Drummond ele mesmo, um de nossos maiores poetas.

(C) Sendo um nome, hoje conhecido de todos, os que apreciam a poesia, Cora Coralina deve ter encontrado já muitos intérpretes, de sua obra, alguns certamente sensíveis e argutos; mas poucos terão escrito sobre sua poesia de maneira tão poética como o fez Drummond, ele mesmo um de nossos maiores poetas.

(D) Sendo um nome hoje conhecido de todos os que apreciam a poesia, Cora Coralina deve ter encontrado já muitos intérpretes de sua obra, alguns certamente sensíveis e argutos, mas poucos terão escrito sobre sua poesia de maneira tão poética como o fez Drummond, ele mesmo um de nossos maiores poetas.

(E) Sendo um nome hoje conhecido de todos, os que apreciam a poesia, Cora Coralina deve ter encontrado já muitos intérpretes de sua obra, alguns, certamente sensíveis e argutos, mas poucos, terão escrito sobre sua poesia de maneira tão poética como o fez Drummond, ele mesmo, um de nossos maiores poetas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

✪ **Nota da autora:** para ganhar tempo, leia trecho por trecho de cada alternativa.

Aos porquês de todas as vírgulas:

- Sendo um nome hoje conhecido de todos os que apreciam a poesia, = inversão da oração subordinada adverbial causal. Eliminadas *b, c* e *e*.
- alguns certamente sensíveis e argutos = a vírgula anteposta separa aposto explicativo; a posterior separa oração coordenada adversativa.
- A última separa aposto explicativo.

---

66. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) Mara Rosa e outros municípios do norte de Goiás e do sul de Tocantins se encontram em uma região geologicamente instável: a zona sísmica Goiás-Tocantins, que concentra 10% dos terremotos do Brasil.

I. Na frase acima, a vírgula empregada imediatamente após Goiás-Tocantins pode ser suprimida, sem prejuízo para o sentido e a correção gramatical.

II. Os dois-pontos assinalam um esclarecimento a respeito do que se afirmou antes.

III. Uma vírgula pode ser inserida imediatamente após Mara Rosa, sem prejuízo para a correção e o sentido original.

Está correto o que se afirma APENAS em

(A) I.

(B) I e III.

(C) II e III.

(D) II.

(E) III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

Item "I" – Errado: a vírgula não pode ser suprimida por indicar explicação. Se retirada, passa a restrição.

II. Certo, pois indica qual é a região: região geologicamente instável: a zona sísmica Goiás-Tocantins.

Item "III" – Errado: Não se pode separar sujeito do verbo com pontuação.

---

67. (FCC – Promotor de Justiça – AP/2012) Atente para as afirmações abaixo.

I. Não ignoro que muitos tiveram e têm a convicção de que as coisas do mundo sejam governadas pela fortuna e por Deus...	Uma vírgula poderia ser colocada imediatamente depois do termo convicção, sem prejuízo para a correção e o sentido.
II. Comparo-a a um desses ríos devastadores que, quando se enfurecem, alagam as planícies, derrubam árvores e construções, arrastam grandes torrões de terra de um lado para outro: todos fogem diante dele, todos cedem a seu ímpeto sem poder contê-lo minimamente.	Os dois-pontos poderiam ser substituídos por um travessão, sem prejuízo para a correção e a lógica.
III. Algo semelhante ocorre com a fortuna, que demonstra toda sua potência ali onde a virtude não lhe pôs anteparos...	A retirada da vírgula implicaria alteração do sentido da frase.

Está correto APENAS o que se afirma em

(A) I e II.

(B) II.

(C) II e III.

(D) III.

(E) I e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

II. O uso de dois-pontos marca uma sensível suspensão da voz numa frase não concluída. Dentre outros usos, emprega-se para anunciar uma citação. Já o travessão é um traço maior que o hífen e costuma ser empregado para substituir o uso de parênteses, vírgulas e dois-pontos, em casos como o do enunciado. Veja:

"...arrastam grandes torrões de terra de um lado para outro: todos fogem diante dele..."

"...arrastam grandes torrões de terra de um lado para outro – todos fogem diante dele..."

III. Ao retirar a vírgula, o termo "fortuna" ganha ênfase.

Alternativas "a", "b", "d" e "e": I – não se separa, por vírgula, o objeto direto (convicção) de seu complemento nominal (de que as coisas do mundo sejam...)

---

68. (FCC – TRT 11 – Analista Judiciário/2012) Está plenamente adequada a pontuação da seguinte frase:

(A) As fotografias, por prosaicas que possam ser, representam um corte temporal, brecha no tempo por onde entra nosso olhar, capturado que foi pela magia da imagem e por ela instado a uma viagem imaginária.

(B) As fotografias, por prosaicas que possam ser representam um corte temporal; brecha no tempo, por onde entra nosso olhar capturado, que foi pela magia da imagem, e por ela instado a uma viagem imaginária.

(C) As fotografias por prosaicas, que possam ser, representam um corte temporal: brecha no tempo por onde entra nosso olhar, capturado que foi, pela magia da imagem, e por ela instado a uma viagem imaginária.

(D) As fotografias por prosaicas, que possam ser representam, um corte temporal, brecha no tempo por onde entra nosso olhar capturado, que foi pela magia da imagem e por ela instado a uma viagem imaginária.

(E) As fotografias por prosaicas que possam ser, representam um corte temporal, brecha no tempo por onde entra nosso olhar, capturado, que foi pela magia da imagem e, por ela, instado a uma viagem imaginária.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a" – Correta.

- As fotografias,.. ., representam um corte temporal = intercalação;
- brecha no tempo por onde entra nosso olhar = aposto explicativo;
- a última vírgula separa oração explicativa.

Através dos porquês de todas as pontuações presentes na alternativa a, eliminam-se as demais (b, c, d e e).

---

69. (FCC – TRT 6 – Analista Judiciário/2012) A pontuação está plenamente adequada na seguinte frase:

(A) O autor, ainda que de modo respeitoso não deixa de discordar, de dom Odilo Scherer, que se pronunciou, numa entrevista, recente, a respeito da cobrança segundo ele, inadmissível, por serviços de saúde.

(B) O autor ainda que de modo respeitoso, não deixa de discordar de dom Odilo Scherer, que se pronunciou numa entrevista recente, a respeito da cobrança segundo ele inadmissível por serviços de saúde.

(C) O autor, ainda que de modo respeitoso não deixa de discordar de dom Odilo Scherer, que se pronunciou, numa entrevista recente a respeito da cobrança, segundo ele inadmissível, por serviços de saúde.

(D) O autor, ainda que, de modo respeitoso, não deixa de discordar de dom Odilo Scherer, que se pronunciou numa entrevista recente a respeito da cobrança, segundo ele inadmissível, por serviços de saúde.

(E) O autor, ainda que de modo respeitoso, não deixa de discordar de dom Odilo Scherer, que se pronunciou, numa entrevista recente, a respeito da cobrança, segundo ele inadmissível, por serviços de saúde.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e" – Correta.

✪ **Nota da autora:** Em primeiro lugar, tiremos as intercalações: O autor não deixa de discordar de dom Odilo Scherer, que se pronunciou a respeito da cobrança por serviços de saúde.

Em seguida, elimine as outras alternativas descabidas:

Alternativa "a" – Errada. O autor de dom...

Alternativa "b" – Errada. A vírgula após respeitoso torna o período incorreto.

Alternativa "c" – Errada. Intercalação incorreta, além da vírgula após pronunciou também estar incorreta.

Alternativa "d" – Errada. Intercalações exageradas e errôneas.

---

70. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE – SP/2012) Está inteiramente adequada a pontuação do seguinte período:

(A) Em qualquer escalão do governo costuma haver mais cedo, ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado, por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança que ficam ao sabor, das conveniências políticas.

(B) Em qualquer escalão, do governo, costuma haver mais cedo ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

(C) Em qualquer escalão do governo, costuma haver, mais cedo ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

(D) Em qualquer escalão do governo costuma haver, mais cedo ou mais tarde, atritos, entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso e o pessoal, indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

(E) Em qualquer escalão do governo costuma haver mais cedo, ou mais tarde atritos, entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado, por concurso, e o pessoal indicado, para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

- Em qualquer escalão do governo = inversão de adjunto adverbial;
- mais cedo ou mais tarde = intercalação. Leia os trechos em negrito: **costuma haver**, mais cedo ou mais tarde, **atritos entre o pessoal**;
- estabilizado por concurso = intercalação de aposto explicativo;
- que ficam ao sabor das conveniências políticas = separa oração subordinada adjetiva (possui pronome relativo) explicativa (com pontuação).

Perceba que as alternativas *a, b, d* e *e* não seguem os porquês mencionados. Assim, eliminam-se as alternativas.

Alguns erros:

Alternativa "a" –Em qualquer escalão do governo costuma haver = eliminada por não separar a inversão.

Alternativa "b" –Em qualquer escalão, do governo, costuma haver = intercalação descabida.

Alternativa "d" –Em qualquer escalão do governo costuma haver, mais cedo ou mais tarde, atritos, entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso e o pessoal, indicado para cargos de confiança = a primeira intercalação está correta. Erros: falta intercalar o aposto explicativo e retirar a vírgula entre *pessoal* e *indicado*.

Alternativa "e" –Em qualquer escalão do governo costuma haver = eliminada por não separar a inversão.

---

71. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /PR/2012)

Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia (o artigo foi bastante contestado na época), surgem agora evidências de que a própria Pauline atuou de modo tão pouco ético como ela acusava Welles de ter agido. A crítica teria baseado o seu artigo nos estudos realizados por outra pessoa – Howard Suber, pesquisador da UCLA (Universidade da Califórnia, em Los Angeles), que colaborou com Pauline, mas que, por fim, não foi sequer mencionado no texto final.

Afirma-se com correção sobre o acima transcrito:

(A) Os parênteses em *(o artigo foi bastante contestado na época)* acolhem a razão da ressalva expressa anteriormente.

(B) *Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia* equivale à forma correta "Independente que "Raising Kane" tivesse de justiça e verdade".

(C) Entende-se corretamente que a palavra *agora* remete ao exato instante em que o leitor realiza a leitura do texto.

(D) O emprego de *teria* em *teria baseado* sinaliza a presença de uma hipótese que, pelo contexto, é improvável.

(E) Em *surgem agora evidências* ***de que***, o emprego do segmento destacado é determinado pelo verbo presente na frase.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Ressalva: consideração com que se corrige ou retifica alguma coisa.

Alternativa "b" –Sentido alterado.

Alternativa "c" –*Agora* refere-se ao instante em que o texto foi escrito.

Alternativa "d" –*Teria* está no futuro do pretérito do indicativo (tempo condicional). No contexto, indica que a crítica se baseou, não se refere a fato improvável.

Alternativa "e" –A regência da preposição *de* é exigida pelo substantivo *evidências*: surgem evidências de algo.

---

72. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /PR/2012) Considere os itens abaixo. Em cada um deles, encontram-se a transcrição de um segmento e o mesmo segmento pontuado de maneira diferente da original.

I. *frequentemente reivindicando para si as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro* g frequentemente reivindicando, para si, as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro

II. *Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia (o artigo foi bastante contestado na época),* g Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia – o artigo foi bastante contestado na época.

III. *surgem agora evidências de que a própria Pauline atuou de modo tão pouco ético como ela acusava*

Welles de ter agido. g surgem agora, evidências de que a própria Pauline atuou de modo tão pouco ético como ela acusava Welles de ter agido.

O padrão culto escrito abona a nova pontuação de

(A) I, apenas.
(B) I e II, apenas.
(C) I, II e III.
(D) II e III, apenas.
(E) I e III, apenas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

I. Apenas ocorreu intercalação do termo para si.

II. O duplo travessão pode ser substituído por parênteses ou vírgulas.

III. Há duas opções: ou intercala o advérbio de tempo agora, colocando-o entre vírgulas, ou retira-se a vírgula após tal vocábulo. Como está na alternativa não é correto.

---

73. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) Atente para as seguintes afirmações sobre a pontuação.

I. ... o primeiro grande filme "falado" de monstro a sair de Hollywood, que determinou a sua temática através da estratégia mais "despojada" que se poderia conceber.	A retirada da vírgula colocada imediatamente depois de Hollywood redundaria em prejuízo para a correção e o sentido original.
II. O filme começa com um prólogo (antes mesmo da apresentação dos títulos), durante o qual...	Os parênteses poderiam ser substituídos por travessões, sem prejuízo para a correção e a lógica.
III. Não encontramos nenhuma passagem que trate da desobediência a Deus – um assunto inverossímil para Mary Shelley e seus amigos livres-pensa-dores.	A substituição do travessão por uma vírgula resultaria em prejuízo para a correção e a lógica.

Está correto o que se afirma em

(A) I, apenas.
(B) I e II, apenas.
(C) II e III, apenas.
(D) III, apenas.
(E) I, II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

I. Correto: retirar ou inserir a vírgula anteposta ao pronome relativo **sempre** redundará em prejuízo para a correção e o sentido, pois traspõe a oração adjetiva explicativa para restritiva.

II. Correto: parênteses e travessões podem ser substituídos por vírgulas quando se trata de intercalação.

III. Errado: se o item II está correto, o III está incorreto. Não há prejuízo para a correção e a lógica.

---

74. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) O período em que a pontuação está inteiramente adequada é:

(A) Tema dos mais polêmicos a clonagem divide opiniões, não apenas entre agnósticos e religiosos como seria de se esperar mas, igualmente, entre os adeptos incondicionais da ciência, e aqueles que mesmo não crendo, em Deus, acreditam haver limites que o homem não deve ultrapassar.

(B) Tema, dos mais polêmicos, a clonagem divide opiniões não apenas entre agnósticos e religiosos, como seria de se esperar mas, igualmente, entre os adeptos incondicionais da ciência e aqueles, que mesmo não crendo em Deus, acreditam haver limites que o homem não deve ultrapassar.

(C) Tema dos mais polêmicos a clonagem, divide opiniões não apenas entre agnósticos e religiosos, como seria de se esperar, mas igualmente entre os adeptos, incondicionais da ciência, e aqueles que mesmo não crendo em Deus acreditam haver limites, que o homem não deve ultrapassar.

(D) Tema dos mais polêmicos, a clonagem divide opiniões não apenas entre agnósticos e religiosos, como seria de se esperar, mas igualmente entre os adeptos incondicionais da ciência e aqueles que, mesmo não crendo em Deus, acreditam haver limites que o homem não deve ultrapassar.

(E) Tema dos mais polêmicos, a clonagem divide opiniões, não apenas entre agnósticos e religiosos, como seria de se esperar, mas igualmente, entre os adeptos incondicionais da ciência e aqueles que mesmo não crendo em Deus, acreditam haver limites, que o homem não deve ultrapassar.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

- Tema dos mais polêmicos: aposto explicativo de *clonagem*. Eliminadas alternativas *a*, *b* e *c*.

- como seria de se esperar: intercalação.
- mesmo não crendo em Deus: intercalação. Eliminada alternativa *e*.

75. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) A pontuação está plenamente adequada na frase:

(A) O cronista, diante da possibilidade de habitar uma ilha, enumera uma série de argumentos que, a princípio, desqualificariam as supostas vantagens de um insulamento, mas, ao fim e ao cabo, convence-se de que está na ilha a última chance de desfrutarmos nossa liberdade.

(B) O cronista diante da possibilidade, de habitar uma ilha, enumera uma série de argumentos, que a princípio desqualificariam as supostas vantagens de um insulamento, mas ao fim e ao cabo, convence-se de que está na ilha a última chance de desfrutarmos nossa liberdade.

(C) O cronista diante da possibilidade de habitar uma ilha enumera uma série de argumentos, que a princípio, desqualificariam as supostas vantagens de um insulamento; mas ao fim e ao cabo convence-se, de que está na ilha a última chance de desfrutarmos nossa liberdade.

(D) O cronista, diante da possibilidade de habitar uma ilha enumera uma série de argumentos, que a princípio, desqualificariam as supostas vantagens de um insulamento mas, ao fim e ao cabo convence-se de que está na ilha, a última chance de desfrutarmos nossa liberdade.

(E) O cronista, diante da possibilidade de habitar uma ilha enumera uma série de argumentos que a princípio, desqualificariam as supostas vantagens de um insulamento; mas ao fim e ao cabo, convence-se de que, está na ilha, a última chance de desfrutarmos nossa liberdade.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

- diante da possibilidade de habitar uma ilha: intercalação. Leia em negrito: **O cronista**, diante da possibilidade de habitar uma ilha, **enumera uma série de argumentos.** Eliminadas todas as outras alternativas. Que fácil!
- a princípio: intercalação. ... **uma série de argumentos que**, a princípio, **desqualificariam as supostas vantagens de um insulamento.**
- mas: a vírgula é obrigatória antes da conjunção adversativa.
- ao fim e ao cabo: intercalação. ... **mas**, ao fim e ao cabo, **convence-se de que está na ilha a última chance de desfrutarmos nossa liberdade.**

Texto para a próxima questão.

"Gene da longevidade" pode aumentar risco de Alzheimer

Se há centenários na sua família, é grande a chance de você também ter vida longa. Disseminada na cultura popular, essa noção ganhou respaldo científico em 2010, quando neurocientistas da Universidade de Boston identificaram, em uma pesquisa com 1.055 pessoas com mais de 90 anos, "genes da longevidade" – 150 variantes genéticas associadas à propensão para viver mais. Agora, um estudo publicado no periódico Aging Cell sugere que uma delas aumenta o risco de desenvolver Alzheimer.

Ao analisarem tecidos cerebrais de 590 pessoas que morreram com mais de 90 anos, pesquisadores do Centro Médico da Universidade de Rush, em Chicago, observaram que uma variante, a proteína de transferência de ésteres de colesterol (CEPT, na sigla em inglês), está relacionada a maior quantidade de placas amiloides, características da doença neurode – generativa.

Os resultados contradizem um estudo divulgado pouco tempo antes no Journal of American Medical Association, que sugeriu que a CEPT estava relacionada a maior agilidade mental em pessoas com mais de 70 anos – resultado mais evidente em voluntários descendentes de judeus do leste europeu. Qual estudo está "certo"? "Talvez nenhum. Há muitas outras variantes, talvez ainda desconhecidas; seria precipitado relacionar a CEPT diretamente à propensão para desenvolver a demência", diz o neurocientista David Bennet, um dos autores da pesquisa da Universidade de Rush. (Adaptado de Neurocircuito. Patologia. Mente Cérebro: Psicologia, psicanálise, neurociência. São Paulo: Duetto, Ano XIX, n. 229. p. 76)

76. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2012) Está correta a seguinte afirmação sobre a pontuação do texto:

(A) O uso de aspas em "Gene da longevidade", no título, explicita o receio do autor em assumir como correta uma expressão que considera pouco razoável.

(B) Em [...] pesquisadores do Centro Médico da Universidade de Rush, em Chicago, observaram

[...], a supressão da primeira vírgula não altera a correção da frase.

(C) Os parênteses em (CEPT, na sigla em inglês) acolhem especificação que, por sua vez, é antecedida pela exposição de uma causa.

(D) As aspas em "certo" sugerem uma específica concepção: a de que a pesquisa é um processo de paulatina descoberta, que não se pauta pela oposição entre certo e errado.

(E) Alterando a pontuação do trecho "Talvez nenhum. Há muitas outras variantes...", é redação correta, que preserva o sentido, a seguinte: "Talvez nenhum, por que há muitas outras variantes".

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – As aspas determinam uma concepção específica.

Alternativa "a" – Não explicita nenhum receio do autor.

Alternativa "b" – Altera a correção gramatical da frase, trata-se de intercalação do adjunto adverbial de lugar.

Alternativa "c" – Não é antecedida, é procedida pela exposição.

Alternativa "e" – Altera o sentido e a correção porque cria conotação de causa e a grafia deveria ser: porque, já que explica.

O trecho que segue referem-se à próxima questão:

Nas ilhas Mascarenhas – Maurício, Reunião e Rodriguez –, localizadas a leste de Madagáscar, no oceano Índico, muitas espécies de pássaros desapareceram como resultado direto ou indireto da atividade humana. Mas aquela que é o protótipo e a tataravó de todas as extinções também ocorreu nessa localidade, com a morte de todas as espécies de uma família singular de pombos que não vocvam – o solitário da ilha Rodriguez, visto pela última vez na década de 1790; o solitário da ilha Reunião, desaparecido por volta de 1746; e o célebre dodô da ilha Maurício, encontrado pela última vez no início da década de 1680 e quase certamente extinto antes de 1690.

(...) Os primeiros navegadores trouxeram porcos e macacos para as ilhas Mascarenhas, e ambos se multiplicaram de maneira prodigiosa. Ao que tudo indica, as duas espécies se regalaram com os ovos do dodô, alcançados com facilidade nos ninhos desprotegidos no chão – e muitos naturalistas atribuem um número maior de mortes à chegada desses animais do que à ação humana direta. De todo modo, passados os primeiros anos da década de 1680, ninguém jamais voltou a ver um dodô vivo na ilha Maurício. Em 1693, o explorador francês Leguat, que passou vários meses no local, empenhou-se na procura dos dodôs e não encontrou nenhum. (Extraído de Stephen Jay Gould. "O Dodô na corrida de comitê", A montanha de moluscos de Leonardo da Vinci. São Paulo, Cia. das Letras, 2003, pp. 286-8)

77. (Analista Judiciário – Área Judiciária TRE/RN 2011 – FCC) Leia as afirmações abaixo sobre a pontuação utilizada no texto.

I. Em – *Maurício, Reunião e Rodriguez* –, os travessões poderiam ser substituídos por parênteses, sem prejuízo para o sentido e a coesão da frase.

II. O travessão empregado imediatamente depois de *voavam* pode ser substituído por dois pontos, sem prejuízo para o sentido e a coesão da frase.

III. Em *o explorador francês Leguat, que passou vários meses no local, empenhou-se na procura dos dodôs*, a retirada das vírgulas não implica prejuízo para o sentido e a correção da frase.

Está correto o que se afirma em

(A) I, apenas.

(B) I e II, apenas.

(C) II e III, apenas.

(D) III, apenas.

(E) I, II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

I. As vírgulas podem ser substituídas por travessões ou parênteses quando intercalam termos.

II. Pode por se tratar de uma explicação.

III. A primeira vírgula indica inversão de adjunto adverbial de tempo e a segunda separa oração adjetiva explicativa. Ou seja, a retirada das vírgulas implica prejuízo.

78. (Analista Judiciário – Área Judiciária TRE/PE 2011 – FCC) Está plenamente adequada a pontuação da frase:

(A) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo tentar justificar, suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.

(B) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho; pois os velhos jor-

nalistas igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.

(C) Não cabe aos jovens, ao menos, os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois, os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.

(D) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.

(E) Não cabe aos jovens, ao menos, os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados não costumavam abdicar, dos princípios éticos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

- Intercalação: **Não cabe aos jovens**, ao menos os livres de cinismo, **tentar justificar suas ações**. Eliminadas alternativas *a*, *c* e *e*.
- Vírgula separando oração coordenada explicativa: pois os velhos jornalistas. Alternativa *b* eliminada pela vírgula indevida anteposta ao vocábulo *pela*.
- Intercalação: **os velhos jornalistas**, igualmente pressionados, **não costumavam abdicar dos princípios éticos.**

---

79. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /AP/2011)

Da glória, própria dos homens ilustres da Antiguidade e que era como o horizonte resplandecente da grande cultura clássica, passou-se às estrelas – forma ainda heroicizada pela sublimação de que eram portadoras –, depois, com a rapidez de duas ou três décadas de hipermodernidade, às pessoas célebres, às personalidades conhecidas, às "pessoas". Deslocamento progressivo que não é mais que o sinal de um novo triunfo da forma-moda, conseguindo tornar efêmeras e consumíveis as próprias estrelas da notoriedade.

Levando em conta o acima transcrito, em seu contexto, assinale a afirmação correta.

(A) No segmento que se encontra entre vírgulas, imediatamente depois de *Da glória*, somente uma das declarações destina-se a caracterizar "glória".

(B) É legítimo entender-se do fragmento: as estrelas ostentavam, e pelas mesmas razões, a aura de heroísmo que representava a glória dos homens ilustres da Antiguidade.

(C) No segmento que descreve a segunda parte do processo de deslocamento, introduzida por *depois*, a expressão que está subentendida é *Da glória*.

(D) As aspas, em *"pessoas"*, chamam a atenção para o particular sentido em que a palavra foi usada: como sinônimo das duas expressões imediatamente anteriores.

(E) A forma *efêmeras e consumíveis* obtém sua força expressiva pela repetição de uma mesma ideia, repetição que se dá sem acréscimo de traço de sentido.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – As aspas, ironicamente, definem as pessoas: *pessoas célebres, personalidades conhecidas.*

Alternativa "a" –Há duas declarações;

Alternativa "b" –Não há relação com as ideias citadas no trecho.

Alternativa "c" –Sequência: Da glória passou-se às estrelas, das estrelas, às pessoas célebres. A expressão subentendida é das estrelas.

Alternativa "e" –Não ocorre repetição porque no trecho o autor afirma: *conseguindo tornar efêmeras e consumíveis*. Se se tornam efêmeras e consumíveis, significa que não eram. Não houve repetição.

---

80. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /TO/2011) Considere as afirmativas a respeito da pontuação nos trechos transcritos abaixo:

I. *Tudo indica que a variedade de espécies de plantas, animais e insetos de uma determinada área começa a ser uma preocupação geral – a ponto de a ONU considerar 2010 o Ano Internacional da Biodiversidade.* O travessão introduz um argumento que justifica o que acaba de ser afirmado.

II. *Talvez seja um discurso um pouco vago devido à urgência dos fatos: nunca, na história do planeta, registrou-se um número tão grande de espécies ameaçadas.* Os dois pontos introduzem segmento explicativo para a expressão anterior a eles, *urgência dos fatos*.

III. *Nessa contabilidade, o que entra é um valor atribuído aos "serviços" ambientais que os biomas oferecem* O emprego das aspas busca chamar a atenção para um sentido particular atribuído ao vocábulo *serviços*.

Está correto o que se afirma em

(A) I e II, apenas.

(B) II, apenas.

(C) I e III, apenas.

(D) II e III, apenas.

(E) I, II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Todos os itens estão corretos.

I. O travessão é usado para explicar, justificar.

II. Os dois pontos também explicam, justificam e enumeram.

III. As aspas são usadas para demonstrar que a palavra foi utilizada com outro sentido, ou que se trata de uma citação ou estrangeirismo.

O trecho refere-se à questão seguinte.

O documento afirma que Moscou deve trabalhar com outras nações para preservar a "paz e a estabilidade" na Antártida, mas salienta que o país tem de se posicionar para tirar vantagem dos recursos naturais caso haja um desmembramento territorial do continente.

81. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE – TO/2011) Em *"paz e a estabilidade"*, na frase do texto, o emprego das aspas

(A) indica que esse segmento é transcrição literal do documento do governo russo.

(B) sugere a desconfiança do autor do artigo com relação aos supostos propósitos da Rússia de manter a paz na Antártida.

(C) revela ser esse o principal objetivo do governo russo ao reconstruir estações de pesquisa na Antártida que datam do período soviético.

(D) aponta para o sentido figurado desses vocábulos, que não devem ser entendidos em sentido literal, como o constante dos dicionários.

(E) justifica-se pela sinonímia existente entre *paz* e *estabilidade*, o que torna impensável a existência de uma sem a outra.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – O uso das aspas pode indicar: textos de outra autoria, palavra usada fora de seu sentido usual, gíria e palavras estrangeiras, ou para enfatizar – que pode ser substituído pelo grifo em itálico. Eliminam-se, assim as outras alternativas.

Alternativa "b" –Não há desconfiança.

Alternativa "c" –Nada indica que seja o principal objetivo.

Alternativa "d" –Não é sentido conotativo, metafórico.

Alternativa "e" –O erro está no trecho: *o que torna impensável a existência de uma sem a outra.*

82. (FCC – TRT 24 – Analista Judiciário/2011) Está plenamente adequada a pontuação da seguinte frase:

(A) Se as leis da religião, pretendem levar o indivíduo ao exercício da bondade, o desígnio das leis civis em qualquer sociedade, é contribuir para o bem de todos não importando a religião que cada um professe, ou deixe de professar.

(B) Se as leis da religião pretendem levar o indivíduo, ao exercício da bondade, o desígnio das leis civis em qualquer sociedade é contribuir para o bem de todos não importando a religião, que cada um professe ou deixe de professar.

(C) Se, as leis da religião pretendem levar o indivíduo, ao exercício da bondade, o desígnio das leis civis em qualquer sociedade é: contribuir para o bem de todos, não importando a religião que cada um professe, ou deixe de professar.

(D) Se as leis da religião pretendem levar o indivíduo, ao exercício da bondade, o desígnio das leis civis, em qualquer sociedade, é contribuir para o bem de todos; não importando a religião que, cada um, professe ou deixe de professar.

(E) Se as leis da religião pretendem levar o indivíduo ao exercício da bondade, o desígnio das leis civis, em qualquer sociedade, é contribuir para o bem de todos, não importando a religião que cada um professe ou deixe de professar.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – A primeira vírgula indica inversão da oração subordinada adverbial; as vírgulas que separam a expressão adverbial em qualquer sociedade indica intercalação; a última separa ideias opostas.

Encontremos os primeiros erros para eliminar rapidamente as alternativas. Trabalhe assim para ganhar tempo.

Alternativa "a" – Errada. Separa sujeito do verbo.

Alternativa "b" – Errada. A vírgula após o vocábulo indivíduo é descabida.

Alternativa "c" – Errada. Separou a conjunção condicional se.

Alternativa "d" – Errada. A vírgula após o vocábulo indivíduo é descabida.

---

83. (FCC – TRT 23 – Analista Judiciário/2011) O segmento cuja redação mantém-se correta com o acréscimo de uma vírgula é:

(A) Raramente o que se afigurava como predominante na historiografia brasileira, apontava um caminho profícuo.

(B) Caberia ao historiador, o desafio de discernir e de apreender.

(C) Para chegar a escrever uma história verdadeiramente engajada, deveria o historiador.

(D) Aderir à pluralidade se lhe afigurava, como uma condição essencial para este sondar.

(E) Desvendar ideologias, implica para o historiador um cuidadoso percurso interpretativo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Possível intercalar a expressão **verdadeiramente engajada** (entre duas vírgulas) e considerar a expressão como aposto explicativo: Para chegar a escrever uma história, **verdadeiramente engajada,** deveria o historiador...

Alternativa "a" – Errada. Separaria o sujeito do verbo.

Alternativa "b" – Errada. Separaria o sujeito do verbo.

Alternativa "d" – Errada. Separaria o verbo do complemento.

Alternativa "e" – Errada. Separaria o sujeito do verbo.

---

84. (FCC – TRT 20 – Analista Judiciário/2011) Está inteiramente adequada a pontuação da seguinte frase:

(A) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado, na verdade a pompa retórica indicia, o vazio do pensamento.

(B) Para o gosto moderno, a grandiloquência, não surge, ao contrário de outras épocas como prova de gosto refinado, na verdade a pompa retórica indicia: o vazio do pensamento.

(C) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado; na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.

(D) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas como prova de gosto refinado, na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.

(E) Para o gosto, moderno, a grandiloquência, não surge, ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado: na verdade a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c" – Correta.

- Para o gosto moderno, = inversão
- a grandiloquência não surge,.. ., = intercalação. Leia: a grandiloquência não surge como prova de gosto refinado.
- gosto refinado; na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento = como a expressão **na verdade** deve vir separada por vírgula, usam-se ponto e vírgula para que o termo não fique intercalado. Eliminam-se, assim, as alternativas a, b, d e e.

▶ **Dica** – Uso muito pedido de ponto e vírgula: quando há zeugma (omissão de termo) na segunda oração g *A pompa retórica indica o vazio do*(**FCC – TRT 14 – Analista Judiciário/2011)** A exclusão das vírgulas NÃO alterará o sentido da seguinte frase:

(A) O fracasso do comunismo, na prática, acabou com a desculpa para o stalinismo.

(B) Quem recorre aos meios extremos, condenados pelos democratas, costuma dá-los como necessários.

(C) Até mesmo os sádicos se valem, aqui e ali, de argumentos dados como irrefutáveis.

(D) Mesmo os stalinistas, que não acreditavam nesses horrores, passaram a execrar seu velho ídolo.

(E) As metáforas, que costumam tornar mais concretas as ideias, são úteis e expressivas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Não altera o sentido porque as vírgulas separam a intercalação de locução adverbial de lugar.

Alternativa "a" – Errada. com vírgulas (por indicar intercalação): O fracasso do comunismo acabou com a desculpa para o stalinismo. Sem vírgulas, na prática passa a qualificar o fracasso.

Alternativa "b" – Errada. com vírgulas (por indicar intercalação): Quem recorre aos meios extremos costuma dá-los como necessários.

Sem vírgulas, condenados qualifica meios extremos.

Alternativa "d" – Errada. A vírgula anteposta ao pronome relativo, sempre que retirada, alterará o sentido, pois passa a oração adjetiva de explicativa para restritiva.

Alternativa "e" – Errada. Ocorre o mesmo que foi citado na alternativa d.

Texto para a próxima questão:

Esta é uma história da Bossa Nova e dos rapazes e moças que a fizeram, quando eles tinham entre quinze e trinta anos. É também um livro que se pretende o mais factual e objetivo possível. Evidente que, tendo sido escrito por alguém que vem ouvindo Bossa Nova desde que ela ganhou este nome (e que nunca se conformou quando o Brasil começou a trocá-la por exotismos), uma certa dose de paixão acabou se intrometendo na receita – sem interferir, espero, pró ou contra, na descrição da trajetória de qualquer personagem. Os seres humanos, assim como os LPs, têm lados A e B, e houve um esforço máximo para que ambos fossem mostrados. (...) (Ruy Castro, "Introdução e agradecimentos". Chega de saudade: a história e as histórias da Bossa Nova. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 15)

85. (FCC – TRT 4 – Analista Judiciário/2011) No texto,

(A) **Esta** e **a** são pronomes que se antecipam ao elemento a que cada um deles se refere.

(B) o segmento introduzido pelo travessão expressa um julgamento que traz as marcas de uma presunção.

(C) foram empregados com sentido equivalente os segmentos uma história da Bossa Nova, um livro e escrito.

(D) os parênteses acolhem explicação sobre o que ocorreu com a Bossa Nova quando o Brasil começou a trocá-la por exotismos.

(E) a frase **quando eles tinham entre quinze e trinta anos** delimita o período da concomitância entre a vivência dos jovens e o ato de escrita da obra.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b" – Correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de pontuação, coesão, interpretação e pronome.

Alternativa b correta: *Sem interferir, espero, pró ou contra, na descrição da trajetória de qualquer personagem.*

Alternativa "a" – Errada. O pronome demonstrativo **esta** é anafórico, ou seja, refere-se à ideia posposta. O demonstrativo **a** refere-se à **história da bossa nova.**

Alternativa "c" – Errada. Escrito refere-se a **livro** e não à história da bossa nova.

Alternativa "d" – Errada. Os parênteses introduzem uma opinião; não uma explicação.

Alternativa "e" – Errada. Não indica concomitância ao ato escrito da obra.

pensamento; a interpretação, o pensamento em si. (indica)

86. (FCC – TRT 12 – Analista Judiciário/2010) A pontuação está plenamente adequada na frase:

(A) Em 86% dos casos que foram analisados, por uma pesquisa da Universidade Federal da Bahia, verificou-se para a frustração de muitos, que as penas aplicadas aos adolescentes tendiam quase sempre, a ser mais severas que as aplicadas a adultos em ocorrências semelhantes.

(B) Em 86% dos casos, que foram analisados por uma pesquisa da Universidade Federal da Bahia, verificou-se para a frustração de muitos que as penas aplicadas aos adolescentes, tendiam quase sempre a ser mais severas, que as aplicadas a adultos em ocorrências semelhantes.

(C) Em 86% dos casos que foram analisados, por uma pesquisa da Universidade Federal da Bahia, verificou-se, para a frustração de muitos que as penas aplicadas aos adolescentes, tendiam, quase sempre, a ser mais severas que as aplicadas a adultos em ocorrências semelhantes.

(D) Em 86% dos casos que foram analisados por uma pesquisa da Universidade Federal da Bahia, verificou-se, para a frustração de muitos, que as penas aplicadas aos adolescentes tendiam, quase sempre, a ser mais severas que as aplicadas a adultos, em ocorrências semelhantes.

(E) Em 86% dos casos que foram analisados por uma pesquisa, da Universidade Federal da Bahia, verificou-se para a frustração de muitos, que, as penas aplicadas aos adolescentes, tendiam, quase sempre, a ser mais severas que as aplicadas a adultos, em ocorrências semelhantes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d" – Correta.

▶ Em 86% dos casos que foram analisados por uma pesquisa da Universidade Federal da Bahia, = inversão de adjunto adverbial de lugar;

- **verificou-se**, para a frustração de muitos, **que as penas aplicadas** = intercalação;
- **tendiam**, quase sempre, **a ser mais severas** = intercalação.

Eliminam-se as alternativas a, b, c e e.

---

87. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – Especialidade Execução de Mandados – TRT 22ª Região/2010) Está inteiramente adequada a pontuação da seguinte frase:

(A) É preciso, mormente nos dias que correm, desconfiar não exatamente das pessoas místicas, mas de um certo misticismo que, aqui e ali, costuma vicejar como erva daninha, ameaçando a existência de todas as outras plantas.

(B) É preciso mormente nos dias que correm, desconfiar, não exatamente das pessoas místicas, mas de um certo misticismo que aqui e ali, costuma vicejar como erva daninha, ameaçando a existência de todas as outras plantas.

(C) É preciso, mormente nos dias que correm, desconfiar não exatamente das pessoas místicas mas, de um certo misticismo, que aqui e ali costuma vicejar, como erva daninha ameaçando a existência de todas as outras plantas.

(D) É preciso, mormente nos dias que correm desconfiar não exatamente das pessoas místicas; mas de um certo misticismo que, aqui e ali, costuma vicejar, como erva daninha, ameaçando a existência de todas as outras plantas.

(E) É preciso – mormente nos dias que correm – desconfiar: não exatamente das pessoas místicas, mas de um certo misticismo, que aqui e ali, costuma vicejar como erva daninha ameaçando a existência, de todas as outras plantas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – As duas primeiras vírgulas intercalam a expressão *mormente nos dias que correm* – eliminadas alternativas b e d. A terceira, antecede conjunção adversativa (uso obrigatório) – alternativa c descartada. Na alternativa e, o uso dos dois pontos após desconfiar está incorreto. Pronto, a alternativa a está pontuada corretamente.

Texto para a próxima questão:

Quando eu me encontrava preso
Na cela de uma cadeia
Foi que vi pela primeira vez
As tais fotografias
Em que apareces inteira
Porém lá não estavas nua
E sim coberta de nuvens...
Terra! Terra!
Por mais distante
O errante navegante
Quem jamais te esqueceria?...
Caetano Veloso
(fragmento de "Terra" – http://letras.terra.com/caetano-veloso/44780/)

---

88. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT – 8ª Região/2010) Desconsiderada a sua organização em versos, a primeira estrofe da canção está corretamente pontuada em:

(A) Quando eu me encontrava, preso na cela de uma cadeia, foi que vi pela primeira vez as tais fotografias em que apareces inteira, porém: lá não estavas nua e sim coberta de nuvens...

(B) Quando eu me encontrava preso na cela, de uma cadeia, foi que vi pela primeira vez as tais fotografias em que apareces, inteira. Porém, lá, não estavas nua e sim, coberta de nuvens...

(C) Quando eu me encontrava preso na cela de uma cadeia, foi que vi, pela primeira vez, as tais fotografias em que apareces: inteira. Porém, lá não estavas, nua e sim coberta de nuvens...

(D) Quando eu me encontrava preso, na cela de uma cadeia foi que vi pela primeira vez, as tais fotografias, em que apareces inteira: porém, lá não estavas nua, e sim coberta de nuvens...

(E) Quando eu me encontrava preso na cela de uma cadeia, foi que vi pela primeira vez as tais fotografias em que apareces inteira. Porém, lá não estavas nua e, sim, coberta de nuvens...

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – O trecho inicia-se com uma oração subordinada adverbial temporal, ou seja, vírgula obrigatória por ser uma inversão de orações (não iniciou com a oração principal) – letras a e d eliminadas por aparecerem vírgulas dentro da oração; A vírgula após a conjunção porém torna-se obrigatória porque a oração é iniciada com a mesma. As alternativas b e c também são descartadas pelas vírgulas descabidas. Na e, o poeta intercala o vocábulo *sim*. É a correta.

---

89. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /AC/2010) Está inteiramente adequada a pontuação do seguinte período:

(A) Por meio das **Cartas persas,** Montesquieu, acabou atingindo de forma inapelável, não apenas as instituições políticas, mas também a própria Igreja Católica satirizada, nada mais nada menos, que em sua autoridade máxima, a figura do Papa.

(B) Por meio das **Cartas persas,** Montesquieu acabou atingindo, de forma inapelável, não apenas as instituições políticas, mas também, a própria Igreja Católica; satirizada nada mais nada menos, que em sua autoridade máxima a figura do Papa.

(C) Por meio das **Cartas persas** Montesquieu acabou atingindo de forma inapelável, não apenas as instituições políticas mas também a própria Igreja Católica, satirizada nada mais nada menos, que em sua autoridade máxima, a figura do Papa.

(D) Por meio, das **Cartas persas,** Montesquieu acabou atingindo de forma inapelável: não apenas as instituições políticas, mas, também, a própria Igreja Católica; satirizada nada mais, nada menos, que em sua autoridade máxima: a figura do Papa.

(E) Por meio das **Cartas persas,** Montesquieu acabou atingindo, de forma inapelável, não apenas as instituições políticas, mas também a própria Igreja Católica, satirizada, nada mais, nada menos, que em sua autoridade máxima: a figura do Papa.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – A primeira vírgula é obrigatória por ser uma inversão (a oração inicia-se com adjunto adverbial) – elimina-se a alternativa c; a segunda e a terceira intercalam a expressão *de forma inapelável* – elimina-se a alternativa a; posteriormente, a vírgula antecede a conjunção *mas* que está indicando adição por vir acompanhada do vocábulo também (quando indica oposição, a vírgula é obrigatória) – eliminada a alternativa b. Os dois pontos esclarecem a autoridade máxima. A alternativa d está inviável pelo uso dos dois pontos após *inapelável*.

Em questões com períodos idênticos, para ganhar tempo e eliminar as erradas, leia trechos ao mesmo tempo, *picote* o período. Fica mais fácil.

---

90. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /AL/2010) A pontuação está inteiramente adequada na frase:

(A) Será preciso, talvez, redefinir a infância já que as crianças de hoje, ao que tudo indica nada mais têm a ver com as de ontem.

(B) Será preciso, talvez redefinir a infância: já que as crianças, de hoje, ao que tudo indica nada têm a ver, com as de ontem.

(C) Será preciso, talvez: redefinir a infância, já que as crianças de hoje ao que tudo indica, nada têm a ver com as de ontem.

(D) Será preciso, talvez redefinir a infância? – já que as crianças de hoje ao que tudo indica, nada têm a ver com as de ontem.

(E) Será preciso, talvez, redefinir a infância, já que as crianças de hoje, ao que tudo indica, nada têm a ver com as de ontem.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – *Será preciso, talvez, redefinir a infância*: intercalação do advérbio de dúvida. Inicialmente, eliminam-se b, c e d. Facilitou! Compare as duas restantes: na alternativa a, faltou vírgula antes da locução conjuntiva causal já que. Percebeu que apenas através de treino chega-se à resposta correta? Exercite, seja aprovado.

---

91. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRF – 4ª Região/2010) A pontuação está plenamente adequada na seguinte frase:

(A) Tanto o microprocessador, como a fusão das mídias desempenharam, pelos efeitos que geraram, um papel decisivo na configuração não apenas, da vida cotidiana, como da subjetividade mesma do homem contemporâneo.

(B) Tanto o microprocessador, como a fusão das mídias desempenharam, pelos efeitos que geraram, um papel decisivo, na configuração não apenas da vida cotidiana, como da subjetividade, mesma do homem contemporâneo.

(C) Tanto o microprocessador, como a fusão das mídias, desempenharam, pelos efeitos que geraram, um papel decisivo na configuração, não apenas da vida cotidiana como da subjetividade mesma do homem contemporâneo.

(D) Tanto o microprocessador como a fusão das mídias desempenharam, pelos efeitos que geraram, um papel decisivo na configuração, não apenas, da vida cotidiana, como da subjetividade mesma, do homem contemporâneo.

(E) Tanto o microprocessador como a fusão das mídias desempenharam, pelos efeitos que geraram, um papel decisivo na configuração não apenas da vida cotidiana como da subjetividade mesma do homem contemporâneo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Mais uma vez, eliminemos as absurdas: ao usar as expressões tanto como evidencia-se a relação de adição, ou seja, a vírgula pode ser descartada, assim como as alternativas a, b e c. Comparando as duas restantes, percebe-se o abuso da utilização das vírgulas na alternativa d.

---

92. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 5ª região/ 2008 – FCC) A frase cuja pontuação está inteiramente correta é:

(A) Momentos de extrema felicidade, sabe-se, costumam ser raros e efêmeros; por isso, há quem busque tirar o máximo proveito de acreditar neles e antegozá-los.

(B) É muito comum que as pessoas valendo-se do senso comum, vejam o pessimismo e o otimismo como simples oposições: no entanto, não é esta a posição do autor do texto.

(C) Talvez, se não houvesse a expectativa da suprema felicidade, também não haveria razão para sermos pessimistas, ou otimistas, eis uma sugestão, das entrelinhas do texto.

(D) O autor nos conta que outro dia, interessou-se por um fragmento de um ***blog***; e o transcreveu para melhor explicar a relação entre otimismo e pessimismo.

(E) Quem acredita que o pessimismo é irreversível, não observa que, na vida, há surpresas e espantos que deveriam nos ensinar algo, sobre a constante imprevisibilidade de tudo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Há intercalação e por haver vírgula após a conjunção *por isso*, usou-se o sinal de ponto e vírgula para que a expressão não ficasse intercalada.

Correções:

Alternativa "b" –É muito comum que **as pessoas, valendo-se** do senso comum, vejam o pessimismo e o otimismo como simples **oposições. No entanto,** não é esta a posição do autor do texto.

Alternativa "c" –Talvez, se não houvesse a expectativa da suprema felicidade, também não haveria razão para sermos pessimistas, ou **otimistas. Eis uma sugestão das entrelinhas** do texto.

Alternativa "d" –O autor nos conta **que, outro** dia, interessou-se por um fragmento de um ***blog*** **e** o transcreveu para melhor explicar a relação entre otimismo e pessimismo.

Alternativa "e" –Quem acredita que o pessimismo é **irreversível não** observa que, na vida, há surpresas e espantos que deveriam nos ensinar **algo sobre** a constante imprevisibilidade de tudo.

---

93. (FCC – Analista Processual – MPU/ 2007)

O presidente Wilson – a estação principal de Praga está batizada novamente com o seu nome? – era o santo padroeiro da região, menos para os bolcheviques, que seguiam seu próprio caminho. (Na verdade, também eles tinham modelos estrangeiros: Rathenau e Henry Ford.)

No fragmento acima,

(A) os travessões desempenham função análoga à dos parênteses.

(B) a retirada da vírgula depois de bolcheviques não altera o sentido original.

(C) se a frase entre travessões fosse iniciada com "gostaria de saber se", o ponto de interrogação deveria ser preservado.

(D) considerada a argumentação desenvolvida, os parênteses contêm idéia que, se não for considerada à parte, anula o que se afirmou anteriormente.

(E) se a expressão *Na verdade* fosse deslocada para imediatamente depois dos dois-pontos, o sentido original não seria prejudicado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Os travessões isolam oração intercalada, o que faz, também, os travessões.

Alternativa "b" –Altera o sentido pelo fato de a vírgula isolar oração adjetiva explicativa. Se retirada, passa a ser restritiva.

Alternativa "c" –Não, pois não haveria uma frase interrogativa direta.

Alternativa "d" –Não anula, apenas acrescenta informação.

Alternativa "e" –Seria prejudicado, pois os dois pontos citam os modelos estrangeiros.

---

94. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3ª região/ 2007 – FCC) É preciso **suprimir** uma ou mais vírgulas na seguinte frase:

(A) É possível que, em vista da quantidade e de seu poder de sedução, as ficções de nossas telas influenciem nossa conduta de forma determinante.

(B) Independentemente do mérito dos professores, as escolas devem, com denodo, estimular os sonhos dos alunos.

(C) É uma pena que, hoje em dia, tantos e tantos jovens substituam os sonhos pela preocupação, compreensível, diga-se, de se inserir no mercado de trabalho.

(D) O fato de serem, os adolescentes de hoje, tão "razoáveis", faz com que a decantada rebeldia da juventude dê lugar ao conformismo e à resignação.

(E) Se cada época tem os adolescentes que merece, conforme opina o autor, há também os adolescentes que não merecem os adultos de sua época.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Não se separa o sujeito do verbo: O fato de serem, os adolescentes de hoje, tão "razoáveis" faz com que a decantada rebeldia da juventude dê lugar ao conformismo e à resignação.

Alternativa "a" –Intercalação.

Alternativa "b" –Inversão e intercalação.

Alternativa "c" –Intercalações.

Alternativa "e" –As vírgulas separam oração subordinada adverbial conformativa.

---

95. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/ 2007 – FCC)

Contudo, seu diagnóstico da realidade, embora não chegasse a abalar os alicerces dessa fé, já atentava para as novas formas de manipulação e domínio emersas das próprias revoluções democráticas, detectando um problema central para aqueles que ainda hoje procuram vincular a utopia à lógica dos fatos: até que ponto a busca intelectual do verdadeiro e a ação solidária podem se ampliar e ter efetividade em um universo impregnado – e decodificado – pela cultura do individualismo e da competição.

Observado o período acima e o contexto, é correto afirmar que

(A) o emprego de já denota anterioridade da ação de "diagnosticar" em relação à ação de "atentar".

(B) a frase articulada em torno de detectando tem caráter hipotético.

(C) a expressão ainda hoje contribui para exprimir a ideia de anacronismo.

(D) as expressões a busca intelectual do verdadeiro e a ação solidária correspondem, respectivamente, a utopia e lógica dos fatos.

(E) os dois pontos poderiam dar lugar, sem comprometimento da correção e do sentido originais, à formulação destacada em: " a lógica dos fatos, a saber, até que ponto "

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de pontuação e coesão textual.

Alternativa *e:* sim, pois os dois pontos explicam.

Alternativa "a" –Não indica anterioridade.

Alternativa "b" –Indica certeza.

Alternativa "c" –Anacronismo significa *situação, estado ou qualidade do que não é adequado ou não ocorre no tempo ou época em que deveria ou se espera,* ou seja, não indica anacronismo.

Alternativa "d" –busca intelectual do verdadeiro não é utopia.

---

96. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/ 2007 – FCC) O segmento que está pontuado conforme a gramática normativa é:

(A) ... acontecimentos, que anunciavam a promessa de uma nova sociedade, ...

(B) ... pareciam dividir nitidamente o mundo entre os defensores, e os inimigos da liberdade, e do progresso social...

(C) ... pareciam dividir nitidamente: o mundo entre os defensores; e os inimigos da liberdade e do progresso social...

(D) ... traduzir, em programas políticos, sua fé...

(E) ... força emancipatória da aliança, entre o intelectual educador, e, o proletário moderno...

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – As vírgulas intercalam o adjunto adverbial de lugar. Leia o que está em negrito: ***traduzir**, em programas políticos, **sua fé**...*

Alternativa "a" –A oração *que anunciavam a promessa de uma nova sociedade* é claramente restritiva, por isso não pode haver vírgula antecedendo o pronome relativo *que.*

Alternativa "b" –Não há necessidade de usar vírgula + a conjunção aditiva *e.* Cuidado! Prova de 2007. Em provas recentes, a banca passou a aceitar como ênfase e, consequentemente, como correta.

Alternativa "c" –Pontuação inteira errada: período incoerente.

Alternativa "e" –Vírgulas a mais: muitas vírgulas.

---

97. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 1ª região/ 2006 – FCC) Considere as seguintes frases:

I. O editorial calou fundo nos pesquisadores latino-americanos, que a ele reagiram com firmeza.

II. O povo cubano deve decidir, por si mesmo, se precisa ou não de ajuda externa.

III. Ofertas de auxílio podem ser constrangedoras, quando não solicitadas.

A eliminação da(s) vírgula(s) altera o sentido SOMENTE do que está em

(A) I.

(B) II.

(C) III.

(D) I e II.

(E) II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – A eliminação da vírgula normalmente ocorre quando antecede o pronome relativo, ou seja, passa a oração de subordinada adjetiva explicativa para restritiva. É o que ocorre no item I.

II. Não é obrigatório intercalar.

III. Não é obrigatório separar oração principal da oração subordinada adverbial.

---

98. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 4ª região/ 2006 – FCC) Está inteiramente correta a pontuação da seguinte frase:

(A) Lá em casa não era preciso me trancar no banheiro, ou me valer, de qualquer outro expediente, para ler um romance.

(B) É verdade sim, que meus pais me pediam para organizar meu horário, mas nem por isso faziam qualquer restrição, a minhas leituras de romances.

(C) Para muita gente ler romances significa, quando muito uma distração, mas em minha família imperava o respeito pelas altas virtudes da boa ficção.

(D) O exemplo de "O Caçador de Pipas", tomado pelo autor do texto, serviu-lhe, sem dúvida, como argumento em favor da universalidade da condição humana.

(E) Não são muitos os filhos, que podem se entregar às ficções, não apenas com a aprovação dos pais mas, ainda, recebendo deles todos os incentivos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

- Intercalações (leia o que está destacado): **O exemplo de "O Caçador de Pipas"**, tomado pelo autor do texto, **serviu-lhe**, sem dúvida, **como argumento em favor da universalidade da condição humana.**

Alternativas corrigidas:

Alternativa "a" –Lá em casa, não era preciso me trancar no banheiro, ou me **valer de** qualquer outro expediente, para ler um romance. (a última vírgula é opcional).

Alternativa "b" –É verdade**, sim,** que meus pais me pediam para organizar meu horário, mas nem por isso faziam qualquer **restrição a** minhas leituras de romances.

Alternativa "c" –Para muita gente ler romances **significa, quando muito,** uma distração, mas em minha família imperava o respeito pelas altas virtudes da boa ficção.

Alternativa "e" –Não são muitos os **filhos** que podem se entregar às **ficções não** apenas com a aprovação dos pais mas, ainda, recebendo deles todos os incentivos.

2.2. CESPE

Trecho para os itens.

Os primeiros anos que se seguiram à Proclamação da República foram de grandes incertezas quanto aos trilhos que a nova forma de governo deveria seguir. Em uma rápida olhada, identificam-se dois grupos que defendiam diferentes formas de se exercer o poder da República: os civis e os militares. Os civis, representados pelas elites das principais províncias — São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul —, queriam uma república federativa que desse muita autonomia às unidades regionais. Os militares, por outro lado, defendiam um Poder Executivo forte e se opunham à autonomia buscada pelos civis. Isso sem mencionar as acirradas disputas internas de cada grupo. Esse era um quadro que demonstrava a grande instabilidade sentida pelos cidadãos que viveram naqueles anos. Mas havia cidadãos?

(...)

Ane Ferrari Ramos Cajado, Thiago Dornelles e Amanda Camylla Pereira.

Eleições no Brasil: uma história de 500 anos. Brasília: Tribunal Superior

Eleitoral, 2014, p. 27-8. Internet: <www.tse.jus.br> (com adaptações).

---

99. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) Caso as vírgulas que isolam o trecho "representados (...) do Sul —" fossem suprimidas, a

correção gramatical do texto seria mantida, mas o seu sentido original seria alterado.

COMENTÁRIOS

Certo – As vírgulas foram inseridas por haver intercalação "— São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul —" dentro de outra intercalção "representados pelas elites das principais províncias". A supressão manteria a correção gramatical e alteraria o sentido por de tratar de oração subordinada adjetiva reduzida. A oração desenvolvida equivale a: que representam as elites. Com pontuação: explicativa, ou seja, todos os civis representam a elite; sem pontuação: restritiva, isto é, apenas alguns civis representam a elite. O sentido é alterado.

---

100. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-GO/2015) A inserção de vírgula logo após "Mas" não prejudicaria a correção gramatical do texto, pois, nesse caso, a utilização da vírgula é de caráter facultativo.

COMENTÁRIOS

Errado

✪ **Nota da autora:** A vírgula é obrigatória antes de conjunções adversativas. Pode haver vírgula depois de conjunção adversativa, se houver termos intercalados (ou orações). Exemplo: Foi aprovado, mas, sinceramente, não merecia.

No caso, não caberia inserir vírgula posposta por se tratar de uma oração interrogativa.

Trecho para o item.

O que tanta gente foi fazer do lado de fora do tribunal onde foi julgado um dos mais famosos casais acusados de assassinato no país? Torcer pela justiça, sim: as evidências permitiam uma forte convicção sobre os culpados, muito antes do encerramento das investigações. Contudo, para torcer pela justiça, não era necessário acampar na porta do tribunal, de onde ninguém podia pressionar os jurados. (...)

Maria Rita Khel. A morte do sentido. Internet: <www.mariaritakehl.psc.br> (com adaptações).

---

101. (Cespe – Escrivão de Polícia Federal – DPF/2013) Sem prejuízo do sentido original do texto, os dois-pontos empregados logo após "sim" poderiam ser substituídos por vírgula, seguida *de dado que* ou *uma vez que*.

COMENTÁRIOS

Certo

✪ **Nota da autora:** Questão de pontuação e período composto.

Pode por se indicar causa. Caberiam: **porque, como** (sempre introduzido na oração anteposta à oração principal), **pois, pois que, já que, uma vez que, visto que.**

- Justificativa de anulação e de manutenção de gabarito (com base no modelo de prova disponível no sítio do CESPE/UnB): A substituição dos dois-pontos, empregados na linha 3 do texto, por vírgula, seguida de "dado que" ou "uma vez que" não causa prejuízo ao sentido original do texto, porque o sentido permanece o mesmo, ou seja, a autora responde à pergunta "O que tanta gente foi fazer do lado de fora do tribunal... ?" A resposta que ela fornece é: "Torcer pela justiça, sim". A seguir explicita uma causa, uma razão, para tanta gente acompanhar, fora do tribunal, o julgamento de famoso casal acusado de assassinato. Essa causa reside no fato de as evidências permitirem forte convicção sobre os culpados, muito antes do encerramento das investigações. A vírgula seguida dos conectivos "dado que" ou "uma vez que" possui o mesmo sentido original do texto. Reafirma-se a correção do gabarito original.

Trecho para o item.

O que tanta gente foi fazer do lado de fora do tribunal onde foi julgado um dos mais famosos casais acusados de assassinato no país? Torcer pela justiça, sim: as evidências permitiam uma forte convicção sobre os culpados, muito antes do encerramento das investigações. Contudo, para torcer pela justiça, não era necessário acampar na porta do tribunal, de onde ninguém podia pressionar os jurados. Bastava fazer abaixo-assinados via Internet pela condenação do pai e da madrasta da vítima. O que foram fazer lá, ao vivo? Penso que as pessoas não torceram apenas pela condenação dos principais suspeitos. Torceram também para que a versão que inculpou o pai e a madrasta fosse verdadeira. (...)

Maria Rita Khel. A morte do sentido. Internet: <www.mariaritakehl.psc.br> (com adaptações).

---

102. (Cespe – Escrivão de Polícia Federal – DPF/2013) Sem prejuízo da correção gramatical e do sentido do texto, a oração "que inculpou o pai e a madrasta" poderia ser isolada por vírgulas, sendo a opção pelo emprego desse sinal de pontuação uma questão de estilo apenas.

COMENTÁRIOS

Errado

- Justificativa de anulação e de manutenção de gabarito (com base no modelo de prova disponível no sítio do CESPE/UnB): a colocação de vírgulas na oração "que inculpou o pai e a madrasta" altera o sentido do texto. Por ser, no texto, uma oração adjetiva restritiva, ela se tornaria uma oração adjetiva explicativa se fosse isolada por vírgulas. Nesse caso, não se trata apenas de questão de estilo, mas de efetiva mudança de sentido da oração no texto.

Trecho para o item.

Nós somos muito parecidos com computadores. O funcionamento dos computadores, como todo mundo sabe, requer a interação de duas partes. Uma delas chama-se hardware, literalmente "equipamento duro", e a outra denomina-se software, "equipamento macio". O hardware é constituído por todas as coisas sólidas com que o aparelho é feito. O software é constituído por entidades "espirituais" — símbolos que formam os programas que serão gravados.(...)

Rubem Alves. Sobre o tempo e a eternidade.

Campinas: Papirus, 1996 (com adaptações).

103. (CESPE – Analista – MPU/2013) No trecho, coerentemente com o emprego da oração "como todo mundo sabe", que expressa uma generalização, poderia ter sido empregado, em vez do ponto final, o sinal de dois-pontos após a expressão "de duas partes", seguido da seguinte estrutura: o hardware, literalmente "equipamento duro", e o software, "equipamento macio".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Os dois pontos teriam função de citar as duas partes do computador = correto; a reescritura mantém o sentido e a clareza do período. A vírgula anteposta à conjunção *e* separa os duas partes que são explicadas.

Trecho para o próximo item.

A inércia da vida real desaparece magicamente na navegação pelo ciberespaço, desprovida de (...) Nossa identidade social, a pessoa que presumimos ser em nosso intercurso social, já é uma máscara, já envolve a repressão de nossos impulsos inadmissíveis; e é precisamente nessas condições de "só uma brincadeira", quando as regras que regulam os intercâmbios de nossas vidas reais estão temporariamente suspensas, que podemos nos permitir a exibição dessas atitudes reprimidas. (...)

Slavoj Zizek. Identidades vazias. Internet: <http://slavoj-zizek.blogspot.com.br>(com adaptações).

104. (CESPE – Analista Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) A supressão da vírgula empregada após o vocábulo "social" não acarretaria prejuízo gramatical ao período.

COMENTÁRIOS

Errado – Opa! As duas vírgulas estão indicando intercalação (embora o item peça apenas a supressão da primeira), leia o que está em negrito: **Nossa identidade social**, a pessoa que presumimos ser em nosso intercurso social, **já é uma máscara**. Em hipótese alguma podem ser retiradas, pois acarretaria prejuízo gramatical.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) Nem podia ser de outra forma, em se tratando de uma das questões basilares da história, a qual não pode ser vista segundo uma continuidade linear, devendo ser vista como o desenrolar de ciclos culturais diferentes, com diversificadas conjunturas histórico-culturais.

Ora, cada ciclo ou conjuntura histórico-cultural tem sua experiência da justiça, a sua maneira própria de realizá-la in concreto, o que leva à conclusão de que, em vez de indagar acerca de uma ideia universal de justiça, melhor será tentar configurar, no plano concreto da ação, o que sejam atos justos. (Miguel Reale. Variações sobre a justiça (I). In: O Estado de S.Paulo, 4/8/2001. Internet: <http://home.comcast.net>, com adaptações).

105. (CESPE – Analista do MPU/2013) Sem prejuízo para as ideias originais do texto ou para a sua correção gramatical, o último parágrafo do texto poderia ser divido em dois períodos, substituindo-se a vírgula logo após "concreto" por ponto final e reescrevendo-se o trecho subsequente da seguinte forma: Isso leva à seguinte conclusão: em lugar de buscar uma ideia universal de justiça, é melhor tentar definir os atos justos no plano concreto da ação.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Primeira impressão: quanta informação! Vamos dividir:

- Ora, cada ciclo ou conjuntura histórico-cultural tem sua experiência da justiça, a sua maneira própria de realizá-la in concreto. O que leva à conclusão de que, em vez de indagar acerca de uma ideia universal de justiça = certo. O pronome demonstrativo **o** retoma a ideia do período anterior.
- Isso leva à seguinte conclusão: em lugar de buscar uma ideia universal de justiça, é melhor tentar definir os atos justos no plano concreto da ação. = certo. Os dois pontos explicam citam a **conclusão**.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

A parte da natureza varia ao infinito. Não há, no universo, duas coisas iguais. Muitas se parecem umas às outras, mas todas entre si diversificam. Os ramos de uma só árvore, as folhas da mesma planta, os traços da polpa de um dedo humano, as partículas do mesmo pó, as raias do espectro de um só raio solar ou estelar. Tudo assim, desde os astros no céu, até os micróbios no sangue, desde as nebulosas no espaço até as gotas do rocio na relva dos prados. (...) (Ruy Barbosa. Oração aos moços. Internet: http://home.comcast.net, com adaptações).

106. (CESPE – Analista do MPU/2013) Sem prejuízo dos sentidos originais do texto e de sua correção gramatical, o ponto final empregado logo após a forma verbal "diversificam" poderia ser substituído por sinal de dois-pontos, seguido por "Os" grafado com inicial minúscula.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Muitas se parecem umas às outras, mas todas entre si **diversificam: os** ramos de uma só árvore, as folhas da mesma planta. Os dois pontos explicam a diversificação.

Atenção! Julgue o item relativo a ideias e aspectos linguísticos do trecho

A economia solidária vem-se apresentando como uma alternativa inovadora de geração de trabalho e renda e uma resposta favorável às demandas de inclusão social no país. Ela compreende uma diversidade de práticas econômicas e sociais organizadas sob a forma de cooperativas, associações, clubes de troca, empresas de autogestão e redes de cooperação – que realizam atividades de produção de bens, prestação de serviços, finanças, trocas, comércio justo e consumo solidário. ( ) (Internet: http://portal.mte.gov.br/imprensa, com adaptações).

107. (CESPE – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) A supressão do travessão não afetaria a correção gramatical do texto, mas alteraria o seu sentido original.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Sempre que retirar ou inserir pontuação anteposta ao pronome relativo, o sentido é alterado. Oração subordinada adjetiva explicativa: com pontuação (generaliza) e oração subordinada adjetiva restritiva: sem pontuação (individualiza).

Com relação a aspectos linguísticos do trecho, julgue o item a seguir.

A começar pela representação política, que envolve, no mínimo, premissas e categorias mentais muito distintas dos modos nativos de fazer política.

108. (UNB/CESPE – Poder Judiciário – TRE / ES/2012) De acordo com a prescrição gramatical, o emprego da vírgula que antecede a expressão "no mínimo" torna obrigatório, no texto, o emprego da vírgula que a sucede.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A expressão *no mínimo* está intercalada. Na intercalação, é obrigatório o uso de duas vírgulas, dois travessões ou parênteses.

Atenção! Julgue os itens subsequentes, acerca dos sentidos e da organização das ideias do trecho.

(...) O número reduzido de mulheres que ocupam cargos públicos – atualmente, uma média mundial de 19% nas assembleias nacionais – constitui um déficit a corrigir. A participação das mulheres em todos os níveis do governo democrático – local, nacional e regional – diversifica a natureza das assembleias democráticas e permite que o processo de tomada de decisões responda a necessidades dos

cidadãos não atendidas no passado. (Internet: http://www.unric.org/pt, com adaptações).

109. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE – RJ/2012) A inserção de vírgula logo depois do termo "cidadãos" acarretaria prejuízo sintático e semântico ao texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O termo *dos cidadãos* está ligado a *necessidades*. Inserir a vírgula acarretaria erro.

110. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE – RJ/2012) O trecho entre travessões constitui uma enumeração em progressão ascendente dos "níveis de governo" referidos na linha anterior.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O trecho constitui uma enumeração, mas não em progressão **ascendente** (que ascende, que se eleva, sobe).

Atenção! Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.

(...) No entanto, jamais poderiam localizá-la, já que não levaram em consideração a materialidade dos meios de comunicação dominante na época: eles, na verdade, procuravam uma biblioteca estruturada para colecionar livros e não rolos. Quantas bibliotecas de Alexandria permanecem ignoradas (...) (In: João C. de C. Rocha (Org.). Interseções: a materialidade da comunicação. Rio de Janeiro: Imago; EDUERJ, 1998, p. 12, 14-15, com adaptações).

111. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2012) No penúltimo período do trecho, o ponto final após "rolos" poderia ser substituído por ponto e vírgula, desde que o termo "Quantas" fosse grafado com minúscula: quantas.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não vamos enrolar. Tem que ser ponto final. O período completa a mensagem.

Usamos ponto e vírgula:

- para separar orações coordenadas não unidas por conjunção, que guardem relação entre si;
- para separar orações coordenadas, quando pelo menos uma delas já possui elementos separados por vírgula;
- para separar itens de uma enumeração;
- para alongar a pausa de conjunções adversativas (mas, porém, contudo, todavia, entretanto, etc.), substituindo, assim, a vírgula;
- para separar orações coordenadas adversativas quando a conjunção aparecer no meio da oração.

(Fonte: http://www.soportugues.com.br)

Atenção! Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.

(...) Vejamos: para o entendimento de uma forma particular de comunicação – por exemplo, o teatro na Grécia clássica ou na Inglaterra elizabetana; o romance nos séculos XVIII e XIX; o cinema e a televisão no século XX; o computador em nossos dias –, o estudioso deve reconstruir tanto as condições históricas quanto a materialidade do meio de comunicação. (...) (In: João C. de C. Rocha (Org.). Interseções: a materialidade da comunicação. Rio de Janeiro: Imago; EDUERJ, 1998, p. 12, 14-15, com adaptações)

112. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2012) Após nossos dias –, é obrigatório o emprego da vírgula após o travessão.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – No contexto, o emprego da vírgula é obrigatório neste trecho, independente do uso dos travessões.

Com relação ao sentido e aos aspectos linguísticos do trecho a seguir, julgue o item subsequente.

Colonialismo

(...)

Na Ásia, a Inglaterra adotou uma política empenhada na conquista da Índia, que passou ao seu domínio após a Guerra dos Cipaios (1857-1858). Como garantiam o domínio sobre a Índia, os ingleses não se opuseram à penetração francesa na Ásia, particularmente no território da Indochina. Embora o Leste Asiático tenha se mantido independente, a China (com a

Primeira Guerra do Ópio, de 1839 a 1842) e o Japão (com a ameaça naval do Comodoro Perry, em 1854) foram obrigados a abrir seus portos aos europeus, dando-lhes diversas vantagens comerciais. Às vésperas da Primeira Guerra Mundial, a China se via imersa em uma crise política. Vários territórios asiáticos e africanos sofriam influência inglesa e francesa, e a Coreia havia sido anexada pelo Japão em 1910 – país que, a partir dos anos 30 do século XX, aumentou consideravelmente seu poder sobre o continente.

Após a Segunda Guerra Mundial, os movimentos nacionalistas e independentistas que vinham se firmando desde o período entre-guerras ganharam força tanto na África quanto na Ásia. A luta contra o colonialismo britânico na Índia de Gandhi, com o movimento de resistência passiva não violenta, terminou com a independência, em 1947, mas foi seguida de violentos conflitos étnicos, principalmente em virtude de diferenças religiosas entre hinduístas e muçulmanos. A ocupação japonesa na Ásia favorecia a manifestação do nacionalismo, ao mesmo tempo em que as ideias revolucionárias de Marx e Engels ganhavam força. (...) (Internet: http://acervo.estadao.com.br, com adaptações).

113. (CESPE – Delegado de Polícia – AL/ 2012) A vírgula empregada logo depois do trecho "Após a Segunda Guerra Mundial" (l.18) poderia ser suprimida, sem prejuízo da correção gramatical do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não pode ser suprimida por estar indicando inversão do adjunto adverbial (de tempo). A oração não se inicia com o sujeito – o que indicaria ordem direta.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

( ) Os crimes eletrônicos proliferam porque oferecem pouco risco aos bandidos, e as autoridades têm dificuldade de puni-los. O Código Penal não prevê os crimes virtuais. Quando são presos, os criminosos respondem geralmente por estelionato, cuja pena máxima é de cinco anos de cadeia. Se fossem condenados por assalto a banco, eles poderiam ser punidos com até quinze anos de prisão. Por causa dessas vantagens, há de 100 a 150 quadrilhas virtuais em atividade no país. Para reverter esse quadro, a Federação Brasileira de Bancos tenta convencer o Congresso Nacional a criar uma legislação específica para punir os delitos eletrônicos, semelhante àquela adotada há nove anos pela União Europeia. (André Vargas. Assalto.com.br, In: Veja, 24/11/2010, com adaptações).

114. (CESPE – Delegado de Polícia – ES/ 2011) A retirada da vírgula logo após o vocábulo "presos" acarretaria, segundo a prescrição normativa, erro gramatical ao texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – As vírgulas separam o aposto explicativo, portanto não podem ser retiradas. Atenção: não se pode retirar vírgula alguma.

▶ **Dica** – O aposto especificativo não possui pontuação; o explicativo, sim.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

No Brasil, um exame, ainda que superficial, da questão da segurança pública revela que há um crescimento contínuo da criminalidade e da violência, principalmente nas regiões metropolitanas e nas periferias das grandes cidades do país, e que o sistema judiciário e, em particular, a polícia têm – se mostrado ineficazes para o enfrentamento da questão.

Especialmente nas áreas urbanas do país, a sensação de medo e insegurança tem sido experimentada como grave problema público devido à expectativa de que qualquer pessoa pode-se tornar vítima de crime em qualquer ponto das cidades e em qualquer momento de sua vida cotidiana. ( )

Paula Poncioni. O modelo policial profissional e a formação profissional do futuro policial nas academias de polícia do estado do Rio de Janeiro. In: Sociedade e Estado, vol. 20, n.° 3. Brasília, set.-dez./2005. Internet: <www.scielo.br>, com adaptações).

115. (CESPE – Delegado de Polícia – ES/ 2011) A colocação de vírgula logo após o vocábulo "pessoa" prejudicaria a correção gramatical e o sentido do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Não se separa com vírgula o sujeito do verbo (é o caso mencionado), nem o verbo do complemento.

Considerando a organização das ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o seguinte item.

Nós, seres humanos, somos seres sociais: vivemos nosso cotidiano em contínua imbricação com o ser de outros. Isso, em geral, admitimos sem reservas. Ao mesmo tempo, seres humanos, somos indivíduos: vivemos nosso ser cotidiano como um contínuo devir de experiências individuais intransferíveis. (...) (Humberto Maturana. Biologia do fenômeno social: a ontologia da realidade, Miriam Graciano (Trad.), Belo Horizonte: UFMG, 2002, p. 195, com adaptações).

116. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) No terceiro período, o sinal de dois-pontos tem a função de introduzir uma explicação para as orações anteriores; por isso, em seu lugar, poderia ser escrito porque, sem prejuízo para a correção gramatical do texto ou para sua coerência.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (Certo)

✪ **Nota da autora:** Questão de pontuação e período composto.

▸ *Ao mesmo tempo, somos indivíduos* **porque** *vivemos nosso ser cotidiano como um contínuo devir de experiências individuais intransferíveis.* A segunda oração explica a primeira.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

A característica central da modernidade, não seria demais repetir, é a institucionalização do universalismo – e seu duplo, a igualdade – como princípio organizador da esfera pública. (...) (Jeni Vaitsman, Desigualdades sociais e particularismos na sociedade brasileira, br. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, n.° 18 (Suplemento), p. 38, com adaptações).

117. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) De acordo com as normas de pontuação, seria correto empregar vírgulas no lugar dos travessões; entretanto, nesse caso, a leitura e a compreensão do trecho poderiam ser prejudicadas, dada a existência da vírgula empregada após "duplo", no interior do trecho destacado entre travessões.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Os travessões isolam uma intercalação e foram usados por haver uma vírgula explicando. Ao inserir vírgulas, perder-se-ia a exata ideia da intercalação.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

A desigualdade e a sustentabilidade estão diretamente ligadas aos desequilíbrios na inclusão das pessoas nos processos produtivos. A mão de obra, a nossa imensa capacidade ociosa de produção, mais parece um problema do que uma oportunidade. O fato essencial para nós é que o modelo atual subutiliza a metade das capacidades produtivas do país. Evoluir para formas alternativas de organização torna-se simplesmente necessário. (...) (Ignacy Sachs, Cailos Lopes e Ladislau Dowbor. Crises e oportunidades em tempos de mudança. Jan/2010. Internet: <http://dowbor.org>, com adaptações).

118. (CE–Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) A expressão "a nossa imensa capacidade ociosa de produção" deve ser, necessariamente, demarcada por vírgulas porque sua função é a de explicar como deve ser compreendida, no desenvolvimento da argumentação, "A mão de obra".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A expressão "a nossa imensa capacidade ociosa de produção" é aposto explicativo e deve vir necessariamente separada por vírgulas, ao explicar "A mão de obra".

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) A crise econômica mundial agravou esses problemas. A cidadania exige modelos econômicos que incluam a todos e existe uma demanda ativa e crescente em muitos países nesse sentido. (...) (Entrevista de Bernardo Kliksberg a CartaCapital, 12/5/2010, com adaptações).

119. (CE–Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) Preservam-se a coerência textual e a correção gramatical do texto ao se des-

locar a expressão "em muitos países" para imediatamente antes de "existe", usando-se uma vírgula antes e outra depois da expressão deslocada.

COMENTÁRIOS

Certo – O advérbio de lugar é, aí, explicativo, podendo, entre vírgulas, ser deslocado para antes de existe: e, em muitos países, existe = intercalação.

---

120. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) O movimento da vida passa a ser uma efervescência constante e as mudanças a ocorrer em ritmo quase esquizofrênico, determinando os valores fugidios de uma ordem temporal marcada pela efemeridade. Como tentativas de acompanhar essa velocidade vertiginosa que marca o processo de constituição da sociedade hipermoderna, surge a flexibilidade do mundo do trabalho e a fluidez das relações interpessoais. (...) (Renato Nunes Bittencourt. Consumo para o vazio existencial. In: Filosofia, ano V, n, 48, p, 46-8, com adaptações).

A ausência de vírgula depois de "vertiginosa" indica que a oração iniciada por "que marca" restringe a ideia de "velocidade vertiginosa".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Velocidade vertiginosa **que** (= **a qual**) marca o processo. O pronome relativo está restringindo o significado do termo antecedente.

▶ **Dica** – Oração adjetiva: possui pronome relativo

▶ restritiva: não possui pontuação

▶ explicativa: possui pontuação.

Texto para a próxima questão:

A Declaração Universal dos Direitos Humanos, com um preâmbulo de sete "considerandos" e com trinta artigos, é um documento histórico, uma carta de intenções e também uma denúncia de tudo o que, ao longo de milênios, a humanidade deixou de fazer.

---

121. (UNB/CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 21ª Região/2010) Mantendo-se os sinais de pontuação empregados no trecho, a estrutura sintática "com um preâmbulo de sete 'considerandos' e com trinta artigos" pode ser substituída, sem prejuízo da correção gramatical, por contendo um preâmbulo com sete "considerandos" e trinta artigos.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Quanto aos sinais de pontuação, permanece correto o trecho, mas o sentido é alterado e a gramática fica incorreta pela troca de preposições.

Texto para a próxima questão:

O ponto de partida desse enfoque tomou como contraposição dominante os polos estabelecidos a partir de cidade e campo – luz e treva, civilização e barbárie, oposição que faz parte, também, de um contexto mais amplo, com a identificação da cidade com técnica e artificialidade –, a cidade como expressão do maior domínio da natureza pelo homem, espaço diferenciado, destinado ao exercício da civilidade; o campo como símbolo da rusticidade, do não inteiramente civilizado, espaço intermediário entre a civilização e o mundo natural propriamente dito.

---

122. (UNB/CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 21ª Região/2010) Acarretaria alteração de sentido e prejuízo para a correção gramatical do texto o emprego da vírgula antes da palavra "que" no trecho "oposição que faz parte".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O **que** é pronome relativo. Se a vírgula o antecede, a oração é classificada como adjetiva explicativa e caso seja suprimida, a oração passa a ser restritiva. Da forma como está no trecho, a expressão faz parte restringe o sentido de oposição. Colocando a vírgula, a ideia é de que todas as oposições fazem parte. Importante notar que sempre o sentido será alterado.

Atenção! Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.

(...) se realizada em conformidade com o bom e o justo. A ação ética só é virtuosa se for livre e só o será se for autônoma, isto é, se resultar de uma decisão interior do próprio agente e não de uma pressão externa. Evidentemente, isso leva a perceber que há um conflito entre a autonomia da vontade do agente ético (a decisão emana apenas do interior do sujeito) e a heteronomia dos valores morais de sua sociedade (os valores são dados externos ao sujeito). Esse conflito só pode ser resolvido se o agente reconhecer os valores de sua sociedade como se tivessem sido instituídos por ele, como se ele pudesse ser o autor des-

ses valores ou das normas morais, pois, nesse caso, ele será autônomo, agindo como se tivesse dado a si mesmo sua própria lei de ação. (Marilena Chaui. Uma ideologia perversa. In: Folhaonline, 14/3/1999, com adaptações).

123. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STF/2008) Os sinais de parênteses têm a função de organizar as ideias que destacam e de inseri-las na argumentação do texto; por isso, sua substituição pelos sinais de travessão preservaria a coerência textual e a correção do texto, mas, no segundo emprego, o ponto final substituiria o segundo travessão.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Da mesma forma que os parênteses, o sinal de travessão é usado para comentários acessórios. Diferentemente dos parênteses, jamais se usa travessão antes do ponto final.

Atenção! Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.

(...) A postura das ciências humanas e da psicanálise é outra, porém. Muito da experiência humana vem justamente de nos constituirmos como sujeitos. Esse papel é pesado. Por isso, quando entra ele em crise – quando minha liberdade de escolher amorosa ou política ou profissionalmente resulta em sofrimento –, posso aliviar-me procurando uma solução que substitua meu papel de sujeito pelo de objeto. (Roberto Janine Ribeiro. A cultura ameaçada pela natureza. Pesquisa Fapesp Especial, p. 40, com adaptações).

124. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STF/2008) O deslocamento do travessão após em crise para logo depois de "profissionalmente" preservaria a correção gramatical do texto e a coerência da argumentação, com a vantagem de não acumular dois sinais de pontuação juntos.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Deslocando o travessão para antes de *profissionalmente* altera significativamente o sentido do enunciado e a função dos travessões. Afetaria a argumentação.

Atenção! Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.

(...) Mas há também outra complexidade que provém da existência de fenômenos aleatórios (que não podem ser determinados e que, empiricamente, agregam incerteza ao pensamento). (...) (Edgard Morin. Epistemologia da complexidade. In: Dora FriedSchnitman(Org.). Novos paradigmas, cultura e subjetividade. Porto Alegre: Artmed, 1996, p, 274, com adaptações).

125. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2008) Preserva-se o respeito às regras de pontuação do padrão formal da língua portuguesa ao se retirar os parênteses no trecho acima, demarcando-se a explicação do que sejam "fenômenos aleatórios" por um travessão ou por uma vírgula logo depois dessa expressão.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O uso de apenas um travessão faria a mesma função, a de demarcar oração subordinada adjetiva (pronome relativo) explicativa (possui pontuação).

Atenção! Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.

(...) Os mercados não são perfeitos. São, isto, sim, poderosos instrumentos de coordenação econômica em busca permanente de eficiência. (...) (Paulo Guedes. Os mercados são demasiado humanos. In: Época, 21/7/2008, com adaptações).

126. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2008) Seria mantida a correção gramatical do trecho "Os mercados não são perfeitos. São, isto, sim, poderosos", caso ele fosse assim reescrito: Os mercados não são perfeitos; são, isto sim, poderosos.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A bem da verdade, a supressão da vírgula após "isto" é até recomendável, necessária.

Trecho para a próxima questão.

(...) Tornou-se o instrumento de alienação no sentido clássico da palavra: o ato de entregar ao outro o que é nosso, nosso tempo de vida. (Emir Sader. Trabalhemos menos, trabalhemos todos. In: Correio Braziliense, 18/11/2007, com adaptações).

127. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2008) A organização das ideias no último período do texto mostra que a informação apresentada depois do sinal de dois pontos constitui uma definição de "alienação".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Uma das funções dos dois pontos é a de definir, explicar, discriminar ideia anterior. Confira as dicas no final do capítulo.

Atenção! O texto refere-se à questão seguinte.

Acredito que, no século XXI, o sucesso de qualquer sociedade dependerá de quatro características: sua geografia e sua base de recursos; sua capacidade de administrar mudanças complexas; seu compromisso com os direitos humanos; e seu comprometimento com a ciência e a tecnologia. O Brasil pode vir a exceder em todos esses aspectos. No passado, o calcanhar de aquiles do Brasil se situou naquela terceira esfera, a dos direitos humanos. Como os Estados Unidos da América (EUA) e, na verdade, a maior parte das Américas, o Brasil foi forjado em um cadinho de conquista colonial e escravidão brutal. Esse nascimento violento deixou um legado de enormes divisões étnicas entre as elites de ascendência europeia, as comunidades indígenas e as populações de origem africana, descendentes de escravos. Da mesma forma que os EUA, o Brasil ainda não superou essa genealogia cruel. As desigualdades associadas a raça e etnia configuram um abismo – e, claro, propiciaram a geração de conflitos, a inclinação para o populismo e a instalação ocasional de regimes autoritários. (Jeffrey Sachs. In: Veja 40 Anos, set./2008, com adaptações).

128. (CESPE – Delegado de Polícia – PB/ 2008) Assinale a opção em que a proposta de substituição dos sinais de pontuação preserva a correção gramatical e a coerência textual, considerando que, quando necessárias, sejam feitas as devidas alterações nas letras iniciais maiúsculas ou minúsculas.

(A) Substituição dos sinais de ponto e vírgula logo depois de "recursos", "complexas" e "humanos" por ponto.

(B) Substituição do ponto logo após "aspectos" por dois pontos.

(C) Substituição da vírgula logo depois de "e" por travessão.

(D) Substituição da vírgula logo após "Américas" por ponto-e-vírgula.

(E) Substituição do travessão depois de "abismo" por ponto e vírgula.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – A substituição do travessão por ponto e vírgula não prejudica a correção gramatical nem a coerência textual, pois a ideia da oração subsequente a abismo complementa a ideia da oração anterior.

Alternativa "a" –O sinal de ponto interromperia a sequência das ideias enumeradas a partir das características citadas pela ação verbal anterior, dependerá.

Alternativa "b" –Não caberiam dois pontos logo após aspectos, uma vez que o termo aspectos está relacionado às ideias da oração anterior.

Alternativa "c" –O *e*, aí, é conjunção aditiva acrescentando ideia, não é explicativa nem restritiva, portanto a vírgula não pode ser substituída pelo travessão que estaria restringindo.

Alternativa "d" –O ponto e vírgula não substituiria a vírgula pois esta, aí, está isolando uma expressão explicativa, o que não seria função do ponto e vírgula.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

Uma decisão singular de um juiz da Vara de Execuções Criminais de Tupã, pequena cidade a 534 km da cidade de São Paulo, impondo critérios ***bastante*** *rígidos para que os estabelecimentos penais da região possam receber novos presos, confirma a dramática dimensão da crise do sistema prisional. A sentença determina, entre outras medidas, que as penitenciárias somente acolham presos que residam em um raio de 200 km. (...)*

129. (CESPE – Delegado de Polícia – AC/ 2008) O trecho "pequena cidade a 534 km da cidade de São Paulo" encontra-se entre vírgulas por exercer a função de aposto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O trecho citado é aposto intercalado entre vírgulas na oração principal que define e localiza a cidade de Tupã.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...)

Agora, ao vê-lo assim, suado e nervoso, mudando de lugar o tempo todo e murmurando palavras que me escapavam, temia que me abordasse para conversar sobre o filho. Não parecia estar no iate, e sim em sua casa, em Manaus: sentado, pernas e pés juntos, tronco ereto, a cabeça oscilando, como se fizesse um não em câmera lenta. Despertava como quem leva um susto, ia lavar o rosto e retomava sua ronda, que me deixava mareado. Eu esperava o fim da tarde com ansiedade; mal escurecia, entrava no camarote para ler, mas ficava pensando nos dois: Mundo e seu pai. Quando não conseguia dormir, subia ao convés e via o vulto sentado na popa, o focinho de Fogo no colo; Jano não se voltava. (Milton Hatoum. Cinzas do Norte. São Paulo: Companhia da Letras, 2005, p. 86-7.

130. (CESPE – Delegado de Polícia – AC/ 2008) A correção gramatical do texto seria mantida se a vírgula empregada antes da conjunção "mas" fosse omitida.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A vírgula antes de mas não poderia ser omitida, pois a pausa, aí, adverte que virá uma ideia adversa à ideia anterior e a vírgula separa a oração adversativa da adverbial anterior.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

Inteligência artificial

Não foi difícil descobrir o assassino. Afinal, o major Rich tinha um ótimo motivo para matar Arnold Clayton: amava a esposa da vítima e era correspondido. Segundo a polícia, o major usou uma arma para livrar-se de Clayton e escondeu o corpo em um baú.

A solução, no entanto, parecia simples demais para o grande detetive Hercule Poirot, do clássico conto policial O Mistério do Baú Espanhol, da escritora britânica Agatha Christie. Persistente, ele sai em busca de pistas, descobre fatos novos, tira conclusões espantosas e, por fim, apresenta ao leitor outro criminoso. ( ) (Mente&Cérebro, fev./2007, com adaptações).

131. (CESPE – Delegado de Polícia – TO/ 2008) Após a expressão "da escritora britânica", poderia ser empregada uma vírgula, conforme faculta a norma gramatical.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não se pode empregar uma vírgula após a expressão da escritora britânica porque a expressão encerra um período. Isso é feito com o emprego do ponto final, conforme a norma gramatical.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) Essas entradas permaneceram limitadas, subindo os rios apenas parcialmente, mas inauguraram uma série de explorações da região durante as décadas de 50 e 60 do século XIX. Entre essas expedições, destaca-se a viagem, a mando da Royal Geographical Society de Londres, do geógrafo inglês William Chandless, que subiu o Purus em 1864/65 e o Juruá em 1867. Todavia, a historiografia regional consagrou os nomes de Manoel Urbano, explorador 19 do Purus em 1858, e de João da Cunha Corrêa, que percorreu o Juruá em 1861, como os primeiros "desbravadores" e "descobridores" das terras acreanas. (José Pimenta. Internet: ambienteacreano.blogspot.com, com adaptações).

132. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Rio Branco – AC/2007) O uso de vírgula após "Chandless" justifica-se por isolar oração subordinada adjetiva explicativa.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O uso da vírgula em questão está isolando a oração subordinada adjetiva explicativa que esclarece e explica o antecedente da oração anterior *geógrafo inglês William Chandless*.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue os itens a seguir.

(...)

Primeiras testemunhas da Amazônia e de seus habitantes, Carvajal (1542) e Acuna (1641) elaboraram relatos em que combinaram o fantástico e o exótico e edificaram as bases do amazonismo: mito das amazonas, inferno verde, eldorado, seres canibais e nobre selvagem. A Amazônia e seus primeiros habitantes concentraram e continuam concentrando sentimentos e fantasias ocidentais. Símbolo de riqueza e miséria, de medo e esperanças, de sonhos e pesadelos, de futuro e passado, de inferno e paraíso. (...) José Pimenta. Internet: <ambienteacreano.blogspot.com>, com adaptações).

133. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Rio Branco – AC/2007) O sinal de dois-pontos após "amazonismo" justifica-se por anteceder uma enumeração de itens.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Justifica-se, aí, o uso do sinal de dois pontos, pois antecede à enumeração de adjetivos que qualificam o termo *amazonismo*.

134. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TSE/2006) Assinale a opção que apresenta **erro** de pontuação.

(A) Pela primeira vez, a população de Belo Horizonte vai poder escolher, por meio da Internet, as obras que serão executadas na cidade. Disponível no período de 1º a 30 de novembro, a nova modalidade, conhecida por Orçamento Participativo Digital, tem parceria entre a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte (PBH) e o Tribunal Regional Eleitoral de Minas Gerais (TRE – MG).

(B) O novo sistema baseia-se em dados fornecidos pelo TRE – MG à PBH (quantitativo de eleitores, número do título de eleitor etc.), e foi solicitado pelo prefeito de BH, Fernando Pimentel,há cerca de seis meses, ao então presidente da instituição, Armando Pinheiro Lago.

(C) O voto via Internet será permitido apenas para aqueles com domicílio eleitoral na capital (aproximadamente 1,7 milhão de pessoas), que poderão decidir pelo conjunto de nove obras (quatro em cada regional) que serão feitas no município em um prazo máximo de dois anos.

(D) Para votar, o cidadão deve entrar no sítio da PBH. Quem não tiver acesso à Internet em casa pode ir até um dos 175 postos públicos montados, pela PBH onde haverá monitores para ajudar aqueles que não estão acostumados a lidar com computador.

Opções adaptadas. Internet: www.tse.gov.br.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Faltam vírgulas após "casa" e após "PBH"; vírgula desnecessária após "montados": Para votar, o cidadão deve entrar no sítio da PBH. Quem não tiver acesso à Internet em casa, pode ir até um dos 175 postos públicos montados pela PBH onde haverá monitores para ajudar aqueles que não estão acostumados a lidar com computador.

Alternativa "a" – Vírgulas, ponto e até parênteses perfeitamente colocados.

Alternativa "b" – Idem alternativa "a".

Alternativa "c" – Idem alternativas "a" e "b".

Atenção! A respeito da organização do trecho, julgue a questão.

[...] Portanto, a manutenção de um idioma é um fator importantíssimo para a identidade de um povo, por constituir um dos seus principais suportes culturais, além de ser uma expressão preservadora de sua dignidade e orgulho. (Antônio Silveira. R. dos Santos. Patrimônio linguístico: importância e proteção. In: Correio Braziliense, Direito e Justiça, 5/7/2004, p. 3, com adaptações).

135. (CESPE – Defensor Público – DPU/ 2004) O deslocamento do trecho "por constituir um dos seus principais suportes culturais," para imediatamente antes de "a manutenção" manteria correta a pontuação, mas provocaria incoerência textual por deixar o pronome possessivo que aí aparece sem referente.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O deslocamento do trecho apenas inverte as ideias, trazendo à frente a oração explicativa, corretamente entre vírgulas, e não provoca incoerência textual, pois o pronome possessivo "seus" continua fazendo referência a "um povo", ou seja, um povo possui vários suportes culturais, dentre eles a manutenção de um idioma.

Atenção! A partir do trecho, julgue a questão.

... sempre se renovando e se recriando em um processo rico e dinâmico, propiciando à nação a possibilidade de construir sua própria identidade. E a manifestação dessa identidade se revela através do nosso Patrimônio Cultural [...]

Uma sociedade que não se reconhece está fadada à perda de sua identidade e ao enfraquecimento de seus valores mais intrínsecos. Seu envolvimento no processo de fortalecimento de sua cultura é primordial para a construção... (Moema Nascimento Queiroz. A educação patrimonial como instrumento de cidadania. Internet: http://www.revistamuseu.com.br/artigos. Acesso em 3/8/2004, com adaptações).

136. (CESPE – Defensor Público – DPU/ 2004) O emprego de vírgulas no lugar dos pontos imediatamente antes de "E" e "Seu", desde que feitos os devidos ajustes nas iniciais maiúsculas, manteria o texto coerente e correto quanto ao emprego dos sinais de pontuação.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Esta alteração, ainda que com os ajustes necessários nas iniciais, não manteria a coerência textual, uma vez que a clareza da ideia seria prejudicada pela extensão forçada dos períodos. Lembremos que a vírgula indica uma pausa pequena, deixando a voz em suspenso à espera da continuação do período. Já o ponto final representa a pausa máxima da voz, o que seria mais adequado à situação apresentada.

Atenção! Julgue a questão, com relação às ideias do trecho e à correção gramatical.

[...] Um pensamento artificialista (segundo o qual é preciso tudo refazer pelo artifício humano) é levado até um ponto em que o próprio pensamento desaparece. [...] (Adauto Novaes. A máquina do homem e da ciência. In: O homem e a máquina – ciclo de conferências, Rio e Brasília: Centro Cultural Banco do Brasil, 27/3/2001, paginação irregular, com adaptações).

137. (CESPE – Defensor Público – DPU/ 2001) Por constituir uma explicação do termo anterior, a oração entre parênteses admite ter os parênteses substituídos por travessões ou por vírgulas.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Sim, uma das funções dos parênteses é a de separar expressões ou frases explicativas, intercaladas. E, em alguns casos, como neste, por exemplo, eles podem ser substituídos por vírgulas e travessões.

2.3. MPE

138. (MPE – MS – Promotor de Justiça – MS/2013) Aponte a oração em que o emprego da vírgula está incorreto:

(A) Estudou muito, logo tinha de ser aprovado.

(B) Eu fui de ônibus, ela de avião.

(C) Comunicamos ao prezadíssimo amigo, que estaremos ao seu inteiro dispor.

(D) Da Vinci, espírito enciclopédico, foi a alma da Renascença.

(E) Você que possui muitos saberes, Paulo, diga o que fazer agora!

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – não se separa por vírgula o verbo (comunicamos) de seu objeto direto (que estaremos ao seu inteiro dispor).

Alternativa "a" – usa-se vírgula para separar, como neste caso, uma oração coordenada conclusiva. Além desta, a vírgula também separa as coordenadas adversativas,explicativas e algumas alternativas.

Alternativa "b" – usa-se vírgula para indicar a elipse de um termo.

Alternativa "d" – um aposto (espírito enciclopédico) deve vir entre vírgulas ou travessões.

Alternativa "e" – usa-se vírgula para destacar elementos intercalados, como um vocativo (aquele que indica e nomeia o interlocutor a que se está dirigindo a palavra). Exemplo:

Atenção! Com relação aos aspectos linguísticos do texto abaixo, analise a questão.

[...] Depois de alguns meses – quem sabe, anos – de obras, seu lugar está pronto, tinindo de novo, ... (Superinteressante, mar./2013, Edição 316, p. 24).

139. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) Em " – quem sabe, anos – " os travessões foram empregados para substituir o emprego de vírgulas e indicar uma pausa enfática.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – o travessão pode ser usado para substituir o uso de parênteses, vírgulas e dois-pontos, em alguns casos, a fim de destacar algum elemento no interior da frase, servindo muitas vezes para realçá-lo.

---

140. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) As vírgulas no período "caberá ao médico assistente, como profissional que acompanha o doente, elaborar relatórios e atestados de acordo com os parâmetros estabelecidos pelo referido órgão", poderão ser substituídas por travessões, sem que haja transgressões às recomendações do nível formal da língua escrita. (Extraído da Revista Visão Jurídica, número 82, p. 30).

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – o travessão, assim como a vírgula, pode ser usado para separar expressões ou frases explicativas, intercaladas na oração.

---

141. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2012)

Vírgula pode ser uma pausa... ou não: Não, espere. / Não espere.

Ela pode sumir com seu dinheiro: 23,4 /2,34.

Pode ser autoritária: Aceito, obrigado. / Aceito obrigado.

Pode criar heróis: Isso só, ele resolve. / Isso só ele resolve.

E vilões: Esse, juiz, é corrupto. / Esse juiz é corrupto.

Ela pode ser a solução: Vamos perder, nada foi resolvido./ Vamos perder nada, foi resolvido.

A vírgula muda uma opinião: Não queremos saber. / Não, queremos saber.

A vírgula pode ser ofensiva: Não quero comprar seu porco. / Não quero comprar, seu porco.

Uma vírgula muda tudo.

(ABI: 100 anos lutando para que ninguém mude uma vírgula da sua informação. Campanha dos 100 anos da ABI – Associação Brasileira de Imprensa)

Dentre os sinais de pontuação, destaca-se a vírgula, pois tem várias funções. Dada a sua importância, analise as frases:

I. Muito se fala sobre este problema, mas, na realidade, acho eu, pouco se tem feito para encontrar a solução.

II. Muito se fala sobre este problema, mas na realidade acho eu, pouco se tem feito, para encontrar a solução.

III. Muito se fala sobre este problema, mas acho que, na realidade pouco se tem feito, para encontrar a solução.

IV} Na realidade, muito se fala sobre este problema, mas pouco se tem feito para encontrar a solução, acho eu.

V} Muito se fala, sobre este problema, mas na realidade acho eu, pouco se tem feito, para encontrar a solução.

(A) Apenas as assertivas I, II e IV estão corretas.

(B) Apenas as assertivas II e V estão corretas.

(C) Apenas as assertivas I e IV estão corretas.

(D) Apenas a assertiva I está correta.

(E) Todas as assertivas estão corretas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

I e IV – em ambas, a pontuação está corretamente empregada, uma vez que isolou o autor da opinião "acho eu", o adjunto adverbial de modo "na verdade" e usou a vírgula para separar a conjunção adversativa "mas".

Alternativas "a", "b", "d" e "e":

II, III e V – "acho eu" deve vir entre vírgulas para isolar o autor da opinião / não se separa com vírgula o adjunto adverbial de finalidade (para encontrar a solução), não se separa com vírgula uma oração subordina substantiva.

Com relação aos aspectos linguísticos dos trechos abaixo, analise a questão.

Trecho 1: *"Armatya Sen, Nobel de Economia em 1998, não é apenas um pensador singular que..."*

Trecho 2: *"...para a transformação e expansão das fronteiras de disciplinas supostamente estanques: economia e..."*

Trecho 3: *"...com base nos 'princípios de justiça': aqueles escolhidos em uma situação contratual original..."*

Trecho 4: *"...é que esses princípios não servem para fazer comparações entre situações específicas – aquelas que realmente precisamos enfrentar e ponderar – e situações alternativas, entre as quais precisamos decidir racionalmente o que é mais justo buscar realizar."*

(Adaptado de: Donxnelli-Mendes, R. Zero Hora, 3 de março de 2012, p. 4-5.

142. (MPE – RS – Promotor de Justiça – RS/2012) Assinale com V (verdadeiro) ou F (falso) as seguintes afirmações acerca do emprego de sinais de pontuação no texto, conforme estejam ou não corretas.

( ) As vírgulas (trecho 1) assinalam a intercalação de um segmento com função explicativa.

( ) Os dois-pontos (trechos 2 e 3) poderiam ser substituídos por vírgula, sem prejuízo da correção ou do significado do texto.

( ) Os travessões (trecho 4) poderiam ser substituídos por vírgulas, sem prejuízo da correção e do significado do texto.

( ) A vírgula (trecho 4) assinala a separação de orações coordenadas.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é

(A) V – F – V – F.

(B) V – V – V – F.

(C) F – V – F – V.

(D) F – F – V – F.

(E) F – F – F – V.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta

V. sim, trata-se de aposto explicativo que deve ser isolado por vírgulas.

V. sim, neste caso, os dois-pontos e a vírgula têm a mesma função.

V. sim, um segmento com função explicativa pode ser isolado por dupla vírgula ou duplo travessão.

F. não orações coordenadas (independentes sintaticamente entre si).

Alternativa "a", "c","d" e"e" – eliminadas diante das explicações na alternativa "b"

143. (MPE – MS – Promotor de Justiça – MS/2011) Assinale a alternativa em que **há erro** no emprego da vírgula:

(A) Na próxima semana, vou passar no escritório para assinar os documentos;

(B) À tarde, iniciarei os testes de aptidão física;

(C) O gerente do banco atendeu às reivindicações, e os clientes se acalmaram na fila;

(D) O piloto informou os passageiros da turbulência e a aeromoça, esqueceu-se de adotar as providências necessárias;

(E) No horário programado, a comissão de organizadores e os palestrantes do I Ciclo de Palestras sobre Direitos Humanos vão estar presentes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – não se deve separar por vírgula o sujeito (aeromoça) do verbo (esqueceu-se).

Alternativa "a", "b" e "e" – usa-se vírgula para separar adjunto adverbial, nestes casos, de tempo.

Alternativa "c" – embora a conjunção "e" seja aditiva, usa-se a vírgula antes de sua ocorrência, quando as orações coordenadas possuírem sujeitos diferentes. Neste caso:

- O gerente é sujeito de "atendeu", e os clientes sujeito de "se acalmaram"

144. (MPE – PB – Promotor de Justiça – PB/2011) Considerando o discurso abaixo, assinale a alternativa em que há emprego correto da pontuação:

São parasitos os que exploram a sociedade para benefício próprio os que vivem à custa do estado sem nada produzir os que vegetam em lastimosa ociosidade tais indivíduos são como células cancerosas que roubam a vitalidade do organismo social. (Por Santo Agostinho, com adaptações).

(A) "São parasitos os que exploram a sociedade, para benefício próprio, os que vivem à custa do Estado, sem nada produzir; os que vegetam em lastimosa ociosidade. Tais indivíduos são como células cancerosas, que roubam a vitalidade do organismo social".

(B) "São parasitos, os que exploram a sociedade para benefício próprio. Os que vivem à custa do Estado sem nada produzir; os que vegetam em lastimosa ociosidade. Tais indivíduos, são como células cancerosas que roubam a vitalidade do organismo social".

(C) "São parasitos os que exploram a sociedade, para benefício próprio, os que vivem à custa do Estado sem nada produzir; os que vegetam em lastimosa ociosidade. Tais indivíduos são como células, cancerosas, que roubam a vitalidade do organismo social.

(D) "São parasitos os que exploram a sociedade para benefício próprio, os que vivem à custa do Estado sem nada produzir, os que vegetam em lastimosa ociosidade. Tais indivíduos são como células cancerosas que roubam a vitalidade do organismo social".

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – a vírgula é usada para separar termos de uma mesma função sintática que, neste caso, são classificados como "sujeito" da oração.

Alternativa "a" –

- Não se pode intercalar o trecho (para benefício próprio/ sem nada produzir)
- Não se usa ponto e vírgula para separar termos de uma mesma função sintática (os que vegetam...). O correto aí seria a vírgula.
- Não se usa vírgula antes do pronome relativo "que" uma vez que ele retoma o termo antecedente (células cancerosas)

Alternativa "b"

- Não se separa o predicativo do sujeito do próprio sujeito
- Não se separa, por ponto, termos de uma mesma função sintática (sujeito)
- Não se usa ponto e vírgula para separar termos de uma mesma função sintática (sujeito)
- Não se separa por vírgula o sujeito (tais indivíduos) do verbo (são)

Alternativa "c"

- Não se pode intercalar o trecho (para benefício próprio)
- Não se usa ponto e vírgula para separar termos de uma mesma função sintática (os que vegetam...). O correto aí seria a vírgula.
- Não se separa, por vírgulas, o substantivo do adjetivo (células cancerosas)

Trecho para responder a próxima questão.

Correto, pois entendo que a ortotanásia não se confunde com a eutanásia passiva, esta, sim, criminalizada pelo art.121, § 1°, do Código Penal. [...] Entretanto, há uma diferença fundamental que faz com que recebam tratamentos jurídicos distintos. Na eutanásia passiva, será esta conduta negativa a causa do resultado morte, enquanto que [...] Não há, assim, o dever de agir do médico porque, apesar do seu dever...

145. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2011) Analise as proposições abaixo: (trechos extraídos da Entrevista de Luciano Fincatti Santoro à Revista Visão Jurídica, nº 64, p.10)

I. A supressão da vírgula logo após a palavra "Correto" prejudicaria a correção gramatical do texto.

II. Alterando-se a frase "... com que recebam tratamentos jurídicos distintos" para "*com que recebam tratamentos jurídicos e atenção distinta*", ela estaria ainda de acordo com as orientações da escrita formal.

III. Na expressão "do resultado morte", a palavra destacada pode ser substituída por pelo sem que isto cause prejuízo ao sentido original do texto e à correção gramatical.

IV. Se a palavra "porque" for substituída por pois, mantém-se o sentido apresentado no texto e a coerência textual.

V. Na palavra "Código" mantém-se o acento gráfico mesmo seguindo os novos parâmetros da reforma ortográfica.

(A) Apenas as assertivas II e IV estão corretas.

(B) Apenas as assertivas III e V estão corretas.

(C) Apenas as assertivas I, II, IV e V estão corretas.

(D) Apenas as assertivas I, II, III e V estão corretas

(E) Todas as assertivas estão corretas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

I. entre o advérbio de modo "correto" e a conjunção "pois! deve haver a vírgula para que a função da conjunção seja explicativa como pede a oração.

II. tratamentos jurídicos distintos / tratamento jurídico e atenção distinta (neste caso, o adjetivo "distinta" refere-se apenas ao substantivo "atenção")

IV. porque = pois (ambas são conjunções explicativas)

V. todas as paroxítonas continuam acentuadas, segundo o Novo Acordo Ortográfico.

Alternativas "a", "b", "d" e "e": III – causa do resultado e não causa pelo resultado.

146. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2011) Quanto à pontuação das assertivas abaixo:

I. É consenso entre especialistas que a legislação ambiental brasileira é uma das mais modernas do mundo; é preciso ter muito cuidado, porém, quando se faz uma legislação em nível nacional que contempla, por exemplo, os problemas de queimada e desmatamento na Amazônia, ou o recuo de construções no Mato Grosso, e se traz essa realidade para uma cidade como Blumenau (SC), que está no meio de um vale.

II. Assim sendo, ele solicita esclarecimentos à luz do disposto no art. 27, parágrafo único e art. 26, inciso III, m, ambos do RICMS/SC quanto à alíquota correta a ser aplicável nas vendas internas e interestaduais para empresas de construção civil.

III. Tudo depende da demanda e da ação que for movida, diz Pinheiro, salientando que o custo é alto.

IV. O desenvolvimento econômico a qualquer preço, colocando em risco as riquezas naturais, é um processo de produção insustentável.

V. No tribunal local, foi dado provimento à apelação interposta pelo ofendido, ficando o condomínio obrigado a pagar 70 salários mínimos de indenização por sua responsabilidade na falha na prestação do serviço de segurança contratado pelo condomínio.

(A) Apenas as assertivas II, III e V estão corretas.

(B) Apenas as assertivas I, II e IV estão corretas.

(C) Apenas as assertivas I, III, IV e V estão corretas.

(D) Apenas as assertivas II, III, IV e V estão corretas.

(E) Todas as assertivas estão corretas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

I. para separar orações coordenadas não unidas por conjunção, que guardem relação entre si usa-se o ponto e vírgula ("...modernas do mundo; é preciso ter muito cuidado...") / vírgulas isolando uma conjunção adversativa (, porém,) e a expressão (, por exemplo,)

III. uso correto de dupla vírgula para isolar o autor da fala.

IV. uso correto das vírgulas para isolar uma expressão explicativa.

V. locução adverbial de lugar (no tribunal local) devidamente isolada pela primeira vírgula. Quanto à segunda, marca uma correta pausa de voz num longo período.

Alternativas "a", "b", "d" e "e": II – ao invés do conectivo "e" usado em "parágrafo único e art. 26," o correto seria uma vírgula.

2.4. UFMT

147. (UFMT – Promotor de Justiça – MT/2012) Orações ou termos coordenados assindéticos devem ser separados por vírgula. Assinale o trecho em que as vírgulas NÃO exemplificam essa regra.

(A) Na Constituição está dito que os atos de improbidade importarão em perda da função pública, indisponibilidade de bens, suspensão dos direitos políticos, ressarcimento ao Erário.

(B) Hoje, o Poder Executivo e o Poder Legislativo são mais atraentes, oferecem melhores condições financeiras que o Judiciário.

(C) Tal como a Polícia Federal, o Ministério Público, se começar a agir voluntaristicamente, vai se ver obrigado a recuar diante da reação da imprensa e da sociedade.

(D) O Judiciário é o poder que mais resiste ao canto da sereia da prepotência, da demagogia, do enriquecimento fácil.

(E) É um julgamento incomum pelas circunstâncias em que o Ministério Público diz que os crimes ocorreram, pelo número de protagonistas, pela quantidade de imputações.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

Alternativa "a" – termos coordenados assindéticos devem ser separados por vírgulas: g *"...perda da função pública, indisponibilidade de bens, suspensão dos direitos políticos, ressarcimento ao Erário."*

Alternativa "b" – oração coordenada assindética (sem conjunção). Se houvesse a conjunção "e" após a palavra "atraentes", a vírgula não seria necessária g *"... o Poder Executivo e o Poder Legislativo são mais atraentes, oferecem melhores condições..."*

Alternativa "d" – termos coordenados assindéticos devem ser separados por vírgulas g *"... da prepotência, da demagogia, do enriquecimento fácil."*

Alternativa "e" – termos coordenados assindéticos devem ser separados por vírgulas g *"... pelo número de protagonistas, pela quantidade de imputações."*

148. (Procurador do Município – Prefeitura de Cuiabá – MT/2007 – UFMT) Assinale a alternativa em que a vírgula separa aposto, tal como em: Diz aqui numa revista científica que o doutor indiano Devendra Sinhg, da Universidade do Texas, chefiando...

(A) Isto sem dúvida abre horizontes quiçá radiosos para muitos de nós, homens e mulheres, hoje escravizados pelo pensamento único imposto por estetas de meia-tigela.

(B) A maioria concordaria em que mulher tem que ter cintura, faz parte da figura feminina, é clássico, e até constituinte do doce mistério das mulheres.

(C) Sou provocado a aventurar-me em terreno tão resvaladiço por causa das notícias, cada vez mais

frequentes, de moças que, na busca de atingir o padrão de beleza vigente, caem vítimas de anorexia nervosa e morrem.

(D) E há muitas gordinhas, sim senhor, mantidas no modelo violão.

(E) E, mais ainda, não se trataria de algo arbitrário na evolução da espécie, mas relacionado com a saúde.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – A vírgula está separando (isolando) o aposto de nós: homens e mulheres.

Alternativa "b" –As vírgulas separam oração coordenada explicativa (pois faz parte da figura feminina) e termos coordenados.

Alternativa "c" –As vírgulas separam intercalações. Leia o que está em negrito: **Sou provocado a aventurar-me em terreno tão resvaladiço por causa das notícias**, cada vez mais frequentes, **de moças que**, na busca de atingir o padrão de beleza vigente, **caem vítimas de anorexia nervosa e morrem.**

Alternativa "d" –A vírgula isola, aí, o vocativo **sim senhor**.

Alternativa "e" –As vírgulas isolam o termo de inclusão **mais ainda** que intensifica a afirmativa da ideia proposta. Na terceira ocorrência, separa oração coordenada adversativa.

2.5. CONSULPLAN

149. (CONSULPLAN – Analista Judiciário – Área Judiciária – TSE/2012)

(...) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque no sistema da corrupção o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro. (...)

Assinale a alternativa que apresente pontuação para o trecho anterior igualmente correta.

(A) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque – no sistema da corrupção – , o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.

(B) Se a conduta de praxe seria não, apenas, aceitar, mas exigir dinheiro, em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque no sistema da corrupção, o valor da honestidade, que garantiria – ao sujeito – a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.

(C) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque, no sistema da corrupção, o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia – , foi substituído pela vantagem do dinheiro.

(D) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever – , é porque, no sistema da corrupção, o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia – foi substituído pela vantagem do dinheiro.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Uso correto de travessões e vírgulas, dando clareza ao texto.

Alternativa "a" – Colocação errada de travessões.

Alternativa "b" – Emprego excessivo de vírgulas e uso errado de travessão.

Alternativa "c" – Travessões colocados em lugar errado.

2.6. FGV

150. (FGV –-2014)

Assinale a alternativa em que se deixou de empregar uma vírgula, contrariando as regras de pontuação.

(A) *"Quando surgiu e se popularizou o automóvel anunciou-se uma utopia possível".*

(B) *"No futuro previsto os carros ofereceriam transporte rápido e lazer inédito em estradas magnetizadas para guiá-los mesmo sem motorista".*

(C) *"Isso se os carros não voassem, ou se não houvesse um helicóptero em cada garagem".*

(D) *"Nada disso aconteceu".*

(E) *"Foi outra utopia que pifou".*

COMENTÁRIOS

Não se usa vírgula entre sujeito e verbo (sujeito e predicado) e entre verbo e complemento.

GABARITO: A

– Ocorre inversão, ou seja, a oração não se inicia com o sujeito e por isso a vírgula é obrigatória.

É necessário marcar a inversão da oração adverbial temporal: ***"Quando surgiu e se popularizou o automóvel**, anunciou-se uma utopia possível".*

DICA:

Inversão de locução adverbial longa ou oração adverbial = vírgula obrigatória

Inversão de advérbio até três palavras = vírgula facultativa

DICA:

A vírgula é opcional depois de adjunto adverbial deslocado que tenha até três palavras. Use a vírgula para destacar a informação do adjunto adverbial:

Hoje, todos os envolvidos na criação e os que nele trabalharam e trabalham têm motivo de sobra para comemorar — disse o senador.

Hoje todos os envolvidos na criação e os que nele trabalharam e trabalham têm motivo de sobra para comemorar — disse o senador.

No país, foram eleitos 77 prefeitos e 1.204 vereadores filiados ao partido, o que representa crescimento de 42,9% e de 54,4% com relação a 2008, respectivamente.

No país foram eleitos 77 prefeitos e 1.204 vereadores filiados ao partido, o que representa crescimento de 42,9% e de 54,4% com relação a 2008, respectivamente.

Na terça-feira, a comissão temporária que examina a modernização do Código de Defesa do Consumidor (CDC) debateu a necessidade de regras para publicidade infantil.

No mês passado, os governos do Brasil, África do Sul, Índia e China, grupo chamado de Basic, finalizaram declaração conjunta sobre as medidas de redução de emissões de gases de efeito estufa.

Use sempre a vírgula para separar o adjunto adverbial longo que estiver deslocado.

Na reunião de ontem, a CRE aprovou a indicação de Affonso Emílio de Alencastro Massot para o cargo de embaixador no Líbano e a de Arnaldo Caiche D'Oliveira, que já responde pelo Benin, para exercer cumulativamente o cargo de embaixador no Níger.*

*Fonte: http://www12.senado.gov.br/manualdecomunicacao/redacao-e-estilo/estilo/adverbio-deslocado

Alternativa "b" – *"No futuro previsto os carros ofereceriam transporte rápido e lazer inédito em estradas magnetizadas para guiá-los mesmo sem motorista".* = **Deslocamento (inversão) de adjunto adverbial de tempo com três palavras.**

Alternativa "c" – *"Isso se os carros não voassem, ou se não houvesse um helicóptero em cada garagem".* = **A vírgula separa oração alternativa.**

Alternativa "d" – *"Nada disso aconteceu".* = **Não se usa vírgula em orações na ordem direta**: sujeito + verbo.

Alternativa "e" – *"Foi outra utopia que pifou".* = **Não se usa vírgula em oração subordinada adjetiva** (que: pronome relativo) **restritiva.**

---

151. (FGV) Quanto ao emprego dos sinais de pontuação, assinale a frase incorreta.

(A) Embora seja difícil aceitar uma derrota, o conceito de democracia implica reconhecer que o desejo da maioria deve ser respeitado.

(B) É preciso não esquecer um fato: a justiça social deve ser perseguida, apesar de existir desigualdade de forças políticas e econômicas entre os atores sociais.

(C) Propomo-nos, apesar da paixão envolvida no assunto, a trazer ao foco do debate o tema da ética, que é e será sempre o centro de nossas preocupações.

(D) O jeitinho e a cordialidade, traços definidores do caráter brasileiro, segundo alguns, precisam ser redefinidos à luz do processo histórico que constituiu a brasilidade.

(E) Mais complexas ainda, são as reflexões acerca das relações sociais baseadas na trocas de favores: sejam eles legalmente concebidos ou desviantes da norma geral.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (E)

- Mais complexas, **ainda,** são as reflexões acerca das relações sociais baseadas nas trocas de **favores. Sejam** eles legalmente concebidos ou desviantes da norma geral.

Alternativa "a" – A vírgula separa inversão da oração subordinada adverbial concessiva.

Alternativa "b" – Os dois pontos explicam o fato.

Alternativa "c" – Intercalação: **Propomo-nos**, apesar da paixão envolvida no assunto, **a trazer ao foco do debate o tema**; a última vírgula separa oração adjetiva (pronome relativo) explicativa (generaliza).

Alternativa "d" – Intercalações: **O jeitinho e a cordialidade**, traços definidores do caráter brasileiro, segundo alguns, **precisam ser redefinidos à luz do processo histórico que constituiu a brasilidade.**

▶ **Dica:**

Oração subordinada adjetiva explicativa: com pontuação (generaliza: todos).

Oração subordinada adjetiva restritiva: sem pontuação (especifica: apenas).

152. (Delegado de Polícia - AP/ 2010 - FGV) Quanto ao emprego dos sinais de pontuação, assinale a frase incorreta.

(A) Embora seja difícil aceitar uma derrota, o conceito de democracia implica reconhecer que o desejo da maioria deve ser respeitado.

(B) É preciso não esquecer um fato: a justiça social deve ser perseguida, apesar de existir desigualdade de forças políticas e econômicas entre os atores sociais.

(C) Propomo-nos, apesar da paixão envolvida no assunto, a trazer ao foco do debate o tema da ética, que é e será sempre o centro de nossas preocupações.

(D) O jeitinho e a cordialidade, traços definidores do caráter brasileiro, segundo alguns, precisam ser redefinidos à luz do processo histórico que constituiu a brasilidade.

(E) Mais complexas ainda, são as reflexões acerca das relações sociais baseadas na trocas de favores: sejam eles legalmente concebidos ou desviantes da norma geral.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Mais complexas, **ainda,** são as reflexões acerca das relações sociais baseadas nas trocas de **favores. Sejam** eles legalmente concebidos ou desviantes da norma geral.

Alternativa "a" –A vírgula separa inversão da oração subordinada adverbial concessiva.

Alternativa "b" –Os dois pontos explicam o fato.

Alternativa "c" –Intercalação: **Propomo-nos,** apesar da paixão envolvida no assunto, **a trazer ao foco do debate o tema;** a última vírgula separa oração adjetiva (pronome relativo) explicativa (generaliza).

Alternativa "d" –Intercalações: **O jeitinho e a cordialidade,** traços definidores do caráter brasileiro, segundo alguns, **precisam ser redefinidos à luz do processo histórico que constituiu a brasilidade.**

▶ Dica:

1) Oração subordinada adjetiva explicativa: com pontuação (generaliza: todos).

2) Oração subordinada adjetiva restritiva: sem pontuação (especifica: apenas).

Trecho para a próxima questão:

Texto 1:

REFUNDAR AS POLÍCIAS

No Rio de Janeiro ninguém está satisfeito com as polícias, tanto Civil quanto Militar. Nem a sociedade, nem os próprios oficiais. Porém, as forças fluminenses não são as únicas em estado adiantado de degradação: suas deficiências apenas se tornaram mais visíveis.

Em quase todo o país as avaliações sobre essas corporações são negativas. Os baixos salários são o problema central e têm como consequência direta a necessidade de "bicos" para completar o orçamento familiar. (...)

Mas quando não se fiscaliza a segurança privada para não atrapalhar o mal "benigno" ou a informalidade "bem intencionada", tampouco se vigia a ilicitude maligna. As milícias estão aí para não nos deixar mentir. E os turnos de trabalho irracionais? Quem teria coragem de racionalizá-los, se isso implica a quebra da espinha dorsal do bico?

Nos últimos anos, sobretudo no Rio, a corrupção policial agravou-se. A arcaica política do "confronto" conferia ao policial a autoridade para matar de forma arbitrária. E, ao mesmo tempo, lhe dava tacitamente o poder para negociar a vida e a liberdade, instituindo uma moeda forte e atraente – e em permanente inflação. Assim, o combate "fora-da-lei" ao crime buscou liquidá-lo, utilizando-se de práticas como a execução de delinquentes. O resultado foi desastroso e paradoxal: uma polícia envolvida em dinâmicas criminosas e, portanto, impotente diante do próprio crime. (....) (Luiz Eduardo Soares, Le Monde Diplomatique, janeiro 2009)

153. (FGV – Oficial de Cartório – RJ/2009) As aspas são empregadas em alguns casos no texto. Assinale a alternativa em que as aspas são empregadas para realçar termo ou expressão de gíria.

(A) ... e têm como consequência direta a necessidade de "bicos"...

(B) ...para não atrapalhar o mal "benigno"...

(C) ...ou a informalidade "bem intencionada"...

(D) A arcaica política do "confronto"...

(E) ...o combate "fora-da-lei" ao crime...

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – As aspas estão destacando a gíria em "bicos"; a palavra bicos, do uso coloquial (gíria) está destacada pelas aspas porque difere da linguagem formal do texto.

Alternativa "b" – Em o mal "benigno" há destaque para o sentido irônico da antítese.

Alternativa "c" – As aspas estão empregadas no sentido irônico.

Alternativa "d" – Aspas no sentido de destacar ironia.

Alternativa "e" – Sentido irônico realçando a antítese fora da lei combater o crime.

154. (FGV – Oficial de Cartório – RJ/2009) "No entanto, o tema central do encontro – o desmatamento de uma região que perde um Rio de Janeiro por mês de floresta – foi o que menos parece ter mobilizado os participantes". Assinale a alternativa que apresenta o objetivo do emprego dos travessões.

(A) Fazer uma enumeração.

(B) Esclarecer uma informação.

(C) Retificar um dado anterior.

(D) Definir um vocábulo.

(E) Apresentar um argumento.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Aposto explicativo: esclarece a informação citada anteriormente.

Alternativa "a" – Não enumera.

Alternativa "c" – Não corrige.

Alternativa "d" – Não define.

Alternativa "e" – Não há argumento.

2.7. MOVENS

Atenção! O texto refere-se à questão seguinte.

Conciliar desenvolvimento e conservação da natureza é o dilema do mundo neste século. Para o Brasil, é mais do que isso, é uma equação com variáveis muito mais complexas do que a da média mundial. Para início de conversa, o país abriga 60% da Amazônia, a maior floresta tropical do planeta e o maior repositório de espécies animais e vegetais ainda desconhecidas. Essa preciosidade biológica insubstituível tem sido queimada, para abrir espaço para a pata do gado, como lenha para carvão sem valor algum. A incineração da floresta é ainda mais perversa por jogar volumes gigantescos de gases que aumentam o ritmo do temido aquecimento global. Sem uma única chaminé de fábrica, só queimando seu tesouro vegetal, a Amazônia brasileira coloca o Brasil na quarta posição na lista dos maiores emissores de dióxido de carbono. Essa é a Amazônia, insônia do mundo, que precisa ser conservada.

Sobre o mesmíssimo território instala-se uma outra Amazônia, que quer e precisa ser desenvolvida. Nela vivem mais de 20 milhões de brasileiros. São pessoas com carteira de identidade, família para alimentar, filhos na escola, televisão na sala e uma vontade enorme de imitar em tudo o estilo de vida de seus conterrâneos das grandes cidades do Sul. Essa população, quase o dobro da existente na cidade de São Paulo, vive da destruição indiscriminada dos recursos naturais à sua volta. Árvores raras e animais selvagens são diariamente mortos e trocados por bens de consumo imediato, principalmente a fonte de energia mais barata disponível, o óleo que vem do Sul, de navio, e é usado para tocar o gerador que alimenta o televisor. Nesse mundo, uma tartaruga vale dois capítulos da novela.

Nesse contexto, o grande desafio da atual geração de brasileiros com algum poder nas mãos será encontrar um caminho para crescer preservando a natureza. (O desafio de crescer e preservar. In: Veja, n.° 2.118, 24/6/2009, com adaptações).

155. (Delegado de Polícia – PA/ 2009 – MOVENS) Acerca da pontuação empregada no texto, assinale a opção correta.

(A) No trecho "Para o Brasil, é mais do que isso,", as vírgulas poderiam ser substituídas por travessões, sem acarretar erro gramatical ou alteração de sentido.

(B) No trecho "Para início de conversa," estaria correto substituir a vírgula por dois-pontos.

(C) Em "Sem uma única chaminé de fábrica,", a vírgula poderia ser substituída por ponto e vírgula sem acarretar erro gramatical.

(D) As vírgulas que isolam o trecho "quase o dobro da existente na cidade de São Paulo" poderiam ser corretamente substituídas por parênteses.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Quando a pontuação separa aposto explicativo, podem ser usados, juntos, os travessões, parênteses ou vírgulas.

Alternativa "a" –A vírgula indica inversão da oração subordinada adverbial final.

Alternativa "b" –Os dois-pontos explicam, citam ou enumeram. Não é o caso.

Alternativa "c" –Indica inversão.

▶ **Dica:**

1) Inversão no período simples: a oração não se inicia com o sujeito.

2) Inversão no período composto: o período não se inicia com a oração principal (sem conjunção).

2.8. UEG

156. (Delegado de Polícia – GO/ 2008 – UEG) No trecho, "ela [a fortuna] é sempre amiga dos jovens: estes são menos judiciosos, mais aguerridos e mais audazes ao comandá-la", os dois pontos podem ser substituídos sem prejuízo de sentido por

(A) 'já que'.

(B) 'portanto'.

(C) 'contudo'.

(D) 'ainda que'.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – No trecho citado, os dois pontos levam à oração subordinada adverbial causal e a conjunção já que substitui os dois pontos, sem prejuízo do sentido do texto, pois implica na causa que justifica o fato de a sorte (fortuna) ser sempre amiga dos jovens;

Alternativa "b" –portanto – conjunção conclusiva, encerra a ideia de consequência, conclusão; alteraria pois o sentido do trecho citado.

Alternativa "c" –contudo – conjunção adversativa: expressa ideia de oposição, contraste – alteraria o sentido do trecho.

Alternativa "d" –ainda que – locução conjuntiva: expressa ideia adversa, de oposição, contraste, com sentido adversativo; alteraria o sentido do trecho citado.

2.9. ESAF

157. (ESAF – Analista Processual – MPU/2004) Assinale a opção em que todos os sinais de pontuação foram empregados de acordo com a norma gramatical.

(A) Já se disse várias vezes que a pós-modernidade morreu, mas ninguém até agora havia afirmado de forma tão cabal, que ela nem sequer existiu. É justamente o que defende o filósofo Gilles Lipovetsky. Ele argumenta que, desde os anos 50, o mundo vive uma intensificação jamais vista do tripé, que sempre caracterizou a modernidade: o mercado, o indivíduo e a escalada técnico-científica.

(B) A partir dos anos 80, com o avanço brutal da globalização e das novas tecnologias de comunicação, esse fenômeno – que ele batizou de hipermodernidade – adquire uma velocidade espantosa, passando a interferir diretamente sobre comportamentos e modos de vida.

(C) Mais do que um lance de retórica, o termo hipermodernidade define a situação paradoxal da sociedade contemporânea, dividida de modo quase esquizofrênico entre a cultura do excesso e o elogio da moderação. De um lado, diz Lipovetsky, "é preciso ser, mais moderno que o moderno, mais jovem que o jovem, estar mais na moda, que a própria moda"; de outro, valorizam-se "a saúde, a prevenção, o equilíbrio, o retorno da moral ou das religiões orientais".

(D) Esse convívio frenético de ordem e desordem – ou "caos organizador", como define Lipovetsky – que identifica a sociedade hipermoderna, resulta paradoxalmente, na fragilização do indivíduo, que vê ruir as antigas formas de coesão social – Estado, religião, partidos revolucionários.

(E) Otimista – "isso hoje, é um defeito" – , ele rebate visões apocalípticas sobre o futuro e diz, que as crises sempre foram inerentes ao capitalismo – "sistema flexível, que aceita críticas e sabe se adaptar".

(Adaptado de Marcos Flamínio Peres)

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Leia o que está em negrito: A partir dos anos 80, com o avanço brutal da globalização e das novas tecnologias de comunicação, **esse fenômeno** – que ele batizou de hipermodernidade – adquire uma velocidade espantosa, passando a interferir diretamente sobre comportamentos e modos de vida.

Correções:

Alternativa "a" –Já se disse várias vezes que a pós-modernidade morreu, mas ninguém até agora havia afirmado, **de forma tão cabal,** que ela nem sequer existiu. É justamente o que defende o filósofo Gilles Lipovetsky. Ele argumenta que, desde os anos 50, o mundo vive uma intensificação jamais vista do **tripé que** sempre caracterizou a modernidade: o mercado, o indivíduo e a escalada técnico-científica.

Alternativa "c" –Mais do que um lance de retórica, o termo hipermodernidade define a situação paradoxal da sociedade contemporânea, dividida de modo quase esquizofrênico entre a cultura do excesso e o elogio da moderação. De um lado, diz Lipovetsky, "é preciso **ser mais** moderno que o moderno, mais jovem que o jovem, estar mais na **moda** que a própria moda"; de outro, valorizam-se "a saúde, a prevenção, o equilíbrio, o retorno da moral ou das religiões orientais".

Alternativa "d" –Esse convívio frenético de ordem e desordem – ou "caos organizador", como define Lipovetsky – que identifica a sociedade **hipermoderna resulta,** paradoxalmente, na fragilização do **indivíduo**

que vê ruir as antigas formas de coesão social – Estado, religião, partidos revolucionários.

Alternativa "e" – Otimista – "isso hoje, é um defeito" –, ele rebate visões apocalípticas sobre o futuro e **diz** que as crises sempre foram inerentes ao capitalismo – "sistema flexível **que** aceita críticas e sabe se adaptar".

2.10 FEPESE

Texto:

Todo mundo reclama, mas ninguém vai a uma escola pública para ver os problemas que esta escola possui, nem mesmo àquela escola em que seu filho estuda, ou àquela que fica ao lado da sua casa. Todos culpam os políticos, porém esquecem que fomos nós que elegemos esses caras para nos representar.

158. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) Quanto à pontuação, não há reparos a fazer no texto acima.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (verdadeiro) – Aos porquês mais importantes que sempre são pedidos em provas:

- A vírgula antes das conjunções adversativas (mas, porém, contudo, todavia etc.) é obrigatória;
- Vírgula obrigatória em alternância (ou).

Texto:

O interessante na opinião de todos os docentes, é que a fonte dos problemas institucionais tem raiz na participação dos técnico-administrativos e dos estudantes. Gostaria que o tão ocupado e ilustre docente, citasse ao menos uma função que um administrativo ou aluno podem decidir ou realizar com liberdade.

159. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) O texto acima apresenta erros de pontuação que são eliminados na redação dada a seguir:

O interessante, na opinião de todos os docentes, é que a fonte dos problemas institucionais tem raiz na participação dos técnico-administrativos e dos estudantes. Gostaria que o tão ocupado e ilustre docente citasse ao menos uma função que um administrativo ou aluno podem decidir ou realizar com liberdade.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (verdadeiro) – Perceba que no enunciado (primeira versão do texto), há erro na primeira vírgula por separar sujeito do verbo; na reescritura, intercalou-se a adjunto adverbial de lugar na opinião de todos os docentes tornando o trecho correto. No segundo período também foi inserida uma vírgula entre sujeito e verbo; na reescritura foi retirada.

▶ **Dica:** Não se separa com pontuação o sujeito do verbo (ou do predicado).

2.11 VUNESP

Leia o trecho da canção Chão de Estrelas, de Orestes Barbosa e Silvio Caldas, para responder à questão.

Nossas roupas comuns dependuradas
Na corda qual bandeiras agitadas
Pareciam um estranho festival
Festa dos nossos trapos coloridos
A mostrar que nos morros mal vestidos
É sempre feriado nacional

A porta do barraco era sem trinco
Mas a lua furando nosso zinco
Salpicava de estrelas nosso chão
Tu pisavas nos astros distraída
Sem saber que a alegria desta vida
É a cabrocha, o luar e o violão.

160. (Vunesp – Procurador Município – Prefeitura São José do Rio Preto – SP/2014) Assinale a alternativa cuja frase está correta quanto à pontuação.

(A) Cabrocha, a lua furava nosso zinco, salpicava de estrelas nosso chão; saiba, pois, o que é a alegria dessa vida: você, o luar e o violão.

(B) Cabrocha a lua furava, nosso zinco, salpicava de estrelas, nosso chão; saiba, pois, o que é, a alegria dessa vida: você, o luar e o violão.

(C) Cabrocha a lua furava, nosso zinco, salpicava de estrelas nosso chão; saiba, pois, o que é a alegria dessa vida, você, o luar e o violão.

(D) Cabrocha, a lua, furava nosso zinco, salpicava de estrelas, nosso chão; saiba pois o que é a alegria dessa vida: você, o luar e o violão.

(E) Cabrocha, a lua, furava nosso zinco, salpicava, de estrelas, nosso chão; saiba, pois o que é a alegria, dessa vida; você, o luar e o violão.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

✪ **Nota das autoras:** Faz-se necessário ler a canção para saber o sentido do período.

1. Intercalação: Cabrocha, a lua furava nosso zinco, salpicava de estrelas nosso chão. Eliminadas B, C, D e E. Fácil demais a questão;

2. O uso de ponto-e-vírgula é indicado porque a conjunção "pois" vem em seguida intercalada (deixa o texto claro);

3. Os dois-pontos separam o aposto explicativo.

2.12 IBFC

Trecho para a questão.

(...) Existe gente que faz disso uma profissão, e passa a vida elogiando os outros, mas não é delas que estamos falando. Só vale se for de verdade, e se você começar a se exercitar nesse jogo e, com sinceridade, elogiar o que merece ser elogiado, irá espalhando alegrias e prazeres por onde passar, que fatalmente reverterão para você mesma, porque a vida costuma ser assim.

Apesar de a vida ter me mostrado que nem sempre é assim, continuo acreditando no que aprendi na infância, e isso me faz muito bem.

(disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiari/ff0611200502.htm)

161. (IBFC – Analista Judiciário – Área Judiciária-TRE-AM/2014) No trecho, ocorre a expressão "com sinceridade". Sobre ela, só não é correto afirmar que:

(A) exerce a função sintática de adjunto adverbial.

(B) possui certa mobilidade na oração em que está inserida.

(C) se relaciona, semanticamente, com o verbo "elogiar".

(D) não tem obrigatoriedade de estar entre vírgulas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – Perigo: no enunciado, há o advérbio "não" e na alternativa também. Isso significa **sim** (não + não = sim). Exemplo: Não posso afirmar que não estudei hoje = eu estudei hoje. As vírgulas são obrigatórias por estarem intercalando o adjunto adverbial entre termos adicionais. Leia o que está em negrito: **se você começar a se exercitar nesse jogo e**, com sinceridade, **elogiar o que merece ser elogiado, irá espalhando alegrias e prazeres por onde passar.**

Alternativa "a" – É adjunto adverbial.

Alternativa "b" – Sim. Mobilidade porque toda intercalação possui.

Alternativa "c" – Elogiar o que merece ser elogiado como? Com sinceridade.

QUESTÕES DIFÍCEIS

1. ESAF

Texto para a questão.

Duas pesquisas divulgadas recentemente revelam que os brasileiros não são tão solidários quanto parece. Uma delas aponta ainda que, quando abrimos a mão, a preferência é pelos pedintes, a quem se destinam 30% da ajuda. As organizações não governamentais (ONGs) levam só 14%. Além disso, poucos contribuintes sabem que é possível abater impostos através de doações – embora o complicado processo afaste também quem conhece o sistema.

(Adaptado **de IstoÉ, 19/3/2014.)**

01. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2014) Preserva-se a coerência textual e o respeito às regras de pontuação ao

(A) inserir uma vírgula depois de "recentemente".

(B) substituir o primeiro sinal de parênteses em "(ONGs)" por um travessão, e o segundo por uma vírgula.

(C) inserir uma vírgula antes de "que".

(D) substituir o travessão antes de "embora" por uma vírgula.

(E) inserir uma vírgula depois de "também".

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – Correto porque o travessão separa oração subordinada adverbial concessiva no final da oração. A vírgula poderia ser usada, tranquilamente.

Alternativa "a" – Se inserisse vírgula depois do advérbio, deveria ser inserida outra antes do mesmo advérbio para intercalar. Cuidado: a intercalação não é obrigatória.

Alternativa "b" – Cá entre nós, nem precisava queimar os neurônios: ou usamos parênteses, ou duas vírgulas, ou dois travessões (a não ser que esteja no final do período, como ocorreu na alternativa *d*). Detalhe: trata-se de aposto explicativo.

Alternativa "c" – Não se usa pontuação entre oração principal e oração subordinada substantiva. **Dica:** note que podemos encaixar o pronome demonstrativo **isto** antes da conjunção integrante **que**.

Alternativa "e" – O mesmo processo explicado na alternativa *a* ocorreu aqui: Se inserisse vírgula depois de também, deveria ser inserida outra antes para intercalar.

---

02. (ESAF – PECFAZ/2013) Em relação às estruturas linguísticas do texto a seguir, assinale a opção correta.

Aspiradores de pó, liquidificadores, espremedores e batedeiras, aquecedores e secadores de cabelo consumidos no Brasil já não são produzidos pela indústria local, e, sim, importados, em especial, do Sudeste Asiático e da China, segundo a Associação Brasileira da Indústria Eletroeletrônica (Abinee). Mas é ocioso lamentar a perda de mercado ou pleitear medidas protecionistas para a indústria local, como fazem seus representantes nos gabinetes de Brasília, pois o principal problema é o custo de produzir aqui, mais oneroso do que na maioria dos países concorrentes, deixando o produto local fora do mercado internacional. Na China, além de mão de obra barata, tributação módica, infraestrutura adequada, uma logística de alto nível permite o embarque e o desembarque de mercadorias em portos modernos, com custos razoáveis e muito mais eficiência do que no Brasil. O mesmo acontece em outros países voltados para a exportação. Isso faz toda a diferença.

---

03. (O Estado de S. Paulo,–18/6/2013).

(A) As vírgulas destacadas no início do texto justificam-se porque isolam elementos de mesma função sintática componentes de uma enumeração.

(B) Ao se substituir o termo "Mas" por Todavia, Entretanto ou Contudo prejudica-se a correção gramatical e alteram-se as informações originais do período.

(C) A substituição de "pois" por "porquanto" altera as informações originais do período.

(D) A forma verbal "fazem" está no plural porque concorda com "medidas protecionistas".

(E) Prejudica-se a correção gramatical dos períodos ao se eliminar o termo "do" em "do que" nas suas duas ocorrências.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

✪ **Nota da autora:** Questão de pontuação, período composto (conjunção), concordância e regência.

– Duas informações: 1. Elementos da mesma função sintática: sujeito paciente. Note que a oração está na voz passiva analítica (verbo ser + particípio); 2. Enumeração porque cabe a conjunção *e* no lugar das vírgulas. Corretíssima alternativa *a*.

Alternativa "b" – principais conjunções coordenadas adversativas: mas, porém, contudo, todavia, no entanto, entretanto. Não prejudica a correção gramatical nem são alteradas as informações, a ideia de oposição permanece.

Alternativa "c" – Não altera, pois possuem a finalidade de explicar. Principais conjunções explicativas: que, porque, pois e porquanto.

Alternativa "d" – Seus representantes (sujeito) fazem.

Alternativa "e" – Em comparações, a preposição é facultativa. Todas as formas estão corretas: *mais oneroso do que na maioria dos países concorrentes* ou *mais oneroso que na maioria dos países concorrentes; muito mais eficiência do que no Brasil* ou *muito mais eficiência que no Brasil.*

---

04. (ESAF – Analista-Tributário – RFB/2012) Assinale a opção correta a respeito do uso da vírgula no texto.

Junto à inadiável reforma, os países que já concentram um número considerável de gente no topo da pirâmide etária deveriam começar a refletir também sobre mecanismos bem concretos para estimular a permanência desse grupo no mercado de trabalho. Refiro-me, basicamente, a incentivos de ordem fiscal, que podem ser concedidos, por exemplo, aos empregadores que contratem funcionários mais velhos. Se estes continuarem em atividade, não apenas deixarão de impactar negativamente as finanças públicas como permanecerão pagando impostos e produzindo riqueza. No final, isso é bem vindo aos cofres do governo, à economia do país como um todo e também às poupanças de cada um. (Adaptado de Ronald Lee, Fazer mais com menos braços. Entrevista à Veja, 30 de maio de 2012)

(A) Por se tratar de pontuação facultativa, com a função de enfatizar as ideias do texto, a retirada da vírgula depois de "reforma" preservaria a correção e a coerência textuais.

(B) Para que sejam respeitadas as normas de pontuação da língua portuguesa, deve ser inserida uma vírgula depois de "etária".

(C) Apesar de alterar as relações semânticas do texto, a omissão da vírgula depois de "fiscal" também respeitaria as regras de pontuação e preservaria a coerência da argumentação.

(D) Como marca a finalização de uma oração, a vírgula depois de "atividade" admite a substituição pelo ponto e vírgula, sem prejudicar a correção do texto.

(E) No contexto sintático em que é usada, as regras de pontuação admitem como correta a substituição da vírgula depois de "governo", para separar termos de uma enumeração.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Perigo! Cita na alternativa que ocorrerá alteração nas relações semânticas (de significados): com vírgula, a oração *que podem ser concedidos* é adjetiva explicativa; retirando a vírgula, passa a ser restritiva. Altera o sentido, mas respeita as regras de pontuação.

Alternativa "a" –A vírgula não é facultativa por indicar inversão.

Alternativa "b" –Separaria o sujeito do verbo. Outra opção seria intercalar a oração: os países, **que já concentram um número considerável de gente no topo da pirâmide etária,** deveriam começar a refletir também sobre mecanismos bem concretos para estimular a permanência desse grupo no mercado de trabalho.

Alternativa "d" –A vírgula separa a oração subordinada adverbial condicional que está na ordem inversa – anteposta à principal.

Alternativa "e" –Não admite a substituição por separar termos paralelos: *bem vindo / aos cofres do governo, / à economia do país como um todo e também / às poupanças de cada um.*

---

05. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2012) Marque o trecho com pontuação correta.

(A) Com efeito pareceu, a Nabuco, que carecendo o Brasil, como os demais países do continente, de um desenho institucional capaz de lhe conferir a consistência que ele, ainda, não podia extrair de sua invertebrada sociedade havia sido a Monarquia, que permitira a construção do Estado de direito no Brasil.

(B) Com efeito pareceu a Nabuco que carecendo o Brasil (como os demais países do continente), de um desenho institucional capaz de lhe conferir a consistência, que ele ainda não podia extrair de sua invertebrada sociedade, havia sido a Monarquia que permitira a construção do Estado de direito no Brasil.

(C) Com efeito, pareceu a Nabuco que, carecendo o Brasil, como os demais países do continente, de um desenho institucional capaz de lhe conferir a consistência que ele ainda não podia extrair de sua invertebrada sociedade, havia sido a Monarquia que permitira a construção do Estado de direito no Brasil.

(D) Com efeito, pareceu a Nabuco, que carecendo o Brasil, como os demais países do continente, de um desenho institucional, capaz de lhe conferir a consistência, que ele ainda não podia extrair de sua invertebrada sociedade, havia sido a Monarquia, que permitira a construção do Estado de direito no Brasil.

(E) Com efeito: pareceu a Nabuco que, carecendo o Brasil – como os demais países do continente – de um desenho institucional, capaz de lhe conferir a consistência, que ele ainda não podia extrair de sua invertebrada sociedade havia sido a Monarquia, que permitira a construção do Estado de direito no Brasil.

(Christian Edward Cyril Lynch, "O Império é que era a República: a monarquia republicana de Joaquim Nabuco". Lua Nova: Revista de Cultura e Política, n.85, 2012, com adaptação)

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

- Com efeito, = inversão;
- Intercalação: **pareceu a Nabuco que**, carecendo o Brasil, como os demais países do continente, de um desenho institucional capaz de lhe conferir a consistência que ele ainda não podia extrair de sua invertebrada sociedade, havia sido a Monarquia que permitira a construção do Estado de direito no Brasil.
- Intercalação 2: **carecendo o Brasil**, como os demais países do continente, **de um desenho institucional capaz de lhe conferir a consistência que ele ainda não podia extrair de sua invertebrada sociedade.**

Como as frases são repetidas, os erros estão em negrito.

Alternativa "a" –Com efeito **pareceu,** a Nabuco, **que** carecendo o Brasil, como os demais países do continente, de um desenho institucional capaz de lhe conferir a consistência que **ele, ainda,** não podia extrair de sua invertebrada sociedade havia sido a **Monarquia, que** permitira a construção do Estado de direito no Brasil.

Alternativa "b" –**Com efeito** pareceu a **Nabuco que** carecendo o Brasil **(como os demais países do continente),** de um desenho institucional capaz de lhe conferir a **consistência, que** ele ainda não podia extrair de sua invertebrada sociedade, havia sido a Monarquia que permitira a construção do Estado de direito no Brasil.

Alternativa "d" –Com efeito, pareceu a **Nabuco, que** carecendo o Brasil, como os demais países do continente, **de um desenho institucional, capaz** de lhe conferir a consistência, que ele ainda não podia extrair de sua invertebrada sociedade, havia sido a **Monarquia, que** permitira a construção do Estado de direito no Brasil.

Alternativa "e" –Com efeito: pareceu a Nabuco **que, carecendo o Brasil – como os demais países do continente – de um desenho institucional,** capaz de lhe conferir a **consistência, que** ele ainda não podia extrair de sua invertebrada sociedade havia sido a **Monarquia, que** permitira a construção do Estado de direito no Brasil.

Texto

Uma coisa que me incomoda na discussão política brasileira, especialmente a mais popular: até parece, quando se fala de mazelas e malfeitos, que nada temos a ver com os políticos que nós mesmos elegemos. Parece que eles desembarcaram de Marte.

Ora, o fato é que daqui a poucos meses completaremos 30 anos de eleições seguidas e livres. Em 1982, os brasileiros puderam eleger governadores de oposição, isto é: puderam votar. O país tinha sido privado do voto livre desde 1965, quando ocorreram, embora tuteladas, as últimas eleições para governador de Estado. Na década de 70, as principais prefeituras, centenas na verdade, se tornaram cargos de nomeação da ditadura. Quase nada restou para o voto.

Mas, agora, são já três décadas de escolha livre, cada vez mais limpa, dos governantes. Ninguém decide impostos ou penas de prisão se não tiver sido eleito por nós. A democracia de 1985, aliás, foi além da instituída em 1946, porque permitiu o voto do analfabeto, liberou os partidos comunistas e, com o voto eletrônico e a propaganda na TV, fez despencar a fraude e a influência do coronelismo. Então, por que teimamos em renegar nossa responsabilidade na escolha de maus políticos? (Renato Janine Ribeiro, "Os políticos vem de Marte?" Valor Econômico, 02/07/2012).

06. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2012) Assinale a proposição incorreta a respeito das estruturas linguísticas e dos sentidos do texto.

(A) Uma forma de conferir mais ênfase ao segmento "que nós mesmos elegemos" é reescrevê-lo assim: **que fomos nós mesmos quem elegemos.**

(B) A conjunção "ora" funciona, no texto, como partícula de transição do pensamento entre o primeiro e o segundo parágrafos, podendo ser substituída por **Pois bem.**

(C) Nas duas vezes em que ocorrem no texto, os dois-pontos admitem substituição por vírgula, sem prejuízo da pontuação correta e sem alteração do sentido original.

(D) As vírgulas duplas de "centenas na verdade" são substituíveis por duplo parêntese, sem prejuízo da pontuação correta e sem alteração do sentido original.

(E) O sentido do verbo "renegar", tal como empregado na penúltima linha do texto, equivale ao de **renunciar, rejeitar, prescindir de.**

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de pontuação, conjunção e semântica.

1) Uma coisa que me incomoda na discussão política brasileira, especialmente a mais popular: – os dois pontos **não** podem ser substituídos por vírgula porque cita (uma coisa que incomoda).

2) Em 1982, os brasileiros puderam eleger governadores de oposição, **isto é,** puderam votar – aqui, sim, os dois pontos poderiam ser substituídos por separar a expressão explicativa **isto é**, o que pode ocorrer, também com **ou seja**.

▶ **Dica** – Os dois pontos são usados para:

- anunciar a fala de personagens nas histórias de ficção.
- anunciar uma citação.
- anunciar uma enumeração.
- antes de orações apositivas.
- indicar um esclarecimento, resultado ou resumo do que se disse.
- na invocação das correspondências (*fonte: www.soportugues.com.br*).

Alternativa "a" –A ênfase é dada pelo pronome **mesmos** mais a inserção do verbo.

Alternativa "b" -Ora, no contexto, equivale à conclusão: pois bem, sendo assim.

Alternativa "d" -As vírgulas duplas podem ser substituídas por parênteses ou travessões.

Alternativa "e" -Então, por que teimamos em renegar (**renunciar, rejeitar, prescindir de**) nossa responsabilidade na escolha de maus políticos?

---

07. (ESAF - MTE - Auditor-Fiscal do Trabalho/-2010) Em relação ao emprego de vírgulas no texto abaixo, assinale a justificativa correta.

Consagrado como espaço para a reflexão dos grandes temas mundiais,(1) o Fórum Social Mundial retorna a Porto Alegre no ano em que completa uma década. Mesmo que o encontro seja compartilhado com cinco cidades da Região Metropolitana e que outras reuniões do mesmo evento se realizem durante 2010 em vários países, Porto Alegre é o lugar-referência dos debates inaugurados em 2000. Foi a partir dessa capital que o Fórum se transformou, já no evento inaugural, numa oportunidade de congregar, anualmente, ONGs,(2) personalidades,(2) estudantes, políticos e todos os envolvidos nas discussões sobre educação,(3) ambiente,(3) economia, globalização, direitos humanos e cooperação.

O debate de ideias que contribuam para a melhoria das relações humanas é a essência do Fórum, que seus organizadores esperam reforçar este ano. Organizado há 10 anos com o argumento de que era preciso criar um contraponto ao Fórum Econômico de Davos,(4) o Fórum Social sempre esteve envolvido em saudáveis controvérsias. A polêmica sobre a maior ou menor relevância de um ou de outro fórum é da natureza de qualquer debate. Esse confronto foi aos poucos diluído e prevalece hoje o entendimento de que o importante é a livre manifestação de pontos de vista e de diferenças. O importante,(5) no entanto,(5) é que o Fórum continue contribuindo para a exposição de ideias e propostas às questões mundiais. (Zero Hora (RS), Editorial, 18/01/2010)

(A) (1) A vírgula isola oração subordinada adverbial comparativa anteposta à principal.

(B) (2) As vírgulas isolam aposto explicativo.

(C) (3) As vírgulas isolam elementos de mesma função gramatical componentes de enumeração.

(D) (4) A vírgula isola oração subordinada adjetiva restritiva anteposta à principal.

(E) (5) As vírgulas isolam adjunto adverbial de tempo intercalado na oração principal.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - *nas discussões sobre educação,(3) ambiente, (3) economia, globalização, direitos humanos e cooperação* = possui função sintática de adjunto adverbial e se podemos inserir a conjunção e no lugar das vírgulas, trata-se de enumeração ou termos coordenados.

1) A vírgula indica inversão da oração subordinada adverbial causal.

2) As vírgulas isolam elementos de mesma função sintática (objetos diretos de congregar) componentes de enumeração.

4) Em primeiro lugar, não há pontuação em oração subordinada adjetiva restritiva; em segundo, não há pronome relativo para ser classificada como adjetiva.

5) As vírgulas intercalam a locução conjuntiva adversativa.

---

08. (ESAF - MTE - Auditor-Fiscal do Trabalho/-2010) Assinale o trecho em que foram plenamente atendidas as regras de emprego dos sinais de pontuação.

Alternativa "a" -Na linguagem de hoje, a palavra "provedor" evoca mais facilmente um serviço do mundo virtual do que o homem que, sozinho, sustentava materialmente sua família. É que saiu do ar esse provedor que, até recentemente, ocupava não só a cabeceira da mesa, mas também um lugar de indiscutível poder na família.

Alternativa "b" -Na metade do século XX, introduziu-se no espírito das mulheres, uma ideia subversiva: a identidade e a liberdade passavam pela independência econômica em face do homem provedor.

Alternativa "c" -Nos anos 90, quando as grandes transformações econômicas, a globalização e a reestruturação das empresas com supressão de empregos, tornaram precário e inseguro o salário dos homens, as mulheres aumentaram seu investimento no mercado de trabalho.

Alternativa "d" -Para as mulheres, o trabalho remunerado já não representava somente uma escolha de afirmação de identidade ou de realização pessoal em algum campo profissional. Ele tornou-se uma necessidade. Homens e mulheres passaram a somar salários, única maneira para muitos, de garantir o nível de vida de uma família, em que os homens já não eram confiáveis como provedores.

Alternativa "e" -Na prática, a inserção das mulheres no mercado de trabalho, não atenuou suas responsabilidades em relação à família. Simplesmente, a famosa vida doméstica passou a ser encaixada nos interstícios dos horários de sua vida profissional. As mulheres porém, senhoras de si, passaram a se perguntar: por que continuava cabendo exclusivamente a elas a responsabilidade pela vida privada.

(Adaptado de Rosiska Darcy de Oliveira. Reengenharia do tempo. Rio de Janeiro: Rocco, 2003, p.75-76.)

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

✪ **Nota da autora:** Caso seja necessário, vá às dicas de pontuação no final do capítulo.

- Na linguagem de hoje = inversão de adjunto adverbial;
- o homem que, sozinho, sustentava = intercalação do predicativo do sujeito;
- que, até recentemente, ocupava = intercalação do adjunto adverbial de tempo;
- não só a cabeceira da mesa, mas também um lugar = usa-se vírgula anteposta a conjunções coordenadas adversativas.

Correções:

Alternativa "b" –Na metade do século XX, introduziu-se, **no espírito das mulheres,** uma ideia subversiva: a identidade e a liberdade passavam pela independência econômica em face do homem provedor.

Alternativa "c" –Nos anos 90, quando as grandes transformações econômicas, a globalização e a reestruturação das empresas com supressão de **empregos tornaram** precário e inseguro o salário dos homens, as mulheres aumentaram seu investimento no mercado de trabalho.

Alternativa "d" –Para as mulheres, o trabalho remunerado já não representava somente uma escolha de afirmação de identidade ou de realização pessoal em algum campo profissional. Ele tornou-se uma necessidade. Homens e mulheres passaram a somar salários, única maneira, **para muitos,** de garantir o nível de vida de uma **família em que** os homens já não eram confiáveis como provedores.

Alternativa "e" –Na prática, a inserção das mulheres no mercado de **trabalho não** atenuou suas responsabilidades em relação à família. Simplesmente, a famosa vida doméstica passou a ser encaixada nos interstícios dos horários de sua vida profissional. As mulheres, **porém,** senhoras de si, passaram a se perguntar: por que continuava cabendo exclusivamente a elas a responsabilidade pela vida privada.

---

09. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal do Brasil/2009) Os trechos abaixo foram adaptados do Editorial do **Correio Braziliense** de 18/8/2009. Assinale a opção em que o segmento apresenta erro de emprego dos sinais de pontuação.

(A) Um dos agravantes é a falta de experiências bem-sucedidas e replicáveis Brasil afora, além da ausência de um marco regulatório que estabeleça não apenas responsabilidades, como também padrões mínimos a serem observados na destinação do lixo pelas autoridades regionais e municipais.

(B) O que fazer com essa perigosa montanha de sujeira é um desafio que, assim como ocorre nos países mais desenvolvidos, a sociedade brasileira precisa enfrentar e resolver o quanto antes.

(C) Os brasileiros produzem 43 milhões de toneladas de lixo por ano. Isso quer dizer, que todos os dias são retiradas 150 mil toneladas de restos, embalagens e dejetos das casas, ruas e avenidas em todo o país.

(D) Depois de quase 20 anos de debates e embates entre interesses divergentes, o país caminha para superar essa deficiência e, em breve, poderá contar com uma legislação federal que estabeleça diretriz a ser seguida em todo o território nacional.

(E) Já é hora de cada um dos que se dizem adeptos da preservação ambiental deixar de atirar lixo pela janela do carro ou de despejar suas sobras no lote vago do vizinho. Afinal, mais do que um modismo, o compromisso com a ecologia precisa ir além do discurso; requer atitude de cada um e o envolvimento de todos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

✪ **Nota da autora:** Leia as alternativas fazendo as intercalações. Saiba que tudo o que vem entre vírgulas pode ser retirado e a sequência do período será correta.

Na alternativa *c*:

Não se usa vírgula entre oração principal e oração subordinada substantiva. A dica para classificar a oração é encaixar o pronome demonstrativo catafórico (cita ideia) **isto**, assim a conjunção é classificada como integrante.

No período: **quer dizer (isto) que todos os dias são retirados** g *oração principal + dizer: V.T.D. +oração subordinada substantiva objetiva direta + que: conjunção integrante*

As alternativas *a, b, d* e *e* estão pontuadas corretamente.

---

10. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal do Brasil/2009) Assinale a opção correta em relação ao emprego dos sinais de pontuação no texto abaixo.

A Conferência de Copenhague será a 15ª dos países que integram a Convenção do Clima, de 1992. É o prazo final para que se adote um tratado substituto ao Protocolo de Kyoto (1997), (1) que fracassou no objetivo de reduzir a poluição aceleradora do aquecimento glo-

bal. Teme-se que Copenhague fique aquém do que seria necessário para sanar as deficiências de Kyoto.

Em causa estão emissões dos gases do efeito estufa, como o CO2. Eles são produzidos por vários setores: (2) energia, (3) indústria, (3) transportes, (3) agricultura e desmatamento, entre os principais. Os compostos engrossam um cobertor invisível na atmosfera, (4) aquecendo-a globalmente.

A temperatura média já se elevou 0,7ºC em dois séculos. Para evitar que ultrapasse a barreira dos 2ºC, (5) considerada perigosa para a estabilidade do clima planetário, (5) pesquisadores estimam que seria preciso cortar até 40% das emissões antes do ano 2020. (Folha de S. Paulo, Editorial, 31/8/2009)

(A) (1) O emprego de vírgula se justifica porque isola oração subordinada adjetiva restritiva.

(B) (2) O emprego de sinal de dois-pontos justifica-se porque antecede citação de discurso alheio ao do autor do texto.

(C) (5) O emprego de vírgulas se justifica para isolar oração subordinada reduzida de gerúndio.

(D) (4) O uso de vírgula se justifica para isolar expressão apositiva.

(E) (3) As vírgulas se justificam porque isolam elementos de mesma função sintática componentes de uma enumeração.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

✪ **Nota da autora:** Na alternativa *e*, os elementos possuem função sintática de aposto explicativo.

Alternativa "a" –oração subordinada adjetiva (possui pronome relativo) restritiva (não possui pontuação e não pode ser retirada porque o sentido é alterado). A oração possui pontuação, logo é explicativa.

Alternativa "b" –Os dois-pontos indicam uma enumeração.

Alternativa "c" –A vírgula indica que a oração é subordinada adjetiva explicativa reduzida de particípio.

Alternativa "d" –A vírgula isola uma oração subordinada adjetiva restritiva (não deveria ter vírgula) reduzida (sem pronome relativo) de gerúndio.

---

11. (ESAF – Analista Tributário da Receita Federal do Brasil/2009) Assinale a justificativa correta para o emprego de vírgula.

A economia real nos Estados Unidos e na Europa segue em compasso de espera. Isso significa que o produto e o emprego seguem em declínio, (1) mas a uma velocidade menor.

Seja como for, as injeções de liquidez, os programas de compra de ativos podres,(2) as garantias oferecidas pelas autoridades e a capitalização das instituições financeiras não fizeram pouco. Além de construir um piso para a deflação de ativos, as intervenções de provimento de liquidez suscitaram,(3) diriam os keynesianos,(3) um movimento global no interior da circulação financeira. O inchaço da circulação financeira teve efeitos mesquinhos sobre a circulação industrial,(4) ou seja,(4) sobre a movimentação do crédito e da moeda destinada a impulsionar a produção e o emprego.

Observa-se,(5) no entanto,(5) um rearranjo dentro do estoque de riqueza que responde aos preços esperados dos ativos "especulativos" por parte dos investidores que sobreviveram ao colapso da liquidez. Agarrados aos salva-vidas lançados com generosidade pelo gestor em última instância do dinheiro – esse bem público objeto da cobiça privada – os senhores da finança tratam de restaurar as práticas e operações de "normalização dos mercados", isto é, aquelas que levaram à crise. (Luiz Gonzaga Beluzzo, adaptado do Valor Econômico de 14 de outubro de 2009).

(A) (1) A vírgula separa oração coordenada assindética.

(B) (2) A vírgula separa elementos de mesma função sintática componentes de uma enumeração.

(C) (3) As vírgulas isolam uma expressão apositiva.

(D) (4) As vírgulas isolam conjunção coordenativa conclusiva.

(E) (5) As vírgulas isolam conjunção subordinativa concessiva intercalada na oração principal.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

✪ **Nota da autora:** As expressões enumeradas possuem função sintática de sujeito.

Alternativa "a" –A vírgula separa oração coordenada sindética (possui conjunção) adversativa (ideias opostas).

Alternativa "c" –As vírgulas isolam uma oração intercalada entre o verbo transitivo direto e objeto direto (suscitaram um movimento).

Alternativa "d" –As vírgulas isolam expressão explicativa. Expressões que vêm entre vírgulas: **ou seja** e **isto é**.

Alternativa "e" –As vírgulas isolam locução conjuntiva adversativa.

---

12. (ESAF – Analista Tributário da Receita Federal do Brasil/2009) Assinale o trecho do texto adaptado de Boris Fausto (Memória e História) em

que, na transcrição, foram plenamente atendidas as regras de pontuação.

(A) Em uma fila no banco, na época em que, no Brasil, houve congelamento dos depósitos bancários, uma jovem, de traços orientais, permanecia calada e, aparentemente, atenta aos movimentos de todos, como se a qualquer momento, alguém pudesse passar à sua frente.

(B) Pensei, ainda, em lembrá-la de que, por outro lado, a experiência dos japoneses no Brasil estava longe de representar um desastre. No entanto, bastou olhar para a neta do sol nascente e, logo, perceber que ela se transportara para outras esferas, alheia à fila e a tudo o mais que a rodeava.

(C) Não era nada disso. A jovem decifrou o enigma, em tom suspiroso, explicando que, no começo dos anos de 1930, grande parte da família decidira emigrar para a Califórnia, mas seu avô meio aventureiro, optara infelizmente, pelo Brasil.

(D) Tentei esboçar um discurso sociológico, ponderando, que os imigrantes japoneses localizados na costa do Pacífico, tinham atravessado momentos adversos, especialmente, no curso da Segunda Guerra Mundial, quando muitos deles foram transferidos para campos de confinamento no meio-oeste americano.

(E) De repente, sua voz se ergueu enigmática: "A culpa de tudo isso é do meu avô." Nos segundos seguintes, a melhor hipótese que me passou pela cabeça, foi a de um avô conservador, aconselhando a neta a poupar, em vez de gastar, apoiado em uma versão japonesa da fábula da cigarra e da formiga.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

✪ **Nota da autora:** Várias intercalações em todas as alternativas. Acompanhe os trechos em negrito para se certificar da correção:

"Pensei, ainda, em lembrá-la de que, por outro lado, a experiência dos japoneses no Brasil estava longe de representar um desastre. No entanto, bastou olhar para a neta do sol nascente e, logo, perceber que ela se transportara para outras esferas, alheia à fila e a tudo o mais que a rodeava."

Alternativa "a" –Faltou uma vírgula para intercalar o adjunto adverbial de lugar *a qualquer momento:* ***como se****, a qualquer momento,* ***alguém pudesse passar à sua frente.***

Alternativa "c"–Faltou uma vírgula para intercalar *meio aventureiro* e *infelizmente:* ***seu avô****, meio aventureiro,* ***optara****, infelizmente,* ***pelo Brasil.***

Alternativa "d" –Fácil eliminar por haver vários erros. Lembrando que a intercalação não é obrigatória, vamos à correção: *Tentei esboçar um discurso sociológico, ponderando que os imigrantes japoneses, localizados na costa do Pacífico, tinham atravessado momentos adversos, especialmente no curso da Segunda Guerra Mundial, quando muitos deles foram transferidos para campos de confinamento no meio-oeste americano.*

Alternativa "e" –Não se separa sujeito do verbo, é preciso retirar a vírgula: *a melhor hipótese que me passou pela cabeça foi a de um avô conservador ( )*

---

13. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/ 2006) Em relação ao texto a seguir, assinale a opção incorreta.

O Estado Contemporâneo enfrenta desafios maiores do que os do Estado Moderno. Se o segundo deveria, precipuamente, garantir o funcionamento da concorrência mercantil, o Estado Contemporâneo deve garantir, ao mesmo tempo, liberdade e igualdade; deve equilibrar os interesses entre capital e trabalho, tornando-se, para isso, cada vez mais intervencionista – o que o faz passar, aliás, por duas crises: a da legitimação (dessa intervenção) e a fiscal (diferença crescente entre as saídas necessárias e as entradas insuficientes à distribuição de recursos). (Raquel Veras Franco, Breve Histórico da Justiça e do Direito do Trabalho no Mundo – http://www.tst.gov.br/Srcar/Documentos/Historico)

(A) Em "maiores do que"(primeiro período), a eliminação de "do" mantém a correção gramatical do período.

(B) A expressão "segundo"(segundo período) retoma o antecedente "Estado Moderno"(primeiro período).

(C) O sinal de dois-pontos(último período) isola citação de outra voz que não a do autor do texto.

(D) Em "que o faz passar", o pronome "o" retoma o antecedente "Estado Contemporâneo"(segundo período).

(E) Os parênteses podem ser eliminados, sem prejuízo para a correção gramatical do período, desde que se coloque um travessão antes de "diferença"(final do texto).

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – os dois pontos apenas citam quais são as duas crises

✪ **Nota da autora:** Questão de pontuação, período composto e coesão.

Alternativa "a" –Por se tratar de uma comparação, a eliminação de do pode ocorrer, pois o emprego é facultativo.

Alternativa "b" –Cita, sequencialmente, o Estado Contemporâneo e o Estado Moderno. O segundo refere-se ao **Estado Moderno**.

Alternativa "d" –Basta substituir: *o Estado Contemporâneo deve garantir, ao mesmo tempo, liberdade e igualdade; deve equilibrar os interesses entre capital e trabalho, tornando-se, para isso, cada vez mais intervencionista – o que faz* **o Estado Contemporâneo** *passar, aliás, por duas crises*.

Alternativa "e" –Pode ocorrer a substituição por se tratar de uma explicação e finalizar o período.

---

14. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/2006) Assinale a opção que apresenta justificativa correta para o emprego da vírgula correspondente.

O setor de petróleo brasileiro merece legitimamente a comemoração pelo sucesso presente, (1) e as perspectivas do futuro contemplam êxito no trabalho de todas as empresas que atuam nessa área no Brasil, em especial, a Petrobras. Este futuro terá, com certeza, a marca do realismo e da humildade, (2) que são duas virtudes que, invariavelmente, andam juntas. Realismo no reconhecimento das possibilidades e limitações de todas as coisas. Humildade na renúncia a qualquer espécie de soberba, (3) de cega arrogância, (4) entendendo que a construção de uma nação e a consolidação de empresas fortes não são façanhas apenas de um punhado de homens, mas, sim, do esforço de uma sociedade inteira, (5) unida pelos laços multiplicadores da solidariedade nacional. (Joel Mendes Rennó, Jornal do Brasil, 19/04/2006)

(A) 1 – Isola oração subordinada adjetiva explicativa.

(B) 2 – Isola oração subordinada adjetiva restritiva.

(C) 3 – Isola complemento circunstancial.

(D) 4 – Isola oração reduzida de gerúndio.

(E) 5 – Isola oração apositiva.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Mais uma vez a oração reduzida. Lembremos: reduzida por não haver conjunção (substantivas e adverbiais) nem pronome relativo (adjetivas) e de gerúndio por haver o verbo entendendo. A reduzida pode ser formada por infinitivo, gerúndio ou particípio.

Alternativa "a" –a vírgula separa orações com sujeitos distintos.

Alternativa "b" –isola oração subordinada adjetiva explicativa e não restritiva (não possui vírgula).

Alternativa "c" –a vírgula isola termos coordenados: soberba e cega arrogância.

Alternativa "e" –isola oração subordinada adjetiva explicativa reduzida de particípio. Equivale a que é unida.

---

15. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/2006) Os trechos abaixo constituem um texto. Assinale a opção que apresenta erro de pontuação.

(A) As dívidas contraídas na imigração eram pagas com juros de 6% ao ano, não podendo o colono deixar de cumprir o contrato antes de saldá-las integralmente, além de ter de comunicar o contratante com seis meses de antecedência.

(B) O não cumprimento do contrato gerava multa para o colono. Outras cláusulas apareciam nos regulamentos das colônias, tais como as que impunham um controle disciplinar rigoroso, com aplicação de penas severas aos infratores.

(C) As experiências iniciais do trabalho livre do colono foram marcadas por inúmeros conflitos, desentendimentos, greves, denúncias de cobranças de taxas abusivas pelo importador, rebeldia contra controle moral e disciplinar severo imposto nas colônias.

(D) Esses fatos redundaram na acusação de Portugal ao Brasil da prática de escravidão disfarçada. O descumprimento do contrato pelo colono, por exemplo, poderia representar, além da rescisão, a multa e a pena de prisão de oito dias a três meses.

(E) Contudo, para os fazendeiros, o clima era, de insegurança generalizada no cumprimento dos contratos, o que reclamaria uma regulamentação jurídica mais eficiente do que a então vigente.

(Sidnei Machado. Disponível em: http://calvados.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/direito/article/viewPDFInterstitial/1766/1463)

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Não se separa o sujeito do verbo, nem o verbo do complemento ou do predicativo (no caso do verbo ser): Contudo, para os fazendeiros, o clima **era de** insegurança generalizada no cumprimento dos contratos, o que reclamaria uma regulamentação jurídica mais eficiente do que a então vigente.

Alternativa "a" –A primeira vírgula indica adição; a segunda, ênfase na informação.

Alternativa "b" –A primeira vírgula separa exemplificação; a segunda, expressão adverbial.

Alternativa "c" –As vírgulas isolam termos coordenados (pode-se encaixar a conjunção e).

Alternativa "d" –Intercalação da expressão por exemplo; intercalação da expressão além da rescisão.

---

16. (ESAF – Técnico da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Os trechos a seguir constituem sequencialmente um texto. Assinale o segmento que apresenta erro de pontuação.

(A) guardado com certa ansiedade por analistas do mercado financeiro, mas de leitura difícil para o cidadão comum, desta vez o Relatório de Inflação, divulgado a cada três meses pelo Banco Central (BC), tem um conteúdo que interessa a todos.

(B) A avaliação positiva do desempenho da economia e as projeções otimistas sugeridas por ele justificam a expectativa de um cenário promissor para os próximos meses.

(C) É um cenário no qual parece inevitável a queda dos juros a uma velocidade maior do que a decidida pelo Comitê de Política Monetária (Copom) em sua reunião de setembro, quando reduziu a taxa Selic em 0,25 ponto percentual.

(D) Apesar de seu título sugerir um estudo limitado à inflação, o documento trata, também do desempenho da economia brasileira e dos impactos que fatores externos podem ter sobre a atividade doméstica. Em praticamente todos os itens analisados, as perspectivas são boas.

(E) Se não ficar abaixo da meta de 5,1% fixada para este ano, a inflação deve ficar muito próximo dela, não há riscos de gargalos na produção que possam pressionar os preços internos, a cotação do dólar não preocupa, não existem ameaças reais ou riscos iminentes no cenário internacional.

(Itens adaptados de O Estado de S. Paulo, 01/10/2005, Editorial)

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

✪ **Nota da autora:** A intercalação não é considerada como um fenômeno obrigatório, mas sim facultativo.

O erro, na alternativa *d*, está na falta da vírgula para intercalar o vocábulo *também: Apesar de seu título sugerir um estudo limitado à inflação, o documento trata, **também**, do desempenho da economia brasileira e dos impactos que fatores externos podem ter sobre a atividade doméstica. Em praticamente todos os itens analisados, as perspectivas são boas.*

Para se certificar de que as pontuações das demais alternativas estão corretas, siga as ideias em negrito nas alternativas *a* e *b*.

Alternativa "a" –**Aguardado com certa ansiedade por analistas do mercado financeiro**, mas de leitura difícil para o cidadão comum, **desta vez o Relatório de Inflação**, divulgado a cada três meses pelo Banco Central (BC), **tem um conteúdo que interessa a todos.**

Alternativa "b" –**A avaliação positiva do desempenho da economia e as projeções otimistas sugeridas por ele justificam a expectativa de um cenário promissor para os próximos meses.** Exemplo de que não a intercalação não é obrigatória.

Alternativa "c" –A única vírgula utilizada no período separa a oração subordinada adverbial de tempo.

Alternativa "e" –A primeira vírgula indica inversão da oração condicional; a segunda e a terceira indicam explicação (encaixe *porque* ou *pois*).

---

17. (ESAF – Técnico da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Assinale a opção que apresenta erro de pontuação.

(A) Parece bastante óbvio que vários fatores têm forçado as empresas a assumirem responsabilidades sociais, até recentemente tidas como de exclusiva competência do Estado, para com um modelo de desenvolvimento sustentável, o que vai muito além do desempenho econômico-financeiro do negócio.

(B) Didaticamente, poderíamos organizar esses fatores em três grandes variáveis. Primeiro, a crise social aumenta a pressão por soluções para os problemas do crescente contingente de empobrecidos em todo o mundo.

(C) Brotam, em todos os lugares, mobilizações sociais: algumas localizadas sob a forma de ações comunitárias; outras de dimensões globais, como movimentos em defesa dos recursos naturais e movimentos em defesa da igualdade econômica e social.

(D) Segundo, a incapacidade do Estado de atender às crescentes demandas de contingentes sociais crescentemente numerosos. Parece que o avanço do contingente populacional, impõe demandas desproporcionalmente superiores à capacidade do Estado em atendê-las.

(E) Terceiro, o excesso de oferta generalizada e a crescente concentração dos meios de produção em todos os segmentos de negócios, que colocam em cheque a criatividade e os modelos de gestão empresarial. A todo momento, a sobrevivência das empresas é desafiada. A redução de custos tem exaurido e destruído organizações inteiras, sem distinção de tamanho e de áreas de atividade.

(Itens adaptados de Carlos Eugênio Friedrich Barreto – http://www2.uerj.br/~labore/cquestoesc/sociedade_2-main.htm)

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

✪ **Nota da autora:** Não se separa, com pontuação, sujeito do verbo e verbo do complemento. Exceto para indicar intercalação. Exemplo: **O leitor,** por gostar dos **comentários, resolveu todas as questões**.

As alternativas *a, b, c* e *e* estão corretas.

18. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Em relação ao texto, assinale a opção correta.

IBGE e BNDES mostraram que a desesperança nas cidades pequenas empurra a força de trabalho para as mídias, que detém maior dinamismo econômico. A carga da pesada máquina administrativa das pequenas "cidades mortas" é paga pelas verbas federais do Fundo de Participação dos Municípios. A economia local nesses municípios, como o IBGE também já mostrou, é dependente da chegada do pagamento dos aposentados do Instituto Nacional de Seguridade Social. O seminário "Qualicidade", por sua vez, confirmou que a favelização é produto de "duas ausências", a do crescimento econômico e a de política urbana. (Gazeta Mercantil, 17/10/2005, Editorial)

(A) A forma verbal "detêm" (ℓ.3) est. no plural para concordar com "cidades pequenas" (ℓ.2).

(B) A expressão "é paga" (ℓ.5) concorda com "máquina administrativa" (ℓ.4).

(C) As vírgulas após "municípios" (ℓ.7) e após "mostrou" (ℓ.8) justificam-se por isolar oração intercalada entre termos da oração principal.

(D) O emprego de dois-pontos após "duas ausências" (ℓ.12), no lugar da vírgula, prejudica a correção do período.

(E) A presença de artigo definido feminino singular, em suas duas ocorrências (ℓ.12), indica que se pode subentender após o artigo a repetição da palavra "favelização" (ℓ.11).

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

✪ **Nota da autora:** Como nas questões anteriores, leia o que está em negrito para se certificar da intercalação: **A economia local nesses municípios**, como o IBGE também já mostrou, **é dependente da chegada do pagamento dos aposentados do Instituto Nacional de Seguridade Social**.

A oração intercalada é subordinada adverbial conformativa: conforme o IBGE também já mostrou.

Alternativa "a" –Concorda com *médias* (cidades médias).

Alternativa "b" –Concorda com *a carga*.

Alternativa "d" –Não prejudica, pois cita quais são as *"duas ausências"*.

Alternativa "e" –Pode-se subentender a palavra *ausência*.

Leia o texto a seguir para responder à questão 11.

Enquanto o patrimônio tradicional continua sendo responsabilidade dos Estados, a promoção da cultura moderna é cada vez mais tarefa de empresas e órgãos privados. Dessa diferença derivam dois estilos de ação cultural. Enquanto os governos pensam sua política em termos de proteção e preservação do patrimônio histórico, as iniciativas inovadoras ficam nas mãos da sociedade civil, especialmente daqueles que dispõem de poder econômico para financiar arriscando. Uns e outros buscam na arte dois tipos de ganho simbólico: os Estados, legitimidade e consenso ao aparecer como representantes da história nacional; as empresas, obter lucro e construir através da cultura de ponta, renovadora, uma imagem "não interessada" de sua expansão econômica. (Nestor Garcia Canclini, Culturas Híbridas, p. 33, com adaptações)

19. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Assinale a alteração na pontuação que provoca incoerência textual ou erro gramatical no texto.

(A) A substituição do ponto final depois de "cultural" (ℓ.5) por dois-pontos.

(B) A substituição dos dois-pontos depois de "simbólico" (ℓ.11) pelo sinal de ponto-e-vírgula.

(C) A substituição do sinal de ponto-e-vírgula depois de "nacional" (ℓ.13) pela conjunção e.

(D) A inserção de uma vírgula depois de "construir" (ℓ.14).

(E) A retirada da vírgula depois de "ponta" (ℓ.14).

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – A vírgula não pode ser retirada por separar termos coordenados (substitua-a pela conjunção *e*): através da cultura de ponta **e** renovadora.

Alternativa "a" –A oração posterior explica os dois estilos de ação cultural.

Alternativa "b" –Na linha 13, o autor usa ponto-e-vírgula, ou seja, pode substituir os dois-pontos.

Alternativa "c" –Liga ideias complementares, adicionais.

Alternativa "d" –Marcaria uma intercalação: *(...) as empresas, **obter lucro e construir**, através da cultura de ponta, renovadora, **uma imagem "não interessada" de sua expansão econômica**.*

---

20. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Assinale o segmento inteiramente correto quanto ao emprego dos sinais de pontuação. (Tome os segmentos como partes consecutivas de um texto)

Alternativa "a" –Vários autores acreditam que o romance, Frankenstein, de Mary Shelley foi decisivo para o estabelecimento de uma visão negativa da ciência; mostrou pela primeira vez, a imagem do cientista tomado pela paixão e pela loucura, "criando" um monstro que foge ao seu controle e ameaça a sociedade. Surgia o "cientista louco" e a ciência como um instrumento perigoso e incontrolável.

Alternativa "b" –Segundo Wolpert, "foi Mary Shelley quem criou o monstro de Frankenstein não foi a ciência; mas sua imagem é tão poderosa, que alimentou medos sobre a engenharia genética que dificilmente serão removidos". Não se poderia imaginar que aquela alegoria seria tão nefasta para os cientistas.

Alternativa "c" –O livro de Mary Shelley é considerado o primeiro livro de ficção científica, mas o tratamento dado à figura dos cientistas, nas obras de ficção científica que o sucederam, não melhora a imagem do cientista. Num estudo em que se pediu que crianças, adolescentes e adultos definissem um cientista, por meio de desenho, a imagem que apareceu não foi positiva.

Alternativa "d" –A visão estereotipada do cientista – cara de louco, olhos esbugalhados, cabelos desgrenhados é difundida em diversos meios de comunicação muito poderosos (cinema, quadrinhos, desenhos animados, televisão); isso, em nada contribui para facilitar o entendimento do que seja ciência.

Alternativa "e" –Daí tive a ideia de montar um projeto de pesquisa! Se artistas convivessem com o cientista no laboratório, se vissem os experimentos e a carga emocional que despertam no pesquisador, se conversassem diariamente sobre seus trabalhos... Será que a ciência seria interpretada e mostrada de outra forma?

(Diucênio Rangel, "O diálogo entre ciência e arte", com adaptações)

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (x)

✪ **Nota da autora:** Questão anulada por haver duas alternativas corretas – ***c*** e ***e***.

Alternativa "a" –Faltou vírgula após o verbo *mostrou*, porque a expressão *pela primeira vez* possui vírgula posterior, indicando intercalação.

Alternativa "b" –Erro: ponto-e-vírgula antes da conjunção adversativa *mas*. Deveria ser apenas vírgula.

Alternativa "d" –Vários erros: *A visão estereotipada do cientista – **cara de louco, olhos esbugalhados, cabelos desgrenhados** – é difundida em diversos meios de comunicação muito poderosos (cinema, quadrinhos, desenhos animados, televisão). **Isso** em nada contribui para facilitar o entendimento do que seja ciência.*

---

21. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) No texto abaixo foram substituídos sinais de pontuação por números. Assinale a sequência de sinais de pontuação que devem ser inseridos nos espaços indicados para que o texto se torne coerente e gramaticalmente correto.

Desconsidere a necessidade de transformar letras minúsculas em maiúsculas. Os seres humanos sofrem sempre conflitos de interesse com os ressentimentos, facções, coalizões e instáveis alianças que os acompanham (1) no entanto, o que mais interessa nesses fenômenos conflituosos não é o quanto eles nos separam, mas quão frequentemente eles são neutralizados, perdoados e desculpados. Nos seres humanos (2) com seu extraordinário dom narrativo, uma das principais formas de manutenção da paz é o dom humano de apresentar (3) dramatizar e explicar as circunstâncias atenuantes em torno de violações que ameaçam introduzir conflito na habitualidade da vida (4) o objetivo de tal narrativa não é reconciliar, não é legitimar, nem mesmo desculpar, mas antes (5) explicar. (Jerome Bruner. Atos de significação, adaptado)

	1	2	3	4	5
a)	;	,	.	:	,
b)	;	-	;	.	;
c)	,	;	-	;	:
d)	.	,	;	;	:
e)	.	,	,	.	,

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

✪ **Nota da autora:** Resolver através de eliminação.

Iniciando pelo item 5, eliminam-se três alternativas (***b, c*** e ***d***).

(...) o objetivo de tal narrativa não é reconciliar, não é legitimar, nem mesmo desculpar, mas antes, explicar. A

vírgula é obrigatória por se tratar de zeugma – a vírgula indica a omissão do verbo ser: *é*.

Através do item 4, chega-se à resposta: *( ) as circunstâncias atenuantes em torno de violações que ameaçam introduzir conflito na habitualidade* ***da vida. O objetivo*** *de tal narrativa não é reconciliar ( )*

1) Qualquer pontuação sugerida, cabe.
2) Por ser uma intercalação: vírgula.
3) Termos coordenados (cabe a conjunção *e*): vírgula.

---

22. (ESAF – Secretaria da Receita Federal – Técnico da Receita Federal/2003) Em relação ao texto, assinale a opção incorreta a respeito dos sinais de pontuação.

O governo, de janeiro a maio deste ano, arrecadou R$ 937 milhões adicionais pormeio do Programa de Integração Social – PIS. Em dezembro do ano passado, a alíquota da contribuição subiu de 0,65% para 1,65%. O aumento foi concedido para compensar possíveis perdas de arrecadação com o fim da cumulatividade – incidência da contribuição em todas as etapas da fabricação do mesmo produto –, que foi aprovado no final do ano passado. (Sílvia Mugnatto, Folha de S.Paulo, 01/09/2003)

(A) As vírgulas da linha 1 se justificam por isolar um complemento circunstancial intercalado entre o sujeito e o predicado do período.

(B) Eliminando-se o travessão (ℓ.3), "PIS" poderia estar entre parênteses, sem prejuízo gramatical para o período.

(C) Se a expressão "Em dezembro do ano passado"(ℓ.4) estivesse no final do período (com minúscula) não haveria exigência de isolá-la antecedendo-a com uma vírgula.

(D) Os travessões das linhas 8 e 10 poderiam ser substituídos por parênteses e o período se manteria gramaticalmente correto.

(E) A vírgula após o travessão(ℓ.10) justifica-se para isolar a subsequente oração de caráter restritivo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

✪ **Nota da autora:** A vírgula não isola oração restritiva, apenas explicativa. Para fixar: oração subordinada adjetiva explicativa possui pontuação; adjetiva restritiva não possui.

Retire a intercalação: **O aumento foi concedido para compensar possíveis perdas de arrecadação com o fim da cumulatividade** – incidência da contribuição em todas as etapas da fabricação do mesmo produto –, **que foi aprovado no final do ano passado.**

Alternativa "a" –Intercalação.

Alternativa "b" –Aposto explicativo.

Alternativa "c" –A oração estaria na ordem direta.

Alternativa "d" –Tratando-se de intercalações, as vírgulas, os travessões e os parênteses podem ser usados.

2. FCC

---

23. (FCC – TCE/PI – Auditor Fiscal de Controle Externo/2014) Fragmentos receberam acréscimo de vírgula(s).

I. Mas a partir de agora podemos conceber os objetos que desejamos utilizar / Mas, a partir de agora, podemos conceber os objetos que desejamos utilizar.

II. Sem isso não teria sido possível fazer os satélites / Sem isso, não teria sido possível fazer os satélites.

III. os satélites que fotografam o planeta / os satélites, que fotografam o planeta.

Não houve alteração de sentido APENAS em

(A) I.
(B) II.
(C) III.
(D) I e II.
(E) II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

I. A vírgula antes de conjunção adversativa é obrigatória e esse não é o caso da questão, apenas queria lembrar você, caro(a) leitor(a). A inserção da vírgula após a conjunção não altera o sentido.

II. A oração está na ordem indireta e a vírgula cabe perfeitamente após o pronome demonstrativo. Ordem direta (iniciando com o sujeito): não teria sido possível fazer os satélites sem isso.

III. No primeiro caso, ocorre restrição: apenas alguns satélites fotografam o planeta; inserindo a vírgula, passa a explicar e indica que todos os satélites fotografam o planeta.

Dica: oração adjetiva possui pronome relativo.

Há dois tipos: restritiva = sem pontuação (sentido de alguns); explicativa = com pontuação (sentido de todos).

24. (FCC – TCE/AM – Analista Técnico de Controle Externo/2013) Está plenamente adequada a pontuação do seguinte período:

(A) Diante da TV, assistindo à transmissão da chegada do homem à Lua, os adultos, se emocionavam, ao passo que uma criança alheia, à importância do evento, manifestava seu desejo, de assistir a um desenho animado que ela, certamente, achava muito mais interessante.

(B) Diante da TV, assistindo à transmissão, da chegada do homem à Lua, os adultos se emocionavam ao passo que uma criança, alheia à importância do evento manifestava seu desejo de assistir a um desenho animado, que ela certamente achava muito mais interessante.

(C) Diante da TV, assistindo à transmissão da chegada do homem à Lua, os adultos se emocionavam, ao passo que uma criança, alheia à importância do evento, manifestava seu desejo de assistir a um desenho animado, que ela certamente achava muito mais interessante.

(D) Diante da TV assistindo à transmissão da chegada do homem à Lua, os adultos, se emocionavam, ao passo que, uma criança alheia à importância do evento, manifestava seu desejo de assistir a um desenho animado, que ela certamente, achava muito mais interessante.

(E) Diante da TV assistindo à transmissão da chegada do homem à Lua, os adultos se emocionavam, ao passo que, uma criança alheia, à importância do evento, manifestava seu desejo, de assistir a um desenho animado, que ela certamente achava muito mais interessante.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Por eliminação e por trechos para ganhar tempo na prova.

1. Diante da TV, = vírgula obrigatória por indicar inversão (a oração não se inicia com sujeito). Eliminadas D e E;

2. Assistindo à transmissão da chegada do homem à Lua, = intercalação. Leia o que está em negrito: **Diante da TV**, assistindo à transmissão da chegada do homem à Lua, **os adultos se emocionavam ao passo que uma criança.** Eliminada B por haver uma vírgula descabida dentro da intercalação;

3. Os adultos se emocionavam = não se separa com pontuação o sujeito do verbo. Eliminada A e chegamos à resposta sem precisar ler o trecho inteiro.

4. Quanto às vírgulas posteriores: separa oração adverbial, intercalação e oração subordinada adjetiva explicativa, respectivamente.

25. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – SP/2013)

Um carro comumente significa sucesso, um cigarro, auto-afirmação; as praias oferecem um paraíso perdido, e as roupas de um estilista definem a identidade. (Alberto Manguel, Lendo imagens: uma história de amor e ódio. Trad. Rubens Figueiredo, Rosaura Eichemberg, Cláudio Strauch, São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 143 e 144)

A frase em que se nota emprego de vírgula determinado pelo mesmo motivo que definiu sua presença no segmento destacado acima é:

(A) Suas ligações eram sempre frequentes, ainda que breves.

(B) Se és feliz, escreve; se és infeliz, escreve também.

(C) Os meus hábitos quietos, o bom humor e a idade, principalmente esta, me favoreceram.

(D) Ela perdeu o fiel companheiro; a menina, um pai amoroso.

(E) Não é novo nada disto, nem eu estou aqui para dizer coisas novas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – A utilização da vírgula, neste caso, sinaliza a ocorrência de zeugma ou elipse, figura de linguagem que consiste na omissão de palavras ou partes de frases expressas anteriormente no texto, podendo tais palavras ou partes de frases sofrer ou não flexão. "Ela perdeu o fiel companheiro; a menina, (perdeu) um pai amoroso." O mesmo se dá no enunciado da questão "... um cigarro, (significa) autoafirmação".

Alternativa "a" – a vírgula é utilizada para separar um período composto (oração coordenada adversativa).

Alternativa "b" – as vírgulas têm a função de separar o termo deslocado (escrever) da frase. Já o ponto e vírgula separa orações coordenadas, quando pelo menos uma delas já possui elementos separados por vírgula. Outro exemplo: "O resultado final foi o seguinte: dez professores votaram a favor do acordo; *nove, contra*".

Alternativa "c" – o termo "o bom humor e a idade" vem entre vírgulas por se tratar de aposto que explica quais são os "hábitos quietos". Já a última vírgula tem a função de separar o termo "favoreceram" deslocado de sua posição normal na frase "[...]hábitos quietos [...] me favoreceram".

Alternativa "e" – a vírgula é utilizada para separar um período composto (oração coordenada adversativa).

Instruções! Considere o texto a seguir para responder à questão.

A arrogância

da interpretação a posteriori

A história não se repete,

mas rima.

(Mark Twain)

A história repete-se; essa é uma das coisas erradas da história (Clarence Darrow)

A história tem sido definida como uma coisa depois da outra. Essa ideia pode ser considerada um alerta contra duas tentações, mas eu, devidamente alertado, flertarei cautelosamente com ambas. Primeiro, o historiador é tentado a vasculhar o passado à procura de padrões que se repetem; ou, pelo menos, como diria Mark Twain, ele tende a buscar razão e rima em tudo.

Esse apetite por padrões afronta quem acha que a história não vai a lugar nenhum e não segue regras – "a história costuma ser um negócio aleatório, confuso", como também disse o próprio Mark Twain. A segunda tentação do historiador é a soberba do presente: achar que o passado teve por objetivo o tempo atual, como se os personagens do enredo da história não tivessem nada melhor a fazer da vida do que prenunciar-nos.

Sob nomes que não vêm ao caso para nós, essas são questões atualíssimas na história humana, e surgem mais fortes e polêmicas na escala temporal mais longa da evolução. A história evolutiva pode ser representada como uma espécie depois da outra. Mas muitos biólogos hão de concordar comigo que se trata de uma ideia tacanha. Quem olha a evolução dessa perspectiva deixa passar a maior parte do que é importante. A evolução rima, padrões se repetem. E não simplesmente por acaso. Isso ocorre por razões bem compreendidas, sobretudo razões darwinianas, pois a biologia, ao contrário da evolução humana ou mesmo da física, já tem a sua grande teoria unificada, aceita por todos os profissionais bem informados no ramo, embora em várias versões e interpretações. Ao escrever a história evolutiva, não me esquivo a buscar padrões e princípios, mas procuro fazê-lo com cautela.

E quanto à segunda tentação, a presunção da interpretação a posteriori, a ideia de que o passado atua para produzir nosso presente específico? O falecido Stephen Jay Gould salientou, com acerto, que um ícone dominante da evolução na mitologia popular, uma caricatura quase tão ubíqua quanto a de lemingues atirando-se ao penhasco (aliás, outro mito falso), é a de uma fila de ancestrais simiescos a andar desajeitadamente, ascendendo na esteira da majestosa figura que os encabeça num andar ereto e vigoroso: o *Homo sapiens sapiens* – o homem como a última palavra da evolução (e nesse contexto é sempre um homem, e não uma mulher), o homem como o alvo de todo o empreendimento, o homem como um magneto, atraindo a evolução do passado em direção à proeminência.

(Richard Dawkins, com a colaboração de Yan Wong, ***A grande história da evolução***: Na trilha dos nossos ancestrais. Trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 17-18)

26. (FCC–) Afirma-se corretamente que, no último parágrafo,

(A) o ponto de interrogação (linha 37) sinaliza a pergunta que foi diretamente respondida por *Stephen Jay.*

(B) os parênteses às linhas 41 e 42 acolhem retificação, realizada de modo idêntico ao que se nota em "Eu a vi ontem, aliás, anteontem".

(C) os dois-pontos, à linha 45, introduzem uma citação latina que é traduzida com objetividade no trecho após o travessão.

(D) a colocação de uma vírgula antes do pronome *que*, à linha 44, é optativa, por isso a frase alterada manteria rigorosamente o sentido original.

(E) os parênteses, às linhas 46 e 46, acolhem comentário considerado pertinente, mas digressivo com relação ao fio principal da argumentação.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Retificar: emenda ou correção do que não está certo ou é defeituoso.

Alternativa "a": Não foi diretamente respondida por *Stephen Jay.*

Alternativa "c": Não é traduzida com objetividade.

Alternativa "d": Trata-se de uma oração subordinada adjetiva (possui pronome relativo) restritiva (sem pontuação). Se a oração não pode ser retirada, não pode haver pontuação, pois altera o sentido. Quando pode ser retirada, possui pontuação e é classificada como oração adjetiva explicativa.

Alternativa "e": É uma explicação.

Instruções: considere o texto a seguir para responder à questão.

Quando começa a modernidade? A escolha de uma data ou de um evento não é indiferente. O momento que elegemos como originário depende certamente da ideia de nós mesmos que preferimos, hoje, contemplar. E vice-versa: a visão de nosso presente decide das origens que confessamos (ou até inventa-

mos). Assim acontece com as histórias de nossas vidas que contamos para os amigos e para o espelho: os inícios estão sempre em função da imagem de nós mesmos de que gostamos e que queremos divulgar. As coisas funcionam do mesmo jeito para os tempos que consideramos "nossos", ou seja, para a modernidade.

Bem antes que tentassem me convencer de que a data de nascimento da modernidade era um espirro cartesiano (...), quando era rapaz, se ensinava que a modernidade começou em outubro de 1492. Nos livros da escola, o primeiro capítulo dos tempos modernos eram e são as grandes explorações. Entre elas, a viagem de Colombo ocupa um lugar muito especial.

Descidas Saara adentro ou intermináveis caravanas por montes e desertos até a China de nada valiam comparadas com a aventura do genovês. Precisa ler "Mediterrâneo" de Fernand Braudel para conceber o alcance simbólico do pulo além de gibraltar, não costeando, mas reto para frente. Precisa, em outras palavras, evocar o mar Mediterrâneo – este pátio comum navegável e navegado por milênios, espécie de útero vital compartilhado – para entender por que a viagem de Colombo acabou e continua sendo uma metáfora do fim do mundo fechado, do abandono da casa materna e paterna. (Contardo Calligaris, "A Psicanálise e o sujeito colonial". IN: Psicanálise e colonização: leituras do sintoma social no Brasil. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999, p.11-12.)

---

27. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – Nível-1 –2006) A única afirmação INCORRETA sobre os sinais de pontuação empregados no texto é:

(A) Os travessões em – este pátio comum compartilhado – (no terceiro parágrafo) isolam uma apreciação acerca do Mediterrâneo e são equivalentes a vírgulas.

(B) A vírgula antes de não costeando (no terceiro parágrafo) pode ser substituída, sem prejuízo da correção, por travessão.

(C) Os dois pontos após vice-versa: (linha 5) anunciam um esclarecimento acerca do que foi enunciado.

(D) Os parênteses em (ou até inventamos) – linhas 6 e 7 – incluem comentário considerado um viés do que se afirma.

(E) As aspas em "nossos" (linha 12) firmam o caráter irônico da expressão, exigindo que se entenda o enunciado em sentido contrário (trata-se, assim, de "tempos que nos são estranhos").

COMENTÁRIOS

Questão anulada pela banca.

Conclusão do recurso elaborado pela Professora Claudia Kozlowski e acatado pela banca: Chegou-se à conclusão de que a afirmativa contida na alternativa "d" da presente questão, na verdade seu gabarito, como disposto pela Banca Examinadora, não padecia de qualquer erro. Assim sendo, não há como se aceitar este gabarito. Dado o grau de subjetividade de que se reveste a argumentação contida para o emprego das aspas no vocábulo "nossos" – alternativa "c" –, embora estejamos convictos de nossa interpretação para tal emprego, poderá haver relutância em adotar-se como resposta da presente questão esta alternativa, o que seria, evidentemente, a melhor solução. No entanto, ainda que não concorde conosco, a eminente Banca Examinadora não terá como ignorar a validade dos argumentos que envolvem a questão do emprego do duplo travessão, e, neste caso, providenciará a anulação da questão em tela. Fonte: https://pontodosconcursos.com.br/artigos3.asp?-prof=100&art=2818&idpag=15

---

28. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – Nível-1 –2006) Alterando-se a pontuação de um segmento do texto, ela permanecerá defensável e coerente, considerado o contexto, em:

(A) Tal busca de discernimento é antiga e, em princípio, é legítima.

(B) Interesses estratégicos e econômicos são assim mascarados, pela suposta preservação, de princípios da civilização.

(C) A busca de distinção, entre o que é "do bem", e o que é do mal", traz consigo, um dilema.

(D) Não, não, são crianças comentando um filme de mocinho e bandido, são frases – de adultos, reiteradas a propósito, das mais diferentes pessoas.

(E) A escolha do critério de julgamento, é, sempre, crítica e sofrida quando responsável.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – As vírgulas estão intercalando o adjunto adverbial e podem ser retiradas.

Possíveis correções – por haver outras possibilidades.

Alternativa "b": As vírgulas não podem ser alteradas por estarem separando o predicativo do sujeito (mascarados) do complemento nominal (de princípios da civilização). Leia apenas o que está em negrito: ***Interesses estratégicos e econômicos são assim mascarados**, pela suposta preservação, **de princípios da civilização.***

Alternativa "c": A busca de distinção, entre o que é "do bem" e o que é do mal", traz consigo um dilema.

Alternativa "d": Não, não, são crianças comentando um filme de mocinho e bandido, são frases de adultos, reiteradas, a propósito, das mais diferentes pessoas.

Alternativa "e": A escolha do critério de julgamento é, sempre, crítica e sofrida, quando responsável.

29. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – Nível–1 –2006) Considere as seguintes frases:

I. O autor lamenta a situação dos jovens de hoje, que vivem o tempo como uma espécie de presente contínuo.

II. Ao final do século XIX, ocorreu o esquecimento dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal à das gerações passadas.

III. Preservemos a memória do passado, cujas experiências encerram lições ainda vivas.

A eliminação da vírgula acarretará alteração de sentido APENAS para o que está em

(A) I e II.

(B) I e III.

(C) I.

(D) II.

(E) III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Se a eliminação da vírgula acarreta alteração de sentido, basta procurar a vírgula anteposta ao pronome relativo, pois passa a oração de adjetiva explicativa (com pontuação) para adjetiva restritiva (sem pontuação).

A oração explicativa, que sempre vem acompanhada de pontuação, pode ser retirada sem que ocorra perda de sentido porque há generalização. Enquanto a restritiva possui informações que restringem. Se restringem, não podem ser retiradas.

Imagine que maravilha se o exemplo abaixo não restringisse e sim explicasse:

Os candidatos que estudam são aprovados.

Se colocasse vírgulas ou travessões, a informação equivaleria a todos os candidatos são aprovados e todos estudam.

Quanto à questão:

I. Há pronome relativo e passa a oração de explicativa para restritiva = muda o sentido.

II. Não há pronome relativo. A vírgula apenas indica inversão do adjunto adverbial. Cuidado: a gramática tornar-se-ia incorreta, mas o sentido não é alterado.

III. Há pronome relativo e passa a oração de explicativa para restritiva = muda o sentido.

30. (AFR/SP – Agente Fiscal de Rendas – Nível–1 –2002) A frase "O aparato legal ainda em vigor permite ao prefeito empurrar a conta para 20poderia também ser corretamente pontuada da seguinte forma:

(A) O aparato lega ainda em vigor permite, ao prefeito, empurrar a conta para 2001.

(B) O aparato legal, ainda em vigor permite ao prefeito, empurrar a conta para 2001.

(C) O aparato legal, ainda em vigor, permite ao prefeito empurrar a conta para 2001.

(D) O aparato legal ainda, em vigor, permite ao prefeito empurrar a conta, para 2001.

(E) O aparato legal ainda em vigor, permite ao prefeito empurrar, a conta para 2001.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Houve uma intercalação. Basta ler os vocábulos em negrito: ***O aparato legal***, ainda em vigor, ***permite ao prefeito empurrar a conta para 2001***.

3. CESPE

Trecho para julgar o item.

(...) Governar de modo inovador exige, invariavelmente, repensar o modelo secular de governança pública em todas as suas dimensões: política, econômica, social e tecnológica. Com a evolução sociotécnica, fortemente alavancada pelo desenvolvimento das tecnologias da informação e comunicação, as mudanças na governança pública implicam mudanças na base tecnológica que sustenta a burocracia, nas estruturas do aparelho de Estado e em seus modelos de gestão.

Internet: <http://aquarius.mcti.gov.br> (com adaptações).

31. (CESPE/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) Não haveria prejuízo do sentido original do texto caso o termo "invariavelmente" fosse deslocado, com as vírgulas que o isolam, para imediatamente depois de "repensar".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Exige, variavelmente, repensar: o advérbio está ligado ao verbo *exigir*; deslocando, o sentido alteraria: Governar de modo inovador exige repensar, invariavelmente, o modelo secular de governança pública. O advérbio estaria ligado ao verbo *repensar*, ou seja, há prejuízo do sentido.

Trecho para julgar o item.

A experiência de governança pública tem mostrado que os sistemas democráticos de governo se fortalecem à medida que os governos eleitos assumem a liderança de processos de mudanças que buscam o atendimento das demandas de sociedades cada vez mais complexas e alcançam resultados positivos perceptíveis pela população. (...)

Internet: <http://aquarius.mcti.gov.br> (com adaptações).

32. (CESPE/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) A inserção de vírgula logo após a palavra "mudanças" traria prejuízo à coerência do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo.

✪ **Nota da autora**: Inserir ou retirar a vírgula anteposta ao pronome relativo alterará sempre o sentido, já que a oração adjetiva explicativa possui pontuação (vírgula, travessão ou parênteses) e a restritiva não possui pontuação.

No trecho, por estar sem pontuação, sabemos que está se referindo apenas às mudanças que buscam o atendimento das demandas de sociedades complexas; inserindo vírgula, a ideia é de que todas as mudanças busquem o atendimento das demandas. Passa de sentido restritivo (algumas) para explicativo (todas).

Trecho para julgar o item.

O crescimento populacional e econômico, aliado à evolução dos mercados e à complexidade das relações sociais, traduz-se em demandas por serviços públicos mais sofisticados, em maior quantidade e com mais qualidade. Para estar à altura das exigências da sociedade do século XXI, o desafio que se coloca ao país é a construção de um Estado "inteligente", que incorpore os avanços tecnológicos, a rapidez e as facilidades da era digital.

Por dentro do Brasil. Modernização da gestão pública. Internet (com adaptações).

33. (CESPE/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) As aspas empregadas em "inteligente" marcam o tom irônico que o termo adquire no contexto em que se insere.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Indica personificação: característica humana dada à coisa, no caso: um Estado

Trecho para o próximo item.

(...) Eis aí o fundamento primeiro das políticas em favor de quaisquer minorias. No que toca às pessoas com deficiência, é possível afirmar que o viés assistencialista e caridosamente excludente que orientava as ações governamentais tem sido substituído por programas de efetiva inclusão, que visam formar cidadãos sujeitos do próprio destino, e não mais meros beneficiários de políticas de assistência social. (...)

Brasil. Ministério do Trabalho e Emprego. Secretaria de Inspeção do Trabalho. A inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho. 2.aed., Brasília, 2007. Internet: <www.dominiopublico.gov.br> (com adaptações).

34. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) A inserção de vírgulas imediatamente antes e depois da oração "que orientava as ações governamentais" manteria a correção gramatical, mas alteraria o sentido do período.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A oração inicia-se com pronome relativo, ou seja, é subordinada adjetiva restritiva. Ao inserir vírgula, a correção gramatical é mantida, mas o sentido passaria de restritivo (alguns) a explicativo (todos).

4. PUC

35. (PUC/PR – TCE/MS – Auditor/2013) Tome por base a explicação a seguir para responder à questão.

É separado por vírgula o gerúndio

(1) anteposto à oração principal:

Confirmando o sucesso de suas promoções, o Centro Social realizará um bingo amanhã.

(2) colocado depois da oração principal, que equivale, na maioria das vezes, a uma oração coordenada iniciada pela conjunção e ou e isso:

O mediador tomou seu lugar à mesa, aguardando o momento de iniciar o debate. [= tomou seu lugar à mesa e aguardou]

Ganhar a taça é uma questão de honra para a Chapecoense, aumentando a emoção entre os jogadores. *[= e isso aumenta]*

(3) que tem a função de uma oração adjetiva explicativa: A atriz paulistana Cristiana Reali, morando em Paris desde os sete anos, não aceitou nenhum dos convites para filmar no Brasil.

Adaptado de PIACENTINI, Maria Tereza de Queiroz. Só vírgula: método fácil em vinte lições. São Carlos: EdUFSCar, 2003, p. 84-85.

Considere os itens (1), (2) e (3) e assinale a alternativa CORRETA.

(A) O item (2) justifica o emprego da vírgula em "Ela mudou-se para Blumenau e casou-se imediatamente, abandonando mais uma vez o emprego".

(B) O item (1) valida o emprego da vírgula em "Desesperada, chorou demais".

(C) O item (3) justifica o uso da vírgula em "Observando que não há recursos suficientes para todos, o presidente pede o apoio do Congresso à reforma tributária".

(D) O item (1) normatiza o emprego da vírgula em "Tibaldeschi residiu em SC de 1924 a 1940, dedicando-se ao ensino da língua e à inspeção escolar".

(E) O item (2) justifica o emprego da vírgula em "Estudando as lições atentamente, qualquer um aprende".

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Oração principal: casou imediatamente. Informação que justifica o emprego da vírgula: *É separado por vírgula o gerúndio anteposto à oração principal:*

Alternativa "b" – Trata-se de período simples: uma oração. A vírgula separa inversão do predicativo do sujeito: Chorou demais (e estava) desesperada.

Alternativa "c" – Para haver oração adjetiva, deve haver o pronome relativo, ou o verbo na forma nominal (infinitivo, gerúndio ou particípio) que indicará oração reduzida.

Exemplo do item 3: A atriz paulistana Cristiana Reali, **morando** em Paris desde os sete anos = **que** (a qual) mora em Paris.

A oração desta alternativa é causal (reduzida): por que o presidente pede o apoio do Congresso à reforma tributária? Por observar que não há recursos suficientes para todos.

Alternativa "d" – A vírgula está posposta à oração principal e não anteposta.

Alternativa "e" – A vírgula indica inversão da oração subordinada condicional = se estudar as lições atentamente.

5. IC

36. (IC – TCM/GO – Auditor de Controle Externo/2012) Assinale a única alternativa, que ao revisar a pontuação empregada no período "O Artista" tinha tudo para acabar no escaninho do "cult movie para cinéfilos". Mas caiu nas graças de Hollywood e ultrapassou os limites do público segmentado.", se encontre de acordo com as normas gramaticais:

(A) "O Artista", tinha tudo para acabar no escaninho do "cult movie para cinéfilos", mas caiu nas graças de Hollywood, e ultrapassou os limites do público segmentado.

(B) "O Artista" tinha tudo para acabar no escaninho do, cult movie para cinéfilos. Mas caiu nas graças de Hollywood e ultrapassou os limites do público segmentado.

(C) "O Artista" tinha tudo para acabar no escaninho do "cult movie para cinéfilos", mas caiu nas graças de Hollywood e ultrapassou os limites, do público segmentado.

(D) "O Artista" tinha tudo para acabar no escaninho do "cult movie para cinéfilos", mas caiu nas graças de Hollywood e ultrapassou os limites do público segmentado.

(E) "O Artista", tinha tudo para acabar no escaninho do "cult movie para cinéfilos", mas caiu nas graças de Hollywood e, ultrapassou os limites, do público segmentado.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

✪ **Nota da autora**: Se as frases são iguais, basta ler trechos e eliminar alternativas. Ao trabalho:

– "O **Artista" tinha** tudo para acabar no escaninho do "cult movie para cinéfilos" = não se usa vírgula entre sujeito e verbo. Eliminadas A e E;

- acabar no escaninho do "cult movie para **cinéfilos", mas** caiu nas graças de Hollywood = a vírgula é obrigatória para separa oração coordenada adversativa. Eliminada B;

- caiu nas graças de **Hollywood e** ultrapassou os limites do público segmentado = a conjunção coordenada aditiva une duas orações e não necessita de pontuação. Eliminada C por haver vírgula desnecessária entre *limites* e *do público.*

QUESTÕES INÉDITAS

01. (Duda Nogueira) Considerando que a expressão "a avaliação de aliados" possui função de sujeito, assinale a alternativa correta quanto à pontuação.

(A) A avaliação de aliados é que, se o próprio ministro da Fazenda questiona a eficiência da presidente, é difícil convencer os congressistas a aderirem a um pacote de medidas impopulares proposto por ela.

(B) A avaliação, de aliados é que, se o próprio ministro da Fazenda questiona a eficiência da presidente, é difícil convencer os congressistas a aderir a um pacote de medidas impopulares proposto por ela.

(C) A avaliação de aliados, é que, se o próprio ministro da Fazenda questiona a eficiência da presidente, é difícil convencer os congressistas a aderir a um pacote de medidas impopulares proposto por ela.

(D) A avaliação de aliados é, que, se o próprio ministro da Fazenda questiona a eficiência da presidente, é difícil convencer os congressistas a aderir a um pacote de medidas impopulares proposto por ela.

(E) A avaliação de, aliados é que, se o próprio ministro da Fazenda questiona a eficiência da presidente, é difícil convencer os congressistas a aderir a um pacote de medidas impopulares proposto por ela.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

Não pode haver pontuação entre sujeito e verbo e entre verbo e complemento. Eliminam-se as alternativas **b, c, d** e **e** facilmente.

Importante perceber que há oração subordinada adverbial condicional intercalada – leia o que está em negrito:

A avaliação de aliados é que, se o próprio ministro da Fazenda questiona a eficiência da presidente, **é difícil convencer os congressistas a aderirem a um pacote de medidas impopulares proposto por ela.**

02. (Duda Nogueira) Para não alterar o sentido de uma informação, pode ser inserida uma vírgula antes do pronome relativo destacado em: O candidato **que** entregou a prova antes do horário foi eliminado do concurso.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Nota da autora: a primeira dica é que acrescentando ou suprimindo o sinal de pontuação antes do pronome relativo sempre acarretará mudança de sentido. Por quê? Se há pronome relativo, normalmente, há oração subordinada adjetiva, ou seja, existe um verbo. Para ser oração, é necessário que haja verbo, certo? Pois bem, lembremos que existem dois tipos de oração adjetiva: explicativa e restritiva.

- Explicativa: possui pontuação e o sentido é genérico, de todos;

- Restritiva: não possui pontuação e o sentido é restrito, de alguns.

Em "O candidato que entregou a prova antes do horário foi eliminado do concurso", a oração principal é **O candidato foi eliminado do concurso** (não possui pronome relativo ou conjunção); a segunda oração é adjetiva por possuir pronome relativo: **que entregou a prova antes do horário**. O "que" pode ser substituído por **o qual**.

Pensemos juntos: todos os candidatos entregaram a prova antes do horário? Não. Está evidente que apenas um candidato entregou. Como sabemos? Não há pontuação e o sentido é de alguns, ou de um. Inserindo a vírgula, criaríamos uma grande mentira, pois alegaríamos que todos entregaram.

Síntese: retirar ou inserir pontuação antes do pronome relativo acarretará erro.

(Fonte: Livro Simuladaço Língua Portuguesa, Editora JusPodivm)

DICAS

1. VÍRGULA

a) A vírgula no interior da oração g *Ordem direta: sem vírgula*

▸ Termos intercalados g Natal, *capital do Rio Grande do Norte*, é uma cidade encantadora.

b) Termos deslocados – Inversão g ***Naquele dia,*** os candidatos receberam a imprensa = *adjunto adverbial deslocado*

c) Palavras omitidas – Zeugma ou Elipse:

"O meu pai era paulista

Meu avô, pernambucano

O meu bisavô, mineiro

Meu tataravô, baiano" (Chico Buarque)

d) Vocativo g "*Meus amigos*, a ordem é a base do governo."

e) Termos coordenados assindéticos g Aquela paisagem nos despertava confiança, tranquilidade, calma e paz.

f) Termos coordenados ligados por "e", "ou", "nem":

- Pedro ou Paulo casará com Maria. Não necessitavam de dinheiro nem de auxílio. *Não há vírgula em adição.*
- E os pais, e os amigos, e os vizinhos magoaram-no.
- Não estudava português, nem matemática, nem direito, nem informática.

Polissíndeto: repetição da conjunção. Indica ênfase.

g) A vírgula entre orações:

- O homem, *que é um ser racional*, aprende cada vez mais g *Oração subordinada adjetiva explicativa*
- O homem *que encontramos perto do lago* parecia aborrecido g *Oração subordinada adjetiva restritiva*
- *Quando o cantor entrou no palco*, todos aplaudiram g *Oração subordinada anteposta à oração principal*
- Espero que você me telefone g *Não se separa oração principal da subordinada substantiva*
- *Cheguei, pedi silêncio, aguardei alguns minutos* e comecei a palestra g *Orações coordenadas*
- *Os ignorantes falavam demais, e os sábios se mantinham em silêncio* g *Orações coordenadas com sujeitos diferentes*
- E volta, e recomeça, e se esforça, e consegue g *Polissíndeto: ênfase*
- **Eu**, disse o orador, **não concordo** g *Oração intercalada*

Duplas vírgulas podem ser substituídas por travessões ou parênteses.

2. PONTO-E-VÍRGULA

a) Separa oração coordenada que venham quebradas no seu interior por vírgulas.

b) Separa oração que tenha zeugma na segunda: *Ele estudou economia; nós, português.*

c) Antítese = oposição.

d) Oração coordenada extensa.

e) Enumeração.

3. DOIS-PONTOS

a) Citam, enumeram e explicam.

Parte V

Coesão e Coerência - Reescritura de frases

Hora de revisar todo o conteúdo gramatical. Neste tópico há questões que abrangem fonologia, morfologia e sintaxe, além da avaliação da clareza da frase, do sentido.

Em editais, podem mencionar: Redação (confronto e reconhecimento de frases corretas e incorretas).

Questões inéditas: **Simuladaço Língua Portuguesa**

Teoria e questões: **Língua Portuguesa para concursos**

QUESTÕES FÁCEIS

1. VUNESP

Charge.

(*Folha Dirigida*, 13 a 19 de agosto de 2012. Adaptado)

01. (VUNESP – Agente Penitenciário – ES/2013) A expressão "papelão", no terceiro quadrinho, refere-se ao seguinte comportamento do rapaz:

(A) ter levado duas horas para dormir de novo.
(B) ter acordado antes das quatro da manhã.
(C) ter dormido antes das quatro da manhã.
(D) não conseguir dormir no dia do concurso.
(E) ter dormido sob o efeito dos remédios.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Ter dormido antes das quatro da manhã foi um papelão: sentido de sentir-se ridículo, pois dormiu quando deveria estudar.

Alternativa "a" – Não é um papelão.

Alternativa "b" – O erro foi não estudar.

Alternativa "d" – Não se pode inferir.

Alternativa "e" – Não se refere a papelão.

Texto para a próxima questão.

CASAMENTO

Há mulheres que dizem:
Meu marido, se quiser pescar, pesque,
mas que limpe os peixes.
Eu não. A qualquer hora da noite me levanto,
ajudo a escamar, abrir, retalhar e salgar.
É tão bom, só a gente sozinhos na cozinha,
de vez em quando os cotovelos se esbarram,
ele fala coisas como "este foi difícil"
"prateou no ar dando rabanadas"
e faz o gesto com a mão.
O silêncio de quando nos vimos a primeira vez
atravessa a cozinha como um rio profundo.
Por fim, os peixes na travessa,
vamos dormir.

Coisas prateadas espocam:
somos noivo e noiva.
(Adélia Prado, Poesia Reunida)

02. (VUNESP – Agente Penitenciário – ES/2013) Leia as afirmações seguintes.

I. Em – Há mulheres que dizem ... – substituindo-se a forma verbal em destaque pelo verbo existir, tem-se, de acordo com a norma-padrão da Língua Portuguesa: Existem mulheres que dizem...

II. A expressão "por fim" (13.° verso) pode ser substituída, sem alteração de sentido, por "finalmente".

III. Conservando-se o mesmo tempo verbal de – ... se quiser pescar, pesque, ... – e substituindo-se por outros verbos, a forma correta será – se querer navegar, navegue.

Está correto apenas o que se afirma em

(A) I e II.

(B) I e III.

(C) II e III.

(D) II.

(E) I.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

✪ **Nota da autora:** Questão de concordância, semântica (significado das palavras) e verbo.

I. Correto: O verbo *haver* no sentido de existir é impessoal e deve permanecer no singular. O verbo *existir* admite plural se o sujeito for plural, pois o verbo deve concordar com o sujeito. Há (V.T.D.) mulheres (O.D.) equivale a existem (V.I.) mulheres (sujeito).

II. Correto. *Finalmente* é sinônimo de **por fim, enfim, por último, em conclusão**.

III. Errado: se **quiser** navegar, ou seja, caso queira navegar. O verbo querer no futuro do pretérito assume a forma quiser.

03. (VUNESP – Agente Penitenciário – ES/2013) Assinale a alternativa cuja frase emprega expressões com sentido figurado.

(A) ... de vez em quando os cotovelos se esbarram,...

(B) Por fim, os peixes na travessa,...

(C) O silêncio ... atravessa a cozinha como um rio profundo.

(D) ... ele fala coisas como "este foi difícil".

(E) ... ajudo a escamar, abrir, retalhar e salgar.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

✪ **Nota da autora:** vale recordar a diferença entre denotação e conotação.

Denotação: sentido do dicionário, sentido real; conotação: sentido figurado, metafórico.

Na alternativa c: "o silêncio atravessa a cozinha" indica que não há barulho no espaço; "como um rio profundo" remete-nos a ideia de que é silêncio é imenso, é grande.

Alternativa "a" – Esbarrar cotovelos é sentido real.

Alternativa "b" – Peixe na travessa refere-se à comida.

Alternativa "d" – Falar foi difícil ou foi fácil é denotação.

Alternativa "e" – Ações reais.

04. (VUNESP – Agente Penitenciário – SP/2013) Assinale a alternativa em cuja frase foi empregada palavra ou expressão com sentido figurado.

(A) Tendências agressivas surgem em indivíduos com dificuldades adaptativas ...

(B) A revisão de estudos científicos permite identificar três fatores principais na formação das personalidades com maior inclinação ao comportamento violento...

(C) As estratégias que as sociedades adotam para combater a violência variam...

(D) ... esses fatores de risco criam o caldo de cultura que alimenta a violência crescente nas cidades.

(E) Os mais vulneráveis são os que tiveram a personalidade formada num ambiente desfavorável ao desenvolvimento psicológico pleno.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

✪ **Nota da autora:** questão de semântica (denotação e conotação).

– Caldo de cultura (expressão encontrada no dicionário): 1 Biol. Nutriente us. em uma cultura (de micro-organismos, células, tecidos etc.) para suscitar seu crescimento; 2 Mistura de elementos culturais que compõem meio propício para a formação de fatos, tendências, visões de um indivíduo, grupo ou sociedade. / **Alimenta** a violência: sentido figurado.

Alternativa "a" – Agressivas está no sentido denotativo: que tem ou manifesta agressividade; que é inclinado ou predisposto a agredir, hostilizar ou provocar

Alternativa "b" – Sentido denotativo, ou seja, do dicionário.

Alternativa "c" – Combater (denotação): Tomar medidas, pugnar por, esforçar-se para dominar, vencer, eliminar, extinguir, suprimir.

Alternativa "e" – Sentido denotativo

Trecho para a próxima questão.

Está disseminado no país o sentimento de que é possível combinar a bebida com a direção sem que haja punição. (Como evitar que motoristas bêbados fiquem impunes e continuem a matar no trânsito, Rodrigo Cardoso, Paula Rocha, Michel Alecrim e Luciani Gomes. ISTOÉ, nov. 2011. Adaptado).

05. (Vunesp – Agente de Segurança Penitenciária – SP/2012) O trecho foi reescrito corretamente, sem alterar o sentido, em:

(A) A bebida combinada com a direção disseminou no país o sentimento de que não há punição possível.

(B) No país, é possível disseminar a ideia de que a punição combina com bebida e direção.

(C) A punição à bebida com a direção disseminou o sentimento de que é possível essa combinação.

(D) O sentimento disseminado no país é de que não há punição para a combinação de bebida com direção.

(E) A ideia de punição disseminada no país combinou bebida com direção.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Apenas houve alteração na ordem. A informação foi mantida.

Alternativa "a" – Alterou a informação.

Alternativa "b" – Altera a ideia: a punição combina com bebida?

Alternativa "c" – Falta informação.

Alternativa "e" – Período incoerente.

Trecho para a próxima questão.

Em – "... um português de bigodes e sotaque fartos, [...]" (SeuFirmino e o STF, José Datena. Diário de São Paulo, 06 de novembro de 2011. Adaptado)

06. (Vunesp – Agente de Segurança Penitenciária – SP/2012) O adjetivo **fartos** refere-se

(A) apenas a bigodes e sotaque.

(B) apenas a sotaque.

(C) apenas a bigodes.

(D) apenas a português.

(E) a português, bigodes e sotaque.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Bigodes e sotaque fartos.

Alternativa "b" – Os bigodes são fartos também.

Alternativa "c" – O sotaque também é farto.

Alternativa "d" – Não se refere a português.

Alternativa "e" – Não se refere a português.

07. (Vunesp – Agente de Segurança Penitenciária – SP/2012) Considere os seguintes trechos do texto *"Como evitar que motoristas bêbados fiquem impunes e continuem a matar no trânsito. (Rodrigo Cardoso, Paula Rocha, Michel Alecrim e Luciani Gomes"* (ISTOÉ, nov. 2011. Adaptado)

a) Nem mesmo a Lei n.º 11.705, a chamada Lei Seca, que entrou em vigor em meados de 2008 para frear o ímpeto de brasileiros que insistem em guiar sob o efeito do álcool, tem conseguido conter o avanço desse tipo de tragédia.

b) O jurista Luiz Flávio Gomes acredita que o controle tem que ser implacável.

É correto afirmar que, em

(A) I, **frear** e **conter** são antônimos.

(B) **II, implacável é sinônimo de flexível.**

(C) I, o antônimo de **frear** é **reprimir.**

(D) I, **frear** e **conter** são sinônimos.

(E) II, o antônimo de **implacável** é imperdoável.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Frear (sentido figurado): Interromper, controlar ou diminuir o desenvolvimento de; CONTER(-SE); conter: conter o ímpeto de, impedir de avançar; REPRIMIR.

Alternativa "a" – São sinônimos.

Alternativa "b" – Implacável: Incapaz de se comover ou perdoar; INCLEMENTE; INFLEXÍVEL.

Alternativa "c" – Reprimir é sinônimo: conter(-se), refrear(-se); REALÇAR.

Alternativa "e" – Imperdoável: Que não tem perdão.

2. FGV

08. (FGV – Agente Penitenciário – MA/2013) "O projeto consiste em um complexo prisional suspenso no ar, o que *em* teoria dificultaria as tentativas de fuga, devido à altura potencialmente fatal de uma queda e à visibilidade que o fugitivo teria aos olhos dos pedestres na parte de baixo".

Assinale a alternativa inadequada em relação a esse segmento do texto.

(A) O adjetivo "prisional" se refere ao substantivo "complexo" enquanto o adjetivo "fatal" se refere ao substantivo "altura".

(B) O emprego do futuro do pretérito – "dificultaria" e "teria" – indica uma possibilidade hipotética.

(C) Os termos "à altura" e "à visibilidade" indicam núcleos de complementos do termo "devido".

(D) As duas ocorrências do conectivo "em" – "em um complexo prisional" e "em teoria" – são exigências de termos anteriores.

(E) O termo "devido" introduz a ideia de causa.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão, regência, verbo, análise sintática e período composto (conjunção).

- O projeto consiste **em** algo: complemento do verbo *consistir*. No trecho '**em** teoria', não ocorre o mesmo, pois se trata de adjunto adverbial. Importante: nos dois casos, a expressão **em** é preposição e não conectivo.

Alternativa "a" – O complexo é prisional e a altura é fatal.

Alternativa "b" – O futuro do pretérito do indicativo é tempo condicional, logo se refere à hipótese.

Alternativa "c" – É paralelismo sintático: os dois termos referem-se a **devido**.

Devido:

→ **à** altura potencialmente fatal de uma queda

→ **à** visibilidade que o fugitivo teria aos olhos dos pedestres na parte de baixo

Alternativa "e" – Basta fazer pergunta à oração principal (sem conjunção): **Por que** o projeto consiste em um complexo prisional suspenso no ar?

09. (FGV – Agente Penitenciário – MA/2013) "A cadeia ainda teria espaços para manter um campo de agricultura, onde os detentos poderiam trabalhar para se autossustentar e até distribuir o excesso de alimento produzido para a sociedade. Fábricas e centros de reciclagem também serviriam a esse propósito".

Assinale a alternativa em que o fragmento do texto reescrito teve seu significado original alterado.

(A) "A cadeia ainda teria espaços" / A cadeia ainda disporia de espaços.

(B) "para manter um campo de agricultura" / para que mantesse um campo de agricultura.

(C) "para se autossustentar" / para seu autossustento.

(D) "e até distribuir o excesso" / e mesmo distribuir o excesso.

(E) "serviriam a esse propósito" / serviriam a essa finalidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – O verbo *manter* é conjugado como o verbo *ter*, assim sendo, a forma correta é **mantivesse** = tivesse.

Alternativa "a" – disporia: futuro do pretérito do indicativo = poria.

Alternativa "c" – Alteração de verbo para substantivo.

Alternativa "d" – até e mesmo fazem parte do mesmo campo semântico.

Alternativa "e" – propósito e finalidade são sinônimos.

3. UEL

Texto para as questões.

A imagem de presos apinhados numa cela, de tão repetida, já anestesia os paranaenses. Parece se tratar de mais um dos problemas crônicos, como de resto, com os quais deveríamos nos acostumar – ao lado de morros desabando e concessões à corrupção. O risco de virar rotina é, de fato, de alta probabilidade. Como já chegou a declarar o sociólogo Francisco de Oliveira, o sistema prisional é a única instituição pública mantida pelo cidadão brasileiro, mas que não lhe diz respeito. Pouco sabe do assunto e pouco lhe é dito. Por tabela, pouco pergunta, perpetuando a ignorância. Cadeia e delegacia são vistas como questões do Estado, com as quais não devemos nos meter. O preço pago por essa cultura é alto – estamos entre as nações de destaque no desrespeito

aos direitos humanos nas prisões. Somos de ponta em administração do mundo do crime pelos que estão atrás das grades. Tão grave é que uma das frases de 2012 foi a do ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, declarando preferir morrer a ir para uma prisão brasileira. Poderia ser repetida em coro por 190 milhões em ação.

Em meio a esse cenário, uma boa notícia, publicada quinta-feira passada nesta Gazeta do Povo. Nos dois últimos anos, o governo do estado conseguiu reduzir em 40% o número de presos em delegacias. Foram transferidos para espaços adequados. É quase metade da bomba desarmada – eram 16,2 mil presos; sobraram 9,1 mil à espera de tratamento adequado: eles ainda dormem na delegacia. O interior, em particular, ressente de medidas, é verdade, mas nada que tire o brilho da notícia – a melhor dos últimos tempos em se tratando do sistema prisional no Paraná.

As delegacias funcionam como escoadouro das cadeias. São sempre o pior remendo para o soneto. Impossível esquecer as descrições que os presos dão dos pequenos espaços divididos por multidões. Cheiros insuportáveis, três camas para 30 pessoas, hierarquias absurdas, ditando quem manda e quem obedece. Tão absurdo quanto é deduzir que o estágio a que se chegou é resultado do descaso geral da nação com o assunto, fazendo crescer o obscurantismo em torno das matrizes da violência. São variações para o tema, é verdade. Se a palavra de ordem for olhar para frente, a palavra certa é mirar no exemplo dado pela secretária de Estado da Justiça, Cidadania e Direitos Humanos, Maria Teresa Ulle Gomes. Ela agarrou esse touro à unha e seus esforços merecem continuidade. Sim, porque a redução de 40% deixa ainda 60% por vir. Faltam 5.634 vagas para sanar o déficit, como informa a reportagem, extirpando de vez a prática ilegal de prender nas delegacias e não em unidades prisionais ou em centros de triagem.

Em paralelo às delegacias sendo usadas para o que de fato se destinam, devem ser impulsionados outros processos, capazes de reabilitar. E, o mais difícil, devolver a credibilidade ao sistema prisional. De acordo com a secretária de Justiça, serão erguidos 14 presídios no Paraná até o fim de 2014. Que esses projetos andem de braço dado com a sociedade organizada. Não é impossível – as boas novas que agora recebemos de presente são uma prova disso.

(Adaptado **de: <http://www.gazetadopovo.com.br/opiniao/conteudo.phtml?id=1333085&tit=Boas-novas-na-delegacia>. Acesso em: 24 jan. 2013.)**

---

10. (UEL – Agente Penitenciário – PR/2013) Acerca da linguagem empregada no texto, considere as afirmativas a seguir.

I. O texto apresenta linguagem mista, formal e informal, como comprovam as expressões "obscurantismo em torno das matrizes da violência" e "agarrou esse touro à unha", respectivamente.

II. O texto apresenta trechos com linguagem figurada, conotativa, usando metáforas para expressar os sentidos, por exemplo, "é quase metade da bomba desarmada" e "são sempre o pior remendo para o soneto".

III. O texto apresenta exclusivamente linguagem técnica, de cunho formal, com dados estatísticos para confirmar as informações veiculadas, por exemplo, "faltam 5.634 vagas para sanar o déficit".

IV. O texto apresenta exclusivamente linguagem denotativa, literal, cujo objetivo é gerar formalidade e maior credibilidade às informações que estão sendo veiculadas.

Assinale a alternativa correta.

(A) Somente as afirmativas I e II são corretas.

(B) Somente as afirmativas I e IV são corretas.

(C) Somente as afirmativas III e IV são corretas.

(D) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.

(E) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

I. Certo. Formal: é falada ou escrita de acordo com todas as normas gramaticais da língua; informal: é o oposto da linguagem formal. Coloquial.

II. Certo. Linguagem figurada e metáfora: Figura de linguagem que consiste em estabelecer uma analogia de significados entre duas palavras ou expressões, empregando uma pela outra.

III. Errado: basta reler o comentário feito no item I.

IV. Errado: idem ao primeiro item.

---

11. (UEL – Agente Penitenciário – PR/2013) Quanto aos recursos linguístico-semânticos empregados no texto, considere as afirmativas a seguir.

I. No trecho "Como já chegou a declarar o sociólogo Francisco de Oliveira", o termo em destaque tem sentido de conformidade.

II. Em "... o sistema prisional é a única instituição pública mantida pelo cidadão brasileiro, mas que não lhe diz respeito", o termo em destaque se refere ao sistema prisional.

III. No fragmento "Tão grave é que uma das frases de 2012 foi a do ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo", o termo em destaque é um vocativo.

IV. No trecho "... a palavra certa é mirar no exemplo dado pela secretária de Estado da Justiça, Cida-

dania e Direitos Humanos, Maria Teresa Uille Gomes", o termo em destaque é um aposto.

Assinale a alternativa correta.

(A) Somente as afirmativas I e II são corretas.

(B) Somente as afirmativas I e IV são corretas.

(C) Somente as afirmativas III e IV são corretas.

(D) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.

(E) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

I. Certo: *Como* equivale a **conforme** e indica regra.

II. Errado: Não diz respeito ao cidadão brasileiro.

III. Errado: trata-se de aposto explicativo de ministro da Justiça.

IV. Certo: aposto explicativo de secretária de Estado da Justiça, Cidadania e Direitos Humanos.

---

12. (UEL – Agente Penitenciário – PR/2013) A partir do fragmento "... fazendo crescer o obscurantismo em torno das matrizes da violência", assinale a alternativa que apresenta, corretamente, o sentido expresso pelo termo em destaque.

(A) O estado de desconfiança.

(B) O estado de obsessão.

(C) A falta de determinação.

(D) A falta de punição.

(E) O estado de completa ignorância.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"

✪ **Nota da autora:** Questão de coerência e ortografia (semântica).

Obscurantismo significa *falta ou recusa de instrução; IGNORÂNCIA.*

Alternativa "a" – Não é desconfiança.

Alternativa "b" – Nada de obsessão.

Alternativa "c" – Não há relação com determinação.

Alternativa "d" – Sem relação semântica.

Texto para a questão.

Resolução do Conselho Nacional de Trânsito (Contran) publicada ontem instituiu, na prática, a tolerância zero de álcool no trânsito em todo o país. Agora, mesmo que o motorista parado nas blitz e da lei seca tenha bebido menos de um copo de cerveja terá de pagar multa por infringir a lei – que aumentou para R$ 1.915,40 no fim de 2012. A resolução 432 do Contran foi publicada no Diário Oficial da União. Ela regulamentou as mudanças aprovadas pelo Congresso Nacional, que foram sancionadas pela presidenta Dilma Rousseff em 20 de dezembro, e passaram, por exemplo, a aceitar testemunhos de embriaguez como prova de que o motorista cometeu infração.

Uma das principais mudanças foi estabelecer como infração dirigir sob "qualquer influência" de álcool. Mas, como há certos níveis de imprecisão nos aparelhos de bafômetro, faltavam regras para definir como caracterizar qualquer limite. A decisão do Contran, após uma série de estudos, foi determinar que o motorista terá cometido infração se tiver 0,01 miligrama de álcool para cada litro de ar expelido dos pulmões na hora de fazer o teste. Mas definiu, na regulamentação, que o limite de referência será de 0,05 miligramas – por causa dessas diferenças dos aparelhos, em uma espécie de "margem de erro" aceitável. Assim, se o bafômetro apresentar o número "0,05" no visor, o motorista já terá de pagar multa de R$ 1.915,40.

Outra determinação é que, no caso de o motorista fazer exame de sangue, não será admitido nenhum nível de álcool no sangue. "Sabemos que os acidentes não são reduzidos por decreto, mas é preciso dar um basta a violência no trânsito", disse ontem o ministro das Cidades, Aguinaldo Ribeiro, durante evento em Brasília para detalhar as mudanças na legislação. "O grande objetivo é mudar a postura da sociedade em relação ao risco do uso do álcool ao volante", explicou.

(Adaptado **de: RIBEIRO, B.; VALLE, C. do; MENDES, V. Começa a valer tolerância zero de álcool no trânsito. O Estado de S. Paulo. São Paulo, 30 jan. 2013. Cidades. C8.)**

---

13. (UEL – Agente Penitenciário – PR/2013) Acerca dos recursos morfossintáticos do texto, considere as afirmativas a seguir.

I. No fragmento "mesmo que o motorista parado nas blitz e da lei seca tenha bebido menos de um copo de cerveja", a expressão destacada pode ser substituída, sem prejuízo do sentido original, por "uma vez que".

II. No trecho "terá de pagar multa por infringir a lei – que aumentou para R$ 1.915,40 no fim de 2012", a ambiguidade do pronome em desta-

que se desfaz pela substituição desse termo por "a qual".

III. Em "Ela regulamentou as mudanças aprovadas pelo Congresso Nacional, que foram sancionadas pela presidenta", o pronome em destaque pode ser substituído pelo termo "as quais", pois se refere à expressão "as mudanças aprovadas".

IV. Em "... e passaram, por exemplo, a aceitar testemunhos de embriaguez como prova de que o motorista cometeu infração", o termo em destaque é formado pelo processo de derivação sufixal.

Assinale a alternativa correta.

(A) Somente as afirmativas I e II são corretas.

(B) Somente as afirmativas I e IV são corretas.

(C) Somente as afirmativas III e IV são corretas.

(D) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.

(E) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

✪ **Nota da autora:** Questão de período composto (conjunção), pronome relativo (regência e ambiguidade) e processo de formação das palavras.

I. Errado. Dica: *embora* e *mesmo que*.

Embora trata-se de uma conjunção subordinada concessiva, e *ainda que* trata-se de uma locução subordinada concessiva. O seu significado é semelhante, mas, no entanto, pode haver frases em que fique melhor uma ou outra. Exemplos: "*Mesmo que* vás embora, ficarás para sempre nos nossos corações." / "*Embora* estejas certo, não te posso valorizar tudo".

Embora transmite uma ideia inegável, associada a uma outra (subordinada).

Mesmo que transmite uma ideia que pode ser verdadeira ou falsa.

Nos exemplos acima, "tu" poderás não ir embora, mas "*mesmo que* vás..."; "*Embora* estejas certo" - > "tu" estás certo inegavelmente.

Embora = Ainda que.

Outras conjunções / locuções subordinadas concessivas:

Apesar de - > "*Apesar de* tudo, isto pode vir a ser fácil".Mesmo se - > "*Mesmo se* tu não entenderes bem, ou menos ficarás com uma ideia".

Nos exemplos acima, "Apesar de" e "Mesmo se" não podem ser substituídos por "Embora" e "Ainda que".

Mais aprofundadamente:

A concessão exprime uma ideia, um fato que quase se opõe à realidade expressa pela oração principal.

1) um complemento circunstancial (*apesar de, com, embora, mesmo, ...*) + nome ou adjetivo

Exemplos:

- **Apesar do** esforço, ele não conseguiu o que queria.
- **Embora** muito cansado, ele chegou ao fim da corrida!

2) uma oração subordinada concessiva introduzida por *embora, ainda que, mesmo que, mesmo se, ...*; + Presente e Imperfeito do Conjuntivo

Exemplos:

- **Embora** *uma lenda popular atribua a sua fundação a Ulisses, alguns historiadores consideram que o seu nome será de origem fenícia.*
- **Ainda que** Lisboa seja uma cidade cheia de História, é uma cidade virada para o futuro.

3) uma oração introduzida pela locução prepositiva *apesar de*; + (nome) + Infinitivo Pessoal

Exemplo:

"***Apesar de*** *uma lenda popular atribuir a sua fundação a Ulisses, alguns historiadores consideram que o seu nome será de origem fenícia.*"*

**Fonte: http://forum.wordreference.com/*

II. Errado: o pronome relativo *que* está retomando o substantivo multa e substituindo por *a qual* pode se referir a **multa** ou **lei**.

III. Certo: o que foram sancionadas pela presidenta? As mudanças aprovadas = sujeito. O pronome relativo pode ser substituído, tranquilamente, por *as quais*.

IV. Certo. Embriaguez vem do adjetivo embriagado. Sufixo - EZ: formador de substantivos abstratos a partir de adjetivos: altivez; estupidez; honradez; mudez.

4. FEPESE

14. (FEPESE - Agente Penitenciário - SC/2013) Identifique abaixo as afirmativas verdadeiras (V) e as falsas (F) feitas sobre as frases abaixo.

( ) Nos Estados Unidos, mais de uma pessoa está em presídios e mais de 400 mil trabalham nele. (a palavra sublinhada está no plural porque se refere a 400 mil pessoas)

( ) A palavra "prisão" não é uma palavra difícil de ser entendida. (o termo sublinhado é uma locução verbal com verbo auxiliar no particípio)

( ) Todos os presidiários dos Estados Unidos estão em presídios de segurança máxima. (a expres-

são sublinhada é um complemento nominal, e tem sentido de lugar)

( ) Isolamento ou tédio podem deixar alguém louco e onde a mais simples das necessidades parece um luxo. (A conjunção sublinhada tem valor aditivo)

( ) Tudo é restrito, em geral, como uma punição por ter cometido um crime. (As duas vírgulas foram usadas para isolar termo intercalado)

Assinale a alternativa que indica todas as afirmativas corretas.

(A) V – V – F – V – F

(B) V – F – V – F – F

(C) F – V – F – V – V

(D) F – V – F – V – F

(E) F – F – V – V – F

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

✪ **Nota da autora:** Questão de concordância, verbo, análise sintática, período composto (conjunção) e pontuação.

(V) O verbo concorda com o sujeito: quem trabalham: 400 mil. Eliminadas *c, d* e *e*.

(V) Verbo *ser* (auxiliar) + particípio: locução verbal. Eliminada *b*. Encontrada a resposta.

(F) Onde estão? Em presídios de segurança máxima: adjunto adverbial de lugar – posposto ao verbo intransitivo *estar*.

(V) Valor aditivo porque o verbo está no plural, equivale a *e*.

(F) *Em geral* é locução adverbial e não termo intercalado.

5. FCC

15. (FCC – Agente Penitenciário – BA/2010) "... *provando que não só humanos já haviam saído da África, como também haviam desenvolvido habilidades musicais e artesanais.*" (Marcelo Gleiser. Folha de S. Paulo, Mais!, 23 de agosto de 2009, com adaptações). A afirmativa está corretamente transcrita, sem alteração do sentido original, em: ... provando

(A) que somente na África os homens tinham aprendido a fazer instrumentos musicais e seus objetos manuais.

(B) que, quando saiu da África, os homens primitivos dominavam a música e os objetos com natural desenvoltura.

(C) que os homens primitivos tinham se espalhado por outros lugares, além da África, e já dominavam a confecção de instrumentos musicais e de objetos.

(D) quantos homens saídos da África passaram a dominar as artes musicais e o artesanato, como seu próprio desenvolvimento.

(E) como a África originou a espécie humana, com habilidades para reproduzir a música e os objetos manuais da natureza.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Haviam saído da África equivale a tinham se espalhado por outros lugares, além da África.

Alguns erros:

Alternativa "a" – Somente.

Alternativa "b" – saíram.

Alternativa "d" – Incoerente.

Alternativa "e" – Altera o sentido.

16. (FCC – Agente de Segurança Penitenciária – PB/2008) A frase inteiramente correta e de sentido claro é:

(A) A utilização de energia derivada de fontes renováveis de combustíveis, em detrimento do uso do petróleo, favorece a preservação do meio ambiente.

(B) A necessária redução na emissão de gases do efeito estufa, somadas ao anceio pela dependência do petróleo, valorizaram a procura por combustíveis renováveis, como o etanol.

(C) Brasil e Estados Unidos lideram o mercado de produção de etanol, um utilizando o milho como matéria-prima, ao paço que o outro é a cana-de-açúcar, como energia renovável.

(D) A substituição de gasolina em álcool combustível em veículos altomotores reduzindo os gases que poluem o meio ambiente, principalmente nas grandes cidades, o que é problema mundial.

(E) A obtensão de álcool apartir da cana-de-açúcar é resultante de avançada tecnologia, pioneira, desenvolvida no Brasil, com as crises anteriores de fornesimento de petróleo no mundo todo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Há coerência e correção gramatical.

Alternativa "b" – somada, valoriza.

Alternativa "c" – passo.

Alternativa "d" – Além de incoerente, há erro de grafia: automotores.

Alternativa "e" – Incoerente e com erros de grafia: obtenção, a partir e fornecimento.

17. (FCC – Agente de Segurança Penitenciária – PB/2008)

I. O cérebro é o órgão mais complexo do corpo humano.

II. As duas últimas décadas apresentam conquistas férteis sobre o cérebro e seu funcionamento.

III. Boa parte das conquistas se deve aos exames feitos por imagem.

As frases se organizam num só período, com clareza, lógica e correção, em:

(A) O cérebro, sendo o órgão mais complexo do corpo humano foi, nas duas últimas décadas, feito conquistas férteis sobre ele e seu funcionamento, com boa parte das conquistas que se devem aos exames feitos por imagem.

(B) As duas últimas décadas apresentam conquistas férteis sobre o cérebro e seu funcionamento, como ele é o órgão mais complexo do corpo humano, boa parte das conquistas aconteceram com os exames de imagens.

(C) As duas últimas décadas apresentam conquistas férteis sobre o cerébro – o órgão mais complexo do corpo humano – e seu funcionamento, boa parte das quais se deve aos exames feitos por imagem.

(D) O cérebro, que é o órgão mais complexo do corpo humano, nas duas últimas décadas apresentam conquistas férteis – boa parte das quais se devem aos exames feitos por imagem – para descobrir o funcionamento dele.

(E) Boa parte das conquistas – sobre o cérebro o órgão mais complexo do corpo humano – que é devida aos exames de imagem nas duas últimas décadas apresentam conquistas férteis sobre o funcionamento dele.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Simples: o órgão mais complexo do corpo humano é aposto explicativo de cérebro e por isso deve estar separado por pontuação.

Correções:

Alternativa "a" – Além de incoerente, há pontuação errada.

Alternativa "b" – Incoerente.

Alternativa "d" – Não há sentido.

Alternativa "e" – Já pelo início do período, percebe-se que há incoerência e erros gramaticais.

6. FUNRIO

18. (Funrio – Agente Penitenciário Federal/2009)
Qual das frases abaixo serve para mostrar que o uso inadequado dos elementos gramaticais de coesão pode provocar incoerências no texto?

(A) O almoço já estava na mesa, mas as cozinheiras estavam começando a cozinhar a comida.

(B) Duas alunas não conseguiram chegar a tempo para a festa porque não havia festa naquele dia.

(C) Quando fura o pneu de uma bicicleta, o motorista precisa ir a um borracheiro.

(D) Meu amor, tudo em volta está deserto, tudo certo como dois e dois são cinco.

(E) A falta que te falta também eu sinto, mas sinto que me falta a falta que sinto de ti.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Como o almoço pode estar na mesa se as cozinheiras estavam começando a cozinhar a comida? No final do capítulo, há dicas de tipos de incoerência.

Alternativa "b" – Não havia festa e não chegaram a tempo.

Alternativa "c" – Furou pneu = borracheiro.

Alternativa "d" – Se está deserto, está errado, assim como, também, está errada a soma de dois e dois.

Alternativa "e" – Há falta – e quanta!

19. (Funrio – Agente Penitenciário Federal/2009)

Popeye, o marinheiro movido a espinafre, que gera US$ 2,17 bilhões anuais em vendas, promete neste ano virar personagem de batalhas judiciais pelo mundo. Os direitos autorais dos desenhos originais expiraram no dia 1° de janeiro de 2009, entrando em domínio público de acordo com a lei da União Europeia, que restringe o uso das imagens até 70 anos após a morte do autor. Isso significa que, agora, qualquer um pode imprimir e vender pôsteres, camisetas e adesivos com a imagem do Popeye e mesmo utilizar sua imagem em novos quadrinhos, sem a necessidade de pedir autorização ou pagar royalties.

O último período da notícia se inicia com o demonstrativo "isso", que estabelece um vínculo de coesão no texto porque faz referência à

(A) restrição ao uso das imagens até 70 anos após a morte do autor.

(B) geração de US$ 2,17 bilhões anuais em vendas.

(C) permissão para que qualquer um imprima o que quiser.

(D) possibilidade de haver batalhas judiciais pelo mundo.

(E) entrada dos direitos autorais em domínio público.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – O pronome demonstrativo *isso* é anafórico (retoma ideia citada anteriormente). Pergunte ao verbo: o que significa? A resposta é o período anterior – sintetizado na alternativa e.

Alternativa "a" – Fica incompleta a informação retomada.

Alternativa "b" – Informação muito distante do pronome demonstrativo.

Alternativa "c" – Não há essa informação no texto.

Alternativa "d" – Informação distante do pronome.

---

20. (Funrio – Agente Penitenciário Federal/ 2009) Após a partida, o jogador confirmou na entrevista coletiva que ia abandonar o futebol, mas disse também que estava muito triste por se despedir de sua carreira de maneira tão melancólica.

O redator dessa notícia transmitiu, com suas próprias palavras, a essência do depoimento do jogador, o que é uma técnica redacional chamada de

(A) referência livre.

(B) discurso indireto.

(C) ponto de vista.

(D) discurso direto.

(E) ponto de referência.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – O narrador conta a história e reproduz fala, e reações das personagens. É escrito normalmente em terceira pessoa. Nesse caso, o narrador se utiliza de palavras suas para reproduzir aquilo que foi dito pela personagem.

Alternativa "a" – Não é livre, transmite uma notícia.

Alternativa "c" – Não há subjetividade.

Alternativa "d" – as personagens ganham voz. É o que ocorre normalmente em diálogos. Isso permite que traços da fala e da personalidade das personagens sejam destacados e expostos no texto. O discurso direto reproduz fielmente as falas das personagens. Verbos como dizer, falar, perguntar, entre outros, servem para que as falas das personagens sejam introduzidas e elas ganhem vida, como em uma peça teatral.

Alternativa "e" – Não cita lugar para ser ponto de referência.

---

21. (Funrio – Agente Penitenciário Federal/ 2009) As opiniões pessoais expressam apreciações, pontos de vista, julgamento, que representam por parte de quem fala sua aprovação ou desaprovação. Mas as opiniões precisam vir apoiadas em fatos para que ganhem credibilidade.

A alternativa que mostra um trecho argumentativo que serve como exemplo para o que foi dito acima é a seguinte:

(A) O período em que Juvenal Antena esteve à frente da Associação de Moradores foi benéfico para a comunidade, porque ele captou recursos para obras de saneamento, construiu um posto de saúde e combateu o tráfico de drogas na Portelinha.

(B) Foi na primeira semana de maio que o jogador brasileiro conhecido como Juca Tatu se transferiu para o futebol da China, a fim de integrar a equipe mais popular da cidade de Xangai, o Shenzhen, cujo treinador é o paulista Marcos Falopa.

(C) Além, muito além daquela lagoa, que ainda reflete os últimos raios do pôr-do-sol, nasceu Limogino, o cabra da peixeira arretada, que tinha os olhos mais vesgos que eu já vi, e mais remelentos que folha de jacutinga largada no brejo durante a seca.

(D) Isaltina namorou-me durante doze dias e quatro maços de cigarro mata-rato e vivia falando mal do meu pai só porque o velho era rabugento e passava as tardes enchendo a paciência dizendo que nosso caso excedia as raias de um impulso infanto-juvenil.

(E) Para saber se o texto é figurativo, observe se as imagens têm uma organização imprecisa e se há um grupo delas se referindo à escultura e outro representando a produção intelectual baiana do início do século XX, época em que faltava mão-de-obra na praça.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta

- As opiniões pessoais expressam apreciações, pontos de vista, julgamento, que representam por parte de quem fala sua aprovação ou desaprovação: O período em que Juvenal Antena esteve à frente da Associação de Moradores foi benéfico para a comunidade, porque ele captou recursos para obras de saneamento.
- As opiniões precisam vir apoiadas em fatos para que ganhem credibilidade: construiu um

posto de saúde e combateu o tráfico de drogas na Portelinha.

Alternativa "b" – Apenas apresenta um acontecimento.

Alternativa "c" – Não há fatos que deem credibilidade.

Alternativa "d" – Não há credibilidade.

Alternativa "e" – Apenas apresenta um acontecimento.

7. CESPE

Atenção! Os itens a seguir contêm trechos de um texto. Julgue esses trechos com relação à correção gramatical.

Observação: *embora haja tópicos distintos, foram inseridos nesta parte por fazerem parte de um texto.*

22. (CESPE – Agente Penitenciário – ES/2007) O novo presídio será monitorado 24 horas por dia por cerca de 200 câmeras de vídeo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Por cerca de = tempo.

23. (CESPE – Agente Penitenciário – ES/2007) As imagens, em tempo real, será enviada para três centrais de monitoramento: para o próprio prédio, para a delegacia da Polícia Federal de Cascavel e para a Central de Inteligência Penitenciária do Departamento Penitenciário Nacional, em Brasília.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

✪ **Nota da autora:** Questão de concordância verbal.

Errado – As imagens **serão enviadas.**

24. (CESPE – Agente Penitenciário – ES/2007) As guardas internas e externas estarão a cargo de duzentos e cinquenta agentes penitenciários federais, que se revesarão.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

✪ **Nota da autora:** Questão de ortografia.

Errado – Revezarão.

25. (CESPE – Agente Penitenciário – ES/2007) A comunicação entre os agentes e os presos só serão permitidas em caso de extrema necessidade, e as conversas serão gravadas por microfones de lapela. (Trechos adaptados de Internet: www.circuitocidadao.com.br).

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

✪ **Nota da autora:** questão de concordância verbal.

Errado – A comunicação só **será permitida.**

QUESTÕES MÉDIAS

1. NÍVEL MÉDIO

1.1. FCC

01. (FCC TRT 4 – 2015 Técnico Judiciário) O povoamento do Rio Grande do Sul atraiu uma população masculina eminentemente nômade.

A economia do Rio Grande do Sul baseava-se na pecuária extensiva.

A ocorrência de inúmeros conflitos e batalhas propiciava a ausência dos homens.

As mulheres assumiram a direção dos empreendimentos familiares.

As mulheres transpuseram os limites das tarefas definidas usualmente para seu sexo.

As frases acima se organizam em um único parágrafo, mantendo-se a correção e a clareza, em:

(A) O povoamento do Rio Grande do Sul, cuja economia se baseava na pecuária extensiva, atraiu uma população masculina eminentemente nômade. A ocorrência de inúmeros conflitos e batalhas também propiciava a ausência dos homens. Ao assumir, então, a direção dos empreendimentos familiares, as mulheres transpuseram os limites das tarefas definidas usualmente para seu sexo.

(B) Com uma população masculina eminentemente nômade, que povoou o Rio Grande do Sul, baseando-se na pecuária extensiva, cujas batalhas e conflitos propiciaram a ausência dos homens, as mulheres assumiram, não obstante, a direção dos empreendimentos familiares.

Assim, elas transpuseram os limites das tarefas definidas usualmente para seu sexo.

(C) A economia do Rio Grande do Sul baseava-se na pecuária extensiva, com um povoamento de população masculina eminentemente nômade. Além, ainda, da ocorrência de inúmeros conflitos e batalhas. As mulheres assumiram, contudo, a direção dos empreendimentos familiares, onde transpuseram os limites das tarefas definidas usualmente para seu sexo.

(D) As mulheres do Rio Grande do Sul, com uma população masculina eminentemente nômade e de economia baseada na pecuária extensiva, participando, além disso, de inúmeros conflitos e batalhas. Elas transpuseram assim os limites das tarefas definidas usualmente para seu sexo, ao assumir a direção dos empreendimentos familiares, com a constante ausência dos homens.

(E) A população masculina, eminentemente nômade, do Rio Grande do Sul, onde a economia baseava-se na pecuária extensiva, além da ocorrência de inúmeros conflitos e batalhas. As mulheres assumiram a direção dos empreendimentos familiares, transpondo os limites das tarefas definidas usualmente para seu sexo, cuja causa foi propiciada pela constante ausência dos homens.

Resposta: "a"

Questão de coesão textual.

1. No primeiro e segundo períodos, ocorre repetição de "Rio Grande do Sul". Eliminando-a: O povoamento do Rio Grande do Sul, **cuja economia** se baseava na pecuária extensiva, atraiu uma população masculina eminentemente nômade = a economia do Rio Grande do Sul;

2. O terceiro período possui uma informação nova e não existe repetição = nada muda;

3. No quarto e quinto período, repete a palavra "mulheres". Unindo-os: Ao assumir, então, a direção dos empreendimentos familiares, as mulheres transpuseram os limites das tarefas definidas usualmente para seu sexo.

▶ **DICA**

Quando as mulheres transpuseram os limites? Quando assumiram = ao assumir(em).

Prestando muita atenção, daria para acertar sem precisar encontrar os erros, pois os períodos não possuem nexo.

Alguns erros:

(B) Qual a relação existente entre "batalhas e conflitos" e "pecuária extensiva"? O uso do relativo *cujas* está incorreto. Mais: o emprego da conjunção "não obstante".

(C) Pronome relativo: onde; conjunção: contudo.

(D) Não há clareza: você entendeu o que está escrito? A primeira oração está incompleta; não existe coesão também. Facilmente eliminada.

(E) Que é isso? Não possui sentido algum.

Texto para a questão.

O FIM DOS ÁLBUNS DE FOTOGRAFIAS

Quando me pergunto o que deverá desaparecer nos próximos anos, por conta dos avanços tecnológicos que mudam ou suprimem hábitos e valores tradicionais, incluo os álbuns de fotografias. Na verdade, são as fotografias mesmas, aquelas reveladas em papel, que estão desaparecendo para dar lugar às imagens arquivadas num celular ou num computador. Não é mais o tempo que as torna apagadas ou amareladas; é o nosso súbito desinteresse que as remove de vez ao toque de um "delete". Nem pensar em armazená-las naqueles álbuns de capa dura e folhas de papelão, alguns encadernados em pano, álbuns de família, que se acumulavam em baús ou velhos armários. São monumentos remotos, de um tempo em que a memória ia longe, chegava aos avós e aos bisavós.

Pergunto-me se não é a qualidade mesma da nossa memória, do nosso interesse pelas recordações, se não é o valor mesmo da memória que está mudando de forma radical. Parece estar havendo um crescente desprestígio de tudo o que se refere ao passado, ainda quando esse passado seja recente. Com isso, o tempo se reduz ao instante que está passando e ao aguardado amanhã, do qual se exigem novas revelações, novos milagres. Um álbum de fotografias, nessa velocidade, é um objeto de museu, testemunha de tempos mais ingênuos e de imagens paralisadas.

Enquanto não morrem de vez, ainda me detenho em alguns desses álbuns. Quase sempre são de gosto duvidoso, com capas pretensiosas, ilustradas com flores coloridas, gatinhos meigos, paisagens poéticas e outros mimos. Dentro deles surpreendo a vida que já foi, os olhares que nos apanham em nossa vez de ser modernos. Aí me ocorre que nossas imagens não irão parar em álbuns caprichosos, talvez nem mesmo em arquivos digitais: não estarão em lugar nenhum. É o preço que se paga pelo desapego à memória.

(Vitório Damásio, inédito)

02. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 3/2015) Considerando-se o contexto, traduz-se adequadamente o sentido de um segmento do texto em:

(A) *testemunha de tempos mais ingênuos* (2º parágrafo)

= que assistiu a épocas mais simples.

(B) *não irão parar em álbuns caprichosos* (3º parágrafo)

= não deterão arquivos presunçosos.

(C) *por conta dos avanços tecnológicos* (1º parágrafo)

= a despeito dos progressos da ciência.

(D) *para dar lugar às imagens arquivadas* (1º parágrafo)

= para ocupar o espaço de fotos classificadas.

(E) *um crescente desprestígio* (2º parágrafo)

= uma resistente desagregação.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

✪ **Nota da autora**: Questão de coerência e semântica (significado das palavras).

Na "a", *testemunha* equivale a *que assistiu*; *tempos mais ingênuos* pertence ao mesmo campo semântico de *época mais simples*.

(B) *Deter* significa *fazer parar, não deixar ir, sustar* = não pararão. *Presunçoso* é *aquele que possui uma opinião positiva muito elevada de si mesmo; que se julga melhor que os demais* e não possui relação com *caprichoso – brioso, cuidadoso, zeloso*. Aqui está o erro.

(C) *A despeito de* indica concessão (ideias opostas) e *por conta de* causa, embora, em um passado remoto, tenha causado muita polêmica entre grandes gramáticos e estudiosos da língua portuguesa. Além desse erro, há diferença entre tecnológico (relativo à tecnologia: ciência que estuda os métodos e a evolução num âmbito industrial) e científico (em que se mostra ciência, que a revela, que não é ideológico, nem se baseia no senso comum).

(D) A supressão do artigo já altera o sentido (as imagens e fotos); além disso, não há relação entre *dar lugar a algo* e *ocupar o espaço de algo*.

Observação: *arquivada* é o mesmo que *classificada* (classificar, depositar em arquivos; conservar, guardar).

(E) *Resistente* (sólido, duro, teimoso, obstinado) não é *crescente* (que cresce); *desprestígio* é descrédito; *desagregação*, no sentido figurado, é desunião, dissolução, decomposição.

---

03. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 3/2015) Está inteiramente clara e correta a redação:

(A) Se continuarmos a desleichar com nossa documentação através de fotografias, haverá de chegarmos ao momento onde nenhuma memória de nós resistirá ao tempo.

(B) O fraglante de uma cena familiar pode ser precioso, ao documentar um momento cuja lembrança ninguém poderá se esquecer, eternizando para sempre uma situação especial.

(C) Os álbuns de família, que para muita gente parece apenas uma relíquia inútil, estariam condenados à desaparecer, em função de seu descrédito em nome da tecnologia.

(D) Ser negligente com nossa memória, tal como parece estar ocorrendo em nossos dias, implica negligenciar o próprio sentido da nossa história, a própria formação da nossa identidade.

(E) Os instantâneos obtidos por celulares, ao contrário dos antigos álbuns fotográficos, dispensam de serem revelados, ao passo que nestes ainda exigem um papel especial.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

a) **1. Desleixar**: deixar em desleixo; desatender, descurar, descuidar. **2. por meio de** fotografias.

▶ **DICA**

A locução "através de" possui significado ligado a movimento físico, indicando a ideia de atravessar; "por meio de" se relaciona à ideia de instrumento, utilizado na execução de determinada ação.

FIXE

Através de = atravessar.

3. *Onde* deve usado para retomar lugar físico e pode ser substituído , quando pronome relativo, por *em que* ou *no(a)* qual. Não está retomando lugar físico, portanto o correto seria *haverá de chegarmos ao momento* **em que (no qual)** *nenhuma memória de nós resistirá ao tempo.*

Na ordem direta: Nenhuma memória de nós resistirá **no** momento.

b) **1. Flagrante**: que se viu ou se registrou no momento exato de seu desenvolvimento. **2.** Ninguém poderá se esquecer **da** lembrança: **de cuja**.

▶ **DICA**

Ninguém poderá esquecer a lembrança. Ninguém poderá se esquecer da lembrança.

Com pronome = com preposição; sem pronome = sem preposição.

c) **1.** Os álbuns de família, que para muita gente **parecem** apenas uma relíquia inútil. Para evitar erro, coloque na ordem direta (perceba que há oração subordinada adjetiva explicativa): Os álbuns de família

parecem apenas uma relíquia inútil para muita gente. **2.** Estão condenados **a** desaparecer: não pode haver acento indicativo de crase antes de verbo.

e) **1.** Dispensam **ser** revelados. **2. Estes** exigem um papel especial: não pode haver contração de preposição no sujeito.

---

04. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 3/2015) A frase ***Será que fazia sentido preservar o passado, uma vez que estava começando uma nova era?*** Tem seu sentido preservado numa nova e correta redação em:

(A) Em virtude dos novos tempos que estavam chegando, faria sentido manter vivo o passado?

(B) Porque faria sentido alimentar velhos tempos, conquanto uma nova era principiasse?

(C) Teria sentido caso se conserve o passado na medida em que começa um novo tempo?

(D) Que sentido poderia haver o passado quando se preserva numa nova etapa histórica?

(E) Assim que se principia um novo tempo, faria sentido ainda quando se preservasse o passado?

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

O que pode ter causado a dúvida é o fato de ser uma frase interrogativa, mas fica clara a ideia de condição que deverá ser utilizada no verbo "fazer" (faria). Assim chega-se à resposta.

▶ **DICA**

"Uma vez que" possui ideia de causa; "em virtude de" também indica causa. Quanto a sinonímia: novos tempos = novas eras; chegando = começando; manter vivo = preservar.

Eliminadas

(B) Conquanto = concessão.

(C) Na medida em que = causa. Erro na construção da frase: caso se conserve o passado. A ideia original é "faria sentido preservar o passado (ou manter vivo o passado).

(D) Quando = tempo.

(E) Assim que = tempo.

---

05. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 3/2015) Está plenamente correta a redação da seguinte frase:

(A) Quanto ao lema "lembrar para não repetir", muitos lhe adotam por que acreditam na pedagogia da História.

(B) Cabe aos museus a preservação de obras de arte; sempre haverá quem as ame e por elas se interesse.

(C) Não se sabe o por quê de tanto desprezo em relação ao passado, que tanto poder-nos-iam ensinar.

(D) Sim, sabe-se que privilégios sempre existem, e lhes desfrutam e os abusam os que chegam ao poder.

(E) Aos franceses, a Revolução propiciou-os afastar privilégios de quem lhes gozava injustamente.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

1. Cuidado! É necessário colocar na ordem direta (iniciando com o sujeito) para que não haja engano: A preservação de obras de arte (sujeito) cabe aos museus;

2. Quem (sujeito) as (O.D.) ame (V.T.D);

3. Interessa-se *por* algo = por elas se interessa.

(A) 1. Muitos adotam (V.T.D.) o lema (O.D.) = muitos **o** adotam; 2. **porque** = explicação (equivale a *pois*).

(C) 1. o **porquê** = substantivo e admite plural; 2. Tanto **nos poderia** ensinar = o advérbio de intensidade atrai o pronome oblíquo + verbo no singular para concordar com o sujeito (o passado).

(D) Os que chegam ao poder ao poder desfrutam (de algo ou algo) e abusam (de algo): **e desfrutam e abusam dele** os que chegam ao poder. Dois verbos com a mesma regência = um complemento. Como o verbo desfrutar admite, também, objeto direto, poderia ser reescrita assim: *e os desfrutam e abusam dele.*

(E) Propiciou algo a alguém (V.T.D.I.): propiciou-**lhes** afastar privilégios; gozar (aproveitar ou aproveitar-se = verbo transitivo direto ou transitivo indireto): gozava os privilégios ou gozava dos privilégios = *quem os gozava* ou *quem lhes gozava.*

Texto para as questões.

Introduzido no Brasil nos primeiros anos de vida republicana, o velho e bretão football foi apropriado por toda a sociedade e, sendo rebatizado no Brasil como "futebol", virou uma paixão nacional e um acontecimento festejado e amado pelo povo.

Embora tivesse a chancela colonial de tudo o que vinha de fora, o futebol sofreu muitos ataques em nome de um nacionalismo que se pensava frágil como porcelana. E, no entanto, canibalizamos e digerimos o "football", roubando-o dos ingleses. Hoje, há um estilo brasileiro de jogar e produzir esse esporte. De elemento capaz de desvirtuar, ao lado da música e do cinema americanos, o estilo de vida e a língua pátria, o futebol acabou servindo como um instrumento básico

de reflexão sobre o Brasil. O sucesso futebolístico foi o nosso primeiro instrumento de autoestima diante dos países "adiantados" e inatingíveis.

Como prova do imprevisível destino das coisas sociais, o futebol não veio confirmar a dominação colonial. Pelo contrário, ele nos fez colonizadores.

A relação entre povo e futebol tem sido tão profunda e produtiva por aqui, que muitos brasileiros se esquecem de que o futebol foi inventado na Inglaterra e pensam que ele é, como o samba e a feijoada, um produto brasileiro. Provavelmente, conforme muitos têm acentuado, porque é uma atividade que indubitavelmente promove sentimentos básicos de identidade individual e coletiva entre nós.

Talvez o futebol possa ser tudo isso porque ele é um esporte dotado de uma vocação complexa que permite entendê-lo e vivê-lo simultaneamente de muitos pontos de vista. Assim, embora o futebol seja uma atividade moderna, um espetáculo pago, produzido e realizado por profissionais da indústria cultural, ele, não obstante, também orquestra componentes cívicos básicos, identidades sociais importantes, valores culturais profundos e gostos individuais singulares. O seu maior papel foi o de ensinar democracia. Foi o de revelar com todas as letras que não se ganha sempre e que o mundo é instável como uma bola. Perder e vencer, ensina o futebol, fazem parte de uma mesma moeda.

(Adaptado **de DAMATTA, Roberto. Trechos dos ensaios "O futebol como filosofia" e "Antropologia do óbvio". Disponíveis em estadao.com.br e usp.br/revistausp. Acesso em 10/05/2014)**

---

06. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 16/2014) Identifica-se relação de causa e consequência, nessa ordem, na frase que se encontra em:

(A) A relação entre povo e futebol tem sido tão profunda e produtiva por aqui, que muitos brasileiros se esquecem de que o futebol foi inventado na Inglaterra...

(B) Embora tivesse a chancela colonial de tudo o que vinha de fora, o futebol sofreu muitos ataques em nome de um nacionalismo...

(C) ... pensam que ele é, como o samba e a feijoada, um produto brasileiro.

(D) ... sendo rebatizado no Brasil como "futebol", virou uma paixão nacional...

(E) Como prova do imprevisível destino das coisas sociais, o futebol não veio confirmar a dominação colonial.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Para haver relação de causa e consequência (ou efeito), é necessário fazer a pergunta **porquê? = por que** muitos brasileiros se esquecem de que o futebol foi inventado na Inglaterra? **Causa**: porque a relação entre povo e futebol tem sido tão profunda e produtiva por aqui.

▶ **Dica:** a oração para a qual perguntamos é o efeito da causal.

Alternativa "b" – *Embora* indica concessão (ideias opostas).

Alternativa "c" – *Como* indica comparação.

Alternativa "d" – Não existe conjunção.

Alternativa "e" – *Como* indica modo e não causa.

---

07. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 16/2014) De elemento capaz de desvirtuar, ao lado da música e do cinema americanos, o estilo de vida e a língua pátria, o futebol acabou servindo como um instrumento básico de reflexão sobre o Brasil. (2º parágrafo)

Uma redação alternativa para o segmento acima, em que se mantêm a correção, a lógica e, em linhas gerais, o sentido original, está em:

(A) A música americana, assim como o cinema, foi considerada capaz de adulterar o estilo de vida e a língua dos brasileiros, enquanto que o futebol serviria como um instrumento básico de reflexão sobre o Brasil.

(B) Tanto o cinema quanto a música americana, embora capazes de desviar o estilo de vida e a língua dos brasileiros, configuram-se, assim como o futebol, em um instrumento básico de reflexão sobre o Brasil.

(C) O futebol, juntamente com a música e o cinema americano, foram vistos como capazes de deturpar o estilo de vida e a língua pátria, mas passaram a ser um instrumento básico de reflexão sobre o Brasil.

(D) O futebol, assim como a música e o cinema americanos, foi tido como capaz de corromper o estilo de vida e a língua dos brasileiros; entretanto, tornou-se um instrumento básico de reflexão sobre o Brasil.

(E) Servindo como um instrumento básico de reflexão sobre o Brasil, o futebol, apesar de ter sido, juntamente com a música e o cinema americanos, capaz de corromper o estilo de vida e a língua dos brasileiros.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – As ideias permanecem e não há erro gramatical.

Alternativa "a" – Erro gramatical: inserção de *que* posposto à conjunção *enquanto* (além de na caber pro-

porcionalidade). A reescritura retira o futebol das coisas que poderiam adulterar o estilo de vida e a língua dos brasileiros; na forma original, ele está incluso.

Alternativa "b" – Erro na concessão: embora capazes de desviar o estilo de vida e a língua dos brasileiros.

Alternativa "c" – Erro no emprego da conjunção adversativa mas e a música e o cinema americano não se configuram, segundo a assertiva original, como instrumento básico de reflexão.

Alternativa "e" – O sentido foi muito alterado; descartada facilmente.

---

08. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 16/2014) ...ele, não obstante, também orquestra componentes cívicos básicos, identidades sociais importantes, valores culturais profundos e gostos individuais singulares. O seu maior papel foi o de ensinar democracia.

Mantêm-se as relações de sentido estabelecidas no contexto substituindo-se, no segmento acima,

(A) singulares por **quaisquer**.

(B) não obstante por **por conseguinte**.

(C) orquestra por **articula**.

(D) papel por **propósito**.

(E) ensinar democracia por **democratizar-se**.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – *Orquestrar* (no sentido figurado – muito exigido nas últimas provas) significa coordenar, harmonizar e dirigir. São sinônimos: enumerar, relacionar, apresentar.

Alternativa "a" – Gostos singulares são gostos *exclusivos, distintos* e não quaisquer gostos.

Alternativa "b" – Oposição e conclusão, respectivamente.

Alternativa "d" – Papel está no sentido de ação, de colaboração, enquanto propósito significa ideal, objetivo.

Alternativa "e" – Ensinar a alguém e democratizar a si próprio: o sentido é alterado.

---

09. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 16/2014) Provavelmente (...) porque é uma atividade que indubitavelmente promove sentimentos básicos de identidade individual e coletiva entre nós.

Mantém-se a correção do segmento acima, no contexto, substituindo-se os elementos sublinhados do seguinte modo:

(A) É provável que isso se dê porque o futebol é uma atividade que, sem dúvida, promove sentimentos básicos de identidade individual e coletiva entre nós.

(B) Com certeza, porque o futebol é uma atividade que, não se duvidem, promove sentimentos básicos de identidade individual e coletiva entre nós.

(C) Talvez porque o futebol é uma atividade onde é incontestável que promove sentimentos básicos de identidade individual e coletiva entre nós.

(D) Por certo que isso se deve porque o futebol é uma atividade fora de questão, que promove sentimentos básicos de identidade individual e coletiva entre nós.

(E) É possível que se deve ao futebol ser uma atividade da qual é claro que promove sentimentos básicos de identidade individual e coletiva entre nós.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – *Provavelmente* = é provável; *indubitavelmente* = sem dúvida, certamente.

Alternativa "b" – Erro: com certeza.

Alternativa "c" – Erro: incontestável.

Alternativa "d" – Dois erros: por certo e fora de questão.

Alternativa "e" – O sentido foi todo alterado.

Trechos para a questão.

(...) Nas lojas tradicionais, os produtos se encontravam nos fundos da loja e, a pedido do cliente, o vendedor os trazia. As lojas de departamentos foram as primeiras a "mostrar", conforme Zola, no século XIX, descreveu de forma extraordinária em seus romances.

(...) A visibilidade do produto se torna então um fator-chave: para ser vendido, o produto deve ser visto, e, quanto mais é visto, mais é vendido, as vendas das prateleiras que estão no nível dos olhos do comprador são superiores àquelas dos outros níveis.

(...) A exibição dos produtos foi acompanhada de um fluxo de imagens destinado a facilitar seu escoamento: a publicidade invadiu as revistas, as ruas, a televisão e agora a tela do computador.

(Adaptado **de TISSIER-DESBORDES, Elisabeth. Consumir para ser visto: criação de si ou alienação?, São Paulo, Fap-Unifesp, p. 227-228)**

---

10. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 16/2014) Os pronomes "os" (1º parágrafo), "àquelas" (2º parágrafo) e "seu" (3º parágrafo) referem-se, respectivamente, a:

(A) produtos – vendas das prateleiras – fluxo
(B) fundos – vendas das prateleiras – fluxo
(C) fundos – mercadorias – produtos
(D) fundos – mercadorias – fluxo
(E) produtos – vendas das prateleiras – produtos

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"

✪ **Nota da autora:** Questão de pronome, um dos mecanismos de coesão textual.

Trabalhemos por eliminação para não haver erro e para ganhar tempo.

- O vendedor **os** trazia = trazia os produtos. Eliminadas alternativas *b, c* e *d*.
- São superiores **às vendas das prateleiras** dos outros níveis.
- O escoamento **dos produtos**. Eliminada *a*.

Sempre faça a substituição. A banca avalia a interpretação, o seu nível de entendimento do texto.

Trecho para questão.

(...) os supermercados estenderam esse princípio; as mercadorias são não apenas visíveis, mas também apreensíveis, o consumidor já não precisa do vendedor para se servir. A visibilidade do produto se torna então um fator-chave: para ser vendido, o produto deve ser visto, e, quanto mais é visto, mais é vendido, as vendas das prateleiras que estão no nível dos olhos do comprador são superiores àquelas dos outros níveis. (...)

(Adaptado **de TISSIER-DESBORDES, Elisabeth. Consumir para ser visto: criação de si ou alienação?, São Paulo, Fap-Unifesp, p. 227-228)**

11. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 16/2014) Considere as frases abaixo.

I. O segmento ... *as vendas das prateleiras que estão no nível dos olhos do comprador são superiores àquelas dos outros níveis* expressa uma decorrência da afirmativa imediatamente anterior: ... *para ser vendido, o produto deve ser visto, e, quanto mais é visto, mais é vendido...*

II. A vírgula imediatamente após "mostrar", no segmento *As lojas de departamentos foram as primeiras a "mostrar", conforme Zola, no século XIX, descreveu ...*, pode ser suprimida sem prejuízo para o sentido original.

III. No segmento ... *estenderam esse princípio; as mercadorias são não apenas visíveis...*, o ponto e vírgula pode ser substituído por dois pontos, uma vez que a ele se segue uma explicação.

Está correto o que se afirma APENAS em

(A) I e III.
(B) I e II.
(C) I.
(D) II e III.
(E) III.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

✪ **Nota da autora:** Questão de coerência, período composto e pontuação.

I. Certo. Há relação de causa e efeito (ou consequência): para ser vendido, o produto deve ser visto, consequentemente *as vendas das prateleiras que estão no nível dos olhos do comprador são superiores àquelas dos outros níveis.*

II. Errado. A vírgula não pode ser suprimida porque indica intercalação da expressão conformativa *conforme Zola.* Seria possível substituí-las (as duas) por travessões ou parênteses.

III. Certo. Basta encaixar uma conjunção explicativa para se certificar: *estenderam esse princípio* **porque** *as mercadorias são não apenas visíveis.*

Trechos para a questão.

Reduzido a um clique

RIO DE JANEIRO – A notícia é alarmante: "Amazon se prepara para vender livros físicos no Brasil". O alarme não se limita à iminente entrada da Amazon no mercado brasileiro de livros – algo que lembrará o passeio de um brontossauro pela Colombo.

A ameaça começa pela expressão "livros físicos". É o que, a partir de agora, o diferenciará dos livros digitais.

Pelos últimos mil anos, dos manuscritos aos incunábulos e aos impressos a laser, os livros têm sido chamados de livros. Nunca precisaram de adjetivos para distingui-los dos astrolábios, das guilhotinas ou das cenouras. Quando se dizia "livro", todos entendiam um objeto de peso e volume, composto de folhas encadernadas, protegidas por papelão ou couro, nas quais se gravavam a tinta palavras ou imagens.

Há 200 anos, os livros deixaram de ser privilégio das bibliotecas públicas ou particulares e passaram a ser vendidos em lojas especializadas, chamadas livrarias. Desde sempre, as livrarias se caracterizaram por estantes altas, vendedores atenciosos, uma atmosfera de paz e a ocasional presença de um gato. Foi nelas que leitores e escritores aprenderam a

se encontrar e trocar ideias, gerando uma emulação com a qual a cultura teve muito a ganhar.

A Amazon dispensa tudo isso. Ela vende livros "físicos", mas a partir de um endereço imaterial – nada físico –, acessível apenas pela internet. Dispensa as livrarias. Se você se interessar por um livro (certamente recomendado por uma lista de best-sellers), basta o número do seu cartão de crédito e um clique. Em dois dias, ele estará em suas mãos – e a um preço mais em conta, porque a Amazon não tem gastos com aluguel, escritório, luz, funcionários humanos e nem mesmo a ração do gato.

Com sorte, os livros continuarão "físicos".

Mas os leitores correm o risco de ser reduzidos a um número de cartão de crédito e um clique.

(CASTRO, Ruy, Folha de S.Paulo, opinião, 7 de ag. De 2013. p. A2)

---

12. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) É correta a seguinte informação:

(A) Em gerando uma emulação com a qual a cultura teve muito a ganhar, a substituição do segmento destacado por "que" preserva a correção e o sentido originais.

(B) Em Há 200 anos, os livros deixaram de ser privilégio das bibliotecas públicas ou particulares, o sentido da expressão destacada sinaliza, por uma questão de lógica, a presença de uma ideia não explícita na frase.

(C) No contexto, o segmento *nem mesmo a ração do gato* revela que, para o autor, a Amazon teria de assumir gastos com esse item, ainda que não o fizesse com aluguel, escritório etc.

(D) Não havendo no texto a construção de algum sentido que justifique o emprego da expressão, a caracterização de funcionários – humanos –, com evidente redundância de informação, deve ser considerada inadequação de linguagem.

(E) Nas frases *A ameaça começa pela expressão "livros físicos"* e *Ela vende livros "físicos"*, nota-se distinta colocação das aspas, grafia que exigiria uniformização, pois não haveria prejuízo de matiz algum de sentido.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão, coerência, regência e pontuação (aspas). Nível difícil. Como era de se esperar, provas de TRT 2 e TRT 15 são mais complexas.

Atentemos à afirmação da alternativa: o sentido da expressão destacada sinaliza, por uma questão de lógica, a presença de uma ideia não explícita na frase. Decifremos: os livros deixaram de ser privilégio das bibliotecas públicas ou particulares. Não está explícito no texto que os livros já foram privilégio das bibliotecas públicas e particulares, mas se pode deduzir logicamente que se eles os deixaram de ser privilégio, é porque um dia já foram. A informação não explícita, portanto, é **os livros já foram privilégio das bibliotecas públicas ou particulares.**

Alternativa "a" – Regência: o pronome relativo *a qual* retoma *emulação*. Colocando a oração na ordem direta, tem-se: A cultura teve muito a ganhar **com** a emulação. A preposição foi exigida pelo verbo ganhar e não pode ser retirada. Poderia, sim, ser substituído por: **com que.**

Alternativa "c" – Com o uso da expressão *e nem*, fica evidente que não terá de assumir gastos com item algum: a Amazon não tem gastos com aluguel, escritório, luz, funcionários humanos e nem mesmo a ração do gato.

Alternativa "d" – Em primeiro lugar, há, no texto, construção que justifique o emprego da expressão *humanos* por se tratar de atendimento *on-line*; em segundo lugar, atentando-se à enumeração do autor, fica claro que está se referindo a itens essenciais de uma empresa 'física': aluguel, escritório, luz, funcionários humanos e nem mesmo a ração do gato. Não há redundância, muito menos inadequação de linguagem.

Alternativa "e" – O vocábulo ***físico*** está se referindo a livros impressos: objeto de peso e volume, composto de folhas encadernadas, protegidas por papelão ou couro, nas quais se gravavam a tinta palavras ou imagens. O emprego das aspas não são distintos, mas sim semelhantes. Sentido: que pertence à matéria: o mundo físico.

Observação: FCC tentou dificultar, mas ao ler todas as alternativas, calmamente, percebemos que trabalhando por eliminação, chegar-se-ia à resposta. Digamos que se trata de uma questão trabalhosa, e não dificílima.

Trechos para a questão.

RIO DE JANEIRO – A notícia é alarmante: "Amazon se prepara para vender livros físicos no Brasil". O alarme não se limita à iminente entrada da Amazon no mercado brasileiro de livros – algo que lembrará o passeio de um brontossauro pela Colombo. (...)

Há 200 anos, os livros deixaram de ser privilégio das bibliotecas públicas ou particulares e passaram a ser vendidos em lojas especializadas, chamadas livrarias. Desde sempre, as livrarias se caracterizaram por estantes altas, vendedores atenciosos, uma atmosfera de paz e a ocasional presença de um gato. Foi nelas que leitores e escritores aprenderam a

se encontrar e trocar ideias, gerando uma emulação com a qual a cultura teve muito a ganhar. (...)

(CASTRO, Ruy, Folha de S.Paulo, opinião, 7 de ag. De 2013. p. A2)

13. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) Comentário adequado sobre aspecto do texto encontra-se na seguinte alternativa:

(A) Transposta a frase A Amazon dispensa tudo isso para a voz passiva, tem-se a seguinte forma "Tudo isso será dispensado pela Amazon".

(B) Em *O alarme não se limita à iminente entrada da Amazon no mercado brasileiro de livros*, o acento indicativo da crase está corretamente empregado, assim como o está em "Pediu àquela velha amiga que lhe emprestasse o livro de edição já esgotada".

(C) Segundo o trecho mencionado acima, a analogia estabelecida em *algo que lembrará o passeio de um brontossauro pela Colombo* revela o traço comum aos elementos comparados, a "iminência".

(D) O segmento *gerando uma emulação com a qual a cultura teve muito a ganhar* exemplifica o emprego do gerúndio com valor causal.

(E) Se, em vez de Há 200 anos, a formulação fosse "Deveriam fazer uns duzentos anos", as orientações da gramática normativa estariam respeitadas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

✪ **Nota da autora:** Questão de verbo (vozes verbais), crase, semântica, período composto e concordância.

Quanto à crase, basta fazer a substituição para se certificar: não se limita **à** iminente entrada = não se limita **ao** poder; Pediu **àquela velha**: pediu **a** alguém = **ao** velho. Nos dois casos, o emprego de crase está correto.

Alternativa "a" – Ao transpor a oração da voz ativa para a passiva, deve-se inserir o verbo *ser* e manter o tempo do verbo principal (presente do indicativo): Tudo isso é dispensado pela Amazon.

Alternativa "c" – A iminência refere-se à entrada da Amazon no mercado brasileiro.

Alternativa "d" – Fácil. Há como fazer pergunta (por quê?) à oração principal? Não há. A oração possui ideia de adição: e gerou uma emulação com a qual a cultura teve muito a ganhar.

Alternativa "e" – O verbo *fazer*, quando impessoal (indica tempo decorrido) não admite pluralização, assim como seu verbo auxiliar: Deveria fazer duzentos anos.

Trechos para a questão.

Para ver uma cidade não basta ficar de olhos abertos. É preciso primeiramente descartar tudo aquilo que impede vê-la, todas as ideias recebidas, as imagens pré – constituídas que continuam a estorvar o campo visual e a capacidade de compreensão. (...)

A comparação da cidade com uma máquina é, ao mesmo tempo, pertinente e desviante. Pertinente porque uma cidade vive na medida em que funciona, isto é, serve para se viver nela e para fazer viver. Desviante porque, diferentemente das máquinas, que são criadas com vistas a uma determinada função, as cidades são todas ou quase todas o resultado de adaptações sucessivas a funções diferentes, não previstas por sua fundação anterior (penso nas cidades italianas, com sua história de séculos ou de milênios).

Mais do que com a máquina, é a comparação com o organismo vivo na evolução da espécie que pode nos dizer alguma coisa importante sobre a cidade: como, ao passar de uma era para outra, as espécies vivas adaptam seus órgãos para novas funções ou desaparecem, assim também as cidades. E não podemos esquecer que na história da evolução toda espécie carrega consigo características que parecem de outras eras, na medida em que já não correspondem a necessidades vitais, mas que talvez um dia, em condições ambientais transformadas, serão as que salvarão a espécie da extinção. (...)

(CALVINO, Italo. Os deuses da cidade. Assunto encerrado: discurso sobre literatura e sociedade. Trad. Roberta Barni. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 333-334)

14. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) O segmento do texto que, em outra formulação, mantém a correção gramatical e o sentido originais é:

(A) na medida em que já não correspondem a necessidades vitais / desde que estejam alienadas dos preceitos da vida secular.

(B) É preciso primeiramente descartar tudo aquilo / Em relação a todas aquelas coisas, fazem – se mister prioritariamente abandoná-las.

(C) Pertinente porque uma cidade vive na medida em que funciona / Legítima, pois uma cidade existe desde que assegure a prosperidade das pessoas.

(D) adaptações sucessivas a funções diferentes / acomodações intermitentes a utilidades distintas.

(E) não previstas por sua fundação anterior / não presumidas por sua edificação precedente.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Previstas = conjeturadas, calculadas. prenunciadas, pressentidas, presumidas; sinônimos de fundação: edificação, instalação, instauração e instituição.

Alternativa "a" – *Na medida em que* possui relação de causa e *desde que* possui ideia de tempo, além de não haver relação semântica entre *necessidades vitais* e *preceitos da vida secular.*

Alternativa "b" – O sentido foi alterado e há erro gramatical: faz-se mister.

Alternativa "c" – *Na medida em que* indica causa e *desde que*, condição. *Funcionar* e *assegure a prosperidade das pessoas* também não pertencem ao mesmo campo semântico.

Alternativa "d" – *Adaptações* não são *acomodações*, além de *intermitente* ser alterado, revezado, salteado.

---

15. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) As frases abaixo devem ser consideradas em sua independência.

A que está redigida em conformidade com a norma-padrão escrita é:

(A) Em suas considerações, o autor, de certa forma, explica por que aquela célebre cidade desapareceu.

(B) Para conhecer uma cidade não basta os guias com que as empresas de turismo inundam as lojas.

(C) Se alguém se contrapor às ideias do autor do texto, que as combata em espaço próprio para isso.

(D) A máquina de cujo o diagrama podemos nos valer é a mais moderna do lote recém-adquirido pela empresa.

(E) O estudioso já prevera o desaparecimento daquela cidade muitas décadas antes de ela se tornar uma cidade-fantasma.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

✪ **Nota da autora:** Questão de pontuação, concordância, regência e verbo.

– A primeira vírgula separa inversão do adjunto adverbial; as posteriores marcam intercalação. Leia o que está em negrito para se certificar do uso correto das vírgulas: Em suas considerações, **o autor**, de certa forma, **explica por que aquela célebre cidade desapareceu**.

Alternativa "b" – Concordância: não **bastam**.

Alternativa "c" – Verbo: se alguém se **contrapuser.**

Alternativa "d" – Regência: ... **de cujo** diagrama: os relativos *quem* e *cujo* repelem o artigo.

Alternativa "e" – Verbo: **previra.** Verbo prever no pretérito mais que perfeito do indicativo.

Trecho para a questão

O americano Herbie Hancock, provavelmente o maior pianista de jazz em atividade, apresentou-se no Brasil em agosto de 2013. Ele relembra que estava em lua de mel no Rio, em 1968, quando Eumir Deodato, compositor e arranjador que havia conhecido em Nova York, quis lhe apresentar um então novo cantor, Milton Nascimento. "Quando Milton sentou e começou a tocar 'Travessia', fiquei louco", diz Herbie. "Peguei meu gravador. Que belas harmonias e melodias! Agora me pergunta se eu sei onde está essa fita?". Recentemente, o pianista reviveu aquele encontro casual no Rio de 1968, no dia internacional do jazz, 30 de abril: em Istambul, apresentou-se com Milton e outros músicos tocando justamente "Travessia".

A experiência de Hancock no Brasil, em 68, veio também num momento de travessia em sua carreira. Tinha acabado de deixar o quarteto de jazz liderado por Miles Davis (1926-1991), com o qual havia gravado e feito inúmeros shows, de 1963 a 1968. Ainda que já tivesse uma carreira solo de sucesso – basta pensar nas tão celebradas "Watermelon Man" (1962) e "Cantaloupe Island" (1964) –, sentiu que era a hora de formar seu próprio grupo.

(Adaptado **de: BENEVIDES, Daniel. serafina, Folha de S.Paulo, 2013. p.28)**

---

16. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) Afirma-se com correção:

(A) Em apresentou-se com Milton e outros músicos tocando justamente "Travessia", a palavra destacada está empregada com o mesmo sentido que tem na frase "A pena foi justamente aplicada, considerada a gravidade do crime".

(B) Consideradas as normas da gramática, a forma verbal *quis* está inadequadamente grafada.

(C) O deslocamento da palavra americano, produzindo a forma "Herbie Hancock, provavelmente o maior pianista americano de jazz em atividade", não altera o sentido original da frase.

(D) Consideradas as normas da gramática, o ponto de interrogação, no primeiro parágrafo, está impropriamente empregado.

(E) Em *A experiência de Hancock no Brasil, em 68, veio também num momento de travessia em sua car-*

reira, a palavra destacada foi empregada com o mesmo valor notado em "Isso que estão inventando sobre ele também é demais".

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – Trata-se de frase interrogativa indireta, isto é, sem necessidade alguma de utilizar o ponto de interrogação. Se fosse uma frase interrogativa direta, teríamos: Você sabe onde está essa fita?

▶ **Dica:** Frases interrogativas ocorrem quando uma **pergunta** é feita pelo emissor da mensagem. São empregadas quando se deseja obter alguma informação. A interrogação pode ser direta ou indireta.

Você aceita participar do sorteio? **(Interrogação direta)** Desejo saber se você aceita participar do sorteio. **(Interrogação indireta)**

Alternativa "a" – Em tocando justamente "Travessia", o sentido é de *exatamente;* em a pena foi justamente aplicada, o sentido é *de modo justo.*

Alternativa "b" – O verbo *querer* conjugado no pretérito perfeito do indicativo é **quis.**

Alternativa "c" – Sentido alterado, pois ele não é o maior pianista americano, mas sim o maior pianista de jazz. Ele é americano: origem.

Alternativa "e" – Em *veio também num momento de travessia* possui sentido de *da mesma forma,* indicando ideia de adição; em *também é demais,* possui sentido de *já* é demais.

---

17. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) A frase em que as ideias estão expressas de modo claro e em conformidade com a norma-padrão escrita é:

(A) Consideradas pela oposição contagens fraudulentas, elas foram logo anuladas, e nova apuração foi marcada para o dia imediatamente posterior às denúncias.

(B) Resolveu dedicar-se ao magistério porque concebia que já a atividade docente por si só exerce uma função de liderança nata.

(C) Afirmou, diante as câmeras de várias televisões do país, que as ações do governo mais condenam a marginalização do que acolhem os jovens carentes.

(D) Não só a valorização mas igualmente o respeito a seu trabalho lhe moviam na luta por melhores condições, motivo que justificou o prêmio tão cobiçado e ganho com orgulho.

(E) A fim de que toda uma geração de jovens não veem a desistir de sonhar mundos melhores, é necessário aos mais velhos abdicar os excessos e rejeitar o consumismo.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Sujeitos distintos e concordância correta: elas foram anuladas e consideradas fraudulentas; a nova apuração foi marcada.

Alternativa "b" – Além de o verbo ter sido conjugado em tempo errado (o correto seria **exercia**), o período não possui sentido algum.

Alternativa "c" – Regência: diante **das** câmeras.

Alternativa "d" – Regência: *mover* é transitivo direto = **o** moviam; motivo **por que** justificou o prêmio. Além desses erros gramaticais, o final do período está incoerente.

Alternativa "e" – Verbo: não **venha** a desistir = o verbo *vir* pode ser conjugado no singular – concordando com geração – ou no plural – concordando com *jovens.* A forma *veem* é plural do verbo *ver* e torna a frase incorreta.

---

18. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) Está redigida com clareza e em consonância com as regras da gramática normativa a seguinte frase:

(A) Queremos, ou não, ele será designado para dar a palavra final sobre a polêmica questão, que, diga-se de passagem, tem feito muitos exitarem em se pronunciar.

(B) Consultaram o juíz acerca da possibilidade de voltar atraz na suspensão do jogador, mas ele foi categórico quanto a impossibilidade de rever sua posição.

(C) Vossa Excelência leu o documento que será apresentado em rede nacional daqui a pouco, pela voz de Sua Excelência, o Senhor Ministro da Educação?

(D) A reportagem sobre fascínoras famosos não foi nada positiva para o público jovem que estava presente, de que se desculparam os idealizadores do programa.

(E) Estudantes e professores são entusiastas de oferecer aos jovens ingressantes no curso o compartilhamento de projetos, com que serão também autores.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Importante relembrar que a concordância do verbo quando há pronome de tratamento deve ser feita na terceira pessoa: Vossa Excelência leu.

Alternativa "a" – **Querendo**, ou não; **hesitarem** (titubear, vacilar, ficar indeciso, sem convicção, adiar uma decisão); *exitar* significa vencer, alcançar um objetivo, obter êxito, ter sucesso. Não cabe no contexto. Atenção à ideia.

Alternativa "b" – Ortografia: **juiz** (cuidado: no plural, possui acento porque a consoante passa a ser da outra sílaba = ju.í.zes); **atrás**.

▶ **Dica:** embora tenha sido escrita correta a expressão, fique atento(a) a esta diferença = 1. **A cerca de** ou **cerca de** significam "aproximadamente", "mais ou menos". Exemplo: *Estávamos **a cerca** de dois quarteirões do local do crime.* / 2. **Acerca de** é sinônimo de "a respeito de". Exemplo: *Falei **acerca da** situação econômica do Brasil.* / 3. **Há cerca de** exprime tempo decorrido, significando "faz aproximadamente". *Exemplo: Ele viajou **há cerca de** duas horas.*

Alternativa "d" – ***Facínoras***: indivíduos perversos e criminosos. O restante do período não possui sentido, não é claro.

Alternativa "e" – Além de não estar clara a oração, há erro de regência: serão autores **dos** projetos = **de que** ou **dos quais**.

---

19. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 12/2013) O que se denomina estilo de uma época resulta de uma combinação de estilos individuais, uma combinação dominada pelos métodos dos compositores que exerceram influência preponderante em seu tempo.

Uma redação alternativa para a frase acima, em que se mantêm a correção e a clareza, está em:

(A) A soma de estilos individuais resultam no que se chama estilo de uma época, porém, devem prevalecer os métodos dos compositores que exerceram mais influência em seu tempo.

(B) O que resulta dos estilos individuais combinados é o que chamamos estilo de uma época, todavia, prevalecem os métodos dos compositores cuja influência tinha-se conhecimento.

(C) Estilo de uma época é o que designa uma combinação de estilos individuais, aonde os métodos dos compositores definem uma maior influência em seu tempo.

(D) Ao resultado de uma combinação de estilos individuais, na qual prevalecem os métodos dos compositores que exerceram maior influência em seu tempo, chama-se estilo de uma época.

(E) Uma combinação dos métodos dos compositores que exerceram a maior influência em seu tempo geram estilos individuais que são designados estilo de época.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – Há clareza e correção.

▶ **Dica:** 1: uso do pronome relativo. *Na qual* está retomando *combinação de estilos individuais*; ordem direta: Os métodos dos compositores prevalecem **numa** combinação de estilos individuais, A preposição foi exigida e poderíamos utilizar *em que* ou na qual.

▶ **Dica:** 2: Facilite. Para resolver a questão com rapidez, procure erros gramaticais primeiro e se não encontrar, pense no sentido.

Alternativa "a" – Concordância: A soma **resulta**.

Alternativa "b" – Regência: pronome relativo *cuja* concorda com *influência*. Ordem direta na voz ativa: Tinha-se conhecimento **da** influência. Correção = de cuja.

Alternativa "c" – Além de não ter sido escrito seguindo a norma culta (exemplo: "é o que"), o uso de *aonde* está incorreto. Ordem direta: os métodos dos compositores definem uma maior influência em seu tempo **na** combinação....

Alternativa "e" – Não há sentido algum, ou seja, não há clareza e o sentido foi alterado. Aos erros: concordância (uma combinação **exerceu** e **gera**).

---

20. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRE-RO/2013) "Mesmo que a quantidade de chuva fique inalterada, a disponibilidade de umidade do solo deve diminuir, em consequência da elevação da temperatura média anual, que intensifica a evapotranspiração", diz outro especialista.

Redigida de modo diverso, mantém-se o sentido original da fala do especialista, com clareza e articulação lógica correta, em:

(A) Tendo-se elevado a temperatura média anual, com a perda de água do solo, a quantidade de chuva permanece ainda sem alteração e ainda mais, a umidade do solo não se mantém disponível.

(B) Contanto que se mantenha a precipitação de chuvas nas áreas destinadas à agricultura, com intensificação da perda de água do solo, haverá uma diminuição, como resultado do aumento da temperatura média anual.

(C) Enquanto que, com a manutenção da quantidade de chuva, o aumento da perda de água é consequência da elevação da temperatura média anual, com intensidade maior no solo.

(D) Ainda que se mantenha a precipitação pluvial, haverá diminuição de áreas aptas à agricultura, resultante da intensificação da perda de água do solo, devido ao aumento da temperatura média anual.

(E) Sem redução da quantidade de chuva, no entanto, o solo permanece menos úmido, mesmo com o aumento da temperatura média anual, ampliando a perda de água por transpiração.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

Nota da autora: Questão de coesão, coerência e período composto.

- Importante ressaltar que existe uma concessão (oposição) em *mesmo que a quantidade de chuva fique inalterada* e essa ideia tem de permanecer. Dividindo as informações para facilitar:

1) Mesmo que a quantidade de chuva fique inalterada = Ainda que se mantenha a precipitação pluvial;
2) a disponibilidade de umidade do solo deve diminuir = haverá diminuição de áreas aptas à agricultura;
3) em consequência da elevação da temperatura média anual, que intensifica a evapotranspiração = resultante da intensificação da perda de água do solo, devido ao aumento da temperatura média anual

Alternativa "a" – Incoerente e passa de concessão para causa (tendo-se elevado = por ter elevado).

Alternativa "b" – Ideias alteradas e não há coerência.

Alternativa "c" – Além de incoerente, passa para proporcionalidade.

Alternativa "e" – Sem o menor sentido.

---

21. (FCC – Escriturário-BB/2013.1) Ao descobrir maneiras de produzir alimentos em grande escala, certos povos que viveram a partir de uns 10 mil anos atrás desencadearam uma explosão populacional que foi resolvida com outra invenção, a da vida urbana.

Outra redação para a frase acima, em que se mantêm a correção, a clareza e, em linhas gerais, possui sentido, está em:

(A) Há mais ou menos 10 mil anos, a descoberta da produção de alimentos para um grande número de pessoas permitiu o crescimento da população e, em consequência, os aglomerados urbanos.

(B) O vertiginoso aumento da população, onde se criou os assentamentos urbanos, com a produção de alimentos para o grande número de pessoas que ali viviam, há 10 mil anos.

(C) Com a descoberta dos alimentos e o que podia ser cultivado para manter um grande número de seres humanos nos assentamentos, criou-se as condições da vida urbana, em época primitiva.

(D) Foi uns povos primitivos, de 10 mil anos atrás, que descobriram como cultivar alimentos, destinados para as pessoas que explodiram a população da vida urbana, também criada.

(E) Aos 10 mil anos, com a descoberta de como ter alimentos cultivados para a explosão do número das pessoas vivendo em núcleos de vida urbana, permitindo sua alimentação.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

Nota da autora: para facilitar, divida as informações e compare com os trechos das alternativas:

- Ao descobrir maneiras de produzir alimentos em grande escala = a descoberta da produção de alimentos para um grande número de pessoas;
- certos povos que viveram a partir de uns 10 mil anos atrás = Há mais ou menos 10 mil anos;
- desencadearam uma explosão populacional que foi resolvida com outra invenção, a da vida urbana = permitiu o crescimento da população e, em consequência, os aglomerados urbanos.

Erros:

Alternativa "b" – Coerência, pronome relativo, voz verbal e concordância. **1.** Sentido alterado; 2. O pronome relativo *onde* só pode ser usado para retomar lugar e pode ser substituído por *em que, no(a) qual*. Não é o caso; 3. Verbo transitivo direto ou transitivo direto e indireto + se indica voz passiva sintética, ou seja, há sujeito e o verbo deve concordar com o sujeito: ...se **criaram** os assentos. Transpondo para a voz passiva analítica (ser + particípio), temos: os assentos foram criados.

Alternativa "c" – Coerência, voz verbal e concordância. 1. Sentido alterado; 2. **Criaram-se** as condições de vida.

Alternativa "d" – Coerência, concordância e regência. 1. Incoerente: não possui clareza (sentido); 2. **Foram** povos (e não foi); 3. Erro crasso em uns povos: a pluralização do artigo indefinido *um* é **alguns**; 4. Destinados **às** pessoas.

Alternativa "e" – Coerência. O período não possui sentido, não há nexo, isto é, está incoerente.

▶ **Dica:** se, no enunciado, são pedidos *clareza* e *sentido*, basta saber se você entendeu o que foi escrito. Se não entendeu, significa que não possui sentido. Simples assim, pois ganha tempo na questão por não precisar procurar erros gramaticais.

(FCC – Escriturário-BB/2013.2) A princípio refratários ao comércio com o exterior, os governantes chineses acabaram rendendo-se à evidência de que o comércio significava a injeção de riqueza na economia local.

A afirmativa acima está corretamente transcrita, com lógica e clareza, em:

(A) De início, os governantes chineses acabaram aceitando o comércio exterior, pois trazia riqueza na economia local, o que era contrário às evidências.

(B) A riqueza que entrava na economia local através do comércio com o exterior, os governantes chineses aceitaram esses resultados, apesar de ser contrários a eles.

(C) O comércio com outras nações no exterior, os governantes chineses acabaram percebendo a entrada de riquezas na economia local, mesmo se opondo a ele de início.

(D) Intrigados com a origem exterior do comércio, os governantes chineses evidenciaram que o tal comércio trazia riqueza para a economia desse local.

(E) Os governantes chineses que, de início, se opunham à abertura comercial com outras nações, mudaram seu posicionamento ao perceberem os resultados econômicos desse comércio.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Separando, mais uma vez, as informações:

- rendendo-se à evidência = se opunham à abertura comercial com outras nações, mudaram seu posicionamento;
- A princípio refratários ao comércio com o exterior = ao perceberem os resultados econômicos desse comércio.

Alternativa "a" – Não aceitaram *de início.*

Alternativa "b" – Alterou todo o sentido e não possui clareza.

Alternativa "c" – Trecho incoerente, sem sentido e sem coesão textual.

Alternativa "d" – Nada indica que estavam *intrigados.*

---

22. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 15/2013) ... que somos nós a espuma que é transportada nessa onda, essa onda é impelida pelo mar que é o tempo, todo o tempo que ficou atrás, todo o tempo vivido que nos leva e nos empurra.

Uma redação alternativa para o segmento acima, respeitando-se o sentido original e mantendo-se a coesão e a clareza, está em:

(A) essa onda, que transporta a espuma, que é todos nós, vai impelindo o tempo – que é o mar – esse que nos leva e empurra, assim como essa espuma.

(B) como somos nós a espuma do tempo levado na onda do mar, a quem este tempo – que vem vivido de muito antes –, está levando e empurrando.

(C) que a espuma que se transporta nessa onda, é ela impelida ao mar – ou seja – o tempo que ficou atrás sendo vivido, nos levando e empurrando.

(D) o mar é o tempo, todo o tempo – atrás e vivido – o qual o mar vai impelindo, nos levando e empurrando, ainda, nessa onda que se transporta.

(E) que nós somos a espuma transportada pela onda, impelida pelo mar – o tempo anterior, vivido em sua totalidade, a nos levar e empurrar.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Período claro e correto.

Alternativa "a" – Já na leitura do segundo *que*, desista de a alternativa estar correta: não há clareza, nem sentido. Erro gramatical crasso, correção: que **somos** todos nós.

Alternativa "b" – Impossível entender o que está escrito: sem clareza e coerência.

Alternativa "c" – Incoerente.

Alternativa "d" – Período confuso e sem ligação de ideia.

---

23. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 9/2013) *"Associado à diversão tropicalista ou pós-tropicalista, no entanto, seu tom de melancolia era patente tanto nos poemas quanto nos textos em prosa".* Outra redação para a frase acima, em que se preservam a clareza e a correção, é:

(A) Seu tom de melancolia era do mesmo modo patente nos poemas como nos textos em prosa, embora ser associado à diversão tropicalista ou pós-tropicalista.

(B) Era associado à diversão tropicalista ou pós-tropicalista, contudo fosse patente seu tom de melancolia, hora nos poemas, hora nos textos em prosa.

(C) Conquanto associado à diversão tropicalista ou pós-tropicalista, seu tom de melancolia era patente não apenas nos poemas como nos textos em prosa.

(D) Associado à diversão tropicalista ou pós-tropicalista, ainda que seu tom de melancolia fosse patente não menos nos poemas que nos textos em prosa.

(E) Todavia, associado à diversão tropicalista ou pós-tropicalista, seu tom de melancolia era patente, sejam nos poemas, sejam nos textos em prosa.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

▶ **Dica rápida** – *no entanto* – conjunção adversativa (ideias opostas); *conquanto* – conjunção subordinada concessiva (ideias opostas também, mas nas orações subordinadas). Note que a questão é de coesão e coerência e não de período composto, por isso é inútil decorar ou memorizar. Vale a interpretação.

Alternativa "a" –... embora **seja** associado.

Alternativa "b" –... **ora...ora** = conjunções alternativas.

Alternativa "d" –Incoerente, não há sentido.

Alternativa "e" –**seja, seja.**

---

24. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 1/2013) A frase redigida com correção e clareza é:

(A) Até mesmo o governo dos Estados Unidos, que pensamos estarem muitas vezes alheios as coisas que se passam no Brasil, lamentaram a morte de Oscar Niemeyer, cuja nota dizia que ele inspirará gerações.

(B) Quando se começar à refletir no fato de que tão grande número de templos religiosos, tenham sido realmente construídos ou não, foram projetados por um arquiteto que abertamente se declarava ateu.

(C) Grandes arquitetos do mundo todo manifestaram sua admiração pela genialidade de Oscar Niemeyer, onde muitos chegaram mesmo a declarar a inspiração de suas obras em seu trabalho.

(D) A longevidade de Oscar Niemeyer permitiu, à todos os que eventualmente criticavam as suas obras, que as revalorizasse enquanto ele ainda vivia e não apenas depois da sua morte.

(E) Talvez ninguém tenha feito mais pela divulgação do país no exterior do que Oscar Niemeyer, cujos projetos inconfundíveis, espalhados pelo mundo, nunca deixarão de aludir à paisagem brasileira.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão, concordância, crase, pontuação, regência e pronome relativo.

Na alternativa e, o pronome relativo correto: projetos inconfundíveis de Oscar Niemeyer nunca deixarão de aludir à paisagem brasileira.

▶ **Dica** – O pronome relativo **cujo** indica posse do termo anteposto.

Os projetos de Niemeyer.

Alternativa "a" – Errada. Até mesmo o governo dos Estados Unidos, que pensamos **estar** muitas vezes **alheio às** coisas que se passam no Brasil, **lamentou** a morte de Oscar Niemeyer, cuja nota dizia que ele inspirará gerações.

Alternativa "b" – Errada. Quando se começar **a** refletir = não se usa o acento indicativo de crase antes de verbo. Além desse erro, não há coerência nas informações posteriores.

Alternativa "c" – Errada. Onde – quando pronome relativo – retoma lugar. Deveria ser substituído por uma conjunção aditiva, por se tratar de ideias adicionais (por exemplo: e).

Alternativa "d" – Errada. Retirar a vírgula e a crase: permitiu **a** todos.

Texto para a próxima questão.

O tempo não para

O processo é conhecido. Os custos crescem, os competidores avançam, e os acionistas querem resultados. Saída: renovar os quadros. Leia-se: livrar-se dos funcionários mais velhos e caros, contratar jovens efebos, com muita vontade e pequeno salário. Dito e feito. Então, o trabalho emperra, os clientes reclamam, mas a planilha de custos fala mais alto. Assim tem sido: a cada crise, interna ou externa, as empresas rejuvenescem seus quadros. Alguns observadores batizaram o processo de "juniorização".

Uma empresa "juniorizada" salta aos olhos. Antes, o escritório, silencioso e solene, era dominado por calvícies e cabelos brancos. Seis meses depois, o nível de ruído aumentou, e uma horda juvenil se estabeleceu. Foram-se as regras e procedimentos, substituídos por um frenesi frequentemente confundido com agilidade e produtividade. O mais importante é, porém, que a folha de pagamento foi reduzida. Inferno na Terra, paz no Olimpo corporativo.

Renovar sistematicamente os quadros é um princípio de gestão importante para as empresas. Profissionais mais jovens trazem novas ideias, colocam em xeque processos anacrônicos e ajudam a evitar que a empresa envelheça e perca o contato com as mudanças em seu ambiente de negócios. A renovação, realizada na medida certa, traz efeitos positivos.

A juniorização, por ser realizada com o propósito de reduzir custos, compromete a qualidade da gestão e põe em risco o futuro das companhias. Vista como panaceia, evita que a empresa trate de questões mais substantivas, relacionadas ao seu modelo de negócios e às suas práticas de gestão.

Além disso, a juniorização segue na contramão da demografia. O Brasil está envelhecendo. Nas próximas décadas, as empresas terão de lidar com quadros profissionais cada vez mais maduros. Uma pesquisa recente, realizada pela consultoriaPwC e a FGV-Eaesp, instituição à qual este escriba está ligado, procurou avaliar como o mundo corporativo se prepara para o fenômeno. Foram ouvidas mais de cem empresas, de diversos segmentos da economia. Algumas conclusões são preocupantes.

Em primeiro lugar, menos de 40% das organizações pesquisadas reconhecem que quadros mais maduros podem constituir alternativa à escassez de talentos. Consequentemente, a maioria das empresas não possui mecanismos para atrair e manter tais quadros. Em segundo lugar, as companhias reconhecem: profissionais mais maduros possuem competências valiosas, relacionadas à capacidade de realizar diagnósticos e resolver problemas, além de apresentar maior equilíbrio emocional. Paradoxalmente, elas não contam com modelos de gestão de carreira que facilitem os processos pelos quais tais características poderiam ser mais bem exploradas. Em terceiro lugar, há poucas iniciativas para garantir maior qualidade de vida e para ter quadros mais saudáveis no futuro. Há também poucas ações para acomodar o perfil e as necessidades dos profissionais próximos da aposentadoria. (Adaptado de: Thomaz Wood Jr., CartaCapital, 21/04/2013, www.cartacapital.com.br/sociedade/o-tempo-nao-para)

---

25. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) Considerado o contexto, o segmento cujo sentido está adequadamente expresso em outras palavras é:

(A) alternativa à escassez de talentos (último parágrafo) = oposição ao desaparecimento das aptidões

(B) compromete a qualidade da gestão (4º parágrafo) = confronta a excelência da produção

(C) confundido com agilidade e produtividade (2º parágrafo) = tomado por presteza e rendimento

(D) uma horda juvenil se estabeleceu (2º parágrafo) = uma gama novidadeira se consolidou

(E) colocam em xeque processos anacrônicos (3º parágrafo) = questionam procedimentos ilícitos

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Confundir: tomar ou ser tomado por outra coisa ou pessoa; presteza: agilidade, rapidez, ligeireza, celeridade; produtividade: eficiência, rendimento na produção.

Alternativa "a" – Errada. Alternativa não é sinônimo de escassez (Disponibilidade (de produto, serviço etc.) menor do que a necessária para atender à demanda; DESABASTECIMENTO; FALTA; RAREZA).

Alternativa "b" – Errada. Confrontar não possui relação semântica com comprometer (Ter efeito negativo sobre, causar dano a; PREJUDICAR).

Alternativa "d" – Errada. Horda: Qualquer grupo grande e desorganizado de pessoas (horda de foliões /de baderneiros); TURMA. Gama: Conjunto de coisas variadas; SÉRIE.

Alternativa "e" – Errada. Pôr em xeque: pôr em dúvida o valor, a veracidade, o mérito, a importância, a validade de algo, ou seja, equivale a questionar. O erro está em anacrônico: que não se enquadra nos usos ou costumes atuais; ilícitos: que não é lícito; que é proibido por lei.

---

26. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) *"A partir desse período, o seu núcleo central foi assumindo aparência arquitetônica própria, que ainda hoje conserva, num estilo colonial condizente com as condições da região".* Encravada às margens do rio Vermelho, num vale cercado por colinas, impossibilitada fisicamente de expandir-se, a cidade acabou por assumir um ar romântico imposto por contingências históricas e por força de sua situação geográfica.

Os elementos em destaque no trecho acima têm, respectivamente, o sentido de:

(A) em sintonia – tramas

(B) em paralelo – decretos

(C) contrastante – acontecimentos

(D) em harmonia – circunstâncias

(E) em dissonância – ficções

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Condizente: que condiz, harmônico, ajustado, bem combinado; contingência: fato que não é previsível ou sobre cuja ocorrência não há certeza, que depende de circunstâncias não controláveis; tb.: conjunto de condições ou circunstâncias que determinam um fato não previsto.

Alternativa "a" – Errada. Contingência não é trama.

Alternativa "b" – Errada. Erro: decretos.

Alternativa "c" – Errada. Se é condizente, não contrasta.

Alternativa "e" – Errada. Dissonância é falta de coerência, não são vocábulos afins.

27. (FCC – Técnico do Seguro Social – INSS/ 2012) Considerando-se a frase, o elemento grifado foi substituído de maneira INADEQUADA em:

(A) ... o acompanhariam postumamente... = após a morte

(B) ... uma era de sucessos sem precedentes... = inéditos

(C) O amor incondicional de Mahler... = irrestrito

(D) ... despojados retiros musicais... = singelos

(E) O mundo onírico dos Alpes... = nebuloso

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Onírico: *que é próprio do sonho ou da natureza do sonho*; nebuloso: *sombrio, ameaçador.**

Por eliminação, chegar-se-ia à resposta.

Alternativa "a" –Postumamente: *de uma maneira póstuma, depois da morte.**

Alternativa "b" –Inédito: *diz-se do que não se publicou, do que não foi exibido ou apresentado.**

Alternativa "c" –Incondicional: *que não está sujeito a qualquer tipo de condição ou não depende das circunstâncias; INTEGRAL; IRRESTRITO.**

Alternativa "d" –Despojado: *despido de ambição; DESPRENDIDO.**

**Fonte: Dicionário Digital Aulete.*

28. (FCC – TRT 6 – Técnico Judiciário – Área Administrativa/2012) As frases ABAIXO se articulam com correção e lógica em:

I. O invejoso procura destruir a felicidade alheia.

II. O invejoso age movido também pelo ódio.

III. O invejoso nutre a expectativa de que o término da felicidade alheia traga felicidade a ele.

(A) Como nutre a expectativa, de que o término da felicidade alheia lhe traga felicidade, o invejoso o qual procura destruir a felicidade alheia, agindo também pelo ódio.

(B) Movido também pelo ódio, o invejoso procura destruir a felicidade alheia, pois nutre a expectativa de que o seu término lhe traga felicidade.

(C) Com a expectativa na qual o término da felicidade do outro lhe traz felicidade, o invejoso, age também pelo ódio e procura destruí-lo.

(D) Por acreditar que, o término da felicidade alheia lhe trará felicidade, o invejoso procura destruir-lhe, agindo, também, pelo ódio.

(E) O invejoso, o qual age movido também pelo ódio, onde procura destruir a felicidade alheia, nutre a expectativa de que o término desta lhe traga felicidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b" – Correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão, pronome, regência e pontuação.

- Perceba que a segunda oração é uma **explicação** do que foi citado na primeira, por isso o uso da conjunção **pois**.

Alternativa "a" – Errada. Como nutre a **expectativa de** que o término da felicidade alheia lhe traga felicidade, o **invejoso procura** destruir a felicidade alheia, agindo também pelo ódio.

Alternativa "c" – Errada. Com a expectativa **de que** o término da felicidade do outro lhe **traga** felicidade, o **invejoso age** também pelo ódio e procura destruí-la (a felicidade).

Alternativa "d" – Errada. Por acreditar **que o** término da felicidade alheia lhe trará felicidade, o invejoso procura **destruí-la**, agindo, também, pelo ódio.

Alternativa "e" – Errada. O invejoso, o qual age movido também pelo ódio, **procura** destruir a felicidade alheia, nutre a expectativa de que o término desta lhe traga felicidade.

29. (FCC – TRT 6 – Técnico Judiciário – Área Administrativa/2012) *"Ela ignora o sorriso, salvo aquele que é excitado pela visão da dor alheia".* Mantendo-se a correção, a lógica e o sentido original, o elemento grifado acima pode ser substituído por:

(A) embora.

(B) afora.

(C) através.

(D) de encontro.

(E) sobre.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b" – Correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão e semântica.

Salvo é uma preposição utilizada no sentido de à exceção de; afora; exceto.

Alternativa "a" – Errada. conjunção concessiva.

Alternativa "c" – Errada. advérbio de modo.

Alternativa "d" – Errada. contra, em oposição a.

Alternativa "e" – Errada. em cima.

30. (FCC – TRT – 11ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2012) A Amazônia, dona de uma bacia hidrográfica com cerca de 60% do potencial hidrelétrico do país, tem a chance de emergir como uma região próspera, capaz de conciliar desenvolvimento, conservação e diversidade sociocultural.

O sentido geral do que se diz acima está retomado, com clareza e correção, em:

(A) As riquezas naturais da região amazônica e, especialmente, seu potencial hidrelétrico propiciam a ela um futuro promissor, com um desenvolvimento aliado à preservação de sua diversidade ambiental e cultural.

(B) Com a sua diversidade, o ambiente da Amazônia se dispõe para alcançar sucesso, em parte nos recursos hidrelétricos da região, cerca de muito grandes, por sua conservação, e a prosperidade que virá.

(C) A região que deverá se tornar próspera, é a Amazônia, que com seus recursos hidrelétricos em potencial e a biodiversidade, ela vai ser capaz de concordar com a conservação e o desenvolvimento.

(D) A bacia hidrográfica abundante na região amazônica, com suas hidrelétricas, vão permitir o desenvolvimento dessa mesma região, em conjunto com a diversidade social e ambiental que ali se encontra.

(E) Todo o desenvolvimento da região amazônica, com seus rios abundantes e potencial de construir hidrelétricas, serão o fator do crescimento regional, com desenvolvimento da diversidade e do ambiente.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a" – Correta.

✪ **Nota da autora:** Como sempre, em questões de coesão textual, são pedidos interpretação de texto e gramática aplicada ao texto.

Alternativa "a" – Errada. Não há erro gramatical e as ideias mantiveram-se.

Alternativa "b" – Errada. Erros: a expressão cerca de muito grandes e a afirmação de que a prosperidade que virá (ela pode vir).

Alternativa "c" – Errada. Além de não haver clareza, o pronome oblíquo está mal colocado: **deverá tornar-se**. Note que há um pronome relativo anteposto, por isso **não** se pode usar a forma que deverá se tornar.

Alternativa "d" – Errada. Erro de concordância: a bacia **vai permitir** e no trecho do enunciado as ideias são incertas (tem chance) e, ao transcrevê-lo, ocorre certeza.

Alternativa "e" – Errada. Todo o desenvolvimento **será** o fator do crescimento regional. Além de ocorrer, como na alternativa anterior, a alteração de dúvida para certeza.

31. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 4/ 2011) Nas ruas, nos museus ou nos shoppings de Doha, sempre existe alguém para impedir os retratos. E se você conseguir tirar uma foto escondido vai perceber as pessoas cuidadosamente tampando o rosto. Isso porque o Catar, país que acaba de ser eleito sede da Copa do Mundo de 2022, vive sob os preceitos da religião muçulmana.

Considerado o trecho acima, é correto afirmar:

(A) A substituição de alguém por "pessoas" mantém a correção da frase.

(B) O segmento *para impedir os retratos* expressa uma causa.

(C) Substituindo *para impedir os retratos* por "afim de que os retratos sejam impedidos", preservam-se o sentido e a correção originais.

(D) Em *Isso porque*, o elemento destacado, não remetendo a nenhuma palavra, expressão ou segmento do texto, foi empregado apenas como forma de realce.

(E) Substituindo *Isso porque o Catar* [...] vive sob os preceitos da religião muçulmana por "Isso acontece em função de o Catar [...] *viver sob os preceitos da religião muçulmana*", a correção da frase é mantida.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Alterando a preposição, obrigatoriamente deve ficar separada do artigo porque não pode haver contração de preposição + artigo no sujeito. O Catar possui função de sujeito = de o Catar viver sob os preceitos.

Alternativa "a" – Errada. existem pessoas.

Alternativa "b" – Errada. Indica finalidade: para quê?

Alternativa "c" – Errada. Opa! Deveria ser a fim de (separado). Afim: que possui ou manifesta afinidade, analogia, ou apresenta semelhança.

Alternativa "d" – Errada. Isso é um pronome demonstrativo anafórico e retoma o período anteposto, não sendo empregado como realce, mas sim com valor coesivo.

32. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 4/ 2011) *"Lá, as mulheres não podem exibir seus rostos fora de suas residências e adotam as burcas como traje".* Outra redação para o segmento acima, clara e correta, é:

(A) Adotarem as burcas como traje é porque no Catar é vetado às mulheres a exibição de seus rostos na parte exterior de suas residências.

(B) Atendendo à imposição de não exibir os rostos para além dos limites de suas residências, no Catar as mulheres adotam as burcas como traje.

(C) Burca é traje do Catar, adotado por mulheres tendo em vista que vetam-nas de mostrar os seus rostos, à exceção do interior de suas residências.

(D) As mulheres do Catar se vestem com burca à medida que são proibidas de terem os rostos expostos externamente às residências.

(E) O Catar é onde se interdita as mulheres a exibição de seus rostos fora de suas residências e assim adotam as burcas como traje.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Atendendo à imposição de não exibir os rostos para além dos limites de suas residências = não podem exibir seus rostos fora de suas residências; lá = no Catar; adotam as burcas como traje = adotam as burcas como traje. Ideia de causa e consequência.

Alternativa "a" – Errada. Adotar e é **vetada** a exibição.

Alternativa "c" – Errada. Não há coerência, clareza.

Alternativa "d" – Errada. O erro está na proporcionalidade à medida que, além de a circunstância ter sido alterada.

Alternativa "e" – Errada. Período todo confuso. Pense assim: se não entendeu é porque não há clareza.

---

33. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 4/ 2011) O período redigido de forma clara e correta é:

(A) Sugeriu que os privilégios concedidos a alguns do setor tivessem aplicação ampla e restrita, pois o sucesso era de todos, que nunca se degladiavam pelo serviço mais leve.

(B) Quizeram mediar as pessoas da comunidade atingida junto aos órgãos públicos que lhe pudessem conceder ajuda imediata, para o quê foram incapazes.

(C) Esse problema social tem caráter difuso, que impossibilita quem está fora o reconhecimento de suas vertentes, o que faz com que não podemos solucioná-lo logo.

(D) Sua idoneidade é inconteste, por isso suas reivindicações são sempre analisadas com respeito, apreço comprovado pelo modo como o tratam à sua chegada no ministério.

(E) Decidi resolutamente atrelar o meu trabalho a partir daquilo em que acredito ser verdade, o que me custou muito suor e lágrimas naquele excêntrico instituto.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (X) – Questão anulada pela banca. Motivos: 1. o uso do acento indicativo de crase, **na alternativa** d, antes do pronome possessivo **sua**. Lembre-se de que o uso é facultativo; 2. não há erro, também, **na alternativa** e, pois a intercalação não é obrigatória (no caso, do adjunto adverbial **resolutamente**).

Alternativa "a" – Errada. digladiavam.

Alternativa "b" – Errada. quiseram e que (sem acento). O acento só é utilizado em final de frase.

Alternativa "c" – Errada. possamos e ambiguidade no emprego do primeiro pronome relativo **que**.

---

34. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 4/ 2011) A frase clara e correta é:

(A) Não deixa de ser estranha, a meu ver, a trajetória desses artesãos que, desde o início da minha pesquisa, já mostravam de modo flagrante seu desprezo por regras e instituições.

(B) O público alvo para o qual o programa se direciona admite em entrevistas que não dispõe dos recursos financeiros suficiente para o desenvolvimento das suas atividades.

(C) Trabalhava com muitos imigrantes ilegais franco-canadenses, onde a maioria não se aceitava ou se via como tal, rejeitando fosse qual fossem as formas de discriminação.

(D) Participou do grupo que fez o relatório, que estava sempre próximo devido aos horários de reunião coincidirem com suas folgas, que, aliás, não estão nada esparças.

(E) O meio de transporte que usavam era com canoas sobre o riacho barrento, às quais eles mesmos fabricavam, ou à cavalo ou de carro de bois.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a" – Correta.

✪ **Nota da autora:** Como sempre acontece, juntam-se coesão e coerência à gramática (pontuação, concordância, crase e semântica).

Alternativa "a" – Leia os trechos em negritos para se certificar das corretas intercalações: **Não deixa de ser estranha**, a meu ver, **a trajetória desses artesãos que**, desde o início da minha pesquisa, **já mostravam**

de modo flagrante seu desprezo por regras e instituições.

Alternativa "b" - Errada. recursos financeiros **suficientes.**

Alternativa "c" - Errada. Trabalhava com muitos imigrantes ilegais franco-canadenses, **cuja** maioria não se aceitava ou se via como tal.

Alternativa "d" - Errada. Esparsas.

Alternativa "e" - Errada. O meio de transporte que usavam **eram canoas** sobre o riacho barrento, **as quais** eles mesmos fabricavam, ou **a** cavalo ou de carro de bois.

Texto para a próxima questão:

(...)

As roupas, acessórios, calçados e armas dos cangaceiros não tinham função única. Sob a análise do historiador, esse personagem surge supersticioso. Presas a seu corpo, ele levava diferentes orações com a função de protegê-lo. Objetivo semelhante tinham os símbolos com os quais enfeitava o chapéu, como o signo de Salomão, que reunia a ideia de poder, de proteção, de devolver as ofensas.

A roupa cheia de metais, espelhos e multicores não era um traje de camuflagem, muito ao contrário. Essa característica do cangaceiro, analisa o autor, mostra o caráter arcaico do homem ligado ao sobrenatural, às coisas da vida e da morte. É um traço presente em outras manifestações de arte popular ligadas à divindade. "Os ex-votos, por exemplo, são peças que servem de pagamento à graça alcançada. A carranca do rio São Francisco, vendida em sacos de estopa para que o dono da embarcação não a visse, serve como um abre-caminhos, um protetor contra os malefícios que poderiam estar a cada dobra do rio", explica o historiador. (Celso Calheiros, CartaCapital, 29 de outubro de 2010, p. 7071, com adaptações)

35. (FCC - Técnico Judiciário - TRT 23/ 2011) A roupa cheia de metais, espelhos e multicores não era um traje de camuflagem, muito ao contrário. (2º parágrafo)

Considerando-se o contexto, a afirmativa acima está corretamente reproduzida com outras palavras, sem alteração do sentido original, em:

(A) O traje do cangaceiro, coberto de metais, espelhos e múltiplas cores, não constituía um disfarce, visto que esses seriam antes elementos que o identificavam.

(B) Em oposição ao que consta, os metais, espelhos e muitas cores compunham um traje que servia de disfarce para a fragilidade do cangaceiro.

(C) A roupa do cangaceiro, coberta de enfeites como metais, espelhos e muitas cores, traziam elementos que lhe permitiam passar despercebido.

(D) A roupa usada no cangaço, coberta de múltiplos enfeites, dissimulava a aparência de seus participantes, com o objetivo de protegê-la.

(E) A dissimulação oferecida pelo traje cheio de metais, espelhos e cores conferiam poder e riqueza aos membros do grupo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - Vamos dividir as informações:

- A roupa cheia de metais, espelhos e multicores = O traje do cangaceiro, coberto de metais, espelhos e múltiplas cores;
- não era um traje de camuflagem = não constituía um disfarce;
- muito ao contrário = visto que esses seriam antes elementos que o identificavam.

Alternativa "b" - Errada. um traje que servia de disfarce para a fragilidade do cangaceiro.

Alternativa "c" - Errada. traziam elementos que lhe permitiam passar despercebido.

Alternativa "d" - Errada. dissimulava a aparência de seus participantes.

Alternativa "e" - Errada. conferiam poder e riqueza aos membros do grupo.

36. (FCC - Técnico Judiciário - TRT 14/ 2011)

- Algumas organizações não governamentais têm o objetivo de defender a preservação de territórios indígenas.
- Algumas organizações não governamentais captam recursos para a compra de equipamentos necessários para incursões pela selva.
- As organizações não governamentais não participam das expedições de monitoramento de tribos isoladas.

As frases acima se articulam com correção e lógica APENAS em:

(A) Embora não participem das expedições de monitoramento de tribos isoladas, algumas organizações não governamentais, cujo objetivo é defender a preservação de territórios indí-

genas, captam recursos para a compra de equipamentos necessários para incursões pela selva.

(B) Apesar de não participar das expedições de monitoramento de tribos isoladas, algumas organizações não governamentais defendem a preservação de territórios indígenas, esses o objetivo delas, e captam recursos para a compra de equipamentos necessários para incursões pela selva.

(C) Algumas organizações não governamentais, cujas as quais não participam das expedições de monitoramento de tribos isoladas, possue o objetivo de defender a preservação de territórios indígenas e captar recursos para a compra de equipamentos necessários para incursões pela selva.

(D) Algumas organizações não governamentais, que não participam das expedições de monitoramento de tribos isoladas, possue o objetivo de defender a preservação de territórios indígenas e tem captado recursos para a compra de equipamentos necessários para incursões pela selva.

(E) Como o objetivo de algumas organizações não governamentais são de defender a preservação de territórios indígenas, que não participam das expedições de monitoramento de tribos isoladas, são captados recursos para a compra de equipamentos necessários para incursões pela selva.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Note que o terceiro período possui ideia de concessão (ideias opostas). Assim, sobram duas alternativas apenas (a, b).

Reposta: Embora (concessão) não participem das expedições de monitoramento de tribos isoladas, algumas organizações não governamentais, cujo objetivo é defender a preservação de territórios indígenas, captam recursos para a compra de equipamentos necessários para incursões pela selva. Pronome relativo correto = o objetivo de algumas organizações não governamentais é defender a preservação de territórios indígenas.

Alternativa "b" – Errada. Apesar de não **participarem** das expedições de monitoramento de tribos isoladas, algumas organizações não governamentais defendem a preservação de territórios indígenas, **esses o objetivo delas**,(trecho incoerente) e captam recursos para a compra de equipamentos necessários para incursões pela selva.

Alternativa "c" – Errada. Algumas organizações não governamentais, **que** não participam das expedições de monitoramento de tribos isoladas, **possuem** o objetivo de defender a preservação de territórios indígenas e captar recursos para a compra de equipamentos necessários para incursões pela selva.

Alternativa "d" – Errada. Algumas organizações não governamentais, que não participam das expedições de monitoramento de tribos isoladas, **possuem** o objetivo de defender a preservação de territórios indígenas e **têm** captado recursos para a compra de equipamentos necessários para incursões pela selva.

Alternativa "e" – Errada. Como o objetivo de algumas organizações não governamentais **é** de defender a preservação de territórios indígenas **que não participam das expedições de monitoramento de tribos isoladas** são captados recursos para a compra de equipamentos necessários para incursões pela selva (trecho incoerente).

---

37. (FCC – TRT 8ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa/2010)

Em 1498, o Doge de Veneza convocou seus conselheiros. Informou os conselheiros de que naquela manhã ele recebera um despacho, e esse despacho trazia uma notícia lamentável. Um navegador português, Vasco da Gama, conseguira dobrar o sul da África pelo Cabo das Tormentas, cabo que foi rapidamente rebatizado de Cabo da Boa Esperança. Até essa data Veneza controlava a totalidade do comércio entre o Ocidente e o Oriente. Veneza era a porta que permitia à Europa se comunicar com a Ásia. Veneza era a única porta entre os dois continentes. Ela foi privada de seu privilégio. (Texto elaborado a partir do artigo de Gilles Lapouge, publicado no jornal O Estado de S.Paulo, Economia, B14, 11 de julho de 2010).

O comentário acima está redigido com lógica, clareza e correção, sem repetições desnecessárias, em:

(A) Os conselheiros do Doge de Veneza, em 1498, que convocou, para informá-los que naquela manhã ele recebera um despacho, que trazia uma notícia lamentável, visto que um navegador português, Vasco da Gama, estava dobrando o sul da África pelo Cabo das Tormentas, o chamado da Boa Esperança. Veneza controlava ainda, como privilégio, a totalidade do comércio entre o Ocidente e o Oriente que era a porta que comunicava a Europa com a Ásia. Veneza era a única porta entre esses dois continentes.

(B) O Doge de Veneza e seus conselheiros – que convocou naquela manhã, em 1498 – para informar que era um despacho lamentável, que estava sendo recebido. Vasco da Gama, um navegador português conseguiu dobrar o sul da África pelo Cabo das Tormentas, que tinha então recebido o nome de Cabo da Boa Esperança. Veneza era a porta que permitia a Europa se comunicar com a Ásia: controlando a totalidade do comércio entre o Ocidente e o Oriente;

era a única entre os dois continentes, tendo sido privada de seu privilégio.

(C) O Doge de Veneza convocou seus conselheiros em 1498, informando-lhes de que naquela manhã acabava de chegar um despacho, o qual era uma notícia lamentável, por que Vasco da Gama – um navegador português – tinha dobrado o sul da África pelo Cabo das Tormentas, o qual foi rapidamente rebatizado de Cabo da Boa Esperança. Até aí Veneza estava controlando a totalidade do comércio entre o Ocidente e o Oriente, sendo a porta que permitia comunicar a Europa com a Ásia. Veneza era a única entre os dois continentes que foi privada de seu privilégio.

(D) Em 1498, o Doge de Veneza convocou seus conselheiros e informou-os que naquela manhã ele tinha recebido um despacho, que era lamentável. Um navegador português: Vasco da Gama, tinha dobrado o sul da África pelo Cabo das Tormentas, cabo que foi rapidamente rebatizado de Boa Esperança. Até essa data Veneza controlava o comércio inteiro entre o Ocidente e o Oriente. Veneza era a porta de comunicação da Europa e Ásia, sendo a única porta entre esses dois continentes e estava sendo então privada de seu privilégio.

(E) Em 1498, o Doge de Veneza convocou seus conselheiros, pois naquela manhã ele recebera um despacho com uma notícia lamentável: um navegador português, Vasco da Gama, conseguira dobrar o sul da África pelo Cabo das Tormentas, rapidamente rebatizado de Cabo da Boa Esperança. Até essa data, Veneza – agora privada de seu privilégio – controlava a totalidade do comércio entre o Ocidente e o Oriente, como a porta que permitia à Europa se comunicar com a Ásia, a única entre os dois continentes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e" – Correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão, concordância, regência e pontuação.

Alternativa c: pontuação, concordância e regência corretas.

Algumas correções, além da pontuação errada também. Basta seguir a pontuação da alternativa correta.

Alternativa "a" – Errada. Os conselheiros **convocaram**, para **informar-lhes** que naquela manhã ele recebera um despacho.

Alternativa "b" – Errada. O Doge de Veneza e seus conselheiros **convocaram.**

Alternativa "c" – Errada. informando-lhes **que** naquela manhã acabava de chegar um despacho.

Alternativa "d" – Errada. informou-**lhes** que naquela manhã ele tinha recebido um despacho.

Texto para a próxima questão:

Mas em nenhum outro lugar a tormenta é tão assustadora quanto nos Estados Unidos. A recessão atropelou os dois que maiores anunciantes – o mercado imobiliário e a indústria automobilística – e a evolução da tecnologia, com seu impacto sísmico na disseminação da informação, se dá numa velocidade alucinante no país. O binômio recessão-internet está produzindo uma devastação. Vários jornais, mesmo bastante antigos e tradicionais, fecharam suas portas.

38. (FCC – TRT 9ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) *"O binômio recessão-internet está produzindo uma devastação".* O sentido contido na expressão grifada acima se encontra também em:

(A) *velocidade alucinante.*

(B) *uma descoberta até hoje insubstituível.*

(C) *recessão mundial.*

(D) *evolução da tecnologia.*

(E) *impacto sísmico.*

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Devastação: grande destruição; ASSOLAÇÃO; ruína proveniente de acontecimento desastroso. (Fonte: Dicionário Digital Aulete.)

Nas outras alternativas (*a, b, c* e *d*) não há relação semântica com o vocábulo sublinhado.

39. (FCC – TRT 9ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) *"O fechamento de um jornal é o fim de um negócio como outro qualquer. Mas, quando o jornal é o símbolo e um dos últimos redutos do jornalismo, como é o caso do* ***New York Times****, morrem mais coisas com ele".* Em relação às afirmativas acima, é correto afirmar que:

(A) Na segunda frase o autor defende a opinião de que um jornal deve transformar-se em *um dos últimos redutos do jornalismo,* ao estabelecer o monopólio da informação.

(B) A segunda frase exemplifica, com a deplorável situação econômica do ***New York Times***, a falência geral dos órgãos de imprensa perante os avanços da internet.

(C) A frase *morrem mais coisas com ele*, que finaliza o trecho transcrito, refere-se diretamente ao fato de que o jornal é *um negócio como outro qualquer.*

(D) A segunda frase traz uma ressalva a respeito do que foi dito na primeira, contestando, de certa forma, a expressão *um negócio como outro qualquer.*

(E) A primeira frase enfatiza o sentido de que *o jornal é um dos últimos redutos* das sociedades civilizadas, por ser veículo de comunicação de fatos e de ideais.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – A segunda frase tanto indica ressalva (*consideração com que se corrige ou retifica alguma coisa*) que se inicia com a conjunção adversativa **mas**.

Alternativa "a" – Errada. O autor não defende tal opinião.

Alternativa "b" – Errada. A segunda frase não exemplifica.

Alternativa "c" – Errada. Não é qualquer negócio!

Alternativa "e" – Errada. Informação não citada no texto.

---

40. (FCC – TRT – 12ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) *"As personagens más são menos numerosas, mas são indispensáveis. Condimentam a trama. Seu destino é mais variado, e assim deve ser, se quisermos uma boa novela. Não podem ser todas punidas, nem sair todas impunes".* As frases acima, do final do texto, se organizam de modo lógico, claro e correto em um único período, sem alteração do sentido original, em:

(A) Indispensáveis, porém não tanto más, as personagens numa boa novela é o condimento da trama, onde o destino é mais variado, como deve ser, e nem todas punidas, nem todas impunes.

(B) As personagens más, cujo destino é mais variado, pois nem todas são punidas, nem saem todas impunes, são menos numerosas em uma boa novela, porém indispensáveis, porque condimentam a trama.

(C) Mesmo que as personagens más são menos numerosas, mas indispensáveis na trama de uma boa e condimentada novela, seu destino é mais variado, e assim nem todas saem punidas, nem todas saem impunes.

(D) Se quisermos uma boa novela, em cujas personagens não podem ser todas punidas, nem sair todas impunes, as más são menos numerosas, enquanto são indispensáveis na trama que fica mais condimentada por seu destino mais variado.

(E) Assim deve ser numa boa novela de cujas personagens más menos numerosas, mas indispensáveis na condimentação da trama, que o destino é mais variado, nem todas punidas, nem todas impunes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Cuidado com o emprego do pronome relativo **cujo**. O destino das personagens é mais variado (indica posse do termo anteposto). Corretíssima a alternativa.

Alternativa "a" – Errada. as personagens numa boa novela **são** o condimento da trama.

Alternativa "c" – Errada. Mesmo que as personagens más **sejam** menos numerosas.

Alternativa "d" – Errada. Se quisermos uma boa novela, **cujas** personagens não podem ser todas punidas.

Alternativa "e" – Errada. Não há clareza, coesão e correção.

Texto para a próxima questão:

O crescimento das cidades médias, aquelas com mais de 100.000 e menos de 500.000 habitantes, é o grande fenômeno nacional. Na próxima década, a catarinense Joinville, a gaúcha Caxias do Sul, Niterói e Campos dos Goytacazes, no Rio de Janeiro, e Santos e São José do Rio Preto, em São Paulo, devem ombrear com Londrina, no Paraná. No sertão nordestino, a pernambucana Petrolina e a paraibana Campina Grande já se comportam como metrópoles. Há vários casos de cidades médias que crescem a um ritmo chinês, como a paulista Hortolândia, a paraense Marabá e Angra dos Reis e Cabo Frio, estas no Rio de Janeiro. Um estudo da socióloga Diana Motta e do economista Daniel da Mata, ambos do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) mostra que, nos últimos dez anos, elas se converteram no verdadeiro motor do desenvolvimento brasileiro. Para se ter uma ideia, entre 2002 e 2007 o produto interno bruto cresceu a uma taxa de 4% ao ano. O das cidades médias contribuiu, em média, 5,4% ao ano – quase o dobro do crescimento verificado nos municípios grandes. Donas de um parque industrial e um setor de serviços mais pujantes, elas respondem, agora, por 28% da economia nacional. (...) (ESPECIAL CIDADES MÉDIAS. Veja, 1 de setembro de 2010, pp. 78-80, com adaptações.)

41. (FCC – TRT – 12ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) A afirmativa INCORRETA em relação a cada um dos segmentos transcritos do 1º parágrafo é:

(A) *devem ombrear com Londrina, no Paraná* = o segmento grifado pode ser substituído por **igualar-se a**, sem prejuízo do sentido original.

(B) *que crescem a um ritmo chinês* = a expressão grifada remete aos altíssimos índices de expansão da economia chinesa.

(C) *Um estudo da socióloga Diana Motta e do economista Daniel da Mata, ambos do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) mostra...* = o verbo grifado deverá manter-se **no singular**, mesmo que o início da frase seja alterado para Os estudos da socióloga (...) e do economista (...)

(D) *O das cidades médias contribuiu, em média, 5,4% ao ano* = o pronome grifado no início da frase evita a repetição, no contexto, de **O produto interno bruto**.

(E) *quase o dobro do crescimento verificado nos municípios grandes* = o travessão poderia ser substituído por uma vírgula, permanecendo a correção do segmento.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Alterando o sujeito para o plural, o verbo deverá, também, pluralizar: Os estudos da socióloga (...) e do economista (...) **mostram**.

Alternativa "a" – Errada. ombrear = ficar em condição de igualdade, comparar-se.

Alternativa "b" – Errada. *elas se converteram no verdadeiro* ***motor do desenvolvimento***.

Alternativa "d" – Errada. *Para se ter uma ideia, entre 2002 e 2007 o produto interno bruto cresceu a uma taxa de 4% ao ano.* ***O produto interno bruto*** *das cidades médias contribuiu, em média, 5,4% ao ano.*

Alternativa "e" – Errada. Sim, pois é uma explicação.

Texto para a próxima questão:

(...)

Hoje, um em cada quatro brasileiros vive em cidades médias. O dinamismo constatado pelos dois pesquisadores é um sinal inequívoco de progresso. "A evolução das cidades médias indica que o Brasil está superando uma deficiência histórica: a concentração da riqueza nos grandes centros situados ao longo do litoral", diz o economista Danilo Igliori, da Universidade de São Paulo. No século XVII, frei Vicente do Salvador, considerado o primeiro historiador do país, condenava o modelo de ocupação do território. "Contentam-se de andar arranhando (as terras) ao longo do mar como caranguejos", escreveu em sua ***História do Brazil****, publicada em 1630. Somente durante o milagre econômico dos anos 70 o governo federal percebeu que algumas cidades médias tinham se tornado polos econômicos regionais, atraíam contingentes de imigrantes e precisavam adotar políticas específicas para não enfrentar processos de favelização semelhantes aos vividos por São Paulo e Rio de Janeiro. O projeto rendeu frutos. Embora abriguem bolsões de pobreza, esses municípios obtiveram melhores resultados na preservação de seu tecido urbano. (...) (ESPECIAL CIDADES MÉDIAS. Veja, 1 de setembro de 2010, pp. 78-80, com adaptações.)*

42. (FCC – TRT – 12ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) *Embora abriguem bolsões de pobreza, esses municípios obtiveram melhores resultados na preservação de seu tecido urbano.*

Com outras palavras, a mesma ideia está expressa com correção e clareza em:

(A) A malha urbana foi resguardada nas cidades médias, apesar de se observarem nelas alguns núcleos de moradores vivendo em condições de pobreza.

(B) As cidades médias, tal como nas grandes, tiveram crescimento em sua população urbana, mesmo se elas se manteram mais pobres em relação à outras.

(C) Os municípios onde a organização urbana ficou íntacta, foi nas médias, diferente da situação das grandes cidades que não ocorreu maior favorecimento.

(D) Conquanto se visse a existência de locais mais pobres, foi as cidades médias que se desenvolveu melhor, com a manutenção da área urbana.

(E) Para favorecer as áreas urbanas, o que aconteceu nas cidades médias, com efeitos mais garantidos de melhoria das condições de vida.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Embora e **apesar de** indicam concessão, ideias opostas.

Alternativa "b" – Errada. As cidades médias, **tais** como nas grandes; mesmo se elas se **mantivessem** mais pobres.

Alternativa "c" – Errada. Os municípios, onde a organização urbana ficou intacta, **foram** nas médias, diferente da situação das grandes cidades **em que** não ocorreu maior favorecimento. Mesmo corrigindo a gramática, o período não possui clareza.

Alternativa "d" – Errada. foram as cidades médias que se **desenvolveram** melhor.

Alternativa "e" – Errada. Não há clareza, o período está confuso, mal elaborado.

---

43. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 22/ 2010) A Rússia tenta evitar a alta de preços internos.

1) Autoridades russas se preocupam com a escassez de alimentos.
2) Fenômenos climáticos extremos provocaram a quebra da safra de grãos.
3) A Rússia anunciou a suspensão das exportações de trigo.

As afirmativas acima se articulam em um período com lógica, clareza e correção, em:

(A) Tentando evitar a alta de preços internos com a escassez de alimentos, que decorreram dos fenômenos climáticos extremos provocando a quebra da safra de grãos, na Rússia as autoridades preocupadas, se anunciou a suspensão das exportações de trigo.

(B) Autoridades russas que se preocupam com a escassez de alimentos, provocados pela quebra da safra de grãos com os fenômenos climáticos extremos, suspendeu as exportações de trigo, no sentido de evitar preços mais altos internos.

(C) Ocorreu fenômenos climáticos extremos que veio a provocar a quebra da safra de grãos e, para isso, a Rússia anunciou a suspensão das exportações de trigo tentando evitar a alta de preços internos com a escassez de alimentos.

(D) Preocupadas com a escassez de alimentos e em evitar a alta de preços internos, em decorrência da quebra da safra de grãos ocasionada por fenômenos climáticos extremos, as autoridades russas anunciaram a suspensão das exportações de trigo.

(E) A Rússia tenta evitar a alta de preços internos, cuja safra sofreu quebra a partir dos fenômenos climáticos extremos; suas autoridades, preocupadas com a escassez de alimentos, anunciou a suspensão das exportações de trigo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d" – Correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão, colocação pronominal e concordância.

Em primeiro lugar, verifique quais as relações estabelecidas pelos períodos; depois, una-os e atente-se à concordância.

Autoridades russas se preocupam com a escassez de alimentos = causa (porque se preocupam).

Fenômenos climáticos extremos provocaram a quebra da safra de grãos = consequência.

A Rússia anunciou a suspensão das exportações de trigo (por quê?) = consequência.

Alternativa "a" – Errada. Informação incoerente e erro de colocação pronominal: anunciou-se.

Alternativa "b" – Errada. a escassez **provocada**; autoridades **suspendem**.

Alternativa "c" – Errada. Além de estar incoerente, pois não há finalidade; há erros de concordância: **ocorreram** fenômenos climáticos extremos que **vieram** a provocar.

Alternativa "e" – Errada. Incoerente a informação e erro de concordância: suas autoridades **anunciaram**.

---

44. (FCC – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2007) Está clara, coerente e correta a redação da seguinte frase:

(A) Assim como um fruto parece sair de sua casca, à medida que a aranha tece sua teia, que em suas malhas acabam aprisionando o inseto desprevenido.

(B) Sempre houveram os que não se lembram que a morte se verifica tão somente no reino animal, ao passo que os vegetais não.

(C) Não adianta de nada salvar-se um inseto, conquanto algum outro virá a cair igualmente em cuja armadilha o primeiro foi salvo.

(D) Não imagine o homem que, por ser um animal racional, esteja imune às mais cruas leis da natureza.

(E) Todo escritor almeja de que compor um texto tão belo e eficaz assim como uma teia da aranha, é uma tarefa de cuja tem muita necessidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – As vírgulas separam intercalação. Leia o que está em negrito: **Não imagine o homem que**, por ser um animal racional, **esteja imune às mais cruas leis da natureza.**

Alternativa "a" –Redação incorreta: não há sentido entre as orações, não há clareza nem coerência.

Alternativa "b" –Não há clareza na redação do período, além de a forma verbal **houveram** estar incorreta: verbo haver no sentido de existir deve vir no singular = **houve**.

Alternativa "c" –Período sintaticamente incorreto, não há clareza nem coerência entre as orações, construção caótica.

Alternativa "e" –Período sem clareza, sem sentido entre as orações, ideias jogadas sem critério algum, sem coerência e gramaticalmente incorreto.

---

45. (FCC – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2007) É preciso corrigir a redação da seguinte frase:

(A) Qualquer assunto – inclusive uma aranha e sua teia – pode despertar o interesse de um cronista que está em busca de um tema.

(B) Nas disputas entre os insetos, o vencedor pode ser o mais habilidoso e não, necessariamente, o mais forte.

(C) É possível que, para muitos leitores, proceda a comparação que o autor faz entre o trabalho de uma aranha e o de um escritor.

(D) Muita gente acredita de que as aranhas são perniciosas quando suas teias são elaboradas, tendo preso os insetos.

(E) Não deixa de ser um espetáculo, para um observador atento, a segura caminhada que faz a aranha em direção à sua presa.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – de que: errado – Muita gente acredita **que** as aranhas = **que** é conjunção integrante e não pede preposição.

Alternativa "a" –Quanto à pontuação, leia o que está em negrito: **Qualquer assunto** – inclusive uma aranha e sua teia – **pode despertar o interesse de um cronista que está em busca de um tema.**

Alternativa "b" –A primeira vírgula, separa inversão de adjunto adverbial e as posteriores intercalam o adjunto adverbial.

Alternativa "c" –Quanto à pontuação, leia o que está em negrito: **É possível que**, para muitos leitores, **proceda a comparação que o autor faz entre o trabalho de uma aranha e o de um escritor.**

Alternativa "e" –Quanto à pontuação, leia o que está em negrito: **Não deixa de ser um espetáculo**, para um observador atento, **a segura caminhada que faz a aranha em direção à sua presa.**

1.2. CESPE

Trecho para o item.

A moeda, como hoje é conhecida, é o resultado de uma longa evolução. No início, não havia moeda, praticava-se o escambo. Algumas mercadorias, pela sua utilidade, passaram a ser mais procuradas do que outras. Aceitas por todos, assumiram a função de moeda, circulando como elemento trocado por outros produtos e servindo para avaliar-lhes o valor. Eram as moedas-mercadorias. O gado, principalmente o bovino, foi dos mais utilizados. O sal foi outra moeda-mercadoria; de difícil obtenção, era muito utilizado na conservação de alimentos. Ambas deixaram marca de sua função como instrumento de troca no vocabulário português, em palavras como pecúnia e pecúlio, capital e salário. (...)

Internet: <www.bcb.gov.br>(com adaptações).

---

46. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) Em "servindo para avaliar-lhes o valor", o pronome "lhes", que retoma "outros produtos", equivale, em sentido, ao pronome seu.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão e análise sintática.

Substituindo os pronome para facilitar: servindo para avaliar os valor **dos outros produtos**. Cabe, tranquilamente, o pronome possessivo **seu** no lugar de 'outros produtos': servindo para avaliar seu valor.

▶ **Dica:** se o pronome pessoal oblíquo pode ser substituído por **seu** ou **sua**, possui função sintática de adjunto adnominal.

---

47. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) No trecho "devido à oscilação de seu valor, pelo fato de não serem fracionáveis e por serem facilmente perecíveis", a substituição dos elementos sublinhados por *ao* e *a*, respectivamente, preservaria a correção gramatical e o sentido original do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A correção gramatical é mantida, mas altera o sentido devido à falta de paralelismo sintático.

Devido à oscilação:

→ pelo fato (por + o)

→ por serem facilmente perecíveis

Trecho para o item.

(...) Pela jurisprudência dominante no Tribunal Superior do Trabalho, **é devida a indenização por**

danos morais *quando há abuso do poder, ou seja, a filmagem não pode ser ostensiva, e o funcionário deve ter conhecimento dos dispositivos de segurança instalados.*

Tecnologias de controle criam novas situações de dano moral. Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).

---

48. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) No trecho "é devida a indenização por danos morais", a correção gramatical do texto seria mantida caso fosse suprimido o artigo que define "indenização".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O item é sobre correção gramatical e não sentido do texto, por isso é preciso ficar muito atento(a) às possíveis pegadinhas de CESPE: é devida indenização por danos morais.

▶ **Dica: 1**: O artigo determina o substantivo (no caso, "indenização"). Suprimindo-o, a correção gramatical permanece correta, no entanto, o sentido muda, pois o substantivo *indenização* passa a não estar determinado, ou seja, está empregado em um sentido geral.

▶ **Dica: 2**: O artigo só pode exercer a função sintática de adjunto adnominal e este é termo acessório da oração; todos os termos acessórios podem ser retirados sem prejuízo gramatical.

Trecho para os itens.

De acordo com o ranking anual elaborado e divulgado recentemente pelo Fórum Econômico Mundial, o Brasil saltou de 82.° para 62.° lugar em se tratando de redução de desigualdade de gêneros. Tanto a Constituição Federal brasileira quanto a legislação infraconstitucional — trabalhista, eleitoral, civil e penal — contêm diversos dispositivos de proteção à mulher.

Mas será que nosso conjunto de leis tem sido suficiente para impedir que milhares de mulheres que vêm conquistando mais espaço no mundo do trabalho sejam tratadas de forma discriminatória, humilhante e muitas vezes doentia?

Diariamente juízes do trabalho de todo o país julgam processos com pedidos de indenização por dano moral decorrente de assédio a mulheres. Os casos vão para as páginas oficiais dos tribunais, muitos ganham destaque nos jornais de repercussão nacional. Mas, segundo os magistrados, esses processos representam apenas a ponta do iceberg do grande problema trabalhista contemporâneo: o assédio.

A mulher e o assédio moral. Internet: <www.tst.jus.br>(com adaptações).

---

49. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) No último período do texto, a expressão "esses processos" retoma, por coesão, "casos".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Temos, como sempre exige CESPE, um caso anafórico: o pronome demonstrativo **esses** retoma a ideia citada no período anterior em que o sujeito é o substantivo plural os casos. Assim sendo, esses processos são os casos que vão para as páginas oficiais dos tribunais.

---

50. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) A expressão "será que" poderia ser suprimida, mantendo-se a correção gramatical do período.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Vamos, primeiro, relembrar a partícula de realce para acertar questões futuras de CESPE.

Partícula de realce (ou expletiva): *diz-se da palavra ou expressão empregada para produzir ênfase, realce. As expressões formadas pelo verbo "**ser + que**" são expletivas, como é o caso da usual é que: "Nós **é que** o convencemos a ficar". A retirada de tal elemento não prejudica o sentido, mas neste caso a ênfase desaparece: "Nós o convencemos a ficar". As palavras expletivas são também conhecidas como "partículas expletivas", como é o caso de cá, lá, que, etc.: "Tenho **cá** minhas dúvidas", "Sabe-se **lá** o que ele foi fazer ali", "Quase **que** caí da escada". Pronomes oblíquos podem ser usados como partículas expletivas, como em "Não **me** venha com essa lengalenga outra vez", "Foi-**se** embora sem avisar" e "Riu-**se** demais com a piada". As partículas, palavras e expressões expletivas não exercem qualquer função sintática na oração e têm apenas valor estilístico, expressivo*.* (Fonte: http://www.paulohernandes.pro.br/).

A partir dessa completa explicação, fica evidente que a expressão "será que" é de realce e que podemos suprimi-la mantendo a correção gramatical e o sentido, já que seu sentido fica implícito e se trata de uma frase interrogativa.

Trecho para o item.

(...) O assediador, por sua vez, poderá ser responsabilizado em diferentes esferas: na penal, estará

sujeito à condenação por crimes de injúria e difamação, constrangimento e ameaça (artigos 139, 140, 146 e 147 do Código Penal); na trabalhista, correrá o risco de ser dispensado por justa causa (artigo 482 da Consolidação das Leis do Trabalho) e ainda por mau procedimento e ato lesivo à honra e à boa fama de qualquer pessoa; por fim, na esfera cível, poderá sofrer ação regressiva, movida pelo empregador que for condenado na justiça do trabalho ao pagamento de indenização por danos morais, em virtude de atos cometidos pelo empregado. **Internet: <www.tst.jus.br>(-com adaptações).**

51. (CESPE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 17/2013) A expressão "que for" pode ser suprimida do texto sem prejuízo da correção gramatical.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Muito cuidado para não cair na pegadinha. A correção gramatical é mantida: movida pelo empregador condenado na justiça do trabalho. O sentido é alterado (pois é retirada a dúvida – que for), mas no item é para avaliar apenas a gramática.

Trecho para o item.

Há um dispositivo no Código Civil que condiciona a edição de biografias à autorização do biografado ou descendentes. As consequências da norma são negativas. Uma delas é a impossibilidade de se registrar e deixar para a posteridade a vida de personagens importantes na formação do país, em qualquer ramo de atividade. Permite-se a interdição de registros de época, em prejuízo dos historiadores e pesquisadores do futuro.(...)

O Globo, 23/9/2013 (com adaptações).

52. (CESPE – Técnico – MPU/2013) O termo se, em "se registrar", é utilizado para indicar reflexividade.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Opa! Trata-se de pronome apassivador: impossibilidade de que seja registrada. Item errado.

- Quando indica reflexividade?

- Quando a ação se reflete no próprio sujeito que a pratica. Exemplo: **O funcionário feriu-se com um objeto pontiagudo durante a execução de um serviço.**

▶ DICA

1. Considera-se como **verbo reflexivo** aquele cujo pronome pessoal oblíquo apenas o acompanha, haja vista que a ação do sujeito ocorre nele próprio (no sujeito). Dica: ação voltou para quem a praticou.

2. Já os **verbos considerados pronominais**, como a própria classificação nos indica, são aqueles que, **necessariamente**, trazem para junto de si esse pronome. Exemplos: **A garota queixou-se de dor durante. Ele formou-se em Medicina.**

Podemos afirmar que o uso do pronome oblíquo se materializa em virtude de uma exigência, digamos assim, dos próprios pressupostos gramaticais, por isso, equivale dizer que se trata de um verbo pronominal.

Texto de Sérgio Sampaio, que constitui a letra de uma música, para os próximos itens.

Pavio do destino

O bandido e o mocinho
São os dois do mesmo ninho
Correm nos estreitos trilhos
Lá no morro dos aflitos
Na Favela do Esqueleto
São filhos do primo pobre
A parcela do silêncio
Que encobre todos os gritos
E vão caminhando juntos
O mocinho e o bandido
De revólver de brinquedo
Porque ainda são meninos
Quem viu o pavio aceso do destino?
Com um pouco mais de idade
E já não são como antes
Depois que uma autoridade
Inventou-lhes um flagrante
Quanto mais escapa o tempo
Dos falsos educandários
Mais a dor é o documento
Que os agride e os separa
Não são mais dois inocentes
Não se falam cara a cara
Quem pode escapar ileso
Do medo e do desatino
Quem viu o pavio aceso do destino?

O tempo é pai de tudo
E surpresa não tem dia
Pode ser que haja no mundo
Outra maior ironia
O bandido veste a farda
Da suprema segurança
O mocinho agora amarga
Um bando, uma quadrilha
São os dois da mesma safra
Os dois são da mesma ilha
Dois meninos pelo avesso
Dois perdidos Valentinos
Quem viu o pavio aceso do destino?

53. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) O termo "amarga" corresponde a uma característica que, no texto, qualifica "quadrilha".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O mocinho amarga. O vocábulo amarga é verbo e não adjetivo. Não corresponde à característica, mas sim à ação de amargar, de sofrer.

54. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) O antecedente a que se referem os termos "lhes" (v. 17) e "os" (v.21) é recuperado na primeira estrofe do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Na primeira estrofe, são citados os dois meninos e os pronomes pessoais referem-se a eles. Substituindo: Depois que uma autoridade / Inventou-lhes um flagrante = inventou um flagrante aos meninos; a dor é o documento / que os agride e os separa agride os meninos.

Os itens seguintes apresentam propostas de reescritura de trechos do texto acima. Julgue-os quanto à correção gramatical e à manutenção do sentido original do texto.

A prisão, em vez de devolver à liberdade indivíduos corrigidos, espalha na população delinquentes perigosos. A prisão não pode deixar de fabricar delinquentes. Fabrica-os pelo tipo de existência que faz os detentos levarem: que fiquem isolados nas celas, ou que lhes seja imposto um trabalho para o qual não encontrarão utilidade, é de qualquer maneira não "pensar no homem em sociedade; é criar uma existência contra a natureza inútil e perigosa"; queremos que a prisão eduque os detentos, mas um sistema de educação que se dirige ao homem pode ter razoavelmente como objetivo agir contra o desejo da natureza? A prisão fabrica também delinquentes impondo aos detentos limitações violentas; ela se destina a aplicar as leis, e a ensinar o respeito por elas; ora, todo o seu funcionamento se desenrola no sentido do abuso de poder. A prisão torna possível, ou melhor, favorece a organização de um meio de delinquentes, solidários entre si, hierarquizados, prontos para todas as cumplicidades futuras.

Michel Foucault. Ilegalidade e delinquência. In: Michel Foucault. Vigiar e punir:

nascimento da prisão. 33.a ed. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 221-2 (com adaptações).

55. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) "A prisão (...) fabricar delinquentes": Não é permitido que a prisão deixe de forjar delinquentes.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A ideia do texto é oposta ao que se afirma na reescritura absurda (a prisão teria a obrigação de produzir delinquentes).

56. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) "Fabrica-os pelo (...) inútil e perigosa": Fabrica-os pelo tipo de existência que impõem aos detentos: que fiquem isolados nas celas, ou que sejam compelidos a um trabalho para o qual não encontrarão utilidade, é de qualquer maneira não "pensar no homem em sociedade; é criar uma existência que vai de encontro à natureza inútil e perigosa".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Voltando ao texto e colocando a oração na ordem direta (por haver pronome relativo): A prisão **impõe** (V.T.D.I.) um tipo de existência (O.D.) aos detentos (O.I.). Note que sem o contexto seria difícil acertar. Isso é CESPE!

57. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) "A prisão (...) por elas": Ao impor limitações violentas aos detentos, a prisão cria também delinquentes. Ela é destinada a aplicação das leis e ao ensino do respeito por elas.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Inicie a análise pela gramática para ganhar tempo. Erro de acento indicativo de crase (regência): Ela é destinada **à** aplicação das leis. Substituindo o substantivo feminino por um masculino para facilitar = Ela é destinada **ao** dever. Resultou em **ao,** há crase.

---

58. (CESPE – Agente de Polícia – DF/2013) "A prisão (...) delinquentes perigosos": Conquanto devolva indivíduos corrigidos à liberdade, a prisão dissemina delinquentes perigosos na população.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Pela conjunção, chega-se rapidamente à resposta: no trecho original, usa-se *em vez de* que significa *no lugar de* e *conquanto* indica concessão, ou seja ideias opostas. O sentido é alterado.

▶ **Dica:** em vez de = no lugar de; ao invés de = o contrário de, o inverso. Expressão utilizada para palavras opostas. Exemplo: O Brasil importa alimentos, ao invés de exportá-los. (importar e exportar).

Em relação às ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o item a seguir.

O Tribunal Regional do Trabalho da 10.a Região (TRT), após autorização da presidenta, efetuou a doação de diversos equipamentos, chamados de "passíveis de desfazimento", a duas entidades: Creche Magia dos Sonhos e Associação dos Deficientes de Brasília, consideradas pela administração do tribunal como legalmente aptas a receber os bens.

A medida é de grande importância porque equipamentos considerados obsoletos ou de baixo rendimento para o TRT – como impressoras, teclados e computadores – podem ser muito úteis para instituições voltadas ao trabalho social, que não teriam como obtê-los a não ser pela via da doação. (...) (Internet: <www.trt10.jus.br>, com adaptações).

---

59. (CESPE – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) O termo "A medida" consiste em elemento coesivo que retoma as informações do trecho "consideradas pela administração do tribunal como legalmente aptas a receber os bens".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Pergunta-se: qual foi a medida de grande importância? A doação de diversos equipamentos, chamados de "passíveis de desfazimento", a duas entidades. O trecho *consideradas pela administração do tribunal como legalmente aptas a receber os bens* refere-se às entidades.

Em relação às ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o item a seguir.

Com o objetivo de apresentar boas práticas da organização judicial e discutir os desafios e perspectivas do Poder Judiciário no atual cenário de mudanças tecnológicas e organizacionais, acontecerá o seminário Atualidade e Futuro da Administração da Justiça, nos dias 11 e 12 de março de 2013, em Porto Alegre. O evento será organizado pelo Tribunal Regional Federal da 4.a Região (TRF4) e pelo Instituto Brasileiro de Administração do Sistema Judiciário. (Internet: <www.trt10.jus.br>, com adaptações).

---

60. (CESPE – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) A expressão "O evento" retoma o antecedente "seminário **Atualidade e Futuro da Administração da Justiça**".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Basta fazer a substituição: acontecerá o seminário *Atualidade e Futuro da Administração da Justiça*, nos dias 11 e 12 de março de 2013, em Porto Alegre. *O seminário Atualidade e Futuro da Administração da Justiça* será organizado pelo Tribunal Regional Federal da 4.a Região (TRF4) e pelo Instituto Brasileiro de Administração do Sistema Judiciário.

Em relação às ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o item a seguir.

A primeira ideia de criação de uma jurisdição trabalhista surgiu com a Lei nº 1.637/1907, que previa em seu artigo 8º os conselhos permanentes de conciliação e arbitragem. Posteriormente, a Lei nº 1.869/1922 criou em São Paulo os tribunais rurais – os primeiros tribunais trabalhistas do país. Já existia o Patronato Agrícola, ligado à Secretaria de Agricultura, o qual se ocupava de tais questões. À época, entendeu o governo estadual de São Paulo que o modelo de solução entre trabalhadores e proprietários rurais era inadequado.

Também em 1922 foram instituídas no Brasil as convenções coletivas de trabalho como forma de composição de interesses entre trabalhadores e empregadores, reflexo da forte influência italiana

entre nós, estimulada pela grande imigração de europeus – daí derivando a necessidade de um órgão com competência para conhecer e dirimir eventuais conflitos decorrentes dessa prática coletiva. Com isso, surgiram então as comissões mistas de conciliação, cuja função era conciliar os dissídios coletivos, e, no mesmo momento, criaram-se as juntas de conciliação e julgamento, que conciliavam e julgavam os dissídios individuais do trabalho. (...) (Internet: <www.trt10.jus.br>, com adaptações).

61. (CESPE – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) A expressão "dessa prática coletiva" refere-se ao antecedente "imigração de europeus".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O pronome demonstrativo anafórico **essa** retoma **as convenções coletivas de trabalho.**

Considerando as ideias e aspectos linguísticos do trecho, julgue o item a seguir.

O respeito às diferentes manifestações culturais é fundamental, ainda mais em um país como o Brasil, que apresenta tradições e costumes muito variados em todo o seu território. Essa diversidade é valorizada e preservada por ações da Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural (SID), criada em 2003 e ligada ao Ministério da Cultura. (...) Identidade e diversidade. Internet: <www.brasil.gov.br/sobre/cultura/>(com adaptações)

62. (CESPE – Investigador de Polícia – BA/2013) Mantêm-se as informações originais e a correção gramatical do trecho caso seja assim reescrito: Em 2003, ligada ao Ministério da Cultura, com a finalidade de preservar e de valorizar as diferentes manifestações culturais, principalmente no Brasil, que têm tradições e costumes diversos, foi criada a Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural (SID).

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Todas as informações foram mantidas, embora na ordem inversa.

Considerando as ideias e aspectos linguísticos do trecho, julgue o item a seguir.

(...) A participação de toda a sociedade civil na discussão de qualquer política cultural se dá em reuniões da SID com grupos de trabalho e em seminários, oficinas e fóruns, nos quais são apresentadas as demandas da população. Com base nesses encontros é que podem ser planejadas e desenvolvidas ações que permitam o acesso dos cidadãos à cultura e a promoção de suas manifestações, independentemente de cor, sexo, idade, etnia e orientação sexual. Identidade e diversidade. Internet: <www.brasil.gov.br/sobre/cultura/>(com adaptações).

63. (CESPE – Investigador de Polícia – BA/2013) A retirada da expressão de realce "é que" e a colocação de vírgula após o segmento "Com base nesses encontros" não acarretariam prejuízo gramatical ao período.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Gabarito foi alterado (era errado e passou para certo). Justificativa da banca: *Ao contrário do dito no item, a retirada da expressão "é que" não acarreta prejuízo gramatical ao período. Logo, o item deve ser considerado incorreto, motivo pelo qual se opta pela alteração de gabarito.*

Trecho para o próximo item.

O papel da cultura na humanização do tratamento psiquiátrico no Brasil é discutido em seminários da SID. Além disso, iniciativas artísticas inovadoras nesse segmento são premiadas com recursos do Edital Loucos pela Diversidade. **Tais ações** *contribuem para a inclusão e socializam o direito à criação e à produção cultural. (A participação de toda a sociedade civil na discussão de qualquer política cultural se dá em reuniões da SID com Identidade e diversidade. Internet: www.brasil.gov.br/sobre/cultura/ (com adaptações).*

64. (CESPE – Investigador de Polícia – BA/2013) A expressão "Tais ações" está empregada em referência à discussão acerca do papel da cultura na humanização do tratamento psiquiátrico e à premiação a iniciativas artísticas inovadoras nesse segmento.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O papel da cultura na humanização do tratamento psiquiátrico no Brasil é discutido em seminários da SID. Além **disso,** iniciativas artísticas inovadoras nesse segmento são premiadas com recursos do Edital Loucos pela Diversidade. **Isso** e **tais** retomam a discussão.

Trecho para o próximo item.

O papel da cultura na humanização do tratamento psiquiátrico no Brasil é discutido em seminários da SID. Além disso, iniciativas artísticas inovadoras nesse segmento são premiadas com recursos do Edital Loucos pela Diversidade. Tais ações contribuem para a inclusão e socializam o direito à criação e à produção cultural. (Identidade e diversidade. Internet: www.brasil.gov.br/sobre/cultura/, adaptado.

65. (CESPE – Investigador de Polícia – BA/2013) O termo "nesse", em "iniciativas artísticas inovadoras nesse segmento", refere-se à Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Refere ao segmento gerado pela utilização da cultura na humanização do tratamento psiquiátrico no Brasil.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do texto, julgue os itens a seguir.

O Conselho Nacional de Justiça (CNJ) é o melhor exemplo de que a reforma do Poder Judiciário não está estagnada. Dez anos atrás, época em que ainda se discutia a criação do conselho, ao qual cabia o epíteto "órgão de controle externo do Judiciário", a existência de um órgão nesses moldes, para controlar a atuação do Poder Judiciário, gerava polêmica.

Atualmente, o CNJ não só se tornou realidade, como ainda é citado em outro contexto. O órgão goza hoje de alto conceito como ferramenta de planejamento. É verdade que subsistem controvérsias acerca dos limites de sua atuação, mas elas permanecem em segundo plano diante de medidas moralizadoras por ele determinadas, como o combate ao nepotismo e aos supersalários, além da aplicação de penalidades aos magistrados.

Antes, os quase cem tribunais do país funcionavam sem nenhuma coordenação, e pouco – às vezes, nada – se sabia sobre eles. Não havia certeza sequer a respeito do total de 19 processos, juízes e recursos. A partir da elaboração de relatórios como o Justiça em Números, o CNJ pôde, por exemplo, criar metas para desatar os nós da justiça brasileira. Uma delas, de 2009, previa o julgamento de todos os processos distribuídos antes de 2006. Identificaram-se quase 4,5 milhões de casos; 90% deles já foram julgados. (Folha de S.Paulo, Editorial, 7/4/2013, com adaptações).

66. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) No segundo parágrafo, o segmento "O órgão" retoma, por coesão, o termo antecedente "CNJ".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Releia o período anterior e substitua: Atualmente, o CNJ não só se tornou realidade, como ainda é citado em outro contexto. O **CNJ** goza hoje de alto conceito como ferramenta de planejamento.

67. (CESPE – Técnico – Administração – MPU/2013) Subentende-se das informações do texto que a palavra "Antes" remete a período recente, quando o CNJ, já criado, ainda não gozava do prestígio que tem hoje.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A palavra **antes** (advérbio temporal) remete-se ao período anterior à criação do CNJ.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

A pobreza é um dos fatores mais comumente responsáveis pelo baixo nível de desenvolvimento humano e pela origem de uma série de mazelas, algumas das quais proibidas por lei ou consideradas crimes. É o caso do trabalho infantil. A chaga encontra terreno fértil nas sociedades subdesenvolvidas, mas também viceja onde o capitalismo, em seu ambiente mais selvagem, obriga crianças e adolescentes a participarem do processo de produção. (...) (Jornal do Brasil, Editorial, 1,77/2010, com adaptações)

68. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/2010) A palavra "chaga", empregada com o sentido de **ferida social**, refere-se, na estrutura sintática do parágrafo, a "pobreza".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A chaga é **o trabalho infantil**.

Nos itens a seguir, são apresentados trechos adaptados de jornal de grande circulação. Julgue-os quanto à correção gramatical.

69. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/2010) A legislação brasileira proíbe que meno-

res de catorze anos trabalhem, mas, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), havia, em 2008, um total de 993 mil crianças entre cinco e treze anos nessa situação. Em uma faixa etária mais ampla, até dezessete anos, quando se espera que os jovens ainda estejam estudando, foram contabilizados, ao todo, 4,5 milhões de crianças e adolescentes no exercício de algum tipo de trabalho.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Cuidado com a pontuação, pois pode gerar dúvidas. Leia o que está em negrito, pois retiramos as intercalações:

A legislação brasileira proíbe que menores de catorze anos trabalhem, mas, *segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE),* ***havia,*** *em 2008,* ***um total de 993 mil crianças entre cinco e treze anos nessa situação. Em uma faixa etária mais ampla,*** *até dezessete anos, quando se espera que os jovens ainda estejam estudando,* ***foram contabilizados,*** *ao todo,* ***4,5 milhões de crianças e adolescentes no exercício de algum tipo de trabalho.***

---

70. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/2010) Visto apenas pelo ângulo econômico, o problema da exploração da mão de obra infantil, é ao mesmo tempo reflexo e impecílio para o desenvolvimento. Quando crianças e adolescentes deixam de estudar para entrar precocemente no mercado de trabalho, trocam um futuro mais promissor pelo ganho imediato. ERRADA

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Há três erros e isso facilita muito:

- *Vírgula depois de infantil: separação do sujeito e do verbo;*
- *A expressão "ao mesmo tempo" deve estar entre vírgulas;*
- *Empecilho: obstáculo, estorvo.* (Não há necessidade de pluralizar o verbo da oração que indica finalidade).

---

71. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/2010) Vista como uma questão social, a exploração do trabalho infantil subtrai do ser humano uma das fases mais importantes para o seu crescimento: época de descobertas, de acúmulo de conhecimento e de preparo para a vida adulta. Um crime irremediável.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A primeira vírgula indica inversão. Ordem direta; a exploração (...) é vista como uma questão social. Os dois pontos explicam o substantivo *crescimento.*

---

72. (CESPE – Técnico – Área Administrativa – MPU/2010) Graças à políticas públicas realizadas nos últimos anos, como o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI), do governo federal, as taxas de crianças e adolescentes que trabalham no país vem registrando quedas acentuadas. Mesmo assim, o problema ainda preocupa, pela sua extensão. ERRADA

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Há dois erros:

- Graças **a** políticas = não se usa o acento indicativo de crase se há singular + plural (a políticas) por se tratar de uma preposição apenas e não de contração de preposição + artigo, pois acarretaria em: às políticas. Substitua: graças **aos** políticos.

▶ **Dica:**

- singular + singular = crase. Graças à política = ao político.
- plural + plural = crase. Graças às políticas = aos políticos.
- singular + plural = sem crase. Graças a políticas = a políticos.

Só usaremos crase se, ao substituirmos a palavra feminina por uma masculina, resultar em ao.

- As taxas **vêm** = o verbo deve concordar com o sujeito.
- Erro de pontuação. Sugestão: Graças a políticas públicas realizadas nos últimos anos – como o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI), do governo federal – , as taxas de crianças e adolescentes que trabalham no país vem registrando quedas acentuadas.

---

73. (UNB/CESPE – TRT 21ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) Julgue o item que se segue, relativo a aspectos gramaticais e semânticos do trecho. *"Logo descobrimos que a tecnologia, na verdade, nos trazia uma carga maior de atribuições e, em lugar das 8 horas, passamos a trabalhar muito mais. Mas não foi só".* A expressão "em

lugar" poderia ser substituída por **em vez**, sem prejuízo para o sentido e a clareza do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo:

✪ **Nota da autora:** Atente-se à diferença entre **em vez de** e **ao invés de**.

Em vez de = em lugar de;

Ao invés de = lado oposto, inverso.

Parecem semelhantes demais, não é? Vamos melhorar: só se usa **ao invés de** se houver termos opostos, antônimos. Vejamos exemplos.

A professora **ao invés de** aumentar a nota do aluno, diminuiu = aumentar e diminuir.

Ele assistiu à novela **em vez de** filme = não são termos opostos.

Através da explicação acima, fica claro que a substituição pode ser feita.

Atenção! Julgue o item que se segue, relativo a aspectos gramaticais e semânticos do trecho.

Nesse sentido, o livro propõe-se a jogar luz sobre grave deficiência do complexo sistema tributário nacional: o fato de muitos impostos que pesam sobre a economia serem invisíveis ao contribuinte.

74. (UNB/CESPE – TRT 21ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2010) O trecho "jogar luz sobre" poderia ser substituído por **esclarecer**, sem prejuízo de sentido para o texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A expressão "jogar luz sobre" foi utilizada para dar ênfase à "grave deficiência do complexo sistema tributário nacional" e não para esclarecer.

Atenção! As questões posteriores referem-se ao texto abaixo.

Como nasce uma história (fragmento)

Quando cheguei ao edifício, tomei o elevador que serve do primeiro ao décimo quarto andar. Era pelo menos o que dizia a tabuleta no alto da porta.

– *Sétimo – pedi.*

A porta se fechou e começamos a subir. Minha atenção se fixou num aviso que dizia:

É expressamente proibido os funcionários, no ato da subida, utilizarem os elevadores para descerem.

Desde o meu tempo de ginásio sei que se trata de problema complicado, este do infinito pessoal. Prevaleciam então duas regras mestras que deveriam ser rigorosamente obedecidas. Uma afirmava que o sujeito, sendo o mesmo, impedia que o verbo se flexionasse. Da outra infelizmente já não me lembrava.

Mas não foi o emprego pouco castiço do infinito pessoal que me intrigou no tal aviso: foi estar ele concebido de maneira chocante aos delicados ouvidos de um escritor que se preza. Qualquer um, não sendo irremediavelmente burro, entenderia o que se pretende dizer neste aviso. Pois um tijolo de burrice me baixou na compreensão, fazendo com que eu ficasse revirando a frase na cabeça: descerem, no ato da subida? Que quer dizer isto? E buscava uma forma simples e correta de formular a proibição:

É proibido subir para depois descer.

É proibido subir no elevador com intenção de descer.

É proibido ficar no elevador com intenção de descer, quando ele estiver subindo.

Se quiser descer, não tome o elevador que esteja subindo.

Mais simples ainda:

Se quiser descer, só tome o elevador que estiver descendo.

De tanta simplicidade, atingi a síntese perfeita do que Nelson Rodrigues chamava de óbvio ululante, ou seja, a enunciação de algo que não quer dizer absolutamente nada:

Se quiser descer, não suba.

(Fernando Sabino. A volta por cima. Rio de Janeiro: Record, 1995, p. 137-140, com adaptações).

75. (CESPE – Técnico do Seguro Social – INSS/ 2008) O trecho do quarto parágrafo pode ser reescrito, com correção gramatical, da seguinte maneira: É expressamente proibido a utilização dos elevadores que tiverem subindo pelos funcionários que desejarem descer.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado.

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão e concordância.

Opções de correção: É proibida **a** utilização dos elevadores. É proibido utilização dos elevadores.

▶ **Dica** – O artigo manda na concordância, caso haja verbo. g *A entrada é proibida. Entrada é proibido.*

Sem verbo: Proibido (ou proibida) utilização dos elevadores.

---

76. (CESPE – Técnico do Seguro Social – INSS/ 2008) O gênero textual apresentado permite o emprego da linguagem coloquial, como ocorre, por exemplo, em "Qualquer um, não sendo irremediavelmente burro" e "um tijolo de burrice" (sexto parágrafo).

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Permite linguagem coloquial por se tratar de uma crônica (características citadas abaixo). Tal linguagem é utilizada em textos de jornais, revistas e em alguns textos literários.

Crônica é o único gênero literário produzido essencialmente para ser veiculado na imprensa, seja nas páginas de uma revista, seja nas de um jornal. Quer dizer, ela é feita com uma finalidade utilitária e pré-determinada: agradar aos leitores dentro de um espaço sempre igual e com a mesma localização, criando-se assim, no transcurso dos dias ou das semanas, uma familiaridade entre o escritor e aqueles que o leem. (...) A crônica não tem estrutura fixa, predomínio da linguagem coloquial, dialogismo com o leitor, que conferem ao texto um tom de conversa íntima. (Fonte: http://www.webartigos.com/artigos/cronica-reflexiva-de-rubem-braga/3063/ Atenção! As questões referem-se aos textos abaixo.

Trechos para as questões a seguir:

Texto I:

Envelhecimento, pobreza e proteção social na América Latina

O processo de envelhecimento populacional, no seu primeiro estágio, resulta em um aumento, pelo menos relativo, da oferta da força de trabalho. Nas etapas posteriores, a proporção desse grupo no total da população diminui e, eventualmente, diminuirá em termos absolutos, como é a situação atual do Japão e de vários países europeus. Por outro lado, o segmento com idade avançada passa a ser o que mais cresce. Esse crescimento acentuado do segmento que demanda maiores recursos monetários e cuidados humanos, afetivos e psicológicos, em face da redução do contingente populacional em idade ativa, fez com que o envelhecimento populacional entrasse na agenda das políticas públicas pelo lado negativo, ou seja, ele é visto como "um problema". (Camarano e M. T. Pasinato. Texto para discussão. Brasília: IPEA, 2007.

Texto II:

Os impactos sociais da velhice

IdadeAtiva – *No caso da previdência, os idosos são o grande problema?*

Ana Amélia Camarano – *Eu acho que esse é outro engano. Claro que você tem mais gente idosa e gente vivendo mais. Agora, o que acontece é que o nosso modelo de previdência é o mesmo da Europa Ocidental, dos EUA, modelos desenhados no pós-guerra, quando havia emprego, as pessoas se aposentavam e ficavam pouco tempo aposentadas porque morriam logo. Então, esse modelo está falido. Esse cenário mudou. Nós não estamos mais no mundo do trabalho estável, não temos mais o pleno emprego e as relações de trabalho hoje passam pela flexibilização. E a tão falada flexibilização significa informalização. A nossa política social é toda ligada ao trabalho. A Constituição de 1988 mudou um pouco, mas até então só tinha direito ao benefício da previdência quem trabalhava. Era uma cidadania ligada ao trabalho e, não, ao benefício do trabalhador. E isso não é mais possível. Nós estamos caminhando para um mundo sem trabalho. (Internet: www.techway.com.br, com adaptações).*

---

77. (CESPE – Técnico do Seguro Social – INSS/ 2008) Como os textos tratam da mesma temática, a resposta de Ana Amélia Camarano, no texto II, poderia dar continuidade ao texto I, sem prejuízo da estrutura textual e respeitando-se a linguagem utilizada, desde que a oração "Eu acho que esse é outro engano" (início do texto II) fosse substituída por **Essa percepção, entretanto, revela-se equivocada.**

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Embora os dois textos tratem do envelhecimento populacional, a junção seria descabida porque o texto I termina com: *fez com que o envelhecimento populacional entrasse na agenda das políticas públicas pelo lado negativo, ou seja, ele é visto como "um problema"* e o texto II inicia com a resposta do seguinte questionamento: *No caso da **previdência**, os idosos são o grande problema?*. Ocorre alteração do assunto, além de o texto II estar no discurso direto.

---

78. (CESPE – Técnico do Seguro Social – INSS/ 2008) De acordo com o desenvolvimento e a organização das ideias do texto I, depreende-se que "segmento que demanda maiores recursos monetários e

cuidados humanos, afetivos e psicológicos" e "segmento com idade avançada" referem-se ao mesmo conjunto de indivíduos.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Os dois segmentos referem-se ao conjunto de pessoas que envelhecem (processo de envelhecimento populacional).

1.3. CESGRANRIO

79. (Cesgranrio – Escriturário – BB/2013) Nos trechos abaixo, a expressão destacada pode ser substituída pela que vem ao lado, sem alteração do sentido e de acordo com a norma-padrão em

(A) "Hoje é dia **de mais** um sorteio da Mega-Sena." – **demais**

(B) "pois, das cem, eu fiz onze até agora. Falta **muito** ainda." – **muitas**

(C) "livros **listando** as cem coisas" – **listados**

(D) "serei **obrigada** mesmo a cumprir todas essas metas antes?" – **obrigado**

(E) "assistindo a um DVD promocional **que** também mostra" – **o qual**

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"

1) O pronome relativo retoma *um DVD promocional.*

2) Faz-se pergunta ao verbo posposto ao relativo: o que mostra? Um DVD promocional mostra (ordem direta).

3) Se o relativo *que* retoma o sujeito masculino e singular, pode, tranquilamente, ser substituído por *o qual.*

Você, caro leitor, está se perguntando: Precisava disso tudo? Respondo: não. Apenas quis fazer um pequeno agrado.

Síntese: se retoma um substantivo masculino singular, pode ser substituir.

Alternativa "a" – A preposição *de* foi exigida pelo substantivo *dia*: dia *de* algo; *mais* é advérbio de intensidade. Não podemos substituir por *demais*, por significar *em demasia ou excesso.*

Alternativa "b" – *Muito* é advérbio de intensidade e invariável (não admite plural, nem feminino); *muitas* é pronome indefinido.

Alternativa "c" – Livros listando = livros listam; em livros listados, o sentido é alterado para sentido passivo. Cuidado, não citei voz, apenas sentido. *Não confunda.

Alternativa "d" – *Obrigada* refere-se à pessoa do sexo feminino; *obrigado*, ao sexo masculino. Altera a informação.

80. (Cesgranrio – Escriturário – BB/2013) No fragmento "fazer um safári, frequentar uma praia de nudismo, comer algo exótico (um baiacu venenoso, por exemplo), visitar um vulcão ativo" são palavras de classes gramaticais diferentes

(A) "praia" e "ativo"

(B) "venenoso" e "exótico"

(C) "baiacu" e "nudismo"

(D) "ativo" e "exótico"

(E) "safári" e "vulcão"

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

✪ **Nota da autora:** Questão de classes gramaticais – substantivo e adjetivo.

- praia: substantivo (nomeia); ativo: adjetivo, pois qualifica o substantivo *vulcão.*

Alternativa "b" – Adjetivos qualificam.

Alternativa "c" – Substantivos nomeiam.

Alternativa "d" – Adjetivos qualificam.

Alternativa "e" – Substantivos nomeiam.

Atenção! A questão refere-se ao trecho abaixo.

Procura-se uma casa

(...) Estou de mudança. Mais uma vez, na minha vida, estou de mudança. A perspectiva da mudança causa em mim sentimentos indefinidos, uma mistura de medo, euforia, excitação, coragem. Há o sentimento de perda, claro, vou perder a minha vista para as ilhas, para as chuvas que vêm do infinito, para a imensidão oceânica, vou perder o meu jornaleiro, o Dinho, vou perder os meus porteiros a quem tanto me afeiçoei, o seu Jonas, que lava meu carro, o seu Expedito, o Pará, a escadaria que dá nas figueiras seculares, o barulho do vento, a serena ordem da minha biblioteca, o Corcovado, e tudo o que construí pra sempre agora naufraga no irremissível. Mas assim é a vida. (...) (MIRANDA, Ana. O Dia – Rio, 14 ago. 1999.

81. (Cesgranrio – Técnico Previdenciário – INSS/2005) *"A perspectiva da mudança causa em mim sentimentos indefinidos".* A palavra que, conforme o sentido do texto, NÃO equivale à destacada no trecho acima é:

(A) decisão.

(B) esperança.

(C) expectativa.

(D) possibilidade.

(E) probabilidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Perspectiva é esperança (b), expectativa (c), possibilidade (d) e probabilidade (e), mas não **decisão**:

1) Ação ou resultado de decidir

2) Resolução que se toma a respeito de alguma coisa; DELIBERAÇÃO.

3) Julgamento, sentença, veredicto.

4) Capacidade de decidir com firmeza; DETERMINAÇÃO; CORAGEM.*

*Fonte: Dicionário Digital Aulete.

1.4. VUNESP

82. (Vunesp – Investigador de Polícia – SP/2013) Assinale a alternativa em que a reescrita altera o sentido.

(A) Examinei a rua = Olhei atentamente a rua.

(B) ... o caminhar tranquilo, muito suave, na calçada larga. = o caminhar tranquilo, muito suave, na amplitude da calçada.

(C) Nenhuma farmácia aberta = Farmácia nenhuma aberta.

(D) Duas horas da manhã = Naquela madrugada, o relógio marcava duas horas da manhã.

(E) Alguma farmácia haveria de plantão... = Farmácia alguma estaria de plantão...

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Alguma farmácia: afirmação; farmácia alguma: negação.

Alternativa "a" – Examinar e olhar são sinônimos.

Alternativa "b" – Calçada larga e amplitude da calçada são sinônimos.

Alternativa "c" – Nenhuma farmácia e farmácia nenhuma = negação.

Alternativa "d" – O horário é mantido.

83. (Vunesp – Investigador de Polícia – SP/2013) Assinale a alternativa em que o trecho, reescrito com base nas informações textuais, está de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa.

(A) Já tinha dado duas horas da manhã e, às sete, eu devia estar no aeroporto. Lembrei-me, então, de que estava sem creme dental, pois, na pressa daquela manhã, ao sair do hotel, tinha deixado-o no banheiro.

(B) Já era duas horas da manhã e, às sete, eu devia estar no aeroporto. Me lembrei, então, de que estava sem creme dental, pois, na pressa daquela manhã, ao sair do hotel, o tinha deixado no banheiro.

(C) Já era duas horas da manhã e, às sete, eu devia estar no aeroporto. Lembrei, então, de que estava sem creme dental, pois, na pressa daquela manhã, ao sair do hotel, tinha lhe deixado no banheiro.

(D) Já eram duas horas da manhã e, às sete, eu devia estar no aeroporto. Lembrei, então, que estava sem creme dental, pois, na pressa daquela manhã, ao sair do hotel, tinha-o deixado no banheiro.

(E) Já tinham dado duas horas da manhã e, às sete, eu devia estar no aeroporto. Me lembrei, então, que estava sem creme dental, pois, na pressa daquela manhã, ao sair do hotel, tinha-o deixado no banheiro.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

- Eram duas horas. Eliminadas *a, b, c* e *e* (tinham dado: linguagem coloquial)
- às sete = substituindo por meio-dia, resulta em: **ao** meio-dia. Se há **ao**, há crase.
- Então, na pressa daquela manhã e ao sair do hotel: intercalação.

Para responder à próxima questão, considere a seguinte passagem: Já o Código Civil, em seu artigo 20, faz com que não apenas o protagonista tenha amparo na lei para se insurgir contra um livro e exigir sua retirada do mercado, como estende essa possibilidade a coadjuvantes de quarta grandeza ou a seus herdeiros.

84. (Vunesp – Investigador de Polícia – SP/2013) Mantendo o sentido, o início do trecho está corretamente reescrito em:

(A) O Código Civil, inclusive, em seu artigo 20...

(B) Nos tempos de hoje, o Código Civil em seu artigo 20...

(C) O Código Civil, por sua vez, em seu artigo 20...

(D) Neste momento, o Código Civil, em seu artigo 20...

(E) O Código Civil, no entanto, em seu artigo 20...

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Já o Código Civil = Por sua vez, o Código Civil.

Alternativa "a" – Não cabe inclusive.

Alternativa "b" – Não possui ideia de tempo.

Alternativa "d" – Não possui ideia de tempo.

Alternativa "e" – Não indica adversidade.

1.5. UFF

85. (UFF – Inspetor de Polícia – RJ/2012) A sugestão de reescrita que altera fundamentalmente o sentido de: "Um programa como esse pode ser iniciado de imediato, mas demora a ser implementado em todo o país, sobretudo por falta de recursos humanos em quantidade. A solução é executá-lo por cidades" encontra-se em:

(A) reescrever "Um programa como esse" como "Semelhante programa".

(B) simplificar a forma verbal composta "ser iniciado", escrevendo em seu lugar "iniciar-se".

(C) substituir a forma verbal auxiliar "pode" por "deve".

(D) coordenar as orações do 1° período com o uso de "não obstante", em vez da conjunção "mas".

(E) unir os dois períodos num período único, usando para tanto a conjunção "por conseguinte".

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – A reescrita altera o sentido: (...) pode ser iniciado – exprime a ideia de que há possibilidade de ser iniciado de imediato.

Deve ser iniciado – muda o sentido= o auxiliar deve exprime necessidade ou obrigação: o mesmo que – tem de ser iniciado.

Alternativa "a" – Tanto a locução comparativa demonstrativa (como esse) quanto o (semelhante) – recaindo o adjetivo substantivo programa – tem a mesma equivalência de valor demonstrativo expressando a identidade do substantivo programa. Observação: o adjetivo semelhante tem valor demonstrativo quando denota identidade ou se refere a seres e ideias já expressas anteriormente; vale por esse, (a), aquele (a) isso, aquilo. (Evanildo Bechara).

Alternativa "b" – Não altera: passa-se da voz passiva analítica para a sintética.

Alternativa "d" – Não obstante – locução conjuntiva cujo significado se refere a uma situação de oposição a uma outra ideia apresentada, mas que não impede sua realização: tem valor adversativo ou concessivo – mas, embora, apesar de que, contudo, etc.

Alternativa "e" – Troca-se o ponto colocado logo após quantidade pela conjunção coordenada conclusiva por conseguinte: ...por falta de recursos humanos em quantidade, por conseguinte, a solução é...

86. (UFF – Inspetor de Polícia – RJ/2012) Preserva-se o sentido de: "A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, não de consumo de aulas" com a seguinte redação:

(A) A Educação é antes um processo de acúmulo de conhecimento que de consumo de aulas.

(B) A Educação não é um processo de acúmulo de conhecimento, senão de consumo de aulas.

(C) A Educação é, não só um processo de consumo de aulas, senão de acúmulo de conhecimento.

(D) A Educação é, não um processo de consumo de aulas, senão de acúmulo de conhecimento.

(E) A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, tanto quanto de consumo de aulas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – A inversão na colocação das palavras do trecho não prejudica o sentido original.

Alternativa "a" – Construção caótica: foge da linguagem formal do texto.

Alternativa "b" – Redação de sentido totalmente contrário ao sentido original.

Alternativa "c" – Redação incoerente.

Alternativa "e" – Redação com afirmativa errônea.

Texto para a próxima questão.

Texto 2:

(...)

Pode causar estranheza, mas quem hoje circula pelas ruas estreitas das velhas cidades medievais ou pelos caminhos íngremes e sinuosos das ilhas gregas, desfrutando da sua beleza singular, talvez não imagine que aquelas ruas e construções, em tempos remotos, já foram habitat das camadas pobres daquelas

regiões. A transformação desses locais em ambientes acolhedores se deve, indiscutivelmente, à preocupação dos povos europeus em respeitar a espacialidade original das suas cidades e, concomitantemente, oferecer melhores condições de vida para os seus moradores. Portanto, não parece impossível antever um futuro semelhante para as favelas cariocas.

A resposta positiva que a sociedade vem dando às formas de integração social com as favelas pacificadas indica que essa possibilidade pode ser perfeitamente viabilizada. Já se percebe um grande contingente de pessoas frequentando regularmente as favelas, participando de eventos e interagindo com a população local sem as preocupações de outras épocas. Para que esses territórios sejam urbanizados e integrados definitivamente ao contexto urbano da cidade oficial basta que se tenha vontade política. (...)

Apesar da impressão que se tem de que o progresso jamais passou por perto dessas comunidades, é surpreendente verificar a existência de soluções criativas na produção do espaço construído. O exame dessas preexistências revela uma variedade extraordinária de manifestações técnicas e culturais transmitidas, de geração em geração, através de um rito de passagem que valoriza o conhecimento e o utiliza como instrumento de sobrevivência diante da carência de recursos materiais. (...)

É preciso entender que os moradores dessas comunidades possuem histórias de vida e que, nesse percurso, fizeram investimentos materiais e imateriais que não podem ser desconsiderados. Nas favelas e nos loteamentos irregulares a cultura se manifesta através da moradia individual e da organização social nos espaços públicos. Portanto, a vivência dessas pessoas, incorporada aos projetos de urbanização e de melhorias habitacionais, é o melhor caminho para a adequação espacial dessas comunidades e, consequentemente, para a sua integração ao tecido urbano da cidade. Ignorar o fato de que a favela faz parte da cultura carioca há mais de um século é negar a sua preexistência e, também, o seu modo espontâneo de habitar. Portanto, não há como justificar o emprego de soluções universais para resolver problemas particulares e de caráter específico. (...) (JANOT, Luiz Fernando. O Globo: 28/01 /2012.)

87. (UFF – Inspetor de Polícia – RJ/2012) Todos os adjetivos em destaque estão empregados no texto para fazer a avaliação ou valoração pessoal de um fato, EXCETO o que se lê em:

(A) "sua beleza SINGULAR".

(B) "formas de integração SOCIAL com as favelas pacificadas".

(C) "GRANDE contingente de pessoas".

(D) "variedade EXTRAORDINÁRIA de manifestações".

(E) "o MELHOR caminho para a adequação espacial dessas comunidades".

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – O advérbio *social* está empregado no sentido coletivo, pertencente a todos, público.

Alternativa "a" – Está valorizando a beleza das velhas cidades medievais ou das ilhas gregas como beleza única, sem par.

Alternativa "c" – está avaliando o contingente de pessoas hoje frequentando as favelas.

Alternativa "d" – valoriza a variedade excepcional das manifestações técnicas e culturais e a capacidade de utilizar o conhecimento recebido de gerações anteriores como instrumento de sobrevivência que se esconde nos bastidores das favelas.

Alternativa "e" – está valorizando e avaliando a vivência das pessoas na favela, os projetos de urbanização e as melhorias habitacionais das comunidades.

88. (UFF – Inspetor de Polícia – RJ/2012) Para tornar mais evidente que concorda, até certo ponto, com opinião divergente, o autor poderia ter introduzido o enunciado: "A lição extraída dessa passagem talvez não seja o suficiente para levar a sociedade a refletir sobre o significado das favelas na estrutura da cidade", por qualquer das expressões a seguir, EXCETO:

(A) Deve-se admitir que.

(B) É imprescindível que.

(C) Pode-se ponderar que.

(D) Não há dúvida de que.

(E) É verdade que.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Questão perigosa! Há a palavra *exceto* seguida de *imprescindível* (adjetivo) = necessário, indispensável. O adjetivo não poderia ser introduzido porque mudaria o sentido do pensamento do autor que não estaria mais concordando até certo ponto, mas estaria admitindo opiniões divergentes. Eliminam-se, assim, as alternativas *a, c, d* e *e*.

Texto para a próxima questão.

Texto 2:

Diz uma lenda grega que a Esfinge, uma criatura mitológica das civilizações do Egito e da Mesopotâmia, após invadir a cidade de Tebas e destruir suas plantações, teria ameaçado os moradores que não conseguissem decifrar o seu enigma, dizendo: decifra-me ou te devoro. A lição extraída dessa passagem talvez não seja o suficiente para levar a sociedade a refletir sobre o significado das favelas na estrutura da cidade. Mas, de alguma forma, aponta um caminho para decifrar o seu enigma: o conhecimento da sua realidade, da sua complexa organização espacial, das suas particularidades, das suas vicissitudes, dos seus defeitos, das suas qualidades **e, principalmente, da sua cultura**.

Pode causar estranheza, mas quem hoje circula pelas ruas estreitas das velhas cidades medievais ou pelos caminhos íngremes e sinuosos das ilhas gregas, desfrutando da sua beleza singular, talvez não imagine que aquelas ruas e construções, em tempos remotos, já foram habitat das camadas pobres daquelas regiões. A transformação desses locais em ambientes acolhedores **se deve, indiscutivelmente, à preocupação dos povos europeus** *em respeitar a espacialidade original das suas cidades* **e, concomitantemente, oferecer melhores condições de vida** *para os seus moradores. Portanto, não parece impossível antever um futuro semelhante para as favelas cariocas.*

A resposta positiva que a sociedade vem dando às formas de integração social com as favelas pacificadas indica que essa possibilidade pode ser perfeitamente viabilizada. Já se percebe um grande contingente de pessoas **frequentando regularmente as favelas**, *participando de eventos e interagindo com a população local sem as preocupações de outras épocas. Para que esses territórios sejam urbanizados e integrados definitivamente ao contexto urbano da cidade oficial basta que se tenha vontade política. (...)*

Portanto, não há como justificar o emprego de soluções universais para resolver problemas particulares e de caráter específico. Vivemos em uma época de profundas transformações, **onde, certamente, as culturas locais terão um papel relevante** *a desempenhar. Em meio ao turbilhão de ideias, conceitos e interesses diversos, somente o tempo poderá dizer se, de fato, o enigma da favela foi decifrado. Quem viver verá. (JANOT, Luiz Fernando. O Globo: 28/01/2012.)*

89. (UFF – Inspetor de Polícia – RJ/2012) Altera-se o sentido do enunciado com a substituição do advérbio em "-mente" pela forma indicada em:

(A) "e, principalmente, da sua cultura" / de modo precípuo.

(B) "se deve, indiscutivelmente, à preocupação dos povos europeus" / de modo incontroverso.

(C) "e, concomitantemente, oferecer melhores condições de vida" / de modo simultâneo.

(D) "frequentando regularmente as favelas" / de forma esporádica.

(E) "onde, certamente, as culturas locais terão um papel relevante" / de forma inconteste.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Altera-se o sentido: o advérbio *regularmente* expressa ideia de que a frequência do grande contingente de pessoas se efetua pontualmente; *de forma esporádica*: altera o sentido do enunciado – expressa ideia de que o fato se dá raramente.

Alternativa "a" – O advérbio *principalmente* está enfatizando o conhecimento da cultura existente na favela: essencialmente, em primeiro lugar; de modo precípuo = de modo essencial; advérbio (principalmente) e adjetivo (modal) precípuo carregam o mesmo sentido no enunciado proposto.

Alternativa "b" – Indiscutivelmente (advérbio) = de modo incontestável; de modo incontroverso (adjetivo) = irrefutavelmente, indiscutivelmente. Advérbio e adjetivo (modal) possuem sentidos análogos. Permitem a substituição.

Alternativa "c" – A substituição propõe sentido análogo ao do enunciado: concomitantemente (advérbio) = simultaneamente; de modo simultâneo (adjetivo) = que sucede ao mesmo tempo. Advérbio e adjetivo (modal) com o mesmo valor de sentido.

Alternativa "e" – Certamente (advérbio) = verdadeiramente, evidentemente; inconteste (adjetivo) de forma incontestável, indiscutível. A substituição do advérbio pelo adjetivo (modal) mantém o sentido do enunciado.

Cada um dos itens a seguir apresenta uma proposta de reescrita de trechos do texto, indicado entre aspas, que deve ser julgada certa se estiver gramaticalmente correta e mantiver o sentido do texto, ou errada, em caso contrário.

1.6. UNEMAT

90. (UNEMAT – Investigador de Polícia – MT/2010) Na revista Língua Portuguesa nº 42, de abril de 2009, o cronista português João Pereira Coutinho emite sua opinião sobre o novo acordo ortográfico celebrado pelos países lusófonos. Leia-a.

Sou ***contra***. *Visceralmente* ***contra***. *Filosoficamente* ***contra***. *Linguisticamente contra. Começo por ser* ***contra*** *com a força das minhas entranhas: sou incapaz de aceitar que* ***uma dúzia de sábios*** *se considere dona de uma lín-*

gua falada por milhões. Ninguém é dono da língua. Ninguém a pode transformar por capricho. ***Por capricho, vírgula:*** *por mentalidade concentracionária, em busca de uma unidade que, para além de impossível, seria sinistra. A língua é produto de uma história; e não foram apenas Portugal e Brasil que tiveram a sua história, apresentando variações fonéticas, léxicas ou sintáticas; a África, Macau, Timor e Goa, que os sábios do Acordo ignoraram nas suas maquinações racionalistas, também têm direito a usar e a abusar da língua.*

Sobre o texto, assinale a alternativa incorreta.

(A) A insistente repetição da palavra "contra" foi um recurso de linguagem usado pelo entrevistado para enfatizar sua posição adversa em relação ao Acordo.

(B) O termo "visceralmente" e a expressão "com a força das minhas entranhas" apresentam afinidade de sentidos.

(C) "uma dúzia de sábios" refere-se expressamente a doze intelectuais responsáveis pela instituição do Acordo.

(D) O cronista afirma ser a língua um bem de domínio público, que não deve sofrer intervenção estatal.

(E) A expressão "por capricho, vírgula" introduz uma autorretificação do pensamento.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Refere-se a alguns sábios e não a sábios específicos.

Alternativa "a" – Sim, enfatiza.

Alternativa "b" – Sim, visceralmente significa intrinsecamente, intimamente, profundamente.

Alternativa "d" – Ninguém é dono da língua. Ninguém a pode transformar por capricho. Por capricho, vírgula: por mentalidade concentracionária, em busca de uma unidade que, para além de impossível, seria sinistra.

Alternativa "e" – Sim, até há o sinal de dois pontos posposto.

---

91. (UNEMAT – Investigador de Polícia – MT/2010)

Ninguém será privado de direito por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei. (Inciso VIII do Art. 5º da Constituição Federal Brasileira).

Sobre o texto, assinale a alternativa incorreta.

(A) A palavra "salvo" introduz restrições a eventuais desvios no exercício das liberdades religiosa, política e filosófica.

(B) O verbo "invocar" tem sentido de presumir.

(C) A expressão "a todos imposta" afirma o caráter coercitivo da lei.

(D) O texto prevê a possibilidade de se proporem opções, desde que legais, ao cumprimento de deveres por parte dos cidadãos.

(E) O pronome "as", em "salvo se as invocar", refere-se às crenças e convicções.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Invocar (V.T.):

1) Rogar, suplicar, implorar.

2) Alegar em seu favor.

3) Evocar ou citar em seu favor,etc.

Presumir (V.T.)= entender, supor, imaginar.

Alternativa "a" – Salvo, no texto, tem o valor da locução conjuntiva: a não ser que introduzindo restrições a eventuais desvios.

Alternativa "c" – Limitação fixada em lei para todos os indivíduos e que deve ser cumprida.

Alternativa "d" – O texto mostra que há alternativas, legais, fixadas em lei, assim, ninguém será privado do direito para motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política.

Alternativa "e" – Invocar (V.T.) – o pronome oblíquo átono plural as refere-se a crenças e convicções – é objeto direto da forma verbal invocar.

1.7. UFMT

---

92. (UFMT – Escrivão de Polícia – MT/2010) Assinale a alternativa em que a evolução sequencial e previsível dos fatos está prejudicada.

(A) O governo apresentou a proposta, ela foi aprovada no congresso nacional e sancionada pelo presidente.

(B) A economia mundial foi abalada por uma grande crise, a população ficou apreensiva, mas os países já retomam seu crescimento.

(C) As grandes nações reduziram a emissão de C02, o planeta se superaqueceu e, agora, buscam-se medidas para reter a degradação ambiental.

(D) Ocorreu o acidente, a família requereu o seguro DPVAT e, com a indenização, cobriu as despesas hospitalares.

(E) O presidente da Nicarágua foi deposto, o governo foi assumido por um presidente interino e o país entrou em crise interna, com reflexos mundiais.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Prejudicada – uma das possibilidades: O planeta se superaqueceu, agora buscam-se medidas para reter a degradação ambiental e as grandes nações reduzem a emissão de CO_2.

Alternativa "a" – 1. apresentou a proposta; 2. foi aprovada; 3. Sancionada.

Alternativa "b" – 1. economia mundial foi abalada; 2. população ficou apreensiva; 3. os países já retomam seu crescimento.

Alternativa "d" – 1. Ocorreu o acidente; 2. família requereu o seguro DPVAT; 3. cobriu as despesas.

Alternativa "e" – 1. O presidente da Nicarágua foi deposto; 2. governo foi assumido por um presidente interino; 3. o país entrou em crise.

1.8. ACP

93. (ACP – Escrivão de Polícia – RS/2010) Dentre as frases abaixo, em qual o termo *certo* tem o mesmo sentido e a mesma classe gramatical que em "Nós" ganhou certo ar formal?

(A) Mentir não é certo.

(B) Ele tem um tiro certo.

(C) Em um momento certo, o homem irá encontrar-se.

(D) Um certo dia, tudo mudará.

(E) O certo é que ele fez tudo sozinho.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Nos dois casos apresentados o termo *certo* está empregado no mesmo sentido e com a mesma classe gramatical: pronome indefinido adjetivo. Um certo dia...: um dia qualquer, algum dia; ...um certo ar formal: qualquer, algum.

Alternativa "a" – mentir não é correto (adjetivo).

Alternativa "b" – um tiro infalível, certeiro (adjetivo).

Alternativa "c" – oportuno, combinado (adjetivo).

Alternativa "e" – o correto, o incontestável (adjetivo substantivado pelo artigo o): o correto (incontestável).

Texto para a próxima questão.

O poder do palavrão

Como insultar e praguejar em português, com a ajuda de um dicionário

Qualquer dia é dia de palavrão. Ele é necessário e insubstituível, como disse o sociólogo Gilberto Freyre. Há quem reclame que as palavras de baixo calão invadiram a vida cotidiana de forma irresistível. Jamais se pronunciou tanto palavrão como nos dias de hoje, e com tanta volúpia, afirmam tanto os safados como os guardiões da língua e dos bons costumes. E, de fato, o palavrão (ou "palavrada", "palavra obscena" ou "palavra-cabeluda") se intrometeu em todos os registros de fala e todo tipo de conversação. Por que o fascínio pelo "submundo", pelos "esgotos" da linguagem? Vou tentar responder ao questionamento, recorrendo primeiramente a um livro.

Em 1974, o folclorista pernambucano Mário Souto Maior (1920-2001) concluiu o seu Dicionário do Palavrão e Termos Afins, agora republicado num caprichado volume da Editora Leitura, de Belo Horizonte.

Após um trabalho de dez anos, Souto Maior levantou 3 mil palavrões, entre vocábulos, locuções e expressões idiomáticas. A obra sofreu censura do regime militar e só foi publicada cinco anos depois, com o início da abertura política brasileira. Segundo o autor, a obra então já se afigurava incompleta, em virtude da criação constante de novos palavrões. Ao vir a público, já se tratava de um título ultrapassado. O que dirá hoje. Mas isso não importa. O dicionário é o flagrante de um tempo, que continua a ter validade trinta anos depois. No entanto, o malfadado Dicionário virou uma espécie de **catecismo pornográfico** *que circulou de mão em mão dos adolescentes no fim dos anos 70.*

Talvez tenha chegado o momento de entronizar (sem trocadilhos de segundo sentido) Souto Maior como um pioneiro da lexicografia realista. Como ele próprio disse, os falantes da língua criam palavrões diariamente. E tamanha a produtividade fescenina da população que a criação de palavrões muitas vezes supera a das próprias palavras. Para chegar a seu dicionário, o pesquisador enviou questionários por carta a 3.620 pessoas. Agora seria muito mais fácil – e é curioso que não tenham aparecido desde então obras do mesmo fôlego. O amor pela descoberta era maior quando as dificuldades eram maiores...

Curiosamente, Souto Maior demonstrou que a língua portuguesa é mais pobre em palavrões que outros idiomas. Ela perde para os palavrões em alemão (9 mil) e em francês (9 mil). Em inglês, palavrões e afins são mais usados do que pelos falantes em português, basta ligar a televisão. É preciso dizer que, quando o Dicionário foi publicado, havia menos palavrões em circulação.

Mesmo assim, o autor concluiu, com base nas respostas a seu questionário: "criança de hoje ganha da de ontem quanto ao uso do palavrão; e o

aumento dos meios de comunicação, como a televisão, foi o motivo mais apontado".

Outras conclusões do nosso "folclorista" (termo igualmente fora de moda) merecem **comentários** *e relativizações: "O homem, o jovem e o pobre falam mais palavrão do que a mulher, o velho e o rico". Hoje talvez isso não valha mais. A gente ouve cada palavrão dito por mulheres e ricos...*

"Quase todos falam palavrão; quando não falam, pensam", afirma Souto Maior, não sem razão. "Um palavrão do Nordeste é uma palavra educada no Sul e vice-versa".

Acho difícil apontar o palavrão mais falado. A variedade parece infinita. Afinal, qualquer palavrão hoje não pode mais ser mais ser denominado de tabu. Uma exceção é a palavra escrita. Publicação que se preze ainda hoje evita palavrões. Na internet, via blogs e redes sociais, o palavrão virou palavra qualquer – já se banalizou, como se fosse possível dizer assim para um tipo de termo que nasceu da própria banalidade da vida. Antigamente, ele vinha cercado de interditos, o palavrão "dito na hora certa" ostentava certa aura. Foi assim que virou moda na década de 60. O vocábulo grosseiro foi elevado à condição de troféu da contracultura. No Brasil, a moda foi coibida pela censura do regime militar.

Não é necessário abusar dos palavrões, pois eles se desgastam e perdem o valor como qualquer outra palavra demasiadamente empregada. O palavrão veio para ficar, até porque veio antes de qualquer outro vocábulo.

E aqui respondo à pergunta que me fiz no primeiro parágrafo. Ele exerce fascínio por ser inevitável. O usuário da língua vive em um mundo precário e imperfeito, vive situações cotidianas em que as emanações dos corpos, a sujeira, os crimes e as tentações aparecem, mesmo que ele queira evitá-las. Ele sente desprezo, ele é tomado de preconceito, ele tem vontade de dizer palavras que talvez não pronuncie, mas pensa. O palavrão é senhor do nosso inconsciente.

Mesmo assim, apesar de seu carisma, até ele cai em desuso. E para esse aspecto que quero chamar a atenção. O Dicionário de Palavrões e Termos Afins está coalhado de deliciosas expressões que se tornaram arcaísmos. E o desuso as faz soar quase sublimes. No Nordeste se dizia antigamente "Amália chegou", quando uma mulher ficava menstruada., e "roer um couro" quando alguém sentia ciúmes. Os sinônimos para órgãos sexuais abundam no dicionário.

O palavrão é fascinante porque gira historicamente em torno do ato sexual. Pertence ao domínio púbico (sic). Examinado perto, o palavrão é igual a qualquer outro termo de uma determinada língua. Diria mais, é talvez o mais fiel e castiço dos vocábulos de um idioma, porque ele vem do fundo dos tempos. Não por outro motivo, um dos sinônimos para ele é o substantivo "palavra". (Luís Antônio Giron. Texto adaptado da revista Época, 13 de julho de 2010)

---

94. (ACP – Inspetor de Polícia – RS/2010) Todos os termos ou expressões abaixo relacionados referem-se a "palavrão", EXCETO

(A) palavras de baixo calão.

(B) palavrada.

(C) catecismo pornográfico.

(D) vocábulo grosseiro.

(E) palavra.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – A expressão *catecismo pornográfico*, no texto, refere-se ao dicionário de Souto Maior como um livro de instrução, de ensino pornográfico.

Alternativa "a" – Sim, a expressão – palavras de baixo calão – refere-se a palavrões (palavrões de baixo nível).

Alternativa "b" – Palavrada= palavras obscenas, palavrão.

Alternativa "d" – Vocabulário grosseiro – refere-se a palavrão= palavras grosseiras, palavrada= vocabulário de palavrões.

Alternativa "e" – Palavra – no final do texto, o substantivo palavra está entre aspas para ressaltar que ele também é sinônimo de palavrão, portanto, refere-se a palavrão.

---

95. (ACP – Inspetor de Polícia – RS/2010) Assinale a alternativa que apresenta uma opção à frase *"O usuário da língua vive em um mundo precário e imperfeito, vive situações cotidianas em que as emanações dos corpos, a sujeira, os crimes e as tentações aparecem, mesmo que ele queira: evitá-las"*, sem mudar o seu sentido, nem acarretar erro gramatical.

(A) O usuário da língua vive em um mundo precário e imperfeito, vive situações cotidianas em que as emanações dos corpos, a sujeira, os crimes e as tentações aparecem, apesar de que ele queira evitá-las.

(B) O usuário da língua vive em um mundo precário e imperfeito, vive situações cotidianas em que as emanações dos corpos, a sujeira, os crimes e as tentações aparecem, desde que ele queira evitá-las.

(C) O usuário da língua vive em um mundo precário e imperfeito, vive situações cotidianas em que

as emanações dos corpos, a sujeira, os crimes e as tentações aparecem, conquanto ele queira evitá-las.

(D) O usuário da língua vive em um mundo precário e imperfeito, vive situações cotidianas em que as emanações dos corpos, a sujeira, os crimes e as tentações aparecem, no entanto ele queira evitá-las.

(E) O usuário da língua vive em um mundo precário e imperfeito, vive situações cotidianas em que as emanações dos corpos, a sujeira, os crimes e as tentações aparecem, por menos que ele queira evitá-las.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – É necessário perceber que a relação entre os dois períodos é de concessão, oposição, assim como a expressão *mesmo que*, usada no enunciado. Feito isso, atente-se aos tempos verbais.

Alternativa "a" – Apesar de ele querer.

Alternativa "b" – Altera para condição.

Alternativa "d" – Altera para adversidade.

Alternativa "e" – Não cabe a expressão *por menos que*.

1.9. FUMARC

Texto para a próxima questão.

Segurança pública: coisa de polícia?*

Por se tratar de tema que afeta diretamente o bem-estar social do cidadão, é importante que ele participe de todo o processo de constituição das políticas públicas no setor, até porque a elevação das taxas de crimes violentos repercute no aumento de suas inseguranças objetiva e subjetiva. Da mesma forma, a elevação dessas taxas traz consigo uma resposta de conteúdo econômico que, no limite, tem forte repercussão no "bolso" do mesmo cidadão. [...]

A quem cabe, portanto, a promoção da segurança pública na sociedade brasileira moderna? Ao poder público? À sociedade?

A experiência brasileira demonstra que a segurança pública quase sempre ficou a cargo dos governos que, lançando mão das burocracias estatais, utilizaram – se dos órgãos policiais para efetivá-la. Nesse processo, a polícia teve papel central. O entendimento era o de que a segurança pública era coisa de polícia e que, portanto, a sociedade não possuía conhecimentos para contribuir positivamente nesse campo. [...]

O trato com a violência e a criminalidade, portanto, faz parte da ideia da segurança pública, o que complica enormemente a tarefa de sua promoção. A violência, por exemplo, se expressa de maneira multifacetada, demandando uma articulação entre governo e sociedade, e não ações isoladas, desconectadas, para a sua contenção. Daí, o problema de uma compreensão de segurança pública que transfira exclusivamente para o aparato policial a resposta ao problema. [...] O início do enfrentamento da elevação das taxas de crimes violentos deve estar na compreensão de que a polícia, isoladamente, não dará conta de responder com eficácia ao problema. Essa compreensão, no entanto, deve perpassar os governos, as polícias e também a sociedade.

No que diz respeito aos governos há que se entender que segurança pública é assunto muito sério, devendo ser objeto de análise, em diferentes graus, nas diversas secretarias que o compõem. Isso implica dizer que o trato do problema não deve ficar exclusivamente sob a tutela das denominadas secretarias de segurança pública ou defesa social, mas sim deve receber atenção dos demais órgãos do governo (federal, estadual e municipal), haja vista tratar-se de tema transversal. Da mesma maneira, deve ficar claro para os governantes que a violência e a criminalidade não respeitam o calendário político, de modo que a atuação dos representantes políticos deve estar voltada para o bem-estar da sociedade e não excessivamente para a sua reeleição.

As polícias, por sua vez, devem negar enfaticamente a exclusividade da solução do problema. As experiências acumuladas servem para ilustrar que todas as vezes que as forças policiais tentaram resolver sozinhas o problema da violência e da criminalidade acabaram por complicá-lo ainda mais. Essas experiências nos informam que a segurança pública extrapola, e muito, a atuação das forças policiais. Com isso, tentar responder as questões afeitas à segurança pública com ações exclusivas de polícia não só não irá resolver o problema (mesmo que em princípio possa parecer que essa solução é eficaz, num médio prazo a "ferida voltará a inflamar"), como poderá contribuir para sua "complexificação". É o chamado efeito perverso. Vale enfatizar, entretanto, que as forças policiais são parte integrante e importante da promoção da segurança pública, o que é muito diferente de se dizer que elas são a segurança pública. Se isto estiver muito claro para as forças policiais, poderemos afirmar que já não estamos mais na estaca zero.

Quanto à sociedade civil, vale afirmar que é preciso uma participação ativa nesse processo. Não dá mais para transmitir aos governos o monopólio da promoção dessa segurança. Uma possível acomodação da sociedade no sentido da não participação nesse processo pode-se traduzir, no limite, na sua condição última de vítima. É evidente que não se trata de os cidadãos exercerem as atividades afeitas

às forças policiais (até porque é inerente a estas o uso da força, o que requer especialização e profissionalismo), antes pelo contrário, importante seria a efetivação de sua condição de cidadãos por meio de uma participação ativa nos rumos da segurança pública sob a qual se assenta.

Enfim, as pesquisas de opinião pública dão conta de que a promoção da segurança pública é uma das prioridades brasileiras. Nesse sentido, deve-se deixar claro que esta não deve mais ser vista sob o entendimento tradicional (segurança pública igual a forças policiais), uma vez que tal compreensão já trouxe enormes prejuízos aos cidadãos brasileiros, bem como às próprias forças policiais. Segurança pública, então, é resultado de ações conjuntamente articuladas entre os governos e a sociedade. Nenhum desses atores é capaz de executá-la eficazmente de maneira isolada. Segurança pública, portanto, implica formulação, monitoramento e avaliação articulados; em outras palavras, cooperação. (Flávio de Araújo Cançado. Disponível em: <http://www.forumseguranca.org.br/artigos/seguranca-publica - coisa-de-policia.> Publicado em 09/04/2007. Acessado em: 28 abr. 2008. (Texto adaptado)

96. (Fumarc - Agente de Polícia - MG/2008) "Quanto à sociedade civil, vale afirmar que é preciso uma participação ativa nesse processo. Não dá mais para transmitir aos governos o monopólio da promoção dessa segurança. Uma possível acomodação da sociedade no sentido da não participação nesse processo pode-se traduzir, no limite, na sua condição última de vítima."

Após refletir sobre os mecanismos de coesão gramatical do trecho acima, assinale a alternativa INCORRETA.

(A) "na sua condição" [SUA - pronome possessivo que se refere à sociedade civil, já indicada no texto].

(B) "que é preciso" [QUE - conjunção que estabelece a relação de complemento à oração imediatamente anterior].

(C) "dessa segurança" [DESSA - pronome demonstrativo que se refere à ideia a ser discutida mais a frente no texto].

(D) "nesse processo" [NESSE - pronome demonstrativo que resgata a ideia de participação social, já citada no texto].

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - Dessa (combinação da preposição de + o pronome demonstrativo essa) está se referindo à ideia já discutida no parágrafo anterior (sexto parágrafo). Pronome demonstrativo anafórico.

Alternativa "a" - Na condição da sociedade civil.

Alternativa "b" - Que - conjunção integrante introduzindo oração substantiva subjetiva que complementa a oração imediatamente anterior ... vale afirmar.

Alternativa "d" - Em *nesse processo*, o pronome demonstrativo (combinação da preposição em + esse) = nesse. Resgata a ideia de que deve haver uma articulação entre governo e sociedade (...) para a contenção da violência e não só a polícia respondendo isoladamente.

1.10 IPAD

Trecho para a questão.

Texto 1:

Usina Nuclear no Nordeste

O Governo Federal já deixou claro que os planos da Eletrobras para o Nordeste não se resumem à construção de novas hidrelétricas. E mais cedo do que se esperava, em cerca de três anos, o sistema deve anunciar a construção da primeira usina nuclear da Região, tendo as proximidades do Rio São Francisco como um dos maiores candidatos ao projeto, segundo afirmou com exclusividade à coluna o presidente da Eletronuclear, Othon Luiz Pinheiro da Silva. Nas palavras do executivo, a Chesf pode ser uma parceira natural desse projeto. Mas essa intenção - já que não se tratam de estudos oficiais - só será revelada no início de 2007, quando a estatal divulgará o seu programa estratégico para os próximos dez anos. Para se ter ideia do tamanho do negócio, os reatores mais modernos do mundo, com potência de 1 mil Megawatts, custam cerca de US$ 2 bilhões. A usina de Angra I, por exemplo, dispõe de 626 Megawatts.

No entanto, antes de se levar adiante um empreendimento desse porte, é preciso iniciar uma polêmica discussão com os órgãos de defesa ao meio ambiente, pois até os estudos de localização dessas usinas só podem prosseguir com autorização do Conselho Nacional de Política Energética. Se a discussão sobre a transposição do "Velho Chico" deu trabalho, imaginem então a construção de uma usina nuclear...

"Chernobyl foi um trauma, não se constroem mais usinas daquela forma." (Othon Luiz Pinheiro da Silva, presidente da Eletronuclear, minimizando o temor da população quando o assunto é a instalação de reatores nucleares no País). (CAMPOS, Bruna Siqueira. Folha de Pernambuco. Folha Econômica. p.2. (adaptado)

97. (IPAD - Escrivão de Polícia - PE/2007) Identifique a alternativa em que, no texto, o termo destacado guarda relação com o fragmento ao seu lado.

(A) executivo / Othon Luiz Pinheiro da Silva

(B) essa intenção / estudos oficiais

(C) início de 2007 / mais cedo do que se esperava

(D) empreendimento desse porte / construção de novas hidrelétricas

(E) uma polêmica discussão / transposição do Velho Chico

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Othon Luiz Pinheiro da Silva, presidente da eletronuclear – como pode ler no texto: nas palavras do executivo.

Alternativa "b" – Essa intenção refere-se a: Chesf pode ser uma parceira natural desse projeto (construção da primeira usina nuclear no nordeste).

Alternativa "c" – Para o início de 2007 guarda relação com a revelação da intenção da Chesf em ser uma parceira natural do projeto; mais cedo do que se esperava: previsão para o anúncio da construção de novas hidrelétricas.

Alternativa "d" – Empreendimento desse porte guarda relação com: para se ter ideia do tamanho do negócio, os reatores mais modernos do mundo (...) dispõe de 626 megawatts.

Alternativa "e" – Uma polêmica discussão guarda relação com um empreendimento desse porte.

---

98. (IPAD – Agente de Polícia – PE/2006) "Extinguir a Polícia Militar ou Civil seria solução política e paliativa, talvez. O ideal, creio, seria repensar a sua reestruturação." Como sabemos, a posição do termo sublinhado não é fixa. Assinale a alternativa em que a mudança de posição desse termo provoca incoerência no enunciado.

(A) Extinguir a Polícia Militar ou Civil seria solução política e paliativa, talvez. O ideal seria, creio, repensar a sua reestruturação.

(B) Extinguir a Polícia Militar ou Civil seria solução política e paliativa, talvez. Creio: o ideal seria repensar a sua reestruturação.

(C) Extinguir a Polícia Militar ou Civil seria solução política e paliativa, talvez. O ideal seria repensar a sua reestruturação, creio.

(D) Extinguir a Polícia Militar ou Civil seria solução política e paliativa, talvez. O ideal seria repensar, creio, a sua reestruturação.

(E) Extinguir a Polícia Militar ou Civil seria solução política e paliativa, creio talvez. O ideal seria repensar a sua reestruturação.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Perceba que o verbo **creio** e o advérbio **talvez** estão separados por vírgula, ou seja, pode-se alterar a ordem desde que o sentido permaneça o mesmo: Talvez seria a solução; creio que o ideal seria repensar. Nesta alternativa, o sentido foi alterado.

Alternativa "a" – Manteve-se a ideia original.

Alternativa "b" – Manteve-se a ideia original.

Alternativa "c" – Manteve-se a ideia original.

Alternativa "d" – Manteve-se a ideia original.

1.11. ESAF

---

99. (ESAF – Técnico – Área Administrativa – MPU/2004) Assinale o trecho que dá continuidade ao texto, respeitando as relações de coerência, coesão e correção gramatical.

Estudos e o senso comum mostram que a carga genética exerce uma forte influência nas características pessoais a que damos o nome de talento. Traços de personalidade como temperamento afável ou agressivo, senso de organização e facilidade para lidar com questões abstratas – só para citar alguns – vêm, por assim dizer, impressos no DNA de cada um. (Adaptado de Ariel Kostman, Revista VEJA, 30/06/2004, p. 98)

(A) Entretanto, é um erro tomar a herança genética como destino inflexível – tanto para o bem como para o mal.

(B) Assim, o talento embutido no código genético de cada indivíduo só emerge em condições favoráveis.

(C) Embora o talento genético é um componente da personalidade individual – mas não é o único e, nem sempre, o maior.

(D) Por essa razão resta sempre um enorme espaço para quem o talento seja desenvolvido por circunstâncias externas – uma educação escolar de qualidade, por exemplo.

(E) Consequentemente, na maioria dos casos, não é esse único gene que define determinado comportamento, mas diversos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

✪ **Nota da autora:** em primeiro lugar, sublinhe as palavras principais (em textos curtos) ou as ideias principais (em textos longos) e em seguida, trabalhe por eliminação. Note que a alternativa a inicia com uma conjunção adversativa e cabe perfeitamente na continuidade das ideias do texto.

Alternativa "b" –O texto não dá margem para especificar em quais circunstâncias ou em que condições o talento pode emergir, assim, não está coerente com as ideias do texto.

Alternativa "c" –Trecho com erro gramatical no emprego da forma verbal: Embora o talento genético **é** um enorme espaço da personalidade individual. Oração iniciada com a conjunção concessiva *embora*, a ação verbal deveria vir no presente do subjuntivo: Embora o talento genético **seja.** Não há coesão de ideias nem coerência entre as orações.

Alternativa "d" –O texto explicita que o talento é inerente à personalidade e não que dependa de recursos externos como educação de boa qualidade, por exemplo.

Alternativa "e" –O texto fala em carga genética, não determinando esse ou aquele gene.

---

100. (ESAF – Técnico – Área Administrativa – MPU/ 2004) Os trechos abaixo compõem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e assinale a opção que corresponde à ordem que assegura coesão e coerência ao texto.

( ) A. Em seu Parecer, já enviado ao Tribunal Superior Eleitoral, em que responde à Consulta nº 1062, está expresso o entendimento de que o Parecer da AGU viola o artigo 73, VI, "a", da Lei 9.504/97.

( ) B. O subprocurador-geral da República, com aprovação do vice-procurador-geral eleitoral, contesta a posição da Advocacia Geral da União (AGU) que permite a liberação de recursos para obras e serviços iniciados nos três meses que antecedem as eleições municipais.

( ) C. O subprocurador-geral da República conclui, então, que "o tão-só posicionamento liberalizante de verbas em período vedado por lei está a merecer o conhecimento da presente consulta e sua resposta negativa para prevenir eventuais equívocos de interpretação, passíveis de quebra do princípio isonômico que deve presidir o embate eleitoral".

( ) D. Tal dispositivo legal proíbe aos agentes públicos "realizar transferência voluntária de recursos da União aos Estados e Municípios, e dos Estados aos Municípios, sob pena de nulidade de pleno direito, ressalvados os recursos destinados a cumprir obrigação formal preexistente para execução de obra ou serviço em andamento e com cronograma pré-fixado, e os destinados a atender situações de emergência e de calamidade pública".

(Adaptado de www.mpu.gov.br/noticias/– 05/07/2004)

	1º	2º	3º	4º
a)	B	A	D	C
b)	C	D	B	A
c)	D	C	A	B
d)	A	B	D	C
e)	B	D	C	A

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

✪ **Nota da autora:** Trabalhar por eliminação para facilmente chegarmos à ordem.

- No primeiro item, há um pronome possessivo **seu** que impossibilita iniciar o texto. Eliminada alternativa d.
- O segundo item pode iniciar o texto.
- O terceiro item não pode iniciar o texto porque há palavras conclusivas: *conclui* e *então*. Eliminada alternativa b.
- *Tal dispositivo* não pode iniciar texto, pois falta coesão. Eliminada alternativa c.

Iniciando com o segundo item, teremos como palavras principais: **O subprocurador-geral da República**, com aprovação do vice-procurador-geral eleitoral, **contesta a posição da Advocacia Geral da União** (AGU) que **permite a liberação de recursos** para obras e serviços iniciados nos três meses que antecedem as eleições municipais. Fica claro que ao citar *em seu parecer*, o parecer é do **subprocurador-geral da República.** Pronto! Resposta encontrada.

---

101. (ESAF – Técnico – Área Administrativa – MPU/2004) Os trechos abaixo compõem um texto. Assinale o fragmento que apresenta incorreção gramatical.

(A) Um filme não é apenas um filme, mas também a maneira como ele se comunica com o público. O título do novo documentário de Maria Augusta Ramos vem todo escrito em letras minúsculas: justiça.

(B) A primeira informação que recebemos é a de que o filme talvez não se refira ao sistema judiciário, comumente grafado como Justiça, mas a uma acepção mais genérica da palavra.

(C) O filme parece ver a justiça como categoria abstrata, ou então como substantivo que designa não só a justiça criminal, mas também a justiça social. A grafia pode sugerir, ainda, uma crítica ao sistema judiciário.

(D) Como se o título afirmasse: "do jeito que é feita no Brasil, a chamada justiça não merece uma maiúscula." De fato, não é alheia às intenções da realizadora o desejo de que o filme contribua para as discussões em torno da reforma judiciária brasileira.

(E) O filme, vencedor do Festival Vision du Réel (Nyon, Suíça, 2004), mostra o horror das cadeias apinhadas de homens, o drama das visitas familiares sem o menor espaço para privacidade, o coro assustador dos simpatizantes do Comando Vermelho.

Adaptado de Carlos Alberto Mattos, Corredores sem saída, 24/06/2004 www.nominimo.com.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta - O desejo não é **alheio.**

Alternativa "a" - Vírgula antes da conjunção adversativa **mas** é obrigatória. Os dois pontos citam o título novo.

Alternativa "b" - Vírgula antes da conjunção adversativa **mas** é obrigatória.

Alternativa "c" - Vírgula antes da conjunção adversativa **mas** é obrigatória e o vocábulo **ainda** está intercalado.

Alternativa "e" - Intercalação com vírgulas.

---

102. (ESAF - Técnico - Área Administrativa - MPU/ 2004) Indique a opção em que o trecho está gramaticalmente correto.

(A) Na economia do conhecimento, ganham evidência, questões cada vez mais complexas relativas à propriedade intelectual, direitos autorais, patentes sobre produtos e processos, agências de regulação de padrões tecnológicos, regulamentação de setores privatizados e uma tendência de crescente democratização da sociedade brasileira.

(B) Ganha evidência na economia do conhecimento questões cada vez mais complexas relativas a propriedade intelectual, direitos autorais, patentes sobre produtos e processos, agências de regulação de padrões tecnológicos, regulamentação de setores privatizados e uma tendência de crescente democratização da sociedade brasileira.

(C) Na economia do conhecimento, ganham evidência questões cada vez mais complexas relativas a propriedade intelectual, direitos autorais, patentes sobre produtos e processos, agências de regulação de padrões tecnológicos, regulamentação de setores privatizados e uma tendência de crescente democratização da sociedade brasileira.

(D) Na economia do conhecimento, questões cada vez mais complexas relativas a propriedade intelectual, aos direitos autorais, às patentes sobre produtos e processos, agências de regulação de padrões tecnológicos, regulamentação de setores privatizados e uma tendência de crescente democratização da sociedade brasileira ganham evidência.

(E) Questões cada vez mais complexas relativas a propriedade intelectual, direitos autorais, patentes sobre produtos e processos, agências de regulação de padrões tecnológicos, regulamentação de setores privatizados e uma tendência de crescente democratização da sociedade brasileira ganha evidências.

(Adaptado de Gilson Schwartz, As profissões do futuro, São Paulo, Publifolha, 2000, p.36.)

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - A primeira vírgula indica inversão do adjunto adverbial. Concordância e regência (crase) corretas.

Alternativa "a" - Não se separam, por vírgula, o sujeito e o predicado e não pode haver crase antes do substantivo **propriedade**, por haver paralelismo: Na economia do conhecimento, ganham **evidência** questões cada vez mais complexas relativas **a** propriedade intelectual, direitos autorais, patentes sobre produtos e processos, agências de regulação de padrões tecnológicos, regulamentação de setores privatizados e uma tendência de crescente democratização da sociedade brasileira.

▶ **Dica** - Haveria crase se houvesse artigo nos demais termos: relativas **à** propriedade intelectual, **aos** direitos autorais, **às** patentes.

Alternativa "b" - Ganham evidência na economia do conhecimento questões cada vez mais complexas.

Alternativa "d" - Aqui, sim, faltou crase: Na economia do conhecimento, questões cada vez mais complexas relativas **à** propriedade intelectual, **aos** direitos autorais, **às** patentes sobre produtos e processos, **às** agências de regulação de padrões tecnológicos, regulamentação de setores privatizados e uma tendência de crescente democratização da sociedade brasileira ganham evidência.

Alternativa "e" - Questões **ganham** evidências.

---

103. (ESAF - Técnico - Área Administrativa - MPU/ 2004) Indique a opção em que o trecho está incorreto gramaticalmente.

(A) As transformações tecnológicas, já que não existe sociedade civilizada sem lei, apenas tornam mais complexas as regras que, muitas vezes, incomodam e atrapalham, mas que continuarão sendo uma garantia fundamental de desenvolvimento com justiça.

(B) Não existe sociedade civilizada sem lei e as transformações tecnológicas apenas tornam

mais complexas as regras que, muitas vezes, incomodam e atrapalham, mas que continuarão sendo uma garantia fundamental de desenvolvimento com justiça.

(C) Não existe sociedade civilizada sem lei, por isso as transformações tecnológicas apenas tornam mais complexas as regras que, muitas vezes, incomodam e atrapalham, mas que, no entanto, continuarão sendo uma garantia fundamental de desenvolvimento com justiça.

(D) Não existe sociedade civilizada sem lei. As transformações tecnológicas apenas tornam mais complexas as regras que, muitas vezes incomodam e atrapalham, mas que, continuarão sendo garantias fundamentais de desenvolvimento com justiça.

(E) As transformações tecnológicas apenas tornam mais complexas as regras que, muitas vezes, incomodam e atrapalham, mas que continuarão sendo uma garantia fundamental de desenvolvimento com justiça. Não existe sociedade civilizada sem lei.

(Adaptado de Gilson Schwartz, As profissões do futuro, São Paulo, Publifolha, 2000, p.37.)

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta. -

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão e pontuação.

Erros da alternativa d: não existe sociedade civilizada sem lei. As transformações tecnológicas apenas tornam mais complexas as regras que, muitas vezes, incomodam e atrapalham, mas que continuarão sendo garantias fundamentais de desenvolvimento com justiça.

Alternativa "a" - Pontuação, concordância e regência corretas. Tópicos mais exigidos, embora não mencionados no enunciado.

Alternativa "b" - Pontuação, concordância e regência corretas.

Alternativa "c" - Pontuação, concordância e regência corretas.

Alternativa "e" - Pontuação, concordância e regência corretas.

---

104. (ESAF - Técnico - Área Administrativa - MPU/2004) Leia o trecho abaixo e aponte a opção que lhe dá continuidade, respeitando a coesão, a coerência e a orientação argumentativa do texto.

É verdade que já nos anos 50 numerosos estudos haviam demonstrado que fumar provoca câncer, enfisema, ataque cardíaco e muitas outras doenças, mas a estratégia de defesa adotada pela indústria do tabaco foi a do contra-ataque: de um lado contratava técnicos para criticar a metodologia empregada nessas pesquisas; de outro, pressionava os meios de comunicação para garantir que não fossem divulgadas.

(A) Hoje, não só se divulgam as pesquisas que atenuam o impacto do tabaco no organismo, buscando o controle da venda de cigarro a menores de idade e oferecendo tratamento gratuito aos que querem abandonar o vício de fumar.

(B) Qualquer jornal, emissora de rádio ou de televisão que ousasse levantar a menor suspeita de que o cigarro pudesse trazer algum malefício à saúde sofria retaliação financeira imediata.

(C) Naquela época, a indústria do tabaco acatava incondicionalmente ações judiciais de ressarcimentos milionários às famílias dos que morriam vitimados pelos efeitos nocivos da nicotina.

(D) Nos anos 50, a disseminação da epidemia de tabagismo corria velozmente de encontro à forma aliciadora e atraente com que fumavam os astros e estrelas no cinema e na tevê.

(E) Resultado de pesquisa conduzida pelo Ministério da Saúde em sete capitais brasileiras comprova que o número de dependentes de nicotina no país é de aproximadamente 20%.

(Dráuzio Varella, A epidemia do fumo, Folha de S. Paulo, 03/04/2004)

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - O trecho da opção b dá continuidade no texto, respeitando perfeitamente a coesão, a coerência e a sua orientação argumentativa.

Os trechos das opções a, c, d e e, embora tratem do tema tabagismo, não se encaixam na proposta do texto.

2. NÍVEL SUPERIOR

2.1. FCC

Texto para responder às questões.

Ópera é um tipo de teatro no qual a maioria ou todos os personagens cantam durante a maior parte do tempo ou o tempo todo. Nesse sentido, é muito óbvio que ela não seja realística, e com frequência, no decorrer de seus mais de quatrocentos anos de história, tem sido considerada exótica e estranha. Além disso, é quase sempre bastante cara de se encenar e de se assistir. Em nenhum momento da história a sociedade, como um todo, conseguiu sustentar facilmente os custos exorbitantes da ópera. Por que,

então, tanta gente gosta dela de maneira tão profunda? Por que dedicam suas vidas

a apresentá-la, escrever sobre ela, assistir a ela? Por que alguns fãs de ópera atravessam o mundo para ver uma nova produção ou ouvir um cantor favorito, pagando imensas quantias por esse fugaz privilégio? E por que a ópera é a única forma de música erudita que ainda desenvolve de modo significativo novas audiências, apesar de que, no último século ou por volta disso, o fluxo de novas obras, que uma vez foi seu sangue vital, secou até se reduzir a um débil gotejar?

Essas perguntas são mais sobre a ópera tal como ela é hoje em dia: sobre aquilo em que a ópera se tornou no início do século XXI. No que se segue teremos muito a dizer sobre a história de nosso tema, sobre as maneiras em que a ópera se desenvolveu durante sua jornada de quatrocentos anos até nós; mas nossa ênfase será sempre no presente, no efeito que a ópera continua a ter sobre as audiências no mundo inteiro. Nosso objetivo é lidar com uma forma de arte cujas obras mais populares e duradouras foram quase sempre escritas num distante passado europeu, [...] mas cuja influência em muitos de nós – e cuja significância em nossa vida hoje em dia – é ainda palpável. A ópera pode nos transformar: física, emocional e intelectualmente. Queremos investigar por quê.

(Carolyn Abbate e Roger Parker. Uma história da ópera: os últimos quatrocentos anos. Trad. Paulo Geiger. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 21-22)

---

105. (FCC TRT 4 – 2015 Analista Judiciário Área Judiciária) A frase em que o segmento destacado expressa uma circunstância restritiva é:

(A) (segundo parágrafo) *Nosso objetivo é lidar com uma forma de arte cujas obras mais populares e duradouras foram quase sempre escritas num distante passado europeu.*

(B) (primeiro parágrafo) *Nesse sentido, é muito óbvio que ela não seja realística.* [...]

(C) (primeiro parágrafo) *Além disso, é quase sempre bastante cara de se encenar e de se assistir.*

(D) (primeiro parágrafo) *Em nenhum momento da história a sociedade, como um todo, conseguiu sustentar facilmente os custos exorbitantes da ópera.*

(E) (segundo parágrafo) *Essas perguntas são mais sobre a ópera tal como ela é hoje em dia* [...]

Resposta: "b"

O que é uma circunstância restritiva?

Ora, estudamos orações adjetivas explicativas (todo) e restritivas (alguns). A ideia é a mesma.

Em qual sentido *é muito óbvio que ela não seja realística?*

Apenas neste: *Ópera é um tipo de teatro no qual a maioria ou todos os personagens cantam durante a maior parte do tempo ou o tempo todo.*

▶ **DICA**

Lembrar que o pronome anafórico retoma ideia e o catafórico cita ideia, ajudaria bastante.

(A) Nosso objetivo = objetivo de **todos**.

Importante: possui função de sujeito e não pode indicar circunstância.

(C) Ao usarem a expressão "além disso", os autores deixam claro que há mais informações (palavra denotativa que indica inclusão, adição), logo não pode restringir.

(D) Em nenhum momento da história = O adjunto adverbial indica tempo; nenhum é negação e não restringe.

(E) Essas perguntas = sujeito, ou seja, sem circunstância. A alternativa poderia gerar dúvida se não pensasse na função sintática.

Substituição: *Ópera é um tipo de teatro cujos personagens, a maioria ou todos, cantam durante a maior parte do tempo.*

1. O relativo *cujos* concorda com **personagens** e indica posse do termo anterior (um tipo de teatro);

2. Ordem direta: Personagens de um tipo de teatro (ópera) cantam durante a maior parte do tempo.

Está correto, pois a estrutura foi alterada. Cuidado com questões assim! Sempre coloque as orações na ordem direta.

(A) *ainda desenvolve* (ainda acontece) é diferente de *ainda que de maneira significativa* (a oração passa a ter sentido de concessão, oposição).

(C) *conseguir sustentar* não significa que *obteve recursos*. Não é aconselhável ir além das palavras. Muito cuidado.

(D) Não há correção gramatical (regência). Verbos com predicações distintas não podem possuir apenas um complemento. O correto é apresentá-la (V.T.D.), escrever sobre ela (I.), assistir a ela (V.T.I.)

(E) O gerúndio (pagando) possui ideia de ação contínua e não equivale a condição (se forem: futuro do subjuntivo).

---

106. (FCC TRT 4 – 2015 Analista Judiciário Área Judiciária) Considere a frase abaixo e as assertivas I, II e III.

E por que a ópera é a única forma de música erudita que ainda desenvolve de modo significativo novas audiências, apesar de que, no último século ou por volta disso, o fluxo de novas obras, que uma vez foi seu sangue vital, secou até se reduzir a um débil gotejar?

I. O segmento *apesar de que* introduz ideia naturalmente compatível com a expressa na primeira parte do enunciado, de modo que a expectativa criada na porção inicial se harmoniza com o que vem a seguir na frase.

II. A palavra *até*, que usualmente sinaliza o ápice de uma ação, tem esse sentido prejudicado em virtude de vir associada à ideia expressa por *débil*.

III. Se uma vírgula fosse introduzida antes da palavra *ou*, não haveria prejuízo para a correção original.

É correto o que se afirma APENAS em

(A) III.

(B) I.

(C) I e II.

(D) II e III.

(E) II.

Resposta: "a"

✪ **Nota da autora:** questão de período composto (conjunção), semântica e pontuação. Trabalhe por eliminação para evitar erro.

I. Errado. "Apesar de" indica concessão, ideias opostas: *ainda desenvolve de modo significativo novas audiências* **versus**, *no último século ... secou até se reduzir a um débil gotejar*.

Eliminadas B e C.

II. Errado. "Até" é uma preposição que indica limite.

▶ **DICA**

Pode ser classificada como palavra denotativa (assemelha-se a advérbio, mas não faz parte de uma classe gramatical específica) e indicar inclusão, assim como: **inclusive, mesmo, até mesmo, também, ainda, ademais, além disso, de mais a mais.**

Eliminadas D e E. Resposta encontrada sem analisar o último item.

III. Certo: *no último século,* ***ou*** *por volta disso* = a vírgula pode ser inserida, pois "ou" indica possível substituição de uma coisa por outra (no caso, indica data).

---

107. (FCC TRT 4 – 2015 Analista Judiciário Área Judiciária) Segmentos do texto estão, abaixo, associados a outras formulações. A que NÃO prejudica o sentido e a correção originais é:

(A) (primeiro parágrafo) *que ainda desenvolve de modo significativo novas audiências* / que desenvolve, ainda que de maneira significativa, novas audiências.

(B) (primeiro parágrafo) *no qual a maioria ou todos os personagens cantam* / cujos personagens, a maioria ou todos, cantam.

(C) (primeiro parágrafo) *conseguiu sustentar facilmente os custos exorbitantes da ópera* / obteve facilmente recursos para custear os gastos excessivos da ópera.

(D) (primeiro parágrafo) *Por que dedicam suas vidas a apresentá-la, escrever sobre ela, assistir a ela?* / Qual a causa de dedicarem suas vidas a apresentar, escrever e assistir a ela.

(E) (primeiro parágrafo) *pagando imensas quantias por esse fugaz privilégio* / se forem pagar imensas quantias por esse privilégio instantâneo.

Resposta: "b"

✪ **Nota da autora:** Questão de regência (pronome relativo), período composto (conjunção) e verbo.

Mais uma vez FCC exige a alteração do pronome relativo "o qual" por "cujo" e, mais uma vez, é a resposta.

Voltando ao trecho: *Ópera é um tipo de teatro no qual a maioria ou todos os personagens cantam durante a maior parte do tempo.*

1. O relativo *o qual* retoma **um tipo de teatro;**

2. Ordem direta: a maioria ou todos os personagens cantam **num** tipo de teatro (a preposição **em** foi pedida).

3. Poderia ser usada também a forma **em que.**

Substituição: *Ópera é um tipo de teatro cujos personagens, a maioria ou todos, cantam durante a maior parte do tempo.*

1. O relativo *cujos* concorda com **personagens** e indica posse do termo anterior (um tipo de teatro);

2. Ordem direta: Personagens de um tipo de teatro (ópera) cantam durante a maior parte do tempo.

Está correto, pois a estrutura foi alterada. Cuidado com questões assim! Sempre coloque as orações na ordem direta.

(A) *ainda desenvolve* (ainda acontece) é diferente de *ainda que de maneira significativa* (a oração passa a ter sentido de concessão, oposição).

(C) *conseguir sustentar* não significa que *obteve recursos*. Não é aconselhável ir além das palavras. Muito cuidado.

(D) Não há correção gramatical (regência). Verbos com predicações distintas não podem possuir apenas um complemento. O correto é apresentá-la (V.T.D.), escrever sobre ela (I.), assistir a ela (V.T.I.)

(E) O gerúndio (pagando) possui ideia de ação contínua e não equivale a condição (se forem: futuro do subjuntivo).

---

108. (FCC TRT 4 – 2015 Analista Judiciário Área Judiciária) Considere a frase abaixo e as assertivas I, II e III.

E por que a ópera é a única forma de música erudita que ainda desenvolve de modo significativo novas audiências, apesar de que, no último século ou por volta disso, o fluxo de novas obras, que uma vez foi seu sangue vital, secou até se reduzir a um débil gotejar?

I. O segmento apesar de que introduz ideia naturalmente compatível com a expressa na primeira parte do enunciado, de modo que a expectativa criada na porção inicial se harmoniza com o que vem a seguir na frase.

II. A palavra *até*, que usualmente sinaliza o ápice de uma ação, tem esse sentido prejudicado em virtude de vir associada à ideia expressa por *débil*.

III. Se uma vírgula fosse introduzida antes da palavra *ou*, não haveria prejuízo para a correção original.

É correto o que se afirma APENAS em

(A) III.

(B) I.

(C) I e II.

(D) II e III.

(E) II.

Resposta: "a"

✪ **Nota da autora:** questão de período composto (conjunção), semântica e pontuação. Trabalhe por eliminação para evitar erro.

I. Errado. "Apesar de" indica concessão, ideias opostas: *ainda desenvolve de modo significativo novas audiências* **versus**, *no último século ... secou até se reduzir a um débil gotejar.*

Eliminadas B e C.

II. Errado. "Até" é uma preposição que indica limite.

▶ **DICA**

Pode ser classificada como palavra denotativa (assemelha-se a advérbio, mas não faz parte de uma classe gramatical específica) e indicar inclusão, assim como: **inclusive, mesmo, até mesmo, também, ainda, ademais, além disso, de mais a mais.**

Eliminadas D e E. Resposta encontrada sem analisar o último item.

III. Certo: *no último século,* ***ou*** *por volta disso* = a vírgula pode ser inserida, pois "ou" indica possível substituição de uma coisa por outra (no caso, indica data).

Texto para responder às questões.

O conceito de vergonha recobre um campo de significados bastante amplo e rico. Para o Dicionário Aurélio, por exemplo, vergonha significa: a) desonra humilhante; **opróbrio, ignomínia***; b) sentimento penoso de desonra, humilhação ou rebaixamento diante de outrem; c) sentimento de insegurança provocada pelo medo do ridículo, por escrúpulos etc.; timidez, acanhamento; d) sentimento da própria dignidade, brio, honra. O Dicionário Larousse traz aproximadamente as mesmas definições, mas acrescenta novas associações como: medo da desonra e embaraço. O Dicionário Lexis apresenta ainda algumas definições com nuanças diferentes: indignidade, sentimento penoso de baixeza, de confusão, sentimento de desconforto provocado pela modéstia, sentimento de remorso. O que chama a atenção nas definições de vergonha é não somente a diversidade dos significados atribuídos a este sentimento, mas também, e sobretudo, o fato de alguns destes significados serem opostos: desonra/honra, indignidade/dignidade, humilhação/brio. Tal oposição, observada por Harkot-de-La-Taille, faz esta autora perguntar-se que palavra é esta que recobre o não e o sim, a ausência e a presença, o temível e o desejável.*

Uma forma comum de pensar este sentimento é afirmar que ele é simplesmente desencadeado pela opinião de outrem. É o que, por exemplo, sugere a definição de **Spinoza segundo** *a qual a vergonha é a tristeza que acompanha a ideia de alguma ação que imaginamos censurada pelos outros. E é o que, explicitamente, a antropóloga Benedict afirma em seu estudo sobre a sociedade japonesa. Para ela, as culturas da vergonha enfatizam as sanções externas, opondo-se às verdadeiras culturas da culpa, que interiorizam a convicção do pecado. Quanto ao sentimento de vergonha, escreve que alguém poderá envergonhar-se quando é ridicularizado abertamente, ou quando criar a fantasia para si mesmo de que o tenha sido. Todavia, não acreditamos que tudo esteja dito assim;* **a vergonha pressupõe um controle interno: quem** *sente vergonha julga a si próprio. Lembremos o fato notável de que a vergonha pode ser despertada pela simples exposição, mesmo que não acompanhada de juízo negativo por parte dos observadores. Com efeito, certas pessoas sentem vergonha pelo simples fato de estarem sendo observadas.* ***O rubor pode subir às faces de alguém*** *que está sendo objeto da atenção de uma plateia, mesmo que esta atenção seja motivada pelo elogio, pelo recebimento de*

*um prêmio, portanto acompanhada de um juízo positivo. Este tipo de vergonha não deixa de ser psicologicamente misterioso: por que será que as pessoas sentem desconforto ao serem "**apenas**" observadas, mesmo que esta observação não contenha ameaças precisas, mesmo que ela seja lisonjeira?*

(Adaptado de: LA TAILLE, Y. O sentimento de vergonha e suas relações com a moralidade. Psicologia: Reflexão e Crítica, São Paulo: Scielo, 2002, 15(1), p. 13-25)

---

109. (FCC TRT 4 – 2015 Analista Judiciário Área Judiciária) Afirma-se com correção:

(A) (final do texto) O fragmento *portanto acompanhada de um juízo positivo* pressupõe a forma verbal "seja", que está elíptica.

(B) (primeiro parágrafo) Convertida para a voz passiva, a frase O Dicionário Larousse *traz aproximadamente as mesmas definições* apresentará a forma "é trazida".

(C) (segundo parágrafo) Em *pelo simples fato de estarem sendo observadas*, ocorre o deslize gramatical denominado "gerundismo", caracterizado como o emprego indevido de formas no gerúndio.

(D) (segundo parágrafo) Em *quando é ridicularizado abertamente, ou quando criar a fantasia para si mesmo de que o tenha sido*, os tempos das formas verbais destacadas obedecem à correlação privilegiada na norma-padrão.

(E) (final do texto) A substituição do segmento *não deixa de ser* por "é" mantém plenamente o sentido original do período.

Resposta: "a"

✪ **Nota da autora:** questão de coesão e coerência textual, verbo (vozes verbais, gerundismo, tempos e modos).

Basta voltar ao trecho, relê-lo e encaixar o verbo (há paralelismo sintático):

mesmo que esta atenção seja motivada → pelo elogio,

→ pelo recebimento de um prêmio,

portanto **seja** acompanhada de um juízo positivo.

(B) O objeto direto passa a ser sujeito = verbo no plural

As mesmas definições **são trazidas** pelo Dicionário Larousse.

(C) O gerundismo só ocorre se houver três verbos e o último estiver no gerúndio. Exemplo: Vou estar completando sua ligação. Em "estarem sendo observadas" não há gerundismo.

▶ **DICA**

Em algumas construções, quando a frase indica um **processo com certa duração que ainda vai acontecer**, não é errado usar. Exemplo: Sábado, enquanto você estuda matemática, eu *vou estar estudando* o que pode ser exigido na próxima prova de língua portuguesa.

Para evitar problema, principalmente em redação, opte por **vou estudar.** Apenas perceba que a ideia de tempo da ação é alterada.

(D) **Quando** equivale a **se** e o verbo deve indicar uma ação futura duvidosa, isto é, futuro do subjuntivo. Correção: *quando* **for** *ridicularizado.*

(E) O sentido altera. Ao afirmar que **é psicologicamente misterioso**, demonstra ação permanente, incontestável; quando afirmamos que **não deixa de ser psicologicamente misterioso**, subentende-se que às vezes não é misterioso.

Ficou em dúvida? Vamos a um exemplo:

Ele é estudioso.

Ele não deixa de ser estudioso = Ele é preguiçoso, mas (porém, contudo, todavia) não deixa de ser estudioso.

---

110. (FCC TRT 4 – 2015 Analista Judiciário Área Judiciária) Considerados o contexto e a norma-padrão,

(A) (segundo parágrafo) em *a vergonha pressupõe um controle interno: quem* [...], os dois-pontos introduzem consequência.

(B) (segundo parágrafo) resulta em incorreção o acréscimo de vírgula entre *Spinoza* e *segundo*.

(C) (final do texto) o emprego de aspas em *"apenas"* empresta ironia à palavra, tal como em: "Ele foi "apenas" assaltado, sem muita violência".

(D) (segundo parágrafo) em *O rubor pode subir às faces de alguém*, está correto o emprego do sinal de crase, assim como o está em "O sentimento de vergonha é comum à qualquer pessoa".

(E) (início do texto) as palavras *opróbrio* e *ignomínia* estão corretamente grafadas e acentuadas, assim como o estão as palavras desta frase: "A ausência de rúbrica nos documentos é mais um deslise para o qual ela tem o intuíto de reinvindicar tratamento de excessão."

Resposta: "c"

✪ **Nota da autora:** Questão de pontuação, crase, acentuação e ortografia.

Óbvio que há ironia! Imagine-se sendo observado(a).

▶ **DICA**

As aspas são empregadas:

- antes e depois de citações ou transcrições textuais;

- para representar nomes de livros ou legendas;

- para assinalar estrangeirismos, neologismos, gírias, expressões populares, **ironia**;

- para realçar uma palavra ou expressão.

(A) Os dois-pontos introduzem uma explicação.

(B) Fica correto: É o que, por exemplo, sugere a definição de Spinoza, segundo a qual a vergonha...

(D) 1. Em *subir às faces* está correto = locução adverbial formada com palavra feminina. Ficou em dúvida? Substitua por um substantivo masculino (qualquer) = subir aos rostos. Resultou em "ao", há crase; 2. O erro está em inserir crase antes de pronome indefinido. Correção: é comum **a** qualquer pessoa. Não quer decorar? Substitua: é comum a qualquer homem = não resulta em "ao".

(E) Primeiro vamos aos significados das palavras: **opróbrio** significa *enorme vergonha; desonra que acorre de maneira pública; vexame.* **Ignomínia** é sinônimo de *opróbio*: desonra extrema, infâmia pública.

1. **Acentuação** – caso clássico de prosódia (parte da gramática normativa que trata da correta acentuação dos vocábulos e, ainda, dos fenômenos de entoação): **rubrica** é paroxítona; em **intuito**, não ocorre hiato = sem acento;

2. **Ortografia** – deslize; reivindicar; exceção.

▶ **DICA**

Escreva a palavra do lado, assim recorrerá à memória fotográfica. É um recurso deliciosamente inerente ao ser humano.

---

111. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 3/2015) ...para ser levado a sério, um jornal precisa dar a impressão de concretude em seu conteúdo.

O conteúdo expresso acima está preservado, em formulação condizente com a norma-padrão, em:

(A) se quizer ser levado a sério, um jornal não pode esquivar-se em dar a impressão de concretude em seu conteúdo.

(B) um jornal, sendo levado a sério, não pode abster a impressão de concretude em seu conteúdo.

(C) a condição de que um jornal não pode prescindir, para ser levado a sério, é a de dar a impressão de concretude em seu conteúdo.

(D) com vistas ser levado a sério, um jornal não pode deixar de renunciar à impressão de concretude em seu conteúdo.

(E) um jornal tendo a intensão de ser levado a sério, não pode abdicar quanto à impressão de concretude em seu conteúdo.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "C"

✪ **Nota da autora:** Foram exigidos vários assuntos na mesma questão, podemos dizer que seja o novo estilo de FCC.

Na "c": *prescindir* é dispensar; não pode prescindir = não pode dispensar = precisa dar a impressão. Note que a ideia de finalidade permaneceu: para ser levado a sério.

Erros:

Alternativa "A" – 1. Altera o sentido de finalidade para condição (se); 2. Ortografia: **quiser;** 3. Regência: esquivar-se a (ou "de") dar a impressão.

Alternativa "B" – 1. Altera o sentido de finalidade para tempo (sendo levado a sério = quando e levado a sério); 2. Regência: abster-se de =não pode se abster da impressão.

Alternativa "D" – 1. Altera o sentido de finalidade para causa; 2. Regência: com vistas a ser levado a sério; 2. Sentido: **não pode deixar de renunciar = deve renunciar.**

Alternativa "E" – 1. Pontuação: falta vírgula para intercalar = um jornal, **tendo a intenção de ser levado a sério**, não pode abdicar; 2. Ortografia: intenção; 3. Altera o sentido de finalidade para causa; 4. Regência: não pode abdicar **da** impressão.

---

112. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 3/2015) Considere os segmentos 1, 2 e 3 abaixo e os comentários que os seguem.

1. Mas pode-se elaborar melhor essa análise.

2. Se tudo é opinião, tudo é não-notícia.

3. ...não propriamente pelo que dizem, mas principalmente pelo que tentam esconder.

I. A formulação "Mas essa análise pode ser mais bem elaborada" respeita as orientações da gramática normativa, tanto quanto a redação de 1.

II. A formulação "Tudo é não-notícia, à medida que tudo é opinião" preserva a relação estabelecida entre os fatos na redação de 2.

III. A formulação "não exatamente pelo que dizem, mas sobretudo pelo que tentam esconder" mantém o sentido e a correção vistos em 3.

Está correto o que se afirma APENAS em

(A) I.

(B) I e II.

(C) II e III.

(D) III.

(E) I e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "E"

I. Certo. Em 1: *melhor* é advérbio; no item I, quanto ao grau: para um elemento, não se usam as formas *melhor, pior, maior* e *menor*. Por isso, deve ser utilizada a forma "mais bem". Exemplo de adjetivo para fixar: Este livro é mais grande (do) que interessante (um elemento – este livro – e duas qualidades). Com dois elementos: Este livro é maior (do) que o seu (dois elementos – este livro e o seu livro).

II. Errado. Em 2: condição; em II: proporção.

III. Certo. Em 3 e III, as ideias são aditivas (mas principalmente e mas sobretudo).

Trecho para as questões.

Nem bem chegara de lá e já tinha de ouvir o que diziam dele depois que partira. A primeira a anunciar uma das fofocas foi a vizinha, sempre disposta a disseminar novidades, verdadeiras ou não.

– Então, Antônio, soube que rompeu o noivado.

113. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 3/2015) Sobre o que se tem acima, afirma-se corretamente, levando em conta a norma-padrão:

(A) A forma tinha de ouvir situa a ação no mesmo tempo expresso pela forma verbal "ouvia", mas agrega a ideia de obrigatoriedade à ação praticada.

(B) A forma verbal chegara indica que a ação se dá em simultaneidade com a ação expressa por *tinha de ouvir*.

(C) Transpondo o discurso direto acima para o indireto, a formulação obtida deve ser "A vizinha disse que, então, sabia que Antônio rompeu o noivado".

(D) A palavra fofoca, de uso informal, deve ser evitada em textos escritos, mesmo que se trate de uma narrativa, como se tem nesse trecho.

(E) Se, em vez de A primeira, houvesse "Uma das primeiras", o verbo deveria obrigatoriamente ir para o plural – "anunciarem".

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "A"

✪ **Nota da autora**: Questão de verbo, discurso direto e indireto, linguagem culta e análise sintática.

– Substituindo para evitar dúvida: *Nem bem chegara de lá e já* **ouvia** *o que diziam dele*:

1. Diferença entre locução verbal e tempo composto:

1.1 A **locução verbal** é formada por dois ou mais verbos que se unem e desempenham, em uma frase, o valor equivalente ao de um único verbo. É uma expressão composta por um verbo auxiliar e por um verbo principal. O último verbo (o principal) aparece sempre em uma de suas formas nominais (infinitivo, gerúndio e particípio); já os verbos auxiliares são flexionados em tempo, modo, número e pessoa. Dentre os verbos auxiliares de uso mais frequentes estão: estar, haver, ser, ter e ir.

1.2 Quando a locução verbal é formada pelos verbos auxiliares "ter" ou "haver" mais o particípio do verbo principal tem-se um **tempo composto**.

Observação: os verbos "poder" e "dever" são auxiliares que expressam o potencial ou a necessidade de determinado processo se realizar. Outros auxiliares bastante utilizados são os seguintes: voltar a, pôr-se, começar a, deixar de, ir, vir, estar, dentre outros.

1.3 **DICA quanto á formação**

Locução verbal (ou perifrástica): composta pela união de um verbo auxiliar mais um verbo no infinitivo ou no gerúndio.

Tempo composto: formados por voz ativa e voz passiva: na voz ativa, os verbos "ter" ou "haver" mais o verbo principal formam os tempos verbais; na voz passiva, os tempos verbais são formados pelos verbos "ter" ou "haver" mais o verbo "ser" mais o verbo principal no particípio.

Fonte: http://www.estudopratico.com.br/

2. Ao usar a forma "ouvia", tem-se a ideia de obrigatoriedade, pois isso acontecia de qualquer forma.

Alternativa "B" – Óbvio que não! Primeiro chega e depois ouve. Quase raciocínio lógico.

Alternativa "C" – Discurso indireto: A vizinha disse que soubera que Antônio havia rompido (ou rompera) o noivado.

Alternativa "D" – Não se trata de uso informal. No dicionário formal: **mexerico; dito cheio de maldade; disse me disse. Aquilo que se comenta em segredo sobre outra pessoa. Especulação; conversa.**

Alternativa "E" – Nada! Ordem direta: A vizinha (sujeito) foi a primeira a anunciar a fofoca. Substituindo, o verbo continua concordando com o sujeito: A vizinha foi uma das primeiras a anunciar a fofoca.

114. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 3/2015) Do ponto de vista da organização do texto, é correto afirmar:

(A) A concatenação da segunda frase com a primeira realiza-se por meio da palavra *fofocas*, que remete, com específica caracterização, a o *que diziam dele*.

(B) O vínculo que relaciona logicamente os segmentos *sempre disposta a disseminar novidades* e *A primeira a anunciar uma das fofocas foi a vizinha* é estabelecido pela palavra *sempre*.

(C) A conexão entre o discurso direto e as frases que o antecedem realiza-se por meio do contexto, pois não há palavra ou expressão anterior que antecipe a fala da vizinha.

(D) O encadeamento entre os segmentos iniciais ocorre obrigatoriamente por meio da palavra *e*, pois outra alternativa, como o emprego de uma vírgula, constituiria um erro.

(E) A palavra *Então* estabelece relação entre segmentos do texto do mesmo tipo que estabelece em "Preciso de ajuda, então vou chamá-lo".

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "A" – *Concatenação* é encadeamento lógico das ideias, ou seja, coesão e coerência em nosso vocabulário. O que diziam dele era fofoca. Simples assim.

Alternativa "B" – O vínculo é feito através do sujeito (a vizinha), tanto que a primeira oração está na ordem inversa.

Alternativa "C" – O emprego do travessão indica discurso direto (a fala da vizinha).

Alternativa "D" – Caberia uma vírgula no lugar da conjunção.

Alternativa "E" – Em "então vou chamá-lo", a ideia é de conclusão (logo); no texto, indica linguagem coloquial, aprofundando um pouco, trata-se de função fática: tem o objetivo de prolongar o contato.

---

115. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 3/2015) A redação clara e correta, segundo a norma-padrão, é:

(A) A não erradicação da tuberculose, além de ser decorrente da pobreza, seu motivo é também devido a pacientes no início do tratamento sentirem-se curados, abandonando o mesmo e possibilitando, dessa forma, o aparecimento de cepas resistentes às drogas.

(B) O motivo da não erradicação da tuberculose, doença decorrente da pobreza, é porque pacientes no início do tratamento sentem-se curados, o que leva a abandoná-lo, possibilitando dessa forma, o aparecimento de cepas resistentes às drogas.

(C) A não erradicação da tuberculose, além de decorrente da pobreza, é também devido a pacientes, no início do tratamento, sentirem-se curados, abandonando o mesmo e possibilitando, dessa forma, o aparecimento de cepas resistentes às drogas.

(D) O motivo da não erradicação da tuberculose, doença decorrente da pobreza, é também devido pacientes iniciando tratamento sentirem-se curados; abandonam o mesmo e possibilitando, dessa forma, o aparecimento de cepas resistentes às drogas.

(E) O motivo da não erradicação da tuberculose, doença decorrente da pobreza, é também o fato de pacientes, no início do tratamento, sentirem-se curados, o que os faz abandoná-lo, possibilitando, dessa forma, o aparecimento de cepas resistentes às drogas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "E" – A ideia está clara e possui correção. Perceba que há várias vírgulas para tentar confundir. Leia o trecho retirando as intercalações (o que está me negrito): **O motivo da não erradicação da tuberculose**, doença decorrente da pobreza, **é também o fato de pacientes**, no início do tratamento, **sentirem-se curados, o que os faz abandoná-lo, possibilitando**, dessa forma, **o aparecimento de cepas resistentes às drogas.**

▶ **DICA** – O pronome MESMO

1. Não se deve usar a palavra "mesmo" como pronome pessoal. Exemplo: Antes de entrar no elevador, verifique se o mesmo encontra-se parado no andar. **Correção**: Antes de entrar no elevador, verifique se ele se encontra parado no andar.

2. Usa-se **mesmo** como pronome demonstrativo (retoma uma oração ou reforçar um termo de natureza substantiva); valor reforçativo; adjetivo; conjunção na oração subordinada adverbial concessiva (mesmo que); advérbio (sentido de até, ainda) e na expressão "dar no mesmo(a)" que indica *no mesmo estado*.

Erros:

Alternativa "A" – Sem clareza o trecho *A não erradicação da tuberculose, além de ser decorrente da pobreza, seu motivo é também...* **e *abandonado o mesmo*.**

Alternativa "B" – o motivo é porque. Soaria melhor: *o motivo é o fato*, como mencionado na alternativa E.

Alternativa "C" – abandonado o mesmo.

Alternativa "D" – Além de não possuir clareza, falta preposição em *devido a pacientes*.

A matéria abaixo, que recebeu adaptações, é do jornalista Alberto Dines, e foi veiculada em 9/05/2015, um dia após as comemorações pelos 70 anos do fim da Segunda Guerra Mundial.

QUANDO A GUERRA ACABAR...

Abre parêntese: há momentos – felizmente raros – em que a história pessoal se impõe às percepções conjunturais e o relato na primeira pessoa, embora singular, parcial, às vezes suspeito, sobrepõe-se à narrativa impessoal, ampla, genérica. Fecha parêntese.

O descaso e os indícios de esquecimento que, na sexta-feira (8/5), rodearam os setenta anos do fim da fase europeia da Segunda Guerra Mundial sobressaltaram. O ano de 1945 pegou-me com 13 anos e a data de 8 de maio incorporou-se ao meu calendário íntimo e o cimentou definitivamente às efemérides históricas que éramos obrigados a decorar no ginásio.

Seis anos antes (1939), a invasão da Polônia pela Alemanha hitlerista – e logo depois pela Rússia soviética – empurrou a guerra para dentro da minha casa através dos jornais e do rádio: as vidas da minha avó paterna, tios, tias, primos e primas dos dois lados corriam perigo. Em 1941, quando a Alemanha rompeu o pacto com a URSS e a invadiu com fulminantes ataques, inclusive à Ucrânia, instalou-se a certeza: foram todos exterminados.

A capitulação da Alemanha tornara-se inevitável, não foi surpresa, sabíamos que seria esmagada pelos Aliados. Nova era a sensação de paz, a certeza que começava uma nova página da história e perceptível mesmo para crianças e adolescentes. A prometida quimera embutida na frase "quando a guerra acabar" tornara-se desnecessária, desatualizada.

A guerra acabara para sempre. Enquanto o retorno dos combatentes brasileiros vindos da Itália era saudado delirantemente, matutinos e vespertinos – mais calejados do que a mídia atual – nos alertavam que a guerra continuava feroz não apenas no Extremo Oriente, mas também na antiquíssima Grécia, onde guerrilheiros de direita e de esquerda, esquecidos do inimigo comum – o nazifascismo – **se enfrentavam para ocupar o vácuo de poder** *deixado pela derrotada barbárie.*

Sete décadas depois – porção ínfima da história da humanidade -, aquele que foi chamado Dia da Vitória e comemorado loucamente nas ruas do mundo metamorfoseou-se em Dia das Esperanças Perdidas: a guerra não acabou. Os Aliados desvincularam-se, tornaram-se adversários. A guerra continua, está aí, espalhada pelo mundo, camuflada por diferentes nomenclaturas, inconfundível, salvo em breves hiatos sem hostilidades, porém com intensos ressentimentos.

(Reproduzido da Gazeta do Povo (Curitiba, PR) e do Correio Popular (Campinas, SP), 9/5/2015; intertítulo do Observatório da Imprensa, edição 849)

116. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 3/2015) O texto e a norma-padrão legitimam a seguinte afirmação:

(A) (penúltimo parágrafo) Em *onde guerrilheiros de direita e de esquerda* [...] *se enfrentavam*, a palavra destacada pode ser substituída por "pela qual", sem prejuízo do sentido e da correção originais.

(B) (quinto parágrafo) Transpondo a frase *o retorno dos combatentes brasileiros vindos da Itália era saudado delirantemente* para a voz ativa, pode-se ter a forma verbal "saudava" ou "saudavam", na dependência de se considerar como agente da ação, por exemplo, "o povo" ou "as pessoas".

(C) (primeiro parágrafo) Em *há momentos*, se o verbo viesse acompanhado de auxiliar, a forma a ser empregada seria "devem haver".

(D) (penúltimo parágrafo) Em *a guerra continuava feroz não apenas no Extremo Oriente, mas também na antiquíssima Grécia*, a correlação estabelecida entre as regiões se dá por meio dos segmentos destacados.

(E) (penúltimo parágrafo) Em *se enfrentavam para ocupar o vácuo de poder*, a substituição da palavra grifada por "afim de" mantém o sentido e a correção originais.

COMENTÁRIO

Resposta: "b"

Observação: Gramática aplicada ao texto: é necessário conhecer as ideias. Fundamental trabalhar por eliminação. Questão de verbo, regência, concordância, ortografia e período composto (conjunção).

Voz ativa:

1. (O povo) saudava o retorno dos combatentes brasileiros vindos da Itália;

2. (As pessoas) saudavam o retorno dos combatentes brasileiros vindos da Itália.

(A) O pronome relativo "onde" retoma *Extremo Oriente e Antiquíssima Grécia*; ordem direta: Guerrilheiros de direita e de esquerda, esquecidos do inimigo comum – o nazifascismo – se enfrentavam **no** *Extremo Oriente e* ***na*** *Antiquíssima Grécia;* a preposição "em" foi exigida. Substituições possíveis: **em que** ou **nos quais**. A preposição "por" não caberia. Eliminada a alternativa.

(C) *Há* momentos: verbo impessoal. O verbo pode ser substituído por **deve haver** ou **devem existir**. Relembrando: haver = singular; existir (ou ocorre) = plural. Eliminada.

(D) A correlação entre as regiões se dá por meio de "mas também". "No" (preposição em + artigo o) indica, apenas, lugar – onde a guerra continuava feroz. Eliminada.

(E) A preposição indica finalidade e poderia ser substituída por "a fim de". *Afim de* possui sentido de semelhante. Alternativa também eliminada.

117. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 3/2015) O segmento do texto que está traduzido de maneira a não prejudicar o sentido original é:

(A) (quarto parágrafo) *A capitulação da Alemanha tornara-se inevitável* / a fragmentação da Alemanha era considerada indiscutível.

(B) (último parágrafo) *camuflada por diferentes nomenclaturas* / disfarçada sob o véu de distintos nomes.

(C) (primeiro parágrafo) *a história pessoal se impõe às percepções conjunturais* / o relato da própria pessoa infunde veracidade aos fatos da conjuntura.

(D) (segundo parágrafo) *incorporou-se ao meu calendário íntimo* / passou a fazer parte de minhas memórias negativas mais intensas.

(E) (segundo parágrafo) *e o cimentou definitivamente às efemérides históricas* / e o conectou por fim às catástrofes históricas.

COMENTÁRIOS

Resposta: "b"

✪ **Nota da autora:** Embora possa parecer um pouco difícil, não é. Voltando ao texto, ficam claras as ideias e fica fácil saber se possuem relação de sinonímia ou não.

- Camuflar (fazer com que algo ou alguém fique escondido através da utilização de camuflagem; disfarçar-se) = disfarçada sob o véu;
- Diferentes nomenclaturas = distintos nomes.

(A) **Capitulação**: convenção para rendição de uma praça de guerra, de um exército ou de forças militares de um país; rendição. **Fragmentação**: divisão; ação de fragmentar, de quebrar, de reduzir a fragmentos, a pequenos pedaços.

Inevitável: que não pode ser evitado nem impedido. **Indiscutível**: cujo grau de evidência não permite discussões; excessivamente claro e/ou evidente; inegável.

(C) *História pessoal* não é o mesmo que *o relato da própria pessoa*. **Infundir**, no sentido figurado é *inspirar, incutir*. **Impor** é *obrigar; fazer com que seja obrigatório*. **Percepção**: ação ou efeito de perceber. **Veracidade**: tendência para ser verdadeiro; que diz somente a verdade.

(D) O erro está na dissociação entre *calendário íntimo* e *minhas memórias negativas mais intensas*.

(E) **Cimentar**, no sentido figurado é *fortalecer, consolidar*. **Conectar** é *agregar, unir, relacionar*. (até aqui, tudo bem). **Definitivamente** é *de maneira permanente*. **Por fim** significa conclusão (finalmente). **Efemérides**: *diário; caderno, livro ou agenda em que os acontecimentos cotidianos são registrados e relacionados*. **Catástrofe**: *grande desgraça, acontecimento funesto, calamidade*.

Trecho (do texto anterior) para a questão.

Sete décadas depois – porção ínfima da história da humanidade –, aquele que foi chamado Dia da Vitória e comemorado loucamente nas ruas do mundo metamorfoseou-se em Dia das Esperanças Perdidas: a guerra não acabou. Os Aliados desvincularam-se, tornaram-se adversários. A guerra continua, está aí, espalhada pelo mundo, camuflada por diferentes nomenclaturas, inconfundível, salvo em breves hiatos sem hostilidades, porém com intensos ressentimentos.

118. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 3/2015) Comenta-se com propriedade sobre o parágrafo acima, em seu contexto:

(A) A expressão *tornaram-se adversários* exprime a consequência inevitável da ação mencionada anteriormente na frase.

(B) Em *salvo em breves hiatos sem hostilidades*, a substituição do segmento destacado por "a exceção de" preserva o sentido e a correção originais.

(C) Os travessões encerram forte argumento para a defesa das ideias de Dines, pois o segmento alerta para o fato de que, em muito breve intervalo de tempo, a humanidade conheceu significativo revés de sentimentos.

(D) As expressões *Dia da Vitória e Dia das Esperanças Perdidas* concentram a crítica que Dines faz aos profissionais do jornalismo brasileiro e internacional, ao cunharem bordões que pouco explicam a natureza dos fatos.

(E) O emprego do adjetivo *camuflada* retoma o que se diz anteriormente por meio da expressão *metamorfoseou-se*.

COMENTÁRIOS

Resposta: "c" – Exato, trata-se de aposto explicativo e *ínfimo* significa *aquilo que é excessivamente pequeno; o que não tem muito valor*, isto é, em muito breve intervalo.

(A) Extrapolação: não se trata de consequência inevitável. É apenas uma consequência.

(B) Falta o acento indicativo de crase: **à exceção de**.

(D) Não podemos afirmar que foram inventadas (cunhadas) por profissionais do jornalismo brasileiro.

(E) *Camuflada* (disfarçada) indica que a guerra continua; *metamorfoseou-se* refere-se ao Dia da Vitória e Dia das Esperanças Perdidas. Sendo assim, não se pode afirmar que o adjetivo retoma o que foi dito.

Trecho para a questão.

A capitulação da Alemanha tornara-se inevitável, não foi surpresa, sabíamos que seria esmagada pelos Aliados. Nova era a sensação de paz, a certeza que começava uma nova página da história e perceptível mesmo para crianças e adolescentes. A prometida quimera embutida na frase "quando a guerra acabar" tornara-se desnecessária, desatualizada.

119. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 3/2015) É correta a seguinte assertiva sobre o que se tem no trecho acima:

(A) Em *tornara-se desnecessária, desatualizada*, as palavras destacadas estão dispostas em ordem crescente de valor.

(B) O emprego de *Nova* justifica-se somente pelo contexto em que as três linhas acima estão inseridas, pois, nelas, não há nenhuma palavra ou expressão a que a palavra *Nova* possa ser associada.

(C) A causa de o fato ser *inevitável* está expressa em *não foi surpresa*.

(D) O emprego de *mesmo* confirma que era natural esperar que crianças e adolescentes, como os adultos, tivessem a certeza de que um novo período da história começava.

(E) A palavra *quimera* equivale, quanto ao sentido, a "utopia".

COMENTÁRIOS

Resposta: "e" – Sem dicionário, basta reler o trecho: *A prometida quimera embutida.* Qual? *Nova era a sensação de paz, a certeza que começava uma nova página da história e perceptível mesmo para crianças e adolescentes.* Caros, isso é uma utopia lavada! Quem dera não fosse.

- Utopia: *que está no âmbito do irrealizável; que tende a não se realizar; quimera, sonho; fantasia.*

(A) Não há ordem crescente (nem decrescente) de valor. *Desnecessária é dispensável; que não é fundamental nem necessário; que se pode dispensar, deixar de lado; desatualizada* significa *sem atualização*. Não pertencem ao mesmo campo semântico – de significado.

(B) Eliminamos a alternativa pelo uso do advérbio "somente" (restringe – pegadinha comum em FCC). *Nova* página da história é a nova era.

(C) Não é a causa: não foi surpresa tornar inevitável a capitulação da Alemanha.

(D) Indica apenas que era perceptível até (mesmo) para as crianças o início de uma nova era. Não que fosse natural esperar que tivessem certeza, a ideia muda.

Trecho para a questão.

A guerra continua, está aí, espalhada pelo mundo, camuflada por diferentes nomenclaturas, inconfundível, salvo em breves hiatos sem hostilidades, porém com intensos ressentimentos.

120. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 3/2015) Justifica-se o emprego do advérbio ***aí***, na frase, do seguinte modo:

(A) a palavra remete ao lugar a que se fez referência anteriormente: ao espaço dos *Aliados*.

(B) a palavra tem o sentido de "nesse ponto", como em "É aí que está o X da questão".

(C) a palavra compõe expressão que tem o sentido de "apresenta-se por lugares incertos, de modo disseminado".

(D) a palavra tem seu sentido associado ao da palavra *inconfundível*, para expressarem, juntas, a ideia de "contorno único".

(E) a palavra delimita o lugar da guerra, aquele em que o interlocutor se encontra.

COMENTÁRIOS

Resposta: "c" – A dica está em "espalhada pelo mundo". Ora, se está espalhada pelo mundo, claro que são lugares incertos. Perceba que as outras alternativas são descabidas.

(A) Precisaria voltar ao texto, mas mesmo assim fica claro que não se refere a espaço algum de Aliados.

(B) Aí em vários lugares; nada a ver com "nesse ponto". Eliminada facilmente.

(D) *Inconfundível* é adjetivo de "guerra".

(E) Longe de delimitar lugar, pelo contrário: dissemina, espalha.

121. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 3/2015) *Perguntando-me a mim mesmo por que processo de associação ela me viera à memória, não*

atinei com o porquê. Pensei, então, no motivo de eu lastimar sua ausência e não obtive de imediato a resposta. Passaram-se muitos meses quando, de repente, percebi o sentido disso tudo: ela era, sempre fora e sempre seria a concretização da fantasia primeira da minha adolescência.

Considere o trecho acima e as afirmações que seguem:

I. Em *Perguntando-me a mim mesmo*, há duas formas – *me* e *a mim mesmo* – que expressam reflexividade da ação, motivo pelo qual uma delas pode ser elidida sem prejuízo do sentido.

II. Em *por que processo de associação ela me viera à memória*, o segmento destacado está grafado segundo as normas gramaticais.

III. Em *não atinei com o porquê*, a palavra destacada apresenta erro de grafia: o acento gráfico não é justificável.

IV. Em *percebi o sentido disso tudo*, a palavra destacada resume as razões citadas após os dois-pontos.

Está correto o que se afirma APENAS em

(A) III e IV.

(B) II e IV.

(C) I.

(D) I e II.

(E) II e III.

COMENTÁRIOS

Resposta: "d"

Observação: Questão de verbo, ortografia e coesão textual.

I. Correto: *Elidir* significa eliminar e isso pode ocorrer = *Perguntando-me* ou *Perguntando a mim mesmo*. Eliminam-se, assim, as alternativas A, B e E.

II. Correto: Sem voltar ao trecho, é impossível julgar o item.

Perguntando-me a mim mesmo ***por que*** *processo de associação ela me viera à memória = perguntando-me a mim mesmo* ***por qual*** *processo...*

Eliminada alternativa C e já encontramos a resposta sem precisar analisar dois itens. Que maravilha!

III. Errado: A palavra foi substantivada (nomeia), portanto foi grafada corretamente.

▶ Dica: admite plural.

IV. Errado: O pronome anafórico **isso** refere-se à ideia anterior; as razões citadas após os dois-pontos referem-se ao *sentido* do que foi mencionado. *Tudo* é pronome indefinido e está ligado, também, às ideias mencionadas anteriormente.

---

122. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 3/2015) As orientações da gramática normativa legitimam a clareza e a correção da seguinte frase:

(A) A própria etmologia da palavra "companheiro" – do latim *cum panis*, aquele com quem dividimos o pão, confiamos para sentar-se à nossa mesa, dividimos ideias – nos norteia na escolha de companhias.

(B) As últimas notícias veiculadas pela imprensa estrangeira faz que os futuros viajantes ao exterior preparem-se para situações desconfortáveis nos aeroportos.

(C) Todos os funcionários são resistente às intenções do novo chefe de implantar rodízio do horário de trabalho e decidiram, juntos, manifestar perante a ele os seus motivos.

(D) As metas para as quais foram traçadas essas diretrizes poderão ser atingidas se, e quando, coincidindo com os objetivos da população, mereçam-lhe simpatia e profunda adesão.

(E) Os assessores do grupo de trabalho, em nota sucinta, garantem que está em vigor, desde 2014, as específicas normas que vêm obstruindo a execução do tão almejado projeto.

COMENTÁRIOS

Resposta: "d"

1. O pronome relativo retoma "as metas";

2. Ordem direta: Essas diretrizes foram traçadas **para** as metas = **para as quais** ou **para que**.

O pronome "lhe" possui função de adjunto adnominal (indica posse): Mereçam **sua** simpatia.

Erros especificados:

(A) Ortografia: **etimologia**.

(B) Concordância verbal e regência: (as últimas notícias) **fazem com que**.

(C) Concordância nominal: Todos os funcionários são **resistentes**; regência: **perante ele**.

▶ **DICA**

Perante é uma preposição que tem o sentido de *ante, diante*. A preposição é **perante**, e não existe a locução prepositiva ***perante a***. **Formas corretas:** ***perante*** *o advogado* (e não ***perante*** *ao advogado*), ***perante*** *ele* (e não ***perante*** *a ele*), ***perante*** *o qual* (e não ***perante*** *ao qual*).

(E) Concordância verbal: as específicas normas **estão** em vigor.

123. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 3/2015) Dentre as frases abaixo, a que está clara e correta, segundo a norma-padrão, é:

(A) Dando preferência pelo projeto comunitário, comentou que um dos projetos individuais havia sido excluído por fraude e que o surgimento da denúncia estava ligada a plágio, sempre condenável.

(B) A oficina gráfica é muito mais bem conhecida do que os outros estágios da produção e difusão de livros, por ser um tema de estudos muito valorizado no campo da bibliografia analítica.

(C) Pelo o que distintas matérias informaram, o artista encerrou de modo brilhante o espetáculo que ele havia cobrado apenas uma libra esterlina de cachê para tocar.

(D) Considerado eleições fraudulentas pelo partido Amarelo vencidas pelo partido Branco, o pleito poderá ser anulado se assim o considerar o tribunal.

(E) No depoimento, acentuava a fragilidade da infância e repetiu várias vezes "Sou filha de pais separados desde os 10 anos de idade".

COMENTÁRIOS

Resposta: "b" – Simples assim: leu e entendeu? Possui clareza! Não há erro gramatical.

▶ **DICA**

A vírgula separa a oração subordinada adverbial causal.

(A) Concordância nominal: o surgimento estava **ligado** a plágio.

(C) Regência: Ele havia cobrado apenas uma libra esterlina de cachê para tocar **no** espetáculo = **em que** ou **no qual**.

(D) Não possui clareza. A ideia é de que o pleito é considerado, pelo partido Branco, como eleições fraudulentas. Isso indica que não há erro na concordância de "considerado".

(E) Verbo: acentuava a fragilidade da infância e **repetia** várias vezes = ações prolongadas, contínuas (pretérito imperfeito do indicativo).

124. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 3/2015) A redação que está clara, concisa e, segundo a norma-padrão, correta é:

(A) O século XVIII, que pensava de modo burguês, é a conclusão da pesquisa e isso tornou-se um lugar-comum entre muitos estudiosos da área, o que veio ao encontro desses últimos.

(B) Um lugar-comum que a pesquisa concluiu, a saber: muitos estudiosos da área vão ao encontro de que o século XVIII realmente pensava de modo burguês, demonstrando concordância com isso.

(C) A pesquisa concluiu por um lugar-comum que muitos estudiosos da área também concordam, a saber: que o século XVIII realmente, pensava de modo burguês.

(D) O que tornou-se um lugar-comum entre muitos estudiosos da área – o século XVIII realmente pensava de modo burguês – foi a conclusão da pesquisa, indo ao encontro daquele.

(E) A conclusão da pesquisa vai ao encontro do que se tornou um lugar-comum entre muitos estudiosos da área – a saber, o século XVIII realmente pensava de modo burguês.

COMENTÁRIOS

Resposta: "e" – Pontuação correta. Usou-se o travessão para ficar explícito o complemento, pois há vírgula posposta à expressão "ao saber".

Difícil? Bastava ir eliminando as alternativas.

Note alguns erros gramaticais e a total falta de clareza:

(A) Colocação pronominal: isso **se** tornou = o pronome demonstrativo atrai o oblíquo.

▶ **DICA**

Pronomes relativos, demonstrativos e indefinidos atraem o pronome oblíquo = próclise

(B) Não possui clareza.

(C) Não possui sentido. O que indica a expressão "por um lugar-comum"? Sem nexo!

(D) Colocação pronominal: o que **se** tornou = o pronome relativo atrai o oblíquo.

125. (FCC 2015) Está inteiramente clara e correta a **redação** deste livre comentário sobre o texto **Falsificações na internet**:

(A) É natural que muitos dos usuários da internet se irritem com este fenômeno generalizado: a pessoa publica um medíocre texto de sua autoria como se fosse da lavra de algum escritor consagrado.

(B) Tratando-se de um fenômeno generalizado na internet, implica na irritação de quem toma os textos de alguém famoso cujo o teor foi estabelecido por quem escreveu uma mera banalidade.

(C) Está cada vez mais usual o seguinte fato: alguém mal intencionado, publica sob um nome de

autor conhecido um texto de que este jamais teria interesse em escrever, por banal que seja.

(D) Muitas pessoas, provavelmente com má fé, dão como de outros autores, textos seus, imaginando que as assinaturas famosas encobrem as debilidades do texto de cujos são criadores.

(E) Certamente são irritantes essas falsificações da internet, mormente nas redes sociais, aonde escritores sem qualquer talento plageiam autores famosos, tentando se fazer passar pelos mesmos.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Erros de regência, pontuação, ortografia e pronome relativo.

Algumas observações:

(B) implica irritação.

(C) alguém mal intencionado publica sobre...

(D) pontuação errada.

(E) onde; plagiam.

---

126. (FCC 2015) Considere as seguintes afirmações sobre aspectos da construção do texto **Falsificações na internet**:

I. Na frase *É próprio dos vícios misturar prazer e corrosão em quem os sustenta*, o pronome ***os*** refere-se aos nomes *prazer* e *corrosão*.

II. Atentando para a regência verbal, o segmento *Os grandes atores, apoiando-se no talento que lhes é próprio* permanecerá correto caso se substitua *apoiando-se no* por **valendo-se do** ou **contando com o**.

III. Ao observar que ninguém deve enganar-se a si mesmo, o autor poderia ter optado pela forma do imperativo e nos lançar a seguinte frase, de modo correto e solene: "Não deveis enganar-se a vós mesmos".

Está correto o que se afirma em

(A) I, II e III.

(B) I e II, apenas.

(C) I e III, apenas.

(D) II, apenas.

(E) III, apenas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

I. Errado: sustenta **os vícios**.

II. Certo.

III. Errado: não devais.

Texto para as questões.

A guerra dos dez anos começou quando um fazendeiro cubano, Carlos Manuel de Céspedes, e duzentos homens mal armados tomaram a cidade de Santiago e proclamaram a independência do país em relação à metrópole espanhola. Mas a Espanha reagiu. Quatro anos depois, Céspedes foi deposto por um tribunal cubano e, em março de 1874, foi capturado e fuzilado por soldados espanhóis.

Entrementes, ansioso por derrubar medidas espanholas de restrição ao comércio, o governo americano apoiara abertamente os revolucionários e Nova York, Nova Orleans e Key West tinham aberto seus portos a milhares de cubanos em fuga. Em poucos anos Key West transformou-se de uma pequena vila de pescadores numa importante comunidade produtora de charutos. Despontava a nova capital mundial do Havana.

Os trabalhadores que imigraram para os Estados Unidos levaram com eles a instituição do "lector". Uma ilustração da revista Practical Magazine mostra um desses leitores sentado de pernas cruzadas, óculos e chapéu de abas largas, um livro nas mãos, enquanto uma fileira de trabalhadores enrolam charutos com o que parece ser uma atenção enlevada.

O material dessas leituras em voz alta, decidido de antemão pelos operários (que pagavam o "lector" do próprio salário), ia de histórias e tratados políticos a romances e coleções de poesia. Tinham seus prediletos: O conde de Monte Cristo, de Alexandre Dumas, por exemplo, tornou-se uma escolha tão popular que um grupo de trabalhadores escreveu ao autor pouco antes da morte dele, em 1870, pedindo-lhe que cedesse o nome de seu herói para um charuto; Dumas consentiu.

Segundo Mário Sanchez, um pintor de Key West, as leituras decorriam em silêncio concentrado e não eram permitidos comentários ou questões antes do final da sessão.

(Adaptado de: MANGUEL, Alberto. Uma história da leitura. Trad. Pedro Maia Soares.

São Paulo, Cia das Letras, 1996, p. 134-136)

---

127. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3/2014) Sem que se faça nenhuma outra alteração na frase, mantêm-se o sentido original do texto e a correção gramatical ao se substituir

(A) *enlevada* por "espontânea", no segmento *com o que parece ser uma atenção enlevada*. (3º parágrafo)

(B) *quando* por "à medida que", no segmento *A guerra dos dez anos começou quando um fazendeiro cubano...* (1º parágrafo)

(C) *de antemão* por "com antecedência", no segmento *decidido de antemão pelos operários*. (4° parágrafo)

(D) *Tinham* por "Os leitores possuíam", no segmento *Tinham seus prediletos*. (4° parágrafo)

(E) *ansioso* por "vultoso", no segmento *ansioso por derrubar medidas espanholas de restrição ao comércio*. (2° parágrafo)

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" - *Antemão* é advérbio que significa de um modo antecipado; de uma maneira prévia; antecipadamente, ou seja, com antecedência.

Alternativa "a" - *Enlevada* é adjetivo e significa que está em estado de êxtase; encantado. Espontânea é que ocorre naturalmente; cujo desenvolvimento não é premeditado; que não possui nem demonstra artificialismos; natural e sincero.

Alternativa "b" - *Quando* indica tempo; *à medida que*, proporção. Não são equivalentes.

Alternativa "d" - *Ter* é passar a possuir (alguma coisa); receber. *Possuir* é encerrar; carregar consigo; expressar uma característica específica.

Alternativa "e" - *Ansioso* é ávido; que deseja muito alguma coisa; desejoso. *Vultoso* é importante; de grande importância.

---

128. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3/2014) Afirma-se corretamente:

(A) Em *pedindo-lhe que cedesse o nome de seu herói...* (4° parágrafo), o elemento destacado é um pronome.

(B) O elemento destacado no segmento ... *uma escolha tão popular que um grupo de trabalhadores...* (4° parágrafo) NÃO é um pronome.

(C) Em *que pagavam o "lector" do próprio salário...* (4° parágrafo), o elemento destacado substitui leituras.

(D) Em *com o que parece ser uma atenção enlevada* (3° parágrafo), o elemento destacado refere-se a "charutos".

(E) Em *Os trabalhadores que imigraram para os Estados Unidos...* (3° parágrafo), o elemento destacado NÃO é um pronome.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão textual e classificação da palavra "que".

Em **"b"**, temos uma conjunção subordinada adverbial consecutiva. Pode ser substituída por **de forma que, de sorte que, tanto que,** etc., ou pelas estruturas **tão... que, tanto... que, tamanho... que.**

Alternativa "a" - *pedindo* algo a alguém. O **que** é conjunção integrante que inicia uma oração subordinada substantiva objetiva direta: pedindo-lhe **isto** (algo será mencionado posteriormente).

Alternativa "c" - **que** equivale a **os quais**: pronome relativo retomando **operários**.

Alternativa "d" - **o**(ou **a**) + **que** = pronome demonstrativo + pronome relativo. O **que** retoma o demonstrativo **o** (aquilo).

Alternativa "e" - É pronome relativo: trabalhadores **os quais**.

---

129. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3/2014) Quatro anos depois, Céspedes foi deposto por um tribunal cubano e, em março de 1874, foi capturado e fuzilado por soldados espanhóis. (1° parágrafo)

Uma redação alternativa para a frase acima, em que se mantêm a correção, a lógica e, em linhas gerais, o sentido original, está em:

(A) Em março de 1874, após ter percorrido um período de quatro anos, um tribunal cubano depusera Céspedes, quando soldados espanhóis o capturou e fuzilou.

(B) Após um período de quatro anos, um tribunal cubano depôs Céspedes, e, em março de 1874, soldados espanhóis capturaram-no e fuzilaram-no.

(C) Depois de transcorridos um período de quatro anos, Céspedes foi deposto pelo tribunal cubano, o qual, em março de 1874, foi capturado e fuzilado pelos soldados espanhóis.

(D) Em março de 1874, quatro anos depois de ter sido deposto por um tribunal cubano, Céspedes foi capturado por soldados espanhóis, que lhe fuzilaram.

(E) Transcorridos quatro anos, um tribunal cubano depõe Céspedes, posto que, em março de 1874, soldados espanhóis lhe capturam e fuzilam.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" - Dividindo o período facilita:

- Quatro anos depois = Após um período de quatro anos;

- Céspedes foi deposto por um tribunal cubano = um tribunal cubano depôs Céspedes. A oração foi transposta da voz passiva para a ativa;

- em março de 1874 = em março de 1874. Detalhe: usaram-se vírgulas para intercalar o adjunto adverbial de tempo;

- foi capturado e fuzilado por soldados espanhóis = soldados espanhóis capturaram-no e fuzilaram-no. Mais uma vez ocorreu transposição da passiva para a ativa.

Erros:

Alternativa "a" – verbo no pretérito mais que perfeito do indicativo e o emprego de **quando.**

Alternativa "c" – concordância: transcorrido; o pronome relativo **o qual** está retomando *tribunal cubano* e torna o trecho incoerente.

Alternativa "d" – *fuzilar* é transitivo direto: que **o** fuzilaram.

Alternativa "e" – Não cabe *posto que* e há erro quanto à regência do verbo capturar (transitivo direto): capturaram-no.

▶ **DICA** – *posto que* pode ser conjunção concessiva que significa embora, conquanto, bem que, se bem, se bem que, mas que, em que, posto, suposto, **suposto que**, conquanto que, malgrado, por mais que; conjunção condicional que significa se, dado que; conjunção causal que significa porque; conjunção explicativa que significa que.

Texto para a questão.

Reunir-se para ouvir alguém ler tornou-se uma prática necessária e comum no mundo laico da Idade Média. Até a invenção da imprensa, a alfabetização era rara e os livros, propriedade dos ricos, privilégio de um pequeno punhado de leitores.

Embora alguns desses senhores afortunados ocasionalmente emprestassem seus livros, eles o faziam para um número limitado de pessoas da própria classe ou família.

(Adaptado de: MANGUEL, Alberto, op. cit.)

130. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3/2014) Atente para o que se afirma abaixo.

I. No segmento ... a alfabetização era rara e os livros, propriedade dos ricos..., a vírgula colocada imediatamente após livros foi empregada para indicar a supressão de um verbo.

II. No texto, não se explicitam as razões pelas quais o ato de ouvir alguém ler tenha se tornado uma prática necessária e comum no mundo laico da Idade Média.

III. No segmento ... eles o faziam para um número limitado de pessoas..., o elemento sublinhado refere-se a "emprestavam livros".

Está correto o que se afirma APENAS em

(A) II e III.

(B) II.

(C) I e II.

(D) I e III.

(E) III.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

I. Certo. Trata-se de zeugma (omissão de um termo): a alfabetização era rara e os livros (eram) propriedade dos ricos.

Atenção! Poderia ser pontuada assim também: a alfabetização era rara; os livros, propriedade dos ricos.

II. Errado: o autor afirma não existir ainda imprensa e os acesso a livros ser privilégio de poucos.

III. Certo. O que eles faziam? Emprestavam livros. Veja: Embora alguns desses senhores afortunados ocasionalmente emprestassem seus livros, eles o faziam para um número limitado de pessoas da própria classe ou família.

131. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 4/2014) Está clara e correta a redação deste livre comentário:

(A) O título mesmo do livro de Edward Said é considerado uma inspiração, uma plataforma de trabalho para quem se disponha a exercer o papel de um autêntico humanista.

(B) Já pela sugestão, o livro de Edward Said, cujo o título é tão inspirador, torna-se também uma plataforma de trabalho para quaisquer humanistas que dele se acerquem e por ele se interessem.

(C) Quem se dispor a desenvolver uma plataforma de trabalho encontrará plena inspiração já no título do livro de Edward Said, onde a sugestão de humanismo é inequívoca.

(D) Edward Said, ao atribuir a seu livro o título que tanto condiz com sua plataforma de trabalho, já por si mesmo o fez inspirador para quem o instigue como meta de um verdadeiro humanismo.

(E) Um autêntico sentido de prática humanista se infere do título do livro de Edward Said, pelo qual uma inspiração de trabalho já parece ali consolidado, tal uma plataforma de altas sugestões.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Período claro, correto e coeso.

Alternativa "b" – cujo título: os pronomes relativos *cujo* e *quem* não admitem artigo.

Alternativa "c" – Quem se **dispuser**: o verbo *dispor* deve ser conjugado como verbo *pôr* (puser – no futuro do subjuntivo); **onde** é usado para retomar lugar fixo, o correto seria **em que**.

Alternativa "d" – Frase incoerente, não possui sentido. A pontuação incorreta causou a estranheza.

Alternativa "e" – Dois erros: **no qual** uma inspiração parece **consolidada.** Uma inspiração parece consolidada **no** título = em que, no qual.

Texto para as questões.

UM PROGRAMA A SER ADOTADO

O PET – Programa de Educação pelo Trabalho – está fazendo dez anos, que serão comemorados num evento promovido pelo TRF4, que contará com representantes da Fase – Fundação de Atendimento Socioeducativo do Rio Grande do Sul.

Há dez anos seria difícil imaginar um interno da Fase em cumprimento de medida socioeducativa saindo para trabalhar em um tribunal e, no final do dia, retornar à fundação. Muitos desacreditariam da iniciativa de colocar um adolescente infrator dentro de um gabinete de desembargador ou da Presidência de um tribunal. Outros poderiam discriminar esses jovens e desejá-los longe do ambiente de trabalho.

Todas essas barreiras foram vencidas. Em uma década, o PET do TRF4 se tornou realidade, quebrou preconceitos, mudou a cultura da própria instituição e a vida de 154 adolescentes que já passaram pelo projeto. São atendidos jovens entre 16 e 21 anos, com escolaridade mínima da 4ª série do ensino fundamental. O tribunal enfrenta o desafio de criar, desenvolver e, principalmente, manter um programa de reinserção social. Os resultados do trabalho do PET com os menores que cumprem medida socioeducativa na Fase são considerados muito positivos quando se fala de jovens em situação de vulnerabilidade social. Durante esses dez anos, 45% dos participantes foram inseridos no mercado de trabalho e muitos já concluíram o ensino médio; cerca de 70% reorganizaram suas vidas e conseguiram superar a condição de envolvimento em atividades ilícitas.

Na prática, os jovens trabalham durante 4 horas nos gabinetes de desembargadores e nas unidades administrativas do tribunal. Recebem atendimento multidisciplinar, com acompanhamento jurídico, de psicólogos e de assistentes sociais. Por meio de parcerias com entidades, já foram realizados cursos de mecânica, de padaria e de garçom. Destaque a considerar é o projeto "Virando a página": oficinas de leitura e produção textual, coordenadas por servidores do TRF4 e professores e formandos de faculdades de Letras.

(Adaptado de: wttp://www2.trf4.jus.br/trf4/controlador.php?acao= noticia_visualizar&id_noticia=10129)

---

132. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 4/2014) No contexto, o sentido do elemento sublinhado em

(A) Outros poderiam discriminar esses jovens (2° parágrafo) é o de **distinguir, enfatizar.**

(B) em cumprimento de medida socioeducativa (2° parágrafo) é o de **observância, atendimento.**

(C) manter um programa de reinserção social (3° parágrafo) é o de **remissão, retroação.**

(D) em situação de vulnerabilidade social (3° parágrafo) é o **de impropriedade, informalidade.**

(E) Recebem atendimento multidisciplinar (4° parágrafo) é o de **socialista, democrático.**

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

✪ **Nota da autora**: Questão de coerência e semântica (significado das palavras).

Na B: **Observância:** ação ou efeito de observar, de praticar com fidelidade alguma coisa; execução, **cumprimento** do que prescreve uma regra, uma lei.

Alternativa "a" – discriminar: tratar de forma injusta; tratar de forma desigual, uma pessoa ou um grupo de pessoas, por motivos relacionados às suas características pessoais específicas. Não cabe "enfatizar".

Alternativa "c" – reinserção: ação ou resultado de inserir-se novamente; **remissão:** Ação ou resultado de encaminhar a outro ponto ou lugar; **retroação:** ação ou resultado de retroagir (Fazer ter validade ou passar a ter validade a partir de (data anterior); retrair sua ação ao passado) **Alternativa "d" – vulnerabilidade:** caráter ou qualidade de vulnerável (Que é mais suscetível de ser danificado ou magoado, prejudicado ou destruído); **impropriedade:** qualidade ou caráter de impróprio.

Alternativa "e" – multidisciplinar: Que envolve disciplinas e pesquisas diversas; PLURIDISCIPLINAR; **socialista:** que é partidário do socialismo ou se engaja em sua luta e perspectivas; **democrático:** Cujo poder emana do povo; POPULAR.

133. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 4/2014) É preciso corrigir, por falha estrutural, a redação deste livre comentário do texto:

(A) Não são pequenos os desafios que enfrenta o TRF4, em seu programa de reinserção social de jovens infratores – programa que, felizmente, já se revelou bastante eficaz.

(B) Já está comprovada a eficácia do programa implantado pelo TRF4 com a finalidade de reinserir jovens infratores no mercado de trabalho.

(C) Jovens infratores, que muitos considerariam irrecuperáveis, vêm apresentando notáveis progressos, apoiados por programa de reinserção social implantado pelo TRF4.

(D) Com vistas às medidas implantadas pelo TRF4, jovens infratores estão sendo amparados pelo PET, pelos quais os resultados inquestionáveis já se fazem sentir de modo concreto.

(E) Comprovam-se na prática os excelentes resultados obtidos pelo TRF4, ao implantar o PET e possibilitar, por meio desse programa, a plena reabilitação social de jovens infratores.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – Opa! O emprego do pronome relativo está incorreto. Vamos lá:

1. O pronome deve concordar com "os resultados inquestionáveis", portanto, usa-se **cujo.**

2. Na ordem direta: os resultados inquestionáveis (do PET = posse) já se fazem sentir de modo concreto.

3. Correção: Com vistas às medidas implantadas pelo TRF4, jovens infratores estão sendo amparados pelo PET, **cujos** resultados inquestionáveis já se fazem sentir de modo concreto.

4. Lembre-se que os relativos "quem" e "cujo" repelem o artigo.

Observações importantes:

Alternativa "a" – O TRF4 enfrenta desafios = a oração está na ordem inversa. Encontre o sujeito para não se equivocar.

Alternativa "b" – Concordância: o programa implantado.

Alternativa "c" – As vírgulas separam oração subordinada adjetiva explicativa por haver pronome relativo (Jovens infratores, que = os quais).

Alternativa "e" – Verbo transitivo direto + se = voz passiva sintética e o verbo concorda com o sujeito. Transpondo para a passiva analítica: os excelentes resultados são comprovados.

134. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 16/2014) Está inteiramente clara e correta a redação deste livre comentário:

(A) Ao contrário dos que consideram os prefácios tão inúteis quanto inconvenientes, o autor julga que muitas dessas apresentações são mais atraentes e substanciosas do que o texto principal.

(B) Embora hajam apresentações bem realizadas de livros, é indiscutível que boa parte delas primem pela inutilidade, inconveniência ou mesmo assumam o caráter de um estraga-prazeres.

(C) Há discordâncias quanto ao valor ou não dos prefácios, uma vez que alguns concordam com seu intento esclarecedor, ao passo que outros o negam, em razão de argumentos não valorativos.

(D) O autor acredita de que a maioria dos prefácios pode mesmo carecer de valor, ainda que em muitos casos, ao contrário, se estabelece uma utilidade insuspeita que chega a valorizá-lo mais que à obra.

(E) Não seria bom para um escritor, que viesse a ter como autor de seu prefácio um colega mais talentoso, tanto que isso poderia acarretar, nas bibliografias, uma importância exclusiva para o texto introdutório.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

✪ **Nota da autora:** Se pede **redação clara,** a primeira observação que deverá ser feita é se o período possui sentido. Se você ler e não entender significa que não há clareza, não há coerência. Assim, eliminam-se rapidamente algumas alternativas. Outras vezes, a banca facilita colocando erro gramatical crasso. Pronto! Resolvida a questão.

Na A, não há erro gramatical e o período está claro, coerente e coeso.

Eliminando:

Alternativa "b" – Opa! Embora **haja** = haver, quando impessoal (sentido de existir), fica invariável; **prime** = o verbo deve concordar com **boa parte.**

Alternativa "c" – Incoerente: é impossível entender.

Alternativa "d" – O verbo *acreditar* é transitivo direto: **acredita que** a maioria...; **a obra** = não há motivo para haver preposição, isto é, não cabe o sinal indicativo de crase.

Alternativa "e" – O que não seria bom para um escritor? (isto) = Que viesse a ter como autor de seu prefácio um colega mais talentoso. **Não se usa pontuação**

separando a oração principal da oração subordinada substantiva.

---

135. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 16/2014) Há, além disso, uma dificuldade relativa à ciência. Algumas das terapias disponíveis já têm quatro ou cinco décadas de existência. Investimentos em pesquisa poderiam levar a estratégias de prevenção e cura mais efetivas. Como essas doenças não são rentáveis, porém, os grandes laboratórios raras vezes se interessam por esse nicho.

Considerado o trecho acima, é adequado o seguinte comentário:

(A) A supressão da vírgula após a palavra *Há* preserva a correção da frase.

(B) A correlação entre as formas verbais *Há* e *poderiam levar* evidencia a relação estabelecida entre o que efetivamente existe e a hipótese considerada bastante improvável.

(C) Formulação alternativa ao uso de *têm* está correta assim – "existe a".

(D) A expressão *mais efetivas*, em virtude do segmento que caracteriza, pode ser deslocada para depois da palavra *estratégias*, sem prejudicar o sentido original.

(E) No contexto, o emprego de *já* contribui para a construção da ideia de que certas terapias têm longevidade que comprova sua eficiência.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – O sentido prevalece por estar intensificando *estratégias*.

1) Investimentos em pesquisa poderiam levar a estratégias de prevenção e cura mais efetivas.

2) Investimentos em pesquisa poderiam levar a estratégias mais efetivas de prevenção e cura.

Alternativa "a" – A vírgula não pode ser suprimida porque ocorre, logo em seguida, intercalação da expressão *além disso*. Leia o que está em negrito para se certificar: **Há**, além disso, **uma dificuldade relativa à ciência**. Dica: outra possibilidade seria suprimir as duas vírgulas, já que em intercalação a banca FCC considera a pontuação facultativa.

Alternativa "b" – *Há dificuldade*: certeza = presente do indicativo; *investimentos poderiam levar:* ação condicional (e não hipótese improvável) = futuro do pretérito do indicativo.

Alternativa "c" – Sujeito: algumas alternativas; o verbo deve concordar com o sujeito: Algumas das terapias **existem há** quatro ou cinco décadas. Duas considerações: 1. O verbo pluralizar; 2. É necessário encaixar o verbo *haver* por indicar tempo decorrido e retirar a expressão de existência para que não ocorra pleonasmo.

Alternativa "e" – Têm longevidade (quatro ou cinco décadas de existência), mas afirmar que isso comprova sua eficiência está errado, pois "os grandes laboratórios raras vezes se interessam por esse nicho".

---

136. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 16/2014) Seria sem dúvida ingenuidade esperar que a indústria farmacêutica se entregasse de corpo e alma à resolução do problema.

Seu compromisso primordial é com seus acionistas – e essa é a regra do jogo. Isso não significa, contudo, que não possam fazer parte do esforço.

Afirma-se com correção sobre aspecto do trecho acima:

(A) Se, em vez de *resolução do problema*, houvesse "resolver o problema", seria correto manter o acento indicativo da crase – "se entregasse [...] à resolver o problema".

(B) A palavra *primordial* está corretamente empregada, assim como está em "É primordial para o setor, sem dúvida alguma, as mudanças relativas à área de recursos humanos".

(C) Justifica-se o uso do sinal de pontuação, no trecho sublinhado acima, assim: "Não é raro o emprego de um só travessão para indicar que a parte final de um enunciado constitui um comentário marginal, de reduzida força para o desenvolvimento do raciocínio".

(D) A substituição da conjunção *contudo* por "ainda que" não altera a relação que originalmente está estabelecida entre as frases do texto.

(E) A substituição da forma verbal *possam fazer* por "possa fazer" estaria correta e adequada ao contexto.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – O tempo verbal foi mantido (presente do subjuntivo) e a concordância verbal admite, também, o singular por passar a concordar com *indústria farmacêutica* e não com *acionistas*. Dica: admitem-se as duas formas porque os acionistas são da indústria farmacêutica, ou seja, forma adequada ao contexto.

Alternativa "a" – Não se usa o acento indicativo de crase antes de verbo.

Alternativa "b" – Concordância: as mudanças **são primordiais**.

Alternativa "c" – Que é isso? Nada de comentário marginal e de reduzida força; trata-se de uma explica-

ção apenas em que foi usado o pronome demonstrativo anafórico para retomar a ideia.

Alternativa "d" – Perceba que as orações são independentes, eliminando a possibilidade do uso de subordinação. *Contudo* é coordenada adversativa e *ainda que* é subordinada adverbial concessiva (indica ressalva). Além disso, teríamos a repetição de *que*: totalmente errada a alternativa.

---

137. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 16/2014) Também seria desejável envolver com maior intensidade universidades e laboratórios públicos (onde os há, como é o caso do Brasil).

A redação alternativa à frase acima, que se apresenta clara, correta e fiel às ideias nela expostas, é:

(A) Igualmente desejável seriam universidades e laboratórios públicos que se envolvessem mais intensamente, pois no caso do Brasil eles têm presença.

(B) Da mesma maneira, seria desejável que fossem envolvidos mais intensamente universidades e laboratórios públicos, em lugares, como o Brasil, em que eles existem.

(C) Em lugares em que estes existem (sendo o Brasil um caso de ter universidades e laboratórios públicos), seria também desejável seu intenso envolvimento.

(D) Inclui-se no raciocínio que é desejável ter-se envolvimento de maior intensidade, de universidades e laboratórios aonde se encontram, como o caso do Brasil.

(E) Equivalentemente, seria envolvimento desejável e intenso o das universidades e laboratórios públicos (em que, como o caso do Brasil, eles existem).

COMENTÁRIOS:

Alternativa correta: letra "b" – Vamos aos porquês de o período estar correto: 1. As ideias não foram alteradas; 2. A primeira vírgula indica inversão (a oração não se inicia com o sujeito); 3. O verbo anteposto ao sujeito composto (universidades e laboratórios públicos) concorda com os dois núcleos – embora os dois já estejam pluralizados; 4. A segunda vírgula separa o adjunto adverbial de lugar e as posteriores marcam intercalação.

Alternativa "a" – Cá entre nós: você entendeu alguma coisa? Nada, não é mesmo? Feito! Isso significa que a frase não possui clareza. Erro gramatical (na prova não precisa procurar, saiba aproveitar seu tempo): o uso da conjunção **pois**.

Alternativa "c" – Também não possui sentido a frase e o uso do pronome *este* está errado, pois deveria se referir a algo a ser mencionado. Caso de catáfora.

Alternativa "d" – Vários erros: não é o envolvimento que é de maior intensidade; a colocação do pronome pessoal oblíquo é desnecessária (retire o *se*); a primeira vírgula deve ser suprimida; não cabe o pronome relativo *aonde*.

Alternativa "e" – Sem sentido, mas vamos analisar alguns erros crassos: não há ideia do advérbio *equivalentemente;* o adjetivo *intenso* foi inserido erroneamente e, por fim, *no caso do Brasil* e não com o caso do Brasil.

---

138. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 16/2014) Mais de 1 bilhão de humanos ainda sofrem, em pleno século 21, com doenças cujo controle é não só possível, mas também relativamente barato – eis um fato que depõe contra o atual estágio de nossa organização global.

Na frase acima,

(A) a correlação estabelecida por *não só... mas também* pode ser igualmente estabelecida por *"tanto ... quanto também"*.

(B) *cujo* pode ser substituído, sem prejuízo da correção e do sentido, por "de que seu".

(C) o emprego de *sofrem*, no plural, é a única forma aceitável de concordância, segundo a norma-padrão.

(D) a expressão *com doenças* exprime ideia de "conformidade".

(E) o emprego de *depõe* é que infunde o sentido de negatividade ao segmento final.

COMENTÁRIOS:

Alternativa correta: letra "a" – São conjunções coordenadas aditivas, por isso a afirmação está correta. Conjunções aditivas pedida em provas: Não só...como (também)..., Não só...como (ainda)..., Não só...senão (também)..., Não só...senão (ainda)..., Tanto....quanto..., Tanto....como..., Mais..., Bem como...., nem...., nem..... nem....., Tampouco...., Não só...mas (ainda)...., Não só.... bem (como)...., Bem como...

Alternativa "b" – A ideia é: o controle das doenças não só é possível; substituindo, teríamos: doenças de que seu controle é não só possível = incorreto. Dica: o relativo *cujo(a)* concorda com o termo posterior e indica posse do termos anterior.

Alternativa "c" – Não, o verbo pode ficar no singular (concordando com o numeral 1 bilhão) ou no plural (concordando com humanos).

Alternativa "d" – *Com* indica causa: sofre por quê? porque há doenças.

Alternativa "e" – O sentido de negatividade é expresso pela preposição *contra*.

139. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 16/2014) A alternativa que apresenta frase redigida de modo claro e condizente com a norma-padrão é:

(A) Assim que ele viu-os sair apressados e com semblante sério, indagou-se sobre o que teria acontecido durante aqueles tensos minutos que estiveram na sala da diretoria?

(B) Exequibilidade à parte, o projeto do coordenador dos eventos exibia tanta riqueza de informação, a prenunciar sucesso, que não havia quem não os quisesse custear.

(C) Não se tratava de excrescências a serem relegadas mas, de ítens absolutamente imprescindíveis ao bom encaminhamento das secções em que se fosse debater tantos e tão controversos temas.

(D) Levantada a hipótese de os assessores se contrapuserem à decisão intempestiva do diretor, ninguém hesitaria em lhes apoiar, pois sabiam que ele determinava, depois ponderava sobre o assunto decidido.

(E) Primeiramente em prioridade absoluta, tornar-se-ia necessário que se revisasse as últimas determinações do ministro, mas nada parecia indicar que o fizessem à tempo.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – As vírgulas marcam intercalação e a conjunção *que* indica consequência.

Alternativa "a" – Ele **os viu**. Nem sempre o pronome pessoal atrai o oblíquo, por se tratar de questão fonética. Nesse caso, ocorre a atração, mas neste não há: Ela viu-o. Atente-se à sonoridade. A frase é uma interrogativa indireta e o ponto de interrogação deve ser retirado.

Alternativa "c" – A vírgula deve ser antes da conjunção adversativa *mas* e não posterior; o vocábulo **itens** não é acentuado; concordância: se **fossem** debater temas = temas seriam debatidos (na voz passiva analítica).

Alternativa "d" – O verbo *contrapor* está na forma nominal de infinitivo e não futuro do subjuntivo: **contraporem;** *apoiar* é transitivo direto: **os** apoiar.

Alternativa "e" – *Prioridade absoluta* é pleonasmo; se **revissassem** = que fossem revisadas; **fizeram a** tempo.

140. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 16/2014) Não faltam clareza e correção, segundo a norma-padrão, à seguinte frase:

(A) Eu estou entre aqueles que foi mau tratado pelo adjunto do secretário geral, por isso pretendo envidar todos os esforços para que ele responda pelos seus atos na medida exata da justiça.

(B) Estando emerso em decisões a tomar, não previu a possibilidade de, tempo findo, ser chamado a prestar contas e enumerar os impecilhos que o tornaram vulnerável a uma suspensão.

(C) Crêa você, ou não, o fato é que dissensões existem até na hora de organizar as homenagens decididas por consenso, pois os mais expontâneos, a rigor, são sempre os mais influentes nas deliberações finais.

(D) A homogenização dos ingredientes no tacho de cobre, é determinante de um bom ou medíocre resultado da receita, motivo porque muitos cozinheiros reservam toda a atenção e tempo a esse quesito.

(E) Acometido de forte disenteria, de que a palidez era sinal inequívoco, viu-se na iminência de ser internado, o que o impediu de comparecer ao julgamento como a testemunha mais importante da defesa.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Período correto, apenas uma observação: o pronome relativo retoma *forte disenteria*. A oração na ordem direta é: A palidez era sinal inequívoco **de** forte disenteria = **de que** ou **da qual**.

Alternativa "a" – ... foram **maltratados.**

Alternativa "b" – Estando **imerso** (entranhado); empecilhos.

Alternativa "c" – **Creia** você; **espontâneos.**

Alternativa "d" – **Homogeneização; por que** (pelo qual).

141. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 15/2013) Artes, na Florença da época, eram as corporações de artesãos e comerciantes que governavam a cidade desde o século XIV. Além delas, com maior prestígio (se não com maior poder) havia as artes liberais, que se aprendiam pelos livros e não pela experiência prática. Os "mestres de artes mistas" não eram uma coisa nem outra. Já não se identificavam com o saber artesanal de pai para filho; tampouco com o saber escolar dos acadêmicos.

Considerando-se o parágrafo acima, o segmento grifado recebe redação alternativa em que se mantêm igualmente o sentido original e a coesão, com a devida correção, em:

(A) A nova classe de "mestres de artes mistas" não eram de nenhuma corporação ou das artes libe-

rais, onde havia tanto o saber artesanal como o contido nos livros acadêmicos.

(B) Os "mestres de artes mistas" se diferenciavam dos demais por não se enquadrarem no espírito das corporações, de saber artesanal, nem mesmo naquele das artes liberais, cujo saber era aprendido nos livros.

(C) Nem o saber artesanal de pai para filho, nem o escolar dos acadêmicos, que se aprendiam nos livros, não personalizavam os "mestres de artes mistas", que não tinham nem um nem mesmo o outro.

(D) Quem não se identificava ainda mais com o saber artesanal ou com o saber escolar dos acadêmicos, sem ser uma coisa nem outra, chamados como "os mestres de artes mistas".

(E) Caso os chamados "mestres de artes mistas", que não eram uma coisa nem outra, que se identificavam com o conhecimento de pai para filho nem mesmo com os acadêmicos.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Informação do trecho citado no enunciado: Os "mestres de artes mistas" não se identificavam com o saber artesanal nem com o saber escolar. Assim sendo, eles se diferenciavam dos demais. Analisando as outras alternativas, fica fácil constatar a resposta correta.

Alternativa "a" – Erros: emprego do pronome relativo *onde*. O pronome só pode retomar termo que indica lugar e pode ser substituído por *em que* ou *no(a) qual;* concordância verbal: **A nova classe** de "mestres de artes mistas" não **eram** de nenhuma corporação.

Alternativa "c" – Trecho incoerente, sem clareza. O uso repetido do pronome relativo *que* é uma das causas da incoerência.

Alternativa "d" – Ideias confusas, não mantém o sentido da forma original.

Alternativa "e" – Além de não haver coesão, o simples uso da conjunção *caso* (condicional) elimina a alternativa, pois não há essa ideia.

---

142. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 15/2013) Pesquisadores do clima mundial afirmam que este aquecimento global está ocorrendo em função do aumento da emissão de gases poluentes, principalmente derivados da queima de combustíveis fósseis (gasolina, diesel etc.) na atmosfera. Esses gases (ozônio, dióxido de carbono, metano, óxido nitroso e monóxido de carbono) formam uma camada de poluentes de difícil dispersão, causando o famoso efeito estufa. Esse fenômeno ocorre, porque esses gases absorvem grande parte da radiação infravermelha emitida pela Terra, dificultando a dispersão do calor.

Esses gases e Esse fenômeno referem-se, respectivamente, a:

(A) raios do Sol – camada de poluentes

(B) camada de poluentes – difícil dispersão.

(C) dispersão do calor – efeito estufa.

(D) aquecimento global – difícil dispersão.

(E) gases poluentes – efeito estufa.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"

✪ **Nota da autora:** Por ser questão de coesão, procure o termo anterior a que se refere o pronome demonstrativo anafórico. É bem simples.

- O aquecimento global está ocorrendo em função do aumento da emissão de gases poluentes (...) **Esses** gases: os gases poluentes. A partir dessa constatação, eliminam-se as alternativas *a, b, c* e *d*.
- Esses gases formam uma camada de poluentes de difícil dispersão, causando o famoso efeito estufa. **Esse** fenômeno: o efeito estufa.

---

143. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 15/2013) O aumento da temperatura vem provocando a morte de várias espécies animais e vegetais mas desequilibrando vários ecossistemas. E a isso somarmos o desmatamento onde vem ocorrendo, em florestas de países tropicais, e a tendência é aumentar as regiões desérticas do planeta Terra. Embora não é só isso, esse o aumento da temperatura faz com que ocorra maior evaporação das águas dos oceanos, potencializando catástrofes climáticas.

As frases acima encontram-se reescritas com coerência e correção em:

(A) O aumento da temperatura vem provocando a morte de várias espécies animais e vegetais e desequilibrando vários ecossistemas. Portanto a isso somarmos o desmatamento que vem ocorrendo, em florestas de países tropicais, a tendência é aumentar as regiões desérticas do planeta Terra. Por que não é só isso, esse aumento da temperatura faz com que ocorra maior evaporação das águas dos oceanos onde potencializa catástrofes climáticas.

(B) O aumento da temperatura vem provocando a morte de várias espécies animais e vegetais e desequilibrando vários ecossistemas. Se a isso somarmos o desmatamento que vem ocorrendo em florestas de países tropicais, a tendên-

cia é aumentar as regiões desérticas do planeta Terra. Mas não é só isso, esse aumento da temperatura faz com que ocorra maior evaporação das águas dos oceanos, potencializando catástrofes climáticas.

(C) O aumento da temperatura vem provocando a morte de várias espécies animais e vegetais, onde desequilibra vários ecossistemas. Caso a isso somarmos o desmatamento que vem ocorrendo em florestas de países tropicais, a tendência é aumentar as regiões desérticas do planeta Terra. Portanto não é só isso, esse aumento da temperatura faz com que ocorra maior evaporação das águas dos oceanos e potencialize catástrofes climáticas.

(D) O aumento da temperatura vem provocando a morte de várias espécies animais e vegetais e desequilibrando vários ecossistemas. Se a isso somarmos o desmatamento onde vem ocorrendo, em florestas de países tropicais, a tendência é aumentar as regiões desérticas do planeta Terra. Contudo não é só isso, esse aumento da temperatura faz com que ocorra maior evaporação das águas dos oceanos, onde se potencializam catástrofes climáticas.

(E) O aumento da temperatura vem provocando a morte de várias espécies animais e vegetais quando desequilibra vários ecossistemas. Onde a isso somarmos o desmatamento que vem ocorrendo, em florestas de países tropicais, a tendência é aumentar as regiões desérticas do planeta Terra. Por que não é só isso, esse aumento da temperatura faz com que ocorra maior evaporação das águas dos oceanos, potencializando catástrofes climáticas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – A relação entre o primeiro período e o segundo é de adição (e); o terceiro período indica condição (se); o último período refere-se à ideia oposta, ou seja, adversidade (mas). Importante relembrar que o pronome relativo *onde* só pode retomar lugar e equivale a *em que* ou *no qual*.

Alternativa "a" – repetição desnecessária da conjunção *e*. Pode haver a repetição se houver vírgula anteposta à conjunção para indicar polissíndeto, ou ênfase; não cabe a conjunção *portanto* (conclusão); o emprego de *por que* também está incorreto.

Alternativa "c" – Erro no emprego de *onde* e da conjunção *portanto*.

Alternativa "d" – Erro no emprego de *onde* e incoerência.

Alternativa "e" – *Quando* não cabe no período, o início do período com *onde* também está incorreto.

Trecho para as questões.

A ética epicurista é basicamente um hedonismo. Mas o hedonismo epicurista, embora considere todo prazer como corpóreo, **não legitima qualquer tipo de prazer**. Faz-se necessário distinguir o verdadeiro prazer, estável, dos prazeres que resultam em pesares ou partem de carências. O primeiro tipo é o prazer em repouso, diferente do prazer em movimento, que os cirenaicos consideram o bem buscado pelos homens. Exemplo de prazer em movimento é sentir sede e saciá-la. O prazer em repouso, meta do epicurista, não consiste em satisfazer uma necessidade: é, antes, eliminar a necessidade, atingir a ausência de dor. **Por isso, o prazer prescrito pelo epicurismo opõe-se à busca desenfreada e ansiosa de bens.**

Administrar os desejos, para manter-se "nos limites impostos pela natureza" – eis o caminho que conduz à serena felicidade. Esse controle racional da afetividade coloca a existência humana em sintonia com a natureza das coisas reveladas pela física e **impede que se siga na direção apontada pelo desejo** que não expressa uma necessidade natural, antes constitui imposição do meio social em seu aparente progresso. A vida ascética e frugal das comunidades epicuristas procura a serenidade resultante da satisfação dos desejos naturais e necessários: a delícia está na qualidade, não na quantidade dos bens adquiridos.

Ser mortal, o homem constrói sua liberdade no tempo, no tempo desta vida, que deve ser transformado em tempo de felicidade. **O epicurismo considera, com efeito, que além do mundo imediato**, captado pelas sensações, há também um plano de realidade – igualmente corpórea, porém mais sutil – à disposição do homem: seu acervo de imagens, seu arquivo de lembranças, simulacros corpóreos de sensações, que ele pode utilizar para sua felicidade.

De tudo isso resulta o valor atribuído pela ética epicurista ao tempo, ao acúmulo de experiências, ao passado e à memória, e, consequentemente, à velhice. Dotado de grande acervo de lembranças, o idoso, segundo Epicuro, possui mais condições para alcançar a serena felicidade.

(Adaptado **de: José Américo Motta Pessanha. As delícias do jardim. In: Ética.**

Org. Adauto Novaes. São Paulo, Cia. Das Letras, 2007, p. 74 a 76)

---

144. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 12/2013) Sem prejuízo para a correção e o sentido original, no segmento

(A) *e impede que se siga na direção apontada pelo desejo que não expressa uma necessidade natural*, uma vírgula pode ser inserida imediatamente após a palavra desejo.

(B) *Ser mortal, o homem constrói sua liberdade no tempo*, a vírgula pode ser suprimida.

(C) à disposição do homem, o uso da crase pode ser dispensado, por ser facultativo.

(D) *embora considere todo prazer como corpóreo*, o elemento em destaque pode ser substituído por *conquanto*.

(E) *é, antes, eliminar a necessidade*, o elemento em destaque pode ser substituído por *primeiramente*.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

Nota da autora: Questão de período composto (conjunção), pontuação, crase e advérbio.

- Período composto: A conjunção *embora*, assim como *conquanto*, indica concessão – ideias opostas – e se equivalem.

Alternativa "a" – Não se pode inserir ou retirar vírgula antes do pronome relativo (no caso, *que*), pois altera a oração de restritiva para explicativa ou vice e versa.

Alternativa "b" – É aposto e a pontuação não pode ser retirada.

Alternativa "c" – Locução adverbial formada por palavra masculina: crase obrigatória.

Alternativa "e" – *Antes* está no sentido de de preferência, melhor.

---

145. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 12/2013) Mantém-se a correção, substituindo-se o segmento

(A) *não legitima qualquer tipo de prazer* por "não lidima qualquer tipo de prazer".

(B) *impede que se siga na direção apontada pelo desejo* por "impede que continuamos na direção apontada pelo desejo".

(C) *O epicurismo considera, com efeito, que além do mundo imediato...* por "O epicurismo considera fato consumado, que além do mundo imediato..."

(D) *De tudo isso resulta o valor atribuído pela ética epicurista ao tempo* por "De tudo isso resulta os valores arrogados pela ética epicurista ao tempo".

(E) *Ser mortal, o homem constrói sua liberdade no tempo* por "Ser mortal, o homem cuja a liberdade construíra no tempo".

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – *Legitimar* e *lidimar* significam justificar, autenticar, legalizar.

Alternativa "b" – que se siga = que continuemos: deve-se manter o modo subjuntivo (duvidoso).

Alternativa "c" – *com efeito* é diferente de fato *consumado* (desenvolvimento ou procedimento se encontra realizado por completo ou que existe uma grande possibilidade que o mesmo se realize).

Alternativa "d" – **resultam** os valores: o verbo deve concordar com o sujeito plural.

Alternativa "e" – O sentido foi alterado e há dois erros gramaticais: o pronome relativo cujo (e quem) não admite artigo e o tempo verbal foi modificado.

---

146. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 12/2013) Uma redação alternativa, em que se mantêm a correção e a lógica, é:

(A) Controlar racionalmente a afetividade humana coloca a existência em sintonia com a natureza das coisas reveladas pela física, que as impede de seguir na direção apontada pelo desejo.

(B) Diferentemente do prazer em repouso, o prazer em movimento, que é considerado pelos cirenaicos como a maior meta dos homens.

(C) Mortal, a liberdade do homem se constrói no tempo de felicidade que à esta vida coubera ser transformada.

(D) O grande acervo de lembranças disponível ao idoso, dota-lhe de maiores possibilidades de atingir a serena felicidade.

(E) Além do mundo imediato, captado pelas sensações, também haveria, segundo os epicuristas, um plano de realidade, igualmente corpórea, porém mais sutil, à disposição do homem.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Você está pensando: todas as vírgulas estão corretas? São muitas! Vamos aos porquês.

As vírgulas separam termos intercalados, e há intercalação dentro de outra intercalação (no último caso). Leia o que está em negrito e veja como possui sequência sintática: **Além do mundo imediato**, captado pelas sensações, **também haveria**, segundo os epicuristas, **um plano de realidade**, igualmente corpórea, porém mais sutil, **à disposição do homem**.

Alternativa "a" – ... a **impede** (A natureza das coisas reveladas pela física impede a existência...).

Alternativa "b" - Incoerente. Sugestão de correção: ... o prazer em **movimento é considerado** pelos cirenaicos como a maior meta dos homens.

Alternativa "c" - ... que **a** esta vida coubera: não se usa acento indicativo de crase antes de pronome demonstrativo.

Alternativa "d" - 1. Não pode haver vírgula entre sujeito e predicado (ou verbo): **O grande acervo de lembranças disponível ao idoso dota**; 2. O verbo *dotar* está exigindo objeto direto como pronome: **dota-o**.

Texto para a questão seguinte.

O mito napoleônico baseia-se menos nos méritos de Napoleão do que nos fatos, então sem paralelo, de sua carreira. Os homens que se tornaram conhecidos por terem abalado o mundo de forma decisiva no passado tinham começado como reis, como Alexandre, ou patrícios, como Júlio César, mas Napoleão foi o "pequeno cabo" que galgou ao comando de um continente pelo seu puro talento pessoal. Todo homem de negócios daí em diante tinha um nome para sua ambição: ser – os próprios clichês o denunciam – um "Napoleão das finanças" ou "da indústria". Todos os homens comuns ficavam excitados pela visão, então sem paralelo, de um homem comum maior do que aqueles que tinham nascido para usar coroas. Em síntese, foi a figura com que todo homem que partisse os laços com a tradição podia se identificar em seus sonhos.

Para os franceses ele foi também algo bem mais simples: o mais bem-sucedido governante de sua longa história. Triunfou gloriosamente no exterior, mas, em termos nacionais, também estabeleceu ou restabeleceu o mecanismo das instituições francesas como existem hoje. Ele trouxe estabilidade e prosperidade a todos, exceto para os 250 mil franceses que não retornaram de suas guerras, embora até mesmo para os parentes deles tivesse trazido a glória. Sem dúvida, os britânicos se viam como lutadores pela causa da liberdade contra a tirania; mas em 1815 a maioria dos ingleses era mais pobre do que o fora em 1800, enquanto a maioria dos franceses era quase certamente mais rica.

Ele destruíra apenas uma coisa: a Revolução de 1789, o sonho de igualdade, liberdade e fraternidade, do povo se erguendo na sua grandiosidade para derrubar a opressão. Este foi um mito mais poderoso do que o dele, pois, após a sua queda, foi isto e não a sua memória que inspirou as revoluções do século XIX, inclusive em seu próprio país. (Adaptado de Eric. J. Hobsbawm. A era das revoluções – 1789-1848. 7 ed. Trad. de Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, p.93-4)

147. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 9/2013) Considerando-se o contexto, o segmento cujo sentido está adequadamente expresso em outras palavras é:

(A) *partisse os laços com a tradição* = quebrasse o condão sagrado

(B) *galgou ao comando de um continente* = sobrelevou o ordenamento europeu

(C) *pela causa da liberdade contra a tirania* = pelo motivo da insubmissão versus rigorismo

(D) *os próprios clichês o denunciam* = os próprios lugares-comuns o evidenciam

(E) *o mecanismo das instituições francesas* = a articulação dos institutos galeses

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

Dividindo as informações para não correr risco:

1) *os próprios clichês* = os próprios lugares-comuns. Clichê (sentido figurado): ideia, expressão muito repetida; LUGAR-COMUM; CHAVÃO.

2) Denunciar = Mostrar, revelar, dar a perceber (algo oculto, ou seus próprios segredos); EVIDENCIAR.

Alternativa "a" – Errada. Não há relação semântica. Condão (sentido figurado): Poder, capacidade; laço (sentido figurado): Ligação, vínculo; sagrado(sentido figurado): Que é divino, puro, imaculado; que está acima das necessidades e dos valores terrenos.

Alternativa "b" – Errada. Galgar (sentido figurado): Superar, transpor, até atingir rapidamente uma posição elevada; sobrelevar: Suportar, resignar-se com.

Alternativa "c" – Errada. Insubmissão: Ação, comportamento ou caráter de insubmisso, daquele que não se submete; REBELDIA = liberdade; erro: rigorismo é excesso de severidade e tirania é governo injusto e cruel, embora legítimo.

Alternativa "e" – Errada. Mecanismo: conjunto ou disposição das peças que constituem uma máquina; MAQUINISMO; articulação: exposição, em artigos ou parágrafos, dos fatos e razões em que a parte fundamenta o seu pedido, acusação ou defesa; ARTICULADO; galês: pessoa nascida ou que vive no País de Gales, província do Reino Unido.

148. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 9/2013) *Todos os homens comuns ficavam excitados pela visão [...] de um homem comum maior do que aqueles que tinham nascido para usar coroas.* Uma nova redação para a frase acima, em que se preservam a correção e a clareza, está em:

(A) Os homens comuns, quando viam que um homem comum como eles era maior do que os nascidos para usar coroas, não tendo como não ficar excitados.

(B) Ver os homens comuns que um homem também comum era maior do que os nascidos para usar coroas eram o que os deixavam excitados.

(C) A visão de um homem comum maior do que aqueles nascidos para usar coroas, deixavam excitados todos os homens que eram tão comuns como ele.

(D) Não havia homem comum que não ficasse excitado pela visão de um homem também comum que se tornara maior do que os nascidos para usar coroas.

(E) À medida em que via um homem comum maior do que aqueles nascidos para usar coroas, todo homem comum ficava excitado com a visão que tivesse.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Há correção gramatical e clareza.

Alternativa "a" – Errada. Os homens comuns, quando viam que um homem comum como eles era maior do que os nascidos para usar coroas, não **tinham** como não ficar excitados.

Alternativa "b" – Errada. Ver os homens comuns que um homem também comum era maior do que os nascidos para usar coroas **era** o que os deixavam excitados.

Alternativa "c" – Errada. A visão de um homem comum maior do que aqueles nascidos para usar coroas, **deixava** excitados todos os homens que eram tão comuns como ele.

Alternativa "e" – Errada. Opa! Duas opções sempre exigidas por FCC: à medida que = proporção, na medida em que = causa. Correção, no contexto: **à medida que**; *tivesse* indica condição e a ação no trecho é de continuidade: **tinha** (pretérito imperfeito do indicativo).

---

149. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 9/2013) *"Incapaz de satisfazer plenamente as exigências do mercado, o* Cinema Novo *deu os seus últimos suspiros em fins da década de 1970 – período que marcou o auge das potencialidades comerciais do cinema feito no Brasil".* Uma redação alternativa para a frase acima, em que se mantêm a correção, a lógica e, em linhas gerais, o sentido original, é:

(A) Como não fosse capaz de satisfazer plenamente as exigências do mercado, o *Cinema Novo* acabou no final da década de 1970: período que se destaca, as potencialidades comerciais, do cinema feito no Brasil.

(B) Conquanto não pudesse satisfazer plenamente as exigências do mercado, o *Cinema Novo* terminou no final da década de 1970, período que, marcou o auge das potencialidades comerciais do cinema feito no Brasil.

(C) Como não pôde satisfazer plenamente as exigências do mercado, o *Cinema Novo* acabou em fins da década de 1970, período em que as potencialidades comerciais do cinema feito no Brasil atingiram o seu apogeu.

(D) O *Cinema Novo*, incapaz de satisfazer plenamente as exigências do mercado não resistiu e terminou no final da década de 1970, onde as potencialidades comerciais do cinema feito no Brasil atingiria o seu apogeu.

(E) O cinema feito no Brasil, atinge o seu potencial comercial máximo no final da década de 1970, quando, não podendo satisfazer plenamente as exigências do mercado terminava o *Cinema Novo*.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

✪ **Nota da autora:** questão de coesão, pontuação, regência e concordância.

- Observações importantes: a primeira vírgula separa inversão da oração causal e a segunda vírgula separa aposto explicativo.

Alternativa "a" – Errada. Quatro erros: período **em** que se destacam = as potencialidades foram destacadas **no período**; período em que se **destacam** as potencialidades comerciais = verbo transitivo direto + se = voz passiva e o substantivo *as potencialidades* exerce função de sujeito (o verbo deve concordar com o sujeito); não se separa com pontuação o sujeito do verbo: período em que se **destacam as potencialidades**; retirar a vírgula: as potencialidades **comerciais do cinema** feito no Brasil.

Alternativa "b" – Errada. Dois erros: o emprego da conjunção *conquanto:* concessiva e não há ideias opostas no trecho; a vírgula após o pronome relativo *que* (retomando *período*).

Alternativa "d" – Errada. Falta vírgula para intercalar *incapaz de satisfazer plenamente as exigências do mercado*; o pronome relativo **onde** só pode ser usado para retomar lugar; as potencialidades **atingiram**.

Alternativa "e" – Errada. Duas opções para o primeiro erro (pontuação): 1. O cinema feito no **Brasil atinge** o seu potencial comercial máximo no final da década de 1970; 2. O cinema, **feito no Brasil,** atinge o seu potencial comercial máximo no final da década

de 1970. Segundo erro: quando, **não podendo satisfazer plenamente as exigências do mercado,** terminava o *Cinema Novo.*

---

150. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 1/2013) A mãe ficou vermelha, isto é, ruborizou, enrubesceu, rubificou, e olhou a filha com reprovação, isto é, dardejou-a com olhos censórios.

A expressão isto é, nos dois empregos realçados na frase acima,

(A) introduz a conclusão de que o significado das falas corriqueiras se esclarece mediante uma elaborada sinonímia.

(B) inicia a tradução adequada de um enunciado anterior cuja significação se mostrara bastante enigmática.

(C) funciona como os dois pontos na frase *Cabelo de gente assim não se torna vulgarmente quebradiço: pendoa.*

(D) introduz uma enumeração de palavras que seriam evitadas pela prima Solange, levando-se em conta o que diz dela o cronista Werneck.

(E) inicia uma argumentação em favor da simplificação da linguagem, de modo a evitar o uso de palavreado rebarbativo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Isto é e os dois pontos possuem a função de explicar.

Alternativa "a" –Não conclui.

Alternativa "b" –Não indica tradução.

Alternativa "d" –Não se trata de enumeração.

Alternativa "e" –Não inicia argumentação.

Atenção! A próxima questão refere-se ao texto que segue.

Cada um fala como quer, ou como pode, ou como acha que pode. Ainda ontem me divertiu este trechinho de crônica do escritor mineiro Humberto Werneck, de seu livro Esse inferno vai acabar:

" – Meu cabelo está pendoando – anuncia a prima, apalpando as melenas.

Tenho anos, décadas de Solange, mas confesso que ela, com o seu solangês, às vezes me pega desprevenido.

– Seu cabelo está o quê?

– Pendoando – insiste ela, e, com a paciência de quem explica algo elementar a um total ignorante, traduz:

– Bifurcando nas extremidades.

É assim a Solange, criatura para a qual ninguém morre, mas falece, e, quando sobrevém esse infausto acontecimento, tem seu corpo acondicionado num ataúde, num esquife, num féretro, para ser inumado em alguma necrópole, ou, mais recentemente, incinerado em crema – tório. Cabelo de gente assim não se torna vulgarmente quebradiço: pendoa."

Isso me fez lembrar uma visita que recebemos em casa, eu ainda menino. Amigas da família, mãe e filha adolescente vieram tomar um lanche conosco. D. Glorinha, a mãe, achava meu pai um homem intelectualizado e caprichava no vocabulário. A certa altura pediu ela a mim, que estava sentado numa extremidade da mesa:

– Querido, pode alcançar-me uma côdea desse pão?

– Por falta de preparo linguístico não sabia como atender a seu pedido. Socorreu-me a filha adolescente:

– Ela quer uma casquinha do pão. Ela fala sempre assim na casa dos outros.

– A mãe ficou vermelha, isto é, ruborizou, enrubesceu, rubificou, e olhou a filha com reprovação, isto é, dardejou-a com olhos censórios.

Veja-se, para concluir, mais um trechinho do Werneck:

"Você pode achar que estou sendo implicante, metido a policiar a linguagem alheia. Brasileiro é assim mesmo, adora embonitar a conversa para impressionar os outros. Sei disso. Eu próprio já andei escrevendo sobre o que chamei de ruibarbosismo: o uso de palavreado rebarbativo como forma de, numa discussão, reduzir ao silêncio o interlocutor ignaro. Uma espécie de gás paralisante verbal." (Cândido Barbosa Filho, inédito)

---

151. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 1/2013) Atente para as seguintes afirmações:

I. Na frase *Isso me fez lembrar uma visita que recebemos em casa, eu ainda menino,* o segmento sublinhado pode ser corretamente substituído por **aonde eu ainda era menino.**

II. Transpondo-se para a voz **passiva** a frase *Socorreu-me a filha adolescente,* a forma verbal resultante será **tendo-me socorrido.**

III. No contexto, a expressão *Brasileiro é assim mesmo* é um caso típico de generalização abu-

siva, como a que também ocorre em **os alemães são pragmáticos**.

Está correto o que se afirma APENAS em

(A) I.

(B) II.

(C) III.

(D) I e II.

(E) II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão, pronome relativo e verbo.

Item "I". Errado = indica tempo e não lugar: **quando** eu era menino.

▶ **Dica – Onde**: usado para retomar lugar e pode ser substituído por **em que, no(a) qual, nos (as) quais** = A escola **onde** fiz a prova.

Aonde: ocorre a combinação da preposição, caso o verbo ou o nome posposto a exija = Não sei **aonde** ele foi. (quem vai, vai **a** algum lugar)

Item "II". Errado = Fui socorrido pela filha adolescente. Precisaria voltar ao texto para se certificar do gênero masculino do particípio socorrido.

Item "III". Certo, pois afirma que **todos os brasileiros** são assim, generaliza abusivamente.

---

152. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 1/2013) Está clara e correta a redação deste livre comentário:

(A) Nem todas as pessoas que utilizam um vocabulário rebuscado alcançam por isso qualquer ganho que se possa atribuir à seu poder de comunicação.

(B) O autor do texto acredita que muita gente se vale de um palavreado rebuscado para intimidar ou mesmo calar os interlocutores menos cultos.

(C) Ficou evidente que D. Glorinha buscava ilustrar as pessoas cujo vocabulário menos reduzido as deixasse impressionadas com tamanho requinte.

(D) O termo "solangês", tratando-se de um neologismo, aplica-se aos casos segundo os quais quem fala de modo rebarbativo parece aludir a tal Solange.

(E) Não é difícil encontrar, aqui e ali, pessoas cujo intento é se apoderar de um alto vocabulário, tendo em vista o propósito de vir a impressionar quem não tem.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão, ortografia, concordância, crase, regência e pronome relativo.

Na alternativa b: Muita gente **se vale**; interlocutores **menos cultos**.

Alternativa "a" – Errada. O vocábulo **por isso** deve, sempre, ser escrito separadamente.

Alternativa "c" – Errada. Buscava ilustrar **às** pessoas: **aos** homens.

Alternativa "d" – Errada. Fala de modo rebarbativo **nos** casos, **em** casos: aplica-se aos casos nos quais quem fala...

Alternativa "e" – Errada. virem a impressionar = as pessoas.

---

153. (FCC – Analista Judiciário – Exec. Mandados – TRT 1/2013) Mantendo-se o sentido e a correção, a frase *Confiar, desconfiando ganha desenvolvimento e explicitação* em:

(A) Quem confia acaba por estar desconfiando.

(B) Somente quem desconfia é capaz de confiar.

(C) A desconfiança, embora incompatível, faz confiar.

(D) Não dispense a desconfiança quem se ponha a confiar.

(E) Ainda quando se desconfie, mais vale a pena se confiar.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – É necessário desconfiar, ou seja, não dispense a desconfiança quem se ponha a confiar.

Alternativa "a" – Errada. Não há relação entre a frase do enunciado e a informação desta alternativa.

Alternativa "b" – Errada. Quem desconfia é capaz de desconfiar? Eliminada facilmente a alternativa.

Alternativa "c" – Errada. A desconfiança não faz confiar.

Alternativa "e" – Errada. Não vale a pena confiar.

---

154. (FCC – Analista Judiciário – Exec. Mandados – TRT 1/2013) É preciso corrigir a má estruturação da seguinte frase:

(A) Prefiro arrepender-me pelo que ousei – e confesso que ousei muito pouco – a lamentar-me pelo excesso de cautela.

(B) É fato que a sabedoria popular, como tantas vezes se manifesta em expressivos provérbios, nem por isso fica livre dos paradoxos.

(C) É de fato muito difícil, em nosso mundo cheio de problemas, pedir a alguém que deposite toda a confiança em alguma coisa.

(D) É penoso termos de suportar o canto de vitória que os desconfiados sempre entoam enquanto sofremos por haver confiado.

(E) Ao final do texto, considera-se a hipótese de que é um grande desafio tornar inabalável a confiança no que de fato acreditamos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão, pontuação, regência e período composto.

Na alternativa b: Erro de pontuação, pois intercalando a oração *como tantas vezes se manifesta em expressivos provérbios*, não há sequência sintática. Fica incoerente: É fato que a sabedoria popular nem por isso fica livre dos paradoxos. Opção de correção: É fato que a sabedoria popular não fica livre dos paradoxos. A expressão *nem por isso* não se encaixa no contexto.

Alternativa "a" - Errada. Prefiro algo **a algo.**

Alternativa "c" - Errada. O que é difícil? Pedir a alguém que deposite toda a confiança em alguma coisa = sujeito oracional, ou oração subordinada substantiva subjetiva.

Alternativa "d" - Errada. O que é penoso? Termos de suportar o canto de vitória = sujeito oracional, ou oração subordinada substantiva subjetiva.

Alternativa "e" - Errada. Se há hipótese, há hipótese **de algo** = de que.

---

155. (FCC - Analista Judiciário - Exec. Mandados - TRT 1/2013) Está clara e correta a redação deste livre comentário:

(A) Ao contrário da maioria, onde se prefere desconfiar do que confiar, o autor do texto preferiu ficar com esta, expondo seus argumentos.

(B) Desconfiar é para muitos preferível do que confiar, pois lhes parecem que a confiança requer ingenuidade, em vez da necessária cautela.

(C) A desconfiança é normalmente valorizada, se associada à prudência, mas há quem veja nela um entrave para a criação mais ousada.

(D) Quem deseja tomar iniciativa e efetuar criações, não pode prender-se a desconfiança, em cuja reverte em paralisia o que devia ser ação.

(E) Ser ousado para criar com liberdade requer de que a desconfiança não venha bloquear nosso caminho, ou mesmo chegar a paralisá-lo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão, concordância, crase, regência e pronome relativo.

- Associada **à** prudência: **ao** texto. Crase correta.

Alternativa "a" - Errada. Onde? Usado apenas para lugar = a maioria, QUE prefere desconfiar (sujeito: sem preposição).

Alternativa "b" - Errada. Preferível **a** confiar.

Alternativa "d" - Errada. Dois erros: prender-se **à** desconfiança = **ao** erro; desconfiança **que** reverte em paralisia o que deveria ser ação. Desconfiança = sujeito: **que** ou **a qual**.

Alternativa "e" - Errada. Requerer é transitivo direto: requer confiança.

Texto para a próxima questão.

Se um cachorro "pensa" ou não, "tem consciência" ou não, isso depende da definição escolhida. Algumas pessoas não atribuirão "consciência" a criatura alguma que não seja capaz de abstrair um conceito geral com base em fatos particulares e, a partir daí, aplicar o aparato da lógica formal de modo a fazer inferências para além desses fatos. Outros conferem "consciência" a criaturas que reconhecem seus parentes consanguíneos e se recordam de locais prévios relacionados a situações de perigo ou de prazer. Pelo primeiro critério, os cães não têm consciência; pelo segundo, têm. Mas os cães permanecem sendo cães e sentindo aquilo que sentem, sem levar em consideração os rótulos escolhidos por nós.

No contexto dos esforços internacionais para conservar a biodiversidade, essa questão assume uma importância central, uma vez que o argumento clássico sobre os motivos pelos quais uma criatura supostamente decente e moral como o Homo sapiens pode maltratar e até mesmo exterminar outras espécies se assenta sobre uma posição extrema num continuum. A tradição cartesiana, formulada explicitamente no século XVII, mas presente, sem dúvida, numa forma "popular" ou em outras versões, ao longo de toda história humana, sustenta que os outros animais são pouco mais que máquinas desprovidas de sentimentos e que apenas os homens gozam de "consciência", não importa como ela seja definida. Nas versões radicais dessa teoria, até mesmo a dor e o sofrimento manifestos de outros mamíferos (tão palpáveis para nós, e da maneira

mais visceral, uma vez que as expressões vocais e faciais desses parentes evolutivos próximos são semelhantes às nossas próprias reações aos mesmos estímulos) nada mais sinalizam do que uma resposta automática sem nenhuma representação interna em termos de sentimento – porque os outros animais não têm consciência alguma. Assim, levando adiante esse argumento, poderíamos nos preocupar com a extinção em função de outras razões, mas não em virtude de alguma espécie de dor ou sofrimento associado a essas mortes inevitáveis.

Não acredito que muitas pessoas sustentem nos dias de hoje uma versão tão forte da posição cartesiana, mas a tradição de se considerar os animais "inferiores" como "menos capazes de sentir" certamente persiste como um paliativo que ajuda a justificar nossa rapacidade – do mesmo modo como os nossos ancestrais racistas argumentavam que os "insensíveis" índios eram incapazes de experimentar alguma forma de dor conceitual ou filosófica pela perda de seu ambiente ou modo de vida (desde que os territórios reservados suprissem suas necessidades corporais de alimento e segurança), e que os "primitivos" africanos não lamentariam a terra natal e a família abandonadas à força uma vez que a escravidão lhes assegurasse a sobrevivência do ponto de vista físico. (Adaptado de: Stephen Jay Gould. A montanha de moluscos de Leonardo da Vinci. Trad. de Rejane Rubino. S.Paulo: Cia. das Letras, 2003. p.465-6).

---

156. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 18/2013) Considerado o contexto, o segmento cujo sentido está adequadamente expresso em outras palavras é:

(A) criatura supostamente decente e moral = ser hipoteticamente inteiriço e devoto

(B) capaz de abstrair um conceito geral = apto a destacar um aforismo genérico

(C) de modo a fazer inferências = a fim de tirar ilações

(D) versões radicais dessa teoria = facetas temerárias desse método

(E) persiste como um paliativo = remanesce como um subterfúgio

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – De modo a: consequência; **a fim de:** finalidade. Importante ler o enunciado: **considerado o contexto**, o segmento cujo sentido está adequadamente expresso. Não se trata de questão de período composto (conjunção), mas sim de semântica, coerência. Ilação: o que se conclui de certos fatos, afirmações, circunstâncias etc.; CONCLUSÃO; EDUÇÃO; INFERÊNCIA

Alternativa "a" – Errada. Inteiriço (sentido figurado): Severo, rigoroso, inflexível. Devoto: que se dedica ou consagra.

Alternativa "b" – Errada. Abstrair: não ficar concentrado em problema, trabalho ou preocupação; ALHEAR-SE; DISTRAIR-SE. Aforismo: breve sentença que contém uma regra, uma mensagem, um princípio de grande alcance ou um conceito moral; máxima.

Alternativa "d" – Errada. Facetas: particularidades de alguém ou de alguma coisa. Temerárias: que não têm fundamento.

Alternativa "e" – Errada. Paliativo: que tem a qualidade de abrandar, de aliviar temporariamente um mal. Subterfúgio: desculpa ou artimanha que se usa para não cumprir uma obrigação ou livrar-se de dificuldades; PRETEXTO. Remanescer: restar como sobrevivente ou sobra, perdurar, sobrar.

---

157. (FCC – Analista Judiciário – Judiciária – TRT 18/2013)

I. O cartesianismo sustenta que os animais são pouco mais que máquinas desprovidas de sentimentos.

II. As versões radicais do cartesianismo consideram que até mesmo a dor de outros mamíferos é apenas uma resposta automática.

III. Para o cartesianismo, o sofrimento dos animais não deve ser motivo para nos preocuparmos com sua possível extinção.

As frases acima articulam-se num único período, com clareza e correção, em:

(A) Ao sustentar que os animais são pouco mais que máquinas desprovidas de sentimentos e, segundo as versões radicais do cartesianismo, ao considerar que até mesmo a dor dos mamíferos é uma resposta automática, o sofrimento dos animais não deve ser motivo para nos preocuparmos com sua possível extinção.

(B) O cartesianismo, cujas versões radicais consideram que até mesmo a dor de outros mamíferos é apenas uma resposta automática, sustenta que os animais são pouco mais que máquinas desprovidas de sentimentos e, por conseguinte, que seu sofrimento não deve ser motivo para nos preocuparmos com sua possível extinção.

(C) Para o cartesianismo, o sofrimento dos animais não deve ser motivo para nos preocuparmos com sua possível extinção, por que sustenta que os animais são pouco mais que máquinas desprovidas de sentimentos, as versões radicais do cartesianismo considerando que até mesmo a dor de outros mamíferos é apenas uma resposta automática.

(D) O cartesianismo sustenta que os animais são pouco mais que máquinas desprovidas de sentimentos e considera que até mesmo a dor de outros mamíferos é apenas uma resposta automática, isso para suas versões radicais, porquanto o sofrimento dos animais não deve ser motivo para nos preocuparmos com sua possível extinção.

(E) Sustentando que os animais são pouco mais que máquinas desprovidas de sentimentos, o cartesianismo, em suas versões radicais, consideram que até mesmo a dor de outros mamíferos é apenas uma resposta automática, na medida em que o sofrimento dos animais não deve ser motivo para nos preocuparmos com sua possível extinção.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta - Decifrando o processo de coesão: 1. Para evitar a repetição do substantivo **cartesianismo**, pode-se usar pronome relativo **cujo**: O cartesianismo, cujas versões radicais consideram que até mesmo a dor de outros mamíferos é apenas uma resposta automática = as versões radicais do cartesianismo. **Por conseguinte** indica consequência.

Alternativa "a" - Errada. Incoerente: paralelismos não claros.

Alternativa "c" - Errada. Sem clareza e erro de ortografia: porque = explica.

Alternativa "d" - Errada. Além de incoerente, há o uso da conjunção *porquanto* que indica explicação ou conclusão e não consequência.

Alternativa "e" - Errada. Na medida em que = causa. Não é a ideia do contexto.

---

158. (FCC - Analista Judiciário - Administrativa - TRT 18/2013) Uma redação alternativa, escrita com correção e lógica é:

(A) 800 sismos que ocorreram ali em um período de seis meses ajudaram a determinar a causa dos tremores da terra naquela região.

(B) Uma pequena porcentagem dos terremotos do Brasil se concentram na zona sísmica Goiás-Tocantins, na qual é geologicamente instável.

(C) Em certos trechos do Lineamento Transbrasiliano, jamais se registrou tremores.

(D) Os reflexos do terremoto percorreu 250 quilômetros e alcançou Brasília, a qual alguns prédios foram desocupados.

(E) Abaixo de Mara Rosa, à, possivelmente, três quilômetros de profundidade, existe rachaduras na crosta terrestre.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - Não há erro e o período está claro.

Alternativa "b" - Errada. Uma pequena porcentagem se concentra; a zona sísmica é geologicamente instável: a qual ou que.

Alternativa "c" - Errada. Jamais se registraram terremotos.

Alternativa "d" - Errada. Os reflexos percorreram e alcançaram. Alguns prédios foram desocupados em Brasília: em que.

Alternativa "e" - Errada. Não há crase antes de numera: a três quilômetros; existem rachaduras.

---

159. (FCC - Analista Judiciário - Administrativa - TRT 18/2013)

I. Van Gogh compôs um dos mais importantes conjuntos de obras plásticas do acervo da história das artes mundiais.

II. A obra de Van Gogh influenciou a produção de sucessivas gerações de artistas.

As frases acima se articulam com correção e lógica em:

(A) Um dos mais importantes conjuntos de obras plásticas do acervo da história das artes mundiais foi composto por Van Gogh, cujo pintor influenciou a produção de sucessivas gerações de artistas.

(B) Um dos mais importantes conjuntos de obras plásticas do acervo da história das artes mundiais foi composto por Van Gogh, cuja obra influenciou a produção de sucessivas gerações de artistas.

(C) Van Gogh compôs um dos mais importantes conjuntos de obras plásticas do acervo da história das artes mundiais, onde a produção de sucessivas gerações de artistas foram influenciadas pelo mesmo.

(D) Um dos mais importantes conjuntos de obras plásticas do acervo da história das artes mundiais fora composto por Van Gogh, as quais influenciarão a produção de sucessivas gerações de artistas.

(E) Van Gogh, que veio a compor um dos mais importantes conjuntos de obras plásticas do acervo da história das artes mundiais, pelas quais a produção de sucessivas gerações de artistas foram influenciadas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de coerência e regência.

- Para evitar repetição de *Van Gogh*, o emprego do pronome relativo **cujo**, que indica posse, cabe para juntar os períodos: acervo da história das artes mundiais foi composto por Van Gogh, cuja obra influenciou a produção de sucessivas gerações de artistas = a obra de Van Gogh influenciou.

Alternativa "a" – Errada. Erro: cujo pintor.

Alternativa "c" – Errada. Onde só pode ser usado para retomar lugar e pode ser substituído por em que, no(a) qual.

Alternativa "d" – Errada. Erro: as quais.

Alternativa "e" – Errada. Erro: pelas quais.

Texto

Pintor e desenhista, Van Gogh compôs um dos mais renomados conjuntos de obras de arte do acervo da história das artes plásticas mundiais.

Influenciou, direta ou indiretamente, a produção de sucessivas gerações de artistas, e, em razão da tragicidade de sua existência, tornou-se um modelo, uma espécie de paradigma de personalidade artística criadora.

De vida interior intensa e conturbada, a ele foi impossível uma existência regular, dentro de padrões. Em sua atividade artística, tardia e extraordinariamente breve (quando morreu, contava apenas 37 anos de idade), Van Gogh encontrou somente a frustração e a indiferença entre seus contemporâneos. Suas telas, se não eram destruídas ou vilipendiadas, eram guardadas em porões e depósitos como qualquer entulho.

Triste ironia, considerando-se que hoje acompanhamos pelos noticiários internacionais os leilões de suas obras, arrematadas por colecionadores do mundo todo a preços vultosos.

Dele, como artista, ou mesmo de sua obra, já não se deve falar, visto que ingressaram, indiscutivelmente, no rol dos inquestionáveis tesouros humanos. No entanto, no interior mesmo do mundo objetivo da cultura, ao qual sua pintura se integra, seu legado poderia ser utilizado, como modelo ou premissa, para a análise de inúmeras questões – sociais ou estéticas – que envolvem a arte contemporaneamente. (Adaptado de João Werner. Ensaios sobre arte e estética.Formato ebook)

160. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) Está correto o que se afirma sobre um segmento do texto:

(A) No segmento *Influenciou, direta ou indiretamente, a produção de sucessivas gerações de artistas, e...* (2º parágrafo) a vírgula empregada imediatamente após artistas não pode ser suprimida.

(B) Os parênteses (3º parágrafo) isolam uma ressalva ao que se afirmou no segmento imediatamente anterior.

(C) Considerando-se o contexto, no trecho em razão da tragicidade de sua existência (2º parágrafo), o segmento sublinhado pode ser substituído por devido a.

(D) O segmento sublinhado em No entanto, no interior mesmo do mundo objetivo da cultura...(5º parágrafo) tem valor conclusivo.

(E) No segmento – *sociais ou estéticas* – (5º parágrafo), os travessões podem ser suprimidos, sem prejuízo para a correção.

COMENTÁRIOS:

Alternativa "e": correta – Podem ser retirados por serem adjetivos do substantivo *questões:* seu legado poderia ser utilizado, como modelo ou premissa, para a análise de inúmeras **questões sociais ou estéticas** – que envolvem a arte contemporaneamente.

Alternativa "a" – Errada. A vírgula indica intercalação de *em razão da tragicidade de sua existência.* Lê-se: ***Influenciou**, direta ou indiretamente, **a produção de sucessivas gerações de artistas, e**, em razão da tragicidade de sua existência, **tornou-se um modelo, uma espécie de paradigma de personalidade artística criadora.***

Alternativa "b" – Errada. Sua atividade artística foi breve porque (ressalva: observação por escrito com o fito de emendar algo ou para validar o que anteriormente se registrou) morreu aos 37 anos.

Alternativa "c" – Errada. Ao substituir, dever-se-ia inserir o acento indicativo de crase: devido à tragicidade de sua existência = devido ao trajeto.

Alternativa "d" – Errada. *No entanto* indica oposição, possui valor adversativo.

Texto:

Você acredita no amor romântico? Alguns dirão que pessoas maduras sabem que o amor não existe. Outros, que é diferente de paixão, sendo esta passageira, enquanto o amor seria algo mais sólido, dado a parcerias de longa duração.

O tema nos encanta, apesar de alguns teóricos afirmarem que o amor é mera invenção da literatura europeia medieval, universalizada, de modo equivocado, pelos autores românticos dos séculos 19

e 20. (Adaptado de: Luiz Felipe Pondé. Folha de S. Paulo, 11/02/2013)

161. (FCC – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) O tema nos encanta, apesar de alguns teóricos afirmarem que o amor é mera invenção da literatura europeia medieval, universalizada, de modo equivocado, pelos autores românticos dos séculos 19 e 20.

Afirma-se corretamente sobre a frase acima:

(A) Sem prejuízo para a correção, uma vírgula pode ser inserida imediatamente após *que*.

(B) Substituindo-se *apesar de* por "embora", a forma verbal deverá ser modificada para afirmam.

(C) Sem que nenhuma outra alteração seja feita, o segmento alguns teóricos pode ser substituído por "um e outro teórico".

(D) No segmento *O tema nos encanta*, o verbo encantar não exige complemento, já que, no contexto, está empregado como intransitivo.

(E) Sem prejuízo para o sentido original, a palavra *universalizada* pode ser substituída por "abarcada".

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Alguns é pronome indefinido e ao substituir por **um e outro**, o sentido de generalização é mantido.

Alternativa "a" – Errada. Afirmarem **isto** = o que é conjunção integrante e não pode haver vírgula separando a oração principal da oração subordinada substantiva.

Alternativa "b" – Errada. Embora alguns teóricos **afirmem.**

Alternativa "d" – Errada. O tema encanta a **nós** (objeto direto preposicionado se colocada a frase na ordem direta). Se encanta, encanta alguém: verbo transitivo direto.

Alternativa "e" – Errada. Universalizada: que se universalizou, se tornou comum ou pertencente a todos.

Texto para as próximas questões:.

"Gene da longevidade" pode aumentar risco de Alzheimer

Se há centenários na sua família, é grande a chance de você também ter vida longa. Disseminada na cultura popular, essa noção ganhou respaldo científico em 2010, quando neurocientistas da Universidade de Boston identificaram, em uma pesquisa com 1.055 pessoas com mais de 90 anos, "genes da longevidade" – 150 variantes genéticas associadas à propensão para viver mais. Agora, um estudo publicado no periódico Aging Cell sugere que uma delas aumenta o risco de desenvolver Alzheimer.

Ao analisarem tecidos cerebrais de 590 pessoas que morreram com mais de 90 anos, pesquisadores do Centro Médico da Universidade de Rush, em Chicago, observaram que uma variante, a proteína de transferência de ésteres de colesterol (CEPT, na sigla em inglês), está relacionada a maior quantidade de placas amiloides, características da doença neurode – generativa.

Os resultados contradizem um estudo divulgado pouco tempo antes no Journal of American Medical Association, que sugeriu que a CEPT estava relacionada a maior agilidade mental em pessoas com mais de 70 anos – resultado mais evidente em voluntários descendentes de judeus do leste europeu. Qual estudo está "certo"? "Talvez nenhum. Há muitas outras variantes, talvez ainda desconhecidas; seria precipitado relacionar a CEPT diretamente à propensão para desenvolver a demência", diz o neurocientista David Bennet, um dos autores da pesquisa da Universidade de Rush. (Adaptado de Neurocircuito. Patologia. Mente Cérebro: Psicologia, psicanálise, neurociência. São Paulo: Duetto, Ano XIX, n. 229. p. 76)

162. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2012) Considere as afirmações a seguir.

I. As formas pronominais *sua* e *você* referem-se, exclusivamente, ao leitor; assim, o período não pode ser reescrito deste modo: "Se há centenários em uma família, é também grande a chance de se ter vida longa".

II. No período Há muitas outras variantes, talvez ainda desconhecidas, tem-se uma contradição e uma impropriedade vocabular: afirma-se a existência do que é desconhecido e se usa variante em vez de "variável" (palavra mais apropriada ao contexto).

III. A opção por citar as palavras de David Bennet e apresentá-lo como um dos envolvidos na pesquisa tem o efeito de conferir mais credibilidade ao que se afirma.

De acordo com o texto, está correto APENAS o que se encontra em

(A) I.

(B) II.

(C) III.

(D) I e II.

(E) II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Confere mais credibilidade ao identificar um dos cientistas participante da pesquisa.

I. Poderia ser reescrito usando de modo indefinido, sem prejudicar o conteúdo da mensagem.

II. A palavra mais apropriada, pelo significado, é "variantes", mesmo.

III. Único item correto.

---

163. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2012) Considerado o terceiro parágrafo do texto, assinale a alternativa correta.

(A) O travessão introduz certa relativização do que se afirmou anteriormente, estando, assim, em confluência com o sentido que sugeriu empresta ao relato.

(B) A reprodução do que teria dito David Bennet amplia o foco da questão que o texto desenvolve: o neurocientista se refere à demência, como fenômeno geral, e não a Alzheimer.

(C) A referência a descendentes de judeus do leste europeu enfatiza o caráter polêmico do resultado mencionado – baseado em preconceito étnico – e fundamenta a questão que se formula em seguida.

(D) A pergunta retórica Qual estudo está "certo"? sintetiza a inquietação do autor – supostamente partilhada pelo leitor – diante das contradições mencionadas, mas é irrelevante para a articulação das diferentes partes do parágrafo.

(E) Em sua fala, o neurocientista David Bennet, diante da ausência de dados conclusivos, descarta a possibilidade de se relacionar a CEPT à propensão para desenvolver demência.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – O uso de travessão sempre relativiza o que se afirma anteriormente. É uma de suas funções. Confira no final do capítulo, em dicas.

Alternativa "b" – O neurocientista refere-se a Alzheimer.

Alternativa "c" – Não há indício de preconceito étnico.

Alternativa "d" – Não é irrelevante para a articulação.

Alternativa "e" – David Bennet não descarta a possibilidade de se relacionar a CEPT à propensão.

---

164. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2012) Assinale a alternativa correta acerca de reformulação de fragmento do terceiro parágrafo do texto.

(A) É apropriada ao contexto a substituição de pouco tempo antes por "fazia pouco tempo".

(B) Viola o padrão culto escrito da língua, no que se refere à concordância, a seguinte reformulação: "David Bennet, um dos autores que participou da pesquisa da Universidade de Rush".

(C) Preservado o sentido, é apropriada esta reformulação da parte inicial do discurso de David Bennet: "Talvez nenhum, à medida que há muitas outras variantes, talvez ainda desconhecidas;".

(D) O segmento que sugeriu pode ser substituído por "sugerindo", sem prejuízo para a clareza do trecho.

(E) É apropriada, do ponto de vista da flexão verbal, a substituição de Os resultados contradizem por "Se os resultados contradizerem".

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – "fazia pouco tempo" equivale a "pouco tempo antes".

Alternativa "b" – Esta reformulação não viola o padrão culto escrito da Língua.

Alternativa "c" – Não é apropriada a reformulação porque altera o sentido.

Alternativa "d" – Altera a clareza do texto, pois deixa ideia de foi estudo com fim específico.

Alternativa "e" – Não é apropriada, pois a flexão altera tempo verbal e há erro na conjugação: contradisserem.

---

165. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2012) O segundo parágrafo abona o seguinte comentário:

(A) Há um equívoco na pontuação: no início do parágrafo, para dar conta do sentido apropriado à descrição do procedimento, deveria haver, necessariamente, uma vírgula depois da palavra pessoas.

(B) O segmento Ao analisarem, de valor temporal, poderia ser substituído por "Assim que analisaram", sem prejuízo para o sentido e a correção do período.

(C) O fragmento [d]a doença neurodegenerativa retoma, ao mesmo tempo em que caracteriza, uma palavra mencionada no parágrafo anterior.

(D) A palavra características, que se refere a uma variante e a placas amiloides, deve ser compreendida como uma versão sintética da expressão "estruturas características".

(E) É facultativa a ocorrência do sinal indicativo de crase em relacionada a maior quantidade, isto é, tal ocorrência não implica incorreção gramatical, nem alteração do sentido original.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Retoma e caracteriza Alzheimer, mencionada antes.

Alternativa "a" – Não há equívoco nem necessidade de vírgula, já que se trata de uma oração subordinada adjetiva restritiva. Inserindo a vírgula, passa a explicativa e não cabe no contexto generalizar.

Alternativa "b" – Prejudicaria o sentido sim, dando conotação de imediatismo ou instantâneo.

Alternativa "d" – Refere-se a placas amiloides.

Alternativa "e" – Altera o sentido original.

---

166. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2012) (...) "Há muitas outras variantes, talvez ainda desconhecidas; seria precipitado relacionar a CEPT diretamente à propensão para desenvolver a demência", diz o neurocientista David Bennet [...].

Assinale a alternativa em que uma nova redação preserva o sentido, a correção e a clareza do fragmento reproduzido acima.

Alternativa "a" –Diz o neurocientista David Bennet: *" – Ia ser precipitado relacionar a CEPT diretamente com propensão de desenvolver demência, já que existe muitas variantes, quem sabe desconhecidas."*

Alternativa "b" –Diz o neurocientista David Bennet: *"Seria precipitado relacionar diretamente a CEPT a propensão em desenvolver demência. Há, talvez, muitas outras variantes, ainda desconhecidas."*

Alternativa "c" –Diz o neurocientista, David Bennet: *"Seria precipitado, no desenvolver da demência, relacionar diretamente a CEPT à essa propensão, posto que têm muitas outras variantes, ainda, quem sabe, desconhecidas."*

Alternativa "d" –O neurocientista David Bennet, diz que seria prematuro, posto que há outras variantes, ainda que por ventura, desconhecidas, relacionar, diretamente, a CEPT à propensão para desenvolver a demência.

Alternativa "e" –Diz o neurocientista David Bennet:

– Existem numerosas outras variantes, quem sabe ainda desconhecidas. Relacionar diretamente a CEPT à propensão para desenvolver demência seria precipitado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – São usados alguns sinônimos e travessão para iniciar a fala da personagem, preservando o sentido, a clareza e correção da frase.

Alternativa "a" – Há erros de pontuação e concordância.

Alternativa "b" – Altera a clareza e a correção do texto.

Alternativa "c" – Não preserva o sentido e altera a correção e a clareza.

Alternativa "d" – Totalmente deturpado o texto, sem clareza e sentido.

Texto para a próxima questão.

Os intérpretes do Brasil e das nações egressas de sistemas coloniais partem, desde os meados do século XX, da aceitação tácita ou manifesta de uma dualidade fundamental: centro versus periferia.

Creio ser razoável perguntar se essa oposição é estrutural ou histórica; e, em consequência, se é estática ou dinâmica, se está fixada para todo o sempre como um conceito ontológico, ou se está sujeita ao tempo, logo à possibilidade de variação e mudança.

Há uma passagem em A era dos impérios de Eric Hobsbawm em que o historiador exprime a sua perplexidade em face do discurso sobre a diferença entre "partes avançadas e atrasadas, desenvolvidas e não desenvolvidas do mundo":

"Definir a diferença entre partes avançadas e atrasadas, desenvolvidas e não desenvolvidas do mundo é um exercício complexo e frustrante, pois tais classificações são por natureza estáticas e simples, e a realidade que deveria se adequar a elas não era nenhuma das duas coisas. O que definia o século XIX era a mudança: mudança em termos de e em função dos objetivos das regiões dinâmicas do Atlântico norte, que eram, à época, o núcleo do capitalismo mundial. Com algumas exceções marginais e cada vez menos importantes, todos os países, mesmo os até então mais isolados, estavam, ao menos perifericamente, presos pelos tentáculos dessa transformação mundial. Por outro lado, até os mais 'avançados' dos países 'desenvolvidos' mudaram parcialmente através da adaptação da herança de um passado antigo e 'atrasado', e continham camadas e parcelas da sociedade resistentes à transformação. Os historiadores quebram a cabeça procurando a melhor maneira de formular e apresentar essa mudança universal, porém diferente em cada lugar, a complexidade de seus padrões e interações e suas principais tendências." (Eric Hobsbawm, A era dos impérios. 1875-1914, 11. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007. p.46. (Alfredo Bosi, "O mesmo e o diferente". IN Ideologia e contra – ideologia. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 227-228)

167. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2012) Considerado o fragmento que corresponde à citação do historiador é correto afirmar:

(A) Eric Hobsbawm entende como errôneas as classificações que não acolhem, sob uma única rubrica, a totalidade dos países, inclusive os periféricos.

(B) é legítimo presumir que o comentário de Eric Hobsbawm, embora de valor abrangente, remete de modo direto à observação do século XIX, como o comprova o emprego da forma verbal era, na frase inicial.

(C) a referência feita às regiões dinâmicas do Atlântico norte constitui, na organização do trecho, o argumento mais valorizado por Eric Hobsbawm para definir a diferença entre partes avançadas e atrasadas do mundo.

(D) para convencer o leitor quanto à validade de seu pensamento, Eric Hobsbawm por vezes enfatiza uma ideia por meio de uma mera repetição: em Com algumas exceções marginais e cada vez menos importantes, os elementos grifados expressam exatamente a mesma noção.

(E) as aspas empregadas por Eric Hobsbawm foram utilizadas exatamente com a mesma função das que ocorrem no texto de Alfredo Bosi: evidenciar a concordância com as palavras que estão citadas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Realmente Eric Hobsbawm remete ao século XIX ao afirmar que a mudança definia aquele século.

Alternativa "a" – Não faz referência a nenhuma rubrica para classificação.

Alternativa "c" – Para definir as mudanças, não as diferenças.

Alternativa "d" – Os elementos grifados não expressam a mesma noção.

Alternativa "e" – As aspas utilizadas por A. Bosi o foram por motivo diferente das usadas por E. Hobsbawm.

168. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2012) No contexto, são equivalentes os segmentos indicados na seguinte alternativa:

(A) nações egressas de sistemas coloniais / nações que conservam as estruturas dos países que as colonizaram.

(B) aceitação tácita [...] de uma dualidade / adesão não formalmente expressa a uma dualidade.

(C) estrutural ou histórica / estratificada na contemporaneidade ou tradicional.

(D) um conceito ontológico / uma concepção pragmática do real.

(E) exprime a sua perplexidade / expressa com vigor seu encantamento.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Aceitação equivale à adesão; tácita, a que não foi expressa, mas está implícita.

Alternativa "a" – A condição de Egressas não implica conservação das estruturas.

Alternativa "c" – Estrutural não corresponde a estratificada.

Alternativa "d" – Conceito da natureza do ser (ontológico) diverge de pragmático – objetivo, prático, direto.

Alternativa "e" – Perplexidade significa espanto, perturbação, bem diferente de encanto.

169. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2012) Análise cuidadosa comprova a correção do seguinte comentário:

(A) a substituição de "essa mudança universal" pelo pronome conveniente poderia gerar as seguintes formulações do segmento: "procurando a melhor maneira de a formular e apresentar" ou "procurando a melhor maneira de formulá-la e apresentá-la".

(B) se, em vez de Creio ser razoável perguntar, houvesse a formulação "É importante que todos creemos ser razoável perguntar", a correção da frase estaria preservada.

(C) em "O que definia o século XIX era a mudança", o pronome destacado recupera a ideia expressa no segmento imediatamente anterior.

(D) a transposição da frase "todos os países [...] estavam [...] presos pelos tentáculos dessa transformação mundial" a voz ativa gera a forma "conseguiram prender".

(E) os segmentos da aceitação tácita e de uma dualidade fundamental são ambos exigidos por forma verbal.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Substituição correta, apenas se usa próclise, ou ênclise, com o pronome oblíquo.

Alternativa "b" – A correção estaria assassinada. Erro crasso de grafia e de flexão verbal.

Alternativa "c" – O pronome refere-se ao segmento imediatamente posterior.

Alternativa "d" – Essa forma inverte o sentido do segmento.

Alternativa "e" – Afirmativa sem nexo, sem lógica.

---

170. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2012) Há uma passagem em A era dos impérios de Eric Hobsbawm em que o historiador exprime a sua perplexidade em face do discurso sobre a diferença entre "partes avançadas e atrasadas, desenvolvidas e não desenvolvidas do mundo":

Considerado o fragmento acima, a alteração que mantém o sentido original e o respeito às regras do padrão culto escrito é a proposta em:

(A) colocação de uma vírgula após a palavra impérios.

(B) substituição de em face do discurso por "frente o discurso".

(C) substituição de em face do discurso sobre a diferença por "face à face com o discurso a cerca da diferença".

(D) substituição de "partes avançadas e atrasadas, desenvolvidas e não desenvolvidas do mundo" por "partes mundiais avançadas e atrasadas, desenvolvidas e não desenvolvidas".

(E) substituição de *em que o historiador exprime a sua perplexidade em face do discurso* por *"na qual o historiador exprime a própria perplexidade diante do discurso"*.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Substituição correta de: *em que* por *na qual*, *sua* por *própria* e em *face do* por *diante do*.

Alternativa "a" – Desrespeita as regras de padrão culto de escrita. Se inserisse uma vírgula, deveria inserir outra após Hobsbawm.

Alternativa "b" – Frente ao.

Alternativa "c" – Palavras repetidas que fazem parte de locução adverbial não admitem o acento indicativo crase.

Alternativa "d" – Alteração descabida e imprópria.

---

171. (FCC – TRT 6 – Analista Judiciário/2012) Está clara e correta a **redação** deste livre comentário.

(A) Apenas nas crenças que não operam restrições a medidas de saúde, leva-se em conta o valor universal da dignidade humana, para ser bem demonstrado.

(B) Presume-se que o autor não defenda a ideia de que deva o Estado assumir inteira responsabilidade pela prestação de quaisquer serviços públicos de alto custo.

(C) Não seria possível, para o autor, que os serviços mais onerosos aos cofres públicos compitam ao Estado resolver com seus próprios meios.

(D) Uma vez que se atendam as leis do mercado, até mesmo o Estado poderia precaver as ações na área da saúde, sem desmerecer uma sociedade democrática.

(E) Entre o que se prega nas religiões e o que implica as leis de mercado, as questões de saúde nada têm a haver com a suposta dignidade humana.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Alternativa coesa, clara e sem erro gramatical.

Alternativa "a" – Errada. Não há clareza, o período está muito confuso.

Alternativa "c" – Errada. Não há clareza. Cuidado com o verbo **competir**, está conjugado corretamente no presente do subjuntivo (compitam).

Alternativa "d" – Errada. Atender está no sentido de acatar, obedecer, por isso exige-se o acento grave crase antes de **leis**: atendam **às leis**.

Alternativa "e" – Errada. Além de não haver clareza, há erro gramatical: **a ver**.

---

172. (FCC – TRT 6 – Analista Judiciário/2012) *É verdade que colocar um preço em procedimentos médicos nem sempre leva ao melhor dos desfechos.* O sentido essencial e a correção da frase acima mantêm – se na seguinte construção:

(A) Pela razão de se taxar procedimentos médicos não redunda automaticamente no melhor dos benefícios.

(B) Nem sempre é certo que a melhor finalidade se alcança através de procedimentos médicos aos quais incorre um determinado preço.

(C) Nada garante, de fato, que estipular um pagamento por procedimentos médicos implique a melhor solução de um caso.

(D) Uma ótima conclusão não é simplesmente obtida em favor de se haver afixado um preço aos procedimentos médicos.

(E) A despeito de se estipular um preço para procedimentos médicos, não é usual que cheguem a um termo satisfatório.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – O sentido está sintetizado e não há erro gramatical.

Alternativa "a" – Errada. O sentido foi alterado e há erro de concordância: se **taxarem** procedimentos médicos.

Alternativa "b" – Errada. Muda o sentido e há erro de regência: procedimentos médicos **através dos quais** incorre um determinado preço.

Nas alternativas d e e, não se preserva o sentido.

---

173. (FCC – TRT 11 – Analista Judiciário/2012) Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o texto:

(A) Apesar de se ombrearem com outras artes plásticas, a fotografia nos faz desfrutar e viver experiências de natureza igualmente temporal.

(B) Na superfície espacial de uma fotografia, nem se imagine os tempos a que suscitarão essa imagem aparentemente congelada...

(C) Conquanto seja o registro de um determinado espaço, uma foto leva-nos a viver profundas experiências de caráter temporal.

(D) Tal como ocorrem nos espelhos da Alice, as experiências físicas de uma fotografia podem se inocular em planos temporais.

(E) Nenhuma imagem fotográfica é congelada suficientemente para abrir mão de implicâncias semânticas no plano temporal.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c" – Correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão, período composto, concordância e ortografia.

Conquanto é uma conjunção é uma conjunção concessiva, assim como: embora, ainda que, apesar de que, se bem que, mesmo que, por mais que, posto que.

Alternativa "a" – Errada. Apesar de se **ombrear** = a fotografia.

Alternativa "b" – Errada. imaginem deve concordar com **os tempos** = os tempos nem são imaginados; **suscitará** concorda com **imagem**.

Alternativa "d" – Errada. Tal como **ocorre** nos espelhos da Alice.

Alternativa "e" – Errada. suficientemente = **o suficiente**.

---

174. (FCC – TRT 11 – Analista Judiciário/2012) É preciso **reelaborar**, para sanar falha estrutural, a redação da seguinte frase:

(A) O autor do texto chama a atenção para o fato de que o desejo de promover a igualdade corre o risco de obter um efeito contrário.

(B) Embora haja quem aposte no critério único de julgamento, para se promover a igualdade, visto que desconsideram o risco do contrário.

(C) Quem vê como justa a aplicação de um mesmo critério para julgar casos diferentes não crê que isso reafirme uma situação de injustiça.

(D) Muitas vezes é preciso corrigir certas distorções aplicando-se medidas que, à primeira vista, parecem em si mesmas distorcidas.

(E) Em nossa época, há desequilíbrios sociais tão graves que tornam necessários os desequilíbrios compensatórios de uma ação corretiva.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Embora haja quem aposte no critério único de julgamento para promover a igualdade, desconsidera o risco do contrário.

Observações importantes:

Alternativa "a" – Errada. promover a igualdade (sem crase) = promover **o protesto**.

Alternativa "c" – Errada. O sujeito de vê e crê é o pronome **que**, por isso os verbos ficam no singular.

Alternativa "d" – Errada. Se o verbo está no gerúndio, deve permanecer no singular: aplicando-se medidas = medidas sendo aplicadas.

Alternativa "e" – Errada. Há desequilíbrios (verbo impessoal = singular); os desequilíbrios compensatórios tornam necessários.

Considere o texto abaixo para responder a questão.

Bom para o sorveteiro

Por alguma razão inconsciente, eu fugia da notícia. Mas a notícia me perseguia. Até no avião, o único jornal abria na minha cara o drama da baleia encalhada na praia de Saquarema. Afinal, depois de quase três dias se debatendo na areia da praia e na tela da televisão, o filhote de jubarte conseguiu ser devolvido ao mar. Até a União Soviética acabou, como foi dito por locutores especializados em necrológio eufórico.

Mas o drama da baleia não acabava. Centenas de curiosos foram lá apreciar aquela montanha de força a se esfalfar em vão na luta pela sobrevivência. Um belo espetáculo.

À noite, cessava o trabalho, ou a diversão. Mas já ao raiar do dia, sem recursos, com simples cordas e as próprias mãos, todos se empenhavam no lúcido objetivo comum. Comum, vírgula. O sorveteiro vendeu centenas de picolés. Por ele a baleia ficava encalhada por mais duas ou três semanas. Uma santa senhora teve a feliz ideia de levar pastéis e empadinhas para vender com ágio. Um malvado sugeriu que se desse por perdida a batalha e se começasse logo a repartir os bifes.

Em 1966, uma baleia adulta foi parar ali mesmo e em quinze minutos estava toda retalhada. Muitos se lembravam da alegria voraz com que foram disputadas as toneladas da vítima. Essa de agora teve mais sorte. Foi salva graças à religião ecológica que anda na moda e que por um momento estabeleceu uma trégua entre todos nós, animais de sangue quente ou de sangue frio.

Até que enfim chegou uma traineira da Petrobrás. Logo uma estatal, ó céus, num momento em que é preciso dar provas da eficácia da empresa privada. De qualquer forma, eu já podia recolher a minha aflição. Metáfora fácil, lá se foi, espero que salva, a baleia de Saquarema. O maior animal do mundo, assim frágil, à mercê de curiosos. À noite, sonhei com o Brasil encalhado na areia diabólica da inflação. A bordo, uma tripulação de camelôs anunciava umas bugigangas. Tudo fala. Tudo é símbolo. (Otto Lara Resende, Folha de S. Paulo)

175. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE – SP/2012) Considerando-se o contexto, traduz-se adequadamente o sentido de um segmento em:

(A) *em necrológio eufórico* (1º parágrafo) = em façanha mortal.

(B) *Comum, vírgula* (2º parágrafo) = Geral, mas nem tanto.

(C) *que se desse por perdida a batalha* (2º parágrafo) = que se imaginasse o efeito de uma derrota.

(D) *estabeleceu uma trégua entre todos nós* (3º parágrafo) = derrogou uma imunidade para nós todos.

(E) *é preciso dar provas da eficácia* (4º parágrafo) = convém explicitar os bons propósitos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Dividindo as informações:

1) Comum: geral.

2) Vírgula: *mas nem tanto*, desde que volte ao contexto – *Mas já ao raiar do dia, sem recursos, com simples cordas e as próprias mãos, todos se empenhavam no lúcido objetivo comum. Comum, vírgula. O sorveteiro vendeu centenas de picolés.*

Alternativa "a" –Eufórico: que experimenta ou manifesta euforia (estado de alegria intensa e expansiva).

Alternativa "c" –Não há relação entre *desse por perdida a batalha* e imaginasse o efeito de uma derrota.

Alternativa "d" –Derrogar: *conter disposições contrárias a alguma lei ou uso*. Não há relação semântica com *estabelecer trégua*.

Alternativa "e" –Sem relação entre dar provas da eficácia e explicitar os bons propósitos.

176. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE – SP/2012) Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o último parágrafo do texto.

(A) Apesar de tratar do drama ocorrido com uma baleia, o cronista não deixa de aludir a circunstâncias nacionais, como o impulso para as privatizações e os custos da alta inflação.

(B) Mormente tratando de uma jubarte encalhado, o cronista não obsta em tratar de assuntos da pauta nacional, como a inflação ou o processo empresarial das privatizações.

(C) Vê-se que um cronista pode assumir, como aqui ocorreu, o papel tanto de um repórter curioso como analisar fatos oportunos, qual seja a escalada inflacionária ou a privatização.

(D) O incidente da jubarte encalhado não impediu de que o cronista se valesse de tal episódio para opinar diante de outros fatos, haja vista a inflação nacional ou a escalada das privatizações.

(E) Ao bom cronista ocorre associar um episódio como o da jubarte com a natureza de outros, bem distintos, sejam os da economia inflacionada, sejam o crescente prestígio das privatizações.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Cuidado com o *peguinha* de crase: singular + plural = sem crase (aludir a circunstâncias)

Alternativa "b" – Jubarte é substantivo feminino (significa baleia): uma jubarte **encalhada**; o verbo *obstar* é transitivo direto: não obsta tratar de assuntos.

Alternativa "c" – Período incoerente por faltar preposição na comparação. Colocando vírgula após o

vocábulo *curioso* melhora, mas, mesmo assim, continua sem coerência.

Alternativa "d" – jubarte **encalhada**; *impedir* é transitivo direto: não impediu que o cronista.

Alternativa "e" – **seja** os da economia inflacionada, **seja** o crescente prestígio das privatizações.

---

177. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE – SP/2012) Atente para a redação do seguinte comunicado: *"Viemos por esse intermédio convocar-lhe para a assembleia geral da próxima sexta-feira, aonde se decidirá os rumos do nosso movimento reinvindicatório".* As falhas do texto encontram-se plenamente sanadas em:

(A) Vimos, por este intermédio, convocá-lo para a assembleia geral da próxima sexta-feira, quando se decidirão os rumos do nosso movimento reivindicatório.

(B) Viemos por este intermédio convocar-lhe para a assembleia geral da próxima sexta-feira, onde se decidirá os rumos do nosso movimento reinvindicatório.

(C) Vimos, por este intermédio, convocar-lhe para a assembleia geral da próxima sexta-feira, em cuja se decidirão os rumos do nosso movimento reivindicatório.

(D) Vimos por esse intermédio convocá-lo para a assembleia geral da próxima sexta-feira, em que se decidirá os rumos do nosso movimento reivindicatório.

(E) Viemos, por este intermédio, convocá-lo para a assembleia geral da próxima sexta-feira, em que se decidirão os rumos do nosso movimento reinvindicatório.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Observação importante: o verbo que inicia os períodos é **vir** e como é muito usado no pretérito, pode gerar dúvida: venho, vens, vem, **nós vimos**, vindes, vêm. A forma *viemos* está no pretérito perfeito do indicativo e a ideia de ação atual, ou seja, presente do indicativo. Eliminadas alternativas *b* e *e*.

- Quem convoca, convoca alguém = verbo transitivo direto admite apenas as formas **o(s), a(s)** = convocá-lo. Eliminada alternativa *c*.
- Quem decide, decide algo = verbo transitivo direto + se (pronome apassivador) = voz passiva analítica. Os rumos serão decididos = quando (ou em que) se decidirão os rumos. Eliminada alternativa *d*.

Considere os trechos abaixo para responder a questão.

(...)

Ocorre que a aplicação do cálculo econômico às decisões sobre o uso do tempo é neutra em relação aos fins, mas exigente no tocante aos meios. Ela cobra uma atenção alerta e um exercício constante de avaliação racional do valor do tempo gasto. O problema é que isso tende a minar uma certa disposição à entrega e ao abandono, os quais são essenciais nas atividades que envolvem de um modo mais pleno as faculdades humanas.

(...)

Estamos perdendo aquela ***vacuidade benéfica*** *que traz a mente de volta à sua verdadeira liberdade.*

(...)

Na amizade e no amor; no trabalho criativo e na busca do saber; no esporte e na ***fruição do belo*** *– as horas mais felizes de nossas vidas são precisamente aquelas em que perdemos a noção da hora.*

---

178. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /CE/2012) Leia atentamente as afirmações abaixo.

I. *O problema é que* isso *tende a minar...* (linha 3)

O pronome grifado se refere a *decisões sobre o uso do tempo.*

II. *... os quais são essenciais nas atividades que envolvem de um modo mais pleno as faculdades humanas.* (linhas 3 e 4)

O segmento grifado na frase acima se refere aos termos *a entrega* e *o abandono.*

III. Os segmentos *vacuidade benéfica* (2º parágrafo) e *fruição do belo* (3º parágrafo) estão corretamente traduzidos, respectivamente, por **esmorecimento revigorante** e **deleite venturoso.**

Está correto o que se afirma APENAS em

(A) II.

(B) I e III.

(C) I.

(D) II e III.

(E) I e II.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

I. Errado. O pronome demonstrativo isso retoma a ideia citada no período anterior, ocorrendo anáfora. Eliminam-se alternativas *b*, *c* e *e*;

II. Correto. Trata-se de uma oração subordinada adjetiva: há pronome relativo e a oração está separada por pontuação;

III. Errado. Vacuidade: 1. Estado ou modo de ser do que se apresenta vazio; estado de vácuo; INANIDADE; 2. Privação, ausência, falta. / Esmorecimento: Qualidade, condição, estado de quem desanima; perda de força, de entusiasmo; ABATIMENTO; DESALENTO; DESÂNIMO.

Fruição: Ação ou resultado de fruir, de gozar; GOZO / Deleite: Sensação ou sentimento de intenso prazer, de grande satisfação. Esses vocábulos são sinônimos. O erro está na não tradução exata de vacuidade e esmorecimento.

---

179. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /CE/2012) O livre comentário, sobre o filme *Match Point*, que foi redigido com clareza, correção e lógica está em:

(A) Com o grande sucesso de crítica e público alcançados quando foi exibido em Cannes, *Match Point*, a despeito de outros projetos realizados pelo cineasta, à medida em que obteve considerável retorno financeiro, configura-se, assim, como um dos filmes mais sombrios feito por Woody Allen.

(B) *Match Point*, um dos filmes mais sombrios de Woody Allen, cujo grande sucesso de crítica e público foram alcançados quando exibido em Cannes, a despeito de outros projetos realizados pelo cineasta, obteve considerável retorno financeiro.

(C) Um dos filmes mais sombrios de Woody Allen, *Match Point*, cujo o grande sucesso de crítica e público seriam alcançados em sua exibição em Cannes, difere de outros projetos realizados pelo cineasta, conquanto obteve considerável retorno financeiro.

(D) *Match Point*, um dos filmes mais sombrios de Woody Allen, alcançou grande sucesso de crítica e público quando foi exibido em Cannes e, ao contrário de outros projetos realizados pelo cineasta, obteve considerável retorno financeiro.

(E) A despeito de ser um dos filmes mais sombrios feitos por Woody Allen, quando foi exibido em Cannes *Match Point*, diferentemente de outros projetos realizados pelo cineasta, que obteve considerável retorno financeiro, alcança grande sucesso de crítica e público.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

Para ganhar tempo em questões assim, leia os itens e tente entendê-los. Caso não faça sentido, significa que não há clareza e lógica. Trabalhe por eliminação.

Há sentido? Agora sim, confira a gramática – concordância, crase, pontuação e verbo.

Alternativa "a" – além de não haver clareza, há erro de concordância: alcançado.

Alternativa "b" – erro de concordância: grande sucesso foi alcançado.

Alternativa "c" – cujo o! O artigo nunca acompanhará os pronomes relativos cujo(a) e quem.

Alternativa "e" – não há clareza, período confuso.

---

180. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /PR/2012) A frase construída em conformidade com o padrão culto escrito é:

(A) Qualquer que sejam os motivos alegados pela comissão para justificar o atraso, lhe devem ser repassadas as anotações acerca dos itens em que houve perda do prazo de entrega anteriormente acordado.

(B) Demos a eles a notícia que mais almejam e passeamos nosso olhar sobre seus semblantes: o que veremos surpreenderá, pois será muito mais do que alguém possa supor.

(C) O empreiteiro jura que reconstróe a laje danificada em poucos dias, mas existe, na avaliação do engenheiro e do arquiteto, sérias dúvidas quanto à possibilidade de isso ser possível.

(D) Pelo que tudo indica, os responsáveis pela empresa hão de questionar a advertência que lhes foi feita pelo setor de cobranças, que, durante dias, os procurou para tratar do assunto em pendência.

(E) Registram-se em livros de história que aqueles artesãos eram bastante hábeis com as ferramentas que eles mesmo produziam, o que lhes garantiu a fama de burilar com criatividade qualquer tipo de material.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – A primeira vírgula indica inversão; a vírgula antes do pronome relativo *que* separa oração subordinada adjetiva explicativa; as duas últimas vírgulas intercalam o adjunto adverbial de tempo.

Alternativa "a" – Quaisquer que sejam os motivos;

Alternativa "b" – Demos a eles a notícia que mais almejavam e passeamos nosso olhar sobre seus semblantes;

Alternativa "c" – Reconstrói e existem sérias dúvidas;

Alternativa "e" – Registra-se que aqueles artesãos eram bastante hábeis. O sujeito é oracional (possui verbo), sendo assim, o verbo da oração principal deve ficar no singular.

181. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /PR/2012)

A frase que respeita o padrão culto escrito é:

(A) Tudo que fizeram afim de angariar a simpatia do diretor pela proposta não deu bons frutos, por isso não lhes restaram, conforme estavam todos de acordo, outra ideia a não ser agregar valor ao projeto inicial.

(B) Os jornalistas não creem que existam documentos espúrios em meio àqueles já examinados, e isso por que já haviam feito cuidadosa checagem, todavia, a transparência impondo, voltarão a tarefa de imediato.

(C) A questão ficou cada vez mais descaracterizada quando, logo depois da visita o antropólogo defendeu que aquelas dificuldades não se restringiam para as nações indígenas daquela região, sendo mais universal.

(D) A manutenção e apoio ao grupo de escoteiros dependem dele aceitar a contrapartida dos empresários, que não é, aliás, nada abuso, visto que eles executam as tarefas solicitadas cotidianamente, sem desgaste exaustivo.

(E) Não obstante a grande aprovação recebida pelos candidatos da legenda, não se ignora que, se não revirem suas plataformas, cujas bases têm fragilidades que só há pouco os analistas expuseram, sairão lesados em futuro bem próximo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

Alternativa "a" – A fim de angariar equivale a para angariar / restou concorda com outra ideia, o verbo deve ficar no singular / ideia (reforma ortográfica: os ditongos abertos na paroxítona perderam o acento);

Alternativa "b" – ... *e isso porque já haviam feito checagem* – é uma explicação, o vocábulo PORQUE deve ser junto e sem acento. Abaixo, as regras simplificadas dos porquês. O segundo erro é a falta do acento indicativo de crase antes de TAREFA: voltarão à tarefa, fazendo a substituição do substantivo feminino por um substantivo masculino qualquer, resultará na combinação AO (preposição + artigo). Voltarão AO exercício.

Alternativa "c" – Faltou vírgula após o vocábulo visita. Há uma intercalação.

Alternativa "d" – Dependem de ele aceitar. *Ele* é o sujeito do verbo aceitar e não pode ocorrer contração de preposição no sujeito.

O texto refere-se à questão seguinte.

A natureza humana do monstro

Um antigo provérbio latino adverte: "Cuidado com o homem de um só livro". Hollywood, no entanto, conhece apenas um tema quando realiza filmes de monstros, desde o arque – típico Frankenstein, de 1931, ao recente mega-sucesso Parque dos dinossauros. A tecnologia humana não deve ir além de uma ordem decretada deliberadamente por Deus ou estabelecida pelas leis da natureza. Não importa quão benignos sejam os propósitos do transgressor, tamanha arrogância cósmica não pode senão levar a tomates assassinos, enormes coelhos com dentes afiados, formigas gigantes nos esgotos de Los Angeles ou mesmo fenomenais bolhas assassinas que vão engolindo cidades inteiras ao crescerem. Esses filmes, no entanto, originaram-se de livros muito mais sutis e, nessa transmutação, distorceram suas fontes de modo a impedir até o mais vago reconhecimento temático.

A tendência começou em 1931, com Frankenstein, o primeiro grande filme "falado" de monstro a sair de Hollywood, que determinou a sua temática através da estratégia mais "despojada" que se poderia conceber. O filme começa com um prólogo (antes mesmo da apresentação dos títulos), durante o qual um homem bem vestido, em pé sobre o palco e com uma cortina atrás de si, adverte os espectadores dos sustos que talvez levem. Em seguida, anuncia a temática mais profunda do filme: a história de "um homem de ciência que buscou criar um homem à sua própria semelhança, sem considerar os desígnios de Deus".

O Frankenstein original de Shelley é um livro rico, com inúmeros temas, mas encontro nele pouco que confirme a leitura hollywoodiana. O texto não é nem uma diatribe acerca dos perigos da tecnologia, nem uma advertência sobre uma ambição desmesurada contra a ordem natural. Não encontramos nenhuma passagem que trate da desobediência a Deus – um assunto inverossímil para Mary Shelley e seus amigos livres-pensadores. Victor Frankenstein é culpado de uma grande deficiência moral, mas o seu crime não consiste em transgredir uma ordem natural ou divina por meio da tecnologia.

O seu monstro era um bom homem, num corpo assustadoramente medonho. Victor fracassou porque cedeu a uma predisposição da natureza humana – o asco visceral pela aparência do monstro – e não cumpriu o dever de qualquer criador ou pai ou mãe: instruir a sua progênie e educar os outros para aceitá – la. (Adaptado de Stephen Jay Gould. Dinossauro no palheiro. S. Paulo, Cia. das Letras, 1997, p.79-89)

182. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) O segmento cujo sentido está adequadamente expresso em outras palavras é:

(A) asco visceral pela aparência = profunda aversão pelo aspecto

(B) desde o arquetípico [...] ao recente mega-sucesso = do antiquado [...] à estrondosa inovação desmedida

(C) nem uma diatribe acerca dos perigos = sequer um colóquio em torno das obliterações

(D) um assunto inverossímil = uma pauta imperfectível

(E) seus amigos livres-pensadores = seus companheiros de pensamento volúvel

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Visceral: *que está profundamente arraigado, enraizado, entranhado*, ou seja, profundo. Aparência: aspecto.

Alternativa "b" – arquétipo: modelo, padrão de algo, não se relaciona com *antiquado*. Além de *mega-sucesso* também não possuir relação com *estrondosa inovação desmedida*.

Alternativa "c" – Diatribe: *crítica amarga e áspera;* colóquio: *conversa ou debate que aborda uma determinada questão (religiosa, cultural etc.) para elucidar dúvidas, conciliar divergências*. Obliteração: *destruição, eliminação*.

Alternativa "d" – Inverossímil: *que não parece ser verdadeiro ou em que não se pode acreditar;* imperfectível: *impossível de aperfeiçoar*.

Alternativa "e" – Volúvel significa instável, inconstante e não possui relação semântica com livres-pensadores.

---

183. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 2ª região/ 2012 – FCC)... tamanha arrogância cósmica não pode senão levar a tomates assassinos, enormes coelhos com dentes afiados ...

A frase acima pode ser reescrita, mantendo-se a correção e a lógica, com a substituição do segmento grifado por:

(A) pode levar tão somente a.

(B) não pode levar a nada se não a.

(C) não pode levar à exceção de.

(D) pode levar a tudo menos a.

(E) pode não levar apenas a salvo de.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Sentido de senão: advérbio – somente, apenas.

Alternativa "b" –A nada: fica incoerente.

Alternativa "c" –Incoerente.

Alternativa "d" –Alterou o sentido.

Alternativa "e" –Incoerente.

O texto refere-se à questão seguinte.

Divagação sobre as ilhas

Minha ilha (e só de a imaginar já me considero seu habitante) ficará no justo ponto de latitude e longitude que, pondo-me a coberto de ventos, sereias e pestes, nem me afaste demasiado dos homens nem me obrigue a praticá-los diuturnamente. Porque esta é a ciência e, direi, a arte do bom viver: uma fuga relativa, e uma não muito estouvada confraternização.

E por que nos seduz a ilha? As composições de sombra e luz, o esmalte da relva, a cristalinidade dos regatos – tudo isso existe fora das ilhas, não é privilégio delas. A mesma solidão existe, com diferentes pressões, nos mais diversos locais, inclusive os de população densa, em terra firme e longa. Resta ainda o argumento da felicidade – "aqui eu não sou feliz", declara o poeta, para enaltecer, pelo contraste, a sua Pasárgada, mas será que se procura realmente nas ilhas a ocasião de ser feliz, ou um modo de sê-lo? E só se alcançaria tal mercê, de índole extremamente subjetiva, no regaço de uma ilha, e não igualmente em terra comum?

Quando penso em comprar uma ilha, nenhuma dessas excelências me seduz mais do que as outras, nem todas juntas constituem a razão do meu desejo. A ideia de fuga tem sido alvo de crítica severa e indiscriminada nos últimos anos, como se fosse ignominioso, por exemplo, fugir de um perigo, de um sofrimento, de uma caceteação. Como se devesse o homem consumir-se numa fogueira perene, sem carinho para com as partes cândidas ou pueris dele mesmo. Chega-se a um ponto em que convém fugir menos da malignidade dos homens do que da sua bondade incandescente. Por bondade abstrata nos tornamos atrozes. E o pensamento de salvar o mundo é dos que acarretam as mais copiosas e inúteis carnificinas.

A ilha é, afinal de contas, o refúgio último da liberdade, que em toda parte se busca destruir. Amemos a ilha. (Adaptado de Carlos Drummond de Andrade, Passeios na ilha)

---

184. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) Considerando-se o contexto, traduz-se adequadamente o sentido de um segmento em:

(A) pondo-me a coberto de (1º parágrafo) = recobrindo-me com

(B) estouvada confraternização (1º parágrafo) = insensível comunhão

(C) se alcançaria tal mercê (2º parágrafo) = se granjearia essa graça

(D) crítica severa e indiscriminada (3º parágrafo) = análise séria e circunstanciada

(E) acarretam as mais copiosas e inúteis carnificinas (3º parágrafo) = induzem as exemplares mortalidades

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Granjear; conquistar, obter, alcançar; mercê: favor ou benefício que se concede, graça.

Alternativa "a" – *Recobrindo* altera o sentido.

Alternativa "b" – *Estouvado* não possui relação com *insensível*, pois estouvado significa *que é estabanado, que age sem cuidado, sem refletir, com precipitação; imprudente.*

Alternativa "d" – Informações distintas.

Alternativa "e" – *Acarretar* e *induzir* não pertencem ao mesmo campo semântico.

---

185. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o autor dessa crônica:

(A) O poeta Drummond escreveu num poema o verso "Ilhas perdem o homem", o que significa estar contraditório com o que especula diante das ilhas neste seu outro texto.

(B) "Ilhas perdem o homem" – asseverou Drummond num poema seu, manifestando sentimento bem diverso do que expõe nessa crônica de Passeios na ilha.

(C) Ao contrário do que defende na crônica, há um poema de Drummond cujo o verso "Ilhas perdem o homem" redunda num paradoxo diante da mesma.

(D) Paradoxal, o poeta Drummond é autor de um verso ("Ilhas perdem o homem") de flagrante contraste ao que persigna numa crônica de Passeios na ilha.

(E) Se nessa crônica Drummond enaltece o ilhamento, num poema o verso "Ilhas perdem o homem" se compraz ao agrupamento, não à solidão humana.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Muito se discutiu sobre o uso do pronome **essa** (nessa: preposição em + pronome demonstrativo **essa**). Note que está se referindo a algo já mencionado, já citado e por isso é usado o pronome anafórico – retoma ideia. Corretíssima a alternativa.

Alternativa "a" – Incorreta porque faltou vírgula. Da forma como foi transcrito o trecho, a vírgula separa verbo do complemento e isso não pode ocorrer. Sugestão: O poeta Drummond escreveu, **num poema o verso "Ilhas perdem o homem"**, o que significa estar contraditório com o que especula diante das ilhas **nesse** seu outro texto.

Alternativa "c" – Cujo o não existe. O pronome relativo cujo não admite artigo: cujo verso "Ilhas perdem o homem" redunda num paradoxo diante da mesma.

Alternativa "d" – ... flagrante contraste **que** persigna numa crônica de Passeios na ilha. O verbo *persignar* é intransitivo.

Alternativa "e" – ... se compraz **com o** agrupamento, não **com a** solidão humana. Comprazer-se, no contexto, pede as preposições **com, de** ou **em**.

Texto para a próxima questão.

Paraty

É do esquecimento que vem o tempo lento de Paraty.

A vida vagarosa – quase sempre caminhando pela água –, o saber antigo, os barcos feitos ainda hoje pelas mãos de antepassados, os caminhos de pedra que repelem e desequilibram a pressa: tudo isso vem do esquecimento. Vem do dia em que Paraty foi deixada quieta no século XIX, sem razão de existir.

Até ali, a cidade fervia de agitação. Estava na rota do café, e escoava o ouro no lombo do burro e nas costas do escravo. Um caminho de pedra cortava a floresta para conectar Paraty à sua época e ao centro do mundo.

Mas, em 1855, a cidade inteira se aposentou. Com a estrada de ferro criada por D. Pedro II, Paraty foi lançada para fora das rotas econômicas. Ficou sossegada em seu canto, ao sabor de sua gente e das marés. E pelos próximos 119 anos, Paraty iria formar lentamente, sem se dar conta, seu maior patrimônio.

Até que chegasse outro ciclo econômico, ávido por lugares onde todos os outros não houvessem tocado: o turismo. E assim, em 1974, o asfalto da BR-101 fez as pedras e a cal de Paraty virarem ouro novamente. A cidade volta a conviver com o presente, com outro Brasil, com outros países. É então que a preservação de Paraty, seu principal patrimônio e meio de vida, escapa à mão do destino. Não podemos contar com a sorte, como no passado. Agora, manter o que dá vida a Paraty é razão de muito trabalho. Daqui para frente, preservar é suor.

Para isso existe a Associação Casa Azul, uma organização da sociedade civil de interesse público. Aqui, criamos projetos e atividades que mantenham o tecido urbano e social de Paraty em harmonia. Nesta casa, o tempo pulsa com cuidado, sem apagar as pegadas. (Texto institucional – Revista Piauí, n. 58, julho 2011)

186. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) A informação objetiva contida numa expressão ou frase de efeito literário está adequadamente reconhecida em:

(A) os barcos feitos ainda hoje pelas mãos de antepassados (2º parágrafo) = os barcos que lá se encontram foram herdados dos antecessores.

(B) escoava o ouro no lombo do burro e nas costas do escravo (3º parágrafo) = dava embarque ao ouro trazido por muares e cativos.

(C) em 1855, a cidade inteira se aposentou = ano em que se decretou a inatividade de todos os seus funcionários.

(D) Ficou sossegada em seu canto, ao sabor de sua gente e das marés (4º parágrafo) = acomodou-se ao ritmo das canções de seu povo e aos sons da natureza.

(E) o asfalto da BR-101 fez as pedras e a cal de Paraty virarem ouro novamente (5º parágrafo) = a valorização imobiliária reviveu a pujança dos antigos ciclos econômicos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Escoava o ouro = dava embarque ao ouro; no lombo do burro e nas costas do escravo = trazido por muares e cativos.

Alternativa "a" – Nada indica que foram herdados.

Alternativa "c" – Falta informação.

Alternativa "d" – Seu canto não significa necessariamente o ritmo das canções.

Alternativa "e" – Informações que não pertencem ao mesmo campo semântico.

187. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) Articulam-se como uma causa e seu efeito, respectivamente, os seguintes elementos:

(A) É do esquecimento que vem o tempo lento / Estava na rota do café

(B) a cidade fervia de agitação / foi lançada para fora das rotas econômicas

(C) estrada de ferro criada por D. Pedro / Um caminho de pedra cortava a floresta

(D) A cidade volta a conviver com o presente / o asfalto da BR-101

(E) Nesta casa, o tempo pulsa com cuidado / sem apagar as pegadas

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão e período composto.

Na alternativa *e*, a dica é encaixar a expressão **de modo que**: o tempo pulsa com cuidado *de modo que* não apaga as pegadas.

Alternativa "a" – Não há relação entre as orações.

Alternativa "b" – Cuidado: há efeito e causa e não causa e efeito.

Alternativa "c" – Sem relação de causa entre as orações.

Alternativa "d" – Não há relação entre as orações.

188. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/ 2012 – FCC) É preciso reconstruir, devido à má estruturação, a seguinte frase:

(A) A posição de Paraty possibilitou-lhe a proeminência econômica de que gozou durante os ciclos econômicos do ouro e do café, pelo menos até o ano de 1855.

(B) A passagem do tempo, que pode ser ingrata em muitas situações, acabou conferindo a Paraty os encantos históricos de uma cidade que se preservou durante seu longo esquecimento.

(C) A Associação Casa Azul, nesse texto promocional, apresenta-se como instituição cuja finalidade precípua é a preservação da cidade histórica de Paraty.

(D) Caso não haja controle de iniciativa oficial ou particular, a cidade de Paraty desfruta da condição de ser um polo turístico, o que também constitui um risco de degradação.

(E) A referência a caminhos de pedra que impedem a pressa não é só uma imagem poética relativa ao tempo: reporta-se ao calçamento físico das ásperas ruas de Paraty.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão e verbo.

Erros na alternativa *d:* Caso não haja controle de iniciativa oficial ou particular, a cidade de Paraty **desfrutará** da condição de ser um polo turístico, o que também **constituirá** um risco de degradação.

Alternativa "a" – Certa: possibilitou algo a alguém (lhe).

Alternativa "b" – Certa: note que não pode haver acento indicativo de crase antes de Paraty. Voltei de Paraty.

Alternativa "c" – Correta: as vírgulas indicam intercalação.

Alternativa "e" – Correta: não se usa crase antes de palavra masculina.

---

189. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/2012 – FCC) *Aqui, nesta casa, criamos projetos e atividades que mantenham o tecido urbano e social de Paraty em harmonia.* A frase acima foi reelaborada, sem prejuízo para a correção e a coerência, nesta nova redação:

(A) É para manter em harmonia o tecido urbano e social de Paraty que se criam projetos e atividades nesta casa.

(B) A fim de que se mantenham o tecido urbano e social de Paraty em harmonia que criamos nesta casa projetos e atividades.

(C) São projetos e atividades que criamos nesta casa com vistas a harmonia aonde se mantenha o tecido urbano e social de Paraty.

(D) Nesta casa, cria-se projetos e atividades visando à manter-se o tecido urbano e social de Paraty de modo harmonioso.

(E) Os projetos e atividades criados nesta casa é para se manter em harmonia tanto o tecido urbano quanto o social de Paraty.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Correta a transcrição, pois apenas houve inversão do período.

Alternativa "b" – Período incoerente, sem clareza.

Alternativa "c" – ... **à** harmonia; aonde: retomaria lugar e não é o caso. Substituamos por finalidade: para que, a fim de que.

Alternativa "d" – **Criam**-se projetos; **visando manter**.

Alternativa "e" – Os projetos e atividades criados nesta casa **são** para manter.

Texto referente à questão seguinte.

As comunicações e o colapso da ética

O que leva um jovem profissional a considerar "normal" que uma empresa de comunicação se alie a um governo ou aos interesses de um poderoso grupo de anunciantes e que seu jornalismo deliberadamente omita, distorça e manipule informações? Por que as constatações de que "todos fazem do mesmo jeito", "se não fizer assim não sobrevive", "esse é o jogo jogado" etc. se tornam suficientes para que profissionais se ajustem inteiramente ao "sistema"? Essas, obviamente, não são questões novas e, certamente, não se restringem ao campo profissional das Comunicações – uma forte razão, aliás, pela qual não podem ser ignoradas.

Em seu livro Jornalismo na era virtual: ensaios sobre o colapso da razão ética, Bernardo Kucinski chama a atenção para o fato de que jovens jornalistas rejeitam a possibilidade de uma ética porque "o desemprego estrutural fez da competição com o próprio companheiro uma necessidade de sobrevivência, e nesse ambiente as éticas socialmente constituídas cederam espaço a uma ética de cada indivíduo. Cada um tem o dever de pensar antes de tudo em si mesmo, em seu projeto de vida. Uma ética em que o dever é definido como negação do social, como celebração da individuação ética".

As ponderações de Kucinski nos ajudam a compreender o que está acontecendo com os jovens profissionais em disputa no mercado, e vão muito além do próprio campo das Comunicações. Falam dos valores e das práticas que dominam o nosso tempo de pensamento único e capitalismo globalizado. Que diferença entre essas práticas e a recomendação do velho jornalista norte-americano Joseph Pulitzer, que no tão remoto ano de 1904 alertava: "É a ideia de trabalhar para a comunidade, não para o comércio ou para si próprio que deve nortear as preocupações de todo jornalista".

Atravessamos no Brasil um período de profundas transformações que implicará importantes mudanças estruturais regulatórias da natureza e das atividades do sistema de comunicações. Dessas transformações vai surgir um novo perfil (já em construção, aliás) de profissionais e uma nova correlação de forças entre os envolvidos no setor. Cuidemos todos para que não se consagre de vez o prestígio cínico de um vazio ético. (Adaptado de Venício A. de Lima, Observatório da imprensa)

---

190. (Analista Judiciário – Área Judiciária TRE/PE 2011 – FCC) Considerando-se o contexto, traduz-se adequadamente o sentido de um segmento em:

(A) deliberadamente omita (1º parágrafo) = explicitamente restrinja

(B) distorça e manipule informações (1º parágrafo) = venha a destorcer e a manusear informes

(C) éticas socialmente constituídas (2º parágrafo) = valores institucionalmente associados

(D) celebração da individuação ética (2º parágrafo) = consagração da singularidade civil

(E) prestígio cínico de um vazio ético (4º parágrafo) = valorização impudente da ausência de ética

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Prestígio cínico = valorização impudente (insolente, atrevido); vazio ético = ausência de ética.

Alternativa "a" – omitir = deixar de dizer, mencionar ou manifestar um sentimento, uma vontade, uma opinião; restringir: limitar, reduzir.

Alternativa "b" – distorcer: alterar a forma ou a posição normal de (algo); destorcer: endireitar(-se).

Alternativa "c" – Constituída: formada, organizada. Sem relação semântica com associado.

Alternativa "d" – Consagração: tornar sagrado. Não há relação com celebração.

---

191. (Analista Judiciário – Área Judiciária TRE/PE 2011 – FCC) Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o texto:

(A) Há quem suponha que o desemprego estrutural do nosso tempo propicie uma razão, ainda que justificável, para o fato de a competição abolir a ética e seus valores congêneres.

(B) A disputa de mercado no campo das comunicações atuais trazem consigo uma irrelevância para com os valores éticos – razão de uma grande preocupação social.

(C) A preocupação com os leitores, que deveria nortear a ação dos jornalistas, deu lugar a um inaceitável individualismo, de cínico prestígio entre os jovens profissionais.

(D) Todas as perguntas elaboradas no início do texto dizem respeito a questões onde as respostas são difíceis, embora previsíveis, por conta do fatalismo e da acomodação ética.

(E) Não há nem termo de comparação entre as preocupações do velho jornalista norte-americano citado com os profissionais da imprensa atual, cuja ética não os parece demover.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Atentemos à intercalação feita com vírgulas: **A preocupação com os leitores**, que deveria nortear a ação dos jornalistas, **deu lugar a um inaceitável individualismo**, de cínico prestígio entre os jovens profissionais.

Alternativa "a" – Injustificável e não justificável.

Alternativa "b" – A disputa **traz**.

Alternativa "d" – Onde? *Questões* não indica lugar, portanto: Todas as perguntas elaboradas no início do texto dizem respeito a questões **cujas** respostas são difíceis, embora previsíveis, por conta do fatalismo e da acomodação ética. O que são difíceis? As respostas das questões. Função de sujeito = sem preposição.

▶ **Dica – Cujo** concorda com o termo posterior e indica posse do anterior.

Alternativa "e" – Erro na comparação: entre as preocupações do velho jornalista norte-americano citado **e a dos** profissionais da imprensa atual.

O trecho a seguir refere-se à próxima questão.

Nas ilhas Mascarenhas – Maurício, Reunião e Rodriguez – , localizadas a leste de Madagáscar, no oceano Índico, muitas espécies de pássaros desapareceram como resultado direto ou indireto da atividade humana. Mas aquela que é o protótipo e a tataravó de todas as extinções também ocorreu nessa localidade, com a morte de todas as espécies de uma família singular de pombos que não voavam – o solitário da ilha Rodriguez, visto pela última vez na década de 1790; o solitário da ilha Reunião, desaparecido por volta de 1746; e o célebre dodô da ilha Maurício, encontrado pela última vez no início da década de 1680 e quase certamente extinto antes de 1690.

Os volumosos dodôs pesavam mais de vinte quilos. Uma plumagem cinza-azulada cobria seu corpo quadrado e de pernas curtas, em cujo topo se alojava uma cabeça avantajada, sem penas, com um bico grande de ponta bem recurvada. As asas eram pequenas e, ao que tudo indica, inúteis (pelo menos no que diz respeito a qualquer forma de voo). Os dodôs punham apenas um ovo de cada vez, em ninhos construídos no chão. (...)

Que presa poderia revelar-se mais fácil do que um pesado pombo gigante incapaz de voar? Ainda assim, provavelmente não foi a captura para o consumo pelo homem o que selou o destino do dodô, pois sua extinção ocorreu sobretudo pelos efeitos indiretos da perturbação humana. Os primeiros navegadores trouxeram porcos e macacos para as ilhas Mascarenhas, e ambos se multiplicaram de maneira prodigiosa. Ao que tudo indica, as duas espécies se regalaram com os ovos do dodô, alcançados com facilidade nos ninhos desprotegidos no chão – e muitos naturalistas atribuem um número maior de mortes à chegada desses animais do que à ação humana direta. De todo modo, passados os primeiros anos da década de 1680, ninguém jamais voltou a ver um dodô vivo na ilha Maurício. Em 1693, o explorador francês Leguat, que passou vários meses no local, empenhou-se na procura dos dodôs e não encontrou nenhum. (Extraído de Stephen Jay Gould. "O Dodô na corrida de comitê", A montanha de moluscos de Leonardo da Vinci. São Paulo, Cia. das Letras, 2003, pp. 286-8)

---

192. (Analista Judiciário – Área Judiciária TRE/RN 2011 – FCC) *"As asas eram pequenas e, ao que*

tudo indica, inúteis..." (2º parágrafo). *"Ao que tudo indica, as duas espécies se regalaram com os ovos do dodô, alcançados com facilidade nos ninhos desprotegidos no chão..."* (último parágrafo). A expressão grifada nas frases acima transcritas deixa transparecer, em relação às afirmações feitas,

(A) a sua comprovação científica irrefutável.

(B) a certeza absoluta que o autor quer partilhar com o leitor.

(C) o receio do autor ao formular um paradoxo.

(D) a sua pequena probabilidade.

(E) o seu caráter de hipótese bastante provável.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Hipótese provável porque ao afirmar que as asas eram pequenas, deduzimos que podem ser inúteis. Não se pode ter certeza da inutilidade. O mesmo ocorre no segundo trecho: as duas espécies se regalaram com os ovos.

Alternativa "a" – Não há comprovação científica.

Alternativa "b" – Não há certeza. Cuidado: certeza absoluta é pleonasmo.

Alternativa "c" – Não houve receio.

Alternativa "d" – Não há pequena probabilidade.

---

193. (Analista Judiciário – Área Judiciária TRE/RN 2011 – FCC) O segmento cujo sentido está corretamente expresso em outras palavras é:

(A) *se multiplicaram de maneira prodigiosa* = cresceram ilusoriamente.

(B) *as duas espécies se regalaram* = os dois gêneros se empanturraram.

(C) *uma família singular* = um conjunto variegado.

(D) *que selou o destino* = que indigitou a fatalidade.

(E) *empenhou-se na procura* = dedicou-se com afinco à busca.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Empenhar: dedicar-se com afinco; procura: busca.

Alternativa "a" – Multiplicar e crescer não possuem relação semântica; prodigiosa = que parece sobrenatural.

Alternativa "b" – Regalar: oferecer regalo, prazer a alguém ou a si mesmo; empanturrar: empanzinar-se.

Alternativa "c" – Família e conjunto não são sinônimos; variegado: diverso, diferente.

Alternativa "d" – Destino e fatalidade não possuem ao mesmo campo semântico.

O texto a seguir refere-se à próxima questão.

Lavadeiras de Moçoró

As lavadeiras de Moçoró, cada uma tem sua pedra no rio; cada pedra é herança de família, passando de mãe a filha, de filha a neta, como vão passando as águas no tempo. As pedras têm um polimento que revela a ação de muitos dias e muitas lavadeiras. Servem de espelho a suas donas. E suas formas diferentes também correspondem de certo modo à figura física de quem as usa. Umas são arredondadas e cheias, aquelas magras e angulosas, e todas têm ar próprio, que não se presta a confusão.

A lavadeira e a pedra formam um ente especial, que se divide e se unifica ao sabor do trabalho. Se a mulher entoa uma canção, percebe-se que a pedra a acompanha em surdina. Outras vezes, parece que o canto murmurante vem da pedra, e a lavadeira lhe dá volume e desenvolvimento.

Na pobreza natural das lavadeiras, as pedras são uma fortuna, joias que elas não precisam levar para casa. Ninguém as rouba, nem elas, de tão fiéis, se deixariam seduzir por estranhos.

Obs.: manteve-se a grafia original, constante da obra citada.

(Carlos Drummond de Andrade. Contos plausíveis, in Prosa Seleta. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003, p.128)

---

194. (Analista Judiciário – Área Judiciária TRE/RN 2011 – FCC) *Umas <u>são arredondadas e cheias</u>, aquelas <u>magras e angulosas</u>, e todas têm ar próprio, que não se presta a confusão.* (1º parágrafo). A relação semântica existente entre as expressões grifadas na afirmativa acima é percebida também entre os dois elementos grifados em:

(A) *que revela a ação de <u>muitos dias</u> e <u>muitas lavadeiras</u>.*

(B) *um ente especial, que <u>se divide</u> e <u>se unifica</u> ao sabor do trabalho.*

(C) *a pedra a acompanha <u>em surdina</u>... parece que <u>o canto murmurante</u> vem da pedra.*

(D) *e a lavadeira lhe dá <u>volume</u> e <u>desenvolvimento</u>.*

(E) *as pedras são <u>uma fortuna</u>, joias que elas não precisam levar para casa.*

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Gabarito alterado da alternativa *a* para *b*.

Motivo: foi pedida a relação de antônimos, de oposição: arredondadas e cheias x magras e angulosas. Resposta: divide e unifica.

Alternativa "a" – Não há contradição.

Alternativa "c" – Não há contradição.

Alternativa "d" – Não há contradição.

Alternativa "e" – Não há contradição.

---

195. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /AP/2011) "*...imagens como as de* Gandhi *ou* Che Guevara, *indo de fotos a pôsteres, no mundo inteiro, anunciavam a planetarização de um sistema que o capitalismo de hiperconsumo hoje vê triunfar".* Outra redação, clara e correta, para o segmento acima é:

(A) ...no mundo inteiro, *Gandhi* ou *Che Guevara* em imagens de fotos ou pôsteres, anunciavam a planetarização do sistema que hoje se vê triunfar segundo o capitalismo de hiperconsumo.

(B) ...tanto *Gandhi* e também *Che Guevara*, com imagens indo de fotos a pôsteres no mundo inteiro anunciavam aquilo que o capitalismo de hiperconsumo chama planetarização de um sistema.

(C) ...indo de fotos a pôsteres, no mundo inteiro, imagens tais como a de *Gandhi* ou *Che Guevara* anunciavam que havia se planetarizado o sistema que o capitalismo de hiperconsumo, hoje, vê triunfar.

(D) ...planetarizou-se o sistema – aquele que o capitalismo de consumo hoje vê o triunfo – o que foi anunciado com as imagens de *Gandhi* e *Che Guevara* indo pelo mundo com fotos a pôsteres.

(E) ...um sistema que o capitalismo de hiperconsumo hoje vê seu triunfo teve anunciado sua planetarização por *Gandhi* ou também *Che Guevara*, com sua ida pelo mundo, por fotos e pôsteres.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Anunciavam a planetarização de um sistema = anunciavam que havia se planetarizado o sistema. Transposição da voz ativa para a passiva analítica.

Alternativa "a" – Informação alterada.

Alternativa "b" – Tanto ... como. E informação errada.

Alternativa "d" – Incoerente.

Alternativa "e" – A informação contida no enunciado é: imagens denunciavam.

---

196. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 1ª REGIÃO/2011)

Dentre as frases abaixo, a única clara e correta é:

(A) Ao promover e colaborar com a compreenção desses problemas associados a aspectos tanto étnico quanto sociais, de cujo enfrentamento tanto se depende, ele fica feliz.

(B) É ele quem responde pela mediação e interlocução de sua comunidade com os agentes públicos, e isso parece ser um alento para voltarem acreditar numa utopia.

(C) Sempre foi excessiva a dor associada às minhas dificuldades, mas, com o amadurecimento intelectual e o trabalho como educador, fez-me ver que isso só me fortaleceu.

(D) Daqui a pouco deve haver nova onda de ataques, como se anunciou, desencadeado pelos grupos mais radicais, que expontaneamente assumiram o iminente litígio.

(E) Os extratos das suas contas-correntes comprovam como são exíguos os recursos de que dispõe, prova inconteste de que dilapidou sua herança, em total menosprezo àqueles que o criaram.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Questão de coesão, coerência e ortografia.

Alternativa "a" – compreensão.

Alternativa "b" – para voltarem a acreditar.

Alternativa "c" – *fez-me ver que isso só me fortaleceu* = vi (ou percebi) que isso me fortaleceu. O trecho está escrito na linguagem coloquial.

Alternativa "d" – espontaneamente.

---

197. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 1ª REGIÃO/2011) Está redigida de modo claro e em conformidade com o padrão culto escrito a seguinte frase:

(A) Idôneo, com extraordinário senso de medida, e sempre atuando com discrição, era o mais cotado para ascender ao cargo a cuja disputa ninguém jamais se furtava.

(B) Quem quizesse afagar o ego do velho casmurro, lhe bastava oferecer dois dedos de prosa e toda a paciência para ouvir-lhe em suas detalhadas lembranças do tempo da guerra.

(C) A estrutura do setor de compras possui aspectos que sem dúvida, faz o funcionário perder-se ao fazer os lançamentos, deixando para a chefia que o façam.

(D) Todos devem ter o direito da integração cultural, o que depende, em última instância, dos que

tomam decisões respeitarem o princípio universal da igualdade de oportunidades.

(E) Surpreende a proposta feita anteontem, na diretoria pela secretária geral, segundo a qual, porque não prouvemos o depósito de material de limpeza, tenhamos de providenciá-lo a nossas próprias expensas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Questão de coesão, coerência e ortografia.

Alternativa "b" – quisesse, bastava-lhe (não se usa pronome oblíquo após da vírgula), toda a paciência para ouvi-lo (ouvir é transitivo direto e não admite lhe).

Alternativa "c" – *A estrutura do setor de compras possui aspectos que, sem dúvida,* (intercalação: faltou uma vírgula antes de *sem dúvida. Deixando para a chefia que o faça.* (o verbo deve concordar com o sujeito singular chefia).

Alternativa "d" – o que depende respeitar os princípios.

Alternativa "e" – Provemos – verbo prover.

O texto a seguir refere-se à próxima questão.

De volta à Antártida

A Rússia planeja lançar cinco novos navios de pesquisa polar como parte de um esforço de US$ 975 milhões para reafirmar a sua presença na Antártida na próxima década. Segundo o blog Science Insider, da revista Science, um documento do governo estabelece uma agenda de prioridades para o continente gelado até 2020. A principal delas é a reconstrução de cinco estações de pesquisa na Antártida, para realizar estudos sobre mudanças climáticas, recursos pesqueiros e navegação por satélite, entre outros. A primeira expedição da extinta União Soviética à Antártida aconteceu em 1955 e, nas três décadas seguintes, a potência comunista construiu sete estações de pesquisa no continente. A Rússia herdou as estações em 1991, após o colapso da União Soviética, mas pouco conseguiu investir em pesquisa polar depois disso. O documento afirma que Moscou deve trabalhar com outras nações para preservar a "paz e a estabilidade" na Antártida, mas salienta que o país tem de se posicionar para tirar vantagem dos recursos naturais caso haja um desmembramento territorial do continente. (Pesquisa Fapesp, dezembro de 2010, no 178, p. 23)

198. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /TO/2011) Há exemplos de palavras ou expressões empregadas no texto para retomar outras já utilizadas sem repeti-las literalmente, como ocorre em:

I. o continente gelado = a Antártida

II. Moscou = a Rússia

III. a revista *Science* = o *blog Science Insider*

IV. a potência comunista = a União Soviética

Atende corretamente ao enunciado da questão o que está em

(A) I e III, apenas.

(B) I e IV, apenas.

(C) II e III, apenas.

(D) I, II e IV, apenas.

(E) I, II, III e IV.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

Assertativa "I" – correta. A Antártida é o continente gelado.

Assertativa "II" – correta. Moscou fica na Rússia.

Assertativa "III" – incorreta. Revista é revista; blog é blog. Nem precisaria voltar ao texto para se certificar de que não há sinonímia entre os termos.

Assertativa "IV" – correta. A União Soviética é a potência comunista.

199. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 1ª região/ 2011 – FCC) Está traduzida corretamente a seguinte expressão:

(A) os antigos moralistas escreviam máximas /os filósofos da Antiguidade compunham poemas didáticos.

(B) alguma coisa que, ajustada às limitações do meu engenho / algo que se ajustasse exclusivamente à minha capacidade criativa.

(C) em que estas anotações vadias foram feitas / nos quais estes breves e casuais escritos foram registrados.

(D) sem que pretenda convencê-lo do que penso / negando que ele aceite meus pensamentos.

(E) São palavras que [...] aspiram a enveredar pelo avesso das coisas / são termos que concretizam o desejo de desnudar só o lado nocivo das coisas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Anotações vadias = estes breves e casuais escritos; foram feitas = foram registrados.

Alternativa "a" – Antigos moralistas não pertence ao mesmo campo semântico que filósofos da antiguidade; máxima: sentença ou doutrina moral.

Alternativa "b" – Limitação do meu engenho e minha capacidade criativa: sem relação de sinonímia.

Alternativa "d" – sem pretender convencer e negar que aceite são informações distintas.

Alternativa "e" – enveredar: encaminhar-se, seguir; concretizar: efetivar, realizar-se.

O texto refere-se à questão posterior.

Assim como os antigos moralistas escreviam máximas, deu-me vontade de escrever o que se poderia chamar de mínimas, ou seja, alguma coisa que, ajustada às limitações do meu engenho, traduzisse um tipo de experiência vivida, que não chega a alcançar a sabedoria mas que, de qualquer modo, é resultado de viver.

Andei reunindo pedacinhos de papel em que estas anotações vadias foram feitas e ofereço-as ao leitor, sem que pretenda convencê-lo do que penso nem convidá-lo a repensar suas ideias. São palavras que, de modo canhestro, aspiram a enveredar pelo avesso das coisas, admitindo-se que elas tenham um avesso, nem sempre perceptível mas às vezes curioso ou surpreendente. (Carlos Drummond de Andrade. O avesso das coisas [aforismos]. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 2007, p. 3)

200. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 1ª região/ 2011 – FCC) Sobre o que se tem no texto, afirma-se com correção:

(A) o emprego de Andei colabora para que se imprima à frase um aspecto durativo, tal como ocorre em "Anda a reclamar de tudo, depois que ele viajou".

(B) a expressão *ou seja* introduz explicação acerca do que seria a vontade de escrever.

(C) o segmento *o que se poderia chamar de mínimas* expressa possibilidade bastante improvável, dado o caráter aleatório do nome proposto.

(D) se a expressão *pedacinhos de papel* fosse substituída por uma única palavra, estaria correto o emprego de "papelzinhos".

(E) reorganizando a frase *ajustada às limitações do meu engenho*, ela estaria correta assim "ajustada à mim, se for levado em conta as limitações do meu engenho".

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Importante atentar-se ao que foi citado no enunciado: *sobre o que se tem no texto*. No texto, o verbo andar está acompanhado pelo gerúndio *reunindo* e a junção desses dois verbos indica aspecto durativo. Cuidado!

Alternativa "b" – Explica o vocábulo *mínimas*.

Alternativa "c" – Nada indica que não haja regras, portanto não podemos afirmar que seja aleatório.

Alternativa "d" – Papeizinhos.

Alternativa "e" – Dois erros: não se usa crase antes de pronome pessoal (reto ou oblíquo); se forem levadas em conta as limitações.

201. (FCC – TRT 24 – Analista Judiciário/2011) Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o texto:

(A) Nos blogs há uma subjetividade da qual os outros meios de comunicação jornalística se ressentem, uma vez que não é de sua característica contemplá-la.

(B) O autor do texto exime-se ao diferenciar autoria institucional de outras modalidades autorais, presumindo que a primeira obtém maior crédito.

(C) Para muitos, os blogs são um recurso de comunicação de eficácia nunca antes alcançada, suplantando em extensão e profundidade os diálogos platônicos.

(D) Ainda que possam ser benvindos, os blogs não devem constituir uma obcessão tal que remova seus usuários de diligenciarem outras formas de linguagem.

(E) A democratização do pensamento não pode ficar presa à uma forma de comunicação, visto que são os conteúdos que determinam sua consumação.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Há clareza e não há erro gramatical.

Alternativa "a" – Errada. Faltou vírgula após a locução adverbial nos blogs (inversão). Ambiguidade no pronome possessivo **sua**, não se sabe a qual termo se refere.

Alternativa "b" – Errada. exime-se **de** diferenciar.

Alternativa "d" – Errada. bem-vindos.

Alternativa "e" – Errada. presa **a** uma forma = não se usa crase antes de artigo indefinido.

202. (FCC – TRT 20 – Analista Judiciário/2011) Está clara e correta a redação:

(A) Muita gente imagina que literatura é aonde se escreve como se fala, embora hajam autores que consigam fazê-lo com arte.

(B) O gosto literário dos antigos professores de português não sucitava qualquer dúvida quanto ao brilho da retórica exagerada.

(C) A formulação mesma dos temas de redação era um indubitável encaminhamento do aluno para o estilo grandiloquente.

(D) A linguagem rude de Paulo Honório não desestimulou-lhe de escrever um romance que se notabilizaria como literário.

(E) Embora Graciliano Ramos ache mais preferível uma linguagem concisa do que a empolada, ele é um escritor bastante culto.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – O pronome demonstrativo **mesma** concorda com **formulação**. Atente-se: ele mesmo, eles mesmos, ela mesma, ela própria.

Alternativa "a" – Errada. Muita gente imagina que **literatura se escreve** como se fala, embora **haja** autores que consigam fazê-**la (literatura)** com arte.

Alternativa "b" – Errada. Suscitava.

Alternativa "d" – Errada. A linguagem rude de Paulo Honório **não o desestimulou**.

Alternativa "e" – Errada. ache **preferível** uma linguagem concisa **à** empolada = ache preferível **algo a algo**.

---

203. (FCC – TRT 24 – Analista Judiciário/2011) *"(...) as leis civis versam mais sobre a bondade moral dos homens em geral do que sobre a dos indivíduos".* Pode-se substituir o segmento sublinhado na frase acima, sem prejuízo para a correção e o sentido, por:

(A) cuidam melhor da bondade moral e genérica dos homens do que cuidam a

(B) dizem respeito mais à bondade moral do conjunto dos homens do que à

(C) disputam melhor sobre a bondade moral da sociedade do que a

(D) controvertem melhor sobre a bondade moral de todos os homens do que a

(E) determinam mais o que seja moralmente a bondade dos homens do que aquela

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Versar: tratar de, abordar; do que **à** (moral) dos indivíduos. Substitua: dizem respeito mais **ao valor** do homem do que **ao valor** do indivíduo. Basta seguir as dicas de crase, dadas no tópico relacionado.

Alternativa "a" – Errada. Versar não é cuidar; do que cuidam **da** dos indivíduos.

Alternativa "c" – Errada. Versar não é disputar; do que **sobre** a dos indivíduos.

Alternativa "d" – Errada. Versar não é controverter; do que **sobre** a dos indivíduos.

Alternativa "e" – Errada. Versar não é determinar; do que **a** dos indivíduos.

---

204. (FCC – TRT 24 – Analista Judiciário/2011) *O Brasil poderá sofrer a primeira consequência diplomática por ter decidido não extraditar o terrorista italiano Cesare Battisti daqui a menos de duas semanas.* A frase acima, de uma notícia de jornal, tem como **defeito** de construção

(A) duplicidade de sentido, por conta da posição de daqui a menos de duas semanas.

(B) duplicidade de sentido, decorrente da falta de vírgulas entre as quais deveria estar o segmento o terrorista italiano Cesare Battisti.

(C) a falta de clareza decorrente da ausência de vírgula em seguida a diplomática.

(D) a incoerência gerada pelas expressões por ter decidido e não extraditar.

(E) a incoerência decorrente do emprego de primeira consequência sem esclarecer que outras haveria.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Opções de dupla leitura: 1. Daqui a menos de duas semanas, o Brasil poderá sofrer a primeira consequência diplomática; 2. Seria extraditado após as duas semanas.

Alternativa "b" – Errada. Não há falta de vírgula por ser tratar de um aposto especificativo.

Alternativa "c" – Errada. Há clareza.

Alternativa "d" – Errada. Não há incoerência.

Alternativa "e" – Errada. Não há incoerência.

---

205. (FCC – TRT 20 – Analista Judiciário/2011) Deve-se **corrigir**, por falha estrutural, a redação deste livre comentário:

(A) Montaigne vale-se de sua experiência pessoal para argumentar em favor de um melhor aproveitamento do trabalho dos jovens.

(B) Muitos acreditam, como Montaigne, que o nosso espírito se define cedo e que pouco a ele acrescentará a passagem do tempo.

(C) Como se acredita que logo se defina o espírito dos jovens, razão pela qual há quem os queira trabalhando mais cedo.

(D) A crítica que faz Montaigne às leis diz respeito às restrições que elas impõem ao aproveitamento do trabalho dos mais jovens.

(E) Será que um lento aprendizado, proporcionado pelas experiências, vale menos do que as inclinações naturais?

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Não há clareza no período. Opção de correção: Como se acredita que logo se defina o espírito dos jovens, há quem os queira trabalhando mais cedo.

Observações importantes:

Alternativa "a" – Errada. Quem se vale, vale-se **de** algo.

Alternativa "b" – Errada. Cuidado! Como a oração é subordinada substantiva objetiva indireta, o emprego da preposição não é obrigatório. Como ocorre na oração subordinada completiva nominal.

Alternativa "d" – Errada. Substituamos os vocábulos femininos por masculinos para termo certeza do correto emprego das crases: A crítica que faz Montaigne às leis (**aos** projetos) diz respeito às restrições (**aos impostos**). Resultou em **ao** = crase. Cuidado, também, com o plural do verbo **impor: impõem**.

Alternativa "e" – Errada. Proporcionado concorda com **aprendizado** e se vale menos do que as inclinações naturais (valem).

---

206. (FCC – TRT 20 – Analista Judiciário/2011) Atente para as seguintes afirmações:

I. As vocações se revelam desde muito cedo.

II. Não há vocações tardias.

III. Os jovens devem trabalhar logo.

Essas afirmações estão articuladas de modo correto, claro e coerente em:

(A) Como desde muito cedo os jovens se revelam, suas vocações para o trabalho não devem de ser tardias.

(B) Uma vez que não há vocações tardias, os jovens devem trabalhar desde cedo, conquanto logo se revelem.

(C) Como não há vocações tardias, dado que muito cedo já se revelam, devem os jovens trabalhar logo.

(D) Logo devem os jovens trabalharem, visto que não havendo vocações tardias, desde cedo elas se revelam.

(E) Sendo que não há vocações tardias, os jovens devem logo trabalhar, já que aquelas se revelam desde muito cedo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Devem os jovens trabalhar porque (como) não há vocações tardias = explicação; dado que muito cedo já se revelam = causa (já que).

Alternativa "a" – Errada. Falta a indicação de causa.

Alternativa "b" – Errada. Não cabe o **conquanto.**

Alternativa "d" – Errada. Altera o sentido.

Alternativa "e" – Errada. Erro: **sendo que.**

Trecho para as próximas questões (2)

A navegação fazia-se, comumente, das oito horas da manhã às cinco da tarde, quando as canoas embicavam pelos barrancos e eram presas a troncos de árvores, com o auxílio de cordas ou cipós. Os densos nevoeiros, que se acumulam sobre os rios durante a tarde e pela manhã, às vezes até o meio-dia, impediam que se prolongasse o horário das viagens.

Antes do pôr-do-sol, costumavam os homens arranchar – se e cuidar da ceia, que constava principalmente de feijão com toucinho, além da indefectível farinha, e algum pescado ou caça apanhados pelo caminho. Quando a bordo, e por não poderem acender fogo, os viajantes tinham de contentar-se, geralmente, com feijão frio, feito de véspera.

De qualquer modo, era esse alimento tido em grande conta nas expedições, passando por extremamente substancial e saudável. Um dos motivos para tal preferência vinha, sem dúvida, da grande abundância de feijão nos povoados, durante as ocasiões em que costumavam sair as frotas destinadas ao Cuiabá e a Mato Grosso. Adaptado de Sérgio Buarque de Holanda. Monções. 3.ed. São Paulo, Brasiliense, 2000, pp.105-6)

---

207. (FCC – TRT 23 – Analista Judiciário/2011) O segmento cujo sentido está corretamente expresso em outras palavras é:

(A) além da indefectível farinha = sem contar a eventual moagem.

(B) feito de véspera = ritualmente preparado.

(C) tido em grande conta nas expedições = muito caro para as viagens.

(D) arranchar-se e cuidar da ceia = abancar-se e servir o jantar.

(E) impediam que se prolongasse = obstavam que se estendesse.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Obstar: *opor-se a, impedir.**

Alternativa "a" – Errada. indefectível: *que não se pode destruir; que é imperecível.* Moagem: *ação ou resultado de moer; MOEÇÃO; MOEDURA; MOENDA.**

Alternativa "b" – Errada. ritualmente: *segundo o rito, de modo ritual.**

Alternativa "c" – Errada. tido em grande conta não é o mesmo que muito caro.

Alternativa "d" – Errada. arranchar: *dar hospedagem a, ou receber abrigo, acolhida;* ABRIGAR(-SE); ALBERGAR(-SE); HOSPEDAR(-SE). Abancar: *estabelecer-se ou ficar por muito tempo em certo lugar.** O erro está na determinação do tempo.

(*) Fonte: Dicionário Digital Aulete

---

208. (FCC – TRT 23 – Analista Judiciário/2011) Leia atentamente as afirmações a seguir.

I. O segmento grifado em as canoas [...] eram presas a troncos de árvores, com o auxílio de cordas ou cipós (primeiro parágrafo) pode ser substituído por **auxiliadas consoante**, sem prejuízo para a correção e a clareza.

II. Em Os densos nevoeiros, que se acumulam sobre os rios (primeiro parágrafo), o segmento grifado pode ser substituído, sem prejuízo para a correção e o sentido, por **acumulados**.

III. A expressão De qualquer modo, no último parágrafo, é equivalente a **Em todo caso**.

Está correto o que se afirma em

(A) I, apenas.

(B) II, apenas.

(C) I e III, apenas.

(D) II e III, apenas.

(E) I, II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d" – Correta.

Item "I" – Errado: Consoante indica conformidade: conforme, segundo; **com** é uma preposição com o sentido de: instrumento, meio.

Item "II" – Certo: Passou a oração da voz passiva sintética para a analítica. *Peguinha*: omitiu-se o verbo **ser** (algo muito comum em provas de FCC).

III. Certo. **De qualquer modo**: sem excluir nenhum modo; **em todo caso**: sem excluir nenhum caso.

---

209. (FCC – TRT 23 – Analista Judiciário/2011) Deve-se CORRIGIR, por deficiência estrutural, a redação deste livre comentário:

(A) O tratamento de vós, que hoje nos soa tão cerimonioso, ecoa uma época em que se aliavam boa argumentação e boa retórica.

(B) Voltaire não hesita em lembrar as vantagens reais da aplicação de penas que poupam a vida do criminoso para que pague pelo que fez.

(C) Como sempre há quem defenda os castigos capitais, razão pela qual Voltaire buscou refutá-los, através de alternativas mais confiáveis.

(D) Note-se a preocupação que tem esse iluminista francês em escalonar as penas de modo a que nelas se preserve adequada relação com o crime cometido.

(E) Na refutação aos que defendem a pena de talião, Voltaire argumenta que o mal já causado não se sana com um ato idêntico ao do criminoso.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Se se trata de **deficiência estrutural**, convém colocar a oração na ordem direta, mesmo porque há erro de pontuação também (após a locução nem sempre deveria haver vírgula por indicar inversão): Voltaire buscou refutar os castigos capitais através de alternativas mais confiáveis, por sempre haver quem os defenda.

Observações sobre as outras alternativas:

Alternativa "a" – Errada. Soa concorda com o tratamento; boa argumentação e retórica se aliavam.

Alternativa "b" – Errada. as vantagens poupam.

Alternativa "d" – Errada. A preocupação é notada = nota-se.

Alternativa "e" – Errada. O mal não é sanado = não se sana.

---

210. (FCC – TRT 4 – Analista Judiciário/2011) A frase redigida de modo claro e condizente com o padrão culto escrito é:

(A) A criação, coordenação e assessoria a cursos profissionalizantes está a cargo de ambos os formados na área, de cujo conhecimento de ponta muito se depende.

(B) Advoguei junto ao chefe do rapaz que sua atuação tanto profissional como em sociedade não

deixava nada à desejar, o que lhe ajudou bastante naquela pendência.

(C) Ele era o único que espontaneamente se dignava de ouvir-nos a todos, sem exceção, e consentia prazeroso até o depoimento mais insosso ou desajeitado.

(D) Não posso atribuir unicamente a precária condição de acesso à Educação a apenas a condição de miscigenação dos que desejam ascender à sua dignidade.

(E) Os resultados da pesquisa científica levada a efeito no ano passado deve ser aberta àquele núcleo que a instigou, não devendo ficar restrito aos especialistas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Não há erro.

Alternativa "a" – Errada. A criação, coordenação e assessoria a cursos profissionalizantes **estão** a cargo de ambos os formados na área, de cujo conhecimento de ponta muito se depende.

Alternativa "b" – Errada. Advoguei junto ao chefe do rapaz que sua atuação, **tanto profissional como em sociedade,** não deixava nada **a** desejar, o que **o** ajudou bastante naquela pendência.

Alternativa "d" – Errada. Não posso atribuir unicamente a precária condição de acesso à Educação a apenas **à** condição de miscigenação dos que desejam ascender **a** sua dignidade.

Alternativa "e" – Errada. Os resultados da pesquisa científica levada a efeito no ano passado **devem ser abertos** àquele núcleo que a instigou, não devendo ficar restrito aos especialistas.

---

211. (FCC – TRT 14 – Analista Judiciário/2011) É preciso corrigir, devido à má estruturação, a redação da seguinte frase:

(A) Não se sabe a quem ocorreu a ideia, uma vez que condomínios de luxo certamente não combinam com sucata, de que usaram como base de anúncio.

(B) Alguém, num momento infeliz, teve a lamentável ideia de usar carros velhos como suporte de propaganda para a venda de imóveis de luxo.

(C) Definitivamente, quem procura imóvel com espaço gourmet ou depósito de vinho individual não se deixará atrair pela propaganda apoiada num velho Opala de cor berrante.

(D) Os homens-placa ficam ensanduichados entre tábuas ou pranchas de metal, transportando-as pelas ruas reduzidos à condições de suporte.

(E) Sensibilizou-se o autor do texto com a condição humilhante desses homens e mulheres-placa, tratados como se fossem coisas, destituídos de sua humanidade.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (X) – Questão anulada pela banca.

✪ **Nota da autora:** Anulada por haver incoerência na alternativa a e erro gramatical na alternativa d.

Alternativa "a" – Errada. Não há clareza no período.

Alternativa "b" – Errada. Sem erros.

Alternativa "c" – Errada. Não há erros.

Alternativa "d" – Errada. Há erro de acento indicativo de crase: reduzidos **a** condições de suporte.

Alternativa "e" – Errada. Não há erros.

---

212. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /AC/2010) Mantêm-se a correção e a coerência da frase dada, ao se substituir o elemento sublinhado pelo que está entre parênteses, no seguinte caso:

(A) *Minhas primeiras memórias dos dias de eleição* remontam ao *primeiro ano primário* (...) **(integram-se com o)**

(B) (...) *essas cédulas* eram já *os votos que o eleitor devia colocar na urna* (...) **(representavam logo)**

(C) (...) *ajudavam a* criar um clima festivo *de feriado* (...) **(exaurir de um ar faustoso)**

(D) (...) *ficar muitas horas, nos dias seguintes,* a acompanhar *as apurações* (...) **(atentando para)**

(E) (...) *olhando as janelas das casas,* onde às vezes *há alguém debruçado* (...) **(em cujas eventualmente)**

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

Alternativa "a" – O verbo remontar está no sentido de aludir ou referir-se a coisas ou pessoas do passado.

Alternativa "b" – Não há relação semântica entre o verbo SER e REPRESENTAR.

Alternativa "c" – Exaurir significa esgotar e não pede a preposição de.

Alternativa "e" – Há alguém debruçado na janela. O pronome relativo onde retoma lugar, poderia ser substituído por EM QUE ou NAS QUAIS. Quando for

pedida a substituição do relativo CUJO (a) por outro pronome, nem há necessidade de voltar ao texto, pois apenas o *cujo* concorda com o vocábulo posterior, embora indique posse do termo anterior.

▶ **Dica** – O autor de cujo livro gosto muito. Cujo concorda com livro (termo posposto) e indica posse de autor (o livro do autor – termo anterior). Caso peçam a relação de posse do cujo(a), vá ao termo anterior.

---

213. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /AM/2010) Está clara e correta a redação.

(A) Deve de ser preocupante para os católicos, que eles venham caindo de número nas estatísticas, em conformidade com a Fundação Getúlio Vargas.

(B) Mau-grado seu desempenho nas estatísticas da FGV, esta mesma instituição considera que a Igreja tem mais prestígio que outras classes.

(C) A mesma Fundação em que se abona o papel da Igreja como democrática, é também a instituição em que avalia seu decréscimo de fiéis.

(D) Não obstante esteja decrescendo o número de fiéis, a Igreja, segundo a Fundação Getúlio Vargas, é prestigiada como instituição democrática.

(E) A FGV, em pesquisas atinentes da Igreja Católica, chegou a resultados algo controversos, seja pelo prestígio, seja pela contingência do seus fiéis.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

Alternativa "a" – *Deve de ser preocupante*, para os católicos, *que eles venham caindo de número nas estatísticas*, segundo *a Fundação Getúlio Vargas*. Necessário inserir a vírgula antes da expressão *para os católicos*, por ser uma intercalação e *em conformidade com* indica igual, semelhante e essa não é a ideia do trecho, mas sim segundo a FGV.

Alternativa "b" – Malgrado indica concessão: apesar de, não obstante.

Alternativa "c" – *A mesma Fundação em que se abona o papel da Igreja como democrática, é também a instituição* que *avalia seu decréscimo de fiéis.* O pronome relativo retoma o sujeito *instituição*. Sempre que se referir ao sujeito não poderá haver preposição acompanhando-o.

Alternativa "e" – *A FGV, em pesquisas atinentes* à *Igreja Católica, chegou a* resultados controversos, *seja pelo prestígio, seja pela contingência do seus fiéis.* A preposição exigida pelo adjetivo *atinente* é a e *resultados algo controversos* está sem coerência.

---

214. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /AM/2010) "*...toda releitura de um clássico é uma leitura de descoberta, como a primeira*". Uma nova, clara e correta redação da frase acima apresenta-se em:

(A) Tal como a primeira, as outras leituras de um clássico sempre constituem uma revelação.

(B) Sendo de um clássico, todas as outras leituras são como de primeiras descobertas.

(C) É como se fosse uma primeira leitura de um clássico todas as descobertas que ele nos proporciona.

(D) Assim como é uma descoberta a leitura de um clássico, outras leituras também serão como a primeira.

(E) Todas as leituras de um clássico, haja vista a primeira, têm aquela mesma revelação.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – "Diquinha": ocorre relação de comparação. Fácil.

Alternativa "b" – Alterada informação.

Alternativa "c" – A releitura é uma descoberta.

Alternativa "d" – Alterada informação.

Alternativa "e" – A releitura é uma descoberta.

---

215. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /RS/2010) "*Nesse cenário em que os atores envolvidos não são capazes de entender os movimentos e as intenções do rival, os processos de hostilidade mútua podem se tornar incontroláveis*". Outra formulação para o segmento destacado acima, que, considerado o contexto, lhe seja equivalente e mantenha a clareza e correção originais é:

(A) os processos de hostilidade um pelo outro podem tornar-se incontroláveis.

(B) os processos de hostilidade de parte à parte podem se tornarem incontroláveis.

(C) os processos de hostilidade que uns países têm pelos outros podem se tornar incontroláveis.

(D) os processos de hostilidade acionados de forma alternada podem se tornar incontroláveis.

(E) os processos de hostilidade entre eles respondendo-se podem se tornar incontroláveis.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Notando os erros gramaticais das demais alternativas, chega-se à resposta.

Alternativa "a" – podem se tornar.

Alternativa "b" – parte a parte (não há crase entre palavras repetidas).

Alternativa "c" – uns países (alguns países).

Alternativa "e" – respondendo-se (não há sentido!).

---

216. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /RS/2010) Considerado o padrão culto escrito, a substituição que mantém a correção original do segmento é a de

(A) *um submarino norte-coreano havia sido o responsável pelos disparos* **por** "submarinos norte-coreanos havia sido os responsáveis pelos disparos".

(B) *mantido pelas duas nações* **por** "mantido por ambas as nações".

(C) *Nesse cenário em que os atores envolvidos não são capazes de entender os movimentos* **por** "Nesse cenário cujos os atores envolvidos não são capazes de entender os movimentos".

(D) *Mesmo que o imbróglio não tenha consequências graves* **por** "A despeito do imbróglio não ter consequências graves".

(E) *chama a atenção para o imprevisível desenlace* **por** "chama a atenção para o que concerne o imprevisível desenlace".

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – duas nações = ambas as nações.

▶ **Dica** – O emprego do artigo entre o termo *ambos* e um substantivo é obrigatório.

Alternativa "a" – haviam sido.

Alternativa "c" – cujos atores.

Alternativa "d" – de o imbróglio (no sujeito não pode haver contração de preposição).

Alternativa "e" – não há relação de sentido.

---

217. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /RS/2010) A frase que respeita totalmente o padrão culto escrito é:

(A) De dissensões entre mentes lúcidas e independentes não se deve temer, porquanto o debate, ao suscitar reflexão, traz luz a questões controversas.

(B) Consta naquele livro já bastante saudado pela crítica os nomes de vários integrantes de movimentos de resistência ao regime ditatorial.

(C) O eminente orador enrubeceu quando arguido sobre sua anuência ao polêmico pacto, mas quiz se mostrar seguro de si e respondeu-lhe de imediato.

(D) Esse exercício indicado pelos assessores do preparador físico é eficaz para intumescer alguns músculos, mas se mostra de efeito irrisório se mau realizado.

(E) Havia excesso de material a ser expedido, por isso as folhas mandadas à última hora, apesar do empenho, não coube no malote.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Não há erro gramatical, ou seja, respeita o padrão culto.

Alternativa "b" – constam (sujeito: os nomes).

Alternativa "c" – quis.

Alternativa "d" – intercalar com vírgulas a expressão *indicado pelos assessores do preparador físico* e, no final, mal elaborado (advérbio).

Alternativa "e" – couberam.

---

218. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE /RS/2010) Está totalmente em conformidade com o padrão culto escrito a seguinte frase:

(A) A inserção do adolescente no grupo deveu-se ao coordenador, cuja experiência todos tiraram proveito, mesmo quando supuseram que ele ignorava o clima de apreensão.

(B) Sei que sou eu que sempre medio o debate, mas dessa vez declino da responsabilidade: é com revezamento de obrigações que se pode descobrir lideranças.

(C) Interpondo recurso, ele procurou desagravar-se da afronta que atribuiu às palavras do juiz em sua sentença, contra a qual a instância superior não hesitou em se pronunciar.

(D) Dados como esses obtidos em recente pesquisa, sem dúvida permite que se os interpretem sob dupla perspectiva: a dos cidadãos e também do filósofo.

(E) O fato e esse advogado que representa a autora da ação parecem ter sido feito um para o outro; mais: o operador do direito age com proficiência e ela, nele crê cegamente.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

Alternativa "a" – Todos tiraram proveito **da** experiência = de cuja.

Alternativa "b" – medeio.

Alternativa "c" – ... *atribuiu às palavras do juiz em sua sentença,* em cuja *instância superior não hesitou em se pronunciar.* Não hesitou em se pronunciar na instância.

Alternativa "e" – feitos.

219. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /AL/2010) Está clara e correta a redação deste livre comentário:

(A) Nem todos acatarão de que a sociedade do espetáculo seja malévola, uma vez que suas imagens são parte constituída ao nosso modo de viver.

(B) Muita gente reputa às imagens e às representações a qualidade de mascararem nossa própria personalidade, quando não a expandem.

(C) O primado das imagens sobre as coisas vem demonstrando, em nosso tempo, a supremacia do que é aparente em relação ao que é essencial.

(D) Ocorre que quando se valoriza as imagens em detrimento das coisas, elas nem sempre se tornam visíveis ao ponto de se distinguirem das demais.

(E) A absorção que todo espetáculo nos imputa é tamanha que, quando menos atentamos, já somos parte dele, em estado de inconsciência.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Intercalação. Leia as informações em negrito: **O primado das imagens sobre as coisas vem demonstrando**, em nosso tempo, **a supremacia do que é aparente em relação ao que é essencial.**

Alternativa "a" – Nem todos acatarão que a sociedade (acatar é transitivo direto).

Alternativa "b" – mascarar.

Alternativa "d" – quando se valorizam as imagens = quando as imagens são valorizadas.

Alternativa "e" – a absorção a que todo espetáculo nos imputa.

220. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRE /AL/2010) "(...) *as crianças, seres naturalmente carregados de energia e vitalidade, estão vivendo longas horas diárias de concentração solitária e de imobilidade*". Pode-se reconstruir com correção e coerência a frase acima, começando por *As crianças estão vivendo longas horas diárias de concentração solitária e de imobilidade* e complementando com

(A) em que pesem os seres naturais, imbuídos de energia e de vitalidade.

(B) não obstante sejam naturalmente providas de muita energia e vitalidade.

(C) porquanto constituem-se como seres de natural energia e vitalidade.

(D) ainda quando seres incutidos de energia e vitalidade em sua natureza.

(E) mesmo quando se mostram atreladas a muita energia e força vital.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – A ideia do complemento é de concessão (ideias opostas).

Alternativa "a" – não cabe o pronome relativo *que* acompanhado pela preposição *em*.

Alternativa "c" – Porquanto é conjunção explicativa.

Alternativa "d" – Erro no emprego do advérbio *quando*.

Alternativa "e" – Erro no emprego do advérbio *quando*, além de não surgir concessão.

221. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRF – 4ª Região/2010)

Está clara e correta a redação:

(A) Tem-se notado os interesses que movem as nações mais desenvolvidas, em função dos quais ficam difíceis de firmar-se quaisquer acordos quanto a um meio ambiente melhor controlado.

(B) Como já está tornando rotina, mais uma vez as nações não chegaram a um acordo, sobre as pungentes questões ambientais, tanto assim que nenhuma delas abre mão de seus interesses particulares.

(C) Quando se dedicam às questões ambientais, costuma imperar-se a regra egoísta dos interesses privados, ao passo que se deveria de contemplar os interesses públicos.

(D) É bem possível de que ainda venham a haver muitas conferências como a da COP-15, sem que os resultados que se espera sejam minimamente satisfatórios para o bem comum.

(E) A maior parte das conferências dedicadas às questões do meio ambiente têm sido frustradas, quase sempre, pela falta de desprendimento de muitas nações, sobretudo as desenvolvidas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Erros:

Alternativa "b" – Como já está se tornando rotina, mais uma vez as nações não chegaram a um acordo sobre as pungentes questões ambientais, tanto assim

que nenhuma delas abre mão de seus interesses particulares.

Alternativa "c" – Quando se dedica às questões ambientais, costuma-se imperar a regra egoísta dos interesses privados, ao passo que se deveria de contemplar os interesses públicos.

Alternativa "d" – É bem possível que ainda haja muitas conferências como a da COP-15, sem que os resultados que se esperam sejam minimamente satisfatórios para o bem comum.

Alternativa "e" – A maior parte das conferências dedicadas às questões do meio ambiente tem sido frustrada, quase sempre pela falta de despreendimento de muitas nações, sobretudo as desenvolvidas.

---

222. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRF – 4ª Região/2010) É preciso corrigir, pela má estruturação que apresenta, a seguinte frase:

(A) Os muito jovens não fazem ideia de como foram velozes as transformações que sofreu o nosso cotidiano, nas últimas décadas, por causa das inovações tecnológicas.

(B) Ao que tudo indica, os próximos passos da tecnologia eletrônica serão dados na direção de uma ainda maior integração entre as diversas mídias.

(C) Com o advento dos meios de comunicação de massa, sobretudo os eletrônicos, nem por isso o progresso tecnológico deixa de ser contestado.

(D) A globalização está diretamente ligada à propagação e ao aperfeiçoamento dos meios de comunicação de massa, que encurtam distâncias e aproximam as pessoas.

(E) Quem não se deixa seduzir pelos atrativos e novidades da tecnologia de ponta costuma defender as vantagens da simplicidade e da naturalidade em nossa vida.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – O progresso tecnológico não deixa de ser contestado, mesmo com o advento dos meios de comunicação de massa.

---

223. (FCC – TRT 12 – Analista Judiciário/2010) Desde sempre o humor serviu como compensação simbólica para as tantas desventuras que afligem o homem.

Uma outra redação, que preserve a correção e o sentido da frase acima, será:

(A) As muitas desventuras que se infringe ao homem tem servido sempre como uma compensação simbólica para o humor.

(B) O homem nunca deixou de encontrar no humor uma compensação simbólica para os tantos dissabores que o afligem.

(C) A aflição do homem sempre se serviu do humor como compensação do que lhe desvanecem suas tantas desventuras.

(D) O humor é uma compensação simbólica que serve ao homem para dirimir-lhe, já há tempos, suas várias aflições.

(E) A compensação simbólica do humor vem, desde sempre, agindo assim em face das aflições do homem desventurado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Perceba que todas as informações devem estar claras e corretas. Isso ocorreu na alternativa b.

Alternativa "a" – Errada. As muitas desventuras que se **infringem** ao homem **têm** servido sempre como uma compensação.

Alternativa "c" – Errada. Incoerente: a frase "A aflição do homem sempre se serviu do humor como compensação" não está em consonância com a inaugural, pois a aflição do homem pode ter-ser servido de outro meio de compensação, e não, necessariamente, do humor.

Alternativa "d" – Errada. O humor **pode ser** uma compensação simbólica que serve ao homem para dirimir-lhe.

Alternativa "e" – Errada. Nem sempre a compensação simbólica do humor vem agindo em face das aflições do homem, pode agir em face de outras realidades que envolvem o homem: lazer, descanso.

---

224. (FCC – TRT 12 – Analista Judiciário/2010) Ao se redigir um documento oficial, deve-se atentar para as seguintes recomendações:

I. Praticar a concisão e a clareza, de modo a que poucas palavras possam trazer muita informação, não deixando dúvida quanto à significação do conjunto do texto.

II. A comunicação oficial não exime o redator de manifestar claramente sua subjetividade, por meio de opiniões criativas e do posicionamento estritamente pessoal diante de uma questão.

III. A formalidade da linguagem é uma característica imprescindível da redação oficial, fazendo-se notar, por exemplo, pela observância da norma culta e pelas formas protocolares de tratamento.

Está correto o que consta APENAS em

(A) I.

(B) II.

(C) III.

(D) I e III.

(E) II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d" – Correta.

Item "I" – Certo: documentos oficiais devem ser concisos e claros.

Item "II" – Errado: na comunicação oficial, deve-se eliminar a subjetividade, pois um dos requisitos é a impessoalidade, ou seja, o uso da terceira pessoa.

Item "III" – Certo: deve-se empregar a linguagem formal, a norma padrão da língua portuguesa.

---

225. (FCC – TRT 12 – Analista Judiciário/2010) Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o texto:

(A) Ainda não se fez notar uma plena satisfação da aplicabilidade desejável daqueles quesitos do ECA que se referem ao estabelecimento de suas punições.

(B) Uma das fraquezas imputadas ao ECA está no rigor excessivo por cujo os juízes tem orientado a aplicação das penas por eles mesmos exaradas nos processos.

(C) Faz-se mister aperfeiçoar as condições que se imputam ao ECA caso se pretendam que seus proveitos atinjam também os menores infratores.

(D) Impõe-se, com a devida vênia, que os juízes responsáveis pela aplicação do ECA congracem em torno de arrefecimento menos severo aos menores penalizados.

(E) Apesar do que prevê o ECA, está ocorrendo excesso de rigor, na maior parte dos casos, quando se trata de julgar e punir adolescentes infratores.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Período claro e gramaticalmente correto. Apesar de indica concessão (ideias opostas).

Alternativa "a" – Errada. Além de não haver clareza, ocorre ambiguidade no uso do pronome possessivo **suas** (de quem?).

Alternativa "b" – Errada. Os juízes têm orientado a aplicação das penas = rigor excessivo **cujos juízes têm** orientado a aplicação das penas

Alternativa "c" – Errada. caso se **pretenda** que seus proveitos atinjam também os menores infratores. O sujeito é oracional e paciente, pois vem posposto ao verbo transitivo direto + SE. Verbo da oração principal, obrigatoriamente, permanece no singular.

Alternativa "d" – Errada. Sem clareza.

---

226. (FCC – TRT 9 – Analista Judiciário/2010) Considerando-se o contexto, traduz-se adequadamente o sentido de um segmento em:

(A) avaliado em sua justa riqueza = examinado judiciosamente.

(B) sua sorte foi estabelecida já na sua concepção = desde o início seu destino foi malogrado.

(C) A caminhada lhes é irrefletida = o caminho parece – lhes sem sentido.

(D) não podem ser totalmente reprimidos = não são passíveis de absoluta prevenção.

(E) que favorecem nossa esperança = que permitem sermos esperançosos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Favorece = permite; nossa esperança = sermos esperançosos.

Alternativa "a" – Errada. Justa riqueza não significa judiciosamente.

Alternativa "b" – Errada. Malogrado: que não teve o fim desejado.

Alternativa "c" – Errada. Sem relação entre irrefletida e sem sentido.

Alternativa "d" – Errada. Totalmente reprimidos e absoluta prevenção não pertencem ao mesmo campo semântico.

---

227. (FCC – TRT 9 – Analista Judiciário/2010) Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o texto:

(A) Não adiantam nem o otimismo nem o pessimismo: o que urge é tomarmos providências no sentido de se dirimir nossa divisão em países com fronteiras.

(B) Uma das denúncias do texto constitue de fato um alerta: que não se tome como reversível qualquer conquista a que a ciência chegue a alcançar.

(C) Para Albert Einstein, uma medida radical e responsável para se evitar a calamidade de uma guerra nuclear seria, pura e simplesmente, a abolição das fronteiras.

(D) Conquanto não tenham em vista essa mesma finalidade, muitos cientistas e engenheiros aca-

bam servindo aos artifícios excusos de quem lucra com a ganância.

(E) Quanto mais os estados consigam se unir a despeito das fronteiras, assim também haverá a evidência empírica de que sejam levados à estabilidade e à sobrevivência.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c" – Correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão, verbo, pontuação e ortografia.

Na alternativa c vale ressaltar a intercalação correta feita através das vírgulas (leia os termos em negrito): **uma medida radical e responsável para se evitar a calamidade de uma guerra nuclear seria**, pura e simplesmente, **a abolição das fronteiras.**

Alternativa "a" – Errada. Não **adianta** nem o otimismo nem o pessimismo. Ocorre exclusão e o verbo deve permanecer no singular.

Alternativa "b" – Errada. Constitui. Facilitando, por ser muito pedido: constitui vem do verbo constituir; substitui vem do verbo substituir; possui vem do verbo possuir. Esses verbos são muito pedidos pela banca FCC.

Alternativa "d" – Errada. Escusos: escondido, esconso.

Alternativa "e" – Errada. Período sem sentido: **Quanto mais** indica proporção e não há ideia de proporcionalidade; **assim também** indica adição e não possui relação com proporção. Caso se substituísse por "mais" ou "maior" o período ficaria mais claro.

---

228. (FCC – TRT 9 – Analista Judiciário/2010) Indica-se uma construção com sentido equivalente ao de um segmento do texto em:

(A) Não é à toa que Einstein queria ver as fronteiras abolidas // Com toda a razão, Einstein desejava ver abolidas as fronteiras.

(B) Será, então, que a solução – admito, extremamente remota – é um mundo sem fronteiras (...)? // A solução, pois, advirá – digamos que a longo prazo – de um mundo não demarcado?

(C) O medo e a ganância – uma combinação letal – trouxeram-nos até aqui // Por uma combinação mortal, aportamos no medo e na ganância.

(D) Uma vez revelada, permanece viva, mesmo se condenada como imoral por uma maioria // Conquanto revelada, resta viva, embora acusada de imoral pela maioria.

(E) O pacto que acabamos por realizar com o poder tem um preço muito alto // O que já terminamos de pactuar com o poder tem custo muito alto.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Não é à toa que = com toda razão.

Alternativa "b" – Errada. Basta verificar qual a pergunta e se certificar que não há relação com o segundo segmento: Será que a solução é um mundo sem fronteiras?

Alternativa "c" – Errada. O erro está no início do segundo trecho: **por** uma combinação mortal passa a indicar causa.

Alternativa "d" – Errada. Alterou o sentido inteiro.

Alternativa "e" – Errada. O pacto tem o preço muito alto e não o poder.

---

229. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – Especialidade Execução de Mandados – TRT 22ª Região/2010) Está correta e coerente a redação deste livre comentário:

(A) O grande físico Richard Feynman declinou de sua preferência pelo engano, quando preferiu relutar em não saber.

(B) Via de hábito o autor propaga, em coluna jornalística, suas ideias acerca das discensões interpostas entre ciência e misticismo.

(C) O autor cita um livro próprio no qual expande uma teoria que aparentemente vai ao encontro de suas teses, retificando-as.

(D) A admissão de que sempre haverá o desconhecido representa, partindo de um cientista, uma prova de sincera humildade.

(E) Os círculos do saber e do não saber constituem, como se viu, áreas em que a expansão de ambos os tornam complementares.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d" – Correta.

Alternativa "a" – O grande físico Richard Feynman declinou de sua preferência pelo engano, quando preferiu relutar em não saber.

Declinar está no sentido de manifestar falta de interesse, não aceitar; recusar e por isso pede a preposição de. O erro está em preferiu relutar a não saber.

Alternativa "b" – Errada. Dissensões: divergências, desacordos de ideias, opiniões, posições, interesses. Cuidado com acerca (sempre pedido em provas FCC):

1) **A cerca de ou cerca de** = aproximadamente, mais ou menos

2) **Acerca de** = a respeito de

3) **Há cerca de** = tempo decorrido.

Alternativa "c" – Errada. Ao usar o verbo retificar, evidencia a necessidade de correção, assim sendo, usa-se a expressão de encontro a (no sentido oposto, discordância). Ao encontro de indica a favor de, em direção a. A atenção deve ser duplicada em questões de interpretação de texto. Indicado, sempre, ao lado das alternativas colocar os sinais de certo ou errado para não cometer deslizes.

Alternativa "e" – Errada. A expansão de ambos os torna complementares: o verbo deve concordar com o sujeito.

---

230. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – Especialidade Execução de Mandados – TRT 22ª Região/2010) *"O problema com as sociedades humanas é que (...) a natureza confiou demais no altruísmo voluntário".* Mantém-se a correção e a coerência da frase acima nesta nova redação: ***O altruísmo voluntário***

(A) é a razão pela qual a confiança da natureza resultou problemática para o funcionamento das sociedades humanas.

(B) foi confiado demais pela natureza, tornando-se problemático para as sociedades humanas.

(C) tornou-se por demais confiável à natureza, razão pela qual redundou em problema para os homens.

(D) mereceu plena confiança da natureza, advindo daí os problemas que se verificam em nossa ordem social.

(E) impregnou-se com tão natural confiança que acabou resultando no problema que mais afeta a humanidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Trabalhe por eliminação para facilitar:

Alternativa "a" – Errada. O altruísmo não é a razão, não indica causa;

Alternativa "b" – Errada. Foi confiado: o verbo confiar é transitivo indireto, logo não admite voz passiva;

Alternativa "c" – Errada. tornou-se por demais confiável e redundou;

Alternativa "e" – Errada. impregnou-se: no trecho, não há relação com esse vocábulo.

---

231. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT – 9ª Região/2010) Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o texto:

(A) Conquanto não tenham em vista essa mesma finalidade, muitos cientistas e engenheiros acabam servindo aos artifícios excusos de quem lucra com a ganância.

(B) Quanto mais os estados consigam se unir a despeito das fronteiras, assim também haverá a evidência empírica de que sejam levados à estabilidade e à sobrevivência.

(C) Não adiantam nem o otimismo nem o pessimismo: o que urge é tomarmos providências no sentido de se dirimir nossa divisão em países com fronteiras.

(D) Uma das denúncias do texto constitue de fato um alerta: que não se tome como reversível qualquer conquista a que a ciência chegue a alcançar.

(E) Para Albert Einstein, uma medida radical e responsável para se evitar a calamidade de uma guerra nuclear seria, pura e simplesmente, a abolição das fronteiras.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e" – Correta.

Na alternativa a, o erro é a conjunção *conquanto (indica concessão, ideias opostas);*

Alternativa "b" – Errada. *Conseguirem* e a junção de quanto mais e assim também;

Alternativa "c" –*Não adianta... no sentido de dirimir;*

Alternativa "d" – Errada. *Constitui* e *qualquer conquista que a ciência chegue a alcançar:* quem alcança, alcança algo = verbo transitivo direto.

---

232. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT – 9ª Região/2010) Indica-se uma construção com sentido equivalente ao de um segmento em:

(A) *O pacto que acabamos por realizar com o poder tem um preço muito alto* // O que já terminamos de pactuar com o poder tem custo muito alto.

(B) *Não é à toa que Einstein queria ver as fronteiras abolidas* // Com toda a razão, Einstein desejava ver abolidas as fronteiras.

(C) *Será, então, que a solução – admito, extremamente remota – é um mundo sem fronteiras* (...)? // A solução, pois, advirá – digamos que a longo prazo – de um mundo não demarcado?

(D) *O medo e a ganância – uma combinação letal – trouxeram-nos até aqui* // Por uma combinação mortal, aportamos no medo e na ganância.

(E) *Uma vez revelada, permanece viva, mesmo se condenada como imoral por uma maioria* // Conquanto revelada, resta viva, embora acusada de imoral pela maioria.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Valores idênticos: *não é à toa e com toda a razão.*

Nas demais alternativas, o sentido é alterado. Na e, a substituição de uma vez por conquanto é absurda, já que a primeira indica causa e a segunda, concessão (ideias opostas).

233. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT – 9ª Região/2010) É preciso CORRIGIR, por falha estrutural, a redação da frase:

(A) Dificilmente algum objetivo será alcançado numa caminhada para a qual não previmos um roteiro a ser seguido com segurança.

(B) Nenhum benefício poderemos colher de uma viagem para a qual não nos preparamos com um mínimo de cuidados e de antecedência.

(C) Não empreendamos caminhadas sem primeiro definir o trajeto a seguir, o esforço a despender, os objetivos a alcançar.

(D) Temerárias são as jornadas que mal definimos seus objetivos, assim como não avaliamos o esforço cujo trajeto nos exigirá.

(E) Quando não definimos o trajeto a cumprir e o esforço a despender em nossa caminhada, ela não nos trará qualquer recompensa.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – A utilização de assim como torna o período incoerente, além de a estrutura estar confusa, sem clareza.

Texto para a próxima questão:

Há uma rotina de ideias a que não escapa sequer o escritor original. Os grandes temas, os temas universais, reduzem-se a uma contagem nos dedos – e quem escreve ficção vai beber sempre na mesma aguada. Um ficcionista puxa outro. Dostoievski, Faulkner, Kafka deflagraram muitos contemporâneos, graças à sua força extraordinária de gravitação. Servem de impulso à primeira largada, seus modos de dizer e maneira de ver e sentir o mundo deixam de ser propriedade privada, incorporam-se à literatura como conquista de uma época, um condomínio em que as ideias se desligam e flutuam soltas.

Fala-se comumente em influências na obra deste ou daquele autor. O termo, com o tempo, perdeu contorno pejorativo. Quem não tem influências, quem não se abeberou em alguém? Literatura é um organismo vivo que não cessa de receber subsídios. Felizes os que, contribuindo com essa coisa inquietante que é escrever, revigoram-lhe o lastro. Eles se realizam em termos de criação artística e contribuem, com sua experiência e suas descobertas, para que outros cheguem e deitem ali, também, o seu fardo.

234. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT – 8ª Região/2010) *Fala-se comumente em influências na obra deste ou daquele autor. O termo, com o tempo, perdeu contorno pejorativo.* (2º parágrafo). A opinião exposta acima está corretamente reproduzida, com outras palavras, em:

(A) Influências que, com frequência, são apontadas em obras de diferentes autores passaram a ser vistas, ao longo do tempo, sem conotação negativa.

(B) Quando se fala em influências na obra escrita por certo autor, é comum haver conotação pejorativa na avaliação da mesma.

(C) Um ou outro autor recebem influências, que pode ser apontado por seu viés negativista, como a perda do sentido da própria criação.

(D) Mudanças positivas na maneira de se avaliar obras literárias, a partir das influências recebidas nessas mesmas obras, sempre foi bem recebido por um ou outro autor.

(E) A maneira pejorativa de comparar obras literárias com influência deste ou daquele autor coexistiu nas críticas elaboradas ao longo do tempo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Para facilitar, vá, aos poucos, comparando os termos e não pense no período como um todo, pois pode haver engano.

- comumente: com frequência;
- fala-se: são apontadas;
- deste ou daquele autor: de diferentes autores;
- com o tempo: passaram a ser vistas;
- perdeu o cotorno pejorativo: sem conotação negativa.

Outra opção é trabalhar por eliminação, já que são descabidas as alternativas posteriores, a letra b inicia-se com a conjunção quando e não aparece no trecho tal noção de tempo. Relendo as demais, percebe-se a falta de semelhança.

235. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT – 8ª Região/2010)

Minha frase célebre

I. O remédio é a gente silenciar, "pondo a modéstia de parte", como dizia o bom Noel.

II. Até eu já posso posar como ladrão de frase.

III. Em todo caso, Noel, desculpe o mau jeito.

IV. A letra de Noel foi esquecida por muita gente, e várias vezes, através dos anos, encabulei ao ganhar elogios pela "minha" frase.

V. Afinal ele escreveu tanta coisa bonita que com certeza não se importaria muito com este pequeno furto.

VI. É que certa vez escrevi: Nasci, modéstia à parte, em Cachoeiro de Itapemirim – mas escrevi parodiando declaradamente uma letra de Noel Rosa sobre Vila Isabel.

Para que o texto de Rubem Braga (**Recado de primavera**. Rio de Janeiro: Record, 7.ed, 1998, p. 94) seja entendido com lógica e clareza, os parágrafos numerados acima devem ser lidos na seguinte ordem:

(A) V, III, VI, IV, II, I.

(B) VI, V, III, IV, I, II.

(C) I, IV, VI, III, II, V.

(D) II, VI, IV, I, V, III.

(E) III, VI, V, II, I, IV.

COMENTÁRIOS

Resposta: D.

Alternativa "d": correta – Através da coesão (palavras repetidas), monta-se a sequência correta. Vá às alternativas e verifique qual item pode iniciar o texto.

Alternativa "a" – Errada. Elimina-se a alternativa porque o texto não pode iniciar com uma conjunção conclusiva (afinal).

Alternativa "e" – Errada. Deve ser eliminada por não poder iniciar com em todo caso, Noel, desculpe o mau jeito.

Alternativa "b" – Errada. Também, pode ser eliminada. Restaram C e D. Agora sim: compare-as.

Alternativa "c" – Errada. Não há sequência de ideias.

---

236. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT – 8ª Região/2010) A frase com correção, clareza e coerência é:

(A) Não se têm ideia exata da quantidade de CO2 que é liberado com a queima.

(B) Os pesquisadores lograram, no mês de agosto, uma queimada controlada no nordeste mato-grossence.

(C) A experiência, levada à cabo em 150 hectares de uma floresta de transição, existente entre o Cerrado e a mata amazônica.

(D) Até o ano de 2013, o grupo de pesquisadores irá dedicar-se à observação do revigoramento da floresta.

(E) Quase não se conhece as consequências dos incêndios nas florestas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – O verbo, no singular, concorda com o núcleo do sujeito *grupo*.

Erros:

Alternativa "a" – Errada. Não se tem ideia exata = ideia exata não é tida. Voz passiva sintética.

Alternativa "b" – Errada. mato-grossense

Alternativa "c" – Errada... . experiência levada a cabo = não se usa crase antes de palavra masculina

Alternativa "e" – Errada. Quando não se conhecem as consequências = quando as consequências não são conhecidas. Voz passiva sintética.

---

237. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT – 8ª Região/2010) O texto está corretamente transcrito com lógica, correção e clareza, sem repetições desnecessárias, em:

(A) No arquipélago de Galápagos, no Equador, considerado um dos locais de maior biodiversidade do planeta que possui 133 mil quilômetros quadrados, será instalado em todas as embarcações com menos de 20 toneladas de peso bruto, onde a maioria das que trafegam na reserva, um sistema de vigilância o qual emitirá um sinal de rádio, captado por antenas em pontos estratégicos – pelo convênio assinado pelo Parque Nacional com a ONG Sea Shepard e WWF – para impor esse sistema.

(B) O Parque Nacional de Galápagos, no Equador, a ONG Sea Shepard e WWF assinaram um convênio para estabelecer um sistema de vigilância dos barcos que navegam pela reserva marinha do arquipélago, de 133 mil quilômetros quadrados, considerado um dos locais de maior biodiversidade do planeta. Esse sistema será instalado em todas as embarcações com menos de 20 toneladas de peso bruto – a maioria das que trafegam na reserva –, e emitirá um sinal de rádio, a ser captado por antenas colocadas em pontos estratégicos.

(C) Nos barcos que navegam dentro da reserva marinha do arquipélago, que possui 133 mil quilômetros quadrados considerando ser um dos locais de maior biodiversidade do planeta, o Parque Nacional de Galápagos, no Equador, assinou um convênio com a ONG Sea Shepard e WWF para instalar um sistema de vigilância nesses barcos com menos de 20 toneladas de peso bruto, cuja

a maioria trafegam na reserva. O sinal de rádio, que será captado por antenas em pontos estratégicos, será emitido por esse sistema.

(D) O Parque Nacional de Galápagos, no Equador, assinou um convênio com a ONG Sea Shepard e WWF para impor um sistema de vigilância dos barcos que navegam dentro da reserva marinha do arquipélago, contando com 133 mil quilômetros quadrados considerado um dos locais de maior biodiversidade do planeta. É um sistema – o qual será instalado em todas as embarcações com menos de 20 toneladas de peso bruto – cuja maioria das que trafegam na reserva. O sistema vai emitir um sinal de rádio, que será captado por antenas em pontos estratégicos.

(E) Tratando-se de um sistema de vigilância de barcos, o Parque Nacional de Galápagos, no Equador, assinou um convênio com a ONG Sea Shepard e WWF para implementar tal sistema dos barcos que navegam dentro da reserva marinha do arquipélago. Possuindo 133 mil quilômetros quadrados e considerado um dos locais de maior biodiversidade do planeta. Será instalado em todas as embarcações com menos de 20 toneladas de peso bruto, que constitui a maioria das que trafegam na reserva. O sistema vai emitir um sinal de rádio, que antenas em pontos estratégicos vão captar.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Questão longa, mas fácil. Ao ler as alternativas, elimine as que não possuem coerência e clareza, ou seja, as que não possuem sentido. Caso possuam, verifique se há erros gramaticais. Vejamos alguns erros gramaticais:

Alternativa "a" – Errada. Os pronomes relativos que e onde estão mal empregados. O primeiro, está erroneamente retomando *planeta* e o segundo retoma *peso bruto* e não indica lugar: incorreto. Além dos erros gramaticais citados, as ideias estão confusas.

Alternativa "c" – Errada. A vírgula que antecede o pronome relativo que está incorreta porque se trata de uma oração adjetiva restritiva e não explicativa (além da desnecessária repetição do que). Mais o absurdo CUJA A: **não existem** as formas cujo o, cuja a e o cujo. Apenas a cujo(a), pois se trata de uma preposição e não de um artigo. O artigo também não acompanha o pronome relativo QUEM, assim fica evidente que nunca haverá acento indicativo de crase antes de QUEM e CUJO.

Alternativa "d" – Errada. *É um sistema – o qual será instalado* equivale a é um sistema que será instalado em todas as embarcações. Segundo erro: *o sistema vai emitir um sinal de rádio que será captado por antenas em pontos estratégicos*, a oração sublinhada é restritiva, por isso não pode vir seguida de vírgula. Não é qualquer sinal de rádio que será captado.

Alternativa "e" – Errada. Além da má estruturação sintática (sem clareza no final), ocorre o mesmo erro do emprego da vírgula na oração mencionada no item anterior.

O texto refere-se às questões posteriores (oito).

Pessimismo e otimismo

Achar que um pessimista pode ser um tipo interessante é coisa de otimistas – e eu assino embaixo. Confesso, aliás, que tenho uma séria inclinação para o pessimismo, mas entendo que ela se deve, justamente, à porção de otimismo que também está em mim. Não, leitor, não alimento o prazer de formular paradoxos gratuitos; deixe-me fundamentar este.

Os otimistas costumam achar muita graça no mundo, seja porque já a encontraram, seja porque estão certos de que ainda a encontrarão. Mas às vezes esse otimismo é tão grande que passa a ser demasiado exigente, e só se contentará com o êxtase da suprema felicidade. Como esta é raríssima, e quando chega costuma ser passageira, o otimista passa a temperar sua expectativa com um pouco de pessimismo só para engrandecer ainda mais o êxtase almejado. Complicado? Mas quem disse que somos simples?

Outro dia recortei da Internet este fragmento de um blog, que vai um pouco na direção das minhas convicções:

Penso que a maioria das pessoas tende a associar pessimismo a inatividade e paralisia, e otimismo a entusiasmo e iniciativa. Via de regra, é precisamente o oposto que é verdadeiro: em seu deslumbramento, os otimistas, que diante de tudo se ofuscam, a nada se apegam. Por outro lado, em sua lucidez, aos pessimistas é dado enxergar na escuridão a imagem do que lhes seria essencial, e sentem-se como ninguém compelidos a agarrar-se a ela.

É isso. O pessimista não é inimigo das idealizações, muito pelo contrário. E alguém já disse: Sou pessimista de cabeça e otimista de coração. A frase é esperta, pois leva a admitir um convívio ameno entre as inclinações para a mais rigorosa lucidez e para a mais generosa sensibilidade. Mas é também verdadeira: qualquer um de nós pode admiti-lo durante a simples operação de folhear um jornal. O homem-bomba resolveu sacrificar-se na companhia de quinze adversários políticos? A humanidade não tem jeito. O pequeno e sofrido país asiático teve sua independência reconhecida e amparada pela ONU? Nem tudo está perdido. No noticiário da TV, e ao vivo: o marido enciumado sequestrou a própria mulher e

ameaça matá-la diante das câmeras? O mundo é mesmo um horror... Horas depois, ainda ao vivo, o homem depõe a arma e entrega-se à polícia, aos prantos? Esta vida é comovente...

Pensando agora em nosso país: haverá algum outro que tantas razões dê a seus cidadãos para serem otimistas e pessimistas a um tempo? Parece já fazer parte da nossa cultura esse amálgama de expectativas contrárias: ora "o Brasil não tem jeito mesmo", ora "este é o melhor país do mundo". Diante dos extremos, as pessoas sensatas recomendam o equilíbrio que nega as polaridades, pois "a verdade está no meio". Pois eu prefiro manter a opinião de que a verdade dos otimistas é, no fundo, uma aliada da verdade dos pessimistas. A prova de que não somos uma coisa só está em cada dia que amanhece: o leitor acordou hoje pessimista ou otimista? Seja qual for a resposta, só posso lhe dizer: – Conserve-se assim, e até amanhã. (Sérgio Ruiz Taborda)

238. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 5ª região/ 2008 – FCC) Considerando-se o contexto, encontram-se numa relação **opositiva** os seguintes elementos do texto:

(A) esta é raríssima / costuma ser passageira.

(B) demasiado exigente / rigorosa lucidez.

(C) seu deslumbramento / sua lucidez.

(D) convívio ameno / generosa sensibilidade.

(E) nossa cultura / amálgama de expectativas contrárias.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Deslumbramento é, no sentido figurado, alucinação, portanto o oposto de lucidez.

Alternativa "a" – Raro não é o oposto de passageiro.

Alternativa "b" – Não possui relação oposta.

Alternativa "d" – Não possui relação oposta.

Alternativa "e" – Não possui relação oposta.

239. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 5ª região/ 2008 – FCC) Considerando-se o contexto, traduz-se com equivalência o sentido de uma expressão do texto em:

(A) *eu assino embaixo* = retifico o que está acima.

(B) *temperar sua expectativa* = apurar sua confiança.

(C) *inimigo das idealizações* = infenso ao pragmatismo.

(D) *amálgama de expectativas contrárias* = eliminação das contradições.

(E) *nega as polaridades* = recusa os extremos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Nega = exclui; polaridade = qualidade do que oscila entre polos opostos, ou seja, extremos.

Alternativa "a" – Assinar e retificar não pertencem ao mesmo campo semântico.

Alternativa "b" – Expectativa e confiança não se relacionam semanticamente.

Alternativa "c" – Infenso: irritado, furioso; pragmatismo: comportamento ou atitude, de pessoa ou grupo, que sempre busca resultados práticos, materiais, concretos.

Alternativa "d" – Amálgama: no sentido figurado, significa mistura de coisas ou pessoas de natureza diferente, formando um todo.

240. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 5ª região/ 2008 – FCC) O elemento sublinhado em

(A) *(...)* otimistas e pessimistas *a um tempo* exclui a possibilidade de ambivalência. (6º parágrafo)

(B) (...) *compelidos a agarrar-se a* ela refere-se ao antecedente ***escuridão***. (4º parágrafo)

(C) (...) otimismo *que também está em mim* exclui o antecedente ***pessimismo***. (1º parágrafo)

(D) (...) *deixe-me fundamentar* este refere-se ao antecedente ***prazer***. (1º parágrafo)

(E) *Mas é também verdadeira* (...) refere-se ao antecedente ***frase***. (5º parágrafo)

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Basta reler: A frase é esperta, pois leva a admitir um convívio ameno entre as inclinações para a mais rigorosa lucidez e para a mais generosa sensibilidade. Mas é também verdadeira: qualquer um de nós pode admiti-lo durante a simples operação de folhear um jornal.

Alternativa "a" – Não exclui, adiciona.

Alternativa "b" – Refere-se à imagem.

Alternativa "c" – Se está também não exclui.

Alternativa "d" – Paradoxo.

241. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 5ª região/ 2008 – FCC) Do mesmo modo como a expressão *prazer de formular paradoxos* equivale, no contexto, a ***prazer da formulação de paradoxos***, assim também equivalerá a

(A) *tenho uma séria inclinação para o pessimismo* a expressão ***inclina-me seriamente o pessimismo***.

(B) *costumam achar muita graça no mundo* a expressão ***costumam engraçar muito o mundo.***

(C) *só para engrandecer ainda mais o êxtase* a expressão ***só para um engrandecimento ainda maior do êxtase.***

(D) *sentem-se como ninguém compelidos a agarrar-se* a expressão ***sentem-se como que compulsivos em agarrar-se.***

(E) *leva a admitir um convívio ameno* a expressão ***é levado a admitir haver ameno convívio.***

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Se o verbo **formular** equivale ao substantivo **formulação**, o verbo **engrandecer** equivale ao substantivo **engrandecimento**.

Alternativa "a" – O substantivo transforma-se em verbo. Foi pedido o contrário. Mais: erro na preposição.

Alternativa "b" – Não há substantivo na segunda frase.

Alternativa "d" – Compelidos e compulsivos = dois adjetivos.

Alternativa "e" – Pouco alterou e não há troca de verbo por substantivo.

---

242. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 5ª região/ 2008 – FCC) O pessimista não é inimigo das idealizações, pois tem apego pelo que lhe parece essencial. A frase acima permanecerá correta caso se substituam os elementos sublinhados, respectivamente, por:

(A) adverso nas – atração no que

(B) imune com as – afinidade do que

(C) contendor às – proximidade com o que

(D) hostil às – afeição ao que

(E) contrário das – inclinação do que

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão e regência.

A alternativa correta: Inimigo de = hostil às; apego pelo que = afeição ao que.

Alternativa "a" – adverso às; atração por.

Alternativa "b" – imune às; afinidade com o que.

Alternativa "c" – Altera os sentidos.

Alternativa "e" – contrário às.

---

243. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 5ª região/ 2008 – FCC) Está inteiramente clara e correta a redação da seguinte frase:

(A) O Brasil é um país que sucita posições extremadas; ele inclui tanto a admiração como a depreciação, entre os brasileiros.

(B) Ora parece que a humanidade não tem jeito, e vice-versa; nesses dilemas entre otimismo e o pessimismo vivemos todos.

(C) Muitos homens se valem da crença religiosa para se auto-sacrificarem em protesto político, em cujo também morrem vários inocentes.

(D) Não obstante o pessimismo, os otimistas também podem ter momentos em que se manifestam em meio à uma grande insatisfação.

(E) Com a irônica frase final, o autor do texto sugere que o pessimismo e o otimismo podem ser considerados simples variações do nosso humor.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Frase correta, não há erro.

Alternativa "a" – O Brasil é um país que **suscita** posições extremadas: inclui tanto a admiração como a depreciação, entre os brasileiros.

Alternativa "b" – Sem clareza e pontuação errada.

Alternativa "c" – Morrem vários inocentes no protesto = em que.

Alternativa "d" – Não se usa crase antes de artigo indefinido = a uma grande insatisfação.

---

244. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 5ª região/ 2008 – FCC) No fragmento do ***blog*** citado no texto, as expressões *via de regra* e *por outro lado* estão empregadas, respectivamente, com o sentido de

(A) rigorosamente – ainda assim

(B) habitualmente – por sua vez

(C) invariavelmente – tanto assim que

(D) indiscutivelmente – de outro modo

(E) esporadicamente – haja vista que

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

✪ **Nota da autora:** É preciso voltar ao texto para se certificar do exato significado.

- Penso que a maioria das pessoas tende a associar pessimismo a inatividade e paralisia, e otimismo a entusiasmo e iniciativa. Via de regra, é precisamente o oposto que é verdadeiro: em seu deslumbramento, os otimistas, que diante de tudo se ofuscam, a nada se apegam. = habitualmente.
- Via de regra, é precisamente o oposto que é verdadeiro: em seu deslumbramento, os otimistas, que diante de tudo se ofuscam, a nada se apegam. Por outro lado, em sua lucidez, aos pessimistas é dado enxergar na escuridão a imagem do que lhes seria essencial, e sentem-se como ninguém compelidos a agarrar-se a ela. = por sua vez.

Alternativa "a" – Rigorosamente: com severidade, com rigor.

Alternativa "c" – Invariavelmente: inalteravelmente.

Alternativa "d" – Indiscutivelmente: que não se pode discutir.

Alternativa "e" – Esporadicamente: ocorre pouco, não é frequente.

---

245. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 5ª região/ 2008 – FCC) *"(...) em seu deslumbramento, os otimistas, que diante de tudo se ofuscam, a nada se apegam".* Mantêm-se as articulações lógicas da frase acima nesta outra redação:

(A) A nada se apegam, em seu deslumbramento, os otimistas, conquanto se ofuscam com tudo.

(B) Os otimistas, em seu deslumbramento, a nada se apegam, para que diante de tudo se ofusquem.

(C) Diante de tudo se ofuscam os otimistas, em seu deslumbramento, e a nada se apegam.

(D) Mesmo quando se ofuscam diante de tudo, em seu deslumbramento, os otimistas a nada se apegam.

(E) Em seu deslumbramento, diante de tudo se ofuscam os otimistas quando a nada se apegam.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Articulações corretas, apenas alterou a ordem.

Erros:

Alternativa "a" – Conquanto.

Alternativa "b" – Para que.

Alternativa "d" – Mesmo quando.

Alternativa "e" – Quando.

Atenção! O texto refere-se à questão.

A história dos países atrasados nos séculos XIX e XX é a história da tentativa de alcançar o mundo mais avançado por meio de sua imitação. Os japoneses do século XIX tomavam a Europa como modelo; os europeus ocidentais, depois da Segunda Guerra Mundial, imitavam a economia norte – americana. A experiência da Europa Central e Oriental no século XX é, genericamente falando, a de tentar atualizar-se mediante a sucessiva adoção e fracasso de vários modelos. Depois de 1918, quando a maioria dos países sucessores constituía-se de países novos, o modelo foi o da democracia e do liberalismo econômico do Ocidente. O presidente Wilson – a estação principal de Praga está batizada novamente com o seu nome? – era o santo padroeiro da região, menos para os bolcheviques, que seguiam seu próprio caminho. (Na verdade, também eles tinham modelos estrangeiros: Rathenau e Henry Ford.) Isso não funcionou. Nos anos 20 e 30, o modelo entrou em colapso, em termos políticos e econômicos. A Grande Depressão acabou destruindo a democracia multinacional até mesmo na Tchecoslováquia. (Eric Hobsbawm, "Dentro e fora da história", In Sobre história.São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 15)

---

246. (FCC – Analista Processual – MPU/ 2007) (Na verdade, também eles tinham modelos estrangeiros: Rathenau e Henry Ford.) Isso não funcionou. Nos anos 20 e 30, o modelo entrou em colapso, em termos políticos e econômicos. A Grande Depressão acabou destruindo a democracia multinacional até mesmo na Tchecoslováquia.

Observado o fragmento acima, é correto afirmar:

(A) A palavra *também* foi empregada para dar ênfase à idéia apresentada, expressando o mesmo sentido que se nota em "Essa história também já é demais!".

(B) O vocábulo colapso estaria corretamente separado em sílabas assim: "co – la – pso".

(C) A expressão *até mesmo* assinala que, no processo de defesa da idéia, o elemento citado constitui-se como o argumento mais forte.

(D) A expressão *acabou destruindo* exprime a mesma idéia que a forma verbal "destruíra".

(E) A expressão *entrou em colapso* foi empregada para exprimir que a perda da eficiência ocorria paulatinamente.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Até mesmo: inclusive.

Alternativa "a" – Também, no texto, equivale a **do mesmo modo, igualmente**.

Alternativa "b" – Opa. Duas consoantes e duas vogais? Deixemos uma consoante com uma vogal em cada sílaba: co-lap-so.

Alternativa "d" – Acabou destruindo equivale a **destruiu** = pretérito perfeito do indicativo (ação concluída).

Alternativa "e" – Não ocorreu paulatinamente, pois indica ação inteira, única.

---

247. (FCC – Analista Processual – MPU/ 2007) A redação que está clara e totalmente correta é:

(A) Devido aos novos rumos dos negócios que as pessoas devem se precaver, pois a mudança na Economia é entendida, cada vez menos, por um número pequeno de pessoas.

(B) Sendo, ou não, influenciados pelo grande público, os rapazes representavam entusiasmadamente o texto que lhes possibilitava a manifestação completa do talento.

(C) Embora a doença seja erradicada facilmente, no ano anterior, registraram-se nesta semana alguns casos de recaída, do qual muitos deles, foram atendidos prontamente.

(D) São visões diferente ao que Machado manifestou em seus romances, indo, mesmo, na direção contrária das suas obras.

(E) O desastre foi violento e as vítimas foram socorridas ao hospital mais próximo, onde, perante os quadros, foram tomadas as medidas emergenciais mais adequadas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Houve intercalações separadas por vírgulas.

Alternativa "a" – Pessoas devem se precaver **de algo** = de que.

Alternativa "c" – Vários erros: Embora a doença **tenha sido** erradicada **facilmente** no ano anterior, registraram-se nesta semana alguns casos de recaída, **os quais,** muitos deles, foram atendidos prontamente.

Alternativa "d" – São visões **diferentes das que** (ou **do que**) Machado manifestou em seus romances.

Alternativa "e" – vítimas foram socorridas **no** hospital = lugar.

O texto refere-se às questões seguintes (cinco).

Os princípios éticos são normas de comportamento social, e não simples ideais de vida, ou premissas doutrinárias. Como normas de comportamento humano, os princípios éticos distinguem-se nitidamente não só das regras do raciocínio matemático, mas também das leis naturais ou biológicas. Ao contrário do que sustentaram grandes pensadores, como Hobbes, Leibniz e Espinosa, a vida ética não pode ser interpretada segundo o método geométrico (ordine geometrico demonstrata). As normas éticas tampouco podem ser reduzidas a enunciados científicos, fundados na observação e na experimentação, como se se tratasse de leis zoológicas. Durante boa parte do século XIX, alguns pensadores, impressionados pelo extraordinário progresso alcançado no campo das ciências exatas, com a produção de certeza e previsibilidade no conhecimento dos dados da natureza, sucumbiram à tentação de explicar a vida humana segundo parâmetros deterministas.

Ora, por mais que se queira eliminar a liberdade do mundo humano, ela teima em aparecer, desafiando constantemente as previsões "científicas". Somos o único ser que combina, em sua vida social, a necessidade física e biológica com os deveres éticos, a sujeição aos fatos naturais com a autonomia de ação. Como é passível de comprovação, em toda sociedade o ideário e as estruturas de poder desenvolvem – se dentro dos limites postos por determinados fatores básicos, como o patrimônio genético, o meio geográfico ou o estado da técnica. Vencer tais limitações tem sido um desafio constante lançado à espécie humana. Mas nem por isso devemos tomar esses fatores condicionantes da vida social como seus princípios diretivos. (Adaptado de COMPARATO, Fábio Konder. Ética: direito, moral e religião no mundo moderno. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 494-5) OBS.: Hobbes (1588-1679), Leibniz (1646-1717), Espinosa (1632 – 1677) – filósofos ordine geometrico demonstrata – em tradução livre, "demonstrado segundo a ordem geométrica"

---

248. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/ 2007 – FCC) É correto afirmar:

(A) *século XIX*, de acordo com a norma padrão, deve ser escrito por extenso por meio do numeral cardinal –"dezenove"–, assim como deve ocorrer com "século VIII".

(B) em *Durante boa parte do século XIX*, o adjetivo exprime juízo de valor atribuído aos anos em que ocorreram os fatos mais significativos para a história do pensamento.

(C) o uso de *tampouco* denota que a sequência estabelecida na argumentação institui uma hierarquia, na qual os enunciados científicos são considerados os mais desprestigiados.

(D) o segmento *Ao contrário do que* pode ser substituído, sem prejuízo do sentido original e da correção, por "Contrariamente ao que".

(E) a correlação notada na segunda frase do texto é estabelecida por meio das expressões *não só* e *mas também*, e exprime ideia de alternância.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Questão de semântica e regência: ao contrário **de** algo e contrariamente **a** algo.

Alternativa "a" – Não há necessidade de escrever por extenso.

Alternativa "b" – O adjetivo *boa* apenas informa que foi durante muito tempo.

Alternativa "c" – Tampouco significa *nem, também não.*

Alternativa "e" – Indica adição: isso + isso.

---

249. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/ 2007 – FCC) *Somos o único ser que combina, em sua vida social, a necessidade física e biológica com os deveres éticos, a sujeição aos fatos naturais com a autonomia de ação.*

Afirma-se com correção, considerada a frase acima, em seu contexto:

(A) O emprego de *Somos* produz generalização, mas relativa, pois o argumento produzido não chega a abarcar a totalidade da condição humana.

(B) No segmento *Somos o único ser que combina*, uma vírgula colocada depois de *ser* manteria o sentido original e a correção da frase.

(C) A frase, estruturada em torno dos verbos *Somos* e *combina*, expressa o descolamento do ser em relação à coercitividade do universo natural.

(D) Explica-se cabalmente o paralelismo estabelecido na frase deste modo: *a necessidade física e biológica* está para *os deveres éticos*, assim como *a sujeição* está para *a ação.*

(E) O fragmento *Somos o único ser que combina* pode ser substituído, sem prejuízo do sentido original, por "Somos um ser que combina, por excelência".

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – O homem retira-se ou se desloca da coercibilidade imposta pelas leis naturais universais, em consonância às combinações que só ele realiza, ou seja, ele é o único ser, diferente dos demais, a romper com as leis universais da natureza.

Alternativa "a" – O argumento produzido chega a abarcar a totalidade da condição humana.

Alternativa "b" – Alteraria o sentido, pois há pronome relativo. Mudaria a oração de restritiva para explicativa (generaliza).

Alternativa "d" – Não explica.

Alternativa "e" – Não há relação entre somos o único e somos um ser.

---

250. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/ 2007 – FCC)

Como é passível de comprovação, em toda sociedade o ideário e as estruturas de poder desenvolvem-se dentro dos limites postos por determinados fatores básicos, como o patrimônio genético, o meio geográfico ou o estado da técnica.

Observada a frase acima, e sempre considerando o contexto, é correto afirmar:

(A) Em *Como é passível de comprovação*, a conjunção introduz um dos termos de uma relação comparativa.

(B) O adjetivo *passível* está empregado em respeito à norma padrão da Língua Portuguesa, assim como o está em "Eram depoimentos realmente passível de contestação".

(C) A expressão *em toda sociedade* pode ser substituída por "na sociedade como um todo".

(D) O emprego de *determinados* contribui para a expressão da ideia de que o homem, por meio de sua ação, pode relativizar exclusivamente as forças exteriores que o cerceiam.

(E) Em *como o patrimônio genético*, o termo destacado equivale a "a exemplo de".

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Como está exemplificando a ideia anterior (fatores básicos): *em toda sociedade o ideário e as estruturas de poder desenvolvem-se dentro dos limites postos por determinados fatores básicos.*

Alternativa "a" – Não há comparação, mas sim exemplificação.

Alternativa "b" – Eram depoimentos realmente **passíveis** de contestação.

Alternativa "c" – Altera o sentido.

Alternativa "d" – *Determinados fatores básicos* equivale a alguns fatores básicos.

---

251. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/ 2007 – FCC) *"Mas nem por isso devemos tomar esses fatores condicionantes da vida social como seus princípios diretivos".* A alternativa que apresenta, de maneira clara e correta, o modo como a frase acima deve ser entendida, no seu contexto, é:

(A) Entretanto isso não condiz, visto que não devemos considerar esses itens disciplinadores da vida social em seus princípios constitutivos.

(B) Tratam-se, todavia, de fatores que, apesar de serem considerados limitando, não devem ser tidos como inibidores do desenvolvimento social, em princípio.

(C) Contudo, isso não justifica que tais elementos que influenciam a vida social sejam concebidos como predeterminantes dos rumos que ela venha a tomar.

(D) Mas é o caso de se deixar de lado que os fatores sejam condicionantes da sociedade, pelo fato de constituir princípios de direção.

(E) Porém, esses fatores não basta para que se deva tomá-los como ideias norteadoras da vida em sociedade, sendo mesmo fatores que condicionam.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Mas: conjunção adversativa, assim como *contudo* e as ideias são semelhantes.

Alternativa "a" – Altera a informação e não está claro o período.

Alternativa "b" – Trata-se: verbo transitivo indireto + se não admite plural; limitando: sem sentido.

Alternativa "d" – Altera a informação e não está claro o período.

Alternativa "e" – Fatores não **bastam.**

---

252. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/ 2007 – FCC) A expressão do texto que está corretamente entendida é:

(A) *premissas doutrinárias* – verdades conclusivas de um conjunto de conhecimentos ou crenças.

(B) *sucumbiram à tentação de explicar* – renderam-se às evidências de que era errôneo explicar.

(C) *explicar a vida humana segundo parâmetros deterministas* – justificar o nascimento da espécie tomando como paradigma o fatalismo.

(D) *passível de comprovação* – suscetível de ter sua validade atestada.

(E) *tem sido um desafio constante lançado à espécie humana* – surge intermitentemente como chamamento à ação humana como espécie.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – passível = suscetível; comprovação = validade atestada.

Alternativa "a" – premissa: ideia ou fato inicial de que se parte para formar um raciocínio.

Alternativa "b" – tentação de explicar não possui relação semântica com evidências de que era errôneo explicar.

Alternativa "c" – Sem relação semântica.

Alternativa "e" – Alterou o sentido.

Texto para a questão seguinte.

Nos séculos XVIII e XIX e no começo do século XX, os extraordinários acontecimentos que anunciavam a promessa de uma nova sociedade pareciam dividir nitidamente o mundo entre os defensores e os inimigos da liberdade e do progresso social, permitindo aos revolucionários traduzir em programas políticos sua fé na força emancipatória da aliança entre o intelectual educador e o proletário moderno. Contudo, seu diagnóstico da realidade, embora não chegasse a abalar os alicerces dessa fé, já atentava para as novas formas de manipulação e domínio emersas das próprias revoluções democráticas, detectando um problema central para aqueles que ainda hoje procuram vincular a utopia à lógica dos fatos: até que ponto a busca intelectual do verdadeiro e a ação solidária podem se ampliar e ter efetividade em um universo impregnado – e decodificado – pela cultura do individualismo e da competição. (PIOZZI, Patrizia. Os arquitetos da ordem anárquica: de Rousseau a Proudhon e Bakunin. São Paulo: Editora UNESP, 2006, p. 213.)

---

253. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/ 2007 – FCC) *Contudo, seu diagnóstico da realidade, embora não chegasse a abalar os alicerces dessa fé, já atentava para as novas formas de manipulação e domínio emersas das próprias revoluções democráticas...*

No fragmento acima, sempre considerado o contexto,

(A) *Contudo* tem o mesmo valor que a expressão destacada em "Ele não veio, **ainda assim** foi-lhe feita a homenagem programada".

(B) o emprego de *próprias* fortalece o seguinte entendimento: não seria de se esperar que novas formas de manipulação e domínio adviessem das revoluções democráticas.

(C) se a frase *embora não chegasse a abalar os alicerces dessa fé* for substituída por "se, por acaso, não abalasse os alicerces dessa fé", o sentido original ficará mantido.

(D) *seu* remete a *proletário moderno*, termo da oração imediatamente anterior.

(E) *emersas*, considerada em relação à palavra "imersas", pode servir de exemplo de palavra homônima homófona e homógrafa.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

▶ **Dica** – Novas formas de manipulação e domínio emersas das **próprias** revoluções democráticas. Caso seja necessário, volte ao texto.

Alternativa "a" – *Contudo* (coordenada) indica adversidade, enquanto *ainda assim* (subordinada) indica concessão.

Alternativa "c" – *Embora* indica concessão e *se*, condição. O sentido altera.

Alternativa "d" – Refere-se aos revolucionários, atente-se ao pronome, também, possessivo anterior: permitindo aos revolucionários traduzir em programas políticos **sua** fé na força emancipatória da aliança entre o intelectual educador e o proletário moderno. Contudo, **seu** diagnóstico da realidade, embora não chegasse a abalar os alicerces dessa fé, já atentava para as novas formas de manipulação e domínio emersas das próprias revoluções democráticas.

Alternativa "e" – Palavras homônimas possuem grafia ou som igual. Há paronímia: palavras parecidas.

---

254. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 2ª região/ 2007 – FCC) Considerada a norma padrão da Língua Portuguesa, a frase que está totalmente correta é:

(A) Não sei porque o uso dos porquês constitui entraves, visto que a grande maioria das gramáticas normativas contém explicações detalhadas sobre o assunto.

(B) Vemos que a percepção de Vossa Senhoria vem de encontro à nossa, Senhor Ministro, e que também considera triste todas as situações relatadas, motivo por que reiteramos que pode contar com nós todos para enfrentar o desafio.

(C) Visitam muitas comunidades as quais o passado é padrão para o presente e, nelas, se qualquer inovação contradizer os costumes instituídos há gerações, será imediatamente elidida.

(D) A questão com que os estudiosos não souberam lidar tem a ver com a impressão que causaram nos habitantes da mata: a de que vinham para instruí-los a como viver bem.

(E) A produção daquele grupo de nativos é 2 vezes superior da que se realiza pelos que vêm de fora e, se não advirem, por interferência dos mal-informados, restrições ao modo primitivo de tratar as fibras, essa proporção pode aumentar.

Anulada pela banca – Vamos aos erros.

Alternativa "a" – Não sei por que (razão).

Alternativa "b" – Vossa Excelência (Ministro); vem ao encontro (concorda) – de encontro (oposição).

▶ **Dica retirada do Manual de Redação da Presidência da República** – www.planalto.gov.br/ccivil_03/manual/manual.htm – **Vossa Excelência**, para as seguintes autoridades:

- **do Poder Executivo** – Presidente da República; Vice-Presidente da República; Ministros de Estado; Governadores e Vice-governadores de Estado e do Distrito Federal; Oficiais-Generais das Forças Armadas; Embaixadores; Secretários-Executivos de Ministérios e demais ocupantes de cargos de natureza especial; Secretários de Estado dos Governos Estaduais; Prefeitos Municipais.
- **do Poder Legislativo** – Deputados Federais e Senadores; Ministro do Tribunal de Contas da União; Deputados Estaduais e Distritais; Conselheiros dos Tribunais de Contas Estaduais; Presidentes das Câmaras Legislativas Municipais.
- **do Poder Judiciário** – Ministros dos Tribunais Superiores; Membros de Tribunais; Juízes; Auditores da Justiça Militar.

O vocativo a ser empregado em comunicações dirigidas aos Chefes de Poder é *Excelentíssimo Senhor*, seguido do cargo respectivo:

- Excelentíssimo Senhor Presidente da República, Excelentíssimo Senhor Presidente do Congresso Nacional,
- Excelentíssimo Senhor Presidente do Supremo Tribunal Federal.
- As demais autoridades serão tratadas com o vocativo Senhor, seguido do cargo respectivo:
- Senhor Senador, Senhor Juiz, Senhor Ministro, Senhor Governador.

Alternativa "c" – O passado é padrão para o presente **nas** comunidades = em que; contradisser.

Alternativa "d" – Vieram.

Alternativa "e" – Advierem – origina-se do verbo vir (vierem).

---

255. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 2ª região/ 2007 – FCC) *"Se não sou o mais velho dos nossos colegas, estou entre os mais velhos".* A frase que está correta e que mantém o sentido da original é:

(A) Levantada a hipótese de não ser eu o mais velho dos nossos colegas, estaria, talvez, entre eles.

(B) Não sendo porventura o mais velho dos nossos colegas, certamente me incluo entre os mais velhos.

(C) Considero-me eventualmente entre os mais velhos dos nossos colegas, não sendo, quem sabe, o mais velho.

(D) Sendo errôneo ser o mais velho entre os nossos colegas, acaso seria considerado um dentre todos.

(E) Dado que estou entre os mais velhos, possivelmente posso ser considerado o mais velho dos nossos colegas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Se não sou o mais velho dos nossos colegas = Não sendo porventura o mais velho dos nossos colegas; *estou entre os mais velhos* = certamente me incluo entre os mais velhos.

Alternativa "a" – Talvez? Não, pois certamente ele se inclui entre os mais velhos.

Alternativa "c" – Há certeza na frase mencionada no enunciado, o que não ocorre nesta alternativa.

Alternativa "d" – Errôneo? Não é errôneo.

Alternativa "e" – Possivelmente não, é certamente.

texto refere-se às questões posteriores (3).

Senhores:

Investindo-me no cargo de presidente, quisestes começar a Academia Brasileira de Letras pela consagração da idade. Se não sou o mais velho dos nossos colegas, estou entre os mais velhos. É simbólico da parte de uma instituição que conta viver, confiar da idade funções que mais de um espírito eminente exerceria melhor. Agora que vos agradeço a escolha, digo-vos que buscarei na medida do possível corresponder à vossa confiança.

Não é preciso definir esta instituição. Iniciada por um moço, aceita e completada por moços, a Academia nasce com a alma nova e naturalmente ambiciosa. O vosso desejo é conservar, no meio da federação política, a unidade literária. Tal obra exige não só a compreensão pública, mas ainda e principalmente a vossa constância. A Academia Francesa, pela qual esta se modelou, sobrevive aos acontecimentos de toda a casta, às escolas literárias e às transformações civis. A vossa há de querer ter as mesmas feições de estabilidade e progresso. Já o batismo de suas cadeiras com os nomes preclaros e saudosos da ficção, da lírica, da crítica e da eloquência nacionais é indício de que a tradição é o seu primeiro voto. Cabe-vos fazer com que ele perdure. Passai a vossos sucessores o pensamento e a vontade iniciais, para que eles os transmitam também aos seus, e a vossa obra seja contada entre as sólidas e brilhantes páginas da nossa vida brasileira. Está aberta a sessão. (ASSIS, Machado. Discurso inaugural, na Academia Brasileira, aos 20 dias do mês de julho de 1897. Obra completa, vol.III, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997, p.926)

256. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 2ª região/ 2007 – FCC) As alternativas apresentam variantes da frase acima que, considerado o contexto, poderiam substituí-la. Em algumas a quebra da ordem sintática está justificada pelo bom estilo adotado. A ÚNICA estruturação que, fugindo às regras gramaticais, não se justifica e, por isso, está INCORRETA é:

(A) Esta instituição? Não é preciso que se a defina.

(B) Esta instituição que ora inauguramos, não é preciso defini-la.

(C) Se definições são necessárias, não a desta instituição.

(D) Se necessário for definir, não a esta instituição.

(E) Se defina qualquer coisa, não sendo essa instituição.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (Anulada).

Alternativa "a" – Correta. Fez-se uma interrogação e foi respondida.

Alternativa "b" – Correta.

Alternativa "c" – Correta: não é preciso definir.

Alternativa "d" – Correta.

Alternativa "e" – Correta, embora pareça o contrário. Por isso a questão foi anulada.

257. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 2ª região/ 2007 – FCC) Considerada a ocorrência destacada, e sempre a norma padrão da Língua Portuguesa, é correto afirmar:

(A) a expressão *há de querer* exprime futuridade promissiva com ideia de "desejar com intensidade".

(B) o advérbio *Já* foi empregado com a acepção de "nesse instante", como se nota em "Já consigo vê-la ao longe".

(C) o pronome *suas*, em *de suas cadeiras*, refere-se aos colegas do orador presentes na Academia.

(D) o adjetivo *preclaros* foi empregado como antônimo de "insigne".

(E) a expressão *é indício* pode ser substituída, com correção, por "é fator à sinalizar", sem que nenhuma outra alteração seja necessária na frase.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Correta. Voltemos ao texto: A vossa há de querer ter as mesmas feições de estabilidade e progresso.

Alternativa "b" – Já = até, ou seja, indica inclusão.

Alternativa "c" – Refere-se às cadeiras da Academia e nada indica que sejam dos oradores **presentes**.

Alternativa "d" – Preclaros: ilustres.

Alternativa "e" – Indício: sintoma, indicação. O erro está na crase antes do verbo.

---

258. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 2ª região/ 2007 – FCC) Consideradas a ocorrência citada e a norma padrão da Língua Portuguesa, é correto afirmar:

(A) Os dois-pontos após o vocativo exemplificam equívoco de quem transcreveu o discurso, pois o desejável seria o uso da vírgula.

(B) O emprego concomitante de *vossos* e *nossos* exemplifica, no estilo oratório, a licença que o autor se concede para fazer uso do tom informal.

(C) Na frase *Tal obra ... constância*, usou-se a correlação entre *não só* e *mas ainda* para aproximar os termos a que se atribuiu absoluta igualdade de valor.

(D) A frase *pela qual esta se modelou* pode ser substituída, sem prejuízo do sentido e da correção originais, por "a qual esta quer se equiparar".

(E) As expressões *às escolas literárias* e *às transformações civis* – diferentemente de *de toda a casta* – não complementam o sentido de *os acontecimentos*.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Completam o sentido do verbo *sobrevive*.

Alternativa "a" – O vocativo pede pontuação, não necessariamente a vírgula.

Alternativa "b" – Vossos refere-se a segunda pessoa do plural (vós) e nossos, a primeira pessoa do plural. Nada de informalidade.

▶ **Dica** – A concordância com pronome de tratamento deve ser com a terceira pessoa (você). Exemplo: Vossa Excelência fez o discurso muito bem e não Vossa Excelência fizeste. Fique atento.

Alternativa "c" – Não é igual valor, são termos adicionais.

Alternativa "d" – Equipara-se **a** algo: **à qual** esta quer se equiparar. Além do erro de regência, há diferença no verbo (tempo).

Texto para as próximas questões (2):

Os sonhos dos adolescentes

Se tivesse que comparar os jovens de hoje com os de dez ou vinte anos atrás, resumiria assim: eles sonham pequeno. É curioso, pois, pelo exemplo de pais, parentes e vizinhos, nossos jovens sabem que sua origem não fecha seu destino: sua vida não tem que acontecer necessariamente no lugar onde nasceram, sua profissão não tem que ser a continuação da de seus pais. Pelo acesso a uma proliferação extraordinária de ficções e informações, eles conhecem uma pluralidade inédita de vidas possíveis.

Apesar disso, em regra, os adolescentes e os pré-adolescentes de hoje têm devaneios sobre seu futuro muito parecidos com a vida da gente: eles sonham com um dia-a-dia que, para nós, adultos, não é sonho algum, mas o resultado (mais ou menos resignado) de compromissos e frustrações. Eles são "razoáveis": seu sonho é um ajuste entre suas aspirações heróico-ecológicas e as "necessidades" concretas (segurança do emprego, plano de saúde e aposentadoria).

Alguém dirá: melhor lidar com adolescentes tranquilos do que com rebeldes sem causa, não é? Pode ser, mas, seja qual for a qualidade dos professores, a escola desperta interesse quando carrega consigo uma promessa de futuro: estudem para ter uma vida mais próxima de seus sonhos. É bom que a escola não responda apenas à "dura realidade" do mercado de trabalho, mas também (talvez, sobretudo) aos devaneios de seus estudantes; sem isso, qual seria sua promessa? "Estude para se conformar"? Consequência: a escola é sempre desinteressante para quem pára de sonhar.

É possível que, por sua própria presença maciça em nossas telas, as ficções tenham perdido sua função essencial e sejam contempladas não como um repertório arrebatador de vidas possíveis, mas como um caleidoscópio para alegrar os olhos, um simples entretenimento. Os heróis percorrem o mundo matando dragões, defendendo causas e encontrando amores solares, mas eles não nos inspiram: eles nos divertem, enquanto, comportadamente, aspiramos a um churrasco no domingo e a uma cerveja com os amigos.

É também possível (sem contradizer a hipótese anterior) que os adultos não saibam mais sonhar muito além de seu nariz. Ora, a capacidade de os adolescentes inventarem seu futuro depende dos sonhos aos quais nós renunciamos. Pode ser que, quando eles procuram, nas entrelinhas de nossas falas, as aspirações das quais desistimos, eles se deparem apenas com versões melhoradas da mesma vida acomodada que, mal ou bem, conseguimos arrumar. Cada época tem os adolescentes que merece. (Adaptado de Contardo Calligaris. Folha de S. Paulo, 11/01/07)

---

259. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3ª região/ 2007 – FCC) A expressão *hipótese anterior*, que surge entre parênteses, faz referência à seguinte passagem do texto:

(A) *É possível que (...) as ficções tenham perdido sua função essencial.*

(B) *Consequência: a escola é sempre desinteressante para quem para de sonhar.*

(C) *Pode ser que (...) eles se deparem apenas com versões melhoradas da mesma vida (...)*

(D) *Ora, a capacidade de os adolescentes inventarem seu futuro depende dos sonhos aos quais nós renunciamos.*

(E) *(...) seja qual for a qualidade dos professores, a escola desperta interesse quando carrega consigo uma promessa de futuro (...).*

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Basta voltar ao parágrafo anterior: *É possível que, por sua própria presença maciça em nossas telas, as ficções tenham perdido sua função essencial e sejam contempladas não como um repertório arrebatador de vidas possíveis, mas como um caleidoscópio para alegrar os olhos, um simples entretenimento. Os heróis percorrem o mundo matando dragões, defendendo causas e encontrando amores solares, mas eles não nos inspiram: eles nos divertem, enquanto, comportadamente, aspiramos a um churrasco no domingo e a uma cerveja com os amigos.*

É também possível (sem contradizer a hipótese anterior*) que os adultos não saibam mais sonhar muito além de seu nariz.*

Eliminam-se, assim, as alternativas *b*, *c*, *d* e *e*.

---

260. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3ª região/ 2007 – FCC) Certa impropriedade que se verifica no uso da expressão *nas entrelinhas das nossas falas* poderia ser evitada, sem prejuízo para o sentido pretendido, caso o autor a tivesse substituído por

(A) entre os parênteses das nossas conversas.

(B) no que não se explicita em nossas palavras.

(C) nas assumidas reticências do nosso estilo.

(D) na falta de ênfase de nossas declarações.

(E) no que não se sublinha em nossos discursos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – *Entrelinhas*, no sentido figurado, significa: sentido não explícito de um texto mas que dele se pode depreender.

Alternativa "a" – Parênteses? Eliminada.

Alternativa "c" – Reticências? Eliminada.

Alternativa "d" – Não há falta de ênfase.

Alternativa "e" – Sublinha? Eliminada.

---

261. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3ª região/ 2007 – FCC) É preciso **corrigir** a redação da seguinte frase:

(A) A imagem de uma metralhadora disparando lembra ao autor de que o acionamento das modernas câmeras guarda-lhes uma velocidade similar.

(B) Como sugere o autor do texto, o risco de banalização é muito alto no uso impulsivo e inconsequente dos modernos engenhos eletrônicos.

(C) Posar para o fotógrafo era parte dos antigos ritos familiares, assim como era hábito organizar e conservar as fotos em álbuns de que todos se orgulhavam.

(D) A sensação de que, em nossos dias, o tempo está passando mais rapidamente decorre, em boa parte, da velocidade com que vivemos e descartamos nossas experiências.

(E) O antigo processo de revelação das fotografias tinha o seu quê de romantismo: era necessária alguma espera, por vezes ansiosa, pelo resultado obtido.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Lembra alguém de algo: lembra **o autor** de que o acionamento das modernas câmeras guarda-lhes uma velocidade similar.

Observações sobre as alternativas corretas:

Alternativa "b" – Vírgula separa oração conformativa na ordem inversa do período.

Alternativa "c" – Redação correta.

Alternativa "d" – Intercalações com vírgulas.

Alternativa "e" – Os dois pontos explicam.

O texto a seguir refere-se à próxima questão.

Imagens banalizadas

A tecnologia proporciona verdadeiros milagres, mas também produz alguma banalização. Nunca se tirou tanta fotografia instantânea como hoje: em todo lugar há gente promovendo a permanência de um instante, que imediatamente se ilumina na tela minúscula de uma câmera digital ou de um telefone celular. Impossível não lembrar as fotos antigas, quando o fotógrafo, investido de alguma solenidade, pedia aos fotografados que se preparassem, que posassem, e de repente acionava o botão, e triunfava: – Pronto! E era esperar algum tempo para que a foto fosse revelada e encaminhada ao álbum da família. Na pressa de hoje, os "cliques" das maqui-

ninhas eletrônicas disparam como metralhadoras, as pessoas mal têm tempo para ver as fotos e logo, enfadadas, apagam-nas. As eventualmente selecionadas costumam ir parar nos arquivos de um computador. Mais cedo ou mais tarde, serão igualmente apagados. De fato, o tempo está passando cada vez mais rápido. (Ruiz de Souza Oviedo, inédito)

262. (Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3ª região/ 2007 – FCC) No contexto, os segmentos associam-se numa relação de causa e efeito – nesta ordem – em:

(A) verdadeiros milagres / alguma banalização.

(B) investido de alguma solenidade / de repente acionava o botão.

(C) ir parar nos arquivos / eventualmente selecionadas.

(D) acionava o botão / triunfava.

(E) mais cedo ou mais tarde / apagados.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Triunfava por quê? Porque acionava o botão. A oração a que se faz a pergunta por quê? é a consequência, ou seja, o efeito.

Alternativa "a" – Adição.

Alternativa "b" – Não indica causa e efeito por não caber a pergunta por quê?

Alternativa "c" – Lugar.

Alternativa "e" – Tempo.

263. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 4ª região/ 2006 – FCC) É preciso **corrigir**, em sua estrutura, a redação da seguinte frase:

(A) Os pais do autor não eram moralistas, não recomendavam ao filho tão somente as chamadas "leituras edificantes", nem menosprezavam os romances policiais.

(B) É visível, no texto, o reconhecimento que manifesta o autor pela educação que recebeu de seus pais, com quem aprendeu a respeitar e a valorizar as formas da ficção.

(C) Assim como os documentários e ensaios etnográficos, que tanto podem ampliar nossos horizontes, a ficção acrescenta-lhes, ainda, uma mágica suplementar.

(D) Não foi por conservadorismo, mas por valorização real dos hábitos de seus pais, que o autor absorveu e transmitiu a seus filhos o respeito pelas ficções.

(E) No último parágrafo do texto, o autor nos faz pensar sobre a diferença substancial que existe entre o que se apresenta como normas morais e o que deve ser um pensamento moral.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão e pontuação.

– Se há a expressão *assim como*, há comparação. O período está sem clareza. Deveria ser: Assim como os documentários e ensaios etnográficos, que tanto podem ampliar nossos horizontes, a ficção também **lhes** acrescenta uma mágica suplementar. Os erros estão no advérbio *ainda* e na colocação do pronome, pois o advérbio de inclusão atrai o oblíquo.

Alternativa "a" – A primeira vírgula adiciona, basta encaixar a conjunção *e*.

Alternativa "b" – Intercalação do adjunto adverbial de lugar (com vírgulas); vírgula separa oração adjetiva explicativa.

Alternativa "d" – Intercalação da oração adversativa.

Alternativa "e" – A vírgula indica inversão do adjunto adverbial de lugar.

O texto a seguir refere-se à próxima questão.

Para que servem as ficções?

Cresci numa família em que ler romances e assistir a filmes, ou seja, mergulhar em ficções, não era considerado uma perda de tempo. Podia atrasar os deveres ou sacrificar o sono para acabar um capítulo, e não era preciso me trancar no banheiro nem ler à luz de uma lanterna. Meus pais, eventualmente, pediam que organizasse melhor meu horário, mas deixavam claro que meu interesse pelas ficções era uma parte crucial (e aprovada) da minha "formação". Eles sequer exigiam que as ditas ficções fossem edificantes ou tivessem um valor cultural estabelecido. Um policial e um Dostoiévski eram tratados com a mesma deferência. Quando foi a minha vez de ser pai, agi da mesma forma. Por quê?

Existe a ideia (comum) segundo a qual a ficção é uma "escola de vida": ela nos apresenta a diversidade do mundo e constitui um repertório do possível. Alguém dirá: o mesmo não aconteceria com uma série de bons documentários ou ensaios etnográficos? Certo, documentários e ensaios ampliam nossos horizontes. Mas a ficção opera uma mágica suplementar.

Tome, por exemplo, "O Caçador de Pipas", de Khaled Hosseini. A leitura nos faz conhecer a particularidade do Afeganistão, mas o que torna o romance irresistível é a história singular de Amir, o protagonista. Amir, afastado de nós pela particularidade de seu grupo, revela-se igual a nós pela singularidade de sua experiência. A vida dos afegãos pode ser objeto de um documentário, que, sem dúvida, será instrutivo. Mas a história fictícia "daquele" afegão o torna meu semelhante e meu irmão.

Esta é a mágica da ficção: no meio das diferenças particulares entre grupos, ela inventa experiências singulares que revelam a humanidade que é comum a todos, protagonistas e leitores. A ficção de uma vida diferente da minha me ajuda a descobrir o que há de humano em mim.

Enfim, se perpetuei e transmiti o respeito de meus pais pelas ficções é porque elas me parecem ser a maior e melhor fonte não de nossas normas morais, mas de nosso pensamento moral. (Contardo Calligaris, Folha de S. Paulo, 18/01/2007)

264. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 4ª região/ 2006 – FCC) Considerando-se o contexto, traduz-se corretamente o sentido de uma frase ou expressão do texto em:

(A) sequer exigiam que as ditas ficções fossem edificantes = nem ao menos impunham que as supostas atividades tivessem algum valor ficcional.

(B) eram tratados com a mesma deferência = eram considerados como formas indistintas de expressão.

(C) a ficção opera uma mágica suplementar = a ficção se investe de uma magia excessiva.

(D) não de nossas normas morais, mas de nosso pensamento moral = não da moralidade pragmática, mas da moralidade reflexiva.

(E) afastado de nós pela particularidade de seu grupo = que nos impede de reconhecer sua excentricidade étnica.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – nossas normas morais = moralidade pragmática; nosso pensamento moral = moralidade reflexiva.

Alternativa "a" – Edificante: que leva ao aperfeiçoamento moral, à virtude. Não possui relação semântica com ficcional.

Alternativa "b" – Deferência: atenção, cuidado.

Alternativa "c" – Mágica suplementar e magia excessiva não se relacionam semanticamente.

Alternativa "e" – Ideias distintas.

O texto a seguir refere-se à próxima questão.

Orgulho ferido

Um editorial da respeitada revista britânica **The Lancer** *sobre o futuro de Cuba acendeu uma polêmica com pesquisadores latino-americanos. O texto da revista sugeriu que o país pode mergulhar num caos após a morte do ditador Fidel Castro, que sofre de câncer, tal como ocorreu nos países do Leste Europeu após a queda de seus regimes comunistas. E conclamou os Estados Unidos a preparar ajuda humanitária para os cubanos. De quebra, a publicação insinua que há dúvidas sobre a capacidade do sistema de saúde cubano fazer frente a esse quadro.*

"O editorial é um desrespeito à soberania de Cuba", diz Maurício Torres Tovar, coordenador-geral da Alames (Associação Latino-americana de Medicina Social). "A atenção do Estado cubano para com a saúde de sua população é um exemplo para todos. Cuba tem uma notável vocação solidária, ajudando, com remédios e serviços de profissionais, diversos países atingidos por catástrofes", afirmou. Sergio Pastrana, da Academia de Ciências de Cuba, também protestou: "Temos condição de decidir se precisamos de ajuda e direito de escolher a quem pedi-la." (Revista Pesquisa Fapesp. Outubro 2006, n. 128)

265. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 1ª região/ 2006 – FCC) Quatro ações são atribuídas, no primeiro parágrafo do texto, ao editorial da revista britânica **The Lancer**: ***acender, sugerir, conclamar*** e ***insinuar.*** Considerando-se o contexto, não haveria prejuízo para o sentido se tivessem sido empregados, respectivamente,

(A) ensejar – aventar – convocar – sugerir

(B) instigar – propor – reiterar – infiltrar

(C) dirimir – conceder – atribuir – insuflar

(D) solapar – retificar – conceder – induzir

(E) conduzir – insinuar – proclamar – confessar

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – ensejar: *motivar, possibilitar;* aventar: *apresentar (ideia, hipótese, possibilidade etc.), sugerir;* conclamar: *convocar, incitar, chamar;* insinuar: *sugerir de modo indireto e sutil; dar a entender. (Fonte: Dicionário Eletrônico Aulete).*

As alternativas *b, c, d* e *e* possuem vocábulos que não pertencem ao mesmo campo semântico.

266. (Analista Judiciário – Execução de Mandados – TRF 1ª região/ 2006 – FCC) Está clara e correta a redação da seguinte frase:

(A) Ficou tão evidente no texto o quanto Cuba é solidária que tem para isso uma notável vocação.

(B) Onde a vocação de Cuba é realmente notável está no fator de sua incontestável solidariedade.

(C) Amplamente vocacionada para tanto, Cuba também já demonstrou, ainda assim, o quanto é solidária.

(D) Cuba já demonstrou, sobejamente, o quanto é vocacionada para o exercício da solidariedade.

(E) Nunca faltou à solidariedade de Cuba a vocação para se mostrar respectivamente notável nisso.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Intercalação: **Cuba já demonstrou**, sobejamente, **o quanto é vocacionada para o exercício da solidariedade.**

Alternativa "a" – Incoerente.

Alternativa "b" – Incoerente.

Alternativa "c" – Incoerente.

Alternativa "e" – Incoerente.

2.2. CESPE

Texto para os itens.

Segundo a Constituição Federal, todo poder emana do povo e por ele será exercido, quer de maneira direta, quer por intermédio de representantes eleitos. Essa afirmação, dentro do espírito do texto constitucional, deve ser interpretada como verdadeiro dogma estabelecido pelo constituinte originário, mormente quando nos debruçamos sobre o cenário político dos anos anteriores à eleição dos membros que comporiam a Assembleia Constituinte que resultou na Carta de 1988.

Em expedita sinopse, é possível perceber que, após longo período de repressão à manifestação do pensamento, o povo brasileiro ansiava por exercer o direito de eleger os seus representantes com o objetivo de participar direta ou indiretamente da formação da vontade política da nação.

Dentro desse contexto, impende destacar que os movimentos populares que ocorreram a partir do ano de 1984, que deram margem ao início do processo de elaboração da nova Carta, deixaram transparecer de maneira cristalina aos então governantes que o coração da nação brasileira estava palpitante, quase que exageradamente acelerado, tendo em vista a possibilidade de se recuperar o exercício do poder, cujo titular, por longo lapso, deixou de ser escolhido pelo povo brasileiro.

Em meio a esse cenário, foi elaborado o texto constitucional, que, desde então, recebeu a denominação de Constituição Cidadã. O art. 14 desse texto confere ênfase à titularidade do poder para ressaltar que "A soberania popular é exercida pelo sufrágio universal e pelo voto direto e secreto, com valor igual a todos", deixando transparecer que a intenção da Lei Maior é fazer que o povo exerça efetivamente o seu direito de participar da formação da vontade política.

Fernando Marques Sá. Desaprovação das contas de campanha do candidato – avanço da legislação para as eleições de 2014. In: Estudos Eleitorais. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral. Vol. 9, n.° 2, 2014, p. 52-3. Internet: <www.tse.jus.br>(com adaptações).

267. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-GO/2015) A substituição da expressão "mormente" (primeiro parágrafo) por *sobretudo* manteria a correção e o sentido do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – *Mormente* significa "que está acima de tudo; principalmente" e *sobretudo* pertence ao mesmo campo semântico: principalmente; de modo a estar acima dos demais.

268. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) As formas verbais "ocorreram", "deram" e "deixaram transparecer" (terceiro parágrafo) estão ligadas ao mesmo termo, que, nos dois primeiros casos, é retomado pelo pronome "que": "os movimentos populares".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Destacar (isto) = que os movimentos que ocorreram a partir do ano de 1984; destacar (isto) = que (os movimentos) deram margem ao início do processo de elaboração da nova Carta. O **que** é pronome relativo e retoma movimentos populares apenas em "os movimentos populares que ocorreram..." = os quais ocorreram.

269. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) O trecho "a possibilidade de se recuperar" equivale, em sentido, ao trecho seguinte: a possibilidade de que se recuperasse.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Ocorreu transposição da oração reduzida de infinitivo (recuperar) por uma oração desenvolvida (acréscimo da conjunção).

---

270. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) O termo "cenário" (último parágrafo) alude ao "longo período de repressão à manifestação do pensamento" (segundo parágrafo).

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O termo está acompanhado pelo pronome anafórico *esse* e alude à ideia do parágrafo anterior.

Texto III

Muitos ilícitos penais praticados no universo do sistema eleitoral revelam gravidade ofensiva muito maior do que a grande maioria dos crimes previstos no Código Penal e em leis especiais. Essa constatação resulta da pluralidade dos bens jurídicos afetados e da densidade das ofensas. A coação para a obtenção do voto, a falsificação de documento de interesse eleitoral, a ofensa à honra durante a campanha e outras modalidades típicas dos crimes submetidos à jurisdição eleitoral (próprios ou impróprios) revelam consequências danosas de maior repercussão social mesmo quando, previstas somente no Código Penal e em leis especiais, atentem contra bens e interesses coletivos (incolumidade, administração pública etc.).

Vejamos, no parágrafo a seguir, o que nos diz José de Alencar em texto memorável a respeito do sufrágio:

O voto não é, como pretendem muitos, um direito político; é mais do que isso, é uma fração da soberania nacional; é o cidadão. Na infância da sociedade, a vida política absorvia o homem de modo que ele figurava exclusivamente como membro da associação. Quando a liberdade civil despontou, sob a tirania primitiva, surgiu para a criatura racional uma nova existência, muito diversa da primitiva; tão diversa que o cidadão livre se tornava, como indivíduo, propriedade de outrem. Para designar essa fase nova da vida, inteiramente distinta do cidadão, usaram da palavra, pessoa — persona. O voto desempenha atualmente em relação à vida política a mesma função. A sociedade moderna, ao contrário da antiga, dedica-se especialmente à liberdade civil; nações onde não penetrou ainda a democracia já gozam da inviolabilidade dos direitos privados. Absorvido pela existência doméstica, e pelo interesse individual, o homem não se pode entregar à vida pública senão periodicamente e por breve espaço. Empregando, pois, o termo jurídico em sua primitiva acepção, o voto exprime a pessoa política, como outrora a propriedade foi a pessoa civil, isto é, uma face da individualidade, a face coletiva.

Reforma eleitoral: delitos eleitorais, prestação de contas (partidos e candidatos), propostas do TSE. — Brasília: SDI, 2005, p. 34-5. Internet: <www.tse.jus.br> (com adaptações).

Cada um dos itens a seguir apresenta uma proposta de reescrita de trecho do texto III — indicado entre aspas —, que deve ser julgada certa se estiver gramaticalmente correta e mantiver o sentido do texto, ou errada, em caso contrário.

---

271. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) "Essa constatação (...) densidade das ofensas": Essa constatação acarreta na pluralidade dos bens jurídicos afetados e na densidade das ofensas.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado

✪ **Nota da autora:** questão de coerência (semântica) e regência.

1. O verbo acarretar tem o sentido de *ocasionar, motivar* e pode ser transitivo direto ou direto e indireto.

VTD: *essa constatação acarreta a pluralidade dos bens jurídicos afetados e a densidade;*

2. O sentido também foi alterado.

---

272. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) "A coação (...) repercussão social": A coação para a obtenção do voto e para a falsificação de documento de interesse eleitoral, a ofensa à honra durante a campanha e outras modalidades típicas dos crimes submetidos à jurisdição eleitoral (próprias ou impróprias) revelam consequências danosas de maior repercussão social.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

---

273. Errado – Sujeito composto no texto: A coação para a obtenção do voto, a falsificação de documento de interesse eleitoral, a ofensa à honra durante a campanha e outras modalidades típicas dos crimes submetidos à jurisdição eleitoral (próprios ou impróprios); ao transcrever, alterou o sujeito e consequentemente altera o sentido, já que não há finalidade, no trecho original, em coação ***para*** *a falsificação.*

(Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) "O voto não é, (...) é o cidadão": O voto não é um direito político, como pretendem muitos, o voto é mais do que isso, é uma fração da soberania nacional, o voto é o cidadão.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado

✪ **Nota da autora:** questão de pontuação.

Ao alterar a ordem, deve ser usado o sinal de dois pontos para tornar correta a pontuação, pois foi trocado o sinal de ponto e vírgula por vírgula. Teríamos: o voto é mais do que **isso:** é uma fração da soberania nacional, o voto é o cidadão.

---

274. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) "Quando a liberdade (...) diversa da primitiva": Quando a liberdade civil despontou surgiu para a criatura racional, sob a tirania primitiva, uma nova existência, muito diversa da primitiva.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado

✪ **Nota da autora:** questão de pontuação.

Falta a vírgula para marcar a inversão de adjunto adverbial de tempo: Quando a liberdade civil **despontou,** surgiu para a criatura racional...

---

275. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) "O voto (...) a mesma função": Atualmente, o voto desempenha a mesma função em relação à vida política.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A inversão de termos em nada alterou o sentido e não causou erro gramatical.

---

276. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-GO/2015) "Empregando, pois, (...) a face coletiva": Pois, empregando o termo jurídico em sua primitiva acepção, o voto exprime a pessoa política, como outrora a propriedade foi a pessoa civil, — isto é, uma face da individualidade, a face coletiva.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado

✪ **Nota da autora:** Questão de período composto (conjunção) e pontuação.

No trecho original, *pois* explica; na transcrição, conclui: alterou o sentido. Segundo erro: a expressão *isto é* deve, obrigatoriamente estar entre vírgulas por explicar, assim como ocorre com a expressão *ou seja*, também muito exigida por CESPE.

Texto para os itens.

Hoje, todos reconhecem, porque Marx impôs **esta demonstração** *no Livro II d'O Capital, que não há produção possível sem que seja assegurada a reprodução das condições materiais da produção: a reprodução dos* **meios de produção**.

Qualquer economista, que neste ponto não se distingue de qualquer capitalista, sabe que, ano após ano, é preciso prever o que deve ser substituído, o que se gasta ou se usa na produção: matéria-prima, instalações fixas (edifícios), instrumentos de produção (máquinas) etc. Dizemos: qualquer economista é igual a qualquer capitalista, pois ambos exprimem o ponto de vista da empresa.

Louis Althusser. Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado. 3. ed. Lisboa: Presença, 1980 (com adaptações).

---

277. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) No texto, os termos "matéria-prima", "instalações fixas (edifícios)" e "instrumentos de produção (máquinas)" são exemplos de "meios de produção".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Sim, pois no primeiro parágrafo cita "meios de produção": *não há produção possível sem que seja assegurada a reprodução das condições materiais da produção: a reprodução dos meios de produção;* no segundo parágrafo, menciona exemplos do que se gasta ou se usa na produção, ou seja, **nos meios de produção**.

---

278. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Não haveria alteração de sentido do texto, caso o trecho "todos reconhecem, porque (...) d'O Capital, que não há produção" fosse reescrito da seguinte forma: todos reconhecem a razão pela qual Marx impôs esta demonstração no Livro II d'O Capital — que não há produção.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado

✪ **Nota da autora:** questão de coerência e pontuação.

Na forma original, há oração intercalada à oração subordinada substantiva objetiva direta e inserir oração adjetiva (com pronome relativo) altera todo o sentido.

---

279. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) O trecho "que não há produção possível (...) dos meios de produção" (primeiro parágrafo) é a demonstração a que se refere a expressão "esta demonstração".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo

✪ **Nota da autora**: Questão de coesão e pronome demonstrativo.

O pronome catafórico **esta** refere-se à ideia que será citada, mencionada.

Trecho para o item.

(...) O tráfico de pessoas e as formas contemporâneas de trabalho escravo não são uma doença, e sim uma febre que indica que o corpo está doente. Por isso, sua erradicação não virá apenas com a libertação de trabalhadores, equivalente a um antitérmico — necessário, mas paliativo. O fim do tráfico passa por uma mudança profunda, que altere o modelo de desenvolvimento predatório do meio ambiente e dos trabalhadores. A escravidão contemporânea não é um resquício de antigas práticas que vão desaparecer com o avanço do capital, mas um instrumento utilizado pelo capitalismo para se expandir.

Leonardo Sakamoto. O tráfico de seres humanos hoje. In: História viva. Internet: <www2.uol.com.br> (com adaptações).

---

280. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Os termos "febre", "antitérmico" e "paliativo" expressam a analogia do tráfico de pessoas e do trabalho escravo na atualidade com um padrão doentio cuja erradicação passa pela libertação dos trabalhadores, embora não se limite a ela.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Há ligações semânticas (de significados):

O tráfico de pessoas e as formas contemporâneas de trabalho escravo → não são uma doença;

→ e sim uma febre

sua erradicação não virá apenas com a libertação de trabalhadores

→ equivalente a um antitérmico

→ necessário, mas paliativo.

Observação: **analogia** significa *em que há relação de correspondência ou semelhança entre coisas e/ou pessoas distintas.*

Texto para os itens.

O uso indevido de drogas constitui, na atualidade, séria e persistente ameaça à humanidade e à estabilidade das estruturas e valores políticos, econômicos, sociais e culturais de todos os Estados e sociedades. Suas consequências infligem considerável prejuízo às nações do mundo inteiro, e não são detidas por fronteiras: avançam por todos os cantos da sociedade e por todos os espaços geográficos, afetando homens e mulheres de diferentes grupos étnicos, independentemente de classe social e econômica ou mesmo de idade. Questão de relevância na discussão dos efeitos adversos do uso indevido de drogas é a associação do tráfico de drogas ilícitas e dos crimes conexos — geralmente de caráter transnacional — com a criminalidade e a violência. Esses fatores ameaçam a soberania nacional e afetam a estrutura social e econômica interna, devendo o governo adotar uma postura firme de combate ao tráfico de drogas, articulando-se internamente e com a sociedade, de forma a aperfeiçoar e otimizar seus mecanismos de prevenção e repressão e garantir o envolvimento e a aprovação dos cidadãos.

(Internet: <www.direitosh.umanos.usp.br>)

---

281. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) A forma verbal "infligem" está empregada no texto com o mesmo sentido que está empregada na seguinte frase: Os agentes de trânsito infligem multas aos infratores.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado

✪ **Nota da autora:** Questão de coerência e semântica (ortografia).

No texto: sentido de "ocasionar prejuízo"; no item: sentido de "aplicar pena, castigo ou punição por alguma coisa".

▶ DICA

Infringir: não respeitar nem obedecer; violar uma lei e/ou uma norma; transgredir: infringir o regulamento.

---

282. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Dados os sentidos do trecho introduzido por dois-pontos, o vocábulo "fronteiras" deve ser interpretado em sentido amplo, não estando restrito ao seu sentido denotativo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – No sentido denotativo (real) significa "limite, confim, o extremo de uma terra ou de uma região, a parte de um país que confina com outro"; no texto, o sentido é conotativo (figurado), pois não se restringe a limitação territorial: *avançam por todos os cantos da sociedade e por todos os espaços geográficos, afetando homens e mulheres de diferentes grupos étnicos, independentemente de classe econômica ou mesmo de idade.*

---

283. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Caso o termo "na atualidade" fosse deslocado para imediatamente após "drogas", e fossem feitos os devidos ajustes na pontuação do texto, a correção gramatical do texto seria mantida, mas haveria prejuízo para seu sentido original.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

✪ **Nota da autora:** Questão anulada.

Motivo de CESPE: Há duas formas de se pontuar o trecho após o deslocamento do termo "na atualidade". Como a redação do item não foi clara quanto à opção de pontuação, opta-se pela anulação do item.

Trecho para o item.

Migrar e trabalhar. Quando esses verbos se conjugam da pior forma possível, acontece o chamado tráfico de seres humanos. O tráfico de pessoas para exploração econômica e sexual está relacionado ao modelo de desenvolvimento que o mundo adota. Esse modelo é baseado em um entendimento de competitividade que pressiona por uma redução constante nos custos do trabalho.

No passado, os escravos eram capturados e vendidos como mercadoria. Hoje, a pobreza que torna populações vulneráveis garante oferta de mão de obra para o tráfico — ao passo que a demanda por essa força de trabalho sustenta o comércio de pessoas. Esse ciclo atrai intermediários, como os gatos (contratadores que aliciam pessoas para serem exploradas em fazendas e carvoarias), os coiotes (especializados em transportar pessoas pela fronteira entre o México e os Estados Unidos da América) e outros animais, que lucram sobre os que buscam uma vida mais digna. Muitas vezes, é a iniciativa privada uma das principais geradoras do tráfico de pessoas e do trabalho escravo, ao forçar o deslocamento de homens, mulheres e crianças para reduzir custos e lucrar. Na pecuária brasileira, na produção de cacau de Gana, nas tecelagens ou fábricas de tijolos do Paquistão.

(...)

Leonardo Sakamoto. O tráfico de seres humanos hoje. In: História viva. Internet: <www2.uol.com.br> (com adaptações).

---

284. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) No texto, as expressões "esses verbos" e "Esse ciclo" têm a mesma finalidade: retomar termos ou ideias expressos anteriormente.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Os pronomes demonstrativos podem desempenhar função anafórica, ou seja, retomar elementos, expressões ou ideias citadas anteriormente, a fim de não repeti-los. Analise os dois trechos propostos pela questão:

- "Migrar e trabalhar. Quando esses verbos se conjugam ...." (quais verbos? Migrar e trabalhar)
- "Hoje, a pobreza que torna populações vulneráveis garante oferta de mão de obra para o tráfico — ao passo que a demanda por essa força de trabalho sustenta o comércio de pessoas. Esse ciclo atrai intermediários..." (qual ciclo? Pobreza torna populações vulneráveis X demanda sustenta o comércio de pessoas)

Texto para os itens.

O que tanta gente foi fazer do lado de fora do tribunal onde foi julgado um dos mais famosos casais acusados de assassinato no país? Torcer pela justiça, sim: as evidências permitiam uma forte convicção sobre os culpados, muito antes do encerramento das investigações. Contudo, para torcer pela justiça, não era necessário acampar na porta do tribunal, de onde ninguém podia pressionar os jurados. Bastava fazer abaixo-assinados via Internet pela condenação do pai e da madrasta da vítima. O que foram fazer lá, ao vivo? Penso que as pes-

soas não torceram apenas pela condenação dos principais suspeitos. Torceram também para que a versão que inculpou o pai e a madrasta fosse verdadeira.

O relativo alívio que se sente ao saber que um assassinato se explica a partir do círculo de relações pessoais da vítima talvez tenha duas explicações. Primeiro, a fantasia de que em nossas famílias isso nunca há de acontecer. Em geral temos mais controle sobre nossas relações íntimas que sobre o acaso dos maus encontros que podem nos vitimar em uma cidade grande. Segundo, porque o crime familiar permite o lenitivo da construção de uma narrativa. Se toda morte violenta, ou súbita, nos deixa frente a frente com o real traumático, busca-se a possibilidade de inscrever o acontecido em uma narrativa, ainda que terrível, capaz de produzir sentido para o que não tem tamanho nem nunca terá, o que não tem conserto nem nunca terá, o que não faz sentido.

Maria Rita Khel. A morte do sentido. Internet: <www.mariaritakehl.psc.br> (com adaptações).

---

285. (Cespe – Escrivão de Polícia Federal – DPF/2013) As expressões nominais "os culpados", "os jurados", "principais suspeitos" e o "o pai e a madrasta" formam uma cadeia coesiva, referindo-se a "um dos mais famosos casais acusados de assassinato no país".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – um dos mais famosos casais acusados de assassinato no país são: os culpados, principais suspeitos e o pai e a madrasta, mas não são os jurados. Aqui se perde a cadeia coesiva.

---

286. (Cespe – Escrivão de Polícia Federal – DPF/2013) A substituição da expressão "ainda que terrível" por *senão que terrível* preservaria a correção gramatical e o sentido original do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado

✪ **Nota da autora:** Questão de coerência e período composto.

A substituição da expressão "ainda que terrível" por "senão que terrível" afeta a correção gramatical e o sentido original do texto. "Ainda que" indica concessão. "Senão que" compõe a conjunção coordenativa "não só ... senão que".

---

287. (Cespe – Escrivão de Polícia Federal – DPF/2013) O emprego dos elementos "onde" e "de onde", no texto, é próprio da linguagem oral informal, razão por que devem ser substituídos, respectivamente, por no qual e da qual, em textos que requerem o emprego da norma padrão escrita.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – É equivocado afirmar que o emprego dos termos "ONDE" e "DE ONDE", no texto, é próprio da linguagem oral informal. O termo "ONDE" está empregado corretamente como pronome relativo, na indicação de lugar. Esclarece-se ainda que dicionários especializados da Língua Portuguesa fazem constar o termo RESPECTIVO, do qual se deriva RESPECTIVAMENTE.

Texto para os itens.

A fim de solucionar o litígio, atos sucessivos e concatenados são praticados pelo escrivão. Entre eles, estão os atos de comunicação, os quais são indispensáveis para que os sujeitos do processo tomem conhecimento dos atos acontecidos no correr do procedimento e se habilitem a exercer os direitos que lhes cabem e a suportar os ônus que a lei lhes impõe.

Internet: <http://jus.com.br> (com adaptações).

---

288. (Cespe – Escrivão de Polícia Federal – DPF/2013) Não haveria prejuízo para a correção gramatical do texto nem para seu sentido caso o trecho "A fim de solucionar o litígio" fosse substituído por Afim de dar solução à demanda e o trecho "tomem conhecimento dos atos acontecidos no correr do procedimento" fosse, por sua vez, substituído por conheçam os atos havidos no transcurso do acontecimento.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – 1. Haveria prejuízo ao substituir os termos, pois **a fim** significa para, com o propósito, com o intuito e indica finalidade; **afim** é um adjetivo e significa igual, semelhante, parecido. 2. *Procedimento* e *acontecimento* não pertencem ao mesmo campo semântico.

---

289. (Cespe – Escrivão de Polícia Federal – DPF/2013) A correção gramatical do texto seria mantida caso a expressão "os quais" fosse substituída por *que* ou fosse suprimida, desde que, nesse último caso, fosse suprimida também a forma verbal "são".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo

- Justificativa de anulação e de manutenção de gabarito (com base no modelo de prova disponível no sítio do CESPE/UnB): as duas propostas de substituição estão corretas. Vejamos: 1) Entre eles, estão os atos de comunicação, que são indispensáveis... Nesse caso, ocorreu a alteração entre dois pronomes relativos corretamente intercambiáveis no contexto da oração. 2) Entre eles, estão os atos de comunicação, indispensáveis... Reescritura correta, na qual se ocultou o pronome e o verbo de ligação. A vírgula deve ser mantida para não ser alterado o sentido da oração.

Trecho para o item.

(...) O neurocientista relatou que quase três quartos dos primeiros 250 americanos que tiveram suas condenações penais anuladas graças ao exame de DNA haviam sido vítimas de falso testemunho ocular. Um psicólogo entrevistado afirmou que, dependendo de como se conduz uma acareação, ela pode confundir a pessoa interrogada.

Correio Braziliense, 26/7/2013 (com adaptações).

---

290. (CESPE – Analista – MPU/2013) Mantendo-se a correção gramatical e o sentido original do texto, o último período do trecho poderia ser reescrito da seguinte forma: Segundo um psicólogo entrevistado, a forma como é conduzido uma acareação pode confundir os interrogados.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado

✪ **Nota da autora:** Questão de coerência e concordância.

O erro é de concordância nominal: a forma como é **conduzida** uma acareação.

Trecho para os itens.

Recordar algo nunca ocorrido é comum e pode acontecer com pessoas de qualquer idade. Muitos indivíduos sequer percebem que determinadas lembranças foram criadas, pois as cenas e até os sons evocados pelo cérebro surgem com a mesma nitidez e o mesmo grau de detalhamento das memórias reais.

De acordo com alguns neurocientistas, quando a pessoa se recorda de uma sequência de eventos, o cérebro reconstrói o passado juntando os "tijolos" de dados, mas somente o ato de acessar as lembranças já modifica e distorce a realidade.(...)

Correio Braziliense, 26/7/2013 (com adaptações).

---

291. (CESPE – Analista – MPU/2013) Sem prejuízo para a correção gramatical e a informação original do texto, a oração "quando a pessoa se recorda de uma sequência de eventos" poderia ser reescrita das seguintes formas: sempre que lembramos uma sucessão de fatos; ao nos lembrarmos de eventos consecutivos.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – *Quando* indica tempo; *sempre* e *ao* também se referem a tempo, isto é, a ideia é mantida e não há erro gramatical.

---

292. (CESPE – Analista – MPU/2013) Sem prejuízo para a correção gramatical, a oração "mas somente o ato de acessar as lembranças já modifica e distorce a realidade" poderia ser assim reestruturada: embora o próprio acesso à lembranças as modifiquem e, assim, distorçam a realidade.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão, coerência e crase.

O sentido foi mantido, mas o uso do acento indicativo de crase está incorreto. Se o **a** está no singular (seguido de substantivo plural), deduz-se que seja apenas uma preposição e para haver crase, é necessária a junção de preposição a + artigo a.

Fixe: Não há crase em singular (a) + plural (lembranças).

Trecho para o item.

Nós somos muito parecidos com computadores. O funcionamento dos computadores, como todo mundo sabe, requer a interação de duas partes. Uma delas chama-se hardware, literalmente "equipamento duro", e a outra denomina-se software, "equipamento macio". O hardware é constituído por todas as coisas

sólidas com que o aparelho é feito. O software é constituído por entidades "espirituais" — símbolos que formam os programas que serão gravados. (...)

Rubem Alves. Sobre o tempo e a eternidade.

Campinas: Papirus, 1996 (com adaptações).

---

293. (CESPE – Analista – MPU/2013) Sem prejuízo da coesão textual, o trecho sublinhado poderia ser reescrito da seguinte forma: O hardware constitui-se dos elementos sólidos do aparelho, e o software, de entidades "espirituais" — símbolos que formam os programas gravados.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Curiosidade da língua inglesa: O termo "*software*" foi criado na década de 1940, e é um trocadilho com o termo *hardware*. "*Hardware*", em inglês, significa "ferramenta física". *Software* seria tudo o que faz o computador funcionar excetuando-se a parte física dele.

Quanto à língua portuguesa: Os dois períodos do trecho encontram-se na voz passiva analítica (ser + particípio) e na transposição, sugerida pelo CESPE, a oração está na passiva sintética (V.T.D. + se) e foi inserida uma vírgula após *software* indicando zeugma (omissão do verbo): e o software, (constitui-se) de entidades "espirituais". Perceba que as informações foram mantidas.

Trecho para o item.

(...) Não se conserta um programa com chave de fenda, porque o software é feito de símbolos, e somente símbolos podem entrar nele. Assim, para se lidar com o software, há que se fazer uso dos símbolos. Por isso, quem trata das perturbações do software humano nunca se vale de recursos físicos para tal. Suas ferramentas são palavras, e podem ser de poetas, humoristas, palhaços, escritores, gurus, amigos e até mesmo de psicanalistas.

Dados esses pressupostos teóricos, estamos agora em condições de oferecer uma receita que garantirá àqueles que a seguirem à risca saúde mental até o fim dos seus dias. Opte por um software modesto. Evite as coisas belas e comoventes. A beleza é perigosa para o hardware. Cuidado com a música. Brahms e Mahler são especialmente contraindicados. Quanto às leituras, evite aquelas que fazem pensar. E, aos domingos, não se esqueça dos programas de auditório. Seguindo essa receita você terá uma vida tranquila, embora banal. Mas, como você cultivou a insensibilidade, você não perceberá o quão banal ela é.(...)

Rubem Alves. Sobre o tempo e a eternidade.

Campinas: Papirus, 1996 (com adaptações).

---

294. (CESPE – Analista – MPU/2013) Respeitando-se os princípios de coesão textual e as regras semântico-sintáticas, o trecho "uma receita que garantirá àqueles que a seguirem à risca saúde mental até o fim dos seus dias" poderia ser expresso da seguinte forma: uma receita que, até o fim dos seus dias, irá garantir saúde mental aos que a seguirem à risca.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A informação foi alterada. 1. A receita (sujeito) garantirá (V.T.D.I.) àqueles que seguirem à risca (O.I.) saúde mental (O.D.) até o fim dos seus dias (adjunto adverbial de tempo ou limite); 2. Ao deslocar o adjunto adverbial, deixou de se referir ao tempo indicado pelo verbo *garantir*, isto é, alterou o sentido.

Trecho para os próximos itens.

A inércia da vida real desaparece magicamente na navegação pelo ciberespaço, desprovida de fricção. No mercado atual, encontramos uma série de produtos privados de suas propriedades malignas: café sem cafeína, creme sem gordura, cerveja sem álcool... ciberespaço. A realidade virtual simplesmente generaliza esse procedimento: cria uma realidade privada de substância. Da mesma maneira que o café descafeinado tem cheiro e gosto semelhantes aos do café, sem ser café, minha persona na rede é sempre um "eu" descafeinado. Por outro lado, existe também o excesso oposto, e muito mais perturbador: o excedente de minha persona virtual com relação ao meu "eu" real. Nossa identidade social, a pessoa que presumimos ser em nosso intercurso social, já é uma máscara, já envolve a repressão de nossos impulsos inadmissíveis; e é precisamente nessas condições de "só uma brincadeira", quando as regras que regulam os intercâmbios de nossas vidas reais estão temporariamente suspensas, que podemos nos permitir a exibição dessas atitudes reprimidas. (...)

Slavoj Zizek. Identidades vazias. Internet: <http://slavoj-zizek.blogspot.com.br>(com adaptações).

---

295. (CESPE – Analista Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) A locução adverbial "Da mesma maneira que" poderia ser substituída, sem prejuízo para as relações de coesão e coerência do texto, por *Assim como*.

COMENTÁRIOS

Certo – Não se perca em período composto, pois se trata (releia o enunciado) de sentido – coerência. Vocábulos que indicam **semelhança, comparação e conformidade**: igualmente, **da mesma forma**, assim também, do mesmo modo, similarmente, semelhantemente, analogamente, por analogia, **de maneira idêntica**, de conformidade com, de acordo com, segundo, conforme, sob o mesmo ponto de vista, tal qual, tanto quanto, como, **assim como**, bem como, como se.

---

296. (CESPE – Analista Judiciário – Área Administrativa – STF/2013) Sem prejuízo para a correção gramatical do texto, o trecho "é precisamente (...) atitudes reprimidas" poderia ser assim reescrito: é justamente nas condições de "só uma brincadeira", ainda que as regras que regulam os intercâmbios de nossas vidas reais estejam temporariamente suspensas, que podemos nos permitir à exibição dessas atitudes reprimidas.

COMENTÁRIOS

Errado – Avalie a correção gramatical e não o sentido, por isso: muito cuidado. O erro está na regência do verbo permitir (algo a alguém): podemos nos permitir (O.I.) **a exibição** dessas atitudes (O.D.).

Trecho para o item.

(...) A segunda concepção está centrada na ideia de que a segurança é um serviço público a ser prestado pelo Estado e cujo destinatário é o cidadão. Não há, nesse caso, mais inimigo a combater, mas cidadão para servir. **A polícia democrática** *não discrimina, não faz distinções arbitrárias: trata os barracos nas favelas como domicílios invioláveis, respeita os direitos individuais, independentemente de classe, etnia e orientação sexual, não só se atendo aos limites inerentes ao* **estado democrático de direito**, *mas entendendo* **que seu principal papel é promovê-lo**. *A concepção democrática estimula a participação popular na gestão da segurança pública, valoriza arranjos participativos e incrementa a transparência das instituições policiais. (...)*

Cláudio Pereira de Souza Neto. A segurança pública na Constituição Federal de 1988: conceituação constitucionalmente adequada, competências federativas e órgãos de execução das políticas. Internet: <www.oab.org.br>(com adaptações).

---

297. (CESPE – Delegado de Polícia – BA/2013) No trecho "que seu principal papel é promovê-lo", o pronome "seu" refere-se a "polícia democrática" e a forma pronominal "lo" refere-se a "estado democrático de direito".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo

Nota das autoras: Questão de coesão textual (pronome possessivo e pessoal).

Em itens assim, basta fazer a substituição dos termos: o papel principal da **polícia democrática** é promover o **estado democrático de direito**.

Trecho para o item.

(...) Após a Segunda Guerra Mundial, os movimentos nacionalistas e independentistas que vinham se firmando desde o período entre-guerras **ganharam** *força* **tanto** *na África quanto na Ásia. (...)* **Internet: <http://acervo.estadao.com.br> (com adaptações).**

---

298. (CESPE – Delegado de Polícia – AL/ 2012) O deslocamento do vocábulo "tanto" para imediatamente antes da forma verbal "ganharam" manteria a correção gramatical e o sentido original do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado

✪ **Nota da autora:** O gabarito foi alterado pela banca. De certo passou a ser considerado, justamente, errado. Explicação a seguir.

A expressão utilizada indica comparação dos locais onde os movimentos ganharam força: **tanto** (na África) **quanto** (na Ásia) e não pode ser deslocada para antes do verbo porque alteraria o sentido original, embora a gramática permanecesse correta. Veja:

1) ... os movimentos **ganharam** força **tanto** na África quanto na Ásia.

2) ... os movimentos **tanto ganharam** força na África quanto na Ásia.

Trecho para o item.

(...)Após a Segunda Guerra Mundial, os movimentos nacionalistas e independentistas que vinham se firmando desde o período entre-guerras ganharam força tanto na África quanto na Ásia. A luta contra o colonialismo britânico na Índia de Gandhi, com o movimento de resistência passiva não violenta, terminou com a

independência, em 1947, mas foi seguida de violentos conflitos étnicos,principalmente em virtude de diferenças religiosas entre hinduístas e muçulmanos. A ocupação japonesa na Ásia favorecia a manifestação do nacionalismo, ao mesmo tempo em que as ideias revolucionárias de Marx e Engels ganhavam força.

O processo que levou à partilha colonial de regiões africanas e asiáticas, **criando países fictícios**, *culminou em longas batalhas por independência. Gerou, também, como consequência, movimentos separatistas, conflitos étnicos e religiosos, e guerras civis, com reflexos que perduram até os dias de hoje.*

Internet: <http://acervo.estadao.com.br> (com adaptações).

---

299. (CESPE – Delegado de Polícia – AL/ 2012) O trecho "criando países fictícios" poderia, sem prejuízo do sentido original do texto, ser substituído por *dando origem a países que passaram a existir por convenção.*

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo

Nota da autora: Questão de período composto e coerência (semântica) e foi muito polêmica sem haver necessidade para tanto. Dividindo as informações facilita:

- *Criando países* equivale a dando origem a países;
- *países fictícios* equivale a países que passaram a existir por convenção.

Fictício significa *que é irreal, inverossímil, fabuloso: personagem fictícia. Simulado, aparente, ilusório: cena fictícia. Em que há falsidade, simulação: vivia mentindo e todo o seu comportamento era fictício. Que é resultado do imaginário: inventou uma história fictícia. Que só persiste por combinação ou por um acordo estabelecido: preço fictício do real.*

Através do contexto, sabemos que tudo isso está diretamente ligado a *passaram a existir por convenção*, pois não existiam. Se não existiam, eram fictícios.

Trecho para o item.

(...) *Vários territórios asiáticos e africanos sofriam influência inglesa e francesa, e* **a Coreia havia sido anexada pelo Japão** *em 1910 – país que, a partir dos anos 30 do século XX, aumentou consideravelmente seu poder sobre o continente.(...)*

Internet: <http://acervo.estadao.com.br> (com adaptações).

---

300. (CESPE – Delegado de Polícia – AL/ 2012) O elemento "pelo", em "a Coreia havia sido anexada pelo Japão", poderia ser corretamente substituído por **ao**.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo

Nota das autoras: Questão de semântica, de significado.

Anexada está no sentido de *unida*. O adjetivo *anexada por* indica que o Japão anexou (uniu), já que essa forma só pode ser usada na voz passiva; *anexada ao* significa que se juntou ao Japão, que se uniu. O sentido permanece o mesmo. Importante perceber o que a banca exige e não é regência (não foi citado no enunciado).

Cada um dos itens a seguir apresenta uma proposta de reescrita de trechos do texto, indicado entre aspas, que deve ser julgada certa se estiver gramaticalmente correta e mantiver o sentido do texto,ou errada, em caso contrário.

---

301. (CESPE – Delegado de Polícia – AL/ 2012) "A França foi a pioneira na dominação do continente africano. A Inglaterra, no entanto, consagrada como grande potência marítima desde a queda de Napoleão, rapidamente assumiu a liderança da colonização.": A França foi a primeira a dominar a África, mas a Inglaterra, dedicada a ser a grande potência dos mares, desde que a Napoleão caísse, passou a liderar a colonização.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Na reescritura, o verbo passa para condição: **caísse** está no pretérito imperfeito do indicativo e tal alteração torna o período incorreto.

---

302. (CESPE – Delegado de Polícia – AL/ 2012) "Como garantiam o domínio sobre a Índia, os ingleses não se opuseram à penetração francesa na Ásia": Porque garantiam o domínio da Índia, a Inglaterra não se posicionou contra a presença francesa na Ásia.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Na reescritura, o verbo não concorda com o sujeito. Quem garantia o domínio da Índia? A Inglaterra **garantia**. O primeiro período está correto porque **garantiam** concorda com **os ingleses**.

303. (CESPE – Delegado de Polícia – AL/ 2012) Sem prejuízo do sentido, o período " E seria melhor para todos – e também para a vida em sociedade – poder olhar para ele de frente" poderia ser reescrito da seguinte forma: E seria melhor para que todos pudessem olhar para ele de frente, inclusive para que se vivesse em sociedade.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O tempo verbal foi alterado para pretérito imperfeito do subjuntivo (vivesse) e passa a indicar condição. Assim, haveria prejuízo do sentido.

Trecho para o item.

(...) Para não envelhecer, essa vilã dos contos de fadas ultrapassa todos os limites e quebra todos os interditos. Uma mulher da era a.CP (antes da cirurgia plástica), Ravenna suga a alma, a juventude e a beleza das adolescentes e devora corações puros, que arranca com suas unhas, enquanto **chafurda** *na amargura. (...)*

Elaine Brum. Internet: <http://revistaepoca.globo.com> (com adaptações).

304. (CESPE – Delegado de Polícia – AL/ 2012) A forma verbal "chafurda" está empregada, no texto, em sentido denotativo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O verbo foi empregado no sentido figurado: *estar envolto por vícios ou baixaria; render-se à indignidade; corromper. Exemplo: chafurdava na baixaria.*

No sentido denotativo, significa *deitar ou deitar-se na lama (chafurda); revolver-se no chão: os selvagens chafurdavam (no lamaçal); não se chafurdavam na lama.*

Atenção! Julgue o item relativo a ideias e aspectos linguísticos do trecho.

(...)

A erradicação da pobreza vem sendo considerada uma das maiores prioridades para a construção de sociedades mais justas, assim como vem aumentando o reconhecimento de que as causas e condições de pobreza são diferentes para homens e mulheres, negros e brancos. Por isso, estão sendo realizados esforços para que as necessidades das mulheres e negros sejam consideradas de forma explícita e efetiva nas estratégias de redução da pobreza e nas políticas de geração de emprego e renda. Internet: <www.oit.org.br>, com adaptações).

305. (CESPE – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) O último período do trecho pode ser reescrito, sem prejuízo do seu sentido original e da correção gramatical, da seguinte forma: Esse é o motivo da realização dos esforços com vistas ao atendimento das necessidades imediatas de mulheres e negros que reduzirão a pobreza devido as políticas de geração de emprego e renda.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O sentido foi alterado e ocorreu quebra na estrutura sintática. Erros gramaticais:

1) Pontuação (deveria haver intercalação devido ao uso do pronome relativo) – Esse é o motivo da realização dos esforços, com vistas ao atendimento das necessidades imediatas de mulheres e negros, que reduzirão a pobreza.
2) Faltou o acento indicativo de crase: reduzirão a pobreza devido **às** políticas de geração = devido **aos** políticos.

Atenção! Julgue o item relativo a ideias e aspectos linguísticos do trecho.

(...) Um requisito básico para que o crescimento econômico dos países se traduza em menos pobreza e maior bem-estar e justiça social é melhorar as condições de vida das mulheres, dos negros e de outros grupos discriminados da sociedade; outro é aumentar sua possibilidade de acesso a empregos capazes de garantir uma vida digna para si próprios e para suas famílias. A pobreza está diretamente relacionada aos níveis e padrões de emprego, assim como às desigualdades e à discriminação existentes na sociedade. Além disso, as diferentes formas de discriminação estão fortemente associadas aos fenômenos de exclusão social que dão origem à pobreza e são responsáveis pelos diversos tipos de vulnerabilidade e pela criação de barreiras adicionais que impedem as pessoas e grupos discriminados de superar situações de pobreza. (...) Internet: <www.oit.org.br>, com adaptações).

306. (CESPE – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) Em "sua possibilidade de acesso", o termo "sua" corresponde a **da sociedade.**

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não é a possibilidade de acesso da sociedade, mas sim a possibilidade das mulheres, dos negros e de outros grupos discriminados da sociedade a empregos capazes de garantir uma vida digna para si próprios. Os fragmentos que constituem os itens seguintes foram adaptados de trechos de notícias do sítio da OIT na Internet. Julgue-os no que se refere à correção gramatical.

---

307. (CESPE – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) As conclusões do relatório da OIT sobre desigualdades de gênero estimulam a ampliação das medidas de proteção social destinadas a reduzir a vulnerabilidade das mulheres e incentivam os investimentos em capacitação e educação, bem como a instauração de políticas que favoreçam o acesso ao emprego. O relatório enumera, ainda, uma série de diretrizes políticas para ajudar as comunidades a reduzir os preconceitos de gênero nas decisões relativas ao trabalho e a diminuir as disparidades de gênero no mercado laboral.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Atente-se a concordância, regência (incluindo crase), verbo e pontuação.

---

308. (CESPE – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) As taxas de desemprego das mulheres são mais altas do que às dos homens em escala mundial e não se prevê melhoras desse quadro nos próximos anos, segundo relatório da OIT que analisa as desigualdades de gênero em matéria de desemprego, emprego, participação na força de trabalho, vulnerabilidade e segregação setorial e profissional.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – 1. As taxas de desemprego das mulheres são mais altas do que **as** (taxas) dos homens = em comparação, o último termo é sujeito do verbo elíptico. 2. Não se **preveem** melhoras. Quando comparamos termos, a preposição **de** é facultativa, portanto estão corretas as formas: As taxas de desemprego das mulheres são mais altas **do que** as dos homens ou As taxas de desemprego das mulheres são mais altas **que** as dos homens.

---

309. (CESPE – Analista Judiciário – Administrativa – TRT 10/2013) Antes da crise mundial, as diferenças entre homens e mulheres, no que diz respeito ao desemprego e à relação emprego-população haviam se atenuado. Nas economias avançadas, a crise parece haver afetado aos homens nos setores que dependam do comércio mais do que as mulheres, que trabalham em saúde e educação. Nos países em desenvolvimento, as mulheres foram particularmente afetadas nos setores relacionados com o comércio.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – 1. Falta vírgula para marcar intercalação: Antes da crise mundial, **as diferenças entre homens e mulheres**, no que diz respeito ao desemprego e à relação emprego-população, **haviam se atenuado**; 2. que dependam do comércio mais do que as **mulheres que** trabalham em saúde e educação: retirar a vírgula, pois restringe as mulheres que trabalham em saúde e educação (oração adjetiva restritiva não possui pontuação); 3. Nos países em desenvolvimento, as mulheres foram particularmente afetadas nos setores relacionados **ao** comércio.

---

310. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – CNJ/2013) O trecho "apresentar a moderação, ou bom senso, como a virtude suprema" poderia ser corretamente reescrito, sem prejuízo do sentido do texto, da seguinte forma: apresentara moderação, ou seja, o bom senso, como a virtude suprema; assim como o segmento "dever de respeitar a promessa feita,ou de cumprir o contratado" poderia ser corretamente reescrito da seguinte maneira: dever de respeitar a promessa feita, isto é, de cumprir o contratado.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O uso da locução *ou seja*, assim como o uso da *isto é* confere mais ênfase ao texto sem nenhum prejuízo do texto. São expressões explicativas.

Trecho para a próxima questão.

(...) De acordo com a tradição da jurisprudentia romana, a advertência de Cícero manifesta exatamente esse sentido. Com frequência, disse ele, há ocasiões em que os atos que nos parecem os mais dignos de um homem justo transmudam-se no seu contrário. É o caso, por exemplo, do dever de respeitar a promessa feita, ou de cumprir o contratado. Se a prática do ato devido prejudica o devedor, sem nenhum proveito para o credor, o não cumprimento da palavra dada é plenamente justificado, pois a justiça nos obriga a dar sempre preferência ao bem sobre o mal. (Fábio Konder Comparato. Ética: direito, moral e religião no mundo moderno. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 528-9, com adaptações).

311. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – CNJ/2013) O termo "devido" está empregado, no texto, com o sentido de merecido, justo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Está empregado como débito, aquilo que se deve.

Considerando as ideias e os aspectos linguísticos do trecho, julgue o item seguinte.

Um dos maiores méritos da sabedoria grega consistiu, justamente, em apresentar a moderação, ou bom senso, comoa virtude suprema. No frontispício do templo de Apolo, em Delfos, uma das inscrições célebres era: nada em excesso. Aquele que exerce seu direito sem moderação acaba por perdê-lo. Do mesmo modo, a exigência excessiva por um mal sofrido transforma o exercício do direito em uma manifestação de vingança pura e simples. Nesse caso, a justiça muda de lado: ela se desloca para o lado do adversário. De acordo com a tradição da jurisprudentia romana, a advertência de Cícero manifesta exatamente esse sentido. Com frequência, disse ele, há ocasiões em que os atos que nos parecem os mais dignos de um homem justo transmudam-se no seu contrário. É o caso, por exemplo, do dever de respeitar a promessa feita, ou de cumprir o contratado. Se a prática do ato devido prejudica o devedor, sem nenhum proveito para o credor, o não cumprimento da palavra dada é plenamente justificado, pois a justiça nos obriga a dar sempre preferência ao bem sobre o mal. (...) (Fábio Konder Comparato. Ética: direito, moral e religião no mundo moderno. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 528-9, com adaptações).

312. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – CNJ/2013) O termo "devido" está empregado, no texto, com o sentido de merecido, justo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Está empregado como débito, aquilo que se deve.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do texto, julgue os itens a seguir.

Se considerarmos o panorama internacional, perceberemos que o Ministério Público brasileiro é singular. Em nenhum outro país, há um Ministério Público que apresente perfil institucional semelhante ao nosso ou que ostente igual conjunto de atribuições.

Do ponto de vista da localização institucional, há grande diversidade de situações no que se refere aos Ministérios Públicos dos demais países da América Latina. Encontra-se, por exemplo, Ministério Público dependente do Poder Judiciário na Costa Rica, na Colômbia e, no Paraguai, e ligado ao Poder Executivo, no México e no Uruguai.

Constata-se, entretanto, que, apesar da maior extensão de obrigações do Ministério Público brasileiro, a relação entre o número de integrantes da instituição e a população é uma das mais desfavoráveis no quadro latino-americano. De fato, dados recentes indicam que, no Brasil, com 4,2 promotores para cada 100 mil habitantes, há uma situação de clara desvantagem no que diz respeito ao número relativo de integrantes. No Panamá, por exemplo, o número é de 15,3 promotores para cada cem mil habitantes; na Guatemala, de 6,9; no Paraguai, de 5,9; na Bolívia, de 4,5. Em situação semelhante ou ainda mais crítica do que o Brasil, estão, por exemplo, o Peru, com 3,0; a Argentina, com 2,9; e, por fim, o Equador, com a mais baixa relação: 2,4. É correto dizer que há nações proporcionalmente com menos promotores que o Brasil. No entanto, as atribuições do Ministério Público brasileiro são muito mais extensas do que **as** *dos Ministérios Públicos desses países. (Maria Tereza Sadek. A construção de um novo Ministério Público resolutivo. Internet: https://aplicacao.mp.mg.gov.br, adaptado).*

313. (CESPE – Analista do MPU/2013) No último período do texto, a palavra "atribuições" está subentendida logo após o vocábulo "as" (final do texto), que poderia ser substituído por aquelas, sem prejuízo para a correção do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Encaixe-a: No entanto, as atribuições do Ministério Público brasileiro são muito mais extensas do que **as** dos Ministérios Públicos desses países. = No entanto, as atribuições do Ministério Público brasileiro são muito mais extensas do que **as atribuições** dos Ministérios Públicos desses países.

314. (CESPE – Analista do MPU/2013) Seriam mantidas a correção gramatical e a coerência do texto se o primeiro parágrafo fosse assim reescrito: Quando se examina o contexto internacional, concluímos que não há situação como a do Brasil no que se refere a existência e desempenho do Ministério Público.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Belo "peguinha"! Esse item é o que todo concurseiro adora. Você erra, mas acerta. Claro que atenção enfatiza a inexistência de crase, certo? Muito confiante e feliz, insere o acento indicativo de crase antes do vocábulo existência, coloca o item como errado e passa para o próximo item.

Vamos ver o que CESPE aprontou dessa vez?

Há dois itens a serem avaliados: correção gramatical e coerência.

1) A gramática está correta porque há paralelismo.

Há dois termos ligados ao verbo referir-se: existência e desempenho.

Duas opções:

- ... no que se refere **à** existência e **ao** desempenho.
- ... no que se refere **a** existência e desempenho.

Perceba que no segundo caso, não há artigo no segundo substantivo masculino. Se não há artigo no segundo, não há, também, no primeiro, porque o artigo deve acompanhar os dois elementos ou nenhum.

2) A coerência está errada, ou seja, o sentido não corresponde ao original:

Dividindo as informações para facilitar:

- Se considerarmos o panorama internacional, perceberemos que o Ministério Público brasileiro é singular = Quando se examina o contexto internacional, concluímos que não há situação como a do Brasil (MP é citado posteriormente): Correto.
- Em nenhum outro país, há um Ministério Público que **apresente** perfil institucional **semelhante ao nosso** ou que ostente **igual conjunto de atribuições.** = no que se refere a existência e desempenho do Ministério Público. Aqui está o erro, pois falta informação que foi citada no texto: perfil e ostentação.

---

315. (CESPE – Promotor de Justiça – TO/2012)

Uma das vantagens da investigação conduzida pelo MP reside na independência funcional de seus membros, um princípio constitucional que os preserva de ingerências hierárquicas ou externas. Promotores e procuradores devem obediência à lei e a ninguém mais. Isso não ocorre com as autoridades policiais, organizadas hierarquicamente, subordinadas ao Poder Executivo e fiscalizadas pelo MP. Não poderia ser diferente: é contra os fundamentos de nossa democracia conferir independência a instituições armadas. (Bruno Calabrich. Quem tem medo da investigação pelo Ministério Público? In: Correio Braziliense, 28/6/2012, p. 19., com adaptações).

Considerando os aspectos linguísticos do texto acima, assinale a opção correta.

(A) O emprego do sinal indicativo de crase em "à lei" é facultativo, razão por que sua retirada não prejudicaria a correção gramatical do texto.

(B) O pronome "Isso" retoma "Uma das vantagens da investigação conduzida pelo MP".

(C) Caso a expressão "que são" fosse inserida imediatamente antes de "organizadas", seria mantida a correção gramatical do texto.

(D) O sinal de dois-pontos marca o início de uma enumeração.

(E) Seria mantida a correção gramatical do período caso fosse inserida uma vírgula imediatamente após "MP", conferindo-se ênfase à informação vinculada a partir da forma verbal "reside".

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Trata-se de partícula expletiva: um termo sem função sintática que pode ser inserido ou retirado do texto, sem que altere sua correção gramatical, coerência e coesão. g *"[...] Isso não ocorre com as autoridades policiais, "que são" organizadas hierarquicamente, subordinadas ao Poder Executivo..."*

Alternativa "a" – o emprego da crase antes de palavra feminina é obrigatório.

Alternativa "b" – o pronome "isso" retoma "obediência à lei e a ninguém mais".

Alternativa "d" – o sinal de dois-pontos marca uma citação.

Alternativa "e" – não se separa por vírgula o sujeito e o verbo. Veja: g *"Uma das vantagens da investigação conduzida pelo MP reside na independência ..."* g Sujeito + Verbo

Texto para a próxima questão.

As leis que regulam o funcionamento do MP – e preveem a realização de diligências investigatórias – têm quase vinte anos de vigência. Desde a CF, não houve nenhuma modificação substancial em nossa legislação no que diz respeito às atribuições do MP.

Se na lei nada foi alterado, o que certamente mudou nos últimos anos foi o fato de que o MP brasileiro passou a desenvolver seus trabalhos cada vez com mais eficiência, o que possibilitou que fossem processadas e eventualmente condenadas pessoas que, antes, se mantinham inalcançáveis pela justiça.

Embora a realização de investigações criminais diretamente pelo MP não deva ser a regra – no

dia a dia, as polícias têm maior estrutura para isso, além de ser essa a sua função primordial –, não se pode impedir que, em determinados casos, o MP investigue, sob pena de que criminosos permaneçam sem punição.

Uma primeira vantagem da investigação direta do MP é o ganho de qualidade e rapidez, uma vez que a prova será obtida diretamente por aquele que avaliará sua pertinência e legitimidade para o processo. Sob a direção imediata do MP, serão produzidas somente as provas que realmente permitam a condenação dos culpados (ou o arquivamento dos autos, caso se verifique a inocência do investigado). Além de zelar pela regularidade da prova, o que contribui para evitar nulidades que muitas vezes levam à perda de investigações importantíssimas, é dever do MP assegurar o respeito aos direitos do investigado, evitando abusos lamentavelmente ainda rotineiros em procedimentos da polícia. (Bruno Calabrich. Quem tem medo da investigação pelo Ministério Público? In: Correio Braziliense, 28/6/2012, p. 19., com adaptações).

---

316. (CESPE – Promotor de Justiça – TO/2012) Seriam mantidos o sentido original e a correção gramatical caso se substituísse o trecho

(A) "evitando abusos lamentavelmente ainda rotineiros em procedimentos da polícia" por ainda prevenindo abusos lamentáveis na rotina investigatória policial.

(B) "além de ser essa a sua função primordial" por demais de essa ser a sua função desde os primórdios.

(C) "sob pena de que criminosos permaneçam sem punição" por no risco de se manter criminosos na impunidade.

(D) "Sob a direção imediata do MP" por Dirigidos imediatamente pelo MP.

(E) "caso se verifique a inocência do investigado" por na hipótese de ser o investigado dado por inocente.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – caso = na hipótese de ser o investigado dado por inocente g "caso se verifique a inocência do investigado"

Alternativa "a" – a simples troca de lugar do vocábulo "ainda" implicou alteração de sentido. No primeiro trecho, os abusos ainda são rotineiros. Já no segundo, a prevenção é que "ainda" acontece" evitando abusos lamentavelmente ainda rotineiros em procedimentos da polícia" ainda prevenindo abusos lamentáveis na rotina investigatória policial.

Alternativa "b" – "além de ser essa a sua função primordial" (Aqui, a função é primordial, essencial.) demais de essa ser a sua função desde os primórdios. (Aqui, a função é atribuída a alguém desde o princípio dos tempos além de que o vocábulo "demais" está usado inadequadamente).

Alternativa "c" – "sob pena de que criminosos permaneçam sem punição" (Sob o risco de que criminosos permaneçam sem punição) no risco de se manter criminosos na impunidade. ("no risco" está gramaticalmente incorreto)

Alternativa "d" – "Sob a direção imediata do MP" (sob o comando direto do MP) dirigidos imediatamente pelo MP. (o MP dirige algo imediatamente)

---

317. (CESPE – Delegado de Polícia – AL/ 2012) "Gerou, também, como consequência, movimentos separatistas, conflitos étnicos e religiosos, e guerras civis, com reflexos que perduram até os dias de hoje.": Em consequência, deu origem, ainda, a movimentos de separação, conflitos étnicos e religiosos e guerras civis, cujos reflexos ainda perduram.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Dividindo informações para facilitar:

- Gerou, também, como consequência = Em consequência, deu origem, ainda.
- movimentos separatistas = movimentos de separação.
- com reflexos que perduram até os dias de hoje = cujos reflexos ainda perduram.

---

318. (CESPE – Delegado de Polícia – AL/ 2012) "a busca por novos mercados consumidores e por matérias-primas de baixo custo, em decorrência da Revolução Industrial, o que levou as nações europeias a voltarem-se para as regiões da África e da Ásia": a procura de novos mercados de consumidores e de matérias-primas a baixo custo causado pela Revolução Industrial levaram as nações europeias a voltarem-se para a África e a Ásia

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Alterou o sentido.

Atenção! Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.

(...) Compreender, portanto, como tais materialidades influem na elaboração do ato comunicativo é fundamental para se entender como chegam a interferir na própria ordenação da sociedade. (...) (In: João C. de C. Rocha (Org.). Interseções: a materialidade da comunicação. Rio de Janeiro: Imago; EDUERJ, 1998, p. 12, 14-15, com adaptações).

319. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2012) O período do trecho poderia ser assim reescrito, sem prejuízo para a correção gramatical do texto: Compreender, pois, o modo porque tais materialidades influenciam na elaboração do ato comunicativo é essencial para entender-se como elas chegam à afetar na própria organização do tecido social.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Por que = pelo qual; para entender; chegam a afetar.

Atenção! Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.

(...) Quantas bibliotecas de Alexandria permanecem ignoradas devido à negligência com a materialidade dos meios de comunicação? (...) (In: João C. de C. Rocha (Org.). Interseções: a materialidade da comunicação. Rio de Janeiro: Imago; EDUERJ, 1998, p. 12, 14-15, com adaptações)

320. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2012) A pergunta às linhas finais do primeiro parágrafo poderia ser suprimida do texto sem prejuízo para a sua coerência.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Esta pergunta é apenas um complemento de reflexão do autor.

Atenção! Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.

O conceito de materialidade da comunicação supõe a reconstrução da materialidade específica mediante a qual os valores de uma cultura são, de um lado, produzidos e, de outro, transmitidos. Tal materialidade envolve tanto o meio de comunicação quanto as instituições responsáveis pela reprodução da cultura e, em um sentido amplo, inclui as relações entre meio de comunicação, instituições e hábitos mentais de uma época determinada. Vejamos: para o entendimento de uma forma particular de comunicação – por exemplo, o teatro na Grécia clássica ou na Inglaterra elizabetana; o romance nos séculos XVIII e XIX; o cinema e a televisão no século XX; o computador em nossos dias –, o estudioso deve reconstruir tanto as condições históricas quanto a materialidade do meio de comunicação. Assim, no teatro, a voz e o corpo do ator constituem uma materialidade muito diferente da que será criada pelo advento e difusão da imprensa, pois os tipos impressos tendem, ao contrário, a excluir o corpo do circuito comunicativo. Já os meios audiovisuais e informáticos promovem um certo retorno do corpo, mas sob o signo da virtualidade.Compreender, portanto, como tais materialidades influem na elaboração do ato comunicativo é fundamental para se entender como chegam a interferir na própria ordenação da sociedade.João C. de C. Rocha. A matéria da materialidade: como localizar a biblioteca de Alexandria? (In: João C. de C. Rocha (Org.). Interseções: a materialidade da comunicação. Rio de Janeiro: Imago; EDUERJ, 1998, p. 12, 14-15, com adaptações).

321. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2012) Sem prejuízo para a correção gramatical do texto, o período "Tal materialidade (...) época determinada" poderia ser assim reescrito: O meio de comunicação, assim como as instituições responsáveis por reproduzir a cultura, é compreendido por essa materialidade, que, em um sentido amplo, abrange as relações entre meio de comunicação, instituições e hábitos mentais de certa época.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – "Tal materialidade" se refere ao "meio de comunicação, assim como ...".

Com relação a aspectos linguísticos do trecho, julgue o item a seguir.

Para além desse anedotário há, de fato, muito que refletirmos. Afinal, os mais diversos povos indígenas estão lidando com as grandes instituições da sociedade branca e com processos políticos pertencentes a uma gramática social e simbólica que lhes é absolutamente estranha, ao menos na maneira como estamos acostumados a pensar.

322. (UNB/CESPE – Poder Judiciário – TRE / ES/2012) A expressão "ao menos" poderia ser substituída, sem prejuízo semântico ou sintático para o trecho, pela expressão até mesmo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – A expressão ao menos equivale a no mínimo. Enquanto até mesmo indica inclusive, ou seja, inclusão. Ocorre prejuízo semântico (no significado da palavra)

Atenção! Julgue o item subsequente, acerca dos sentidos e da organização das ideias do trecho.

Dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) ajudam a traçar o perfil do eleitor brasileiro da última eleição. A inclusão política dos brasileiros vem, a cada eleição, consolidando-se e os dados são irrefutáveis quanto a isso. A cada cinco pessoas aptas a votar nas eleições de 2010, uma era analfabeta ou nunca havia frequentado uma escola. São, ao todo, 27 milhões de eleitores nessa situação no cadastro do TSE. Desses, oito milhões se declararam analfabetos e 19 milhões declararam saber ler e escrever, sem, entretanto, nunca terem estado em uma sala de aula. No total, havia 135,8 milhões de eleitores no país em 2010.

A maior concentração de eleitores analfabetos e(ou) sem nenhuma escolaridade encontra-se no Nordeste: enquadram-se em um desses grupos 35% dos eleitores. No Sudeste, são apenas 12%, o que evidencia o aparentemente Eterno fosso socioeconômico que separa as duas regiões mais antagônicas do Brasil.

323. (UNB/CESPE – Poder Judiciário – TRE / ES/2012) O termo, sublinhado, "grupos" está empregado em referência a dois grupos: o de eleitores analfabetos e o de eleitores que nunca frequentaram a escola.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Questão, também de coesão textual e pronome. A dica da concordância está exatamente no uso do pronome anafórico **esses**, que antecede o vocábulo **grupos**. Refere-se aos eleitores analfabetos e(ou) sem nenhuma escolaridade. Seguindo as palavras mencionadas no trecho do texto.

Atenção! Julgue o item subsequente, acerca dos sentidos e da organização das ideias do trecho.

(...) O número reduzido de mulheres que ocupam cargos públicos – atualmente, uma média mundial de 19% nas assembleias nacionais – constitui um déficit a corrigir. A participação das mulheres em todos os níveis do governo democrático – local, nacional e regional – diversifica a natureza das assembleias democráticas e permite que o processo de tomada de decisões responda a necessidades dos cidadãos não atendidas no passado. (Internet: http://www.unric.org/pt/>, com adaptações).

324. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE – RJ/2012) Pelo emprego das estruturas "assembleias nacionais" e "assembleias democráticas", é correto inferir que a expressão "cargos públicos" se refere, efetivamente, aos cargos políticos no Poder Legislativo, dado o alto índice de participação feminina nos cargos do Poder Executivo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Informação totalmente incoerente com o que é mencionado no trecho. Note que nem foi citado o Poder Executivo.

Atenção! Julgue o item subsequente, acerca dos sentidos e da organização das ideias do texto.

A instrumentalização da cidadania e da soberania popular, em uma democracia contemporânea, faz-se pelo instituto da representação política. E a transformação da soberania popular em representação se dá, em grande parte, por meio da eleição.

O povo a que remete a ideia de soberania popular constitui uma unidade, e não, a soma de indivíduos. Jurídica e constitucionalmente, a representação "representa" o povo (e não, todos os indivíduos). Além disso, não há propriamente mandato, pois a função do representante se dá nos limites constitucionais e não se determina por instruções ou cláusulas estabelecidas entre ele (ou o conjunto de representantes) e o eleitorado. As condições para o exercício do mandato e, no limite, seu conteúdo estão predeterminados na Constituição e apenas nela. Estritamente, nem sequer é possível falar em representação, pois não há uma vontade pré-formada. Há a construção de uma vontade, limitada apenas aos contornos constitucionais. (Eneida Desiree Salgado. Princípios constitucionais estruturantes do direito eleitoral. Tese de doutoramento. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2010. Internet: http://dspace.c3sl.ufpr.br, adaptado).

325. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE – RJ/2012) Identifica-se no texto ambivalên-

cia estrutural, evidenciada pela presença de trechos tipicamente dissertativos e outros marcadamente narrativos.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O texto é predominantemente dissertativo por dois motivos: tem por objetivo convencer o leitor e os verbos encontram-se no presente do indicativo. Em textos narrativos, os verbos predominam no pretérito perfeito.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

Bandos de homens armados perpetram anualmente 450 roubos a bancos e carros-fortes no Brasil. Tais episódios pôem em risco a vida de clientes, agentes de segurança e policiais, mas o prejuízo financeiro é relativamente pequeno para as instituições. (...) (André Vargas. Assalto.com.br. In: Veja, 24/11/2010, com adaptações).

326. (CESPE – Delegado de Polícia – ES/ 2011) A substituição da forma verbal "pôem" por **oferecem** não acarretaria erro ao texto, desde que também se substituísse a expressão "risco a vida de" por risco à vida a.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Um dos grandes perigos de CESPE é este: mais de uma informação no mesmo item. Por isso, é preciso, sempre, avaliar uma informação de cada vez.

1) Põem em risco = oferecem risco. Note que a preposição *em* deve desaparecer.

2) Não poderia acrescentar o acento indicativo de crase porque *a vida* possui função sintática de objeto direto: põem algo. Substitua: põem em risco a vida = põem em risco o indivíduo. Não resultou em *ao*, não há crase. Lembrou-se das dicas de crase?

Considerando a organização das ideias e estruturas linguísticas do trecho, julgue o seguinte item.

Nós, seres humanos, somos seres sociais: vivemos nosso cotidiano em contínua imbricação com o ser de outros. Isso, em geral, admitimos sem reservas. Ao mesmo tempo, seres humanos, somos indivíduos: vivemos nosso ser cotidiano como um contínuo devir de experiências individuais intransferíveis. (...)

Humberto Maturana. Biologia do fenômeno social: a ontologia da realidade, Miriam Graciano (Trad.J, Belo Horizonte: UFMG, 2002, p, 195, com adaptações).

327. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) A inserção de termo *como* antes de "seres humanos" (terceiro período) preservaria a coerência entre os argumentos bem como a correção gramatical do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Basta fazer a inserção no trecho: Ao mesmo tempo, **como** seres humanos, somos indivíduos.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do texto, julgue o item a seguir.

Nós, seres humanos, somos seres sociais: vivemos nosso cotidiano em contínua imbricação com o ser de outros. Isso, em geral, admitimos sem reservas. Ao mesmo tempo, seres humanos, somos indivíduos: vivemos nosso ser cotidiano como um contínuo devir de experiências individuais intransferíveis. Isso admitimos como algo indubitável. Ser social e ser individual parecem condições contraditórias da existência. De fato, boa parte da história política, econômica e cultural da humanidade, particularmente durante os últimos duzentos anos no ocidente, tem a ver com esse dilema. Assim, distintas teorias políticas e econômicas, fundadas em diferentes ideologias do humano, enfatizam um aspecto ou outro dessa dualidade, seja reclamando uma subordinação dos interesses individuais aos interesses sociais, ou, ao contrário, afastando o ser humano da unidade de sua experiência cotidiana. Além disso, cada uma das ideologias em que se fundamentam essas teorias políticas e econômicas constitui uma visão dos fenômenos sociais e individuais que pretende firmar-se em uma descrição verdadeira da natureza biológica, psicológica ou espiritual do humano. (Humberto Maturana. Biologia do fenômeno social: a ontologia da realidade, Miriam Graciano (Trad.J, Belo Horizonte: UFMG, 2002, p, 195, com adaptações).

328. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) Nas relações de coesão do texto, as expressões "esse dilema" (sexto período) e "dessa dualidade" (sétimo período) remetem à condição do ser humano: unitá-

rio em "sua experiência cotidiana" (sétimo período), mas imbricado "com o ser de outros" (primeiro período).

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Em todo o texto o autor faz menção à dualidade e ao dilema apresentado no *ser individual* e no *ser social* e os conflitos advindos dessa relação.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do texto, julgue os itens a seguir.

As diferenças de classes vão ser estabelecidas em dois níveis polares: classe privilegiada e classe não privilegiada. Nessa dicotomia, um leitor crítico vai perceber que se trata de um corte epistemológico, na medida em que fica óbvio que classificar por extremos não reflete a complexidade de classes da sociedade brasileira, apesar de indicar os picos. Em cada um dos polos, outras diferenças se fazem presentes, mas preferimos alçar a dicotomia maior que tanto habita o mundo das estatísticas quanto, e principalmente, o mundo do imaginário social. Estudos a respeito de riqueza e pobreza ora dão quitação a classes pela forma quantitativa da ordem do ganho econômico, ora pelo grau de consumo na sociedade capitalista, ora pela forma de apresentação em vestuário, ora pela violência de quem não tem mais nada a perder e assim por diante. O imaginário, em sua organização dinâmica e com sua capacidade de produzir imagens simbólicas e estereótipos, maneja representações que possibilitam pôr ordem no caos. O imaginário, acionado pela imaginação individual, é pluriespacial e, na interação social, constrói a memória, a história museológica. Mesmo que possamos pensar que estereótipos são resultado de matrizes, a cultura é dinâmica, porquanto símbolos e estereótipos são olhados e ressignificados em determinado instante social. (Dina Maria Martins Ferreira. Não pense, veja. São Paulo: Fapesp&Annablume, p. 62, com adaptações).

329. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) Para se evitar a repetição de "que", seria adequado substituir o trecho "que classificar" (segundo período) por **ao classificar**, preservando-se tanto a coerência textual quanto a correção gramatical do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Analisemos todos os vocábulos **que** do período:

- um leitor crítico vai perceber **que** se trata de um corte epistemológico = conjunção integrante (liga a oração principal à oração subordinada substantiva objetiva direta). Para se certificar de que se trata de uma conjunção integrante, encaixe o pronome demonstrativo **isto** (um leitor crítico vai perceber **isto**).
- na medida em que fica óbvio = parte da locução conjuntiva causal.

▶ **Dica** – Muito pedida a diferença entre as locuções abaixo:

- na medida em que = causa
- à medida que = proporção
- fica óbvio **que** classificar = conjunção integrante. Liga a oração principal (sem conjunção) à oração subordinada substantiva subjetiva (é o sujeito da oração principal). Mais uma vez se pode encaixar o pronome demonstrativo **isto**: fica óbvio **isto**.

330. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) Subentende-se da argumentação do texto que "os picos" (segundo período) correspondem aos mais salientes indicadores de classes – a privilegiada e a não privilegiada –, referidos no texto também como "extremos" (segundo período) e "polos" (terceiro período).

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Na opinião da autora, picos e extremos traduzem as mais salientes indicadores de classes, conceito este que divide em dois polos as diferenças sociais, argumentação esta que a faz considerar tal conceito um corte epistemológico (teórico), reduzindo os indicadores a apenas dois extremos: a classe privilegiada e a não privilegiada, deixando vazios outros parâmetros que deveriam também ser apontados no questionamento da pirâmide das diferenças sociais.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) Com base nesse pressuposto, argumento que, em nossa sociedade, na esfera pública, duas formas de particularismo – o das diferenças e o das relações pessoais – se reforçam e se articulam em diversas arenas e situações, na produção e reprodução de desigualdades sociais e simbólicas. (...) (Jeni Vaitsman, Desigualdades sociais e particularismos na sociedade brasileira, br. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, n,° 18 (Suplemento), p. 38, com adaptações).

331. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) Na estrutura sintática em que ocorre, a preposição "em" poderia ser omitida, o que não prejudicaria a coerência nem a correção gramatical do texto, pois a preposição ficaria subentendida.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A preposição não pode ser omitida, pois demarca lugar: reforçam-se e se articulam onde? Em diversas arenas.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) O particularismo das diferenças produz exclusão social e simbólica, dificultando os sentimentos de pertencimento e interdependência social, necessários para a efetiva institucionalização do universalismo na esfera pública. (...) (Jeni Vaitsman, Desigualdades sociais e particularismos na sociedade brasileira, br. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, n,° 18 (Suplemento), p. 38, com adaptações).

332. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) As relações entre as ideias do texto mostram que a forma verbal "dificultando" está ligada a "diferenças"; por isso, seriam respeitadas as relações entre os argumentos dessa estrutura, como também a correção gramatical, caso se tornasse explícita essa relação, por meio da substituição dessa forma verbal por **e dificultam**.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A forma verbal dificultando não está relacionada a diferenças e sim a particularismo. Dificultando exprime ação posterior à ação que está expressa na oração anterior; dificultam, no presente do indicativo, exprime ação real, um fato que ocorre no momento, o que não é o caso das ideias contidas no texto e as relações entre os argumentos defendidos e a correção gramatical seriam prejudicadas.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

A característica central da modernidade, não seria demais repetir, é a institucionalização do universalismo – e seu duplo, a igualdade – como princípio organizador da esfera pública. (...) (Jeni Vaitsman, Desigualdades sociais e particularismos na sociedade brasileira, br. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, n,° 18 (Suplemento), p. 38, com adaptações).

333. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) A coerência entre os argumentos apresentados no texto mostra que o pronome "seu" refere-se a "universalismo".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Substitua: ... é a institucionalização do universalismo – e seu (do universalismo) duplo, a igualdade.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

Hipermodernidade é o termo usado para denominar a realidade contemporânea, caracterizada pela cultura do excesso, do acréscimo sempre quantitativo de bens materiais, de coisas consumíveis e descartáveis. Dentro desse contexto, todas as interações humanas, marcadas pela doença crônica da falta de tempo disponível e da ausência de autêntica integração existencial, se tornam intensas e urgentes. O movimento da vida passa a ser uma efervescência constante e as mudanças a ocorrer em ritmo quase esquizofrênico, determinando os valores fugidios de uma ordem temporal marcada pela efemeridade. (...) (Renato Nunes Bittencourt. Consumo para o vazio existencial. In: Filosofia, ano V, n, 48, p, 46-8, com adaptações).

334. (CESPE – Analista Processual – MPU/2010) A locução verbal "passa a ser" pode ser substituída pela forma verbal *torna-se*, sem que haja prejuízo para a coerência ou para a correção gramatical do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A forma verbal reflexiva **torna-se** prejudicaria a coerência do texto, pois o sujeito **o movimento da vida** é apenas agente. Poderia ser substituído por é.

Atenção! Julgue os itens subsequentes, acerca dos sentidos e da organização das ideias do trecho.

(...)

Antônio Ramos foi processado pelo assassinato do negociante Feliciano Lisboa e de sua "caseira"

(amásia), Isabel Leme. Todas as testemunhas que depuseram contra ele no processo acreditavam que o motivo do crime fora uma vingança pelo fato de Isabel tê-lo chamado de negro após um jantar na casa das vítimas.

O que verdadeiramente interessa no caso é que, no processo, a indignação de Ramos, apesar de ele ter sido considerado um homem violento, pareceu compreensível aos depoentes. Ainda que ele não tivesse justificado seu ato extremo, nenhuma das testemunhas negou-lhe razão por ter raiva de Isabel, que, afinal, o recebera em casa. É rara, na documentação, referência tão explícita à convivência interétnica no nível privado bem como às normas de comportamento e tensões que implicava, consubstanciadas no sentido pejorativo que a qualificação negro, dada por Isabel ao seu convidado, tinha para os que conviviam com eles, ou seja, não foi o convite de Lisboa e Isabel para que Ramos jantasse em sua casa – um homem livre, ao que tudo indica, descendente de africanos – que causou estranheza às testemunhas, mas o fato de que, nessa situação, a anfitriã o tivesse chamado de negro, desqualificando-o, desse modo, como hóspede à mesa do casal. (...)

Hebe M. Mattos de Castro. Laços de família e direitos no final da escravidão. In: História da vida privada no Brasil: Império. Coordenador-geral Fernando A. Novais; organizador do volume Luiz Felipe de Alencastro. vol. 2. (São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 341-3, com adaptações).

335. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária TRE – BA 2010) Em "consubstanciadas no sentido pejorativo", a palavra "pejorativo" pode ser substituída por *favorável*, sem prejuízo para o sentido do trecho em questão.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Pejorativo está no sentido de depreciativo.

336. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária TRE – BA 2010) Por ser explicativa, a expressão "ou seja" está entre vírgulas.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – *Ou seja* e *isto é* são expressões explicativas e devem, sempre, estarem separadas por pontuação.

337. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária TRE – BA 2010) No trecho "a anfitriã o tivesse chamado de negro, desqualificando-o", a forma pronominal "o" tem o mesmo referente nas duas ocorrências.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Façamos as substituições: O anfitrião chamou Ramos de negro, desqualificando Ramos.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

(...) Assim, a noção de capacidade é essencialmente um regime de liberdade – o leque de opções que uma pessoa tem para decidir que tipo de vida levar. A pobreza, nessa visão, não reside apenas no estado de empobrecimento em que uma pessoa pode realmente viver, mas também na falta de oportunidade real – imposta por constrangimentos sociais, bem como circunstâncias pessoais – para escolher outros tipos de vida. Amartya Sem. Desenvolvimento com opulência, ou com liberdade efetiva. In: Planeta, maio/2010, p. 75, com adaptações).

338. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) Preservam-se a coerência e a correção gramatical ao se substituir "tem" por dispõe, com a vantagem de tornar o texto mais de acordo com o padrão culto da língua.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não preserva a coerência (sentido), já que **ter** e **dispor** pertencem a campos semânticos distintos. Facilitando: elabore outra frase utilizando tais vocábulos: Tenho dois novos livros. Disponho de dois novos livros. Percebe como facilita?

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue os itens a seguir.

Há duas maneiras de olhar para o desenvolvimento no mundo contemporâneo. Uma, profundamente influenciada pelo crescimento da economia e pelos valores que lhe estão subjacentes, refere-se ao desenvolvimento essencialmente como uma expansão rápida e sustentada do produto nacional bruto per capita, talvez qualificada por uma exigência de que os frutos dessa expansão alcancem todas as camadas da comunidade. Uma segunda visão, que contrasta com a anterior, vê o desenvolvimento como

um processo que aumenta a liberdade dos envolvidos para perseguir quaisquer objetivos que valorizem. (...) Amartya Sem. Desenvolvimento com opulência, ou com liberdade efetiva. In: Planeta, maio/2010, p. 75, com adaptações).

339. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) Preservam-se as relações significativas entre os termos da oração, bem como a correção gramatical do texto, ao se reescrever o trecho "pelos valores que lhe estão subjacentes" do seguinte modo: pelos valores que estão subjacentes ao desenvolvimento do mundo contemporâneo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O pronome lhe remete ao crescimento da economia e não ao desenvolvimento do mundo contemporâneo. Substitua: Uma, profundamente influenciada pelo crescimento da economia e pelos valores que estão subjacentes **ao crescimento da economia**, refere-se ao desenvolvimento essencialmente como uma expansão rápida.

340. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) Seriam mantidas a coerência e a correção gramatical do terceiro período sintático, se ele fosse iniciado da forma seguinte: Em uma segunda visão.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A preposição em, neste caso, daria a ideia de NOÇÃO, enquanto que "uma visão" afirma que a visão existe e *vê o desenvolvimento como um processo*. Possui função de sujeito, a coerência seria afetada.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

O mundo tem gerado excepcionais avanços tecnológicos nas últimas décadas e aumentado drasticamente sua capacidade de produzir bens e serviços. Ao mesmo tempo, convivemos com 3 bilhões de pobres, dos quais 1,2 bilhão são extremamente pobres. (...) Entrevista de Bernardo Kliksberg a CartaCapital, 12/5/2010, com adaptações).

341. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2010) A expressão "nas últimas décadas" permite a substituição de "tem gerado" por gerou, sem prejudicar a coerência ou a correção gramatical do texto, apesar de alterar as relações semânticas entre as ideias.

COMENTÁRIOS

Errado – A locução verbal *tem gerado* afirma, através do auxiliar mais particípio, que a ação vem acontecendo e não um fato consumado (gerou: pretérito perfeito do indicativo); *tem gerado*: ação gradativa e contemporânea.

Texto para a próxima questão:

A declaração não previu que o desenvolvimento capitalista chegasse à sua atual etapa de globalização e de capitais voláteis, especulativos, que, sem controle, entram e saem de diferentes países gerando instabilidade permanente nas economias periféricas.

342. (UNB/CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 21ª Região/2010) A oração "A declaração não previu" poderia ser corretamente reescrita da seguinte forma: Na declaração, não se previu.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Muita atenção ao enunciado (*peguinha* comum de CESPE)! Em *poderia ser corretamente reescrita*, não cita o valor semântico, de sentido, pois se citasse, a alternativa seria considerada incorreta. O sentido muda, as funções sintáticas mudam. Façamos a análise sintática:

A declaração não previu que o desenvolvimento capitalista chegasse... g sujeito + adj. adv. neg. + V.T.D. + O.D. oracional (possui verbo)

Na declaração, não se previu que o desenvolvimento capitalista chegasse... g adj. adv. lugar + adj. adv. neg. + pronome apassivador + V.T.D sujeito oracional (possui verbo)

Quanto à correção, a questão está correta.

343. (CESPE – Policial Rodoviário Federal/2008) Considerando que os fragmentos de texto incluídos nas opções abaixo, na ordem em que são apresentados, são partes sucessivas de um texto adaptado (Internet: www.wikipedia.org/wiki), assinale a opção em que foram atendidas as normas da língua padrão escrita.

(A) À proporção em que o Império Romano conquistou territórios, as novas províncias seriam

contempladas com estradas, as quais eram construídas com base em esquema já adotado em outras localidades.

(B) No auge da dominação dos romanos, na região mediterrânea o principal complexo viário do Império, media, inclusive com as estradas marginais, aproximadamente 150.000 quilômetros.

(C) Os comerciantes romanos vislumbram a vantagem dessa obra para o desenvolvimento comercial e diferente de outros povos do Mediterrâneo, utilizaram as estradas para aumentarem o lucro de sua atividade.

(D) Esse fato incrementou as transações comerciais no interior continental, o que acarretou vigorosa expansão mercantil do Império Romano e comércio especializado em determinados produtos.

(E) O comércio dos romanos, que, no passado, fora realizado, unicamente por meio de portos, passaram a dedicar-se principalmente, a venda de produtos alimentícios, dentre os quais destacam-se vinho, azeite, cereais, carnes, entre outros.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão, período composto (conjunção) e pontuação.

Na alternativa *d*, vale reforçar: o + que = pronome demonstrativo (o) + pronome relativo (que).

Alternativa "a" – Não existe a construção *à proporção em que*, mas sim *à proporção que* (ações simultâneas); as províncias **foram** contempladas.

▶ **Dica – À medida que:** proporção; na medida em que: causa.

Alternativa "b" – Faltou vírgula para intercalar o aposto e é preciso retirar a vírgula que separa o sujeito do verbo: No auge da dominação dos romanos, **na região mediterrânea, o principal complexo viário do Império media**, inclusive com as estradas marginais, aproximadamente 150.000 quilômetros.

Alternativa "c" – Faltou vírgula para intercalar: Os comerciantes romanos vislumbram a vantagem dessa obra para o desenvolvimento comercial e, **diferente de outros povos do Mediterrâneo**, utilizaram as estradas para aumentarem o lucro de sua atividade.

Alternativa "e" – Retirar a vírgula que está separando a oração subordinada adjetiva (pronome relativo) restritiva (sem pontuação): O comércio dos **romanos que**, no passado, fora realizado. Intercalar o vocábulo *principalmente:* passaram a dedicar-se, **principalmente,** à venda. Inserir o acento indicativo de crase antes de *venda*. Substitua por um substantivo masculino qualquer: passaram a dedicar-se **à** venda = **ao** projeto. Resultou em **ao**, há crase.

344. (CESPE – Policial Rodoviário Federal/2008) Assinale a opção em que o trecho apresentado atende plenamente às normas gramaticais.

(A) Até 400 a.C., os romanos utilizavam caminhos de terra para deslocar-se da sua capital as cidades vizinhas. O ataque gaulês de Breno, em 390 a.C., que se revelou desastroso para os romanos, mostrou a ineficácia do sistema defensivo de Roma, devido principalmente a lentidão de movimentação das tropas sobre o que eram apenas caminhos pouco aptos para eles se moverem.

(B) A necessidade de melhor defesa, associada à vontade de expansão e de hegemonia sobre a Itália, levou a República Romana, ainda frágil e ameaçada, a pôr em questão estruturas escassamente adaptadas a esses desejos. Eram necessárias rotas sólidas que permitissem a circulação mais rápida e segura, mas, sobretudo, que facilitassem a mobilidade das tropas.

(C) A primeira via em território do Império Romano foi criada em 312 a.C. por Ápio Cláudio Cego, para unir Roma à cidade de Cápua e fora denominada Via Ápia. Em finais da República, o conjunto do território da península italiana estava dotada com grandes artérias, ostentando cada rota o nome do censor que a criara. Essas vias não estavam pavimentadas, salvo no interior das cidades.

(D) Os romanos destacaram-se como engenheiros. Suas obras estenderam-se por todo Império, e grande parte da divulgação se deveu a extensa rede viária. Apesar de não oferecer o conforto do asfalto dos dias de hoje, dado que as rochas de basalto não proporcionam grande continuidade e suavidade ao terreno, a verdade é que, essas rochas encontram-se 2.000 anos depois, ainda bem fixadas nos percursos.

(E) O fato de as rochas das vias romanas estarem fixas até hoje deve – se, provavelmente, a técnica de preparação do terreno, no qual eram colocadas várias camadas de materiais para assegurar a sua estabilidade e, só no final, era feito, com as rochas, a cobertura. Essas vias são, atualmente, protegidas como patrimônio mundial. A grande extensão da cobertura oferecida pelas estradas romanas deu origem ao ditado popular "todos os caminhos levam à Roma".

Opções adaptadas de Internet: <www.wikipedia.org/wiki>.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Observações importantes: associada à vontade = associada **ao** desejo; com crase. Intercalação utilizando vírgulas (leia o que está em negrito): **permitissem a circulação mais rápida e**

segura, mas, sobretudo, **que facilitassem a mobilidade das tropas.**

Alternativa "a" – para deslocar-se da sua capital as cidades vizinhas = para deslocar-se da sua capital **aos** portos; devido **à** lentidão = devido **ao** trabalho.

Alternativa "c" – estava dotada **de** grandes artérias.

Alternativa "d" – Deteve; pontuação: a verdade é **que essas** rochas **encontram-se, 2.000** anos depois, ainda bem fixadas nos percursos.

Alternativa "e" – deve – se, provavelmente, **à** técnica = **ao** valor; era **feita**, com as rochas, **a cobertura** (sujeito); levam **a** Roma: para lugar, usa-se voltei de Roma = sem crase.

Texto:

Houve uma época em que os homens viviam bem mais próximos do céu. E o céu, dos homens. Imagine um mundo sem luz elétrica, esparsamente povoado, um mundo praticamente sem tecnologia, fora os arados dos campos e os metais das ferramentas e das espadas. Nesse mundo, o céu tinha um significado muito diferente do que tem hoje. A sobrevivência das pessoas dependia de sua regularidade e clemência.

Olhar para os céus e aprender seus ciclos era o único modo de marcar a passagem do tempo. Logo ficou claro que o céu tinha dois temperamentos: um, bem-comportado, repetitivo, como o nascer e o pôr do Sol a cada dia, as quatro fases da Lua e as quatro estações do ano; outro, imprevisível, rebelde e destruidor, o senhor das tempestades e dos furacões, dos estranhos cometas, que atravessavam lentamente os céus com sua luz fantasmagórica, e dos eclipses totais do Sol, quando dia virava noite e as estrelas e os planetas faziam-se visíveis e o Sol tingia-se de um negro profundo.

Os céus eram mágicos, a morada dos deuses. O significado da vida e da morte, a previsão do futuro, o destino dos homens, tanto dos líderes quanto de seus súditos, estavam escritos nos astros. Fenômenos celestes inesperados eram profundamente temidos. Entre eles, os eclipses eram dos piores: se os deuses podiam apagar o Sol por alguns minutos, certamente poderiam fazê-lo permanentemente. (Marcelo Gleiser. O céu de Ulisses. In: Folha de S.Paulo, 6/6/2008, p. 9.

345. (CESPE – Policial Rodoviário Federal/2008) Assinale a opção correta a respeito de elementos de coesão do texto.

(A) No período "E o céu, dos homens", a vírgula foi empregada para indicar a oposição dos termos "céu" e "homens".

(B) O emprego de *Naquele mundo*, em vez de "Nesse mundo", seria mais adequado, visto que o pronome se refere a um mundo muito remoto.

(C) A referência do pronome "sua" é o termo "pessoas".

(D) O emprego das expressões *o primeiro* e *o segundo no lugar*, respectivamente, de "um" e "outro" tornaria o texto mais claro.

(E) A expressão "fazê-lo", que, no texto, tem o sentido de apagar o Sol, é recurso coesivo utilizado para se evitar a repetição de uma oração.

Alternativa "e": correta – Sim, trata-se de elemento coesivo: os eclipses eram dos piores: se os deuses podiam apagar o Sol por alguns minutos, certamente poderiam **fazê-lo** (apagar o Sol) permanentemente.

Alternativa "a" – A vírgula explica qual é o céu. É o céu dos homens e não qualquer céu.

Alternativa "b" – *Nesse mundo*: o mundo citado anteriormente. Pronome demonstrativo anafórico: retoma a ideia.

▶ **Dica:**

1) Anáfora – retoma: isso

2) Catáfora – cita: isto

Alternativa "c" – Regularidade do céu.

Alternativa "d" – Um temperamento e outro temperamento: não há necessidade de haver substituição por numeral.

346. (CESPE – Policial Rodoviário Federal/2008) Considerando que os fragmentos de texto incluídos nas opções abaixo, na ordem em que são apresentados, são partes sucessivas de um texto adaptado de Marcelo Gleiser, assinale a opção em que, no fragmento adaptado, foram atendidos plenamente os preceitos de clareza e correção gramatical.

(A) Em maio de 2008, dois astrônomos publicaram um estudo que argumentava que a Odisseia, famoso poema de Homero, faz referência a um eclipse que ocorreu de fato no mar Egeu dia 16 de abril de 1178 a.C. A ideia não é nova, tendo sido proposta há cem anos atrás por astrônomos interessados em datar o saque de Troia e o retorno do herói Odisseu (Ulisses, para os romanos) para a sua adorada (e extremamente paciente) Penélope, que esperou por ela por dez anos.

(B) A novidade do novo trabalho é a confluência de outros eventos astronômicos, já anteriormente mencionados e ocorridos, que apoiam a tese de

que Homero tinha o eclipse, em mente, quando escreveu as famosas linhas: "O Sol sumiu do céu e uma escuridão funesta cobriu tudo!"

(C) Vasculhando o texto de Homero famoso, os astrônomos encontraram referências a lua nova, condição básica para um eclipse total, as estrelas usadas por Odisseu para orientar-lhe no retorno à casa e à aparição de Vênus logo após a chegada em Ítaca.

(D) O mais fascinante da descoberta é que Homero supostamente escreveu a Odisseia no final do século 8.0 a.C., mais de 400 anos após o evento, onde não existia quaisquer relatos de eclipses datando do século 8.0 a.C. (se existiram, foram perdidos). O fato de Homero ter mencionado o eclipse mostra que o imenso efeito que provocava o fenômeno, cujo o terror que despertou ficou gravado na memória coletiva e passado oralmente às gerações futuras até chegar nos ouvidos do poeta.

(E) A descoberta dos astrônomos confirma a ideia de complementaridade entre ciência e arte, visto que o poeta, em seu texto, referiu-se alegoricamente a um fenômeno celeste para tornar mágico um momento extremamente dramático da trama narrativa, e a descrição da regularidade do céu nas leis de gravitação de Newton permite que o passado celeste seja conhecido em detalhes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Para fixar a intercalação, os termos entre vírgulas ou parênteses ou travessões podem ser retirados e a sequência sintática permanecerá correta:

A descoberta dos astrônomos confirma a ideia de complementaridade entre ciência e arte, visto que o poeta**, em seu texto, **referiu-se alegoricamente a um fenômeno celeste para tornar mágico um momento extremamente dramático da trama narrativa, e a descrição da regularidade do céu nas leis de gravitação de Newton permite que o passado celeste seja conhecido em detalhes.

Alternativa "a" – tendo sido proposta **há cem anos** por astrônomos = não se usa o verbo *haver* que já indica tempo decorrido seguido do vocábulo *atrás*, pois acarreta pleonasmo (repetição); retirar a vírgula por não ser usada em oração subordinada adjetiva restritiva: **Penélope que** esperou por ela por dez anos.

Alternativa "b" – Retirar a vírgula: Homero tinha o **eclipse em mente** quando escreveu as famosas linhas.

Alternativa "c" – os astrônomos encontraram referências **da** lua nova; inserir ponto final para melhorar a coerência: os astrônomos encontraram referências da lua nova, condição básica para um eclipse **total. As** estrelas usadas por Odisseu para orientar-lhe; retirar a crase, pois *a casa* não é especificada (o mesmo que ocorre com o vocábulo *terra*): orientar-lhe no retorno **a** casa; quem chega, chega **a:** logo após a chegada **a** Ítaca.

Alternativa "d" – *Onde* só pode retomar lugar, substitua-o por **em que**: não existiam relatos *no* final do século; **cujo terror**: os relativo quem e cujo não admitem artigo; até chegar **aos** ouvidos do poeta.

Atenção! As questões referem-se ao texto abaixo.

Tempo livre

A questão do tempo livre – o que as pessoas fazem com ele, que chances eventualmente oferece o seu desenvolvimento – não pode ser formulada em generalidade abstrata. A expressão, de origem recente – aliás, antes se dizia ócio, e este era um privilégio de uma vida folgada e, portanto, algo qualitativamente distinto e muito mais grato –, opõe-se a outra: à de tempo não-livre, aquele que é preenchido pelo trabalho e, poderíamos acrescentar, na verdade, determinado de fora.

O tempo livre é acorrentado ao seu oposto. Essa oposição, a relação em que ela se apresenta, imprime-lhe traços essenciais. Além do mais, muito mais fundamentalmente, o tempo livre dependerá da situação geral da sociedade. Mas esta, agora como antes, mantém as pessoas sob um fascínio. Decerto, não se pode traçar uma divisão tão simples entre as pessoas em si e seus papéis sociais. (...) Em uma época de integração social sem precedentes, fica difícil estabelecer, de forma geral, o que resta nas pessoas, além do determinado pelas funções. Isso pesa muito sobre a questão do tempo livre. Mesmo onde o encantamento se atenua e as pessoas estão ao menos subjetivamente convictas de que agem por vontade própria, isso ainda significa que essa vontade é modelada por aquilo de que desejam estar livres fora do horário de trabalho.

A indagação adequada ao fenômeno do tempo livre seria, hoje, esta: "Com o aumento da produtividade no trabalho, mas persistindo as condições de não-liberdade, isto é, sob relações de produção em que as pessoas nascem inseridas e que, hoje como antes, lhes prescrevem as regras de sua existência, o que ocorre com o tempo livre?" (...) Se se cuidasse de responder à questão sem asserções ideológicas, tornar-se-ia imperiosa a suspeita de que o tempo livre tende em direção contrária à de seu próprio conceito, tornando-se paródia deste. Nele se prolonga a não-liberdade, tão desconhecida da maioria das pessoas não-livres como a sua não-liberdade em si mesma.

Podemos esclarecer isso de maneira simples por meio da ideologia do hobby. Na naturalidade

da pergunta sobre qual hobby se tem, está subentendido que se deve ter um, provavelmente também já escolhido de acordo com a oferta do negócio do tempo livre. Liberdade organizada é coercitiva: "Ai de ti se não tens um hobby, se não tens ocupação para o tempo livre! Então tu és um pretensioso ou antiquado, um bicho raro, e cais em ridículo perante a sociedade, a qual te impinge o que deve ser o teu tempo livre." Tal coação não é, de nenhum modo, somente exterior. Ela se liga às necessidades das pessoas sob um sistema funcional. No camping – no antigo movimento juvenil, gostava-se de acampar –, havia protesto contra o tédio e o convencionalismo burgueses. O que os jovens queriam era sair, no duplo sentido da palavra. Passar-a-noite-a-céu-aberto equivalia a escapar da casa, da família. Essa necessidade, depois da morte do movimento juvenil, foi aproveitada e institucionalizada pela indústria do camping. Ela não poderia obrigar as pessoas a comprar barracas e motor homes, além de inúmeros utensílios auxiliares, se algo nas pessoas não ansiasse por isso; mas a própria necessidade de liberdade é funcionalizada e reproduzida pelo comércio; o que elas querem lhes é, mais uma vez, imposto. Por isso, a integração do tempo livre é alcançada sem maiores dificuldades; as pessoas não percebem o quanto não são livres lá onde mais livres se sentem, porque a regra de tal ausência de liberdade lhes foi abstraída. (T. W. Adorno. Palavras e sinais, modelos críticos 2. Maria Helena Ruschel (Trad.). Petrópolis: Vozes, 1995, p. 70-82, com adaptações).

347. (CESPE – Analista do Seguro Social – INSS/ 2008) No segundo parágrafo, o termo "encantamento" faz referência ao poder exercido pela sociedade sobre as pessoas.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – No segundo parágrafo: *Além do mais, muito mais fundamentalmente, o tempo livre dependerá da situação geral da sociedade. Mas esta, agora como antes, mantém as pessoas sob um fascínio.* Fascínio é encantamento.

348. (CESPE – Analista do Seguro Social – INSS/ 2008) A diferença existente entre "tempo livre" e "tempo não-livre" é a mesma que distingue as pessoas que estão "convictas de que agem por vontade própria" (segundo parágrafo) daquelas "pessoas não-livres" que desconhecem a "sua não-liberdade em si mesma" (terceiro parágrafo).

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Há diferença entre "tempo livre" e "tempo não-livre", mas não há antagonismo nas outras frases: apenas reforçam a **mesma ideia**.

349. (CESPE – Analista do Seguro Social – INSS/ 2008) O "sistema funcional" (último parágrafo) que liga as necessidades pessoais à liberdade coercitiva refere-se à funcionalização, à institucionalização e à reprodução do desejo das pessoas pela indústria e pelo comércio.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Basta voltar ao texto e unir as ideias: *Tal coação* ("Ai de ti se não tens um hobby, se não tens ocupação para o tempo livre! Então tu és um pretensioso ou antiquado, um bicho raro, e cais em ridículo perante a sociedade, a qual te impinge o que deve ser o teu tempo livre.") *não é, de nenhum modo, somente exterior. Ela se liga às necessidades das pessoas sob um sistema funcional.*

350. (CESPE – Analista do Seguro Social – INSS/ 2008) No texto, o verbo "sair" tem duplo sentido: o literal, "Passar-a-noite-a-céu-aberto"; e o figurado, protestar "contra o tédio e o convencionalismo burgueses" (último parágrafo).

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – No texto: *O que os jovens queriam era sair, **no duplo sentido da palavra**.*

- Sentido literal = denotação (sentido do dicionário);
- Sentido figurado = conotação (sentido metafórico).

Atenção! As questões referem-se ao texto abaixo.

Em busca do tempo (livre) perdido

Tempo é sinônimo de dinheiro desde que a Revolução Industrial mudou para sempre os meios de produção. O resultado acabou sendo, de certa forma, nefasto para o trabalhador. Hoje se passam horas demais no ambiente de trabalho e horas de menos com a família. Até as férias foram minguando. "O excesso de trabalho é um fenômeno global. O mercado global e a tecnologia de comunicação instantânea fizeram do trabalhador um escravo do reló-

gio. E nós nos tornamos escravos dessa tecnologia. É importante colocar limites, caso contrário, o trabalho dominará nossas vidas", diz Joe Robinson, autor do livro Trabalhar para Viver. Em todo o mundo, uma série de organizações tem buscado colocar a redução e a flexibilização do horário de trabalho e o aumento do período de férias na pauta política de seus países. "Nos Estados 16 Unidos, temos as menores férias do mundo industrializado: 8,1 dias depois de um ano de trabalho e 10 dias depois de três anos", acrescenta Robinson. (Galileu, out./2005, com adaptações).

Considerando o desenvolvimento das ideias e as estruturas linguísticas do texto acima, julgue os itens a seguir.

---

351. (CESPE – Analista do Seguro Social – INSS/ 2008) Na oração "O resultado acabou sendo, de certa forma, nefasto para o trabalhador" (segundo período), a retirada da expressão "para o trabalhador", que complementa o vocábulo "nefasto", não alteraria as relações semânticas do texto, visto que o emprego desse vocábulo é suficiente para que se compreendam as informações relativas ao "resultado" referido no trecho.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado.

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão e análise sintática.

Para o trabalhador possui função sintática de complemento nominal do predicativo do sujeito nefasto. Ao retirar tal informação, altera as relações semânticas do texto porque passa a generalizar. Note que o emprego do vocábulo não é suficiente para que se compreendam as informações. Completa o sentido.

---

352. (CESPE – Analista do Seguro Social – INSS/ 2008) Considerando-se que uma das funções semânticas do verbo ser é explicitar uma relação de igualdade entre termos, a oração "O excesso de trabalho é um fenômeno global" (quinto período) poderia, preservando-se as relações significativas, a coerência da argumentação e a correção gramatical do texto, ser reescrita da seguinte forma: O fenômeno global é excesso de trabalho.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado.

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão e emprego de artigo.

Note que se altera o emprego dos artigos definido (o excesso) e indefinido (um fenômeno). O definido restringe e o indefinido generaliza.

---

353. (CESPE – Analista do Seguro Social – INSS/ 2008) No desenvolvimento da argumentação, o emprego de "Até" (quarto período) enfatiza que o tempo para outras atividades, além das citadas, foi diminuindo, exceto o tempo para o trabalho.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Hoje se passam horas demais no ambiente de trabalho e horas de menos com a família. Até as férias foram minguando.

---

354. (CESPE – Analista do Seguro Social – INSS/ 2008) O período 'O mercado (...) relógio' (sexto período), por apresentar a causa do que é afirmado na oração anterior, poderia, mantendo-se a coerência do texto, ter seu início – 'O mercado' – substituído por: Por isso, o mercado.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O período indica causa (oração subordinada) e não podemos inserir a conjunção por isso por indicar conclusão e ser coordenada.

---

355. (CESPE – Analista do Seguro Social – INSS/ 2008) Se, no oitavo período, o trecho 'É importante colocar limites' fosse substituído por **Se não fossem colocados limites**, o período permaneceria coerente e gramaticalmente correto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Deveria ocorrer alteração gramatical: **Se não fossem colocados limites,** o trabalho **dominaria** nossas vidas. Note que o segundo verbo deveria ser alterado.

Com referência às ideias e às estruturas linguísticas do texto, julgue os itens a seguir.

Hoje o sistema isola, atomiza o indivíduo. Por isso seria importante pensar as novas formas de comunicação. Mas o sistema também nega o indivíduo. Na economia, por exemplo, mudam-se os valores de uso concreto e qualitativo para os valores de troca geral e quantitativa. Na filosofia apa-

rece o sujeito geral, não o indivíduo. Então, a diferença é uma forma de crítica. Afirmar o indivíduo, não no sentido neoliberal e egoísta, mas no sentido dessa ideia da diferença é um argumento crítico. Em virtude disso, dessa discussão sobre a filosofia e o social surgem dois momentos importantes: o primeiro é pensar uma comunidade auto reflexiva e confrontar-se, assim, com as novas formas de ideologia. Mas, por outro lado, a filosofia precisa da sensibilidade para o diferente, senão repetirá apenas as formas do idêntico e, assim, fechará as possibilidades do novo, do espontâneo e do autêntico na história. Espero que seja possível um diálogo entre as duas posições em que ninguém tem a última palavra. (Miroslav Milovic. Comunidade da diferença. Relume Dumará, p. 131-2, com adaptações).

356. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STF/2008) O emprego de "Em virtude disso" mostra que, imediatamente antes do termo "o social" está subentendida a preposição **de**, que, se fosse explicitada, teria de ser empregada sob a forma **do**.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não está subentendida nenhuma preposição antes de "o social". O texto é claro: "Em virtude disso" = "dessa discussão..."

357. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STF/2008) A expressão "por outro lado" explicita a caracterização do segundo dos "dois momentos importantes".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Sim, porque o "primeiro é pensar uma comunidade..."

358. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STF/2008) Como o último período sintático do texto se inicia pela ideia de possibilidade, a substituição do verbo "tem" por *tenha*, além de preservar a correção gramatical do texto, ressaltaria o caráter hipotético do argumento.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Exatamente, porque o modo subjuntivo também caracteriza hipótese.

Atenção! Julgue os seguintes itens, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.

O agente ético é pensado como sujeito ético, isto é,como um ser racional e consciente que sabe o que faz, como um ser livre que escolhe o que faz e como um ser responsável que responde pelo que faz. A ação ética é balizada pelas ideias de bem e de mal, justo e injusto, virtude e vício. Assim, uma ação só será ética se consciente, livre e responsável e será virtuosa se realizada em conformidade com o bom e o justo. A ação ética só é virtuosa se for livre e só o será se for autônoma, isto é, se resultar de uma decisão interior do próprio agente e não de uma pressão externa. Evidentemente, isso leva a perceber que há um conflito entre a autonomia da vontade do agente ético (a decisão emana apenas do interior do sujeito) e a heteronomia dos valores morais de sua sociedade (os valores são dados externos ao sujeito). Esse conflito só pode ser resolvido se o agente reconhecer os valores de sua sociedade como se tivessem sido instituídos por ele, como se ele pudesse ser o autor desses valores ou das normas morais, pois, nesse caso, ele será autônomo, agindo como se tivesse dado a si mesmo sua própria lei de ação. (Marilena Chaui. Uma ideologia perversa. In: Folhaonline, 14/3/1999, com adaptações).

359. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STF/2008) Depreende-se do texto que "agente" e "sujeito" não são sinônimos, embora possam remeter ao mesmo indivíduo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – "sujeito ético" identifica o "agente ético", por ser pensado como tal, mesmo não sendo sinônimos.

360. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STF/2008) A expressão "Esse conflito" tem a função textual de recuperar a ideia de "heteronomia".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – "Esse Conflito" refere-se ao que se trava entre a autonomia da vontade e a heteronomia dos valores.

▶ **Dica** – Pronome demonstrativo anafórico (retoma ideia anterior).

Atenção! Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.

(...) A necessidade de discussão da questão política e do exercício do poder está em que, em última análise, todos os grupos, classes, etnias visam, de uma forma ou de outra, o controle do poder político. (...) (Danilo Marcondes. Filosofia, linguagem e comunicação. São Paulo: Cortez, 2000, p. 147-8, com adaptações).

361. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2008) No segundo período, para evitar as duas ocorrências da preposição "em" e tornar o estilo do texto mais elegante, mantendo-se a correção gramatical, deve-se deixar subentendida a primeira delas, reescrevendo-se o respectivo trecho da seguinte forma: está que, em última análise.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – São necessários os dois "em", caso contrário, fere a correção gramatical.

Atenção! Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do texto.

Se a perspectiva do político é a perspectiva de como o poder se constitui e se exerce em uma sociedade, como se distribui, se difunde, se dissemina, mas também se oculta, se dissimula em seus diferentes modos de operar, então é fundamental uma análise do discurso que nos permita rastreá-lo. A necessidade de discussão da questão política e do exercício do poder está em que, em última análise, todos os grupos, classes, etnias visam, de uma forma ou de outra, o controle do poder político. Porém, costumamos ver o poder como algo negativo, perverso, no sentido da dominação, da submissão. Não há, entretanto, sociedade organizada sem formas de exercício de poder. A questão, portanto, deve ser: como e em nome de quem este poder se exerce? (Danilo Marcondes. Filosofia, linguagem e comunicação. São Paulo: Cortez, 2000, p. 147-8, com adaptações).

362. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2008) Para que o texto atenda às exigências de redação de um documento oficial, como um relatório, por exemplo, é obrigatória a substituição da forma verbal "costumamos" por costuma-se.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não se trata de documento oficial, e a mudança alteraria o contexto com a indeterminação do sujeito.

Atenção! Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho.

(...) "Nessas condições – agrega Pascal – considero impossível conhecer o todo se não conheço as partes". (...) (Edgard Morin. Epistemologia da complexidade. In: Dora FriedSchnitman(Org.). Novos paradigmas, cultura e subjetividade. Porto Alegre: Artmed, 1996, p, 274, com adaptações).

363. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2008) Seriam respeitadas as relações de textualidade e as regras gramaticais se as palavras de Pascal, 'considero impossível conhecer o todo se não conheço as partes', fossem assim enunciadas: considero impossível ao todo conhecer se não conheço as partes.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Sim. Estaria empregando estilo de linguagem clássica.

Atenção! Julgue o seguinte item, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do texto.

Em minha opinião, uma percepção ingênua dos fenômenos de mercado, como a crença nos mercados perfeitos, fornece exatamente o que seus críticos mais utilizam como munição nos momentos de crise e descontinuidade. O argumento da suposta infalibilidade dos mercados em bases científicas e a pretensão de transformar economia e finanças em ciências exatas produzem uma perigosa mistificação: confundir brilhantes construções mentais para entender a realidade com a própria realidade. Os mercados não são perfeitos. São, isto, sim, poderosos instrumentos de coordenação econômica em busca permanente de eficiência. Mas são também o espelho de nossos humores, refletindo nossa falibilidade nas avaliações. São contaminados por excesso de otimismo e de pessimismo. São humanos, demasiado humanos. (Paulo Guedes. Os mercados são demasiado humanos. In: Época, 21/7/2008, com adaptações).

364. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – STJ/2008) O período inicial do texto, "Em minha opinião (...) descontinuidade", explicitando um juízo de valor, apresenta o formato adequado, no teor e na correção gramatical, para compor o texto final de um parecer, se no final deste for acrescida a frase É o parecer.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não apresenta o formato adequado de um parecer final, mesmo acrescido da frase "é o parecer".

Trecho para a próxima questão.

Um cenário polêmico é embasado no desencadeamento de um estrondoso processo de exclusão, diretamente proporcional ao avanço tecnológico (...) (Gilberto Lacerda Santos. Formação para o trabalho e alfabetização informática. In: Linhas Críticas, v. 6, n.° 11, jul/dez, 2000, com adaptações).

365. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TST/2008) Preserva-se tanto a correção gramatical quanto a coerência textual ao se empregar o infinitivo *desencadear*, com função de substantivo, em lugar do substantivo "desencadeamento".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Desencadeamento, substantivo abstrato derivado do verbo, no contexto, seria usar o verbo como substantivo. Correto e coerente.

Atenção! O trecho refere-se à questão seguinte.

Brinkmanship

Em 1964, o cineasta Stanley Kubrick lançava o filme Dr. Strangelove. Nele, um oficial norte-americano ordena um bombardeio nuclear à União Soviética e comete suicídio em seguida, levando consigo o código para cancelar o bombardeio. O presidente norte-americano busca o governo soviético na esperança de convencê-lo de que o evento foi um acidente e, por isso, não deveria haver retaliação. É, então, informado de que os soviéticos implementaram uma arma de fim do mundo (uma rede de bombas nucleares subterrâneas), que funcionaria automaticamente quando o país fosse atacado ou quando alguém tentasse desacioná-la. O Dr. Strangelove, estrategista do presidente, aponta uma falha: se os soviéticos dispunham de tal arma, por que a guardavam em segredo? Por que não contar ao mundo? A resposta do inimigo: a máquina seria anunciada na reunião do partido na segunda-feira seguinte. (...) (Fabio Zugman.Teoria dos jogos. Internet: <www.iced.org.br>, com adaptações).

366. (CESPE – Delegado de Polícia – RN/ 2008) Com base no trecho, assinale a opção correta.

(A) A leitura do final do trecho permite inferir-se que "A resposta do inimigo" não foi dada em uma segunda-feira.

(B) A expressão "à União Soviética" (2° período) é complemento da forma verbal "ordena".

(C) Acrescentando-se *de que* imediatamente após a conjunção "e" (3° período), o significado do período correspondente não seria alterado.

(D) A expressão "por isso" (3° período) foi empregada com o sentido concessivo.

(E) Mantém-se a correção gramatical do texto ao se substituir "convencê-lo de que" (3° período) por *convencer-lhe que.*

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – *O presidente norte-americano busca o governo soviético na esperança de convencê-lo de que o evento foi um acidente e* de que, *por isso, não deveria haver retaliação.*

Perceba que há paralelismo: os objetos indiretos (de que o evento foi um acidente e de que não haveria retaliação) complementam o verbo convencer.

Alternativa "a" – *a máquina seria anunciada na reunião do partido na segunda-feira seguinte.*

Alternativa "b" – O complemento verbal de **ordena** é o objeto direto **um bombardeio nuclear. União Soviética** possui função de adjunto adverbial de lugar.

Alternativa "d" – A conjunção **por isso** indica conclusão e pode ser substituída por: logo, por conseguinte, portanto, como resultado, assim, por esta razão, por causa disto, com base nisto.

Alternativa "e" – Convencê-lo de que = convencer alguém de algo (**lo**: objeto direto). A gramática tornar-se-ia incorreta se usássemos convencer alguém de algo.

Atenção! O trecho refere-se à questão posterior.

Brinkmanship

Em 1964, o cineasta Stanley Kubrick lançava o filme Dr. Strangelove. Nele, um oficial norte-americano ordena um bombardeio nuclear à União Soviética e

comete suicídio em seguida, levando consigo o código para cancelar o bombardeio. O presidente norte-americano busca o governo soviético na esperança de convencê-lo de que o evento foi um acidente e, por isso, não deveria haver retaliação. É, então, informado de que os soviéticos implementaram uma arma de fim do mundo (uma rede de bombas nucleares subterrâneas), que funcionaria automaticamente quando o país fosse atacado ou quando alguém tentasse desacioná-la. O Dr. Strangelove, estrategista do presidente, aponta uma falha: se os soviéticos dispunham de tal arma, por que a guardavam em segredo? Por que não contar ao mundo? A resposta do inimigo: a máquina seria anunciada na reunião do partido na segunda-feira seguinte. (...) (Fabio Zugman.Teoria dos jogos. Internet: <www.iced.org.br>, com adaptações).

367. (CESPE – Delegado de Polícia – RN/ 2008) Assinale a opção correta com relação às ideias do texto e às palavras e expressões nele empregadas.

(A) Se o trecho "não deveria haver retaliação" (3º período) estivesse flexionado no plural, a forma verbal "deveria" teria de ser substituída por deveriam.

(B) O período "É então (...) desacioná-la" (4º período) esclarece que a informação dada ao presidente norte-americano era falsa.

(C) No 3º período, as orações introduzidas por "quando" permitem uma leitura em que são interpretadas como condição para que a "arma de fim do mundo" (3º período) funcione automaticamente.

(D) No texto, não há como se identificar o sujeito da oração "Por que não contar ao mundo?" (penúltimo período).

(E) O complemento da palavra "inimigo" (último período) está subentendido, artifício que evidencia que o autor do texto assumiu a perspectiva norte-americana segunda a qual a União Soviética é inimiga.

Alternativa "c": correta – Quando equivale a **se** (conjunção condicional): Coloca a condição para que a *arma de fim de mundo* seja acionada automaticamente em caso de ameaça ou ataque. Quando o país for atacado = Se o país fosse atacado; quando alguém tentasse desacioná-la = se alguém tentasse desacioná-la.

Alternativa "a" – Em *não deveria haver retaliação*, o verbo auxiliar deve, obrigatoriamente, permanecer no singular (independente do termo posposto), pois é impessoal (sentido de existir) e o termo posterior (retaliação) possui função de objeto direto.

▶ **Dica** – Vejamos com o substantivo no plural, como fica a análise sintática

Deveria haver retaliações = verbo singular

Transitivo direto objeto direto

Deveriam existir retaliações = verbo plural porque o verbo deve concordar com o sujeito.

Intransitivo sujeito

Alternativa "b" – Nada, nesse período, esclarece que a informação dada ao presidente norte-americano era falsa.

Alternativa "d" – O sujeito foi mencionado na oração anteposta: os soviéticos.

Alternativa "e" – O autor não se intromete nem assume perspectiva; apenas relata uma situação evidenciada, sim, pelas duas nações em questão.

Atenção! O trecho refere-se à questão seguinte.

(...) O presidente norte-americano busca o governo soviético na esperança de convencê-lo de que o evento foi um acidente e, por isso, não deveria haver retaliação. É, então, informado de que os soviéticos implementaram uma arma de fim do mundo (uma rede de bombas nucleares subterrâneas), que funcionaria automaticamente quando o país fosse atacado ou quando alguém tentasse desacioná-la. O Dr. Strangelove, estrategista do presidente, aponta uma falha: se os soviéticos dispunham de tal arma, por que a guardavam em segredo? Por que não contar ao mundo? A resposta do inimigo: a máquina seria anunciada na reunião do partido na segunda-feira seguinte.

Pode-se analisar a situação criada no filme sob a ótica da Teoria dos Jogos: uma bomba nuclear é lançada pelo país A ao país B. A política de B consiste em revidar qualquer ataque com todo o seu arsenal, o qual pode destruir a vida no planeta, caso o país seja atacado. O raciocínio que leva B a adotar tal política é bastante simples: até o país mais fraco do mundo está seguro se criar uma máquina de destruição do mundo, ou seja, ao ter sua sobrevivência seriamente ameaçada, o país destrói o mundo inteiro (ou, em seu modo menos drástico, apenas os invasores). Ao elevar os custos para o país invasor, o detentor dessa arma garante sua segurança. (...)

Schelling denominou brinkmanship (de brink, extremo) a estratégia de deliberadamente levar uma situação às suas consequências extremas.

Um exemplo usado por Schelling é o bem conhecido jogo do frango, que consiste em dois indivíduos acelerarem seus carros na direção um do outro em rota de colisão; o primeiro a virar o volante e sair da

pista é o perdedor. (...) (Fabio Zugman.Teoria dos jogos. Internet: www.iced.org.br, com adaptações).

368. (CESPE – Delegado de Polícia – RN/ 2008) Com relação às ideias e às estruturas linguísticas do texto, assinale a opção correta.

(A) No trecho "lançada pelo país A ao país B" (2º parágrafo), a substituição de "ao" por no altera o significado do texto, mas não a sua correção gramatical.

(B) O trecho "adotar tal política" tem, no texto, o sentido de "destruir a vida no planeta" (2º parágrafo).

(C) Os "custos" a que o narrador se refere no segundo parágrafo são os de se construir "uma arma de fim do mundo" (início do trecho).

(D) No trecho "denominou brinkmanship (de brink, extremo) a estratégia" (2º parágrafo), o "a" deveria levar a marca gráfica de crase.

(E) A pontuação do texto permaneceria correta se, no trecho "o primeiro a virar o volante e sair da pista é o perdedor" (último parágrafo), fosse inserida uma vírgula logo após a palavra "pista".

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – A substituição de "ao" por "no" não altera a correção gramatical do texto, pois permanece a função que relaciona dois termos: o antecedente – país A – ao consequente – país B. Já, quanto ao significado do texto há alteração: "ao" tem uma relação de movimento de aproximação do espaço: país A / país B; "no" tem uma relação de situação dentro do espaço. No texto, a situação é hipotética, portanto, prevalece, para o seu significado, a relação contida em "ao".

Alternativa "b" – o trecho "adotar tal política",no texto, tem sentido de "garantia de segurança" adotada por B, em caso de ataque, embora isto destruísse o planeta, tal medida faria a qualquer país do mundo, por menor que fosse, sentir-se mais seguro diante do inimigo.

Alternativa "c" – os "custos" referidos pelo autor seriam o "preço" que o país invasor pagaria, caso houvesse a invasão de B: a destruição do mundo inteiro ou apenas a destruição do país invasor.

Alternativa "d" – o "a" de "a estratégia" é artigo que define o substantivo estratégia, não havendo preposição; não leva a marca gráfica da crase.

Alternativa "e" – "o primeiro a virar o volante e sair da pista é o perdedor." – a pontuação do texto NÃO permaneceria correta se fosse colocada uma vírgula logo após a palavra pista, porque a oração "e sair da pista" é restritiva.

Atenção! O texto refere-se às questões posteriores.

O jargão

Nenhuma figura é tão fascinante quanto o Falso Entendido. É o cara que não sabe nada de nada, mas sabe o jargão. E passa por autoridade no assunto. Um refinamento ainda maior da espécie é o tipo que não sabe nem o jargão. Mas inventa.

– Ó Matias, você, que entende de mercado de capitais...

– Nem tanto, nem tanto...

(Uma das características do Falso Entendido é a falsa modéstia.)

– Você, no momento, aconselharia que tipo de aplicação?

– Bom. Depende do yield pretendido, do throwback e do ciclo refratário. Na faixa de papéis top market – ou o que nós chamamos de topi-marque –, o throwback recai sobre o repasse e não sobre o release, entende?

– Francamente, não.

Aí o Falso Entendido sorri com tristeza e abre os braços como quem diz: "É difícil conversar com leigos...".

Uma variação do Falso Entendido é o sujeito que sempre parece saber mais do que ele pode dizer. A conversa é sobre política, os boatos cruzam os ares, mas ele mantém um discreto silêncio. Até que alguém pede a sua opinião e ele pensa muito antes de se decidir a responder:

– Há muito mais coisa por trás disso do que vocês pensam...

Ou então, e esta é mortal:

– Não é tão simples assim...

Faz-se aquele silêncio que precede as grandes revelações, mas o falso informado não diz nada. Fica subentendido que ele está protegendo as suas fontes em Brasília.

E há o Falso que interpreta. Para ele, tudo o que acontece deve ser posto na perspectiva de vastas transformações históricas que só ele está sacando.

– O avanço do socialismo na Europa ocorre em proporção direta ao declínio no uso de gordura animal nos países do Mercado Comum. Só não vê quem não quer.

E, se alguém quer mais detalhes sobre a sua insólita teoria, ele vê a pergunta como manifestação de uma hostilidade bastante significativa a interpretações não ortodoxas, e passa a interpretar os motivos de quem o questiona, invocando a Igreja medieval, os grandes hereges da história, e vocês sabiam

que toda a Reforma se explica a partir da prisão de ventre de Lutero? (Luis Fernando Verissimo. As mentiras que os homens contam. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000, com adaptações).

369. (CESPE – Delegado de Polícia – RN/ 2008) A coerência e o sentido do texto seriam alterados caso a expressão "nada de nada" (início) fosse substituída por

(A) nada sobre coisa alguma.

(B) coisa alguma sobre coisa alguma.

(C) absolutamente nada.

(D) alguma coisa sobre nada.

(E) nada sobre nada.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – "alguma coisa sobre nada" – o pronome indefinido "alguma" antes do substantivo "coisa": indica uma certa coisa indeterminada, o que pressupõe a existência de algo, só que é indeterminado; diferente de coisa alguma sobre nada (pronome indefinido).Coisa alguma sobre nada, altera o coerência e o sentido do texto.

Alternativa "a" – "nada sobre coisa alguma" – nada: pronome indefinido – coisa alguma: aqui, o pronome indefinido alguma vem após o substantivo e a expressão significa "nenhuma" – Não alterando a coerência nem o sentido do texto.

Alternativa "b" – "coisa alguma sobre coisa alguma": nenhuma coisa sobre nenhuma coisa – o não existente. Não altera a coerência nem o sentido do texto.

Alternativa "c" – "absolutamente nada" – absolutamente: advérbio de modo – o extremo de nada saber – Não altera o sentido em a coerência do texto.

Alternativa "e" – "nada sobre nada" – nenhuma coisa sobre nenhuma coisa = nada. Não altera o sentido nem a coerência do texto.

370. (CESPE – Delegado de Polícia – RN/ 2008) Com base no texto, assinale a opção correta.

(A) A supressão do "se" em "antes de se decidir a responder" preservaria a correção gramatical e o significado do período.

(B) No trecho "Há muito mais coisa por trás disso", se a palavra "coisa" estivesse no plural e o verbo haver estivesse no pretérito imperfeito, seria necessário reescrevê-lo da seguinte forma: Haviam muito mais coisas por trás disso.

(C) Caso o autor do texto tivesse usado o ponto final no lugar das reticências em " – Não é tão simples assim...", o efeito conseguido seria diferente do criado por estas.

(D) O "falso informado" é um subtipo ou uma variação do "Falso Entendido" (início do texto).

(E) Seria mais adequado ao texto substituir a expressão "sacando" por um sinônimo como esperando.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (anulada)

Alternativa "a" – A gramática estaria correta, mas o significado seria alterado.

Alternativa "b" – O verbo *haver*, quando impessoal (sentido de *existir*), permanece sempre no singular.

Alternativa "c" – Permaneceria o mesmo efeito, pois *as reticências e o ponto de exclamação, **sinais gráficos subjetivos** de grande poder de sugestão e ricos em matizes melódicos, são ótimos auxiliares da linguagem afetiva e poética. Seu uso, porém, é antes arbitrário, pois depende do estado emotivo do escritor.**

▶ **Dica** – As reticências são usadas para:

- *indicar continuidade de uma ação ou fato.*
- *indicar suspensão ou interrupção do pensamento.*
- *representar, na escrita, hesitações comuns na língua falada.*
- *realçar uma palavra ou expressão.*
- *realizar citações incompletas.*
- *deixar o sentido da frase em aberto, permitindo uma interpretação pessoal do leitor. (Fonte: http://www.soportugues.com.br)*

Alternativa "d" – *Subtipo* é tipo secundário, subordinado a outro tipo. No caso citado, são sinônimos, pois se trata da mesma pessoa.

Alternativa "e" – *Sacando*, na gíria, significa **entendendo**.

Atenção! O trecho refere-se à questão seguinte.

Nenhuma figura é tão fascinante quanto o Falso Entendido. É o cara que não sabe nada de nada, mas sabe o jargão. E passa por autoridade no assunto. Um refinamento ainda maior da espécie é o tipo que não sabe nem o jargão. Mas inventa.

– Ó Matias, você, que entende de mercado de_ capitais...

– Nem tanto, nem tanto...

(Uma das características do Falso Entendido é a falsa modéstia.)

– Você, no momento, aconselharia que tipo de aplicação?

– Bom. Depende do yield pretendido, do throwback e do ciclo refratário. Na faixa de papéis top market – ou o que nós chamamos de topi-marque –, o throwback recai sobre o repasse e não sobre o release, entende?

– Francamente, não.

Aí o Falso Entendido sorri com tristeza e abre os braços como quem diz: "É difícil conversar com leigos...".

Uma variação do Falso Entendido é o sujeito que sempre parece saber mais do que ele pode dizer. A conversa é sobre política, os boatos cruzam os ares, mas ele mantém um discreto silêncio. Até que alguém pede a sua opinião e ele pensa muito antes de se decidir a responder:

– Há muito mais coisa por trás disso do que vocês pensam...

Ou então, e esta é mortal:

– Não é tão simples assim...

Faz-se aquele silêncio que precede as grandes revelações, mas o falso informado não diz nada. Fica subentendido que ele está protegendo as suas fontes em Brasília.

E há o Falso que interpreta. Para ele, tudo o que acontece deve ser posto na perspectiva de vastas transformações históricas que só ele está sacando.

– O avanço do socialismo na Europa ocorre em proporção direta ao declínio no uso de gordura animal nos países do Mercado Comum. Só não vê quem não quer.

E, se alguém quer mais detalhes sobre a sua insólita teoria, ele vê a pergunta como manifestação de uma hostilidade bastante significativa a interpretações não ortodoxas, e passa a interpretar os motivos de quem o questiona, invocando a Igreja medieval, os grandes hereges da história, e vocês sabiam que toda a Reforma se explica a partir da prisão de ventre de Lutero? (Luis Fernando Verissimo. As mentiras que os homens contam. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000, com adaptações).

---

371. (CESPE – Delegado de Polícia – RN/ 2008) Com base no trecho, julgue os itens abaixo.

I. Com base no período "Fica subentendido que ele está protegendo as suas fontes em Brasília", conclui-se que o "falso informado" em questão foi instado a emitir uma opinião sobre a política brasiliense.

II. Não há elementos no texto, para além daqueles apresentados pelo "Falso que interpreta", que corroborem a ideia de que o socialismo avança na Europa.

III. Segundo o que defende o "Falso que interpreta", se o uso de gordura animal nos países do Mercado Comum Europeu diminui, o socialismo avança na Europa.

IV. A palavra "insólita" tem o sentido de normal ou comum.

V. A pergunta expressa no final pressupõe que o narrador do texto acredita que toda a Reforma se explica a partir da prisão de ventre de Lutero.

A quantidade de itens certos é igual a

(A) 1.

(B) 2.

(C) 3.

(D) 4.

(E) 5.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

Assertativa I – (errado) – instado = do verbo instar – pedir insistentemente. O "falso informado NÃO foi INSTADO a emitir uma opinião sobre a política brasiliense; alguém apenas pede a sua opinião. Ele dá respostas evasivas e silencia.

Assertativa II – (certo) – nada no texto comprova a ideia do avanço do socialismo europeu, apenas a afirmação do "Falso que interpreta" e só ele sabe sobre isso.

Assertativa III – (certo) – segundo o "Falso que interpreta", só ele vê que o declínio no uso da gordura animal nos países do Mercado Comum" faz com que o socialismo avance na Europa e ninguém percebe, apenas ele.

Assertativa IV – (errado) o sentido da palavra "insólita": *adj. – 1.Que não acontece habitualmente. 2. Contrário ao uso, às regras. 2. Desusado, extraordinário, incrível.**

Assertativa V – (errado) – o narrador do texto não só não acredita que "toda a Reforma se explica a partir da prisão de ventre de Lutero", mas usa com mestria a ironia.

**Fonte: Dicionário da Língua Portuguesa – Larousse – Nova Cultural*

Atenção! O texto refere-se à questão seguinte.

As mudanças na economia global têm produzido uma dispersão das demandas ao redor do mundo. Isso ocorre não apenas em termos de bens

e serviços, mas também de mercados de trabalho. A migração dos trabalhadores não é, obviamente, nova, mas a globalização está estreitamente associada à aceleração da migração. E a migração produz identidades plurais, mas também identidades contestadas, em um processo que é caracterizado por grandes desigualdades em termos de desenvolvimento. Nesse processo, o fator de expulsão dos países pobres é mais forte que o fator de atração das sociedades pós-industriais e tecnologicamente avançadas. (Tomaz Tadeu da Silva (Org.). Stuart. Hall e Kathryn Woodward. Identidade e diferença – A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 24-5, com adaptações).

372. (CESPE – Delegado de Polícia – PB/ 2008) O texto apresentaria erro gramatical caso se procedesse.

(A) à retirada da palavra "uma".

(B) à inserção da preposição **de** imediatamente antes do substantivo "serviços".

(C) à inserção da palavra **uma** logo antes de "aceleração".

(D) à retirada de "que é".

(E) ao deslocamento de "é mais forte" para imediatamente antes de "o fator".

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (anulada)

Alternativa "a" – O artigo indefinido generaliza, portanto a retirada não acarreta erro.

Alternativa "b" – *Isso ocorre não apenas em termos de bens e* **de** *serviços = não acarreta erro.*

Alternativa "c" – A crase deveria ser subtraída. Acarretaria erro.

Alternativa "d" – Não acarreta erro: *em um processo caracterizado.*

Alternativa "e" – Retiraria a comparação, ou seja, também acarretaria erro. Por isso a questão foi anulada.

Atenção! O texto refere-se à questão posterior.

373. (CESPE – Delegado de Polícia – PB/ 2008 – Português/CESPE)

O que temos em jogo com o poder simbólico é a imposição de um modo de apreensão do mundo social que configura a "naturalização" de uma ordem social vigente. Podemos nos questionar a serviço de quem está o poder. Quem são os excluídos pelo poder? O poder simbólico é uma forma transformada ou mascarada de outras formas de poder, notadamente o poder econômico e o político; todavia não se trata simplesmente de uma dominação estritamente consciente, maniqueísta ou intencional. Ele frequentemente é ignorado e apreendido como arbitrário por quem o exerce. (Rogério Haesbaert e Marcelo de Jesus Santa Bárbara. Identidade e migração em áreas fronteiriças. Internet: www.uff.br, com adaptações).

Assinale a opção correta a respeito das estruturas linguísticas do texto acima.

(A) No início do texto, o uso da flexão de singular em "é" deve-se à concordância com "poder simbólico".

(B) Por retomar "mundo social", o pronome "que" pode ser substituído por o qual.

(C) A preposição por, em "pelo poder", introduz um modo, uma circunstância para a exclusão.

(D) A forma verbal "trata" está flexionada no singular para concordar com o sujeito da oração, "uma dominação"; se este estivesse no plural, dominações, a forma verbal deveria ser tratam.

(E) O pronome "o" refere-se a "poder simbólico".

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – O pronome "o" em "o exerce" refere-se a "poder simbólico" e tem a função de objeto direto da flexão verbal "exerce".

Alternativa "a" – A flexão de singular em "é" está concordado com "a imposição".

Alternativa "b" – O pronome *que* retoma "a imposição" e pode ser substituído por *a qual.*

Alternativa "c" – A preposição em "pelo poder" estabelece uma relação de consequência formada pelo particípio, agente da passiva "excluídos".

Alternativa "d" – Sujeito indeterminado: verbo transitivo indireto + se.

374. (CESPE – Delegado de Polícia – PB/ 2008) Nos itens seguintes, são apresentados fragmentos sucessivos adaptados do texto Identidade e Migração em Áreas Fronteiriças, de Rogério Haesbaert e Marcelo de Jesus Santa Bárbara (Internet: <www.uff.br>). Julgue-os quanto à correção gramatical.

I. Um dos processos sociais contemporâneos que dá relevância ao estudo da dimensão cultural é aquele que envolve a dinâmica migratória, cada vez mais destacada no cenário mundial globalizado.

II. O Brasil, visto como um país imune aos dilemas étnicos e culturais que afetam o mundo nas últimas décadas, e os brasileiros, às vezes,

até enaltecidos como exemplos de democracia racial, pareciam alheios ao debate sobre o poder da identidade e os grandes fluxos migratórios deste final de século.

III. Estávamos enganados: não só o mito da democracia racial a muito vem sendo questionado, como não eramos de forma alguma, imunes aos grandes fluxos migratórios e as questões de ordem cultural envolvendo essa dinâmica da população.

Assinale a opção correta.

(A) Apenas o item I está certo.

(B) Apenas o item II está certo.

(C) Apenas o item III está certo.

(D) Apenas os itens I e II estão certos.

(E) Apenas os itens II e III estão certos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta. I e II.

Assertativa I – Certo: o fragmento adaptado do texto Identidade e Migração em Áreas Fronteiriças está certo quanto à correção gramatical.

Assertativa II – Certo: o fragmento adaptado do texto Identidade e Migração em Áreas Fronteiriças está certo quanto à correção gramatical.

Assertativa III – Errado: neste fragmento adaptado do texto citado há erros gramaticais: a expressão "a muito" está incorreta por ser marcação de tempo ocorrido, passado: **Há muito** (tempo)

- Na forma verbal "eramos" há erro quanto à tonicidade: éramos, primeira pessoa do plural, no pretérito imperfeito do modo indicativo: é uma palavra proparoxítona, cabendo-lhe o acento agudo na penúltima sílaba – **éramos.**
- Em *as questões de ordem cultural*, houve omissão do acento indicativo da crase: "imunes aos grandes fluxos migratórios e às questões" – imunes a (preposição) – as questões (artigo definido plural): contração de a + as = às questões.

▶ **Dica** – Imune **aos** problemas.

Atenção! O texto refere-se à questão seguinte.

Acredito que, no século XXI, o sucesso de qualquer sociedade dependerá de quatro características: sua geografia e sua base de recursos; sua capacidade de administrar mudanças complexas; seu compromisso com os direitos humanos; e seu comprometimento com a ciência e a tecnologia. O Brasil pode vir a exceder em todos esses aspectos. No passado, o calcanhar de aquiles do Brasil se situou naquela terceira esfera, a dos direitos humanos. Como os Estados Unidos da América (EUA) e, na verdade, a maior parte das Américas, o Brasil foi forjado em um cadinho de conquista colonial e escravidão brutal. Esse nascimento violento deixou um legado de enormes divisões étnicas entre as elites de ascendência europeia, as comunidades indígenas e as populações de origem africana, descendentes de escravos. Da mesma forma que os EUA, o Brasil ainda não superou essa genealogia cruel. As desigualdades associadas a raça e etnia configuram um abismo – e, claro, propiciaram a geração de conflitos, a inclinação para o populismo e a instalação ocasional de regimes autoritários. (Jeffrey Sachs. In: Veja 40 Anos, set./2008, com adaptações).

375. (CESPE – Delegado de Polícia – PB/ 2008) Assinale a opção incorreta a respeito das relações de coesão no texto acima.

(A) A sequência de pronomes possessivos, no primeiro período, remete à expressão "qualquer sociedade", que corresponde ao possuidor, na relação com vários objetos possuídos.

(B) A expressão "esses aspectos" (2º período) retoma os aspectos enumerados como "quatro características" (1º período).

(C) O termo "naquela terceira esfera" (3º período) remete à ideia de "compromisso com os direitos humanos" (1º período).

(D) A expressão "Esse nascimento violento" (4º período) retoma a ideia que se inicia em "o Brasil" (2º período) e termina em "escravidão brutal" (3º período).

(E) O termo "essa genealogia cruel" (final do texto) retoma a expressão "enormes divisões étnicas" (4º período).

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – O termo *essa genealogia cruel* retoma as expressões: as elites de ascendência europeia, as comunidades indígenas, e as populações africanas, descendentes de escravos.

Alternativa "a" – Correto. Basta voltar ao trecho e fazer as ligações.

Alternativa "b" – A expressão *esses aspectos* retoma os aspectos enumerados anteriormente como quatro características da forma verbal *dependera*.

Alternativa "c" – O termo *naquela terceira esfera* remete à ideia de compromisso com os diretos humanos citada anteriormente no texto, através da naquela combinação da preposição em com o pronome demonstrativo aquela – naquela terceira esfera por-

que é a terceira característica citada na enumeração de texto.

Alternativa "d" – Esse nascimento violento, refere-se à ideia de que o Brasil foi forjado (trabalhado), sentido figurado: foi formado em um cadinho de conquista colonial e escravidão brutal.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue os itens a seguir.

Inteligência artificial

Não foi difícil descobrir o assassino. Afinal, o major Rich tinha um ótimo motivo para matar Arnold Clayton: amava a esposa da vítima e era correspondido. Segundo a polícia, o major usou uma arma para livrar-se de Clayton e escondeu o corpo em um baú.

A solução, no entanto, parecia simples demais para o grande detetive Hercule Poirot, do clássico conto policial O Mistério do Baú Espanhol, da escritora britânica Agatha Christie. Persistente, ele sai em busca de pistas, descobre fatos novos, tira conclusões espantosas e, por fim, apresenta ao leitor outro criminoso.

Será que um computador também seria capaz de encontrar o verdadeiro assassino? Durante um curso da Universidade de Essen, os alunos testaram diversos programas concebidos em estudos sobre inteligência artificial (IA). Para isso, utilizaram o caso apresentado em O Mistério do Baú Espanhol, servindo-se da IA para desvendar as estratégias intelectuais do detetive Poirot. A grande questão era se a IA era capaz desse exercício intelectual ou se apenas fazia uma boa imitação da inteligência humana. Interessava saber se apresentaria características que poderiam ser associadas a um comportamento inteligente. O objetivo era verificar se o software conseguiria descobrir o assassino tão rapidamente quanto Poirot. (...) (Mente&Cérebro, fev./2007, com adaptações).

376. (CESPE – Delegado de Polícia – TO/ 2008) Haveria prejuízo para a coesão e a coerência textual se a expressão "de Clayton" fosse substituída por do marido.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A substituição da expressão de *Clayton* por *do marido* não prejudicaria a coesão nem a coerência textual porque as expressões se equivalem sendo Clayton o nome do marido.

377. (CESPE – Delegado de Polícia – TO/ 2008) O período sublinhado no terceiro parágrafo estaria gramaticalmente correto se fosse reescrito da seguinte forma: Interessavam as características que pudessem estar relacionadas a um comportamento inteligente.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O período reescrito está gramaticalmente com as alterações necessárias feitas pela inversão de colocação dos elementos: formas verbais, complementos e conectivos.

378. (CESPE – Delegado de Polícia – TO/ 2008) Considere que, no estado do Tocantins, um delegado de polícia tenha encaminhado ao secretário de segurança um expediente do qual se tenha extraído o seguinte trecho. Conforme solicitado por Vossa Excelência, comunico que está sendo averiguado a hipótese de envolvimento no assassinato de pessoas com quem a vítima mantinha transações comerciais. Ressalto que foi de grande valia vossa participação no caso em questão.

Em face dessas considerações, julgue o item abaixo.

O trecho em questão atende às orientações de redação oficial e às normas gramaticais.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O texto não obedece às orientações da redação oficial nem às normas gramaticais. Quanto à redação oficial não obedece às regras do estilo e, principalmente, contém erros estruturais (margens, espaços, parágrafos), contendo ainda, pontuação.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue o item a seguir.

Na sociedade moderna, ao inverso das anteriores, não há fronteiras, não há exterioridade. Todos os conflitos são resolvidos ou são passíveis de soluções internas. Com 4 o surgimento do espaço da igualdade e do Estado-nação, foram implementados mecanismos internos de resolução de conflitos. O sistema capitalista, na medida em que se implantou, por sua vocação natural à mundialização, dirimiu a noção de exterioridade. Quando os escravos rebelavam-se no Brasil colônia, só havia uma possibilidade

de vitória: a criação de quilombos, as organizações exteriores à sociedade colonial-escravagista. (...) (Elimar Pinheiro do Nascimento. In: No meio da rua – nômades, excluídos e viradores. Marcel Bursztyn (Org.). Rio de Janeiro: Garamond, 2000, p. 122-3, com adaptações).

379. (CESPE – Delegado de Polícia – TO/ 2008) No texto, o segmento "dirimiu a noção de exterioridade" tem o mesmo sentido de suprimiu a noção de estar fora.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O sentido dos dois segmentos se equivalem:

- Dirimiu – v. dirimir (T.D.) = eliminar.
- Suprimiu – v. suprimir (T.D.) = eliminar, extinguir.
- Exterioridade – substantivo feminino = qualidade do que é exterior.
- Estar de fora = exterioridade.

Atenção! A respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do trecho, julgue os itens a seguir.

À semelhança do Brasil, o Acre compõe-se de uma grande diversidade de povos indígenas, cujas situações frente à sociedade nacional também são muito variadas. Enquanto a grande maioria dos grupos se encontra em contato permanente ou regular com a população regional (mestiça ou branca), alguns ainda são classificados pelo órgão indigenista como "isolados".

As sociedades indígenas acreanas dividem-se de maneira desigual em duas grandes famílias linguísticas: Pano e Arawak. Alguns desses povos encontram-se também nas regiões peruanas e bolivianas fronteiriças ao Acre. Do ponto de vista da antropologia, o conhecimento sobre as sociedades indígenas do estado é muito desigual. Se alguns povos, como os Kaxinawá ou os Ashaninka, atraíram o interesse de vários pesquisadores, as informações etnográficas disponíveis sobre a maior parte dos povos indígenas acreanos ainda são muito incipientes.

Os povos indígenas ocuparam um lugar marginal na historiografia do Acre. Como no resto da Amazônia, o imaginário ocidental sobre a natureza e a alteridade humana projetou seus fantasmas na região acreana e nos seus primeiros habitantes indígenas. A "conquista do deserto ocidental" e a incorporação do Acre à nação revelam alguns mitos fundadores do pensamento ocidental e brasileiro sobre a Amazônia e os povos indígenas. (José Pimenta. Internet: ambienteacreano.blogspot.com, com adaptações).

380. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Rio Branco – AC/2007) A palavra "incipientes" está sendo empregada no sentido de **pouco confiáveis, suspeitos**.

COMENTÁRIOS

Errado – A palavra *incipientes* funciona como adjetivo de *as informações etnográficas*, qualificando o termo, e significa *que estão no começo*.

▶ **Dica** – Incipiente: iniciante; insipiente: ignorante.

381. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Rio Branco – AC/2007) O emprego da palavra "alteridade" está relacionado ao sentido **de diferença, diversidade, distinção,** ou seja, ao sentido de **outro**.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – ***Alteridade*** *humana*: no texto, outra forma de pensar, diversidade de interpretação dos ocidentais quanto aos povos indígenas do Acre.

382. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Rio Branco – AC/2007) Considerando que os fragmentos incluídos nos itens seguintes, na ordem em que são apresentados, são partes sucessivas de um texto de José Pimenta (Internet: <ambienteacreano.blogspot.com>), **julgue-os quanto à correção gramatical**.

Última tentativa do governo boliviano para ocupar a região acreana, a criação do Bolivian Syndicate exigiu da antiga colônia espanhola concessões enormes de soberania. Segundo os termos do contrato assinado em julho de 1901, a Bolívia oferecia a companhia internacional, compostas por grandes grupos financeiros, principalmente norte-americanos, uma concessão de trinta anos para a exploração da seringueira na região.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – No fragmento há erro de concordância de número em *a Bolívia oferecia a companhia internacional,* ***compostas*** *por grandes*: No texto, composta é adjetivo de companhia internacional devendo, vir no singular, pois o adjetivo concorda em número com

o termo que qualifica: **companhia internacional composta.**

383. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Rio Branco – AC/2007) O consórcio capitalista dispunha de plena autoridade sobre o comércio da borracha e também de direitos políticos e judiciais essenciais. Ele usufruía o direito de compra e venda dos seringais, o direito de navegar e de controlar os rios por meio de uma polícia própria e o direito de estabelecer as leis e exercer a justiça. Em contrapartida, a Bolívia recebia 60% da arrecadação realizada pela companhia.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Fragmento do texto correto quanto à correção gramatical.

384. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Rio Branco – AC/2007) A criação do Bolivian Syndicate foi um dos momentos-chave do conflito acreano, um evento crítico que levou à incorporação do Acre ao Brasil. Para os seringueiros brasileiros, o Bolivian Syndicate surgiu como uma espécie de companhia colonial que controlava não só a terra, mas também toda a organização do trabalho extrativista da borracha. Essa situação revoltou a população acreana, que conseguiu superar suas divisões internas e se organizar contra o inimigo comum.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Fragmento do texto está correto quanto à correção gramatical.

385. (CESPE – Procurador do Município – Prefeitura Rio Branco – AC/2007) O sentimento do povo acreano espalhou-se além das bacias do Purus e do Juruá e comoveu o país que deu um apoio decisivo à luta dos seringueiros. A formação do Bolivian Syndicate criou um fervor nacionalista e patriótico que cimentou a nação, contra os inimigos do Brasil. Manifestações contra os americanos e bolivianos se organizaram em Manaus, Belém e Rio de Janeiro. Orgulho da nação, a Amazônia era novamente cobiçada pelo capital estrangeiro.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Retirar a vírgula após *nação* porque o período está na ordem direta: A formação do Bolivian Syndicate criou um fervor nacionalista e patriótico que cimentou a nação contra os inimigos do Brasil.

Texto para as próximas questões:.

Falei de esquisitices. Aqui está uma, que prova ao mesmo tempo a capacidade política deste povo e a grande observação dos seus legisladores. Refiro-me ao processo eleitoral. Assisti a uma eleição que aqui se fez em fins de novembro. Como em toda a parte, este povo andou em buscada verdade eleitoral. Reformou muito e sempre; esbarrava-se, porém, diante de vícios e paixões, que as leis não podem eliminar. Vários processos foram experimentados, todos deixados ao cabo de alguns anos. É curioso que alguns deles coincidissem com os nossos de um e de outro mundo. Os males não eram gerais, mas eram grandes. Havia eleições boas e pacíficas, mas a violência, a corrupção e a fraude inutilizavam em algumas partes as leis e os esforços leais dos governos. Votos vendidos, votos inventados, votos destruídos, era difícil alcançar que todas as eleições fossem puras e seguras. Para a violência havia aqui uma classe de homens, felizmente extinta, a que chamam pela língua do país, kapangas ou kapengas. Eram esbirros particulares, assalariados para amedrontar os eleitores e, quando fosse preciso, quebrar as urnas e as cabeças. Às vezes quebravam só as cabeças e metiam nas urnas maços de cédulas. Estas cédulas eram depois apuradas com as outras, pela razão especiosa de que mais valia atribuir a um candidato algum pequeno saldo de votos que tirar-lhe os que deveras lhe foram dados pela vontade soberana do país. A corrupção era menor que a fraude; mas a fraude tinha todas as formas. Enfim, muitos eleitores, tomados de susto ou de descrença, não acudiam às urnas. (Machado de Assis. A semana. Obra completa, v. III. Rio de Janeiro: Aguilar, 1973, p. 757).

386. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TSE/2006) Em relação ao texto, assinale a opção **incorreta**.

(A) Após o termo "uma", subentende-se a elipse da palavra **esquisitice**.

(B) Caso a expressão "aqui se fez" seja substituída por **aqui foi feita**, prejudica-se a correção gramatical do período.

(C) Em "esbarrava-se", o termo "se" indica indeterminação do sujeito.

(D) O emprego da vírgula após "paixões" justifica-se porque a oração subsequente é explicativa.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Não prejudica a correção gramatical, apenas muda a voz verbal.

Alternativa "a" – Uma das esquisitices de que falou.

Alternativa "c" – É uma das funções do "se" – indeterminação do sujeito.

Alternativa "d" – Embora um travessão ou parênteses pudessem ser usados, neste caso a vírgula tem a melhor função.

---

387. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TSE/2006) De acordo com o texto, julgue os itens a seguir.

I. A reiteração da palavra "votos" confere ênfase à ideia apresentada no período.

II. Pelos sentidos do texto, conclui-se que a palavra "esbirros" está sendo empregada com o mesmo significado que tem atualmente a palavra **capanga**.

III. A expressão "lhe foram dados" pode, sem prejuízo para a correção gramatical do período, ser substituída por **foram dados a ele**.

IV. A palavra "corrupção" está sendo empregada como sinônima de "fraude".

A quantidade de itens certos é igual a

(A) 1.

(B) 2.

(C) 3.

(D) 4.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Apenas o item IV está incorreto, pois o texto deixa claro que (...) a corrupção e a fraude inutilizavam (...). Não são, portanto, sinônimos. Há comparação entre os termos.

Assertativa I – Reiteração de vocábulos é recurso comum na literatura clássica.

Assertativa II – O texto afirma exatamente isso: "capangas (...). Eram esbirros (...).

Assertativa III – Substituição de "lhe" por "a ele". Também correto.

Assertativa IV – Três fatores distintos que inutilizavam as leis, mas nenhum sinônimo, por isso a única afirmativa incorreta.

Texto para a próxima questão.

A cidade estivera agitada por motivos de ordem técnica e politécnica. Outrossim, era a véspera da eleição de um senador para preencher a vaga do finado Aristides Lobo. Dous candidatos e dous partidos disputavam a palma com alma. Vá de rima; sempre é melhor que disputá-la a cacete, cabeça ou navalha, como se usava antigamente. A garrucha era empregada no interior. Um dia, apareceu a Lei Saraiva, destinada a fazer eleições sinceras e sossegadas. Estas passaram a ser de um só grau. Oh! ainda agora me não esqueceram os discursos que ouvi, nem os artigos que li por esses tempos atrás pedindo a eleição direta! A eleição direta era a salvação pública. Muitos explicavam: direta e censitária. Eu, pobre rapaz sem experiência, ficava embasbacado quando ouvia dizer que todo o mal das eleições estava no método; mas, não tendo outra escola, acreditava que sim, e esperava a lei.

A lei chegou. Assisti às suas estreias, e ainda me lembro que na minha seção ouviam-se voar as moscas. Um dos eleitores veio a mim e por sinais me fez compreender que estava entusiasmado com a diferença entre aquele sossego e os tumultos do outro método. Eu, também por sinais, achei que tinha razão, e contei-lhe algumas eleições antigas. Nisto o secretário começou a suspirar flebilmente os nomes dos eleitores. Presentes, posto que censitários, poucos. Os chamados iam na ponta dos pés até à urna, onde depositavam uma cédula, depois de examinada pelo presidente da mesa;em seguida assinavam silenciosamente os nomes na relação dos eleitores, saíam com as cautelas usadas em quarto de moribundo. A convicção é que se tinha achado a panaceia universal. (Machado de Assis. Op. Cit., p. 706. www.pciconcursos.com.br)

---

388. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TSE/2006) Em relação ao texto, assinale a opção correta.

(A) A substituição de "estivera" por **tinha estado** prejudica a correção gramatical do período.

(B) A correção gramatical e as ideias originais serão mantidas, caso se reescreva o trecho "me não esqueceram (...) artigos que li" da seguinte forma: não me esqueço dos discursos que ouvi, nem dos artigos que li.

(C) Na expressão "contei-lhe", "lhe" exerce a função de objeto direto.

(D) A palavra "panaceia" significa estratégia, método.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Estilo de linguagem clássica muito empregado na literatura machadiana.

Alternativa "a" – Não prejudica a correção gramatical porque apenas muda da forma simples para forma composta de conjugação do verbo (ter +particípio).

Alternativa "c" – Contar é transitivo direto e indireto = algo **a alguém**(lhe).

Alternativa "d" – Do grego *panákeia*, panaceia significa remédio para todos os males.

389. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TSE/2006) O diretor-geral do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), Athayde Fontoura Filho, reafirmou que a urna eletrônica apresenta risco zero de fraude e que a segurança pode ser aferida por meio da votação paralela, realizada no dia da eleição, concomitantemente ao pleito oficial.

Assinale a opção que **não** representa continuação coesa e coerente para o trecho acima.

(A) Porquanto, no período entre o primeiro e o segundo turno das eleições, o TSE tradicionalmente aproveita para verificar e corrigir as urnas de locais em que foram verificados problemas.

(B) Athayde Fontoura destacou que, nos estados em que a eleição for só para presidente da República, o tempo de votação deverá ser de apenas 10 segundos. Nos estados onde houver eleição também para governador, o TSE estima que cada pessoa leve, em média, 20 segundos para votar.

(C) Também lembrou a estimativa de que 90% dos votos de todo o país para presidente da República estarão totalizados até às22 h de domingo. Segundo o diretor, até a meia-noite do mesmo dia, 99% dos votos devem estar totalizados.

(D) O diretor-geral informou ainda que seis estados pediram ao TSE tropas federais para garantir a segurança do segundo turno das eleições. De acordo com ele, no total, 120 municípios do Amazonas, Rio Grande do Norte, Paraíba, Piauí, Tocantins e Pará receberão reforço na segurança.

Opções adaptadas. Internet: www.tse.gov.br.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – "porquanto" indica explicação e não cabe no contexto.

Alternativa "b" – Dá continuidade de raciocínio aumentando as informações.

Alternativa "c" – Idem afirmativa "b".

Alternativa "d" – Idem afirmativas "b" e "c".

Texto para a próxima questão.

Caro eleitor,

Nos últimos meses, a campanha política mobilizou vivamente os brasileiros. No primeiro turno, foram alcançadas marcas extraordinárias: além do alto índice de comparecimento às urnas e de uma irrepreensível votação, em que tudo aconteceu de forma tranquila e organizada, a apuração dos resultados foi rápida e segura, o que coloca o Brasil como modelo nessa área.

Amanhã serão definidos os nomes do presidente da República e dos governadores de alguns estados. O país, mais do que nunca, conta com você.

Democracia é algo que lhe diz respeito e que se aperfeiçoa no dia-a-dia. É como uma construção bem preparada, erguida sobre fortes alicerces. Esses alicerces são exatamente os votos de todos os cidadãos. Quanto mais fiel você for no exercício do direito de definir os representantes, mais sólidas serão as bases da nossa democracia. Por isso, é essencial que você valorize essa escolha, elegendo, de modo consciente, o candidato que julgar com mais condições para conduzir os destinos do país e de seu estado.

Você estará determinando o Brasil que teremos nos próximos quatro anos. Estará definindo o amanhã, o seu próprio bem-estar e de sua família, o crescimento geral, a melhoria do emprego, da habitação, da saúde e segurança públicas, do transporte, o preço dos alimentos. O momento é decisivo e em suas mãos – entenda bem, em suas mãos – está depositada a confiança em dias felizes.

Compareça, participe. Não se omita, não transfira a outros uma escolha que é sua. Pense e vote com a firmeza de quem sabe o que está fazendo, com a responsabilidade de quem realmente compreende a importância de sua atitude para o progresso da nação brasileira. Esta é a melhor contribuição que você poderá dar a sua Pátria. (Ministro Marco Aurélio de Mello. Pronunciamento oficial. Internet: <www.tse.gov.br>, com adaptações).

390. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TSE/2006) Em relação ao texto, assinale a opção correta.

(A) Considerando-se o gênero textual, é correto afirmar que o emprego de "você", no decorrer do texto, indica um interlocutor único.

(B) A substituição do sinal de dois-pontos por ponto final e o emprego de inicial maiúscula em "além" provocam truncamento sintático, o que prejudica a coerência do texto.

(C) A expressão "nessa área" retoma a ideia implícita, no parágrafo, de **processo eleitoral**.

(D) A substituição da expressão "serão definidos" por **definir-se-ão** garante a correção gramatical do período.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – É exatamente ao processo eleitoral que "nessa área" se refere, apesar de não ser mencionado em todo o texto.

Alternativa "a" – "você" refere-se ao "caro eleitor" – Um "você" coletivo; todos os eleitores brasileiros.

Alternativa "b" – Não provoca truncamento, nem prejudica a coerência do texto.

Alternativa "d" – Passa-se da voz passiva analítica (ser + particípio) para passiva sintética (V.T.D. + se), mas a colocação pronominal fica incorreta, já que o advérbio atrai o pronome: Amanhã se definirão os nomes.

---

391. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TSE/2006) Assinale a opção em que a substituição sugerida prejudica a correção gramatical do texto.

(A) "lhe diz respeito" por **diz respeito a você**

(B) "se aperfeiçoa" por **é aperfeiçoado**

(C) "no exercício do" por **ao exercitarem o**

(D) "serão" por **vão ser**

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Prejudica a correção ao empregar plural porque o sujeito é o pronome de tratamento **você**. Forma correta: ao exercitar.

Alternativa "a" – "lhe" (pronome oblíquo) está antes do verbo por força do que e equivale a "a você" – não prejudica.

Alternativa "b" – Apenas mudança da voz passiva sintética para a analítica, sem alterar a gramática.

Alternativa "d" – Apenas se utiliza locução verbal (dois verbos), não ocorre erro.

---

392. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TSE/2006) Assinale a opção que apresenta **erro** gramatical.

(A) O diretor-geral do TSE, Athayde Fontoura Filho, fez a palestra de lançamento do **Manual de Contratos Administrativos na Justiça Eleitoral**, de autoria do professor Jorge Ulisses Jacoby Fernandes.

(B) A obra trata da unificação de procedimentos que eram adotados de forma diferente pelos TREs na contratação de serviços e compras, como explicou o diretor do TSE.

(C) O diretor-geral do TSE salientou a importância de um trabalho de sistematização das experiências anteriores de gestão, que começaram a ser delineados em 2005. "É um trabalho que enobrece o serviço público", segundo ele.

(D) Athayde Fontoura ressaltou, contudo, que a sistemática de gestão dos contratos no serviço público ainda carece de aperfeiçoamentos, porque é um processo em andamento. Tanto que, segundo ele, algumas ações que não puderam ser implantadas neste ano, em virtude do calendário eleitoral, foram transferidas para 2007.

Opções adaptadas. Internet: www.tse.gov.br.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – É fácil perceber a falta de concordância entre "trabalho" e "começaram": começou a ser delineado.

Alternativa "a" – Construção de frase correta seguindo normas gramaticais de pontuação, concordância, etc.

Alternativa "b" – Idem à alternativa "a".

Alternativa "d" – Maior esmero gramatical ainda.

---

393. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TSE/2006) Assinale a opção que se apresenta gramaticalmente correto.

(A) O presidente do TSE, Marco Aurélio de Mello, atribuiu ao "aprimoramento" do processo eleitoral eletrônico a velocidade da totalização dos votos. Nesta última eleição, o TSE bateu o recorde histórico, alcançando a totalização de 90% dos votos às 19 h. Às 21 h 15 min, já haviam sido apuradas 99% das urnas.

(B) "Estamos num caminho certo, no caminho que consagra o sistema que preserva, acima de tudo, a vontade do eleitor", destacou. O presidente lembrou de que a expectativa inicial era de chegar ao patamar de 90% dos votos totalizados em todo o país às 22 horas, mas o índice foi alcançado às 19 h30 min.

(C) O presidente do TSE avaliou que o sistema de votação brasileiro é "satisfatório", tendo sido preservado a vontade do eleitor. Marco Aurélio ponderou que, diante da agilidade na apuração dos votos, a antecipação do resultado final em todo o país não é o mais importante no momento.

(D) Ao responder uma questão sobre os resultados apontados na apuração do segundo turno presidencial, o ministro Marco Aurélio considerou que, "sem dúvida alguma, a diferença maior de votos resulta por legitimidade para o candidato eleito". O ministro Marco Aurélio congratulou aos eleitores brasileiros que, mais uma vez, compareceram às urnas para exercer "esse direito inerente à cidadania, que é o direito de escolher os representantes".

Opções adaptadas. Internet: www.tse.gov.br.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Pontuação e concordâncias corretas, coerência de ideias e informações claras.

Alternativa "b" – Lembrou que = verbo transitivo direto.

Alternativa "c" – ... tendo sido preservada a vontade.

Alternativa "d" – Congratular é verbo transitivo direto: congratulou os eleitores.

---

394. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TSE/2006)

Um fator a ser revisto no MERCOSUL é o foco: não adianta debater uma agenda mirabolante, com 40 ou 50 temas. É preciso focar as ações de modo pragmático, com as seguintes prioridades: concluir a união aduaneira; eliminar barreiras jurídicas e monetárias; facilitar os negócios entre as empresas dos países-membros e obter financiamentos em nome do bloco no Banco Mundial, para ampliar a infraestrutura regional, o que até agora sequer foi pleiteado. As questões alfandegária e fitossanitária devem ser harmonizadas o mais rapidamente possível, pois não haverá bloco econômico viável enquanto houver entrave no intercâmbio entre os Estados-membros. Finalmente, é preciso considerar que, no mundo globalizado, as relações externas afetam o cotidiano das empresas e das pessoas. O atual impasse no MERCOSUL só será superado se os empresários se organizarem na defesa de seus interesses e direitos, por meio da informação e da mobilização da sociedade sobre as implicações internas das decisões tomadas em fóruns internacionais. (Abram Szajman. O Globo, 26/11/2006, com adaptações)

Em relação ao texto, assinale a opção correta.

(A) A substituição do sinal de dois-pontos por ponto final, com a modificação de inicial minúscula para maiúscula na palavra "não", prejudica a correção gramatical do texto.

(B) O emprego de sinal de ponto e vírgula justifica-se por isolar elementos de uma enumeração.

(C) O termo "o que" retoma o antecedente "ampliar a infraestrutura regional".

(D) O vocábulo "se" exerce a mesma função sintática em ambas as ocorrências.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Correto. O sinal de ponto-e-vírgula separa elementos enumerados.

Alternativa "a" – A substituição não prejudica a correção gramatical.

Alternativa "c" – "o que" retoma "concluir a união...", "Eliminar barreiras...", "facilitar os..." etc. Em outras palavras: retoma o período anterior.

Alternativa "d" – Errado. Na 1ª ocorrência o se é conj. subordinativa condicional, na segunda, é pronome reflexivo.

---

395. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TSE/2006)

Um dos lugares-comuns do pensamento político é o de que o sistema democrático exige a descentralização do poder. Democracia não é só o governo do povo, mas o governo do povo a partir de sua comunidade. Esse é um dos argumentos clássicos para o voto distrital: o eleitor fortalece seu poder, ao associá-lo ao de seus vizinhos. Em países de boa tradição democrática, esses vizinhos discutem, dentro dos comitês dos partidos, mas também fora deles, suas ideias com os candidatos. Embora isso não signifique voto imperativo – inaceitável em qualquer situação –, o parlamentar escolhido sabe que há o eleitor múltiplo e bem identificado, ao qual deverá dar explicações periódicas. Se a esse sistema se vincula a possibilidade do recall, do contramandato, cresce a legitimidade do instituto da representação parlamentar. O fato é que, com voto distrital ou não, tornou-se inadiável a discussão em torno do sistema federativo. Quem conhece o Brasil fora das campanhas eleitorais sabe das profundas diferenças entre os estados. (Mauro Santayana. Jornal do Brasil, 24/11/2006.

Acerca das relações lógico-sintáticas do texto, assinale a opção **incorreta**.

(A) "-lo", em "associá-lo", refere-se a "poder".

(B) "deles" refere-se a "comitês dos partidos".

(C) "isso" refere-se a "discutem, dentro dos comitês dos partidos, mas também fora deles, suas ideias com os candidatos".

(D) "ao qual" refere-se a "parlamentar escolhido".

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – "ao qual" refere-se ao "eleitor múltiplo e...".

Alternativa "a" – Sim. Associar seu poder ao do vizinho.

Alternativa "b" – (...) fora "deles" dos comitês (...).

Alternativa "c" – "(...) embora discutir' dentro dos comitês (isso)... não significa voto...".

---

396. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TSE/2006)

Uma antiga preocupação dos legisladores do passado era a de assegurar o direito dos povos de manter "os costumes da terra". Assim fizeram os romanos com os municípios e as províncias, que se autogovernavam em troca dos tributos em dinheiro ou soldados para expansão de seu poder. Era de tal forma o respeito a essa autonomia relativa que, em certo momento do regime cruel de Tibério, as eleições chegaram a ser suspensas em Roma, mas se mantiveram nas províncias.

Muitos defendem o federalismo, quando se encontram na oposição, mas dele se esquecem quando chegam ao governo. Os municípios, manietados pela falta de recursos próprios, reclamam pela ajuda dos governos dos estados e da União, quando deveriam articular-se em busca de seus direitos de tributação direta e de autonomia política. (Idem, ibidem)

No que diz respeito aos sentidos e a aspectos gramaticais do texto, assinale a opção **incorreta**.

(A) Na expressão "era a de assegurar", a presença da preposição "de" decorre da regência de "preocupação".

(B) O emprego de vírgula após "províncias" justifica-se por isolar oração de natureza explicativa.

(C) A substituição de "chegaram a ser" por **foram** mantém a correção gramatical do período.

(D) A palavra "manietados" está sendo empregada com o sentido de **mobilizados**.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – É o inverso. Manietados vem de *mani + atar*. Daí, mãos atadas.

Alternativa "a" – Correto: Preocupação de assegurar.

Alternativa "b" – Uso da vírgula correto, embora pudesse ser um travessão.

Alternativa "c" – Sim. Apenas a troca de uma locução verbal por verbo no pretérito perfeito.

---

397. (CESPE – Analista Judiciário – Área Judiciária – TSE/2006) Assinale a opção em que fragmento de texto apresenta **erro** gramatical. ANULADA

(A) Os próximos quatro anos serão decisivos para a reconstrução republicana. O resultado das eleições demonstraram clara independência com as populações locais.

(B) Elas não entregam mais seus ouvidos e, com eles, os seus votos, aos chefetes locais. Isso anuncia surpresas importantes nas eleições municipais de 2008.

(C) É agora o tempo oportuno para as grandes reformas (como a agrária), que vêm sendo adiadas neste país há mais de 40 anos e sem as quais continuaremos sendo um dos países mais injustos do globo.

(D) Para que elas se façam, é preciso que o arcabouço constitucional seja sólido e claro. Se somos República Federativa no rótulo, que a sejamos no conteúdo. E a União nada cederá de seu poder se não houver a pressão dos estados.

Opções adaptadas de Mauro Santayana. Op cit.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: questão anulada: há duas alternativas que possuem erro.

Alternativa "a" – O resultado demonstra.

Alternativa "b" – Retirar a vírgula que separa o objeto direto do indireto: Elas não entregam mais seus ouvidos e, com eles, os seus votos aos chefetes locais.

Alternativa "c" – Não há erro.

Alternativa "d" – Não há erro.

A partir do texto abaixo, julgue as questões.

O Brasil, em toda sua imensa extensão territorial, é uma nação pluricultural, principalmente pelas diversas etnias que o formaram. Nossa cultura vem sendo transmitida através das sucessivas gerações, sempre se renovando e se recriando em um processo rico e dinâmico, propiciando à nação a possibilidade de construir sua própria identidade. E a manifestação dessa identidade se revela através do nosso Patrimônio Cultural, que não se restringe somente aos bens culturais móveis e imóveis, representantes de nossa memória nacional e protegidos por leis e instituições governamentais.

No entanto, qual o valor da nossa riquíssima diversidade cultural, se não a reconhecemos ou se somos alijados do processo de sua construção e enraizamento? Se não aprendemos a respeitá-la, como justificar tanto esforço e investimento público e privado para a proteção e conservação do nosso patrimônio? Uma sociedade que não se reconhece está fadada à perda de sua identidade e ao enfraquecimento de seus valores mais intrínsecos. Seu envolvimento no processo de fortalecimento de sua cultura é primordial para a construção de uma postura consciente e ativa no desenvolvimento de sua cidadania. (Moema Nascimento Queiroz. A educação patrimonial como instrumento de cidadania. Internet: www.revistamuseu.com.br/artigos. Acesso em 3/8/2004, com adaptações).

---

398. (CESPE – Defensor Público – DPU/2004) As duas perguntas que iniciam o segundo parágrafo têm o valor argumentativo de reforçar a ideia expressa pelo período sintático que as segue.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Retórica é a técnica de uso da linguagem para se expressar bem e ser persuasivo. Inicialmente, dedicava-se ao discurso falado. Com o tempo, foi aplicada à linguagem escrita. É chamada, atualmente, de Estilística aplicada aos textos literários. Seguindo esta linha de raciocínio, percebe-se a utilização da retó-

rica da argumentação nas duas perguntas que iniciam o parágrafo. A intenção é que, ao ter contato com as ideias que vêm a seguir, o leitor fique naturalmente propenso a aceitá-las como verdadeiras, caracterizando a persuasão presente na retórica.

399. (CESPE – Defensor Público – DPU/ 2004) Preservam-se a coerência textual e a correção gramatical e reforça-se a argumentação do texto se for inserido o conectivo Não obstante no início do último período sintático do texto e forem feitos os devidos ajustes nas letras maiúsculas e minúsculas.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não obstante é uma conjunção coordenativa adversativa que liga duas orações ou palavras, expressando ideia de contraste ou compensação. Sendo assim, empregar esta conjunção adversativa seria incoerente e gramaticalmente incorreto, uma vez que o último período sintático do texto não expressa contraste, mas sim a continuidade da ideia inserida no período anterior.

Julgue as questões quanto à correção gramatical e à coerência com as ideias do texto LP-II.

Texto LP-II

Em geral, os intelectuais nos sentimos desconfortáveis quando falamos na primeira pessoa. Daí a conveniência do plural majestático, ainda que soe desagradavelmente pedante.

O desconforto talvez decorra, paradoxalmente, da vaidade: a primeira pessoa do singular deixaria o narcisismo excessivamente exposto, produzindo vergonha e culpa. E os intelectuais padecemos desse mal: egos inflados, arrogância mal dissimulada e autoimagens hiperdimensionadas.

Felizmente, nosso ofício destila o antídoto, a saliência do sentido crítico, que irrompe como um gesto natural, quase um capricho, focalizando nossas próprias vãs pretensões com seu lado autoirônico. Nesse caso, descrevendo trajetórias, não posso me furtar à audácia da primeira pessoa, ou seria desatada a trama do coletivo padrão com o individual gauche e desafinado. (Luiz Eduardo Soares. A ética e o intelectual no século XXI. In: O desafio ético. Rio de Janeiro: Garamond, 2000, p. 51-2, com adaptações).

400. (CESPE – Defensor Público – DPU/ 2001) Paradoxalmente, o desconforto talvez decorra, da vaidade em que a primeira pessoa do singular deixasse o narcisismo excessivamente exposto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Há dois pontos a serem corrigidos, a fim de garantir a coerência textual e a correção gramatical. Vejamos:

1) Pontuação = a segunda vírgula não pode ser empregada, uma vez que separa o verbo transitivo indireto (decorra) de seu complemento, o objeto indireto (da vaidade).

2) Verbo = o tempo verbal adequado para **deixa** é o Futuro do Pretérito do Indicativo (deixaria) e não o Pretérito Imperfeito do Subjuntivo (deixasse), que é um modo verbal que expressa dúvida, incerteza.

401. (CESPE – Defensor Público – DPU/ 2001) Então, nós, os intelectuais sofremos esse mal – ou seja, de egos inflados; arrogância mal dissimulada e autoimagens hiperdimensionadas.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Nesta questão, temos 4 pontos a serem revistos e corrigidos, a saber:

- Pontuação: vírgula após "os intelectuais" = usa-se vírgula **para destacar elementos intercalados, como** aposto que é o caso da expressão "os intelectuais", detalhando o pronome pessoal "nós"; travessão antes de "ou seja" = usa-se vírgula para **destacar elementos intercalados, como uma expressão explicativa** (*isto é, a saber, por exemplo, ou melhor, ou antes,* **etc.**); usa-se a vírgula para separar termos de uma mesma função sintática. Portanto, após a palavra "inflados" o correto é o emprego da vírgula e não do ponto e vírgula.
- Regência verbal: sofremos desse mal e não sofremos esse mal. Veja, de acordo com o Dicionário Aulete Digital: (so.frer)

*Verbo. 1. Experimentar mal físico, afetivo ou moral; PADECER. [transitivo direto: sofrer maus-tratos.] *[transitivo relativo + de: Sofria do coração.] [int.: Sofria calada.: A torcida sofreu até o último minuto de jogo]*

**Verbo transitivo relativo. 1. Gram. Verbo transitivo com complemento preposicionado e não comutável com o pronome lhe e suas flexões. [Ex.: Gosto de você; Encontrou-se com ela.]*

402. (CESPE – Defensor Público – DPU/ 2001) Felizmente, nosso trabalho produz o antídoto, que é a proeminência do sentido crítico.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Construção gramaticalmente correta e coerente: a primeira vírgula separa o advérbio de modo (felizmente) e a segunda vírgula isola a oração subordinada adjetiva explicativa ("... que é a proeminência do sentido crítico").

---

403. (CESPE – Defensor Público – DPU/ 2001) O sentido crítico interrompe um gesto natural: focalizando nossas próprias pretensões inúteis.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Com relação à pontuação, o uso de dois-pontos marca uma sensível suspensão da voz numa frase não concluída. Emprega-se, geralmente para anunciar a fala de personagens, uma citação ou uma enumeração; antes de orações apositivas(Exemplo: Só aceito com uma condição: irás ao cinema comigo.); para indicar um esclarecimento, resultado ou resumo do que se disse; na introdução de exemplos, notas ou observações; na invocação das correspondências. Sendo assim, a pontuação adequada seria uma vírgula e não dois pontos.

---

404. (CESPE – Defensor Público – DPU/ 2001) Não posso evitar à audácia da primeira pessoa, sem o quê seria desatada a trama entre o coletivo padrão ao individual desafinado.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Há três correções a serem feitas:

- Verbo = evitar é VTD (quem evita, evita algo ou alguma coisa) e não exige preposição em seu complemento. Portanto, o correto é "evitar a audácia" e não "evitar à audácia".
- Acentuação = a grafia correta é "que" e não "quê", pois trata-se de monossílabo átono e por isso, não recebe acento. Entretanto, caso surja no final de uma frase, imediatamente antes de um ponto (final, de interrogação, de exclamação) ou de reticências, deve ser grafado com acento, pois, devido à posição na frase, o monossílabo passa a ser **tônico**.
- Regência Nominal = "a trama entre (isso) e (aquilo) e não "a trama entre (isso) ao (aquilo)".

Quanto às ideias e ao emprego das estruturas linguísticas do texto abaixo, julgue a questão.

Em geral, os intelectuais nos sentimos desconfortáveis quando falamos na primeira pessoa. [...] E os intelectuais padecemos desse mal: egos inflados, arrogância mal dissimulada... (Luiz Eduardo Soares. A ética e o intelectual no século XXI. In: O desafio ético. Rio de Janeiro: Garamond, 2000, p. 51-2, com adaptações).

---

405. (CESPE – Defensor Público – DPU/ 2001) O emprego da primeira pessoa do plural nas orações "os intelectuais nos sentimos" e "os intelectuais padecemos" constitui um recurso retórico, em conformidade com a gramática, para enfatizar a associação ideológica entre aquele que fala e aquele de quem se fala.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Sim, o recurso onde se utiliza a primeira pessoa do plural, mostra a intenção do autor do texto em deixar claro que faz parte do grupo de quem está falando. Por outro lado, quando utilizar a terceira pessoa do plural, estará falando de um grupo de pessoas, sem que se inclua nele.

Quanto às ideias e ao emprego das estruturas linguísticas do trecho, julgue a questão.

Em geral, os intelectuais nos sentimos desconfortáveis quando falamos na primeira pessoa. Daí a conveniência do plural majestático, ainda que soe desagradavelmente pedante. [...]

---

406. (CESPE – Defensor Público – DPU/ 2001) O "plural majestático" é identificado, no texto e na gramática, como o emprego de verbos e pronomes na primeira pessoa do plural para designar a primeira pessoa da gramática ou do discurso.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – "Plural majestático" ou "plural de modéstia" é o uso da primeira pessoa do plural (nós) em detrimento ao da primeira do singular (eu). Importante reforçar que, ao fazer uso desse recurso linguístico, deve ser levado em conta **que os pronomes e os verbos irão para o plural, contudo, os adjetivos permanecerão no singular, flexionados de acordo com a pessoa que fala ou a quem se referem. Vejamos os exemplos abaixo:**

- Estamos certo de que todas as escolas cumprirão suas metas. – disse o Secretário.
- Sentimo-nos motivado com a chegada de novos computadores. – disse o diretor aos pais de alunos.

Atenção! Julgue a questão, com relação às ideias do trecho e à correção gramatical.

Pensar o corpo apenas como máquina – ou, no limite, a sua substituição [...] A máquina funciona, o homem vive, isto é, estrutura seu mundo, seus valores [...] Um pensamento artificialista (segundo o qual é preciso tudo refazer pelo artifício humano)... (Adauto Novaes. A máquina do homem e da ciência. In: O homem e a máquina – ciclo de conferências, Rio e Brasília: Centro Cultural Banco do Brasil, 27/3/2001, paginação irregular, com adaptações).

407. (CESPE – Defensor Público – DPU/ 2001) No texto, são empregados como pertencentes à mesma classe gramatical os seguintes vocábulos: "máquina", "estrutura" e "pensamento".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

✪ **Nota da autora:** Questão de classes gramaticais.

Errado – Os vocábulos pertencem a classes gramaticais diferentes.

- Máquina = substantivo feminino singular (a máquina)
- Estrutura = verbo "estruturar" na 3ª pessoa do singular

2.3. UEL

Trecho para a questão.

(...) Esse contexto, para ele, tem sido perpetuado através dos tempos, apesar da existência da Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, que define como crime passível de reclusão os preconceitos de raça ou de cor. "A não aceitação de negros em alguns espaços é evidente", reforça. A subjetividade do racismo também se expressa no baixo volume de denúncias nas delegacias. No Paraná, de acordo com dados do Boletim de Ocorrência Unificado da Polícia Civil, de 2007 a 2012 foram registrados 520 crimes de preconceito, o que resulta em uma média de apenas 86 registros por ano.

Por todas essas evidências, Munhoz defende a transformação da questão racial em políticas públicas, a exemplo das cotas para negros nas universidades. "Quando se reconhece a necessidade de políticas públicas, se reconhece também que há racismo", diz. Ele acrescenta, ainda, que os desafios dessas políticas passam pela melhoria no atendimento em saúde à população negra e no combate à intolerância religiosa. "Não reconhecer as religiões de matriz africana é outro indicador de racismo".

(Adaptado **de: AVANSINI, C. Preconceito velado, mas devastador. Folha de Londrina. 3 fev. 2013, p.9.)**

408. (UEL – Delegado de Polícia – PR/2013) Sobre os termos "evidente" e "evidências", usados nos trechos, e seus significados relacionados ao contexto, assinale a alternativa correta.

(A) A ideia de "evidência" é muito próxima do sentido presente na expressão "subjetividade do racismo".

(B) A noção de "evidência" é corroborada pelo número de denúncias registradas na Polícia Civil entre 2007 e 2012.

(C) O sentido de "evidência" é reiterado pela eficácia da lei, que, desde 1989, pune crimes de preconceito racial.

(D) A referência aos preconceitos raciais como "evidentes" está apoiada na ideia da perpetuação do contexto de discriminação racial.

(E) A evidência do racismo está representada pela natureza inequívoca e subjetiva das manifestações de preconceito que caracterizam os crimes.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – Inferência textual conforme a declaração do texto "A não aceitação de negros em alguns espaços é evidente", reforça. Por todas essas evidências, Munhoz defende a transformação da questão racial em políticas públicas, a exemplo das cotas para negros nas universidades.

A inferência está presente nas duas frases, sendo que "evidências" retoma "A não aceitação de negros...". Sendo assim, não houve alteração de sentido.

Alternativa "a" – *Evidências* retoma toda a ideia do parágrafo anterior.

Alternativa "b" – *Evidências* retoma toda a ideia do parágrafo anterior.

Alternativa "c" – *Evidências* retoma toda a ideia do parágrafo anterior.

Alternativa "e" – A evidência do racismo está representada por: "A não aceitação de negros em alguns espaços é evidente" e "No Paraná, de acordo com dados do Boletim de Ocorrência Unificado da Polícia Civil, de 2007 a 2012 foram registrados 520 crimes de preconceito."

409. (UEL – Delegado de Polícia – PR/2013) Assinale a alternativa em que esta frase é corretamente

reescrita, sem alteração do sentido original: Ele enfatiza que os negros, vitimizados pela discriminação em função da cor da pele, são minoria nas universidades, na política, em cargos de gerência e outras esferas relacionadas ao poder.

(A) Ele enfatiza que os negros que são vítimas da discriminação racial nas universidades, na política, em cargos de gerência e outras esferas relacionadas ao poder, são minoria.

(B) Ele enfatiza que a minoria dos negros é vítima de discriminação em função da cor da pele nas universidades, na política, em cargos de gerência e outras esferas relacionadas ao poder.

(C) Os negros são enfatizados por ele como vítimas de discriminação decorrente da cor da pele e como minoria nas universidades, na política, em cargos de gerência e outras esferas relacionadas ao poder.

(D) A ênfase sobre os negros como vítimas da discriminação causada pela cor da pele é minoritária nas universidades, na política, em cargos de gerência e outras esferas relacionadas ao poder.

(E) Nas universidades, na política, em cargos de gerência e outras esferas relacionadas ao poder, os negros são minoritariamente enfatizados por ele, como vítimas da discriminação em função da cor da pele.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Perceba que apenas a ordem das informações foi alterada e a oração foi transposta da voz ativa (Ele enfatiza que os negros...) para a passiva analítica (os negros são enfatizados por ele...).

Alternativa "a" – O final "são maioria" está incoerente.

Alternativa "b" – Os negros são minoria nas universidades e não "a minoria dos negros é vítima de discriminação".

Alternativa "d" – Alterou todo o sentido o início "A ênfase sobre os negros...".

Alternativa "e" – "Os negros são minoritariamente enfatizados por ele"? Sentido incoerente ao comparar com o período citado do enunciado.

Trecho para a questão.

A repercussão sobre o tratamento ofensivo dispensado a um menino negro de 7 anos que acompanhava os pais adotivos em uma concessionária de carros importados no Rio de Janeiro, há algumas semanas, jogou luz sobre uma discussão que permeia a história do Brasil: afinal, somos um país racista?

Apesar de *não haver preconceito assumido, o relato dos negros brasileiros que denunciam olhares tortos, desconfiança, apelidos maldosos e tratamento "diferenciado" em lojas, consultórios, bancos ou supermercados não deixa dúvidas de que são discriminados em função do tom da pele. Estatísticas como as divulgadas pelo Mapa da Violência 2012, que detectou 75% de negros entre os jovens vitimados por homicídios no Brasil em 2010, totalizando 34.983 mortes, chamam a atenção em um país que aparentemente não enfrenta conflitos raciais.(...)*

(Adaptado **de: AVANSINI, C. Preconceito velado, mas devastador. Folha de Londrina. 3 fev. 2013, p.9.)**

---

410. (UEL – Delegado de Polícia – PR/2013) Sobre a locução prepositiva "Apesar de", no 2° parágrafo, assinale a alternativa correta.

(A) A locução tem a finalidade de introduzir um obstáculo hipotético que impede parcialmente a concretização dos acontecimentos descritos no restante da frase.

(B) A locução tem o propósito de enunciar uma situação que reduzirá o impacto do conteúdo dos relatos e das denúncias dos negros brasileiros, exposto no restante da frase.

(C) A posição da locução logo no início da frase é estratégica para estabelecer o contraste entre as ideias expressas no primeiro parágrafo e o conteúdo exposto na frase inicial do segundo.

(D) A situação introduzida pela locução tem sua relevância diminuída diante da apresentação das demais ideias expressas – as denúncias.

(E) Há uma relação de equilíbrio, no que se refere à relevância, entre as ideias introduzidas pela locução – a inexistência de preconceito assumido – e o restante da frase: as denúncias e os relatos dos negros.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

Nota das autoras: Embora pareça se tratar de questão de período composto, refere-se à coesão textual, já que se refere às ideias, à ligação das orações.

Apesar de indica concessão (ideias opostas) e sua relevância diminui à medida que vão sendo citadas as denúncias: Apesar de não haver preconceito assumido, **o relato dos negros brasileiros que denunciam olhares tortos, desconfiança, apelidos maldosos e tratamento "diferenciado" em lojas, consultórios, bancos**

ou supermercados não deixa dúvidas de que são discriminados em função do tom da pele.

Alternativa "a" – Não se trata de obstáculo hipotético que impeça a concretização de algo.

Alternativa "b" – A locução apenas indica ideias opostas.

Alternativa "c" – O contraste ocorre com a segunda oração do segundo parágrafo e não com o parágrafo anterior.

Alternativa "e" – Não há equilíbrio, pois a segunda informação é nitidamente mais importante que a primeira.

2.4. UEGE

411. (UEG – Delegado de Polícia – GO/2013) Na frase "[o homem] deixou de exercer sua força perante uma força maior", há o seguinte pressuposto acionado linguisticamente pelo verbo "deixar":

(A) No passado, o homem exerceu sua força perante uma força maior.

(B) O homem é por natureza um ser que procura impor-se pela força física.

(C) O homem esperto sabe que pode exercer sua força perante o mais fraco.

(D) Nos dias atuais, o homem busca várias formas de exercer seu poder sobre os demais.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Questão de fácil entendimento. Se deixou de exercer sua força, significa, obviamente, que antes exercia sua força. Nem há o que comentar, concorda?

Caso tenha dificuldade, transporte para seu dia a dia e mude a frase: deixei de ter preguiça de estudar. Significa que um dia você teve preguiça e hoje não tem mais. Maravilha! Espero que isso esteja ocorrendo mesmo.

Alternativa "b" – Força física? Não!

Alternativa "c" – Não se relaciona com homem esperto.

Alternativa "d" – O erro está em "várias formas".

Trecho para a questão.

Não há direito de punir. Há apenas poder de punir. O homem é punido pelo seu crime porque o Estado é mais forte que **ele**. *A guerra, grande crime, não é punida porque se acima dum homem há os homens, acima dos homens nada mais há. (...)*

Fracos unidos não deixam de constituir uma força. E os fracos, os primeiros ladinos e

sofistas, os primeiros inteligentes da história da humanidade, submeteram aquelas relações, até então naturais, biológicas e necessárias, ao domínio do pensamento. Surgiu, como defesa, a ideia de que, embora não tivessem força, tinham direitos, fundados nas noções de Justiça, Caridade, Igualdade e Dever. Essas noções foram se insinuando naquele grupo humano primitivo, instituído pelos que **delas** *necessitavam, tão certo como o é o fato de os primeiros remédios terem sido inventados pelos doentes. (...)*

LISPECTOR, Clarice. Outros escritos. Rio de Janeiro: Rocco, 2005. p. 45-46. *(Adaptado)*

412. (UEG – Delegado de Polícia – GO/2013) Os itens "ele" e "delas" retomam, respectivamente:

(A) homem – essas noções

(B) Estado – aquelas relações

(C) grande crime – biológicas

(D) direito de punir – ideias

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Substitua os pronomes e descobrirá facilmente a qual termo se refere:

- O homem é punido pelo seu crime porque o Estado é mais forte que **ele** (do que o **homem** é);
- ... instituído pelos que necessitavam **delas** (das **noções**).

Alternativa "b" – O Estado é mais forte que o homem; a expressão *aquelas relações* está ligada ao verbo *submeteram*.

Alternativa "c" – *Grande crime* é aposto de *guerra;* o vocábulo *biológicas* está adjetivando *reações*.

Alternativa "d" – *Direito de punir* é objeto direto de *haver;* no texto, o substantivo *ideia* encontra-se no singular e possui função de sujeito do verbo *surgiu*.

413. (UEG – Delegado de Polícia – GO/2013) É exemplo de uso conotativo da linguagem:

(A) "mão de ferro"

(B) "instituição vigente"

(C) "apoio de todos"

(D) "aquiescência individual"

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

Nota das autoras: Conotação é sentido figurado, metafórico; denotação é o sentido real das palavras, o sentido do dicionário. Mão de ferro significa forte (conotação).

Alternativa "b" – Denotação. Vigente: que se encontra ou permanece em vigor; aquilo que vigora; que vige.

Alternativa "c" – Denotação. Apoio: sustentáculo, esteio.

Alternativa "d" – Denotação. Aquiescência: ação ou efeito de aquiescer (consentir ou aprovar); em que há concordância; consentimento.

TEXTO

Observações sobre o direito de punir

Não há direito de punir. Há apenas poder de punir. O homem é punido pelo seu crime porque o Estado é mais forte que ele. A guerra, grande crime, não é punida porque se acima dum homem há os homens, acima dos homens nada mais há.

E não há o direito de punir, pois a própria representação do crime na mente humana é o que há de mais instável e relativo: como julgar que posso punir baseada apenas em que o meu critério de julgamento para tonalizar tal ato como criminoso ou não é superior a todos os outros critérios? Como crer que se tem verdadeiramente o direito de punir se se sabe que a não observância do fato X, hoje fato criminoso, considerava-se igualmente crime? "Nenhum de nós pode se lisonjear de não ser um criminoso relativamente a um estado social dado, passado, futuro ou possível", disse Tarde.

O que é certo, na questão da punição, é que determinadas instituições, em dada época, sentindo-se ameaçadas em sua solidez com a perpetração de determinados atos, com mão de ferro taxa-os como puníveis, muitas vezes nesses atos não há nem a sombra de um delito natural: essas instituições querem apenas se defender. Outra humanidade falaria antes em "direito de se defender", direito de lutar, de deixar de comparecer ao campo de guerra a instituição velha e nova. Porque o crime significa um ataque a determinada instituição vigente, em grande parte das vezes, e se não fosse punido representaria a derrocada dessa instituição e o estabelecimento duma nova. Processar-se-ia, pois, uma evolução mais rápida e violenta, de resultados provavelmente maus, tendo-se em vista a frequente anormalidade do criminoso. A sociedade, porém, mais sabiamente, prefere falar num "direito de punir", força unilateral, garantidora de uma boa defesa contra o ataque à sua estabilidade.

Uma hipótese quanto ao surgimento e evolução do direito de punir. De início, não existiam direitos, mas poderes. Desde que o homem pôde vingar a ofensa a ele dirigida e verificou que tal vingança o satisfazia e atemorizava a reincidência, deixou de exercer sua força perante uma força maior. No entanto, como acontece muitas vezes no domínio biológico, a reação – vingança – começou a ultrapassar de muito a ação – ofensa – que a provocara. Os fracos uniram-se: e é então que começa propriamente o plano, isto é, a incursão do consciente e do raciocínio no mecanismo social, ou melhor, é aí que começa a sociedade propriamente dita. Fracos unidos não deixam de constituir uma força. E os fracos, os primeiros ladinos e sofistas, os primeiros inteligentes da história da humanidade, submeteram aquelas relações, até então naturais, biológicas e necessárias, ao domínio do pensamento. Surgiu, como defesa, a ideia de que, embora não tivessem força, tinham direitos, fundados nas noções de Justiça, Caridade, igualdade e Dever.

Essas noções foram se insinuando naquele grupo humano primitivo, instituído pelos que delas necessitavam, tão certo como o é o fato de os primeiros remédios terem sido inventados pelos doentes.

E no espírito do homem foi se formando a correspondente daquela revolta: um superego mais ou menos forte, que daí em diante regeria e fiscalizaria as relações do novo homem com os seus semelhantes em face da sociedade, impedindo-lhe a perpetração de atos considerados por todos como proibidos. À medida que essas noções foram se plasmando no indivíduo e no decorrer das gerações, os meios de vida foram extinguindo cada vez mais sua possibilidade de usar da força bruta nas relações de homem para homem. Na resolução de seus litígios, não mais aparecia o mais forte e musculoso diante do menos poderoso pelo próprio nascimento e natureza. Igualados pelas mesmas condições, afrouxados na sua agressividade de animal pelo nascimento do superego (homem social), fizeram (sem que o objetivo fosse delimitado em sua consciência) uma espécie de tratado de paz, as leis, pelas quais os interesses e os "proibidos" não seriam violados reciprocamente, sob a garantia duma punição por parte da coletividade. É a passagem do castigo ministrado pelo ofendido para o castigo provindo de toda a sociedade. E isso se explica: uma vez que todos estavam em condições mais ou menos iguais, difícil seria a defesa; para manter a inviolabilidade das leis fizeram titular do direito toda a coletividade, adversário forte.

O resto segue-se naturalmente. Os mais capazes, os mais fortes são incumbidos de vigiar a observância dessas leis, constituindo o primeiro Estado, isto é, organizador permanente da estabilidade social. Esse novo órgão, no decorrer dos tempos fortalecido pelo apoio de todos, passa a encarar o poder, mesmo independente da aquiescência individual. E esse órgão a si mesmo concede, sem que tenha um

outro fundamento, o "direito de punir". (LISPECTOR, Clarice. Outros escritos. Rio de Janeiro: Rocco, 2005. p. 45-46. (Adaptado).

414. (UEG – Delegado de Polícia – GO/2013) No texto, o trecho "Nenhum de nós pode se lisonjear de não ser um criminoso relativamente a um estado social dado, passado, futuro ou possível" é um exemplo de

(A) metáfora

(B) paráfrase

(C) intertextualidade

(D) intratextualidade

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Há citação, portanto há intertextualidade: é a criação de um texto a partir de um outro texto já existente. Dependendo da situação, a intertextualidade tem funções diferentes que dependem muito dos textos/contextos em que ela é inserida.

Alternativa "a" – Figura de linguagem que consiste em estabelecer uma analogia de significados entre duas palavras ou expressões, empregando uma pela outra. Exemplo: asas da imaginação.

Alternativa "b" – Versão de um texto, geralmente mais extensa e explicativa, cujo objetivo é torná-lo mais fácil ao entendimento.

Alternativa "d" – O autor cita outros textos que ele próprio escreveu.

415. (Delegado de Polícia – GO/ 2008 – UEG) No trecho "é raro encontrarmos um homem **tão** sensato **que** saiba acomodar-se a essa realidade", as palavras em destaque indicam, respectivamente,

(A) intensificação e causa.

(B) intensificação e consequência.

(C) comparação e consequência.

(D) comparação e causa.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – **Tão** = muito (intensifica); **que** = de modo que (consequência).

Alternativa "a" – Para indicar causa, caberia a pergunta **por quê?**

Alternativa "c" – Não há comparação.

Alternativa "d" – Nem compara, nem há causa.

416. (Delegado de Polícia – GO/ 2008 – UEG) No trecho "de modo análogo intervém a fortuna, a qual manifesta seu poder onde não há forças organizadas que lhe resistam", as palavras em destaque apresentam, respectivamente, referentes

(A) anafórico e anafórico.

(B) anafórico e catafórico.

(C) catafórico e anafórico.

(D) catafórico e catafórico.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Note que os pronomes referem-se a termos já mencionados, ou seja, são anafóricos.

▶ **Dica:**

1) Anáfora: retoma.

2) Catáfora: cita.

2.5. FUNCAB

Trecho para a questão.

(...) A maioria dos democratas, que hoje **se opõem** *às políticas antiterror de Bush,* **mas** *nem sempre o* **fizeram** *no* **calor da hora**, **acha** *que as "técnicas aprimoradas" não passam de eufemismo para a tortura – no que estão cobertos de razão. E alegam que a vitória sobre a Al Qaeda e a morte de Bin Laden não têm nada a ver com a tortura de suspeitos,* **e sim** *com anos de trabalho minucioso de inteligência. (...)*

(PETRI, Andre. Rev. Veja: 19/12/2012, p. 130-132.)

417. (FUNCAB – Delegado de Polícia – ES/2013) Altera fundamentalmente o sentido do enunciado a seguinte mudança proposta para o trecho.

(A) Reescrever "se opõem" como "vão ao encontro de", combinado com o artigo "as".

(B) Substituir, simultaneamente, "mas" por "não obstante" e "fizeram" por "tenham feito".

(C) Empregar a forma verbal "acham" em vez da terceira pessoa do singular, "acha".

(D) Reescrever a expressão metafórica "calor da hora" como "no auge do embate".

(E) Substituir, após a última vírgula, a locução adversativa "e sim" por "senão".

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Bela pegadinha ao concurseiro que está com os nervos à flor da pele no dia da prova.

- "Ao encontro de" tem significado de "estar de acordo com", "em direção a", "favorável a", "para junto de".
- "De encontro a" tem significado de "contra", "em oposição a", "para chocar-se com".

Logo, "ao encontro de" é uma expressão usada para indicar concordância, enquanto "de encontro a", é uma expressão usada para indicar discordância, ou seja, as locuções tem significado totalmente opostos.

A substituição correta seria: A maioria dos democratas, que hoje vão de encontro às políticas antiterror de Bush.

Alternativa "b" – *Mas* e *não obstante* possuem ideia de oposição; não obstante nem sempre *tenham feito* = o verbo passa a assumir a forma no modo subjuntivo (dúvida) para manter a correção do trecho.

Alternativa "c" – *A maioria dos democratas* acham ou acha: as duas concordâncias estão corretas (com maioria ou com democratas).

Alternativa "d" – São expressões que fazem parte do mesmo campo semântico.

Alternativa "e" – Senão: caso contrário, de outro modo.

▶ **Dica:** Senão é uma palavra formada através da seguinte junção: se + não. É uma palavra complexa, com uma pluralidade de classes gramaticais e significados. Sendo uma preposição, se refere a uma limitação ou a uma exceção, sendo sinônima de exceto, salvo, fora, a não ser e menos. Sendo uma conjunção indica a consequência negativa de uma afirmação anterior, sendo sinônima de caso contrário, de outro modo e do contrário. Sendo um substantivo masculino se refere a uma falha, problema, imperfeição, defeito ou mácula.

Trecho para a questão posterior.

(...)

O primeiro passo é definir corretamente o tamanho de seu sonho, o tamanho de sua ambição. Essa história de que tudo é possível se você somente almejar alto é pura balela. Todos nós temos limitações e devemos sonhar de acordo com elas. Querer ser presidente da República é um sonho que você pode almejar quando virar governador ou senador, mas não no início da carreira. O segundo passo é saber exatamente seu nível de competências, sem arrogância nem enganos, tão comuns entre os intelectuais. O terceiro é encontrar o ponto de equilíbrio entre esses dois mundos. Saber administrar a distância entre seus desejos e suas competências é o grande segredo da vida. Escolha uma distância nem exagerada demais, nem tacanha demais. Se sua ambição não for acompanhada da devida competência, você se frustrará. Esse é o erro de todos os jovens idealistas que querem mudar o mundo com o que aprenderam no primeiro ano de faculdade. Curiosamente, à medida que a distância entre seus sonhos e suas competências diminui pelo seu próprio sucesso, surge frustração, e não felicidade.

Quantos gerentes depois de promovidos sofrem de famosa "fossa do bem-sucedido", tão conhecida por administradores de recursos humanos? Quantos executivos bem-sucedidos são infelizes justamente porque "chegaram lá"? Pessoas pouco ambiciosas que procuram um emprego garantido logo ficam entediadas, estacionadas, frustradas e não terão a prometida felicidade. Essa definição explica por que a felicidade é tão efêmera. Ela é um processo, e não um lugar onde finalmente se faz nada. Fazer nada no paraíso não traz felicidade, apesar de ser o sonho de tantos brasileiros. (...)
(Stephen Kanitz, Revista Veja, 22 de junho de 2005)

418. (Delegado de Polícia – RO/ 2009 – FUNCAB) Em "Quantos executivos bem-sucedidos são infelizes justamente porque 'chegaram lá'?", o termo entre aspas pode ser substituído, sem alteração de sentido, por:

(A) mostraram-se realistas.

(B) planejaram o sucesso.

(C) almejaram seus sonhos.

(D) alcançaram seus objetivos.

(E) foram suficientemente ambiciosos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – O termo *chegaram lá* (sentido figurado) substituído por *alcançaram seus objetivos* sem alterar o sentido.

Alternativa "a" – A expressão *mostraram-se realistas* foge do sentido de chegaram lá, no contexto.

Alternativa "b" – A expressão *planejaram o sucesso* não traduz chegaram lá, no contexto.

Alternativa "c" – A expressão *almejaram seus sonhos* não tem o mesmo sentido de chegaram lá.

Alternativa "e" – A expressão *foram suficientemente ambiciosos* não traduz o sentido de chegaram lá, no contexto.

2.6. FGV

419. (FGV 2015) "Se as mulheres enfrentam dupla jornada de trabalho, a forma eficiente **de** resolver o problema é **por meio de** mudanças culturais que tornem os homens mais ativos nos afazeres domésticos e por meio de boas creches **e** escolas que deixem as mães mais tranquilas **com** o cuidado dos filhos."

A substituição dos elementos sublinhados por outros de sentido equivalente só ***não*** é adequada em

(A) se / caso.

(B) de / para.

(C) por meio de / através de.

(D) e / além de.

(E) com / em companhia de.

COMENTÁRIOS

GABARITO: E

Nota da autora: Houve muitas dúvidas nesta questão.

Na "e", substituindo, causa erro: deixem as mães mais tranquilas em companhia **de o** cuidado dos filhos.

- com o cuidado = modo; em companhia de = companhia.

Por eliminação, encontraria a resposta, pois pede que mantenha o **sentido** (aqui se encontra o perigo):

(A) Os dois vocábulos indicam condição.

(B) Forma de resolver ou forma para resolver = sentido idêntico.

(C) O sentido é mantido.

(D) Ideia de adição.

Trecho para a questão.

Utopias e distopias

Todas as utopias imaginadas **até hoje** *acabaram em distopias, ou tinham na* **sua** *origem um defeito* **que as** *condenava. A primeira, que deu nome às várias fantasias de um mundo perfeito que viriam depois, foi inventada por sir Thomas Morus em 1516. Dizem que ele se inspirou nas descobertas recentes do Novo Mundo, e mais especificamente do Brasil, para descrever sua sociedade ideal, que significaria um renascimento para a humanidade, livre dos vícios do mundo antigo. Na Utopia de Morus o direito à educação e à saúde seria universal, a diversidade religiosa seria tolerada e a propriedade privada, proibida. O governo seria exercido por um príncipe eleito, que poderia ser substituído se mostrasse alguma tendência para a tirania, e as leis seriam tão simples que dispensariam a existência de advogados. Mas para que tudo isso funcionasse Morus prescrevia dois escravos para cada família, recrutados entre criminosos e prisioneiros de guerra. Além disso, o príncipe deveria ser sempre homem e as mulheres tinham menos direitos que os homens. Morus tirou o nome da sua sociedade perfeita da palavra grega para "lugar nenhum", o que de saída já significava que ela só poderia existir mesmo na sua imaginação. (...)*

(Veríssimo, Luiz Fernando. O Globo, 22/12/2013)

420. (FGV – 2014) *"Todas as utopias imaginadas até hoje acabaram em distopias, ou tinham na sua origem um defeito que as condenava".*

Sobre os componentes dessa primeira frase do texto, assinale a afirmativa correta.

(A) "até" indica um ponto limite no espaço.

(B) "hoje" se refere ao momento de produção do texto.

(C) "sua" se refere a "distopias".

(D) "que" tem por antecedente "origem".

(E) "as" substitui "utopias" e "distopias".

COMENTÁRIOS

Em primeiro lugar, vale salientar o quanto a banca exige interpretação. Embora seja questão de coesão textual e semântica, sem entender o que foi escrito seria impossível chegar à resposta correta.

GABARITO: B

- Fica evidente que se trata do tempo presente, ou seja, quando o texto foi escrito: 22/12/2013.

Alternativa "a" – *Até* pode ser preposição se ligar palavras e indica limite; pode, também, ser advérbio no sentido de mesmo, também, finalmente (até que enfim).

No texto, **refere-se a tempo** 'até hoje'. Temos a ideia de até agora.

Alternativa "c" – Na origem de que tinha defeito? Na origem da **utopia.**

Sempre encaixe a palavra no lugar do pronome possessivo para se certificar do termo que retoma.

Alternativa "d" – *Que* é pronome relativo. Será relativo quando puder ser substituído por *a (o) qual* ou *as (os) quais.*

Um defeito que (o qual) as condenava = o relativo *que* tem por antecedente **defeito.**

Alternativa "e" – Um defeito que condenava **as utopias.**

O vocábulo *distopias* está ligado a 'as utopias acabaram em distopias'.

Utopia: Vem a ser o que se imagina como sendo perfeito, ideal, porém imaginário não se sabe ao certo se é possível alcançar ou realizar, é almejado, mas apenas utópico.

Distopia: Local imaginário, circunstância hipotética, em que se vive situações desesperadoras, com excesso de opressão ou de perda; antiutopia. Quaisquer demonstrações ou definições de uma associação social futura, definida por circunstâncias de vida intoleráveis, cujo propósito seria analisar de maneira crítica as características da sociedade atual; além de ridicularizar utopias, chamando atenção para seus males; antiutopia.*

***Fonte:** Dicionário online de português – http://www.dicio.com.br/

---

421. (FGV – 2014) *"O governo seria exercido por um príncipe eleito".*

Assinale a alternativa que indica a forma de reescrever-se essa frase do texto que **modifica** o seu sentido original.

(A) Um príncipe eleito exerceria o governo.

(B) O governo, esse seria exercido por um príncipe eleito.

(C) Eleito, um príncipe exerceria o governo.

(D) O governo, um príncipe eleito o exerceria.

(E) Quem exercia o governo era um príncipe eleito.

COMENTÁRIOS

A coerência está diretamente ligada à clareza e ao sentido; o verbo, a vozes verbais; a pontuação, à análise sintática. É impossível pontuar sem saber fazer a correta análise sintática da oração.

GABARITO: E

- A oração encontra-se na voz passiva analítica e o agente da passiva é quem exerce a ação é **um príncipe eleito.** Transpondo a oração para a voz ativa, temos: **Um príncipe eleito exerceria o governo** (verbo no futuro do pretérito do indicativo) e não exercia (verbo no pretérito imperfeito do indicativo). O tempo foi alterado, acarretando prejuízo na coerência e na gramática.

Alternativa "a" – Correto, pois manteve o tempo verbal.

Alternativa "b" – Apenas foi inserido um pronome demonstrativo que retoma *o governo* e, consequentemente, a vírgula que é obrigatória nesse caso.

Alternativa "c" – Ocorreu inversão do predicativo e por isso foi inserida a vírgul**Alternativa "a"** – O sentido foi mantido.

Alternativa "d" – Bela construção: há objeto direto pleonástico = o pronome pessoal oblíquo **o** retoma **o governo**.

---

422. (FGV – 2014)

"Platão imaginou uma república idílica em que os governantes seriam filósofos, ou os filósofos governantes".

Sobre os componentes desse segmento do texto, assinale a afirmativa **incorreta**.

(A) o pronome relativo *"que"* se refere ao antecedente *"república"*.

(B) o termo *"em que"* não pode ser substituído por *"onde"*.

(C) a forma verbal *"seriam"* indica uma possibilidade.

(D) a conjunção *"ou"* indica uma alternativa.

(E) os termos *"filósofos"* e *"governantes"* devem ser separados por vírgula.

COMENTÁRIOS

Questão de coesão (pronome relativo), regência, verbo, período composto e pontuação.

GABARITO: B

- Para evitar erro, é melhor seguir o passo a passo:

1) O pronome relativo **que** retoma **república idílica;**

2) Ordem direta: Os governantes seriam filósofos **na república idílica** = lugar;

3) Se retoma lugar e a preposição **em** é pedida, pode-se usar **onde, em que** ou **na qual.**

Alternativa "a" – Correto: *Platão imaginou uma **república idílica** em **que** (na qual) os governantes seriam filósofos.*

Alternativa "c" – O verbo está conjugado no futuro do pretérito do indicativo e indica condição. Se indica condição, é uma possibilidade.

Alternativa "d" – Sim: **ou** seria uma coisa, **ou** outra.

Alternativa "e" – Percebeu que ocorre **zeugma** (omissão de termo)? A ideia é: *os governantes seriam filósofos, ou os filósofos (seriam) governantes.* A vírgula é obrigatória.

▶ **DICA**

PONTO E VÍRGULA: Como há **zeugma** na segunda oração, poderíamos usar ponto e vírgula para separar as duas orações. Veja: *os governantes seriam filósofos; ou os filósofos, governantes.*

Trecho para a questão.

Deve-se ao desenvolvimento de remédios e terapias, a partir de experimentos científicos em laboratórios com o uso de animais, parcela considerável do exponencial aumento da expectativa e da qualidade de vida em todo o mundo. É extensa a lista de doenças que, tidas como incuráveis até o início do século passado e que levavam à morte prematura ou provocavam sequelas irreversíveis, hoje podem ser combatidas com quase absoluta perspectiva de cura. (...)

(O Globo, 21/11/2013)

423. (FGV 2013) *"Deve-se ao desenvolvimento de remédios e terapias..."*; o outro segmento do texto em que o vocábulo se apresenta o mesmo valor que no caso destacado é

(A) "de tal forma que se tornou impensável viver sem eles".

(B) "...a começar pelo fato de que, se não todos, mas grande parte..."

(C) "...em algum momento já se beneficiou...".

(D) "Mas a questão não é se o homem deve ou não recorrer...".

(E) "...impossibilidade de se reproduzir em laboratório toda a complexidade...".

COMENTÁRIOS

Questão de análise sintática, período composto, verbo e funções do **se**.

GABARITO: E

- Para a correta classificação, é necessário voltar ao texto e fique sempre atento(a) a este detalhe. Isso pode ocorrer na próxima prova.

Informação que nos interessa: Deve-se ao desenvolvimento de remédios e terapias parcela considerável do exponencial aumento da expectativa e da qualidade de vida em todo o mundo.

O verbo é transitivo direto e indireto + se, isto é, trata-se de voz passiva e pronome apassivador. Transpondo para a passiva analítica, temos: parcela considerável do exponencial aumento da expectativa e da qualidade de vida em todo o mundo **é devida** ao desenvolvimento de remédios e terapias.

O mesmo ocorre na alternativa **e**: impossibilidade de **ser reproduzida** toda a complexidade.

Alternativa "a" – O verbo *tornar-se* é pronominal.

▶ **Dica:** para se certificar de que o verbo é pronominal, conjugue-o. Ao conjugar, o pronome será flexionado também.

Verbos pronominais são aqueles que, necessariamente, são acompanhados de um pronome oblíquo (adequado à respectiva pessoa gramatical), pelo fato de denotarem ações próprias do sujeito, como é o caso dos verbos: arrepender-se, sentar-se, queixar-se, zangar-se, pentear-se, enganar-se, entre muitos outros. Mediante tais postulados, analisemos a conjugação referente ao verbo sentar-se, no intuito de verificarmos acerca dos traços que lhe são peculiares.*

Presente	Pretérito perfeito	Pretérito imperfeito	Pretérito mais-que-perfeito	Futuro do presente	Futuro do pretérito
Eu me sento	Eu me sentei	Eu me sentava	Eu me sentara	Eu me sentarei	Eu me sentaria
Tu te sentas	Tu te sentaste	Tu te sentavas	Tu te sentaras	Tu te sentarás	Tu te sentarias
Ele se senta	Ele se sentou	Ele se sentava	Ele se sentara	Ele se sentará	Ele se sentaria
Nós nos sentamos	Nós nos sentamos	Nós nos sentávamos	Nós sentáramos	Nós nos sentaremos	Nós nos sentaríamos
Vós vos sentais	Vós vos sentastes	Vós vos sentáveis	Vós vos sentáreis	Vós vos sentareis	Vós vos sentaríeis
Eles se sentam	Eles se sentaram	Eles se sentavam	Eles se sentaram	Eles se sentarão	Eles se sentariam

* Fonte: http://www.portugues.com.br/

Alternativa "b" – **Se** equivale a **caso** e indica condição.

Alternativa "c" – **Beneficiar-se** é verbo pronominal também.

Alternativa "d" – A questão não é (isto) se o homem deve ou não recorrer(...). Se encaixamos o pronome demonstrativo catafórico **isto**, significa que temos uma conjunção integrant**Alternativa "e"** – A oração é classificada como subordinada substantiva predicativa.

Trecho para a questão.

Só falta a política de redução de riscos

Entre 1990 e 2010, mais de 96 milhões de pessoas foram afetadas por desastres no Brasil, como demonstra o Atlas dos Desastres Naturais do Brasil. Destas, mais de 6 milhões tiveram de deixar suas moradias, cerca de 480 mil sofreram algum agravo ou doença e quase 3,5 mil morreram imediatamente após os mesmos. Desastres como o de Petrópolis, que resultaram em dezenas de óbitos, não existem em um vácuo. Se por um lado exigem a presença de ameaças naturais, como chuvas fortes, por outro não se realizam sem condições de vulnerabilidade, constituídas através dos processos sociais relacionados à dinâmica do desenvolvimento econômico e da proteção social e ambiental. Isto signi-

fica que os debates em torno do desastre devem ir além das cobranças que ano após ano ficam restritas à Defesa Civil. (...)

(Carlos Machado – O Globo, 01/04/2013)

424. (FGV 2013)

Nesse segmento do texto, as palavras ou expressões que estabelecem coesão referencial com termos anteriores são

(A) destas – suas – os mesmos.

(B) Atlas dos Desastres Naturais do Brasil – destas – os mesmos.

(C) mais de 6 milhões – cerca de 480 mil – quase 3,5 mil.

(D) por – como – mais de – após.

(E) destas – os mesmos.

COMENTÁRIOS

GABARITO: A

Observação: questão passível de recurso, mas não houve.

- **Destas** (preposição + pronome demonstrativo) retoma **96 milhões de pessoas;**
- **Suas** (pronome possessivo) retoma **mais de 6 milhões** – suas moradias. Moradias de quem?
- **Os mesmos** (artigo + pronome demonstrativo) retoma **agravo ou doença.**

Alternativa "b" – Atlas dos Desastres Naturais do Brasil não retoma termo algum.

Alternativa "c" – Não retomam termos porque cada número se refere a um elemento distinto:

mais de 6 milhões é o sujeito de *tiveram de deixar suas moradias.*

cerca de 480 mil é o sujeito de sofreram algum agravo ou doença.

quase 3,5 mil é o sujeito de morreram imediatamente.

Alternativa "d" – Não retomam termos:

por (preposição **per** + artigo **o**) faz parte da locução *por um lado.*

como indica exemplo ou conformidade.

mais de indica intensidade.

após indica tempo.

Alternativa "e" – Poderia, também, ser a resposta. Veja:

- **Destas** (preposição + pronome demonstrativo) retoma **96 milhões de pessoas;**
- **Os mesmos** (artigo + pronome demonstrativo) retoma **agravo ou doença.**

425. (FGV 2013)

"A redução de riscos de desastres deve hoje constituir o cerne da política brasileira para os desastres. Isto significa combinar um conjunto de políticas não só para o durante os riscos e situações de desastres, o que avançamos bem, mas também e principalmente para o antes e o depois dos mesmos".

Com relação aos componentes desse segmento do texto é correto afirmar que

(A) o pronome demonstrativo "isto" se refere a "riscos de desastres".

(B) a preposição "para" indica finalidade.

(C) a combinação "não só" / "mas também" tem valor adversativo.

(D) "o durante" e "os riscos" não são da mesma classe gramatical.

(E) "o antes" e "o depois" exemplificam advérbios transformados em adjetivos.

COMENTÁRIOS

GABARITO: B

- Para indicar finalidade, temos de fazer a pergunta **para quê?**

Para que *a redução de riscos de desastres deve hoje constituir o cerne da política brasileira? Para os desastres* = finalidade.

Alternativa "a" – o pronome demonstrativo "isto" se refere **à oração anterior inteira**: *A redução de riscos de desastres deve hoje constituir o cerne da política brasileira para os desastres.*

Observação: bela pegadinha da banca, já que o demonstrativo **isto** se refere à ideia que será citada e **isso**, à ideia que foi citada. Em casos assim (de coesão), fique atento(a) ao contexto. Não caia da armadilha da banca.

Alternativa "c" – a combinação "não só" / "mas também" tem valor **aditivo** (isso + isso).

Alternativa "d" – "o durante" e "os riscos" não **são da mesma classe gramatical**: substantivos, pois nomeiam.

Alternativa "e" – "o antes" e "o depois" exemplificam advérbios transformados em **substantivos.** Dica: o artigo acompanha os termos.

426. (FGV 2013)

"Estas iniciativas ainda estão concentradas no monitoramento, alerta e respostas aos desastres".

O vocábulo *ainda* é o que se chama um modalizador, ou seja, acrescenta uma opinião do enunciador ao texto: a de que as iniciativas citadas não deveriam estar concentradas no monitoramento.

Assinale a alternativa em que o vocábulo sublinhado também pode ser classificado como modalizador.

(A) *"Dados do IBGE revelam que apenas 1,2% dos municípios possuíam plano municipal de redução de riscos em 2011".*

(B) *"Nos municípios maiores, com mais de 500 mil habitantes, que não ultrapassam quatro dezenas, este percentual superava 50%".*

(C) *"De modo inverso, nos municípios menores, com menos de 20 mil habitantes, em torno de quatro mil, este percentual era de 3,3%".*

(D) *"É uma situação bastante preocupante relacionada aos municípios de grande porte e drástica nos municípios de pequeno porte".*

(E) *"Há necessidade urgente de se investir em políticas integradas".*

COMENTÁRIOS

GABARITO: A

- Antes é necessário entender o que é MODALIZADOR.

Modalizador é palavra da área da linguística, e «diz-se de ou elemento gramatical ou lexical por meio do qual o locutor manifesta determinada atitude em relação ao conteúdo de seu próprio enunciado». Segundo o Dicionário Eletrônico Houaiss, «entre os modalizadores têm-se:

a) **os advérbios** (talvez, sem dúvida, a meu ver etc.), que indicam se o conteúdo do enunciado foi ou não inteiramente assumido pelo locutor;

b) **o modo verbal** (indicativo, subjuntivo), que indica se o enunciado expressa um fato ou um desejo (Pedro veio; gostaria que Pedro viesse);

c) **o verbo auxiliar modal**, que indica a noção de necessidade ou possibilidade (Pedro pode vir; Pedro deve vir);

d) **uma oração principal cujo verbo expressa modalidade** (é possível que Pedro venha)».*

*Fonte: http://www.ciberduvidas.com/

Perceba, agora, que os vocábulos **ainda** e **apenas** manifestam determinada atitude do autor em relação ao conteúdo de seu próprio enunciado, ou seja, é o que ele acha sobre o assunto.

Alternativa "b" – *mais de* = intensidade.

Alternativa "c" – *menos de* = intensidade.

Alternativa "d" – *bastante* = muito: intensidade.

Alternativa "e" – *integradas* = adjetivo: qualifica *políticas.*

Charge para a questão.

427. (FGV 2013) Há um desvio da norma culta no texto da charge. Assinale a alternativa que o indica.

(A) em lugar de "piora o atendimento", deveria estar escrito "o atendimento piora".

(B) se o tratamento é "você", a forma do verbo "ser" deveria ser "sejas".

(C) deveria haver uma vírgula antes do termo "até o Natal".

(D) o vocativo "querido" deveria estar no inicio da frase.

(E) o vocábulo "emergência" não leva mais acento gráfico.

COMENTÁRIOS

Questão de coesão, coerência e gramática (pontuação, período composto, acentuação, concordância e análise sintática).

GABARITO: C – Falta vírgula para marcar a intercalação (leia o que está em negrito): **O médico disse que**, até o natal, **você será atendido.**

As vírgulas intercalam o adjunto adverbial de tempo que está entre a oração principal e a oração subordinada substantiva objetiva direta, pois o verbo *dizer* é transitivo direto.

Alternativa "a" – Não é desvio da norma culta, o autor quis enfatizar o verbo **piorar.**

Alternativa "b" – Verbo *ser* no imperativo afirmativo (terceira pessoa do singular) = seja.

Alternativa "d" – O vocativo não precisa vir no início da frase.

Alternativa "e" – "emergência" é paroxítona terminada em ditongo e continua sendo acentuado o vocábulo.

Texto.

Por que é tão difícil entender?

A crise que o país atravessa desde a eclosão dos primeiros protestos contra o aumento das passagens de ônibus têm três componentes articulados:

1 – A sociedade quer transporte, saúde e educação de qualidade, pois ela paga caro por isso, por meio de impostos, e não recebe em troca serviços públicos à altura. Simples assim. A sociedade não pediu nas ruas reforma política, nem plebiscito para eliminar suplente de senador.

2 – A sociedade quer o fim da impunidade, pois está cansada de ver corruptos soltos debochando de quem é honesto, mesmo depois de condenados. Acrescentar o adjetivo hediondo à corrupção de pouco adianta se deputados e ministros continuam usando aviões da FAB para passear e se criminosos estão soltos, alguns até ocupando cargos de liderança ou participando de comissões no Congresso.

3 – A sociedade quer estabilidade econômica: para a percepção do cidadão comum, os 20 centavos pesaram como mais um sinal de que a economia está saindo do controle. A percepção do aumento da inflação é crescente em todas as classes sociais; em última análise, este será o fator determinante dos rumos da crise a médio prazo, já que não há discurso ou propaganda que camufle a corrosão do poder de compra das pessoas, sobretudo daquelas recentemente incorporadas à economia formal.

Esses problemas não são de agora, nem responsabilidade exclusiva dos últimos governos. Mas o que se espera de quem está no poder é que compreenda que a melhor maneira de reconquistar o apoio perdido é dar respostas concretas e rápidas às demandas feitas nas ruas (e não às questões que ninguém fez).

(Adaptado. **Luciano Trigo**, *O Globo, 11-7-2013)*

428. (FGV 2013)

"A sociedade quer transporte, saúde e educação de qualidade"

Assinale a alternativa que indica o comentário correto sobre os componentes dessa frase.

(A) Na forma em que a frase está escrita, o adjunto *"de qualidade"* se refere não só à educação, mas também à saúde e ao transporte.

(B) Para que o adjunto *"de qualidade"* se referisse a todos os três substantivos, era necessário que ele fosse escrito antes de todos eles.

(C) Para que o adjunto se referisse claramente a todos os três substantivos, era indispensável que *"qualidade"* estivesse no plural.

(D) Na forma em que está grafada, o adjunto *"de qualidade"* se refere exclusivamente ao último dos três substantivos.

(E) A transposição da frase para a voz passiva acabaria com todos os seus problemas de expressão.

COMENTÁRIOS

GABARITO: A

– Fácil concordar com essa informação e para ficar mais claro, coloque o adjunto ao lado dos substantivos: *A sociedade quer transporte (de qualidade), saúde (de qualidade) e educação de qualidade.*

Alternativa "b" – Para que o adjunto *"de qualidade"* se referisse a todos os três substantivos, era necessário que ele fosse escrito antes de todos eles = não antes, mas **depois**.

Alternativa "c" – Para que o adjunto se referisse claramente a todos os três substantivos, era indispensável que *"qualidade"* estivesse no plural = não, pois da forma como foi redigido, é evidente que se refere aos três substantivos.

Alternativa "d" – Na forma em que está grafada, o adjunto *"de qualidade"* se refere exclusivamente ao último dos três substantivos = refere-se aos três substantivos.

Alternativa "e" – A transposição da frase para a voz passiva acabaria com todos os seus problemas de expressão = não há problema de expressão.

429. (FGV 2013)

"A sociedade não pediu nas ruas reforma política".

Assinale a alternativa que apresenta a forma de reescrever-se esse segmento do texto que gera problemas de sentido.

(A) A reforma política não foi pedida nas ruas pela sociedade.

(B) A sociedade não pediu, nas ruas, reforma política.

(C) Nas ruas, a sociedade não pediu reforma política.

(D) A sociedade não pediu reforma política nas ruas.

(E) Nas ruas, a reforma política não foi pedida pela sociedade.

COMENTÁRIOS

Questão de coesão e coerência textual, pontuação e vozes verbais.

GABARITO: D

- Perceba a diferença de sentido:
- *"A sociedade não pediu nas ruas reforma política"* = **nas ruas** está diretamente ligado ao verbo pediu e indica lugar: pediu onde? nas ruas (a sociedade nas ruas).
- A sociedade não pediu reforma política nas ruas = **nas ruas** está ligado à reforma política: deve ocorrer a reforma nas ruas e não é o caso.

Alternativa "a" – A reforma política não foi pedida nas ruas pela sociedade = certo, pois mantém o sentido.

Alternativa "b" – A sociedade não pediu, nas ruas, reforma política = apenas houve intercalação (através do emprego das vírgulas) do adjunto adverbial de lugar.

Alternativa "c" – Nas ruas, a sociedade não pediu reforma política = ocorreu inversão do adjunto adverbial e o sentido se manteve.

Alternativa "e" – Nas ruas, a reforma política não foi pedida pela sociedade = inversão do adjunto adverbial + transposição da oração para a voz passiva analítica (ser + particípio).

Trecho para as questões.

A sociedade quer estabilidade econômica: para a percepção do cidadão comum, os 20 centavos pesaram como mais um sinal de que a economia está saindo do controle. A percepção do aumento da inflação é crescente em todas as classes sociais; em última análise, este será o fator determinante dos rumos da crise a médio prazo, já que não há discurso ou propaganda que camufle a corrosão do poder de compra das pessoas, sobretudo daquelas recentemente incorporadas à economia formal.

430. (FGV 12013)

"...em última análise, este será o fator determinante dos rumos da crise a médio prazo"; a expressão "em última análise" indica

(A) resumo.

(B) retificação.

(C) restrição.

(D) explicação.

(E) conclusão.

COMENTÁRIOS

Questão de coesão, coerência e semântica.

GABARITO: C

Atente-se, sempre, aos vários significados de um vocábulo e veja qual sinônimo se encaixa ao contexto.

Restrição:

s.m. Ação ou efeito de restringir ou de se restringir: esta medida foi tomada sem restrições. Circunstância ou estado restritivo; que impõe limite(s); que se apresenta de modo condicionante.

Jurídico. Limitação do livre exercício, de um direito, de uma função ou ofício, imposta por uma lei; ressalva. Condição que restringe; cláusula. Restrição mental. Ato que consiste em dizer algo que contraria o próprio modo de pensar, e, não obstante, procurar não mentir, conciliando o que se diz com as palavras do interlocutor e simultaneamente com um sentido diferente daquele que elas realmente têm.

E você pensa: como saber na hora da prova?

Acalento: se você tem dúvida, seu concorrente também tem. Sem desespero, pois, muitas vezes, vocês erram a mesma questão e isso não alteraria sua classificação. **Otimismo na veia!!!**

Alternativa "a" – Não resume.

Alternativa "b" – Não corrige.

Alternativa "d" – Não explica.

Alternativa "e" – Não conclui.

431. (FGV 2013)

"A sociedade quer transporte, saúde e educação e qualidade, pois ela paga caro por isso..."; "em última análise, este será o fator determinante dos rumos da crise a médio prazo..."

Observando o emprego dos demonstrativos sublinhados, podemos constatar, segundo o emprego no trecho, que

(A) isso é empregado em referência a termos anteriores e este em referência a termos seguintes.

(B) isso e este são empregados em relação a termos anteriores citados.

(C) isso tem valor depreciativo.

(D) este se refere a um entre dois termos citados anteriormente, de preferência o mais próximo.

(E) isso se prende a um tempo distante, enquanto este se liga ao tempo presente.

COMENTÁRIOS

GABARITO: B

1) *"A sociedade quer transporte, saúde e educação e qualidade, pois ela paga caro por isso..."* = o pronome demonstrativo é anafórico, ou seja, retoma a ideia citada na oração anterior: *transporte, saúde e educação e qualidade.*

2) *"em última análise, este será o fator determinante dos rumos da crise a médio prazo...".* Precisaria voltar ao trecho para matar a charada: A percepção do aumento da inflação é crescente em todas as classes sociais; em última análise, este será o fator determinante dos rumos da crise a médio prazo = o demonstrativo retoma A percepção do aumento da inflação é crescente em todas as classes sociais.

CUIDADO!

Teoricamente, sabemos que os demonstrativos **isso** retoma ideia e **isto** cita. Acontece que **o texto foi adaptado pela banca** para tentar confundir você e não vai confundir.

Alternativa "a" – isso é empregado em referência a termos anteriores e este em referência a termos seguintes = anteriores.

Alternativa "c" – isso **não** tem valor depreciativo.

Alternativa "d" – este se refere a um entre dois termos citados anteriormente, de preferência o mais próximo = isso ocorre para **retomar elementos e estamos estudando ideias.**

Alternativa "e" – isso se prende a um tempo distante, enquanto este se liga ao tempo presente = não há relação com tempo.

Leia o texto abaixo e responda à questão proposta.

Policial – mediador de conflitos

No momento em que começa a existir **essa** *transformação política e social, a compreensão da sociedade como um ambiente conflitivo, no qual os problemas da violência e da criminalidade são complexos, a polícia passa a ser demandada para garantir não mais uma ordem pública determinada, mas sim os direitos, como está colocado na constituição de 88. Nesse novo contexto, a ordem pública passa a ser definida também no cotidiano, exigindo uma atuação estatal mediadora dos conflitos e interesses difusos e, muitas vezes, confusos. Por isso, a democracia exige justamente uma função policial protetora de direitos dos cidadãos em um ambiente conflitivo. A ação da polícia ocorre em um ambiente de incertezas, ou seja, o policial, quando sai para a rua, não sabe o que vai encontrar diretamente; ele tem uma ação determinada a fazer e entra num campo de conflitividade social. Isso exige não uma garantia da ordem pública, como na polícia tradicional, sustentada somente nas ações repressivas, pelas quais o ato consiste em reprimir para resolver o problema. O campo de garantia de direitos exige uma ação mais preventiva, porque não tem um ponto determinado e certo para resolver.*

(Azor Lopes da Silva Junior)

432. (FGV) "No momento em que começa a existir essa transformação política e social, a compreensão da sociedade como um ambiente conflitivo, no qual os problemas da violência e da criminalidade são complexos (...)".

A presença do pronome demonstrativo essa na primeira frase desse segmento mostra que

(A) a transformação aludida está presente no momento em que o texto foi composto.

(B) esse segmento do texto não é o segmento inicial, já que se refere a algo dito antes.

(C) a transformação política e social acontecerá em futuro próximo.

(D) o autor apresenta uma visão depreciativa sobre a transformação referida.

(E) o autor do texto considera a transformação algo conhecido de todos.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (B)

– Está claro que houve uma ideia citada anteriormente. A qual transformação o autor se refere? Apenas sabemos que é a transformação política e social, nada mais.

a) Não está presente no momento.

c) Está acontecendo.

d) Não há relação com o emprego do pronome.

e) Não há relação referência no texto.

433. (FGV) Assinale a alternativa em que o termo sublinhado tenha função adjetiva.

(A) Característica da nação.

(B) Ameaça de colapso.

(C) Deterioração de valores.

(D) Instituição da escravidão.

(E) Uso de violência.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (A) – Basta substituir o termo: Característica da nação = característica nacional.

b) Ameaça de algo.

c) Deterioração de algo.

d) Instituição de algo.

e) Uso de algo.

▶ **Dica:**

O adjunto adnominal (locução prepositiva) pode indicar posse, mas complemento nominal nunca indica posse. Pode-se verificar que o único que indica algum tipo de posse é a letra "a", pois a "nação" possui a "característica". Nos outros casos são complementos nominais.

Texto para a questão.

Policial – mediador de conflitos

No momento em que começa a existir essa transformação política e social, a compreensão da sociedade como um ambiente conflitivo, no qual os problemas da violência e da criminalidade são complexos, a polícia passa a ser demandada para garantir não mais uma ordem pública determinada, mas sim os direitos, como está colocado na constituição de 88. Nesse novo contexto, a ordem pública passa a ser definida também no cotidiano, exigindo uma atuação estatal mediadora dos conflitos e interesses difusos e, muitas vezes, confusos. Por isso, a democracia exige justamente uma função policial protetora de direitos dos cidadãos em um ambiente conflitivo. A ação da polícia ocorre em um ambiente de incertezas, ou seja, o policial, quando sai para a rua, não sabe o que vai encontrar diretamente; ele tem uma ação determinada a fazer e entra num campo de conflitividade social. Isso exige não uma garantia da ordem pública, como na polícia tradicional, sustentada somente nas ações repressivas, pelas quais o ato consiste em reprimir para resolver o problema. O campo de garantia de direitos exige uma ação mais preventiva, porque não tem um ponto determinado e certo para resolver.

(Azor Lopes da Silva Junior)

434. (FGV – Delegado de Polícia – MA/2012) O pequeno travessão entre os dois termos do título dado ao texto pode ser substituído adequadamente, em relação ao que é expresso no texto, por:

(A) deve ser.

(B) não é somente.

(C) não é mais.

(D) sempre será.

(E) nunca foi.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

Nota das autoras: Questão de coerência e interpretação de texto.

Sem ler o texto seria difícil encontrar a resposta. Fica claro que o policial **deve ser** mediador de conflitos.

Alternativa "b" – Erro no uso advérbio "somente".

Alternativa "c" – Erro: advérbio "não".

Alternativa "d" – Não indica que "sempre" será, mas que deve ser".

Alternativa "e" – Como nunca foi? Absurda essa alternativa.

435. (FGV – Delegado de Polícia – MA/2012) "A ação da polícia ocorre em um ambiente de incertezas, ou seja, o policial, quando sai para a rua, não sabe o que vai encontrar diretamente;".

A expressão sublinhada indica a presença de uma

(A) retificação.

(B) conclusão.

(C) oposição.

(D) explicação.

(E) enumeração.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – As expressões "ou seja" e "isto é" indicam, sempre, explicação. Pode anotar e nunca mais esquecer. A banca CESPE gosta bastante de pedir isso.

Alternativa "a" – Não corrigi.

Alternativa "b" – Para concluir, caberia a conjunção **logo**.

Alternativa "c" – Para indicar oposição, caberia a conjunção **mas**.

Alternativa "e" – Não há enumeração.

436. (FGV – Delegado de Polícia – MA/2012) "...a polícia passa a ser demandada para garantir não mais uma ordem pública determinada..."; "O campo de garantia de direitos exige uma ação mais preventiva,...".

Os termos sublinhados nas duas frases retiradas do texto indicam, respectivamente:

(A) quantidade / intensidade.

(B) tempo / quantidade.

(C) oposição / concessão.

(D) tempo / intensidade.

(E) quantidade / tempo.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

- Não mais uma ordem = a polícia passa a *já não* ser demandada para garantir uma ordem pública determinada: ideia de interrupção de continuidade da ação. A polícia era, mas não é mais, ou seja, com o tempo, deixou de ser.

Mais preventiva: ideia de intensidade, em maior quantidade.

Alternativa "a" – O primeiro termo não indica quantidade.

Alternativa "b" – O segundo termo não indica quantidade.

Alternativa "c" – Não há oposição, nem concessão (oposição também).

Alternativa "e" – Nem quantidade, nem tempo.

---

437. (Delegado de Polícia – AP/ 2010 – FGV) Assinale a alternativa em que o termo sublinhado tenha função adjetiva.

(A) Característica da nação.

(B) Ameaça de colapso.

(C) Deterioração de valores.

(D) Instituição da escravidão.

(E) Uso de violência.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Basta substituir o termo: Característica da nação = característica nacional.

Alternativa "b" – Ameaça de algo.

Alternativa "c" – Deterioração de algo.

Alternativa "d" – Instituição de algo.

Alternativa "e" – Uso de algo.

▶ **Dica** – O adjunto adnominal (locução prepositiva) pode indicar posse, mas complemento nominal nunca indica posse. Pode-se verificar que o único que indica algum tipo de posse é a letra "a", pois a "nação" possui a "característica". Nos outros casos são complementos nominais.

Texto 1:

Refundar as polícias

No Rio de Janeiro ninguém está satisfeito com as polícias, *tanto Civil quanto Militar. Nem a sociedade, nem os próprios oficiais. Porém, as forças fluminenses não são as únicas em estado adiantado de degradação:* **suas deficiências apenas se tornaram mais visíveis.**

Em quase todo o país as avaliações sobre essas corporações são negativas. *Os baixos salários são o problema central e têm como consequência direta a necessidade de "bicos" para completar o orçamento familiar.*

Nesse cenário, nada mais natural que a maioria dos policiais procure uma vaga na segurança privada. *A lei proíbe, mas o bolso manda. E como não há fiscalização de fato para conter a jornada dupla, fica mais fácil burlar a regra – a responsabilidade sobre a segurança privada é da Polícia Federal, mas faltam agentes e sobram missões.*

As secretarias estaduais, por sua vez, fingem que nada acontece. Se interviessem, implodiriam as contas públicas, que não resistiriam à emergência de uma demanda salarial reprimida. Afinal, é a segurança privada, informal e ilegal, que financia, indiretamente, a segurança pública, tornando possível um orçamento irreal. Eis aí o gato-orçamentário.

Mas quando não se fiscaliza a segurança privada para não atrapalhar o mal "benigno" ou a informalidade "bem intencionada", tampouco se vigia a ilicitude maligna. As milícias estão aí para não nos deixar mentir. E os turnos de trabalho irracionais? Quem teria coragem de racionalizá-los, se isso implica a quebra da espinha dorsal do bico? (....) (Luiz Eduardo Soares, Le Monde Diplomatique, janeiro 2009)

---

438. (FGV – Oficial de Cartório – RJ/2009) Os elementos sublinhados nas alternativas a seguir se referem a elementos anteriores ou posteriores do texto; assinale a alternativa em que o elemento referido está erradamente identificado.

(A) "Em quase todo o país as avaliações sobre essas corporações são negativas" = as polícias civil e militar do Rio de Janeiro.

(B) "Nesse cenário, nada mais natural que a maioria dos policiais procure uma vaga na segurança privada." = o cenário de degradação que envolve baixos salários.

(C) "No Rio de Janeiro ninguém está satisfeito com as polícias,..." = a sociedade e os policiais.

(D) "...suas deficiências apenas se tornaram mais visíveis." = das polícias civil e militar do Rio de Janeiro.

(E) "Quem teria coragem de racionalizá-los, se isso implica a quebra da espinha dorsal do bico?" = o mal "benigno" e a informalidade "bem intencionada".

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – A alternativa está errada: o demonstrativo *isso* se refere ao elemento anterior: "turnos de trabalho irracionais"

Alternativa "a" – refere-se ao elemento anterior os policiais civis e militares.

Alternativa "b" – O termo "nesse cenário" recai no elemento sugerido.

Alternativa "c" – ninguém: pronome indefinido, refere-se à sociedade e aos oficiais (policiais).

Alternativa "d" – refere-se às polícias civil e militar do Rio de Janeiro.

---

439. (FGV – Oficial de Cartório – RJ/2009) "A lei proíbe, mas o bolso manda."; se completássemos as frases desse segmento com complementos adequados ao texto, a sua forma correta seria:

(A) a lei proíbe que os policiais façam dupla jornada, mas o bolso manda que ela seja feita.

(B) a lei proíbe que os policiais aceitem "bicos", mas o bolso manda que eles os paguem.

(C) a lei proíbe que os policiais façam segurança privada, mas o bolso manda que eles abandonem o emprego público.

(D) a lei proíbe que os policiais abandonem o trabalho, mas o bolso manda que eles o façam.

(E) a lei proíbe que os policiais burlem regras, mas o bolso manda que eles as respeitem.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta

✪ **Nota da autora:** Questão se coesão e análise sintática.

– A forma verbal proíbe (proibir: V.T.D.I) pede complemento – objeto direto = que os policiais façam dupla jornada: oração subordinada (à principal) substantiva objetiva direta intercalada.

A forma verbal manda (mandar: V.T.D.) = complemento objeto direto – que ela seja feita. Eliminam-se as outras alternativas.

---

440. (FGV – Oficial de Cartório – RJ/2009) "Nos últimos anos, sobretudo no Rio, a corrupção policial agravou-se."; a forma de reescrever-se essa frase do texto que altera o seu sentido original é:

(A) A corrupção policial, nos últimos anos, sobretudo no Rio, agravou-se.

(B) Mormente no Rio, nos últimos anos, a corrupção policial agravou-se.

(C) Nos últimos anos a corrupção policial agravou-se, sobretudo no Rio.

(D) Nos últimos anos, particularmente no Rio, a corrupção policial tornou-se mais grave.

(E) Agravou-se no Rio, sobretudo nos últimos anos, a corrupção policial.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Há alteração de sentido; na oração original, o advérbio sobretudo tem marcação de lugar: no Rio; na opção E, sobretudo tem a marcação: nos últimos anos.

Alternativa "a" – A inversão na colocação dos termos não alterou o sentido da frase original.

Alternativa "b" – Não houve alteração: os advérbios mormente e sobretudo são sinônimos = principalmente.

Alternativa "c" – O deslocamento na frase não provoca alteração do sentido.

Alternativa "d" – Particularmente = sobretudo, especificamente – não há alteração de sentido na frase original.

Trecho para a próxima questão.

Filme antigo

Cerradas as cortinas do Fórum Social Mundial, algumas evidências saltaram do palco armado em Belém para o desfile de líderes de movimentos que supostamente buscam alternativas sociais e econômicas às políticas arquitetadas em Davos. A mais cristalina foi a disparidade de reivindicações de um encontro convocado para discutir os agravos ao meio ambiente da Amazônia. (...) (O Globo, 8/02/2009)

---

441. (FGV – Oficial de Cartório – RJ/2009) No primeiro parágrafo o do texto, o adjetivo "cristalina" se refere a:

(A) evidência.

(B) alternativa.

(C) política.

(D) reivindicação.

(E) Amazônia.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – algumas evidências saltaram do palco armado em Belém ... A mais cristalina (evidência) foi a disparidade de reivindicações de um encontro.

Alternativa "b" – Buscam alternativas.

Alternativa "c" – Alternativas políticas.

Alternativa "d" – Disparidade de reivindicações.

Alternativa "e" – Ao meio ambiente da Amazônia.

---

442. (FGV – Oficial de Cartório – RJ/2009) "... *cada movimento representado no encontro procurou puxar para sua agenda o mote das discussões".* Assinale a alternativa que apresente a forma de reescrever-se a frase acima que altera o seu sentido original.

(A) No encontro, cada movimento representado procurou puxar para sua agenda o mote das discussões.

(B) Cada movimento representado procurou puxar para sua agenda o mote das discussões no encontro.

(C) Cada movimento representado no encontro procurou puxar o mote das discussões para sua agenda.

(D) Cada movimento no encontro representado procurou puxar o mote das discussões para sua agenda.

(E) No encontro, cada movimento representado procurou puxar o mote das discussões para sua agenda.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Não procurou puxar a agenda, mas sim as discussões.

Alternativa "a" – Mesma ideia. Para facilitar, atente-se aos verbos e sujeitos.

Alternativa "c" – Nada foi alterado.

Alternativa "d" – Mesma ideia.

Alternativa "e" – Nada foi alterado.

---

443. (FGV – Oficial de Cartório – RJ/2009) "Em Belém pouco se ouviu além de slogans desbotados"; uma outra maneira de expressar-se adequada e corretamente esse mesmo conteúdo é:

(A) em Belém só se ouviu slogans desbotados.

(B) só se ouviu, em Belém, desbotados slogans.

(C) em Belém ouviu-se tão somente slogans desbotados.

(D) pouca coisa se ouviu em Belém, além de slogans desbotados.

(E) ouviram-se, em Belém, poucos slogans desbotados e nada além disso.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Síntese: pouco se ouviu: foi ouvido algo além de slogans desbotados.

Alternativa "a" – Não só se ouviu.

Alternativa "b" – Não só se ouviu.

Alternativa "c" – Não tão somente.

Alternativa "e" – Ouvi-se algo além disso.

---

444. (FGV – Oficial de Cartório – RJ/2009) Millôr Fernandes, falando de "meio ambiente" produz a seguinte frase: "Tantos anos o país se descuidou do meio ambiente que, agora, se quiser salvar alguma coisa, vai ter que tratar do ambiente inteiro."

O humor, nesse caso, se apoia em um jogo de palavras, construído, por seu lado, pela seguinte estratégia:

(A) a utilização de palavras de variação popular.

(B) o emprego de palavras de significação vaga, como coisa.

(C) a troca de classe gramatical da palavra meio.

(D) a inversão de termos na última oração.

(E) a metonímia de país por brasileiros.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Meio: metade x inteiro.

Alternativa "a" – Não há variação popular.

Alternativa "b" – Não possuem significação vaga.

Alternativa "d" – Não há inversão.

Alternativa "e" – Não há humor.

2.7. FUNRIO

---

445. (FUNRIO – Analista do Seguro Social – INSS/2013) Conhecido comercial da tevê fala de uma "cerveja que desce redondo". O sentido atribuído à palavra "redondo" refere – se

(A) à mesa do bar que aparece no cenário dos comerciais de cerveja.

(B) à própria cerveja que pode ser assim considerada em sentido denotativo.

(C) ao ato de descer facilmente, que, nesse caso, significa escorrer pela garganta.

(D) ao líquido da bebida, que toma o formato arredondado da garrafa que o contém.

(E) ao pronome relativo empregado na frase, para substituir o termo cerveja.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

Sintaxe: análise sintática.

Como a cerveja desce? De que modo? Desce **redondo**: advérbio de modo e por isso invariável (não admite feminino nem plural). O sentido é descer bem, descer saborosamente.

Alternativa "a" – A mesa do bar nem foi mencionada na frase.

Alternativa "b" – Se fosse a cerveja, seria adjetivo (predicativo) e admitiria variação. Exemplo: A cerveja é redonda = verbo de ligação + predicativo do sujeito. Não é a afirmação contida no período do enunciado.

Alternativa "d" – Não se refere ao líquido, tanto que nem foi citado esse vocábulo.

Alternativa "e" – O pronome relativo *que* retoma o substantivo *cerveja*. Na ordem direta: a cerveja desce redondo. O termo possui função de sujeito e *redondo* está ligado ao verbo, não ao sujeito, como mencionado no exemplo da alternativa *b*.

---

446. (FUNRIO – Analista do Seguro Social – INSS/2013) Conforme a posição que as palavras ocupem na frase, sua significação e seu papel gramatical podem mudar. É isso que pode ocorrer com um dos adjetivos grifados nas alternativas abaixo: ele mudará de significado e classe se for antecipado ao substantivo com o qual se relaciona. Assinale-o.

(A) A fábrica fica perto de uma praça antiga, hoje bem pouco arborizada.

(B) Amanhã cedo sairemos em comitiva para inaugurar uma fábrica nova.

(C) Nessa fábrica, bem provavelmente conheceremos equipamentos modernos.

(D) Os operários dedicados dessa fábrica moram em bairros próximos e bem localizados.

(E) Os produtos dessa fábrica demandam vigilância forte na sua fase de armazenamento.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Pode haver dúvidas e para saná-las, é necessário ler todas as alternativas para entender bem a questão. O grande problema foi o verbo *inaugurar*, porque automaticamente se pensa em algo novo.

Inaugurar uma fábrica nova: troque o adjetivo *nova* por outro que resolve o problema = inaugurar uma fábrica velha. O sentido é Com pouco tempo de existência (folhagem nova) [Antôn.: velho].

Inaugurar uma nova fábrica = inaugurar uma velha fábrica. Sentido de *nova* é que passa a existir a partir de agora (novos tempos); RENOVADO.

Houve polêmica nesta questão por alegarem que a classe gramatical não foi alterada, mas não foi anulada. Nas demais alternativas, o adjetivo anteposto ao substantivo indica apenas ênfase e o sentido não é alterado.

Alternativa "a" – perto de uma praça antiga e perto de uma praça antiga.

Alternativa "c" – conheceremos equipamentos modernos e conheceremos modernos equipamentos.

Alternativa "d" – Os operários dedicados e os dedicados operários.

Alternativa "e" – demandam vigilância forte e demandam forte vigilância.

---

447. (FUNRIO – Analista do Seguro Social – INSS/2013) Num Concurso de redação, um candidato deveria escrever sobre Noel Rosa e Chico Buarque de Holanda. Refletindo sobre a passagem do texto abaixo transcrita, identifique a alternativa que torna coerentes os ajustes redacionais então propostos, de modo a evitar que sejam repetidos os nomes dos dois artistas brasileiros.

Chico Buarque de Holanda e Noel Rosa sempre estiveram em destaque na MPB, embora Chico Buarque de Holanda tenha uma obra, sob certa perspectiva, mais polêmica do que a de Noel Rosa.

(A) Chico Buarque de Holanda e Noel Rosa sempre ocuparam um lugar de destaque na MPB, embora cada um tenha uma obra, sob certa perspectiva, mais polêmica do que a dos demais.

(B) Chico Buarque de Holanda e Noel Rosa sempre ocuparam um lugar de destaque na MPB, embora este tenha uma obra, sob certa perspectiva, mais polêmica do que aquele.

(C) Chico Buarque de Holanda e Noel Rosa sempre ocuparam um lugar de destaque na MPB, embora o primeiro tenha uma obra, sob certa perspectiva, mais polêmica do que o segundo.

(D) Chico Buarque de Holanda e Noel Rosa sempre ocuparam um lugar de destaque na MPB, embora tenham uma obra, sob certa perspectiva, mais polêmica do que reconhecida.

(E) Chico Buarque de Holanda e Noel Rosa sempre ocuparam um lugar de destaque na MPB, embora um tenha uma obra, sob certa perspectiva, mais polêmica do que o outro.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

Coesão textual e pronome demonstrativo: retomada de elementos.

Foram citados Chico Buarque e Noel Rosa, respectivamente. Ao utilizar o numeral *primeiro*, fica clara a retomada de Chico Buarque; o segundo refere-se a Noel Rosa. Substituindo: Chico Buarque de Holanda tem uma obra, sob certa perspectiva, mais polêmica que a obra de Noel Rosa. O sentido deve ficar coeso e claro.

Alternativa "a" – *Cada um* deixa sentido vago, incoerente.

Alternativa "b" – O pronome demonstrativo *este* retoma o elemento mais próximo, ou seja, Noel Rosa. O correto seria usar *aquele* (Chico) e depois *este* (Noel). Há dicas no final do capítulo.

Alternativa "d" – Está sem sentido, incoerente.

Alternativa "e" – Não se sabe quem é *um* e *outro*.

---

448. (FUNRIO – Analista do Seguro Social – INSS/2013) "Chamar chávena à miserável xícara onde se toma a média nos botequins, com aquele cheiro de desinfetante que vem bafejar o café com leite do pobre, deve valorizar a coisa." (Dinah Silveira de Queiroz)

Assinale o item em que a palavra "média" tem o mesmo sentido apresentado no trecho acima:

(A) A média da inflação anual ultrapassou os patamares esperados pelo Governo.

(B) Pela experiência que tenho da vida, dificilmente alguém faz média comigo!

(C) O grupo não conseguiu atingir a média para ser classificado no certame.

(D) O professor calculou rapidamente a média dos seus melhores alunos.

(E) Seu desjejum constava sempre de uma média com pão e manteiga e nada mais.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"

Semântica: significado das palavras.

– *Toma a **média** nos botequins e seu desjejum constava sempre de uma **média** com pão e manteiga.* O vocábulo *média*, nos dois trechos, foi usado como expressão popular e significa **café com leite.**

Alternativa "a" – Valor intermediário entre valores extremos; valor obtido como o equidistante em relação aos extremos de duas grandezas.

Alternativa "b" – Tentar agradar (alguém) sendo prestativo, amável, bajulador etc.

Alternativa "c" – Valor intermediário entre valores extremos; valor obtido como o equidistante em relação aos extremos de duas grandezas.

Alternativa "d" – Número de pontos necessários para aluno ou candidato ser aprovado em escola, concurso etc.

Texto I:

Colisão entre caminhão e carro deixa 4 mortos em Pernambuco

Uma colisão, na qual um caminhão foi de encontro a um carro, deixou 4 pessoas mortas e 2 feridas na noite desta terça-feira na cidade de Salgueiro, a 530km do Recife, no sertão de Pernambuco. Entre as vítimas fatais, estavam engenheiros responsáveis pela construção da Ferrovia Transnordestina.

Segundo informações da Polícia Rodoviária Federal, o caminhão com placa do Rio Grande do Norte, o qual a Polícia recolheu ao depósito, colidiu com o carro, um veículo Gol, com placa do Ceará. Dos 4 ocupantes do Gol, 3 morreram. Entre eles estavam engenheiros responsáveis pela construção da Ferrovia Transnordestina. O motorista do caminhão também morreu no local do acidente. Ao Hospital Regional de Salgueiro as vítimas do referido acidente foram levadas. (Ana Lima Freitas – Texto adaptado <http://noticias.terra.com.br/transito/interna> acesso em 26 ago. 2009.

---

449. (Funrio – Policial Rodoviário Federal/2009) Do texto I, considere apenas o trecho: "...o caminhão com placa do Rio Grande do Norte, o qual a Polícia recolheu ao depósito, colidiu com o carro". Em relação ao termo "o qual", é correto afirmar que

(A) promove a coerência textual apontando o termo que o precede, sendo portanto catafórico.

(B) é tido como sujeito da frase, uma vez que substitui tal termo.

(C) pode ser substituído por "cuja" sem comprometer a coesão textual.

(D) é pronome relativo e pertence à segunda oração do período destacado.

(E) é pronome relativo, portanto, não poderia referir-se a um substantivo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – *O qual* é pronome relativo e retoma *o caminhão com placa do Rio Grande do Norte*. Ordem direta: a polícia recolheu o caminhão ao depósito. Possui função sintática de objeto direto.

Alternativa "a" – Termo catafórico cita. Aconteceu **isto**: o caminhão foi recolhido. Usam-se os pronomes demonstrativos nesse caso. Anáfora retoma (isso).

Alternativa "b" – O sujeito é *a Polícia*.

Alternativa "c" – Nunca os pronomes relativos *o(a) qual, que, quem* e *onde* poderão ser substituídos por *cujo(a)*, pois retomam termos distintos. Este se refere ao termo posposto e aqueles, aos termos antepostos.

Alternativa "e" – O pronome relativo pode se referir a substantivo.

---

450. (Funrio – Policial Rodoviário Federal/2009) Observe o trecho de "O Cortiço", de Aluísio de Azevedo: *"Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, [...]. Um acordar alegre e farto de quem dormiu de uma assentada sete horas de chumbo."* Seu autor utiliza o seguinte recurso estilístico:

(A) eufemismo.

(B) gradação.

(C) comparação.

(D) antítese.

(E) personificação.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Cortiço: *agrupamento de casas pequenas e pobres. O cortiço acordava* indica personificação: consiste em atribuir ações ou qualidades de seres animados a seres inanimados, ou características humanas a seres não humanos.

Alternativa "a" – Consiste em empregar uma **expressão mais suave**, mais nobre ou menos agressiva, para comunicar alguma coisa áspera, desagradável ou chocante.

Alternativa "b" – Consiste em **dispor as ideias** por meio de palavras, sinônimas ou não, **em ordem crescente ou decrescente.** Quando a progressão é ascendente, temos o **clímax**; quando é descendente, o **anticlímax**.

Alternativa "c" – Não há comparação.

Alternativa "d" – Consiste na utilização de dois termos que **contrastam** entre si. Ocorre quando há uma aproximação de palavras ou expressões de sentidos opostos. O contraste que se estabelece serve, essencialmente, para dar uma ênfase aos conceitos envolvidos que não se conseguiria com a exposição isolada dos mesmos.

Texto:

Violência no trânsito

Se quase sempre é difícil fazer uma autoavaliação, é impossível adivinhar o estado de espírito do motorista ao lado. Assim, uma atitude preventiva – e, por que não, defensiva – é a melhor maneira de não se envolver em situações de violência. O psiquiatra forense Everardo Furtado de Oliveira afirma que é possível prevenir uma briga, evitando, por exemplo, contato de olhos com o condutor agressivo, não fazer ou revidar gestos obscenos, não ficar na cola de ninguém e não bloquear a mão esquerda, por exemplo. Medalhista olímpico em 1992, o judoca Rogério Sampaio não pensa muito diferente: "Respire fundo, tenha consciência de que não vale a pena brigar e, principalmente, pense em sua família".

Com o objetivo de entender o comportamento do motorista e do pedestre capixaba e desenvolver ações para melhorar o tráfego, o Detran do Espírito Santo entrevistou quase 400 motoristas. A pesquisa, coordenada pelo antropólogo Roberto DaMatta, mostrou que desprezo às regras, agressividade e despreparo são características dos motoristas entrevistados. "O que o condutor pensa quando está dentro do carro é que a ele é dado o direito de ser imprudente de vez em quando. Para os nossos erros, procuramos muitas desculpas. Aquele que cumpre a lei é visto como alguém em uma posição inferior, um fraco", diz Luciene Becacici, diretora-geral do órgão.

Em Brasília (DF), a tese de doutorado sobre o trânsito da cidade defendida pela psicóloga Cláudia Aline Soares Monteiro envolveu uma pesquisa com 923 motoristas. "Dos entrevistados, 84% afirmaram sentir raiva enquanto dirigem. Pessoas que tinham mais tempo de habilitação e dirigiam com maior frequência cometiam mais erros e eram mais agressivas", diz Cláudia. Segundo o trabalho, quanto maior o nível de escolaridade da mulher, mais ela se irrita no tráfego. A situação é inversa para o sexo masculino. Além disso, os que mais cometem infrações são jovens com idade entre 18 e 27 anos, solteiros e sem filhos. A situação que mais deixa os homens nervosos é ter avanço impedido do veículo. Já as mulheres se irritam com direção agressiva por parte de outros motoristas.

[...]

O trânsito é um ambiente de interação social como qualquer outro. "O carro é um ambiente particular, mas é preciso seguir regras, treinar o autocontrole e planejar os deslocamentos. É um local em que é preciso agir com civilidade e consciência", diz a hoje doutora em trânsito Cláudia Monteiro.

Ao contrário do que pode parecer à primeira vista, o carro não é o escudo protetor que se supõe. Exercitar a paciência e o autocontrole não faz parte do currículo das autoescolas, mas são práticas cada vez mais necessárias à sobrevivência no trân-

sito. (Internet: http://quatrorodas.abril.uol.com.br/reportagens/conteudo_288447.shtml. Acesso em 29/8/2009, com adaptações.

451. (Funrio – Policial Rodoviário Federal/2009) Assinale a alternativa em que a reescritura do trecho *"Dos entrevistados, 84% afirmaram sentir raiva enquanto dirigem. Pessoas que tinham mais tempo de habilitação e dirigiam com maior frequência cometiam mais erros e eram mais agressivas', diz Cláudia"* mantém a correção gramatical e não compromete o sentido original.

(A) A maioria dos entrevistados afirmou que sente raiva enquanto dirige. Pessoas mais experientes na condução de veículos automotivos cometem mais erros e são mais agressivas.

(B) 84% dos entrevistados afirmou que sentem raiva enquanto dirigem. Pessoas, que tinham mais tempo de habilitação e dirigiam com maior frequência, cometiam mais erros e eram mais agressivas.

(C) Dos entrevistados, 84% afirmou que sentem raiva enquanto dirigem. Pessoas que tinham mais tempo de habilitação e dirigiam com mais frequência cometiam mais erros e eram mais agressivas.

(D) Dos entrevistados, 84% afirmou que sente raiva enquanto dirige. Pessoas com mais tempo de habilitação e que dirigiam com mais frequência, cometiam mais erros e eram mais agressivas.

(E) A maior parte dos entrevistados afirmou que sente raiva enquanto dirigem. Pessoas que dirigiam com mais tempo de habilitação frequentemente cometiam mais erros.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Dividindo as informações para facilitar:

- Dos entrevistados, 84% afirmaram sentir raiva enquanto dirigem: **A maioria** dos entrevistados **afirmou** que sente raiva enquanto dirige.
- Pessoas que tinham mais tempo de habilitação e dirigiam com maior frequência cometiam mais erros e eram mais agressivas: Pessoas mais experientes na condução de veículos automotivos cometem mais erros e são mais agressivas.

Alternativa "b" – 84% dos entrevistados **afirmaram** que sentem raiva enquanto dirigem. **Pessoas que** tinham mais tempo de habilitação e dirigiam com maior **frequência cometiam** mais erros e eram mais agressivas: é necessário retirar as vírgulas por se tratar de oração subordinada adjetiva restritiva (a informação não pode ser retirada por restringir o substantivo *pessoas*).

Alternativa "c" – Dos entrevistados, 84% **afirmaram** que sentem raiva enquanto dirigem.

Alternativa "d" – Dos entrevistados, 84% **afirmaram.** Pessoas com mais tempo de habilitação e que dirigiam com mais **frequência cometiam** mais erros e eram mais agressivas: retirar a vírgula porque não se separa o sujeito do predicado.

Alternativa "e" – A maior parte dos entrevistados afirmou que sente raiva enquanto **dirige.**

452. (Funrio – Policial Rodoviário Federal/2009) O hino do América F.C., composto por Lamartine Babo, diz: *"Hei de torcer, torcer, torcer... Hei de torcer até morrer, morrer, morrer... Pois a torcida americana é toda assim, a começar por mim."* O recurso linguístico que enfatiza o compromisso entoado pelo hino é

(A) o uso das reticências.

(B) a repetição da estrutura sintática.

(C) o emprego do verbo auxiliar "haver".

(D) a presença da palavra "torcida".

(E) a autorreferência do pronome "mim".

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Importante relembrar a conjugação do verbo *haver* no presente do indicativo: hei, hás, há, havemos, haveis, hão. Agora sim, pode-se chegar à resposta: ***Hei** de torcer / **Hei** de torcer.* Note que equivale a **torcerei, torcerei.** Enfatiza o compromisso entoado pelo hino.

Alternativa "a" – Reticências servem para:

- *indicar continuidade de uma ação ou fato.*
- *indicar suspensão ou interrupção do pensamento.*
- *representar, na escrita, hesitações comuns na língua falada.*
- *realçar uma palavra ou expressão.*
- *realizar citações incompletas.*
- *deixar o sentido da frase em aberto, permitindo uma interpretação pessoal do leitor.*

Saiba que as reticências e o ponto de exclamação, sinais gráficos subjetivos de grande poder de sugestão e ricos em matizes melódicos, são ótimos auxiliares da linguagem afetiva e poética. Seu uso, porém, é antes arbitrário, pois depende do estado emotivo do escritor. (Fonte: http://www.soportugues.com.br)

Alternativa "b" – A estrutura sintática é alterada. Ocorre repetição apenas do verbo.

Alternativa "d" – O sujeito, a torcida, não enfatiza o compromisso entoado pelo hino.

Alternativa "e" – O pronome pessoal oblíquo *mim* não enfatiza o compromisso entoado pelo hino.

Texto

Enquanto o acima exposto é mantido, o sistema ainda consegue grande flexibilidade, graças aos fatos de que qualquer relatório pode ser emitido em impressora ou vídeo, pode ser integrado a um potente sistema de mala-direta (Vide mala-direta do fabricante) para emissão de cartas de cobranças e outros avisos, não possui estrutura de arquivos fixa, permitindo a utilização e criação de diversas combinações de arquivos, permite facilidade para a seleção da consulta ou relatório desejado.

453. (Funrio – Policial Rodoviário Federal/2009) A maneira como certos textos são escritos pode dificultar o entendimento do que se quer dizer. É o que ocorre com o texto acima, cujo problema principal está identificado na seguinte afirmação.

(A) há uso inadequado da palavra *flexibilidade*, que pode ser interpretada de duas formas, subvertendo a ordem do texto.

(B) há ausência de ponto e vírgula, o que indica, formalmente, a separação da ideia central do texto.

(C) há a presença excessiva de elementos de ligação entre as partes do texto.

(D) há a presença de parênteses desagregando informações e desviando a atenção para a ideia predominante do texto.

(E) há falta de unidade e de progressão textual, o que prejudica a compreensão da mensagem.

COMENTÁRIOS:

Alternativa "e": correta – Em síntese, o texto é incoerente, sem sentido.

Alternativa "a" – O uso não é inadequado.

Alternativa "b" – Não há ausência de ponto e vírgula.

Alternativa "c" – Não há uso excessivo de elementos de ligação (poderiam ser conjunções).

Alternativa "d" – Os parênteses intercalam o aposto explicativo.

▶ **Dica de texto dissertativo** – A **dissertação** é um tipo de texto opinativo aonde o escritor defende um ponto de vista com o uso de argumentos. A **redação em concursos** avalia cinco competências:

1) Domínio da língua culta
2) Compreensão da proposta de Redação e aplicação de conceitos de várias áreas do conhecimento para desenvolver o tema.
3) Selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações em defesa de um ponto de vista.
4) Demonstração de conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para construir a argumentação.
5) Elaborar proposta de ação para enfrentar o problema respeitando os direitos humanos.

Para elaborar uma boa dissertação, o estudante pode seguir algumas dicas.

Transforme a proposta em pergunta, como por exemplo: "As novelas brasileiras podem ser consideradas educativas?". Com base isso, tente pensar em três argumentos que responderiam essa pergunta. Desenvolva cada argumento seguindo a seguinte estrutura.

Introdução

Argumento 1

Argumento 2

Argumento 3

Conclusão

Na conclusão, posicione-se a respeito e sugira uma solução para o tema proposto.

A introdução apesar de não ser essencial é extremamente recomendada. Nela você deve apresentar o tema em poucas frases, em torno de 3 ou 4 linhas.

O título não é obrigatório, mas caso seja necessário, uma boa dica é não utilizar verbo no título.

Fonte: http://aprovadonovestibular.com/

2.8. MPE

Atenção! Com relação aos aspectos linguísticos do texto abaixo, analise a questão.

Abrir um estabelecimento é um caminho duro: começa com a dificuldade de achar um espaço para o seu bar ou boate. Depois, você procura um engenheiro [...]

Depois de alguns meses – quem sabe, anos – de obras, seu lugar está pronto, tinindo.

É aí que começa a Via Crúcis: vão-se os noventa dias, depois 120, depois 150, e nada... (Revista Superinteressante, março/2013, Edição 316, p. 24)

454. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) Diz-se que um texto tem coesão quando seus vários enunciados estão organicamente articulados entre si, quando há concatenação entre eles. Assim "Depois" (início do segundo período), "Depois" (início do terceiro período) e "depois" (final do texto) são exemplos de elementos articuladores no texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – A palavra "depois" funciona como elemento articulador do texto, remetendo o leitor à organização temporal das ideias.

---

455. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) Em "Meu conhecimento se equipara à minha idade, logo, seria um desperdício deixar de compartilhá-lo por estar aposentado" não haveria prejuízo para a coerência textual e a correção gramatical se o período fosse assim reescrito: Meu conhecimento equipara – se à minha idade; seria, pois, um desperdício deixar de compartilhá-lo por estar aposentado. (Extraído da Revista Visão Jurídica, número 82, p.10).

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Não há prejuízos gramaticais nem de coerência ao se fazer as duas alterações propostas. Vamos analisá-las:

"Meu conhecimento se equipara à minha idade, logo, seria um desperdício deixar de compartilhá-lo por estar aposentado."

"Meu conhecimento equipara – se à minha idade; seria, pois, um desperdício deixar de compartilhá-lo por estar aposentado."

1) Se equipara / equipara-se = se o verbo não estiver no início da frase, nem conjugado nos tempos Futuro do Presente ou Futuro do Pretérito, é possível usar tanto a próclise como a ênclise.

2) Logo / pois (depois do verbo) = ambas são conjunções **conclusivas:** ligam a oração anterior a uma oração que expressa ideia de conclusão ou consequência. São elas: *logo, pois (depois do verbo), portanto, por conseguinte, por isso, assim.*

---

456. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) Na estrutura "tem de 30 a 90 dias" as duas preposições não foram requisitadas pelo verbo, uma vez que ele não as exige, e foram usadas tão somente para estipular a relação de tempo.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Sim, neste caso as preposições "de" e "a" indicam relação de tempo, ou seja, um lapso temporal incerto entre 30 e 90 dias. Se essa ideia de tempo fosse certa, definida, poderia ser usada a preposição "durante".

Com relação aos aspectos linguísticos do Texto, analise a questão.

O conselheiro Gilberto Valente Martins, do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), disse que os debates travados no Seminário Nacional: Inovações e Desafios da Nova Lei sobre Crimes de Lavagem de Dinheiro devem levar o CNJ e o Conselho Nacional..." EUZÉBIO, Gilson Luiz; FREIRE, Tatiane. Disponível em: http://www.cni.ius.br/noticias/cni/23903-debates--servirao-para-reflexao-diz-conselheiro. Acessado em: 15/03/2013. Fragmento adaptado.

---

457. (MPE – SC – Promotor de Justiça – SC/2013) O sintagma "os debates travados no Seminário Nacional: Inovações e Desafios da Nova Lei sobre Crimes de Lavagem de Dinheiro" deveria ter sido iniciado pela expressão que foram, pois da forma como está redigido gera ambiguidade.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – o período está redigido de forma correta e clara, não gerando ambiguidade. A construção gramatical sugere uma situação condicional, hipotética (devem levar, não se sabe se isto ocorrerá de fato!).

"Os debates travados [...] devem levar o CNJ e o Conselho Nacional..."

Perceba que, se houver a inserção desnecessária do "que", no início do trecho, será necessário alterar também o seu final. Ficaria assim:

"... disse que foram os debates travados [...] que devem levar o CNJ e o Conselho Nacional..."

Atenção! A questão baseia-se no trecho abaixo.

Nada paralisou mais a inteligência do que a busca por bodes expiatórios", escreveu o historiador Theodore Zeldin. A tentativa de jogar a culpa por uma situação indesejada – de desastres naturais a guerras, de crises econômicas a epidemias – nas costas de um único indivíduo ou grupo quase sempre inocente é uma prática tão disseminada _____ alguns estudiosos a consideram essencial para entender a vida em sociedade.

No livro Bode Expiatório – Uma História da Prática de Culpar Outras Pessoas, Charlie Campbell defende a tese de que cada ser humano tende a se considerar melhor do que realmente é, e por isso tem dificuldade de admitir os próprios erros. Junte-se a isso a necessidade intrinsecamente humana de tentar encontrar um sentido, uma ordem no caos do mundo, e _____ os elementos exatos para aceitarmos

a primeira e a mais simples explicação que aparecer para os males a nos afligir. Desde muito cedo, provavelmente com o surgimento das primeiras crenças religiosas, a humanidade desenvolveu ritucis para transferir a culpa para pessoas, animais ou objetos como uma forma de purificação e recomeço. A expressão "bode expiatório" refere-se a uma passagem do Velho Testamento que descreve o sacrifício de dois ruminantes no Dia da Expiação. O primeiro bode era sacrificado em tributo a Deus, para pagar pelos pecados da comunidade. O segundo era enxotado da aldeia, carregando consigo, simbolicamente, a culpa de todos os moradores.

A escolha do bode expiatório costuma obedecer a, pelo menos, um de três requisitos. Primeiro, deve ser alguém capaz de substituir sozinho muitas vítimas potenciais. Foi o que ocorreu com Andrés Escobar, zagueiro da seleção colombiana de futebol, _____ gol contra na partida com os Estados Unidos eliminou seu time da Copa do Mundo de 1994. Quando voltou à Colômbia, Escobar foi assassinado a tiros, supostamente por apostadores que haviam perdido dinheiro com a derrota. Por maior que tenha sido o erro do jogador, é óbvio que num time que tem onze integrantes não se pode atribuir a apenas um deles toda a culpa por um resultado ruim.

O segundo quesito a ser preenchido por um candidato a bode expiatório é ser um alvo facilmente identificável. O ditador alemão Adolf Hitler, um dos mais cruéis inventores de bodes expiatórios de todos os tempos, achava que um verdadeiro líder nacional era aquele que, em vez de dividir a atenção de seu povo, tratava de canalizá-la contra um grande inimigo. Após séculos de antissemitismo na Europa, não foi difícil para os nazistas transformar os judeus em suas vítimas preferenciais, atribuindo a eles a responsabilidade por uma série de malfeitorias. A expiação coletiva imposta pelos nazistas resultou na morte de 6 milhões de judeus.

O terceiro critério para encontrar um bom culpado é suspeitar de qualquer pessoa que tente defender a inocência de um bode expiatório. Na caça às bruxas da Idade Média, que resultou no julgamento e na execução de milhares de mulheres, funcionava assim. Os métodos para identificar uma "noiva do demônio" eram absurdos. Um deles consistia em jogar a acusada num rio com as mãos e os pés atados; se ela boiasse, seria culpada; se afundasse, seria inocente, mas aí já estaria morta. Nessas condições, poucos testemunhavam em favor das supostas bruxas. Essa regra também é atávica dos estados totalitários, que, _____, não podem assumir as próprias falhas sob o risco de perderem a legitimidade, e por isso precisam de alguém para expiar suas culpas. (Adaptado de: SCHELP, D. A arte de culpar os outros. Veja, 16 de maio de 2012, p. 113-114.

458. (MPE – RS – Promotor de Justiça – RS/2012) Assinale a alternativa que preenche corretamente, e de acordo com o sentido do texto, as lacunas, respectivamente na ordem em que aparecem.

(A) quanto – tem-se – cujo o – a princípio

(B) que – têm-se – cujo – por princípio

(C) como – se tem – que o – por princípio

(D) que – têm-se – cujo o – a princípio

(E) quanto – tem-se – cujo – por princípio

Alternativa "b": correta

✪ **Nota da autora:** Questão de pronome, concordância, regência e período composto.

Que = conjunção consecutiva (= de modo que) que introduz oração que é consequência do que foi dito na oração principal. g *"...prática tão disseminada que alguns estudiosos a consideram essencial..."*

Têm-se = têm-se o quê? Os elementos exatos (substantivo plural = verbo no plural) g *"...uma ordem no caos do mundo, e têm-se os elementos exatos para aceitarmos..."*

Cujo = pronome relativo que se refere ao termo posterior (gol) g *"...Escobar, zagueiro da seleção colombiana de futebol, cujo gol contra na partida ..."*

Por princípio = de acordo com suas regras de comportamento. g *"...Essa regra também é atávica dos estados totalitários, que, por princípio, não podem assumir as próprias falhas..."*

Alternativas "a", "c", "d" e "e":

Quanto = pronome indefinido ou pronome relativo, ambos não se encaixam no sentido da oração.

Tem-se / se tem = tem-se o quê? Têm-se os elementos exatos (substantivo plural = verbo no plural)

Cujo o = o pronome relativo cujo repele artigos (o, a, os, as)

A princípio = inicialmente (o texto pede por princípio = de acordo com suas regras)

Como = conjunção integrante significando "o modo pelo qual" (não se encaixa no sentido da oração).

Que o = "que" e "cujo" são pronomes relativos, porém, o primeiro retoma o termo antecedente e o segundo refere-se ao termo posterior que é exatamente o que a oração exige.

Trechos para a questão.

[...] E no passo seguinte a esse radical reducionismo, ao se interpretar monoliticamente bem-estar como utilidade...

... informações ligadas a aspectos valiosos na pálida avaliação...

Entre os temas mais fundamentais para análise e avaliação da vida em sociedade, encontra-se a própria caracterização da justiça. (Adaptado de: DONXNELLI-MENDES, R. Zero Hora, 3 de março de 2012, p. 4-5.

459. (MPE – RS – Promotor de Justiça – RS/2012) Considere as seguintes afirmações sobre segmentos do texto que contêm adjetivos.

I. O segmento radical reducionismo é contextualmente equivalente a reducionismo radical.

II. O segmento aspectos valiosos é contextualmente equivalente a valiosos aspectos.

III. O segmento própria caracterização é contextualmente equivalente a caracterização própria.

Quais estão corretas?

(A) Apenas I.

(B) Apenas II.

(C) Apenas III.

(D) Apenas I e II.

(E) Apenas II e III

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – na língua portuguesa, a construção substantivo + adjetivo é a mais comum. No entanto, a sua inversão (adjetivo + substantivo) não compromete a estrutura da oração, tampouco o seu entendimento, caracterizando apenas termos equivalentes. Veja:

radical reducionismo = reducionismo radical

adj. subst. subst. adj.

aspectos valiosos = valiosos aspectos

subst. adj. adj. subst.

Alternativas "a", "b", "c" e "e" – Própria caracterização ≠ caracterização própria

adjetivo substantivo substantivo adjetivo

A diferença está no sentido contido no adjetivo "própria". Vejamos:

"Entre os temas mais fundamentais para análise e avaliação da vida em sociedade, encontra-se a própria caracterização da justiça." *(sentido: que pertence a alguém – à justiça)*

"Entre os temas mais fundamentais para análise e avaliação da vida em sociedade, encontra-se a caracterização própria da justiça." *(sentido: dela mesma – a justiça)*

460. (MPE – MS – Promotor de Justiça – MS/2011) Marque a alternativa que preserva idêntico sentido ao trecho destacado a seguir:

Como dirá qualquer bom professor de português, ou qualquer linguista dedicado, estudioso, uma parcela imensa dos termos que hoje usamos, que por muito usados pela classe culta foram dicionarizados – o dicionário sempre corre atrás da realidade –, começou como estrangeirismo.

(A) Uma parcela imensa dos termos que hoje usamos, que por muito usados pela classe culta foram dicionarizados – o dicionário sempre corre atrás da realidade – , começou como estrangeirismo, inaceitável por qualquer bom professor de português, ou qualquer linguista dedicado, estudioso;

(B) Como dirá qualquer bom professor de português, ou qualquer linguista dedicado, estudioso, uma parcela imensa dos termos que hoje usamos, que, por muito usados, pela classe culta foram dicionarizados – o dicionário sempre corre atrás da realidade –, começou como estrangeirismo;

(C) Como dirá qualquer bom professor de português, ou qualquer linguista dedicado, estudioso, o estrangeirismo começou com uma parcela imensa dos termos que hoje usamos, que por muito usados pela classe culta foram dicionarizados – o dicionário sempre corre atrás da realidade;

(D) Uma parcela imensa dos termos que hoje usamos foram dicionarizados diretamente pela classe culta – o dicionário sempre corre atrás da realidade – , como dirá qualquer bom professor de português, ou qualquer linguista dedicado, estudioso que começou como estrangeirismo;

(E) Começou como estrangeirismo, como dirá qualquer bom professor de português, ou qualquer linguista dedicado, estudioso, uma parcela imensa dos termos que hoje usamos, que por muito usados pela classe culta foram dicionarizados – o dicionário sempre corre atrás da realidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – texto corretamente elaborado, utilizando-se de inversões de estrutura que não afetaram a ideia original.

Alternativa "a" – o texto original não diz, em momento algum, que "o bom professor de português ou qualquer linguista dedicado" não aceite os estrangeirismos que foram dicionarizados.

Alternativa "b" – não foi a classe culta que dicionarizou os termos que hoje usamos.

Alternativa "c" – aqui, houve a inversão da ideia original do texto, pois não foi o estrangeirismo que

começou com uma parcela imensa de termos que hoje usamos, mas sim o contrário: uma parcela imensa de termos que hoje usamos começou como estrangeirismos.

Alternativa "d" – os termos não foram dicionarizados diretamente pela classe culta e o linguista estudioso e culto não começou como estrangeirismos.

2.9. UFMT

461. (UFMT – Promotor de Justiça – MT/2014) Leia o trecho abaixo extraído do livro Filosofia, de Marilena Chauí.

O poderia da Igreja cresce à medida que se esfacela e desmorona o Império Romano. Dois motivos levam a esse crescimento: em primeiro lugar, a expansão do próprio cristianismo pela obra da evangelização dos povos, realizada pelos padres nos territórios do Império Romano e para além deles; em segundo lugar, porque o esfacelamento de Roma, do qual resultará a formação socioeconômica conhecida como feudalismo, fragmentou a propriedade da terra e fez surgirem pequenos poderes locais isolados, de sorte que o único poder centralizado e homogeneamente organizado era o da Igreja.

Em relação aos elementos coesivos no texto, analise as afirmativas.

I – O indicador de proporção *à medida que* pode ser substituído, sem prejuízo de sentido, por *à proporção que ou ao passo que.*

II – Os operadores em primeiro lugar e em segundo lugar ordenam a sequência lógica do texto e direcionam, argumentativamente, o olhar do leitor.

III – O operador argumentativo *de sorte que* é indicador de consequência, podendo ser substituído por *de forma que.*

IV – A expressão relativa *do qual* funciona como elemento coesivo anafórico, pois retoma o sentido de Império Romano.

V – Em *fragmentou a propriedade da terra e fez surgirem pequenos poderes locais isolados*, o operador e indica mais que a soma de argumentos com a mesma força semântica, podendo sofrer acréscimo de *assim.*

Estão corretas as afirmativas

(A) I, III e IV, apenas.

(B) II, IV e V, apenas.

(C) I, II, III e V, apenas.

(D) I, II, III, IV e V.

(E) II, III e V, apenas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

Assertativa I – Certa. Indicam proporcionalidade: à medida que, quanto mais, ao passo que, à proporção que. **Dica**: na medida em que = causa.

Assertativa II – Certa. "**em primeiro lugar,** a expansão do próprio cristianismo pela obra da evangelização dos povos (...); **em segundo lugar**, porque o esfacelamento de Roma (...) fragmentou a propriedade da terra e fez surgirem pequenos poderes locais isolados..."

Assertativa III – Certa. As duas expressões indicam conseqüência. Mais: As orações subordinadas consecutivas são aquelas que desempenham, por subordinação, as funções de complementos circunstanciais de efeito (de consequência) da ideia expressa em outras orações principais a elas subordinadas.

Assertativa IV – Errada. Retoma "o esfacelamento de Roma" = A formação socioecomômica resultará **do esfacelamento de Roma.**

Assertativa V – Certa. Adição (e) ou acréscimo (assim).

462. (UFMT – Promotor de Justiça – MT/2014) Leia trecho do artigo de Maílson da Nóbrega (Veja, 26/06/2013) abaixo.

Era hora, pois, de agir. Dilma, que tempos antes se vangloriava de ter baixado os juros, calou-se e autorizou o BC a acelerar a alta da Selic. Provavelmente já sabia que sua popularidade estava em queda, o que depois o Datafolha e o Ibope confirmariam. Isso não que dizer, porém, que a presidente tenha renunciado à tese da esquerda nos anos 1970 e 1980 segundo a qual é possível vencer a inflação sem custos. Ela chegou a afirmar que o remédio seria aumentar o consumo.

Sobre recursos linguísticos utilizados, assinale a afirmativa correta.

(A) As conjunções *pois* e *porém* poderiam ser substituídas respectivamente por *então* e *no entanto*, e poderiam ser colocadas no início da frase em que se encontram.

(B) As formas verbais *vangloriava e acelerar*, pretérito perfeito do indicativo e infinito, respectivamente, poderiam ser substituídas, sem prejuízo de sentido, por *ufanava e apressar.*

(C) As expressões *em queda, sem custos e tempos antes* acrescentam circunstância de modo aos verbos aos quais se referem.

(D) A forma verbal *tenha renunciado* pode ser substituída por *renunciara*, mesmo tempo verbal na forma simples.

(E) O advérbio *Provavelmente* indica, sobre o fato de a popularidade de Dilma ter caído, a certeza da presidente.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Pois está no sentido de conclusão e pode ser substituído por *então, portanto e nesse caso;* **porém** indica adversidade e equivale também *mas, contudo, todavia, apesar disso, não obstante.*

▶ **Dica: de POIS:**

conj. Porque, visto que, já que, então, portanto, mas, no entanto. Gram. Une orações, ou períodos, de mesma função sintática. **conj.expli**. Porque, visto que, já que: leve um guarda-chuva, pois o tempo está fechado. **conj.concl**. Então, portanto, nesse caso: depois de suas considerações acerca do tema, concluímos, pois, que a vida é efêmera. **conj.advers.** Mas, porém, no entanto: Você conseguiu estudar para a prova? Pois eu não consegui. **adv**. Realmente, de fato, por certo: você me ligou, pois não? Pois, você me ligou? **Gram.** Como advérbio pode aparecer antes de uma pergunta, sendo que os termos podem estar implícitos ou não.*

▶ **Dica: de PORÉM:**

conj. adversativa. Inicia ou encerra uma oração ou um período cujo teor indica uma oposição ou restringe o que foi proferido anteriormente; mas, contudo, todavia, apesar disso, não obstante: ela afirmou que compraria aquele vestido; porém, ainda não comprou; a menina brincava muito, estando, porém, de castigo. **s.m.** Dificuldade, impedimento: foi viajar, sem nenhum porém. Particularidade negativa; inconveniência: em cada conquista, há sempre um porém. Ter os seus poréns. Possuir um aspecto negativo: ser famoso é ótimo, mas tem os seus poréns. Gram. Palavra parônima de porem do verbo pôr.*

*Fonte: http://www.dicio.com.br/

Alternativa "b" – *vangloriava* está no pretérito imperfeito do indicativo e significa desvanecer, elevar, elogiar, enaltecer, encomiar,engrandecer, exaltar, gabar, louvar e preconizar.

Alternativa "c" – *Sem custos* indica característica de inflação e não ciscunstância de verbo; *tempos antes* indica tempo e não modo.

Alternativa "d" – *Tenha renunciado* está no Pretérito Mais-que-perfeito Composto do Indicativo e equivale ao Pretérito Mais-que-perfeito do Indicativo simples. O erro é que não está no mesmo tempo, como afirma a alternativa, pois um é simples e outro, composto (ter + particípio). Não convence tanto, mas é a forma de pensar da banca.

Alternativa "e" – Ela **provavelmente** sabia que sua popularização estava em queda: designa incerteza ou dúvida.

463. (UFMT – Promotor de Justiça – MT/2014) O trecho abaixo é de Gaudêncio Torquato, professor da USP e consultor político, publicado no jornal A Gazeta, em 08 de junho de 2013.

Premiar policiais que tenham o melhor desempenho na tarefa de reduzir a criminalidade é medida eficiente? Ou, desdobrando a questão, a implantação da meritocracia na esfera policial é estratégia adequada para se alcançar a ansiada meta de redução de crimes nas grandes cidades?

Assinale a alternativa que apresenta uma continuidade coerente para o trecho.

(A) Apesar da aparente aprovação, conquistada por um conceito que valoriza o mérito pessoal, não há como deixar de examinar outros posicionamentos que poderão gerar ruídos na implantação da sistemática de contribuir, até, para uma reversão de expectativas.

(B) Ao lado da remuneração, há outros meios que contribuem para o servidor se engajar e participar de forma plena nas tarefas profissionais: os poderes normativo e coercitivo, ou seja, a norma, os princípios, os valores e a possibilidade de ser punido, caso não cumpra bem a missão, funcionam como alavancas do ajustamento do profissional ao ambiente de trabalho.

(C) Em face de uma planilha locupletada de demandas, que se tornam a cada dia mais prementes face aos índices assustadores de criminalidade, o sistema de premiação às performances individuais ameaça ser fator de competição esganiçaca e predatória entre grupos.

(D) Na medida em que a cultura meritocrática como conceito que visa valorizar e recompensar os perfis e conjuntos que atingem resultados graças aos seus valores, competências e qualidades é vista com simpatia em todos os espaços de trabalho, ganhando força na administração pública, a resposta, a princípio, é positiva.

(E) Os policiais não refletiram sobre a atual conjuntura de que tanto se fala politicamente; se o tivessem feito, estariam nas ruas e não a fazer greves.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"

✪ **Nota da autora:** questão clássica de banca ESAF e agora UFMT passa também a exigir. A dica é sublinhar as idéias principais ou as palavras-chave. O assunto do texto é *Premiar policiais que tenham o melhor desempenho na tarefa de reduzir a criminalidade é medida eficiente?*

Atente-se, também, à circunstância estabelecida entre os períodos.

No caso, está claro que se trata de causa da ideia mencionada anteriormente, usa-se *na medida em que*. Cuidado: *à medida que* é proporção.

Alternativa "a" – Não há concessão (ideias opostas) e não há aparente aprovação.

Alternativa "b" – Torna o texto incoerente, sem o menor sentido, pois muda de assunto.

Alternativa "c" – Note que o trecho não se refere às perguntas feitas no primeiro parágrafo: sem continuidade.

Alternativa "d" – Palavras que excluem a alternativa: greve e reflexão dos policiais.

---

464. (UFMT – Promotor de Justiça – MT/2014) Numere os períodos abaixo de modo a se tornarem um texto coeso e coerente.

( ) De início, esse discurso foi usado para constranger a imprensa e o Ministério Público, responsáveis pela descoberta, investigação e denúncia da engrenagem criminosa que subornou parlamentares em troca de votos no Congresso.

( ) Essa última cartada parecia fadada ao sucesso.

( ) Afinal de contas, a Justiça no Brasil só não falha e não tarda quando estão sob suas barras os pés-rapados e os ladrões de galinha.

( ) Durante mais de oito anos, petistas estrelados entoaram certos mantras a fim de apagar da história a mancha do mensalão, o maior esquema de corrupção política no país.

( ) Depois, a ofensiva passou a ter como alvo o Supremo Tribunal Federal, a quem cabia julgar o processo, na tentativa de adiar a execução das penas.

Assinale a sequência correta.

(A) 2, 4, 5, 1, 3

(B) 2, 5, 3, 1, 4

(C) 1, 3, 2, 4, 5

(D) 1, 4, 5, 2, 3

(E) 3, 4, 1, 2, 5

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Sempre trabalhe por eliminação em questões desse estilo. Outra forma que é muita exigida por ESAF.

Vamos à ordem:

- Não daria para iniciar o texto com o primeiro trecho, porque cita **esse** discurso. O pronome é anafórico e não se sabe a qual discurso o autor de refere. Eliminadas C e D.
- O terceiro trecho também não poderia iniciar um texto porque o tornaria incoerente. Eliminada E. Se nos restaram duas alternativas apenas, basta vermos qual ordem fica coerente.
- O texto começa indicando tempo (durante mais de oito anos): número 1 no quarto trecho. Sublinhe as ideias principais: Durante mais de oito anos, **petistas estrelados entoaram certos mantras a fim de apagar da história a mancha do mensalão**, o maior esquema de corrupção política no país.
- Sequência da ideia: De início, **esse discurso** foi usado para constranger a imprensa e o Ministério Público, responsáveis pela **descoberta**, investigação e denúncia da engrenagem criminosa que subornou parlamentares em troca de votos no Congresso.
- Agora já chegaremos à resposta, já que a continuidade só pode ser o último trecho: Depois, a ofensiva passou a ter como alvo o Supremo Tribunal Federal, a quem cabia julgar **o processo**, na tentativa de adiar a execução das penas.

▶ **DICA:** Note que há ordenação lógica de tempo no início de cada trecho: Durante mais de oito anos (1), De início (2), Depois (3). Sempre haverá palavras que indicarão a sequência do texto. Treinando, fica bem fácil. Faça isso com provas da banca ESAF.

---

465. (UFMT – Promotor de Justiça – MT/2014) A palavra **certo** (flexionada ou não) ocorre várias vezes ao longo do texto. Assinale a ocorrência em que sua função NÃO é a de caracterizar um substantivo.

(A) Que sorte a nossa, pensaram todos — certo nesta hora, eis que nos aparece o grande Galeno

(B) Consta que Galeno, o maior médico da Roma amiga, chegou certa vez a uma cidade atingida pela peste

(C) Houve certo desapontamento: mas é só isso que o nosso grande doutor tem para dizer?

(D) Não há informações mais precisas nessa história, mas uma coisa é certa: ninguém que optou por obedecer à sua prescrição morreu.

(E) Mas sabia certas coisas interessantes.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

✪ **Nota da autora:** Questão de classes gramaticais e semântica.

- Certo: advérbio = equivale a **certamente**.

▶ **Dica: adj.** Que não tem erro, que é verdadeiro: um cálculo certo. Infalível, que não pode enganar nem

faltar; sabido. **Fixado com antecedência, determinado, aprazado:** reunião com dia certo. **Certificado, que tem a certeza**: estou certo do que digo. **Certeiro; que não erra**: um golpe certo.**Exato**: o relógio está certo. **Um, algum, qualquer (indeterminado):** certo dia; certa pessoa; quando chegou a certa distância. **S.m.** Coisa em que se pode confiar: deixar o certo pelo duvidoso. **Adv.** Certamente, com certeza.*

*Fonte: http://www.dicio.com.br/

Alternativa "b" – Caracteriza VEZ.

Alternativa "c" – Caracteriza DESAPONTAMENTO.

Alternativa "d" – Caracteriza COISA.

Alternativa "e" – Caracteriza COISAS.

---

466. (UFMT – Promotor de Justiça – MT/2014) Leia o trecho abaixo, parte de matéria da revista Veja de 20/11/2013.

Os distúrbios cardiovasculares são a principal causa de morte no mundo, com 17 milhões de óbitos todos os anos (300.000 deles no Brasil). O aumento nos casos de infarto e derrame está diretamente associado aos piores hábitos da vida moderna: obesidade, tabagismo, dietas desiquilibradas (abundantes em sal, açúcar e gorduras) e sedentarismo. Esses fatores contribuem para deixar as artérias entupidas, enrijecidas e inflamadas. Não bastasse a dificuldade de mudança no estilo de vida, uma minoria de pacientes segue o tratamento à risca. Entre os brasileiros, eles não passam de 20%.

Sobre recursos linguísticos presentes no trecho, analise as afirmativas.

I – Em *Os distúrbios cardiovasculares são a principal causa de morte no mundo*, o verbo *ser* deveria estar na terceira pessoa de singular visto se ligar a uma expressão no singular (principal causa).

II – No segundo período, *associado* está no singular e masculino, pois se refere à palavra *aumento*, núcleo da expressão *O aumento nos casos de infarto e derrame*.

III – Em (300 000 deles no Brasil) e (abundantes em sal, açúcar e gorduras), os parênteses foram utilizados para acrescentar um comentário ou explicação ao que foi dito.

IV – O pronome *eles*, no último período, por referir-se à dificuldade de mudança e à minoria de pacientes, não poderia estar no masculino, deveria vir no feminino.

V – O pronome *Esses*, em *Esses fatores contribuem*, exerce a função de retomar o sentido de algo dito, no caso, obesidade, tabagismo, dietas desiquilibradas e sedentarismo.

Estão corretas as afirmativas

(A) I e III, apenas.

(B) I, III e IV, apenas.

(C) I, II, IV e V, apenas.

(D) II, IV e V, apenas.

(E) II, III e V, apenas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"

✪ **Nota da autora:** Questão de concordância, pontuação, pronome e coesão.

Assertativa I – Errada. O verbo ser concorda com o sujeito plural. Se o sujeito estivesse no singular e o predicativo do sujeito, no plural, poderia também permanecer no plural para concordar com o predicativo. Exemplo: A vida são flores.

Assertativa II – Certa. O aumento (sujeito) está associado.

Assertativa III – Certa. Confirmando: 17 milhões de óbitos todos os anos (300.000 deles no Brasil); piores hábitos da vida moderna: obesidade, tabagismo, dietas desiquilibradas (abundantes em sal, açúcar e gorduras).

Assertativa IV – Errada. Eles = pacientes que seguem o tratamento.

Assertativa V – Certa. É pronome anafórico (retoma ideia anterior): O aumento nos casos de infarto e derrame está diretamente associado aos piores hábitos da vida moderna: obesidade, tabagismo, dietas desiquilibradas (abundantes em sal, açúcar e gorduras) e sedentarismo. **Esses** fatores contribuem para deixar as artérias entupidas, enrijecidas e inflamadas.

INSTRUÇÃO: Leia parte de texto publicado na revista Linha Direta, em agosto de 2013, intitulado O som da comunidade, e responda às questões.

O Instituto Cultural Flauta Mágica (ICFM) surgiu em 1998, quando o maestro Gilberto Mendes apresentou à Secretaria Municipal de Cuiabá/MT um projeto que **visava** *trabalhar teoria e prática musical com crianças das escolas públicas do local. O trabalho tem como base a utilização de uma metodologia pautada no prazer que a música e a dança oferecem, além de focar na aprendizagem em grupo, o que, segundo a metodologia, proporciona um aprendizado mais prazeroso e rápido.* **Já** *no ano* **seguinte**, *o projeto contava com 40 alunos que,* **com apenas seis meses de aulas e ensaios, já** *realizavam apresentações para o público da* **cidade**.

O maestro usou sua metodologia como agente transformador de realidades, como elemento de

desenvolvimento social e cultural na comunidade do bairro Jardim Vitória, na periferia de Cuiabá/MT.

467. (UFMT – Promotor de Justiça – MT/2014) Sobre o trecho dado, marque V para as afirmativas verdadeiras e F para as falsas.

( ) O verbo *visar* possui regências diferentes conforme o sentido que assume; no texto, o sentido é examinar, olhar, e exige preposição a.

( ) Os termos *seguinte* e *cidade* estabelecem coesão exofórica, pois retomam sentidos que se encontram fora do texto dado.

( ) Se o segmento *com apenas seis meses de aulas e ensaios* fosse colocado no final do período, não haveria exigência gramatical para o uso de vírgula.

( ) A palavra *já*, na primeira ocorrência, integra-se à expressão temporal *no ano seguinte*; na segunda, funciona como advérbio, indicando circunstância de tempo ao verbo realizar.

Assinale a sequência correta.

(A) F, V, V, V

(B) V, F, V, F

(C) V, F, F, F

(D) F, F, V, V

(E) F, V, F, V

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

(F) O sentido é de almejar e por estar acompanhado de verbo no infinitivo, não exige preposição.

(F) As palavras com função endofórica se relacionam com termos do próprio texto, enquanto as exofóricas trazem algo de fora para dentro do texto. **Seguinte** e **cidade** referem-se a elementos dentro do texto (ano e Cuiabá, respectivamente), ou seja, possui função endofórica.

(V) A expressão aparece intercalada por vírgulas pelo fato de a oração não estar na ordem direta. Inserindo-a no final, passa a ser ordem direta e dispensa pontuação.

(V) **Já** no ano seguinte: sim; o projeto contava com 40 alunos que já realizavam apresentações para o público: quando? Tempo.

468. (UFMT – Promotor de Justiça – MT/2014) O sentimento religioso não mora no mundo das coisas que existem. Se Deus existisse, então o mundo seria um Paraíso... Deus mora no mundo das coisas que não existem, o mundo da saudade, da nostalgia. Os deuses que moram no mundo das coisas que existem não são deuses. São ídolos.

(ALVES, Rubem. Ostra feliz não faz pérola. São Paulo: Planeta, 2013.)

Sobre a linguagem do trecho, assinale a afirmativa correta.

(A) No trecho *coisas que existem*, *existir* pode ser substituído por *haver*, ficaria *haviam*.

(B) Em todas as ocorrências, o pronome *que* é relativo, funciona como elemento coesivo e retoma o sentido do mesmo antecedente.

(C) Em *Se Deus existisse*, *existir* pode ser substituído por *haver*, ficaria *houvesse*.

(D) No trecho *Se Deus existisse, então o mundo seria um Paraíso...*, a correlação correta entre as formas verbais é pretérito imperfeito do subjuntivo e futuro do presente do indicativo.

(E) Ideia de conformidade está presente no trecho *Se Deus existisse, então o mundo seria um Paraíso...*

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – O verbo haver, quando impessoal (sentido de existir, ocorrer, ou indicando tempo decorrido), permanece no singular. É invariável.

Alternativa "a" – **Coisas que há** (regra mencionada acima). Detalhe; o tempo verbal não deve ser alterado.

Alternativa "b" – coisas que existem (1 e 2) = as quais existem (**retoma coisas**); Os deuses que moram = os quais moram (**retoma os deuses**); coisas que existem = as quais (**retoma coisas**). O erro da questão é por retomar deuses.

Alternativa "d" – Tempos condicionais: pretérito imperfeito do subjuntivo e **futuro do pretérito do indicativo** (não futuro do presente do indicativo).

Alternativa "e" – Conformidade é regra e o trecho indica condição. Veja os verbos e releia o comentário da alternativa *d*. É **condição**.

469. (UFMT – Promotor de Justiça – MT/2012) *A história de cada pessoa é parte da história biossociocultural. Esta, por sua vez, é parte da história cósmica. Esse enraizamento faz com que quatro forças entrem na constituição de sua identidade complexa: a cósmica, a biológica, a cultural e a pessoal. (BOFF, L. O despertar da águia. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.)*

Sobre os recursos linguísticos usados para a coesão do texto, marque V para as afirmativas verdadeiras e F para as falsas.

( ) O emprego do pronome *Esta* é inadequado visto que retoma ideia posta anteriormente, deveria ser usado Essa.

( ) O pronome *Esse* remete o sentido do termo enraizamento para algo dito anteriormente, daí estar adequadamente empregado.

( ) A expressão *por sua vez* no texto enfatiza que a história a que se refere também se insere em algo maior, em uma relação de acréscimo e gradação.

( ) As três repetições do termo *história* no texto empobrecem a relação pretendida entre os tipos de história tratados por ser um hiperônimo.

Assinale a sequência correta.

(A) F, F, V, V

(B) V, V, F, F

(C) F, V, V, F

(D) V, F, F, F

(E) F, V, F, V

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta –

Falso – O pronome desta é utilizado antes de uma citação (a ideia é esta: viajar) ou para retomar o termo anterior mais próximo (Esta, por sua vez = a história biossociocultural por sua vez)

Verdadeiro – O pronome esse remete o sentido do termo enraizamento para algo dito anteriormente: a história cósmica.

Verdadeiro – A expressão por sua vez no texto enfatiza que a história cósmica compõe algo maior, em uma relação de acréscimo e gradação com o termo "história biossociocultural".

Falso – As repetições do termo história têm o objetivo de segmentar claramente os tipos de história, não havendo características de um hiperônimo que é a relação existente entre um vocábulo de sentido genérico e outro de sentido específico. Exemplo: Biblioteca está numa relação de hiperonímia com dicionários, enciclopédias, etc.

Eliminam-se, assim, as outras alternativas.

---

470. (UFMT – Promotor de Justiça – MT/2012) O encadeamento adequado das partes de um texto confere-lhe coesão e coerência, propiciando que o leitor construa o sentido de forma clara. Ordene os trechos abaixo, numerando-os de 1 a 6, de modo a construir um texto.

( ) As despesas se expandem a um ritmo superior ao do PIB.

( ) Isso porque a ação estatal se torna mais necessária e complexa em campos típicos como fiscalização, educação, saúde, ciência, pesquisa.

( ) A lei de Wagner diz que o tamanho de um governo aumenta à medida que o país se desenvolve.

( ) Observa-se esse padrão em outros países ricos.

( ) Por isso a carga tributária britânica saltou de 9% do PIB em 1990 para os atuais 37% do PIB.

( ) A contrapartida é mais desenvolvimento e melhor qualidade dos serviços ofertados pelo governo.

Assinale a sequência que torna os trechos um texto coeso e coerente.

(A) 1, 4, 5, 6, 2, 3

(B) 6, 2, 3, 4, 1, 5

(C) 3, 1, 6, 2, 5, 4

(D) 1, 4, 5, 3, 6, 2

(E) 3, 2, 1, 5, 4, 6

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Elaborando o texto:

A lei de Wagner diz que o tamanho de um governo aumenta à medida que o país se desenvolve. Isso porque a ação estatal se torna mais necessária e complexa em campos típicos como fiscalização, educação, saúde, ciência, pesquisa. As despesas se expandem a um ritmo superior ao do PIB. Por isso a carga tributária britânica saltou de 9% do PIB em 1990 para os atuais 37% do PIB. Observa-se esse padrão em outros países ricos. A contrapartida é mais desenvolvimento e melhor qualidade dos serviços ofertados pelo governo.

A estrutura do texto lhe confere coesão e coerência. Perceba que o período escolhido para ser o primeiro é justamente aquele que apresenta e introduz o assunto a ser comentado. Em seguida, as ideias desenrolaram-se com a utilização devida de conectivos e elementos que retomam termos antecedentes (isso porque, por isso, esse padrão). Finalmente, o período eleito para finalizar o texto traz a conclusão de que "desenvolvimento e melhor qualidade" decorrem do fato abordado nos períodos anteriores, retomando o assunto inicial: lei de Wagner.

Eliminam-se, assim, as outras alternativas.

---

471. (UFMT – Promotor de Justiça – MT/2012) Em relação ao excerto "Ninguém sabe, contudo, se foi Mendel ou um de seus assistentes quem cometeu o erro." (SHENKMAN, R. As mais famosas lendas, mitos e mentiras da história do mundo. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005. Adaptado.) Assinale a afirmativa correta.

(A) O conector contudo, entre vírgulas, acrescenta o sentido de conclusão ao enunciado.

(B) O pronome quem, referindo-se a um dos assistentes, tem a função de possessivo indireto.

(C) A conjunção se estabelece relação de condição em se tratando da autoria do erro.

(D) O termo seus, elemento coesivo referencial, no excerto está retomando Mendel.

(E) Na expressão o erro, o artigo definido está indevidamente utilizado porque a palavra erro não possui referente no texto.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – seus assistentes = assistentes dele (Mendel)

Alternativa "a" – "contudo" expressa contraposição entre termos de uma mesma frase, ou de frases diferentes, com nuanças de ressalva, concessão.

Alternativa "b" – a função de "quem" é pronome relativo e não possessivo.

Alternativa "c" – o "se" estabelece uma relação de dúvida quanto à autoria do erro. (não se sabe se o autor do erro foi Mendel ou um de seus assistentes)

Alternativa "e" – o artigo "o" está acompanhando devidamente o substantivo erro. Os dois formam o sintagma nominal "o erro" que tem função sintática de objeto direto. (quem comete, comete alguma coisa).

---

472. (UFMT – Promotor de Justiça – MT/2012) Não raras vezes os meios de comunicação de massa publicam matérias apresentando problemas relativos à norma padrão da língua. Assinale o trecho que NÃO apresenta esse tipo de problema linguístico.

(A) O desenvolvimento econômico de Mato Grosso reconfigura o mercado de trabalho, colocando em evidência algumas atividades profissionais durante os próximos dez anos. Destacam-se as funções ligadas à área têxtil, automação, sistemas de telecomunicações móveis, meio ambiente e logística, de acordo com prospecção realizada pelo Senai nacional.

(B) O engenheiro XXXXXX, da Secopa, ao qual ocupa o cargo de secretário adjunto de infra-estrutura da autarquia e acompanha a obra de perto, disse que foi surpreendido pela notícia.

(C) Temos nos esforçado para fazer o melhor para Cuiabá, mas as receitas são aquém das necessidades para uma metrópole deste tamanho e que a anos arrasta seus problemas sem uma solução em definitivo, disse o prefeito, explicando que muitas vezes as legislações amarram os gestores.

(D) O Grupo de Combate ao Crime Organizado (GCCO), da Polícia Civil de Mato Grosso, estima que ao menos um golpe do sequestro seja registrado em Cuiabá por dia. O crime acontece por meio de ligações telefônicas, onde um grupo criminoso pede resgate em dinheiro à familiares de possíveis pessoas sequestradas.

(E) A Secretaria Municipal de Saúde (SMS) de Diamantino, por meio da Vigilância Epidemiológica está passando de casa por casa na área rural, desde o início do mês de março, realizando vacinação anti-rábica em cães e gatos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – texto coeso, coerente e gramaticalmente correto.

Alternativa "b"

- O engenheiro XXXXXX, da Secopa, ao qual ocupa = o correto é "o que" (pronome relativo retomando o termo antecedente – o engenheiro).
- Infra-estrutura = de acordo com o Novo Acordo Ortográfico o correto é infraestrutura, pois prefixos com duas sílabas ou mais, terminados por vogal (anti, contra, auto, infra, sobre, mini, micro, mega, tele...), só devem ser grafados com hífen se a palavra seguinte começar por "h" ou "vogal igual": anti-herói, anti-inflacionário, contra-ataque, auto-hipnose, auto-observação, infra-hepático, infra-assinado, sobre-erguer, sobre-humano, micro-ondas. Com as demais letras, devemos escrever "tudo junto": antivírus, autoatendimento, infraestrutura, ultrassom, etc.
- Foi surpreendido = o correto é "foi surpreso", pois com os verbos SER/ESTAR usamos a forma irregular (curta) do particípio e com os verbos TER/HAVER usamos a forma regular (longa) do particípio.

Alternativa "c"

- que a anos arrasta = o correto é "que há anos arrasta"

"a" é preposição e indica distância a percorrer ou tempo futuro.

"Há" é flexão do verbo haver e usa-se para expressar noção de tempo passado ou distância percorrida.

Alternativa "d"

- um golpe do sequestro seja registrado = um golpe de sequestro (de: indefinido / de + o = do: não é adequado usar artigo definido para algo que ainda não havia sido citado.
- acontece por meio de ligações telefônicas, onde um grupo criminoso = o grupo criminoso pede

resgate nas ligações telefônicas (através delas). O pronome relativo correto, neste caso, é nas quais.

- à familiares = não usa crase antes de palavra masculina. Lembre-se também que a crase é a fusão de duas vogais idênticas (a + a), sendo que uma representa a preposição "a" e a outra os artigos a ou as. Aqui, neste caso não temos vogais idênticas: a (preposição) + os (familiares)

Alternativa "e"

- de casa por casa = de casa em casa (que passa, passa em algum lugar = de casa em casa)
- anti-rábica = de acordo com o Novo Acordo Ortográfico o correto é antirrábica, pois prefixos com duas sílabas ou mais, terminados por vogal (como é o caso de "anti"), só devem ser grafados com hífen se a palavra seguinte começar por "h" ou "vogal igual". Agora, se a palavra seguinte começar com "r" ou "s", dobra-se essa letra, escrevendo "tudo junto".

---

473. (UFMT – Promotor de Justiça – MT/2012) O trecho abaixo é exemplo de linguagem cotidiana em sua modalidade oral (pessoa dirigindo-se a um segurança de um órgão público), numa variedade que difere gramaticalmente em vários pontos da norma padrão.

"Me fala, por favor, aonde posso queixar das grosseria que o atendente fez pra mim. Não é possível que vocês num respeita os mais velho."

Assinale a alternativa em que a reescritura desse trecho conserva as mesmas informações e obedece às regras da norma culta.

(A) Por favor, me fale aonde posso queixar sobre as grosserias que o atendente fez para mim. Não é possível que vocês não respeitem os mais velhos.

(B) Fala-me, por favor, onde posso me queixar das grosserias que o atendente me fez. Não é possível que vocês não respeitam os mais velhos.

(C) Por favor, fala-me onde posso me queixar sobre as grosserias que o atendente fez para mim. Não é possível que vocês não respeitem os mais velhos.

(D) Fale-me, por favor, aonde posso queixar das grosserias que o atendente me fez. Não é possível que vocês não respeitam os mais velhos.

(E) Fale-me, por favor, onde posso me queixar das grosserias que o atendente me fez. Não é possível que vocês não respeitem os mais velhos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Analisando cada um dos erros, quanto à norma padrão:

1) Me fala / fale-me = nunca se inicia uma oração com pronome oblíquo

2) Aonde / onde = o advérbio aonde (para algum lugar) é empregado apenas com verbos que indicam movimento. Para este enunciado o correto é "onde" (em algum lugar determinado)

3) Queixar / me queixar – verbos pronominais são aqueles que, necessariamente, vêm acompanhados de um pronome oblíquo (adequado à respectiva pessoa gramatical, no caso deste enunciado: eu = me), pelo fato de denotarem ações próprias do sujeito, como é o caso dos verbos: arrepender-se, sentar-se, queixar-se, zangar-se; pentear-se, enganar-se, entre muitos outros.

4) Das grosseria / das grosserias = o substantivo "grosseria"combina com o artigo (de + as = das)

5) Fez pra mim / me fez = a forma sincopada da preposição para (pra) não é utilizada na linguagem formal. Além disso, a língua culta pede a utilização dos pronomes oblíquos átonos na estruturação dos objetos diretos e indiretos.

Fez para mim = me fez (O.I.) *(neste caso, o pronome está antes do verbo – próclise – porque, no contexto, há uma partícula atrativa – a palavra quê)*

Ver ele = vê-lo (O.D.)

6) Num / não = Há dois significados para o vocábulo "num"

- Contração da preposição em:
- com o artigo indefinido um: Mora num sítio no interior paulista.
- com o numeral um: Num dos dedos havia uma aliança.
- Advérbio de negação (uso exclusivo no vocabulário popular): Não, num sinto saudade.

7) Vocês [...] respeita / Vocês [...]respeitem = o verbo deve concordar em número (singular/plural) com o sujeito, neste caso, terceira pessoa do plural (vocês)

8) Os mais velho / os mais velhos = o adjetivo deve concordar em genêro (masculino/feminino) e número (singular/plural) com o substantivo e/ou artigo (os).

Alternativas "a", "b", "c" e "d" – eliminadas diante das explicações da alternativa "e".

---

474. (UFMT – Promotor de Justiça – MT/2012) Leia os enunciados abaixo.

Enunciado 1: Na ética do interesse próprio, você proporciona algo ao outro, porque é de seu interesse

fazê-lo. Trata-se, portanto, de uma ética em que a vantagem econômica é o valor mais importante, visando fundamentalmente à sobrevivência.

Enunciado 2: Já a ética orientada para os outros tem por objetivo básico a valorização do outro para o benefício do todo. Parte do princípio de que é fazendo o outro feliz que eu vou me realizar, que eu vou me sentir bem, feliz.

Enunciado 3: As duas atitudes divergem em seus objetivos, em seus valores, devido ao enfoque inserido no ser humano, uma vez que uma é de caráter individualizado e a outra busca a realização da comunidade, do todo, não pondo o lucro em evidência.

Sobre os enunciados, analise as afirmativas.

I. A ética apresentada no enunciado 2 contrapõe-se à apresentada no 1, sendo enfatizada pelo operador argumentativo Já.

II. O enunciado 3 apresenta uma consequência dos dois primeiros, mesmo sem a presença explícita de um conector consecutivo.

III. Os conectores porque e uma vez que, nos enunciados 1 e 3, respectivamente, estabelecem a mesma relação de sentido.

Está correto o que se afirma em:

(A) I, II e III.

(B) I e II, apenas.

(C) II, apenas.

(D) I e III, apenas.

(E) III, apenas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

I. As conjunções **adversativas** ligam duas orações ou palavras, expressando ideia de contraste ou compensação. São elas: **mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante. E é neste sentido que se empregou o operador argumentativo "já".**

II. Embora não tenha sido usado um conector consecutivo (como, por exemplo: de modo que, de forma que), usou-se, logo no início do período os termos "As duas atitudes divergem em seus objetivos...", o que faz a devida conexão entre os períodos, dando ideia de consequência.

Alternativa "a", "b", "c" e "e":

III. "Porque" (enunciado 1) = conjunção subordinativa explicativa (sentido de explicação)

"Uma vez que" (enunciado 3) = conjunção subordinativa conclusiva (sentido de conclusão)

475. (UFMT - Promotor de Justiça - MT/2012) A palavra **já**, dependendo da situação de comunicação, exerce função de advérbio ou de operador argumentativo. Assinale a alternativa em que exerce a função de operador argumentativo.

(A) Em Mato Grosso, é preciso percorrer cerca de 2 mil km até os portos, usando os modais rodoviários, já nos EUA, a média é de 1 mil km, sendo 60% da produção transportada por hidrovia.

(B) Este plano de saúde, além do que oferece de cuidados, já vem carregado de benefícios.

(C) Os chineses vão continuar se expandindo na África, mesmo no Brasil, onde já são um parceiro comercial.

(D) O apoio às propostas de Dilma vem caindo, a exemplo do PMDB, que já teve 70,35% de adesão e despencou para 59,34%.

(E) O maior benefício da vitória de Merkel no parlamento foi evitar uma derrota que produziria ruptura na já frágil confiança nas possibilidades de tirar a Europa de uma crise histórica.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta - Neste enunciado, a palavra "já" é usada como operador argumentativo, dando a ideia de adversidade e contrariedade, remetendo a ideia ao sinônimo da conjunção adversativa "mas".

Alternativas "b", "c", "d" e "e" - A palavra "já" na função de advérbio pode sugerir várias situações. Veja:

adv.

1. Neste momento, agora: Já estamos a meio caminho de lá.

2. Em algum momento ou período no passado; anteriormente, antes: Já li muito suspense: Encontrei a janela já aberta.

3. Imediatamente, agora mesmo: Desligue já essa televisão!

4. Logo, dentro em pouco: Diga que já o atendo.

5. Mais: Ele foi tão grosseiro,que ela já não queria vê-lo.

6. Em parte, até: Se ele aceitar o cargo, já é um progresso.

7. De antemão, com antecedência: Como terei visitas à noite, já deixei a casa arrumada

(fonte: Dicionário Aulete Digital)

Atenção! O texto se refere à questão seguinte.

Em defesa do padrão nacional

Não entendo nada de mulher, claro. Aliás, ninguém entende, nem mesmo Freud, que, num momento de aparente exasperação, perguntou o que as mulheres querem e morreu sem saber.

Sou provocado a aventurar-me em terreno tão resvaladiço por causa das notícias, cada vez mais frequentes, de moças que, na busca de atingir o padrão de beleza vigente, caem vítimas de anorexia nervosa e morrem. Ninguém gosta de saber desses acontecimentos tristes, motivados pela ânsia de identificação com o modelo hegemônico ou, mais patético ainda, pelo afã de ter sucesso numa carreira equivocadamente julgada fácil, mas dificílima e penosíssima, onde um número enorme de jovens se perde todos os anos. Mas, claro, só aparecem as lindas e bem sucedidas, cuja vida para seus admiradores é um mar de rosas de festas e glamour.

E que padrão de beleza é esse, será mesmo, digamos, "natural", será de fato o preferido por homens e mulheres que não estão comprometidos com o conhecido "Barbie look"? Quanto às mulheres, massacradas sem clemência por gostosas irretocáveis (na verdade retocadas pelo Photoshop), que não têm uma manchinha na pele, uma estriazinha escondida, uma celulitezinha e ostentam dotes de uma perfeição na verdade fictícia, não posso falar muito. Mas quanto aos homens posso, porque ouço a opinião de muitos deles e não só saudosistas do modelo violão (em inglês "hour-glass look", aparência de ampulheta), mas jovens também.

Em primeiro lugar, devo afirmar enfaticamente, não por demagogia ou qualquer interesse subalterno, mas em função de uma permanente pesquisa sociológica informal, existe vasto e devotado mercado para as gordinhas e até para as mais gordinhas do que as gordinhas.

Mulher tem que ter cintura, violão ou ampulheta não interessa, mas é vital a formosa concavidade entre as costelas e as ancas. Creio mesmo que, consultada a opinião pública, tanto de homens como de mulheres, mesmo as descinturadas por uma malhação perversa, a maioria concordaria em que mulher tem que ter cintura, faz parte da figura feminina, é clássico, e até constituinte do doce mistério das mulheres. E há muitas gordinhas, sim senhor, mantidas no modelo violão. Está bem, violoncelo, mas com a cintura no lugar. E sei que as descinturadas, conscientemente ou não, também sabem disso, porque noto, entre as muito fotografadas, que elas procuram sempre posar curvando os quadris para um lado, fingindo ainda ter a cintura insensatamente perdida.

Agora, para alegria dos violonófilos e cinturistas, chega evidência científica de que o padrão esquelético ou Barbie nunca esteve com nada, não deverá estar com nada no futuro e só está com alguma coisa no presente devido a interesses de mercado circunstanciais. Diz aqui numa revista científica que o doutor indiano Devendra Sinhg, da Universidade do Texas, chefiando uma equipe que analisou centena de milhares de textos literários ocidentais, onde eles refletiam as preferências estéticas de suas épocas, chegou à conclusão de que a cintura, notadamente a cintura fina, sempre foi elogiadíssima nas mulheres e tida como um elemento básico de sua beleza. E, mais ainda, não se trataria de algo arbitrário na evolução da espécie, mas relacionado com a saúde. As que têm cintura – a-ha! – têm mais saúde. Isto sem dúvida abre horizontes quiçá radiosos para muitos de nós, homens ou mulheres, hoje escravizados pelo pensamento único imposto por estetas de meia – tigela.

Espero que o país se una em torno do restabelecimento do legítimo padrão nacional e que a mulher brasileira, pioneira natural solertemente desviada por uma falsa modernidade colonizada, reassuma sua estatuesca e inimitável majestade de Vênus tropical, das cheinhas às magrinhas, todas com cintura e bunda, o Criador seja louvado. (O Estado de São Paulo, 14/01/2007).

---

476. (Procurador do Município – Prefeitura de Cuiabá – MT/2007 – UFMT) Em relação à coesão textual, marque a afirmativa correta.

(A) Em *Aliás, ninguém entende,* o conector introduz oposição em relação à frase anterior (primeiro parágrafo).

(B) A expressão *a formosa concavidade entre as costelas e as ancas* tem como referente o termo ampulheta (quinto parágrafo).

(C) Em *Agora, para alegria dos violonófilos e cinturistas, chega evidência científica,* o termo **agora** introduz ideia alternativa, sem expressar temporalidade (penúltimo parágrafo).

(D) A repetição de *quanto* estabelece coordenação entre duas orações sequentes (terceiro parágrafo).

(E) O conector *não só ....mas também* relaciona ideias contrastantes, de adversidade (terceiro parágrafo).

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Quanto às mulheres... / que..., Quanto aos homens... /porque...= estabelece coordenação; as duas orações se equivalem quanto à construção sintática.

Alternativa "a" –O advérbio **aliás** não significa oposição, mas relaciona a ideia da frase anterior à frase

posterior significando **além do mais** (não se opondo, mas acrescentando).

Alternativa "b" –A expressão *formosa concavidade entre as costelas e as ancas* refere-se à cintura da mulher.

Alternativa "c" –**Agora**, neste contexto, tem valor adversativo (de oposição): mas, todavia, ao contrário de.

Alternativa "e" –O conector **não só... mas também** está relacionando ideias inclusivas.

---

477. (Procurador do Município – Prefeitura de Cuiabá – MT/2007 – UFMT) Assinale o trecho do texto em que o adjetivo permanece no grau normal, sem assumir a forma superlativa.

(A) notícias, cada vez mais frequentes

(B) número enorme de jovens

(C) as mais gordinhas do que as gordinhas

(D) carreira dificílima, penosíssima

(E) terreno tão resvaladiço

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

✪ **Nota da autora:** Dicas de graus de adjetivos no final do capítulo. **Número enorme** = número grande: grau normal.

Alternativa "a" –cada vez mais: grau comparativo de superioridade.

Alternativa "c" –mais...do que: grau comparativo de superioridade.

Alternativa "d" –dificílima, penosíssima: forma superlativa absoluta.

Alternativa "e" –tão: advérbio de intensidade anteposto ao adjetivo resvaladiço.

2.10 AJURI

---

478. (Procurador do Município – Prefeitura Boa Vista – RR/2012 – AJURI) Leia as frases a seguir:

1) "Quando o poeta aparece / Sacha levanta os olhos claros." (Manuel Bandeira)

2) "Perdi o bonde e a esperança / Volto pálido para casa". (Carlos Drummond de Andrade).

3) "Jacqueline morta era mais bonita que os anjos". (Manuel Bandeira)

4) "A serenidade voltou de muito longe". (Manuel Bandeira).

5) O procurador falou claro sobre o assunto

Analise, morfologicamente, as afirmativas abaixo, referentes às frases mencionadas:

I. na frase 1, claros é adjetivo, pois caracteriza o substantivo olhos;

II. na frase 2, pálido é adjetivo, pois caracteriza a fala do "eu";

III. na frase 3, mais é advérbio, pois intensifica o adjetivo bonita;

IV. na frase 4, muito é advérbio, pois intensifica o advérbio longe;

V. na frase 5, claro é adjetivo, pois caracteriza o modo de falar do sujeito.

Está incorreta a afirmativa:

(A) apenas a V;

(B) apenas a II;

(C) apenas a III;

(D) apenas a I.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

Assertativa I – Correta: claros = adjetivo com função de adjunto adnominal posposto ao substantivo olhos.

Assertativa II – Correta: o adjetivo que caracteriza a fala do **eu**, nesta frase, é predicativo do sujeito simples e elíptico.

Assertativa III – Correta: **mais** = advérbio de intensidade anteposto ao adjetivo *bonita* é comparativo de superioridade.

Assertativa IV – Correta: **muito** = advérbio que intensifica o advérbio de lugar *longe*.

Assertativa V – Incorreta: **claro** é adjunto adverbial modal da fala do sujeito e não adjetivo.

2.11. IVIN

---

479. (Procurador do Município – Prefeitura Teresina – PI/2012 – IVIN) Observe a passagem: "*As leis de nossa escola foram estabelecidas por nós mesmos, alunos.* ***Temos então de zelar para que essas leis sejam cumpridas.***". A figura de sintaxe presente no trecho acima é:

(A) Zeugma.

(B) Silepse de gênero.

(C) Antonomásia.

(D) Silepse de pessoa.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – No trecho citado, ocorreu a figura de sintaxe **zeugma** devido à omissão da expressão *de nossa escola*: essas leis (de nossa escola), expressão esta que vem explícita na oração anterior. Confira, no final do capítulo, a teoria de figuras de linguagem.

Alternativa "b" – Silepse de gênero – uso da forma feminina aplicado no masculino. Ocorre em forma de tratamento – Vossa Excelência está atrasado.

Alternativa "c" – Antonomásia ou perífrase – figura de palavras – substituição de um termo pelo outro de fácil identificação: O rei do futebol (Pelé).

Alternativa "d" – Silepse de pessoa – O autor ou emissor se inclui no enunciado e a flexão do verbo passa da terceira pessoa do singular para a terceira pessoa do plural: Os brasileiros somos alegres.

2.12. CONSULPLAN

Texto para as próximas questões:.

A tradição teológica e filosófica nunca conseguiu explicar o "mistério da iniquidade", a existência do mal como potência do desejo e da ação humanas.

Ora, a corrupção é o mal do nosso tempo. Curiosamente, ela aparece como uma nova regra de conduta, uma contraditória "moral imoral". Da governalidade aos atos cotidianos, o mundo da vida no qual ética e moral se cindiram há muito tempo transformou-se na sempre saqueável terra de ninguém.

Como toda moral, a corrupção é rígida. Daí a impossibilidade do seu combate por meios comuns, seja o direito, seja a polícia. Do contrário, meio mundo estaria na prisão. A mesma polícia que combate o narcotráfico nas favelas das grandes cidades poderia ocupar o Congresso e outros espaços do governo onde a corrupção é a regra.

Mas o problema é que a força da corrupção é a do costume, é a da "moral", aquela mesma do malandro que age "na moral", que é "cheio de moral". Ela é muito mais forte do que a delicada reflexão ética que envolveria a autonomia de cada sujeito agente. E que só surgiria pela educação política que buscasse um pensamento reflexivo.

O sistema da corrupção é composto de um jogo de forças do qual uma das mais importantes é a "força do sentido". É ela que faz perguntar, por exemplo, "como é possível que um policial pobre se negue a aceitar dinheiro para agir ilegalmente?"

O simples fato de que essa pergunta seja colocada implica o pressuposto de que uma verdade ética tal como a honestidade foi transvalorada. Isso significa que foi também desvalorizada.

Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque no sistema da corrupção o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.

Mas não somente. Aquele que age na direção da lei como que age contra a moral caracterizada pelo "fazer como a grande maioria", levando em conta que no âmbito da corrupção se entende que o que a maioria quer é "dinheiro".

Verdade é que a ação em nome de um universal por si só caracteriza qualquer moral. É por meio dela que se faz o cálculo do "sentido" no qual, fora da vantagem que define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário.

Se a moral é medida em dinheiro, não entregar-se a ele poderá parecer um luxo. Mas um contraditório luxo de pobre, já que a questão da honestidade não se coloca para os ricos, para quem tal valor parece de antemão assegurado.

Daí que jamais se louve nos noticiários a honestidade de alguém que não se enquadra no estereótipo do "pobre". Honesto é sempre o pobre elevado a cidadão exótico. Na verdade, por meio desse gesto o pobre é colocado à prova pelo sistema. Afinal ele teria tudo para ser corrupto, ou seja, teria todo o motivo para sê-lo. Mas teria também todo o perdão?

O cidadão exótico – pobre e honesto – que deixa de agir na direção de uma vantagem pessoal como que estaria perdoado por antecipação ao agir imoralmente sendo pobre, mas não está. A frase de Brecht seria sua jurisprudência mais básica: "O que é roubar um banco comparado a fundar um?"

Ora, sabemos que essa "moral imoral" tem sempre dois pesos e duas medidas, diferentes para ricos e pobres. No vão que as separa vem à tona a incompreensibilidade diante do mistério da honestidade. De categoria ética, ela desce ao posto de irrespondível problema metafísico.

Pois quem terá hoje a coragem de perguntar como alguém se torna o que é quando a subjetividade, a individualidade e a biografia já não valem nada e sentimos apenas o miasma que exala da vala comum das celebridades da qual o cidadão pode se salvar apenas alcançando o posto de um herói exótico, máscara do otário da vez? (Marcia Tiburi. Cult, dezembro de 2011)

480. (CONSULPLAN – Analista Judiciário – Área Judiciária – TSE/2012) No texto, ocorre aproximação

semântica entre termos que, em outro contexto, não guardariam entre si relação de sinonímia. Assinale a alternativa em que, no texto, os termos NÃO guardem relação semântica de igualdade ou contiguidade.

(A) corrupção – regra

(B) mal – potência

(C) honesto – otário

(D) moral – ética

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Não têm relação semântica nem de igualdade, nem de contiguidade. Moral: moralidade; *ética*, no contexto, adjetivo de *reflexão*, que significa dentro de normas.

Alternativa "a" – Há relação semântica de igualdade e contiguidade: **ela aparece como uma regra de conduta.**

Alternativa "b" – Há relação de igualdade: **a existência do mal como potência.**

Alternativa "c" – Relação de contiguidade: "*... honesto se transfigura em otário.*".

---

481. (CONSULPLAN – Analista Judiciário – Área Judiciária – TSE/2012) Assinale a alternativa em que a alteração estrutural de um trecho do texto NÃO tenha provocado inadequação de ordem gramatical ou discursiva nem alteração semântica.

(A) Se a moral é medida em dinheiro, não entregar-se a ele poderá parecer um luxo. / Se a moral em dinheiro é medida, poderá parecer um luxo não se entregar a ele.

(B) Mas teria também todo o perdão? / Mas teria também todo perdão?

(C) O simples fato de que essa pergunta seja colocada implica o pressuposto de que uma verdade ética tal como a honestidade foi transvalorada. / O simples fato que essa pergunta seja colocada implica no pressuposto que uma verdade ética tal como a honestidade foi transvalorada.

(D) É por meio dela que se faz o cálculo do "sentido" no qual, fora da vantagem que define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário. / É através dela que faz-se o cálculo do "sentido" onde, fora da vantagem que define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Nada mudou. Apenas o emprego de *inversão* – uma figura de construção que consiste na mudança da ordem natural de expressar os termos da oração.

Alternativa "b" – A supressão do artigo definido "o" altera o discurso.

Alternativa "c" – Alterou gramaticalmente em concordância, pontuação etc.

Alternativa "d" – Idem alternativa "c".

Charge para a próxima questão.

Rodrigo Zoom. https://farm5.staticflickr.com/4061/4541220951_cf692e3e54_o_d.jpg

---

482. (CONSULPLAN – Analista Judiciário – Área Judiciária – TSE/2012) A respeito do quadrinho, analise as afirmativas a seguir:

I. O humor do quadrinho se constrói com um jogo de palavras com semelhança sonora.

II. A noção do verbo dever na segunda fala é de probabilidade.

III. O humor do quadrinho é construído na articulação entre texto e imagem.

Assinale

(A) se todas as afirmativas estiverem corretas.

(B) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.

(C) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.

(D) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Afirmativa I menciona jogo de palavras com semelhança sonora. Afirmativa II define bem o sentido do verbo *dever*.

Assertativa I – Semelhança sonora entre o inglês *serial* e o português *cereal*.

Assertativa II – O verbo *dever* poderia ser até substituído pelo verbo *poder*.

Assertativa III – Não existe articulação entre o texto e a imagem do quadrinho.

2.13. UNEMAT

483. (Delegado de Polícia - MT/ 2010 - UNEMAT) Na revista *Língua Portuguesa* nº 42, de abril de 2009, o cronista português João Pereira Coutinho emite sua opinião sobre o novo acordo ortográfico celebrado pelos países lusófonos. Leia-a.

Sou contra. Visceralmente contra. Filosoficamente contra. Linguisticamente contra. Começo por ser contra com a força das minhas entranhas: sou incapaz de aceitar que uma dúzia de sábios se considere dona de uma língua falada por milhões. Ninguém é dono da língua. Ninguém a pode transformar por capricho. Por capricho, vírgula: por mentalidade concentracionária, em busca de uma unidade que, para além de impossível, seria sinistra. A língua é produto de uma história; e não foram apenas Portugal e Brasil que tiveram a sua história, apresentando variações fonéticas, léxicas ou sintáticas; a África, Macau, Timor e Goa, que os sábios do Acordo ignoraram nas suas maquinações racionalistas, também têm direito a usar e a abusar da língua.

Sobre o texto, assinale a alternativa incorreta.

(A) A insistente repetição da palavra "contra" foi um recurso de linguagem usado pelo entrevistado para enfatizar sua posição adversa em relação ao Acordo.

(B) O termo "visceralmente" e a expressão "com a força das minhas entranhas" apresentam afinidade de sentidos.

(C) "uma dúzia de sábios" refere-se expressamente a doze intelectuais responsáveis pela instituição do Acordo.

(D) O cronista afirma ser a língua um bem de domínio público, que não deve sofrer intervenção estatal.

(E) A expressão "Por capricho, vírgula" introduz uma autorretificação do pensamento.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta - *Autorretificação:* retificação ou correção dos próprios erros. No texto, o objetivo é explicar.

Alternativa "a" - Sim: *Sou contra. Visceralmente contra. Filosoficamente contra. Linguisticamente contra. Começo por ser contra com a força das minhas entranhas.*

Alternativa "b" - Visceralmente: intimamente, profundamente.

Alternativa "c" - A dica está na oração posposta: *Ninguém é dono da língua.*

Alternativa "d" - *A língua é produto de uma história; e não foram apenas Portugal e Brasil que tiveram a sua história, apresentando variações fonéticas, léxicas ou sintáticas.*

484. (Delegado de Polícia - MT / 2010 - UNEMAT) Assinale a alternativa em que a evolução sequencial e previsível dos fatos está prejudicada.

(A) O Governo apresentou a proposta, ela foi aprovada no Congresso Nacional e sancionada pelo presidente.

(B) A economia mundial foi abalada por uma grande crise, a população ficou apreensiva, mas os países já retomam seu crescimento.

(C) As grandes nações reduziram a emissão de C02, o planeta se superaqueceu e, agora, buscam-se medidas para reter a degradação ambiental.

(D) Ocorreu o acidente, a família requereu o seguro DPVAT e, com a indenização, cobriu as despesas hospitalares.

(E) O presidente da Nicarágua foi deposto, o governo foi assumido por um presidente interino e o país entrou em crise interna, com reflexos mundiais.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta - Afirmação (consequência): buscam-se medidas para reter a degradação ambiental (1); causa: o planeta se superaqueceu (2); as grandes nações reduziram a emissão de C02 (3).

Alternativa "a" - Afirmação + adição + adição.

Alternativa "b" - Afirmação + consequência + oposição.

Alternativa "d" - Afirmação + conclusão + adição.

Alternativa "e" - Afirmação + adição + consequência.

485. (Delegado de Polícia - MT / 2010 - UNEMAT)

Ninguém será privado de direito por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei. (Inciso VIII do Art. 5º da Constituição Federal Brasileira).

Sobre o texto, assinale a alternativa **incorreta.**

(A) A palavra "salvo" introduz restrições a eventuais desvios no exercício das liberdades religiosa, política e filosófica.

(B) O verbo "invocar" tem sentido de presumir.

(C) A expressão "a todos imposta" afirma o caráter coercitivo da lei.

(D) O texto prevê a possibilidade de se proporem opções, desde que legais, ao cumprimento de deveres por parte dos cidadãos.

(E) O pronome "as", em "salvo se as invocar", refere-se às crenças e convicções.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – *Inovar: promover mudanças substantivas; renovar.*

Alternativa "a" – Sim: *Ninguém será privado de direito por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei.*

Alternativa "c" – Coercivo: capaz de exercer coerção; que coage; que reprime.

Alternativa "d" – Sim: *Ninguém será privado de direito por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política.*

Alternativa "e" – Salvo se inovar as convicções.

---

486. (Delegado de Polícia – MT / 2010 – UNEMAT) A redundância consiste no uso de palavras que expressam a mesma ideia de forma excessiva. Assinale a alternativa em que ocorre esse fenômeno.

(A) O cientista falou, em vídeo, sobre o aumento de casos de câncer no Brasil e no mundo.

(B) Considero que a queda do muro de Berlim e o atentado contra o World Trade Center sejam os acontecimentos mais importantes da história recente.

(C) A formação de cartéis e o monopólio exclusivo no comércio de bens de consumo são práticas prejudiciais aos consumidores.

(D) Em várias cidades brasileiras, a população saiu às ruas para protestar contra a corrupção política.

(E) Nem sempre se identifica a doença num primeiro exame clínico.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Cartel: acordo comercial entre empresas independentes que atuam na mesma área, para limitar a concorrência e elevar os preços; **monopólio**: domínio, controle exclusivo de um determinado mercado por uma empresa ou organização. **Monopólio exclusivo** é redundância: posse, domínio ou controle exclusivo de alguma coisa.

Alternativa "a" – O cientista pode falar em vídeo ou ao vivo: não há redundância.

Alternativa "b" – Muro de Berlim e o atentado contra o World Trade Center: não há redundância.

Alternativa "d" – Saiu às ruas para protestar: não há redundância.

Alternativa "e" – Primeiro exame clínico: não há redundância.

---

487. (Delegado de Polícia – MT/2010 – UNEMAT) "A maior linha de roçadeiras do País agora tem a maior garantia do mercado: 18 meses" (Propaganda veiculada na revista *Veja* nº 43, de 28/11/2009) Sobre o enunciado, é **incorreto** afirmar.

(A) O sujeito da oração é *A maior linha de roçadeiras do país.*

(B) O advérbio agora, se transposto para o início da frase, alteraria o sentido da mensagem.

(C) No lugar de dois pontos, poder-se-ia utilizar travessão.

(D) "Mercado", neste contexto, corresponde ao comércio de roçadeiras pelos concorrentes.

(E) A repetição da palavra "maior" estabelece correspondência entre a dimensão da empresa e a extensão do benefício oferecido.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Não altera o sentido, apenas ocorre inversão de termos.

Alternativa "a" – O que tem a maior garantia? A maior linha de roçadeiras do País (sujeito).

Alternativa "c" – Poderia por estar no final da frase.

Alternativa "d" – Sim, elemento coesivo.

Alternativa "e" – Sim: A maior linha de roçadeiras do País agora tem a maior garantia.

---

488. (Delegado de Polícia – MT / 2010 – UNEMAT) "Aquele casamento não poderia mesmo dar certo: ela gosta de ler Dostoievsky; já ele só lê as tirinhas e

as colunas esportivas do jornal... e olhe lá!" Sobre o enunciado, assinale a alternativa **incorreta.**

(A) A palavra "mesmo" funciona como reforço argumentativo de uma opinião, a de que o casamento estava fadado ao insucesso.

(B) O locutor fundamenta sua opinião na adversidade socioeconômica do casal.

(C) Em "ela gosta de ler Dostoievsky" ocorre uma figuração linguística que equivale a "Ela gosta de ler os livros que foram escritos por Dostoievsky".

(D) Tirinhas são fragmentos ou segmentos de histórias em quadrinhos, em faixas horizontais.

(E) A expressão "e olhe lá!" faz parte linguajar coloquial e é usada para dar ênfase a uma expressão ou fazer uma advertência.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Trata-se de adversidade cultural, não socioeconômica.

Alternativa "a" – Sim: não poderia mesmo.

Alternativa "c" – Ela gosta de ler os livros de Dostoievsky.

Alternativa "d" – Leem-se, sempre, as tirinhas no sentido horizontal.

DIREITOS IGUAIS!

Alternativa "e" – *A **linguagem coloquial, informal** ou **popular** é uma linguagem utilizada no cotidiano em que não exige a atenção total da gramática, de modo que haja mais fluidez na comunicação oral. Na linguagem informal usam-se muitas gírias e palavras que na linguagem formal não estão registradas ou tem outro significado. Em contrapartida a linguagem formal ou culta é aquela que carrega consigo a rigidez das normas gramaticais, utilizada principalmente em textos e profissões que a exigem como no Direito ou na Matemática.**

**Fonte: http://pt.wikipedia.org/*

2.14. NUCEPE

489. (Delegado de Polícia – PI/ 2009 – NUCEPE) Procure entender o seguinte trecho: *"O Brasil figura entre as dez nações de economia mais forte do mundo. No campo diplomático, começa a exercitar seus músculos. Vem firmando uma inconteste liderança política regional na América Latina, ao mesmo tempo em que atrai a simpatia do Terceiro Mundo por ter se tornado um forte oponente das injustiças políticas de comércio dos países ricos".* Observe que:

1) os verbos sublinhados têm o mesmo sujeito, que está superficialmente indicado apenas na primeira ocorrência.
2) a elipse dos sujeitos dos verbos sublinhados não afeta o entendimento da ideia expressa.
3) apesar das elipses, pode-se estabelecer uma coesão entre os diversos fragmentos do trecho.
4) o trecho é pouco claro, pois a elipse, como figura de linguagem, não se ajusta a um texto de opinião.
5) cabe ao leitor ir estabelecendo os devidos nexos de sentido, mesmo na ausência de marcas explícitas de dependência.

Estão corretas as observações em:

(A) 1, 2, 3, 4 e 5
(B) 2 e 3 apenas
(C) 2, 3 e 4 apenas
(D) 1, 2, 3 e 5 apenas
(E) 1, 4 e 5 apenas

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

1) Certo: No trecho, o sujeito Brasil é agente de todas as ações flexionadas nos verbos.
2) Certo: A elipse (omissão) dos sujeitos sublinhados não afeta o entendimento da ideia expressa, porque o período é formado pó orações coordenadas à primeira oração que contém o sujeito explicito, mantendo e desenvolvendo a mesma ideia .
3) Certo: A coesão entre os diversos fragmentos está preservada pois mentem o sentido a partir da ideia do primeiro fragmento.
4) Errado: O trecho é claro e a elipse, nesse caso, ocorreu em um período onde as orações coordenadas condensam ideias sobre um mesmo sujeito. A elipse, figura de linguagem, ajusta-se a textos de quaisquer gêneros se usada com critério e prudência do autor.
5) Certo: A ausência de marcas explicitas de dependência é suprida pelo sentido imediato que liga as orações coordenadas entre si.

490. (Delegado de Polícia – PI/ 2009 – NUCEPE) Analise o trecho: "No campo diplomático, [o Brasil] começa a exercitar seus músculos". Do ponto de vista da escolha das palavras, esse trecho:

(A) apresenta marcas inequívocas da oralidade informal.
(B) está deslocado: não se trata de um texto literário.
(C) precisa ser entendido como uma afirmação metafórica.
(D) está expresso conforme o sentido literal das palavras.
(E) revela-se semanticamente pertinente, pois não apresenta erros de gramática.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – O autor usou uma metáfora para afirmar que, no campo diplomático, o Brasil começa a dar sinais de entrosamento com as potências internacionais, começa a se mexer (exercitar seus músculos).

Alternativa "a" – Não só na oralidade, seja formal ou informal, tem-se a liberdade de usar figuras de linguagem, como também na escrita, seja ela literária ou não.

Alternativa "b" – Está respondido na opção anterior (A).

Alternativa "d" – Literal é o sentido de no campo diplomático; a expressão começa a exercitar seus músculos está no sentido metafórico.

Alternativa "e" – Essa afirmativa não corresponde ao que está pedindo a proposição.

Atenção! O texto refere-se à questão posterior.

A miséria é de todos nós

Como entender a resistência da miséria no Brasil, uma chaga social que remonta aos primórdios da colonização? No decorrer das últimas décadas, enquanto a miséria se mantinha mais ou menos do mesmo tamanho, todos os indicadores sociais brasileiros melhoraram. Há mais crianças em idade escolar frequentando aulas atualmente do que em qualquer outro período da nossa história. As taxas de analfabetismo e mortalidade infantil também são as menores desde que se passou a registrá-las nacionalmente. O Brasil figura entre as dez nações de economia mais forte do mundo. No campo diplomático, começa a exercitar seus músculos. Vem firmando uma inconteste liderança política regional na América Latina, ao mesmo tempo em que atrai a simpatia do Terceiro Mundo por ter se tornado um forte oponente das injustiças políticas de comércio dos países ricos. Apesar de todos esses avanços, a miséria resiste.

Embora em algumas de suas ocorrências, especialmente na zona rural, esteja confinada a bolsões invisíveis aos olhos dos brasileiros mais bem posicionados na escala social, a miséria é onipresente. Nas grandes cidades, com aterrorizante frequência, ela atravessa o fosso social profundo e se manifesta de forma violenta. A mais assustadora dessas manifestações é a criminalidade, que, se não tem na pobreza sua única causa, certamente em razão dela se tornou mais disseminada e cruel. Explicar a resistência da pobreza extrema entre milhões de habitantes não é uma empreitada simples. (Veja, ed. 1735).

---

491. (Delegado de Polícia – PI/ 2009 – NUCEPE) A palavra 'miséria' ocorre no Texto mais de uma vez.

A repetição dessa palavra no texto, de fato, se deve:

1) ao cuidado do autor em marcar o núcleo temático de seu texto.
2) à pouca possibilidade de variação lexical dessa palavra.
3) ao interesse do autor por aproximar seu texto dos níveis da oralidade informal.
4) à disposição do autor de deixar seu texto mais coeso e articulado.

Estão corretas as afirmações em:

(A) 1, 2, 3 e 4
(B) 2 e 3 apenas
(C) 2, 3 e 4 apenas
(D) 1 e 3 apenas
(E) 1 e 4 apenas

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

1) Certo: A palavra miséria é o núcleo (foco) temático do texto e o autor o enfatiza em todo o desenrolar do desenvolvimento do tema.
2) Errado: A aparição da palavra miséria no texto várias vezes não se deve à impossibilidade de variação lexical da palavra, mas ao fato de que o autor enfatiza o tema que gera em torno da miséria e ele não fugiu ao seu foco. Miséria – (variações lexicais no mesmo sentido do texto) = penúria, indigência, extrema pobreza.
3) Errado: O texto não é informal; está muito bem estruturado, de acordo com as normas cultas da língua portuguesa.
4) Certo: O autor preocupou-se com a coesão e a articulação do texto; percebe-se que não é uma simples repetição da palavra miséria, mas uma forma de tratar do tema com clareza e enfatizá-lo.

---

492. (Delegado de Polícia – PI/ 2009 – NUCEPE) Fixando-nos no sentido das palavras presentes no Texto 2, podemos admitir as seguintes afirmações:

1) Em: "uma chaga social que remonta aos primórdios da colonização", quer dizer que *resgata* ...
2) Em "a criminalidade, (...) se tornou mais disseminada", quer dizer mais *intensa*...
3) Em: [o Brasil] "Vem firmando uma inconteste liderança política regional", quer dizer uma *inquestionável* liderança.
4) Em: "Apesar de todos esses avanços, a miséria resiste", quer dizer *Malgrado* todos esses avanços.
5) Em: "Explicar a resistência da pobreza extrema (...) não é uma empreitada simples", quer dizer não é um *encargo* simples...

Estão corretas:

(A) 1, 2, 3, 4 e 5
(B) 2, 3, 4 e 5 apenas
(C) 3, 4 e 5 apenas
(D) 1, 3 e 5 apenas
(E) 1, 2 e 3 apenas

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

1) Errado: A segunda afirmação não traduz a primeira que remonta aos primórdios – remonta = verbo remontar no sentido figurado = da ori-

gem de. Que resgata = verbo resgatar = recuperar, resgatar.

2) Errado: A segunda afirmativa não traduz a primeira: mais disseminada = mais difundida, espalhada; mais intensa = mais ousada, ativa.

3) Certo: Inconteste – adjetivo = que não é contestado, que não é discutido – inquestionável = não se pode questionar, indiscutível.

4) Certo: Apesar de = locução conjuntiva com valor adversativo (oposição). Malgrado = (1) desprazer, (2) preposição com valor adversativo = apesar de.

5) Certo: Empreitada simples = feito simples, empreendimento simples, encargo simples = incumbência simples, tarefa simples.

---

493. (Delegado de Polícia – PI/ 2009 – NUCEPE) Observe o trecho: "E não basta que *a vida social permita apenas a satisfação de algumas necessidades da pessoa humana ou de todas as necessidades de apenas algumas pessoas*." Por esse fragmento destacado, se entende que o autor propõe:

(A) a satisfação de *todas* as necessidades de *todos*.

(B) a satisfação de *algumas* necessidades de *todos*.

(C) a satisfação de *todas* as necessidades de *alguns*.

(D) a satisfação da *pessoa humana* quanto a *determinadas* necessidades.

(E) a satisfação da vida social *apenas para algumas* necessidades.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – O autor propõe vida social justa e igualitária a todos os seres humanos na satisfação de todas as suas necessidades.

Alternativa "b" – O autor propõe a satisfação de todas as necessidades, não só de algumas.

Alternativa "c" – Não só a satisfação de todas as necessidades de alguns, mas de todos.

Alternativa "d" – O autor propõe a satisfação de todas e não a de determinadas necessidades.

Alternativa "e" – O autor propõe que a vida social permita a satisfação de todas as necessidades para todos os seres humanos.

2.15. MOVENS

Atenção! O trecho refere-se às questões seguintes (2).

Conciliar desenvolvimento e conservação da natureza é o dilema do mundo neste século. Para o Brasil, é mais do que isso, é uma equação com variáveis muito mais complexas do que a da média mundial. Para início de conversa, o país abriga 60% da Amazônia, a maior floresta tropical do planeta e o maior repositório de espécies animais e vegetais ainda desconhecidas. Essa preciosidade biológica insubstituível tem sido queimada, para abrir espaço para a pata do gado, como lenha para carvão sem valor algum. (...)

Sobre o mesmíssimo território instala-se uma outra Amazônia, que quer e precisa ser desenvolvida. Nela vivem mais de 20 milhões de brasileiros. São pessoas com carteira de identidade, família para alimentar, filhos na escola, televisão na sala e uma vontade enorme de imitar em tudo o estilo de vida de seus conterrâneos das grandes cidades do Sul. Essa população, quase o dobro da existente na cidade de São Paulo, vive da destruição indiscriminada dos recursos naturais à sua volta. (...) (O desafio de crescer e preservar. In: Veja, n.° 2.118, 24/6/2009, com adaptações).

---

494. (Delegado de Polícia – PA/ 2009 – MOVENS) A respeito das estruturas linguísticas do texto, julgue os itens abaixo e, em seguida, assinale a opção correta.

I. A forma verbal "Conciliar" está empregada no infinitivo.

II. A palavra "maior", em suas duas ocorrências, tem função adjetiva, mas modifica substantivos de gêneros diferentes.

III. O pronome "sua" refere-se a "Essa população".

Estão certos os itens

(A) I e II, apenas.

(B) I e III, apenas.

(C) II e III, apenas.

(D) I, II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Todas as opções estão corretas.

Assertativa I – Conciliar = infinitivo impessoal.

Assertativa II – Maior (adj.) floresta = substantivo feminino; maior (adj.) repositório = substantivo masculino = depósito.

Assertativa III – Sua = essa população (...) vive da destruição (...) dos recursos naturais à sua volta (dessa população).

2.16. CESGRANRIO

Atenção! A questão refere-se ao texto abaixo.

Jovem tem saudade?

A juventude de hoje vive um processo inusitado na história: tem saudades daquilo que não conheceu nem viveu mas sabe como foi e curte. Por quê? Em primeiro lugar, porque vive um quotidiano de grande mutação que a nada fixa, consolida ou solidifica. Tudo é provisório, do bem de consumo à moradia e ao casamento. Uma certa necessidade de solidez, pelo menos no que é básico da vida, é importante para o jovem. Protege-o. E aquilo que permaneceu a respeito de mudanças é algo sólido, feito de um material que aplaca no jovem o medo inconsciente ou consciente da transitoriedade e provisoriedade que o cercam. Em segundo lugar, porque o jovem tem muito presente o nível de agressão e ameaça dos tempos atuais. Como quem adivinha caminhos mais seguros e menos ameaçadores, ele procura em temas do passado alguns conteúdos pacificadores hoje distantes. O jovem percebe a existência – em décadas anteriores – de sentimentos, maneiras de ser, formas de expressar, vivências. Ele percebe que eram tempos de menos loucura, doença, agressão, tensão, terror. São, portanto, duas formas de saudade diferentes da saudade tradicional, digamos, aquela que se sente por pessoas, músicas, tempos vividos. Há também, contemporaneamente, uma terceira forma de saudade. A que eu chamo de saudade do recente. É tal a rapidez da mudança e a vertiginosidade do processo de transformação que nos atinge, que vivências recentes ficam logo sepultadas pela avalancha de novidades inerentes ao sistema industrial sempre a exigir substituições permanentes de tudo. Assim, o que vivemos recentemente fica parecendo tão distante e longínquo como o vivido há muito, muito tempo. Mesmo uma geração ainda jovem já pode ter essa forma de saudade. Com a rapidez da mudança, de alguns anos para cá, há mais coisas sepultadas do que o ocorrido, gasto, feito, acontecido, usado, há quatro ou cinco décadas. Haveria uma quarta forma de saudade. Chamo-a a "saudade pelo não-vivido". Há vivências, sofrências, pungências, sentimentos, impulsos, momentos adivinhados, absolutamente reais para nossa sensibilidade, só que jamais vividos na realidade externa. É a saudade do não-vivido, do apenas adivinhado na vastidão mutante e cortada de ventos imaginosos da sensibilidade humana. (Artur da Távola. Disponível em: <http:// www.jornalhorah.com.br/colunas/ artur1.htm>. Acesso em 28 dez. 2004).

– INSS/ 2005) No texto, os vocábulos "inusitado" (início do texto) e "pungências" (final do texto) podem ser substituídos, sem alteração de sentido, respectivamente, por:

(A) intenso e perturbações.

(B) incomum e aflições.

(C) rápido e exigências.

(D) inclemente e necessidades.

(E) previsível e angústias.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Inusitado: *que não é usual; que é* ***incomum*** *(hábito inusitado); INSÓLITO*;* **pungência**: *sensação de dor lancinante, esp. moral ou emocional;* ***AFLIÇÃO****; ANGÚSTIA.**

Alternativa "a" – Inusitado não é intenso.

Alternativa "c" – Inusitado não possui relação alguma com rápido; pungências não são exigências.

Alternativa "d" – Inclemente: *que é intransigente, intolerante, severo;* pungência não é necessidade.

Alternativa "e" – Inusitado é imprevisível e não previsível.

**Fonte: Dicionário Digital Aulete*

2.17. ESAF

Atenção! A questão a seguir refere-se ao texto abaixo.

Sei que grande parte da magistratura sem assento nos tribunais superiores discorda dos que defendem a adoção da súmula vinculante, sob o fundamento de que o instituto pretendido engessaria os demais juízes, sobretudo os de primeira instância, no canteiro da qual começa a manifestar-se o espírito da jurisprudência. Penso de outra forma. Não vejo engessamento da ação do magistrado de instância inicial no resultado dessa medida que se advoga como instrumento de agilização da Justiça. (Hindemburgo Pereira-Diniz, Correio Braziliense, 25/02/2004, com adaptações)

495. (ESAF – Analista Processual – MPU/2004) Assinale a opção em que a expressão da primeira coluna não retoma, no texto, a ideia da expressão listada na segunda coluna.

(A) "que" / "grande parte da magistratura sem assento nos tribunais superiores"

(B) "instituto pretendido" / "súmula vinculante"

(C) "da qual" / "de primeira instância"

(D) "[d]essa medida" / "súmula vinculante"

(E) "instrumento de agilização da Justiça" / "súmula vinculante"

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Dos que defendem = daqueles os quais defendem. Retoma o pronome demonstrativo **o**.

Alternativa "b" – A expressão *instituto pretendido* retoma *súmula vinculante* = instituto: regulamentação, norma, regra; súmula: relatório, síntese, resumo.

Alternativa "c" – O pronome relativo *da qual* refere-se à expressão *de primeira instância*.

Alternativa "d" – *[d]essa medida* refere-se a *a adoção da súmula vinculante*.

Alternativa "e" – O instrumento de agilização da Justiça é a própria súmula vinculante.

Atenção! A questão a seguir refere-se ao texto abaixo.

Ao longo de 60 anos, todas as estratégias brasileiras visavam a definir os meios para realizar o projeto previamente aceito para o futuro do país. A diferença para hoje é que não basta só definir os meios, mas também os próprios fins. Nenhum dos chamados problemas brasileiros de hoje será resolvido sem uma modificação dos objetivos que a sociedade brasileira deve perseguir em sua ânsia modernizadora. (Cristovam Buarque, Da modernidade técnica à modernidade ética, com adaptações)

496. (ESAF – Analista Processual – MPU/2004) Assinale o parágrafo que dá continuidade coerente e gramaticalmente correta ao texto.

(A) O grande erro de o Brasil neste século, de solucionar a crise dos anos 60, proibindo o debate de alternativas, ocorreu devido a pressão ideológica dos pensadores e políticos brasileiros.

(B) Para complicar, essas estratégias terão que ser construídas em um movimento de crise dos paradigmas estrangeiros, de cujos pensadores brasileiros estão órfãos de ideias.

(C) A modernização de hoje exige a modernização do próprio conceito de modernidade. E isso muda o trabalho estratégico, dificultando a base de apoio para isto por causa dos interesses divergentes.

(D) Nessas condições surge a grande possibilidade que os estrategistas que buscam um caminho para o Brasil pensem pela primeira vez na nossa história, em um caminho brasileiro para o Brasil.

(E) Definindo os próprios fins, sem defender a estratégia neoliberal em uma sociedade mundial que não conhece, eficazmente, esse instrumento de propaganda tão abstrato e desviado da realidade quanto era a propaganda da nova modernidade em um desenho de apartação entre os povos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Parágrafo gramaticalmente correto e coerente: o conceito de modernidade deve as mudanças da própria modernidade, pois o tempo modifica as Situações e exige novas estratégias no campo de trabalho para atender a interesses diversos modificados pela época.

As alternativas a, b, d e e são descabidas em ralação a ideias e gramática.

Atenção! A questão a seguir refere-se ao texto abaixo.

A abertura do mercado brasileiro trouxe benefícios para o País e (1) acirrou a concorrência, especialmente entre as multinacionais e (2) empresas que controlam antigas estatais. Por outro lado, fez surgir o medo da espionagem industrial e obrigou as grandes companhias que detêm tecnologia moderna e (3) sofisticada a adotarem medidas de proteção muitas vezes extremas. Isso porque o trabalho dos espiões tecnológicos é descobrir segredos e (4) obter informações valiosas sobre os principais e (5) mais lucrativos produtos das empresas ou de instituições militares.

Para se proteger nessa guerra silenciosa vale tudo. (ISTOÉ, 21/1/2004, com adaptações)

497. (ESAF – Analista Processual – MPU/2004) Assinale a opção em que a substituição da conjunção *e*, assinalada no texto, por ponto não provoca erro sintático. Despreze a necessidade de ajustes nas letras minúsculas e maiúsculas.

(A) 1

(B) 2

(C) 3

(D) 4

(E) 5

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

(1) Se a conjunção **e** for substituída por *ponto* não provoca erro sintático, uma vez que a oração seguinte, mesmo após um ponto, carrega a continuidade, quase explicativa, da ideia da primeira oração através da forma verbal *acirrou*, no pretérito perfeito do indicativo que retoma o sujeito da oração anterior: A abertura do mercado brasileiro.

Alternativa "b" – Termos adicionais: não se usa o ponto final.

Alternativa "c" – Adiciona dois adjetivos.

Alternativa "d" – Liga oração aditiva.

Alternativa "e" – Termos adicionais: não se usa o ponto final.

---

498. (ESAF – Analista Processual – MPU/2004) Assinale a proposição textualmente coerente e gramaticalmente correta que pode servir de argumento para a tese expressa no segundo parágrafo do texto.

(A) Hoje, qualquer funcionário, executivo ou não, sabem que um micro pouca capacidade tem de armazenar toda tecnologia utilizada numa empresa: é o funcionário que o opera quem sabe de tudo.

(B) Entre as principais recomendações estão nunca deixar documentos ou disquetes sobre a mesa e não tratar de assuntos sigilosos pelo celular; cuidados semelhantes se estendem até mesmo às festas de confraternização.

(C) Em São Paulo, na quarta fabricante de aviões civis do mundo, são obrigatórios o uso de crachás de identificação, embora ninguém circula facilmente por todos os lugares, mesmo que tenha credencial de acesso.

(D) Algumas dependências das empresas são restritas: uma área da fábrica Xis, próximo ao local onde ficam guardadas à sete chaves as informações estratégicas, foi interditada para impedir que vaze.

(E) Todas as senhas e códigos da empresa ZOOX são alteradas diariamente e os cuidados são também direcionados a qualquer espiões que agem através dos computadores.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – A proposição b está gramaticalmente correta. Seu argumento dá seguimento à tese expressa no segundo parágrafo do texto, sugerindo as principais recomendações e cuidados que se deve ter para se proteger de espionagens tecnológicas na guerra silenciosa onde vale tudo.

Nas outras alternativas, além das ideias incoerentes, há erros gramaticais:

Alternativa "a" – Qualquer funcionário, executivo ou não, **sabe**.

Alternativa "c" – **É obrigatório** o uso de crachás de identificação, embora ninguém **circule** facilmente por todos os lugares, mesmo que tenha credencial de acesso.

Alternativa "d" – Algumas dependências das empresas são restritas: uma área da fábrica Xis, **próxima** ao local onde ficam guardadas **a** sete chaves as informações estratégicas, foi interditada para impedir que vaze.

Alternativa "e" – **Quaisquer** espiões.

---

499. (ESAF – Analista Processual – MPU/2004) Desconsiderando as necessárias alterações na pontuação e no emprego de letras maiúsculas e minúsculas, assinale a opção em que o deslocamento da expressão ou oração sublinhada para o início do período em que ocorre provoca erro gramatical ou incoerência textual.

(A) É certo que muito pouco pode ser feito individualmente no que diz respeito às grandes mudanças provocadas pelo fim da guerra fria e pelo desmantelamento dos dois blocos gigantes que se contrapunham, o do Oeste e o do Leste.

(B) O terrorismo, antes uma forma rara de conflito, tornou-se presente na vida de milhões de pessoas.

(C) As mudanças extraordinárias na área tecnológica, ao mesmo tempo em que representam um avanço revolucionário, provocam imensa ansiedade e confusão.

(D) A incerteza política trazida pelo terrorismo, o fato de não mais sabermos quem são nossos inimigos, constitui um aspecto perturbador mesmo quando estamos em casa.

(E) As pessoas sentem-se abandonadas – além de inseguras –, como se fossem a última preocupação dos governantes.

(fragmentos adaptados de Tom Peters, O mundo está um caos, VEJA, 17 de dezembro de 2003)

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – A oração sublinhada não pode ser deslocada para o início do texto por ser uma oração que restringe a sua antecedente e, ao mesmo tempo, está ligada à oração subsequente. Seu deslocamento para o início do período acarretaria incoerência textual ao período.

Alternativa "b" – A expressão explicativa sublinhada pode ser deslocada para o início do período, sem prejuízo deste: Antes uma forma rara de conflito, o terrorismo tornou-se .

Alternativa "c" – A oração adjetiva explicativa sublinhada poderia, sem prejuízo do período, ser deslocada para o início: Ao mesmo tempo em que representam um avanço revolucionário, as mudanças.

Alternativa "d" – As orações sublinhadas são coordenadas à primeira oração numa enumeração de ideias explicativas, podendo ser feito seu deslocamento para o início do período não prejudicando a coerência do mesmo, apenas haveria uma inversão de colocação de orações coordenadas.

Alternativa "e" – O deslocamento da oração subordinada adverbial comparativa (sublinhada) para o início do período não prejudicaria a coerência deste: Como se fossem a última preocupação dos governantes, as pessoas sentem-se abandonadas – além de inseguras.

---

500. (ESAF – Analista Processual – MPU/2004) As opções abaixo são fragmentos transcritos de um mesmo texto. Assinale aquele que foi transcrito respeitando a coerência do texto e as regras gramaticais da norma culta.

(A) Já está provado que, quanto mais pobre é uma comunidade, mais ela depende do meio ambiente. As vilas ribeirinhas da Amazônia e as tribos da Austrália não sobreviveriam sem os rios e as matas de que tiram o sustento.

(B) Também já constatou que, é possível, aliar a preservação ao desenvolvimento social e econômico de comunidades nativas. Do melhor exemplo disso está no Brasil, no projeto Mamirauá, no Amazonas.

(C) Ali, a pesquisa científica além da conservação ambiental melhorou sensivelmente a vida dos ribeirinhos. Hoje eles tem postos de saúde, escolas – e muitos trabalham no projeto, com carteira profissional assinada e salário fixo.

(D) A proposta é que países desenvolvidos, grandes poluidores, pagam para nações mais pobres possam preservarem suas matas e florestas. Isso não tem nada a ver com aquela antiga e errada ideia que a Amazônia é o pulmão do mundo.

(E) Não é conservando a Amazônia que resolverão-se os problemas ambientais da Terra. Mas deixando de desmatá-la e de queimá-la evita que a situação fique ainda pior. Investir em pesquisas em outros lugares massacrados – como o Cerrado e a Mata Atlântica – também é fundamental.

(Russel Mittermeier, Revista TERRA, setembro de 2003, com adaptações)

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Fragmento transcrito com coerência e de acordo com as regras gramaticais.

Alternativa "b" – Erros: pontuação e regência = Também já constatou **que é possível** aliar a preservação ao desenvolvimento social e econômico de comunidades nativas. **O** melhor exemplo disso está no Brasil, no projeto Mamirauá, no Amazonas.

Alternativa "c" – Erros: pontuação e concordância = Ali, a pesquisa científica, **além da conservação ambiental,** melhorou sensivelmente a vida dos ribeirinhos. Hoje eles **têm** postos de saúde, **escolas e** muitos trabalham no projeto, com carteira profissional assinada e salário fixo.

Alternativa "d" – Erros: verbo, concordância e regência = A proposta é que países desenvolvidos, grandes poluidores, **paguem** para **que** nações mais pobres possam **preservar** suas matas e florestas. Isso não tem nada a ver com aquela antiga e errada ideia **de** que a Amazônia é o pulmão do mundo.

Alternativa "e" – Erros: colocação pronominal, pontuação e coerência: Não é **só** conservando a Amazônia que se resolverão os problemas ambientais da Terra. Mas deixando de desmatá-la e de **queimá-la,** evita-**se** que a situação fique ainda pior. Investir em pesquisas em outros lugares massacrados – como o Cerrado e a Mata Atlântica – também é fundamental.

(*) Inserir o advérbio de exclusão só anteposto ao gerúndio *conservando* é necessário, por questão de coerência textual.

---

501. (ESAF – Analista Processual – MPU/2004) Assinale a opção de ordenação que torna os seguintes fragmentos, adaptados de VEJA, 3/3/2004, um texto coerente e coeso.

a) O que mudou é que, hoje, americanos e europeus podem investir os reais que recebem de suas exportações em dívidas do governo brasileiro ou na bolsa.

b) A oposição à globalização não tem nada a ver com o comércio, mas com as movimentações financeiras entre países.

c) Isso aumenta a demanda por títulos do governo e reduz os juros, que seriam ainda mais altos se não existisse esse influxo internacional.

d) Até manifestantes antiglobalização usam celulares da Nokia e imprimem seus protestos em impressoras Hewlett Packard. Ou seja, até eles aprovam o intercâmbio comercial entre os povos.

(A) (A) (C) (D) (B)

(B) (B) (D) (A) (C)

(C) (B) (C) (A) (D)

(D) (C) (A) (B) (D)

(E) (C) (D) (B) (A)

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Inicia-se o texto com uma **afirmação** que será argumentada a seguir: A oposição à globalização não tem nada a ver com o comércio, mas com as movimentações financeiras entre países.

- Palavras chave: **oposição à globalização.**

Sequência: Até manifestantes **antiglobalização** usam celulares da Nokia e imprimem seus protestos em impressoras Hewlett Packard. Ou seja, até eles **aprovam o intercâmbio comercial** entre os povos.

Ressalva: O que mudou é que, hoje, **americanos e europeus podem investir os reais que recebem de suas exportações** em dívidas do governo brasileiro ou na bolsa.

Resultado: Isso **aumenta a demanda por títulos do governo e reduz os juros**, que seriam ainda mais altos se não existisse esse influxo internacional.

---

502. (ESAF – Analista Processual – MPU/2004) *As características abaixo sobre política pública de gestão foram adaptadas do artigo de Ricardo de Oliveira, A quem interessa melhorar a gestão pública? (Correio Braziliense, 29/02/2004)*

Assinale a opção em que essas informações estão organizadas textualmente, em um só período, de forma coerente e gramaticalmente correta. A política pública de gestão

- requer uma série de medidas e compromissos bastante exigentes e complexos.
- necessita, acima de tudo, de continuidade.
- deve ser compreendida como uma política de Estado e não de governo.
- ultrapassa vários governos.

(A) A política pública de gestão requer uma série de medidas e compromissos bastante exigentes e complexos, no entanto, acima de tudo necessita de continuidade. Por isso, deve ser compreendida como uma política de Estado e não de governo, porque ultrapassa vários governos.

(B) A política pública de gestão, ao requerer uma série de medidas e compromissos bastante exigentes e complexos, necessita acima de tudo de continuidade, a qual deve ser compreendida como uma política de Estado e não de governo: ultrapassa vários governos.

(C) A política pública de gestão requer uma série de medidas e compromissos bastante exigentes e complexos, mas acima de tudo necessita de continuidade e, portanto, deve ser compreendida como uma política de Estado e não de governo, porque ultrapassa vários governos.

(D) Além de requerer uma série de medidas e compromissos bastante exigentes e complexos, a política pública de gestão acima de tudo necessita de continuidade, pois – posto que ultrapasse vários governos – deve ser compreendida como uma política de Estado, não sendo de governo.

(E) Além de requerer uma série de medidas e compromissos bastante exigentes e complexos, a política pública de gestão necessita, acima de tudo, de continuidade; deve então, não ser compreendida como uma política de Estado e sim de governo, por ultrapassar vários governos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

✪ **Nota da autora:** questão de coesão, coerência e período composto (conjunção).

É necessário perceber qual a ligação existe entre as orações:

- requer uma série de medidas e compromissos bastante exigentes e complexos = afirmação, mas falta o sujeito.
- necessita, acima de tudo, de continuidade. = oposição.
- deve ser compreendida como uma política de Estado e não de governo. = conclusão.
- ultrapassa vários governos. = explicação.

Perceba quais são as conjunções cabíveis: *mas, portanto e porque.*

Erros:

Alternativa "a" – No entanto.

Alternativa "b" – ao requerer = não indica condição; o emprego do pronome relativo *o qual.*

Alternativa "d" – Alternativa incoerente.

Alternativa "e" – Alternativa incoerente.

---

503. (ESAF – Analista Processual – MPU/2004) Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os de forma a comporem um texto coeso e coerente e, a seguir, assinale a opção correta.

( ) Novas descobertas da ciência nos trazem tecnologias que podem tanto melhorar nossa vida quanto nos trazer danos.

( ) Ainda com relação à energia nuclear, sabemos que o acesso a materiais radioativos é restrito e controlado, mas ainda nos é permitido usufruir dos benefícios desse tipo de energia.

( ) As leis, portanto, são fundamentais para controlar o uso das novas tecnologias, como evidenciam tais exemplos. Deve-se, contudo, ter cuidado com o poder de certos grupos na elaboração de leis – já se errou no passado, condenando à fogueira Galileu.

( ) A energia nuclear, por exemplo, trouxe a tomografia computadorizada, mas, também, a bomba atômica. Esse fato comprova que precisamos de legislação e vigilância, como as que evitam o comércio de sangue ou de órgãos, mas permitem que milhões de vidas sejam salvas com transplantes.

( ) Sabemos, também, que, hoje, temos um desafio: controlar a biotecnologia. É preciso criar mecanismos de controle que permitam que a pesquisa com embriões humanos seja realizada somente por grupos credenciados e com capacidade demonstrada na área.

(A) 1 – 2 – 3 – 4 – 5

(B) 4 – 5 – 3 – 1 – 2

(C) 2 – 4 – 1 – 5 – 3

(D) 3 – 1 – 2 – 5 – 4

(E) 1 – 3 – 4 – 2 – 5

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Eliminando para chegar rapidamente à resposta:

- O primeiro item pode iniciar um texto (atenção às alternativas a e e);
- O segundo item não pode iniciar o texto: *Ainda com* relação. Eliminada alternativa c.
- O terceiro item não pode iniciar o texto: As leis, *portanto*, são fundamentais. Eliminada alternativa d.
- O quarto item não pode iniciar o texto: A energia nuclear, *por exemplo*, trouxe a tomografia computadorizada. Exemplo de quê? Alternativa b eliminada.

Agora é seguir a sequência provável do item 1, através das ideias ou palavras chave:

Novas **descobertas da ciência** nos trazem **tecnologias** que podem tanto **melhorar nossa vida** quanto nos **trazer danos**.

A energia nuclear, por exemplo, **trouxe a tomografia computadorizada**, mas, também, **a bomba atômica**. Esse fato comprova que precisamos de legislação e vigilância, como as que evitam o comércio de sangue ou de órgãos, mas permitem que milhões de vidas sejam salvas com transplantes.

Pronto! Exemplifica tecnologias que podem melhorar nossa vida ou nos trazer danos. Isso não ocorre na alternativa a.

---

504. (ESAF – Analista Processual – MPU/2004) Assinale a opção em que o período atende plenamente às normas de constituição do período.

(A) Há interesse recursal por parte da requerida, com vistas a uma sentença, a qual o juiz simplesmente homologa a desistência requerida pelo autor, é meramente processual, extinguindo assim, o feito, sem julgamento do mérito.

(B) Não é o caso de suprimento de instância nem de desrespeito ao princípio da demanda, pois, ainda que o pedido tenha sido de cassação, por disposição processual cível, e a matéria seja de ordem pública, é lícito ao tribunal decidir.

(C) O tribunal, conhecendo do recurso, deve dar-lhe provimento sob o fundamento de que rege o Código de Processo Civil, no tocante ao instituto da desistência, que após a citação da requerente, completa-se a relação jurídica, passando este a ter interesse jurídico no prosseguimento do feito.

(D) O tribunal só poderá, ao julgar decisão terminativa, apreciar o mérito da causa se presente dois requisitos: matéria estritamente de direito e requerimento do requerente. Havendo quebra do princípio da demanda, caso não requerido pelo requerente conforme dispõe a norma.

(E) O tribunal deve conhecer do recurso e dar-lhe provimento ao fundamento que como a causa estava devidamente instruída e apta para julgamento, o juiz deveria tê-la feito, devido ao princípio das relações jurídicas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Cuidado, pois a intercalação não é da conjunção, mas sim da expressão posposta a ela e por isso está correta a alternativa (leia o que está em negrito): **Não é o caso de suprimento de instância nem de desrespeito ao princípio da demanda, pois**, ainda que o pedido tenha sido de cassação, por disposição processual cível, e a matéria seja de ordem pública, **é lícito ao tribunal decidir**.

Alternativa "a" – Trecho incoerente por haver erro de pontuação e falta de continuidade nas ideias.

Alternativa "c" – Não há sequência lógica de ideias.

Alternativa "d" – Apreciar o mérito da causa se **presentes** dois requisitos.

Alternativa "e" – Conhecer **o** recurso.

---

505. (ESAF – Analista Processual – MPU/2004) Em relação ao emprego dos sinais de pontuação, à concordância, à regência e à grafia, assinale o trecho abaixo que foi transcrito com correção gramatical.

(A) Na atualidade, avanços da biologia molecular e genética começam a viabilizar procedimentos médicos que afetam as fronteiras do universo ético. O "Projeto Genoma Humano", responsável pela leitura do nosso código genético e as técnicas de clonagem de embriões de mamíferos cataliza discussões calorosas, não raro desinformadas sobre a necessidade ou não de expansão desse universo ético.

(B) Ignorar os potenciais benefícios e os custos sociopolíticos associados a medicina molecular – alternativa inercial – , é moralmente repugnante. Uma estratégia de instrução do debate deve incluir o estudo crítico de cenários hipotéticos e reais.

(C) É difícil delimitar o universo ético de uma sociedade, que se queira democrática. Abandonado o fetiche da "ética absoluta", resta a sociedade, inclusive aos profissionais de saúde, debates e construção de novo código de ética médica e legislação federal em sintonia com os novos tempos.

(D) É necessário um contrato social que defina minimamente o ser humano como um ser provido da capacidade de exercer o livre-arbítrio. Ao Estado, cabe proteger tal capacidade – apenas a natureza poderá restringi-la (doença) ou aboli-la (morte). A maior contribuição da natureza ao livre-arbítrio, e, portanto, ao humano em cada um de nós são o nosso patrimônio genético.

(E) Um novo código de ética deve preservar os interesses dos cidadãos, inclusive daqueles doentes, e fazer do Estado guardião das liberdades individuais contra a tirania da maioria. Espera-se que nossa herança de Hipócrates – primeiro, não causar dano – constitua, por mais um milênio, o limite da ciência e, em particular, da arte médica.

(Adaptado de Antonio Oliveira dos Santos)

Alternativa "e": correta.

✪ **Nota da autora:** encontrar os verbos e os respectivos sujeitos para não precisar reler as alternativas: **Um novo código de ética** deve preservar os interesses dos cidadãos, inclusive daqueles doentes, e fazer do Estado guardião das liberdades individuais contra a tirania da maioria. Espera-se que **nossa herança de Hipócrates** – primeiro, não causar dano – **constitua**, por mais um milênio, **o limite da ciência e**, em particular, **da arte médica**. Relembrando: sujeito oracional = verbo da oração principal no singular.

Alternativa "a" – Na atualidade, avanços da biologia molecular e genética começam a viabilizar procedimentos médicos que afetam as fronteiras do universo ético. **O "Projeto Genoma Humano"**, responsável pela leitura do nosso código genético e as técnicas de clonagem de embriões de mamíferos, **catalisa** discussões calorosas, não raro desinformadas sobre a necessidade ou não de expansão desse universo ético.

Alternativa "b" – Ignorar os potenciais benefícios e os custos sociopolíticos associados **à** medicina molecular (ao molde) – alternativa inercial – , é moralmente repugnante. Uma estratégia de instrução do debate deve incluir o estudo crítico **aos** cenários hipotéticos e reais.

Alternativa "c" – É difícil delimitar o universo ético de uma sociedade **que** se queira democrática. Abandonado o fetiche da "ética absoluta", **restam à** sociedade (ao homem), inclusive aos profissionais de saúde, debates e construção de novo código de ética médica e legislação federal em sintonia com os novos tempos.

Alternativa "d" – É necessário um contrato social que defina minimamente o ser humano como um ser provido da capacidade de exercer o livre-arbítrio. Ao Estado, cabe proteger tal capacidade – apenas a natureza poderá restringi-la (doença) ou aboli-la (morte). A maior contribuição da natureza ao livre-arbítrio, e, portanto, ao humano em cada um de nós **é** o nosso patrimônio genético.

2.18. FEPESE

Texto:

Os delírios são raciocínios aparentemente lógicos, mas em que o delirante perde a capacidade de comparar as conclusões dos raciocínios com a realidade observável. Eles podem ter grande coerência interna – consta que a palavra "louco " é corruptela de "lógico " – mas não resistem a qualquer comparação com a realidade externa do pensamento. Comparação, no entanto, que o delirante é incapaz de fazer. Por exemplo, imaginar que os cavalos têm asas é delirar.

---

506. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) No texto acima, é possível identificar diferentes classes de vocábulos, entre os quais:

a) Substantivos: delírios, lógicos, corruptela, coerência, exemplo etc.

b) Adjetivos ou locuções adjetivas: delirante, louco, do pensamento, incapaz etc.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (falso)

✪ **Nota da autora:** questão de classes gramaticais, muito útil para saber analisar sintaticamente as orações.

Alternativa "a" –Lógicos = adjetivo de delírios (substantivo), pois qualifica;

Alternativa "b" –Delirante = substantivo (nomeia); louco = substantivo.

Texto:

No Brasil, registrou-se uma descoberta que vem sendo considerada uma revolução no tratamento ortopédico. Gilberto Orivaldo Chierice, professor do Instituto de Química da Universidade de São Paulo (USP) em São Carlos, desenvolveu um polímero que pode adquirir a porosidade do osso, além de pinos feitos de outra espécie de polímero – tudo à base de óleo de mamona. O sensacional dessa história é que o organismo não reconhece o implante como corpo estranho.

Revista Veja – Edição 1989. 30 de dezembro de 2006. Adaptado.

---

507. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) No texto acima, há três ocorrências do vocábulo QUE. Nas duas primeiras ocorrências, o vocábulo QUE tem a mesma função de pronome relativo e, como tal, inicia orações subordinadas adjetivas; na última ocorrência, tem a função de conjunção integrante e, nesse caso, inicia oração subordinada substantiva predicativa.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (verdadeiro)

✪ **Nota da autora:** Questão sobre a palavra QUE e período composto (pronome relativo e conjunção integrante).

Para ser pronome relativo pode ser substituído por **o(a) qual ou os(as) quais = oração subordinada adjetiva;** para ser conjunção integrante, pode-se encaixar o pronome catafórico **isto** antes do "que" = **oração subordinada substantiva.**

- uma descoberta que vem sendo considerada uma revolução: a qual = oração subordinada adjetiva restritiva (sem pontuação);
- um polímero que pode adquirir a porosidade do osso: o qual = oração subordinada adjetiva restritiva (sem pontuação);
- O sensacional dessa história é que o organismo: é isto. A oração termina com verbo de ligação, correto? Temos uma oração predicativa.

▶ **Dica:** para haver verbo de ligação, é preciso haver predicativo e para haver predicativo, deve haver verbo de ligação (mesmo que implícito).

---

508. (FEPESE – Promotor de Justiça – SC/2014) Analise o enunciado da questão abaixo e assinale se ele é falso ou verdadeiro:

( ) O sentido da preposição "até" é igual nas duas frases a seguir.

a) Não conseguimos saber até que ponto essas evidências são suficientes para formular a acusação.

b) Há evidências nos documentos anexados ao processo de que até um alto funcionário do Ministério dos Transportes está envolvido na fraude.

( ) Verdadeiro ( ) Falso

COMENTÁRIOS

Resposta: (falso) – **Até** pode ser **preposição** e indicar **limite** (a) e pode ser **palavra denotativa de inclusão** que significa **inclusive** (b). O sentido nas duas frases é distinto.

2.19 MAIS

I. Margarete simpatiza muito com Alexandre.

II. A pesquisa científica foi realizada há doze anos.

III. Débora namorava secretamente com Ricardo.

---

509. (MAIS – Procurador Município – Prefeitura Limeira – SP/2014) É correto o que se afirma em

(A) I.

(B) II.

(C) I e II.

(D) II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

✪ **Nota da autora:** Questão de regência e concordância.

I. Regência: simpatiza com alguém = certo. Eliminadas B e D;

II. Concordância: o verbo *haver* quando indica tempo decorrido é invariável = certo. Eliminada A;

III. Débora namorava secretamente Ricardo: o verbo namorar é transitivo direto e não admite preposição.

---

510. (MAIS – Procurador Município – Prefeitura Limeira – SP/2014) Ao reescrever as frases, elas estariam corretas em:

(A) Margarete simpatisa muito com Alexandre.
A pesquisa científica foi realizada há doze anos.
Débora namorava secretamente Ricardo.

(B) Margarete simpatiza muito com Alexandre.
A pesquisa científica foi realizada há doze anos.
Débora namorava secretamente Ricardo.

(C) Margarete simpatiza muito com Alexandre.
A pesquisa científica foi realizada a doze anos.
Débora namorava secretamente com Ricardo.

(D) Margarete simpatiza muito por Alexandre.
A pesquisa científica foi realizada à doze anos.
Débora namorava secretamente Ricardo.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

✪ **Nota da autora:** Questão de ortografia, concordância e regência.

- Ortografia: simpatizar e há (tempo decorrido); regência: Débora namora Ricardo = verbo transitivo direto, sem preposição.

Alternativa "a" – Simpatiza.

Alternativa "c" – ...foi realizada **há** doze anos.

Alternativa "d" – ...foi realizada **há** doze anos.

---

511. (MAIS – Procurador Município – Prefeitura Limeira – SP/2014) Ainda em relação às frases, a

(A) terceira apresenta erro de regência verbal.

(B) segunda apresenta erro de verbo e crase.

(C) primeira apresenta erro de ortografia.

(D) primeira apresenta erro de regência verbal.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Sim, verbo transitivo direto: namora alguém.

Alternativa "b" – Verbo correto: tempo decorrido; não há possibilidade de haver crase.

Alternativa "c" – Ortografia correta.

Alternativa "d" – Não há erro: simpatiza **com** alguém.

2.20 VUNESP

---

512. (Vunesp – Procurador Município – Prefeitura São José do Rio Preto – SP/2014) Assinale a alternativa que completa, correta e respectivamente, de acordo com a norma-padrão, as lacunas das frases a seguir.

I. Nas tribulações do dia a dia, enquanto não _____ uma crise maior, esquecemos o planeta ... sem o qual não viveríamos ... conscientizar-se a distribuição de água.

II. Mas por trás disso tudo existe um planeta extremamente complexo _____.

III. Basta olhar para o planeta e _____.

(A) haver uma crise maior, esquecemos o planeta ... sem que não viveríamos ... conscientizar-se a distribuição de água.

(B) houvesse uma crise maior, esquecemos o planeta ... sem o que não viveríamos ... conscientizar-se com a distribuição de água.

(C) houver uma crise maior, esquecemos o planeta ... sem qual não viveríamos ... conscientizar-se pela distribuição de água.

(D) houver uma crise maior, esquecemos o planeta ... sem o qual não viveríamos ... conscientizar-se da distribuição de água.

(E) houver uma crise maior, esquecemos o planeta ... sem o qual não viveríamos ... conscientizar-se da distribuição de água.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"

Nota das autoras: Questão de verbo e regência. Trabalhe por eliminação para evitar erro.

I. ...enquanto não **houver** = o verbo indica dúvida – futuro do subjuntivo. Eliminadas A, B e C facilmente. Note que para usar *houvesse*, o verbo *esquecer* deveria estar no futuro do pretérito do indicativo (esqueceríamos), pois são os dois tempos condicionais.

II. O pronome relativo retoma "um planeta extremamente complexo"; na ordem direta: não viveríamos sem um planeta. A preposição "sem" foi exigida e deve preceder o pronome: **sem o qual**. Eliminada D. Encontrada a resposta.

III. Basta olhar para o planeta e *conscientizar-se **da** distribuição de água* ou Basta olhar para o planeta e *se conscientizar **da** distribuição de água.*

513. (Vunesp – Procurador Município – Prefeitura São José do Rio Preto – SP/2014) Reescrevendo-se as frases – Eis algumas das razões para protegermos a Terra ... O clima é agradável e perfeito, para que possamos sobreviver ... Sem a lua, o clima não poderia ser estável. – obtém-se versão correta, de acordo com a norma-padrão, em:

(A) Listam-se as razões para protegermos a Terra ... O clima é agradável e perfeito, benéfico a sobrevivência das pessoas ... Sem a lua, o clima não se estabilizaria.

(B) Lista-se as razões para protegermos a Terra ... O clima é agradável e perfeito, benéfico a sobrevivência das pessoas ... Sem a lua, o clima não estabilizaria-se.

(C) Listam-se as razões para protegermos a Terra ... O clima é agradável e perfeito, benéfico à sobrevivência das pessoas ... Sem a lua, o clima não se estabilizaria.

(D) Lista-se as razões para protegermos a Terra ... O clima é agradável e perfeito, benéfico à sobrevivência das pessoas ... Sem a lua, o clima não estabilizar-se-ia.

(E) Listam-se as razões para protegermos a Terra ... O clima é agradável e perfeito, benéfico a sobrevivência das pessoas ... Sem a lua, o clima não estabilizaria-se.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

✪ **Nota da autora:** Questão de concordância (voz verbal), crase (regência) e colocação pronominal, respectivamente.

1. *Listar* é transitivo direto seguido de pronome apassivador *se* = voz passiva sintética. Transpondo para a passiva analítica: As razões para protegermos a terra são listadas. O verbo deve concordar com o sujeito = **listam-se.** Eliminadas alternativas B e D.

2. ...benéfico **à** sobrevivência das pessoas. Substitua o substantivo feminino por um substantivo masculino qualquer, resultando em **ao**, há crase = benéfico **ao** homem. Eliminadas A e E. Reposta encontrada sem analisar o último trecho (se fosse em sua prova, já poderia ir para a próxima questão).

3. ...o clima não **se estabilizaria**: o advérbio de negação "não" atrai o pronome oblíquo.

2.21 IBFC

Trecho para a questão.

(...)

Existe gente que faz disso uma profissão, e passa a vida elogiando os outros, mas não é delas que estamos falando. Só vale se for de verdade, e se você começar a se exercitar nesse jogo e, com sinceridade, elogiar o que merece ser elogiado, irá espalhando alegrias e prazeres por onde passar, que fatalmente reverterão para você mesma, porque a vida costuma ser assim.

Apesar de a vida ter me mostrado que nem sempre é assim, continuo acreditando no que aprendi na infância, e isso me faz muito bem.

(disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiari/ff0611200502.htm)

514. (IBFC – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-AM/2014) Ao observar o último parágrafo do trecho, percebem-se vários elementos coesivos. Assinale a opção que apresenta um comentário morfológico ou sintático incorreto sobre um desses elementos.

(A) "ter me mostrado que nem" (Trata-se de uma conjunção subordinativa integrante.)

(B) "no que aprendi" (Trata-se de um pronome relativo que exerce a função sintática de objeto direto.)

(C) "e isso me faz muito" (Trata-se de uma conjunção coordenativa que contribui para a progressão textual.)

(D) "e isso me faz muito" (Trata-se de um pronome demonstrativo com papel anafórico.)

COMENTÁRIOS

Questão ANULADA. Vamos aos comentários.

Alternativa "a" – Certo: ter me mostrado ISTO. Cabendo o pronome anafórico, fica claro que temos uma conjunção integrante (liga o verbo à oração subordinada substantiva objetiva direta).

Alternativa "b" – acreditando no que aprendi equivale a acreditando naquilo que aprendi. O pronome relativo retoma o pronome demonstrativo "o". Ordem direta: Aprendi aquilo (o) = objeto direto. Como o relativo retoma o demonstrativo, dizemos que possui a mesma função sintática do termo que retoma.

Alternativa "c" – Ideia adicional: conjunção coordenada aditiva.

Alternativa "d" – Exato: o que me faz muito bem? Isso. Isso o quê? O fato de que *continuo acreditando no que aprendi na infância.*

Todas as alternativas estão corretas, por isso foi anulada a questão.

515. (IBFC – Analista Judiciário – Área Judiciária– TRE-AM/2014) A linguagem cumpre funções

que dependem da intenção do emissor e da relação que se pretende estabelecer com o receptor, dentre outros aspectos. No trecho "Faça um pequeno esforço e diga alguma coisa que você notou e gostou;", percebe-se a seguinte função da linguagem:

(A) emotiva, marcada pelo sentimento do emissor.

(B) conativa, voltada para o interlocutor.

(C) referencial, destacando-se o objetivo da autora.

(D) metalinguística, priorizando-se o próprio código.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

✪ **Nota da autora:** Questão de função de linguagem.

O trecho possui linguagem conativa ou apelativa, pois possui o objetivo de influenciar, convencer o receptor de alguma coisa por meio de uma ordem, sugestão, convite ou apelo (daí o nome da função). Os verbos costumam estar no imperativo (Faça) ou conjugados na 2ª ou 3ª pessoa. Esse tipo de função é muito comum em textos publicitários, em discursos políticos ou de autoridade.

Alternativa "a" – Não há demonstração de sentimento.

Alternativa "c" – Não transmite uma informação objetiva, não expõe dados da realidade de modo objetivo. Geralmente, o texto referencial apresenta-se na terceira pessoa do singular ou plural, pois transmite impessoalidade. A linguagem é denotativa, ou seja, não há possibilidades de outra interpretação além da que está exposta.

Alternativa "d" – Não explica o código usando o próprio código, característica principal da metalinguagem. Exemplo clássico: na peça Hamlet, de William Shakespeare. Nesse caso, a metalinguagem consiste no uso de uma peça de teatro dentro da própria peça: existe uma trupe de teatro fazendo uma peça, a pedido do protagonista, dentro da peça Hamlet. Além disso, Shakespeare usa sua própria peça para refletir sobre como um ator deve se comportar em cena. Ou seja, Shakespeare fala sobre a linguagem teatral dentro da peça de teatro.

QUESTÕES DIFÍCEIS

Item mais pedido em todas as provas. Como a grande parte das questões pede a continuidade do texto, sublinhe as ideias principais e/ou palavras-chaves para facilitar e ganhar tempo. Caso haja necessidade de voltar ao texto, vá ao que foi sublinhado. Nestas questões, também surgem tópicos relacionados à gramática aplicada ao texto e inúmeras vezes precisa relembrar a teoria. Tópicos gramaticais especificados nas notas da autora.

1. ESAF

01. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2014) Em relação às estruturas linguísticas do texto, assinale a opção incorreta.

O conceito de brasileiro cordial cai por terra ante a violência que se alastra de norte a sul do país. Não se fala aqui apenas de atos imoderados como os praticados pelos black blocs; ou de ação de justiceiros que algemam pessoas a poste; ou de bandidos que ateiam fogo a ônibus e a seres humanos; ou de sequestros relâmpagos que assustam cidadãos e lhes limitam o direito de ir e vir; ou de homicídios que ultrapassam cifras registradas em países em guerra. Fala-se do crime de racismo. Discriminar adultos e crianças com base na cor da pele é, além de caduco, inaceitável. Baseia-se no prejulgamento de que há seres superiores e inferiores não em decorrência de obras por eles realizadas, mas de característica física biologicamente herdada. Além da punição prevista em lei, impõem-se ações aptas a evitar que cenas de preconceito se repitam. Entre elas, campanhas governamentais destinadas à mudança de mentalidade da população. O brasileiro pode tornar-se cordial de fato. Ser movido pelo coração pressupõe valores humanistas e democráticos. Conviver com as diferenças é fruto da civilização.

(*Adaptado* **do Correio Braziliense, 18/02/2014.**)

(A) Mantém-se a correção gramatical do período e o respeito às suas informações originais ao se substituir "ante a" por **diante da**.

(B) O segmento "que algemam pessoas a poste" tem natureza restritiva em relação a "justiceiros".

(C) Preserva-se a correção gramatical ao se reescrever "lhes limitam" como **limitam a eles**.

(D) O termo "caduco" está sendo empregado com o sentido de **ultrapassado, sem validade, vencido**.

(E) O pronome "elas" retoma o antecedente "cenas de preconceito".

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Questão típica da banca ESAF, pois vários tópicos são exigidos. É importante se atentar aos comentários de todas as alternativas.

Quanto à alternativa incorreta, vamos à forma mais fácil para desvendar o segredo: entre o que há campanhas governamentais? Entre as **ações aptas** que são impostas e não entre as *cenas de preconceito*.

Alternativa "a" – Cai por terra *ante a* violência ou cai por terra *diante da* violência. **Ante** significa *diante,*

em presença de e seus sinônimos são *diante de, na presença de* e *perante*.

Alternativa "b" – Possui natureza restritiva porque há pronome relativo (1) e não possui pontuação (2). **Dica**: seria de natureza explicativa se possuísse pontuação antes do pronome relativo.

Alternativa "c" – O verbo *limitar* é transitivo direto e indireto: limita algo a alguém; o pronome *lhe* refere-se a *cidadãos*. Limita o limite de ir e vir *aos cidadãos*, isto é, **a eles** ou *lhes*.

Alternativa "d" – Sentido denotativo, usado como adjetivo: ultrapassado, fora de moda, obsoleto.

---

02. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2014) Assinale a opção que preenche as lacunas do texto de forma a torná-lo coeso, coerente e gramaticalmente correto.

Depois de cair logo após a reforma do regime previdenciário do setor público de 2003 – que extinguiu a aposentadoria integral __ 1 __ servidor que ainda não contava __ 2 __ direito e fixou condições mais rigorosas __ 3 __ novas aposentadorias —, a proporção dos servidores inativos em relação ao total de funcionários da União se estabilizou e, __ 4 __ gradual envelhecimento médio dos funcionários ativos, poderá voltar a crescer __ 5 __ pouco tempo. Um estudo divulgado ___ 6 __ pouco pela Escola Nacional de Administração Pública (Enap) mostra que, atualmente, os inativos dos Três Poderes e do Ministério Público Federal representam 48% do total de servidores. Entre os servidores civis do Poder Executivo Federal a proporção é ainda maior: 52%.

(Adaptado **de O Estado de S. Paulo, 17/02/2014.)**

	1	2	3	4	5	6
a)	do	ter o	às	no	há	a
b)	com o	pelo	nas	pelo	em	em
c)	pelo	para o	com as	para o	por	de
d)	para o	com esse	para as	com o	dentro de	há
e)	ao	ter o	em	do	em	com

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

✪ Nota da autora: Questão de período composto também. Caso iniciasse a resolução pelo item 4, chegar-se-ia rapidamente à resposta correta. Em questões assim, o correto é trabalhar por eliminação.

1) Extinguiu algo **para alguém, a alguém** ou **de alguém.** Eliminadas alternativas *b* e *c*.
2) Não contava **com algo** ou não contava **ter algo.** Note que o emprego do pronome demonstrativo anafórico fica melhor do que o emprego do artigo, mas não podemos eliminar as outras alternativas. Sigamos a análise.
3) Condições mais rigorosas **para algo** ou **a algo.** Eliminada alternativa *e*.
4) Poderá voltar a crescer **por quê? Com o** gradual envelhecimento médio. Indica causa e eliminamos a alternativa *a*.
5) Poderá voltar a crescer **dentro de** pouco tempo: indica tempo.
6) Um estudo divulgado **há** pouco: tempo decorrido.

---

03. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2014) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia de palavra inserido na transcrição do texto.

A Receita Federal nem sempre teve esse (1) nome. Secretaria da Receita Federal é apenas a mais recente denominação da Administração Tributária Brasileira nestes cinco séculos de existência. Sua criação tornou-se (2) necessária para modernizar a máquina arrecadadora e fiscalizadora, bem como para promover uma maior integração entre o Fisco e os Contribuintes, facilitando o cumprimento expontâneo (3) das obrigações tributárias e a solução dos eventuais problemas, bem como o acesso às (4) informações pessoais privativas de interesse de cada cidadão. O surgimento da Secretaria da Receita Federal representou um significativo avanço na facilitação do cumprimento das obrigações tributárias, contribuindo para o aumento da arrecadação a partir (5) do final dos anos 60.

(Adaptado **de <http://www.receita.fazenda.gov.br/srf/historico.htm>. Acesso em: 17 mar. 2014.)**

(A) (1)

(B) (2)

(C) (3)

(D) (4)

(E) (5)

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Ortografia: facilitando o cumprimento **espontâneo** – que ocorre naturalmente; cujo desenvolvimento não é premeditado; que não possui nem demonstra artificialismos; natural e sincero.

Alternativa "a" – Pronome: o demonstrativo *esse* refere-se ao nome "Receita Federal" e foi empregado

corretamente, pois já foi mencionado. Pronome anafórico. Dica: o catafórico cita, menciona (isto).

Alternativa "b" – Verbo, concordância e colocação pronominal: *tornou-se* é verbo pronominal.

▶ **Dica: Verbos pronominais** são aqueles acompanhados por pronomes "me", "te" "se", "nos" (pronomes oblíquos átonos). Esse tipo de verbo é usado para indicar ações relativas ao sujeito que as pratica. Sendo assim, o verbo deverá ser conjugado sempre acompanhado do pronome oblíquo correspondente à pessoa gramatical do sujeito. Exemplos: Eu me queixo/ Tu te queixas/ Ele se queixa/ Nós nos queixamos.

"Queixar-se", gramaticalmente, é classificado como um verbo essencialmente pronominal, isto é, que invariavelmente é conjugado acompanhado do pronome oblíquo. Outros exemplos são os verbos: arrepender-se, sentar-se, zangar-se, pentear-se, enganar-se, suicidar-se.

Há verbos classificados como eventualmente pronominais, isto é, que podem ou não ser conjugados acompanhados do pronome oblíquo. Exemplos: *O analista **debateu** os assuntos do relatório com os gerentes. Como não sabia qual era a melhor opção, o colaborador **se debateu** dias e dias até chegar a uma decisão.*

Apenas no segundo exemplo o verbo "debater" está na versão pronominal. A diferença de sentido nos dois exemplos é visível: no primeiro, "debater", sem ser pronominal, significa "discutir"; no segundo, sendo pronominal, o sentido é de "passar por dificuldades". Portanto, é preciso saber quais se o verbo utilizado pode ou não ser pronominal e se há diferentes sentidos em ambos os casos.

Entretanto, cabe ressaltar que a mudança de sentido não é quesito para diferenciar um verbo essencialmente pronominal de um eventualmente pronominal. Não há diferença de sentido, por exemplo, no uso dos verbos "envolver" ou "lembrar". Exemplos: ***Lembrou-se** de enviar os documentos / **Lembrou** meu nome. **Envolveu-se** na discussão. / **Envolveu** todos os colaboradores na decisão.*

A alteração, neste caso, é da regência do verbo. O verbo "lembrar", quando pronominal, requer a preposição "de"; sem ser pronominal não. O verbo "envolver", quando pronominal requer a preposição "em", sem ser pronominal, não necessariamente. Mas, tem-se percebido que os falantes, ao usar o idioma rotineiramente, às vezes, usam um verbo não pronominal como se ele o fosse, Por exemplo, o sentido do verbo "interagir" já contempla a ideia de ação mútua ou compartilhar algo com o outro, por isso, é redundante utilizá-lo acompanhado de um pronome oblíquo átono. É incorreto (e redundante) escrever ou dizer: "eles se interagem", "eu me interagi".

Por isso, atenção aos verbos pronominais (os essencialmente ou eventualmente pronominais) e evite usar "me" e "se" acompanhado de verbos que não requerem esses pronomes.*

*Fonte: http://escreverbem.com.br/

Alternativa "d" – Crase: acesso às informações. Duas formas de analisar: 1. Regência – acesso **a** algo (preposição) + artigo definido feminino plural **as**; 2. Por substituição do termo feminino por um masculino que pertença à classe gramatical idêntica (no caso, substantivo) – acesso **aos** projetos. Resultou em **ao**, há crase.

Alternativa "e" – Crase e regência: a partir de algo = não se usa o acento indicativo crase antes de verbo; se é a partir, é a partir **de algo.**

---

04. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2014) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do jornal Estado de Minas, de 18/02/2014, mas estão desordenados. Assinale nos parênteses a ordem sequencial correta em que devem aparecer para compor um texto coeso e coerente. Coloque 1 no trecho que deve iniciar o texto e assim sucessivamente. Em seguida, assinale a opção correspondente.

( ) Esse poder Legislativo é o mais apto a ouvir e repercutir a voz das ruas, os desejos e as preocupações do povo. E a segurança pública tem se tornado a maior de todas as causas que afligem as pessoas, principalmente as que vivem em grandes cidades.

( ) Nos últimos anos, com o crescimento do crime praticado por menores, tem crescido o número dos que defendem a redução da idade de responsabilidade penal para 16 anos. É igualmente veemente a defesa da manutenção da idade atual, 18 anos, o que torna a matéria altamente polêmica.

( ) Ter a iniciativa de propor e votar leis é uma das funções que a sociedade, por meio da Constituição, atribuiu ao Legislativo e espera que esse poder, o mais aberto e democrático do regime democrático, cumpra esse papel.

( ) Mas todo esse aparato da segurança acionado em defesa do cidadão corre o risco de produzir resultados inferiores ao desejado em função de falhas ou de falta de atualização da legislação.

( ) Por isso mesmo são bem-vindas medidas como o reforço do policiamento ostensivo e aumento da vigilância e da ação das autoridades para conter a criminalidade.

( ) Um dos problemas mais complexos quanto a essa atualização legislativa no Brasil é o do menor infrator, que, na maioria das grandes cidades brasileiras, já foi promovido a menor criminoso. Há sobre essa questão um grande debate na sociedade brasileira.

(A) 1, 3, 6, 2, 5, 4

(B) 2, 6, 1, 4, 3, 5

(C) 4, 5, 2, 6, 1, 3

(D) 3, 1, 4, 5, 6, 2

(E) 5, 2, 3, 1, 4, 6

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

✪ **Nota da autora:** Embora pareça difícil, a questão é tranquila se você souber trabalhar as ideias e eliminar alternativas.

Alternativa "a" – Eliminada porque não se pode iniciar texto com pronome anafórico **esse**. Tornar-se-ia incoerente, já que nada foi mencionado anteriormente.

Alternativa "c" – Eliminada por começar com ideia conclusiva: **por isso** mesmo.

Alternativa "e" – Eliminada por haver, mais uma vez, pronome anafórico: **essa** atualização legislativa.

Partindo dessas análises, sabemos que a ordem correta do texto está na alternativa *b* ou *d*. Para facilitar, sublinhe as ideias ou palavras chave de cada trecho.

Alternativa "d" – Iniciar o texto com o segundo item é possível, mas vejamos a sequência: no último item é mencionada a atualização legislativa no Brasil e no segundo item a ideia principal é *tem crescido o número dos que defendem a redução da idade de responsabilidade penal para 16 anos*. Assim, eliminamos também esta alternativas e chegamos à resposta.

Perceba as ideias sublinhadas e veja como deveria ficar sua prova:

1) Ter a iniciativa de propor e votar leis é uma das funções que a sociedade, por meio da Constituição, atribuiu ao Legislativo e espera que esse poder, o mais aberto e democrático do regime democrático, cumpra esse papel.

2) Esse poder Legislativo (citado no parágrafo anterior) é o mais apto a ouvir e repercutir a voz das ruas, os desejos e as preocupações do povo. E a segurança pública tem se tornado a maior de todas as causas que afligem as pessoas, principalmente as que vivem em grandes cidades.

3) Por isso mesmo são bem-vindas medidas como o reforço do policiamento ostensivo e aumento da vigilância e da ação das autoridades para conter a criminalidade. (Menciona a criminalidade anteriormente, pois cita as preocupações do povo).

4) Mas todo esse aparato da segurança (mencionado no parágrafo anterior) acionado em defesa do cidadão corre o risco de produzir resultados inferiores ao desejado em função de falhas ou de falta de atualização da legislação.

5) Um dos problemas mais complexos quanto a essa atualização legislativa no Brasil (ideia citada nos parágrafos anteriores) é o do menor infrator, que, na maioria das grandes cidades brasileiras, já foi promovido a menor criminoso. Há sobre essa questão um grande debate na sociedade brasileira.

6) Nos últimos anos, com o crescimento do crime praticado por menores, tem crescido o número dos que defendem a redução da idade de responsabilidade penal para 16 anos. É igualmente veemente a defesa da manutenção da idade atual, 18 anos, o que torna a matéria altamente polêmica. (explica os motivos do grande debate).

---

05. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2014) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado de <http://www.ambito-juridico.com.br/site/>. Acesso em: 17 mar. 2014.)

Assinale a opção transcrita de forma gramaticalmente correta.

(A) No transcorrer da história, desde os escritos de Aristóteles, passando por Políbio, depois Locke, Russeau e Montesquieu, sempre houve a preocupação de limitação do poder para a construção de um governo moderado, em que há um contraponto dentro do próprio exercício da soberania, de modo a mantê-la dentro de algumas balizas.

(B) Desta forma, o poder de tributar nada mais é que um aspecto da soberania estatal, ou uma parcela desta. Neste contexto, antes, a tributação era realizada de modo tirânico: o monarca, que reinvindicava a soberania para si, "criava" os tributos e os súditos deviam suportá-los, sem qualquer garantia ou possibilidade de resistência.

(C) O Estado é entidade soberana. No plano internacional representa a nação em sua relação com as outras nações, e, no plano interno, têm o poder de governar todos os indivíduos que se encontrem em seu território. Logo, a soberania é um poder que não reconhece outro que lhe seja superior, e no exercício dessa soberania, ele exige que os indivíduos lhe forneçam os recursos de que necessita: institui tributos.

(D) Neste contexto, o constitucionalismo pode ser concebido como movimento ideológico e filosófico que pregam a limitação do poder para a garantia de direitos, tendo reformulado, na evolução histórica, a concepção de Direito e de

Estado, o que haveria de repercutirem no poder de tributar.

(E) Conforme foram sagrando-se vitoriosos, os movimentos constitucionais, através do constitucionalismo clássico e da evolução do Estado, a tributação também se altera, a exemplo das contribuições, que são tributos que somente se justificam na compreensão de um Estado Social intervencionista, em que a uma consolidação da máquina pública para propiciar prestações positivas aos cidadãos.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Pontuação: embora o período seja marcado por várias vírgulas, todas foram empregadas corretamente. Vamos aos comentários, lembrando que para saber pontuar é preciso saber período composto.

- Inversões e intercalações: No transcorrer da história, desde os escritos de Aristóteles, passando por Políbio, depois Locke, Russeau e Montesquieu,
- Oração principal (sem conjunção): sempre houve a preocupação de limitação do poder para a construção de um governo moderado
- A vírgula separa a oração subordinada adjetiva (pronome relativo) explicativa: ..., em que (no qual) há um contraponto dentro do próprio exercício da soberania
- A vírgula separa oração subordinada adverbial: ..., de modo a mantê-la dentro de algumas balizas.

Aos erros:

Alternativa "b" – Pronome e ortografia: **Nesse** contexto (pronome anafórico); **reivindicava**.

Alternativa "c" – O Estado **tem** o poder.

Alternativa "d" – **Nesse** contexto; o constitucionalismo que **prega**; o que haveria de **repercutir**.

Alternativa "e" – Além de estar sem clareza, há erro de grafia: em que **há** uma consolidação da máquina.

---

06. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2014) Os trechos a seguir constituem um texto adaptado do jornal Folha de S. Paulo, de 10/02/2014.

Assinale a opção transcrita de forma gramaticalmente correta.

(A) Conforme se consolida a recuperação — ainda que lentas — das economias desenvolvidas e fica mais próximo o momento dos juros mais altos nos países emergentes, os investidores redirecionam o capital para ao centro.

(B) Tende a haver saída em massa de divisas de países que há pouco eram a coqueluche. Os alvos são os que apresentam maior déficit externo, fragilidades orçamentárias e baixo crescimento. Nesse grupo estão Turquia e África do Sul, por exemplo.

(C) Nos últimos 20 anos, os emergentes viram dobrar sua participação no PIB mundial. Conforme o progresso técnico se dissemina nesses países, surge uma nova classe média global – e não há nenhum sinal de cujo esse movimento se esgotará tão logo.

(D) A prosperidade, é claro, não está garantida. A questão principal, no longo prazo, diz respeito mais as reformas internas que precisam ser implementadas do que o jogo de comparações e modismos.

(E) Serão vitoriosos os países que conseguirem não só integrar melhor suas economias nas cadeias produtivas de alto valor por escala mundial, como também modernizar suas instituições e, especialmente, desenvolveram capital humano.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Trecho correto. Detalhes: o pronome demonstrativo **esse** (em *nesse grupo*) foi empregado corretamente por retomar a ideia anterior; correta a concordância entre sujeito e verbo em divisas de países eram a coqueluche.

Alternativa "a" – Concordância e regência: 1. a recuperação é **lenta**; 2. os investidores redirecionam o capital para **o** centro.

Alternativa "c" – Período composto (conjunção): não há nenhum sinal de **que** esse movimento = é conjunção integrante (não há sinal *disto*).

Alternativa "d" – Regência e crase: 1. diz respeito mais **às** reformas internas (diz respeito **a** algo, ou substitua: diz respeito **aos** projetos); 2. Paralelismo sintático: diz respeito **ao** jogo de comparações e modismos (do que ao jogo) = diz respeito **a** algo; 3. **a** longo prazo.

Alternativa "e" – Concordância: **desenvolver** capital humano. A dica está no verbo anteposto: modernizar suas instituições.

---

07. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2014) Em relação às estruturas linguísticas do texto, assinale a opção correta.

O Subsecretário de Aduana e Relações Internacionais da Receita Federal comentou os resultados das atividades aduaneiras em 2013. De acordo com o Subsecretário, os números corroboram uma série de avanços nos processos administrados pela Receita Federal como, por exemplo, na questão de controle

de exportações e importações. "Dentro da diretriz de ter mais agilidade, celeridade e transparência, conseguimos reduzir tempos de despacho aduaneiro tanto na exportação quanto na importação, e o destaque é que na exportação a redução do tempo foi da ordem de 34%".

Ressaltou ainda que houve melhora nos resultados de controle, com aumento nos valores de créditos lançados na auditoria, fiscalização e incremento no número de operações nas fronteiras do país. Ao longo de 2013, foram realizadas 2.999 operações de vigilância e repressão ao contrabando e descaminho. O número representa um crescimento de 11,9% em relação ao mesmo período de 2012. A apreensão total de mercadorias processadas pela Receita resultou em um montante de R$ 1,68 bilhão. Entre as mercadorias apreendidas *encontram-se* produtos falsificados, tóxicos, medicamentos, entre outros.

(Adaptado **de: <http://www.receita.fazenda.gov.br/AutomaticoSRF/ sinot/2014/02/11>. Acesso em: 17 mar. 2014.)**

Alternativa "a" –Mantêm-se as informações originais do período se a palavra "corroboram" for substituída por *enfraquecem* ou *reduzem*.

Alternativa "b" –O emprego da primeira pessoa do plural em "conseguimos" significa que o autor se refere a uma parcela específica do povo brasileiro moradores de fronteiras.

Alternativa "c" –Prejudica-se a correção gramatical do período e a coerência textual ao se substituir "foram realizadas" por *realizaram-se*.

Alternativa "d" – Mantém-se a correção gramatical do período e a coerência textual ao se substituir "encontram-se" por *foi encontrado*.

Alternativa "e" – O emprego de vírgula em "produtos falsificados, tóxicos, medicamentos," justifica-se por isolar elementos de mesma função sintática componentes de uma enumeração.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"

✪ **Nota da autora:** Questão de semântica (ortografia), análise sintática, verbo e pontuação.

A reposta: E. Pontuação – Enumera as mercadorias apreendidas; enumerar significa *desenvolver uma lista; especificar.*

Alternativa "a" – Semântica: *corroborar* é *atestar, comprovar, confirmar*, isto é, o oposto do que foi mencionado na alternativa.

Alternativa "b" – Análise sintática: o sujeito de *conseguimos* é o pronome pessoal de primeira pessoa plural e indica que o autor se inclui, ou seja, a Receita Federal.

Alternativa "c" – Verbo (vozes verbais): em foram realizadas 2.999 operações, a oração encontra-se na voz passiva sintética (V.T.D. + SE) e ao substituir por realizaram-se 2.999 operações, passa-se para a voz passiva analítica (ser + particípio) e não prejudica a correção e nem o sentido.

Alternativa "d" – Verbo (vozes verbais) e concordância: *Encontraram* (V.T.D.) + se = voz passiva sintética e possui sujeito plural: produtos falsificados, tóxicos, medicamentos, entre outros; na voz passiva analítica, teríamos **foram encontrados**.

---

08. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2014) Assinale a opção que constitui um período gramaticalmente correto e textualmente coerente para ser inserido na lacuna do texto abaixo.

As leis de incentivo fiscal podem trazer bons resultados quando utilizadas de forma estratégica. Do ponto de vista do investidor social, a principal vantagem é conhecer o destino preciso de sua ajuda financeira. Temos em nossas práticas a preocupação necessária a todo o desenvolvimento social, em especial, da criança e do adolescente em situação de vulnerabilidade.

_____

Dessa forma, é importante que estes sejam destinados a entidades idôneas e de responsabilidade social.

(Adaptado **de Raimundo P. S. Filho. <https://pt-br.facebook.com/notes/selo-empresa>. Acesso em: 19 mar. 2014.)**

(A) Assim é que os investidores, tanto empresas como cidadãos comuns, também sejam responsáveis por atividades que visem superar as situações de vulnerabilidade que criam.

(B) Tais leis, quando seguidas e adequadamente fiscalizadas trazem além dessa também outras vantagens, como aquelas que o investidor se associa de forma estratégica.

(C) Mas não basta apenas destinar recursos: é de extrema importância que as pessoas exerçam seu papel como cidadãs no acompanhamento da aplicação dos recursos e de seus resultados em suas comunidades.

(D) Destarte, estratégias fiscais com objetivos claramente sociais, concretizados em ajuda financeira, compõem o conjunto de leis que de forma complementar combatem situações de vulnerabilidade.

(E) No entanto, toda vulnerabilidade surge de desigualdades sociais que compete tanto ao Estado

quanto à sociedade civil providenciar mecanismos de superação, sob pena de onerar ainda mais as perspectivas de futuro.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

Nota da autora: Questão de coerência textual e período composto (conjunção).

- Sublinhe as ideias principais do trecho inicial (etapa 1), descubra qual a ideia da sequência (etapa 2), encontre a conjunção que pode ligar as orações. Feito!
- A ideia é de oposição e a oração é coordenada (independente sintaticamente da outra). Podemos usar estas conjunções: **mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante.** Vamos, agora aos erros das outras alternativas.

Alternativa "a" – 1. Não cabe conclusão (assim); 2. Incoerente e com erro gramatical: **são** responsáveis; 3. Visem **a** superar.

Alternativa "b" – 1. Faltou vírgula para intercalar: Tais leis, **quando seguidas e adequadamente fiscalizadas,** trazem; 2. Além **dessas** vantagens (quando seguidas e adequadamente fiscalizadas); 3. Poderia, também, intercalar para o período ficar mais claro, embora não seja obrigatório: trazem, **além dessa,** também outras vantagens.

Alternativa "d" – *Destarte* significa *desta maneira; feito deste modo; assim sendo ou consequentemente* e não cabe no contexto.

Alternativa "e" – *No entanto* indica oposição, mas há erro de concordância: **competem.**

---

09. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2014) Assinale a opção em que a reescrita do trecho sublinhado preserva a correção gramatical e respeita a coerência textual.

Independentemente de sua inserção na esfera pública ou privada, as ouvidorias são norteadas por princípios comuns, ainda não regulamentados, destacando-se a acessibilidade, a confidencialidade, a independência e a transparência. Se efetivas, podem contribuir para a solução de alguns dos complexos problemas contemporâneos, muitas vezes gerados pela redução dos espaços de diálogo.

(Adaptado **de Paulo Otto von Sperling. Ouvidorias, eficiência e efetivação de direitos. Correio Braziliense, 18 mar. 2014.)**

(A) Quando efetivas, a solução de alguns problemas, complexos e contemporâneos pode ser contribuída, quando gerados, muitas vezes, pela diminuição dos espaços de diálogo.

(B) Efetivas, podem solucionar a contribuição de alguns dos problemas, complexos e contemporâneos, muitas vezes gerados no diálogo em reduzidos espaços.

(C) Sendo efetivas, podem contribuir para solucionar alguns dos complexos problemas contemporâneos, gerados, muitas vezes, pela diminuição do diálogo.

(D) Em sendo efetivas, alguns dos complexos problemas contemporâneos pode ter solução, muitas vezes gerados pelo reduzido espaço para diálogo.

(E) Caso efetivas, a solução de alguns dos complexos problemas contemporâneos pode ser sua contribuição, gerados pela redução, muitas vezes, dos espaços de diálogo.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – *Se efetivas* equivale a *sendo efetivas*; para solucionar algo = para a solução de algo; a expressão *muitas vezes* apenas foi deslocada. Importante notar que além de erros gramaticais, nas outras alternativas, ocorre alteração no sentido.

Alternativa "a" – 1. Não cabe a ideia de tempo (quando); concordância errada: **gerada.**

Alternativa "b" – 1. Foi retirada a ideia de condição; 2. A ideia foi alterada.

Alternativa "d" – 1. Em sendo efetivas? Para que o uso da preposição *em?* A forma correta seria sendo efetivas; 2. Concordância: **podem** ter; 3. Ideia alterada.

Alternativa "e" – 1. Concordância: **gerada.**

Texto para a questão.

No Brasil, a criação e a paulatina expansão das ouvidorias são consequência da centralidade dos direitos fundamentais e do princípio da dignidade da pessoa humana na Constituição de 1988, relacionando-se à democratização do Estado e da sociedade brasileira.

Na administração pública, além de concretizar o direito constitucional de petição, fornecendo aos cidadãos um canal adequado para tratamento de reclamações, denúncias e sugestões, as ouvidorias ampliam a transparência de órgãos e entidades estatais, além de ensejar o contato do gestor público com problemas da população. De forma complementar, as ouvidorias públicas emergem como um importante instrumento de gestão participativa, aproximando o Estado da população, que pode sugerir correções de medidas governamentais e se informar do amplo portfólio de políticas públicas. Ademais, podem impedir a judicialização de pleitos ordinários,

o que não é pouco, visto que os direitos podem ser efetivados com mais celeridade.

(Adaptado **de Paulo Otto von Sperling. Ouvidorias, eficiência e efetivação de direitos. Correio Braziliense, 18 mar. 2014.)**

---

10. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2014) No desenvolvimento da textualidade, ficam prejudicadas as relações de coesão e a coerência argumentativa ao retirar do texto

(A) o artigo em "a paulatina".

(B) o artigo na contração em "Na administração", escrevendo apenas *Em*.

(C) o artigo em "o direito".

(D) o artigo em "as ouvidorias".

(E) o artigo na contração em "da população", escrevendo apenas *de*.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"

✪ **Nota da autora:** Coesão e coerência utilizando o emprego do artigo definido.

Atenção: no enunciado menciona "no desenvolvimento da textualidade". Problemas **da população**: o artigo definido refere-se à população em geral. Se substituir por problemas **de** população, deixa de generalizar, além de alterar o sentido.

▶ **Dica:** ***Omite-se o artigo definido***

a) *antes dos pronomes de tratamento;*

b) *entre o pronome* cujo *e o substantivo imediato;*

c) *diante dos superlativos relativos:* Ouvi os médicos mais competentes *(e não* os médicos os mais competentes*);*

d) *frequentemente nos provérbios e máximas:* Tempo é dinheiro;

e) *antes de substantivos usados de uma maneira geral:* Especialistas afirmam que mulher fica mais gripada que homem;

f) *diante da palavra casa, quando designa residência da pessoa que fala ou de quem se trata:* Ficou em casa. Fui para casa.*Todavia, se a palavra casa vier acompanhada de adjetivo ou locução adjetiva, deve ser anteposto, ordinariamente, o artigo:* À tarde, foi até a casa do professor.*

*Fonte: http://educacao.uol.com.br/

Não sofrem alteração:

Alternativa "a" – *a criação e (a) paulatina expansão das ouvidorias são consequência da centralidade dos direitos...*

Alternativa "b" – *Na administração pública, além de concretizar* ou *Em administração pública, além de concretizar.*

Alternativa "c" – *além de concretizar o direito constitucional de petição* ou *além de concretizar direito constitucional de petição.*

Alternativa "d" – *as ouvidorias ampliam a transparência de órgãos* ou *ouvidorias ampliam a transparência de órgãos.*

---

11. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2014) Assinale a opção em que o fragmento adaptado do Correio Braziliense, de 19 de março de 2014, foi transcrito com erros gramaticais.

(A) A alta inflação, a elevada carga tributária e o aumento do endividamento das famílias têm tornado mais difícil o pagamento dos impostos nos últimos anos. A dívida ativa – cujo principal componente são os tributos não pagos por pessoas físicas e jurídicas – saltou 526,71% nas três esferas da união (estados, municípios e governo federal) entre 2000 e 2012.

(B) O estoque acumulado da dívida ativa é praticamente equivalente ao que os três entes federais arrecadaram, juntos, em 2012: cerca de R$1,96 trilhão. Esse cenário cria uma situação insustentável dentro das fazendas públicas. Para se ter uma ideia, a expressão desses créditos financeiros seria suficiente para quitar a dívida pública líquida da União, dos estados e dos municípios em 2012.

(C) O governo tem dificuldade para reaver esses créditos que compõem a dívida ativa. Em 2012, apenas 5,38% da dívida ativa foram recuperados pelas autoridades. Isso ocorre porque uma boa parte dessa dívida corresponde a processos que estão na justiça e aos chamados "créditos podres".

(D) No caso destes "créditos podres", eles são um problema por que criam um suposto crédito falso, é um valor que o Estado não têm garantias de receber. Lembremos, ainda que a dívida ativa em geral seja composta de casos perdidos porque muitas empresas devedoras já fecharam as portas.

(E) Mas há também outros fatos que explicam esse aumento da dívida, como as dificuldades enfrentadas por vários setores, principalmente o da indústria, que ainda não se recuperou da crise de 2009 e 2010. É importante, por isso, analisar caso a caso, mas, de modo geral, o crescimento da carga tributária também tem colaborado.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – Há vários erros e isso é bom, pois facilita para resolver a questão.

1) Pronome. No caso **desses** "créditos podres": foi citado no parágrafo anterior e o uso correto é do pronome anafórico;

2) Ortografia. **Porque**: trata-se de explicação, conjunção coordenada explicativa;

3) Concordância. O Estado (sujeito singular) não **tem** (verbo singular – transitivo direto) garantias (objeto direto);

4) Pontuação. Ou intercale *ainda* – inserindo vírgula posposta –, ou retire a vírgula anteposta: "Lembremos, ainda, que a dívida...", ou "Lembremos ainda que a dívida...".

Alguns comentários importantes sobre pontuação para que não haja dúvidas.

Alternativa "a" – Sujeito composto (A alta inflação, a elevada carga tributária e o aumento do endividamento das famílias) = verbo plural (têm); os travessões e os parênteses indicam intercalações: **A dívida ativa** – cujo principal componente são os tributos não pagos por pessoas físicas e jurídicas – **saltou 526,71% nas três esferas da união** (estados, municípios e governo federal) **entre 2000 e 2012**.

Alternativa "b" – As vírgulas intercalam e os dois pontos explicam, citam.

Alternativa "c" – A primeira vírgula indica inversão do adjunto adverbial de tempo. Inversão: a oração não se inicia com o sujeito.

Alternativa "e" – A conjunção *por isso* está intercalada por vírgulas e a vírgula antes da conjunção adversativa *mas* é obrigatória; a expressão *de modo geral* também está intercalada. Intercalação pode ser feita com vírgulas, travessões ou parênteses.

---

12. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2014) Assinale a opção incorreta a respeito do uso das estruturas linguísticas no texto.

A despeito das suas imperfeições, a Lei da Transparência Tributária representa um notável avanço institucional. A conscientização da população brasileira é fundamental para a construção de uma República efetivamente democrática, em que os eleitores tenham plena ciência da repercussão das decisões tomadas pelos seus representantes. Somente assim poderão exigir a construção de um sistema tributário simples, coerente e justo, que não onere os cidadãos carentes e não seja regressivo, gravando os contribuintes menos abastados de modo (proporcionalmente) mais severo que os mais favorecidos economicamente.

(Adaptado **de Andrei Pitten Velloso, Lei da transparência tributária: vitória da cidadania. <http://www.cartaforense.com.br/conteudo/colunas>. Acesso em: 18 mar. 2014.)**

(A) O uso da preposição em "em que" torna-se desnecessário se, no lugar de que, o pronome utilizado for *a qual*.

(B) O uso do modo subjuntivo em "tenham" remete à possibilidade de uma "República efetivamente democrática".

(C) O advérbio "assim" tem a função coesiva de resumir e retomar as ideias do período sintático imediatamente anterior.

(D) O uso do gerúndio em "gravando" imprime à oração uma ideia do modo de funcionamento do sistema tributário.

(E) A retirada dos sinais de parênteses não prejudica sintaticamente a oração, mas sua presença diminui a relevância da ideia expressa por "proporcionalmente".

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Regência e pronome relativo.

1) O relativo *que* retoma República efetivamente democrática;

2) Ordem direta: os eleitores tenham plena ciência da repercussão das decisões tomadas pelos seus representantes **na** República efetivamente democrática;

3) A preposição **em** foi exigida e poderíamos utilizar, além de **em que, na qual.**

Alternativa "b" – O verbo está no presente do subjuntivo e indica dúvida, possibilidade. Lindo seria se fosse algo certo (indicativo), mas não é.

Alternativa "c" – Exato, retoma toda a ideia mencionada no período anterior.

Alternativa "d" – Sim, basta reler o período: construção de um sistema tributário simples, coerente e justo, que não onere os cidadãos carentes e não seja regressivo, gravando os contribuintes menos abastados de modo (proporcionalmente) mais severo...

Alternativa "e" – Podem ser retirados por intercalarem adjunto adverbial, mas diminui a ênfase, a relevância.

---

13. (ESAF – PECFAZ/2013) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia na transcrição do texto.

O mais recente **censo** (1) agropecuário, de 2006, mostrou o impacto da assistência técnica e da extensão rural na renda **alferida** (2) pelos produtores. "Enquanto os grandes e médios produtores que não recebem assistência técnica **obtêm** (3) um valor básico de produção de R$ 232 por hectare, os que contam com esse

serviço conseguem R$ 996 na mesma área, conforme a mensagem enviada **pelo** (4) governo ao Congresso para justificar a criação da Anater.

Como mostram esses números, a assistência técnica e a extensão rural **podem** (5) mais do que quadruplicar a renda nas médias e grandes propriedades. Nas propriedades familiares, o impacto é semelhante: o valor da produção passa de R$ 639 para R$ 2.309 por hectare.

(O Estado de S. Paulo, Editorial, 19/6/2013, com adaptações).

(A) 1

(B) 2

(C) 3

(D) 4

(E) 5

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

✪ **Nota da autora:** questão de ortografia e concordância.

- Auferir: que se auferiu, que se obteve.

Alternativa "a" – Conjunto de dados a respeito da população de um lugar (p.ex., número de habitantes, atividades econômicas, composição familiar etc.); censo demográfico.

Alternativa "c" – sujeito: os grandes e médios produtores = verbo no plural.

Alternativa "d" – enviado por alguém: pelo governo.

Alternativa "e" – sujeito: a assistência técnica e a extensão rural.

---

14. (ESAF – PECFAZ/2013) Assinale a opção que preenche a lacuna do texto de forma coesa e coerente.

Com a criação da Agência Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (Anater), que depende da aprovação de um projeto de lei já enviado ao Congresso, o governo pretende aproximar ainda mais os centros de pesquisas dos produtores rurais, dos quais apenas 25% têm acesso aos conhecimentos tecnológicos._____

Com isso, o que se espera é a modernização mais rápida da agropecuária brasileira, com o aumento da produtividade e maiores ganhos para os produtores.

---

15. (O Estado de S. Paulo, Editorial, 19/6/2013).

(A) A Anater deverá articular em nível nacional o trabalho desenvolvido pelas instituições estaduais de extensão rural de levar aos agricultores e pecuaristas as tecnologias disponíveis de produção e criação, armazenamento, processamento e de gestão dos negócios rurais.

(B) Em 1989, o governo decretou o encerramento das atividades da empresa, mas uma rápida reação do Congresso impediu que o decreto tivesse efeito prático. O governo seguinte, porém, conseguiu fechar a Embrater em 1992.

(C) Desde então, a atuação das empresas estaduais de assistência técnica e extensão rural – em São Paulo, a atividade é desempenhada pela Coordenadoria de Assistência Técnica Integral, vinculada à Secretaria da Agricultura – vem sendo coordenada por uma entidade nacional por elas criadas.

(D) Mesmo já tendo alcançado esses níveis elevados de produtividade, que lhes têm assegurado crescimento contínuo da produção de grãos com aumento bem menor da área cultivada, o Brasil ainda tem muito espaço para desenvolver sua agropecuária e oferecer mais alimentos para o mercado interno e para outros países.

(E) Dos estabelecimentos rurais registrados no País, 11% dos considerados familiares e 9% dos médios e grandes não têm nenhuma produção, de acordo com dados do governo. Mais de 1,3 milhão de estabelecimentos não obtêm receita com a atividade agropecuária.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Para facilitar, sublinhe as palavras-chave ou as ideias-chave do texto (antes e depois do trecho a ser inserido).

- a criação da Agência Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural depende da aprovação de um projeto de lei. Objetivo do governo: aproximar ainda mais os centros de pesquisas dos produtores rurais.
- **Para que servirá e onde circulará a Anater?** Resposta na alternativa *a:* A Anater deverá articular em nível nacional o trabalho desenvolvido pelas instituições estaduais de extensão rural de levar aos agricultores e pecuaristas as tecnologias disponíveis de produção e criação, armazenamento, processamento e de gestão dos negócios rurais.
- Fechamento do texto: **Com isso...** = retoma as ideias citadas no período anterior.

Alternativa "b" – Os substantivos *empresas* e *decreto* deixam o texto incoerente. Por não terem sido citados.

Alternativa "c" – Não cabe ideia de tempo, tornando o teto incoerente: uso de *desde então*.

Alternativa "d" – Não se pode afirmar o início do trecho: *tendo alcançado esses níveis elevados de produtividade.*

Alternativa "e" – Não cabem as referências de porcentagem: sem coerência.

---

16. (ESAF – PECFAZ/2013) Assinale a opção que constitui introdução coesa e coerente para o texto a seguir.

_____

_____

_____

_____

Em 2000, só havia 10 cursos desse tipo. Em 2008, estavam credenciados no Ministério da Educação (MEC) 349 cursos de graduação e 255 cursos de pós-graduação lato sensu. Em 2005, 11 mil pessoas concluíram a licenciatura a distância. Atualmente, os alunos de cursos de graduação a distância representam 30% do total de estudantes matriculados em licenciaturas. Há seis anos, eles eram 5%. Atualmente, há 1 milhão de estudantes cursando a graduação e pós-graduação a distância. Para atender à demanda, o MEC acaba de autorizar 40 instituições de ensino a criarem 148,4 mil vagas nessa modalidade de ensino.

(O Estado de S. Paulo, 17/6/2013, com adaptações).

Alternativa "a" –O ensino a distância em cursos de graduação cresceu significativamente nos últimos anos.

Alternativa "b" –Ao final do período letivo, para avaliar o aproveitamento dos alunos, vários cursos aplicam provas escritas e provas práticas presenciais, enquanto outros pedem um trabalho de conclusão.

Alternativa "c" –Essa graduação a distância funciona por meio da distribuição de livros e apostilas e de uma plataforma na internet que permite aos estudantes acessar aulas e sugestões bibliográficas.

Alternativa "d" –Por terem mensalidades baixas, esses cursos a distância são os mais acessíveis para grandes parcelas da população, especialmente nas cidades do interior.

Alternativa "e" –Os empréstimos educacionais feitos pelo governo com base no Fundo de Financiamento Estudantil (Fies) têm uma taxa de juros muito baixa, de 34%.

COMENTÁRIO:

Alternativa correta: letra "a" – A dica está na continuação do texto: só havia **10 cursos desse tipo,** ou seja, tem de ser citado curso no início do texto: O ensino a distância em cursos de graduação cresceu significativamente nos últimos anos.

Alternativa "b" – Quais cursos? Não especifica.

Alternativa "c" – Não foi citada graduação alguma antes, por isso não se pode iniciar o texto com *essa graduação.*

Alternativa "d" – Quais cursos a distância: Não cabe o pronome anafórico *esses.*

Alternativa "e" – A sequência fala de 10 cursos e não de empréstimos educacionais.

---

17. (ESAF – PECFAZ/2013) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial da Folha de S. Paulo, de 17/6/2013, mas estão desordenados. Assinale nos parênteses a ordem correta para compor um texto coeso e coerente (coloque 1 no trecho inicial e assim sucessivamente) e, em seguida, assinale a opção correta.

( ) Diante de um incentivo pecuniário, é de supor que profissionais procurarão os cursos por conta própria, com efeitos melhores do que se o aperfeiçoamento fosse imposto a todos.

( ) Se já não há muita dúvida de que investimentos em educação são vitais para o Brasil avançar social e economicamente, ainda estão longe de ser um consenso quais as melhores medidas para fazer a qualidade do ensino progredir.

( ) A iniciativa é oportuna porque um dos vícios pedagógicos nacionais é dar muita ênfase a pomposas teorias educacionais e deixar de lado o bom e velho ensinar a ensinar, que tem muito mais impacto na vida do aluno e em seus resultados escolares.

( ) Essa medida segue fórmula aplicada desde 2012 para professores alfabetizadores, que recebem R$ 200 mensais para participar de programas com dois anos de duração.

( ) O Ministério da Educação caminha na direção correta para essa qualidade ao propor um sistema de bonificação para professores que se submetam a curso de aperfeiçoamento. O objetivo é sanar deficiências do docente, com foco em métodos a serem utilizados em sala de aula.

(A) 2 – 4 – 5 – 3 – 1

(B) 3 – 5 – 2 – 1 – 4

(C) 5 – 1 – 4 – 3 – 2

(D) 1 – 2 – 3 – 5 – 4

(E) 4 – 3 – 1 – 2 – 5

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Basta estar atento(a) porque questões desse tipo são fáceis.

- Não há como iniciar o texto com ideias vagas, por isso eliminamos a alternativa *e:* não sabemos a que iniciativa o autor se refere;
- Elimina-se, também a alternativa *b* porque não podemos iniciar o texto com pronome anafórico: ***Essa** medida*;
- Eliminada a alternativa *a* porque não sabemos qual é a qualidade: caminha na direção correta para *essa qualidade;*
- A alternativa *d* pode ser eliminada por não haver referência alguma a cursos (torna incoerente o texto: procurarão os cursos.)

Única sequência possível, coesa e coerente: 5 – 1 – 4 – 3 – 2.

---

18. (ESAF – PECFAZ/2013) Os trechos a seguir constituem um texto adaptado de O Globo de 7/6/2013. Assinale a opção que foi transcrita com erro gramatical.

(A) Para que a economia consiga trilhar por um caminho sustentável nos próximos anos, com crescimento razoável, preços e contas externas sob controle, o país precisará incrementar significativamente suas exportações.

(B) Essa expansão dependerá de vários fatores, mas entre os principais está uma eficiente estrutura portuária, pois é pelos terminais marítimos e fluviais que são movimentados acerca de 90% das cargas do comércio exterior brasileiro.

(C) O Brasil necessita tanto de terminais para carga geral, capazes de receber os navios gigantes que chegam a transportar mais de cinco mil vagões de carga de uma vez, como de portos que possibilitem o embarque de líquidos e sólidos.

(D) É no agronegócio e na produção de minérios, petróleo e biocombustíveis que temos mais possibilidades de exportar, pelas vantagens comparativas que o país ainda reúne nesses itens.

(E) E tanto maior será a competitividade se houver portos adequados para embarque de tais mercadorias, conjugados também a uma satisfatória rede de transportes rodoviária, ferroviária, hidroviária e por dutos.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Antes, é necessário relembrar as possibilidades de uso das expressões abaixo:

- **a cerca de** ou **cerca de**: aproximadamente, mais ou menos.
- **acerca de**: a respeito de, quanto a, sobre.
- **há cerca de**: tempo transcorrido e equivale a "faz".

Na alternativa *b*, o sentido é de quantidade e deveria ser usada a forma **a cerca de** ou **cerca de.** Como, no enunciado, cita erros gramaticais, atente-se a concordância, regência (crase), pontuação e ortografia, ESAF gosta desses tópicos.

Alguns comentários viáveis:

Alternativa "a" – Correta: a economia consiga e o país precisará.

Alternativa "c" – Terminais capazes e os navios chegam.

Alternativa "d" – O país reúne.

Alternativa "e" – Houver portos.

---

19. (ESAF – PECFAZ/2013) Os trechos a seguir constituem um texto adaptado do Jornal Valor Econômico de 21/6/2013. Assinale a opção transcrita de forma gramaticalmente correta.

(A) Um tempo razoável pode se passar até que os mercados globais encontrem um ponto de equilíbrio, depois do anúncio do fim da era dos trilionários pacotes de alívio monetário no EUA.

(B) Sobre os mercados emergentes recae grande parte do ajuste, pois a grande liquidez disseminada por três versões de afrouxamento quantitativo teve seu principal destino nos países mais dinâmicos durante a grande crise de 2008 e que puxavam a recuperação global.

(C) As correções estão sendo violentas, especialmente nas bolsas e moedas emergentes, enquanto os juros americanos estão sob pressão de alta. Mas o fim do mundo não está próximo, apesar de os mercados darem novamente essa impressão.

(D) Se o cronograma do Federal Reserve System – Fed estiverem certos, o Banco Central americano para de bombear recursos ao mercado. A liquidez continuará excessiva até que entre em cena a política monetária restritiva, prevista para 2015.

(E) Com rendimentos negativos nos títulos de grande segurança, como os do Tesouro Americano, e custos de financiamento de posições absurdamente baixo para os padrões históricos, boa parte dos ativos foi inflada por uma demanda a normal. Agora, os preços procuram novo nível.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Não há erro gramatical.

Alternativa "a" – nos EUA. A vírgula após *equilíbrio* pode ser retirada.

Alternativa "b" – recai.

Alternativa "d" – Se o cronograma do Federal Reserve System – **Fed – estiver certo.**

Alternativa "e" – custos **baixos** e **anormal.**

---

20. (ESAF – PECFAZ/2013) Os trechos a seguir constituem um texto adaptado do Jornal Valor Econômico de 21/6/2013. Assinale a opção transcrita com erro gramatical.

(A) Diferentemente do contágio da crise de 2008, que atuou simultaneamente sobre os canais financeiro e produtivo, as turbulências atuais têm como norte a melhoria das condições econômicas globais, não sua deterioração.

(B) Após o sufoco de alguns dias infernais, é possível que o câmbio arrefeça, embora as cotações possivelmente se situem bem acima do desejável.

(C) As forças de mercado buscam novo equilíbrio. Já estão havendo caçadores de oportunidades de olho em pexinchas emergentes.

(D) Os juros estão subindo nos EUA e a alta pode, se não for temporária ou muito forte, trazer nova dificuldade para a recuperação americana.

(E) A escalada dos rendimentos dos títulos do Tesouro não deve ultrapassar ou estacionar acima dos 3%, indicando um retorno próprio ao de uma economia em tranquilo crescimento.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Opa! Verbo *haver* impessoal (sentido de existir) não admite plural: **está** havendo ou estão existindo. Outro erro (ortográfico): pechinchas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a" – as turbulências têm.

Alternativa "b" – cotações se situem.

Alternativa "d" – a alta pode trazer nova dificuldade.

Alternativa "e" – a escalada não deve ultrapassar.

---

21. (ESAF – PECFAZ/2013) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia.

Segunda maior **etnia** (1) indígena da região central do Brasil, com mais de 27 mil indivíduos, os terenas **reinvindicam** (2) há anos a posse de várias propriedades rurais exploradas por criadores de gado, a maioria com titulação em cartório e sujeita **a** (3) cobrança de impostos. A disputa **se** (4) arrasta, tendo a Justiça alternado decisões contraditórias, ora concedendo a posse aos fazendeiros, ora atendendo recursos da parte dos índios. O fato é que, **à** (5) falta de referências sólidas que permitam decisão cabal, surge um vácuo que tem sido, infelizmente, típico da questão indígena no país.

(Estado de Minas, 7/6/2013, com adaptações).

(A) 1

(B) 2

(C) 3

(D) 4

(E) 5

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

✪ **Nota da autora:** Questão de ortografia, regência, crase e pronome.

- Reivindicar: Promover demanda para ter de volta (o que se acha na posse de outrem).

Alternativa "a" – Grupo social diferenciado de outros por laços peculiares de cultura, religião, língua, comportamento etc., e que compartilha origem e história comuns.

Alternativa "c" – Perigo! Sujeita a cobrança de impostos: note que o substantivo feminino *cobrança* foi utilizado no sentido genérico (alguma cobrança de impostos – quaisquer) e não no sentido específico (a cobrança dos impostos) e por isso não se usa o acento indicativo de crase. Se a expressão fosse: sujeita à cobrança **dos** impostos, haveria crase.

Alternativa "d" – A disputa se arrasta: correto.

Alternativa "e" – Ordem inversa: surge um vácuo *à falta de referências sólidas* = locução adverbial (causal): com crase.

Texto:

No período de 1727 a 1760, auge da produção aurífera, a Coroa havia cunhado, em média, 01 (um) conto e 1555 mil réis em moedas de ouro por ano, uma fortuna. Daí por diante, porém, a quantidade de dinheiro que circulava na economia sofreu um impacto tremendo. No decênio 1761-1770, a cunhagem anual de moedas de ouro caiu 18%. A queda continuaria no período 1771 a 1790. Ou seja, na penúltima década do século XVIII, a injeção de

moedas de ouro que a economia portuguesa recebia anualmente era um quinto do que fora três décadas antes. O dinheiro estava desaparecendo. Num primeiro momento, a reação de funcionários graduados da Coroa foi atribuir a queda nas remessas de ouro para Lisboa a um suposto aumento da sonegação no Brasil.

(...)

Fiando-se que a causa central do problema era a sonegação, a Coroa acochou (ainda mais) a colônia. Logo no primeiro ano em que os mineradores não conseguiram cumprir integralmente a cota do quinto, Lisboa aplicou um instrumento de cobrança fiscal que se tornaria sinônimo de tirania: a derrama. O objetivo da derrama era obrigar os colonos a completarem a parcela do quinto não recolhido. Os meios utilizados iam da pressão à violência física. (...) Havia formas de coleta ainda mais abusivas. Sem nenhum aviso prévio, guardas armados costumavam invadir residências para efetuar o confisco, operações que acabavam em violência e prisões.

A inquietude, é claro, tomou conta das sociedades que viviam em áreas de mineração, mas a Coroa não se importava com isso. A única meta era arrigar as finanças reais. (...)

A intenção era recolher 634 quilos de ouro referentes ao pagamento a menor, ocorrido no período 1769-1771. Mesmo com toda a violência, o resultado da derrama foi pífio: 147 quilos, o que não chegava a um quarto do volume pretendido. (Adaptado de: Figueiredo Lucas, Boa Ventura! A corrida do ouro no Brasil (1697-1810). São Paulo: Record, 2011. Capítulo 15, p.284 e capítulo16, p. 292)

---

22. (ESAF – Analista-Tributário – RFB/2012) Marque a opção que fornece a correta justificativa para as relações de coesão referencial no texto.

(A) "era um quinto do que fora três décadas antes" refere-se à economia portuguesa.

(B) "Fiando-se que a causa central do problema era a sonegação" refere-se às áreas de mineração.

(C) "auge da produção aurífera" refere-se à quantidade de dinheiro que circulava na economia.

(D) "a reação de funcionários graduados" refere-se à aplicação de um instrumento de cobrança.

(E) "mas a Coroa não se importava com isso" refere-se à inquietude.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – A dica está no uso do pronome demonstrativo anafórico *isso*: **A inquietude**, é claro, tomou conta das sociedades que viviam em áreas de mineração, mas a Coroa não se importava com **isso** (com a inquietude).

Alternativa "a" – Refere-se à ***injeção de moedas de ouro*** *que a economia portuguesa recebia anualmente.*

Alternativa "b" – Indica causa da oração principal: *a Coroa acochou (ainda mais) a colônia.*

Alternativa "c" – Refere-se ao período de 1727 a 1760.

Alternativa "d" – Qual foi a reação? *Atribuir a queda nas remessas de ouro para Lisboa a um suposto aumento da sonegação no Brasil.*

---

23. (ESAF – Analista-Tributário – RFB/2012) Assinale a opção incorreta a respeito do uso das estruturas linguísticas do texto.

(A) Preservam-se a correção e a coerência, se substituirmos a expressão: "a Coroa havia cunhado" (início do texto) por "a Coroa cunhara".

(B) Preservam-se a correção e a coerência, se substituirmos a expressão: "O objetivo da derrama era obrigar os colonos a completarem" por: "O objetivo da derrama era obrigar os colonos a completar".

(C) Preservam-se a correção e a coerência, se substituirmos a expressão: "era um quinto do que fora três décadas antes" por: "era um quinto do que tinha sido três décadas antes".

(D) Preservam-se a correção e a coerência, se substituirmos a expressão: "147 quilos, o que não chegava a um quarto do volume pretendido" por: "147 quilos, os quais não chegavam em um quarto do volume pretendido".

(E) Preservam-se a correção e a coerência se substituirmos a expressão: "a reação de funcionários graduados da Coroa foi atribuir" por: "a reação de funcionários graduados da Coroa foi a de atribuir".

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

✪ **Nota da autora:** questão de coerência, pronome relativo, verbo e análise sintática.

Na alternativa *d*, o pronome relativo *que*, no primeiro caso, retoma o pronome demonstrativo *o* (equivale a *aquilo*), o que inviabiliza a concordância no plural, pois é retirado o pronome demonstrativo e o pronome passa a retomar *147 quilos*.

Alternativa "a" – Sim. O pretérito mais que perfeito composto do indicativo é a formação de locução verbal com o auxiliar ***ter*** ou ***haver*** no ***Pretérito Imperfeito do Indicativo*** e o principal no particípio, tendo o

mesmo valor que o Pretérito Mais-que-perfeito do Indicativo simples.

Alternativa "b" – Obrigar alguém a algo. Por ser essa estrutura, o verbo pode ficar no singular ou plural (concordaria com o sujeito *colonos* ou com o verbo *obrigar*).

Alternativa "c" – Basta reler o comentário da alternativa *a*.

Alternativa "e" – Corretas as duas opções: *foi atribuir* ou *foi a de atribuir*.

Texto:

O governo dá sinais de que parece superar a longa fase de negação do problema e está mais perto de formatar uma agenda para enfrentar a deterioração das contas do Instituto Nacional do Seguro Social – INSS.

Não estão em pauta medidas juridicamente controversas nem de impacto sobre o orçamento no curto prazo, mas decisões a serem tomadas logo para atenuar, no futuro, a expansão da despesa com a Previdência. Hoje, ela já é da ordem de 10% do PIB (incluindo o setor público), comparável à de países mais ricos e com maior número de idosos.

No caso dos atuais segurados, o fundamental para equilibrar as contas é desencorajar as aposentadorias precoces admitidas pela legislação. A alternativa à mão é a fórmula batizada de 85/95, em que os números se referem à soma da idade com o tempo de contribuição a ser exigida, respectivamente, de mulheres e homens. A regra, fácil de entender, substituiria o fator previdenciário.

Além disso, caberia impor aos futuros participantes do mercado de trabalho, por exemplo, uma idade mínima para a aposentadoria, como nos regimes previdenciários da maioria dos países. Trabalha-se com 60 anos para mulheres e 65 para homens, números que serão objeto de negociação no Congresso. Atualmente, há quem se aposente antes dos 50, com base no tempo de contribuição (30 e 35 anos, respectivamente, para obter o benefício integral). O outro item da agenda, disciplinar as pensões por morte, reúne melhores condições para engendrar uma ação mais imediata, talvez, dadas a dimensão e a obviedade das anomalias por corrigir. Viúvos e órfãos custaram R$ 100 bilhões ao erário no ano passado (cerca de 20% do gasto previdenciário total), dos quais R$ 60 bilhões na carteira do INSS e o restante no regime dos servidores públicos. Trata-se de um desembolso dos mais liberais no mundo, resultado de uma legislação extravagante. Não leva em conta, por exemplo, o período de contribuição pelo segurado, a idade do beneficiário ou sua capacidade de sustentar-se. (Editorial, Folha de S. Paulo, 2/8/2012).

24. (ESAF – Analista-Tributário – RFB/2012) Em relação às estruturas linguísticas do texto, assinale a opção correta.

(A) Mantém-se a correção gramatical e os sentidos originais do período ao se substituir "de que" por do qual.

(B) O emprego do sinal indicativo de crase em "à de países" justifica-se pela fusão da preposição "a", exigida pelo adjetivo "comparável", com o artigo definido feminino singular "a" que acompanha o substantivo "despesa", elíptico na frase.

(C) Prejudica-se a correção gramatical e o sentido original do período ao se substituir "em que" por na qual.

(D) A palavras "fórmula" e "números" recebem acento gráfico com base em regras gramaticais diferentes.

(E) Em "trabalha-se" e em "se aposente" o emprego do pronome "se" tem a mesma função morfossintática.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

✪ **Nota da autora:** questão de coesão, pronome pessoal, relativo, crase, regência e acentuação gráfica.

Alternativa *b:* Se é comparável, é comparável **a** algo. Para se certificar de que há o substantivo *despesa* elíptico, é preciso reler os períodos anteriores: *Não estão em pauta medidas juridicamente controversas nem de impacto sobre o orçamento no curto prazo, mas decisões a serem tomadas logo para atenuar, no futuro, a expansão da* ***despesa*** *com a Previdência. Hoje, ela* (a despesa) *já é da ordem de 10% do PIB (incluindo o setor público), comparável à* (despesa) de países *mais ricos e com maior número de idosos.*

▶ **Dica crase** – Substituir o substantivo feminino por um masculino: comparável **ao** crédito. Resultou em *ao*, há o acento indicativo de crase.

Alternativa "a" – Opa! Não é pronome relativo, mas sim conjunção integrante.

▶ **Dica** – O governo dá sinais **disto** = preposição exigida pelo substantivo *sinal* (dá sinal **de** algo) + conjunção integrante.

Alternativa "c" – Ordem direta: os números se referem à soma da idade com o tempo de contribuição **na fórmula**, ou seja, *em que* ou *na qual*. Não prejudica a correção gramatical e o sentido.

Alternativa "d" – Utilizando a tabela dica para facilitar: separando as sílabas, descobre-se rapidamente a regra.

Importante: não colocar na tabela as palavras que são acentuadas por serem hiatos ou monossílabos

(após a reforma ortográfica, classificadas como oxítonas).

Pro	Par	Oxi
fór	mu	la
nú	me	ros

As duas palavras são proparoxítonas.

Alternativa "e" – Em *trabalha-se*, o *se* é índice de indeterminação do sujeito = verbo intransitivo + se; em *há quem se aposente*, o pronome indefinido *quem* possui função de sujeito. Elimina-se, assim, a alternativa.

Texto:

O Brasil tem o terceiro maior spread bancário do mundo. O nosso fechou 2011 em 33% – só perdemos para Quirquistão (34%) e Madagascar (42%). Países mais parecidos com o Brasil, como Chile e México, cobram entre 3% e 4%. Há possíveis explicações para a anomalia. A mais controversa é se a competição aqui é mais branda do que em outros mercados. Não funcionam no Brasil mecanismos que, no exterior, fazem com que os bancos disputem clientes de forma mais agressiva. O principal deles é o cadastro positivo, um sistema que permite a troca de informações de quem paga seus empréstimos em dia. Ele foi aprovado há quase um ano, mas até agora não deslanchou. Os bancos dizem que as informações são precárias, porque os clientes precisam autorizar a inclusão de seu nome e retirá-lo se quiserem, o que torna o sistema pouco confiável. O spread elevado também se deve a fatores como alta carga tributária e inadimplência – os empréstimos atrelados a garantias são incipientes, o que aumenta o risco de um calote. (Adaptado de Exame, ano 46, n. 7, 18/4/2012)

25. (ESAF – Analista-Tributário – RFB/2012) Preservam-se as relações argumentativas do texto, bem como sua correção gramatical, ao inserir

(A) o substantivo *anomalia* antes de "mais controversa".

(B) a expressão *de spread* depois de "mecanismos".

(C) a expressão *do cadastro* depois de "informações".

(D) o qualificativo *bancário* depois de "sistema".

(E) o pronome *essas* antes de "garantias".

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – O principal deles é **o cadastro** positivo, um sistema que permite a troca de informações (**do cadastro**) de quem paga seus empréstimos em dia.

Alternativa "a" – Caberia o substantivo *explicação*.

Alternativa "b" – *Mecanismos* (sujeito) não funcionam no Brasil. Não cabe a expressão *de spread* posposta.

Alternativa "d" – *Um sistema* é aposto explicativo de *cadastro positivo*, não cabendo o adjetivo *bancário*.

Alternativa "e" – Para inserir o pronome demonstrativo anafórico *essas*, o termo *garantias* deveria já ter sido mencionado e isso não ocorreu.

26. (ESAF – Analista-Tributário – RFB/2012) Assinale a opção que dá justificativa correta para o uso das estruturas linguísticas no texto.

(A) Apesar de se referir a uma expressão no plural, o verbo "Há" deve ser usado no singular para mostrar que a oração em que ocorre destaca a ideia de "anomalia".

(B) O valor de condição que a conjunção "se" confere à oração em que ocorre seria mantido também com o uso de *talvez*, sem prejudicar a correção gramatical do texto.

(C) O uso do modo subjuntivo em "disputem" destaca a ideia de hipótese no texto; no entanto, mesmo enfraquecida a hipótese, a coerência da argumentação e a correção gramatical do texto também estariam preservadas com o uso do modo indicativo: disputam.

(D) Como os demais verbos referentes a "clientes" já estão adequadamente flexionados no plural, as normas gramaticais permitem também o uso de *quiser*, em lugar de "quiserem", sem prejuízo para a correção gramatical do texto.

(E) A ausência do sinal indicativo de crase antes de "fatores" e "garantias" indica que esses substantivos estão empregados de modo genérico, sem o uso de artigo que os defina.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

✪ **Nota da autora:** questão de coesão, crase, verbo, período composto e concordância.

Na alternativa *e*, além de indicar que os substantivos estão empregados de modo genérico, há detalhes a serem comentados: 1. Não se usa crase antes de palavra masculina (fatores); 2. Em singular + pluaral também não se usa crase.

Alternativa "a" – O verbo *haver* é impessoal (sentido de existir) e o substantivo *explicações* (possíveis explicações) possui função sintática de objeto direto. Não destaca a ideia de *anomalia*.

Alternativa "b" – O *se* é conjunção integrante e não conjunção condicional (primeiro erro); segundo: não pode ser substituído por *talvez*.

Alternativa "c" – Ao trocar o modo subjuntivo – hipotético – pelo indicativo – certo – , a coerência da argumentação será sempre alterada.

Alternativa "d" – O sujeito é o substantivo plural *clientes*, portanto não se pode usar o verbo no singular.

---

27. (ESAF – Analista-Tributário – RFB/2012) Assinale a opção que constitui continuação gramaticalmente correta, coesa e coerente para o texto a seguir.

Apesar do nível de emprego ainda elevado, a situação da indústria brasileira piorou consideravelmente desde o ano passado e hoje destoa muito menos do padrão internacional. As medidas tomadas pelo governo para isolar o País da crise externa, ou para reduzir, pelo menos, o risco de contágio, foram insuficientes, até agora, para impulsionar a indústria de transformação. A manutenção do emprego, a elevação do salário real, a rápida expansão do crédito e a redução de impostos para alguns setores estimularam o consumo, mas a produção manufatureira foi incapaz de acompanhar a demanda interna. (Editorial, O Estado de S. Paulo, 2/8/2012)

(A) Parte desse estímulo foi aproveitada por produtores estrangeiros bem mais preparados para disputar espaço nos mercados. O recuo da atividade industrial brasileira reflete, entre outros fatores, o aumento das importações e a deterioração do saldo comercial.

(B) Diante dessa pequena reação de maio para junho foi amplamente insuficiente para a retomada do nível de atividade do ano passado. As maiores perdas em 2012 continuam no setor de bens de capitais, isto é, de máquinas e equipamentos. A fabricação desses bens aumentou 1,4% de maio para junho, mas a produção do primeiro semestre foi 12,5% inferior à de um ano antes.

(C) Essa presença do concorrente de fora não ajuda a explicar os números ruins acumulados a partir de 2011. No primeiro semestre, a produção foi 3,8% menor que a de janeiro a junho do ano passado. O resultado acumulado em 12 meses diminuiu 2,3%.

(D) Quando se examina esse período de 12 meses, há uma pequena mudança no conjunto, com redução de 7,6% na produção de bens duráveis de consumo e de 5,5% na fabricação de bens de capital. Durante esses 12 meses, no entanto, a política anticrise estimulou o consumo e abriu espaço para alguma recuperação das indústrias de bens duráveis, como a de automóveis e a da linha branca.

(E) Essa iniciativa legal foi suficiente para levar o empresariado a investir com maior entusiasmo em máquinas e equipamentos. Autoridades fizeram apelos ao espírito aguerrido dos empresários, mas sem resultados. Mesmo nos setores beneficiados por facilidades fiscais e medidas protecionistas o efeito foi muito limitado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Cuidado para não confundir a concordância, pois está correta: parte desse estímulo foi aproveitada (concorda com *parte*).

Alternativa "b" – O primeiro período, além de estar incoerente, não foi citado no texto.

Alternativa "c" – O texto não cita *concorrentes*.

Alternativa "d" – Erro no emprego do pronome anafórico: ***esse** período de 12 meses*.

Alternativa "e" – A iniciativa legal não foi suficiente para levar o empresariado a investir com maior entusiasmo em máquinas e equipamentos.

---

28. (ESAF – Analista-Tributário – RFB/2012) Assinale a opção que preenche as lacunas de forma gramaticalmente correta, coesa e coerente.

O País é considerado no exterior um grande mercado, principalmente a partir da ampliação da distribuição de renda que houve nos últimos anos. Por outro lado, a política do governo, __(1)__ prioridade à expansão do consumo, sem temer o uso de muitos incentivos com esse objetivo, estimulou __(2)__ os interesses externos no nosso mercado doméstico.

Soma-se a isso o fato __(3)__; na economia mundial atual, são escassas as oportunidades de grandes negócios e existe um excesso de liquidez, o que torna os investidores ainda mais propensos a investir no Brasil. A forma mais simples e direta é a compra de uma empresa nacional já em funcionamento, __(4)__ uma injeção não muito grande de capital pode aumentar significativamente sua eficiência. Esse tipo de aporte de capital interessa ao Brasil, __(5)__ representa entrada de divisas que ajudam a cobrir o déficit em transações correntes do balanço de pagamentos. (Editorial, O Estado de São Paulo, 2/8/2012)

	1	2	3	4	5
a)	dando	ainda mais	de que	em que	uma vez que
b)	por dar	pouco	de quem	com	vez que
c)	sem dar	insuficientemente	que	de	conquanto
d)	quando dá	de menos	de	na qual	pois
e)	ao dar	muito	o qual	que com	mas

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – *Diquinha*: inicar pelo pronome relativo ajuda muito.

- 4: uma injeção não muito grande de capital **na** empresa = *em que* ou *na qual*. Eliminadas alternativas *b*, *c* e *e*.
- 1: Por outro lado, a política do governo, **dando** prioridade à expansão do consumo, sem temer o uso de muitos incentivos com esse objetivo, estimulou (...). Note que para utilizar *quando dá* (alternativa *d* que restou), o verbo posterior deveria ser alterado: Por outro lado, a política do governo, *quando dá* prioridade à expansão do consumo, sem temer o uso de muitos incentivos com esse objetivo, *estimula* (...). Chega-se à resposta.
- 2: estimulou **ainda mais** os interesses externos no nosso mercado doméstico.
- 3: Soma-se a isso o fato **de que** são escassas as oportunidades. Regência: fato *de* algo.
- 5: Esse tipo de aporte de capital interessa ao Brasil, **uma vez que** representa entrada de divisas = causa.

---

29. (ESAF – Analista-Tributário – RFB/2012) Assinale a opção que preenche a lacuna do texto de forma gramaticalmente correta, coesa e coerente.

A necessidade de uma reforma tributária é quase uma unanimidade nacional. Na área federal, a que mais pesa na carga tributária, certamente é possível simplificar a estrutura de impostos e contribuições que incidem sobre os mesmos fatos geradores. Mas é a esfera estadual que concentra as maiores dificuldades do sistema produtivo no que se refere a tributos. É como se o país estivesse dividido em 27 "nações", cada qual com uma interpretação da legislação que deveria, no entanto, ser comum a todas. Não deixa de ser salutar que as unidades da federação tenham políticas de atração de investimento.

É o que poderia ocorrer também no Brasil, mas para isso é preciso uma reforma que estabeleça novas regras de convivência tributária entre os entes federativos. (Editorial, O Globo, 29/7/2012)

(A) A tentativa de se promover a reforma por meio de um projeto do governo federal não avançou no Congresso.

(B) Governadores se mostraram temerosos diante das mudanças, ainda que a União se dispusesse a compensar eventuais perdas durante um período de transição.

(C) Como as bancadas estaduais se mantiveram relutantes diante do projeto, criou-se um impasse.

(D) A reforma poderia ter sido feita em uma conjuntura de vacas gordas, quando a arrecadação bateu sucessivos recordes nas várias esferas de governo.

(E) Na China, embora governada por um regime centralizador, existe hoje uma disputa entre as províncias, e o país não se ressente dessa competição.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Ao mencionar *é o que poderia ocorrer também no Brasil*, conclui-se que outro país foi citado. A única alternativa que cita outro país é a China. Outra dica: é **o** que = há pronome demonstrativo (o) + pronome relativo (que). Lê-se: é isso que poderia ocorrer também no Brasil.

Alternativa "a" – Se não avançou, acontece no Brasil. Informação que é depreendida.

Alternativa "b" – Houve temor. Isso não poderia ocorrer no Brasil.

Alternativa "c" – Criar um impasse: eliminada a alternativa.

Alternativa "d" – Não foi citado outro país.

---

30. (ESAF – Analista-Tributário – RFB/2012) Os trechos abaixo constituem um texto do Editorial de O Estado de S. Paulo, de 29/7/2012, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e indique a sequência correta.

( ) Desde então, não apenas a realidade econômico – financeira do país sofreu mudanças significativas, com o controle da inflação e a transferência de setores da economia, então sob o tacão do Estado, para a iniciativa privada, como também surgiram fenômenos nem sequer sonhados pelo legislador.

( ) O atual Código de Defesa do Consumidor, em vigor há 21 anos, representou em seu tempo um marco na defesa dos direitos da cidadania, mas está longe de englobar, em seus 119 artigos, a complexidade de que se revestiu a atividade econômica a partir da revolução tecnológico-informacional.

( ) É o caso, entre outros, dos cartões de débito e crédito com chip, do comércio e da pirataria eletrônicos, do teleatendimento e da telecobrança, da informatização do sistema bancário, dos smartphones e tablets.

( ) A esses e outros traços do cenário do consumo no país, é inútil procurar respostas específicas no Código de Defesa do Consumidor. Foi mais do que oportuna a iniciativa do Senado de criar uma comissão de juristas, cujo trabalho foi concluído em março, para propor um anteprojeto de reforma do referido instrumento legal.

( ) Filho dos movimentos contra a carestia dos anos 1970 e da hiperinflação dos anos 1980, respondia ao contexto em que surgia: o de um país que emergia da chamada "década perdida", engolido pela crise e descrente da eficácia da ação governamental depois de sucessivos planos de estabilização frustrados.

(A) 1, 5, 2, 4, 3

(B) 3, 1, 4, 5, 2

(C) 5, 2, 1, 3 4

(D) 4, 3, 5, 2, 1

(E) 2, 4, 3, 1, 5

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Por eliminação:

- Não se inicia texto com *Desde então* = eliminada alternativa *a*.
- O segundo trecho pode iniciar o texto: atenção na sequência da alternativa *b*.
- Não há como iniciar texto com pronome demonstrativo anafórico (retoma ideia): *A esses e outros traços*. Eliminada alternativa *d*.

Construindo a ideia da alternativa cabível (b), destacando as ideias principais para facilitar:

Afirmação: O atual Código de Defesa do Consumidor, em vigor há 21 anos, representou em seu tempo um marco na defesa dos direitos da cidadania, mas está longe de englobar, em seus 119 artigos, a complexidade de que se revestiu a atividade econômica a partir da revolução tecnológico-informacional. ___, 1, ___, ___, ___. Resposta já encontrada, certo?

Explicação: Filho dos movimentos contra a carestia dos anos 1970 e da hiperinflação dos anos 1980, respondia ao contexto em que surgia: o de um país que emergia da chamada "década perdida", engolido pela crise e descrente da eficácia da ação governamental depois de sucessivos planos de estabilização frustrados. ___, 1, ___, ___, 2.

Tempo (mencionado no trecho anterior): Desde então, não apenas a realidade econômico-financeira do país sofreu mudanças significativas, com o controle da inflação e a transferência de setores da economia, então sob o tacão do Estado, para a iniciativa privada, como também surgiram fenômenos nem sequer sonhados pelo legislador. 3, 1, ___, ___, 2.

Exemplo do fenômeno: É o caso, entre outros, dos cartões de débito e crédito com chip, do comércio e da pirataria eletrônicos, do teleatendimento e da telecobrança, da informatização do sistema bancário, dos smartphones e tablets. 3, 1, 4, ___, 2.

Conclusão (o pronome demonstrativo retoma a ideia do trecho anterior): A esses e outros traços do cenário do consumo no país, é inútil procurar respostas específicas no Código de Defesa do Consumidor. Foi mais do que oportuna a iniciativa do Senado de criar uma comissão de juristas, cujo trabalho foi concluído em março, para propor um anteprojeto de reforma do referido instrumento legal. Pronto: 3, 1, 4, 5, 2.

Texto

Tem-se afirmado que o Brasil pegou a doença holandesa, ou seja, o efeito de descobertas ou aumento de preços de recursos naturais, que valorizam a taxa de câmbio e por isso acarretam desindustrialização. A ideia foi inspirada no surgimento de gás da Holanda. Pesquisas acadêmicas comprovaram que ocorre a valorização cambial, mas não ficou claro se tal doença causa desindustrialização ou redução do crescimento econômico. Na Holanda, o boom da exportação de gás valorizou a taxa de câmbio. Ao mesmo tempo, a indústria têxtil e de vestuário praticamente desapareceu e a produção de veículos e navios diminuiu. Foi daí que veio a tese da doença holandesa.

No Brasil diz-se que a valorização cambial decorrente da expansão das exportações de commodities evidenciaria a tese da doença holandesa. Nada disso tem comprovação. (Adaptado de Veja, 30 de maio de 2012)

31. (ESAF – Analista-Tributário – RFB/2012) Constitui uma continuidade gramaticalmente correta e coerente com a argumentação do texto o seguinte período sintático:

(A) Tudo isso neutraliza ou reduz os ganhos de competitividade derivado de tais avanços tecnológicos e de gestão na empresa.

(B) A valorização cambial agrava a perda de competitividade na indústria, é verdade, mas não é a causa principal dessa perda.

(C) Assim, o desequilíbrio provocado pelo êxito do agronegócio e da mineração seria revertido para ganho de competitividade em outros seguimentos.

(D) O país galgaria um patamar mais alto de crescimento se a proposta dos que afirmam que pegamos a doença holandesa, é tributar as exportações de commodities.

(E) No entanto essa valorização é consequência não intencional dos ganhos de comércio e da abundância de recursos externos que valorizam a taxa de câmbio não necessariamente negativos.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (x) – ANULADA pela organizadora. A resposta, anteriormente, era a alternativa *b*, mas há erro de pontuação, pois a expressão **na verdade** não poderia estar intercalada já que a conjunção *mas* exige a vírgula anteposta. Além de o período estar incoerente.

✪ **Nota da autora:** Para não prejudicar, vamos a uma questão recente (2013) da mesma banca.

---

32. (ESAF – 2013 – DNIT – Analista Administrativo – e Analista em Infraestrutura de Transportes) Assinale a opção em que o trecho adaptado da obra "Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade", de Marshall Berman, foi totalmente transcrito com correção gramatical.

(A) A perspectiva do novo homem no carro gerará os paradigmas do planejamento e *design* urbanos do século XX. O novo homem, diz Le Corbusier, precisa de "outro tipo de rua", no qual será "uma máquina para o tráfego" ou para variar a metáfora básica, "uma fábrica para produzir tráfego".

(B) Uma rua moderna precisa de ser bem equipada como uma fábrica. Nela, como a fábrica moderna, o modelo mais bem equipado é o mais altamente automatisado: nada de pessoas, exceto, as que operam as máquinas; nada de pedestres, desprotegidos para retardar o fluxo. Na cidade do futuro, o macadame pertencerá somente ao tráfego.

(C) À partir do relance mágico de Le Corbusier, nasceu uma visão de um novo mundo: um mundo inteiramente integrado de torres altíssimas, circundadas de vastas extensões de grama e espaço aberto, ligados por super-rodovias aéreas e servido por garagens e *shopping-centers* subterraneos.

(D) Nos novos ambientes urbanos, a antiga rua, com sua volátil mistura de pessoas e tráfego, negócios e residencias, ricos e pobres, foi eliminado, cedendo lugar a compartimentos separados, com as entradas e as saídas estritamente monitorados.

(E) Uma nova onda de modernização neutralizou as forças anárquicas e explosivas que a modernização urbana, outrora, havia reunido. Os modernistas não perceberam que o velho "caos" urbano, na verdade, constituía uma ordem humana rica e complexa.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Concordância e pontuação corretas.

Alternativa "a" – precisa de "outro tipo de rua", **o qual** (ou **que**) será "uma máquina para o tráfego": **outro tipo de rua** será uma máquina (sujeito = sem preposição).

Alternativa "b" – automatizado; nada de pessoas, **exceto as** que operam as máquinas = retirar a vírgula; nada de **pedestres desprotegidos** para retardar o fluxo = não separar o adjetivo do substantivo.

Alternativa "c" – **A** partir: não se usa crase antes de verbo, subterrâneos.

Alternativa "d" – A antiga rua foi **eliminada; residências** (paroxítona terminada em ditongo).

---

33. (ESAF – Analista-Tributário – RFB/2012) Assinale a opção incorreta a respeito da relação entre estruturas gramaticais e os mecanismos de coesão que sustentam a coerência do texto.

(A) A flexão de plural em "acarretam" indica que a "desindustrialização" resulta tanto do "efeito de descobertas" quanto do "aumento de preços".

(B) O substantivo "ideia" resume a informação do período sintático anterior, que compara causas e consequências da valorização da taxa de câmbio na Holanda e no Brasil.

(C) A flexão de masculino em "claro" estabelece relação de coesão entre esse qualificativo e a oração condicional como um todo.

(D) O advérbio "daí" tem a função textual de localizar no *boom da exportação* as consequências da doença holandesa.

(E) A opção pelo uso do futuro do pretérito em "evidenciaria", juntamente com o termo "diz-se", indica a posição argumentativa de distanciamento do autor e seu não comprometimento com a veracidade da informação veiculada.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – O advérbio ***daí*** tem a função textual de localizar as causas da tese da doença Holandesa e não de localizar no boom da exportação as consequências da doença Holandesa.

Alternativa "a" – O vocábulo *ou* está adicionando e não excluindo: *o efeito de descobertas ou aumento de preços de recursos naturais acarretam desindustrialização.*

Alternativa "b" – Sim, tente substituir por **essa** ideia. Pronto, está correto.

Alternativa "c" – O que ficou claro? *se tal doença causa desindustrialização ou redução do crescimento econômico* = oração subordinada substantiva subjetiva. O *se* é conjunção integrante.

Alternativa "e" – *Evidenciaria a tese* = verbo no futuro do pretérito do indicativo (tempo condicional); diz-se: presente do indicativo (ação habitual).

34. (ESAF – Analista-Tributário – RFB/2012) Assinale o trecho em que a transcrição do texto adaptado do jornal Correio Braziliense, de 7 de agosto de 2012, desrespeita as regras gramaticais no uso das estruturas linguísticas.

(A) Ao mesmo tempo em que os analistas do mercado financeiro elevam a perspectiva para a inflação este ano, eles trabalham cada vez mais com a possibilidade de queda para o Produto Interno Bruto (PIB) e também para a taxa de juros básica da economia.

(B) A principal razão para isso é que o setor industrial não dá mostras de que vai reagir, revertendo a tendência de queda na atividade. Pela décima semana consecutiva, os analistas vêm revendo para baixo as expectativas de desempenho da indústria brasileira.

(C) De acordo com o relatório Focus, a média das estimativas para o ano passou de uma contração na atividade no setor industrial de 0,44% para uma queda maior, de 0,69%. Com isso, as expectativas para o PIB, que já vinham diminuindo, caíram mais ainda.

(D) Segue também em queda, segundo os analistas do mercado financeiro, a previsão para a taxa básica de juros. Agora, segundo a pesquisa Focus, a taxa Selic deve chegar a 7,25% no final do ano.

(E) Até à semana passada, a estimativa que prevalescia era de que o ciclo de redução da Selic pararia em 7,5%. Atualmente a taxa está em 8%. Com a mudança o mercado financeiro passa a trabalhar com a perspectiva de que o Banco Central reduza a taxa mais duas vezes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Até **a** semana passada: não cabe o acento indicativo de crase; **prevalecia**; com a **mudança,** o mercado financeiro passa a trabalhar: a vírgula é necessária por haver inversão.

Observações importantes:

Alternativa "a" – Os analistas elevam a perspectiva **em** algum tempo = em que.

Alternativa "b" – revertendo a tendência (substitua por um substantivo masculino qualquer para se certificar de que não há crase) = revertendo **o projeto**: sem crase. Se resultasse em **ao**, haveria crase; os analistas vêm: verbo vir.

Alternativa "c" – Cuidado com a pontuação (está correta): **Com isso, as expectativas para o PIB**, que já vinham diminuindo, **caíram mais ainda**.

Alternativa "d" – Intercalação: **Segue também em queda**, segundo os analistas do mercado financeiro, **a previsão para a taxa básica de juros. Agora**, segundo a pesquisa Focus, **a taxa Selic deve chegar a 7,25% no final do ano**.

35. (ESAF – Analista-Tributário – RFB/2012) Assinale a opção em que o trecho do texto foi transcrito de forma gramaticalmente correta.

Alternativa "a" –O governo espera uma melhoria da economia, até o final do ano, mas, mesmo que essa hipótese se confirme, o efeito positivo sobre as contas fiscais não serão imediatos, com maior impacto no ano que vem.

Alternativa "b" –Até junho a receita de tributos vinha evoluindo em ritmo inferior ao esperado, como já reconheceu a Secretaria da Receita Federal. O mesmo parece estar ocorrendo com a arrecadação previdenciária, que vinha ajudando à sustentar o patamar da arrecadação federal, como mostraram dados do Ministério da Previdência relativos ao primeiro semestre.

Alternativa "c" –As contas fiscais de junho foram influenciadas negativamente pelo efeito estatístico do recolhimento do Refis da Crise, em junho de 2011. Provavelmente será tarefa mais difícil atingir as metas de superávit primário deste ano, num momento em que o Tesouro promete mais recursos para os Estados e promove desonerações fiscais.

Alternativa "d" –Afinal, a área fiscal ganhou mais relevância para o equilíbrio macroeconômico – e, assim, para o controle da inflação –, na medida da perda relativa de importância da política de juros e do regime de metas de inflação.

Alternativa "e" –Se as pressões sobre os preços visíveis nos últimos dias se confirmar, a política fiscal exigirá ainda mais atenção, por fragilidades tanto no longo como no curto prazo.

(Editorial, O Estado de São Paulo, 1/8/2012)

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Correta. As contas fiscais (sujeito) foram influenciadas: oração na voz passiva analítica (verbo *ser* + *particípio*) e concordância certa.

Alternativa "a" – O efeito positivo sobre as contas fiscais não **será imediato**.

Alternativa "b" – Vírgula por haver inversão: **Até junho,** a receita de tributos vinha evoluindo; não use dois verbos + gerúndio: **parece ocorrer**; não se usa crase antes de verbo: ajudando **a** sustentar.

Alternativa "d" – perda relativa **à** importância da política de juros.

Alternativa "e" – Se as pressões sobre os preços visíveis nos últimos dias **se confirmarem**.

---

36. (ESAF – Analista-Tributário – RFB/2012) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

A importância da indústria __(1)__ o país é inegável, __(2)__ seus efeitos multiplicadores, __(3)__ salários que paga, __(4)__ arrecadação de impostos. __(5)__ ganhar competitividade, a indústria necessita de melhoras alheias ao setor, como, por exemplo, uma infraestrutura mais eficiente e um sistema tributário mais adequado. __(6)__, a indústria brasileira também precisa se renovar. Processos produtivos desatualizados, deficiências de qualidade e questões gerenciais são desafios específicos do setor, que não dependem inteiramente de políticas públicas. (Editorial, O Globo, 3/8/2012)

	1	2	3	4	5	6
a)	para	por	pelos	pela	Para	Porém
b)	do	de	dos	com a	Se	Todavia
c)	com	que	para	na	Quando	Entretanto
d)	no	com	com os	da	Ao	Mas
e)	em relação ao	dos	por	para a	Enquanto	No entanto

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – A segunda oração indica causa da oração principal, logo usaremos, obrigatoriamente, a preposição **por**, eliminando, assim, as outras alternativas: A importância da indústria para o país é inegável **por quê? Por** seus motivos multiplicadores. (2)

1) A importância da indústria **para algo** (paralelismo);

3) Por seus efeitos multiplicadores, **pelos** salários que paga (paralelismo);

4) **Pela** arrecadação de impostos (paralelismo);

5) **Para** ganhar competitividade: finalidade;

6) **Porém** a indústria brasileira também precisa se renovar: ideias opostas = adversidade.

---

37. (ESAF – Analista-Tributário – RFB/2012) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical na transcrição do texto abaixo.

O tipo de investimento estrangeiro que pode ter a melhor acolhida no País é **aquele que** *(1) representa a implantação de novas unidades de produção, capaz de criar não só mais empregos, mas aportar um conteúdo tecnológico inovador e importante. Nesse campo, as necessidades do Brasil* **são** *(2) praticamente ilimitadas. Como se vê, não* **se trata** *(3), em absoluto, de recusar investimentos estrangeiros que, de qualquer modo, apresentam vantagens, mas de procurar* **direcionar-lhes** *(4) para onde são mais importantes e necessários e de estar conscientes* **de que** *(5) nem todos eles representam a salvação da economia num momento de dificuldades. (Editorial, O Estado de S. Paulo, 2/8/2012, com adaptações)*

(A) (1) aquele que

(B) (2) são

(C) (3) se trata

(D) (4) direcionar-lhes

(E) (5) de que

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – O verbo *direcionar* é transitivo direto: **direcioná-lo**.

Alternativa "a" – é **aquele** (investimento) **que** (1) representa: o investimento é sujeito = sem preposição.

Alternativa "b" – As necessidades **são** ilimitadas: verbo concorda com o sujeito.

Alternativa "c" – Não se trata: o advérbio de negação atrai o pronome oblíquo.

Alternativa "e" – Quem é consciente, é consciente **de** algo: *de que*.

Enxergando suas obras da década de 1890 à luz de seus conceitos-chave – como o de "idealismo prático" e o de "República" –, conclui-se que Nabuco permaneceu monarquista por julgar que o advento do regime republicano, naquele momento, _____ o advento de uma sociedade autenticamente republicana, liberal e democrática entre nós. Por outro lado, considerações de ordem estritamente prática levavam – no a ver, na Monarquia preexistente, um instrumento que permitiria promover mais efetivamente o civismo, o liberalismo e a democracia, capaz de preparar a sociedade brasileira para uma República que fosse além do mero rótulo, ou seja, sem desnível entre forma e conteúdo; entre o país legal e o país real. (Christian Edward Cyril Lynch, "O Império é que era a República: a monarquia republicana de Joaquim Nabuco". Lua Nova: Revista de Cultura e Política, n.85, 2012, com adaptação)

---

38. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2012) Assinale a opção que completa a lacuna sem provocar incoerência de ideias ou ruptura na direção argumentativa do texto.

(A) poderia acelerar as transformações sociopolíticas necessárias para

(B) viria a prejudicar e não a favorecer

(C) encontraria valores sedimentados de civismo e liberalismo para

(D) legitimaria a implantação de regimes totalitários, forçando

(E) em vez de retardar o processo democrático, viria a acelerar

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Nabuco acreditava que era preciso preparar a sociedade para uma "República", logo o regime republicano, naquele momento, viria a prejudicar e não a favorecer o advento de uma sociedade autenticamente republicana.

Alternativa "a" – Incoerente porque **a continuação do texto nos mostra que o interesse de Nabuco era preparar a sociedade para uma República autêntica.**

Alternativa "c" – Ideia oposta na sequência do texto.

Alternativa "d" – *O totalitarismo é caracterizado pela coincidência do autoritarismo (onde os cidadãos comuns não têm participação significativa na tomada de decisão do Estado) e da ideologia (um esquema generalizado de valores promulgado por meios institucionais para orientar a maioria, senão todos os aspectos da vida pública e privada).* Essa definição demonstra que não há relação com uma **sociedade republicana, liberal e democrática.**

Alternativa "e" – Esta alternativa possui a mesma ideia da alternativa *a*.

Texto:

Suponha que a Receita Federal o convoque para explicar como pode ter comprado uma casa de R$ 100 mil, em dinheiro, se ganhou apenas R$ 50 mil no ano todo. Você chega lá e diz: minha obrigação é fazer a declaração. Se bate ou não bate, se tem regularidade ou não, é outro problema. Mas faltam 50 mil para fechar as contas – argumenta o fiscal. E você: E daí? Não tem nada demais. Isso é mero problema aritmético. O que importa é que cumpri meu dever de cidadão ao apresentar a declaração. Não vai colar, não é mesmo? Mas na Justiça Eleitoral cola. Se o cidadão, em sua campanha eleitoral, arrecadou R$ 50 mil e gastou R$ 100 mil, mas declarou tudo na prestação de contas – está limpo. Mesmo que as contas tenham sido rejeitadas pela Justiça, ele pode se candidatar na eleição seguinte. Essa foi a decisão tomada pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) no fim de junho. (Carlos Alberto Sardenberg, "Roubou, mas declarou? Está limpo". O Estado de São Paulo, 02/07/2012., com adaptações) http://arquivoetc.blogspot.com.br/2012/07/roubou-mas-declarou-esta-limpo-carlos.html)

39. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2012) No início do texto, o autor exorta o leitor a participar de uma situação hipotética, na qual o leitor desempenha o papel de um contribuinte de imposto sendo arguido por funcionário da Receita Federal. Assinale a proposição que interpreta de modo errôneo o emprego de tal recurso, em continuação à frase:

Tal recurso

(A) obrigou o autor a empregar os verbos do primeiro parágrafo no modo subjuntivo, para manter a coesão temporal com "Suponha".

(B) permitiu o confronto com situação semelhante possível de ocorrer em outro campo da atuação humana.

(C) constitui recurso de introdução textual que evita a entrada brusca no assunto principal do texto.

(D) possui potencial retórico de levar o leitor a concordar com a argumentação do autor.

(E) contribuiu para o autor expor com mais didatismo sua discordância em relação a uma decisão da justiça eleitoral.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – O verbo *supor*, empregado no presente do subjuntivo indica hipótese, dúvida e não obriga o autor a empregar os verbos no mesmo modo porque as informações pospostas não são duvidosas, hipotéticas: *pode ter comprado* equivale a *comprou* (indicativo); *ganhou* também está no indicativo (pretérito perfeito). Além disso, há erro na finalidade citada: *para manter a coesão temporal.*

Alternativa "b" – Confronto por expor uma possibilidade.

Alternativa "c" – Sim, pois a informação principal está posposta.

Alternativa "d" – Sim. Potencial retórico: arte ou qualidade de se expressar bem por palavras.

Alternativa "e" – Ficou didático por expor hipótese, ou seja, leva o leitor ao raciocínio.

40. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2012) Assinale a substituição proposta para os diálogos abaixo que desrespeita a correta morfossintaxe do padrão formal escrito da língua portuguesa.

(A) Você chega lá e diz.

Você se apresenta ao funcionário da Receita Federal e afirma.

(B) Se bate ou não bate, se tem regularidade ou não, é outro problema.

Se dá certo ou não, sendo regulares ou não, é outra questão.

(C) E você: E daí? Não tem nada demais.

E você retruca: – Que importância tem isso? Não há nenhum problema nisso.

(D) Não vai colar, não é mesmo? Mas na Justiça Eleitoral cola.

O argumento não será aceito, certamente. Contudo, na Justiça Eleitoral ele o será.

(E) mas declarou tudo na prestação de contas – está limpo.

Mas declarou o que arrecadou e o que gastou na prestação de contas – está quite com a Justiça Eleitoral.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Sem retornar ao texto, seria impossível acertar a questão: minha obrigação é fazer **a declaração**. = Se dá certo ou não, sendo **regular** (a declaração) ou não, é outra questão.

Alternativa "a" – Você chega lá = Você se apresenta ao funcionário da Receita Federal; e diz = e afirma.

Alternativa "c" – E você: E daí? = E você retruca: – Que importância tem isso?; Não tem nada demais = Não há nenhum problema nisso.

Alternativa "d" – Não vai colar, não é mesmo? = O argumento não será aceito, certamente; Mas na Justiça Eleitoral cola = Contudo, na Justiça Eleitoral ele o será.

Alternativa "e" – mas declarou tudo na prestação de contas = mas declarou o que arrecadou e o que gastou na prestação de contas; está limpo = está quite com a Justiça Eleitoral.

---

41. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2012) Assinale o segmento que dá sequência ao texto, respeitando a coerência entre as ideias e a correção gramatical.

Quando a maré sobe, ergue todos os barcos, diz o velho adágio. Nos anos de crescimento acelerado e excesso de capitais financeiros na economia mundial, mesmo as embarcações de casco avariado tiraram proveito da maré favorável. O Brasil, como grande exportador de matérias – primas e um dos principais destinos dos dólares investidos internacionalmente, foi um dos países mais beneficiados. Os efeitos foram ainda mais sentidos _____. (Ana Luiza Daltro e Érico Oyama, "As razões do pibinho". Veja, 13/06/2012, p. 76/77)

(A) por causa das reformas econômicas levadas a efeito na década passada.

(B) devido a ótima fase de comercialização de nossas matérias-primas.

(C) a despeito dos acertos internos na condução de reformas econômicas.

(D) enquanto se aguarda o aumento na taxa de investimento.

(E) graças à onerosa carga tributária sobre o setor produtivo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – **Por que** os efeitos foram ainda mais sentidos? **Por causa das reformas econômicas levadas a efeito na década passada**: a resposta indica a causa da oração principal (anterior).

Alternativa "b" – devido **à** ótima fase = devido **ao** ótimo momento.

Alternativa "c" – Erro: **a despeito de** indica **concessão.** Informação contrária, pois as reformas econômicas alavancaram os efeitos.

Alternativa "d" – Erro: **enquanto**. Deveria ter sido usada uma conjunção concessiva (apesar de, por exemplo).

Alternativa "e" – onerosa carga tributária é uma crítica ao sistema tributário.

TEXTO

Uma coisa que me incomoda na discussão política brasileira, especialmente a mais popular: até parece, quando se fala de mazelas e malfeitos, que nada temos a ver com os políticos que nós mesmos elegemos. Parece que eles desembarcaram de Marte.

Ora, o fato é que daqui a poucos meses completaremos 30 anos de eleições seguidas e livres. Em 1982, os brasileiros puderam eleger governadores de oposição, isto é: puderam votar. O país tinha sido privado do voto livre desde 1965, quando ocorreram, embora tuteladas, as últimas eleições para governador de Estado. Na década de 70, as principais prefeituras, centenas na verdade, se tornaram cargos de nomeação da ditadura. Quase nada restou para o voto.

Mas, agora, são já três décadas de escolha livre, cada vez mais limpa, dos governantes. Ninguém decide impostos ou penas de prisão se não tiver sido eleito por nós. A democracia de 1985, aliás, foi além da instituída em 1946, porque permitiu o voto do analfabeto, liberou os partidos comunistas e, com o voto eletrônico e a propaganda na TV, fez despencar a fraude e a influência do coronelismo. Então,

por que teimamos em renegar nossa responsabilidade na escolha de maus políticos? (Renato Janine Ribeiro, "Os políticos vem de Marte?" Valor Econômico, 02/07/2012)

42. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2012) Assinale a opção que completa corretamente as incógnitas da frase: *"O que incomoda o autor é X; ele gostaria que Y".*

(A) X: as pessoas discutirem política de modo superficial Y: elas percebessem que as eleições livres no Brasil acontecem há três décadas

(B) X: a falta de liberdade no momento do voto

Y: os eleitores cobrassem mais responsabilidade dos políticos que ajudaram a eleger

(C) X: os governantes não cumprirem as promessas de campanha

Y: os políticos cumprissem o que prometeram na campanha

(D) X: a falta de consciência dos eleitores de que são responsáveis por ter elegido este ou aquele governante

Y: as pessoas assumissem sua responsabilidade pela escolha de maus políticos

(E) X: os eleitores tratarem os políticos como se estes tivessem vindo de Marte

Y: os eleitores fossem mais cobrados pelos políticos eleitos

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – O que incomoda o autor é **a falta de consciência dos eleitores de que são responsáveis por ter elegido este ou aquele governante.** Ironia do autor: "... que nada temos a ver com os políticos que nós mesmos elegemos. Parece que eles desembarcaram de Marte."

– ele gostaria que **as pessoas assumissem sua responsabilidade pela escolha de maus políticos:** "A democracia de 1985, aliás, foi além da instituída em 1946, porque permitiu o voto do analfabeto, liberou os partidos comunistas e, com o voto eletrônico e a propaganda na TV, fez despencar a fraude e a influência do coronelismo. Então, por que teimamos em renegar nossa responsabilidade na escolha de maus políticos?"

Alternativa "a" – Não incomoda a discussão, mas sim **na discussão** política brasileira: eliminada pelo X.

Alternativa "b" – X: Há liberdade no voto e isso é um dos problemas.

Alternativa "c" – X: Não incomoda o fato de os governantes não cumprirem as promessas, mas sim a falta de consciência dos eleitores.

Alternativa "e" – X: Indica apenas uma ironia em relação ao voto.

Texto

O último esteio importante da legislação sindical do Estado Novo foi o imposto sindical, criado em 1940. A despeito das vantagens concedidas aos sindicatos oficiais, muitos deles tinham dificuldade em sobreviver, por falta de recursos. O imposto sindical veio dar-lhes o dinheiro sem exigir esforço algum de sua parte. A solução foi muito simples: de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, era descontado anualmente, na folha de pagamento, o salário de um dia de trabalho. Os empregadores também contribuíam. Do total arrecadado, 60% ficavam com o sindicato da categoria profissional, 15% iam para as federações, 5% para as confederações. (José Murilo de Carvalho, Cidadania no Brasil – o longo caminho. RJ, Civilização Brasileira, 2004, p.121,com adaptações)

43. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2012) Assinale a asserção incorreta acerca dos sentidos e da morfossintaxe do texto.

(A) O primeiro período admite, preservada a correção gramatical, a reescritura: Criado em 1940, o imposto sindical foi o último esteio importante da legislação sindical do Estado Novo.

(B) "A despeito das vantagens" admite substituição por **Nada obstante as vantagens**, sem prejuízo da semântica e da correção gramatical.

(C) Constituem uma sequência coesiva de "sindicatos oficiais" os termos: deles; – lhes e sua.

(D) Trocando-se "contribuíam" por **houveram contribuído**, mantém-se o mesmo tempo verbal, sem prejuízo da coerência textual.

(E) Se quiséssemos informar sobre a porcentagem restante do total arrecadado (último período), estaria correta a concordância verbal da frase "Os 20% restantes ficavam...".

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de verbo, conjunção, pronome (coesão) e concordância.

– O **pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo** é a formação de locução verbal com o auxiliar **ter** ou **haver** no **pretérito imperfeito do indicativo** e o principal no particípio, **tendo o mesmo valor que o pretérito mais-que-perfeito do indicativo simples**: contribuíra.

▶ **Dica – Tempos compostos:**

São formados por locuções verbais que têm como auxiliares os verbos **ter** e **haver** e como principal, qualquer verbo no **particípio**. São eles:

- **Pretérito Perfeito Composto do Indicativo**

É a formação de locução verbal com o auxiliar **ter** ou **haver** no Presente do Indicativo e o principal no particípio, indicando fato que tem ocorrido com frequência ultimamente: Eu tenho estudado demais ultimamente.

- **Pretérito Perfeito Composto do Subjuntivo**

É a formação de locução verbal com o auxiliar **ter** ou **haver** no **Presente do Subjuntivo** e o principal no particípio, indicando desejo de que algo já tenha ocorrido: Espero que você tenha estudado o suficiente, para conseguir a aprovação.

- **Pretérito Mais-que-perfeito Composto do Indicativo**

É a formação de locução verbal com o auxiliar **ter** ou **haver** no **Pretérito Imperfeito do Indicativo** e o principal no particípio, tendo o mesmo valor que o Pretérito Mais-que-perfeito do Indicativo simples: Eu já tinha estudado no Maxi, quando conheci Magali.

- **Pretérito Mais-que-perfeito Composto do Subjuntivo**

É a formação de locução verbal com o auxiliar **ter** ou **haver** no **Pretérito Imperfeito do Subjuntivo** e o principal no particípio, tendo o mesmo valor que o Pretérito Imperfeito do Subjuntivo simples: Eu teria estudado no Maxi, se não me tivesse mudado de cidade.

Obs.: perceba que todas as frases remetem a ação obrigatoriamente para o passado. A frase Se eu estudasse, aprenderia é completamente diferente de Se eu tivesse estudado, teria aprendido.

- **Futuro do Presente Composto do Indicativo**

É a formação de locução verbal com o auxiliar **ter** ou **haver** no **Futuro do Presente simples do Indicativo** e o principal no particípio, tendo o mesmo valor que o Futuro do Presente simples do Indicativo. Amanhã, quando o dia amanhecer, eu já terei partido.

- **Futuro do Pretérito Composto do Indicativo**

É a formação de locução verbal com o auxiliar **ter** ou **haver** no **Futuro do Pretérito simples do Indicativo** e o principal no particípio, tendo o mesmo valor que o Futuro do Pretérito simples do Indicativo: Eu teria estudado no Maxi, se não me tivesse mudado de cidade.

- **Futuro Composto do Subjuntivo**

É a formação de locução verbal com o auxiliar **ter** ou **haver** no **Futuro do Subjuntivo simples** e o principal no particípio, tendo o mesmo valor que o Futuro do Subjuntivo simples: Quando você tiver terminado sua série de exercícios, eu caminharei 6 Km.

- **Infinitivo Pessoal Composto**

É a formação de locução verbal com o auxiliar **ter** ou **haver** no **Infinitivo Pessoal simples** e o principal no particípio, indicando ação passada em relação ao momento da fala: Para você ter comprado esse carro, necessitou de muito dinheiro.

Alternativa "a" – Correto: apenas há inversão da locução adverbial de tempo e a vírgula inserida é obrigatória.

Alternativa "b" – **A despeito de, apesar de** e **não obstante** indicam concessão (ideias opostas).

Alternativa "c" – Todos os pronomes referem-se aos sindicatos, basta substituí-los: A despeito das vantagens concedidas aos **sindicatos oficiais**, muitos **deles (dos sindicatos)** tinham dificuldade em sobreviver, por falta de recursos. O imposto sindical veio dar-**lhes (aos sindicatos)** o dinheiro sem exigir esforço algum de **sua** parte **(parte dos sindicatos)**.

Alternativa "e" – O verbo deve concordar com o numeral da porcentagem: **20% ficaram**.

Obs.: 60 + 15 + 5 = 80. Faltam 20.

---

44. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2012) Assinale a paráfrase (escrever a mesma coisa de forma diferente) correta e adequada do período "A solução foi um dia de trabalho"(quarto período).

(A) Descontava-se um dia de trabalho do salário, na folha de pagamento anual, dos sindicalizados ou não, de todos os trabalhadores, como solução fácil para a falta de recursos do imposto sindical.

(B) Para solucionar a escassez de recursos dos sindicatos, a solução se encaminhou no sentido de serem descontados, de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, da folha anual de pagamento, o salário de um dia de trabalho.

(C) Para conseguirem sobreviver, os sindicatos adotaram uma solução simples de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não – o desconto anual, na folha de pagamento, do salário de um dia de trabalho.

(D) Não foi complicada achar a solução. De todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, descontava-se um dia de trabalho, anualmente, juntamente com a folha de pagamento.

(E) Foi simples a solução adotada – seria descontado anualmente, na folha de pagamento de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, o valor equivalente a um dia de trabalho.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Foi simples a solução adotada: A solução foi muito simples; seria descontado

anualmente, na folha de pagamento de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, o valor equivalente a um dia de trabalho: de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, era descontado anualmente, na folha de pagamento, o salário de um dia de trabalho.

Erros:

Alternativa "a" – Descontava-se um dia de trabalho **do salário** (do trabalhador).

Alternativa "b" – Além de incoerente, há erro de concordância: no sentido de **ser descontado**, de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, da folha anual de pagamento, **o salário de um dia de trabalho**.

Alternativa "c" – Incoerente e com erro de pontuação.

Alternativa "d" – Incoerente e com erros gramaticais: Não foi **complicado** achar a solução.

A solução foi muito simples: de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, era descontado anualmente, na folha de pagamento, o salário de um dia de trabalho.

---

45. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2012) Assinale o trecho inteiramente correto quanto ao emprego do padrão formal escrito da língua portuguesa.

(A) Quando falamos em prova, no direito, tem-se a idéia de que existe algo a ser defendido ou algo que venha a ser contestado. Dentro dessa linha cognoscível, entende-se que vai existir sempre um agente acusador e um agente acusado.

(B) Pois bem, a prova é o meio de resolução desse conflito existente, da qual é dela que o juiz irá extrair aqueles meios exequíveis à resolução pendente.

(C) O juiz não tem o ônus de buscar a verdade – ele somente apresenta as partes a verdade mais justa diante do caso em questão. A parte é quem tem o ônus de buscar a verdade, daí as provas serem de suma importância para a resolução do litígio.

(D) Devido à atribuição de pontos a cada tipo de prova, o sistema tarifal de provas passou a facilitar as decisões dos juízes, que somente se encarregavam da somatória dos pontos que cada parte obtera mediante suas provas apresentadas e decidia o caso a favor de quem somou mais pontos.

(E) Para adquirir força probatória no processo judicial, os meios "moralmente legítimos" de obtenção de provas devem está em congruência com os aspectos lícitos do nosso ordenamento legal.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Polêmica questão porque o substantivo **ideia** está grafado com acento agudo e, após a reforma ortográfica, foi retirado. Detalhe: no edital não foi pedida a reforma ortográfica e por isso não poderia ser considerado errado o acento. Por eliminação, chegaria à resposta.

Alternativa "b" – a prova é o meio de resolução desse conflito existente, **da qual o juiz** irá extrair aqueles meios exequíveis = o juiz irá extrair meios **da** prova.

Alternativa "c" – O juiz não tem o ônus de buscar a **verdade: ele** somente apresenta **às** partes a verdade mais justa diante do caso em questão.

Alternativa "d" – somente se encarregavam da somatória dos pontos que cada parte **obtivera** mediante suas provas apresentadas e **decidiam** o caso a favor de quem somou mais pontos.

Alternativa "e" – sistema **tarifário** (não existe "tarifal"); **os meios** "moralmente legítimos" de obtenção de provas **devem estar** em congruência.

(ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2012)

Não dá para fazer reforma mantendo a mesma estrutura tributária, sem corrigir um sistema de que (a) se transformou num monstro justamente por que (b) rombos omentâneos (c) superaram a racionalidade fiscal desde os tempos do ditadura militar. Para falar mais claro, nos últimos 40 anos um imposto era criado sempre que o Orçamento federal abria um novo rombo, gerado por suscessivos (d) governos que gastavam mais do que podiam. Assim nasceram (e) o PIS-Cofins federal, as nove taxas embutidas nas contas de luz, a taxa de incêndio municipal e por aí vai. (Suely Caldas, "Falsos remédios". Folha de S. Paulo, 1/5/2012 http://arquivoetc.blogspot.com.br/2012_05_01_archive.html)

Assinale a letra correspondente à expressão inteiramente correta.

(A) de que

(B) por que

(C) omentâneos

(D) suscessivos

(E) nasceram

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Sujeito composto = verbo no plural: o PIS-Cofins federal, as nove taxas embutidas nas contas de luz, a taxa de incêndio municipal **nasceram.**

Alternativa "a" – O sistema se transformou num monstro = **que.** Se o pronome relativo retoma o sujeito, não pode haver preposição que o acompanhe.

Alternativa "b" – Porque: explicação.

▶ **Dica – Os porquês:**

▶ Por que = equivale a **pelo qual;** vem acompanhado pela palavra **razão** *(mesmo que subenten-*

dida) g *Ex: Este é o caminho por que passo. Por que você foi embora logo?*

- Porque = é uma **explicação**,equivale a pois g *Ex: Fui embora logo porque estava muito cansado.*
- Porquê = é um substantivo,ou seja, nomeia. **Admite plural** g *Ex: Não sei o porquê de sua demora. O estudo da palavra porquê.*
- Por quê = segue a regra da palavra que: quando utilizada no **fim de uma frase,** será sempre acentuada g *Ex: Ele faltou, mas não sei por quê.*

Alternativa "c" – Momentâneos: faltou o acento circunflexo.

Alternativa "d" – Sucessivos.

Texto:

No momento, o ministro das Comunicações trabalha em medidas para reduzir custos na telefonia e nas telecomunicações. Ele usa o conhecido – e correto – argumento de que o corte de impostos, ao reduzir o custo final para o usuário, aumenta o consumo; logo, o faturamento das empresas. E, portanto, repõe, num segundo momento, a receita tributária inicialmente perdida.

A visão do ministro para o corte de tributos nas comunicações pode ser estendida a toda a economia, envergada sob o peso de uma fatura de impostos na faixa dos 36% do PIB, a mais elevada entre as economias emergentes, no mesmo nível de países europeus, em que os serviços públicos têm uma qualidade muito superior à dos oferecidos pelo Estado brasileiro. (Hora de ampla desoneração tributária. Editorial, O Globo, 5/6/2012, com adaptação. http://arquivoetc.blogspot.com.br/2012/06/hora-de-ampla-desoneracao-tributaria.html)

46. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2012) Assinale a proposição correta a respeito de elementos linguísticos do texto e de sentidos nele depreensíveis.

(A) Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir os travessões por vírgulas.

(B) Há relação de "causa e consequência" na sequência destas três ideias do texto: "o corte de impostos reduz o custo final para o consumidor", "o consumo aumenta", "aumenta o faturamento das empresas".

(C) Substituindo-se "envergada" por **soterrada** ou **subterrada**, palavras já aglutinadas com o prefixo soe **sub-**, torna-se dispensável o emprego da preposição "sob" na frase.

(D) Por estarem subentendidas, é correto explicitar as palavras **que estão** no corpo da última frase, que vai ficar assim: ... **as economias emergentes, que estão no mesmo nível de países europeus...**

(E) Confere-se maior concisão à frase "superior à dos oferecidos pelo Estado brasileiro", sem prejuízo da correção gramatical, se ela for reescrita assim: **superior aos oferecidos pelo Estado brasileiro.**

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – O consumo aumenta, aumenta o faturamento das empresas **por quê?** Porque o corte de impostos reduz o custo final para o consumidor.

Alternativa "a" – Não prejudica: duplos travessões, duplas vírgulas e parênteses se equivalem.

Alternativa "c" – É indispensável.

Alternativa "d" – É retirada a ideia de comparação.

Alternativa "e" – O termo elíptico é **garantia**, portanto não confere maior concisão.

47. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2012) Assinale o segmento com completa correção na estrutura morfossintática.

(A) Nabuco nada tinha a se opor à eletividade da chefia do Estado em países cujas sociedades houveram alcançado um grau de estruturação que lhes facultasse resistir à corrupção, à tirania e à oligarquia.

(B) A indústria não passa por um bom momento. Tem sentido a alta dos custos gerada pela elevação dos salários, que poderia ser menor acaso a produtividade média do trabalhador na indústria estivera se elevando.

(C) Durante certo tempo, ao invés de agirem como magistrados, os presidentes da América Latina empregavam a máquina pública em benefício das coligações a que pertenciam, recorrendo à fraudes e à violência para nelas se perpetuarem.

(D) Por certo, associações de variados perfis e movimentos sociais atuam visando múltiplos objetivos e sob diferentes contextos, recursos e condições. Desempenham atividades de representação da população de onde estão inseridas.

(E) Com o crescimento perdendo força há trimestres seguidos, é difícil encontrar perspectivas muito otimistas. Na média, as consultorias econômicas do país estimam que o PIB avançará apenas 2,7% neste ano, mas há quem preveja um ano ainda mais fraco.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Breve comentário: as duas primeiras vírgulas indicam inversão e a última é obrigatória por separar oração coordenada adversativa.

Alternativa "a" – Haviam alcançado equivale a alcançaram, ou seja, está correto o plural, o erro é na conjugação do tempo.

Alternativa "b" – ... poderia ser menor **caso** a produtividade média do trabalhador na indústria **estivesse** se elevando.

Alternativa "c" – em vez de (só se usa **ao invés de** se houver palavras antônimas); recorrendo **a** fraudes e à violência para **nela** (na máquina) se perpetuarem.

Alternativa "d" – ... visando **a** múltiplos objetivos; desempenham atividades de representação da população **em que** estão inseridas.

---

48. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2012) Assinale a opção correta sobre as relações morfossintáticas e semânticas do texto.

A legislação trabalhista brasileira está perto de dar um passo rumo à modernização em pelo menos uma das frentes de contratação de mão de obra. Trata-se da terceirização. O sistema avançou em todo o mundo nos últimos anos, mas, no Brasil, tem alimentando polêmica entre trabalhadores, empresários e magistrados, além de ajudar a entulhar os escaninhos da Justiça do Trabalho. A Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) da Câmara dos Deputados vai votar o relatório ao Projeto de lei nº 4.330/04, que regulamenta essa modalidade de contratação.

Já não era sem tempo. Rejeitada por lideranças sindicais, que temem sofrer enfraquecimento de sua base com ampliação das empresas de terceirização, a matéria vem tramitando com grande dificuldade no Congresso. O resultado é que a realidade acabou atropelando a legislação ou a falta dela. A sofisticação dos processos de produção, a necessidade de manter o foco no coração do negócio e de buscar ganhos de escala forçou as empresas a reduzir a verticalização. (Avanço nas relações de trabalho, Editorial, Correio Braziliense, 13/8/2012)

(A) O emprego do sinal indicativo de crase em "rumo à modernização" justifica-se porque a palavra "passo" exige complemento antecedido pela preposição "a" e "modernização" admite artigo definido.

(B) Confere-se mais formalidade ao texto ao se substituir a palavra "entulhar" por **atolar**.

(C) O emprego de vírgula antes de "que regulamenta" justifica-se para isolar oração subsequente de natureza restritiva.

(D) Depreende-se das informações do texto que o termo "verticalização" refere-se ao processo de contratação direta de funcionários pelas empresas.

(E) Ao substituir "Já não era sem tempo." por **Já era tempo** prejudica-se o sentido original do texto.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Basta voltar ao texto para se certificar. Eliminemos as outras alternativas:

Alternativa "a" – O sinal indicativo de crase justifica-se pela regência do substantivo *rumo*: rumo **a** algo.

Alternativa "b" – Entulhar está no sentido de **acumular.**

Alternativa "c" – Em oração restritiva, não se usa pontuação. A oração explicativa exige pontuação.

Alternativa "e" – Não prejudica o sentido original do texto.

---

49. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2012) Assinale a opção que apresenta todas as três propostas de preenchimento das lacunas do texto inteiramente corretas, do ponto de vista semântico e morfossintático.

A reconstrução de um fato ocorrido no passado sempre vem influenciada pela subjetividade das pessoas __(A)__ ou ainda daquele que __(B)__ há de receber e valorar a evidência concreta. Mais que isso, o julgador __(C)__ tentar reconstruir fatos do passado jamais poderá excluir, terminantemente, a possibilidade __(D)__ de forma __(E)__. (Com base em Saulo Felinto Cavalcante, "A importância das provas no mundo do direito", http://www.recantocasletras.com.br/ textosjuridicos/3018189).

(A) que assistiram ao mesmo que assistiram a ele a que lhe assistiram

(B) taiqualmente o juiz (como o juiz),

– da mesma forma que o juiz –

(C) (ou o historiador ou, enfim, quem quer que deve)

(ou o historiador, ou, enfim, quem quer que deva)

– ou o historiador ou enfim – quem quer que deva

(D) de que as coisas tenham-se passado

de as coisas terem se passado

de as coisas se terem passado

(E) diversa àquela a que suas conclusões o levaram.

discordante com aquela a qual suas conclusões o conduziram.

distinta da que suas conclusões lhe fizeram chegar.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

✪ **Nota da autora:** Antes, vamos entender o que é pedido: há, em cada alternativa, três formas distintas e todas podem preencher o espaço correspondente à letra mencionada no texto.

Alternativa *d:* a possibilidade **de que as coisas tenham-se passado** (possibilidade **de** algo; o verbo está concordando com o sujeito); a possibilidade **de as coisas terem se passado** ou a possibilidade **de as coisas se terem passado**.

Alternativa "a" – O verbo *assistir* não admite, como objeto indireto, o pronome oblíquo *lhe*.

Alternativa "b" – *Talqualmente: da mesma maneira que, igualmente* = correto. O erro está no emprego da vírgula após o uso dos parênteses.

Alternativa "c" – Dentro dos parênteses, deveria estar assim: (ou o historiador, ou, enfim, quem quer que **deva**) – note a conjugação correta do verbo *dever* e a intercalação do vocábulo *enfim*.

Alternativa "e" – diversa àquela = diversa a algo (crase correta: diversa **ao** problema); a que suas conclusões o levaram = suas conclusões o levaram **a** algo; discordante **daquela** = discordante **de** algo e não *com algo;* distinta **daquela a** que suas conclusões **o** fizeram chegar.

Texto:

A década de 1980 foi o marco do surgimento de um novo ator social nos países ricos: o novo-pobre (nouveau-pauvre). Corolário do desmoronamento do sistema de proteção social, em um quadro agravado pela revolução tecnológica, que automatizou o sistema produtivo sem gerar novos postos de trabalho, esse novo personagem vai materializar uma inesperada e imprevisível reprodução, no mundo desenvolvido, do problema da desigualdade social, tão comum no terceiro mundo.

O novo-pobre é, cada vez mais, a expressão do fenômeno da exclusão social. Não é mais um indivíduo que está à margem, mas, sim, fora do sistema econômico e social prevalente. Não tem acesso ao mercado de trabalho (nem mesmo informal), não tem perspectiva de engajamento (independentemente de seu grau de qualificação profissional) e, cada vez mais, vai ficando de fora dos mecanismos de proteção social do moribundo welfare state. (...) (Mareei Bursztyn. "Da pobreza à miséria, da miséria à exclusão: o caso das populações de rua". In: No meio da rua: nômades, excluídos eviradores. Org.:Mareei Bursztyn. Rio de Janeiro: Garamond, 2000, p.34-35, adaptado).

---

50. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/ 2010) Assinale a opção correta acerca do vocabulário e de aspectos gramaticais do texto.

(A) No texto, a palavra "Corolário" (primeiro parágrafo) significa "consequência necessária, ou continuação natural".

(B) A vírgula foi empregada após a expressão "revolução tecnológica" (primeiro parágrafo) para isolar oração restritiva, subsequente.

(C) O termo "Corolário do desmoronamento do sistema de proteção social" (primeiro parágrafo) refere-se à expressão "uma inesperada e imprevisível reprodução" (primeiro parágrafo).

(D) Por expressar concessão, a oração "sem gerar novos postos de trabalho" (primeiro parágrafo) poderia assumir a seguinte forma: apesar de não ter gerado novos postos de trabalho.

(E) Considerando-se o período em que está inserida e sua função adjetiva, a oração "que está à margem" (segundo parágrafo) tem natureza apositiva.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão, semântica, pontuação, período composto (conjunção).

Quanto à alternativa a: **corolário** significa *fato ou situação decorrente de outro, resultante deste; aquilo que é consequência ou desenvolvimento natural ou ocasional de algo anterior; RESULTADO.**

Alternativa "b" – A oração *que automatizou o sistema produtivo* é adjetiva por possuir pronome relativo (que equivale a a qual) e explicativa por possuir pontuação antes do pronome relativo.

▶ **Dica** – Orações adjetivas possuem pronome relativo e classificam-se em:

- Explicativa = possui pontuação. Para lembrar, associe à letra p (com pontuação).
- Restritiva = não possui pontuação por não poder ser retirada, ou seja, o sentido seria alterado.

Outra questão comum em provas ESAF é perguntar se as vírgulas, nas orações explicativas, podem ser substituídas por travessões ou parênteses. Podem, desde que as substituições sejam feitas por par (as duas vírgulas por duplos travessões, por exemplo).

Alternativa "c" – Corolário refere-se ao novo ator social nos países ricos: o novo-pobre (nouveau-pauvre).

Alternativa "d" – A oração não indica concessão (ideias opostas) e por isso não se pode colocar apesar de.

Alternativa "e" – *que está à margem* é oração adjetiva restritiva e não possui valor apositivo.

*Fonte: Dicionário

---

51. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/ 2010) Em relação às ideias e expressões do texto, assinale a opção incorreta.

Nenhum político invejaria a sorte do presidente americano Barack Obama. Às voltas com guerras no Afeganistão e no Iraque e um marcado sentimento antiamericano ao redor do mundo, Obama ainda teve de enfrentar a maior crise econômica da história americana desde os anos 1930. Apesar de ter tudo contra si, Obama conseguiu retirar a economia dos EUA da beira do abismo e liquidar uma fatura de quatro décadas, ao conseguir uma reforma do sistema de saúde do país. Na arena externa, os EUA se inclinaram claramente para o multilateralismo. Diante de circunstâncias tão adversas, Obama passou no teste de realidade em seu primeiro ano de governo, que se completa amanhã. Apesar dos trunfos inquestionáveis, as pesquisas apontam uma queda muito significativa de sua popularidade, dos 70% quando assumiu o posto para a casa dos 50% agora. Uma das razões evidentes para isso é a crise econômica, que continuará a fazer estragos na vida dos americanos até que o desemprego volte a recuar. A taxa de desocupação dobrou com a crise e atingiu 10% (mais de 15 milhões de pessoas). Com tanta gente sem emprego, só por milagre um governante sustentaria o seu prestígio. Embora o presidente tenha feito a coisa certa na maior parte do tempo, ele se tornou alvo de um fogo cerrado vindo de suas próprias hostes democratas e da oposição. (Valor Econômico, Editorial, 19/01/2010)

(A) A expressão "Apesar de ter tudo contra si" (terceiro período) introduz uma ideia que tem direção argumentativa em oposição às informações anteriores do texto.

(B) O trecho "liquidar uma fatura de quatro décadas" (terceiro período) está se referindo a uma dívida social histórica com a saúde de forma figurada ou conotativa.

(C) A palavra "arena" (quarto período) está sendo empregada por extensão de sentido com o significado de "área de discussão", pois seu sentido original é **área central de um anfiteatro ou circo.**

(D) Subentende-se das informações do texto que diminuir a taxa de desemprego é essencial para manter o prestígio do governante.

(E) A palavra "hostes" (final do texto) está sendo empregada com o sentido de **linhas declaradamente adversárias.**

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – O vocábulo hostes foi empregado com o sentido de ajuntamento de pessoas, multidão.

Alternativa "a" – A expressão **apesar de** indica concessão, ou seja, ideias opostas.

Alternativa "b" – Sim, basta ler os trechos anteposto e posposto: Obama conseguiu retirar a economia dos EUA da beira do abismo *e liquidar uma fatura de quatro décadas,* ao conseguir uma reforma do sistema de saúde do país.

Alternativa "c" – Sim, substitua para facilitar: Na "área de discussão"externa, os EUA se inclinaram claramente para o multilateralismo.

Alternativa "d" – Lendo o final do texto, chega-se a tais informações: *as pesquisas apontam uma queda muito significativa de sua popularidade, dos 70% quando assumiu o posto para a casa dos 50% agora. Uma das razões evidentes para isso é a crise econômica, que continuará a fazer estragos na vida dos americanos até que o desemprego volte a recuar.*

---

52. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/2010) Em relação ao texto, assinale a opção incorreta.

Tão logo a catástrofe do terremoto no Haiti requisitou uma ação coletiva mundial, com inúmeros atores envolvidos na ajuda humanitária – países, organizações não governamentais, empresas e os milhares de anônimos e famosos –, a situação caótica do país devastado impôs um desafio: a quem caberá a organização das próximas etapas de reconstrução do país mais pobre do Ocidente? Como coordenar a ajuda que vem de todos os cantos do planeta? Como estabelecer um plano viável de recuperação da infraestrutura e das instituições haitianas?

O Haiti, que já vivia uma situação fragilíssima, de extrema miséria – 80% da sua população está abaixo da linha da pobreza e sobrevive com menos de US$ 2 diários (por volta de R$ 108 ao mês) – entrou em colapso. Como era de se esperar, com porto, aeroporto e estradas arruinados ou semidestruídos, com a escassez de água, alimentos e remédios, iniciaram-se ondas de saques, e o próprio governo local transferiu a administração da crise para outros países e instituições. (Jornal do Brasil, Editorial, 18/01/2010)

(A) Mantém-se a correção gramatical do período substituindo-se os travessões (primeiro parágrafo) por parênteses.

(B) A expressão "país mais pobre do Ocidente" (primeiro parágrafo) é elemento de uma cadeia de coesão textual, pois retoma os antecedentes

"país devastado" (primeiro parágrafo) e "Haiti" (segundo parágrafo).

(C) Pelos sentidos do texto, o sujeito de "entrou em colapso" é o antecedente "sua população" (segundo parágrafo).

(D) As vírgulas após "porto" e "água" (segundo parágrafo) têm a mesma justificativa gramatical.

(E) Mantém-se a correção gramatical do período substituindo-se o termo "iniciaram-se" (final do texto) pela expressão **foram iniciados.**

COMENTÁRIOS

Resposta correta: (X) – Anulada pela banca.

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão, pontuação e verbo.

Alternativa "a" – Os travessões podem ser substituídos por parênteses por se tratar de uma intercalação de aposto explicativo. Não poderiam ser substituídos por vírgulas porque há inversão da oração subordinada adverbial iniciando o período.

Alternativa "b" – Todos os termos referem-se ao Haiti, citado também no início do texto.

Alternativa "c" – Correta. O sujeito é o Haiti. Ocorre uma intercalação separada por travessões e outra separada por vírgulas (oração subordinada adjetiva explicativa). Retiremos as intercalações: O Haiti entrou em colapso.

Alternativa "d" – Correta também, por isso a questão foi anulada. A vírgula após porto separa termos coordenados (pode-se encaixar a conjunção e). O mesmo ocorre com a vírgula após água.

Alternativa "e" – *Iniciaram-se ondas de ataque* (voz passiva sintética: V.T.D. + SE) = ondas de ataque foram iniciadas (voz passiva analítica: verbo SER + PARTICÍPIO). Na alternativa, o particípio encontra-se no masculino, por isso o erro.

---

53. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/ 2010) Os trechos a seguir compõem, sequencialmente, um texto adaptado do Editorial do Correio Braziliense de 17/01/2010. Assinale a opção que está gramaticalmente correta.

(A) O trágico terremoto no Haiti colocou o país numa situação crítica: com a dissolução do poder político e a destruição generalizada da infraestrutura, aquela sofrida nação do Caribe vê na ajuda externa o único caminho para encontrar, talvez, alguma luz no fim do túnel.

(B) Na prática, o Haiti perderá, mesmo que momentaneamente sua autonomia. Ainda que mantenham à independência formal, a realidade se impõe: o país que havia até antes do desastre hoje não existe mais.

(C) O Haiti foi precursor na luta das nações americanas pela independência. Mas a energia cívica que ergueu a nação haitiana acabou sendo insuficiente para construir instituições democráticas, ou ao menos um Estado que cuidasse de organizar e incluir socialmente à população.

(D) Ao contrário, formou-se ali uma elite política individualista e brutal, que conduziram o país a um enredo de horrores no qual, o abalo sísmico veio como epílogo cruel. O terremoto foi terrível, mas atingiu uma nação que já vinha num beco sem saída.

(E) Não se notava ali o mínimo consenso político para ao menos começar a atacar o nó central: promover algum tipo de desenvolvimento econômico, oferecerem alguma perspectiva de progresso para os cidadãos. A intervenção das forças de paz da ONU é um sucesso, em termos militares, mas sem o cultivo de oportunidades econômicas reais a missão corre risco.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão, concordância e pontuação.

Na alternativa a, não há erro. Vamos conferir as concordâncias e a pontuação: O trágico terremoto no Haiti **colocou** o país numa situação crítica: com a dissolução do poder político e a destruição generalizada da infraestrutura, aquela sofrida nação do Caribe **vê** na ajuda externa o único caminho para encontrar, talvez, alguma luz no fim do túnel. Os dois pontos explicam.

Alternativa "b" – o Haiti perderá, mesmo que momentaneamente, sua autonomia = é preciso intercalar a expressão para lermos: o Haiti perderá sua autonomia (verbo transitivo direto e objeto direto); ainda que mantenha (Haiti = sujeito) **a** dependência = o verbo manter é transitivo direto e não admite o acento indicativo de crase.

Alternativa "c" – incluir socialmente a população = incluir é transitivo direto e não admite acento indicativo de crase posposto.

Alternativa "d" – uma elite que conduziu.

Alternativa "e" – oferecer.

---

54. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/ 2010) Marque o trecho que, mantendo-se a coerência e a correção gramatical, pode dar continuidade ao texto abaixo.

A lógica do mercado mundial, caracterizada por uma concorrência feroz, é profundamente vitimatória. Quem está no mercado existe, quem não resiste desiste, inexiste e deixa de existir. Os países pobres passam da dependência para a prescindência. (Leonardo Boff. Depois de 500 anos: que Brasil queremos? Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 42.)

(A) Assim, são excluídos da nova ordem-desordem mundial e, em alguns casos, entregues à própria miséria ou incorporados ao mercado de forma subalterna.

(B) Isso gera, contudo, a exclusão desses países das transações comerciais globais, o que impede que se desenvolvam, produzam mais riqueza e superem o processo de exclusão.

(C) Portanto, esses países são os mais requisitados pelos países ricos no momento de se firmarem pactos que envolvam grandes investimentos em tecnologia.

(D) Para isso, esses países passam a exigir novos acordos comerciais, de forma a assegurarem o seu desenvolvimento industrial e não serem excluídos do mercado internacional.

(E) Mas essa situação ainda não é suficiente para que escapem do processo de exclusão a que são submetidos pelos países ricos dos quais, anteriormente, eram dependentes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

✪ **Nota da autora:** Para facilitar, sublinhe as palavras-chave do trecho.

- Palavras-chave: mercado mundial, concorrência feroz, vitimatória (qualquer pessoa que vitima, que faz vítimas), países pobres passam da dependência para a prescindência (prescindir, dispensar).

Alternativa a: o sujeito de são excluídos são os países pobres e as ideias citadas concluem o último período.

Alternativa "b" – O pronome demonstrativo isso – anafórico (retoma ideias) – não cabe no contexto, torna a continuação incoerente.

Alternativa "c" – Os países pobres relacionados com grandes investimentos em tecnologia é incoerente.

Alternativa "d" – Os países pobres assegurando o desenvolvimento industrial também é incoerente com as ideias citadas no trecho.

Alternativa "e" – Essa situação não é suficiente: mais uma vez não cabe o uso do pronome anafórico.

55. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/ 2010) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado de Emir Sader, mas estão desordenados. Ordene-os de forma a comporem um texto coeso e coerente. A seguir, assinale a opção correta.

( ) Ao efetuar a transformação, os homens transformam-se a si mesmos. É por meio do trabalho que os homens podem transformar, conscientemente, o mundo, humanizando.

( ) No entanto, se perguntados sobre o que mais gostariam de fazer, a maioria esmagadora das pessoas não citaria o trabalho, mas, dormir, comer, ter relações sexuais, ou seja, diriam preferiam fazer o que temos em comum com os outros animais.

( ) O homem se distingue dos outros animais por várias características, mas a fundamental é que o homem é um ser com capacidade para o trabalho.

( ) Deve-se considerar que a sociedade atual está regida pela alienação do trabalho. Entenda-se alienação com o sentido jurídico do termo: entregar a outro o que é nosso, o que faz que a maioria das pessoas se valha do trabalho não da forma criativa de transformar o mundo.

( ) Os outros animais apenas recolhem o que encontram na natureza – e mesmo a abelha e a formiga, que trabalham, o fazem mecanicamente –, ao passo que os homens transformam o meio em que vivem.

(A) 2, 3, 5, 1, 4

(B) 3, 4, 2, 5, 1

(C) 1, 2, 5, 4, 3

(D) 4, 5, 2, 1, 3

(E) 3, 4, 1, 5, 2

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Em questões assim, basta trabalhar por eliminação. Atentar-se às conjunções, também, ajuda muito. O último trecho não pode iniciar o texto, assim sendo eliminamos a alternativa b.

A afirmação que pode iniciar está no terceiro item: *O homem se distingue dos outros animais por várias características, mas a fundamental é que o homem é um ser com capacidade para o trabalho.* Perceba que a resposta já foi encontrada, mas vamos aos porquês. Sublinhe as ideias-chave: *o homem é um ser com capacidade para o trabalho.*

Sequência admissível: Os outros animais apenas recolhem o que encontram na natureza – *e mesmo a abelha e a formiga, que trabalham, o fazem mecanica-*

mente –, ao passo que os homens ***transformam*** *o meio em que vivem.*

Se foi citada a transformação, retomemo-la: *Ao efetuar a* ***transformação****, os homens transformam-se a si mesmos. É por meio do trabalho que os homens podem transformar, conscientemente, o mundo, humanizando.*

Ideia oposta às informações: *No entanto, se perguntados sobre o que mais gostariam de fazer, a maioria esmagadora das pessoas não citaria o trabalho, mas, dormir, comer, ter relações sexuais, ou seja, diriam preferiam fazer o que temos em comum com os outros animais.*

Concluindo: *Deve-se considerar que a sociedade atual está regida pela alienação do trabalho. Entenda-se alienação com o sentido jurídico do termo: entregar a outro o que é nosso, o que faz que a maioria das pessoas se valha do trabalho não da forma criativa de transformar o mundo.*

---

56. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal do Brasil/2009) Assinale a opção em que o trecho constitui continuação coesa e coerente para o texto retirado do Editorial do jornal **Zero Hora** (RS), de 28/8/2009.

Com a ajuda da tecnologia de comunicação e informação disponível, o Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) está desfazendo a imagem antiga de um órgão público moroso e desorganizado, que cobra mal, fiscaliza mal e presta mau serviço na hora em que o segurado a ele recorre para qualquer benefício. Conquistas administrativas e gerenciais recentes – alicerçadas nos sistemas computadorizados e, certamente, em reciclagens funcionais – permitem, por exemplo, que as aposentadorias sejam deferidas em alguns minutos, com dia e hora agendados, ou que o próprio INSS alerte os trabalhadores quando sua aposentadoria já pode ser solicitada. Neste sentido, o Instituto liberou nesta semana mais um lote de correspondências avisando mais de 1,3 mil trabalhadores urbanos de que adquiriram condições de pleitear esse benefício.

(A) Trata-se de um avanço que engrandece o sistema de seguro social estabelecido no Brasil, mesmo que tal eficiência não se verifique ainda em todas as áreas, nem abranja toda a estrutura de um organismo que gerencia 11 distintos benefícios, que vão das aposentadorias às pensões por morte, do salário-família ao auxílio-acidente e ao auxílio-doença, entre outros.

(B) Cada um deles exige uma estruturação administrativa complexa e uma fiscalização adequada, tanto para que os cidadãos sejam atendidos com qualidade quanto para evitar que aproveitadores fraudem o sistema e prejudiquem seus beneficiários.

(C) Apesar disso, a eficiência mostrada nessa área da Previdência Social – e em algumas outras agências de serviço público – precisa ser considerada como um exemplo a ser seguido.

(D) Contanto que a burocracia pública, que tem sido alvo histórico de ajustadas críticas e às vezes de generalizações indevidas, merece o destaque positivo sempre que, como no caso das aposentadorias, consegue vencer a inércia e a ineficiência e produz resultados que a sociedade não pode deixar de elogiar.

(E) Entretanto, no caso específico da Previdência, que engloba e gerencia aquele que é o maior fator individual do déficit das contas públicas brasileiras, a qualidade do serviço se impõe como um dever.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão, coerência e período composto (conjunção).

As ideias e os termos citados na alternativa *a* constituem continuidade coesa e coerente para o texto.

Encontremos os erros das outras alternativas:

Alternativa "b" – Além do pronome pessoal do caso reto *eles*, contraído com a preposição *de*, não possuir referente, a ideia de que o lote de correspondências exige estruturação administrativa é absurda.

Alternativa "c" – *Apesar disso* indica concessão, contradizendo as ideias do texto.

Alternativa "d" – *Contanto* possui valor de condição e a conjunção correta a ser usada deveria indicar concessão (embora, apesar de).

Alternativa "e" – Não foi citada a *Previdência*, isso torna a alternativa descabida.

---

57. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal do Brasil/2009) Assinale a opção em que o trecho constitui continuação coesa e coerente para o texto abaixo, adaptado de Luiz Carlos Mendonça de Barros, Valor Econômico, 31/8/2009.

Quem acompanha o dia a dia dos mercados financeiros sabe que o pensamento ultraliberal em relação à regulação dos mercados financeiros foi dominante desde a década de 1980, mas especialmente a partir do governo Clinton. Bush deu continuidade a essa visão. Os perigos associados a essa postura ficaram ainda maiores em função do aparecimento de uma série de inovações financeiras que criaram segmentos do mercado sem nenhum acompanhamento pelos órgãos reguladores.

(A) Essa era uma grande cooperativa de funcionários, de maneira que o pagamento de bônus por performance a cada período não causava distorções em relação ao valor futuro dos lucros dos

acionistas. Esse sistema funcionou de forma correta por décadas no mercado financeiro.

(B) Nesse tipo de instituição, a maioria dos funcionários que recebe esses bônus participa também no capital da empresa. Além disso, essas empresas não tinham ações colocadas no mercado junto a investidores.

(C) Além desses espaços sem lei, instrumentos legítimos de busca de eficiência das instituições financeiras e que funcionaram adequadamente durante muito tempo foram sendo desvirtuados.

(D) Esse sistema de bônus é uma prática usada para estimular talentos, que nasceu em instituições financeiras organizadas sob a forma de associação de sócios.

(E) Mas a partir do momento em que se aprofundou a separação entre beneficiários desses bônus e os detentores de ações, a racionalidade do sistema foi destruída e uma nova fonte de risco criada. Neste momento, os mecanismos que criavam estímulos positivos se tornaram instrumentos perigosos e destrutivos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Nas alternativas *a, b, d* e *e* comenta-se sobre o **bônus**, sendo que no texto não foi mencionado o vocábulo. Trabalhando por eliminação, chega-se ao item que pode dar continuidade ao texto.

---

58. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal do Brasil/2009) Assinale a opção em que o trecho constitui continuação coesa e coerente para o texto abaixo.

O Tesouro Nacional voltou a captar recursos com facilidade no mercado internacional (a mais recente venda de títulos chegou a US$ 525 milhões), apenas para rolar dívidas no exterior a taxas de juros atrativas. As exportações vêm registrando recuperação, mesmo que modesta, e os investimentos estrangeiros diretos, seja para a produção seja para aplicação em ações, se intensificaram diante de avaliações positivas lá fora sobre a economia do país no pós-crise. (Editorial, O Globo, 15/8/2009)

(A) Portanto, há uma série de fatores que contribuem para ampliar a oferta de moeda estrangeira no Brasil e, nesse caso, respondendo a leis de mercado, o real sofreu natural apreciação, especialmente frente ao dólar.

(B) E esse controle de capitais seria péssimo sinal para potenciais investidores, imprescindíveis no médio e longo prazos. O país não pode se apoiar apenas na muleta do câmbio para abater o "Custo Brasil".

(C) A fim de que, além do que tem sido feito pelo Banco Central (como compras de dólares excedentes para reforçar as reservas do país), da liberalização progressiva das restrições para transações com moeda estrangeira no país e de mecanismos convencionais de tributação, não há muito o que se possa implementar para evitar momentos de apreciação indesejada do real.

(D) Tal valorização atenua essas pressões sobre a inflação – o que possibilita a manutenção de juros básicos abaixo de dois dígitos, o que é inédito desde o lançamento do real – , mas desagrada aos que dependem da receita de exportação e aos que sofrem forte concorrência de importações.

(E) Enquanto essa alternativa do câmbio fixo ou quase fixo, pelo qual todo o risco acaba ficando nas mãos do Banco Central, se mostrou inadequada para uma economia como a brasileira, com crescente grau de abertura.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

✪ **Nota da autora:** O teor otimista do texto ajuda a chegar à resposta correta. Quanto à gramática, em três alternativas surge o pronome demonstrativo retomando ideias que não foram citadas. Na prova, pode surgir o termo **anáfora** (pronome que retoma ideias) e **catáfora** (pronome que cita ideias). Dicas teóricas no final do capítulo.

Alternativa "b" – *Esse controle* refere-se ao controle do Tesouro Nacional e no texto não há tal menção.

Alternativa "c" – No texto, o cenário do real é pessimista.

Alternativa "d" – O pronome anafórico *essas* que acompanha o substantivo *pressões* torna errada a alternativa por não haver coesão com ideia anterior.

Alternativa "e" – *Essa alternativa do câmbio*, novamente não há antecedente que se refira ao pronome demonstrativo.

---

59. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal do Brasil/2009) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial de O Globo, de 24/8/2009, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e indique a opção que corresponde à sequência correta.

( ) Até mesmo em países com regras rígidas (França e Alemanha, por exemplo), sindicatos perceberam a gravidade desse momento e aceitaram negociar reduções temporárias de jornada de trabalho com respectiva diminuição de salários e benefícios, em contrapartida à manutenção de empregos.

( ) A recente crise econômica mundial – que por pouco não empurrou o planeta para uma

depressão tão terrível como a de 1929-1934 – mostrou, na prática, a importância de se ter flexibilidade nos contratos de trabalho.

( ) Diante de tal experiência, a insistência em se discutir uma redução da jornada de trabalho para 40 horas semanais (sem alteração de salários) parece esdrúxula. Mudar uma das bases das regras contratuais em meio a uma conjuntura ainda nebulosa representa enorme risco para os trabalhadores.

( ) Dessa forma, o impacto da crise sobre o mercado de trabalho, especialmente no Brasil, não chegou a ter a dimensão trágica que a crise certamente causaria em outra situação, de mais rigidez nas regras contratuais. E isso sem dúvida contribuiu para abreviar o período recessivo.

( ) No Brasil ocorreu algo semelhante àqueles países. A indústria demitiu, mas, em alguns setores (mineração, siderurgia, bens de consumo duráveis), o quadro teria sido pior não fosse a possibilidade de se recorrer a férias coletivas, licenças parcialmente remuneradas, banco de horas etc.

(A) 1,2,4,3,5

(B) 2,1,5,4,3

(C) 4,1,3,5,2

(D) 3,4,1,2,5

(E) 5,3,2,1,4

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

✪ **Nota da autora:** Se pede para ordenar o texto, procuremos o item que pode iniciá-lo. Chega-se à resposta sem precisar ler os trechos inteiros.

- No primeiro item, há *desse momento*. Impossível iniciar um texto com um termo vago (pronome anafórico). Não se sabe a qual momento se refere. **Alternativa *a* eliminada.**
- O segundo item pode iniciar o texto. **Marque letras *b* e *c* como** prováveis respostas **corretas.**
- O terceiro item possui o pronome demonstrativo *tal* seguido do substantivo *experiência*. **Descartada alternativa *d*.**
- O quarto item inicia com *dessa forma*. **Alternativa *c* eliminada.** Como as prováveis eram b e c, a resposta acaba de ser encontrada, sem chegar ao quinto item.
- Para confirmar: o quinto item possui duas expressões incabíveis em início de texto – algo *semelhante* e aqueles *países*. **Elimina-se a alternativa *e*.**

60. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal do Brasil/2009) Em relação ao texto, assinale a opção incorreta.

> Estamos entrando no terço final de 2009 com uma visão mais clara sobre os fatores que levaram à crise financeira que nos atingiu a partir do colapso do banco Lehman Brothers. Um dos pontos centrais na sua construção foi, certamente, a questão da regulação e controle das instituições financeiras. Mesmo não sendo a origem propriamente dita da crise, a regulação falha permitiu que os elementos de fragilidade no sistema assumissem enormes proporções. Depois de termos vivido um longo período em que prevaleceu a ilusão da racionalidade intrínseca aos mercados financeiros, hoje há novamente o reconhecimento das fragilidades e dos riscos sistêmicos associados a seu funcionamento. (Luiz Carlos Mendonça de Barros, Valor Econômico, 31/8/2009)

(A) O emprego da primeira pessoa do plural em "Estamos" (ℓ.1), "nos" (ℓ.3) e "termos"(ℓ.10) é um recurso retórico que tem como efeito buscar o envolvimento do leitor no texto.

(B) A substituição de "em que" (ℓ.10) por **no qual** mantém a correção gramatical e as informações originais do período.

(C) O termo "falha" (ℓ.8) funciona como um adjetivo que caracteriza o substantivo "regulação".

(D) A expressão "sua construção" (ℓ.5) refere-se ao antecedente "banco Lehman Brothers" (ℓ.4).

(E) A expressão "seu funcionamento" (ℓ.14) refere-se ao antecedente "mercados financeiros" (ℓ.12).

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão e coerência, concordância nominal e pronome.

Erro da alternativa *d*: o pronome possessivo *sua* refere-se à crise financeira e não ao banco.

Alternativa "a" – Quando o autor utiliza a primeira pessoa do plural, automaticamente inclui o leitor em seu mundo, em seu contexto.

Alternativa "b" – "...um longo período em que prevaleceu a ilusão da racionalidade..." = a ilusão da racionalidade prevaleceu **no** longo período. A preposição **em** é pedida por indicar tempo e o termo retomado pelo pronome relativo é *período*. A substituição sugerida está correta.

Alternativa "c" – Neste caso, basta colocar um verbo para se certificar da adjetivação: a regulação é falha.

Alternativa "e" – O funcionamento dos mercados financeiros. Volte ao texto e substitua o pronome possessivo.

61. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal do Brasil/2009) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial do jornal Folha de S. Paulo, de 20/8/2009. Assinale a opção em que o segmento está gramaticalmente correto.

(A) No entanto, dez meses depois da quebra do banco americano Lehman Brothers, que desencadeou a derrocada vertiginosa, as novas regras praticamente continuam em fase de discussões, sejam no plano internacional, sejam no ambiente doméstico dos países que concentraram as operações responsáveis pelo abalo sistêmico.

(B) Se já parece ser possível comemorar a recuperação embrionária, o mesmo não se pode afirmar da prometida reforma nas finanças globais. Até pouco tempo, a modificação radical das regras sobre a atuação dos bancos nos sistemas financeiros eram alardeadas como condição fundamental para a retomada do crescimento em bases sólidas.

(C) A economia mundial registra, nas últimas semanas, sinais de recuperação, ainda que lenta. Países cujo crescimento foi duramente afetado desde o ano passado – como França, Japão, Alemanha e mesmo Estados Unidos – já exibem indicadores que evidenciam saída da recessão ou, pelo menos, menor retração da atividade econômica.

(D) Enquanto isso, surgem indícios de que instituições financeiras retomam estratégias de investimento arriscadas – tais como especulação com taxas de câmbio e empréstimos à clientes de altíssimo risco – , prometendo elevada rentabilidade. É como se a memória do trauma recente já estivesse apagada: foi justamente esse tipo de atuação que originou o colapso mundial e intensificou seus efeitos.

(E) O movimento se segue às bilionárias operações de salvamento e injeção de capital feitas pelos governos de vários países para impedir a quebradeira generalizada de bancos. A ausência de regulamentação ampla e eficaz para a atuação das instituições financeiras são ainda mais preocupantes num contexto de recuperação econômica.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão textual, verbo, concordância e crase. Essa questão gerou alguns comentários e dúvidas, por isso atente-se aos comentários.

Ao usar o verbo *registrar* no presente do indicativo seguido do adjunto adverbial de tempo *nas últimas semanas*, o autor afirma que o registro ainda ocorre, sendo assim, a alternativa é correta.

Alternativa "a" – Os dois erros estão na pluralização do verbo *ser*: *as novas regras praticamente continuam em fase de discussões, **seja** no plano internacional, **seja** no ambiente doméstico*

Alternativa "b" – O verbo deve concordar com o sujeito: ***a modificação** radical das regras sobre a atuação dos bancos nos sistemas financeiros **era alardeada**.*

Alternativa "d" – Não se usa crase com preposição seguida de substantivo plural por indicar que não há junção de preposição e artigo. Em síntese: singular + plural = sem crase. *Empréstimo **a** clientes*. Lembre-se de que clientes é um substantivo comum-de-dois, ou seja, admite os dois artigos. Se estivesse no plural, poderia estar acompanhado do acento indicativo de crase.

Alternativa "e" – O verbo deve concordar com o sujeito: ***A ausência** de regulamentação ampla e eficaz para a atuação das instituições financeiras **é** ainda mais **preocupante**.*

62. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal do Brasil/2009) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial do jornal O Globo, de 26/8/2009. Assinale a opção em que o segmento está gramaticalmente correto.

(A) Quando se trata de enfrentar a ameaça das mudanças climáticas à Humanidade, junta-se notícias apavorantes, desempenho pífio da maioria dos países e pequenos avanços, configurando um quadro de urgência e de angústia.

(B) No Ártico, a temperatura da água está quase 5 graus em cima do normal. Todas as expectativas convergem para a Conferência sobre Mudança Climática da ONU, em dezembro, em Copenhague, na Dinamarca.

(C) Uma coisa é ter noção de que a temperatura dos oceanos está subindo. Outra é ficar sabendo, pelo Centro Nacional de Dados Climáticos, dos EUA, que a temperatura média dos oceanos em julho – 17 graus – bateram recorde em 130 anos de monitoramento.

(D) Uma coisa é o mundo ser informado de que as geleiras estão se derretendo num ritmo assustador. Outra coisa é tomar conhecimento da primeira estação de esqui do mundo a sucumbir ao aquecimento global: o Glaciar Chacaltaya, na Bolívia, importante contribuinte da bacia que abastece de água La Paz.

(E) Até lá, é preciso que cada um faça mais que sua parte. No Brasil, o setor privado lhe mobiliza e

empresários se comprometeram, no encontro "Brasil e as mudanças climáticas", a publicar anualmente o inventário de suas empresas das emissões de gases que provocam efeito estufa e as ações adotadas para reduzi-las.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão coesão, coerência, vozes verbais, concordância, análise sintática e pronome.

Para ganhar tempo, leia encontrando o sujeito de cada verbo e confira a concordância. Não há erro gramatical.

Erros:

Alternativa "a" – ***juntam-se*** *notícias apavorantes: verbo transitivo direto seguido de* ***se*** *(pronome apassivador, possui sujeito (notícias) e está na voz passiva.*

Alternativa "b" – *a temperatura da água está quase 5 graus* ***acima*** *do normal.*

Alternativa "c" – O verbo deve concordar com o sujeito: ***a temperatura*** *média dos oceanos em julho – 17 graus –* ***bate*** *recorde.*

Alternativa "e" – O verbo *mobilizar* é transitivo direto, portanto o pronome oblíquo que o complementa deve ser **o** e não **lhe** (usado em complementos que exigem preposição – objeto indireto e complemento nominal)

---

63. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal do Brasil/2009) Os trechos a seguir constituem um texto adaptado de Valor Econômico. Assinale a opção que apresenta erro gramatical.

(A) Há fatos e erros envolvidos na história da rejeição aos biocombustíveis, como é costume acontecer sempre que interesses econômicos poderosos estão em jogo. Um dos erros mais comuns é o de misturar no mesmo argumento o etanol à base de milho, que foi a opção dos EUA, e o etanol à base de cana-de-açúcar, utilizado pelo Brasil.

(B) A equação de benefícios é abertamente favorável à cana, já que, no etanol de milho, gasta-se quase tanta energia suja para produzi-lo que as vantagens praticamente desaparecem.

(C) Ainda assim, a elevação nos preços dos alimentos tem como fator principal a melhoria do nível de renda e de consumo de centenas de milhões de pessoas na Índia e na China, que antes estavam afastadas do mercado.

(D) O etanol de milho é um programa caro, que prospera mediante subsídios do governo e distorce preços. Ele, de fato, concorreu para substituir outras culturas na busca por áreas de produção e deslanchou uma inflação nos preços dos alimentos.

(E) O único argumento a favor do etanol de milho não é econômico, e, sim, político. O governo Bush incentivou-os por não querer mais depender do petróleo do explosivo Oriente Médio, e nem terem o fornecimento de combustíveis alternativos nas mãos de países que não sejam inteiramente confiáveis para os EUA.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão e concordância.

Alternativa "e" – *O governo Bush incentivou-o por não querer mais depender do petróleo do explosivo Oriente Médio, e nem* ***ter*** *o fornecimento de combustíveis alternativos.*

Nas alternativas *a, b, c* e *d* não há erros.

---

64. (ESAF – Analista Tributário da Receita Federal do Brasil/2009) Nas opções, são apresentadas propostas de continuidade do parágrafo abaixo. Assinale aquela em que foram atendidos plenamente os princípios de coesão e coerência textuais.

Duas ameaças simétricas rondam a determinação dos termos de troca entre presente e futuro. A miopia temporal envolve a atribuição de um valor demasiado ao que está próximo de nós no tempo, em detrimento do que se encontra mais afastado. A hipermetropia é a atribuição de um valor excessivo ao amanhã, em prejuízo das demandas e interesses correntes. (Eduardo Giannetti. O valor do amanhã: ensaio sobre a natureza dos juros. São Paulo: Companhia das Letras, 2005)

(A) Contudo, a miopia temporal nos leva a subestimar o futuro, e a hipermetropia a supervalorizar o futuro, o que desfaz, em parte, a referida simetria.

(B) Por serem ameaças cujo resultado é idêntico, tanto a miopia temporal quanto a hipermetropia tornam irrelevante o fenômeno dos juros nas situações de troca entre presente e futuro.

(C) Apesar dessa simetria, não existe uma posição credora – pagar agora, viver depois – , mesmo porque sempre abrimos mão de algo no presente sem a expectativa de recebermos algo no futuro.

(D) Diante dessas ameaças, cabe perguntar se existe um ponto certo – um equilíbrio estável e exato – entre os extremos da fuga do futuro (miopia) e da fuga para o futuro (hipermetropia).

(E) Essa simetria conduz, portanto, à conclusão de que vale mais a pena subordinar o presente ao futuro, e não, o contrário, o que nos fará atribuir valor excessivo ao futuro, sem risco de incorrermos em hipermetropia temporal.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

✪ **Nota da autora:** palavras-chave do parágrafo: **duas ameaças simétricas, miopia** e **hipermetropia**.

Na alternativa *d*: **dessas ameaças, miopia** e **hipermetropia**.

Segundo passo: eliminar as alternativas descabidas para dar continuidade à ideia citada:

Alternativa "a" – *Contudo* indica adversidade. Errada.

Alternativa "b" – O resultado não é *idêntico*.

Alternativa "c" – *Apesar de* indica concessão. Errada

Alternativa "e" – Não há coerência com o parágrafo.

(ESAF – Analista Tributário da Receita Federal do Brasil/2009) Assinale a opção que constitui continuação coesa, coerente e gramaticalmente correta para o texto de Luiz Gonzaga Beluzzo, adaptado do Valor Econômico de 14 de outubro de 2009.

A marca registrada das crises capitaneadas pela finança é o colapso dos critérios de avaliação da riqueza que vinham prevalecendo. As expectativas dos possuidores de riqueza capitulam diante da incerteza e não é mais possível precificar os ativos. Os métodos habituais que permitem avaliar a relação risco/rendimento dos ativos sucumbem diante do medo do futuro. A obscuridade total paralisa as decisões e nega os novos fluxos de gasto.

(A) Essa decisão pela corrida privada para as formas imaginárias, mas socialmente incontornáveis do valor e da riqueza vai afetar negativamente a valorização e a reprodução da verdadeira riqueza social, ou seja, a demanda de ativos reprodutivos e de trabalhadores.

(B) Em contraposição a esse fenômeno, depois do colapso financeiro deflagrado pela quebra do Lehman Brothers, os preços dos ativos privados foram atropelados pelos mercados em pânico, na busca impossível da desalavancagem coletiva. Vendedores em fúria e compradores em fuga fizeram evaporar a liquidez dos mercados e prometiam uma deflação de ativos digna da Grande Depressão dos anos trinta.

(C) Contanto que a reação das autoridades dos países desenvolvidos foi menos eficaz para restabelecer a oferta de crédito no volume desejado e impotente para reanimar o dispêndio das famílias e dos negócios. Empresas e consumidores trataram de cortar os gastos (e, portanto a demanda de crédito) para ajustar o endividamento contraído no passado à renda que imaginam obter num ambiente de desaceleração da economia e de queda do emprego.

(D) Essas intervenções dos bancos centrais e dos Tesouros, sobretudo nos Estados Unidos, conseguiram, aos trancos, barrancos e trombadas legais, estancar a rápida deterioração das expectativas. Contrariando os augúrios mais pessimistas, a ação das autoridades foi capaz de afetar positivamente as taxas do interbancário e restabelecer as condições mínimas de funcionamentos dos mercados monetários.

(E) Em tais circunstâncias, a tentativa de redução do endividamento e dos gastos de empresas e famílias em busca da liquidez e do reequilíbrio patrimonial é uma decisão "racional" do ponto de vista microeconômico, mas danosa para o conjunto da economia, pois leva necessariamente à deterioração dos balanços. É o paradoxo da "desalavancagem".

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão, coerência, pronome e conjunção.

Grife as palavras-chave e confira a sequência coerente.

Erros:

Alternativa "a" – ***essa*** *decisão.*

Alternativa "b" – ***fenômeno***: nenhum fenômeno foi citado.

Alternativa "c" – ***Contanto*** indica condição e não cabe no contexto.

Alternativa "d" – ***Essas*** *intervenções.*

---

65. (ESAF – Analista Tributário da Receita Federal do Brasil/2009) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado de Muniz Sodré (As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política), mas estão desordenados. Ordene-os, indique a ordem dentro dos parênteses e assinale a opção que corresponde à ordem correta.

( ) Ao redor do que se tem chamado de "imprensa de opinião" ou de "publicismo", organizaram-se os espaços públicos das democracias inaugurais na modernidade ocidental.

( ) O espaço público realiza, modernamente, a mediação dos interesses particulares da sociedade civil, visando principalmente a preservar as garantias dos direitos individuais frente ao poder do Estado. É aí fundamental o papel da imprensa.

( ) É preciso deixar claro, contudo, que, a despeito de sua grande importância, a imprensa não define o espaço público. Ele não é um puro espaço de comunicação e, sim, uma potência de conversão do individual em comum, o que não deixa de comportar zonas de sombras ou de opacidades não necessariamente comunicativas.

( ) Assim, a ampliação técnica da tradicional esfera pública pelo advento da mídia ou de todas as tecnologias da informação não implica necessariamente o alargamento da ação política.

( ) Por outro lado, vem definhando a representação popular, que era o motor político do espaço público e base da sociedade democrática, fenômeno que remonta ao século XIX, quando a experiência da soberania popular se converteu em puro diálogo, senão em mera encenação espetacular.

(A) 2, 4, 1, 3, 5

(B) 2, 1, 5, 4, 3

(C) 1, 2, 4, 5, 3

(D) 2, 1, 3, 5, 4

(E) 3, 5, 1, 2, 4

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Eliminando: não se pode iniciar texto com *contudo* (item 3), *assim* (item 4) e com *por outro lado* (item 5). **Alternativa e descartada.**

Verificando as alternativas, nota-se que iniciará o texto o item 1 ou o 2: o segundo item fala qual é o fundamental papel da imprensa e o primeiro item cita onde se organizam os espaços públicos da democracia (ao redor da "imprensa de opinião" ou de "publicismo"). **Descartamos *a* e *c***, pois a sequência deve ser 2, 1.

Próxima etapa é encontrar a sequência relacionada às informações da imprensa: item 3 (a importância da imprensa). **Elimina da alternativa *b*.**

Assim, a alternativa *d* indica a sequência correta: 2, 1, 3, 5, 4.

---

66. (ESAF – Analista Tributário da Receita Federal do Brasil/2009) Os trechos a seguir constituem um texto adaptado de O Globo, Editorial, 14/10/2009, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e indique a sequência correta.

( ) Esse quadro se alterou significativamente: em volume, a produção nacional de petróleo vem se mantendo próxima aos patamares de consumo doméstico. A redução dessa dependência no campo da energia foi acompanhada por um salto expressivo nas exportações brasileiras (que cresceram uma vez e meia na última década), com razoável equilíbrio entre produtos básicos e manufaturados na pauta de vendas.

( ) Apesar de a economia brasileira ter ainda um grau de abertura relativamente pequeno para o exterior – se comparado à média internacional –, o câmbio sempre foi apontado com um dos fatores mais vulneráveis do país. No passado, o Brasil era muito dependente de petróleo importado e de insumos essenciais para a indústria.

( ) Além desse equilíbrio, os programas de ajuste macroeconômico têm garantido uma estabilidade monetária que ampliou o horizonte de investimentos e as possibilidades de um desenvolvimento sustentável de longo prazo.

( ) Tal promoção foi reforçada pela capacidade de reação da economia brasileira à recente crise financeira, a mais grave que o mundo atravessou desde o fim da Segunda Guerra Mundial.

( ) Assim, as principais agências classificadoras de risco promoveram a economia brasileira para a categoria daquelas que não oferecem risco cambial aos investidores estrangeiros.

(A) 2, 1, 3, 5, 4

(B) 5, 3, 4, 1, 2

(C) 4, 5, 2, 3, 1

(D) 3, 2, 1, 4, 5

(E) 4, 1, 2, 3, 5

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Eliminar os itens descabidos para iniciar um texto:

O primeiro item inicia-se com o pronome demonstrativo **esse**: não há coesão e nenhuma alternativa é eliminada.

O segundo item pode iniciar o texto. **Ficam alternativas *a* e *e*.**

Para chegar à resposta através das duas alternativas que restaram, basta grifar as ideias principais do segundo e conferir se o item 1 ou 3 pode dar continuidade. O item 1 inicia com *esse quadro*. Qual quadro? "Apesar de a **economia brasileira ter ainda um grau**

de abertura relativamente pequeno para o exterior (...) o câmbio sempre foi apontado com um dos fatores mais vulneráveis do país. No passado, **o Brasil era muito dependente de petróleo importado e de insumos essenciais para a indústria.**"

Isso significa que o item 1 dá continuidade coesa ao item 2. Sequência: 2, 1. Eis a resposta.

Item 3: *Além **desse** equilíbrio.* **Eliminada alternativa *d*.**

Item 4: ***Tal** promoção.* **Eliminada alternativa *c*.**

Item 5: ***Assim*** indica conclusão. **Elimina-se a *b*.**

---

67. (ESAF – Analista Tributário da Receita Federal do Brasil/2009) Em relação ao texto, assinale a opção correta.

5 10 15	Sintoma do arrefecimento da ideologia nos mais variados âmbitos da vida social, há uma distinção, presente no meio acadêmico, segundo a qual, enquanto nas décadas passadas as grandes celeumas intelectuais tinham como pano de fundo embates ideológicos, hoje as disputas girariam basicamente em torno de divergências metodológicas. A discussão em torno do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) – cujo *ranking* divulgado este ano mostra um ligeiro avanço da pontuação do Brasil, embora o país continue na 75ª colocação – não poderia fugir à regra. Criado pelos economistas Mahbub ul Haq e Amartya Sen e calculado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), o Índice de Desenvolvimento Humano, ao longo dos anos, vem recebendo uma série de críticas da comunidade científica internacional.
20 25	Críticas metodológicas, por pressuposto. Baseado em três dimensões fundamentais do desenvolvimento humano, o IDH combina indicadores socioeconômicos, relacionados à renda (medida pelo Produto Interno Bruto per capita), à saúde (entendida como a capacidade de se levar uma vida longa e saudável, expressa pela expectativa de vida ao nascer) e à educação (medida pela alfabetização da população acima de 15 anos associada às taxas de matrícula do ensino fundamental ao superior). (Jornal do Brasil, Editorial, 7/10/2009)

(A) A expressão "arrefecimento" (ℓ.1) está sendo empregada com o sentido de **aquecimento, fortalecimento.**

(B) O cálculo do IDH leva em consideração índices relativos à renda, à saúde e à educação no país.

(C) Pelos sentidos do texto, percebe-se que há unanimidade na comunidade científica internacional quanto à correção da metodologia adotada para determinar o Índice de Desenvolvimento Humano.

(D) No meio acadêmico, os atuais embates ideológicos passam ao largo das divergências metodológicas.

(E) A palavra "celeumas" (ℓ.5) está sendo empregada com o sentido de **consenso.**

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão, semântica e interpretação.

Informações contidas no final do texto (ℓ.19 a 28).

Alternativa "a" – *Arrefecimento* está no sentido de perda de entusiasmo, de ânimo, de ímpeto.

Alternativa "c" – Não há unanimidade. Citação (ℓ.15 a 18): "o Índice de Desenvolvimento Humano, ao longo dos anos, vem recebendo uma série de críticas da comunidade científica internacional."

Alternativa "d" – Afirma-se no texto que "há distinção, presente no meio acadêmico" (ℓ.2 e 3).

Alternativa "e" – A palavra *celeumas* está empregada no sentido de debate intenso, acirrado.

---

68. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/2006) Assinale a opção que representa continuidade coesa e coerente para o texto abaixo.

Em 1850, o Brasil tinha dois milhões de escravos. Na Europa, a revolução industrial passou a exigir cada vez mais mão de obra, que se tornou escassa. Por outro lado, a mão de obra livre do país não servia aos propósitos da plantação cafeeira. A solução preconizada então foi a imigração europeia. Começam a criar, na época imperial, colônias de imigrantes, trazidos com a convicção de uma natural superioridade da raça com uma ética própria para o trabalho. Em 1824, foi criada a primeira colônia alemã em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul. (Sidnei Machado: http://calvados.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/direito/article/viewPDFInterstitial/1766/1463)

(A) Por meio de contratos de parceria, os imigrantes europeus vendiam seu trabalho futuro.

(B) Contanto que, em 1852, Vergueiro, comece a contratar diretamente imigrantes na Europa, financiado pelo governo.

(C) Ficava devendo as passagens, transporte, comissões de contrato, além de outras despesas.

(D) Porquanto, nesse contexto, os escravos libertos passaram a não ter trabalho, ficando sem condições de inserção social e de sobrevivência.

(E) No entanto, o trabalho foi fornecido ao trabalhador europeu, pois era mais vantajoso ao proprietário, dadas as condições contratuais onerosas impostas aos imigrantes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Seguir a mesma dica da questão 5.

- Palavras-chave: escravos, mão de obra escassa, imigração europeia, colônias de imigrantes, em 1824, foi criada a primeira colônia alemã em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul.

O último período sempre é muito importante!

Sequência correta: *Por meio de contratos de parceria, os imigrantes europeus vendiam seu trabalho futuro.*

Alternativa "b" – Incoerências: *contanto que comece a contratar* e *financiado pelo governo.*

Alternativa "c" – Quem ficava devendo? Sem nexo a informação.

Alternativa "d" – Porquanto é uma conjunção, no caso, conclusiva e as ideias mencionadas não possuem sequência lógica.

Alternativa "e" – O erro é o uso da conjunção *no entanto* que indica concessão.

---

69. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/ 2006) Julgue como verdadeiros (V) ou falsos (F) os itens a respeito do texto abaixo.

Uma única inovação ocorrida no século XV teve enorme influência para o progresso, a inclusão social e a redução da pobreza. Foi a invenção do conceito de capital social pelo frei Luca Paccioli, o criador da contabilidade. Antes de Luca Paccioli, um comerciante ou produtor que não pagasse suas dívidas poderia ter todos os bens pessoais, como casa, móveis e poupança, arrestados por um juiz ou credor. Muitos cientistas políticos e sociólogos usam o termo capital social de forma equivocada, numa tentativa deliberada de confundir o leitor. (Adaptado de Stephen Kanitz, O capitalsocial. Veja, 12 de abril, 2006)

( ) Depreende-se da expressão "Uma única inovação" (início do texto) que as demais inovações ocorridas no século XV não resistem até hoje.

( ) Preservam-se a coerência textual e a correção gramatical ao trocar "invenção" por **criação** e "criador" (segundo período) por **inventor**, respectivamente.

( ) Apesar de se classificar como artigo indefinido, o artigo "um" tem a função de determinar ou identificar, no texto, "comerciante" e "produtor" (terceiro período).

( ) Por integrar uma enumeração, a vírgula depois de "poupança"(terceiro período) é facultativa e pode ser suprimida sem que se prejudique a correção gramatical do texto.

( ) Por constituir um valor oposto às informações do primeiro parágrafo, o período final do texto admite ser iniciado pelo conectivo **No entanto**, seguido de vírgula, fazendo-se os ajustes nas iniciais maiúsculas.

A sequência correta é

(A) V V F V F

(B) F V F F V

(C) V F F F V

(D) F V V F F

(E) F F V V F

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

f) Não se pode afirmar que as demais inovações não resistam. Afirma-se que uma inovação teve uma enorme influênci**Alternativa "a"** – Eliminadas alternativas a e c.

v) Correto: *Foi a* **criação** *do conceito de capital social pelo frei Luca Paccioli, o* **inventor** *da contabilidad***Alternativa "e"** – Eliminada e.

f) O artigo indefinido não determina ou identifica, mas sim generaliza: qualquer comerciante e qualquer produtor. Eliminada alternativa d.

f) A vírgula não é facultativa por fazer parte da intercalação do aposto explicativo.

v) Conjunções coordenadas adversativas: **mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante.**

---

70. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/ 2006) Avalie as afirmações abaixo, a respeito do emprego das estruturas linguísticas no texto, para assinalar a opção correta.

Quando se ouve a palavra "preço", as primeiras imagens que invadem nossa mente são as de cartazes de liquidação, máquinas registradoras, cheques e cartões de crédito. Mesmo nas sociedades orientais, menos capitalistas que a nossa, a ideia de preço é sempre ligada à noção de objeto de valor. Porém, diferentemente do que a mídia informa, nem tudo pode ser comprado e parcelado em três vezes no cartão. As coisas realmente importantes da vida têm seu preço, isso é certo, mas a forma de pagamento é bem diversa das praticadas nos shopping centers. Na infinita negociação que é viver, se sairá melhor aquele que possuir uma sólida conta corrente de reservas emocionais e de bom senso do que aquele que confia apenas em sua coleção de cartões de plástico. Lucrará mais aquele que souber responder com sabedoria a pergunta: vale a pena pagar o preço? (Adaptado da Revista Planeta, maio de 2006)

I. Para a coerência textual, o vocábulo "as" (primeiro período) tanto pode ser interpretado como um pronome, substituindo o substantivo "imagens" (primeiro período), quanto como um artigo definido que deixa implícita a concordância com "imagens".

II. O acento indicativo de crase em "à noção" decorre da presença da preposição a, exigida por "ligada" (segundo período) e do artigo determinante de "noção".

III. Por ser expressa a comparação em estrutura oracional, o termo "do que" (terceiro período) pode ser escrito apenas como "que", sem prejuízo da correção gramatical do texto.

IV. A retirada do pronome em "isso é certo" (quarto período) resulta em erro gramatical, porque a oração fica sem sujeito; o que prejudica a coesão textual.

V. Devido ao emprego da vírgula, mantém-se a coerência textual e a correção gramatical ao empregar o pronome átono depois do verbo em "se sairá"(quarto período): **sairá-se**.

VI. As regras gramaticais possibilitam também o emprego do acento indicador de crase em "a pergunta"(final do texto): **à pergunta.**

Estão corretos apenas os itens

(A) I, II e VI

(B) I, II, III e V

(C) I, IV e VI

(D) II, III, V e VI

(E) III, IV e V

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão, pronome, crase e análise sintática.

Assertativa I – Certo. Melhor dividir as informações: *Quando se ouve a palavra "preço", as primeiras imagens que invadem nossa mente são* ***as*** *de cartazes de liquidação:* 1. Pronome demonstrativo = aquelas; 2. Artigo = *são* ***as*** (imagens) *de cartazes de liquidação*

Assertativa II – Certo. Ligada à nação: se é ligada, é ligada **a** algo + artigo definido feminino **a** que pode acompanhar o substantivo nação. Certifique-se do emprego da crase substituindo a palavra feminina (substantivo) por uma masculina (substantivo) = ligada **ao** país. Resultou em **ao**, significa que há crase.

Assertativa III – Errado. Se houvesse comparação, o item estaria correto, mas não há: diferentemente do que a mídia informa. **O + que = pronome demonstrativo (aquilo) + pronome relativo (o qual).** Trata-se de uma oração subordinada adjetiva restritiva e a preposição **de** é exigida pelo advérbio diferentemente, logo não pode ser retirada.

Assertativa IV – Errado. A expressão isso é certo é uma intercalação e ao retirar o pronome não causa erro gramatical nem prejudica a coesão textual.

Assertativa V – Errado. Não se usa pronome oblíquo após a vírgula e pelo fato de o verbo estar no futuro, deveria ocorrer mesóclise: **sair-se-á**.

VI. Certo. O verbo responder passaria de transitivo direto para transitivo indireto (responder **a** algo).

---

71. (ESAF – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho/ 2006) Os trechos a seguir constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e assinale a resposta correta.

( ) Essa meta, alcançada 53 anos depois, começou a ganhar contornos de realidade nos anos 80, quando a empresa atingiu a produção de 500 mil barris/dia.

( ) Criada pelo decreto assinado pelo presidente Getúlio Vargas, em 3 de outubro de 1953, a Petrobras já nasceu com a missão de alcançar a autossuficiência na produção brasileira de petróleo.

( ) Entretanto, foi no início da década de 70 que começou a ser delineada a estratégia que resultaria nas primeiras conquistas da empresa. Na época, o país crescia a taxas de 10% ao ano, o que contribuiu para que, naquela década, o consumo de derivados duplicasse.

( ) Porém, foi depois do alinhamento de preços dos combustíveis às cotações internacionais que a empresa conseguiu maior acesso ao mercado de capitais internacional. Com isso, obteve os recursos para financiar os investimentos necessários que resultaram na autossuficiência.

( ) Assim, ao longo das últimas cinco décadas, diante do nacionalismo que cerca o petróleo no Brasil, os interesses da Petrobras confundiram-se com os do país.

(Jornal do Brasil, 23/04/2006)

(A) 3°, 1°, 4°, 2°, 5°.

(B) 1°, 2°, 3°, 4°, 5°.

(C) 2°, 1°, 3°, 5°, 4°.

(D) 4°, 5°, 1°, 3°, 2°.

(E) 5°, 3°, 2°, 1°, 4°.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Questão de nível fácil. Trabalhar por eliminação, analisando o início de cada item:

1) Não se pode iniciar período com o pronome demonstrativo anafórico (essa), pois retoma ideia. Qual ideia? Eliminada alternativa b.

2) Por se tratar de uma afirmação – perceba que, para tentar confundir, o autor não inicia com o sujeito – , pode-se deduzir que seja o início do texto. Deixemos as alternativas a **e** c **em destaque**.

3) Não se inicia texto com a conjunção entretanto (conjunção adversativa). Eliminada alternativa d.

4) Não se inicia texto com a conjunção porém (conjunção adversativa). Eliminada alternativa e.

5) Não se inicia texto com a conjunção assim (conjunção conclusiva). Nenhuma alternativa eliminada.

Voltemos às prováveis alternativas:

As palavras (e/ou ideias)-chave do item 2 são: Petrobras, missão de alcançar a autossuficiência na produção brasileira de petróleo. Não admite como sequência as afirmações contidas no quarto item. Eliminada a alternativa a.

Perceba como fica fácil juntando as informações mais importantes:

- Criada pelo decreto assinado pelo presidente Getúlio Vargas, em 3 de outubro de 1953, a Petrobras já nasceu com a missão de alcançar a autossuficiência na produção brasileira de petróleo.
- Essa meta, alcançada 53 anos depois, começou a ganhar contornos de realidade nos anos 80, quando a empresa atingiu a produção de 500 mil barris/dia.
- Entretanto, foi no início da década de 70 que começou a ser delineada a estratégia que resultaria nas primeiras conquistas da empresa. Na época, o país crescia a taxas de 10% ao ano, o que contribuiu para que, naquela década, o consumo de derivados duplicasse.
- Assim, ao longo das últimas cinco décadas, diante do nacionalismo que cerca o petróleo no Brasil, os interesses da Petrobras confundiram-se com os do país.
- Porém, foi depois do alinhamento de preços dos combustíveis às cotações internacionais que a empresa conseguiu maior acesso ao mercado de capitais internacional. Com isso, obteve os recursos para financiar os investimentos necessários que resultaram na autossuficiência.

Leia o texto a seguir para responder à próxima questão.

Na opinião de Malthus, os habitantes da Terra multiplicar-se-iam numa taxa muito superior à disponibilidade de recursos. Seria uma catástrofe. Sua previsão falhou por não prever o espetacular desenvolvimento da ciência e o aumento da eficiência na produção de alimentos e outros bens. Mas será que essa eficiência será mantida nos próximos 50 anos? É bem provável que sim, a despeito de certos recursos que estão se esgotando, como é o caso da terra agricultável e da água. (Antônio Ermírio de Moraes, O planeta e o desafio do futuro. Jornal do Brasil, 20 de março de 2005, com adaptações)

72. (ESAF – Técnico da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Assinale a opção que expressa de forma gramaticalmente correta uma relação lógica coerente com o texto.

(A) Se for mantida a eficiência na produção de alimentos e outros bens, a taxa de multiplicação dos habitantes da Terra será superior à disponibilidade de recursos.

(B) Não chegou a haver catástrofe que cause a multiplicação dos habitantes da Terra, porque Malthus não previu o espetacular desenvolvimento da ciência nem o aumento da eficiência na produção de alimentos e outros bens.

(C) Se não tivesse havido um desenvolvimento espetacular da ciência e o aumento da eficiência na produção de alimentos e outros bens, a multiplicação dos habitantes da Terra poderia se tornar uma catástrofe.

(D) Por causa do espetacular desenvolvimento da ciência na produção de alimentos houve uma eficiência na produção de alimentos e outros bens; o que levou o fracasso a opinião de Malthus.

(E) Embora estarem se esgotando certos recursos, a eficiência na produção de alimentos e outros bens serão mantidos e, felizmente, a catástrofe prevista por Malthus não ocorrerá.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de coerência, verbo, pontuação e regência.

Na alternativa c, além de não haver erro gramatical, possui a ideia central do texto.

Alternativa "a" – Não há relação coerente com as ideias do texto.

Alternativa "b" – ... catástrofe que **causasse**. Poderia, também, inserir uma vírgula após *desenvolvimento da ciência.*

Alternativa "d" – É necessário inserir vírgula após *na produção de alimentos* (indica inversão da oração subordinada adverbial causal). Após a expressão *outros bens*, retirar o ponto-e-vírgula e inserir vírgula. Outro erro (regência): *o que levou **ao** fracasso a opinião de Malthus.*

Alternativa "e" – *Embora **estejam** se esgotando certos recursos*. Basta verificar o uso do verbo posterior: serão (futuro do presente do indicativo).

Atenção! Leia o texto para responder à próxima questão.

ISTOÉ – Quem são os heróis de verdade? Roberto Shinyashiki – Nossa sociedade ensina que, para ser uma pessoa de sucesso, você precisa ser diretor de uma multinacional, ter carro importado, viajar de primeira classe. O mundo define que poucas pessoas deram certo. Isso é uma loucura. Para cada diretor de empresa, há milhares de funcionários que não chegam a ser gerentes. E essas pessoas são tratadas como uma multidão de fracassados. Quando olha para a própria vida, a maioria se convence de que não valeu a pena porque não conseguiu ter o carro nem a casa maravilhosa. Heróis de verdade são aqueles que trabalham para realizar seus projetos de vida, e não para impressionar os outros. (ISTOÉ, Entrevista. 19/10/2005, com adaptações)

73. (ESAF – Técnico da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Assinale a opção incorreta a respeito do desenvolvimento da argumentação do texto.

(A) Para organizar os argumentos, o entrevistado refere-se, genericamente, às mesmas pessoas por meio do pronome "você" (ℓ.3), ou das expressões "poucas pessoas" (ℓ.5 e 6) e "essas pessoas" (ℓ.8).

(B) Preserva-se a coerência da argumentação da resposta ao se deslocar a oração "Isso é uma loucura" (ℓ. 6) para antes do último período sintático do texto.

(C) A organização semântica do texto permite entender que as pessoas que compõem "a maioria" (ℓ.10) compartilham do mesmo tipo de visão expressa em "Nossa sociedade ensina" (ℓ.2) e "O mundo define" (ℓ.5).

(D) Através de exemplos e argumentos, o entrevistado prepara o leitor para aceitar a resposta que resume no último período sintático do texto.

(E) Pelo desenvolvimento da argumentação, depreende-se que "os outros" (ℓ.15) constituem parte dos conjuntos nomeados como "Nossa sociedade" (ℓ.2) e "O mundo" (ℓ.5).

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – As referências **não** são às mesmas pessoas:

- Você: pessoa de sucesso (ser diretor de uma multinacional, ter carro importado, viajar de primeira classe).
- Poucas pessoas: conseguiram obter o sucesso mencionado acima.
- Essas pessoas: fracassados (milhares de funcionários que não chegam a ser gerentes).

Alternativa "b" – Quando olha para a própria vida, a maioria se convence de que não valeu a pena porque não conseguiu ter o carro nem a casa maravilhosa. Isso é uma loucura.Heróis de verdade são aqueles que trabalham para realizar seus projetos de vida, e não para impressionar os outros.

Alternativa "c" – Nossa sociedade ensina que, para ser uma pessoa de sucesso, você precisa ser diretor de uma multinacional, ter carro importado, viajar de primeira classe.

O mundo define que poucas pessoas deram certo.

Quando olha para a própria vida, **a maioria** se convence de que não valeu a pena porque não conseguiu ter o carro nem a casa maravilhosa.

Alternativa "d" – Basta reler o texto.

Alternativa "e" – Nossa sociedade ensina que, para ser uma pessoa de sucesso, você precisa ser diretor de uma multinacional, ter carro importado, viajar de primeira classe.

O mundo define que poucas pessoas deram certo.

Heróis de verdade são aqueles que trabalham para realizar seus projetos de vida, e não para impressionar **os outros**.

74. (ESAF – Técnico da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Assinale a opção correta em relação ao texto abaixo.

É comum entender-se responsabilidade social empresarial como apoio ou investimento que a empresa faz na comunidade. É até muito frequente ouvirmos de uma organização: "Somos uma empresa socialmente responsável porque apoiamos determinado projeto ou fazemos doações para tal comunidade". Isso é altamente louvável e importante. Mas o conceito de responsabilidade social das empresas, enquanto relacionamento das organizações com a comunidade e com a sociedade, é muito mais amplo. O compromisso socialmente responsável da empresa em todas as suas ações, em todas as suas políticas, em todas as suas práticas, em todas as suas relações significa responsabilidade social da empresa em relação à comunidade, aos seus empregados, aos componentes da cadeia produtiva com os quais tenha relações diretas e indiretas, ao meio ambiente, ao Estado, aos consumidores, ao mercado e aos acionistas. Esse compromisso, capaz de promover um modelo de desenvolvimento sustentável, compreende as dimensões econômica, social e ambiental, dimensões que passam a ser muito importantes na composição de toda a estrutura empresarial e de Estado. (Carlos Eugênio Friedrich Barreto – www2.uerj.br/~labore/cquestoesc/sociedade_2-main.htm)

(A) A substituição de "entender-se responsabilidade social empresarial" (ℓ.1 e 2) por **a responsabilidade social empresarial ser entendida** prejudica a correção gramatical do período.

(B) Depreende-se do texto que o conceito de responsabilidade social das empresas defendido pelo autor coincide com o entendimento frequentemente adotado pelas organizações.

(C) Haverá prejuízo para a correção gramatical e alteração no sentido do período, caso a conjunção "Mas" (ℓ.8) seja substituída por qualquer uma das seguintes: **Contudo, No entanto, Todavia.**

(D) A repetição da expressão "em todas" (ℓ.12 e 13) provoca o efeito de sentido de ênfase.

(E) O emprego da preposição "a" em todas as ocorrências das linhas 15 a 19 justifica-se pela regência da expressão "responsabilidade social" (ℓ.14).

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão, vozes verbais e período composto.

Alternativa d é considerada correta, pois a repetição de vocábulos indica ênfase.

Alternativa "a" – Não prejudica a correção gramatical, porque a oração é transposta da voz passiva sintética (V.T.D. + SE) para a voz passiva analítica (verbo SER + PARTICÍPIO).

Alternativa "b" – O conceito **não** coincide com o entendimento adotado pelas organizações.

Alternativa "c" – Não há prejuízo, já que todas as conjunções indicam adversidade, oposição.

Alternativa "e" – Há paralelismo entre os termos, mas estão ligados ao substantivo *relação* e não à expressão *responsabilidade social:*

(...) significa responsabilidade social ***em relação à*** *comunidade,* ***aos*** *seus empregados,* ***aos*** *componentes da cadeia produtiva (...),* ***ao*** *meio ambiente,* ***ao*** *Estado,* ***aos*** *consumidores,* ***ao*** *mercado e* ***aos*** *acionistas.*

---

75. (ESAF – Técnico da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Indique o segmento que, inserido nas linhas em branco, preserva a correção gramatical e as qualidades linguísticas do trecho abaixo.

Espécie de grande homem pelo avesso, Antonio Conselheiro reunia no misticismo doentio todos os erros e superstições que formam o coeficiente de redução da nossa nacionalidade. _____ *Favorecia-o o meio e ele realizava, às vezes, o absurdo de ser útil. Obedecia à finalidade irresistível de velhos impulsos ancestrais; e jugulado por ela espelhava em todos os atos a placabilidade de um evangelista incomparável. (Euclides da Cunha, Os sertões)*

(A) Arrastava o povo sertanejo não porque lhe dominava; mas porque o dominavam as aberrações daquele.

(B) Arrastava o povo sertanejo não porque o dominasse, mas porque o dominavam as suas aberrações.

(C) Arrastava o povo sertanejo não porque lhe dominava, mas porque lhe dominavam as aberrações deste.

(D) Arrastava o povo sertanejo não porque o dominasse, mas porque o dominavam as aberrações daquele.

(E) Arrastava o povo sertanejo não porque o dominasse, mas porque lhe dominavam as aberrações dele.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Trabalhe por eliminação.

O verbo *dominar* é transitivo direto e admite o pronome oblíquo **o**. **Eliminam-se as alternativas *a*, *c* e *e*.**

Quanto à pontuação, a vírgula é obrigatória antes da conjunção adversativa *mas*.

Na alternativa *b*, o pronome possessivo *suas* gera ambiguidade, pois não se sabe a quem se refere. Assim, a correta é a alternativa *d*.

76. (ESAF – Técnico da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

McLuhan foi certeiro ao antever a vida globalizada de hoje, na qual a palavra, senão(1) perdeu de todo a potência, tornou-se uma espécie de valise, estrutura vazia que carrega todos os sentidos e que, por isso(2), forma uma grande poeira de significados, evocando assim as configurações cósmicas. McLuhan estava cheio de razão quando dizia que a tecnologia, em vez de(3) ser algo que paira acima de nós e que está sempre à(4) nossa disposição, tornou-se, ao contrário, uma extensão do corpo, seu prolongamento – e por isso o afeta, moldando também as mentes que o gerem. Com a revolução da tecnologia eletrônica, não são só(5) os meios que se transformaram, mas o próprio homem entrou em metamorfose. É o mundo em mutação constante previsto pelos escritores de ficção científica e pelos revolucionários radicais. (Adaptado de José Castello http://nominimo.ibest.com.br/notitia)

(A) 1

(B) 2

(C) 3

(D) 4

(E) 5

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

✪ **Nota da autora:** Usa-se **se não** quando indicar condição, por ser conjunção condicional + advérbio de negação e equivale a caso. Senão é usado quando pode ser substituído por *do contrário, de outro modo, caso contrário, porém, a não ser, mas sim, mas também.*

Assim, a alternativa *a* está incorreta.

Alternativa "b" – A expressão *por isso* sempre será escrita separada.

Alternativa "c" – Em vez de: em lugar de, no lugar de; **ao invés de**: ao contrário de, em oposição a. Para facilitar, use *ao invés de* para se referir a palavras opostas. Exemplo: Noite ao invés de dia.

Alternativa "d" – Substitua o pronome feminino por um masculino. Resultando em **ao,** haverá o acento indicativo de crase: está sempre **à** nossa disposição = está sempre **ao** nosso alcance. Crase correta.

Alternativa "e" – O verbo *ser*, no plural, concorda com *meios* e *só* é um advérbio de exclusão (equivale a *apenas*). O advérbio é invariável.

Leia o texto para responder à questão 48.

Na seção CARTAS, da revista ISTOÉ, de 12/10/ 2005, encontramos a seguinte carta de leitora.

5	**Emprego** [...] Parabéns pelo destaque a este assunto tão importante. Pena que a matéria não tenha tratado do drama daqueles que fizeram estágio, se formaram em um curso superior e, recém-formados, saem à procura de uma oportunidade de trabalho e não encontram. As empresas não querem criar vínculo empregatício, principalmente com alguém com pouca experiência. O problema é ainda maior do que a matéria apresenta, mas pelo menos já foi dado o pontapé inicial para a
10	discussão de um tema tão preocupante como este. (MARIANA BUSANELLI. Jundiaí – São Paulo).

77. (ESAF – Técnico da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Assinale a proposta de inserção que torna o texto incoerente ou gramaticalmente incorreto. Desconsidere os ajustes necessários em pontuação, letras maiúsculas e minúsculas.

a)	Congratulo-lhes meus	antes de	"Parabéns" (ℓ.1)
b)	Entretanto, é uma	antes de	"Pena" (ℓ.2)
c)	a	antes de	"encontram" (ℓ.7)
d)	Pois	antes de	"As empresas" (ℓ.7)
e)	Destaque-se que	antes de	"O problema" (ℓ. 9)

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

✪ **Nota da autora:** *Congratular* significa parabenizar, ou seja, há um pleonasmo.

Perceba como as inserções ficam corretas:

Alternativa "b" – Parabéns pelo destaque a este assunto tão importante, **entretanto é uma** pena que a matéria não tenha tratado do drama. Indica ideias adversas.

Alternativa "c" – Não **a** encontram: o verbo *encontrar* é transitivo direto.

Alternativa "d" – A conjunção **pois** indica explicação e pode ser substituída por **porque** para se certificar. Quando substituída por **logo**, indica conclusão.

Alternativa "e" – Por estar concluindo o assunto, inserir o verbo **destaque-se** seguido da conjunção integrante **que** é admissível.

78. (ESAF – Técnico da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Em artigo na Veja (2/11/2005), Roberto Pompeu de Toledo reproduz uma correspondência do INSS a um solicitante de aposentadoria. No final da carta, consta o seguinte trecho:

Comunico-vos que vosso pedido de Benefício será indeferido por desinteresse, se não comparecerdes dentro de 10 dias a contar desta data.

Deveis apresentar esta carta no ato do comparecimento.

Detendo-se nesse trecho, Roberto Pompeu de Toledo faz o seguinte comentário: Uma suspeita começa a se firmar. A crase não foi feita para humilhar ninguém, mas o "vós" foi. (...) O "vós", tal qual se apresenta no texto, ressoa amedrontador como um castigo. Humilhar? Não, ainda é pouco. A intenção é aterrorizar. Volte-se ao texto: "Se não comparecerdes..." Isso é muito mais assustador do que "se você não comparecer", ou "se o senhor não comparecer."

Indique a opção que completa o enunciado abaixo com uma ideia errônea ou falsa.

O comentário do articulista ...

(A) recomenda ao INSS o emprego das formas de tratamento "você" e "o senhor" nas correspondências a serem enviadas aos contribuintes.

(B) evoca relações que podem ser estabelecidas entre a linguagem e seus usuários.

(C) condena o emprego de formas linguísticas que possam causar algum tipo de constrangimento no leitor.

(D) compara a reação que podem causar no usuário da língua portuguesa o tratamento de segunda pessoa do plural e o conhecimento da ocorrência da crase.

(E) exemplifica o fato de a escolha das palavras ser influenciada pelo desejo do escritor de provocar determinada reação no leitor.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

✪ **Nota da autora:** ao usar qualquer pronome de tratamento, a concordância deve ser feita com a terceira pessoa (do singular ou plural). O trecho mencionado, ficaria correto se assim fosse escrito:

*Comunico-**lhe** que **seu** pedido de Benefício será indeferido por desinteresse, se não **comparecer** dentro de 10 dias a contar desta data.*

Deve *apresentar esta carta no ato do comparecimento.*

O articulista não recomenda ao INSS o emprego das formas de tratamento "você" e "o senhor", mas sim critica o uso da segunda pessoa do plural "vós" por *aterrorizar* o leitor.

Alternativa "b" – O articulista refere-se ao uso da linguagem.

Alternativa "c" – Sim, ao citar "A intenção é aterrorizar".

Alternativa "d" – Informação comprovada no trecho "A crase não foi feita para humilhar ninguém, mas o "vós" foi."

Alternativa "e" – "Humilhar? Não, ainda é pouco. A intenção é aterrorizar."

---

79. (ESAF – Técnico da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Os trechos abaixo compõem sequencialmente um texto. Assinale a opção em que o segmento está de acordo com as exigências da norma escrita padrão.

Alternativa "a" –As pressões sobre o preço do petróleo se renovam. A cotação do produto voltou à subir nos últimos dias, refletindo, sobretudo, o temor de que, prejudicada pelo impacto dos furacões Katrina e Rita, a capacidade de refino dos EUA se revele insuficiente para atender à demanda.

Alternativa "b" –A alta do petróleo já se estende por um bom tempo. Analistas e instituições, como o FMI, manifestaram várias vezes surpresa com o fato de que, até o momento, o crescimento da economia global se viu muito pouco afetado pelo encarecimento de um produto tão estratégico.

Alternativa "c" –Alguns fatores capazes de efetivamente atenuar o impacto da alta do petróleo estão presentes. Desde fins da década de 70, quando eclodiu a chamada segunda crise do petróleo, houve esforços importantes de economia do combustível, seja por meio de uma maior eficiência no seu consumo, sejam por meio de sua substituição por outras fontes de energia.

Alternativa "d" –Com isso – e a despeito de certo relaxamento nesse esforço de conservação de energia fóssil na década de 90, quando o preço do produto chegou à níveis bastante baixos – , o consumo de petróleo por unidade do PIB mundial caiu muito, comparativamente à década de 70.

Alternativa "e" –Ainda assim, a intensidade da alta da cotação e a duração do período de petróleo "caro" justifica as dúvidas em relação à permanência do dinamismo da economia mundial. Até porque essa alta pode se estancar, mas, dada a demora para a expansão da oferta, uma queda expressiva e rápida do preço do petróleo não é esperada.

*(Itens adaptados de **Folha de S. Paulo**, 02/10/2005, Editorial)*

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de crase e concordância.

Erros:

Alternativa "a" – Os dois acentos indicativos de crase estão incorretos: voltou a subir (não se usa crase antes de verbo) e atender a demanda (o verbo atender é transitivo direto).

Alternativa "c" – **Seja** e **seja** (o segundo verbo está no plural e deve ficar no singular, como o primeiro).

Alternativa "d" – Acento indicativo de crase antes de palavra masculina e plural: chegou a níveis.

Alternativa "e" – Erro de concordância verbal: a intensidade da alta da cotação e a duração do período de petróleo "caro" **justificam** as dúvidas.

---

80. (ESAF – Técnico da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) A seguir estão transcritos trechos de relatórios, que encerram recomendações ou exigências a serem cumpridas. Aponte o trecho inteiramente correto quanto ao emprego da modalidade padrão do idioma.

(A) Sejam extraídas cópias do ofício n.12 e do Relatório de Auditoria de acompanhamento de Gestão, às fls. 153/163 dos presentes autos, para inclusão no Processo X, concernente a Auditoria de Obras, realizada na Superintendência da Zona Franca de Manaus, a qual analisa inclusive as obras do Centro de Biotecnologia da Amazônia – CBA.

(B) Sejam determinadas à Secretaria Competente a realização de levantamento ou auditoria no Ministério do Meio Ambiente, com vistas à avaliar o Contrato de Gestão firmado entre esse Ministério e a Associação Brasileira para o Uso Sustentável da Biodiversidade da Amazônia, sob os primas da legalidade, dos interesses público e social e da execução do seu objeto.

(C) Proceda os aditamentos contratuais e a sua publicação em tempo hábil, observando o disposto nos arts. 57, § 2º, e 61, parágrafo único, da Lei n. 8.666/93, sob pena de nulidade do aditamento com vício de intempestividade na sua assinatura ou publicação.

(D) Faça publicar as cessões de servidores a outros órgãos e entidades públicas e suas eventuais prorrogações no Diário Oficial da União, como forma de dar eficácia aos respectivos atos de cessão e cumprimento ao contido no art. 93, § 3º, da Lei n. 8.112/90.

(E) Faça constar, dos próximos certames licitatórios, inclusive nas dispensas e inexigibilidades, pesquisa prévia de preços que comprove ter sido ela realizada e ter sido cumpridas as disposições legais pertinentes relativas à seleção da proposta mais vantajosa e à sua compatibilidade com os preços de mercado (arts. 3º, caput, 26, parágrafo único, inciso III, 38, inciso XII, e 43, inciso IV, da Lei n. 8.666/93, etc).

(Adaptado de https://contas.tcu.gov.br/portaltextual/PesquisaLivre, acesso em 21/10/2005)

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de concordância e crase.

Erros:

Alternativa "a" – Falta crase: concernente **à** Auditoria = **ao** auditor.

Alternativa "b" – Concordância errônea: **seja determinada** a realização (sujeito); acento indicativo de crase antes de verbo: com vistas **a** avaliar.

Alternativa "c" – Concordância: **procedam** os adiantamentos (sujeito).

Alternativa "e" – Concordância: **terem sido** cumpridas as disposições (sujeito).

---

81. (ESAF – Técnico da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Abaixo estão os segmentos inicial e final de uma correspondência oficial. É preciso completá-la nos espaços pontilhados, ordenando os parágrafos na ordem em que devem constar no documento. Numere os parênteses, obedecendo aos princípios de coesão, coerência e encadeamento de ideias. Assinale, a seguir, a opção que reproduz a ordem correta.

E.M. n. 122 /Interministerial MF – CGU-PR

Brasília, 26 de setembro de 2005.

Excelentíssimo Senhor Presidente da República

Respeitosamente,

MURILO PORTUGAL FILHO

Ministro de Estado da Fazenda Interino

WALDIR PIRES

Ministro de Estado do Controle e da Transparência

(___) Com o objetivo de dar fiel cumprimento àquela determinação legal, cuja finalidade precípua consiste na preservação do princípio constitucional da publicidade, submetemos a Vossa Excelência o incluso Relatório de Gestão Fiscal do Poder Executivo Federal, referente ao período de janeiro a agosto do exercício de 2005.

(___) O referido Relatório deverá ser objeto de encaminhamento ao Congresso Nacional e ao Tribunal de Contas da União, conforme dispõe o art. 116 da Lei n. 10.934, de 11 de agosto de 2004.

(___) O Relatório de Gestão Fiscal, consoante determina a supracitada Lei, deve conter informações relativas à despesa total com pessoal, dívida consolidada, concessão de garantias e operações de crédito, devendo, no último quadrimestre, ser acrescido de demonstrativos referentes ao montante das disponibilidades de caixa em 31 de dezembro, de cada exercício e das inscrições em restos a pagar.

(___) Determina a mesma Lei que o Relatório deverá ser publicado e disponibilizado ao acesso público até trinta dias após o encerramento do período a que corresponder, prazo esse que, para o segundo quadrimestre de 2005, se encerra em 30 de setembro do corrente.

(___) A Lei Complementar n. 101, de 04 de maio de 2000, que estabelece normas de finanças públicas voltadas para a responsabilidade na gestão fiscal, exige, em seu art. 54, a emissão, ao final de cada quadrimestre, pelos titulares dos Poderes e órgãos referidos no art. 20, do Relatório de Gestão Fiscal assinado pelo respectivo Chefe e pelas autoridades responsáveis pela administração financeira e pelo controle interno, bem como por outras autoridades que vierem a ser definidas por ato próprio de cada Poder ou órgão. (http://www.fazenda.gov.br/portugues/ documentos/2005/ relatorioLRF2005.pdf, com adaptações)

A sequência correta é:

(A) 5 – 4 – 1 – 3 – 2

(B) 4 – 5 – 2 – 3 – 1

(C) 5 – 2 – 4 – 3 – 1

(D) 1 – 3 – 2 – 4 – 5

(E) 1 – 2 – 4 – 3 – 5

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

✪ **Nota da autora:** Eliminar as descabidas, atentando-se ao trecho que pode dar sequência ao segmento inicial.

O quinto item explica que a Lei Complementar n. 101 exige a emissão do Relatório de Gestão Fiscal, ou seja, deve ser o primeiro item a completar. **Eliminadas alternativas *a*, *d* e *e*.**

No terceiro item consta o que determina o Relatório, sendo a sequência da correspondência oficial. **Eliminada alternativa *c*.**

Siga a sequência da alternativa *b* e se certifique de que é a correta.

Leia o texto para responder à questão 53.

A questão proposta é a do acaso. Na tradição ocidental, o tema aparece invariavelmente ligado a um outro, o da razão: o dos limites e do alcance da racionalidade. Nem seria errôneo afirmar que o empenho maior para o pensamento filosófico inaugurado na Grécia antiga resume-se em querer vencer a sujeição ao acaso. De fato, um dos traços peculiares ao homem primitivo est. em deixar-se surpreender pelo acaso, em guiar-se pelo imprevisível. Já o homem racional instaurado pelos gregos entrega-se, pela primeira vez na história, a esse esforço descomunal e decisivo para a evolução do Ocidente, de tentar conjurar o mais possível as peias do acaso, estabelecendo as bases para um comércio racional do homem com o seu meio ambiente; mais precisamente: a postura racional passou a designar, de modo gradativo, um comportamento de dominação por parte do homem, elaborando racionalmente as suas relações com a natureza, o homem terminaria abocanhando as vantagens de ver subordinada a natureza aos seus desígnios pessoais. (Gerd Bornheim. Racionalidade e acaso. fragmento)

82. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Assinale a opção que apresenta coerência com as ideias do texto e correção gramatical.

(A) Seria errôneo afirmar que nem o empenho maior do pensamento filosófico grego sujeitaria-se ao objetivo de querer trocar os limites do acaso pelo alcance da racionalidade.

(B) A racionalidade opõe-se ao acaso na medida em que é uma postura culturalmente adquirida, que visa não mais deixar o homem surpreender-se pelo imprevisível, mas ressaltar a supremacia da razão sobre a natureza.

(C) Vencer a sujeição ao acaso pode ser considerada uma das errôneas preocupações do pensamento filosófico inaugurado na Grécia; ou seja, ter como propósito superar um dos traços peculiares do homem primitivo.

(D) A evolução do Ocidente resulta do esforço descomunal e decidido (do homem racional) de se extirpar o mais possível as teias do acaso, fundamentando a racionalidade no comércio e no meio ambiente.

(E) A dicotomia entre o homem que se deixa surpreender pelo acaso e aquele que tenta conjurar o mais possível o imprevisível, guia-se pelo racional, terminando por ganhar as vantagens de designar a natureza a seus arbítrios.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de pontuação, conjunção e colocação pronominal.

Atente-se ao sentido de *na medida em que* (causa) e *à medida que* (proporcionalidade).

As ideias possuem coerência com o texto e não há erro gramatical.

Primeiro, veja se há erros gramaticais; se não houver, confira as ideias. Assim a questão é resolvida rapidamente.

Alternativa "a" – Erro: como o verbo *sujeitar* está no futuro do pretérito do indicativo e exige mesóclise (pronome oblíquo no meio do verbo) = sujeitar-se-ia.

Alternativa "c" – Erro: a expressão *ou seja* deveria estar entre vírgulas.

Alternativa "d" – Erro: intercalar com vírgulas a expressão *o mais possível.*

Alternativa "e" – Erro: intercalar com vírgulas a expressão *o mais possível.*

Leia o texto para responder à questão 54.

Olhamos e não vemos. Não conseguimos olhar nada pela primeira vez. Já o primeiro olhar é preconceituoso – dá informação falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada, anterior ao ato de olhar. O economista cheio de teorias pensa que sabe o remédio para a inflação, a origem da miséria, o segredo da estabilidade e quanto desaforo a democracia aguenta. Erra como o médico, o astrônomo ou o caixa que aceita o cheque do homem elegante, de terno e cabelo com brilhantina que parece ser rico, mas é estelionatário. Só que no caso do economista, não é apenas o paciente que fica com dor de cabeça, ou mais um cheque sem fundo. São 10% de desempregados. Um deles acaba apontando um revólver para a sua cabeça. Nada é visto pela primeira vez. Ninguém olha atentamente como as corujas, antes de propor ou piar. (João Sayad. A primeira vez. Revista TAM, julho de 2005, com adaptações)

83. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Assinale o esquema que representa corretamente a estrutura sintático-semântica do período sintático retirado do texto (desconsidere a pontuação e as letras maiúsculas).

a) (ℓ.2 e 3) o primeiro olhar
- é preconceituoso
- da informação
  - falsa
  - ou verdadeira
  - mas sempre pré-fabricada

b) (ℓ.4 e 5) o economista
- cheio de teorias
- pensa que sabe o remédio para
  - a inflação
  - a origem da miséria
  - o segredo da estabilidade
  - e quanto desaforo...

c) (ℓ.8 e 9) erra como
- o médico
- o astrônomo
- ou o caixa
- que aceita o cheque do homem elegante

d) (ℓ.11 e 12) não é apenas o paciente que
- fica com dor de cabeça
- ou mais um cheque sem fundo

e) (ℓ.13 e 14) São 10% de desempregados
- um deles acaba apontando
  - um revólver
  - para a sua cabeça
- Nada é visto pela primeira vez
- Ninguém olha atentamente como...

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de paráfrase. Vá ligando os termos mencionados e construa a relação. No caso, bastaria reler o terceiro período: Já **o primeiro olhar** é preconceituoso – dá informação **falsa** ou **verdadeira**, mas sempre **pré-fabricada**, anterior ao ato de olhar.

Alternativa "b" –Erro: *e quanto desaforo* não faz parte do paralelismo da estrutura *pensa que sabe o remédio para.*

Alternativa "c" –Erro: *que aceita o cheque do homem elegante* refere-se ao *caixa*. Faz parte da mesma estrutura sintática.

Alternativa "d" –Erro: *ou mais um cheque sem fundo não possui relação* com *não é apenas o paciente que*.

Alternativa "e" –Erro: *para a sua cabeça* relaciona-se com *um revólver* e não *com um deles acaba apontando*.

Leia o fragmento de texto abaixo para responder às questões 55 e 56.

O enquadramento pós-estruturalista da teoria da comunicação analisa o modo como a comunicação eletronicamente mediada (o que eu chamo modo de informação) desafia, e ao mesmo tempo reforça, os sistemas de dominação emergentes na sociedade e cultura pós-moderna. A minha tese é que o modo de informação decreta uma reconfiguração radical da linguagem, que constitui sujeitos fora do padrão do indivíduo racional e autônomo. Esse sujeito familiar moderno é deslocado pelo "modo de informação" em favor de um que seja múltiplo, disseminado e descentrado, interpelado continuamente como uma identidade instável. Na cultura, essa instabilidade coloca tanto perigos como desafios que se tornam parte de um movimento político – ou se estão relacionados com as políticas feministas, minorias étnicas/raciais, posições gays e lésbicas, podem conduzir a um desafio fundamental às instituições e estruturas sociais modernas. (Haik Poster. A segunda era dos mídia)

84. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Julgue como falsos (F) ou verdadeiros (V) os seguintes itens a respeito das estruturas linguísticas do texto.

( ) Preservam-se as relações semânticas e a correção gramatical do texto ao deslocar "pós-estruturalista" (ℓ.1) para depois de " teoria da comunicação" (ℓ.1 e 2).

( ) Preserva-se a correção gramatical e a coerência, mas alteram-se as relações semânticas do texto ao substituir "o que" (ℓ.3) por a que.

( ) "Esse sujeito familiar" (ℓ.9 e 10) corresponde ao "indivíduo racional e autônomo" (ℓ.9).

( ) Preservam-se as relações semânticas e a correção gramatical do texto ao substituir "como" (ℓ.13) pela preposição por.

( ) O desenvolvimento da textualidade mostra que, se o termo "desafios" (ℓ. 15) fosse substituído por o desafio, a flexão de plural em "que se tornam" (ℓ. 15) deveria ser substituída pela flexão de singular.

A sequência obtida é:

(A) V – F – V – V – F.

(B) V – V – F – F – V.

(C) F – V – V – F – F.

(D) F – F – V – V – V.

(E) F – V – V – F – V.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

f) Errado, pois qualifica o enquadramento.

v) Ao substituir, o pronome relativo passa a se referir à comunicação eletronicamente medida, ou seja, altera a relação semântica.

v) Sim, o pronome demonstrativo anafórico reforça a ideia: ***esse** sujeito*.

f) A preposição *com* indica modo. As relações semânticas alteram.

f) Os perigos tornam-se parte de um movimento político e não os desafios.

85. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Assinale a inferência que não está coerente com a argumentação do texto.

(A) Na cultura pós-moderna, o modo de informação estabelece com os sistemas de dominação relações em dois sentidos.

(B) Uma reconfiguração da linguagem repercute na reconfiguração dos sujeitos sociais, seja na cultura moderna seja na pós-moderna.

(C) Uma identidade instável caracteriza o sujeito, múltiplo, disseminado e inserido em movimentos políticos, culturais e sociais.

(D) Sujeitos deslocados pelo modo de informação eletronicamente mediado provocam uma instabilidade que se torna parte de movimento político.

(E) O padrão do indivíduo racional e autônomo conduz a políticas que podem desafiar os fundamentos das instituições e estruturas modernas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de coerência e interpretação de texto.

Erro: No texto, afirma-se que **a instabilidade** do sujeito familiar moderno **conduz** a políticas que

podem desafiar os fundamentos das instituições e estruturas modernas, **não o padrão do indivíduo racional e autônomo.**

Alternativa "a" – Linhas 1 a 6.

Alternativa "b" – Linhas 6 a 10.

Alternativa "c" – Linhas 10 a 14.

Alternativa "d" – Linhas 14 a 20.

---

86. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) *Mas os problemas do mundo dos nossos netos e bisnetos serão diferentes. Eles viverão no meio de um crescimento perigosamente desequilibrado entre os povos. Sim, porque dois terços dos moradores do planeta – cerca de dois bilhões de habitantes – terão de ser alimentados e educados em nações pobres e sem recursos. (Antônio Ermírio de Moraes, O planeta e o desafio do futuro. Jornal do Brasil, 20 de março de 2005, com adaptações)*

Assinale a opção que constitui uma paráfrase coerente e gramaticalmente correta para o trecho acima.

(A) Contudo, os problemas do mundo dos nossos netos e bisnetos serão diferentes porque eles viverão em meio a um crescimento perigosamente desequilibrado entre os povos, dado que dois terços dos moradores do planeta – cerca de dois bilhões de habitantes – terão de ser alimentados e educados em nações pobres e sem recursos.

(B) Mas os problemas do mundo dos nossos netos e bisnetos serão diferentes, posto que eles viverão no meio de um crescimento entre os povos perigosamente desequilibrados. Sim, pois dois terços dos moradores do planeta (aproximadamente de dois bilhões de habitantes), terão de ser alimentados e educados em nações pobres e sem recursos.

(C) Todavia os problemas do mundo dos nossos netos e bisnetos serão diferentes: eles viverão no meio de um crescimento perigosamente desequilibrado entre os povos; num planeta em cujos dois terços dos moradores – cerca de dois bilhões de habitantes – terão de ser alimentados e educados em nações pobres e sem recursos.

(D) Porém, os problemas do mundo, e dos nossos netos e bisnetos, serão diferentes, pois viverão entre povos de um crescimento perigosamente desequilibrado. Isso, porque cerca de dois bilhões de habitantes do planeta (dois terços deles) terão de se alimentar e educar em nações pobres e sem recursos.

(E) No entanto, os problemas do mundo dos nossos netos e bisnetos serão diferentes, eles viverão em nações pobres e sem recursos, no meio de um crescimento perigosamente desequilibrado entre os povos, onde terão de ser alimentados e educados. Sim, porque serão dois terços dos moradores do planeta – cerca de dois bilhões de habitantes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de coerência, pontuação, ortografia e regência.

Primeiro, veja se há erros gramaticais; depois de eliminar as alternativas erradas gramaticalmente, confira se as informações são as mesmas. Assim, ganha-se tempo. A alternativa *a*, além de estar gramaticalmente correta, mantém as ideias.

Alternativa "b" – Erro de coerência: não são os povos perigosamente desequilibrados, mas sim o crescimento.

Alternativa "c" – Falta vírgula após a conjunção adversativa *todavia*, erro de pontuação, ortografia e regência: *eles viverão no meio de um crescimento perigosamente desequilibrado entre os* ***povos, em um*** *planeta* ***onde*** *dois terços dos moradores terão de ser alimentados e educados em nações pobres e sem recursos.*

Alternativa "d" – Há duas vírgulas descabidas: após o substantivo *mundo* e após o pronome demonstrativo *isso*.

Alternativa "e" – Erro no uso do pronome relativo **onde**, que só pode ser usado para retomar lugar.

As questões 58 e 59 tomam por base o seguinte fragmento de texto.

A extrema diferenciação contemporânea entre a moral, a ciência e a arte hegemônicas e a desconexão das três com a vida cotidiana desacreditaram a utopia iluminista. Não faltaram tentativas de conectar o conhecimento científico com as práticas ordinárias, a arte com a vida, as grandes doutrinas éticas com a conduta comum, mas os resultados desses movimentos foram pobres. Será então a modernidade uma causa perdida ou um projeto inconcluso? (Nestor Garcia Canclini, Culturas Híbridas, p. 33, com adaptações)

---

87. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Assinale a opção que constituiria, de maneira coerente com a argumentação e gramaticalmente correta, uma possível resposta para a pergunta final do texto.

(A) A resposta poderia estar na sugestão de aprofundar o projeto modernista, inserindo-o com a prática cotidiana, renovando-o o sentido das possíveis contradições.

(B) Para não considerá-la causa perdida, alguns teóricos sugerem encontrar outras vias de inserção da cultura especializada na práxis cotidiana, por meio de novas políticas de recepção e de apropriação dos saberes profissionais.

(C) Visando ao desenvolvimento de uma autonomia social e cultural, vários autores retomam uma tradição de pensamento que diz de que o moderno se forma nas cinzas do antigo e na luz que trouxe pelo novo.

(D) Segundo alguns pensadores modernos, não se tratam de projeções utópicas os empreendimentos culturais e sociais que renovam valores modernistas, enriquecendo saberes especializados.

(E) Nem causa perdida, nem projeto inconcluso: apenas a necessidade que o conhecimento e as relações sociais vêm a ser recolocados em novos patamares de dinâmica interna, criando novas relações entre os sujeitos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

✪ **Nota da autora:** Na alternativa a, não há erro. Alguns sites publicaram que o gabarito desta questão foi alterado, mas não foi. Alteração de gabarito: http://www.questoesdeconcursos.com.br/concurso/justificativa/35/receita-federal-2005 - justificativa.pdf

Alternativa "b" - Para não **a considerar como** causa perdida. O advérbio de negação atrai o pronome oblíquo e o verbo *considerar*, no contexto, pede a preposição *com* considerar *como causa perdida.*

Alternativa "c" - ... *uma tradição de pensamento* **em que** *diz* ***que*** *o moderno se forma nas cinzas.* Ordem direta: o moderno se forma nas cinzas no pensamento = **em que diz** ou **no qual diz**. O verbo *dizer* é transitivo direto, é preciso retirar a preposição de posposta a ele = *diz que o moderno.*

Alternativa "d" - O verbo tratar é transitivo indireto + se (índice de indeterminação do sujeito) = verbo no singular. *Segundo alguns pensadores modernos, não* ***se trata*** *de projeções utópicas.*

Alternativa "e" - Há dois erros: ... *apenas a necessidade* ***de*** *que o conhecimento e as relações sociais* ***venham*** *a ser recolocados em novos patamares de dinâmica interna.* Quem tem necessidade, tem necessidade **de** algo. O verbo *vir* está indicando ação hipotética, logo deve ser conjugado no presente do subjuntivo.

---

88. (ESAF - Auditor Fiscal da Receita Federal - Área Tributária e Aduaneira/2005) Preservam-se a coerência da argumentação e a correção gramatical ao se substituir "desacreditaram a utopia iluminista" (ℓ.4) por

(A) fez desacreditar a utopia iluminista.

(B) desacreditaram-na.

(C) tornaram desacreditada a utopia iluminista.

(D) desacreditaram-se da utopia iluminista.

(E) foi desacreditada para a utopia iluminista.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

✪ **Nota da autora:** Importante notar que o plural deve ser mantido. Na alternativa correta, apenas acrescentou o verbo tornar.

Por estarem com o verbo no singular, **eliminam-se as alternativas *a* e *e*.**

Erros:

Alternativa "b" - Não preserva a coerência.

Alternativa "d" - Não se usa plural em verbo transitivo indireto + se (índice de indeterminação do sujeito).

---

89. (ESAF - Auditor Fiscal da Receita Federal - Área Tributária e Aduaneira/2005) *Todo homem, como membro da sociedade, tem o direito à segurança social e à realização, pelo esforço nacional, pela cooperação internacional e de acordo com a organização e recursos de cada estado, dos direitos econômicos, sociais e culturais indispensáveis à sua dignidade e ao livre desenvolvimento de sua personalidade. (Artigo XXII da Declaração Universal dos Direitos Humanos)*

O artigo acima está organizado em apenas um período sintático. Assinale a opção que o reescreve em dois períodos sintáticos, preservando as relações semânticas entre as ideias originais.

(A) Como membro da sociedade, todo homem tem direito à realização de sua dignidade e ao desenvolvimento de sua personalidade. Tudo isso de acordo com o esforço nacional, a cooperação internacional e a organização de recursos de cada estado.

(B) Todo homem membro da sociedade tem o direito à segurança social e à realização, pelo esforço nacional, pela cooperação internacional e de acordo com a organização e recursos de cada estado, dos direitos econômicos, sociais e culturais indispensáveis à sua dignidade. Tem também direito ao livre desenvolvimento de sua personalidade.

(C) Já que membro da sociedade, todo homem tem o direito à segurança social e à realização e ao livre desenvolvimento de sua personalidade; seja pelo esforço nacional, pela cooperação internacional ou de acordo com a organização e recursos de cada estado, dos direitos econômicos, sociais e culturais indispensáveis à sua dignidade.

(D) Todo homem, como membro da sociedade, tem o direito à segurança social e à realização dos direitos econômicos, sociais e culturais indispensáveis à sua dignidade e ao livre desenvolvimento de sua personalidade. Isso se dá pelo esforço nacional, pela cooperação internacional e de acordo com a organização e recursos de cada estado.

(E) Ao ser considerado membro da sociedade, todo homem tem o direito à segurança social e à realização – pelo esforço nacional, pela cooperação internacional e de acordo com a organização e recursos de cada estado, dos direitos econômicos, sociais e culturais indispensáveis à sua dignidade – e ao livre desenvolvimento de sua personalidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Todas as informações estão na alternativa *d* e através do uso do pronome anafórico *isso*, os períodos foram agregados em perfeita correção gramatical e semântica (sentido).

Alternativa "a" – Faltam informações.

Alternativa "b" – O primeiro período ficou muito extenso, causando falta de clareza.

Alternativa "c" – A expressão causal *já que* no início está incorreta.

Alternativa "e" – A expressão temporal *ao ser* no início está incorreta.

---

90. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e indique a sequência correta.

( ) Principalmente porque, com recursos parcos e uma formação basicamente literária, ele anteviu o mundo em que vivemos, no qual as palavras se evaporam e se dispersam em redes virtuais, as ideias circulam em direções caóticas e a noção de sentido, quer dizer, de uma direção e de um futuro, se perde num presente em abismo.

( ) E no qual, enfim, depois de séculos de hostilidade e de enclausuramento, o homem se veria dissolvido em uma grande colcha democrática, capaz de abrigar a todos, sem lugares fixos e sem destinos rígidos, um mundo, por fim, em que poderíamos compartilhar uma mesma experiência.

( ) Profeta da morte da imprensa e do fim de um mundo linear e geométrico, ele antecipou, já nos anos 50 e 60, a chegada de um novo mundo unificado, na forma de grande teia, e gerido por uma espécie de alma suprapessoal.

( ) Nascido em 1911, em Edmonton, Canadá, Herbert Marshall McLuhan foi, afora erros e acertos de suas hipóteses, um pensador genial.

( ) Previa McLuhan que, nesse novo mundo unificado da mídia que estava a se afirmar, os homens se veriam imersos em uma grande malha global, um mundo devassado, sobreposto e instantâneo, no qual as ideias se dissolveriam e as diferenças se anulariam – exatamente como na cultura pop que ele mesmo via nascer.

(Adaptado **de José Castello http://nominimo.ibest.com.br/notitia)**

(A) 5º, 3º, 2º, 1º, 4º

(B) 2º, 5º, 3º, 1º, 4º

(C) 3º, 2º, 4º, 5º, 1º

(D) 4º, 1º, 5º, 3º, 2º

(E) 1º, 4º, 2º, 5º, 3º

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Eliminemos os itens em que a introdução é descabida:

- Não se inicia texto com *Principalmente porque*. **Eliminada alternativa *e*.**
- Não se inicia texto com pronome relativo: *no qual*. **Eliminada alternativa *d*.**

- No terceiro item, há o pronome pessoal do caso reto *ele* e não existe referência a quem seja. **Nenhuma eliminada.**

- O quarto item é prefeito para introduzir o texto. **Possíveis respostas: *a* ou *b*.**

- No último item, o uso do pronome demonstrativo, contraído com a preposição *em*, **elimina a alternativa *c*.**

O texto inicia citando data de nascimento do genial pensador Herbert Marshall McLuhan. A sequência deve ser a explicação da afirmação. **Elimina-se a alternativa *a*.**

Sequência correta: **alternativa *b*.**

---

91. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) As opções trazem o diagnóstico e a indicação de correção do que estiver gramatical e linguisticamente errado no trecho abaixo. Assinale a letra que for verdadeira tanto para o diagnóstico quanto para a indicação de correção.

> Podemos prever o traço fundamental do comércio colonial: ele deriva imediatamente do próprio caráter da colonização, organizada como ela está na base da produção de gêneros tropicais e metais preciosos para o fornecimento do mercado internacional. É a exportação desses gêneros, pois, que constituirá o elemento essencial das atividades comerciais da colônia.
>
> O comércio exterior brasileiro é todo ele, pode-se dizer, marítimo. Nossas fronteiras atravessavam áreas muito pouco povoadas, quando não inteiramente indevassadas. A colonização portuguesa vinda do Atlântico, e a espanhola, quase toda do Pacífico, mal tinham ainda engajado suas vanguardas, de sorte que entre ambas ainda sobravam vastos territórios ocupados.
>
> Circunstância essa ditada por contingências geográficas e econômicas, e que tem grande significação política e administrativa, pois facilitou, pode-se dizer mesmo que tornou possível, o monopólio do comércio da colônia que a metrópole pretendia para si. Foi bastante reservar-se a navegação, providência muito mais simples que uma fiscalização fronteiriça – difícil, se não impraticável, nos extensos limites do país. (Caio Prado Júnior, História econômica do Brasil, com adaptações)

(A) Diagnóstico do erro: vírgulas isolando a conjunção "pois"(ℓ.6). Indicação de correção: suprimir a vírgula posterior à referida conjunção.

(B) Diagnóstico do erro: pontuação da expressão "vinda do Atlântico"(ℓ.13). Indicação de correção: colocá-la entre parênteses, sem a vírgula após "Atlântico".

(C) Diagnóstico do erro: falta de concordância verbal no verbo "tinham" (ℓ.14). Indicação de correção: empregar o referido verbo no singular.

(D) Diagnóstico do erro: incoerência textual no emprego do adjetivo "ocupados" (ℓ.16). Indicação de correção: substituí-lo por inocupados.

(E) Diagnóstico do erro: mau emprego do travessão (ℓ.24). Indicação de correção: eliminá-lo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – No segundo parágrafo há: "Nossas fronteiras atravessavam áreas muito pouco povoadas, quando não inteiramente indevassadas."

São *vastos territórios* **inocupados**.

Alternativa "a" – Não há erro por se tratar de uma intercalação. Leia as informações em negrito: **É a exportação desses gêneros**, pois, **que constituirá o elemento essencial das atividades comerciais da colônia**.

Alternativa "b" – As vírgulas indicam intercalação e não é admissível usar os parênteses: **A colonização portuguesa vinda do Atlântico, e a espanhola**, quase toda do Pacífico, **mal tinham ainda engajado suas vanguardas**, de sorte que entre ambas ainda sobravam vastos territórios ocupados.

Alternativa "c" – O artigo manda na concordância: A colonização portuguesa e a (colonização) espanhola **tinham** ainda engajado suas vanguardas. O verbo concorda com o sujeito composto.

Alternativa "e" – O uso do travessão está correto por haver intercalação posterior.

---

92. (ESAF – Auditor Fiscal da Receita Federal – Área Tributária e Aduaneira/2005) Os fragmentos abaixo foram adaptados do texto "O sentido do som", de Leonardo Sá, para compor três itens. Julgue-os quanto ao respeito às regras gramaticais do padrão culto da língua portuguesa para assinalar a opção correta a seguir.

I. A ausência de discurso é silêncio. O silêncio enquanto formador do discurso expressivo e entendido em sua forma dinâmica, em contraposição aquele que corresponde à ausência de discurso, ganha amplitude a gravidade quando passa a ser o perfil de comportamento, isto é, quando passa a ser uma atitude assumida por (e imposta a) segmentos sociais que não "discursam", mas que apenas silenciam, que exercem a expressão em dimensão mínima e deixam projetarem-se no discurso de outrem como sendo o seu discurso.

II. Em um contexto como o do Brasil, no qual há uma perversa concentração de privilégios, e no qual o acesso aos meios disponíveis é restrito, outra vez coloca-se a questão que abordamos ao falar dos silêncios: apenas alguns segmentos sociais "emitem", enquanto amplas maiorias tornam-se "silenciosas", resultando daí que as imagens acústicas encontram suporte em meios que, por razões tecnológicas e culturais, são inacessíveis às massas.

III. Por conseguinte, esse monólogo passa a gerar imagens sobre si mesmo, imagens de imagens, sem diálogo, produtos fortuitos que a indústria da cultura massifica, difunde, impõe, substitui, esquece, retoma, redimensiona, rejeita e reinventa.... As razões do "silêncio", portanto, são também razões sociais e econômicas. Neste silêncio, o que se absorve não são apenas imagens, mas também o imaginário em seu conjunto pré-delimitado, um imaginário que não identifica as fontes de suas imagens, que nem sequer se preocupa em identificá-las, que aos poucos as esquece.

Estão respeitadas as regras gramaticais apenas.

(A) no item I.

(B) nos itens I e II.

(C) no item II.

(D) nos itens II e III.

(E) no item III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

✪ **Nota da autora:** Embora tenham surgido várias discussões em torno dos itens II e III, estão gramaticalmente corretos.

O item I, além de estar sem coesão e clareza, possui erro de crase: em contraposição **àquele**.

Opção para tornar o trecho coeso e claro: A ausência de discurso é silêncio. O silêncio – enquanto formador do discurso – expressivo e entendido em sua forma dinâmica, em contraposição àquele que corresponde à ausência de discurso, dá amplitude à gravidade quando passa a ser o perfil de comportamento, isto é, quando passa a ser uma atitude assumida por (e imposta a) segmentos sociais que não discursam, mas que apenas silenciam, que exercem a expressão em dimensão mínima e se deixam projetar no discurso de outrem como sendo o seu discurso.

---

93. (ESAF – Secretaria da Receita Federal – Técnico da Receita Federal/2003) Assinale a opção que representa uma relação de coesão nos trechos.

( ) Com a tramitação das reformas constitucionais no Congresso, estamos prestes a inscrever em nossa Carta Magna disposições como limite salarial de integrantes dos poderes e dos serviços públicos estaduais, assunto que dificilmente se discutirá no Legislativo de qualquer outra federação, monárquica ou republicana, presidencialista ou parlamentarista, e que pouco provavelmente se encontrará em outra Constituição. A indagação cabível, a meu ver, é como e por que chegamos a tanto.

( ) A origem e o fundamento da divisão espacial do poder, representados pela federação, devem ser procurados entre aqueles que criaram o primeiro regime federativo do mundo. O modelo confederativo, como se sabe, já era conhecido historicamente e foi adotado nos artigos da confederação que precederam e viabilizaram a luta pela independência das 13 colônias da América do Norte.

( ) Equilibrar poderes, distribuir competências e responsabilidades rigorosamente simétricas em uma nação tão profundamente assimétrica, mais do que um desafio de engenharia política, ainda é uma incógnita indecifrada, que, como a esfinge, ameaça-nos devorar.

(A) "assunto" refere-se a "tramitação das reformas constitucionais no Congresso".

(B) "tanto" refere-se a "inscrever em nossa Carta Magna disposições como limite salarial de integrantes dos poderes e dos serviços públicos estaduais".

(C) "aqueles" refere-se a "artigos da confederação".

(D) "modelo confederativo" refere-se a "luta pela independência".

(E) "nação" refere-se a "13 colônias da América do Norte".

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Nunca chegamos a tanto = Nunca chegamos a *inscrever em nossa Carta Magna disposições como limite salarial de integrantes dos poderes e dos serviços públicos estaduais.*

Alternativa "a" – *Assunto* refere-se a *limite salarial de integrantes dos poderes e dos serviços públicos estaduais.*

Alternativa "c" – O pronome demonstrativo *aqueles* refere-se a os *criaram o primeiro regime federativo do mundo.*

Alternativa "d" – *Modelo confederativo* refere-se à informação toda: *já era conhecido historicamente e foi adotado nos artigos da confederação que precederam e*

viabilizaram a luta pela independência das 13 colônias da América do Norte.

Alternativa "e" – *Nação* refere-se ao Brasil.

Leia o texto abaixo para responder à questão a seguir.

O panorama da sociedade contemporânea sugere-nos incontáveis abordagens da ética. À medida que a modernidade – ou a pós-modernidade – avança, novas facetas surgem com a metamorfose do espírito humano e sua variedade quase infinita de ações. Mas, falar sobre ética é como tratar da epopeia humana. Na verdade, está mais para odisseia, gênero que descreve navegações acidentadas, lutas e contratempos incessantes, embates de vida e morte, ilusões de falsos valores como cantos de sereias, assédios a pessoas e a propriedades, interesses contraditórios de classes dominantes figuradas pelos deuses, ora hostis ora favoráveis. As aventuras de Ulisses sintetizam e representam o confronto de ideais nobres e de paixões mesquinhas. Não obstante narram-se também feitos de abnegação, laços de fidelidade entre as pessoas e suas terras, lances de racionalidade e emoção, a perseverança na reconquista de valores essenciais. Os mitos clássicos são representações de vicissitudes humanas e situações éticas reais. *(Adaptado* de José de Ávila Aguiar Coimbra, Fronteiras da Ética, São Paulo: Senac, 2002, p.17 e 18)

94. (ESAF – Secretaria da Receita Federal – Técnico da Receita Federal/2003) Em relação ao texto, assinale a opção correta.

(A) Em "sugere-nos" (ℓ.1 e 2) o pronome enclítico exerce a mesma função sintática do "se" em "narram-se"(ℓ.16).

(B) Ao se substituir "À medida que" (ℓ.2) por **À medida em que**, preservam-se as relações semânticas originais do período.

(C) A preposição "com" (ℓ.4) está sendo empregada para conferir a ideia de comparação entre "novas facetas" (ℓ.4) e "metamorfose do espírito humano" (ℓ.4 e 5).

(D) A expressão "Na verdade, está mais para odisseia" (ℓ.8) e as informações que se sucedem permitem a inferência de que "epopeia" (ℓ.7) não traria a noção de dificuldades, fracassos.

(E) O período permaneceria correto se a preposição na expressão "confronto de ideais" (ℓ.16) fosse, sem outras alterações no período, substituída por **entre**.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Basta voltar ao texto (linhas 2 a 15).

Alternativa "a" –O panorama da sociedade contemporânea (sujeito) sugere (verbo transitivo direto e indireto) incontáveis abordagens da ética (objeto direto) **nos (objeto indireto)**

Narrar é transitivo direto + se **(pronome apassivador)** = voz passiva. Feitos de abnegação também são narrados.

Alternativa "b" – Opções: *à medida que* indica proporcionalidade; *a medida em que* indica causa. Se substituir, alteram-se as relações semânticas.

Alternativa "c" – Não indica companhia.

Alternativa "e" – Há paralelismo e precisa ocorrer alteração: confronto entre ideias nobres e entre paixões mesquinhas.

Leia o texto abaixo para responder à próima questão.

Seja nos mitos de criação seja na cosmologia de hoje, há uma busca do sentido do mundo, um esforço de compreensão da natureza e do universo. As representações do espírito humano, num caso e noutro, constituem variações sobre o mesmo tema: penetrar no âmago da realidade. Não é segredo algum descobrir que a busca de sentido para o cosmos se engata com a procura de sentido para a existência da família humana. Para além das concepções científicas e das diversidades culturais, o porquê da nossa vida, de sua origem e do seu destino, acompanha passo a passo nossa evolução histórica. A ocupação do planeta, a organização da convivialidade, a compatibilização dos contrários, presentes em toda parte, e a eterna busca de valores transcendentes estão no mesmo séquito que acompanha a observação do mundo natural, nas descobertas de nexo entre causa e efeito, nos postulados científicos e nas aplicações técnicas. (José de Ávila Aguiar Coimbra, Fronteiras da Ética, São Paulo: Senac, 2002, p. 20)

95. (ESAF – Secretaria da Receita Federal – Técnico da Receita Federal/2003) Assinale a substituição ou adaptação sugerida que prejudicaria os sentidos originais ou a correção gramatical do texto.

(A) "Seja ... seja"(ℓ.1) g Quer ... quer

(B) "num caso e noutro"(ℓ.4 e 5) g em um caso e em outro

(C) "tema:"(ℓ.5) g tema, que é

(D) "com a"(ℓ.8) g na

(E) "Para além das"(ℓ.9) g Por meio das

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – *Por meio das* indica modo, ou seja, altera o sentido.

Alternativa "a" –Indicam alternância.

Alternativa "b" –A preposição e o artigo indefinido podem estar contraídos ou não.

Alternativa "c" –Os dois pontos indicam explicação.

Alternativa "d" –A relação das preposições é a mesma.

---

96. (ESAF – Secretaria da Receita Federal – Técnico da Receita Federal/2003) Assinale o trecho que, ao preencher a lacuna correspondente, provoca erro gramatical, de pontuação ou de coesão textual.

__(1)__ com predominância de fusões e aquisições de empresas, a mudança de natureza das inversões diretas iniciou-se nos Estados Unidos na década de 80. __(2)__ acompanhada de uma grande expansão do investimento de portfólio e da formação de megacorporações, estendeu-se aos demais países nos anos 90. __(3)__ apoiada na valorização global das Bolsas, ocorreu com maior intensidade na segunda metade dos anos 90. __(4)__ de movimento de natureza patrimonial que deu lugar a dois processos simultâneos: a fusão de empresas, com fechamento de plantas no centro industrializado, e o concomitante deslocamento para a periferia dinâmica. __(5)__ da concorrência mundial ensejou a criação concentrada de capacidade produtiva nos setores de nova tecnologia e nas regiões capazes de promover uma integração virtuosa ao processo de internacionalização capitalista.

(A) 1 – É necessário esclarecer que,

(B) 2 – Tal transformação na economia,

(C) 3 – Essa aceleração da centralização de capital,

(D) 4 – Tratavam-se, essencialmente,

(E) 5 – Esse último estágio da evolução da estrutura

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de pontuação, concordância e pontuação.

O verbo *tratar* é transitivo indireto, logo não admite plural e o *se* indica índice de indeterminação do sujeito.

1) A vírgula indica intercalação.

2) A vírgula indica intercalação.

3) Além de a vírgula indicar intercalação, o emprego do pronome anafórico *essa* está correto.

5) O emprego do pronome anafórico *esse* está correto.

---

97. (ESAF – Secretaria da Receita Federal – Técnico da Receita Federal/2003) Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e, em seguida, assinale a sequência correspondente.

( ) As operações de compra de imóveis pelas *off shores* também estão sendo monitoradas pela Receita. Os dados serão comparados com as declarações de Imposto de Renda dos residentes no Brasil e até com o cadastro de imóveis das prefeituras.

( ) Sem identificação dos donos, cujos nomes são mantidos em sigilo pela legislação dos países onde estão registradas, muitas dessas empresas fazem negócios no Brasil, como a participação em empreendimentos comerciais ou industriais, compra e aluguel de imóveis.

( ) Além de não saber quem são os proprietários dessas *off shores*, pois não há mecanismos legais que permitem acesso aos verdadeiros donos, o governo também não tem conhecimento da origem desse dinheiro aplicado no País, sem o recolhimento dos impostos devidos.

( ) A Receita Federal está fechando o cerco contra as empresas estrangeiras sediadas em paraísos fiscais que atuam no Brasil, conhecidas como *off shores*.

( ) Para reduzir essa evasão fiscal, a Receita está identificando as pessoas físicas que alugam imóveis de luxo pertencentes a pessoas jurídicas ou mesmo físicas que atuam em paraísos fiscais. Toda remessa de aluguel é tributada.

(Adaptado de Ana D'Angelo, Andrea Cordeiro e Vicente Nunes, Correio Braziliense, 08/09/2003)

(A) 1º, 2º, 4º, 3º, 5º.

(B) 2º, 3º, 5º, 4º, 1º.

(C) 5º, 2º, 3º, 1º, 4º.

(D) 1º, 5º, 4º, 3º, 2º.

(E) 3º, 2º, 1º, 5º, 4º.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta.

✪ **Nota da autora:** Por eliminação, chega-se à resposta.

Itens eliminados:

- *As operações de compra de imóveis pelas off shores **também** estão sendo monitoradas pela Receita*: não pode iniciar texto – **Eliminadas alternativas *a* e *d*.**
- Através do segundo item não se elimina alternativa alguma, mas também não pode iniciar o texto: *muitas **dessas** empresas.*
- *Além de não saber quem são os proprietários **dessas** off shores:* não pode iniciar texto – **Eliminada alternativa *e*.**
- O item 4 é perfeito para iniciar. **Resposta encontrada: *c*.**
- *Para reduzir **essa** evasão fiscal*: não pode iniciar texto – **Eliminada alternativa *b*.**

---

98. (ESAF – Secretaria da Receita Federal – Técnico da Receita Federal/2003) Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e, em seguida, assinale a sequência correspondente.

( ) Em geral, esta firma é constituída apenas para atuar como subsidiária da estrangeira, intermediando seus negócios. Caso a empresa compre imóvel no Brasil, tem que haver registro, tem que existir um responsável, com CPF, o que permite o controle.

( ) O investidor estrangeiro entra no Brasil via Bolsa de Valores, fundos de investimentos ou como sócio de uma empresa brasileira.

( ) O secretário da Receita admite, no entanto, que não há mecanismos para controlar a atuação de brasileiros que mandam dinheiro ilícito para os paraísos fiscais e o repatriam por meio de negócios realizados em nome das *off shores*.

( ) E também a contabilidade da empresa, em tais países, não precisa ser auditada. Os donos dos recursos podem movimentar dinheiro ou constituir empresas por vários meios que omitem seus nomes, como o sistema de ações ao portador.

( ) Esses países conhecidos como paraísos fiscais têm como principais atrativos a legislação tributária branda, com direito até a isenção de impostos, e garantia de sigilo bancário, comercial e societário.

(Adaptado de Ana D'Angelo, Andrea Cordeiro e Vicente Nunes, Correio Braziliense, 08/09/2003)

(A) 1º, 2º, 4º, 3º, 5º.

(B) 2º, 1º, 3º, 5º, 4º.

(C) 3º, 2º, 1º, 5º, 4º.

(D) 1º, 5º, 4º, 3º, 2º.

(E) 5º, 2º, 3º, 1º, 4º.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta.

✪ **Nota da autora:** Por eliminação, chega-se à resposta.

Itens eliminados

- *Em geral, **esta firma***: não pode iniciar texto – **Eliminadas alternativas *a* e *d*.**
- Trecho que pode iniciar o texto. **Resposta encontrada: *b*.**
- *O secretário da Receita admite, **no entanto***: não pode iniciar texto – **Eliminada alternativa *c*.**
- ***E também** a contabilidade*: não pode iniciar texto – **Eliminada alternativa *e*.**

2. FCC

---

99. (FCC – TCE/PI – Auditor Fiscal de Controle Externo/2014) Considerada a norma-padrão escrita, assinale a alternativa em que a redação está clara e correta.

(A) Compete ao tribunal a atenta vigilância sobre a vida contábil, orçamentária, operacional e patrimonial do Estado e de seus municípios, bem como a fiscalização desses mesmos aspectos no que se refere às respectivas entidades de administração direta ou indireta.

(B) A jurisdição do tribunal alcança administradores e demais responsáveis por dinheiro, bens e valores públicos, além de às pessoas físicas ou jurídicas, que, mediante à convênios, acordos, ajustes ou outros instrumentos congeneres, aplique auxílios, subvenções ou recursos repassados pelo Poder Público.

(C) A realidade cada vez mais complexa – devido novas tecnologias, novos arranjos institucionais, maiores pressões da sociedade – que se organiza e exige transparência nas ações de governo, requerem um tribunal que não dispense o controle da regularidade e da conformidade, mas que também seja exercido de maneira presente, aferido os compromissos assumidos pela Administração.

(D) Não se tratam apenas da avaliação dos elementos de controle da economia e da busca de eficiência objetiva, mas, principalmente, da otimização na aplicação dos recursos governamentais por aqueles que tem a responsabilidade e o dever de aplicar-lhes.

(E) A sociedade precisa saber de que a intensão primeira do trabalho que desenvolvemos, envolve verificar se são instituídas políticas idônias para efetuar aquisições; se os recursos estão sendo adequadamente mantidos e protegidos; se é evitado a duplicação de esforços do pessoal etc.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Correta, coloque na ordem direta (iniciando a oração com sujeito) para evitar dúvida: a atenta vigilância sobre a vida contábil compete ao tribunal.

Alternativa "b" – Além de não possuir sentido, há vários deslizes gramaticais: 1. além de pessoas físicas ou jurídicas = não cabe artigo, muito menos crase; mediante **a** convênios = não se usa crase antes de palavra masculina; ortografia = **congêneres.**

Alternativa "c" – regência = devido **a** novas tecnologias; concordância = 1. (a realidade) **requer; aferidos** os compromissos.

Alternativa "d" – concordância = não **se trata**: o verbo é transitivo indireto e não admite plural por se tratar de sujeito indeterminado. Lembrando que apenas os verbos transitivos diretos e diretos e indiretos admitem plural por possuírem sujeito paciente; aqueles que **têm**; regência = aplicar algo (verbo transitivo direto): **aplicá-las**.

Alternativa "e" – regência = precisa saber **que**; ortografia = **intenção** e **idôneas**; pontuação = não se separa sujeito do verbo: a intenção primeira do trabalho que **desenvolvemos envolve.**

Trecho para a questão.

O CHAPLIN DAS CRIANÇAS

Não faz muito tempo, passaram o filme Tempos modernos aqui, outra vez, e a gurizada foi ver e gostou. Achou engraçado engraçado, não apenas engraçado curioso. Você e eu não temos mais condições de julgar um filme de Charles Chaplin. A obra de Chaplin faz parte do nosso patrimônio cultural e mental. A gente a reverencia mesmo sem ver. Gosta por obrigação. Mas as crianças não tinham nenhum compromisso com Chaplin, mal sabiam de quem se tratava, e gostaram porque gostaram. Uma vez, tínhamos visto juntos uma coleção de curtas-metragens antigos – inclusive do Chaplin –, e a reação geral fora de profunda chateação. Minha também, só que eu não podia confessar. E saí da experiência com sombrias premonições. Acabara-se a inocência do mundo.(...)

(Luis Fernando Verissimo, Banquete com os deuses)

100. (FCC – TCE/AM – Analista Técnico de Controle Externo/2013) No contexto, a frase *Achou engraçado engraçado, não apenas engraçado curioso* pode ser adequadamente traduzida nesta outra redação:

(A) Viu no filme uma graça superior, e não apenas a mera curiosidade gratuita.

(B) Sentiu a graça natural do filme, não viu nele apenas a graça curiosa.

(C) Encontrou no filme uma natureza engraçada, além de muito curiosa.

(D) Julgou o filme tão engraçado que nem lhe pareceu um caso curioso.

(E) Apreciou com muita graça o filme, a despeito de ser também curioso.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Questão complicadinha, não é? Vamos lá: *Achou engraçado engraçado* significa que **sentiu a graça natural** e *não apenas engraçado curioso* significa que não viu apenas a graça curiosa. A dica é manter a palavra **apenas**.

Alternativa "a" – Nada tem de superior; mera curiosidade gratuita foge do contexto, muda o sentido.

Alternativa "c" – Falta informação após a vírgula, ficou vago.

Alternativa "d" – Não há relação de causa e consequência. Eliminada facilmente.

Alternativa "e" – *A despeito de* significa concessão e não há ideias contrárias.

101. (FCC – TCE/AM – Analista Técnico de Controle Externo/2013) É preciso CORRIGIR, por defeito de estruturação, a redação da seguinte frase:

(A) O autor considera que mesmo as antigas comédias do tipo pastelão, de 50 anos atrás, que muita gente considera ingênuas, já continham cenas de grande violência.

(B) Ao contrário de muitas pessoas, o autor não sente especial receio pelo supostos efeitos dos filmes violentos sobre a sensibilidade das crianças.

(C) A maioria das pessoas acha que pode haver efeitos dos filmes violentos sobre a sensibilidade das crianças, julgando o autor de modo diverso.

(D) Se os avanços tecnológicos representassem avanço correspondente da violência, possivelmente já não haveria, atualmente, qualquer forma de vida social.

(E) Para as crianças de hoje, um desenho animado continua sendo mais sedutor do que a divulga-

ção de qualquer grande feito da ciência e da tecnologia mais avançada.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – A má estruturação do período está na ambiguidade: quem julga o autor de modo diverso? A maioria das pessoas, ou as crianças?

Além disso, houve erro de digitação na prova, mas a questão não foi anulada. Na alternativa **b**: pelos supostos.

Alternativa "a" – As vírgulas intercalam o adjunto adverbial de tempo; o adjetivo "ingênuas" concorda com o substantivo feminino plural "comédias".

Alternativa "b" – Já comentada acima.

Alternativa "d" – A primeira vírgula indica inversão da oração subordinada adverbial condicional e as duas posteriores intercalam o adjunto adverbial.

Alternativa "e" – Vírgula indicando inversão de termos, pois a oração não se inicia com o sujeito (um desenho animado).

---

102. (FCC – TCE/AM – Analista Técnico de Controle Externo/2013) Está plenamente clara e correta a redação:

(A) Confessa o autor que nem sempre as instituições relutam em manter sua legitimidade, em vista das pessoas que as fraudam de modo a se beneficiarem.

(B) Seria preciso que as instituições preservassem sua legitimidade, impedindo que os maus intencionados a partir delas visem ao seu interesse próprio.

(C) Tanto as instituições públicas como as privadas rendem aos homens honestos um legítimo benefício, ao passo que os demais somente lhes manipulam.

(D) Por serem sólidas, os desonestos se aproveitam das instituições mais legítimas para tirarem delas um benefício próprio, em razão de seu egoísmo.

(E) O autor admite que as instituições públicas ou privadas podem servir tanto aos que se beneficiam legitimamente delas como àqueles que as fraudam.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Após ler tantos períodos errados, faz bem aos olhos encontrar a resposta. Regência: admite algo; serve tanto **a** alguém, como **a** alguém (àqueles); fraudam algo = transitivo direto e o relativo *que* atrai o oblíquo.

Alternativa "a" – "em vista de" significa "tendo em conta que (acontece/se faz alguma coisa)": ***em vista de** seu bom comportamento na prisão, a pena foi reduzida para metade.* Não cabe no contexto.

▶ DICA: "COM VISTAS A" é equivalente a "tendo por finalidade (alguma coisa/fazer alguma coisa)". A expressão é também usada no Brasil na linguagem jurídica, como fórmula com que se submete um requerimento ou uma demanda a uma autoridade ou repartição [...]

Alternativa "b" – Erro no verbo: visassem = tempo condicional.

▶ DICA: De Arnaldo Niskier vem a seguinte advertência para os dias atuais: "O verbo VISAR, no sentido deter por objetivo, rege, historicamente, a preposição A; entretanto, no português moderno, seu uso como transitivo direto já está mais do que difundido, sendo encontrado em bons autores, independentemente da palavra que o segue. Assim, devemos considerar as duas regências corretas, apesar do espernear daqueles que veem a língua como um cadáver conservado em formol".

Alternativa "c" – *Manipular* é transitivo direto: somente **os** manipulam.

Alternativa "d" – Ambiguidade mais uma vez: egoísmo de quem? Das instituições, ou dos desonestos? Trata-se de frase mal elaborada.

Trechos para a próxima questão.

(...) Tendem ao simplismo, como se sabe, as explicações puramente econômicas para eventos sociais. São ainda menos consistentes as tentativas de atribuir um motivo genérico e unilateral a reações eminentemente complexas, como as que atravessam a psicologia e a história peculiar a cada indivíduo.

(...) Autoritarismo, repressão, conflitos religiosos e economia misturaram-se naquele momento, e seria incerto transferir esse quadro específico para os países europeus, por exemplo, onde a crise tem determinado índices similares de desemprego, e ainda mais elevados entre os jovens (...)

(...) *Tendem ao simplismo, como se sabe, as explicações puramente econômicas para eventos sociais (...) ("Desespero de Causa". Folha de S.Paulo, opinião, p. 2A, 7/11/2012).*

---

103. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – SP/2013) É correto afirmar:

(A) No segmento "como as que atravessam", o termo destacado retoma as tentativas.

(B) O sentido e a correção originais do segmento "transferir esse quadro específico para os países

europeus" estão mantidos nesta seguinte formulação "transferir-lhe aos países europeus".

(C) Na frase "...a crise tem determinado índices similares de desemprego...", em que se tem voz passiva, a crise exerce a função de agente.

(D) Em para eventos sociais, a preposição introduz segmento que exprime finalidade.

(E) Em ***"... o que se abate sobre largas parcelas da população..."***, a palavra destacada é da mesma natureza da sublinhada em "A que mais custava foi vendida primeiro".

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – **Aquele** que se abate e **aquela** que mais custava: pronomes demonstrativos.

Alternativa "a" – O termo destacado retoma "a reações eminentemente complexas".

Alternativa "b" – A formulação correta é: "transferi-lo aos países europeus" (VTD = transferi-lo: transferir alguma coisa).

Alternativa "c" – A oração encontra-se na voz ativa: **tem determinado** equivale a determinam; **crise** é sujeito ativo.

Alternativa "d" – É necessário colocar na ordem direta para não haver confusão: as explicações puramente econômicas para eventos sociais tendem ao simplismo. O termo possui função de adjunto adnominal.

---

104. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – SP/2013)
Tomado o padrão culto escrito como referência, é correto afirmar:

(A) o vocábulo "intenção" está adequadamente grafado, assim como o está o vocábulo "compreenção".

(B) a palavra veem está corretamente grafada, assim como o está a palavra destacada em "Os muros retêm a água da chuva".

(C) outra redação para o segmento "pinturas são o equivalente da leitura", em forma igualmente adequada, que preserva o sentido original, é "as pinturas equivalem a leitura".

(D) a palavra "porque" está adequadamente grafada, assim como o está na frase "Ele chegou atrasado, não sei bem porque motivo".

(E) A concordância notada em uma "história venerável"está correta, assim como o está na frase "Quem aprecia a arte considera venerável, em todo e qualquer contexto, as histórias que os quadros oferecem".

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – veem = grafada corretamente, de acordo com a Nova Ortografia (creem, deem, leem, veem deixam de receber o acento circunflexo no primeiro "e"); retêm = grafada corretamente com acento diferencial (retém – singular e retêm – plural).

Alternativa "a" – compreensão

Alternativa "c" – as pinturas equivalem **à** leitura (equivaler = verbo transitivo indireto, cuja regência exige a preposição a ou em).

Alternativa "d" – "Ele chegou atrasado não sei bem **por que** motivo." (= por qual motivo).

Alternativa "e" – "[...] considera veneráveis, [...], as histórias que os quadros oferecem": o adjetivo 'veneráveis' e o substantivo 'histórias' devem combinar em número (plural).

---

105. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – SP/2013)

[...] portanto, especialmente para o povo comum, as pinturas são o equivalente da leitura.

[...] na nossa época, quando as imagens ganham novamente proeminência sobre a palavra escrita, falta-nos esse vocabulário visual compartilhado. Temos permitido que a propaganda e a mídia eletrônica privilegiem a imagem para transmitir... (Alberto Manguel, Lendo imagens: uma história de amor e ódio. Trad. Rubens Figueiredo, Rosaura Eichemberg, Cláudio Strauch, São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 143 e 144)

O termo inicial do segundo parágrafo foi omitido, como o indica o uso dos colchetes. A coerência do texto exige que essa lacuna seja preenchida com a seguinte formulação, seguida da necessária vírgula:

(A) Paradoxalmente.

(B) Consequentemente

(C) Avisadamente.

(D) De modo que.

(E) Tanto que.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – O advérbio **paradoxalmente** expressa uma afirmação aparentemente contraditória àquela exposta no primeiro parágrafo, em que fica claro que as pinturas equivalem à leitura. O termo foi corretamente utilizado uma vez que, no segundo parágrafo, a ideia é de que as imagens nos transmitem conceitos prontos e não sugerem uma leitura crítica e consciente, através da qual possamos formar nossa própria opinião.

Alternativa "b" – Consequentemente = que deriva ou decorre (de outras coisas anteriores) sem conflito.

Alternativa "c" – Avisadamente = de maneira avisada, acertadamente, com aviso ou juízo.

Alternativa "c" – De modo que = conjunção consecutiva em sua forma reduzida: "de tal modo que". Indica consequência, o que não se aplica nesta questão.

Alternativa "e" – Tanto que = com tanta frequência; em tal quantidade; de tal maneira.

---

106. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – SP/2013) Assinale a alternativa que contém enunciado redigido de forma clara e correta.

(A) O avanço das mulheres nas profissões mais técnicas, têm sido muito mais lento e incerto que a conquista da igualdade de direitos entre os sexos.

(B) A manifestação de vontade das adolescentes para trabalhar em profissões ligadas as ciências exatas supera a registrada em vários países mais ricos, como a Alemanha e os Estados Unidos.

(C) Superada a barreira do ascesso, 30% dos alunos da Escola Politécnica da UFRJ é mulher, parcela muito superior as médias na Europa, de 20%, e nos Estados Unidos, de 8%.

(D) O cenário começou a mudar por causa da educação recebida pelas meninas em casa: hoje os pais querem que elas se satisfaçam e alcansem prestígio profissional, seja em qualquer área, e tratam filhos de ambos sexos de forma mais parecida.

(E) Conforme gerações de meninas criadas de forma mais igualitária chegam à escola e ao mercado de trabalho, cresce a participação das mulheres em profissões das áreas de ciências exatas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – O enunciado está claro e gramaticalmente correto. O advérbio "conforme" nos dá a ideia de conformidade com algo, e poderia ser substituído pelas locuções conjuntivas **à medida que** ou **à proporção que**, sem prejuízo ao sentido do texto que faz uma relação de pertinência entre a crescente participação das mulheres em determinadas profissões e as gerações de meninas criadas igualitariamente (uma cresce proporcionalmente à outra).

Alternativa "a" – O avanço, no singular, exige o verbo no singular: tem.

Alternativa "b" – Ligar é verbo transito direto e indireto, neste caso, e exige o acento indicativo de crase = ligadas às ciências. Substitua por um substantivo masculino qualquer: ligadas **ao poder**. Resultou em **ao**, há crase.

Alternativa "c" – A barreira do **acesso**, 30% dos alunos [...] **são mulheres**, parcela muito superior **às** médias.

Alternativa "d" – ...e **alcancem**". Além do erro de ortografia, o texto está bastante confuso, incoerente.

---

107. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – SP/2013) São equivalentes e igualmente claras e corretas, segundo o padrão culto escrito, as redações que se encontram em trechos extraídos de: Alberto Manguel, Lendo imagens: uma história de amor e ódio. Trad. Rubens Figueiredo, Rosaura Eichemberg, Cláudio Strauch, São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 143 e 144:

(A) na nossa época, quando as imagens ganham novamente proeminência sobre a palavra escrita /na nossa época, que as imagens novamente obtem destaque sobre a palavra escrita.

(B) Temos permitido que [...] privilegiem a imagem para transmitir informações / Temos dado anuência que privilegiem a imagem a fim de transmitir informações.

(C) a própria velocidade as converte na ferramenta ideal de comunicação / a velocidade inerente delas as transforma na ferramenta de perfeita comunicação.

(D) temos em comum certas imagens básicas – de eficiência e lucro, de sexualidade e satisfação – cada uma com seu lugar-comum nas propagandas / compartilhamos certas imagens básicas – de eficiência e lucro, de sexualidade e satisfação – , cada qual ocupando seu espaço próprio nas propagandas.

(E) porque, manipuladas pela mídia, essas imagens não nos dão tempo para uma crítica ou reflexão pausada / na medida em que, manejadas pela mídia, essas imagens não nos propiciam tempo para uma crítica ou reflexão pausada.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – na medida em que é uma locução conjuntiva causal. Pode ser substituída pelas equivalentes **uma vez que, porque, visto que, já que e tendo em vista que.**

Alternativa "a" – "...que as imagens..." = **em que** as imagens (época **em que**); as imagens, novamente, **obtêm** (advérbio entre vírgulas e o verbo "obter" no plural concordando com o substantivo "imagens" também no plural).

Alternativa "b" – temos dado anuência para que (quem dá anuência, dá anuência para alguma coisa).

Alternativa "c" – inerente **a elas.**

Alternativa "d" – o termo "compartilhamos", usado no segundo trecho, não equivale a "temos em comum", presente no primeiro. Compartilhar = dividir; ter em comum = ter igual, ter o mesmo.

---

108. (FCC – Agente Fiscal de Rendas/2009) *Esgotado por sucessivas batalhas, convencido da inutilidade de seguir lutando e tendo decidido ser preferível capitular a perder não só a liberdade como a vida, no verão de 1º rei asteca Montezuma, prisioneiro dos espanhóis, concordou em entregar a Hernán Cortês o vasto tesouro que seu pai, Axayáctl, reunira com tanto esforço, e em jurar lealdade ao rei da Espanha, aquele monarca distante e invisível cujo poder Cortês representava.*

Sobre o fragmento acima, em seu contexto, é correto afirmar:

(A) As orações iniciais constituem sequência que vai do acontecimento mais determinante para o menos determinante da ação de "concordar".

(B) *não só* e *como* introduzem os complementos verbais exigidos por *ser preferível*.

(C) As formas verbais *tendo decidido* e *concordou* expressam ações concomitantes.

(D) Em *perder não só a liberdade*, o elemento destacado tem o mesmo valor e função dos notados na frase "Estava só, mas bastante tranquilo".

(E) Em *tanto esforço*, está expresso um juízo de valor.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta

✪ **Nota da autora:** Juízo de valor *é um juízo sobre a correção ou incorreção de algo, ou da utilidade de algo, baseado num ponto de vista pessoal**.

Alternativa "a": As orações iniciais indicam as causas da ação de ***concordar***.

Alternativa "b": *não só* e *como* introduzem os complementos verbais exigidos por ***perder***.

Alternativa "c": Primeiro ele decidiu e depois concordou. Como foi citado na alternativa a, ***decidiu*** indica uma das causas de ***concordar***.

Alternativa "d": Em não só a liberdade, o vocábulo é advérbio e em estava só, trata-se de um adjetivo (sozinho).

▶ **Dica – Só:**

Sozinho	Apenas, somente
Adjetivo, portanto é variável. Quando surgir dúvida, tente colocá-lo no plural.	Advérbio de exclusão e invariável
Ex.: Ele saiu ***só*** = eles saíram sós.	Ex.: Ele ***só*** estudou português = eles só estudaram português.

Fonte: pt.wikipedia.org.

Instruções: considere o trecho abaixo para responder à questão de número 2.

Esgotado por sucessivas batalhas, convencido da inutilidade de seguir lutando e tendo decidido ser preferível capitular a perder não só a liberdade como a vida, no verão de 1520 o rei asteca Montezuma, prisioneiro dos espanhóis, concordou em entregar a Hernán Cortês o vasto tesouro que seu pai, Axayáctl, reunira com tanto esforço, e em jurar lealdade ao rei da Espanha, aquele monarca distante e invisível cujo poder Cortês representava. Comentando a cerimônia, o cronista espanhol Fernando de Oviedo relata que Montezuma chorou o tempo todo, e, apontando a diferença entre o encargo que é aceito voluntariamente por uma pessoa livre e o que é pesarosamente executado por alguém acorrentado, Oviedo cita o poeta romano Marcus Varro, "O que é entregue à força não é serviço, mas espoliação".

---

109. (FCC – Agente Fiscal de Rendas/2009) No contexto, é aceitável – por resguardar o sentido original – a substituição de

(A) *Comentando* por "Mesmo ao comentar".

(B) *o tempo todo* por "intermitentemente".

(C) *voluntariamente* por "obstinadamente".

(D) *o* por "aquilo".

(E) *acorrentado* por "subjugado".

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Acorrentado, no sentido figurado, equivale a *que está (sem poder ou conseguir livrar-se) sob o domínio, a influência, o controle de (algo ou alguém); ESCRAVIZADO; SUBJUGADO**.

Alternativa "a": Comentando indica tempo. Se substituir por mesmo ao comentar passa a ser concessão.

Alternativa "b": Cuidado! Intermitentemente significa ***com interrupção***.

Alternativa "c": Não pertencem ao mesmo campo semântico. Voluntariamente: *de modo voluntário, de boa vontade, sem constrangimento; ESPONTANEAMENTE**; obstinadamente: *de maneira obstinada; com teimosa insistência, com obstinação.* (Fonte: *Dicionário Digital Aulete*).

Alternativa "d": Embora o ***o*** seja um pronome demonstrativo, não caberia a substituição por ***aquilo***, pois o período tornar-se-ia incoerente e não resguardaria o sentido original.

110. (FCC – Agente Fiscal de Rendas/2009) Está corretamente entendida a seguinte expressão:

(A) *que o tesouro fosse tratado como butim* / que o tesouro fosse considerado pilhagem.

(B) *sugeriam sofisticadas cerimônias sociais* / convidavam a comemorações da alta sociedade.

(C) *pássaros e flores cuidadosamente cinzelados* / pássaros e flores soberbamente adornados.

(D) *tendo decidido ser preferível capitular* / tendo optado por fazer conchavo.

(E) *soma tão insignificante diante de suas expectativas* / quantia irrisória considerada a carência dos espanhóis.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Vocábulos que pertencem ao mesmo campo semântico. ***Pilhagem***: *ação ou resultado de pilhar ou roubar; PILHA; SAQUE**. ***Butim***: *acervo de bens de inimigo vencido, saqueados pelo vencedor; PILHAGEM; SAQUE.**

Alternativa "b": Cerimônias sociais não equivale a comemorações da alta sociedade.

Alternativa "c": Cinzelado é lavrado, esculpido com cinzel; adornado é enfeitado. Soberbamente é arrogantemente, não possui relação com cuidadosamente.

Alternativa "d": Sem relação entre capitular (transigir, ceder a argumentos, pedidos) e fazer conchavo.

Alternativa "e": Não se equivalem: suas expectativas com carência dos espanhóis.

*Fonte: *Dicionário Digital Aulete*

111. (FCC – Agente Fiscal de Rendas/2009) *Sob nomes que não vêm ao caso para nós, essas são questões atualíssimas na história humana, e surgem mais fortes e polêmicas na escala temporal mais longa da evolução. A história evolutiva pode ser representada como uma espécie depois da outra. Mas muitos biólogos hão de concordar comigo que se trata de uma ideia tacanha.*

Considerado o fragmento, em seu contexto, é correto afirmar:

(A) em *essas são questões atualíssimas*, o pronome remete a assuntos que serão anunciados a seguir.

(B) nele está rejeitada, de modo subentendido, a ideia de que a história humana poderia abrigar mais de uma escala de tempo.

(C) *como* está empregado com o mesmo valor e função observados no trecho: – *"a história costuma ser um negócio aleatório, confuso", como também disse o próprio Mark Twain.*

(D) a expressão *hão de concordar* expressa convicção acerca da inevitabilidade da ação.

(E) *como uma espécie depois da outra* pode ser substituído, sem prejuízo da correção e do sentido originais, por "como espécies contíguas das outras".

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Expressa convicção e equivale a ***concordarão***. Ação futura certa.

Alternativa "a": O pronome anafórico ***essa*** refere-se à ideia já citada. Caso se referisse à ideia posterior, deveria ser usado o pronome ***esta*** (catafórico). Teoria no final do capítulo.

Alternativa "b": Não está subentendida a ideia.

Alternativa "c": Como, no trecho, está indicando conformidade, regra. No trecho do enunciado, indica modo.

Alternativa "e": Contíguas significa ao lado, junto, adjacente e não uma depois da outra.

112. (FCC – Agente Fiscal de Rendas/2009) *"Essa ideia pode ser considerada um alerta contra duas tentações, mas eu, devidamente alertado, flertarei cautelosamente com ambas".* Uma outra redação correta para o que se afirma no segmento destacado é:

(A) mas, quanto à mim, alerta que estou, terei cautela ao flertar com ambas.

(B) mas eu, consciente do dever, busco flertar com as duas, embora cauteloso.

(C) mas dado a mim, vigilante na medida certa, flertarei com uma ou outra cuidadosamente.

(D) mas no que se refere à minha pessoa, já advertido somente flertarei e com ambas, cautelosamente.

(E) mas eu, convenientemente prevenido, flertarei cautelosamente com uma e outra.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta

✪ **Nota da autora:** Basta substituir os vocábulos por termos que pertençam ao mesmo campo semântico, ou seja, que possuam o mesmo significado: devidamente = convenientemente; alertado = prevenido; ambas = uma e outra.

Alternativa "a": Além de alterar o sentido, a crase anteposta ao pronome oblíquo ***mim*** está incorreta.

Alternativa "b": O erro foi inserir termo não mencionado, ***dever***, e alterar o tempo verbal de futuro para presente, além do uso da conjunção concessiva ***embora***.

Alternativa "c": ***Dado a mim*** já elimina, pois não há relação com o período citado.

Alternativa "d": Altera sentido e está incoerente, sem sentido. Precisaria colocar vírgula após ***advertido*** e retirar a conjunção *e* após o verbo flertaria.

---

113. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2006) *A educação é uma função tão natural e universal da comunidade humana que, pela própria evidência, leva muito tempo a atingir a plena consciência daqueles que a recebem e praticam, sendo, por isso, relativamente tardio o seu primeiro vestígio na tradição literária. O seu conteúdo, aproximadamente o mesmo em todos os povos, é ao mesmo tempo moral e prático. Também entre os Gregos foi assim. Reveste, em parte, a forma de mandamentos, como honrar os deuses, honrar pai e mãe, respeitar os estrangeiros; consiste, por outro lado, numa série de preceitos sobre a moralidade externa e em regras de prudência para a vida, transmitidas oralmente pelos séculos afora; e apresenta-se ainda como comunicação de conhecimentos e aptidões profissionais a cujo conjunto, na medida em que é transmissível, os Gregos deram o nome de techné.*

Considerados o fragmento acima e o contexto, é correto afirmar:

(A) A correlação entre *Reveste, em parte* e *consiste, por outro lado* denota que a educação entre os gregos tinha uma aparência que não corresponde totalmente à sua essência.

(B) Em *apresenta-se* ainda, o termo grifado introduz um fator que, na escala argumentativa, é considerado como o mais relevante de todos.

(C) Na frase *Também entre os gregos foi* assim, o termo grifado refere-se ao que será caracterizado posteriormente.

(D) O período iniciado por *Reveste* constitui uma explicação.

(E) O *como* (linha 8) foi empregado com o mesmo valor que adquire em "Explicou detalhadamente o modo como tratar os animais recém-nascidos".

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Reveste está empregado no sentido de fundamentar, conferir credibilidade a, justificar, ou seja, explicar.

Alternativa "a": O erro está no advérbio de negação não.

Alternativa "b": Ainda foi empregado no sentido de também indicando adição e não relevância.

Alternativa "c": O termo assim refere-se ao que foi mencionado anteriormente e não à ideia posposta.

Alternativa "e": Como, no trecho, foi usado no sentido de conformidade, regra; na oração posterior, com o sentido de a maneira, do jeito que, da forma que.

---

114. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2006) *"Essa formação não é possível sem se oferecer ao espírito uma imagem do homem tal como ele deve ser".* A alternativa que traduz corretamente a ideia expressa no segmento destacado acima, considerado o contexto, é:

(A) exige a isenção da oferta ao espírito de uma representação ideal de homem.

(B) impossibilita-se quando não se oferece ao espírito uma reprodução do homem como tal.

(C) não prescinde da propositura ao espírito de uma imagem ideal de homem.

(D) só é possível porque uma imagem do homem desejado como tal é oferecida ao espírito.

(E) implica a impossibilidade de se oferecer ao espírito uma ideia do homem sonhado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

✪ **Nota da autora:** Muito cuidado com as negações!

Prescindir: significa dispensar; não prescindir significa não dispensar. Por isso a alternativa c é considerada correta.

Nas demais (a, b, d, e) ocorre alteração semântica, ou seja, de significado.

---

115. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2006) *"Nem uma nem outra nasceram do acaso, mas são antes produtos de uma disciplina consciente. Já Platão a comparou ao adestramento de cães de raça. A princípio, esse adestramento limitava-se a uma reduzida classe social, a nobreza".* Considere as afirmações que seguem sobre o fragmento transcrito, respeitado sempre o contexto.

I. A conjunção *mas* pode ser substituída, sem prejuízo do sentido original, por "entretanto".

II. O advérbio *Já* introduz a ideia de que mesmo Platão percebera a similaridade que o autor comenta, baseado na comparação feita pelo filósofo entre "cães de raça" e "nobreza".

III. A expressão *A princípio* leva ao reconhecimento de duas informações distintas na frase, uma das quais está subentendida.

Está correto o que se afirma APENAS em

(A) I e II.

(B) II e III.

(C) I.

(D) II.

(E) III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta

✪ **Nota da autora:** Importante saber quais são os significados do vocábulo já.

1) Agora, neste instante, neste momento.

2) Logo, imediatamente.

3) Desde logo, então.

4) Sem demora, sem detença.

5) Nesse tempo: *O prado já florido apresentava um belo aspecto.*

6) Antecipadamente, de antemão: *Preocupado com o trabalho a executar, já se sentia cansado.*

7) Até, até mesmo: *Já admito que fosses reprovado; expulso, nunca.*

8) Tão depressa, tão cedo: *Já está pronto?* Junto a afirmações, negações ou exclamações de admiração, dá-lhes mais força: *Onde já se viu? Já sei! Já ouviu a nova? conj* Disjuntiva (repetida em princípio de duas ou mais orações consecutivas vale por *ora... ora, quer... quer*): "Já chora, já se ri, já se enfurece" (Camões). *Já, já:* imediatamente, sem demora. *Já agora:* enfim, como não há outro remédio. *Já que:* desde que, visto que, pois que. *Até já:* até logo. *Desde já:* neste momento, a partir deste momento. *Num já:* imediatamente. *Para já:* para agora, por agora, por enquanto. (Fonte: michaelis.uol.com.br)

Assertiva "I". Errada. O sentido é o mesmo, mas a correção gramatical seria prejudicada por causa do tempo verbal. Precisaria alterar para: embora sejam antes produtos de uma disciplina consciente.

Assertiva "II". Errada. O sentido de já é de até: até Platão a comparou ao adestramento. Não há comparação.

Assertiva "III". Certa. A princípio indica inicialmente. Platão a comparou ao adestramento de cães de raça. Se a princípio esse adestramento limitava-se a uma reduzida classe social, subentende-se que agora não mais se limita. Aqui está a informação subentendida.

---

116. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2006) A afirmativa correta é:

(A) Em *As regras das artes e ofícios resistiam naturalmente, em virtude da sua própria natureza à exposição escrita dos seus segredos*, se outra vírgula fosse posta antes de ***naturalmente***, o sentido original não sofreria alteração.

(B) Em *resistiam naturalmente, em virtude da sua própria natureza **à exposição escrita***, na substituição do segmento destacado por "expor na escrita", o acento indicativo da crase deveria permanecer, conforme o padrão culto da língua.

(C) A frase *O seu conteúdo, aproximadamente o mesmo em todos os povos, é ao mesmo tempo moral e prático* está clara e corretamente reescrita assim: "Confrontando os povos, vê-se que o mesmo conteúdo é bem próximo, sendo simultâneos o moral e o prático".

(D) Em *A educação é uma função tão natural e universal da comunidade humana que, pela própria evidência, leva muito tempo a atingir a plena consciência daqueles que **a** recebem e praticam, sendo, por isso, relativamente tardio o **seu** primeiro vestígio na tradição literária*, os termos destacados remetem ao mesmo referente.

(E) Em ***O seu conteúdo**, aproximadamente o mesmo em todos os povos, é ao mesmo tempo moral e prático*, se o termo destacado fosse substituído por "A sua essência", a palavra *mesmo*, nas duas ocorrências, não precisaria sofrer nenhuma alteração, para que fosse mantida a correção da frase.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão, pontuação, concordância nominal e crase.

Na alternativa d, o pronome pessoal oblíquo a e o pronome possessivo seu referem-se à educação. Substituindo facilita: leva muito tempo a atingir a plena consciência daqueles que recebem e praticam a educação, sendo, por isso, relativamente tardio o primeiro vestígio da educação.

Alternativa "a": Inserindo vírgula antes de naturalmente, o termo ficaria intercalado e a informação seria: *As regras das artes e ofícios resistiam em virtude da sua própria natureza.* Sem a vírgula, indica circunstância do verbo resistir. O sentido sofre alteração.

Alternativa "b": *Não de usa o acento indicativo de crase antes de verbo.*

Alternativa "c": O erro está no verbo confrontar, não há confronto.

Alternativa "e": As palavras mesmo e próprio deve sempre concordar com o substantivo ou pronome pessoal a que se refere: Ela mesma, ele próprio. A sua essência, aproximadamente a mesma.

117. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2006) *"...para entender* ***por que*** *a viagem de Colombo acabou e continua sendo uma metáfora ..."* No que se refere à grafia, para estar de acordo com o padrão culto, a frase que deve ser preenchida com forma idêntica à destacada acima é:

(A) Referências são sempre interessantes, _____ despertam curiosidade acerca da obra.

(B) _____ foi a obra que mais o teria impressionado sobre o assunto, respondeu alguém quando indagado sobre o motivo da citação.

(C) Alguém poderá perguntar: – O autor citou Braudel, _____ ?

(D) Gostaria de saber _____ ele se interessou especificamente por essa obra de Braudel acerca do mar Mediterrâneo.

(E) Quem sabe o _____ da citação da obra de Braudel?

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão e ortografia.

Relembrando o ***emprego dos porquês***.

Por que	a) equivale a pelo qual b) vem acompanhado pela palavra razão (mesmo que subentendida) *Ex: Este é o caminho por que passo. Por que você foi embora logo?*
Porque	É uma explicação,equivale a pois → *Ex: Fui embora logo porque estava muito cansado.*
Porque	É um substantivo,ou seja, nomeia. Admite PLURAL! → *Ex: Não sei o porquê de sua demora. O estudo da palavra porquê.*
Por quê	Segue a regra da palavra que: quando utilizada no fim de uma frase, será sempre acentuada → *Ex: Ele faltou, mas não sei por quê.* **a)** porque = pois (explica). **b)** porque = pois (explica). **c)** por quê = final de frase. **d)** por que = por que razão. **e)** porquê = substantivo = os porquês.

118. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2006) A frase que está totalmente de acordo com o padrão culto da língua é:

(A) As reflexões do iminente estudioso, insertas em texto bastante acessível ao leigo, nada têm daquele teor iracível e tendencioso que se nota em algumas obras polêmicas.

(B) Disse adivinhar o que alguns detratores diriam acerca de questões polêmicas como a de rever o significado assente de fatos históricos: "é mera questão de querer auferir prestígio".

(C) Todos reconheceram que Vossa Senhoria, a despeito da exiguidade do vosso tempo, sempre recebeu os estudiosos do assunto e lhes deu grande apoio.

(D) Sob a rubrica de "As grandes explorações", o autor leu muito do que lhe sucitou interesse pelo tema e desejo de pôr em discussão algumas questões.

(E) Certas pessoas consideram ultrage a hesitação em associar o início da modernidade à Descartes, mas a questão não pára por aí: há pontos mais complexos em discussão.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão, ortografia e concordância. Alternativa b correta: adivinhar e assente.

Alternativa "a": eminente, irascível.

Eminente: que ocupa ou está em posição elevada.

Iminente: que está prestes a acontecer.

Alternativa "c": ***seu*** tempo = a concordância com pronome de tratamento é feita na terceira pessoa. O vocábulo ***apoio*** não é acentuado.

Alternativa "d": Sobre (a respeito de, acerca de) e suscitou.

Alternativa "e": Ultraje; tirar a crase antes de Descartes e o acento agudo do verbo ***para***.

Importante ressaltar que esta questão é de 2006, ou seja, anterior à nova reforma ortográfica. Na época, o acento diferencial era obrigatório. A partir de 2009 foi abolido.

119. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2006) *"É quando a ética sai de cena, para dar lugar à barbárie".* Na frase acima, a sequência das ações *sai de cena* e *dar lugar* estabelece uma relação

(A) de causalidade entre valores antagônicos.

(B) de alternância entre duas situações semelhantes.

(C) de justaposição de fatos independentes.

(D) entre uma hipótese e um fato que a confirma.

(E) de simultaneidade entre duas ocorrências interdependentes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Pensemos, em primeiro lugar nos verbos: sair e dar lugar: ocorre antagonismo de ideias; agora, na causa: ***por que*** a ética sai de cena? Para dar lugar à barbárie. Indica causalidade.

Alternativa "b": Não há alternância, nem situações semelhantes.

Alternativa "c": Sem justaposição e fatos independentes.

Alternativa "d": Não há hipótese.

Alternativa "e": As ocorrências não são interdependentes.

---

120. (FCC – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2006) Está clara e correta a redação do seguinte comentário:

(A) Ao deter lembranças de seu pai e dele mesmo, o narrador enfatisa nos traços em que melhor se definia ele, sem forçar qualquer idealização, uma vez que chega a salientar no pai seus traços mais duros, de pouca animosidade.

(B) Fica flagrante a admiração do menino pelo pai, conservada no tempo, capaz de estimular uma crônica cujo sentimento básico é o de um antigo companheirismo, materializado numa rotina de trabalho.

(C) Essa pequena crônica é reveladora do modo que guardamos as imagens mais intensas da infância, de cujos encantos continuam a nos fascinar pelo tempo a fora, sobretudo quando se tratam de relações familiares.

(D) Relatos como este vão de encontro à tese de que não se perdem em nossas memórias aquilo que realmente nos marcou, confirmando-se assim o poder seletivo demonstrado pelas mais fortes lembranças.

(E) Uma das artimanhas da memória aqui se confirmam por que somos capazes de guardar palavras e detalhes reveladores dos tempos da infância, onde nem suspeitávamos de quão importantes viriam a ser os mais simples elementos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão, coerência, ortografia e concordância.

Cuidado com a diferença entre ***flagrante*** (que é evidente, notório) e ***fragrante*** (que tem bom odor, que tem cheiro suave).

Correções:

Alternativa "a": Ao deter lembranças de seu pai e dele mesmo, o narrador ***enfatiza*** nos traços em que melhor se definia, sem forçar qualquer idealização, uma vez que chega a salientar no pai seus traços mais duros, de pouca animosidade.

Alternativa "c": Essa pequena crônica é reveladora do modo ***como*** guardamos as imagens mais intensas da infância, ***cujos*** encantos continuam a nos fascinar pelo tempo a fora, sobretudo quando se ***trata*** de relações familiares.

– Os encantos da infância continuam a nos fascinar. ***Tratar*** é transitivo indireto (singular) acompanhado de ***se*** (índice de indeterminação do sujeito).

Afora: à exceção de, além de, ao longo de. Saiu pulando pelo corredor afora.

A fora: emprega-se em oposição a dentro. De dentro a fora, ninguém os vê.

Alternativa "d": Não se ***perde*** aquilo = aquilo não é perdido.

Alternativa "e": Uma das artimanhas da memória aqui se ***confirma*** = uma é confirmada. ***Porque*** somos capazes = explicação.

... somos capazes de guardar palavras e detalhes reveladores dos tempos da infância, ***que*** nem suspeitávamos o quão importantes viriam a ser os mais simples elementos.

Instruções: considere o texto a seguir para responder às questões (duas).

*Faz algum tempo, participei de uma mesa-redonda, **tripulada** por grandes **figuras** de nossas letras e intelectualidade. Na audiência, milhares de pessoas aplaudiam as frases bem **esculpidas**, as sínteses elegantes e as críticas **virulentas**. Um belo espetáculo de uso **eloquente** da palavra.*

Mas fui para casa com um grande desconforto. Essas pessoas estavam traindo os deveres essenciais do intelectual: 1) dizer o que precisa ser dito de acordo com o julgamento próprio e não dizer o que traz aplauso; 2) mostrar o caminho percorrido e não a resposta pronta; 3) não falar sobre o que não entende, pois desvaloriza a própria atividade intelectual. Meus colegas de mesa haviam pecado. (Cláudio de Moura Castro. Veja, 07.11.2001)

121. (AFR/SP – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2002) Considerando o contexto verbal acima, podem ser substituídas as palavras e expressões negritadas, sem prejuízo do sentido, por, respectivamente:

(A) pilotada, artistas, construídas, patogênico, persuasivo.

(B) pilotada, escritores, lavradas, violentas, expressivo.

(C) composta, escritores, construídas, violentas, expressivo.

(D) composta, artistas, lavradas, pestilentas, persuasivo.

(E) pilotada, artistas, construídas, pestilentas, expressivo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão e semântica (ortografia). Não há necessidade de consultar o dicionário por haver um contexto.

Por eliminação

- Tripulada: no contexto, composta. Eliminam-se a, b e e.
- Figuras: escritores ou artistas.
- Esculpidas: construídas. Eliminada a d.
- Virulentas: violentas.
- Eloquente: expressivo.

122. (AFR/SP – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2002) No texto, estão empregadas no sentido conotativo todas as palavras da alternativa:

(A) tripulada, figuras, esculpidas.

(B) mesa-redonda, intelectualidade, crítica.

(C) tripulada, intelectualidade, críticas.

(D) tripulada, audiência, esculpidas.

(E) mesa-redonda, figuras, sínteses.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão e semântica

Conotação: Ideia ou sentimento que uma palavra ou coisa pode sugerir; significado suplementar que se atribui a uma palavra, expressão ou objeto, por se estabelecer algum tipo de associação com outras palavras, objetos e seres, ou outros contextos e situações, além daqueles presentes ou referidos diretamente

Denotação: significado básico e objetivo de uma palavra, um signo, um símbolo etc., sem derivações, sentidos figurados.

Facilitando: ***d***enotação é o sentido do ***d***icionário e conotação é o sentido figurado.

Todas as palavras da primeira alternativa encontram-se em sentido figurado, metafórico.

Palavras denotativas: b) mesa-redonda, intelectualidade e crítica; c) intelectualidade e críticas; d) audiência; e) mesa-redonda e síntese.

123. (AFR/SP – Agente Fiscal de Rendas – Nível 1 – 2002) Assinale a alternativa correta quanto à acentuação e ortografia das palavras.

(A) Quem não para a fim de descansar durante a viajem, pode parar no céu.

(B) Se eu ganhar na loteria, vou me prevenir e por o dinheiro num banco na Suíça.

(C) No pedido de abono, explicou porque ontem não pode comparecer ao trabalho.

(D) Com frequência, despendia esforços que o deixavam abalado.

(E) Os ambiciosos retem as informações que garantam sua ascenção.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão, verbo, ortografia e acentuação.

A fim de: finalidade.

Afim: semelhante.

Viajem: verbo – conjuga-se.

Viagem: substantivo.

Alternativa "a" –Viagem.

Alternativa "b" –Prevenir

Alternativa "c" –Por que – está subentendida a palavra ***razão***, por isso deve ficar separada.

Alternativa "e" –Retêm (plural) e ascensão.

3. CESPE

Trecho para julgar o item.

A experiência de governança pública tem mostrado que os sistemas democráticos de governo se fortalecem à medida que os governos eleitos assumem a liderança de processos de mudanças que

buscam o atendimento das demandas de sociedades cada vez mais complexas e alcançam resultados positivos perceptíveis pela população.

Contemporaneamente, para o alcance de resultados de desenvolvimento nacional, exige-se dessa liderança não apenas o enfrentamento de desafios de gestão, como a busca da eficiência na execução dos projetos e das atividades governamentais, no conhecido lema de "fazer mais com menos", mas também o desafio de "fazer melhor" (com mais qualidade), como se espera, por exemplo, nos serviços públicos de educação e saúde prestados à população. Esse novo desafio de governo tem como consequência um novo requisito de gestão, o que implica a necessidade de desenvolvimento de novos modelos de governança para se alcançarem os objetivos e metas de governo, em sintonia com a sociedade. (...)

Internet: <http://aquarius.mcti.gov.br> (com adaptações).

---

124. (CESPE/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) Sem prejuízo da coerência e da correção gramatical do texto, o último período do segundo parágrafo poderia ser assim resumido: Esse novo desafio governamental requer o desenvolvimento de novos modelos de gestão e de governança, com vistas ao alcance das metas de governo, em sintonia com a sociedade.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Note que o sentido foi mantido e não há erro gramatical. Vejamos as substituições separadamente para facilitar seu raciocínio na hora da prova – sempre desmembre as informações:

1. novo desafio de governo = novo desafio governamental;

2. tem como consequência um novo requisito de gestão, o que implica a necessidade de desenvolvimento de novos modelos de governança = requer o desenvolvimento de novos modelos de gestão e de governança;

3. para se alcançarem os objetivos e metas de governo, em sintonia com a sociedade = com vistas ao alcance das metas de governo, em sintonia com a sociedade.

Trecho para julgar o item.

O crescimento populacional e econômico, aliado à evolução dos mercados e à complexidade das relações sociais, traduz-se em demandas por serviços públicos mais sofisticados, em maior quantidade e com mais qualidade. **Para estar à altura das exigências da sociedade do século XXI, o desafio que se coloca ao país é a construção de um Estado "inteligente", que incorpore os avanços tecnológicos, a rapidez e as facilidades da era digital.**

Por dentro do Brasil. Modernização da gestão pública. Internet (com adaptações).

---

125. (CESPE/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) Conferiria maior clareza ao texto a seguinte reescrita do segundo período do trecho, dado o adequado estabelecimento das relações sintáticas entre os termos que integram trecho as orações do segmento: Para estar à altura das exigências da sociedade do século XXI, o Brasil deve aceitar o desafio de construção de um Estado "inteligente", que incorpore os avanços tecnológicos, a rapidez e as facilidades da era digital.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo.

✪ **Nota da autora**: Questão de estrutura sintática, ou seja, análise sintática e período composto. Perceba como a reescritura deixou a ideia mais clara:

- Para estar à altura das exigências da sociedade do século XXI = oração subordinada adverbial final (para algo);

- o Brasil deve aceitar o desafio de construção de um Estado "inteligente" = oração principal.

O Brasil	deve aceitar	o desafio...
sujeito	V.T.D.	O.D.

- que incorpore os avanços tecnológicos, a rapidez e as facilidades da era digital = oração subordinada adjetiva (por possuir pronome relativo: que = o qual) explicativa (por possuir pontuação).

incorpore	os avanços tecnológicos, a rapidez e as facilidades
V.T.D.	O.D.

Trecho para julgar os itens.

(...)

Em um país de dimensões continentais e com mais de cinco mil municípios, como o Brasil, a boa gestão pública é condição necessária para o desenvolvimento com sustentabilidade e inclusão social. É por meio de uma gestão eficaz que o governo reúne

instrumentos para melhor atender às demandas por políticas inclusivas e por serviços públicos em um ambiente de crescimento e de fortes demandas sociais, com maior conscientização e participação de uma sociedade plural.

Nesse cenário, fez-se necessário repensar o modelo de administração da máquina pública. A Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF), em vigor desde maio de 2000, estabelece, entre outras exigências, o equilíbrio das contas governamentais, que possibilita ao Estado assumir o compromisso de investir na melhoria da sua capacidade de execução e, assim, prestar serviços adequados e implementar políticas públicas eficazes e eficientes, garantindo, ao mesmo tempo, transparência na execução de programas governamentais e acesso desimpedido às informações solicitadas pelo cidadão.

Por dentro do Brasil. Modernização da gestão pública. Internet (com adaptações).

---

126. (CESPE/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) O período que inicia o segundo parágrafo do trecho poderia ser corretamente reescrito, sem prejuízo das informações originais, da seguinte forma: Devido ao cenário, fez necessário repensar-se o modelo administrativo da máquina pública.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Nem precisamos dividir as informações, pois a informação é curta e já aparece um erro no início do período: Nesse cenário = o pronome demonstrativo **nesse** retoma a ideia citada no parágrafo anterior, trata-se de anáfora; ao substituir por "devido ao cenário", passa a indicar causa. O sentido é alterado.

---

127. (CESPE/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) No segundo parágrafo, a expressão "Nesse cenário" retoma, por coesão, o contexto anteriormente descrito: o do Brasil no século XXI, caracterizado por um "ambiente de crescimento e de fortes demandas sociais, com maior conscientização e participação de uma sociedade plural".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Exato, como foi comentado na questão anterior, há caso anafórico: retoma a ideia do parágrafo anterior.

Trecho para os itens.

(...) No setor público, a situação não é diferente. As organizações públicas têm instituído as unidades de educação corporativa, abrigadas sob a denominação "escolas de governo", com papel semelhante ao das universidades corporativas. Respeitam-se, decerto, as características particulares da administração pública.

De forma semelhante às universidades corporativas, desenvolvidas por grandes empresas privadas para assegurar o alinhamento da capacitação aos valores e desafios estratégicos que tais empresas enfrentam, o governo necessita de que as escolas assumam um papel de "escola corporativa de gestão", alinhando-se às políticas e diretrizes de governo no sentido da melhoria da gestão pública.(...)

Adriano Cesar Ferreira Amorim. O programa de capacitação de servidores públicos e de cidadãos do Tribunal de Contas da União: um exemplo de atuação estratégica das escolas de governo. Revista do TCU, ano 45, n.º 26, jan.-abr./2013. Internet:<http://portal2.tcu.gov.br> (com adaptações).

---

128. (CESPE/UnB – TCE/RO – Auditor de Controle Externo/2013) A expressão "as escolas" faz referência às "escolas de governo".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Trata-se de coesão textual e não há necessidade de repetir termo. Substitua para se certificar: As organizações públicas têm instituído as unidades de educação corporativa, abrigadas sob a denominação "**escolas de governo**", com papel semelhante ao das universidades corporativas. (...) De forma semelhante às universidades corporativas, desenvolvidas por grandes empresas privadas para assegurar o alinhamento da capacitação aos valores e desafios estratégicos que tais empresas enfrentam, o governo necessita de que **as escolas (de governo)** assumam um papel de "escola corporativa de gestão"

---

129. (CESPE/UnB – TCE/RO – Auditor de Controle Externo/2013) A coerência e a correção gramatical do texto seriam prejudicadas caso o trecho "De forma semelhante (...) grandes empresas privadas" fosse reescrito da seguinte forma: De forma semelhante, as grandes empresas privadas desenvolvem universidades corporativas.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – De forma semelhante a algo (às universidades). As universidades corporativas foram desenvol-

vidas pelas grandes empresas privadas, ou seja, o sentido foi alterado, inverteu-se a informação.

Trecho para o item.

(...) Essa prática nos revela uma nova concepção de Estado, que se aproxima da sociedade e a incorpora por meio de atores sociais. A própria Constituição Federal estabeleceu inúmeros mecanismos e instrumentos de gestão que preveem a incorporação de atores sociais na gestão pública, em especial, nas áreas de saúde, meio ambiente e educação. (...)

Adriano Cesar Ferreira Amorim. O programa de capacitação de servidores públicos e de cidadãos do Tribunal de Contas da União: um exemplo de atuação estratégica das escolas de governo. Revista do TCU, ano 45, n.º 26, jan.-abr./2013. Internet:<http://portal2.tcu.gov.br> (com adaptações).

130. (CESPE/UnB – TCE/RO – Auditor de Controle Externo/2013) Seriam preservadas as ideias originais e a correção gramatical do texto, caso o período "Essa prática (...) atores sociais" fosse reescrito da seguinte forma: Essa prática revela-nos uma nova concepção de Estado que se aproxima e incorpora a sociedade por meio de atores sociais.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Dois erros: pontuação e regência.

Pontuação: No trecho original, há pontuação antes do pronome relativo e isso indica que a oração é adjetiva explicativa e generaliza; na reescritura, a oração passa a ser restritiva com a retirada da vírgula: sentido alterado.

Regência: dois verbos com o mesmo complemento só é admissível se possuírem a mesma predicação e exigirem a mesma preposição, ou não exigirem preposição. A reescritura está incorreta. Veja o porquê:

- aproxima-se **da** sociedade;

- incorpora a sociedade.

Exemplo de verbos transitivos diretos para esclarecer: Estudei e entendi a matéria.

Curiosidade: a colocação do pronome pessoal oblíquo, no início, está correta.

Texto para as duas questões seguintes.

Segundo dados da Organização Mundial de Saúde, o Brasil é o sétimo país com maior incidência de assassinatos de mulheres. São dez homicídios por dia. Ao abrir qualquer jornal, o leitor encontrará notícias de algum caso "do dia". O do dia 16 de outubro dizia respeito a Iolanda, uma jovem paulistana de vinte e um anos de idade, que foi atacada em uma academia de ginástica, na tarde do dia anterior, pelo ex-namorado, com quem havia terminado o relacionamento um dia antes.

A imprensa costuma chamar casos como o de Iolanda de "crimes passionais", como se eles tivessem sido movidos por amor. Não são. Amor não mata; o que mata é a sensação de poder que o ex-parceiro tem sobre a vítima. O criminoso tem certeza de que a vítima lhe pertence: "Se ela não for minha, não vai ser de mais ninguém." É a completa desumanização da mulher, transformada em um objeto sobre o qual alguém tem propriedade, pelo simples fato de, algum dia, eles — proprietário e objeto — terem sido um "casal".

O caráter passional não justifica um homicídio, pois o tipo penal não reconhece a paixão como motivo para um assassinato, podendo, inclusive, a pena imposta ao crime ser aumentada se for reconhecido que o réu agiu com motivação torpe ou fútil, ou ainda sem dar possibilidade de defesa à vítima.

Mas a quem interessa dizer que tal crime é passional, que o réu estava sofrendo com a rejeição, ou que ele não conseguia enxergar a própria vida com a ausência da mulher amada? Com esse discurso, coloca-se a violência contra a mulher no âmbito privado, para justificar frases do tipo "em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher". Assim, afasta-se a necessidade de uma discussão geral e mudança social em relação a esses crimes, como se algo entre os dois justificasse a violência, a tortura, o assassinato. Lavamos as mãos e fingimos que, se nos aproximarmos, estaremos invadindo a privacidade alheia.

Nádia Lapa. "Crime passional": não é amor, é poder. Internet: <www.cartacapital.com.br> (com adaptações).

131. (CESPE/UnB – TCE/ES – Analista Administrativo/2013) No que se refere a aspectos linguísticos do texto, assinale a opção correta.

(A) Em "O criminoso tem certeza de que a vítima lhe pertence" (segundo parágrafo), a oração "de que a vítima lhe pertence" funciona como um dos complementos verbais de "tem".

(B) Na oração "com quem havia terminado o relacionamento um dia antes" (primeiro parágrafo),

o verbo *haver* está empregado como verbo impessoal.

(C) A oração "se nos aproximarmos" (último parágrafo) expressa, em relação à oração principal, circunstância de tempo, estando entre vírgulas porque está deslocada no período.

(D) O vocábulo "como" (segundo parágrafo) poderia ser substituído, nas duas ocorrências, por conforme, sem prejuízo para a coerência do texto.

(E) O emprego da preposição "a" em "a quem interessa dizer que tal crime é passional" (último parágrafo) justifica-se pela regência da forma verbal "interessa".

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Ordem direta: Dizer que tal crime é passional interessa **a alguém** = a quem. A preposição é exigida pelo verbo transitivo indireto e faz parte do objeto indireto.

Alternativa "a" – Opa! Quem tem, tem algo = verbo transitivo direto; objeto direto: certeza. Quem tem certeza, tem certeza de algo = "de que a vítima lhe pertence" possui função de complemento nominal e não de complemento verbal.

Alternativa "b" – O verbo *haver* é impessoal quando possui sentido de existir ou ocorrer, ou indica tempo decorrido. No caso mencionado, possui função de verbo auxiliar. Substituindo os dois verbos por um, o haver desaparece e por isso o chamamos de auxiliar: havia terminado = terminou.

Alternativa "c" – A oração indica condição e está entre vírgulas por haver intercalação dentro da oração. Leia o que está em negrito: ***Lavamos as mãos e fingimos que, se nos aproximarmos, estaremos invadindo a privacidade alheia.***

Alternativa "d" – Apenas o segundo possui ideia de conformidade, de regra e pode ser substituído; o primeiro exemplifica apenas.

DICA – *Como* pode indicar: 1.º) comparação: forte como um touro; 2.º) conformidade: tudo se realizou como esperávamos; 3.º) causa: como chovesse, não saímos; 4.º) igual proporção (quanto): estudei tanto como (ou quanto) você.

---

132. (CESPE/UnB – TCE/ES – Analista Administrativo/2013) Assinale a opção correta, com relação ao texto.

(A) A forma verbal "afasta-se" (último parágrafo) pode ser substituída, com correção gramatical, por *é afastado*.

(B) A forma verbal "justificasse" (último parágrafo) poderia, com correção gramatical, ser flexionada no plural, dada a possibilidade de concordância com o antecedente mais próximo: "os dois".

(C) Seria mantida a correção gramatical do texto caso fosse inserida uma vírgula imediatamente após a segunda ocorrência da partícula "ou" (terceiro parágrafo).

(D) O vocábulo "sem" (terceiro parágrafo) introduz uma oração de natureza adverbial.

(E) As formas verbais "Lavamos" e "estaremos" (último parágrafo) poderiam ser substituídas, respectivamente, por *Lavemos* e *estaríamos*, sem prejuízo da correção gramatical e do sentido original do período.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – Agiu como? A oração é adverbial modal.

Alternativa "a" – Afasta-se a necessidade = voz passiva sintética; na passiva analítica teríamos = a necessidade **é afastada**.

Alternativa "b" – Como se **algo** justificasse: o sujeito é ALGO e não "os dois".

Alternativa "c" – Poderia inserir uma vírgula após a segunda ocorrência de "ou" se fosse, também, inserida uma vírgula após *ainda: o réu agiu com motivação torpe ou fútil, ou,* ***ainda****, sem dar possibilidade de defesa à vítima.* Inserir apenas uma vírgula acarretaria erro.

Alternativa "e" – Lavamos e estaremos indicam certeza; lavemos e estaríamos, dúvida, condição, ou seja, o sentido é alterado.

Texto para a questão.

TÍTULO I – DISPOSIÇÕES PRELIMINARES

Art. 1.º Esta Lei institui o Estatuto da Igualdade Racial, destinado a garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, ***a defesa*** *dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e* ***o combate*** *à discriminação e* ***às demais*** *formas de intolerância étnica.*

Parágrafo único. Para efeito deste Estatuto, considera- se:

I– discriminação racial ou étnico-racial: toda distinção, exclusão, restrição ou preferência baseada em raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica que tenha por objeto anular ou restringir o reconhecimento, gozo ou exercício, em igualdade de condições, de direitos humanos e liberdades fundamentais nos campos político, econômico, social, cultural ou em qualquer outro campo da vida pública ou privada;

(...).

Lei n.º 12.288/2010. Internet: <www.planalto.gov.br>.

133. (CESPE/UnB – TCE/ES – Analista Administrativo/2013) Considerando os sentidos e aspectos linguísticos do texto acima, assinale a opção correta.

(A) Estaria mantida a correção gramatical do texto caso a forma infinitiva "garantir" estivesse flexionada no plural, para concordar com a expressão "a efetivação da igualdade de oportunidades, (...) e às demais formas de intolerância étnica".

(B) A supressão do artigo "a" empregado antes de "defesa" e a do artigo "o" empregado antes de "combate" (ambos em negrito) manteriam a correção gramatical do texto e tornariam mais claras as relações entre os termos da oração.

(C) A expressão "às demais" (em negrito) poderia ser correta e coerentemente substituída por *demais*.

(D) A oração "que tenha por objeto" poderia ser substituída, sem prejuízo da correção gramatical do texto, por *cujo objetivo seja*.

(E) Haveria prejuízo para a correção gramatical do texto caso a expressão "nos campos político, econômico, social, cultural" fosse substituída por *no campo político, no econômico, no social, no cultural*.

COMENTÁRIO

Alternativa correta: letra "d" – *descendência ou origem nacional ou étnica que tenha por objeto anular ou restringir o reconhecimento:* o pronome relativo *que* retoma descendência ou origem nacional ou étnica. Substituindo, teremos: *descendência ou origem nacional ou étnica cujo objetivo seja anular ou restringir o reconhecimento.* O relativo passa a concordar com *objetivo* e indica posse do termo anterior (o objetivo **da descendência ou origem nacional ou étnica** seja anular), fazendo com que a frase permaneça correta.

Alternativa "a" – O verbo *garantir* concorda com o sujeito *"o Estatuto da Igualdade Racial"*. É verbo transitivo direto e indireto, seguido de seus devidos complementos – objeto direto e objeto indireto.

Alternativa "b" – Ocorre paralelismo sintático, pois os termos possuem função de objeto direto do verbo garantir, além de haver especificação. Os artigos definidos são obrigatórios.

Relembre: Artigos têm como objetivo individualizar, destacar ou determinar um ser ou um objeto = *a efetivação da igualdade de oportunidades, **a defesa** dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e **o combate** à discriminação e às demais formas de intolerância étnica*. Pode ser usado, também, para mencionar uma espécie.

Alternativa "c" – Possui função de complemento nominal e a preposição é obrigatória (regência): combate a algo = ***à discriminação** e **às demais** formas de intolerância étnica.*

Alternativa "e" – Não haveria prejuízo. Pode-se pluralizar o substantivo e citar todos os adjetivos, ou repetir a preposição exigida pelo adjunto adverbial de lugar.

Texto para a questão.

O Programa Bolsa Família foi responsável por 28% da queda da extrema pobreza na última década. É o que aponta o estudo **Efeitos Macroeconômicos do Programa Bolsa Família — uma Análise Comparativa das Transferências Sociais**, *divulgado em 15/10/2013, em Brasília. De acordo com os dados apresentados, entre 2002 e 2012, a proporção de brasileiros que vivem com menos de R$ 70 caiu de 8,8% para 3,6%. O índice de pobreza caiu em 80% dos municípios do país.*

Comparado a outras transferências públicas, o referido programa é o que reduz a desigualdade e a pobreza ao menor custo. Cada real adicional aplicado no Bolsa Família impacta a desigualdade 369% e 86% a mais que a previdência social em geral e o Benefício de Prestação Continuada (BPC), respectivamente. Os dados da pesquisa atestam o caráter sustentável do programa, visto que o Bolsa Família e o BPC gastam juntos, em média, 1% do PIB brasileiro, enquanto a maioria dos países europeus gasta mais que isso. Somente em 2012, o governo federal dos Estados Unidos da América destinou U$ 315 bilhões, cerca de 2% de seu PIB, para programas com essa finalidade. No mesmo ano, os programas do Brasil representaram um gasto de R$ 21,1 bilhões, apenas 0,46% do PIB do país.

Atualmente, o programa Bolsa Família atende cerca de 13,8 milhões de famílias, o que significa que o benefício é destinado a aproximadamente 50 milhões de indivíduos — um quarto de toda a população brasileira.

Programa Bolsa Família reduziu a miséria em 28% nos últimos dez anos. Internet: (com adaptações).

134. (CESPE/UnB – TCE/ES – Analista Administrativo/2013) Assinale a opção em que a proposta de reescrita para trecho do texto está gramaticalmente correta e coerente com as ideias nele apresentadas.

(A) "entre 2002 e 2012 (...) para 3,6%" (1º parágrafo): "em 2002, 8,8% de brasileiros viviam com menos

de R$ 70; em 2012, essa proporção reduziu-se para 3,6%.

(B) "o referido programa (...) ao menor custo" (2º parágrafo): a desigualdade e a pobreza é reduzida de maneira mais eficiente por meio do referido programa.

(C) "Os dados da pesquisa (...) a maioria dos países europeus gasta mais que isso" (2º parágrafo): Em comparação à outros países europeus, o Brasil gasta um valor menor do seu PIB para manter o Bolsa Família e o BPC, o que comprova o caráter sustentável do programa.

(D) "um quarto de toda a população brasileira" (3º parágrafo): um quarto de toda a população brasileira que recebem o benefício do Bolsa Família.

(E) "Somente em 2012 (...) essa finalidade" (2º parágrafo): O governo dos Estados Unidos da América gastaram, somente em 2012, U$ 315 bilhões, aproximadamente 2% de seu PIB, com programas de transferência de renda.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – O sentido é o mesmo e a concordância entre verbo e sujeito passa a ser correta: **8,8%** viviam; essa **proporção** reduziu-se.

Alternativa "b" – Ocorreu transposição da voz ativa para a passiva sintética (verbo ser + particípio) e a concordância está incorreta. Correção: a desigualdade e a pobreza **são reduzidas**. Quanto ao sentido, foi inserida informação extra: a expressão "de maneira mais eficiente", além de também não haver necessidade de usar "por meio do" no agente da passiva. Apenas *pelo referido programa* estaria correto.

Alternativa "c" – 1. O sentido foi alterado; 2. Acento indicativo de crase errado: **a** outros = não se usa crase antes de pronome indefinido, nem antes de palavra masculina, nem em expressão singular + plural.

Alternativa "d" – 1. O sentido foi mantido se voltarmos ao texto; 2. Concordância errada: um quarto de toda a população brasileira que **recebe**.

Alternativa "e" – 1. Há diferença entre as preposições **para** e **como**; 2. Concordância errada: o governo **gastou**.

Texto para a questão.

O crescente quadro da violência em São Paulo, fator que gera medo na sociedade e insegurança para empresas e investidores, tem desafiado o antigo axioma sociológico de que a exclusão é a grande causadora da criminalidade. O Brasil é, hoje, um dos países com a menor taxa de desemprego e promoveu, nos últimos dez anos, um significativo processo de ascensão socioeconômica da população, sem precedentes em nossa história recente.

Antoninho Marmo Trevisan. O paradoxo entre o crime e o emprego. In: Visão Jurídica, n.º 88, 2013, p. 16.

135. (CESPE/UnB – TCE/ES – Analista Administrativo/2013) Estariam garantidas a correção gramatical e a coerência textual se, no trecho acima,

(A) o ponto empregado ao final do primeiro período fosse substituído por vírgula e, imediatamente após esta, feitos os devidos ajustes de maiúsculas e minúsculas, fosse introduzida a conjunção pois.

(B) a forma verbal "é" fosse substituída por *sendo* e a conjunção "e" fosse suprimida do trecho.

(C) o ponto empregado ao final do primeiro período fosse substituído por ponto e vírgula e, imediatamente após este, feitos os devidos ajustes de maiúsculas e minúsculas, fosse introduzida a expressão *visando que*.

(D) o segundo período, feitos os devidos ajustes de maiúsculas e minúsculas, fosse introduzido pela conjunção *Portanto*.

(E) a vírgula logo após "São Paulo" fosse substituída pela forma verbal é e a que sucede "investidores" fosse substituída pela conjunção *porque*.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Substituição sugerida: O crescente quadro da violência em São Paulo, fator que gera medo na sociedade e insegurança para empresas e investidores, tem desafiado o antigo axioma sociológico de que a exclusão é a grande causadora da criminalidade, pois o Brasil é, hoje, um dos países com a menor taxa de desemprego e promoveu, nos últimos dez anos... = a ideia da segunda oração é de explicação e por isso torna-se correto o emprego da conjunção *pois* ligando as orações.

Dica: *pois* equivalendo a *porque* é explicação; equivalendo a *logo* é conclusão.

Alternativa "b" – Altera a coerência. Os verbos das orações anteriores estão no presente indicando ações habituais e isso deve ser mantido na oração "O Brasil é..."; se retirar a conjunção "e" aditiva, será retirada a ideia de adição entre as orações.

Alternativa "c" – Não há relação de finalidade expressa por *visando que, a fim de que*.

Alternativa "d" – Também não há ideia de consequência (na oração subordinada) ou de conclusão (na oração coordenada).

Alternativa "e" – A relação é adicional e não explicativa, não cabendo a conjunção *porque*.

Texto para as questões.

A violência contra a juventude negra foi debatida, em outubro, pela Comissão de Direitos Humanos do Senado. De acordo com o estudo **A Cor dos Homicídios no Brasil**, *desenvolvido pelo coordenador da área de estudos da violência da Faculdade Latino-Americana no Rio de Janeiro, de 2001 a 2010,* **enquanto** *o índice de mortalidade entre jovens brancos no país caiu* **27,1%**, *o de mortalidade entre negros cresceu 35,9%.*

Com base em dados do sistema de informações de mortalidade, do Ministério da Saúde, a pesquisa revela que, no Brasil, as maiores vítimas de violência são jovens negros com baixa escolaridade. O racismo é a maior motivação para os crimes. Alagoas, Espírito Santo, Paraíba, Pará, Distrito Federal e Pernambuco são as unidades da Federação que mais registram casos de homicídios contra negros.

Outro dado da pesquisa mostra que, em 2010, quase 35 mil negros foram assassinados no país. "Os números deveriam ser preocupantes para um **país** *que aparenta não ter enfrentamentos étnicos, religiosos, de fronteiras, raciais ou políticos. Representam um volume de mortes violentas bem superior ao de muitas regiões do mundo que atravessaram conflitos armados internos ou externos", avalia o pesquisador.*

"É uma situação alarmante, que coloca o Brasil entre os piores lugares do mundo — sétimo lugar — em relação ao homicídio, mas em situação pior ainda **em relação à** *morte de jovens negros. O governo reconhece que esse é um problema histórico que afeta* **especificamente** *a juventude negra", disse a porta-voz da Secretaria Nacional da Juventude da Presidência da República.*

Extermínio de jovens negros preocupa autoridades brasileiras. Internet: (com adaptações).

---

136. (CESPE/UnB – TCE/ES – Analista Administrativo/2013) No que se refere aos aspectos linguísticos do texto, assinale a opção correta.

(A) O vocábulo "contra" classifica-se como preposição e denota oposição.

(B) A correção gramatical do texto seria mantida caso a vírgula empregada imediatamente depois da palavra 'homicídio' fosse suprimida.

(C) As aspas foram empregadas no texto para isolar trechos de discurso indireto.

(D) O referente do sujeito da oração 'Representam um volume de mortes violentas bem superior ao de muitas regiões do mundo' é "enfrentamentos étnicos, religiosos, de fronteiras, raciais ou políticos".

(E) Os vocábulos "país" e "homicídios" são acentuados de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Casos de homicídio **contra** negros: é preposição por ligar palavras e expressa fundamentalmente oposição, direção contrária, assim no sentido próprio como no figurado: remar contra a maré; casou contra a vontade.

Alternativa "b" – A vírgula anteposta à conjunção adversativa é obrigatória.

Alternativa "c" – Pelo contrário: as aspas indicam discurso direto, isto é, são as falas do pesquisador e da porta-voz da Secretaria Nacional da Juventude da Presidência da República.

Alternativa "d" – **Os números** representam.

Alternativa "e" – Regras distintas: pa-ís = hiato; ho-mi-cí-dios = paroxítona terminada em ditongo.

---

137. (CESPE/UnB – TCE/ES – Analista Administrativo/2013) A respeito das ideias e estruturas linguísticas do texto, assinale a opção correta.

(A) A expressão 'em relação à' (em negrito) poderia ser correta e coerentemente substituída por *no que concerne à*.

(B) Sem prejuízo da correção gramatical e da coerência do texto, poderia ser inserida uma vírgula logo após "país" (em negrito).

(C) O emprego da vírgula logo após "27,1%" (em negrito) é facultativo.

(D) O termo "enquanto" (em negrito), que expressa, no texto, circunstância de conformidade, poderia ser substituído, coerentemente, por *como*.

(E) O termo 'especificamente' (em negrito) poderia ser substituído, sem prejuízo da correção gramatical e do sentido original do texto, por *exclusivamente*.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – É importante notar que a crase foi mantida; em seguida, vejamos o significado de **no que concerne à** = possuir uma relação com; dizer respeito a; **em relação a**.

Alternativa "b" – o **que** é pronome relativo (equivale a **o qual**) e está inserido em uma oração subordinada adjetiva (por possuir pronome relativo) restritiva (por não possuir pontuação). Ao inserir a vírgula, passamos a ter uma oração adjetiva explicativa, alterando o

sentido de restrição para genérico. Relembrando: explicativa = todos; restritiva = alguns.

Alternativa "c" – a vírgula é obrigatória por separar orações com sujeitos distintos: o índice de mortalidade entre jovens brancos no país caiu 27,1%, o de mortalidade entre negros cresceu 35,9%.

Alternativa "d" – *enquanto*, no contexto, possui ideia de proporcionalidade (à medida que, à proporção que) e não pode ser substituído por *como* que pode indicar: 1.º) comparação; 2.º) conformidade; 3.º) causa; 4.º) igual proporção (quanto).

Alternativa "e"- *especificamente:* de maneira específica. Exemplo: preciso que me explique especificamente este assunto;

- *exclusivamente:* → de modo particular, único. Exemplo: escrevia exclusivamente crônicas.

→ de modo exclusivo, principal. Exemplo: dedicou-se exclusivamente à literatura.

Trecho para julgar o item.

O Tribunal de Contas da União (TCU) avaliou ações para a elaboração de diagnóstico e suporte à educação básica. A auditoria **conferiu** *aspectos relativos ao Plano de Ações Articuladas, à assistência técnica prestada pelo Ministério da Educação (MEC) e ao levantamento de dados necessários à formação e ao cálculo do índice de desenvolvimento da educação básica (IDEB). (...)*

TCU avalia gestão da educação básica em municípios brasileiros. Notícia publicada em 12/9/2013. Internet:<www.tcu.gov.br/>(com adaptações).

138. (CESPE/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo/2013) Em "A auditoria conferiu aspectos relativos ao Plano de Ações Articuladas (...) e ao cálculo do índice de desenvolvimento da educação básica (IDEB)", o verbo conferir está empregado com o sentido de outorgar.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não possui sentido de outorgar (conferir a alguém uma honra). Uma palavra pode possuir vários significados, vamos ao verbo *conferir:*

v.t.d. e v.bit. Verificar; comparar duas coisas para ver se elas estão corretas: conferiu os produtos; comparou as cópias com os originais. P.ext. Outorgar; conferir a alguém uma honra, poder ou prêmio: o presidente conferiu poderes ao funcionário. v.t.d. Certificar a correção ou a exatidão de: conferia as contas do mês. v.t.d. e v.i. Estar em conformidade com: seu bilhete confere com o resultado da mega sena; o quadro confere. v.bit. P.ext. Atribuir; fazer com que algo ou alguém possua determinado aspecto: a decoração conferiu sobriedade ao apartamento.

Trecho para a questão.

(...) No setor público, a situação não é diferente. As organizações públicas têm instituído as unidades de educação corporativa, abrigadas sob a denominação "escolas de governo", com papel semelhante ao das universidades corporativas. Respeitam-se, decerto, as características particulares da administração pública. (...)

Adriano Cesar Ferreira Amorim. O programa de capacitação de servidores públicos e de cidadãos do Tribunal de Contas da União: um exemplo de atuação estratégica das escolas de governo. Revista do TCU, ano 45, n.º 26, jan.-abr./2013. Internet:<http://portal2.tcu.gov.br> (com adaptações).

139. (CESPE/UnB – TCE/RO – Auditor de Controle Externo/2013) Sem prejuízo da correção gramatical do seu sentido original, o termo "decerto" poderia ser substituído pelo vocábulo **porventura**.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – *Decerto* significa "em que há certeza; por certo; certamente" e *porventura* demonstra que o falante expressa, no plano hipotético, o teor da oração que pretende modificar; por hipótese, por acaso.

Trecho para o próximo item.

Embora as conquistas obtidas a partir da Revolução Francesa tenham possibilitado a consolidação da concepção de cidadania, elas não foram suficientes para que essa condição se verificasse na prática. A mera declaração formal das liberdades nos documentos e nas legislações esboroava diante da inexorável exclusão econômica da maioria da população. Em vista disso, já no século XIX, buscaram-se os direitos sociais com ações estatais que compensassem tais desigualdades, municiando os desvalidos com direitos implantados e construídos de forma coletiva em prol da saúde, da educação, da moradia, do trabalho, do lazer e da cultura para todos.(...)

Brasil. Ministério do Trabalho e Emprego. Secretaria de Inspeção do Trabalho. A inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho.

2.aed., Brasília, 2007. Internet: <www.dominiopublico.gov.br> (com adaptações).

---

140. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) A expressão "tais desigualdades", empregada, no período em que ocorre, sem um referente explícito, está associada à "inexorável exclusão econômica da maioria da população".

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Facilitando o esquema de coesão:

1) A mera declaração formal das liberdades nos documentos e nas legislações esboroava diante da inexorável exclusão econômica da maioria da população;

2) Em vista **disso:** preposição **de** + pronome anafórico **isso** = retoma a ideia do período anterior;

3) buscaram-se os direitos sociais com ações estatais que compensassem tais desigualdades: retoma, mais uma vez a *inexorável exclusão econômica da maioria da população.*

Cada um dos itens abaixo apresenta uma proposta de reescrita de trecho do texto (**Brasil. Ministério do Trabalho e Emprego. Secretaria de Inspeção do Trabalho. A inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho.**) — indicado entre aspas —, que deve ser julgada certa se estiver gramaticalmente correta e mantiver o sentido original do texto, ou errada, em caso contrário.

---

141. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) Em: "No entanto, foi somente depois da Segunda Guerra Mundial que a afirmação da cidadania se completou": Mas, apenas depois da Segunda Guerra Mundial é que a cidadania solidificou-se.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – A vírgula após a conjunção adversativa está incorreta. Estaria correta se houvesse intercalação posposta, mas não há; a expressão *é que* é de realce e pode ser retirada. Assim, teríamos (uma opção de correção): Mas, apenas depois da Segunda Guerra Mundial, a cidadania solidificou-se. O sentido, também, foi alterado.

---

142. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) Em: "O direito de ir e vir, de trabalhar e de estudar é a mola mestra da inclusão de qualquer cidadão": O direito de ir e vir, o de trabalhar e o de estudar são a mola mestra da inclusão de qualquer cidadão.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão e concordância.

- Inserindo o artigo definido masculino singular, evidencia-se o sujeito composto e por isso o verbo deve ir para o plural: **O direito** de ir e vir, **o (direito)** de trabalhar e **o (direito)** de estudar são a mola mestra da inclusão de qualquer cidadão.

---

143. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) Em: "Desses trabalhadores, espera-se profissionalismo, dedicação, assiduidade, enfim, atributos ínsitos a qualquer empregado": Esperam-se desses trabalhadores profissionalismo, dedicação, assiduidade, enfim, atributos imanentes a qualquer empregado.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo

✪ **Nota da autora:** Questão de coesão e concordância.

- No primeiro trecho, o verbo está anteposto ao sujeito composto e pode concordar apenas com o primeiro núcleo; na reescritura, o verbo concorda com todos os núcleos: profissionalismo, dedicação, assiduidade... O verbo esperar (T.D.) + se (pronome apassivador) indica que a oração está na voz passiva sintética. Transportando para a passiva analítica: profissionalismo, dedicação, assiduidade... são esperados desses trabalhadores.

---

144. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) Em: "A mera declaração formal das liberdades nos documentos e nas legislações esboroava diante da inexorável exclusão econômica da maioria da população": A simples declaração formal das liberdades nos documentos e nas legislações ruíam frente à fatal exclusão econômica da maior parte da população.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado

✪ **Nota da autora:** Questão de coerência (sentido) e concordância.

1) Concordância: A simples declaração **ruía** (eis o erro); 2. Esboroar: Reduzir(-se) a pó ou a pedaços, a escombros; DESMORONAR; 3. Ruir: Deixar de existir; DESAPARECER.

Trecho para o próximo item.

(...) Esse enfoque explica o aumento maior de oportunidades de emprego para as mulheres, em razão, sobretudo, das características da atual divisão do trabalho por sexo: o emprego em atividades de tempo parcial atrairia prioritariamente as mulheres, pois permitiria compatibilizar trabalho doméstico e trabalho remunerado; como mão de obra secundária, as mulheres aceitariam salários inferiores, o que atenderia mais imediatamente à demanda dos setores público e privado, até porque, em face do aumento do desemprego, seriam provavelmente as primeiras a serem dispensadas.

Em outras palavras, existe uma oposição entre elevação da taxa de emprego feminina — ou "feminização" do emprego — e a "precarização" das relações de trabalho, e isso explica vantagens comparativas da mão de obra feminina sobre a masculina.

Tânia M. Fontenele-Mourão. Mulheres no topo de carreira: flexibilidade e persistência. Brasil: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2006.

Internet: <www.dominiopublico.gov.br> (com adaptações).

145. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) A substituição do trecho "o que atenderia" por *que atendem* manteria a correção gramatical e a coerência do texto.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Não são as mulheres que **atendem** à demanda. Como há pronome demonstrativo (o = isso) seguido de relativo (que), o anafórico retoma toda a ideia do período anterior, além de alterar o tempo verbal condicional (futuro do pretérito do indicativo) para ação certa (presente do indicativo).

Trecho para o próximo item.

Existe no mercado uma tendência de crescimento da taxa de atividade feminina e de melhoria para as mulheres na disputa por postos de trabalho. De fato, desde meados dos anos oitenta do século XX, a taxa anual de emprego das mulheres mostra-se mais elevada que a masculina, o que representa um forte aumento de pessoas do sexo feminino entre a população ocupada.

Muitas razões podem explicar esse comportamento mais favorável às mulheres do que aos homens, no que se refere à expansão do nível de ocupação. Uma delas decorre da amplitude do processo de reestruturação produtiva iniciada na década de noventa do século passado, que afeta principalmente o emprego industrial, cuja redução massiva tem rebatimentos negativos e incide mais sobre os homens do que sobre as mulheres, pouco representadas no setor. (...)

Tânia M. Fontenele-Mourão. Mulheres no topo de carreira: flexibilidade e persistência. Brasil: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2006.

Internet: <www.dominiopublico.gov.br> (com adaptações).

146. (CESPE – Auditor-Fiscal do Trabalho – MTE/2013) Não haveria prejuízo para a correção gramatical ou para o sentido original do texto caso o primeiro período do segundo parágrafo fosse assim reescrito: Muitos são os motivos que podem explicar esse comportamento mais favorável a mulher do que os homens, quanto à expansão do nível de ocupação.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Regência errada: favorável **à** mulher do que **aos** homens.

4. CETRO

147. (Cetro – Auditor Fiscal Tributário Municipal – Campinas/SP) Em relação ao trecho: "[...] é **possível** argumentar que o crescimento do PIB provoca o crescimento do comércio e não vice-versa", retirado do terceiro parágrafo, assinale a alternativa cujo vocábulo destacado pertence à mesma classe gramatical de "**possível**".

(A) "Os defensores do livre comércio também não precisam ter **receio** de que a abertura não tenha resultado em crescimento adicional em alguns países em desenvolvimento [...]"

(B) "[...] se sua infraestrutura for insuficiente ou se suas políticas **domésticas** impedirem investi-

dores de aproveitar as oportunidades de mercado [...]"

(C) "Se um comércio mais livre reduz a **pobreza**, é pretensioso da parte dos críticos reivindicar que possuem mais integridade."

(D) "Como demonstrou o historiador Frank Trentmann, a **defesa** do livre comércio na Grã-Bretanha [...]"

(E) " Mais convincente é a drástica **recuperação** nas taxas de expansão dos PIBs da Índia e China [...]"

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

✪ **Nota da autora:** Questão de morfologia.

- *Possível* e *domésticas* possuem função morfológica de adjetivo (qualifica).

Alternativa "a" – Substantivo (nomeia).

Alternativa "c" – Substantivo (nomeia).

Alternativa "d" – Substantivo (nomeia).

Alternativa "e" – Substantivo (nomeia), equivale à expressão *recuperação drástica*.

5. PUC

148. (PUC/PR – TCE/MS – Auditor/2013) Todas as frases a seguir são ambíguas, EXCETO UMA. Indique-a.

(A) Leão e guepardo são felinos de grande porte. Seu habitat natural são as savanas da África.

(B) Não há uma só medida que o governo possa tomar. (frase usada na transmissão de um telejornal).

(C) Gastou mais de 12 milhões de dólares herdados do pai, cuja família fez fortuna no ramo da construção de estradas de ferro, com festas, viagens, bebidas e mulheres. (Veja, 10/03/2004)

(D) O romancista doou um exemplar de seu livro para o diretor da escola que foi encadernado em brochura.

(E) As videolocadoras de São Carlos estão escondendo suas fitas de sexo explícito. A decisão atende a uma portaria de dezembro de 91, do Juizado de Menores, que proíbe que as casas de vídeo aluguem, exponham e vendam fitas pornográficas a menores de 18 anos. A portaria proíbe ainda os menores de 18 anos de irem a motéis e rodeios sem a companhia ou autorização dos pais. (Folha Sudeste, 06/06/92)

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – O habitat é o mesmo: leão e guepardo vivem nas Savanas.

Alternativa "b" – O governo não pode tomar medida alguma, ou o governo pode tomar várias medidas.

Alternativa "c" – A família de quem? Dele ou do pai? Embora saibamos que se trata da mesma família, a estrutura sintática está incorreta.

Alternativa "d" – O uso do pronome relativo *que* distante do vocábulo a que se refere causa erro. Claro que o livro foi encadernado e não o diretor. Deveria ser assim reescrita a frase: O romancista doou um exemplar de seu livro, que foi encadernado em brochura, para o diretor da escola.

Alternativa "e" – Essa é bem engraçada: 1. de quem são as fitas de sexo explícito? (ambiguidade = suas); 2. Irem a motéis e rodeios sem a companhia ou autorização dos pais: imagine você um menor de 18 anos chegando ao motel com a namorada e os pais.

149. (PUC/PR – TCE/MS – Auditor/2013) Com relação à sentença a seguir, é CORRETO afirmar:

"Diante desse cenário, são essenciais a construção, a compreensão e a comunicação de estratégias corporativas que assegurem resultados capazes de atender às expectativas do Estado, do Congresso Nacional e da sociedade em relação à atuação e ao papel conferido, ao longo da história, ao Tribunal de Contas da União."

Fonte:<http://portal2.tcu.gov.br/portal/page/portal/TCU/planejamento_gestao/planejamento2011/index.html>.

(A) Segundo a Nomenclatura Gramatical Brasileira, trata-se de um período simples, pois é uma sentença que contém uma única oração.

(B) O pronome relativo "que", sublinhado no texto, exerce a função sintática de sujeito do verbo "assegurem" e retoma o sintagma nominal "estratégias corporativas".

(C) O sujeito do verbo "ser" (1ª linha do texto) é composto, constituído por 2 núcleos: "construção" e "compreensão".

(D) O pronome relativo "que", sublinhado no texto, pode ser substituído por "nas quais" sem prejuízo sintático ou semântico da sentença.

(E) Em relação à regência do verbo "atender", sublinhado no texto, pode-se afirmar que ele exige um complemento, o qual se liga ao verbo por meio da preposição "de".

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Façamos a pergunta para encontrar o sujeito: **o que** assegurem resul-

tados capazes de atender às expectativas do Estado? A compreensão e a comunicação de **estratégias corporativas que** assegurem resultados.

1. O **que** é pronome relativo porque pode ser substituído por **as quais;**

2. O relativo retoma **estratégias corporativas;**

3. Como o que está mais próximo do verbo **assegurar**, possui função de sujeito.

Alternativa "a" – O número de oração é exatamente o mesmo que o número de verbos. Sendo assim, há 3 orações:

"Diante desse cenário, são essenciais a construção, a compreensão e a comunicação de estratégias corporativas que assegurem resultados capazes de atender às expectativas do Estado, do Congresso Nacional e da sociedade em relação à atuação e ao papel conferido, ao longo da história, ao Tribunal de Contas da União."

Alternativa "c" – O que são essenciais? A construção, a compreensão e a comunicação de estratégias corporativas = sujeito.

Alternativa "d" – Sabemos que possui função de sujeito e que pode ser substituído por **as quais.**

▶ Dica: não há preposição no sujeito, ou seja, não cabe nas quais (preposição em + relativo as quais).

Alternativa "e" – Atente **a** algo e não de algo: atende **às** expectativas.

---

150. (PUC/PR – TCE/MS – Auditor/2013) Em relação ao emprego vocabular no parágrafo a seguir, selecione a alternativa INCORRETA:

"A atual Constituição estabelece que a fiscalização contábil, financeira, orçamentária, operacional e patrimonial da União e das entidades da administração direta e indireta, quanto à legalidade, legitimidade, economicidade, aplicação das subvenções e renúncia de receitas, deve ser exercida pelo Congresso Nacional, mediante controle externo, e pelo sistema de controle interno de cada Poder."

Fonte:<http://portal2.tcu.gov.br/portal/page/portal/TCU/planejamento_gestao/planejamento2011/index.html>.

(A) As palavras "financeira, orçamentária, operacional, patrimonial" são adjetivos que qualificam, modificam o significado do substantivo "fiscalização", e são formadas pelo processo de derivação sufixal.

(B) Os termos "legalidade, legitimidade, economicidade, aplicação, renúncia" são substantivos do gênero feminino e estão empregados em paralelismo sintático.

(C) Os pares de palavras "direta/indireta" e "externo/interno" são empregados com função adjetival, e as palavras de cada par estabelecem entre si uma oposição de sentidos.

(D) O termo "mediante" é um advérbio, que pode ser substituído no texto pelas expressões "por meio de" ou "por intermédio de".

(E) As palavras "Constituição, União, Congresso Nacional" são empregadas como substantivos próprios no texto. As duas primeiras são substantivos simples, e a terceira, substantivo composto.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – *Mediante* é preposição e possui sentido de *através de; com a intervenção de.* Pode ser, também, adjetivo: Que pode ser utilizado como intermediário.

Alternativa "a" – A fiscalização (substantivo) é financeira, orçamentária, operacional, patrimonial (adjetivos) e todos possuem sufixo, já que financeira vem de finança; orçamentária, de orçamento; operacional, de operação.

Alternativa "b" – São substantivos por nomearem e por admitirem o artigo ao lado: a legalidade, a legitimidade, a economicidade, a aplicação, a renúncia; paralelismo sintático: quanto à → legalidade, quanto à → legitimidade, quanto à → economicidade, quanto à → aplicação, quanto à → renúncia.

Observação: o emprego da crase está errado, pois há apenas uma preposição, perceba que não há artigo nos termos seguintes. Estaria correto se assim fosse redigido: quanto à legalidade, à legitimidade, à economicidade, à aplicação das subvenções e à renúncia de receitas. Outra opção: quanto a legalidade, legitimidade, economicidade, aplicação das subvenções e renúncia de receitas.

Alternativa "c" – Adjetivos porque a administração é direta e a administração é indireta. Opostos por razões óbvias.

Alternativa "e" – Substantivos próprios por denominar um ser único, específico, diferenciando-o do restante do grupo. Geralmente é grafado com letra maiúscula. Por exemplo, São Paulo é o nome próprio de uma cidade, ou seja, especifica um ser dentro de um grupo que se denomina pelo substantivo comum **cidade**. Constituição e União: substantivo simples = formado por um radical apenas; Congresso Nacional: substantivo composto = formado por mais de um radical.

QUESTÕES INÉDITAS

---

01. (Duda Nogueira) Assinale o segmento que dá sequência ao texto, respeitando a coerência entre as ideias e a correção gramatical.

Houve um tempo em que eu respondia que não queria ver a cara das minhas personagens quando me chegavam pedidos de adaptação de romances meus ao cinema. Digamos que eu era então uma espécie de radical da escrita: o que não passava pela palavra posta num papel simplesmente não existia. Fernando Meirelles foi uma das vítimas dessa intransigência. Quando o "Ensaio sobre a Cegueira" foi publicado no Brasil, salvo erro, em 1995, imediatamente me escreveu para manifestar o seu interesse em adaptá-lo. Teria sido o seu primeiro filme, antes de "Cidade de Deus", antes de "O Jardineiro Fiel", se não tivesse esbarrado com o muro da resistência do autor a conhecer os atores que iriam dar consistência e outra realidade às figuras desenhadas pela sua imaginação. Não me lembro do que sucedeu depois.

Escrevi a Fernando expondo-lhe as minhas razões? Não lhe escrevi sequer, deixando que o silêncio respondesse por mim? Melhor do que eu, ele o saberá. Ao autor do livro só lhe resta pedir desculpa e agradecer a sua generosidade de espírito, uma generosidade que lhe permitiu aceitar a minha recusa sem a menor acrimônia. Tanto mais que, agora sim, já conheço a cara das minhas personagens. Será preciso dizer que gostei delas? Será preciso dizer que gostei, e muito, do filme?

Nunca esquecerei a tremenda emoção que experimentei .....

José Saramago

(A) depois de passar por trás de uma janela, em fila, as mulheres que vão pagar com os seus corpos a comida que lhes havia sido sonegada, a elas e aos seus homens.

(B) ao ver passar por trás de uma janela, em fila, as mulheres que vão pagar com os seus corpos a comida que lhe havia sido sonegada, a elas e aos seus homens.

(C) depois de passarem por trás de uma janela, em fila, as mulheres que vão pagar com os seus corpos a comida que lhes havia sido sonegado, a elas e aos seus homens.

(D) ao ver passar por trás de uma janela, em fila, as mulheres que vão pagar com os seus corpos a comida que lhes havia sido sonegada, a elas e aos seus homens.

(E) depois de passarem por trás de uma janela, em fila, as mulheres que vão pagar com os seus corpos a comida que lhes havia sido sonegado, a elas e aos teus homens.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: "d" – Quando experimentei a tremenda sensação? Ao ver passar por trás de uma janela, ou quando vi passar por trás de uma janela. A gramática está correta e a coerência impecável, pois se refere a tempo (quando).

(A) Concordância: depois de **passarem** por trás de uma janela, em fila, as mulheres = o verbo deve concordar com o sujeito.

(B) Coesão: a comida que **lhes** (às mulheres) havia sido sonegada.

(C) Concordância: a comida que lhes havia sido **sonegada** = o adjetivo concorda com o substantivo feminino singular "a comida".

(E) Coesão e concordância: a elas e aos **seus** homens = o pronome possessivo deve estar na terceira pessoa, como mencionado anteriormente em "seus corpos".

Trecho para a questão.

O governo paquistanês lançou um pacote de medidas antiterroristas por causa do ataque a uma escola em 16 de dezembro, no qual morreram 132 menores e vários funcionários do colégio, situado em Peshawar, nas áreas tribais do noroeste do país.

(Duda Nogueira) Caso os termos em destaque fossem substituídos, haveria o sinal indicativo de crase e o sentido seria mantido em:

(A) a prisões em 16 de dezembro, no qual morreram 132 detentos e vários funcionários do presídio, situado em Peshawar, nas áreas tribais do noroeste do país.

(B) aquela prisão em 16 de dezembro, no qual morreram 132 detentos e vários funcionários do presídio, situado em Peshawar, nas áreas tribais do noroeste do país.

(C) a alguma prisão em 16 de dezembro, no qual morreram 132 menores e vários funcionários do colégio, situado em Peshawar, nas áreas tribais do noroeste do país.

(D) a repartições em 16 de dezembro, no qual morreram 132 réus e vários funcionários do fórum, situado em Peshawar, nas áreas tribais do noroeste do país.

(E) a uma igreja em 16 de dezembro, no qual morreram 132 animais e vários funcionários do fórum, situado em Peshawar, nas áreas tribais do noroeste do país.

COMENTÁRIOS

Resposta correta: "b"

✪ **Nota da autora:** questão de crase e coerência textual. São necessárias duas análises em cada alternativa.

1. por causa do ataque **àquela prisão**.

▶ **DICA**

Se pensar na regência, pode acertar, mas pode errar. Se substituir o pronome demonstrativo + o substantivo feminino por um substantivo masculino e resultar **ao**, haverá crase no pronome demonstrativo feminino:

Por causa do ataque **ao** local = **àquela** prisão.

Se se tratasse de um termo masculino, seria obrigatório inserir a crase da mesma forma:

Por causa do ataque **ao** local = **àquele** presídio.

No pronome demonstrativo, pode existir o acento indicativo de crase. A regra é **não pode haver crase antes de palavra masculina.**

2. A coesão também está correta: morreram 132 detentos e vários funcionários do presídio.

Prisão: local onde as pessoas ficam detidas.

Presídio: Estabelecimento público destinado a receber presos; prisão, cárcere, cadeia.

a)

1. **a prisões**: não se usa crase em expressões formadas por singular + plural;

2. **coesão correta**: morreram 132 detentos e vários funcionários do presídio.

c)

1. **a alguma prisão**: não há crase entes de pronome indefinido. Façamos a substituição por um termo masculino e veremos que não resultará em **ao** = ataque **a** algum preso.

2. **coesão incorreta**: morreram 132 menores e vários funcionários do **colégio**. Difícil deduzir que havia menores no presídio, embora você possa imaginar. Para evitar recurso, note que existe ligação de todos os termos e ocorre sinonímia entre *escola* e *colégio*: O governo paquistanês lançou um pacote de medidas antiterroristas por causa do ataque **a uma escola** em 16 de dezembro, no qual morreram **132 menores** e vários funcionários **do colégio**. *Colégio* não é sinônimo de *prisão*.

Colégio: estabelecimento público ou particular de instrução secundária.

Prisão: local onde as pessoas ficam detidas.

d)

1. **a repartições**: não se usa crase em expressões formadas por singular + plural;

2. **coesão correta**: morreram 132 réus e vários funcionários do fórum.

Fórum: lugar onde está situado o poder judiciário e que abriga os tribunais.

Repartição: dependência de serviço público.

e)

1. **a uma igreja**: não há crase entes de artigo indefinido. Façamos a substituição por um termo masculino e veremos que não resultará em **ao** = ataque **a** um fiel.

2. **coesão incorreta**: morreram 132 animais e vários funcionários do **fórum**. 132 animais na igreja? Incoerente o trecho. Poderia haver funcionários do fórum na igreja? Sim, mas pela estrutura do período, podemos descartar a possibilidade, já que não ocorre relação de sinonímia.

Fórum: dependência de serviço público.

Igreja: templo que acolhe os cristãos; local ou edifício onde os cristãos se reúnem para as celebrações ou cultos.

(Fonte: Livro Simuladaço Língua Portuguesa, Editora JusPodivm)

DICAS

1. O QUE É COESÃO TEXTUAL?

Quando falamos de coesão textual, falamos a respeito dos mecanismos linguísticos que permitem uma sequência lógico-semântica entre as partes de um texto, sejam elas palavras, frases, parágrafos, etc. Entre os elementos que garantem a coesão de um texto, temos:

- **As referências e as reiterações**: Este tipo de coesão acontece quando um termo faz referência a outro dentro do texto, quando reitera algo que já foi dito antes ou quando uma palavra é substituída por outra que possui com ela alguma relação semântica. Alguns destes termos só podem ser compreendidos mediante estas relações com outros termos do texto, como é o caso da anáfora e da catáfora.
- **As substituições lexicais** (elementos que fazem a coesão lexical): este tipo de coesão acontece quando um termo é substituído por outro dentro do texto, estabelecendo com ele uma relação de sinonímia, antonímia, hiponímia ou hiperonímia, ou mesmo quando há a repetição da mesma unidade lexical (mesma palavra).
- **Os conectores** (elementos que fazem a coesão interfrásica): estes elementos coesivos estabelecem as relações de dependência e ligação entre os termos, ou seja, são conjunções, preposições e advérbios conectivos.

- **A correlação dos verbos** (coesão temporal e aspectual): consiste na correta utilização dos tempos verbais, ordenando assim os acontecimentos de uma forma lógica e linear, que irá permitir a compreensão da sequência dos mesmos.

São os elementos coesivos de um texto que permitem as articulações e ligações entre suas diferentes partes, bem como a sequenciação das ideias.

2. O QUE É COERÊNCIA TEXTUAL?

Quando falamos em coerência textual, falamos acerca da significação do texto, e não mais dos elementos estruturais que o compõem. Um texto pode estar perfeitamente coeso, porém incoerente. É o caso do exemplo: "As ruas estão molhadas porque não choveu"

Há elementos coesivos no texto acima, como a conjunção, a sequência lógica dos verbos, enfim, do ponto de vista da COESÃO, o texto não tem nenhum problema. Contudo, ao ler o que diz o texto, percebemos facilmente que há uma incoerência, pois se as ruas estão molhadas, é porque alguém molhou, ou a chuva, ou algum outro evento. Não ter chovido não é o motivo de as ruas estarem molhadas. O texto está incoerente.

Podemos entender melhor a coerência compreendendo os seus três princípios básicos:

1) Princípio da Não Contradição: em um texto não se pode ter situações ou ideias que se contradizem entre si, ou seja, que quebram a lógica.

2) Princípio da Não Tautologia: Tautologia é um vício de linguagem que consiste n a repetição de alguma ideia, utilizando palavras diferentes. Um texto coerente precisa transmitir alguma informação, mas quando hárepetição excessiva de palavras ou termos, o texto corre o risco de não conseguir transmitir a informação. Caso ele não construa uma informação ou mensagem completa, então ele será incoerente

3) Princípio da Relevância: Fragmentos de textos que falam de assuntos diferentes, e que não se relacionam entre si, acabam tornando o texto incoerente, mesmo que suas partes contenham certa coerência individual. Sendo assim, a representação de ideias ou fatos não relacionados entre si, fere o princípio da relevância, e trazem incoerência ao texto.

Outros dois conceitos importantes para a construção da coerência textual são a **continuidade temática** e a **progressão semântica**.

Há quebra de continuidade temática quando não se faz a correlação entre uma e outras partes do texto (quebrando também a coesão). A sensação é que se mudou o assunto (tema) sem avisar ao leitor.

Já a quebra da progressão semântica acontece quando não há a introdução de novas informações para dar sequência a um todo significativo (que é o texto). A sensação do leitor é que o texto é demasiadamente prolixo, e que não chega ao ponto que interessa, ao objetivo final da mensagem.

Em resumo, podemos dizer que a **coesão** trata da conexão harmoniosa entre as partes do texto, do parágrafo, da frase. Ela permite a ligação entre as palavras e frases, fazendo com que um dê sequência lógica ao outro. A **coerência**, por sua vez, é a relação lógica entre as ideias, fazendo com que umas complementem as outras, não se contradigam e formem um todo significativo que é o texto.

Vale salientar também que há muito para se estudar sobre coerência e coesão textuais, e que cada um dos conceitos apresentados acima podem e devem ser melhor investigados para serem melhor compreendidos. (Fonte: http://www.infoescola.com/redacao/coesao-e-coerencia-textual)

Parte VI

Figuras de linguagem

Como não é pedido em todos os concursos, direcione seus estudos: confira o edital. Lembre-se: seu tempo é precioso.

QUESTÕES FÁCEIS

1. VUNESP

01. (Vunesp – Agente de Segurança Penitenciária – SP/2009) Assinale a alternativa correta quanto ao emprego de parônimos.

Alternativa "a" –O juiz agiu com descrição, para não tornar evidente a sua dúvida.

(A) O réu se disse inocente, e foi fragrante a dúvida do juiz.

(B) O réu foi descriminado da acusação pelo habilidoso juiz.

(C) O réu teve sua pena de oito anos proferida pelo iminente juiz.

(D) O réu ficou feliz: o juiz diferiu sentença favorável a sua absolvição.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Parônimos são palavras parecidas:

- descriminado: absolvido.
- discriminado: separado por critério.

▶ **Dica** – Caso seja necessário, consulte o dicionário – mencionado em questões de Ortografia.

Alternativa "a" – discrição: de discreto.

Alternativa "b" – flagrante.

Alternativa "d" – eminente.

Alternativa "e" – deferiu.

2. UEL

02. (UEL – Agente Penitenciário – PR/2013) A expressão "agarrou esse touro à unha" revela uma figura de linguagem muito comum nos textos. Assinale a alternativa que apresenta, corretamente, esse recurso de linguagem.

(A) Metáfora: consiste em designar alguma coisa, mediante uma palavra ou expressão cujo significado tem uma relação de semelhança ou analogia.

(B) Personificação: figura que consiste em atribuir qualidades humanas a animais e coisas.

(C) Ironia: figura de linguagem em que se diz o contrário do que se quer dar a entender.

(D) Hipérbole: consiste em enfatizar ou exagerar no significado de palavras, expressões ou frases.

(E) Eufemismo: figura de linguagem que substitui um termo grosseiro por outro mais suave.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Imagine a cena no sentido denotativo (real). Imaginou? Assim, percebe que há uma metáfora, ou seja, sentido figurado que se refere a *juntou-se a*.

Alternativa "b" – Não ocorre personificação.

Alternativa "c" – Sem ironia.

Alternativa "d" – Não houve exagero.

Alternativa "e" – Não substituiu termo para suavizar expressão.

3. FUNRIO

03. (Funrio – Agente Penitenciário Federal/2009) *"Para esse trabalho, você precisará utilizar uma caneta, uma prancheta e um bloco de papel em que fará as anotações diárias. Todo esse material será fornecido pela empresa contratante".* A informação acima usa o hiperônimo "material" para

(A) englobar os hipônimos "caneta", "prancheta" e "bloco de papel".

(B) substituir os sinônimos "caneta", "prancheta" e "bloco de papel".

(C) evitar a ambiguidade de "caneta", "prancheta" e "bloco de papel".

(D) desfazer a polissemia de "caneta", "prancheta" e "bloco de papel".

(E) ampliar a conotatividade de "caneta", "prancheta" e "bloco de papel".

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Hiperônimo: Termo que, numa relação semântica de inclusão, se apresenta como a unidade MAIS GERAL relativamente a um ou mais termos (hipônimos) MAIS ESPECÍFICOS que estão contidos na mesma classe que esse primeiro (**hiperônimo**). *Exemplo: legume é hiperônimo de cenoura.*

Alternativa "b" – Não substitui sinônimos.

Alternativa "c" – Não há ambiguidade.

Alternativa "d" – Não há polissemia.

Alternativa "e" – Não amplia sentido.

---

04. (Funrio – Agente Penitenciário Federal/ 2009)

Olhar colírico

Lírios plásticos do campo e do contracampo

Telástico cinemascope

Teu sorriso tudo isso

Tudo ido e lido e lindo e vindo do vivido

Na minha adolescidade

Idade de pedra e paz

Caetano Veloso e Rogério Duprat compuseram em 1969 "Acrilírico", uma experiência de instrumentos, sons urbanos e palavras sonoras, algumas delas inventadas pelos compositores, que utilizaram os recursos morfológicos da língua para produzir

(A) derivações prefixais.

(B) neologismos lexicais.

(C) substantivos paradoxais.

(D) alterações flexionais.

(E) arcaísmos desconexos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Neologismo: palavra nova. Perceba que não há na gramática.

Alternativa "a" – Não foi acrescentado elemento mórfico antes do radical.

Alternativa "c" – Não são paradoxais.

Alternativa "d" – Não há alteração nas flexões.

Alternativa "e" – São palavras novas e não arcaicas.

4. FGR

Trecho para a próxima questão.

"... chegou a dizer que dois carcereiros tentaram apartar o ataque, mas foram recebidos com um milhão de balas." (Incêndio em prisão superlotada deixa 25 mortos em Minas, 23 de agosto de 2007. Eduardo Kattah, Estado de São Paulo).

---

05. (FGR – Agente de Segurança Penitenciária – MG/2007) É CORRETO afirmar que a expressão destacada na frase acima é uma figura de pensamento:

(A) Ironia

(B) Prosopopeia

(C) Hipérbole

(D) Gradação

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Hipérbole ou auxese é a figura de linguagem que ocorre quando há exagero intencional numa ideia expressa, de modo a acentuar de forma dramática aquilo que se quer dizer, transmitindo uma imagem ampliada do real.

Alternativa "a" – Modo de exprimir-se que consiste em dizer o contrário daquilo que se está pensando ou sentindo.

Alternativa "b" – É a atribuição de características humanas a animal, plantas, coisas ou objetos inanimados.

Alternativa "d" – é uma figura de estilo, relacionada com a enumeração, onde são expostas determinadas ideias de forma crescente (em direção a um clímax) ou decrescente (anticlímax).

---

06. (FGR – Agente de Segurança Penitenciária – MG/2007)

I. Ele se absteu de toda a crítica negativa.

II. Haverão de chegar dias melhores para nós.

III. Os Estados Unidos não resolveu o problema iraquiano.

IV. O policial deteve o ladrão em sua casa.

Classifique as frases segundo o vício de linguagem de cada uma delas:

(A) (barbarismo), (solecismo de concordância), (solecismo de concordância), (ambiguidade).

(B) (pleonasmo vicioso), (barbarismo), (solecismo de concordância), (ambiguidade).

(C) (barbarismo), (barbarismo), (solecismo de concordância), (ambiguidade).

(D) (barbarismo), (solecismo de concordância), (pleonasmo vicioso), (ambiguidade).

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta

I. ABSTEVE = Barbarismo: É o vício de linguagem que consiste em usar uma palavra errada quanto à grafia, pronúncia, significação, flexão ou formação. Assim sendo, divide-se em: gráfico, ortoépico, prosódico, semântico, morfológico e mórfico. Eliminada alternativa *b*.

II. Solecismo: Diz-se do erro contra as regras da gramática; erro de concordância ou de regência; erro de linguagem; falar errado.

III. RESOLVERAM: solecismo.

IV. Ambiguidade: de quem era a casa? Do policial ou do ladrão.

QUESTÕES MÉDIAS

1. NÍVEL MÉDIO

1.1. VUNESP

01. (Vunesp – Investigador de Polícia – SP/2013) Emprega-se a linguagem figurada na seguinte passagem do texto:

(A) ... o Código Civil, que garante ao cidadão o direito à privacidade e o protege de agressões à sua honra e intimidade.

(B) ... mas os copos e garrafas afastados para os lados, abrindo espaço para a luta, não param em cima da mesa.

(C) A Constituição provê que os historiadores e biógrafos se voltem para a história do país e reconstituam seu passado ou presente...

(D) ... a Constituição, que garante a liberdade de expressão, de imprensa e de acesso à informação.

(E) É a que se propõe a Associação Nacional dos Editores de Livros: arguir no Supremo Tribunal Federal a inconstitucionalidade do artigo 20 do Código Civil.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Copos e garrafas abrindo espaço: conotação (personificação).

▶ **Dica** – A linguagem figurada inicia-se na mesa.

Alternativa "a" – O Código garante algo a alguém = denotação.

Alternativa "c" – A Constituição provê algo = denotação.

Alternativa "d" – Denotação.

Alternativa "e" – Denotação.

1.2. UEG

02. (UEG – Escrivão de Polícia – GO/2013) É exemplo de uso denotativo da linguagem:

(A) "O frade carmelita Joaquim do Amor Divino Caneca [...] pronunciou discurso de homenagem à Independência e ao imperador".

(B) "Acorda, Pernambuco, do sono profundo e letárgico em que jazes!".

(C) "[...] olha o medonho nevoeiro que se levanta do Sul e que vai se desfechar em desastrosa tempestade".

(D) "Pernambuco já havia curado as feridas provocadas pela repressão da tentativa revolucionária de 1817".

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta

✪ **Nota da autora:** Questão de semântica.

– Denotação = sentido do dicionário, sentido real.

Alternativa "b" – Sentido conotativo (personificação, como nas alternativas abaixo): Acorda, Pernambuco.

Alternativa "c" – Sentido conotativo: o nevoeiro se levanta.

Alternativa "d" – Sentido conotativo: Pernambuco cura as feridas.

1.3. ACP

03. (ACP – Escrivão de Polícia – RS/2010) O solecismo é um erro de sintaxe que torna a frase incompreensível, imprecisa, ou é a inadequação de se levar para uma outra variedade de língua a norma de determinada variedade; em geral, da norma coloquial ou popular para a norma exemplar. Assinale a única alternativa que NÃO contém um solecismo.

(A) Eu lhe abracei.

(B) Tu fostes a minha festa.

(C) Aqui fazem-se vendas à prazo.

(D) Queremos fazermos tudo certo.

(E) Vossa Excelência está preocupado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Não ocorre solecismo (erro gramatical de sintaxe): Vossa Excelência – pro-

nome de tratamento dirigido a altas autoridades: embora esteja na segunda pessoa do plural (vossa) a frase é empregada no singular e masculino.

Alternativa "a" – O verbo abraçar é transitivo direto: deveria ser usado no pronome oblíquo o (a): eu o (a) abracei.

Alternativa "b" – A forma verbal fostes (v. ir) no pretérito perfeito do modo indicativo está trocada: vós fostes= segunda pessoa do plural. O correto: tu foste = segunda pessoa do singular.

Alternativa "c" – Aqui se fazem vendas a prazo: dois erros.

Alternativa "d" – Flexiona-se o verbo auxiliar (queremos) o verbo principal deve ficar no infinitivo impessoal: queremos fazer tudo certo.

---

04. (ACP – Escrivão de Polícia – RS/2010) Em que alternativa os autores fazem uso de linguagem conotativa?

(A) Livrarias, bibliotecas e dicionários estão acessíveis pela internet, e a oferta de instrumentos auxiliares vem crescendo em volume e qualidade.

(B) o brasileiro nem sempre sabe onde buscar régua e compasso para disciplinar a língua, que fala.

(C) As gramáticas devem cumprir o papel do esclarecimento do que é correto ou não na escrita.

(D) O que é preciso é achar o equilíbrio, mesmo nas diferenças de registro.

(E) Ler mostra as infinitas possibilidades de expressão da língua, enriquece o vocabulário (e o bom vocabulário é o melhor amigo da precisão), ensina o leitor a organizar seu pensamento e ainda oferece a ele algo de valor inestimável: conteúdo.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – A linguagem usada é a conotativa: buscar régua e compasso para disciplinar a língua – buscar instrumentos linguísticos, ou seja, encontrar meios como aprender corretamente a língua que se fala. A linguagem conotativa consiste no uso de outras palavras para representar uma ideia. Exemplo: aquele menino é fogo (peralta, travesso).

Alternativa "a" – Uso da linguagem denotativa (sentido próprio – os signos no seu significados de dicionário).

Alternativa "c" – Linguagem denotativa.

Alternativa "d" – Linguagem denotativa.

Alternativa "e" – Linguagem denotativa.

Trecho para a próxima questão.

O poder do palavrão – Como insultar e praguejar em português, com a ajuda de um dicionário

Qualquer dia é dia de palavrão. Ele é necessário e insubstituível, como disse o sociólogo Gilberto Freyre. Há quem reclame que as palavras de baixo calão invadiram a vida cotidiana de forma irresistível. Jamais se pronunciou tanto palavrão como nos dias de hoje, e com tanta volúpia, afirmam tanto os safados como os guardiões da língua e dos bons costumes. E, de fato, o palavrão (ou "palavrada", "palavra obscena" ou "palavra-cabeluda") se intrometeu em todos os registros de fala e todo tipo de conversação. Por que o fascínio pelo "submundo", pelos "esgotos" da linguagem? Vou tentar responder ao questionamento, recorrendo primeiramente a um livro. (...) (Texto adaptado de Luís Antônio Giron. Revista Época, 13 de julho de 2010.)

---

05. (ACP – Inspetor de Polícia – RS/2010) Na frase *Por que o fascínio pelo "submundo", pelos "esgotos" da linguagem?*, encontra-se a figura de linguagem conhecida como

(A) metonímia, que é a alteração de sentido de uma palavra ou expressão quando, entre o sentido que o termo tem e o que adquire, existir uma relação de inclusão ou implicação.

(B) metáfora, que é a alteração de sentido de uma palavra ou expressão quando, entre o sentido que o termo tem e o que adquire, existir uma relação de intersecção.

(C) antítese, visto ser o expediente de construção textual que consiste em estabelecer, ao longo do texto, oposições entre temas e figuras.

(D) paradoxo, visto ser o procedimento de construção textual que consiste em agrupar termos contrários ou contraditórios numa mesma unidade de sentido.

(E) sinestesia, visto ser o mecanismo de construção textual que consiste em reunir, numa só unidade, elementos designativos de sensações relativas a diferentes órgãos dos sentidos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Submundo – no sentido denotativo (real)= o conjunto de marginais vistos como grupo organizado; no texto= esgoto é a palavra figurado que, por analogia é comparada a canal por onde se escoam os dejetos da linguagem – daí a comparação do fascínio (deslumbramento): por que o fascínio (atração, irresistível) pelo submundo, pelos esgotos da linguagem? Pelos dejetos da linguagem (marginal) vulgar e devassa? (palavrões).

Obs.: linguagem marginal= à margem da linguagem convencional.

Alternativa "a" – Metonímia – não ocorre a metonímia. É a substituição de um termo por outro numa íntima relação entre eles:

O autor pela obra – gosto de ler Guimarães Rosa;

A parte pelo todo – faltam tetos para esses andarilhos;

O abstrato pelo concreto – a tristeza é sua eterna companheira;

O efeito pela causa – muito suor plantou esse canavial;

O continente pelo conteúdo – ele bebeu muitos copos ontem.

Alternativa "c" – Antítese – não ocorre a antítese. Figura de pensamento – oposição entre duas ideias: significados antagônicos para realçar o contraste:

Ela ficou triste na alegria da partida;

Os jardins têm vida e morte – (Cecília Meirelles).

Alternativa "d" – Não há paradoxo. É a figura com sentido ambíguo – quando um termo ou uma expressão gera dualidade ou efeitos contraditórios ao sentido natural:

Quanto mais estudo os textos menos entendo o seu significado.

Alternativa "e" – Não há sinestesia. Sinestesia é a figura que adquire conotações dos sentidos, das sensações: paladar, olfato, visão (cor), lábios de mel (paladar) – há perfumes frescos como pele de criança (olfato e tato).

1.4. UNEMAT

06. (UNEMAT – Investigador de Polícia – MT/2010) A redundância consiste no uso de palavras que expressam a mesma ideia de forma excessiva. Assinale a alternativa em que ocorre esse fenômeno.

(A) O cientista falou, em vídeo, sobre o aumento de casos de câncer no Brasil e no mundo.

(B) Considero que a queda do muro de Berlim e o atentado contra o world trade center sejam os acontecimentos mais importantes da história recente.

(C) A formação de cartéis e o monopólio exclusivo no comércio de bens de consumo são práticas prejudiciais aos consumidores.

(D) Em várias cidades brasileiras, a população saiu às ruas para protestar contra a corrupção política.

(E) Nem sempre se identifica a doença num primeiro exame clínico.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Há redundância com os termos cartel, monopólio, exclusivo.

Cartel: acordo entre empresas produtoras determinando preços, evitando a livre concorrência.

Monopólio: privilégio de explorar uma indústria ou vender certo produto, sem competidor; controle de mercado.

Exclusivo: restritivo, privativo, exclusividade.

Nas alternativas *a, b, d,* e *e*, não ocorre redundância.

1.5. IPAD

07. (IPAD – Escrivão de Polícia – PE/2007) Considerando o modo como o tema foi desenvolvido no texto, pode-se dizer que a função de linguagem predominante é a

(A) apelativa.

(B) expressiva.

(C) metalinguística.

(D) poética.

(E) referencial.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Referencial: a autora informa o fato em linguagem objetiva. A função referencial ou denotativa da linguagem não admite mais de uma interpretação dos fatos.

Alternativa "a" – Não há função apelativa. A função apelativa tem características imperativas, de ordem, influenciando o comportamento do leitor ou receptor. Exemplo: não falte à aula hoje.

Alternativa "b" – Na função expressiva ou emotiva predomina o subjetivo; o autor exterioriza suas emoções ou opiniões.

Alternativa "c" – A função metalinguística da linguagem ocorre quando a mensagem do texto utiliza a própria mensagem para explicar essa mensagem – o código explicando o próprio código. Exemplo: um filme explicando o próprio filme. Assunto: cinema – um filme sobre a arte do cinema.

Alternativa "d" – A função poética da linguagem é elaborada com emoção de forma a tocar o leitor. Exemplo: poesias, textos literários etc.

2. NÍVEL SUPERIOR

2.1. FGV

08. FGV – Oficial de Cartório – RJ/2009) Assinale a alternativa em que o termo sublinhado está empregado no sentido lógico e não no sentido figurado.

(A) "...para discutir os agravos ao meio ambiente da Amazônia.".

(B) "Cerradas as cortinas do Fórum Social Mundial,...".

(C) "...saltaram do palco armado em Belém...".

(D) "...para o desfile de líderes de movimentos...".

(E) "Num clima em que cada movimento...".

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Meio ambiente: *comumente chamado apenas de* ***ambiente****, envolve todas as coisas vivas e não vivas que ocorrem na Terra, ou alguma região dela, que afetam os ecossistemas e a vida dos humanos. É o conjunto de condições, leis, influências e infraestrutura de ordem física, química e biológica, que permite, abriga e rege a vida em todas as suas formas.* (Wikipedia)

Alternativa "b" – Cerradas as cortinas = finalizar.

Alternativa "c" – palco = conotação, sentido figurado.

Alternativa "d" – Os líderes não desfilam.

Alternativa "e" – Clima = momento.

09. (FGV – Oficial de Cartório – RJ/2009) Sobre o problema do desmatamento, explorado nesse texto, um poeta francês, Jacques Prévert, dizia: "Tantas florestas arrancadas à terra / e trucidadas / acabadas / rotativizadas / Tantas florestas sacrificadas para a pasta de papel de bilhões de jornais chamando anualmente a atenção dos leitores sobre os perigos do desmatamento dos bosques e das florestas". A estrutura significativa do texto se baseia num tipo de linguagem figurada denominado:

(A) sinestesia.

(B) pleonasmo.

(C) paradoxo.

(D) antítese.

(E) metonímia.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Conceito que é ou parece contrário ao comum; contra senso, absurdo, disparate.

Alternativa "a" – Relaciona planos sensoriais diferentes.

Alternativa "b" – Redundância de termos no âmbito das palavras.

Alternativa "d" – Ocorre quando há uma aproximação de palavras ou expressões de sentidos opostos.

Alternativa "e" – emprego de um termo por outro, dada a relação de semelhança ou a possibilidade de associação entre eles. A substituição de um termo pelo o outro.

Autor pela obra – Exemplo: Li Camões e adorei... (Li a obra de Camões).

2.2. MPE

10. ((MPE – PB – Promotor de Justiça – PB/2011) Com base no excerto de texto que segue, julgue os enunciados e assinale a alternativa correta:

[...] O direito é uma disciplina cultural, cuja prática se resolve em palavras. Direito e linguagem se entrelaçam e se confundem. Algumas vezes – infelizmente, mais do que necessário – os profissionais da área jurídica ficam tão empolgados com fogos de artifício da linguagem que se esquecem do justo e, outras vezes, até da lei. Nas acrobacias da escrita jurídica, chega-se a encontrar formas brilhantes nas quais a substância pode ser medida em conta-gotas. O defeito – também com desafortunada frequência – surge mesmo em decisões judiciais que atingem a liberdade e o patrimônio das pessoas [...]. (CENEVIVA.Walter. Linguagem da justiça tropeça nos problemas do Estado. Folha de São Paulo, São Paulo, 2 mai.1993, p. 4-2)

I. O direito não sem razão é uma disciplina cultural, cuja prática se resolve em palavras., com adaptações).

II. O defeito – também com desafortunada frequência mesmo em decisões judiciais que atingem a liberdade e o patrimônio das pessoas, surge., com adaptações).

III. Nas acrobacias da escrita jurídica, é onde se chega a encontrar formas brilhantes nas quais a substância pode ser medida em conta-gotas. (Com adaptações).

IV. Direito e linguagem, no discurso do cotidiano, parecem se confundirem., com adaptações).

(A) Em I, tem-se Pleonasmo; em IV, Antecipação.

(B) Em II, tem-se Anacoluto; em IV, Expressão de realce.

(C) Em III, tem-se Expressão de realce; em IV, Contaminação sintática.

(D) Em I, tem-se Pleonasmo; em II, Contaminação sintática.

(E) *(Abstenção de resposta – Seção VIII, item 11, do Edital do Concurso).*

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta

III. Expressão de realce = (também conhecida como expressão expletiva) Termo sem função gramatical. Sendo assim, ele pode ser retirado da frase, sem causar erro gramatical ou entendimento duvidoso.

"Nas acrobacias da escrita jurídica, é onde se chega a encontrar formas ..."

IV. Contaminação sintática = Fusão irregular de duas construções que, em separado, são regulares.

"Direito e linguagem, no discurso do cotidiano, parecem se confundirem."

Direito e linguagem parecem...

Direito e linguagem confundem...

O verbo parecer, quando seguido de infinitivo, admite duas concordâncias:

- Ocorre variação do verbo parecer e não se flexiona o infinitivo.

Exemplo: Alguns colegas pareciam chorar naquele momento.

- A variação do verbo parecer não ocorre, o infinitivo sofre flexão.

Exemplo: Alguns colegas parecia chorarem naquele momento.

A primeira construção é considerada corrente, enquanto a segunda, literária.

Mas, atenção:

Com orações desenvolvidas, o verbo parecer fica no singular. Exemplo:

As paredes parece que têm ouvidos. (Parece que as paredes têm ouvidos.)

Alternativas "a", "b", "d" e "e":

Pleonasmo = Consiste na repetição de um termo ou ideia, com as mesmas palavras ou não. A finalidade do pleonasmo é realçar a ideia, torná-la mais expressiva. Exemplo:

"O problema das drogas, é necessário resolvê-lo logo."

Nesta oração, os termos "o problema das drogas" e "lo" exercem a mesma função sintática: objeto direto. Assim, temos um pleonasmo do objeto direto, sendo o pronome "lo" classsificado como objeto direto pleonástico. O pleonasmo só tem razão de ser: quando confere mais vigor à frase; caso contrário, torna-se um pleonasmo vicioso. Exemplo:

Ele desceu para baixo.

Antecipação = **(também conhecida como prolepse)** é a colocação de um termo de uma oração na anterior. Exemplo:

Os meninos dizem / que são estudiosos

(Dizem / que os meninos são estudiosos)

Anacoluto = Consiste na mudança da construção sintática no meio da frase, ficando alguns termos desligados do resto do período. Exemplo:

Esses alunos da escola, não se pode duvidar deles.

A expressão "esses alunos da escola" deveria exercer a função de sujeito. No entanto, há uma interrupção da frase e essa expressão fica à parte, não exercendo nenhuma função sintática. O anacoluto também é chamado de "frase quebrada", pois corresponde a uma interrupção na sequência lógica do pensamento, devendo ser usado com finalidade expressiva em casos muito especiais. Em geral, deve-se evitá-lo. Exemplos:

O motorista, as coisas não lhe estão indo muito bem.

"A velha hipocrisia, recordo-me dela com vergonha." (Camilo Castelo Branco)

---

11. (MPE – PB – Promotor de Justiça – PB/2011) Não ocorrem vícios de linguagem em:

(A) A Constituição Federal é a lei fundamental do país, haja vista servir de parâmetro para todas as leis e atos normativos vigentes.

(B) Quando o país se encontra em crise, se pensa logo a nação reformular a Constituição.

(C) Ao por acento na questão de limitação de cultura, ou de tempo, quanto à questão de haver reforma constitucional, parece ser mais uma questão de limitação circunstancial, uma vez que o texto poderá ser alterado, desde que seja por um procedimento rígido.

(D) A sociedade vem discutindo a possibilidade de uma revisão constitucional. Espera-se que seja proveitosa para a melhoria das práticas sociais e que tal discussão não seja mais um imbróglio indigesto na condução da reforma pretendida.

(E) *(Abstenção de resposta – Seção VIII, item 11, do Edital do Concurso).*

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – o texto foi elaborado corretamente, sob o aspecto gramatical, apresentando coe-

rência e coesão. Para isso não foram utilizados recursos de manipulação da linguagem, como figuras e vícios.

Alternativa "b" – aqui ocorre Elipse dos termos "que a Nação deva reformular..."

"...se pensa logo a nação reformular a Constituição."

Alternativa "c" – Repetição de termos é um vício de linguagem que empobrece o texto.

"Ao por acento na questão de limitação de cultura, ou de tempo, quanto à questão de haver reforma constitucional, parece ser mais uma questão de limitação circunstancial, uma vez que o texto poderá ser alterado, desde que seja por um procedimento rígido."

Alternativa "d" – Personificação ou prosopopeia é a figura de linguagem que consiste em emprestar aos seres inanimados ações próprias dos seres animados. Perceba que, no sentido denotativo, confusão não é algo que possa ser digerido.

"...imbróglio indigesto..."

Imbróglio: confusão, trapalhada

Indigesto: que é difícil de digerir ou provoca indigestão (comida indigesta).

QUESTÕES DIFÍCEIS

Este tópico não foi, ainda, exigido em provas da área fiscal.

DICAS

São recursos que tornam as mensagens que emitimos mais expressivas. Subdividem-se em **figuras de som, figuras de palavras, figuras de pensamento** e **figuras de construção.**

1. CLASSIFICAÇÃO DAS FIGURAS DE LINGUAGEM

1) Fernanda acordou às sete horas, Renata às nove horas, Paula às dez e meia.

2) "Quando Deus fecha uma porta, abre uma janela."

3) Seus olhos eram luzes brilhantes.

Nos exemplos acima, temos três tipos distintos de figuras de linguagem:

Exemplo 1: há o uso de uma construção sintética ao deixar subentendido, na segunda e na terceira frase, um termo citado anteriormente – o verbo **acordar.** Repare que a segunda e a última frase do primeiro exemplo devem ser entendidas da seguinte forma: "Renata **acordou** às nove horas, Paula **acordou** às dez e meia. Dessa forma, temos uma **figura de construção** ou **de sintaxe.**

Exemplo 2: a ideia principal do ditado reside num jogo conceitual entre as palavras **fecha** e **abre**, que possuem significados opostos. Temos, assim, uma **figura de pensamento.**

Exemplo 3: a força expressiva da frase está na associação entre os elementos **olhos** e **luzes brilhantes.** Essa associação nos permite uma transferência de significados a ponto de usarmos **"olhos"** por **"luzes brilhantes"**. Temos, então, uma **figura de palavra.**

2. FIGURA DE PALAVRA

A figura de palavra consiste na substituição de uma palavra por outra, isto é, no emprego **figurado, simbólico**, seja por uma relação muito próxima (**contiguidade**), seja por uma associação, uma comparação, uma **similaridade.** Esses dois conceitos básicos – **contiguidade** e **similaridade** – permitem-nos reconhecer dois tipos de figuras de palavras: a **metáfora** e a **metonímia.**

2.1. METÁFORA

A metáfora consiste em utilizar uma palavra ou uma expressão em lugar de outra, sem que haja uma relação real, mas em virtude da circunstância de que o nosso espírito as associa e depreende entre elas certas semelhanças. É importante notar que a metáfora tem um caráter **subjetivo** e **momentâneo;** se a metáfora se cristalizar, deixará de ser metáfora e passará a ser catacrese (é o que ocorre, por exemplo, com "pé de alface", "perna da mesa", "braço da cadeira").

Obs.: toda metáfora é uma espécie de comparação implícita, em que o elemento comparativo não aparece.

Observe a gradação no processo metafórico abaixo:

Seus olhos são como luzes brilhantes.

O exemplo acima mostra uma **comparação** evidente, através do emprego da palavra **como.**

Observe agora:

Seus olhos são luzes brilhantes.

Nesse exemplo não há mais uma comparação (note a ausência da partícula comparativa), e sim um **símile**, ou seja, qualidade do que é semelhante.

As luzes brilhantes olhavam-me.

Há substituição da palavra **olhos** por **luzes brilhantes.** Essa é a verdadeira **metáfora.**

2.2. METONÍMIA

A metonímia consiste em empregar um termo no lugar de outro, havendo entre ambos estreita afinidade ou relação de sentido. Observe os exemplos abaixo:

1) Autor pela obra: Gosto de ler **Machado de Assis.** (= Gosto de ler a **obra literária de Machado de Assis.**)

2) Inventor pelo invento: **Édson** ilumina o mundo. (= As **lâmpadas** iluminam o mundo.)

3) Símbolo pelo objeto simbolizado: Não te afastes da **cruz.** (= Não te afastes da **religião.**)

4) Lugar pelo produto do lugar: Fumei um saboroso **havana.** (= Fumei um saboroso **charuto.**)

5) Efeito pela causa: Sócrates bebeu a **morte.** (= Sócrates tomou **veneno.**)

6) Causa pelo efeito: Moro no campo e como do **meu trabalho.** (= Moro no campo e como o **alimento que produzo.**)

7) Continente pelo conteúdo: Bebeu o **cálice** todo. (= Bebeu todo o **líquido** que estava no cálice.)

8) Instrumento pela pessoa que utiliza: Os **microfones** foram atrás dos jogadores. (= Os **repórteres** foram atrás dos jogadores.)

9) Parte pelo todo: Várias **pernas** passavam apressadamente. (= Várias **pessoas** passavam apressadamente.)

10) Gênero pela espécie: Os **mortais** pensam e sofrem nesse mundo. (= Os **homens** pensam e sofrem nesse mundo.)

11) Singular pelo plural: A **mulher** foi chamada para ir às ruas na luta por seus direitos. (= As **mulheres** foram chamadas, não apenas uma mulher.)

12) Marca pelo produto: Minha filha adora **danone.** (= Minha filha adora o iogurte que é da marca danone.)

13) Espécie pelo indivíduo: O **homem** foi à Lua. (= Alguns **astronautas** foram à Lua.)

14) Símbolo pela coisa simbolizada: A **balança** penderá para teu lado. (= A **justiça** ficará do teu lado.)

2.3. CATACRESE

Trata-se de uma metáfora que, dado seu uso contínuo, cristalizou-se. A catacrese costuma ocorrer quando, por falta de um termo específico para designar um conceito, toma-se outro "emprestado". Assim, passamos a empregar algumas palavras fora de seu sentido original.

Asa da xícara, **batata** da perna, **maçã** do rosto, **pé** da mesa, **braço** da cadeira, **coroa** do abacaxi.

2.4. PERÍFRASE

Trata-se de uma expressão que designa um ser através de alguma de suas características ou atributos, ou de um fato que o celebrizou. Veja o exemplo:

A Cidade Maravilhosa (= Rio de Janeiro) continua atraindo visitantes do mundo todo.

Obs.: quando a perífrase indica uma pessoa, recebe o nome de *antonomásia.*

Exemplos:

O Divino Mestre (= Jesus Cristo) passou a vida praticando o bem.

O Poeta dos Escravos (= Castro Alves) morreu muito jovem.

O Poeta da Vila (= Noel Rosa) compôs lindas canções.

2.5. SINESTESIA

Consiste em mesclar, numa mesma expressão, as sensações percebidas por diferentes órgãos do sentido.

Um **grito áspero** revelava tudo o que sentia. (grito = auditivo; áspero = tátil)

No **silêncio escuro** do seu quarto, aguardava os acontecimentos. (silêncio = auditivo; negro = visual)

3. FIGURAS DE PENSAMENTO

3.1. ANTÍTESE

Consiste na utilização de dois termos que **contrastam** entre si. Ocorre quando há uma aproximação de palavras ou expressões de sentidos opostos. O contraste que se estabelece serve, essencialmente, para dar uma ênfase aos conceitos envolvidos que não se conseguiria com a exposição isolada dos mesmos.

"O mito é o **nada** que é **tudo.**" (Fernando Pessoa)

O corpo é **grande** e a alma é **pequena.**

"Quando um muro **separa**, uma ponte **une.**"

3.2. PARADOXO

Consiste numa proposição aparentemente absurda, resultante da união de **ideias contraditórias.**

Na reunião, o funcionário afirmou que o operário quanto mais trabalha mais tem dificuldades econômicas.

3.3. EUFEMISMO

Consiste em empregar uma **expressão mais suave**, mais nobre ou menos agressiva, para comunicar alguma coisa áspera, desagradável ou chocante.

Depois de muito sofrimento, **entregou a alma ao Senhor.** (= morreu)

O prefeito ficou rico **por meios ilícitos.** (= roubou)

3.4. IRONIA

Consiste em **dizer o contrário** do que se pretende ou em satirizar, questionar certo tipo de pensamento

com a intenção de ridicularizá-lo, ou ainda em ressaltar algum aspecto passível de crítica. A ironia deve ser muito bem construída para que cumpra a sua finalidade; mal construída, pode passar uma ideia exatamente oposta à desejada pelo emissor.

Como você foi bem na última prova, não tirou nem a nota mínima!

Parece um anjinho aquele menino, briga com todos que estão por perto.

3.5. HIPÉRBOLE

É a **expressão intencionalmente exagerada** com o intuito de realçar uma ideia.

Faria isso **milhões de vezes** se fosse preciso.

"**Rios** te correrão dos olhos, se chorares." (Olavo Bilac)

3.6. PROSOPOPEIA OU PERSONIFICAÇÃO

Consiste em atribuir ações ou qualidades de seres animados a seres inanimados, ou características humanas a seres não humanos. **Observe os exemplos:**

As pedras **andam** vagarosamente.

O livro é um mudo que **fala**, um surdo que **ouve**, um cego que **guia**.

3.7. APÓSTROFE

Consiste na **"invocação"** de alguém ou de alguma coisa personificada, de acordo com o objetivo do discurso que pode ser poético, sagrado ou profano. Caracteriza-se pelo chamamento do receptor da mensagem, seja ele imaginário ou não. A introdução da apóstrofe interrompe a linha de pensamento do discurso, destacando-se assim a entidade a que se dirige e a ideia que se pretende pôr em evidência com tal invocação. Realiza-se por meio do vocativo.

Moça, que fazes aí parada?

"Pai Nosso, que estais no céu..."

"Liberdade, Liberdade,

3.8. GRADAÇÃO

Consiste em **dispor as ideias** por meio de palavras, sinônimas ou não, **em ordem crescente ou decrescente**. Quando a progressão é ascendente, temos o **clímax**; quando é descendente, o **anticlímax**.

Havia o céu, havia a terra, muita gente e mais Joana com seus olhos claros e brincalhões...

O objetivo do narrador é mostrar a expressividade dos olhos de Joana. Para chegar a esse detalhe, ele se refere ao céu, à terra, às pessoas e, finalmente, a Joana e seus olhos. Nota-se que o pensamento foi expresso em ordem decrescente de intensidade.

"Vive só para mim, só para a minha vida, só para meu amor". (Olavo Bilac)

"O trigo... nasceu, cresceu, espigou, amadureceu, colheu-se." (Padre Antônio Vieira)

4. FIGURAS DE CONSTRUÇÃO OU SINTÁTICAS

As figuras de construção ocorrem quando desejamos atribuir **maior expressividade** ao significado. Assim, a lógica da frase é substituída pela maior expressividade que se dá ao sentido.

4.1. ELIPSE

Consiste na **omissão** de um ou mais termos numa oração que podem ser facilmente identificados, tanto por elementos gramaticais presentes na própria oração, quanto pelo contexto

1) A cada um o que é seu. (Deve se dar a cada um o que é seu.)

2) 'Tenho duas filhas, um filho e amo todos da mesma maneira.

Nesse exemplo, as desinências verbais de tenho e amo permitem-nos a identificação do sujeito em elipse "eu".

3) Regina estava atrasada. Preferiu ir direto para o trabalho. (Ela, Regina, preferiu ir direto para o trabalho, pois estava atrasada.)

4) As rosas florescem em maio, as margaridas em agosto. (As margaridas florescem em agosto.)

4.3. ZEUGMA

Zeugma é uma forma de **elipse**. Ocorre quando é feita a omissão de um termo já mencionado anteriormente.

Ele **gosta** de geografia; eu, de português.

Na casa dela só **havia** móveis antigos; na minha, só móveis modernos.

4.4. SILEPSE

A silepse é a **concordância** que se faz com o termo que não está expresso no texto, mas sim com a ideia que ele representa. É uma concordância anormal, psicológica, espiritual, latente, porque se faz com um termo oculto, facilmente subentendido. Há três tipos de silepse: de **gênero, número** e **pessoa**.

4.4.1. SILEPSE DE GÊNERO

Os gêneros são **masculino** e **feminino**. Ocorre a silepse de gênero quando a concordância se faz com a **ideia** que o termo comporta.

1) A bonita Porto Velho sofreu mais uma vez com o calor intenso.

Nesse caso, o adjetivo **bonita** não está concordando com o termo **Porto Velho**, que gramaticalmente pertence ao gênero masculino, mas com a ideia contida no termo (a **cidade** de Porto Velho).

2) Vossa excelência está preocupado.

Nesse exemplo, o adjetivo **preocupado** concorda com o sexo da pessoa, que nesse caso é masculino, e não com o termo Vossa excelência.

4.4.2. SILEPSE DE NÚMERO

Os números são **singular** e **plural**. A silepse de número ocorre quando o verbo da oração não concorda gramaticalmente com o sujeito da oração, mas com a ideia que nele está contida. **Exemplos:**

A **procissão** saiu. **Andaram** por todas as ruas da cidade de Salvador.

Como vai a **turma**? **Estão** bem?

O **povo** corria por todos os lados e **gritavam** muito alto.

Note que nos exemplos acima, os verbos **andaram**, **estão** e **gritavam** não concordam gramaticalmente com os sujeitos das orações (que se encontram no singular, **procissão**, **turma** e **povo**, respectivamente), mas com a **ideia** de pluralidade que neles está contida. Procissão, turma e povo dão a ideia de muita gente, por isso que os verbos estão no plural.

4.4.3. SILEPSE DE PESSOA

Três são as pessoas gramaticais: a primeira, a segunda e a terceira. A silepse de pessoa ocorre quando há um desvio de concordância. O verbo, mais uma vez, não **concorda** com o sujeito da oração, mas sim com a **pessoa que está inscrita no sujeito**.

O que não compreendo é como os **brasileiros persistamos** em aceitar essa situação.

Os **agricultores temos** orgulho de nosso trabalho.

"Dizem que os **cariocas somos** poucos dados aos jardins públicos." (Machado de Assis)

Observe que os verbos **persistamos**, **temos** e **somos** não concordam gramaticalmente com os seus sujeitos (**brasileiros**, **agricultores** e **cariocas** que estão na terceira pessoa), mas com a ideia que neles está contida (**nós**, os brasileiros, os agricultores e os cariocas).

4.4.4. POLISSÍNDETO/ASSÍNDETO

Para estudarmos essas duas figuras de construção, é necessário recordar um conceito estudado em sintaxe sobre período composto. No período composto por coordenação, podemos ter orações **sindéticas** ou **assindéticas**. A oração coordenada ligada por uma conjunção (conectivo) é **sindética**; a oração que não apresenta conectivo é **assindética**.

Recordado esse conceito, podemos definir as duas figuras de construção:

1) **Polissíndeto**

É uma figura caracterizada pela **repetição enfática** dos conectivos.

"Falta-lhe o solo aos pés: recua **e** corre, vacila **e** grita, luta **e** ensanguenta, **e** rola, **e** tomba, **e** se espedaça, **e** morre." (Olavo Bilac)

"Deus criou o sol **e** a lua **e** as estrelas. **E** fez o homem **e** deu-lhe inteligência **e** fê-lo chefe da natureza.

2) **Assíndeto**

É uma figura caracterizada pela ausência, pela **omissão das conjunções coordenativas**, resultando no uso de orações coordenadas assindéticas.

Tens casa, tens roupa, tens amor, tens família.

"Vim, vi, venci." (Júlio César)

4.5. PLEONASMO

Consiste na **repetição** de um termo ou ideia, com as mesmas palavras ou não. A finalidade do pleonasmo é realçar a ideia, torná-la mais **expressiva**. **Veja este exemplo:**

O problema da violência, é necessário resolvê-**lo** logo.

Nesta oração, os termos **"o problema da violência"** e **"lo"** exercem a mesma função sintática: objeto direto. Assim, temos um pleonasmo do objeto direto, sendo o pronome **"lo"** classificado como objeto direto pleonástico.

Aos funcionários, não **lhes** interessam tais medidas.

Aos funcionários, lhes = Objeto Indireto

Nesse caso, há um pleonasmo do objeto indireto, e o pronome **"lhes"** exerce a função de objeto indireto pleonástico.

"**Vi, claramente visto,** o lumo vivo." (Luís de Camões)

"Ó mar **salgado**, quanto do teu **sal** são lágrimas de Portugal." (Fernando Pessoa)

"E **rir** meu **riso**." (Vinícius de Moraes)

4.6. ANÁFORA

É a **repetição** de uma ou mais palavras no início de várias frases, criando assim, um efeito de reforço e de coerência. Pela repetição, a palavra ou expressão em causa é posta em destaque, permitindo ao escritor valorizar determinado elemento textual. Os termos anafóricos podem muitas vezes ser substituídos por **pronomes relativos**. Encontrei um amigo ontem. **Ele** disse-me que te conhecia. O termo **ele** é um termo anafórico, já que se refere a **um amigo** anteriormente referido.

"Se você gritasse

Se você gemesse,

Se você tocasse

a valsa vienense

Se você dormisse,

Se você cansasse,

Se você morresse...

Mas você não morre,

Você é duro José!"

(Carlos Drummond de Andrade)

4.7. ANACOLUTO

Consiste na **mudança da construção sintática** no meio da frase, ficando alguns termos desligados do resto do período.

Esses alunos da escola, não se pode duvidar deles.

A expressão **"esses alunos da escola"** deveria exercer a função de sujeito. No entanto, há uma interrupção da frase e essa expressão fica à parte, não exercendo nenhuma função sintática. O anacoluto também é chamado de "frase quebrada", pois corresponde a uma interrupção na sequência lógica do pensamento.

O **Alexandre**, as coisas não lhe estão indo muito bem.

A **velha hipocrisia**, recordo-me dela com vergonha. (Camilo Castelo Branco)

Obs.: o anacoluto deve ser usado com finalidade expressiva em casos muito especiais. Em geral, deve-se evitá-lo.

4.8. HIPÉRBATO/INVERSÃO

É a **inversão** da estrutura frásica, isto é, a inversão da ordem direta dos termos da oração.

Ao ódio venceu o amor. (Na ordem direta seria: O amor venceu ao ódio.)

Dos meus problemas cuido eu! (Na ordem direta seria: Eu cuido dos meus problemas.)

5. Figuras de Som

4.9. ALITERAÇÃO

Consiste na **repetição de consoantes** como recurso para intensificação do ritmo ou como efeito sonoro significativo.

Três pratos de trigo para três tigres tristes.

O rato roeu a roupa do rei de Roma.

"Vozes veladas, veludosas vozes,

Volúpias dos violões, vozes veladas

Vagam nos velhos vórtices velozes

Dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas."

Cruz e Souza (Aliteração em "v")

4.10. ASSONÂNCIA

Consiste na **repetição ordenada de sons vocálicos idênticos.**

"Sou um mulato nato no sentido lato

mulato democrático do litoral."

4.11. ONOMATOPEIA

Ocorre quando se tentam reproduzir na forma de palavras os **sons** da realidade.

Os sinos faziam **blem, blem, blem, blem.**

Miau, miau. (Som emitido pelo gato)

Tic-tac, tic-tac fazia o relógio da sala de jantar.

Cócórócócó, fez o galo às seis da manhã.

5. VÍCIOS DE LINGUAGEM

Ao contrário das figuras de linguagem, que representam realce e beleza às mensagens emitidas, os *vícios de linguagem* são palavras ou construções que vão de encontro às normas gramaticais. Os vícios de linguagem costumam ocorrer por descuido, ou ainda por desconhecimento das regras por parte do emissor.

5.1. PLEONASMO VICIOSO OU REDUNDÂNCIA

Diferentemente do pleonasmo tradicional, tem-se pleonasmo vicioso quando há repetição desnecessária de uma informação na frase.

- Entrei *para dentro* de casa quando começou a anoitecer.
- Hoje fizeram-me uma surpresa *inesperada.*
- Encontraremos *outra* alternativa para esse problema.

Observação: o pleonasmo é considerado vício de linguagem quando usado desnecessariamente, no entanto, quando usado para reforçar a mensagem, constitui uma figura de linguagem.

5.2. BARBARISMO

É o desvio da norma que ocorre nos seguintes níveis:

1) **Pronúncia:**

Alternativa "a" –Silabada – Erro na pronúncia do acento tônico g Solicitei à cliente sua *rúbrica*. (*rubríca*)

Alternativa "b" –Cacoépia – Erro na pronúncia dos fonemas gEstou com *po*blemas a resolver. (*pro*blemas)

Alternativa "c" –Cacografia – Erro na grafia ou na flexão de uma palavra g Eu *ad*vinhei quem ganharia o concurso. (*adi*vinhei)

O segurança *deteu* aquele homem. (*deteve*)

2) **Morfologia** g Se eu *ir* aí, vou me atrasar. (*for*); Sou a aluna *mais maior* da turma. (*maior*)

3) **Semântica** g José *comprimentou* seu vizinho ao sair de casa. (cumprimentou)

4) **Estrangeirismos** – Considera-se barbarismo o emprego desnecessário de palavras estrangeiras, ou seja, quando já existe palavra ou expressão correspondente na língua g O *show* é hoje! (espetáculo); Vamos tomar um *drink*? (drinque)

5.3. SOLECISMO

É o desvio de sintaxe, podendo ocorrer nos seguintes níveis:

1) **Concordância** g *Haviam* muitos alunos naquela sala. (Havia)

2) **Regência** g Eu assisti *o* filme em casa. (ao)

3) **Colocação** g Dancei tanto na festa que não aguentei-*me* em pé. (não *me* aguentei em pé)

5.4. AMBIGUIDADE OU ANFIBOLOGIA

Ocorre quando, por falta de clareza, há duplicidade de sentido da frase g Ana disse à amiga que *seu* namorado havia chegado. (O namorado é de Ana ou da amiga?); O pai falou com o filho caído no chão. (Quem estava caído no chão? Pai ou filho?)

5.5. CACOFONIA

Ocorre quando a junção de duas ou mais palavras na frase provoca som desagradável ou palavra inconveniente g *Uma mão* lava outra. (mamão); *Vi ela* na esquina. (viela); Dei um beijo na bo*ca dela*. (cadela)

5.6. ECO

Ocorre quando há palavras na frase com terminações iguais ou semelhantes, provocando dissonância g A di*vulgação* da promo*ção* *não* causou como*ção* na popula*ção*.

5.7. HIATO

Ocorre quando há uma sequência de vogais, provocando dissonância g *Eu a* amo. *Ou eu ou a* outra ganhará o concurso.

5.8. COLISÃO

Ocorre quando há repetição de consoantes iguais ou semelhantes, provocando dissonância g *Sua saia sujou*.

Parte VII

Interpretação de texto

Neste capítulo, contêm provas de 2015 e 2014 das principais bancas para treino, incluindo TRT 15 (2013), 2, 4 e 3. Totalizando 149 questões.

Interpretar é concluir, deduzir a partir dos dados coletados.

O tempo, na prova, é muito curto, por isso é necessário trabalhar com dicas para não precisar reler o texto. Lembre-se de que interpretar é objetivo, ou seja, a opinião do leitor nada importa. A resposta correta é direcionada ao que o autor escreveu e não àquilo que o leitor achou ou acha sobre o assunto. Se você tem dificuldade, leia, primeiro, as dicas no final do capítulo.

Indicação de livro para estudo aprofundado:

Interpretação de textos para concursos: teoria e (mais de oitocentas) questões comentadas separadas por bancas examinadoras e níveis – fácil, médio e difícil.

QUESTÕES FÁCEIS

1. VUNESP

Texto para as questões.

Ser gentil é um ato de rebeldia. Você sai às ruas e insiste, briga, luta para se manter gentil. O motorista quase te mata de susto buzinando e te xingando porque você usou a faixa de pedestres quando o sinal estava fechado para ele. Você posta um pensamento gentil nas redes sociais apesar de ler dezenas de comentários xenofóbicos, homofóbicos, irônicos e maldosos sobre tudo e todos. Inclusive você. Afinal, você é obviamente um idiota gentil.

Há teorias evolucionistas que defendem que as sociedades com maior número de pessoas altruístas sobreviveram por mais tempo por serem mais capazes de manter a coesão. Pesquisadores da atualidade dizem, baseados em estudos, que gestos de gentileza liberam substâncias que proporcionam prazer e felicidade. Mas gentileza virou fraqueza. É preciso ser macho pacas para ser gentil nos dias de hoje. Só consigo associar a aversão à gentileza à profunda necessidade de ser – ou parecer ser – invencível e bem sucedido. Nossas fragilidades seriam uma vergonha social. Um empecilho à carreira, ao acúmulo de dinheiro.

Não ter tempo para gentilezas é bonito. É justificável diante da eterna ambivalência humana: queremos ser bons, mas temos medo. Não dizer bom dia significa que você é muito importante. Ou muito ocupado. Humilhar os que não concordam com suas ideias é coisa de gente forte. E que está do lado certo. Como se houvesse um lado errado. Porque, se nenhum de nós abrir a boca, ninguém vai reparar que no nosso modelo de felicidade tem alguém chorando ali no canto. Porque ser gentil abala sua autonomia. Enfim, ser gentil está fora de moda. Estou sempre fora de moda. Querendo falar de gentileza, imaginem vocês! Pura rebeldia. Sair por aí exibindo minhas vulnerabilidades e, em ato de pura desobediência civil, esperar alguma cumplicidade. Deve ser a idade.

(Ana Paula Padrão, Gentileza virou fraqueza. Disponível em: < http://www.istoe.com.br>. Acesso em: 27 jan. 2015. Adaptado)

01. (VUNESP 2015 – Escrevente Técnico Judiciário – TJ/SP) É correto inferir que, do ponto de vista da autora, a gentileza

(A) é prerrogativa dos que querem ter sua importância reconhecida socialmente

(B) é uma via de mão dupla, por isso não deve ser praticada se não houver reciprocidade.

(C) representa um hábito primitivo, que pouco afeta as relações interpessoais.

(D) restringe-se ao gênero masculino, pois este representa os mais fortes.

(E) é uma qualidade desvalorizada em nossa sociedade nos dias atuais.

COMENTÁRIOS

Resposta: "e"

Trechos no texto: **Mas gentileza virou fraqueza**. É preciso ser macho pacas para ser gentil nos dias de hoje. **Só consigo associar a aversão à gentileza à profunda necessidade de ser – ou parecer ser – invencível e bem sucedido**. **Não ter tempo para gentilezas**

é bonito. É justificável diante da eterna ambivalência humana: queremos ser bons, mas temos medo. Não dizer bom dia significa que você é muito importante. Ou muito ocupado. Humilhar os que não concordam com suas ideias é coisa de gente forte. E que está do lado certo. Como se houvesse um lado errado. **Porque, se nenhum de nós abrir a boca, ninguém vai reparar que no nosso modelo de felicidade tem alguém chorando ali no canto**. Porque ser gentil abala sua autonomia. **Enfim, ser gentil está fora de moda**. Estou sempre fora de moda. **Querendo falar de gentileza, imaginem vocês! Pura rebeldia.**

---

02. (VUNESP 2015 – Escrevente Técnico Judiciário – TJ/SP) No final do último parágrafo, a autora caracteriza a gentileza como "ato de pura desobediência civil"; isso permite deduzir que

(A) assumir a prática da gentileza é rebelar-se contra códigos de comportamento vigentes, mesmo que não declarados.

(B) é inviável, em qualquer época, opor-se às práticas e aos protocolos sociais de relacionamento humano.

(C) é possível ao sujeito aderir às ideias dos mais fortes, sem medo de ver atingida sua individualidade, no contexto geral.

(D) há, nas sociedades modernas, a constatação de que a vulnerabilidade de alguns está em ver a felicidade como ato de rebeldia.

(E) obedecer às normas sociais gera prazer, ainda que isso signifique seguir rituais de incivilidade e praticar a intolerância.

COMENTÁRIOS

Resposta: "a"

1. **Pode-se deduzir** = chegar à conclusão utilizando somente o raciocínio; fazer inferências; inferir.

2. Trecho em que se pode deduzir: Enfim, ser gentil está fora de moda. Estou sempre fora de moda. Querendo falar de gentileza, imaginem vocês! Pura rebeldia. Sair por aí exibindo minhas vulnerabilidades e, em ato de pura desobediência civil, esperar alguma cumplicidade. Deve ser a idade.

Para responder à questão, considere a seguinte passagem, no contexto geral da crônica:

Não ter tempo para gentilezas é bonito. [...] Não dizer bom dia significa que você é muito importante. Ou muito ocupado. Humilhar os que não concordam com suas ideias é coisa de gente forte. E que está do lado certo.

---

03. (VUNESP 2015 – Escrevente Técnico Judiciário – TJ/SP) Com essas afirmações, a autora

(A) informa literalmente efeitos positivos que vê na falta de gentileza.

(B) revela que também tolera atitudes não gentis e grosseiras.

(C) aponta, ironicamente, o ponto de vista de pessoas não adeptas da gentileza.

(D) expõe o que realmente pensa de quem é gentil com os semelhantes

(E) adere às ideias dos não corteses, com os quais acaba se identificando.

COMENTÁRIOS

Resposta: "c"

1. Ironia: figura de linguagem através da qual se expressa exatamente o oposto daquilo que se diz; utilização de uma expressão, vocábulo ou frase de significação contrário ao que supostamente deveria ser expresso, usado para caracterizar ou nomear alguma coisa: a ironia valoriza certos discursos.

2. No texto: Não ter tempo para gentilezas é bonito. (...) Não dizer bom dia significa que você é muito importante. Ou muito ocupado. Humilhar os que não concordam com suas ideias é coisa de gente forte. E que está do lado certo.

---

04. (VUNESP 2015 – Escrevente Técnico Judiciário – TJ/SP) As palavras destacadas nas passagens – (I) ... as sociedades com maior número de pessoas **altruístas** sobreviveram por mais tempo... e (II) É justificável diante da eterna **ambivalência** humana: queremos ser bons, mas temos medo... – têm sentido contextual de

(A) (I) dedicadas aos semelhantes e (II) ambiência.

(B) (I) praticantes da filantropia e (II) ambiguidade.

(C) (I) coerentes e (II) dualidade

(D) (I) afáveis e (II) multiplicidade.

(E) (I) dotadas de autonomia e (II) duplicidade.

COMENTÁRIOS

Resposta: "b"

✪ **Nota da autora:** A questão foi muito discutida, mas o gabarito está correto. Veja, a seguir, os sentidos das palavras no contexto.

I. Altruísta – pessoa que demonstra altruísmo; quem pratica o altruísmo; filantropo (que sente amor pela humanidade; diz-se da pessoa humanitária, que pratica a caridade);

II. Ambivalência – caráter daquilo que possui dois aspectos radicalmente diferentes, opostos até. Ambiguidade (em filosofia): dualidade (designa duas entidades isoláveis, por oposição) profunda de um termo, de uma proposição ou de uma situação.

Texto para as questões.

As cotas raciais deram certo porque seus beneficiados são, sim, competentes. Merecem, sim, frequentar uma universidade pública e de qualidade. No vestibular, que é o princípio de tudo, os cotistas estão só um pouco atrás. Segundo dados do Sistema de Seleção Unificada, a nota de corte para os candidatos convencionais a vagas de medicina nas federais foi de 787,56 pontos. Para os cotistas, foi de 761,67 pontos. A diferença entre eles, portanto, ficou próxima de 3%. IstoÉ entrevistou educadores e todos disseram que essa distância é mais do que razoável. Na verdade, é quase nada. Se em uma disciplina tão concorrida quanto medicina um coeficiente de apenas 3% separa os privilegiados, que estudaram em colégios privados, dos negros e pobres, que frequentaram escolas públicas, então é justo supor que a diferença mínima pode, perfeitamente, ser igualada ou superada no decorrer dos cursos. Depende só da disposição do aluno. Na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), uma das mais conceituadas do País, os resultados do último vestibular surpreenderam. "A maior diferença entre as notas de ingresso de cotistas e não cotistas foi observada no curso de economia", diz Ângela Rocha, pró-reitora da UFRJ. "Mesmo assim, essa distância foi de 11%, o que, estatisticamente, não é significativo". (www.istoe.com.br)

05. (VUNESP 2014 – Escrevente Técnico Judiciário – TJ/SP) As informações iniciais do texto permitem inferir que pessoas contrárias ao sistema de cotas nas universidades públicas acreditam que

(A) o desempenho dos alunos beneficiados é similar ao de outros estudantes.

(B) os resultados dos cotistas podem ser superiores aos dos demais estudantes.

(C) os cursos, em geral, são beneficiados com alunos de perfis diferenciados.

(D) os alunos beneficiados têm pouca qualificação para frequentar os cursos.

(E) os cursos menos concorridos podem ser extintos por falta de candidatos.

COMENTÁRIOS

Resposta: "b"

1. Inferência = processo intelectual segundo o qual é possível chegar a uma conclusão a partir de premissas.

2. Trecho = *As cotas raciais deram certo porque seus beneficiados são, sim, competentes. Merecem, sim, frequentar uma universidade pública e de qualidade.* Caro(a) leitor(a), se no enunciado pede a opinião de quem é contrário a cotas, claro que a opinião é, também, contrária: seus beneficiados **não** são competentes e mais: **não** merecem frequentar uma universidade pública de qualidade. Questão perigosa por exigir muita atenção.

06. (VUNESP 2014 – Escrevente Técnico Judiciário – TJ/SP) De acordo com o autor, o desempenho dos estudantes cotistas

(A) reforça a ideia de que os cursos mais concorridos são difíceis de acompanhar.

(B) revela a necessidade de que seja feita uma ampla revisão no sistema de cotas.

(C) sinaliza diferenças expressivas nas universidades públicas brasileiras.

(D) sugere que a avaliação atual é menos democrática e mais difícil que no passado.

E) ratifica a ideia de que as cotas lograram êxito no sistema educacional brasileiro.

COMENTÁRIOS

Resposta: "e"

✪ **Nota da autora:** Criou-se muita polêmica e em nada resultou. Está claro no texto que **as cotas raciais deram certo**. Ratifica: A diferença entre eles, portanto, ficou próxima de 3%. *IstoÉ* entrevistou educadores e todos disseram que essa distância é mais do que razoável. Na verdade, é quase nada. Se em uma disciplina tão concorrida quanto medicina um coeficiente de apenas 3% separa os privilegiados, que estudaram em colégios privados, dos negros e pobres, que frequentaram escolas públicas, então é justo supor que a diferença mínima pode, perfeitamente, ser igualada ou superada no decorrer dos cursos. Depende só da disposição do aluno.

Texto para as questões.

Um pé de milho

Aconteceu que no meu quintal, em um monte de terra trazido pelo jardineiro, nasceu alguma coisa que podia ser um pé de capim – mas descobri que era um pé de milho. Transplantei-o para o exíguo canteiro na frente da casa. Secaram as pequenas folhas, pensei que fosse morrer. Mas ele reagiu. Quando estava do tamanho de um palmo, veio um amigo e declarou desdenhosamente que na verdade aquilo era capim. Quando estava com dois palmos veio outro amigo e afirmou que era cana.

Sou um ignorante, um pobre homem da cidade. Mas eu tinha razão. Ele cresceu, está com dois metros, lança as suas folhas além do muro – e é um esplêndido pé de milho. Já viu o leitor um pé de milho? Eu nunca tinha visto. Tinha visto centenas de milharais – mas é diferente. Um pé de milho sozinho, em um canteiro, espremido, junto do portão, numa esquina de rua – não é um número numa lavoura, é um ser vivo e independente. Suas raízes roxas se agarram ao chão e suas folhas longas e verdes nunca estão imóveis.

Anteontem aconteceu o que era inevitável, mas que nos encantou como se fosse inesperado: meu pé de milho pendoou. Há muitas flores belas no mundo, e a flor do meu pé de milho não será a mais linda. Mas aquele pendão firme, vertical, beijado pelo vento do mar, veio enriquecer nosso canteirinho vulgar com uma força e uma alegria que fazem bem. É alguma coisa de vivo que se afirma com ímpeto e certeza. Meu pé de milho é um belo gesto da terra. E eu não sou mais um medíocre homem que vive atrás de uma chata máquina de escrever: sou um rico lavrador da Rua Júlio de Castilhos.

(Rubem Braga. 200 crônicas escolhidas, 2001. Adaptado)

07. (VUNESP 2014 – Escrevente Técnico Judiciário – TJ/SP) Para o narrador, o surgimento de um pé de milho em seu quintal

(A) criou desavenças entre ele e seus amigos.

(B) representou algo inusitado que o cativou.

(C) interessou mais ao jardineiro que a ele.

(D) era interessante, mas não dava orgulho.

(E) obrigou-o a acabar com o jardim.

COMENTÁRIOS

Resposta: "b"

No final do texto: Meu pé de milho é um belo gesto da terra. E eu não sou mais um medíocre homem que vive atrás de uma chata máquina de escrever: sou um rico lavrador da Rua Júlio de Castilhos.

(A) Houve divergências, não houve desavenças. Cuidado com os significados das palavras.

(C) Não cita interesse do jardineiro.

(D) Dava orgulho!

08. (E) O jardim foi mantido por ele. **(VUNESP 2014 – Escrevente Técnico Judiciário – TJ/SP)** Pela descrição feita no texto, é correto afirmar que o pé de milho

(A) continua a ser um simples número da lavoura, sem crédito na sua localização, tanto que fora confundido com pé de capim e pé de cana.

(B) passou a ter um lugar menos atrativo para crescer e, destituído de uma lavoura, tornou-se um número isolado em um jardim sem beleza.

(C) manteve-se no jardim do narrador, que o desprezava, sendo incapaz de se render ao seu esplendor e à beleza dos seus pendões.

(D) constitui uma parte expropriada de uma lavoura, razão pela qual o narrador, ainda que o estime, sente-se mal por não poder devolvê-lo.

(E) ganhou uma condição diferenciada dos pés de milho de uma lavoura, tanto que transformou significativamente a vida do narrador.

COMENTÁRIOS

Resposta: "e"

A transformação na vida do narrador: não sou mais um medíocre homem que vive atrás de uma chata máquina de escrever: sou um rico lavrador da Rua Júlio de Castilhos.

09. (VUNESP 2014 – Escrevente Técnico Judiciário – TJ/SP) Assinale a alternativa em que a reescrita do texto altera o sentido original.

(A) Secaram as pequenas folhas, pensei que fosse morrer. (1º §) = Secaram as folhas pequenas, pensei que fosse morrer.

(B) Anteontem aconteceu o que era inevitável... (3º §) = Aquilo que era inevitável anteontem aconteceu...

(C) Sou um ignorante, um pobre homem da cidade. (2º §) = Sou um ignorante, um homem pobre da cidade.

(D) ... em um monte de terra trazido pelo jardineiro... (1º §) = ... em um monte de terra que o jardineiro trouxe.

(E) É alguma coisa de vivo que se afirma com ímpeto e certeza. (3º §) = É algo de vivo que, com ímpeto e certeza, afirma-se.

COMENTÁRIOS

Resposta: "c"

✪ **Nota da autora:** questão de interpretação e semântica (significado das palavras).

- Um pobre homem da cidade equivale a **coitado**;

- Um homem pobre da cidade equivale a desprovido ou mal provido do necessário. (Antônimo: provido, afortunado, rico.)

(A) pequenas folhas e folhas pequenas possuem o mesmo sentido.

(B) deslocar o advérbio não alterou o significado.

(D) trazido pelo jardineiro e que o jardineiro trouxe possuem o mesmo sentido.

(E) a troca de posicionamento dos termos não alterou o sentido.

⊙ **Charge**

(*Folha de S.Paulo*, 08.10.2014)

10. (VUNESP 2014 – Escrevente Técnico Judiciário -TJ/SP) Considerando as falas da personagem no primeiro e no terceiro quadrinhos, conclui-se que para ela

(A) a impossibilidade de ser feliz impede a alienação.

(B) a busca pela verdade necessita de proteção.

(C) a verdade é a forma real de se chegar à felicidade.

(D) a verdade é o caminho mais fácil para a felicidade.

(E) a felicidade é o caminho para a verdade.

COMENTÁRIOS

Resposta: "b"

- A dica é o uso do vocábulo **capacete** que significa chapéu de forma arredondada, de metal, couro, cortiça ou outro material resistente. **Sua finalidade básica é proteger** a cabeça. Claro que indica a necessidade de proteção.

QUESTÕES MÉDIAS

1. NÍVEL MÉDIO

1.1. FCC

Atenção: Considere o texto abaixo para responder às questões.

A vida é uma tapeçaria que elaboramos, enquanto somos urdidos dentro dela. Aqui e ali podemos escolher alguns fios, um tom, a espessura certa, ou até colaborar no desenho.

Linhas de bordado podem ser cordas que amarram ou rédeas que se deixam manejar: nem sempre compreendemos a hora certa ou o jeito de as segurarmos. Nem todos somos bons condutores; ou não nos explicaram direito qual o desenho a seguir, nem qual a dose de liberdade que podíamos – com todos os riscos – assumir.

(LUFT, L. **O rio do meio**. São Paulo: Mandarim, 1997, 3. ed., p. 105)

01. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 4/2015) O texto aponta para

(A) a liberdade do ser humano em estabelecer os rumos de sua própria vida, sem deixar de reconhecer a existência de limites e dificuldades nesse direcionamento.

(B) os conflitos que aparecem durante as primeiras fases da vida de uma pessoa, impedindo-a de se transformar num adulto consciente e capaz de resolver seus próprios problemas.

(C) as falhas de uma formação inadequada a que estão sujeitos os seres humanos, impossibilitando-lhes um direcionamento dos rumos de sua vida segundo parâmetros socialmente aceitáveis.

(D) o pleno desenvolvimento de potencialidades atingido por algumas pessoas, ainda que elas estejam subordinadas a estruturas sociais preestabelecidas.

(E) o papel das normas sociais aceitas pelo grupo na determinação da vontade de cada um em relação aos objetivos de sua própria vida, normas que sempre preponderam sobre decisões de cunho pessoal.

COMENTÁRIOS

Resposta: "a"

A autora recheou o texto com metáforas e é preciso decifrá-las:

1. liberdade do ser humano em estabelecer os rumos de sua própria vida = podemos escolher alguns fios, um tom, a espessura certa, ou até colaborar no desenho.

2. reconhecer a existência de limites e dificuldades = nem sempre compreendemos a hora certa ou o jeito de as segurarmos. Nem todos somos bons condutores; ou não nos explicaram direito qual o desenho a seguir, nem qual a dose de liberdade que podíamos – com todos os riscos – assumir.

Erros:

(B) os conflitos que aparecem durante as primeiras fases da vida = não cabe essa ideia no contexto.

(C) as falhas de uma formação inadequada a que estão sujeitos os seres humanos = não menciona.

(D) algumas pessoas = são todas as pessoas (verbo na primeira pessoa do plural: nós).

(E) o papel das normas sociais = = é incorreto, segundo as ideias abordadas no texto, colocar o papel das normas sociais em primeiro plano.

02. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 4/2015) Entende-se corretamente que, no 2º parágrafo, a autora aborda

(A) a determinação no traçado de objetivos que possam nortear, desde o início, as escolhas que se colocam na vida de cada pessoa, impostas pelos valores cultivados no meio social em que se insere.

(B) os problemas decorrentes de uma formação incompleta, ou até mesmo deformada, que resultam em futuros empecilhos na condução de uma vida menos subordinada às imposições do meio social.

(C) a plena independência que deve constituir o legado de cada pessoa, possibilitando-lhe escolhas livres, desvinculadas das normas de comportamento adotadas pelo grupo social a que pertence.

(D) as múltiplas maneiras de construção da melhor forma de viver, ou porque se deseja liberdade plena nas opções feitas, ou porque se torna mais fácil optar pelo pertencimento a um determinado grupo.

(E) as dificuldades surgidas ao longo da vida, que podem resultar em avanços à medida que são superadas ou acabam se transformando em obstáculos verdadeiramente intransponíveis.

COMENTÁRIOS

Resposta: "e"

Quais são as dificuldades? Linhas de bordado podem ser cordas que amarram ou rédeas que se deixam manejar: nem sempre compreendemos a hora certa ou o jeito de as segurarmos. Nem todos somos bons condutores.

Erros

(A) a determinação no traçado de objetivos que possam nortear, desde o início = ideias não mencionadas no texto.

(B) formação incompleta, ou até mesmo deformada = não se refere à formação incompleta, deformada.

(C) a plena independência que deve constituir o legado de cada pessoa = Há limites a serem respeitados, logo não há plena independência.

(D) melhor forma de viver = não fala sobre a melhor forma de viver.

Atenção: Considere o texto abaixo para responder às questões.

De gramática e de linguagem

E havia uma gramática que dizia assim:

"Substantivo (concreto) é tudo quanto indica

Pessoa, animal ou cousa: João, sabiá, caneta."

Eu gosto é das cousas. As cousas, sim!...

As pessoas atrapalham. Estão em toda parte. Multiplicam-se em excesso.

As cousas são quietas. Bastam-se. Não se metem com ninguém.

Uma pedra. Um armário. Um ovo. (Ovo, nem sempre,

Ovo pode estar choco: é inquietante...)

As cousas vivem metidas com as suas cousas.

E não exigem nada.

Apenas que não as tirem do lugar onde estão.

E João pode neste mesmo instante vir bater à nossa porta.

Para quê? não importa: João vem!

E há de estar triste ou alegre, reticente ou falastrão,

Amigo ou adverso ... João só será definitivo

Quando esticar a canela. Morre, João...

Mas o bom, mesmo, são os adjetivos,

Os puros adjetivos isentos de qualquer objeto.

Verde. Macio. Áspero. Rente. Escuro. Luminoso.

Sonoro. Lento. Eu sonho

Com uma linguagem composta unicamente de adjetivos

Como decerto é a linguagem das plantas e dos animais.

Ainda mais:

Eu sonho com um poema

Cujas palavras sumarentas escorram

Como a polpa de um fruto maduro em tua boca,

Um poema que te mate de amor

Antes mesmo que tu lhe saibas o misterioso sentido:

Basta provares o seu gosto...

(QUINTANA, M. **Prosa e verso**. *Porto Alegre: Globo, 1978, p. 94)*

---

03. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 4/2015) Atente para os versos abaixo:

E João pode neste mesmo instante vir bater à nossa porta.

Para quê? não importa: João vem!

E há de estar triste ou alegre, reticente ou falastrão,

Amigo ou adverso ...

Considerando-se o poema e, especialmente, os versos acima, é correto afirmar que o poeta

(A) demonstra expectativa com a chegada de alguém, que lhe bata à porta a qualquer momento, embora não esteja disponível para bem acolher o visitante, pois está preso a divagações despertadas por antigas lições de gramática, e de ânimo bem pouco sociável.

(B) se mostra descrente de que as interações sociais possam transcorrer normalmente, pois estão sujeitas a situações que causam desconforto, como a interferência inesperada de alguém, a interromper divagações em torno de antigas lembranças.

(C) induz o leitor à conclusão de que os seres humanos, sujeitos a inúmeras variações de humor de acordo com as circunstâncias da vida, nem sempre se encontram disponíveis para os relacionamentos sociais, ainda que tenham aprendido as lições de bom comportamento.

(D) aborda as imposições sociais que se encontram usualmente na sociedade, determinando que as pessoas se comportem segundo certas normas de educação estabelecidas por todo o grupo, sendo inaceitável transgredi-las como, por exemplo, invadindo o espaço alheio.

(E) tece considerações, a partir de uma lição de gramática, a respeito de possíveis relacionamentos humanos e da instabilidade que caracteriza estados de espírito a que estão habitualmente submetidas as pessoas, nos mais diferentes momentos da vida.

COMENTÁRIOS

Resposta: "e"

1. A partir de uma lição de gramática = além de o título do texto esclarecer a ideia, no corpo temos: "Substantivo (concreto) é tudo quanto indica / Pessoa, animal ou cousa: João, sabiá, caneta."

2. Distinção entre pessoas e cousas (importante para entender o todo do poema) = As pessoas atrapalham. Estão em toda parte. Multiplicam-se em excesso. / As cousas são quietas. Bastam-se. Não se metem com ninguém.

3. Instabilidade que caracteriza estados de espíritos (...) = Para quê? não importa: **João vem!** / E há de estar **triste ou alegre, reticente ou falastrão, / Amigo ou adverso** ...

Erros

(A) expectativa com a chegada de alguém = quanta extrapolação da ideia contida no texto! E onde há expectativa?

(B) descrente de que as interações sociais possam transcorrer normalmente = apenas cita que as pessoas atrapalham, não se pode associar à descrença.

(C) à conclusão de que os seres humanos, sujeitos a inúmeras variações de humor de acordo com as circunstâncias da vida, nem sempre se encontram disponíveis para os relacionamentos sociais = não induz.

(D) imposições sociais ... sendo inaceitável transgredi-las como, por exemplo, invadindo o espaço alheio = Inaceitável transgredir? Haja imaginação.

---

04. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 4/2015) *As pessoas atrapalham. Estão em toda parte. Multiplicam-se em excesso.*

As cousas são quietas. Bastam-se. Não se metem com ninguém.

Os versos acima devem ser entendidos, considerando-se o teor do poema, como

(A) explicações a respeito de que há um *misterioso sentido* nas palavras.

(B) verdades poéticas que costumam contrariar o sentido comum, registrado em *uma gramática*.

(C) questionamento da constatação de que *o bom, mesmo, são os adjetivos*.

(D) tentativa de aproximação da *linguagem das plantas e dos animais*.

(E) propósito de justificar a preferência expressa pelo poeta em relação às *cousas*.

COMENTÁRIOS

Resposta: "e"

O autor evidencia que as pessoas não são quietas; elas não se bastam; metem-se com todos e, por fim, multiplicam-se em excesso. As características humanas não são positivas e por isso o autor prefere as cousas.

Erros

(A) Não existe *misterioso sentido* nas palavras.

(B) A poesia não precisa ter verdades e muito menos contrariar o sentido comum.

(C) Não questiona, nem constata que os adjetivos sejam bons. Boas são as cousas.

(D) Descartada facilmente: não há aproximação, mas sim oposição entre pessoas e cousas.

---

05. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 4/2015) *(Ovo, nem sempre,*

Ovo pode estar choco: é inquietante...)

O segmento isolado por parênteses introduz, no poema,

(A) hipótese que contradiz o conhecimento tradicional popular.

(B) objeção decorrente de uma pressuposição sobrevinda.

(C) verdade inconteste, diante da repetição de um fato comum.

(D) exagero ao constatar a ocorrência de um fato habitual.

(E) dúvida que se sobrepõe ao que é aceito pelo senso comum.

COMENTÁRIOS

Resposta: "b"

Objeção é oposição. Se o ovo pode estar choco, é inquietante e esse adjetivo faz referência às pessoas e não às cousas (ovo).

(A) Não se trata de hipótese, muito menos de contradição do conhecimento popular.

(C) Verdade inconteste? Que exagero!

(D) Não exagera.

(E) Não é dúvida.

Atenção: Considere o texto abaixo para responder às questões.

Escrever sobre as mulheres do Sul não significa traçar um perfil único que as identifique e as diferencie das outras mulheres do restante do país. No Sul encontramos diferentes perfis femininos nos diversos períodos históricos: mulheres oriundas de etnias e classes sociais várias.

[...]

A idealização das mulheres em seus papéis familiares é muito semelhante àquelas idealizações divulgadas no final do século XVIII e início do século XX nos grandes centros europeus. Nas cidades do Sul, imagens idealizadas foram frequentes a partir da segunda metade do século XIX, durante a formação das elites nos centros urbanos.

O crescimento das áreas urbanas, em meados do século XIX, foi impulsionado com a inclusão da região no comércio agrário-exportador brasileiro como subsidiária, ou seja, como fornecedora de alimentos para o mercado interno. Os altos preços do café no mercado externo e a destinação da mão de obra escrava para a produção cafeeira provocaram o aumento da procura por alimentos e a consequente elevação de preços. Esse fato propiciou o surgimento

de um novo grupo de pessoas mais abastadas nos centros urbanos da região Sul.

Em cada capital do Sul, esses grupos assumiram configurações diferentes. [...]

Num futuro próximo, esses grupos iriam promover os jornais responsáveis pela divulgação de modelos de comportamento, especialmente para as mulheres. Os jornais pareciam veicular um projeto civilizador com pretensão de construir novos homens e mulheres, divulgando imagens idealizadas para ambos os sexos. [...]

Embora os jornais sulistas reproduzissem estereótipos existentes há séculos, faziam-no em um contexto específico, respondendo a uma conjuntura determinada, na qual a demonstração de distinção e a exposição de um certo verniz social implicavam em moldar as mulheres de uma determinada classe. Nas imagens dos jornais das cidades do Sul, e provavelmente em outras cidades do restante do país, as mães seriam responsáveis pelo progresso e a civilização, pois eram consideradas criadoras e educadoras das novas gerações.

(Adaptado de: PEDRO, J. M. Mulheres do Sul. In: DEL PRIORE, M. (org.). História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2012, p. 278-282)

---

06. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 4/2015) No texto, a autora

(A) alude a dificuldades de manutenção da sociedade conjugal, já durante o século XIX, devido à constante ausência da figura masculina, fato que resultava em maior liberdade para as mulheres.

(B) insiste no papel predominante da figura masculina como mantenedora de atividades produtivas no Sul do país, apesar de inúmeros conflitos, enquanto a mulher seria responsável pela harmonia familiar.

(C) salienta a importância da imprensa em certa época, no Sul do país, como incentivadora e divulgadora de modelos ideais de comportamento e, principalmente, de uma nova imagem da mulher.

(D) atesta a responsabilidade dos produtores de café, na época, em relação ao aumento da desigualdade social, como consequência do encarecimento desse produto no mercado externo.

(E) condena os estereótipos que os jornais sulistas há séculos reproduziam, ao defenderem que as mulheres só podiam alcançar realização pessoal se tivessem muitos filhos.

COMENTÁRIOS

Resposta: "c"

Trechos em todo o texto que evidenciam a resposta:

- **Segundo parágrafo**: *A idealização das mulheres em seus papéis familiares é muito semelhante àquelas idealizações divulgadas no final do século XVIII e início do século XX nos grandes centros europeus. Nas cidades do Sul, imagens idealizadas foram frequentes a partir da segunda metade do século XIX, durante a formação das elites nos centros urbanos.*

- **Quarto parágrafo**: *Num futuro próximo, esses grupos iriam promover os jornais responsáveis pela divulgação de modelos de comportamento, especialmente para as mulheres. Os jornais pareciam veicular um projeto civilizador com pretensão de construir novos homens e mulheres, divulgando imagens idealizadas para ambos os sexos.*

- **Último parágrafo**: *Nas imagens dos jornais das cidades do Sul, e provavelmente em outras cidades do restante do país, as mães seriam responsáveis pelo progresso e a civilização, pois eram consideradas criadoras e educadoras das novas gerações.*

---

07. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 4/2015) Identifica-se, no texto, distinção entre

(A) as normas de comportamento adotadas por uma sociedade já instalada em áreas urbanas desenvolvidas e os costumes tradicionais, próprios das áreas rurais.

(B) as mulheres dedicadas à vida familiar, como se propunha costumeiramente nessa época, e outras, liberadas, cuidando de seus próprios afazeres.

(C) o conteúdo publicado em jornais do Sul em relação a modelos de comportamento e o que se encontrava nas demais publicações existentes no restante do país.

(D) os grupos sociais mais abastados, principalmente de imigrantes, e a população de origem escrava, empregada no cultivo do café.

(E) a economia baseada na exportação, que caracterizou algumas regiões brasileiras, e a da região Sul do país, voltada para o mercado interno.

COMENTÁRIOS

Resposta: "e"

No texto, há oposição explícita neste trecho: *O crescimento das áreas urbanas, em meados do século XIX, foi impulsionado com a inclusão da região (Sul) no* ***comércio agrário-exportador brasileiro*** *como subsidiária, ou seja, como fornecedora de alimentos para o* ***mercado interno****. Os altos preços do café no mercado externo e a destinação da mão de obra escrava para a produção cafeeira provocaram o aumento da procura por alimentos e a consequente elevação de preços.*

Observação: importante ressaltar que a oposição mencionada no texto está ligada à região Sul do país. Isso está claro em todos os parágrafos. Assim sendo, eliminam-se as alternativas A, B e D.

Na C, menciona o conteúdo publicado em jornais do Sul, mas não há distinção, no texto, com modelos de comportamento e o que se encontrava nas demais publicações existentes no restante do país. Pelo contrário, no último parágrafo temos: ***Nas imagens dos jornais das cidades do Sul, e provavelmente em outras cidades do restante do país,*** *as mães seriam responsáveis pelo progresso e a civilização.*

Texto para as questões.

O FIM DOS ÁLBUNS DE FOTOGRAFIAS

Quando me pergunto o que deverá desaparecer nos próximos anos, por conta dos avanços tecnológicos que mudam ou suprimem hábitos e valores tradicionais, incluo os álbuns de fotografias. Na verdade, são as fotografias mesmas, aquelas reveladas em papel, que estão desaparecendo para dar lugar às imagens arquivadas num celular ou num computador. Não é

mais o tempo que as torna apagadas ou amareladas; é o nosso súbito desinteresse que as remove de vez ao toque de um "delete". Nem pensar em armazená-las naqueles álbuns de capa dura e folhas de papelão, alguns encadernados em pano, álbuns de família, que se acumulavam em baús ou velhos armários. São monumentos remotos, de um tempo em que a memória ia longe, chegava aos avós e aos bisavós.

Pergunto-me se não é a qualidade mesma da nossa memória, do nosso interesse pelas recordações, se não é o valor mesmo da memória que está mudando de forma radical. Parece estar havendo um crescente desprestígio de tudo o que se refere ao passado, ainda quando esse passado seja recente. Com isso, o tempo se reduz ao instante que está passando e ao aguardado amanhã, do qual se exigem novas revelações, novos milagres. Um álbum de fotografias, nessa velocidade, é um objeto de museu, testemunha de tempos mais ingênuos e de imagens paralisadas.

Enquanto não morrem de vez, ainda me detenho em alguns desses álbuns. Quase sempre são de gosto duvidoso, com capas pretensiosas, ilustradas com flores coloridas, gatinhos meigos, paisagens poéticas e outros mimos. Dentro deles surpreendo a vida que já foi, os olhares que nos apanham em nossa vez de ser modernos. Aí me ocorre que nossas imagens não irão parar em álbuns caprichosos, talvez nem mesmo em arquivos digitais: não estarão em lugar nenhum. É o preço que se paga pelo desapego à memória.

(Vitório Damásio, *inédito*)

08. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 3/2015) Atente para as seguintes afirmações:

I. No 1º parágrafo, estabelece-se uma clara oposição entre as expressões *imagens arquivadas num celular ou num computador* e as imagens nos álbuns que *se acumulavam em baús ou velhos armários*, evidenciando-se assim uma significativa mudança de hábitos.

II. No 2º parágrafo, ao se valer da expressão *um objeto de museu*, o autor mostra que é aceitável e justa a depreciação crescente dos álbuns de fotografias, uma vez que se trata de registros familiares, sem interesse público.

III. No 3º parágrafo, a expressão *em nossa vez de ser modernos* acusa, com alguma ironia, o fato de que também o nosso momento é passageiro, que não podemos alimentar a pretensão de estarmos sempre no mesmo passo em que ocorrem as novidades.

Em relação ao texto está correto o que se afirma APENAS em

(A) III.

(B) I e III.

(C) I.

(D) I e II.

(E) II.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

I. Certo. Oposição: **os álbuns de fotografias** deverão desaparecer nos próximos anos, são as fotografias mesmas, aquelas reveladas em papel, que estão desaparecendo para dar lugar às imagens arquivadas num celular ou num computador; **imagens arquivadas num celular ou num computador**: nosso súbito desinteresse que as remove de vez ao toque de um "delete". Nem pensar em armazená-las naqueles álbuns de capa dura e folhas de papelão, alguns encadernados em pano, álbuns de família, que se acumulavam em baús ou velhos armários.

Indicam **mudanças de hábito.** Eliminadas A e E.

II. Errado. Em nenhum momento, há depreciação dos álbuns de fotografia, pelo contrário: ocorre apreciação. No último parágrafo: Aí me ocorre que nossas imagens não irão parar em álbuns caprichosos, talvez nem mesmo em arquivos digitais: não estarão em lugar nenhum. É o preço que se paga pelo desapego à memória. Eliminadas D e C.

III. Certo. Trechos que evidenciam: Dentro deles surpreendo **a vida que já foi; nossas imagens**

não irão parar em álbuns caprichosos, **talvez nem mesmo em arquivos digitais: não estarão em lugar nenhum.** É o preço que se paga pelo desapego à memória. Quanto às novidades: novas revelações e **novos milagres são exigidos.**

09. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 3/2015) Na frase *É o preço que se paga pelo desapego à memória,* que finaliza o texto, a expressão sublinhada está se referindo ao fato de que

(A) costumam ser enganosas as imagens guardadas em álbuns.

(B) os registros em arquivos de papel estão longe de ser confiáveis.

(C) é custoso desviar nossa atenção das velhas fotografias e dos velhos álbuns.

(D) as imagens de nós mesmos talvez não sejam preservadas de forma alguma.

(E) os velhos álbuns são testemunhos do mau gosto de uma época.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

✪ **Nota da autora:** Questão de interpretação e coesão textual.

Qual a ideia citada anteriormente? Aí me ocorre que nossas imagens não irão parar em álbuns caprichosos, talvez nem mesmo em arquivos digitais: não estarão em lugar nenhum.

(A) Refere-se à memória.

(B) São confiáveis.

(C) Não é o preço que se paga.

(E) Mau gosto? Extrapola demais a ideia contida no texto.

Texto para as questões.

LIÇÕES DOS MUSEUS

Os museus, ao contrário do que se imagina, são uma invenção moderna: nasceram durante a Revolução Francesa, no final do século XVIII. Os parisienses revoltados arrebentaram as casas dos nobres e se serviram de bens, mobiliário e objetos de arte. O quebra-quebra era um jeito de decretar que acabara o tempo dos privilégios. A Assembleia Nacional debateu durante meses para chegar à conclusão de que os restos do luxo dos aristocratas deviam ser considerados patrimônio danação. Seriam, portanto, reunidos e instalados em museus que todos visitariam, preservando agradavelmente a lembrança de tempos anteriores.

A questão em debate era a seguinte: será que fazia sentido preservar o passado, uma vez que estava começando uma nova era em que os indivíduos não mais seriam julgados por sua origem, mas por sua capacidade e potencialidades pessoais? Não seria lógico destruir os vestígios de épocas injustas para começar tudo do zero? Prevaleceu o partido segundo o qual era bom conservar os restos do passado iníquo e transformá-los em memórias coletivas.

Dessa escolha nasceram os museus e, logo depois, a decisão de preservar os monumentos históricos. Na mesma época, na Europa inteira, ganhou força o interesse pela História. A justificativa seria: lembrar para não repetir. Não deu muito certo, ao que tudo indica, pois nunca paramos de repetir o pior. No fundo, não queremos que o passado decida nosso destino: o que nos importa, em princípio, é sempre o futuro.

(Adaptado de: CALLIGARIS, Contardo. Terra de ninguém. São Paulo: Publifolha, 2004, p. 330-331)

10. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 3/2015) Os museus nasceram durante a Revolução Francesa e foram criados depois de debates da Assembleia Nacional, findos os quais se concluiu que

(A) os bens dos antigos aristocratas deveriam ser mantidos como um patrimônio coletivo, prestando-se à conservação da memória histórica.

(B) a destruição de todos os vestígios da antiga nobreza era necessária para a preservação das liberdades conquistadas pelos revolucionários.

(C) o futuro, embora se anunciasse melhor do que o passado, deveria ser alimentado pela memória dos privilégios de que os nobres eram merecedores.

(D) o passado, apesar das amplas lições que pode inspirar em tempos futuros, só deve ser preservado quando documenta os feitos dos cidadãos comuns.

(E) a guarda dos bens da aristocracia deveria caber provisoriamente ao Estado, que decidiria o futuro do que pertencia aos antigos aristocratas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – No texto menciona que os restos do luxo dos aristocratas seriam reunidos e instalados em museus que todos visitariam, preservando agradavelmente a lembrança de tempos anteriores. Prevaleceu o partido segundo o qual era bom conservar os restos do passado iníquo e transformá-los em memórias coletivas. Dessa escolha nasceram os museus e, logo depois, a decisão de **preservar os monumentos históricos.**

(B) Debateu-se se *fazia sentido preservar o passado, uma vez que estava começando uma nova era em que os indivíduos não mais seriam julgados por sua origem, mas por sua capacidade e potencialidades pessoais*, mas *prevaleceu o partido segundo o qual era bom conservar os restos do passado iníquo e transformá-los em memórias coletivas.*

(C) *A justificativa seria: lembrar para não repetir. Não deu muito certo, ao que tudo indica, pois nunca paramos de repetir o pior. No fundo, não queremos que o passado decida nosso destino: o que nos importa, em princípio, é sempre o futuro.*

(D) Não. *A justificativa seria: lembrar para não repetir.*

(E) Não cita no texto se deveria caber ao Estado, muito menos quem decidiria o futuro. Apenas cita que *na Europa inteira, ganhou força o interesse pela História.*

---

11. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 3/2015) Atente para as seguintes afirmações:

I. Da leitura do 1º parágrafo, depreende-se que, a princípio, os bens dos nobres passaram às mãos de revolucionários, configurando-se então uma apropriação de caráter particular, ainda não público.

II. No 2º parágrafo, informa-se que a posição vencida nos debates da Assembleia Nacional foi a de quem advogava em favor da preservação dos bens apreendidos, para que não se perdesse a memória dos méritos da aristocracia.

III. No 3o parágrafo, manifestando uma opinião pessoal, o autor do texto julga imprescindível a existência de museus, uma vez que eles acabam exercendo uma função educativa, cuja importância há muito vem se demonstrando.

Em relação ao texto, está correto o que se afirma APENAS em

(A) I e II.

(B) II e III.

(C) I.

(D) II.

(E) III.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

I. Certo: *Os parisienses revoltados arrebentaram as casas dos nobres e se serviram de bens, mobiliário e objetos de arte.*

II. Errado: *Prevaleceu o partido segundo o qual era bom conservar os restos do passado iníquo e transformá-los em memórias coletivas.* Erro: memória dos méritos da aristocracia.

III. Errado. Há subjetividade apenas nos últimos períodos do texto: *Não deu muito certo, ao que tudo indica, pois nunca paramos de repetir o pior. No fundo, não queremos que o passado decida nosso destino: o que nos importa, em princípio, é sempre o futuro.*

Texto para as questões.

Introduzido no Brasil nos primeiros anos de vida republicana, o velho e bretão football foi apropriado por toda a sociedade e, sendo rebatizado no Brasil como "futebol", virou uma paixão nacional e um acontecimento festejado e amado pelo povo.

Embora tivesse a chancela colonial de tudo o que vinha de fora, o futebol sofreu muitos ataques em nome de um nacionalismo que se pensava frágil como porcelana. E, no entanto, canibalizamos e digerimos o "football", roubando-o dos ingleses. Hoje, há um estilo brasileiro de jogar e produzir esse esporte. De elemento capaz de desvirtuar, ao lado da música e do cinema americanos, o estilo de vida e a língua pátria, o futebol acabou servindo como um instrumento básico de reflexão sobre o Brasil. O sucesso futebolístico foi o nosso primeiro instrumento de autoestima diante dos países "adiantados" e inatingíveis.

Como prova do imprevisível destino das coisas sociais, o futebol não veio confirmar a dominação colonial. Pelo contrário, ele nos fez colonizadores.

A relação entre povo e futebol tem sido tão profunda e produtiva por aqui, que muitos brasileiros se esquecem de que o futebol foi inventado na Inglaterra e pensam que ele é, como o samba e a feijoada, um produto brasileiro. Provavelmente, conforme muitos têm acentuado, porque é uma atividade que indubitavelmente promove sentimentos básicos de identidade individual e coletiva entre nós.

Talvez o futebol possa ser tudo isso porque ele é um esporte dotado de uma vocação complexa que permite entendê-lo e vivê-lo simultaneamente de muitos pontos de vista. Assim, embora o futebol seja uma atividade moderna, um espetáculo pago, produzido e realizado por profissionais da indústria cultural, ele, não obstante, também orquestra componentes cívicos básicos, identidades sociais importantes, valores culturais profundos e gostos individuais singulares. O seu maior papel foi o de ensinar democracia. Foi o de revelar com todas as letras que não se ganha sempre e que o mundo é instável como uma bola. Perder e vencer, ensina o futebol, fazem parte de uma mesma moeda.

(Adaptado **de DAMATTA, Roberto. Trechos dos ensaios "O futebol como filosofia" e "Antropologia do óbvio". Disponíveis em estadao.com.br e usp.br/revistausp. Acesso em 10/05/2014)**

12. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 16/2014) Depreende-se do contexto que o segmento

(A) ele é um esporte dotado de uma vocação complexa (5º parágrafo) ratifica o fato de que o futebol é um esporte em que a criatividade supera a técnica.

(B) canibalizamos e digerimos o "football" (2º parágrafo) condensa a opinião, expressa pelo autor, de que o brasileiro se apropriou do esporte importado da Inglaterra.

(C) o mundo é instável como uma bola (5º parágrafo) retoma e reforça o argumento de que o futebol foi peça fundamental na construção da autoestima do brasileiro.

(D) um espetáculo pago, produzido e realizado por profissionais da indústria cultural (5º parágrafo) alude ao caráter comercial do futebol, que, na modernidade, teria perdido seu significado simbólico.

(E) o velho e bretão football (1º parágrafo) é uma crítica sutil ao insípido futebol inglês, superado pelo estilo inconfundível que os brasileiros imprimiram ao esporte.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – O autor tomou o adjetivo *canibal* ou o substantivo *canibalismo* e verbalizou: canibalizamos; tomou o verbo *digerir* (aqui no sentido de fazer a digestão). Uma vez que canibalizamos, devoramos. Explica que roubamos o *football* dos ingleses.

Alternativa "a" – O segmento mostra que o futebol é um esporte complexo que envolve valores diversos de indivíduos de várias classes sociais e, quase que democraticamente, todos compartilham de um mesmo esporte, sob pontos de vista e aspectos diferentes. A complexidade nos gostos e preferências chega mesmo a unir indivíduos também de diferentes opiniões, mas com um mesmo sentimento pelo mesmo esporte.

Alternativa "c" – A imagem, no sentido figurado, do girar da bola muito bem colocada, expressa a ideia de que é saudável saber ganhar e saber perder. A instabilidade do mundo está justamente nos altos e baixos, portanto saber equilibrar-se entre ganhos e perdas é o ideal.

Alternativa "d" – O segmento exprime exatamente o contrário da afirmativa. O futebol reúne elementos significativos que conservam uma democracia entre os seus admiradores.

Alternativa "e" – A expressão *o velho e bretão football* conota uma réstia de carinho pelo país (Inglaterra) que inventou o então hoje futebol.

Obs.: Bretão: da antiga Britânia (nome dado à Inglaterra pelos romanos) ou relacionado a ela.

O futebol é um esporte bretão que eleva a autoestima de seus praticantes. Por Antônio Maycon (DF) em 24/05/2010 – Dicionário Informal – R7 (esportes) – Google.

13. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 16/2014) O segmento em que se apresenta uma das razões pelas quais o futebol já foi alvo de ataques por parte da sociedade é:

(A) ... instrumento de autoestima diante dos países "adiantados" e inatingíveis. (2º parágrafo)

(B) ... ele nos fez colonizadores. (3º parágrafo)

(C) ... um espetáculo pago... (5º parágrafo)

(D) Embora tivesse a chancela colonial de tudo o que vinha de fora... (2º parágrafo)

(E) ... um nacionalismo que se pensava frágil como porcelana. (2º parágrafo)

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – No primeiro parágrafo, é mencionado que o football foi apropriado por toda a sociedade e virou uma paixão nacional e um acontecimento festejado e amado pelo povo; no segundo, há referências dos ataques da sociedade e apresenta uma das razões: Embora tivesse a chancela colonial de tudo o que vinha de fora, o futebol sofreu muitos ataques em nome de um nacionalismo que se pensava frágil como porcelana. E, no entanto, canibalizamos e digerimos o "football", roubando-o dos ingleses.

Alternativa "a" – Refere-se ao sucesso e não às razões de ataques.

Alternativa "b" – A ideia está ligada ao imprevisível destino das coisas sociais.

Alternativa "c" – Embora seja uma atividade moderna, é pago: não há relação com a causa de ataques.

Alternativa "d" – Demonstra ideia oposta quanto aos ataques sofridos do futebol; não a razão. A dica está na conjunção concessiva *embora*.

Texto

A sociedade de consumo se construiu sobre o "visível", com o desenvolvimento das lojas de departamentos e, depois, dos supermercados, baseando-se neste princípio: mostrar, sugerir, instigar e seduzir. Nas lojas tradicionais, os produtos se encontravam nos fundos da loja e, a pedido do cliente, o vendedor

os trazia. As lojas de departamentos foram as primeiras a "mostrar", conforme Zola, no século XIX, descreveu de forma extraordinária em seus romances.

Em seguida, os supermercados estenderam esse princípio; as mercadorias são não apenas visíveis, mas também apreensíveis, o consumidor já não precisa do vendedor para se servir. A visibilidade do produto se torna então um fator-chave: para ser vendido, o produto deve ser visto, e, quanto mais é visto, mais é vendido, as vendas das prateleiras que estão no nível dos olhos do comprador são superiores àquelas dos outros níveis.

Conforme John Berger, no livro Modos de Ver: "em nenhuma outra forma de sociedade na história houve tal concentração de imagens, tal densidade de mensagens visuais". A exibição dos produtos foi acompanhada de um fluxo de imagens destinado a facilitar seu escoamento: a publicidade invadiu as revistas, as ruas, a televisão e agora a tela do computador.

(Adaptado **de TISSIER-DESBORDES, Elisabeth. Consumir para ser visto: criação de si ou alienação?, São Paulo, Fap-Unifesp, p. 227-228)**

14. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 16/2014) De acordo com o texto, conclui-se corretamente:

(A) O mercado tem dado visibilidade cada vez maior às necessidades dos consumidores, por meio do incremento da propaganda.

(B) A visibilidade das mercadorias tem se tornado um fator de redução de vendedores e, consequentemente, de preços, o que faz aumentar o consumo.

(C) Se, a princípio, a visibilidade dos produtos não estava atrelada a seu consumo, hoje é associada direta e proporcionalmente às vendas.

(D) Os meios de comunicação têm oferecido mais e mais espaço para a publicidade, de modo a relegar a segundo plano as necessidades básicas dos consumidores.

(E) Com o desenvolvimento do mercado, a visibilidade dos produtos ganhou autonomia em relação aos meios de comunicação utilizados habitualmente.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – O apelo ao consumismo hoje é tão invasivo que justifica o texto: consumir para ser visto. A publicidade alcançou tal força de atração, que chega ao consumidor através de chamamento, na forma imperativa e, como coloca a afirmativa, o poder da sedução eleva o consumo quanto mais for atrativo o produto e o apelo induz a obedecer (quase inconscientemente) à ordem: ter para ser.

Alternativa "a" – A visibilidade oferecida pelo mercado não é dirigida ao consumidor para atender às necessidades deste, mas atende aos interesses do vender mais com a força do poder da propaganda dirigida ao convencimento. Os produtos essenciais não estão à vista porque, para estes, não há necessidade de convencimento. O lema é seduzir para vender mais e mais (o, muitas vezes, supérfluo).

Alternativa "b" – Apesar da redução dos vendedores, o aumento do consumo, devido à visibilidade, não traz a redução de preço, mas ocorre o aumento do consumo decorrente da sedução e pelo fator status: consumir é poder, convencimento este embutido na propaganda convincente.

Alternativa "d" – A publicidade dirigida ao consumo é que invadiu os espaços dos meios de comunicação (invasão esta muito bem paga). As necessidades básicas não exigem visibilidade, uma vez tendo sua própria característica: necessidade básica não é necessário convencer.

Alternativa "e" – O crescimento e desenvolvimento do mercado ganharam autonomia com a sua invasão da visibilidade dos produtos nos meios de comunicação.

Texto.

Cantiga para não morrer

Ferreira Gullar

Quando você for se embora,
moça branca como a neve,
me leve.
Se acaso você não possa
me carregar pela mão,
menina branca de neve,
me leve no coração.
Se no coração não possa
por acaso me levar,
moça de sonho e de neve,
me leve no seu lembrar.
E se aí também não possa
por tanta coisa que leve
já viva em seu pensamento,
menina branca de neve,
me leve no esquecimento.

15. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 16/2014) Com respeito ao poema, é correto afirmar:

(A) Para não morrer, o poeta pede à menina que, paradoxalmente, permaneça vivo no esquecimento.

(B) A presença física e a lembrança opõem-se diametralmente ao coração e ao esquecimento.

(C) O acaso, exposto na 2a estrofe, desencadeia a decisão do poeta em, ao final, deixar-se morrer no esquecimento.

(D) A caracterização de sonho e de neve põe em xeque o que se afirma ao fim do poema, mostrando que se trata apenas de uma ilusão.

(E) Para que permaneçam juntos, ainda que apenas na memória, é antes necessário o esquecimento.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – O poeta pede para ser levado, senão pela mão, no coração (amor); não podendo no coração, no lembrar (lembrança); se no pensamento já não couber o lembrar, "me leve no esquecimento" = quero então estar vivo no seu esquecimento. O poema é tão lírico que não dá para expressar aqui em palavras a intensidade com que o eu lírico extravasa sua sensibilidade.

Alternativa "b" – O poeta tenta transformar a impossibilidade da presença física e o coração no abstrato da lembrança no esquecimento.

Alternativa "c" – Pelo contrário: não o matar no esquecimento. Viver a lembrança do que se esqueceu.

Alternativa "d" – A neve caracteriza a instabilidade do sonho da menina que também era branca como a neve, mas não uma ilusão, pois "quando você for embora" sugere a existência de alguém que poderá partir um dia, e ainda levar tanta coisa viva no pensamento. Daí o pedido para ser, então, levado no esquecimento.

Alternativa "e" – O esquecimento é a última opção para que não caia no esquecimento. Realmente paradoxal... e lindo!

16. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 16/2014) De acordo com o poema, o verso que exprime causa de um acontecimento está em:

(A) Quando você for se embora

(B) por tanta coisa que leve

(C) por acaso me levar

(D) Se acaso você não possa

(E) me leve no esquecimento

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – O verso exprime a causa do fato de a menina não poder levar mais nada.

Alternativa "a" – O verso exprime tempo futuro: quando (for) = advérbio temporal.

Alternativa "c" – O verso exprime condição para uma situação incerta.

Alternativa "d" – O verso exprime condição de impedimento ou não de ocorrer algo.

Alternativa "e" – O verso não exprime causa, mas um pedido com uma finalidade: não ser esquecido.

Texto.

Reduzido a um clique

RIO DE JANEIRO – A notícia é alarmante: "Amazon se prepara para vender livros físicos no Brasil". O alarme não se limita à iminente entrada da Amazon no mercado brasileiro de livros – algo que lembrará o passeio de um brontossauro pela Colombo.

A ameaça começa pela expressão "livros físicos". É o que, a partir de agora, o diferenciará dos livros digitais.

Pelos últimos mil anos, dos manuscritos aos incunábulos e aos impressos a laser, os livros têm sido chamados de livros. Nunca precisaram de adjetivos para distingui-los dos astrolábios, das guilhotinas ou das cenouras. Quando se dizia "livro", todos entendiam um objeto de peso e volume, composto de folhas encadernadas, protegidas por papelão ou couro, nas quais se gravavam a tinta palavras ou imagens.

Há 200 anos, os livros deixaram de ser privilégio das bibliotecas públicas ou particulares e passaram a ser vendidos em lojas especializadas, chamadas livrarias. Desde sempre, as livrarias se caracterizaram por estantes altas, vendedores atenciosos, uma atmosfera de paz e a ocasional presença de um gato. Foi nelas que leitores e escritores aprenderam a se encontrar e trocar ideias, gerando uma emulação com a qual a cultura teve muito a ganhar.

A Amazon dispensa tudo isso. Ela vende livros "físicos", mas a partir de um endereço imaterial – nada físico –, acessível apenas pela internet. Dispensa as livrarias. Se você se interessar por um livro (certamente recomendado por uma lista de best-sellers), basta o número do seu cartão de crédito e um clique. Em dois dias, ele estará em suas mãos – e a um preço mais em conta, porque a Amazon não tem gastos com aluguel, escritório, luz, funcionários humanos e nem mesmo a ração do gato.

Com sorte, os livros continuarão "físicos". Mas os leitores correm o risco de ser reduzidos a um número de cartão de crédito e um clique.

(CASTRO, Ruy, Folha de S.Paulo, opinião, 7 de ag. De 2013. p. A2)

Observações:

1) brontossauro / espécie de dinossauro;
2) Colombo / tradicional confeitaria do Rio de Janeiro, com sua refinada arquitetura e mobiliário, seus requintados cristais e jogos de porcelana, hoje patrimônio cultural e artístico da cidade;
3) incunábulo / livro impresso que data dos primeiros tempos da imprensa (até o ano de 1500).

---

17. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014)

O modo como o autor desenvolve seu texto sobre a notícia citada

(A) justifica que se considerem como marcados pelo tom da ironia os segmentos (certamente recomendado por uma lista de best-sellers) e *Com sorte, os livros continuarão "físicos".*

(B) revela sua indiferença pelas bibliotecas públicas ou particulares e a consideração que tem pelas livrarias, como se observa no segmento *Há 200 anos, os livros deixaram de ser privilégio das bibliotecas públicas ou particulares e passaram a ser vendidos em lojas especializadas, chamadas livrarias.*

(C) explica o tom alarmante nele impresso, reconhecível, por exemplo, nos segmentos *A notícia é alarmante: "Amazon se prepara para vender livros físicos no Brasil* e *A Amazon dispensa tudo isso.*

(D) atesta o tom didático do texto, centrado em divulgar a história do livro e seduzir leitores, como se nota em *Pelos últimos mil anos, dos manuscritos [...] aos impressos a laser, os livros têm sido chamados de livros* e *Se você se interessar por um livro [...], basta o número do seu cartão de crédito e um clique.*

(E) legitima a hipótese de que defende a busca de lucro pelos empresários ligados à indústria dos livros físicos, como o atesta o segmento a Amazon não tem gastos com aluguel, escritório, luz, funcionários humanos e nem mesmo a ração do gato.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Há marcação de ironia nos segmentos citados. Best-seller: o mais vendido. O autor ironiza a forma e a indicação do livro: pode ser o mais indicado, o mais vendido, nem por isso o melhor. Mas é *chic* no momento. O leitor, muitas vezes, o adquire pela figuração da indicação, modismo ou status. Atrás do Best-seller sempre há um belo marketing para vender. Ainda há ironia: com sorte = talvez, provavelmente, os livros continuarão físicos (palpáveis), mas o leitor... apenas um número e um clique (Online) e não mais um leitor pessoa.

Alternativa "b" – O leitor vai descrevendo a trajetória do livro desde os manuscritos e enaltece sua característica principal: sempre livro. O destaque, com certo desdém, não sem razão, é o fisiologismo usado nos dias atuais: um clique e a disputa da superação pela forma da venda de cultura.

Alternativa "c" – Alarmante não é o tom no desenvolvimento do texto, mas a notícia que motivou o texto. O autor deixa transparecer seu apreço, conhecimento e reconhecimento pela trajetória histórica e cultural do livro e teme pela sua sobrevivência.

Alternativa "d" – O tom no segmento não é didático, mas crítico no sentido de tentar preservar a importância que sempre, historicamente, caracterizou o livro.

Alternativa "e" – Não há defesa da busca de lucros, nem a forma utilizada pelos empresários da indústria dos livros; há, sim, uma irônica alusão ao risco que o marketing eletrônico representa, distante das facilidades de consumo, perda do prazer da busca pelo livro que, através de um clique, pode transformar-se em mais um mero produto de consumo descartável e perder toda a magia contida na palavra livro.

---

18. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) Considerado os primeiro e segundo parágrafos, é correto afirmar:

(A) Em *É o que, a partir de agora, o diferenciará dos livros digitais*, o uso do pronome destacado está correto, pois retoma a expressão *o mercado brasileiro de livros*.

(B) As aspas em *"Amazon se prepara para vender livros físicos no Brasil"* constituem recurso linguístico para evidenciar que a frase não é da autoria de Ruy Castro.

(C) Em *A notícia é alarmante: "Amazon se prepara para vender livros físicos no Brasil"*, os dois-pontos equivalem a "pois".

(D) A palavra destacada em *a partir de agora* indica que o autor toma como ponto de referência o exato instante em que a Amazon passará a vender livros físicos no Brasil.

(E) Em *É o que, a partir de agora, o diferenciará dos livros digitais*, a retirada da primeira vírgula é opção que não contraria as normas gramaticais.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

✪ Nota da autora: Questão de interpretação, coesão textual e pontuação.

As aspas estão destacando o título de uma notícia e torna evidente que não se trata da autoria de Ruy Castro.

Alternativa "a" – O pronome demonstrativo o retoma "livros físicos": É o que, a partir de agora, diferenciará os livros físicos dos livros digitais.

Alternativa "c" – Os dois pontos estão anunciando a citação anterior (qual é a notícia alarmante).

Alternativa "d" – O advérbio temporal *agora* está indicando um tempo atual: de agora em diante; daqui para frente.

Alternativa "e" – As duas vírgula iniciais intercalam o adjunto adverbial de tempo e nenhuma pode ser retirada por acarretar erro gramatical.

Texto.

Para ver uma cidade não basta ficar de olhos abertos. É preciso primeiramente descartar tudo aquilo que impede vê-la, todas as ideias recebidas, as imagens pré – constituídas que continuam a estorvar o campo visual e a capacidade de compreensão. Depois é preciso saber simplificar, reduzir ao essencial o enorme número de elementos que a cada segundo a cidade põe diante dos olhos de quem a observa, e ligar os fragmentos espalhados num desenho analítico e ao mesmo tempo unitário, como o diagrama de uma máquina, com o qual se possa compreender como ela funciona.

A comparação da cidade com uma máquina é, ao mesmo tempo, pertinente e desviante. Pertinente porque uma cidade vive na medida em que funciona, isto é, serve para se viver nela e para fazer viver. Desviante porque, diferentemente das máquinas, que são criadas com vistas a uma determinada função, as cidades são todas ou quase todas o resultado de adaptações sucessivas a funções diferentes, não previstas por sua fundação anterior (penso nas cidades italianas, com sua história de séculos ou de milênios).

Mais do que com a máquina, é a comparação com o organismo vivo na evolução da espécie que pode nos dizer alguma coisa importante sobre a cidade: como, ao passar de uma era para outra, as espécies vivas adaptam seus órgãos para novas funções ou desaparecem, assim também as cidades. E não podemos esquecer que na história da evolução toda espécie carrega consigo características que parecem de outras eras, na medida em que já não correspondem a necessidades vitais, mas que talvez um dia, em condições ambientais transformadas, serão as que salvarão a espécie da extinção. Assim a força da continuidade de uma cidade pode consistir em características e elementos que hoje parecem prescindíveis, porque esquecidos ou contraditos por seu funcionamento atual.

(CALVINO, Italo. Os deuses da cidade. Assunto encerrado: discurso sobre literatura e sociedade. Trad. Roberta Barni. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 333-334)

---

19. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) Afirma-se com correção que, no primeiro parágrafo, o autor

(A) propõe que aquele que deseja ver e compreender uma cidade deve guiar-se por desenhos explicativos de como ela se dispõe, esquema concebido por quem conhece como realmente é ou funciona.

(B) rejeita a acepção dicionarizada de que "ver" é "perceber pela visão", pois propõe que a compreensão de uma cidade independe da capacidade de perceber o mundo exterior pelos olhos.

(C) reitera que, para apropriar-se de uma cidade, há a necessidade de descartar tudo aquilo que impede vê-la, entendida essa expressão como conjunto de coisas que atrapalham, de modo específico, o campo visual propriamente dito.

(D) comenta que o processo de compreensão de uma cidade implica a recusa das informações redundantes que são oferecidas, segundo a segundo, aos que a observam com o desejo de conhecê-la.

(E) expõe a ideia de que é necessário, de modo aparentemente contraditório, representar numa totalidade as frações correspondentes aos componentes básicos e simples de uma cidade, para conseguir compreendê-la.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Na perspectiva do autor, para ver uma cidade, é necessário fragmentá-la, pois é a partir da análise dos seus componentes essenciais para suprir as necessidades vitais que se conhecem os princípios básicos, simples que a compõe no âmbito social, cultural e político, que são as peças que movimentam e, só então, compreender o seu organismo vivencial.

Alternativa "a" – Não é o desenho físico que o autor propõe que se conheça, mas o ideológico e seu funcionamento.

Alternativa "b" – O autor não se refere nem rejeita a acepção dicionarizada proposta aqui, mas alude a

uma acepção de visão de mundo, mundo se refere à cidade.

Alternativa "c" – Não há essa visão de apropriação, mas de alargamento da visão por trás do que apresenta uma cidade, para assim conhecer o seu funcionamento diante do que a atualidade exige. Uma visão perscrutadora da máquina citadina.

Alternativa"d" – Não há essa recusa sobre as informações sobre a cidade, mas sim um convite para um olhar perscrutador que busca as bases sobre as quais se fundamentam as visões das informações oferecidas de acordo com as suas perspectivas de compreensão.

20. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) A comparação entre a cidade e a máquina

(A) é um cotejo pertinente e instrutivo, na medida em que a expressão serve para se viver nela e para fazer viver, evidência do traço comum a uma e outra, traduz a funcionalidade de ambas.

(B) tem sua funcionalidade comprometida, quanto a facilitar a compreensão do primeiro termo, quando se considera que a analogia tem um caráter desviante.

(C) ocorre pela aproximação de fatores de natureza complementar, que, ao formarem uma unidade, evidenciam a identidade dos elementos comparados.

(D) representa uma aproximação de elementos cuja diferença permite caracterizar, com ressalvas, o primeiro termo, segundo certa perspectiva apresentada pelo autor.

(E) relaciona um elemento abstrato e um concreto, motivo pelo qual a semelhança entre eles não pode ser total, o que não impede que a aproximação facilite a análise dos dois.

COMENTÁRIOS

(C(FCC – Técnico JAlternativa correta: letra "d" – A comparação é feita no sentido de entender o funcionamento; a ressalva é de que a máquina tem uma função específica enquanto a cidade deve permitir funções outras que permitam a vida em suas diversas necessidades e oferecer condições para as transformações dos tempos.

Alternativa "a" – Uma (a máquina) tem característica específica e única; a outra (a cidade) tem várias matizes como organismo vivo que permite a vida e como viver.

Alternativa "b" – A analogia usada pelo autor não é desviante, pois ele explica a caracterização única de uma e a caracterização mutável e viva da outra. A comparação é apenas quanto à necessidade de as frações estarem em condições próprias para o bom funcionamento do todo.

Alternativa "c" – O autor faz a comparação para entendimento do funcionamento, mas caracteriza cada elemento em sua natureza para o fim a que se destina.

Alternativa "e" – Ambos os elementos usados na comparação são concretos e o autor coloca muito bem a finalidade da analogia que os aproxima e os mecanismos que o difere, ou seja, a máquina com seu fim específico e o organismo vivo, espécies com suas funções que envolvem a cidade e sua continuidade.

21. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) Infere-se corretamente do terceiro parágrafo:

(A) aspectos de uma cidade são prescindíveis se contêm organismos que, depois de várias atualizações, não conseguem readquirir sua funcionalidade original.

(B) a aproximação da cidade com a máquina é um artifício de raciocínio que nada informa de relevante sobre a primeira.

(C) o juízo acerca da importância de uma característica ou elemento de uma cidade para sua continuidade é sempre relativo, pois envolve contingências.

(D) a história da evolução determina que espécies em extinção serão salvas por componentes obsoletos sempre presentes em indivíduos dessas espécies.

(E) traços de uma espécie que se assemelham aos de outras épocas é mera ilusão de óptica, pois as espécies estão em constante evolução.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Daí a colocação do autor para o termo fragmentos que são as contingências que envolvem a cidade. O funcionamento do todo depende das eventualidades contidas nos grupos. Os contingentes têm que funcionar em sintonia e com abrangência, sofrendo adaptações a diferentes funções com o objetivo de continuidade da espécie.

Alternativa "a" – Ao contrário da afirmativa, os aspectos e as características originais dos organismos devem ser preservados (embora pareçam inadequados atualmente), para que haja perfeita conjunção da adaptação do novo exigido pelas circunstâncias do atual.

Alternativa "b" – A questão se refere ao terceiro parágrafo e o autor mesmo responde a esta alternativa no segundo parágrafo do texto.

Alternativa "d" – A expressão: *talvez um dia* carrega a probabilidade e não uma determinação.

Alternativa "e" – O fato de as espécies estarem em constante evolução não impede que elas carreguem traços de outras épocas, pois a semelhanças e o próprio DNA da espécie.

Texto para a questão.

O americano Herbie Hancock, provavelmente o maior pianista de jazz em atividade, apresentou-se no Brasil em agosto de 2013. Ele relembra que estava em lua de mel no Rio, em 1968, quando Eumir Deodato, compositor e arranjador que havia conhecido em Nova York, quis lhe apresentar um então novo cantor, Milton Nascimento. "Quando Milton sentou e começou a tocar 'Travessia', fiquei louco", diz Herbie. "Peguei meu gravador. Que belas harmonias e melodias! Agora me pergunta se eu sei onde está essa fita?". Recentemente, o pianista reviveu aquele encontro casual no Rio de 1968, no dia internacional do jazz, 30 de abril: em Istambul, apresentou-se com Milton e outros músicos tocando justamente "Travessia".

A experiência de Hancock no Brasil, em 68, veio também num momento de travessia em sua carreira. Tinha acabado de deixar o quarteto de jazz liderado por Miles Davis (1926-1991), com o qual havia gravado e feito inúmeros shows, de 1963 a 1968. Ainda que já tivesse uma carreira solo de sucesso – basta pensar nas tão celebradas "Watermelon Man" (1962) e "Cantaloupe Island" (1964) –, sentiu que era a hora de formar seu próprio grupo.

(Adaptado **de: BENEVIDES, Daniel. serafina, Folha de S.Paulo, 2013. p.28)**

22. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) Considere as linhas iniciais do trecho e as afirmações que seguem.

I. No segmento provavelmente o maior pianista de jazz em atividade, a palavra destacada indica que o autor faz uma ressalva quanto à avaliação do mérito do artista, considerando-a hipótese pouco provável.

II. No segmento provavelmente o maior pianista de jazz em atividade, a expressão destacada marca os limites da avaliação do mérito do artista.

III. em *Ele relembra que estava em lua de mel [...] quando Eumir Deodato, compositor e arranjador que havia conhecido em Nova York, quis lhe apresentar um então novo cantor*, as formas verbais assinaladas indicam que as ações se deram no mesmo momento do passado.

Está correto o que se afirma APENAS em

(A) I e III.

(B) II e III.

(C) I e II.

(D) II.

(E) III.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

✪ **Nota da autora:** Questão de interpretação de texto, advérbio e verbo.

I. Errado. O advérbio *provavelmente*, no trecho, aponta para o mérito do pianista como o que pode ser o maior, entre outros, ressaltando a avaliação sobre o artista como ele (o autor) o vê: positivamente; não mostra que tenha dúvida, mas que ele acredita que o seja.

II. Certo. A expressão, *em atividade* se refere a Herbie Hancock como o maior pianista de jazz entre os que estão atuando, não eximindo a excelência de outros pianistas de jazz que já o foram e que, porventura, não atuem mais.

III. Errado. As formas verbais estão no passado, porém as ações ocorreram em momentos diferentes: havia conhecido (particípio + haver) ocorreu num passado anterior (em Nova York) ao momento do passado quis (pretérito perfeito): ele relembra no momento em que estava em lua de mel.

Texto para as questões.

Com alguma surpresa de quem me escuta, desde há algum tempo venho a dizer que cada vez me interessa menos falar de literatura. Pode parecer isto uma provocação, a atitude do escritor que, para se tornar mais interessante, lança declarações inesperadas e gratuitas. E não é assim. A verdade é que duvido mesmo que se possa falar de literatura como duvido, com mais razões, que se possa falar de pintura ou que se possa falar de música. É claro que se pode falar de tudo, como se fala dos sentimentos e emoções, seria absurdo pretender reduzir ao silêncio aqueles que escrevem, ou aqueles que leem, ou aqueles que sentem, ou aqueles que compõem música ou que pintam ou que esculpem, como se a obra em si mesma já contivesse tudo quanto é possível dizer e que tudo o que vem depois não fosse mais do que interminável glosa. Não é isso. Acontece, no entanto, que por vezes experimento o desejo de limitar-me a uma muda contemplação diante de uma obra acabada, pela consciência que tenho de que, de certa maneira, nos domínios da arte e da literatura estamos lidando com aquilo a que damos o nome de inefável. [...]

Quero dizer, não obstante, que antes de começar a escrever sustentava como uma evidência pal-

mária (por outro lado nada original) que somos herdeiros de um tempo, de uma cultura e que, para usar um símile que algumas vezes empreguei, vejo a humanidade como se fosse o mar. Imaginemos por um momento que estamos numa praia: o mar está ali, e continuamente aproxima-se em ondas sucessivas que chegam à costa. Pois bem, essas ondas, que avançam e não poderiam mover-se sem o mar que está por detrás delas, trazem uma pequena franja de espuma que avança em direção à praia onde vão acabar. Penso, continuando a usar esta metáfora marítima, que somos nós a espuma que é transportada nessa onda, essa onda é impelida pelo mar que é o tempo, todo o tempo que ficou atrás, todo o tempo vivido que nos leva e nos empurra. Convertidos numa apoteose de luz e de cor entre o espaço e o mar, somos, os seres humanos, essa espuma branca brilhante, cintilante, que tem uma breve vida, que despede um breve fulgor, gerações e gerações que se vão sucedendo umas às outras transportadas pelo mar que é o tempo. E a história, onde fica? Sem dúvida a história preocupa-me, embora seja mais certo dizer que o que realmente me preocupa é o Passado, e sobretudo o destino da onda que se quebra na praia, a humanidade empurrada pelo tempo e que ao tempo sempre regressa, levando consigo, no refluxo, uma partitura, um quadro, um livro ou uma revolução. Por isso prefiro falar mais de vida do que de literatura, sem esquecer que a literatura está na vida e que sempre teremos perante nós a ambição de fazer da literatura vida.

(SARAMAGO, José. Da estátua à pedra. Belém: ed. ufpa; Lisboa: Fundação José Saramago, 2013. p. 25-27)

23. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 15/2013) O texto se apresenta como

(A) depoimento do escritor, de que se depreende que o ser humano constitui sua prioridade absoluta, como objeto da criação artístico-literária.

(B) relato em que o autor expõe as bases da criação artística em todas as suas manifestações, defendendo a importância da literatura como registro da história da humanidade.

(C) desabafo em que se dilui certo desencanto com as artes, em geral, por se mostrarem incapazes de reproduzir a totalidade da vida humana.

(D) exposição teórica de algumas formas de expressão artística, inclusive da criação literária, principalmente as que transmitem uma beleza incontestável.

(E) defesa do necessário respeito à natureza, por ser ela a imagem perfeita dos sentimentos e dos valores em toda a história da humanidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – A criação artístico-literária é representativa do ser humano, sua época e sua história carregada de influências anteriores que geram novas situações que se refletirão na história futura da humanidade, sempre em movimento, recebendo e passando influências de época para épocas na vida e da vida do ser humano. A criação artístico-literária acompanha e reflete o ser humano, dentro da história, sendo, portanto, a recriação da vida.

Alternativa "b" – O autor vê a literatura no tempo como a herança histórica que a humanidade recebe do tempo passado e para onde e, em que tempos, a humanidade avança.

Ele preocupa-se com a vida e em colocar a vida na literatura e a literatura na vida – o ser humano navega do tempo (passado), no tempo (presente), para um tempo (futuro).

Alternativa "c" – O seu depoimento demonstra desencanto pelas artes, mas sua preferência, em se tratando da literatura, é falar da vida e, com isso, falar da história-vida a pretexto da literatura e vice-versa.

Alternativa "d" – Não é uma exposição teórica de formas, mas uma tomada de posição quanto ao conteúdo artístico no sentido de que a beleza contenha reflexões referentes à vida, que a arte literária e as outras artes sejam participativas, que uma contenha a outra= vida-arte / arte-vida.

Alternativa "e" – O autor não especifica esse tema, mas uma vez se referindo à vida-literatura e literatura-vida, todos os perfis que implicam vida são contemplados pela arte.

24. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 15/2013) É correto afirmar, considerando-se o teor do texto, que

(A) a verdadeira arte, por exemplo, de uma pintura, deve despertar no observador sentimentos contraditórios, que vão da admiração à incompreensão.

(B) a vida humana, com suas variadas manifestações a todo tempo e em todos os lugares, constitui matéria fundamental para a criação literária.

(C) a literatura, que reproduz sentimentos humanos, não deve se sujeitar a eventuais definições, pois estas tendem a reduzir a originalidade que a valoriza.

(D) as diversas formas de manifestação artística, exceto a literatura, levam a situações que escapam a uma avaliação crítica mais objetiva.

(E) a obra de arte, para ser assim considerada, deve esgotar em si mesma todas as infinitas possibi-

lidades de criação que constituem a natureza humana, ao longo da história.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Confirma-se a alternativa lendo no final do último parágrafo o que diz Saramago: "...prefiro falar mais de vida do que de literatura, sem esquecer que a literatura está na vida e que sempre teremos perante nós a ambição de fazer da literatura vida".

Alternativa "a" – Afirmativa não presente no texto.

Alternativa "b – Saramago não disse isso. No primeiro parágrafo do texto, ele diz que, às vezes, sente vontade de apenas contemplar uma obra acabada por ter consciência da sua grandeza, beleza, mas que seria absurdo silenciar diante de uma obra, seja ela música, pintura, escultura ou literatura.

Alternativa "d" – No final do primeiro parágrafo, nota-se que, para Saramago, a arte, inclusive a literatura, contém o inefável: belo, grandioso, encantador; conclusão da sua fala anterior: "É claro que se pode falar de tudo, (...), seria absurdo pretender reduzir ao silêncio aqueles que escrevem, (...), ou que compõem música ou que esculpem (...)".

Alternativa "e" – Deduz-se ao longo da leitura que a obra de arte acompanha a caminhada da humanidade que é "empurrada pelo tempo e que ao tempo sempre regressa, levando consigo, no refluxo, uma partitura, um quadro, um livro ou uma revolução". Conclui-se que a obra de arte não esgota a possibilidade de criação, mas caminha junto com a história e dela participa, produzindo, reproduzindo e traduzindo a natureza humana em todos os seus aspectos com "inefável" riqueza e perspicácia, através dos tempos.

---

25. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 15/2013) A verdade é que duvido mesmo que se possa falar de literatura como duvido, com mais razões, que se possa falar de pintura ou que se possa falar de música.

É claro que se pode falar de tudo, como se fala dos sentimentos e emoções...

A insistência no emprego do verbo falar, nas afirmativas acima, demonstra

(A) atribuição de diferentes sentidos a um único verbo, pois a linguagem de uma obra de arte deve sempre valer-se de imagens originais, que lhe dão valor.

(B) alguma inconsistência nos argumentos de que se vale o autor, que se contradiz na referência às formas de expressão de emoções.

(C) intencionalidade em acentuar as diferentes formas de expressão artística e de sentimentos humanos, nem sempre sujeitas a uma interpretação objetiva.

(D) desconsideração a certas criações artísticas que tratam com superficialidade, por vezes, toda a amplitude das emoções na vida humana.

(E) complementaridade entre uma atitude crítica e um posicionamento contemplativo perante uma obra de arte.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Tem-se, aí, um recurso literário para enfatizar e dar destaque ao que se quer deixar bem claro e evidente.

Alternativa "a" – O verbo *falar* está empregado, no trecho, com o mesmo sentido e sua repetição tem o propósito de realçar as ideias expostas pelo autor.

Alternativa "b" – Não há inconsistência nos argumentos nem contradições do autor.

Alternativa "d" – O autor não desconsidera qualquer criação artística.

Alternativa "e" – Não há essa relação com o posicionamento contemplativo do autor perante uma obra.

---

26. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 15/2013) ... a humanidade empurrada pelo tempo e que ao tempo sempre regressa, levando consigo, no refluxo, uma partitura, um quadro, um livro ou uma revolução.

A imagem criada pela afirmativa acima traduz, em síntese,

(A) a incapacidade humana de superar os limites impostos pelo tempo, que dificulta a criação de obras de arte que possam ser valorizadas pelas gerações seguintes.

(B) a visão de que o homem, que ocupa um breve instante na história, será sempre um criador, sujeito às influências de sua época.

(C) toda a história da humanidade representada no vaivém das ondas marítimas que, apesar de sua beleza, trazem também destruição e dor.

(D) a impotência do ser humano, pequeno diante da força da natureza, em reproduzir com profundidade todas as características de seu tempo.

(E) a noção de que o tempo deverá assinalar sempre o eterno retorno do ser humano ao início de sua história e de suas primeiras manifestações artísticas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – A história da humanidade está sempre refletida na obra de arte que o tempo carrega e empurra numa constante.

Alternativa "a" – Não há essa incapacidade e, para a criação da obra de arte não existe limite, pois a arte sofre o refluxo dos tempos, retrata e reflete nas gerações futuras o que registrou em cada época.

Alternativa "c" – A imagem criada pelo autor revela o movimento das artes no vaivém do tempo e não traduz destruição nem dor.

Alternativa "d" – Afirmativa equivocada. A obra de arte, seja a pintura, a música, a arquitetura, consegue traduzir com beleza, sentimento e poesia a sua época e ainda transmitir tudo isso para épocas vindouras.

Alternativa "e" – A imagem em questão não traduz essa noção. O tempo é que regressa a características de tempo anterior, modificando e implementando novas manifestações, de acordo com o momento, empurrando para os tempos vindouros uma bagagem que será retomada e também transformada.

---

27. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 15/2013) ... sustentava como uma evidência palmária (por outro lado nada original) que somos herdeiros de um tempo... O comentário isolado pelos parênteses deve ser entendido como

(A) constatação de que a evidência sustentada era de conhecimento geral e amplamente aceita.

(B) citação de interlocutor alheio ao contexto, para facilitar o entendimento da ideia exposta.

(C) reconhecimento do escritor de que sua obra, ao reproduzir a vida, nada tem de particular e diferente.

(D) observação crítica a respeito da presença do senso comum em algumas obras de arte atuais.

(E) especificação de elementos que devem constituir a base da elaboração de uma obra de arte.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Era sabida de outros a sua posição e aceita, embora causasse estranhamento por inusitada e não parecer normal.

Alternativa "b" – O comentário entre parênteses é do próprio autor para explicar o inusitado que está sendo dito por ele mesmo.

Alternativa "c" – Não é reconhecimento sobre sua obra, pois a convicção afirmada vem antes dele começar a escrever. O comentário isolado é uma observação sobre este mesmo seu comentário.

Alternativa "d" – O comentário isolado não se refere a essa observação.

Alternativa "e" – Não ocorre essa especificação no comentário isolado pelos parênteses.

---

28. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 15/2013) Dentre as possíveis acepções da palavra MAR, encontradas em dicionários, a que corresponde fielmente à metáfora marítima criada por Saramago é:

(A) conjunto que ondula, se agita, apresenta flutuações.

(B) local próximo à praia, em que é pequena a profundidade das águas.

(C) grande extensão, a perder de vista, ou grande quantidade de qualquer coisa.

(D) o que absorve, especialmente pelo mistério, pela imensidade.

(E) extensão de água salgada, de dimensões relativamente limitadas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – No texto, a metáfora MAR está no sentido comparativo de que a humanidade cria, atua sob influência de épocas anteriores e, "flutuam", de acordo com o momento, pois situações inusitadas apontam para a modificação de determinada obra que seguia seu curso, ou acrescentam-se fatores novos que vigoram em um tempo e podem mudar em qualquer momento e a obra tende a sofrer interferências determinantes; esses fatores novos podem ocorrer na história, no social, na existência da humanidade.

Alternativa "b" – Trata-se, aqui, do sentido denotativo (e errado).

Alternativa "c" – Sentido denotativo: grande extensão e "grande quantidade de qualquer coisa" é totalmente descabido.

Alternativa "d" – Não absorve.

Alternativa "e" – Sentido denotativo.

homogeneizar crenças e influenciar atitudes.

Nessas populações, as redes operavam por meio de conversas face a face, em volta de uma fogueira. Mais tarde, nas cidades, havia discussões em praça pública, conversas nos mercados e discursos de políticos. Foram essas redes sociais que moldaram o pensamento e as ações das civilizações antigas e das nações modernas.

Mas na última década surgiu a comunicação digital e parte das interações sociais adquiriu um caráter virtual, a partir de sistemas como o Facebook, o Twitter e outros, que nada mais são do que as velhas redes sociais, agora na forma digital. Muitos cientistas se perguntam qual o seu poder real. Exemplos recentes, como a Primavera Árabe, sugerem que as novas redes sociais influenciam comportamentos

e crenças, mas é difícil definir e medir separadamente a contribuição das redes tradicionais e a das redes digitais para esse processo. Como teria sido a Primavera Árabe sem e-mail, Twitter e Facebook? (Adaptado de Fernando Reinach. Disponível em http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,facebook--e-inducao-ao-voto-,939893,0.htm)

29. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 9/2013) Leia com atenção as afirmações abaixo.

I. O autor usa a expressão *redes sociais* para designar tanto as novas tecnologias de comunicação virtual como as formas ancestrais de socialização e troca de informações entre os seres humanos.

II. O ponto de interrogação empregado no último parágrafo é desnecessário e poderia ser dispensado, pois se trata de uma pergunta retórica, já que se infere do texto que o movimento social conhecido como *Primavera Árabe* apenas se disseminou pelos países árabes porque houve ali acesso maciço às tecnologias de comunicação virtual.

III. Infere-se do texto que o comportamento de uma pessoa é influenciado em alguma medida pelo comportamento daqueles com quem ela se comunica de alguma forma.

IV. O autor defende a tese de que, desde a época primitiva, as crenças e os valores dos membros de uma determinada comunidade são moldados pelas ideias dos que ostentam posição hierárquica superior.

Está correto o que se afirma APENAS em

(A) I e III.

(B) I, II e IV.

(C) III e IV.

(D) I e II.

(E) II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

Item "I". Certo: *as redes operavam por meio de conversas face a face, em volta de uma fogueira. Mais tarde, nas cidades, havia discussões em praça pública, conversas nos mercados e discursos de políticos. Foram essas redes sociais que moldaram o pensamento e as ações das civilizações antigas e das nações modernas.*

Item "II". Errado: A interrogação é necessária, pois o autor questiona como seria mensurada a contribuição da influência comportamental hoje se o processo das redes sociais fosse o tradicional e não o digital.

Item "III". Certo: O texto deixa claro a interação comportamental das pessoas através da comunicação.

Item "IV". Errado: *Desde que nossos ancestrais andavam em bandos pelas estepes africanas, as redes sociais serviam para trocar ideias, homogeneizar crenças e influenciar atitudes. Nessas populações, as redes operavam por meio de conversas face a face.*

Texto para responder a próxima questão.

Visão monumental

Nada superará a beleza, nem todos os ângulos retos da razão. Assim pensava o maior arquiteto e mais invocado sonhador do Brasil. Morto em 5 de dezembro de insuficiência respiratória, a dez dias de completar com uma festa, no Rio de Janeiro onde morava, 105 anos de idade, Oscar Niemeyer propusera sua própria revolução arquitetônica baseado em uma interpretação do corpo da mulher.

Filho de fazendeiros, fora o único ateu e comunista da família, tendo ingressado no partido por inspiração de Luiz Carlos Prestes, em 1945. Como a agremiação partidária não correspondera a seu sonho, descolara-se dela, na companhia de seu líder, em 1990. "O comunismo resolve o problema da vida", acreditou até o fim. "Ele faz com que a vida seja mais justa. E isso é fundamental. Mas o ser humano, este continua desprotegido, entregue à sorte que o destino lhe impõe."

E desprotegido talvez pudesse se sentir um observador diante da monumentalidade que ele próprio idealizara para Brasília a partir do plano-piloto de Lucio Costa. Quem sabe seus museus, prédios governamentais e catedrais não tivessem mesmo sido construídos para ilustrar essa perplexidade? Ele acreditava incutir o ardor em quem experimentava suas construções.

Bem disse Le Corbusier que Niemeyer tinha "as montanhas do Rio dentro dos olhos", aquelas que um observador pode vislumbrar a partir do Museu de Arte Contemporânea de Niterói, um entre cerca de 500 projetos seus. Brasília, em que pese o sonho necessário, resultara em alguma decepção. Niemeyer vira a possibilidade de construir ali a imagem moderna do País. E como dizer que a cidade, ao fim, deixara de corresponder à modernidade empenhada? Houve um sonho monumental, e ele foi devidamente traduzido por Niemeyer. No Planalto Central, construíra a identidade escultural do Brasil. (Adaptado de Rosane Pavam. CartaCapital, 07/12/2012, www.cartacapital.com.br/sociedade/a-visao-monumental-2/)

30. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 1/2013) O texto sugere que,

(A) mesmo que não se possa estender esse sentimento para o conjunto da obra de Niemeyer, Brasília provocaria certo mal-estar no observador, o que teria origem no projeto monumental de Lucio Costa.

(B) na biografia de Niemeyer, ressaltaria uma contradição insolúvel entre sua origem e suas convicções políticas, o que acabaria se resolvendo em suas obras monumentais, que misturam sonho e realidade.

(C) embora Brasília seja considerada a principal criação de Oscar Niemeyer, o próprio arquiteto não teria ficado satisfeito com a cidade, pois não corresponderia ao que havia sonhado.

(D) ainda que a construção de Brasília, projetada por Niemeyer, possa não ter concretizado a modernidade sonhada pelo arquiteto, a cidade teria se tornado genuína representação desse sonho grandioso.

(E) considerados os seus mais importantes projetos, a revolução empreendida por Oscar Niemeyer na arquitetura estaria evidentemente ligada a sua filiação ao partido comunista.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Niemeyer vira a possibilidade de construir ali a imagem moderna do País. E como dizer que a cidade, ao fim, deixara de corresponder à modernidade empenhada? Houve um sonho monumental, e ele foi devidamente traduzido por Niemeyer. No Planalto Central, construíra a identidade escultural do Brasil.

Alternativa "a" – Errada. Brasília provocaria certo mal-estar no observador.

Alternativa "b" – Errada. Na biografia de Niemeyer, ressaltaria uma contradição insolúvel entre sua origem e suas convicções políticas.

Alternativa "c" – Errada. Não teria ficado satisfeito com a cidade.

Alternativa "e" – Errada. Arquitetura estaria evidentemente ligada a sua filiação ao partido comunista.

---

31. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 1/2013) *Quem sabe seus museus, prédios governamentais e catedrais não tivessem mesmo sido construídos para ilustrar essa perplexidade?* (3º parágrafo) De acordo com o contexto, o sentido do elemento grifado acima pode ser adequadamente reproduzido por:

(A) estupefação.

(B) animosidade.

(C) descompasso.

(D) problemática.

(E) melancolia.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – Perplexidade: *estado ou condição de perplexo, de quem ficou pasmo, sem reação; hesitação; perplexidez.**

– **Estupefação:** *no sentido figurado significa estado de quem está aturdido, assombrado; perplexidade.**

**Fonte: Dicionário Digital Aulete.*

Texto para responder a próxima questão.

O tempo não para

O processo é conhecido. Os custos crescem, os competidores avançam, e os acionistas querem resultados. Saída: renovar os quadros. Leia-se: livrar-se dos funcionários mais velhos e caros, contratar jovens efebos, com muita vontade e pequeno salário. Dito e feito. Então, o trabalho emperra, os clientes reclamam, mas a planilha de custos fala mais alto. Assim tem sido: a cada crise, interna ou externa, as empresas rejuvenescem seus quadros. Alguns observadores batizaram o processo de "juniorização".

Uma empresa "juniorizada" salta aos olhos. Antes, o escritório, silencioso e solene, era dominado por calvícies e cabelos brancos. Seis meses depois, o nível de ruído aumentou, e uma horda juvenil se estabeleceu. Foram-se as regras e procedimentos, substituídos por um frenesi frequentemente confundido com agilidade e produtividade. O mais importante é, porém, que a folha de pagamento foi reduzida. Inferno na Terra, paz no Olimpo corporativo.

Renovar sistematicamente os quadros é um princípio de gestão importante para as empresas. Profissionais mais jovens trazem novas ideias, colocam em xeque processos anacrônicos e ajudam a evitar que a empresa envelheça e perca o contato com as mudanças em seu ambiente de negócios. A renovação, realizada na medida certa, traz efeitos positivos.

A juniorização, por ser realizada com o propósito de reduzir custos, compromete a qualidade da gestão e põe em risco o futuro das companhias. Vista como panaceia, evita que a empresa trate de questões mais substantivas, relacionadas ao seu modelo de negócios e às suas práticas de gestão.

Além disso, a juniorização segue na contramão da demografia. O Brasil está envelhecendo. Nas próximas décadas, as empresas terão de lidar com quadros profissionais cada vez mais maduros. Uma pesquisa recente, realizada pela consultoriaPwC e a

FGV-Eaesp, instituição à qual este escriba está ligado, procurou avaliar como o mundo corporativo se prepara para o fenômeno. Foram ouvidas mais de cem empresas, de diversos segmentos da economia. Algumas conclusões são preocupantes.

Em primeiro lugar, menos de 40% das organizações pesquisadas reconhecem que quadros mais maduros podem constituir alternativa à escassez de talentos. Consequentemente, a maioria das empresas não possui mecanismos para atrair e manter tais quadros. Em segundo lugar, as companhias reconhecem: profissionais mais maduros possuem competências valiosas, relacionadas à capacidade de realizar diagnósticos e resolver problemas, além de apresentar maior equilíbrio emocional. Paradoxalmente, elas não contam com modelos de gestão de carreira que facilitem os processos pelos quais tais características poderiam ser mais bem exploradas. Em terceiro lugar, há poucas iniciativas para garantir maior qualidade de vida e para ter quadros mais saudáveis no futuro. Há também poucas ações para acomodar o perfil e as necessidades dos profissionais próximos da aposentadoria. (Adaptado de: Thomaz Wood Jr., CartaCapital, 21/04/2013, www.cartacapital.com.br/sociedade/o-tempo-nao-para)

---

32. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) A definição do processo de "juniorização" que pode ser corretamente depreendida do texto é:

(A) a substituição, feita por empresas em tempos de crise, de funcionários antigos por empregados mais jovens, com consequente diminuição da folha de pagamento e piora na qualidade da execução do trabalho.

(B) a saudável revitalização do ambiente de trabalho, trazida às empresas por funcionários mais jovens e dinâmicos, que não se atêm às regras em favor da produtividade e da rapidez na realização de suas tarefas.

(C) a contratação de funcionários mais jovens e mais ativos em substituição aos funcionários antigos e acomodados, com o ganho adicional para as empresas advindo da diminuição de seus custos.

(D) o inevitável rejuvenescimento do corpo funcional das empresas que, durante as crises, precisam ao mesmo tempo diminuir a folha de pagamento e aumentar a criatividade de seus funcionários.

(E) a diminuição da idade média do quadro de pessoal das empresas, feita por meio da contratação de funcionários mais jovens, que gradualmente vão se mesclando aos funcionários mais antigos e experientes.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – No primeiro parágrafo: *Os custos crescem, os competidores avançam, e os acionistas querem resultados. Saída: renovar os quadros. Leia-se: livrar-se dos funcionários mais velhos e caros, contratar jovens efebos, com muita vontade e pequeno salário. Dito e feito. Então, o trabalho emperra, os clientes reclamam, mas a planilha de custos fala mais alto. Assim tem sido: a cada crise, interna ou externa, as empresas rejuvenescem seus quadros. Alguns observadores batizaram o processo de "juniorização".*

Alternativa "b" – Errada. Deveria haver um equilíbrio entre a *"juniorização"* e a estabilidade dos funcionários antigos. Seria saudável renovar sem eliminar, e assim não comprometer a qualidade da gestão.

Alternativa "c" – Errada. Não há definição correta do processo de *"juniorização"*.

Alternativa "d" – Errada. Ideia não mencionada no texto.

Alternativa "e" – Errada. Não há essa definição no texto.

---

33. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) Os resultados da pesquisa comentada pelo autor do texto mostram que

I. as empresas brasileiras pesquisadas não estão, em geral, preparadas para o envelhecimento da população ora em curso no Brasil, o que demandaria estratégias para se beneficiarem das qualidades dos funcionários mais velhos, efetivos ou potenciais.

II. menos da metade das empresas brasileiras pesquisadas considera que a insuficiência do mercado de trabalho para suprir funcionários excepcionais pode ser compensada com a contratação de profissionais mais velhos e experientes.

III. a maior parte das empresas brasileiras pesquisadas recusa-se a admitir que os profissionais mais velhos levam vantagem sobre os mais jovens em aspectos como a identificação e a resolução de problemas, e a estabilidade emocional.

Atende ao enunciado o que consta em

(A) I e II, apenas.

(B) III, apenas.

(C) I e III, apenas.

(D) I, II e III.

(E) II, apenas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta.

Item "I" – Correto: A pesquisa mostra que há despreparo das empresas para, ante o envelhecimento da população, manterem o equilíbrio entre a qualidade e a vitalidade de seu quadro de funcionários.

Item "I" – Correto: Informação citada no último parágrafo.

Item "I" – Incorreto: Não há informação a essa recusa por parte das empresas; elas reconhecem o que se afirma, mas faltam-lhes mecanismos e iniciativas entre manterem os funcionários mais velhos e a aquisição de jovens para gradualmente haver integração entre experiências, ideias novas e agilidade, porém o custo da folha de pagamento fala mais alto.

Texto para a próxima questão.

A cidade de Goiás, antiga Villa-Boa de Goyaz, que até o ano de 1933 ostentou a condição de capital do Estado, surgiu das povoações fundadas. em 1926, pelo explorador paulista Bartolomeu Bueno, o filho.

Nascida em decorrência do ciclo do ouro, a cidade atingiu o auge durante o século XVIII.

A partir desse período, o seu núcleo central foi assumindo aparência arquitetônica própria, que ainda hoje conserva, num estilo colonial condizente com as condições da reg8 por assumir um ar romântico imposto por contingências históricas e por força de sua situação geográfica.

Privilegiada no sentido de colocar as pessoas em contato permanente com os elementos da natureza, esse aspecto foi acentuado por seus riachos cristalinos e sua vegetação peculiar, suas ruas sinuosas e irregulares, suas ladeiras pedregosas, seus tortuosos e misteriosos becos, seus muros de pedra. Esses mesmos muros de pedra que alimentaram as lendas sobre os escravos que os construíram e sobre a existência de tesouros em pepita e ouro em pó, escondidos em suas fendas. Lendas que provocavam a imaginação das crianças, juntamente com os outros casos que os mais velhos contavam ao cair da noite, revivendo as tradições tribais, tanto da África quanto de nossos aborígenes.

Esse costume de os mais velhos contarem casos às crianças, ao entardecer, é um fato psicológico que deve ser realçado como elemento provocador, por excelência, da imaginação criadora dos vilaboenses.

O "contar casos" se constituiu numa tradição familiar de nossos ancestrais que Cora Coralina faz reviver em sua obra com toda pujança de seu poder criador.

Em seus poemas encontramos o estilo oral desses "casos", sem invencionices literárias, gravados com a aparente simplicidade que caracteriza a sua obra poética. (Adaptado da apresentação de: Cora Coralina. Vintém de cobre: meias confissões de Aninha. 8. ed. S.Paulo: Global,2001. p. 6 e 7)

34. (FCC – Técnico Judiciário – Administrativa – TRT 18/2013) O texto estabelece uma estreita relação entre

(A) o nascimento da cidade em pleno ciclo do ouro e a riqueza que possibilitou a preservação da arquitetura colonial da cidade de Goiás.

(B) a força da natureza que envolve a cidade de Goiás e o fato de suas construções terem resistido durante tanto tempo às transformações impostas pela modernidade.

(C) o fato de Goiás ter deixado de ser a capital do estado em 1933 e a impossibilidade de a cidade expandir-se fisicamente.

(D) as características naturais e arquitetônicas da cidade de Goiás e as histórias misteriosas e as lendas que têm circulado pela cidade.

(E) os poemas simples e românticos de Cora Coralina e a simplicidade dos escravos e índios que construíram e povoaram a cidade de Goiás.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Privilegiada no sentido de colocar as pessoas em contato permanente com os elementos da natureza, esse aspecto foi acentuado por seus riachos cristalinos e sua vegetação peculiar, suas ruas sinuosas e irregulares, suas ladeiras pedregosas, seus tortuosos e misteriosos becos, seus muros de pedra. Esses mesmos muros de pedra que alimentaram as lendas sobre os escravos que os construíram e sobre a existência de tesouros em pepita e ouro em pó, escondidos em suas fendas. Lendas que provocavam a imaginação das crianças, juntamente com os outros casos que os mais velhos contavam ao cair da noite, revivendo as tradições tribais, tanto da África quanto de nossos aborígenes.

Alternativa "a" – Errada. São as circunstâncias temporais em que se deu o nascimento da cidade e não características naturais e arquitetônicas.

Alternativa "b" – Errada. Afirmativa incompleta, não há estreita relação.

Alternativa "c" – Errada. Os fatos não mantêm relação entre si.

Alternativa "e" – Errada. Os três elementos fazem parte da cidade, mas não guardam entre si a estreita relação sugerida pela questão.

Texto para as próximas questões:

A Amazônia, dona de uma bacia hidrográfica com cerca de 60% do potencial hidrelétrico do país, tem a chance de emergir como uma região próspera, capaz de conciliar desenvolvimento, conservação e diversidade sociocultural. O progresso está diretamente ligado ao papel que a região exercerá em duas áreas estratégicas para o planeta: clima e energia. Não se trata de explorar a floresta e deixar para trás terra arrasada, mas de aproveitar o valor de seus ativos sem qualquer agressão ao meio ambiente. Para isso, basta que o Brasil seja capaz de colocar em prática uma ampla e bem-sucedida política socioambiental, a exemplo do que faz a indústria cosmética nacional, que seduziu o mundo com a biodiversidade brasileira. É marketing e é conservacionismo também.

Segundo o pesquisador Beto Veríssimo, fundador do Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (Imazon), a floresta é fundamental para a redução global das emissões de gases de efeito estufa. "O Brasil depende da região para produzir mais energia e não sou contra a expansão da rede de usinas aqui, mas é preciso cautela, para não repetir erros do passado, quando as hidrelétricas catalisaram ocupação desordenada, conflitos sociais e desmatamentos. Enfrentar o desmatamento da Amazônia é crucial para o Brasil." (Trecho de Diálogos capitais. CartaCapital, 7 de setembro de 2011, p. 46)

---

35. (FCC – TRT – 11ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2012) No último parágrafo, o pesquisador

(A) lamenta o fato de ser necessário desmatar a floresta para criar condições mais favoráveis para a Amazônia, especialmente quanto ao fornecimento de energia elétrica.

(B) aponta para as dificuldades que surgirão com os novos projetos de construção de usinas hidrelétricas na região amazônica.

(C) defende a construção de novas usinas, por trazerem benefícios para toda a região, ainda que seja necessário desmatar grandes áreas de floresta.

(D) alerta para a necessidade de um planejamento de ações, para evitar, como já têm acontecido, fatos comprometedores do desenvolvimento sustentável da Amazônia.

(E) constata que, apesar da abundância de recursos hídricos na região amazônica, é inaceitável seu aproveitamento com a construção de novas usinas hidrelétricas.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Síntese da ideia central do texto: produzir energia e desenvolvimento na Amazônia, porém de forma cautelosa e sustentável, sem agredir o meio ambiente.

Eliminemos algumas alternativas pelos verbos iniciais:

Alternativa "a" – Errada. lamenta.

Alternativa "b" – Errada. surgirão dificuldades: o autor afirma que é preciso ter cautela para que não se repitam os erros do passado.

Alternativa "c" – Errada. ainda que seja necessário desmatar grandes áreas de floresta.

Alternativa "e" – Errada. é inaceitável seu aproveitamento com a construção de novas usinas hidrelétricas.

---

36. (FCC – TRT – 11ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2012) *"É marketing e é conservacionismo também"* (final do 1º parágrafo). O exemplo referente à indústria de cosméticos retoma em linhas gerais a ideia contida em:

(A) O progresso está diretamente ligado ao papel que a região exercerá em duas áreas estratégicas para o planeta: clima e energia.

(B) ... mas de aproveitar o valor de seus ativos sem qualquer agressão ao meio ambiente.

(C) O Brasil depende da região para produzir mais energia...

(D) ... quando as hidrelétricas catalisaram ocupação desordenada, conflitos sociais e desmatamentos.

(E) Enfrentar o desmatamento da Amazônia é crucial para o Brasil.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Retoma a ideia dos períodos antepostos: **aproveitar o valor de seus ativos sem qualquer agressão ao meio ambiente**. Para isso, basta que o Brasil seja capaz de colocar em prática uma ampla e bem-sucedida política socioambiental, a exemplo do que faz a indústria cosmética nacional, que seduziu o mundo com a biodiversidade brasileira.

Alternativa "a" – Errada. Não se refere a marketing e a conservacionismo.

Alternativa "c" – Errada. Esta informação está no parágrafo posterior.

Alternativa "d" – Errada. Esta informação está no parágrafo posterior.

Alternativa "e" - Errada. Esta informação está no parágrafo posterior.

Texto para as próximas questões:

Na reunião em que foi eleito diretor-geral da Organização para a Alimentação e a Agricultura (FAO) da ONU, o ex-ministro brasileiro José Graziano da Silva assegurou – com sua experiência de gestor do programa de combate à fome entre nós – que esta será sua prioridade: enfrentar esse problema no mundo, para que até 2015 o número de carentes de alimentos no planeta, hoje em torno de 1 bilhão, se reduza à metade. "É o desafio do nosso tempo", disse na ocasião o ex-secretário da ONU, Kofi Anan, lembrando que um dos complicadores dessa questão, "o protecionismo dos ricos" à sua produção de alimentos, só tem aumentado. E isso quando a própria FAO alerta que os preços desses produtos continuarão a subir nos próximos dez anos. E que a produção precisará crescer 70% até 2050, para alimentar os 9,2 bilhões de pessoas que estarão no mundo nessa época. Ele alertou também para os crescentes compra e arrendamento de terras em outros países, por especuladores de fundos de alto risco de países industrializados.

Tudo acontece num cenário paradoxal. Um relatório da própria FAO assegura que um terço dos alimentos produzidos no mundo, cerca de 1,3 bilhão de toneladas anuais, se perde ou é desperdiçado. Os consumidores ricos desperdiçam 222 milhões de toneladas de frutas e hortaliças – tanto quanto a produção de alimentos na África.

E assim vamos no mundo dos paradoxos. A produção de alimentos cresce, sobem os preços, "commodities" transformam-se em garantia para investimentos, juntamente com a compra de terras em países mais pobres. Mas não se consegue sair de perto do número terrível de 1 bilhão de famintos no planeta, 40% da humanidade, vivendo abaixo da linha de pobreza. Trecho com adaptações do artigo de Washington Novaes. O Estado de S. Paulo, A2, Espaço Aberto, 1 de julho de 2011)

37. (FCC – TRT – 11ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2012) A ideia central do texto está explicitada em:

(A) O aumento do número de famintos nas regiões pobres do planeta exige atitudes de autoridades em relação ao comércio mundial de alimentos.

(B) A especulação econômica em torno de terras nos países em desenvolvimento põe em risco a produção de alimentos.

(C) A ação prioritária da FAO, órgão da ONU, estará voltada para a redução do número de pessoas que passam fome em todo o mundo.

(D) O aumento dos preços de alimentos decorrente da busca de lucros pelos países mais ricos agrava a fome em todo o planeta.

(E) O desperdício de alimentos, principalmente nos países ricos, é a razão primeira do aumento de preços em países mais pobres.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – A ideia central, normalmente, está no primeiro parágrafo (introdução) ou no último (conclusão) e, mais uma vez, foi o que a banca pediu: "será sua prioridade: enfrentar esse problema no mundo, para que até 2015 o número de carentes de alimentos no planeta, hoje em torno de 1 bilhão, se reduza à metade."

Nas outras alternativas, não há ideia principal, ou seja, para que o autor escreveu o texto? Qual a mensagem que pretendeu nos passar? Assim fica mais fácil entender.

Alternativa "a" - Errada. exige atitudes de autoridades em relação ao comércio mundial de alimentos.

Alternativa "b" - Errada. A especulação econômica em torno de terras nos países em desenvolvimento

Alternativa "d" - Errada. O aumento dos preços de alimentos decorrente da busca de lucros

Alternativa "e" - Errada. é a razão primeira do aumento de preços em países mais pobres.

38. (FCC – TRT – 11ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2012) O *cenário paradoxal* a que o autor alude no 2º parágrafo se estabelece entre

(A) o desperdício de alimentos nos países mais ricos e o incremento do comércio mundial, para atender a toda a população no planeta.

(B) a proteção dos países ricos aos seus estoques de alimentos e o aumento da produção em todo o mundo, alavancada por altos investimentos no setor agrícola dos países mais pobres.

(C) a especulação em torno da posse de terras para a agricultura nos países mais pobres e o protecionismo dos ricos à produção de alimentos, para controlar a alta dos preços no mercado internacional.

(D) a produção de alimentos nos países mais ricos que só cresce, em razão dos enormes investimentos no setor, e a luta dos países mais pobres para superar a falta de tecnologia na agricultura.

(E) o crescimento econômico e até mesmo o da produção de alimentos e os efeitos da fome que atinge grande parte da população mundial, que vive em extrema pobreza.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Paradoxo é contradição. Embora essa questão tenha gerado polêmica, a resposta é mesmo a alternativa e, pois "**A produção de alimentos cresce**, sobem os preços, "commodities" transformam-se em garantia para investimentos, juntamente com a compra de terras em países mais pobres. **Mas não se consegue sair de perto do número terrível de 1 bilhão de famintos no planeta**, 40% da humanidade, vivendo abaixo da linha de pobreza."

Alternativa "a" – Errada. O texto não fala nada sobre incremento do comércio mundial.

Alternativa "b" – Errada. Há ideias que não foram citadas no texto.

Alternativa "c" – Errada. *Não faz a relação entre o protecionismo e alta de preços.*

Alternativa "d" – Errada. O texto não fala sobre a falta de tecnologia nos países pobres nem do crescimento de produção nos países ricos no tempo presente.

Texto para as próximas questões:

Ainda que existam estudos modernos levantando a hipótese de que a tragédia grega teria tido sua origem em rituais fúnebres, danças mímicas de atores mascarados em homenagem a heróis mortos, a tese geralmente aceita é a de que nasceu dos cultos a Dionísios, deus do vinho e da fertilidade, das fontes da vida e do sexo.

Duas figuras merecem atenção na fase primitiva do teatro grego: um tirano, Pisístrato, e um ator, Téspis. O primeiro oficializou o culto a Dionísios, mandou organizar as festas dionisíacas urbanas e chamou Téspis para promovê-las anualmente. De forma competitiva, passaram a ser realizadas durante seis dias na primavera. Para muitos, Téspis foi o primeiro ator. E também o responsável por transformações decisivas na libertação da dramaturgia das amarras da poesia.

Aristóteles deixou-nos o primeiro documento básico de teoria teatral: Poética, dissecando a estrutura da tragédia e da comédia, caracterizando os gêneros e suas diferenças, explicando suas origens e analisando seus elementos. Estudando a poesia dramática em relação à lírica e à épica, acentua seu significado estético, cívico e moral. Para Aristóteles a arte é imitação da natureza; o drama é a imitação de ações, tendo por objetivo provocar compaixão e terror. A identificação do público com os personagens coloca o primeiro em estado de êxtase e assim poderá atingir a purgação dessas emoções. (Fragmento adaptado de Fernando Peixoto. O que é teatro, 4.ed., S.Paulo: Brasiliense, 1981, p.67 e 68)

39. (FCC – TRT – 11ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2012) Segundo o autor, o surgimento da tragédia grega,

(A) que se pensava estar ligado a Dionísios, passou a ser creditado a Aristóteles, autor da **Poética,** em que expõe a sua teoria teatral.

(B) não obstante a recuperação de nomes como os de Pisístrato e Téspis, permanece ainda uma verdadeira incógnita.

(C) em consenso finalmente obtido entre os estudiosos, relaciona-se aos cultos ao deus do vinho e das fontes da vida, Dionísios.

(D) em que pese a importância de Dionísios, tem sido com maior frequência vinculado aos rituais e encenações fúnebres em honra dos heróis.

(E) a despeito de divergência mais ou menos recente, costuma ser associado aos cultos a Dionísios, o deus do vinho e das fontes da vida.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – "a tese geralmente aceita é a de que nasceu dos cultos a Dionísios, deus do vinho e da fertilidade, das fontes da vida e do sexo."

Como já foi citado o trecho que cita o surgimento, eliminam-se as alternativas a, b, c e d.

40. (FCC – TRT – 11ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2012) O segmento cujo sentido está corretamente expresso em outras palavras é:

(A) *dissecando a estrutura* = aglutinando os elementos estruturais

(B) *libertação da dramaturgia* = extroversão dramática

(C) *purgação dessas emoções* = emancipação desses sentimentos

(D) *compaixão e terror* = piedade e pavor

(E) *levantando a hipótese* = auferindo a convicção

COMENTÁRIOS

Alternativa "d" – Correta.

Nota da autora: Questão de interpretação e semântica (significado das palavras).

Alternativa d: *compaixão* = piedade; *terror* = pavor.

Alternativa "a" – Errada. Dissecar = cortar em pedaços; aglutinar = reunir

Alternativa "b" – Errada. Libertação = liberdade; extroversão = qualidade de ser extrovertido

Alternativa "c" – Errada. Purgação = limpar, purificar; emancipação = ato de se libertar

Alternativa "e" – Errada. Hipótese = suposição; convicção = certeza

Texto para as próximas questões:

A ideia de uma dimensão humana da arte repousa numa concepção de humanidade que sofreu modificações ao longo do tempo. Não há muito, apenas o heroico, o mítico e o religioso eram admitidos na grande arte. A dignidade de um trabalho se media em parte pela importância de seu tema.

Com o tempo tornou-se claro que uma cena da vida cotidiana, uma paisagem ou natureza morta poderiam constituir uma grande pintura tanto quanto uma imagem da história ou do mito. Descobriu-se também que havia alguns valores profundos na representação de um motivo que não enfocasse o ser humano. Não me refiro apenas à beleza criada pelo domínio de forma e cor de que dispunha o pintor. A paisagem e a natureza morta também incorporavam a percepção emotiva do artista para com a natureza e as coisas, ou seja, a sua visão no sentido mais amplo. A dimensão humana da arte não está, portanto, confinada à imagem do ser humano. O homem também se mostra na relação com aquilo que o rodeia, nos seus artefatos e no caráter expressivo de todos os signos e marcas que produz. Esses podem ser nobres ou ignóbeis, alegres ou trágicos, passionais ou serenos. Podem ainda suscitar estados de espírito inomináveis, e mesmo assim, portadores de uma enorme força. (Fragmento de Meyer Schapiro, a dimensão humana da pintura abstrata. Trad. Betina Bischot, S.Paulo: Cosac & Naify, 2001, p. 7 e 8)

41. (FCC – TRT – 11ª Região – Técnico Judiciário – Área Administrativa /2012) Segundo o autor, ao longo do tempo a pintura passou a incorporar temas que

(A) não se relacionam de modo algum com o homem e com a figura humana, como se dá com as naturezas mortas e as paisagens.

(B) envolvem a história, a religião e o mito, mesmo que não estejam diretamente relacionados com o homem e com a figura humana.

(C) não tratam diretamente do homem ou de suas grandes questões, muito embora acabem sempre por revelar algo do que é propriamente humano.

(D) trazem para o quadro cenas da vida cotidiana e paisagens naturais, a despeito de não propiciarem a realização de grandes obras de arte.

(E) sugerem a presença da figura humana no quadro tão somente pelo domínio que o pintor demonstra ao trabalhar com a forma e com a cor.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – "A dimensão humana da arte não está, portanto, confinada à imagem do ser humano. O homem também se mostra na relação com aquilo que o rodeia, nos seus artefatos e no caráter expressivo de todos os signos e marcas que produz."

Alternativa "a" – Errada. ***A paisagem e a natureza morta também incorporavam a percepção emotiva do artista*** *para com a natureza e as coisas.*

Alternativa "b" – Errada. "Peguinha": no enunciado, pede-se a incorporação de temas na pintura **ao longo do tempo** e não nos primórdios: "não há muito, apenas o mítico, o heroico e o religioso eram admitidos".

Alternativa "d" – Errada. "uma paisagem ou natureza morta poderiam constituir uma grande pintura, tanto quanto uma imagem da história ou do mito."

Alternativa "e" – Errada. Falta acrescentar a **percepção.**

Texto para a próxima questão:

Um dos mitos narrados por Ovídio nas Metamorfoses conta a história de Aglauros. A jovem é irmã de Hersé, cuja beleza extraordinária desperta o desejo do deus Hermes. Apaixonado, o deus pede a Aglauros que interceda junto a Hersé e favoreça os seus amores por ela; Aglauros concorda, mas exige em troca um punhado de moedas de ouro. Isso irritou Palas Atena, que já detestava a jovem porque esta a espionara em outra ocasião. Não admitia que a mortal fosse recompensada por outro deus; decide vingar-se, e a vingança é terrível: Palas Atena vai à morada da Inveja e ordena-lhe que vá infectar a jovem Aglauros.

A descrição da Inveja feita por Ovídio merece ser relembrada, pois serviu de modelo a todos os que falaram desse sentimento: "A Inveja habita o fundo de um vale onde jamais se vê o sol. Nenhum vento o atravessa; ali reinam a tristeza e o frio, jamais se acende o fogo, há sempre trevas espessas. A palidez cobre o seu rosto e o olhar não se fixa em parte alguma. Ela ignora o sorriso, salvo aquele que é excitado pela visão da dor alheia. Assiste com despeito aos sucessos dos homens, e este espetáculo a corrói; ao dilacerar os outros, ela se dilacera a si mesma, e este é seu suplício". (Adaptado de Renato Mezan. "A inveja". Os sentidos da paixão. São Paulo: Funarte e Cia. das Letras, 1987. p.124-25)

42. (FCC – TRT 6 – Técnico Judiciário – Área Administrativa/2012) Atente para as afirmações abaixo.

I. O autor sugere que se rememore a descrição da Inveja feita por Ovídio com base no fato de que antes dele nenhum autor de tamanha magnitude havia descrito esse sentimento de maneira inteligível.

II. A importância do mito de Aglauros deriva do fato de que, a partir dele, se explica de maneira coerente e lógica a origem de um dos males da personalidade humana.

III. Ao personificar a Inveja, Ovídio a descreve como alguém acometido por ressentimentos e condenado à infelicidade, na medida em que não tolera a alegria de outrem.

Está correto o que se afirma APENAS em

(A) I.

(B) I e II.

(C) I e III.

(D) II e III.

(E) III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e" – Correta.

Item "I" – Errado: Autores já haviam falado sobre o tema.

Item "II" – Errado: Não é explicada, no texto, a origem da inveja.

Item "III" – Certo: Ideia citada no último parágrafo.

Atenção! A questão refere-se ao texto abaixo.

Em vida, Gustav Mahler (1860-1911), tanto por sua personalidade artística como por sua obra, foi alvo de intensas polêmicas – e de desprezo por boa parte da crítica. A incompreensão estética e o preconceito antissemita também o acompanharam postumamente e foram raros os maestros que, nas décadas que se seguiram à sua morte, se empenharam na apresentação de suas obras. Durante os anos 60, porém, uma virada totalmente inesperada levou a obra de Mahler ao início de uma era de sucessos sem precedentes, que perdura até hoje. Intérpretes conhecidos e pesquisadores descobriram o compositor, enquanto gravações discográficas divulgavam uma obra até então desconhecida do grande público.

Há uma série de fatores envolvidos na transformação de Mahler em figura central da história da música do século XX. A visão de mundo de uma geração mais jovem certamente teve influência central aqui: o dilaceramento interior de Mahler, seu interesse pelos problemas fundamentais da existência humana, seu pacifismo, seu engajamento contra a opressão social e seu posicionamento em favor do respeito à integridade da natureza – tudo isso se tornou, subitamente, muito atual para a geração que nasceu no pós-guerra.

O amor incondicional de Mahler pela natureza sempre esteve presente em sua obra. O compositor dedicava inteiramente à criação musical os meses de verão, recolhendo – se em pequenas cabanas na paz dos Alpes austríacos. Em Steinbach, Mahler empreendia longas caminhadas que lhe proporcionaram inspiração para sinfonias.

Comparar a simplicidade espartana dessas casinhas com a enorme complexidade das obras ali criadas diz muito sobre a genialidade do compositor – e, sobretudo, sobre a real origem de sua musicalidade. Totalmente abandonadas e esquecidas na Áustria no pós-guerra, essas casinhas de Mahler hoje se transformaram em memoriais, graças à ação da Sociedade Internacional Gustav Mahler. O mundo onírico dos Alpes do início do século XX certamente voltará à memória de quem, tendo uma imagem desses despojados retiros musicais de Mahler, voltar a ouvir sua música grandiosa. (Adaptado: Klaus Billand. Gustav Mahler: a criação de um ícone. Revista 18. Ano IV, n. 15, março/abril/ maio de 2006, p. 52-53. <http://www.cebrap.org.br/v1/upload/bibliotecavirtual/GIANNOTTI_Tolerancia%20maxima.pdf> Acesso em: 22 dez. 2011)

43. (FCC – Técnico do Seguro Social – INSS/ 2012) Segundo o autor, o reconhecimento da grandeza artística de Mahler ao longo dos anos 60 deve-se, em larga medida,

(A) à beleza única de suas obras, para a qual contribuíram largamente o amor incondicional do compositor pelos sons e pela musicalidade da natureza.

(B) à harmonia do conjunto de sua obra, que, por sua simplicidade intrínseca, pôde ser amplamente compreendida pelas gerações seguintes.

(C) ao advento de uma geração cujos valores, apesar da distância temporal, correspondiam aos defendidos pelo compositor.

(D) ao reconhecimento, ainda que tardio, de sua originalidade por maestros e grandes intérpretes da música clássica com quem o compositor convivera.

(E) à ação de organizações culturais que se dispuseram a divulgar a obra do compositor, mesmo correndo o risco de sofrer represálias por parte do público.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Informação citada no segundo parágrafo e resumida na frase: *tudo isso se tornou, subitamente, muito atual para a geração que nasceu no pós-guerra.*

Alternativa "a" –Não cita sons e musicalidade da natureza.

Alternativa "b" –Não cita simplicidade, ao contrário: *incompreensão estética.*

Alternativa "d" –Nada garante que o compositor tenha convivido com grandes intérpretes.

Alternativa "e" –Não há menção alguma no texto sobre tais informações.

Texto para a próxima questão:

Isolados por opção

Imagens inéditas de índios supostamente isolados em meio à floresta amazônica recentemente chamaram a atenção de todo o mundo. O flagrante dos indígenas vivendo de forma primitiva na região fronteiriça entre o Brasil e o Peru foi divulgado como o novo registro visual de uma população que estaria até hoje sem contato direto com o homem branco. Porém, uma observação mais atenta das fotos deixou evidente a presença de utensílios modernos, como facões e panelas, entre as ferramentas usadas pelos índios. Logo, a polêmica estava criada.

Segundo Elias Bigio, responsável pela coordenação de índios isolados da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), a tribo em questão não pode ser descrita como intocada. "Não sabemos exatamente se eles adquiriram aqueles objetos por meio de coleta ou escambo com outros indígenas, mas certamente são índios com um passado traumático de confrontos com o homem branco", diz Bigio. "O que nós podemos afirmar é que eles estão isolados por opção e provavelmente fugiram do território peruano para se proteger do crescente avanço dos madeireiros". A exploração da madeira no país vizinho carece de fiscalização e é apontada por organizações não governamentais internacionais como uma das maiores ameaças ao bem-estar dos povos indígenas da região. (Adaptado de artigo de Paula Rocha. ISTOÉ, 9 de fevereiro de 2011, p. 67)

44. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 14/ 2011) De acordo com o texto,

(A) a tribo indígena recentemente encontrada está correndo grande risco ao ter os seus hábitos expostos e divulgados pelos meios de comunicação.

(B) o conflito com madeireiros peruanos é a provável causa de uma tribo indígena, flagrada em posse de utensílios modernos, estar isolada na floresta amazônica.

(C) o desmatamento excessivo da floresta amazônica fez com que certas tribos migrassem para regiões com mais disponibilidade de alimentos.

(D) a preocupação constante de organizações não governamentais tem evitado a extinção de algumas culturas indígenas que habitam a Amazônia.

(E) a floresta cerrada que separa os territórios brasileiro e peruano dificulta o acesso de algumas tribos à ajuda humanitária oferecida por organizações não governamentais.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Informações citadas nos trechos: uma observação mais atenta das fotos deixou evidente a presença de utensílios modernos, como facões e panelas, entre as ferramentas usadas pelos índios. "O que nós podemos afirmar é que eles estão isolados por opção e provavelmente fugiram do território peruano para se proteger do crescente avanço dos madeireiros".

Alternativa "a" – Errada. está correndo grande risco.

Alternativa "c" – Errada. tribos migrassem para regiões com mais disponibilidade de alimentos.

Alternativa "d" – Errada. tem evitado a extinção de algumas culturas indígenas que habitam a Amazônia.

Alternativa "e" – Errada. dificulta o acesso de algumas tribos à ajuda humanitária oferecida por organizações não governamentais.

Texto para as próximas questões:

O cenário é o luxuoso resort Four Seasons. Sua decoração sofisticada, com colunas de mármore, lustres monumentais de cristal e detalhes das escadarias em ouro, atiça os olhos do turista. Câmera em punho, o ímpeto de registrar o ambiente logo é interrompido por um dos funcionários. "É proibido fotografar os homens vestindo roupas brancas e as mulheres em trajes pretos", exclamou. Restrições desse tipo dentro de um hotel internacional são, no mínimo, estranhas aos olhos ocidentais. No entanto, quando o resort em questão está localizado em Doha, capital do Catar, ter cuidado com as fotos é apenas uma das milhares de regras e imposições a serem respeitadas na cidade.

Nas ruas, nos museus ou nos shoppings de Doha, sempre existe alguém para impedir os retratos.

E se você conseguir tirar uma foto escondido vai perceber as pessoas cuidadosamente tampando o rosto. Isso porque o Catar, país que acaba de ser eleito sede da Copa do Mundo de 2022, vive sob os preceitos da religião muçulmana. Lá, as mulheres não podem exibir seus rostos fora de suas residências e adotam as burcas como traje. As menos tradicionais se escondem apenas com lenços e véus. (Natália Mestre, "A cidade dos contrastes". ISTOÉ PLATINUM, n. 22, Dezembro/Janeiro 2011, p. 72)

45. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 4/ 2011) Compreende-se corretamente do texto:

(A) turistas do mundo ocidental estranham, mas os limites à atuação dos turistas nos hotéis internacionais de Doha são ínfimos, considerados os padrões dos países orientais.

(B) Doha é a única cidade do Catar onde há milhares de regras e imposições a serem respeitadas, entre elas as que definem o ato de fotografar.

(C) à exceção do que ocorre no interior de luxuosos hotéis, em Doha o turista pode tirar fotos, desde que furtivamente e dando aos fotografados tempo de tamparem o rosto.

(D) a exposição que o Catar recebeu na mídia depois de ter sido eleito sede da Copa do Mundo de 2022 fez que as normas da religião muçulmana se tornassem mais rigorosas.

(E) tanto as mulheres catarianas mais aferradas à herança cultural, quanto as menos, costumam observar o decoro preconizado pela religião que impera em seu estado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Isso porque o Catar vive sob os preceitos da religião muçulmana. Lá, as mulheres não podem exibir seus rostos fora de suas residências e adotam as burcas como traje. As menos tradicionais se escondem apenas com lenços e véus.

Alternativa "a" – Errada. turistas do mundo ocidental estranham.

Alternativa "b" – Errada. Doha é a **única** cidade do Catar onde há milhares de regras e imposições a serem respeitadas.

Alternativa "c" – Errada. em Doha o turista pode tirar fotos.

Alternativa "d" – Errada. fez que as normas da religião muçulmana se tornassem mais rigorosas.

46. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 4/ 2011) No primeiro parágrafo,

(A) a particularização das colunas, dos lustres e das escadarias retifica a caracterização do resort feita anteriormente.

(B) emprega-se a expressão os olhos do turista tanto pelo estímulo provocado pela decoração, como pelo vínculo desta expressão com o tipo de registro mencionado.

(C) transpondo a frase o ímpeto de registrar o ambiente logo é interrompido por um dos funcionários para a voz ativa, obtém-se a forma verbal "interrompeu".

(D) o termo destacado em o ímpeto de registrar o ambiente logo é interrompido por um dos funcionários tem o mesmo sentido do sublinhado em "Logo em quem ele confiou!".

(E) a substituição da forma destacada em É proibido fotografar os homens vestindo roupas brancas por "que estão vestindo" não tornaria a frase mais clara.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b" – Correta.

✪ **Nota da autora:** Questão de interpretação de texto, vozes verbais, período composto e semântica.

Alternativa "b" – correta: O cenário é luxuoso. O registro equivale à foto, por isso a comparação.

Alternativa "a" – Errada. Ratifica e não retifica.

Alternativa "c" – Errada. Um dos funcionários logo **interrompe** o ímpeto de registrar o ambiente.

Alternativa "d" – Errada. No primeiro caso, indica tempo; no segundo, é o sentido de *ainda mais quem.*

Sinônimos de **logo**: *adv (lat loco)* **1** *Imediatamente, sem demora.* **2** *Após, depois, em seguida, no lugar imediato a outro na série.* **3** *Daqui a pouco, dentro em pouco, em breve. conj Por conseguinte, por consequência, por isso, portanto: Penso, logo existo. Logo cedo, pop: imediatamente. Logo, logo: a toda a pressa; com grande urgência. Logo mais: daqui a pouco, em breve. Logo que: assim que, quando. (Fonte: http://michaelis.uol.com.br).*

Alternativa "e" – Errada. A substituição é da oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de gerúndio por uma oração desenvolvida, pois explicita o pronome relativo.

Texto para as próximas questões:

Nas décadas de 1930 e 40, enquanto eu crescia, o desenhista de quadrinhos ocupava um lugar na hierarquia cultural não muito inferior àquele ocupado pelo ator de cinema e pelo inventor. Walt Disney, Al Capp, Peter Arno – quem, agora, poderia con-

quistar tanta fama apenas com uma caneta de pena e um tinteiro? (John Updike. "A mágica dos quadrinhos". serrote: uma revista de ensaios, ideias e literatura. n. 2, jul 2009. São Paulo: Instituto Moreira Salles, p. 17) (Obs.: Al Capp e Peter Arno – cartunistas americanos contemporâneos de Walt Disney.

47. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 4/ 2011) No excerto acima, o autor

(A) favorece as lembranças de sua infância em prejuízo de considerações sobre os quadrinhos.

(B) recorre ao ator de cinema e ao inventor para demonstrar como desenhistas de quadrinhos foram sempre desconsiderados na cultura americana.

(C) manifesta que, embora com poucos recursos, os desenhistas de quadrinhos de sua infância fascinavam o público.

(D) vale-se de uma pergunta retórica para expressar sua crença: atualmente, quem não domina a alta tecnologia não consegue distrair a plateia.

(E) critica o lugar de destaque que, no século passado, era concedido aleatoriamente a atores de cinema e inventores.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – quem, agora, poderia conquistar tanta fama apenas com uma caneta de pena e um tinteiro?

Há a ideia de que, mesmo com poucos recursos, os desenhistas conquistavam respeito, chegando serem comparados com os astros de cinema daquela época.

Alternativa "a" – Errada. Não há prejuízo.

Alternativa "b" – Errada. desenhistas de quadrinhos foram sempre desconsiderados na cultura americana.

Alternativa "d" – Errada. quem não domina a alta tecnologia não consegue distrair a plateia.

Alternativa "e" – Errada. Não há crítica.

48. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 4/ 2011) Sobre o que se tem no excerto, é correto afirmar:

(A) Nas décadas de 1930 e 40 equivale a "Nas décadas precedentes".

(B) enquanto eu crescia marca o início da ação de "ocupar".

(C) Walt Disney, Al Capp, Peter Arno é sequência que descreve a hierarquia cultural citada, do posto mais elevado para o menos elevado.

(D) tanta caracteriza a reputação dos desenhistas citados, tal como percebida pelo autor.

(E) apenas denota que o autor deprecia a produção de muitos desenhistas de quadrinhos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Tamanha fama ou tão grande fama equivalem à boa reputação.

Alternativa "a" – Errada. Não antecede, apenas indica o tempo em que o autor crescia.

Alternativa "b" – Errada. Os dois verbos encontram-se no pretérito imperfeito do indicativo, logo são ações simultâneas.

Alternativa "c" – Errada. Não indica a sequência do posto mais elevado para o menos elevado.

Alternativa "e" – Errada. Não ocorre depreciação.

Texto para a próxima questão:

▸ *(ed, dc) 1. Lista de retificação de erros que saíram impressos em uma publicação. A errata é geralmente impressa em página separada (colada no início ou no fim do exemplar, ou simplesmente encartada solta) e em papel diferente do que foi usado na publicação. Traz a indicação de erros, o número das páginas onde se encontram e as formas corrigidas. Alguns profissionais distinguem errata de corrigenda: este último termo, no caso, é aplicado para erros redacionais ou de conteúdo, ao passo que errata diz respeito principalmente a erros de composição ou de montagem, que escaparam aos revisores e saíram impressos na publicação. 2. Cada um dos erros relacionados nessa lista. (Carlos Alberto Rabaça e Gustavo Guimarães Barbosa. Dicionário de comunicação. 2. ed. rev. e atualizada. Rio de Janeiro: Elsevier, 2001, p. 276)*

II. O dicionário de onde foi extraído o verbete acima contém uma página com o título CONVENÇÕES UTILIZADAS NESTA OBRA, e nela se lê:

*1) **Áreas e acepções.** Este dicionário inclui definições em 23 áreas, indicadas da seguinte forma:*

- *(av) recursos audiovisuais*
- *(cn) cinema*
- *(co) teoria da comunicação*
- *(dc) documentação*
- *(ed) editoração, artes gráficas etc.*

49. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 4/ 2011) Considerado o que se tem em I e II, a ÚNICA afirmação INCORRETA é:

(A) Retificações de textos publicados podem estar relacionadas tanto a questões de redação e de conteúdo, quanto a erros tipográficos que passam despercebidos aos revisores do material a ser impresso.

(B) Há como entender a palavra "errata" em sentido mais amplo, e em sentido mais restrito; no primeiro caso, refere-se a qualquer tipo de erro numa publicação, e no segundo, somente aos erros de composição ou de montagem.

(C) É legítima a inferência de que a palavra corrigenda pode ser usada fora do específico campo da editoração.

(D) Embora se admitam variações na composição da errata, é obrigatório que seja impressa em papel diferente do usado na obra a que se refere e circule separado dela.

(E) É legítima a inferência de que consulta a dicionário com vistas ao adequado entendimento de uma palavra num texto envolve a consulta, inclusive, ao modo como esse dicionário foi organizado.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – O erro está no adjetivo **obrigatório**, já que no texto se afirma que **geralmente** a errata é impressa em página separada.

Alternativa "a" – Errada. Traz a indicação de erros, o número das páginas onde se encontram e as formas corrigidas; erros de composição ou de montagem, que escaparam aos revisores e saíram impressos na publicação.

Alternativa "b" – Errada. Através da seguinte informação, chega-se à conclusão de que a informação está correta: Alguns profissionais distinguem errata de corrigenda: *este último termo, no caso, é aplicado para erros redacionais ou de conteúdo, ao passo que errata diz respeito principalmente a erros de composição ou de montagem, que escaparam aos revisores e saíram impressos na publicação.*

Alternativa "c" – Errada. corrigenda: é aplicado para erros redacionais ou de conteúdo.

Alternativa "e" – Errada. Sim, por isso o exemplo de **1. Áreas e acepções.**

Texto para as próximas questões:

Após a década de 1950, as palavras que dominavam as sociedades de consumo ocidentais não eram mais as de escritores seculares, mas as marcas comerciais de produtos ou do que se podia comprar. As imagens que se tornaram ícones de tais sociedades eram as das diversões e consumo de massa: astros e latas. Não surpreende que na década de 1950, no coração da democracia de consumo, a principal escola de pintores abdicasse diante de fabricantes de imagens tão mais poderosas que a arte anacrônica. A arte pop passava o tempo reproduzindo, com tanta exatidão e insensibilidade quanto possível, os badulaques do comercialismo americano: latas de sopa, bandeiras, Marilyn Monroe.

Insignificante como arte (no sentido que o século XIX deu à palavra), essa corrente, apesar disso, reconhecia que o triunfo do mercado de massa se baseava, de modo bastante profundo, na satisfação das necessidades tanto espirituais quanto materiais dos consumidores, fato do qual as agências de publicidade há muito tinham consciência quando destinavam suas campanhas a vender não o sabonete, mas o sonho de beleza, não as latas de sopa, mas a felicidade familiar. O que se tornou cada vez mais claro foi que isso tinha o que se podia chamar de uma dimensão estética, uma criatividade de base, ocasionalmente ativa mas sobretudo passiva, que os produtores tinham de competir para oferecer. Como dizia o populismo partilhado pelo mercado, o importante não era distinguir entre bom e ruim, elaborado e simples, mas no máximo entre o que atraía mais ou menos pessoas. Isso não deixava muito espaço para o clássico conceito das artes. (Adaptado de Eric Hobsbawm. Era dos Extremos. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo, Cia. das Letras, 2006, p. 496)

50. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 23/ 2011) No texto, o autor

(A) opõe técnicas de convencimento especializadas do meio publicitário à falta de respostas adequadas por parte dos consumidores.

(B) enaltece a criatividade que surge com o desenvolvimento da sociedade de consumo, criticando a sociedade estagnada do século XIX.

(C) elogia a nova força de comunicação das imagens produzidas pela arte pop, capazes de vender sonhos e produtos a um só tempo.

(D) analisa a produção de campanhas políticas na sociedade capitalista da segunda metade do século XX.

(E) demonstra que a consolidação da sociedade de consumo no século XX foi acompanhada de mudanças significativas no campo da arte.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Não surpreende que na década de 1950, no coração da democracia de consumo, a principal escola de pintores abdicasse diante de fabricantes de imagens tão mais poderosas que a arte anacrônica.

Alternativa "a" – Errada. opõe técnicas de convencimento especializadas do meio publicitário.

Alternativa "b" – Errada. criticando a sociedade estagnada do século XIX.

Alternativa "c" – Errada. elogia a nova força de comunicação das imagens produzidas pela arte pop

Alternativa "d" – Errada. analisa a produção de campanhas políticas na sociedade capitalista.

---

51. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 23/ 2011) Leia atentamente as afirmações abaixo.

I. Os segmentos sonho de beleza e felicidade familiar ilustram e exemplificam as necessidades espirituais dos consumidores (2º parágrafo) apontadas pelo autor.

II. Segundo o autor, as imagens de astros, como Marilyn Monroe, e as de latas de sopa se transformaram em símbolos das sociedades ocidentais voltadas para o entretenimento e o consumo de massa.

III. No segmento colocado entre parênteses no início do segundo parágrafo, o autor omite a palavra arte, que no entanto está subentendida.

Está correto o que se afirma em

(A) I, II e III.

(B) II, apenas.

(C) I e III, apenas.

(D) I, apenas.

(E) II e III, apenas.

COMENTÁRIO

Alternativa "a" – Correta.

Item "I" – Certo: o mercado de massa se baseava na satisfação das necessidades tanto espirituais, quanto materiais dos consumidores (a compra do sabonete e das latas de sopa, já as de ordem espiritual, seriam o sonho de beleza e a felicidade familiar).

Item "II" – Certo: O que dominavam as sociedades de consumo ocidentais após a década de 50 eram as marcas comerciais de produtos ou o que se podia comprar. As imagens que se tornaram ícones eram a das diversões e o consumo de massa, no caso, Marilyn Monroe era um símbolo ligado ao entretenimento e as latas de sopa, ao consumo de massa.

Item "III" – Certo: Consideravam a arte **pop** insignificante, mas reconheceram o seu triunfo.

Texto para as próximas questões:

Pergunta: Por que o senhor acha que Cem anos de solidão fez tanto sucesso?

Garcia Marquez: Não tenho a menor ideia, sou um péssimo crítico de meus próprios trabalhos.

Pergunta: Por que acha que a fama é destrutiva para um escritor?

García Marquez: Primeiro, porque ela invade sua vida particular. Acaba com o tempo que você passa com amigos e com o tempo em que você pode trabalhar. Tende a isolar você do mundo real.

Pergunta: O senhor já pensou em fazer filme? García Marquez: Houve uma ocasião em que desejava ser diretor de cinema. Sentia que o cinema era um meio de comunicação que não tinha limites, no qual tudo era possível. Mas há uma grande limitação no cinema pelo fato de que ele é uma arte industrial. É muito difícil expressar no cinema o que você realmente quer dizer. Entre ter uma companhia cinematográfica e um jornal, eu escolheria um jornal.

[...]

Pergunta: Ouvi falar de uma famosa entrevista com um marinheiro que havia sofrido um naufrágio.

García Marquez: Não foi com perguntas e respostas. O marinheiro apenas contou suas aventuras e eu as reescrevi, tentando usar as palavras dele, na primeira pessoa, como se fosse ele quem estivesse escrevendo. Quando o trabalho foi publicado, na forma de uma série de reportagens em um jornal, uma parte por dia, durante duas semanas, foi assinado pelo marinheiro e não por mim. Só vinte anos depois a reportagem foi publicada em livro e as pessoas descobriram que havia sido escrita por mim. Nenhum editor de texto percebeu que ela era boa, até eu escrever Cem anos de solidão. (Adaptado de Peter M. Stone. Os escritores, 2: as históricas entrevistas da Paris Review. Trad. Cecília C. Bartalotti. São Paulo: Cia. das Letras, 1989, p. 326 e pp.340-341)

---

52. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 23/ 2011) Nenhum editor de texto percebeu que ela era boa, até eu escrever Cem anos de solidão.

Com a afirmação acima, García Marquez

(A) lamenta o fato de que as editoras em geral não tenham interesse em publicar as obras da juventude de um autor.

(B) critica, de maneira geral, a tendência de editores de valorizar uma obra de acordo com a notoriedade do autor.

(C) deixa claro o desconforto com as opiniões da crítica a respeito de suas obras, ainda que por vezes sejam favoráveis.

(D) demonstra constrangimento em relação à publicação de uma entrevista escrita em sua juventude.

(E) ironiza o fato de que romances sejam tidos pelo mercado editorial como superiores a bons textos jornalísticos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – O marinheiro apenas contou suas aventuras e eu as reescrevi, tentando usar as palavras dele, na primeira pessoa, como se fosse ele quem estivesse escrevendo. Quando o trabalho foi publicado, na forma de uma série de reportagens em um jornal, uma parte por dia, durante duas semanas, foi assinado pelo marinheiro e não por mim. Só vinte anos depois a reportagem foi publicada em livro e as pessoas descobriram que havia sido escrita por mim. Nenhum editor de texto percebeu que ela era boa, até eu escrever Cem anos de solidão.

Alternativa "a" – Errada. Não há lamentação.

Alternativa "c" – Errada. O autor apenas afirma que é péssimo para criticar seus próprios trabalhos.

Alternativa "d" – Errada. No texto não é citada a juventude.

Alternativa "e" – Errada. Não há comparação entre romances e textos jornalísticos.

---

53. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 23/ 2011) *"Só vinte anos depois a reportagem foi publicada em livro e as pessoas descobriram que havia sido escrita por mim".* Considerando-se o contexto, a frase acima está corretamente reescrita, preservando-se em linhas gerais o sentido original, em:

(A) Foi vinte anos após a reportagem ser publicada em livro, quando se descobriu que eu lhe havia escrito.

(B) Passados vinte anos de quando publicaram a reportagem em livro é que descobriram que eu a escrevi.

(C) Há vinte anos, depois de se publicarem a reportagem em livro, foi descoberto pelas pessoas que eu é que escrevera.

(D) Vinte anos mais tarde, publicaram a reportagem em livro e descobriu-se que eu é que a escrevera.

(E) Apenas vinte anos depois publicaram-se a reportagem em livro, descobrindo que eu é que a escrevi.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Dividindo as informações: Só vinte anos depois = Apenas vinte anos depois; a reportagem foi publicada em livro = publicaram a reportagem em livro; as pessoas descobriram que havia sido escrita por mim = descobriu-se que eu é que a escrevera.

Alternativa "a" – Errada. Além de não haver clareza, há erro: eu **o** havia escrito.

Alternativa "b" – Errada. Sem clareza.

Alternativa "c" – Errada. Mudou a informação temporal.

Alternativa "e" – Errada. Sem clareza e faltou vírgula após a locução adverbial de tempo apenas vinte anos depois.

Texto para as próximas questões:

O cangaço está nas telas de nossos maiores artistas, rendeu filmes premiados, personagens de livros clássicos, e se mantém como fonte de estudo e paixão. A riqueza do fenômeno parece sem fim. O historiador Frederico Pernambucano de Mello prova isso ao esquadrinhar um aspecto original do fenômeno. Em seu livro Estrelas de Couro – A estética do cangaço, apresenta uma abordagem do visual do cangaceiro, adornado e caracterizado com detalhes capazes de ombreá-lo a um cavaleiro medieval europeu ou a um guerreiro samurai. Oferece ideias bem estruturadas sobre a razão das moedas de prata e ouro pregadas no chapéu, do desenho costurado na roupa e de outras minúcias.

As roupas, acessórios, calçados e armas dos cangaceiros não tinham função única. Sob a análise do historiador, esse personagem surge supersticioso. Presas a seu corpo, ele levava diferentes orações com a função de protegê-lo. Objetivo semelhante tinham os símbolos com os quais enfeitava o chapéu, como o signo de Salomão, que reunia a ideia de poder, de proteção, de devolver as ofensas.

A roupa cheia de metais, espelhos e multicores não era um traje de camuflagem, muito ao contrário. Essa característica do cangaceiro, analisa o autor, mostra o caráter arcaico do homem ligado ao sobrenatural, às coisas da vida e da morte. É um traço presente em outras manifestações de arte popular ligadas à divindade. "Os ex-votos, por exemplo, são peças que servem de pagamento à graça alcançada. A carranca do rio São Francisco, vendida em sacos de estopa para que o dono da embarcação não a visse, serve como um abre-caminhos, um protetor contra os malefícios que poderiam estar a cada dobra do rio", explica o historiador. (Celso Calheiros, CartaCapital, 29 de outubro de 2010, p. 7071, com adaptações).

---

54. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 23/ 2011) A ideia principal do texto é:

(A) A arte popular assim como os movimentos de bandos armados têm suas origens atreladas a

um poder divino e miraculoso, sob a forma de ex-votos.

(B) Para o estudioso do cangaço, a ingenuidade que marca as atitudes religiosas dos cangaceiros levava-os a imaginar perigos em toda parte.

(C) Historiador atribui, entre outros, papel de proteção aos adereços utilizados pelos cangaceiros, em razão de um misticismo primitivo ligado às forças mágicas do sobrenatural.

(D) Os cangaceiros se valiam rotineiramente do costume popular de oferecer ex-votos à divindade, como pagamento pela proteção recebida.

(E) Bem-sucedido movimento de luta dos marginalizados pela igualdade social, o cangaço permanece vivo no imaginário popular brasileiro.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – Essa característica do cangaceiro, analisa o autor, mostra o caráter arcaico do homem ligado ao sobrenatural, às coisas da vida e da morte. É um traço presente em outras manifestações de arte popular ligadas à divindade.

Alternativa "a" – Errada. têm suas origens atreladas a um poder divino e miraculoso, sob a forma de ex-votos.

Alternativa "b" – Errada. levava-os a imaginar perigos em toda parte.

Alternativa "d" – Errada. Os cangaceiros se valiam **rotineiramente** do costume popular de oferecer ex-votos à divindade.

Alternativa "e" – Errada. Bem-sucedido movimento de luta dos marginalizados pela igualdade social.

---

55. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 23/ 2011) O historiador Frederico Pernambucano de Mello prova isso ao esquadrinhar um aspecto original do fenômeno. (1º parágrafo)

Com o emprego do pronome grifado acima faz-se referência ao fato de que é possível

(A) mostrar, a partir da análise de adereços usados pelos cangaceiros, tais como as moedas de ouro e prata que enfeitavam sua vestimenta, a riqueza de que desfrutavam.

(B) considerar que, apesar dos reais perigos enfrentados pelos cangaceiros, eles se consideravam protegidos com o uso de símbolos místico-religiosos.

(C) utilizar aspectos que motivaram o surgimento do cangaço como criação artística bastante diversificada, porém devidamente reconhecida e premiada.

(D) comprovar que os cangaceiros, apesar de sua rudeza, se comportavam como cavaleiros extremamente educados e de ética irrepreensível.

(E) descobrir novas formas de analisar o cangaço e os cangaceiros, por tratar-se de um assunto que fornece dados sempre capazes de surpreender.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – A dica está no pronome demonstrativo anafórico **isso** (retoma ideia do período anterior): A riqueza do fenômeno parece sem fim.

Alternativa "a" – Errada. mostrar a riqueza de que desfrutavam.

Alternativa "b" – Errada. apesar dos reais perigos enfrentados pelos cangaceiros.

Alternativa "c" – Errada. utilizar aspectos que motivaram o surgimento do cangaço.

Alternativa "d" – Errada. os cangaceiros se comportavam como cavaleiros extremamente educados e de ética irrepreensível.

---

56. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 23/ 2011) Os ex-votos e a carranca do rio São Francisco, no último parágrafo, apontam para

(A) a prática de pessoas que, em sua simplicidade, tentam obter favores de forças divinas para se tornarem poderosas.

(B) o comportamento supersticioso daqueles que veem o poder divino como fonte de proteção em todos os momentos de sua vida.

(C) as péssimas condições de vida de uma região brasileira, em determinada época, que levavam as pessoas a se valerem de dons sobrenaturais para sobreviver.

(D) o fato de que a arte popular brasileira pode manifestar-se sob aspectos múltiplos e variados, independentes de crenças religiosas.

(E) uma atitude contrária à lei e à moral, associada popularmente aos bandos de cangaceiros por todos aqueles que estavam expostos a seus ataques.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Trecho do texto que se confirma a afirmação: *mostra o caráter arcaico do homem ligado ao sobrenatural, às coisas da vida e da morte. É um traço presente em outras manifestações de arte popular ligadas à divindade.*

Alternativa "a" – Errada. a prática de pessoas (fala-se do cangaceiro).

Alternativa "c" – Errada. que levavam as pessoas a se valerem de dons sobrenaturais para sobreviver.

Alternativa "d" – Errada. independentes de crenças religiosas.

Alternativa "e" – Errada. uma atitude contrária à lei e à moral.

---

57. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 23/2011) ... apresenta uma abordagem do visual do cangaceiro, adornado e caracterizado com detalhes capazes de **ombreá-lo a** um cavaleiro medieval europeu ou a um guerreiro samurai. (1º parágrafo)

O segmento grifado na frase acima pode ser substituído, mantendo-se o sentido e a correção, por:

(A) visualizar o cangaceiro como.

(B) mostrar elementos semelhantes em.

(C) fazer sombra à aparência de.

(D) equiparar o visual do cangaceiro ao de.

(E) preparar o cangaceiro nas mesmas condições de.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Ombrear é equiparar, igualar. Equiparar algo ao de algo.

Os vocábulos mencionados nas alternativas a, b, c e e não possuem relação ao campo semântico de **ombrear.**

Segundo o dicionário Michaelis:

1. *Pôr ao ombro: Ombrear o fuzil. vti e vpr* ***2.*** *Pôr-se ombro a ombro com: Somente em vésperas de eleição ombreiam (ou: ombreiam-se) os políticos com o povo. vti e vpr.* ***3.*** *Equiparar-se, igualar-se; pôr-se em paralelo com: Já ombreava (ou: se ombreava) o discípulo com o mestre.*

---

58. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 23/2011) O compositor Paulo César Pinheiro não consegue nem faz questão de explicar direito, em prosa, de onde vem sua capacidade de criação, e diz:

A música me ama, ela me deixa fazê-la. A música é uma estrela, deitada na minha cama. Ela me chega sem jeito, quase sem eu perceber. Quando me dou conta e vou ver, ela já entrou no meu peito. No que ela entra, a alma sai, fica meu corpo sem vida. Volta depois comovida, e eu nunca soube onde vai. Meu olho dana a brilhar. Meu dedo corre o papel, e a voz repete o cordel que se derrama do olhar. Fico algum tempo perdido até me recuperar, quase sem acreditar se tudo teve sentido. A música parte e eu desperto pro mundo cruel que aí está. Com medo de ela não mais voltar. Mas ela está sempre por perto. Nada que existe é mais forte, e eu quero aprender-lhe a medida de como compõe minha vida, que é para eu compor minha morte. (Do disco Parceria, gravado em 1994, com João Nogueira. Paulo Donizetti de Souza. Entrevista com Paulo César Pinheiro in Revista do Brasil, outubro de 2010, p. 33)

É correto deduzir do texto que, para o compositor,

(A) o ato de criação é inexplicável, pois em um mundo cheio de problemas, como o da crueldade humana, não é possível imaginar a harmonia sonora de uma canção.

(B) a inspiração musical, por tratar-se de algo que vem do nada e de forma totalmente inesperada, acaba se traduzindo na total perda da identidade de seu criador.

(C) a percepção de uma sensibilidade voltada para a criação musical está sempre associada ao estranhamento que envolve a previsibilidade da morte.

(D) as músicas surgem em uma espécie de transe e brotam naturalmente, sem que ele possa exercer um maior controle sobre aquilo que cria.

(E) a criação de músicas corresponde a uma ilusão praticamente sem sentido lógico, mesclada com o sofrimento físico que vem interromper seu sono.

COMENTÁRIOS

Alternativa "d": correta – Trechos: Ela me chega sem jeito, quase sem eu perceber. Quando me dou conta e vou ver, ela já entrou no meu peito. No que ela entra, a alma sai, fica meu corpo sem vida. Meu dedo corre o papel, e a voz repete o cordel que se derrama do olhar. Fico algum tempo perdido até me recuperar, quase sem acreditar se tudo teve sentido. Nada que existe é mais forte.

Alternativa "a" – Errada. em um mundo cheio de problemas, como o da crueldade humana.

Alternativa "b" – Errada. a inspiração musical acaba se traduzindo na **total perda** da identidade de seu criador.

Alternativa "c" – Errada. está sempre associada ao estranhamento que envolve a previsibilidade da morte.

Alternativa "e" – Errada. mesclada com o sofrimento físico que vem interromper seu sono.

Texto para a próxima questão:

O vento

Queria transformar o vento.

Dar ao vento uma forma concreta e apta a foto.

Eu precisava pelo menos de enxergar uma parte física do vento: uma costela, o olho...

Mas a forma do vento me fugia que nem as formas de uma voz.

Quando se disse que o vento empurrava a canoa do Índio para o barranco.

Imaginei um vento pintado de urucum a empurrar a canoa do índio para o barranco.

Mas essa imagem me pareceu imprecisa ainda.

Estava quase a desistir quando me lembrei do menino montado no cavalo do vento – que lera em Shakespeare.

Imaginei as crinas soltas do vento a disparar pelos prados com o menino.

Fotografei aquele vento de crinas soltas.

(Manoel de Barros. Ensaios fotográficos, in Poesia completa. São Paulo: Leya, 2010, p. 384-385)

59. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 23/ 2011) Considere as afirmativas seguintes:

I. Torna-se tarefa impossível obter imagens precisas de elementos da natureza, porque se manifestam de forma abstrata.

II. A impressão estética resultante da cena do menino e do cavalo, marcada pela velocidade, permite concretizar a imagem de algo imponderável, como o vento.

III. Somente um autor consagrado, como Shakespeare, é capaz de criar uma imagem concreta a partir de sensações de origem abstrata.

Está correto o que consta APENAS em

(A) I.

(B) II.

(C) III.

(D) I e II.

(E) II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b" – Correta.

Item "I" – Errado: Não são todos os elementos da natureza que se manifestam de forma abstrata.

Item "II" – Certo: O exemplo são as crinas: Imaginei as crinas soltas do vento a disparar pelos prados com o menino.

Item "III" – Errado: Não **somente** Shakespeare.

Texto para as próximas questões:

A internet produziu transformações espetaculares na sociedade na última década, mas a mais profunda só agora começa a ser estudada pela ciência. A facilidade e a rapidez com que se encontram informações na rede, sobre qualquer assunto e a qualquer hora, podem provocar alterações nos processos de cognição do cérebro.

Até a popularização da web, as principais fontes de conhecimento com que todos contavam eram os livros e, evidentemente, a própria memória do que se aprende ao longo da vida. A internet mudou esse panorama: a leitura em profundidade foi substituída pela massa de informações, em sua maioria superficiais, oferecidas pelos sites de buscas, blogs e redes de relacionamento. A memória, por sua vez, perdeu relevância – para que puxar pela cabeça para se lembrar de um fato ou do nome de uma pessoa se essas informações estão disponíveis no Google, a dois toques do mouse? Quanto mais dependemos dos sites de busca para adquirir ou relembrar acontecimentos, mais nosso cérebro se parece com um computador obsoleto que necessita de uma memória mais potente.

Na frase genial do cientista brasileiro Miguel Nicolelis, "o cérebro é uma orquestra sinfônica em que os instrumentos vão se modificando à medida que são tocados". Dificilmente alguém conseguirá explicar essa plasticidade com uma imagem mais exata e intrigante. Imagine-se um violino cerebral que, tocado de forma medíocre por anos a fio, vai se transformando aos poucos em um berimbau. Ou um piano martelado por um músico de uma nota só que, ao fim e ao cabo, vira um bumbo.

Pode, com o passar do tempo, a facilidade de estocagem e recuperação de virtualmente qualquer tipo de informação atrofiar os instrumentos da orquestra cerebral humana especializados na busca e seleção de informações? É uma nova linha de investigação científica, que tem um grande futuro pela frente. (Alexandre Salvador e Filipe Vilicic. Veja, 20 de julho, 2011, pp. 87-88, com adaptações).

60. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 20/ 2011) De acordo com o texto,

(A) o cérebro humano, atualmente submetido a uma multiplicidade de estímulos virtuais, tem se mostrado capaz, pelo próprio processo evolutivo, de assimilar sempre novas informações.

(B) a quantidade de informações oferecidas pela internet deverá ampliar a capacidade de armazenamento inerente ao cérebro humano, bem além do conteúdo oferecido pelos livros.

(C) os cientistas estão se voltando para pesquisas sobre o impacto que a internet, com as facilidades trazidas pela divulgação de informações, pode provocar no funcionamento do cérebro humano.

(D) a relação entre a memória e as informações recebidas pela internet tem sido desvendada

por estudiosos interessados no funcionamento do cérebro humano.

(E) os pesquisadores partem, em seus estudos, da possível ampliação da capacidade cerebral em razão do acúmulo de informações constantes e acessíveis, sempre à disposição na internet.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – É uma nova linha de investigação científica, que tem um grande futuro pela frente.

Alternativa "a" – Errada. o cérebro humano tem se mostrado capaz, **pelo próprio processo evolutivo**, de assimilar sempre novas informações.

Alternativa "b" – Errada. deverá ampliar a capacidade de armazenamento inerente ao cérebro humano.

Alternativa "d" – Errada. tem sido desvendada por estudiosos interessados no funcionamento do cérebro humano.

Alternativa "e" – Errada. partem da possível ampliação da capacidade cerebral em razão do acúmulo de informações constantes e acessíveis.

---

61. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 20/2011) Conclui-se corretamente do texto que

(A) a impossibilidade de controlar o afluxo de informações oferecidas pela internet dificulta o prosseguimento de estudos sobre o funcionamento do cérebro humano.

(B) o cérebro é uma estrutura que deve ser submetida a desafios, ou seja, a novos estímulos, para ampliar sua prontidão e eficiência no domínio do conhecimento.

(C) a facilidade com que se obtêm informações variadas e em maior quantidade na internet beneficia o funcionamento do cérebro, por estender o interesse a diferentes áreas do conhecimento.

(D) o intricado funcionamento cerebral impede a exata e correta avaliação de como se processam o aprofundamento e a assimilação das diversas informações recebidas.

(E) a ciência atual vem descobrindo métodos que permitem avaliar adequadamente a forma como o cérebro humano assimila as novas informações obtidas pela internet.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – "o cérebro é uma orquestra sinfônica em que os instrumentos vão se modificando à medida que são tocados". Pode, com o passar do tempo, a facilidade de estocagem e recuperação de virtualmente qualquer tipo de informação atrofiar os instrumentos da orquestra cerebral humana especializados na busca e seleção de informações?

Alternativa "a" – Errada. dificulta o prosseguimento de estudos sobre o funcionamento do cérebro humano.

Alternativa "c" – Errada. beneficia o funcionamento do cérebro.

Alternativa "d" – Errada. o intricado funcionamento cerebral impede a exata e correta avaliação.

Alternativa "e" – Errada. a ciência atual vem descobrindo métodos que permitem avaliar.

---

62. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 20/ 2011) Em relação ao último parágrafo, é correto afirmar que:

(A) Constitui a síntese de todo o texto, ao colocar uma questão, ainda sem resposta, como início da pesquisa a que se propõem os cientistas voltados para o estudo das funções cerebrais submetidas à influência da internet.

(B) Contém, em linhas gerais, a resposta provável a partir das dúvidas colocadas nos parágrafos anteriores, sujeita, portanto, à verificação científica, por meio da facilidade e da rapidez oferecidas pela internet.

(C) Somente nele é que fica evidente para o leitor o assunto abordado desde o início no texto, sem que, entretanto, seja possível obter-se uma resposta satisfatória e conclusiva para a questão ali colocada.

(D) Conclui corretamente que a conceituação das funções cerebrais será sempre imprecisa, em comparação com uma orquestra cuja perfeição dificilmente será atingida se não houver músicos capacitados, devidamente treinados.

(E) Torna-se repetitiva e, portanto, desnecessária a questão que ali se coloca, pois a resposta está devidamente exposta no próprio desenvolvimento dos parágrafos anteriores, que tratam da capacidade cerebral em processar informações.

COMENTÁRIOS

Alternativa "a": correta – O autor, na conclusão, sintetiza o que foi escrito e deixa um questionamento.

Alternativa "b" – Errada. Contém a resposta provável.

Alternativa "c" – Errada. sem que, entretanto, seja possível obter-se uma resposta satisfatória e conclusiva para a questão ali colocada.

Alternativa "d" – Errada. Conclui corretamente que a conceituação das funções cerebrais será **sempre** imprecisa.

Alternativa "e" – Errada. Torna-se repetitiva e, portanto, **desnecessária** a questão que ali se coloca.

---

63. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 20/ 2011) O segmento em que se identifica uma opinião pessoal, e não apenas uma informação, é:

(A) A facilidade e a rapidez com que se encontram informações na rede, sobre qualquer assunto e a qualquer hora, podem provocar alterações nos processos de cognição do cérebro.

(B) Até a popularização da web, as principais fontes de conhecimento com que todos contavam eram os livros...

(C) A internet mudou esse panorama...

(D) Ou um piano martelado por um músico de uma nota só que, ao fim e ao cabo, vira um bumbo.

(E) Dificilmente alguém conseguirá explicar essa plasticidade com uma imagem mais exata e intrigante.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – O uso de adjetivos demonstra o tom de subjetividade ao texto (exata, intrigante).

Nas alternativas a, b, c e d não há marcas subjetivas, mas sim objetivas.

Texto para as próximas questões:

De acordo com a Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) a oferta mundial de alimentos precisa crescer cerca de 20%. A expectativa é de que o Brasil tenha de arcar com 40% desse aumento. Para isso, terá dois caminhos: incorporar novas áreas ou ampliar a produtividade.

Embora domine as técnicas mais modernas, na média, a produtividade da agropecuária brasileira ainda está distante de alcançar seu pleno potencial. Em alguns casos, sobretudo na pecuária, ostenta índices medíocres. Grosso modo, as pastagens brasileiras possuem uma unidade animal por hectare. "Sem qualquer esforço sobrenatural, adotando-se uma tecnologia média e bastante acessível, o país poderia dobrar esse número" afirma José Vicente Ferraz, diretor-técnico da Informa Economics FNP, uma das mais respeitadas consultorias do setor. "Com a metade do rebanho brasileiro, os Estados Unidos produzem 50% mais carne", compara o especialista.

Para Ferraz, a ampla disponibilidade de terras, somada à baixa formação técnica e à escassez de capital, desestimulam o pecuarista a investir. "O investimento visa a poupar um fator de produção, neste caso, a terra. Se sobram terras baratas, esse investimento muitas vezes não se justifica do ponto de vista estritamente econômico."

O ex-ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, afirma que os ganhos da produtividade na pecuária poderiam liberar terras suficientes para dobrar a área plantada com alimentos, "sem derrubar uma única árvore". "Além disso, o Brasil ainda pode aumentar muito a produtividade de grãos, como o milho, o trigo e o feijão", afirma. Rodrigues sustenta, porém, que faltam políticas públicas capazes de assegurar a incorporação de tecnologia no campo, especialmente entre os pequenos. "As margens da agricultura são mínimas, então o produtor só consegue competir se tiver escala e tecnologia de ponta. Como faltam mecanismos para financiar a modernização, ele opta pela expansão da área, que é muito mais barata", explica. (Gerson de Freitas Jr. CartaCapital, 11 de maio de 2011, p. 24, com adaptações)

---

64. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 20/2011) Os dois especialistas citados no texto

(A) divergem em relação aos problemas constatados quanto à baixa produtividade da pecuária brasileira, que não dispõe dos recursos necessários para uma infraestrutura adequada ao setor.

(B) refletem as dúvidas que cercam a maioria dos interessados em investir no desenvolvimento do setor agropecuário brasileiro, devido à sua constatada mínima produtividade.

(C) buscam justificar a baixa produtividade do setor agropecuário brasileiro em razão das dificuldades em torno da obtenção de terras disponíveis tanto para o cultivo de grãos quanto para o manejo do rebanho.

(D) constatam o desinteresse dos pecuaristas brasileiros em investir na produtividade do rebanho a partir da avaliação que se faz, no momento, da pequena margem de lucros que poderiam obter na comercialização da carne.

(E) dividem a mesma opinião em relação ao baixo custo das terras, como justificativa para a falta de interesse dos pecuaristas do setor em investir na tecnologia que, em princípio, exigiria mais recursos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "e": correta – Para Ferraz, a ampla disponibilidade de terras, somada à baixa formação técnica e à escassez de capital, desestimulam o pecuarista a investir. "O investimento visa a poupar um fator de

produção, neste caso, a terra. Se sobram terras baratas, esse investimento muitas vezes não se justifica do ponto de vista estritamente econômico."

O ex-ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, afirma que os ganhos da produtividade na pecuária poderiam liberar terras suficientes para dobrar a área plantada com alimentos, "sem derrubar uma única árvore". "As margens da agricultura são mínimas, então o produtor só consegue competir se tiver escala e tecnologia de ponta. Como faltam mecanismos para financiar a modernização, ele opta pela expansão da área, que é muito mais barata".

Alternativa "a" – Errada. divergem em relação aos problemas constatados.

Alternativa "b" – Errada. refletem as dúvidas devido à sua constatada mínima produtividade.

Alternativa "c" – Errada. buscam justificar a baixa produtividade do setor agropecuário brasileiro.

Alternativa "d" – Errada. a partir da avaliação que se faz, no momento, da pequena margem de lucros que poderiam obter na comercialização da carne.

---

65. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 20/ 2011) A solução ideal para o setor agropecuário brasileiro, de acordo com o texto, é:

(A) aumento do rebanho nacional, para aproveitamento integral da área destinada à pecuária.

(B) respeito às leis que impedem o desmatamento para ampliação das áreas de cultivo.

(C) aumento da produtividade do setor agropecuário, com investimentos em tecnologia.

(D) abrangência das políticas públicas para ampliar a margem de lucros dos pecuaristas.

(E) incorporação de novas áreas de cultivo, mais produtivas, para aumentar a safra de grãos.

COMENTÁRIOS

Alternativa "c": correta – adotando-se uma tecnologia média e bastante acessível, o país poderia dobrar esse número. O produtor só consegue competir se tiver escala e tecnologia de ponta.

Alternativa "a" – Errada. aumento do rebanho nacional.

Alternativa "b" – Errada. respeito às leis que impedem o desmatamento.

Alternativa "d" – Errada. abrangência das políticas públicas.

Alternativa "e" – Errada. incorporação de novas áreas de cultivo.

---

66. (FCC – Técnico Judiciário – TRT 20/ 2011) "Com a metade do rebanho brasileiro, os Estados Unidos produzem 50% mais carne", compara o especialista. (final do 2º parágrafo)

A afirmativa reproduzida acima

(A) baseia-se nas explicações para a falta de investimentos no setor da pecuária.

(B) traz um dado estatístico, utilizado pelo especialista na defesa de sua opinião.

(C) constitui o modelo ideal para a reorganização do setor, proposta pelo especialista.

(D) tenta contestar as informações estatísticas atuais a respeito da pecuária no Brasil.

(E) traduz uma informação sem maior importância no desenvolvimento do texto.

COMENTÁRIOS

Alternativa "b": correta – Dados estatísticos: 50% mais carne.

Alternativa "a" – Errada. baseia-se nas explicações.

Alternativa "c" – Errada. constitui o modelo ideal para a reorganização do setor.

Alternativa "d" – Errada. tenta contestar as informações estatísticas.

Alternativa "e" – Errada. traduz uma informação.

Texto para as próximas questões:

Existe uma longa tradição analítica que divide a economia em três setores: primário (atividades agropecuárias), secundário (indústrias extrativas, de transformação, construção civil e utilidades públicas) e terciário (que inclui todos os tipos de serviços públicos e privados). Até aí tudo bem. Entretanto, há também uma tradição em associar as atividades primárias a baixa produtividade, pouca tecnologia e reduzida interconexão com o resto da economia, além de reduzida eficiência organizacional. Ao mesmo tempo, associam-se à indústria qualidades opostas, ou seja, elevada produtividade, maior nível tecnológico e sofisticada organização.

Historicamente isso certamente é correto, pelo menos até há pouco tempo, o que resultou em uma proposição ainda hoje extraordinariamente difundida e aceita de que mais indústria é bom e mais agricultura é ruim do ponto de vista do crescimento. Um corolário imediato é também derivado na área de comércio exterior: mais exportações agrícolas (e minerais) pouco contribuem para o crescimento de longo prazo, pois provocam valorização cambial e

pouca expansão do emprego, prejudicando a indústria, a chave do crescimento.

Essa dicotomia apresenta hoje muitos problemas para ser usada sem cautela, por algumas razões. Uma parte crescente das novidades tecnológicas não está na indústria, mas sim nos serviços, onde se destacam a Tecnologia da Informação (TI), as comunicações, os serviços criativos, etc. Esse fenômeno é tão poderoso que se reconhece que vivemos uma revolução de software, onde se gera a maior parte do valor, que coloca o hardware (máquinas e equipamentos), como caudatários do processo. Por outro lado, a TI permitiu uma ampla modificação no sistema de produção, em que se busca cada vez mais foco e especialização para a cadeia de produção. Como consequência, as atividades produtivas se organizam de maneiras diferentes, formando cadeias muito mais complexas do que no passado e tornando, a meu juízo, envelhecidas as contraposições do tipo agricultura versus indústria. (Adaptado do artigo de José Roberto Mendonça de Barros. O Estado de S. Paulo, B6/Economia, 7 de março de 2010)

---

67. (FCC – Técnico Judiciário – Área Administrativa – TRT 15/2013)

Hora de ter saudade

Houve aquele tempo...

(E agora, que a chuva chora,

Ouve aquele tempo!)

(ALMEIDA, Guilherme de. Poesia vária. Cultrix: São Paulo, 3 ed., p.45)

A afirmativa correta, considerando-se o poema acima, é:

(A) A oposição entre aquele tempo e agora atesta a manutenção de um sentimento que supera todas as intempéries, sobrevivendo ao tempo que passa.

(B) O título do poema traduz certa estranheza, como estímulo à leitura, ao sugerir a vivência contida em todo aquele tempo que passou naturalmente.

(C) A repetição da expressão aquele tempo cria intencionalmente uma ambiguidade de sentidos dentro do poema, relacionando-a com a hora a que se faz referência no título.

(D) A alternância no emprego dos verbos haver, no pretérito perfeito do indicativo, e ouvir, na forma de imperativo, confere sentido ao título do poema.

(E) A saudade expressa na chuva que chora remete a um tempo passado, embora traga no seu bojo a esperança de retomada no presente, como a planta que reverdece.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – A homofonia causada pelo emprego das duas formas verbais citadas conotam a nostalgia sugerida pelo título. No último verso há um convite ou um pedido (imperativo), para que se recorde, no momento presente (agora), com o choro da chuva, as saudades daquele tempo que se foi...

Observação: lindo poema de apenas versos construídos inteiramente no sentido figurado numa deliciosa poética...

Alternativa "a" – A oposição daquele tempo / agora e as reticências após aquele tempo, sugerem que algo muito importante foi deixado para trás e, o agora isolado nos parênteses, sugere que hoje então, voltou à lembrança, ao som do choro da chuva, mas sem a possibilidade do retorno, já não mais existe; ouve, sugerindo reviver na saudade o que foi e já não pode mais ser: fecha parênteses: só restou a saudade, enquanto a chuva chora.

Alternativa "b" – O título do poema sugere que o tempo que passou está agora batendo, reclamando, em forma de lembrança, algo que já se teve e hoje virou saudade.

Alternativa "c" – Não é ambiguidade; percebe-se bem que a segunda colocação da expressão aquele tempo remete ao passado e que é ouvido hoje provocando a hora de ter saudade.

Alternativa "e" – A chuva que chora, chora porque sente que não há retomada daquilo que foi naquele tempo. O presente (agora...) é que chora com saudade do que foi aquele tempo...

1.2. CESPE

Texto para o item.

A moeda, como hoje é conhecida, é o resultado de uma longa evolução. No início, não havia moeda, praticava-se o escambo. Algumas mercadorias, pela sua utilidade, passaram a ser mais procuradas do que outras. Aceitas por todos, assumiram a função de moeda, circulando como elemento trocado por outros produtos e servindo para avaliar-lhes o valor. Eram as moedas-mercadorias. O gado, principalmente o bovino, foi dos mais utilizados. O sal foi outra moeda-mercadoria; de difícil obtenção, era muito utilizado na conservação de alimentos. Ambas deixaram marca de sua função como instrumento de troca no vocabulário português, em palavras como pecúnia e pecúlio, capital e salário.

Com o passar do tempo, as mercadorias se tornaram inconvenientes às transações comerciais, devido à oscilação de seu valor, pelo fato de não

serem fracionáveis e por serem 16 facilmente perecíveis, o que não permitia o acúmulo de riquezas. Surgiram, então, no século VII a.C., as primeiras moedas com características semelhantes às das atuais: pequenas peças de metal com peso e valor definidos e com a impressão do cunho oficial, isto é, a marca de quem as emitiu e garante o seu valor.

Os primeiros metais utilizados na cunhagem de moedas foram o ouro e a prata. O emprego desses metais se impôs, não só por sua raridade, beleza, imunidade à corrosão e por seu valor econômico, mas também por antigos costumes religiosos. Durante muitos séculos, os países cunharam em ouro suas moedas de maior valor, reservando a prata e o cobre para os valores menores. Esses sistemas se mantiveram até o final do século XIX, quando o cupronríquel e, posteriormente, outras ligas metálicas passaram a ser empregados e a moeda passou a circular pelo seu valor extrínseco, isto é, pelo valor gravado em sua face, que independe do metal nela contido.

Na Idade Média, surgiu o costume de guardar os valores com um ourives, pessoa que negociava objetos de ouro e prata e que, como garantia, entregava um recibo. Esse tipo de recibo passou a ser utilizado para efetuar pagamentos, circulando de mão em mão, e deu origem à moeda de papel. Com o tempo, da forma como ocorreu com as moedas, os governos passaram a conduzir a emissão de cédulas, controlando as falsificações e garantindo o poder de pagamento. Atualmente, quase todos os países possuem bancos centrais, encarregados das emissões de cédulas e moedas.

Internet: <www.bcb.gov.br>(com adaptações).

---

68. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) Infere-se do texto que, até que se começasse a empregar ligas metálicas na cunhagem de moedas, seu valor estava associado ao valor econômico do próprio metal com que elas eram fabricadas.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Trecho: Os primeiros metais utilizados na cunhagem de moedas foram o ouro e a prata. O emprego desses metais se impôs, não só por sua raridade, beleza, imunidade à corrosão e por seu valor econômico, mas também por antigos costumes religiosos. Durante muitos séculos, os países cunharam em ouro suas moedas de maior valor, reservando a prata e o cobre para os valores menores. **Esses sistemas se mantiveram até o final do século XIX, quando o cupronríquel e, posteriormente, outras ligas metálicas passaram a ser empregados e a moeda passou a circular pelo seu valor extrínseco, isto é, pelo valor gravado em sua face, que independe do metal nela contido.**

Texto para os itens.

Empresas reclamam da falta de profissionais qualificados na área de tecnologia da informação

Enquanto aumenta o ritmo de inovação tecnológica no país e cresce a aplicação da informática nos mais diversos setores da sociedade, formam-se cerca de 30 mil profissionais por ano em áreas ligadas à tecnologia da informação e comunicação (TIC). Ainda assim, as empresas reclamam da falta de profissionais. "Temos uma janela de oportunidades em TIC no país. O que falta é gente qualificada", alerta Pier Carlo Sola, diretor-presidente de um parque tecnológico pernambucano que abriga 68 empresas da área.

Apesar de não haver estatísticas que revelem a expansão do setor, especialistas estimam o crescimento em torno de 10% ao ano. Com isso, a não regulamentação das profissões ligadas à computação torna ainda mais acirrada a disputa por vagas e delega ao mercado a seleção do bom profissional.

"Independentemente da formação, o profissional de TIC tem de estar comprometido com o aprendizado contínuo e interessado em trabalhar com gestão de projetos, saber se comunicar e trabalhar em diversas equipes", diz o gerente de carreiras Marcos Vono.

Essa é uma carreira multifacetada, que encontra espaço em consultorias, cooperativas, grandes empresas, locais que terceirizam mão de obra ou no empreendedorismo. "O profissional tem de ter visão do negócio e conhecer a realidade da empresa que atende, senão ficará sem emprego", alerta Ivair Rodrigues, agente de pesquisa em tecnologia da informação (TI).

Segundo o cadastro das instituições de educação superior do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, há 1.021 cursos superiores ligados a computação, informática, TI e análise de sistemas. "Mas só metade dos alunos tem formação adequada, ou seja, de 12 mil a 16 mil novos profissionais precisam passar por uma requalificação logo que saem da universidade para poder entrar no mercado de trabalho", diz Pier Carlo Sola.

Internet: <www1.folha.uol.com.br>(com adaptações).

---

69. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) Os dados e as opiniões apresentados no texto indicam que a obtenção de um diploma de curso superior não garante ao profissional da área de TI um emprego nessa área.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – No último parágrafo: Segundo o cadastro das instituições de educação superior do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, há 1.021 cursos superiores ligados a computação, informática, TI e análise de sistemas. "Mas só metade dos alunos tem formação adequada, ou seja, de 12 mil a 16 mil novos profissionais precisam passar por uma requalificação logo que saem da universidade para poder entrar no mercado de trabalho", diz Pier Carlo Sola.

70. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) As opiniões dos profissionais apresentadas no texto para embasar a ideia defendida pelo autor são divergentes.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – Divergente: em que há divergência, discordância; DISCORDANTE; DISCREPANTE. As opiniões são convergentes: que têm orientação, conduta ou ideias e objetivos similares aos de outrem.

71. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) De acordo com o texto, são competências complementares de um profissional de TI a disposição para aprender continuamente e a correta percepção do ambiente profissional onde ele vai atuar.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Trechos que evidenciam a ideia: "o profissional de TIC tem de estar comprometido com o aprendizado contínuo e interessado em trabalhar com gestão de projetos, saber se comunicar e trabalhar em diversas equipes" (...) "O profissional tem de ter visão do negócio e conhecer a realidade da empresa que atende, senão ficará sem emprego".

72. (CESPE – Técnico Bancário – CEF/2014) No trecho 'o profissional de TIC tem de estar comprometido com o aprendizado contínuo e interessado em trabalhar com gestão de projetos', o termo 'interessado' qualifica 'o aprendizado'.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado

O profissional de TIC tem de estar comprometido com o aprendizado contínuo;

O profissional de TIC tem de estar interessado em trabalhar com gestão de projetos.

Paralelismo. Visualizando melhor:

O profissional de TIC tem de estar:

- comprometido com o aprendizado contínuo
- **interessado** em trabalhar com gestão de projetos

Interessado qualifica **o profissional de TIC.**

2. NÍVEL SUPERIOR

2.1. FCC

Observação: foram destacadas as ideias principais de alguns textos das provas de TRT 4 pelo fato de muitos leitores e alunos terem achado muito difícil interpretar. O objetivo é facilitar o entendimento. Sugiro que sempre sublinhe o que mais interessa.

Atenção: Considere o texto abaixo para responder às questões.

Ópera é um tipo de teatro *no qual* **a maioria ou todos os personagens cantam durante a maior parte do tempo ou o tempo todo.** *Nesse sentido, é muito óbvio que ela* **não seja realística**, *e com frequência, no decorrer de seus mais de quatrocentos anos de história, tem sido considerada* **exótica e estranha**. *Além disso, é quase sempre bastante* **cara** *de se encenar e de se assistir.* **Em nenhum momento da história a sociedade**, *como um todo,* **conseguiu sustentar facilmente os custos exorbitantes da ópera**. *Por que, então, tanta gente gosta dela de maneira tão profunda? Por que dedicam suas vidas a apresentá-la, escrever sobre ela, assistir a ela? Por que alguns fãs de ópera atravessam o mundo para ver uma nova produção ou ouvir um cantor favorito, pagando imensas quantias por esse fugaz privilégio? E por que a ópera é a única forma de música erudita que ainda desenvolve de modo significativo novas audiências, apesar de que, no último século ou por volta disso, o fluxo de novas obras, que uma vez foi seu sangue vital, secou até se reduzir a um débil gotejar?*

Essas perguntas são *mais sobre a ópera tal como ela é hoje em dia:* **sobre aquilo em que a ópera se tornou no início do século XXI.** *No que se segue teremos muito a dizer sobre a história de nosso tema, sobre as maneiras em que a ópera se desenvolveu durante sua jornada de quatrocentos anos até nós; mas* **nossa ênfase será sempre no presente, no efeito que a ópera continua a ter sobre as audiências no mundo inteiro.** *Nosso objetivo é lidar com uma forma de arte cujas obras mais populares e duradouras foram quase sempre escritas num distante passado europeu, [...] mas cuja* **influência** *em muitos de nós – e cuja* **significância** *em nossa vida hoje em dia –* **é ainda palpável. A ópera pode**

nos transformar: física, emocional e intelectualmente. Queremos investigar por quê.

(Carolyn Abbate e Roger Parker. Uma história da ópera: os últimos quatrocentos anos. Trad. Paulo Geiger. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 21-22)

---

73. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 4/2015) Os autores do texto

(A) anunciam que têm muito a dizer e deixam entrever que suas reflexões desnudarão alguns mitos sobre a ópera, como a visão idealizada de que a profusão de obras já constituiu o sangue vital desse tipo de teatro.

(B) apontam que a ópera é sempre bastante dispendiosa porque esse tipo de teatro renuncia a personagens que não se fazem presentes em cena por meio do canto.

(C) acusam a incongruência que existe entre a sociedade sustentar produções caríssimas e as pessoas, diferentemente deles mesmos, não investigarem o que justificaria manter esses projetos.

(D) indicam como usual que se tome a ópera como um gênero dramático excêntrico, pelo fato de representar situações estranhas ao que se considera "vida real".

(E) expressam as intenções que têm ao escrever a história da ópera, demonstrando acreditar que a melhor maneira de fazê-lo é fixar-se na atualidade, auge dessa manifestação erudita.

COMENTÁRIOS

Resposta: "d"

A ópera é considerada exótica e estranha = gênero dramático excêntrico; é muito óbvio que não seja realística = representa situações estranhas ao que se considera "vida real".

Eliminando alternativas descabidas:

(A) desnudarão alguns mitos sobre a ópera = No final do texto: **nossa ênfase será sempre no presente, no efeito que a ópera continua a ter sobre as audiências no mundo inteiro.** Nosso objetivo é lidar com uma forma de arte cujas obras mais populares e duradouras foram quase sempre escritas num distante passado europeu, [...] mas cuja **influência** em muitos de nós – e cuja **significância** em nossa vida hoje em dia – **é ainda palpável. A ópera pode nos transformar: física, emocional e intelectualmente. Queremos investigar por quê.**

(B) **porque** esse tipo de teatro renuncia a personagens que não se fazem presentes em cena por meio do canto = Não é a explicação sobre a ópera ser dispendiosa (conjunção "porque").

Observação:

Dispendiosa significa *que demanda muito dinheiro; que ocasiona muitas despesas; cara.*

(C) 1. Não há tal acusação; 2. Não menciona a investigação de pessoas em relação a manter esses projetos.

Observação:

Incongruência significa *falta de congruência e de adequação; desprovido de concordância; sem harmonia nem identidade etc.*

(E) 1. No final do texto: **A ópera pode nos transformar: física, emocional e intelectualmente. Queremos investigar por quê**; 2. A atualidade não é o auge dessa manifestação erudita, ela existe há quatrocentos anos. Os autores apenas querem entender o porquê de **a ópera poder nos transformar: física, emocional e intelectualmente.**

Em quatro alternativas, houve extrapolação das ideias citadas no texto.

---

74. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 4/2015) Tem sustentação no texto a ideia de que

(A) as questões fundamentais sobre a ópera são passíveis de ser postas e respondidas somente no contexto do século XXI, depois de uma jornada de quatrocentos anos até a contemporaneidade.

(B) a efemeridade é um traço característico de todo objeto, fato, ou acontecimento cultural, que merece reprovação.

(C) obras eruditas têm, como sempre tiveram, público cativo, mas, em vista das atuais tendências musicais, ele está prestes a se esgotar.

(D) as formas de arte que mais se eternizam são as que têm raízes na tradição popular, sustentáculo das legítimas expressões culturais.

(E) obras de arte concebidas em certa cultura podem ter seu valor depreciado quando o eventual fruidor fizer parte de outro contexto cultural.

COMENTÁRIOS

Resposta: "e"

✪ **Nota da autora:** se tem sustentação, significa que foi discutido.

Exatamente! No final do texto: **nossa ênfase será** sempre no presente, **no efeito que a ópera continua a ter sobre as audiências** no mundo inteiro. Nosso objetivo é lidar com uma forma de arte cujas obras mais populares e duradouras foram quase sempre escritas num distante passado europeu, [...] **mas cuja influência em muitos de nós – e cuja significância em nossa vida hoje em dia – é ainda palpável.**

Sendo assim, chegamos à ideia de que *obras de arte concebidas em certa cultura podem ter seu valor depreciado quando o eventual fruidor fizer parte de outro contexto cultural.*

Alternativas descabidas:

(A) **somente** no contexto do século XXI = As questões *são mais sobre a ópera tal como ela é hoje em dia: sobre aquilo em que a ópera se tornou no início do século XXI. No que se segue teremos muito a dizer sobre a história de nosso tema, sobre as maneiras em que a ópera se desenvolveu durante sua jornada de quatrocentos anos até nós; mas nossa ênfase será sempre no presente, no efeito que a ópera continua a ter sobre as audiências no mundo inteiro.*

(B) todo objeto = *Efêmero* significa *transitório; que tem pouca duração; breve.* Não se pode afirmar que seja um traço característico de **todo** objeto...

(C) ele está prestes a se esgotar = = Está prestes a se esgotar seria exagerar a ideia contida no texto. Ao autores citam: *no último século ou por volta disso, o fluxo de novas obras, que uma vez foi seu sangue vital, secou até se reduzir a um débil gotejar.*

(D) raízes na tradição popular = As obras mais populares e duradouras foram quase sempre escritas num distante passado europeu, [...] mas cuja influência em muitos de nós – e cuja significância em nossa vida hoje em dia – é ainda palpável.

Atenção: Considere o texto abaixo para responder às questões.

O conceito de vergonha recobre um campo de significados bastante amplo e rico. Para o Dicionário Aurélio, por exemplo, vergonha significa: a) desonra humilhante; opróbrio, ignomínia; b) sentimento penoso de desonra, humilhação ou rebaixamento diante de outrem; c) sentimento de insegurança provocada pelo medo do ridículo, por escrúpulos etc.; timidez, acanhamento; d) sentimento da própria dignidade, brio, honra. O Dicionário Larousse traz aproximadamente as mesmas definições, mas acrescenta novas associações como: medo da desonra e embaraço. O Dicionário Lexis apresenta ainda algumas definições com nuanças diferentes: indignidade, sentimento penoso de baixeza, de confusão, sentimento de desconforto provocado pela modéstia, sentimento de remorso. **O que chama a atenção nas definições de vergonha é não somente a diversidade dos significados atribuídos a este sentimento, <u>mas também</u>, <u>e sobretudo</u>, o fato de alguns destes significados serem opostos**: *desonra/honra, indignidade/dignidade, humilhação/brio.* **Tal oposição, observada por Harkot-de-La-Taille, faz esta autora perguntar-se que palavra é esta que recobre o não e o sim, a ausência e a presença, o temível e o desejável.**

Uma forma comum de pensar este sentimento é afirmar que **ele é simplesmente desencadeado pela opinião de outrem.** *É o que, por exemplo, sugere a definição de Spinoza segundo a qual* **a vergonha é a tristeza que acompanha a ideia de alguma ação que imaginamos censurada pelos outros.** *E é o que, explicitamente, a antropóloga Benedict afirma em seu estudo sobre a sociedade japonesa. Para ela,* **as culturas da vergonha enfatizam as sanções externas, opondo-se às verdadeiras culturas da culpa, que interiorizam a convicção do pecado.** *Quanto ao sentimento de vergonha, escreve que* **alguém poderá envergonhar-se quando é ridicularizado abertamente, ou quando criar a fantasia para si mesmo de que o tenha sido.** *Todavia, <u>não acreditamos que tudo esteja dito assim</u>;* **a vergonha pressupõe um controle interno: quem sente vergonha julga a si próprio.** *Lembremos o fato notável de que* **a vergonha pode ser despertada pela simples exposição, mesmo que não acompanhada de juízo negativo por parte dos observadores.** *Com efeito,* **certas pessoas sentem vergonha pelo simples fato de estarem sendo observadas. O rubor pode subir às faces de alguém que está sendo objeto da atenção de uma plateia, mesmo que esta atenção seja motivada pelo elogio,** *pelo recebimento de um prêmio, portanto acompanhada de um juízo positivo.* **Este tipo de vergonha não deixa de ser psicologicamente misterioso: por que será que as pessoas sentem desconforto ao serem "apenas" observadas, mesmo que esta observação não contenha ameaças precisas, mesmo que ela seja lisonjeira?**

(Adaptado de: LA TAILLE, Y. O sentimento de vergonha e suas relações com a moralidade. Psicologia: Reflexão e Crítica, São Paulo: Scielo, 2002, 15(1), p. 13-25)

75. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 4/2015) O primeiro parágrafo do texto autoriza afirmar:

(A) A oposição comentada revela o quanto há de descuido e precipitação quando se trata de examinar conceitos relacionados à natureza da alma humana.

(B) A diversidade de significados atribuídos à vergonha comprova o entendimento superficial do sentimento, descrito com ambiguidade e incoerência nos mais diversos dicionários.

(C) O uso de *mas também* e *e sobretudo* (primeiro parágrafo) em um mesmo período instaura falta de clareza na redação, já que não é possível compreender se o elemento agregado é de mesmo nível ou mais importante que o primeiro mencionado.

(D) O autor recorre a dicionários de prestígio, tomando-os como repositórios inequívocos do conhecimento e da cultura ocidentais.

(E) O autor parte de definições que, como espécies de comprovações prévias, conduzem à concordância com a reflexão de Harkot-de-La-Taille, reportada ao final.

COMENTÁRIOS

Resposta: "e" – O autor inicia o texto citando as definições de vários dicionários – Aurélio, Larousse e Lexis – e, em seguida, menciona: **O que chama a atenção nas definições de vergonha é não somente a diversidade dos significados atribuídos a este sentimento, mas também, e sobretudo, o fato de alguns destes significados serem opostos**: desonra/honra, indignidade/dignidade, humilhação/brio. **Tal oposição, observada por Harkot-de-La-Taille, faz esta autora perguntar-se que palavra é esta que recobre o não e o sim, a ausência e a presença, o temível e o desejável.**

Erros:

(A) Não há descuido e precipitação, muito menos conceitos relacionados à natureza da alma humana.

(B) Não se trata de entendimento superficial do sentimento, nem gera ambiguidade e incoerência, apenas oposições.

(C) *Mas também* adiciona ideias e *sobretudo* enfatiza, isto é, prioriza = pertence a um nível mais importante.

(D) Não os toma como repositórios inequívocos do conhecimento e da cultura ocidentais, pois menciona as oposições logo em seguida.

---

76. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 4/2015) O segundo parágrafo valida o seguinte comentário:

(A) A pergunta ao final faz retroceder a reflexão desenvolvida pelo texto, na medida em que tal indagação reafirma a impossibilidade de se compreender a vergonha.

(B) O julgamento de outrem não tem relevância para o sentimento de vergonha, sendo atitude simplória imaginar que o envergonhado reaja a avaliações externas.

(C) O autor não descarta as ideias de Benedict, mas manifesta a necessidade de relativizá-las, como o comprova o trecho *não acreditamos que tudo esteja dito assim* (segundo parágrafo).

(D) As *culturas da culpa* revelam maior amadurecimento psicológico dos indivíduos do que as *culturas da vergonha*, uma vez que estas têm como única referência os valores sociais.

(E) O autor prioriza o confronto de suas ideias com as de Spinoza e Benedict, dispensando-se de referir fatos ou situações objetivas em sua argumentação.

COMENTÁRIOS

Resposta: "c"

✪ **Nota da autora:** Daria para tecer vários comentários por ser um texto interessante, vamos nos atentar apenas às ideias mais importantes.

Quanto à alternativa C: não descarta as ideias de Benedict (alguém poderá envergonhar-se quando é ridicularizado abertamente, ou quando criar a fantasia para si mesmo de que o tenha sido) pelo fato de acreditar que haja, também, outras causas (a vergonha pode ser despertada pela simples exposição, mesmo que não acompanhada de juízo negativo por parte dos observadores).

(A) *Na medida em que* indica causa e já encontramos um erro: não é causa; não é impossível compreender a vergonha, afirma que é um sentimento misterioso. Não podemos extrapolar a ideia contida no texto.

(B) Houve erro, provavelmente, de digitação no vocábulo "avaliações", mas de qualquer forma a ideia não é válida: o julgamento de outrem **tem** relevância para o sentimento de vergonha.

(D) Não possuem uma única referência e a ideia que inicia o período também não pode ser confirmada.

(E) Não prioriza o confronto de tais ideias e nem dispensa a referência de fatos e situações, pelo contrário. Isso está claro no segundo parágrafo.

Texto para as questões.

Atenção: As questões referem-se ao texto que segue, adaptado de Luciano Martins Costa; o original foi publicado na edição 838 do Observatório da Imprensa, no dia 19/02/2015.

A GRAÇA DA NÃO-NOTÍCIA

A leitura crítica dos jornais brasileiros pode produzir momentos interessantes, não propriamente pelo que dizem, mas principalmente pelo que tentam esconder. O hábito de analisar criticamente o conteúdo da mídia tradicional produz calos no cérebro, e eventualmente o observador passa a enxergar não mais a notícia, mas a não-notícia, ou seja, aquilo que o noticiário dissimula ou omite.

Trata-se de um exercício divertido, como se o leitor estivesse desfazendo um jogo de palavras cruzadas já preenchido. É mais ou menos como adivinhar, a partir das palavras que se interconectam num texto, o sentido que o autor pretendeu dar à

sua construção, uma espécie de jogo de "interpretação reversa".

Transparece o aspecto ambíguo da imprensa quando, por exemplo, para defender o pluralismo de sua linha editorial, jornais propõem artigos sobre tema da atualidade a serem tratados por dois distintos analistas – "o leitor pode apreciar duas opiniões diferentes". Ocorre que as propostas, normalmente sob a forma de pergunta, são formuladas de modo a garantir a perspectiva de que um ponto de vista se oponha frontalmente ao outro – um analista representa um "sim", o outro um "não" ao que está sendo perguntado pelos editores. Como se vê, a tal "pluralidade" já nasce condicionada, porque a imprensa brasileira quer convencer o leitor de que existem apenas duas interpretações possíveis para questões complexas como as que são postas aos analistas. São complexas, ou, no mínimo, controversas, porque é isso que define uma notícia.

Uma árvore caiu. Por que a árvore caiu? – mesmo num evento corriqueiro e aparentemente banal, há muitas respostas possíveis.

Por que a imprensa brasileira tenta pintar tudo em preto e branco, sem considerar as muitas tonalidades entre os dois extremos? Ora, porque a imprensa faz parte do sistema de poder na sociedade moderna, e exerce esse poder fazendo pender as opiniões para um lado ou para outro, usa o mito da objetividade para valorizar seus produtos e cobra de seus financiadores um custo por esse trabalho.

Mas pode-se elaborar melhor essa análise. O observador arriscaria afirmar que a narrativa jornalística, tal como foi construída ao longo do tempo, já não dá conta de acompanhar a percepção da realidade, amplificada pelo domínio da imagem transmitida globalmente em tempo real. Como notou o filósofo Vilém Flusser, a superfície ínfima da tela substitui o mundo real. O que a imprensa faz é comentar essa superficialidade, não a realidade.

Mas a resposta é ainda mais simples: para ser levado a sério, um jornal precisa dar a impressão de concretude em seu conteúdo, mas, ao se tornar refém do mundo das imagens, produz uma concretude – ou, como diz Flusser, uma "concreticidade" superficial.

Essa superficialidade procura esconder o propósito do conteúdo jornalístico, que não é informar, como pensam os leitores correligionários: é induzir uma opinião específica.

Se tudo é opinião, tudo é não-notícia.

Obs.: Vilém Flusser (1920 – 1991) – filósofo tcheco, naturalizado brasileiro; professor, jornalista, conferencista e escritor.

77. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 3/2015) Compreende-se corretamente do texto: O autor

(A) defende a ideia de que jornais instigantes são os que contam com um leitor crítico e atualizado, disposto a preencher as involuntárias lacunas das matérias veiculadas.

(B) atribui interpretações grosseiras de notícias e o desejo de enxergar a não-notícia à prática constante de analisá-las sob perspectiva cética, resultado de juízo crítico muito aguçado e resistente à distensão.

(C) considera a leitura de jornais um exercício divertido sempre que a matéria se dispõe a adivinhações, desvendamentos relacionados tanto à construção do texto, quanto aos fatos reais que a teriam inspirado.

(D) mostra que matérias jornalísticas informam não só pelo que explicitamente comunicam, mas também pelo que evitam comunicar; esse modo de noticiar, em sua concretude, permite o desvendamento de propósitos de autores e editores.

(E) expõe a ambiguidade que a imprensa pode manifestar quando é imprecisa no trato do assunto, falta de precisão originada por "palavras cruzadas", isto é, intrincadas conexões na estrutura verbal.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "D" – Em primeiro lugar, veja o título (A graça da não-notícia); na introdução, o autor esclarece: **A leitura crítica dos jornais brasileiros pode produzir momentos interessantes**, não propriamente pelo que dizem, mas principalmente **pelo que tentam esconder**. O hábito de **analisar criticamente o conteúdo da mídia tradicional produz calos no cérebro**, e eventualmente **o observador passa a enxergar** não mais a notícia, mas **a não-notícia**, ou seja, **aquilo que o noticiário dissimula ou omite**. Defende a ideia de que jornais instigantes são os que contam com um leitor crítico e atualizado, disposto a preencher as involuntárias lacunas das matérias veiculadas.

Erros:

(B) Não a: interpretações grosseiras, desejo de enxergar a não-notícia, perspectiva cética, resultado crítico aguçado.

(C) Sempre (já elimina) que a matéria se dispõe a adivinhações, inspirações.

(E) A ambiguidade de que trata o texto é o fato de haver um ponto de vista que se oponha frontalmente ao outro.

78. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 3/2015) É legítimo o seguinte comentário:

(A) (terceiro parágrafo) O aspecto *ambíguo da imprensa* é apreendido em decorrência de uma leitura reversa, aquela que vai do que está na superfície da página ao ponto de partida do texto.

(B) (quarto parágrafo) Em *Por que a árvore caiu?*, tem-se exemplo de pergunta retórica, aquela que se formula sem objetivo de receber uma resposta, pois a questão proposta é insolúvel.

(C) (quinto parágrafo) Se o segmento *sem considerar as muitas tonalidades entre os dois extremos* fosse redigido de outra forma – "sem que as muitas tonalidades entre os dois extremos possam ser consideradas" –, seu sentido original estaria preservado.

(D) (sexto parágrafo) Em *já não dá conta de acompanhar a percepção da realidade*, a substituição de já por "de imediato" preserva o sentido original da frase.

(E) (sexto parágrafo) O segmento *amplificada pelo domínio da imagem transmitida globalmente em tempo real* representa, segundo o autor, uma qualidade distintiva da realidade que pode ou não se fazer presente.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "A"

✪ **Nota da autora**: Questão de interpretação de texto, coesão e coerência.

Questão difícil? Um pouco, mas perceba que as alternativas complicadas não são a resposta. A dica é voltar à ideia do parágrafo anterior: *É mais ou menos como adivinhar, a partir das palavras que se interconectam num texto, o sentido que o autor pretendeu dar à sua construção, uma espécie de jogo de "interpretação reversa".*

Aprofundando: *reversa* significa conjunto de circunstâncias de caráter contrário ao que se espera, ou se analisa. Esse é o tema do texto.

(B) Uma pergunta retórica é, pois estimula a reflexão. O erro está em afirmar que a questão é insolúvel (sem solução), já que possui muitas respostas possíveis.

(C) Ao utilizar o verbo *poder* no presente do subjuntivo (possam), a ideia passa a representar uma dúvida, uma possibilidade e altera o sentido do trecho original (certeza).

(D) A relação de tempo é alterada. Ao usar "Já", fica clara a ideia entre presente e passado. Exemplo para assimilar melhor: Já estuda de forma correta (deduz-se que antes não estudava de forma correta); substituindo por "de imediato", a ideia passa para o presente apenas, o agora.

(E) Ideia oposta clara no texto: *a narrativa jornalística já não dá conta de acompanhar a percepção da realidade, amplificada pelo domínio da imagem transmitida globalmente em tempo real... a superfície ínfima da tela substitui o mundo real. O que a imprensa faz é comentar essa superficialidade, não a realidade.*

79. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 3/2015) O contexto evidencia que *leitores correligionários*, citados no final do texto, são:

(A) os leitores que compartilham das ideias de Martins Costa.

(B) os leitores que seguem as ideias de um partido político.

(C) os leitores que, como se dá com jornais, se tornaram reféns do mundo das imagens.

(D) os leitores que praticam leitura crítica.

(E) os leitores que questionam o ofereci mento da realidade em preto e branco.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "C" – No dicionário, correligionário significa *aquele que pertence e compartilha a mesma religião, partido político, preceitos filosóficos, princípios de qualquer ou de semelhante natureza com outrem*. A dica está na ideia do parágrafo anterior: *para ser levado a sério, um jornal precisa dar a impressão de concretude em seu conteúdo, mas, ao se tornar refém do mundo das imagens, produz uma concretude* (uma "concreticidade" superficial).

Alternativa "A" – No contexto, não são os leitores que concordam com o autor; aliás quem compartilha das ideias de Martins Costa não é correligionário.

Alternativa "B" – No dicionário, sim, mas no enunciado está claro que é para considerar o contexto e não há relação com partido político.

Alternativa "D" – Se eles se tornam reféns, não praticam leitura crítica.

Alternativa "E" – Não questionam, eles aceitam.

80. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 3/2015) Se o jornal comentar um assunto *com superficialidade*, o estará tratando

(A) judiciosamente.

(B) perfunctoriamente.

(C) laconicamente.

(D) contingentemente.

(E) sibilinamente.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "B"

✪ **Nota da autora:** Questão de interpretação e semântica. Sem dicionário, foi mesmo de assustar, concordo com meus leitores que tanto maldisseram a prova.

- Perfunctório é *superficial, efêmero; pouco duradouro*, sendo assim o jornal comenta um assunto perfunctoriamente (advérbio de modo).

Alternativa "A" – Seria antônimo e não sinônimo: de modo judicioso; em que há sensatez e prudência; sensatamente.

Alternativa "C" – Não há relação com resumidamente, embora muitos candidatos tenham optado por esta alternativa: em resumo, em síntese. Ora, podemos sintetizar algo e não sermos superficiais. Resumir é *condensar em poucas palavras; fazer sinopse de; sintetizar, reduzir, concentrar, consubstanciar.*

Alternativa "D" – Não há relação com casualidade, de maneira contingente, que ocorre ao acaso.

Alternativa "E" – Significa *de maneira enigmática, mística, misteriosa.*

A matéria abaixo, que recebeu adaptações, é do jornalista Alberto Dines, e foi veiculada em 9/05/2015, um dia após as comemorações pelos 70 anos do fim da Segunda Guerra Mundial.

QUANDO A GUERRA ACABAR...

Abre parêntese: há momentos – felizmente raros – em que a história pessoal se impõe às percepções conjunturais e o relato na primeira pessoa, embora singular, parcial, às vezes suspeito, sobrepõe-se à narrativa impessoal, ampla, genérica. Fecha parêntese.

O descaso e os indícios de esquecimento que, na sexta-feira (8/5), rodearam os setenta anos do fim da fase europeia da Segunda Guerra Mundial sobressaltaram. O ano de 1945 pegou-me com 13 anos e a data de 8 de maio incorporou-se ao meu calendário íntimo e o cimentou definitivamente às efemérides históricas que éramos obrigados a decorar no ginásio.

Seis anos antes (1939), a invasão da Polônia pela Alemanha hitlerista – e logo depois pela Rússia soviética – empurrou a guerra para dentro da minha casa através dos jornais e do rádio: as vidas da minha avó paterna, tios, tias, primos e primas dos dois lados corriam perigo. Em 1941, quando a Alemanha rompeu o pacto com a URSS e a invadiu com fulminantes ataques, inclusive à Ucrânia, instalou-se a certeza: foram todos exterminados.

A capitulação da Alemanha tornara-se inevitável, não foi surpresa, sabíamos que seria esmagada pelos Aliados. Nova era a sensação de paz, a certeza que começava uma nova página da história e perceptível mesmo para crianças e adolescentes. A prometida quimera embutida na frase "quando a guerra acabar" tornara-se desnecessária, desatualizada.

A guerra acabara para sempre. Enquanto o retorno dos combatentes brasileiros vindos da Itália era saudado delirantemente, matutinos e vespertinos – mais calejados do que a mídia atual – nos alertavam que a guerra continuava feroz não apenas no Extremo Oriente, mas também na antiquíssima Grécia, onde guerrilheiros de direita e de esquerda, esquecidos do inimigo comum – o nazifascismo – se enfrentavam para ocupar o vácuo de poder deixado pela derrotada barbárie.

Sete décadas depois – porção ínfima da história da humanidade –, aquele que foi chamado Dia da Vitória e comemorado loucamente nas ruas do mundo metamorfoseou-se em Dia das Esperanças Perdidas: a guerra não acabou. Os Aliados desvincularam-se, tornaram-se adversários. A guerra continua, está aí, espalhada pelo mundo, camuflada por diferentes nomenclaturas, inconfundível, salvo em breves hiatos sem hostilidades, porém com intensos ressentimentos.

(Reproduzido da Gazeta do Povo (Curitiba, PR) e do Correio Popular (Campinas, SP), 9/5/2015; intertítulo do Observatório da Imprensa, edição 849)

(FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 3/2015) Nesse texto, o jornalista,

(A) ao confessar sobressalto pelo que tinha ocorrido no dia anterior, 8/5, explica-o tanto pela associação de fatos históricos a questões pessoais, quanto pela interpretação de que há um Dia das Esperanças Perdidas.

(B) ao citar a volta dos combatentes brasileiros, critica a euforia das saudações, pois evidenciava que o povo não tinha percebido que o conflito, na mesma configuração de 1939 a 1945, continuava.

(C) ao organizar minuciosa e cronologicamente os episódios da Segunda Guerra Mundial, ressalta os fatos que foram mal retratados nas comemorações dos 70 anos do fim do conflito.

(D) ao trazer sua visão pessoal sobre os principais acontecimentos da Segunda Guerra Mundial, defende que a imprensa privilegie o ângulo particular com que o profissional observa os fatos.

(E) ao apresentar informações e comentários sobre a Segunda Guerra Mundial, toma-a como legítima justificativa para a publicação de matéria que tem como objeto questões pessoais e íntimas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

No último parágrafo: *Sete décadas depois – porção ínfima da história da humanidade –, aquele que foi chamado Dia da Vitória e comemorado loucamente nas ruas do mundo* ***metamorfoseou-se em Dia das Esperanças Perdidas****: a guerra não acabou.*

(B) A guerra não acabou (segundo parágrafo), mas não na mesma configuração de 1939 a 1945.

(C) Não ressalta fatos que foram mal retratados, mas sim o descaso e o esquecimento: ***O descaso e os indícios de esquecimento*** *que, na sexta-feira (8/5), rodearam os setenta anos do fim da fase europeia da Segunda Guerra Mundial sobressaltaram.*

(D) No primeiro parágrafo: ***há momentos*** *– felizmente raros – em que a história pessoal se impõe às percepções conjunturais e o relato na primeira pessoa, embora singular, parcial, às vezes suspeito, sobrepõe-se à narrativa impessoal, ampla, genérica.*

(E) O erro está em "tem como objeto questões pessoais e íntimas". O autor simplesmente utiliza a experiência pessoal para escrever o artigo.

---

81. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 3/2015) O excerto legitima a seguinte compreensão:

(A) Dines considera a Segunda Guerra Mundial conflito constituído por mais de um estágio.

(B) Em sua análise de ambientes de guerra, Dines trata a Grécia como exemplo de conflito interno, descolado do contexto da Guerra Mundial.

(C) Dines considera a imprensa de 1945 menos aperfeiçoada do que a imprensa contemporânea.

(D) O primeiro parágrafo é apresentado como "entre parênteses" porque é tomado como simples anexo, de conteúdo genérico, sobre a análise de conjunturas, sem conter menção ao que virá no texto.

(E) Dada a natureza do texto, expressões como *empurrou a guerra para dentro da minha casa* devem ser desaprovadas, pois, ferindo o rigor lógico, prejudicam a compreensão.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

✪ **Nota da autora:** Embora a questão tenha sido muito discutida, a reposta pode ser considerada clara. Em vários trechos do texto, há informação de que o conflito foi constituído por mais de um estágio:

1. *Seis anos antes (1939),* ***a invasão da Polônia pela Alemanha hitlerista empurrou a guerra para dentro da minha casa através dos jornais e do rádio*** (terceiro parágrafo);

2. *Em 1941, quando* ***a Alemanha rompeu o pacto com a URSS e a invadiu com fulminantes ataques, inclusive à Ucrânia****, instalou-se a certeza: foram todos exterminados* (terceiro parágrafo);

3. *O ano de 1945 pegou-me com 13 anos e* ***a data de 8 de maio incorporou-se ao meu calendário íntimo e o cimentou definitivamente às efemérides históricas*** (segundo parágrafo); 4. ***A capitulação da Alemanha tornara-se inevitável****, sabíamos que seria esmagada pelos Aliados* (quarto parágrafo);

5. No quinto parágrafo, deixa evidente a continuação da guerra e expõe os motivos: ***guerrilheiros de direita e de esquerda****, esquecidos do inimigo comum – o nazifascismo –* ***se enfrentavam para ocupar o vácuo de poder deixado pela derrotada barbárie****;*

6. No último parágrafo, outro estágio: **Os Aliados desvincularam-se, tornaram-se adversários**. *A guerra continua, está aí, espalhada pelo mundo, camuflada por diferentes nomenclaturas.*

(B) Não foi descolado do contexto da Guerra Mundial: na antiquíssima Grécia, onde guerrilheiros de direita e de esquerda, esquecidos do inimigo comum – o nazifascismo – se enfrentavam para ocupar o vácuo de poder deixado pela derrotada barbárie.

(C) Ideia que extrapola a interpretação, pois não foi mencionada no texto.

(D) O erro está em "sem conter menção ao que virá no texto", já que há a menção e o conteúdo não é genérico (raros momentos).

(E) Não prejudica a compreensão, o trecho possui clareza e coerência.

Texto para as questões.

A guerra dos dez anos começou quando um fazendeiro cubano, Carlos Manuel de Céspedes e duzentos homens mal armados tomaram a cidade de Santiago e proclamaram a independência do país em relação à metrópole espanhola. Mas a Espanha reagiu. Quatro anos depois, Céspedes foi deposto por um tribunal cubano e, em março de 1874, foi capturado e fuzilado por soldados espanhóis.

Entrementes, ansioso por derrubar medidas espanholas de restrição ao comércio, o governo americano apoiara abertamente os revolucionários e Nova York, Nova Orleans e Key West tinham aberto seus portos a milhares de cubanos em fuga. Em poucos anos Key West transformou-se de uma pequena vila de pescadores numa importante comunidade

produtora de charutos. Despontava a nova capital mundial do Havana.

Os trabalhadores que imigraram para os Estados Unidos levaram com eles a instituição do "lector". Uma ilustração da revista Practical Magazine mostra um desses leitores sentado de pernas cruzadas, óculos e chapéu de abas largas, um livro nas mãos, enquanto uma fileira de trabalhadores enrolam charutos com o que parece ser uma atenção enlevada.

O material dessas leituras em voz alta, decidido de antemão pelos operários (que pagavam o "lector" do próprio salário), ia de histórias e tratados políticos a romances e coleções de poesia. Tinham seus prediletos: O conde de Monte Cristo, de Alexandre Dumas, por exemplo, tornou-se uma escolha tão popular que um grupo de trabalhadores escreveu ao autor pouco antes da morte dele, em 1870, pedindo-lhe que cedesse o nome de seu herói para um charuto; Dumas consentiu.

Segundo Mário Sanchez, um pintor de Key West, as leituras decorriam em silêncio concentrado e não eram permitidos comentários ou questões antes do final da sessão.

(Adaptado de: MANGUEL, Alberto. Uma história da leitura. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo, Cia das Letras, 1996, p. 134-136)

---

82. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3/2014) Afirma-se corretamente:

(A) No 4º parágrafo, o autor emite um juízo de valor a respeito do hábito levado pelos trabalhadores cubanos aos Estados Unidos.

(B) O texto se inicia com a apresentação do contexto histórico que culminou na implantação de um costume levado pelos cubanos para fábricas de charuto americanas.

(C) O texto se desenvolve a partir de reminiscências do próprio autor a respeito de uma situação vivenciada por ele em determinado contexto histórico.

(D) No primeiro parágrafo, o autor introduz o assunto principal sobre o qual irá tratar no texto, qual seja, a imigração de operários cubanos para os Estados Unidos.

(E) O interesse da imprensa americana, estabelecido no 3º parágrafo, foi determinante para a disseminação, no país, de costumes introduzidos por operários cubanos em Key West.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Trechos que evidenciam a afirmação: "Em poucos anos Key West transformou-se de uma pequena vila de pescadores numa importante comunidade produtora de charutos." e "Os trabalhadores que imigraram para os Estados Unidos levaram com eles a instituição do "lector"."

Erros:

Alternativa "a" – Não há juízo de valor, já que não há juízo sobre a correção ou incorreção de algo, ou da utilidade de algo, baseado num ponto de vista pessoal.

Alternativa "c" – Não se pode afirmar que o autor vivenciou a situação.

Alternativa "d" – Qual o assunto principal do texto? Prática da leitura em voz alta.

Alternativa "e" – Não foi determinante (a causa, a razão).

---

83. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3/2014) Depreende-se do texto que

(A) a atividade de ler em voz alta, conduzida pelo "lector", permitia que os operários produzissem mais, pois trabalhavam com maior concentração.

(B) o hábito de ler em voz alta, levado originalmente de Cuba para os Estados Unidos, relaciona-se ao valor atribuído à leitura, que é determinado culturalmente.

(C) os operários cubanos homenagearam Alexandre Dumas ao atribuírem a um charuto o nome de um dos personagens do escritor.

(D) ao contratar um leitor, os operários cubanos podiam superar, em parte, a condição de analfabetismo a que estavam submetidos.

(E) os charuteiros cubanos, organizados coletivamente, compartilhavam a ideia de que a fruição de um texto deveria ser comunitária, não individual.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – No trecho: "Tinham seus prediletos: O conde de Monte Cristo, de Alexandre Dumas, por exemplo, tornou-se uma escolha tão popular que um grupo de trabalhadores escreveu ao autor pouco antes da morte dele, em 1870, pedindo-lhe que cedesse o nome de seu herói para um charuto; Dumas consentiu."

Alternativa "a" – Não há relação com a produção.

Alternativa "b" – O hábito foi levado dos Estados Unidos: Os trabalhadores que imigraram para os Estados Unidos levaram com eles a instituição do "lector".

Alternativa "d" – Não cita contratação de leitor e nem analfabetismo.

Alternativa "e" – Pelo contrário: "as leituras decorriam em silêncio concentrado e não eram permitidos comentários ou questões antes do final da sessão".

Texto para as questões.

Foi por me sentir genuinamente desidentificado com qualquer espécie de regionalismo que escrevi coisas como: "Não sou brasileiro, não sou estrangeiro / Não sou de nenhum lugar, sou de lugar nenhum"/ "Riquezas são diferenças".

Ao mesmo tempo, creio só terem sido possíveis tais formulações pessoais pelo fato de eu haver nascido e vivido em São Paulo. Por essa ser uma cidade que permite, ou mesmo propicia, esse desapego para com raízes geográficas, raciais, culturais. Por eu ver São Paulo como um gigante liquidificador onde as informações diversas se misturam, gerando novas interpretações, exceções.

Por sua multiplicidade de referências étnicas, linguísticas, culturais, religiosas, arquitetônicas, culinárias...

São Paulo não tem símbolos que deem conta de sua diversidade. Nada aqui é típico daqui. Não temos um corcovado, uma arara, um cartão postal. São Paulo são muitas cidades em uma.

Sempre me pareceram sem sentido as guerras, os fundamentalismos, a intolerância ante a diversidade.

Assim, fui me sentindo cada vez mais um cidadão do planeta. Acabei atribuindo parte desse sentimento à formação miscigenada do Brasil.

Acontece que a miscigenação brasileira parece ter se multiplicado em São Paulo, num ambiente urbano que foi crescendo para todos os lados, sem limites.

Até a instabilidade climática daqui parece haver contribuído para essa formação aberta ao acaso, à imprevisibilidade das misturas.

Ao mesmo tempo, temos preservados inúmeros nomes indígenas designando lugares, como Ibirapuera, Anhangabaú, Butantã etc. Primitivismo em contexto cosmopolita, como soube vislumbrar Oswald de Andrade.

Não é à toa que partiram daqui várias manifestações culturais.

São Paulo fragmentária, com sua paisagem recortada entre praças e prédios; com o ruído dos carros entrando pelas janelas dos apartamentos como se fosse o ruído longínquo do mar; com seus crepúsculos intensificados pela poluição; seus problemas de trânsito, miséria e violência convivendo com suas múltiplas ofertas de lazer e cultura; com seu crescimento indiscriminado, sem nenhum planejamento urbano; com suas belas alamedas arborizadas e avenidas de feiura infinita.

(Adaptado de: ANTUNES, Arnaldo. Alma paulista. Disponível em http://www.arnaldoantunes.com.br).

84. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3/2014) No texto, o autor

(A) descreve São Paulo como uma cidade marcada por contrastes de diversas ordens.

(B) assinala a relevância da análise de Oswald de Andrade a respeito do provincianismo da antiga São Paulo.

(C) critica o fato de nomes indígenas, ininteligíveis, designarem, ainda hoje, lugares comuns da cidade de São Paulo.

(D) sugere que o trânsito, com seus ruídos longínquos, é o principal problema da cidade de São Paulo.

(E) utiliza-se da ironia ao elogiar a instabilidade climática e a paisagem recortada da cidade de São Paulo.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Evidências em: praças e prédios; o ruído dos carros entrando pelas janelas dos apartamentos como se fosse o ruído longínquo do mar; com seus crepúsculos intensificados pela poluição; seus problemas de trânsito, miséria e violência convivendo com suas múltiplas ofertas de lazer e cultura; com seu crescimento indiscriminado, sem nenhum planejamento urbano; com suas belas alamedas arborizadas e avenidas de feiura infinita.

Alternativa "b" – Não menciona o provincianismo da antiga São Paulo e, quanto a Oswald, apenas foi mencionado (sabia deslumbrar).

Alternativa "c" – Não há crítica; há elogio.

Alternativa "d" – Não existe principal problema, existem vários problemas.

Alternativa "e" – Não há ironia.

85. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 3/2014) O autor

(A) opõe a oferta de atividades de lazer disponíveis em São Paulo ao seu desapego pessoal por raízes geográficas, raciais e culturais.

(B) atribui a tolerância à miscigenação brasileira à diversidade que se exprime com grande força em São Paulo.

(C) encontra razões plausíveis para a violência da cidade de São Paulo e o crescimento sem limites de sua área urbana.

(D) considera a falta de planejamento urbano da cidade de São Paulo a causa da feiura infinita de suas avenidas.

(E) estabelece uma associação entre a diversidade típica de São Paulo e a falta de um símbolo que sirva de cartão postal para a cidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – No quarto parágrafo: São Paulo não tem símbolos que deem conta de sua diversidade. Nada aqui é típico daqui. Não temos um corcovado, uma arara, um cartão postal. São Paulo são muitas cidades em uma.

Alternativa "a" – Erro em "desapego pessoal".

Alternativa "b" – Apenas há menção de que a miscigenação brasileira parece ter se multiplicado em São Paulo.

Alternativa "c" – Não cita razões; cita características da violência.

Alternativa "d" – Contrasta a feiura das avenidas com suas belas alamedas arborizadas.

Texto para as questões.

VAIDADE DO HUMANISMO

A vaidade, desde sua etimologia latina vanitas, aponta para o vazio, para o sentimento que habita o vão. Mas é possível tratar dela com mais condescendência do que os moralistas rigorosos que costumam condená-la inapelavelmente. Pode-se compreendê-la como uma contingência humana que talvez seja preciso antes reconhecer com naturalidade do que descartar como um vício abominável. Como se sabe, a vaidade está em todos nós em graus e com naturezas diferentes, e há uma vaidade que devemos aceitar: aquela que corresponde não a um mérito abstrato da pessoa, a um dom da natureza que nos tornasse filhos prediletos do céu, mas a algum trabalho que efetivamente tenhamos realizado, a uma razão objetiva que enraíza a vaidade no mesmo chão que foi marcado pelo nosso melhor esforço, pelo nosso trabalho de humanistas.

Na condição de humanistas, temos interesse pelo estudo das formações sociais, dos direitos constituídos e do papel dos indivíduos, pela liberdade do pensamento filosófico que se pensa a si mesmo para pensar o mundo, pela arte literária que projeta e dá forma em linguagem simbólica aos desejos mais íntimos; por todas as formas, enfim, de conhecimento que ainda tomam o homem como medida das coisas. Talvez nosso principal desafio, neste tempo de vertiginoso avanço tecnológico, esteja em fazer da tecnologia uma aliada preciosa em nossa busca do conhecimento real, da beleza consistente e de um mundo mais justo – todas estas dimensões de maior peso do que qualquer virtualidade. O grande professor e intelectual palestino Edward Said, num livro cujo título já é inspiração para uma plataforma de trabalho – Humanismo e crítica democrática – afirma a certa altura: "como humanistas, é da linguagem que partimos"; "o ato de ler é o ato de colocar-se na posição do autor, para quem escrever é uma série de decisões e escolhas expressas em palavras". Nesse sentido, toda leitura é o compartilhamento do sujeito leitor com o sujeito escritor – compartilhamento justificado não necessariamente por adesão a um ponto de vista, mas pelo interesse no reconhecimento e na avaliação do ponto de vista do outro. Que seja este um nosso compromisso fundamental. Que seja esta a nossa vaidade de humanistas.

(Derval Mendes Sapucaia, inédito)

86. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 4/2014) O sentimento da vaidade, ao longo do primeiro parágrafo do texto, é considerado e qualificado com alguma condescendência

(A) pelo fato de ser um defeito natural, de que as pessoas não conseguem livrar-se e contra o qual é inútil lutar.

(B) quando sua razão de ser deriva de alguma efetiva conquista que alcançamos em virtude do nosso trabalho.

(C) pelo fato de que os moralistas, sendo inapelavelmente rigorosos, não conseguem divisar os méritos espirituais de quem os detém.

(D) quando sua razão de ser se deve à generosidade mesma com que a natureza recompensa os indivíduos por seus méritos pessoais.

(E) pelo fato de constituir um vício tolerável, já que a vaidade decorre de alguma razão objetiva pela qual o sujeito deve se orgulhar.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

✪ **Nota da autora**: Importante ressaltar o que significa condescendência = qualidade de quem é condescendente; que possui tolerância, complacência e transigência.

– No primeiro parágrafo: Como se sabe, a vaidade está em todos nós em graus e com naturezas diferentes, e há uma vaidade que devemos aceitar: aquela que corresponde não a um mérito abstrato da pessoa, a um dom da natureza que nos tornasse filhos prediletos do céu, mas a algum trabalho que efetivamente tenhamos realizado, a uma razão objetiva que enraíza a vaidade no mesmo chão que foi marcado pelo nosso melhor esforço, pelo nosso trabalho de humanistas.

Alternativa "a" – Não. Afirma que *é possível tratar dela com mais condescendência do que os moralistas rigorosos que costumam condená-la inapelavelmente.*

Alternativa "c" – A ideia não é considerada como condescendência.

Alternativa "d" – Trata-se, apenas, de uma informação: *a vaidade está em todos nós em graus e com naturezas diferentes, e há uma vaidade que devemos aceitar: aquela que corresponde não a um mérito abstrato da pessoa, a um dom da natureza que nos tornasse filhos prediletos do céu.*

Alternativa "e" – Apenas cita que a vaidade corresponde *a uma razão objetiva que enraíza a vaidade no mesmo chão que foi marcado pelo nosso melhor esforço, pelo nosso trabalho de humanistas.*

---

87. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 4/2014) Atente para as seguintes afirmações:

I. A condição de humanistas define-se quando o homem mesmo é tomado como a medida essencial das coisas, razão pela qual um humanista deve desconsiderar parcerias com os avanços da tecnologia.

II. Para Edward Said, no ato de ler o leitor busca compreender o ponto de vista do autor, não para necessariamente concordar com ele, mas para reconhecer e ponderar a perspectiva própria do outro.

III. Acima das representações virtuais, oferecidas pela perspectiva tecnológica, está a busca de conhecimento efetivo, da beleza real das coisas e de uma melhor distribuição de justiça social.

Em relação ao texto, está correto o que consta em

(A) I, II e III.

(B) I e II, apenas.

(C) I e III, apenas.

(D) II e III, apenas.

(E) III, apenas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

I. Errado, pois *nosso principal desafio, neste tempo de vertiginoso avanço tecnológico, esteja em fazer da tecnologia uma aliada preciosa em nossa busca do conhecimento real, da beleza consistente e de um mundo mais justo – todas estas dimensões de maior peso do que qualquer virtualidade.* Não é a razão.

II. Certo: *toda leitura é o compartilhamento do sujeito leitor com o sujeito escritor – compartilhamento justificado não necessariamente por adesão a um ponto de vista, mas pelo interesse no reconhecimento e na avaliação do ponto de vista do outro.*

III. Certo: o trecho mencionado no item I confirma a ideia.

---

88. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 4/2014) Ao se definir a condição de humanistas, no segundo parágrafo do texto, contempla-se a atividade específica de um .....quando se fala em .....

Preenchem, adequada e respectivamente, as lacunas da frase acima:

(A) tecnocrata – estudo das formações sociais

(B) antropólogo – arte literária que projeta e dá forma em linguagem simbólica aos desejos mais íntimos

(C) historiador – direitos constituídos

(D) jurista – papel dos indivíduos

(E) filósofo – pensamento que se pensa a si mesmo para pensar o mundo

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Não há dúvida de que a condição de humanista está ligada à filosofia: ***Humanismo** é a filosofia moral* que coloca os *humanos* como principais, numa escala de importância. É uma perspectiva comum a uma grande variedade de posturas *éticas* que atribuem a maior importância à dignidade, aspirações e capacidades humanas, particularmente a *racionalidade*. Embora a palavra possa ter diversos sentidos, o significado filosófico essencial destaca-se por contraposição ao apelo ao *sobrenatural* ou a uma *autoridade* superior. Desde o século XIX, o humanismo tem sido associado ao *Anticlericalismo* herdado dos filósofos *iluministas* do século XVIII. A segunda informação está no início do segundo parágrafo.

Alternativa "a" – *Tecnocrata* é pessoa que administra, governante de um Estado ou alto funcionário, que desenvolve resoluções técnicas e/ou lógicas para solucionar dificuldades, não tendo em consideração as particularidades humanas ou sociais.

Alternativa "b" – *Antropólogo* é quem estuda antropologia: ciência que dedica ao estudo do homem (espécie humana) em sua totalidade, tendo em conta sua origem, desenvolvimento (físico, social, cultural), comportamento, psicologia, particularidades raciais, hábitos, costumes, conhecimentos, crenças etc.

Alternativa "c" – Não há relação com historiador apenas, embora estude a história. O detalhe é inserir "direitos constituídos" e com referência ao segundo parágrafo.

Alternativa "d" – *Jurista* é indivíduo que possui muito conhecimento acerca do direito jurídico, geralmente, trabalha dando consultoria e emitindo pareceres jurídicos; jurisconsulto.

---

89. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 4/2014) Considerando-se o contexto do primeiro parágrafo, traduz-se adequadamente o sentido de um segmento em:

(A) condená-la implacavelmente = injuriá-la inapelavelmente

(B) contingência humana = essencialidade humanista

(C) antes reconhecer do que descartar = admitir em vez de rejeitar

(D) naturezas diferentes = ocasiões anômalas

(E) mérito abstrato da pessoa = vantagem inigualável do sujeito

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

✪ **Nota da autora:** Questão de interpretação e semântica (significado das palavras).

- antes de reconhecer = admitir

- do que descartar = em vez de rejeitar.

▶ **DICA**: Tanto "em vez de" quanto "ao invés de" podem ser usados para expressar ideias opostas. *Em vez de*: pode ser aplicado quando o sentido é de substituição; *ao invés de*: carrega apenas o sentido de oposição (palavras opostas).

Alternativa "a" – **Condenar**: rejeitar, julgar incapaz do serviço a que é destinado; obrigar, forçar; reprovar, censurar, refutar. **Injuriar**: ofender com ações ou ditos; difamar, insultar. **Implacavelmente**: de maneira implacável, inflexível, intransigente. **Inapelavelmente**: sem apelação; que não se consegue apelar; que não pode ser alvo de recurso; irrecorrível; causar dano, estrago a.

Alternativa "b" – Contingência: possibilidade de que algo se realize ou não. **Essencialidade:** característica ou condição daquilo que é essencial.

Alternativa "d" – *Natureza* e *ocasião* já eliminam a alternativa sem precisar pensar demais. **Diferente:** sem qualquer ou alguma semelhança, não possuidor de características que denotam igualdade, que não é igual. **Anômala**: característica de algo irregular ou fora do comum. Qualidade daquilo que se opõe à ordem natural das coisas.

Alternativa "e" – Mérito: aquilo que faz com que uma pessoa seja digna de elogio, de recompensa; merecimento. **Vantagem:** primazia, excelência. **Abstrato:** que não é concreto (real ou verdadeiro); que é resultado do processo intelectual de abstração; que só pode existir no pensamento (ideia); que não está relacionado com a realidade percebida pela utilização dos sentidos. **Inigualável:** que não pode ser igualado.

Questão fácil, ou melhor, questão média.

Texto para a questão.

UM PROGRAMA A SER ADOTADO

O PET – Programa de Educação pelo Trabalho – está fazendo dez anos, que serão comemorados num evento promovido pelo TRF4, que contará com representantes da Fase – Fundação de Atendimento Socioeducativo do Rio Grande do Sul.

Há dez anos seria difícil imaginar um interno da Fase em cumprimento de medida socioeducativa saindo para trabalhar em um tribunal e, no final do dia, retornar à fundação. Muitos desacreditariam da iniciativa de colocar um adolescente infrator dentro de um gabinete de desembargador ou da Presidência de um tribunal. Outros poderiam discriminar esses jovens e desejá-los longe do ambiente de trabalho.

Todas essas barreiras foram vencidas. Em uma década, o PET do TRF4 se tornou realidade, quebrou preconceitos, mudou a cultura da própria instituição e a vida de 154 adolescentes que já passaram pelo projeto. São atendidos jovens entre 16 e 21 anos, com escolaridade mínima da 4ª série do ensino fundamental. O tribunal enfrenta o desafio de criar, desenvolver e, principalmente, manter um programa de reinserção social. Os resultados do trabalho do PET com os menores que cumprem medida socioeducativa na Fase são considerados muito positivos quando se fala de jovens em situação de vulnerabilidade social. Durante esses dez anos, 45% dos participantes foram inseridos no mercado de trabalho e muitos já concluíram o ensino médio; cerca de 70% reorganizaram suas vidas e conseguiram superar a condição de envolvimento em atividades ilícitas.

Na prática, os jovens trabalham durante 4 horas nos gabinetes de desembargadores e nas unidades administrativas do tribunal. Recebem atendimento multidisciplinar, com acompanhamento jurídico, de psicólogos e de assistentes sociais. Por meio de parcerias com entidades, já foram realizados cursos de mecânica, de padaria e de garçom. Destaque a considerar é o projeto "Virando a página": oficinas de leitura e produção textual, coordenadas por servidores do TRF4 e professores e formandos de faculdades de Letras.

(Adaptado de: wttp://www2.trf4.jus.br/trf4/controlador.php?acao= noticia_visualizar&id_noticia=10129)

90. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRF 4/2014) Atente para as seguintes afirmações:

I. O objetivo central do PET é o aproveitamento de menores infratores em funções administrativas, exercidas em vários tribunais, de modo que esses menores reponham com trabalho o que ficaram devendo à sociedade, por conta de atividades ilícitas.

II. A reinserção de jovens infratores no mercado de trabalho é um esforço que enfrenta preconceitos e barreiras sociais, pois há quem não admita a coexistência em um mesmo espaço de trabalho entre autoridades e menores envolvidos em práticas ilícitas.

III. O sucesso do PET não está apenas no espírito afirmativo do programa, mas se reflete nos resultados concretos que apontam, em termos percentuais, uma expressiva inserção de jovens infratores no mercado de trabalho.

Em relação ao texto, está correto o que consta em

(A) I, II e III.

(B) I e II, apenas.

(C) II e III, apenas.

(D) I e III, apenas.

(E) II, apenas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

I. Errado: o objetivo do PET é a reinserção de jovens (internos) na sociedade, através de estudo e trabalho: *cerca de 70% reorganizaram suas vidas e conseguiram superar a condição de envolvimento em atividades ilícitas.*

II. Certo. No segundo parágrafo: *Há dez anos seria difícil imaginar um interno da Fase em cumprimento de medida socioeducativa saindo para trabalhar em um tribunal e, no final do dia, retornar à fundação. Muitos desacreditariam da iniciativa de colocar um adolescente infrator dentro de um gabinete de desembargador ou da Presidência de um tribunal. Outros poderiam discriminar esses jovens e desejá-los longe do ambiente de trabalho.*

III. Certo. Percentuais já mencionados no comentário do item I. Complementando: *Durante esses dez anos, 45% dos participantes foram inseridos no mercado de trabalho e muitos já concluíram o ensino médio.*

Texto.

Ainda aluna de medicina, Nise da Silveira se horrorizou ao ver o professor abrir com um bisturi o corpo de uma jia e deixar à mostra, pulsando, seu pequenino coração.

Esse fato define a mulher que iria revolucionar o tratamento da esquizofrenia e pôr em questão alguns dogmas estéticos em vigor mesmo entre artistas antiacadêmicos e críticos de arte.

A mesma sensibilidade à flor da pele que a fez deixar, horrorizada, a aula de anatomia, levou-a a se opor ao tratamento da esquizofrenia em voga na época em que se formou: o choque elétrico, o choque insulínico, o choque de colabiosol e, pior do que tudo, a lobotomia, que consistia em secionar uma parte do cérebro do paciente. Tomou-se de revolta contra tais procedimentos, negando-se a aplicá-los nos doentes a ela confiados. Foi então que o diretor do hospital, seu amigo, disse-lhe que não poderia mantê-la no emprego, a não ser em outra atividade que não envolvesse o tratamento médico. – Mas qual?, perguntou ela. – Na terapia ocupacional, respondeu-lhe o diretor.

A terapia ocupacional, naquela época, consistia em pôr os internados para lavar os banheiros, varrer os quartos e arrumar as camas. Nise aceitou a proposta e, em pouco tempo, em lugar de faxina, os pacientes trabalhavam em ateliês improvisados, pintando, desenhando, fazendo modelagem com argila e encadernando livros. Desses ateliês saíram alguns dos artistas mais criativos da arte brasileira, cujas obras passaram a constituir o hoje famosíssimo Museu de Imagens do Inconsciente do Centro Psiquiátrico Nacional, situado no Engenho de Dentro, no Rio.

É que sua visão da doença mental diferia da aceita por seus companheiros psiquiatras. Enquanto, para estes, a loucura era um processo progressivo de degenerescência cerebral, que só se poderia retardar com a intervenção direta no cérebro, ela via de outro modo, confiando que o trabalho criativo e a expressão artística contribuiriam para dar ordem e equilíbrio ao mundo subjetivo e afetivo tumultuado pela doença.

Por isso mesmo acredito que o elemento fundamental das realizações e das concepções de Nise da Silveira era o afeto, o afeto pelo outro. Foi por não suportar o sofrimento imposto aos pacientes pelos choques que ela buscou e inventou outro caminho, no qual, em vez de ser vítima da truculência médica, o doente se tornou sujeito criador, personalidade

livre capaz de criar um universo mágico em que os problemas insolúveis arrefeciam.

(Adaptado de: GULLAR, Ferreira. A Cura pelo Afeto. Resmungos, São Paulo: Imprensa Oficial, 2007)

91. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 19/2014) De acordo com o texto, Nise da Silveira

(A) propôs a prática artística como coadjuvante no tratamento de doenças mentais, ao lado dos procedimentos em voga à sua época.

(B) introduziu mudanças na psiquiatria, deixando de ver a loucura como um processo de degeneração mental, além de pôr em xeque ditames da arte de seu tempo.

(C) passou a trabalhar tendo como parâmetro os afetos dos pacientes, a despeito da prática artística envolvida no tratamento da esquizofrenia.

(D) praticou o que havia de mais atual em termos de tratamento psiquiátrico, o que pressupunha o contato com artistas consagrados de então.

(E) encontrou, já nas primeiras aulas de psiquiatria, o fundamento de sua visão sobre terapia ocupacional, qual seja, a aceitação racional da doença por parte do paciente.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Sim. Ela, estando entre as primeiras mulheres no Brasil a se formar em Medicina, dedicou sua vida à psiquiatria e se manifestou radicalmente contrária às formas agressivas de tratamento de sua época, tais como o confinamento em hospitais psiquiátricos, eletrochoque, insulinoterapia e lobotomia. Foi uma pioneira na pesquisa das relações emocionais entre pacientes e animais.

Alternativa "a" – A prática artística foi decorrência de uma opção alternativa para o que chamavam, na época, de Terapia Ocupacional.

Alternativa "c" – O trabalho exercido por Nise não passou a ter como parâmetro o afeto dos pacientes. Segundo o autor "o elemento fundamental das realizações e das concepções de Nise da Silveira era o afeto, o afeto pelo outro." Note que "sempre foi" e não "passou a ser".

Alternativa "d" – Ela praticou tratamentos que acreditava eficazes, estimulando as atividades artísticas nos pacientes.

Alternativa "e" – As primeiras aulas serviram para traçar o perfil da mulher que se oporia a tratamentos invasivos praticados na época, fazendo com que ela se revoltasse com tais procedimentos, buscando alternativas nunca utilizadas antes, como estímulo artístico e relações emocionais entre pacientes e animais.

92. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 19/2014) O autor do texto considera que

(A) os avanços obtidos por Nise da Silveira, por dizerem respeito ao tratamento de esquizofrenia, devem ser vistos com cautela em termos artísticos.

(B) a dimensão afetiva fez com que os pacientes passassem a se adequar aos tratamentos psiquiátricos em voga, o que foi uma grande conquista em termos de terapia ocupacional.

(C) o afeto pelo outro foi o diferencial oferecido por Nise da Silveira, que fez com que seus pacientes se tornassem verdadeiros agentes em seus próprios tratamentos.

(D) a subjetividade tumultuada dos doentes adquiria ordem e equilíbrio quando eram submetidos a tratamentos clínicos, muito embora isso arrefecesse sua capacidade artística.

(E) a arte contribui para a criação de um universo imaginário que distrai os pacientes do cerne de sua condição, servindo de cura para suas enfermidades.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Encontramos essa premissa no trecho abaixo:

"Por isso mesmo acredito que o elemento fundamental das realizações e das concepções de Nise da Silveira era o afeto, o afeto pelo outro. Foi por não suportar o sofrimento imposto aos pacientes pelos choques que ela buscou e inventou outro caminho, no qual, em vez de ser vítima da truculência médica, o doente se tornou sujeito criador, personalidade livre capaz de criar um universo mágico em que os problemas insolúveis arrefeciam." (grifo nosso)

Alternativa "a" – O autor deixa bem claro que as atividades artísticas foram coadjuvantes nos tratamentos propostos por Nise, o que só colaborou para avanços na medicina psiquiátrica.

Alternativa "b" – Os pacientes não se adaptavam aos tratamentos em voga (eletrochoques, lobotomia, insulinoterapia). O que ocorreu foi que a sensibilidade de Nise vislumbrou alternativas como estímulos artísticos e relações afetivas com animais.

Alternativa "d" – Ao contrário: os tratamentos clínicos praticados na época apenas tumultuavam ainda mais a ordem e o equilíbrio dos pacientes.

Alternativa "e" – A arte não distrai o paciente, ela colabora para sua liberdade de expressão, aliviando os

sintomas das doenças psiquiátricas e canalizando suas atitudes para a ordem e o equilíbrio.

No texto abaixo, Graciliano Ramos narra seu encontro com Nise da Silveira.

Chamaram-me da porta: uma das mulheres recolhidas à sala 4 desejava falar comigo. Estranhei. Quem seria? E onde ficava a sala 4? Um sujeito conduziu-me ao fim da plataforma, subiu o corrimão e daí, com agilidade forte, galgou uma janela. Esteve alguns minutos conversando, gesticulando, pulou no chão e convidou-me a substituí-lo. Que? Trepar-me àquelas alturas, com tamancos?

Examinei a distância, receoso, descalcei-me, resolvi tentar a difícil acrobacia. A desconhecida amiga exigia de mim um sacrifício; a perna, estragada na operação, movia-se lenta e perra; se me desequilibrasse, iria esborrachar-me no pavimento inferior. Não houve desastre. Numa passada larga, atingi o vão da janela; agarrei-me aos varões de ferro, olhei o exterior, zonzo, sem perceber direito por que me achava ali. Uma voz chegou-me, fraca, mas no primeiro instante não atinei com a pessoa que falava. Enxerguei o pátio, o vestíbulo, a escada já vista no dia anterior. No patamar, abaixo de meu observatório, uma cortina de lona ocultava a Praça Vermelha. Junto, à direita, além de uma grade larga, distingui afinal uma senhora pálida emagra, de olhos fixos, arregalados. O rosto moço revelava fadiga, aos cabelos negros misturavam-se alguns fios grisalhos. Referiu-se a Maceió, apresentou-se:

– Nise da Silveira.

Noutro lugar o encontro me daria prazer. O que senti foi surpresa, lamentei ver minha conterrânea fora do mundo, longe da profissão, do hospital, dos seus queridos loucos. Sabia-a culta e boa, Rachel de Queiroz me afirmara a grandeza moral daquela pessoinha tímida, sempre a esquivar-se, a reduzir-se, como a escusar-se de tomar espaço. Nunca me havia aparecido criatura mais simpática. O marido, também médico, era meu velho conhecido Mário Magalhães. Pedi notícias dele: estava em liberdade. E calei-me, num vivo constrangimento.

De pijama, sem sapatos, seguro à verga preta, achei-me ridículo e vazo; certamente causava impressão muito infeliz. Nise, acanhada, tinha um sorriso doce, fitava-me os bugalhos enormes, e isto me agravava a perturbação, magnetizava-me. Balbuciou imprecisões, guardou silêncio, provavelmente se arrependeu de me haver convidado para deixar-me assim confuso.

(RAMOS, Graciliano, Memórias do Cárcere, vol. 1. São Paulo,Record, 1996, p. 340 e 341)

93. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 19/2014) De acordo com o texto,

(A) Nise da Silveira apresenta-se a Graciliano Ramos, que se sente constrangido por não saber quem ela é, enquanto ela demonstra já conhecê-lo.

(B) Graciliano Ramos arrepende-se de conhecer pessoalmente Nise da Silveira, muito embora ela tenha demonstrado simpatia por sua situação.

(C) Nise da Silveira passa a guardar silêncio ao perceber que o escritor, descalço e de pijama, encontrava-se bastante infeliz.

(D) defronte a sua nova amiga, o escritor sente-se pouco à vontade, uma vez que não possuíam afinidades profissionais, tampouco suspeitavam a razão de estarem no mesmo lugar.

(E) o encontro entre Graciliano Ramos e Nise da Silveira ocorreu de maneira inusitada para o escritor, que se mostrou constrangido em virtude da situação em que se encontravam.

COMENTÁRIO

Alternativa correta: letra "e" – Podemos perceber claramente o constrangimento do escritor no trecho abaixo:

"A desconhecida amiga exigia de mim um sacrifício; a perna, estragada na operação, movia-se lenta e perra [...] Numa passada larga, atingi o vão da janela; agarrei-me aos varões de ferro, olhei o exterior, zonzo, sem perceber direito por que me achava ali.

[...]E calei-me num vivo constrangimento.

De pijama, sem sapatos, seguro à verga preta, achei-me ridículo e vazo; certamente causava impressão muito infeliz." (grifo nosso)

Alternativa "a" – Ele sabe quem é ela, sua profissão, conhece seu marido. O constrangimento se deu pela situação em que se encontravam: prisão, pijamas, descalço, pendurado ao vergalhão da janela.

Alternativa "b" – Não houve arrependimento em conhecê-la, apenas o escritor manifesta que " Noutro lugar o encontro me daria prazer."

Alternativa "c" – O silêncio instalou-se, pois Nise arrependeu-se de ter colocado Graciliano naquela situação confusa e constrangedora. Analise:

"[...] Balbuciou imprecisões, guardou silêncio, provavelmente se arrependeu de me haver convidado para deixar-me assim confuso." (grifo nosso)

Alternativa "d" – Afinidades existiam. A razão de estarem ali era conhecida. O que o deixou pouco à vontade foi a situação confusa e constrangedora.

94. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 19/2014) Considere as afirmações abaixo.

I. No trecho Chamaram-me da porta: uma das mulheres recolhidas à sala 4 desejava falar comigo. Estranhei. Quem seria? E onde ficava a sala 4? (1º parágrafo), a pontuação contribui para o clima de perplexidade pretendido pelo narrador.

II. As perguntas Que? Trepar-me àquelas alturas, com tamancos? (1º parágrafo) são retóricas, de maneira que se podem suprimir os pontos de interrogação.

III. No segmento ...olhei o exterior, zonzo, sem perceber direito porque me achava ali (2º parágrafo), a vírgula imediatamente após "exterior" pode ser suprimida, sem prejuízo para o sentido original.

Está correto o que se afirma APENAS em

(A) I.

(B) II.

(C) II e III.

(D) I e II.

(E) I e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

✪ **Nota da autora:** Questão de interpretação e pontuação.

I – Certo. O clima de perplexidade é estimulado por orações curtas e interrogativas. O narrador está em busca de respostas. Respostas rápidas.

II – Errado. Se os pontos de interrogação forem suprimidos, deixarão de ser retóricas, aquelas perguntas que não exigem respostas, apenas reflexão e interação do leitor.

III – Errado. Se a primeira vírgula for retirada haverá prejuízo semântico, pois o adjetivo "zonzo", originalmente está ligado ao sujeito elíptico "eu". Com a alteração, o mesmo adjetivo passaria a qualificar o vocábulo "exterior". Analise, abaixo, as duas situações:

Sentido original (eu) olhei o exterior, zonzo, sem perceber

Sentido após alteração (eu) olhei o exteriorzonzo, sem perceber

Texto.

Errância

Só porque
erro
encontro
o que não se
procura
só porque
erro
invento
o labirinto
a busca
a coisa
a causa da
procura
só porque
erro
acerto: me
construo
Margem de
erro: margem
de liberdade.

(FONTELA, Orides, Poesia Reunida, São Paulo, CosacNaify, 2006, p. 202)

95. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 19/2014) De acordo com o poema,

(A) construir-se significa aprender com os erros, evitando-os de maneira a não comprometer sua liberdade.

(B) o erro, como eliminação de uma possibilidade falha, constitui um mecanismo de aferição na busca pelas coisas certas.

(C) o erro, ao desviar-se de uma finalidade predeterminada, abre a possibilidade do caminho inusitado, identificado aqui com a liberdade.

(D) acertar envolve dificuldades equiparáveis às de um labirinto, cuja única saída é aqui identificada com a liberdade.

(E) erro e acerto são noções imprecisas, comparáveis a um labirinto conceitual, e sua compreensão depende da finalidade de cada busca.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – De acordo com o poema, o erro pode levar ao caminho da liberdade, desde que esse não seja o objetivo pré-determinado. O autor compara a margem de erro à margem de liber-

dade de alguém que se permite errar, pois: "só porque erro/acerto: me/construo".

Alternativa "a" – O poema não sugere que se deva evitar erros.

Alternativa "b" – O poema não coloca o erro como mecanismo de aferição.

Alternativa "d" – Não, o poema diz que "só porque/ erro/ invento/ o labirinto".

Alternativa "e" – Erro e acerto não são noções imprecisas.

---

96. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 19/2014) Considere as afirmações abaixo.

I. A terceira estrofe do poema (A busca / a coisa / a causa da / procura) pode ser entendida como uma explicação do que seja o labirinto.

II. Nas duas últimas estrofes, os dois-pontos introduzem não apenas uma explicação, mas também uma consequência do que é dito anteriormente.

III. Em prosa, mantendo-se a correção e o sentido, as duas primeiras estrofes podem ser reescritas do seguinte modo: "Só porque erro, encontro, o que não se procura só, porque erro invento, o labirinto".

Está correto o que se afirma APENAS em

(A) I e II.

(B) I e III.

(C) III.

(D) II.

(E) II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a"

✪ **Nota da autora:** Questão de interpretação e pontuação.

I – Correto: o autor usa uma sequência de expressões curtas que causam a impressão de gradação queé uma figura de linguagem, relacionada com a enumeração, onde são expostas determinadas ideias de forma crescente, em direção a um clímax, que seria o próprio labirinto.

II – Correto: os dois-pontos marcam uma situação catafórica, ou seja, a citação de algo que explicará o que foi dito anteriormente.

"só porque

erro

acerto: me

construo

Observe que o acerto é a construção!

Margem de

erro: margem

de liberdade."

E a margem de erro é a própria liberdade.

III – Errado. Ao transpor os versos para a prosa, o período ficou totalmente prejudicado pela pontuação. As vírgulas não podem separar o verbo de seu complemento. No caso, elas separam, equivocadamente, o VTD do Objeto Direto. Levando em consideração que se trata de oração subordinada deslocada à frente da oração principal, o período estaria corretamente pontuado se estivesse escrito assim: "Só porque erro, encontro o que não se procura; só porque erro, invento o labirinto".

Texto.

O MAQUINISTA empurra a manopla do acelerador. O trem cargueiro começa a avançar pelos vastos e desertos prados do Cazaquistão, deixando para trás a fronteira com a China.

O trem segue mais ou menos o mesmo percurso da lendária Rota da Seda, antigo caminho que ligava a China à Europa e era usado para o transporte de especiarias, pedras preciosas e, evidentemente, seda, até cair em desuso, seis séculos atrás.

Hoje, a rota está sendo retomada para transportar uma carga igualmente preciosa: laptops e acessórios de informática fabricados na China e enviados por trem expresso para Londres, Paris, Berlim e Roma.

A Rota da Seda nunca foi uma rota única, mas sim uma teia de caminhos trilhados por caravanas de camelos e cavalos a partir de 120 a.C., quando Xi'an – cidade do centro-oeste chinês, mais conhecida por seus guerreiros de terracota – era a capital da China.

As caravanas começavam cruzando os desertos do oeste da China, viajavam por cordilheiras que acompanham as fronteiras ocidentais chinesas e então percorriam as pouco povoadas estepes da Ásia Central até o mar Cáspio e além.

Esses caminhos floresceram durante os primórdios da Idade Média. Mas, à medida que a navegação marítima se expandiu e que o centro político da China se deslocou para Pequim, a atividade econômica do país migrou na direção da costa.

Hoje, a geografia econômica está mudando outra vez. Os custos trabalhistas nas cidades do leste da China dispararam na última década. Por isso as indústrias estão transferindo sua produção para o interior do país.

O envio de produtos por caminhão das fábricas do interior para os portos de Shenzhen ou Xangai – e de lá por navios que contornam a Índia e cruzam o canal de Suez – é algo que leva cinco semanas. O trem da Rota da Seda reduz esse tempo para três semanas. A rota marítima ainda é mais barata do que o trem, mas o custo do tempo agregado por mar é considerável.

Inicialmente, a experiência foi realizada nos meses de verão, mas agora algumas empresas planejam usar o frete ferroviário no próximo inverno boreal. Para isso adotam complexas providências para proteger a carga das temperaturas que podem atingir 40 °C negativos.

(Adaptado **de: www1.folhauol.com.br/FSP/newyorktimes/122473)**

---

97. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 19/2014) Depreende-se corretamente do texto:

(A) A lendária Rota da Seda foi abandonada porque as caravanas de camelos e cavalos tinham dificuldade de enfrentar o frio extremo da região.

(B) A expansão da navegação marítima colaborou para que, no passado, a atividade comercial da China migrasse na direção da costa.

(C) O frete ferroviário deve ser substituído pelo transporte marítimo no inverno, já que a carga a ser transportada pode ser danificada pelas baixas temperaturas.

(D) A partir da retomada da Rota da Seda, as fábricas chinesas voltaram a exportar quantidades significativas de especiarias.

(E) A navegação chinesa se expandiu e o transporte marítimo atingiu o seu auge durante a época em que Xi'an era a capital da China.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – No sexto parágrafo do texto fica bastante claro que a navegação marítima colaborou para a migração da atividade comercial em direção da costa. Acompanhe no trecho abaixo:

"[...] Esses caminhos floresceram durante os primórdios da Idade Média. Mas, à medida que a navegação marítima se expandiu e que o centro político da China se deslocou para Pequim, a atividade econômica do país migrou na direção da costa.

Alternativa "a" – Não se conclui que o frio oferecia obstáculos a camelos e cavalos.

Alternativa "c" – O frete ferroviário não deve ser substituído pelo marítimo, uma vez que este é muito mais dispendioso considerando-se o tempo necessário para o transporte.

Alternativa "d" – A exportação atualmente é de produtos eletrônicos (laptops e acessórios de informática).

Alternativa "e" – Naquela época, os caminhos eram terrestres e trilhados por caravanas de camelos e cavalos.

Texto.

De que forma o conhecimento da cultura renascentista pode auxiliar no entendimento do presente?

A história da cultura renascentista ilustra com clareza o processo de construção cultural do homem moderno e da sociedade contemporânea. Nela se manifestam, já muito dinâmicos e predominantes, os germes do individualismo, do racionalismo e da ambição ilimitada, típicos de comportamentos mais imperativos e representativos do nosso tempo. Ela consagra a vitória da razão abstrata, que é a instância suprema de toda a cultura moderna, versada no rigor das matemáticas que passarão a reger os sistemas de controle do tempo e do espaço. Será essa mesma razão abstrata que estará presente na própria constituição da chamada identidade nacional. Ela é a nova versão do poder dominante e será consubstanciada no Estado Moderno, entidade controladora e disciplinadora por excelência, que impõe à sociedade um padrão único, monolítico e intransigente. Isso, contraditoriamente, fará brotar um anseio de liberdade e autonomia do espírito, certamente o mais belo legado do Renascimento à atualidade.

Como explicar a pujança do Renascimento, surgido em continuidade à miséria, à opressão e ao obscurantismo do período medieval?

O Renascimento assinala o florescimento de um longo processo de produção, circulação e acumulação de recursos econômicos, desencadeado desde a Baixa Idade Média. São os excedentes dessa atividade crescente em progressão maciça que serão utilizados para financiar, manter e estimular uma ativação econômica. Surge assim a sociedade dos mercadores, organizada por princípios como a liberdade de iniciativas, a cobiça e a potencialidade do homem, compreendido como senhor da natureza, destinado a dominá-la e a submetê-la à sua vontade. O Renascimento, portanto, é a emanação da riqueza e seus maiores compromissos serão para com ela.

(Adaptado **de: SEVCENKO, Nicolau. O renascimento. SãoPaulo: Atual; Campinas: Universidade Estadual de Campinas,1982. p. 2 e 3)**

98. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 19/2014) Depreende-se corretamente do texto:

(A) a escassez de recursos dos comerciantes medievais é consequência imediata do obscurantismo típico do período renascentista.

(B) a oposição entre o predomínio do obscurantismo e a supremacia da razão abstrata só se resolveu com a fundação do Estado Moderno.

(C) o comportamento insólito e ousado do homem renascentista foi determinante para que ele pudesse controlar os rumos tomados pela sociedade.

(D) as origens do comportamento individualista, do racionalismo e da ambição ilimitada, perceptíveis na sociedade contemporânea, remontam ao Renascimento.

(E) o domínio do homem sobre a natureza foi determinante para a aceleração do fluxo de capital que culminou no Renascimento.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – É isso que se depreende do texto, sobretudo no seu primeiro período onde se lê "A história da cultura renascentista ilustra com clareza o processo de construção cultural do homem moderno e da sociedade contemporânea. Nela se manifestam, já muito dinâmicos e predominantes, os germes do individualismo, do racionalismo e da ambição ilimitada, típicos de comportamentos mais imperativos e representativos do nosso tempo".

Alternativa "a" – Não se depreende ideia de obscurantismo, pois "O Renascimento assinala o florescimento de um longo processo de produção, circulação e acumulação de recursos econômicos..."

Alternativa "b" – Não se trata de resolver uma oposição, mas sim de considerar que a razão abstrata "... estará presente na própria constituição da chamada identidade nacional. Ela é a nova versão do poder dominante e será consubstanciada no Estado Moderno,..."

Alternativa "c" – Não foi o comportamento incomum e ousado, mas o "individualismo, do racionalismo e da ambição ilimitada, típicos de comportamentos mais imperativos e representativos do nosso tempo."

Alternativa "e" – Não se trata, no texto, do domínio do homem sobre a natureza.

99. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 19/2014) Assinala-se no texto

(A) a primazia do poder controlador do Estado Moderno sobre o pensamento abstrato na Baixa Idade Média, contra a qual o homem renascentista se mobilizou.

(B) a oposição entre o caráter disciplinador do Estado Moderno e o anseio de liberdade e autonomia do espírito.

(C) a legitimação do individualismo, elemento fundador da cultura moderna, cuja consequência foi a constituição de uma identidade nacional.

(D) um juízo de valor em relação à ambição ilimitada do homem renascentista, a qual dificultou o avanço das ciências exatas.

(E) o egocentrismo e a cobiça do homem renascentista, cujos resíduos negativos podem ser percebidos nos dias atuais.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Constatamos a dicotomia entre o perfil disciplinador e o anseio de liberdade e autonomia de espírito no trecho abaixo. Acompanhe:

> *"[...] Será essa mesma razão abstrata que estará presente na própria constituição da chamada identidade nacional. Ela é a nova versão do poder dominante e será consubstanciada no Estado Moderno, entidade controladora e disciplinadora por excelência, que impõe à sociedade um padrão único, monolítico e intransigente.Isso, contraditoriamente, fará brotar um anseio de liberdade e autonomia do espírito, certamente o mais belo legado do Renascimento à atualidade." (grifo nosso)*

Alternativa "a" – O homem renascentista não se mobilizou.

Alternativa "c" – Não foi o individualismo que deu origem à identidade nacional.

Alternativa "d" – Não há juízos de valor em relação à ambição renascentista.

Alternativa "e" – O texto não relaciona egocentrismo e cobiça ao renascentista.

Texto.

Falo somente do que falo:
do seco e de suas paisagens,
Nordestes, debaixo de um sol
ali do mais quente vinagre:
que reduz tudo ao espinhaço,
cresta o simplesmente folhagem,
folha prolixa, folharada,
onde possa esconder-se a fraude.
Falo somente por quem falo:
por quem existe nesses climas

condicionados pelo sol,

pelo gavião e outras rapinas:

e onde estão os solos inertes

de tantas condições caatinga

em que só cabe cultivar

o que é sinônimo da míngua

Falo somente para quem falo:

quem padece sono de morto

e precisa um despertador

acre, como o sol sobre o olho:

que é quando o sol é estridente,

a contrapelo, imperioso,

e bate nas pálpebras como

se bate numa porta a socos.

(Trecho de "Graciliano Ramos". João Cabral de Melo Neto. Melhores poemas de João Cabral de Melo Neto. SECCHIN, Antonio Carlos (Sel.), São Paulo: Global, 2013, formato ebook)

---

100. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 19/2014) Considere as afirmações abaixo.

I. Ao lançar mão da imagem de um despertador (terceira estrofe), o poeta visa a chamar para uma situação de miséria a atenção de um leitor indiferente.

II. É expressa no poema a intenção de dar voz a pessoas submetidas a um contexto de privação.

III. Depreende-se do poema que a miséria provocada pela seca se esconde nas folhas prolixas da paisagem.

Está correto o que se afirma APENAS em

(A) I e III.

(B) II e III.

(C) II.

(D) III.

(E) I e II.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"

I – Correto: um leitor indiferente "padece sono de morto e precisa de um despertador".

II – Correto: a segunda estrofe do poema nos mostra a intenção do autor de dar voz àquelas pessoas que vivem "nesses climas /condicionados pelo sol,/pelo gavião e outras rapinas:..."

III – Errado. Depreende-se que não é a miséria que se esconde nas folhas prolixas da paisagem, mas sim a fraude. Observe:

"folha prolixa, folharada,

onde possa esconder-se a fraude."

---

101. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 19/2014) Afirma-se corretamente:

(A) No poema, considera-se o sol a causa da escassez da folhagem.

(B) O elemento grifado em como se bate numa porta a socos indica uma causa.

(C) Alguns dos adjetivos que caracterizam o sol no poema são inerte, estridente, imperioso.

(D) Critica-se no poema a inércia daqueles que não se esforçam para cultivar o solo.

(E) O segmento nesses climas condicionados pelo sol pode ser reescrito do seguinte modo: "nesses climas em que o sol os condiciona".

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Marcando o estilo seco e a temática nordestina de Graciliano Ramos, João Cabral faz com que o sol esteja presente nas três estrofes do poema, enfatizando ser ele, o sol, o causador da escassez. Observe:

"debaixo de um ***sol***

ali do mais quente vinagre:

que reduz tudo ao espinhaço,

cresta o simplesmente folhagem, ..."(grifo nosso)

Alternativa "b" – "Como", neste contexto, é uma conjunção comparativa: o sol bate nas pálpebras como se fossem socos batendo numa porta. Analise:

"o sol é estridente,

[...]

e bate nas pálpebras como

se bate numa porta a socos."

Alternativa "c" – Os adjetivos "estridente e imperioso" estão, sim, qualificando o substantivo sol. No entanto, "inertes" está qualificando o substantivo solos.

Sol estridente e imperioso

Solos inertes

Alternativa "d" – Não, a crítica recai sobre as fraudes.

Alternativa "e" – A mudança proposta altera o significado.

Texto para as questões.

Diante do futuro

Que me importa o presente? No futuro é que está a existência dos verdadeiros homens. Guyau, a quem não me canso de citar, disse em uma de suas obras estas palavras:*

"Porventura sei eu se viverei amanhã, se viverei mais uma hora, se a minha mão poderá terminar esta linha que começo? A vida está por todos os lados cercada pelo Desconhecido. Todavia executo, trabalho, empreendo; e em todos os meus atos, em todos os meus pensamentos, eu pressuponho esse futuro com o qual nada me autoriza a contar. A minha atividade excede em cada minuto o instante presente, estende-se ao futuro. Eu consumo a minha energia sem recear que esse consumo seja uma perda estéril, imponho-me privações, contando que o futuro as resgatará – e sigo o meu caminho. Essa incerteza que me comprime de todos os lados equivale para mim a uma certeza e torna possível a minha liberdade – é o fundamento da moral especulativa com todos os riscos. O meu pensamento vai adiante dela, com a minha atividade; ele prepara o mundo, dispõe do futuro. Parece-me que sou senhor do infinito, porque o meu poder não é equivalente a nenhuma quantidade determinada; quanto mais trabalho, mais espero."

*** Jean-Marie Guyau (1854-1888), filósofo e poeta francês. (PRADO, AntonioArnoni (org.). Lima Barreto: uma autobiografia literária. São Paulo: Editora 34, 2012. p. 164)**

---

102. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) Lima Barreto vale-se do texto de Guyau para defender a tese de que

(A) as ações do presente ganham sentido quando projetadas e executadas com vistas ao futuro.

(B) o futuro só é do nosso domínio quando nossas ações no tempo presente logram antevê-lo e iluminá-lo.

(C) as projeções do futuro só importam quando estiverem visceralmente ligadas às experiências do presente.

(D) o futuro ganha plena importância quando temos a convicção de que todas as nossas ações são duradouras.

(E) as ações do presente têm sua importância determinada pelo valor intrínseco de que se revestem.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Sim, ainda que incerto, não se deve deixar de vislumbrar o futuro. Assim, ações presentes como: executar, trabalhar e empreender terão mais motivação e sentido.

Alternativa "b" – O futuro nunca é de nosso total domínio. Podemos planejá-lo, mas não dominá-lo.

Alternativa "c" – Ao contrário, o presente ganha mais importância quando o projetamos ao futuro.

Alternativa "d" – Não, nem todas as nossas ações são duradouras. Ainda assim, o futuro deve ser sempre vislumbrado.

Alternativa "e" – As ações presentes têm sua importância quando estendidas ao futuro. Observe o trecho a seguir:

"A minha atividade excede em cada minuto o instante presente, estende – se ao futuro."

---

103. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) O fato de nossa vida estar cercada pelo Desconhecido não deve implicar uma restrição aos empreendimentos humanos, já que, para Guyau,

(A) o fundamento da moral especulativa está em planejar o futuro sem atentar para as circunstâncias presentes.

(B) o trabalho estéril executado no presente acumula energias que serão desfrutadas no futuro.

(C) a incerteza do futuro não elimina a possibilidade de tomá-lo como parâmetro dos nossos empreendimentos.

(D) os nossos atos tendem a se tornar estéreis quando pautados por uma visão otimista do futuro.

(E) a brevidade do tempo que temos para viver autoriza-nos a viver o presente com o máximo de intensidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – O Desconhecido não deve implicar restrição de empreendimentos. Guyau pressupõe o futuro mesmo não tendo certeza de que ele existirá de fato. Veja o trecho abaixo:

"A vida está por todos os lados cercada pelo Desconhecido. Todavia executo, trabalho, empreendo; e em todos os meus atos, em todos os meus pensamentos, eu pressuponho esse futuro com o qual nada me autoriza a contar." (grifo nosso)

Alternativa "a" – O fundamento é explicado pelo filósofo com uma antítese: incerteza que leva à certeza, tornando possível sua liberdade. Observe abaixo:

"Essa incerteza que me comprime de todos os lados equivale para mim a uma certeza e torna possível a minha liberdade – é o fundamento da moral especulativa com todos os riscos."

Alternativa "b" – O trabalho estéril não acumula energias para o futuro. O que faz isso é o trabalho fértil e empreendedor.

Alternativa "d" – Não, ao contrário do que diz esta alternativa, uma visão otimista do futuro tona as ações mais férteis.

Alternativa "e" – Não é essa a visão refletida pelos pensamentos de Gyuau. Ao contrário disso, ele pensa que devemos "executar, trabalhar, empreender" pressupondo o futuro, embora ele seja incerto.

Texto para as próximas questões.

Desde A democracia na América (1835), de Alexis de Tocqueville, tornou-se corrente comparar os Estados Unidos com a América ibérica, constituindo este exercício uma fonte de inspiração da imaginação social no continente. Nessa obra, a América do Sul é descrita como lugar em que a pujança da natureza debilitaria o homem, enquanto, na América do Norte, a natureza se revestiria de outro aspecto, onde tudo "era grave, sério, solene; dissera-se que fora criada para se tornar província da inteligência, enquanto a outra era a morada dos sentidos".

O caso bem-sucedido da América do Norte apontaria para um processo em que o atraso ibérico, sob o impacto das diferentes influências exercidas pelo seu vizinho anglo-americano, modernizar-se-ia, rompendo com os fundamentos da sua própria história.

A reflexão social latino-americana no século XIX, já testemunha dos sucessos econômicos e políticos dos Estados Unidos, tomou-os como um paradigma em sua luta orientada contra o que seria o seu atraso constitutivo, resultante do caudilhismo e do patrimonialismo vigentes em seus espaços nacionais. Entre tantos outros, os argentinos Sarmiento e Alberdi desenvolveram uma publicística centrada na comparação entre as duas Américas e o que nos cumpriria fazer para, livrando-nos dos nossos males históricos, lograrmos sucesso no ingresso ao mundo moderno. [...]

No caso do Brasil, a comparação com os Estados Unidos também esteve presente ao longo de nossa história, influenciando diretamente os embates sobre o processo da modernização brasileira. Nossa herança ibérica, marcada por um Estado forte e pela valorização do público, seria compatível com os valores do mundo moderno então emergente? Ou, de forma alternativa, ela teria nos legado uma carga tão excessiva, cuja superação em direção à modernidade exigiria uma ruptura com esse passado? Desde já, é importante ressaltar que, ainda que os conceitos iberismo e americanismo tenham sido formulados a posteriori, não estando presentes no vocabulário dos autores consagrados como fundadores da tradição de interpretar o Brasil, eles fornecem uma chave interpretativa para o estudo do processo de nossa formação histórica.

(VIANNA, Luis Werneck; PERLATTO, Fernando. Iberismo e americanismo. In: BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moritz (orgs.). Agenda brasileira: temas de uma sociedade em mudança. São Paulo: Companhia das Letras, 2011,p. 248-249) (grifo nosso)

---

104. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 2/2014) Considere o texto e as assertivas que seguem.

I. O cotejo entre o emprego de certas formas verbais, por exemplo, debilitaria e era evidencia a distinção entre o ponto de vista, respectivamente, de quem comenta uma hipótese lançada por outrem e o ponto de vista de quem propõe essa mesma hipótese.

II. Considerada a lógica e o contexto, merece reparo o que se tem no segmento "O caso bem-sucedido da América do Norte apontaria para um processo em que o atraso ibérico [...] modernizar-se-ia:" em lugar do que está destacado, seria adequado haver, por exemplo, "a América ibérica, atrasada,".

III. No parágrafo 4, a presença de duas indagações no excerto deve-se ao fato de cada uma delas enfatizar uma específica polêmica a respeito de nossa história, correspondendo, então, uma em relação à outra, a um caminho alternativo na definição da prioridade a ser enfrentada no processo de modernização do Brasil.

Está correto o que se afirma em

(A) III, apenas.

(B) I, apenas.

(C) I, II e III.

(D) II e III, apenas.

(E) I e II, apenas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"

I – Correto: o cotejo (a comparação) das formas verbais destacadas na alternativa leva o leitor a concluir que o primeiro termo expressa o ponto de vista do autor e o segundo está inserido, até pela demarcação do texto entre aspas, numa citação do livro A democracia na América (1835), de Alexis de Tocqueville.

II – Correto: a substituição do segmento "atraso ibérico" por "América ibérica, atrasada" tornaria o trecho mais claro e objetivo, restringindo o atraso à América ibérica, aquela que, segundo definição, recebeu forte

influência de Portugal e Espanha, países pertencentes à Península Ibérica. A definição abaixo colabora com o entendimento:

"...De matriz globalmente latina, os ibéricos tiveram uma profunda influência no planeta a partir do século XV, inaugurando a expansão ultramarina europeia e espalhando as suas culturas e as suas línguas por todos os continentes, mas especialmente pela América Latina.[...]"

III – Errado. As indagações não estão ligadas ao processo de modernização do Brasil, mas sim à "chave interpretativa para o estudo do processo de nossa formação histórica."

---

105. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 2/2014) Respeitando a constituição do texto, deve-se

(A) compreender que o homem deve tirar proveito de sua competência para agir sobre a natureza, moldando-a de modo a tornar menos vulneráveis os que nela habitam.

(B) entender que o pensamento social latino-americano do século XIX tomou os Estados Unidos como ponto de referência para o esforço de realização de objetivos da América ibérica.

(C) tomar a citada obra de Alexis de Tocqueville como fundadora de um modo de pensar que elimina a distância entre razão e emoção.

(D) reconhecer aquilo que é inerente a cada ser humano como expressão da força determinante da natureza, em qualquer de suas várias formas, sobre os que dela provêm num específico espaço geográfico.

(E) conceber a comparação entre Estados Unidos e América ibérica como o fundamento do imaginário dos povos naturais do continente.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – É o que o texto nos mostra quando afirma que "[...] a América do Sul é descrita como lugar em que a pujança da natureza debilitaria o homem, enquanto, na América do Norte, a natureza se revestiria de outro aspecto, onde tudo era grave, sério, solene; dissera-se que fora criada para se tornar província da inteligência, enquanto a outra era a morada dos sentidos".

Alternativa "a" – O texto não sugere que o homem deva tirar proveito da natureza.

Alternativa "c" – O texto sugere apenas que a obra possa ser uma "chave interpretativa para o estudo do processo de nossa formação histórica."

Alternativa "d" – Essa afirmação não está, definitivamente, contida no texto.

Alternativa "e" – O texto não pede ao leitor que conceba a comparação como imaginária, mas sim como uma chave interpretativa do processo histórico.

---

106. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 2/2014) Afirma-se com correção:

(A) Transpondo para a voz passiva o segmento os argentinos Sarmiento e Alberdi desenvolveram uma publicística, a forma correta obtida é "tinha sido desenvolvida".

(B) Em rompendo com os fundamentos da sua própria história, o pronome destacado indica que a história é a da América ibérica.

(C) Desenvolvendo a forma destacada em tornou-se corrente comparar os Estados Unidos com a América ibérica, estaria em concordância com as normas gramaticais a formulação "comparando".

(D) O emprego da expressão No caso do Brasil pode ser considerado redundância, pois o conteúdo anterior já está organizado sob essa perspectiva, como o comprova o uso de nos cumpriria [...], livrando-nos.

(E) Em dissera-se que fora criada, a substituição das formas verbais preserva o sentido original se forem trocadas, respectivamente, por "haviam dito" e "teria sido criada".

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

✪ **Nota da autora:** Questão de interpretação, coesão e coerência.

O pronome demonstrativo "próprio" está enfatizando o vocábulo *história* – por isso flexionado no feminino – e se refere ao termo "atraso ibérico" que, por sua vez, remete à América ibérica.

"O caso bem-sucedido da América do Norte apontaria para um processo em que o atraso ibérico, sob o impacto das diferentes influências exercidas pelo seu vizinho anglo-americano, modernizar-se-ia, rompendo com os fundamentos da sua própria história."

Alternativa "a" – A transposição correta para a Voz Passiva necessita manter o tempo verbal: Pretérito Perfeito do Indicativo. Veja:

Na Voz Ativa:"...os argentinos Sarmiento e Alberdi (sujeito) desenvolveram (VTD) uma publicística (OD)..."

Na Voz Passiva: "....uma publicística (sujeito paciente) foi desenvolvida pelos argentinos Sarmiento e Alberdi (agente da passiva)..."

Alternativa "c" – A substituição do termo gerara uma incorreção gramatical tendo em vista que o verbo

no gerúndio (comparando) não se aplica ao contexto. Analise:

"...tornou-se corrente comparar os Estados Unidos com a América ibérica,.."

Pergunta: O que se tornou corrente?

Resposta: Comparar os Estados Unidos com a América ibérica tornou-se corrente.

Alternativa "d" – Não se trata de redundância, visto que os termos "nos cumpriria" e "livrando-nos" se referem a todos os sul-americanos. Já a expressão "No caso do Brasil" restringe e limita geograficamente o que será dito posteriormente.

Alternativa "e" – A alteração proposta, em que os tempos verbais não são mantidos, muda o sentido original do trecho.

---

107. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 2/2014) As indagações presentes no parágrafo4 supõem o seguinte conteúdo implícito:

(A) A alternância de pontos de vista na reflexão sobre uma identidade cultural é necessária quando se deseja conhecer verdadeiramente uma nação.

(B) Rupturas com a tradição são condição necessária e suficiente para que países se modernizem e passem a fazer parte de comunidades internacionais.

(C) Países que apresentam setor estatal forte e valorização do público não se harmonizariam com traços culturais do mundo moderno.

(D) O Brasil, herdeiro do mundo ibérico, carrega aversões de natureza ideológica que justificam seu desejo de assumir entusiasmadamente valores contemporâneos.

(E) Os valores do mundo moderno ainda hoje não se encontram totalmente configurados.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – As indagações seguem o perfil da retórica, não aguardando uma resposta, mas sim sugerindo dificuldades de harmonização, levando o leitor a refletir sobre o assunto. Veja abaixo:

> *"[...] Nossa herança ibérica, marcada por um Estado forte e pela valorização do público, seria compatível com os valores do mundo moderno então emergente? Ou, de forma alternativa, ela teria nos legado uma carga tão excessiva, cuja superação em direção à modernidade exigiria uma ruptura com esse passado?" (grifo nosso)*

Alternativa "a" – O texto não sugere uma alternância de pontos de vista; traz o leitor a refletir sobre o assunto.

Alternativa "b" – O trecho não sugere que a ruptura com a tradição seja imprescindível, apenas sugere que possa ocorrer.

Alternativa "d" – O trecho não aborda aversão de natureza ideológica.

Alternativa "e" – Não há referência sobre a configuração de valores.

---

108. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 2/2014) Observada a organização do texto, e especialmente a última frase, cria-se uma expectativa de que as linhas seguintes ao fragmento trarão

(A) considerações sobre o processo de formação do Brasil, iluminadas por matrizes de pensamento que, a partir de certo momento, foram conceituadas como "americanismo" e "iberismo".

(B) retificações dos textos inaugurais da tradição de interpretar o Brasil, determinadas pelo fato de que os autores não contavam, em seu vocabulário, com as palavras "americanismo" e "iberismo".

(C) a categoria "iberismo" como fundamento do primeiro bloco de estudos sobre a formação histórica do Brasil, dando lugar, a seguir, à categoria "americanismo".

(D) os conceitos de "iberismo" e de "americanismo" sempre em oposição, visto que são resultado de momentos históricos antagônicos e bastante afastados no tempo.

(E) crítica a autores equivocadamente consagrados como fundadores da tradição de interpretar o Brasil, equívoco gerado pelo desconhecimento de que eles muito tardiamente se valeram da chave necessária à análise da cultura.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Há a expectativa de que se possa estudar e entender melhor o processo de formação histórica. Observe:

"...iberismo e americanismo [...]fornecem uma chave interpretativa para o estudo do processo de nossa formação histórica."

Alternativa "b" – Não se trata de retificação, mas de novas conclusões sobre o processo de formação histórica.

Alternativa "c" – Não, os dois termos caminham juntos.

Alternativa "d" – Os termos são contemporâneos.

Alternativa "e" – Não se trata de crítica, pois os termos foram formulados "a posteriori", ou seja, depois dos estudos concluídos.

109. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 2/2014) Considere as informações prestadas pelo verbete abaixo transcrito.

publicística Datação: c1950

– substantivo feminino

1 a imprensa jornalística; periodismo

2 Rubrica: termo jurídico, política.literatura de direito civil, política e/ou temas sociais

3 Rubrica: termo jurídico.a ciência do direito público

4 Derivação: por metonímia.o conjunto de autores de textos sobre direito público, política ou assuntos sociais

Etimologia: emprt. it. [palavra emprestada do italiano] publicistica 'atividade desenvolvida por jornalistas na publicação de artigos pela imprensa, conjunto das publicações da atualidade'.

(Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa)

Sobre o uso dessa palavra "publicística" no texto, é correto afirmar:

(A) O excerto e a rubrica denotam a possibilidade, mais provável do que todas as outras, de ter sido empregada na acepção 3, levando em conta a natureza da obra de onde foi extraído o trecho.

(B) O contexto evidencia que está, de maneira a excluir outra possibilidade, empregada na acepção 4, como o comprova o uso da expressão Entre tantos outros, que remete a muitos autores.

(C) Levando em conta a datação, isto é, a época em que ela parece ter surgido na Língua Portuguesa, não poderia ter sido empregada em um texto que se refere a pensadores do século XIX.

(D) Aquilo que se informa acima sobre a origem da palavra e os dados oferecidos no texto comprovam a impossibilidade de ter sido empregada com acepção diferente da indicada em 1.

(E) O contexto e a rubrica sugerem que está empregada na acepção 2, mas a falta de indicações precisas sobre a natureza dos trabalhos dos autores citados impede uma conclusão decisiva sobre o seu sentido no texto.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – O termo "publicística", no contexto de formação histórica, está mais adequadamente ligado à literatura de temas sociais, embora um tanto generalizado quando se diz "publicística centrada na comparação entre as duas Américas". Analise:

"[...] Sarmiento e Alberdi desenvolveram uma publicística centrada na comparação entre as duas Américas e o que nos cumpriria fazer para, livrando-nos dos nossos males históricos, lograrmos sucesso no ingresso ao mundo moderno. [...]

Alternativa "a" – O contexto não está inserido nos assuntos de direito público.

Alternativa "b" – A acepção 4 está ligada a autores de textos de direito público, o que não se enquadra no contexto.

Alternativa "c" – Embora o texto se refira a pensadores do século XIX, ele foi escrito em 2011.

Alternativa "d" – O termo não foi aplicado na acepção 1, pois ela está ligada à imprensa jornalística em geral, periódicos (jornais).

Texto.

A áspera controvérsia sobre a importância da liberdade política é bem capaz de ocultar o essencial nessa matéria, ou seja, a liberdade existe como um valor ético em si mesmo, independentemente dos benefícios concretos que a sua fruição pode trazer aos homens. [...]

A liberdade tem sido, em todos os tempos, a causa das maiores conquistas do ser humano. E, efetivamente, que valor teriam a descoberta da verdade, a criação da beleza, a invenção das utilidades ou a realização da justiça, se os homens não tivessem a possibilidade de escolher livremente o contrário de tudo isso?

Heródoto foi um dos primeiros a sublinhar que o estado de liberdade torna os povos fortes, na guerra e na paz. Ao relatar a estupenda vitória que os atenienses, sob o comando de Cleômenes, conquistaram contra os calcídeos e os beócios, ele comenta: "Aliás, verifica-se, sempre e em todo lugar, que a igualdade entre os cidadãos é uma vantagem preciosa: submetidos aos tiranos, os atenienses não tinham mais valor na guerra que seus vizinhos; livres, porém, da tirania, sua superioridade foi manifesta. Por aí se vê que na servidão eles se recusavam a manifestar seu valor, pois labutavam para um senhor; ao passo que, uma vez livres, cada um no seu próprio interesse colaborava, por todas as maneiras, para o triunfo do empreendimento coletivo".

O mesmo fenômeno de súbita libertação de energias e de multiplicação surpreendente de forças humanas voltou a repetir-se vinte e quatro séculos depois, com a Revolução Francesa. Pela primeira vez na história moderna, as forças armadas de um país não eram compostas de mercenários, nem combatiam por um príncipe, sob o comando de nobres, mas eram formadas de homens livres e iguais, comanda-

dos por generais plebeus, sendo todos movidos tão só pelo amor à pátria.

(COMPARATO, Fábio Konder. A liberdade como valor ético. Ética: direito, moral e religião no mundo moderno. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 546-547)

---

110. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 2/2014) O texto abona o seguinte comentário: o autor, na defesa de seu ponto de vista,

(A) cita Cleômenes e episódio histórico que deu a esse ateniense experiência para reconhecer não só o valor da liberdade, mas, em próprias palavras do conquistador, que a igualdade entre os cidadãos é uma vantagem.

(B) faz uso de uma indagação que é meramente retórica, pois a resposta a ela está implícita na própria pergunta: o valor de descobertas, invenções e demais realizações está em impor a todos os homens o mesmo direito de usufruir delas.

(C) contrapõe distintos momentos históricos para evidenciar que a discussão sobre a importância da liberdade política contém contradições.

(D) opta por fazer um relato de como a liberdade se manifestou em diferentes momentos históricos, o que lhe permitiu concluir, ao final do texto, que a liberdade é um valor ético em si mesmo.

(E) vale-se de um testemunho de prestígio, sem, entretanto, tomá-lo como suficiente, dado que acrescenta comentário que o ratifica.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – O texto vale-se do testemunho e comentários do geógrafo e historiador Heródoto, autor da história da invasão persa da Grécia nos princípios do século V, quando cita o trecho abaixo:

"[...] Heródoto foi um dos primeiros a sublinhar que o estado de liberdade torna os povos fortes, na guerra e na paz. [...]ele comenta: "Aliás, verifica-se, sempre e em todo lugar, que a igualdade entre os cidadãos é uma vantagem preciosa:submetidos aos tiranos, os atenienses não tinham mais valor na guerra que seus vizinhos; livres, porém, da tirania, sua superioridade foi manifesta. [...]".

Além dessa citação, o autor do texto confirma a ideia exposta fazendo seus próprios comentários, utilizando como parâmetro a Revolução Francesa.. Acompanhe abaixo:

"O mesmo fenômeno de súbita libertação de energias e de multiplicação surpreendente de forças humanas voltou a repetir-se vinte e quatro séculos depois, com a Revolução Francesa."

Alternativa "a" – A citação de Clêomenes está ligada simplesmente pelo fato de ele, Cleômenes, ter sido o comandante dos atenienses. Veja:

Heródoto [...] Ao relatar a estupenda vitória que os atenienses, sob o comando de Cleômenes,..."

Alternativa "b" – Trata-se de uma retórica, no entanto a resposta implícita não é o fato de que se deva impor aos homens o mesmo direito de usufruir as descobertas e invenções, mas sim a liberdade de "escolher livremente o contrário de tudo isso".

Alternativa "c" – O autor contrapõe diferentes momentos históricos não para mostrar contradições, mas para ratificar, confirmar suas ideias sobre liberdade.

Alternativa "d" – Ele não faz um relato para chegar a alguma conclusão, pois ele já a possui. Faz a citação para corroborar suas ideias sobre liberdade.

Texto para as questões.

Questão de gosto

A expressão parece ter sido criada para encerrar uma discussão. Quando alguém apela para a tal da "questão de gosto", é como se dissesse: "chega de conversa, inútil discutir". A partir daí nenhuma polêmica parece necessária, ou mesmo possível. "Você gosta de Beethoven? Eu prefiro ouvir fanfarra de colégio." Questão de gosto.

Levada a sério, radicalizada, a "questão de gosto" dispensa razões e argumentos, estanca o discurso crítico, desiste da reflexão, afirmando despoticamente a instância definitiva da mais rasa subjetividade. Gosto disso, e pronto, estamos conversados. Ao interlocutor, para sempre desarmado, resta engolir em seco o gosto próprio, impedido de argumentar. Afinal, gosto não se discute.

Mas se tudo é questão de gosto, a vida vale a morte, o silêncio vale a palavra, a ausência vale a presença – tudo se relativiza ao infinito. Num mundo sem valores a definir, em que tudo dependa do gosto, não há lugar para uma razão ética, uma definição de princípios, uma preocupação moral, um empenho numa análise estética. O autoritarismo do gosto, tomado em sentido absoluto, apaga as diferenças reais e proclama a servidão ao capricho. Mas há quem goste das fórmulas ditatoriais, em vez de enfrentar o desafio de ponderar as nossas contradições.

(Emiliano Barreira, inédito)

18. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) Definida como instância definitiva da mais rasa subjetividade, a questão de gosto opõe-se, terminantemente,

(A) ao subterfúgio de que nos valemos para evitar um princípio de discussão.

(B) ao princípio da recusa a qualquer fundamentação racional numa discussão.

(C) à atribuição de mérito à naturalidade de uma primeira impressão.

(D) ao primado do capricho pessoal, ao qual tantas vezes se apela.

(E) à dinâmica de argumentos criteriosos na condução de uma polêmica.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Sim, "questão de gosto" é uma oposição à possibilidade de argumentos e reflexão sobre o assunto em pauta. Com essa expressão encerra-se ditatorialmente o diálogo. Observe o trecho abaixo:

> *"Levada a sério, radicalizada, a "questão de gosto" dispensa razões e argumentos, estanca o discurso crítico, desiste da reflexão, afirmando despoticamente a instância definitiva da mais rasa subjetividade." (grifo nosso)*

Alternativa "a" – Esta alternativa cita um comportamento sinônimo, e não oposto, à expressão "questão de gosto"

Alternativa "b" – Não só recusa a fundamentação racional, mas também a argumentação emocional e reflexões.

Alternativa "c" – Não se trata de atribuir mérito ou impressão causada. Simplesmente a expressão encerra o assunto.

Alternativa "d" – Esta alternativa também pode ser considerada sinônima da expressão "questão de gosto", pois frequentemente se apela a ela para encerrar o assunto e fazer prevalecer a opinião de quem a profere.

---

111. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) Atente para as seguintes afirmações:

I. No 1º parágrafo, a menção a Beethoven e a fanfarra de colégio ilustra bem a disposição do autor em colocar lado a lado manifestações artísticas de valor equivalente.

II. No 2º parágrafo, o termo despoticamente qualifica o modo pelo qual alguns interlocutores dispõem-se a desenvolver uma polêmica.

III. No 3º parágrafo, a expressão servidão ao capricho realça a acomodação de quem não se dispõe a enfrentar a argumentação crítica.

Em relação ao texto está correto o que se afirma APENAS em

(A) II e III.

(B) III.

(C) I.

(D) I e II.

(E) II.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

I – Errado. Ao contrário: as manifestações têm valores opostos:

- Beethoven =música clássica ou erudita;
- Fanfarra = banda musical que executa hinos e marchas cívicas.

II – Errado: o termo despoticamente refere-se a algo imposto, ditatorial, atitude de um déspota (chefe, líder com características ditatoriais).

III – Certo: alguém que não esteja disposto ou capacitado a discutir e refletir sobre a opinião de terceiros a respeito de um assunto que, tacitamente, torna-se encerrado pelo "capricho" que fazer prevalecer sua opinião.

Texto.

Sobre a publicação de livros

Muito se tem discutido, recentemente, sobre direitos e restrições na publicação de livros. Veja-se o que dizia o filósofo Voltaire, em 1777:

"Não vos parece, senhores, que em se tratando de livros, só se deve recorrer aos tribunais e soberanos do Estado quando o Estado estiver sendo comprometido nesses livros? Quem quiser falar com todos os seus compatriotas só poderá fazê-lo por meio de livros: que os imprima, então, mas que responda por sua obra. Se ela for ruim, será desprezada; se for provocadora, terá sua réplica; se for criminosa, o autor será punido; se for boa, será aproveitada, mais cedo ou mais tarde."

(Voltaire, O preço da justiça. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 56)

---

112. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) A posição de Voltaire está corretamente resumida na seguinte frase:

(A) Afora alguma razão de Estado, não se deve incriminar um autor pela divulgação de suas ideias.

(B) O Estado só deve ser invocado para julgar um livro quando isso constituir manifesta exigência do público.

(C) A publicação de livros é uma questão de Estado e somente na instância do Estado deve ser administrada.

(D) Os autores de livros, soberanos para emitir suas opiniões, devem permanecer à margem das sanções dos tribunais.

(E) A única consequência admissível da publicação de um livro é a reação do público leitor, a quem cabe o juízo definitivo.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Segundo Voltaire, o autor tem direito de divulgar suas ideias através de suas obras, ficando imune a punições, desde que as ideias não comprometam o Estado.

Alternativa "b" – O Estado só poderia se manifestar quando ele próprio fosse comprometido através de alguma obra.

Alternativa "c" – A publicação não é uma questão de Estado. Questão de Estado é levar o autor aos tribunais caso ele,o Estado, seja comprometido por ideias expressas em alguma publicação.

Alternativa "d" – Os autores são soberanos para emitir suas opiniões desde que elas não comprometam o Estado.

Alternativa "e" – Em obras que comprometam o Estado, além da opinião do público, o próprio Estado pode se manifestar quanto às sanções cabíveis.

---

113. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 2/2014) Por falha estrutural de redação, impõe-se reescrever a seguinte frase:

(A) A liberdade de pensamento constituiu uma preocupação central para os intelectuais do século XVIII, destacando-se, entre eles, o gênio de Voltaire.

(B) Mesmo que haja grande evolução no que diz respeito aos costumes, vê-se que no século XVIII era permanente a preocupação com os direitos civis.

(C) Muitos ensinamentos dos antigos escritores e filósofos mantêm-se atuais, por força do permanente interesse público pelos temas que abordaram.

(D) São inspiradores os intelectuais antigos que, como Voltaire, discutiram temas cuja relevância não sofreu qualquer declínio até nossos dias.

(E) A discussão atual sobre o direito de se publicar uma biografia não autorizada pode enriquecer-se, quando se recorre a princípios defendidos por Voltaire.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Reescrevendo:

"Ainda que haja, atualmente, grande evolução no que diz respeito aos costumes, vê-se que já lá no século XVIII era permanente a preocupação com os direitos e restrições na publicação de livros."

Alternativa "a", "c", "d" e "e" – Todas essas alternativas não necessitam de qualquer alteração em sua estrutura gramatical, tampouco no campo semântico, pois são claras, objetivas e estão em acordo com as normas vigentes.

Texto para as próximas questões.

Toda crítica envolve uma militância, alertou o teórico francês Christian Metz em A significação do cinema. Toda crítica esconde camadas de subjetividade por baixo do seu manto solene de objetividade. De quando em quando, todo crítico é acometido por algum tipo de cegueira analítica: ora são afetos e relações pessoais que podem flexibilizar o rigor dos textos, ora são idealizações materializadas em artistas que se tornam a mais fiel tradução da própria militância.

O fato é que amo a crítica. Trabalhei durante muitos anos no jornalismo cultural e, por quase uma década, chefiei uma equipe de críticos atuando nas mais diferentes manifestações artísticas. Acredito piamente que o processo da arte só se realiza em sua plenitude no olhar erudito do crítico, que vai contextualizar determinada obra na história da humanidade, deslindando preciosidades estéticas, temáticas e filosóficas que, em muitos casos, passam despercebidas até mesmo para os próprios criadores.

Acho sinceramente que a crítica é um espaço de resistência fundamental nessa massacrante indústria cultural que tanto nos sufoca. Por mais que admire e respeite quem a exerce, nunca me arrisquei por esse caminho, com exceção de um breve período em minha juventude. Há diferentes tipos de crítico, mas sempre me interessei por aqueles que enveredam pelo ensaísmo. Não gosto, porém, de textos que transbordam de tanto entusiasmo diante de uma "obra-prima" nem dos cruelmente destrutivos, sem um único aceno de generosidade. Vale a advertência de Robert Bresson: "Não há louvação ou crítica demolidora que não parta de um equívoco".

(Evaldo Mocarzel. Bravo!, 187, março de 2013, p. 35, excerto)

---

114. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 15/2013) O texto constitui

(A) opinião crítica a respeito do importante trabalho exercido por alguns jornalistas na área das manifestações artísticas, especialmente na área relativa ao cinema.

(B) exposição de ideias de cunho pessoal a respeito da função da crítica, amparadas em nomes reconhecidos, inclusive com emissão de juízos de valor, marcados pelo emprego da 1a pessoa.

(C) relato memorialista, marcado pela subjetividade da 1a pessoa, sobre uma das atividades mais sujeitas a críticas desfavoráveis, como a de produção de filmes.

(D) reprodução de parâmetros para a análise crítica a partir de opiniões de especialistas citados, com intenção pedagógica de defender a atuação de jornalistas nessa função específica.

(E) valorização do trabalho desenvolvido no jornalismo pelo crítico de arte, com apoio de citações que justificam as afirmativas indiscutíveis, defendidas em 1a pessoa.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – O texto escrito em 1ª pessoa sinaliza que o autor estará imprimindo sua opinião quanto ao assunto abordado que, neste contexto, é a crítica.

Alternativa "a" – O texto não reduz o trabalho crítico especialmente ao cinema, mas sobre as mais diversas manifestações artísticas.

Alternativa "c" – Não se trata de um relato memorialista sobre a produção cinematográfica.

Alternativa "d" – Não são reproduzidos parâmetros com a finalidade pedagógica.

Alternativa "e" – A citação não justifica as afirmativas indiscutíveis, apenas as enriquece e adverte para o cuidado e a responsabilidade que o trabalho crítico tem de desenvolver.

---

115. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 15/2013) Vale a advertência de Robert Bresson: "Não há louvação ou crítica demolidora que não parta de um equívoco".

Com a transcrição da advertência acima, o autor

(A) retoma, apoiando-se em manifestação alheia, sua crença de que o processo da arte só se realiza em sua plenitude no olhar erudito do crítico, olhar esse que afasta as possibilidades de engano na avaliação da produção artística.

(B) se propõe a desvalorizar quaisquer observações críticas a respeito de obras no ramo das manifestações artísticas, porque a crítica esconde camadas de subjetividade por baixo do seu manto solene de objetividade.

(C) censura as observações críticas que se baseiam nas impressões subjetivas de quem as emite, a partir da constatação de que, evidentemente, toda crítica exprime a mais fiel tradução da própria militância.

(D) reafirma a importância de seu próprio trabalho de crítico em que sempre considerou seus afetos e relações pessoais, assinalando, no entanto, que a crítica deve procurar envolver-se no manto solene de objetividade.

(E) explora novamente, na conclusão do texto, o sentido da afirmativa de que ora são afetos e relações pessoais que podem flexibilizar o rigor dos textos, ora são idealizações materializadas em artistas que se tornam a mais fiel tradução da própria militância.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – O autor vale-se da citação para advertir que a crítica não deve se colocar nos extremos da opinião de quem a emite, já que muitas vezes a imparcialidade é uma posição difícil, mas necessária à emissão de uma opinião justa e construtiva.

Alternativa "a" – Não retoma sua crença no olhar erudito do crítico.

Alternativa "b" – Não desvaloriza observação alguma.

Alternativa "c" – Não há censura na citação.

Alternativa "d" – O trabalho do autor não considerou sempre seus afetos e relações pessoais. Ele apenas diz que os críticos estão sujeitos a essas interferências.

---

116. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 15/2013) O autor acentua a importância do crítico ao

(A) reconhecer, com a afirmativa de que passam despercebidas até mesmo para os próprios criadores, que nem sempre as inovações características de certas obras podem ser adequadamente apontadas e analisadas sob um ponto de vista crítico.

(B) criar a imagem referente à qualidade dessa atuação – por baixo do seu manto solene de objetividade –, que expõe claramente a erudição indis-

pensável a quem se dispõe a analisar a produção artística de diferentes autores, em qualquer época e lugar.

(C) declarar que chefiou uma equipe de críticos atuando nas mais diferentes manifestações artísticas, o que lhe assegura não só a primazia no exercício dessa função, mas também o equilíbrio resultante do conhecimento acumulado durante todo esse tempo.

(D) empregar o verbo deslindar – deslindando preciosidades estéticas, temáticas e filosóficas – que poderia ser corretamente substituído por outros verbos, como pesquisar, investigar ou esquadrinhar, sem prejuízo para o sentido original nem alteração da organização da frase.

(E) apresentar seu testemunho com a frase Por mais que admire e respeite quem a exerce, que permaneceria correta, sem qualquer alteração, se o segmento sublinhado fosse substituído por: que valorize e demonstre consideração.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – Deslindar significa averiguar, apurar, descobrir, sinônimos que se encaixam perfeitamente às atividades inerentes a um profissional da crítica jornalística.

Alternativa "a" – Ao contrário disso, as obras podem sempre ser apontadas e analisadas sob um ponto de vista crítico.

Alternativa "b" – O autor não mostra só as qualidades, mas também as possibilidades de que o crítico caia nas armadilhas da parcialidade.

Alternativa "c" – Declarar que chefiou uma equipe de críticos não acentua a importância desse profissional. Trata-se apenas de uma informação para o leitor.

Alternativa "e" – Ao emitir sua opinião dizendo que admira e respeita os críticos, a expressão não tem a finalidade de acentuar a importância deles, mas de introduzir a próxima informação que é: ele, o autor do texto, não exerceu tal função, com exceção de uma breve experiência na juventude.

Texto para as questões.

Figuras históricas perdem seus contornos quando se tornam valores absolutos e até sua própria existência chega a ser posta em dúvida. Caso exemplar é o de William Shakespeare, cuja importância cresceu tanto que, a partir do século XVIII, começou-se a questionar se ele era realmente o autor de seus dramas.

Algo semelhante aconteceu com o Renascimento. De início, o termo indicava a arte produzida na Itália entre os séculos XV e XVI, exemplar para todos os artistas que se seguiram. Em meados do XIX, quando começava a perder força como paradigma estético, assumiu um significado muito mais amplo e indeterminado. Historiadores, como Jules Michelet (1855) e o suíço Jacob Burckhardt (1860), defendem suas teorias, mas a periodização encontra dificuldades. Os limites de um período histórico costumam ser marcados por fatos concretos, de datação consensual. Em arte, as transições são muito mais fluidas. Com Renascimento e renascimentos na arte ocidental (1957) o historiador da arte alemão Erwin Panofsky tentou pôr ordem nessa proliferação de renascenças: o que distingue o Renascimento italiano das retomadas anteriores, segundo ele, é a consciência de que o antigo já não existe, da necessidade de recriá-lo.

Afinal, o que faz da arte italiana dos séculos XV e XVI algo tão especial? Leon Battista Alberti, o teórico mais importante da primeira fase do Renascimento, identifica por nome, no prólogo de seu tratado Da pintura (1436), um grupo bem pequeno de artistas, todos florentinos. Foram eles, segundo o teórico, que fizeram reviver uma arte que, como a antiga, se inspirava diretamente na natureza. Mas, enquanto os antigos tiveram muitos mestres para imitar, eles precisaram reinventar. "Nós", diz Alberti, incluindo-se no grupo, "descobrimos artes e ciências jamais ouvidas e vistas."

Outro teórico define esses inventores como "mestres de artes mistas e de engenho". Artes, na Florença da época, eram as corporações de artesãos e comerciantes que governavam a cidade desde o século XIV. Além delas, com maior prestígio (se não com maior poder) havia as artes liberais, que se aprendiam pelos livros e não pela experiência prática. Os "mestres de artes mistas" não eram uma coisa nem outra. Já não se identificavam com o saber artesanal de pai para filho; tampouco com o saber escolar dos acadêmicos. Buscavam conhecimentos empíricos, quando necessário (engenharia, fundição dos metais, fabricação de cores), embora não se restringissem a nenhuma das profissões tradicionais. Em sua maioria, não liam latim, mas dispunham de tratados de ótica e de geometria traduzidos e consultavam cientistas e matemáticos sempre que fosse preciso. Eram leitores vorazes da nova literatura em vulgar (Dante, Petrarca, Boccaccio) e estudavam história. A cultura deles se definia em função dos projetos em que estavam envolvidos – uma igreja, um monumento, um quadro. Enfim, não eram nem artesãos nem filósofos. Pela primeira vez na história, eram artistas.

(Adaptado **de: Lorenzo Mammi. Bravo!, 191, julho de 2013, p. 16-21)**

117. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 15/2013) Conclui-se corretamente do texto:

(A) Houve dificuldades, reconhecidas ainda hoje, em caracterizar com rigor as inovações perpetradas durante o Renascimento por um grupo de artistas italianos, que se diferenciavam dos demais em razão de seus conhecimentos empíricos.

(B) As divergências entre historiadores e críticos referentes à periodização adequada e às características do Renascimento italiano acentuam as dificuldades em reconhecer a genialidade e a importância de alguns artistas nele incluídos.

(C) A ausência de conhecimentos mais sólidos, com base no saber acadêmico contido nos livros em latim, cerceava a participação de grupos de artistas nas corporações de ofícios existentes na Itália durante a época renascentista.

(D) Torna-se mais importante o reconhecimento das características e da genialidade dos artistas do Renascimento italiano do que a preocupação em estabelecer limites precisos de tempo para explicar todo o florescimento artístico dessa época.

(E) As características inovadoras das obras de alguns artistas do Renascimento italiano que se mantinham independentes, quer da tradição artesanal quer do conhecimento acadêmico, isolam-nos inteiramente no contexto artístico desse período.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – Evidencia-se, facilmente, a não preocupação em estabelecer limites de tempo, ao mencionar, no segundo parágrafo, que a **periodização encontra dificuldades**. A importância de reconhecer as características e genialidade dos artistas começa a ser citada ao responder o questionamento no terceiro parágrafo e se estende até o final do texto. Síntese: os artistas florentinos eram "**mestres de artes mistas e de engenho**"; enquanto os antigos imitavam, eles reinventavam através da natureza, **buscavam conhecimentos empíricos e eram leitores vorazes da nova literatura em vulgar (Dante, Petrarca, Boccaccio) e estudavam história**.

Alternativa "a" – Não houve dificuldade em caracterizar as inovações, mas sim em determinar a periodização.

Alternativa "b" – Em primeiro lugar, não ocorreu divergências e, também, não houve dificuldades em reconhecer a genialidade, pois isso está claro ao nomearem os artistas como "**mestres de artes mistas e de engenho**".

Alternativa "c" – Não cerceava (tornava menor) a participação, pelo contrário: distinguia-os dos demais.

Alternativa "e" – Nada no texto indica que foram isolados no contexto artístico e daria para eliminar essa alternativa pelo exagero ao inserir o advérbio *inteiramente*.

118. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 15/2013) Pela primeira vez na história, eram artistas.

A frase final do texto deve ser entendida como

(A) tese que se mostrou coerente ao se referir às ideias apresentadas no 2º parágrafo.

(B) retomada dos exemplos e das teorias apresentadas no desenvolvimento, o que garante a coesão textual.

(C) repetição enfática, que se apresenta como uma síntese das ideias discutidas no texto.

(D) conclusão que constitui um fecho coeso do que foi desenvolvido no último parágrafo.

(E) exposição de um fato inconteste, que vem confirmar a importância da arte renascentista.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – Definição de artista: pessoa que demonstra sensibilidade e gosto por arte. Ora, se há sensibilidade, há outro olhar, há inovação e se há gosto, há descobertas através de leitura e conhecimento (eram leitores da nova literatura e aprofundavam os estudos nos projetos em que estavam envolvidos). Tudo isso foi muito bem explicado no último parágrafo e tornou um fecho coeso.

Alternativa "a" – Não há relação com a tese do segundo parágrafo: **a consciência de que o antigo já não existe, da necessidade de recriá-lo.** Não é apenas recriar, mas inovar.

Alternativa "b" – Não é retomada, pois no desenvolvimento do texto ocorre comparação entre os artistas antigos e novos; apenas no final, as características do grupo foram realmente mencionadas e chega à conclusão de que eram artistas.

Alternativa "c" – Não repetiu, tanto que o autor menciona o adjetivo *artistas* no último período do texto.

Alternativa "e" – Não se pode afirmar que seja um fato inconteste, o autor expõe ideias de historiadores e teóricos.

119. (FCC – Analista Judiciário – Área Administrativa – TRT 15/2013) Quanto ao desenvolvimento textual, afirma-se corretamente:

(A) O autor do texto deixa implícita, no 1º parágrafo, sua concordância com a hipótese de que William Shakespeare não deve ter sido realmente o criador de tantos dramas que marcaram sua época.

(B) Apesar de evidente intenção esclarecedora das informações contidas no parágrafo final, à semelhança de verbete de dicionário a respeito da Florença do século XV, elas perdem importância diante da constatação de que os artistas não se consideravam ligados a nenhum ofício.

(C) No 2º parágrafo, defende-se a ideia central de que, em razão da ausência de limites temporais precisos para a produção artística, resulta impossível para os teóricos perceber diferenças temáticas entre os representantes de determinada época.

(D) Há semelhança nos pontos de vista emitidos tanto pelo historiador alemão citado no 2º parágrafo, que publicou sua obra no século XX, quanto pelo teórico florentino, cuja obra data do século XV.

(E) O confronto entre as teorias defendidas por historiadores nos séculos XIX e XX, a respeito de limites temporais para as manifestações artísticas renascentistas, estabelece parâmetros para a correta identificação da autoria dos dramas de William Shakespeare.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – Ponto de vista do historiador alemão: *o que distingue o Renascimento italiano das retomadas anteriores é a consciência de que o antigo já não existe, da necessidade de recriá-lo;* teórico florentino: *descobrimos artes e ciências jamais ouvidas e vistas.* Ideias afins: ao recriar, surgem novas formas de arte.

Alternativa "a" – Não se pode afirmar que ele concorda com tal hipótese.

Alternativa "b" – Não perdem importância, pelo contrário: ganham importância, pois surgiram os artistas.

Alternativa "c" – A ideia central é a distinção da arte antes e depois e quanto à periodização, apenas é citado que há dificuldade para definir.

Alternativa "e" – Não há relação com a identificação da autoria de Shakespeare.

Texto.

A sustentabilidade do meio ambiente deve ser a meta buscada por qualquer indivíduo ou grupo que necessite de recursos naturais para sobreviver. E isso é um fato que não admite contestação.

Incorporar a premissa de respeito à natureza e do uso sustentável dos recursos naturais deve ser um trabalho constante e doutrinário frente às populações que habitam ou que trabalham nos campos e áreas rurais. Trabalhar para manter a biodiversidade local e evitar a erosão que destrói as áreas cultiváveis, além de ser economicamente viável, representa manter, por muito mais tempo, a terra em condições de gerar riquezas e de prover o sustento das populações que dela dependem.

Reciclar os dejetos oriundos das criações animais e dos refugos das plantações deve ser encarado não como custo ou gasto "a mais", mas sim como uma excelente oportunidade de gerar toda ou parte da energia necessária para executar as atividades econômicas a que se propõem e também como fonte de fertilizantes baratos e totalmente gratuitos, o que, sem dúvida, representará um salto na lucratividade de qualquer propriedade rural.

Garantir a sustentabilidade do meio ambiente é garantir, antes de qualquer coisa, que a fome, a pobreza e a miséria estarão afastadas definitivamente e, com isso, terminará a dura realidade que força as pessoas a praticar a exploração predatória dos recursos disponíveis em determinadas áreas. Pois, só com uma situação de vida regular, os habitantes de uma determinada região poderão tornar-se permeáveis às "novas ideias".

Levantar a bandeira da sustentabilidade do meio ambiente e promover nas comunidades rurais o pensamento de que essa é a única forma viável de manter suas atividades econômicas em condições de gerar riquezas por muito mais tempo e de forma continuada são os desafios mais pungentes dos governos e das organizações ambientais dos tempos atuais.

(Adaptado **de: http://www.atitudessustentaveis.com.br/conscientizacao/desenvolvimento-sustentabilidade-meio-ambiente/)**

120. (FCC – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRT 15/2013) Para o autor do texto, a questão sustentabilidade deve

(A) pautar-se pelo uso respeitoso dos recursos naturais, seja na preservação da biodiversidade, seja na reutilização de refugos e excrementos.

(B) restringir-se à promoção das comunidades rurais que poderão auferir seu sustento de uma exploração racional dos recursos naturais.

(C) evitar o desperdício, mantendo a erosão e aproveitando melhor as áreas cultiváveis, o que determinará o fim da exploração predatória.

(D) garantir as oportunidades de as pessoas executarem as atividades de sobrevivência independentemente das condições predatórias.

(E) reciclar a biodiversidade para que não sejam destruídas áreas cultiváveis nem as pessoas fiquem impossibilitadas de proverem seu sustento.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – A alternativa sintetiza corretamente a ideia do texto e, em seus dois trechos abaixo, podemos confirmar:

"Trabalhar para manter a biodiversidade local e evitar a erosão que destrói as áreas cultiváveis, ...".

"Reciclar os dejetos oriundos das criações animais e dos refugos das plantações deve ser encarado não como custo ou gasto "a mais", mas sim como uma excelente oportunidade de gerar toda ou parte da energia necessária...".

Alternativa "b" – A sustentabilidade não pode se restringir às comunidades rurais. Ela deve se estender a todas as pessoas.

Alternativa "c" – Uma das propostas da sustentabilidade é evitar e não manter a erosão.

Alternativa "d" – Atividades de sobrevivência sempre evitando as condições predatórias.

Alternativa "e" – Manter e não reciclar a biodiversidade.

2.2. CESPE

Texto I

Os primeiros anos que se seguiram à Proclamação da República foram de grandes incertezas quanto aos trilhos que a nova forma de governo deveria seguir. Em uma rápida olhada, identificam-se dois grupos que defendiam diferentes formas de se exercer o poder da República: os civis e os militares. Os civis, representados pelas elites das principais províncias — São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul —, queriam uma república federativa que desse muita autonomia às unidades regionais. Os militares, por outro lado, defendiam um Poder Executivo forte e se opunham à autonomia buscada pelos civis. Isso sem mencionar as acirradas disputas internas de cada grupo. Esse era um quadro que demonstrava a grande instabilidade sentida pelos cidadãos que viveram naqueles anos. Mas havia cidadãos?

Formalmente, a Constituição de 1891 definia como cidadãos os brasileiros natos e, em regra, os naturalizados. Podiam votar os cidadãos com mais de vinte e um anos de idade que tivessem se alistado conforme determinação legal. Mas o que, exatamente, significava isso? Em 1894, na primeira eleição para presidente da República, votaram 2,2% da população. Tudo indica que, apesar de a República ter abolido o critério censitário e adotado o voto direto, a participação popular continuou sendo muito baixa em virtude, principalmente, da proibição do voto dos analfabetos e das mulheres.

No que se refere à legislação eleitoral, alguns instrumentos legais vieram a público, mas nenhum deles alterou profundamente o processo eleitoral da época. As principais alterações promovidas na legislação contemplaram o fim do voto censitário e a manutenção do voto direto. Essas modificações, embora importantes, tiveram pouca repercussão prática, já que o voto ainda era restrito — analfabetos e mulheres não votavam — e o processo eleitoral continuava permeado por toda sorte de fraudes.

Ane Ferrari Ramos Cajado, Thiago Dornelles e Amanda Camylla Pereira.

Eleições no Brasil: uma história de 500 anos. Brasília: Tribunal Superior

Eleitoral, 2014, p. 27-8. Internet: <www.tse.jus.br> (com adaptações).

De acordo com as ideias veiculadas no texto I,

121. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-GO/2015) os instrumentos legais acerca da legislação eleitoral que surgiram logo após a promulgação da Constituição de 1891 tinham os objetivos de ampliar a parcela votante da população e diminuir as fraudes ocorridas durante o processo eleitoral, mas fracassaram nesses aspectos.

COMENTÁRIOS

Errado – No último parágrafo: *As principais alterações promovidas na legislação contemplaram o fim do voto censitário e a manutenção do voto direto. Essas modificações, embora importantes, tiveram pouca repercussão prática, já que o voto ainda era restrito — analfabetos e mulheres não votavam — e o processo eleitoral continuava permeado por toda sorte de fraudes.*

122. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-GO/2015) o fim do voto censitário e a manutenção do voto direto foram importantes porque denotaram a preocupação do governo com o povo e constituíram o início do processo democrático no Brasil.

COMENTÁRIOS

Errado – A porcentagem por si só indica que não se trata de democracia: Em 1894, na primeira eleição para presidente da República, **votaram 2,2% da popu-**

lação. Tudo indica que, apesar de a República ter abolido o critério censitário e adotado o voto direto, a participação popular continuou sendo muito baixa em virtude, principalmente, da proibição do voto dos analfabetos e das mulheres.

Democracia: é um regime político em que todos os cidadãos elegíveis participam igualmente — diretamente ou através de representantes eleitos — na proposta, no desenvolvimento e na criação de leis, exercendo o poder da governação através do sufrágio universal. Ela abrange as condições sociais, econômicas e culturais que permitem o exercício livre e igual da autodeterminação política. (http://pt.wikipedia.org/)

---

123. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-GO/2015) Nos primeiros anos após a Proclamação da República, os civis e os militares discordavam quanto à autonomia que deveria ser dada pelo governo às unidades regionais.

COMENTÁRIO

Certo – Os civis, representados pelas elites das principais províncias — São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul —, queriam uma república federativa que desse muita autonomia às unidades regionais. Os militares, por outro lado, defendiam um Poder Executivo forte e se opunham à autonomia buscada pelos civis.

---

124. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-GO/2015) a instabilidade observada nos anos que se seguiram à Proclamação da República deveu-se ao súbito ganho de poder dos civis, o que, de acordo com o texto, gerou acirradas disputas com os militares, tradicionais detentores do poder.

COMENTÁRIO

Errado – Erros: 1. o conflito de interesses entre civis e militares, principal motivo da instabilidade: havia também conflitos internos em cada grupo; 2. o texto não demonstra que os militares eram tradicionais detentores do poder.

Texto II

Segundo a Constituição Federal, todo poder emana do povo e por ele será exercido, quer de maneira direta, quer por intermédio de representantes eleitos. Essa afirmação, dentro do espírito do texto constitucional, deve ser interpretada como verdadeiro dogma estabelecido pelo constituinte originário, mormente quando nos debruçamos sobre o cenário político dos anos anteriores à eleição dos membros que comporiam a Assembleia Constituinte que resultou na Carta de 1988.

Em expedita sinopse, é possível perceber que, após longo período de repressão à manifestação do pensamento, o povo brasileiro ansiava por exercer o direito de eleger os seus representantes com o objetivo de participar direta ou indiretamente da formação da vontade política da nação.

Dentro desse contexto, impende destacar que os movimentos populares que ocorreram a partir do ano de 1984, que deram margem ao início do processo de elaboração da nova Carta, deixaram transparecer de maneira cristalina aos então governantes que o coração da nação brasileira estava palpitante, quase que exageradamente acelerado, tendo em vista a possibilidade de se recuperar o exercício do poder, cujo titular, por longo lapso, deixou de ser escolhido pelo povo brasileiro.

Em meio a esse cenário, foi elaborado o texto constitucional, que, desde então, recebeu a denominação de Constituição Cidadã. O art. 14 desse texto confere ênfase à titularidade do poder para ressaltar que "A soberania popular é exercida pelo sufrágio universal e pelo voto direto e secreto, com valor igual a todos", deixando transparecer que a intenção da Lei Maior é fazer que o povo exerça efetivamente o seu direito de participar da formação da vontade política.

Fernando Marques Sá. Desaprovação das contas de campanha do candidato – avanço da legislação para as eleições de 2014. In: Estudos Eleitorais. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral. Vol. 9, n.° 2, 2014, p. 52-3. Internet: <www.tse.jus.br>(com adaptações).

---

125. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-GO/2015) a Constituição Federal de 1988 é denominada de Constituição Cidadã por conferir ênfase à titularidade do exercício do poder pelo povo, como se pode observar no texto do artigo 14 da Carta Magna.

COMENTÁRIO

Certo – No último parágrafo: *Em meio a esse cenário, foi elaborado o texto constitucional, que, desde então, recebeu a denominação de Constituição Cidadã. O art. 14 desse texto confere ênfase à titularidade do poder para ressaltar que "A soberania popular é exercida pelo sufrágio universal e pelo voto direto e secreto, com valor igual a todos", deixando transparecer que a intenção da Lei Maior é fazer que o povo exerça efetivamente o seu direito de participar da formação da vontade política.*

---

126. (Cespe – Analista Judiciário – Área Judiciária – TRE-GO/2015) foi necessária a promulgação da Carta Magna de 1988 para que o exercício do poder pelo povo virasse realidade.

COMENTÁRIOS

Errado – Se *recupera*, significa que já houve: impende destacar que os movimentos populares que ocorreram a partir do ano de 1984, que deram margem ao início do processo de elaboração da nova Carta, deixaram transparecer de maneira cristalina aos então governantes que o coração da nação brasileira estava palpitante, quase que exageradamente acelerado, tendo em vista a possibilidade de se **recuperar** o exercício do poder, cujo titular, por longo lapso, deixou de ser escolhido pelo povo brasileiro.

Em relação ao texto, julgue os itens a seguir.

Migrar e trabalhar. Quando esses verbos se conjugam da pior forma possível, acontece o chamado tráfico de seres humanos. O tráfico de pessoas para exploração econômica e sexual está relacionado ao modelo de desenvolvimento que o mundo adota. Esse modelo é baseado em um entendimento de competitividade que pressiona por uma redução constante nos custos do trabalho.

No passado, os escravos eram capturados e vendidos como mercadoria. Hoje, a pobreza que torna populações vulneráveis garante oferta de mão de obra para o tráfico — ao passo que a demanda por essa força de trabalho sustenta o comércio de pessoas. Esse ciclo atrai intermediários, como os gatos (contratadores que aliciam pessoas para serem exploradas em fazendas e carvoarias), os coiotes (especializados em transportar pessoas pela fronteira entre o México e os Estados Unidos da América) e outros animais, que lucram sobre os que buscam uma vida mais digna. Muitas vezes, é a iniciativa privada uma das principais geradoras do tráfico de pessoas e do trabalho escravo, ao forçar o deslocamento de homens, mulheres e crianças para reduzir custos e lucrar. Na pecuária brasileira, na produção de cacau de Gana, nas tecelagens ou fábricas de tijolos do Paquistão.

O tráfico de pessoas e as formas contemporâneas de trabalho escravo não são uma doença, e sim uma febre que indica que o corpo está doente. Por isso, sua erradicação não virá apenas com a libertação de trabalhadores, equivalente a um antitérmico — necessário, mas paliativo. O fim do tráfico passa por uma mudança profunda, que altere o modelo de desenvolvimento predatório do meio ambiente e dos trabalhadores. A escravidão contemporânea não é um resquício de antigas práticas que vão desaparecer com o avanço do capital, mas um instrumento utilizado pelo capitalismo para se expandir.

Leonardo Sakamoto. O tráfico de seres humanos hoje. In: História viva. Internet: <www2.uol.com.br> (com adaptações).

127. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Segundo o texto, a devastação do meio ambiente e a exploração de mão de obra escrava caracterizam o modelo de desenvolvimento atual.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – No trecho destacado abaixo, pode-se observar que a devastação do meio ambiente e a exploração de mão de obra escrava caracterizam o modelo de desenvolvimento atual. Analise:

"O fim do tráfico passa por uma mudança profunda, que altere o modelo de desenvolvimento predatório do meio ambiente e dos trabalhadores. A escravidão contemporânea não é um resquício de antigas práticas que vão desaparecer com o avanço do capital, mas um instrumento utilizado pelo capitalismo para se expandir."

128. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Infere-se do texto a existência de dois segmentos que lucram com o tráfico de pessoas: as empresas, que reduzem os custos com mão de obra, e os intermediários, que se beneficiam da exploração de pessoas que desejam migrar.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – O segundo parágrafo permite a inferência de que as empresas e os intermediários lucram com o tráfico de pessoas. Veja:

"...Hoje, a pobreza que torna populações vulneráveis garante oferta de mão de obra para o tráfico — ao passo que a demanda por essa força de trabalho sustenta o comércio de pessoas. Esse ciclo atrai intermediários, como os gatos (contratadores que aliciam pessoas para serem exploradas em fazendas e carvoarias), os coiotes (especializados em transportar pessoas pela fronteira entre o México e os Estados Unidos da América) e outros animais, que lucram sobre os que buscam uma vida mais digna. Muitas vezes, é a iniciativa privada uma das principais geradoras do tráfico de pessoas e do trabalho escravo, ao forçar o deslocamento de homens, mulheres e crianças para reduzir custos e lucrar..."

Texto para os próximos itens.

Imigrantes ilegais, os homens e as mulheres vieram para Prato, na Itália, como parte de snakebodies liderados por snakeheads na Europa. Em outras palavras, fizeram a perigosa viagem da China por trem, caminhão, a pé e por mar como parte de um grupo pequeno, aterrorizado, que confiou seu des-

tino a gangues chinesas que administram as maiores redes de contrabando de gente no mundo. Nos locais em que suas viagens começaram, havia filhos, pais, esposas e outros que dependiam deles para que enviassem dinheiro. No destino, havia paredes cobertas com anúncios de mau gosto de empregos que representavam a esperança de uma vida melhor.

Pedi a um dos homens ao lado da parede que me contasse como tinha sido sua viagem. Ele objetou. Membros do snakebody têm de jurar segredo aos snakeheads que organizam sua viagem. Tive de convencê-lo, concordando em usar um nome falso e camuflar outros aspectos de sua jornada. Depois de uma série de encontros e entrevistas, pelos quais paguei alguma coisa, a história de como Huang chegou a Prato emergiu lentamente.

James Kynge. A China sacode o mundo. São Paulo: Globo, 2007 (com adaptações).

129. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Depreende-se do texto que chineses emigram para a Europa em busca da possibilidade de melhor sustento financeiro de suas famílias.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – Os dois trechos abaixo corroboram a ideia de que os chineses emigram para a Europa buscando sustento para suas famílias.

"Em outras palavras, fizeram a perigosa viagem da China por trem, caminhão, a pé e por mar como parte de um grupo pequeno, aterrorizado, que confiou seu destino a gangues chinesas que administram as maiores redes de contrabando de gente no mundo."

"Nos locais em que suas viagens começaram, havia filhos, pais, esposas e outros que dependiam deles para que enviassem dinheiro."

130. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) O texto é narrativo e autobiográfico, o que se evidencia pelo uso da primeira pessoa do singular no segundo parágrafo, quando é contado um fato acontecido ao narrador.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O texto é predominantemente narrativo, o que se pode julgar pelos relatos feitos pelo autor. É narrativo, sim, porém não é autobiográfico. Trata-se de um texto informativo e de caráter jornalístico. Observe a fala do narrador: "Tive de convencê-lo, concordando em usar um nome falso..." e "Depois de uma série de encontros e entrevistas...", ou seja, o narrador é um jornalista fazendo uma matéria acerca do tráfico de pessoas da China para a Europa. O texto não é autobiográfico, pois relata uma história que se passa com outra pessoa (Huang) e não com ele, o autor.

Texto para os itens.

Hoje, todos reconhecem, porque Marx impôs esta demonstração no Livro II d'O Capital, que não há produção possível sem que seja assegurada a reprodução das condições materiais da produção: a reprodução dos meios de produção.

Qualquer economista, que neste ponto não se distingue de qualquer capitalista, sabe que, ano após ano, é preciso prever o que deve ser substituído, o que se gasta ou se usa na produção: matéria-prima, instalações fixas (edifícios), instrumentos de produção (máquinas) etc. Dizemos: qualquer economista é igual a qualquer capitalista, pois ambos exprimem o ponto de vista da empresa.

Louis Althusser. Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado. 3ª ed. Lisboa: Presença, 1980 (com adaptações).

131. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Infere-se do texto que todo economista é capitalista, mas o inverso não é verdadeiro, pois nem todo capitalista é proprietário de empresa.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O texto deixa claro que economista se identifica com capitalista no que diz respeito a não existência de "produção possível sem que seja assegurada a reprodução das condições materiais de produção: a reprodução dos meios de produção". A assertiva afirma que todo economista é capitalista, o que é genérico em relação à limitação indicada pelo texto. Além disso, não há, no texto, informação de que nem todo capitalista é proprietário de empresa.

Texto para os itens.

O tráfico internacional de drogas começou a desenvolver-se em meados da década de 70, tendo tido o seu boom na década de 80. Esse desenvolvimento está estreitamente ligado à crise econômica mundial. O narcotráfico determina as economias dos países produtores de coca e, ao mesmo tempo, favorece principalmente o sistema financeiro mundial. O dinheiro oriundo da droga corresponde à lógica do sistema financeiro, que é eminentemente especula-

tivo. Este necessita, cada vez mais, de capital "livre" para girar, e o tráfico de drogas promove o "aparecimento mágico" desse capital que se acumula de modo rápido e se move velozmente.

A América Latina participa do narcotráfico na qualidade de maior produtora mundial de cocaína, e um de seus países, a Colômbia, detém o controle da maior parte do tráfico internacional. A cocaína gera "dependência" em grupos econômicos e até mesmo nas economias de alguns países, como nos bancos da Flórida, em algumas ilhas do Caribe ou nos principais países produtores — Peru, Bolívia e Colômbia, para citar apenas os casos de maior destaque. Na Bolívia, os lucros com o narcotráfico chegam a US$ 1,5 bilhão contra US$ 2,5 bilhões das exportações legais. Na Colômbia, o narcotráfico gera de US$ 2 a 4 bilhões, enquanto as exportações oficiais geram US$ 5,25 bilhões. Nesses países, a corrupção é generalizada. Os narcotraficantes controlam o governo, as forças armadas, o corpo diplomático e até as unidades encarregadas do combate ao tráfico. Não há setor da sociedade que não tenha ligação com os traficantes e até mesmo a Igreja recebe contribuições destes.

Osvaldo Coggiola. O comércio de drogas hoje. In: Olho da História, n.º 4. Internet: <www.oolhodahistoria.ufba.br> (com adaptações).

132. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Depreende-se do texto uma discrepância na ligação do narcotráfico com a Igreja e com unidades de combate ao tráfico.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado

✪ **Nota da autora:** gabarito alterado de CERTO para ERRADO.

Motivo de CESPE: Considerando-se não ser possível inferir do texto o que se afirma no item, opta-se pela alteração de seu gabarito.

133. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Verifica-se no texto uma ampliação de sentido do termo "dependência": da dependência química causada em usuários de drogas à dependência de grupos e países cuja economia lucra com o narcotráfico.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo – "A cocaína gera 'dependência' em grupos econômicos e até mesmo nas economias de alguns países..." (2º parágrafo) mostra que o emprego do termo "dependência" sofreu ampliação no contexto e, pelo destaque das aspas, pode ser associado à dependência química que causa nos usuários e, em especial como foi utilizado, em grupos ou países cuja economia lucra com o narcotráfico.

134. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) Infere-se do texto que o lucro com o narcotráfico equivale a duas vezes o lucro com as exportações legais tanto na Bolívia quanto na Colômbia.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Errado – O trecho destacado abaixo nos mostra os números que, colocados numa tabela, nos permite visualizar claramente e assegurar que a assertiva está errada, pois a primeira coluna não representa duas vezes (dobro) da segunda. Analise ambos, trecho e tabela:

"Na Bolívia, os lucros com o narcotráfico chegam a US$ 1,5 bilhão contra US$ 2,5 bilhões das exportações legais. Na Colômbia, o narcotráfico gera de US$ 2 a 4 bilhões, enquanto as exportações oficiais geram US$ 5,25 bilhões.

	LUCRO - NARCOTRÁFICO	LUCRO - EXPORTAÇÕES LEGAIS
BOLÍVIA	1,5 BILHÃO	2,5 BILHÕES
COLÔMBIA	2 A 4 BILHÕES	5,25 BILHÕES

135. (Cespe – Agente de Polícia Federal – DPF/2014) O texto, que se classifica como dissertativo, expõe a articulação entre o tráfico internacional de drogas e o sistema financeiro mundial.

( ) Certo ( ) Errado

COMENTÁRIOS

Certo

✪ **Nota da autora**: questão que aborda tipologia textual e interpretação de texto.

- O texto apresenta linguagem e estrutura dissertativa e expõe, em seu conteúdo, sobretudo no primeiro parágrafo, a articulação entre o tráfico internacional de drogas e o sistema financeiro mundial.

2.3. FUNDAÇÃO AROEIRA

Texto 1

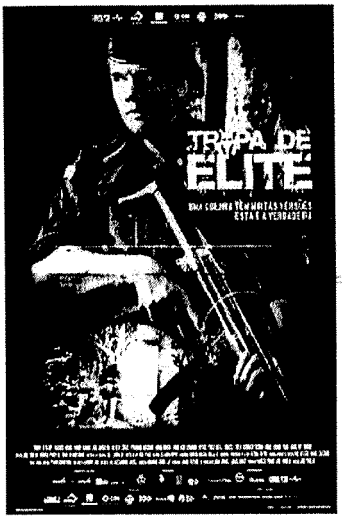

Texto 2

TROPA DE ELITE

Outras remetências de título

TROPA DE ELITE: MISSÃO DADA É MISSÃO CUMPRIDA

Categorias

Longa-metragem / Sonoro / Ficção

Material original

35mm, COR, 118min, 3.236m, 24q, Dolby SRD

Data e local de produção/Ano: 2007

País: BR

Cidade: Rio de Janeiro

Estado: RJ

Sinopse

Nascimento, capitão da Tropa de Elite do Rio de Janeiro, é designado para chefiar uma das equipes que tem como missão apaziguar o Morro do Turano. Ele tem que cumprir as ordens enquanto procura por um substituto porque sua mulher, grávida, constantemente lhe pede para sair da linha de frente do Batalhão. Em meio a um tiroteio, Nascimento e sua equipe tem que resgatar dois aspirantes a oficiais da PM: Neto e Matias. Ansiosos para entrar em ação e impressionados com a eficiência de seus salvadores, os dois se candidatam ao curso de formação da Tropa de Elite.

Gênero: Drama

Prêmios:

- Urso de Ouro de Melhor Filme no Festival de Berlim, 58, 2008.
- Melhor Ator para Moura, Wagner, Grande Prêmio Vivo do Cinema Brasileiro entregue pela ABC – Academia Brasileira de Cinema. Melhor Diretor para Padilha, José, Grande Prêmio Vivo do Cinema Brasileiro entregue pela ABC – Academia Brasileira de Cinema

Dados de produção

Companhia(s) produtora(s): Zazen Produções Audiovisuais Ltda.

Produção: Padilha, José; Prado, Marcos Coprodução: Soárez, Eliana; Arcy, James d'

Companhia(s) distribuidora(s): Universal Pictures do Brasil; The WeinsteinCompany

Roteirista: Pimentel, Rodrigo; Mantovani, Bráulio; Padilha, José

Direção: Padilha, José

Direção de fotografia: Carvalho, Lula

Efeitos especiais de fotografia: Zeebroeck, Bruno Van

Som direto: Lima, Leandro

Montagem: Rezende, Daniel

Direção de arte: Peake, Tulé

Figurinos: Kopke, Cláudia

Música: Bromfman, Pedro

Identidades/elenco:

- Moura, Wagner
- Junqueira, Caio
- Ramiro, André
- Cortaz, Milhem
- Freitas, Fernanda de
- Machado, Fernanda
- Fernandes, Thelmo
- Ribeiro, Maria
- etc.

Textos 1 e 2 disponíveis em: <http://www.cinemateca.gov.br/cgi-bin/wxis.e – xe/iah/>. Acesso em: 23 mar. 2014.

---

136. (Fundação Aroeira – Delegado de Polícia – TO/2014) Que aspecto da trama do filme apresentado na ficha técnica é priorizado na composição do cartaz?

(A) A atuação de agentes de inteligência como fonte primária para a solução da violência urbana.

(B) A fuga de alternativas tradicionais de combate ao crime em regiões com alta incidência de violência.

(C) O embate direto contra o crime pela perspectiva de quem tem o dever de combatê-la.

(D) O direito de os policiais terem informações precisas a respeito das áreas de combate.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – O cartaz demonstra claramente a posição e a disposição do oficial pronto para o embate em todos os aspectos.

Alternativa "a" – Seria parte do roteiro do filme.

Alternativa "b" – Não consta em ficha técnica, seria parte da trama.

Alternativa "d" – Outro aspecto não correspondente à ficha técnica e sim à trama.

---

137. (Fundação Aroeira – Delegado de Polícia – TO/2014) Na ficha técnica do filme, que informação sugere sua qualidade como obra representativa de sua categoria?

(A) As especialidades técnicas recrutadas para a sua produção.

(B) A constituição do elenco com base em autores consagrados no meio televisivo.

(C) As características estético-discursivas do gênero drama de ficção.

(D) A lista de prêmios concedidos por entidades de relevância na área cinematográfica.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – Prêmios: Urso de Ouro de melhor filme no festival de Berlim, 58, 2008; melhor ator e melhor diretor: grande prêmio vivo do cinema brasileiro entregues pela ABC – Academia Brasileira de Cinema.

As informações contidas em A, B e C estão intrínsecas à qualidade que caracterizou o filme.

Alternativa "a" – Não está na ficha técnica.

Alternativa "b" – Mera informação.

Alternativa "c" – Tais características não sugerem qualidade como obra representativa da categoria. Mais: ficção? Quem dera!

---

138. (Fundação Aroeira – Delegado de Polícia – TO/2014) A sinopse tem por função apresentar aspectos cruciais do enredo do filme. Essa apresentação parte do protagonista e se desenvolve com base em

(A) elogio, motivações familiares para o combate, resultado positivo do combate.

(B) identificação, missão, conflito, desdobramentos do conflito.

(C) traços de personalidade, indefinições individuais, valores da corporação.

(D) localização dos fatos, patente, realidade, negação da realidade.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – A sinopse (resumo) em questão, muito bem elaborada, dá uma visão exata do que se verá em Tropa de Elite.

Identificação= capitão da tropa: Nascimento, do Rio de Janeiro, chefe de equipe;

Missão= apaziguar o Morro do Turano;

Conflito= Nascimento – problemas em família (conflito), procura um substituto, resgate de Neto e Matias (aspirantes) – desdobramento do conflito – resultado: gratos, impressionados, os dois aspirantes a oficiais Neto e Matias se candidatam ao curso de formação da Tropa de Elite.

Os aspectos apresentados em A, C e D não constam da sinopse e o protagonista é apresentado, já no início, em constante conflito entre problemas pessoais que o impelem a deixar a linha de frente e a missão a cumprir.

Alternativa "a" – Não se baseia nos três elementos mencionados.

Alternativa "c" – Não se baseia nos três elementos mencionados.

Alternativa "d" – Localização do fato? Aqui já se elimina a alternativa.

Texto 3

A realidade, só a realidade

Para ser qualificada de grande, uma obra de arte precisa estabelecer conexões profundas com as pessoas. Ao analisar o papel das tragédias teatrais, por exemplo, o filósofo grego Aristóteles concluiu que elas acabavam por purificar os espectadores quando lhes causavam sentimentos de terror e compaixão. Isso porque, depois de experimentá-los, as pessoas sairiam aliviadas, purgadas dos próprios pesadelos. Aristóteles chamou a isso catarse. O tipo de conexão proporcionado por Tropa de Elite, do diretor José Padilha, é de outra ordem. Trata-se de um grande filme justamente pelo contrário: ele não concede válvulas de escape ao retratar como a criminalidade degradou o país de alto a baixo. O pesadelo real ganha ainda mais nitidez. A sociedade brasileira, pelo jeito, ansiava por esse tapa na cara dado pelo capitão Nascimento, o policial interpretado magistralmente por Wagner Moura. Lançado há apenas

duas semanas, Tropa de Elite já é o filme mais visto e comentado da história do cinema brasileiro. As salas de exibição lotam em todas as sessões e estima-se que mais de 11 milhões de pessoas tenham assistido ao filme em DVDs piratas que inundaram os camelôs de várias capitais do país (veja reportagem). Gírias policiais reproduzidas no filme e trechos de diálogos entre os personagens – como "pegou geral" e "01 pede pra sair" – tornaram-se bordões repetidos nas mais diversas situações.

O assunto da obra do diretor José Padilha é a guerra diuturna que a polícia carioca move contra os traficantes de drogas encastelados nos morros favelizados da cidade. Mais especificamente o Batalhão de Operações Policiais Especiais (Bope), a tropa de elite do título. O tráfico de drogas, o nervo mais exposto de um país em desordem e refém do medo (veja o quadro), é tema comum na cinematografia nacional recente. A diferença é que esse filme o aborda pondo os pingos nos is. Bandidos são bandidos, e não "vítimas da questão social". Há policiais corruptos, mas também muitos que são honestos. Se existem traficantes de cocaína e maconha, é porque há milhares de consumidores que os bancam. Muitos desses consumidores, aliás, são aqueles mesmos que fazem "passeatas pela paz" e compactuam com a bandidagem para abrir ONGs em favelas. Por último, a brutalidade de alguns policiais pode ser explicada pelo grau de penúria e abandono que o estado lhes reserva. [...]

Ditas de maneira tão simples, essas verdades parecem de uma obviedade ululante. E são. Mas o Brasil, infelizmente, é um país de ideias fora do lugar por causa da afecção ideológica esquerdista que inverte papéis, transformando criminosos em mocinhos e mocinhos em criminosos. Aqui, a "questão social" é justificativa para roubos, assassinatos e toda sorte de crime e contravenção – mesmo quando praticados por quadrilhas especializadas, compostas por integrantes que nada têm de coitadinhos.

Na semana passada, a pedido de VEJA, o instituto Vox Populi realizou uma pesquisa para medir o impacto de Tropa de Elite nos espectadores. Os resultados indicam por que o filme é arrebatador. Na opinião de 72% dos entrevistados, os criminosos que aparecem no filme são tratados como merecem. Quase 80% deles concordam que a polícia é apresentada com fidelidade – ou seja, tem uma banda podre e uma banda boa. Tropa de Elite agrada também por abordar a responsabilidade dos usuários de drogas sem meias palavras. O capitão Nascimento diz que o "playboy" que fuma um cigarro de maconha é o responsável pela morte de um traficante abatido pelo Bope. A afirmação encontra eco na população. Para 85% dos espectadores, o raciocínio do capitão Nascimento está correto. O policial vivido por Wagner Moura ganhou enorme popularidade, mas isso não significa que todas as pessoas enxerguem num Rambo a solução para problema tão complexo como o da criminalidade. Na opinião de 53% dos entrevistados, o capitão é um herói, mas 43% rejeitam essa ideia, embora o vejam com relativa simpatia. As características do personagem ajudam a explicar tal divisão. Nascimento é um ser humano devastado. Sofre de síndrome do pânico, consome vorazmente remédios de tarja preta e suas explosões frequentemente resultam em ações que extrapolam o manual do Bope.

Disponível em: <http://veja.abril.com.br/171007/p_080.shtml>. Acesso em: 20 mar. 2014.

---

139. (Fundação Aroeira – Delegado de Polícia – TO/2014) Considerando o trabalho argumentativo promovido ao longo do texto, Tropa de Elite é uma grande obra porque

(A) promove no expectador uma espécie de purificação por meio da experimentação de sentimentos negativos e positivos.

(B) escancara as mazelas da guerra contra o tráfico de maneira realística, com requinte dramático.

(C) produz intertexto com a obra de Aristóteles com base na produção de um texto de ficção de forte apelo subjetivo.

(D) impacta o expectador com uma concepção de combate ao crime contrária às suas expectativas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Segundo o texto, o filme Tropa de Elite é uma grande obra mostrando a "cara do crime" na missão do enfrentamento ao tráfico de drogas e a realidade desse tipo de enfrentamento.

Alternativa "a" – Essa espécie de purificação não se dá em Tropa de Elite. Sim, é citada no início do texto como análise feita pelo filósofo grego Aristóteles ao se referir às tragédias teatrais, e que ele chamou de cartase: purificação que aquelas tragédias, representação de textos dramáticos, provocavam nos expectadores da Grécia Antiga.

Tropa de Elite provoca o contrário no expectador: a visão da realidade choca e o pesadelo continua ante a nitidez dessa realidade.

Alternativa "c" – Não há intertexto com relação à análise sobre as tragédias de Aristóteles, o filósofo. Trata-se de um grande filme justamente ao contrário: não concede válvulas de escape... Se as tragédias gregas provocam purificação como válvula de escape, Tropa de Elite mostra uma realidade com um problema complexo que nenhum *Rambo* possa solucionar.

Alternativa "d" – Ao contrário, na última parte do texto tem-se a pesquisa do instituto Vox Populi em que

fica bem clara a aceitação do público em uma grande percentagem, porém deixa uma margem para um público que analisou o filme de outra forma: com mais profundidade...

140. (Fundação Aroeira – Delegado de Polícia – TO/2014) No texto, as inserções "veja reportagem" e "veja o quadro" estão correlacionadas ao

(A) suporte em que é veiculado e à característica informativa do gênero reportagem.

(B) tema abordado pelo autor e ao público-alvo desse gênero textual.

(C) modo de obtenção das informações e à incompletude das ideias apresentadas.

(D) tipo de sequência textual e à falta de comprovação das informações.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – As inserções remetem à revista (veículo em que está publicada a reportagem que é de caráter informativo): quadro = demonstrações da informação.

Alternativa "b" – As inserções não estão correlacionadas ao tema abordado nem ao público alvo, mas às fontes em que se encontrar a reportagem.

Alternativa "c" – Não há incompletude das ideias, pelo contrário, as ideias estão apresentadas coerentemente.

Alternativa "d" – As inserções citadas não se referem às opções da alternativa como já comentado na alternativa A.

Texto 4

Disponível em:<http://rio.rj.gov.br>. Acesso em: 30 de mar. 2014.

141. (Fundação Aroeira – Delegado de Polícia – TO/2014) Considerando a contextualização social e discursiva do Texto 4, o termo "agora"

(A) marca uma relação de causa e consequência da violência.

(B) estabelece um marco histórico definido.

(C) faz uma referência temporal anafórica ao primeiro filme da série.

(D) instaura uma sequência explicativa.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

Nota das autoras: Vamos relembrar teoria?

Anafórico, genericamente, pode ser definido como uma palavra ou expressão que serve para retomar um termo já expresso no texto, ou também para antecipar termos que virão depois. São **anafóricos**: pronomes demonstrativos: este, esse, aquele; pronomes relativos: que, o qual, onde, cujo; advérbios e expressões adverbiais: então, dessa feita, acima, atrás.

*Lu e Nata, apesar de serem gêmeas, são muito diferentes. Por exemplo, esta é calma, aquela é explosiva. O termo esta retoma a nome próprio "Lu", enquanto aquela faz a mesma coisa com a palavra "Nata". Esta e aquela são chamados de **anafóricos**.**

Catafórico é um termo utilizado em linguística para expressão que se refere a algo que será dito no texto posteriormente.

Quero encontrá-la, encontrar Acácia.

**Fonte: http://www.dicionarioinformal.com.br/*

– *Agora* é advérbio de tempo. Em relação ao contexto (Tropa de Elite 2), fica evidente que há ligação com o filme anterior (texto 1 – Tropa de Elite).

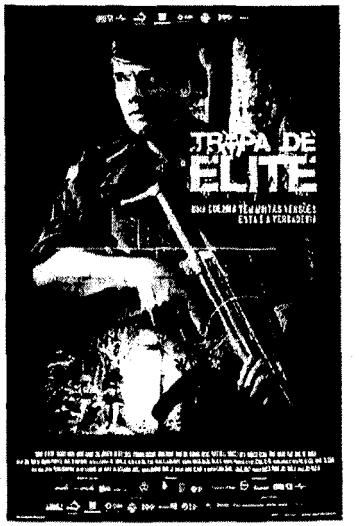

Alternativa "a" – Para haver causa e consequência, caberia a pergunta **por quê?** e não cabe.

Alternativa "b" – Não é marco histórico. (Ai, ai, ai...)

Alternativa "d" – Não há explicação.

Texto 5

"Copa de Elite" é uma paródia de "Tropa de elite", mas brinca com filmes brasileiros, como "Bruna Surfistinha", "Nosso lar", "Minha mãe é uma peça" e "Se eu fosse você". A estreia é em 17 de abril. No cartaz, o longa é definido como "a maior paródia brasileira de filmes nacionais já feita no Brasil". "Copa de Elite" integra o gênero que nos Estados Unidos se chama de "spoofmovie", do qual fazem parte "Top Gang", "Todo mundo em pânico" e "Apertem os Cintos... O Piloto Sumiu".

Disponível em: <http://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/>. Acesso em: 10 abr. 2014.

142. (Fundação Aroeira – Delegado de Polícia – TO/2014) "Copa de Elite" é uma paródia de filmes brasileiros contemporâneos.

Que aspectos das linguagens verbal e não verbal do Texto 5 estabelecem uma paródia, remetendo ao filme "Tropa de Elite"?

(A) A transposição da simbologia que evoca a temática do filme para o domínio lúdico.

(B) A marcação explícita dos nomes de atores brasileiros de renome e a relação direta com filmes de humor como "Top Gang".

(C) A definição do filme como um longa metragem do gênero "spoofmovie".

(D) A reconfiguração dos traços identitários visível na composição das personagens femininas que interagem com o protagonista.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Tropa de Elite versus Copa de Elite. Em destaque estão comediantes (abaixo, há outras personalidades que não são atores), assim sendo há domínio lúdico: que tem o divertimento acima de qualquer outro propósito.

Alternativa "b" – Não pelo simples fato de serem atores de renome.

Alternativa "c" – Não há relação com paródia: imitação burlesca, irônica.

Alternativa "d" – Não apenas pela composição das personagens femininas.

2.4. FUNRIO

Texto para as questões.

TECNOLOGIA EDUCACIONAL E DIGITAL NO CENÁRIO CONTEMPORÂNEO

Elaine Turk Faria

O objetivo deste artigo é apresentar um estudo sobre as possibilidades e necessidade de utilização da tecnologia digital nas instituições de ensino, bem como da introdução da cultura tecnológica entre alunos e professores, onde se inclui a educação à distância e as disciplinas semipresenciais no ambiente acadêmico.

Com frequência, lemos nos jornais, revistas e na literatura científica atual o quanto nossos jovens estão familiarizados com a tecnologia e têm facilidade no seu manuseio. Veem e Vrakking (2009) denominam os jovens desta época de "geração homo zappiens, que cresceu usando múltiplos recursos tecnológicos desde a infância". Para estes autores, a geração homo zappiens é digital, e a escola é analógica. Reforçando essa posição, Marc Prensky, educador americano, escreveu um artigo em 2001 sobre os imigrantes digitais e os nativos digitais, em que faz uma divisão entre os que veem o computador como uma novidade e os que não imaginam a vida antes dele, pois têm contato com a tecnologia logo após o nascimento.

Esta situação, vivenciada na sociedade contemporânea, tem implicações tanto nas escolas de educa-

ção básica quanto nas universidades, já que este é o novo perfil dos estudantes e dos acadêmicos. Consequentemente, os cursos de licenciatura, onde se inclui também o curso de Pedagogia, têm de preparar os futuros professores para atuarem neste contexto.

[Texto adaptado]

Fonte: Aprender e ensinar: diferentes olhares e práticas. Maria Beatriz Jacques Ramos & Elaine Turk Faria (orgs.).

Porto Alegre: PUCRS, 2011, p. 13.

---

143. (FUNRIO – Analista do Seguro Social – INSS/2014) Ao mencionar os "imigrantes digitais" e os "nativos digitais", o texto os identifica, respectivamente, como

(A) quem vê o computador como uma invenção recente e quem vê o computador como um recurso bastante conhecido.

(B) quem vê o computador como uma inovação e quem vê o computador como algo que sempre fez parte de sua vida.

(C) quem vê no computador um aliado assustador e quem vê no computador uma ferramenta de auxílio.

(D) quem vê no computador uma novidade intimidativa e quem vê no computador um companheiro inseparável.

(E) quem vê um computador pela primeira vez e quem vê um computador todos os dias.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b" – Questão fácil. Ideias evidentes no trecho: Marc Prensky, educador americano, escreveu um artigo em 2001 sobre os **imigrantes digitais** e os **nativos digitais**, em que faz uma divisão entre os que veem o computador como uma novidade e os que não imaginam a vida antes dele, pois têm contato com a tecnologia logo após o nascimento.

Alternativa "a" – Recente: certo; o erro está em *recurso conhecido.*

Alternativa "c" – Aliado assustador? Não; Não apenas ferramenta de auxílio.

Alternativa "d" – Erro: forma intimidativa.

Alternativa "e" – Não é questão de quando vê, mas sim de uso. Eliminada facilmente esta alternativa.

---

144. (FUNRIO – Analista do Seguro Social – INSS/2014) Uma fonte citada no texto denomina os jovens de nossos tempos como "geração homo zappiens, que cresceu usando múltiplos recursos tecnológicos desde a infância". O neologismo "homo zappiens" combina as formas "homo sapiens" e "zap", com o intuito de

(A) fazer uma associação entre o hábito de se usar frequentemente o controle remoto e estar em contato com variados recursos eletrônicos.

(B) ironizar o excesso de utilização dos recursos tecnológicos por parte da juventude, que por isso mesmo pode deixar os estudos em segundo plano.

(C) mostrar que o homem, desde os tempos mais remotos, sempre avançou em busca de conhecimento, o que justifica a metáfora com a palavra inglesa.

(D) conectar criativamente a língua latina e a língua inglesa na formação de uma palavra que teria vida breve na língua portuguesa.

(E) expressar uma crítica velada aos jovens que passam mais tempo diante dos computadores do que envolvidos nas tarefas propostas pela escola.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Homo sapiens (do latim): homem sábio; homo zappiens: homem que utiliza controle remoto e está em contato com aparelhos eletrônicos. Isso está muito claro no texto.

Alternativa "b" – Não ironiza.

Alternativa "c" – Erros: desde os tempos mais remotos; não é metáfora, mas sim expressão neológica (palavra nova).

Alternativa "d" – O intuito não é conectar línguas, mas mostrar o que está acontecendo no tempo atual.

Alternativa "e" – Não há crítica.

---

145. (FUNRIO – Analista do Seguro Social – INSS/2014) Os autores citados no texto dizem que a geração homo zappiens é digital e que a escola é analógica. Isso contrasta, respectivamente, as atitudes de

(A) sentir inquietação & sentir quietude.

(B) ter voluntarismo & ter sedentarismo.

(C) adquirir universalidade e produzir resistência.

(D) mostrar modernidade e estar superado.

(E) preferir acomodação e semear precariedade.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – Digital: moderno; analógico: antigo, superado. Trata-se de linguagem da informática.

Alternativa "a" – Não pertencem ao mesmo campo semântico.

Alternativa "b" – Em nada se refere com os termos.

Alternativa "c" – Sem relação alguma.

Alternativa "e" – Eliminada facilmente, pois não se refere a digital e analógico.

---

146. (FUNRIO – Analista do Seguro Social – INSS/2014) A autora do texto defende que todas as escolas dos dias de hoje precisam

I. fomentar a cultura tecnológica no corpo discente;

II. fomentar a cultura tecnológica no corpo docente;

III. incluir a educação à distância;

IV. oferecer disciplinas semipresenciais;

V. preparar professores para lidar com a tecnologia.

VI. utilizar tecnologia digital;

Quantas dessas indicações estão coerentes com o que o texto diz explicitamente?

(A) Todas as seis.

(B) Apenas as quatro primeiras.

(C) Apenas as quatro últimas.

(D) Cinco delas.

(E) Nenhuma delas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – Vale relembrar que *fomentar* significa *estimular.*

I. Correto: possibilidades e necessidade de utilização da tecnologia digital nas instituições de ensino, bem como da introdução da cultura tecnológica entre **alunos** (discentes) e **professores** (docentes).

II. Correto: idem comentário anterior.

III. Correto: ...onde se inclui a **educação à distância** e as disciplinas **semipresenciais** no ambiente acadêmico.

IV. Correto: idem comentário anterior.

V. Correto: têm de preparar os futuros professores para atuarem neste contexto.

VI. Errado: não cita tecnologia **digital.**

Texto para as questões.

ALTAS HABILIDADES E SUPERDOTAÇÃO: DESAFIOS À DOCÊNCIA

Elis Regina Fogaça Silveira

Segundo a Organização Mundial de Saúde, os superdotados formam de 1% a 3% da população. Há quem diga, porém, que essa porcentagem se refere apenas aos talentos que se destacam nas áreas intelectuais ou acadêmicas. Porém, se avaliarmos as competências dessas crianças, referentes à liderança, criatividade, psicomotricidade e artes, as estatísticas aumentarão consideravelmente.

Esse grupo tem sido mal identificado no Brasil, demonstrando como existem tabus a serem rompidos, pelo desconhecimento do tema por parte não só da sociedade, mas também da escola e família. Já é fato que, se uma criança com Altas Habilidades não é estimulada intelectualmente, podem ocorrer alterações de comportamento como resposta à frustração vivenciada por ela. É comum que alunos se tornem entediados e retraídos diante da rotina escolar, e a falta de oportunidades do meio pode levar o sujeito à indiferença, à apatia e a reações agressivas, podendo chegar até mesmo a ocultar seus talentos.

De acordo com as diretrizes da Secretaria de Educação Especial, a identificação da criança com Altas Habilidades deve ocorrer o mais cedo possível, já na pré-escola, visando ao pleno desenvolvimento de suas capacidades e ao seu ajustamento social. Cada aluno deve ser atendido em sua totalidade. A proposta é utilizar fontes múltiplas na identificação, não enfatizando resultados em testes de QI, mas considerando importante conhecer a história de vida familiar e escolar do aluno, seus interesses, suas preferências e padrões de comportamento social em variadas oportunidades e situações. O processo de identificação deve caracterizar um trabalho interdisciplinar e transdisciplinar, ressaltando um compromisso socioeducacional mais amplo.

Sabe-se que a inteligência apresenta predisposição genética, mas o meio cultural é, sem dúvida, propulsor para o aperfeiçoamento das habilidades. Assim como os pássaros dependem das duas asas para levantar voo, as crianças portadoras de Altas Habilidades/Superdotação necessitam de um meio familiar e social acolhedores que possibilitem a sua integração.

[Texto adaptado]

Fonte: Aprender e ensinar: diferentes olhares e práticas. Maria Beatriz Jacques Ramos & Elaine Turk Faria (orgs.).

Porto Alegre: PUCRS, 2011, p. 101.

---

147. (FUNRIO – Analista do Seguro Social – INSS/2014) A Organização Mundial de Saúde diz que o número de superdotados em nosso planeta fica entre 1% e 3% da população. Pelas informações contidas no texto, sabe-se que a OMS considera superdotadas as crianças que se destacam nas seguintes áreas ou competências:

(A) criatividade e psicomotricidade.

(B) liderança e estatística.

(C) intelectual e acadêmica.

(D) sensibilidade artística e musical.

(E) talento e memória.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Informação inserida no primeiro parágrafo: Há quem diga, porém, que essa porcentagem se refere apenas aos talentos que se destacam nas áreas intelectuais ou acadêmicas.

Alternativa "a" – Acrescentam-se à avaliação e as estatísticas aumentarão: liderança, **criatividade, psicomotricidade** e artes.

Alternativa "b" – Acrescentam-se à avaliação e as estatísticas aumentarão: **liderança**, criatividade, psicomotricidade e artes.

Alternativa "d" – Não especifica sensibilidade musical, apenas artísticas (geral).

Alternativa "e" – Facilmente eliminada.

---

148. (FUNRIO – Analista do Seguro Social – INSS/2014) Que razão o texto apresenta para que alunos se tornem entediados e retraídos diante da rotina escolar?

(A) A falta de estímulo intelectual.

(B) A inexistência de equipamentos eletrônicos.

(C) A violência no ambiente familiar.

(D) O despreparo dos professores.

(E) A pouca atratividade dos assuntos.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – No segundo parágrafo: Já é fato que, se uma criança com Altas Habilidades não é **estimulada intelectualmente**, podem ocorrer alterações de comportamento como resposta à frustração vivenciada por ela. É comum que alunos se tornem entediados e retraídos diante da rotina escolar, e a falta de oportunidades do meio pode levar o sujeito à indiferença, à apatia e a reações agressivas, podendo chegar até mesmo a ocultar seus talentos.

Alternativa "b" – Isso não desestimula os alunos.

Alternativa "c" – Não que isso os deixe retraídos.

Alternativa "d" – Cuidado, pois você pode se enganar nessa alternativa. Veja que a alternativa A é bem mais completa.

Alternativa "e" – Não é o que os torna entediados.

---

149. (FUNRIO – Analista do Seguro Social – INSS/2014) Os procedimentos para identificar as crianças portadoras de altas habilidades incluem os seguintes pontos:

I. aplicação de testes de QI;

II. levantamento do histórico familiar;

III. avaliação do histórico escolar;

IV. confronto entre interesses e preferências;

V. prescrição do comportamento social.

Quantas dessas indicações estão coerentes com o que o texto diz explicitamente?

(A) Todas as cinco.

(B) Apenas as três primeiras.

(C) Apenas as três últimas.

(D) Quatro delas.

(E) Nenhuma delas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

I. Certo: Embora não os enfatize – A proposta é utilizar fontes múltiplas na identificação, não enfatizando resultados em testes de QI.

II. Certo: considerando importante conhecer a história de vida familiar e escolar do aluno.

III. Certo: mencionado no comentário acima.

IV. Errado: não cita confrontos.

V. Errado por mencionar *prescrição*.

---

150. (FUNRIO – Analista do Seguro Social – INSS/2014) Diz o texto que "o processo de identificação deve caracterizar um trabalho interdisciplinar e transdisciplinar, ressaltando um compromisso socioeducacional mais amplo."

Entende-se um trabalho interdisciplinar e transdisciplinar como aquele que

(A) envolve mais de uma disciplina.

(B) ultrapassa o conteúdo da grade curricular.

(C) ajuda a controlar a disciplina na escola

(D) ressalta um compromisso socioeducacional amplo.

(E) é realizado antes dos conteúdos de cada disciplina.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Interdisciplinar: Que é comum a duas ou mais disciplinas ou que se realiza no âmbito dessa relação.

Alternativa "b" – Não há indicação de que ultrapasse o conteúdo.

Alternativa "c" – Não se refere a controle.

Alternativa "d" – Não há relação com compromisso socioeducacional.

Alternativa "e" – Não é realizado antes: sem a menor relação semântica.

---

151. (FUNRIO – Analista do Seguro Social – INSS/2014) O texto defende o seguinte ponto de vista:

(A) Os pássaros dependem das duas asas para levantar voo porque não mostram capacidade de integração.

(B) O meio cultural é fator decisivo para permitir a integração familiar como um ambiente social acolhedor.

(C) A inteligência apresenta predisposição propulsora para o aperfeiçoamento das habilidades.

(D) A predisposição genética não é o único fator que causa o desenvolvimento da inteligência.

(E) As crianças superdotadas são acolhedoras e aperfeiçoam suas habilidades em ambientes culturais.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – Ideia mencionada no último parágrafo: Sabe-se que a inteligência apresenta predisposição genética, mas o meio cultural é, sem dúvida, propulsor para o aperfeiçoamento das habilidades.

Alternativa "a" – Apenas compara os pássaros com as crianças porque necessitam de um meio familiar e social acolhedores que possibilitem a sua integração.

Alternativa "b" – Não é fator decisivo.

Alternativa "c" – A inteligência e o fator genético.

Alternativa "e" – Elas necessitam de um meio familiar e social acolhedores que possibilitem a sua integração, isso não significa que sejam acolhedoras.

2.5. UFMT

---

152. (UFMT – Promotor de Justiça – MT/2014) A coluna da esquerda apresenta perguntas feitas na seção Entrevista, revista Veja, 01/05/2013, a Wendy Kopp, fundadora do Teach for America, e a da direita, as respostas dadas. Numere a coluna da direita de acordo com a da esquerda, de forma que as respostas sejam adequadas às perguntas.

1 – Um bom professor nasce ou é criado?	( ) Cada país tem suas peculiaridades. Nos EUA quando começamos, em 1989, o primeiro passo foi colocar professores do Teach for América em escolas onde havia falta de professores tradicionais. Agora temos gente em todo lugar [...]. São professores assim como os demais.
2 – O que acontece com os professores depois de dois anos dando aulas?	( ) Vi tantas que deram certo e tantas que deram errado que hoje acredito no seguinte: é preciso oferecer meios para que professores e diretores assumam responsabilidade integral pelo sucesso acadêmico dos alunos.
3 – Os professores tradicionais ficam incomodados com a chegada de gente sem formação pedagógica para dar aula?	( ) Procuramos selecionar universitários com certas características, escolhemos aqueles que acreditam no potencial de todas as crianças, que são incansáveis na busca dos objetivos[...] Mas, além dessas qualidades, eles precisam aprender a trabalhar com crianças e adquirir habilidades e conhecimentos para virar professores mais eficazes[...]. E tudo isso é ensinado.
4 – Qual é a melhor estratégia pedagógica?	( ) A experiência de ensinar em comunidades de baixa renda não tem impacto apenas nas crianças, mas também nos professores. [...] entre 60% e 70% dos professores estabeleceram-se na área da educação como diretores de escola, formuladores de políticas de educação.

Assinale a sequência correta.

(A) 3, 1, 4, 2

(B) 4, 3, 2, 1

(C) 4, 2, 3, 1

(D) 1, 4, 2, 3

(E) 3, 4, 1, 2

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Parece difícil, mas não é. Sublinhe as ideias principais ou palavras-chave das perguntas e respostas.

3 – Os **professores tradicionais** ficam incomodados com a **chegada** de **gente sem formação pedagógica para dar aula**?

( ) Cada país tem suas peculiaridades. Nos EUA quando começamos, em 1989, o primeiro passo foi colocar **professores** do Teach for América em **escolas onde havia falta de professores tradicionais.** Agora temos gente em todo lugar [...]. São professores assim como os demais.

4 – Qual é a melhor **estratégia pedagógica**?

( ) Vi tantas (estratégias pedagógicas)que deram certo e tantas que deram errado que hoje acredito no seguinte: é preciso oferecer meios para que professores e diretores assumam responsabilidade integral pelo sucesso acadêmico dos alunos.

1 – Um **bom professor** nasce ou é criado?

( ) Procuramos selecionar universitários com certas características, escolhemos aqueles que acreditam no potencial de todas as crianças, que são incansáveis na busca dos objetivos[...] Mas, além dessas qualidades, eles precisam aprender a trabalhar com crianças e adquirir habilidades e conhecimentos **para virar professores mais eficazes**[...]. E tudo isso é ensinado.

2 – O que acontece com os professores **depois de dois anos dando aulas**?

( ) **A experiência de ensinar (ideia implícita de tempo)** em comunidades de baixa renda não tem impacto apenas nas crianças, mas também nos professores. [...] entre 60% e 70% dos professores estabeleceram-se na área da educação como diretores de escola, formuladores de políticas de educação.

---

153. (UFMT – Promotor de Justiça – MT/2014) Os textos que compõem as alternativas constituem trechos de cartas dos leitores enviadas à revista Veja, 03/07/2013, sobre as manifestações populares ocorridas em junho. Assinale a alternativa que apresenta argumento que se diferencia dos demais.

(A) Nosso povo, que há muito perdeu suas esperanças, agora acordou para lutar e recuperar sua esperança de ver um Brasil melhor.

(B) Confesso que já tinha perdido a fé na juventude. Agora dou a mão à palmatória e agradeço a todos os jovens por me trazerem de volta a esperança.

(C) Não cabe em meu peito o orgulho que sinto em ver as imagens de nosso povo nas ruas, reivindicando (em paz) nada além dos nossos direitos.

(D) Graças a Deus, nosso povo até que enfim percebeu que precisa protestar contra o que decididamente não vai bem.

(E) Que os sentimentos e motivações que nos levaram às ruas nos acompanhem às urnas nas próximas eleições.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – 1. Nas outras alternativas, as cartas não incluem quem as escreveu nas manifestações; 2. Não foram citadas eleições nos outros trechos, por isso a afirmativa representa argumento diferenciado.

Alternativa "a" – Esperança de um Brasil melhor, conscientização.

Alternativa "b" – Esperança de um Brasil melhor, conscientização.

Alternativa "c" – Esperança de um Brasil melhor, conscientização.

Alternativa "d" – Esperança de um Brasil melhor, conscientização.

---

154. (UFMT – Promotor de Justiça – MT/2014) Considere a peça propagandística abaixo.

03 de Maio Dia Internacional da

Liberdade de Imprensa

Sobre o texto, analise as afirmativas.

I. Existe perfeita coerência entre a linguagem verbal e a não verbal, pois ambas tratam de liberdade.

II. O texto permite a seguinte ideia subentendida: a imprensa escrita divulga a verdade.

III. Pode-se alterar a colocação dos termos na frase à direita, sem prejuízo de sentido: A verdade sem liberdade não aparece.

IV. A parte não verbal exemplifica a mensagem da peça, poderia ter sido usado outro tipo de falta de liberdade da imprensa.

Estão corretas as afirmativas

(A) II e IV, apenas.

(B) I, II e III, apenas.

(C) I, II e IV, apenas.

(D) III e IV, apenas.

(E) I, II, III e IV.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

I. Certa. As algemas referem-se à prisão, ou seja, não há liberdade.

II. Certa. A verdade aparece nos jornais.

III. Errada. "Sem liberdade" indica condição: se não houver liberdade, a verdade não aparece. Altera o sentido mudando a ordem.

IV. Certa, pois imprensa é o conjunto dos jornais, dos jornalistas e dos meios de divulgação de notícias ou comentários

Texto para a questão.

ZERO MAIS ZERO

Consta que Galeno, o maior médico da Roma amiga, chegou certa vez a uma cidade atingida pela peste, onde foi recebido com grandes esperanças pelos notáveis locais. Que sorte a nossa, pensaram todos — certo nesta hora, eis que nos aparece o grande Galeno, o homem que mais conhece o corpo humano em todo o império e consegue curar as doenças mais infames em circulação por aí. Galeno olhou um pouco a sua volta, pensou por um 5 minuto e deu sua receita para o tratamento da peste: "Vão embora daqui o mais rápido que puderem. Vão para o lugar mais longe possível. Voltem o mais tarde que conseguirem". Houve certo desapontamento: mas é só isso que o nosso grande doutor tem para dizer? Sim, era só isso, e Galeno foi o primeiro a aplicar a sua própria terapia: montou no cavalo, saiu a galope e nem olhou para trás. Não há informações mais precisas nessa história, mas uma coisa é certa: ninguém que optou por obedecer à sua prescrição morreu. E não era isso, exatamente, o que esperavam dele?

O episódio permanece, no anedotário da história, como uma prova de que é perfeitamente possível aproveitar a própria ignorância para obter um benefício importante — importantíssimo, na verdade, para os que salvaram a sua vida seguindo a recomendação recebida. Galeno não tinha a mais remota ideia de como curar a peste, algo que só seria descoberto uns 1600 anos depois, mais ou menos. Mas sabia certas coisas interessantes. Sabia, por exemplo, que a doença aparecia numas cidades e não em outras, que permaneciam totalmente imunes à epidemia. [...] Sabia, também, que um indivíduo ainda não contaminado permanecia plenamente saudável quando se mudava para algum lugar livre da praga. Não se importava nem um pouco, enfim, em admitir sua ignorância sobre o assunto: ao contrário dos seus colegas, que ficavam receitando remédios absurdos, rezas e mandingas para esconder o fato de que não sabiam nada sobre o tratamento da doença, preferia salvar pela observação lógica aqueles que ainda não estavam condenados.

Galeno, na escuridão do século II, não sabia muita coisa. [...] Achava, por exemplo, que o sangue se originava no fígado, e tinha dúvidas sobre a disposição dos músculos do corpo humano: hoje, provavelmente, não o deixariam clinicar num posto de saúde do interior do Ceará. Mas Galeno era um ás em servir-se da sua inteligência para vencer a sua ignorância. Ao recusar-se a ficar inventando falsas respostas para questões que desconhecia, e por limitar-se a aplicar ao paciente o que de fato sabia, forçava a si próprio a aprender mais, e a aprender com mais certeza. O resultado é que acabou se tornando um farol para a medicina por mais de 1000 anos após a sua morte.

Em muita coisa, no Brasil de hoje, vivemos um momento oposto ao do mundo mental de Galeno — a ignorância serve para derrotar a inteligência. Grandes vultos do nosso mundo cultural, político, social e outros abarrotam seus sites com cursos, mestrados, pós-graduações e outros feitos d'armas que atribuem a si próprios: infelizmente, não informam o que aprenderam. Sem isso, o que se tem é zero mais zero.[...]

(GUZZO, J.R. Veja, 29 de maio de 2013.)

---

155. (UFMT – Promotor de Justiça – MT/2014) Sobre o artigo, analise as afirmativas.

I. O texto usa uma história amplamente conhecida pelos brasileiros para externar sua posição sobre os erros e abusos da medicina no Brasil de hoje.

II. Ao dizer Consta que Galeno, o autor sugere que não há registro de que a história tenha sido exatamente como conta.

III. A ideia de servir-se da inteligência para vencer a ignorância não está colocada no texto como deboche, mas como maneira de obrigar-se a aprender.

IV. No último parágrafo, o articulista traz a situação para o Brasil, onde ocorrem coisas similares à contada sobre Galeno.

Está correto o que se afirma em

(A) I, II e IV, apenas.

(B) II e III, apenas.

(C) II, III e IV, apenas.

(D) I e III, apenas.

(E) I e IV, apenas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

I. Errada. A história não é conhecida e foi contada para externar a posição política do autor em relação a nosso país, não sobre abusos de medicina.

II. Certa. *Consta* significa notícia que é assumida como sendo verídica (verdadeira); boato.

III. Certa. Trecho que evidencia a informação: Galeno era um ás em servir-se da sua inteligência para vencer a sua ignorância. Ao recusar-se a ficar inventando falsas respostas para questões que desconhecia, e por limitar-se a aplicar ao paciente o que de fato sabia, forçava a si próprio a aprender mais, e a aprender com mais certeza. O resultado é que acabou se tornando um farol para a medicina por mais de 1000 anos após a sua morte.

IV. Errada. No início do último parágrafo, afirma o contrário: Em muita coisa, no Brasil de hoje, vivemos um momento oposto ao do mundo mental de Galeno - a ignorância serve para derrotar a inteligência.

2.6. FGV

Texto 1

É JUSTO QUE AS MULHERES SE APOSENTEM MAIS CEDO?

A questão acerca da aposentadoria das mulheres em condições mais benéficas que aquelas concedidas aos homens suscita acalorados debates com posições não somente técnicas, mas também com muito juízo de valor de cada lado.

Um fato é certo: as mulheres intensificaram sua participação no mercado de trabalho desde a segunda metade do século 20.

Há várias razões para isso. Mudanças culturais e jurídicas eliminaram restrições sem sentido no mundo contemporâneo: um dos maiores e mais antigos bancos do Brasil contratou sua primeira escriturária em 1969 e teve sua primeira gerente em 1984.

Avanços no planejamento familiar e a disseminação de métodos contraceptivos permitiram a redução do número de filhos e liberaram tempo para a mulher se dedicar ao mercado de trabalho.

Filhos estudam por mais tempo e se mantêm fora do mercado de trabalho até o início da vida adulta. Com isso, o custo de manter a família cresce e cria a necessidade de a mulher ter fonte de renda para o sustento da casa.

A tecnologia também colaborou: máquinas de lavar roupa, fornos micro-ondas, casas menores e outras parafernálias da vida moderna reduziram a necessidade de algumas horas nos afazeres domésticos e liberaram tempo para o trabalho fora de casa.

A inserção feminina no mercado de trabalho ocorreu, mas com limitações. Em relação aos homens, mulheres têm menor taxa de participação no mercado de trabalho, recebem salários mais baixos e ainda há a dupla jornada de trabalho. Quando voltam para a casa, ainda têm que se dedicar à família e ao lar.

Essas dificuldades levam algumas pessoas a defender formas de compensação para as mulheres por meio de tratamento previdenciário diferenciado. Já que as mulheres enfrentam dificuldades de inserção no mercado de trabalho, há de compensá-las por meio de uma aposentadoria em idade mais jovem.

A legislação brasileira incorpora essa ideia. Homens precisam de 35 anos de contribuição para se aposentar no INSS; mulheres, de 30.

No serviço público, que exige idade mínima, as mulheres podem se aposentar com cinco anos a menos de idade e tempo de contribuição que os homens.

(Marcelo Abi-Ramia Caetano, Folha de São Paulo, 21/12/2014.)

---

156. (FGV – 2015) O tema contido na pergunta que serve de título ao texto

(A) é defendido por uma opinião pessoal do autor.

(B) é contestado legalmente no corpo do texto.

(C) é visto como uma injustiça em relação ao homem.

(D) é tido como legal, mas moralmente injusto.

(E) é observado de forma técnica e legal.

COMENTÁRIOS

GABARITO: E

No texto: *A legislação brasileira incorpora essa ideia. Homens precisam de 35 anos de contribuição para se aposentar no INSS; mulheres, de 30.*

---

157. (FGV 2015) "A questão acerca da aposentadoria das mulheres em condições mais benéficas que aquelas concedidas aos homens suscita acalorados debates com posições não somente técnicas, mas também com muito juízo de valor de cada lado."

Ao dizer que há "muito juízo de valor de cada lado", o autor do texto diz que na discussão aparecem

(A) questões que envolvem valores da Previdência.

(B) problemas que prejudicam economicamente os empregadores.

(C) posicionamentos apoiados na maior experiência de vida.

(D) opiniões de caráter pessoal.

(E) questionamentos injustos e pouco inteligentes.

COMENTÁRIOS

GABARITO: D

Juízo de valor é um juízo sobre a correção ou incorreção de algo, ou da utilidade de algo, **baseado num ponto de vista pessoal**. Como generalização, um juízo de valor pode referir-se a um julgamento baseado num conjunto particular de valores ou num sistema de valores determinado.

---

158. (FGV – 2015) Dizer que as mulheres intensificaram sua participação no mercado de trabalho desde a segunda metade do século XX equivale a dizer que

(A) o trabalho feminino não existia antes dessa época.

(B) a atividade de trabalho até essa época apelava para a força física.

(C) as mulheres entraram no mercado de trabalho há pouco tempo.

(D) os homens exploravam as mulheres até a época citada.

(E) as famílias passaram a ter menos filhos desde o século XX.

COMENTÁRIOS

GABARITO: C

Muitas dúvidas surgiram, mas trabalhar interpretação de texto em FGV nada mais é que eliminar as alternativas muito descabidas e escolher a que mais se encaixa, muitas vezes pode ser a menos errada.

Voltemos ao texto: *as mulheres intensificaram sua participação no mercado de trabalho desde a segunda metade do século 20.*

Erros explícitos:

(A) O trabalho feminino não existia antes dessa época = existia sim, como mencionado no comentário da alternativa "c".

(B) Apelava para a força física? Informação não citada no texto (além de absurda, convenhamos).

(D)Não se pode afirmar que as mulheres eram exploradas pelos homens no século XX. Não brinque!

(E) A partir da metade do século XX isso aconteceu.

---

159. (FGV – 2015) Assinale a opção que indica duas razões que mostram as limitações femininas no mercado de trabalho.

(A) Dupla jornada de trabalho / tecnologia de apoio doméstico.

(B) Tecnologia de apoio doméstico / necessidade de força física.

(C) Necessidade de força física / interrupções legais do período de trabalho.

(D) Interrupções legais do período de trabalho / salários mais baixos.

(E) Salários mais baixos / dupla jornada de trabalho

COMENTÁRIOS

GABARITO: E

No sétimo parágrafo: ***...mulheres têm menor taxa de participação no mercado de trabalho, recebem salários mais baixos** e ainda há a **dupla jornada de trabalho**. Quando voltam para a casa, ainda têm que se dedicar à família e ao lar.*

---

160. (FGV – 2015) Segundo o texto 1, o que levaria a um tratamento diferenciado para as mulheres seria

(A) uma compensação masculina pela exploração anterior.

(B) um reconhecimento de que o trabalho doméstico é pesado.

(C) uma recompensa por sua atuação como mulher e mãe.

(D) uma retribuição às maiores dificuldades de trabalho.

(E) um pagamento por sua vida menos longa.

COMENTÁRIOS

GABARITO: D

Qual é a causa?

No oitavo parágrafo: *Essas dificuldades levam algumas pessoas a defender formas de compensação para as mulheres por meio de tratamento previdenciário diferenciado. **Já que as mulheres enfrentam dificuldades de inserção no mercado de trabalho**, há de compensá-las por meio de uma aposentadoria em idade mais jovem.*

---

161. (FGV – 2015) Segundo o texto 1, a necessidade ou possibilidade de a mulher trabalhar se prende a diferentes motivos. As opções a seguir apresentam

motivos presentes no texto 1, à exceção de uma. Assinale-a.

(A) Aumento do tempo livre, em função da redução do número de filhos.

(B) O desenvolvimento tecnológico, que auxilia nos trabalhos domésticos.

(C) A manutenção dos filhos por mais tempo.

(D) O desequilíbrio econômico da Previdência.

(E) Os métodos contraceptivos, que limitam o número de filhos.

COMENTÁRIOS

GABARITO: D

O desequilíbrio econômico da Previdência é uma conclusão e não um motivo, não gera uma necessidade ou possibilidade (o que acontece nas demais alternativas).

Texto 2

Se as mulheres enfrentam dupla jornada de trabalho, a forma eficiente de resolver o problema é por meio de mudanças culturais que tornem os homens mais ativos nos afazeres domésticos e por meio de boas creches e escolas que deixem as mães mais tranquilas com o cuidado dos filhos.

Não parece apropriada a ideia de que um problema de equidade do mercado de trabalho seja resolvido por uma saída antecipada deste mesmo mercado, mas, sim, por uma política efetiva de promoção de igualdade laboral entre homens e mulheres.

Alguém pode argumentar que mudanças culturais são difíceis de concretizar. São, mas não impossíveis. O leitor com mais de 40 anos deve se recordar que muitos consideravam os cintos de segurança como meros acessórios dos carros e que o cigarro reinava em propagandas, restaurantes, aviões e salas de aula das universidades.

162. (FGV – 2015) O texto 2, em relação à aposentadoria antecipada da mulher, se posiciona

(A) a favor, pelos motivos apresentados no texto 1.

(B) a favor, por novos motivos apresentados.

(C) a favor, por reconhecer o homem como privilegiado.

(D) contra, por ver uma contradição na argumentação favorável.

(E) contra, por não reconhecer qualquer sacrifício no trabalho feminino.

COMENTÁRIOS

GABARITO: D

Fácil! No segundo parágrafo: **Não** parece apropriada a ideia de que um problema de equidade do mercado de trabalho seja resolvido por uma saída antecipada deste mesmo mercado, **mas**, sim, por uma política efetiva de promoção de igualdade laboral entre homens e mulheres.

Texto para as questões.

Utopias e distopias

Todas as utopias imaginadas até hoje acabaram em distopias, ou tinham na sua origem um defeito que as condenava. A primeira, que deu nome às várias fantasias de um mundo perfeito que viriam depois, foi inventada por sir Thomas Morus em 1516. Dizem que ele se inspirou nas descobertas recentes do Novo Mundo, e mais especificamente do Brasil, para descrever sua sociedade ideal, que significaria um renascimento para a humanidade, livre dos vícios do mundo antigo. Na Utopia de Morus o direito à educação e à saúde seria universal, a diversidade religiosa seria tolerada e a propriedade privada, proibida. O governo seria exercido por um príncipe eleito, que poderia ser substituído se mostrasse alguma tendência para a tirania, e as leis seriam tão simples que dispensariam a existência de advogados. Mas para que tudo isso funcionasse Morus prescrevia dois escravos para cada família, recrutados entre criminosos e prisioneiros de guerra. Além disso, o príncipe deveria ser sempre homem e as mulheres tinham menos direitos que os homens. Morus tirou o nome da sua sociedade perfeita da palavra grega para "lugar nenhum", o que de saída já significava que ela só poderia existir mesmo na sua imaginação.

Platão imaginou uma república idílica em que os governantes seriam filósofos, ou os filósofos governantes. Nem ele nem os outros filósofos gregos da sua época se importavam muito com o fato de viverem numa sociedade escravocrata. Em "Candide", Voltaire colocou sua sociedade ideal, onde havia muitas escolas mas nenhuma prisão, em El Dorado, mas "Candide" é menos uma visão de um mundo perfeito do que uma sátira da ingenuidade humana. Marx e Engels e outros pensadores previram um futuro redentor em que a emancipação da classe trabalhadora traria igualdade e justiça para todos. O sonho acabou no totalitarismo soviético e na sua demolição. Até John Lennon, na canção "Imagine", propôs sua utopia, na qual não haveria, entre outros atrasos, violência e religião. Ele mesmo foi vítima da violência, enquanto no mundo todo e

cada vez mais as pessoas se entregam a religiões e se matam por elas.

Quando surgiu e se popularizou o automóvel anunciou-se uma utopia possível. No futuro previsto os carros ofereceriam transporte rápido e lazer inédito em estradas magnetizadas para guiá-los mesmo sem motorista. Isso se os carros não caassem, ou se não houvesse um helicóptero em cada garagem. Nada disso aconteceu. Foi outra utopia que pifou. Hoje vivemos em meio à sua negação, em engarrafamentos intermináveis, em chacinas nas estradas e num caos que só aumenta, sem solução à vista. Mais uma vez, deu distopia.

(Veríssimo, Luiz Fernando. O Globo, 22/12/2013)

---

163. (FGV – 2014) O dicionário de Antonio Houaiss define *"distopia"* como *"qualquer representação ou descrição de uma organização social caracterizada por condições de vida insuportáveis".*

No texto são citados cinco exemplos de utopias:

I. a utopia de Tomas Morus;

II. a república idílica de Platão;

III. a sociedade ideal do "Candide";

IV. a redenção da classe trabalhadora de Marx e Engels;

V. a utopia possível do automóvel.

As utopias que podem ser consideradas distopias são:

(A) apenas as citadas em I e II.

(B) apenas as citadas em II e III.

(C) apenas as citadas em III e IV.

(D) apenas as citadas em IV e V.

(E) apenas as citadas em I e III.

COMENTÁRIOS

Interpretar é concluir, deduzir a partir dos dados coletados.

O tempo, na prova, é muito curto, por isso é necessário trabalhar com dicas para não precisar reler o texto. Lembre-se de que interpretar é objetivo, ou seja, a opinião do leitor nada importa. A resposta correta é direcionada ao que o autor escreveu e não àquilo que o leitor achou ou acha sobre o assunto.

Questão fácil, pois bastava voltar ao texto.

GABARITO: D

I. Não é distopia, pois o direito à educação e à saúde seria universal, a diversidade religiosa seria tolerada e a propriedade privada, proibida.

II. Não pode ser considerada como distopia: os governantes seriam filósofos, ou os filósofos governantes.

III. Não é distopia, já que havia muitas escolas mas nenhuma prisão, em El Dorado, mas *"Candide"* é menos uma visão de um mundo perfeito do que uma sátira da ingenuidade humana.

IV. **A DISTOPIA** é exemplificada com a morte de Lennon: Marx e Engels e outros pensadores previram um futuro redentor em que a emancipação da classe trabalhadora traria igualdade e justiça para todos. O sonho acabou no totalitarismo soviético e na sua demolição. Até John Lennon, na canção *"Imagine"*, propôs sua utopia, na qual não haveria, entre outros atrasos, violência e religião. Ele mesmo foi vítima da violência, enquanto no mundo todo e cada vez mais as pessoas se entregam a religiões e se matam por elas.

V. **DISTOPIA, pois a utopia deu errado:** Foi outra utopia que pifou. Hoje vivemos em meio à sua negação, em engarrafamentos intermináveis, em chacinas nas estradas e num caos que só aumenta, sem solução à vista. Mais uma vez, deu distopia.

---

164. (FGV – 2014)

Segundo o texto, as utopias

(A) só tinham sentido nas antigas sociedades.

(B) estão fadadas ao fracasso.

(C) faziam parte da mitologia e não da realidade.

(D) perturbam a visão da realidade.

(E) fazem os homens esquecer seus problemas.

COMENTÁRIOS

Questão fácil, pois bastava voltar ao início do texto.

GABARITO: B

– No texto: *Todas as utopias imaginadas até hoje acabaram em distopias, ou tinham na sua origem um defeito que as condenava.*

Alternativa "a" –Nem nas sociedades antigas tinham sentido.

Alternativa "c" –Não faziam parte apenas da mitologia.

Alternativa "d" –Não se pode afirmar, já que não foi citado no texto.

Alternativa "e" –Na verdade, acarretam mais problemas.

165. (FGV – 2014)

Um texto é uma estrutura cheia de compromissos. Assim, por exemplo, ao escrever "*A primeira* (utopia), *que deu nome às várias fantasias de um mundo perfeito...*", o autor se compromete em

(A) mostrar que a primeira citada é a mais importante.

(B) citar, na progressão, outras utopias.

(C) indicar a razão de essa utopia ter dado nome às demais.

(D) definir o que seja uma "utopia".

(E) justificar a procura de um mundo perfeito.

COMENTÁRIOS

Questão muito tranquila. Nível fácil.

GABARITO: B

- Se inicia enumerando, é óbvio que irá citar, na progressão, as outras utopias. **Conferindo**: A primeira, que deu nome às várias fantasias de um mundo perfeito; Platão imaginou uma república idílica em que os governantes seriam filósofos, ou os filósofos governantes; em "*Candide*", Voltaire colocou sua sociedade ideal; Marx e Engels e outros pensadores previram um futuro redentor em que a emancipação da classe trabalhadora; o automóvel anunciou-se uma utopia possível.

Alternativa "a" – Nada indica de importância.

Alternativa "c" –Não há relação com as demais utopias.

Alternativa "d" – Não define utopia através da enumeração, apenas exemplifica, cita.

Alternativa "e" –Não há justificativa.

166. (FGV – 2014)

"*Nem ele nem os outros filósofos gregos da sua época se importavam muito com o fato de viverem numa sociedade escravocrata*".

Esse segmento mostra que

(A) alguns conceitos de valor mudam com o tempo.

(B) os filósofos gregos eram socialmente irresponsáveis.

(C) a filosofia é uma área de conhecimento imperfeita.

(D) a escravidão sempre foi vista como um mal.

(E) a elite grega era egoísta e defensora de seus privilégios.

COMENTÁRIOS

Questão de nível médio.

GABARITO: A

- **Dica:** *Nem ele nem os outros filósofos gregos* ***da sua época*** + verbo no pretérito imperfeito (importavam).

b. Afirmação absurda.

c. Não, nunca, jamais. A filosofia é perfeita.

d. Nem ele (Platão) nem os outros filósofos gregos da sua época se importavam muito com o fato de viverem numa sociedade escravocrata. Isso não significa que a escravidão era vista como um mal.

e. Não se pode afirmar.

167. (FGV – 2014)

"*Em 'Candide', Voltaire colocou sua sociedade ideal, onde havia muitas escolas mas nenhuma prisão, em El Dorado, mas 'Candide' é menos uma visão de um mundo perfeito do que uma sátira da ingenuidade humana*".

O segmento sublinhado nos informa que, segundo o autor, a obra "Candide" é

(A) acima de tudo, uma visão do mundo perfeito.

(B) acima de ser uma sátira da ingenuidade humana, é a visão de um mundo ideal.

(C) á igualmente uma visão de um mundo ideal e uma sátira à ingenuidade humana.

(D) é mais uma sátira da ingenuidade humana e menos uma visão de um mundo ideal.

(E) além de ser uma visão de um mundo utópico, o livro traz, em segundo plano, uma sátira da ingenuidade humana.

COMENTÁRIOS

Questão de nível fácil.

GABARITO: D

- Basta inverter as informações e deduzir que se é **menos** uma visão de um mundo perfeito, só pode ser **mais uma sátira da ingenuidade humana.**

Alternativa "a" – Menos uma visão de um mundo perfeito.

Alternativa "b" –A importância está na ordem inversa.

Alternativa "c" –Não é igual.

Alternativa "e" –A sátira está em primeiro plano.

168. (FGV – 2014) A utopia de Marx e Engels é sobretudo pertinente aos espaços

(A) filosófico e religioso

(B) religioso e ético

(C) ético e econômico

(D) econômico e político

(E) político e filosófico

COMENTÁRIOS

Exige conhecimento de mundo, cultural e isso é obrigação de todo concurseiro, não acha?

Pelo contexto, daria para chegar à resposta.

TEORIA: Interpretação (página) .

GABARITO: D

- As teorias de Marx e Engels eram em torno da sociedade, economia e política.

Marx: As teorias de Marx sobre **a sociedade, a economia e a política** – conhecidas coletivamente como marxismo – afirmam que as sociedades humanas progridem através da luta de classes: um conflito entre a classe burguesa que controla a produção e um proletariado que fornece a mão de obra para a produção. Ele chamou o capitalismo de "a ditadura da burguesia", acreditando que seja executada pelas classes ricas para seu próprio benefício, Marx previu que, assim como os sistemas socioeconômicos anteriores, o capitalismo produziria tensões internas que conduziriam à sua autodestruição e substituição por um novo sistema: o socialismo. Ele argumentou que uma sociedade socialista seria governada pela classe trabalhadora a qual ele chamou de "ditadura do proletariado", o "estado dos trabalhadores" ou "democracia dos trabalhadores".Marx acreditava que o socialismo viria a dar origem a uma apátrida, uma sociedade sem classes chamada de comunismo. Junto com a crença na inevitabilidade do socialismo e do comunismo, Marx lutou ativamente para a implementação do primeiro, argumentando que os teóricos sociais e pessoas economicamente carentes devem realizar uma ação revolucionária organizada para derrubar o capitalismo e trazer a mudança socioeconômica.

Engels: foi um teórico revolucionário alemão que junto com Karl Marx fundou o chamado socialismo científico ou marxismo. Ele foi coautor de diversas obras com Marx, sendo que a mais conhecida é o *Manifesto Comunista*. Também ajudou a publicar, após a morte de Marx, os dois últimos volumes de *O Capital*, principal obra de seu amigo e colaborador.

Alternativa "a" –Religioso seria piada; filosófico também não.

Alternativa "b" –Não religioso nem sobre ética.

Alternativa "c" –Não em relação à ética.

Alternativa "e" –Não filosófico.

169. (FGV – 2014)

"Até John Lennon, na canção 'Imagine', propôs sua utopia, na qual não haveria, entre outros atrasos, violência e religião".

Infere-se desse segmento do texto que

(A) John Lennon não deveria ter escrito a canção citada.

(B) a canção citada não seria, de fato, uma utopia.

(C) a religião seria um atraso.

(D) a violência deveria fazer parte de um mundo ideal.

(E) a canção aceitaria a violência como fato normal.

COMENTÁRIOS

Nível fácil.

GABARITO: C

- A informação deixa claro que a violência e a religião são atrasos. A evidência é pela intercalação da expressão **entre outros atrasos**.

Alternativa "a" –Afirma-se que até ele propôs uma utopia, mas não que não deveria ter composto.

Alternativa "b" –A canção é uma utopia.

Alternativa "d" – Pelo contrário, em um mundo ideal não pode haver violência.

Alternativa "e" – A violência é um atraso.

170. (FGV – 2014) *"Até John Lennon, na canção 'Imagine', propôs sua utopia, na qual não haveria, entre outros atrasos, violência e religião. Ele mesmo foi vítima da violência, enquanto no mundo todo e cada vez mais as pessoas se entregam a religiões e se matam por elas".*

A marca da religião destacada nesse segmento do texto é

(A) a violência.

(B) a coerência.

(C) a universalização.

(D) a contradição.

(E) a devoção.

COMENTÁRIOS

Nível fácil.

GABARITO: D

- Há três dados importantes mencionados no texto: 1. Lennon propôs uma utopia: não haver

violência e religião; 2. A violência e a religião foram consideradas como atrasos; 3. Ele mesmo foi vítima de violência e as pessoas se matavam pelas religiões. Assim, chegamos à conclusão de que houve contradição: John Lennon pregava o fim da violência e da religião, mas foi morto em um ato cruel de violência pelas pessoas que **tinham religião e matavam por elas.**

Alternativa "a" –As pessoas que tinham **religião** se matavam por elas.

Alternativa "b" – Há incoerência e não coerência. Como quem acredita em Deus e é devoto pratica homicídio?

Alternativa "c" – Universalização é generalizar, tornar único e não é uma marca da religião.

Alternativa "d" – Devoção é observância de práticas religiosas; culto prestado a Deus e aos santos; dedicação íntima; afeto; objeto de especial veneração. Essa não foi a marca deixada no texto.

Analise a charge a seguir e responda às questões.

171. (FGV – 2014) Assinale a alternativa que estabelece uma relação entre a charge e o texto de Veríssimo.

(A) A crítica ao atraso do país.

(B) A utopia vendida pelo governo no cartaz.

(C) A utopia infantil de um passeio à Disneylândia.

(D) A presença da violência social no cotidiano.

(E) A ausência de expectativa dos brasileiros.

COMENTÁRIOS

Nível fácil.

GABARITO: B

– Bem, o tema do texto de Veríssimo é a utopia e na charge, fica evidente que um plano sem miséria para o Brasil é algo impossível de acontecer. Como mencionado, a questão é fácil.

Alternativa "a" – A crítica ao atraso do país não possui relação com os dois textos.

Alternativa "c" – Um passeio à Disneylândia não é utopia.

Alternativa "d" – Não cita violência social na charge.

Alternativa "e" – A ausência de expectativa dos brasileiros não foi mencionada.

172. (FGV – 2014) Considerando-se o cartaz, é correto afirmar que a distopia está

(A) na expressão *"Brasil sem miséria"*.

(B) na hipocrisia das palavras do cartaz.

(C) nas figuras miseráveis dos personagens.

(D) na propaganda excessiva do governo.

(E) nas palavras do menino.

COMENTÁRIOS

Nível fácil.

GABARITO: C

– Se **distopia** é *qualquer representação ou descrição de uma organização social caracterizada por condições de vida insuportáveis*, óbvio que um exemplo é a figura das personagens.

Alternativa "a" – *"Brasil sem miséria"* é uma utopia.

Alternativa "b" –Não é distopia a hipocrisia do cartaz.

d. De onde tiraram a palavra 'excessiva'?

e. As palavras do menino indicam utopia.

2.7 VUNESP

Texto para as questões.

Que a Terra é a nossa casa cósmica, todo mundo sabe, mas poucos prestam atenção a isso. Nas tribulações do dia a dia, enquanto não há uma crise maior, é fácil esquecer a nossa dependência completa e absoluta do nosso planeta. Afinal, está sempre aqui, o chão sob nossos pés, a luz do Sol filtrada pela atmosfera, o azul do céu, o clima agradável e perfeito, para que possamos sobreviver.

Mas por trás disso tudo existe um planeta extremamente complexo que, sem ele, sem sua estabilidade orbital e climática, não estaríamos aqui. Eis algumas das razões para protegermos a Terra, um planeta sem igual, ao menos dentro de um raio de centenas de anos-luz daqui.

I. Nossa atmosfera, rica em oxigênio, permite que seres com um metabolismo mais complexo sobrevivam. É incrível que esse oxigênio todo tenha vindo de bactérias, os únicos habitantes que existiam aqui no planeta durante quase 3 bilhões de anos. Foram elas que "descobriram" a fotossíntese, transformando a composição da atmosfera terrestre. Agradeçam às cianobactérias pelo ar de cada dia.

II. Nossa atmosfera, rica em ozônio, filtra a radiação ultravioleta que vem do Sol, que é extremamente nociva à vida. Interessante que esse ozônio é produto da vida e, ao mesmo tempo, permite que ela persista aqui na superfície.

III. A água que temos aqui é uma preciosidade; sem ela, não haveria vida. Não sabemos de onde veio essa água toda, se bem que parte dela é oriunda de cometas que se chocaram com a Terra ainda em sua infância. Esse é o século em que a água se tornará um fator predominante de conflito global. Basta olhar para o planeta e ver a distribuição de água. O que o petróleo fez com a geopolítica do século 20, a água fará com a dos séculos 21 e 22.

IV. Nossa lua também é essencial. Por ser única e bastante maciça, ela regula e estabiliza o eixo de rotação da Terra, mantendo sua inclinação de 23,5° com a vertical. Pense na Terra como um pião inclinado, girando em torno de si mesmo. Sem a lua, esse eixo de rotação mudaria de ângulo aleatoriamente, e o clima não poderia ser estável. E, sem um clima estável, a vida complexa acaba se tornando inviável.

A lista continua, mas já dá para entender por que precisamos proteger esse planeta. Somos produtos dele, das suas condições. Se elas mudam, nossa sobrevivência fica ameaçada.

(Marcelo Gleiser. Folha de S.Paulo, 14.09.2014/ Adaptado)

---

173. (Vunesp – Procurador Município – Prefeitura São José do Rio Preto – SP/2014) Lendo-se os dois primeiros parágrafos, é correto concluir que

(A) as pessoas usufruem das benesses oferecidas pelo planeta, mas, presas às tarefas cotidianas, esquecem-se das condições estáveis e complexas que o caracterizam.

(B) a complexidade do planeta contribui para que seus habitantes interajam com ele e adotem inúmeras estratégias para mantê-lo em completo equilíbrio.

(C) a luz do Sol filtrada pela atmosfera, o azul do céu, o clima agradável e perfeito são preservados na Terra, graças ao empenho de seus habitantes.

(D) a Terra é um planeta inigualável e assim vem se mantendo, mas, em centenas de anos-luz, pode perder a estabilidade orbital e climática.

(E) quanto mais as pessoas se empenharem em preservar o planeta, maior a possibilidade de que se torne mais complexo e agradável aos habitantes.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "a" – Trechos que evidencia a afirmação: *Que a Terra é a nossa casa cósmica, todo mundo sabe, mas poucos prestam atenção a isso. Nas tribulações do dia a dia, enquanto não há uma crise maior, é fácil esquecer a nossa dependência completa e absoluta do nosso planeta. (...) sem ele* (um planeta extremamente complexo), *sem sua estabilidade orbital e climática, não estaríamos aqui.*

Alternativa "b" – Não se pode afirmar contribuição nem interação, muito menos adoção de inúmeras estratégias.

Alternativa "c" – Nós não estaríamos aqui se não existisse em planeta complexo com sua estabilidade orbital e climática. Razões pelas quais devemos protegê-lo. Isso não significa que seja graças ao empenho de seus habitantes.

Alternativa "d" – Em primeiro lugar, tal informação está no penúltimo parágrafo; em segundo, a lua regula e estabiliza o eixo de rotação da Terra, mantendo sua inclinação de 23,5° com a vertical. Sem ela, esse eixo de rotação mudaria de ângulo aleatoriamente, e o clima não poderia ser estável. E, sem um clima estável, a vida complexa acaba se tornando inviável. Não se pode afirmar que em centenas de anos-luz, pode perder a estabilidade.

Alternativa "e" – Ideia mencionada no último parágrafo (não nos dois primeiros). Não precisamos agir par que se torne mais complexo, mas sim porque precisamos proteger esse planeta para não ficar ameaçada nossa sobrevivência. Esse é o tema do texto.

---

174. (Vunesp – Procurador Município – Prefeitura São José do Rio Preto – SP/2014) Interpretando-se o contido no item II, conclui-se que

(A) a camada de ozônio inviabiliza as condições de vida no planeta.

(B) a radiação ultravioleta do Sol filtra todo o ozônio produzido na atmosfera.

(C) os raios de cor ultravioleta garantem a sobrevida de todos os tipos de seres.

(D) a continuidade da vida na superfície do planeta se deve à camada de ozônio.

(E) o Sol emite raios que alteram a vida dos seres na atmosfera terrestre.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d"

Nota da autora: Perceba o quanto é importante fazer todas as questões de interpretação antes de passar as respostas para o gabarito: um questionamento leva à ideia de outra questão.

Trecho que confirma a ideia mencionada na alternativa "d": o *ozônio* (existente na atmosfera) *é produto da vida e, ao mesmo tempo, permite que ela persista aqui na superfície.*

Alternativa "a" – O ozônio não inviabiliza as condições de vida no planeta; cita que a radiação ultravioleta que vem do Sol, que é extremamente nociva à vida.

Alternativa "b" – A radiação ultravioleta é filtrada pela atmosfera. Ideia contrária. Além de usar a palavra exagerada "todo" ozônio.

Alternativa "c" – Nada indica que os raios ultravioleta garantam sobrevida, pelo contrário: a radiação deles é extremamente nociva à vida.

Alternativa "e" – Os raios do sol não alteram a vida dos seres, alternativa facilmente eliminada.

---

175. (Vunesp – Procurador Município – Prefeitura São José do Rio Preto – SP/2014) Assinale a alternativa com a afirmação correta sobre o texto.

(A) A questão da água, nos séculos 21 e 22, resolver-se-á com possível choque de cometas.

(B) O eixo de rotação da Terra altera-se porque ela se inclina verticalmente como um pião.

(C) A distribuição desigual da água e as oscilações da lua poderão desestabilizar a rotação do planeta.

(D) O clima se estabiliza quando se controla o consumo da água impedindo que ocorram conflitos globais.

(E) As circunstâncias favoráveis à vida no planeta devem-se à existência da água e à densidade da lua.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e" – Exato: A **água** que temos aqui é uma preciosidade; sem ela, não haveria vida. Sem a **lua**, esse eixo de rotação mudaria de ângulo aleatoriamente, e o clima não poderia ser estável. E, sem um clima estável, a vida complexa acaba se tornando inviável.

Alternativa "a" – Não se resolverá, cita que parte da água é oriunda de cometas que se chocaram com a Terra ainda em sua infância.

Alternativa "b" – Ela não se inclina como um pião, nem poderia, você não acha? No texto: a lua regula e estabiliza o eixo de rotação da Terra, mantendo sua inclinação de 23,5° com a vertical e sem ela esse eixo de rotação mudaria de ângulo aleatoriamente.

Alternativa "c" – Sem a lua, esse eixo de rotação mudaria de ângulo aleatoriamente. Quanto à água, ela é essencial à vida, mas não há relação com a desestabilização rotação do planeta.

Alternativa "d" – A estabilização do clima se deve à lua e não ao controle de água.

Charge para a questão.

(www.sandromeira12.wordpress.com)

---

176. (Vunesp – Procurador Município – Prefeitura São José do Rio Preto – SP/2014) Sobre a charge, é correto afirmar:

(A) a maior parte da Terra é coberta de águas, o que significa que, se os mares e os rios forem preservados, não haverá problemas com a falta de água.

(B) os personagens da charge têm aparência de cientistas, razão pela qual fazem experimentos e tentam descobrir as propriedades da água.

(C) as letras H_2O desenhadas na superfície do globo terrestre e a torneira de onde saem pingos de

água indicam que a água no planeta é elemento inexaurível.

(D) a porção de água nas taças e os comentários das personagens sinalizam cenário nada promissor do volume de água no planeta.

(E) os personagens da charge examinam pequenas porções de água, mas não conseguem distinguir a água doce da água salgada.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "d" – A dica está no que foi escrito na figura (H_2O) e na fala do segundo personagem (salgado!?!). Lendo os comentários abaixo fica clara a resposta.

Alternativa "a" – Refere-se à água do mar apenas, que é salgada.

Alternativa "b" – Não podemos inferir que tenham aparência de cientistas, muito menos que fazem experimentos e tentam descobrir as propriedades da água.

Alternativa "c" – Se fosse inexaurível (inesgotável), não haveria motivo de ter a torneira.

Alternativa "e" – Eliminando a alternativa "a", consequentemente eliminamos esta alternativa: não há referência quanto à água doce.

QUESTÕES DIFÍCEIS

1. ESAF

Texto para a questão.

No Brasil, a criação e a paulatina expansão das ouvidorias são consequência da centralidade dos direitos fundamentais e do princípio da dignidade da pessoa humana na Constituição de 1988, relacionando-se à democratização do Estado e da sociedade brasileira.

Na administração pública, além de concretizar o direito constitucional de petição, fornecendo aos cidadãos um canal adequado para tratamento de reclamações, denúncias e sugestões, as ouvidorias ampliam a transparência de órgãos e entidades estatais, além de ensejar o contato do gestor público com problemas da população. De forma complementar, as ouvidorias públicas emergem como um importante instrumento de gestão participativa, aproximando o Estado da população, que pode sugerir correções de medidas governamentais e se informar do amplo portfólio de políticas públicas. Ademais, podem impedir a judicialização de pleitos ordinários, o que não é pouco, visto que os direitos podem ser efetivados com mais celeridade.

(Adaptado **de Paulo Otto von Sperling. Ouvidorias, eficiência e efetivação de direitos. Correio Braziliense, 18 mar. 2014.)**

01. (ESAF – Auditor-Fiscal – RFB/2014) Analise as seguintes afirmações em relação às ideias do texto.

I. Ouvidorias tornaram possível a inserção do princípio da dignidade da pessoa humana na Constituição de 1988.

II. A transparência de órgãos e entidades estatais é ampliada com o direito à petição e com a aproximação entre o gestor e os problemas da população.

III. A diminuição na judicialização de pleitos ordinários permite uma efetivação mais rápida dos direitos.

Encontra(m) respaldo na argumentação do texto

(A) apenas I.

(B) apenas II.

(C) apenas III.

(D) apenas I e III.

(E) apenas II e III.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "e"

✪ **Nota da autora:** Nesta prova de 2014, de vinte questões de língua portuguesa, houve apenas esta de interpretação de texto. Algo raro de acontecer. Foi uma questão bastante polêmica devido ao item II, mas bastaria voltar ao texto e reler os trechos mencionados abaixo.

I. **Errado**. No texto: "... a criação e a paulatina expansão das ouvidorias são consequência da centralidade dos direitos fundamentais e do princípio da dignidade da pessoa humana na Constituição de 1988..."

II. **Certo**. No texto: "... além de concretizar o direito constitucional de petição, ..., as ouvidorias ampliam a transparência de órgãos e entidades estatais, além de ensejar o contato do gestor público com problemas da população."

III. **Certo**. No texto: "Ademais, podem impedir a judicialização de pleitos ordinários, o que não é pouco, visto que os direitos podem ser efetivados com mais celeridade."

2. FCC

Texto para as questões.

A cognoscibilidade do planeta

O período histórico atual vai permitir o que nenhum outro período ofereceu ao homem, isto é, a possibilidade de conhecer o planeta extensiva e aprofundadamente. Isto nunca existiu antes, e deve-se, exatamente, aos progressos da ciência e da técnica (melhor ainda, aos progressos da técnica devidos aos progressos da ciência).

Esse período técnico-científico da história permite ao homem não apenas utilizar o que encontra na natureza: novos materiais são criados nos laboratórios como um produto da inteligência do homem, e precedem a produção dos objetos. Até a nossa geração, utilizávamos os materiais que estavam à nossa disposição. Mas a partir de agora podemos conceber os objetos que desejamos utilizar e então produzimos a matéria-prima indispensável à sua fabricação. Sem isso não teria sido possível fazer os satélites que fotografam o planeta a intervalos regulares, permitindo uma visão mais completa e detalhada da Terra. Por meio dos satélites, passamos a conhecer todos os lugares e a observar outros astros. O funcionamento do sistema solar torna-se mais perceptível, enquanto a Terra é vista em detalhe; pelo fato de que os satélites repetem suas órbitas, podemos captar momentos sucessivos, isto é, não mais apenas retratos momentâneos e fotografias isoladas do planeta. Isso não quer dizer que tenhamos, assim, os processos históricos que movem o mundo, mas ficamos mais perto de identificar momentos dessa evolução. Os objetos retratados nos dão geometrias, não propriamente geografias, porque nos chegam como objetos em si, sem a sociedade vivendo dentro deles. O sentido que têm as coisas, isto é, seu verdadeiro valor, é o fundamento da correta interpretação de tudo o que existe. Sem isso, corremos o risco de não ultrapassar uma interpretação coisicista de algo que é muito mais que uma simples coisa, como os objetos da história. Estes estão sempre mudando de significado, com o movimento das sociedades e por intermédio das ações humanas sempre renovadas.

(SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: Do pensamento único à consciência universal. 6. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2001, p. 31)

02. (FCC – TCE/PI – Auditor Fiscal de Controle Externo/2014) O texto autoriza o seguinte comentário:

(A) O homem e seu contexto histórico são mais bem conhecidos atualmente, fato inédito na civilização, propiciado pelos avanços da técnica e da ciência.

(B) Houve uma mudança no papel da matéria-prima na cadeia de produção, porque hoje também ela pode ser resultante da inteligência e da ação humana.

(C) No contexto argumentativo, os satélites que fotografam o planeta de tempos em tempos podem ser tomados como objetos, cujas matérias-primas são a Terra e os outros astros.

(D) Os objetos captados por modernos satélites permitem a identificação dos processos históricos mundiais, bastando complementar as imagens com dados objetivos do cotidiano nos espaços físicos.

(E) Ancorada nas geometrias, a geografia dirige suas preocupações não apenas ao conhecimento dos espaços físicos (apreensíveis por meio de técnicas), mas também às suas formas de representação (mapas, fotografias e outras imagens).

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "b"

Nota da autora: Antes de comentar as questões, vamos ao significado de **cognoscibilidade** (palavra mencionada no título) = característica ou particularidade do que é cognoscível. Qualidade do que pode se tornar conhecido.

Alternativa B – Trechos que validam a informação: "deve-se, exatamente, aos progressos da ciência e da técnica (melhor ainda, aos progressos da técnica devidos aos progressos da ciência)."; "novos materiais são criados nos laboratórios como um produto da inteligência do homem, e precedem a produção dos objetos.".

Alternativa "a" – Não cita se o homem é bem mais conhecido atualmente. No início do texto: "O período histórico atual vai permitir o que nenhum outro período ofereceu ao homem, isto é, a possibilidade de conhecer o planeta extensiva e aprofundadamente."

Alternativa "c" – As matérias-primas dos objetos não são a Terra e os outros astros: "Por meio dos satélites, passamos a conhecer todos os lugares e a observar outros astros. O funcionamento do sistema solar torna-se mais perceptível, enquanto a Terra é vista em detalhe; pelo fato de que os satélites repetem suas órbitas, podemos captar momentos sucessivos, isto é, não mais apenas retratos momentâneos e fotografias isoladas do planeta."

Alternativa "d" – Não permitem a identificação dos processos históricos mundiais.

Alternativa "e" – Errado. No texto: "Os objetos retratados nos dão geometrias, não propriamente geografias, porque nos chegam como objetos em si, sem a sociedade vivendo dentro deles. O sentido que têm as coisas, isto é, seu verdadeiro valor, é o fundamento da correta interpretação de tudo o que existe".

---

03. (FCC – TCE/PI – Auditor Fiscal de Controle Externo/2014) Contém afirmação sustentada pelo texto a seguinte alternativa:

(A) Sendo cognoscibilidade a qualidade do que é cognoscível, o título condensa o principal objetivo do texto: demonstrar a relevância dos novos satélites no empreendimento de conhecer mais sobre o planeta.

(B) Os parênteses do primeiro parágrafo acolhem ratificação da relação de equivalência estabelecida no segmento imediatamente anterior.

(C) A alternância entre a terceira pessoa e a primeira produz efeitos de sentido de objetividade (necessária aos textos científicos) e proximidade (ao incluir enunciador e enunciatário na categoria homem).

(D) Considerado o contexto, em *passamos a conhecer todos os lugares e a observar outros astros*, nota-se uma contradição, já que o primeiro elemento destacado inclui o segundo.

(E) A expressão *isto é* introduz perspectiva distinta da presente no segmento imediatamente anterior: *além do sentido*, propõe-se a consideração da utilidade ou valia das coisas.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c" – Exato. **Objetividade**: Esse período técnico-científico da história permite ao homem não apenas utilizar o que encontra na natureza: novos materiais são criados nos laboratórios como um produto da inteligência do homem, e precedem a produção dos objetos; **subjetividade**: Até a nossa geração, utilizávamos os materiais que estavam à nossa disposição. Mas a partir de agora podemos conceber os objetos que desejamos utilizar e então produzimos a matéria-prima indispensável à sua fabricação.

Alternativa "a" – O principal objetivo do texto foi mencionado no último parágrafo: "O sentido que têm as coisas, isto é, seu verdadeiro valor, é o fundamento da correta interpretação de tudo o que existe. Sem isso, corremos o risco de não ultrapassar uma interpretação coisicista de algo que é muito mais que uma simples coisa, como os objetos da história".

Alternativa "b" – Acrescenta-se uma informação apenas, ou melhor, explica.

Alternativa "d" – Não há contradição, mesmo porque astro (corpo celeste luminoso por si mesmo ou que recebe claridade de outro corpo) não é lugar.

Alternativa "e" – Não há distinção. *Isto é* e *além disso* indicam reafirmação, confirmação, resumo.

QUESTÃO INÉDITA

Texto para a questão.

A CIDADE CONTINUA PARTIDA

O Rio de Janeiro tem duas geografias que separam categorias de ser humano distinguidas por classe e cor, um resquício da casa grande e senzala

"E a cidade, que tem braços abertos no cartão-postal, com os punhos fechados na vida real, se nega [a dar] oportunidades; mostra a face dura do mal" (Hebert Vianna, "Alagados", 1986)

A barbárie que está acontecendo nas praias da zona sul do Rio de Janeiro é o resultado de um modelo de cidade que ainda reproduz a divisão entre a casa grande e a senzala. Uma cidade que tem duas geografias que separam diferentes categorias de ser humano: a horizontal, que divide a cidade entre os bairros "nobres" do sul, da Barra e do Recreio, e as periferias esquecidas do norte suburbano e do faroeste, entregue às milícias, e a vertical, que separa o morro do asfalto.

Nessa cidade – nessas duas cidades que convivem numa só, as pessoas continuam sendo distinguidas em duas categorias por classe e cor. Todas as políticas públicas, inclusive (e fundamentalmente) a política de segurança, estão marcadas por essa distinção.

Semanas atrás, foi notícia algo que há muito tempo acontece: a Polícia Militar do estado identificava ônibus vindos de determinados bairros da periferia e bloqueava sua chegada às praias de Copacabana e Ipanema, praticando detenções de cidadãs e cidadãos que não estavam cometendo qualquer crime, pelo simples fato de serem jovens, pobres, negros e morarem em comunidades da zona norte, zona oeste e no subúrbio da cidade.

Por incrível que pareça, o óbvio foi polêmico: a justiça ordenou que as forças de segurança cumprissem o que a Constituição e a lei mandam e se abstivessem de prender cidadãos que não eram sequer suspeitos de terem cometido qualquer delito. Parece incrível, mas precisamos esclarecer: uma pessoa não pode ser presa por nada. Não existe na legislação brasileira a prisão "por via das dúvidas"

e não há prisões que denunciem crimes futuros. Ser preto, preta, pobre, não é delito.

O Secretário de Segurança do governo Pezão, Mariano Beltrame, reagiu à óbvia decisão da justiça com argumentos absurdos: disse que a polícia ficava, assim, de mãos atadas para combater o crime e garantir a segurança – a segurança das pessoas brancas de classe média que moram na zona sul e dos turistas – e perguntou aos jornalistas: "Como um jovem vai à praia sem dinheiro para comer?".

A pergunta é escandalosa por vários motivos. O representante do Estado está culpando os jovens que vão à praia sem dinheiro para comer por não terem dinheiro para comer, e ao mesmo tempo está dizendo que, por esse motivo, são bandidos. Se não tem dinheiro para comer, então, com certeza, vão roubar – é o que ele disse, em outras palavras.

Ou seja, o que o Estado deve fazer com as pessoas que não têm dinheiro para comer é prendê-las ou, no mínimo, estabelecer um Apartheid policiado pela PM que os mantenha longe das áreas de lazer que ele considera exclusivas daquelas e daqueles que têm, sim, dinheiro para comer. Façamos, então, uma fronteira militarizada entre o norte e o sul. A Prefeitura, na mesma linha, estuda mudar o trajeto das linhas de ônibus, para que não seja mais possível chegar à zona sul da cidade desde determinados bairros da periferia sem pegar, no mínimo, duas conduções. (...)

(Jean Wyllys. CartaCapital, 23/09/2015. Com adaptações)

---

01. (Duda Nogueira) Depreende-se do texto:

(A) No Rio de Janeiro, a distinção entre casa grande e senzala teve início em 1986.

(B) A Polícia Militar age de forma correta ao bloquear a chegada de alguns ônibus à praia.

(C) A política de segurança é a que mais marca a distinção entre classe e cor.

(D) Todos os jovens, pobres, negros que moram em comunidades da zona norte, zona oeste e no subúrbio da cidade, praticam delitos.

(E) Quem não tem dinheiro para comer na praia vai, obrigatoriamente, praticar furtos.

COMENTÁRIOS

Alternativa correta: letra "c"

Depreender significa *chegar à compreensão ou à conclusão de; deduzir.*

Trecho em que fica evidente a ideia: Nessa cidade – nessas duas cidades que convivem numa só, **as pessoas continuam sendo distinguidas em duas categorias por classe e cor**. Todas as políticas públicas, **inclusive (e fundamentalmente) a política de segurança**, estão marcadas por essa distinção.

(A) Afirma-se que "A barbárie que está acontecendo nas praias da zona sul do Rio de Janeiro é o resultado de um modelo de cidade que **ainda** reproduz a divisão entre a casa grande e a senzala", ou seja, isso já acontece há tempos. O erro está em afirmar que iniciou em 1986 – data em que Herbert Vianna escreveu a música "Alagados".

(B) Impossível afirmar que a ação policial seja correta. Releia o trecho que prova o contrário disso: *a **Polícia Militar** do estado **identificava ônibus vindos** de determinados bairros **da periferia e bloqueava sua chegada às praias** de Copacabana e Ipanema, **praticando detenções de cidadãs e cidadãos que não estavam cometendo qualquer crime**, pelo simples fato de serem jovens, pobres, negros e morarem em comunidades da zona norte, zona oeste e no subúrbio da cidade.*

(D) O pronome indefinido **todos** generaliza e isso torna a alternativa incorreta. Imagine você quão absurdo seria afirmar que todas essas pessoas assaltam, isto é, praticam alguma forma de delito.

(E) O trecho absurdo é este: "Como um jovem vai à praia sem dinheiro para comer?". A pergunta é escandalosa por vários motivos. O representante do Estado está culpando os jovens que vão à praia sem dinheiro para comer por não terem dinheiro para comer, e ao mesmo tempo está dizendo que, por esse motivo, são bandidos. **No parágrafo posterior, fica claro que a ideia não possui coerência** (sentido).

(Fonte: Livro Simuladaço Língua Portuguesa, Editora JusPodivm)

DICAS

Siga as dicas abaixo para resolver as questões fáceis.

1) **Crie o hábito da leitura e o gosto por ela.** Desenvolver o hábito facilita a compreensão e melhora a percepção quanto ao mecanismo de funcionamento do processo de leitura. As palavras tornam-se familiares e nosso leque quanto ao significado e uso de vocábulos se amplia. Não se deixe levar pela falsa impressão de que ler não faz diferença. Não se intimide caso alguém diga que você lê besteiras, com o passar do tempo você perceberá que algumas leituras não foram proveitosas. Entretanto, deve lembrar que elas foram o ponto de partida e que o hábito começou por elas. Esse foi o grande estímulo para se chegar a uma leitura mais refinada.

2) **Seja curioso,** faça como um detetive investigue as palavras que circulam em seu meio familiar, social e entre amigos.

3) **Aumente seu conhecimento do vocabulário** e sua cultura por meio de um exercício básico que ajuda a ampliar o léxico: fazer palavras cruzadas.

4) **Procure conhecer os sinônimos e antônimos das palavras.**

5) **Leia algo sempre buscando a satisfação na leitura,** ou seja, seja sincero na leitura, não passe só os olhos.

6) **Leia quantas vezes for preciso o texto,** pois a primeira impressão pode maquiar ou lhe causar uma impressão errada. Tenha paciência, por vezes será preciso ler outras vezes. Quando tiver que trabalhar com questões que exigem respostas, retorne sempre ao texto para evitar ou corrigir as dúvidas.

7) **Atenção ao que se pede.** Às vezes a interpretação está voltada a uma linha do texto e por isso você deve voltar ao parágrafo para localizar o que se afirma. Outras vezes, a questão está voltada à ideia geral do texto.

8) **Fique atento às leituras de texto de todas as áreas do conhecimento,** porque algumas perguntas extrapolam ao que está escrito.

9) **Tome cuidado com as vírgulas.** Veja por exemplo a diferença de sentido nas frases a seguir.

Agora é A HORA de mudar:

▶ **Dica 2** – Questões médias e fáceis.

Para resolver as questões 31 a 80. Tenha certeza: você errará bem menos, ou irá gabaritar.

▶ **Em concursos.** Interpretar é concluir, deduzir a partir dos dados coletados.

O tempo, na prova, é muito curto, por isso é necessário trabalhar com dicas para não precisar reler o texto. Lembre-se de que interpretar é objetivo, ou seja, a opinião do leitor nada importa. A resposta correta é direcionada ao que o autor escreveu e não a que o leitor achou ou acha sobre o assunto.

▶ **Dicas rápidas para melhorar o desempenho:**

- Leia cada parágrafo e grife as palavras-chave;
- Terminada a leitura, anote o tema (assunto) do texto;
- Vá às questões e não se esqueça de voltar ao texto;
- Trabalhe com as ideias principais que você sublinhou e nunca se esqueça do tema.
- Observe os comandos da questão (de acordo com o texto, conforme o texto, segundo o autor). Se forem esses os comandos, limite-se à realidade do mesmo.
- Muitas vezes, as alternativas extrapolam as verdades do texto; ou ainda diminuem essas mesmas verdades; ou fazem afirmações que nem de longe estão no texto. Fácil notar através de palavras que generalizam ou restringem: todos, ninguém, sempre, nunca, jamais etc.

1. CARACTERÍSTICAS DE UM TEXTO INFORMATIVOS

Os textos informativos têm o objetivo de abordar algum tema e transmitir conhecimento a respeito desse tema, transmitir dados e conceitos.

Isso é o que acontece em reportagens de revistas e jornais, verbetes de dicionários e enciclopédias, artigos de divulgação científica e livros didáticos.

A maioria dos leitores, quando tem em mãos um texto informativo, tem a expectativa de aprender alguma coisa com a leitura.

Incluímos neste tipo de textos todos os compreendidos no jornalismo: jornais, revistas, folhetos, com suas diferentes variedades (notícias, reportagens, artigos diversos, anúncios etc.). Incluímos também a correspondência, embora possa haver cartas que se encaixariam melhor num modelo literário. No entanto, a maior parte de correspondência que recebemos e enviamos tem como finalidade informar algo concreto.

2. FUNÇÃO

Conhecer ou transmitir explicações e informações de caráter geral.

Seu objetivo é compreender ou comunicar as características principais do tema, sem maior aprofundamento.

3. MODELOS

- Jornais e revistas.
- Livros de divulgação, folhetos.
- Notícias.
- Artigos e reportagens.
- Anúncios e propaganda.
- Avisos, anúncios públicos.
- Correspondência pessoal ou comercial.
- Convites.

- Entrevistas.

4. CONTEÚDO

Muito diverso, em função do tema (notícias, anúncios, cartas etc.).

5. FORMATO

Texto em prosa, com características específicas de cada modelo

6. PROCEDIMENTOS DE LEITURA

- Uso de indicadores de aproximação ao conteúdo (títulos, fotos, imagens, tipografia, seções do jornal etc.).
- Identificação do tema da informação.
- Identificação da ideia principal.
- Identificação dos detalhes principais.

**Fonte: http://diaadia-doprofessor.blogspot.com.br/*

Referências

1. CONTEÚDO GRAMATICAL – DICAS

ALI, M. Said. Gramática secundária da língua portuguesa. 7.ª ed. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1966.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. Gramática metódica da língua portuguesa. 46.ª ed. revista. São Paulo: Saraiva, 2009.

BAGNO, Marcos. A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BECHARA, Evanildo. Moderna Gramática Portuguesa. 32ª edição, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1988.

BECHARA, Evanildo. Lições de Português pela Análise Sintática. Editora Lucema. Rio de

Janeiro, RJ. 2001.

CARVALHO, José Augusto. Gramática superior da língua portuguesa. 2.ª ed. Brasília: Centro Editorial / Thesaurus, 2011.

CEGALLA, Domingos Paschoal. Novíssima Gramática da Língua Portuguesa. 48.ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

CIPRO NETO, Pasquale e INFANTE, Ulisses. Gramática da Língua Portuguesa. Editora

Scipione. São Paulo, SP. 2003.

CUNHA, Celso e CINTRA, Luiz F. Lingley. Nova Gramática do Português

Contemporâneo. Editora Nova Fronteira. Rio de Janeiro, RJ. 2001.

FARACO & MOURA. Gramática Nova. São Paulo: Ática, 1993.

GARCIA, Othon M. Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar. 13ª edição, Rio de Janeiro, Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1986.

HENRIQUES, Claudio Cezar. Morfologia: usos, normas e exercícios com respostas. 2.ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007 – 2.ª reimpressão.

HILDEBRANDO, André A de. Gramática ilustrada. 4. ed. São Paulo: Moderna, 1990.

INFANTE, Ulisses. Curso de gramática aplicadas aos textos. São Paulo: Ed. Scipione, 1997.

INFANTE, Ulisses; CIPRO Neto, Pasquale. Gramática da Língua Portuguesa. Scipione

JORDÃO, Rose e OLIVEIRA, Clenir Bellezi de. Linguagens, estrutura e arte. São Paulo: Moderna, 1999.

KOCH, Ingedore G.V.. A coesão textual. 2ª edição. São Paulo, Contexto, 1990.

KOCH, Ingedore G. V. e TRAVAGLIA, Luiz C.. Texto e coerência. São Paulo, Cortex, 1989.

KURY, Adriano da Gama. Novas lições de análise sintática. 9.ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2000.

LIMA, Carlos Henrique da Rocha. Gramática normativa da língua portuguesa. 42ªed. Rio de Janeiro, José Olympio, 2002.

LUFT, Celso Pedro. Grande manual de ortografia globo. 5ª edição, São Paulo, Globo, 1997.

MOREIRA, A., ARAÚJO, D, 1977, Português e Literatura – Visão Atual, 2 ed., Record Cultural, Rio de Janeiro.

NOGUEIRA, Duda. Língua Portuguesa para concursos. 2. ed. Salvador, Editora Juspodivm, 2015.

PERINI, A. Mário. Sofrendo a gramática. São Paulo: Ática, 1997.

ROCHA LIMA, C. H., 1999, Gramática Normativa da Língua Portuguesa, 37 ed., José Olympio Editora, Rio de Janeiro, RJ

TERRA, Ernani. Gramática de Hoje /Ernani&Nicola. São Paulo: Scipione,1999.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática. 9.ª ed. revista. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

TUFANO, Douglas. Estudos da Língua Portuguesa: Gramática – São Paulo: Moderna, 1995.

VASCONCELOS, Viveiros de. Verbos portugueses e rudimentos de análise léxica. 113ª ed. Rio de Janeiro: Editores e Distribuidores, 1994.

2. DICIONÁRIOS

HOLANDA, A. B., 1988, *Dicionário Aurélio Escolar da Língua Portuguesa*, 1 ed., Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, RJ

NASCENTES, Antenor. Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Francisco Alves, Acadêmicos, São José e Livros de Portugal, 1955.

SARAIVA, F. R. dos Santos. Novíssimo Dicionário Latino-Português. 10ª edição, Rio de Janeiro, Livraria Garnier, 1993.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário da língua portuguesa. 2ªed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

HOUAISS, Antônio. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001 – 1ª edição

3. QUESTÕES COMENTADAS DE CONCURSOS

Todas as questões foram retiradas dos livros da Coleção REVISAÇO. Autora: Duda Nogueira.

4. SITES

Acessos: de janeiro de 2011 a outubro de 2015

BRASIL ESCOLA Exercício. Disponível em <http://exercicios.brasilescola.com>

BRASIL ESCOLA. Disponível em <http://www.brasilescola.com>

DICIONÁRIO AULETE. Disponível em <http://aulete.uol.com.br>

EDUCAÇÃO UOL. Disponível em <http://educacao.uol.com.br>

FATIMA LP. Disponível em <http://fatimalp.blogspot.com.br>

INFO ESCOLA. Disponível em <http://www.infoescola.com>

MANUAL DE REDAÇÃO DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/manual/manual.htm>

NA LÍNGUA PORTUGUESA. Disponível em <http://nalinguaportuguesa.wordpress.com>

PORTAL 3. Disponível em <http://www.portal3.com.br>

PORTUGUÊS CONCURSO. Disponível em <http://www.portuguesconcurso.com>

PORTUGUÊS X CONCURSOS. Disponível em <http://portuguesxconcursos.blogspot.com.br>

PRIBERAM. Disponível em <http://www.priberam.pt>

RECANTO DAS LETRAS. Disponível em <http://www.recantodasletras.com.br>

SIMPLESMENTE PORTUGUÊS. Disponível em <http://www.simplesmenteportugues.com.br>

SÓ LINGUAGEM. Disponível em <http://solinguagem.blogspot.com.br>

SÓ PORTUGUÊS. Disponível em <http://www.soportugues.com.br>

TUDO DE CONCURSOS E VESTIBULARES. Disponível em <http://tudodeconcursosevestibulares.blogspot.com.br>

UM PORTUGUÊS. Disponível em <http://umportugues.com>

WIKIPEDIA. Disponível em <http://pt.wikipedia.org>

REVISAÇÃO

Material Exclusivo Equipe Operação Federal

OPERAÇÃO FEDERAL

25 QUESTÕES COM RESOLUÇÕES COMENTADAS

LÍNGUA PORTUGUESA

Módulo I

#estudaprarealizar

QUESTÕES

Julgue o item em relação aos aspectos linguísticos:

1 As palavras “fazê-lo”, “vê” e “têm” são acentuadas de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.

2 As palavras “contemporânea”, “competências” e “instantâneas” são acentuadas de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.

3 As palavras “saúde” e “flúor” são acentuadas de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica, pois ambas são paroxítonas.

4 A ausência de acento agudo em “ideias” está em conformidade com as regras ortográficas vigentes.

5 As palavras “consultório”, “área” e “várias” são acentuadas graficamente de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.

6 O emprego de acento na palavra “memória” pode ser justificado por duas regras de acentuação distintas.

7 O emprego do acento gráfico nas palavras “fenômeno” e “próximo” atende à mesma regra de acentuação gráfica.

8 Na oração “que trabalham com a linguagem artística em suas práticas pedagógicas" há três palavras com a antepenúltima sílaba acentuada.

9 O emprego do acento gráfico nos vocábulos “índice” e “período” justifica-se com base na mesma regra de acentuação gráfica.

10 Os vocábulos “juízes” e “país” são acentuados de acordo com regras de acentuação gráfica distintas.

Comecemos pelo conceito. A democracia veio dos gregos. Democracia não é só a eleição do governo pelo povo, mas, sim, a atribuição, pelo povo, do poder — que inclui mais que o mero governo; inclui o direito de fazer leis. Na democracia antiga, direta, isso cabia ao povo reunido na praça pública.

Um grande êxito dos atenienses, se comparados aos modernos, era o amor à política. Moses Finley, um dos maiores conhecedores do tema, conta que, em Atenas, a assembleia popular se reunia cerca de quarenta vezes ao ano. Pelo menos mil pessoas costumavam comparecer, às vezes dez mil, de um total de quarenta mil possíveis (a presença não era obrigatória). Comparo esse empenho ao nosso. Quantos não resmungam para votar uma só vez a cada dois anos? Nesse período, o ateniense teria passado oitenta tardes na praça, ouvindo, votando.

Mas a “falha” dos atenienses era a inexistência de direitos humanos. Não havia proteção contra as decisões da assembleia soberana. Ela podia decretar o banimento de quem quisesse, sem se justificar: assim Temístocles foi sentenciado ao ostracismo pelo mesmo povo que ele salvara dos persas. Desde a era moderna, os direitos do homem, protegendo-o do Estado, se tornam cruciais. Estes são os grandes legados das três revoluções modernas — a inglesa, a americana e a francesa: somos protegidos não só dos desmandos do monarca absoluto, contra os quais o melhor antídoto seria a soberania popular, mas também da tirania do próprio povo e de seus eleitos.

Renato Janine Ribeiro. **Os direitos humanos e a democracia.** *In:* **Valor Econômico**, 7/1/2013. Internet: <www.valor.com.br> (com adaptações).

Com relação às ideias e aos aspectos linguísticos do texto precedente, julgue os próximos itens.

11 Sem prejuízo da informação veiculada no texto, seria mantida sua correção gramatical se o termo “proteção”, em “Não havia proteção contra as decisões da assembleia soberana” (ℓ. 18 e 19), fosse substituído por **mecanismos de proteção**.

12 Com o emprego das aspas na palavra ‘falha’ (ℓ.17), o autor deixa explícita uma marca de opinião que interfere no sentido dessa palavra no texto.

13 De acordo com o autor, no mundo contemporâneo há proporcionalmente mais participação política do que havia na democracia ateniense.

14 O texto defende a ideia de que, com as revoluções modernas, aumentou a capacidade de defesa do indivíduo contra o Estado.

15 O autor emprega recursos do tipo textual narrativo para explicar o funcionamento da democracia direta ateniense.

16 As formas pronominais em “ele salvara” (ℓ.21) e “protegendo-o” (ℓ.22) remetem ao mesmo referente: “Temístocles” (l.20).

Texto 7A1AAA

O tema relativo à economia informal ganhou destaque expressivo na mídia e na literatura especializada a partir do final do século passado. Essa denominação pode envolver fenômenos muito distintos, tais como sonegação fiscal, terceirização, atividades de microempresas, comércio de rua ou ambulante, contratação ilegal de trabalhadores assalariados nativos ou migrantes, trabalho temporário e trabalho em domicílio, entre outros.

A economia informal apresenta um denominador comum no imaginário das pessoas: envolve atividades, trabalhos e rendas que desconsideram as regras expressas em leis ou em procedimentos usuais. As recorrentes menções a esse tema refletem as dificuldades que as organizações, os indivíduos e o coletivo social vêm enfrentando para superar, com as regras legais vigentes ou com os procedimentos-padrão, as mudanças estruturais econômicas, políticas e sociais em andamento.

Se, por um lado, as diferentes situações criadas pela economia informal respondem a demandas legítimas e encaminham possíveis soluções no âmbito da nova ordem econômica e social, por outro, constituem focos de tensões e de desigualdades sociais.

Maria Cristina Cacciamali. **Globalização e processo de informalidade**. *In*: **Economia e Sociedade**. Campinas, (14):153-74, jun./2000 (com adaptações).

Com relação às ideias e aos aspectos linguísticos do texto 7A1AAA, julgue os itens que se seguem.

17 O emprego de sinal indicativo de crase em "**a demandas legítimas**" (ℓ.19) — à demandas legítimas — não prejudicaria a correção gramatical do texto.

18 O vocábulo "legítimas" (ℓ.19) poderia ser substituído por **genuínas**, mantendo-se a correção e os sentidos do texto.

19 A coerência do texto seria prejudicada caso o vocábulo "expressas" (ℓ.11) fosse substituído por **expressadas**.

20 A sociedade, de maneira geral, associa economia informal a inobservância dos dispositivos legais.

21 No Brasil, os primeiros registros de casos de economia informal datam do final do século XX, época em que essa modalidade de economia passou a ganhar destaque na mídia e na literatura especializada.

22 No texto, a autora esclarece que a economia informal responde a demandas legítimas porque, dada a desigualdade social existente no Brasil, há um enorme contingente de pessoas desempregadas.

23 A correção gramatical e os sentidos do texto seriam mantidos caso se substituísse a palavra "economia" (ℓ.1) por **trabalho**.

24 A substituição da forma verbal "pode envolver" (ℓ.3) por **envolve** alteraria os sentidos do texto.

25 Haveria prejuízo gramatical para o texto caso a palavra "procedimentos-padrão" (ℓ.15) fosse alterada para **procedimentos-padrões**.

ANOTAÇÕES

"OPERAÇÃO QUE VAI MUDAR A SUA VIDA: OPERAÇÃO FEDERAL"

#estudaprarealizar

GABARITO

1 **Errado**. **Comentário**:
- **Fazê-lo** ▸ Todas as frases que vier com um hífen e a última vogal da parte principal estiver acentuada, será, esta, uma **OXÍTONA**.
- **Vê** ▸ É um monossílabo.
- TÊM ▸ É um acento diferencial.

2 **Certo**. **Comentário**: As palavras ”contemporânea”, “competências” e “instantâneas” são paroxítonas.

✓ Acentuam-se as paroxítonas terminadas em ditongos crescentes: ea(s), oa(s), eo(s), ua(s), ia(s), ue(s), ie(s), uo(s), io(s).
✓ Exemplos: Várzea, mágoa, óleo, régua, férias, tênue, cárie, ingênuo, início.

3 **Errado**. **Comentário**:
✓ Sa-ú-de: regra do hiato.
✓ Flú-or: paroxítona terminada em r.

4 **Certo**. **Comentário**:
➔ Acentuação dos ditongos das palavras paroxítonas: Some o acento dos ditongos (quando há duas vogais na mesma sílaba) abertos **éi e ói** das palavras paroxítonas (as que têm a penúltima sílaba mais forte):

✓ idéia/ideia
✓ bóia/boia
✓ asteróide/asteroide
✓ Coréia/Coreia
✓ platéia/plateia
✓ assembléia/assembleia
✓ heróico/heroico
✓ estréia/estreia
✓ paranóia/paranoia
✓ Européia/Europeia
✓ apóio/apoio
✓ jibóia/jiboia
✓ jóia/joia

5 **Certo**. **Comentário**: Acentuam-se as paroxítonas terminadas em ditongo.
✓ Con-sul-tó-rio
✓ Á-rea
✓ Vá-rias

6 **Certo**. **Comentário**: Toda paroxítona terminada em ditongo crescente, como é o caso de “memória”, é considerada proparoxítona eventual pela gramática tradicional. Assim, “memória” receberia acento por ser paroxítona com **ditongo crescente** e por ser **proparoxítona eventual**.

7 **Certo**. **Comentário**: Todas as proparoxítonas são acentuadas.

8 **Certo**. **Comentário**: Proparoxítonas: artística, práticas e pedagógicas.

9 **Certo**. **Comentário**:

- ÍN - di -ce = proparoxítona
- pe - RÍ - o - do = proparoxítona

✓ **Obs**.: As sílabas são separadas em função da formação de fonemas. Logo, a palavra é dividida da seguinte forma: Pe - rí - o - do, uma vez que não existe o fonema “río”. Assim, as vogais ficaram separadas em sílabas diferentes, formando hiato. Se estivessem numa mesma sílaba, formariam um ditongo.

10 **Errado**. **Comentário**: Os dois são acentuadas de acordo com a mesma regra ortográfica, sendo HIATOS.
- JU -Í- ZES = hiato sozinho
- PA - ÍS = hiato acompanhando de “S” indicador de plural

✓ **Regras Especiais**
1. Devem ser acentuados o **-i-** ou o **-u-**, tônicos quando:
a) Formarem sílaba sozinhos ou seguidos de “s”;
b) Apresentarem sílaba em hiato com uma vogal anterior;
c) não seguidas de NH

✓ Exemplos:
- saída (sa-í-da)
- saúva (sa-ú-va)
- ateísmo (ate-ís-mo)
- balaústre (ba-la-ús-tre)
- baú (ba-ú)
- Havaí (Ha-va-í)
- juiz (ju-iz)
- juízes (ju-í-zes)
- raiz (ra-iz)
- raízes (ra-í-zes)
- rainha (ra-i-nha)
- tainha (ta-i-nha)

11 **Certo**. **Comentário**: Como o verbo “haver” é utilizado no sentido de “existir”, aquele não varia. Por isso que, mesmo que “mecanismos de proteção” esteja no plural, o verbo “haver” permanecerá no singular.

12 **Certo**. **Comentário**: Pelo fato do termo 'falha" estar entre aspas não deixa claro se a opinião que o autor queria demonstrar é o sentido literal de um defeito; ausência de perfeição ou apenas (conferindo um destaque a palavra) ou se ele queria expressar uma ironia e nem acha que o resto da frase após o termo em aspas seria mesmo uma falha em sentido tão literal. Independente do sentido dado ao termo, o uso das aspas levanta questionamentos o que interfere no sentido da palavra.

13 **Errado**. **Comentário**: Embora haja alguns comparativos entre a política grega e a moderna, e dê-se a entender a política contemporânea, em nenhum momento é dito que uma tem "maior" ou "menor" participação que a outra.

14 **Certo**. **Comentário**: A capacidade de defesa do indivíduo contra estado é um dos legados deixados pelas 3 revoluções modernas - a inglesa, americana, francesa. (l.23-24)

15 **Certo**. **Comentário**: O autor "emprega recursos" do texto narrativo, e não que o texto é narrativo. Se afirmasse que o texto é narrativo, no sentido de predominantemente narrativo, estaria errada.

16 **Errado**. **Comentário**: "ele salvara" (l.21) tem como referência Temístocles, já o termo "protegendo-o" tem como referência o homem.

17 **Errado**. **Comentário**: Não se usa crase antes de palavra plural quando o 'a' está no singular.

18 **Certo**. **Comentário**:

➔ le.gí.ti.mo:
-1. Fundado no direito ou na razão. 2. Que tem força de lei. 3. Válido perante a lei. 4. Verdadeiro. 5. Concludente. 6. Genuíno, puro. 7. Autêntico.

19 **Errado**. **Comentário**:

➔ Porquanto, não haveria incoerência textual:

✓ "Imaginário das pessoas: envolve, atividades, trabalhos e rendas que desconsideram as regras **expressas** em leis ou em procedimentos usuais."

✓ "Imaginário das pessoas: envolve, atividades, trabalhos e rendas que desconsideram as regras **expressadas** em leis ou em procedimentos usuais."

20 **Certo**. **Comentário**: "A economia informal apresenta um denominador comum no imaginário das pessoas: envolve atividades, trabalhos e rendas que desconsideram as regras expressas em leis ou em procedimentos usuais" **(2º parágrafo do texto)**.

21 **Errado**. **Comentário**: Extrapolação textual - Em nenhum momento do texto há a data de registro do início da economia informal, mas sim quando ela começou a ter destaque. "O tema relativo à economia informal ganhou destaque expressivo na mídia e na literatura especializada a partir do final do século passado."

22 **Errado**. **Comentário**: No último parágrafo, a autora faz um contraponto entre a desigualdade social e a economia informal. "Se, por um lado, **as diferentes situações criadas pela economia informal respondem a demandas legítimas** e encaminham possíveis soluções no âmbito da nova ordem econômica e social, **por outro, constituem focos de tensões e de desigualdades sociais**."

23 **Errado**. **Comentário**: No texto, a palavra "economia" pode ser permutada por "trabalho". Diante da troca, entretanto, ocorrerá um erro gramatical.

✓ Trabalho é uma palavra masculina, portanto não é possível crase.
✓ Para deixar o item correto, seria necessário ajustar a frase para "O tema relativo AO trabalho informal ganhou destaque expressivo..."

24 **Certo**. **Comentário**:

✓ Envolve = Certeza
✓ Pode Envolver = Dúvida

25 **Errado**. **Comentário**:

➢ **PLURAL DOS SUBSTANTIVOS COMPOSTOS**:

➔ 1º Caso: quando as duas palavras que compõem o substantivo composto forem de algumas daquelas seis classes gramaticais que variam, **ambas podem ser escritas no plural**.

✓ Couve-flor = couves-flores (subs. + subs.)
✓ Primeira-dama = primeiras-damas (numeral + subs.)
✓ Bom-dia = bons-dias (adjetivo + subs.)

➔ **2º Caso**: substantivos compostos em que existem palavras das classes consideradas invariáveis, somente a primeira vai para o plural:

✓ Água-de-colônia = Águas-de-colônia (preposição "de" é invariável)

➔ **3º Caso**: quando a segunda palavra indicar finalidade, forma ou caracterizar / determinar a primeira, somente a primeira vai para o plural:

✓ Pombo-correio = pombos-correio

- ✓ Manga-rosa = mangas-rosa
- ✓ Navio-escola = navios-escola

***Se na prova somente a segunda palavra estiver no plural (ex.: pombo-correios) a alternativa certamente estará errada!

***Alguns gramáticos entendem que ambas podem ir para o plural (ex.: pombos-correios), mas como vocês puderam observar nessa questão, em que o CESPE considerou procedimentos-padrões Errado, o entendimento que deve ser seguido para a banca é o de que somente a primeira vai para o plural.

➔ 4º Caso: quando a primeira palavra for invariável ou for um verbo somente a segunda vai para o plural:

- ✓ Ex-aluno = ex-alunos
- ✓ Vice-diretor = vice-diretores
- ✓ Beija-flor = beija-flores

➔ 5º Caso: Palavras repetidas e onomatopaicas: só a segunda palavra recebe o "s".

- ✓ Pisca-pisca = pisca-piscas
- ✓ Corre-corre = corre-corres
- ✓ Reco-reco = reco-recos

➔ 6º e último caso: significados opostos não se alteram:

- ✓ O perde-ganha = os perde-ganha
- ✓ O vai-vem = os vai-vem
- ✓ O leva-e-traz = os leva-e-traz
- ✓ O via-volta; = os vai-volta

OPERAÇÃO FEDERAL

Anna Rachel Machado [coordenação]
Eliane Lousada
Lília Santos Abreu-Tardelli

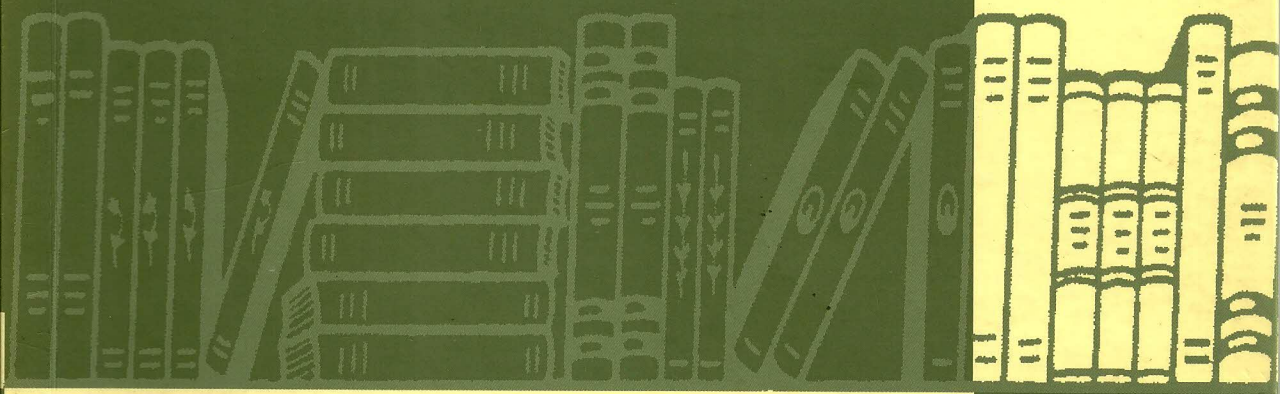

Resumo

066
6r
d.
5 BC

URA E PRODUÇÃO
DE TEXTOS TÉCNICOS
E ACADÊMICOS

parábola

A coleção "Leitura e produção de textos técnicos e acadêmicos" compõe um *curso*: volume após volume, o leitor terá cursado um programa de leitura e produção de textos, fundamental para o seu bom desempenho na escola, na universidade ou mesmo na empresa.

Os livros são didáticos, em seus propósitos, na metodologia de ensino/aprendizagem com que trabalham, nos conteúdos que abordam, nas recomendações ao professor que os utilizar.

Cada pequeno volume é também uma oficina; ou seja, um conjunto de *práticas*, organizadas não para "transmitir informações *sobre* algo", mas para ensinar a *fazer* esse algo. E neste caso, nada é mais adequado. Afinal, ler e escrever são duas práticas, estreitamente articuladas entre si. E a melhor forma de ensinar/aprender uma prática é... *praticar*. Assim, o leitor dessa coleção será, mais que leitor ou aluno, um *praticante*, interessado em se aperfeiçoar num artesanato que, em maior ou menor grau, já lhe é familiar.

Assim, de volume em volume, de gênero em gênero, o leitor pratica o que lê, e aprende porque não só pratica, mas reflete sobre o que pratica. Ao final do percurso, dominará o essencial dos gêneros que praticou. E aí estará pronto para ensaiar modos próprios de escrevê-los, articulando o que já aprendeu com as lições que cada situação nova sempre nos dá.

Que mais poderíamos pretender de uma coleção que se chama ***Leitura e Produção de Textos Técnicos e Acadêmicos***?

EGON RANGEL

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
BIBLIOTECA CENTRAL

314263

1 LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS TÉCNICOS E ACADÊMICOS

7ª edição

Letras-Port.
Data 03/ 08 2008
TR RT/2008
N.F. 103/17
FORNECEDOR: Rosa do Povo
R$ 11,89

LEITURA E PRODUÇÃO
DE TEXTOS TÉCNICOS
E ACADÊMICOS

1. *Resumo*
   Anna Rachel Machado [coord.], Eliane Lousada, Lília Santos Abreu-Tardelli, 7ª ed.
2. *Resenha*
   Anna Rachel Machado [coord.], Eliane Lousada, Lília Santos Abreu-Tardelli, 5ª ed.
3. *Planejar gêneros acadêmicos: escrita científica, texto acadêmico, diário de pesquisa, metodologia*
   Anna Rachel Machado [coord.], Eliane Lousada, Lília Santos Abreu-Tardelli, 3ª ed.
4. *Trabalhos de pesquisa: diários de leitura para a revisão bibliográfica*
   Anna Rachel Machado [coord.], Eliane Lousada, Lília Santos Abreu-Tardelli, 1ª ed.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
BIBLIOTECA CENTRAL

Anna Rachel Machado [coordenação]
Eliane Lousada
Lília Santos Abreu-Tardelli

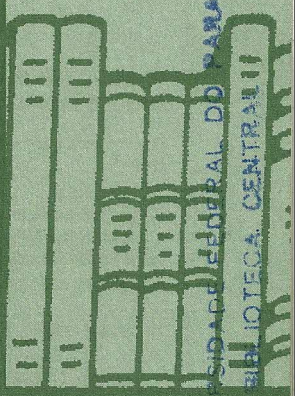

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
BIBLIOTECA CENTRAL

Resumo

parábola

Editor: *Marcos Marcionilo*

Capa e Projeto Gráfico: *Andréia Custódio*

Conselho Editorial
Ana Stahl Zilles [Unisinos]
Carlos Alberto Faraco [UFPR]
Egon de Oliveira Rangel [PUCSP]
Gilvan Müller de Oliveira [UFSC, Ipol]
Henrique Monteagudo [Universidade de Santiago de Compostela]
Kanavillil Rajagopalan [Unicamp]
Marcos Bagno [UnB]
Maria Marta Pereira Scherre [UFRJ, UnB]
Rachel Gazolla de Andrade [PUC-SP]
Salma Tannus Muchail [PUC-SP]
Stella Maris Bortoni-Ricardo [UnB]

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M129r

Machado, Anna Rachel, 1943-
Resumo / Anna Rachel Machado, Eliane Gouvêa Lousada, Lília Santos Abreu-Tardelli. - São Paulo : Parábola Editorial, 2004
(Leitura e produção de textos técnicos e acadêmicos ; 1)

ISBN 978-85-88456- 29-7

1. Resumos - Redação. I. Lousada, Eliane Gouvêa, 1964-. II. Abreu-Tardelli, Lília Santos, 1969-. III. Título. IV. Série.

04-2443. CDD 808.066
CDU 001.814

Direitos reservados à
PARÁBOLA EDITORIAL
Rua Sussuarana, 216 - Alto do Ipiranga
04281-070 São Paulo, SP
PABX: [11] 5061-9262 | 5061-1522
home page: www.parabolaeditorial.com.br
e-mail: parabola@parabolaeditorial.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão por escrito da Parábola Editorial Ltda.

ISBN: 978-85-88456-29-7

7ª edição: outubro de 2008

© da edição: Parábola Editorial, São Paulo, outubro de 2004

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
BIBLIOTECA CENTRAL
Nº 314263

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
BIBLIOTECA CENTRAL

"Já disseram que deveríamos fazer dos livros o que a abelha faz das flores: tirar o néctar contido neles e fazer dele o nosso mel" (C. C. Colton).

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
BIBLIOTECA CENTRAL

"O que é difícil não é escrever muito; é dizer tudo, escrevendo pouco. A concisão e a brevidade, virtudes gregas, são meio caminho para a perfeição" (Júlio Dantas, A arte de redigir).

Sumário

9 Apresentação: Leitura e Produção de Textos Técnicos e Acadêmicos
Egon Rangel

13 Introdução

SEÇÃO 1 15 O gênero resumo escolar/acadêmico

SEÇÃO 2 19 O gênero resumo escolar/acadêmico e outros gêneros

SEÇÃO 3 25 Sumarização: processo essencial para a produção de resumos

SEÇÃO 4 29 A influência dos objetivos na sumarização

SEÇÃO 5 33 A compreensão global do texto a ser resumido

SEÇÃO 6 41 Localização e explicitação das relações entre as idéias mais relevantes do texto

SEÇÃO 7 47 Menção ao autor do texto resumido

SEÇÃO 8 49 Atribuição de atos ao autor do texto resumido

SEÇÃO 9 55 Recapitulação dos procedimentos para a produção do resumo

SEÇÃO 10 57 Avalie você mesmo

59 Bibliografia para consulta

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
BIBLIOTECA CENTRAL

Leitura e Produção de Textos Técnicos e Acadêmicos

EGON DE OLIVEIRA RANGEL

Professor do Departamento de Lingüística da PUC-SP

Membro do Comitê Assessor da Secretaria de Educação Superior (SESu).

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
BIBLIOTECA CENTRAL

Num de seu famosos escritos, o grande escritor argentino Jorge Luis Borges[1] nos lembra que o livro é como o rio de Heráclito: um curso fluido, tão diferente de si mesmo a cada momento quanto nós mesmos, que, a cada vez que o adentramos, somos outros.

Esta é a imagem que me ocorre, ao perceber que toda esta coleção compõe um só livro, em que cada volume figura como um capítulo. E talvez por aproveitar ao máximo esse caráter fluido dos livros, constitui um verdadeiro *curso*. Não só porque suas águas levam a bons destinos, mas também porque, volume após volume, o leitor terá cursado um eficiente programa de leitura e produção de textos, fundamental para o seu bom desempenho na escola, na universidade ou mesmo na empresa.

Mas assim como não é preciso estar na nascente ou na foz para estar legitimamente *dentro do rio*, não é preciso "começar do começo" a leitura deste livro-coleção para aprender — e muito — com ele. Em qualquer dos pontos, podemos nos banhar neste curso, beber suas águas, nelas navegar. E o que é melhor: também podemos cursá-lo sem qualquer matrícula.

Entretanto, o interesse e a originalidade desta coleção vão muito além. Os livros são claramente didáticos, em seus propósitos, na metodologia de ensino/aprendizagem com que trabalham, nos conteúdos que abordam, nas recomendações ao professor que os utilizar. Mas *não são escolares*, tampouco são "livros didáticos": não foram

1 BORGES, Jorge Luis. "O Livro". In: ___ . *Cinco visões pessoais*. 2. ed. Brasília, Ed. da Universidade de Brasília, 1987. (Itinerários, 19)

pensados para a disciplina Tal, do curso Tal Outro, em uma série determinada. E podem até ser muito bem aproveitados por aqueles que já não estão na escola, mas continuam empenhados em aprender.

E aí nos deparamos com outra originalidade: cada pequeno volume é também uma oficina; ou seja, um conjunto de *práticas*, organizadas não para "transmitir informações *sobre* algo", mas para ensinar a *fazer* esse algo. E neste caso, nada é mais adequado. Afinal, ler e escrever são duas práticas, estreitamente articuladas entre si. E a melhor forma de ensinar/aprender uma prática é... *praticar*. Assim, o leitor dessa coleção será, mais que leitor ou aluno, um *praticante*, interessado em aperfeiçoar-se num artesanato que, em maior ou menor grau, já lhe é familiar.

Como se faz a leitura ao mesmo tempo compreensiva e crítica de um texto? No caso da escola e da universidade, como se produz adequadamente um resumo, uma resenha, um artigo, um relatório, um ensaio? Cada "capítulo" desta coleção responde com empenho a esse tipo de perguntas, no âmbito específico do gênero do discurso a que é consagrado. E responde também de uma forma original: não formula, propriamente, uma resposta; ensina uma forma de fazer. Assim, não dá uma receita única, mesmo que saborosa: antes, abre ao praticante todas as outras possibilidades que o "seu próprio jeito de fazer" for capaz de revelar, tão logo se aproprie do *know-how*.

Para ajudar o praticante a *chegar lá*, as autoras, em cada volume, se valem de estratégias específicas. Passo a passo, ele é habilmente conduzido ao seu destino final. Se o que está em questão é o resumo, por exemplo, o conhecimento intuitivo que o leitor já tem do assunto é imediatamente mobilizado:

- *Afinal, o que é um bom resumo?* Todos temos algumas idéias dispersas a respeito. E lembrá-las com precisão é meio caminho andado.

- *Em relação a que objetivos um resumo pode ser considerado bom?* E então (re)descobrimos que sempre escrevemos com um propósito definido, mesmo quando não nos damos conta disso. E saber que propósito é esse orienta o trabalho.

- *Com que critérios podemos avaliá-los?* Sim, dizer se o texto produzido é bom ou não implica em estabelecer critérios, distinguir os mais relevantes. Não é, portanto, uma questão de gosto, mas sim de entender claramente o que está em jogo na escrita que se pratica.

Com base nesse conhecimento prévio devidamente organizado, cada volume exercita com o seu leitor/praticante as situações e condições em que a escrita de textos desse

gênero se dá, uma vez que elas serão as responsáveis por tudo o que aquele texto, lido ou redigido, tem de particular, de único.

E só então os conceitos envolvidos, ou seja, a metalinguagem técnica sempre precisa e atualizada, começa a ser ensinada. Ainda assim, apenas na medida do necessário para organizar um quadro eficaz de *informações sobre*, construindo com o leitor um saber teórico já orientado para a prática de leitura e produção de textos em que, a esta altura, ele já está envolvido.

Em seguida, o leitor é instigado, por meio de novas atividades, a perguntar-se sobre as etapas de produção, as estratégias discursivas, os recursos e os mecanismos de construção do texto que estão implicados num bom resumo (ou resenha, artigo etc.). Novamente, o conhecimento intuitivo que o leitor já tem é chamado a articular-se com o que as teorias do discurso e do texto já podem dizer de útil a respeito. E mais uma vez o leitor pratica e organiza o saber necessário ao fazer.

Assim, de volume em volume, de gênero em gênero, o leitor pratica o que lê, e aprende porque não só pratica, mas reflete sobre o que pratica. Ao final do percurso, dominará o essencial dos gêneros que praticou. E então estará pronto para ensaiar modos próprios de escrevê-los, articulando o que já aprendeu com as lições que cada situação nova sempre nos dá.

Que mais poderíamos pretender de uma coleção que se chama ***Leitura e Produção de Textos Técnicos e Acadêmicos***?

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
BIBLIOTECA CENTRAL

Introdução

Fomos movidas a iniciar a coleção "*Leitura e Produção de Textos Técnicos e Acadêmicos*" pela constatação das crescentes dificuldades que os alunos dos cursos de graduação e até mesmo de mestrado e de doutorado encontram, quando se defrontam com a necessidade de produzir textos pertencentes a gêneros da esfera tipicamente escolar e/ou científica. Este é o caso, por exemplo, da produção de resumos escolares, de resenhas críticas, de relatórios, de projetos de pesquisa e artigos científicos, dentre outros.

As causas dessas dificuldades são inúmeras, mas queremos apontar aqui apenas uma delas, que nos parece poder ser enfrentada, que é a falta de ensino sistemático desses gêneros que seja orientado por um material didático adequado. Freqüentemente, os alunos são cobrados por aquilo que nunca lhes é ensinado, tendo de aprender por conta própria, intuitivamente, com muito esforço.

Na maioria das vezes, subsiste a crença de que há uma "capacidade" geral para a escrita, que, se bem desenvolvida, nos permitiria produzir de forma adequada textos de qualquer espécie. Outras vezes, acredita-se que o mero ensino da organização global mais comum do gênero seja suficiente para que o aluno chegue a um bom texto.

Entretanto, as recentes pesquisas da área mostram-nos que não é bem assim. Mesmo o melhor dos escritores de ficção pode ficar paralisado diante da necessidade de ter de escrever um artigo científico para uma revista especializada em determinada área das ciências humanas, por exemplo. Corre até o risco de ver o seu texto rejeitado por não atender as normas que vigoram nessa comunidade científica! Por outro lado, organizar globalmente um texto em sua forma canônica é apenas um dos procedimentos necessários para chegar a uma produção adequada. A complexidade característica dos gêneros exige o desenvolvimento de muitas outras capacidades.

Assim, é com o objetivo de suprir a falta de material didático para a produção desses gêneros utilizados na escola e no meio universitário que essa coleção foi concebida. Ela se inicia com o material referente à produção do que chamamos de *resumo escolar*, que, como o nome diz, é produzido com fins escolares e que apresenta características

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
BIBLIOTECA CENTRAL

semelhantes às de outros resumos produzidos em outras esferas, mas que também guarda suas diferenças, como veremos no decorrer das atividades propostas.

Ao escolher esse gênero para iniciar a coleção, assumimos que ele é um dos mais importantes nas atividades escolares e acadêmicas, sendo pedido constantemente pelos professores aos alunos das mais diferentes disciplinas. Assumimos também que as capacidades necessárias para a produção desse gênero são também indispensáveis para outros gêneros acadêmicos, tais como a resenha, os artigos, os relatórios etc., que serão abordados posteriormente.

As atividades foram preparadas com base nas mais recentes pesquisas sobre o ensino-aprendizagem de produção de textos e sobre as características do gênero em foco. Com isso, conseguimos abranger grande parte dos procedimentos envolvidos na produção de resumos escolares, desde a clarificação inicial de seu contexto de produção até a sua avaliação e revisão final.

Em cada seção, apresentamos os objetivos a serem atingidos, as atividades a serem desenvolvidas pelos alunos e sugestões de atividades para continuidade e/ou aprofundamento das questões trabalhadas. No final do livro, fornecemos as respostas das atividades. Algumas delas devem ser vistas como uma possível alternativa, ficando a cargo do professor avaliar a pertinência de outras que possam surgir no decorrer das discussões. Fechando o volume, apresentamos uma pequena bibliografia especializada sobre o gênero em questão, como sugestão de aprofundamento teórico do estudo desenvolvido.

Acreditamos que as atividades propostas podem contribuir para o trabalho do professor e ajudar o aluno a conhecer melhor o gênero *resumo escolar* e a produzi-lo adequadamente. Entretanto, não julgamos que sejam milagrosas e suficientes. Com base no desenvolvimento individual de cada aluno e nas discussões em sala de aula, alunos e professores podem — e devem — criar outras atividades semelhantes, para que essa aprendizagem se consolide e se amplie.

Anna Rachel Machado
Eliane Gouvêa Lousada
Lília Santos Abreu-Tardelli

O gênero resumo escolar/acadêmico

PARA COMEÇAR A CONVERSA...

O objetivo maior deste material é ajudá-lo a produzir resumos escolares/acadêmicos que possam ser considerados bons pelos seus professores. Para isso, vamos iniciar discutindo algumas idéias que você tem sobre esse tipo de resumo.

1. **Leia os resumos a seguir do artigo *A cultura da paz* de Leonardo Boff[1]. Mesmo sem ainda ter lido o texto mencionado, assinale o resumo que acredita ser o melhor resumo escolar/acadêmico.**

( ) **Resumo 1**

Ele diz que a cultura dominante se caracteriza pela vontade de dominação da natureza e do outro. É possível superar a violência? Freud diz que é impossível controlar o instinto de morte. Boff diz que a evolução humana sempre esteve regida pela violência. Em segundo lugar, a cultura patriarcal instalou a dominação da mulher pelo homem e que a lógica de nossa cultura é a competição. Veja-se, por exemplo, o número de atos de violência contra a mulher em São Paulo. Precisamos opor a cultura da paz à cultura da violência. Onde buscar as inspirações

2 Artigo disponível no site http://www.leonardoboff.com/. Último acesso em 18/02/2004. Originalmente publicado no *Jornal do Brasil*, 8 de fevereiro de 2002, p. 9.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
BIBLIOTECA CENTRAL

para a cultura da paz? Somos seres sociais e cooperativos, temos capacidades de afetividade. O homem pode intervir no processo de evolução. Desde os tempos de César Augusto, os filósofos acham que o cuidado é a essência do ser humano. Gandhi, Dom Hélder Câmara e Luther King são figuras que deram exemplo de comportamento humano.Eu acho que todos nós devemos lutar pela paz.

( ) Resumo 2

Leonardo Boff inicia o artigo "A cultura da paz" apontando o fato de que vivemos em uma cultura que se caracteriza fundamentalmente pela violência. Diante disso, o autor levanta a questão da possibilidade de essa violência poder ser superada ou não. Inicialmente, ele apresenta argumentos que sustentam a tese de que seria impossível, pois as próprias características psicológicas humanas e um conjunto de forças naturais e sociais reforçariam essa cultura da violência, tornando difícil sua superação. Mas, mesmo reconhecendo o poder dessas forças, Boff considera que, nesse momento, é indispensável estabelecermos uma cultura da paz contra a da violência, pois esta estaria nos levando à extinção da vida humana no planeta. Segundo o autor, seria possível construir essa cultura, pelo fato de que os seres humanos são providos de componentes genéticos que nos permitem sermos sociais, cooperativos, criadores e dotados de recursos para limitar a violência e de que a essência do ser humano seria o cuidado, definido pelo autor como sendo uma relação amorosa com a realidade, que poderia levar à superação da violência. A partir dessas constatações, o teólogo conclui, incitando-nos a despertar as potencialidades humanas para a paz, construindo a cultura da paz a partir de nós mesmos, tomando a paz como projeto pessoal e coletivo.

( ) Resumo 3

No artigo "A cultura da paz", Leonardo Boff defende a necessidade de construirmos a cultura da paz a partir de nós mesmos. O autor considera que isso é possível, uma vez que o homem é dotado de características genéticas especiais que lhe permitiriam vencer a violência.

2. **Assinale as alternativas que justifiquem a escolha do melhor resumo dentre os três que foram dados.**

a. ( ) correção gramatical e léxico adequado à situação escolar/acadêmica;
b. ( ) seleção das informações consideradas importantes pelo leitor e autor do resumo;
c. ( ) seleção das informações colocadas como as mais importantes no texto original;
d. ( ) indicação de dados sobre o texto resumido, no mínimo autor e título;
e. ( ) o resumo permite que o professor avalie a compreensão do texto lido, incluindo a compreensão global, o desenvolvimento das idéias do texto e a articulação entre elas;
f. ( ) apresentação das idéias principais do texto e de suas relações;
g. ( ) comentários pessoais misturados às idéias do texto;
h. ( ) menção ao autor do texto original em diferentes partes do resumo e de formas diferentes;
i. ( ) menção de diferentes ações do autor do texto original (o autor questiona, debate, explica...);
j. ( ) texto compreensível por si mesmo;
k. ( ) cópia de trechos do texto original sem guardar as relações estabelecidas pelo autor ou com relações diferentes.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
BIBLIOTECA CENTRAL

PARA CONTINUAR A CONVERSA...

Procure recuperar resumos escolares/acadêmicos que você já fez. Com qual dos resumos aqui apresentados ele(s) mais se assemelha(m)?

O que você já sabe sobre a escrita de resumos? Converse com seus colegas e troque seu conhecimento sobre o tema.

Que livros você conhece que falam sobre resumo escolar/acadêmico ou explicam como fazê-lo? Traga a referência bibliográfica e troque informações com seus colegas.

Você já procurou pesquisar na biblioteca de sua escola/faculdade para ver se há alguma bibliografia sobre o tema? Você já pesquisou na Internet?

O gênero resumo escolar/ acadêmico e outros gêneros

PARA COMEÇAR A CONVERSA...

Inúmeros tipos de textos, que aparecem em diferentes situações de comunicação, apresentam informações selecionadas e resumidas de um outro texto. Nesta seção, observaremos alguns desses textos e algumas de suas características que os distinguem de um resumo escolar/acadêmico.

1. **Observe a diagramação dos textos que seguem e o veículo em que foram divulgados e tente identificar a que gênero pertencem. Se tiver dúvida, leia os textos e observe expressões que indicam opinião/avaliação do autor.**

( ) resumos de filme
( ) resumo (introdutório a artigo científico) ou *abstract*.
( ) resumo de livro
( ) crítica de filme
( ) resenha crítica de livro
( ) quarta capa (ou contracapa) de livro

Texto 1

34ª AXN

DIA 29 • DOMINGO • 22h

Ben Kingsley (esq.) e Liam Neeson

O Oskar dos judeus

A Lista de Schindler é uma obra-prima e pode ser considerado um dos melhores trabalhos do diretor Steven Spielberg. Baseado em fatos reais, narra a história do empresário polonês Oskar Schindler (Liam Neeson), que usou quase todo o seu dinheiro para libertar mais de mil judeus de campos de concentração nazistas durante a Segunda Guerra Mundial. O filme, inédito no AXN, ganhou sete das doze estatuetas do Oscar ao qual foi indicado.

MONET. A SUA REVISTA DA NET. ED. GLOBO FEVEREIRO/2004. ▶

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
BIBLIOTECA CENTRAL

Texto 2

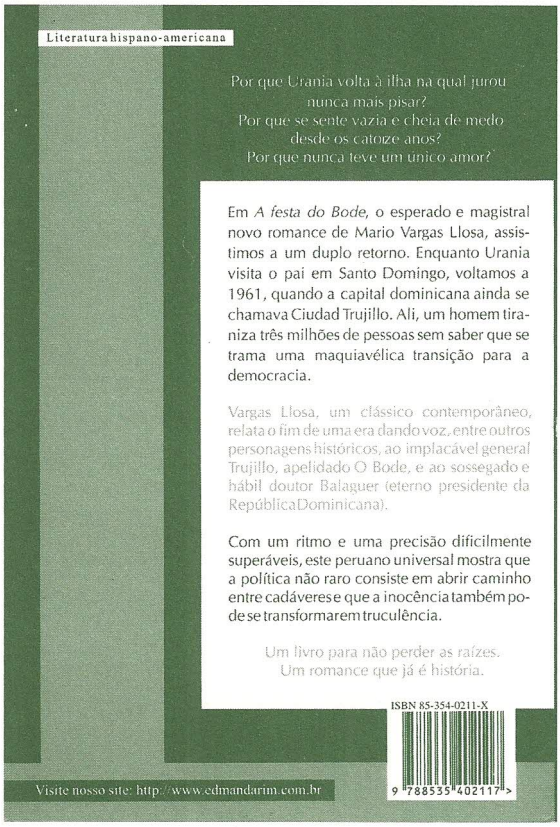

VARGAS LLOSA, MARIO. *A FESTA DO BODE*. TRADUÇÃO WLADIR DUPONT. SÃO PAULO: MANDARIM, 2000.

Texto 3

LIANE NEVES

Scliar: história da melancolia

Saturno nos Trópicos, de Moacyr Scliar (Companhia das Letras; 274 páginas; 29 reais) — Em seu novo livro, o gaúcho Moacyr Scliar deixa a ficção de lado e investe em outra de suas especialidades: o ensaio. *Saturno nos Trópicos* é um estudo sobre a melancolia, e custou cinco anos de pesquisa ao escritor. Não se trata de uma obra difícil: ao contrário, sua linguagem é sempre acessível e envolvente. Scliar enfoca o tema em vários momentos históricos. Fala da Idade Média dos tempos da peste negra e da Renascença dos grandes avanços científicos. Mas seu objetivo é, sobretudo, compreender a melancolia à moda brasileira e traçar uma história dela. Scliar examina a cultura nacional desde os primeiros tempos até o século XX — tratando de personagens como Jeca Tatu, de Monteiro Lobato, e Macunaíma, de Mário de Andrade.

VEJA, 28 DE MAIO DE 2003.

Texto 4

Resumo

O objetivo do artigo é o de fornecer uma descrição do método concebido para a coleta de dados referentes às representações do operários do chão-de-fábrica a respeito do jornal da empresa. Os pressupostos teóricos provêm de várias correntes, incluindo-se aí a teoria bakhtiniana, a psicologia do trabalho, o interacionismo sócio-discursivo e a sociologia. Os resultados das análises apontam para a eficácia do método para a coleta desses dados.

Palavras-chave: *método; leitura; trabalho; grupos homogêneos.*

MACHADO, A. R., "DESCRIÇÃO DO MÉTODO DE COLETA DE DADOS SOBRE A RECEPÇÃO DO JORNAL DA EMPRESA", IN THE ESP, SÃO PAULO, 1998, VOL. 19 Nº ESPECIAL, 333-348.

Texto 5

VÁ DIRETO AO TERCEIRO

Saiba como são os dois primeiros filmes

"A Sociedade do Anel" (2001)

Num lugar chamado Terra Média, um poderoso anel de invisibilidade que todos davam como perdido é achado em poder de um hobbit chamado Bilbo, espécie de duende da floresta. Certo dia, Bilbo decide deixar o Condado, cidade dos hobbits, e o anel é entregue a seu sobrinho, Frodo, para que seja destruído nas lavas da montanha da Perdição. Junto com três amigos, Sam, Merry e Pippin, os hobbits fogem do Condado e juntam-se a Aragorn, o anão Gimli, o elfo Legolas, o cavaleiro Boromir e, e o mago Gandalf para assegurar a destruição do objeto. Mas a jornada não é fácil, e aos poucos o grupo vai se separando: Gandalf cai em um abismo enquanto luta com o demônio Balrog; Frodo e Sam partem para a montanha da Perdição, seguidos por Gollum, uma criatura que já possuiu o anel e o quer de volta; Boromir morre; e Merry e Pippin são sequestrados.

"As Duas Torres" (2002)

Frodo e Sam seguem viagem para a montanha da Perdição acompanhados de Gollum, que tem dupla personalidade. O resto do grupo ruma à cidade de Rohan para libertar de um feitiço o bondoso rei Theoden. Quebrado o encanto, o rei resolve levar seu povo ao abismo de Helm para fugir de um ataque de orcs. O lugar é atacado e a batalha é ganha, mas Aragorn, Legolas, Gimli e Gandalf sabem que o pior ainda está por vir. Enquanto isso, seres conhecidos como Ents promovem um ataque à torre de Isengard como vingança à destruição das florestas por obra do malvado Saruman. Sam, Frodo e Gollum, que planeja uma emboscada para reaver o anel, seguem sua viagem.

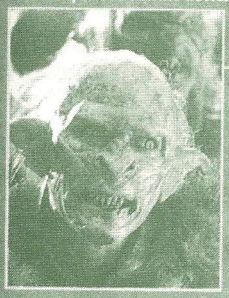

FOLHA DE S.PAULO, ILUSTRADA, 24 DE DEZEMBRO DE 2003

Texto 6

NOSSAS SUGESTÕES

Real e fantástico

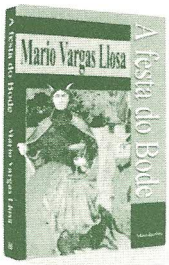

Em *A Festa do Bode* (Mandarim), Mario Vargas Llosa descreve um período nebuloso na vida política da República Dominicana. Durante 30 anos (1930-1961) a população daquele país viveu sob a tirania do ditador Rafael Trujillo Molina. Os desmandos do general e a queda do regime após seu assassinato servem para o escritor peruano construir cenários e personagens fantásticos, sem deixar de lado a precisão histórica. Quem conduz a história é Urania Cabral, que volta para Santo Domingo de Guzmán, capital dominicana, depois de 30 anos de ausência para reencontrar o pai – um ex-senador de Trujillo. De repente, ela está de volta ao passado. ■ MANUELA AQUINO

HISTÓRIA, JULHO DE 2003.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
BIBLIOTECA CENTRAL

2. **Preencha a tabela, identificando as características da situação de produção dos textos 2, 3, 4, 5 e 6, conforme o exemplo.**

	TEXTO 1	TEXTO 2	TEXTO 3	TEXTO 4	TEXTO 5	TEXTO 6
Autor	Não explicitado					
Função social do autor	Jornalista especializado em cinema					
Imagem que o autor tem de seu destinatário	Destinatário que costuma ver filmes pela TV a cabo.					
Locais e/ou veículos onde possivelmente o texto circulará	*Monet*. A sua revista da Net. Ed. Globo, fevereiro/2004					
Momento possível da produção	Imediatamente anterior à data de publicação					
Objetivo do autor do texto	Dar as informações centrais mínimas sobre o filme e convencer o destinatário a assistir ao filme					

3. **Qual a diferença entre o objetivo dos textos denominados de resumo dos demais?**

4. **Preencha o quadro, indicando algumas das características da situação de produção de um resumo escolar/acadêmico.**

Autor do resumo	**Aluno**
Destinatário	
Local onde o texto circulará	
Objetivo do autor do resumo	

Concluindo...

Antes de ler, resumir ou produzir qualquer texto, precisamos ter consciência de que

✓ a antecipação do conteúdo do texto pode facilitar a leitura;

✓ todo texto é escrito tendo em vista um leitor potencial;

✓ o texto é determinado pela época e local em que foi escrito;

✓ todo texto possui um autor que teve um objetivo para a escrita daquele texto;

✓ o texto é produzido tendo em vista o veículo em que irá circular.

Para continuar a conversa...

Além dos gêneros que vimos nesta seção, em que outros gêneros de textos podemos encontrar informações resumidas? Procure exemplos desses gêneros e analise-os para compreender o contexto de produção dos textos.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
BIBLIOTECA CENTRAL

Sumarização: processo essencial para a produção de resumos

Para começar a conversa...

Nesta seção, vamos trabalhar com um dos processos mentais essenciais para a produção de resumos, o processo de sumarização, que sempre ocorre durante a leitura, mesmo quando não produzimos um resumo oral ou escrito. Esse processo não é aleatório, mas guia-se por uma certa lógica, que buscaremos identificar nas atividades que seguem abaixo. Veja os exemplos.

a. *No supermercado, Paulo encontrou Margarida, que estava usando um lindo vestido azul de bolinhas amarelas.*

Sumarização: Paulo encontrou Margarida.

Informações excluídas: circunstâncias que envolvem o fato (no supermercado), qualificações/descrições de personagens (que estava usando um lindo vestido de bolinhas amarelas.

b. *Você deve fazer as atividades, pois, do contrário, não vai aprender e vai tirar nota baixa.*

Sumarização: Você deve fazer as atividades.

Informações excluídas: justificativas para uma afirmação

1. Sumarize os períodos abaixo, quando possível. À medida que for fazendo cada exemplo, assinale no quadro o procedimento que você utilizou, preenchendo os parêntesis com as letras dos períodos correspondentes.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
BIBLIOTECA CENTRAL

(a) Apagamento de conteúdos facilmente inferíveis a partir de nosso conhecimento de mundo.

( ) Apagamento de seqüências de expressões que indicam sinonímia ou explicação.

( ) Apagamento de exemplos.

( ) Apagamento das justificativas de uma afirmação.

( ) Apagamento de argumentos contra a posição do autor.

( ) Reformulação das informações, utilizando termos mais genéricos. (ex: homem, gato, cachorro → mamíferos)

( ) Conservação de todas as informações, dado que elas não são resumíveis.

a . Maria era uma pessoa muito boa. Gostava de ajudar as pessoas.

b. Discutiremos a construção de textos argumentativos, isto é, aqueles textos nos quais o autor defende determinado ponto de vista por meio do uso de argumentos, procurando convencer o leitor da sua posição.

c. Não corra tanto com seu carro, pois, quando se corre muito, não é possível ver a paisagem e, além disso, o número de acidentes fatais aumenta com a velocidade.

d. O principal suspeito do assassinato era o marido: era ciumento e não tinha um álibi, dado que afirma ter ficado rodando a casa para ver se a mulher se encontrava com o amante.

e. De manhã, lavou a louça, varreu a casa, tirou o pó e passou roupa. À tarde, foi ao banco pagar contas, retirar talão de cheques e extrato e, à noite, preparou aula, corrigiu os trabalhos e elaborou a prova.

f. O Iluminismo ataca as injustiças, a intolerância religiosa e os privilégios típicos do Antigo Regime.

g. A pena de morte tem muitos argumentos a seu favor, mas nada justifica tirar a vida de nosso semelhante.

h. No resumo de uma narração, podem-se suprimir as descrições de lugar, de tempo, de pessoas ou de objetos, se elas não são condições necessárias para a realização da ação. Por exemplo, descrever um homem como ciumento pode ser relevante e, portanto, essa descrição não poderá ser suprimida, se essa qualidade é que determinará que o homem assassine sua esposa. Já a sua descrição como alto e magro poderá nesse caso ser suprimida.

2. Resuma os períodos abaixo ao mínimo, pensando que o seu destinatário é o seu professor e que ele vai avaliar a sua compreensão das idéias globais desses trechos. Use os procedimentos de sumarização já estudados.

a) Com a evolução política da humanidade, dois valores fundamentais consolidaram o ideal democrático: a liberdade e a igualdade, valores que foram traduzidos como objetivos maiores dos seres humanos em todas as épocas. Mas os avanços e as conquistas populares em direção a esses objetivos nem sempre se desenvolveram de forma pacífica. Guerras, destituições e enforcamentos de reis e monarcas, revoluções populares e golpes de Estado marcaram a trajetória da humanidade em sua busca de liberdade e igualdade.
(Clóvis Brigagão & Gilberto M. A. Rodrigues. 1988. *Globalização a olho nu: o mundo conectado*. São Paulo: Moderna).

b) A cultura indígena é complexa, como a de qualquer outra sociedade. Seu grande diferencial, porém, que foge à regra geral de todas as outras, é a não-existência de desníveis econômicos.

Na sociedade indígena não existem também normas estabelecidas que confiram a alguém as prerrogativas de mandante ou líder do núcleo populacional. Aquele que é chamado de cacique não tem privilégios de autoridade, tem somente os de conselheiro. Não é um escolhido, é ligado, até quando possível, a uma linhagem lendária. E, quando essa condição desaparece, passa a responder como conselheiro da aldeia aquele que pelo número de aparentados alcança essa posição mais respeitada (...).
(O. Villas-Bôas. 2000. *A arte dos pajés. Impressões sobre o universo espiritual do índio xinguano*. São Paulo: Globo. p. 25).

c) Na linguagem comum e mesmo culta, ética e moral são sinônimos. Assim dizemos: "Aqui há um problema ético" ou "um problema moral". Com isso emitimos um juízo de valor sobre alguma prática pessoal ou social, se boa, se má ou duvidosa.

Mas aprofundando a questão, percebemos que ética e moral não são sinônimos. A ética é parte da filosofia. Considera concepções de

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
BIBLIOTECA CENTRAL

fundo, princípios e valores que orientam pessoas e sociedades. Uma pessoa é ética quando se orienta por princípios e convicções. Dizemos, então, que tem caráter e boa índole. A moral é parte da vida concreta. Trata da prática real das pessoas que se expressam por costumes, hábitos e valores aceitos. Uma pessoa é moral quando age em conformidade com os costumes e valores estabelecidos que podem ser, eventualmente, questionados pela ética. Uma pessoa pode ser moral (segue costumes) mas não necessariamente ética (obedece a princípios).

(http://www.leonardoboff.com/)

Concluindo...

✓ Sintetize suas conclusões sobre o processo de sumarização.

_____

_____

_____

_____

_____

Para continuar a conversa...

Selecione alguns períodos de textos utilizados em seu curso e sumarize as informações contidas em cada período de acordo com os procedimentos estudados.

A influência dos objetivos na sumarização

PARA COMEÇAR A CONVERSA...

Como vimos nas seções anteriores, podemos sumarizar diferentes tipos de informações, provenientes de fontes variadas (acontecimento, filme, CD, livro etc.) e essa sumarização pode ser materializada em uma parte de um texto ou em um texto inteiro, em um verdadeiro resumo. Agora, vamos ver que as informações provenientes de um mesmo objeto (no caso, de um texto) podem ser sumarizadas de diferentes formas, de acordo com a situação em que nos encontramos.

1. Leia o texto ao lado:

Percorrendo a casa

Os dois garotos correram até a entrada da casa.

— Veja, eu disse a você que hoje era um bom dia para brincar aqui — disse Eduardo. — Mamãe nunca está em casa na quinta-feira — acrescentou.

Altos arbustos escondiam a entrada da casa; os meninos podiam correr no jardim extremamente bem cuidado.

— Eu não sabia que sua casa era tão grande — disse Marcos.

— É, mas ela está mais bonita agora, desde que meu pai mandou revestir com pedras essa parede lateral e colocou uma lareira.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
BIBLIOTECA CENTRAL

Havia portas na frente e atrás e uma porta lateral que levava à garagem, que estava vazia, exceto pelas três bicicletas com marcha guardadas aí. Eles entraram pela porta lateral. Eduardo explicou que ela ficava sempre aberta para suas irmãs mais novas entrarem e saírem sem dificuldade.

Marcos queria ver a casa... Então, Eduardo começou a mostrá-la pela sala de estar. Estava recém-pintada, como o resto do primeiro andar. Eduardo ligou o som: o barulho preocupou Marcos.

— Não se preocupe, a casa mais próxima está a meio quilômetro daqui — gritou Eduardo. Marcos se sentiu mais confortável ao observar que nenhuma casa podia ser vista em qualquer direção além do enorme jardim.

A sala de jantar, com toda a porcelana, prata e cristais, não era lugar para brincar: os garotos foram para a cozinha, onde fizeram um lanche.

Eduardo disse que não era para usar o lavabo, porque ele ficara úmido e mofado, uma vez que o encanamento arrebentara.

— Aqui é onde meu pai guarda suas coleções de selos e moedas raras — disse Eduardo, enquanto eles davam uma olhada no escritório. Além do escritório, havia três quartos no andar superior da casa.

Eduardo mostrou a Marcos o *closet* de sua mãe cheio de roupas e o cofre trancado onde havia jóias. O quarto de suas irmãs não era tão interessante, exceto pela televisão com o Atari. Eduardo comentou que o melhor de tudo era que o banheiro do corredor era seu, desde que um outro fora construído no quarto de suas irmãs. Não era tão bonito como o de seus pais, que estava revestido de mármore, mas para ele era a melhor coisa do mundo (traduzido e adaptado de J. Pitchert & R. Anderson. "Taking Different Perspectives on a Story", *Journal of Psychology*, 1977, 69, In: A. Kleiman. 1989. *Texto e leitor*, Pontes Editores,Campinas).

2. Agora, releia o texto, levantando as características mais importantes da casa descrita, como se você fosse passá-las para três diferentes destinatários: para um possível comprador, para um assaltante, para seu professor.

PARA UM POSSÍVEL COMPRADOR DA CASA	PARA UM ASSALTANTE	PARA SEU PROFESSOR

3. Compare as informações selecionadas para cada destinatário com as de um colega e discuta o porquê da seleção feita.

CONCLUINDO...

Sumarizamos de forma diferente, conforme o tipo de destinatário, de acordo com o que julgamos que ele deve conhecer sobre o objeto sumarizado e de acordo com o que julgamos ser o objetivo desse destinatário.

No caso do resumo escolar/acadêmico, quem é o destinatário do texto?

_____

Qual o objetivo desse leitor-destinatário?

_____

Portanto, tendo em vista esse destinatário e esse objetivo, assinale a alternativa correta:

( ) o leitor já conhece o texto e, por isso, não é necessário dar as informações centrais do texto;

( ) o leitor já conhece o texto, mas é necessário dar as informações centrais para que ele possa avaliar a sua compreensão global do texto.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
BIBLIOTECA CENTRAL

Para continuar a conversa...

Procure, em jornais e revistas destinados a públicos diferentes, uma crítica sobre um mesmo filme ou um resumo de um mesmo livro, e verifique se a informação selecionada é, de alguma forma, diferente. Analise os textos tendo em vista os destinatários de cada revista.

A compreensão global do texto a ser resumido

PARA COMEÇAR A CONVERSA...

Nesta seção, começaremos a enfocar as diferentes fases de produção do resumo escolar/acadêmico de um texto específico, começando por uma leitura e um estudo detalhado do texto para depois chegar a seu resumo. Para isso, vamos tomar o texto que serviu de base para os resumos apresentados na Seção 1.

1. **Passe os olhos pelo texto, buscando identificar:**
   a) o gênero de texto;
   b) o meio de circulação;
   c) o autor;
   d) a data de publicação;
   e) o tema;

Cultura da paz

1 A cultura dominante, hoje mundializada, se estrutura ao redor da vontade de poder que se traduz por vontade de dominação da natureza, do outro, dos povos e dos mercados. Essa é a lógica dos dinossauros que criou a cultura do medo e da guerra. Praticamente em todos os países as festas nacionais e seus heróis são ligados a feitos de guerra e de violência. Os meios de comunicação levam ao paroxismo a magnificação de todo tipo de violência, bem simbolizado nos filmes de Schwarzenegger como o "Exterminador do Futuro". Nessa cultura

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
BIBLIOTECA CENTRAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
BIBLIOTECA CENTRAL
Nº 324263

o militar, o banqueiro e o especulador valem mais do que o poeta, o filósofo e o santo. Nos processos de socialização formal e informal, ela não cria mediações para uma cultura da paz. E sempre de novo faz suscitar a pergunta que, de forma dramática, Einstein colocou a Freud nos idos de 1932: é possível superar ou controlar a violência? Freud, realisticamente, responde: "É impossível aos homens controlar totalmente o instinto de morte... Esfaimados pensamos no moinho que tão lentamente mói que poderíamos morrer de fome antes de receber a farinha".

2 Sem detalhar a questão, diríamos que por detrás da violência funcionam poderosas estruturas. A primeira delas é o caos sempre presente no processo cosmogênico. Viemos de uma imensa explosão, o *big bang*. E a evolução comporta violência em todas as suas fases. São conhecidas cerca de 5 grandes dizimações em massa, ocorridas há milhões de anos atrás. Na última, há cerca de 65 milhões de anos, pereceram todos os dinossauros após reinarem, soberanos, 133 milhões de anos. A expansão do universo possui também o significado de ordenar o caos através de ordens cada vez mais complexas e, por isso também, mais harmônicas e menos violentas. Possivelmente a própria inteligência nos foi dada para pormos limites à violência e conferir-lhe um sentido construtivo.

3 Em segundo lugar, somos herdeiros da cultura patriarcal que instaurou a dominação do homem sobre a mulher e criou as instituições do patriarcado assentadas sobre mecanismos de violência como o Estado, as classes, o projeto da tecno-ciência, os processos de produção como objetivação da natureza e sua sistemática depredação.

4 Em terceiro lugar, essa cultura patriarcal gestou a guerra como forma de resolução dos conflitos. Sobre esta vasta base se formou a cultura do capital, hoje globalizada; sua lógica é a competição e não a cooperação, por isso, gera guerras econômicas e políticas e com isso desigualdades, injustiças e violências. Todas estas forças se articulam estruturalmente para consolidar a cultura da violência que nos desumaniza a todos.

5 A essa cultura da violência há que se opor a cultura da paz. Hoje ela é imperativa.

6 É imperativa, porque as forças de destruição estão ameaçando, por todas as partes, o pacto social mínimo sem o qual regredimos a

níveis de barbárie. É imperativa porque o potencial destrutivo já montado pode ameaçar toda a biosfera e impossibilitar a continuidade do projeto humano. Ou limitamos a violência e fazemos prevalecer o projeto da paz ou conheceremos, no limite, o destino dos dinossauros.

7 Onde buscar as inspirações para a cultura da paz? Mais que imperativos voluntarísticos, é o próprio processo antropogênico a nos fornecer indicações objetivas e seguras. A singularidade do 1% de carga genética que nos separa dos primatas superiores reside no fato de que nós, à distinção deles, somos seres sociais e cooperativos. Ao lado de estruturas de agressividade, temos capacidades de afetividade, com-paixão, solidariedade e amorização. Hoje é urgente que desentranhemos tais forças para conferir rumo mais benfazejo à história. Toda protelação é insensata.

8 O ser humano é o único ser que pode intervir nos processos da natureza e co-pilotar a marcha da evolução. Ele foi criado criador. Dispõe de recursos de re-engenharia da violência mediante processos civilizatórios de contenção e uso de racionalidade. A competitividade continua a valer mas no sentido do melhor e não de destruição do outro. Assim todos ganham e não apenas um.

9 Há muito que filósofos da estatura de Martin Heidegger, resgatando uma antiga tradição que remonta aos tempos de César Augusto, vêem no cuidado a essência do ser humano. Sem cuidado ele não vive nem sobrevive. Tudo precisa de cuidado para continuar a existir. Cuidado representa uma relação amorosa para com a realidade. Onde vige cuidado de uns para com os outros desaparece o medo, origem secreta de toda violência, como analisou Freud. A cultura da paz começa quando se cultiva a memória e o exemplo de figuras que representam o cuidado e a vivência da dimensão de generosidade que nos habita, como Gandhi, Dom Hélder Câmara e Luther King e outros. Importa fazermos as revoluções moleculares (Guattari), começando por nós mesmos. Cada um estabelece como projeto pessoal e coletivo a paz enquanto método e enquanto meta, paz que resulta dos valores da cooperação, do cuidado, da com-paixão e da amorosidade, vividos cotidianamente.

Artigo disponível no site **http://www.leonardoboff.com/**.Último acesso em 18/02/2004. Originalmente publicado no *Jornal do Brasil* em 8 de fevereiro de 2002, p. 9.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
BIBLIOTECA CENTRAL

2. **Leia essa pequena biografia do autor do texto. Baseando-se nos dados da biografia e no título do texto, responda:**
Como você acha que o autor vai abordar o tema? Qual será sua posição?

Leonardo Boff (1938-) é teólogo e um dos principais formuladores da teologia da libertação, além de conferencista requisitado internacionalmente. É professor emérito de ética, de filosofia da religião e de ecologia na Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Dedica-se atualmente ao tema da ecologia e espiritualidade com vistas à construção de uma ecodemocracia integradora e planetária. Escreveu mais de 60 livros nas áreas de teologia, espiritualidade, ecologia, filosofia, antropologia e mística, dentre eles: *A oração de São Francisco. Uma mensagem de paz para o mundo atual; O destino do homem e do mundo; Ecologia — grito da Terra, grito dos povos; São Francisco de Assis: ternura e vigor.*

3. **Agora, você já pode reler o texto atentamente, buscando detectar as idéias colocadas pelo autor como sendo as mais relevantes, grifando-as e verificando se suas hipóteses sobre o texto se confirmam ou não.**

Procedimentos de compreensão de vocabulário

Assinale os procedimentos que você usou para compreender algumas das palavras ou partes mais difíceis do texto, exemplificando cada caso.

( ) procurar no dicionário;
( ) procurar a explicação da palavra no próprio texto, antes ou depois dela;
( ) ver como a palavra é formada: sufixos, prefixos etc.;
( ) outros: _____

O que é *processo antropogênico*? Como se pode deduzir seu significado a partir de índices do texto? *(7º parágrafo)* _____

Que palavras se relacionam com a palavra *voluntarístico*, que são da mesma família? *(7º parágrafo)* _____

O que significa *imperativos voluntarísticos*?

_____

Como você pode descobrir o seu significado?

_____

4. Leia o primeiro parágrafo e faça as atividades.

a. Resuma com suas próprias palavras o **fato** inicialmente constatado pelo autor.

_____

b. Dê os **exemplos** que o autor dá para comprovar que o fato é verdadeiro.

_____

c. Levante a **questão** que o autor vai discutir a partir da constatação desse fato. Sublinhe-a no texto.

_____

5. Que respostas são dadas a essa pergunta por Freud e pelo próprio autor? Tente verificar se as duas estão explícitas no texto ou se alguma delas pode ser inferida a partir do que é exposto. Indique o(s) parágrafo(s) em que essas respostas são dadas explícita ou implicitamente. Complete o quadro.

	RESPOSTA	PARÁGRAFOS
Freud		
Boff		

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
BIBLIOTECA CENTRAL

6. Releia os parágrafos 2, 3 e 4 e responda.

a. O autor apresenta três **argumentos** que podem ser usados para justificar a idéia de que é impossível chegarmos à cultura da paz. Quais são as expressões que indicam essa enumeração de argumentos?

_____

b. Quais são os três argumentos introduzidos por essas expressões? Resuma-os com suas próprias palavras.

_____

_____

7. Releia o sexto parágrafo e responda.

a) Quais são os argumentos usados pelo autor para justificar sua afirmação de que a construção da cultura da paz é absolutamente necessária?

_____

b) Qual é o conectivo que introduz esses argumentos?

_____

8. Leia o sétimo, o oitavo e o nono parágrafos.

a. Que pergunta o autor faz? Sublinhe-a no texto.

_____

b. Qual é o objetivo dessa pergunta?

( ) Introduzir os argumentos do autor a favor da idéia de que é possível construir uma cultura da paz.

( ) Introduzir argumentos contrários à idéia de que é possível construir uma cultura da paz.

( ) Introduzir exemplos da cultura dominante.

c. A partir de sua compreensão do texto inteiro, como podemos reformular essa pergunta em forma afirmativa?

d. Assinale a frase que melhor exprime e generaliza **os dois primeiros argumentos** que sustentam a idéia de que é possível construir uma cultura da paz.

( ) O ser humano tem 1% de carga genética que o separa dos primatas superiores.

( ) O ser humano tem, geneticamente, condições biológicas que favorecem a socialização, a cooperação e a criação, diferentemente dos animais.

( ) O ser humano é o único ser que pode intervir nos processos da natureza e influir na marcha da evolução.

e. Assinale a frase que melhor exprime e generaliza o **terceiro argumento** que sustenta a idéia de que é possível construir uma cultura da paz.

( ) Heidegger considera que a essência do ser humano é o cuidado, a relação amorosa com a realidade.

( ) A cultura da paz começa quando cultivamos figuras como Gandhi, Dom Hélder Câmara e Luther King.

( ) Do ponto de vista filosófico, podemos considerar que a essência do ser humano é o cuidado, que pode nos levar a vencer a violência.

f. Releia a **conclusão** mais geral a que o autor chega e indique qual é o seu objetivo maior com o texto.

( ) Levar o leitor a ter consciência dos processos da constituição humana.

( ) Levar o leitor a construir um projeto pessoal e coletivo para colaborar com a paz no mundo.

( ) Levar o leitor a cultuar heróis como Gandhi, Dom Hélder Câmara e Martin Luther King,

( ) Levar o leitor a se conscientizar de que a paz é possível

Concluindo...

A primeira etapa para se escrever um bom resumo é compreender o texto que será resumido. Auxilia essa compreensão o conhecimento sobre o autor, sua posição ideológica, seu posicionamento teórico etc. Também é preciso detectar as idéias que o autor coloca como sendo as mais relevantes, buscando, sobretudo quando se tratar de gêneros argumentativos (como artigos de jornal ou artigos científicos), identificar

✓ a questão que é discutida;
✓ a posição (tese) que o autor rejeita;
✓ a posição (tese) que o autor sustenta;
✓ os argumentos que sustentam ambas as posições e
✓ a conclusão final do autor.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
BIBLIOTECA CENTRAL

Para continuar a conversa...

Procure outros artigos em jornais ou revistas científicas e busque lê-los, utilizando as instruções dadas nesta seção.

A localização e explicitação das relações entre as idéias mais relevantes do texto

PARA COMEÇAR A CONVERSA...

A seguir, vamos trabalhar com a organização global do texto e com as relações entre as idéias centrais, pois, no resumo, devemos mostrar essa organização e reproduzir claramente essas relações, tais como se encontram no texto original.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
BIBLIOTECA CENTRAL

1. De acordo com as respostas dadas na seção anterior, complete o esquema abaixo.

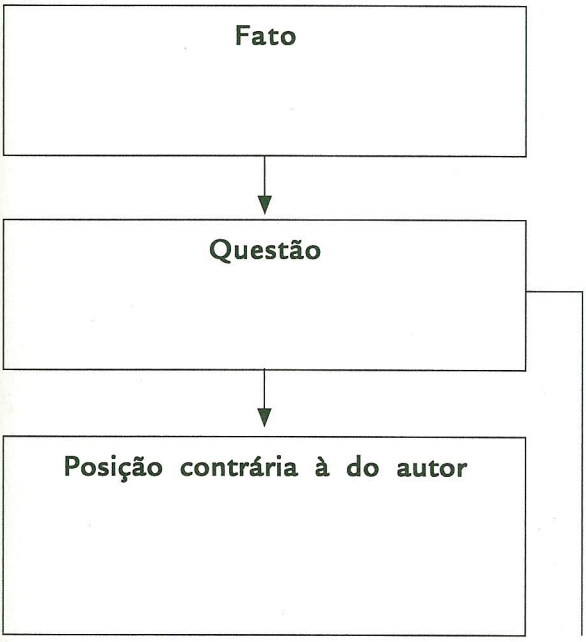

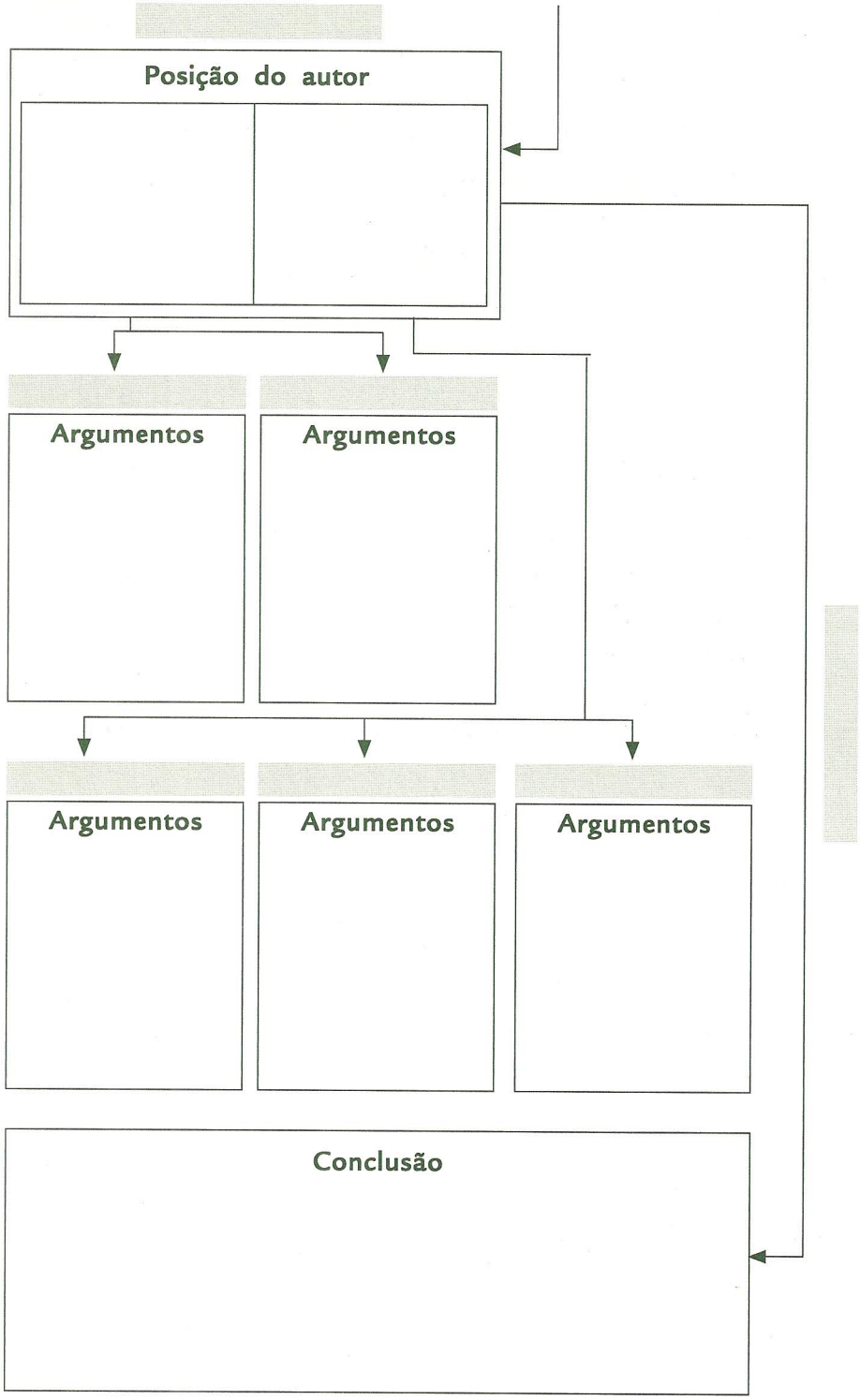
Posição do autor
Argumentos
Argumentos
Argumentos
Argumentos
Argumentos
Conclusão

2. **No esquema construído, por enquanto, você tem apenas as idéias mais relevantes. Entretanto, no resumo, como já foi dito, devemos manter as relações que o autor estabelece entre elas (de exemplificação, de causa/conseqüência, de explicação, de conclusão etc.). Uma das formas de indicar essas relações é o uso de conectivos ou organizadores textuais. Assim, utilize os conectivos abaixo para completar os sete quadros destacados no esquema, explicitando essas relações. Se necessário, retorne ao texto.**

Porque, portanto, mas

3. **Escolha outros conectivos que possam substituir os três conectivos do item anterior, para indicar:**
   - argumentos ou justificativas:
   - conclusões:
   - teses contrárias uma à outra:

4. **Agora, complete a tabela que segue com outros conectivos sugeridos no quadro.**

Logo — já que — no entanto — assim — entretanto — uma vez que — todavia — pelo fato de — devido a — apesar de — contudo — isso posto — ainda que — como — por isso — porém — assim sendo

Conectivos que indicam contraste entre idéias ou argumentos contrários	Conectivos que introduzem conclusões	Conectivos que introduzem argumentos, justificativas, causas

5. **Una as duas orações em um só período. Estabeleça as relações de diferentes formas usando os conectivos adequados. Siga o exemplo a.**

   a. *Paulo faltou à aula . Ele estava doente.*

   Paulo faltou à aula porque estava doente.
   Como Paulo estava doente, faltou à aula.
   Pelo fato de estar doente, Paulo faltou à aula.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
BIBLIOTECA CENTRAL

2. No esquema construído, por enquanto, você tem apenas as idéias mais relevantes. Entretanto, no resumo, como já foi dito, devemos manter as relações que o autor estabelece entre elas (de exemplificação, de causa/conseqüência, de explicação, de conclusão etc.). Uma das formas de indicar essas relações é o uso de conectivos ou organizadores textuais. Assim, utilize os conectivos abaixo para completar os sete quadros destacados no esquema, explicitando essas relações. Se necessário, retorne ao texto.

Porque, portanto, mas

3. Escolha outros conectivos que possam substituir os três conectivos do item anterior, para indicar:
   - argumentos ou justificativas:
   - conclusões:
   - teses contrárias uma à outra:

4. Agora, complete a tabela que segue com outros conectivos sugeridos no quadro.

Logo — já que — no entanto — assim — entretanto — uma vez que — todavia — pelo fato de — devido a — apesar de — contudo — isso posto — ainda que — como — por isso — porém — assim sendo

Conectivos que indicam contraste entre idéias ou argumentos contrários	Conectivos que introduzem conclusões	Conectivos que introduzem argumentos, justificativas, causas

5. Una as duas orações em um só período. Estabeleça as relações de diferentes formas usando os conectivos adequados. Siga o exemplo a.

a. *Paulo faltou à aula . Ele estava doente.*

Paulo faltou à aula porque estava doente.
Como Paulo estava doente, faltou à aula.
Pelo fato de estar doente, Paulo faltou à aula.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
BIBLIOTECA CENTRAL

b. Seu namoro foi proibido. As famílias eram inimigas.

c. As chuvas abriram muitos buracos na rua. A rua foi interditada.

d. O rio estava poluído. Os peixes conseguiram sobreviver.

6. Identifique os conectivos dos trechos de textos abaixo. Orientando-se por eles, complete as tabelas.

Texto 1

Não acredite em nenhum "método" ou (pior) "metodologia" para fazer crítica de textos — não porque os métodos ou as metodologias sejam intrinsecamente maus, mas simplesmente porque eles o impedem de pensar de modo independente e de desfrutar sua liberdade intelectual em uma dimensão de pensamento que não admita regularidades rígidas (adaptado de Hans Ulrich Gumbrecht, Crítica. IN: *Folha de S.Paulo*, Caderno Mais, domingo, 13 de outubro de 2002).

TESE	
Argumentos que sustentam a tese	
Conectivo que introduz os argumentos	

Texto 2

Uma pesquisa de comunicação descobriu que as pessoas tendem a ler, ouvir ou ver comunicações que apresentem pontos de vista do seu agrado e a evitar as demais. Dúzias de outras pesquisas revelam que as pessoas escolhem o material que combina com seus pontos de vista e interesses e evitam, amplamente, o que os contraria. A pesquisa também mostra que as pessoas "lembram" mais do material que apóia suas idéias do que daquele que as ataca. Finalmente, e sob certos aspectos de maneira relevante, também é seletiva a percepção ou interpretação. Por exemplo, os fumantes que leram artigos sobre fumo e câncer preocuparam-se menos que os não fumantes com a possibilidade de o fumo realmente provocar o câncer. Portanto, é óbvio que, se as pessoas procu-

ram evitar as comunicações coletivas que contrariam seu pontos de vista e interesse, se tendem a esquecer as que recebem e se, finalmente, alteram aquelas de que conseguem lembrar-se, não é provável que as comunicações coletivas possam lhes causar mudança de pontos de vista.

(adaptado de Joseph Klapper. 1964. "Os efeitos sociais da comunicação coletiva". In: *Panorama da comunicação coletiva*. Ed. Fundo de Cultura, São Paulo-Lisboa. pp. 64-67.)

TESE DO AUTOR	
Argumentos que sustentam a tese	
Conectivo que introduz a tese	

7. Identifique os organizadores textuais utilizados nos Resumos 1 e 2 da Seção 1. Agora, compare esses dois resumos em relação ao uso dos organizadores textuais. O que se pode concluir?

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
BIBLIOTECA CENTRAL

CONCLUINDO...

Para que o resumo seja claro e coerente, é preciso indicar as relações entre as idéias do resumo e explicitar as relações entre as idéias do texto. Para isso, utilizamos os organizadores textuais (ou conectivos) que melhor expressem as relações entre as idéias do texto original.

PARA CONTINUAR A CONVERSA...

Procure localizar — nos artigos que você já pesquisou para a seção anterior — os conectivos que unem as idéias do texto e substitua-os por outros semelhantes.

Menção ao autor do texto resumido

Para começar a conversa...

Um resumo é um texto sobre outro texto, de outro autor, e isso deve ficar sempre claro, mencionando-se freqüentemente o seu autor, para evitar que o leitor tome como sendo nossas as idéias que, de fato, são do autor do texto resumido.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
BIBLIOTECA CENTRAL

1. **Releia o Resumo 2 da Seção 1. Circule no texto as diferentes maneiras usadas para se referir ao autor.**

2. **A partir do que fez no exercício anterior, tire sua conclusão e complete os espaços.**

> Geralmente, iniciamos o resumo com o _____ do autor. Ao longo do resumo, podemos nos referir ao autor utilizando _____, _____, _____, _____.

3. **Complete as lacunas do texto seguinte, fazendo menção ao autor de diferentes formas.**

> ***Saturno nos Trópicos***, de Moacyr Scliar (Companhia das letras; 274 pp.; 29 reais) — Em seu novo livro, o _____ gaúcho Moacyr Scliar deixa a ficção de lado e investe em outra de suas especialidades: o ensaio. *Saturno nos Trópicos* é um estudo sobre a melancolia, e custou cinco anos de pesquisa ao escritor. Não se trata de uma obra difícil: ao contrário, sua linguagem é sempre acessível e envolvente. _____ enfoca o tema em vários momen-

tos históricos. Fala da Idade Média dos tempos da peste negra e da Renascença dos grandes avanços científicos. Mas seu objetivo é, sobretudo, compreender a melancolia à moda brasileira e traçar uma história dela. _____ examina a cultura nacional desde os primeiros tempos até o século XX — tratando de personagens como Jeca Tatu, de Monteiro Lobato, e Macunaíma, de Mário de Andrade.

4. **Releia o Resumo 1 da Seção 1 e verifique de que forma o autor do resumo se refere ao autor do texto original. Aponte os principais problemas que você pode observar.**

Concluindo...

Sintetize suas conclusões para evitar os problemas discutidos.

_____

_____

_____

_____

_____

Para continuar a conversa...

Procure diferentes tipos de resumos ou de resenhas em jornais e revistas e faça um levantamento das diferentes formas de se mencionar os autores dos objetos que são resumidos.

Atribuição de atos ao autor do texto resumido

PARA COMEÇAR A CONVERSA...

No resumo, o autor do texto original aparece como se estivesse realizando vários tipos de atos, que, freqüentemente, não estão explicitados no texto original. Você é que tem de interpretar esses atos usando o verbo adequado. Observe esse fenômeno, fazendo as atividades que seguem.

1. **Relacione os verbos abaixo com os atos que indicam:**
   ( ) define, classifica, enumera, argumenta.
   ( ) incita, busca levar a
   ( ) afirma, nega, acredita, duvida
   ( ) aborda, trata de
   ( ) enfatiza, ressalta
   a. posicionamento do autor em relação à sua crença na verdade do que é dito
   b. indicação do conteúdo geral
   c. organização das idéias do texto
   d. indicação de relevância de uma idéia do texto
   e. ação do autor em relação ao leitor

2. **Agora, releia o** *Resumo 2* **da Seção 1 e grife com dois traços os verbos que indicam os diferentes tipos de atos que são atribuídos ao autor.**

3. **Explique os significados dos seguintes verbos encontrados no Resumo 2 em relação a esses atos:**
   a. inicia:
   b. conclui:
   c. incitando-nos:

4. **Observe o exemplo em que destacamos os verbos utilizados para indicar diferentes atos do autor do texto resumido. Em seguida, leia os trechos e preencha os espaços dos resumos correspondentes com os verbos mais adequados, dentre os do quadro abaixo.**

apontar — definir — descrever — elencar — enumerar — classificar — caracterizar — dar características — exemplificar — dar exemplos — contrapor – confrontar — comparar — opor — diferenciar— começar — iniciar — introduzir — desenvolver – finalizar – terminar — concluir — pensar — acreditar – pensar – julgar — afirmar — negar – questionar — criticar — descrever — narrar — relatar — explicar — expor — comprovar — provar — defender a tese — argumentar — dar argumentos — justificar — dar justificativas — apresentar — mostrar — tratar de — abordar — discorrer — esclarecer — convidar — sugerir — incitar — levar a

Exemplo

Um amigo me disse:

– Não guarde nada para uma ocasião especial. Cada dia que se vive é uma ocasião especial.

Ainda estou pensando nestas palavras... já mudaram minha vida. Agora estou lendo mais e limpando menos. Sento-me no terraço e admiro a vista sem preocupar-me com as pragas. Passo mais tempo com minha família e menos tempo no trabalho. Compreendi que a vida deve ser uma fonte de experiências a desfrutar, não para sobreviver. Já não guardo nada. Uso meus copos de cristal todos os dias. Coloco uma roupa nova para ir ao supermercado, se me dá vontade. Já não guardo meu melhor perfume para ocasiões especiais, uso-o quando tenho vontade.
(Mensagem distribuída por e-mail)

Resumo

O autor ***relata*** o que um amigo lhe disse e ***mostra*** como as palavras desse amigo influenciaram sua vida, ***elencando*** diversas ações de seu cotidiano que ele ***realiza*** de forma diferente.

Trecho 1

Em 1948 e em 1976, as Nações Unidas proclamaram extensas listas de direitos humanos, mas a imensa maioria da humanidade só tem o direito de ver, ouvir e calar. Que tal começarmos a exercer o jamais proclamado direito de sonhar? Que tal delirarmos um pouquinho? Vamos fixar o olhar num ponto além da infâmia para adivinhar outro mundo possível:

— o ar estará livre do veneno que não vier dos medos humanos e das humanas paixões;

— nas ruas, os automóveis serão esmagados pelos cães;

— as pessoas não serão dirigidas pelos automóveis, nem programadas pelo computador, nem compradas pelo supermercado e nem olhadas pelo televisor.

(Eduardo Galeano, Fórum Social Mundial 2001. *Caros Amigos* 01/2000)

Resumo do trecho 1

O autor (_____) a contradição entre a existência de extensas listas de direitos humanos e o fato de a maioria da humanidade não ter nenhum. Diante disso, (_____) o leitor a sonhar com um mundo possível e (_____) algumas das características desse mundo.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
BIBLIOTECA CENTRAL

Trecho 2

Há três tipos de jornalistas:

1) o repórter, que escreve o que viu;
2) o repórter interpretativo, que escreve o que viu e o que ele acha que isso significa;
3) o especialista, que escreve a respeito do significado daquilo que não viu.

(adaptado de Elio Gaspari, *Folha de S.Paulo*, 13/09/1998)

Resumo do trecho 2

O autor (_____) os jornalistas em três tipos.

Trecho 3

Às vezes ainda se ouve por aí alguém dizendo que sexo sem amor não dá. Soa um tanto ingênua a alegação, meio fora de tempo, como um simca chambord atrasando o tráfego. Amor, o que é isso? Coisa mais anos 50... (...) O que se quer dizer, quase sempre, não é que sexo precisa de amor, mas que sexo precisa de narrativa.

(Eugênio Bucci, O melodrama e a gente, *Folha de S.Paulo*, 24/02/2002)

Resumo do trecho 3

O autor (_____) a afirmação corrente de que sexo sem amor não dá; questiona-a (ironicamente) e (_____) o seu sentido.

Trecho 4

(...) E resolvi escrever sobre essa antiga dualidade: sexo e amor. (...)

O amor tem jardim, cerca, projeto. O sexo invade tudo. Sexo é contra a lei, no fundo de tudo. O amor depende de nosso desejo, é uma construção que criamos. Sexo não depende de nosso desejo; nosso desejo é que é tomado por ele. Ninguém se masturba por amor. Ninguém sofre sem tesão. O sexo é um desejo de apaziguar o amor. O amor é uma espécie de gratidão *a posteriori* pelos prazeres do sexo.
(Arnaldo Jabor, Amor atrapalha o sexo. *O Estado de S. Paulo*, 29/08/2002)

Resumo do trecho 4

O autor (_____) sexo e amor, (_____) as características de cada um.

Trecho 5

Chat, pra quem não sabe, é um lugar onde fica uma porção de chatos, todos com pseudônimos (homem diz que é mulher e mulher vira homem) a te perguntar: você está aí? (Mário Prata, Chats e chatos pela Internet. *O Estado de S. Paulo*, 02/12/1998)

Resumo do trecho 5

O autor (_____) o chat de forma irônica.

Trecho 6

As obras mais significativas no campo da economia foram redigidas por especialistas de outras áreas. Adam Smith, por exemplo, tido como o "pai da economia", era um professor de filosofia moral.

Resumo do trecho 6

O autor (_____) que as obras mais importantes da economia são feitas por especialistas de outras áreas, (_____) com Adam Smith.

Trecho 7

Período de férias

O início do ano escolar no mês de fevereiro merece ser revogado, voltando à antiga praxe de começo das aulas em março. O carnaval geralmente cai em fevereiro e interrompe as aulas recém-iniciadas. O verão escaldante torna as aulas penosas e com baixo rendimento. Finalmente, as férias escolares comandam grande parte das férias dos trabalhadores. E as férias destes são motor do turismo, atividade geradora de empregos e riqueza para o País. (...) Portanto, há grande vantagem para todos na transferência do início das aulas para o mês de março.

Resumo do trecho 7

O autor (_____) a tese de que as aulas devem voltar a começar em março, (_____) os seguintes argumentos: o fato de que o carnaval normalmente cai em fevereiro, o fato de que o calor é forte e prejudica as aulas e o fato de que as férias dos trabalhadores, coincidindo com as escolares, são benéficas para a economia.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
BIBLIOTECA CENTRAL

Concluindo...

Escreva aqui suas conclusões sobre o que você estudou nesta seção

_____

_____

_____

_____

_____

Para continuar a conversa...

Procure resumos (ou resenhas) de livros em jornais e revistas, levante os verbos usados para indicar atos do autor e classifique-os de acordo com seu significado.

Recapitulação dos procedimentos para a produção do resumo

Para começar a conversa...

Nesta seção, recapitularemos os passos necessários para você escrever seu próprio resumo.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
BIBLIOTECA CENTRAL

1. **Discuta com seu professor e com os seus colegas tudo aquilo que você já sabe e é capaz de fazer para ser bem-sucedido nessa produção.**
2. **Agora é hora de você escrever um resumo seguindo os passos aprendidos. Leia o texto seguinte e faça um resumo escolar/acadêmico.**

Ciência em Dia

Truculência na internet

Marcelo Leite

editor de Ciência

A indústria fonográfica norte-americana —ou seja, mundial— deu um passo radical há duas semanas, quando iniciou 261 processos judiciais contra pessoas que baixaram da internet canções protegidas por direitos autorais. Pode ser um passo rumo ao abismo.

Antes que a coluna seja acusada de apologia do crime (atentado contra a propriedade de obras artísticas e intelectuais), é bom reafirmar inteiro apoio ao direito autoral. Nada parece mais correto do que fazer reverter para o artista ou para o intelectual o fruto de seu trabalho, ou que parte dele vá para pessoas e organizações que tenham auxiliado na distribuição dessas obras.

Na vida prática, porém, todo direito enfrenta limitações. No caso da mania de copiar músicas da internet, a primeira limitação é justamente de ordem prática: como processar todas as pessoas que fazem downloads? São milhões, provavelmente dezenas ou centenas de milhões de pessoas espalhadas pelo mundo.

Soa no mínimo arbitrário escolher a esmo 43 meias dúzias de indivíduos entre os que usam os recursos KaZaA, iMesh, Blubster, Grokster e Gnutella. São bodes expiatórios, escolhidos para dar um exemplo para lá de duvidoso.

Primeiro, de um ponto de vista mais probabilístico, porque não parece que vá ter muita eficácia. As chances de ser pego e processado ainda são minúsculas (da ordem de uma em 1 milhão, se houvesse pelo menos 261 milhões de internautas baixando músicas da rede). Só nos EUA estima-se em 60 milhões o total de "criminosos". Seria preciso entupir a Justiça com outros milhares de processos antes que a garotada hormonalmente inclinada à contestação de fato se intimidasse.

Depois, porque isso equivale a cutucar a onça com vara curta. A medida tornará os produtores e fabricantes de discos ainda mais impopulares do que já são entre jovens, seus futuros e atuais consumidores. Se você duvida e tem uma adolescente conectada por perto, pergunte a ela o que pensa do preço dos CDs.

"Ninguém gosta de bancar o truculento e ter de recorrer a processos", disse ao jornal "The New York Times" Cary Sherman, presidente da Associação da Indústria Fonográfica dos Estados Unidos. Para ele, a Justiça se tornou o único meio de frear uma atividade ilegal que está causando muitos prejuízos.

É verdade que os empresários foram espertos, indo atrás daqueles usuários que participam ativamente da distribuição de músicas e não tanto dos que só fazem a sua copiazinha para ouvir. Parece que estão seguindo à risca o ensinamento da recém-nascida ciência das redes, que manda atacar os mais conectados para derrubar uma rede inteira.

O problema que a indústria desconsidera é que a maioria dos "criminosos" não faz isso para ganhar dinheiro, mas para se divertir. Baixar músicas da internet já se tornou uma prática social, um costume, uma forma de cultura. Tentar impedir isso aparece como censura. Tudo indica que a popularização dos computadores e a crescente conexão das pessoas permitida pela internet tornarão cada vez mais difícil controlar a cópia e o intercâmbio de produtos culturais —discos ou livros, filmes ou fotografias.

Está mais do que na hora de os gênios do marketing queimarem seus miolos, tão criativos, para inventar uma forma de ganhar dinheiro com as novas redes —como elas são. Não vão conseguir enfiá-las no figurino acanhado do mercado nutrido com bolachas negras de vinil.

@→ **E-mail: cienciaemdia@uol.com.br**

Avalie você mesmo

Para começar a conversa...

Releia seu resumo e avalie-o, levando em conta as questões da ficha de avaliação que segue abaixo. Refaça-o a partir dessa avaliação. Utilize essa ficha toda vez que fizer um resumo.

Ficha de auto-avaliação

1. O texto está adequado ao objetivo de um resumo acadêmico/escolar?
2. O texto está adequado ao(s) destinatário(s)? (ou seja, a seu professor?)
3. O texto transmite a imagem que você quer passar de si mesmo? (isto é, a imagem de quem leu e compreendeu adequadamente o texto original?)
4. Todas as informações que o autor do texto original coloca como sendo as mais relevantes estão expressas no seu resumo? (principalmente a questão que está sendo discutida, a posição do autor e seus argumentos?)
5. No início do resumo há uma indicação clara do título e do autor do texto resumido?

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
BIBLIOTECA CENTRAL

6. As relações entre as idéias do texto original estão claramente explicitadas por conectivos e verbos adequados?
7. Fica claro de quem são as idéias resumidas, mencionando-se o seu autor, de diferentes formas?
8. O resumo pode ser compreendido em si mesmo por um leitor que não conhece o texto original?
9. A seleção lexical (vocabulário utilizado) está adequada ao gênero?
10. Não há problemas de pontuação, frases incompletas, erros gramaticais, ortográficos etc.?

Outras questões

Acrescente outras questões a essa ficha com base nas conclusões particulares tiradas das atividades anteriores e das discussões em aula.

Para continuar a conversa...

Troque o seu resumo com o de um colega. Cada um deve avaliar o resumo do outro de acordo com a ficha.

Bibliografia para consulta

PAES de BARROS, A. R. M. 1989. O processo de sumarização na leitura. *Letras cotidianas*, 1, FEC do ABC, São Caetano do Sul: 27-32.

PAES de BARROS, A. R. M. & ROJO, R. H. 1984. Convergência e divergência em leitura: reflexões sobre uma análise de resumos. *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, 4, IEL, UNICAMP: 47-61.

PAES de BARROS, A. R. M. 1985a . A semântica argumentativa e as estratégias de compreensão na leitura. *Cadernos Distúrbios da Comunicação,* 2, PUC/SP: 69-98.

PAES de BARROS, A. R. M. 1985b. Estrategicamente falando de estratégias. *Trabalhos em Lingüística Aplicada* 5-6, IEL, UNICAMP, Campinas: 25-39.

MACHADO, A . R. 2002. Revisitando o conceito de resumos. In DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A . *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna: 138-150.

MATENCIO, M. L. M. 2002. Atividades de (re)textualização em práticas acadêmicas: um estudo do resumo. *Scripta*, vol 6, n° 11 Belo Horizonte: PUC Minas: 109-122.

SILVA, J. Q. G.; MATA, M. A .da. 2002. Proposta tipológica de resumos: um estudo exploratório das práticas de ensino da leitura e da produção de textos acadêmicos. *Scripta*, vol 6, n° 11 Belo Horizonte: PUC Minas: 123-133.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
BIBLIOTECA CENTRAL

N.Cham. 808.066 R436r 7. ed.
Título: Resumo / .

314263
169395

Ex.5 UFPA BC

Seção 1. O gênero resumo escolar/acadêmico

1. (x) Resumo 2

2. a; c; d; e; f; h; i; j

Seção 2. O gênero resumo escolar/acadêmico e outros gêneros

1.

(5) resumos de filme
(4) resumo (introdutório a artigo científico) ou *abstract*.
(6) resumo de livro
(1) crítica de filme
(3) resenha crítica de livro
(2) quarta capa (ou contracapa) de livro

2.

	TEXTO 1	TEXTO 2	TEXTO 3	TEXTO 4	TEXTO 5	TEXTO 6
Autor	Não explicitado	Não explicitado	Não explicitado	Anna Rachel Machado	Não explicitado	Manuela Aquino
Função social do autor	Jornalista especializado em cinema	Especialista em literatura e/ou divulgação de livro	Jornalista especializado em literatura	Pesquisador	Jornalista especializado em cinema	Jornalista especializado em literatura
Imagem que o autor tem de seu destinatário	Destinatário que costuma ver filmes pela TV a cabo	Freqüentador de livrarias, amante de romances que não conhece o livro.	Destinatário interessado em literatura em geral	Outros pesquisadores da área	Destinatário que não viu um dos dois ou os dois filmes anteriores ao terceiro da série e que se interessa por cinema	Destinatário que não leu o livro
Locais e/ou veículos onde possivelmenteo texto circulará	*Monet*. A sua revista da Net. Ed. Globo Fev/2004	O próprio livro	Revista *Veja* de 28 de maio de 2003	The *ESP*	*Folha de S. Paulo*	Revista *História* de julho 2003
Momento possível da produção	Imediatamente anterior à data de publicação	Imediatamente anterior à edição do livro	Imediatamente anterior à edição da revista	Anterior à publicação do artigo	Na época do lançamento do terceiro filme	Anterior à publicação da revista
Objetivo do autor do texto	Dar as informações centrais mínimas sobre o filme e convencer o destinatário a assistir ao filme	Incitar o leitor a comprar o livro	Incitar o leitor a ler o livro	Dar informações centrais mínimas sobre as diferentes parte do artigo	Dar informações centrais mínimas sobre os dois filmes	Dar informações centrais mínimas sobre o livro

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
BIBLIOTECA CENTRAL

3. O objetivo dos resumos é apenas o de dar as informações centrais mínimas sobre os textos, enquanto o objetivo dos demais é convencer o leitor a ler/comprar o livro ou assistir ao filme, além de dar as informações.

4.

Autor do resumo	**aluno**
Destinatário	professor (que já conhece o texto a ser resumido)
Local onde o texto circulará	escola
Objetivo do autor do resumo	fornecer as idéias colocadas como sendo as mais importantes pelo autor do texto lido; mostrar uma compreensão do texto lido para ser avaliado posteriormente.

Para continuar a conversa...
Podemos encontrar informações resumidas em diferentes gêneros de textos (currículos, reportagens, artigos de opinião, cartas, conversas, relatórios de pesquisa etc.).

Seção 3. Sumarização: processo essencial para a produção de resumos

1.
(a) Apagamento de conteúdos facilmente inferíveis a partir de nosso conhecimento de mundo.
(b) Apagamento de seqüências de expressões que indicam sinonímia ou explicação.
(h) Apagamento de exemplos.
(d; c) Apagamento das justificativas de uma afirmação.
(g) Apagamento de argumentos contra a posição do autor.
(e) Reformulação das informações, utilizando termos mais genéricos. (ex: homem, gato, cachorro□□ mamíferos)
(f) Conservação de todas as informações, dado que elas não são resumíveis.

a. *Maria era uma pessoa muito boa.*
Observação: **a oração "gostava de ajudar as pessoas" é facilmente inferível da anterior, devido a nosso conhecimento de mundo.**

b. *Discutiremos a construção de textos argumentativos.*
Observação: a oração introduzida por "isto é" é explicação de "textos argumentativos" e, portanto, pode ser excluída.

c. *Não corra tanto com seu carro.*
Observação: as orações seguintes são justificativas. Observe o conectivo "pois".

d. *O principal suspeito do assassinato era o marido.*
Observação: **as orações que vêm depois dos dois pontos são explicações ou justificativas da primeira. Observe que há um "pois" ou "porque" implícito: "(pois) era ciumento e não tinha um álibi (...)"**

e. *De manhã, cuidou da casa; à tarde, foi ao banco e, à noite, trabalhou.*
Observação: **só é possível resumir, reformulando as orações e utilizando termos mais genéricos.**

f. *O Iluminismo ataca as injustiças, a intolerância religiosa e os privilégios típicos do Antigo Regime.*
Observação: **Não é possível resumir.**

g. Nada justifica tirar a vida de nosso semelhante.
Observação: **em períodos ligados por "mas", o segundo período é o que indica a posição do autor. No caso, a oração inicial dá um argumento contrário à posição do autor, argumento a favor da implantação da pena de morte.**

h. No resumo de uma narração, podem-se suprimir as descrições de lugar, de tempo, de pessoas ou de objetos, se elas não são condições necessárias para a realização da ação.
Observação: **O exemplo foi eliminado. Observe o conectivo "por exemplo".**

2.

a) Ao longo da evolução da humanidade, dois objetivos maiores do homem consolidaram o ideal democrático: a liberdade e a igualdade. No entanto, a perseguição desses valores não se desenvolveu de forma pacífica.
Observação: **evidentemente, outros resumos seriam possíveis. Observe, entretanto, que, em nossa resposta, foram apagadas as explicações ("valores que foram traduzidos como objetivos maiores dos seres humanos em todas as épocas") e o que é facilmente inferível a partir de nosso conhecimento de mundo: se não houve avanço de forma pacífica, evidentemente houve guerras, revoluções etc. Por outro lado, o menor resumo possível seria a afirmação contida na oração introduzida por "mas" (veja item "g" da atividade anterior): "os avanços e as conquistas populares em direção à liberdade e à igualdade nem sempre se desenvolveram de forma pacífica".**

b) A cultura indígena se diferencia de outras sociedades porque não apresenta desníveis econômicos nem normas que estabeleçam privilégios de mandante do grupo. A função de cacique é mais de conselheiro, e essa condição é dada àquele que tem uma linhagem lendária.
Observação: **Conservamos a idéia contida na oração introduzida por "porém" e a idéia de mesmo valor que é adicionada no primeiro período do parágrafo seguinte (essa adição se manifesta no uso de "também").**

c) Ética e moral, na verdade, não são sinônimos. A ética é uma parte da filosofia que considera concepções e valores que orientam pessoas e sociedades. A moral trata da prática real das pessoas que se expressam por costumes, hábitos e valores aceitos.
Observação: **conservamos a idéia contida na oração introduzida por "mas" e as justificativas essenciais da afirmação.**

Concluindo...
Para sumarizar, antes de mais nada, é necessário compreender o texto original. É preciso identificar a idéia principal e as secundárias. Podemos eliminar, sempre que possível, exemplos, sinônimos, explicações e justificativas e efetuar generalizações. Freqüentemente, alguns conectivos, como *mas, isto é, porém, portanto, porque* auxiliam essa identificação e podem orientar os processos de sumarização.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
BIBLIOTECA CENTRAL

Seção 4. A influência dos objetivos na sumarização

2.

PARA UM POSSÍVEL COMPRADOR DA CASA	PARA UM ASSALTANTE	PARA SEU PROFESSOR
casa grande e arborizada jardim bem cuidado e grande parede revestida de pedra e com lareira garagem com acesso interno à casa sala de estar recém-pintada lavabo	arbustos escondem a entrada da casa grande a porta lateral fica sempre aberta 3 bicicletas na garagem casa isolada lareira	Arbustos escondem a entrada da casa jardim bem cuidado e grande casa grande e isolada parede lateral revestida de pedras e com lareira portas na frente e atrás e porta lateral

casa isolada escritório 3 quartos (2 suítes) 1 banheiro no corredor banheiro da suíte principal revestido de mármore *closet*	porcelana, prata e cristais, coleções de selo e moedas raras, muitas roupas; cofre com jóias no *closet*; televisão com Atari num dos quartos banheiro da suíte principal revestido de mármore	de acesso à garagem sala de estar recém-pintada 1º andar recém-pintado sala de jantar cozinha lavabo úmido e mofado encanamento do lavabo arrebentado escritório 3 quartos no andar superior (2 suítes) *closet* com cofre 1 banheiro no corredor e o banheiro da suíte principal é revestido de mármore

3. As descrições devem ser adequadas ao objetivo de cada destinatário. Para um possível comprador, ocultam-se os problemas da casa ("encanamento arrebentado, lavabo úmido e mofado") e salientam-se as qualidades. Para o ladrão, mencionam-se as qualidades que dão a idéia de uma casa grande e cheia de riqueza, além de dicas para facilitar a entrada na casa ("porta lateral fica sempre aberta"). Para o professor, todas as informações são importantes, inclusive aquelas que não entraram nas descrições anteriores ("encanamento arrebentado, lavabo úmido e mofado", por exemplo).

Concluindo...
No caso do resumo escolar/acadêmico, quem é o destinatário do texto?*O professor.* Qual o objetivo desse leitor-destinatário?*Verificar se o aluno entendeu o texto, se conseguiu retirar as informações menos importantes e deixar as principais e se conseguiu fazer um resumo adequado à situação escolar.* Portanto, tendo em vista esse destinatário e esse objetivo, assinale a alternativa correta:*(x) o leitor já conhece o texto, mas é necessário dar as informações centrais para que ele possa avaliar a sua compreensão global do texto.*

Seção 5. A compreensão global do texto a ser resumido

1.
a) o gênero de texto: *artigo de opinião*
b) o meio de circulação: *internet e jornal*
c) o autor: *Leonardo Boff*
d) a data de produção: *2002*
e) o tema: *o próprio título indica o tema: cultura da paz.*

2. Sendo o autor teólogo e preocupado com questões éticas, filosóficas e ecológicas e de acordo com o título do artigo e de suas obras, o autor vai provavelmente argumentar a favor da construção de uma cultura da paz.

3.
Procedimentos de compreensão de vocabulário
Assinale os procedimentos que você usou para compreender algumas das palavras ou partes mais difíceis do texto, exemplificando cada caso.

(respostas livres)

O que é *processo antropogênico*? Como se pode deduzir seu significado a partir de índices do texto? *(7º parágrafo)*
Processo antropogênico significa processo referente à origem e evolução do ser humano. Podemos deduzir esse significado a partir de dois processos: a decomposição da própria palavra (antropo - gênico) e a partir da oração seguinte que apresenta um dos aspectos desse processo (a diferenciação genética do homem em relação aos primatas superiores).

Que palavras se relacionam com a palavra *voluntarístico*, que são da mesma família? *(7º parágrafo)*
Vontade, voluntarioso.

O que significam *imperativos voluntarísticos?*
Imposições da vontade do homem.

Como você pode descobrir o seu significado?
Relacionando a expressão com as idéias do parágrafo anterior e buscando palavras da mesma família.

4.

a. *Vivemos hoje numa cultura de poder, violência e dominação.*

b. As festas nacionais e heróis estão ligados a feitos de guerra e violência; os meios de comunicação valorizam a violência, através de filmes como os de Schwarzenegger; algumas profissões como a de militar, banqueiro e especulador são mais valorizadas do que outras, como o poeta, o filósofo e o santo.

c. É possível controlar ou superar a violência?

5.

	RESPOSTA	PARÁGRAFOS
Freud	É impossível aos homens controlar totalmente o instinto de morte	1
Boff	A essa cultura de violência há que se opor a cultura da paz	5

6.

a. *A primeira delas, em segundo lugar, em terceiro lugar.*

b.

1. A história do universo e da humanidade é uma história de violência, explosão, dizimação;
2. Vivemos em uma cultura patriarcal que originou a dominação do homem sobre a mulher e criou uma série de instituições que têm como base a violência;
3. *A cultura patriarcal elegeu a guerra como possibilidade de resolver conflitos.*

7.

a) *As forças de destruição estão impossibilitando o pacto social. O potencial destrutivo que temos hoje pode destruir o mundo.*

b) *Porque.*

8.

a. *Onde buscar as inspirações para cultura da paz?*

b.

(x) Introduzir os argumentos do autor a favor da idéia de que é possível construir uma cultura da paz.

c. Podemos encontrar argumentos para a idéia de que é possível construir uma cultura da paz.

d.

(x) O ser humano tem, geneticamente, condições biológicas que favorecem a socialização, a cooperação e a criação, diferentemente dos animais.

e.

(x) Do ponto de vista filosófico, podemos considerar que a essência do ser humano é o cuidado que pode nos levar a vencer a violência.

f.

(x) Levar o leitor a construir um projeto pessoal e coletivo para colaborar com a paz no mundo.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
BIBLIOTECA CENTRAL

Seção 6. A localização e explicitação das relações entre as idéias mais relevantes do texto

1. e 2.

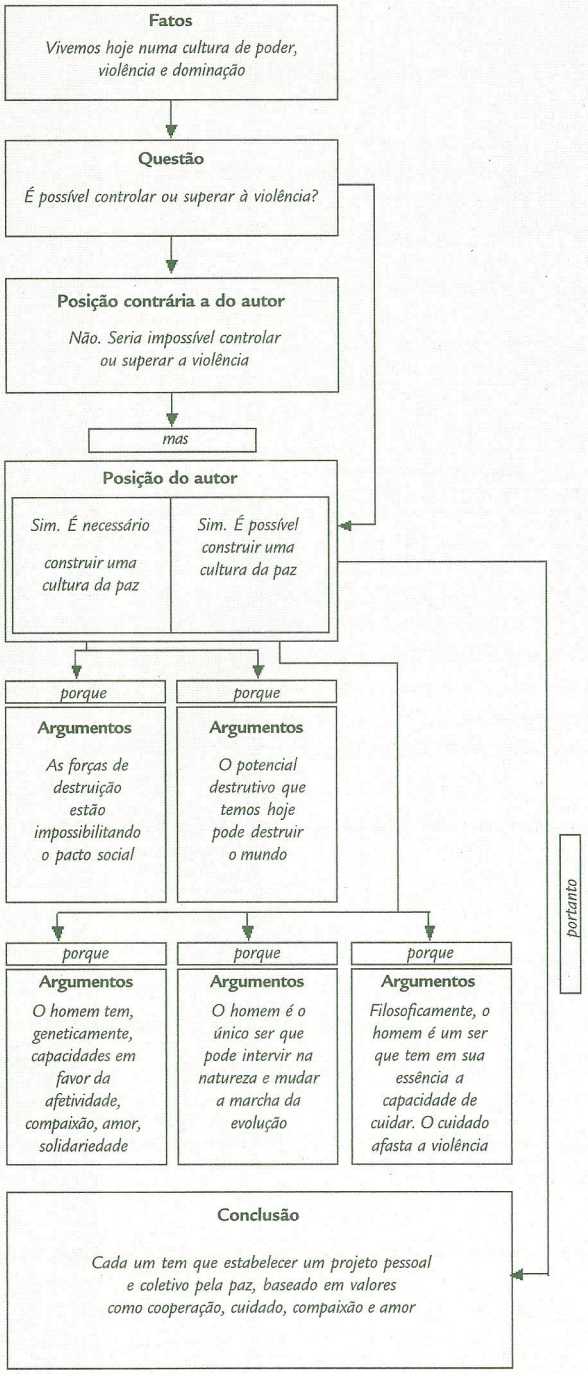

3.

- Para indicar argumentos ou justificativas: *já que; pois; uma vez que.*
- Para indicar conclusões: *assim; assim sendo.*
- Para indicar teses contrárias uma à outra: *no entanto; entretanto.*

4.

Conectivos que indicam contraste entre idéias ou argumentos contrários	**Conectivos que introduzem conclusões**	**Conectivos que introduzem argumentos, justificativas causas**
No entanto *Entretanto* *Todavia* *Apesar de* *Ainda que* *Porém* *Contudo*	*Logo* *Assim* *Assim sendo* *Isso posto*	*Já que* *Uma vez que* *Pelo fato de* *Devido a* *Por isso* *Como*

5.

b. Seu namoro foi proibido. As famílias eram inimigas.
Uma vez que as famílias eram inimigas, seu namoro foi proibido.
Devido à inimizade entre as famílias, seu namoro foi proibido.
As famílias eram inimigas. Logo, seu namoro foi proibido.

c. As chuvas abriram muitos buracos na rua. A rua foi interditada.
As chuvas abriram muitos buracos na rua. Por isso, a rua foi interditada.
Pelo fato de as chuvas terem aberto muitos buracos na rua, ela foi interditada.

d. O rio estava poluído. Os peixes conseguiram sobreviver.
Apesar da poluição do rio, os peixes conseguiram sobreviver.
Ainda que o rio estivesse poluído, os peixes conseguiram sobreviver.
O rio estava poluído. Porém, os peixes conseguiram sobreviver.

6.

Texto 1

TESE	*Não acredite em nenhum "método" ou (pior) "metodologia" para fazer crítica de textos*
Argumentos que sustentam a tese	*porque eles o impedem de pensar de modo independente e (porque eles o impedem) de desfrutar sua liberdade intelectual em uma dimensão de pensamento que não admita regularidades rígidas.*
Conectivo que introduz os argumentos	*"mas porque". O que é introduzido por "mas" é o que é aceito pelo autor. "Não porque" introduz um argumento possível, mas negado.*

Texto 2

TESE DO AUTOR	*Não é provável que as comunicações coletivas (sempre) possam causar mudança de pontos de vista (introduzida por "portanto").*
Argumentos para a tese	*Uma pesquisa de comunicação descobriu que as pessoas tendem a ler ouvir ou ver comunicações que apresentem pontos de vista do seu agrado e a evitar as demais. Dúzias de outras pesquisas revelam que as pessoas escolhem o material que combina com seus pontos de vista e interesses e evitam, amplamente, o que os contraria. A pesquisa também mostra que as pessoas "lembram" mais do material que apóia suas idéias do que daquele que as ataca. Finalmente, e sob certos aspectos de maneira relevante, também é seletiva a percepção ou interpretação.*
Conectivo que introduz a tese	*portanto*

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
BIBLIOTECA CENTRAL

7.

Organizadores textuais utilizados no Resumo 1: *em segundo lugar; por exemplo.*

Organizadores textuais utilizados no Resumo 2: *diante disso; pois; mas; pois; pelo fato de; a partir dessas.*

No Resumo 1, não se expressa a relação das idéias estabelecidas pelo autor do texto original através de organizadores textuais. No Resumo 2, essas relações são recuperadas.

Seção 7. Menção ao autor do texto resumido

1. Leonardo Boff; o autor; ele; Boff; o teólogo.

2.

Geralmente, iniciamos o resumo com o *nome completo* do autor. Ao longo do resumo, podemos nos referir ao autor utilizando *seu sobrenome, pronomes, sua profissão, a expressão "o autor".*

3.

Saturno nos Trópicos, de Moacyr Scliar (Companhia das letras; 274 pp.; 29 reais) — Em seu novo livro, o ***escritor*** gaúcho Moacyr Scliar deixa a ficção de lado e investe em outra de suas especialidades: o ensaio. *Saturno nos Trópicos* é um estudo sobre a melancolia, e custou cinco anos de pesquisa ao escritor. Não se trata de uma obra difícil: ao contrário, sua linguagem é sempre acessível e envolvente. ***Scliar*** enfoca o tema em vários momentos históricos. Fala da Idade Média dos tempos da peste negra e da Renascença dos grandes avanços científicos. Mas seu objetivo é, sobretudo, compreender a melancolia à moda brasileira e traçar uma história dela. ***O autor*** examina a cultura nacional desde os primeiros tempos até o século XX — tratando de personagens como Jeca Tatu, de Monteiro Lobato, e Macunaíma, de Mário de Andrade.

4. *O autor do resumo começa com o pronome "ele". Como não há menção anterior ao autor do texto resumido, não se sabe quem é "ele". Além disso, tem-se a impressão de que é o escritor do resumo que fala, e não Leonardo Boff: a voz de Boff desaparece ao longo do texto. Falta conexão entre os parágrafos, uma vez que ora se coloca o dizer de Boff, ora se colocam as idéias como se fossem do autor do resumo.*

Concluindo...

É preciso retomar o que o autor diz, fazendo referência a ele de maneiras diferentes. É necessário assegurar a coesão entre os parágrafos. Não podemos colocar nossa opinião nem acrescentar elementos que não estejam no texto original.

Seção 8. Atribuição de atos ao autor do texto resumido

1.

(c) define, classifica, enumera, argumenta.
(e) incita, busca levar a
(a) afirma, nega, acredita, duvida
(b) aborda, trata de
(d) enfatiza, ressalta

2. *inicia; apontando; levanta a questão; apresenta; reconhecendo; considera que; definido; conclui; incitando-nos.*

3.

a. inicia: *indica a organização das idéias do texto*
b. conclui: *indica a organização das idéias do texto*
c. incitando-nos: *indica a ação do autor em relação ao leitor.*

4.

Resumo do trecho 1

O autor (***aponta***) a contradição entre a existência de extensas listas de direitos humanos e o fato de a maioria da humanidade não ter nenhum. Diante disso, (***convida***) o leitor a sonhar com um mundo possível e (***elenca***) algumas das características desse mundo.

Resumo do trecho 2

O autor (***enumera***) os jornalistas em três tipos.

Resumo do trecho 3

O autor (***apresenta***) a afirmação corrente de que sexo sem amor não dá; questiona-a (ironicamente) e (***esclarece***) o seu sentido.

Resumo do trecho 4

O autor (***confronta***) sexo e amor, (***apresentando***) as características de cada um.

Resumo do trecho 5

O autor (***define***) o *chat* de forma irônica.

Resumo do trecho 6

O autor (***afirma***) que as obras mais importantes da economia são feitas por especialistas de outras áreas, (***exemplificando***) com Adam Smith.

Resumo do trecho 7

O autor (***defende a tese***) de que as aulas devem voltar a começar em março (***dando os seguintes argumentos***): o fato de que o carnaval normalmente cai em fevereiro, o fato de que o calor é forte e prejudica as aulas e o fato de que as férias dos trabalhadores, coincidindo com as escolares, são benéficas para a economia.

Concluindo...

É necessário interpretar os atos do autor do texto a ser resumido e utilizar, no resumo, verbos adequados que traduzam tais atos.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
BIBLIOTECA CENTRAL

Anna Rachel Machado é professora do Programa de Estudos Pós-graduados em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem da PUC/SP, pelo qual se doutorou. Fez estágios de pós-doutorado na Universidade de Genebra e no Instituto de Formação de Professores de Marselha e vem atuando como professora-convidada dessas duas instituições. Desenvolve pesquisas e de assessoria a instituições de ensino, enfocando a caracterização de gêneros de texto para a produção e avaliação de material didático. É autora do livro *O diário de leituras: a introdução de um novo instrumento na escola* e co-autora dos livros *Resumo*, *Resenha* e *Planejar gêneros acadêmicos*, pertencentes à Coleção "Leitura e produção de textos técnicos e acadêmicos", da qual é também coordenadora. Organizou a obra *O ensino como trabalho* e co-organizou *Gêneros textuais & Ensino* e *Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano*. Traduziu a obra *Atividade de linguagem, textos e discursos*, de J.-P. Bronckart. Atualmente, desenvolve e orienta pesquisas que enfocam as relações entre linguagem e trabalho do professor, em uma perspectiva transdisciplinar. É líder do Grupo de Pesquisa ALTER – Análise de Linguagem, Trabalho, Educação e suas Relações (CNPq) e colaboradora do projeto de pesquisa do Grupo LAF (Langage – Action - Formation), da Universidade de Genebra.

Eliane Lousada é doutora pelo programa de Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL) da PUC-SP. Atua no campo da educação há mais de dez anos e participou de vários grupos de elaboração de atividades, livros didáticos e paradidáticos, na área de línguas estrangeiras e de língua materna, grupos que têm como preocupação o ensino de gêneros na perspectiva do interacionismo sociodiscursivo. Seus estudos atuais concentram-se na área da análise dos discursos produzidos em situações de trabalho educacional.

Lília Santos Abreu-Tardelli é doutora e mestre em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL) da PUC-SP, e é graduada em Letras pela UNICAMP. Participante do grupo de pesquisa ALTER- CNPq (Análise de Linguagem, Trabalho Educacional e suas Relações), é co-autora de livros didáticos e paradidáticos de língua inglesa e portuguesa e autora de artigos referentes ao ensino de línguas e ao trabalho educacional. É professora de língua portuguesa do CEFET-SP (Centro Federal de Educação Tecnológica de São Paulo), de língua inglesa da FECAP (Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado) e de curso de extensão da COGEAE (Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão) da PUC/SP.

Essa coleção tem como objetivo suprir a falta de material didático para a produção dos gêneros textuais utilizados na escola e no meio universitário. Ela se inicia com o material referente à produção do *resumo acadêmico/escolar*, que apresenta características semelhantes às de outros resumos produzidos em outras esferas, mas que também guarda suas diferenças.

Ao escolher o gênero *resumo* para iniciar a coleção, assumimos que ele é um dos mais importantes nas atividades escolares e acadêmicas, sendo pedido constantemente pelos professores aos alunos das mais diferentes disciplinas. Assumimos também que as capacidades necessárias para a produção desse gênero são também indispensáveis para outros gêneros acadêmicos, tais como a resenha, os artigos, os relatórios etc., que serão abordados posteriormente.

As atividades foram preparadas com base nas mais recentes pesquisas sobre o ensino-aprendizagem de produção de textos e sobre as características do gênero em foco. Com isso, conseguimos abranger grande parte dos procedimentos envolvidos na produção de resumos escolares, desde a clarificação inicial de seu contexto de produção até a sua avaliação e revisão final.

ISBN 978-85-88456-29-7

9 788588 456297

RESUMO PARA CONCURSO PROFESSOR

TEÓRICOS DA EDUCAÇÃO

TEORIA DE HENRI WALLON

Wallon era médico, psicólogo e filósofo francês. Nasceu em 1872 e morreu em 1962. Membro da escola soviético, teórico humanista, propõe o desenvolvimento intelectual dentro de uma cultura humanista.

Possue uma origem baseada na psicogenética e no interacionismo. A sua psicogenética, “como diz Heloysa Dantas, professora da USP e uma das autoras do livro Piaget, Vygotsky e Wallon—Teorias Psicogenéticas em Discussão, atribui a Psicologia um tratamento histórico (genético), neurofuncional, multidimensional e comparativo, tendo como ponto de partida a observação de casos patológicos. O grande êxito dessa teoria é a questão da motricidade, que para Wallon, motor é sempre sinônimo de psicomotor. A psicogênese de Wallon se confunde com a psicogênese da pessoa e a patologia do movimento com a patologia da personalidade”.

O desenvolvimento intelectual envolve não só o cérebro, mas também sua emoção. Emoção, movimento e espaço físico se confundem na sala de aula. Wallon foi o primeiro a levar não só o corpo da criança, mas também suas emoções para dentro da sala de aula. As emoções têm papel importante no desenvolvimento da pessoa. É por meio delas que o aluno exterioriza seus desejos e suas vontades. Na sua teoria, Wallon propunha uma educação integral, intelectual, afetiva e social, indo desde da pré-escola até a universidade. Ele também tinha uma grande preocupação com a formação dos valores éticos e morais, pois acreditava ser a escola o espaço ideal para se criar condições e se desenvolver valores e aptidões.

O teórico achava que as aptidões se desenvolviam e se cultivavam em contato com a cultura. Uma aptidão só se manifesta se encontrar ocasião favorável e objetos que lhe respondam. Para ele. O ser humano é geneticamente social, isto é, sua estrutura orgânica supõe a intervenção da cultura para atualizar-se.

Para Wallon existem quatro elementos que explicam a passagem do orgânico para o psíquico: a emoção, a imitação, a motricidade e o social.

Wallon criou juntamente com o físico Paul Langevin, um projeto que sistematizou e sugeriu etapas consecutivas que priorizassem aspectos e necessidades especificas de cada faixa etária, respeitando o desenvolvimento afetivo, cognitivo de socialização e maturação biológica de cada individuo. O homem é um ser de predisposição genética para a vida social, a qual servirá de amparo a sua sobrevivência. Assim ele acreditava na relação individuo/sociedade e suas dimensões afetivas. Na sua psicogenética, a dimensão afetiva ocupa lugar central, tanto do ponto de vista da construção da pessoa quanto do conhecimento. Afetividade, por essa perspectiva, não é apenas uma das dimensões das pessoas. Ela é também uma fase do desenvolvimento, que vai desde o inicio da vida até ao longo do trajeto, onde a afetividade recua um pouco para dar espaço a imensa atividade cognitiva.

A teoria do desenvolvimento cognitivo de Wallon é centrada na psicogênese da pessoa completa. Wallon acreditava que não é possível dissociar o biológico do social no homem. Esta é uma das características básicas da sua teoria. Em sua teoria, Wallon teve a preocupação de reservar espaço especial para o meio social como espaço de construção da atividade física, mental e afetiva, ou seja, como espaço que oportuniza o desenvolvimento global. Para isto, ele dividiu em estágios nos quais podem explicar como o homem se desenvolve: Estes estágios se comunicam entre si, favorecendo a aprendizagem:

1º) Estágio Impulsivo (0 – 6 meses), movimentação dos membros dentro do campo visual não coordenada, iniciada a partir do ato reflexo e dependente diretamente dos estados afetivos.

2º) Estágio Emocional (6-8 meses), reações que foram associadas a alguma atividade, portanto, reforçadas e repetidas nessa fase. Preparação para a fase sensório-motora.

3º) Estágio Sensório- Motor (8 – 18 meses), predominância de ralações cognitivas com o meio, através da experimentação e curiosidade em relação aos objetos. A movimentação passa a ter finalidades afetivas, expressivas e tônicas, com a liberação progressiva das mãos.

4º) Estágio Projetivo (18 meses – 3 anos), inicia-se com muita força o simbolismo da linguagem, sua aquisição se torna cada vez mais elaborada, tornando esse período muito especial. O pensamento passa a ser expresso pelos gestos.

Materiais acesse, http://www.simuladoprofessor.com.br/

5º) Estágio Personalismo (3 – 7 anos), evidencia-se nesse período o processo de formação da personalidade, com a predominância das relações afetivas expressas através de palavras e idéias.

6º) Estágio Categorial (7 – puberdade), grande avanço nos processos cognitivos e predominância desses na relação com o meio.

Adolescência, rompimento com a tranqüilidade afetiva pela busca de resignação enquanto ser social, ou seja, desejo de busca de uma nova ordem que dê conta do novo ser bio-psico-social.

Para Wallon, o desenvolvimento é um processo marcado por conflitos que acontecem através de certo descompasso entre as ações desenvolvidas pelas crianças e o ambiente exterior, o qual é estruturado pelos adultos e pela cultura. O movimento estudado por Wallon engloba vários aspectos próprios da natureza humana, disponibiliza ao homem diferenciar-se dos outros animais, pois permite que a natureza possa ser transformada. Dessa maneira compreenderemos um movimento dotado de intencionalidade e de desejos, como o ato motor. O ato motor pode ter várias significações relativas a que se destina, podendo ser desenvolvido tecnicamente, ou simbolicamente.

Destaques na teoria de Wallon:

* Considera o meio social como um espaço de construção da atividade física, mental e afetiva;
* Dizia que não é possível dissociar o biológico do social;
* Tinha uma grande preocupação com os valores éticos e morais;
* Emoção, movimento e espaço físico se confundem na sala de aula;
* A gênese da inteligência é genética e organicamente social;
* É pela emoção que o aluno exterioriza seus desejos e suas vontades;
* O meio social oportuniza o desenvolvimento global;
* A escola é o lugar apropriado para o desenvolvimento das aptidões;
* No inicio da vida, afetividade e inteligência estão integradas, com o predomínio afetivo;
* O ser humano é geneticamente social, isto é, sua estrutura orgânica supõe a intervenção da cultura para atualizar-se;

RESUMO PARA CONCURSO PROFESSOR

TEÓRICOS DA EDUCAÇÃO

TEORIA DE CARL ROGERS

TEORIA DE CARL ROGERS

“ ... Parece que, se desejo tornar -me um cientista, o primeiro passo para isso é mergulhar nos fenômenos da área especifica pala qual me interessei... absorver a experiência como uma esponja, de tal modo que ela seja recolhida em toda a sua complexidade, com meu organismo total, e não apenas minha mente consciente, participando livremente da experiência dos fenômenos... Carl R. Rogers.”

Nascido nos Estados Unidos em 1902, filho de uma família protestante, com valores tradicionais e religiosos, onde o incentivo ao trabalho duro era amplamentecultivado. Rogers faleceu em plena atividade, aos 85 anos de idade em 1987. Psicólogo, formado na Universidade de Columbia em Nova York, especializou- se em problemas infantis. Lecionou na Universidade de Rochester e escreveu o livro O Tratamento Clinica da Criança. Como professor da Universidade de Chicago, pôs em pratica suas idéias, cujos resultados foram avaliados no livro Psicoterapia Centrada no Cliente em 1951. “Ele considerava que era o próprio cliente quem dirigia o processo terapêutico”.Em sua publicação Psicoterapia Centrada no Cliente em 1951, Rogers fez uma exposição geral do seu método não diretivo, e de suas aplicações à educação e a outros campos. Em sua obra Liberdade para Aprender, ele discute: “Melhorando o nossorelacionamento com os alunos, melhoramos o nosso ensino, melhora a aprendizagem. Os nossos alunos estão ávidos deste tipo de comunicação; eles querem, antes de tudo, ser vistos como pessoas que existem, que amam, que choram, que sofrem, que têm dificuldades. Só os alunos? E nós, professores, também não desejamos ser vistos não só como aqueles que sabem alguma coisa, mas igualmente como pessoas humanas?...Eu quero que meus alunos sejam meus amigos, e quero dar-lhes a minha amizade...O bom relacionamento depende fundamentalmente de mim, de criar um clima propício à amizade, à aceitação, à autenticidade. (P.21.)

Materiais acesse, http://www.simuladoprofessor.com.br/

Suas primeiras experiências clínicas, colocadas na tradição behaviorista e, ainda mais, psicanalistas, foram feitas como interno do Instituto For Child Guidance, onde sentiu a forte ruptura entre o pensamento especulativo freudiano e o mecanismo mediador e estatístico do behaviorismo.

CARL ROGERS foi um dos principais responsáveis, embora quase nunca se fale nisso pelo acesso e reconhecimento dos psicólogos ao universo clinica, antes dominado pela psiquiatria médica e pela psicanálise, e que, nos EUA, era exercida exclusivamente por médicos até bem pouco tempo atrás. Sua postura enquanto terapeuta sempre esteve apoiada em sólidas pesquisas e observação clinica, podendo-se sem sombra de dúvida, dizer que o campo de pesquisas objetivas voltadas para o referencial teórico da abordagem Centrada na Pessoa é formado por um número considerável de trabalhos, indo mesmo além que o numero de pesquisas feitas sobre muitas outras abordagens, incluindo a psicanálise. A utilização dos testes psicológicos e a elaboração de diagnósticos tornaram-se irrelevante para Carl Rogers, e ele transportaria para a educação a sua concepção terapêutica.

Destaques na Teoria de Rogers:

* Para Rogers o importante é aprender a aprender. Não é o conhecimento em si que será de utilidade, e sim uma atitude de busca constante do conhecimento;

*A preocupação de Rogers é com o aluno como pessoa. O importante é a auto-realização da pessoa;

* Parte de um enfoque essencialmente humanístico que visa à aprendizagem “pela pessoa inteira”, uma aprendizagem que transcende e engloba as aprendizagens cognitivas, afetivas e psicomotoras;

• Para Rogers aprendizagem significante é mais do que acumulação de fatos. É uma aprendizagem que provoca uma modificação quer seja no comportamento do individuo, na orientação da ação futura que escolher ou nas suas atitudes e na sua personalidade. É uma aprendizagem penetrante que não se limita a um aumento de conhecimentos; é uma aprendizagem “pela pessoa inteira”;

• Ele vê a aprendizagem como algo muito mais amplo de que acumulação de conhecimento e afirma que a aprendizagem socialmente mais útil, no mundo moderno, é a do próprio de aprender. Isso implica em uma postura de busca continua de conhecimento;

- O objetivo do ensino deve ser a facilitação da mudança e da aprendizagem;

- O importante é que exista uma relação interpessoal entre facilitador e aprendiz, e não nos recursos instrucionais utilizados;

- O professor deve ser o facilitador da aprendizagem, mas seu sucesso nesta tarefa repousa, sobretudo, em qualidades atitudinais como a autenticidade, a compreensão empática, a aceitação e a confiança no aprendiz;

- Rogers afirma que o educador deve concentrar a atenção não em ensinar, mas em criar condições que promovam a aprendizagem;

- O pressuposto básico da teoria rogeriana é a crença de que a pessoa é capaz de promover seu próprio crescimento;

- Rogers acha que a aprendizagem significativa verifica-se quando o estudante percebe que a matéria a estudar se relaciona com seus próprios objetivos;

- Para que o aluno aprenda, crie, produza intelectualmente, ele precisa sentir-se seguro, apoiado, o que não ocorre em climas severos, de censura, onde os alunos trabalham com alto nível de ansiedade e poucos produzem;

- Os seres humanos têm natural potencialidade para aprender;

- A aprendizagem é facilitada quando o aluno participa responsavelmente do seu processo;

- O comportamento pode ser provocado, em alguns casos, por experiências e necessidades não simbolizadas;

- O facilitador confia no desejo de cada aluno para alcançar os objetivos significativos para ele, como força motivadora subjacente à aprendizagem significativa;

L I T E R A T U R A

TROVADORISMO

☺ **Contexto histórico :** Feudalismo / período negro da humanidade / teocentrismo .

☺ **Duas espécies de produção literária :** cantigas lirico-amorosas e satíricas .

Lírico-amorosas		**Satíricas**	
De amor	**De amigo**	**De escárnio**	**De maldizer**
- compostas por um trovador - eu-lirico masculino - fala à uma mulher nobre, geralmente casada . - omissão do nome da amada - linguagem formal, ausência de paralelismo - idealização amorosa - ambientação urbana-aristocratica	- composta por um trovador - eu-lirico feminino - elogios ao homem amado nos aspectos físicos , econômicos e morais. - Os homenageados eram cavaleiros medievais que saiam em combate - O amado é comparado a elementos naturais - Há idealização amorosa - Paralelismo, musicalidade . - Linguagem informal - Ambientação popular rural ou urbana .	- critica indireta - sutileza - presença de ironia - não há citação de nomes , nem expressões vulgares .	- critica direta - cita nomes - uso de palavrões

Classicismo (sec.XVI)	**Barroco (sec. XVII)**	**Neoclassicismo (Arcadismo)- sec. XVIII**
- Contexto : Renascimento - Características : • oposição à cultura teocentrica da Idade Media • Antropocentrismo e paganismo • Ânsia de viver • Valorização da beleza • Culto da literatura greco-latina • Preocupação formal	- Contexto: Contra-Reforma - Características : • Vocabulário selecionado • Gosto por inversões sintáticas • Figuração excessiva • Sugestões sonoras e cromáticas • Gosto por construções complexas e raras • Conflito espiritual • Consciência da efemeridade do tempo • Morbidez • Gosto por raciocínios complexos, intrincados.	- Contexto: Iluminismo - Características : • vocabulário simples, linguagem objetivas , clara , formal . • natureza estática • frases na ordem direta • ausência quase total de figuras de linguagem • manutenção de formas clássicas • pastoralismo • bucolismo • elementos da cultura greco-latina • convencionalismo e idealização amorosa • racionalismo • paganismo

ROMANTISMO

☺ **Características :**

- linguagem subjetiva , popular, informal .
- individualismo (egocentrismo).
- Liberdade de criação : inspiração nacionalista e indianista .
- Natureza dinâmica
- Predomínio do sentimento sobre a razão
- Espiritualismo e fé crista (religiosidade)
- Lirismo .

REALISMO E NATURALISMO (2A METADE DO SEC. XIX)

☺ **Prosa realista e naturalista :**

- busca da verdade sensível
- tendência à observação
- objetivismo , ausência de idealização
- sensorialismo e sensualismo
- busca do rigor lógico
- predomínio da analise (psicológica ou social) sobre a ação
- Analise fiel da motivação dos personagens , mesmo em seus aspectos negativos
- Lentidão narrativa e descritiva.

☺ **Características especificas do naturalismo :**

- Cientificismo
- Animalização do homem
- Visão radicalmente determinista
- Interesse pelas classes baixas
- Amoralismo : tudo deve figurar na arte, independente de avaliações morais .
- Gosto pelo patológico no plano físico (doenças, deformações) , psicológico (taras) e social (marginalizados) .

PARNASIANISMO (2A METADE DO SEC. XIX)

☺ **Características :**

- reação ao sentimentalismo exagerado dos românticos
- tendências clássicas (volta à cultura greco-latina)
- desejo de contenção emocional : impassividade e objetividade
- poesia descritiva de fatos históricos, fenômenos naturais e objetos artísticos
- culto da forma : não há arte sem beleza e perfeição formal (métrica regular / rimas ricas e preciosas / vocabulário cuidado / versos perfeitos .

SIMBOLISMO (FINAL DO SEC. XIX)

☺ buscando uma forma nova , capaz de sugerir o mundo vago do inconsciente e a inquietação metafísica , os simbolistas realizaram uma renovação da linguagem poética , percebida em suas características .

☺ **Características :**

- ênfase na sugestão e não na descrição
- expressão indireta através de metáforas e símbolos .
- exploração das correspondências entre a realidade sensível e a realidade espiritual e emotiva.
- Mistura de sensações (sinestesia).
- Aproximação entre poesia e musica.
- Renovação do vocabulário poético
- Ânsia de ascensão espiritual
- Reação ao materialismo do estilo anterior .

RESUMO ESQUEMÁTICO DE ANÁLISE SINTÁTICA

VERBO

TRANSITIVO

- **Direto** ▶ Quem ____ , ____ → **Alguém / Alguma coisa** → **Objeto Direto (OD)**
- **Indireto** ▶ Quem ___ , ___ → a / de / com / para / sobre **Alguém / Alguma coisa** → **Objeto Indireto (OI)**
- **Direto e indireto** ▶ Quem ___ , ___ → **Alguém / Alguma coisa** (**O. D.**) → a / de / com / para / sobre **Alguém / Alguma coisa** (**O. I.**)

INTRANSITIVO ▶ Quem ____ , ____. (**A**djunto **A**dverbial de.....) ? **(AA__)**

LIGAÇÃO ▶ liga **Alguém / Alguma coisa** (**SUJEITO**) **a** **um estado / uma qualidade / um modo de ser** (**PREDICATIVO DO SUJEITO (PS)**)

SUJEITO

DETERMINADO (ATIVO OU PASSIVO)

- Simples – (um só núcleo) → **agente / paciente / agente e paciente**
- Composto – (mais de um núcleo)
- Oculto – (implícito na desinência verbal – elíptico – desinencial)

INDETERMINADO

- Verbos na 3ª P.P. (desde que nada tenha sido falado dele antes)
- V.T.I. + **SE**
- V.I. + **SE** → partícula de indeterminação do sujeito
- V.L. + **SE**

ESTES VERBOS ESTARÃO SEMPRE NA 3ª P.S.

INEXISTENTE (oração sem suj.)

- Verbos que indicam fenômeno da Natureza (impessoais)
- **3ª pessoa do singular** **qualquer pessoa**
- Verbo **HAVER** = **EXISTIR**, acontecer, decorrer, realizar-se
- **Verbo Transitivo Direto** **Verbo Intransitivo**
- Verbos SER, ESTAR, FAZER, PASSAR = tempo decorrido

OBS: (VTD ou VTDI) + SE o sujeito é passivo e o SE = *partícula apassivadora

****OBS: para acharmos o sujeito, fazemos a pergunta QUE(M) É QUE para o verbo / locução verbal**

Lembre-se de usar este esquema para você não confundir **OBJETO INDIRETO** com **COMPLEMENTO NOMINAL**

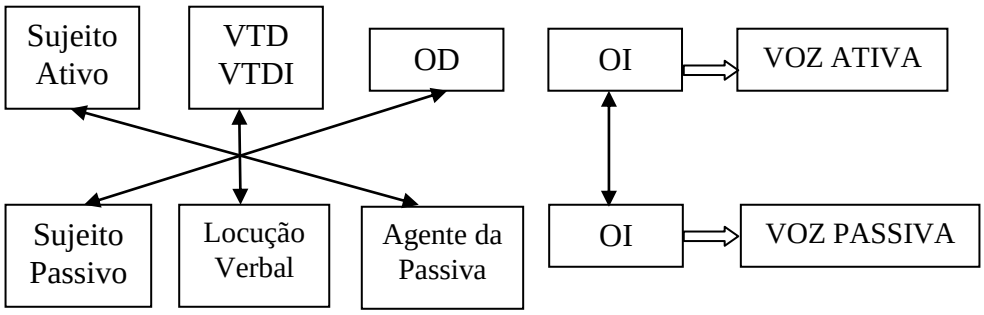

hamilton.furtado@terra.com.br

PREDICADO

- **Nominal** ► núcleo é um **NOME** (subs. , adj., pron.) – **<u>o verbo é de ligação</u>** → predicativo
- **Verbal** ► núcleo é um **VERBO**
  - Transitivo direto
  - Transitivo indireto
  - Intransitivo
  - Transitivo direto e indireto
  - → seguido ou não de complemento ou termos acessórios
- **VERBO-NOMINAL** ► dois núcleos (um verbal outro nominal)
  - V.I.**+** P.S.
  - V.T.D **+** P.S. ou P.O.
  - V.T.I.**+** P.S. ou P.O.
  - V.T.D.I **+** P.S. ou P.O.

COMPLEMENTO NOMINAL

- Sempre ligado a um **NOME** (adj. , adv., subst. (**ABSTRATO**)
- **Sempre precedido de preposição**
- Geralmente o nome a que se liga tem o mesmo radical de um **VT**
- **SEMPRE <u>PACIENTE</u> DA AÇÃO DO NOME**

AGENTE DA PASSIVA

- corresponde ao sujeito na voz ativa e pode ser expresso por um substantivo ou pronome.
- complemento de um verbo na voz passiva; representa o ser que pratica a ação expressa pelo verbo passivo.
- comumente vem regido pela preposição **POR** e às vezes pela preposição **DE**;

Os pronomes oblíquos átonos **LHE**, **LHES** funcionam normalmente como **OBJETO INDIRETO**. Os pronomes oblíquos átomos **O, A, OS, AS,** (ou variações) funcionam normalmente como **OBJETO DIRETO**.
Os demais pronomes átonos **ME, TE, SE, NOS, VOS**, podem funcionar ora como **OBJETO DIRETO** ora como **OBJETO INDIRETO** dependendo do verbo que completam.
Uma das maneiras de sabermos se o pronome está funcionando como OBJETO DIRETO ou OBJETO INDIRETO é substituí-lo por **O HOMEM** ou **AO HOMEM**; quando a substituição for por O HOMEM, este pronome estará funcionando como OBJETO DIRETO e quando a substituição for por AO HOMEM, o pronome terá a função de OBJETO INDIRETO.

Disse-**ME** algo.	Disse algo **AO HOMEM**	**ME = OBJETO INDIRETO**
Deixou-**ME** na sala	Deixou **O HOMEM** na sala	**ME = OBJETO DIRETO**

ADJUNTO ADNOMINAL (aa)

- caracteriza ou determina o nome a que se liga
- pode ser representado por
  - adjetivos
  - artigos
  - pronomes adjetivos
  - numerais
  - locução ou expressões adjetiva

ADJUNTO ADVERBIAL (AA_)

- **MODO** →verbo + COMO?
- **TEMPO** →verbo + QUANDO?
- **LUGAR** →verbo + ONDE
- **INTENSIDADE** →verbo + com que INTENSIDADE?
- **CONDIÇÃO** →verbo + em que CONDIÇÃO?
- **INSTRUMENTO** →verbo + com que COISA?
- etc

VOCATIVO → termo usado para chamar, interpelar alguém ou alguma coisa (não tem função sintática)

APOSTO → explica ou esclarece, desenvolve ou resume outro termo (geralmente entre vírgulas, dois pontos ou travessão). Pode vir precedido das expressões explicativas **ISTO É, A SABER**.

hamilton.furtado@terra.com.br

ORAÇÕES SUBORDINADAS

SUBSTANTIVA

- SUBJETIVA
- PREDICATIVA
- OBJETIVA DIRETA
- OBJETIVA INDIRETA
- COMPLETIVA NOMINAL
- APOSITIVA

SÃO SUBSTITUÍVEIS POR **ISTO, ESTE, ESTA**

ADJETIVA

- RESTRITIVA
- EXPLICATIVA

INICIAM POR **PRONOME RELATIVO**

PRONOMES RELATIVOS

- QUE
- QUEM
- ONDE
- O QUAL – OS QUAIS
- A QUAL – AS QUAIS
- CUJO – CUJOS
- CUJA – CUJAS
- QUANTO - QUANTA

ADVERBIAL

1. CAUSAL
2. CONDICIONAL
3. CONFORMATIVA
4. CONCESSIVA
5. CONSECUTIVA
6. COMPARATIVA
7. FINAL
8. PROPORCIONAL
9. TEMPORAL

OBSERVAR O **SENTIDO** DADO PELAS CONJUNÇÕES

1. PORQUE, VISTO QUE, COMO .....
2. SE, DESDE QUE, A MENOS QUE .....
3. CONFORME, SEGUNDO, CONSOANTE, ...
4. EMBORA, AINDA QUE, APESAR DE QUE,
5. QUE (PRECEDIDA DE INTENSIDADE)
6. TANTO QUANTO, TAL QUE, MAIS DO QUE
7. PARA QUE, A FIM DE QUE, ...
8. À MEDIDA QUE, À PROPORÇÃO QUE, ...
9. QUANDO, LOGO QUE, ASSIM QUE, ...

AS ORAÇÕES SUBORDINADAS SEMPRE DEPENDEM DE UMA OUTRA ORAÇÃO CHAMADA DE ORAÇÃO PRINCIPAL

ORAÇÕES COORDENADAS

ASSINDÉTICA
(sem conjunção)

NÃO É ORAÇÃO PRINCIPAL

SINDÉTICA

1. ADITIVA
2. ADVERSATIVA
3. ALTERNATIVA
4. CONCLUSIVA
5. EXPLICATIVA

1. E, NEM, MAS TAMBEM...
2. MAS, PORÉM, TODAVIA...
3. OU...OU, ORA...ORA ...
4. LOGO, PORTANTO, **POIS (APÓS O VERBO)**
5. PORQUE, QUE, **POIS (ANTES DO VERBO)**

OBSERVAR O **SENTIDO** DADO PELAS CONJUNÇÕES

hamilton.furtado@terra.com.br

REGÊNCIA VERBAL

A REGÊNCIA VERBAL é a relação existente entre o verbo (termo regente) e o complemento (termo regido).

Alguns verbos possuem mais de um significado e, a cada um dos seus significados termos uma regência diferente; isto quer dizer que em uma determinada frase ou oração o verbo poderá ser transitivo, intransitivo ou ligação.

O médico ASSISTIU o doente no hospital.
O público ASSISTIU ao espetáculo teatral.
O homem ASSISTE em sua cidade natal.
Questões jurídicas não ASSISTEM ao médico.

No 1º exemplo, o verbo ASSISTIR significa ajudar e é TRANSITIVO DIRETO; no 2º exemplo, o verbo ASSISTIR significa ver e é TRANSITIVO INDIRETO; o 3º exemplo tem o verbo ASSISTIR com o significado de morar e é INTRANSITIVO; no último exemplo o verbo ASSISTIR está com o significado de ser da competência de e é TRANSITIVO INDIRETO.

Vejamos a seguir a regência de alguns verbos mais comuns:

ASPIRAR	respirar = T. D. desejar, ter em vista = T. I.
ASSISTIR	socorrer = T. D. presenciar, ver = T. I. morar = INT. ser da competência = T. I.
AVISAR	T. D. e I.
OBEDECER DESOBEDECER	T. I.
ESQUECER LEMBRAR	T. D.
ESQUECER-SE LEMBRAR-SE	T. I.
INFORMAR	T. D. e I.
NAMORAR	T. D.
PERDOAR	(alguma coisa) = T. D. (a alguém) = T. I.
PAGAR	(alguma coisa) = T. D. (a alguém) = T. I.
PREFERIR	T. D. e I. (sempre com a prep. A)
QUERER	desejar = T. D. estimar = T. I.
PROCEDER	originar = INTRANSITIVO dar início = T. I. ter fundamento = INTRANS.
VISAR	pretender = T. I. mirar = T. D. pôr visto = T. D.

Você deve sempre se lembrar de que a TRANSITIVIDADE depende sempre do contexto. Por isso, JAMAIS a decore.

CRASE

CRASE é o nome dado à reunião, à fusão de **a** (preposição) + **a(s)** (artigo). Também ocorrerá a crase quando tivermos os pronomes demonstrativos **aquele** ou **aquela**, os pronomes relativos **a qual, as quais**, os pronomes demonstrativos **a** ou **as (significando aquela, aquelas)** e seu termo antecessor exigir a **preposição A**

A crase é indicada pelo acento grave (`).

Portanto para saber se ocorre ou não a crase você deve verificar se a palavra que antecede o **A pede preposição A** e se a palavra seguinte admite o **artigo A ou AS.**

O artista chegou à cidade ontem.

Quem chega a algum lugar. Logo o verbo chegar rege a **preposição a**. O substantivo cidade admite o **artigo a**. Portanto, ocorre a fusão de **a + a.**

Para facilitar sua descoberta da ocorrência ou não de crase, você pode utilizar alguns artifícios:

1. substituir a palavra feminina que ocorre depois do a por uma palavra masculina correspondente. Se aparecer **AO** ou **AOS** diante da palavra masculina, a crase está confirmada.
   O artista chegou à cidade.
   O artista chegou ao campo.
2. substituir o **a** por **para a(s)**. Se ocorrer **para a(s),** a crase está confirmada. (Tenha atenção com esta substituição)
   A destruição da floresta é uma agressão à natureza.
   A destruição da floresta é uma agressão para a natureza.
3. substituir o verbo **IR** pelo verbo **VOLTAR**. Se aparecer a expressão **VOLTAR DA**, então ocorre crase.
   Devia ir **a** São Paulo. Devia ir **à** Bahia.
   Devia voltar **de** São Paulo. Devia voltar **da** Bahia.

Obs.: se o nome da cidade vier especificado, ocorrerá a crase. (Devia ir **à** São Paulo **da garoa**. Gostaria de ir **à** Roma **antiga.**)

NÃO SE USA CRASE

1. antes de palavra masculina.
2. com palavras repetidas. (dia a dia, mês a mês, frente a frente etc)
3. antes de verbo.
4. antes de pronome pessoal.
5. antes de pronome de tratamento **(EXCEÇÃO SENHORA, SENHORITA E DONA)**.
6. antes do pronome interrogativo **A QUAL.**
7. antes dos artigos indefinidos **UMA, NINGUÉM**
8. antes de **ESTA** e **ESSA**.
9. antes da palavra **casa (onde você mora).**
10. antes da palavra **terra (oposto de bordo).**
11. antes dos pronomes relativos **QUEM CUJA**

Obs.: evidentemente se o pronome admitir artigo haverá crase**.** (Refiro-me **À MESMA** pessoa. Interessava **À PRÓPRIA** candidata.)
Obs.: quando um **A** (sem o **s** de plural) estiver diante de uma palavra no plural não ocorrerá crase, em caso contrário a crase é obrigatória. (Refiro-me **A** alun**as** interessadas. Refiro-me **ÀS** alun**as** interessadas.)

A CRASE É OBRIGATÓRIA

1. nas locuções adverbiais femininas. (à noite, à tarde, às pressas, à procura, à toa etc)
2. nas locuções prepositivas femininas.
3. nas locuções conjuntivas femininas.
4. nas locuções indicando à moda de. (mesmo subentendida)
5. na indicação das horas (desde que possamos substituir o número das horas por **AO MEIO DIA**)

hamilton.furtado@terra.com.br

A CRASE É FACULTATIVA

1. junto aos pronomes possessivos femininos.
2. diante de nomes próprios femininos.
(antes de nomes próprios (masculino ou feminino) o uso do artigo é facultativo)
3. depois da palavra **ATÉ**.

VERBO

VERBO é uma palavra que exprime ação estado, fato ou fenômeno.

O VERBO apresenta as variações de **NÚMERO**, de **PESSOA**, de **MODO**, de **TEMPO** e de **VOZ**.

NÚMERO – como as outras palavras variáveis, o verbo admite dois números: o *SINGULAR* e o *PLURAL*. Dizemos que um verbo está no singular quando ele se refere a uma só pessoa ou coisa e, no plural, quando tem por sujeito mais de uma pessoa ou coisa.

- *Singular* – estudo – estudas – estuda
- *Plural* – estudamos – estudais – estudam

PESSOA – o verbo possui três pessoas relacionadas com a pessoa gramatical que lhe serve de sujeito.

- 1ª pessoa – é aquela que fala (eu e nós).
- 2ª pessoa – é aquela a quem se fala (tu e vós).
- 3ª pessoa – é aquela de quem se fala (ele, ela, eles, elas).

MODO – são as diferentes formas que toma o verbo para indicar a atitude (de certeza, de dúvida, de suposição, de mando etc.) da pessoa que fala em relação ao fato que enuncia.

Em português, há três modos:

- **Indicativo –** apresenta o fato de um modo real, certo, positivo.
- **Subjuntivo –** expressão de um desejo, apresenta o fato como possível ou duvidoso.
- **Imperativo –** apresenta o fato como objeto de uma ordem, conselho, exortação ou súplica.

São **FORMAS NOMINAIS** do verbo:
Infinitivo – equivale a um substantivo e pode ser:

- **Impessoal –** quando não se refere a uma pessoa gramatical, isto é, quando não tem sujeito.
- **Pessoal –** quando se refere a uma pessoa gramatical, ou seja quando tem sujeito próprio.
- **Gerúndio –** equivale a um advérbio ou a um adjetivo em forma oracional.
- **Particípio –** corresponde a um adjetivo e, como tal, pode flexionar-se, em certos casos, em número e em gênero.
- **Tempo –** é a variação que indica o momento em que se dá o fato expresso pelo verbo.

TEMPOS VERBAIS

Os três tempos naturais são o PRESENTE (indica o momento em que se fala); o PRETÉRITO (ou PASSADO) (indica um fato ocorrido antes do momento que se fala); FUTURO (indica um fato que ocorrerá após o momento que se fala).

O **PRESENTE** é indivisível.

O **PRETÉRITO** subdivide-se em:

- **Imperfeito –** exprime um processo anterior ao ato da fala, com duração no tempo, podendo ocorrer com valor de futuro do pretérito.
- **Perfeito –** exprime um processo anterior ao ato da fala, totalmente concluído, sem duração no tempo.
- **Mais-que-perfeito –** exprime um processo anterior a um processo passado. Pode ocorrer com valor de futuro do pretérito ou com valor de imperfeito do subjuntivo.

O **FUTURO** subdivide-se em:

- do **presente** – exprime um processo posterior ao momento em que se fala. Pode ocorrer com valor de presente, exprimindo dúvida. Pode também ocorrer com valor de imperativo.
- do **pretérito –** exprime um processo posterior a um tempo passado. Pode ocorrer com valor de presente, exprimindo modéstia ou cerimônia.

CLASSIFICAÇÃO DOS VERBOS

REGULARES: são aqueles que mantêm o radical inalterado durante a conjugação; suas desinências são idênticas às do verbo paradigma, que é modelo da conjugação.

IRREGULARES: são os que sofrem modificação no radical ou os que têm a desinência diferente daquela apresentada pelo verbo paradigma. A conjugação no presente e no pretérito perfeito do indicativo já nos permite saber se o verbo é regular ou irregular.

ANÔMALOS: são os que, durante a conjugação, apresentam radicais distintos. Existem apenas dois: SER e IR.

DEFECTIVOS: são os que não têm a conjugação completa, falta-lhes pelo menos uma das pessoas.

ABUNDANTES: são os que têm duas ou mais formas equivalentes, geralmente de particípio.

CONJUGAÇÕES

São três as conjugações, caracterizadas pela vogal temática:

- *1ª conjugação:* caracterizada pela vogal temática **A**.
- *2ª conjugação:* caracterizada pela vogal temática **E**.
- *3ª conjugação:* caracterizada pela vogal temática **I**.

Obs.: o verbo **PÔR**, assim como seus derivados (DISPOR, ANTEPOR, REPOR ETC), pertence à **2ª conjugação**. Sua forma atual não apresenta vogal temática.

ELEMENTOS ESTRUTURAIS DO VERBO

Uma forma verbal pode ser constituída de todos os seguintes elementos:

hamilton.furtado@terra.com.br

- **Radical:** é o elemento portador do significado; é a parte do verbo que sobra, quando retiradas as terminações AR, ER, IR.
- **Vogal temática:** é o elemento que caracteriza as conjugações. São três: A, E, I.
- **Tema:** é o radical acrescido da vogal temática. É o elemento que recebe as desinências.
- **Desinência modo temporal:** é o elemento que indica o tempo e o modo.
- **Desinência número pessoal:** é o elemento que se flexiona e identifica a pessoa e o número.

ESTUDO SOBRE TEMPOS VERBAIS

A categoria de tempo, exclusiva dos verbos, serve para situar o processo verbal em relação ao momento da fala. Assim, existem basicamente, tempos verbais:

- ✓ **Presente:** indica o processo verbal que ocorre simultaneamente ao momento da fala.
- ✓ **Passado:** indica o processo verbal que ocorreu antes do ato da fala.
- ✓ **Futuro:** indica o processo verbal que vai ocorrer depois do momento da fala.

Mas existem situações em que o uso dos tempos verbais extrapola os limites acima explanados. Neste caso, temos usos especiais, os quais veremos a seguir.

PRESENTE DO INDICATIVO

O presente do indicativo também é usado para:

- ✓ indicar fatos ou estados permanentes, ou seja, exprimir fatos históricos ou verdade científica, um axioma. Exs:
  A Lua é um satélite.
  Os italianos imigram para o Brasil no início do século XX.
  Nosso planeta gira em torno do próprio eixo.

- ✓ indicar uma ação ou fato habitual. Exs:
  Não trabalho aos sábados.
  Ela almoça todos os sábados naquele restaurante.

- ✓ indicar fato futuro bastante próximo, quando se tem certeza de que ele ocorrerá, geralmente acompanhado de um adjunto adverbial de tempo para evitar ambigüidades. Exs:
  Amanhã telefono para você.
  Ele vai ao cinema amanhã.

- ✓ indicar um tempo não-determinado, geralmente um ditado. Exs:
  A verdade sempre vence.
  Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.

- ✓ substituir o imperativo, indicando, numa linguagem afetuosa, mais um pedido do que uma ordem. Exs:
  Você me faz um favor? (Faça-me um favor?)

PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO

PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO

Expressa um fato acabado, concluído no passado.
É usado para:

- ✓ indicar um fato ou processo em andamento, ainda não concluído. Ex:
  Há oito dias que **relampejava** nas cabeceiras.

- ✓ indicar um fato habitual. Ex:
  A cheia **tardava** mas sempre **vinha**.

- ✓ fazer uma afirmação ou um pedido, de forma cortês. Ex:
  Queria que você soubesse que estamos do seu lado.

- ✓ descrever um fato como se nos transportássemos para o tempo passado em que ele ocorrera. Ex:
  A canoa já **estava** calafetada e pintada de novo.

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO DO INDICATIVO

É usado para:

- ✓ expressar um fato anterior a outro fato passado. Ex:
  Eu **esperara** aquele espetáculo desde que era criança.

- ✓ indicar um fato situado no passado, de maneira vaga. Ex:
  Meu avô **passara** muitas noites em claro.

- ✓ expressar um desejo. Ex:
  Quem me **dera** assistir àquele espetáculo novamente.

hamilton.furtado@terra.com.br

FUTURO DO PRESENTE DO INDICATIVO

É usado para:

- ✓ indicar um fato futuro certo ou provável. Exs:
  Ele **será** um carpinteiro.
  Amanhã **desembarcarão** os campeões.

- ✓ exprimir dúvida ou incerteza sobre fatos atuais. Ex:
  Será que ele ainda lembra do endereço?

- ✓ exprimir um desejo ou uma ordem, caso em que possuir valor imperativo. Exs:
  Não **matarás**.
  Você não **chegará** mais atrasado.

- ✓ indicar um fato que ocorrerá com certeza. Ex:
  Amanhã **vou entregar** os trabalhos.

FUTURO DO PRETÉRITO DO INDICATIVO

É usado para:

- ✓ exprimir um fato futuro tomado em relação a um fato passado. Ex:
  Ele me afirmou que não **compareceria** à conferência.

- ✓ exprimir dúvida ou incerteza sobre fatos passados. Ex:
  Naquela época, ela **teria** uns quarenta anos.

- ✓ indicar desejo presente, na linguagem polida. Ex:
  Você me **faria** um favor?

- ✓ indicar surpresa ou indignação em certas frases interrogativas ou exclamativas. Ex:
  Nunca **diria** uma coisa destas.

- ✓ indicar fatos não realizados, ou que não se realizarão, dependentes de condição. Ex:
  Se ela me convidasse, eu **iria**.

CONJUGAÇÕES

- São três as conjugações, caracterizadas pela vogal temática:
- *1ª conjugação:* caracterizada pela vogal temática **A**.
- *2ª conjugação:* caracterizada pela vogal temática **E**.
- *3ª conjugação:* caracterizada pela vogal temática **I**.

Obs.: o verbo PÔR, assim como seus derivados, pertence à 2ª conjugação. Sua forma atual não apresenta vogal temática.

ELEMENTOS ESTRUTURAIS DO VERBO

Uma forma verbal pode ser constituída de todos os seguintes elementos:

- **Radical:** é o elemento portador do significado; é a parte do verbo que sobra, quando retiradas as terminações AR, ER, IR.
- **Vogal temática:** é o elemento que caracteriza as conjugações. São três: A, E, I.
- **Tema:** é o radical acrescido da vogal temática. É o elemento que recebe as desinências.
- **Desinência modo temporal:** é o elemento que indica o tempo e o modo.
- **Desinência número pessoal:** é o elemento que se flexiona e identifica a pessoa e o número.

Nos quadros a seguir você terá os elementos mórficos dissociados.

PARTICÍPIOS DUPLOS

VERBO	PARTICÍPIO REGULAR	PARTICÍPIO IRREGULAR
aceitar	aceitado	aceito
entregar	entregado	entregue
expressar	expressado	expresso
expulsar	expulsado	expulso
isentar	isentado	isento
limpar	limpado	limpo
matar	matado	morto
pegar	pegado	pego
salvar	salvado	salvo
soltar	soltado	solto
acender	acendido	aceso
benzer	benzido	bento
eleger	elegido	eleito
prender	prendido	preso
suspender	suspendido	suspenso
imprimir	imprimido	impresso
submergir	submergido	submerso

hamilton.furtado@terra.com.br

1. **Representa o RADICAL.**
2. **Representa a VOGAL TEMÁTICA.**
3. **Representa a DESINÊNCIA MODO TEMPORAL.**
4. **Representa a DESINÊNCIA NÚMERO PESSOAL.**

PRIMEIRA CONJUGAÇÃO AM-A-R

PRESENTE DO INDICATIVO

am	—	—	o
am	a	—	s
am	a	—	—
am	a	—	mos
am	a	—	is
am	a	—	m
1	**2**	**3**	**4**

PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO

am	e	—	i
am	a	—	ste
am	o	—	u
am	a	—	mos
am	a	—	stes
am	a	—	ram
1	**2**	**3**	**4**

FUTURO DO SUBJUNTIVO

Am	**a**	**r**	**—**
Am	**a**	**r**	**es**
Am	**a**	**r**	**—**
Am	**a**	**r**	**mos**
Am	**a**	**r**	**des**
Am	**a**	**r**	**—**
Am	**a**	**r**	**es**
1	**2**	**3**	**4**

PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO

am	a	va	—
am	a	va	s
am	a	va	—
am	á	va	mos
am	á	ve	is
am	a	va	m
1	**2**	**3**	**4**

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO DO INDICATIVO

am	a	ra	—
am	a	ra	s
am	a	ra	—
am	á	ra	mos
am	á	re	is
am	a	ra	m
1	**2**	**3**	**4**

IMPERATIVO AFIRMATIVO (não tem a 1ª pessoa do singular)

-	-	-	-
Am	a	—	—
Am	—	e	—
Am	—	e	mos
Am	a	—	i
Am	—	e	m
1	**2**	**3**	**4**

IMPERATIVO NEGATIVO (não tem a 1ª pessoa do singular)

-	-	-	-	-
não	am	—	e	s
não	am	—	e	—
não	am	—	e	mos
não	am	—	e	is
não	am	—	e	m
	1	**2**	**3**	**4**

FUTURO DO PRESENTE DO INDICATIVO

am	**a**	**re**	**i**
am	**a**	**rá**	**s**
am	**a**	**rá**	**—**
am	**a**	**re**	**mos**
am	**a**	**re**	**is**
am	**a**	**rã**	**o**
1	**2**	**3**	**4**

FUTURO DO PRETÉRITO DO INDICATIVO

am	**a**	**ria**	**—**
am	**a**	**ria**	**s**
am	**a**	**ria**	**—**
am	**a**	**ría**	**mos**
am	**a**	**ríe**	**is**
am	**a**	**ria**	**m**
1	**2**	**3**	**4**

INFINITIVO IMPESSOAL

Am	a	r	—
1	**2**	**3**	**4**

INFINITIVO PESSOAL

am	a	r	—
am	a	r	es
am	a	r	—
am	a	r	mos
am	a	r	des
am	a	r	em
1	**2**	**3**	**4**

PRESENTE DO SUBJUNTIVO

am	**—**	**e**	**—**
am	**—**	**e**	**s**
am	**—**	**e**	**—**
am	**—**	**e**	**mos**
am	**—**	**e**	**is**
am	**—**	**e**	**m**
1	**2**	**3**	**4**

PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO

am	**a**	**sse**	**—**
am	**a**	**sse**	**s**
am	**a**	**sse**	**—**
am	**á**	**sse**	**mos**
am	**á**	**sse**	**is**
am	**a**	**sse**	**m**
1	**2**	**3**	**4**

GERÚNDIO

Am	a	ndo	—
1	**2**	**3**	**4**

PARTICÍPIO

Am	a	do	—
1	**2**	**3**	**4**

hamilton.furtado@terra.com.br

MODO INDICATIVO

2ª CONJUGAÇÃO VEND-E-R **3ªCONJUGAÇÃO PART-I-R**

PRESENTE

vend	—	—	o
vend	e	—	s
vend	e	—	—
vend	e	—	mos
vend	e	—	is
vend	e	—	m
1	**2**	**3**	**4**

part	—	—	o
part	e	—	s
part	e	—	—
part	i	—	mos
part	—	—	is
part	e	—	m
1	**2**	**3**	**4**

PRETÉRITO IMPERFEITO

vend	—	—	i
vend	e	—	ste
vend	e	—	u
vend	e	—	mos
vend	e	—	estes
vend	e	—	ram
1	**2**	**3**	**4**

part	—	—	i
part	i	—	ste
part	i	—	u
part	i	—	mos
part	i	—	stes
part	i	—	ram
1	**2**	**3**	**4**

PRETÉRITO IMPERFEITO

vend	i	a	
vend	i	a	s
vend	i	a	
vend	i	a	mos
vend	i	e	is
vend	i	a	m
1	**2**	**3**	**4**

part	i	a	
part	i	a	s
part	i	a	
part	i	a	mos
part	i	e	is
part	i	a	m
1	**2**	**3**	**4**

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO

vend	e	ra	—
vend	e	ra	s
vend	e	ra	—
vend	ê	ra	mos
vend	ê	re	is
vend	e	ra	m
1	**2**	**3**	**4**

part	i	ra	—
part	i	ra	s
part	i	ra	—
part	í	ra	mos
part	í	re	is
part	i	ra	m
1	**2**	**3**	**4**

FUTURO DO PRESENTE

vend	e	re	i
vend	e	rá	s
vend	e	rá	—
vend	e	re	mos
vend	e	re	is
vend	e	aã	o
vend	e	rã	—
1	**2**	**3**	**4**

part	i	re	i
part	i	rá	s
part	i	rá	—
part	i	re	mos
part	i	re	is
part	i	rã	o
part	i	rã	—
1	**2**	**3**	**4**

FUTURO DO PRETÉRITO

vend	e	ria	s
vend	e	ria	—
vend	e	ria	mos
vend	e	ríe	is
vend	e	ria	m
1	**2**	**3**	**4**

part	i	ria	s
part	i	ria	—
part	i	ría	mos
part	i	ríe	is
part	i	ria	m
1	**2**	**3**	**4**

MODO SUBJUNTIVO

2ª CONJUGAÇÃO VEND-E-R **3ªCONJUGAÇÃO PART-I-R**

PRESENTE

vend	—	a	—
vend	—	a	s
vend	—	a	—
vend	—	a	mos
vend	—	a	is
vend	—	a	m
1	**2**	**3**	**4**

part	—	a	—
part	—	a	s
part	—	a	—
part	—	a	mos
part	—	a	is
part	—	a	m
1	**2**	**3**	**4**

PRETÉRITO PERFEITO

vend	e	sse	—
vend	e	sse	s
vend	e	sse	—
vend	ê	sse	mos
vend	ê	sse	is
vend	e	sse	m
1	**2**	**3**	**4**

part	i	sse	—
part	i	sse	s
part	i	sse	—
part	i	sse	mos
part	i	sse	is
part	i	sse	m
1	**2**	**3**	**4**

FUTURO

vend	e	r	—
vend	e	r	es
vend	e	r	—
vend	e	r	mos
vend	e	r	des
vend	e	r	em
1	**2**	**3**	**4**

part	i	r	—
part	i	r	es
part	i	r	—
part	i	r	mos
part	i	r	des
part	i	r	em
1	**2**	**3**	**4**

MODO IMPERATIVO

AFIRMATIVO

-	-	-	-
vend	e	—	—
vend	—	a	—
vend	—	a	mos
vend	e	—	i
vend	—	a	m
1	**2**	**3**	**4**

-	-	-	-
part	e	—	—
part	—	a	—
part	—	a	mos
part	—	—	i
part	—	a	m
1	**2**	**3**	**4**

NEGATIVO

-	-	-	-	-
não	vend	—	a	s
não	vend	—	a	—
não	vend	—	a	mos
não	vend	—	a	is
não	vend	—	a	m
	1	**2**	**3**	**4**

-	-	-	-	-
não	part		a	s
não	part	—	a	—
não	part	—	a	mos
não	part	—	a	is
não	part	—	a	m
	1	**2**	**3**	**4**

INFINITIVO IMPESSOAL

vend	e	r	—
1	**2**	**3**	**4**

part	i	r	—
1	**2**	**3**	**4**

hamilton.furtado@terra.com.br

GERÚNDIO

vend	e	ndo	—
1	**2**	**3**	**4**

part	i	ndo	—
1	**2**	**3**	**4**

PARTICÍPIO

vend	i	do	—
1	**2**	**3**	**4**

part	i	do	—
1	**2**	**3**	**4**

INFINITIVO PESSOAL

vend	e	r	—
vend	e	r	es
vend	e	r	—
vend	e	r	mos
vend	e	r	des
vend	e	r	em
1	**2**	**3**	**4**

part	i	r	—
part	i	r	es
part	i	r	—
part	i	r	mos
part	i	r	des
part	i	r	em
1	**2**	**3**	**4**

COLOCAÇÃO PRONOMINAL

Os pronomes oblíquos podem ser colocados de três maneiras diferentes em uma oração: antes do verbo, depois do verbo ou ainda no meio do verbo.

Quando o pronome for colocado antes do verbo, damos o nome de PRÓCLISE.

A **PRÓCLISE** ocorrerá nos seguintes casos:

1. em orações que contenham palavra ou expressão de valor negativo.
2. nas orações em que haja advérbios ou pronomes indefinidos.
3. nas orações introduzidas por pronomes relativos.
4. nas orações subordinadas.
5. nas orações interrogativas.
6. nas orações exclamativas.
7. nas orações optativas (que exprimem desejo).

I. Não **SE** fazem mais carros como antes.
II. Assim **SE** amam os seres humanos.
Tudo **ME** incomoda profundamente neste bar.
III. Foram perguntas que **SE** impuseram a ele.
IV. Quando **SE** escutavam seus gritos, eles saiam em desabalada correria.
V. Por que **O** chateiam tanto?
VI. Como **SE** estuda nesta classe!
VII. Deus **TE** abençoe, meu filho!

A **MESÓCLISE** ocorrerá nos seguintes casos:

1. verbos no futuro do presente.
2. verbos no futuro do pretérito. (só haverá MESÓCLISE quando a PRÓCLISE não for obrigatória).

Encontrá-**LA**-ei no próximo verão.
Não **A** encontrarei no próximo verão.
Encontrá-**LA**-ia se não fosse a chuva.
Não **A** encontraria mesmo que chovesse.

A **ÊNCLISE** ocorrerá nos seguintes casos:

1. com verbos no início do período.
2. com verbos no imperativo afirmativo.
3. com verbos no gerúndio.
4. com verbos no infinitivo impessoal.

Vi-**O** ainda sacudindo o braço.
Fale-**ME** o que está acontecendo com você.
Levou o filho aos braços, beijando-**O**.
É hora de despedir-**SE** do amigo.

Obs.: No português falado e escrito no Brasil, é comum iniciar-se oração com pronome oblíquo átono, contrariando a regra.

Obs.: Se o gerúndio vier precedido da preposição **EM**, emprega-se a **PRÓCLISE**.

CONCORDÂNCIA NOMINAL

Seria absurdo para alguém falar a seguinte frase: "Aquela meninos ganhou uma brinquedo cara de sua irmão.". Observe que existe uma série de erros na frase citada pois não há concordância entre os elementos que a compõem. Pela prática, sabemos que, na frase acima, é necessário:

1. ajustar o pronome AQUELA e UMA aos substantivos que a seguem.
2. ajustar a palavra CARA à palavra BRINQUEDO.
3. ajustar o verbo GANHOU ao sujeito MENINOS.
4. ajustar a palavra SUA à palavra IRMÃO.

Quando o ajuste for feito entre NOMES, damos o nome de CONCORDÂNCIA NOMINAL.

Quando o ajuste for feito entre o VERBO e o SUJEITO, damos o nome de CONCORDÂNCIA VERBAL.

hamilton.furtado@terra.com.br

Na frase acima citada, ao fazermos as concordâncias, ficaria:

"*Aqueles meninos* ganharam um brinquedo caro de seu irmão."

OU

"*Aquele menino* ganhou um brinquedo caro de seu irmão."

Para realizarmos uma concordância nominal deveremos seguir algumas regras.

REGRA GERAL

Todas as palavras que se referem ao SUBSTANTIVO devem concordar com ele em GÊNERO (masculino/feminino) e NÚMERO (singular/plural).

Exemplo:

As nossas duas irmãs pequenas estão aí.

artigo	pronome	numeral	subst.	adjetivo
(fem/pl)	(fem/pl)	(fem/pl)	(fem/pl)	(fem/pl)

OUTROS CASOS DE CONCORDÂNCIA NOMINAL

1 – UM ADJETIVO APÓS VÁRIOS SUBSTANTIVOS DO MESMO GÊNERO

Há duas concordâncias possíveis:

a) o adjetivo assume o gênero (masculino ou feminino) dos substantivos e VAI PARA O PLURAL.
b) o adjetivo concorda em gênero (masculino ou feminino) e número (singular ou plural) com o ÚLTIMO SUBSTANTIVO.

Exemplos:

Ela tem irmão e marido bonitos.
masc/plural

Ela tem irmão e marido bonito.
concordou só com o último

Se o adjetivo exercer a função sintática de PREDICATIVO, ele vai sempre para o PLURAL, para concordar com todos os substantivos.

O irmão e o marido dela são bonitos.
VL predicativo

2. UM ADJETIVO APÓS VÁRIOS SUBSTANTIVOS DE GÊNEROS DIFERENTES

Há duas concordâncias possíveis:

a) o adjetivo vai para o MASCULINO PLURAL.
b) o adjetivo concorda em GÊNERO e NÚMERO com o ÚLTIMO SUBSTANTIVO.

Existem argumento e razão justos.
masc/plural

Existem argumento e razão justa.
concordou só com o último

Existem razão e argumento justo.
concordou só com o último

Se o adjetivo tiver função de PREDICATIVO, ele vai obrigatoriamente para o PLURAL MASCULINO (concordando, portanto, com todos os substantivos).

O argumento e a razão são justos.
VL predicativo

3. UM ADJETIVO ANTES DE VÁRIOS SUBSTANTIVOS

O adjetivo concorda somente com o primeiro substantivo.

Ela tem boa memória e talento.

Ela tem bom talento e memória.

Obs.: Quando o adjetivo funciona como PREDICATIVO, ele pode concordar só com o primeiro substantivo ou ir para o plural.

Ficou triste a aluna e o professor.

Ficaram tristes a aluna e o professor.

Ficou irritada a platéia e o cantor.

Ficaram irritados a platéia e o cantor.

hamilton.furtado@terra.com.br

4. UM E OUTRO (NUM E NOUTRO) + SUBSTANTIVO + ADJETIVO

Neste caso, o SUBSTANTIVO fica no SINGULAR e o ADJETIVO vai para o PLURAL.

Numa e noutra questão complicadas ele se
subst. sing adj. plural
confundia.

5. MESMO

Essa palavra pode ser PRONOME ou ADVÉRBIO.

Quando é **pronome**, concorda com a palavra que se refere.

Ele mesmo resolveu o impasse.

Ela mesma resolveu o impasse.

Eles mesmos resolveram o impasse.

Elas mesmas resolveram o impasse.

Quando é ADVÉRBIO: (mesmo = realmente), é invariável.

Os alunos resolveram mesmo o problema.

As alunas resolveram mesmo o problema.

6. ANEXO

ANEXO (anexa, anexos, anexas) é um ADJETIVO, por esse motivo deve concordar com o nome a que se refere.

Enviamos anexos os documentos pedidos.

Enviamos anexas as cópias pedidas.

Enviamos anexo o documento pedido.

Enviamos anexa a cópia pedida.

Obs.: A locução EM ANEXO é invariável.
Enviamos em anexo as cópias pedidas.

A palavra INCLUSO faz concordância da mesma maneira que ANEXO.

7. OBRIGADO

Essa palavra deve ser usada:

a) no masculino quando o homem é quem está agradecendo.
O namorado lhe disse: muito obrigad**o**.

b) no feminino quando a mulher é quem está agradecendo.
A namorada lhe disse: muito obrigad**a**.

8. BASTANTE

Essa palavra pode ser PRONOME INDEFINIDO ou ADVÉRBIO.

a) Quando for PRONOME, concorda com o substantivo a que se refere. (portanto pode ter plural)

Como regra prática você pode substituir mentalmente pela palavra MUITO(S) ou MUITA(S).

Ele ficou aqui bastante tempo.
Ele ficou aqui muito tempo.

Ela comprou bastantes vestidos.
Ela comprou muitos vestidos.

b) Quando for ADVÉRBIO, é invariável.

Os alunos estavam bastante felizes.

Repare que neste caso NÃO É POSSÍVEL substituir por MUITO(S) ou MUITA(S).

9. MEIO

Essa palavra só pode ser NUMERAL ou ADVÉRBIO.

a) Quando é NUMERAL (meio = metade), concorda com a palavra a que se refere.

Ele tomou meio copo de vinho.

Ele tomou meia garrafa de vinho.

Eles tomaram dois meios copos de vinho.

Eles tomaram duas meias garrafas de água.

b) Quando é ADVÉRBIO (meio = um pouco), é invariável

Ela ficou meio preocupada.

Elas ficaram meio preocupadas.

Ele ficou meio preocupado.

Eles ficaram meio preocupados.

hamilton.furtado@terra.com.br

10. SÓ

Essa palavra vai para o PLURAL quando significa sozinhos ou sozinhas.

Os noivos queriam ficar **sós** na viagem.

Ela é INVARIÁVEL quando significa apenas / somente.

Os noivos queriam ficar **só** no quarto.

A locução A **SÓS** é invariável.

Os noivos queriam ficar a sós no quarto.

A noiva queria ficar a sós no quarto.

O noivo queria ficar a sós no quarto.

11. É BOM, É PROIBIDO, É NECESSÁRIO + SUBSTANTIVO

a) Essas expressões concordam com o substantivo a que se referem quando esse substantivo é precedido de artigo ou de pronome.

É proibida a entrada.
artigo substantivo

É necessária muita paciência
pronome substantivo

b) Elas ficam invariáveis quando o substantivo não é precedido de artigo ou de pronome.

É proibido entrada.
invariável subst. sem artigo

Laranja é bom para a saúde.
subst. sem art. invariável

12. ALERTA E MENOS

ALERTA é invariável, não tem plural.

Os guardas estavam alerta.

MENOS é invariável.

Na corrida de ontem havia menos pessoas.

CONCORDÂNCIA VERBAL

A concordância do verbo com o sujeito é definida por regras que têm, no padrão culto da língua portuguesa, o ponto de referência para considerar "certa" ou "errada" uma determinada frase.

Para o estudo da concordância verbal, deve-se levar em consideração:

- o sujeito da oração;
- a regra de concordância para esse sujeito.

1. REGRA GERAL

O verbo concorda com o núcleo do sujeito simples em número (singular/plural) e pessoa (1ª, 2ª, 3ª).

Nós jamais fomos ao teatro.

Molhava a rua uma chuvinha fina e fria.

2. A MAIOR PARTE DE, GRANDE NÚMERO DE + NOME NO PLURAL

O verbo pode ir para o singular ou para o plural.

A maioria dos alunos { votou / votaram } no colega.

3. MAIS DE, MENOS DE, PERTO DE + NUMERAL

O verbo concorda com o numeral.

Cerca de dez alunos foram reprovados.

Mais de um professor ficou aborrecido.

4. VERBO + PRONOME SE

a) Se o pronome **SE** for **PRONOME APASSIVADOR**, o verbo concorda com o sujeito paciente (que está na frase).

b) Se o pronome **SE** for **ÍNDICE DE INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO**, o verbo fica na 3ª pessoa do singular.

Aluga-**se** casa na praia.

Alugam-**se** casas na praia.

Precisa-**se** de secretária nesta loja.

Precisa-**se** de secretárias do lar.

5. RELATIVOS QUE E QUEM

a) Se o sujeito é o pronome **QUE**, o verbo concorda com o antecedente desse pronome.

b) Se o sujeito é o pronome **QUEM**, o verbo pode ficar na 3ª pessoa do singular ou concordar com o antecedente desse pronome.

hamilton.furtado@terra.com.br

Hoje sou eu **que** começo a partida.

Foram os alunos **quem** colaram o cartaz.

Foram os alunos **quem** colou o cartaz.

6. NOME PRÓPRIO NO PLURAL

a) Se o NOME PRÓPRIO estiver COM ARTIGO, o verbo concorda com o artigo.
b) Se o NOME PRÓPRIO estiver SEM ARTIGO, o verbo fica no singular.

Os Alpes **são** montanhas belíssimas.

Indianópolis **é** uma cidade mineira.

7. QUAL DE NÓS/VÓS? QUAIS DE NÓS/VÓS? ALGUM DE NÓS/VÓS

a) Pronome interrogativo singular (**QUAL**, **QUEM**) ou indefinido singular (**ALGUM**, **NENHUM**, **ALGUÉM**) + **DE NÓS** ou **DE VÓS** — o verbo fica na 3ª pessoa do singular.
b) Pronome interrogativo plural (**QUAIS**, **QUANTOS**) ou indefinido plural (**ALGUNS**, **POUCOS**, **MUITOS**) + **DE NÓS** ou **DE VÓS** — o verbo pode ficar na 3ª pessoa do plural ou concordar com NÓS/VÓS.

Qual de nós falará com o diretor?

Quais de nós { contaremos / contará } a história a ele?

Muitos dentre vós { teríeis / teriam } pecado hoje.

8. PRONOME DE TRATAMENTO

O verbo fica sempre na 3ª pessoa do singular.

Vossa Senhoria irá comparecer à festa?
Vossa Majestade sairá de carruagem?

9. SUJEITO COMPOSTO ANTES DO VERBO

O verbo vai para o plural.

Os carros e os caminhões são novos.

a) Se os núcleos do sujeito forem **SINÔNIMOS** (ou quase sinônimos), o verbo pode ficar no singular ou no plural.

A paz e a tranqüilidade { reinava / reinavam } ali.

b) Quando os núcleos do sujeito formam uma **ENUMERAÇÃO GRADATIVA**, o verbo pode ficar no singular ou no plural.

Um dia, uma hora, um minuto { bastava / bastavam } para que ela contasse o segredo.

c) Quando os núcleos do sujeito estão resumidos por **TUDO**, **NADA**, **NINGUÉM**, **ALGUÉM**, o verbo tem que, necessariamente ficar no singular.

O medo, o temor, a ameaça, nada o deteria.

d) Quando o sujeito apresenta a expressão **UM** e **OUTRO**, o verbo pode ficar no singular ou no plural.

Um e outro político { falava / falavam } mentiras.

10. SUJEITO COMPOSTO DEPOIS DO VERBO

O verbo pode ir para o plural ou concordar com o primeiro núcleo do sujeito.

Brincavam na rua o menino e a menina.

Brincava na rua o menino e a menina.

11. SUJEITO COMPOSTO DE PESSOAS GRAMATICAIS DIFERENTES

a) Se aparecer a 1ª pessoa do singular ou plural, o verbo vai para a 1ª pessoa do plural.

Você, seu irmão e **eu** iremos viajar.

b) Se entre as pessoas gramaticais não aparecer a 1ª pessoa (singular ou plural) o verbo pode ir para a 2ª do plural ou para a 3ª do plural (vocês).

Tu e o empregado { *trabalharão* / *trabalhareis* } na roça.

12. NÚCLEOS DO SUJEITO LIGADOS POR OU

a) Se o **OU** indica exclusão, o verbo fica no singular.

José ou Pedro fará a pergunta.

b) Se o **OU** não indica exclusão, o verbo vai para o plural.

O poder ou a riqueza sempre o atraiam.

A CONCORDÂNCIA COM O VERBO SER

1. SUJEITO E PREDICATIVO REFEREM-SE A COISAS

hamilton.furtado@terra.com.br

a) Sujeito e predicativo no singular → o verbo **SER** fica no singular.

Seu maior sonho **era ser** presidente.

b) Sujeito e predicativo no plural → o verbo **SER** fica no plural.

Nossos sonhos são otimistas demais.

c) Sujeito no singular e predicativo no plural (ou vice-versa) → o verbo **SER** pode ficar no singular ou no plural.

As acusações foram só um desabafo.

As acusações foi só um desabafo.

Obs.: Neste caso, embora as duas concordâncias estejam corretas, a tendência é colocar o verbo SER no plural.

Obs.: Quando o sujeito é um dos pronomes **ISSO**, **ISTO**, **AQUILO O** (= aquilo) ou **TUDO**, a tendência é usar o verbo **SER** concordando com o predicativo plural.

2. SUJEITO OU PREDICATIVO REFEREM-SE A PESSOA

O verbo **SER** sempre concorda com a pessoa.

Na escola os alunos eram estudiosos.

3. PRONOME PESSOAL COMO SUJEITO OU PREDICATIVO

O verbo **SER** concorda com o pronome pessoal.

O culpado não sou eu.

Vós não sereis julgado.

4. NA INDICAÇÃO DE HORAS, DISTÂNCIAS E DATAS

Na indicação de **HORAS** e **DISTÂNCIAS**, o verbo **SER** concorda com a expressão numérica.

Daqui a São Paulo são seiscentos quilômetros.
Agora são oito horas da noite.
Hoje é dia 1º de abril.
Hoje é 1º de abril.
Hoje é 31 de março.
Hoje são 31 de março.
Obs.: na indicação de **DATAS**, o verbo **SER** concorda com a palavra dia(s) que pode estar expressa ou subentendida na frase.

5. É MUITO, É POUCO, É DEMAIS

Nessas expressões, usadas para indicar **QUANTIDADE** (preço, peso, medida, etc.) o verbo **SER** fica sempre no singular.

Dois ovos é pouco para fazer o bolo.
Mil cruzeiros é muito por esta maçã.
Dez arrobas é pouco na idade do boi.

VERBOS IMPESSOAIS

1. HAVER

Quando tiver sentido de **EXISTIR** ou **ACONTECER** é um verbo **IMPESSOAL**, isto é, sem sujeito, por isso fica sempre na 3ª pessoa do singular.
Não havia mais vagas na escola.
Não devia haver mais vagas na sala.
Amanhã haverá um jantar festivo.
Amanhã haverá duas aulas de direito constitucional.

2. FAZER

O verbo **FAZER** é impessoal quando usado na indicação de **TEMPO DECORRIDO** (ou **A DECORRER**). Neste caso o verbo ficará na 3ª pessoa do singular.
Hoje faz três meses que eu desquitei.
Vai fazer duas horas que eu te espero.

O USO DOS PORQUÊS

Grafa-se "**POR QUE**" (separado e sem circunflexo) em dois casos:
a) Nas frases interrogativas (não no fim).
EXEMPLOS:
Por que saíste agora? E nós, **por que** ficamos?

Quando for substituível por "pelo qual", "pela qual", "pelos quais", "pelas quais".
EXEMPLO:
As dificuldades **por que** passei foram muitas.
(As dificuldades **pelas quais** passei foram muitas)

Grafa-se "**POR QUÊ**" (separado e com circunflexo), quando essa expressão estiver antes de um ponto final. (interrogativo ou não
EXEMPLOS:
Saíste agora **por quê**?
Ninguém sabe **por quê**
.

Grafa-se "**PORQUÊ**" (junto e com circunflexo) quando essa palavra estiver substantivada (antecedida de artigo).
EXEMPLOS: O **porquê** da questão não foi esclarecido.
Um **porquê** pode ser grafado de quatro modos.

Grafa-se "**PORQUE**" (junto e sem circunflexo) nos demais casos.
EXEMPLOS:
Não fui à aula, **porque** estava doente.

hamilton.furtado@terra.com.br

Nota:
Após os vocábulos "eis" e "dai", subentende-se a palavra "motivo" o que justifica a grafia da palavra separadamente.
EXEMPLOS:
Daí **por que** não aceitei as reclamações.
(Daí o motivo **pelo qual** não aceitei as reclamações).
Eis **por que** sou muito feliz.
(Eis o motivo **pelo qual** sou muito feliz).

REGÊNCIA NOMINAL

Acostumado **a, com**	Curioso **de**
Afável **com, para com**	Desgostoso **com, de**
Afeiçoado **a, por**	Desprezo **a, de, por**
Aflito **com, por**	Devoção **a, por, para com**
Alheio **a, de**	Devoto **a, de**
Ambicioso **de**	Dúvida **em, sobre, acerca de**
Amizade **a, por, com**	Empenho **de, em, por**
Amor **a, por**	Falta **a, com, para com**
Ansioso **de, para, por**	Imbuído **de, em**
Apaixonado **de, por**	Imune **a, de**
Atencioso **com, para com**	Inclinação **a, para, por**
Apto **a, para**	Incompatível **com**
Aversão **a, por**	Junto **a, de**
Ávido **de, por**	Preferível **a**
Conforme **a**	Propenso **a, para**
Constante **de, em**	Próximo **a, de**
Constituído **com, de, por**	Respeito **a, com, de, por, para com**
Contemporâneo **a, de**	Situado **a, em, entre**
Contente **com, de, em, por**	Último **a, de, em**
Cruel **com, para, para com**	Único **a, em, entre, sobre**

SENÃO OU SE NÃO

Quando que eu uso junto e quando eu uso separado? VEJA:

Se não der para você vir, não tem problema. **Caso** não der para você vir, não tem problema. As duas orações acima não têm o mesmo sentido?

Agora, observe:
O que é isso, **senão** uma briga?
O que é isso, **caso** não uma briga??????

A substituição feita acima de "**senão**" por "**caso não**" foi insatisfatória, pois não ficou coerente, não tem sentido!

Logo, percebemos que "**se não**" e "**senão**" **NÃO** possuem o mesmo significado, uma vez que não podem ser substituídos pela mesma expressão.

Use **"se não"** (união da conjunção se + advérbio não) quando puder trocar por "caso não", "quando não" ou quando a conjunção "se" for integrante e estiver introduzindo uma oração objetiva direta: Perguntei a ela se não queria dormir em minha casa.
Use **"senão"** quando puder substituir por "do contrário", "de outro modo", "caso contrário", "porém", "a não ser", "mas sim", "mas também".

Bom, vejamos em exemplos:

SENÃO

1) Luta, ***senão*** estás perdido. (do contrário / de outro modo)
2) Não era ouro nem prata, ***senão*** ferro. (mas sim)
3) Ninguém, ***senão*** os irmãos Correa, compareceram à cerimônia. (exceto / salvo / a não ser)
4) Não encontrei um ***senão*** na apresentação da peça. (defeito / falha)

SE NÃO:

Usa-se em frases que indicam condição, alternativa, incerteza, dúvida.
5) ***Se não*** for possível despachar a mercadoria, telefone-me. (condição)
6) Havia dois jogadores, ***se não*** três. (incerteza)

A OU HÁ

Se o ***há*** equivale a ***faz*** – ambos indicam, no caso, tempo decorrido e deve ser escrito com **H,** pois é conjugação do verbo ***HAVER***.
Estou em São Paulo **há (faz)** vários anos. **Há** quanto tempo você está aqui?
Usa-se o **A** quando a projeção se faz para o futuro ou quando a indicação for de distância. Estou **A** 15 dias de minha formatura. Daqui **A** pouco irei embora. Ele está **A** dois metros daqui.

hamilton.furtado@terra.com.br

VOCÊ É AFIM OU ESTÁ A FIM?

Convém não confundir. **AFIM** que equivale a **TER AFINIDADE, SEMELHANÇA OU PARENTESCO**:
Esses funcionários desempenham funções **afins**.
São indivíduos de famílias **afins**.
O espanhol e o romeno são línguas **afins** com o português.
Quais são as ciências **afins** com a química?
O P e o T são consoantes **afins** na articulação.

A FIM equivale a **PARA, COM A FINALIDADE DE**:
Fui lá **a fim** de ajudar, e não de atrapalhar.
Saímos **a fim** de nos divertirmos.

A maioria dos jovens usa *afim* sem perceber a diferença, basta ver nos "blogs, MSN, ORKUT e outros.:
Vou ao cinema, Mônica. Estás "**afim**"?
Você está "**afim** de" me namorar?
Rosana está muito "**afim** de" você, Rodrigo.

ACORDO ORTOGRÁFICO

Mudanças no alfabeto
O alfabeto passa a ter 26 letras. Foram reintroduzidas as letras **k**, **w** e **y**.
O alfabeto completo passa a ser:
A B C D E F G H I J **K** L M N O P Q R S T U V **W**X **Y** Z
As letras **k**, **w** e **y**, que na verdade não tinham desaparecido da maioria dos dicionários da nossa língua, são usadas em várias situações. Por exemplo:
a) na escrita de símbolos de unidades de medida:
km (quilômetro), kg (quilograma), W (watt);
b) na escrita de palavras estrangeiras (e seus derivados): show, playboy, playground, windsurf, kung fu, yin, yang, William, kaiser, Kafka, kafkiano.

Trema
Não se usa mais o trema (¨), sinal colocado sobre a letra **u** para indicar que ela deve ser pronunciada nos grupos **gue**, **gui**, **que**, **qui**.

Como era	Como fica	Como era	Como fica
agüentar	aguentar	freqüente	frequente
argüir	arguir	lingüeta	lingueta
bilíngüe	bilíngue	lingüiça	linguiça
cinqüenta	cinquenta	qüinqüênio	quinquênio
delinqüente	delinquente	sagüi	sagui
eloqüente	eloquente	seqüência	sequência
ensangüentado	ensanguentado	seqüestro	sequestro
eqüestre	equestre	tranqüilo	tranquilo

Atenção: o trema permanece apenas nas palavras estrangeiras e em suas derivadas. Exemplos: Müller, mülleriano.

Mudanças nas regras de acentuação
1. Não se usa mais o acento dos ditongos abertos **éi** e **ói** das palavras paroxítonas (palavras que têm acento tônico na penúltima sílaba).

Como era	Como fica	Como era	Como fica
alcalóide	alcaloide	estóico	estoico
alcatéia	alcateia	estréia	estreia
andróide	androide	estréio (verbo estrear)	estreio
apóia (verbo apoiar)	apoia	geléia	geleia
apóio (verbo apoiar)	apoio	heróico	heroico
asteróide	asteroide	idéia	ideia
bóia	boia	jibóia	jiboia
celulóide	celuloide	jóia	joia
clarabóia	claraboia	odisséia	odisseia
colméia	colmeia	paranóia	paranoia
Coréia	Coreia	paranóico	paranoico
debilóide	debiloide	platéia	plateia
epopéia	epopeia	tramóia	tramóia

Atenção: essa regra é válida somente para palavras paroxítonas. Assim, continuam a ser acentuadas as palavras oxítonas terminadas em **éis, éu, éus, ói, óis.** Exemplos: papéis, herói, heróis, troféu, troféus.
2. Nas palavras paroxítonas, não se usa mais o acento no **i** e no **u** tônicos quando vierem depois de um ditongo.

Como era	Como fica
baiúca	baiuca
bocaiúva	bocaiuva
cauíla	cauila
feiúra	feiura

Atenção: se a palavra for oxítona e o **i** ou o **u** estiverem em posição final (ou seguidos de **s**), o acento permanece. Exemplos: tuiuiú, tuiuiús, Piauí.

3. Não se usa mais o acento das palavras terminadas em **êem** e **ôo(s)**.

Como era	Como fica
abençôo	abençoo
crêem (verbo crer)	creem
dêem (verbo dar)	deem
dôo (verbo doar)	doo
enjôo	enjoo
lêem (verbo ler)	leem
magôo (verbo magoar)	magoo
perdôo (verbo perdoar)	perdoo
povôo (verbo povoar)	povoo
vêem (verbo ver)	veem
vôos	voos
zôo	zoo

4. Não se usa mais o acento que diferenciava os pares pára/para, péla(s)/ pela(s), pêlo(s)/pelo(s), pólo(s)/polo(s) e pêra/pera.

hamilton.furtado@terra.com.br

Como era	Como fica
Ele **pára** o carro.	Ele **para** o carro.
Ele foi ao **pólo** Norte.	Ele foi ao **pólo** Norte.
Ele gosta de jogar **pólo**.	Ele gosta de jogar **polo**.
Esse gato tem **pelos** brancos.	Esse gato tem **pêlos** brancos
Comi uma **pêra**.	Comi uma **pera**.

Atenção:
 Permanece o acento diferencial em pôde/pode. **Pôde** é a forma do passado do verbo poder (pretérito perfeito do indicativo), na 3a pessoa do singular.
Pode é a forma do presente do indicativo, na 3a pessoa do singular.
Exemplo: Ontem, ele não **pôde** sair mais cedo, mas hoje ele **pode**.
 Permanece o acento diferencial em pôr/por.
Pôr é verbo. **Por** é preposição.
Exemplo: Vou **pôr** o livro na estante que foi feita **por** mim.
 Permanecem os acentos que diferenciam o singular do plural dos verbos **ter** e **vir**, assim como de seus derivados (manter, deter, reter, conter, convir, intervir, advir etc.).
Exemplos:
Ele **tem** dois carros. / Eles **têm** dois carros.
Ele **vem** de Sorocaba. / Eles **vêm** de Sorocaba.
Ele **mantém** a palavra. / Eles **mantêm** a palavra.
Ele **convém** aos estudantes. / Eles **convêm** aos estudantes.
Ele **detém** o poder. / Eles **detêm** o poder.
Ele **intervém** em todas as aulas. / Eles **intervêm** em todas as aulas.

 É facultativo o uso do acento circunflexo para diferenciar as palavras forma/fôrma. Em alguns casos, o uso do acento deixa a frase mais clara. Veja este exemplo: Qual é a **forma** da **fôrma** do bolo?

5. Não se usa mais o acento agudo no **u** tônico das formas (tu) arguis, (ele) argui, (eles) arguem, do presente do indicativo dos verbos **arguir** e **redarguir**.

6. Há uma variação na pronúncia dos verbos terminados em **guar**, **quar** e **quir**, como aguar, averiguar, apaziguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir etc. Esses verbos admitem duas pronúncias em algumas formas do presente do indicativo, do presente do subjuntivo e também do imperativo. Veja:
a) se forem pronunciadas com **a** ou **i** tônicos, essas formas devem ser acentuadas.
Exemplos:
• **verbo enxaguar**: enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam; enxágue, enxágues, enxáguem.
• **verbo delinquir**: delínquo, delínques, delínque, delínquem; delínqua, delínquas, delínquam.
b) se forem pronunciadas com **u** tônico, essas formas deixam de ser acentuadas.
Exemplos (a vogal sublinhada é tônica, isto é, deve ser pronunciada mais fortemente que as outras):
• **verbo enxaguar**: enxaguo, enxaguas, enxagua, enxaguam; enxague, enxagues, enxaguem.
• **verbo delinquir**: delinquo, delinques, delinque, delinquem; delinqua, delinquas, delinquam.

Atenção: no Brasil, a pronúncia mais corrente é a primeira, aquela com **a** e **i** tônicos.

Uso do hífen
Algumas regras do uso do hífen foram alteradas pelo novo Acordo. Mas, como se trata ainda de matéria controvertida em muitos aspectos, para facilitar a compreensão dos leitores, apresentamos um resumo das regras que orientam o uso do hífen com os prefixos mais comuns, assim como as novas orientações estabelecidas pelo Acordo.
As observações a seguir referem-se ao uso do hífen em palavras formadas por prefixos ou por elementos que podem funcionar como prefixos, como:

aero	agro	além	ante
aquém	arqui	Auto	circum
contra	entre	Ex	extra
eletro	hiper	Infra	inter
hidro	mini	Multi	neo
macro	proto	Pós	pré
micro	retro	Sub	super
pluri	sobre	vice	supra
pseudo	ultra	semi	tele
anti	co	geo	intra
pan	pró		

etc.

1. Com prefixos, usa-se sempre o hífen diante de palavra iniciada por **h**.
Exemplos:

anti-herói	anti-higiênico	anti-histórico
macro-história	mini-hotel	proto-história
sobre-humano	super-homem	ultra-humano
extra-humano		

2. Não se usa o hífen quando o prefixo termina em vogal diferente da vogal com que se inicia o segundo elemento.
Exemplos:

aeroespacial	agroindustrial	anteontem
antiaéreo	antieducativo	autoaprendizagem
autoescola	autoestrada	autoinstrução
coautor	coedição	extraescolar
infraestrutura	plurianual	semiaberto
semianalfabeto	semiesférico	semiopaco

Exceção: o prefixo **co** aglutina-se em geral com o segundo elemento, mesmo quando este se inicia por **o**: coobrigar, coobrigação, coordenar, cooperar, cooperação, cooptar, coocupante etc.

3. Não se usa o hífen quando o prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa por consoante diferente de **r** ou **s**. Exemplos:

anteprojeto	antipedagógico	autopeça
autoproteção	coprodução	geopolítica
microcomputador	pseudoprofessor	semicírculo

semideus	seminovo	ultramoderno

Atenção: com o prefixo **vice**, usa-se sempre o hífen.
Exemplos: vice-rei, vice-almirante etc.

4. Não se usa o hífen quando o prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa por **r** ou **s**. Nesse caso, duplicam-se essas letras. Exemplos:

antirrábico	antirracismo	antirreligioso
antirrugas	antissocial	biorritmo
contrarregra	contrassenso	cosseno
infrassom	microssistema	minissaia
multissecular	neorrealismo	neossimbolista
semirreta	ultrarresistente	ultrassom

5. Quando o prefixo termina por vogal, usa-se o hífen se o segundo elemento começar pela mesma vogal.
Exemplos:

anti-ibérico	anti-imperialista	micro-ondas
anti-inflacionário	anti-inflamatório	micro-ônibus
auto-observação	contra-almirante	semi-internato
contra-atacar	contra-ataque	semi-interno

6. Quando o prefixo termina por consoante, usa-se o hífen se o segundo elemento começar pela mesma consoante.
Exemplos:

hiper-requintado	inter-racial	super-racista
inter-regional	sub-bibliotecário	super-reacionário
super-resistente	super-romântico	

Atenção:
- Nos demais casos não se usa o hífen.

Exemplos:
- hipermercado, intermunicipal, superinteressante, superproteção.
- Com o prefixo **sub**, usa-se o hífen também diante de palavra iniciada por **r**: sub-região, sub-raça etc.
- Com os prefixos **circum** e **pan**, usa-se o hífen diante de palavra iniciada por **m**, **n** e **vogal**: circum-navegação, pan-americano etc.

7. Quando o prefixo termina por consoante, não se usa o hífen se o segundo elemento começar por vogal.
Exemplos:

hiperativo	interescolar	interestadual
interestelar	interestudantil	superamigo
superaquecimento	supereconômico	superexigente
superinteressante	superotimismo	hiperacidez

8. Com os prefixos: **ex, sem, além, aquém, recém, pós, pré, pró**, usa-se sempre o hífen.
Exemplos:

além-mar	além-túmulo	aquém-mar
ex-aluno	ex-diretor	ex-hospedeiro
ex-prefeito	ex-presidente	pós-graduação
pré-história	pré-vestibular	pró-europeu
recém-casado	recém-nascido	sem-terra

9. Deve-se usar o hífen com os sufixos de origem tupi-guarani: **açu, guaçu** e **mirim**.
Exemplos:

amoré-guaçu	anajá-mirim	capim-açu.

10. Deve-se usar o hífen para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando não propriamente vocábulos, mas encadeamentos vocabulares.
Exemplos: ponte Rio-Niterói, eixo Rio-São Paulo.

11. Não se deve usar o hífen em certas palavras que perderam a noção de composição.
Exemplos:

girassol	madressilva	mandachuva
paraquedas	paraquedista	pontapé

12. Para clareza gráfica, se no final da linha a partição de uma palavra ou combinação de palavras coincidir com o hífen, ele deve ser repetido na linha seguinte.
Exemplos:

Na casa, **conta** – -- **se** que ele foi viajar.	O diretor recebeu **ex** – -- **alunos**.

RESUMO

Emprego do hífen com prefixos

Regra básica
Sempre se usa o hífen diante de **h:**
anti-higiênico, super-homem.

Outros casos
1. Prefixo terminado em vogal:
• Sem hífen diante de vogal diferente:
autoescola, antiaéreo.

• Sem hífen diante de consoante diferente de **r** e **s**: antepro-jeto, semicírculo.

• Sem hífen diante de **r** e **s**. Dobram-se essas letras: antir-racismo, antissocial, ultrassom.

• Com hífen diante de mesma vogal:
contra-ataque, micro-ondas.

2. Prefixo terminado em consoante:
• Com hífen diante de mesma consoante:
inter-regional, sub-bibliotecário.

hamilton.furtado@terra.com.br

• Sem hífen diante de consoante diferente:
intermunicipal, supersônico.

• Sem hífen diante de vogal:
interestadual, superinteressante.

Observações

1. Com o prefixo sub, usa-se o hífen também diante de palavra iniciada por **r**
sub-região, sub-raça etc.

2. Com os prefixos circum e pan, usa-se o hífen diante de palavra iniciada por **m**, **n** e vogal:
circum-navegação, pan-americano etc.

3. O prefixo co aglutina-se em geral com o segundo elemento, mesmo quando este se inicia por **o**:
coobrigação, coordenar, cooperar, cooperação, cooptar, coocupante etc.

4. Com o prefixo vice, usa-se sempre o hífen:
vice-rei, vice-almirante etc.

5. Não se deve usar o hífen em certas palavras que perderam a noção de composição, como:
girassol, madressilva, mandachuva, pontapé, paraquedas, paraquedista etc.

6. Com os prefixos ex, sem, além, aquém, recém, pós, pré, pró, usa-se sempre o hífen:
ex-aluno, sem-terra, além-mar, aquém-mar, recém-casado, pós-graduação, pré-vestibular, pró-europeu.

RESUMÃO

DIREITO PENAL PARA ÁREA POLICIAL

Estratégia
CONCURSOS

RESUMO DE DIREITO PENAL PARA CONCURSOS – ÁREA POLICIAL

PROF. RENAN ARAUJO

SUMÁRIO

1 PRINCÍPIOS CONSTITUCIONAIS DO DIREITO PENAL 3
2 CONCEITO E FONTES DO DIREITO PENAL 6
3 INFRAÇÃO PENAL 7
4 APLICAÇÃO DA LEI PENAL 8
5 TEORIA DO DELITO 15
5.1 FATO TÍPICO E SEUS ELEMENTOS 15
5.2 ILICITUDE (ANTIJURIDICIDADE) 18
5.3 CULPABILIDADE 21
6 ERRO 24
7 CONCURSO DE PESSOAS 26
8 CONCURSO DE CRIMES 29
9 EXTINÇÃO DA PUNIBILIDADE 33
10 CRIMES CONTRA A PESSOA 35
11 CRIMES CONTRA O PATRIMÔNIO 41
12 CRIMES CONTRA A DIGNIDADE SEXUAL 51
13 CRIMES CONTRA A FÉ PÚBLICA 55
14 CRIMES PRATICADOS POR FUNCIONÁRIO PÚBLICO CONTRA A ADMINISTRAÇÃO EM GERAL 59
15 CRIMES PRATICADOS POR PARTICULAR CONTRA A ADMINISTRAÇÃO EM GERAL 62
16 DOS CRIMES CONTRA A ADMINISTRAÇÃO DA JUSTIÇA 67

Olá, meus amigos!

Neste **resumo** vamos trabalhar os **pontos mais importantes para sua prova**. Naturalmente que o resumo não substitui nosso material completo (Livro digital + videoaulas), mas com certeza este resumo irá facilitar bastante sua vida na hora da revisão antes da prova.

No mais, desejo a todos uma boa maratona de estudos!

Prof. Renan Araujo

E-mail: profrenanaraujo@gmail.com

Periscope: @profrenanaraujo

Facebook: www.facebook.com/profrenanaraujoestrategia

Instagram: www.instagram.com/profrenanaraujo/?hl=pt-br

Youtube: www.youtube.com/channel/UClIFS2cyREWT35OELN8wcFQ

1 PRINCÍPIOS CONSTITUCIONAIS DO DIREITO PENAL

Conceito

Normas que, extraídas da Constituição Federal, servem como base interpretativa para todas as outras normas de Direito Penal do sistema jurídico brasileiro. **Possuem força normativa**, devendo ser respeitados, sob pena de inconstitucionalidade da norma que os contrariar. Em resumo:

Legalidade - Uma conduta não pode ser considerada criminosa se antes de sua prática (anterioridade) não havia lei formal (reserva legal) nesse sentido. Pontos importantes:

- O princípio da legalidade se divide em "reserva legal" (necessidade de Lei formal) e "anterioridade" (necessidade de que a Lei seja anterior ao fato criminoso)
- Normas penais em branco não violam tal princípio
- Lei penal não pode retroagir, sob pena de violação à anterioridade. **EXCEÇÃO**: poderá retroagir para beneficiar o réu.
- Somente Lei formal pode criar condutas criminosas e cominar penas. **OBS.:** Medida Provisória pode descriminalizar condutas e tratar de temas favoráveis ao réu (**há divergências, mas isto é o que prevalece no STF**).

Individualização da pena – Ocorre em três esferas:

- **Legislativa** - Cominação de punições proporcionais à gravidade dos crimes, e com o estabelecimento de penas mínimas e máximas.
- **Judicial** - Análise, pelo magistrado, das circunstâncias do crime, dos antecedentes do réu, etc.
- **Administrativa** – Ocorre na fase de **execução penal**, oportunidade na qual serão analisadas questões como progressão de regime, livramento condicional e outras.

Intranscendência da pena – Ninguém pode ser processado e punido por fato criminoso praticado por outra pessoa. **Isso não impede que os sucessores do condenado falecido sejam obrigados a reparar os danos civis causados pelo fato.**

OBS.: A multa não é "obrigação de reparar o dano", pois não se destina à vítima. A multa é espécie de PENA, e não pode ser executada contra os sucessores.

Limitação das penas (ou humanidade) – Determinadas espécies de sanção penal são vedadas. São elas:

- Pena de morte. **EXCEÇÃO**: No caso de guerra declarada (crimes militares).

- Pena de caráter perpétuo
- Pena de trabalhos forçados
- Pena de banimento
- Penas cruéis

OBS.: Trata-se de cláusula pétrea.

Presunção de inocência (ou presunção de não culpabilidade) – Ninguém pode ser considerado culpado se ainda não há sentença penal condenatória transitada em julgado.

⇒ **Uma regra probatória (regra de julgamento)** - Deste princípio **decorre que o ônus (obrigação) da prova cabe ao acusador (MP ou ofendido, conforme o caso).**

⇒ **Uma regra de tratamento** - Deste princípio decorre, ainda, que o réu deve ser, a todo momento, tratado como inocente.

Dimensão interna – O agente deve ser tratado, dentro do processo, como inocente.

Dimensão externa – O agente deve ser tratado como inocente FORA do processo, ou seja, o fato de estar sendo processado não pode gerar reflexos negativos na vida do réu.

OBS.: O STF decidiu, recentemente, que o cumprimento da pena pode se iniciar com a **mera condenação em segunda instância por um órgão colegiado** (TJ, TRF, etc.), relativizando o princípio da presunção de inocência (HC 126292/SP, rel. Min. Teori Zavascki, 17.2.2016).

Desse princípio decorre que o ônus da prova cabe ao acusador. O réu é, desde o começo, inocente, até que o acusador prove sua culpa.

Pontos importantes:

- A existência de prisões provisórias (prisões decretadas no curso do processo) não ofende a presunção de inocência
- Processos criminais em curso e inquéritos policiais em face do acusado NÃO podem ser considerados maus antecedentes (nem circunstâncias judiciais desfavoráveis) – **Súmula 442 do STJ**
- Não se exige sentença transitada em julgado (pelo novo crime) para que o condenado sofra regressão de regime (pela prática de novo crime)
- Não se exige sentença transitada em julgado (pelo novo crime) para que haja revogação da suspensão condicional do processo.

OUTROS PRINCÍPIOS DO DIREITO PENAL

Princípio da alteridade (ou lesividade) - O fato deve causar lesão a um bem jurídico de terceiro. Desse princípio decorre que o DIREITO PENAL NÃO PUNE A AUTOLESÃO.

Princípio da ofensividade - Não basta que o fato seja formalmente típico. É necessário que este fato ofenda, de maneira grave, o bem jurídico pretensamente protegido pela norma penal.

Princípio da Adequação social – Uma conduta, ainda quando tipificada em Lei como crime, quando não afrontar o sentimento social de Justiça, não seria crime (em sentido material).

Princípio da Fragmentariedade do Direito Penal - Nem todos os fatos considerados ilícitos pelo Direito devam ser considerados como infração penal, mas somente aqueles que atentem contra bens jurídicos EXTREMAMENTE RELEVANTES.

Princípio da Subsidiariedade do Direito Penal - O Direito Penal não deve ser usado a todo momento, mas apenas como uma ferramenta subsidiária, quando os demais ramos do Direito se mostrarem insuficientes.

Princípio da Intervenção mínima (ou *Ultima Ratio*) - Decorre do caráter fragmentário e subsidiário do Direito Penal. A criminalização de condutas só deve ocorrer quando se caracterizar como meio absolutamente necessário à proteção de bens jurídicos ou à defesa de interesses cuja proteção, pelo Direito Penal, seja absolutamente indispensável à coexistência harmônica e pacífica da sociedade.

Princípio do *ne bis in idem* – Ninguém pode ser punido duplamente pelo mesmo fato. Ninguém poderá, sequer, ser processado duas vezes pelo mesmo fato. Não se pode, ainda, utilizar o mesmo fato, condição ou circunstância duas vezes (como qualificadora e como agravante, por ex.).

Princípio da proporcionalidade - As penas devem ser aplicadas de maneira proporcional à gravidade do fato. Além disso, as penas devem ser cominadas de forma a dar ao infrator uma sanção proporcional ao fato abstratamente previsto.

Princípio da confiança - Todos possuem o direito de atuar acreditando que as demais pessoas irão agir de acordo com as normas que disciplinam a vida em sociedade. Ninguém pode ser punido por agir com essa expectativa.

Princípio da insignificância (ou da bagatela) - As condutas que não ofendam significativamente os bens jurídico-penais tutelados não podem ser consideradas crimes (em sentido material). A aplicação de tal princípio afasta a tipicidade MATERIAL da conduta.

Quadro-resumo:

PRINCÍPIO DA INSIGNIFICÂNCIA (Requisitos)	**Mínima ofensividade da conduta**	**OBS.: Não cabe para:** ➢ Furto qualificado ➢ Moeda falsa ➢ Tráfico de drogas ➢ Roubo (ou qualquer crime cometido com violência ou grave ameaça à pessoa) ➢ Crimes contra a administração pública
	Ausência de periculosidade social da ação	
	Reduzido grau de reprovabilidade da conduta	
	Inexpressividade da lesão jurídica	
	Importância do objeto material para a vítima*	**SOMENTE PARA O STJ**

Pontos importantes:

- **Descaminho** – Cabe aplicação do princípio da insignificância. PATAMAR: O **STJ entende que é R$ 10.000,00**, enquanto **o STF sustenta que é R$ 20.000,00.**
- **Reincidência** – Há **divergência** jurisprudencial. **STF**: apenas a reincidência específica é capaz de afastar a aplicação do princípio da insignificância (há decisões em sentido contrário).

2 CONCEITO E FONTES DO DIREITO PENAL

Conceito - Ramo do Direito Público cuja função é selecionar os bens jurídicos mais importantes para a sociedade e buscar protege-los, por meio da criação de normas de conduta que, uma vez violadas, constituem crimes, sob ameaça de aplicação de uma pena.

Fontes - são de duas ordens: **material** e **formal**.

- **Materiais** - **São os órgãos encarregados de produzir o Direito Penal**. No caso brasileiro, a União é o Ente responsável pela "criação" das normas de Direito Penal.

- **Formais** - Também chamadas de cognitivas ou fontes de conhecimento, por sua vez, são os meios pelos quais o Direito Penal se exterioriza, ou seja, os meios pelos quais ele se apresenta ao mundo jurídico. Podem ser **IMEDIATAS ou MEDIATAS**.
    - **Imediatas** - São aquelas que apresentam o Direito Penal de forma direta, sendo fruto dos órgãos responsáveis pela sua criação. No caso do Brasil, a única fonte formal imediata do Direito Penal é a LEI, Lei em sentido estrito. **Obs.:** MP pode tratar sobre matéria penal, desde que não seja mais gravosa (posição do STF).
    - **Mediatas** - Também chamadas de secundárias, são aquelas que ajudam a formar o Direito Penal, de forma periférica, como os costumes, os atos administrativos e os princípios gerais do Direito.

3 INFRAÇÃO PENAL

Conceito - A conduta, em regra praticada por pessoa humana, que ofende um bem jurídico penalmente tutelado, para a qual a lei estabelece uma pena, seja ela de reclusão, detenção, prisão simples ou multa.

Espécies

- **Crime** - Infração penal a que a lei comina pena de reclusão ou de detenção, isoladamente, alternativa ou cumulativamente com a pena de multa (conceito formal de crime).
- **Contravenção** - Infração penal a que a lei comina, isoladamente, pena de prisão simples ou de multa, ou ambas, alternativa ou cumulativamente.

OBS.: Crime (conceito analítico) – adoção da teoria tripartida: fato típico, ilicitude e culpabilidade.

Principais diferenças entre crime e contravenção:

CRIMES	CONTRAVENÇÕES
Admitem tentativa (art. 14, II).	**Não se admite punição de contravenção na modalidade tentada.** Ou se pratica a contravenção consumada ou se trata de um indiferente penal
Se cometido crime, tanto no Brasil quanto no estrangeiro, e vier o agente a cometer contravenção, haverá reincidência.	A **prática de contravenção no exterior não gera efeitos penais**, inclusive para fins de reincidência. Só há efeitos penais em relação à contravenção praticada no Brasil!

Tempo máximo de cumprimento de pena: 30 anos.	Tempo máximo de cumprimento de pena: **05 anos**.
Aplicam-se as hipóteses de extraterritorialidade	**Não se aplicam as hipóteses de extraterritorialidade do art. 7°** do Código Penal.

4 APLICAÇÃO DA LEI PENAL

LEI PENAL NO TEMPO

REGRA – **Princípio da atividade**: lei é aplicada aos fatos praticados durante sua vigência.

EXCEÇÃO: Extra-atividade da Lei penal benéfica. Duas formas:

- **RETROATIVIDADE** da Lei penal benéfica – Lei nova mais benéfica retroage, de forma que será aplicada aos fatos criminosos praticados antes de sua entrada em vigor.
- **ULTRA-ATIVIDADE** da Lei penal benéfica – Lei mais benéfica, quando revogada, continua a reger os fatos praticados durante sua vigência.

Abolitio criminis – Lei nova passa a não mais considerar a conduta como criminosa (descriminalização da conduta).

Continuidade típico-normativa - Em alguns casos, embora a lei nova revogue um determinado artigo que previa um tipo penal, a conduta pode continuar sendo considerada crime (não há abolitio criminis):

- Quando a Lei nova simultaneamente insere esse fato dentro de outro tipo penal.
- Quando, mesmo revogado o tipo penal, a conduta está prevista como crime em outro tipo penal.

OBS.: Faz cessar a pena e os efeitos penais da condenação.

Lei posterior que traz benefícios e prejuízos ao réu - Prevalece o entendimento de que não é possível combinar as duas Leis. Deve ser aplicada a Lei que, no todo, seja mais benéfica (teoria da ponderação unitária).

Competência para a aplicação da Lei nova mais benéfica

- **Processo ainda em curso** – Compete ao Juízo que está conduzindo o processo
- **Processo já transitado em julgado** – Compete ao Juízo da execução penal (**enunciado nº 611 da súmula do STF**)

Leis excepcionais e temporárias - Continuam a reger os fatos praticados durante sua vigência, mesmo após expirado o prazo de vigência ou mesmo após o fim das circunstâncias que determinaram a edição da lei.

OBS.: Se houver superveniência de lei abolitiva **expressamente revogando a criminalização prevista na lei temporária ou excepcional**, ela não mais produzirá efeitos.

Tempo do crime – Considera-se praticado o delito no momento conduta (ação ou omissão), ainda que outro seja o momento do resultado (adoção da teoria da ATIVIDADE).

Crimes continuados e permanentes – Consideram-se como sendo praticados enquanto não cessa a continuidade ou permanência. **Consequência**: se neste período (em que o crime está sendo praticado) sobrevier lei nova, mais grave, ela será aplicada (**súmula 711 do STF**).

LEI PENAL NO ESPAÇO

REGRA – Aplica-se a lei brasileira ao crime cometido no território nacional (princípio da territorialidade mitigada ou temperada, pois há exceções).

Território nacional - Espaço em que o Estado exerce sua soberania política. O território brasileiro compreende:

- O **Mar territorial**;
- O **espaço aéreo** (Teoria da absoluta soberania do país subjacente);
- O **subsolo**

Território nacional por extensão

- Os **navios e aeronaves públicos**, onde quer que se encontrem
- Os **navios e aeronaves particulares, que se encontrem em alto-mar ou no espaço aéreo**

EXTRATERRITORIALIDADE – Aplicação da lei penal brasileira a um crime praticado fora do território nacional.

Extraterritorialidade INCONDICIONADA - Aplica-se aos crimes cometidos:

- Contra a vida ou a liberdade do Presidente da República
- Contra o patrimônio ou a fé pública da União, do Distrito Federal, de Estado, de Território, de Município, de empresa pública, sociedade de economia mista, autarquia ou fundação instituída pelo Poder Público
- Contra a administração pública, por quem está a seu serviço
- De genocídio, quando o agente for brasileiro ou domiciliado no Brasil

OBS.: Estas hipóteses dispensam outras condições, bastando que tenha sido o crime cometido contra estes bens jurídicos.

OBS.2: Será aplicada a lei brasileira ainda que o agente já tenha sido condenado ou absolvido no exterior.

OBS.3: Caso tenha sido o agente condenado no exterior, **a pena cumprida no exterior será abatida na pena a ser cumprida no Brasil** (DETRAÇÃO PENAL).

EXTRATERRITORIALIDADE CONDICIONADA - Aplica-se aos crimes:

- Que por tratado ou convenção, o Brasil se obrigou a reprimir
- Praticados por brasileiro
- Praticados em aeronaves ou embarcações brasileiras, mercantes ou de propriedade privada, quando em território estrangeiro e aí não sejam julgados

Condições:

- ✓ Entrar o agente no território nacional
- ✓ Ser o fato punível também no país em que foi praticado
- ✓ Estar o crime incluído entre aqueles pelos quais a lei brasileira autoriza a extradição
- ✓ Não ter sido o agente absolvido no estrangeiro ou não ter aí cumprido a pena
- ✓ Não ter sido o agente perdoado no estrangeiro ou, por outro motivo, não estar extinta a punibilidade, segundo a lei mais favorável

EXTRATERRITORIALIDADE HIPER-CONDICIONADA - ÚNICA HIPÓTESE: Crime cometido por estrangeiro contra brasileiro fora do Brasil.

(hiper) Condições:

Mesmas condições da extraterritorialidade condicionada

+

Não ter sido pedida ou ter sido negada a extradição

Haver requisição do MJ

Lugar do crime - Considera-se praticado o crime no lugar em que ocorreu a conduta (ação ou omissão), bem como onde se produziu ou deveria produzir-se o resultado (**adoção da teoria da UBIQUIDADE**).

APLICAÇÃO DA LEI PENAL EM RELAÇÃO ÀS PESSOAS

SUJEITO ATIVO

É a pessoa que, de alguma forma, participa do crime (como autor ou como partícipe). É a pessoa que pratica a infração penal.

OBS.: Pessoa Jurídica pode ser sujeito ativo de crimes (atualmente, somente de crimes ambientais). Adotava-se a teoria da **dupla imputação**

(necessidade de processar, concomitantemente, a pessoa física responsável pelo ato). **STF e STJ abandonaram esta teoria**.

Imunidades – Regras específicas de (não) aplicação da lei penal a determinadas pessoas, em determinadas circunstâncias.

Imunidades diplomáticas – Se baseiam no princípio da reciprocidade. Conferidas em razão do CARGO, não da pessoa. Previstas na Convenção de Viena, incorporada ao nosso ordenamento jurídico através do Decreto 56.435/65. **Imunidade TOTAL aos Diplomatas**, sendo estendida aos funcionários dos órgãos internacionais (quando em serviço) e aos seus familiares, bem como aos Chefes de Governo e Ministros das Relações Exteriores de outros países. Estão sujeitos à Jurisdição de seu país apenas. **Irrenunciável**. **OBS.:** Com relação aos **cônsules** a **imunidade só é conferida aos atos praticados em razão do ofício.**

Imunidades parlamentares - Prerrogativas dos parlamentares, garantias conferidas para que possam desempenhar suas funções de forma livre. São **irrenunciáveis**. Duas espécies:

Imunidade material - Deputados e Senadores são invioláveis, civil e penalmente, por quaisquer de suas opiniões, palavras e votos. Não é necessário que o parlamentar tenha proferido as palavras dentro do recinto (Congresso, Assembleia Legislativa, etc.), bastando que tenha relação com sua função.

OBS.: A imunidade material dos vereadores só abrange os atos praticados na circunscrição do município.

Imunidade formal - Não está relacionada à caracterização ou não de uma conduta como crime. Está relacionada a questões processuais. São duas espécies:

- **Imunidade formal para a prisão** – "Desde a expedição do diploma, os membros do Congresso Nacional não poderão ser presos, salvo em flagrante de crime inafiançável". Os autos da prisão devem ser remetidos dentro de 24h à A Casa respectiva (Senado ou Câmara), pelo voto da maioria de seus membros, deverá resolver sobre a prisão. **OBS.:** Tal imunidade não impede: (1) prisão em flagrante de crime inafiançável; (2) prisão decorrente de condenação definitiva.

- **Imunidade formal para o processo** – Possibilidade de a Casa respectiva (Senado ou Câmara) sustar o andamento de ação penal contra um de seus membros (Senadores ou deputados federais), relativa a crime praticado APÓS a diplomação. Tópicos importantes:
    - Iniciativa de partido político com representação na Casa
    - Voto da maioria absoluta dos membros

- Caso o processo seja suspenso, suspende-se também a prescrição

➡ As imunidades são aplicáveis aos parlamentares estaduais (Deputados estaduais).

➡ Aos parlamentares municipais (vereadores) só se aplicam as imunidades materiais!

➡ As imunidades não abrangem os suplentes.

OBS.: Parlamentar afastado para exercer cargo de Ministro ou Secretário de Estado **NÃO** mantém as imunidades (INQ 725-RJ, rel. Ministra Ellen Gracie, 8.5.2002 – Informativo 267 do STF).

SUJEITO PASSIVO

É quem sofre a ofensa causada pela infração penal. Pode ser de duas espécies:

- **Sujeito passivo mediato ou formal** – É SEMPRE o **Estado**, pois a ele pertence o dever de manter a ordem pública e punir aqueles que cometem crimes.
- **Sujeito passivo imediato ou material** – É o **titular do bem jurídico efetivamente lesado** (Ex.: No furto, o dono da coisa furtada).

OBS.: O Estado também pode ser sujeito passivo imediato (Ex.: crimes contra o patrimônio público).

Tópicos importantes

- Pessoa jurídica pode ser sujeito passivo
- Mortos não podem ser sujeitos passivos (pois não são sujeitos de direitos)
- Animais não podem ser sujeitos passivos (pois não são sujeitos de direitos)

OBS.: Crime ambiental (ex.: maus-tratos a animais): sujeito passivo é a coletividade.

OBS.: Ninguém pode ser sujeito ativo e passivo do MESMO crime. Parte da Doutrina entende que isso é possível no crime de rixa, mas isso não é posição unânime

DISPOSIÇÕES PRELIMINARES DO CP

Contagem de prazos – Inclui-se o dia do começo. As frações de dia (do dia do começo) são computadas como dia inteiro. Ex.: Começou a correr o prazo no dia 10.01.15 às 22h. O dia 10.01.15 é contado como dia inteiro.

Frações não computáveis de pena – As frações de dia (horas e minutos) são desprezadas (arredonda-se para baixo). Ex.: 15 dias e 12 horas viram 15 dias. Desprezam-se as frações monetárias na pena de multa (centavos).

Aplicação subsidiária do CP – Regras gerais do CP se aplicam aos crimes regidos por Lei especial, naquilo que com elas não conflitar.

EFICÁCIA DA SENTENÇA ESTRANGEIRA

A sentença estrangeira, para produzir efeitos no Brasil, precisa ser homologada. O regramento varia de acordo com o efeito pretendido:

- **Obrigação de reparar o dano (bem como restituições e outros efeitos civis)** – Deve haver requerimento da parte interessada (em regra, a vítima ou seus sucessores).
- **Sujeitar o infrator à medida de segurança** – Existir tratado de extradição entre o Brasil e o País em que foi proferida a sentença OU, caso não exista, deve haver requisição do Ministro da Justiça.

Competência para homologação – STJ

OBS.: Não há possibilidade de homologação da sentença penal estrangeira para fins de cumprimento de PENA. A aplicação de pena criminal é um ato de soberania do Estado.

INTERPRETAÇÃO E INTEGRAÇÃO DA LEI PENAL

Interpretação da Lei penal

Autêntica – É aquela realizada pelo próprio legislador (também é chamada de interpretação legislativa).

Doutrinária – É a interpretação realizada pelos estudiosos do Direito.

Judicial – É aquela efetuada pelos membros do Poder Judiciário, através das decisões que proferem nos processos que lhe são submetidos.

Gramatical – Também é chamada de literal. É aquela que decorre da natural análise da lei.

Lógica (ou teleológica) – É aquela que busca entender a vontade da lei. É uma das mais confiáveis e técnicas.

Declaratória – Decorre da perfeita sintonia entre o que a lei diz e o que ela quis dizer.

Extensiva – Trata-se de uma atividade na qual o intérprete estende o alcance do que diz a lei, em razão de sua vontade ser esta.

Restritiva – Por outro lado, aqui o intérprete restringe o alcance do texto da lei, por ser essa a sua vontade

Analógica – Como o nome diz, decorre da analogia, que é o mesmo que comparação. Assim, essa interpretação irá existir somente naqueles casos em que a lei estabeleça uma fórmula casuística (um exemplo) e criminalize outras situações idênticas (fórmula genérica).

Integração da Lei penal

Analogia - A **analogia** não é uma técnica de interpretação da Lei Penal. Trata-se de uma técnica integrativa, ou seja, aqui se busca **suprir a falta de uma lei**.

Não confundir analogia com interpretação analógica! Na analogia, por não haver norma que regulamente o caso, o aplicador do Direito se vale de uma outra norma, parecida, de forma a aplicá-la ao caso concreto, a fim de que este não fique sem solução.

Não se admite a analogia prejudicial ao réu (analogia in malam partem).

CONFLITO APARENTE DE NORMAS PENAIS

Especialidade - O princípio da especialidade deve ser utilizado quando há conflito aparente entre duas normas, sendo que uma delas, denominada "**norma especial", possui todos os elementos da outra (norma geral), acrescida de alguns caracteres especializantes.**

OBS.: Não tem relevância o fato de a norma especial prever uma pena mais branda que a norma geral (ex.: infanticídio, que é norma especial em relação ao homicídio, e possui pena bem mais branda).

Subsidiariedade - Aqui não há uma relação de "gênero e espécie", como ocorre na especialidade. Aqui, a relação entre as normas aparentemente em conflito é de "subsidiariedade", ou seja, uma é mais abrangente que a outra. A norma subsidiária, portanto, atua como uma espécie de "soldado de reserva", ou seja, fica lá, esperando para ser aplicada quando nenhuma outra norma mais grave (primária) for aplicável. A subsidiariedade pode ser:

- ⇒ **Expressa** – A norma penal subsidiária já informa que sua aplicação só será cabível se não for prevista norma mais grave para o fato.
- ⇒ **Tácita** – Aqui a norma penal não é expressamente subsidiária, mas seu caráter subsidiário poderá ser aferido no caso concreto.

Consunção (absorção) - Pode ocorrer em algumas hipóteses:

- ⇒ **Crime progressivo** – O agente, querendo praticar determinado crime, necessariamente tem que praticar um crime menos grave.
- ⇒ **Progressão criminosa** – Aqui o agente altera seu dolo, ou seja, durante a empreitada criminosa o agente altera sua intenção.
- ⇒ **Antefato impunível (*antefactum* impunível)** – Aqui o agente pratica fatos que estão na mesma linha causal do crime principal, mas responde apenas pelo crime principal, pois se considera que estes fatos anteriores são impuníveis.
- ⇒ **Pós-fato impunível (*postfactum* impunível) –** Aqui o agente pratica fatos que, isoladamente considerados, são considerados criminosos. Todavia, por serem considerados como desdobramento natural ou exaurimento do crime praticado, não são puníveis.

Alternatividade - Seria aplicável nas hipóteses em que uma mesma norma penal descreve diversas condutas que são criminalizadas, sendo que a prática de qualquer uma delas já consuma o delito (não é necessário praticar todas), mas a

prática de mais de uma das condutas, no mesmo contexto fático, não configura mais de um crime (chamados de "tipos mistos alternativos").

5 TEORIA DO DELITO

CONCEITO DE CRIME

O Crime pode ser entendido sob três aspectos: Material, formal (legal) e analítico:

- **Formal (legal)** – Crime é a conduta prevista em Lei como crime. No Brasil, mais especificamente, é toda infração penal a que a lei comina pena de reclusão ou detenção
- **Material** – Crime é a conduta que afeta, de maneira significativa (mediante lesão ou exposição a perigo), um bem jurídico relevante de terceira pessoa.
- **Analítico** – Adoção da teoria tripartida. Crime é composto por fato típico, ilicitude e culpabilidade.

5.1FATO TÍPICO E SEUS ELEMENTOS

O fato típico também se divide em elementos, são eles:

- **Conduta humana (alguns entendem possível a conduta de pessoa jurídica) –** Adoção da teoria FINALISTA: conduta humana é a ação ou omissão **voluntária** dirigida a uma determinada finalidade.
- **Resultado naturalístico –** É a modificação do mundo real provocada pela conduta do agente. Apenas nos crimes materiais se exige um resultado naturalístico. Nos crimes formais e de mera conduta não há essa exigência. Além do resultado naturalístico (que nem sempre estará presente), **há também o resultado jurídico (ou normativo)**, que é a lesão ao bem jurídico tutelado pela norma penal. **Esse resultado sempre estará presente.**
- **Nexo de causalidade –** Nexo entre a conduta do agente e o resultado. Adoção, pelo CP, da **teoria da equivalência dos antecedentes** (considera-se causa do crime toda conduta sem a qual o resultado não teria ocorrido). Utilização do elemento subjetivo (dolo ou culpa) como filtro, para evirar a "regressão infinita". Adoção, subsidiariamente, da teoria da **causalidade adequada**, na hipótese de superveniência de causa relativamente independente que produz, por si só, o resultado. **OBS.: Teoria da imputação objetiva** não foi expressamente adotada pelo CP, mas há decisões jurisprudenciais aplicando a Teoria.
- **Tipicidade –** É a adequação da conduta do agente à conduta descrita pela norma penal incriminadora (tipicidade formal). A tipicidade material é o desdobramento do conceito material de crime: só haverá tipicidade material quando houver lesão (ou exposição a perigo) significativa a bem jurídico relevante de terceiro (afasta-se a tipicidade material, por exemplo, quando se reconhece o princípio da

insignificância). **OBS.: Adequação típica mediata:** Nem sempre a conduta praticada pelo agente se amolda perfeitamente ao tipo penal (**adequação imediata**). Às vezes é **necessário que se proceda à conjugação de outro dispositivo da Lei Penal** para se chegar à conclusão de que um fato é típico (adequação mediata). Ex.: homicídio tentado (art. 121 + art. 14, II do CP).

CRIME DOLOSO E CRIME CULPOSO

Crime doloso

Dolo direto de primeiro grau - composto pela consciência de que a conduta pode lesar um bem jurídico + a vontade de violar (pela lesão ou exposição a perigo) este bem jurídico.

Dolo direto de segundo grau - também chamado de **"dolo de consequências necessárias".** O agente não quer o resultado, mas sabe que o resultado é um **efeito colateral NECESSÁRIO**, e pratica a conduta assim mesmo, sabendo que o resultado (não querido) ocorrerá fatalmente.

Dolo eventual - consiste na consciência de que a conduta **pode gerar** um resultado criminoso + a assunção desse risco, mesmo diante da probabilidade de algo dar errado. Trata-se de hipótese na qual o agente não tem vontade de produzir o resultado criminoso, mas, analisando as circunstâncias, sabe que este resultado **pode ocorrer** e não se importa, age da mesma maneira. **OBS.:** diferença em relação ao dolo direto de segundo grau: aqui o resultado não querido é POSSÍVEL OU PROVÁVEL; no dolo direto de segundo grau o resultado não querido é CERTO (consequência necessária).

O dolo pode ser, ainda:

- **Dolo genérico** – É, basicamente, a vontade de praticar a conduta descrita no tipo penal, sem nenhuma outra finalidade.
- **Dolo específico, ou especial fim de agir** – Em contraposição ao dolo genérico, nesse caso o agente não quer somente praticar a conduta típica, mas o faz por alguma razão especial, com alguma finalidade específica.
- **Dolo geral, por erro sucessivo, ou *aberratio causae*** – Ocorre quando o agente, acreditando ter alcançado seu objetivo, pratica nova conduta, com finalidade diversa, mas depois se constata que esta última foi a que efetivamente causou o resultado. Trata-se de erro na relação de causalidade, pois embora o agente tenha conseguido alcançar a finalidade proposta, somente o alcançou através de outro meio, que não tinha direcionado para isso.
- **Dolo antecedente, atual e subsequente** – O dolo antecedente é o que se dá antes do início da execução da conduta. O dolo atual é o que está presente enquanto o agente se mantém exercendo a conduta, e o dolo subsequente ocorre quando o agente, embora

tendo iniciado a conduta com uma finalidade lícita, altera seu ânimo, passando a agir de forma ilícita.

Crime culposo

No crime culposo a conduta do agente é destinada a um determinado fim (que pode ser lícito ou não), mas pela **violação a um dever de cuidado**, o agente acaba por lesar um bem jurídico de terceiro, cometendo crime culposo. Pode se dar por:

- **Negligência** – O agente deixa de tomar todas as cautelas necessárias para que sua conduta não venha a lesar o bem jurídico de terceiro.
- **Imprudência** – É o caso do afoito, daquele que pratica atos temerários, que não se coadunam com a prudência que se deve ter na vida em sociedade.
- **Imperícia** – Decorre do desconhecimento de uma regra técnica profissional para a prática da conduta.

O crime culposo é composto de:

- **Uma conduta voluntária**
- **A violação a um dever objetivo de cuidado**
- **Um resultado naturalístico involuntário** – O resultado produzido não foi querido pelo agente (**salvo na culpa imprópria**).
- **Nexo causal**
- **Tipicidade** – Adoção da excepcionalidade do crime culposo. Só haverá punição a título de culpa se houver expressa previsão legal nesse sentido.
- **Previsibilidade objetiva** - O resultado ocorrido deve ser previsível mediante um esforço intelectual razoável. É chamada previsibilidade do "homem médio".

Modalidades de culpa

- **Culpa consciente e inconsciente** – Na **culpa consciente**, o **agente prevê** o resultado como possível, mas acredita que este não irá ocorrer (previsibilidade SUBJETIVA). Na **culpa inconsciente, o agente não prevê** que o resultado possa ocorrer (há apenas previsibilidade OBJETIVA, não subjetiva).
- **Culpa própria e culpa imprópria** – A **culpa própria** é aquela na qual o agente **NÃO QUER O RESULTADO** criminoso. É a culpa propriamente dita. Pode ser consciente, quando o agente prevê o resultado como possível, ou inconsciente, quando não há essa previsão. Na **culpa imprópria, o agente quer o resultado, mas, por erro** inescusável, acredita que o está fazendo amparado por uma

causa excludente da ilicitude ou da culpabilidade. A culpa, portanto, não está na execução da conduta, mas no momento de escolher praticar a conduta.

OBS.: crime preterdoloso (ou preterintencional): O crime preterdoloso ocorre quando o agente, com vontade de praticar determinado crime (dolo), acaba por praticar crime mais grave, não com dolo, mas por culpa.

CRIME CONSUMADO, TENTADO E IMPOSSÍVEL

Crime consumado – ocorre quando todos os elementos da definição legal da conduta criminosa estão presentes.

Crime tentado – há crime tentado quando o resultado não ocorre por circunstâncias alheias à vontade do agente. Adoção da **teoria objetiva da punibilidade da tentativa**: como regra, o agente responde pela pena do crime consumado, diminuída de um a dois terços. **EXCEÇÃO**: (1) crimes em que a mera tentativa de alcançar o resultado já consuma o delito. Ex: art. 352 do CP (Evasão mediante violência contra a pessoa); (2) outras exceções legais.

Crime impossível (tentativa inidônea ou crime oco) – o resultado não ocorre por ser absolutamente impossível sua ocorrência, em razão: (1) da absoluta impropriedade do objeto; ou (2) da absoluta ineficácia do meio. Adoção da **teoria objetiva da punibilidade da tentativa inidônea**: a conduta do agente não é punível.

Desistência voluntária - Na desistência voluntária o agente, por ato voluntário, desiste de dar sequência aos atos executórios, mesmo podendo fazê-lo. **FÓRMULA DE FRANK:** (1) Na tentativa – O agente quer, mas não pode prosseguir; (2) Na desistência voluntária – O agente pode, mas não quer prosseguir. Se o resultado não ocorre, o agente não responde pela tentativa, mas apenas pelos atos efetivamente praticados.

Arrependimento eficaz - Aqui o agente já praticou todos os atos executórios que queria e podia, mas após isto, se arrepende do ato e adota medidas que acabam por impedir a consumação do resultado. Se o resultado não ocorre, o agente não responde pela tentativa, mas apenas pelos atos efetivamente praticados.

Arrependimento posterior - Não exclui o crime, pois este já se consumou. Ocorre quando o agente repara o dano provocado ou restitui a coisa. Consequência: **diminuição de pena, de um a dois terços.** Só cabe:

- Nos crimes em que não há violência ou grave ameaça à pessoa;
- Se a reparação do dano ou restituição da coisa é anterior ao recebimento da denúncia ou queixa.

5.2ILICITUDE (ANTIJURIDICIDADE)

É a condição de contrariedade da conduta perante o Direito. Em regra, toda conduta típica é ilícita. Não o será, porém, se houver uma causa de exclusão da ilicitude. São elas:

- **Genéricas** – São aquelas que se aplicam a todo e qualquer crime. Estão previstas na parte geral do Código Penal, em seu art. 23;
- **Específicas** – São aquelas que são próprias de determinados crimes, não se aplicando a outros.

CAUSAS GENÉRICAS DE EXCLUSÃO DA ILICITUDE

ESTADO DE NECESSIDADE

Conceito – "Considera-se em estado de necessidade quem pratica o fato para salvar de perigo atual, que não provocou por sua vontade, nem podia de outro modo evitar, direito próprio ou alheio, cujo sacrifício, nas circunstâncias, não era razoável exigir-se".

Se bem sacrificado era de valor maior que o bem protegido – Não há justificação. A conduta é ilícita. O agente, contudo, tem a pena diminuída de um a dois terços.

Requisitos

- **Não ter sido criada voluntariamente pelo agente** (ou seja, se foi ele mesmo quem deu causa, não poderá sacrificar o direito de um terceiro a pretexto de salvar o seu).
- **Perigo atual** – O perigo deve estar ocorrendo. A lei não permite o estado de necessidade diante de um perigo futuro, ainda que iminente.
- A situação de perigo deve **estar expondo à lesão um bem jurídico do próprio agente ou de um terceiro**.
- **O agente não pode ter o dever jurídico de impedir o resultado**.
- **Bem jurídico sacrificado deve ser de valor igual ou inferior ao bem protegido -** Se o bem sacrificado era de valor maior que o bem protegido, não há justificação. A conduta é ilícita. O agente, contudo, tem a pena diminuída de um a dois terços.
- **Atitude necessária** – O agente deve agir nos estritos limites do necessário. Caso se exceda, responderá pelo excesso (culposo ou doloso).

Espécies:

- **Agressivo** – Quando para salvar seu bem jurídico o agente **sacrifica bem jurídico de um terceiro** que não provocou a situação de perigo.
- **Defensivo** – Quando o agente **sacrifica um bem jurídico de quem ocasionou a situação** de perigo.
- **Real** – Quando a situação de perigo efetivamente existe.
- **Putativo** – Quando a situação de perigo não existe de fato, **apenas na imaginação do agente**.

LEGÍTIMA DEFESA

Conceito – "Entende-se em legítima defesa quem, usando moderadamente dos meios necessários, repele injusta agressão, atual ou iminente, a direito seu ou de outrem".

Requisitos:

- **Agressão Injusta** – Assim, se a agressão é justa, não há legítima defesa.
- **Atual ou iminente** – A agressão deve estar acontecendo ou prestes a acontecer.
- **Contra direito próprio ou alheio** – A agressão injusta pode estar acontecendo ou prestes a acontecer **contra direito do próprio agente ou de um terceiro**.
- **Reação proporcional** – O agente deve repelir a agressão injusta, valendo-se dos meios necessários, mas sem se exceder. Caso se exceda, responderá pelo excesso (culposo ou doloso).

OBS.: Na legítima defesa, diferentemente do que ocorre no estado de necessidade, o agredido (que age em legítima defesa) **não é obrigado a fugir do agressor**, ainda que possa.

Espécies de legítima defesa:

- **Agressiva** – Quando o agente pratica um fato previsto como infração penal.
- **Defensiva** – O agente se limita a se defender, não atacando nenhum bem jurídico do agressor.
- **Própria** – Quando o agente defende seu próprio bem jurídico.
- **De terceiro** – Quando defende bem jurídico pertencente a outra pessoa.
- **Real** – Quando a agressão a iminência dela acontece, de fato, no mundo real.
- **Putativa** – Quando o agente pensa que está sendo agredido ou que esta agressão irá ocorrer, mas, na verdade, trata-se de **fruto da sua imaginação**.

Tópicos importantes:

- Não cabe legítima defesa real em face de legítima defesa real.
- Cabe legítima defesa real em face de legítima defesa putativa.
- Cabe legítima defesa sucessiva
- Sempre caberá legítima defesa em face de conduta que esteja acobertada apenas por causa de exclusão da culpabilidade
- NUNCA haverá possibilidade de legítima defesa real em face de qualquer causa de exclusão da ilicitude real.

ESTRITO CUMPRIMENTO DO DEVER LEGAL

Conceito – Ocorre quando o agente pratica fato típico, mas o faz em cumprimento a um dever previsto em lei.

Observações importantes:

- Se um terceiro colabora com aquele que age no estrito cumprimento do dever legal, a ele também se estende essa causa de exclusão da ilicitude (há comunicabilidade).
- O particular também pode agir no estrito cumprimento do dever legal.

EXERCÍCIO REGULAR DE DIREITO

Conceito – Ocorre quando o agente pratica fato típico, mas o faz no exercício de um direito seu. Dessa forma, quem age no legítimo exercício de um direito seu, não poderá estar cometendo crime, pois a ordem jurídica deve ser harmônica. **Ex.:** Lutador de vale-tudo que agride o oponente.

Excesso punível – Da mesma forma que nas demais hipóteses, o agente responderá pelo excesso (culposo ou doloso). O excesso, aqui, irá se verificar sempre que o agente ultrapassar os limites do direito que possui (não estará mais no exercício REGULAR de direito).

5.3CULPABILIDADE

CONCEITO - Juízo de reprovabilidade acerca da conduta do agente, **considerando-se suas circunstâncias pessoais.**

TEORIAS

TEORIAS ACERCA DA CULPABILIDADE		
PSICOLÓGICA	Imputabilidade (pressuposto) + dolo ou culpa	
PSICOLÓGICO-NORMATIVA	Imputabilidade + exigibilidade de conduta diversa + culpa + dolo natural (consciência e vontade) + dolo normativo (consciência da ilicitude)	
EXTREMADA	Imputabilidade + exigibilidade de conduta diversa + dolo normativo (POTENCIAL consciência da ilicitude)[1]	
LIMITADA	Mesmos elementos da teoria extremada + divergência quanto ao tratamento das descriminantes putativas decorrentes de erro sobre pressupostos fáticos (entende que devem ser tratadas como erro de tipo, e não erro de proibição).	**ADOTADA PELO CP**

[1] O dolo natural (a mera vontade e consciência de praticar a conduta definida como crime) migra, portanto, para o fato típico, como elemento integrante da conduta.

ELEMENTOS

IMPUTABILIDADE - Capacidade mental de entender o caráter ilícito da conduta e de comportar-se conforme o Direito.

Critérios para aferição da imputabilidade:

CRITÉRIOS PARA AFERIÇÃO DA IMPUTABILIDADE	
BIOLÓGIO	**Basta a existência de uma característica biológica** (doença mental ou determinada idade) para que o agente seja inimputável. **OBS.: Adotado pelo CP** em relação à inimputabilidade por menoridade penal.
PSICOLÓGICO	Só se pode aferir a imputabilidade (ou não), na análise do caso concreto (se o agente tinha discernimento).
BIOPSICOLÓGICO	Conjuga a presença de um elemento biológico (doença mental ou idade) com a necessidade de se avaliar se o agente, no caso concreto, tinha discernimento. **OBS.: Adotado pelo CP** em relação à inimputabilidade por doença mental e embriaguez decorrente de caso fortuito ou força maior.
OBS.: Em qualquer caso, a inimputabilidade é aferida no momento do fato criminoso.	

Causas de inimputabilidade penal (exclusão da imputabilidade)

Menoridade penal – São inimputáveis os menores de 18 anos (critério biológico)

Doença mental e Desenvolvimento mental incompleto ou retardado – Requisitos:

- Que o agente **possua a doença** (critério biológico)
- Que o agente seja **inteiramente incapaz de entender o caráter ilícito do fato OU inteiramente incapaz de determinar-se conforme este entendimento** (critério psicológico)

Obs.: Se, em decorrência da doença, o agente tinha discernimento PARCIAL (semi-imputabilidade), NÃO É ISENTO DE PENA (não afasta a imputabilidade). Neste caso, há redução de pena (um a dois terços).

Embriaguez – Requisitos:

- Que o agente **esteja completamente embriagado (critério biológico)**

- Que se trate de embriagues decorrente de **caso fortuito ou força maior**
- Que o agente seja **inteiramente incapaz de entender o caráter ilícito do fato OU inteiramente incapaz de determinar-se conforme este entendimento** (critério psicológico)

Obs.: Se, em decorrência da embriaguez, o agente tinha discernimento PARCIAL (semi-imputabilidade), NÃO É ISENTO DE PENA (não afasta a imputabilidade). Neste caso, há redução de pena (um a dois terços).

Esquema:

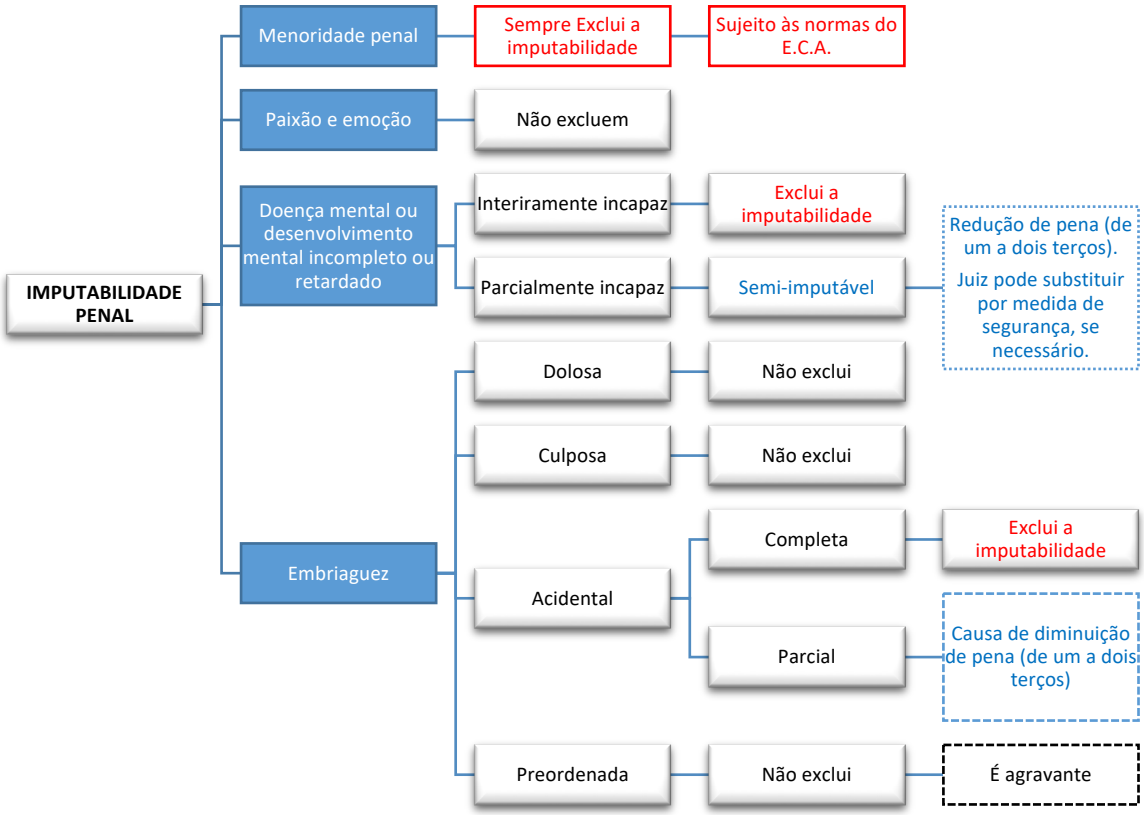

POTENCIAL CONSCIÊNCIA DA ILICITUDE - Possibilidade de o agente, de acordo com suas características, conhecer o caráter ilícito do fato. Quando o agente atua acreditando que sua conduta não é penalmente ilícita, comete erro de proibição.

EXIGIBILIDADE DE CONDUTA DIVERSA - Não basta que o agente seja imputável e que tenha potencial conhecimento da ilicitude do fato, é necessário, ainda, que o agente pudesse agir de outro modo. Não havendo tal elemento, afastada está a culpabilidade. Exemplos:

- **Coação MORAL irresistível** – Ocorre quando uma pessoa coage outra a praticar determinado crime, **sob a ameaça de lhe fazer algum mal grave**. **Obs.:** A coação FÍSICA irresistível NÃO EXCLUI A CULPABILIDADE.

A **coação FÍSICA irresistível EXCLUI O FATO TÍPICO**, por ausência de vontade (ausência de conduta).

- **Obediência hierárquica** – É o ato cometido por alguém em cumprimento a uma ordem não manifestamente ilegal proferida por um superior hierárquico. **Obs.:** prevalece que só se aplica aos funcionários públicos.

6 ERRO

ERRO DE TIPO ESSENCIAL – O agente pratica um fato considerado típico, mas o faz por ter incidido em erro sobre algum de seus elementos. É a representação errônea da realidade. O erro de tipo pode ser:

- **Escusável** – Quando o agente não poderia conhecer, de fato, a presença do elemento do tipo. Qualquer pessoa, nas mesmas condições, cometeria o mesmo erro.
- **Inescusável** – Ocorre quando o agente incorre em erro sobre elemento essencial do tipo, mas poderia, mediante um esforço mental razoável, não ter agido desta forma.

OBS.: Erro de tipo permissivo - O erro de "tipo permissivo" é o erro sobre os pressupostos objetivos de uma causa de justificação (excludente de ilicitude).

ERRO DE TIPO ACIDENTAL - O erro de tipo acidental nada mais é que um erro na execução do fato criminoso ou um desvio no nexo causal da conduta com o resultado. Pode ser:

Erro sobre a pessoa (error in persona) - Aqui o agente pratica o ato **contra pessoa diversa da pessoa visada**, por **confundi-la** com a pessoa que deveria ser o alvo do delito. Não existe falha na execução, mas na escolha da vítima. **CONSEQUÊNCIA** - O **agente responde como se tivesse praticado o crime CONTRA A PESSOA VISADA** (**teoria da equivalência**).

Erro sobre o nexo causal - O agente alcança o resultado efetivamente pretendido, mas em razão de um **nexo causal diferente daquele que o agente planejou**. Pode ser de duas espécies:

- **Erro sobre o nexo causal em sentido estrito** - Com um só ato, provoca o resultado pretendido (mas com nexo causal diferente).
- **Dolo geral ou aberratio causae –** Também chamado de DOLO GERAL OU SUCESSIVO. Ocorre quando o agente, acreditando já ter ocorrido o resultado pretendido, pratica outro ato, mas ao final verifica que este último foi o que provocou o resultado. **CONSEQUÊNCIA**: Responde por apenas um crime (há posições em contrário), pelo crime originalmente previsto (**TEORIA UNITÁRIA ou princípio unitário**). Responde, ainda, de acordo com o nexo causal efetivamente ocorrido.

Erro na execução (aberratio ictus) - Aqui o agente atinge pessoa diversa daquela que fora visada, não por confundi-la, mas por **ERRAR NA HORA DE EXECUTAR O DELITO**. Pode ser de duas espécies:

- **Erro sobre a execução com unidade simples (Aberratio ictus de resultado único ou em sentido estrito)** - O agente atinge somente a pessoa diversa daquela visada.
- **Erro sobre a execução com unidade complexa (Aberratio ictus de resultado duplo ou em sentido amplo)** - O agente atinge a vítima não visada, mas atinge também a vítima originalmente pretendida. Nesse caso, responde pelos dois crimes, em **CONCURSO FORMAL**.

Erro sobre o crime ou resultado diverso do pretendido (aberratio delicti ou aberratio criminis) - Aqui o agente pretendia cometer um crime, mas, por acidente ou erro na execução, acaba cometendo outro. Aqui há uma relação de pessoa x coisa (ou coisa x pessoa). **Pode ser de duas espécies:**

- **Com unidade simples -** O agente atinge apenas o resultado NÃO PRETENDIDO. O agente responde apenas por um delito, da seguinte forma:
  - **Pessoa visada, coisa atingida** – Responde pelo dolo em relação à pessoa (tentativa de homicídio ou lesões corporais).
  - **Coisa visada, pessoa atingida** – Responde apenas pelo resultado ocorrido em relação à pessoa.

- **Com unidade complexa -** O agente atinge tanto o alvo (coisa ou pessoa) quanto a coisa (ou pessoa) não pretendida. Responderá por AMBOS OS CRIMES, em CONCURSO FORMAL.

Erro sobre o objeto (error in objecto) - Aqui o agente incide em erro sobre a COISA visada, sobre o objeto material do delito. Prevalece que não há qualquer relevância para fins de afastamento do do dolo ou da culpa, bem como não se afasta a culpabilidade. **CONSEQUÊNCIA**: A doutrina majoritária (há divergência) sustenta que o agente deve responder pela conduta efetivamente praticada (independentemente da coisa visada).

ERRO DETERMINADO POR TERCEIRO - No erro determinado (ou provocado) por terceiro o agente erra porque alguém o induz a isso. Só responde pelo delito aquele que provoca o erro (modalidade de autoria mediata).

ERRO DE PROIBIÇÃO - Quando o agente age acreditando que sua conduta não é ilícita, comete ERRO DE PROIBIÇÃO (art. 21 do CP). O **erro de proibição** pode ser:

- **Escusável** – Qualquer pessoa, nas mesmas condições, cometeria o mesmo erro. **Afasta a culpabilidade (agente fica isento de pena)**.

- **Inescusável** – O erro não é tão perdoável, pois era possível, mediante algum esforço, entender que se tratava de conduta penalmente ilícita. **Não afasta a culpabilidade**. Há **diminuição de pena** de um sexto a um terço.

OBS.: Erro de proibição indireto - ocorre quando o agente atua acreditando que existe uma causa de justificação que o ampare. **Diferença entre erro de proibição indireto e erro de tipo permissivo:**

- **Erro de tipo permissivo** – O agente atua acreditando que, no caso concreto, estão presentes os **requisitos fáticos** que caracterizam a causa de justificação e, portanto, sua conduta seria justa.
- **Erro de proibição indireto** – O agente atua acreditando que existe, EM ABSTRATO, alguma descriminante (causa de justificação) que autorize sua conduta. Trata-se de **erro sobre a existência e/ou limites de uma causa de justificação em abstrato.** Erro, portanto, sobre o ordenamento jurídico (erro normativo).

7 CONCURSO DE PESSOAS

Conceito - Colaboração de dois ou mais agentes para a prática de uma infração penal.

Teoria adotada pelo CP – **Teoria monista temperada (ou mitigada)**: todos aqueles que participam da conduta delituosa respondem pelo mesmo crime, mas cada um na medida de sua culpabilidade. **Há exceções à teoria monista** (Ex.: aborto praticado por terceiro, com consentimento da gestante. A gestante responde pelo crime do art. 126 e o terceiro pelo crime do art. 124).

Espécies:

- **EVENTUAL** – O tipo penal não exige que o fato seja praticado por mais de uma pessoa.
- **NECESSÁRIO** – O tipo penal exige que a conduta seja praticada por mais de uma pessoa. Divide-se em: a) **condutas paralelas** (crimes de conduta unilateral): Aqui os agentes praticam condutas dirigidas à obtenção da mesma finalidade criminosa (associação criminosa, art. 288 do CPP); b) **condutas convergentes** (crimes de conduta bilateral ou de encontro): Nesta modalidade os agentes praticam condutas que se encontram e produzem, juntas, o resultado pretendido (ex. Bigamia); c) **condutas contrapostas**: Neste caso os agentes praticam condutas uns contra os outros (ex. Crime de rixa)

Requisitos

- **Pluralidade de agentes -** É necessário que tenhamos mais de uma pessoa a colaborar para o ato criminoso.
- **Relevância causal da colaboração** – A participação do agente deve ser relevante para a produção do resultado, de forma que a colaboração que em nada contribui para o resultado é um indiferente penal.

- **Vínculo subjetivo (ou liame subjetivo)** – É necessário que a colaboração dos agentes tenha sido ajustada entre eles, ou pelo menos tenha havido **adesão de um à conduta do outro**. Trata-se do princípio da *convergência.*
- **Unidade de crime (ou contravenção) para todos os agentes (identidade de infração penal)** – As condutas dos agentes, portanto, devem constituir algo juridicamente unitário.
- **Existência de fato punível** – Trata-se do princípio da exterioridade. Assim, é necessário que o fato praticado pelos agentes seja punível, o que de um modo geral exige pelo menos que este fato represente uma tentativa de crime, ou crime tentado.

Modalidades

Coautoria – Adoção do **conceito restritivo de autor (teoria restritiva), por meio da teoria objetivo-formal**: autor é aquele que pratica a conduta descrita no núcleo do tipo penal. Todos os demais são partícipes.

OBS.: Autoria mediata: situação na qual alguém (autor mediato) se vale de outra pessoa como instrumento (autor imediato) para a prática de um delito. Pode ocorrer quando:

- O autor imediato age sem dolo (erro provocado por terceiro)
- O autor imediato age sem culpabilidade (Ex.: coação moral irresistível)

Tópicos importantes:

- **Pode haver autoria mediata nos crimes próprios** - Desde que **o autor MEDIATO reúna as condições especiais** exigidas pelo tipo penal.
- **Não há possibilidade** de autoria mediata nos **crimes de mão própria –** Impossibilidade de se executar o delito por interposta pessoa
- **AUTORIA POR DETERMINAÇÃO** – Pune-se aquele que, embora não sendo autor nem partícipe, exerce sobre a conduta domínio EQUIPARADO à figura da autoria.

Teoria do domínio do fato – Deve ser aplicada para as hipóteses de autoria mediata. Para esta teoria, o autor seria aquele que tem poder de decisão sobre a empreitada criminosa. Pode se dar por:

- **Domínio da ação** - O agente realiza diretamente a conduta prevista no tipo penal
- **Domínio da vontade** - O agente não realiza a conduta diretamente, mas é o "senhor do crime", controlando a vontade do executor, que é um mero instrumento do delito (hipótese de autoria mediata).
- **Domínio funcional do fato** - O agente desempenha uma função essencial e indispensável ao sucesso da empreitada criminosa, que é dividida entre os comparsas, cabendo a cada um uma parcela significativa, essencial e imprescindível.

Tópicos importantes

- Não se admite coautoria nos crimes de mão própria
- Doutrina ligeiramente majoritária entende ser cabível coautoria em crimes culposos
- Não existe coautoria entre autor mediato e autor imediato
- Há possibilidade de coautoria entre dois autores mediatos

PARTICIPAÇÃO

Espécies

- **Moral** – O agente não ajuda materialmente na prática do crime, mas instiga ou induz alguém a praticar o crime.
- **Material** – A participação material é aquela na qual o partícipe presta auxílio ao autor, seja fornecendo objeto para a prática do crime, seja fornecendo auxílio para a fuga, etc.

Punibilidade do partícipe – Adoção da teoria da acessoriedade: Como a conduta do partícipe é considerada acessória em relação à conduta do autor (que é principal), o partícipe deve responder pela conduta principal (na medida de sua culpabilidade).

OBS.: A Doutrina majoritária defende que foi adotada a teoria da **acessoriedade limitada**, exigindo-se que o fato seja típico e ilícito para que o partícipe responda pelo crime.

Participação de menor importância - redução da pena de 1/6 a 1/3

Participação inócua - Não é punível

Participação em crime culposo – Controvertido. **STJ entende que não cabe participação em crime culposo.** Doutrina se divide: parte entende que cabe participação culposa em crime culposo, outra parte entende que não cabe participação nenhuma (nem culposa nem dolosa) em crime culposo. **UNANIMIDADE**: **não cabe participação dolosa em crime culposo.**

COMUNICABILIDADE DAS CIRCUNSTÂNCIAS

- As circunstâncias e condições de caráter pessoal não se comunicam
- As circunstâncias de caráter real, ou objetivas, se comunicam
- As elementares sempre se comunicam, sejam objetivas ou subjetivas

COOPERAÇÃO DOLOSAMENTE DISTINTA

Também chamada de "participação em crime menos grave" ou "desvio subjetivo de conduta", ocorre quando ambos os agentes decidem praticar determinado crime, mas durante a execução, um deles decide praticar outro crime, mais grave. **CONSEQUÊNCIA: agente responde pelo crime menos grave** (que

quis praticar). A pena, contudo, **poderá ser aumentada até a metade**, caso tenha sido previsível a ocorrência do resultado mais grave.

"Multidão delinquente" ou "multidão criminosa - Aqueles atos em que inúmeras (incontáveis, uma multidão) pessoas praticam o mesmo delito.

8 CONCURSO DE CRIMES

O concurso de crimes pode ser de três espécies: **concurso formal, concurso material e crime continuado.**

Há, também, três sistemas de aplicação da pena:

- **Sistema do cúmulo material** – É aplicada a pena correspondente ao somatório das penas relativas a cada um dos crimes cometidos isoladamente.
- **Sistema da exasperação** – Aplica-se ao agente somente a pena da infração penal mais grave, acrescida de determinado percentual.
- **Sistema da absorção** – Aplica-se somente a pena da infração penal mais grave, dentre todas as praticadas, sem que haja qualquer aumento.

CONCURSO MATERIAL

Conceito – Aqui o agente pratica duas ou mais condutas e produz dois ou mais resultados.

Espécies:

- **Homogêneo** - Quando todos os crimes praticados são idênticos
- **Heterogêneo** - Quando os crimes praticados são diferentes

Sistema de aplicação da pena

Aplica-se o sistema do CÚMULO MATERIAL.

CONCURSO FORMAL

Conceito – Aqui o agente pratica uma só conduta e produz dois ou mais resultados.

Espécies:

- **Homogêneo** - Quando todos os crimes praticados são idênticos
- **Heterogêneo** - Quando os crimes praticados são diferentes
- **Perfeito (próprio)** – Aqui o agente pratica uma única conduta e acaba por produzir dois resultados, embora não pretendesse realizar ambos, ou seja, não há desígnios autônomos (intenção de, com uma única conduta, praticar dolosamente mais de um crime).
- **Imperfeito (impróprio)** – Aqui o agente se vale de uma única conduta para, dolosamente, produzir mais de um crime.

Sistema de aplicação da pena

REGRA – Sistema da **exasperação**: pena do crime mais grave, aumentada (exasperada) de 1/6 até a metade

Como definir a quantidade de aumento? De acordo com a quantidade de crimes praticados

EXCEÇÕES

- **Concurso formal impróprio (imperfeito)** – Neste caso, aplica-se o sistema do cúmulo material
- **Cúmulo material benéfico** – Ocorre quando o sistema da exasperação se mostra prejudicial ao réu

CRIME CONTINUADO

Conceito – Hipótese na qual o agente pratica diversas condutas, praticando dois ou mais crimes, que por determinadas condições são considerados pela Lei (por uma **ficção jurídica**) como crime único.

OBS.: Em relação à prescrição não há ficção jurídica, de maneira que as condutas serão consideradas autonomamente (a prescrição incidirá sobre cada crime individualmente).

Requisitos:

- Pluralidade de condutas
- Pluralidade de crimes da mesma espécie
- Condições semelhantes de tempo, lugar, modo de execução e outras semelhanças

❖ **O que seriam crimes da mesma espécie?** A corrente que prevalece, inclusive no STJ, é a de que crimes da mesma espécie são aqueles tipificados pelo mesmo dispositivo legal, na forma simples, privilegiada ou qualificada, consumados ou tentados. Além disso, devem tutelar o mesmo bem jurídico.

Conexão entre as condutas delitivas

- **Conexão temporal** - Exige que os crimes tenham sido cometidos na mesma época. **JURISPRUDÊNCIA**: como regra, os crimes não podem ter sido cometidos em um lapso temporal superior a 30 dias.
- **Conexão espacial** – Os crimes devem ser cometidos no mesmo local. **JURISPRUDÊNCIA**: os crimes devem ter sido cometidos na mesma cidade, ou, no máximo, na mesma região metropolitana.
- **Conexão modal** – Os crimes devem ter sido praticados da mesma maneira, com o mesmo *modus operandi*, seja pelo modo de execução, pela utilização de comparsas, etc.
- **Conexão ocasional** - Não possui previsão expressa na Lei, mas parte da Doutrina a entende como a necessidade de que os primeiros crimes tenham proporcionado uma ocasião que gerou a prática dos crimes subsequentes.

Espécies e sistemas de aplicação da pena

Em todos se aplica o sistema da exasperação, da seguinte forma:

- **Crime continuado simples** – Todos os crimes possuem a mesma pena. Nesse caso, aplica-se a pena de apenas um deles, acrescida de 1/6 a 2/3
- **Crime continuado qualificado** - As penas dos delitos praticados são diferentes, de modo que se aplica a pena do mais grave deles, aumentada de 1/6 a 2/3
- **Crime continuado específico** – Ocorre nos crimes dolosos cometidos com violência ou grave ameaça à pessoa, sendo as vítimas diferentes. O Juiz poderá aplicar a pena de um deles (ou a mais grave, se diversas), aumentada até o triplo.

OBS.: Aqui também se aplica a regra do "concurso material benéfico", ou seja, se o sistema da exasperação se mostrar mais gravoso, deverá ser aplicado o sistema do cúmulo material.

CONCURSO DE CRIMES			
CONCURSO MATERIAL	Pluralidade de condutas e de crimes	**CÚMULO MATERIAL** (somatório das penas)	
CONCURSO FORMAL PRÓPRIO	Unidade de conduta e pluralidade de crimes	Sistema da **EXASPERAÇÃO**, de 1/6 até a metade	**OBS.:** Aplica-se o sistema do cúmulo material benéfico se a exasperação for mais prejudicial ao acusado.
CONCURSO FORMAL IMPRÓPRIO	Unidade de conduta e pluralidade de crimes – HÁ DESÍGNIOS AUTÔNOMOS	**CÚMULO MATERIAL** (somatório das penas)	
CRIME CONTINUADO SIMPLES	▪ Pluralidade de crimes da mesma espécie (e que protejam o mesmo bem jurídico ▪ Conexão entre os delitos ▪ Penas são as mesmas	Sistema da **EXASPERAÇÃO**: pena de um deles + acréscimo de 1/6 a 2/3	

CRIME CONTINUADO QUALIFICADO	▪ Pluralidade de crimes da mesma espécie (e que protejam o mesmo bem jurídico ▪ Conexão entre os delitos ▪ Penas dos delitos são diversas	Sistema da **EXASPERAÇÃO**: pena do mais grave + acréscimo de 1/6 a 2/3	**OBS.:** Aplica-se o sistema do cúmulo material benéfico se a exasperação for mais prejudicial ao acusado.
CRIME CONTINUADO ESPECÍFICO	▪ Pluralidade de crimes da mesma espécie (e que protejam o mesmo bem jurídico ▪ Conexão entre os delitos ▪ Crimes necessariamente dolosos, praticados contra vítimas diferentes, mediante violência ou grave ameaça à pessoa	Sistema da **EXASPERAÇÃO**, de 1/6 até o triplo	**OBS.:** Aplica-se o sistema do cúmulo material benéfico se a exasperação for mais prejudicial ao acusado.

Crime continuado e conflito de leis penais no tempo - Se durante a execução do crime continuado sobrevir lei nova, mais gravosa ao réu, esta última será aplicada, pois se considera que o crime continuado está sendo praticado enquanto não cessa a continuidade delitiva (súmula 711 do STF).

Crime continuado e prescrição - Por haver mera ficção jurídica apenas para fins de aplicação da pena, a prescrição é calculada em relação a cada crime isoladamente.

Crime continuado e pena de multa – Divergência. Doutrina majoritária entende que as penas de multa são aplicadas distinta e isoladamente (cumulativamente), conforme prevê o CP. **Jurisprudência majoritária (STJ inclusive)** e doutrina minoritária sustentam que não se aplica o cúmulo material em relação à pena de multa.

9 EXTINÇÃO DA PUNIBILIDADE

Punibilidade – Possibilidade de o Estado exercer seu jus puniendi (poder-dever de punir).

Extinção da punibilidade – Perda do direito de exercer o jus puniendi.

CAUSAS DE EXTINÇÃO DA PUNIBILIDADE DIVERSAS DA PRESCRIÇÃO

Anistia - A anistia exclui o próprio crime, ou seja, o Estado determina que as condutas praticadas (já praticadas, ou seja, fatos consumados) pelos agentes não sejam consideradas crimes. Concedida pelo Poder Legislativo. Só pode ser causa de extinção total da punibilidade. **Faz cessar todos os efeitos PENAIS da condenação (ex.: reincidência).**

Graça - Conferida de maneira individual. Não exclui o FATO criminoso em si, mas apenas extingue a punibilidade em relação a determinados agentes. Sua concessão cabe ao Presidente da República. Pode ser causa parcial de extinção da punibilidade.

Indulto - Conferida de maneira coletiva. Não exclui o FATO criminoso em si, mas apenas extingue a punibilidade em relação a determinados agentes. Sua concessão cabe ao Presidente da República. Pode ser causa parcial de extinção da punibilidade.

Abolitio criminis - Ocorre quando surge lei nova que deixa de considerar o fato como crime. **Faz cessar todos os efeitos PENAIS da condenação (ex.: reincidência).**

Renúncia x perdão do ofendido x perdão judicial – conforme quadro abaixo:

RENÚNCIA X PERDÃO DO OFENDIDO X PERDÃO JUDICIAL		
PERDÃO DO OFENDIDO	**RENÚNCIA**	**PERDÃO JUDICIAL**
Concedido pela VÍTIMA	**Concedida pela VÍTIMA**	**Concedido pelo Estado (Juiz)**
Somente nos crimes de ação penal privada	**Somente nos crimes de ação penal privada**	**Somente nos casos previstos em Lei**

Depois de ajuizada a ação penal	Antes do ajuizamento da ação penal	Na sentença
Precisa ser aceito pelo infrator	Não precisa ser aceito pelo infrator	Não precisa ser aceito pelo infrator

Decadência - Ocorre quando a vítima deixa de ajuizar a ação penal dentro do prazo, ou quando deixa de oferecer a representação dentro do prazo. O prazo é de **seis meses** a contar da data em que a vítima passa a saber quem foi o autor do fato.

Perempção - Extinção da ação penal privada pela negligência do ofendido na condução da causa.

Retratação do agente – Somente nos casos em que a lei a admite. Ex.: difamação.

PRESCRIÇÃO

Conceito – Perda do jus puniendi pelo decurso do tempo.

Espécies – Prescrição da pretensão punitiva e prescrição da pretensão executória

Prescrição da pretensão punitiva

Aqui o Estado ainda não aplicou (em caráter definitivo) uma sanção penal ao agente que praticou a conduta criminosa.

- **Prazo prescricional** – Calculado com base na pena máxima em abstrato prevista para o delito.
- **Início do prazo prescricional** –
  (1) do dia em que o crime se consumou
  (2) no caso de tentativa, do dia em que cessou a atividade criminosa
  (3) nos crimes permanentes, do dia em que cessou a permanência
  (4) nos de bigamia e nos de falsificação ou alteração de assentamento do registro civil, da data em que o fato se tornou conhecido
  (5) nos crimes contra a dignidade sexual de crianças e adolescentes, da data em que a vítima completar 18 (dezoito) anos, salvo se já tiver sido proposta a ação penal.

- **Prescrição da pena de multa -** Se a multa for prevista ou aplicada isoladamente, o prazo **será de dois anos**. Porém, se a multa for aplicada ou prevista cumulativamente com a pena de prisão (privativa de liberdade), o prazo de prescrição será o mesmo estabelecido para a pena privativa de liberdade.

Prescrição da pretensão punitiva superveniente (intercorrente)

Verifica-se DEPOIS da sentença penal condenatória, com base na pena efetivamente aplicada, quando ocorre entre o trânsito em julgado da sentença condenatória para a acusação e o trânsito em julgado da sentença condenatória em definitivo (tanto para a acusação quanto para defesa).

Prescrição da pretensão punitiva retroativa

Quando, uma vez tendo havido o trânsito em julgado para a acusação, se chega à conclusão de que, naquele momento, houve a prescrição da pretensão punitiva entre a data da denúncia (ou queixa) e a sentença condenatória.

OBS.: Antes da Lei 12.234/10 havia possibilidade de ocorrência da prescrição retroativa (com base na pena aplicada) entre a data do fato criminoso (ou outro marco inicial) e o recebimento da denúncia ou queixa. **Atualmente essa hipótese NÃO EXISTE MAIS.**

Interrupção da prescrição – Uma vez interrompido o prazo, volta a correr do zero. Interrompem a prescrição:

- **Recebimento da denúncia ou queixa**
- **Pronúncia**
- **Decisão confirmatória da pronúncia**
- **Publicação da sentença ou acórdão condenatórios recorríveis**
- **Início ou continuação do cumprimento da pena –** não se estende aos demais autores do delito. **Só se aplica à prescrição da pretensão executória**
- **Reincidência -** não se estende aos demais autores do delito. **Só se aplica à prescrição da pretensão executória**.

Prescrição da pretensão executória

Ocorre quando o Estado condena o indivíduo, de maneira irrecorrível, mas não consegue fazer cumprir a decisão. Características:

- **Tem como base a pena aplicada**
- **Início** – (1) do dia em que transita em julgado a sentença condenatória, para a acusação, ou a que revoga a suspensão condicional da pena ou o livramento condicional; (2) do dia em que se interrompe a execução, salvo quando o tempo da interrupção deva computar-se na pena.

10 CRIMES CONTRA A PESSOA

CRIMES CONTRA A VIDA

Bem jurídico tutelado – Sempre a vida humana, intrauterina (aborto) ou extrauterina (demais crimes contra a vida).

Elemento subjetivo – Todos são puníveis na forma dolosa. Na forma culposa só há previsão de punição para o homicídio (não há aborto culposo, infanticídio culposo, etc.).

Pena – Todos são punidos com RECLUSÃO, à exceção dos crimes de:

- Homicídio CULPOSO
- Infanticídio
- Aborto provocado pela gestante ou consentimento para realização de aborto

Estes delitos são punidos com DETENÇÃO.

Tentativa – Todos admitem tentativa, **EXCETO** o homicídio culposo.

Perdão judicial – Só é previsto para o homicídio CULPOSO.

Sujeito ativo – Todos são **crimes comuns**, podendo ser praticados por qualquer pessoa, **EXCETO**:

- **Infanticídio** – só a mãe, logo após o parto e sob a influência do estado puerperal pode praticar o crime
- **Aborto praticado pela gestante** – Só a gestante pode cometer o crime (é considerado, ainda, **crime de mão própria**)

Em qualquer caso, porém, aquele que concorre para o delito (coautor ou partícipe) irá responder pelo crime, desde que tenha conhecimento da situação de seu comparsa.

Ação penal – Todos os crimes contra a vida são de **ação penal pública incondicionada**.

Tópicos importantes

- **Homicídio como crime hediondo** – Somente o homicídio simples, quando praticado em atividade típica de grupo de extermínio, e o homicídio qualificado (em qualquer caso).
- **Homicídio qualificado-privilegiado NÃO é hediondo.**
- **Homicídio qualificado pela paga ou promessa de recompensa** – A torpeza decorrente do homicídio mercenário não se estende automaticamente ao mandante (**STJ, informativo 575**).
- **Motivo fútil = ausência de motivo?** Doutrina diverge, mas prevalece que sim. **STJ entende que NÃO**.

- **Feminicídio** – Só ocorre quando o agente pratica o homicídio contra mulher nas seguintes circunstâncias ("razões de sexo feminino"):
  - Contexto de violência doméstica e familiar; ou
  - Menosprezo ou discriminação à condição de mulher.

- **E se houver mais de uma circunstância qualificadora (meio cruel motivo torpe, por exemplo)?** Uma delas qualifica o crime, e a outra (ou outras) é considerada como agravante genérica (se houver previsão) ou circunstância judicial desfavorável (art. 59 do CP), caso não seja prevista como agravante.

- **Consumação no crime de induzimento, instigação ou auxílio ao suicídio** – Tem MUITO controvertido. Prevalece que:
  - ✓ **A vítima morre** – Crime consumado (pena de 02 a 06 anos de reclusão)
  - ✓ **Vítima não morre, mas sofre lesões graves** – Crime consumado (pena de 01 a 03 anos)
  - ✓ **Vítima não morre nem sofre lesões graves** – **INDIFERENTE PENAL**

LESÕES CORPORAIS

Bem jurídico – A integridade física da pessoa.

Sujeitos - A lesão corporal é um crime que pode ser praticado por qualquer sujeito ativo, também podendo ser qualquer pessoa o sujeito passivo. **Em alguns casos, no entanto, somente pode ser sujeito passivo a mulher grávida (art. 129, §§1°, IV e 2°, V).**

Pena – Sempre a de DETENÇÃO, EXCETO para os crimes de lesão corporal qualificada pelo resultado (lesões graves ou morte).

Espécies - A lesão corporal pode ser classificada como:

- **Simples** (caput)
- **Qualificada** (§§ 1°, 2° e 3°) – Ocorrência de lesão grave ou morte
- **Privilegiada** (§§ 4° e 5°) - Por motivo de relevante valor social ou moral ou sob o domínio de violenta emoção, logo em seguida a injusta provocação da vítima – Redução de pena de um sexto a um terço.
- **Culposa** (§ 6°)

Lesão corporal qualificada pelo resultado

LESÕES CORPORAIS GRAVES	
RESULTADO	**PENA**
LESÕES GRAVES (Doutrina) ▪ Incapacidade para as ocupações habituais, por mais de trinta dias ▪ Perigo de vida ▪ Debilidade permanente de membro, sentido ou função ▪ Aceleração de parto	**PENA – 01 a 05 anos de reclusão**

LESÕES GRAVÍSSIMAS (Doutrina) ▪ Incapacidade permanente para o trabalho ▪ Enfermidade incurável ▪ Perda ou inutilização do membro, sentido ou função ▪ Deformidade permanente ▪ Aborto	**PENA – 02 a 08 anos de reclusão**
MORTE (culposa)	**PENA – 04 a 12 anos de reclusão**

Tópicos importantes sobre o crime de lesão corporal

Lesão corporal culposa tem sempre a mesma pena (detenção de dois meses a 01 ano) – Não há agravação pelo resultado!

Ação penal – A ação penal é **pública incondicionada**, EXCETO, no caso de **lesões corporais leves e culposas**. Neste caso, será **condicionada à representação.**

OBS.: Em se tratando de lesões corporais praticadas em contexto de **violência doméstica e familiar contra a mulher**, a ação penal será sempre pública incondicionada.

Perdão judicial – Admite-se para a lesão corporal culposa.

PERICLITAÇÃO DA VIDA E SAÚDE

Tópicos importantes

Concurso de agentes no crime de omissão de socorro – Tema controvertido:

- Parte entende que NÃO HÁ POSSIBILIDADE DE COAUTORIA OU PARTICIPAÇÃO (Concurso de agentes), pois TODAS AS PESSOAS PRATICAM O NÚCLEO DO TIPO, DE MANEIRA AUTÔNOMA.
- Outra parte da Doutrina entende que é possível tanto a coautoria quanto a participação, quando, por exemplo, duas pessoas combinam de não socorrer a vítima, de forma que poderia haver concurso de pessoas, na modalidade de coautoria, mas é minoritário.
- A Doutrina ligeiramente majoritária entende que **é possível PARTICIPAÇÃO, mas NÃO COAUTORIA**.

Omissão de socorro em situação de acidente de trânsito – Duas situações distintas:

- **O agente está envolvido no acidente** - É regulada pelo CTB.
- **O agente não está envolvido no acidente** – Se apenas presenciou a situação na qual havia pessoa que necessitava de ajuda por ter se envolvido em acidente de trânsito, responde pelo art. 135 do CP.

Omissão de socorro à pessoa idosa - É crime específico previsto no Estatuto do Idoso.

Condicionamento de atendimento médico-hospitalar emergencial - Modalidade "especial" de omissão de socorro, trazida pela Lei 12.653/12.

Ação penal – Todos são crimes de **ação penal pública incondicionada**, EXCETO o crime de **perigo de contágio de doença VENÉREA**, que é crime de ação penal CONDICIONADA à **representação**.

RIXA

Sujeitos - A Doutrina exige que haja três ou mais pessoas se agredindo mutuamente.

Elemento subjetivo - Dolo de participar da rixa, EXCETO se nela entrar para separar os brigões. Não há previsão de modalidade culposa.

Forma qualificada - Caso sobrevenha a ALGUMA PESSOA (que participa ou não da rixa), lesão grave ou morte. Nesse caso, a pena será de seis meses a dois anos.

Todos respondem pela rixa qualificada? Prevalece que sim, exceto se entrou na rixa após o resultado (morte ou lesões corporais).

E se o agente que deu causa à lesão ou morte for perfeitamente identificável? DIVERGÊNCIA DOUTRINÁRIA. Prevalece que deverá responder por este delito (lesão grave ou morte) em concurso com a rixa SIMPLES. Os demais respondem pela rixa qualificada. Há quem entenda que todo mundo responde pela rixa qualificada, apenas.

Ação penal – **Pública incondicionada**.

CRIMES CONTRA A HONRA

Bem jurídico tutelado – Honra objetiva (calúnia e difamação) e honra subjetiva (injúria).

Calúnia

Conceito - Imputação falsa, a alguma pessoa, de fato definido como crime

Execução - Pode ser realizada mediante gestos, insinuações (calúnia reflexa)

Sujeito passivo – Qualquer pessoa. É punível a calúnia contra os mortos (os familiares serão os sujeitos passivos). Inimputável pode ser caluniado.

Consumação - O crime se consuma com a divulgação da calúnia a um terceiro. Crime formal, não se exige que a honra seja efetivamente atingida.

Exceção da verdade – Admite-se, EXCETO:

- ✓ No caso de **crime de ação penal privada**, se não houve ainda sentença irrecorrível
- ✓ No caso de a calúnia **se dirigir ao Presidente da República** ou **chefe de governo estrangeiro**

- ✓ No caso de crime de **ação penal pública**, **CASO O CALUNIADO JÁ TENHA SIDO ABSOLVIDO POR SENTENÇA PENAL TRANSITADA EM JULGADO**

Difamação

Conceito - Imputação, a alguma pessoa, de fato ofensivo à sua reputação

Execução - Pode ser realizada mediante gestos, insinuações.

Sujeito passivo – Qualquer pessoa. **Não se pune a difamação contra os mortos**.

Consumação - O crime se consuma quando um terceiro toma conhecimento da difamação.

Exceção da verdade – **SÓ É ADMITIDA SE O OFENDIDO É FUNCIONÁRIO PÚBLICO** e a difamação se refere ao exercício das funções.

Injúria

Conceito – Ofensa dirigida a alguma pessoa (violação à honra subjetiva). Aqui não se trata de um FATO, mas da emissão de um conceito depreciativo sobre o ofendido (piranha, fedorento, safado, etc.).

Execução - Pode ser realizada mediante gestos, insinuações (calúnia reflexa)

Sujeito passivo – Qualquer pessoa.

Consumação - O crime se consuma quando a VÍTIMA toma conhecimento da injúria.

Exceção da verdade – Nunca é admitida.

Perdão judicial – Cabível quando:

- O ofendido, de forma reprovável, provocou diretamente a injúria
- Há retorsão imediata, que consista em outra injúria

Injúria real – Há contato físico (ex.: tapa no rosto, de forma ultrajante, com intenção de ofender).

Injúria qualificada - Utilização de elementos referentes a raça, cor, etnia, religião, origem ou a condição de pessoa idosa ou portadora de deficiência

Tópicos importantes sobre os crimes contra a honra

- Se o crime for cometido contra o Presidente da República ou chefe de governo estrangeiro, contra funcionário público (no exercício da função), na presença de várias pessoas ou por meio que facilite a divulgação ou, ainda, contra pessoa maior de 60 anos ou deficiente (salvo no caso da injúria), **a pena do agente é aumentada em 1/3.**
- Se o crime for cometido mediante paga ou promessa de recompensa, a **pena é aplicada em DOBRO**.

- A injúria ou difamação não é punível se realizada em juízo, pela parte ou seu procurador (com a finalidade de defender seu direito), se decorre de mera crítica literária, artística ou científica (salvo se inequívoca intenção de injuriar), ou se realizada pelo funcionário público na avaliação e emissão de conceito acerca de informação que preste no exercício da função. Entretanto, quem dá publicidade à primeira e terceira hipótese, responde pelo crime.
- **Retratação** – Cabível na calúnia e na difamação (não na injúria!). Deve ser realizada até a sentença.
- **ATENÇÃO!** Em relação à retratação, a **Lei 13.188/15 incluiu o parágrafo único no art. 143 do CP**, estabelecendo que, nos casos em que tenha sido praticada a calúnia ou a difamação pelos meios de comunicação, a retratação deverá se dar, se assim desejar o ofendido, pelos **mesmos meios em que foi praticada a ofensa.**

Ação penal

AÇÃO PENAL NOS CRIMES CONTRA A HONRA	
REGRA	**Privada**
INJÚRIA REAL com violência real	**Pública** (condicionada ou incondicionada, a depender das lesões)
Crime cometido contra o Presidente da república ou Chefe de Governo estrangeiro	**Pública condicionada à requisição do MJ**
Crime cometido contra funcionário público em razão das funções	Legitimidade concorrente (súmula 714 do STF) entre: ▪ **MP** (mediante ação penal pública condicionada à representação) ▪ **Ofendido** (mediante queixa)
Injúria qualificada	**Pública condicionada à representação**

11 CRIMES CONTRA O PATRIMÔNIO

FURTO

Bem jurídico – Tutela-se não só a propriedade, qualquer forma de dominação sobre a coisa (propriedade, posse e detenção legítimas).

Coisa alheia móvel - O conceito de "móvel" aqui é "tudo aquilo que pode ser movido de um lugar para outro sem perda de suas características ou funcionalidades". **OBS.:** Cadáver pode ser objeto de furto, desde que pertença a alguém. **OBS.2**: Equipara-se a coisa móvel a ENERGIA ELÉTRICA ou qualquer outra energia que possua valor econômico.

Elemento subjetivo – Dolo, com a intenção de se apoderar da coisa (*animus rem sibi habendi*). Não se pune na forma culposa. **OBS.:** Furto de uso não é crime (subtrair só para usar a coisa, já com a intenção de devolver).

Consumação – Teoria da *amotio*: furto se consuma quando o agente tem a posse sobre a coisa, ainda que por um breve espaço de tempo e ainda que não tenha a "posse e mansa e pacífica" sobre a coisa.

OBS.: A existência de sistema de vigilância ou monitoramento eletrônico caracteriza crime impossível? Não. O STF e o STJ possuem entendimento pacífico no sentido de que, neste caso, há possibilidade de consumação do furto, logo, não há que se falar em crime impossível. O **STJ**, inclusive, editou o **enunciado de súmula nº 567** nesse sentido.

Repouso noturno – Se o crime for praticado durante o repouso noturno, a pena é aumentada em 1/3. Disposições importantes sobre o repouso noturno:

- Aplica-se tanto ao furto simples quanto ao furto qualificado
- Aplica-se ainda que se trate de casa desabitada ou estabelecimento comercial

Furto privilegiado – O Juiz pode substituir a pena de reclusão pela de detenção, diminuí-la de 1/3 a 2/3 ou aplicar somente a pena de multa, desde que:

- O réu seja primário
- Seja de pequeno valor a coisa furtada

É possível a aplicação do privilégio ao furto qualificado? Sim, desde que (**súmula 511 do STJ**):

- Estejam presentes os requisitos que autorizam o reconhecimento do privilégio
- A qualificadora seja de ordem objetiva

Furto qualificado – Existem várias hipóteses que qualificam o furto. São elas:

- **Destruição ou rompimento de obstáculo à subtração da coisa** – Aquela conduta do agente que destrói ou rompe um obstáculo colocado de forma a impedir o furto. **Se a violência for exercida contra o próprio bem furtado, não há a qualificadora**.
- **Abuso de confiança, fraude, escalada ou destreza –** No **abuso de confiança** o agente se aproveita da confiança nele depositada, de forma que o proprietário não exerce vigilância sobre o bem, por confiar no infrator. Na **fraude** o infrator emprega algum artifício para enganar o agente e furtá-lo. Na **escalada** o agente realiza um esforço fora do comum para superar uma barreira física (ex.: Saltar um muro ALTO). A superação da barreira pode se dar de qualquer forma, não apenas pelo alto (ex.: Escavação de um túnel subterrâneo), desde que não ocorra a destruição da barreira (Neste caso, teríamos a qualificadora do rompimento de obstáculo). Na **destreza** o agente se vale de alguma habilidade peculiar (ex.: Batedor de carteira, que furta com extrema destreza, sem ser percebido). Se a vítima percebe a ação, o agente responde por tentativa

de furto simples, e não por tentativa de furto qualificado, pois o agente não agiu com destreza alguma.

- **Chave falsa –** O conceito de "chave falsa" abrange: a) A **cópia da chave verdadeira**, mas obtida sem autorização do dono; b) uma **chave diversa da verdadeira**, mas alterada com a finalidade de abrir a fechadura; c) **Qualquer objeto capaz de abrir uma fechadura** sem provocar sua destruição (pode ser um grampo de cabelo, por exemplo).
- **Concurso de pessoas –** Nessa hipótese o crime será qualificado se praticado por duas ou mais pessoas em concurso de agentes. **Em caso de associação criminosa** - Todos respondem pelo furto qualificado pelo concurso de pessoas + associação criminosa em concurso MATERIAL (STJ).
- **Furto de veículo automotor (§ 5°) que venha A SER TRANSPORTADO PARA OUTRO ESTADO OU PARA O EXTERIOR** – Se o veículo não chegar a ser levado para outro estado ou país, embora essa tenha sido a intenção, não há furto qualificado tentado, mas furto simples consumado, pois a subtração se consumou (Pena é diversa das demais formas qualificadas: 03 a 08 anos).
- **Furto de semovente domesticável de produção –** Forma qualificada de furto.

Tópicos importantes sobre o crime de furto

- "É inadmissível aplicar, no furto qualificado, pelo concurso de agentes, a majorante do roubo" (**Súmula 442 do STJ)**
- **Furto de folha de cheque em branco** – Há divergência doutrinária e jurisprudencial a respeito. Entretanto, prevalece no STJ o entendimento de que **a mera subtração da folha de cheque, em branco, não caracteriza furto**, por possuir valor insignificante.
- **Furto de coisas perdidas, abandonadas e que nunca tiveram dono** – a) Furto de coisas perdidas (*res desperdicta*) – **Incabível**, pois o agente, neste caso, pratica o crime de apropriação de coisa achada, prevista no art. 169, § único do CP; b) Furto de coisas abandonadas e que nunca tiveram dono (*res derelicta* e *res nullius,* respectivamente) – **Incabível**, pois o agente, ao se apossar da coisa, torna-se seu dono, já que a coisa não pertence a ninguém.

ROUBO

Roubo próprio – O agente pratica a violência ou grave ameaça PARA subtrair a coisa.

Roubo impróprio – O agente pratica a violência ou grave ameaça DEPOIS de subtrair a coisa, como forma de assegurar o sucesso do crime.

Roubo com violência imprópria – O agente, sem violência ou grave ameaça, reduz a vítima à condição de impossibilidade de defesa (ex.: coloca uma droga em sua bebida).

Roubo de uso é crime? Controvertido, mas prevalece que o **agente responde pelo roubo.** Doutrina minoritária sustenta que responde apenas por constrangimento ilegal (mais a pena relativa às lesões corporais que causar, se for o caso).

Consumação - Quando o agente passa a ter o poder sobre a coisa (ainda que por um breve espaço de tempo e ainda que não seja posse mansa e pacífica – teoria da *amotio*), após ter praticado a violência ou grave ameaça. **OBS.:** No **roubo impróprio** o crime se consuma quando o agente, após subtrair a coisa, emprega a violência ou grave ameaça. **OBS.:** A inexistência de valores em poder da vítima não configura crime impossível (mera impropriedade RELATIVA do objeto).

Tentativa – Cabível, em todas as formas (Doutrina minoritária, contudo, sustenta que não cabe no roubo impróprio).

Majorantes – A pena do crime de roubo será **aumentada de um terço até a metade** em determinadas situações:

1. Se a violência ou ameaça é exercida com emprego de arma:

- Qualquer instrumento que possa ser usado como arma
- Exige-se o uso efetivo da arma
- Uso de arma de fogo de brinquedo não autoria a aplicação da majorante
- Perícia – Deve ser realizada, como regra, mas nada impede que a prova do fato se dê por outros meios

2. Se há o concurso de duas ou mais pessoas

- **Se houver associação criminosa** – Todos respondem por roubo majorado e por associação criminosa.

3. Se a vítima está em serviço de transporte de valores e o agente conhece tal circunstância

4. Se a subtração for de veículo automotor que venha a ser transportado para outro Estado ou para o exterior

5. Se o agente mantém a vítima em seu poder, restringindo sua liberdade

Roubo qualificado pelo resultado

Lesão corporal grave – Pena de 07 a 15 anos de reclusão e multa.

Morte – Pena de 20 a 30 anos de reclusão e multa.

Tópicos importantes sobre o latrocínio

- **Caracterização** - Ocorrerá sempre que o agente, **VISANDO A SUBTRAÇÃO DA COISA**, praticar a conduta (empregando violência) e ocorrer (dolosa ou culposamente) a morte de alguém. Caso o agente deseje a morte da pessoa, e, somente após realizar a conduta homicida, resolva

furtar seus bens, estaremos diante de um HOMICÍDIO em concurso com FURTO.

OBS.: E se o agente mata o próprio comparsa (para ficar com todo o dinheiro, por exemplo)? Neste caso, temos roubo em concurso material com homicídio, e não latrocínio.

OBS.: E se o agente atira para acertar a vítima, mas acaba atingindo o comparsa? Temos erro na execução (aberratio ictus), e o agente responde como se tivesse atingido a vítima. Logo, temos latrocínio.

- **Consumação** - Em resumo, o entendimento acerca da consumação do latrocínio é o seguinte:
  - **SUBTRAÇÃO CONSUMADA + MORTE CONSUMADA** = Latrocínio consumado
  - **SUBTRAÇÃO TENTADA + MORTE TENTADA** = Latrocínio tentado
  - **SUBTRAÇÃO TENTADA + MORTE CONSUAMDA** = Latrocínio consumado (súmula 610 do STF)
  - **SUBTRAÇÃO CONSUMADA + MORTE TENTADA** = Latrocínio tentado (STJ)

EXTORSÃO

Caracterização - O constrangimento (violência ou grave ameaça) é mero "meio" para a obtenção da vantagem indevida. O verbo é "constranger", que é sinônimo de forçar, obrigar alguém a fazer o que não deseja. Não se confunde com o delito de roubo, pois naquele o agente se vale da violência ou grave ameaça para subtrair o bem da vítima. Neste o agente se vale destes meios para fazer com que a vítima **entregue a coisa,** ou seja, **deve haver a colaboração da vítima**, sem a qual a vantagem não poderia ser obtida.

Elemento subjetivo – Exige-se o dolo de obter a vantagem indevida. Não se pune na forma culposa. Casos especiais:

- **Vantagem devida** – Teremos crime de exercício arbitrário das próprias razões (art. 345 do CP).
- **Vantagem sexual** – Teremos estupro.
- **Vantagem meramente moral, sem valor econômico** – Constrangimento ilegal (art. 146 do CP).

Consumação e tentativa – A tentativa é plenamente admissível. O crime se consuma com o mero constrangimento (emprego da violência ou grave ameaça), sendo irrelevante o eventual recebimento da vantagem. **Trata-se de crime FORMAL** (súmula 96 do STJ).

Causas de aumento de pena (majorantes)

A pena será aumentada de um terço até a metade se o crime for:

- Cometido por duas ou mais pessoas
- Mediante emprego de arma – Qualquer arma (ainda que não se trate de objeto fabricado com tal finalidade). Arma de brinquedo não majora o delito.

Extorsão qualificada pelo resultado

Aplicam-se as mesmas regras previstas para o roubo qualificado pelo resultado (morte ou lesão corporal grave).

Sequestro-relâmpago (art. 158, §3º do CP)

A pena é mais elevada (seis a doze anos). O crime também será considerado qualificado (com penas mais severas) no caso de **ocorrência de lesões graves ou morte.**

Caracterização - Segundo este dispositivo, é necessário:

- **Que o crime seja cometido mediante a restrição da liberdade da vítima**
- **Que essa circunstância seja necessária para a obtenção da vantagem econômica** – Se for desnecessária, o agente responde por extorsão simples em concurso material com sequestro ou cárcere privado.

Extorsão indireta - ocorre quando um credor EXIGE ou RECEBE, do devedor, documento que possa dar causa à instauração de procedimento criminal contra a vítima (devedor) ou contra terceiro. Deve haver, ainda:

- Abuso de situação de necessidade (fragilidade) da vítima
- Intenção de garantir, futuramente, o pagamento da dívida (por meio da ameaça)

Consumação e tentativa na extorsão indireta - O crime se consuma com a mera realização da exigência (nesse caso, crime formal) ou com o efetivo recebimento (nesse caso, material) do documento. A tentativa é possível.

Extorsão mediante sequestro

Caraterização - O verbo é *sequestrar*, ou seja, impedir, por qualquer meio, que a pessoa exerça seu direito de ir e vir. **O CRIME OCORRERÁ AINDA QUE A VÍTIMA NÃO SEJA TRANSFERIDA PARA OUTRO LOCAL**. Aqui a privação da liberdade se dá como meio para se obter um **RESGATE**, que é um pagamento pela liberdade de alguém (ou seja, o dolo específico consistente na intenção de obter a vantagem).

Qualquer vantagem pode ser exigida? Doutrina entende que a vantagem deve ser **PATRIMONIAL e INDEVIDA**, pois se for **DEVIDA**, teremos o crime de exercício arbitrário das próprias razões.

Quem é o sujeito passivo do delito? Quem é sequestrado ou a pessoa a quem se exige o resgate? Ambos.

OBS.: Pessoa jurídica pode ser sujeito passivo, na qualidade de vítima da lesão patrimonial (Ex.: Sequestra-se o sócio, para exigir da PJ o pagamento do resgate).

Qualificadoras - A pena será de **DOZE A VINTE ANOS SE**:

- O sequestro dura mais de 24 horas
- Se o sequestrado é menor de 18 anos ou maior de 60 anos
- Se o crime for cometido por quadrilha ou bando - Os agentes **respondem tanto pela extorsão mediante sequestro qualificada quanto pela associação criminosa** (art. 288 do CP)

Extorsão mediante sequestro qualificada pelo resultado

Lesão corporal grave – Pena de 16 a 24 anos de reclusão

Morte – Pena de 24 a 30 anos de reclusão

OBS.: A maioria da Doutrina entende que o resultado (lesão grave ou morte) qualifica o crime, QUALQUER QUE SEJA A PESSOA QUE SOFRA A LESÃO, ainda que não seja o próprio sequestrado, mas desde que ocorra no contexto fático do delito de extorsão mediante sequestro.

Delação premiada - Abatimento na pena (causa especial de redução de pena) daquele que delata os demais cúmplices (redução de 1/3 a 2/3). É indispensável que dessa delação decorra uma facilitação na liberação do sequestrado.

DANO

Caraterização - O tipo objetivo (conduta) pode ser tanto a destruição (danificação total), a inutilização (danificação, ainda que parcial, mas que torna o bem inútil) ou deterioração (danificação parcial do bem) da coisa.

O crime é comum, podendo ser praticado por qualquer pessoa, tendo como sujeito passivo o proprietário ou possuidor do bem danificado. **O condômino pode ser sujeito ativo, mas se a coisa é fungível (substituível, como o dinheiro, por exemplo) e o agente deteriora apenas a sua cota-parte, não há crime, por analogia ao furto de coisa comum (Posição do STF).**

Elemento subjetivo – Dolo. Não se pune na forma culposa.

OBS.: O crime de "pichação" é definido como **CRIME CONTRA O MEIO AMBIENTE** (ambiente urbano), nos termos do art. 65 da Lei 9.605/98.

APROPRIAÇÃO INDÉBITA PREVIDENCIÁRIA

Caracterização - A conduta é apenas uma: "deixar de repassar", ou seja, reter, mas não repassar ao órgão responsável, os valores referentes às contribuições previdenciárias. Trata-se de **norma penal em branco**, pois deve haver a complementação com as normas previdenciárias, que estabelecem o prazo para repasse das contribuições retidas pelo responsável tributário.

Elemento subjetivo – Dolo. Não se pune na forma culposa. **Não se exige o dolo específico** (STF e STJ).

Consumação e tentativa - A Doutrina majoritária sustenta que o crime é formal, e se consuma no momento em que se exaure o prazo para o repasse dos valores. **STF e STJ** - Trata-se de **crime material**, sendo necessária a constituição definitiva do tributo (contribuição previdenciária) para que possa ser considerado "consumado" o crime (**aplicação da súmula vinculante nº 24**). Não se admite tentativa (crime omissivo puro).

Extinção da punibilidade

O STF e o STJ entendem que **o pagamento, a qualquer tempo (antes do trânsito em julgado) extingue a punibilidade**.

E se o réu adere ao parcelamento do débito? Neste caso, fica **SUSPENSA a punibilidade** (e também o curso do prazo prescricional). Uma vez quitado o parcelamento, extingue-se a punibilidade.

Princípio da insignificância – Quando o valor do débito for igual ou inferior ao estabelecido pela previdência como sendo o mínimo para ajuizamento das ações fiscais, **atualmente se entende que deve ser aplicado o princípio da insignificância**. **Patamar**: **STJ** – R$ 10.000,00; **STF** – Vem entendendo, em decisões mais recentes, pela inaplicabilidade do princípio neste caso.

ESTELIONATO

Caracterização – O agente obtém vantagem ilícita (crime material, portanto), para si ou para outrem, em prejuízo alheio, induzindo ou mantendo alguém em erro, mediante qualquer meio fraudulento. Considerado **crime de resultado duplo** (o agente deve obter a vantagem e a vítima deve sofrer prejuízo).

Vantagem – Deve ser **patrimonial** (doutrina majoritária).

Elemento subjetivo – Dolo. Não se pune a forma culposa. Exige-se, ainda, a **finalidade especial de agir**, consistente na intenção de obter vantagem ilícita em detrimento (prejuízo) de outrem.

Estelionato privilegiado – Aplicam-se as mesmas disposições do furto privilegiado.

Tópicos importantes

➡ **E se o agente fraudar concurso público?** A conduta, que **antes foi considerada atípica pelo STF**, atualmente se encontra tipificada no art. 311-A do CPP (crime de fraude em certames de interesse público), incluído pela Lei 12.550/11.

E se o agente praticar o estelionato mediante a utilização de documento falso? O STJ e o STF entendem que se trata de concurso FORMAL. Contudo, **se a potencialidade lesiva do falso se exaure no estelionato**, o **crime de estelionato absorve o falso**, que foi apenas um meio para a sua prática (Súmula 17 do STJ).

E se o agente obtém um cheque da vítima? O crime é tentado ou consumado? Enquanto o agente não obtiver o valor prescrito no cheque, o crime ainda é tentado, apenas se consumando quando o agente obtiver o valor constante no cheque (posição majoritária da Doutrina).

Emissão de cheque sem fundos - Para que se configure crime, **é necessário que o agente tenha, de antemão, a intenção de não pagar**, ou seja, o agente sabe que não possui fundos para adimplir a obrigação contraída. Diferente da hipótese na qual o agente possui fundos, mas, antes da data prevista para o desconto do cheque, tem que retirar o dinheiro por algum motivo e o cheque "bate sem fundos". Isso não é crime. A emissão de cheques sem fundos para pagamento de dívidas de jogo **NÃO CONFIGURA CRIME**, pois estas dívidas não são passíveis de cobrança judicial, **nos termos do art. 814 do CC**.

OBS.: Neste caso (art. 171, §2º, VI do CP), se o agente repara o dano **ANTES DO RECEBIMENTO DA DENÚNCIA**, obsta o prosseguimento da ação penal (súmula 554 do STF).

Estelionato contra idoso – A pena será aplicada em dobro se o crime de estelionato (qualquer de suas formas) for praticado contra pessoa idosa (60 anos ou mais).

Estelionato previdenciário

O §3° prevê o chamado estelionato contra entidade de direito público, que é aquele cometido contra qualquer das instituições previstas na norma penal citada. Trata-se de causa de aumento de pena (aumenta-se de um terço).

Consumação – Tal delito, quando ocorre pela obtenção de benefício previdenciário de forma fraudulenta, possui natureza binária, e a consumação dependerá, portanto, do sujeito ativo do delito:

- **Momento consumativo para o próprio beneficiário dos valores indevidos** – Trata-se de crime permanente, que se "renova" a cada saque do benefício indevido.
- **Momento consumativo para terceira pessoa que participou do delito** – Ocorre com o recebimento da vantagem indevida pela primeira vez (já que o delito de estelionato é material, pois o tipo penal exige o efetivo recebimento da vantagem indevida), seja pelo próprio ou por outra pessoa.

⇒ **E no caso de saque indevido de benefício após a morte do titular?** Neste caso o benefício foi concedido corretamente, mas alguém (geralmente familiar) **continua sacando os valores após a morte do beneficiário, sem informar o óbito ao INSS**. Neste caso, cada saque representa crime autônomo. É possível o reconhecimento da continuidade delitiva entre os vários crimes praticados (vários saques).

Disposições gerais sobre os crimes contra o patrimônio

Causa pessoal de isenção de pena (Escusa absolutória)

É isento de pena quem comete qualquer dos crimes contra o patrimônio em prejuízo:

- Do cônjuge, na constância da sociedade conjugal
- De ascendente ou descendente

Contudo, isso **NÃO se aplica**:

- Se o crime é cometido com emprego de grave ameaça ou violência à pessoa
- Ao estranho que participa do crime
- Se o crime é praticado contra pessoa com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos

Ação penal

REGRA - **AÇÃO PENAL PÚBLICA INCONDICIONADA**.

EXCEÇÕES:

- **AÇÃO PENAL PÚBLICA CONDICIONADA À REPRESENTAÇÃO** – Se o crime é cometido contra:
  - Cônjuge desquitado ou judicialmente separado
  - Irmão, legítimo ou ilegítimo
  - Tio ou sobrinho, com quem o agente coabita

ATENÇÃO! Mesmo numa destas circunstâncias, **o CRIME SERÁ DE AÇÃO PENAL PÚBLICA INCONDICIONADA** quando ocorrerem as hipóteses em que não se aplicam as escusas absolutórias, ou seja:

- Se o crime é cometido com emprego de grave ameaça ou violência à pessoa
- Ao estranho que participa do crime
- Se o crime é praticado contra pessoa com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos

Crimes patrimoniais e crimes hediondos

Alguns crimes contra o patrimônio são considerados **hediondos**. São eles:

- Roubo com resultado morte (latrocínio)
- Extorsão qualificada pela morte (art. 158, §2º do CP)
- Extorsão mediante sequestro (forma simples e formas qualificadas)

OBS.: O **crime de extorsão mediante restrição da liberdade da vítima** (art. 158, §3º) é considerado hediondo quando resultar em morte (doutrina majoritária).

12 CRIMES CONTRA A DIGNIDADE SEXUAL

Crimes contra a liberdade sexual

Estupro

Caracterização – Ocorre quando alguém, mediante violência ou grave ameaça, constrange outra pessoa a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ela se pratique outro ato libidinoso.

OBS.: O crime de estupro, atualmente, engloba duas situações:

- Conjunção carnal
- Ato libidinoso diverso da conjunção carnal

Antes da Lei 12.015/09, o ato libidinoso diverso da conjunção carnal estava inserido no tipo penal do art. 214 do CP (atentado violento ao pudor), hoje revogado. Houve, portanto, **continuidade típico-normativa.**

E se o agente praticar mais de uma conduta (conjunção carnal e/ou ato libidinoso)? Depende:

- **Mesmo contexto fático** – **Crime único**, mas o Juiz deve considerar isso quando da fixação da pena
- **Mais de um ato criminoso, mas praticados em circunstâncias de tempo, lugar e modo de execução semelhantes (Ex.: Cinco estupros de José contra Maria, em uma semana, no mesmo local e da mesma forma)** – Deve ser reconhecida a **continuidade delitiva**. Agente recebe a pena de somente um dos delitos, acrescida de 1/6 até o triplo (art. 71 e seu § único).
- **Contextos absolutamente distintos** – Não há crime único nem continuidade delitiva. Responde por todos os delitos, em **concurso material**.

Sujeitos – Crime bicomum. Tanto o sujeito ativo quanto o sujeito passivo podem ser qualquer pessoa (antes da Lei 12.015/09, somente a mulher poderia ser vítima de estupro e somente o homem poderia pratica-lo).

Formas qualificadas:

- Se ocorre morte
- Se ocorre lesão corporal grave
- Se a vítima é menor de 18 anos e maior de 14 anos

➢ **E se a vítima tem menos de 14 anos?** Há estupro de vulnerável (art. 217-A do CP).

Consumação – Controvertido, mas prevalece que o delito se consuma com o contato físico (contato físico é indispensável, portanto) – STJ.

Violência sexual mediante fraude

Caracterização - O meio utilizado não é a violência ou grave ameaça. Aqui o agente se utiliza de uma fraude, um ardil, um engodo. Também é chamado, por alguns, de **ESTELIONATO SEXUAL**.

OBS.: Se a vítima, em razão da fraude ou do outro meio empregado, fica completamente privada do poder de manifestação de vontade, não teremos este delito, mas o delito de **estupro de vulnerável**.

Assédio sexual

Caracterização – Conduta daquele que constrange alguém, **com o intuito de obter vantagem ou favorecimento sexual**, prevalecendo-se o agente da sua condição de superior hierárquico ou ascendência inerentes ao exercício de emprego, cargo ou função.

Tópicos relevantes

- **Crime próprio** - Só pode ser praticado por aquele que ostente alguma das condições previstas no tipo penal.
- **Deve haver uma relação de hierarquia laboral (seja pública ou privada) entre infrator e vítima** – Controvertido, mas é o que prevalece. **OBS.:** Não se configura este delito caso a relação se dê, por exemplo, entre professor e aluno ou sacerdote e fiel.
- **Consumação** – Controvertido. **Prevalece que se consuma com o constrangimento, ainda que uma única vez**. Minoria entende que é crime habitual.

Crimes sexuais contra vulnerável

Estupro de vulnerável

Caracterização - A conduta é a de ter conjunção carnal ou praticar outro ato libidinoso com pessoa **menor de 14 anos**. Não importa se a relação é consentida! Presume-se que a pessoa não tem condição psicológica para externar vontade.

OBS.: STJ entende que a presunção é absoluta (não admite prova em contrário).

Forma equiparada – Nas mesmas penas incorre quem pratica a conduta contra pessoa que:

- **Não tem discernimento para a prática do ato** – Ex.: Doente mental.
- **Por qualquer outra causa, não pode oferecer resistência** – Ex.: Pessoa que está completamente embriagada.

Corrupção de menores

Consumação - É controvertida. Prevalece que o crime se consuma **quando a vítima pratica o ato sexual a que foi induzida** (independentemente de a pessoa se sentir "satisfeita" em sua lascívia). Crime material.

Sujeitos – Qualquer pessoa pode praticar o delito. Só o menor de 14 anos pode ser sujeito passivo.

Atos de satisfação da lascívia - Para parte da Doutrina, apenas os atos contemplativos podem caracterizar este delito (Ex.: Induzir a vítima a vestir uma fantasia sexual). Para outra parte da Doutrina, qualquer ato pode caracterizar o delito, de forma que aquele que induz pessoa menor de 14 anos a praticar sexo vaginal com terceira pessoa, responde por este delito, enquanto o terceiro que pratica a relação responde por estupro de vulnerável, em **exceção à teoria monista do delito** (cada um dos agentes responde por um crime diferente).

- **E se a vítima não tiver menos de 14 anos? O que ocorre?** Depende:
  - **Se a vítima tem menos de 14 anos** – Crime do art. 218 do CP.
  - **Se a vítima tem mais de 14 e menos de 18 anos** – Pratica o crime do art. 227, §1º do CP (mediação para satisfazer a lascívia de outrem, na forma qualificada).
  - **Se a vítima tem 18 anos ou mais** – Pratica o crime do art. 227 do CP (mediação para satisfazer a lascívia de outrem, na forma simples).
  - **Se a vítima possui exatos 14 anos** - Pratica o crime do art. 227 do CP (mediação para satisfazer a lascívia de outrem, na forma simples).

- **E o terceiro que "satisfaz a lascívia"? Responde por qual delito?**
  - **(i) Se a vítima tem menos de 14 anos** – **Poderá** praticar ESTUPRO DE VULNERÁVEL (art. 217-A do CP).
  - **(ii) Se a vítima tem mais de 14 anos –** Não pratica crime algum.

Satisfação de lascívia mediante presença de criança ou adolescente

Caracterização - Pode ser praticado de duas formas, sempre com a finalidade de satisfazer sua própria lascívia ou a de outrem:

- **Praticando o ato na presença da vítima** – Consuma-se quando a vítima contempla o ato
- **Induzindo a vítima a presenciar ato libidinoso** – Consuma-se quando há o induzimento, ainda que a vítima não chegue a ver o ato (controvertido).

Sujeitos – Sujeito ativo pode ser qualquer pessoa. O sujeito passivo só poder ser o menor de 14 anos.

Favorecimento da prostituição ou outra forma de exploração sexual de vulnerável

Configuração – Ocorre quando alguém:

- **Submete, induz, facilita ou atrai à prostituição ou outra forma de exploração sexual alguém menor de 18 anos** (ou que, por enfermidade ou deficiência mental, não tem o necessário discernimento para a prática do ato) – Consuma-se no momento em que a vítima passa a se dedicar à prostituição, colocando-se à disposição dos clientes.

- **Impede ou dificulta que a vítima abandone a exploração** – Consuma-se no momento em que a vítima decide deixar a prostituição, sendo impedida pelo agente (crime permanente).

Disposições gerais aplicáveis aos crimes contra a liberdade sexual e aos crimes sexuais contra vulnerável

Ação penal

- **Regra** - **AÇÃO PENAL PÚBLICA CONDICIONADA À REPRESENTAÇÃO**.
- **EXCEÇÃO** - **Vítima menor de 18 anos ou pessoa vulnerável** - Crime de **AÇÃO PENAL PÚBLICA INCONDICIONADA**.

➢ **O que acontece se um delito que antes era de ação penal privada passou a ser de ação penal pública?** Prevalece o entendimento de que **permanece sendo caso de ação penal privada** para os fatos praticados antes da vigência da lei.

➢ **E nos casos em que se tratava de ação penal pública incondicionada e passou a se exigir representação da vítima?**

- **O processo ainda não se iniciou** - Deve se exigir a representação para que a denúncia seja recebida.
- **Caso já tenha sido recebida a denúncia** - Não há como se exigir a representação (embora alguns defendam que o ofendido deve ser intimado para oferecer a representação).

Causas de aumento de pena

- **Aumento de quarta parte (1/4)** - Se o crime é cometido com o **concurso de 2 (duas) ou mais pessoas**.
- **Aumento de metade** - Se o agente é ascendente, padrasto ou madrasta, tio, irmão, cônjuge, companheiro, tutor, curador, preceptor ou empregador da vítima **ou por qualquer outro título tem autoridade sobre ela**.

AÇÃO PENAL NOS CRIMES CONTRA A DIGNIDADE SEXUAL

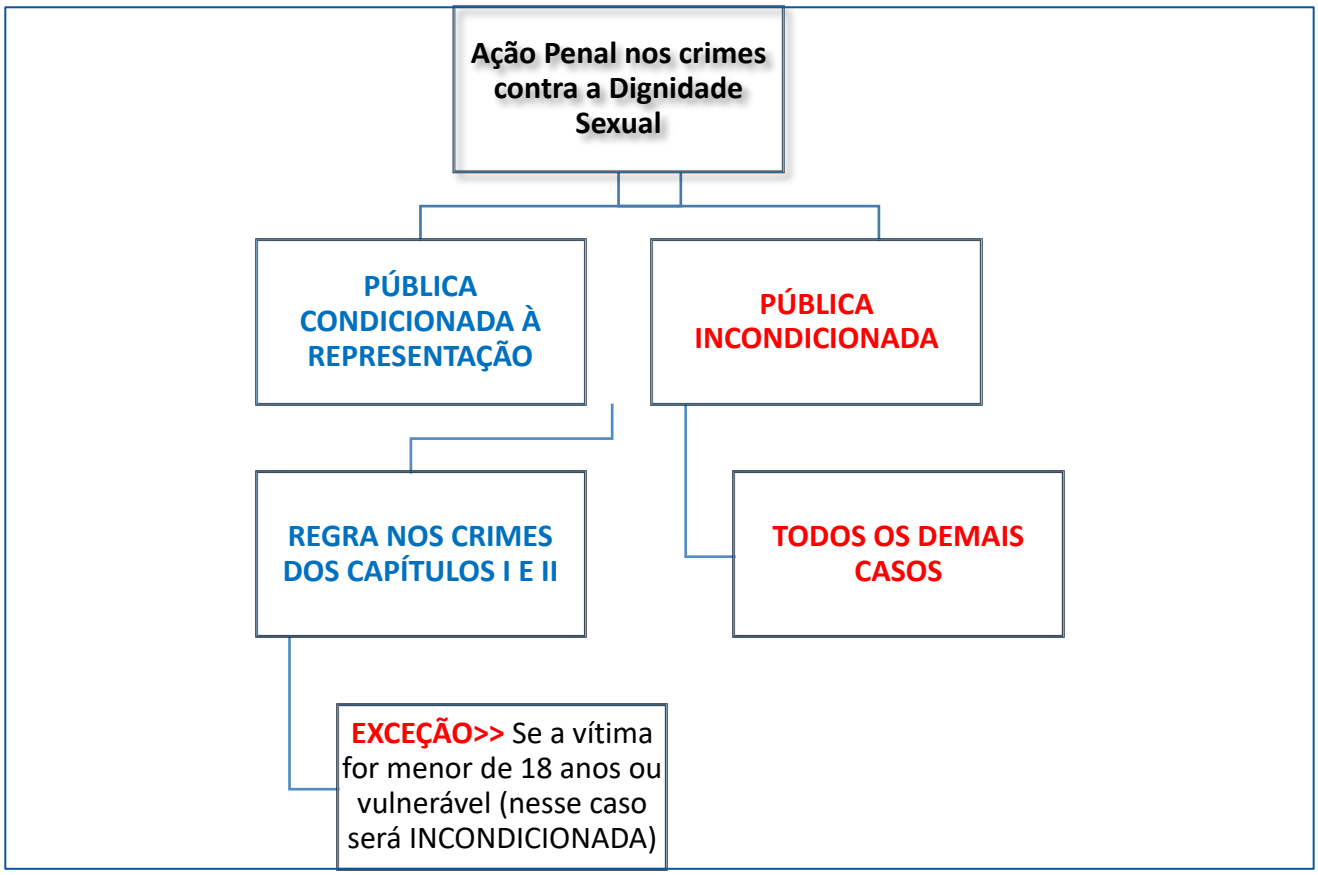

13 CRIMES CONTRA A FÉ PÚBLICA

MOEDA FALSA

Conduta – Falsificar papel moeda ou moeda metálica de curso legal no Brasil ou no exterior. Pode ser praticado mediante:

- **Fabricação** – Cria-se a moeda falsa
- **Adulteração** – Utiliza-se moeda verdadeira para transformar em outra, falsa.

Consumação - No momento em que a moeda é fabricada ou alterada (não precisa chegar a entrar em circulação).

Forma equiparada (mesma pena) – Quem, por conta própria ou alheia:

- Importa ou exporta
- Adquire
- Vende
- Troca
- Cede
- Empresta
- Guarda
- Introduz na circulação moeda falsa

Tópicos importantes

- **Falsificação for grosseira** - Não há crime de moeda falsa, por não possuir potencialidade lesiva.
- **Forma qualificada prevista no § 3° -** Só admite como sujeitos ativos aquelas pessoas ali enumeradas (crime próprio)
- **E se a moeda ainda não foi autorizada a circular?** Incorre nas mesmas penas da forma principal do delito.
- **Forma privilegiada** - Ocorre quando o agente recebe a moeda falsa de boa-fé (sem saber que era falsa) e a restitui à circulação (já sabendo que é falsa) – **IMPORTANTE!**
- **Insignificância – NÃO CABE aplicação** do princípio da insignificância.

Petrechos para falsificação de moeda

Conduta - Fabricar, adquirir, fornecer, a título oneroso ou gratuito, possuir ou guardar:

- Maquinismo, aparelho, instrumento ou qualquer objeto **especialmente destinado à falsificação de moeda**. **OBS.:** Se o objeto serve para diversas finalidades, não sendo especialmente destinado à falsificação de moeda, não há o referido crime.

OBS.: Trata-se de exceção à regra da impunibilidade dos atos preparatórios (Lei já considera como crime uma conduta que seria ato preparatório para outro delito).

FALSIDADE DOCUMENTAL

Falsificação de documento público

Conduta – É a de falsificar, no todo ou em parte, documento público. Pode ocorrer mediante:

- Fabricação de um documento público falso
- Adulteração de um documento público verdadeiro

Consumação - No momento em que o agente fabrica o documento falso ou altera o documento verdadeiro.

Conceito de documento público – A Doutrina divide em:

- **Documento público em sentido formal e material (substancial)** – A **forma é pública** (emanado de órgão público, ou seja, por funcionário público no exercício das funções, com o cumprimento das formalidades legais) e **o conteúdo também é público** (atos proferidos pelo poder público, como decisões administrativas, sentenças judiciais, etc.).
- **Documento público em sentido formal apenas** – Aqui a **forma é pública** (emanado de órgão público), mas o **conteúdo é de interesse privado** (Ex.: Escritura pública de compra e venda de um imóvel pertencente a um particular. O conteúdo é de interesse particular, embora emanado de um órgão público).

Equiparados a documento público

- Emanado de entidade paraestatal
- Título ao portador ou transmissível por endosso
- Ações de sociedade comercial
- Livros mercantis
- Testamento particular

Falso x estelionato

- **Se o falso se exaure no estelionato –** É absorvido pelo estelionato: **Súmula 17 do STJ**
  "Quando o falso se exaure no estelionato, sem mais potencialidade lesiva, é por este absorvido".
- **Se o falso não esgota sua potencialidade lesiva no estelionato** – O agente responde por ambos os delitos.

Falsificação de documento particular

Caracterização – A lógica é a mesma da falsificação de documento público, só que com documento particular.

Conceito de documento particular - Considera-se documento particular **aquele que não pode ser considerado, sob qualquer aspecto, como documento público.**

Documento particular por equiparação – O CP equiparou a documento particular o **cartão de crédito ou débito**.

Falsidade ideológica

Caracterização – Aqui o agente não falsifica a estrutura do documento. O documento é estruturalmente verdadeiro, mas contém informações inverídicas. A falsificação ideológica ocorre quando o agente (**com o fim de** prejudicar direito, criar obrigação ou alterar a verdade sobre fato juridicamente relevante):

- **Omite declaração que devia constar no documento** (conduta omissiva)
- Nele **insere ou faz inserir declaração falsa ou diversa da que devia** ser escrita (conduta comissiva)

Pena – A pena varia de acordo com o documento em que há falsidade ideológica (documento público – reclusão de um a cinco anos e multa; documento particular – reclusão de um a três anos e multa).

Causa de aumento de pena – Há aumento de pena (1/6):

- Se o **agente é funcionário público**, e desde que cometa o delito valendo-se do cargo; ou
- Se a falsificação ou alteração é de **assentamento de registro civil**.

Falsidade ideológica x falsidade material (falsificação de documento público ou particular) - A diferença básica entre a falsidade material e a falsidade ideológica reside no fato de que, na primeira, o documento é estruturalmente falso, e na segunda a estrutura é verdadeira, mas o conteúdo (a ideia que o documento transmite) é falsa.

Falsidade de atestado médico

Crime próprio - Somente o médico poderá praticar o crime (enfermeiro, dentista, etc., não podem).

Elemento subjetivo – Dolo. **OBS.:** Se houver **finalidade de lucro** = há previsão de **pena de multa cumulada com a privativa de liberdade**.

Consumação - Consuma-se **no momento em que o médico FORNECE o atestado falso**. Se elaborar o atestado falso, mas se arrepender, não há crime.

Uso de documento falso

Caracterização – Consiste em *fazer uso* dos documentos produzidos nos crimes previstos nos arts. 297 a 302 do CP.

Pena – É a mesma prevista para a falsificação do documento.

OBS.: Isso é chamado pela Doutrina como **tipo penal remetido**, já que se remete a outros tipos penais para compor de forma plena a conduta criminosa.

Consumação – No **momento em que o agente leva o documento ao conhecimento de terceiros**, pois aí se dá a lesão à credibilidade, à fé pública. **NÃO SE ADMITE A TENTATIVA!**

ATENÇÃO! E se quem usa o documento falso é a própria pessoa que fabricou o documento falso? Neste caso, temos (basicamente) dois entendimentos:

1 – O agente responde apenas pelo crime de "uso de documento falso", pois a falsificação é "meio" para a utilização

2 – O agente **responde apenas pela falsificação do documento**, e não pelo uso, pois é natural que toda pessoa que falsifica um documento pretenda utilizá-lo posteriormente, de alguma forma – **Prevalece na Doutrina e na Jurisprudência**.

OUTRAS FALSIDADES

Falsa identidade

Caracterização - *Atribuir a si ou terceiro falsa identidade,* que consiste, basicamente, **em se fazer passar por outra pessoa**.

OBS.: Se o agente se vale de um documento falso para se fazer passar por outra pessoa, neste caso teremos **USO DE DOCUMENTO FALSO**.

Elemento subjetivo – Dolo. **Exige-se especial finalidade de agir**, consistente na vontade de obter alguma vantagem ou causar prejuízo a alguém.

A prática da conduta (falsa identidade), perante a autoridade policial, para se esquivar de eventual cumprimento de prisão (por mandados anteriores), configuraria exercício legítimo de "autodefesa"? Não, trata-se de conduta típica (falsa identidade) entendimento sumulado do STJ (súmula 522).

14 CRIMES PRATICADOS POR FUNCIONÁRIO PÚBLICO CONTRA A ADMINISTRAÇÃO EM GERAL

CONCEITO DE FUNCIONÁRIO PÚBLICO PARA FINS PENAIS

Funcionário público – Quem exerce cargo, emprego ou função pública, ainda que transitoriamente ou sem remuneração.

Funcionário público por equiparação - Quem exerce cargo, emprego ou função em entidade paraestatal, e quem trabalha para empresa prestadora de serviço contratada ou conveniada para a execução de atividade típica da Administração Pública (ainda que transitoriamente ou sem remuneração).

Causa de aumento de pena – Aplicada àqueles que ocuparem cargos em comissão ou função de direção ou assessoramento de órgão da administração direta, sociedade de economia mista, empresa pública ou fundação instituída pelo poder público (**aumento de 1/3**).

OBS.: Por falha legislativa, em relação à causa de aumento de pena, não se aplica aos funcionários de autarquias.

CRIMES FUNCIONAIS PRÓPRIOS (PUROS) X CRIMES FUNCIONAIS IMPRÓPRIOS (IMPUROS)

Crimes funcionais próprios (puros) - Ausente a condição de "funcionário público" ao agente, a conduta passa a ser considerada a um indiferente penal (atipicidade absoluta). (Ex.: No crime de prevaricação (art. 319 do CP), se o agente não for funcionário público, não há prática de qualquer infração penal).

Crimes funcionais impróprios (impuros) - Faltando a condição de "funcionário público" ao agente, a conduta não será um indiferente penal, **deixará apenas de ser considerada crime funcional, sendo desclassificada para outro delito** (atipicidade relativa) (Ex.: Crime de peculato-furto, art. 312, § 1° do CP).

PECULATO

Conduta – "Apropriar-se o funcionário público de dinheiro, valor ou qualquer outro bem móvel, público ou particular, de que tem a posse em razão do cargo (**peculato-apropriação**), ou desviá-lo (**peculato-desvio**), em proveito próprio ou alheio." (art. 312 do CP).

Peculato-furto – Aplica-se àquele que, mesmo "não tendo a posse do dinheiro, valor ou bem, o subtrai, ou concorre para que seja subtraído, em proveito próprio ou alheio, **valendo-se de facilidade que lhe proporciona a qualidade de funcionário**. " (art. 312, §1º do CP). **ATENÇÃO!** Diferença fundamental entre peculato furto e peculato (desvio ou apropriação) = No peculato-furto o agente não tem a posse da coisa.

OBS.: Peculato de uso – Discutido na doutrina e jurisprudência, mas prevalece que é IMPUNÍVEL.

Particular pode praticar peculato? Sim, desde que em concurso de pessoas com um funcionário público (e desde que o particular saiba que seu comparsa é funcionário público).

Peculato culposo – Quando o agente concorre, de maneira CULPOSA, para o crime praticado por outra pessoa.

OBS.: Se o agente **reparar o dano antes de proferida a sentença irrecorrível** (ou seja, antes do trânsito em julgado), estará **extinta a punibilidade**. Caso o agente repare o dano após o trânsito em julgado, a pena será reduzida pela metade. **ISSO NÃO SE APLICA ÀS DEMAIS FORMAS DE PECULATO**.

Peculato mediante erro de outrem – Conduta daquele que se apropria de dinheiro ou qualquer utilidade que, no exercício do cargo, recebeu por erro de outrem. **OBS.:** O agente não pode ter criado (dolosamente) a situação de erro (neste caso, responde por estelionato).

CONCUSSÃO X CORRUPÇÃO PASSIVA

Diferença fundamental – Embora os tipos penais possuam a redação um pouco diferente, a diferença FUNDAMENTAL reside no fato de que:

- **Na concussão** – O agente **EXIGE** a vantagem indevida.
- **Na corrupção passiva** – O agente **SOLICITA** (ou recebe ou aceita a promessa de vantagem) a vantagem indevida.

OBS.: Na concussão, se o agente exige a vantagem sob a ameaça de praticar um mal grave à vítima, não relacionado às atribuições do cargo, teremos EXTORSÃO, e não concussão (Ex.: Policial que exige dinheiro do motorista, para não aplicar multa = **concussão**. Ex.: Policial que exige dinheiro da vítima sob a ameaça de matar o filho da vítima = **extorsão**).

CONSUMAÇÃO – **Ambos os delitos** se consumam com a mera prática da conduta (exigir, solicitar, aceitar promessa de vantagem, etc.), sendo **DISPENSÁVEL o efetivo recebimento da vantagem indev**ida para que haja a consumação do delito.

OBS.: No crime de corrupção passiva, na modalidade de "receber vantagem indevida", exige-se o efetivo recebimento da vantagem.

OBS.: Em todos as modalidades de corrupção passiva **não se exige** que o funcionário público efetivamente pratique ou deixe de praticar o ato (com infração de dever funcional) em razão da vantagem ou promessa de vantagem recebida. Caso isso ocorra, a **pena será aumentada em 1/3**.

Corrupção passiva privilegiada – Modalidade menos grave de corrupção passiva. Hipótese do "favor", aquela conduta do funcionário que cede a pedidos de amigos, conhecidos ou mesmo de estranhos, ou cede à influência de alguém, para que faça ou deixe de fazer algo ao qual estava obrigado.

CUIDADO! Aqui **temos um crime material** (é indispensável que o funcionário efetivamente pratique o ato com infração de dever funcional ou deixe de pratica-lo, também com infração de dever funcional).

Corrupção passiva privilegiada x prevaricação

A diferença básica entre ambos reside no fato de que:

- **Na corrupção passiva privilegiada** – O agente cede a **PEDIDO ou INFLUÊNCIA** de alguém.
- **Na prevaricação** – O agente infringe o dever funcional (praticando ou deixando de praticar ato) para satisfazer **SENTIMENTO OU INTERESSE PESSOAL**.

E a condescendência criminosa? Semelhante à prevaricação, mas HÁ DIFERENÇAS. Na **condescendência criminosa** o agente (por indulgência) deixa de responsabilizar SUBORDINADO que praticou infração no exercício do cargo ou, caso não tenha competência, deixa de levar o fato ao conhecimento da autoridade que o tenha. É um crime parecido com a prevaricação e com a corrupção passiva privilegiada (caso haja pedido do subordinado, por exemplo), mas tem o diferencial:

- Só quem pode praticar o delito é o **superior hierárquico** (há quem defenda que o colega, sem hierarquia, também pode, mas é minoritário)
- **Por indulgência** (sentimento de pena, misericórdia, clemência)

OBS.: Cuidado!!! Se o agente deixa de responsabilizar o subordinado:

- **Cedendo a pedido ou influência de alguém** – pratica **corrupção passiva privilegiada**
- **Para satisfazer sentimento ou interesse pessoal (amizade, etc.)** – pratica **prevaricação**.

FACILITAÇÃO DE CONTRABANDO OU DESCAMINHO

Conduta - Facilitar a prática de qualquer dos dois crimes (contrabando ou descaminho), seja por ação ou omissão. Só pode ser praticado pelo **funcionário que POSSUI A FUNÇÃO DE EVITAR O CONTRABANDO E O DESCAMINHO**.

Mas e se o funcionário não tiver essa obrigação específica? Responderá **como partícipe do crime praticado pelo particular** (contrabando ou descaminho), e não pelo crime do art. 318 do CP.

ADVOCACIA ADMINISTRATIVA

Conduta - Patrocinar **interesse privado** perante a administração pública. O agente:

- Deve se **valer das facilidades que a sua condição de funcionário público lhe proporciona**
- Praticar a conduta **em prol de um terceiro** (majoritário)

OBS.: O crime se consuma ainda que o interesse patrocinado seja legítimo. Caso seja um interesse ilegítimo, teremos a forma qualificada (pena mais grave).

Interesse legítimo – Crime de advocacia administrativa na **forma simples**
Interesse ilegítimo – Crime de advocacia administrativa na **forma qualificada.**

DISPOSIÇÕES GERAIS

- **Todos os crimes são próprios** – Devem ser praticados por quem ostente a **condição de funcionário público**. Em alguns casos, deve ser uma condição ainda mais específica (Ex.: Superior hierárquico, no crime de condescendência criminosa).
- **Todos os crimes são dolosos** – Só há previsão de **forma culposa para o peculato** (peculato culposo, art. 312, §2º do CP).
- **Ação penal** – Para todos, pública incondicionada.
- **Particular como sujeito do delito** – É possível, em todos eles, desde que se trate de concurso de pessoas e que o particular saiba que seu comparsa é funcionário público.
- **Não se aplica o princípio da insignificância aos crimes contra a administração pública** – Súmula 599 do STJ.

15 CRIMES PRATICADOS POR PARTICULAR CONTRA A ADMINISTRAÇÃO EM GERAL

Usurpação de função pública - O agente não possui qualquer vínculo com a administração pública ou, caso possua, suas funções são absolutamente estranhas à função usurpada.

OBS.: É **necessário que o agente pratique atos inerentes à função**. Não basta que apenas se apresente a terceiros como funcionário público.

Resistência

Conduta – Opor-se à execução de ato LEGAL de funcionário público (violência contra coisa não caracteriza o delito), mediante violência ou grave ameaça. O agente responde de, ainda, de maneira autônoma, pela violência ou ameaça

OBS.: O ato deve ser legal, ou seja, deve estar fundamentado na Lei ou em decisão judicial. Assim, **a decisão judicial injusta é considerada ato legal.**

E se o particular resistir à prisão em flagrante executada por um particular (atitude permitida pelo art. 301 do CPP)? Nesse caso, **não pratica o crime em questão**, pois o particular não é considerado funcionário público, não podendo ser realizada analogia in m*alam partem*.

Desobediência

Conduta - O agente deixa de fazer algo que lhe fora determinado ou faz algo cuja abstenção lhe fora imposta mediante ordem de funcionário público competente.

A tentativa só será admitida nas hipóteses de desobediência mediante atitude comissiva (ação).

Diversas Leis Especiais preveem tipos penais que criminalizam condutas específicas de desobediência. Nesses casos, aplica-se a legislação especial, aplicando-se este artigo do CP apenas quando não houver lei específica tipificando a conduta.

Desacato

Conduta – Ocorre quando um particular desacata (falta de respeito, humilhação, com gestos ou palavras, vias de fato, etc.) funcionário público. **Exige-se que o ato seja praticado na presença do funcionário público**.

OBS.: Mas e se quem cometer o desacato for funcionário público? Três correntes existem, mas prevalece que:

- **É possível, em qualquer caso** – Essa é a **predominante**, e entende que o funcionário público que desacata outro funcionário público, é, neste momento, apenas mais um particular, devendo responder pelo crime. Exige-se, apenas, que o infrator não esteja no exercício de suas funções.

ATENÇÃO!! Não se exige que o funcionário esteja na repartição ou no horário de trabalho, mas sim que o desacato **ocorra em razão da função exercida pelo servidor**.

Tentativa - Há divergência. Parte entende incabível pois, exigindo-se que o funcionário público esteja presente no momento do desacato, é inviável a tentativa, por se tratar de crime unissubsistente (praticado mediante um único ato). Outra parcela entende cabível a tentativa, embora de difícil caracterização.

E se o ofendido já não é mais funcionário público (demitido, exonerado, etc.)? Neste caso, o **crime não se caracteriza**, ainda que praticado em razão da função anteriormente exercida pelo funcionário.

OBS.: Há decisão do STJ reconhecendo a descriminalização do desacato, ao argumento de que a criminalização do desacato é uma afronta à liberdade de expressão e pensamento (violação ao Pacto de San José da Costa Rica).

Tráfico de influência

Conduta – Conduta daquele que pretende obter vantagem em face de um particular, sob o argumento de que poderá influenciar na prática de determinado ato por um servidor público. É uma espécie de "estelionato", pois o agente promete usar uma influência que não possui.

E o particular que "contrata os serviços"? Doutrina entende que **NÃO É SUJEITO ATIVO**, mas sujeito **PASSIVO** do delito, pois, embora sua conduta seja imoral, não é penalmente relevante, tendo sido ele também lesado pela conduta do agente, que o enganou (considerado corruptor putativo).

OBS.: Se **a influência do agente for REAL**, tanto ele quanto aquele que paga por ela são considerados **CORRUPTORES ATIVOS** (art. 333 do CP).

Consumação - Quando o agente solicita, cobra ou exige a vantagem do terceiro. Assim, **a obtenção da vantagem é mero exaurimento, sendo dispensável para a consumação do crime**. Na modalidade de "obter vantagem indevida", a obtenção é necessária.

Causa de aumento de pena – Quando o agente diz que parte da vantagem se destina ao funcionário público. **Aumento de metade**.

Corrupção ativa

Conduta - Este crime pode ser cometido de duas formas diferentes (é, portanto, crime de ação múltipla): ***oferecer*** *ou* ***prometer*** vantagem indevida a funcionário público.

Elemento subjetivo – **DOLO**. Exige-se, ainda, a **finalidade especial de agir** consistente no objetivo de fazer com que, mediante a vantagem oferecida ou prometida, o funcionário público aja de tal ou qual maneira.

ATENÇÃO! Se o funcionário público solicita a vantagem indevida e o particular a fornece (paga uma quantia, por exemplo), **o particular NÃO comete o crime de corrupção ativa**, eis que o tipo somente prevê os verbos de OFERECER e PROMETER vantagem indevida, que pressupõem que o particular tome a iniciativa.

Causa de aumento de pena - Se em razão da vantagem oferecida ou prometida o **funcionário público age da maneira que não deveria**, a pena é **aumentada de um terço**.

Contrabando

Conduta - **Importar ou exportar mercadoria proibida**. Ou seja, a importação ou exportação da mercadoria, por si só, é vedada.

Consumação - O contrabando se consuma quando a mercadoria ilícita ultrapassa a barreira alfandegária, sendo liberada pelas autoridades.

Insignificância – **NÃO CABE APLICAÇÃO** do princípio da insignificância ao contrabando (STF e STJ).

Tópicos importantes

Com a Lei 13.008/14 a pena do delito de contrabando foi AUMENTADA para 02 a 05 anos de reclusão. Essa alteração na quantidade da pena produz consequências negativas para o réu (e, portanto, sabemos que NÃO IRÁ RETROAGIR):

- **Não cabe mais suspensão condicional do processo** (a pena mínima ultrapassa um ano)
- Passa a admitir **prisão preventiva** (antes só cabia em hipóteses excepcionais)
- O **prazo prescricional passa de 08 para 12 anos** (art. 109, III do CP)

Causa de aumento de pena - A pena é **aplicada em dobro** se o crime é praticado em transporte **aéreo, marítimo ou fluvial**.

Figuras equiparadas – Quem:

- **Pratica fato assimilado, em lei especial, a contrabando**
- **Importa ou exporta clandestinamente mercadoria que dependa de registro, análise ou autorização de órgão público competente** - **Ex.:** importação de determinados produtos alimentícios sem autorização da Vigilância Sanitária (alguns queijos, por exemplo, que muita gente traz da Holanda).
- **Reinsere no território nacional mercadoria brasileira destinada à exportação** – Esta figura tem por finalidade punir aqueles que trazem de volta ao país determinados produtos que são aqui fabricados e depois exportados e não podem ser aqui comercializados, especialmente por questões tributárias. **Ex.:** Reimportação clandestina de cigarro destinado à exportação.
- **Vende, expõe à venda, mantém em depósito ou, de qualquer forma, utiliza em proveito próprio ou alheio, no exercício de atividade comercial ou industrial, mercadoria proibida pela lei brasileira**
- **Adquire, recebe ou oculta, em proveito próprio ou alheio, no exercício de atividade comercial ou industrial, mercadoria proibida pela lei brasileira.**

Descaminho

Conduta – Ocorre quando o agente **ilude**, no todo em parte, o **pagamento de direito ou imposto** devido pela entrada, saída ou consuma da mercadoria. **Burla ao sistema tributário**.

Consumação - Com a liberação na alfândega, sem o pagamento dos impostos devidos. **Trata-se de crime FORMAL.**

Insignificância – **CABÍVEL!** O patamar é discutido na jurisprudência:

- **STF** - O entendimento é de que o patamar é de **R$ 20.000,00**.
- **STJ** – O entendimento é de que o patamar é de **R$ 10.000,00**.

Extinção da punibilidade pelo pagamento? Controvertido. **STF** – Existem **algumas decisões nesse sentido**. **STJ** – Também há decisões nesse sentido, mas vem **prevalecendo que não**.

Causa de aumento de pena - A pena é **aplicada em dobro** se o crime é praticado em transporte **aéreo, marítimo ou fluvial**.

Sonegação de contribuição previdenciária

Conduta - É a de suprimir ou reduzir contribuição social previdenciária ou qualquer de seus acessórios, e pode ser praticada nas três modalidades diferentes previstas nos incisos I, II e III do art. 337-A do CP.

Normas penais em branco - As condutas incriminadas são normas penais em branco, pois **precisam de complementação**, já que a lei não diz quais são os documentos que devem conter as informações, prazos, etc.

Crime comissivo ou omissivo? Controvertido. A Doutrina majoritária entende tratar-se de crime omissivo. Entretanto, alguns doutrinadores entendem que se trata de crime **comissivo**, pois quando o agente deixa de lançar o tributo correto, está lançando um errado; quando omite receitas e lucros, está declarando outros, ou seja, está prestando declaração falsa.

Consumação - Crime é material, ou seja, é **necessária a efetiva ocorrência da obtenção da vantagem relativa à redução ou supressão da contribuição social devida**.

Extinção da punibilidade – Duas hipóteses:

- **Sem o pagamento** - Se **antes do início da ação do fisco** o agente **se retrata e presta as informações corretas**.
- **Com pagamento integral do tributo (inclusive acessórios)** - O pagamento poderá ocorrer mesmo depois de iniciada a ação do fisco, **mas antes do recebimento da denúncia**. **OBS.:** O STF entende que o **pagamento integral do débito, ANTES DO TRÂNSITO EM JULGADO** (mesmo após o julgamento), **extingue a punibilidade**, com base no art. 69 da Lei 11.941/09

Perdão judicial

São **três os requisitos para o perdão judicial ou aplicação apenas da pena de multa**:

a) Ter o agente **bons antecedentes**

a) Ser **primário**

b) O **valor das contribuições** não ser superior ao valor estabelecido pela Previdência Social como o mínimo ao ajuizamento de execuções fiscais

ATENÇÃO! Apesar de ser essa a previsão legal, o **STF entende que se o valor das contribuições sonegadas for inferior a este valor**, não há hipótese de perdão judicial ou aplicação da pena de multa, mas sim **ATIPICIDADE DA CONDUTA**, em razão do princípio da insignificância.

16 DOS CRIMES CONTRA A ADMINISTRAÇÃO DA JUSTIÇA

Denunciação caluniosa

Caracterização – Quando alguém dá causa à instauração de investigação policial, de processo judicial, instauração de investigação administrativa, inquérito civil ou ação de improbidade administrativa contra alguém, imputando a esta pessoa crime, sabendo que a vítima da denunciação é inocente.

Consumação - Crime material. É necessário que o procedimento seja instaurado (IP, processo judicial, inquérito civil, etc.) ou, pelo menos, seja iniciada a investigação. Ou seja, exige-se, pelo menos, que a autoridade tome alguma providência. Caso contrário, teremos crime tentado.

Elemento subjetivo – Dolo.

Causa de aumento de pena – A pena é aumentada de 1/6 se o agente se vale de anonimato ou nome falso.

- **Se o agente imputa contravenção, responde pelo crime?** Sim, mas a pena é diminuída de metade.

Comunicação falsa de crime ou contravenção

Caracterização – Quando alguém provoca a ação da autoridade, comunicando crime ou contravenção que o agente SABE QUE NÃO OCORREU.

Consumação - Crime material. Consuma-se no momento em que a autoridade, em razão da comunicação falsa (de crime ou contravenção, tanto faz), pratica algum ato, não sendo necessária a instauração do Inquérito.

Elemento subjetivo – Dolo. Exige-se a finalidade especial de agir (intenção de ver a autoridade tomar alguma providência).

- **Denunciação caluniosa x Comunicação falsa de crime ou contravenção –** A **diferença básica** entre ambos reside no fato de que no primeiro caso o agente quer prejudicar a vítima (imputa a uma pessoa um fato que sabe que ela não praticou). No segundo caso, o agente não imputa o fato a alguém, mas comunica falsamente a ocorrência de uma infração penal (crime ou contravenção) que sabe que não ocorreu.

Autoacusação falsa de crime

Caracterização – Quando alguém imputa a si próprio, perante a autoridade, crime que não cometeu (seja porque o crime não ocorreu, seja porque a pessoa não participou do crime).

OBS.: O sujeito ativo aqui pode ser qualquer (crime comum). Contudo, **não pratica o crime quem ASSUME SOZINHO A PRÁTICA DE UM CRIME DO QUAL PARTICIPOU** (**Ex.:** José e Maria praticaram um roubo. José, apaixonado por Maria, assume sozinho a prática do delito).

OBS.: Aqui o objeto **NÃO PODE SER CONTRAVENÇÃO PENAL** (Caso o agente impute a si próprio, falsamente, a prática de contravenção penal, não pratica este crime)!

Se o motivo for nobre (ex.: evitar a punição de um filho), ainda assim o agente responde pelo crime? Sim!

Consumação - No momento em que A **AUTORIDADE TOMA CONHECIMENTO DA AUTOACUSAÇÃO FALSA**, pouco importando se toma qualquer providência.

Falso testemunho ou falsa perícia

Caracterização – A conduta é a daquele que, atuando como testemunha, perito, contador, tradutor ou intérprete em processo judicial, ou administrativo, inquérito policial, ou em juízo arbitral:

- Faz afirmação falsa
- Nega a verdade; ou
- Cala a verdade

Sujeito ativo - Somente pode ser a testemunha, o perito, o contador, o tradutor ou o intérprete. Assim, o crime é PRÓPRIO.

OBS.: Trata-se, ainda, de crime de mão própria, ou seja, só pode ser praticado pessoalmente pela própria pessoa que possui a qualidade (não pode ser praticado por interposta pessoa).

Cabe concurso de pessoas? Prevalece o seguinte entendimento:

- **No crime de falso testemunho só cabe participação** (alguém induz, instiga ou auxilia testemunha a não falar a verdade).
- No crime de **falsa perícia, cabe tanto a coautoria quanto a participação** (Ex.: perícia feita por dois peritos que, em conluio, decidem elaborar laudo falso).

Testemunha sem compromisso de dizer a verdade (informante) comete o crime? É divergente, mas a maioria da Doutrina entende que sim.

Elemento subjetivo – Dolo. Não se pune a forma culposa (Ex.: Testemunha faz afirmação falsa, mas sem intenção, porque se confundiu. Neste caso, não há crime).

Consumação - No momento em que o agente faz a declaração ou perícia falsa, pouco importando se dessa afirmação falsa sobrevém algum resultado.

Causas de aumento de pena – Aumenta-se a pena, de 1/6 a 1/3 se:

- Crime cometido **mediante suborno.**
- Praticado com vistas (dolo específico) a **obter prova que deva produzir efeitos em processo civil em que seja parte a administração direta ou indireta.**
- Praticado com vistas a **obter prova que deva produzir efeitos em processo criminal.**

Extinção da punibilidade – Será extinta a punibilidade se houver a **retratação antes da sentença** (sentença recorrível). A retratação deve ocorrer no próprio processo em que ocorreu o crime de falso testemunho.

Exercício arbitrário das próprias razões

Caracterização – É a conduta daquele que faz justiça com as próprias mãos, com a finalidade de satisfazer pretensão legítima.

Mas e se o agente atua em legítima defesa? Neste caso, estamos diante de uma hipótese de autotutela ("justiça pelas próprias mãos") permitida por lei, logo, o agente não pratica crime.

OBS.: É fundamental que a pretensão "legítima" do sujeito ativo, que fundamenta a conduta, seja **possível de ser obtida junto ao Poder Judiciário**, caso contrário, teremos outro crime, e não este.

Elemento subjetivo - Dolo, não havendo forma culposa. Se o agente pratica o ato sem saber que sua pretensão possui algum amparo legal, não comete este crime, podendo cometer, por exemplo, constrangimento ilegal ou cárcere privado (no caso do nosso exemplo).

Consumação - No momento em que o agente tem sua pretensão satisfeita pelas próprias mãos.

Ação penal – Em regra, pública, mas será privada se não houver violência. Assim:

COM VIOLÊNCIA = PÚBLICA

SEM VIOLÊNCIA = PRIVADA

Favorecimento pessoal e favorecimento real

Caracterização – São condutas parecidas, mas que não se confundem:

- **Favorecimento pessoal** – Quando o agente ajuda (que praticou crime) alguém a "fugir" da ação da autoridade. Se o crime (praticado por quem recebem o auxílio) não é punido com reclusão, a pena é mais branda (forma privilegiada). **OBS.:** Se o agente que presta o auxílio também participou do crime, não há favorecimento pessoal (responde apenas pelo crime praticado).

- **Favorecimento real** – Aqui o agente não ajuda ninguém a fugir. Aqui o agente ajuda alguém a tornar seguro o proveito do crime (uma espécie de "ajuda para guardar a coisa"). **OBS.:** Se o agente que presta o auxílio também participou do crime, não há favorecimento real (responde apenas pelo crime praticado). **E se o agente adquire o proveito do crime?** Neste caso, responde por **receptação**.

Macete:

Favorecimento PESSOAL = PESSOA

Favorecimento REAL = *Res* (Do latim = COISA)

Consumação – No **favorecimento pessoal**, o favorecimento deve ser **CONCRETO**, ou seja, o auxílio prestado deve ter sido eficaz para a subtração do infrator às autoridades. No **favorecimento real**, não se exige que a ajuda seja eficaz. Mesmo se o proveito do crime é encontrado pela polícia (por exemplo), estará consumado o delito de favorecimento real. **Trata-se de crime formal**.

Elemento subjetivo – DOLO. Não se pune a forma culposa. No favorecimento real exige-se a finalidade especial de agir (intenção de tornar seguro o proveito do crime).

➡ Não é necessário que o favorecedor saiba exatamente que crime acabara de cometer o favorecido, **desde que saiba ou possa imaginar que ele acaba de cometer um crime.**

➡ **Causa pessoal de isenção de pena (escusa absolutória)** – **Só se aplica ao favorecimento pessoal**. Será isento de pena o agente que praticar o favorecimento pessoal sendo **ascendente, descendente, irmão ou cônjuge do favorecido.**

Quadro esquemático

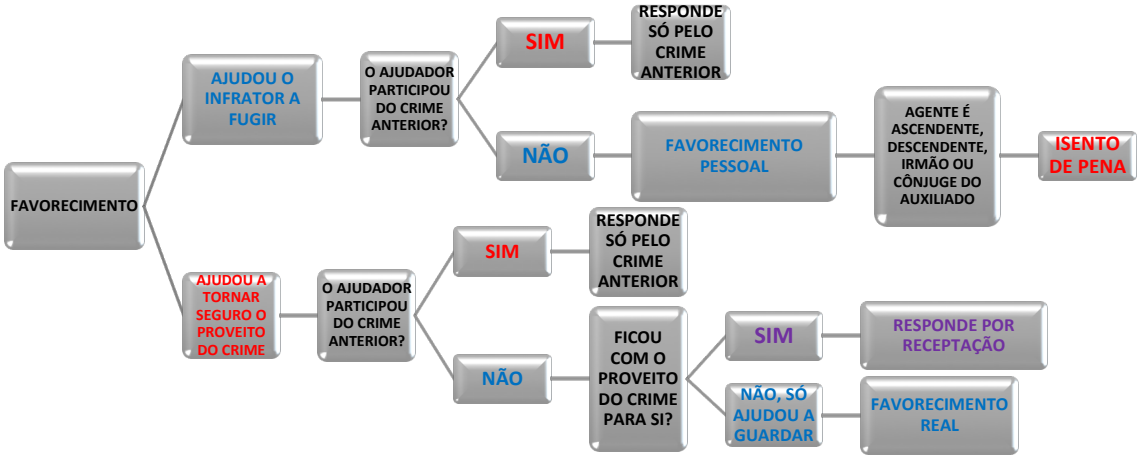

Bons estudos!

Prof. Renan Araujo

E-mail: profrenanaraujo@gmail.com

Periscope: @profrenanaraujo

Facebook: www.facebook.com/profrenanaraujoestrategia

Instagram: www.instagram.com/profrenanaraujo/?hl=pt-br

Youtube: www.youtube.com/channel/UClIFS2cyREWT35OELN8wcFQ

Anna Rachel Machado [coordenação]
Eliane Lousada
Lília Santos Abreu-Tardelli

Resenha

2 LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS TÉCNICOS E ACADÊMICOS

π parábola

A coleção "Leitura e produção de textos técnicos e acadêmicos" compõe um *curso*: volume após volume, o leitor terá cursado um programa de leitura e produção de textos, fundamental para o seu bom desempenho na escola, na universidade ou mesmo na empresa.

Os livros são didáticos, em seus propósitos, na metodologia de ensino/aprendizagem com que trabalham, nos conteúdos que abordam, nas recomendações ao professor que os utilizar.

Cada pequeno volume é também uma oficina; ou seja, um conjunto de *práticas*, organizadas não para "transmitir informações *sobre* algo", mas para ensinar a *fazer* esse algo. E neste caso, nada é mais adequado. Afinal, ler e escrever são duas práticas, estreitamente articuladas entre si. E a melhor forma de ensinar/aprender uma prática é... *praticar*. Assim, o leitor dessa coleção será, mais que leitor ou aluno, um *praticante*, interessado em se aperfeiçoar num artesanato que, em maior ou menor grau, já lhe é familiar.

Assim, de volume em volume, de género em gênero, o leitor pratica o que lê, e aprende porque não só pratica, mas reflete sobre o que pratica. Ao final do percurso, dominará o essencial dos gêneros que praticou. E aí estará pronto para ensaiar modos próprios de escrevê-los, articulando o que já aprendeu com as lições que cada situação nova sempre nos dá.

Que mais poderíamos pretender de uma coleção que se chama *Leitura e Produção de Textos Técnicos e Acadêmicos*?

EGON RANGEL

2 LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS TÉCNICOS E ACADÊMICOS

editora afiliada

LEITURA E PRODUÇÃO
DE TEXTOS TÉCNICOS
E ACADÊMICOS

1. *Resumo*
   Anna Rachel Machado [coord.], Eliane Lousada, Lília Santos Abreu-Tardelli
2. *Resenha*
   Anna Rachel Machado [coord.], Eliane Lousada, Lília Santos Abreu-Tardelli
3. *Planejar gêneros acadêmicos: escrita científica, texto acadêmico, diário de pesquisa, metodologia*
   Anna Rachel Machado [coord.], Eliane Lousada, Lília Santos Abreu-Tardelli
4. *Trabalhos de pesquisa: diários de leitura para a revisão bibliográfica*
   Anna Rachel Machado [coord.], Eliane Lousada, Lília Santos Abreu-Tardelli

Anna Rachel Machado [coordenação]
Eliane Lousada
Lília Santos Abreu-Tardelli

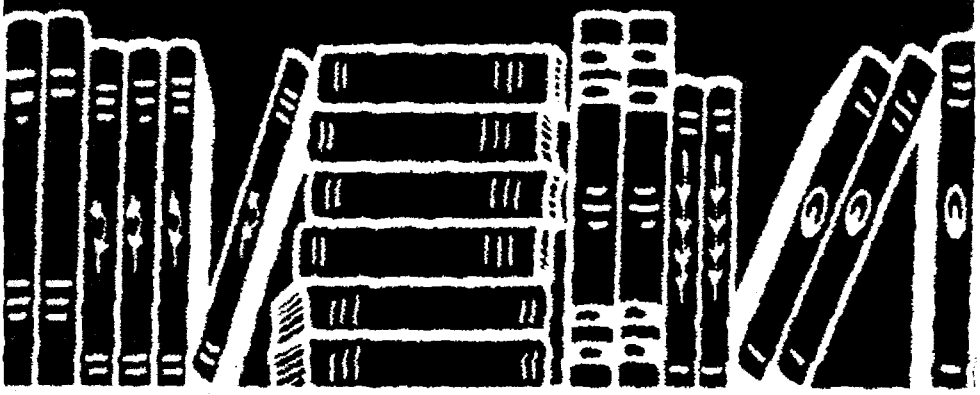

Resenha

Parábola

Editor: Marcos Marcionilo

Capa e Projeto Gráfico: Andréia Custódio

Conselho Editorial Ana Stahl Zilles [Unisinos]
Angela Paiva Dionisio [UFPE]
Carlos Alberto Faraco [UFPR]
Egon de Oliveira Rangel [PUC-SP]
Gilvan Müller de Oliveira [UFSC, Ipol]
Henrique Monteagudo [Universidade de Santiago de Compostela]
Kanavillil Rajagopalan [UNICAMP]
Marcos Bagno [UnB]
Maria Marta Pereira Scherre [UFES]
Rachel Gazolla de Andrade [PUC-SP]
Roberto Mulinacci [Universidade de Bolonha]
Roxane Rojo [UNICAMP]
Salma Tannus Muchail [PUC-SP]
Sírio Possenti [UNICAMP]
Stella Maris Bortoni-Ricardo [UnB]

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M129r

Machado, Anna Rachel, 1943-
Resenha / Anna Rachel Machado, Eliane Gouvêa Lousada, Lília Santos Abreu-Tardelli. - São Paulo : Parábola Editorial, 2004 (Leitura e produção de textos técnicos e acadêmicos ; 2)

ISBN 978-85-88456- 30-3

1. Elaboração de resenha - Técnica - Resumos - Redação. I. Lousada, Eliane Gouvêa, 1964-. II. Abreu-Tardelli, Lília Santos, 1969-. III. Título. IV. Série.

04-2444. CDD 808.066
CDU 001.814

Direitos reservados à
PARÁBOLA EDITORIAL
Rua Dr. Mario Vicente, 394 - Ipiranga
04270-000 São Paulo, SP
pabx: [11] 5061-9262 | [11] 5061-8075 | fax: [11] 2589-9263
home page: www.parabolaeditorial.com.br
e-mail: parabola@parabolaeditorial.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão por escrito da Parábola Editorial Ltda.

ISBN: 978-85-88456-30-3

1ª edição | 9ª reimpressão, março de 2014 - conforme novo acordo ortográfico da Língua Portuguesa

© do texto: A. R. Machado, E. Lousada, L. S. Abreu-Tardelli, 2004

© da edição: Parábola Editorial, São Paulo, outubro de 2004

... Há quem leve a vida inteira a ler sem nunca ter conseguido ir mais além da leitura, ficam pegados à página, não percebem que as palavras são apenas pedras postas a atravessar a corrente de um rio, se estão ali é para que possamos chegar à outra margem, a outra margem é que importa, A não ser, A não ser, quê, A não ser que esses tais rios não tenham duas margens, mas muitas, que cada pessoa que lê seja, ela, a sua própria margem, e que seja sua e apenas sua, a margem a que terá de chegar.

José Saramago, *A Caverna*, Companhia das Letras, p. 77.

Sumário

9 Apresentação: Leitura e Produção de Textos Técnicos e Acadêmicos
Egon Rangel

13 Introdução

SEÇÃO 1 15 Diferenciando resumo e resenha na mídia

SEÇÃO 2 21 As resenhas em diferentes situações de produção

SEÇÃO 3 33 O plano global de uma resenha acadêmica (prototípica)

SEÇÃO 4 47 Os mecanismos de conexão: o uso dos organizadores textuais

SEÇÃO 5 51 A expressão da subjetividade do autor da resenha

SEÇÃO 6 55 Procedimentos de inserção de vozes: diferentes formas de menção ao dizer do autor do texto resenhado e de outros autores

SEÇÃO 7 63 O diário de leitura: ferramenta para uma leitura crítica do texto

SEÇÃO 8 77 A compreensão global do texto a ser resenhado

SEÇÃO 9 87 Elabore sua resenha

SEÇÃO 10 89 Avalie você mesmo

91 Anexos

108 Bibliografia para consulta

Leitura e Produção de Textos Técnicos e Acadêmicos

EGON DE OLIVEIRA RANGEL
Professor do Departamento de Linguística da PUC-SP
Membro do Comité Assessor da Secretaria de Educação Superior (SESu).

> um de seu famosos escritos, o grande escritor argentino Jorge Luis Borges[1] nos lembra que o livro é como o rio de Heráclito: um curso fluido, tão diferente de si mesmo a cada momento quanto nós mesmos, que, a cada vez que o adentramos, somos outros.

Esta é a imagem que me ocorre, ao perceber que toda esta coleção compõe um só livro, em que cada volume figura como um capítulo. E talvez por aproveitar ao máximo esse caráter fluido dos livros, constitui um verdadeiro *curso*. Não só porque suas águas levam a bons destinos, mas também porque, volume após volume, o leitor terá cursado um eficiente programa de leitura e produção de textos, fundamental para o seu bom desempenho na escola, na universidade ou mesmo na empresa.

Mas, assim como não é preciso estar na nascente ou na foz para estar legitimamente *dentro do rio*, não é preciso "começar do começo" a leitura deste livro-coleção para aprender — e muito — com ele. Em qualquer dos pontos, podemos nos banhar neste curso, beber suas águas, nelas navegar. E o que é melhor: também podemos cursá-lo sem qualquer matrícula.

Entretanto, o interesse e a originalidade desta coleção vão muito além. Os livros são claramente didáticos, em seus propósitos, na metodologia de ensino/aprendizagem com que trabalham, nos conteúdos que abordam, nas recomendações ao professor que os utilizar. Mas *não são escolares*, tampouco são "livros didáticos": não foram

1 BORGES, Jorge Luis. "O Livro". In: ___ . *Cinco visões pessoais*. 2. ed. Brasília, Ed. da Universidade de Brasília, 1987. (Itinerários, 19)

pensados para a disciplina Tal, do curso Tal Outro, em uma série determinada. E podem até ser muito bem aproveitados por aqueles que já não estão na escola, mas continuam empenhados em aprender.

E aí nos deparamos com uma outra originalidade: cada pequeno volume é também uma oficina; ou seja, um conjunto de *práticas*, organizadas não para "transmitir informações *sobre* algo", mas para ensinar a *fazer* esse algo. E neste caso, nada é mais adequado. Afinal, ler e escrever são duas práticas, estreitamente articuladas entre si. E a melhor forma de ensinar/aprender uma prática é... *praticar*. Assim, o leitor dessa coleção será, mais que leitor ou aluno, um *praticante*, interessado em aperfeiçoar-se num artesanato que, em maior ou menor grau, já lhe é familiar.

Como se faz a leitura ao mesmo tempo compreensiva e crítica de um texto? No caso da escola e da universidade, como se produz adequadamente um resumo, uma resenha, um artigo, um relatório, um ensaio? Cada "capítulo" desta coleção responde com empenho a esse tipo de perguntas, no âmbito específico do gênero do discurso a que é consagrado. E responde também de uma forma original: não formula, propriamente, uma resposta; ensina uma forma de fazer. Assim, não dá uma receita única, mesmo que saborosa: antes, abre ao praticante todas as outras possibilidades que o "seu próprio jeito de fazer" for capaz de revelar, tão logo se aproprie do *know-how*.

Para ajudar o praticante a *chegar lá*, as autoras, em cada volume, se valem de estratégias específicas. Passo a passo, ele é habilmente conduzido ao seu destino final. Se o que está em questão é a resenha, por exemplo, o conhecimento intuitivo que o leitor já tem do assunto é imediatamente mobilizado:

- *Afinal, o que é uma boa resenha?* Todos temos algumas ideias dispersas a respeito. E lembrá-las com precisão é meio caminho andado.

- *Em relação a que objetivos uma resenha pode ser considerada boa?* E então (re)descobrimos que sempre escrevemos com um propósito definido, mesmo quando não nos damos conta disso. E saber que propósito é esse orienta o trabalho.

- *Com que critérios podemos avaliá-los?* Sim, dizer se o texto produzido é bom ou não implica em estabelecer critérios, distinguir os mais relevantes. Não é, portanto, uma questão de gosto, mas sim de entender claramente o que está em jogo na escrita que se pratica.

Com base nesse conhecimento prévio devidamente organizado, cada volume exercita com o seu leitor/praticante as situações e condições em que a escrita de textos desse

gênero se dá, uma vez que elas serão as responsáveis por tudo o que aquele texto, lido ou redigido, tem de particular, de único.

E só então os conceitos envolvidos, ou seja, a metalinguagem técnica sempre precisa e atualizada, começa a ser ensinada. Ainda assim, apenas na medida do necessário para organizar um quadro eficaz de *informações sobre*, construindo com o leitor um saber teórico já orientado para a prática de leitura e produção de textos em que, a esta altura, ele já está envolvido.

Em seguida, o leitor é instigado, por meio de novas atividades, a perguntar-se sobre as etapas de produção, as estratégias discursivas, os recursos e os mecanismos de construção do texto que estão implicados numa boa resenha (ou resumo, artigo etc.). Novamente, o conhecimento intuitivo que o leitor já tem é chamado a articular-se com o que as teorias do discurso e do texto já podem dizer de útil a respeito. E mais uma vez o leitor pratica e organiza o saber necessário ao fazer.

Assim, de volume em volume, de gênero em gênero, o leitor pratica o que lê, e aprende porque não só pratica, mas reflete sobre o que pratica. Ao final do percurso, dominará o essencial dos gêneros que praticou. E então estará pronto para ensaiar modos próprios de escrevê-los, articulando o que já aprendeu com as lições que cada situação nova sempre nos dá.

Que mais poderíamos pretender, de uma coleção que se chama **Leitura e Produção de Textos Técnicos e Acadêmicos**?

Introdução

omos movidas a iniciar a coleção "Leitura e Produção de Textos Técnicos e Acadêmicos" pela constatação das crescentes dificuldades que os alunos dos cursos de graduação e até mesmo de mestrado e de doutorado encontram, quando se defrontam com a necessidade de produzir textos pertencentes a gêneros da esfera tipicamente escolar e/ou da científica. Este é o caso, por exemplo, da produção de resumos escolares, de resenhas críticas, de relatórios, de projetos de pesquisa e artigos científicos, dentre outros.

As causas dessas dificuldades são inúmeras, mas queremos apontar aqui apenas uma delas, que nos parece poder ser enfrentada, que é a falta de ensino sistemático desses gêneros, orientado por um material didático adequado. Frequentemente, os alunos são cobrados por aquilo que nunca lhes é ensinado, tendo de aprender por conta própria, intuitivamente, com muito esforço.

Do mesmo modo, sabemos das dificuldades de profissionais de diferentes áreas que se defrontam com sérios problemas em seu trabalho, quando este lhes exige capacidades de leitura e produção de textos específicos, que não chegaram a aprender.

Na maioria das vezes, subsiste a crença de que há uma capacidade geral para a escrita, que, se bem desenvolvida, nos permitiria produzir de forma adequada textos de qualquer espécie. Outras vezes, acredita-se que o mero ensino da organização global mais comum do gênero seja suficiente para que o aluno chegue a um bom texto.

Entretanto, as recentes pesquisas da área mostram-nos que não é bem assim. Por exemplo, mesmo o melhor dos escritores de ficção pode ficar paralisado diante da necessidade de ter de escrever um artigo científico para uma revista especializada em determinada área das ciências humanas, correndo até o risco de ver seu texto rejeitado, por não atender as normas que vigoram nessa comunidade científica. Por outro lado, organizar globalmente um texto em sua forma canônica é apenas um dos procedimentos necessários para chegarmos a uma produção adequada. A complexidade característica dos gêneros exige que sejam desenvolvidas múltiplas capacidades que vão muito além da mera organização ou do uso das normas gramaticais do português padrão.

Assim, é com o objetivo de suprir a falta de material didático para a leitura e a produção desses gêneros específicos que essa coleção foi concebida. O primeiro deles tratou do

Resumo. Este, o segundo, traz um material referente à leitura e produção do que chamamos de *Resenha*. Esse é um gênero que pode ser chamado por outros nomes, como *resenha crítica*, e que exige que os textos que a ele pertençam tragam as informações centrais sobre os conteúdos e sobre outros aspectos de outro(s) texto(s) lido(s) — como por exemplo, sobre seu contexto de produção e recepção, sua organização global, suas relações com outros textos etc. — , e que, além disso, tragam comentários do resenhista não apenas sobre os conteúdos, mas também sobre todos esses outros aspectos.

Ao escolher esse gênero para ser o segundo de nossa coleção, assumimos que ele é muito utilizado tanto em diferentes atividades acadêmicas quanto em diferentes atividades profissionais. Nas escolas de ensino fundamental e médio e na universidade, por exemplo, ele é constantemente pedido aos alunos por professores das mais diversas disciplinas.

As atividades que propomos para o desenvolvimento das capacidades necessárias para a leitura e produção de resenhas baseiam-se nas mais recentes pesquisas sobre o ensino-aprendizagem de leitura e produção de textos e sobre as características desse gênero, detectadas a partir de análises feitas por nós e por outros especialistas. Com isso, conseguimos abranger grande parte dos procedimentos envolvidos em sua leitura e produção, desde a identificação inicial de seu contexto de produção e recepção até a sua avaliação e revisão final.

Em cada seção, apresentamos os objetivos a serem atingidos, as atividades a serem desenvolvidas por alunos dirigidos por um professor ou mesmo por profissionais que estudem de forma individual e ainda sugestões de outras atividades para a continuidade e/ou o aprofundamento das questões trabalhadas. Depois das seções, fornecemos todas as respostas. Algumas delas devem ser consideradas apenas como uma possível alternativa correta, ficando a cargo do professor e/ou do estudioso solitário avaliar a pertinência de outras que possam surgir. Fechando o volume, apresentamos uma pequena bibliografia especializada sobre resenha, como sugestão de aprofundamento teórico do estudo desenvolvido.

Acreditamos que as atividades propostas podem contribuir para o trabalho do professor e ajudar o aluno a conhecer melhor esse gênero e a produzi-lo adequadamente. Entretanto, não as julgamos milagrosas e suficientes. Com base no desenvolvimento individual de cada aluno e nas discussões em sala de aula, alunos e professores podem — e devem — criar outras atividades semelhantes, para que essa aprendizagem se consolide e se amplie.

As Autoras

Diferenciando o resumo da resenha na mídia

PARA COMEÇAR A CONVERSA...

números tipos de textos se caracterizam por apresentar informações selecionadas e resumidas sobre o conteúdo de outro texto. Outros, além de apresentar essas informações, também apresentam comentários e avaliações. Os primeiros são resumos (ver fascículo 1) e os segundos são resenhas.

Pensando no que dissemos acima, leia os textos abaixo e responda as questões que vêm a seguir.

TEXTO 1

:RTADO

:iro teste
1, Senna
orde da
nington
laterra, e
como o
so piloto
:ração.
:mporada
a na
leman,
ia facial
eito do
a Lotus,
u suas
itórias e

Ayrton Senna

RESUMO DO CAPÍTULO 1:

Ayrton Senna ganhou seu primeiro kart do pai aos quatro anos. Era um garoto levado e extrovertido nas brincadeiras de rua e um aluno mediano na escola. Foi casado com Lilian de Vasconcellos, uma amiga de infância, por apenas 14 meses e mudou-se para a Europa em 1981 para competir nas fórmulas européias, onde conquistou vitórias e dizimou recordes.

vam. A bordo da Williams FW08C Ford, ele deixou boquiaberto o chefão da equipe Frank Williams, que o convidara pessoalmente para o teste, ao bater o recorde da pista. "Aquele dia não era da Williams, não era de ninguém. Era só meu. Lembro que cheguei perto da máquina, fiquei olhando, fiz carinho, dei uns tapinhas e falei para ela: é hoje, é hoje", recordou, anos depois.

A entrada definitiva no mundo da F-1 aconteceria no ano seguinte, mas dirigindo pela To-

REVISTA *ISTO É GENTE* 29/3/2004

Texto 2

tudobom

carta ABERTA ao presidente dos EUA

To the 5 Boroughs

Artista: Beastie Boys
Gravadora: EMI
****

Estava demorando para esses três nova-iorquinos soltarem o verbo contra a política de dominação dos EUA. No intervalo entre "Hello Nasty" (1998) e o ano de 2004, as torres do World Trade Center caíram, o Afeganistão e o Iraque foram invadidos, e Adrock, MCA e Mike D permaneceram calados... até agora. Com George W. Bush na mira do rap esperto do trio, eles pedem o desarmamento multilateral (em "We Got the"), o fim do poder do presidente (em "That's it That's All") e seu impeachment (em "It's Time to Build") e criticam a política de dominação mundial norte-americana (em "Right Right Now Now"). Pela primeira vez os Beastie Boys falam o que pensam sobre política, nesse álbum que não contou com a mão de um produtor. Sonoramente, o trio está feroz, rápido, "roubando" trechos de músicas de diversos estilos, como o rock do Flaming Lips, o hip hop original de Sugar Hill Gang, o rap atual de 50 Cent e até o som de um berimbau, na faixa "Hey Fuck You". O título do CD é uma homenagem a Nova York, cidade que, segundo os Beastie Boys, em "An Open Letter to NYC", "não rejeita ninguém, aceita pessoas de todos os lugares, de onde quer que elas sejam". Nem todos os americanos concordam com Bush.

(LEANDRO FORTINO)

O trio nova-iorquino Beastie Boys

FOLHA DE S. PAULO, *FOLHATEEN*, 26 DE JUNHO DE 2004.

Texto 3

FIQUE DE OLHO

Quinta-feira, 25 de março

QUINTA NO CINEMA
SBT (22h15)
Missão Marte, filme de Brian De Palma com Gary Sinise e Tim Robbins, é exibido.

Sexta-feira, 26 de março

JUDGING JACKSON
MTV (19h)
Especial produzido pela MTV norte-americana sobre as acusações de pedofilia contra Michael Jackson.

Sábado, 27 de março

A IDENTIDADE BOURNE
Telecine Premium (21h30)
Dirigida por Doug Liman, esta produção traz Matt Damon no papel de um homem com amnésia perseguido por assassinos.

Domingo, 28 de março

RUSSELL CROWE NO ACTORS STUDIO
Multishow (0h)
O ator fala de sua carreira, do fato de nunca ter estudado interpretação e do Oscar ganho por *Uma Mente Brilhante*.

29 de março

RODA VIVA
Cultura (22h30)
O diretor José Celso Martinez Corrêa fala de sua trajetória e dos 40 anos do golpe militar.

Terça-feira, 30 de março

GLAUBER 65 ANOS
Canal Brasil (23h30)
Apresentação de *Terra em Transe*, filme lançado em 1967 sobre país latino-americano convulsionado pela briga pelo poder.

Quarta-feira, 31 de março

O PODEROSO CHEFÃO
Telecine Action (21h45)
O início da saga da família mafiosa Corleone, dirigido por Francis Ford Coppola e ganhador de três Oscar.

REVISTA *ISTOÉ GENTE* 29/3/2004

Texto 4

Endereço http://www.cinemaemcena.com.br/cnt_cinefilo_filme.asp?cod=27448&codvozcinefalo=4692 Ir

notícias
editorial
cinenews
atualização do site
arquivo
conversa de cinéfilo
cartazes
multimídia
fotos
trailers
músicas-tema
diálogos
bastidores
design produção
falha delest
você sabia?

CRÍTICAS

a voz do cinéfilo

[#-A-B-C-D-E-F-G-H-I-J-K-L-M-N-O-P-Q-R-S-T-U-V-W-X-Y-Z]

Bicicletas de Belleville, As - Triplettes de Belleville, Les, 2003

Ricardo Morgan

em cartaz
cidade
filme
procurar
busca

FANTÁSTICO, CHARMOSO E CONTAGIANTE!

AS BICICLETAS DE BELLEVILLE
(The Triplets Of Belleville/FRA/BEL/CAN/2003) * * * * * 26/06/04

Quem disse que, com uma simples história não se faz um excelente filme? Pois é, hoje em dia, somente um gênero, o grão de areia tem se transformado em pérola. Graças à simplicidade e à criatividade que, ultimamente vêm ampliando ainda mais os limites e a imaginação dos desenhos animados. As Bicicletas de Belleville é uma singela animação em 2D que conta a divertida jornada de uma adorável vovó em busca de seu neto raptado.

Adotado por sua avó, Madame Souza, o garoto Champion é uma criança tímida, inocente e solitária que, após ter ganhado uma bicicleta quando menino, descobre uma certa paixão pelo ciclismo. Com o passar dos anos, e com rigorosos treinamentos impostos pela avó, Champion torna-se um profissional das duas rodas. Durante o famoso circuito de corridas de bicicleta francês, o Tour de France, ele é sequestrado por dois homens misteriosos. Madame Souza e seu fiel cachorro Bruno cruzam as fronteiras do oceano em uma busca para tentar resgatá-lo.

É sensacional! Méritos para o estreante, roteirista e diretor Sylvain Chomet, que criou um universo charmoso e criativo, no qual opta por espelhar-se no cinema mudo apresentando uma mistura de raros diálogos, canções e movimentos. Além da simples história que exibe uma trama cativante e envolvente, o encanto certamente está no gráfico em 2D, devido aos divertidos traços caricaturados das feições humanas e dos ambientes com cores leves.

O roteiro, sempre harmonizando drama e um delicioso humor negro, é rico em detalhes visuais (enfoca estilos de vida e expõe interessantes métodos e ideias que são utilizados na dinâmica dos personagens), e focaliza a jornada de Madame Souza em busca de seu neto sequestrado, que a leva para uma megalópole chamada Belleville, no caso, é uma sátira a Nova York e aos americanos (população gorda, inclusive a Estátua da Liberdade é obesa). Assim como o título original, o filme faz referências às Trigêmeas de Belleville, três estrelas musicais dos anos 30 que ajudam a avó na procura por Champion.

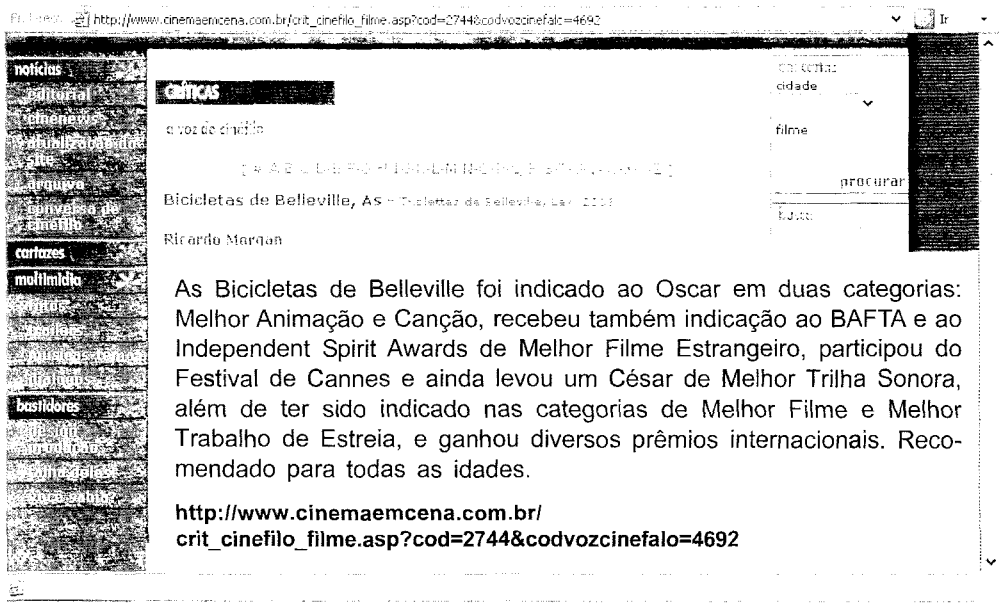

http://www.cinemaemcena.com.br/crit_cinefilo_filme.asp?cod=2744&codvozcinefalo=4692

críticas

Bicicletas de Belleville, As

Ricardo Margan

As Bicicletas de Belleville foi indicado ao Oscar em duas categorias: Melhor Animação e Canção, recebeu também indicação ao BAFTA e ao Independent Spirit Awards de Melhor Filme Estrangeiro, participou do Festival de Cannes e ainda levou um César de Melhor Trilha Sonora, além de ter sido indicado nas categorias de Melhor Filme e Melhor Trabalho de Estreia, e ganhou diversos prêmios internacionais. Recomendado para todas as idades.

http://www.cinemaemcena.com.br/ crit_cinefilo_filme.asp?cod=2744&codvozcinefalo=4692

1. **Identifique os objetos/temas aos quais os textos acima se referem, numerando-os corretamente.**

( ) programas de diferentes canais de televisão
( ) o desenho animado/ animação *As bicicletas de Belleville*
( ) uma parte da biografia do Ayrton Senna
( ) o novo CD do grupo *Beastie Boys*

2. **De acordo com sua leitura dos textos, assinale (x) no quadro abaixo o que cada um deles apresenta.**

	Resumo do objeto (ou tema)	Opinião/avaliação/apreciação do autor do texto sobre o objeto
Texto 1		
Texto 2		
Texto 3		
Texto 4		

3. **Baseando-se no preenchimento do quadro acima e no que dissemos logo no início, quais dos textos podem ser considerados resenhas?**

_____

4. **Escolha um dos textos que você considerou como sendo resenha e sublinhe as partes que contêm o resumo do objeto resenhado e as que contêm comentários ou avaliações sobre ele.**

CONCLUINDO...

Quais são as duas características mínimas necessárias para que se considere que um texto é uma resenha?

_____

_____

PARA CONTINUAR A CONVERSA...

1. Procure encontrar, em jornais ou revistas, outras resenhas. Leia-as e observe as partes que contêm resumo do objeto resenhado e a opinião sobre o mesmo.

2. Leia o Texto 1 dos *Anexos*, "Sony Clié PEG-TH55", e responda:
   a. Qual é o objeto resenhado?
   b. Você já havia visto ou feito uma resenha semelhante?
   c. Em que esta resenha difere das resenhas que você conhecia?

3. As duas características de resenha que foram identificadas nas atividades anteriores se encontram no texto? Justifique.

As resenhas em diferentes situações de produção

PARA COMEÇAR A CONVERSA...

a seção 1, vimos uma das diferenças mais importantes entre as resenhas e os resumos. Nesta seção, veremos textos que podem ser considerados como resenhas, de acordo com nossa definição, mas que podem ser publicados com outro nome ou sem nome algum.

1. **Observe os textos abaixo e verifique se eles recebem algum nome. Se receberem, quais são eles?**

Texto 1

iG Ler - notícias e downloads de livros - Microsoft Internet Explorer

Endereço http://igler.ig.com.br/home/igler/artigos/0,,1630194,00.html

Busca OK

Home
Download
Entrevistas
Especiais
Resenhas
Jornalismo Literário

Festa Literária de Parati
Livros do Bem
Negócios
Senhor dos Anéis
Fale Conosco

O Código da Vinci: uma mistura de clichês e informação história

Claudinei Vieira (igler@ig.com)

O Código Da Vinci
Dan Brown
Sextante
480 páginas
R$ 39
Compre

O curador do mais famoso museu do mundo, o Louvre, é encontrado morto, assassinado no interior do próprio museu. Jacques Saunière não era, no entanto, um simples estudioso de artes respeitado: era também membro de uma das mais antigas seitas religiosas, detentora de alguns segredos milenares desde os tempos de Jesus Cristo, pelo menos. Ao

Concluído

morrer, teve tempo de deixar pistas cifradas indicadoras daqueles que o haviam assassinado, uns enigmas que só poderiam ser decifrados por algumas pessoas realmente inteligentes, conhecedoras e tão sábias sobre suas especialidades quanto ele e, ao mesmo tempo, que fossem merecedoras de carregar este conhecimento. Estas pessoas são Robert Langdon, um professor norte-americano de simbologia de Harvard, que compartilhava de algumas de suas ideias, e Sophie Neveu, uma eminente criptóloga francesa e neta de Saunière.

Desta forma, somos envolvidos, tanto quanto Langdon e Sophie, em uma verdadeira caçada humana que percorre largos períodos da história da humanidade e das artes, em uma extensa charada que mistura emoção, suspense, artes plásticas, práticas religiosas, organizações museológicas, Opus Dei 'versus' Priorado do Sião, o sorriso de Mona Lisa, instituições medievais. Tudo envolvido em uma linguagem ágil, rápida, capítulos curtos e objetivos. Todos os dados históricos, artísticos e teóricos são reais e fundamentados; o livro vale, portanto, como um verdadeiro curso concentrado de artes e simbologia, embalado por um enredo de romance policial infanto-juvenil.

Pode parecer uma verdadeira salada lítero-intelectualóide com roupagens de bestseller. E é. Uma salada que deu certo; pelo menos, para o autor. Tanto que a editora pode estampar tranquilamente na capa o fato deste livro ter sido um sucesso absoluto de vendas (um dos mais vendidos na Europa nos últimos anos!), com uma tiragem mundial passando dos dez milhões de exemplares. Também não é à toa que logo logo estará nas telas de cinema.

É um projeto muito simpático. As informações são passadas de um modo extremamente eficaz e dinâmico, instrutivas e muito gostosas de serem lidas. Pena que esta simpatia fique soterrada em um mar de clichês banais e entediantes. Como contraponto às belas informações histórico-artísticas, há a banalidade do enredo, a superficialidade dos personagens, a insipidez do suspense. O professor de simbologia é alto, bonitão e superinteligente; a mocinha é linda, fogosa, independente e superinteligente; os vilões são malvados, sádicos (e masoquistas) e superinteligentes; a polícia francesa é ridícula, incompetente, e embora o encarregado da investigação, o capitão da Policia Judiciária, não seja uma versão plena do inspetor Clouseau, também não fica lá muito atrás, tanto que passa a perseguir Langdon e Sophie como os únicos suspeitos. E é preciso dizer o que vai acontecer entre o mocinho e a mocinha superbonitos, independentes e superinteligentes,

iG Ler - notícias e downloads de livros - Microsoft Internet Explorer

http://igler.ig.com.br/home/igler/artigos/0,,1630194,00.html

injustamente acusados do assassinato? 'O Código da Vinci' é uma besteira fenomenal, ou uma revelação surpreendente, ao gosto das exigências do leitor. Para mim, foi pura perda de tempo. O pior de tudo: com toda essa onda sendo levantada, com 'respostas' de setores da Igreja argumentando contra os 'princípios' teóricos do livro e pretensas 'liberdades' e inverdades históricas, o resultado será mais do que óbvio: o livro vai vender outros milhões de exemplares, o filme gerará outras polêmicas e venderá milhões de ingressos etc, etc, etc.

http://www.ig.com.br/home/igler_home_canais/0,3084,%7C18%7C,00.html

Concluído

Texto 2

Marília Pêra, que vive Coco Chanel

TEATRO

Sonhos em cena

CÍNTIA MEDEIROS

ESPECIAL PARA A FOLHA

Houve uma época em que o mundo, que saía da Primeira Guerra, desejou ser uma grande festa. Era preciso esquecer os horrores vividos e encarar cada dia como se fosse o último. É nesse cenário que surge Coco Chanel, uma mulher que encarnou como ninguém o espírito da época: os loucos anos 20.

A peça "Mademoiselle Chanel", que está em cartaz no teatro FAAP, é uma viagem no tempo. Com texto de Maria Adelaide Amaral e figurinos feitos especialmente pela Maison Chanel, em Paris, tudo contribui para reviver aquela que foi a maior das "inventoras" de moda que o mundo já viu. Foi Chanel quem disse que um "pretinho" vestia bem qualquer mulher, em qualquer ocasião, e foi ela quem elevou as bijuterias à categoria de jóias. As flores nas roupas, principalmente as camélias, que hoje em dia dão um toque vintage (termo que quer dizer justamente "dos anos 20") às nossas produções, vieram da criatividade de Chanel.

Marília Pêra encarnou Chanel. Ela se move pelo palco com elegância e desenvoltura e divide a cena com duas atrizes, que desfilam as roupas (maravilhosas) vindas de Paris. O cenário é branco, com espelhos e uma escadaria hollywoodiana ao fundo, de uma simplicidade requintada.

Conhecer um pouco mais sobre essa mulher é entrar em contato com um tempo em que sonhos se tornavam realidade.

Cíntia Medeiros, 14, é aluna do 1º ano do ensino médio

FOLHA DE S. PAULO, FOLHATEEN, 05 DE JUNHO DE 2004

FOLHA DE S. PAULO, ILUSTRADA, 28 DE MARÇO DE 1998

Texto 3

SHOW CRÍTICA

Tome Antonio Nóbrega e se orgulhe do Brasil

Divulgação

Antonio Nóbrega, que está em cartaz no Tuca com o show "Madeira Que Cupim Não Rói", em que mostra canções do folclore pernambucano

LUÍS NASSIF
do Conselho Editorial

Se você sente que o amor próprio nacional está em baixa, que a globalização traz dúvidas sobre a identidade cultural do país, se você julga que o Brasil carece de talento para enfrentar o mundo, tome Antonio Nóbrega. Aproveite e leve a família.

É um show inesquecível de brasilidade. Não apenas o folclore na sua forma bruta, mas uma soma de informação, sensibilidade e multitalento que faz de Nóbrega e sua troupe um fenômeno único —provavelmente o mais importante representante da cultura popular brasileira na atualidade.

Há vários Nóbregas no show, o contador de 'causos' e o cantador nordestino, o cantor particularíssimo, com sua entonação que encantou crianças e adultos no início dos anos 80, nos discos infantis do selo Eldorado.

Há o spalla que tira do violino sons vigorosos e límpidos, denotando a formação erudita de quem já integrou o Quinteto Armorial nos anos 80.

Além do violino, domina à perfeição todos os instrumentos de corda em quarta, da rebeca ao bandolim, de onde tira sons que só os muito íntimos e talentosos conseguem tirar.

Há o compositor maiúsculo, com suas músicas que são pérolas de simplicidade e de reconstituição elaborada de temas folclóricos.

Cenicamente, é um gigante. De compleição miúda —a exemplo de outro monstro do palco, Edson Cordeiro—, quando se movimenta, domina o espaço. Circula pelo palco, atulhado de músicos, objetos e cenários, com o equilíbrio e a naturalidade de quem passeia por um parque.

Seu jogo de expressões está à altura dos maiores mímicos. Consegue assumir a forma de um personagem de quadrinhos ou do cinema mudo, um Carlitos nordestino, caricato, colorido e alegre. E é um virtuose da dança, exibindo desde passos de capoeira até de frevos e maracatus. Tudo embalado em requinte e emoção.

Seu talento gigantesco seria suficiente para preencher sozinho o show. No entanto, o espetáculo é uma soma de outros talentos, com brilho próprio.

A bailarina Rosane Almeida, com seus passos de dança brasileira, ao mesmo tempo vigorosos e graciosos, nada fica a dever às musas do balé O Qorpo.

O menino Gabriel Almeida, que é filho de Nóbrega e Rosane, mostra uma energia no surdo equiparável aos melhores ritmistas do Olodum.

Todos esses ingredientes são misturados e levados ao forno em um show único, cujo ápice ocorre em pleno saguão do Tuca, com o público cantando e dançando frevos, cirandas e outras manifestações da mais comovente expressão musical brasileira: o folclore pernambucano.

É show para guardar para o resto da vida. E deixa em maus lençóis aqueles que julgam que a crítica politicamente correta deve conter ressalvas. Ressalvar o quê?

Show: Antonio Nóbrega
Quando: sex. e sáb., às 21h30. Dom., às 20h
Onde: Tuca (r. Monte Alegre, 1.024, tel. 3873 3422)
Quanto: R$ 20

Texto 4

iG Ler - notícias e downloads de livros - Microsoft Internet Explorer

Endereço http://igler.ig.com.br/home/igler/artigos/0,,1630194,00.html

IMPACTOS AMBIENTAIS URBANOS NO BRASIL

Antônio José Teixeira Guerra e Sandra Baptista da Cunha, Ed. Bertrand Brasil.

por Bruno Buys

Impactos Ambientais Urbanos no Brasil é uma coleção de artigos de diferentes autores, organizados por Antônio Teixeira Guerra e Sandra Baptista da Cunha, que analisam os impactos ambientais enfrentados por cidades brasileiras em diferentes contextos econômicos, sociais e históricos da ocupação do território brasileiro.

Em sua grande maioria, as cidades brasileiras nasceram e se desenvolveram sem nenhuma preocupação de adequada utilização do solo e do espaço. Conceitos como sustentabilidade, qualidade do ar e da vida aqui por estas plagas são coisa recente, talvez impulsionados pela Rio-92.

Os artigos escolhidos abordam problemas ambientais em cidades estudadas pelos organizadores e pelos demais autores de capítulos: Pequenas cidades como Açailândia, no Maranhão, cujo nascimento e crescimento estiveram ligados à economia da madeira e da extração de ferro de Carajás. Sorriso, no Mato Grosso, tema de um capítulo, é um assentamento criado pelo governo federal através de políticas públicas de ocupação do cerrado brasileiro, no começo da década de 1980. Ocupado principalmente por população vinda do sul do país, Sorriso vive da agricultura de grande escala mecanizada, às margens do Rio Teles Pires, um subafluente do Rio Madeira, que deságua no Amazonas. Teresópolis, Florianópolis e Petrópolis e seus problemas ambientais são tema de capítulos específicos, assim como Rio de Janeiro e São Paulo.

O que mais chama a atenção do leitor ao longo da obra, independente do tamanho ou das características da cidade, é a falta de planejamento pelo setor público. Talvez seja esta a maior constante, similar nos casos extremos desde Sorriso e Açailândia até São Paulo e Rio. Os assentamentos humanos brasileiros carecem de qualquer esboço de planejamento, sendo seu crescimento orientado pela lógica do maior lucro, até onde as questões ambientais começam a impor um ônus tão grande que se invoca a ação pontual e emergencial do Estado.

Neste sentido, apesar da diversidade de autores e estilos, o livro é uma séria crítica à ação do Estado nos três níveis, municipal, estadual e federal. Setores da população urbana brasileira convivem com problemas ambientais

Concluído

sérios, capazes de provocar mortes como deslizamentos, desbarrancamentos e enchentes. Falta de infraestrutura básica como saneamento e esgoto em áreas residenciais de classe baixa fornecem o material perfeito para o desenvolvimento de voçorocas, grandes ravinas formadas por erosão do solo, que podem, em estado avançado, provocar deslizamentos de terra. Em Sorriso, no Mato Grosso, uma cidade fundada há apenas quinze anos, o estado de deterioração ambiental chama a atenção para a facilidade e o curto prazo em que o homem pode modificar o ambiente natural, tornando-o inadequado à vida. A cidade é pontilhada por voçorocas que castigam os habitantes cotidianamente. Ruas inteiras somem dentro delas, principalmente as de bairros mais pobres, é claro. A poluição das águas do rio Teles Pires pelos defensivos e insumos agrícolas tornam a água inadequada ao consumo.

A população urbana brasileira, principalmente a de grandes centros, vive constantemente em situação ambiental muito ruim. Tênues esforços públicos são levados a cabo em véspera de desastre, para evitar o mal maior. Mas, de maneira geral, o brasileiro não está educado nem conscientizado para a necessidade de mudar de hábitos e efetivamente melhorar o ambiente e a qualidade de vida urbana, em vez de só evitar o mal maior. Iniciativas — tímidas — como o rodízio de carros particulares em São Paulo, entre 1996 e 1998, deram mostras de seu potencial em melhorar a qualidade do ar e de reduzir o caos no transporte. Porém, esbarram no individualismo da solução automotiva e do status que o carro tem na nossa contemporaneidade.

No Rio de Janeiro, habitações de classe baixa proliferam em áreas de risco de deslizamento. O poder público faz vista grossa, por não poder oferecer melhores condições de habitação a esta população. No verão e nas enchentes, o salve-se-quem-puder dos resgates e o denuncismo da mídia são a tônica.

Embora utilize conceitos e terminologias de várias áreas de conhecimento dedicadas à questão ambiental, a obra é basicamente um livro de geografia. Os organizadores são geógrafos e professores do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Universidade do Brasil. Embora tenha sido planejado para alunos e pesquisadores não só de geografia, mas de áreas com preocupações ambientais como engenharia civil e agronômica, ciências da terra, biologia/ecologia e geografia, a obra fica aquém do que se esperaria no quesito clareza de expressão e preocupação com jargões e terminologias específicas da geografia. O leitor não-geógrafo poderá sentir alguma dificuldade. Por outro lado, o livro é muito bem-sucedido na escolha dos problemas relevantes a serem trata-

iG Ler - notícias e downloads de livros - Microsoft Internet Explorer
http://igler.ig.com.br/home/igler/artigos/0,,1630194,00.html

dos, que devem interessar a todo o universo-alvo escolhido, bem como ao brasileiro em geral que esteja preocupado com os destinos do país.

A conservação da natureza, da Amazônia, e a preservação da biodiversidade são temas constantes nos nossos diários e noticiários. Estão na pauta do dia, junto com esforços de grandes organismos internacionais como a ONU e o Banco Mundial. É preciso dizer com igual clareza e embasamento científico que o espaço das cidades também pertence ao universo de preocupações ambientais dignas de esforço público e investimentos. Nossa modernidade tecnológica precisa, definitiva e irreversivelmente, incluir critérios de excelência ambiental no planejamento urbano das cidades. No Brasil, este é um imperativo imediato, caso não queiramos endossar o exemplo da cidade de São Paulo, onde o caos no transporte e o nível de qualidade do ar beiram constantemente o limite aceitável. Em alguns casos ultrapassam.

Atualizado em 22/06/01 URL: http://www.comciencia.br/resenhas/impactos.htm (29/08/04)

Concluído

Textos

Notas sobre Livros/Booknotes

BRETON, Philippe (1999). *A manipulação da palavra.* São Paulo: Loyola, 167 p.

Chama de imediato a atenção no livro de Breton o desejo de não limitar o estudo da manipulação da palavra ao campo de interesse exclusivamente lingüístico, aprofundando sua análise às conseqüências que tal manipulação traz à credibilidade do regime democrático e ao comportamento humano, quiçá se não a maior responsável pelo enclausuramento egoísta do homem de nossos dias.

Breton distingue argumentação de manipulação e considera essa última em seus aspectos antidemocráticos de imposição de uma idéia sem debate prévio criterioso e livre aliada à privação da liberdade de resistir a essa coerção. Contesta a falácia do desaparecimento de causas dignas de defesa e, ipso facto, da necessidade de combater a manipulação das idéias que àquelas se contrapõem, dado que é característico do manipular a violência psicológica, a dissimulação e o recurso à cumplicidade do silêncio.

Historiando a origem da palavra, o autor verifica que somos os únicos seres do universo que utilizam a comunicação para convencer, e os únicos também capazes de mentir, fazendo crer com palavras o que os atos não confirmam. Está na base desse convencimento a noção da democracia ateniense e do direito romano, conseqüências da natural convicção humana de persuadir seu semelhante. O desenrolar da História comprova como o despotismo sucumbiu, com freqüência, à tentação de amordaçar a voz que se levanta contra o poder, mas como mesmo os tiranos mais empedernidos procuraram sempre convencer seus subjugados da validade de seus atos. O recurso mais moderno encontrado na 'arte' da persuasão despontou na metade do século XX com a publicidade, que visa moldar as consciências segundo a sociedade de consumo e a cultura de massa.

No capítulo III acompanha-se a evolução do instrumento em que a palavra se transforma para alcançar persuadir eficazmente, ou seja, procede-se à história da retórica e à paulatina tecnicização desse instrumento, conforme a contribuição dos primeiros retóricos, de Aristóteles e dos sofistas. Como complemento indispensável, surgem – por contraste ao início da técnica de argumentação – os instrumentos técnicos de manipulação, aí incluída a escamoteação da informação.

Ao tratar da manipulação dos afetos, Breton contesta que o apelo ao aspecto "irracional" ou "afetivo" da comunicação seja de per si nocivo. "O apelo aos valores, um dos recursos da argumentação democrática, mobiliza os afetos em profundidade. As paixões fazem parte do convencer e só se pode desejar expurgá-las em nome de um racionalismo estreito que confundiria convencer e o ato de demonstrar, razão argumentativa e raciocínio científico. É preciso, pois, abrir espaço às paixões" (p. 64). A manipulação, entretanto, pretende criar a ilusão, confundir as qualidades do emissor da mensagem com a própria mensagem, fazendo crer que a autoridade (ou o encanto pessoal) de quem diz algo é aval indiscutível da veracidade do que é dito.

Quando o recurso não é esse, valem-se os demagogos da sedução pelo estilo, sendo a forma esmerada o substituto do conteúdo; ou da sedução pela clareza (!), em que a brevidade e o desatavio da forma buscam passar-se pela sinceridade da mensagem. Do arsenal à disposição da demagogia, cita ainda o autor a estetização das mensagens, a intimidação pela ameaça da força, a utilização de crianças como veículo da mensagem e, como efeito de fusões, a repetição (o slogan político), a sincronização de atitudes entre emissor e receptor e o toque físico como forma de predispor o receptor a uma aceitação inconsciente do que se lhe vai sugerir.

Em seguida à manipulação dos afetos, Breton aborda a manipulação cognitiva, isto é, uma expansão dos falsos silogismos que a tradição retórica reuniu. Afirma haver duas técnicas dessa espécie manipulativa: a do

enquadramento e a do amálgama. Por enquadramento entende a utilização de elementos conhecidos e aceitos pelo interlocutor e sua reordenação de modo que se torna impossível opor-se à sua aceitação. No amálgama junta-se um elemento suplementar aos anteriores, de contribuição convincente. Em termos menos técnicos, trata-se agora é de como desmascarar a matéria que pretende falar ao raciocínio e não mais à emoção. Os exemplos de mentiras veiculadas como verdade são abundantes, particularmente no campo da propaganda comercial e política.

Após um capítulo de exemplificação em que resume as técnicas de manipulação dos afetos e da "lógica" (cap. VI), Philippe Breton entra na última parte do livro, em que discute os efeitos da manipulação nos receptores e as causas de ter-se tornado tão generalizada tal manipulação:

[Existe] "outro efeito, menos conhecido, da manipulação da palavra. Ela diz respeito a todas as situações em que, consciente da presença de manipulação no ambiente, mas sem capacidade de decodificá-la, o público se defende desconectando-se de toda palavra. É de supor que esse isolamento protetor gere múltiplos efeitos perversos. Muitas pessoas hoje, cansadas do que supõem ser tentativas repetidas de obter, contra sua vontade, seu assentimento a todo tipo de coisas, do consumo à política, chegando às relações de trabalho ou mesmo de amizade, escolhem o caminho do isolamento pessoal (...) proveniente de uma crise de confiança na palavra em geral" (:114). Como, então, não ser impelido à desconfiança social e à dúvida sistemática no que se refere à palavra do outro? Como afirmar sua interioridade, mantendo-a soberana nas tomadas de decisões, sem resvalar num auto-isolamento individualista? A resposta está no retorno ao cultivo do estudo da retórica, das técnicas 'honestas' de argumentação, convencimento e persuasão, sem desrespeito dos direitos do receptor, que – em benefício próprio e da sociedade em que vive – precisa aprender a fazer frente ao conformismo de massa que boa parte da mídia e quase toda a publicidade (a "ultima ideologia totalitária") querem impor-lhe.

Aprender a não ser influenciável ao mesmo tempo permanecendo disponível aos outros, deixando de ser destinatário passivo de um espetáculo e assumindo a função de ator que procura entender sem permitir que o enganem frustra a manipulação, engrandece aquele que a isso se dedica e o faz voltar a sentir-se um homem livre. Nesse sentido, o livro de Breton vale como os manuais a cujo retorno somos convidados e nos oferece uma independência de saber que verdadeiramente se constitui numa forma de ética.

Por/by: Vilma LEMOS
(Doutoranda em LAEL, PUC-SP)

Texto 1: _____

Texto 2: _____

Texto 3: _____

Texto 4: _____

Texto 5: _____

2. **Cada um desses textos foi produzido em situações de produção diferentes. No quadro abaixo, você tem, na primeira coluna, uma lista de alguns dos elementos que sempre caracterizam a situação de produção de um texto. Complete o quadro, especificando quais são os elementos que caracterizam a situação de produção de cada um dos textos anteriores. Apóie-se no exemplo do texto 1.**

	Texto 1	Texto 2	Texto 3	Texto 4	Texto 5
Autor	*Claudinei Vieira*				
Função social	resenhista do site www.ig.com.br				
Imagem que o autor tem de seu destinatário	destinatário que costuma ler livros				
Tema/ objeto	O livro *O código da Vinci*				
Locais e/ou veículos onde o texto possivelmente circulará	no site do IG				
Momento da produção	posterior (mas não muito) à publicação do livro				
Objetivo do autor do texto	dar informações centrais sobre o livro e fazer comentários a respeito dele				

3. **O que você pode concluir em relação aos nomes dados aos textos?**

---

4. **Considerando que você ou outro aluno vai produzir uma resenha a pedido de seu professor, responda as perguntas abaixo:**
   a) Qual será o seu papel social ao produzir a resenha?
   b) Quem será/serão seu(s) destinatário(s) real(is)?
   c) Você acha que ele conhece a obra a ser resenhada ou não?
   d) Em que local ou veículo a sua resenha vai circular?
   e) Qual será o seu objetivo?
   f) Qual será o objetivo de seu destinatário ao ler sua resenha?

CONCLUINDO

Ao escrever uma resenha escolar/acadêmica, você deve levar em consideração que estará escrevendo para seu professor que, se indicou a leitura, deve conhecer a obra. Portanto, ele avaliará não só sua leitura da obra, através do resumo que faz parte da resenha, mas também sua capacidade de opinar sobre ela.

PARA CONTINUAR A CONVERSA...

1. Leia o Texto 2 dos *Anexos*, "Jornalismo científico", e discuta, baseando-se nas atividades desta seção, o porquê da pouca leitura do *Caderno de Resenhas* da *Folha de S.Paulo*, que, inclusive, parou de circular.
   a) Você conhece algum suplemento desse mesmo jornal ou de outro meio de comunicação que seja constituído basicamente de resenhas? Qual?
   b) Você tem o hábito de lê-lo?
   c) Analise a situação de produção de uma resenha publicada em um jornal ou revista.

2. Leia o Texto 3 dos *Anexos*, "Resenhas de quatro palavras", retirado do *blog Hipopótamo Zeno* e discuta:
   a) As resenhas publicadas no *blog* levam em consideração as características vistas nesta seção 2? Justifique.

b) Escolha uma das resenhas e verifique se ela apresenta as duas características mínimas que uma resenha deve conter.
c) De quais resenhas você mais gostou? Por quê?
d) Pense em um filme que você assistiu e tente criar uma resenha de 4 palavras.

O plano global de uma resenha acadêmica (prototípica)

PARA COMEÇAR A CONVERSA...

Nesta seção, analisaremos o plano global de uma resenha, começando por sua leitura e passando, a seguir, a uma análise que leva à identificação de suas diferentes partes.

1. **A seguir, vem uma resenha, que você ainda não precisa ler integralmente. Passe os olhos por ela, buscando informações que o auxiliem a completar o quadro abaixo.**

Livro resenhado	
Autor do livro	
Contextualização do livro	
Tema do livro	
Autor da resenha	
Área em que se insere o resenhista	
Veículo em que ela foi publicada	
Livros citados nas referências bibliográficas	

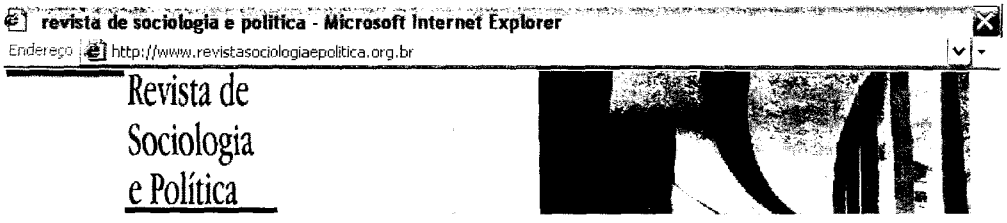

TRABALHADORES E CIDADÃOS, *de Paulo Roberto Ribeiro Fontes*

Edilson José Graciolli

1. O livro de Paulo Fontes — resultado da sua dissertação aprovada junto ao Programa de Mestrado em História Social do Trabalho, na UNICAMP — debruça-se sobre a história dos operários da Nitro Química, empresa construída no subúrbio paulistano de São Miguel a partir do final de 1935, cuja produção iniciou-se em setembro de 1937. Inserida na tentativa de compreender a dinâmica da industrialização no Brasil, a pesquisa elegeu essa unidade produtiva como espaço cotidiano e complexo da luta de classes[2] onde, de um lado, a Nitro Química (uma espécie de "CSN do setor químico") elaborou um sistema de dominação específico e, de outro, os trabalhadores construíram respostas próprias a ele, vivendo uma tensa e rica experiência, ora de resistência, ora de relativa integração àquele sistema.

2. No dizer do próprio autor, objetivou-se "[...] aprofundar a análise da montagem, da lógica interna, contradições e legitimação ou não por parte dos trabalhadores de um determinado modelo de dominação e gestão da mão-de-obra criado pela Nitro Química ao longo dos anos quarenta e desenvolvido plenamente na década seguinte" (p. 14). O diagnóstico que se apresenta sobre esse modelo indica-o como articulado em torno de vários aspectos próprios à ideologia corporativa[3] e ao nacional-desenvolvimentismo, que marcava o Estado brasileiro de então.

3. O recorte temporal (os anos cinquenta) justifica-se, segundo Paulo Fontes, por ter sido esta a década onde o modelo de dominação empresarial gestado nos anos antecedentes viveu o seu ápice e, também, o início do seu esgotamento, uma vez que a reciprocidade entre empresa e trabalhadores sofreu enormes desgastes, dado o avanço

2 "O conceito de classe tem uma importância capital na teoria marxista". (...) "Marx e Engels admitiram que a classe era uma característica distintiva das sociedades capitalistas" (Bottomore, 1983/2001), considerando-se que suas duas principais classes seriam a burguesia e a classe operária. Ainda para esses autores, a burguesia seria "a classe dos capitalistas modernos, proprietários dos meios da produção social e empregadores do trabalho assalariado (Marx, Manifesto comunista, 1888). Segundo Marx e Engels, a história de todas as sociedades existentes até o tempo em que escreveram seria a história das lutas de classe", que se constituiria como a luta do operariado contra a burguesia.

3 Segundo o Dicionário Houaiss, "corporativista" é adjetivo referente a "corporativismo", que pode ser compreendido como: "1 doutrina que considera os agrupamentos profissionais como uma estrutura fundamental da organização política, econômica e social e preconiza a concentração das classes produtoras em forma de corporações tuteladas pelo Estado".
(URL :http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=corporativismo (30/08/04)

(3 item(ns)s restante(s)) Abrindo página http://www.revistasociologiaepolitica.org.br/principal.php?setpididioma=...

de uma identidade sociocultural própria entre os operários, em função da aguda atuação sindical e política nos anos anteriores a 1964.

4. O trabalho se estrutura em cinco capítulos. No primeiro, apresenta-se uma análise do contexto que marcou a trajetória da empresa, desde a sua criação até o final dos anos cinquenta. Tal análise permite ao leitor a intelecção de aspectos, como por exemplo as relações de cumplicidade havidas entre o governo de Getúlio Vargas e os proprietários da Nitro Química (José Ermírio de Moraes e Horácio Lafer), ou ainda o lugar que a Segunda Guerra desempenhou no crescimento econômico da empresa. Encontram-se também menções ao complemento que o Círculo Operário Católico de São Miguel significou ao serviço de assistência fabril", onde capital e trabalho deveriam se harmonizar. Até mesmo a origem majoritária dos operários (fundamentalmente nordestinos) era apropriada pelo discurso empresarial enquanto fator de "integração". A "nordestinidade" reforçaria, assim, a busca da paz social. Não obstante tratar-se de uma empresa privada, a Nitro Química apresentava-se como instrumento a serviço dos interesses nacionais, fator de patriotismo, da mesma forma como, por exemplo, a Companhia Siderúrgica Nacional o fazia. A implicação desse elemento de dominação era imediata: ser parte da família nitrina significava atender aos interesses da nação e, consequentemente, fazer greves ou outros movimentos reivindicatórios seria contrapor-se a tais interesses.

5. Para que o patriotismo visado não desse margem a qualquer confusão com o "falso" nacionalismo dos comunistas, desde cedo a empresa se preocupou em combater o comunismo. E o fez com base em mais dois mecanismos centrais: o espírito pioneiro e desbravador dos "pais" da família nitrina e a constante procura de um capitalismo sadio, humano e progressista. Este último elemento explicitava a especificidade de uma empresa privada a serviço da Nação, quando comparada com as firmas estatais. A Nitro Química, ainda que pertencente a proprietários particulares, mantinha-se, ao menos no discurso, 'aberta às questões sociais'. Todavia, essa ideologia era acompanhada de um poderoso e eficaz instrumento prático, o Serviço Social. Para além das palavras, um conjunto de "benefícios" (médico-odontológico, de abastecimento, cooperativo, recreativo, de segurança) objetivava garantir o disciplinamento no espaço extrafabril sobre os operários.

6. O capítulo 4 dedica-se ao estudo da organização sindical dos operários da Nitro Química e das suas relações com o Partido Comunista, cuja militância em São Miguel Paulista era destacada, tanto no âmbito sindical quanto em outros aspectos da vida cultural e social do bairro (como, por exemplo, na organização de festas, bailes, apresentações teatrais, excursões e palestras). Paulo Fontes faz um bom relato das razões pelas quais os trabalhadores olhavam com muita desconfiança para o Sindicato, uma vez que este atrelava-se à política da empresa. Em meio a

essa discussão, o autor analisa o significado do assistencialismo[4] para os trabalhadores e conclui que este não pode ser visto apenas como um reforço à tutela do Estado sobre sindicatos, sendo, também, "[...] parte da cultura dos trabalhadores e de suas organizações, tendo provavelmente relações com as práticas de solidariedade tradicionalmente exercidas por estes" (p. 136). Aqui me parece manifestar-se uma das lacunas deste que é um bom trabalho. Mais adiante voltarei a isto.

7. O último capítulo analisa a greve dos trabalhadores da Nitro Química acontecida de 24 a 31 de outubro de 1957, a mais longa da sua história até então. Uma nova diretoria no Sindicato dos Químicos, empossada em novembro de 1956, apresentava uma linha de ação bem diferenciada do que até aquele momento se verificava na entidade. Ao invés de contratos por empresa, essa diretoria buscava firmar contratos com os sindicatos patronais. A proeminência do setor jurídico deu lugar ao investimento na participação dos trabalhadores, inclusive com a escolha de delegados sindicais.

8. A greve na Nitro Química iniciou-se no mesmo dia em que a famosa greve dos 400 mil trabalhadores chegou ao final. Nesta, seis categorias obtiveram importantes conquistas econômicas e impuseram uma vitória no embate com os respectivos segmentos do empresariado. Neste contexto é que, segundo Paulo Fontes, pode-se entender o movimento grevista dos operários da Nitro que, após oito dias de confronto com o aparelho repressivo do Estado e a intransigência patronal, revelou-se vitoriosa, pois a empresa concordou com a reivindicação central (20% de reajuste sobre os salários vigentes em agosto de 1956), além de não punir os grevistas. Para Fontes, "a greve de outubro de 1957 representou uma inflexão profunda nas relações de reciprocidade entre a Nitro Química e seus trabalhadores. A imagem, já em progressivo desgaste no período anterior, de uma grande e poderosa empresa provedora de benefícios para seus trabalhadores, sofreria um forte abalo com a paralisação" (p. 163). Tal inflexão se deu porque "[...] se os chamados benefícios sociais da Nitro puderam em alguns momentos cumprir o papel de ajudar a evitar que a maioria dos trabalhadores da fábrica aderisse a protestos e movimentos grevistas, em 1957 eles já não tinham mais esta capacidade" (p. 164).

9. Além de ser resultado de uma acurada pesquisa sobre as manifestações cotidianas daquele segmento da classe trabalhadora nos anos cinquenta, o livro de

4 Segundo o Dicionário Houaiss, "Assistencialismo" seria, do ponto de vista da sociologia, "doutrina, sistema ou prática (individual, grupal, estatal, social) que preconiza e/ou organiza e presta assistência a membros carentes ou necessitados de uma comunidade, nacional ou mesmo internacional, em detrimento de uma política que os tire da condição de carentes e necessitados". Do ponto de vista político, com conotação pejorativa, "sistema ou prática que se baseia no aliciamento político das classes menos privilegiadas através de uma encenação de assistência social a elas; populismo assistencial" [URL :http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=assistencialismo (30/08/04)].

Paulo Fontes aponta para aspectos fundamentais da possibilidade de uma ação ofensiva por parte dos trabalhadores: "A ação da militância comunista e sindical no interior da fábrica pôde potencializar este descontentamento operário para a conquista da direção do sindicato, para a organização no local de trabalho e para realizar uma campanha salarial na empresa em diferentes moldes no ano de 1957. A nova orientação do sindicato tornava-o aos olhos dos trabalhadores um efetivo instrumento para a conquista de direitos, um porta-voz coletivo de seus representados e, portanto, uma necessidade" (p. 165).

10. Porém, teriam, efetivamente, os trabalhadores da Nitro experimentado a greve de outubro de 1957 fundamentalmente em função de uma intensa organização interna à empresa? Esta é uma das principais conclusões polêmicas que Paulo Fontes apresenta em relação ao que outros autores (notadamente Leôncio Martins Rodrigues e Armando Boito Jr.) sustentam a respeito, uma vez que, para estes autores, praticamente inexiste, no período, organização sindical nos locais de trabalho. Rodrigues afirma que as greves são organizadas "[...] de dentro para fora das empresas" (RODRIGUES, 1966: 76) e Boito Jr. sustenta que "o sindicato de Estado não organiza de modo sistemático e estável os operários e demais trabalhadores" (BOITO Jr., 1991: 236), sendo, isto sim, um importante fator para sua frágil presença nos locais de trabalho.

11. Parece-me que falta ao texto de Fontes um tratamento mais detalhado da estrutura sindical oficial[5] (montada sobre a unicidade sindical, as contribuições compulsórias, a carta sindical e a justiça trabalhista) e o seu efeito moderador nas lutas reivindicatórias dos trabalhadores. O próprio assistencialismo pode e deve ser analisado enquanto importante complemento a essa forma histórica de enquadramento dos sindicatos. Entendê-lo como "[...] parte da cultura dos trabalhadores e de suas organizações [...]", relacionando-o "[...] com as práticas de solidariedade tradicionalmente exercidas por estes", significa perder de vista as determinações da totalidade social capitalista sobre esta cultura e não explicitar o resultado último do assistencialismo: reforçar a subalternidade, obstando, inclusive, manifestações mais abrangentes e agudas da consciência de classe, menos atadas ao contingencial.

12. Desde o título do livro presume-se que a questão da cidadania merecerá atenção. De fato, em alguns momentos isto se dá, como nos trechos seguintes: "O desrespeito da companhia aos direitos adquiridos pelos trabalhadores nas leis do País eram outro foco de grande insatisfação. A Nitro redefinia o que era direito do trabalhador no âmbito de seu espaço (p. 163)"; "Organizados e mobilizados, os trabalhadores nitrinos desenvolveram nesse período uma série de lutas, como as reivindicações pelas taxas

5 Estrutura dos sindicatos montada pelo governo da época.

de insalubridade e pelo abono de Natal, até hoje fortemente presentes na memória social daquele grupo operário. Até 1964, a Nitro, vivendo agora um período de forte decadência seria conhecida [...] como uma fábrica 'quente' do ponto de vista da militância sindical. O Sindicato dos Químicos de São Paulo foi, a partir de então, um instrumento vital para a conquista de direitos" (p. 173).

13. Todavia, no trabalho não se qualifica "cidadania". Esta ausência dificulta, inclusive, a percepção do projeto de cidadania que, eventualmente, aqueles trabalhadores possuíam, se é que essa questão (a luta por uma extensão dos direitos) realmente tenha ocupado o centro das suas mobilizações. Pelo exame dos documentos, entrevistas e outras fontes citadas no livro, percebe-se que o eixo da própria greve de 1957 foi o combate ao arrocho salarial, ou seja, a rejeição à superexploração da força de trabalho6, remunerada aquém do seu próprio valor de troca7. Naquele momento, tais trabalhadores teriam articulado suas reivindicações mais imediatas ao menos a um projeto de reformas sociais? A identidade que construíram permaneceu no momento econômico-corporativo, estendeu-se minimamente a outros segmentos da classe trabalhadora ou, ainda, tangenciou a necessidade desta diferenciar-se com vistas à luta pela hegemonia? O enfrentamento destas indagações permitiria vislumbrar os contornos do que o autor está entendendo por cidadania e, mais que isto, verificar em que medida aquelas lutas operárias se expressaram também nessa dimensão.

14. Essas observações em nada diminuem o vigor do livro. O exaustivo trabalho de pesquisa que se pode perceber e a constante preocupação com o fazer-se dos operários da Nitro Química em suas experiências de resistência credenciam-no como leitura obrigatória aos que se interessam pelo mundo do trabalho, quer pelo ofício de pesquisador, quer pela militância sindical ou, ainda, pela absoluta necessidade de se compreender a realidade brasileira.Recebido para publicação em março de 1998.

Edilson José Graciolli (ejgmz@triang.com.br) é Mestre em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e Professor da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOITO Jr., A.. (1991). O sindicalismo de Estado no Brasil. São Paulo/Campinas, Hucitec UNICAMP. RODRIGUES, L. M. (1966). Conflito industrial e sindicalismo no Brasil. São Paulo, Difel.

URL: http://www.revistasociologiaepolitica.org.br/resumo.php?pidtexto=296 (29/08/04)

6 Para a teoria marxista, os operários vendem sua " força de trabalho" aos capitalistas em troca de um salário em dinheiro. A "força de trabalho" é uma mercadoria comprada e usada pelo capitalista para obter trabalho e aumentar o valor de outras mercadorias. Ao pagar um valor menor do que o valor que o trabalho por eles extraído acrescenta às mercadorias, estariam superexplorando a força de trabalho e remunerando abaixo do "valor de troca" dessa força de trabalho.

2. **A partir das respostas que você deu para a atividade 1, levante hipóteses e responda:**

a) Quais seriam as características profissionais do resenhista?

_____

b) Qual seria o tema do livro resenhado?

_____

c) Por que será que o autor da resenha cita outros livros no que ele chama de "referências bibliográficas"?

_____

3. **Você viu, na seção 1, que as resenhas se caracterizam por apresentarem pelo menos dois movimentos básicos: a descrição ou o resumo da obra e os comentários do produtor da resenha. Preencha o quadro abaixo com trechos da resenha que você acabou de ler, que correspondam a esses dois movimentos**

Trechos descritivos/resumidores da obra	Trechos de comentários

4. **Agora vá observando a resenha atentamente e faça as atividades indicadas para cada parágrafo.**

4.1. Pensando sempre que a resenha apresenta trechos descritivos sobre um outro livro, seus objetivos, seus conteúdos, sua estrutura etc., verifique:

a) O que é apresentado no primeiro parágrafo?

_____

_____

_____

b) O que é apresentado no segundo parágrafo? Qual verbo, neste parágrafo, indica o que é apresentado?

_____

_____

_____

c) O que é apresentado no terceiro parágrafo? Qual verbo indica o que é apresentado?

_____

_____

_____

d) Verifique o que o resenhista apresenta sobre a obra resenhada em cada um dos parágrafos, do quarto ao oitavo.

4º e 5º parágrafos: _____

6º parágrafo: _____

7º e 8º parágrafos: _____

Liste as expressões que introduzem os tópicos tratados nesses parágrafos.

_____

_____

_____

_____

4.2. Agora, pensando que a resenha também apresenta trechos de comentários sobre a obra, verifique:

a) O que o resenhista acrescenta no nono parágrafo?

( ) um comentário negativo

( ) um comentário positivo

Sublinhe no texto as palavras que o indicam.

b) No décimo parágrafo, o resenhista introduz outros autores, citados na bibliografia. Qual a relação desses autores com a obra resenhada? Como o resenhista qualifica essa relação?

_____

_____

_____

c) O que o resenhista apresenta do 11° ao 13° parágrafos?

( ) um comentário negativo

( ) um comentário positivo

Sublinhe no texto as palavras que o indicam.

d) Qual é a avaliação mais marcante do resenhista sobre a obra? Positiva ou negativa? Justifique com trechos da resenha.

_____

_____

_____

5. Relacione as ideias abaixo com o(s) parágrafo(s) em que elas aparecem.

( ) comentário positivo

( ) resumo do 5° e último capítulo

( ) menção ao número de capítulos que o livro contém

( ) apresentação do livro e do tema por ele abordado

( ) resumo do 4° capítulo

( ) conclusão positiva

( ) resumo do 1° capítulo

( ) comentário negativo

( ) objetivo do livro resenhado

6. De acordo com a organização dos conteúdos, podemos dizer que a resenha lida apresenta 8 grandes partes, conforme indicamos no quadro abaixo, com a enumeração do agrupamento dos parágrafos. Nos espaços em branco, escreva uma frase resumindo o que é apresentado em cada uma dessas partes.

3 primeiros parágrafos	
4° e 5° parágrafos	
6° parágrafo	
7° e 8° parágrafos	
9° parágrafo	
10° parágrafo	
11°, 12° e 13° parágrafos	
14° parágrafo	

CONCLUINDO...

Você viu que a resenha acadêmica é organizada globalmente em diferentes partes. Generalizando, reveja as atividades desta seção e complete o texto com as palavras do quadro abaixo, expressando suas conclusões sobre os conteúdos que normalmente aparecem nessas diferentes partes.

Comentários — os objetivos — a conclusão — a apreciação — Informações sobre o contexto e o tema do livro.

No início de uma resenha, encontramos _____ . Em seguida, _____ da obra resenhada. Antes de apontar os comentários do resenhista sobre a obra, é importante apresentar a descrição estrutural da obra resenhada. Isso pode ser feito por capítulos ou agrupamento de capítulos. Depois, encontramos _____ do resenhista sobre a obra. Aliás, é importante que haja tanto_____ positivos quanto negativos. Finalmente, _____ , em que o autor deverá explicitar/reafirmar sua posição sobre a obra resenhada.

PARA CONTINUAR A CONVERSA...

Leia a resenha a seguir e verifique se ela contém as mesmas partes da resenha que acabamos de analisar.

IMPACTOS AMBIENTAIS URBANOS NO BRASIL

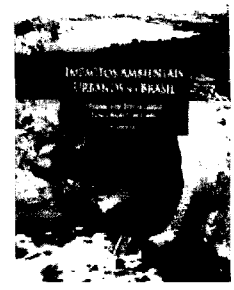

Antônio José Teixeira Guerra e Sandra Baptista da Cunha, Ed. Bertrand Brasil.

por Bruno Buys

Impactos ambientais urbanos no Brasil é uma coleção de artigos de diferentes autores, organizados por Antônio Teixeira Guerra e Sandra Baptista da Cunha, que analisam os impactos ambientais enfrentados por cidades brasileiras em diferentes contextos econômicos, sociais e históricos da ocupação do território brasileiro.

Em sua grande maioria, as cidades brasileiras nasceram e se desenvolveram sem nenhuma preocupação de adequada utilização do solo e do espaço. Conceitos como sustentabilidade, qualidade do ar e da vida aqui por estas plagas são coisa recente, talvez impulsionados pela Rio-92.

Os artigos escolhidos abordam problemas ambientais em cidades estudadas pelos organizadores e pelos demais autores de capítulos: pequenas cidades como Açailândia, no Maranhão, cujo nascimento e crescimento estiveram ligados à economia da madeira e da extração de ferro de Carajás. Sorriso, no Mato Grosso, tema de um capítulo, é um assentamento criado pelo governo federal através de políticas públicas de ocupação do cerrado brasileiro, no começo da década de 1980. Ocupado principalmente por população vinda do sul do país, Sorriso vive da agricultura de grande escala mecanizada, às margens do Rio Teles Pires, um subafluente do Rio Madeira, que deságua no Amazonas. Teresópolis, Florianópolis e Petrópolis e seus problemas ambientais são tema de capítulos específicos, assim como Rio de Janeiro e São Paulo.

O que mais chama a atenção do leitor ao longo da obra, independente do tamanho ou das características da cidade, é a falta de planejamento pelo setor público. Talvez seja esta a maior constante, similar nos casos extremos desde Sorriso e Açailândia até São Paulo e Rio. Os assentamentos humanos brasileiros carecem de qualquer esboço de planejamento, sendo seu crescimento orientado pela lógica do maior lucro, até onde as questões ambientais começam a impor um ônus tão grande que se invoca a ação pontual e emergencial do Estado.

Resenhas - Microsoft Internet Explorer

Endereço http://www.comciencia.br/resenhas/impactos.htm

Resenhas

O homem e o mundo natural
Keith Thomas

Floods of fortune
Michel Goulding, Nigel Smith, Denis Mahar

Impactos Ambientais Urbanos no Brasil
Antônio Teixeira Guerra, Sandra Baptista da Cunha

Outras resenhas

Envie sua resenha
rae34@uol.com.br

RESENHAS

Neste sentido, apesar da diversidade de autores e estilos, o livro é uma séria crítica à ação do Estado nos três níveis, municipal, estadual e federal. Setores da população urbana brasileira convivem com problemas ambientais sérios, capazes de provocar mortes como deslizamentos, desbarrancamentos e enchentes. Falta de infraestrutura básica como saneamento e esgoto em áreas residenciais de classe baixa fornecem o material perfeito para o desenvolvimento de voçorocas, grandes ravinas formadas por erosão do solo, que podem, em estado avançado, provocar deslizamentos de terra. Em Sorriso, no Mato Grosso, uma cidade fundada há apenas quinze anos, o estado de deterioração ambiental chama a atenção para a facilidade e o curto prazo em que o homem pode modificar o ambiente natural, tornando-o inadequado à vida. A cidade é pontilhada por voçorocas que castigam os habitantes cotidianamente. Ruas inteiras somem dentro delas, principalmente as de bairros mais pobres, é claro. A poluição das águas do rio Teles Pires pelos defensivos e insumos agrícolas tornam a água inadequada ao consumo.

A população urbana brasileira, principalmente a de grandes centros, vive constantemente em situação ambiental muito ruim. Tênues esforços públicos são levados a cabo em véspera de desastre, para evitar o mal maior. Mas, de maneira geral, o brasileiro não está educado nem conscientizado para a necessidade de mudar de hábitos e efetivamente melhorar o ambiente e a qualidade de vida urbana, em vez de só evitar o mal maior. Iniciativas — tímidas — como o rodízio de carros particulares em São Paulo, entre 1996 e 1998, deram mostras de seu potencial em melhorar a qualidade do ar e de reduzir o caos no transporte. Porém, esbarram no individualismo da solução automotiva e do status que o carro tem na nossa contemporaneidade.

No Rio de Janeiro, habitações de classe baixa proliferam em áreas de risco de deslizamento. O poder público faz vista grossa, por não poder oferecer melhores condições de habitação a esta população. No verão e nas enchentes, o salve-se-quem-puder dos resgates e o denuncismo da mídia são a tônica.

Embora utilize conceitos e terminologias de várias áreas de conhecimento dedicadas à questão ambiental, a obra é basicamente um livro de geografia. Os organizadores são geógrafos e professores do Departamento de Geografia da Universidade

Concluído

Resenhas - Microsoft Internet Explorer

Endereço http://www.comciencia.br/resenhas/impactos.htm

Resenhas

O homem e o mundo natural
Keith Thomas

Floods of fortune
Michel Goulding, Nigel Smith, Denis Mahar

Impactos Ambientais Urbanos no Brasil
Antônio Teixeira Guerra, Sandra Baptista da Cunha

Outras resenhas

Envie sua resenha
rae34@uol.com.br

RESENHAS

Federal do Rio de Janeiro/Universidade do Brasil. Embora tenha sido planejado para alunos e pesquisadores não só de geografia, mas de áreas com preocupações ambientais como engenharia civil e agronômica, ciências da terra, biologia/ ecologia e geografia, a obra fica aquém do que se esperaria no quesito clareza de expressão e preocupação com jargões e terminologias específicas da geografia. O leitor não-geógrafo poderá sentir alguma dificuldade. Por outro lado, o livro é muito bem-sucedido na escolha dos problemas relevantes a serem tratados, que devem interessar a todo o universo-alvo escolhido, bem como ao brasileiro em geral que esteja preocupado com os destinos do país.

A conservação da natureza, da Amazônia, e a preservação da biodiversidade são temas constantes nos nossos diários e noticiários. Estão na pauta do dia, junto com esforços de grandes organismos internacionais como a ONU e o Banco Mundial. É preciso dizer com igual clareza e embasamento científico que o espaço das cidades também pertence ao universo de preocupações ambientais dignas de esforço público e investimentos. Nossa modernidade tecnológica precisa, definitiva e irreversivelmente, incluir critérios de excelência ambiental no planejamento urbano das cidades. No Brasil, este é um imperativo imediato, caso não queiramos endossar o exemplo da cidade de São Paulo, onde o caos no transporte e o nível de qualidade do ar beiram constantemente o limite aceitável. Em alguns casos ultrapassam.

Atualizado em 22/06/01 URL: http://www.comciencia.br/resenhas/impactos.htm (29/08/04)

Concluído

Os mecanismos de conexão: o uso dos organizadores textuais

PARA COMEÇAR A CONVERSA...

Quando se escreve um texto, é importante guiar o leitor para que ele possa entender as diferentes relações que queremos estabelecer entre as ideias. Essas relações entre as ideias são dadas por palavras que "organizam" o que está sendo dito, ou seja, os organizadores textuais. Grande parte deles são conhecidos, na gramática normativa, como conectivos, mas vistos apenas como elementos de conexão de frases. Como veremos, sua função é mais ampla: estabelecer relações entre as ideias, não só nas frases, mas também entre os parágrafos. Nesta seção, analisaremos os organizadores textuais encontrados na resenha estudada e veremos quais são suas funções.

1. **Consulte a resenha "Trabalhadores e cidadãos" mais uma vez e identifique os parágrafos em que o resenhista**

	Parágrafo(s)
Apresenta uma conclusão do livro que ele classifica como polêmica	
Faz comentários negativos em relação à obra resenhada	

2. **Observe os organizadores textuais que iniciam os parágrafos 10 e 13. Qual é a relação lógica que esses dois organizadores estabelecem entre o parágrafo que inicia e o parágrafo que os precede?**

( ) causas e justificativas sobre o que foi dito no parágrafo anterior
( ) contraste ou argumentos contrários ao que foi dito no parágrafo anterior
( ) complemento adicional ao que foi dito no parágrafo anterior

3. Classifique os conectivos abaixo no quadro a seguir, segundo suas funções.

Não só... mas também — entretanto — com efeito — embora — ainda que — no entanto — de fato — contudo — apesar de — mesmo que — mas

Conectivos que indicam adição de ideias	Conectivos que indicam contraste entre ideias ou argumentos contrários	Conectivos que indicam explicação/ constatação/ confirmação

4. Além dos conectivos acima, podemos também encontrar outros que têm valores/funções diferentes. Marque com C os conectivos que introduzem conclusões e com A os que introduzem argumentos, causas ou justificativas.

( ) já que ( ) assim ( ) uma vez que ( ) devido a
( ) por isso ( ) como ( ) isso posto ( ) pelo fato de
( ) assim sendo ( ) portanto ( ) porque ( ) pois

5. Identifique os conectivos nos trechos abaixo.

Texto 1

Nas últimas décadas, a obra de Vygotsky tem sido intensamente recuperada, pois sua influência sem dúvida é crescente no panorama atual, tanto no tocante à psicologia cognitiva quanto à educação em geral.

Este é um texto claro e abrangente de psicologia pedagógica, destinado sobretudo à formação docente, cujo destaque é a grande amplitude dos temas abordados (...)

In: L. Vygotsky. 2001. *Psicologia pedagógica*. Edição comentada. Artmed, São Paulo: quarta capa.

Tese do autor	Argumentos usados	Conectivo que introduz os argumentos e seu valor
		Pois — causa ou justificativa

Texto 2

(...)

A amiga e confidente Olga Borellli, que participou do quotidiano de Clarice Lispector nos últimos anos de vida da autora, confirma: Ela era uma dona de casa que escrevia romances e contos. Com a máquina de escrever no colo, ela produzia seus livros com os filhos ao redor, atendendo ao telefone, chamando a empregada e recebendo os amigos.

Mesmo tendo evitado expor sua intimidade ao público, Clarice Lispector fez de seus textos um vasto itinerário de uma identidade inquieta e turbulenta, inadaptável às expectativas sociais, obsessiva na captura de si mesma e do outro, desmascarando, sob o verniz do quotidiano, um mundo de desejos e fantasias inconfessáveis. É possível conhecê-la através de inúmeros vestígios, indícios e revelações, dispersos sob as falas de tantas personagens, narradores implícitos ou interpostos, ou ainda nos vários fragmentos — espécies de epigrama e aforismo — que aparecem infiltrados num corpo textual incomum. A literatura de uma das mais importantes escritoras brasileiras está, portanto, muito além da simplicidade doméstica que seu quotidiano faz crer.

(...)

In: Y. Rosenbaum. 2002. *Clarice Lispector*. Publifolha.

Tese do autor	Argumentos usados	Conectivo que introduz a conclusão
		Portanto

CONCLUINDO...

Para que servem os organizadores textuais em uma resenha?

1. Assinale as alternativas que melhor se aplicam à função dos organizadores textuais.
   ( ) guiar o leitor.
   ( ) organizar o que é dito.
   ( ) estabelecer relações entre as ideias nas frases.
   ( ) estabelecer as relações entre as ideias entre os parágrafos e nas frases.

2. Resuma sua função na resenha em algumas linhas.

_____

_____

_____

PARA CONTINUAR A CONVERSA...

Releia a última resenha da seção 3, "Impactos ambientais urbanos no Brasil" e procure os organizadores textuais que introduzem um comentário negativo sobre a obra resenhada.

SEÇÃO 5

A expressão da subjetividade do autor da resenha

PARA COMEÇAR A CONVERSA...

imos, na seção 1, que a resenha difere do resumo por conter elementos avaliativos, ou seja, comentários do resenhista sobre a obra resenhada. Vimos também, na seção 3, que existem trechos da resenha em que podemos perceber esses comentários. Nesta seção, identificaremos os comentários feitos pelo resenhista na resenha estudada e analisaremos como eles são feitos.

1. **Leia o trecho abaixo, tirado do manual *Sobre a elaboração e a estrutura dos pareceres*, escrito por Egon de Oliveira Rangel, que trata de regras a seguir na elaboração de pareceres. Nesse trecho, o autor cita a última máxima conversacional de Grice (1962), filósofo da linguagem americano, preocupado com a eficácia das interações.**

   Por fim, o parecerista deve obrigar-se a observar a "máxima da polidez", deixando de lado as expressões que possam agredir ou desrespeitar os destinatários. A propósito, outro lógico, COPI (1974), argumentando em direção semelhante, chama a atenção para a "neutralidade emocional" que deve caracterizar a linguagem técnico-científica e, no nosso caso específico, a dos laudos.

O que você conclui em relação à linguagem que deve ser usada em uma resenha?

---

2. **Uma das maneiras de ser "polido" é atenuar as afirmações negativas, que possam agredir o autor da obra resenhada. Qual é a crítica negativa contida no trecho abaixo? Sublinhe as expressões que atenuam essa crítica negativa do resenhista à obra.**

   Aqui me parece manifestar-se uma das lacunas deste que é um bom trabalho.

3. **Procure outro exemplo como o anterior no 11° parágrafo.**

_____

4. **No 13° parágrafo, o resenhista também atenua sua opinião sobre o fato de o autor não ter qualificado "cidadania". Ele aponta que consequências positivas essa qualificação teria para o leitor. Com que verbo e em que tempo verbal isso é feito?**

_____

5. **No 11° parágrafo, o resenhista dá sua opinião sobre como analisar o assistencialismo. Sublinhe a frase em que isso é feito e os verbos usados.**

_____

6. **Procure, nos parágrafos indicados abaixo, os comentários sobre a obra resenhada feitos pelo resenhista. Siga o exemplo sublinhando, quando possível, as expressões que parecem conter mais comentários sobre a obra.**

Parágrafo	Comentário
6°	Paulo Fontes faz um **bom relato** (...) deste que é um **bom trabalho**
9°	
12°	
13°	
14°	

7. **Esses comentários parecem expressar a opinião do resenhista de maneira**
   ( ) direta/explícita, usando verbos como "eu acho que", "eu penso que", ou expressões como "na minha opinião" etc.
   ( ) indireta/implícita, sem o uso desses verbos ou expressões

8. **Quais categorias gramaticais foram usadas nesses exemplos para expressar a opinião do resenhista?**

( ) verbos ( ) adjetivos ( ) substantivos
( ) advérbios ( ) artigos ( ) pronomes
( ) preposições

9. **Por que, na sua opinião, o autor opta por essa maneira de mencionar seus comentários?**

_____

CONCLUINDO...

Você viu que na resenha acadêmica aparecem comentários do resenhista sobre a obra resenhada. Generalizando, reveja as atividades desta seção e complete o texto abaixo com suas conclusões sobre a expressão da subjetividade do resenhista na resenha.Quando se faz uma resenha sobre a obra de alguém, é importante seguir algumas regras de _____, para evitar agredir o autor da obra resenhada. Para tanto, podemos usar vários recursos linguísticos. Dentre eles, temos:

1. O uso de expressões que atenuam as opiniões, como: _____

2. O uso de alguns tempos verbais que também têm a função de atenuar o que está sendo dito, como: _____

3. O uso de _____, _____ e mesmo _____ para expressar a opinião do resenhista

PARA CONTINUAR A CONVERSA...

1. Releia a última resenha da seção 3 "Impactos ambientais urbanos no Brasil" e sublinhe as maneiras usadas pelo resenhista para expressar sua subjetividade, seus comentários sobre a obra.

2. Faça o mesmo com o texto 5 dos Anexos, "Além do cartesianismo".

Procedimentos de inserção de vozes: diferentes formas de menção ao dizer do autor do texto resenhado e de outros autores

PARA COMEÇAR A CONVERSA...

Como no caso do resumo, a resenha é um texto sobre outro texto, de outro autor. Assim, é natural que haja menções ao texto original, o que, no caso da resenha, vem acompanhado de comentários feitos pelo resenhista. Porém, deve-se tomar cuidado ao fazer essas menções para que o que foi dito pelo resenhista e o que foi dito pelo autor do texto original fiquem absolutamente claros para o leitor. Além disso, temos de interpretar os diferentes atos que o autor do texto original realiza no texto. Nesta seção, estudaremos os procedimentos que devemos utilizar para mencionar o autor da obra e seus diferentes atos, distinguindo-os do que é dito pelo resenhista. Muitas vezes, esses atos são atribuídos ao próprio livro/obra, como por exemplo: *o livro se centra; a obra tem por objetivo*, ou aparecem impessoalizados.

1. **Releia a resenha *Trabalhadores e cidadãos* e identifique os verbos usados pelo resenhista para mencionar o que o autor da obra resenhada faz na obra e/ou a própria obra resenhada. Baseie-se nos exemplos abaixo.**

PARÁGRAFOS	VERBOS
1º parágrafo	Debruça-se; elegeu
2º parágrafo	
3º parágrafo	

4º parágrafo	_____; encontram-se também menções
6º parágrafo	_____, faz um bom relato, analisa; conclui
7º parágrafo	
9º parágrafo	
10º parágrafo	_____; sustentam

2. Além desses verbos, o resenhista usa expressões diversas que também têm a função de introduzir a voz do autor da obra. Identifique algumas delas na resenha que estamos estudando.

No dizer do próprio autor,

_____

_____

3. Releia os verbos que você colocou no exercício 1 e classifique-os segundo as ações que eles indicam, completando ora com o verbo, ora com algumas das ações abaixo. Baseie-se nos exemplos dados.

- Organiza os conteúdos do 4º capítulo de diferentes formas
- Organiza o conteúdo da obra e seleciona o conteúdo do primeiro capítulo
- Organiza o conteúdo do último capítulo de uma determinada forma
- Justifica o recorte temporal

PARÁGRAFO	AÇÃO	VERBO(S) USADO(S)
1º	Seleciona o conteúdo central que vai desenvolver Escolhe o conteúdo da obra	*Debruçar-se* *Eleger*
2º	Escolhe um determinado objetivo da obra	
3º		*Justificar*
4º		*Estruturar-se; apresentar; encontrar menções*
6º		*Dedicar-se ao estudo; fazer um relato; analisar; concluir*

7º		*Analisar*
9º	Enfoca um determinado conteúdo	
10º	Seleciona o conteúdo Afirma com certeza	

4. Baseando-se no quadro acima, o que você pode concluir em relação aos verbos utilizados e em relação aos atos realizados pelo autor da obra original?

O resenhista procura, em sua resenha, utilizar verbos que

_____

_____

5. Relacione esses outros verbos com aquilo que indicam.

Ação do autor da obra original	Verbos possíveis
1. Estrutura e organização da obra	( ) sustentar, contrapor, confrontar, opor, justificar, defender a tese, afirmar,
2. Indicação do conteúdo geral	( ) objetivar, ter o objetivo de, se propor a,
3. Indicação dos objetivos da obra	( ) apresentar, desenvolver, descrever, explicar, demonstrar, mostrar, narrar, analisar, apontar, abordar
4. Posicionamento do autor da obra em relação à sua crença/tese	( ) estruturar-se; dividir-se, organizar-se, concluir, terminar, começar

6. Em que tempo verbal estão os verbos que

a) remetem aos fatos relatados no livro	( ) passado
b) atribuem atos ao autor da obra original	( ) presente

7. Dê um exemplo de cada caso.

a) Remeter a fatos relatados: _____

b) Atribuir atos ao autor da obra original: _____

8. Observe os sujeitos dos verbos da atividade 3 e escreva-os no quadro da próxima página.

PARÁGRAFO	VERBO	SUJEITO
1º	*Debruçar-se* *Eleger*	
2º	*Objetivar*	
3º	*Justificar-se*	
4º	*Estruturar; Apresentar;* *Encontrar menções*	
6º	*Dedicar-se ao estudo* *Fazer um relato* *Analisar* *Concluir*	
7º	*Analisar*	
9º	*Apontar*	
10º	*Apresentar* *Sustentar*	

9. Você observou que nem todos os verbos têm o autor da obra como sujeito, embora tenha sido ele quem, de fato, realizou a ação expressa pelo verbo. O que aconteceria se todos esses verbos tivessem o mesmo sujeito, por exemplo *Paulo Fontes* ou o *autor*?

_____

_____

10. A partir do que você fez nas atividades anteriores, tire sua conclusão e complete os espaços.

Para evitar a repetição do nome do autor, podemos nos referir a ele utilizando:

_____ .

Podemos também, ainda procurando evitar repetições, fazer referências à obra original. Nesse caso, atribuímos os atos a sujeitos inanimados. Algumas possibilidades para fazê-lo são:

_____

_____

_____

11. Agora, utilize os procedimentos que discutimos nas atividades anteriores para completar os trechos selecionados da resenha abaixo. Note que se trata de um livro contendo vários artigos e "organizado" por duas autoras.

Informação e globalização na era do conhecimento

Helena M. M. Lastres e Sarita Albagli (organizadoras)
Rio de Janeiro. Editora Campus. 1999. 318 pp.
Por André Gardini

"O tomate é um produto *high tech*!" Esta afirmação fora de contexto pode parecer um tanto maluca, mas o _____ *Informação e globalização na era do conhecimento* mostra como um sistema de inovações tecnológicas pode ser responsável por transformações na relação da sociedade com o espaço e entre as próprias sociedades. A frase está no _____ "Desmaterialização e trabalho", escrito por Ivan da Costa Marques, da UFRJ. O _____ descreve uma pesquisa realizada na Universidade da Califórnia que, visando (...)

Discussões como essas estão no_____organizado por Helena M. M. Lastres, economista e mestre em Engenharia da Produção da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Sarita Albagli, socióloga e doutora em geografia (UFRJ). O_____ está dividido em 11_____escritos por autores de diferentes formações, como ciência da informação, ciência política, geografia, economia e sociologia. Os _____ discorrem sobre temas marcantes e responsáveis por profundas transformações no início deste novo milênio.

Nesse sentido, Lastres, no _____ "A economia da informação, do conhecimento e do aprendizado", corrobora a ideia de Marques, pois diferencia dois tipos de inovação, as tecnológicas e as organizacionais, entendidas como complementares. (...) _____ faz uma análise do papel da informação e do conhecimento na área da economia da inovação, (...)

Portanto, _____ sugere que os sistemas nacionais, regionais ou locais de informação sejam tratados como uma rede de instituições dos setores públicos e privados, tendo a inovação e o aprendizado como seus principais aspectos.

12. Releia os verbos e os sujeitos que você colocou no quadro do exercício 8. Qual é o único caso que não representa um ato do autor da obra original?

_____

13. Que autores são esses?

_____

14. Qual é a função da inserção da voz desses autores?

_____

15. A "voz" desses autores é introduzida através de um recurso gráfico que marca inserção de vozes. Qual é esse recurso?

16. No texto, existem vários outros casos de inserção de vozes. Relacione os trechos da resenha estudada com a função desse recurso gráfico em cada trecho.

Trechos	Função
a)Desde o título, presume-se que a questão da cidadania merecerá atenção. De fato, em alguns momentos isso se dá, como nos trechos seguintes: "o desrespeito da companhia aos direitos adquiridos pelos (...) de seu espaço" (p. 163). *(parágrafo 12)*	( ) Dar um tom irônico em relação ao discurso empresarial
b) Até mesmo a origem majoritária dos operários (fundamentalmente nordestinos) era apropriada pelo discurso empresarial enquanto fator de "integração". A "nordestinidade" reforçaria, assim, a busca da paz social. [...] *(parágrafo 4)*	( ) Provar que o resenhista se baseia em trechos da obra resenhada
c)No dizer do próprio autor, objetivou-se "[...] aprofundar a análise da montagem, da lógica interna, contradições e legitimação ou não ( ) plenamente na década seguinte (p. 14) [...] *(parágrafo 2)*	( ) Justificar uma afirmação, uma opinião do resenhista em relação à obra resenhada

CONCLUINDO...

Escreva aqui suas conclusões sobre o que você estudou nesta seção

_____

_____

PARA CONTINUAR A CONVERSA...

1. Procure na resenha da atividade 11, "Informação e globalização na era do conhecimento", exemplos de verbos usados para atribuir atos aos autores da obra original.
2. Proponha outros verbos que você viu nessa seção para substituir os verbos usados na resenha "Informação e globalização na era do conhecimento".
3. Procure e analise outros exemplos de aspas na resenha estudada "Trabalhadores e cidadãos" e na resenha da atividade 11 "Informação e globalização na era do conhecimento".

O diário de leitura: ferramenta para uma leitura crítica do texto

PARA COMEÇAR A CONVERSA...

Você já sabe que, para fazer uma resenha, é preciso resumir e apresentar sua opinião, de forma argumentada, sobre o texto original. Assim, antes de tudo, é necessário que haja uma leitura atenta e que haja questionamentos que poderão ser utilizados para seu posicionamento enquanto resenhista do texto lido. Nesta seção, trabalharemos com um instrumento que vai ajudá-lo a ter uma atitude de leitor ativo, interativo e crítico diante dos textos, o que pode ajudá-lo a ter opinião mais segura e fundamentada sobre o texto lido. O instrumento com que vamos trabalhar a seguir é *o diário reflexivo de leitura.*

1. A fim de melhor compreender esse tipo de produção, leia alguns exemplos de diários de leitura feitos por alguns estudantes a respeito dos livros que estavam lendo.

Exemplo 1

(...) Tá lido. Acho que o processo de leitura é assim também... a gente lê uma coisas, fica de greve delas, passa a ler outras, descobre outras coisas, inclusive que a gente vai ficar chato demais se só ler aquilo, aí volta a ler outras coisas e outras e mais outras. É como ler um livro, a gente lê e a leitura continua mesmo depois de finda, na livraria, nas conversas, na aula, no sonho. E afinal, o que é a vida da gente, se não uma leitura que mesmo depois de

acabada continua na boca dos outros, até que acaba sendo esquecida... deixada de lado... e surge um dia de novo, num álbum velho de fotografias para ser lida novamente, de outra forma, por outros olhos... (...) (L.)

Exemplo 2

A partir da leitura do segundo texto, passei a tentar descobrir o que os dois possuiriam de comum. Afinal de contas, por que lemos esses dois textos? (M.)

Exemplo 3

Respirei fundo algumas vezes antes de começar a ler este texto. Por que o medo? De Umberto Eco, famoso escritor italiano por sua profundidade de pensamentos. Ou seja, percebi que me esperava um texto difícil (E.3).

Exemplo 4

...por que 'dénouement'? O que isto significa? (D. 9)

2. Relacione os itens abaixo com aquilo que os exemplos dos diários indicam.

( ) Busca de objetivos para a leitura.
( ) Expressão de dúvidas diante da leitura.
( ) Reflexão sobre as dificuldades com a leitura e tentativa de compreender suas causas.
( ) Reflexão sobre o processo de leitura.

3. Os processos mentais ou verbais desenvolvidos e exemplificados acima são apenas alguns dos exemplos dos processos que a produção do diário incentiva. Não é à toa que grandes escritores, cientistas e pensadores — tais como Gide, Maiakowski, Virgínia Wolf, Elias Canetti, Wittgenstein, Anaïs Ninn — utilizaram a prática da escrita de diários, pois eles possibilitam o desenvolvimento da escrita, do trabalho intelectual em geral, do desenvolvimento pessoal. É preciso deixar claro, no entanto, que não estamos falando aqui de um diário íntimo, aquele em que escrevemos sobre a vida, mas de diário reflexivo de leitura. Em outras palavras, não

basta apenas escrever impressões e relações do texto com sua vida, é preciso sempre retornar ao texto e dialogar com ele.
Para você não confundir diário íntimo ou resumo de texto com o diário de leitura, observe os trechos abaixo e identifique qual é um resumo, qual é um diário íntimo e qual é um diário de leitura. Justifique sua escolha não só pela diferença de conteúdos, mas também pelos diferentes elementos linguísticos que distinguem esses trechos.

Texto 1

Entre os diferentes tipos de diário que Lourau examina, aparece aquele que ele considera como sendo o diário total, que tem Malinovski como um de seus maiores praticantes. Nele se misturariam "as palavras do etnógrafo e do homem: projetos, tentações, passos do observador, o problema nos contatos com os interlocutores, assuntos tão profissionais quanto íntimos. Na verdade, nele não há uma linha de demarcação nítida entre ciência e não-ciência, a não ser uma linha estabelecida pelo leitor ou pelo editor. Nele se misturam o diário de campo, o diário de pesquisa, o diário íntimo. Finalmente, é nele que se produz "uma iluminação sobre os labirintos de como se produz a pesquisa."

Mais uma vez, é essa minha pretensão. Não apenas revelar o produto da pesquisa, mas o processo, o labirinto. Não é à toa que meu diário não é um diário objetivo, mas um diário total.
(A. R.)

Texto 2

Canetti (1965) assinala que o aspecto positivo que encontra na manutenção do diário é o de ele possibilitar a fala consigo mesmo, ou com um outro "eu", que é, nas suas palavras, "o interlocutor cruel". Para o autor, ao mesmo tempo em que este seria o interlocutor mais exigente, apontando-nos nossas próprias mentiras e falsificações, ele seria também o mais versátil, pois teria a possibilidade de assumir diferentes funções dialógicas. Assim, para Canetti, a prática da escrita diarista deveria ter o caráter de diálogo aberto e franco do escritor consigo mesmo, com suas

múltiplas faces e com os outros que o rodeiam, diálogo em que não se deve permitir o adormecimento da autocrítica, com o diarista tratando-se a si mesmo até mesmo com mais rigor que um outro o faria.
(A. R.)

Texto 3

Reflexão do dia inteiro: é engraçado como a solidão de fato, verdadeira, me dá uma certa calma, mesmo que seja um pouco melancólica. Também, não dá pra não ficar melancólica ouvindo os Morlenbaum com o Sakamoto...

E a calma vem da necessidade de cuidar de mim mesma nos mínimos detalhes: de fazer compras, lavar roupa, lavar louça, economizar. Pequenos problemas concretos do cotidiano, que não deixam muito espaço para o imaginário, nem para a carência. E talvez da distância dos problemas dos outros à nossa volta. E talvez do fato de se ter poucas coisas, poucas roupas, poucos acessórios, poucos sapatos, pouco espaço pra comida, pouco de tudo. E talvez ainda da falta de Internet em casa... da desconexão com o mundo conhecido e com a conexão com outros mundos.
(A. R.)

4. **Como você pôde observar, no diário de leitura, travamos um diálogo com o texto lido da mesma forma que dialogamos com um amigo. Pense no que ocorre quando você conversa com alguém para que você considere o diálogo "bem-sucedido" e assinale a alternativa que melhor expressa esse processo:**
   ( ) as principais ações a serem desenvolvidas para que uma conversa seja "bem-sucedida" é escutar o que outro diz o tempo todo e sempre concordar com ele.
   ( ) há várias ações envolvidas: falamos, escutamos, concordamos, discordamos, interferimos, perguntamos etc. Esse movimento permite que ambos falem e escutem.

5. **Da mesma forma, o diário reflexivo de leitura — que, mais uma vez, não deve ser entendido como diário íntimo — é um texto que você escreve buscando registrar um verdadeiro diálogo que irá construir com o autor do texto. É uma forma de você "ouvir" atentamente o que o outro diz, mas de**

fazer também com que sua própria voz seja expressa em relação às ideias do autor e de você não se colocar de forma passiva diante dele.

Tendo isso em mente, assinale as alternativas que lhe parecem verdadeiras em relação a um verdadeiro diálogo com o texto (e não com o seu professor!):

( ) não deve haver preocupação com "o certo ou errado", portanto, tudo o que você pensar ao ler o texto deverá ser registrado;

( ) não há por que se preocupar com o que irá escrever, pois, sendo um "diário", você será o único leitor desse texto.

( ) não é preciso se preocupar em demasia com a forma, com a correção gramatical etc., pois o importante é que você 'converse' com o autor;

( ) se é uma espécie de conversa, você não vai 'falar' o tempo todo, mas também 'ouvir' o autor do texto que está sendo lido, pois também precisa dar voz a seu interlocutor;

( ) é uma espécie de réplica à palavra do outro, daí o movimento constante de leitura e escrita;

6. **Se você assinalou todas as alternativas, parabéns! Você entendeu a ideia do que seja um diário! Se não assinalou todas, não se preocupe, aí vão algumas instruções para melhor elaborar seu diário:**

INSTRUÇÕES PARA ELABORAÇÃO DO DIÁRIO DE LEITURA

1. **Observe o título do texto e registre no seu diário:**
   suas impressões: gostou ou não?
   tem vontade de ler?
   que tipo de texto espera encontrar? Sobre o que você acha que o texto trata?

2. **Antes de iniciar a leitura**, observe todas as informações — (verbais ou não-verbais) — que podem ajudá-lo a melhor compreender o texto: a última capa, a orelha, as notas sobre o autor, a bibliografia (se houver), o índice, as indicações bibliográficas etc. Anote tudo o que você julgar importante e as ideias que você já for tendo a respeito do texto a ser lido.

3. **À medida que você for lendo,**
   - vá registrando (sempre com frases completas):

   a) as relações que você puder ir estabelecendo entre os conteúdos do texto e qualquer outro tipo de conhecimento que você já tenha:
   - livros ou textos que leu,
   - aulas,

- músicas,
- filmes,
- páginas de Internet;
- sua experiência de vida etc.;

b) as contribuições que julga que o texto está trazendo para:
- qualquer tipo de aprendizado que ele lhe traga,
- o desenvolvimento de sua prática de leitura
- o desenvolvimento de produção de textos
- sua futura profissão,
- alguma pesquisa que tem de fazer;
- algum trabalho que você vai realizar;
- sua vida pessoal.

c) suas opiniões sobre o texto, sobre sua forma e seu conteúdo,

- vá discutindo as ideias do autor:
- concordando ou discordando,
- levantando dúvidas;
- pedindo exemplos.

- vá registrando as dificuldades de leitura que encontrar e anotando os trechos que não compreender ou aqueles de que mais gostar;

- vá sintetizando as ideias que o autor coloca como mais importantes, as teses centrais e os argumentos que defende.

4. **Sempre justifique suas opiniões!**
5. **Tudo o que você fizer até aqui não deverá ser entregue a seu professor. É um texto que apenas você vai ler. Sinta-se livre para escrever o que quiser.** Se necessário, após a elaboração da primeira versão do diário, produza uma segunda versão, que poderá ser entregue ao professor. Para isso:
   a) releia suas anotações, verifique se há alguma informação que prefere omitir;
   b) avalie a necessidade de modificar o diário, de rever suas posições ou de melhorar o texto.

7. **Na próxima seção, desenvolveremos uma série de atividades sobre um texto sobre o qual, ao final, você escreverá uma resenha. Primeiramente, leia o texto e escreva um diário de leitura sobre ele.**

Referência bibliográfica:

K. Rajagopalan. 2003. Designação. A arma secreta, porém incrivelmente poderosa, da mídia em conflitos internacionais. In: Rajagopalan, Kanavillil. *Por uma linguística crítica*. Linguagem, identidade e a questão ética. São Paulo: Parábola Editorial.

DESIGNAÇÃO: A ARMA SECRETA, PORÉM INCRIVELMENTE PODEROSA, DA MÍDIA EM CONFLITOS INTERNACIONAIS

Kanavillil RAJAGOPALAN

> *It was 1992, and the old Soviet system had collapsed less than a year before. Russians had the feeling that now they were living in a democracy everyone should be allowed to do anything. Secret documents were being released at a breath-taking rate; we could ring any senior official, no matter how high up, and expect that he or she would speak to us on camera; the Russian newspapers were revealing truths about their government and society which had been secret for ever. None of it lasted, of course. As Russians came to know and understand more about the West, they found out that there is little freedom of information there either*[1].
> — *John Simpson (2000:155)*

> *My impression is the media aren't very different from scholarship or from, say, journals of intellectual opinion — there are some extra constraints — but it's not radically different. They interact, which is why people go up and back quite easily among them*[2]
> — *Noam Chomsky (1997)*

Introdução

Desde a Guerra do Golfo, já há mais de uma década, o papel da mídia tornou-se inconfundivelmente visível e inegável. Há quem diga que aquele famigerado confronto entre as tropas de Saddam Hussein e o poderio militar dos EUA, auxiliado pelo poder de fogo das demais potências da OTAN, foi a primeira guerra inteiramente travada sob os holofotes da atenção midiática. A guerra contra o Iraque inaugurou a nova era de conflito em grande escala como verdadeiro espetáculo a ser comercializado e apreciado pelo público, e transmitido, muitas vezes, ao vivo – com direito a *replays* e intervalos 'comerciais'. Como detentores dos rumos do conflito

1 Era o ano de 1992 e o velho sistema soviético desmoronara havia menos de um ano. Os russos sentiam que agora eles estavam vivendo em uma democracia onde todos deviam ter a permissão de fazer o que quisessem. Documentos secretos eram liberados em uma proporção de tirar o fôlego; podíamos ligar para qualquer oficial, não importava o quão alto fosse seu escalão, e esperar que ele ou ela nos falassem abertamente; os jornais russos estavam revelando verdades sobre seu governo e sociedade que haviam sido desde sempre mantidas em segredo. Nenhuma delas durou, é claro. À medida que os russos vieram a conhecer e compreender mais sobre o Ocidente, eles descobriram que há pouca liberdade de informação lá também. [tradução nossa]

2 Minha impressão é que as mídias não são muito diferentes da academia ou de, digamos, revistas de opiniões intelectuais – com algumas restrições extras – mas não é radicalmente diferente. Elas interagem entre si e, por isso, mudam de opinião facilmente. [tradução nossa]

travado no deserto – e poeticamente apelidado de "operação Tempestade na Areia" – e das informações (censuradas, é claro), os aliados controlaram a guerra, de ponta a ponta, decidindo inclusive os intervalos. As guerras de hoje são verdadeiros *shows* de audiência em escala planetária – dignas da "sociedade de espetáculo" (Debord 1967) em que vivemos.

Já na guerra do Afeganistão, a situação mudou bastante, desta vez em total prejuízo da CNN e das demais emissoras que dominam o mundo da mídia, uma vez que quem controlava o fluxo e a transmissão de informações era, não o lado vitorioso, mas sim, o lado dos derrotados. E, como acontece com frequência em eventos de audiência assegurada como a Fórmula-1, a Copa do Mundo etc., os *taleban* acharam por bem lotear os direitos de transmissão entre os "amigos". Assim, a rede árabe *Al-Jazira* ficou com o monopólio da transmissão dos vídeos gravados pelo inimigo número um dos aliados, Osama Bin Laden, vídeos que eram entregues por mãos invisíveis a uma das sucursais da emissora de tempo em tempo. Foi também nessa guerra que a questão da censura veio à tona. Embora se diga, com muita propriedade, que a primeira vítima de qualquer guerra é a verdade, nunca havia ficado tão escancarada a forma como a mídia manipula a notícia, mesmo nos momentos em que os responsáveis negam estar fazendo propositadamente qualquer tipo de maquiagem.

Meu objetivo neste texto é refletir sobre como a mídia imprime certas interpretações pelo simples ato de designação de determinados acontecimentos, dos responsáveis por tais acontecimentos, dos atos específicos praticados pelos lados em situações de conflito etc. Posto que, de acordo com certas teorias semânticas de grande prestígio, os nomes não passam de meras "etiquetas" identificadoras de objetos, é preciso pensar além da semântica dos nomes próprios para encarar o fenômeno de nomeação como um ato eminentemente político. Sustentarei a tese de que é no uso político de nomes e de apelidos que consiste o primeiro passo que a mídia dá no sentido de influenciar a opinião pública a favor ou contra personalidades e acontecimentos noticiados.

1. Nomes: afinal o que há de tão curioso nessas palavras?

Ao longo dos tempos, as teorias de referência dedicaram-se à ingrata tarefa de desvendar os mistérios dos nomes próprios e continuam a se

empenhar nessa missão hercúlea (Rajagopalan, no prelo). Bertrand Russell (1911), por exemplo, descartou como imprecisos e, por conseguinte teoricamente desinteressantes, os nomes próprios na forma como os gramáticos os conhecem, e adotou no seu lugar os "nomes *logicamente* próprios". O filósofo inglês, segundo confiam aqueles que chegaram a conhecê-lo pessoalmente, mudava de assunto toda vez que era solicitado a fornecer um exemplo concreto do que seria um nome logicamente próprio (Rajagopalan 2000c). Tratava-se, na verdade, de um gesto muito acertado, posto que uma das qualidades mais destacadas de um nome logicamente próprio é a de ser simplesmente inominável. No momento em que é nomeado, o objeto deixa de ser exclusivo ou único, pois o próprio ato de nomeação se encarrega de emprestar-lhe um atributo (a saber, a própria descrição — definida, no caso — utilizada para nomeá-lo), que é publicamente disponível e, em princípio, apto a ser aplicado a outros objetos. Ou seja, o destino de nomes próprios comuns — aqueles descritos pelas gramáticas — é de um definhamento progressivo, na medida em que acabam se transformando em substantivos comuns. Donde o saudosismo velado em relação à chamada "linguagem adâmica", isto é, a linguagem em sua forma cristalina, quando substantivos comuns seriam todos nomes próprios — posto que Adão escolhia cada palavra para nomear um único bicho a cada vez!

Não nos interessa aqui passar em revista as mais variadas propostas teóricas que objetivaram, ao longo dos últimos cem anos ou mais (a preocupação em si remonta a um passado bem mais longínquo, talvez começando pelo próprio surgimento da filosofia enquanto campo do saber), entender o funcionamento do nome próprio. A preocupação sempre se deu na seguinte forma. Se as descrições são nada mais que representações verbais de atributos e se os atributos são da ordem de acidente (e não de essência), é no nome próprio que devemos encontrar algo que pertence ao objeto de forma inalienável. Ou seja, o nome próprio deve estar "grudado' ao objeto de maneira inseparável. Este é, no fundo, o ímpeto, ou desejo, que move teóricos das chamadas *direct theories of reference* (teorias que defendem referência direta ou não mediada). O "externalismo semântico" de Putnam (1975), o conceito de "*rigid designators*" (designadores rígidos) de Kripke (1972), ou o conceito de "*Dhat*" proposto por Kaplan (1978) são todos formas diferentes de captar e concretizar teoricamente tal desejo.

2. O discurso jornalístico e a escolha dos termos de designação

Sabemos que toda notícia, toda reportagem jornalística, começa com um ato de designação, de nomeação. Alias, a própria gramática tradicional nos ensina que é preciso primeiro identificar o sujeito da frase para então dizer algo a respeito ou, equivalentemente, predicar alguma coisa sobre o sujeito já identificado. É preciso, primeiro, nomear, para então dizer algo a respeito do objeto no mundo assim designado. Apesar de tudo o que os filósofos e os lógicos dizem a esse respeito, as pessoas comuns acreditam (e nisso, de certa forma, elas estão sendo influenciadas por anos a fio de ensino de gramática normativa) que o nome próprio está livre de qualquer marca de predicação – afinal, o ato de predicação incide sobre o nome próprio, identificado, portanto anteriormente a qualquer predicação.

É, no entanto, no uso dos nomes próprios – ou, melhor dizendo, na fabricação de novos termos de designação para se referir às personagens novas que surgem no cenário e aos acontecimentos novos que capturam a atenção dos leitores – que o discurso jornalístico imprime seu ponto de vista. Logo depois do susto de 11 de setembro de 2001, o presidente Bush decretou guerra total aos terroristas de todos os naipes, a começar pelos seguidores do Taliban do Afeganistão. Afora o fato simples de que os terroristas para uns são os mártires para outros, o uso do termo em si serviu para identificar e isolar o inimigo "invisível" (como foi amplamente alardeado pela imprensa internacional). Daí em diante, ficou fácil partir para todos os desdobramentos da lógica binária, na qual aquele pronunciamento do presidente dos EUA se baseara, ao designar os fundamentalistas islâmicos como terroristas. Foi com uma simples afirmação – na verdade uma ameaça – que a Casa Branca calou toda e qualquer voz de protesto contra a ação de represália que desencadearia a partir daquele instante: "Quem não está conosco está contra nós".

É inegável o importante papel desempenhado pelos termos cuidadosamente escolhidos a fim de designar indivíduos, acontecimentos, lugares etc. na formação de opinião pública a respeito daqueles entes. Osama bin Laden foi tachado de "*terrorist mastermind*" (o cabeça dos terroristas). A mesma figura enigmática, nascida na Arábia Saudita, com fortes ligações com a família real daquele país – que, convém não esque-

cer, serviu de importante aliado na guerra contra a ocupação soviética — transformou-se, da noite para o dia, na imagem do próprio Satanás. Quem não se lembra daquele cidadão norte-americano que, ao olhar assustado para a foto da destruição das Torres Gêmeas do World Trade Center, chegou a identificar o rosto do Senhor das Trevas em meio à fumaça negra que encobria os céus de New York naquele malfadado 11 de setembro de 2001? Como chega a exclamar Slavoj Zizek (2001: 6)

> Sempre que encontramos um mal tão puro no exterior, devemos reunir a coragem para apoiar a lição hegeliana: nesse exterior puro, nós devemos reconhecer a versão destilada de nossa própria essência. Pois nos últimos cinco séculos a prosperidade e paz (relativas) do Ocidente "civilizado" foram compradas pela exportação de impiedosa violência e destruição ao Exterior "bárbaro": a longa história desde a conquista da América ao massacre no Congo. Por mais que soe cruel e indiferente, nós também deveríamos, agora mais do que nunca, ter em mente que o efeito desses ataques é de fato muito mais simbólico do que real.

E o filósofo esloveno acrescenta:

> Os EUA apenas experimentaram o que acontece no resto do mundo diariamente, de Sarajevo a Grozni, de Ruanda e do Congo a Serra Leoa. Se forem adicionados à situação em New York atiradores de elite e estupros em massa, é possível ter uma ideia do que era Sarajevo uma década atrás. Foi quando assistimos na tela da TV ao colapso das duas torres do World Trade Center que se tornou possível experimentar a falsidade dos "reality shows" da TV: mesmo se esses shows forem "de verdade", as pessoas ainda atuam neles — elas simplesmente atuam como elas mesmas.

De qualquer forma, uma vez estampado o rótulo "terrorista", o nome de Bin Laden logo se tornou sinônimo do Mal. A partir daí torna-se um dever cristão ajudar na caça incansável ao "gênio do mal", "o terrorista mais procurado do planeta", e assim por diante. Quando, no afã do sucesso na caça aos seus seguidores, o presidente dos EUA decreta guerra contra o "o Eixo do Mal" (termo escolhido para designar os países Irã, Iraque e Coreia do Norte), a eficácia absoluta da nomenclatura remontava à Segunda Grande Guerra. Se o outro lado é o "Eixo do Mal", por simples analogia (como também pela lógica da exclusão do meio-termo), quem se coloca contra os estados renegados é do Bem. Diga-se de passagem, não foi à toa também que, tanto na Guerra do Golfo, quanto na Guerra contra o

Afeganistão, os países da OTAN preferiram se autodesignar de "Aliados". Quem tem a mídia a seu lado escolhe não só os termos para designar as forças de cada lado, mas também, ao escolher os termos, determina quem vai desempenhar o papel do mocinho e quem vai desempenhar o do bandido. Na sociedade do espetáculo, tudo depende do *script* — os capítulos diários da novela chamada guerra (não é à toa que se diz o "teatro da guerra" para designar o espaço físico onde acontecem as batalhas) obedecem rigorosamente às previsões feitas por quem redige o *script* inicial.

É verdade que nem sempre os nomes escolhidos funcionam da mesma forma que os estrategistas de guerra esperam. Um exemplo notório disso é a escolha do codinome "cruzada contra o terror" que o presidente Bush chegou a empregar no início da ação armada contra os seguidores fanáticos da Al Qaeda e do *Taleban*. O tropeço custou muito caro para as pretensões da Casa Branca, que fez questão de fazer entender que a iniciativa bélica não tinha como alvo nem o mundo árabe, nem os seguidores do Islã, mas sim, um grupo de radicais e fanáticos que lutavam contra a própria civilização. O erro crasso, desastroso do ponto de vista diplomático, foi o de esquecer que a própria palavra *cruzada* possuía conotações — na verdade, se referia a um episódio da história conturbada das relações entre o Ocidente e o Oriente, repleta de traições, e crueldades imensuráveis. Os desmentidos insistentes e até mesmo a decisão de não mais usar o termo maldito não foram capazes de consertar o estrago provocado. Até hoje há quem duvide das verdadeiras intenções por trás da propalada afirmativa de que a guerra contra o terror é uma guerra da civilização contra a barbárie. Chamar o bombardeio indiscriminado de regiões densamente habitadas por populações civis de "operação cirúrgica" ou a carnificina promovida em razão de tais bombardeios de "efeito colateral" pouco contribui para aliviar a dor de milhares de pessoas inocentes que foram vítimas das brutalidades praticadas. Por incrível que pareça, o uso continuado de tais "eufemismos" acaba minimizando a culpa daqueles que foram diretamente responsáveis pelos atos envolvidos — ao menos aos olhos de quem sofre a "lavagem cerebral" praticada pela imprensa.

3. O poder da designação

Ao caracterizar de terrorista-suicida alguém que sacrifica sua própria vida em prol de uma causa (qualquer que seja), a imprensa não está apenas

se referindo à pessoa que pratica tal ato de proporções incomuns. Ela está emitindo uma opinião a respeito da mesma. Há, pois um julgamento de valores, disfarçado de um ato de referência neutra. E é justamente por estar camuflado como um simples ato referencial que tais descrições acabam exercendo tamanha influência sobre o leitor de jornal. À medida que o leitor vai se acostumando ao rótulo, deixa de perceber que a descrição não passa de uma opinião avaliativa. Como todas as opiniões avaliativas, esta também comporta um outro lado. Assim, os mesmos indivíduos que são chamados de "homens-bomba" e "terroristas suicidas" pela imprensa ocidental são lembrados como "mártires" e "soldados da guerra santa" pela imprensa árabe.

Convém frisar que o nosso intuito aqui não é perguntar qual dos dois lados tem razão. O objetivo das afirmações no parágrafo anterior foi o de demonstrar que tanto um quanto outro são passíveis de contestação. O perigo está no fato de que o leitor ingênuo ou desavisado tende a confundir descrição com termo referencial, opinião com fato consumado. É nisso que reside o maior perigo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHOMSKY, N. (1997). 'What makes mainstream media mainstream: From a talk at Z Media Institute in June 1997'. Z magazine. 1997. http://www.lol.shareworld.com/zmag/articles/cho moct97.htm

DEBORD. G. (1967). *The Society of the Spectacle*. New York: Back & Red.

KAPLAN, D. (1978). 'Dthat'. In Cole, P. (Org.) *Syntax and Semantics Vol. 9. Pragmatics*. Nova Iorque: Academic Press. Pp. 221-243.

KRIPKE, S. (1972). "Naming and necessity," in Davidson, D. and Harman, G. (Orgs.). *Semantics of Natural Language*, Dordrecht-Holland: D. Reidel Publishing Company.

PUTNAM, H. (1975). *Mind, Language and Reality*. Londres: Cambridge University Press.

RAJAGOPALAN, K. (2000). 'O singular: a pedra no caminho dos teóricos da linguagem'. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. n ° 38. Pp. 79-85.

_____(no prelo). 'Reference'. *Encyclopedia of Linguistics*. Chicago, EUA: Fitzroy--Dearborn Publishers.

RUSSELL, B. (1911). 'Knowledge by acquaintance and knowledge by description.' *Proceedings of the Aristotelian Society*, Vol. 11. Pp. 142-156.

SIMPSON, J. (2000). *A Mad World, My Masters*. Londres: Macmillan.

ZIZEK, S. (2001). 'Bem vindo ao deserto do real'. *Folha de S.Paulo*. Mais. 23 de setembro de 2001. pp. 4-7.

8. **Releia seu diário e sublinhe as dúvidas sobre o texto, questionamentos, concordâncias, pontos que lhe chamaram a atenção. Guarde essas anotações para discuti-las com seus colegas e com seu professor, para que elas possam auxiliá-lo no momento da produção da resenha sobre o texto lido.**

CONCLUINDO...

O diário de leitura é um instrumento que possibilita uma leitura ativa, dialógica, com opiniões, dúvidas e relações com outros textos e com sua vida, uma vez que você pode fazer referência a outros textos que leu, a notícias que ouviu, a conversas que teve etc. Ele é a ferramenta que lhe permitirá agir como leitor ativo e crítico.

Toda vez que for ler um texto, permita-se ler da forma aqui trabalhada e você verá que, com o tempo, esse processo acontecerá naturalmente com qualquer leitura que fizer. É uma ferramenta muito útil na construção da resenha, pois você pode recuperar o diálogo que estabeleceu com o texto na elaboração da mesma.

PARA CONTINUAR A CONVERSA...

Troque sua experiência de produção de diário com seus colegas e com o seu professor, lendo os trechos que você quer compartilhar. Lembre-se de que, nessa discussão, o que o professor disser sobre o texto não deve ser visto como sendo "a verdade" sobre o texto, mas apenas uma possível leitura, que, como todas as outras, deve ser bem fundamentada.

Ouça a leitura dos trechos dos diários escritos por seus colegas e professor e anote o que você julgar interessante e que poderá também utilizar na parte crítica de sua resenha.

Lembre-se sempre que a leitura, ao contrário do que se pensa, não é um ato individual, mas uma atividade social e compartilhada, e nada mais rico do que compartilhar essa experiência através de seu diário!

A compreensão global do texto a ser resenhado

PRA COMEÇAR A CONVERSA...

Na seção anterior, você teve um primeiro contato com o texto sobre o qual fará a resenha, através da elaboração do diário de leitura. Nesta seção, ajudaremos você a compreendê-lo mais profundamente, o que irá ajudá-lo na elaboração de sua resenha.

Parte I

Ao resenhar um texto, você provavelmente terá em mãos, o livro/jornal/revista em que o texto foi publicado ou a referência bibliográfica dele. Com isso, você já é capaz de levantar algumas hipóteses sobre o texto a ser lido. Esse levantamento de hipóteses é fundamental antes da leitura do texto propriamente dito.

1. **Leia a orelha do livro em que o artigo foi publicado e, baseando-se nela, responda:** Como você imagina esse autor, sobretudo as suas características profissionais? (levando-se em conta seu nome, nacionalidade, área de atuação, titulação etc.)

Kanavillil Rajagopalan ("Rajan") é Professor Titular na área de Semântica e Pragmática das Línguas Naturais da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e pesquisador do CNPq. É Bacharel em Literatura Inglesa (Universidade de Kerala, 1966), Mestre em Literatura Inglesa (Universidade de Delhi, 1970), Mestre em Lingüística (Universidade de Delhi, 1973), Diploma em Lingüística Aplicada (Universidade de Edimburgo, 1975), Doutor em Lingüística Aplicada (PUC-SP, 1982), e Pós-Doutor em Filosofia da Linguagem (Universidade da Califórnia, Berkeley, 1993). Antes de ingressar na carreira do magistério, foi publicitário, jornalista, e cartunista.

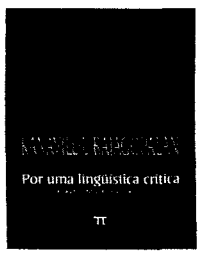

2. **Leia o *título* do artigo, as *epígrafes* e as *referências bibliográficas* e responda:**

- Observe as epígrafes:

a) Por que muitas vezes se coloca epígrafe em artigos ou livros? Para que servem?

_____

- Observe os nomes dos autores e a língua das epígrafes:

b) Qual é o efeito que você pensa que eles causam nos leitores?

_____

c) Qual é a imagem que o autor do artigo parece ter de seus leitores?

_____

- Observe as referências bibliográficas:

d) O que se deve colocar nas referências bibliográficas de um artigo?

_____

e) Pelas referências bibliográficas, podemos identificar a área científica a que o autor está ligado? Justifique.

_____

f) Ainda pelas referências bibliográficas, podemos identificar qual é a comunidade científica a que o artigo se dirige?

_____

- Observe o título:

g) Qual é o tema do artigo?

_____

h) Qual é a tese (ideia) defendida pelo autor?

_____

3. **Leia o texto atentamente e confirme (ou não) as hipóteses levantadas nos itens anteriores.**

CONCLUINDO...

- Liste as partes do texto — lidas por você nesta primeira etapa — que são fundamentais para uma boa compreensão do texto a ser lido.

- Justifique por que cada uma dessas partes é peça integrante para uma boa compreensão do texto.

Parte II

1. Passe os olhos pelo texto e observe sua organização:

a. Veja os subtítulos. Para que servem?

_____

b. Qual é a diferença em se colocar o subtítulo em forma de pergunta e em forma afirmativa?

_____

c. Anote cada um dos subtítulos e levante hipóteses sobre como o autor desenvolverá seu raciocínio argumentativo a partir deles. Observe o exemplo dado.

Subtítulo	Função
Introdução	Apresentar a tese e o objetivo do artigo

2. Releia a *Introdução* do artigo e faça as atividades que seguem.

2.1. Complete o quadro, selecionando e resumindo as afirmações feitas no primeiro parágrafo sobre:

o papel da mídia	
a guerra do Iraque	
os países da OTAN	

2.2. Complete o quadro, selecionando e resumindo as afirmações feitas no segundo parágrafo sobre:

o papel da mídia	
a guerra do Afeganistão	
os países da OTAN	

2.3. De acordo com suas respostas, construa uma frase que indique o tema em que se centram os dois primeiros parágrafos.

2.4. Leia o último parágrafo da *Introdução*. Identifique qual é o objetivo que o autor quer atingir com o artigo.

2.5. Para que servem os dois primeiros parágrafos da *Introdução*, levando em consideração o objetivo do autor? Assinale a(s) alternativa(s) correta(s).

( ) para apresentar um resumo do que o leitor encontrará no artigo e, por ser destinado a um público não-acadêmico, o autor opta por exemplos atuais.

( ) para apresentar fatos e exemplos em que provavelmente o autor se apoiará para defender sua tese nas demais partes do artigo.

( ) só para atrair o leitor com exemplos atuais e ampliar o público-alvo, buscando atingir outros leitores.

( ) para situar sua reflexão teórica sobre uma questão de linguagem no contexto atual e que atinge a todos nós.

2.6. Em artigos científicos argumentativos, o autor dialoga com diferentes teorias com as quais pode estar concordando ou discordando.

a) Em relação à questão dos nomes próprios, qual é a necessidade que o autor aponta? Indique o elemento linguístico que indica isso.

_____

b) Como ele justifica essa necessidade? Indique o elemento linguístico que aponta isso.

_____

c) Portanto, o que dizem as teorias que ele rejeita?

_____

d) O que o autor defende em relação aos nomes próprios?

_____

e) Para defender essa tese teórica mais geral, que tese ele irá sustentar no decorrer do artigo?

---

3. Leia a parte do artigo intitulada "Nomes: afinal o que há de tão curioso nessas palavras?" e, a seguir, faça as atividades.

a) Por que o subtítulo está em forma de pergunta? O que isso indica?

---

b) Todo artigo de opinião apresenta uma questão controversa, isto é, uma questão sobre a qual as pessoas podem ter opiniões diferentes. Para compreender bem um texto, sobretudo um artigo científico, é necessário identificar qual é essa questão polêmica e qual a posição que o autor do artigo assume diante dela. Evidentemente, isso também é necessário para que se possa fazer uma boa resenha. Qual é a questão controversa apresentada pelo autor?

---

c) Ao optar por determinadas palavras em seu texto, o autor já revela que a questão apresentada é controversa. Sublinhe alguns elementos que o autor utiliza no trecho abaixo que indicam essa controvérsia.

"*Ao longo dos tempos, as teorias de referência dedicaram-se à ingrata tarefa de desvendar os mistérios dos nomes próprios e continuam a se empenhar nessa missão hercúlea (Rajagopalan, no prelo).*"

---

d) Por que o autor inicia o último parágrafo dizendo o que ele **não** pretende fazer? Ou seja, a partir dessa negação, o que ele imagina que os leitores habituados a ler artigos científicos esperam?

---

e) Apesar de dizer que não discutirá as diversas propostas teóricas que objetivaram entender o funcionamento do nome próprio, o autor menciona algumas delas e conclui resumindo o que todas procuraram fazer. Por que o autor cita essas diferentes teorias? O que ele quer transmitir com isso?

---

4. **Leia a parte intitulada *O discurso jornalístico e a escolha dos termos de* designação e faça as atividades que seguem.**

4.1. Ainda em relação a esse trecho, complete os quadros com frases que sintetizem o que é pedido.

O que é colocado como um fato pelo autor

Posição contrária à do autor

Posição do autor

Pessoas que pensam contrariamente ao autor

Pessoas que pensam como o autor

Exemplos que sustentam a posição do ator em relação aos termos empregados pela mídia para nomear determinados personagens:

Osama bin Laden	
Irã, Iraque e Coreia do Norte	
Países da OTAN nas Guerras do Golfo e do Afeganistão	

4.2. Muitas marcas linguísticas servem para indicar a posição do autor sobre a questão em debate e sua posição em relação à de outras pessoas. Verifique as expressões que indicam:

a) a afirmação inicial que o autor coloca como sendo um fato: _____

b) a posição dos filósofos e lógicos *versus* as das pessoas comuns: _____

c) a posição do autor contrária a das pessoas comuns: _____

d) Ainda nessa mesma parte do texto, há uma citação de um filósofo esloveno. É possível saber se o autor concorda ou discorda do filósofo? Por que o autor coloca essa citação neste momento do texto?

_____

e) De forma geral, os artigos científicos apresentam citações de outros autores. Para que elas servem?

_____

4.3. Como podemos verificar facilmente, analisando a mesma parte do texto, vemos que o autor utiliza grande número de adjetivos e substantivos que explicitam sua opinião, sem que ele precise dizer "*eu acho que*" ou "*na minha opinião*". Para que isso fique claro, releia o último parágrafo dessa parte e sublinhe as palavras que colaboram para deixar clara a opinião do autor.

4.4. Assim como o autor se posiciona em relação à questão que discute com a utilização de substantivos e adjetivos, a posição dele também pode ser percebida em um outro procedimento linguístico que são as aspas. Leia o trecho abaixo, em que o autor utiliza esse recurso e explique a posição que o autor assume com o uso das aspas nas expressões utilizadas.

Chamar o bombardeio indiscriminado de regiões densamente habitadas por populações civis de "operação cirúrgica" ou a carnificina promovida em razão de tais bombardeios de "efeito colateral" pouco contribui para aliviar a dor de milhares de pessoas inocentes que foram vítimas das brutalidades praticadas. Por incrível que pareça, o uso continuado de tais "eufemismos" acaba minimizando a culpa daqueles que foram diretamente responsáveis pelos atos envolvidos — ao menos aos olhos de quem sofre a "lavagem cerebral" praticada pela imprensa.

4.5. O autor afirma que os nomes que são dados a fatos e a personagens, frequentemente, produzem os efeitos na sociedade que aqueles que nomeiam querem que

seja produzido. No entanto, o autor mostra também que nem sempre isso acontece, pois pode haver um efeito inesperado. Para justificar essa última afirmação (o que é sempre necessário em textos opinativos e, sobretudo, nos científicos), ele nos fornece um exemplo claro.

a) Qual é esse exemplo?

_____

b) Por que esse exemplo justifica a afirmação do autor?

_____

4.6. A partir desse exemplo, que mostra que nem sempre o objetivo da nomeação pode ser alcançado, a que conclusão mais geral você pode chegar quanto aos efeitos que queremos provocar nos destinatários quando usamos a linguagem?

_____

5. Leia a parte intitulada *O poder da designação* e faça as atividades que seguem.

5.1. Em relação ao último parágrafo:

a) Por que o autor acentua que seu objetivo não é perguntar se é a imprensa ocidental ou a árabe que tem razão no caso das nomeações dadas aos personagens envolvidos na guerra enfocada?

_____

b) O que ele está supondo em relação aos diferentes leitores que vão ler esse artigo?

_____

c) O que você pode concluir sobre as negações em geral?

_____

5.2. Por tudo o que vimos na análise do artigo, qual é a alternativa que melhor descreve o que ele é:

( ) um trabalho teórico de linguística;

( ) um trabalho de análise discursiva;

( ) um trabalho de análise discursiva que, ao mesmo tempo, apóia-se em uma determinada teoria e a confirma.

Justifique.

5.3. Por tudo o que vimos, como você definiria o autor do artigo? Assinale a alternativa que melhor expressa a sua definição:

( ) um cientista voltado para as questões puramente teóricas

( ) um cientista sério que domina teorias importantes e aplica-as aos dados que analisa

( ) um cientista preocupado com os problemas sociais, mas sem embasamento teórico

( ) um cientista preocupado com as questões sociais que envolvem a linguagem e que domina teorias importantes, aplicando-as aos dados

( ) outra . Especifique

Justifique sua escolha.

CONCLUINDO...

A compreensão global do texto se faz necessária para que você possa compreender não só os conteúdos do texto, mas também os efeitos que o autor quer produzir sobre os destinatários e o modo como ele organiza e relaciona esses conteúdos para poder atingir seus objetivos.

A partir das atividades realizadas, assinale as alternativas que melhor expressam o que uma leitura atenta e crítica de um texto possibilita — e que o ajudará na elaboração da resenha:

( ) compreender os conteúdos globais do texto, identificando aqueles que o autor coloca como centrais e aquele que coloca como secundários

( ) identificar a forma de organização do texto e a progressão do pensamento do autor

( ) identificar diferentes procedimentos linguístico-discursivos de que o autor lança mão para atingir seus objetivos dentro do gênero em que escreve

( ) verificar se o autor realmente domina o assunto abordado

( ) verificar se o autor desenvolve os argumentos de forma lógica, a fim de comprovar a posição que defende
( ) identificar a que público se destina, se o texto é adequado a esse público e se pode atingir outros leitores
( ) identificar o(s) objetivo(s) do autor e se eles são atingidos
( ) identificar se o autor é coerente, não mudando de posição no decorrer do texto
( ) identificar a que linha(s) teórica(s) o autor se filia e quais rejeita
( ) identificar a imagem que o autor passa de si

PARA CONTINUAR A CONVERSA...

1. Procure um artigo de opinião em jornais ou revistas de sua área. Leia-o, procurando abordar todos os aspectos que foram trabalhados no artigo. Verifique também o vocabulário escolhido pelo autor e procure desvelar as escolhas feitas — lembre-se de que toda nomeação é um ato político!

2. Para sustentar uma opinião sobre um tema, é preciso que conheçamos mais sobre ele e que leiamos diferentes tipos de texto. Procure textos que o ajudem a desenvolver uma opinião sobre a tese defendida por Rajagopalan em seu artigo.

Elabore sua resenha

PARA COMEÇAR A CONVERSA...

Nesta seção, você irá elaborar sua resenha a partir da análise que já fez de uma resenha prototípica, de suas reações ao texto "Designação: a arma secreta, porém incrivelmente poderosa, da mídia em conflitos internacionais", registradas em seu diário de leitura e da leitura crítica do texto.

1. **Como já vimos, ao produzir um texto, você deve ter claro para quem está escrevendo, com que objetivo etc. Complete o quadro com as possíveis características de produção de sua resenha.**

Autor	
Função social do autor	
Destinatário real	*Professor que conhece a obra*
Imagem que o autor tem que ter de seu destinatário	*Pessoa que não conhece a obra e por isso lerá a resenha (apesar de o destinatário real ser o professor, o resenhista/aluno deve escrever pensando que o leitor é alguém que não conhece a obra).*
Tema/objeto	
Locais e/ou veículos onde o texto possivelmente circulará	
Momento da produção	
Objetivo do autor do texto	

2. **Faça um levantamento de aspectos que você apresentará para valorizar o artigo lido e as restrições em relação a ele.**

Aspectos para valorizar o artigo	Restrições em relação ao artigo

3. Resuma as principais etapas do texto lido. Para isso, apóie-se no esquema apresentado:

O artigo de...../No artigo "...", (nome do autor)...
O objetivo do autor...
Para isso...
O artigo divide-se em...
Primeiro.../Primeiramente.../Na primeira parte...
No item seguinte.../A seguir...
Finalmente...
O autor conclui...

4. Dentre os verbos abaixo, escolha aqueles que melhor expressam o efeito que você acha que o autor quis causar no leitor em cada uma das etapas de seu artigo.

Sustentar — contrapor — confrontar — opor — justificar — defender a tese — afirmar — objetivar — ter o objetivo de — se propor a — apresentar — desenvolver — descrever — explicar — demonstrar — mostrar — narrar — analisar — apontar — estruturar-se — concluir — dividir-se — organizar-se — concluir — terminar — começar — debruçar-se — sustentar que — dedicar-se ao estudo — fazer um relato — eleger — abordar

5. Agora faça um inventário de adjetivos e substantivos, negativos e positivos, que você poderia usar para fazer comentários sobre a obra original.

	Adjetivos	Substantivos
Negativos		
Positivos		

6. Que expressões você vai usar para ser polido? Escreva-as aqui.

_____

_____

Avalie você mesmo

PARA COMEÇAR A CONVERSA...

Releia sua resenha e avalie-a, levando em conta as questões da ficha de avaliação que segue abaixo. Refaça-a a partir dessa avaliação. Utilize essa ficha toda vez que fizer uma resenha.

Ficha de autoavaliação

1. O texto está adequado ao objetivo de uma resenha acadêmica/escolar?
2. O texto está adequado ao(s) destinatário(s)?
3. O texto transmite a imagem que você quer passar de si mesmo? (isto é, a imagem de quem leu e compreendeu adequadamente o texto original e de quem soube se posicionar em relação a ele de forma crítica?)
4. As informações que o autor do texto original coloca como sendo as mais relevantes são por você abordadas na resenha?
5. Além do conteúdo propriamente dito, você abordou:

a) dados sobre o autor do texto?
b) o conhecimento do autor em relação ao assunto?
c) a adequação da linguagem usada no texto para o público ao qual se dirige?
d) a organização global do texto?
e) os mecanismos linguísticos de que o autor se utiliza para construir sua argumentação?

6. Você escolheu os organizadores textuais mais apropriados para ressaltar a relação entre as ideias principais?

7. Você procurou ser polido em suas críticas?

8. Você utilizou adjetivos e substantivos para expressar sua opinião sobre o texto?

9. Você variou e escolheu os verbos mais apropriados para traduzir os atos realizados pelo autor da obra?

10. Não há problemas de pontuação, frases incompletas, erros gramaticais, ortográficos etc.?

Outras questões

Acrescente outras questões a essa ficha com base nas conclusões particulares tiradas das atividades anteriores e das discussões em aula.

PARA CONTINUAR A CONVERSA...

1. Troque sua resenha com a de um colega. Cada um deve avaliar a resenha do outro de acordo com a ficha.

2. Discuta, com um colega, qual é o segredo para se fazer uma boa resenha. Depois, leia o Texto 4 dos *Anexos*, "Em tudo que faço a reportagem é a base": você concorda com o autor ou discorda dele? Justifique.

3. Leia a resenha "Além do cartesianismo", de Marcos Lanna, sobre o livro de *Saudades de São Paulo*, de Claude Lévi-Strauss (Texto 5 dos Anexos). Observe esse outro modelo de resenha acadêmica e verifique quais são os pontos diferentes e similares entre essa resenha e a resenha estudada "Trabalhadores e cidadãos".

Texto 1

Endereço http://www.rjpug.com.br/modules.php?op=modload&name=Reviews&file=index

Bem-vindo à seção de Resenhas

Resenhas

Aqui apresentaremos algumas resenhas escritas por nossos membros

[Todos | A | B | C | D | E | F | G | H | I | J | K | L | M | N | O | P | S | T | U | V | W | X | Y | Z | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 |

10 resenhas mais populares

1) Sony Clié PEG-TH55

10 resenhas mais recentes

1) Sony Clié PEG-TH55

Entrar no Site Go

Enviar Notícia :: Perguntas Frequentes :: Procura Avançada :: Resenhas :: Enquetes

Main Menu

- Home

Módulos

- As 10 mais
- Busca
- Downloads
- Estatísticas
- FAQ
- Lista de Usuários
- Nos Indique
- Notícias
- Resenhas
- RJPUG Mobile
- Seções
- Tópicos
- Web Links

Who's Online

Nós temos 3 visitantes e 0 membros online

Você é um usuário anônimo. Você pode se cadastrar gratuitamente clicando aqui

Sony Clié PEG-TH55

Estou bobo!!!

Como disse meu amigo London, não subestime o poder do precioso!

Narro agora minhas vivências de TH55, o "meu precioso."

Já estou com ele há quase um mês, e agora estou gastando um tempo para escrever.

Vamos ao que interessa.

Primeiro de tudo, ele é lindo! Um Palm preto tem um cool factor impressionante. Mas nem tudo são maravilhas na terra dos computadores.

Comprei, fiquei bobo, mas quando fui instalar os softwares, meus problemas começaram. Quem disse que somente porque é PalmOS 5 que ele se dá bem com a PalmOne? Minha mulher tem um Tungsten | E, e o PalmDesktop dele não é o padrão, pelo menos não tão padrão assim.

Digamos que fui instalar o Clié Organizer e ele disse que não havia um Palm Desktop instalado?! Aí também não consegui rodar o "Migration Tool" e importar meus dados do T615 para o TH55.

Resumo da ópera, tive que desintalar o PalmDesktop da PalmOne, e instalar o da Sony, rodar o "Migration Tool" e depois fazer o hotsync. Finalmente tudo estava OK.

Mas também nem tudo foi problemático. No meu PC do trabalho, onde só existe o meu Palm, e o como o conector é o mesmo do T615, e eu tenho um cabo USB lá, instalei o software, e tudo foi super tranquilo.

Concluído

Internet

RJPUG :: O Ponto de Encontro dos Usuários de Palm do Rio de Janeiro! - Microsoft Internet Explorer

Endereço http://www.rjpug.com.br/modules.php?op=modload&name=Reviews&file=index&req=showcontent&id=2

RIO DE JANEIRO

Entrar no Site Go

Enviar Notícia : Perguntas Frequentes :: Procura Avançada :: Resenhas :: Enquetes

Main Menu

- Home

Módulos

- As 10 mais
- Busca
- Downloads
- Estatísticas
- FAQ
- Lista de Usuários
- Nos Indique
- Notícias
- Resenhas
- RJPUG Mobile
- Seções
- Tópicos
- Web Links

Who's Online

Nós temos 3 visitantes e 0 membros online

Você é um usuário anônimo. Você pode se cadastrar gratuitamente clicando aqui

Clié Organizer

Essa é uma das principais novidades do TH55. Realmente é impressionante esta função de escrever na tela da agenda arrastar fotos e inserir sons. Descobri que ele faz isso criando uma "camada" imagem sobre a data, você pode até ver essa imagem no viewer.

As funções de mostrar e esconder os painéis é muito boa, ora aparece a "biblioteca" de extras que você pode inserir no calendário, ora o espaço para entrada de texto, ora nada, somente MUITA tela. Essa meia tela faz muita diferença, é impressionante como o Hi-Res+ é bom, (sempre suspeitei disso) e sei que fiz a escolha certa!

O Clié Organizer é um novo launcher, tudo incluído em tabs na lateral. Uma funcionalidade que não é novidade é a capacidade de se incluir fotos nos contatos, e agora com a câmera incluída no pacote, pode ser bem utilizada. Uma pena que eles ainda não tenham percebido que nós usamos Nome/Sobrenome e não o contrário. É uma pena perder estas funcionalidades do CO por pequenos detalhes. (Sim eu sei que posso usar o nome todo no Last Name, mas como tinha o Agendus anteriormente, ficava com os contatos corretos e agora é que melou tudo).

Entrada de Texto

O TH55 vem com o Decuma Latin 3.0 para Sony Clié uma jogada de mestre. Vem ainda com o Grafitti 2 que eu pessoalmente não gostei, mas em conjunto com o GA (Grafitti Anywhere) fica razoável.

O Decuma é ótimo para escrever longos textos, estou escrevendo reuniões e aulas no Palm.

WLAN

Outra grande função do TH55 é o Wireless LAN integrado. Tá bom que eu queria muito um Bluetooth, mas o WLAN também é muito bom! Imagina você chegando em casa e nem precisa chegar perto do PC para fazer o HotSync. Isso é muito bom. Tive alguns problemas devido à documentação super ficial da Sony, mas navegando em sites específicos sobre Sony Clié encontrei várias

Concluído Internet

RJPUG :: O Ponto de Encontro dos Usuários de Palm do Rio de Janeiro! - Microsoft Internet Explorer

Endereço http://www.rjpug.com.br/modules.php?op=modload&name=Reviews&file=index&req=showcontent&id=2

RIO DE JANEIRO

Entrar no Site Go

Enviar Notícia :: Perguntas Freqüentes :: Enquete :: Resenhas :: Enquetes

Main Menu

- Home

Módulos

- As 10 mais
- Busca
- Downloads
- Estatísticas
- FAQ
- Lista de Usuários
- Nos Indique
- Notícias
- Resenhas
- RJPUG Mobile
- Seções
- Tópicos
- Web Links

Who's Online

Nós temos 3 visitantes e 0 membros online

Você é um usuário anônimo. Você pode se cadastrar gratuitamente clicando aqui

pessoas com o mesmo problema, e também a solução, e o que era? Firewall, duplo, XP + Norton, depois de devidamente liberados os acessos, ficou simples.

Mas hotsync não é tudo, e-mail, navegar na Web, também é muito bom, minha mulher no PC e eu no Palm, assim fica mais fácil ler e-mails pessoais no fim do dia. A navegação é bem razoável pelo NetFront, o que falta é poder usar ele em landscape, pois é muito mais confortável ler textos maiores mais largos. Mas a função de redimensionamento do NetFront é ótimo. Esse acimaé o nosso site visto do TH55.

As funcionalidades de e-mail direto são muito úteis, ainda mais em festas, chega aquele seu amigo, você tira uma foto com ele, sem pretensão nenhuma, só por diversão (pois não vai ficar tão boa assim) e manda por e-mail diretamente!

O que eu estou pensando em fazer é pegar um giz e correr as ruas escaneando redes abertas de WLAN por aqui também. Já achei uma, e como era de parentes, eu ajudei a fechar, no aeroporto tentei usar a rede da Vex, mas sem pagar eu não consegui, e como não paguei, não consegui, nem no aeroporto no Rio, em São Paulo e nem no hotel de Sampa, onde fui a um casamento.

Tamanho

O pequeno que impressiona! Nas fotos que seguem, temos uma comparação de tamanho do TH55 com o T|E, a diferença é pequena sejam no tamanho, seja no peso.

Mas o que mais impressiona na comparação não é o tamanho físico dele e sim o da tela

Concluído

Internet

Endereço http://www.rjpug.com.br/modules.php?op=modload&name=Reviews&file=index&req=showcontent&id=2

Entrar no Site

Enviar Notícia :: Perguntas Freqüentes :: Procura Avançada :: Resenhas :: Enquetes

Main Menu

- Home

Módulos

- As 10 mais
- Busca
- Downloads
- Estatísticas
- FAQ
- Lista de Usuários
- Nos Indique
- Notícias
- Resenhas
- RJPUG Mobile
- Seções
- Tópicos
- Web Links

Who's Online

Nós temos 3 visitantes e 0 membros online

Você é um usuário anônimo. Você pode se cadastrar gratuitamente clicando aqui

O TH55 fisicamente

Alguns detalhes chamam a atenção, algumas melhorias, outros nem tanto. A primeira delas é a tampa do Memory Stick, meu antigo palm, um Sony Clié T615C vivia ejetando o MS quando eu o carregava no bolso. Então acredito que a proteção para o MS seja fundamental, até mesmo para poupar bateria. A função Hold não mais é um botão e sim um interruptor que fica na posição Hold (aparecendo uma tarja amarela) e desta forma você não mais acha que seu Palm quebrou e não liga mais, mesmo com resets e tudo mais.

O mesmo interruptor de Hold é o de Power, isto eu estranhei um pouco, pois é na lateral e não estou acostumado com isso. Mas em compensação os botões frontais ficam cobertos pela capa rígida e não são ligados sem querer.

A Stylus telescópica é uma solução interessante, mas nem se compara àquela antiga Stylus do Palm III que era pesada e boa de segurar e escrever, esta de agora não chega a ser leve como a plástica do Palm IIIe, o tamanho dela quanto estendida é bom, e fica bem confortável na mão.

Entretanto eu ainda prefiro minha caneta 4 em 1, com a ponta seca. Cuidado para não usarem a ponta errada, senão pode ser que nem a sua película aguente o erro.

A janela do IR é outra coisa que estranhei muito, na lateral?! O pessoal que usou o Visor pode até estar acostumado com isso, mas para mim, ainda é muito "torto" ficar fazendo um beam de lado não combina com Palm. E não é só isso. Tentei instalar o OmniRemote e ele disse que meu IR é proprietário e não sabe como lidar com ele, logo, não funciona! Vou tentar colocar o Clié RMC do meu antigo Palm nele para ver se dá certo.

Os botões laterais são bem dispostos, não só eles, como o Jog Dial que agora é amigável a canhotos, pois está posicionado na parte de trás do Palm junto com dois botões laterais para navegação e o botão de "back".

Na lateral do Palm, temos o comando de abertura da lente do que automaticamente aciona o software de fotografia, e o botão de captura da imagem. O acionador do Voice Memo também fica na lateral, e é muito útil. Semana passada gravei uma palestra inteira nesta função.

O microfone fica "escondido" ao lado do batente da capa, quase imperceptível, mas muito poderoso.

Concluído

Internet

Endereço http://www.rjpug.com.br/modules.php?op=modload&name=Reviews&file=index&req=showcontent&id=2

Entrar no Site

Enviar Notícia :: Perguntas Freqüentes :: Procura Avançada :: Resenhas :: Enquetes

Main Menu

- Home

Módulos

- As 10 mais
- Busca
- Downloads
- Estatísticas
- FAQ
- Lista de Usuários
- Nos Indique
- Notícias
- Resenhas
- RJPUG Mobile
- Seções
- Tópicos
- Web Links

Who's Online

Nós temos 3 visitantes e 0 membros online

Você é um usuário anônimo. Você pode se cadastrar gratuitamente clicando aqui

Os botões principais são quatro, mas não são os de sempre. Como tinha que ser a Sony resolveu mudar um pouco as coisas. Os botões são: Datebook (agenda), FreeNote (parecido com o NotePad da Palm), Clié Organizer (que fica circulando entre as tabs do CO) e o mais diferente é o Data Assistent (que abre um Pop-Up com as opções de novos registros, procura e abrir no browser). Mas o que há de incomum é que o Data Assisténct não pode ser remapeado, isto é, será sempre esta função. O maior problema é na hora de jogar os joguinhos, que os botões não são os mesmos, e nem todos funcionam bem com isso.

O maior pecado da Sony é querer sempre vender mais, nem que seja os acessórios! O TH55, assim como T665C não vem com cradle, e sim com cabo USB, fonte e adaptador. A única vantagem que tive nisso é que agora minha mulher e eu podemos usar o mesmo cabo para o HotSync.

Pesando os prós e contras, o TH55 continua sendo um ótimo Palm, e realmente mostra a que veio. Meu único medo é daqui a dois meses pensar em mudar de Palm por um outro que a Sony lance! O que não é tão impossível assim. Se você está na dúvida, minha opinião é que ele vale cada centavo!

Crítico: Eduardo Pszczol

URL: http://www.rjpug.com.br/modules.php?op=modload&name=Reviews&file=index&req=showcontent&id=2

Concluído Internet

Texto 2

Endereço http://www.jornalismocientifico.com.br/conceitojornacientifico.htm

PORTAL DO JORNALISMO CIENTÍFICO

home/ artigos / bibliografia / fontes e links

- ARTIGOS
- BIBLIOGRAFIA
- CASES
- CIÊNCIA GAIATA
- CLIPPING
- CONCEITO
- DOCUMENTOS
- EVENTOS

Jornalismo científico

O Jornalismo Científico diz respeito à divulgação da ciência e tecnologia pelos meios de comunicação de massa, segundo os critérios e o sistema de produção jornalísticos.

É importante, pois, atentar para as duas partes essenciais desta expressão e que definem o conceito: o Jornalismo e o Científico. Isso porque é possível encontrar, nos meios de comunicação de

Internet

Servidor não encontrado - Microsoft Internet Explorer

Endereço http://www.jornalismocientifico.com.br/conceitojornacientifico.htm Ir

home/ artigos / bibliografia / fontes e links

ARTIGOS
BIBLIOGRAFIA
CASES
CIÊNCIA GAIATA
CLIPPING
CONCEITO
DOCUMENTOS
EVENTOS
FONTES E LINKS
IMAGENS
PERFIL
PESQUISAS
QUEM SOMOS

massa, onde se manifesta a atividade jornalística, textos, artigos ou materiais sobre temas de ciência e tecnologia e que não podem ser considerados jornalismo científico, exatamente porque não são, em princípio, jornalismo. Estranho? Nem tanto: nos jornais e revistas, estão incluídos os anúncios e estas mensagens são publicidade e não jornalismo. Repetindo a lição: nem tudo que fala sobre ciência e está escrito em jornais ou revistas é jornalismo científico.

Outro exemplo: uma coleção de fascículos sobre história da ciência e da tecnologia, encartada num jornal ou revista, não se constitui em exemplo de Jornalismo Científico. Ela está localizada no campo da editoração, que é outra coisa.

Mais dois exemplos? O Caderno Resenhas, publicado pela *Folha de S.Paulo*, a partir de um acordo com a Universidade de São Paulo, discorre sobre temas de ciência, mas não faz qualquer concessão ao discurso jornalístico, nem tem qualquer compromisso com a atualidade. Alguns artigos publicados pela revista *Ciência Hoje*, da SBPC, escritas por pesquisadores, apesar de bem ilustradas, não podem ser incluídos na categoria Jornalismo Científico. Não porque não sejam bons, mas porque nada tem a ver com o Jornalismo.

Não se quer dizer, com isso, que todos estes materiais não sejam importantes e não devam ser consultados. Pelo contrário, devemos levantar as mãos para os céus, quando um veículo de comunicação se dispõe a produzir fascículos sobre história da ciência e da tecnologia, louvar o aparecimento do Caderno Resenhas e agradecer, pelo resto da vida, à SBPC pela revista *Ciência Hoje*, a mais importante contribuição à divulgação cientifica da ciência e da tecnologia nacionais.

Divulgação científica e Jornalismo Científico não são a mesma coisa, embora estejam muito próximas. Ambos se destinam ao chamado público leigo, com a intenção de democratizar as informações (pesquisas, inovações, conceitos de ciência e tecnologia), mas a primeira não é jornalismo. É o caso, tanto dos fascículos como de uma série de palestras que traduz em linguagem adequada a ciência e a tecnologia para o cidadão comum. Assim como os fascículos, palestra não se enquadra dentre os gêneros do Jornalismo. Mais uma coisa para guardar: o Jornalismo Científico é um caso particular de Divulgação Científica: é uma forma de divulgação endereçada ao público leigo, mas que obedece ao padrão de produção jornalística. Mas nem toda a Divulgação Científica se confunde com Jornalismo Científico. Os fascículos são um exemplo, as

Internet

palestras para popularizar a ciência são outro e os livros didáticos mais um ainda.

Já o Caderno Resenhas nem seria divulgação científica porque o público a que se destina não é o cidadão comum. O que seria, então? Aí temos uma outra modalidade de difusão de ciência e tecnologia, chamada disseminação científica, que é aquela que tem como público-alvo os especialistas, os próprios pesquisadores e cientistas. A disseminação científica ocorre também nas revistas científicas, nos materiais (comunicações, pesquisas e ensaios) apresentados nos eventos científicos e assim por diante.

Então, é preciso ficar claro: Jornalismo Científico, Divulgação Científica e Disseminação Científica são conceitos diferentes e exprimem manifestações diversas do processo amplo de difusão de informações sobre ciência e tecnologia.

É importante perceber isso? Achamos que sim. E se a *Folha de S.Paulo* tivesse esta consciência, não distribuiria 400 mil ou mais exemplares do Caderno de Resenhas, encartados no jornal, se, por definição e linguagem, eles são acessíveis talvez (sendo muito otimista) a um 10% deste total. Uma dica: distribuir de graça para os interessados, o que reduziria sensivelmente os custos. O papel utilizado, a distribuição e a impressão destes Cadernos implica em custos elevados e não há dúvida de que a maior parte dos leitores descarta, de pronto, o Cadernos, sem ao menos folheá-lo. Afinal de contas, nem tudo que vem com a edição do jornal é para ser lido, não é mesmo? Um lembrete: os Cadernos são importantíssimos, mas talvez a mídia não seja a mais adequada, porque não é este o perfil básico do leitor de um jornal de informação geral, mesmo sendo de prestígio, como a *Folha de S.Paulo*.

O Jornalismo Científico, que deve ser em primeiro lugar Jornalismo, depende estritamente de alguns parâmetros que tipificam o jornalismo, como a periodicidade, a atualidade e a difusão coletiva. O Jornalismo, enquanto atividade profissional, modalidade de discurso e forma de produção, tem características próprias, gêneros próprios e assim por diante.

Já tivemos suplementos de ciência nos jornais que eram produzidos por cientistas e pesquisadores, nem um pouco comprometidos com o Jornalismo. Simplesmente, eram reproduzidos nos jornais e revistas textos ou ensaios inéditos ou já apresentados em congressos científicos, quase sempre inacessíveis ao leitor comum. Jornalismo Científico? De forma alguma. Então, disto isto, está tudo dominado?

O Brasil tem uma larga tradição no Jornalismo Científico e alguns pesquisadores da história do Jornalismo, como o prof. dr. José

Servidor não encontrado - Microsoft Internet Explorer

Endereço http://www.jornalismocientifico.com.br/conceitojornacientifico.htm Ir

PORTAL DO JORNALISMO

home/ artigos / bibliografia / fontes e links

ARTIGOS
BIBLIOGRAFIA
CASES
CIÊNCIA GAIATA
CLIPPING
CONCEITO
DOCUMENTOS
EVENTOS
FONTES E LINKS
IMAGENS
PERFIL
PESQUISAS
QUEM SOMOS

Marques de Melo, já percebiam manifestações desta modalidade de Jornalismo no século 19, em Hipólito da Costa, fundador do *Correio Braziliense*.

O decano do Jornalismo Científico Brasileiro é José Reis que, há mais de 50 anos, escreve regularmente na *Folha de S.Paulo* e que tem contribuição relevante tanto ao jornalismo e à divulgação científicos como à ciência nacional, destacando-se como emérito pesquisador. A USP mantém, há muitos anos, o Núcleo José Reis, que promove, sistematicamente, cursos, edita publicações e realiza pesquisas em Jornalismo Científico. José Reis também é o nome de um concurso nacional para premiar iniciativas na área do Jornalismo e da Divulgação Científica. Internacionalmente, dentre tantos outros estudiosos e pesquisadores, é imperioso ressaltar a contribuição de Manuel Calvo Hernando, jornalista e professor espanhol, que há décadas vem formando e estimulando a criação de núcleos de jornalismo científico em toda a América Latina. Os trabalhos de Calvo Hernando são referência nos estudos e pesquisas em Jornalismo Científico e é incansável o seu trabalho, desenvolvido junto à Associação de Jornalismo Cientifico na Espanha e na Associação Iberoamericana de Jornalismo Científico, da qual foi presidente e continua atuante como diretor.

O Jornalismo Científico brasileiro tem se profissionalizado nos últimos anos a partir, sobretudo, da contribuição da Universidade, com a constituição de agências experimentais de notícias em que há participação efetiva dos futuros profissionais de jornalismo. A FAPESP, recentemente, instituiu um projeto para incentivo à formação de jornalistas científicos. A UMESP tem uma área de pesquisa há algum tempo, em seu programa de pós-graduação em Comunicação Social, voltada para a comunicação científica (e o jornalismo científico, em particular), com dezenas de dissertações e teses já defendidas. A Universidade de São Paulo, a Universidade Federal do Rio de Janeiro e a Universidade Federal de Pernambuco também se ocupam deste tema. Temos também, a exemplo de outros países, uma Associação de Jornalismo Científico, a ABJC, constituída por cerca de 400 sócios. Merece menção aqui a participação, desde o seu início, de dr. Júlio Abramczyk, conceituado médico e jornalista, redator médico da *Folha*, seu ex-presidente, responsável, certamente, pelo seu desenvolvimento.

O Jornalismo Científico também ganhou a Internet e manifestações importantes podem ser aí percebidas, com o jornal eletrônico

Internet

Servidor não encontrado - Microsoft Internet Explorer

Endereço http://www.jornalismocientifico.com.br/conceitojornacientifico.htm

PORTAL DO JORNALISMO

home/ artigos / bibliografia / fontes e links

ARTIGOS
BIBLIOGRAFIA
CASES
CIÊNCIA GAIATA
CLIPPING
CONCEITO
DOCUMENTOS
EVENTOS
FONTES E LINKS
IMAGENS
PERFIL
PESQUISAS
QUEM SOMOS

Comciência, vinculado ao Labjor/Unicamp, o site Ciênciapress, da bióloga e divulgadora científica Glória Malavoglia, e o debate ampliado pelo importante Observatório da Imprensa. Os grandes veículos de divulgação também praticam o Jornalismo Científico na rede mundial, com destaque para os jornais *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S.Paulo*, *O Globo*, *Jornal do Brasil*, *Jornal do Commercio*/PE e *O Povo*/CE, dentre muitos outros.

É preciso ter em mente que o Jornalismo Científico abrange não apenas as chamadas "ciências duras" — Física, Química etc., mas inclui as ciências humanas (Educação, Sociologia, Comunicação etc.) e que, em virtude da especialização em algumas áreas, tem assumido denominações particulares, em alguns casos, como o Jornalismo Ambiental, o Jornalismo em Agribusiness, o Jornalismo em Saúde, o Jornalismo Econômico, o Jornalismo em Informática etc. Na prática, no entanto, todas estas manifestações específicas remetem para o Jornalismo Científico, entendido aqui como o termo genérico, mais abrangente.

http://www.jornalismocientifico.com.br/conceitojornacientifico.htm

Internet

Texto 3

Servidor não encontrado - Microsoft Internet Explorer

Endereço http://kobashi.com.br/blog/index.php?blogid=1&archive=2004-04

[Arquivo posts passados]

RESENHAS DE QUATRO PALAVRAS

Cinéfilo que é cinéfilo (que é, sempre, gente esquisita que é gente esquisita) conhece e recomenda o site americano Four Word Film Review, em que interneteiros e participantes entusiasmados escrevem resenhas de filmes (em cartaz ou não) obedecendo a um único preceito: como diz o título do site, as resenhas não podem ultrapassar quatro palavras. Os resultados variam entre o trocadilho infame e o simples resumo do enredo, mas sempre há aqui e acolá uma boa sacada que faz

Servidor não encontrado - Microsoft Internet Explorer

Endereço http://kobashi.com.br/blog/index.php?blogid=1&archive=2004-04 Ir

a visita valer a pena (como na resenha do "Jornada nas Estrelas III — À Procura de Spock", que virou "Finding Nimoy"). O *blog* Hipopótamo Zeno, interessado na difusão da cultura cinematográfica para a população de baixa renda e vocabulário mínimo, resolveu aderir ao movimento dos irmãos ao norte do Rio Grande e apresenta, mui modestamente, algumas sugestões de resenhas de filmes em exibição nas salas paulistanas:

Adeus, Lênin:
Tijolo por tijolo

Alguém tem que ceder:
Arapuca para homens

Anti-herói americano:
Quero ser Robert Nerd

Benjamim:
Da mão pro pires

As bicicletas de Belleville:
Mahagony em duas rodas

Diários de motocicleta:
Mochileiros em duas rodas

Dogville:
Regia cane

Em carne viva:
Harry e Sally hardcore

Encontros e desencontros:
Tokyo gagá

As invasões bárbaras:
O Canadá é aqui

Kill Bill:
Tensão pré-marcial

Osama:
Não é o Bin

A paixão de Cristo:
Mocinho morre no final

http://kobashi.com.br/blog/index.php?blogid=1&archive=2004-04

Texto 4

Traça On-Line - Microsoft Internet Explorer

Endereço http://www.tracaonline.com.br/index.php?edicao=3&secao=3

QUEM SOMOS EDIÇÕES ANTERIORES LINKS INTERESSANTES CONTA

TRAÇA on-line

EDITORIAL
RESENHAS
ENTREVISTA
OUTROS TRAÇOS
NOSSOS TRAÇOS
POESIA
ORELHA

"Em tudo que faço a reportagem é a base"

Joaquim Ferreira dos Santos define suas crônicas como um *mix* de jornalismo e ficção

Danielle Chevrand
04/05/2003

Óculos e cavanhaque. Jeito tímido. E um talento enorme para escrever. Aos 52 anos, Joaquim Ferreira dos Santos é um dos cronistas mais respeitados do Brasil. É autor de *Feliz 1958: o ano que não devia acabar*, um saboroso passeio pela data em que o Brasil parecia perfeito e ainda de *Antônio Maria, noites de Copacabana*, da coleção Perfis do Rio, em que descreve a trajetória do jornalista pernambucano que sonhava ser locutor esportivo. Organizou também *O Diário de Antônio Maria* e *As crônicas de Antônio Maria*.

Com 33 anos de profissão — trabalhou na revista *Veja* e foi editor do Caderno D do jornal *O Dia* — Joaquim tem uma coluna semanal no Caderno B, do *JB*, publicada às quartas-feiras. O carioca acredita ter escrito em toda a profissão mais de 90 crônicas, que qualifica como uma mistura de jornalismo e ficção. Em entrevista ao **TRAÇA On-line**, ele fala de suas influências e dá uma aula sobre crônicas, resenhas, literatura e jornalismo, no seu estilo irônico e sincero.

Como você definiria o seu trabalho como cronista?

Tudo que faço tem um tom de jornalismo, porque minha formação foi de reportagem. Existe um grupo de jornalistas que acha que o texto jornalístico é um subtexto, mas minhas referências, logo que comecei na profissão, provaram o contrário. Textos como os de Gay Talese, Norman Mailer, Tom Wolfe, Hunter Thompson são especiais. Sempre gostei da maneira como valorizavam o texto jornalístico. Em tudo que faço, a reportagem é a base. A resenha tem uma observação jornalística. A crítica do Hiroshima, que fiz para o *Ideias*, por exemplo, foi fácil por ser análise de uma reportagem. O autor do livro também valoriza a informação, a observação de repórter, o *lead*. O mesmo acontece nas minhas crônicas. Tenho experimentado, às vezes,

Concluído

colocar na crônica muito de ficção. As pessoas me perguntam se não é tudo mentira. O espaço da crônica é um vale-tudo de estilos. Hoje, o jornal não tem espaço para crônicas como as de Rubem Braga, Fernando Sabino e Carlos Drummond de Andrade. Leio textos quentíssimos, sensacionais, mas que não têm a temperatura do jornal. O texto é bonito, mas remete àquela coisa do Rubem Braga, à falta de assunto, à contemplação da natureza. Não sei fazer isso.

E qual é o perfil do seu texto?

Procuro fazer um mix de crônica e reportagem. O que no fundo é a lição do novo jornalismo americano, desses autores que citei. Neles, você não entende onde começa a crônica e a reportagem, onde é literatura e jornalismo, onde é romance e matéria. Uma vez saiu um livro do Muniz Sodré de crônicas. Tinha um texto meu como exemplo de crônica e reportagem, em que explicava o que é a expressão "abobrinha". Achei legal. Era um texto que não obedecia às noções de *lead*, tinha comentário, não se prendia ao factual, mas tinha entrevista. O que eu faço é mais livre, mas não pode ser vulgarizado pelo jornal. Se todo mundo começa a escrever assim — às vezes tem essa febre de personalização do texto — fica meio caótico. O que faço, se olhar bem, tem um lead, tem uma tensão de dizer claramente o que é a história. Tenho umas amarras no jornalismo, o que, por um lado, me prende, por outro, me dificulta a vida. Admiro essas pessoas que sentam no computador e conseguem escrever sobre o nada. Preciso de uma referência, de um fato, de uma frase para começar o processo.

Existe uma frase que diz que o jornalismo é literatura feita às pressas. Qual é o espaço da literatura dentro de um jornal?

É algo que completa o produto jornal e é cada vez mais necessário. Com todas as informações disponíveis na Internet, na qual se tem metade do que vai sair amanhã de manhã, o jornal precisa ter um diferencial. Acredito que esse jornal factual está com os dias contados. Tem que ter mais análise, observação, personalidade nos textos. E isso aproxima da literatura porque o texto fica mais livre. Mas chamar jornalismo de literatura é um comentário depreciativo à literatura, na qual se tem textos mais

bem escritos. E um texto bem escrito não é aquele em que o autor faz um monte de firula e gracinha, isso às vezes é só um exibicionismo cafona. Quando um jornalista tenta fazer texto com letra de música, por exemplo, geralmente sai cafonice. Tem um grupo que fica só acompanhando esses jornalistas que fazem firulas, porque é ridículo sempre. A pessoa faz uma pompa, começa a fazer citações, usa palavras que não são nada em lugar nenhum. Não é jornalismo. Não é literatura. É brega mesmo.

Como você avalia o jornalismo literário feito hoje?

Me ressinto de os cadernos *Ideias* e *Prosa e Verso* deixarem os livros mais leves, mais comerciais para o 2º caderno e ficarem com os mais sérios e mais importantes. Essa visão preconceituosa faz com que os cadernos de resenha percam um tipo de livro mais agradável, saboroso, comercial e fiquem com os mais difíceis de vender. Mesmo assim, eles cumprem bem o papel a que se propõem. Eles poderiam falar mais dos *best-sellers* e ter, também, um leque maior de colaboradores. Mas acredito que ficou difícil para os jornais pagar os cachês dos colaboradores. Considero o *Mais!*, da *Folha de S.Paulo*, um caderno pesado, Unicamp demais para o meu gosto. Exige uma leitura com mais tempo e isso é algo que não tenho tido. Ele tem uma linha editorial muito bem desenvolvida, mas não é um caderno de resenhas. É uma revista de ensaios, intelectual.

E qual é o segredo de uma boa resenha?

Ter segurança, acreditar no que você acha sobre o livro, ver o que é mais importante para valorizar. Escolher um tema, um caminho e apostar nele. Não pode ter medo do ridículo. Se você for pensar muito, não faz nada na vida, não levanta da cama. Vai achar que tem um estilo esquisito de levantar, que o Brad Pitt levanta melhor do que você. Então você tem que acreditar na sua formação, no que tem a dizer e não pensar que isso vai ser lido pela multidão. Depois você vai ter as consequências, as glórias e os prejuízos.

(http://www.tracaonline.com.br/index.php?edicao=3&secao=3)

Texto 5

revista de sociologia e política - Microsoft Internet Explorer

Endereço http://www.revistasociologiaepolitica.org.br

Revista de Sociologia e Política

Saudades de São Paulo, Claude Lévi-Strauss
Marcos Lanna

ALÉM DO CARTESIANISMO
Marcos Lanna (Universidade Federal do Paraná)

Quais as especificidades de *Saudades de São Paulo*? Quais as marcas deste livro no contexto da obra de Lévi-Strauss? Antes de tudo, trata-se de uma homenagem à cidade, e mais especificamente ainda, à cidade de São Paulo. Desde sua viagem mais recente ao Brasil, em 1985, e especialmente em *Saudades do Brasil*, seu livro anterior, Lévi-Strauss vem reconhecendo a importância do Brasil na sua vida. Sugestivamente, ele o faz de modo emocional, com saudades. Os trópicos continuam tristes, mas agora são, cada vez mais, dignos também de saudades.

O interesse deste livro vai entretanto além dos subsídios para o entendimento da postura de Lévi-Strauss em relação ao "seu campo". Suas fotografias, feitas entre 1935 e 1937, nos levam a compreender melhor a cidade de São Paulo. Se as ilustrações são sempre importantes nos livros de Lévi-Strauss, desta vez elas passam para o primeiro plano, o breve texto se subordinando às imagens.

Mas estas questões estão entrelaçadas. Entender a postura de Lévi-Strauss em relação ao trabalho de campo é entender sua postura em relação aos tristes trópicos, e ao mesmo tempo entender melhor aspectos destes trópicos, no caso específico, da cidade de São Paulo. Podemos assim ir além da análise, à la Geertz (1988), de pressupostos importantes de sua obra e entender melhor também algo sobre os próprios trópicos. Em resumo, a São Paulo de Lévi-Strauss revela algo do Brasil que foi seu espelho.

Já é tempo de pensarmos em Lévi-Strauss como um etnógrafo bem-sucedido. Ao fazer um curto ensaio, ele deixa São Paulo se revelar através das suas fotografias. Em seu texto, Lévi-Strauss reafirma seu interesse pela paisagem natural, mas as fotografias denunciam antes de qualquer coisa sua atração pelo fenômeno urbano. Este fato, inconsciente, é revelador: Lévi-Strauss também foi um antropólogo urbano, mas preferiu não se assumir como tal. Por exemplo, há fotografias documentando um desfile carnavalesco — que aliás, como o antropólogo também estava fazendo, demarcava os espaços da cidade — mas não há comentários sobre o desfile. Há, entretanto, longos comentários sobre as poucas fotografias de "fenômenos naturais", como as praias e as matas da cidade de Santos.

O livro evidencia ainda um fascínio pelos contrastes e sobreposições do contexto urbano, que até hoje não parecem claros para um olhar menos distanciado, como

(3 item(ns)s restante(s)) Abrindo página http://www.revistasociologiaepolitica.org.br/principal.php?setpididioma=...

o da própria elite paulista. Assim, ao contrário do que mostrou o crítico teatral Décio Almeida Prado (1996), o atraso, a caipirice e a pobreza não foram expulsos para a periferia da cidade, mas permanecem também no centro. Se saíram as boiadas fotografadas por Lévi-Strauss, surgiram as inúmeras carroças, puxadas a cavalo, dos "garrafeiros" (1); se não há mais esgotos a céu aberto na atual Avenida 23 de Maio, eles agora estão, entre tantos outros lugares, no bairro do Butantã, onde fica a Cidade Universitária da USP. Como Lévi-Strauss também nos mostra, há 60 anos, tal como hoje, a elite local revelava uma forte crença no crescimento físico como sinal de progresso, sem notar que este não exclui, mas é paralelo, ao provincianismo e ao crescimento da pobreza. Lévi-Strauss se deixava então absorver por fatos cuja importância apenas hoje sabemos relevar.

Já se disse que Claude Lévi-Strauss seria o estruturalismo personificado, o que, a julgar por várias entrevistas, ele parece aceitar (cf., por exemplo, ERIBON e LÉVI-STRAUSS, 1990). Em *Saudades de São Paulo*, ele argumenta contra a suposição de Canevacci (1993) de que seu estruturalismo tenha surgido da experiência em São Paulo e em Nova Iorque. Pelo contrário, segundo ele mesmo, Lévi-Strauss teria se interessado por São Paulo e Nova Iorque porque já era estruturalista. Seja como for, este livro aborda o fato de haver em São Paulo uma confusão apenas aparente. Ou melhor, haveria "ilhas de organização" por trás, ou paralelamente, à desordem.

Para quem conhece o modo contundente com que Lévi-Strauss se engaja em uma polêmica, o argumento contra Canevacci parece quase uma simpática aprovação. Isto se levarmos em conta que a sistematização da antropologia estrutural se deve ao encontro entre Lévi-Strauss e Roman Jakobson em Nova Iorque. Antes, como Lévi-Strauss mesmo diz, ele "era um estruturalista ingênuo". Neste sentido, o próprio *Saudades de São Paulo* sugere que a experiência brasileira, e sobretudo a paulista, não deve ser minimizada, talvez mesmo no sentido da superação do que haveria de ingênuo naquele estruturalismo anterior ao encontro com Jakobson.

Isto porque, em São Paulo, Lévi-Strauss já fazia trabalho de campo, longe das agruras das "savanas do Brasil central". Nestas, Lévi-Strauss não encontrou apenas uma natureza grandiosa e civilizações que soube tão bem compreender, mas também um sentimento de exasperação, como já revelou várias vezes. Clifford Geertz (1988) precisou de alta dose de pretensão para supor descobrir algo que o próprio Lévi-Strauss expõe e elabora com a costumeira clareza em *Tristes Trópicos*: as dificuldades de um antropólogo francês no campo, em meados da década de 1930. Lévi-Strauss já demonstrara que a dedicação à Antropologia não exclui momentos de impaciência. Ou por outra, a prática da etnografia não é necessariamente prazerosa, talvez mesmo não deva ser, pois inclui também sentimentos como a irritação. Ora, Lévi-Strauss nos revela agora que a sua experiência paulista, o seu trabalho de campo em São Paulo, se qualifica exatamente pela ausência

quase completa deste tipo de dificuldade, digamos (para usar um termo já banal), existencial.

Em *Saudades de São Paulo,* Lévi-Strauss relata a sua saída da França, motivada por um "desejo de evasão", ligado à sua descoberta da Antropologia; ele buscava afastar-se do pensamento ocidental, especialmente o filosófico, mas sempre com a convicção da possibilidade de renová-lo profundamente. Em São Paulo, surpreendeu-se ao ver que "escalava degraus da escala social", não apenas profissionalmente. Por exemplo, Lévi-Strauss faz observações sobre as empregadas domésticas que passou a ter. Assim, num momento de pelo menos dois anos, anterior ao enfrentamento das dificuldades e às revelações das expedições de campo de 1937, Lévi-Strauss "renovou seu espírito" ao encontrar uma realidade nova "em tempo e dimensão reais". São Paulo representou para Lévi-Strauss uma experiência concreta em outro tempo e em outra dimensão, na qual ele tinha a consciência de ser ao mesmo tempo observador e agente. Isto influenciou profundamente sua reflexão posterior.

Lévi-Strauss descreve este como um momento de "ardor alegre", matizado apenas por "dificuldades profissionais". Estas foram geradas por um ambiente de "politicagem" também novo para ele, diferente daquele francês: ele nos conta como foi quase demitido da Universidade de São Paulo, na qual se sentia "na posição de cliente, no sentido romano do termo". Ora, como fica claro, Lévi-Strauss foi cliente dos donos do jornal *O Estado de S. Paulo* e de outros paulistas "quatrocentões", patronos da USP. Lévi-Strauss narra o posterior arrependimento de um Júlio de Mesquita Filho já fisicamente debilitado, que tomou a forma — tradicional entre católicos brasileiros, eu lembraria — da subida de uma íngreme escada, aquela que dá acesso ao Laboratório de Antropologia do Colégio de França, em Paris. Conclui-se que uma das novidades que Lévi-Strauss experimenta em São Paulo foi a de ser "cliente", como ele nota. Mas não esqueçamos que ele também foi patrão, também no sentido romano deste termo, tanto ao servir-se de empregadas domésticas como, posteriormente, já na França, ao submeter um poderoso patrão brasileiro a uma demonstração ritual de arrependimento.

Saudades de São Paulo se inicia com um bela reflexão sobre a palavra saudade. Entendendo-a como categoria nativa, semelhante à noção japonesa de *aware*, Lévi-Strauss indica que ela nos conduz "à evidência de que não há nada no mundo de permanente nem de estável em que possamos nos apoiar". Isto não parece típico de Lévi-Strauss, que dedicou sua vida à busca de "constantes estruturais", com tanto sucesso, aliás. Por exemplo, ao se referir à formação das cidades em geral, ele afirma que "nada se faz ao acaso". De todo modo, vale lembrar, com Da Matta (1993), que a noção de saudade nos remete a uma antropologia do tempo, para a qual também *Saudades de São Paulo* contribui, ao ponderar sobre a velocidade das transformações de cidades como São Paulo.

Como *Tristes Trópicos, Saudades de São Paulo* dá ao leitor brasileiro, e não apenas aos cientistas sociais, uma noção mais exata do que é a Antropologia, pois nos leva a estranhar nossa própria sociedade. Isto porque entramos em contato com uma poderosa interpretação de nossa realidade, desta vez principalmente visual. Mas também porque esta é uma interpretação de uma "outra" São Paulo, já passada, se ainda a mesma. Isto é, através da São Paulo que nos é apresentada por Lévi-Strauss, cada leitor se torna ele mesmo um antropólogo ao reavaliar a sua própria visão da cidade. De um modo mais geral, os textos de Lévi-Strauss sobre o Brasil obrigam cada leitor brasileiro a sair de si mesmo.

É justamente neste sentido que a Antropologia leva a uma superação da oposição cartesiana entre sujeito e objeto, pois o sujeito deixa o objeto nele penetrar, e vice-versa. Chegamos a algo como "troco, logo existo". No processo, outras dicotomias cartesianas serão superadas, como aquelas entre alma e corpo ou entre sensível e inteligível. Como lembra Goldman (1994), Paulo Leminski sugeria, em *Catatau*, que o cartesianismo não teria sido o mesmo se Descartes tivesse visitado a realidade fantástica dos trópicos. De certa forma, ele nos visitou, na pessoa de um seu conterrâneo. O resultado só poderia ser uma superação do cartesianismo.

Marcos Lanna é doutor em Antropologia (Universidade de Chicago) e Professor do Departamento de Antropologia da UFPR.

NOTA

(1) Quando não são puxadas a cavalo, estas carroças nos lembram os "riquixás" asiáticos, mas com duas grandes diferenças: a) bicicletas nunca são usadas; b) ao invés de gente, os "garrafeiros" (entre aspas porque uma categoria nativa) levam restos e despejos da sociedade industrial-"tupiniquim", como garrafas de vidro, papéis e papelão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA PRADO, Décio. (1996). "Saudades de Lévi-Strauss". *Jornal de Resenhas/Folha de S.Paulo*, 12/04/1996.

CANEVACCI, Massimo. (1993). *A cidade polifônica*. São Paulo, Nobel.

DA MATTA, Roberto. (1993). "Antropologia da saudade". In: *Conta de mentiroso*. Rio de Janeiro, Rocco.

ERIBON, Didier e LÉVI-STRAUSS, Claude. (1990). *De perto e de longe*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.

GEERTZ, Clifford. (1988). *Works and Lives. The Anthropologist as Author*. Stanford, Stanford University Press.

GOLDMAN, Márcio. (1994). *Razão e diferença*. Rio de Janeiro, Grypho/UFRJ.

LÉVI-STRAUSS, Claude. (1981). *Tristes trópicos*. São Paulo, Martins Fontes.

http://www.revistasociologiaepolitica.org.br/resumo.php?pidtexto=239

(3 item(ns)s restante(s)) Abrindo página http://www.revistasociologiaepolitica.org.br/principal.php?setpididioma=...

Bibliografia para consulta

ARAÚJO, A. D. 1996. *Resenha crítica acadêmica: relações entre termos específicos e não específicos*. IN: Congresso Nacional da Abralin, ed. 21.

BEZERRA, B. G. 2001. *A distribuição das informações em resenhas acadêmicas*. Dissertação de Mestrado em Linguística, Universidade Federal do Ceará.

CARMO-NETO, D. 1996. *Metodologia científica para principiantes*. 3ª ed. Salvador: American World University Press.

MACHADO, Anna Rachel (1997). A organização sequencial da resenha crítica. In: *The ESPecialist*, EDUC: São Paulo, v. 17:2, p. 133-149.

_____ (2001). Um instrumento de avaliação de material didático com base nas capacidades de linguagem a serem desenvolvidas no aprendizado de produção textual. In: *Intercâmbio*, EDUC: São Paulo, v. X: 137-147.

_____ (2002). Revisitando o conceito de resumos: In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R. & BEZERRA, M. A. (2002). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2ª ed.

_____ (2004). Seminário de Práticas de Análises: os textos dos alunos como índice para avaliação das capacidades de linguagem. *Anais do III Colóquio Francobrasileiro de Análise de Discurso*, UFMG, Belo Horizonte.

MOTTA-ROTH, Désirée (org.). 2003. *Princípios básicos: redação acadêmica*. Laboratório de Redação, Universidade Federal de Santa Maria, RS.

MUNIZ-OLIVEIRA, S. 2004. *Os verbos de dizer em resenhas acadêmicas e a interpretação do agir verbal*. Dissertação de Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, PUC-SP.

Seção 1. Diferenciando resumo e resenha na mídia

Para começar a conversa...

1.
(3) programas de diferentes canais de televisão
(4) o desenho animado/ animação *As bicicletas de Belleville*
(1) uma parte da biografia do Ayrton Senna
(2) o novo CD do grupo *Beastie Boys*

2.

	Resumo do objeto (ou tema)	Opinião/avaliação/apreciação do autor do texto sobre o objeto
Texto 1	X	
Texto 2	X	X
Texto 3	X	X a apreciação está no título da seção: "fique de olho", o que leva o leitor a acreditar que são programas que valem a pena ser vistos
Texto 4	X	X

3. Textos 2, 4. O texto 3 não é verdadeiramente uma resenha, embora contenha uma certa apreciação do jornalista no título da seção (ver explicação acima).

4. Exemplo do Texto 4
Resumo do objeto resenhado
Comentários ou avaliações sobre ele

Quem disse que, com uma simples história não se faz um excelente filme? Pois é, hoje em dia, somente um gênero, o grão de areia, tem se transformado em pérola. Graças à simplicidade e a criatividade que ultimamente vêm ampliando ainda mais os limites e a imaginação dos desenhos animados. As Bicicletas de Belleville é uma singela animação em 2D *que conta* **a divertida** *jornada de uma* **adorável vovó** *em busca de seu neto raptado.*

Adotado por sua avó, Madame Souza, o garoto Champion é uma criança tímida, inocente e solitária que, após ter ganhado uma bicicleta quando menino, descobre uma certa paixão pelo ciclismo. Com o passar dos anos, e com rigorosos treinamentos impostos pela avó, Champion se tornar um profissional das duas rodas. Durante o famoso circuito de corridas de bicicleta francês, o Tour de France, ele é sequestrado por dois homens misteriosos. Madame Souza e seu fiel cachorro Bruno cruzam as fronteiras do oceano em sua busca para tentar resgatá-lo.

É sensacional! Méritos para o estreante, roteirista e diretor Sylvain Chomet, que criou um universo charmoso e criativo, no qual, opta por espelhar-se no cinema mudo apresentando uma mistura de raros diálogos, canções e movimentos. Além da simples história que exibe uma trama cativante e envolvente, o encanto, certamente está no gráfico em 2D, devido aos divertidos traços caricaturados das feições humanas e dos ambientes com cores leves.

O roteiro, sempre harmonizando drama e um delicioso humor negro, é rico em detalhes visuais (enfoca estilos de vida e expõe interessantes métodos e ideias que são utilizados na dinâmica dos personagens), e focaliza a jornada de Madame Souza em busca de seu neto sequestrado, que a leva para uma megalópole chamada Belleville, no caso, é uma sátira a Nova York e aos americanos (população gorda, inclusive a Estátua da Liberdade é obesa). Assim como o título original, o filme faz referências às Trigêmeas de Belleville, três estrelas musicais dos anos 1930 que ajudam a avó na procura por Champion.

As Bicicletas de Belleville foi indicado ao Oscar em duas categorias: Melhor Animação e Canção, recebeu também indicação ao BAFTA e ao Independent Spirit Awards de Melhor Filme Estrangeiro, participou do Festival de Cannes e ainda levou um César de Melhor Trilha Sonora, além de ter sido indicado nas categorias de Melhor Filme e Melhor Trabalho de Estreia, e ganhou diversos prêmios internacionais.
Recomendado para todas as idades. Imperdível!

Concluindo...

Podem ser consideradas resenhas os textos que trazem tanto o resumo do objeto quanto o comentário ou avaliação do autor do texto sobre ele.

Para continuar a conversa...

2.a. O objeto resenhado é o Sony Clié PEG-TH55.

c) Essa resenha difere das que conhecemos porque o objeto resenhado é de fato um objeto!

3. Sim. Há descrições do próprio objeto – que tem a função de "resumir" o objeto para quem não o conhece, usando, inclusive, fotos – e a opinião do comprador sobre o mesmo)

Seção 2. As resenhas em diferentes situações de produção

Para começar a conversa

1.

Texto 1: (não tem nome)
Texto 2: (não tem nome)
Texto 3: (crítica)
Texto 4: (resenha) – está na seção "resenhas" do site www.consciencia.com.br/resenhas/impactos.htm
Texto 5: (Notas sobre livros)

2.

	Texto 2	Texto 3	Texto 4	Texto 5
Autor	Cintia Medeiros	Luis Nassif	Bruno Buys	Vilma Lemos
Função social do autor	Estudante do 1° ano do ensino médio, leitora do caderno. *Folhateen* da *Folha de S. Paulo*	Membro do conselho editorial do jornal; comentador econômico conhecido; grande conhecedor de música	Resenhista do IG	Doutoranda em LAEL (Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) da PUC-SP
Imagem que o autor tem de seu destinatário	Destinatário que gosta de teatro	Destinatário que gosta de shows e que lê críticas a respeito deles	Destinatário interessado em questões ambientais e urbanas	Leitor da revista *D.E.L.T.A.*
Tema/objeto	A peça Mademoiselle Chanel	Show de Antonio Nóbrega	O livro *Impactos ambientais Urbanos no Brasil*	O livro de Philippe Breton, *A manipulação da palavra*
Locais e/ou veículos onde o texto possivelmente circulará	Caderno *Folhateen* da *Folha de S. Paulo*	*Folha de S.Paulo*	Internet	Na revista acadêmica *D.E.L.T.A.*
Momento da produção	Posterior ao espetáculo; anterior à publicação do jornal	Posterior à ida do crítico ao show	Posterior à publicação do livro	Posterior a leitura do livro; anterior à publicação da revista
Objetivo do autor do texto	Dar informações sobre a peça e fazer comentários a respeito dela	Dar informações sobre o show e fazer comentários a respeito dele	Apresentar um resumo da obra e dar sua opinião sobre ela	Resumir e comentar criticamente o livro

3. Habitualmente, na mídia, recebe o nome de crítica ou não recebe nome nenhum e na academia recebe o nome de resenha

4.

a) Um estudante que leu a obra a ser resenhada.
b) O professor
c) Sim.
d) Provavelmente na própria escola
e) Mostrar que é um leitor competente, que leu e entendeu a obra e que sabe se posicionar diante do texto lido.
f) Verificar se você leu a obra e se sabe se posicionar diante dela.

Para continuar a conversa...

2.

a) Sim, pois são resenhas para cinéfilos, ou seja, pessoas que conhecem outros filmes e que habitam em São Paulo (há filmes que não passam com frequência em cidades menores); são resenhas para ser publicadas na Internet com o objetivo de criar um efeito cômico no leitor e, para isso, há uma grande intertextualidade, jogo de palavras etc.

b) Dependendo das palavras escolhidas para a resenha, ela poderá ou não criar o efeito de sentido no leitor, que poderá deduzir a história do filme (o objeto, no caso) e a crítica sobre o mesmo. Na resenha do filme *Em carne viva*, por exemplo, ("Harry e Sally hardcore"), se o leitor conhece o filme referido, imaginará que se trata de uma história de amor entre dois amigos, mas muito mais intensa que no filme em que Harry e Sally são os protagonistas. Já no caso da resenha do filme *Osama* ("Não é o Bin"), o resenhista informa ao leitor que não se trata de um filme sobre Osama Bin Laden, sem, no entanto, induzir a uma hipótese sobre a história do filme ou a uma crítica sobre o mesmo. No entanto, não deixa de ser uma resenha, levando-se em consideração a situação de produção em que o texto se encontra.

Seção 3. O plano global de uma resenha acadêmica (prototípica)

Para começar a conversa...

1.

Livro resenhado	*Trabalhadores e cidadãos*
Autor do livro	*Paulo Roberto Ribeiro Fontes*
Contextualização do livro	*Resultado de uma dissertação de mestrado* *Programa de História Social do Trabalho-UNICAMP*
Tema do livro	*História dos operários da Nitro Química a partir de 1935*
Autor da resenha	*Edílson José Graciolli*
Área em que se insere o resenhista	*Ele é sociólogo*
Veículo em que ela foi publicada	*Site da revista* Sociologia e política
Livros citados nas referências bibliográficas	*O sindicalismo de Estado no Brasil* *Conflito industrial e sindicalismo no Brasil*

2. A partir das respostas que você deu para a atividade 1, levante hipóteses sobre:

a) O resenhista é um especialista na área, pois é sociólogo. Assim, podemos imaginar que ele fará críticas de um ponto de vista de quem realmente conhece o assunto.

b) O livro resenhado trata de um tema de sociologia e falará sobre o sindicalismo e o conflito com as indústrias. A resenha também abordará esses temas.

c) O autor cita outros livros pois se baseará neles para dar sua opinião sobre a obra resenhada.

3.

Trechos descritivos/ resumidores da obra	Trechos de Comentários
O livro de Paulo Fontes — resultado de sua dissertação aprovada junto ao Programa de Mestrado em História Social do Trabalho, na UNICAMP — debruça-se sobre a história dos operários da Nitro Química, empresa construída no subúrbio paulistano de São Miguel a partir do final de 1935, cuja produção iniciou-se em setembro de 1937. Inserida na tentativa de compreender a dinâmica da industrialização no Brasil, a pesquisa elegeu essa unidade produtiva como espaço cotidiano e complexo da luta de classes onde, de um lado, a Nitro Química (uma espécie de "CSN do setor químico") elaborou [...]	[...] Essas observações em nada diminuem o vigor do livro. O exaustivo trabalho de pesquisa que se pode perceber e a constante preocupação com o fazer-se dos operários da Nitro Química em suas experiências de resistência credenciam-no como leitura obrigatória para os que se interessam pelo mundo do trabalho, quer pelo ofício de pesquisador, quer pela militância sindical ou, ainda, pela absoluta necessidade de compreender a realidade brasileira

4

4.1.

a) O contexto que deu origem ao livro: a pesquisa de mestrado do autor, Paulo Fontes
b) O objetivo da pesquisa; objetivar
c) A justificativa do recorte temporal; justificar
d) 4° e 5° parágrafos: a estrutura do livro; o conteúdo do primeiro capítulo
6° parágrafo: o conteúdo do 4° capítulo
7° e 8° parágrafos: o conteúdo do último capítulo

O trabalho se estrutura
No primeiro,
O capítulo 4
O último capítulo

4.2.

a) (X) um comentário positivo
Acurada pesquisa; aspectos fundamentais

b) A opinião desses autores difere da opinião do autor da obra resenhada. O resenhista diz que a conclusão a que chega o autor da obra é uma conclusão polêmica.

c) (X) um comentário negativo
Parece-me que falta ao texto de Fontes um tratamento mais detalhado
Todavia, no trabalho não se qualifica "cidadania". Essa ausência dificulta, inclusive, a percepção...

d) Positiva
Estas observações em nada diminuem o vigor do livro. O exaustivo trabalho de pesquisa...

5.

(9) comentário positivo
(7) resumo do 5° e último capítulo
(4) menção ao número de capítulos que o livro contém
(1) apresentação do livro e do tema por ele abordado
(6) resumo do 4° capítulo
(14) conclusão positiva
(4) resumo do 1° capítulo
(11; 12; 13) comentário negativo
(2) objetivo do livro resenhado

6.

3 primeiros parágrafos	Tema e contexto do livro, seus objetivos e justificativas do recorte temporal escolhido
4° e 5° parágrafos	Estrutura do livro e conteúdo do primeiro capítulo
6° parágrafo	Conteúdo do 4° capítulo
7° e 8° parágrafos	Conteúdo do último capítulo
9° parágrafo	Crítica positiva ao livro resenhado
10° parágrafo	Oposição entre a conclusão do autor da obra e de opiniões contrárias de autores
11°, 12° e 13° parágrafos	Críticas negativas à obra resenhada
14° parágrafo	Conclusão contendo crítica positiva ao livro resenhado

Concluindo...

No início de uma resenha, encontramos **informações sobre o contexto e o tema do livro resenhado**. Em seguida, **o(s) objetivo(s)** da obra resenhada. Antes de apontar os comentários do resenhista sobre a obra, é importante apresentar a descrição estrutural da obra resenhada. Isso pode ser feito por capítulos ou agrupamento de capítulos. Depois, encontramos **a apreciação** do resenhista sobre a obra. Aliás, é importante que haja tanto **comentários** positivos quanto negativos. Finalmente, **a conclusão**, em que o autor deverá explicitar/reafirmar sua posição sobre a obra resenhada.

Para continuar a conversa...

Basicamente sim, embora o objetivo da obra não esteja explícito no texto e os comentários comecem logo no 4° parágrafo.

Seção 4. Os mecanismos de conexão: o uso dos organizadores textuais

Para começar a conversa...

1.

	Parágrafo(s)
Apresenta uma conclusão do livro que ele classifica como polêmica	10
Faz comentários negativos em relação à obra resenhada	11,12,13

2.
(X) contraste ou argumentos contrários ao que foi dito no parágrafo anterior.

3.

Conectivos que indicam adição de ideia	Conectivos que indicam contraste entre ideias ou argumentos contrários	Conectivos que indicam explicação/constatação/confirmação
Não só... mas também	Entretanto Embora Ainda que No entanto Contudo Apesar de Mesmo que Mas	De fato Com efeito

4.
(A) já que (C) assim (A) uma vez que (A) devido a
(C) por isso (A) como (A) isso posto (A) pelo fato de
(C) assim sendo (C) portanto (A) porque (A) pois

5.
Texto 1

Tese do autor	**Argumentos usados**	**Conectivos que introduzem os argumentos e seu valor**
A obra de Vygotsky tem sido intensamente recuperada	A influência de Vygotsky cresce no panorama atual	Pois — causa ou justificativa

Texto 2

Tese do autor	**Argumentos usados**	**Conectivo que introduz a conclusão**
A literatura de uma das mais importantes escritoras brasileiras está muito além da simplicidade doméstica que seu cotidiano faz crer.	*Clarice Lispector fez de seus textos um vasto itinerário de uma identidade inquieta e turbulenta, inadaptável às expectativas sociais, obsessiva na captura de si mesma e do outro, desmascarando, sob o verniz do cotidiano, um mundo de desejos e fantasias inconfessáveis. É possível conhecê-la através de inúmeros vestígios, indícios e revelações (...).*	*Portanto*

Concluindo...

1.
(X) guiar o leitor.
(X) organizar o que é dito.
(X) estabelecer as relações entre as ideias entre os parágrafos e nas frases.

2. Para que a resenha seja clara e coerente para o leitor, é preciso dar indicações que guiem a leitura, mostrando a relação entre as ideias sobre a obra resenhada e destacando seu posicionamento em relação a ela. Para isso, utilizamos os organizadores textuais que melhor expressam as relações que queremos estabelecer.

Para continuar a conversa...

Resposta: embora

Seção 5. A expressão da subjetividade do autor da resenha

Para começar a conversa...

1. Deve-se tentar ser "polido", evitando agredir o autor da obra resenhada, procurando garantir neutralidade emocional ao que é dito.
2. Há lacunas na obra do autor. Aqui **me parece** manifestar-se uma das lacunas deste que é um **bom trabalho**.
3. **Parece-me que** falta ao texto de Fontes um **tratamento mais detalhado** da estrutura sindical oficial...
4. O enfrentamento dessas indagações **permitiria**....
   Futuro do pretérito
5. O assistencialismo **pode e deve** ser analisado....

6.

Parágrafo	Comentário
6°	Paulo fontes faz um **bom relato**(...) deste que é um **bom trabalho**
9°	Além de ser resultado de uma **acurada pesquisa**...(...) o livro de Paulo Fontes aponta para **aspectos fundamentais** da possibilidade ....
12°	Desde o título do livro percebe-se que a questão da cidadania merecerá atenção. **De fato, em alguns momentos isso se dá**...(...)
13°	Todavia no trabalho **não se qualifica "cidadania"**. **Essa ausência dificulta, inclusive,** a percepção do projeto de cidadania.....
14°	Essas observações **em nada** diminuem **o vigor** do livro. O **exaustivo trabalho** de pesquisa que se pode perceber.....(...) credenciam-no como **leitura obrigatória**

7. (X) indireta/implícita, sem o uso desses verbos ou expressões

8. (X) adjetivos (X) substantivos (X) advérbios

9. Numa resenha, como em outros textos acadêmicos ou mesmo jornalísticos, é comum o autor evitar escrever em primeira pessoa, mas continuar expressando sua subjetividade. Isso garante mais veracidade ao que está sendo dito, pois não parece que é uma opinião de um resenhista, mas uma característica da própria obra.

Concluindo...

Você viu que na resenha acadêmica aparecem comentários do resenhista sobre a obra resenhada. Generalizando, reveja as atividades desta seção e complete o texto abaixo com suas conclusões sobre a expressão da subjetividade do resenhista na resenha.Quando se faz uma resenha sobre a obra de alguém, é importante seguir algumas regras de **polidez**, para evitar agredir o autor da obra resenhada. Para tanto, podemos usar vários recursos linguísticos. Dentre eles, temos:

1. O uso de expressões que atenuam as opiniões, como: **parece-me**
2. O uso de alguns tempos verbais que também têm a função de atenuar o que está sendo dito, como: **futuro do pretérito**
3. O uso de **adjetivos, substantivos** e mesmo **advérbios** para expressar a opinião do resenhista

Para continuar a conversa...

Alguns trechos em que encontramos a expressão da subjetividade do autor

Resenha da seção 3: Impactos ambientais urbanos no Brasil

Neste sentido, apesar da diversidade de autores e estilos, o livro é uma séria crítica à ação do Estado nos três níveis, municipal, estadual e federal

Embora utilize conceitos e terminologias de várias áreas de conhecimento dedicadas à questão ambiental, a obra é basicamente um livro de geografia. Os organizadores são geógrafos e professores do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro/Universidade do Brasil. Embora tenha sido planejado para alunos e pesquisadores não só de geografia, mas de áreas com preocupações ambientais como engenharia civil e agronômica, ciências da terra, biologia/ecologia e geografia, a obra fica aquém do que se esperaria no quesito clareza de expressão e preocupação com jargões e terminologias específicas da geografia. O leitor não-geógrafo poderá sentir alguma dificuldade. Por outro lado, o livro é muito bem-sucedido na escolha dos problemas relevantes a serem tratados, que devem interessar a todo o universo-alvo escolhido, bem como ao brasileiro em geral que esteja preocupado com os destinos do país.

Texto 5 — Anexos: Além do cartesianismo

O interesse deste livro vai entretanto além dos subsídios para o entendimento da postura de Lévi-Strauss em relação ao "seu campo". Suas fotografias, feitas entre 1935 e 1937, nos levam a compreender melhor a cidade de São Paulo. Se as ilustrações são sempre importantes nos livros de Lévi-Strauss, desta vez elas passam para o primeiro plano, o breve texto se subordinando às imagens.

Já é tempo de pensarmos em Lévi-Strauss como um etnógrafo bem-sucedido. Ao fazer um curto ensaio, ele deixa São Paulo se revelar através das suas fotografias. Em seu texto, Lévi-Strauss reafirma seu interesse pela paisagem natural, mas as fotografias denunciam antes de mais nada sua atração pelo fenômeno urbano

Seção 6. Procedimentos de inserção de vozes: diferentes formas de menção ao dizer do autor do texto resenhado e de outros autores

Para começar a conversa...

1.

Parágrafos	Verbos
1° parágrafo	Debruça-se; elegeu
2° parágrafo	Objetivou-se
3° parágrafo	Justifica-se
4° parágrafo	Estrutura-se; Apresenta-se; encontram-se também menções
6° parágrafo	Dedica-se ao estudo, faz um bom relato, analisa; conclui
7° parágrafo	Analisa
9° parágrafo	Aponta
10° parágrafo	Apresenta; sustentam

2. segundo; para

3.

Parágrafo	Ação	Verbo(s) usado(s)
1°	Seleciona o conteúdo central que vai desenvolver Escolhe o conteúdo da obra	*Debruçar-se* *Eleger*

2°	Escolhe um determinado objetivo da obra	*Objetivar*
3°	Justifica o recorte temporal	*Justificar*
4°	Organiza o conteúdo da obra e seleciona o conteúdo do primeiro capítulo	*Estruturar-se; apresentar encontrar menções*
6°	Organiza os conteúdos do 4° capítulo de diferentes formas	*Dedicar-se ao estudo; fazer um relato; analisar; concluir*
7°	Organiza o conteúdo do último capítulo de uma determinada forma	*Analisar*
9°	Enfoca um determinado conteúdo	*Apontar*
10°	Seleciona o conteúdo Afirma com certeza	*Apresentar; sustentar que*

4. Traduzam a ação do autor da obra original, mostrando o que o autor "faz" naquela parte do livro.

5.

Ação do autor da obra original	**Verbos possíveis**
1. Estrutura e organização da obra	(4) sustentar, contrapor, confrontar, opor, justificar, defender a tese, afirmar
2. Indicação do conteúdo geral	(3) objetivar, ter o objetivo de, se propor a,
3. Indicação dos objetivos da obra	(2) apresentar, desenvolver, descrever, explicar, demonstrar, mostrar, narrar, analisar, apontar, abordar
4. Posicionamento do autor da obra em relação à sua crença/tese	(1) estruturar-se; dividir-se, organizar-se, concluir, terminar, começar,

6.

a) remetem aos fatos relatados no livro	(a) passado
b) atribuem atos ao autor da obra original	(b) presente

7.

a) Remeter a fatos relatados: para além das palavras, um conjunto de benefícios (...) objetivava garantir (...) (parágrafo 5)
b) Atribuir atos ao autor da obra original: Paulo Fontes faz um bom relato (parágrafo 6)

8.

Parágrafo	**Verbo**	**Sujeito**
1°	*Debruçar-se* *Eleger*	*Paulo Fontes* *A pesquisa*
2°	*Objetivar*	*Indeterminado*
3°	*Justificar-se*	*O recorte temporal*
4°	*Estruturar; Apresentar;* *Encontrar menções*	*O trabalho* *Indeterminado*

6°	*Dedicar-se ao estudo* *Fazer um relato* *Analisar* *Concluir*	*O capítulo 4* *Paulo Fontes* *O autor* *O autor*
7°	Analisar	*O último capítulo*
9°	*Apontar*	*O livro de Paulo fontes*
10°	*Apresentar* *Sustentar*	*Paulo Fontes* *Outros autores*

9. Haveria muitas repetições no texto

10.
Para evitar a repetição do nome do autor, podemos nos referir a ele utilizando:
O autor

Podemos também, ainda procurando evitar repetições, fazer referências à obra original. Nesse caso, atribuímos os atos a sujeitos inanimados. Algumas possibilidades de fazê-lo são:
a obra
o livro
o capítulo
a pesquisa

11. Livro; capítulo; autor; livro; livro; capítulos; artigos; capítulo; a autora; a autora

12. Outros autores sustentam que

13. São os que foram citados nas referências bibliográficas

14. O resenhista insere a voz desses autores para dialogar com o autor da obra original, contrapondo a opinião de outros autores ao que o autor da obra original afirma.

15. As aspas

16.

Trechos	Função
a) Desde o título presume-se que a questão da cidadania merecerá atenção. De fato, em alguns momentos isso se dá, como nos trechos seguintes: "o desrespeito da companhia aos direitos adquiridos pelos (...) de seu espaço (p. 163). "*(parágrafo 12)*	(b) Dar um tom irônico em relação ao discurso empresarial
b) Até mesmo a origem majoritária dos operários (fundamentalmente nordestinos) era apropriada pelo discurso empresarial enquanto fator de "integração". A "nordestinidade" reforçaria, assim, a busca da paz social.*(parágrafo 4)*	(c) Provar que o resenhista está baseado em trechos da obra resenhada
c) No dizer do próprio autor, objetivou-se "[...] aprofundar a análise da montagem, da lógica interna, contradições e legitimação ou não ( ) plenamente na década seguinte (p. 14) *(parágrafo 2)*	(a) Justificar uma afirmação, uma opinião do resenhista em relação à obra resenhada

Para continuar a conversa...

4. mostrar; descrever; discorrer etc.
5. apresentar; relatar; abordar
6. A primeira frase da resenha "*Informação e globalização na era do conhecimento*", apresenta aspas para deixar claro que se trata de uma citação, mas também tem valor irônico.

Seção 7. O diário de leitura: ferramenta para uma leitura crítica do texto

Para começar a conversa...

2.

(2) Busca de objetivos para a leitura.
(4) Expressão de dúvidas diante da leitura.
(3) Reflexão sobre as dificuldades com a leitura e tentativa de compreender suas causas.
(1) Reflexão sobre o processo de leitura.

3.

Texto 1: diário de leitura
Texto 2: resumo
Texto 3: diário íntimo

4.

(x) há várias ações envolvidas: falamos, escutamos, concordamos, discordamos, interferimos, perguntamos etc. Esse movimento permite que ambos falem e escutem.

5. todas corretas

Seção 8. A compreensão global do texto a ser resenhado

2.

a) As epígrafes indicam qual é o pensamento do autor ou parte dele; geralmente é a posição do autor sendo dita por outra pessoa, de outra forma.
b) Podem causar o efeito de desconforto do leitor caso não conheça os autores e principalmente a língua; caso o leitor tenha familiaridade com a língua e com os autores, podem causar um efeito de prestígio e de crédito em relação ao texto do autor.
c) Leitores cultos que conhecem os autores das epígrafes e que sabem ler em inglês.
d) Livros e textos que serão citados ao longo do artigo.
e) Sim. Pela maior incidência de um tema ou autor.
f) Sim, pela maior incidência de um tema, de autores específicos, de títulos relacionados a uma ou outra área.
g) O tema é a designação, ou seja, o ato de nomear.
h) A tese de que a nomeação é uma arma utilizada pela mídia.

Parte II

1.

a) Para organizar o texto.
b) A pergunta pode ser uma forma utilizada pelo autor para colocar uma questão a ser pensada. A forma afirmativa geralmente resume o que será dito naquele item.

c)

Subtítulo	Função
Introdução	Apresentar a tese e o objetivo do artigo
Nomes: afinal o que há de tão curioso nessas palavras?	Apresentar indícios de por que os nomes são uma questão curiosa e por que ainda existe tanta discussão e debate sobre o tema. O termo "afinal" indica que é uma questão que já está em debate há algum tempo
O discurso jornalístico e a escolha dos termos de designação	Retomar a idéia defendida para apresentar exemplos que argumentarão a favor da tese do autor
O poder da designação	Concluir o texto, pois, em um artigo de opinião, o último item é conclusivo e, na conclusão, retoma-se a tese defendida.

2.1.

o papel da mídia	Desde a Guerra do Golfo, tornou-se visível e inegável
a guerra do Iraque	Primeira guerra sob os holofotes da mídia, como espetáculo comercializado e apreciado pelo público
os países da OTAN	Controlaram a guerra do ponto de vista midiático (o controle é da CNN)

2.2

o papel da mídia	Continua central em relação ao controle das guerras; manipuladora da notícia.
a guerra do Afeganistão	Mudou o foco da mídia, da mão do lado vitorioso, passa para a mão do lado derrotado.
Os países da OTAN	Perdem o controle da guerra do ponto de vista midiático (o controle passa a ser da Al Jazira).

2.3. O tema é o papel da mídia na manipulação da transmissão das guerras. O autor já indica a oposição dos fatos, ou seja, de que houve uma mudança do lado controlador da notícia, com o uso de "Já na guerra do Afeganistão" no início do segundo parágrafo.

2.4. Refletir sobre como a mídia imprime certas interpretações ao nomear os acontecimentos que transmite, ao nomear os responsáveis pelos acontecimentos e ao nomear os atos praticados pelos lados envolvidos em conflitos.

2.5. Para que servem os dois primeiros parágrafos da *Introdução,* levando em consideração o objetivo do autor? Assinale a(s) alternativa(s) correta(s).
(X) para apresentar fatos e exemplos em que provavelmente o autor se apoiará para defender sua tese nas demais partes do artigo.
(X) para situar sua reflexão teórica sobre uma questão de linguagem no contexto atual e que atinge a todos nós.

2.6.
a) A necessidade de que é preciso pensar além da semântica dos nomes próprios. O elemento linguístico que aponta isso é "é preciso pensar".
b) Ele justifica dizendo que é preciso encarar o fenômeno de nomeação como um ato eminentemente político. O elemento linguístico que aponta isso é a palavra "para" ("para encarar o fenômeno de nomeação como um ato eminentemente político") que indica a finalidade da necessidade apontada por ele.

c) As teorias que ele rejeita são as que postulam que os nomes são meras etiquetas identificadoras de objetos.
d) Para o autor, dar nome a algo é um ato eminentemente político.
e) A tese de que o uso de nomes e apelidos é o primeiro passo da mídia para influenciar a opinião pública a favor ou contra acontecimentos e personalidades.

3.

a) Mostra que o que é apresentado no trecho é uma questão que já envolveu muitas pessoas e que ainda não foi resolvida e, portanto, que continua sendo discutida.
b) A questão controversa é como entender o fenômeno da nomeação.
c) *"Ao longo dos tempos, as teorias de referência dedicaram-se à ingrata tarefa de desvendar os mistérios dos nomes próprios e continuam a se empenhar nessa missão hercúlea (Rajagopalan, no prelo)."*
d) Com a negação, ele imagina que os leitores habituados a lerem artigos científicos esperariam que ele passasse em revista as diversas teorias dos nomes próprios.
e) Ele transmite com isso a ideia de que domina o campo sobre o qual está falando.

4.

4.1.

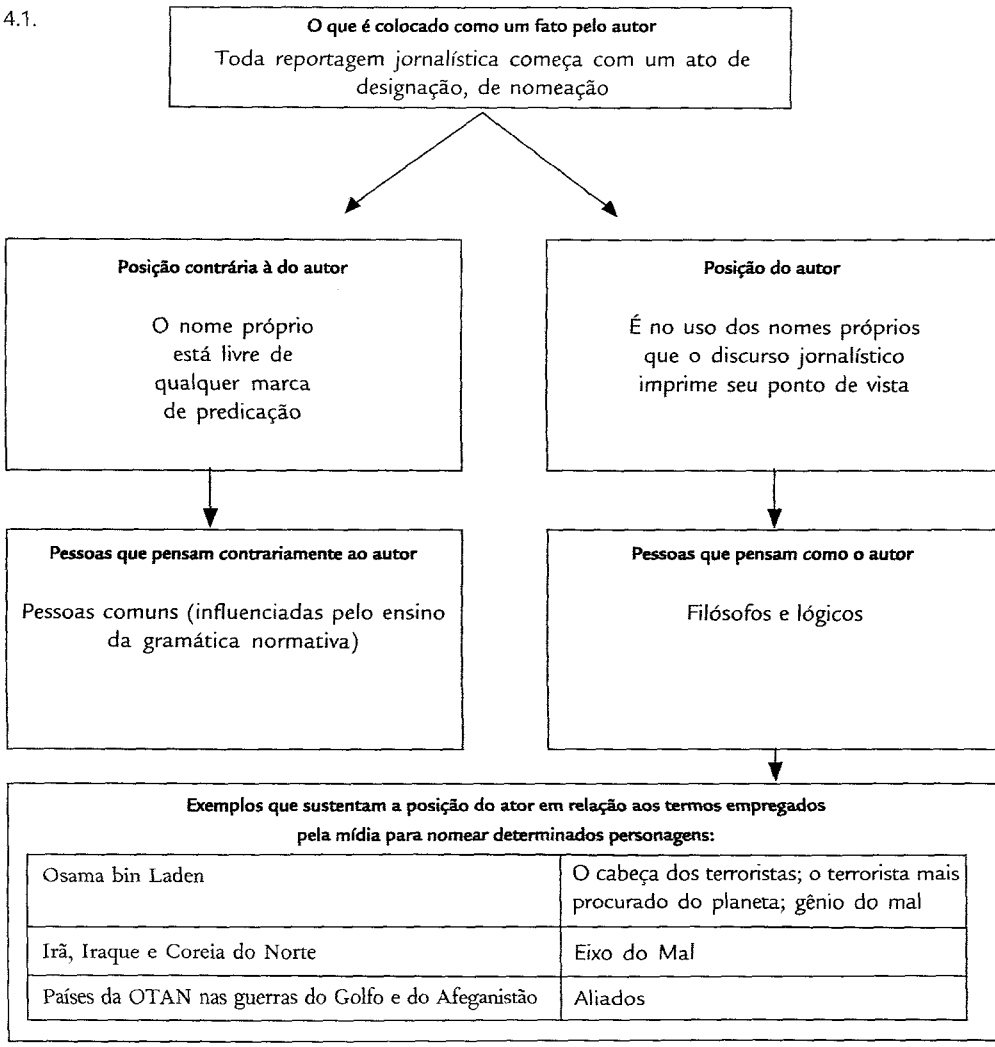

4.2.
a) a afirmação inicial que o autor coloca como sendo um fato: sabemos que
b) as posições dos filósofos e lógicos *versus* as das pessoas comuns: apesar de
c) a posição do autor contrária à das pessoas comuns: no entanto
d) Sim, o autor concorda com ele. Só o fato de o autor ter optado em colocar uma citação no meio de seu texto já indica que ele compartilha as ideias do filósofo. Além disso, o autor anuncia a citação com "Como chega a exclamar Slavoj Zizek", ou seja, ele aponta que, da mesma forma que ele defende sua ideia, o filósofo tem algo a dizer a respeito da mesma questão.
e) É uma forma de dar mais força e autoridade à ideia defendida pelo autor do texto.
4.3. Tropeço; erro crasso; desastroso; bombardeio indiscriminado; carnificina; brutalidades.

4.4.
O autor assume a posição de crítico diante do fato, a posição de quem discorda do discurso alheio que é marcado pelo uso das aspas, como em "operação cirúrgica" e "efeito colateral".

4.5.
a) A escolha do nome "cruzada contra o terror" empregado por Bush no início da ação armada contra os seguidores da Al Qaeda e do Taleban.
b) O termo "cruzada" foi usado em um momento da história repleto de crueldades nas relações entre Ocidente e Oriente. Ao usar esse termo, o presidente americano fez entender que era uma guerra contra o mundo árabe e islâmico e não contra um grupo de radicais fanáticos.

4.6. Não temos um domínio absoluto sobre a linguagem e nunca podemos prever o efeito que determinado uso irá causar em outra pessoa.

5.1.
a) Ele acentua isso, pois sabe que haverá leitores que terão posições diferentes diante dessa questão.
b) Ao negar alguma coisa — como no caso de "convém frisar que o nosso intuito aqui **não** é perguntar qual dos dois lados tem razão" — o autor indica que há uma outra posição que espera que ele faça o contrário do que é dito. No exemplo mencionado, o autor dialoga com um possível leitor que esperaria uma posição do autor sobre essa questão, e, já prevendo isso, o autor diz que não é esse o intuito dele.

5.2. (x) um trabalho de análise discursiva que, ao mesmo tempo, apóia-se em uma determinada teoria e a confirma.

5.3. (x) um cientista preocupado com as questões sociais que envolvem a linguagem e que domina teorias importantes, aplicando-as aos dados

Concluindo...
todas estão certas

Seção 9. Elabore sua resenha

Para começar a conversa...

2. Possíveis aspectos:

Aspectos para valorizar o artigo	Restrições em relação ao artigo
— mostra conhecimento sobre a área em questão; — apresenta uma argumentação construída através de exemplos significativos; — expressa sua opinião de forma explícita, sem enganar o leitor.	- no subtítulo *1. Nomes: afinal o que há de tão curioso nessas palavras?*, ao apresentar as teorias, parece haver um descompasso com os demais itens do artigo no sentido de que, nesse item, a compreensão fica mais complexa e difícil para leitores não iniciados na área.

ESTA OBRA FOI COMPOSTA EM FOURNIER
12/16 E IMPRESSA PELA GRÁFICA LOYOLA EM
OFF-SET 90G. PARA A PARÁBOLA EDITORIAL
EM MARÇO DE 2014.

ANNA RACHEL MACHADO é professora do Programa de Estudos Pós-graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem da PUC/SP, pelo qual se doutorou. Fez estágios de pós-doutorado na Universidade de Genebra e no Instituto de Formação de Professores de Marselha e vem atuando como professora convidada dessas duas instituições. Desenvolve pesquisas e assessoria a instituições de ensino, enfocando a caracterização de gêneros de texto para a produção e avaliação de material didático. É autora do livro *O diário de leituras: a introdução de um novo instrumento na escola* e coautora dos livros *Resumo*, *Resenha* e *Planejar gêneros acadêmicos*, pertencentes à Coleção "Leitura e produção de textos técnicos e acadêmicos", da qual é também coordenadora. Organizou a obra *O ensino como trabalho* e co-organizou *Gêneros textuais & Ensino* e *Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano*. Traduziu a obra *Atividade de linguagem, textos e discursos*, de J.-P. Bronckart. Atualmente, desenvolve e orienta pesquisas que enfocam as relações entre linguagem e trabalho do professor, em uma perspectiva transdisciplinar. É líder do Grupo de Pesquisa ALTER – Análise de Linguagem, Trabalho, Educação e suas Relações (CNPq) e colaboradora do projeto de pesquisa do Grupo LAF (Langage – Action - Formation), da Universidade de Genebra.

ELIANE LOUSADA é doutora pelo programa de Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL) da PUC-SP. Atua no campo da educação há mais de dez anos e participou de vários grupos de elaboração de atividades, livros didáticos e paradidáticos, na área de línguas estrangeiras e de língua materna, grupos que têm como preocupação o ensino de gêneros na perspectiva do interacionismo sociodiscursivo. Seus estudos atuais concentram-se na área da análise dos discursos produzidos em situações de trabalho educacional.

LÍLIA SANTOS ABREU-TARDELLI é doutora e mestra em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL) da PUC-SP, e é graduada em Letras pela UNICAMP. Participante do grupo de pesquisa ALTER-CNPq (Análise de Linguagem, Trabalho Educacional e suas Relações), é coautora de livros didáticos e paradidáticos de língua inglesa e portuguesa e autora de artigos referentes ao ensino de línguas e ao trabalho educacional. É professora de língua portuguesa do CEFET-SP (Centro Federal de Educação Tecnológica de São Paulo), de língua inglesa da FECAP (Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado) e de curso de extensão da COGEAE (Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão) da PUC/SP.

Essa coleção tem como objetivo suprir a falta de material didático para a produção dos gêneros textuais utilizados na escola e no meio universitário. Este segundo volume da coleção "Leitura e Produção de Textos Técnicos e Acadêmicos" traz um material referente à leitura e produção de *resenhas*. Ao escolher esse gênero como o segundo de nossa coleção, assumimos que ele é muito utilizado tanto em diferentes atividades acadêmicas quanto em diferentes atividades profissionais. Nas escolas de ensino fundamental e médio e na universidade, por exemplo, ele é constantemente pedido aos alunos por professores das mais diversas disciplinas.

Buscamos abranger grande parte dos procedimentos envolvidos em sua leitura e produção, desde a identificação inicial do contexto de produção e recepção até a avaliação e revisão final.

As atividades propostas ajudarão o aluno a conhecer melhor esse gênero e a produzi-lo adequadamente. Entretanto, não julgamos que elas sejam milagrosas e suficientes. Com base no desenvolvimento individual de cada aluno e nas discussões em sala de aula, alunos e professores podem — e devem — criar outras atividades semelhantes, para que essa aprendizagem se consolide e se amplie.

9 788588 456303

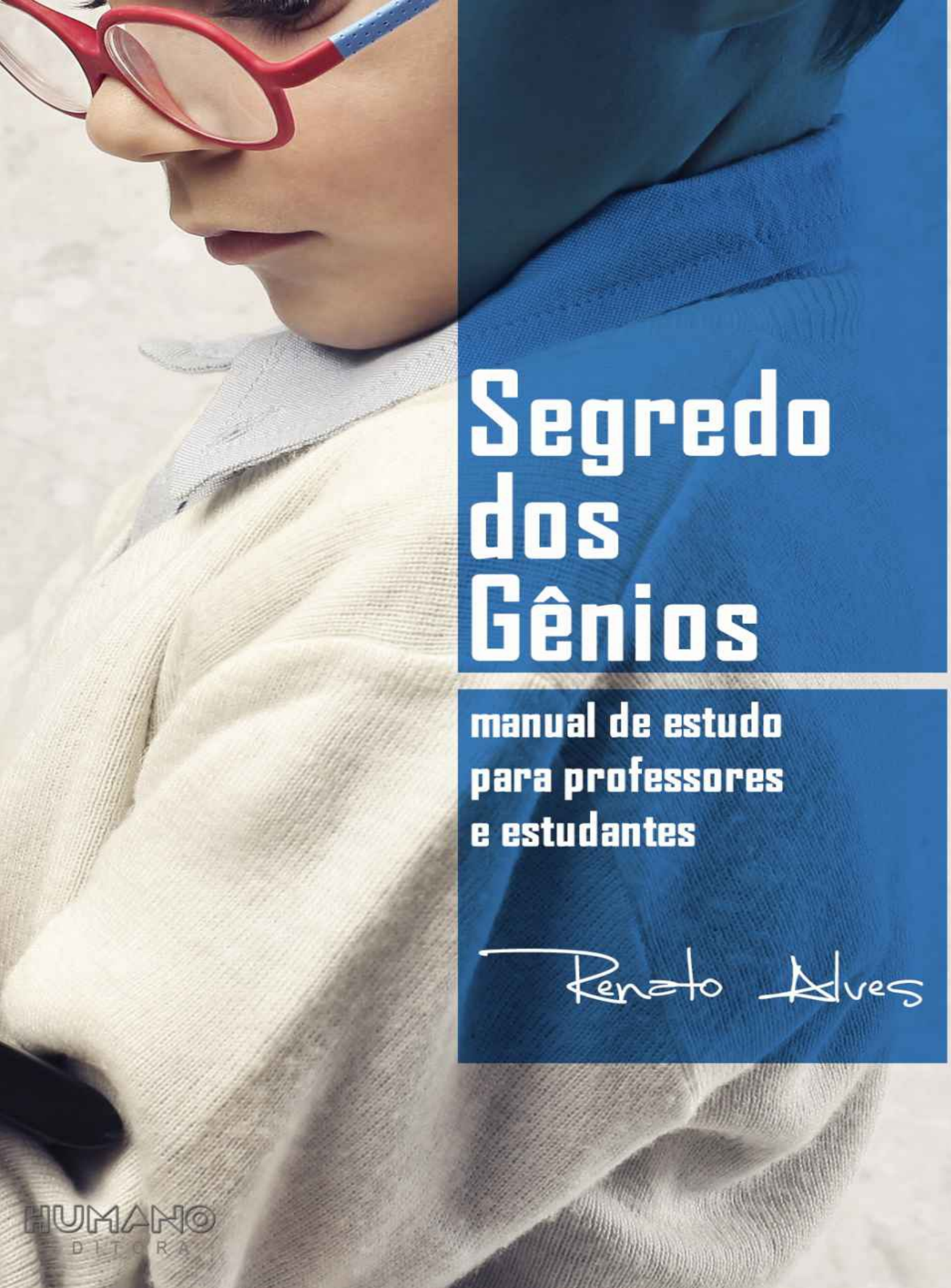

Segredo dos Gênios

manual de estudo para professores e estudantes

Renato Alves

HUMANO EDITORA

1. Introdução
2. Capítulo 1 - Estudo: Por onde começar?
    1. *Você sabe estudar?*
    2. *Seja o melhor aluno da classe*
    3. *Falta de motivação nos estudos*
    4. *Como se manter motivado nos estudos*
    5. *A rotina do sucesso nos estudos*
    6. *A melhor escola para você estudar*
    7. *Concentre-se nas explicações*
    8. *O horário ideal para estudar*
    9. *Neutralizando os ladrões de atenção*
    10. *A postura ideal para estudar*
    11. *Remédios para memória*
    12. *Quem não dorme, não memoriza.*
    13. *Cuide do corpo e aumente a concentração*
    14. *Água memória e concentração*
    15. *Atividade física potencializa a memória*
    16. *Higiene mental, a boa distração*
    17. *Boa memória é memória rápida*
    18. *Relaxamento para obter mais concentração*
3. Capítulo 2 - Os Facilitadores do Estudo
    1. *Meditação do estudante - Para antes dos estudos*
    2. *O "Kit Estudante": Acessórios que auxiliam nos estudos*
    3. *Como utilizar uma caneta "marca textos"*
    4. *Como e porque estudar em grupo*
    5. *Acerte a iluminação antes de começar a estudar*
    6. *Estudar ouvindo música*
    7. *Como fazer a tarefa de casa*
    8. *Anotações em sala de aula*
    9. *Perguntas: O jeito mais rápido de aprender*
    10. *Cola, resumo ou anotação?*
    11. *Se você aprendeu, saberá explicar*
    12. *Palavras difíceis, como memorizar?*
    13. *Segredos da aprendizagem acelerada*
    14. *Como estudar inglês e outros idiomas*
    15. *Como estudar regras gramaticais*
    16. *Decoreba: O modo certo de decorar matérias*
    17. *Matemática, fórmulas, ciências exatas*

    18. *Internet nos estudos*
    19. *Televisão*
4. Capítulo 3 - Orientações Sobre a Leitura
    1. *Para quem não gosta, mas precisa ler muito*
    2. *Organizando uma biblioteca pessoal*
    3. *Muita matéria e pouco tempo, o que fazer?*
    4. *Leitura rápida*
    5. *Como ler sem esforço mais de 50 livros por ano*
    6. *Como se concentrar na leitura*
    7. *Memorização de textos*
    8. *Como estudar e memorizar textos técnicos*
    9. *Leitura em voz alta*
    10. *Audio livro nos estudos, funciona?*
    11. *Memória cinestésica - Ver com as mãos*
    12. *Técnica para escrever melhor*
5. Capítulo 4 - Orientações sobre as provas
    1. *Meditação do estudante - Para antes das provas*
    2. *A data da prova está marcada, e agora?*
    3. *Ficha de revisão*
    4. *Como saber se estou pronto para tirar 10*
    5. *Como se comportar durante a prova*
6. Sobre o Autor
7. Contatos
8. Créditos

Introdução

Recordo-me que o meu despertar para a leitura se iniciou aos dez anos quando encontrei no lixo alguns fascículos de uma velha enciclopédia ilustrada. Desinteressado pela televisão e pelo futebol, passava tardes inteiras me instruindo sobre as coisas sérias do mundo. Era fascinante e me sentia como se a leitura tirasse uma venda dos meus olhos.

Durante muitos anos perguntei se os grandes gênios da humanidade seriam uma raça em extinção. Se tudo já havia sido inventado e estaríamos condenados a passar o resto dos nossos dias melhorando antigas invenções. Hoje, tenho plena convicção de que há muito para ser inventado e que existem pessoas capazes de melhorar a vida na terra, contudo, faltam oportunidades para que se revelem os novos criadores, os novos gênios.

Este manual não tem, nem de longe, a pretensão de investigar a habilidade mental dos grandes mestres da história. Entretanto, respeitosamente adotei o título O Segredo dos Gênios por acreditar de modo pleno que genialidade não se aprende, se desperta.

Escolas do mundo todo promovem eventos científicos, feiras culturais, de ciências, desafios de matemática, apresentações musicais, teatros e campeonatos esportivos. Foram através dessas iniciativas que muitas mentes brilhantes despertaram. Hoje, vivemos na era da informação e possuímos acesso a praticamente todo conhecimento produzido pela humanidade. Assim, penso que um jovem, bem orientado, dotado de princípios básicos sobre educação e técnicas de estudo poderia revelar, desde cedo, toda sua genialidade. Neste tocante, O Segredo dos Gênios será uma modesta contribuição.

Repartirei com você tudo o que aprendi ao longo de dezesseis anos de pesquisas sobre memória e concentração. As experiências são oriundas de entrevistas com grandes professores, além de relatos dos bons e maus alunos que conheci e que me mostraram, respectivamente, o que faziam para o êxito acadêmico e o que não se deve fazer.

As orientações deste livro não devem ser tomadas como regras, mas como sugestões. Procurei dispensar termos técnicos e aprofundamentos pedagógicos para que todas as pessoas tenham acesso ao livro. Do jovem aprendiz ao experiente professor.

Reúna a sua família, principalmente os jovens em idade escolar. Leia o livro junto a eles, em voz alta, de preferência. Faça pausas, comente, peça comentários, discuta cada um dos tópicos e incorpore este novo conhecimento. Deixe este livro num lugar estratégico e sempre que você ou seus filhos sentirem dificuldades nos estudos, consulte-o.

Bom estudo!

Renato Alves - Recordista Brasileiro de Memorização

Capítulo 1 - Estudo: Por onde começar?

Você sabe estudar?

Começo este livro indagando:

Você sabe estudar?

Não se trata de uma pergunta fácil de responder. Estudar corretamente matérias e textos é uma atividade intelectual complexa que envolve diversas aptidões do cérebro. Além disso, requer tempo, interesse, concentração e boa memória. E pelo fato do estudo ser uma estratégia de aprendizagem particular (intrínseca), qualquer tentativa de mensuração do mesmo pode ser um erro.

Outra questão também de difícil resposta (do ponto de vista pedagógico) está relacionada a um perigoso ato que muitos professores insistem em perpetuar: apresentam as matérias que possivelmente pedirão na prova, informam a data do exame e recomendam aos alunos que estudem.

Mas o problema da maioria dos alunos é saber:

Como se estuda aquela matéria?

Além de apresentar o conteúdo e informar a data da prova, explicar como se estuda a matéria em particular deveria ser uma das mais importantes atribuições do professor. Assim como um marceneiro ensina o aprendiz a fazer um móvel, o professor, antes mesmo de ingressar a fundo no ano letivo, deveria gastar algumas horas ensinando aos alunos estratégias de estudo e memorização para a sua disciplina. Tal atitude implicaria a economia do precioso tempo que muitos estudantes empregam em tentar decorar matérias que mal compreendem.

Recomendo aos pais e professores que nunca perguntem a um aluno se ele já estudou, mas, sim, se ele sabe estudar. Pois, se estudar é difícil, não há nada mais fácil do que fingir que estuda. A mente humana é uma “caixa- preta” e não é possível saber o que se passa na mente do aluno. Quando não sabe estudar, ele passa horas a fio debruçado nos livros, com a cabeça nas nuvens.

A decadência do estudante é se achar incapaz de obter boas notas. Declarar-se burro em matérias como matemática, português, inglês, biologia e outras tantas pode ser o início de uma carreira acadêmica infeliz. O motivo do fracasso não será a falta de inteligência, pois esta é uma qualidade humana. O que realmente falta para alguns alunos é o básico: saber estudar.

Discípulo, aprendiz, aluno, não importa o nome. Qualquer pessoa, independentemente de sexo, idade ou classe social, que busca o conhecimento através do estudo é definida como estudante. Todo ser humano é um estudante em potencial, muito embora, para a maioria, a competência de saber estudar corretamente ainda se encontre adormecida. Entristece-me quando testemunho pessoas maduras que voltaram a estudar incorporarem a falsa ideia de que com o avanço da idade, aprende-se menos. Elas acreditam que estão velhas para aprender quando, na verdade, a maturidade favorece o processo de associação e, consequentemente, o aprendizado.

Aprender a estudar (ou aprender a aprender) é o novo desafio para todos aqueles que

desejam o verdadeiro conhecimento. E para isso se exige uma nova pedagogia. Quando aprende a aprender, o estudante muda completamente a visão distorcida, limitada e negativa da escola, das matérias e dos professores. Passa a aprender com prazer e se torna uma pessoa mais dedicada.

Se o principal desafio do professor contemporâneo é o de ensinar o educando a estudar, outro, ainda mais complexo, é o de tornar a sala de aula e as matérias mais interessantes do que os games, a internet, os vídeos e toda sorte de parafernálias eletrônicas que nos cercam.

Quem aceita o desafio de aprender a estudar apura seus mecanismos de percepção, ou seja, ver, ouvir, tocar, sentir. Aprender pelo simples direcionamento de nossos mecanismos de percepção é uma questão de mínimo esforço, por isso é sempre o primeiro recurso que dispomos. Assistir aulas, ler são exemplos deste processo de aprendizagem.

Acontece, porém, que nem sempre a percepção pura e simples garante a compreensão. Neste caso, como segundo recurso de aprendizagem, iniciamos o processo de decomposição, ou seja, estuda-se as partes até compreendê-las como um todo e finalmente monta-se com a certeza da compreensão. Não é verdade que fazemos isso desde criança? Pense na quantidade de coisas que você desmontava quando criança e que às vezes rendia uma bronca dos pais. O impulso era aprender pela decomposição.

Mas transcendendo o método, estudar é o caminho para o conhecimento e para a realização pessoal. O estudante dedicado e que aceita o desafio de aprender a estudar está no caminho certo, pois quem se dedica obtém conhecimento. Conhecer permite encontrar saídas e vencer. Estudar é tornar a vida mais fácil.

Seja o melhor aluno da classe

Você se lembra do estudante mais inteligente da sua classe?
E do maior bagunceiro?

É provável que se lembre de ambos.

De todos os colegas que ficam gravados em nossa memória, o mais inteligente e o maior bagunceiro são os mais marcantes, não é? Infelizmente, o título de bagunceiro da sala não enobrece ninguém. Ao contrário, pode prejudicar.

Você sabe quem é o sujeito mais sem graça da classe? É justamente o engraçadinho! É aquele que atrapalha os colegas enquanto o professor ensina, fica bagunçando no fundão e não leva nada a sério. Afaste-se dele! Por ser o bobo da corte, o brincalhão se prejudica, pois nunca será levado a sério pelos companheiros, nem presenteado pelo professor com aquele pontinho extra para fechar a média bimestral. Não será convidado para os grupos de trabalho, porque gosta de folgar nos outros, nem chamado para nada que exija responsabilidade. Destacar-se-á negativamente pela facilidade de ser ridículo quando o ambiente exige seriedade.

Por sua vez, o melhor aluno da classe não é o almofadinha arrogante que tira 10 em todas as matérias e se aproveita disso para humilhar os colegas. Trata-se do estudante simpático e solícito que merece boas notas e ainda se preocupa em ajudar os colegas em dificuldade, sendo lembrado e assediado nos trabalhos em equipe. A propósito, o grupo de estudo se forma em torno dele, normalmente. É, ademais, convidado para compor chapas, representar a classe e ler os textos da formatura.

Confesso que eu já andei no grupo dos maus alunos, já reclamei muito das matérias e falei mau dos professores. Mas quem nunca fez isso? Acontece que o meu rendimento também piorava a medida que eu interagia mais com o grupo dos piores. Um dia uma das minhas professoras, preocupada com o meu baixo rendimento, me deu um conselho que me fez pensar, agradecer e mudar totalmente a minha visão de mundo. Ela disse que se eu quisesse ser o melhor, teria que fazer o que fazem os melhores. Pensar como eles pensam, agir como eles agem e estudar como eles estudavam. Aproxime-se dos melhores alunos e será um deles!

Frequente a escola com o objetivo de ser sempre o melhor aluno da classe e tenha certeza de que o simples fato de possuir essa meta já fará de você um estudante melhor. Atravesse sua fase acadêmica de maneira extraordinária, não aceitando nota menor do que 10 no seu histórico. Afaste-se dos preguiçosos e destaque-se positivamente da maioria.

Estude com a finalidade de conquistar o 10 em todas as provas e ser elogiado pelos professores de todas as matérias. Tenha em mente que quando você se prepara para conseguir a nota mínima exigida, isto é, um 5, você corre o risco de tirar 4 e ser reprovado. Entretanto, se estudar com dedicação e se preparar para tirar a nota máxima, sempre garantirá um 9 ou 8, caso algo dê errado.

Treine sempre como um excelente jogador de futebol: tente acertar o máximo de chutes ao gol, pois, se no jogo errar, você terá, no mínimo, a consideração de que ao menos acertou a trave.

Falta de motivação nos estudos

Sabe aquela pilha de livros que você tem que ler, as provas que estão chegando ou aquele seminário da semana que vem para o qual você nem começou a estudar? Parece um cenário desanimador, não é?

Como se motivar e se manter motivado durante os estudos é o desafio de muitos estudantes. Por isso eu acho extremamente necessário tocar neste assunto.

Se você sofre com a falta de motivação para o estudo, saiba que uma das principais causas é o velho hábito de associar aos estudos aspectos negativos tais como: estudar é sofrível, é cansativo, é chato.

Dizer que não pode ir ao cinema, a balada ou ao churrasco porque precisa estudar ajuda a criar uma visão negativa.

Ficar de embromação, contando o número de páginas do livro, a quantidade de matérias que se tem pela frente ou os minutos que faltam para acabar a aula de química não anima ninguém. A mania de ficar chorando o conteúdo da prova, além das tarefas a realizar só ajudará a deixá-lo mais desmotivado.

Entusiasmo, disposição e disciplina fazem parte dos hábitos necessários para se tornar um campeão nos estudos. Todo gênio estuda muito, e toda tarefa trabalhosa exige motivação. Manter-se motivado nos estudos minimiza e suaviza as horas de sacrifício e melhora o estado de concentração.

Entenda: o nosso cérebro possui mecanismos de aprendizagem que são totalmente dependentes uns dos outros. Por exemplo: você sabe que a memorização depende da concentração, não é verdade? Agora, pergunto, a concentração é uma energia gratuita? Claro que não! O estado de concentração depende da motivação, ou seja, quando você está motivado, realmente interessado por alguma coisa, você se concentra nela, não é assim? Pois bem, quando você se motiva consegue perceber o que ninguém percebeu, pois estava totalmente focado. Veja este exemplo:

> Arquimedes, sábio grego que viveu no século III antes de Cristo, tinha um grande desafio: calcular o volume de um sólido de formato irregular, neste caso, a coroa do rei Hierão de Siracusa. Parecia uma tarefa muito difícil, mas o sábio estava motivado. Foi com este sentimento que, um dia, ao entrar na banheira totalmente cheia, Arquimedes reparou que o volume do seu corpo deslocara o excesso de água para fora, fazendo a banheira transbordar. Naquele instante ele percebeu: para saber o volume da coroa, bastava mergulhá-la e medir o líquido deslocado. Eufórico, saiu nu pelas ruas, gritando: "Heureka!", que significa "encontrei".

Arquimedes foi um gênio de muitas façanhas. E, como ele, você também é capaz de fazer coisas incríveis como, por exemplo, automotivar-se. Acreditar em seu potencial, na capacidade de solucionar problemas aguça o interesse e faz com que raciocine melhor e as respostas surjam simplesmente. Parece milagre!

Conheço alguns estudantes que trabalhavam a motivação criando estímulos interessantes como escrever frases motivacionais e espalhar pelas paredes do quarto ou prender cartazes com o salário que pretendiam ganhar quando finalmente passassem no concurso. Pense positivo em relação aos estudos. Crie um ambiente temático, organize a sua sala de estudos para que seja totalmente estimulante e agradável.

Reforço: É a motivação que desperta o interesse e, este, a concentração e finalmente a memorização. Por isso, nem todo o tempo do mundo valem algo substancial sem uma boa dose de motivação. Entenda o verdadeiro estudante é aquele que se compromete com a própria aprendizagem, pois agindo assim liberará seu cérebro dos fantasmas da preguiça mental e terá a companhia de todos os mecanismos de aprendizagem, memória e concentração.

Explicar para si mesmo os bons motivos pelos quais precisa estudar o ajudará a se manter motivado. Sugiro que, antes mesmo de abrir um livro, você escreva numa folha umas cinco ou seis boas razões para estudar com afinco. Cole na parede da sala de estudos cartazes com fotos de coisas que deseja conquistar na vida como um carro, moto, ou posição social. Isso afastará a ansiedade, o estresse e o deixará mais tranquilo, motivado e receptivo.

Como se manter motivado nos estudos

Quando o professor recomenda a leitura de algum livro, ele se depara com dois tipos de alunos: um anota o nome da obra, adquire um exemplar e o lê. O outro maldiz o mestre, alega falta de tempo e inventa mil desculpas para escapulir da tarefa. O que determina diferentes reações é a motivação.

Tudo que desejamos realizar na vida demanda intenção, um propósito forte que impulsiona o empenho. Como vimos no último tópico, o grau de concentração, aprendizagem e qualidade de retenção pela memória está intimamente relacionado com a motivação. Quando não temos um bom motivo para assistir as aulas ou mesmo para ler um livro, desenvolvemos processos psicológicos independentes que bloqueiam a atividade. Eu tenho certeza que você não quer assistir uma aula ou ler completamente bloqueado, não é verdade? Vamos entender o processo.

Quando não há motivação para o estudo a distração toma espaço e se apresenta como um mecanismo de defesa da mente contra a atividade indesejada. Roer as unhas, balançar uma perna, arrancar os pêlos das sobrancelhas, enrolar o dedo nos cabelos, sentir sono e pensar em outras coisas são fugas comuns. A mensagem da mente é bem clara: Como esta matéria não faz bem a você, farei de tudo para protegê-lo - então a distração começa a funcionar. Talvez você possa estar se perguntando:

"Mas Renato, como me motivar para estudar matérias que eu detesto?"

O problema é justamente este! Enquanto você continuar dizendo para o mundo que detesta a matéria, a sua mente continuará a o protegendo dela. Por isso você precisa mudar a forma de pensar. Para que a falta de motivação não prejudique seu rendimento, existem alguns passos para você atingir e manter um estado propício ao aprendizado. Veja alguns exemplos:

Pense positivo: Para tudo aquilo que você diz que detesta, existe alguém que diz que adora e esta pessoa, com toda certeza, esta aproveitando o momento melhor do que você. Então pare de reclamar e estude forte. O mundo está cheio de oportunidades por isso, lembre-se: Enquanto uns choram, outros vendem lenços.

Tempo: Crie um hábito de estudar todos os dias e se possível sempre nos mesmos horários. Fazendo isso, você cria uma rotina positiva e evita ficar pensando em fazer outras coisas.

Fracione as matérias: Não olhe para o todo. Mire apenas na meta do dia. Elabore um programa de estudos prevendo as matérias que serão estudadas a cada dia e o tempo de duração para cada uma delas. Cumpra este programa rigorosamente para que elas não se acumulem e provoquem desmotivação.

Crie recompensas: Depois de cumprida a sua jornada de estudos, dê a si mesmo algum tipo de recompensa pelo empenho. Tire uma soneca, saboreie uma deliciosa sobremesa, assista um filme

para relaxar. Faça algo prazeroso e associe ao ato de estudar, isso o deixará animado para voltar a estudar no dia seguinte.

Alimente seus sonhos: Pense no ótimo salário que irá receber se passar no concurso. Pense na estabilidade da carreira pública, carro de luxo, casa própria, viagens nas férias, etc. Escreva tudo numa folha e leia sempre.

Um desses estudantes, nota 10 em todas as matérias e o melhor aluno da classe, me contou que na adolescência tinha uma estratégia motivadora bem simples: concentrava- se totalmente na explicação do professor e se certificava de que havia aprendido só para não ter que estudar em casa. Seu propósito: sobrar tempo para jogar futebol. Afirmava que a sala de aula era o lugar de estudar, enquanto sua casa era só para revisar as matérias.

Nunca comece uma jornada de estudo sem antes dar a si mesmo um bom motivo para se empenhar inteiramente nela. Por isso, pergunte-se e responda:

Qual é o meu propósito para incentivar este estudo?

Faça agora um exercício: Pense e anote 5 ou mais motivos verdadeiros ou uma frase que o deixe realmente entusiasmado com os estudos. Deixe esta folha num local visível e medite sempre que precisar de ânimo.

A rotina do sucesso nos estudos

Adotar uma rotina de estudos é o segredo do sucesso dos melhores alunos. Estudar todos os dias nos mesmos horários e no mesmo período de tempo gera a disposição e o ânimo necessários para encarar as matérias, já que é a repetição que leva ao hábito.

A rotina de uma escola é semelhante à de qualquer empresa. Os alunos cumprem diariamente uma jornada de trabalho na sala de aula. Em alguns colégios, eles andam uniformizados, possuem cartões de identificação, cumprem metas, demonstram bom desempenho nas provas, elaboram textos, fazem relatórios, apresentações, etc. Em casa a rotina continua com tarefas, exercícios, revisões de matérias anteriores e leitura de livros.

Se essa é a sua rotina, anime-se e agradeça. Você faz parte de um seleto grupo de pessoas que tem acesso à educação de qualidade e com plenas condições de galgar os melhores lugares nas universidades, concursos e também no concorrido mundo dos negócios.

Encontro em minhas palestras, alunos entusiasmados pelos estudos, como também estudantes desmotivados. Os últimos frequentemente reclamam de ter que ler os livros "Triste Fim de Policarpo Quaresma", "Os Lusíadas", "Capitães de Areia", entre outras obras clássicas. Pergunto: Afinal, o que gostariam de ler? Revistas de fofoca? Gibis? Reclamam porque os professores estão oferecendo o melhor e não percebem que, quanto mais complexa a matéria, mais se desenvolvem intelectualmente. O lema desses alunos é: quanto menos e mais fácil, melhor. Esse é o coro dos preguiçosos!

Desafios, por outro lado, compõem as armas do sucesso do estudante brilhante, pois, como diz o ditado:

"As melhores árvores crescem em meio aos vendavais, pois têm a resistência constantemente testada."

Para ser um campeão nos estudos, é fundamental saber administrar o tempo. Não permita que atividades triviais ou inúteis desviem o seu foco. Subir no pódio dos grandes processos seletivos exige dedicação e disciplina. Será muito mais divertido reunir os amigos para comemorar uma vitória conquistada com afinco. Não existe nada mais agradável do que celebrar uma vaga no vestibular mais concorrido. Então, saiba que habilidades como interpretar e redigir textos, falar outro idioma, apresentar seminários, articular ideias e saber estudar contam pontos na hora das provas. Para desenvolver essas aptidões, você terá que criar uma rotina de estudos e se dedicar ao máximo. O importante é produzir resultados, porque todo esforço será recompensado.

Um plano de estudo campeão tem que ser bem organizado. Para isso, monte numa folha de papel uma planilha com todas as matérias que precisa estudar em casa, de segunda a sexta. Determine o tempo necessário de estudo para cada uma de acordo com o grau de dificuldade que você sente e a quantidade de matéria, por exemplo, matérias mais difíceis ou de conteúdo mais amplo exigirão mais tempo de dedicação. Por exemplo:

Matemática: 1 hora;
Português: 30 minutos;

Inglês: 30 minutos;
História: 1 hora;
Leitura de livros ou textos complementares: 1 hora;
Revisão de aulas: 30 minutos, e assim por diante.

		SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
1hora	30 min	*Revisão Aula*	*Revisão Aula*	*Revisão Aula*	*Revisão Aula*	*Revisão Aula*	*Revisão*
	30 min	*Matemática*	*História*	*Física*	*Geografia*	*Química*	*Revisão*
1hora	30 min	*Matemática*	*História*	*Física*	*Geografia*	*Química*	*Revisão*
	30 min	*Português*	*Leitura*	*Biologia*	*Português*	*Matemática*	*Revisão*
1hora	30 min	*Inglês*	*Leitura*	*Biologia*	*Inglês*	*Matemática*	*Revisão*
	30 min	*Revisão*	*Inglês*	*Leitura*	*Leitura*	*Leitura*	*Revisão*

Quando todas as matérias estiverem devidamente organizadas e pontuadas com os horários, você irá distribuí-las em sua planilha. Suponhamos que além da sala de aula, você ainda cumpra mais 3 horas de dedicação aos estudos em sua casa. Distribua, nestas 3 horas, as matérias que precisa estudar. Veja no exemplo um modelo de organização de matérias. Note que antes de iniciar os estudos em sua residência, será primordial para a memorização revisar rapidamente as matérias dadas em sala de aula. Outra dica é reservar o sábado para repassar todas as matérias estudadas durante a semana, mas veremos mais tarde no tópico, Decoreba: O modo correto de revisar matérias.

A melhor escola para você estudar

Sempre ouvi pais e professores dizendo:

"Quem faz a escola é o aluno."

Por toda a minha vida estudantil, frequentei escola pública e, a exemplo de muitos, aprendi a fazer muito com pouco. A melhor escola para estudar é aquela capaz de formar cidadãos aptos a pensar claramente, analisar problemas, fazer opções e decidir, agir eticamente e assumir suas responsabilidades. A busca pela boa educação tem que partir do estudante e quando a almeja, ele a encontra em qualquer instituição educacional.

Uma educação de qualidade pode custar caro, mas tem os seus benefícios. Quanto mais qualificados forem os professores e coordenadores, por exemplo, melhor será a qualidade do ensino.

No Brasil, estudantes podem optar por estudar em instituições de ensino públicas ou privadas. As escolas particulares saem na frente em qualidade de ensino, corpo docente e infra-estrutura, mas podem pecar na educação de nível superior. No último caso, destacam-se as universidades estaduais e federais, nem sempre pela estrutura oferecida, mas pela qualificação do seu corpo docente que se preocupa em oferecer o melhor para seus alunos.

Pública ou privada, a escolha certa da instituição é fundamental para o futuro do aprendiz. Especialistas em alfabetização sugerem três perguntas que devem ser feitas antes de decidir em qual colégio ou curso estudar ou matricular uma criança.

1) Qual é a taxa de repetência da escola?
2) Qual o nível dos estudantes que acabaram de se alfabetizar?
3) Como a escola se situa em relação às outras?

Tais perguntas têm por objetivo descobrir se o índice de repetência não ultrapassa os 10% (considerado normal), se os estudantes estão aptos a ler, escrever e interpretar textos de maneira satisfatória (o que é possível ser feito através da avaliação de trabalhos de alunos) e se a escola tem boa classificação em avaliações do MEC. Coloque as opções sobre a mesa e faça a melhor escolha.

Excelentes profissionais atribuem o próprio sucesso ao fato de terem estudado em instituições particulares, mas existem também os que nunca pagaram um centavo pelo ensino. Justificam a tese citada no início do tópico, de que quem determina a qualidade da escola é o próprio aluno. Fazer muito com pouco é o segredo desses estudantes que eram rotulados de "CDFs" ou "Nerds", pois não perdiam nenhuma aula e também não poupavam perguntas ao professor.

É fundamental também fazer de sua casa a sua melhor escola. O autodidatismo está na moda, devido ao acesso facilitado de grande acervo de informações nas bibliotecas públicas e principalmente na internet. É inadmissível a um estudante tirar nota baixa em uma prova e alegar que o motivo é a falta de informação. Explore todos os meios de aprendizagem possíveis. Dê a si mesmo o melhor estudo. Se não puder frequentar uma escola particular, explore ao máximo aquela que você frequenta. Lembre-se sempre que o segredo do sucesso é fazer muito com pouco.

Concentre-se nas explicações

Existem várias formas de você alimentar a sua memória. Uma delas você deve conhecer bem: Assistir aulas presenciais ou, numa linguagem popular, sentar a poupança na cadeira na sala de aula.

Mas o que aconteceria se no momento em que você começasse a receber as explicações do professor, algum engraçadinho também começasse uma bagunça no fundo da sala? É certo que o segundo ruído prejudicaria a recepção da primeiro, concorda?

É verdade que nem sempre conseguimos evitar os ruídos causados por outros alunos, mas pelo menos dá para prevenir sentando-se em um lugar mais estratégico.

E qual seria este lugar?

Qual é o melhor lugar da classe para quem deseja se concentrar nas matérias e principalmente nas explicações do professor?

Certamente não é a última fileira.

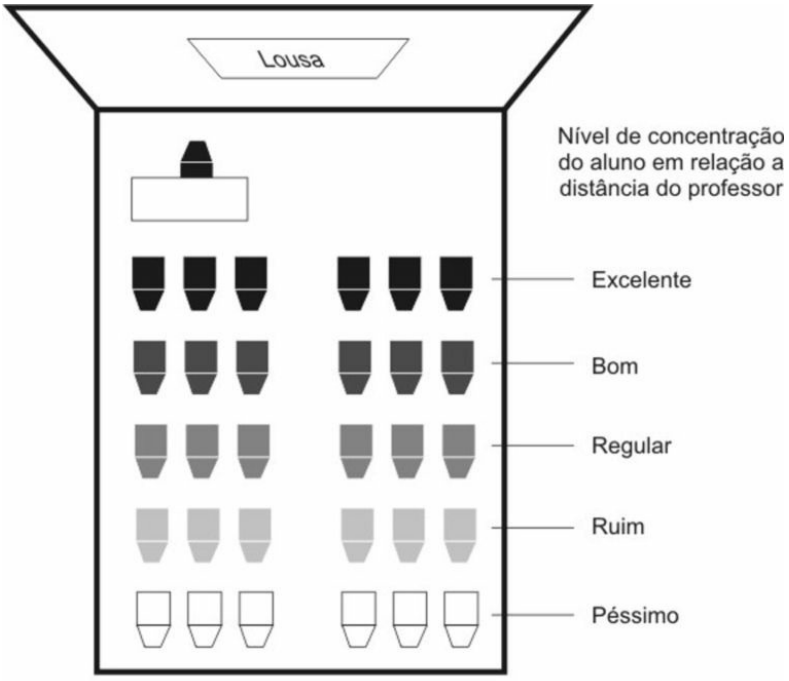
Lousa
Nível de concentração do aluno em relação a distância do professor
Excelente
Bom
Regular
Ruim
Péssimo

Numa sala de aula cheia há diversos ruídos (estímulos) que roubam a concentração: Garotos usando bonés coloridos, pessoas conversando, mexendo nos cabelos, tomando notas, manuseando livros, mordendo a caneta, operando celular, balançando as pernas, enfim, movimentos chamativos, tirando a concentração e distraindo.

Ademais, a distância dificulta a captação das palavras do professor e a leitura das anotações na lousa. Os sinais não-verbais como os gestos do educador, sua fisionomia e seu modo de olhar, elementos fundamentais na comunicação e na concentração, também serão prejudicados pela distância.

O centro da primeira fila é considerado o lugar ideal. Sua classificação é excelente, pois o seu campo visual abrangerá apenas o professor e a lousa. Mesmo que o educador se desloque para o fundo da sala, ficando fora do alcance visual, você ainda deve continuar olhando para frente, pois o cérebro aguçará a percepção auditiva que o ajudará a manter a atenção.

A segunda fila será uma boa escolha, embora traga o risco do desvio da atenção aos movimentos dos alunos da primeira. Da terceira fila em diante será difícil manter a atenção apenas no professor e evitar a dispersão causada pelas pessoas que poluem seu campo visual. O fundão é absolutamente desaconselhável, porque você se distrairá facilmente.

Outra razão para se sentar na primeira fileira é que os professores raramente fazem perguntas para quem senta neste local. Preferem optar pelos alunos que se situam mais distantes da lousa, já que para responderem necessitam elevar a voz, fazendo com que os alunos sentados à frente ouçam.

Ainda há o fato de os professores simpatizarem com os estudantes da primeira fileira, que participam mais da aula. Essa relação pode facilitar muitos aspectos como, por exemplo, um pontinho extra por para fechar o semestre.

Além de sentar-se na primeira fileira, é importante ficar vivo em sala de aula. Prestar atenção, perguntar, concordar, discordar, anotar, enfim, a memorização é um processo ativo, por isso é fundamental que você explore todos os recursos.

Lembre-se disso: Se você deseja se concentrar durante a aula, captar e registrar melhor as informações e ainda ganhar o título de queridinho (a) dos professores, sente-se na primeira fileira e fique vivo!

O horário ideal para estudar

Uma das perguntas que mais me fazem é sobre qual é o melhor horário para estudar.

De madrugada?
De manhã?
Antes do almoço?
Depois do almoço?
No final da tarde ou à noite?

A resposta depende mais do tipo de organismo e do estado de ânimo da pessoa do que de regras funcionais. O estudo eficiente pode acontecer em qualquer período do dia, desde que você esteja disposto, descansado e com a cabeça tranquila. O cérebro se adapta ao horário escolhido.

Período da Manhã - das 7 às 12h

Vantagem: Evidentemente, na parte da manhã, depois de uma ótima noite de sono, o corpo e a mente estão descansados. Isso facilita a concentração e a compreensão das informações estudadas.

Desvantagem: Algumas pessoas, quando se levantam da cama de manhã, parecem que esqueceram a mente dormindo. Demoram a entrar em sintonia com o mundo, dependendo do funcionamento de seu relógio biológico. Se este for o seu caso, tome um banho, alimente-se bem e faça um bom alongamento.

Período da Tarde - das 13 às 18h

Vantagem: É o momento em que a pessoa está mais desperta e o almoço ajudou a ativar ainda mais o metabolismo. Normalmente, é nesse período que a casa fica mais tranquila, com o fim da faxina, quando as crianças estão dormindo e o silêncio facilita a concentração. Se puder descansar e tirar uma soneca de dez minutos após o almoço, excelente, pois terá uma melhora no estado de concentração.

Desvantagem: Se for estudar logo depois do almoço, você poderá sentir forte sonolência devido ao processo de digestão dos alimentos. O ideal é fazer a sesta. Mas atenção: Não mais do que dez minutos, pois, depois de um longo recesso, a preguiça pode imperar ao longo de toda a tarde.

Período Noturno - das 19 às 23h

Vantagem: Chegar à casa, praticar algum tipo de atividade física, tomar um banho, jantar e descansar. Esta rotina ajudará a reenergizar o aluno e prepará-lo para a jornada de estudo que poderá ser das 20 às 23h. É um horário adequado para quem trabalha e já teve o dia inteiro para resolver os problemas favorecendo, assim, a concentração.

Desvantagem: Se em alguns lares o período noturno é mais tranquilo, em outros é o mais congestionado, dificultando a concentração. A iluminação deverá ser adequada, pois quando fraca, causa esforço visual. Existe também a fortíssima concorrência dos programas noturnos de televisão.

Madrugada - das 23h em diante

Vantagem: Se existe alguma vantagem em trocar as preciosas horas de sono pelo estudo, a melhor de todas é o silêncio da madrugada. Quem se aborrece com a poluição sonora do dia encontrará um tranquilizante momento de paz. A concentração será favorecida, desde que o sono não interfira. Apelar para estimulantes não é recomendado, principalmente se a mente estiver cansada (neste caso, ela não memoriza).

Desvantagem: A desvantagem está em perder horas de sono. Quanto mais você aprende, melhor tem de dormir, porque quando isso não acontece, o aprendizado é comprometido. Só estude de madrugada se você realmente se sentir bem para isso.

O que faz a diferença mesmo, independentemente do horário que você escolher, é estudar todos os dias sempre no mesmo período. Isso o fará incorporar um hábito positivo e a disciplina que evitará a preguiça.

Uma dica que sempre passo aos estudantes colegiais e universitários é que façam uma revisão de toda a matéria logo que chegarem em suas casas. Mesmo que para alguns isso signifique estender a jornada, afirmo que vale a pena o esforço, pois dessa forma estarão consolidando a matéria em memórias de longo prazo. Chamo isso de os quinze minutos que fazem a diferença.

Quem não dispõe de tempo para o estudo ou revisão durante a semana, deve reservar um período no final de semana e fazer uma revisão geral das matérias aprendidas. Para isso, ajudará bastante evitar sair da sala de aula com dúvidas, porque para uma hora de aula não compreendida exige-se, no mínimo, uma hora de estudo em casa, mas com uma séria desvantagem: sem o professor. Por isso, a matéria deve ser devidamente compreendida ainda em sala de aula.

Não deve ser novidade para nenhum estudante que sala de aula é lugar de aprender e casa é lugar de revisar as matérias. Por isso é muito importante não ir para casa com dúvidas, pois o estudo requererá mais tempo.

Para a pergunta: Qual é o período em que você se sente mais disposto a aprender? É a sua resposta que indicará o melhor horário.

Neutralizando os ladrões de atenção

Os professores têm motivos de sobra para odiar baratas. A razão é simples: A barata é um inseto capaz de acabar com a paz, o sossego e o bom andamento da aula. Por mais interessante que seja o conteúdo discutido em classe, o pequeno artrópode tem o poder de arruiná-lo. E não é para menos, responda:

Você ficaria tranquilo, sentado, observando uma barata entrar voando pela janela e vir em sua direção?

O que desejo apontar, através do exemplo acima, é que todo ser humano se concentra, mas a concentração não resiste a uma forte interferência, ou , a um poderoso ladrão de atenção. Olhe ao seu redor e observe quantas coisas podem desviar a sua atenção e prejudicar o rendimento em atividades que exigem uma mente concentrada.

Como já foi explicado antes, o melhor lugar para acompanhar a aula está na primeira fileira, o mais próximo possível da fonte de onde brota a informação, isto é, do professor. Escolhendo esse lugar, você se resguarda de estímulos (ladrões de atenção) que podem distrair.

Mas e quando você está em sua casa, qual é o cômodo ideal para estudar?

A resposta é fácil: Aquele em que você se sente bem e, principalmente, não sofre interrupções. Deixe-me contar um segredo: A verdadeira concentração na leitura é determinada por ações que promovemos antes da leitura, ou seja, antes de ler ou estudar você deve ter o cuidado de identificar e eliminar possíveis ladrões de atenção. Nesse caso, é necessário planejar um esquema especial para evitar interrupções já que, como vimos, ela também é influenciada por fatores externos.

Muitos estudantes me procuram se queixando do ritmo da leitura, alegam ser lenta demais. Outros, não entendem porque os estudos não avançam e alguns chegam inclusive a desistir. Se você sente que os seus resultados estão aquém do que você realmente gostaria, então recomendo verificar se você não é mais uma vítima dos ladrões de atenção.

A primeira coisa a fazer é observar atentamente o local de estudos e perguntar: O que, neste local, teria o poder de desviar a minha atenção?

A resposta muitas vezes assusta porque revela uma uma lista enorme de possíveis estímulos que desviam a atenção e prejudicam os estudos. Leia com atenção e reflita.

Celular, televisão, rádio, música, computador, mobília inadequada, pessoas, animais de estimação, insetos, temperatura, iluminação, roupa, campainha, vizinhos, bagunça, sujeira, cores, barulho de trânsito, ruídos domésticos, material didático de má qualidade.

Você viu como a lista de interferências é enorme? E isso porque estou focando apenas as interferencias externas. Ainda não falei dos estímulos internos que podem desviar a atenção. Entenda: Não é por acaso que estou insistindo sobre a escolha do local adequado. A sua concentração depende disso. Dessa forma, antes de iniciar os estudos, veja o local escolhido,

analise-o e pergunte:

Ele permite concentração sem nenhuma perturbação?
O que poderá atrapalhar durante minhas horas de estudo?

Depois, identifique e neutralize!

Muitas vezes, em nossa casa há tanto barulho que precisamos tomar algumas providências, como desligar o telefone fixo e o celular, abaixar o som da televisão, pedir para ninguém entrar no recinto preservado nem nos importunar enquanto estivermos estudando. É fácil fazer isso, basta ter boa vontade e consciência de estudante. Algumas pessoas podem até achar que é difícil neutralizar tudo o que desvia a atenção. Mas eu insisto: Risque do vocabulário a palavra "difícil" e pelo menos tente!

Às vezes, tais cuidados podem causar discórdias. Afim de evitá-las, o diálogo familiar é fundamental para a melhor convivência. Em último caso, a sala de leitura e a biblioteca da escola surgem como refúgios perfeitos para quem deseja estudar em paz e manter a harmonia doméstica.

A postura ideal para estudar

Quando você pega um livro, logo pensa num local bem confortável como um sofá, cama ou mesmo uma gostosa almofada no carpete da sala? Saiba que este é um comportamento comum: associar leitura com prazer físico quando, na verdade, deveríamos ter na leitura um prazer mental.

A postura adotada no início da jornada de estudo ajuda a determinar o grau da sua concentração para mais ou para menos. A lógica é muito simples: Quanto maior o conforto ou o desconforto, menor será a concentração.

O corpo, em posição de repouso, emite sinais de relaxamento ao sistema nervoso. Este, por sua vez, muda a química do cérebro. Aí está uma das explicações para o sono que algumas pessoas sentem ao ler ou estudar.

Pior é quando deitamos sobre o ventre, pois isso nos obriga a manter a cabeça em extensão e, ainda que usemos o apoio dos cotovelos, logo sentimos fadiga muscular e respiratória, prejudicando a concentração. Deitar na cama para ler tem, entre outros inconvenientes, o de criar o hábito da preguiça, além de dificultar as anotações e as consultas a dicionários, outros livros, etc.

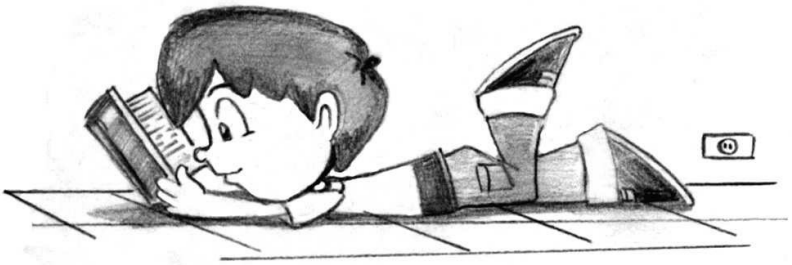

E

E

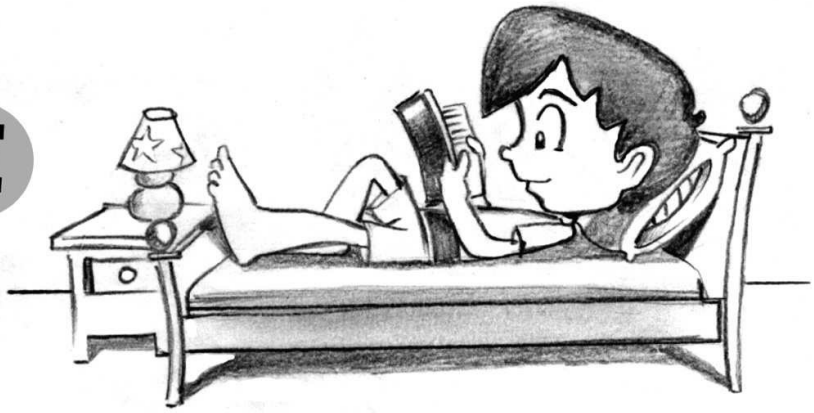

C

Não se deve inclinar sobre o livro nem segurá-lo com as mãos, como quando a leitura é feita na cama. Ambas as posições provocam tensão aos músculos do pescoço e do antebraço, respectivamente.

Sentar numa cadeira apropriada e ter a mesa como apoio constituem a postura ideal para o estudo concentrado. Outra dica é sentar-se de uma forma que o leitor ou estudante não tenha mais consciência do corpo. Para isso, sente-se numa posição que você suportaria ficar sentado durante 10 horas seguidas, mesmo que seja uma leitura de apenas 10 minutos. O segredo de pensar e agir dessa forma é que ao sentar-se corretamente você esquece o corpo e a mente foca ainda mais a tarefa.

Pode-se ainda potencializar a atenção colocando o livro num suporte inclinado, num ângulo de 30 a 60 graus sobre a linha horizontal, o que melhora a visualização, captação e a memorização.

Remédios para memória

Imagine um motorista de automóvel viajando tranquilamente por uma estrada deserta à velocidade de 180 km por hora. De repente, a luz indicativa da reserva do tanque de combustível acende e imediatamente o piloto se lembra de que não há qualquer posto de abastecimento nos próximos 60 km. É a típica situação em que o motorista sabe que pode até alcançar o posto, mas que para isso terá que adotar mudanças importantes na forma de conduzir seu veículo. Precisará diminuir consideravelmente a velocidade, deixar o motor em ponto morto nas decidas e ficar verificando constantemente o hodômetro.

Sabe-se que uma dieta nutritiva é essencial para estudantes e profissionais que utilizam intensamente seus cérebros. As vitaminas e os minerais encontrados nos alimentos são nutrientes necessários para o bom funcionamento do organismo; e, quando este funciona bem, o cérebro e seus mecanismos de raciocínio, memória e atenção são naturalmente potencializados.

O seu cérebro e o sistema nervoso são responsáveis pelo consumo diário de 25% da energia metabolizada pelo seu aparelho digestivo. A dieta que nutre e fornece as vitaminas requeridas para o bom desempenho do cérebro deve conter cereais, vegetais, legumes e frutas. E a melhor hora do dia para ingerir tais alimentos é justamente a hora do café da manhã. Este deve ser a melhor refeição do dia, pois quando você sai de casa pela manhã sem se alimentar compara-se ao motorista que tem seu automóvel com o tanque na reserva, viajando lentamente e torcendo para o combustível não acabar. Ou seja, você já começa o dia com pouco rendimento e com o desempenho intelectual bem abaixo da média.

Quando você não se alimenta adequadamente, sente uma série de sintomas que limitam o funcionamento do seu sistema atencional e dificultam a sua aprendizagem.

O primeiro deles é a falta de concentração que traz consigo a dificuldade para focar e memorizar o que está aprendendo. Em seguida você experimenta lapsos de memória frequentes que também dificultam o aprendizado. Mais tarde, perturbado pela dificuldade em focar a atenção e memorizar o que está aprendendo, você experimentará o peso da fadiga mental. Se a mente cansada implica em mente preguiçosa, então a preguiça mental será um sério obstáculo para quem ainda tem muito a aprender. Uma sonolência inexplicável é o último sintoma que sentirá antes de abandonar os livros e desistir do estudo.

Assim, é recomendável fazer uma boa dieta alimentar e fornecer às células do cérebro todo o combustível necessário, impedindo que a mente seja prejudicada pela falta de concentração e todos os outros sintomas que interferem no bom desempenho dos estudos. É óbvio que, mesmo sem fazer isto, você continuaria estudando, aprendendo e memorizando tudo que precisa. Entretanto, estamos tratando aqui de alto desempenho intelectual. Logo, se você consegue bom resultado sem se alimentar adequadamente, imagine o que faria se cuidasse bem de seu organismo! Alimente-se corretamente logo no início do dia. Se você não tem o hábito de comer alimentos sólidos pela manhã, experimente tomar um copo de vitamina ou algo semelhante.

Alguns estudantes me perguntam sobre tomar estimulantes para o cérebro como pó de guaraná e cafeína. Gosto de explicar que cheguei a recordista brasileiro de memória sem fazer uso de qualquer estimulante e que uma boa memória é resultado de hábitos saudáveis.

Não tome remédios para a memória, porque não existem remédios capazes de fazer você

aprender ou se lembrar das regras gramaticais, fórmulas aritméticas, código civil e outras informações importantes. O bom desempenho da memória depende de um conjunto de hábitos saudáveis.

Quem não dorme, não memoriza.

Como é a sua rotina de estudante? Assiste aulas, faz tarefas, lê dezenas de livros, estuda para as provas, vestibulares, concursos? Se a sua rotina consiste em alimentar a memória com o máximo de informação, então abra os olhos, ou melhor, feche bem os olhos e durma.

Tudo que você aprende acordado será consolidado na memória quando dormir. Ao pegar no sono, seu cérebro inicia um processo de arquivamento das memórias registradas durante o dia. Por isso, quem aprende bastante deve ter um sono de qualidade.

Estudos mostram que a estafa e o cansaço mental decorrentes de noites mal dormidas prejudicam o armazenamento de lembranças. Resgatar informações da memória também se torna muito difícil quando não dormimos adequadamente. Em geral, quem não dorme bem sofre lapsos de memória com muito mais frequência do que pessoas que descansam. Em outras palavras, mente cansada não registra nem recupera informações com eficiência.

A boa noite de sono permite ao cérebro consolidar na memória todos os dados aprendidos durante o dia. Caso estude e deseje recordar o que aprendeu, você precisa dormir pelo menos de seis a oito horas todas as noites.

Veja aqui algumas dicas para dormir melhor:

1 – Procure deitar e levantar sempre nos mesmos horários. Isso é fundamental para criar uma rotina, acostumar o organismo e evitar problemas como insônia.

2 – Se você sente muito frio nos pés, então deve mantê-los bem aquecidos. Às vezes, durante o sono, a circulação diminui e as extremidades esfriam, comprometendo o seu descanso.

3 – Evite assistir televisão no quarto. Sabe-se que estímulos sonoros ou luminosos causam noite mal dormidas. Se você gosta de deixar a televisão ligada para pegar no sono, programe-a para desligar em no máximo 30 minutos.

4 – Evite fazer ginástica nas duas horas que antecedem o sono. Atividades físicas aceleram o metabolismo do corpo, ativam a circulação e podem atrapalham o repouso.

5 – Evite bebidas estimulantes como café, chá preto ou refrigerante à base de cafeína pelo menos duas horas antes de dormir. A cafeína neutraliza a adenosina, um neurotransmissor que provoca o sono. O mesmo vale para o chocolate.

6 – Invista em um bom colchão. Utilize também um travesseiro adequado.

7 – Não coma nada muito pesado antes de ir para a cama. A má digestão pode provocar insônia e pesadelos. Prefira uma alimentação leve.

8 – Foi provado que filmes violentos, dramáticos ou de terror afugentam o sono. Ouvir músicas agitadas e com o som demasiadamente alto é ótimo para despertar, pela manhã. Agitar a

mente antes de dormir interfere no relaxamento e no sono.

9 – Se estiver muito preocupado ou se lembrar de algo importante para fazer no dia seguinte, escreva tudo em um papel. Deite-se e volte a pensar no assunto só no dia seguinte.

A qualidade da memorização depende também da qualidade do sono. Tenha em mente que o sono é sagrado num processo de aprendizagem. Você precisa aprender muito, não é? Então durma o suficiente para que haja consolidação das memórias.

Cuide do corpo e aumente a concentração

Quando algum estudante me pergunta qual é a etapa mais importante no estudo, explico que é aquela que vem antes do estudo. Eis uma informação importante: No processo de preparação, o seu estado físico exerce enorme influência, porque pode determinar o seu grau de concentração nos estudos. Quando você se sente bem, a sua concentração fica forte e quando está mal, concentrar-se vira um pesadelo.

Faminto, tenso ou com o corpo cansado, suado, sujo após um dia de trabalho, dificulta manter a mente concentrada.

Pode parecer pouco, mas medidas simples como tomar banho, usar roupas leves, alimentar-se bem e, se necessário, tirar um cochilo antes de iniciar a jornada de estudos ajudarão a preservar o seu estado de atenção.

Durante os estudos recomendo 20 minutos de descanso para cada duas horas. Nesse intervalo, é conveniente um alongamento para "destravar" o corpo, evitar o esfriamento das extremidades dos membros e a congestão da cabeça (afluência anormal de sangue aos vasos do cérebro).

Alimentar-se adequadamente, beber bastante água, ir ao banheiro, lavar o rosto e descansar são ações simples, concordo, mas possibilitam o descanso e previnem indisposições orgânicas prejudiciais à concentração. Às vezes são as pequenas ações que promovem grandes resultados. Assim,cheque suas carências fisiológicas antes de estudar. Perceba do que seu corpo está precisando naquele momento. Supra as exigências e avive a atenção.

Água memória e concentração

Até aqui você entendeu que a qualidade no estudo começa antes de por as mãos nos livros. Descobriu que uma mente sem um corpo saudável equivale a um corpo saudável sem uma mente.

"Mens sana in corpore sano."

Quem se esquece ou bebe pouca água prejudica o bom desempenho do sistema nervoso, o que prejudica a absorção de informações, principalmente quando se trata de matérias escolares e outros dados complexos. Pode-se, assim, atribuir lapsos de memória e falta de concentração à ausência do hábito de beber água e hidratar-se regularmente.

A carência de água no organismo pode prejudicar a condução de estímulos elétricos pelo sistema nervoso e consequentemente dificultar a aprendizagem. Inversamente, a ingestão regular de dois litros de água ao longo de um dia intensifica as conexões entre neurônios, transportando elementos úteis aos estímulos elétricos e às reações químicas no cérebro.

Você pode recorrer a diferentes técnicas para se lembrar de beber água, caso não possua esse hábito. E a melhor forma para se lembrar de beber água é deixá-la sempre a disposição. Uma jarra cheia próxima a mesa de estudos o forçará a beber durante os intervalos que possuir entre os exercícios.

Habitue-se a tomar água durante todo o dia, mesmo sem vontade. Ao acordar pela manhã, beba um copo de água. Duas horas mais tarde, outro copo e assim, sucessivamente, a cada duas horas. Após alguns dias, seu organismo estará condicionado. Experimente e note a diferença.

Atividade física potencializa a memória

Se você está lendo este livro é porque, imagino, pensa sério na ideia de ser um campeão nos estudos e na memorização.

Imagino também que deva estar na expectativa de que eu trate logo das técnicas de estudo. Entretanto, antes de seguirmos com o assunto, eu gostaria de dividir com você mais alguns segredos sobre hábitos saudáveis que potencializarão o uso da sua memória no processo de aprendizagem. Neste tópico, falarei de um hábito que na minha opinião é um dos mais importantes de todos. Refiro-me ao hábito de praticar atividade física.

Você sabia que o sedentarismo é um dos grandes vilões na falta de memória e da concentração? Para demonstrar isso, veja a seguir uma sequência de problemas que serão desencadeados e sentidos pelo estudante que simplesmente torce o nariz para os exercícios físicos:

1) Baixo poder de concentração;
2) Dificuldade em memorizar o que está aprendendo;
3) Lapsos de memória;
4) Fadiga mental, que implica preguiça mental;
5) Sonolência;
6) Indisposição para estudar.

De fato, a falta de atividade física limita bastante a sua capacidade de concentração e memorização. Agora pense no contrário: O que aconteceria se você investisse alguns minutos do seu dia na prática de atividade física para garantir o bom desempenho do cérebro? Neste caso, você experimentaria benefícios que o levariam muito mais longe em seu processo de preparação. Veja:

1) A atividade física ajuda a mudar a química do sistema nervoso. Libera neurotransmissores que provocam estado de bom humor que é ideal para enfrentar as horas de aula. Melhora a disposição física, o que favorece maior tolerância para atividades feitas sob pressão. Além disso, a atividade física garante maior desempenho mental e mais ânimo.

2) A atividade física ativa a circulação, devido à dilatação das artérias, veias e vasos sanguíneos. Isso melhora a oxigenação do cérebro, potencializando o desempenho da inteligência, memória e concentração.

3) Onde tem saúde, tem boa memória. Depois de anos desenvolvendo e aperfeiçoando centenas de técnicas de memorização, eu me esforço para manter tudo o que eu conquistei com a minha memória. E como eu consigo isso? Cuidando bem do meu corpo.

Reflita: de que vale estudar exaustivamente e na hora da prova sofrer um apagão mental? Nada! Mas como corrigir ou prevenir para que isso não aconteça? Fazendo atividade física!

A sua primeira grande busca no processo de aperfeiçoamento da memória deve ser pela qualidade de vida. Como vimos, quando estamos bem a nossa memória fica bem e vice-versa. Experimente diversos tipos de atividade física até conseguir encontrar uma que você realmente se

identifique. No meu caso, dentre as diversas modalidades existentes, encontrei na corrida a atividade perfeita a ponto de hoje, não abrir mão: Corro diariamente de 4 a 6 quilômetros.

Se você praticar atividade física regularmente melhorará não só o desempenho do cérebro e da memória como já provado em estudos científicos, mas tolerará bem mais o estudo sob pressão e estará sempre de bom humor.

Praticar esporte ou algum tipo de atividade física todos os dias aprimora a performance intelectual. Mas se o exercício diário for impossível, tente reservar ao menos 30 minutos seguidos, três vezes por semana. Os benefícios da atividade física são evidentes.

Por isso, mexa-se!

Higiene mental, a boa distração

Se você ultimamente tem estudado demais e se sente mentalmente cansado, está na hora de se distrair um pouco. Que tal reunir os amigos, alugar uma comédia, pedir uma pizza e relaxar?

A higiene mental ou boa distração é uma prática terapêutica obtida quando a pessoa realiza com prazer algum tipo de atividade que dispensa esforço da mente. Para isso, vale qualquer tipo de programa que o *"desligue"* temporária e literalmente dos textos e matérias. Soltar pipa, pescar, brincar com um animal de estimação, tirar uma soneca, escutar uma música, comer algo gostoso. O objetivo dessa terapia é simples: Descansar a mente e prepará-la para mais estudos. Um exemplo produtivo de higiene mental é cultivar bons relacionamentos, integrando-se a um grupo de amigos.

Diferente do grupo de estudos, no qual se discute as matérias de uma prova, o grupo de amigos serve simplesmente para relaxar, trocar ideias, contar piadas, rir, fazer brincadeiras, enfim, desvincular o cérebro de compromissos e preocupações. Ter um círculo de amizade estimulante ajuda a descontrair, a desenvolver a criatividade e a esquecer por algum momento da pressão sofrida na disputa de uma vaga num concurso ou vestibular.

Vale lembrar que os encontros de turma não precisam ser diários ou semanais. Reuniões esporádicas, com intervalos de 15 dias, serão ótimas opções. Os planos de passar nas provas e conquistar os objetivos dependem de muita dedicação e disciplina, mas ninguém que se sente sozinho é capaz de produzir muito.

Boa memória é memória rápida

Pensar rápido, encontrar em milésimos de segundos a palavra certa para formar uma oração perfeita, deixar fluir livremente os pensamentos, articular as melhores ideias para a composição de um texto durante uma redação, desfrutar de uma memória instantânea, tudo isso proporciona uma grande vantagem competitiva para o estudante de alto desempenho, concorda?

Entenda por memória a função de armazenar todo o conhecimento adquirido ao longo da vida. São informações, palavras, nomes, ideias, imagens, sons, sensações, experiências e fatos da sua existência. Numa breve comparação, a memória é como uma sopa de letrinhas. Muitas mães preparam esse prato para auxiliar os filhos no processo de alfabetização. Mas o que acontece quando uma das mães se esquece de mexer a sopa que está no fogo?

A água seca e o macarrão queima, grudando no fundo da panela. Da mesma forma, o que ocorre quando você não estimula a própria memória? Ela fica lenta e o acesso ao conhecimento torna-se difícil.

A memória utilizada com frequência se torna rápida e eficiente. Quanto mais você a usa, melhor ela fica. E você sabe qual é o exercício ideal para estimular a memória? Qualquer um que seja capaz de ativar as lembranças existentes.

A redação encabeça a lista de atividades eficientes no desenvolvimento da memória. Escrevendo, não importa sobre que assunto, você aciona arquivos até então em desuso. Quando eles vêm à tona, diversos tipos de memórias são fortalecidos, como a memória visual, a auditiva e a verbal, além da concentração.

A leitura é outro forte exercício. Ao ler livros, revistas ou artigos de qualquer interesse, você inicia processos de comparação e associação com o que já possui na memória. Além de oferecer um forte estímulo na busca pela memória rápida, a leitura concentrada funciona com pessoas de todas as idades.

Idosos podem até desejar aposentar o corpo, evitando trabalhos árduos, mas nunca devem aposentar o cérebro, pois as consequências do "sedentarismo mental" são piores do que as do sedentarismo. Existe, de fato, uma queda no desempenho da memória à medida que envelhecemos. Entretanto, quando estimulada, a mente é capaz de fortalecer as conexões existentes entre os neurônios e o idoso continua experimentando a lucidez. Tome como exemplo José da Silva Martins, pai do famoso advogado tributarista Ives Gandra Martins, professor da Universidade Mackenzie e autor de mais de 50 livros individuais especializados, que, aos 101 anos, aprendeu computação para redigir textos de filosofia.

Muitos estudantes se queixam de estudarem matérias que nunca serão utilizadas por eles no futuro. É o caso de fórmulas, equações, funções, etc. Ao realizarem essa falsa dedução, eles perdem uma importante chance de estimular regiões do cérebro envolvidas no processamento dos cálculos. Mesmo que nenhum deles nunca venha a utilizar aquele conhecimento na vida, o fato de dominar o exercício desenvolve mais a sua inteligência.

Nos campeonatos de memória, geralmente realizados na Europa, os competidores são obrigados a memorizar uma quantidade específica de informações em categorias como nomes, palavras, números, cartas de baralho, etc.

O juiz da prova sabe que todos eles têm condições de memorizar, mas quem receberá o

troféu? Naturalmente, o candidato que terminar primeiro, ou seja, que memorizar mais rápido. Não seria exagero aceitar a tese de que se não houvesse prazo para terminar o campeonato, qualquer pessoa conseguiria completar a tarefa mesmo que, para isso, demorasse um ano inteiro.

Todo estudante que se empenha estará destinado a ser aprovado nas provas e concursos. Ele pode precisar prestar o mesmo processo seletivo inúmeras vezes, mas vai atingir o objetivo. O indivíduo que estuda e faz revisões constantemente é o que possui a memória mais rápida e, consequentemente, será aquele com mais chances de ser aprovado na sua primeira tentativa. Aqueles que não possuem a mesma disciplina para o estudo reprovarão algumas vezes, certamente, mas passarão, se não desistirem.

Como ensina um dos principais nome dos concursos no Brasil, o juiz federal e professor William Douglas: *"Concurso (estendo ao vestibular) não se faz para passar, mas até passar!"*

Relaxamento para obter mais concentração

O hábito de praticar relaxamento ajuda a diminuir a preocupação e a manter o equilíbrio, melhora a atenção e facilita o acesso a informações gravadas na memória.

Além disso, ao praticar tais exercícios, você também consegue reduzir o fluxo de pensamentos dispersivos (distrações), acalma a mente agitada, confusa, ansiosa, preocupada e, por acréscimo, controla emoções negativas. Os brancos na memória que nos acometem em momentos decisivos, como provas, vestibulares, apresentações ou entrevistas, são praticamente banidos quando se experimenta regularmente o relaxamento e, através dele, a tranquilidade.

Em meu livro Branco na Memória ensino uma técnica de relaxamento simples e eficaz que você pode praticar todos os dias, pouco antes de começar a estudar, ler ou mesmo antes de fazer uma prova. Exige-se apenas um local, de preferência silencioso ou com uma música instrumental suave, onde não haja interrupção durante pelo menos 15 minutos.

1) Sente-se confortavelmente numa cadeira ou cama, com os pés apoiados no chão. Repouse as mãos sobre o colo. Mantenha a cabeça equilibrada e não a deixe pender. Você também poderá se sentar na posição de lótus, com as pernas cruzadas como os iogues.

2) Respire lenta e profundamente, contando até sete (com intervalo de meio segundo) para cada etapa da respiração (inspiração e expiração). Concentre toda atenção ao ar que entra nos pulmões. Procure visualizar um ar denso e colorido entrando por suas narinas, passando pela garganta até alcançar os pulmões. Lá, ele deve permanecer por três segundos e, na sequência, tomar o caminho de volta. Repita o ciclo pelo menos dez vezes.

3) Enquanto mantém o exercício respiratório, ordene mentalmente a cada parte do seu corpo que relaxe, começando pelos pés. Vislumbre seus pés, concentre toda a atenção neles e os sinta relaxando. Depois, mentalize seus tornozelos, sentindo a pressão exercida pelo corpo; logo após, imagine-os bem leves, sem peso algum. Visualize, em seguida, suas pernas, imagine-as se afrouxando, relaxando.

Concentrando, ordenando, visualizando e produzindo sensações. Assim deverá fazer com cada parte do seu corpo, de baixo para cima, começando pelos pés, depois tornozelos, pernas, quadris, órgão genital, intestino, costas, tórax, coração, braços, mãos, garganta, boca, nariz, olhos, até chegar ao couro cabeludo. É necessário que você não deixe de prestar atenção na respiração durante todo o exercício. Nesse momento, você já estará experimentando um novo estado físico e mental de profundo relaxamento. Uma imensa onda de tranquilidade invadirá seu corpo e sua mente.

O objetivo desse procedimento é fazer com que você não sinta mais seu corpo, perca toda a consciência dele, trabalhando apenas com a mente. Quanto mais relaxado seu corpo e mais tranquila a sua mente, mais equilíbrio e concentração você alcançará. Permaneça nesse estado por alguns minutos. Na sequência, sua mente estará apta a se concentrar para o estudo ou para revisar aquilo que você aprendeu.

Após o estudo, volte a relaxar e medite, fazendo um resumo mental do que você sabe. Anote

os tópicos mais importantes numa ficha e no dia seguinte faça uma auto avaliação, para fixar definitivamente os conceitos aprendidos.

Resumo:

Até aqui foram apresentadas ideias, hábitos, modo de pensar e agir, soluções e atitudes observadas em grandes campeões nos estudos.

Vimos também algumas dicas preciosas para potencializar a memória e a concentração. Chamo a sua atenção para que pratique estas orientações, pois são diretrizes fundamentais. Por mais simples ou obvias que pareçam, lembre-se que é o cuidado com os detalhes que favorece o foco e o poder nos estudos. Cuide de si mesmo antes mesmo de por as mãos nos livros e sentir-se-á bem durante os estudos. Lembre-se: quando você está bem, sua memória fica bem!

Se você realmente considerar e seguir tais diretrizes, então estará apto a passar para a segunda etapa: Conhecer os Facilitadores dos Estudos. Tratam-se das ferramentas internas e externas que ajudarão a torná-lo mais produtivo e rápido no processo de aprendizagem, bem como garantir uma memorização de melhor qualidade.

Capítulo 2 - Os Facilitadores do Estudo

Meditação do estudante - Para antes dos estudos

O poder da meditação transcende as explicações científicas e proporciona aquilo que falta a muitos estudantes: paciência e autoconfiança. A meditação acalma a mente, devolve o equilíbrio e dá mais segurança nas ações do cotidiano. O objetivo da meditação antes dos estudos é preparar a mente para receber o novo, fortalecer o interesse no aprendizado e facilitar o processo de concentração e com ele a memorização.

Escolha um lugar tranquilo, onde não seja incomodado por alguns minutos. Sente-se, feche os olhos e relaxe todos os músculos da face e do maxilar. Respire lenta e profundamente, concentrando-se apenas em sua respiração. Mantenha esse padrão de respiração durante alguns segundos até se sentir relaxado.

Concentrado na respiração, relaxe todo o seu corpo, da cabeça aos pés. Enquanto respirar lentamente, procure sentir o seu corpo totalmente envolvido por uma névoa de cor azul claro, que lhe transmita uma agradável sensação de paz. Quando perceber o corpo leve, sua mente calma e livre de pensamentos, você estará pronto para meditar.

Leia calmamente esta meditação, acredite em seu efeito e sinta seu poderoso resultado:

> Quero auxílio nos estudos que irei realizar. Que, durante esse tempo, eu possa sentir a inspiração e o interesse de um cientista, a paciência e a concentração de um monge em sua meditação e a
>
> curiosidade e a motivação de um jovem aprendiz. Que eu possua a inteligência de um mestre para aprender e a articulação de ideias de um prodígio para interpretar. Que eu tenha a capacidade de um sábio para refletir e uma memória forte, capaz de reter todo o conhecimento adquirido. Que eu possua, acima de tudo, paz mental e a tranquilidade necessária para aprender.

O "Kit Estudante": Acessórios que auxiliam nos estudos

A organização é o melhor caminho para a velocidade e eficiência nos estudos. Por organização entenda ter em mãos os instrumentos necessários para a realização de um estudo de qualidade, tais como cadernos, blocos, livros, dicionários, canetas, marca textos e tudo mais que facilitar o acesso ao conhecimento.

E porque você deve se preocupar com isso? Por que antecipando-se tudo o que será necessário, evita-se desperdício de tempo procurando tais acessórios ou simplesmente a preguiça. Entenda: É comum estudantes comprometerem a aprendizagem de um texto pela não compreensão de uma única palavra e tal falha ocorre muitas vezes pela indisposição ou simplesmente preguiça de se levantar e consultar um dicionário.

Para tanto, seria indispensável estar sentado numa cadeira com o providencial apoio da mesa e, próximo a ela, todos os materiais e acessórios necessários para o estudo, concorda?

O que você precisaria para uma tarde produtiva de estudos em sua casa?

Resposta: Tudo que permitisse a continuidade do aprendizado sem interrupção e evitasse suspensões para a busca de materiais suplementares, como, no exemplo de assuntos técnicos, bloco de anotações, dicionários, calculadora, marca texto, etc. Caderno, caneta, canetas coloridas, lápis, borracha, régua, enciclopédia, livros, agenda, água, enfim, cada estudante conhece as suas necessidades. Providencie antecipadamente tudo que poderá precisar, aproveitando melhor assim, o tempo disponível.

Como utilizar uma caneta "marca textos"

Tem gente contaminada pelo hábito. Outros, não resistem ao ato, quando estão diante de um bom texto, sentem o forte impulso de sacar do estojo a caneta amarela florescente e marcar todas as informações que encontram.

Sim, marcar textos é um hábito saudável e comum entre leitores. Acontece, porém, que alguns marcam excessivamente. Usar o marca textos sem critérios e sair colorindo qualquer sentença que chame a atenção transforma as páginas do livro numa obra de arte.

O princípio da necessidade de marcar textos esta na curiosidade, no interesse, na vontade de preservar o texto em nossa memória. Mas do ponto de vista da memória, o resultado da marcação, na maioria das vezes, surte o efeito contrário e mantém o texto exatamente onde estava: dentro do livro.

A explicação é que o próprio modo de pensar aplicado pelo leitor bloqueia a memorização.

“Esse texto é importante, deixe-me marcá-lo para o caso de ter que retornar.”

Note que a ideia não foi marcar para memorizar, mas pelo medo de não se lembrar. É o mesmo princípio da cola que muitos alunos levam para as provas. É um mecanismo de defesa. Você já reparou que pouco ou quase nada do que marcamos fica gravado na memória?

Para que o hábito de marcar textos não se transforme numa confusão de riscos coloridos, o ideal é que você trabalhe com a seguinte premissa:

"Se o texto é importante o suficiente para ser marcado, então significa que deve ser memorizado.”

Se todas as vezes que você decidir marcar um texto, optar por memorizar, provocará em sua memória o estimulo fundamental, isto é, você a colocará para funcionar. Eis algumas perguntas que o ajudarão a selecionar o que deve ser marcado e também garantir a fixação do conteúdo em memórias de médio e até longo prazo.

1. Explique porque o texto é importante.

2. Como aplicar este conhecimento em sua rotina?

3. Se tivesse que explicar a ideia para outra pessoa, como seria?

4. E qual é a melhor estratégia para memorizar este texto?

Enfatizo que o segredo da formação da memória esta em envolvê-la na atividade. Tentar responder estas perguntas e não simplesmente tomar conhecimento do texto provoca a memorização. A atitude faz toda a diferença! Por exemplo: Para a última questão, sugiro simplesmente reler o texto que seria marcado e explicá-lo como se estivesse dando uma aula.

Só depois de cumprir estas etapas pegue a caneta colorida e marque o texto. Mas, ao fazê-lo tenha em mente que o objetivo da marcação foi proporcionar um retorno mais rápido numa consulta

ao texto. E que tal consulta não seja pelo fato de não lembrar exatamente o que estava escrito, mas para simplesmente mostrar a alguém ou utilizar em alguma forma de trabalho.

Como e porque estudar em grupo

Se você tivesse que explicar para outra pessoa o que acabou de aprender, como faria? Era com esta pergunta que uma professora de francês da sexta série nos estimulava a testar o nosso conhecimento.

Ela explicava que discutir com outras pessoas tudo que foi ensinado na sala de aula era uma das melhores formas de memorizar, pois quando mais ensinamos, mais aprendemos e estudar em grupo é uma ótima oportunidade de praticar a aprendizagem.

A formação do grupo:

Convide os amigos, professores ou colegas de turma com interesses comuns. Um bom grupo de estudos não deve ter mais de seis pessoas, pois acima disso, além de dificultar a acomodação de todos numa casa, torna-se difícil conciliar o horário para reunir os muitos componentes ao mesmo tempo.

É necessário também formar um grupo de pessoas estudiosas, comprometidas com o aprendizado e focadas no mesmo tema, senão a reunião se transforma em bate-papo.

Como estudar em grupo:

Todos com livros, caderno e caneta na mão. Agrupe as pessoas num local adequado (mesa com cadeiras) ou, se o encontro for numa sala de aula, proponha ao grupo formarem um círculo, onde todos possam se olhar e conversar. Definam as matérias que serão discutidas e escrevam os tópicos numa folha. Em seguida, o líder da reunião deverá lançar um tema para discussão, pedindo para cada participante explicar tudo que sabe sobre o assunto escolhido.

Quem conhece melhor o tema deve explicá-lo aos demais, e quem o desconhece, aproveita a oportunidade para aprender. O grupo só poderá passar para o próximo tema quando o anterior for esgotado e todos os membros o tiverem entendido.

Estudando em grupo você consegue muitas das respostas de que necessita. A oportunidade de ouvir interpretações diferentes, conhecer outros exemplos práticos, refletir e tomar ciência de casos reais, nos quais se podem aplicar as teorias estudadas, fortalece o aprendizado.

Um bom grupo de discussão também permite a você exercitar a memória, ao ensinar aquilo que sabe. É ainda uma ótima chance de praticar o hábito de falar em público, além de exercitar a didática, a articulação de ideias e a forma de se tornar mais competitivo.

Chame alguns amigos para estudar. Compartilhe seus conhecimentos com eles e aumente, em contrapartida, o seu potencial intelectual.

Acerte a iluminação antes de começar a estudar

Há estudantes que subestimam a importância e influência da iluminação durante a leitura. Quando a iluminação é muito fraca ou forte demais, qual é o primeiro sintoma que o estudante sente?

Se você pensou em sono, passou longe da resposta certa. Na verdade, a primeira complicação é o esforço visual que provoca o cansaço dos olhos. Depois desse, sobrevêm outros problemas:

Falta de concentração;
Fadiga mental ou dor de cabeça;
Dificuldade em memorizar o que está lendo;
Esquecimento do que já foi lido;
Sonolência.

Antes mesmo de sentir sono devido à má iluminação, o leitor já perdeu a concentração há muito tempo. Para evitar que isso lhe aconteça, previna-se com uma quantidade de luz suficiente. Se não houver luz natural no ambiente (sempre preferível), use um foco de claridade difusa que não se reflita diretamente no papel, pois iluminação muito forte também é prejudicial.

O foco de luz deve estar sempre à esquerda dos destros e à direita dos canhotos. Dessa forma, os movimentos da mão que manipula o livro, a régua, a caneta ou outro objeto não farão sombra sobre o texto.

Estudar ouvindo música

Uma das perguntas que eu mais ouço: Estudar ouvindo música é certo ou errado? Prefiro responder dizendo nem um, nem outro. Depende de como a pessoa se acostumou a estudar e educou seu cérebro para aprender.

A música, independentemente do gênero, estimula nosso sistema nervoso. Há pessoas que estudam ouvindo música instrumental barroca num volume baixo para acalmar a mente, concentrar-se e ter um ótimo aproveitamento no aprendizado. É o perfil da pessoa que está com a mente agitada e necessita de algo que a modere.

Contudo, existem também os estudantes que ficariam incomodados com o referido fundo musical. Eles preferem um gênero mais excitante como o rock metal do grupo Sepultura. Estudam e aprendem, assim, com qualidade, pois existe ali um espírito que precisa de algo mais enérgico para se afinar com o ritmo dos estudos.

Há ainda alunos que não toleram qualquer ruído por perto. Preferem o silêncio para se concentrar no que estão aprendendo. Precisam dirigir a atenção ao pensamento e apenas a ele.

Assim, a pergunta que deve ser feita é: Você gosta de estudar com ou sem música?

Seja qual for a resposta, faça o que favorece sua concentração. É uma questão de hábito. O inconveniente para quem precisa de música para se concentrar é que na hora da prova não haverá aparelhos de som por perto. Portanto, não seja totalmente dependente, buscando a excelência nos estudos nos diferentes ambientes.

Como fazer a tarefa de casa

Ao invés de apenas responder como fazer a tarefa de casa, é necessário também explicar por que fazer. Em primeiro lugar, o professor tem muito pouco tempo para desenvolver um tema inteiro durante a aula, já que, além de explicar a matéria e fazer exercícios demonstrativos, ele ainda tem que passar lista ou fazer chamada e sanar as dúvidas dos alunos.

O dever de casa, como o próprio nome indica, é a hora extra que o estudante deve cumprir em sua residência. O objetivo dele é treinar, através de exercícios e interpretações, todos os conceitos ensinados em sala. Além de necessária, fazer tarefas em casa é um excelente treinamento. Não podemos dominar os comandos de um complexo computador usando-o uma única vez. Da mesma forma, não podemos dominar textos, fórmulas complexas, regras gramaticais, matérias como Física, Química, idiomas estrangeiros e tantas outras teorias num único contato.

Se você dispõe de pouco ou nenhum tempo para fazer tarefas em casa, deve aproveitar todos os momentos de ócio que surgirem para cumprir suas obrigações. Por exemplo: Enquanto os colegas de classe saem para o intervalo, você pode aproveitar os minutos de silêncio. Quando um professor falta, tem a possibilidade de utilizar a brecha entre as aulas para colocar a matéria em dia.

Outra dica para evitar o acúmulo do dever de casa é estabelecer uma rotina e realizar os exercícios complementares todos os dias, logo que voltar da aula. Agindo assim, você consolidará mais rápido o aprendizado, já que o dever de casa é o algo mais que favorece a fixação da matéria na memória.

Seja esperto: Preste atenção na explicação do professor, certifique-se de que aprendeu e resolva as tarefas logo que puder. A lógica é relativamente simples, mas exige disciplina. Se entendeu a matéria, você gastará menos tempo no dever de casa.

Anotações em sala de aula

O que leva muitos estudantes a fazer anotações enquanto o professor explica é a falta de confiança na própria memória, o medo de perder algum detalhe ou esquecer a matéria. O ideal é que você não se preocupe em tomar notas durante a aula, mas dedique atenção à explicação do educador para saber se realmente entendeu e não ficou com nenhuma dúvida.

Se você sente muita necessidade de anotar tudo que o professor diz, terá que aprender a dividir a concentração em três pontos distintos:

Os argumentos apresentados pelo professor;
As notas que copia da lousa;
As próprias transcrições que faz no caderno.

A concentração despendida nesta multi tarefa é mal distribuída e bastante diferente do simples ato de cruzar os braços e assistir à aula com atenção. Além disso, existem outros inconvenientes que dificultam a anotação:

Quando a postura é inadequada;
Quando falta de apoio para o caderno;
Demora na anotação;
Caligrafia ilegível;
Falta de lógica nas anotações;
O professor pode apagar a lousa ou então interromper a sequência didática, se precisar explicar tudo de novo.

Quem deseja poupar o desnecessário esforço da anotação, deve fazer algumas perguntas ao professor ao início da aula:

1 – É necessário anotar a explicação? Muitas vezes, aquilo que o professor diz não passa de um comentário extra-aula e não faz parte do conteúdo da prova.

2 – Existe material para consulta sobre a matéria em questão? Afinal, para que anotar se tudo já está escrito
na apostila?

3 – O conteúdo da aula está disponível na internet ou pode ser enviado por e-mail?

Na era da tecnologia, é difícil encontrar um professor que não tenha suas aulas gravadas no computador. Neste caso, basta solicitar um resumo.

Talvez você goste de anotar porque, através da anotação, consegue se concentrar na aula. Neste caso, se o ato de anotar o mantém vivo em sala de aula, mantenha-o. Mas anote apenas palavras-chave ou pequenas frases-resumo do que foi compreendido. Para encontrar a palavra ou

frase ideal, faça um exercício que consiste em responder a seguinte pergunta:

Se você tivesse que explicar numa única palavra ou frase o que acabou de aprender, qual seria?

A palavra ou frase que a sua mente retornar provavelmente será ideal, isto é, uma palavra forte o suficiente para ajudá-lo a se lembrar das explicações do professor. É apenas isso que será anotado.

Importante: Para que realmente aja compreensão da matéria que o professor está explicando, será fundamental sentar-se na primeira fileira e participar ativamente da aula. A capacidade de sintetizar toda teoria numa única palavra demonstra que houve entendimento. Durante as brechas entre as explicações do professor, verifique se as palavras-chave estão sendo fortes o suficiente para explicação do conteúdo e, se ainda não forem, basta complementá-las com maiores detalhes.

Ao término da aula você terá uma folha com um conjunto de palavras-chave ou frases-resumo que deverão ser mais uma vez confirmadas, isto é, explicadas para si mesmo. Este material pode ser guardado para futuras revisões na formação de memórias de longo prazo, como veremos mais adiante.

Última dica: Se você realmente gosta ou se sente mais seguro anotando as explicações da aula, então peça autorização ao professor e use um gravador de voz. Enquanto ele registra tudo, você mantém ou amplia o estado de atenção.

Perguntas: O jeito mais rápido de aprender

A qualidade do seu aprendizado está intimamente ligada a sua vocação para fazer perguntas. Você gosta de fazer perguntas ou prefere ficar calado? Perguntar é um jeito rápido de aprender, é uma forma de alimentarmos a memória. O estudante que não pergunta compromete seu aprendizado.

Então vamos combinar: Se durante a aula você sentir necessidade de fazer alguma pergunta ao professor, levante o braço e a faça imediatamente. Nada daquele negócio de ficar de trinta a quarenta minutos ensaiando a melhor maneira e o momento mais adequado para isso, porque quando perceber, a aula já acabou.

Não seja companheiro da dúvida. Sempre que precisar, você deve perguntar, pois, flertando com a dúvida, você experimenta as dificuldades de aprender sozinho. Ir para casa e tentar aprender sozinho, toma muito tempo e nem sempre elimina todas as dúvidas. É por isso que você deve explorar o seu professor.

O sonho do bom professor é poder dar todas as respostas de que o estudante necessita. O problema é que nem todo estudante tem a iniciativa de perguntar. Às vezes, não se manifesta porque acha sua dúvida comum e pensa que todos já sabem a resposta, menos ele. O fato é que não existe pergunta tola ou que não mereça resposta. Geralmente, outros alunos da classe têm a mesma dúvida, mas não são capazes de formular corretamente a pergunta e, muitas vezes, nem percebem que estão com dificuldade. Neste caso, o estudante que pergunta está em vantagem.

No que diz respeito a vocação para fazer perguntas, podemos classificar os estudantes em três grupos:

O medroso: aquele que entra em pânico só pelo fato de sentir vontade de perguntar. Ele tem medo do professor, medo de levar uma bronca e por isso, raramente pergunta, prefere ficar calado. Para este aluno, o ideal é enfrentar o medo. Lembrar que o professor existe justamente para ensinar.

O covarde: é o que ironiza ou critica a postura do medroso, mas também não tem coragem para perguntar. A covardia é prima do medo e muitas vezes

está relacionada a timidez. A iniciativa é um bom remédio para as pessoas tímidas. O medo de se expor deve ser superado pela decisão certa: Vou perguntar e pronto!

O realmente interessado em aprender: é o estudante especial que vence o medo e a covardia e que, quando em dúvida, pergunta e aprende. Ele não tem medo de se expor e faz das perguntas o principal combustível da memória.

É fundamental construir perguntas objetivas para esclarecer o que se deseja saber. Para que a pergunta seja realmente eficiente e o auxilie no aprendizado, recomendo que antes de dispará-la, faça um exercício chamado metapergunta, que significa verificar a pergunta antes de fazê-la. Por exemplo:

1. Qual a melhor pergunta a ser feita agora?
2. Esta é a melhor maneira de questionar o assunto?
3. O que estou esquecendo e que pode ser importante?

4. Se eu já sei a resposta, é válido perguntar?

Como consequência positiva das reflexões que antecedem as indagações, você obterá mais qualidade nas respostas e evitará qualquer tipo de receio.

Nunca deixe a sala de aula com dúvidas, principalmente se você não entendeu a matéria, dispõe de pouco tempo para estudar, tem uma data de prova marcada ou, principalmente, se paga para estudar. Quem estuda está aprendendo, e quem precisa aprender tem que perguntar. Não dê folga ao professor. Enquanto tiver duvidas, pergunte.

Cola, resumo ou anotação?

Sobre a mania de fazer cola para espiá-la durante a prova, recomendo que faça, sim, mas capriche bastante. Leia com atenção a matéria, entenda os exercícios, faça uma síntese e anote. Faça a cola, sim, só não cometa o erro de utilizá-la! Mesmo porque, você não precisará dela. Para elaborar uma ótima cola, você primeiro precisa de tempo para pesquisar todo o assunto marcado. Depois, fará o estudo da matéria e selecionará o que é mais importante, e que provavelmente cairá no exame. Finalmente, você fará uma síntese que será transcrita de maneira concisa num minúsculo pedaço de papel.

Você conhece histórias de estudantes que prepararam uma cola tão perfeita que nem precisaram usá-la na prova?

Pergunto: Se você consegue arrumar tempo para pesquisar, estudar, resumir e transcrever, então para que correr o risco de colar?

A explicação para o uso da cola pode estar no medo que muitos estudantes sentem de não se lembrarem de nada, em razão de uma baixa estima quanto à sua memória. Todavia, optar pela cola pode agravar o problema, pois vários estudos comprovam que entre as causas dos brancos na memória na hora da prova, estão:

Estresse;
Ansiedade;
Medo;
Tensão;
Pressão do tempo;
Preocupação.

Todos esses sintomas podem ser causados pelo fato do aluno carregar uma cola no bolso e pelo risco de ser pego colando em sala de aula.

Quando é preparada com base numa leitura concentrada, com ênfase nas ideias principais e organizada meticulosamente, a cola perde essa designação e passa a ser resumo. O segredo de um bom resumo é ser objetivo e bem organizado. Por isso, recomenda-se que o aluno sempre resuma todo texto longo que deve ser estudado. O resumo é a exposição abreviada de uma sucessão de acontecimentos descritos no texto ou a apresentação das características gerais de algum ponto.

As ideias e frases que compõem um resumo devem ser elaboradas de uma forma que viabilizem a recordação sintetizada do texto original. Assim, o conteúdo de um livro de duzentas páginas pode ser resumido em apenas vinte frases, permitindo uma leitura rápida e reflexiva (interpretação do texto a partir do entendimento da frase).

Se a cola bem feita vira resumo, este, quando explicado várias vezes, em voz alta e com a atenção voltada para a fala, estimula a memória auditiva e dispensa a trapaça na hora da prova.

Como forma de auto-avaliação, o estudante deverá ser capaz de explicar verbalmente a teoria “escondida” nas palavras cuidadosamente extraídas do texto.

Se você aprendeu, saberá explicar

Você já pensou em ser professor? Se não, faça a experiência e entre no time dos alunos que brilham na sala de aula. Feliz o estudante que ajuda os colegas de classe na compreensão das matérias. Ele não precisará estudar para a prova e, ainda assim, tirará a melhor nota. As pessoas que ensinam são as que mais aprendem.

Tudo bem, ser professor não é a sua vocação. Então lembre-se de que ter capacidade para transmitir a alguém o que aprendeu é um sinal de didática e domínio do assunto. Não significa que você decorou a matéria, mas, sim, que você conhece muito bem o assunto, a ponto de poder transmiti-lo com segurança. Isso você só consegue ensinando.

Para medir o tamanho do seu conhecimento e saber se realmente está preparado para realizar a prova, faça um exercício que aprendi quando estudava na sexta série do ensino médio.

Naquela época, quando morava no Rio de Janeiro, eu estudava num colégio público onde lecionava uma simpática professora de francês. Certo dia, aquela senhora bondosa, de cabelos brancos bem cuidados, percebeu que a maioria dos estudantes da minha classe não sabia estudar. Preocupada com isso, interrompeu a aula de francês e passou a discorrer, de modo simples, teorias pedagógicas sobre como estudar e nos ensinou algumas técnicas de estudo muito eficientes.

Ela nos explicou que o grau de aprendizagem poderia ser determinado respondendo a nós mesmos e imediatamente após o estudo, a seguinte pergunta:

"Se você tivesse que explicar o que acabou de aprender, como faria, por onde começaria?"

Ela dizia que esta pergunta tinha muito poder, que ao respondê-la, nós, obrigatoriamente refletiríamos sobre o assunto estudado e isso desencadearia em nossos cérebros processos de associação e memorização. Ela nos incentivava a criar alunos imaginários e explicar a matéria para eles. Dizia para entrarmos em detalhes, escrever, desenhar, mostrar o que sabíamos.

Outro forte sinal de domínio de assunto, dizia ela, seria ter a capacidade de explicá-lo a uma pessoa real, neste caso, alguém que conhecesse bem o assunto. Quando o indivíduo escolhido sabe mais do que nós, tem condições de avaliar e dizer se realmente sabemos ou precisamos estudar mais.

Em contraste ao conselho anterior, ela também nos desafiava a explicar o que havíamos aprendido a uma criança de cinco anos de idade. Ela dizia, por experiência, que ao explicar um conteúdo para uma criança, treinamos a nossa didática, isto é, a nossa capacidade de se fazer entender. Conseguir fazer com que uma criança entenda uma teoria complexa demonstra que você tem total domínio do assunto e também uma mente muito criativa.

As histórias, dicas e lições daquela simpática professora de francês permanecem até hoje em minha memória. Infelizmente, tive o privilégio de ser seu aluno durante apenas um semestre, depois disso minha família se mudou de cidade e nunca mais a vi.

Eu ainda demorei algum tempo até compreender o valor das dicas de estudo que ela cuidadosamente nos ensinava. Hoje sei o quanto fazem a diferença na vida de um estudante e é por isso que sempre cito esta passagem em minhas palestras e workshops.

Palavras difíceis, como memorizar?

Você conhece a palavra catadióptrico?

Se a resposta foi um categórico não, então, para você, a palavra apresentada será um novo dado. Um princípio da didática explica que um dado na memória será sempre um simples dado na memória caso não exista a compreensão do seu significado. Ou seja, fica difícil entender a explicação do professor, um texto técnico ou o enunciado de uma prova quando ainda se está no domínio dos dados. Por exemplo, como um estudante de direito conseguirá acompanhar e entender uma aula de direito tributário se não sabe o significado da palavra contribuinte? E o que resta ao estudante que não entende o vocabulário das matérias? Muitos declaram-se burros nos determinados tópicos, incapazes de aprender.

O estudante que confessa não gostar de matemática, odiar química ou detestar biologia, entre outras matérias, na verdade ainda não conhece ou ainda não aprendeu o vocabulário básico. Eis aqui uma ótima dica para brilhar nos estudos: se for este o seu caso, invista alguns minutos aprendendo os vocabulários específicos. A memorização de palavras difíceis e termos técnicos acontece em duas etapas:

1a Etapa – Gravar na memória o novo termo, a palavra difícil em si;

2a Etapa – Estudar, entender e gravar na memória o seu significado.

Para memorizar instantaneamente uma palavra nova, por exemplo, catadióptrico, basta dividi-la e transformá-la em outros pequenos vocábulos, fazendo associações diretas através de rimas, frases ou relações com palavras conhecidas. Exemplo:

Cata.....cata (do verbo catar)
Diop.....Diogo (nome próprio)
Trico.....tricô (substantivo)

Relacione as palavras catar, Diogo e tricô inventando uma história, rima ou frase. Por exemplo:

*"**Cata**r o **Dio**go fazendo **tricô**."*

Em seguida, imagine e visualize uma cena e leia a frase novamente o mais rápido que puder, enfatizando somente o que deseja memorizar. Repare que quanto mais rápido você lê, mais nítida soa a palavra Catadióptrico.

Catar / Diogo / tricô = Catadióptrico.

Imaginando e repetindo algumas vezes a sequência criada, você formará a memória do novo vocábulo instantaneamente. Observe outros exemplos de palavras difíceis e termos técnicos:

Calabura = cala – burra
Calimiconíneos = cálice – mico – nanicos
Multicolinearidade = multi – colina – árido
Rubicundo = rubi – corcundo
Fleumático = flauta – eu – automático
Inócuo = binóculo
Taciturno = taco – cinto – turno
Alocromático = alô – cronômetro – automático
Esfigmomanômetro = esfinge – mosca – mano – metrô
Escápula = espátula

A técnica de associação é muito divertida e realmente funciona, mas exige do estudante um dicionário para encontrar outras palavras para associar. Também é necessário muita imaginação e criatividade para formar sequências e rimas. Com a palavra nova memorizada, passemos ao estudo e memorização do seu significado. Então, voltemos ao *catadióptrico*. Quando, ao consultar um dicionário, livro ou professor, você atribui um significado a determinada palavra, ela se transforma em informação. No caso do nosso exemplo, o significado é:

> "Cada um dos dispositivos de reflexão e refração da luz, utilizados na sinalização de vias públicas, e que devem ser instalados na parte traseira dos veículos." (fonte: Dicionário Aurélio).

Ótimo, agora temos uma informação completa, ou seja, uma nova palavra e seu significado. Mas você não a memorizou só porque o dado foi convertido em informação. Ela ainda deve ser interpretada, associada a outras informações conhecidas e, se possível, exemplificada. Uma ótima sugestão aqui é realizar a pergunta apresentada no capítulo anterior: Se eu tivesse que explicar o que acabei de aprender, por onde começaria? Com esse processo, o ciclo se completa e você obterá aquilo que chamamos conhecimento. Catadióptrico é um dispositivo encontrado a todo o momento nas placas de trânsito, traseiras de automóveis, carros e até bicicleta, sendo também popularmente chamado de olho de gato.

Se aplicar o novo conhecimento adquirido na primeira oportunidade que surgir e com ele resolver problemas ou encontrar soluções na articulação de ideias, você então experimentará aquilo que se denomina inteligência. Ao método exposto se dá o nome de Pirâmide Informacional onde, através da identificação de um novo vocábulo (dado na memória), atribuição de um significado (informação), associação/explicação (conhecimento) e aplicação (inteligência), você transcende a associação comum e experimenta o saber.

Segredos da aprendizagem acelerada

O que você acha da ideia de memorizar os nomes e os símbolos dos cento e onze elementos da tabela periódica de química em menos de uma hora? Gravar facilmente o nome de todos os presidentes dos Brasil em pouco mais de dez minutos? Pois esta é a proposta que tenho para você.

Muitos alunos erram por subestimarem o valor das técnicas de associação. Na verdade o exercício de associação de ideias é uma alternativa para o decoreba. Uma associação bem feita, gravando conteúdo compreendido e garantindo um aprendizado rápido e de qualidade é totalmente possível com a aplicação correta das técnicas mnemônicas. Entenda: é possível aprender sem estudar, mas isso compromete a qualidade do processo, pois gera dúvidas e o risco dos lapsos na memória no momento da prova. Um exemplo é você ficar lendo diversas vezes um mesmo texto sem compreendê-lo. Da mesma forma, é possível estudar sem aprender. Neste caso, o esforço será inútil, pois o método recairia na decoreba.

Deixe-me explicar uma sequência didática de três etapas que podem ser aplicadas em qualquer tipo de matéria e que proporcionam uma aceleração de até dez vezes no tempo total gasto para o aprendizado. São as etapas da aprendizagem acelerada, onde o processo inclui:

ESTUDAR (que significa compreender o que se pretende memorizar),
ORGANIZAR (fazer uma associação que acelere a memorização),
ASSIMILAR (estimular a memória com visualização e repetição).

Vamos entender melhor cada uma delas:

ESTUDAR - compreender o assunto

É nesta primeira etapa que você garante a construção do conhecimento. Deve-se primeiro compreender o conteúdo que será memorizado estudando-o previamente, isso o deixará mais tranquilo, pois terá a certeza de que saberá aplicá-lo no instante em que fizer a prova. Na etapa estudar inclua: assistir aulas, tomar notas, tirar dúvidas, revisar, enfim, aprender de fato.

É também nesta etapa que você deverá se familiarizar com o assunto. Por exemplo: para tornar comum o nome dos ossos do corpo humano durante o estudo de anatomia, você poderá escrever com atenção seus nomes, bem como tentar até desenhá-los, se possível. Tome como exemplo o nome de alguns ossos do corpo humano destacados na figura a seguir. Tente identificá-los com as mãos em seu próprio corpo. Em seguida, faça novamente pelo menos mais quatro vezes. Observe como se torna mais fácil a familiarização.

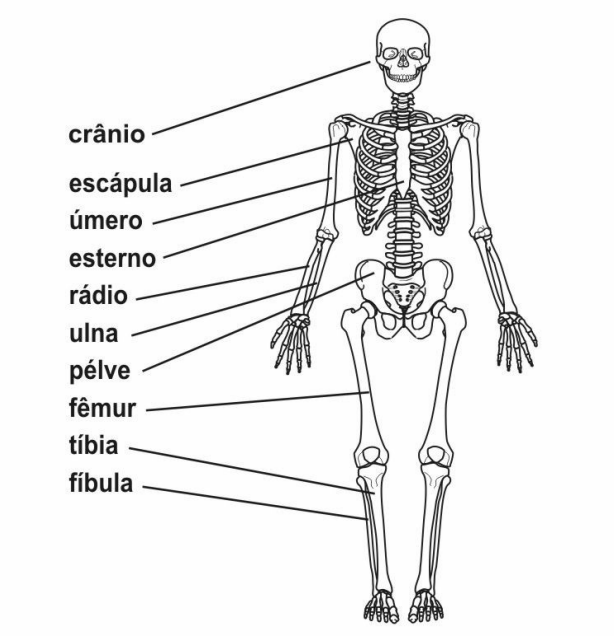
crânio
escápula
úmero
esterno
rádio
ulna
pélve
fêmur
tíbia
fíbula

Se fossem matérias complexas como a tabela periódica de química, você deverá primeiro escrever uma lista com os nomes de todos os elementos organizando-os por famílias. Isso o ajudará a se familiarizar com os termos técnicos como lítio, rubídio, césio, etc. No caso de textos técnicos como, direito, engenharia, física, biologia, medicina, os mesmos deverão ser compreendidos previamente antes de utilizar qualquer técnica de memorização.

ORGANIZAR - preparar a matéria

Após estudar e compreender a matéria a ponto de explicá-la, ou seja, se familiarizar com o tema, você precisará organizar, isto é, criar um arranjo que acelere o processo de memorização. A organização é o segredo da aprendizagem acelerada.

Imagine um arquivo completamente desorganizado. Pastas, talões, documentos e relatórios amontoados de qualquer jeito. Agora, imagine uma pessoa apressada, em cima da hora para um compromisso importante que depende de um documento perdido entre aquelas pilhas de papel. Por causa da falta de organização, ela certamente terá dificuldade para encontrar o que deseja e chegará atrasada.

Você concorda que as pessoas são mais rápidas e eficientes quando são organizadas? Com a memória ocorre o mesmo processo. Quando você organiza o que será memorizado, torna mais rápida a memorização e a recordação. Neste contexto, como seria a organização de um conteúdo estudado? A resposta é criando uma ordem específica que acelere a memorização. Deixe-me dar um exemplo:

Para nos fazer gravar instantaneamente os nomes dos planetas do sistema solar, algumas professoras destacam a primeira letra do nome de cada planeta e, a partir delas, inventavam frases, que repetidas algumas vezes pelos alunos produzem memórias instantâneas.

Mercúrio, Vênus, Terra, Marte, Júpiter, Saturno, Urano, Netuno, Plutão

M.... V.... T.... M.... J.... S.... U.... N.... P

Minha a**V**ó **T**em **M**uitas **J**óias, **S**ó **U**sa **N**o **P**escoço

Desde 2006, considerado um planeta-anão pela União Astronômica Internacional.

Como você pode notar, trata-se de um processo de organização simples, criativo e absolutamente eficaz, pois os alunos memorizam imediatamente sendo capazes de se recordar décadas depois. Vejamos outro exemplo.

Imagine ter que memorizar a tabela periódica de Química. Neste caso, primeiramente, escreva uma lista com todos os elementos que pretende memorizar, por exemplo, comece pela família dos metais alcalinos e alcalinos terrosos. Em seguida, organize-os substituindo cada um deles por uma palavra mais simples que chamarei de andaime, por exemplo:

Lítio = linha
Sódio = soja
Potássio = pote
Rubídio = rubi
Césio = cesta
Frâncio = França
Berílio = berinjela
Magnésio = mago
Cálcio = cal
Estrôncio = estrada
Bário = bar
Rádio = rádio

Após substituir o termo técnico por um andaime, isto é, apegar- se a informações pré-existentes, visualize e memorize conforme sequência apresentada a seguir: Organização e associação de palavras referentes aos metais alcalinos e alcalinos terrosos

Uma LINHA enroscou num pé de SOJA que foi plantada em um POTE que se transformo num RUBI que foi colocado numa CESTA que foi enviada para FRANÇA onde tinha um BERINJELA que caiu em cima do MAGO que espalhava CAL por cima de uma ESTRADA q levava até um BAR que tinha o formato de um RÁDIO.

Observe que o nome original do elemento foi representado por palavras comuns. É isso que acelera o processo de formação da memória, porque foram organizadas numa história fácil de imaginar. Pare a leitura, escreva o nome correto dos elementos pelo menos uma vez para se familiarizar e, em seguida, procure imaginar a história acima. Recomendo que faça agora esta experiência!

Em um processo completo de memorização, depois de dominar todos os nomes, você passaria a trabalhar com a informação seguinte, por exemplo, o símbolo atômico.

Neste caso, voltemos novamente aos elementos da tabela. Escreva o nome deles numa folha e com o respectivo símbolo atômico logo a frente. Veja o exemplo:

Lítio ------- Li
Sódio ------ Na
Potássio --- K
Rubídio --- Rb
Césio ------ CS
Frâncio ---- Fr
Berílio ----- Be
Magnésio -- Mg
Cálcio ------ Ca
Estrôncio --- Sr
Bário -------- Ba
Rádio ------- Ra

Como você deve notar, alguns símbolos já remetem diretamente ao nome do elemento, neste caso, por ter gravado na memória o nome correto dos elementos, a memorização do símbolo se torna automática. Só será preciso revisar algumas poucas vezes com o máximo de atenção e se lembrará de tudo.

Agora é com você: Organize os outros elementos, os metais de transição, depois os semi-metais, não-metais, gases nobres, etc e memorize-os seguindo a mesma regra de organização. Experimente e sinta como é fácil aplicar as técnicas de memorização.

O objetivo da organização é a velocidade e a eficiência nos estudos. Para outros tipos de conteúdo, deve- se pensar em outros modelos de organização. Por exemplo, no estudo de idiomas, você poderia, por exemplo, organizar uma lista de verbos, expressões ou regras específicas facilitando uma posterior repetição programada (que é diferente da decoreba, pois partimos do princípio de que você compreendeu a matéria).

Textos técnicos poderão ser organizados segundo critérios sugeridos no tópico, Como Estudar e Memorizar Textos Técnicos, que veremos a diante. No caso dos textos, para uma excelente organização, será necessário livro, dicionário, bloco de anotações, lápis, borracha e canetas coloridas, que servirão como ferramentas fundamentais para separar as ideias do texto sobre a folha de papel, no intuito de facilitar a assimilação. Em resumo, todos os exemplos apresentados acima são sugestões de como a organização pode acelerar a aprendizagem. O ideal é que você crie o seu modelo de organização e ajuste-o a cada matéria estudada.

ASSIMILAR - enviar para memória

Após compreender o assunto que precisa memorizar e, em seguida organizar de um modo específico afim de acelerar o processo de memorização, chega o momento de assimilar. Este é o ponto mais forte das etapas, pois, além de depender da precisão das duas anteriores, é aqui que o cérebro realmente fixa as informações na memória.

O termo assimilar significa absorver, incorporar um conhecimento e o processo de assimilação que descreverei a seguir o levará exatamente a isto.

Depois de ter a matéria devidamente compreendida e organizada, a assimilação poderá ser feita de diferentes maneiras.

A primeira será através de revisões específicas e programadas que veremos mais adiante no tópico Decoreba: o modo Certo de Decorar Matérias. Outro poderoso instrumento de assimilação é a visualização mental ou estímulo da memória visual. Neste caso, você fecha os olhos e simplesmente assiste, numa tela mental, o filme através do qual organizou a matéria. Como fez com os elementos da tabela periódica. Lembrando que a imagem deve ser nítida e forte.

Enquanto assiste ao filme, você pode repetir em voz alta ou mentalmente as cenas que está assistindo. Neste caso a leitura concentrada em voz alta estimulará também a sua memória auditiva e será um ganho a mais em seus processos mentais.

Assim como a organização depende exclusivamente da criatividade, para cada matéria você pode criar um modelo. Na assimilação você também tem a liberdade de imaginar algo que estimule a memória. Mas vale lembrar que a solução deverá atingir três tipos de memória.

A memória visual, que é formada por imagens que captamos pelos olhos ou que criamos em nossa mente, assim, o processo de assimilação pode ser pela leitura concentrada do que foi

organizado ou pela imaginação do conteúdo. Por exemplo, feche os olhos e tente imaginar uma fórmula.

Os sons que ouvimos, emitimos ou imaginamos serão registrados pela memória auditiva. Por exemplo, ao assimilar vocábulos estrangeiros, o aconselhável é ler e repetir a pronúncia correta. Outro recurso mnemônico que também pode ser envolvido na assimilação é a sensação. Neste caso, refiro-me ao estímulo da memória cinestésica, que diz respeito as sensações corporais. No caso do idioma, além de ler e pronunciar, você também deverá escrever e, melhor ainda, fazer gestos ao pronunciar uma frase. Dessa forma, atinge-se esse padrão de memória.

Ao final de todos estes processos, faça uma auto- avaliação para medir o grau de retenção da matéria estudada e verifique como houve um ganho de qualidade e velocidade. (ver mais em Como saber se estou pronto para tirar 10).

Como estudar inglês e outros idiomas

Muitas pessoas sabem falar inglês fluentemente, mas poucas sabem escrever. O motivo? Elas leem o texto, mas não se utilizam da concentração visual para perceber a grafia correta das palavras. Em outras palavras, elas veem, mas não enxergam. Por se tratar de um idioma estrangeiro, preocupam-se mais em ouvir o som do que memorizar a escrita, limitando-se a uma olhada rápida no texto.

O primeiro desafio para quem deseja dominar outro idioma é a compreensão do assunto, afinal, de que vale gastar uma fortuna em cursos presenciais se você sai da aula sem aprender?

Para isso, preste atenção nas explicações do professor, entenda a aplicação corretas das regras gramaticais, participe, pergunte, esclareça as dúvidas e compreenda algo muito importante: no estudo de idiomas, a consolidação da memória é garantida pela compreensão da matéria, isto é, tenha certeza de que você realmente entendeu o assunto. Faça uso do recurso que aprendi com a minha professora de francês, que dizia:

"Se entendeu, então explique!"

Saber exatamente em que será utilizado o conhecimento também reforça o interesse. Por exemplo: se o seu objetivo é trabalhar na área da tecnologia, então foque seu aprendizado em um vocabulário tecnológico. Se, no entanto, sua intenção é viajar, fazer turismo em outro país, então estude palavras, frases e expressões práticas que o auxiliem na comunicação.

Depois de compreender o que pretende memorizar, encontre uma forma de aplicar imediatamente o que aprendeu. Determine se a necessidade do aprendizado de idiomas está no universo da escrita, da pronúncia ou em ambos e inicie a aplicação.

Existem estudantes que frequentam cursos de idiomas duas vezes por semana. E o que eles fazem para treinar o que aprenderam até a próxima aula? Nada! E é justamente o não fazer nada, ou seja, a falta de aplicação do conhecimento que determina o maior problema de quem estuda outra língua. Não tendo onde empregar o aprendizado, você se descuida da memorização. Conhecimento não praticado é conhecimento adormecido na memória e, de certa forma, esquecido. O que de mais grave se observa é que essa negligência acontece com a maioria das pessoas que se matriculam nos cursos de línguas.

Ao pensar em aprender um novo idioma, analise como ele poderá ser útil hoje e exercite. É necessário aplicar os novos vocábulos sempre que possível: lendo textos, visitando lugares, conhecendo pessoas ou mesmo salas estrangeiras de bate-papo na internet. O fundamental é estimular a assimilação através da utilização.

A memorização de palavras estrangeiras, para que seja correta, deve ocorrer em duas memórias específicas: a visual e a auditiva. A memória auditiva é geralmente a mais usada. Normalmente, as pessoas aprendem pela repetição do que escutam. É o estímulo da memória auditiva que favorece a fluência na pronúncia das frases.

O clamor dos professores de que o aluno deve *"pensar em inglês"* (processo que envolve audição) não ajudará em nada se o aluno não souber também escrever. A maioria das provas em inglês medem o conhecimento da escrita, o professor nem sempre pede para falar o idioma, mas sim,

escrever. Neste caso, você precisa também da memória visual no processo de aprendizagem.

Vamos considerar que as suas aulas de idioma sejam todas as terças e quintas da semana. Veja as dicas que o ajudarão a acelerar o processo de aprendizagem no curso de idiomas.

Terça – Em sala de aula, sente-se próximo ao professor e preste máxima atenção ao que estiver explicando. Acompanhe pela apostila, copie exemplos e expressões, participe, repita, pergunte, compreenda o que está sendo ensinado. Ao término da aula, isole-se e explique para si mesmo tudo o que aprendeu. Tal processo deve ser feito logo após a aula ou no máximo ao chegar em casa e, importante, tem que ser feito no mesmo dia. Criar textos, fazer traduções e até mesmo escrever um diário (no idioma estudado) sobre o que foi aprendido será também uma poderosa estratégia.

Quarta – No dia seguinte, ou seja, na quarta-feira e se possível no mesmo horário do curso, faça os exercícios do livro de exercícios que provavelmente acompanha o seu curso. Aproveite também para ouvir o audio do CD que geralmente acompanha o material didático, se houver este recurso. Repita oralmente as frases e textos concentrando-se no som da própria voz. Traduzir letras de músicas no idioma estudado para depois cantá-las corretamente também ajudará no processo.

Quinta – Dia de aula. Procure se concentrar durante a aula e prestar atenção em tudo o que está sendo ensinado. Tire dúvidas sobre os exercícios feitos em casa e faça, logo após a aula, revisão do que foi aprendido.

Sexta – Faça os exercícios do livro de exercícios e ouça atentamente o CD com o audio das aulas.

Sábado e Domingo – Folga

Segunda – Chegou um dia muito especial.

Esta segunda-feira fará toda a diferença no processo de aceleração da aprendizagem, da memorização e da conquista da fluência no idioma pretendido. Neste dia, você fará novamente todos os exercícios do livro de exercícios que já foram feitos na semana anterior. Isso ajudará na fixação daquelas ideias. Ouça novamente o audio das aulas. Isso promoverá a fixação das frases e agilizará a fluência. Nesta etapa, recomendo que envolva também a sua memória cinestésica no processo de aprendizagem. Para isso, tenha apenas o cuidado de fazer gestos durante a pronúncia das frases como aquelas pessoas que a gente brinca dizendo que gostam de falar com as mãos. Reforçando: a repetição verbal garante a fluência (memória auditiva) e a repetição escrita estimula a memória visual. Por isso, é recomendável que você aplique o conhecimento nestes intervalos ou sempre que tiver oportunidade.

Mantenha esta rotina durante todo o curso, siga rigorosamente estas orientações e atingirá rapidamente a tão sonhada memorização e fluência em seu novo idioma.

Para pessoas cujos encontros ocorrem apenas uma vez por semana, por exemplo, aos sábados, o ideal é que faça os exercícios no domingo e refaça-os na terça e quinta. Dessa forma também garantirá a fixação e fluência.

Se quiser passar algumas horas numa sala de bate- papo, lendo revistas, ouvindo músicas ou assistindo a vídeos, faça isso no idioma enfocado, pois assim gravará os assuntos em memória de longa duração.

Como estudar regras gramaticais

Você sabia que muitos campeões de vestibulares e concursos já não se preocupam tanto com a gramática? Seria uma extravagância? Não, é apenas uma tendência.

O que tem preocupado os professores que elaboram as provas dos principais vestibulares do país é avaliar o bom uso das regras básicas do nosso idioma. Eles querem testar o seu domínio das regras básicas de nossa língua, supostamente aprendidas durante os anos anteriores de estudo. Querem saber se você é capaz de aplicar conceitos das várias áreas de conhecimento ao elaborar o tema da redação. Se você consegue interpretar as informações, fatos, opiniões e se posicionar de modo coerente em defesa do seu ponto de vista. O que eles procuram averiguar realmente é se o candidato domina a linguagem e compreende um texto literário, técnico, jornalístico ou humorístico, entre outros. E a melhor forma de desenvolver tais habilidades é obter mais intimidade com os textos. Você sabia que quanto mais você escreve, melhor você fica? Melhorar é o único caminho possível para quem aceita o desafio de produzir textos. E se você me perguntar qual é a melhor técnica para o estudo de gramática a resposta será a mesma, escrever!

Nas provas, boas respostas para questões escritas exigem prática na articulação das ideias e domínio do idioma. Evidentemente, todo candidato a uma vaga encontrará dificuldade para articular as respostas se não conhecer suficientemente a gramática. Por isso, eis algumas dicas para estudar e aprender regras gramaticais:

1 – Faça cópias de textos a mão.

Neste caso, concentre-se no que estiver escrevendo (escrever a mão é mais estimulante para memória do que digitar num computador, pois a primeira opção aumenta a capacidade de memorização da grafia correta pela memória visual). Schopenhauer, filósofo alemão do século XIX da corrente irracionalista, observou que ler é pensar com a cabeça do autor. Neste sentido, copiar o texto seria uma forma de aprender como o autor pensa e articula as ideias.

2 – Leia frases importantes em voz alta.

Esta atividade forçará você a prestar atenção no que está falando. Quem escreve bem, fala bem. Por sua vez, quem pronuncia corretamente memoriza cada vez mais e consegue produzir ótimos textos, porque tal processo estimula a memória auditiva.

3 – Quando escrever um texto, peça para alguém mais qualificado revisá-lo.

Receber opiniões sobre a qualidade dos nossos textos é uma preciosa maneira de estimular a aprendizagem.

4 – Fazer a análise sintática das orações.

Saber explicar a estrutura gramatical de uma frase é um recurso importante que enriquecerá seu aprendizado e memorização da gramática. Invista nisso! Aproveite a leitura de livros, revista e jornais para testar seus conhecimentos. Esse procedimento corrobora a tese de que precisamos aplicar aquilo que aprendemos para fortalecer a memória.

5 – Estude regras gramaticais.

Analise exemplos e crie listas associando, por exemplo, todas as paróxitonas terminadas em "ão" e que levam acento. Execute alguns exercícios com cada norma compreendida.

6 – A repetição incrementa a memorização.

Dessa forma, veja no tópico Decoreba: o modo certo de decorar matérias, algumas ferramentas para gravar as regras em uma memória de longa duração.

Outro ótimo recurso é conversar com pessoas cultas. Repare na forma como elas articulam as ideias e usam habilmente as regras gramaticais. Assistir a programas de televisão de real qualidade, como um telejornal, um bom programa de entrevistas ou um documentário também ajuda a aprimorar a gramática. Vale lembrar que você deve observar atentamente como esses profissionais aplicam corretamente as regras e também como, às vezes, cometam escorregadelas.

Decoreba: O modo certo de decorar matérias

Decoreba é um processo de memorização adotado intuitivamente pela maioria dos estudantes no preparo para as provas. A mania equivocada consiste em ficar repetindo a mesma informação até a exaustão, ou seja, a memorização forçada pela saturação mental de um assunto que sequer aprendeu. Faz sucesso principalmente entre aqueles que não têm a menor ideia do que é estudar.

Sabemos que o treino exaustivo é o segredo de grandes nomes em campeonatos mundiais de matemática e memória. Neste caso, treinar é repetir precisa e sistematicamente os mesmos exercícios de cálculos e memorização a ponto de fazer isso quase automaticamente. Mas, se nos jogos de matemática e memória a repetição é fundamental para adquirir habilidade e velocidade, no estudo em geral pode ser uma perigosa armadilha, principalmente quando se repete algo que não foi compreendido. Neste caso, a energia da repetição será desperdiçada e o conteúdo, por não ter sido aprendido, será inútil. O decoreba nos estudos também não ajuda porque o processo ocupa parte da mente consciente, ou seja, nos impede de realizar outras tarefas enquanto decoramos e, pior, sempre traz consigo um prazo de validade, isto é, lembramos até concluir uma tarefa, depois, esquecemos tudo.

Há tempos, a neurociência demonstra que a repetição é essencial para a formação de memórias de longa duração. É por isso que a repetição nos estudos não pode ser completamente dispensada, pois, quando associada com a compreensão de matérias, ela se torna um poderoso veículo para a formação dessas memórias. Quanto mais você repete uma informação compreendida, mais ela se consolida na memória e mais rapidamente você será capaz de se lembrar.

Mas quantas vezes você teria de repetir algo para não mais esquecer?

Quantas vezes você teria que resolver, por exemplo, um mesmo exercício para memorizá-lo durante um longo tempo?

A resposta para essas perguntas compreende um número de repetições bem menor do que se imagina. Baseando-me em estudos sobre o processo de reforço das sinapses e também na prática de estudantes bem sucedidos, criei alguns ciclos de repetição para fixação de matérias pela memória de longa duração. Você poderá escolher a que mais se adequa aos seus horários e usá-la com o tipo de assunto que desejar. Mas lembre-se: você só iniciará a revisão de matérias que já compreendeu. Se tiver dúvidas quanto ao domínio ou não um assunto, tente explicá-lo para si mesmo. Assim, uma vez entendido, basta organizar fichas de revisão e revisá-las com umas das técnicas sugeridas a seguir.

1) Revisão Rápida

Tempo total de formação da memória: 4 dias.
Número total de repetições: de 12 a 16 vezes.

Esta técnica consiste em elaborar um resumo da matéria compreendida e interpretá-lo ou simplesmente lê-lo uma única vez de 3 a 4 vezes por dia em intervalos de aproximadamente 5 horas e

durante 4 dias, fora do período reservado ao sono. Ao final desse tempo de repetições, você terá estimulado tantas vezes a sua rede neural que formará traços na memória ou memórias de longa duração. Considere como processo de revisão apenas lembrar, ler ou escrever a matéria. Isso dependerá do tipo de assunto e do grau de complexidade do mesmo. Desta forma:

- Textos e teorias: lembrar, interpretar ou simplesmente ler com atenção;
- Fórmulas, tabelas, regras, idiomas estrangeiros: fazer cópias manuscritas com bastante atenção.

Exemplo de revisão: iniciando o processo às 8 horas da manhã e considerando intervalos de 5 horas, as próximas repetições serão às 13, 18 e 23 horas, sucessivamente. Observe:

8h .....13h .....18h .....23h = 1o dia
8h .....13h .....18h .....23h = 2o dia
8h .....13h .....18h .....23h = 3o dia
8h .....13h .....18h .....23h = 4o dia

* Observação: a revisão das 23h será dispensada caso o estudante durma antes desse horário.

Repetir algo a cada 5 horas implicará numa média de 3 a 4 vezes por dia. Durante 4 dias, teremos entre 12 e 16, ou seja, quantidade de repetições necessárias para formar uma memória forte e reter a matéria durante meses, anos ou, dependendo da aplicação posterior do assunto, toda a vida. Tenha em mente que o segredo de uma memória de longa duração não é apenas a quantidade de vezes que se repete, mas o intervalo entre uma repetição e outra.

A revisão rápida se aplica em matérias que não tomam muito tempo, como tabuada, exercícios com determinada fórmula, equações, tabelas, regras gramaticais, datas, poemas, letras de música, piadas, placas de trânsito, verbos, idiomas estrangeiros e tudo mais que a imaginação permitir.

2) Revisão Diária

Tempo de formação da memória: 21 dias.
Número total de repetições: 21 vezes.

A segunda opção de revisão de matérias denomina- se revisão diária e é derivada de uma conhecida técnica de PNL (Programação Neurolinguística) para a incorporação ou perda de hábitos A técnica consiste em repetir todos os dias, se possível no mesmo horário, algo que deseja memorizar, por exemplo, uma lista com trezentas frases em um novo idioma. Neste caso, a fluência será adquirida pela repetição sistemática das frases. Você poderá usufruir desta técnica e revisar outras matérias uma única vez por dia ao longo de 21 dias sucessivos. Na prática, após o 21o dia, ele terá formado uma memória de longa duração.

3) Revisão Semanal

Tempo de formação da memória: 2 meses.
Número total de repetições: 8 vezes.

Também com o objetivo de formar memórias de longa duração, a revisão semanal poderá ser feita uma vez por semana durante dois meses. É ideal para quem trabalha durante o dia e estuda ou faz faculdade no período noturno, não tendo tempo de se preparar para as provas. Se este é o seu caso, então basta que tenha disposição e disciplina para utilizar uma parte de seus finais de semana para revisar brevemente todo o conteúdo das aulas que assistiu de segunda até sexta-feira. Você deverá verificar anotações que fez durante as aulas, rever exercícios, textos e resumir todo o conteúdo em fichas de revisão. Uma vez preparadas, essas fichas deverão ser guardadas para serem examinadas nas semanas seguintes.

Geralmente, nesta modalidade de revisão surge a dúvida: a quantidade de matérias que serão revisadas não irão se acumular nas semanas seguintes minando o tempo de estudo? Resposta: Não. Porque a cada revisão ocorrerá um processo decrescente do tempo empregado.

Suponhamos que no início do processo para estudar todo o conteúdo, preparar e revisar as fichas, você tenha gasto cerca de duas horas. Na semana seguinte, quando fizer a segunda revisão baseada apenas nos resumos que preparou, o tempo exigido será menor. Estima-se cerca de 40 minutos para a atividade. No terceiro final de semana, por haver compreendido e realizado as revisões anteriores, o tempo despendido será menor ainda, não mais do que 30 minutos. Assim, sucessivamente, o tempo de revisão diminuirá à medida que a quantidade de matérias revisadas aumentarem. Seguindo esta orientação, você chegará ao final do ciclo com 100% do conteúdo na memória e pronto para as provas. A revisão semanal é ideal para provas bimestrais em regime de semana de provas.

4) Revisão Mensal

Tempo de formação da memória: 6 meses.
Número total de repetições: 9 vezes.

A revisão mensal é uma ótima opção para quem se prepara para o vestibular, concurso público ou exames com data ainda indefinida. A diferença das modalidades anteriores está nos intervalos longos entre as repetições e no período total que chega a atingir seis meses. A vantagem deste método é a maior quantidade de informações que poderão ser revisadas. Observe: Suponhamos que você esteja estudando uma apostila de duzentas páginas.

1. O primeiro passo é ler com atenção, estudar, compreender a ponto de explicar cada assunto da apostila. Após compreendido, organize o resumo dos textos em fichas;

2. Faça uma revisão geral de todas as fichas em no máximo 24 horas após o término do estudo;

3. Espere sete dias para fazer a próxima revisão;

4. Agora revise dentro de 30 dias e depois disso, uma vez a cada 30 dias, durante seis meses.

Exemplo de aplicação da Revisão Mensal:

Suponhamos que você terminou o estudo de toda a apostila da matéria Y no dia 15 de maio às 18 horas e produziu 103 fichas.

Você tem agora 24 horas para revisar aquele punhado de fichas de resumo das matérias, ou seja, até as 18 horas do dia 16 de maio.

Agora marque em seu calendário de estudos "revisão das fichas da matéria Y" no dia 23 de maio, ou seja, após sete dias.

A próxima revisão acontecerá em 30 dias, ou seja, 23 de junho e as outras em 23 de julho, agosto, setembro, outubro e novembro completando 6 meses e finalizando o ciclo de revisões para formação de memórias de longa duração.

Este método também é recomendado para quem precisa memorizar o conteúdo de vários livros ou apostilas. Neste caso, os outros seis dias livres após a primeira revisão poderão ser aproveitados na revisão de outras matérias.

Vale também lembrar que não é necessário terminar o estudo de todo o livro para iniciar as revisões. Você poderá iniciá-las sempre que achar necessário ou especialmente quando o livro for muito grande. A produção da ficha não é uma condição obrigatória, você pode revisar pelas marcações que fez durante a leitura, uma vez que não faz sentido revisar um livro inteiro na íntegra, pois você já sabe ou não necessita saber de grande parte do material que é apresentado. O ideal é marcar apenas os trechos realmente importantes e aplicar a técnica de revisão.

Para que o referido processo de revisão mensal seja preciso e não ocorram esquecimentos, recomendo que utilize sempre um calendário, marcando nele as futuras revisões.

Aquela história do Joãozinho (personagem típico das piadas sobre alunos e professores), que escreve centenas de vezes uma mesma palavra até memorizar é mesmo um mito. Um dos segredos da formação da memória de longa duração é a repetição sistemática em intervalos específicos. Escolha uma das sugestões de revisão apresentadas, programe seus horários, organize as matérias e construa uma memória de longa duração.

Nota:

A compreensão total de determinada matéria dispensa a repetição se a utilização do conhecimento seja em curto prazo, isto é, caso você tenha uma prova, por exemplo, nos 15 dias seguintes. Nesta hipótese, o seu estudo e compreensão darão conta de fazer a prova e resolver um problema imediato. Mas, se você estiver se preparando para uma prova cuja data ainda é

desconhecida (ocorre em vestibulares e concursos), então recomendo a repetição como forma de consolidação de memórias de longa duração.

Matemática, fórmulas, ciências exatas

Matemática, aritmética, estatística, engenharia e contabilidade são algumas das ciências exatas. Esta modalidade de conhecimento se baseia em teorias, geralmente demonstradas por meio de cálculos, fórmulas e equações, que fornecerem respostas precisas.

O objetivo deste tópico é apresentar algumas soluções para você entender, utilizar e memorizar as fórmulas das ciências exatas.

Para ser um craque em matemática é necessário, em primeiro lugar, conhecer bem o vocabulário da matemática. Saber o significado de termos específicos como proposição, expoente, variável, fatorial, determinante, elipse, função, fração, grupo, genérico, matriz, entre outros tantos facilita a compreensão das explicações do professor, a interpretação dos enunciados e a resolução dos problemas. Então, primeiramente, verifique se conhece todos os termos que o professor utiliza durante a explicação de uma teoria e, caso identifique alguns que desconhece, invista um tempo melhorando o seu vocabulário, afinal, como você poderá desenvolver as operações matemáticas se não souber o que é, por exemplo, um expoente?

Outro segredo para entender a ciência exata é saber explicar teoricamente uma fórmula. Muitas vezes, você pensa que entendeu a fórmula devido à dedução lógica que ela oferece. Mas, quando vai aplicar a expressão num problema, percebe que não consegue resolvê-lo sozinho. Em ciências exatas você não deve achar, mas, sim, ter certeza de que entendeu o exercício. Neste caso, após assistir a demonstração do professor, pergunte:

Se tivesse que explicar a fórmula que acabei de aprender, por onde eu começaria?

Para estudar fórmulas e ter um ótimo aproveitamento nas provas, você deverá cumprir três etapas:

1 – Compreender a fórmula;
2 – Memorizar a fórmula;
3 – Fazer exercícios de fixação.

1) Compreender a fórmula.

Vamos utilizar como exemplo a fórmula de Bháskara.

$$x = \frac{-b \pm \sqrt{\triangle}}{2a}$$

Uma estratégia simples para entender a fórmula e seus fundamentos é elaborar e responder perguntas específicas sobre a finalidade dela. Antes mesmo de começar os exercícios, saber explicar a fórmula é sinal de que você a entendeu. A melhor maneira para compreender uma teoria está na prévia elaboração de perguntas sobre o assunto estudado. A seguir, sugiro algumas delas que poderão ser complementadas ou suprimidas de acordo com a matéria que você estiver estudando. Exemplo de perguntas elaboradas para entender a fórmula Bháskara:

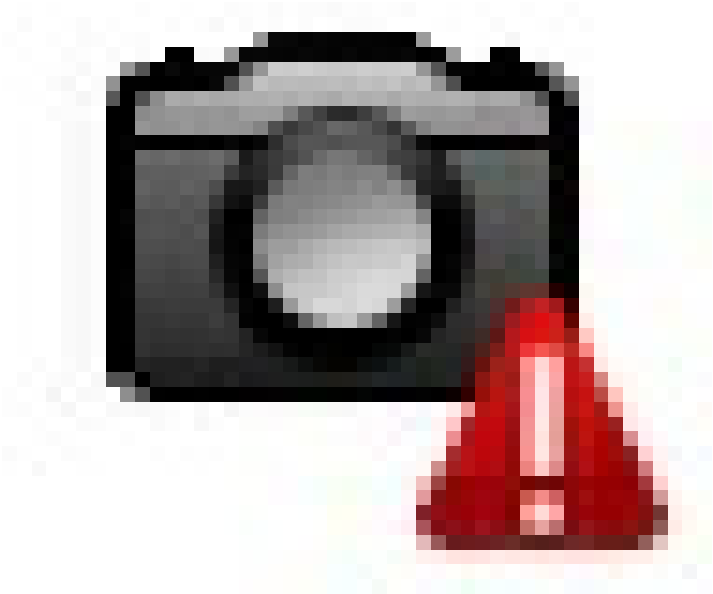

1 – Quem criou a fórmula?

Bháskara nasceu em 1.114, na Índia, e morreu, ao que consta, em 1.193, com 79 anos. Ele redigiu um manuscrito dividido em quatro partes, das quais Lilaváti (A Bela) discorre sobre aritmética. Seu pai, Mahervara, foi astrônomo e seu professor.

2 – Para que serve a fórmula?

A fórmula de Bháskara serve para solucionar equações denominadas polinomiais de 2o grau.

3 – Onde se aplica a fórmula?

As equações de 2o grau são as que possuem uma de suas incógnitas elevada ao quadrado. O expoente da maior incógnita deve ser sempre igual a 2. Dessa forma, a equação de 2o grau, que utiliza a fórmula de Bháskara, é a do tipo: $ax2 + bx + c = 0$, com coeficientes numéricos a.b e c, com a não sendo igual a 0.

4 – O que se deseja obter com a fórmula?

A raiz x da equação. No caso das equações de 2o grau, podem ser obtidas até duas raízes distintas, dependendo do tipo de equação em vista, uma vez que elas são subdivididas em equações de 2o grau completas e incompletas.

5 – Quando deve ser aplicada a fórmula?

Sempre que a equação tiver uma incógnita elevada ao quadrado. A fórmula de Bháskara pode ser usada em equações do tipo trinômio quadrado perfeito. O Bháskara não se aplica, portanto, em equações simples.

6 – Como se usa essa fórmula?

Para aplicar a fórmula de Bháskara é necessário, antes de tudo, achar o discriminante (delta). Para isso, utiliza-se a fórmula .

2) Memorizar a fórmula.

Para demonstrar cada teoria, o matemático constrói uma fórmula. Para aplicá-la em exercícios na sala de aula e também nas provas, você deve memorizá-la. Assim, temos a necessidade do domínio da fórmula e a mesma gravada na memória. Dessa forma, para memorizar o formato da fórmula, bem como a localização dos seus componentes e a sequência dos cálculos a serem realizados.

Memorizar a estrutura (grafia) de uma fórmula e ter a capacidade de reproduzi-la numa prova exige, antes de tudo, observação, entendimento e repetição. Isto é, você deve observar atentamente a expressão, entender sua estrutura e finalmente desenhá-la algumas vezes para se familiarizar e formar a memória visual. Neste caso escolha e utilize uma das técnicas de repetição do tópico anterior.

3) Faça exercícios de fixação.

A última etapa no estudo das fórmulas é a demonstração das teorias através de exercícios práticos. Ela é a mais importante, pois depende do domínio das etapas anteriores. Ou seja, só será possível aplicar uma fórmula se você realmente a compreendeu e a memorizou.

Aprender através da prática é uma das melhores formas de assimilação. Esta tese se aplica perfeitamente as ciências exatas. Mas é necessário que você crie uma metodologia em que possa refazer de vez em quando os exercícios e as fórmulas retidas na memória.

A memorização de expressões exatas passa obrigatoriamente pela realização sistemática de exercícios. Repeti-los possibilita a memorização pela memória visual e de longa duração. Novamente: Algumas dicas de revisão você encontrará no tópico "Decoreba: o modo certo de decorar matérias".

Para finalizar, lembre-se de que o raciocínio lógico é uma das competências mais apreciadas em algumas profissões no mercado de trabalho. Por isso, não se queixe do grau de dificuldade de certos exercícios. Tente aprendê- los, pois, só o fato de saber resolver alguns deles, já desperta interesse, estimula o raciocínio lógico matemático e o deixa mais inteligente.

Internet nos estudos

Especialistas em Inteligência Artificial preveem que, em algumas décadas, será possível estabelecer uma conexão direta entre o cérebro humano e um banco de dados (memória artificial) acoplado ao corpo nosso corpo via implante de nanochip.

Por conta disso, um estudante de direito, que hoje sofre para memorizar um simples artigo, teria acesso em tempo real a todos os artigos da constituição brasileira, como também a todas as novas e antigas leis, emendas, modelos de petições, acompanhamento de processos, etc. Evidentemente, tal facilidade também faria com que ele pudesse acessar todas as leis de todos os países dos quatro cantos do mundo. Segundo a IA, no futuro, com um simples pensamento, qualquer pessoa teria acesso a um conhecimento jamais imaginado e, por conta disso, as formas de se fazer avaliações, negócios e também de se divertir mudarão.

Sabe-se que um dos maiores privilégios do século XXI é o de se viver na era do conhecimento. Um estudante que faz uso da Internet e domina, pelo menos, um outro idioma tem na ponta dos dedos acesso livre a praticamente todas as informações produzidas pela humanidade. O computador é a porta de entrada para esse fabuloso universo dos mais variados assuntos. Na Internet, o aluno descobre desde o mecanismo de funcionamento do cinto de segurança de um automóvel ao tipo de mantra pronunciado por um monge tibetano. A Internet dispensa a necessidade de espaços físicos para o armazenamento de livros.

No mundo moderno, é impossível ao estudante moderno acomodar-se em desculpas embasadas na falta de informação. Você não pode mais declarar que não realizou a prova por falta de matéria, da mesma maneira que um cidadão desempregado não pode dizer que não sabe elaborar um bom currículo por falta de exemplos. Atualmente, você tem, ao alcance de um "click", um universo de assuntos capazes de prepará-lo para qualquer prova, bem como para o concorrido mercado de trabalho.

Se, por um lado, encontramos muito material de boa qualidade na internet, por outro, ela também é considerada o maior depósito de lixo do planeta e o portal predileto dos alunos preguiçosos.

Os comandos de computador Ctrl+C (copiar) e Ctrl+V (colar) são as teclas de atalho mais conhecidas por muitos daqueles que se julgam estudantes. Tais pessoas se limitam a copiar os textos disponíveis na rede, colar em seus documentos, imprimir e entregar isso ao professor como trabalho escolar. Muitos nem sequer leem o que entregaram. A quem estão enganando?

O objetivo do trabalho escolar é testar a capacidade do aluno em pesquisar, analisar material, interpretar, sintetizar e redigir textos. É, na realidade, um dos melhores exercícios para o desenvolvimento intelectual. Os gênios apreciam e fazem questão de caprichar nessas investigações. A Internet é uma poderosa fonte de pesquisa. Basta usá-la com inteligência.

Recomenda-se a utilização da internet apenas como uma biblioteca virtual de orientação e auxílio. Considere, primordialmente, sua própria memória (experiências pessoais) como uma importante fonte de pesquisa. Ou seja, primeiro tente resolver os problemas acionando seu cérebro. Depois, se necessário, pesquise na internet.

O computador e a internet revolucionaram e continuarão revolucionando a forma como aprendemos. Entretanto, no futuro, assim como no presente, ter acesso a um vasto conhecimento não

significa que você terá sucesso na vida. Lembre-se: na vida, o que determina o sucesso não é aquilo que você sabe, mas o que faz com o que sabe.

Televisão

Decidi incluir neste livro o tópico, televisão, por considerá-la um instrumento muito controverso nos estudos. Sempre ouço pais reclamarem que seus filhos só estudam com a televisão ligada. Os filhos, por outro lado, alegam que a TV os ajuda a manter a concentração. Mas afinal, qual é o papel da TV nos estudos, ajuda ou atrapalha?

Programas de televisão podem ser poderosas fontes de conhecimento, mas podem também representar traiçoeiros ladrões de tempo.

Você pode chegar a passar mais de nove anos de sua vida em frente ao televisor, segundo estudo realizado por uma universidade americana. Na prática, isso significa que, se você viver 65 anos, aproveitará somente 56. E, considerando que um terço da vida é dedicado ao sono, terá apenas 35 anos de existência ativa.

Por trás das programações televisivas há um time de profissionais altamente qualificados, sobretudo quando se trata das difusoras brasileiras, incluídas entre as melhores do mundo. A missão desse grupo é encantar a clientela, os telespectadores. São apresentadores, diretores, atores e a mais perfeita tecnologia preparada para emocionar, divertir e informar.

Mas acontece que, dentro de alguns anos, quando a televisão e a internet já estiverem plenamente integradas e qualquer mortal poderá ter seu próprio canal de televisão, você terá, na sala da sua casa, nada menos do que milhares de canais para assistir. E o que isso pode significar? Perder um tempo precioso que poderia ser aplicado em alguma atividade mais útil, como estudar para aquela prova importante. Que tal?

Gosto de dizer que não há nada de errado em assistir televisão. O importante é avaliar a utilidade do conteúdo do programa televisivo, saber exatamente se ele faz de você uma pessoa melhor ou não. Considerando o aspecto positivo da televisão, é possível educar uma criança através de uma programação que incite valores como honestidade, trabalho, amizade, disciplina e paciência. É possível também alfabetizar, revisar e, até mesmo, enriquecer o conhecimento através de programas educativos e documentários.

Demais programas que buscam apenas entreter devem ser apreciados com cautela e quando houver tempo para isso. Deixar que a televisão desvie sua atenção das tarefas importantes pode acarretar em acúmulos que geram ansiedade. Quem tem contas para pagar, carreira profissional e acadêmica para cuidar, livros para ler, textos para estudar, pai, mãe, filhos, família para conviver, enfim, preocupações e afazeres que absorvem as 24 horas diárias, não pode desperdiçar o pouco tempo que lhe resta com programas que nada acrescentam. A televisão deve ser um utensílio doméstico útil como diversão e instrução, bem como um órgão simplesmente informativo.

Capítulo 3 - Orientações Sobre a Leitura

Para quem não gosta, mas precisa ler muito

Você ainda se lembra da época em que aprendeu a unir as palavras e a ler as primeiras frases? Consegue se recordar do fascínio que sentia todas as vezes que descobria o significado das palavras impressas nas paredes, nas propagandas e nos cartazes que encontrava pelas ruas? Em minha opinião, a maior mudança na vida de um ser humano ocorre quando ele aprende a ler. Um universo, até então oculto, se revela e muitos mistérios da vida passam a fazer sentido. É um momento sagrado que não deixa dúvidas: quando aprendemos a ler nos tornamos pessoas mais felizes.

Infelizmente, a maioria das famílias desapercebe essa euforia inicial oriunda da descoberta da leitura e então a criança, que um dia amara aprender a ler, descobre outros atrativos. A televisão, o game e a internet exercem um fascínio irresistível, tomam o tempo útil e causam o adormecimento do bom hábito da leitura.

Existem crianças que ao despertar para leitura se tornam amantes dos livros, leitores apaixonados. A consequência disso é óbvia: cidadãos cultos, bem instruídos, autodidatas e bem-sucedidos. O posicionamento dos pais é fundamental nesse momento. A maioria dos ótimos estudantes que conheci era encorajada pelos pais a ler o suplemento infantil do jornal de domingo, um gibi, uma revista ou um livro infantil. Não é difícil estimular em uma criança o gosto pela leitura. Basta que os pais não ignorem o momento mágico em que ela descobre a leitura. Pais comprometidos precisam vibrar junto com os filhos, apresentar as melhores livrarias e presenteá-los com bons livros infantis. Se o hábito da leitura for incentivado na infância, você não ouvirá um adulto reclamando de ter que ler livros.

A propósito, se você tem entre 20 e 50 anos e ainda continua reclamando dos livros, xingando professores e desprezando matérias, então comece a repensar a sua postura em relação aos estudos ou estará demonstrando que não tem a menor vocação para aprender. Entenda: pessoas que não gostam de ler, mas precisam, normalmente sabotam a si mesmas. Dizer que não gosta da matéria, que não topa o professor ou que detesta leitura é um grande passo para bloquear a sua aprendizagem.

Tais pessoas geralmente vivem uma guerra psicológica na escolha entre internet, televisão e leitura. Elas gostariam de ler mais, porém não conseguem abandonar outros vícios. O conflito pode se agravar quando a escolha tende a se radicalizar: geralmente pessoas que adoram assistir à TV, desprezam livros, revistas ou jornais, ao passo que adeptos da leitura passam a detestar certos programas de televisão.

É possível despertar o interesse pela leitura e o caminho é estabelecer uma rotina de leitura. Uma pesquisa realizada pelo MEC, há alguns anos, com os melhores colocados em vestibulares constatou que eles tinham um hábito comum: liam pelo menos seis livros por ano, além dos exigidos na grade de matérias.

Para quem gostaria de ler, mas não encontra a motivação necessária, vai aqui outra boa notícia: o prazer de descobrir a leitura vindo da infância ainda existe dentro de você. E como ele se

encontra apenas adormecido, resta a você resgatá-lo. Para isso, são necessários alguns ingredientes: tempo, disposição, propósito e um bom livro. Para arrumar tempo, você tem que administrar a agenda e criar um horário específico e diário para leitura. Quanto à disposição para ler, o fato de encontrar o tempo livre gera tranquilidade e evita perturbações. O propósito ou motivação para a leitura aguça a curiosidade e favorece o poder de concentração.

Ao invés de reclamar da matéria, escreva numa folha pelo menos cinco razões para você ser fera naquele assunto. Reflita sobre cada uma delas e o peso em sua formação, mas lembre-se: seja honesto consigo. Em seguida, pegue o telefone e ligue para aquele seu amigo que diz que adora aquela matéria e pergunte o que ele acha dela, como a estuda, como aprende, o que ele pensa em relação aquele aprendizado.

Somando esses fatores à escolha de um bom livro, você garante boas horas de diversão e cultura. Entre em livrarias ou sebos como quem vai ao supermercado para comprar um doce. Procure, folheie, manuseie, escolha uma obra com carinho. Leia de cabeça fria e com a alegria de um recém- alfabetizado. Encante-se com as novidades assim descobertas. Quando perceber, você terá lido várias páginas e terá aprendido muito.

Organizando uma biblioteca pessoal

Seja durante o ensino médio ou universitário, assim como nos períodos de preparação para vestibulares e concursos, se você pretende passar alguns anos em contato com o universo acadêmico, precisa organizar uma biblioteca pessoal. Quem guarda e conserva desde o início todos os livros, cadernos e resumos que utilizou durante a fase acadêmica, desfrutará de um interessante acervo para pesquisa ou revisões.

Pais devem incentivar seus filhos a formar uma biblioteca. Assim como algumas crianças gostam de colecionar carrinhos, figurinhas e bonecas, existem aquelas educadas a ler e que adoram os livros. A criança criada num ambiente literário lê sem preguiça. Assim, reserve um lugar de destaque em seu quarto ou sala de estudo. Coloque uma prateleira na parede ou uma estante de livros.

Há quem dispense as prateleiras e prefira uma biblioteca virtual organizada dentro do computador ou na internet. Trata-se, realmente, de uma questão de preferência. Livros, revistas, enciclopédias, manuais, artigos, recortes de jornal e demais textos, quando devidamente organizados num arquivo digital, transformam-se em preciosas fontes de conhecimento e não ocupam espaço. Para quem cursa faculdade ou pós-graduação, em tempos de Trabalho de Conclusão de Curso, o chamado TCC, terá um bom acervo e agilizará as tarefas.

Outro hábito louvável é abrir sua biblioteca pessoal para quem não tem condições de adquirir os livros. Organizar encontros para leitura em sua casa, realizar um curso de interpretação de textos e redação também merecem aplausos.

Muita matéria e pouco tempo, o que fazer?

Você é aquele tipo de pessoa que lê muitos livros todos os anos, ou do tipo que precisa ler mais, porém não encontra tempo? É a falta de tempo que faz com que muitos estudantes fiquem desesperados quando percebem a quantidade de matéria que se acumulou. Sofrem de ansiedade e ficam paralisados, sem saber por onde começar. Esses alunos acabam caindo em uma armadilha criada por eles mesmos: o adiamento de tarefas.

Deixar acumular matérias, procrastinar o estudo para a véspera da prova, perder noites de sono para colocar a leitura em dia, ocorre por falta de tempo ou prioridade? Normalmente é por falta dos dois. O fato é que, quando temos uma prioridade, precisamos arranjar tempo.

Você tem muita matéria para estudar e a prova está marcada para acontecer dentro de dois dias. Não existe nenhum tempo disponível. O que fazer? Neste caso, só existem duas saídas: a primeira é torcer para que o professor aplique uma prova muito fácil. A segunda consiste em partir para uma saída de emergência, isto é, determinar prioridades.

O fato é que para ser aprovado, você precisa estudar, ler textos, interpretar e entender. Claro que para tanto, necessita de tempo, pois não é possível aprender por osmose, ou seja, colocar a mão sobre o livro e absorver seu conteúdo. Dessa forma, a primeira saída consistirá em arranjar tempo. Quantos períodos livres você tem para estudar? Terá que abrir mão do que para conseguir esse tempo?

Conheci um sujeito que foi informado de que teria de ser aprovado num concurso interno da sua empresa. Caso não passasse no exame, ele seria transferido para uma cidade longínqua. Tal mudança implicaria transtornos em seu relacionamento, suspensão temporária do curso de pós-graduação, distância da família, amigos e outros inconvenientes. Para evitar a transferência, ele só considerava uma opção: passar no concurso. Ele precisava de tempo para estudar.

Sempre que necessitamos, arranjamos tempo. No caso acima, ele começou relacionando numa folha todas as suas tarefas diárias. Estabeleceu prioridades, ajustou alguns horários, atribuiu meta de início e término para cada tarefa, criou uma nova rotina. Suspendeu temporariamente algumas atividades, abriu mão de *happy hours*, encontros e passeios, cancelou compromissos, enfim, promoveu uma revolução total para conseguir tempo para estudar. Ele tinha um bom motivo!

Na maioria dos casos, a motivação que faz com que o aluno se dedique aos estudos está associada à oportunidade de uma vida mais confortável. É o caso, por exemplo, dos estudantes de concurso público que, devido à possibilidade de realizar um grande sonho, deveriam transpirar entusiasmo. Entretanto, nem sempre é assim. Alguns simplesmente gastam o pouco tempo disponível que possuem em atividades pouco abonadoras. Atualmente, estima-se que entre games, novelas, filmes, telejornais, bate- papo na Internet e outras distrações, uma pessoa perca cerca de 33 horas por semana. A título de comparação, os melhores colocados em processos seletivos estudam 24 horas por semana. É isso mesmo! Não hesite em fazer sempre a escolha certa para a sua vida.

Toda escolha envolve uma renúncia. E saber dizer não a certas distrações que minam o tempo será um forte auxilio. Se você tem uma prova importante e necessita de uma boa nota, mas não tem tempo para estudar, terá que abrir mão de algo. Escolha: ou você desiste de atividades secundárias e racha de estudar para tirar a nota de que precisa ou se arrisca a fazer o exame sem estudar.

Vamos imaginar cinco cenários diferentes envolvendo você, treze matérias e uma avaliação prevista para acontecer dentro de um ano. Em todos as situações descritas, considerarei que a dedicação aos estudos ocorrerá durante seis dias por semana, com apenas o domingo para o descanso. Além disso, parto do princípio que você sabe estudar, pois ao dispor de pouco tempo, deverá contar, pelo menos, com a capacidade de estudar e aprender.

Cenário 1
13 matérias e apenas 1 hora para estudar

Neste cenário, as coisas começam mal. Conheço pessoas que foram aprovadas com apenas uma hora por dia de dedicação aos estudos, por isso, não seria impossível ser consagrado nestas condições. Entretanto, você não poderá esperar aprovação já no primeiro vestibular ou concurso porque o tempo de dedicação é mínimo. Observe:

Considerando que o período mínimo de dedicação para cada assunto seja de uma hora, você estudará, nesse caso, apenas uma matéria a cada 13 dias, o que significa duas horas mensais por matéria. Do ponto de vista da memória de longa duração, você não conseguiria uma retenção forte e duradoura, mesmo que tenha compreendido totalmente o tema. No décimo quarto dia, quando terá oportunidade de estudar um novo tópico daquela primeira matéria, você precisará revisar o que foi estudado anteriormente, perdendo tempo, tornando a tarefa improdutiva.

Solução: Aumentar o tempo total de estudo, excluindo ou planejando melhor outras atividades, dando mais horas para os estudos.

Cenário 2
13 matérias e 2 horas para estudar

Sejamos realistas: duas horas de dedicação aos estudos não é muito e, portanto, ainda não permite sonhar com aprovações em apenas um ano de preparo. Vale lembrar, todavia, que alguns já conseguiram essa façanha. Entenda que existem matérias que vemos desde a adolescência, como português, matemática, inglês, etc. Neste caso, das treze matérias, em três, caberia apenas a revisão. Isso faz com que sobre mais tempo para os assuntos difíceis.

Com apenas duas horas, você poderia trabalhar com duas matérias por dia. Considerando que o período de estudo aconteça de segunda a sábado, apenas uma matéria ficaria de fora da semana. Neste caso, a solução seria aumentar mais uma hora no sábado e trabalhar todas as matérias semanalmente. Do ponto de vista da memória, seria razoável esperar uma memorização satisfatória, visto que já na semana seguinte você teria um novo contato com as mesmas matérias.

Cenário 3
13 matérias e 4 horas para estudar

Aqui temos uma situação um pouco mais confortável. Com quatro horas diárias de dedicação é possível sonhar com a aprovação mais próxima. Neste caso, você conseguiria estudar três matérias por dia, o que tomaria três horas, e reservaria uma hora para a revisão dos tópicos estudados na semana anterior. Chegando ao sábado, você teria uma matéria apenas para estudar em quatro horas.

Assim, poderia se dedicar a ela por duas horas (estudo mais revisão) e ainda sobrariam mais duas horas para rever brevemente todo o conteúdo estudado durante a semana corrente.

Neste cenário, a formação de memórias de longo prazo seria favorecida, pois há um contato regular com assuntos estudados anteriormente.

Cenário 4

13 matérias e 8 horas para estudar

Ter oito horas diárias para se dedicar aos estudos é um privilégio, um importante diferencial. Alguns estudantes abrem mão de tudo o que possuem para criar esse tempo e se devotar exclusivamente aos estudos. Alguns abandonam o emprego, outros vendem um bem para se manter durante o período em que se preparam. O fato é que ter oito horas para estudar proporciona a você algumas configurações: quatro horas pela manhã e mais quatro à tarde, quatro períodos de duas horas ao longo do dia, parte do estudo pela manhã e a outra parte à noite, enfim, o tempo disponível faz a diferença.

Uma sugestão seria estudar quatro matérias por dia, disponibilizando duas horas para cada uma delas. Dessa forma, seriam três dias estudando um total de 12 matérias e um quarto dia para estudar a décima terceira, utilizando o resto do período livre para revisar todo o conteúdo estudado. As oito horas disponíveis também permitem a você fazer curso preparatório e se aprofundar em sua casa. Tendo em vista os princípios de formação de memórias de longo prazo, esse nível de dedicação permitirá uma formação consistente, favorecendo os processos de recordação.

Cenário 5

13 matérias e 13 horas para estudar

É importante frisar que em todos os cenários é possível chegar ao pódio dos vestibulares e concursos. Afinal, lembrando da analogia feita com a corrida de Fórmula 1, se não houver nenhuma pane ou acidente, todos cruzarão a linha de chegada. Se você não desistir do sonho, certamente atingirá seu objetivo, mesmo que leve um pouco mais de tempo.

Treze horas de dedicação aos estudos, associadas ao saber estudar, certamente o levarão ao sucesso bem mais rápido do que aquele que tem pouco tempo. Tirando sete horas, reservadas ao sono, e trinta minutos para ir e voltar do curso preparatório, você ainda terá três horas e meia para o lazer. Com este tempo disponível, é possível estudar as treze matérias todos os dias e ainda reservar a sexta-feira para revisar todo o conteúdo da semana e o sábado para rever todas as matérias estudadas desde o início até o momento atual. Do ponto de vista da formação das memórias, este, naturalmente, será o melhor cenário porque você mantém as informações vivas. Quanto mais usamos a memória, melhor ela fica. Assim, quanto mais contato com as matérias, mais rápida será a recordação das mesmas.

As opções de estudo apresentadas são comuns para a maioria dos estudantes. Sabemos, porém, que existem centenas de variações em relação ao tempo e ao número de diferentes assuntos: menos matérias e mais tempo disponível, casos de pessoas que não possuem tempo algum, etc. O fato é que se faz necessário criar uma rotina de estudos. O tempo é o maior aliado de quem deseja

conquistar um lugar ao sol.

Abrir mão de uma pizza com os amigos, de uma partida de futebol, da novela, da internet ou de algumas horas de sono será fundamental nesse momento. Pedir folga no trabalho e desistir do churrasco de domingo são provações inevitáveis, se você quer conquistar o primeiro lugar no pódio.

Se o diploma é o projeto da sua vida, o concurso é o sonho que você acalenta, ou uma vaga na universidade pública significa sua realização pessoal, então não faça concessões: elimine todas as tarefas e prazeres que tiram a sua energia e roubam seu tempo. Dedique-se totalmente aos estudos, pois um aluno dedicado é capaz de realizar proezas incríveis, como a de passar em primeiro lugar num universo de milhares de concorrentes.

Leitura rápida

Ler mais rápido é o sonho de muitos estudantes e profissionais. Mas não basta pegar um livro e pisar no acelerador mental. Leitura rápida é consequência natural do hábito de leitura e também da ampliação do campo visual. Você deseja ler mais rápido? Então leia bastante e leia corretamente. Essa é a recomendação dos especialistas em leitura dinâmica que também alertam para não fazer da leitura rápida uma estratégia de fuga, um recurso para se livrar do problema, ou melhor, do livro.

O sonho de alguns estudantes é descobrir uma tática que permita a leitura de um livro inteiro em poucos instantes. Na maioria das vezes, esse coro é entoado por indivíduos desorganizados quanto à administração de tempo ou preguiçosos, que não enxergam a leitura como oportunidade, mas como um problema a ser eliminado.

As técnicas de leitura dinâmica, quando bem aplicadas, permitem ao leitor ganhos em termos de velocidade, mas exigem treinamento pesado. Entenda: leitura rápida é uma profícua habilidade, cujo desenvolvimento requer muita disciplina e dedicação. São necessárias horas de treinamento diário com técnicas específicas para um aumento expressivo na velocidade da leitura. Se no princípio do treinamento você lia apenas 130 palavras por minuto, depois de um mês perceberá um aumento considerável e terá adquirido o hábito de ler. Entretanto, quero lembrar que leitura rápida não depende apenas de treino, mas do domínio de outros requisitos que descreverei a seguir e que, juntos, tornarão a sua leitura um pouco mais rápida e retentiva:

Requisito 1 - Aumente o vocabulário.

Conhecer intimamente o vocabulário dos textos que lê ou das matérias que estuda facilita o entendimento e permite cautelosa aceleração. Por outro lado, o vocabulário pobre dificulta o entendimento e torna a leitura mais lenta. Neste caso, pausas serão necessárias para o uso do dicionário, em busca do significado de qualquer palavra desconhecida. Não é o leitor que determina a velocidade da leitura, mas a qualidade do texto. Pessoas que se declaravam rápidas leitoras não alcançaram sucesso ao tentar compreender textos de matérias que não conheciam. É o mesmo que oferecer um artigo de engenharia elétrica para um técnico em enfermagem. Portanto, se o texto exigir leitura pausada e reflexiva, não hesite, faça o que deve ser feito.

Requisito 2 - Conhecer o assunto que lê.

A leitura de um texto flui mais facilmente quando você está familiarizado com o assunto. E por ter o hábito de ler matérias de uma natureza específica, você pode se utilizar da intuição, deduzir o caminho do autor e saltar alguns trechos, acelerando a leitura.

Requisito 3 – Ter a mente descansada.

Ao invés de ler antes de dormir, experimente ler depois de acordar. Quando está descansada, a mente aumenta o grau de atenção. Com mais atenção, você consegue acelerar um pouco

a leitura sem perder a qualidade. É possível manter a mente descansada ao longo de todo o dia, não se envolvendo com atividades estressantes, não se aborrecendo com problemas e praticando métodos de relaxamento.

Requisito 4 - Estímulos externos.

Ler rápido é como dirigir um carro a 200 quilômetros numa estrada de cenário é paradisíaco, ou seja, ou você dirige e ignora a paisagem ou desenvolve habilidade suficiente para fazer os dois. Antes de iniciar uma leitura rápida é fundamental cuidar do local onde fará a leitura. Postura, iluminação, objetos desnecessários sobre a mesa podem desviar a sua atenção e prejudicar o rendimento. Porta aberta também é um convite para que outras pessoas o interrompam. Cuide desses estímulos.

Requisito 5 - Treinamento visual.

O processo natural de alfabetização, ao qual fomos submetidos, consiste em reconhecer as letras, aprender a juntar as sílabas para, mais tarde, compreender palavras e orações. Ocorre que algumas pessoas estacionam no padrão de leitura "palavras por palavra", ou seja, os olhos ficam saltando de uma palavra a outra até terminar a oração. O problema deste padrão é que a leitura se torna lenta, cansativa e os resultados demoram mais.

O treinamento visual consiste em ampliar a sua percepção visual ao ponto de captar blocos de palavras e não apenas os fragmentos. Pegue uma caneta nas mãos e olhe para ela. Repare que você consegue ver ao mesmo tempo a ponta e a tampa, ou seja, você olha para a caneta como um todo. O treinamento visual consiste em treinar os olhos para ler blocos de palavras, olhar para uma linha e entender o seu significado. Veja na figura a seguir.

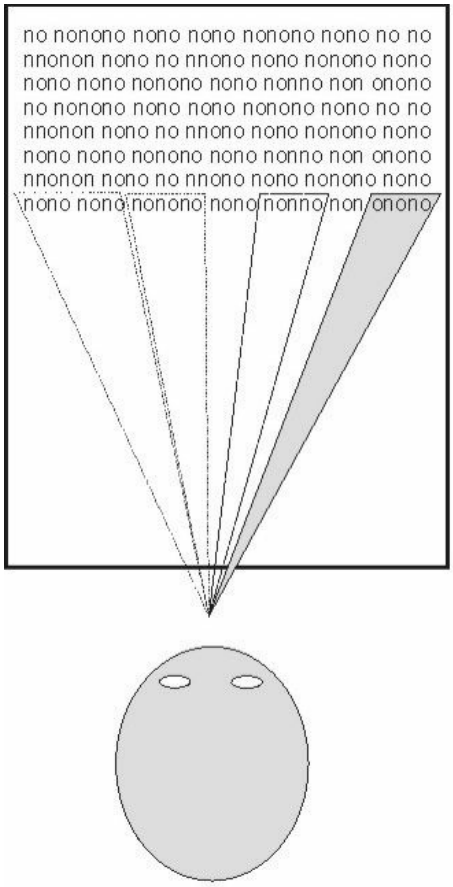

Leitura normal

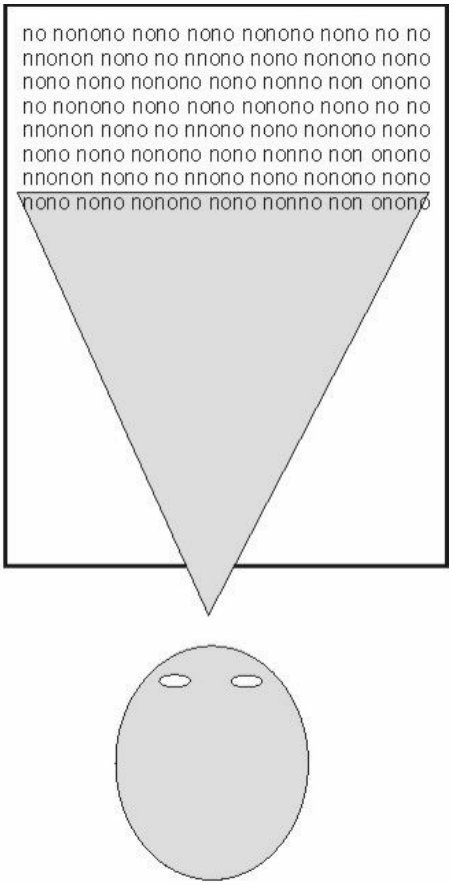

Leitura rápida

Na leitura rápida a cabeça fica parada e apenas os olhos se movem durante a captação das informações. Você pode começar lendo 2 ou 3 palavras em cada movimento ocular e, com o treinamento ir aumentando até conseguir perceber uma linha inteira compreendendo o seu significado. Uma ótima estratégia é criar um programa de treinamento baseando-se na técnica de neurolinguística que consiste em repetir um mesmo hábito durante 21 dias consecutivos. Dessa forma, recomendo que leia todos os dias durante pelo menos uma hora focando o aumento do campo visual.

É necessário que siga a recomendação sem interromper o processo, pois dessa forma estará adquirindo o hábito da leitura e uma maior velocidade. Faça todo o treinamento utilizando textos de vocabulário mais simples e somente depois trabalhe com textos técnicos.

Cuide também do domínio dos outros requisitos anteriormente expostos, então avance e colha os frutos de uma leitura mais rápida. Mas não perca de vista a qualidade da retenção. Para textos complexos, se for necessário, ao final de cada parágrafo, interprete o que foi lido e avalie o aprendizado.

Se você ainda não domina os requisitos acima, não desanime. É uma questão de imersão no cultivo da leitura. Aos poucos, você os desenvolverá. Ler rápido é uma habilidade: quanto mais lê, mais veloz você fica.

Como ler sem esforço mais de 50 livros por ano

Até hoje é assim: Todas as vezes que eu entro numa livraria para comprar um livro, saio com mais dois ou três. O vício é irresistível porque eu adoro livros, mas o que me incomodava é que eu raramente lia os outros livros que comprava. O destino deles era enfeitar a estante da sala.

Conversando com outras pessoas sobre este problema, comecei a notar que eu não estava só no mundo dos decoradores de estantes. Por compreender a minha negligência resolvi encontrar uma solução, que apareceu durante uma aula sobre a concepção de metas de um curso de pós-graduação. Durante a aula tive um estalo: e seu eu estabelecesse uma meta diária de leitura? Comecei a trabalhar com esta possibilidade e encontrei a solução.

Imagine que você precisa ler um livro com 600 páginas, letras pequenas e sem desenhos. Qual é o seu estado de ânimo? Certamente não deve ser dos melhores.

Pegue uma caixa de clips de metal e faça unidades de 20 páginas separadas pelos clips. Proponha-se a ler uma unidade todos os dias. O que aconteceu com o desanimo para ler um livro de 600 páginas? Desapareceu, não foi?

Naquele dia eu descobri que colocar a leitura em dia pode ser mais fácil do que eu imaginava. A mágica era simples: bastava estabelecer uma meta e cumpri-la!

A organização é sinônimo de rapidez e eficiência, neste caso, estabelecer uma meta mínima diária diminui ou até neutraliza a desagradável sensação causada pela percepção da quantidade de páginas a serem lidas. Uma vez fragmentada, a tarefa se torna muito mais simples e atraente. Organização consiste também em administrar o tempo para encontrar o momento adequado para se dedicar integralmente à leitura. Por isso, neste sentido, também é conveniente determinar uma meta diária de páginas. Por último, você precisa de disciplina. Assim, a partir do momento em que estabelece sua meta diária, deve mantê- la a qualquer custo.

Você quer colocar a leitura em dia? Então faça como os estudantes que se destacam em provas e concursos: Adote uma meta fragmentando o grande volume de textos exigidos pelos professores. Administre o tempo de forma a encontrar em sua agenda o tempo necessário para atender tal meta e seja disciplinado no cumprimento da mesma.

Quando me perguntam como eu faço para ler mais de 50 livros por ano, explico que qualquer pessoa pode fazer isso sem esforço. O segredo é fragmentar a tarefa. A técnica usada para tal é muito simples.

Lendo apenas 20 páginas todos os dias, você terá:

200 páginas em 10 dias;
600 páginas em 30 dias;
7.200 páginas em um ano.

Agora, considere 150 o número médio de páginas no padrão editorial brasileiro. Divida 7.200 páginas por 150. São cerca de 48 obras por ano, 4 por mês ou 1 por semana. Isso representa quase o dobro de livros lidos todos os anos por um cidadão europeu, por exemplo.

Agora, considere este fato: Quem se propõe ler 20 páginas por dia, dificilmente para ao término das mesmas, ao contrário, sempre avança lendo um pouco mais. Dessa forma, alguns dias

consigo ler 30, 50 até 100 páginas, noutros, apenas 14, mas na média sempre ultrapasso a meta, ou seja, sempre leio mais de 50 livros por ano.

Tudo bem, você poderá pensar: 20 páginas por dia é muito, só consigo ler 10. Ótimo, são pelo menos 20 livros por ano. E, na pior das hipóteses, se você ler apenas 5 páginas por dia, terá lido mais de 10 livros por ano.

Não existem desculpas para não colocar a leitura em dia. Lendo apenas 20 páginas por dia (o que não toma tempo e não sacrifica outras atividades), chega-se a um volume de 50 livros por ano, uma quantidade de informações e conhecimentos que transforma um sujeito comum em gênio.

Como se concentrar na leitura

Preparação

A tão almejada concentração na leitura e nos estudos transcende o simples querer. Isto é, não basta apenas desejar se absorver na leitura de um texto. É também preciso preparar a mente para o ato. O estado de ânimo é fundamental para leitura, pois, se antes da atividade, você declarar para si mesmo que não gosta de ler, estará, consequentemente, enviando à sua mente um comando que será prontamente executado. O subconsciente o protegerá daquele livro que você não gosta, através das mais diversas distrações: roer as unhas, balançar a perna, a fome, o sono.

Outro problema enfrentado pelo estudante desanimado com a leitura é o baixo índice de registro das informações pela memória. Pelo fato de não se concentrar na leitura, pois a mente está o "protegendo" da tarefa, ele não será capaz de registrar o que leu. Assim, o aluno acaba sofrendo a frustração e o desgaste de ter que ler tudo novamente. A leitura concentrada requer foco e exclusividade da mente e, para que ambas as características apareçam, você precisa se sentir motivado para ler.

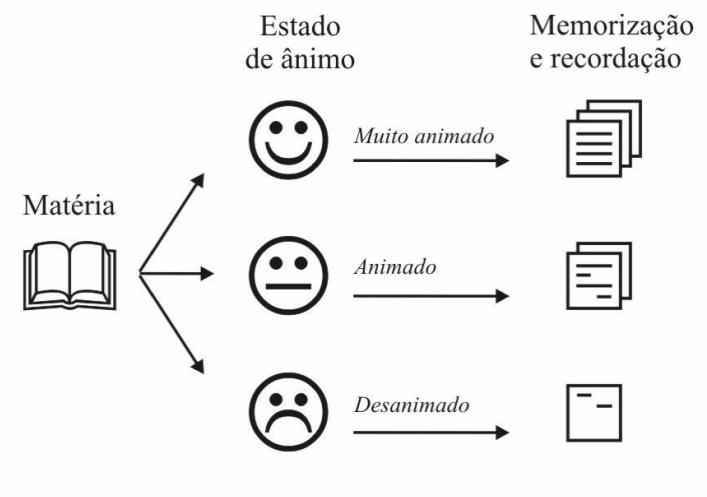
Estado
de ânimo
Memorização
e recordação
Matéria
Muito animado
Animado
Desanimado

Além do estado de ânimo, é muito importante que você consiga eliminar do ambiente tudo aquilo que possa desviar a sua atenção, aumentando, assim, suas chances de alcançar a concentração máxima nos textos.

Muitos estudantes se queixam de não conseguirem focar a atenção exclusivamente no que estão lendo, mas é preciso ter em mente que a concentração durante a leitura será determinada por aquilo que você fizer antes de começar a ler. Para que não aconteçam distrações e interrupções durante a atividade, é preciso se prevenir, eliminando os ladrões de concentração como, por exemplo, o telefone, pessoas, animais, ruídos, entre outros. Para isso, tome algumas providencias simples:

Avise as pessoas para não lhe interromper;
Isole-se: fecha a porta do local de estudos;
Desligue o telefone ou peça para alguém anotar os recados;
Sente-se em uma cadeira ergonômica e tenha uma mesa como apoio;
Lembre-se que aquele horário é exclusivo e dedicado à leitura;
Desligue-se dos problemas externos;
Deixe um bloco de anotações à mão para registrar tarefas pendentes que lembrar durante a leitura;
Crie uma expectativa positiva em relação ao texto que pretende ler.

Adotando essas medidas iniciais, você eliminará possíveis interrupções e desvios de atenção, experimentando um acréscimo substancial no estado de concentração e um excepcional percentual na captação de informações.

Leitura Concentrada

Você assistiu aos sucessos do cinema, Titanic e Avatar? Caso a resposta seja sim, você seria capaz de relacionar agora no papel algumas cenas de um dos longa-metragem e descrevê-las em detalhes? Certamente, sua resposta é *"sim, conseguiria relacionar muitas cenas"*. Essa capacidade de reviver um filme longo que provavelmente, foi visto há um bom tempo é creditada ao poder da memória visual.

Você conhece ou já parou para pensar sobre a participação da visão humana num processo de memorização? Só para se ter ideia, mais de 80% das informações recebidas diariamente pela memória são captadas por meio da visão. Colocando em números, são 864 mil imagens colhidas pelos olhos todos os dias. A memória visual pode gravar tudo que os olhos veem, além das imagens criadas pela imaginação. É a nossa melhor memória. O estudante que desenvolve este poder conquista um valioso instrumento de estudo e concentração.

O princípio da leitura concentrada consiste em envolver na atividade, além da visualização, todos ou outros sentidos humanos em seu grau máximo. Você deve interagir com o texto imaginando os personagens, os locais, os objetos e os diálogos enunciados no texto. Você deve explorar também o potencial físico: sentir na pele as situações expostas, ler em voz alta (trechos importantes), interpretar o texto na frente do espelho (como faz um ator), gesticular, enfim, trabalhar com todos os recursos que a imaginação permitir.

Os estudantes de sucesso valem-se desses recursos e têm a capacidade de se concentrar e focar a visão no que estão lendo e, posteriormente, no que estão escrevendo. Eles prestam atenção no formato das palavras, escrevem com capricho e, por isso, memorizam seus resumos.

Quando utilizada durante a leitura de textos, a memória visual se transforma também numa poderosa técnica de concentração. Imaginar as informações narradas em um texto equivale a uma boa sessão de cinema. A concentração é obtida por meio da criatividade empregada na criação das imagens mentais, que se apossa de toda a consciência e repele pensamentos desconexos, reduzindo, por conseguinte, a distração. E o processo de arquivamento das informações lidas também passa a ser mais eficiente.

A metodologia visual é muito utilizada pelas crianças e adolescentes e faz com que os textos fiquem registrados na memória por muitos anos. Tente se lembrar, por exemplo, dos livros que leu no curso primário e comprove a excelência dessa prática. Quem não se lembra dos livros da coleção Vaga-lume, da cartilha Caminho Suave e títulos como O Pequeno Príncipe, A ilha perdida ou Poliana? A energia empregada no exercício da interação de múltiplos recursos ajuda a inibir pensamentos paralelos, pois faz com que a mente fique totalmente ocupada na tarefa, o que significa ganho extra de concentração.

Observe, a seguir, algumas sugestões de interação mental que você poderá adotar enquanto lê.

1 – Olhe para o texto com máxima atenção visual.

Fazendo isso, você terá maior facilidade em memorizar a grafia correta das palavras, uso de regras, acentuação, etc. Trata-se de ver e enxergar, literalmente. É nesta etapa que se obtém o estímulo da memória visual. Além disso, com a atenção se ganha um acréscimo de concentração.

2 – Projete o contexto da história numa “tela mental”.

Através da imaginação, visualize todos os fatos, objetos, personagens e suas ações, lugares, números e as demais informações do texto. Ao proceder assim, você reforçará o estímulo da memória visual, permitindo a retenção eficiente em memórias de longa duração. Este tipo de leitura, que, pela visualização mental, equivale a assistir a um bom filme no cinema, é o segredo da alta concentração e da boa memória que se observa em algumas crianças. Claro que este tipo de leitura é mais fácil quando empregada em textos simples. A visualização de textos técnicos dependerá da intimidade que você tem com o assunto. Possuindo um bom domínio do vocabulário, não terá problemas para visualizar o contexto.

É importante que você desenvolva a capacidade de visualizar textos simples através de treinamento, para que, com a prática, tenha mais eficiência ao ler assuntos que exigem raciocínio mais complexo.

3 – Leitura em voz alta.

Também é uma ótima técnica para a concentração, apesar de nem sempre ser praticável, dependendo de fatores externos, como localidade. Por isso, uma dica excelente é imaginar-se lendo

em voz alta, como um ator que ensaia seu roteiro. Concentrar-se no ato de ler implica na ativação da memória auditiva e proporciona maior foco da atenção. Outra orientação para a concentração é posicionar-se como um orador e ler como se estivesse tentando convencer um grupo de espectadores. Trabalhe gestos, enfatize as ideias mais importantes, coloque entonação na sua voz.

Agora que você conhece alguns acessórios simples e poderosos de estímulo cerebral durante a leitura, proponho um exercício: leia e visualize, simultaneamente, o trecho a seguir, escrito pelo cientista social, Renato Cancian e publicado no site UOL Educação. A ideia é não permitir que a mente divague. Para isso, ao término de cada parágrafo, interrompa a leitura e tente explicar o que foi lido. Depois continue repetindo este padrão até o final da leitura.

História do Brasil: 1822-1831 Primeiro reinado*

Dom Pedro negocia Independência e abdica do trono brasileiro.

O período que abrange os anos de 1822 a 1831 ficou conhecido como o Primeiro reinado. Foi um momento bastante conturbado da história brasileira, marcado por crises de natureza econômica, social e política.

O imperador iniciou o processo de organização do Estado brasileiro, através da criação de órgãos burocráticos e administrativos, a criação de um exército permanente e a elaboração de leis constitucionais. Mas foi com relação ao problema em torno das prerrogativas do poder governamental, que o conflito político se manifestou.

O Partido Brasileiro se dividiu entre duas facções: a conservadora e a liberal. Os conservadores desejavam a criação de um governo fortemente centralizado, com uma monarquia dotada de amplos poderes. Os liberais desejavam a criação de uma monarquia constitucional e a descentralização administrativa e autonomia das províncias.

A Constituição de 1824

As divergências ideológicas no seio do Partido Brasileiro deram margem à ascensão do Partido Português, que passou a apoiar as pretensões de dom Pedro 1o de ter seus poderes ampliados. Em maio de 1823, foi convocada uma Assembléia Constituinte, que restringiu os poderes do imperador.

D. Pedro reagiu, determinando a dissolução da Assembléia Constituinte. Em seguida, o imperador constituiu o Conselho de Estado, integrado por dez pessoas, que ficaram encarregados de elaborar uma nova Constituição. Desse modo, surgiu a Constituição outorgada de 1824.

Em seus aspectos mais importantes, o texto dessa Carta assegurava: uma rígida centralização do poder; um governo monárquico e hereditário; o catolicismo

como religião oficial; o poder do Estado sobre a Igreja; o voto censitário e eleições indiretas. Estabelecia também a divisão dos poderes, criando o Executivo, Legislativo, Judiciário e Moderador.

A Confederação do Equador

A Constituição outorgada de 1824 causou profundo descontentamento das camadas sociais gerando uma grande rebelião sediciosa. A Confederação do Equador foi o resultado de uma revolta que eclodiu em Pernambuco, mas que rapidamente se espalhou por várias províncias do Norte e Nordeste. As províncias do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Piauí, juntaram-se a causa dos confederados.

Entre seus líderes, estavam Cipriano Barata e Frei Caneca, veteranos da revolta pernambucana de 1817.

A Confederação do Equador foi assim denominada porque uniu algumas províncias que se situavam próximas à linha do equador. Teve como principal objetivo lutar pelo estabelecimento do federalismo e da República. Assim como aconteceu com outras rebeliões, as divergências internas do movimento facilitaram a repressão organizada pelo poder central. Dom Pedro 1o. reuniu tropas e derrotou os rebeldes.

Estados Unidos e Inglaterra

Com relação à política externa, dom Pedro 1o. negociou com as nações estrangeiras o reconhecimento da independência do Brasil. Os Estados Unidos foram o primeiro país a reconhecê-la oficialmente. Não obstante, a adoção da forma de governo monárquico e as tendências absolutistas do imperador brasileiro gerou resistência ao reconhecimento da independência do Brasil por outros países americanos recém libertos do jugo colonial.

Na Europa, por outro lado, as nações conservadoras se opunham ao reconhecimento da independência de qualquer ex-colônia. A Inglaterra, porém, desempenhou um papel de mediadora, nas negociações para o reconhecimento internacional da independência do Brasil. Obteve deste modo, inúmeras vantagens comerciais. Foi por intermédio da Inglaterra que, em 1825, Portugal reconheceu a independência brasileira em troca de uma indenização de dois milhões de libras.

Sucessão portuguesa

Fatores como a repressão às rebeliões internas,

a crescente insatisfação da população e das elites agrárias, a manutenção dos poderes absolutistas do imperador, e a crise da economia agro-exportadora, provocaram o declínio do primeiro reinado. Mas em 1826, a sucessão do trono português acabou por se transformar no estopim de uma crise política interna que levou dom Pedro 1o. a abdicar. Naquele ano, morreu dom João 6o. O herdeiro natural do trono era dom Pedro 1o, mas ele cedeu a Coroa portuguesa para sua filha, Maria da Glória.

A tentativa de seu irmão dom Miguel de se apossar do trono desencadeou uma guerra civil em Portugal. O envolvimento de dom Pedro 1o. no conflito sucessório português, através do apoio financeiro para manter sua filha no trono, gerou protestos de amplos setores da imprensa brasileira.

A oposição da imprensa foi violentamente reprimida, culminando com o assassinato do jornalista Líbero Badaró. Daí em diante, sucederam-se os conflitos de rua entre partidários do imperador e opositores da monarquia. Pressionado, dom Pedro 1o. viu como a melhor solução a abdicação. No dia 7 de abril de 1831, o imperador abandonou o trono brasileiro. Seu filho de apenas cinco anos herdou o trono. Sem poder assumi-lo, porém, teve início o período regencial.

Conclusões

A independência do Brasil foi um movimento de emancipação negociada, da qual participaram as classes abastadas, composta pela burguesia comercial e pelas elites agrárias. As camadas populares foram marginalizadas do processo decisório. A independência teve limites políticos, sociais e econômicos bastante evidentes. Pois não se constituiu num projeto de ruptura radical com as relações de dominação então vigentes na sociedade brasileira. Como queriam os conservadores e as elites agrárias, assegurou-se a manutenção da grande propriedade exportadora e o trabalho servil. Manteve-se também o regime monárquico.

Observações após a leitura:

É perfeitamente possível aumentar a concentração na leitura. O objetivo desse exercício era treinar o foco, sobre memorização do texto falaremos mais tarde. O que eu desejo saber é sobre a qualidade de concentração durante a leitura. Para isso, quero que verifique os fatos:

1- Redução do fluxo de pensamentos:

Se existe alguma vantagem em visualizar o texto durante a leitura é a possibilidade de silenciar a mente. Note que no exercício não houve pensamentos intrusos ou, se houveram, foram em menor quantidade.

2- Aumento do tempo de concentração:

Quero partir do princípio de que você cuidou do ambiente externo para não ser interrompido por nada. Neste caso, por não haver estímulos externos e ler com a técnica de visualização amplia-se o tempo em que fica concentrado.

3 - Menor percepção de interferências:

Você seria capaz de dizer o que aconteceu ao seu redor enquanto lia o texto? Provavelmente não, porque este sistema de leitura concentrada blinda a sua mente contra estímulos potenciais que poderiam desviar a sua atenção.

4 - Transferência do texto para a memória:

Ao estimular a memória visual você ganha um potencial de memorização fora do comum e consegue se lembrar de detalhes do texto. Para entender o processo, a seguir vou sugerir algumas imagens que você poderia ter criado durante a leitura que facilitariam a concentração e posterior memorização. Logo em seguida voltaremos ao exercício novamente.

O primeiro parágrafo trata de um primeiro reinado marcado por crises. Nele, você poderia imaginar profissionais e empresas em dificuldade, representando, assim, uma crise econômica; pessoas nas ruas exigindo seus direitos, representando uma crise social e políticos se esbofeteando, em uma tensão política.

No segundo parágrafo, você poderia imaginar e, mais tarde, até desenhar o imperador ao centro de prédios do governo, representando órgãos burocráticos, e, do outro lado, um batalhão de soldados, representando o exército, e um calhamaço de papéis, representando as leis. Observação: no segundo parágrafo, temos as palavras constitucional e prerrogativa. Se você não conhece o significado desses vocábulos deverá consultar o dicionário e o tópico: Palavras difíceis: como memorizar.

Chegando ao terceiro, você usaria a imaginação e visualizaria pessoas de cabelos brancos, com semblante fechado, vestindo paletós escuros, como conservadores que discutem ideias sobre um governo centralizado. Imagine outro grupo composto de pessoas despojadas, fisionomia simpática, vestindo trajes esporte. Estes seriam os liberais e debateriam a possibilidade de um governo com poder descentralizado.

Utilizando essa análise dos três primeiros períodos do texto, embase toda a sua leitura. Ao contrário do que se pode imaginar, ler utilizando recursos imaginativos não significa ler devagar.

Entretanto, você precisará de um tempo para adaptar seu ritmo de leitura à atividade de criação mental das imagens. No começo pode parecer complexo, mas, insistindo, você perceberá como ele é fundamental para o aumento da concentração.

Agora, sugiro que releia o texto inteiro reforçando todas as imagens que criou. Faça pausas a cada parágrafo e explique o que entendeu. Esse será o ponto de partida para realização do exercício de fixação que garantirá a formação de memórias de longa duração. Portanto, releia o texto agora, envolvendo todos os sentidos em seu grau máximo. Depois retorne a este ponto.

* * *

Então, como foi? O que se espera após uma leitura mais concentrada é a transferência do conteúdo para o que chamamos de memória de trabalho. No caso da memória humana, é fundamental realizar imediatamente após a leitura o exercício de fixação. Ele garante a transferência do conteúdo para as memórias efetivas, ou seja, converter a memória de curta para longa duração. A seguir, veremos com mais ênfase o processo de memorização de textos.

Memorização de textos

Os textos integram o quadro de matérias que precisamos estudar. Eles podem ser divididos em duas categorias: os simples e os técnicos. O texto simples exige atenção. O técnico exige, além de atenção, articulação mental, tempo livre para leitura, releitura, método de estudo, interpretação e revisão.

O objetivo de um texto simples, como uma história de ficção, por exemplo, é entreter, emocionar e estimular a imaginação, ações que causam uma agradável sensação de prazer pela leitura. Aprendemos muito e ganhamos experiência lendo esse gênero literário.

Por sua vez, o texto técnico existe exclusivamente para nos ensinar algo. Exige mais do que o simples gosto pela leitura. É especializado, direto, objetivo e, por isso, não tem graça. Texto técnico não emociona, não entretém, simplesmente cumpre o seu papel: ensinar.

E o que isso significa? Se você precisa se instruir através da leitura, mas anda reclamando, então comece a mudar a sua relação com os textos. Antes de iniciar qualquer leitura, tenha em mente o seu objetivo com aquele estudo. Pense em como você poderá crescer após assimilá-lo. O fato de mudar a abordagem ajuda a mudar a recepção pela memória. Outros hábitos que também irão ajudar, são:

1- A preparação do local;
2- A preparação mental;
3- Leitura concentrada e visualização (quando possível);
4- Exercício de fixação.

1- A preparação do local antes da leitura evita que interferências disputem a sua atenção, que deve estar focada apenas no texto.

2- O preparo mental consiste em criar um ambiente intelectual receptivo ao novo conhecimento. Só inicie a leitura quando você estiver realmente certo de que, naquele momento, você está motivado e feliz por ler. Não há concentração que resista ao desânimo.

3- Quanto à técnica de leitura concentrada, envolva na atividade todos os sentidos que forem possíveis através da imaginação. O princípio da leitura concentrada orienta a ocupar todo o universo mental, (e se possível até o físico) com o objetivo de eliminar qualquer espaço para divagações.

4- O exercício para fixação do texto lido tem por objetivo promover a migração das informações da memória de trabalho (operacional de curta duração) para a memória de longa duração, garantindo que você se lembre facilmente do que acabou de ler. É verdade que não seria necessário ensinar qualquer técnica de fixação caso você fosse capaz de responder corretamente a uma pergunta simples e que deve ser feita imediatamente após a leitura do texto:

Se você tivesse que explicar o que acabou de ler, por onde começaria?

Para responder esta pergunta, você seria forçado a interpretar o texto e isso provocaria o armazenamento do novo tema na memória.

Como já abordamos anteriormente, o que garante a memorização do texto não é exatamente aquilo que se faz durante, mas o que se faz após a leitura. Fiz algumas experiências sobre o comportamento da memória na leitura e comprovei que para uma efetiva retenção do texto lido é essencial que, imediatamente após o término da leitura, faça-se exercícios de fixação, pois, segundo a pesquisa, tais exercícios proporcionam a confortável certeza da memorização de mais de 70% do conteúdo. Deixe-me frisar: A fixação deve acontecer imediatamente após a leitura.

Um jeito simples e forte de fixar as informações lidas, consiste em responder perguntas relacionadas ao texto. Perguntas estimulam a recordação e ao mesmo tempo o reforço do conteúdo, por isso fazer perguntas após a leitura é uma técnica poderosa. Eis alguns exemplos de perguntas que complementam ou servem como ponto de partida para responder a pergunta elementar: "Se tivesse que explicar o texto que acabou de ler, por onde eu começaria?" Dessa forma, tente responder também:

Do que o texto trata?
Quem está envolvido no assunto?
Onde ocorre (em que lugar)?
O que é importante saber?
Quando acontece o fato?
Como acontece (qual o processo)?
Qual a conclusão?
O que eu penso disso?

Ao se concentrar, refletir e responder tais questões, memórias de longa duração serão ativadas. Veja no exemplo a seguir como tais perguntas seriam elaboradas no processo de fixação da primeira parte do texto sobre a história do Brasil apresentada no tópico anterior.

O que foi o Primeiro Reinado?
Quem foi destaque neste período?
Em qual período aconteceu? (quando)
Onde ocorreu?
O que é importante saber?
Qual a conclusão?
O que eu penso disso?

As perguntas não precisam respeitar uma ordem, mas são fundamentais. O que desejo mostrar é que a recordação e a fixação de um novo conteúdo é mais eficiente quando elaboramos e respondemos perguntas. E sobre em que momento da leitura deve-se parar e fazer a fixação, tenha em mente que não precisa encerrar todo o texto. Pare quando achar necessário. Pode ser numa linha, parágrafo ou tópico.

Além das perguntas, existe também outra forma de potencializar ainda mais essas memórias

e por acréscimo, estimular a criatividade, raciocínio e inteligência. Para isso, você deverá, além de responder as perguntas, anotar as respostas em forma de palavras-chave em uma ficha de revisão. É a chamada técnica de fichamento das matérias.

Fichamento é uma técnica muito conhecida entre vestibulandos e concurseiros. Trata-se de um método que consiste em resumir uma grande quantidade de informação em um pequeno pedaço de papel.

A ficha, com o tamanho médio de meia folha de caderno grande, com ou sem linhas, é um sistema de fixação simples e muito poderoso. Para que estimule a memória, é importante que na ficha de revisão sejam evitadas frases longas, procure focar apenas palavras, mas que traduzam toda ideia. Também é fundamental que ela não seja feita no computador, mas a mão, com canetas coloridas, se possível, pois lembramos com mais facilidade daquilo que escrevemos. Para saber mais sobre a fichamento, consulte o tópico: Ficha de Revisão.

Para exemplificar a ideia do resumo na ficha, vamos voltar ao texto de história do Brasil apresentado no tópico anterior. As possíveis palavras anotadas na ficha de revisão são apresentadas no modelo a seguir. Observe que as palavras assinaladas respeitarão a ordem em que o texto é apresentado, porque será dessa forma que o mesmo será revisado posteriormente. A formação das fichas por palavras-chave apenas mostra a maior propriedade do exercício: nos faz pensar. Para escolher a palavra ideal que será anotada na ficha, e que garantirá a recordação posterior, proceda da seguinte forma:

Terminada a leitura do parágrafo, verifique imediatamente se houve compreensão. Em caso afirmativo, lance e responda a seguinte pergunta:

Se eu pudesse traduzir esta ideia numa única palavra, qual seria?

Matéria:

História do Brasil: Primeiro Reinado 1822 a 1831

Data:

Próxima revisão:

crises
exército
leis
poder
conservadores
liberais
1823
1824

carta
Frei Caneca
confederação
independência
inglaterra
1825
sucessão
Líbero Badaró

No momento em que for anotar, é muito importante realmente resistir ao impulso de escrever as frases longas na ficha, pois, normalmente, somos levados a isso. Aparentemente, uma simples palavra parece não revelar muita informação, porém a prática nos mostra que ela permite uma capacidade de interpretação muito superior, uma vez que, por ser coesa, ela o forçará a vasculhar a memória em busca de aprofundamento para a melhor interpretação. A frase-resumo limita a sua imaginação, já que não será estimulada na memória a busca por mais detalhes.

Com a ficha pronta, o próximo passo será avaliar a quantidade e a qualidade das lembranças, através da explicação de cada uma das ideias anotadas. Por exemplo, no texto sobre o primeiro reinado algumas palavras anotadas foram: crises, exército, leis, poder, conservadores e liberais. Neste caso, você deverá submeter cada uma delas a um processo de validação aonde deverá responder:

1 – Qual é a definição da palavra em questão?
2 – Como esta palavra se relaciona com o texto?

Validar as palavras da ficha significa confirmar se você é capaz de explicar o texto partindo de uma única palavra. Se for capaz, significa que as palavras são fortes o suficiente para ajudá-lo a lembrar do texto posteriormente, caso contrário deverão ser substituídas ou complementadas com novas palavras. Veja um exemplo de validação:

A primeira palavra na ficha é *"crises"*.

1- No texto qual o significado do termo *"crises"*?
Resposta: Fase difícil, grave, na evolução das coisas, dos fatos, das ideias.

Normalmente, a maioria das definições é conhecida pelo leitor, o que dispensaria o uso do dicionário. Porém, termos técnicos ou complexos, que podem gerar a incompreensão do texto, prejudicando o leitor no entendimento de uma ideia, precisarão ser aprofundados.

2 - Como esta palavra se relaciona com o texto?
Resposta: Crises econômicas, sociais e políticas marcaram o início de todo primeiro reinado brasileiro, em meio a criação de um exército permanente e a elaboração de leis constitucionais por parte do imperador e a divisão partidária da monarquia em duas facções bastante distintas e completamente contrárias: os conservadores e os liberais, determinando um dualismo político na cúpula do poder.

A ideia de escolher apenas uma palavra e não uma frase é fortalecida neste exemplo, pois mostra como você pode explorar seu entendimento sobre o texto a partir da ativação da memória por uma simples palavra. Neste exercício mental, a estimulação da memória, do raciocínio, da imaginação e da articulação de ideias potencializa, além do aprendizado, também a inteligência.

Ler o texto, fazer perguntas, relacionar ideias numa ficha, interpretar. O que, a princípio, pode parecer um trabalho de formiga, na verdade se traduz numa poderosa técnica para a construção do conhecimento. Chamamos isso de exercício de fixação, devendo ele ser feito imediatamente após a leitura do texto, tendo, assim, como base um assunto recém transferido para memória, o que facilita

a articulação das ideias e, consequentemente, a memorização do texto. Naturalmente, nesta fase, você poderá recorrer ao texto sempre que necessário. É muito importante lembrar a necessidade de um dicionário convencional ou mesmo eletrônico em mãos para rápidas consultas.

Caso você consiga, na revisão das ideias, explicar todas as palavras anotadas, interpretando o texto a partir delas, terá registrado o assunto em memórias fortes. Nesta fase, você poderá optar por dois caminhos:

(1) encerrar o estudo daquela matéria, pois já sabe o suficiente ou
(2) marcar a uma data e agendar revisões futuras para fortalecer memórias de longa duração.

Se optar pela segunda possibilidade, deve anotar a data da próxima revisão na ficha e guardá-la.

Como estudar e memorizar textos técnicos

Para alguns leitores, o título correto deste tópico deveria ser Como estudar "e não apenas ler" textos técnicos. O motivo é que nem sempre a simples leitura de um texto garante a compreensão. E mesmo não compreendendo, alguns leitores insistem em ler novamente, e mais uma vez, e outra até a exaustão. Quando sentem que a leitura não está rendendo, abandonam o livro.

Alguns textos são tão complexos que insistir numa leitura que não gera aprendizado é desestimulante. Nem sempre fomos orientados pelos professores sobre como proceder quando a leitura não é suficiente para compreensão do texto. E por não saber como ir além, a maioria desiste ou adota hábitos que a prejudicarão ainda mais. Por exemplo: ler em lugares totalmente inapropriados como banco de ônibus, filas, lanchonetes, aeroportos lotados, consultórios, lugares movimentados.

Alguns declaram que não podem perder um minuto sequer em sua preparação e, por isso, não se preocupam com o isolamento necessário, com a falta de apoio para livros pesados e de material para fazer anotações importantes.

Quanto ao aproveitamento do tempo ocioso para estudar, eles estão corretos. Porém, lugares conturbados podem ser utilizados para revisar assuntos já estudados e que não exijam total concentração. Textos complexos que serão estudados pela primeira vez exigem cuidados especiais. Não se preocupar com a preparação necessária para estudar este tipo de matéria é o mesmo que não se importar em saber se conseguirá aprender ou não.

A consequência de não saber como estudar acaba dando força para o mais famoso método de estudo de textos técnicos: decoreba. O método (se é que podemos chamar assim) que consiste em repetir exaustivamente o mesmo texto, sem ao menos entendê-lo. Ocorre que tal esforço é demorado e cansativo, ocasionando fadiga mental, desânimo e sonolência.

Você deve seguir uma metodologia que lhe garanta o entendimento do texto, transcendendo o simples ato de ler. Muito já foi discutido sobre este tema e muitas ferramentas já foram testadas. Uma dessas ferramentas para o estudo de assuntos complexos consiste em submeter o texto a seis etapas especiais: primeira leitura, segunda leitura, primeira interpretação, organização e estudo, segunda interpretação e revisão. Vamos conhecer cada uma delas:

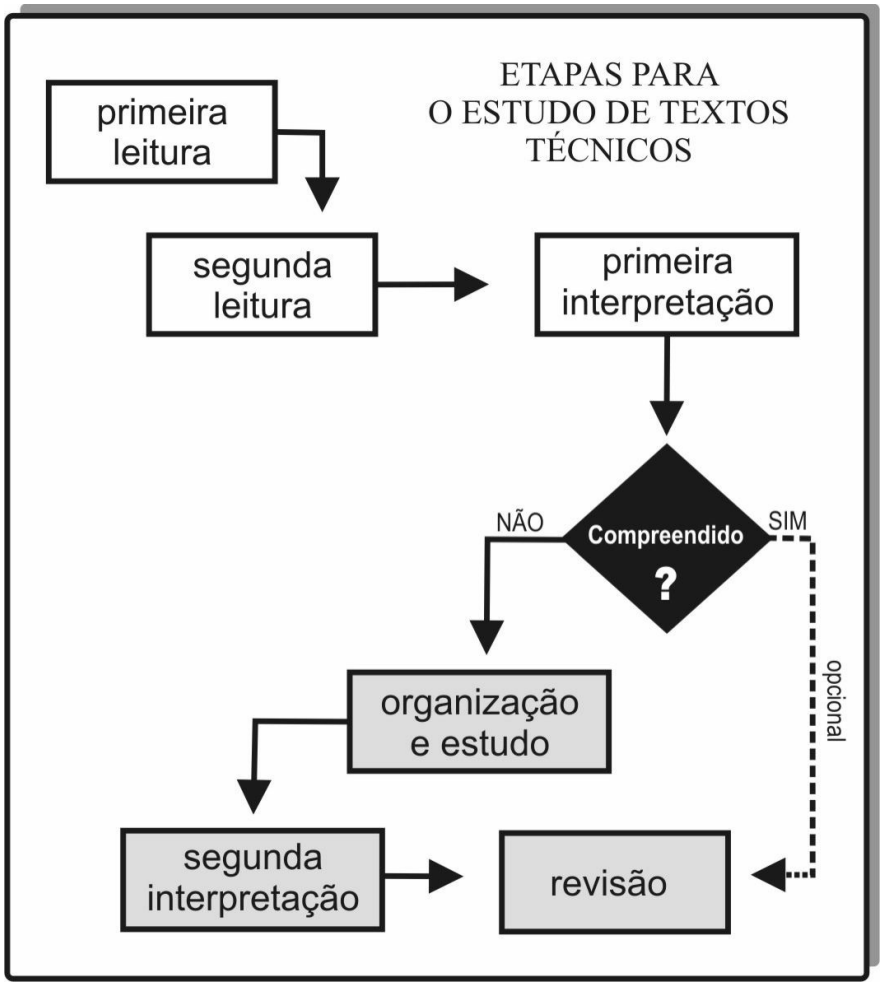
ETAPAS PARA
O ESTUDO DE TEXTOS
TÉCNICOS
primeira leitura
segunda leitura
primeira interpretação
Compreendido ?
NÃO
SIM
opcional
organização e estudo
segunda interpretação
revisão

1 – Primeira Leitura

Trata-se de uma leitura superficial que pode ser acelerada para proporcionar apenas um primeiro contato com o texto. O objetivo da primeira leitura é se familiarizar com o que será lido, descobrir o grau de complexidade do texto e o tempo que deverá ser empregado no estudo. A primeira leitura é como passear no shopping sem levar dinheiro: a intenção é apenas olhar as vitrines. Conhecer as novidades e se preparar para as futuras compras.

É também durante a primeira leitura que você verifica se o vocabulário empregado no texto é simples ou rebuscado, tornando necessário ou não o auxílio do dicionário e se há números, tabelas, gráficos ou imagens a serem estudados. Você também conseguirá descobrir se já possui um conhecimento prévio do assunto em pauta, bastando, então, apenas uma segunda leitura, ou se precisará realizar um estudo aprofundado. Ainda, nesta etapa, será possível avaliar a necessidade de material de apoio para o estudo, como bloco de anotação, caneta marca texto, outros livros, etc.

Dentro desta fase do estudo, proponho um exercício baseado no texto que será apresentado a seguir. Trata-se de um documento jurídico, bastante específico. Portanto, caso você não se relacione com o Direito, recomendo que interrompa a leitura e providencie um texto que seja do seu interesse. Dessa forma, você terá um melhor aproveitamento do exercício e da técnica empregada. Faça agora a primeira leitura de todo o texto e de uma só vez, até o final.

Direito Administrativo

Art. 17. A alienação de bens da Administração Pública.

Art.17. AalienaçãodebensdaAdministraçãoPública, subordinada à existência de interesse público devidamente justificado, será precedida de avaliação e obedecerá às seguintes normas:

I - quando imóveis, dependerá de autorização legislativa para órgãos da administração direta e entidades autárquicas e fundacionais, e, para todos, inclusive as entidades paraestatais, dependerá de avaliação prévia e de licitação na modalidade de concorrência, dispensada esta nos seguintes casos:

a) dação em pagamento;

b) doação, permitida exclusivamente para outro órgão ou entidade da Administração Pública, de qualquer esfera de governo;

c) permuta, por outro imóvel que atenda aos requisitos constantes do inciso X do art. 24 desta Lei;

d) investidura;

e) venda a outro órgão ou entidade da administração pública, de qualquer esfera de governo;

f) alienação, concessão de direito real de uso, locação ou permissão de uso de bens imóveis construídos e destinados ou efetivamente utilizados no âmbito de programas habitacionais de interesse social, por órgãos ou entidades da administração pública especificamente criados para esse fim;

g) procedimentos de legitimação de posse de que trata o art. 29 da Lei no 6.383, de 7 de dezembro de 1976, mediante iniciativa e deliberação dos órgãos da

Administração Pública em cuja competência legal inclua-se tal atribuição;

II - quando móveis, dependerá de avaliação prévia e de licitação, dispensada esta nos seguintes casos:

a) doação, permitida exclusivamente para fins e uso de interesse social, após avaliação de sua oportunidade e conveniência sócio-econômica, relativamente à escolha de outra forma de alienação;

b) permuta, permitida exclusivamente entre órgãos ou entidades da Administração Pública;

c) venda de ações, que poderão ser negociadas em bolsa, observada a legislação específica;

d) venda de títulos, na forma da legislação pertinente; e) venda de bens produzidos ou comercializados por órgãos ou entidades da Administração Pública, em virtude de suas finalidades;

f) venda de materiais e equipamentos para outros órgãos ou entidades da Administração Pública, sem utilização previsível por quem deles dispõe.

§ 1o Os imóveis doados com base na alínea "b" do inciso I deste artigo, cessadas as razões que justificaram a sua doação, reverterão ao patrimônio da pessoa jurídica doadora, vedada a sua alienação pelo beneficiário.

§ 2o A Administração também poderá conceder título de propriedade ou de direito real de uso de imóveis, dispensada licitação, quando o uso destinar-se:

I - a outro órgão ou entidade da Administração Pública, qualquer que seja a localização do imóvel;

II - a pessoa física que, nos termos de lei, regulamento ou ato normativo do órgão competente, haja implementado os requisitos mínimos de cultura e moradia sobre área rural situada na região da Amazônia Legal, definida no art. 2o da Lei no 5.173, de 27 de outubro de 1966, superior à legalmente passível de legitimação de posse referida na alínea g do inciso I do caput deste artigo, atendidos os limites de área definidos por ato normativo do Poder Executivo.

§ 2o-A. As hipóteses da alínea g do inciso I do caput e do inciso II do § 2o deste artigo ficam dispensadas de autorização legislativa, porém submetem-se aos seguintes condicionamentos:

I - aplicação exclusivamente às áreas em que a detenção por particular seja comprovadamente anterior a 1o de dezembro de 2004;

II - submissão aos demais requisitos e impedimentos do regime legal e administrativo da destinação e da regularização fundiária de terras públicas;

III - vedação de concessões para hipóteses de exploração não-contempladas na lei agrária, nas leis de destinação de terras públicas, ou nas normas legais ou administrativas de zoneamento ecológico-econômico; e (Incluído pela Lei no 11.196, de 2005)

IV - previsão de rescisão automática da concessão, dispensada notificação, em caso de declaração de utilidade, ou necessidade pública ou interesse social. § 2o-B. A hipótese do inciso II do § 2o deste artigo:

I - só se aplica a imóvel situado em zona rural, não sujeito a vedação, impedimento ou inconveniente a sua exploração mediante atividades agropecuárias;

II - fica limitada a áreas de até 500 (quinhentos) hectares, vedada a dispensa de licitação para áreas superiores a esse limite;

III - pode ser cumulada com o quantitativo de área decorrente da figura prevista na alínea g do inciso I do caput deste artigo, até o limite previsto no inciso II deste parágrafo.

§3o Entende-se por investidura, para os fins desta lei: I - a alienação aos proprietários de imóveis lindeiros de área remanescente ou resultante de obra pública, área esta que se tornar inaproveitável isoladamente, por preço nunca inferior ao da avaliação e desde que esse não ultrapasse a 50% (cinquenta por cento) do valor constante da alínea "a" do inciso II do art. 23 desta lei; II - a alienação, aos legítimos possuidores diretos ou, na falta destes, ao Poder Público, de imóveis para fins residenciais construídos em núcleos urbanos anexos a usinas hidrelétricas, desde que considerados dispensáveis na fase de operação dessas unidades e não integrem a categoria de bens reversíveis ao final da concessão.

§ 4o A doação com encargo será licitada e de seu instrumento constarão, obrigatoriamente os encargos, o prazo de seu cumprimento e cláusula de reversão, sob pena de nulidade do ato, sendo dispensada a licitação no caso de interesse público devidamente justificado. § 5o Na hipótese do parágrafo anterior, caso o donatário necessite oferecer o imóvel em garantia de financiamento, a cláusula de reversão e

demais obrigações serão garantidas por hipoteca em segundo grau em favor do doador.

§ 6o Para a venda de bens móveis avaliados, isolada ou globalmente, em quantia não superior ao limite previsto no art. 23, inciso II, alínea "b" desta Lei, a Administração poderá permitir o leilão.

Dada a natureza técnica do tema apresentado, é possível perceber a dificuldade de se concentrar, ler, interpretar e entender o texto em um lugar que não seja isolado. É preciso também observar que se trata de um texto com ideias complexas e de vocabulário difícil para quem não tem intimidade com o assunto. Fazendo uma única leitura rápida e superficial não seria possível fazer uma interpretação satisfatória do texto. Contudo, a proposta da primeira leitura, assim como a da leitura rápida, dinâmica ou foto leitura realmente não é o de entender, mas apenas verificar o tipo de texto, o grau de complexidade, entre outras informações gerais.

Sobre o texto exemplo apresentado, é possível através da leitura preliminar tirar algumas conclusões importantes:

O vocabulário é técnico e com certo grau dificuldade;
Requer uma releitura atenta para a identificação de ideias importantes;
Necessita de pausas para reflexão;
Possivelmente exigirá papel e lápis para anotações;
Precisará de um esboço ou ficha de revisão.

2 – Segunda Leitura

Este é o momento de ler normalmente, porém muito mais concentrado. A atenção permitirá uma análise mais apurada do texto. É através da segunda leitura que você compreende as ideias principais do autor, sendo capaz de ponderá-las, através de uma postura analítica, e pode verificar se concorda ou discorda com as ideias que o texto apresenta. É equivalente a leitura do filósofo. O filósofo, quando lê, faz pausas para reflexão. A pausa é feita para que ele possa pensar, analisar, comparar, refletir e entender melhor as ideias abordadas no texto. O resultado da reflexão, geralmente implica em perguntas e estas produzem a sensação de estar no caminho da compreensão ou da dúvida.

Esta etapa da leitura poderá ser acompanhada por um marcador de textos (canetas coloridas) e uma folha para anotações no qual você poderá escrever algumas palavras- chave que sirvam para facilitar a interpretação e o entendimento. A cada pausa na leitura, tente transformar as ideias em palavras e anote na folha.

Continuando com o exercício, você deverá repetir a leitura do texto apresentado fazendo, agora, pausas, quando necessário. Nas pausas, você deverá pensar, explicar e repetir para si mesmo o que estiver entendendo. Somente depois de compreendido, anote. Feche os olhos, respire fundo, relaxe a mente, volte ao texto e refaça a leitura.

3 – Primeira Interpretação

A interpretação de um texto é um momento especial. É a hora de saber se você consegue explicar aquilo que entendeu. É o momento de saber se realmente dominou as ideias apresentadas

pelo autor ou se precisa voltar a ler. Sem ser redundante, é ter capacidade de responder aquela pergunta que desencadeia o processo de memorização: Se tivesse que explicar o que acabou de ler, como faria? É na primeira interpretação que você define se poderá avançar com a matéria ou terá que trabalhar um pouco mais no texto.

Uma sugestão sobre como fazer a interpretação de texto é aplicar os conceitos descritos no tópico Memorização de textos, que orienta a elaborar perguntas sobre o texto que leu e tentar respondê-las, escrevendo as respostas numa ficha de revisão (veja o modelo a seguir). A quantidade de palavras-chave relacionadas permitirá a interpretação do texto e, por consequência, a certeza ou não do domínio do assunto.

Proponho nesta etapa que você pegue papel e caneta e faça uma ficha de revisão com as palavras-chave selecionadas, respeitando a sequência do texto, ou simplesmente escreva aleatoriamente tudo o que puder se lembrar do que leu (Veremos mais a frente como construir uma ficha de revisão e utilizá-la na formação de memórias de longo prazo). Retorne a este texto apenas depois de fazer essas pontuações.

* * *

A primeira leitura permitiu a você verificar o tipo de texto, o grau de dificuldade, e o tempo necessário para assimilá-lo. A segunda etapa, da leitura detalhada, serviu para tentar compreender o texto, mas ainda através da leitura. A primeira interpretação foi a iniciativa primária de se tentar compreender o assunto. Agora, o que fazer quando tudo isso não dá conta de ajudá-lo a assimilar o conteúdo de um texto? O que fazer quando, após a leitura e a interpretação, você ainda se sente inseguro em relação ao que leu? Neste caso, entram em cena os recursos mais avançados, de organização e estudo.

Matéria:

Data:

Próxima revisão:

Artigo 17 - Alienação de bens da administração pública

Imóveis
licitação dispensada:
dação
doação
permuta
investidura
venda
alienação
legitimação

Móveis
l. dispensada:
doação
permuta
venda: títulos, ações, bens e materiais

§1 vedada alienação
§2 conceder título
I outros orgãos
II amazônia

§2A condicionamento
I - 1/11/04
II - regime legal
III - não contemplado
IV - necessidade

§2B inciso II art 2
I- zona rural
II- 500 hec
III- cumulada

§3 investidura
I- lindeiros
II- hidroelétricas

§4 doação / encargos

§5 garantia

§6 globalmente

4 – Organização e Estudo

A organização no estudo é um processo dinâmico. Pensar em estratégias de organização das matérias ajuda a acelerar o aprendizado e torna mais fácil o processo de compreensão. Mesmo as mais simples das estratégias, como a de grifar um trecho importante de um livro, anotar numa ficha de revisão ou ler repetidas vezes em voz alta ajudam a reforçar o aprendizado. Entretanto, existem também outros processos.

Tony Buzan, psicólogo inglês, desenvolveu uma eficiente estratégia de estudo que batizou de Mind Mapping ou Mapas Mentais. A técnica diagramática, que explora cores e desenhos em ramificações que mais lembram conexões neurais, consiste em organizar numa folha de papel as ideias centrais de um texto. Pelo método de diagramação, busca- se a compreensão da matéria organizando tópicos específicos ou respondendo a perguntas específicas como:

O que é isso?
O que acontece?
Para que serve?
Quem participa?
Quando acontece?
Onde?
Como?
Por quê?

O Mind Mapping trabalha com a premissa de que as ideias expostas em um texto, quando devidamente diagramadas numa folha, utilizando canetas coloridas e desenhos, permitem uma visão analítica e mais abrangente, proporcionando uma interpretação de texto precisa e completa. O mapa favorece as conexões de ideias, estimula a criatividade e ajuda no reforço da memória visual. Ele pode ser feito através de programas específicos de computador ou a mão. Neste ponto, cabe uma observação importante: estudantes que fizeram os mapas a mão, preterindo elaborados programas de computador, relataram ter memorizado mais informações devido ao estímulo cerebral que o ato de desenhar proporciona. Além disso, o sistema computacional é limitado quanto ao uso de imagens para gerar o mapa mental. Como a mente humana é ilimitada, o estudante tem a vantagem de usar a experiência pessoal para criar imagens que ilustrem seus mapas. Veja, no Google a infinidade de modelos mapas mentais, em seguida, crie um modelo baseado no texto jurídico apresentado.

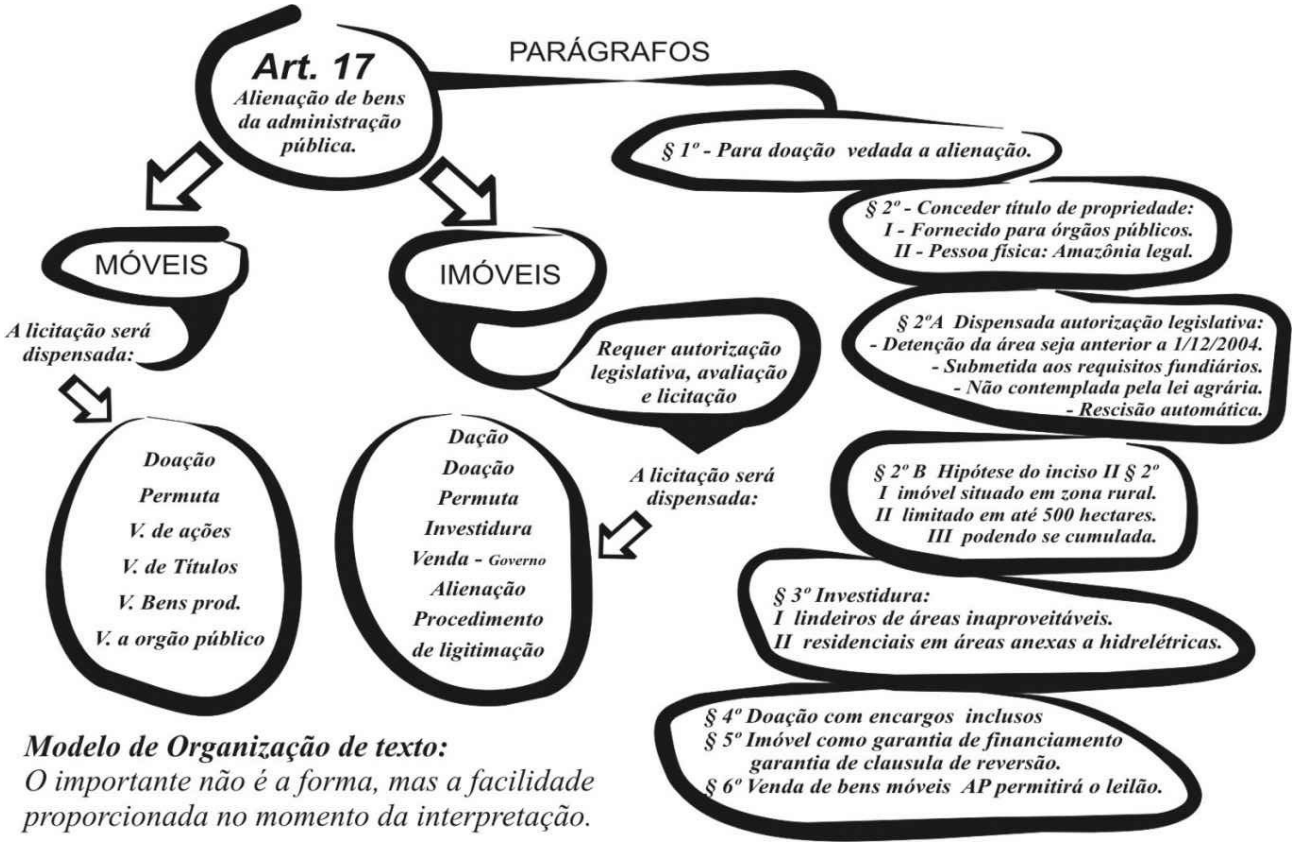

Modelo de Organização de texto:

O importante não é a forma, mas a facilidade proporcionada no momento da interpretação.

A organização do texto faz com que você transcenda a simples repetição sem aprendizagem (decoreba) e conquiste o aprendizado consistente. Seja através de um elaborado Mapa Mental ou um simples rascunho, pensar numa forma de facilitar o entendimento tornará a tarefa mais fácil, agradável e aumentará o poder de retenção. A organização da matéria possibilita um estudo de qualidade, pois instiga o raciocínio. Aplicando estas regras com criatividade, você chegará fácil e rapidamente ao domínio do texto. Quando a organização precede o estudo, você ganha tempo e qualidade.

Outra forma simples de organização para a memorização de texto que já foi apresentada é a ficha de revisão. Ela consiste em anotar numa ficha todas as lembranças que remetem à leitura. A técnica é explicada em detalhes nos tópicos Memorização de textos.

Agora que todas as informações relevantes do texto foram organizadas através das ferramentas interpretativas apresentadas (mapa mental, ficha de revisão ou rascunho), o próximo passo será estudar cada uma delas para melhor compreendê-las. Neste contexto, estudar é a busca pelo conhecimento através da mistura de perguntas, respostas e reflexões.

No processo de estudo de um texto previamente organizado, você deverá analisar minuciosamente cada uma das ideias destacadas nas pontas de uma ramificação, descobrindo conceitos como a definição exata de um termo (neste caso, a ajuda do dicionário será bem-vinda); tentar exemplificar, isto é, demonstrar o conceito através de exemplos simples; relacionar ou comparar as ideias e, como parte importante e conclusiva do processo, deverá explicar o assunto para si mesmo, através da interrogativa, "Se tivesse que explicar o que acabei de aprender, por onde eu começaria?"

Em outras palavras, o processo de estudo do texto organizado consiste em examinar cada uma das ideias destacadas, seja na ficha ou no mapa, e ser capaz de explicar o que é e como ela se relaciona com o texto. Você deve raciocinar e agir como um professor ao explicar uma determinada matéria para a classe. Você pode precisar buscar, nesta fase, o apoio de livros, dicionários, apostilas, professores, amigos ou outros resumos de matérias.

5 – Segunda Interpretação

A primeira interpretação é o exercício de fixação que deve ser realizado logo após a segunda leitura. É o hábito correto e necessário que deve ser aplicado em todo tipo de material cujo domínio seja almejado. Porém, quando a primeira interpretação não possibilita o aprendizado, faz-se necessário organizar e estudar separadamente as ideias do autor, obtendo, assim, mais subsídios para realizar, posteriormente, uma segunda interpretação.

A segunda interpretação deverá ser feita baseando-se no texto que foi organizado e estudado, pois este possui novos elementos que facilitam a compreensão. O mapa mental devidamente organizado e detalhadamente estudado contém mais informações do que o texto original, uma vez que exigiu aprofundamento. Nesta etapa, você terá a possibilidade de interpretar o texto com as novas ideias, responder questionamentos, tirar as dúvidas e explicar para si mesmo.

6 – Revisão

Depois de passar pela etapa da segunda interpretação, você, provavelmente, saberá falar a

respeito daquele texto. Entretanto, nem sempre o domínio de um determinado assunto garante formação de memórias de longa duração.

As sugestões de estudo de texto apresentadas facilitam a assimilação de um conteúdo a ser avaliado dentro de poucas semanas. Já nas provas de longo prazo, como vestibulares e concursos, cuja data ainda não foi divulgada, haverá necessidade de revisões futuras. No caso de um estudante ou um ator de teatro, revisar o texto algumas vezes facilita o processo de fixação dos termos exatamente como são apresentados no texto original. Por isso, as revisões poderão ser feitas através da leitura do texto original ou através da interpretação da ficha de revisão ou do mapa mental.

Para fazer uma revisão eficiente, sugiro que leia o capítulo Decoreba: o modo certo de decorar matérias e conheça as possibilidades de repetições que auxiliam na formação da memória de longa duração. Mas lembre-se: só faça repetições de matérias previamente estudadas e compreendidas.

Leitura em voz alta

Para interagir com o mundo fazemos uso dos nossos cinco sentidos, que funcionam como verdadeiros radares para captação de informações que, depois serão enviadas ao cérebro e finalmente interpretadas e assimiladas. Dos cinco sentidos, o mais utilizado é a visão, estima-se que 80% de tudo o que registramos vem através deste canal. Entretanto, existem outros sentidos que também podem ser explorados durante os estudos e que potencializam nossa aprendizagem. A audição é um deles.

É através da audição que percebemos os sons que logo em seguida serão identificados e filtrados pelo cérebro e, quando relevante, serão registrados na memória auditiva. Depois da visão, a audição é o nosso sentido mais importante pelo menos no que diz respeito aos estudos. Durante uma aula, é ela que identifica e registra o som das palavras, explicações, teorias e ideias apresentadas verbalmente pelo professor. Você sabe que o professor é a fonte emissora em sala de aula, por isso, escutar nitidamente a voz do professor significa registrar com sucesso as explicações. E para não perder uma só palavra, é fundamental que você se sente o mais próximo possível do educador. Os barulhos na sala de aula podem atrapalhar a audição de quem senta longe.

Outra forma de explorar a audição nos estudos é o hábito de estudar ou ler em voz alta. Quando ouvimos a própria voz durante os estudos, estimulamos a memória auditiva e por acréscimo ajudamos a manter a concentrada na tarefa.

Contrariando a crença popular, não é errado estudar ou ler em voz alta, uma vez que se trata de uma necessidade das pessoas preferencialmente auditivas. Evidentemente, reconheço que é muito difícil ler um livro inteiro em voz alta, haja garganta! Portanto, lembro que não é necessário ler em voz alta o tempo todo. Quando recuperar a concentração, retorne à leitura silenciosa, mas agora com a concentração voltada para a própria consciência. Isso também estimula a memória auditiva.

A propósito, ler em voz alta é o segredo de muitos atores, que, além de ler em voz alta, ainda colocam gestos, expressões e entonação de voz durante o estudo dos roteiros. Mas quando a leitura em voz alta é inviável em função, por exemplo, de estarem estudando num local público, os mesmos recorrem a outra solução igualmente poderosa: imaginar-se lendo em voz alta. Neste caso, novamente serão atingidos maior grau de concentração e estímulo da memória auditiva.

Importante:

Seja lendo em voz alta ou imaginando-se nesta tarefa, o importante é durante toda a leitura focar exclusivamente o som da própria voz.

Gravar as explicações de uma matéria dada em sala de aula ou ditadas por você em um gravador de voz para ouvi-las mais tarde em revisões programadas, também ajuda a construir memórias poderosas. Muitos campeões de concursos recorrem a essa técnica. Conheci uma juíza que me explicou que durante a fase de preparação para a magistratura, ela gravava e escutava as explicações de artigos e textos difíceis enquanto executava tarefas domésticas, caminhava ou quando estava no trânsito.

Embora a solução da juíza tenha sido fundamental para o sucesso, vale lembrar, neste caso, que este tipo de recurso é útil para a revisão de matérias previamente estudadas e compreendidas.

Audio livro nos estudos, funciona?

Entre escutar o noticiário no rádio ou assistir a ele na televisão, prefira sempre a primeira hipótese. A televisão é um importante veículo de informação, mas não estimula a memória e a imaginação tanto quanto o rádio, porque entrega o produto final pronto, digerido. A comunicação audível é diferente, pois obriga o cérebro a imaginar as cenas, que são construídas a partir de registros na memória. Essa articulação dos fatos estimula a criatividade.

A tecnologia nos reserva boas surpresas no campo pedagógico. Uma das mais significativas é o audiolivro. Por meio dele, você tem a possibilidade de ouvir a narrativa do livro preferido, ao invés de lê-lo. A oportunidade de escutar um livro possibilita a um outro grupo de pessoas o acesso a um conhecimento até então inacessível, refiro-me aos analfabetos e pessoas com deficiência visual.

Para estudante e profissionais, a invenção do audiolivro possibilita "escutar" as obras como Machado de Assis, José de Alencar, Jorge Amado em qualquer lugar. O profissional poderá se atualizar com *best sellers* como A Arte da Gerra, de Sun Tzu, O Monge e o Executivo, de James C Hunter durante o voo, parado no trânsito ou durante a academia.

A conveniência do audiolivro vai além do estímulo auditivo e cerebral. Pense nas pessoas que não dispõem de tempo para se recolher num local silencioso e se deleitar com uma boa leitura, mas perdem tempo precioso no trânsito, aeroporto, aviões, metrôs, consultórios ou intermináveis filas. Para elas, o audiolivro constitui uma importante ferramenta de desenvolvimento intelectual, além de ser uma alternativa para se esquivar das músicas de letras banais e arranjos irritantes.

Antes, quando eu viajava de carro, preparava uma seleção de músicas para escutar no aparelho de som do veículo, hoje, eu escolho um bom audiolivro, salvo num MP3 que conecto ao carro. As viagens que antes eram monótonas e sonolentas por causa das músicas, agora se transformaram em momentos de atualização e aprendizado.

Para ter sua obra preferida, basta entrar num site especializado, escolher o título de sua preferência e escutar. No Brasil, dispomos de algumas editoras especializadas neste ramo, basta procurar na internet.

Os textos dos audiolivros são narrados por locutores profissionais ou mesmo atores de televisão que externam as emoções ao som de efeitos especiais, aguçando a imaginação e a criatividade, estimulando o raciocínio e permitindo que você fique com a leitura em dia.

Memória cinestésica - Ver com as mãos

Eis uma nova palavra para o seu vocabulário: Cinestesia. Significa a percepção e memória que temos dos movimentos do corpo, peso, resistência física. Por exemplo, lembre-se da sensação que sente quando passa a mão no pelo de um animal de estimação, como um cachorro. Agora tente se lembrar da força que faz quando levanta um pacote grande de arroz. Isso é cinestesia: uma nova palavra para o seu vocabulário e uma poderosa ferramenta de memorização.

O que aconteceria se ao invés de simplesmente ler uma matéria você também pudesse senti-la? Estaria envolvendo em sua aprendizagem a memória cinestésica e ganharia com isso um novo reforço do estímulo nas sinapses que formam a sua aprendizagem. Veja um exemplo de uso de memória cinestésica nos estudos:

Uma professora de Biologia tinha um grande desafio: fazer com que seus alunos conseguissem entender e memorizar os nomes e diferentes estruturas de diversas bactérias. Com criatividade e uma didática eficiente ela saiu da rotina. A mestra sugeriu que os alunos aprendessem de uma forma diferente. A ideia era literalmente por a mão na massa, modelar as bactérias em argila e organizar uma exposição na própria escola. No início os alunos ficaram receosos, mas quando iniciaram o projeto, se apaixonaram pelo plano. Formaram grupos, moldaram as peças, saíram da rotina e se divertiram muito.

No dia marcado para a apresentação, com peças bem trabalhadas e especialmente pintadas, os alunos exibiram suas obras de arte. Resultado da experiência: motivação na sala de aula e aprendizado de qualidade.

Por terem pesquisado, preparado fichas de catalogação e moldado com as mãos as estruturas das bactérias, vírus e células, garantiram uma memorização forte através da estimulação da memória visual (a imagem), auditiva (os comentários) e cinestésica, adquirida com o tato, outro importante sentido humano (quando modelaram).

Pense nas possibilidades de aprendizado pela memória cinestésica. Quantos assuntos ou matérias não poderiam ser transformados em sensações. Um bom exemplo é o estudo de idiomas. A dica, neste caso, é para que todas as vezes que pronunciar uma frase no idioma estudado, faça ao mesmo tempo o movimento equivalente. Por exemplo, ao dizer em inglês, *I see you*, aponte para os seus olhos e em seguida para quem estiver falando.

Em Direito, ao estudar uma lei, levante-se da cadeira, posicione-se, leia em voz alta fazendo gestos para cada uma das frases como se estivesse dando uma aula sobre o assunto. Isso aumenta a sua concentração na leitura, envolve mais recursos mnemônicos que fortalecem as sinapses e a formação das memórias.

Para aprender melhor e mais rapidamente, transcenda os livros, cadernos e resumos sempre que tiver oportunidade. Um importante segredo para a aprendizagem acelerada e efetiva é transformar a teoria em prática.

Assim, sempre que tiver oportunidade, ponha a mão na massa. Vai visitar o laboratório de química? Toque os objetos (o que puder ser tocado). Está aprendendo teoria sobre como utilizar os instrumentos de medição em física? Proponha ao professor uma aula prática. Em aulas de anatomia humana, por exemplo, sugira ao professor a visita ao laboratório e manuseie as réplicas dos órgãos, ossos e demais partes do corpo para sentir peso, textura e dimensões.

Não perca nenhuma aula prática, como as de procedimentos médicos em cursos de medicina, enfermagem ou fisioterapia. Aulas demonstrativas em educação física, engenharia, nutrição e muitas outras disciplinas que permitam ver com as mãos.

Técnica para escrever melhor

Conheci um excelente escritor que me confidenciou a razão do seu gosto pelo ofício. Ele me disse que foi uma criança muito travessa. Por isso, todas as vezes que aprontava alguma traquinice, sua mãe lhe aplicava um castigo inusitado: ao invés de surrá-lo, obrigava-o a copiar textos. O castigo foi um importante aprendizado.

A melhor compensação que os pais podem dar aos filhos travessos é mandá-los copiar textos. O exercício aprimora a caligrafia, refina o vocabulário, desenvolve o raciocínio e, como consequência natural, aprimora a redação. Se o tema for interessante, certamente despertará no aluno a curiosidade e a vontade de ler o texto até o fim.

Muitos estudantes se julgam incapazes de escrever um único parágrafo por acreditarem não ter dom para escrita, que nunca serão bons escritores. Na verdade, qualquer pessoa pode escrever bem se entender que isso não é um dote natural, mas sim, o efeito de conhecimento, técnica e criatividade, atributos acessíveis a todos os seres humanos.

Você conhece a história da mulher pobre e desempregada que todas as tardes saía de casa, distanciava-se de tudo e escrevia durante horas, sentada à mesa de um café, enquanto sua filhinha dormia no carrinho? Embora tímida e sonhadora, ela mudou sua vida graças à habilidade de transformar sonhos em enredos. Seu nome é J. K. Rowling, autora do mago Harry Potter. Apenas cinco anos depois do lançamento do seu primeiro livro, aquela humilde escritora se tornou uma das mulheres mais ricas do mundo. Confiar na própria capacidade para colocar as ideias no papel é o primeiro passo à indispensável habilidade. Walcyr Carrasco, famoso autor de novelas da Rede Globo, revelou em uma entrevista que no início da carreira não escrevia bem e que se tivesse dado ouvidos aos críticos, teria desistido. O que aconteceu, entretanto, foi o contrário: continuou escrevendo e chegou onde está por esta insistência. Hoje, ele é considerado um dos melhores autores da história da teledramaturgia brasileira recente e ele credita o título ao ato de escrever sempre.

Uma definição simples: escrever é tirar um conhecimento prévio da memória e organizá-lo numa folha. Escrever seria o mesmo que dedilhar um violão. Nas mãos de um amador, sairá barulho. Nas mãos de um músico profissional, o instrumento ressoará sons maravilhosos. Seja como for, o fato é que sempre sairá algo. Enquanto um escritor experiente coloca as palavras no papel com muita elegância, um amador simplesmente as coloca. Sabemos, então, que escrever bem está ao alcance de todos e requer prática, tempo, técnica, conhecimento, criatividade e disposição. Quem aceitar o desafio alcançará um lugar ao Sol.

Técnica de Redação – Escrever

Eis aqui uma ideia simples para o desenvolvimento de uma ótima redação. Procure escrever sobre o tema de forma objetiva, respondendo às questões: o quê, quem, quando, onde, como e por quê. Se, por exemplo, você precisa escrever sobre ecologia e adotou o tema "Reciclagem de Lixo", bastará construir o texto seguindo esta diretriz:

1 – O que é reciclagem de lixo?
2 – Quem faz ou participa do processo de reciclagem?
3 – Quando deve ser feita a reciclagem do lixo?

4 – Onde ocorrem as coletas, reciclagem, processamento?
5 – Como ocorre o processamento?
6 – Por quê é importante reciclar?

Observe também, a seguir, a sugestão extraída do livro Novo Manual da Nova Cultural - Redação, Gramática, Literatura e Interpretação de Textos, de Emília Amaral, publicado pela Editora Alfabeto. Nele, você pode encontrar boas dicas para montar uma dissertação, modalidade de texto campeão nos vestibulares e concursos.

Como fazer uma dissertação argumentativa? Como fazer nossas dissertações? Como expor com clareza nosso ponto de vista? Como argumentar coerente e validamente? Como organizar a estrutura lógica de nosso texto, com introdução, desenvolvimento e conclusão?

Vamos supor que o tema proposto seja Nenhum homem é uma ilha.

Primeiro, precisamos entender o tema. Ilha, naturalmente, está em sentido figurado, significando solidão, isolamento.

Vamos sugerir alguns passos para a elaboração do rascunho de sua redação.

1. Transforme o tema em uma pergunta: Nenhum homem é uma ilha?

2. Procure responder essa pergunta, de um modo simples e claro, concordando ou discordando (ou, ainda, concordando em parte e discordando em parte): essa resposta é o seu ponto de vista.

3. Pergunte a você mesmo o porquê de sua resposta, uma causa, um motivo, uma razão para justificar sua posição: aí estará o seu argumento principal.

4. Agora, procure descobrir outros motivos que ajudem a defender o seu ponto de vista, a fundamentar sua posição. Estes serão argumentos auxiliares.

5. Em seguida, procure algum fato que sirva de exemplo para reforçar a sua posição. Este fato-exemplo pode vir de sua memória visual, das coisas que você ouviu, do que você leu. Pode ser um fato da vida política, econômica, social. Pode ser um fato histórico. Ele precisa ser bastante expressivo e coerente com o seu ponto de vista. O fato-exemplo, geralmente, dá força e clareza à nossa argumentação. Esclarece a nossa opinião, fortalece os nossos argumentos. Além disso, pessoaliza o nosso texto, diferencia o nosso texto: como ele nasce da experiência de vida, ele dá uma marca pessoal à dissertação.

6. A partir desses elementos, procure juntá-los num texto, que é o rascunho de sua redação. Por enquanto, você pode agrupá-los na sequência que foi sugerida:

1) Interrogar o tema;
2) Responder, com a opinião;
3) Apresentar argumento básico;
4) Apresentar argumentos auxiliares;
5) Apresentar fato-exemplo;
6) Concluir.

Capítulo 4 - Orientações sobre as provas

Meditação do estudante - Para antes das provas

Diferente da meditação feita antes de estudar, a meditação que antecede a prova serve para acalmar a mente e deixá-la mais concentrada. O objetivo é fazer com que você se sinta mais seguro e se lembre facilmente das matérias que estudou. A meditação poderá ser feita horas antes de ir para o local da prova. Antes de meditar, é fundamental executar o mesmo processo de relaxamento recomendado no capítulo A meditação do estudante – Parte I.

Quando estiver relaxado e envolvido por um estado de relaxamento físico e tranquilidade, leia e repita estas palavras, acreditando intimamente em seu poder de realização.

> Quero um importante auxílio na prova que farei logo mais.Quero sentir minha mente leve e calma durante todo o exame. Que eu tenha paciência e concentração na leitura dos enunciados.Que eu tenha a memória rápida e precisa para recordar as matérias e os textos que estudei. Que eu sinta o poder de articular ideias, raciocinar e escrever lucidamente as respostas e a motivação de um aprendiz que sente orgulho por chegar naquela etapa. Que eu encare a prova como uma experiência positiva e que isso afaste todo o medo e ansiedade.

É importante que você crie telas mentais, imaginando uma prova tranquila, na qual está concentrado nas respostas e tira a nota desejada. Evidentemente, a meditação e a visualização, em si, não contribuirão muito caso você não tenha feito a parte que lhe cabe, que é estudar com seriedade e aprender.

A data da prova está marcada, e agora?

Se a prova está marcada, ótimo. Entenda que prova não é ameaça, mas uma excelente forma de avaliar a qualidade do aprendizado que está recebendo. Se você paga para aprender, deve exigir o melhor e a maneira de verificar se realmente tem o melhor é medir os seus conhecimentos através das provas.

Você deve começar a estudar imediatamente após a definição da data do exame. Mas, antes de debruçar sobre os livros, é importante elaborar um roteiro, um plano de estudo capaz de selecionar, de modo organizado, todas as matérias que serão vistas durante a preparação. É a formalização breve e objetiva de como você pretende dividir o tempo de estudo.

Os preparativos para uma avaliação devem ser sistemáticos, programados e de longa duração. Os campeões de vestibulares e concursos têm o hábito de nunca perder as matérias de vista. Ou seja, após a explicação na sala de aula, eles voltam a revisar em casa todo o conteúdo algumas vezes e muito antes do dia da prova. A seguir, será apresentada uma sugestão para elaboração de um excelente Programa de Estudo.

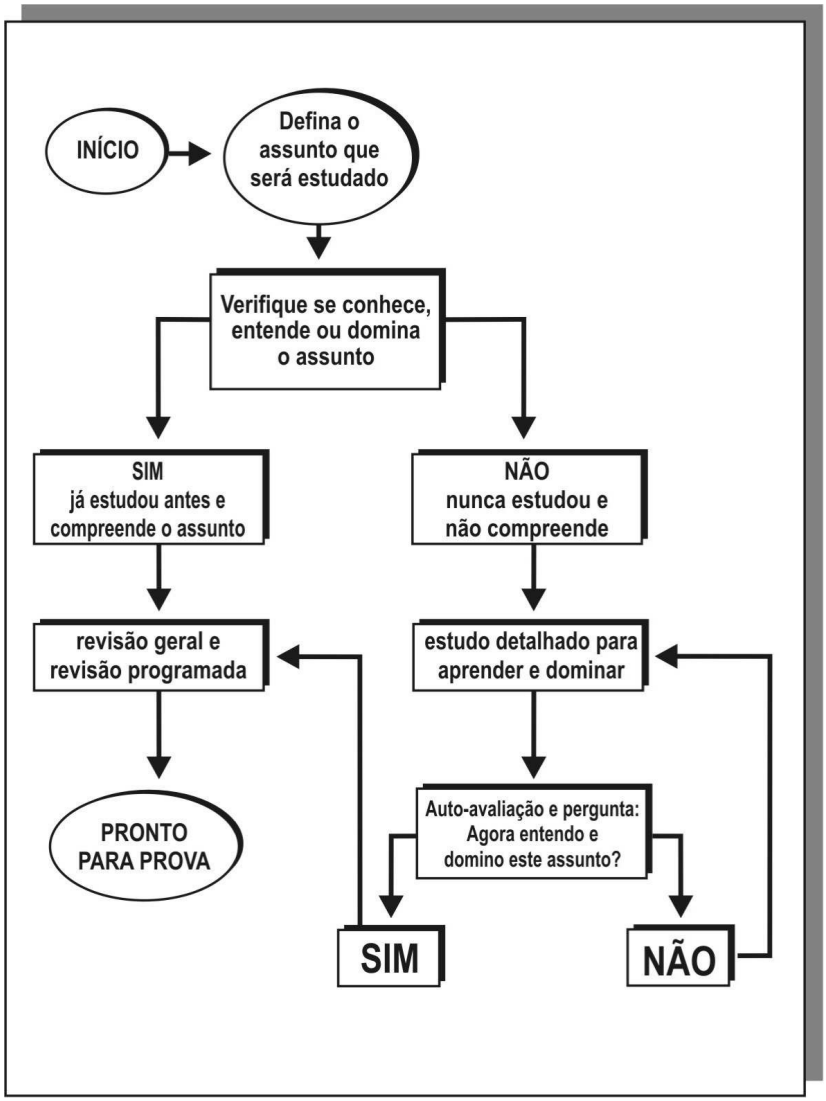
INÍCIO
Defina o assunto que será estudado
Verifique se conhece, entende ou domina o assunto
SIM já estudou antes e compreende o assunto
NÃO nunca estudou e não compreende
revisão geral e revisão programada
estudo detalhado para aprender e dominar
PRONTO PARA PROVA
Auto-avaliação e pergunta: Agora entendo e domino este assunto?
SIM
NÃO

Defina a matéria que será estudada

O que pode ser pior do que saber que precisa passar numa prova, mas não saber por onde começar os estudos? Esse é o drama vivido diariamente pode milhares de estudantes. Os livros e cadernos amontoados sobre a mesa de estudos provocam caos e paralisia. Por onde eu começo? Por quanto tempo devo estudar cada matéria? Para responder essas questões e organizar os estudos de modo a obter foco e resultado, você deve criar um plano de estudo.

Para isso, é necessário em primeiro lugar verificar quais são as datas das avaliações, no caso dos estudantes de colegial ou faculdade e qual será a data ou previsão para a prova do concurso público. Com estas questões em mãos, suas ações serão mais concretas.

Inicie seu plano de estudo estimando quantas páginas terá que estudar diariamente para cobrir todas as matérias até o dia da prova. Por exemplo: a prova irá acontecer dentro de 90 dias, neste caso, divida a quantidade de páginas de cada matéria por 90. Exemplo:

Matéria A, 450 páginas / 90 = 5 páginas dia.
Matéria B, 270 páginas / 90 = 3 páginas dia.
Matéria C, 80 páginas / 90 = 0,8 páginas dia.

Faça isso com todas as matérias e escreva uma lista com a quantidade total de páginas diárias para o estudo.

Em seguida, descubra o tempo necessário para estudar as metas diárias de cada matéria. Para isso, você terá que verificar o grau de complexidade de cada uma, pois as diferentes complexidades demandam períodos proporcionais. Então, separe-as em dois grupos:

- Matérias fáceis (assuntos que você conhece);
- Matérias difíceis (assuntos novos);

Veja a seguir como deve ser abordada cada uma dessas categorias:

Verifique se conhece, entende ou domina o assunto

Considere matérias fáceis as estudadas, entendidas e memorizadas ao longo da vida acadêmica: matemática, português, biologia, conhecimentos gerais ou seja, assuntos que você já teve algum contato anterior. Um recurso para verificar se você realmente conhece o assunto que será estudado, é elaborar mentalmente perguntas sobre a matéria e respondê-las com o máximo possível de detalhes. Uma sequência de perguntas que podem ser feitas já foram apresentadas anteriormente: O quê, quem, quando, onde, como, conclusão, podem revelar o seu grau de conhecimento da matéria, afinal, a qualidade da lembrança depende da qualidade da pergunta.

Se ao utilizar as perguntas você se lembrou de muitas informações significa que o trabalho nesta matéria será menor, ou seja, fácil, pois você precisará apenas revisá-la para reforçar memórias de longo prazo.

Verificar qualquer entendimento prévio existente sobre a matéria ajuda a determinar o tempo que será empregado no estudo. Tome como exemplo um aluno que sai da sala de aula sem aprender.

Neste caso ele terá que estudar novamente em casa, sem o professor e isso leva tempo. Por outro lado, se sai da aula com todo o conteúdo absorvido terá apenas que revisar o que aprendeu. A preocupação em saber o seu grau de conhecimento o ajudará a administrar melhor o tempo.

O conjunto das matérias difíceis é composto por habilidades, como redação, cálculos e interpretação de textos. Assuntos que nunca foram estudados antes também fazem parte desse grupo. Por exemplo: você nunca estudou Direito (textos jurídicos) mas agora pretende prestar um concurso. Neste caso deve começar do zero. Será mais trabalhoso e demandará maior tempo de dedicação. Assim, dentro desses grupos serão feitas separações importante para determinar o tempo empregado. Observe:

Sim, você já estudou antes, compreende o assunto (matérias fáceis)

Se for este o caso, a etapa exigirá apenas a revisão geral dos conceitos, regras e teorias já compreendidas. O objetivo neste caso é relembrar, ativar memórias existentes, reforçando-as, através de um estudo breve. Importante: você só deve fazer a revisão de assuntos que já compreende, pois o objetivo dela é apenas o reforço da memória de longa duração.

Não, nunca estudou o conteúdo (matérias difíceis)

Para matérias com que você nunca teve contato, o tempo disponível será um importante aliado, pois o grau de dificuldade para compreensão demandará mais tempo. Neste estágio, você deverá estimar quanto tempo será necessário para estudar a quantidade de páginas estabelecidas como meta diária. É importante lembrar que um estudo deve ser primeiramente qualitativo, isto é, invista o tempo que for necessário, mas só conclua o estudo se você realmente compreendeu o assunto a ponto de explicá-lo.

Auto-avaliação e pergunta: Agora entendo, domino este assunto?

Depois de estudar com qualidade, chegou o momento de fazer uma auto-avaliação com o objetivo de verificar se realmente houve aprendizado (veja em: Como Saber se Estou Pronto para Tirar um 10). Ao fazer um *check-up*, você saberá quais assuntos dominou e quais deverão ser reforçados. Saberá também o tempo médio necessário em cada matéria. Fazendo isso, você saberá onde focar energia, o tempo diário de estudo para não desperdiçar tempo em atividades desnecessárias.

Nesta fase da preparação do seu plano de estudos, você poderá iniciar a construção da grade semanal de matérias que deverão ser estudadas diariamente. Seguir a rotina diária de estudos prevendo o tempo de cada matérias garante maior produtividade.

Se a resposta for NÃO

Se na auto-avaliação você constatar que não domina plenamente a matéria ou está inseguro quanto ao grau de domínio da mesma, então recomendo reiniciar os estudos, mas por meio de novas estratégias. Você deve estudar o quanto for necessário, focar o mesmo exercício, consultar novas

fontes de informação (sites especializados, revistas, livros, etc.), ligar para um amigo, perguntar ao professor, empenhando-se em estudar até aprender.

Se a resposta for SIM

O sim pode ser o final do processo ou uma etapa intermediária. Fica após a Auto-avaliação e antes da Revisão Geral e da Revisão Programada. Trata-se do momento em que você domina o assunto e está pronto para enfrentar a prova. Por isso, cabe aqui uma importante decisão: seguir no programa de estudos e formar uma memória de longa duração através de repetições ou fazer a prova, tirar a nota que precisa e abandonar o conteúdo de vez. A resposta irá depender da utilização posterior da matéria aprendida. Naturalmente, é sempre recomendado estimular a memória de longa duração.

Pronto para a prova

Com a certeza de que toda a matéria foi compreendida, este é o momento no qual você se sente preparado e mais seguro para realizar o exame próximo. Na véspera do dia da prova, tenha uma ótima noite de sono, faça ginástica, massagem, relaxamento e cuide da alimentação. Estes serão os prêmios antecipados pela dedicação aos estudos. O objetivo? Evitar os lapsos de memória e fazer com que tudo funcione bem no momento decisivo.

Ficha de revisão

Ficha de revisão ou fichamento de matérias é uma das técnicas de estudo mais conhecida e utilizada entre concurseiros bem sucedidos. Devido a facilidade de confecção, revisão e rapidez na formação de memórias de longo prazo, o fichamento tem ganhado cada vez mais atenção nos meios acadêmicos.

Muitos cursinhos preparatórios para vestibular e concurso público já adotam o fichamento de matérias nos próprios livros didáticos, ou seja, explica-se a matéria e já apresenta uma sugestão de ficha para o aluno revisar.

A ficha de revisão pode ser adquirida em papelarias (ficha em branco pautadas) ou pode ser feita com folhas de caderno, onde seu tamanho não precisa ultrapassar o tamanho de meia folha de caderno grande.

Dependendo da quantidade de matérias que serão estudadas, você acabará produzindo centenas ou até milhares de fichas, neste caso, é importante criar um fichário onde as fichas serão organizadas e datadas para futuras revisões. Será importante também criar um calendário onde serão marcados os dias programados para revisões das fichas.

É necessário estar ciente que o fichamento é um recurso para reforço das memórias de longa duração, isto significa que só devem ser revisados assuntos que já foram estudados exaustivamente até a compreensão total, o que implica em saber o suficiente para explicar a outra pessoa. Talvez aqui caiba a pergunta: Se o conteúdo foi estudado a exaustão e compreendido, então qual é o sentido da revisão, já que a compreensão significa formação de memória.

De fato, a compreensão de uma matéria implica em sua memorização, mas por quanto tempo? Sinapses formadas pela compreensão realmente são mais duradouras, entretanto, um conteúdo compreendido, mas não utilizado, será esquecido em algumas semanas (estima-se três). Fazer o dever de casa, exercitar o que aprendeu em sala de aula ou colocar em prática o conteúdo de um texto lido reforça memórias, mas nem sempre são incorporados a longo prazo.

É exatamente por isso que você deve adotar um sistema de memorização para formar memórias de longo prazo e a técnica de fichamento de matérias é o melhor caminho.

Como criar uma Ficha de Revisão:

O objetivo da revisão é formar memórias de longa duração. O decoreba é uma técnica que também caminha nesta direção, mas o que aconteceria se você tivesse que reler um texto longo e complexo seguidas vezes? Certamente você o memorizaria, mas o tempo empregado nesta tarefa seria tão grande que inviabilizaria o projeto.

Por se tratar apenas da síntese de um texto representada por uso de palavras-chave ou no máximo pequenas frases-resumo o fichamento consegue atingir rapidamente a memória de longa duração ao transferir o conteúdo do livro para a memória. O segredo da ficha está em seu conteúdo que deve ser forte o suficiente para fazê- lo lembrar da teoria explicada no livro.

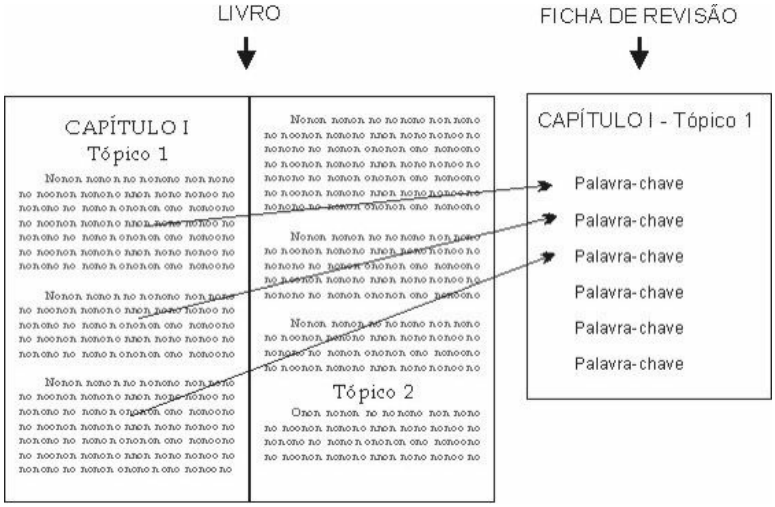
LIVRO
FICHA DE REVISÃO
CAPÍTULO I
Tópico 1
Tópico 2
CAPÍTULO I - Tópico 1
Palavra-chave
Palavra-chave
Palavra-chave
Palavra-chave
Palavra-chave
Palavra-chave

Um texto não é simplesmente um aglomerado de palavras e frases, mas uma recorrência funcional das palavras que torna o texto interpretável. São as palavras- chave de um texto que materializam uma ideia.

Em gramática, existem critérios gerais, formais e semânticos que ajudam a identificar uma palavra-chave no texto. No fichamento, a palavra-chave tem a função de materializar a ideia principal do texto e facilitar a recordação posterior. Sendo assim, a palavra escolhida para a ficha nem sempre estará explicita no texto, mas será criada a partir de sua interpretação. Uma vez escolhida, a palavra-chave será inserida na ficha e deve ter força para estimular a memória, ou seja, fazê-lo lembrar a mensagem do texto.

Matéria:

Data:

Próxima revisão:

Artigo 17 - Alienação de bens da administração pública

Imóveis
licitação dispensada:
dação
doação
permuta
investidura
venda
alienação
legitimação

Móveis
l. dispensada:
doação
permuta
venda: títulos, ações,
bens e materiais

§1 vedada alienação
§2 conceder título
I outros orgãos
II amazônia

§2A condicionamento
I - 1/11/04
II - regime legal
III - não contemplado
IV - necessidade

§2B inciso II art 2
I- zona rural
II- 500 hec
III- cumulada

§3 investidura
I- lindeiros
II- hidroelétricas

§4 doação / encargos

§5 garantia

§6 globalmente

Tome como exemplo o estudo do texto técnico jurídico apresentado anteriormente, o Artigo 17. Para transformá-lo em ficha de revisão através do uso de palavras-chave proceda da seguinte forma:

1. Primeira leitura: leia o texto inteiro;
2. Segunda leitura: releia fazendo pausas, interpretando e compreendendo cada trecho ou parágrafo;
3. Tente explicar com as próprias palavras;
4. Responda: Se pudesse traduzir aquele trecho numa única palavra, qual seria? A resposta será a palavra-chave;
5. Marque a palavra na ficha;
6. Retorne ao texto e repita os passos 2, 3, 4, 5 até terminar o texto inteiro.

Com estudo concluído e a ficha devidamente montada você fará um teste de validação da palavra-chave.

Validação da palavra-chave

Após a confecção da ficha é importante verificar se as palavras-chave são fortes o suficiente para lembrar os detalhes do texto. Para isso, ainda com o livro aberto, faça a interpretação da ficha explicando o texto a partir das palavras e confronte com o que estiver escrito no texto. Neste momento, sentindo que a palavra não foi forte o suficiente, releia o texto e tente pensar em outra palavra ou, em último caso, complemente a palavra a transformando- a numa pequena frase-resumo.

Programando as revisões da ficha

Com a ficha devidamente criada e validada, chegou o momento de programar a próxima revisão. No tópico Decoreba, o modo certo de decorar matérias, apresentei algumas opções de revisão para formar memórias de longo prazo. Encontre a que melhor se adeque aos seus horários.

Com o uso de um calendário, programe as próximas revisões e no dia marcado, coloque as fichas sobre a mesa, concentre-se e inicie o processo de reforço de memórias.

Uma consequência e vantagem do sistema de fichamento é a velocidade com que assimilamos grande quantidade de informação. Se na primeira revisão da ficha você gastou cinco minutos para rever o seu conteúdo, na próxima certamente gastará menos tempo, na seguinte, menos ainda até firmar um tempo médio por ficha. Ao completar o processo estarão formadas memórias de longa duração e o domínio da matéria que será certo.

Como saber se estou pronto para tirar 10

Nada mais cômodo do que ter certeza da nota que tirará na prova. Se a nota esperada for o almejado 10, você terá como prêmio as agradáveis sensações de segurança, auto-estima e dever cumprido.

Mas como você faz para saber se está preparado para enfrentar uma prova e tirar a nota máxima? Alguns alunos recorrem a parentes ou amigos para lhes tomar a matéria, mas surge outro problema:

Como ter certeza de que essa pessoa está fazendo as perguntas certas?

A premissa básica a ser discutida nesta questão: a qualidade da lembrança depende da qualidade da pergunta, isto é, a qualidade da comprovação do conhecimento está intimamente ligada à pergunta que se faz à própria memória. Este é o primeiro grande passo de um sistema de auto-avaliação.

Ao sistema de avaliação feita por si mesmo, com o objetivo de medir o domínio de seu conhecimento em determinada matéria, dá-se o nome de auto-avaliação. Ela deve ser feita logo após toda sessão de estudo ou quando você se sentir inseguro em relação ao assunto estudado. Uma auto-avaliação eficaz é feita por meio da formulação de perguntas específicas. Tais perguntas, quando respondidas com segurança, determinam o grau de conhecimento da matéria. No jornalismo, as perguntas a seguir são as determinantes do lead, parágrafo inicial de reportagem impressa realizada na chamada pirâmide invertida, isto é, método que coloca os dados mais importantes no começo e os menos no final. O lead oferece ao leitor o panorama geral da notícia logo no início da matéria:

O que é isso? (definição)
Quem participa? (sujeito)
Quando? (tempo)
Onde? (local)
Como? (processo)
Qual a conclusão?

Com essas seis perguntas, a auto-avaliação poderá ser feita como demonstra o exemplo a seguir. Imagine que você termina de estudar, em História do Brasil, a Guerra do Paraguai. Para avaliar o seu grau de conhecimento e certificar-se de que está apto a fazer a prova, terá de responder:

O que foi a Guerra do Paraguai?
Quem estava envolvido nessa guerra?
Quando ela ocorreu?
Em que local (onde)?
Como aconteceu?
Qual a conclusão?

Veja como ficaria uma auto-avaliação se a matéria da prova fosse Biologia e o tema, processos de fotossíntese e respiração.

O que é fotossíntese?
Quem se envolve nesse processo?
Quando ela ocorre?
Em que local (onde)?
Como acontece a fotossíntese?
Qual a conclusão?

As mesmas perguntas se aplicam às outras matérias, como as jurídicas, nas quais, após a leitura do texto, fazemos as perguntas com o intuito de interpretar e compreender o assunto.

Tendo sucesso na auto-avaliação, você estará apto a responder às questões da prova com ótima articulação de ideias. Além disso, estará preparado para garantir uma ótima nota, além de armazenar na memória de longa duração todo o conhecimento conquistado.

Como se comportar durante a prova

Quando o objetivo é o bom desempenho na prova, vale ressaltar: é impossível lembrar aquilo que não se estudou. Se a qualidade das lembranças depende da qualidade do aprendizado, então o sucesso será resultado da sua preparação antes do dia da prova. As dicas apresentadas neste tópico ajudarão a neutralizar os famosos brancos, lapsos de memória, em informações adquiridas anteriormente.

Ainda em casa, antes de ir para o local da prova, pratique um exercício simples de relaxamento: feche os olhos e pense na cor azul clara. Inspire o ar lentamente e o retenha por quatro segundos. Durante esse tempo, relaxe todos os músculos do corpo. Expire. Repita o exercício de cinco a oito vezes, sentindo o corpo cada vez mais relaxado. Isso ajudará a oxigenar o cérebro, acalmar a mente e melhorar a concentração. Em seguida, envie comandos positivos ao cérebro. Mentalize:

> No momento em que eu estiver fazendo a prova, eu me lembrarei nos mínimos detalhes de todas as matérias estudadas. Estarei totalmente calmo e concentrado. Conseguirei articular ideias e pensamentos com segurança, precisão e inteligência. Conseguirei resolver todas as questões com rapidez e facilidade.

Os minutos que antecedem o exame também são úteis para criar um estado mental de concentração e tranquilidade. Enquanto o professor distribui material do exame, é conveniente repetir esse exercício, para você ficar ainda mais confiante. Roupas leves, uma garrafa de água, uma barra de chocolate (para quem gosta) e a consciência de que a prova não é o dia do desafio, mas uma rotina na vida do estudante, contribuem para tranquilizá-lo. Dedique também um momento especial à avaliação de desempenho para saber se está no rumo certo. Encare as avaliações com otimismo.

Quando estiver com o teste nas mãos, examine-o preliminar e rapidamente, assinalando as questões fáceis. Identificadas, elas deverão ser resolvidas em primeiro lugar, pois assim você conseguirá aumentar sua auto- estima e aproveitar melhor o tempo. Além disso, questões fáceis geralmente têm o mesmo valor das difíceis. Fazer perguntas sobre a questão do exame é uma solução simples para evocar as respostas. Perguntas como as seguintes surtirão efeito positivo:

O que é isso?
Quem está envolvido?
Quando acontece isso?
Como ocorre este processo?
O que eu sei sobre isso?

Uma técnica que raramente falha é criar uma lista de lembranças. Caso sinta dificuldade em alguma questão, pegue um rascunho e escreva todo tipo de lembrança sobre a questão. A premissa é que uma ideia leva a outra e, rapidamente, você encontrará recordações que lhe ajudarão a lembrar da matéria estudada. Por exemplo, se a questão exigir conhecimento sobre o Efeito Estufa, pergunte para si mesmo:

Quando penso em efeito estufa, eu me lembro do que?

Anote as lembranças na folha e tente rapidamente comentar cada uma delas, se aquela matéria foi realmente estudada e compreendida, com esta técnica você se lembrará.

Se ao longo da prova você sentir a sensação de brancos na memória, saiba que eles são alarmes silenciosos indicando que existe algo de errado naquele momento. Normalmente, são problemas relacionados ao emocional. Neste caso, feche os olhos, respire fundo e não se mantenha tenso por causa da prova. Deixe, simplesmente, a razão garantir a tranquilidade.

Em último caso, lembre-se de que brancos na memória também são um ótimo sinal, dizem respeito a um conhecimento existente, mas que não está sendo acessado. E o que isso significa? Ninguém sofre brancos por algo que desconhece, mas por algo que conhece muito bem. Neste caso, novamente respire fundo, relaxe o corpo e a mente e ordene:

Dentro de alguns instantes irei me lembrar de tudo!

Sabe-se que boa memória é mais comportamento do que técnica, por isso acredite sempre em seu poder de memorização.

Ótimas provas e sucesso sempre!

Renato Alves - Recordista Brasileiro de Memorização

Sobre o Autor

Quem é Renato Alves

De ex-esquecido a melhor memória do Brasil

Renato Alves foi o primeiro brasileiro a receber através de homologação oficial, o título de Melhor Memória do Brasil pelo Rank Brasil, o livro dos recordes nacionais. A conquista inédita foi resultado da aplicação de um método próprio de memorização que o permitiu gravar uma sequência de 110 palavras aleatórias e número com 110 dígitos aleatórios em 4 minutos. Foi o primeiro recorde brasileiro de memorização. A técnica que desenvolveu foi batizada de Método Renato Alves® e tornou-se referencia nacional em treinamentos de aprendizagem acelerada.

Antes de conhecer a memorização e desenvolver o próprio método, Renato Alves foi um aluno abaixo da média. Assistia aulas inteiras para logo depois se esquecer de tudo. Estudava para provas e, no momento decisivo, não se lembrava de nada. O resultado dessa suposta falta de memória refletia no boletim, recheado de notas baixas, e no estado de ânimo para os estudos, cada vez mais reduzido. Os esquecimentos também interferiam no trabalho gerando perda de tempo, material, dinheiro e produtividade. Renato buscou ajuda, tratamentos e remédios para memória, mas a solução definitiva ele encontrou nos velhos textos com os métodos de memorização utilizados desde os tempos da Grécia antiga. Aprofundou-se nos estudos da memória e em pouco tempo transformou sua memória deficitária em uma super memória.

Pesquisador dedicado

Renato Alves graduou-se em Ciências da Computação pela Universidade de Marília, trabalhou com análise e desenvolvimento de sistemas computacionais e foi professor de algoritmos de programação. Estudou Ciências Cognitivas e Filosofia da Mente pela UNESP, foi membro do GAEC (Grupo Acadêmico de Estudos Cognitivos) e tornou-se pesquisador cognitivo nas áreas de aprendizagem, concentração e memória onde trabalhou a tríade mente-cérebro-computador que foi o embrião para o desenvolvimento do Método Renato Alves ® e do seu primeiro livro Branco na Memória - Saiba quais sãos as causas e o que fazer para evitar. Depois vieram os livros Segredo dos Gênios, Diálogo sem Duelo, Os 10 Hábitos da Memorização, Não Pergunte se ele Estudou e Faça se Cérebro Trabalhar para Você que até a presente data, somados, venderam mais de 200 mil exemplares.

O gosto pelos estudos, o perfeccionismo para criar um sistema de aprendizagem eficaz, a didática impecável e a missão de ajudar de maneira responsável o maior número de pessoas permitiram que o Método Renato Alves ®recebesse o em 2012 o Selo WEC que confere o grau máximo de excelência em treinamentos presenciais. A aplicabilidade do método e a relevância de seu trabalho no contexto acadêmico proporcionaram a participação em eventos de renome nacional como o fórum Educar Educação, Congressos Científicos em universidades particulares e públicas, como UNESP, USP e em Workshops promovidos por entidades como Fundação Abrinq, Ministério da Defesa e dezenas de escolas pelo Brasil. E para atender a crescente demanda corporativa e levar o Método Renato Alves ® para as empresas, indústrias e órgãos do governo, Renato Alves fez MBA em Gestão Empresarial, criou nova ferramentas e inaugurou um novo segmento: métodos de memorização, foco e concentração para profissionais, onde atendeu empresas dos mais diversos segmentos como Receita Federal, Ministério da Defesa, Supremo Tribunal Federal e empresas como Coca Cola Index, Petrobrás, Transpetro, Florença, Padrão, Jaw e muitas outras.

Conferencista de sucesso

Em março de 2013 o Método Renato Alves ® completou 16 anos de mercado e seu autor consolidou sua expertise no estudo da memória, foco e concentração. Neste período contabilizou estatísticas admiráveis. Foram quase três mil voos, todos os estados brasileiros percorridos, todas as cidades acima de 200 mil habitantes visitadas em mais de 200 apresentações presenciais por ano e aproximadamente 300 mil participantes capacitados até o momento.

Renato Alves possui experiência consagrada amplamente pela imprensa nacional, sendo considerado o maior especialista do país no tema memorização. Participou de inúmeros programas nas maiores emissoras de televisão aberta do país, nos principais jornais revistas e nos mais variados programas de rádio.

Em 2005 fundou a Humano Editora, localizada no interior paulista e especializada na produção, consultoria, preparação e edição de livros impressos e e-books para novos autores e em 2012 fundou a Humano Educação, empresa de organização e promoção de eventos voltados ao público acadêmico e empresarial.

Com seu estilo introvertido e simples, mas com muita ética, responsabilidade e confiabilidade, Renato Alves revolucionou o conceito de memorização no Brasil e conquista ano a ano mais admiradores. Atualmente dedica-se exclusivamente aos estudos,

palestras e produção de livros. Seu sistema de aprendizagem acelerada e memorização tornou-se símbolo nacional para aqueles que procuram desenvolvimento com qualidade e acima de tudo resultados.

Contatos

Email: renatoalves@renatoalves.com.br

Facebook - www.facebook.com/sigarenatoalves

Home: www.renatoalves.com.br

Para adquirir a versão impressa deste livro acesse:

www.humanoeditora.com.br

Créditos

O SEGREDO DOS GÊNIOS
Manual de estudo para professores e estudantes

Copyright © 2014 por Renato Alves
Todos os direitos reservados a
Humano Editora e Distribuidora de Livros
Rua Iporans, 737 - Centro - 17600-110
Tupã, SP
Fone (14) 3491-6046

Capa:
Paulo José Lemes da Cunha

Revisão e Edição de Texto:
Évelin Santos (MTB: 49.250/SP)

Projeto Gráfico e Diagramação:
Paulo José Lemes da Cunha

Copyright © 2014 by Renato Alves

Contatos com o autor:
renato@humanoeduca.com.br
www.renatoalves.com.br

CIP-BRASIL CATALOGAÇÃO NA FONTE DO DEPARTAMENTO
NACIONAL DO LIVRO

Alves, Renato

Segredo dos Gênios, O - Manual de Estudo para Professores e Estudantes / Renato Alves - São Paulo, SP: R. Alves, 2014.
ISBN: 978-85-99647-10-3
1. Educação
2. Concentração
3. Pedagogia
4. Guia de Estudo
5. I. Título
CDD: 370

www.
BRASIL CONCURSOS.com

REDAÇÃO

ESTUDE COM NOSSO MATERIAL
E GANHE O CARIMBO PARA UM
MELHOR FUTURO PROFISSIONAL .
APROVADO

ÍNDICE

TIPOLOGIA TEXTUAL 2
DESCRIÇÃO 2
TEXTO JORNALÍSTICO E PUBLICITÁRIO 5
CRÍTICA: 5
CRÔNICA: 5
CURRÍCULO: 6
FÁBULA: 6
FICÇÃO: 6
MONÓLOGO: 6
APRESENTAÇÃO DA REDAÇÃO: 7
DISCURSO DIRETO, INDIRETO E INDIRETO LIVRE: 8
Dissertação no Enem: 16
Exigências na redação do ENEM 17
Plano e roteiro 18
Proposta de redação – Enem 2006 18
Conceitos e Noções Gerais de Dissertação 19
Relação entre causa e conseqüência : 20
Tema : 20
A estruturação do parágrafo : 23
Parágrafos médios 24
Parágrafos longos 24
TÓPICO FRASAL: 24
DICAS IMPORTANTES GERAIS E RESUMIDAS PARA A ELABORAÇÃO DE REDAÇÕES: 25
Exercícios 65
B I B L I O G R A F I A 72

TIPOLOGIA TEXTUAL

Ao redigir é importante atentar para a modalidade de texto exigida pela banca

de redação.

Geralmente os textos apresentam características mistas, tornando-se

complexa a delimitação de seus traços específicos. Na realidade, o importante na redação é que haja uma idéia em torno da qual se possa considerar um núcleo, as idéias complementares que apóiam esse núcleo e a relação entre eles.

Tradicionalmente, no que tange à tipologia, pode-se classificar os textos em

descritivo, narrativo e dissertativo.

As formas de expressão escrita podem ser classificadas em formas literárias,

como as descrições e as narrações, e não literárias, como as dissertações e redações

técnicas.

DESCRIÇÃO

Descrever é representar um objeto (cena, animal, pessoa, lugar, coisa etc.) por

meio de palavras. Para ser eficaz, a apresentação das características do objeto

descrito deve explorar os cinco sentidos humanos – visão, audição, tato, paladar e olfato-, já que é por meio deles que o ser humano toma contato com o ambiente.

A descrição resulta, portanto, da capacidade que o indivíduo tem de perceber o

mundo que o cerca. Toda técnica descritiva implica uma contemplação e uma

apreensão de algo objetivo ou subjetivo, assim ao descrever o redator precisa possuir um certo grau de sensibilidade. Quanto maior for sua sensibilidade, mais rica será a descrição.

NARRAÇÃO

O relato de um fato, real ou imaginário, é denominado narração. Pode seguir o

tempo cronológico, de acordo com a ordem de sucessão dos acontecimentos, ou o **tempo psicológico**, em que se privilegiam alguns eventos para atrair a atenção do leitor. A escolha do **narrador**, ou **ponto de vista**, pode recair sobre o protagonista da história, um observador neutro, alguém que participou do acontecimento de forma secundária ou ainda um espectador onisciente, que supostamente esteve presente em todos os lugares, conhece todos os personagens, suas idéias e sentimentos. As falas dos personagens podem ser apresentadas de três formas: **discurso direto**, em que o narrador transcreve de forma exata a fala do personagem; **discurso indireto,** no qual o narrador conta o que o personagem disse, e **discurso indireto livre**, em que se misturam os dois tipos anteriores.

O conjunto dos acontecimentos em que os personagens se envolvem chama-se

enredo. *Pode ser* ***linear****, segundo a sucessão cronológica dos fatos, ou* ***não-linear****, quando há cortes na seqüência dos fatos. É comumente dividido em* ***exposição****,* ***complicação****,* ***clímax*** *e* ***desfecho.***

Os Elementos da Narrativa são os seguintes:

* *Personagens - Quem? Protagonista/Antagonista*

**Acontecimento - O quê? Fato*

**Tempo - Quando? Época em que ocorreu o fato*

**Espaço - Onde? Lugar onde ocorreu o fato*

**Modo - Como? De que forma ocorreu o fato*

**Causa - Por quê? Motivo pelo qual ocorreu o fato*

DISSERTAÇÃO / ARGUMENTAÇÃO

A exposição de idéias a respeito de um tema, com base em raciocínios e argumentações, é chamada dissertação. Nela, o objetivo do autor é discutir um tema e defender sua posição a respeito dele. Por essa razão, a coerência entre as idéias e a clareza na forma de expressão são elementos fundamentais.

A organização lógica da dissertação determina sua divisão em **introdução,** parte em que se apresenta o tema a ser discutido; **desenvolvimento**, em que se expõem os argumentos e idéias sobre o assunto, fundamentando-se com fatos, exemplos, testemunhos e provas, o que se quer demonstrar; e **conclusão,** na qual se faz o desfecho da redação, com a finalidade de reforçar a idéia inicial.

Atenção: a linguagem do texto dissertativo-argumentativo costuma ser impessoal (verbos na 3ª.pessoa) objetiva e denotativa (sentido real das palavras). Mais raramente, entretanto, há a combinação da objetividade com recursos poéticos, como metáforas e alegorias. Predominam formas verbais no

presente do indicativo e emprega-se o padrão culto e formal da língua.

Dissertar é o mesmo que desenvolver ou explicar um assunto, discorrer sobre ele. Assim, o **texto dissertativo** pertence ao grupo dos **textos expositivos**, juntamente com o texto de **apresentação científica, o relatório, o texto didático, o artigo enciclopédico**. Em princípio, o **texto dissertativo** não está preocupado com a **persuasão** e sim, com a **transmissão de conhecimento**, sendo, portanto, um **texto informativo**.

Os **textos argumentativos**, ao contrário, têm por finalidade principal **persuadir** o leitor sobre o ponto de vista do autor a respeito do assunto.

Quando o texto, além de explicar, também persuade o interlocutor e modifica seu comportamento, temos um **texto dissertativo-argumentativo.**

TEXTO JORNALÍSTICO E PUBLICITÁRIO

O texto jornalístico pode apresentar **todo tipo de linguagem**, da **mais formal**,

empregada, por exemplo, nos **periódicos especializados** sobre ciência e política , até aquela **extremamente coloquial,** utilizada em **publicações** voltadas para o **público juvenil**. Embora haja uma aparente liberdade de estilo, o **redator deve obedecer ao propósito específico da publicação** para a qual escreve e **seguir regras que costumam ser bastante rígidas e definidas,** tanto quanto à **extensão** do **texto** como em relação à **escolha** do **assunto,** ao tratamento que lhe é dado e ao vocabulário empregado.

CRÍTICA:

É um tipo de redação que aprecia e avalia livros de caráter científico ou literário, além de manifestações artísticas ligadas ao cinema, ao teatro, à música, etc.

Habitue-se a criticar sua redação, procurando ver se todos os seus pormenores colaboram para criar a idéia que tem em mente.

Solicite a uma terceira pessoa, de bom conhecimento técnico ou nível escolar, para ler e fazer críticas sobre o seu texto, pois a leitura demasiada de nossos próprios trabalhos torna-nos cegos para determinados pontos.

CRÔNICA:

É uma narrativa curta que retrata, em geral, fatos do cotidiano, presenciados ou não pelo narrador, escrita numa linguagem leve, de caráter jornalístico.

CURRÍCULO:

É um documento que reúne as informações profissionais para alguém que se candidata a um emprego. Contém objetivo, formação escolar, idiomas que domina, experiência profissional, pretensão salarial, etc.

FÁBULA:

É uma pequena história (uma narrativa inverossímil), com fundo didático, que tem como objetivo transmitir uma lição de moral.

A VIÚVA.

Quando a amiga lhe apresentou o garotinho lindo dizendo que era seu filho mais novo, ela não resistiu e exclamou:

— Mas, como, seu marido não morreu há cinco anos?

— Sim, é verdade — respondeu a outra, cheia de compreensão, sabedoria e calor que fazem os seres humanos — mas eu não!

MORAL: NÃO MORRE A PASSARADA QUANDO MORRE UM PÁSSARO.

FICÇÃO:

Quando sua redação for uma ficção, ou quando quiser fazer alusão a determinados tipos, aproveite os nomes próprios para auxiliar nas sugestões pretendidas

MONÓLOGO:

É um tipo de texto em que alguém expressa sua maneira de ser, seu interior, suas emoções, seu pensamento. É uma conversa consigo mesmo.

Se não tem ninguém para conversar e fala sozinho ("com seus próprios botões") ou com alguém (ou algo) que não pode responder, está, então, monologando.

Deveria falar-lhe, dizer-lhe o que sentia por ela? Talvez não pudesse conter as emoções toda vez que a visse. E então diria a ela tudo o que sempre quisera. Que a amara desde a primeira vez que a vira, que aguardava ansiosamente o momento em que a veria de novo. Que não hesitaria em fugir com ela, se essa fosse a condição para ficarmos juntos. Largaria tudo: casa, emprego, posição social, amigos...

APRESENTAÇÃO DA REDAÇÃO:

1.1 .O aluno deve preencher corretamente todos os itens do cabeçalho com letra legível.

1.2.Centralizar o título na primeira linha, sem aspas e sem grifo. O título pode apresentar interrogação desde que o texto responda à pergunta.

1.3. Pular uma linha entre o titulo e o texto, para então iniciar a redação.

1.4. Fazer parágrafos distando mais ou menos três centímetros da margem e mantê-los alinhados.

1.5. Não ultrapassar as margens (direita e esquerda) e também não deixar de atingi-las.

1.6. Evitar rasuras e borrões. Caso o aluno erre, ele deverá anular o erro com um traço apenas. .

1.7. Apresentar letra legível, tanto de fôrma quanto cursiva.

1.8. Distinguir bem as maiúsculas das minúsculas.

1.9. Evitar exceder o número de linhas pautadas ou pedidas como limites máximos e mínimos. Ficar aproximadamente entre cinco linhas aquém ou além dos limites.

1.10. Escrever apenas com caneta preta ou azul. O rascunho ou o esboço das idéias podem ser feitos a lápis e rasurados. O texto não será corrigido em caso de utilização de lápis ou caneta vermelha, verde etc. na redação definitiva.

OBSERVAÇÕES:

Números

A) Idade - deve-se escrever por extenso até o nº 10. Do nº 11 em diante devem-se usar algarismos;

B) Datas, horas e distâncias sempre em algarismos: 10h30min, 12h, 10m, 16m30cm, 10km (m, h, km, I, g, kg).

Palavras Estrangeiras

As que estiverem incorporadas aos hábitos lingüísticos devem vir sem aspas: marketing, merchandising, software, dark, punk, status, offlce-boy, hippie, show etc.

DISCURSO DIRETO, INDIRETO E INDIRETO LIVRE:

Enunciação e reprodução de enunciações

Comparando as seguintes frases:

"A vida é luta constante"
"Dizem os homens experientes que a vida é luta constante"

notamos que, em ambas, é emitido um mesmo conceito sobre a vida..

Mas, enquanto o autor da primeira frase enuncia tal conceito como tendo sido por ele próprio formulado, o autor da segunda o reproduz como tendo sido formulado por outrem.

Estruturas
de reprodução
de enunciações

Para dar-nos a conhecer os pensamentos e as palavras de personagens reais ou fictícias, os locutores e os escritores dispõem de três moldes lingüísticos diversos, conhecidos pelos nomes de: discurso direto, discurso indireto e discurso indireto livre.

Discurso direto

Examinando este passo do conto Guaxinim do banhado, de Mário de Andrade:

“O Guaxinim está inquieto, mexe dum lado pra outro. Eis que suspira lá na língua dele - “Chente! que vida dura esta de guaxinim do banhado!...”

verificamos que o narrado, após introduzir o personagem, o guaxinim, deixou-o expressar-se “Lá na língua dele”, reproduzindo-lhe a fala tal como ele a teria organizado e emitido.

A essa forma de expressão, em que o personagem é chamado a apresentar as suas próprias palavras, denominamos discurso direto.

Observação

No exemplo anterior, distinguimos claramente o narrador, do locutor, o guaxinim.

Mas o narrador e locutor podem confundir-se em casos como o das arrativas memorialistas feitas na primeira pessoa. Assim, na fala de Riobaldo, o personagem-narrador do romance de Grande Sertão: Veredas, de Guimarães Rosa.

“Assaz o senhor sabe: a gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda é num ponto muito mais embaixo, bem diverso do que em primeiro se pensou. Viver nem não é muito perigoso?”

Ou, também, nestes versos de Augusto Meyer, em que o autor, liricamente identificado com a natureza de sua terra, ouve na voz do Minuano o convite que, na verdade, quem lhe faz é a sua própria alma:

“Ouço o meu grito gritar na voz do vento:

- Mano Poeta, se enganche na minha garupa!”

Características do discurso direto

1. No plano formal, um enunciado em discurso direto é marcado, geralmente, pela presença de verbos do tipo dizer, afirmar, ponderar, sugerir, perguntar, indagar ou expressões sinônimas, que podem introduzi-lo, arrematá-lo ou nele se inserir:

"E Alexandre abriu a torneira:

- Meu pai, homem de boa família, possuía fortuna grossa, como não ignoram." (Graciliano Ramos)

"Felizmente, ninguém tinha morrido - diziam em redor." (Cecília Meirelles)

"Os que não têm filhos são órfãos às avessas", escreveu Machado de Assis, creio que no Memorial de Aires. (A.F. Schmidt)

Quando falta um desses verbos dicendi, cabe ao contexto e a recursos gráficos - tais como os dois pontos, as aspas, o travessão e a mudança de linha - a função de indicar a fala do personagem. É o que observamos neste passo:

"Ao aviso da criada, a família tinha chegado à janela. Não avistaram o menino:

- Joãozinho!

Nada. Será que ele voou mesmo?"

2. No plano expressivo, a força da narração em discurso direto provém essencialmente de sua capacidade de atualizar o episódio, fazendo emergir da situação o personagem, tornando-o vivo para o ouvinte, à maneira de uma cena teatral, em que o narrador desempenha a mera função de indicador das falas.

Daí ser esta forma de relatar preferencialmente adotada nos atos diários de comunicação e nos estilos literários narrativos em que os autores pretendem representar diante dos que os lêem "a comédia humana, com a maior naturalidade possível". (E. Zola)

Discurso indireto

1. Tomemos como exemplo esta frase de Machado de Assis:

"Elisiário confessou que estava com sono."

Ao contrário do que observamos nos enunciados em discurso direto, o narrador incorpora aqui, ao seu próprio falar, uma informação do personagem (Elisiário), contentando-se em transmitir ao leitor o seu conteúdo, sem nenhum respeito à forma lingüística que teria sido realmente empregada.

Este processo de reproduzir enunciados chama-se discurso indireto.

2. Também, neste caso, narrador e personagem podem confundir-se num só:

“Engrosso a voz e afirmo que sou estudante.” (Graciliano Ramos)

Características do discurso indireto

1. No plano formal verifica-se que, introduzidas também por um verbo declarativo (dizer, afirmar, ponderar, confessar, responder, etc), as falas dos personagens se contêm, no entanto, numa oração subordinada substantiva, de regra desenvolvida:

“O padre Lopes confessou que não imaginara a existência de tantos doudos no mundo e menos ainda o inexplicável de alguns casos.”

Nestas orações, como vimos, pode ocorrer a elipse da conjunção integrante:

“Fora preso pela manhã, logo ao erguer-se da cama, e, pelo cálculo aproximado do tempo, pois estava sem relógio e mesmo se o tivesse não poderia consultá-la à fraca luz da masmorra, imaginava podiam ser onze horas.”(Lima Barreto)

A conjunçào integrante falta, naturalmente, quando, numa construção em discurso indireto, a subordinada substantiva assume a forma reduzida.:

“Um dos vizinhos disse-lhe serem as autoridades do Cachoeiro.”(Graça Aranha)

2. No plano expressivo assinala-se, em primeiro lugar, que o emprego do discurso indireto pressupõe um tipo de relato de caráter predominantemente informativo e intelectivo, sem a feição teatral e atualizadora do discurso direto. O narrador passa a subordinar a si o personagem, com retirar-lhe a forma própria da expressão. Mas não se conclua daí que o discurso indireto seja uma construção estilística pobre. É, na verdade, do emprego sabiamente dosado de um e de outro tipo de discurso que os bons escritores extraem da narrativa os mais

variados efeitos artísticos, em consonância com intenções expressivas que só a análise em profundidade de uma dada obra pode revelar.

- **Transposição do discurso direto para o indireto**

Do confronto destas duas frases:

"- Guardo tudo o que meu neto escreve - dizia ela." (A.F. Schmidt)

"Ela dizia que guardava tudo o que o seu neto escrevia."

verifica-se que, ao passar-se de um tipo de relato para outro, certos elementos do enunciado se modificam, por acomodação ao novo molde sintático.

a)Discurso direto enunciado 1ª ou 2ª pessoa.

Exemplo: "-Devia bastar, disse ela; eu não me atrevo a pedir mais."(M. de Assis)

Discurso indireto: enunciado em 3ª pessoa:

"Ela disse que deveria bastar, que ela não se atrevia a pedir mais"

b)Discurso direto: verbo enunciado no presente:

"- O major é um filósofo, disse ele com malícia." (Lima Barreto)

Discurso indireto: verbo enunciado no imperfeito:

"Disse ele com malícia que o major era um filósofo."

c) Discurso direto: verbo enunciado no pretérito perfeito:

"- Caubi voltou, disse o guerreiro Tabajara."(José de Alencar)

Discurso indireto: verbo enunciado no pretérito mais-que-perfeito:

"O guerreiro Tabajara disse que Caubi tinha voltado."

d) Discurso direto: verbo enunciado no futuro do presente:

"- Virão buscar V muito cedo? - perguntei."(A.F. Schmidt)

Discurso indireto: verbo enunciado no futuro do pretérito:

"Perguntei se viriam buscar V. muito cedo"

e) Discurso direto: verbo no modo imperativo:

"- Segue a dança! , gritaram em volta. (A. Azevedo)

Discurso indireto: verbo no modo subjuntivo:

"Gritaram em volta que seguisse a dança."

f) Discurso direto: enunciado justaposto:

"O dia vai ficar triste, disse Caubi."

Discurso indireto: enunciado subordinado, geralmente introduzido pela integrante que:

"Disse Caubi que o dia ia ficar triste."

g) Discurso direto:: enunciado em forma interrogativa direta:

"Pergunto - É verdade que a Aldinha do Juca está uma moça encantadora?" (Guimarães Rosa)

Discurso indireto: enunciado em forma interrogativa indireta:

"Pergunto se é verdade que a Aldinha do Juca está uma moça encantadora."

h) Discurso direto: pronome demonstrativo de 1ª pessoa (este, esta, isto) ou de 2ª pessoa (esse, essa, isso).

"Isto vai depressa, disse Lopo Alves."(Machado de Assis)

Discurso indireto: pronome demonstrativo de 3ª pessoa (aquele, aquela, aquilo).

"Lopo Alves disse que aquilo ia depressa."

i) Discurso direto: advérbio de lugar aqui:

"E depois de torcer nas mãos a bolsa, meteu-a de novo na gaveta, concluindo:

- Aqui, não está o que procuro."(Afonso Arinos)

Discurso indireto: advérbio de lugar ali:

"E depois de torcer nas mãos a bolsa, meteu-a de novo na gaveta, concluindo que ali não estava o que procurava."

Discurso indireto livre

Na moderna literatura narrativa, tem sido amplamente utilizado um terceiro processo de reprodução de enunciados, resultante da conciliação dos dois anteriormente descritos. É o chamado discurso indireto livre, forma de expressão que, ao invés de apresentar o personagem em sua voz própria (discurso direto), ou de informar objetivamente o leitor sobre o que ele teria dito (discurso indireto), aproxima narrador e personagem, dando-nos a impressão de que passam a falar em uníssono.

Comparem-se estes exemplos:

"Que vontade de voar lhe veio agora! Correu outra vez com a respiração presa. Já nem podia mais. Estava desanimado. Que pena! Houve um momento em que esteve quase... quase!

Retirou as asas e estraçalhou-a. Só tinham beleza. Entretanto, qualquer urubu... que raiva... " (Ana Maria Machado)

"D. Aurora sacudiu a cabeça e afastou o juízo temerário. Para que estar catando defeitos no próximo? Eram todos irmãos. Irmãos." (Graciliano Ramos)

"O matuto sentiu uma frialdade mortuária percorrendo-o ao longo da espinha.

Era uma urutu, a terrível urutu do sertão, para a qual a mezinha doméstica nem a dos campos possuíam salvação.

Perdido... completamente perdido...”

(H. de C. Ramos)

- **Características do discurso indireto livre** :

Do exame dos enunciados em itálico comprova-se que o discurso indireto livre conserva toda a afetividade e a expressividade próprios do discurso direto, ao mesmo tempo que mantém as transposições de pronomes, verbos e advérbios típicos do discurso indireto. É, por conseguinte, um processo de reprodução de enunciados que combina as características dos dois anteriormente descritos.

1. No plano formal, verifica-se que o emprego do discurso indireto livre “pressupõe duas condições: a absoluta liberdade sintática do escritor (fator gramatical) e a sua completa adesão à vida do personagem (fator estético) “ (Nicola Vita In: Cultura Neolatina).

Observe-se que essa absoluta liberdade sintática do escritor pode levar o leitor desatento a confundir as palavras ou manifestações dos locutores com a simples narração. Daí que, para a apreensão da fala do personagem nos trechos em discurso indireto livre, ganhe em importância o papel do contexto, pois que a passagem do que seja relato por parte do narrador a enunciado real do locutor é, muitas vezes, extremamente sutil, tal como nos mostra o seguinte passo de Machado de Assis:

“Quincas Borba calou-se de exausto, e sentou-se ofegante. Rubião acudiu, levando-lhe água e pedindo que se deitasse para descansar; mas o enfermo após alguns minutos, respondeu que não era nada. Perdera o costume de fazer discursos é o que era.”

2. No plano expressivo, devem ser realçados alguns valores desta construção híbrida:

a) Evitando, por um lado, o acúmulo de quês, ocorrente no discurso indireto, e, por outro lado, os cortes das oposições dialogadas peculiares ao discurso direto, o discurso indireto livre permite uma narrativa mais fluente, de ritmo e tom mais artisticamente elaborados;

b) O elo psíquico que se estabelece entre o narrador e personagem neste molde frásico torna-o o preferido dos escritores memorialistas, em suas páginas de monólogo interior;

c) Finalmente, cumpre ressaltar que o discurso indireto livre nem sempre aparece isolado em meio da narração. Sua "riqueza expressiva aumenta quando ele se relaciona, dentro do mesmo parágrafo, com os discursos direto e indireto puro", pois o emprego conjunto faz que para o enunciado confluam, "numa soma total, as características de três estilos diferentes entre si".

(Celso Cunha *in* Gramática da Língua Portuguesa, 2ª edição, MEC-FENAME.)

Dissertação no Enem:

As qualidades do texto valorizadas
pelo Enem são o uso de conhecimentos
de várias áreas, a utilização dos
materiais de apoio e a linguagem direta, simples e correta

O Enem, a proposta da redação é um texto dissertativo. A dissertação é um dos três "gêneros escolares" mais exercitados no ensino médio. Trata-se de uma redação que apresenta a opinião do autor de modo direto, sem a intermediação de personagens, enredos ou de qualquer tipo de recurso que esteja além da sintaxe mais regular possível. Portanto, não seria um exagero afirmar que é, de todos, o gênero mais simples de ser concebido. Mesmo assim, a hora do exame pode ser muito incômoda para o exercício de tanta simplicidade, não é mesmo?
Nem sempre desenvolver um texto que exponha a opinião do autor é tarefa fácil, quando esse autor dispõe de um horário e de um tempo "limitadíssimo". Por isso, preparamos algumas dicas para você:

- Dissertações propostas em exames nacionais, nos concursos públicos e mesmo no dia-a-dia do ensino médio querem medir a competência que o autor tem para lidar com um tema da atualidade.
- Essa competência diz respeito ao modo pelo qual o estudante organiza sua opinião.

- A opinião do estudante/autor deve evoluir com consistência durante a leitura que o avaliador fará.
- A consistência se adquire com argumentos razoáveis, plausíveis, aceitos pela maioria das pessoas.
- As propostas de redação nos vestibulares e no Enem não exigem que o candidato resolva os problemas do Brasil ou do mundo em 30 linhas, e é por isso mesmo que a dissertação não deve apresentar soluções definitivas para certos temas. Redações vagas, como: "Devemos nos unir!"; Vamos reciclar o planeta!"; "A sociedade não pode mais ficar imóvel" — são lidas como ingênuas e frágeis.
- No lugar da "panfletagem" é melhor organizar argumentos de modo a convencer o leitor de que seu texto é coerente e suficientemente denso para levá-lo às suas próprias conclusões.

Exigências na redação do ENEM

I. Demonstrar domínio da norma culta da língua escrita.
II. Compreender a proposta de redação e aplicar conceitos das várias áreas de conhecimento para desenvolver o tema, dentro dos limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo.
III. Selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista.
IV. Demonstrar conhecimento dos mecanismos lingüísticos necessários para a construção da argumentação.
V. Elaborar proposta de solução para o problema abordado, mostrando respeito aos valores humanos e considerando a diversidade sociocultural.

ENTÃO, O QUE FAZER...

Um bom caminho é desenvolver um plano de texto. E, para aqueles que acham que não é possível estudar para a prova de redação, segue uma orientação que demonstra o contrário.
1. Leia a proposta feita pelo Enem com todo o cuidado possível;
2. Destaque os elementos que compõem o tema proposto;
3. Elabore um breve questionamento com base nos próprios dados apresentados pela prova. Isso vai ajudá-lo, mais tarde, a compor a apresentação do tema proposto e a elaborar argumentos.

4. Lembre-se de que você não deve escrever apenas com reflexões pessoais. É muito importante estar bem acompanhado. Citações, ainda que parciais, trazem respeitabilidade para o texto.

5 Comece a arregimentar idéias que sustentem sua opinião sobre o tema. Filmes que você viu, livros que leu, conceitos, fatos que aprendeu em aulas de geografia, de história, de química, de filosofia... Relacione pensamentos, autores e obras artísticas de amplo reconhecimento.

Plano e roteiro

E muitas disciplinas escolares, estudar bem é treinar bem. Quem seguir as instruções anteriores, a partir de provas do Enem de anos anteriores, terá realizado um bom treino para o exame que vem pela frente. Veja nossas sugestões. Trata-se de um plano de texto e de um roteiro idealizados com base no último exame. Veja abaixo a proposta de redação do Enem 2006.

Proposta de redação – Enem 2006

Uma vez que nos tornamos leitores da palavra, invariavelmente estaremos lendo o mundo sob a influência dela, tenhamos consciência disso ou não. A partir de então, mundo e palavra permearão constantemente nossa leitura e inevitáveis serão as correlações, de modo intertextual, simbiótico, entre realidade e ficção.

Lemos porque a necessidade de desvendar caracteres, letreiros, números faz com que passemos a olhar, a questionar, a buscar decifrar o desconhecido. Antes mesmo de ler a palavra, já lemos o universo que nos permeia: um cartaz, uma imagem, um som, um olhar, um gesto. São muitas as razões para a leitura. Cada leitor tem a sua maneira de perceber e de atribuir significado ao que lê.

Inajá Martins de Almeida. O ato de ler.
Internet: www.amigosdolivro.com.br (com adaptações).

Minha mãe muito cedo me introduziu aos livros.
Embora nos faltassem móveis e roupas, livros não
poderiam faltar. E estava absolutamente certa.
Entrei na universidade e tornei-me escritor. Posso
garantir: todo escritor é, antes de tudo, um leitor.

Moacyr Scliar. O poder das letras. In: TAM Magazine,
jul./2006, p. 70 (com adaptações).

Existem inúmeros universos coexistindo com o nosso, neste exato instante, e todos bem perto de nós. Eles são bidimensionais e, em geral, neles imperam o branco e o negro.

Estes universos bidimensionais que nos rodeiam guardam surpresas incríveis e inimagináveis! Viajamos instantaneamente aos mais remotos pontos da Terra ou do Universo; ficamos sabendo os segredos mais ocultos de vidas humanas e da natureza; atravessamos eras num piscar de olhos; conhecemos civilizações desaparecidas e outras que nunca foram vistas por olhos humanos.

Estou falando dos universos a que chamamos de livros. Por uns poucos reais podemos nos transportar a esses universos e sair deles muito mais ricos do que quando entramos.
Internet: www.amigosdolivro.com.br (com adaptações).

Considerando que os textos acima têm caráter apenas motivador, redija um texto dissertativo a respeito
do seguinte tema:

Conceitos e Noções Gerais de Dissertação

Existem dois tipos de dissertação: a dissertação expositiva e a dissertação argumentativa. A primeira tem como objetivo expor, explicar ou interpretar idéias; a segunda procura persuadir o leitor ou ouvinte de que determinada tese deve ser acatada. Na dissertação argumentativa,

além disso, tentamos, explicitamente, formar a opinião do leitor ou ouvinte, procurando persuadi-lo de que a razão está conosco.

Na dissertação expositiva, podemos explanar sem combater idéias de que discordamos. Por exemplo, um professor de História pode fazer uma explicação sobre os modos de produção, aparentando impessoalidade, sem tentar convencer seus alunos das vantagens das vantagens e desvantagens deles. Mas, se ao contrário, ele fizer uma explanação com o propósito claro de formar opinião dos seus alunos, mostrando as inconveniências de determinado sistema e valorizando um outro, esse professor estará argumentando explicitamente.

Para a argumentação ser eficaz, os argumentos devem possuir consistência de raciocínio e de provas. O raciocínio consistente é aquele que se apóia nos princípios da lógica, que não se perde em especulações vãs, no “bate-boca”estéril. As provas, por sua vez, servem para reforçar os argumentos. Os tipos mais comuns de provas são: os fatos-exemplos, os dados estatísticos e o testemunho.

Relação entre causa e conseqüência :

Você possui um tema para ser analisado. Neste caso, a melhor forma de desenvolvê-la é estabelecer a relação causa-

conseqüência. Vamos à prática com o seguinte tema:

Tema :

Constatamos que no Brasil existe um grande número de correntes migratórias que se deslocam do campo para as médias ou grandes cidades.

Para encontrarmos uma causa, perguntamos:

Por quê?

ao tema acima. Dentre as respostas possíveis, poderíamos citar o seguinte fato:

Causa:

A zona rural apresenta inúmeros problemas que dificultam a permanência do homem no campo.

No sentido de encontrar uma conseqüência para o problema enfocado no tema acima, cabe a seguinte pergunta:

O que acontece em razão disso?

Uma das possíveis respostas seria:

Consequência

As cidades encontram-se despreparadas para absorver esses migrantes e oferecer-lhes condições de subsistência e de trabalho

Veja que a causa e a conseqüência citadas neste exemplo podem ser perfeitamente substituídas por outras, encontradas por você, desde que tenham relação direta com o assunto. As sugestões apresentadas de maneira nenhuma são as únicas possíveis.

Veja outros exemplos:

Causa: As pessoas mais velhas têm medo do novo, elas são mais conservadoras, até em assuntos mais prosaicos.

Tema: Muitas pessoas são analfabetas eletrônicas, pois não conseguem operar nem um videocassete.

Consequência: Elas se tornam desajustadas, pois dependem dos mais jovens até para ligar um forno microondas, elas precisam acompanhar a evolução do mundo.

Causa: A nação que deixa depredar as construções

consideradas como patrimônios históricos destrói parte da História de seu país.

Tema: É de fundamental importância a preservação das construções que se constituem em patrimônios históricos.

Consequência: Isso demonstra claramente o subdesenvolvimento de uma nação, pois quando não se conhece o passado de um povo e não se valorizam suas tradições, estamos desprezando a herança cultural deixada por nossos antepassados.

Causa: A maioria dos parlamentares preocupa-se muito mais com a discussão dos mecanismos que os fazem chegar ao poder do que com os problemas reais da população.

Tema: A maior parte da classe política não goza de muito prestígio e confiabilidade por parte da população.

Consequência: Os grandes problemas que afligem o povo brasileiro deixam de ser convenientemente discutidos.

Causa: Algumas pessoas refugiam-se nas drogas na tentativa de esquecer seus problemas.

Tema: Muitos jovens deixam-se dominar pelo vício em diversos tipos de entorpecentes, mal que se alastra cada vez mais em nossa sociedade.

Consequência: Acabam formando-se dependentes dos psicóticos dos quais se utilizam e, na maioria das vezes, transformam-se em pessoas inúteis para si mesmas e para a comunidade.

A estruturação do parágrafo :

(Parágrafo-padrão)

O parágrafo-padrão é uma unidade de composição constituída por um ou mais de um período, em que se desenvolve determinada idéia central, ou nuclear, a que se agregam outras, secundárias, intimamente relacionadas pelo sentido e logicamente decorrentes dela.

O parágrafo é indicado por um afastamento da margem esquerda da folha. Ele facilita ao escritor a tarefa de isolar e depois ajustar convenientemente as idéias principais de sua composição, permitindo ao leitor acompanhar-lhes o desenvolvimento nos seus diferentes estágios.

O tamanho do parágrafo

Os parágrafos são moldáveis como a argila, podem ser aumentados ou diminuídos, conforme o tipo de redação, o leitor e o veículo de comunicação onde o texto vai ser divulgado. Se o escritor souber variar o tamanho dos parágrafos, dará colorido especial ao texto, captando a atenção do leitor, do começo ao fim. Em princípio, o parágrafo é mais longo que o período e menor que uma página impressa no livro, e a regra geral para determinar o tamanho é o bom senso.

Parágrafos curtos:

Próprios para textos pequenos, fabricados para leitores de pouca formação cultural. A notícia possui parágrafos curtos em colunas estreitas, já artigos e editoriais costumam ter parágrafos mais longos. Revistas populares, livros didáticos destinados a alunos iniciantes, geralmente, apresentam parágrafos curtos.

Quando o parágrafo é muito longo, o escritor deve dividi-lo em parágrafos menores, seguindo critério claro e definido. O parágrafo curto também é empregado para movimentar o texto, no meio de longos parágrafos, ou para enfatizar uma idéia.

Parágrafos médios

Comuns em revistas e livros didáticos destinados a um leitor de nível médio (2º grau). Cada parágrafo médio construído com três períodos que ocupam de 50 a 150 palavras. Em cada página de livro cabem cerca de três parágrafos médios.

Parágrafos longos

Em geral, as obras científicas e acadêmicas possuem longos parágrafos, por três razões: os textos são grandes e consomem muitas páginas; as explicações são complexas e exigem várias idéias e especificações, ocupando mais espaço; os leitores possuem capacidade e fôlego para acompanhá-los.

TÓPICO FRASAL:

A idéia central do parágrafo é enunciada através do período denominado tópico frasal (também chamado de frase-síntese ou período tópico). Esse período orienta ou governa o resto do parágrafo; dele nascem outros períodos secundários ou periféricos; ele vai ser o roteiro do escritor na construção do parágrafo; ele é o período mestre, que contém a frase-chave. Como o enunciado da tese, que dirige a atenção do leitor diretamente para o tema central, o tópico frasal ajuda o leitor a agarrar o fio da meada do raciocínio do escritor; como a tese, o tópico frasal introduz o assunto e o aspecto desse assunto, ou a idéia central com o potencial de gerar idéias-filhote; como a tese, o tópico frasal é enunciação argumentável, afirmação ou negação que leva o leitor a esperar mais do escritor (uma explicação, uma prova, detalhes, exemplos) para completar o parágrafo ou apresentar um raciocínio completo. Assim, o tópico frasal é enunciação, supõe desdobramento ou explicação.

A idéia central ou tópico frasal geralmente vem no começo do parágrafo, seguida de outros períodos que explicam ou detalham a idéia central.

Exemplos:

Ao cuidar do gado, o peão monta e governa os cavalos sem maltrátá-los. O modo de tratar o cavalo parece rude, mas o vaqueiro jamais é cruel. Ele sabe como o animal foi domado, conhece as qualidades e defeitos do animal, sabe onde, quando e quanto exigir do cavalo. O vaqueiro aprendeu que paciência e muitos exercícios são os principais meios para se obter sucesso na lida com os cavalos, e que não se pode exigir mais do que é esperado.

A distribuição de renda no Brasil é injusta. Embora a renda per capita brasileira seja estimada em U$$2.000 anuais, a maioria do povo ganha menos, enquanto uma minoria ganha dezenas ou centena de vezes mais. A maioria dos trabalhadores ganha o salário mínimo, que vale U$$112 mensais; muitos nordestinos recebem a metade do salário mínimo,. Dividindo essa pequena quantia por uma família onde há crianças e mulheres, a renda per capita fica ainda mais reduzida; contando-se o número de desempregados, a renda diminui um pouco mais. Há pessoas que ganham cerca de U$$10.000 mensais, ou U$$ 120.000 anuais; outras ganham muito mais, ainda. O contraste entre o pouco que muitos ganham e o muito que poucos ganham prova que a distribuição de renda em nosso país é injusta.

DICAS IMPORTANTES GERAIS E RESUMIDAS PARA A ELABORAÇÃO DE REDAÇÕES:

Escreva as palavras por extenso. As abreviações são consideradas incorretas. Portanto, não use abreviações quando no corpo do texto de sua redação.

ERRADO	CERTO
P/, c/, tá, pra, qdo	Para, com, está, para, quando
Prof., edif., pop	Professor, edifício, população
Fone, cine	Telefone, cinema

Quando quiser, em narrações, fazer sentir a atenção dada pela personagem às próprias ações, mostre os pormenores da cena.

Colocou cuidadosamente o cristal sobre a mesa, pegando a taça com a ponta dos dedos, pressionando-a levemente, mas com firmeza. Aproximava-a da mesa muito lentamente, quase sem fazer barulho algum ao tocá-la.

Se desejar mostrar ações sucessivas da personagem, efetuadas sem pressa e valorizadas uma a uma, separe-as em períodos diferentes.

Entrou na sala. Caminhou lentamente em direção ao cofre. Observou se o sistema de segurança estava desativado. Tirou o quadro da parede. Passou a girar lentamente o segredo do cofre, escutando atentamente quando daria o estalo que lhe permitiria abri-lo com segurança.

Para construir na narrativa a idéia de rapidez, use períodos curtos. Se buscar transmitir a sensação de um longo tempo transcorrido, use frases extensas.

Correu até o outro lado da rua. Girou a chave na fechadura. Entrou no prédio. Acenou para o porteiro. Entrou no elevador.

Estacionou o carro na frente do prédio, observando se a esposa já havia descido. Abriu a caixa de discos, escolhendo o que faria a mulher lembrar dos tempos de namoro. Reclinou o banco do automóvel, baixando o volume do rádio; pensou que a mulher estava atrasada; devia estar escolhendo seu melhor vestido ou talvez terminando de fazer a maquiagem com o cuidado que a ocasião merecia.

Acentos ;coloque-os com clareza e corretamente, e não simples traços displicentes (em pé ou deitados). O acento grave, levemente voltado para a esquerda; o agudo, levemente inclinado para a direita.

Tanto o acento grave, quanto o agudo e o circunflexo, devem ser colocados bem próximos das respectivas letras e bem centralizados (e não distantes e de lado).

O acento não pode ser um *risquinho* qualquer, torto, deformado, ilegível. Tem que ser escrito de maneira correta, clara e precisa.

Faça-os de tamanho normal, nem demasiado grandes, nem demasiado pequenos.

Verifique sempre a acentuação dos vocábulos.

Procure conhecer as regras de acentuação sem, contudo, decorá-las como papagaio.

Uma técnica de aprendizagem infalível: Estude o assunto, por exemplo, em mais de dois autores, fazendo, depois, os respectivos exercícios. Proceda da mesma forma com os demais assuntos de gramática, que jamais precisará tomar curso de Português desse capítulo.

Evite frases ambíguas (confusas) ou de duplo sentido. Ocorrem em conseqüência da má pontuação ou da má colocação das palavras.

A ambigüidade deve ser evitada com a utilização de termos que expressem clara e objetivamente o que se pretende mostrar.

FRASES AMBÍGUAS	CORRIJA AS EXPRESSÕES GRIFADAS PARA	OU
Alice saiu com **sua irmã**.	a irmã dela	a irmã de uma amiga
Vi José beijando **sua namorada**.	a namorada dele	a namorada de um amigo
Um ladrão foi preso **em sua casa**.	na casa dele	na casa da vítima
João ficou com Mariana **em sua casa**.	na casa dela	na casa dele
Pintaram o quarto da casa **em que durmo**.	no qual durmo	na qual durmo

A redação poderá ser anulada, ou receber nota zero, se:

Estiver ilegível.

Fugir do assunto.

For escrita a lápis.

For escrita com rasuras e sem título.

For apresentada sob a forma de verso.

Não obedecer ao espaço e ao número de parágrafos determinados.

Não seguir as instruções relativas ao tema escolhido.

Tiver menos ou mais linhas do que a quantidade preestabelecida.

Contiver cópias das idéias do texto de motivação, quando este for dado.

Contiver elemento que identifique o candidato (como letra de forma ou de imprensa, por exemplo).

Use o aposto — explicação sobre um termo ou expressão da frase — quando, ao mesmo tempo que caracterizar, você pretender explicar a própria atitude da personagem.

Mariana, enfurecida, arremessou o valioso colar no rio.

A Universidade pública deve ser defendida por todos, ricos ou pobres.

O estudo do Romeno, língua neolatina como o Português, pode ser bastante facilitado com o uso de uma gramática comparativa.

Não comece a redação com períodos longos. Exponha logo suas idéias.

Não fundamente seus argumentos com fatos que não sejam de domínio público.

Os argumentos do desenvolvimento da redação devem surpreender o leitor. Suas idéias precisam ser *saborosas* para atrair sua atenção.

Dê sua opinião, argumentando. Não use expressões como *eu acho*, *eu penso*, *para mim* ou *quem sabe*, pois denotam imprecisão em suas ponderações. É preciso mostrar conhecimento e domínio sobre o tema que está escrevendo.

Vêm entre aspas:

Os estrangeirismos (as palavras estrangeiras): “Pizzaria”, “mobylette”, “show”, “vídeo game”. Observação: Matinê, buate e pingue-pongue, no entanto, não vêm entre aspas, por serem estrangeirismos aportuguesados.

Os apelidos: “Zezinho”, “Juca”, “Nice”.

As citações que não sejam de sua autoria: “Oxalá não se me fechem os olhos sem que o queira Deus”. (Rui Barbosa). “Se viveres com dignidade, não melhorarás o mundo, mas uma coisa é certa, haverá na terra um canalha a menos” (Confúcio). Observação: As citações, quando não colocadas entre aspas, constituem plágio, o que é errado e desonesto. Plagiar, segundo o dicionário do Aurélio, é “assinar ou apresentar como seu obra artística ou científica de outrem” (de outro autor).

As gírias. Isto é, as palavras usadas em sentido figurado. A festa foi um “barato” (ótima, “legal”). Não “saquei” (entendi) nada. Aliás, evite usar gírias.

Qualidade da letra, margem, espaços entre as palavras, legibilidade, limpeza, pontuação, facilidade de leitura, parágrafos (espaços), períodos (se não deixou períodos longos).

É a ausência de conjunções coordenativas no período composto.

Cheguei, vi, venci.

O barco veio, chegou, atracou, chegamos.

A autocrítica pode ser essencial quando se deseja melhorar o texto.

Avalie o texto. Verifique se as frases soam bem, se não contêm cacófatos ou rimas. Começou bem a redação e terminou-a melhor ainda?

A avaliação de uma redação segue um critério rigoroso, pois está relacionada à norma culta da língua portuguesa. Além da parte específica de gramática, muitas vezes recorre-se à grafologia para verificar-se o perfil psicológico e pendores vocacionais do candidato à função que pleiteia.

Estrangeirismo é a utilização de palavras ou construções estranhas à língua portuguesa. Evite usá-lo.

ESTRANGEIRISMOS	PREFIRA
Show	espetáculo
Jeans	calça de brim

Evite construções complexas. Leia o texto várias vezes para ter certeza de que ficou claro e preciso.

Não há pontuação após os dados do cabeçalho.

Faça o cabeçalho de sua redação completo, com todos os dados indispensáveis, dentro da estética, ou seja, organizado, perfeitamente alinhado um embaixo do outro e no centro do papel.

Cacofonia é o encontro de sílabas que formam palavras de sentido ridículo ou obsceno, com a produção de som desagradável.

ORAÇÕES COM CACÓFATOS	ESCREVA-AS ASSIM
Meu coração por ti gela.	Meu coração gela por ti.
Vou-me já para casa.	Já estou indo para casa.
O noivo beijou a boca dela.	O noivo beijou-a na boca.
Nunca gaste dinheiro com bobagens.	Jamais gaste dinheiro com bobagens.

Escreva com capricho e nitidez, procurando tornar sua grafia clara, uniforme e bem legível.

Se tiver a grafia ruim, faça de tudo para melhorá-la, porque uma redação escrita com capricho e grafia bonita impressiona favoravelmente.

Não invente traços novos nas letras e não enfeite demais as maiúsculas, pois o leitor do texto pode não compreender o que você está escrevendo.

Observe os seres no que têm de mais característico. Procure traduzir essas impressões ou os fatos sem se alongar em considerações desnecessárias, que nada acrescentem de importante à cena ou ao fato.

Ombros curvados, cabelos escuros que o pente mal vira, passos arrastados – um homem ainda moço, levando consigo a carga de uma pesada e infeliz vida.

Em um canto, calada, estava Maria, com seus grandes olhos negros, cabelos que caíam em cascata pelos ombros, dona de uma beleza intrigante e misteriosa. Para ela tudo era novo e assustador.

Para descrever aspectos de uma cena, veja se deve empregar pronomes indefinidos ou adjuntos adverbiais, de modo a ordená-la.

A escada já lhe era conhecida. No entanto, uma passadeira nova cobria os degraus desgastados, tentando trazer um pouco de claridade e alegria ao ambiente envelhecido e quase sem vida.

Uma mulher ainda jovem procurava o endereço que trazia nas mãos. Seu olhar vagava aflito. Quem a observasse poderia confundir aquela expressão ansiosa... Na verdade, o que ela esperava é que, realmente, o tal endereço não existisse.

Evite-os, pois empobrecem o texto e demonstram a ausência de originalidade, falta de imaginação e de bom gosto.

A inflação galopante, rigoroso inquérito, vitória esmagadora, astro-rei.

Caixinha de surpresas, nos píncaros da glória, encerrar com chave de ouro, nos primórdios da humanidade.

Não é fácil falar a respeito de… Bem, eu acho que… A esperança é a última que morre. …um dos problemas mais discutidos da atualidade.

Redija frases curtas e, portanto, use ponto à vontade.

Escreva com toda a simplicidade e clareza, sem embolar o assunto. Ser claro é ser coerente, conciso, não se contradizer.

São inimigos da clareza: a desobediência às normas da língua, os períodos longos e o vocabulário difícil, rebuscado ou impreciso.

O segredo está em não deixar nada subentendido, nem imaginar que o leitor sabe o que se quer dizer. Evidencie todo o conteúdo da escrita. Lembre-se de que está dando uma opinião, desenvolvendo idéias, narrando um fato. O mais importante é fazer-se entender.

TEXTOS EMBOLADOS— CONFUSOS	CORREÇÃO
Participei de um campeonato tirei segundo lugar em ping-pong e ganhei medalha de prata.	*Participei de um campeonato de "ping-pong", no qual tirei segundo lugar, tendo ganhado uma medalha de prata*. NOTA: "Ping-pong", entre aspas, por ser estrangeirismo.
Comemoramos o aniversário de meu pai que foi uma surpresa para ele, fizemos um churrasco com muitas bebidas.	*Comemoramos o aniversário de meu pai e, como surpresa para ele, fizemos-lhe um churrasco com muitas bebidas*.

Na hora de ir embora nós fomos pela canoa, a mesma começou a balançar, eu na ponta da canoa fazendo a danada balançar, teve uma vez que a canoa quase emborcava, eu tomei um choque.	*Na hora de voltarmos, viemos numa canoa que começou a balançar, sendo que eu, que estava na ponta da canoa, fi-la balançar mais ainda. Houve um momento em que ela quase emborcava, quando tomei um grande susto*. ATENÇÃO: "Tomar um choque" é receber uma descarga elétrica. Portanto, a expressão está usada indevidamente. No caso, a expressão adequada é "tomar um susto".

A coerência entre todas as partes do texto é fator primordial para se escrever bem. É necessário que elas formem um todo, ou seja, que estabeleçam uma ordem para as idéias, se completem e formem o corpo da narrativa. Explique, mostre as causas e as conseqüências.

Em muitas redações fica patente a falta de coerência. O candidato apresenta um argumento e o contradiz mais adiante. As idéias contidas no texto devem estar interligadas de maneira lógica. O vestibulando não pode expor uma opinião no início do texto e desmenti-la no final. Deve-se ter cuidado redobrado para não se cometer esse tipo de erro.

Em vestibular da FUVEST, o candidato saiu-se com a seguinte frase: "...*a palidez do sol tropical refletia nas águas do rio Amazonas*". Convenhamos que o sol tropical pode ser acusado de muitas coisas, menos de palidez. O riso provocado pela leitura do texto poético é derivado de um caso de incoerência no uso da imagem.

A falta de coesão provoca a redundância. Fica-se dando voltas num assunto, sem acrescentar-lhe nada de novo. É típico de quem não tem informação suficiente para compor o texto.

Em lugar de: Comprei sorvetes. Dei os sorvetes a meus filhos.

Deve-se usar: Comprei sorvetes. Dei-os a meus filhos.

Colição é a seqüência desagradável de consoantes ou sílabas idênticas.

ORAÇÕES COM COLISÃO	REDAÇÃO MELHOR
Jorge já jantou.	Jorge acabou de jantar.

O rato roeu a roupa da rainha.	O rato roeu os nobres tecidos que compunham os trajes da rainha.

Uso da língua na forma como é escrita, ou seja, é uma armadilha para o aluno o emprego de termos coloquiais, gíria e jargão. Expressões coloquiais só são aceitas na reprodução de diálogos. Isso não significa que o texto tenha de ser empolado, de difícil entendimento.

Evite usar as expressões: *só que*, *que nem*, *é o seguinte*, etc.

Uma redação não é nenhum *bicho de sete cabeças*. Respire fundo. Três vezes. Devagarinho. Deixe o ar chegar lá em baixo, no fundão da barriga. Visualize o umbigo. Sorria para ele. Por dentro e por fora. Escolha uma frase bem atraente. Pode ser uma declaração, uma citação, uma pergunta, um verso, a letra de uma música. Depois desenvolva o seu tema. Cada idéia num parágrafo. Por fim, conclua. Com fecho de ouro.

Em situações de comunicação descontraída e, sobretudo, oral, você pode, conforme o caso, substituir o futuro do presente pelo imperativo.

Não saia (sairás) até que tenhamos concluído esta conversa.

Eu não sabia que ele era o meu pai. Veja (verás) que não minto, basta que me dê a oportunidade de provar.

Elimine palavras ou expressões desnecessárias.

Escreva com clareza e, na medida do possível, diga muito com poucas palavras.

Concisão, clareza, coesão e elegância: palavras-chaves que definem um texto competente num exame vestibular.

Seja claro, preciso, direto, objetivo e conciso. Use frases curtas e evite intercalações excessivas ou ordens inversas desnecessárias.

O aluno deve expressar o pensamento com o menor número de palavras possível. Aquilo que é desnecessário deve ser eliminado. A concisão dá ênfase ao estilo. O prolixo prejudica e enfraquece o texto, além de tirar o brilho de suas idéias.

EM VEZ DE	EMPREGUE
...neste momento nós acreditamos.	*...acreditamos*.
Travar uma discussão.	*Discutir*.

Não conclua sua redação, jamais, com as seguintes terminologias: *concluindo*, *em resumo*, *nada mais havendo*, *poderia ter feito melhor*, *como o tempo foi curto*, etc.

Termine-a, sim, com conclusões consistentes (e não com evasivas).

Cuidado para não cometer erros gramaticais, como de concordância.

Lembre-se de que o verbo sempre concordará com o sujeito e os nomes devem estar concordando entre si.

ERRADO	CERTO
Falta cinco alunos.	Faltam cinco alunos.
Fazem dez dias que não chove.	Faz dez dias que não chove.
Minas férias começou.	Minhas férias começaram. (plural, com plural, isto é, férias concordando com começaram).
Os meninos saltavam descalço sobre as poças d´água da rua.	Os meninos saltavam descalços sobre as poças d´água da rua.

Use todo o seu conhecimento gramatical. Faça um rascunho e ao passar o texto a limpo, observe se faltam acentos, sinais de pontuação, se há erros de grafia, termos de gíria, impropriedade vocabular.

Seja cauteloso ao utilizar as conjunções *como*, *entretanto*, *no entanto*, *porém*. Quase sempre são dispensáveis.

Evite o exagero de conectivos (conjunções e pronomes relativos) para evitar a repetição e para não alongar períodos.

Para mostrar hipóteses diferentes, as dúvidas e conflitos de reflexão da personagem, explore as conjunções alternativas e adversativas.

Sim, sou homem e deixei-me levar por meus instintos. Como a senhora deve saber, sou respeitador. Nada farei que desabone a minha conduta.

Elvira era simplesmente uma entre as outras empregadas domésticas da mansão. Tinha, no entanto, seus sonhos, alguns até mesmo ousados, e uma quase certeza de conseguir alcançá-los. Mas como? Decidiu, após muito pensar. Se ficasse mais algum tempo naquele trabalho, poderia conseguir uma promoção para chefe das serviçais ou, pelo menos, um aumento no ordenado, já que desempenhava com esmero suas funções. E, a partir dessa convicção, tornou-se exemplar.

Quando quiser descrever um conjunto, empregue termos indicadores de lugar que revelem posição, aproximação ou afastamento de aspectos diferentes do conjunto.

Estavam todos os cavaleiros em volta da mesa. Nem todos, porém, tinham o mesmo prestígio na corte. Perto do rei estavam os mais destacados nobres: Marcelo, à esquerda; Eduardo, à direita. O primeiro trajava negro com as insígnias reais e o brasão de família. O segundo trajava azul e não trazia insígnias. Uma armadura reforçada cobria seu tórax.

Não escreva construções como *lá em Recife*, *aqui em Salvador* mas, sim, *em Recife*, *em Salvador*.

Um bom texto não é apenas o texto correto, sem erros gramaticais. Ele deve ter conteúdo.

O conteúdo, que vale, no mínimo, 5 (cinco) pontos numa redação, não pode ser ridículo, nem infantil, mas deve ser simples.

Tome-se, como exemplo, o seguinte tema: O Acidente Nuclear de Chernobyl. Ao redigir sobre esse tema, não se pode esquecer, de forma alguma, de abordar os seguintes assuntos:

Nos próximos 30 (trinta) anos ainda vão morrer mais de 5 mil pessoas na Rússia e em países circunvizinhos, em conseqüência desse acidente.

A economia dos países vizinhos foi enormemente prejudicada, porque eles foram contaminados pela radioatividade.

Mais de 100 mil habitantes da cidade de Kiev foram evacuados, para que ela fosse despoluída, tornando-se uma cidade fantasma.

Os programas de energia nuclear foram quase totalmente paralisados, em todo o mundo, em razão dessa terrível tragédia.

Ficou comprovado, com esse acidente, que o homem ainda não está dominando, inteiramente, com segurança, a tecnologia da energia nuclear. A sua utilização e expansão, portanto, precisa ser repensada.

Faça sempre uma análise crítica do que escreveu, como, por exemplo, através das seguintes perguntas: Sua redação é interessante? A leitura do texto é agradável? Tem boas idéias? O texto dá uma boa idéia daquilo que foi descrito? O texto está bem organizado?

Presume-se que o candidato prestes a ingressar numa universidade tenha certa cultura. Assim sendo, não pode encarar o tema da redação de modo infantil ou rasteiro. É por meio do conteúdo, especialmente, que o professor irá aquilatar a capacidade ou o grau de conhecimento do aluno.

Para desenvolver a impressão de contradição, use conjunções adversativas. Se for o caso, varie as conjunções, observando as que se prestam a determinada situação.

Um homem gordo, bem vestido, porém sem pompa, saiu logo a seguir. Dirigiu-se ao carro, com passo leve e animado, mas não entrou.

O caso estava praticamente resolvido, mas alguma coisa ainda perturbava o Inspetor. A testemunha jurara ter dito a verdade, contudo sua voz não parecia firme como deveria estar naquela circunstância.

Para manter a curiosidade do leitor com relação a personagens (ou cenário) contrastantes, oponha um a um os elementos em contraste.

Letícia, bonita, rica e cheia de preconceitos, olhava com desprezo a jovenzinha mirrada e pobremente vestida que tentava vender doces, aproveitando o sinal fechado.

A magreza e a palidez da jovem que se inspirava nas modelos de passarela, contrastava violentamente com as faces coradas e cheias de vida da amiga saudável, cujos padrões de estética divergiam frontalmente das de sua companheira.

Coordene suas idéias como se estivesse contanto uma história: o seu texto deve ter início (introdução), meio (desenvolvimento) e fim (conclusão).

Escreva apenas com caneta preta ou azul. O rascunho ou o esboço das idéias podem ser feitos a lápis e rasurados. O texto não será corrigido em caso da utilização de lápis ou caneta vermelha, verde, etc na redação definitiva.

A linguagem utilizada na redação precisa estar de acordo com a norma culta, ou seja, deve obedecer aos princípios estabelecidos pela gramática.

Tenha o máximo de cuidado para que sua redação não apresente, principalmente, nenhum erro de ortografia, acentuação, pontuação e concordância, seja ela verbal ou nominal.

Conhecer as normas que regem o uso da língua é fundamental para a produção de um texto correto. Em caso de dúvidas na redação, consulte sempre um bom livro de gramática.

Expressões com crase: À beça, à toa, etc.

Uso corriqueiro da crase, mas absolutamente errado: Marcelo reside à Rua (Avenida, Praça, etc). O correto é: Marcelo reside na Rua, na Avenida, na Praça, etc. (Quem reside, reside em algum lugar).

É claro que uma abordagem original do tema valoriza seu texto. No entanto, o vestibulando deve ter cuidado para não confundir criatividade com idéias esdrúxulas. Na gíria estudantil, não *viaje*.

Lembre-se: Ninguém pode exigir que escreva bem, como um escritor, pois isto pressupõe talento; as faculdades querem que se escreva certo.

No desenvolvimento, o aluno deverá discutir os argumentos apresentados na introdução. Em cada parágrafo, escreve-se sobre um argumento.

Tenha sempre em mente que o examinador de sua dissertação provavelmente seja uma pessoa culta, que lê bons jornais e revistas e tem bastante conhecimento geral, portanto não generalize.

É a parte mais importante em qualquer texto. É quando podemos nos aprofundar nas idéias que, por enquanto, foram apenas mencionadas na introdução. Os argumentos devem ser apresentados em função da idéia e organizados com clareza para não confundir o leitor. Devemos ser cuidadosos para que o texto não se torne inconsistente e imaturo por falta de informação de nossa parte. Para isso, é preciso que nos ilustremos, lendo revistas, jornais e livros; assistindo a noticiários na televisão; freqüentando o maior número possível de produções culturais a que tivermos acesso - teatro, “shows”, exposições, etc. Em qualquer uma dessas atividades, assuma uma posição crítica questionadora que resultará em análises objetivas e, conseqüentemente, em julgamentos coerentes. Evite radicalismos, ofensas pessoais, nacionalismos piegas e “achismos” (eu acho, eu penso)

O diálogo é a conversa entre duas ou mais pessoas. A fala de cada personagem é indicada, na escrita, por um travessão.

Ao apresentar um diálogo, ou a personagem pensando, use o presente do indicativo para sugerir a proximidade do fato futuro.

.Ao escrever uma redação, faça, primeiramente, uma lista de tudo o que lhe vier à memória.Quanto mais idéias, melhor.

Não se preocupe em saber se as idéias são boas ou más. Escreva-as, simplesmente.

Anote tudo, sem ordem, sem critério, sem censura.

Use palavras simples e frases curtas.

Selecione as idéias e estruture o seu texto.

Use o diminutivo com muito cuidado, e sempre quando for importante marcar a dimensão dos seres, ou a afetividade (carinho, desprezo) da personagem com relação a esses seres.

Pegou o banquinho para apoiar o pé enquanto tocaria violão.

Disse para a avozinha que lhe traria o doce de goiaba de que tanto gostava.

Nunca se inclua em sua dissertação, principalmente para contar fatos de sua vida particular.

As citações vêm sempre após dois pontos.

Lá, fiz diversas coisas: tomei banho de piscina, na sauna, montei cavalo e charrete, comi cacau, etc.

Use dois pontos, antes de uma enumeração, se quiser valorizar os termos que a constituem.

Descobri a grande razão da minha vida: você.

Já dizia o poeta: Deus dá o frio conforme o cobertor.

A leitura de um texto elegante, que deve ser criativo e original, torna-se agradável ao leitor.

Fuja de gírias e palavrões. Mantenha uma certa elegância no seu texto, sem cair em pedantismos exagerados.

A elegância começa pela própria apresentação do texto, ou seja, limpo, sem borrões ou rasuras, e com letra bem legível. Importantíssimo atentar, também, para a correção gramatical, a clareza, a concisão e para o conteúdo da redação, que deve ser original e criativo.

Elipse é a omissão de um termo previsível, subentendido, que deixa de ser expresso por ser óbvio, mas também confere elegância à frase.

Vida interessante, a dele...

Na rua, um malvado; em casa, um santo.

A casa era pobre. Os moradores, humildes.

Não analise os temas propostos movido por emoções exageradas. Mantenha-se imparcial em quaisquer circunstâncias.

Não transforme seu texto em desabafo nem em panfleto, com linguagem apaixonada. A emoção deve ficar no rascunho, enquanto que no texto definitivo você deve chamar a razão para auxiliá-lo.

Quando nos exaltamos a respeito de determinado assunto ou sobre a pessoa de quem estamos falando, infringimos a boa norma da escrita padrão, por fazermos uso de juízos de valor sobre os fatos. A objetividade é imprescindível, a fim de que o texto se mantenha imparcial e claro.

Existem alguns temas dissertativos que envolvem a análise de assuntos dramáticos, que causam revolta e indignação pela própria gravidade de sua natureza. Porém, por mais revoltante que se mostre o assunto tratado, ele deve ser abordado de modo comedido e, se possível, imparcial. Não devemos deixar nossas emoções interferirem demasiadamente na análise equilibrada e objetiva que precisa transparecer em nossas redações, porque elas impedem que ponderemos outros ângulos da questão. Só assim, com a predominância da argumentação lógica, ela se mostrará convincente.

Os noticiários apresentam-nos todos os dias crimes bárbaros cometidos por verdadeiros animais, que deveriam ser exterminados, um a um, pela sua perversidade sem fim.

Muitos menores que perambulam pelas ruas e se tornam delinqüentes são vítimas indefesas de um governo ineficiente, que não se preocupa e não respeita o direito que eles têm à educação.

Chame a atenção para o assunto com palavras fortes, cheias de significado, principalmente no início da narrativa. Use o mesmo recurso para destacar trechos importantes. Uma boa conclusão é essencial para mostrar a importância do assunto escolhido. Remeter o leitor à idéia inicial é uma boa maneira de fechar o texto.

Use a enumeração quando quiser reforçar determinada sugestão ou quando quiser sugerir variedade, multiplicidade, coisas intermináveis. Em frases separadas, os membros da enumeração ficam mais realçados ainda.

Muitas virtudes deve ter o político: honestidade, iniciativa, inteligência, ponderação.

A história ia longe: era um festival de exageros, um esmiuçamento de detalhes fúteis, um conjunto longo de fofocas, mais as ofensas e a grosseria de falar de quem não estava presente para defender-se. O homem desatinava. Pensava um verbo, corrigia-se ou pedia a alguém para lembrar-lhe a palavra injuriosa que queria dizer. Soltava mais uns três impropérios. Desandava a emendar e emendar. No final, a platéia estava atônita, angustiada de aflição e agradecendo a despedida do sujeito.

Não existem fórmulas mágicas para se redigir bem. O exercício contínuo, aliado à constante leitura de bons autores e à reflexão, é indispensável para a criação de bons textos.

Enganam-se aqueles que pensam que é fácil escrever. Todos os grandes escritores desmentem o mito da inspiração. Uma das frases mais famosas sobre o assunto afirma o seguinte: "O ato de redigir requer 1% de inspiração e 99% de transpiração".

Se você se limitar a repetir o que todo mundo escreve, com medo de errar, provavelmente cairá no lugar-comum e na mediocridade. Inove sempre, sem medo. Seja atrevido! A segurança virá aos poucos e com a satisfação de perceber que fez algo seu, com seu próprio padrão de qualidade.

Quer escrever bem? Leia, então, muito e sempre. É atividade que requer treino, perseverança e até uma boa dose de teimosia. Ninguém nasce sabendo redigir bem.

Escreva na ordem direta, dispense os detalhes irrelevantes e vá diretamente ao que interessa, sem rodeios.

Redigir bem é uma questão de prática, como qualquer outra atividade. Ninguém vai ensiná-lo a pintar segurando os pincéis para você.

Se quiser escrever bem, leia muito e sempre.

Uma redação bem escrita é vaga garantida para o ingresso à universidade.

Escreva diários, cartas, *e-mails*, crônicas, poesias, redações, qualquer texto. Só se aprende a escrever, escrevendo.

Escrever é falar no papel, e sem rascunho é impossível. Escreva sem medo e sem preguiça, fazendo vários rascunhos, lendo em voz alta o texto escrito para descobrir as falhas.

Muitas vezes a impropriedade vocabular se transforma claramente em erro, às vezes grosseiro. *O relâmpago atingiu o ônibus*. O que atingiu o ônibus foi o raio. *Havia cem pessoas no féretro*. O féretro é o caixão, e não o enterro.

Redigir bem depende de bastante leitura (jornais, livros, revistas), que lhe fornecem informações novas e atuais, e de muita prática. Todos os dias, antes de dormir, sente-se num local adequado e confortável em seu quarto e escreva em uma folha de papel como foi o seu dia. Eis um bom começo.

Adquira o hábito de escrever, exercitando-se, principalmente, com os temas que têm caído nos vestibulares mais recentes. Meça bem as palavras, usando as mais simples, não se esquecendo de acentuá-las e pontuá-las com precisão. Jamais se desvie do tema. Seja o mais claro possível. Mostre raciocínio lógico, agudeza mental, inteligência e conhecimentos. Texto bom e legível é aquele no qual as palavras estão adequadamente dispostas na frase, com elegância, precisão, clareza e objetividade.

O cabeçalho da redação deve começar na primeira linha do papel. O título, uma ou duas linhas após a última linha do cabeçalho. A redação, uma ou duas linhas depois do título.

Use espaços normais entre as palavras, devendo estas ficar nem muito distanciadas nem muito próximas umas das outras.

Antes de iniciar a redação (antes mesmo do rascunho), faça um esquema de um roteiro de idéias.

O esquema é um mapa e um guia, que evitará desvios ou retrocessos quando da elaboração do texto.

Esquematizar é planejar. É caminhar com os olhos abertos. É saber o terreno onde pisa. É dar à redação um destino, um sentido, um fim.

Sempre que quiser apresentar uma cena estática, evite a repetição dos verbos ser e estar e empregue frases nominais.

Papéis por toda a parte. Memorandos, relatórios, ofícios, anotações.

Roberto, paralisado, no meio da rua. Sentado. Olhar ao longe. Tristeza.

Capriche na parte estética de sua redação, ou seja, faça letras bonitas e bem legíveis, margens regulares, espaço uniforme no início do parágrafo, tudo isso sem qualquer tipo de rasura.

Expedientes muito usados para "esticar" uma redação, mas que não enganam ninguém, muito menos uma banca corretora: *Letra muito grande ou espichada*, *nova margem*, *enormes margens de parágrafo*, *paragrafação excessiva*, *citações falsas ou impertinentes*, etc.

Você já ouviu alguém dizer que cada pessoa tem uma maneira diferente (estilo) de escrever? Paulo Mendes Campos, já falecido, que foi um dos maiores cronistas brasileiros, era um grande estilista.

Veja, a seguir, alguns textos deliciosos e imperdíveis!

ESTILO NÉLSON RODRIGUES.

Usava gravata cor de bolinhas azuis e morreu!

ESTILO INTERJETIVO.

Um cadáver! Encontrado em plena madrugada! Em pleno bairro de Ipanema! Um homem desconhecido! Coitado! Menos de quarenta anos! Um que morreu quando a cidade acordava! Que pena!

ESTILO COLORIDO.

Na hora cor-de-rosa da aurora, à margem da cinzenta Lagoa Rodrigo de Freitas, quem via de cor preta encontrou o cadáver de um homem branco, cabelos louros, olhos azuis, trajando calça amarela, casaco pardo, sapato marrom, gravata branca com bolinhas azuis. Para este o destino foi negro.

ESTILO PRECIOSISTA.

No crepúsculo matutino de hoje, quando fulgia solitária e longínqua a Estrela-d´Alva, o atalaia de uma construção civil, que perambulava insone pela orla sinuosa e murmurante de uma lagoa serena, deparou com a lúrida visão de um ignoto e gélido ser humano, já eternamente sem o hausto que vivifica.

ESTILO SEM JEITO.

Eu queria ter o dom da palavra, o gênio de Rui e o estro de um Castro Alves, para descrever o que se passou na manhã de hoje. Mas não sei escrever, porque nem todas as pessoas que têm sentimentos são capazes de expressá-los. Mas eu gostaria de deixar, ainda que sem brilho literário, tudo aquilo que senti. Não sei se cabe aqui a palavra sensibilidade. Provavelmente não. Talvez seja uma tragédia. Não sei escrever, mas o leitor poderá perfeitamente imaginar o que aconteceu. Triste, muito triste. Ah, se eu soubesse escrever.

Evite escrever o termo “etc”, por ser incompleto, a não ser em casos especiais, para determinadas sugestões.

Eufemismo é o mesmo que suavização ou abrandamento. Trata-se do uso de uma expressão menos áspera, rude e chocante com relação a uma realidade.

Ele deu seu último suspiro.

Você faltou com a verdade a um homem.

José desviou recursos dos cofres públicos.

EviteTermos e expressões supérfluas (desnecessárias), excesso de adjetivos, intercalações desnecessárias, digressões inúteis (“enche lingüiça”), períodos extensos e confusos. Tudo isso leva à prolixidade, que deve ser evitada.

Evite mau uso de exemplos, ilustrações, citações.

Aqui, os aposentados recebem vinte salários mínimos por mês. Dado incorreto, porque, na verdade, apenas alguns aposentados recebem a referida quantia.

Obedecer uma ordem cronológica é um maneira de se acertar sempre. Parta do geral para o particular, do objetivo para o subjetivo, do concreto para o abstrato. Use figuras de linguagem para que o texto fique interessante. As metáforas também enriquecem a redação.

Nunca escreva uma expressão que desconheça, pois os erros de ortografia e acentuação tiram pontos preciosos de uma redação.

Não exagere no uso das expressões: *a nível de*, *através de*, *devido a*, *face a*, *frente a*, *tendo em vista*, etc.

Você pode ter conhecimento do vocabulário e das regras gramaticais e, assim, construir um texto sem erros. Entretanto, se reproduz sem nenhuma crítica ou reflexão expressões gastas, vulgarizadas pelo uso contínuo, a boa qualidade do texto fica comprometida.

Não use expressões populares e cristalizadas pela população, mormente na dissertação, que é um trabalho muito técnico.

Jamais use expressões vulgares ou chulas.

Num exame vestibular, ou numa redação de colégio, o professor corrigirá ou avaliará, em curto espaço de tempo, centenas de redações. Por este motivo, pede-se que os candidatos ou alunos escrevam um número limitado de linhas.

Qualquer exagero representa um fator grandemente desfavorável ao estudante. Mais importante do que escrever muito é o candidato ou aluno ter tempo para rever a sua redação.

Evite finalizar sua redação (é o principal defeito), principalmente com as expressões: *em resumo*, *enfim*, *finalmente*, *por fim*. Termine-a naturalmente, sem se utilizar de chavões.

Sempre que possível, ao usar a mesma relação ou idéia num texto, varie a forma de expressá-la.

Como aperfeiçoar a forma? Pelo exercício constante e cuidadoso! Exercitar-se quer dizer escrever e ler bons autores.

Cada estudante tem sua maneira de escrever. Não possui um sentido definido. Porém, é inegável que já tem um jeito próprio.

Por forma, entende-se o desembaraço de expressão, a procura de imagens e comparações, a busca da palavra apropriada, a utilização, enfim, dos recursos mais eficientes e belos na transmissão das idéias. Forma é harmonia e sonoridade da frase.

Há palavras que ninguém emprega. Às vezes uma que outra se escapa e vem luzir-se desdentadamente, em público, nalguma oração de paraninfo. Pobres velhinhas... Pobre velhinho!

A guerra sempre traz destruição e morte. No entanto, depois dessa cruel forma de demonstrar a superioridade do vencedor, os vencidos levantam a cabeça, enchem-se de um patriotismo vibrante e se empenham em levantar seu país.

Use frases curtas e inteligentes. Com elas, tropeçará menos nas vírgulas, nos pontos ou nas reticências. "*Uma frase longa*", ensinou Vinícius de Moraes, "*não é nada mais que duas curtas*."

Só em discursos é que se usam períodos longos.

Evite as frases fragmentadas, que separam indevidamente o sujeito do predicado.

TEXTOS COM FRASES FRAGMENTADAS	CORRIJA-OS PARA
Comi o doce e gostei.	*Comi o doce e gostei dele*.
Disse que faria e fez.	*Disse que faria o serviço e realizou-o a contento*.
Tentei convencê-lo. Ele estava com a razão.	*Tentei convencê-lo de que estava certo*.
Entrou em pânico. O elevador trancara. Havia faltado luz.	*Entrou em pânico porque o elevador trancara com a falta de luz*.
O Amazonas possui recursos inesgotáveis. O maior estado do Brasil.	*O Amazonas, que é o maior Estado do Brasil, possui recursos inesgotáveis*.

O estudante deve ser orientado a escrever com clareza. Não há lugar numa redação para períodos confusos, de difícil entendimento. Nem para a repetição de palavras, frases, idéias e períodos demasiadamente longos. São eles os maiores inimigos da clareza.

Evite usar frases desnecessárias ou repeti-las.

FRASES REPETIDAS	CORRIJA-AS PARA
Um mundo de sonhos era o mundo em que ela vivia.	*Ela vivia num mundo de sonhos*.
Depois de todos esses dias que passei lá, que foram uns dias maravilhosos…	*Depois de todos esses dias que passei lá, que me foram maravilhosos…*
Os policiais, que são agentes da polícia, entraram no banco armados com armas pesadas.	*Os policiais entraram no banco com armas pesadas*.

Erros de concordância nos tempos verbais, fragmentação da frase, separando sujeito de predicado, utilização incorreta de verbos no gerúndio e particípio são algumas das falhas mais comuns nas redações. Esses erros comprometem a estrutura das frases e prejudicam a compreensão do texto.

Evite empregar os seguintes vocábulos genéricos: *coisa*, *dar*, *fazer*, *ninguém*, *nunca*, *sempre*, *ser*, *ter*, *todo mundo*, etc.

Em se tratando de dissertação, é sempre pecado mortal generalizar conceitos, pois acabam soando como preconceitos. Idéias muito ampliadas nada significam.

Não generalize. Seja específico, utilize argumentos concretos, fatos importantes. Uma redação cheia de generalizações demonstra falta de cultura e de conhecimentos gerais de seu autor. Uma maneira prática para solucionar o problema é a leitura de qualquer gênero, como jornais, revistas e livros. Assista a programas de reportagens, a filmes, a documentários. Interesse-se pela cultura. Alimente sua inteligência.

GENERALIZAÇÕES QUE PECAM PELA IMPRECISÃO:

As crianças são inocentes.

Os homens batem nas mulheres com freqüência.

Os homossexuais são desavergonhados.

Todo político é ladrão.

Os velhos são sábios.

Evite a predominância do uso do gerúndio, pois este empobrece o texto. Prefira orações desenvolvidas ou o verbo na forma finitiva mais conjunção.

Use o verbo no gerúndio somente quando quiser caracterizar os seres enfatizando suas ações.

Prefira as palavras de grafias fáceis (mais fáceis de serem escritas). Lembre-se de que a língua portuguesa é muito rica em sinônimos.

Tome cuidado com a grafia de palavras que não conheça. Quando tiver dúvidas, consulte o dicionário. Se não for possível, substitua a palavra por outra cuja grafia você conheça bem. Portanto, descarte palavras de grafia duvidosa.

EM VEZ DE	PREFIRA
Escassa	*Rara*
Neném	*Criança*
Sucinto	*Breve*
Exíguo	*Pequeno*
Expor	*Mostrar*

Parcimoniosa	*Econômica*
Submissa	*Obediente*
Nódoa	*Mancha*

Nunca, mas nunca mesmo, entregue o seu trabalho sem uma boa revisão gramatical e ortográfica.

Evite erros gramaticais primários e básicos. Use só termos que você conhece. Respeite a gramática e as regras de grafia.

Capriche na parte gramatical de sua redação, ou seja, não se esqueça de fazer, com toda a clareza possível, as devidas pontuações e acentuar as palavras que tiverem acento. Não adianta fazer uma redação espetacular quanto ao conteúdo e estilo mas cometer dezenas de erros de português.

O primeiro passo para aceitar a gramática positivamente é imaginá-la como algo dinâmico que movimenta a nossa linguagem e cria nossa identidade cultural. Tenha sempre ao alcance um livro de gramática, acompanhado de um dicionário.

Uma pessoa que redige bem tem mais clareza de suas idéias e mais segurança em suas afirmações. As falhas gramaticais podem ser um entrave para isso.

É a seqüência desagradável de vogais ou sílabas idênticas. Evite-o.

FRASES COM HIATO	MELHOR
Andréia irá ainda hoje ao oculista.	Andréia terá consulta com seu oculista, hoje.
Traga a água à aula.	Queira trazer o recipiente com água para a sala.

.

Evite escrever e/ou, por ser incompleto e impreciso e, também, porque denota pobreza vocabular.

EM VEZ DE	ESCREVA
O jovem e/ou seu pai poderiam ir ao banco ver o saldo da conta.	*O pai poderia ir ao banco ver o saldo da conta, sozinho ou acompanhado do filho*.

Poderíamos ir ao clube e/ou ao teatro, porque o tempo seria suficiente.	*Poderíamos ir a um dos dois locais, ou a ambos – ao teatro e ao clube –, pois o tempo seria suficiente*.

Evite o tal de "através de", que é uma expressão largamente utilizada, mas de maneira errada! Não é, em absoluto, sinônimo de "por intermédio de".

Consegui aprender redação através do meu professor.

Caso escreva isso, o sentido literal é que conseguiu aprender redação atravessando seu professor de um lado para outro, o que seria uma pena! Substitua, nesse caso, a expressão por "com o auxílio de".

Hoje, *ao receber alguns presentes no qual completo vinte anos*, *tenho muitas novidades para contar*.

Eis um exemplo de uso inadequado do pronome relativo. Provoca falta de coesão, pois não consegue mostrar a que antecedente ele se refere e, portanto, nada conecta e produz uma relação absurda.

Não faça afirmações incoerentes, que demonstram faltam de conhecimento e, às vezes, até ignorância, como:

"*Ninguém gosta de ler*..."

Exemplo de incoerência numa dissertação:

O verdadeiro amigo não comenta sobre o próprio sucesso quando o outro está deprimido. Para distraí-lo, conta-lhe sobre seu prestígio profissional, conquistas amorosas e capacidade de sair-se bem das situações. Isso, com certeza, vai melhorar o estado de espírito do infeliz.

Exemplo de incoerência numa narração:

O quarto espelha as características de seu dono: um esportista, que adorava a vida ao ar livre e não tinha o menor gosto pelas atividades intelectuais. Por toda a parte, havia sinais disso: raquetes de tênis, prancha de "surf", equipamento de alpinismo, "skate", um tabuleiro de xadrez com as peças arrumadas sobre uma mesinha, as obras completas de Shakespeare.

Num texto informativo, não tema usar todos os recursos que possam torná-lo claro, como numerações, orações explicativas numerosas e parênteses.

Os pesquisadores realizaram um censo em 2001 e registraram que, das 690 espécies que visitam a reserva, 200 freqüentam o jardim das borboletas.

Em uma matéria, o leitor recebe vinte informações diferentes. Dezenove, que ele ignorava, estão certas. Uma, que ele já conhecia, está errada. A tendência desse leitor é duvidar da exatidão de todas as vinte.

Não abuse do uso das interjeições e exclamações. Tire proveito delas, no entanto, para destacar as emoções e as explosões de sentimentos das personagens.

Arre! Precisava gritar desse jeito e assustar todo mundo?

— Dobre a língua! — gritou vermelha de cólera. — Você é tão arrogante que ninguém mais agüenta a sua presença.

É o início da redação e deve conter um resumo, em poucas pinceladas, daquilo que abordaremos no restante do texto.

A introdução precisa ser rápida. Evidentemente, nunca terá tamanho igual ao do desenvolvimento. Numa redação de 20 linhas, por exemplo, não deve exceder 4 ou 5 linhas.

A Introdução apresenta a idéia que será discutida no desenvolvimento. É nessa parte que se dá ao leitor uma informação sobre o assunto que será tratado. Deve ser pequena, porque, se a alongarmos demais, correremos o risco de esgotarmos o assunto no primeiro parágrafo.

PROCURE EVITAR, NA INTRODUÇÃO, FRASES COMO:
Meu caro leitor,...
Bem, atualmente, no mundo em que vivemos...
Não tenho palavras para exprimir o que sinto, mas...
Vou tentar falar sobre o tema, embora não seja fácil abordar este assunto.
Sei que não sou a pessoa mais indicada para falar sobre esse assunto. Entretanto...
Embora sabendo que a minha opinião é uma gota d'água no oceano, tentarei externá-la.

Evite iniciar sua redação com digressões (o início deve ser curto). Digressão é não ter ordenação de idéias, é ficar indo e voltando, o que confunde o leitor.

EXEMPLOS DE DIGRESSÕES	
Devemos, aqui, propor um parêntese breve...	Evite isso, porque demonstra que a ordem das idéias ainda está confusa.
Por falar nisso, lembro-me de uma situação vivida algum tempo atrás...	Poderia ter sido falado antes, se tivesse havido planejamento da redação.
Antes de falar nisso, voltemos no tempo,...	Gera o processo de sair momentaneamente do tema e pode provocar problemas de entendimento.

Quando quiser criticar determinado acontecimento ou pessoa, de forma humorística, depreciativa ou sarcástica, e sem apresentar posição às claras para o leitor, use o expediente da ironia.

Menina, você é um primor; não arruma nem sua própria cama!

...o velho começou a ficar com aquela cor de uma bonita tonalidade cadavérica.

Moça linda, bem tratada, três séculos de família, burra como uma porta: um amor.

Quem lê adquire desenvoltura para criar seu próprio texto.

A leitura completa o homem, enriquece-o; a conversação torna-o ágil; e o escrever dá-lhe precisão.

Quando lemos, nosso cérebro forma uma imagem de cada palavra. É dessa maneira que sabemos como os vocábulos são escritos.

LER é ampliar horizontes; armazenar informações; compreender o mundo; comunicar-se melhor; desenvolver-se; escrever com desenvoltura; relacionar-se melhor com todas as pessoas.

Leia muito, tudo o que encontrar pela frente, inclusive revistas informativas e técnicas (*Veja*, *Isto É*, *Carta Capital*, *Superinteressante*), jornais (*Folha de São Paulo*, *O Globo*, *O Estado de São Paulo*, *Jornal do Brasil*) e, principalmente, boas obras literárias, como romances, dentro de seu nível de estudo e de sua faixa etária. O ato de escrever está muito ligado ao ato de ler.

UM BRADO DE ALERTA: Quem pouco lê vai se dar muito mal em redação quando for prestar vestibular!

A leitura permanente e intensa faz milagre, já que, por meio dela, se aprende muita coisa sem se perceber, especialmente na parte gramatical relativa à acentuação, ortografia e pontuação. Se a pessoa nada lê, será inútil decorar uma infinidade de regras gramaticais.

Uma sugestão bem intencionada para os que querem crescer: estude para assimilar, fixar, enfim, aprender. Só assim será capaz de manipular seu conhecimento com criatividade.

Não cultivar a leitura é um desastre para quem deseja expressar-se bem. Ela é condição essencial para melhorar a linguagem oral e escrita. Quem lê interioriza as regras gramaticais básicas e aprende a organizar o pensamento.

Uma boa sugestão de leitura? A coletânea, atualmente com trinta e um livros, *PARA GOSTAR DE LER*. A maioria absoluta dos textos é formada por centenas de crônicas dos melhores cronistas brasileiros. Serve para toda a família, inclusive para os filhos em idade escolar a partir dos dez anos. São textos curtos, simples e deliciosos.

Uma letra muito ilegível pode até contribuir para a anulação da redação num vestibular.

A letra tem que ser visível e compreensível para quem lê e pode até mostrar sua personalidade.

Faça a letra com firmeza, segurança, bem clara e nítida, com tamanho médio, não confundindo o traçado das maiúsculas com o das minúsculas.

Como é a sua letra? Uma letra bonita traz inúmeras vantagens. O profissional que apresenta uma escrita legível e estética agradável sempre tem vantagens sobre o seu concorrente na hora de procurar emprego.

Para fazer uma boa redação no vestibular ou nas escolas, não é preciso cursar uma escola de caligrafia. No entanto, a letra, mesmo sendo feia, deve ser legível. Os professores se rebelam contra os alunos cujas letras são verdadeiros caracteres hieroglíficos e podem até dar-lhes notas ruins.

Não faça letra de forma, porque algumas letras de forma minúsculas parecem maiúsculas (como o “j”, por exemplo), o que poderá prejudicá-lo na correção de sua redação, tirando-lhe pontos preciosos.

Quem usar letra de forma, em vestibular ou concurso, poderá ter sua prova anulada ou tirar nota 0 (zero).

A letra de forma dificulta a distinção entre maiúsculas e minúsculas. Uma boa grafia - legível e sem floreios - e limpeza são fundamentais. Não se esqueça dos pingos (e não bolinhas) nos "i".

Não exceda o número de linhas pedidas como limites máximos e mínimos. A tolerância máxima é de aproximadamente cinco linhas aquém ou além dos limites.

Evite escrever palavras ou frases longas.

Construa frases que tenham, no máximo, três orações.

Períodos excessivamente longos tornam o estilo monótono e cansativo.

Atente para o alinhamento das margens e dos parágrafos. Faça margens regulares.

Lembre-se de que a margem lateral esquerda (do início da linha) deve ser um pouco maior (4 cm) que a margem lateral direita (do final da linha, 2,5 cm).

.

O candidato a uma vaga nas universidades precisa usar a língua portuguesa de maneira adequada e se utilizar de termos semanticamente precisos e corretos. Jamais escreva uma palavra cujo sentido real não conhece.

Norma culta não quer dizer termos sofisticados, mas palavras simples e precisas no contexto da redação. Preciosismos (palavras complicadas)? Nem pensar!

Portanto, nunca use os neologismos incultos do tipo "*imexível*", "*windsurfar*", "*inconstitucionalizável*", etc.

Escreva o número por extenso, como: dois, três, oito, quinze, vinte... antes de substantivo funcionando como adjunto adnominal.

Seja objetivo e imparcial. Não use de forma exagerada e nem abuse de verbos no imperativo.

Como 20 (vinte) a 30 (trinta) linhas proporcionam um espaço muito pequeno para você discorrer sobre qualquer assunto, procure ser objetivo, abordando, somente, os fatos principais, evitando entrar em detalhes que não interessam muito. Você tem que expressar o máximo de conteúdo com o menor número de palavras possíveis. Portanto, não repita idéias nem use palavras demais que só aumentem as linhas desnecessariamente. Concentre-se no que é realmente indispensável para o texto. A pesquisa prévia ajuda a selecionar melhor o que se deve usar.

Pleonasmo vicioso. É aquilo que "tá na cara"! Evite escrever, por exemplo: *O homem é um ser que vive*. *Todo homem é mortal*.

NUNCA ESCREVA	DEIXE O ÓBVIO DE LADO

Viu o que tinha que ver e saiu.	*Viu tudo a que se propôs anteriormente, em seguida saiu*.
Machado de Assis é um grande escritor, pois escreve muito bem.	*Machado de Assis é um grande escritor*.
O avião é o meio de transporte mais seguro, pois com ele ocorrem menos acidentes.	*O avião é o meio de transporte mais seguro*.

Não empregue ONDE como sinônimo de *EM QUE*, *NO QUAL*, ou até mesmo DE QUE. O ONDE só pode ser empregado nessa função quando substitui uma palavra que indica lugar.

Não coloque sua opinião pessoal no texto. Analise um assunto proposto emitindo opiniões gerais. Pode até se posicionar sobre determinados temas, mas disserte de uma maneira mais imparcial, ou seja, sem exageros ou manifestações emocionais.

Eu acho que pessoas que assassinam inocentes criancinhas deveriam ser postas em cadeiras elétricas.

A Justiça no Brasil vai de mal a pior. Além dos contraventores usuais, agora também homens da lei imergem no crime, e a escala desses marginais oficiais já atingiu a Magistratura. O país precisa de novas e urgentes leis.

A falta de ordenação das idéias é um erro comum e indica, segundo os organizadores de vestibulares, que o candidato não tem o hábito de escrever. O texto fica sem encadeamento e, às vezes, incompreensível, partindo de uma idéia para outra sem critério, sem ligação.

Organização é a capacidade do aluno de organizar os argumentos que fundamentarão a conclusão do texto.

Seu texto está bem organizado? Apresenta introdução, desenvolvimento e conclusão?

Tem frases curtas e claras, ausência de termos repetidos, seqüência dos fatos e criatividade?

Seja o mais original possível, porque a transcrição de frases implica perda de pontos preciosos quando da correção da redação.

Ser original não é criar algo novo para a literatura, é sermos nós mesmos. Escreva à sua maneira, imprima sua marca pessoal ao SEU estilo, evitando os lugares-comuns e os chavões.

Como ser original ao se fazer uma redação? É simples, ouse. Se você se limita a repetir o que tudo mundo diz, como um papagaio, com medo de errar, provavelmente cairá no lugar-comum e na mediocridade. Tenha a preocupação de inovar, com coragem. Seja atrevido. A segurança virá aos poucos e com a satisfação de perceber que fez algo seu, com seu próprio padrão de qualidade.

O uso excessivo de certas figuras de linguagem ou de alguns provérbios acarreta o empobrecimento da redação. Como tudo que existe, as palavras também se desgastam. É preciso criar novas figuras para expor suas idéias. Escrever que *a namorada é uma flor*, ou que *filho de peixe, peixinho é*, não realça a redação de ninguém. Use a imaginação para não precisar desses *chavões* antigos e pobres.

Use as palavras certas nos lugares certos.

Não exagere no uso de palavras do tipo: *problema*, *coisa*, *negócio*, *principalmente*, etc.

Entre duas palavras, escolha, sempre, a mais simples; entre duas palavras simples, escolha a mais curta.

Quando for revisar sua redação, corte vocábulos desnecessários, use sinônimos ou, se for o caso, mude a frase.

NO LUGAR DE	ESCREVA
Empreender	*Fazer*
Regressar ou retornar	*Voltar*
Pleito	*Eleição*
Usuário	*Passageiro*
Óbito	*Morte*
Matrimônio	*Casamento*

Use palavras que estejam em perfeita concordância com o que está escrevendo.

ERRADO	CERTO
O gosto do dinheiro.	*O gosto pelo dinheiro*.
…grande sono, por causa das noites sem dormir.	*…muito sono, por causa das noites sem dormir*.
Tomei banho de piscina.	*Tomei banho na piscina. (Pode-se tomar banho de água, não de piscina)*.
A canoa quase virou e, por isso, tomei um grande choque.	*A canoa quase virou e, por isso, tomei um grande susto*. Tomar choque é receber uma descarga elétrica. O mais correto, no caso, é tomar um susto.

Prefira palavras curtas e simples. Os vocábulos longos e pomposos criam uma barreira entre leitor e autor. Fuja deles. Seja simples. Entre duas palavras, prefira a mais curta. Entre duas curtas, a mais expressiva. Casa, residência ou domicílio? Casa, é claro!

Evite usar palavras estrangeiras. Quando empregá-las, coloque-as entre aspas.

Evite escrever palavras ou expressões que, depois de entrarem na moda, tornam-se gastas, como:

desmistificar, *contexto*, *sofisticado*, *inacreditável*, *principalmente*, *devido a*, *através de*, *em nível de*, *tendo em vista*, etc.

...é aos dezoito anos que se começa a procurar o caminho do amanhã e encontrar as perspectivas que nos acompanharão para sempre na estrada da vida.

Não se utilize de expressões parecidas com as grifadas no texto, porque são consideradas gastas e vulgarizadas pelo uso contínuo e irão comprometer a boa qualidade do texto.

Use parágrafos diferentes para idéias (assuntos) diferentes. Uma redação sobre o carnaval atual, por exemplo, você poderá subdividi-la em três parágrafos, a saber:

PRIMEIRO PARÁGRAFO
Carnaval de clube, mencionando a grande beleza na sua decoração, a presença de dois conjuntos tocando, quando for o caso, para que o folião pule o tempo todo, sem parar,

com mais conforto, pelo fato de o ambiente ser fechado, etc.
SEGUNDO PARÁGRAFO
Carnaval de rua, dando especial destaque ao desfile dos blocos, das escolas de samba e aos trios elétricos.
TERCEIRO PARÁGRAFO
Conclusão, citando a ressaca (o cansaço), o dinheiro gasto, as noites sem dormir, etc.

O texto deve ter parágrafos bem distribuídos, articulados e interligados um ao outro coerentemente.

Não construa parágrafos longos, constituídos de um só período composto, recheado de orações e de relações sintáticas.

Não faça parágrafos muito curtos nem muito longos. O ideal seria que contivessem, no mínimo, 4 linhas e, no máximo, 7 linhas.

Não deixe parágrafos soltos. Faça uma ligação entre eles, pois a ausência de elementos coesivos entre orações, períodos e parágrafos é erro grave.

Obedeça ao parágrafo ao iniciar a redação, isto é, não comece a escrever logo no início da linha. O parágrafo é marcado por um ligeiro afastamento com relação à margem esquerda da folha (três centímetros aproximadamente). E sempre que houver outros parágrafos no decorrer da redação, siga o alinhamento do parágrafo inicial.

Sempre que quiser fazer dentro da narração ou da descrição, um comentário à parte, empregue os parênteses ou o travessão duplo.

.

Pleonasmo é a repetição desnecessária de palavras, expressões ou idéias.

FRASES COM PLEONASMOS	CORRIJA-AS PARA
Subir para cima	Subir
Entrar para dentro	Entrar
Voltar para trás	Voltar
A brisa matinal da manhã enchia-o de alegria.	A brisa matinal enchia-o de alegria.
Ele teve uma hemorragia de sangue.	Ele teve uma hemorragia.

No entanto, pode ser usado como figura de construção, com função estilística, para enfatizar uma idéia e tornar a mensagem mais expressiva.

A mim, ensinou-me tudo.

A música exige ouvidos de ouvir!

As flores, dou-as a você, com carinho.

Tire proveito da polissemia das palavras, para criar situações de mal-entendidos e de humor.

Os políticos fazem na vida pública o que os outros fazem na privada.

A máquina de ferro resfolegava à distância, seu apito chegando até os passageiros que esperavam pelo embarque. Quando o trem parou, a movimentação tomou conta da plataforma da estação.

Depois de ponto usa-se, sempre, inicial maiúscula.

Evite escrever mais de duas linhas sem um ponto final sequer.

Use-o à vontade. Pontos encurtam frases, dão clareza ao texto e facilitam a compreensão.

Não há ponto após siglas (LTDA, CIA) ou abreviaturas de metros (m), horas (h), quilômetros (km), etc.

Ao colocar o ponto, faça-o bem redondo (mas não uma bolota) e bem perto da última letra da palavra. Qualquer rabisco que ele contiver vai ficar parecendo uma vírgula, o que é errado.

Após um ponto de exclamação (!) a palavra seguinte não precisa começar com letra maiúscula, pois o ponto de exclamação funciona como vírgula, não significando o fim da frase.

Ah! como Renata era linda.

Evite usá-lo, porque só é empregado em casos muito especiais e serve para marcar uma pausa maior que a vírgula.

Os sem-terra não quiseram resistir; a situação parecia tensa demais.

Vermelho é o sinal para parar; amarelo, para aguardar; verde, para seguir adiante.

O voto é obrigatório; os eleitores, portanto, deverão exercer esse direito com consciência.

Uma pontuação errada pode comprometer toda a assimilação do conteúdo textual.

A pontuação existe para facilitar a leitura do texto. O seu texto está bem pontuado?

Distribua harmoniosa e adequadamente as pausas ao longo da frase, pontuando-a devidamente.

Empregue a pontuação corretamente, pois uma simples vírgula, fora do lugar adequado, pode mudar profundamente o sentido da frase.

A pontuação deve obedecer às paradas respiratórias e, também, à entonação que queiramos dar a cada frase. Uma parada breve na respiração significa a colocação de uma vírgula, enquanto uma respiração longa pedirá a colocação de um ponto na frase.

EXEMPLOS DE TEXTOS CONFUSOS, POR FALTA DE PONTUAÇÃO	CORRIJA-OS PARA
Maria toma banho e sua mãe diz ela traga-me uma toalha.	*Maria toma banho e sua; mãe, diz ela, traga-me uma toalha*.
Voar dez mil metros sem beber água uma andorinha só não faz verão.	*Voar dez mil metros sem beber água? Uma andorinha só não faz: verão*!
Um lavrador tinha um bezerro e a mãe do lavrador era também o pai do bezerro.	*Um lavrador tinha um bezerro e a mãe. Do lavrador era, também, o pai do bezerro*.

A redação deve ter o caráter impessoal (3ª pessoa), evitando-se a 1ª pessoa, principalmente a do singular, salvo em citações.

Não utilize a primeira pessoa em sua redação, principalmente quando for determinado texto objetivo. Alguns vestibulares tiram pontos caso a use. Sua opinião deverá ser dada por um sujeito indeterminado.

Evite expressões do tipo: "*Na minha opinião*", "*Ao meu ver*", etc.

Em vez de: "*Eu acho que a privatização deveria acontecer*...", escreva: "*A privatização deveria acontecer*..."

Não se coloque em primeiro lugar, ao citar-se juntamente com outras pessoas.

ESCREVA, CORRETAMENTE
Roberto, Paula e eu gostamos da festa.

Meu pai e eu somos bons amigos.

Linguagem prolixa é aquela desenvolvida através de termos e expressões supérfluas, digressões inúteis, excesso de adjetivos, períodos extensos e emaranhados.

Ser prolixo é ficar "enrolando", "enchendo lingüiça", não ir direto ao assunto.

Antes de mais nada, sem mais delongas, permito-me apresentar minhas sinceras e respeitosas discordâncias com relação às proposições que vossa senhoria fez presentes nesse colóquio.

Expressões prolixas: *antes de mais nada*, *muito pelo contrário*, *por outro lado*, *por sua vez*.

Cuidado com o emprego ambíguo dos pronomes seu, sua, dele, dela.

Não comece frase com pronome.

ERRADO	CERTO
Me dá	Dá-me
Me presenteou	Presenteou-me
Lhe disse isso	Disse-lhe isso

Evite usar pronomes a todo o momento.

EM VEZ DE	PREFIRA
Eu brinquei	Brinquei
Eu estudei	Estudei
Eu dormi	Dormi

Não empregue pronomes pessoais do caso reto no lugar do pronome oblíquo. Escreva sempre "julgá-lo", nunca "julgar ele".

Não utilize provérbios, ditos populares, frases feitas, pois eles empobrecem a redação. Faz parecer que seu autor não tem criatividade ao lançar mão de formas já gastas pelo uso freqüente.

Portanto, nada de ficar usando:

A palavra é de prata e o silêncio de ouro.

Quem com o ferro fere, com o ferro será ferido.

Entretanto, como já diziam os sábios: depois da tempestade sempre vem a bonança. Após longo suplício, meu coração apaziguava as tormentas e a sensatez me mostrava que só estaríamos separadas carnalmente.

Lembre-se de que os verbos gostar e precisar são transitivos diretos e, portanto, são sempre precedidos de "de que".

ERRADO	CERTO
Outra coisa que gostei.	*Outra coisa de que gostei*.
O livro que precisava era aquele.	*O livro de que precisava era aquele*.
Este é o professor que lhe falei.	*Este é o professor de quem lhe falei*.
Este é o apartamento que comprei de João, que tinha outros seis imóveis que estavam todos à venda.	*Este é o apartamento que comprei de João, dono também de outros seis imóveis. Estavam todos à venda*.

Não afirme o que não pode provar.

Evite análises radicais e posições extremistas, injustas e levianas.

Nada como um texto equilibrado. Posicione-se, mas sem exagero.

Todos os deputados são corruptos.

A bem da verdade, nem todos o são, não é mesmo?

Esse tipo de gente merece ser exterminado.

Radical demais, não lhe parece? E até grosseiro!

Jamais deixe de fazer o rascunho. Ele é a primeira versão do texto. Os escritores fazem várias versões de seus livros antes de publicá-los. Não seja você, um iniciante, a querer dispensá-lo. Nele há a possibilidade de melhorar sua redação, alterar palavras, construir melhor os períodos, mudar a posição dos parágrafos, etc.

Para evitar rasuras no texto definitivo, releia o rascunho com muita atenção. Não tenha preguiça nem pressa em passá-lo a limpo. O sucesso do seu texto depende, muitas vezes, de uma leitura atenta e cuidadosa do rascunho.

Ao reler o rascunho, você se torna um leitor crítico do próprio texto. Revise-o com muita atenção: elimine, acrescente, substitua. Questione o seu texto. Esse trabalho irá, certamente, contribuir para a qualidade de seu texto definitivo.

.

Leia atentamente o que está sendo solicitado.

As provas de redação têm maior peso na maioria dos vestibulares.

Planeje o texto sem utilizar fórmulas prontas. O fio condutor deve ser seu pensamento. Acredite em seus pontos de vista e defenda-os com convicção. Eles são seu maior trunfo. Capriche no conteúdo, não se desviando do tema proposto, e não se descuide da parte gramatical.

Escrever uma redação é como vender um peixe. Você precisa convencer o cliente da qualidade do seu produto. O texto escrito não é para você. Será lido e entendido por outras pessoas. Ninguém vai perder tempo para ler textos confusos e ininteligíveis. Portanto, capriche na escrita, alinhe os parágrafos, escolha bem o vocabulário, mostre organização.

Leia e releia aquilo que escreveu e faça a você mesmo as seguintes perguntas: será que vão entender minhas idéias? Fui claro em minhas exposições? As orações estão bem coordenadas entre si? Será que os períodos estão muito longos e cansativos para quem irá lê-los? Escrevi muito e não disse nada? Houve fuga do tema? Escrevi o mínimo de linhas exigido pelo vestibular?

Fique atento à regência de verbos e nomes, sobretudo daqueles que exigem a preposição “a”, para não cometer erro no emprego da crase.

Regência Verbal é um assunto complicado, não acha? Não deveria ser, mas é. Existem vícios que desvirtuam a correta regência de diversos verbos.

O verbo “desfrutar” é muito empregado com regência errada. Por ser transitivo direto, não exige preposição antes de seu complemento. No entanto, o que mais se vê é um “de” insistente acompanhando-o, como na frase: “*Eu e meu amigo desfrutamos das férias num paradisíaco balneário*”. Errado! O correto é: “*Eu e meu amigo desfrutamos as férias num paradisíaco balneário*”.

Evite:

Dizer a mesma coisa duas vezes para explicar melhor.

Pormenores (detalhes), divagações, exemplos excessivos.

Palavras terminadas em “ão”, “ade”, “ente”, etc, pois provocam eco (rima inconveniente e condenável) na redação.

Repetições de palavras e de idéias, principalmente no mesmo parágrafo. Troque-as por sinônimos. A repetição de palavras denota falta de cultura, de conhecimento geral e pobreza de vocabulário, além de certa preguiça mental.

O emprego repetitivo das palavras eu, nós, ele, ela, e, que, porque, daí, aí, então, mas (esta, por exemplo, pode ser substituída por contudo, todavia, no entanto).

Nas dissertações objetivas, evite as reticências. A clareza na exposição é preferível a esperar que o leitor adivinhe o que você quis dizer.

As reticências marcam uma interrupção da seqüência lógica do enunciado, com a conseqüente suspensão da melodia. É utilizada para permitir que o leitor complemente o pensamento suspenso.

A língua escrita apresenta muitas diferenças em relação à língua falada. Observe como as reticências às vezes são utilizadas para criar o clima de mistério: “*era sexta-feira...*”

Escreva com suas próprias palavras e produza novas idéias.

Use palavras conhecidas, adequadas e períodos curtos. Escreva com o máximo de simplicidade. Amarre as frases, organizando as idéias. Cuidado para não mudar de assunto de repente. Conduza o leitor de maneira leve pela linha da argumentação.

Alguns estudantes pensam que, utilizando palavras pomposas, artificiais, difíceis e rebuscadas, conseguirão *impressionar* os corretores de provas. Puro engano! Os vocábulos devem ser os mais comuns possíveis. Portanto, escreva com simplicidade. O uso de termos complicados não é prova de que você sabe escrever bem.

Neste tempo em que é preciso, ainda que ocasionalmente, jactar-se do que produzimos intelectualmente, far-nos-á muito bem que tenhamos, por hora, um projeto desenvolvimentista uniforme capaz de...

Ora, qualquer banca corretora, ao ler o texto acima, vai saber muito bem tratar-se de um plágio de alguém, ou, então, achar que você é um marciano!

Sinestesia é uma espécie de metáfora que consiste na união de impressões sensoriais diferentes.

Use-a, se puder, para, através de duas sensações, indicar mais vivamente um objeto ou ser.

Um grito áspero, palavras douradas, cheiro quente.

O cheiro doce e verde do capim trazia recordações da fazenda...

A presença inesperada do sumo pontífice no encontro comoveu a todos. O toque de mão suave, o semblante sereno, o leve odor de rosas que emanava de sua presença provocou em todos uma sensação de paz.

Abuse do uso de substantivos e verbos. Seja sovina com adjetivos e advérbios. Eles são os inimigos do estilo enxuto.

Matar ou matar. De quebra, morrer. No campo de batalha o soldado pouca chances tem de escolhas diferentes dessas.

A tarde cai. O céu escurece rapidamente, como convém à estação outonal. O silêncio vai se instalando na pequena vila onde, a partir de agora, só o luar iluminará as ruas.

A menos que queira enfatizar muito o sujeito, ou precise evitar confusão na interpretação sobre quem está falando, omita o pronome sujeito, ou não abuse de seu emprego.

Ao longe, avistaram um velho abatido vindo ao encontro deles. Decidiram parar. "Credo! Isso é coisa do demo!", falou o terceiro se benzendo. É... e eles tinham razão.

Pedro resolveu omitir seu nome. Na verdade, ninguém precisaria saber que era filho de empresário famoso; nada lhe acrescentaria de bom e, ao contrário, poderia tornar-se alvo de bandidos naquela região perigosa do Rio.

Cuidado com "superlativos criativos" do tipo "mesmamente", "apenasmente", etc.

Quando quiser criar suspense, acumule dados, ação inesperada, apresente conseqüências, deixando a causa para o final.

Todos estavam apreensivos, esperando o anúncio do vencedor do concurso. O mestre-de-cerimômias abre a solenidade com uma longa lista de agradecimentos. A cada nome, a ovação da platéia interrompe o correr da solenidade. Começa agora a leitura dos nomes dos vencedores. Juliano está com o coração na mão. O envelope vai ser aberto. Mas tudo escurece subitamente. Não é que falta luz no exato momento em que os nomes seriam anunciados! Juliano não agüenta a ansiedade.

Procure tirar proveito da mudança dos tempos verbais, usando-os, por exemplo, para fazer generalizações.

O larápio não deixou de roubar após ter passado um bom tempo na prisão. Ora, por esse caso podemos ver que nem sempre a prisão recupera os criminosos.

Não utilize exemplos contando fatos ocorridos com terceiros, que não sejam de domínio público.

Evite o uso das aspas no título.

Pule uma ou duas linhas entre o título e o início do texto.

Evite iniciar a redação com as mesmas palavras do título.

Os títulos devem ser escritos de forma abreviada (resumida).

Não há pontuação após o título, a não ser que seja frase ou citação.

Coloque o título centralizado (no centro da folha), antes do início da redação.

É uma expressão, geralmente curta e sem verbo, colocada antes da dissertação.

Em títulos de redação, por questão de ênfase, usam-se iniciais maiúsculas:

Minhas Férias de Julho, Nossa Visita ao Frisuba.

Não coloque a palavra título antes do TÍTULO nem o termo FIM ao terminar a redação. O óbvio não precisa ser explicado.

Na redação, o travessão tem a função dos parênteses ou das vírgulas usadas em dupla, sendo empregado para separar expressões intercaladas.

Pelé — o maior jogador de futebol de todos os tempos — hoje é um empresário bem-sucedido.

A sociedade precisa lutar por conquistas sociais - tão prometidas pelos governos, mas nunca concretizadas - a fim de ver reduzidas as diferenças entre pobres e ricos.

.

Evite o emprego de verbos auxiliares.

Faça a concordância correta dos tempos verbais.

Evite o uso de verbos genéricos, como "*dar*", "*fazer*", "*ser*" e "*ter*".

Flexione corretamente os verbos quando for usar o gerúndio ou o particípio.

O verbo "*fazer*", no sentido de tempo, não é usado no plural. É errado escrever: "*Fazem alguns anos que não leio um livro*". O certo é: "*Faz alguns anos que não leio um livro*".

Os verbos defectivos não possuem todas as pessoas conjugadas. O presente indicativo do verbo "*adequar*" só apresenta as formas de primeira e segunda pessoas do plural (adequamos, adequais). As outras simplesmente não existem, não adianta inventar. Logo, nada de sair por aí dizendo (ou escrevendo) coisas como: "*Eles não se adequam ao meu sistema de trabalho*" ou: "*Eu não me adequo ao seu modo de pensar*". No caso, use o verbo equivalente: "*adaptar*".

A virgula deve vir bem próxima da última letra da palavra (e não distante).

Leia os bons autores e faça como eles: trate a vírgula com bons modos e carinho.

Nunca coloque vírgula entre o sujeito e o verbo, nem entre o verbo e o seu complemento.

Só com a leitura intensiva se aprende a usar vírgulas corretamente. As regras sobre o assunto são insuficientes.

É o sinal de pontuação mais importante e que tem maior variedade de uso. Por essa razão, é o que também oferece mais oportunidade de erro.

Coloque a vírgula com clareza, a saber, um pontinho com uma *perninha* levemente voltada para a esquerda, e não um tracinho ou um risquinho qualquer.

As vírgulas, quando bem empregadas, contribuem para dar clareza, precisão e elegância às frases. Em excesso, provocam confusão e cansaço. Frase cheia de vírgulas está pedindo um ponto.

Opte pela voz ativa. Ela deixa o texto esperto, vigoroso e conciso. A passiva, ao contrário, deixa-o desmaiado, flácido, sem graça. Em vez de: *A redação foi feita pelos alunos da 4ª série*, prefira: *Os alunos da 4ª série fizeram a redação*.

Use a voz passiva quando quiser realçar o paciente da ação, transformando-o em sujeito (embora não aja).

A porta foi aberta com violência.

Exercícios

01. (PUC - SP) Leia o período: **"Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai, à porta do Ateneu."**

Considerando a possibilidade de várias organizações sintáticas para os períodos compostos, assinale a alternativa em que **não** há alteração de sentido em relação ao período acima indicado:

a) Meu pai disse-me, à porta do Ateneu, que lá eu encontraria o mundo.

b) À porta do Ateneu, meu pai disse-me que lá eu teria de encontrar o mundo.

c) Disse-me meu pai, à porta do Ateneu, que somente lá eu encontraria o mundo.

d) Quando chegamos à porta do Ateneu, meu pai disse-me que lá eu precisaria encontrar o mundo.

e) Ao chegarmos à porta do Ateneu, meu pai orientou-me para que lá eu encontrasse o mundo.

RESPOSTA: A

02. (FATEC) **"Ela insistiu:**

- Me dá esse papel aí."

Na transposição da fala da personagem para o discurso indireto, a alternativa correta é:

a) Ela insistiu que desse aquele papel aí.

b) Ela insistiu em que me desse aquele papel ali.

c) Ela insistiu em que me desse aquele papel aí.

d) Ela insistiu por que lhe desse este papel aí.

e) Ela insistiu em que lhe desse aquele papel ali.

RESPOSTA: E

03. (FUVEST) A narração dos acontecimentos com que o leitor se defronta no romance *Dom Casmurro*, de

Machado de Assis, se faz em primeira pessoa, portanto, do ponto de vista da personagem Bentinho.

Seria, pois, correto dizer que ela se apresenta:

a) fiel aos fatos e perfeitamente adequada à realidade;

b) viciada pela perspectiva unilateral assumida pelo narrador;

c) perturbada pela interferência de Capitu que acaba por guiar o narrador;

d) isenta de quaisquer formas de interferência, pois visa à verdade;

e) indecisa entre o relato dos fatos e a impossibilidade de ordená-los.

RESPOSTA: B

04. (ITA) Assinale a alternativa que melhor complete o seguinte trecho:

No plano expressivo, a força da _____ em _____ provém essencialmente de sua

capacidade de _____ o episódio, fazendo _____ da situação a personagem,

tornando-a viva para o ouvinte, à maneira de uma cena de teatro _____ o narrador desempenha

a mera função de indicador de falas.

a) narração - discurso indireto - enfatizar - ressurgir - onde;

b) narração - discurso onisciente - vivificar - demonstrar-se - donde;

c) narração - discurso direto - atualizar - emergir - em que;

d) narração - discurso indireto livre - humanizar - imergir - na qual;

e) dissertação - discurso direto e indireto - dinamizar - protagonizar - em que.

RESPOSTA: C

05. (FUVEST) **"Palmeiras perde o jogo e cabeça na Argentina."** (*O Estado de São Paulo*, 31/03/94)

A alternativa em que o efeito expressivo decorre do mesmo expediente sintático e semântico observado

acima é:

a) Foste aí pela estrada da vida, manquejando da perna e do amor.

b) Maria Luísa disse que era nervosa e mulher.

c) "(...) como quem se retira tarde do espetáculo. Tarde e aborrecido."

d) "O rato! o rato!" exclamou a moça afastando-se.

e) Peço-lhe desculpar-me e que não mencione mais esse fato.

RESPOSTA: A

06. (ESAN) **"Impossível dar cabo daquela praga. Estirou os olhos pela campina, achou-se isolado.**

Sozinho num mundo coberto de penas, de aves que iam comê-lo. Pensou na mulher e suspirou.

Coitada de Sinhá Vitória, novamente nos descampados, transportando o baú de folha."

O narrador desse texto mistura-se de tal forma à personagem que dá a impressão de que há diferença

entre eles. A personagem fala misturada à narração. Esse discurso é chamado:

a) discurso indireto livre

b) discurso direto

c) discurso indireto

d) discurso implícito

e) discurso explícito

RESPOSTA: A

7. (UFV) Considere o texto:

"O incidente que se vai narrar, e de que Antares foi teatro na sexta-feira 13 de dezembro do

ano de 1963, tornou essa localidade conhecida e de certo modo famosa da noite para o dia. (...)

Bem, mas não convém antecipar fatos nem ditos. Melhor será contar primeiro, de maneira

tão sucinta e imparcial quanto possível, a história de Antares e de seus habitantes, para que se

possa ter uma idéia mais clara do palco, do cenário e principalmente da personagens

principais, bem como da comparsaria, desse drama talvez inédito nos anais da espécie

humana." (Érico Veríssimo)

Assinale a alternativa que evidencia o papel do narrador no fragmento acima:

a) O narrador tem senso prático, utilitário e quer transmitir uma experiência pessoal.

b) É um narrador introspectivo, que relata experiências que aconteceram no passado, em 1963.

c) Em atitude semelhante à de um jornalista ou de um espectador, escreve para narrar o que aconteceu

com x ou y em tal lugar ou tal hora.

d) Fala de maneira exemplar ao leitor, porque considera sua visão a mais correta.

e) É um narrador neutro, que não deixa o leitor perceber sua presença.

RESPOSTA: C

08. (UFV) Leia o trecho abaixo:

"Bem, é verdade que também eu não tenho piedade do meu personagem principal, a

nordestina: é um relato que desejo frio. (...) Não se trata apenas da narrativa, é antes de tudo

vida primária que respira, respira, respira. (...) Como a nordestina, ha milhares de moças

espalhadas por cortiços, vagas de cama num quarto, atrás de balcões trabalhando até a estafa.

Não notam sequer que são facilmente substituíveis e que tanto existiriam como não

existiriam." (Clarice Lispector)

Em uma das alternativas abaixo, há um aspecto do livro de Clarice Lispector, *A Hora da Estrela*,

presente no fragmento acima, que o aproxima do chamado "romance de 30", realizado por escritores

como Graciliano Ramos e Rachel de Queiroz:

a) A preocupação excessiva com o próprio ato de narrar.

b) O intimismo da narrativa, que ignora os problemas sociais de seus personagens.

c) A construção de personagens que têm sua condição humana degradada por culpa do meio e da

opressão.

d) A necessidade de provar que as ações humanas resultam do meio, da raça e do momento.

e) A busca de traços peculiares da Região Nordeste.

RESPOSTA: C

09. (FAC. SERRA DOS ÓRGÃOS) A forma verbal que **não** alteraria o aspecto de durabilidade no passado

expresso pela locução grifada neste enunciado do texto - "Tão comodamente que eu **estava lendo..."** -

está indicada na opção:

a) lera

b) lia

c) leio

d) leria

e) li

RESPOSTA: B

10. (UNIFENAS) Com base no texto abaixo, indique a alternativa cujo elemento estruturador da narrativa não foi interposto no episódio:

"Porque não quis pagar uma garrafa de cerveja, Pedro da Silva, pedreiro, de trinta anos,

residente na rua Xavier, 25, Penha, matou ontem em Vigário Geral, o seu colega Joaquim de

Oliveira."

a) o lugar

b) a época

c) as personagens

d) o fato

e) o modo

RESPOSTA: E

BIBLIOGRAFIA

ANDRÉ, H. A. *Curso de redação*. 5. ed. São Paulo, Moderna, 1999.

BECHARA, E. *Moderna gramática da língua portuguesa*. 22. ed. São Paulo, Nacional, 1977.

GARCIA, Othon M. Comunicação em prosa moderna 10ª ed. Rio de Janeiro Fundação Getúlio VARGAS, 1982

LEME, O. S**.** *Tirando dúvidas de Português.* 2. ed. São Paulo, Ática, 1995.

KOCK, Ingedore Villaça. Ler e compreender os sentidos do texto ed. Contexto

XAVIER, A. C. S. *Como se faz um texto*; a construção da dissertação-argumentativa. Campinas, Ed. do autor, 2001.

Índice

1. O Curso de Redação 2
2. A Organização Discursiva do Texto 8
3. Dissertação Exemplar – Parte 1 12
4. Dissertação Exemplar – Parte 2 17
5. Planejamento de Redação 21
6. Uso da Coletânea de Textos 27
7. A Estrutura da dissertação – A Introdução 30
8. A Estrutura da Dissertação – O Desenvolvimento 34
9. A Estrutura da Dissertação – A Conclusão 38
10. Coesão Textual 41
11. Métodos de Raciocínio Lógico 42
12. Crase 49
13. Uso da Vírgula 52
14. Regência Verbal 55
15. Concordância Verbal 60

Este conteúdo pertence ao Descomplica. É vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito.
Todos os direitos reservados.

O Curso de Redação

"Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma
tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta,
pobre ou terrível, que lhe deres:
Trouxeste a chave?"
(Carlos Drummond de Andrade)

Escrever para passar no vestibular. Escrever para obter um emprego. Escrever para matar as saudades de um parente ou de um amigo distante. Escrever para lembrar ao irmão que hoje não é o seu dia de lavar a louça. Em diversos momentos de nossas vidas, significativos ou banais, a escrita sempre está - ou esteve - presente. Ela é tão importante que é utilizada como referencial pelos estudiosos na divisão da história do mundo em Pré-História e História. No entanto, devemos atentar para o fato de que existem diversas formas de se produzir um texto escrito, e o que mais nos interessa no ano do vestibular (e de realizar a prova do ENEM!) é a escrita voltada para a produção de uma redação.

O que é a redação? Esse substantivo é derivado do verbo redigir; de acordo com o dicionário Aurélio, o vocábulo redigir vem do latim *redigere* e significa, entre outras especificações, "escrever com ordem e método". Essa definição vem bem ao encontro da proposta de nosso curso: permitir que os alunos adquiram e absorvam, de forma plena e integrada, conhecimentos gerais acerca das técnicas existentes e aplicáveis de redação na ocasião do exame vestibular. Em outras palavras, objetivamos fazer com que o aluno/candidato possa, ao fim do curso, ter ampla consciência acerca do que está sendo passado para o papel. Essa consciência, com toda a certeza, será fundamental para que o texto (ou as respostas das provas discursivas) seja bem apreciado pela banca corretora do ENEM e do vestibular. Mais profundamente, é fato que você estará sendo preparado também para a vida.

Já que mencionamos o vestibular, cabe lembrar aqui que a prova de Redação é vista pelas comissões de vestibulares como essencial à classificação de um aluno, uma vez que, justamente por não possibilitar a existência de um "gabarito", acaba por medir alguns aspectos da subjetividade humana. Dito de outro modo, é a única prova que permite à banca "conhecer", mesmo que de forma bastante restrita, a capacidade de reflexão do candidato. Sobre esse aspecto, falaremos em outro momento.

I - CONSIDERAÇÕES INICIAIS

1. CONCEITO DE TEXTO

Ao contrário do que pode parecer à primeira vista, o conceito de texto é bastante amplo. Ao utilizarmos o referido vocábulo, imediatamente imaginamos uma folha de caderno pautado, com suas linhas preenchidas à caneta ou a lápis. Visão equivocada ou, no mínimo, limitada. Deve-se definir texto como um todo, divisível em partes ou não, construído em determinada linguagem e

Este conteúdo pertence ao Descomplica. É vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito.
Todos os direitos reservados.

que produz sentido completo para um “leitor”, em dada situação. Para maior entendimento, seguem alguns comentários pertinentes:

- Entende-se por “situação”, o contexto em que o “leitor” está inserido. Pode ser uma sala de aula, uma festa ou uma reunião de negócios, por exemplo.
- O “leitor” é qualquer indivíduo que se encontra em uma situação na qual ocorre a emissão de uma mensagem – não necessariamente escrita.
- A referência à linguagem remete a qualquer forma de comunicação: palavras, olhares, gestos, sons, cores, símbolos, entre outros.
- É imperativo que todos esses elementos associados produzam sentido, isto é, possam ser entendidos por alguém – no caso, o leitor.

Podemos inferir, desse modo, que àquela noção comum de texto somam-se outras muito mais amplas. Até mesmo um sinal luminoso com o farol vermelho indicado pode ser concebido como texto, uma vez que se trata de uma unidade (todo), construída em linguagem visual (cor vermelha, no caso), produzindo sentido (“PARE”) para o “leitor” (o motorista) no contexto adequado ao entendimento, que é o do tráfego de veículos.

Esse é o motivo por que, no momento em que nos propomos a aprender técnicas de interpretação textual, não podemos estar presos a uma visão restrita, anacrônica, segundo a qual, são analisados apenas textos de grandes autores como Machado de Assis e Manuel Bandeira, por exemplo. Devemos ampliar ao máximo nossos horizontes, procurando fazer estudos a partir de textos jornalísticos, orais, ou até mesmo não verbais e híbridos. Aliás, essa última referência tem se apresentado como uma das maiores tendências dos atuais vestibulares: a cobrança da correta leitura de charges, tirinhas em quadrinhos, fotografias e até mesmo pinturas. Nesse contexto, a prova do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) já formulou questões utilizando telas do mestre cubista Pablo Picasso.

2. O TEXTO: CLASSIFICAÇÕES

Embora as classificações de texto sejam inúmeras, vamos iniciar nossos estudos trabalhando duas divisões bastante simples: quanto à forma e quanto ao conteúdo. Quanto à forma, os textos podem ser classificados como textos verbais (construídos com palavras, no sentido estrito do termo); não verbais (produzidos por imagens e símbolos) e híbridos (associação entre palavras e imagens). No plano do conteúdo, são divididos em literários (ou artísticos) e não literários (ou técnicos). Abaixo, temos um exemplo de texto híbrido não literário, retirado de um site da Internet.

Este conteúdo pertence ao Descomplica. É vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito.
Todos os direitos reservados.

II - PRESSUPOSTOS DA ESCRITA, DA LEITURA E DA INTERPRETAÇÃO

Um pressuposto é uma circunstância ou fato considerado como antecedente necessário de outro. Dito de outro modo trata-se da base necessária ao aprendizado de determinado conteúdo. Na aula de hoje, apresentaremos os pressupostos a serem apreendidos, ao longo do ano, pelos alunos que pretendem ler, interpretar e, principalmente, escrever bem. Vamos a eles!

1. DOMÍNIO DA LINGUAGEM

Você já deve ter se deparado, em sua vida, com inúmeras situações em que era necessário expressar-se de forma clara, precisa e gramaticalmente correta. Pode ter sido na apresentação de um trabalho na feira de ciências de seu colégio ou em algum discurso de homenagem aos pais. Por outro lado, também ocorreram situações – mais numerosas, até – em que a utilização de uma linguagem muito cuidada poderia fazer você parecer "pedante" frente a outras pessoas. É o que aconteceria em reuniões com os amigos, por exemplo. Em todas essas situações, você foi exigido no que diz respeito ao nível de linguagem a ser empregado. Na verdade, não existe um uso de linguagem essencialmente adequado. A escolha do nível aplicável dependerá, fundamentalmente, das circunstâncias em que o "falante" estiver inserido. Nesse sentido, vale a pena analisarmos os níveis de linguagem existentes – todos já cobrados pelo ENEM.

A. Registro Formal, que se subdivide em registro erudito e registro culto.

B. Registro Informal, subdividido em uso coloquial e uso vulgar (ou inculto).

Observação: A classificação acima não é suficientemente completa para que se analise a linguagem em seus diversos usos; podem aparecer outros níveis como a linguagem regional, a familiar e a especializada, própria de determinados grupos de pessoas.

2. CONHECIMENTO DE MUNDO

Se de um lado é necessário dominar a linguagem – referente à forma do texto - para que possamos ler e interpretar bem ou nos expressar do modo mais adequado, por outro lado, isso de nada adiantará se não tivermos o conhecimento e as referências necessárias para que aquilo que existe sob o plano formal, possa fazer sentido para nós. Em outras palavras, devemos possuir também o conteúdo necessário à apreensão das informações. Nesse momento, um provável questionamento invade sua mente: "- O que é conteúdo? Como obtê-lo? Eu já não o possuo?". Tais dúvidas são legítimas a partir do que foi colocado. Assim, vamos às respostas.

Em primeiro lugar, deve-se considerar conteúdo todo o conhecimento que pode ser utilizado no entendimento ou na escritura de um texto. Desde as referências mais banais (reconhecer os "mecanismos" utilizados para que se possa atravessar uma rua em segurança, por exemplo) até as mais sofisticadas (compreender o que são alimentos transgênicos, a fim de se aprofundar a discussão sobre a sua comercialização).

Em segundo lugar, os meios de obtenção desse conhecimento já devem ter sido inferidos por você. Ora, qualquer indivíduo que interaja com a sociedade, assistindo à televisão ou

Este conteúdo pertence ao Descomplica. É vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito.
Todos os direitos reservados.

conversando com os amigos, passa a ter um acúmulo de conhecimento mínimo, cotidiano, o que por si só já pode ser utilizado. A complementação mais técnica pode ser obtida de diversas formas: na escola/universidade, com a leitura de jornais, revistas, livros, e por meio das mais diversas mídias, com o cinema e a Internet, hoje ocupando posições de destaque.

Por fim, a última grande dúvida: você já possui esse conhecimento? A resposta é sim e não. “Sim”, porque você completou ou está para completar o Ensino Médio com méritos, tendo absorvido uma gigantesca carga de conhecimento. “Não”, porque, sem dúvida alguma, diversos aspectos que você terá que dominar ainda serão ministrados, e nossos módulos visarão o preenchimento dessa “lacuna”.

A REDAÇÃO NO ENEM

Antes de avaliarmos como será a prova de Redação no ENEM, observe os eixos cognitivos que serão cobrados no exame e comuns a todas as áreas do conhecimento. Depois, compare com as competências da prova de Redação e perceba que incrível “coincidência”...

EIXOS COGNITIVOS (comuns a todas as áreas de conhecimento)

I. Dominar linguagens (DL): dominar a norma culta da Língua Portuguesa e fazer uso das linguagens matemática, artística e científica e das línguas espanhola e inglesa.

II. Compreender fenômenos (CF): construir e aplicar conceitos das várias áreas do conhecimento para a compreensão de fenômenos naturais, de processos histórico-geográficos, da produção tecnológica e das manifestações artísticas.

III. Enfrentar situações-problema (SP): selecionar, organizar, relacionar, interpretar dados e informações representadas de diferentes formas, para tomar decisões e enfrentar situações-problema.

IV. Construir argumentação (CA): relacionar informações, representadas em diferentes formas, e conhecimentos disponíveis em situações concretas, para construir argumentação consistente.

V. Elaborar propostas (EP): recorrer aos conhecimentos desenvolvidos na escola para elaboração de propostas de intervenção solidária na realidade, respeitando os valores humanos e considerando a diversidade sociocultural.

A seguir, apresentamos as cinco competências que serão avaliadas pela banca examinadora do ENEM na prova de Redação.

COMPETÊNCIAS EXPRESSAS NA MATRIZ DE REFERÊNCIA PARA REDAÇÃO

Baseada nas cinco competências da Matriz de Referência para a Redação, a proposta da Redação do Enem é elaborada de forma a possibilitar que os participantes, a partir de uma situação-problema e de subsídios oferecidos, realizem uma reflexão escrita sobre um tema de ordem política, social ou cultural, produzindo um texto de tipo dissertativo-argumentativo. São tais:

Este conteúdo pertence ao Descomplica. É vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito.
Todos os direitos reservados.

1 - Demonstrar domínio da norma padrão da língua escrita.

2 - Compreender a proposta de redação e aplicar conceitos das várias áreas de conhecimento para desenvolver o tema, dentro dos limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo.

3 - Selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista.

4 - Demonstrar conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação.

5 - Elaborar proposta de solução para o problema abordado, respeitando os valores humanos e considerando a diversidade sociocultural.

Níveis de conhecimentos associados às Competências Expressas nas Matrizes de Referência para Redação do Enem.
Para cada uma das competências expressas na matriz de referência para Redação do Enem, existem níveis de conhecimento associados a essas competências, conforme descritos abaixo:

- Nível 0:

Demonstra desconhecimento da norma padrão, de escolha de registro e de convenções da escrita. Não defende ponto de vista e apresenta informações, fatos, opiniões e argumentos incoerentes. Apresenta informações desconexas, que não se configuram como texto. Não elabora proposta de intervenção.

- Nível I:

Demonstra domínio insuficiente da norma padrão, apresentando graves e frequentes desvios gramaticais, de escolha de registro e de convenções da escrita. Desenvolve de maneira tangencial
o tema ou apresenta inadequação ao tipo textual dissertativo-argumentativo. Não defende ponto de vista e apresenta informações, fatos, opiniões e argumentos pouco relacionados ao tema. Não articula as partes do texto ou as articula de forma precária e/ou inadequada. Elabora proposta de intervenção tangencial ao tema ou a deixa subentendida no texto.

- Nível II:

Demonstra domínio mediano da norma padrão, apresentando muitos desvios gramaticais, de escolha de registro e de convenções da escrita. Desenvolve de forma mediana o tema a partir de argumentos do senso comum, cópias dos textos motivadores ou apresenta domínio precário do tipo textual dissertativo-argumentativo. Apresenta informações, fatos e opiniões, ainda que pertinentes ao tema proposto, com pouca articulação e/ou com contradições, ou limita-se a reproduzir os argumentos constantes na proposta de redação em defesa de seu ponto de vista. Articula as partes do texto, porém com muitas inadequações na utilização dos recursos coesivos. Elabora proposta de intervenção de forma precária ou relacionada ao tema, mas não articulada com a discussão desenvolvida no texto.

Este conteúdo pertence ao Descomplica. É vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito.
Todos os direitos reservados.

- Nível III:

Demonstra domínio adequado da norma padrão, apresentando alguns desvios gramaticais e de convenções da escrita. Desenvolve de forma adequada o tema, a partir de argumentação previsível e apresenta domínio adequado do tipo textual dissertativo-argumentativo. Apresenta informações, fatos, opiniões e argumentos pertinentes ao tema proposto, porém pouco organizados e relacionados de forma pouco consistente em defesa de seu ponto de vista. Articula as partes do texto, porém com algumas inadequações na utilização dos recursos coesivos. Elabora proposta de intervenção relacionada ao tema, mas pouco articulada à discussão desenvolvida no texto.

- Nível IV

Demonstra bom domínio da norma padrão, com poucos desvios gramaticais e de convenções da escrita. Desenvolve bem o tema a partir de argumentação consistente e apresenta compreensão do tipo textual dissertativo-argumentativo. Seleciona, organiza e relaciona informações, fatos, opiniões e argumentos pertinentes ao tema proposto de forma consistente, com indícios de autoria, em defesa de seu ponto de vista. Articula as partes do texto com poucas inadequações na utilização de recursos coesivos. Elabora proposta de intervenção relacionada ao tema e bem articulada à discussão desenvolvida no texto.

- Nível V:

Demonstra excelente domínio da norma padrão, não apresentando ou apresentando escassos desvios gramaticais e de convenções da escrita. Desenvolve muito bem o tema com argumentação consistente, além de apresentar excelente domínio do tipo textual dissertativo-argumentativo, a partir de um repertório sociocultural produtivo. Seleciona, organiza e relaciona informações, fatos, opiniões e argumentos pertinentes ao tema proposto de forma consistente, configurando autoria, em defesa de seu ponto de vista. Articula as partes do texto, sem inadequações na utilização dos recursos coesivos. Elabora proposta de intervenção inovadora relacionada ao tema e bem articulada à discussão desenvolvida em seu texto.

Este conteúdo pertence ao Descomplica. É vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito.
Todos os direitos reservados.

A organização discursiva do texto

Nas aulas de redação do Ensino Fundamental, você deve ter aprendido que existem três modalidades chamadas "clássicas" de organização discursiva de um texto. São elas: a narração, a descrição e a dissertação. Entre as "não clássicas", destacam-se a carta argumentativa, o resumo, a resenha, entre outras. De todas essas possibilidades, sem dúvidas, devemos concentrar nossos esforços e nossa atenção ao modelo dissertativo. É justamente essa modalidade que é cobrada pela banca examinadora do ENEM desde a sua concepção.

1. O TEXTO DISSERTATIVO

1.1. Considerações Iniciais

O modelo dissertativo é o preferido pela banca examinadora do ENEM, conforme foi dito anteriormente. Essa preferência não se dá ao acaso, muito pelo contrário, justifica-se pelo fato de a dissertação ser a modalidade textual que associa com maior evidência, as características que a banca espera de um candidato: inteligência linguística, capacidade de articulação de discursos ou informações soltas, reflexividade e senso crítico. Tudo isso, não a partir de referências muito técnicas ou provenientes de "decorebas", mas sempre com base em aspectos da realidade.

Em síntese, podemos afirmar que a dissertação mede a capacidade do aluno de absorver, interagir e interpretar o seu mundo, além de produzir tais ideias sob a forma escrita.

Diante do que foi mencionando, é válido enfatizar que é quase impossível se obter um bom resultado na prova de Redação se estivermos presos a "fórmulas mágicas" ou "receitas de bolo" relativas à produção textual. Por esse motivo, estimularemos sempre o pensamento crítico e consciente de nossos alunos, a fim de que qualquer redação, a partir de qualquer tema e em qualquer circunstância possa ser produzida de modo adequado e proveitoso.

1.2. Características Gerais da Dissertação

1.2.1. O ato de dissertar: segundo o dicionário Aurélio, dissertar significa tratar com desenvolvimento um ponto doutrinário ou um tema qualquer. Em outras palavras, trata-se do ato de "desembrulhar" um tema esclarecendo os seus pontos principais para o leitor – às vezes, inclusive, emitindo uma opinião. Na escola, aprendemos que existem duas espécies de textos dissertativos: o expositivo e o argumentativo. No primeiro caso, são feitas considerações imparciais sobre o tema, sem a emissão de qualquer juízo de valor pelo enunciador. No segundo caso, uma opinião é emitida e, posteriormente, defendida com o uso de argumentos. Nesse sentido, cuidado: as bancas dos exames vestibulares não costumam observar com bons olhos textos meramente expositivos; já dissemos que o senso crítico é um dos "ingredientes" de uma boa redação e somente com a defesa de uma opinião ou ponto de vista, poderemos fazer notar nossa capacidade crítica. Textualmente, isso é confirmado pela banca da UNICAMP:

> "Em uma dissertação, deve-se defender uma tese, ou seja: organizar dados, fatos, ideias, enfim, argumentos em torno de um ponto de vista definido sobre o assunto em questão. Uma

Este conteúdo pertence ao Descomplica. É vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito.
Todos os direitos reservados.

dissertação deve, na medida do possível, concluir algo. Portanto, não tem cabimento ficar simplesmente elencando argumentos favoráveis ou contrários a determinada ideia."
(www.comvest.unicamp.br)

Daqui para frente, lembre-se do seguinte: quando falarmos em dissertação pura e simplesmente, estaremos fazendo referência ao tipo argumentativo.

1.2.2. Objetivo ou função: como vimos na última aula, o objetivo maior da dissertação é convencer o possível leitor de que um determinado ponto de vista é válido. Para que esse objetivo seja atingido, fazemos uso de argumentos que, bem estruturados, configuram a chamada argumentação. A argumentação é constituída de um conjunto de ideias comentadas e fundamentadas lógica ou psicologicamente, que garantem a adesão de um interlocutor a certo ponto de vista.

1.2.3. Estrutura ortodoxa: existem diversas formas de se organizar um texto. Entretanto, uma parece ser a mais indicada na ocasião do exame vestibular: trata-se da chamada estrutura ortodoxa da dissertação. Sob esse escopo, o texto possui três partes bem definidas, cada uma desempenhando um papel específico. São elas: a introdução, o desenvolvimento e a conclusão. Essa parece ser a estruturação mais adequada por diversos motivos, entre os quais se destacam:

a) não é uma tarefa simples organizar as ideias e apresentá-las para a banca de modo coerente. A estrutura ortodoxa constitui um meio extremamente eficaz de promover essa organização.

b) todos os exemplos de redações divulgadas que obtiveram grau máximo pelas comissões examinadoras seguem essa estrutura. Desse modo, o candidato não vai apenas mostrar capacidade de ordenação do raciocínio, vai também demonstrar que entrou em contato com bons textos ao longo de sua preparação.

1.2.4. Linguagem impessoal: o texto dissertativo deve ser escrito, via de regra, na terceira pessoa. Dito de outro modo, os pronomes "eu", "meu" ou "minha" jamais deverão ser utilizados, bem como formas verbais que contenham em sua estrutura a desinência número-pessoal da primeira pessoa: "acredito", "acho", "devo", "quero".

"Por que não posso utilizar a primeira pessoa do singular no meu texto? Ora, se é a minha opinião... "

Esse questionamento deve estar surgindo em sua mente neste exato momento. De fato, parece paradoxal impedir que se utilizem marcas de personalização em um texto pessoal. Na verdade, a explicação para essa aparente contradição é bastante simples: de um lado, é óbvio que o texto pertence a quem o produz; nesse sentido, seria redundante o enunciador ter o tempo todo que aparecer. Por outro lado, e aqui está o motivo maior, bons argumentadores fazem com que opiniões pessoais pareçam verdades absolutas; isso, só mesmo a linguagem impessoal (em terceira pessoa) pode realizar.

Observação: existe a possibilidade de ser utilizada a primeira pessoa do plural (*nós*), contudo esse subterfúgio só deve ser empregado quando estivermos diante de um contexto mais

Este conteúdo pertence ao Descomplica. É vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito.
Todos os direitos reservados.

humanístico, em que a inclusão genérica do enunciador seja bem-vinda. É o que acontece em muitas provas do ENEM, que por apresentar, muitas vezes, um caráter nitidamente social, acaba fazendo com que o aluno se sinta à vontade para redigir estruturas como *"Devemos buscar, então, os meios adequados para diminuir tamanho flagelo social".*

1.2.5. Adequação à norma culta e aos índices de formalidade: a dissertação é um texto técnico e, como tal, deve seguir um conjunto mínimo de regras. Nesse contexto, o registro formal e culto deve ser empregado pelo aluno. Assim, todas as modalidades relativas à boa gramática, desde as regras de acentuação, pontuação, concordância, regência, entre outras, até o não uso de gírias ou de vocábulos considerados de baixo calão deverão ser observadas.

1.2.6. Qualidades essenciais: para que sua dissertação consiga obter o grau máximo, mais alguns detalhes deverão estar presentes: clareza (por isso não se deve redigir um texto muito hermético), coerência, coesão (esses dois aspectos serão trabalhados em aulas posteriores), senso crítico, uma pequena dose de originalidade e profundidade. Todos esses elementos somados farão com que o candidato consiga causar excelente impressão à banca corretora e, por isso, a nota será alta.

Você deve ter percebido a partir do exposto, que escrever uma dissertação "perfeita" não é uma tarefa fácil. Muito pelo contrário, trata-se de uma atividade bastante complexa que requer do aluno concentração total aliada a muita prática. Vamos começar nossos esforços? Mãos à obra!

2. EXEMPLOS DE DISSERTAÇÃO:

Redação 1
Tema: Por que o vestibular é considerado problemático?
Nota: 10,0

Os piores cegos

Quando o assunto é vestibular, não há calmante suficiente. Nem remédio algum para a miopia que se revela nesse período. Sem dúvida, a pressão da família, o mito do momento decisivo e a falta de maturidade dos candidatos são os principais fatores que levam pais e filhos ao desespero. Nem sempre, no entanto, a culpa é do concurso, mas isto poucos conseguem enxergar.
As dificuldades começam em casa e atingem a quase todos. Rigorosos ou não, os pais costumam reforçar as pressões que os alunos sentem no ar, na aurora do ano em que se diplomam no Ensino Médio. Frequentemente, a cobrança de outros se transforma em cobrança pessoal, o que implica, sem sombra de dúvida, um mal ainda maior.
Como se não bastasse ter as atenções do resto do mundo voltadas para si, o vestibulando enfrenta uma situação considerada única e, por isso, decisiva. Porém, isso não deveria ser assim. Afinal, existem provas todos os anos e, além disso, sempre é hora de mudar, sobretudo quando se trata de uma decisão tomada em plena adolescência.
De fato, outro fator que contribui para a mitificação do concurso é a idade da maior parte dos candidatos, variando em torno dos dezoito anos. As dificuldades desse período da vida não são poucas, e o vestibular vem multiplicá-las na mesma medida em que é por elas alimentado. Como

Este conteúdo pertence ao Descomplica. É vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito.
Todos os direitos reservados.

resultado, cria-se um círculo vicioso, que atinge a todos sem constrangimento e não permite que se vejam alternativas.
Portanto, é evidente que a natureza do vestibular não é problemática. Elementos “externos” são os reais complicadores, e devem ser combatidos – seja pela conscientização de pais e alunos, seja pela imposição de um novo modelo, mais racional – a fim de que o ano do concurso seja um momento saudável, de construção da personalidade, e não de deterioração desta. Abrir os olhos para essa realidade – querendo enxergá-la – é tão fundamental quanto estudar.

Redação 2
Tema: Consumismo no Brasil: comportamento natural ou prejudicial?
Nota: 10,0

Em busca do tênis perfeito

Nas últimas décadas do século XX, a popularização dos meios de comunicação de massa foi acompanhada pela evolução da publicidade. Como consequência, houve a explosão, no Brasil, a partir da década de 80, dos objetos do desejo. No país, tal exacerbação do consumismo apresenta aspectos peculiares, ao contrapor-se à realidade socioeconômica local.
A penetração do ideal do ter reflete a dominação cultural dos EUA sobre o Brasil. Os objetos “glamourizados” pela mídia trazem o modelo de vida estrangeiro, desvalorizando a cultura nacional. Dessa forma, o brasileiro deseja, muitas vezes, possuir bens inadequados ao seu ambiente e necessidades primordiais, e, principalmente, economicamente inviáveis à maior parte da população.
Por isso, nos centros urbanos, assiste-se ao crescimento de maneiras ilícitas de obter maiores ganhos. Num país em que a má distribuição de renda beira o absurdo, a população de baixa renda é submetida aos mesmos ideais consumistas dos mais ricos. De tal maneira, crianças e jovens miseráveis e sem perspectivas de educação ou emprego atiram-se ao tráfico de drogas e a assaltos em busca do tênis de marca.
Não apenas com a violência gratuita em níveis alarmantes, mas também com o alto número de golpes e a corrupção, observa-se a decadência moral da sociedade. Valores éticos, solidariedade e respeito são suprimidos em favor do consumo irracional numa economia que não o suporta. Com isso, cresce a descrença no futuro do país, fazendo com que essa prática apresente-se muito mais como um mal a ser exorcizado do que algo necessário para a evolução da população.
O consumismo exagerado, portanto, contribui para o agravamento das mazelas do país. Para reverter tal quadro, deve-se procurar o resgate da cultura nacional e a recuperação de valores através da mídia. Assim, em vez de propagar o “compre”, essa propagará educação, fundamental na construção de um país justo. O tênis perfeito será finalmente substituído por um Brasil mais igualitário.

Este conteúdo pertence ao Descomplica. É vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito.
Todos os direitos reservados.

Dissertação exemplar – parte 1

A fim de aprofundar seu estudo sobre a dissertação, separamos diversos textos com conteúdo considerado acima da média. Leia-os com atenção e verifique quais aspectos fazem com que eles se diferenciem dos textos *comuns.*

Redação 1
Tema: Problemas da democracia no Brasil

De olho no picadeiro

Sabe-se que o Brasil é, historicamente, marcado por absurdas desigualdades sociais e por nenhuma medida política eficaz para, pelo menos, amenizá-las. Nesse contexto de displicência governamental, o abismo entre as classes apenas aumentou, chegando, nos dias atuais, a uma assustadora realidade de divisão e segregação. O paradoxal, no entanto, é que mesmo em um país de gritantes diferenças, há quem acredite viver em uma plena democracia.

A princípio cabe ressaltar que após a implantação do modelo neoliberal de produção, ficamos ainda mais distantes do conceito democrático. De fato, a política do estado mínimo corrói os alicerces sociais na medida em que saúde, educação e previdência social são confinadas ao segundo plano de investimentos. Esse verdadeiro ataque aos patrimônios populares é uma negação ao desenvolvimento do chamado “governo do povo”. É o maior exemplo de violência social que pode existir.

Como se não bastasse o jogo político na economia, ele também se faz presente em nível psicológico. Nesse sentido, não é raro que novas medidas do governo sejam ineficientes, porém sempre amplamente divulgadas. Qual brasileiro não ouviu falar do bolsa-escola? ou até mesmo que algumas terras já estão sendo redistribuídas? Puro marketing da autopromoção, remontando aos tempos varguistas. A hipocrisia, deste modo, consiste em supervalorizar a intenção, ofuscando a eficiência da ação, mantendo as discrepâncias sociais e o controle ideológico de grande parte da população.

Além disso, a ação política é indissociável da predisposição do povo à submissão e ao controle. Um bom exemplo é o sistema carcerário atual, que confina presos em um pequeno espaço quase que animalizando-os. Por outro lado, enquanto muitos se espremem em uma reduzida jaula, o juiz Nicolau tem recaídas depressivas em sua prisão especial e é liberado para a casa algumas vezes. Revolta popular? Nenhuma. A naturalidade com que encaramos essa violentação aos direitos sociais, também nos torna, em parte, antidemocratas.

Sendo assim, governo e povo são aliados no retardamento da construção da democracia. Não se pode duvidar de que, entretanto, somos apenas espectadores nesse circo instaurando no Brasil. O importante, na verdade, é negar a passividade e também contribuir para o andamento do espetáculo que, até o momento, só teve o palhaço em cartaz.

Redação 2
Tema: Violência social e construção da democracia no Brasil contemporâneo.

Este conteúdo pertence ao Descomplica. É vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito.
Todos os direitos reservados.

Política de vanguarda

Violência, miséria, segregação social. Essas são as bases do Brasil contemporâneo, do Brasil individualista, do Brasil que vive a teórica democracia. Nessa conjuntura, fica evidente a miopia de uma sociedade que não observa a ruína dos direitos humanos e o caos iminente do quadro sócio-político do país.

Por permanecer cega, inerte e apática, a população segue demolindo os alicerces que estruturam a sociedade. Em nome do individualismo e da busca incessante da acumulação de capital, a elite busca isolar-se cada vez mais do mundo real, mesmo que para tanto torne-se cúmplice e vítima da violência social que se faz presente. De fato, a riqueza agride tanto ao miserável quanto a miséria fere aos olhos da minoria que pode comprar óculos escuros. Diante de tanta ignorância humana, cumpre questionar onde se encontram o regime democrático e o governo do povo para o povo.

Sendo assim, cabe ressaltar que vivemos em um país onde muitas são as perguntas e raras são as respostas. O que se têm, portanto, são apenas discussões inúteis e um conjunto de medidas que agravam ainda mais os casos de agressão aos direitos humanos. Um fato que comprova isso é o surgimento da “indústria da violência”; carros blindados, “condomínios excluídos” e os inúmeros políticos que fazem da segurança uma arma para declaração de diretos do cidadão, já que segurança passou a ser direito de poucos.

Além disso, vale ressaltar que muitas são as formas de agressão, desde a violência gratuita, até a provação do direito de viver com dignidade. Contudo, o que se percebe de comum na realidade do país é um sistema político anacrônico, em desacordo com a ideologia internacional do neoliberalismo e da globalização. De fato, fica difícil manter a democracia e os ideais de liberalidade e igualdade quando o estado deixa de ser nação e passa a ser empresa ou ainda, quando se derrubam fronteiras e não se respeitam as diferenças.

Torna-se evidente, portanto que a violência social e a destruição da democracia no Brasil contemporâneo não são culpa da sociedade, mas a responsabilidade sim desse modo, fica claro que o brasileiro é um irresponsável consciente, que vive fora dos padrões da vanguarda sócio-política. O que o torna diferente, é justamente o fato de não soneira com uma ideologia que esteja de acordo com suas verdadeiras necessidades, mesmo que ela seja considerada ultrapassada.

Redação 3
Tema: A importância do amor no mundo contemporâneo

À procura de lucidez

Basta estar vivo para conhecer clichês sobre o amor, mesmo sem tê-lo sentido. Até os mais dignos poetas se deixam levar pelo lugar-comum das maravilhas e paradoxos desse nobre sentimento. De Camões a Drummond, de Shakespeare a Vinícius, o amor tem povoado textos que, se não têm valor literário, pelo menos ajudam jovens pouco inspirados a conquistar belas moças. Nesse contexto de tamanha unanimidade, seria ousado discordar. Mas o risco talvez valha a pena.

Na maioria das vezes, atribui-se ao amor um papel subversivo em um mundo marcado pelo materialismo. Diante das exigências do capitalismo, que impõe aos indivíduos uma rotina apagada de trabalho e sofrimento, a paixão seria um contraponto decisivo. Na base dessa ideia,

Este conteúdo pertence ao Descomplica. É vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito.
Todos os direitos reservados.

encontra-se uma premissa equivocada: a de que o prazer não pode advir da rotina, do trabalho e da produção. Basta, porém, conversar com pessoas bem-sucedidas em suas profissões para descobrir que sua relação com as tarefas diárias é bastante positiva. Nesse caso, paixão e trabalho não se excluem; pelo contrário, ajudam-se. Assim, o amor só constituiria um refúgio para aqueles que são frustrados nos outros campos da vida.

Na origem dessa percepção equivocada, encontra-se outra falsa oposição. Trata-se do antagonismo entre sentimento e racionalidade, segundo o qual o aquele é mais importante que esta. A quem sustenta essa visão, vale lembrar o pensador italiano Antonio Gramsci, para quem o amor também demanda inteligência. De fato, o estabelecimento de relações sentimentais saudáveis deve ser feito com base em sensatez e reflexão. Sem essas qualidades, um namoro ou casamento tende a se dissolver nos exageros típicos da irracionalidade. Não é sem motivo que a palavra paixão tem a mesma raiz etimológica que patologia: ambas remontam à ideia de doença.

Nesse sentido, não será demais afirmar que o amor excessivo pode ser absolutamente prejudicial. Indivíduos improdutivos, relações improdutivas, sociedade improdutiva. Eis as consequências do exagero sentimental. Em seu lugar, um pouco de comedimento ajudaria a tornar as pessoas mais equilibradas. Desse modo, em vez de gritos, mortes e suicídios, pode afluir uma harmonia serena, na medida em que a maturidade amorosa costuma ser muito mais profunda e duradoura que os desejos momentâneos. Quem discordar dessa perspectiva e quiser citar poetas e filósofos deve se lembrar do seguinte: ao escreverem seus textos sobre o amor, eles possivelmente estavam cegos. De paixão.

REDAÇÕES DE VESTIBULARES ANTERIORES

Redação 1
UFRJ 2004 (Identidade da música brasileira)

Antropofagia musical

Historicamente, a cultura brasileira sempre foi criticada por não ter uma identidade própria, sendo um misto adaptado das culturas indígena, europeia e africana. No entanto, esta crítica mostra-se inválida, visto que uma evolução cultural ocorre pelo contato entre diferentes costumes alimentares, religiosos e musicais. A música brasileira é um exemplo da consolidação da identidade cultural do Brasil, uma vez que essa constitui o espelho dos acontecimentos do país e as características de seu povo.

Na era da globalização, em que as fronteiras foram eliminadas, verifica-se um fenômeno curioso, que primeiramente, pareceria paradoxal. O acesso à internet permitiu um intenso intercâmbio entre culturas, o que promoveu uma verdadeira “invasão” de bandas de rock e cantores “pop” no seio musical brasileiro. Entrementes, o surgimento e a disseminação de ritmos como o funk e o forró mostram uma reação da música brasileira a esse processo.

Esse nascimento de estilos genuinamente brasileiros, como o funk, corrobora o fato de que a música é o reflexo das transformações sociais. Vítimas de um déficit educacional abissal e do abandono governamental, os criadores do funk retratam, por meio da música, as consequências do descaso que assola grande parte da população. Embora, não seja um protesto, como ocorreu na Tropicália, percebem-se os efeitos da crise moral vigente por meio desse estilo musical e

Este conteúdo pertence ao Descomplica. É vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito.
Todos os direitos reservados.

consolidação efetiva de nossa identidade cultural.

Nessa perspectiva, em que a música brasileira está sentada em bases sólidas, toda a nossa cultura é contaminada por essa valorização do que é nacional. O movimento modernista foi o grande responsável por esse acontecimento. Com esse, o povo brasileiro passou a ser retratado tal como ele é, e com isso, passamos a apreciar a vasta riqueza deste "caldeirão" de raças e culturas que se chama Brasil.

O fato de nossa cultura ser resultado de uma experiência antropofágica não faz dela melhor ou pior que outras, mas especial por ser tão diversificada. Sem a conotação hiperbólica usada pelos românticos para caracterizar o Brasil e sua cultura, podemos, ainda assim, dizer que somos privilegiados e temos o imensurável regozijo de sermos donos de um acervo musical abastado e consolidado, único no mundo.

Redação 2
UFRJ 2004 (Identidade da música brasileira)

Beleza sim, nacionalismo não

Quem vai à História descobre logo que o samba não seria o mesmo sem os ritmos africanos e as danças latinas, o mesmo valendo para outros estilos "tipicamente" brasileiros. Por isso, acaba vendo como histeria o alarme diante da música americana nas rádios e lojas de CDs. Entretanto, a velocidade das influências, hoje, é realmente motivo de preocupação. Afinal, embora as trocas estejam na base de qualquer cultura, a globalização econômica as torna excessivas, exigindo mecanismos de "filtragem".

Ainda que existam pessoas que idealizem a ideia de pureza cultural, a análise histórica sempre revela intercâmbios nas mais diversas manifestações. Não seria diferente com a música brasileira, criada em um país marcado pela convergência de raízes étnicas diversificadas. Nessa perspectiva, parece razoável afirmar que a riqueza dos ritmos e melodias nacionais seja diretamente proporcional à multiplicidade dessas fontes, todas misturadas de modo singular.

Entretanto, essa "singularidade múltipla" também não deve ser idealizada. Nem todas as influências externas são positivas, sobretudo quando as "trocas" culturais são rápidas demais. É exatamente isso que vem ocorrendo hoje, no contexto da globalização. A música estrangeira, principalmente norte-americana, impõe-se como um gosto único, massificado, dentro de uma lógica que inclui gravadoras, emissoras de rádio e TV, além do cinema e da Internet.

Embora não se trate de uma ameaça extrema, esse panorama precisa de atenção. Mais do que perder a identidade da música brasileira, corre-se o risco de perder sua qualidade. Nesse sentido, "filtros" inteligentes podem ter um papel decisivo. Em vez de criar leis para impedir as influências, faz mais sentido educar musicalmente as pessoas. Se a expressão musical nacional tiver mesmo qualidade, basta apurar os ouvidos do público. O resto é natural.

Dessa forma, valorizando o contato do público com as expressões culturais de qualidade, a identidade musical brasileira pode manter sua riqueza. A esse propósito, Tom Jobim costumava afirmar que a música é exatamente nossa maior qualidade, aquilo que nos torna 1º mundo. Resta seguir a lição de mestre e olhar para o que aqui se produz, não por simples nacionalismo, mas principalmente por admiração do belo.

Redação 3
UFRJ 2005 (A valorização do corpo)

Este conteúdo pertence ao Descomplica. É vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito.
Todos os direitos reservados.

Corpo são, mente insana

Basta uma hora diante da televisão ou em um shopping para perceber que a valorização do corpo faz parte da visão de mundo atual. Academias, tratamentos, cosméticos — tudo isso reflete uma lógica cultural tão difundida quanto ilusória. Embora tenha raízes históricas, o culto ao corpo constitui hoje uma distorção, cujos efeitos têm sido bastante negativos para a maior parte das pessoas.

Um olhar para a história nos mostra que as mais diversas sociedades e épocas tiveram seus padrões de beleza associados a formas físicas. Sobretudo nos períodos em que o homem se colocou como centro do universo, o corpo teve papel cultural de destaque. O Renascimento, em especial, representa esse conceito, que sempre esteve baseado na relação orgânica entre aparência e essência. Assim, a beleza externa seria a expressão desejável de uma essência completa.

É justamente essa relação que parece ter sido perdida pelo homem contemporâneo, que se baseia na falsa premissa de que corpo e alma constituem dimensões distintas. Sem dúvida, as pessoas passam a se preocupar com uma aparência dita perfeita, que não reflete seu modo de ser. Para os modelos da publicidade, essa beleza padronizada parece bastar; para uma pessoa real, ela nunca será suficiente.

Em virtude dessa ilusão, criam-se efeitos perversos para dois grupos de pessoas. O menor deles, com acesso a essa indústria da beleza, compromete a saúde do corpo e nunca estará em harmonia consigo mesmo. O segundo, formado pela maior parte da sociedade, encontra-se excluído dessa lógica, não porque queira, mas porque não tem poder aquisitivo para nela se integrar por completo.

Pode-se perceber, portanto, que não há por que colocar o corpo em um plano inferior à mente, uma vez que dele também dependemos para viver bem. Nesse sentido, a valorização do corpo, por si só, não chega a ser um mal. O problema é imaginar que a harmonia, a beleza e a felicidade possam ser alcançadas exclusivamente pela ida a shoppings e academias. Eis a ilusão a ser superada.

Este conteúdo pertence ao Descomplica. É vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito.
Todos os direitos reservados.

Dissertação Exemplar – Parte 2

Abaixo, avalie uma proposta de redação que contém os mesmos padrões utilizados pelo ENEM. Depois, leia as redações que receberam diferentes notas na mesma banca. Procure perceber a capacidade argumentativa, coerência e coesão, e as diferenças de linguagem entre elas. Tente compreender por que cada uma recebeu a nota atribuída.

MODELO DE PROPOSTA DE REDAÇÃO

Com base na leitura dos seguintes textos motivadores e nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em norma culta escrita da língua portuguesa sobre o tema "A violência na escola brasileira: como mudar as regras desse jogo?" Apresente experiência ou proposta de ação social que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

Texto 1

Até que ponto a violência das ruas penetrou nas escolas do Brasil? Essa questão até agora só podia ser respondida com especulações baseadas em incidentes de maior repercussão, que aparecem na imprensa. Um levantamento realizado pela Unesco, o braço das Nações Unidas para a educação, ciência e cultura, que será divulgado nesta semana, é o primeiro a examinar a insegurança na escola por meio de estatísticas. O estudo conclui que na maioria dos colégios, sejam eles públicos, sejam eles privados, a violência atingiu tal patamar que os alunos estão tão inseguros na sala de aula como se estivessem na rua. Para chegar a esse diagnóstico, foram entrevistados 34 000 estudantes, 13 400 pais e professores de 340 escolas de catorze capitais durante dois anos. "A violência no entorno da escola chegou a um ponto tão alarmante que ultrapassou os portões e invadiu o ambiente escolar", diz a socióloga Miriam Abramovay, coordenadora do estudo da Unesco. "Pudemos comprovar também que não passa de mito a ideia de que apenas os estabelecimentos de ensino público convivem com tráfico de drogas, armas e gangues. A situação é bem parecida no ensino privado."

Os pesquisadores da Unesco consideram como violência na escola agressões, roubos e assaltos, estupros, depredações, armas e discriminação racial. Em décadas passadas, a violência dentro das instituições de ensino era vista como decorrência da rebeldia natural da adolescência. Os primeiros estudos sobre o assunto datam de 1950 e estão repletos de relatos de depredações e respostas malcriadas de alunos indisciplinados. O que antes era rebeldia hoje é crime de verdade. Nunca foi tão fácil o acesso a drogas e armas. Nem sequer é preciso procurar drogas fora da escola, pois muitos estudantes são também traficantes. "Temos alunos na cidade que se matriculam apenas para traficar", observa Jucinéia Santos, secretária de políticas educacionais do Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (Apeoesp). "Há aluno que vende crack às 8 horas da manhã. Quem deve a ele pode ser baleado no pátio, na hora do recreio", diz.

Este conteúdo pertence ao Descomplica. É vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito.
Todos os direitos reservados.

Veja alguns números do levantamento:

- Dos alunos que têm arma de fogo, 70% já levaram seus revólveres para a escola.
- As ameaças contra professores tornaram-se mais constantes e perigosas: 50% do corpo docente de São Paulo e 51% do de Porto Alegre relataram algum tipo de agressão.
- Quatro de cada dez professores atribuem a violência ao envolvimento dos alunos com drogas.

(Adaptado de Veja on-line; acesso em 21/06/2011)

Texto 2

O menino Vitor Fernando Dutra Gumieiro, de 9 anos, foi agredido por cinco garotos da mesma faixa etária dentro da sala de aula e na saída da Escola Estadual Adolfo Alceu Ferrero, anteontem, em São Joaquim da Barra, na região de Ribeirão Preto (SP). Devido à agressão, ele foi internado e passou por exames de tomografia e ressonância magnética em Ribeirão Preto. Vitor terá alta hospitalar amanhã e usará colar cervical por 15 dias.

Segundo a mãe, Kênia Helena Silveira Dutra, de 27 anos, o filho sofre com as brincadeiras de colegas porque é gago. Após a agressão na escola, ele não mencionou nada em casa. Dentro da sala de aula (3ª série), ele foi atingido por um soco, um tapa e um golpe de mochila. Na saída da escola, a inspetora o mandou sair pelos fundos, mas os agressores perceberam e o cercaram, desferindo socos e chutes em seu corpo.

(http://www.estadao.com.br/noticias/geral, acesso em 21/06/2011)

Texto 3

A violência protagonizada pelos jovens nas escolas é uma realidade inegável. A sociedade terá que se organizar e insurgir-se ativamente contra este fenômeno. De igual modo, a escola terá que ajustar os seus conteúdos programáticos e aproximar-se mais das crianças. Devido às exigências, as famílias muitas vezes destituem-se da sua função educativa, delegando-a à escola. No meio de toda essa confusão, estão as crianças, que atuam conforme aquilo que observam e agem consoante os estímulos do meio. Meio esse que por vezes oferece modelos de conduta e referências positivas questionáveis.

(Trabalho realizado para o módulo de "A escola e os seus agentes perante a exclusão social" do Doutoramento em Educação Social)

INSTRUÇÕES:

- Seu texto tem de ser escrito à tinta, na folha própria.
- Desenvolva seu texto em prosa: não redija narração, nem poema.
- O texto com até 7 (sete) linhas escritas será considerado texto em branco.

Este conteúdo pertence ao Descomplica. É vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito.
Todos os direitos reservados.

- O texto deve ter, no máximo, 30 linhas.
- O rascunho da redação deve ser feito no espaço apropriado.

Agora, leia algumas das redações feitas para esse simulado. Compare-as e perceba os aspectos fundamentais que diferenciam um texto de outro.

REDAÇÕES EXEMPLARES – SIMULADO ENEM 2011

Redação 1
Nota: 4,0

Insegurança do que chamamos de lar

Armas, drogas e máscaras são o que agora encontramos em lugares de conforto, segurança e alegria, em teoria, mas o óbvio parece ter se tornado inesperado, e o que achamos não passa de ódio e destruição.

O ensino que, ao longo dos anos, tende a somente receber mais valor teórico, não é posto em prática, consequentemente, afetando o aprendizado de centenas de alunos, porém, antes de se julgar o "culpado", por que não é levado em conta as pessoas que poderiam mudar isso e preferem apenas ficar olhando?

Com a pouca ética de trabalho dada por alguns professores e o costume à revoltas e falta de disciplina de variados tipos de alunos, nos faz perceber que os problemas de educação ocorrem em casa e na escola, onde comportamentos abusivos, agressivos e desrespeitosos não são repreendidos por nenhuma autoridade.

Enquanto for dado mais valor à quantos idiomas se fala, quantas palavras consideradas eruditas ou a elevação de QI de cada um, esqueceremos que somos seres humanos iguais e continuaremos perdendo nossos valores e princípios por ambições que a sociedade nos concede de ser grandiosos e para poucos.

Redação 2
Nota: 8,5

Tiro ao alvo

As vítimas atingidas pela violência dentro do colégio carregam com elas um substantivo que as antecede, o desrespeito. O desrespeito ao professor, ao funcionário, ao aluno. O desrespeito ao "gordinho, ao "nerd", o "magricelo". O desrespeito à diferença, à individualidade. É inevitável tornar-se um alvo.

A violência é um produto de sentimentos negativos acumulados durante o tempo. Sentimentos que muitas vezes são encarcerados e abandonados, podendo refletir em atos brutais. Uma infância sofrida, pais ausentes, a influência do meio e a pressão que ele exercem são fatores pelos quais crianças e adolescentes sofrem e praticam o popular e infeliz bullying.

Este conteúdo pertence ao Descomplica. É vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito.
Todos os direitos reservados.

Além do constante abuso físico e verbal, a violência também é exposta de outras formas, como o roubo, o tráfico e o consumo de drogas, dentro e fora do ambiente escolar, e em casos mais graves, o trauma pode levar a verdadeiras tragédias, como o massacre testemunhado em uma escola em Realengo, no Rio de Janeiro, onde crianças foram assassinadas por um ex-aluno, perturbado até a idade adulta pelo sofrimento no ensino fundamental.

Nesse sentido, é necessário o apoio psicológico às vítimas e aos agressores, por parte da escola, para garantir uma maior estabilidade emocional. É essencial o aumento do policiamento na entrada de armas e drogas nas salas de aula. É preciso promover uma conscientização sobre o perigo e a infelicidade que a violência é capaz de trazer, pois assim, acabar pouco a pouco com as flechas de que ferem gravemente.

Redação 3 – Nota: 10,0

CONECTANDO POLOS

Devido ao fácil acesso a armas, de fogo ou brancas, e drogas, a violência que antes se mantinha fora dos portões da escola hoje a permeia. Casos de violência entre alunos e desses contra professores são cada vez mais comuns. Algo precisa ser feito.

Primeiramente, deve-se aumentar a segurança das instituições. Colégios que possuem um histórico de casos de violência devem receber patrulhamento rotineiro na entrada e na saída de seus alunos. Além disso, como objetivo de um projeto de lei estadual, é essencial a instalação de detectores metálicos nos portões. Dessa forma, será assegurada a segurança tanto dentro quanto fora das escolas.

Em segundo lugar, deve-se instaurar um departamento que acompanhe e oriente tanto o aluno quanto o professor. Pesquisas mostram que metade do corpo docente de algumas capitais nacionais já foi agredida. Tal departamento será responsável por atender psicologicamente esses profissionais e os alunos envolvidos, orientando também as famílias como proceder diante do fato. Desse modo, teríamos um movimento de diálogo e conciliação – a verdadeira antítese da violência.

Por último, e não menos importante, é o combate ao tráfico dentro dos colégios. Muito frequente no ensino particular, segundo percepção dos próprios mestres, é a causa da maior parte das agressões. Nesse caso, a solução deve ser direta e simples: a instituição deve comunicar não só aos pais, mas também às autoridades competentes. Denunciar, nesse caso, seria a melhor forma de a escola exercer seus deveres da cidadania.

Fica claro, portanto, que o combate à violência escolar é bipolar. Como em uma bateria, seus polos - a escola e a família - devem estar conectados, a fim de que se estabeleça uma corrente que torne a instituição de ensino impermeável ao problema. Com isso, o futuro do país estará blindado contra o horror em uma de suas células fundamentais.

Este conteúdo pertence ao Descomplica. É vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito.
Todos os direitos reservados.

Planejamento de Redação

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Você já esteve ou se imaginou em uma situação-limite como o momento da realização da prova de Redação no vestibular? É fácil imaginar os *estágios* dessa ocasião tão peculiar em nossas vidas: certa tensão no ar, o silêncio imperando na sala, os minutos do relógio passando tão lentos e, ao mesmo tempo, tão rapidamente, num paradoxo angustiante. Nesse contexto, apenas um pensamento vem à sua mente: resolver a prova a todo custo! Escrever é a regra do jogo, e você deve fazer isso de forma consciente, constante e organizada. Então, você começa a escrever tudo aquilo que foi aprendido, todas as referências lidas, todas as reflexões feitas em sala de aula... Enfim, tudo o que você sabe e que diga respeito ao tema proposto pela banca. Desse modo, a nota atribuída pelo corretor será boa, certo? Errado! Infelizmente, a melhor estratégia não é a descrita acima.

De fato, uma prova de Redação só será corrigida se houver um *caderno de respostas*, devidamente preenchido. No entanto, os alunos têm a (falsa) impressão de que somente no momento em que a caneta é utilizada na folha de prova é que esta será resolvida. Na verdade, a tarefa de produção textual é muito mais complexa, e necessita de uma fase *pré-textual*, talvez até mais demorada que a fase da escrita em si. Por Exemplo: do mesmo modo que um edifício ou uma viagem, para darem certo, devem ser pensados e planejados com antecedência, (no caso do edifício é preciso verificar quantos pavimentos vão existir, o perímetro a ser construído, a disposição dos cômodos, entre outros. Já no caso da viagem, checar o meio de transporte a ser utilizado, o número de dias, conferir a programação, etc.) Um texto também só produzirá o efeito esperado se tiver passado por uma fase de preparação. Essa fase pode ser dividida para fins didáticos, em quatro etapas distintas, que se percorridas com o devido cuidado, permitirão ao candidato um gigantesco salto de qualidade, no que tange a apreciação da banca. Vamos a elas?

2. AS ETAPAS DE PREPARAÇÃO

- ETAPA1: Interpretação da proposta de tema

É preciso ressaltar, antes de tudo, que a primeira etapa talvez seja a mais importante de todas. Isso porque se o candidato não tiver conseguido apreender na totalidade aquilo que a banca colocou em discussão, sempre será aplicado algum tipo de penalidade. Essa “falha” do vestibulando, é o que chamamos de fuga ao tema. A fuga pode ser total ou parcial: no primeiro caso, a redação é anulada pela banca (como corrigir um texto que não versa sobre o que foi pedido? Como compará-lo com os demais?) e, obviamente, a nota correspondente é zero; no segundo caso, as possibilidades de erro são inúmeras, com as penalizações variando na mesma medida.

Para que esse tipo de problema não ocorra, é preciso que nos atenhamos a aspectos extremamente importantes, como os abaixo discriminados.

Este conteúdo pertence ao Descomplica. É vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito.
Todos os direitos reservados.

→ Dê atenção total a cada uma das palavras que compõem o tema. A banca teve cerca de um ano para pensar na proposta, e se aquelas palavras foram utilizadas, cada uma delas desempenha uma função específica dentro do contexto. Para que a apreensão dos sentidos da proposta seja completa – impedindo que ocorra fuga ao tema – esses sentidos específicos devem ser inter-relacionados para a composição do todo.

→ Muito cuidado para não confundir *tema* e *assunto*. A falta de distinção pode levar o aluno a uma falha bastante grave. O assunto pode ser uma referência genérica ou um fato específico; o que o diferencia do tema é que este último é uma discussão direcionada, construída a partir do assunto escolhido. Para maior entendimento, observe os exemplos abaixo:

Ex. 1 - Assunto: Consciência ecológica
Possível tema: O que deve ser feito para que a consciência ecológica aumente em todo o mundo?

Ex. 2 – Assunto: Ataque terrorista às torres do World Trade Center
Possível tema: Causas da intolerância no mundo contemporâneo.

Em ambos os exemplos, fica clara a distinção entre tema e assunto. No primeiro, o assunto vem com uma referência genérica (*consciência ecológica*), enquanto o tema traz uma discussão mais direcionada, em que se questiona um modo para que se aumente a consciência sobre o meio ambiente. No segundo, o caso do atentado terrorista é o assunto usado como pretexto para trazer à tona a verdadeira discussão: os motivos que fazem com que as manifestações de intolerância estejam tão presentes nos dias de hoje.

→ Genericamente, podemos dizer que existem três formas de se apresentar uma proposta de discussão temática para o candidato, na ocasião do vestibular:

a) Proposta compreendida a partir de um texto-base e/ou uma frase-tema.

b) Proposta compreendida a partir de uma coletânea de textos, que dialogam entre si.
Observação: nos dois primeiros casos, muitas vezes a frase-tema não está explícita e deve ser inferida pelo candidato com base nos textos da coletânea.

c) Proposta compreendida a partir de texto não-verbal ou de texto híbrido.

Abaixo estão elencados alguns exemplos desses modelos de proposição:

Este conteúdo pertence ao Descomplica. É vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito.
Todos os direitos reservados.

Modelo A – UNIRIO 2003

O Mundo para todos

Durante debate recente nos E.U.A., fui questionado sobre o que pensava da internacionalização da Amazônia. O jovem introduziu sua pergunta dizendo que esperava a resposta de um humanista e não de um brasileiro.

(Cristovam Buarque, em artigo publicado por meio eletrônico.)

Você é favorável à internacionalização de áreas e de bens culturais nacionais?

Modelo B – UFRJ 2000

Na primeira gramática da língua portuguesa, escrita por Fernão de Oliveira em 1536, lemos:

"[...] mui poucas são as coisas que duram por todas ou muitas idades em um estado, quanto mais as falas [...] Nós, já agora, para fazer vocábulos de todo assim como digo não temos muita licença, mas, porém, se achássemos uma coisa nova em nossa terra, bem lhe podíamos dar um nome novo, buscando e fingindo voz nova, como poderiam ser as rodas ou moendas em que agora se fala e dizem que hão de moer com nenhuma e pouca ajuda. Esta tal coisa nunca foi vista, portanto, não pode ter nome. Se agora de novo for achada, trará também voz nova consigo."

(pp.95-96)

Quase quatrocentos anos depois, em 1923, o escritor carioca, Benjamim Costallat, escreveria em seu romance Mademoiselle Cinema, o delicioso trecho:

"O champagne salva muita cousa. Disfarça muita tristeza. No meio do jantar, a mulher já é outra. Ri, diz pilhérias. De sua testa foram varridas as rugas de melancolia...
Um jazz-band de negros ensurdece com sua alegria forçada as risadas também forçadas daquele fim de jantar.
Tudo ali é simetria — em cada mesa há um casal, um abat-jour colorido, um jarrinho de flores, uma garrafa de Pommery, e os garçons, silenciosos, servem as mesas simétricas, simetricamente vestidos de casaca preta."

(p.89)

Hoje, as relações entre a renovação do vocabulário e o contexto sociocultural continuam a despertar o interesse, gerando as mais diversas reações, conforme se lê nos três textos a seguir, extraídos de jornais:

"Portanto, a partir de agora, e até prova em contrário, apoio a utilização do termo Cimeira para a reunião de cúpula que acontecerá no Rio. Como vimos em cenas do capítulo anterior, o encontro

Este conteúdo pertence ao Descomplica. É vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito.
Todos os direitos reservados.

virou Cimeira após discussões em inglês, numa decisão que ocorreu no Panamá. As tradutoras para o português eram nascidas em Portugal, summit virou cimeira e assim ficou. [...] Nestes tempos em que as palavras só se perdem, é realmente vantajoso ganhar uma. Já gostei mais um pouco da tal cimeira."

(Artur Xexéo, *Jornal do Brasil*, 25.06.99)

"Há um novo linguajar na praça, talvez filho da globalização, que me obriga a refletir, cada vez que o ouço [...] Já havia me acostumado ao verbo, 'deletar', palavra de boa origem latina, mas importada pelos informatas, quando ouvi um avião de traficante dizer numa entrevista que seu chefe mandara 'deletar o cara'. Até bem pouco tempo, o verbo deles era 'apagar'."

(Romildo Guerrante, *Jornal do Brasil*, 01.11.99)

Elio Gaspari, em sua coluna no O Globo de 17.10.99, reproduz trecho do projeto de lei do deputado Aldo Rebelo (PCdoB-SP):

"Estamos a assistir a uma verdadeira descaracterização da língua portuguesa, tal a invasão indiscriminada e desnecessária de estrangeirismos — como 'holding', 'recall', 'franchise', 'coffee-break', 'self-service' — e de aportuguesamentos de gosto duvidoso. Em geral despropositados — como 'startar', 'printar', 'bipar', 'atachar', 'database'."

Reflita, numa dissertação de no máximo trinta linhas, sobre as questões levantadas pelos textos, considerando a afirmação do filósofo Mikail Bakhtine:

"A palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais..."

Modelo C – UFRJ 2004

Este conteúdo pertence ao Descomplica. É vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito.
Todos os direitos reservados.

(MACHADO, Juarez. *Jornal do Brasil*, 1972.)

A) Leia o cartum de Juarez Machado, reproduzido ao lado, como ponto de partida para o desenvolvimento do seu texto e reflita sobre as múltiplas possibilidades de interpretação que sugere.

B) Dê um título ao cartum de modo que traduza o assunto a ser desenvolvido.

C) Faça um resumo, de até três linhas, do assunto que você escolheu.

D) Redija o texto de acordo com o título e o assunto contido no resumo que você escreveu. A modalidade pode ser predominantemente narrativa, descritiva ou dissertativa, conforme sua preferência.

Este conteúdo pertence ao Descomplica. É vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito.
Todos os direitos reservados.

→ Por fim, deve-se ressaltar o fato de os temas dos vestibulares poderem ser divididos em dois grandes grupos: os denotativos e os conotativos. Para melhor entendimento dessa distinção, resolva os exercícios propostos nesta apostila.

- ETAPA 2: Listagem de ideias, exemplos, referências e argumentos.

Em síntese, nesta etapa você deve elencar em uma folha de *rascunho* toda e qualquer referência que sobrevier acerca do tema abordado. É o que chamamos de brainstorm – tempestade cerebral, ou seja, tudo o que vier em sua cabeça, referente ao tema proposto, anote. Esse trabalho possui dupla função: primeiro, impedir que uma boa ideia seja esquecida no momento da escrita do texto; segundo, permitir ao candidato que suas referências sobre o tema sejam melhor visualizadas e, com isso, a organização das mesmas possa ser mais eficiente.

- ETAPA 3: Organização e seleção das ideias.

Neste momento, você já *passou para o papel* todo o seu conhecimento sobre a proposta de tema. Como você está bem preparado, as referências são muitas e é praticamente impossível que todas elas façam parte do texto final, sob pena de este tornar-se muito superficial. Por isso, deve-se proceder a seleção das melhores ideias, organizadas e associadas entre si, de modo que haja a máxima coerência possível.

- ETAPA 4: Roteirização

Trata-se do último momento pré-textual. Depois de todo o processo anterior, você já deve ter percebido que alguns *parágrafos* começam a se definir. Agora, é necessário preparar as linhas gerais da introdução, a ordem mais adequada para os parágrafos argumentativos que vão compor o desenvolvimento e o encaminhamento da conclusão.

Somente depois de concluir essas quatro etapas, que o candidato deverá começar a escrever. Lembre-se: quanto mais tempo for investido no planejamento do texto, menos tempo será gasto na escrita propriamente dita. Isso porque um texto bem planejado *flui* muito mais do que aquele feito *na hora* , em que o aluno acaba *empacando* inúmeras vezes.

Este conteúdo pertence ao Descomplica. É vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito.
Todos os direitos reservados.

Uso da Coletânea de Textos

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Uma das consequências mais evidentes das mudanças estruturais na educação, diz respeito à forma de apresentação das propostas de redação. Antes limitados a duas ou três frases, muitas vezes enigmáticas, os temas passaram a incluir fragmentos de textos teóricos, trechos de leis, letras de música, poemas, charges, fotografias, enfim, uma coletânea de ideias e informações para ajudar o aluno a construir seu texto. E o ENEM não constitui exceção a essa "regra".

Dessa maneira, o ato de redigir propriamente dito, é antecedido de um ato de leitura. Com o material fornecido pela banca, o aluno terá seu raciocínio bem norteado, sem se perder nos inúmeros caminhos que lhe ocorrem ao ler o tema. Ao mesmo tempo, ele deverá exercer sua capacidade de absorver o conteúdo apresentado, adaptando-o a seu projeto de texto, como que numa atividade de reciclagem criativa.

Com frequência, porém, os candidatos confundem uso com cópia ou citação literal. A esse respeito, cumpre lembrar que os fragmentos fornecidos precisam ser interpretados para que se aproveite deles apenas o essencial. Com essa compreensão, o aluno passa a associar as informações e ideias apresentadas, somando às suas. Só assim, ele terá utilizado de forma inteligente e ativa a coletânea. Mais uma vez, portanto, não existe uso fácil; por outro lado, para quem não tem medo de pensar, eis uma excelente oportunidade de enriquecer a redação.

2. APLICAÇÃO DA TEORIA

<u>Coletânea I</u>

1) "Meu partido/ é um coração partido/ e as ilusões estão todas perdidas/ os meus sonhos/ foram todos vendidos/ tão barato que eu nem acredito/ que aquele garoto que ia mudar o mundo/ frequenta agora as festas do "grand monde"."

(CAZUZA, *Ideologia*)

2) "Não sou de São Paulo, não sou/ japonês./ Não sou carioca, não sou português./ Não sou de Brasília, não sou do Brasil./ Nenhuma pátria me pariu./ Eu não tô nem aí./ Eu não tô nem aqui."

(ANTUNES, Arnaldo e outros. *Lugar nenhum*.)

3) "Eu sei / que a vida devia ser bem melhor / e será."

(GONZAGA JR., Luiz. *O que é o que é?*)

4) "Qualquer que seja o modelo de desenvolvimento, independentemente de sua ideologia, ele se fará através das pessoas e daquilo que elas forem capazes de realizar a partir de si próprias."

Este conteúdo pertence ao Descomplica. É vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito.
Todos os direitos reservados.

(SOUZA, Herbert de. / Betinho. *Escritos indignados*. RJ. Ed.IBASE, 1991)

5) “De todas as coisas desse mundo tão variado, a única que me exalta, me afeta, me mobiliza é o gênero humano. São as gentes (...) minha amada gente brasileira, que é minha dor, por sua pobreza e seu atraso desnecessários. É também meu orgulho, por tudo o que pode ser, há de ser.”

(RIBEIRO, Darcy. *O Brasil como problema*. 2ª ed. RJ: Francisco Alves, 1995).

6) ”Individualista dos pés à cabeça. (...) Sem ídolos, descrente nos políticos e preocupada com o mercado de trabalho, a juventude do estado do Rio lista sonhos resumidos à primeira pessoa do singular: eu.

(...)

Ajudar o próximo, ser feliz, viver numa sociedade mais justa, paz na terra? Não é por aí. Eles não estão interessados em mudar o mundo.”

(VENTURA, Mauro, CÂNDIDA, Simone. *"Jovem troca ideais por ambição". In: JB.* Caderno Cidade. 06/07/97.)

Levando em consideração os textos acima, disserte sobre o tema Individualismo e compromisso coletivo. Lembre-se de fundamentar suas afirmações com argumentos que evidenciem a coerência de seu raciocínio.

Coletânea II

Os textos a seguir expõem diferentes aspectos da relação amorosa. Leia-os atentamente.

1) “Os anos 60 e 70 estão mesmo distantes. Os jovens de hoje querem emprego fixo e valorizam o casamento de papel passado. E um terço acha importante a mulher casar virgem.”

(VENTURA, Mauro, CÂNDIDA, Simone, *"Jovem troca ideais por ambição". In: JB*, 06/07/97).

2) “Para viver um grande amor, mister é ser um homem de uma só mulher; pois ser de muitas, poxa! É de colher... — não tem nenhum valor. Para viver um grande amor, primeiro é preciso sagrar-se cavalheiro e ser de sua dama por inteiro — seja lá como for. Há que fazer do corpo uma morada onde clausure-se a mulher amada e postar-se fora com uma espada - para viver um grande amor.”

(MORAES, Vinícius. *Para viver um grande amor: crônicas e poemas.* SP: Companhia das Letras, 1991.)

Este conteúdo pertence ao Descomplica. É vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito.
Todos os direitos reservados.

3) “Mudei de roupa: Lee, camisa vermelha, um mocassim legal. Apanhei o livrinho de endereços, acendi um cigarro, prendi o telefone entre a cabeça e o ombro, disquei. Glorinha está? Não estava. Disquei de novo, Kátia está? Não estava. De novo, Ana Maria está? Não estava. Ainda, Gilda está? Não estava. Larguei o telefone, desconsolado. Liguei o rádio. Não podia ficar sentado. Dei uma olhada para o livro de química, para a capa, e saí."

(FONSECA, Rubem. *Contos reunidos*. SP: Companhia das Letras, 1994.)

4) “Carta de namorado/ é a felicidade mais pura!/ Prazer intenso, emoção que dura,/ certeza de ser amada/ por escrito e por extenso.”

(TELLES, Carlos Queiroz*. Sonhos, grilos e paixões*. SP: Moderna, 1990.)

5) “Dizes que brevemente será a metade de minha alma. A metade? Brevemente? Não: já agora és, não a metade, mas toda. Dou-te a minha alma inteira, deixa-me apenas uma pequena parte para que eu possa existir por algum tempo e adorar-te.”

(RAMOS, Graciliano. *Cartas de amor a Heloísa*. SP: Record, 1994.)

6) “Tenho ciúmes deste cigarro que você fuma/ Tão distraidamente.”

(CESAR, Ana Cristina, *Inéditos e dispersos*. SP: Brasiliense, 1985.)

7) “Por ser exato, o amor não cabe em si/ Por ser encantado, o amor revela-se/ Por ser amor/ Invade/ E fim.”

(DJAVAN, *Pétala*.)

Tomando os textos acima como motivação, discuta o tema proposto - Relações amorosas na atualidade -, construindo um texto dissertativo. Lembre-se de fundamentar suas afirmações com argumentos que evidenciem a coerência de seu raciocínio.

Este conteúdo pertence ao Descomplica. É vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito.
Todos os direitos reservados.

A Estrutura da Dissertação – A Introdução

1. CONCEITO

A palavra introdução é formada a partir do verbo latino *ducere* (levar, transportar, puxar sem descontinuidade, conduzir) e, do prefixo *intro*, derivado do advérbio latino intro "dentro (especialmente de casa)". A partir da etimologia do vocábulo, fica nítido o entendimento do que seria o ato de introduzir o texto: conduzir o leitor ao seu interior, dando noções sobre sua orientação geral e sua organização.

Em outras palavras, o leitor deve "sentir-se em casa" já na introdução, de modo que possa identificar o tema em discussão e prever, genericamente, qual o posicionamento defendido pelo enunciador.

- Funções/Objetivos:

Como acabamos de ver, uma introdução eficiente deve revelar apenas o necessário para situar o leitor no texto, estimulando-o a prosseguir com a leitura. Para que isso aconteça, o parágrafo deve conter os dois aspectos mencionados:

→ A explicitação do tema, ressaltando a relevância da questão em debate. Essa função é extremamente importante, uma vez que é a partir dela, que o enunciador revela para a banca que compreendeu integralmente a proposta.

→ A sugestão de uma abordagem para o tema, especificando qual o ponto de vista a ser defendido ao longo do texto.

Observação: Uma introdução para ser considerada excelente, deve conter um "*algo mais*"; ela deve ser capaz de atrair o leitor, atiçando sua curiosidade. Isso pode ser obtido mais facilmente, se nela estiver contida uma tese. Entende-se que a tese é a ideia central do texto, a partir da qual derivam os argumentos. Uma tese bem construída garante maior unidade à redação, facilitando o entendimento do leitor. Esse ponto será melhor explicado no momento da resolução dos exercícios propostos.

- Estratégias:

É preciso ressaltar, antes de tudo, que não existe uma "*receita*" única e infalível para se construir uma boa introdução. Isso vai depender de inúmeros fatores, entre eles, o conhecimento de mundo do enunciador e o entendimento do tema propriamente dito. Contudo, algumas técnicas introdutórias podem (e devem) ser assimiladas pelos alunos, a fim de que as funções da introdução sejam cumpridas com a maior eficiência possível e que a banca examinadora possa observar o texto com bastante "*simpatia*" (lembre-se: a primeira impressão conta muito!). Vamos a elas:

Este conteúdo pertence ao Descomplica. É vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito.
Todos os direitos reservados.

→ Introdução por *Citação dos Argumentos:*

É a mais tradicional das modalidades de introdução. Consiste em, após fazer uma contextualização genérica do tema, construir um rápido "*trailer*" dos pontos que serão aprofundados no desenvolvimento, normalmente com palavras-chave. Costuma-se associar essa estratégia a que vem a seguir ("*Contextualização Específica*").

Exemplo:

- Tema: Estatuto do Desarmamento

Atualmente, os brasileiros parecem ter que se conformar com uma triste realidade no momento em que ligam a tevê ou leem os jornais: o grande número de crimes cometidos com a manipulação de armas de fogo. No intuito de dificultar essa prática, o governo criou um projeto de lei que prevê grandes restrições à comercialização desses armamentos em nosso país. Nessa perspectiva, aspectos comerciais, sociais e, principalmente, humanos devem ser avaliados para que se chegue a uma conclusão minimamente polêmica sobre a questão.

→ Introdução por *Contextualização Específica:*

Consiste em relacionar o ponto central da discussão a um panorama, um cenário, um pano de fundo, enfim, um painel – construído com o repertório de conhecimento do enunciador – que enfatiza a importância do tema. Os tipos são diversos, e entre eles destacam-se: a introdução por base histórica, a alusão à situação concreta, a enumeração de *tópicos* e a apresentação de dados estatísticos. A seguir, temos alguns exemplos:

Exemplo:

- Tema: A consciência política do brasileiro.

Durante mais de duas décadas, desde o golpe militar de 64 até a eleição de Fernando Collor de Mello como Presidente da República no fim dos anos 80, o brasileiro manteve-se distante das urnas. Não é difícil imaginar que, nesse contexto de afastamento eleitoral, a maior parte da população também tenha acabado por distanciar-se da própria política. Hoje, o que vemos é uma população descrente e desinteressada, que vota mais por receio das punições do que por dever cívico consciente e direito cidadão.

- Tema: A intolerância no mundo contemporâneo.

Onze de setembro de 2001. Nesse dia, o mundo parava – completamente atônito – em frente à tela da televisão. As torres gêmeas caíam e, com elas, simplesmente desmoronava a sensação de segurança que certos grupos e países possuíam. Contudo, uma nova grande realidade emergia juntamente com a ameaça terrorista: a questão da intolerância no mundo contemporâneo e as formas de se combater, em todos os níveis, esse mal.

- Tema: Como o brasileiro deve lidar com um país em crise?

Este conteúdo pertence ao Descomplica. É vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito.
Todos os direitos reservados.

Crise econômica. Crise política. Crise ambiental. Crise de valores. Até mesmo crise de energia... Infelizmente, é nesse contexto de crise em que vive (sobrevive?) o brasileiro contemporâneo. Para lidar com essa situação, diversas medidas são – ou deveriam ser - tomadas, desde o investimento em educação, passando pelo combate aos corruptos até a atenção à Floresta Amazônica. Somente desse modo se pode evitar a saída derradeira: a porta do avião.

- Tema: Analfabetismo funcional no Brasil.

Pesquisas revelam que cerca de setenta por cento dos brasileiros enquadra-se, com maior ou menor grau de intensidade, em um dos maiores problemas educacionais de nosso país: o analfabetismo funcional. Essa disfunção ocorre quando a pessoa lê e escreve, mas não é capaz de entender aquilo que foi lido. Sem dúvida, tal malefício traz diversos prejuízos ao indivíduo e à sociedade, devendo ser combatido em sua raiz mais profunda - a educação de base.

→ Introdução por *Sugestão:*

Consiste em fazer alusões culturais ou citações alegóricas (como as comparações, por exemplo), a fim de chamar a atenção do leitor para a importância da questão.

Exemplo:

Tema: A transgressão às leis no contexto contemporâneo.

Segundo o filósofo grego Aristóteles, “a lei é a razão livre da paixão”. A julgar pelo panorama atual, esse precioso ensinamento vem sendo constantemente desvirtuado. Para muitos, a paixão - como sinônimo de interesses e desejos pessoais - revela-se elemento inerente à observância de uma lei, e, o que é pior, pode ser o pretexto necessário para que esta não seja sequer cumprida.

→ Introdução por *Conceituação:*

Consiste em expor o tema em conceitos, isto é, dar a definição de alguma palavra-chave (como em um dicionário), ou ainda, explicitar trechos de leis ou textos científicos.

Exemplo:

Tema: A importância da família.

Em sua etimologia, educar significa elevar, conduzir a um patamar superior. No contexto contemporâneo, a condução do indivíduo a um plano mais elevado depende de diversos elementos, seja a escola, seja o meio social, seja a índole de cada um. No entanto, tudo indica que um fator é mais essencial que todos os outros: a presença da família.

→ Introdução por *Questionamento*:

Este conteúdo pertence ao Descomplica. É vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito.
Todos os direitos reservados.

Consiste em fazer um ou mais questionamentos acerca do tema proposto, avaliando, porém, sua capacidade de elucidar ao longo do texto as questões.
Exemplo:

Tema: Identidade cultural brasileira.

Muito se discute sobre a existência de uma identidade cultural do brasileiro. De fato, em um contexto de globalização como o que vivemos, as dúvidas sobre as marcas de uma verdadeira "brasilidade" tendem a surgir. Nesse sentido, cabe perguntar: o que é identidade cultural? Estamos sendo vítimas de dominação estrangeira? Podemos perder nossas principais características? É possível se opor à globalização, reafirmando nossos traços?

- Fórmulas Desgastadas:

Já foi dito que uma *pitada* de originalidade é sempre bem-vinda em qualquer redação, conferindo uma espécie de bônus (em termos de nota) ao enunciador. Do mesmo modo, evitar construções previsíveis que, se não permitem ganhos, ao menos evitam perdas. Por isso, procure evitar ao máximo, construções com formatos *clichês*, como: "Desde a antiguidade, o homem (...)" ou "A humanidade, desde os primórdios, (...)". Esse tipo de alusão, além de desgastada, não revela qualquer tipo de base cultural do aluno, já que as referências são extremamente genéricas ou inexatas.

Este conteúdo pertence ao Descomplica. É vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito.
Todos os direitos reservados.

A Estrutura da Dissertação – O Desenvolvimento

1. CONCEITO

O desenvolvimento constitui a maior parte do texto dissertativo, e é nele que a introdução se expande. Sua função principal consiste em defender a visão de mundo do enunciador, explicitada ou sugerida no primeiro parágrafo do texto. Vale ressaltar que o desenvolvimento é a parte mais importante da dissertação, pois é nele que surgem os principais recursos argumentativos – justamente aqueles que vão ser responsáveis pelo convencimento do leitor.

2. ESTRUTURA E TÉCNICA

- Parágrafo:

Quando pensamos no conceito de *parágrafo*, é comum o imaginarmos sob o escopo puramente formal, como um emaranhado de linhas que se distinguem do todo por haver um espaçamento entre a primeira palavra e a margem esquerda da página. Essa visão é nitidamente equivocada, uma vez que a verdadeira noção de parágrafo vem do plano semântico – e não estrutural.

Como dissemos, a maior parte do espaço do texto é "*consumida*" na fase do desenvolvimento. Para que seja possível ao leitor compreender o todo textual, é imperativo que o raciocínio do enunciador seja dividido em *etapas* ou *segmentos* menores. Cada um desses segmentos é o que chamamos parágrafo. Então, podemos definir assim:

Parágrafo é a unidade do texto que desenvolve um núcleo semântico principal, associado a núcleos acessórios, que devem ser articulados entre si para produzir sentido.

Em outras palavras, o parágrafo de desenvolvimento jamais poderá explanar duas ideias principais. Cada uma dessas ideias, separadamente, deverá estar contida em um único parágrafo.

Além disso, devemos considerar também como deve ser a estrutura interna de um parágrafo-padrão de desenvolvimento. Nesse sentido, podemos afirmar que duas partes são inerentes a um bom parágrafo: o tópico-frasal – um período-síntese da ideia que será desenvolvida – e a ampliação – que nada mais é do que o "*desembrulhar*" do tópico-frasal.

Leia com atenção o exemplo abaixo, escrito para uma redação sobre a criminalidade no Brasil: (Espaço)

Além disso, deve-se atentar para os fatores socioeconômicos implicados no processo. Ao contrário do que pensa a maioria, não é a pobreza, mas sim o contato desta com a riqueza, que faz com que a criminalidade seja tão presente em nossa sociedade. De fato, em um país em que crianças descalças, sem qualquer perspectiva de ascensão social, fazem malabarismos para pessoas trancadas no interior de seus confortáveis veículos, é mais provável que o crime surja como uma grande "válvula de escape".

Este conteúdo pertence ao Descomplica. É vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito.
Todos os direitos reservados.

No parágrafo de desenvolvimento anterior, o primeiro período constitui o tópico frasal; os demais períodos são responsáveis pela ampliação – no caso, feita pelo processo de exemplificação.

- Coerência:

Em uma análise superficial, ser coerente significaria "*não cair em contradição*". Entretanto, uma análise mais aprofundada permitiria trabalhar a coerência como a produção de sentido para o texto dissertativo. Essa *produção de sentido* deve ser buscada sob duas perspectivas distintas, mas complementares; é o que chamamos de coerência interna e de coerência externa.

Entende-se por coerência interna o conjunto de informações não contraditórias e sequenciadas logicamente, que compõem o todo textual. Por exemplo, em um texto em que se busca avaliar as causas, as consequências e propor soluções para uma determinada questão – cada um desses tópicos desenvolvido em um parágrafo -, é coerente fazer com que os parágrafos do desenvolvimento sigam exatamente a ordem anunciada, do contrário, teríamos uma situação no mínimo *estranha*: a proposição de soluções para um problema pouco conhecido em profundidade (devido à ausência das causas) pelo leitor.

A coerência externa, por sua vez, trata da associação do texto com o mundo em que vivemos. Em outras palavras, de nada vale uma redação que produz sentido internamente se ela não é razoável com a realidade exterior. Um exemplo disso ocorreria em uma redação em que, ao buscar as soluções para o problema da violência no Brasil contemporâneo, o enunciador propusesse o fim das favelas e o extermínio dos traficantes de drogas. Essa "*possibilidade"* prescinde de coerência externa por diversos motivos:

a) a maioria dos moradores das comunidades carentes não são violentos;

b) mesmo que fossem, seria impossível simplesmente dar um "*fim*" aos conglomerados habitacionais (onde colocar tanta gente?);

c) não existe, oficialmente, pena de morte no Brasil;

d) os traficantes não são os únicos responsáveis pela violência.

Assim, é claro que o grau de apreciação do corretor sobre um texto desse tipo seria baixo, o que implicaria uma nota ruim.

- Coesão:

A coesão e a coerência estão intimamente ligadas. Se a segunda é responsável pela parte do conteúdo, pode-se dizer que a primeira se responsabiliza peloplano formal do texto. Sem dúvida alguma, é impossível um texto produzir sentido sem que haja algum tipo de ligação entre suas partes. É aí que entra o conjunto de mecanismos conhecido como *recursos de coesão.*

Os recursos de coesão são inúmeros: pronomes, advérbios, sinônimos, epítetos, metonímias, frases de apoio, termos-síntese, entre outros. Esses termos contribuem para um melhor entendimento do texto. Em breve, uma aula específica trará maiores esclarecimentos e considerações sobre tais mecanismos.

Na aula de hoje, é válido destacar dois recursos principais: *os conectivos (ou conectores)*, entre os quais se destacam as conjunções coordenativas e subordinativas, as palavras ou expressões denotativas e os advérbios; e os chamados *"ganchos" semânticos*, que são espécies de *"pontes"* para a continuação do raciocínio.

Este conteúdo pertence ao Descomplica. É vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito.
Todos os direitos reservados.

- Argumentação:

Argumentação é, de modo geral, um conjunto de procedimentos linguísticos, utilizado pelo enunciador para convencer o leitor, obtendo sua adesão.

→ *Recursos Argumentativos*:

a) Argumento de Autoridade: Caracteriza-se pela citação de um pensamento ou frase de uma autoridade no assunto que está sendo debatido. Entenda como autoridade, o indivíduo que possui algum tipo de *especialização* no assunto em pauta e é reconhecível pelo homem médio.
Há prós e contras na utilização desse tipo de argumento. O seu emprego é positivo quando permite evidenciar capacidade de leitura e reflexão por parte do enunciador, inter-relacionando discursos. É o que chamamos de *intertextualidade*. O caráter negativo, por sua vez, resulta no perigo de que o pensamento que compõe o texto seja mais expressivo e contundente que o discurso do próprio enunciador. É por isso que o argumento de autoridade deve ser utilizado sempre com comedimento e bom senso, sob a pena de retirar a marca de pessoalidade do discurso.

b) Argumento de Prova Concreta: É extremamente eficiente se utilizado com correção, pois este tipo de argumento aparece em forma de dados estatísticos, leis, definições do dicionário, fatos de conhecimento público, entre outros. Dá força e consistência à ideia defendida, uma vez que se baseia na realidade.

c) Argumento Organizado pelo Raciocínio Lógico: Existem três processos principais de organização da argumentação: *o dedutivo*, o *indutivo* e o *dialético*. Em uma aula futura, veremos especificidades acerca de cada uma dessas possibilidades de estruturação do raciocínio.

d) Argumento de Competência Linguística: Se partirmos do pressuposto de que a palavra é o veículo do pensamento, é necessário antes de tudo, que tenhamos plena consciência do uso dela (e da linguagem como um todo), para que expressemos com clareza e poder de convencimento o que pensamos. É o que acontece, muitas vezes, em um tribunal: o advogado que possui maior domínio da linguagem pode ganhar o caso em tela, se for capaz de convencer o juiz, mesmo sem provas concretas daquilo que afirma.

e) Argumento por Ilustração ou Exemplificação: É o mais comum dos expedientes argumentativos. O uso do exemplo na redação traz duas vantagens principais para o enunciador:
I) ilustra a ideia, tornando-a clara para o leitor.
II) revela que o enunciador baseia-se na realidade para construir seu argumento, o que faz com que o texto fique mais convincente. É por essa dupla função que o exemplo costuma ser bem-vindo em um texto dissertativo. Contudo, o excesso de exemplos pode ser prejudicial. Isso porque muitos alunos acabam recorrendo a esse expediente sem qualquer tipo de interpretação da realidade, atendo-se apenas à exposição dos fatos. O texto perde

Este conteúdo pertence ao Descomplica. É vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito.
Todos os direitos reservados.

sua força de convencimento e acaba por incorrer em um problema fundamental: torna-se um texto expositivo. Por isso, o expediente do uso de exemplos deve vir sempre acompanhado de bom-senso por parte do enunciador.

Este conteúdo pertence ao Descomplica. É vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito.
Todos os direitos reservados.

A Estrutura da Dissertação – A Conclusão

1. CONCEITO

Após a análise das duas primeiras partes da redação – a introdução e o desenvolvimento -, chegou a hora de tratarmos do desfecho ou encerramento da dissertação. É o parágrafo que chamamos de conclusão.

É comum o aluno no momento em que se prepara para escrever o último parágrafo do texto, sofrer de um mal súbito de relaxamento. Isso porque, após ter "quebrado a cabeça" na introdução e ter criado argumentos coesos, coerentes e consistentes para embasar seu pensamento durante o desenvolvimento, é normal que se tenha a impressão de que o pior já passou. Nada mais equivocado. Sem dúvida, a falta de preocupação com as últimas linhas que compõem o texto é uma estratégia totalmente falha, na medida em que a nota pode ser diminuída nessa etapa. Explique-se: Se o grau atribuído pela banca examinadora só vem após a leitura de toda a redação, parece óbvio que uma má impressão ao fim do texto pode diminuir a nota a ser dada ao aluno. Por isso, devemos atentar para a conclusão, que pode ser convertida em mais um instrumento de aquisição de pontos pelo candidato.

Nesse sentido, uma boa conclusão é aquela que cumpre três objetivos, identificados a seguir:

- Em primeiro lugar, deve-se ter a preocupação de fazer o leitor perceber que o texto acabou. Do mesmo modo que é frustrante assistir a um filme em que o final só é percebido no momento em que as letras dos créditos começam a aparecer na tela ou quando um comediante não consegue fazer o público perceber que sua piada chegou ao fim, uma conclusão que mais parece um outro parágrafo do desenvolvimento jamais será apreciada pelo examinador. O que fazer, então? As possibilidades são inúmeras, mas uma boa dica é começar o parágrafo com uma palavra ou expressão que tenha valor conclusivo. Palavras e expressões denotativas como *"desse modo", "sendo assim", "portanto", "então", "dessa forma"* e outras afins, constituem ótimas sugestões.

- Em segundo lugar, a boa conclusão deve buscar ser uma decorrência *natural*daquilo que foi dito ao longo do texto. Em outras palavras, ela deve ser uma espécie de síntese ratificadora da argumentação do enunciador. A dica aqui, consiste em tentar parafrasear aquilo que foi sugerido como tese ou ponto de vista na introdução. Sem dúvida, trata-se de uma excelente estratégia para iniciar o parágrafo final.

- Por fim, devemos sempre nos preocupar com aquela boa impressão – já mencionada – que devemos causar à banca examinadora. Por isso, no espaço que ainda estiver disponível para a confecção do texto, o aluno deverá, no mínimo, manter (e, se possível elevar) o nível de interesse do leitor. Trata-se de um "*algo mais*" em relação aos outros candidatos, o que, certamente, renderá bons frutos em termos de nota. Sobre o cumprimento dessa função, falaremos no próximo item.

Este conteúdo pertence ao Descomplica. É vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito.
Todos os direitos reservados.

2. ESTRATÉGIAS DE DIFERENCIAÇÃO

- Proposta de Intervenção:

Em uma análise superficial, poderíamos nomear esta estratégia como "*Proposta de Solução*". No entanto, tal terminologia acabaria por se revelar inadequada, já que, em tão poucas linhas, é quase impossível se propor uma verdadeira solução – de modo que o problema em foco na discussão seja extinto. Na verdade, a nomenclatura com "*Intervenção*" parece mais adequada, pois o aluno tecerá propostas para que aquela realidade negativa seja, ao máximo, minimizada/atenuada. Segue um exemplo, retirado de uma redação já estudada na apostila 2.

Tema – Consumismo: comportamento natural ou prejudicial?

Fica evidente, portanto, que o consumismo exagerado contribui para o agravamento das mazelas do país. Para reverter tal quadro, deve-se procurar o resgate da cultura nacional e a recuperação de valores através da mídia. Assim, em vez de propagarem o "comprar", os veículos de comunicação propagarão o "educar", fundamental na construção de um país justo. O tênis perfeito será, finalmente, substituído por um Brasil mais igualitário.

- Sugestão de Figuras:

Consiste em utilizar figuras de linguagem para causar impacto no leitor. As mais indicadas são a metáfora, a comparação, a metonímia, a ironia e a hipérbole. Observe os exemplos a seguir:

Tema - Por que os políticos brasileiros são os primeiros a transgredir as leis?
(Espaço)
Assim, é nítido que a transgressão às leis é um comportamento moralmente aceito – e enraizado - pelos políticos. A julgar por suas últimas ações, a única solução plausível seria a legalização do comportamento corrupto. Talvez desse modo, em se mantendo a coerência de nossos estimados representantes, o brasileiro poderia orgulhar-se de viver em um país mais honesto.

- Intertextualidade:

Consiste em fazer referências culturais, relacionadas a escritores famosos, filósofos, cientistas, enfim, personalidades em geral. Observe o exemplo:

Tema – A valorização do corpo humano.

Desse modo, fica fácil perceber que vivemos em um contexto de valorização relativa do corpo, com os indivíduos preocupando-se muito mais com a aparência e menos com a essência. Nunca a frase de Vinicius de Moraes – "as feias que me desculpem, mas beleza é fundamental" – foi seguida tão literalmente. A despeito do pedido de desculpas, o poeta estava equivocado: saúde e inteligência é que são fundamentais.

Este conteúdo pertence ao Descomplica. É vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito.
Todos os direitos reservados.

- Conclusão por Reflexão:

Consiste em buscar a essência do tema. É uma tentativa de superar a simples discussão da questão, atingindo um plano mais elevado de raciocínio. Veja:

Tema – O trabalho infantil na realidade brasileira (ENEM 2005)

Fica claro, então, que o trabalho de nossas crianças não deve ser visto de modo generalizado, sob uma ótica maniqueísta, ou para o bem ou para o mal. Um posicionamento mais objetivo dependerá de como a função desempenhada vai influenciar a vida do menor. Contudo, o ponto central jamais pode ser ignorado: nessa questão, o que está em jogo são a felicidade e o futuro de um ser humano.

- Introdução de Ressalva:

Trata-se de uma tentativa de antecipação à críticas mais contundentes. O enunciador protege-se, reconhecendo algum ponto mais frágil de sua argumentação. Esta estratégia pode ser facilmente relacionada a outras, principalmente no caso da proposta de intervenção. Analise o caso abaixo:

Portanto, um dos maiores flagelos do Brasil atual, o desemprego, pode ser amenizado de modo relativamente simples. Obras públicas, atuação mais severa de sindicatos, incentivos fiscais e cuidados com a economia podem produzir resultados antes inimagináveis. Resta saber se o governo e a sociedade civil organizada estarão dispostos a atuar juntos nesse processo.

3. O TÍTULO

"Perco pontos se não colocar o título na redação?"
Essa dúvida, certamente passa pela cabeça de muitos vestibulandos. Independentemente da resposta (que, por sua vez, dependerá de cada banca), o que deve ser compreendido é que uma boa redação sempre deve começar por um bom título. O bom título deve ser sugestivo, fazendo com que o leitor tenha vontade de ler o texto do aluno. Deve também, de algum modo, sugerir em linhas gerais a abordagem que o aluno dará ao tema. E o mais importante: deve fazer tudo isso em poucas palavras, causando o maior impacto possível no leitor. Simples, não?

Não, não é. Muitas redações apresentam títulos inócuos, sem qualquer efeito sobre o leitor, pois diversos redatores simplesmente têm preguiça de pensar. Essa despreocupação é totalmente anti-estratégica, tendo em vista que o título também faz parte da estrutura da redação. Portanto, a partir de agora, o título torna-se obrigatório e deve ser pensado com muito cuidado!

Observação: Evite ao máximo fórmulas desgastadas. O uso da conjunção "*ou*" e do sinal que indica "*versus*", como por exemplo em: *"Homens ou robôs" e "Criador x criatura"*, explicitam um exemplo dessa prática. Slogans publicitários, provérbios copiados literalmente, referências muito genéricas ao tema ("*Amor*") e títulos que repetem palavras já presentes no tema também são dispensáveis. Seja criativo!

Este conteúdo pertence ao Descomplica. É vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito.
Todos os direitos reservados.

Coesão Textual

1. CONCEITO

Em nossas primeiras aulas, discorremos rapidamente sobre a importância de o texto produzir sentido e de as ideias estarem sequenciadas de modo lógico. Chamamos a esses processos, genericamente, de coerência textual. Também falamos sobre a necessidade de fazer com que as partes desse texto estivessem "*amarradas*", interligadas entre si, e isso se refere à coesão textual. Entretanto, embora as colocações tenham sido inicialmente pertinentes, faz-se necessário trabalharmos mais profundamente a questão da coesão.

A coesão de um texto pode ser definida como um conjunto de mecanismos utilizados com o objetivo de estabelecer ligações ou nexos entre as partes e evitar as repetições de palavras.

Dependendo do objetivo para o qual for utilizado o recurso de coesão, ele fará parte de um grupo específico, que veremos a seguir.

Antes de passarmos ao próximo tópico, é necessário saber os três níveis de ligações que podem ser estabelecidos pelos recursos de coesão: o nível intrafrasal, estabelecendo nexos entre os elementos de um mesmo período; o interfrasal, em que pelo menos dois períodos são interligados; e o interparagrafal, em que o elo ocorre entre parágrafos distintos.

- Tipos de Mecanismos

→ Coesão Referencial: A coesão referencial é aquela responsável por evitar as repetições entre as palavras, utilizando-se de recursos que façam referência a termos que vêm antes (função anafórica) ou depois (função catafórica) do mecanismo de coesão. Os recursos utilizáveis são inúmeros; entre os principais, temos os pronomes, os epítetos, os termos-síntese, os sinônimos, os advérbios e os numerais.
Para maiores detalhes, procure resolver os exercícios propostos desta apostila.

→ Coesão Sequencial: Os elementos de coesão sequencial, por sua vez, são responsáveis – como o próprio nome sugere – pelo sequenciamento ou andamento do texto. São eles que estabelecem as principais ligações entre as partes, permitindo a manifestação mais concreta da coerência textual. Entre os principais recursos, destacam-se as frases de apoio, os conectivos (ou conectores) e os *ganchos semânticos*. Conheça cada um deles com o auxílio de seu professor.

Este conteúdo pertence ao Descomplica. É vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito.
Todos os direitos reservados.

Métodos de Raciocínio Lógico

1. APRESENTAÇÃO

Desde pequenos ouvimos que a principal característica que diferencia os seres humanos dos animais é o fato de aqueles serem capazes de raciocinar. Sem dúvida, mesmo quando ainda jovem e sem o conhecimento de mundo para pensar de forma mais sofisticada, uma pessoa ordena seus pensamentos de modo a permitir que determinadas decisões sejam tomadas (um simples girar da maçaneta, por exemplo) e, com isso, seus objetivos possam ser atingidos.

Contudo, essa ordenação do pensamento é feita de forma predominantemente intuitiva. É muito raro alguém parar para "*pensar no pensamento*". Imagine a partir do exemplo abaixo, como seriam nossas vidas se tivéssemos que analisar o pensamento efetuado em cada uma de nossas atitudes.

Exemplo: Um aluno sente fome na hora do recreio. Dirige-se à cantina e pede um sanduíche. Mediante pagamento, o sanduíche é entregue em suas mãos. Ele ingere todo o alimento, matando sua fome. Perceba como os raciocínios são trabalhados de modo imperceptível, quase inconsciente: o aluno raciocinou: "pessoas que têm fome devem comer. Agora estou com fome, logo, devo comer." E continuou: "sanduíches matam a fome e na cantina há sanduíches, então vou até lá pedir um sanduíche para matar minha fome." Acabou? Ainda não! "Entretanto, sanduíches pedidos na cantina custam dinheiro. Ufa! Eu tenho dinheiro! Posso comprar um sanduíche." Poderíamos continuar a sequência de raciocínios indefinidamente. Porém, não cabe aqui descrever, por exemplo, o raciocínio que leva à ingestão do alimento. Resultaria, no mínimo, em uma grande indigestão...

A verdade é que, aos poucos, grandes estudiosos e pensadores passaram a formular métodos, técnicas e teorias para que fosse possível compreender melhor o raciocínio humano. É nesse contexto que surgem os chamados Métodos de Raciocínio Lógico. Eles serão estudados em três níveis ou grupos: os métodos dedutivo e indutivo – na aula de hoje – e o método dialético – que será estudado na próxima aula.

Antes de começarmos os trabalhos, cabe fazer aqui uma ressalva: esse estudo será voltado para a aplicação e o reconhecimento de tais metodologias em textos argumentativos e jornalísticos, sem preocupação com os aspectos teóricos – e filosóficos – implicados em cada caso. Nossa preocupação é permitir aos alunos que potencializem seu poder argumentativo.

2. AS ESTRUTURAS DO RACIOCÍNIO

É preciso ressaltar, antes de tudo, que todo e qualquer raciocínio organizado é construído a partir da associação de um mínimo de três elementos ou afirmações. Primeiramente, deve-se partir de uma **afirmação inicial** (ou asserção inicial, mais tecnicamente considerando); depois, é (ou são) apresentada (s) a (s) afirmação (ões) intermediária (s). Derivada da lógica e necessariamente dessa apresentação, surge uma terceira afirmação denominada conclusão. Em cada um dos métodos clássicos de raciocínio, esses três elementos receberão nomenclaturas específicas, como veremos adiante.

Um exemplo clássico de estruturação do raciocínio está no silogismo dedutivo – a ser estudado no próximo tópico – proposto um dia por Aristóteles. Afirmou o grande filósofo:

Este conteúdo pertence ao Descomplica. É vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito.
Todos os direitos reservados.

"Todos os homens são mortais.
Ora, Sócrates é homem.
Logo, Sócrates é mortal."

Observadas as estruturas componentes do silogismo, torna-se fácil compreender o que é um raciocínio organizado de modo lógico. Em "*Todos os homens são mortais*", vemos a asserção inicial. "*Ora, Sócrates é homem*" constitui a asserção intermediária. Evidentemente, inclusive pela natureza do conectivo utilizado, a última afirmação é a conclusão.

3. OS MÉTODOS DE RACIOCÍNIO

- Método Dedutivo

Atentando apenas para o entendimento amplo do método, podemos dizer que a dedução é aquela que se organiza do geral para o particular. Dito de outro modo deve-se apresentar como asserção inicial uma ideia de caráter genérico, tida como uma verdade universal, inquestionável ou amplamente aceitável. Essa ideia de caráter universal ou geral recebe o nome de **premissa inicial**. Após isso, com uma ou mais premissas intermediárias, que podem estar explícitas ou implícitas, pode-se chegar a uma conclusão, de caráter particularizado.

Observe o exemplo abaixo:

PI - A prática de esportes faz bem à saúde.
Pi - Ora, a natação é um esporte.
C - Logo, a prática da natação faz bem à saúde.

No caso em tela, estamos diante de um raciocínio essencialmente dedutivo, uma vez que a primeira afirmação (premissa inicial), fala da prática de todos os esportes; uma verdade geral e amplamente aceitável. Depois se apresenta a segunda premissa (intermediária), que permite atingir a conclusão, particularizada, como se pôde perceber.

Importante: Neste caso que você acabou de estudar, foi configurado o chamado silogismo, que é a forma típica de raciocínio dedutivo. Ele é sempre formado por duas – *e apenas duas* – premissas, que justamente por suas caracterizações recebem os nomes de ***Premissa Maior*** e ***Premissa Menor***. A conclusão, como já vimos, mantém seu caráter particular. Essa terminologia também vale para o raciocínio clássico formulado por Aristóteles (2º item desta aula). Além disso, os silogismos podem ser construídos sob duas perspectivas distintas***: categórica*** e ***hipotética***. O silogismo categórico é aquele composto por proposições categóricas, ou seja, que apenas afirmam ou negam. Por sua vez, o silogismo hipotético apresenta uma hipótese como premissa maior. A premissa menor é sempre categórica, bem como a conclusão. Veja os exemplos:

→ Silogismo categórico:

Crimes hediondos são punidos de forma exemplar.
O sequestro é um crime hediondo.

Este conteúdo pertence ao Descomplica. É vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito.
Todos os direitos reservados.

Logo, o sequestro é punido de forma exemplar.

→ Silogismo hipotético:

Se o tráfico é considerado um crime hediondo, deve ser punido de forma exemplar.
Ora, o tráfico é um crime hediondo.
Logo, o tráfico deve ser punido de forma exemplar.

Agora, atente para o uso e aplicabilidade dos raciocínios dedutivos em textos dissertativo-argumentativos. Todos os exemplos foram retirados de desenvolvimentos de redações feitas por nossos alunos.

Exemplo 1:

Tema: Por que o desejo de fama é tão presente no mundo atual?

É válido destacar, antes de tudo, que o grande objetivo do ser humano em vida é a felicidade. Ser feliz, no mundo capitalista em que vivemos, parece estar baseado em desejos essencialmente materiais – tais como dinheiro e status social. Nessa perspectiva, se considerarmos que a fama é um meio de se atingir de forma rápida tais ideais, não é de se estranhar que seja tão desejada na atualidade.

Premissa inicial: todo ser humano busca a felicidade em vida.
Premissa intermediária: a felicidade está baseada em desejos materiais – dinheiro e status.
Premissa intermediária: os desejos materiais podem ser obtidos mais rapidamente se o indivíduo tornar-se famoso.
Conclusão: a felicidade buscada pelo ser humano pode ser atingida com a fama.

Exemplo 2:

Tema: Democracia: uma opção adequada?

Filosoficamente, o regime de governo considerado ideal é aquele que melhor atende aos anseios do povo. Nesse sentido, a liberdade de expressão está, sem dúvida, entre os principais desejos de qualquer sociedade. Como a democracia é, historicamente considerando, o único sistema capaz de garantir de forma plena a expressão da liberdade individual, é lícito afirmar que se trata de um regime sobremaneira eficaz.

Premissa inicial: O regime de governo mais eficaz é aquele que melhor atende os anseios do povo.
Premissa intermediária: a liberdade de expressão é um dos maiores anseios do povo.
Premissa intermediária: a democracia é o único regime que garante de forma plena a liberdade de expressão.
Conclusão: a democracia é o regime mais eficaz.

Este conteúdo pertence ao Descomplica. É vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito.
Todos os direitos reservados.

Por fim, deve-se afirmar que o raciocínio essencialmente dedutivo possui vantagens e desvantagens no que diz respeito a sua utilização. Como principal vantagem, está o fato de quando escolhidas boas premissas, a conclusão atingida apresenta-se indubitável, inquestionável. Por outro lado, a desvantagem reside – principalmente em textos dissertativos – em certa carga de previsibilidade inerente à construção do raciocínio. Conseguir um meio-termo, extraindo o que há de melhor e "*enxugando*" o que há de pior – eis o grande desafio.

- Método Indutivo

Grosso modo, podemos definir o método indutivo como uma oposição à dedução. Em outras palavras, a indução é o raciocínio que parte do particular para o geral. Assim, a partir de constatações específicas, é possível observar uma espécie de interseção entre elas, que vai ser enunciada como uma verdade ampla, universal. Para melhor visualização desse raciocínio, observe o exemplo abaixo:

Praticar natação faz bem à saúde. Praticar futebol, vôlei, basquete, atletismo, entre outros, também faz bem.
Ora, natação, futebol, vôlei, basquete e atletismo são esportes.
Logo, a prática de esportes faz bem à saúde.

A primeira das afirmações constitui a chamada *evidência inicial*. Todas as outras são as *evidências intermediárias*, que levam à *conclusão* – geral, como visto.

Assim como na dedução, a indução também apresenta vantagens e desvantagens. O principal benefício desse tipo de raciocínio é o fato de permitir que atinjam planos mais elevados de informação, novas descobertas. As grandes "invenções" da humanidade surgiram a partir de raciocínios essencialmente indutivos.

Ao mesmo tempo, a maior desvantagem que podemos apontar está na inconstância da indução. Dito de outro modo, o método indutivo atua no campo das probabilidades; caso, uma das evidências não seja condizente com a verdade universal anunciada, todo o raciocínio deve ser revisto.

Observe agora, a aplicabilidade da indução no desenvolvimento de textos dissertativos:

<u>Exemplo 1:</u>

Tema: A pena de morte deveria ser aplicada em um país como o Brasil?

Pesquisas revelam que, nos Estados Unidos, país cujo ordenamento jurídico prevê a aplicação da pena de morte, a instituição desse tipo de punição não diminuiu a criminalidade. O mesmo parece ter acontecido na China, no Irã e na Arábia Saudita, países que conseguiram notoriedade devido ao rigor das punições. Desse modo, pode-se afirmar que a instituição da pena de morte acaba por se tornar apenas um instrumento de "vingança" do Estado contra o agente agressor – e não uma solução viável contra o crime.

Evidência Inicial: A instituição da pena de morte não diminuiu a criminalidade nos Estados Unidos.
Evidências intermediárias: o mesmo ocorreu na China, no Irã e na Arábia Saudita

Este conteúdo pertence ao Descomplica. É vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito.
Todos os direitos reservados.

Conclusão: a pena de morte não é uma boa solução para a criminalidade, qualquer que seja o país.

Exemplo 2:

Tema: O aumento da consciência ecológica no mundo contemporâneo.

Estudiosos das Nações Unidas fizeram um levantamento cruzando os dados que mostravam os investimentos feitos em campanhas publicitárias na mídia e os índices de responsabilidade com o meio-ambiente demonstrado por cidadãos de trinta países - distribuídos em quatro continentes. A conclusão do estudo foi bastante esclarecedora: quanto maiores e mais bem estruturadas eram as campanhas, maior o grau de consciência demonstrado pela população. Assim, torna-se claro que educar o povo - usando a mídia como instrumento - é um excelente meio de "cuidar" de nosso planeta.

Evidência (s): a consciência ecológica da população é maior em países que promovem campanhas eficazes a favor do meio-ambiente.
Conclusão: a educação e a conscientização do povo são essenciais para a manutenção de nosso planeta.

- Método Dialético

Aristóteles ao conceber a chamada lógica tradicional, enunciou um princípio denominado pelo filósofo como "***princípio de não contradição***". Segundo esse princípio, as coisas não poderiam "*ser e não ser ao mesmo tempo*". Dito de outro modo, é considerado *falha de raciocínio* a afirmação e a negação de um mesmo elemento ao mesmo tempo e sob um mesmo aspecto.

Contudo, a partir da própria evolução da humanidade e de suas várias ciências - sociais e humanas, principalmente - esse princípio revelou-se demasiadamente simplista ou insuficiente. De fato, foram percebidas diversas ocorrências em que uma mesma "*coisa*" poderia ser e não ser ao mesmo tempo. Daí a necessidade de se criar um tipo de raciocínio que permitisse combater a lógica aristotélica, possibilitando que o mundo seja entendido em toda sua complexidade – com mais de uma posição e/ou interpretação válida para uma determinada realidade. É aí que surge a ***dialética***.

Etimologicamente, a palavra *dialética* significa "*capaz ou apto a falar sobre dualidades*". Para melhor entendimento, devemos conceber o raciocínio dialético como uma forma de estabelecer uma visão complexa e aprofundada de determinados fenômenos passíveis de serem debatidos nas redações. Nesse sentido, a contradição – muito temida à primeira vista – passa a ser um instrumento muito eficiente para se realizar uma verdadeira reflexão sobre o tema.

Assim como ocorre na dedução e na indução, o raciocínio dialético é composto por três afirmações: ***tese***, ***antítese*** e ***síntese***. A tese pode ser definida como o posicionamento inicial em relação à determinada questão suscitada pelo tema. A antítese, por sua vez, seria o posicionamento oposto, contrário àquilo que foi apresentado na tese. A associação desses dois elementos iniciais permitiria construir a síntese, uma forma de superar o "*impasse*" criado pelas duas afirmações. Para facilitar nosso estudo, dividimos a construção da síntese em um texto dissertativo em duas etapas, a serem estudadas a seguir.

Este conteúdo pertence ao Descomplica. É vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito.
Todos os direitos reservados.

→ Síntese Conciliadora na Redação:

Como o próprio nome sugere, a síntese conciliadora é aquela em que a tese e a antítese, embora inicialmente contraditórias, unem-se, complementam-se e são avaliadas de modo a extrair as principais vantagens de cada uma – obviamente, excluindo as desvantagens. À síntese conciliadora corresponderia a tarefa cabal de intermediar a discussão dos extremos, permitindo a construção de um posicionamento intermediário. Um exemplo esquemático pode ser visto no parágrafo abaixo, que versa sobre o desenvolvimento da tecnologia nuclear.

O maior benefício advindo do domínio da tecnologia nuclear é quase óbvio: trata-se de uma fonte inesgotável de energia, extremamente importante em um mundo cada vez mais dependente do petróleo, um recurso natural finito. Por outro lado, é sabido que, por diversas vezes, essa mesma tecnologia foi utilizada para a construção de armas de destruição em massa – uma ameaça à própria humanidade. Na verdade, pode-se inferir que a discussão não deve residir sobre o desenvolvimento da tecnologia nuclear em si, mas sobre a responsabilidade de cada Estado em sua utilização.

Tese: A tecnologia nuclear é benéfica se utilizada como fonte alternativa de energia.
Antítese: Por outro lado, pode trazer prejuízos imensuráveis, se utilizada para fins bélicos.
Síntese: Não é o desenvolvimento da tecnologia nuclear que deve ser o objeto da discussão, mas sim o uso que cada país vai fazer dela.

→ Síntese Reafirmadora na Redação

Enquanto a síntese conciliadora revela-se a mais adequada para a construção de um ponto de vista intermediário, um posicionamento mais extremo precisaria de representação. É nesse contexto que surge a chamada *síntese reafirmadora*. A estratégia argumentativa desse tipo de síntese é essencialmente a contra-argumentação. Ou seja, apresenta a tese e a antítese, depois expõe a síntese, que visa derrubar a contradição, mostrando a inadequação da antítese e reafirmando a posição inicial.

Observe o exemplo abaixo, retirado de uma redação que refletia sobre a importância da educação para um país como o Brasil.

Em primeiro lugar, deve-se ressaltar que o investimento em educação é fundamental para o nosso país, pois constitui a principal base para o desenvolvimento. Há quem sustente, no entanto, que a "chave" para o sucesso está na escolha de bons administradores como governantes. Os defensores dessa ideia parecem se esquecer de que, por mais capacitada que seja a autoridade governante, o verdadeiro desenvolvimento só ocorrerá com indivíduos realmente qualificados em todos os setores. Esse ideal, somente a educação de qualidade permitiria atingir.

Tese: Investir em educação é fundamental para desenvolver o país.
Antítese: Não é a educação, mas a escolha de autoridades competentes que torna possível o salto desenvolvimentista.

Este conteúdo pertence ao Descomplica. É vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito.
Todos os direitos reservados.

Síntese: Mesmo que autoridades competentes sejam importantes – e competência advém também de formação adequada -, na prática, uma sociedade só consegue se desenvolver com a qualificação de todos os indivíduos – o que só é possível com boa educação.

4. AS FALHAS DE RACIOCÍNIO

Resumidamente, em relação ao que dissemos até aqui, poderíamos indicar a forma lógica válida de acordo com o seguinte raciocínio:

Se todo X faz parte de Y
E se Y faz parte de Z
Logo, X faz parte de Z.

Parece perfeito, não? Apenas parece. Se fizermos uma análise prática do que foi dito, chegaríamos à seguinte constatação:

Se em todas as partes do dia observamos o sol
E se a noite é uma das partes do dia
Logo, à noite, observamos o sol.

Em termos lógicos, esse argumento é considerado válido, embora a hipótese expressa em uma de suas premissas seja falsa, assim como falsa é a sua conclusão. Esta é uma das categorias de falhas de raciocínio.

Num argumento inválido quanto à lógica, as premissas são inadequadas para sustentar a conclusão. Esse tipo de argumento é chamado de ***falácia***. Vejamos um exemplo de argumento falacioso:

Todos os gatos perfeitos possuem quatro patas.
Mimi possui quatro patas.
Logo, Mimi é um gato perfeito.

Independentemente de serem verdadeiras as premissas desse argumento, trata-se de um argumento falacioso, pois da primeira premissa, não é válido concluir que Mimi é um gato perfeito pelo fato de possuir quatro patas. Em outras palavras, as premissas desse argumento não oferecem justificativas lógicas para validar sua conclusão.

As falácias construídas de má-fé, com a intenção de enganar, são chamadas de ***sofismas***.

Este conteúdo pertence ao Descomplica. É vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito.
Todos os direitos reservados.

Crase

1. CASOS OBRIGATÓRIOS E EXCEÇÕES

A crase é um fenômeno fonético que corresponde à união da preposição ***a*** com o artigo ***a*** e com os pronomes demonstrativos *a, aquele, aquela, aqueles, aquelas e aquilo*. Essa união é marcada por um acento denominado acento grave.

Exemplos:

Vou **à** praia.
Não dei importância **àquele** fato.

O uso desse acento também ocorre nas locuções prepositivas, adverbiais e conjuntivas, ainda que nesses casos não ocorra verdadeiramente o fenômeno da crase.

Exemplos:

Comprou a casa à vista.

À medida que trabalhava, enriquecia.

Analise agora, os casos a seguir:

- Antes de palavras masculinas: De um modo geral não ocorre o fenômeno da crase antes de palavras masculinas, contudo, se na frase estiver implícito "à moda de", usa-se o acento grave. Outro caso em que ocorre a crase antes de palavras masculinas, é em frases nas quais há subentendido um termo feminino.

Eu caminhei __***a***__ pé
Meu prato favorito é o filé __***à***__ Oswaldo Aranha. (à moda de, à maneira de Oswaldo Aranha).
Eu pedi ao garçom um bife __***a***___ cavalo. (Não ocorre crase, pois não está referindo-se à moda, ou à maneira).
Vou __***à***__ João Mendes. (à Praça João Mendes)

- Antes de artigo indefinido: Não ocorre crase

Tive acesso __***a***__ uma bela obra de arte.

Observação: Se o artigo indefinido fosse substituído pelo artigo definido, ocorreria crase. Teríamos a seguinte frase: Tive acesso ***à*** bela obra de arte.

Este conteúdo pertence ao Descomplica. É vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito.
Todos os direitos reservados.

- Antes de verbo: Não ocorre crase.

Ela não estava disposta __***a***__ largar tudo.

- Antes de pronomes: Em geral, antes de pronomes não ocorre crase, pois pronomes não admitem artigo, exceto "senhora", "senhorita" e "dona", que são pronomes de tratamento que, excepcionalmente, admitem artigo, e por conseguinte, crase antes de si. Já diante de pronomes possessivos no singular, o acento grave é facultativo. No plural, é obrigatório. Quanto aos pronomes demonstrativos, ocorre crase (combinação) com *a*, *aquele (a), aqueles (as), aquilo. Antes de pronome indefinido ou palavra por ele modificada, não ocorre crase.* A crase também pode ocorrer com os pronomes relativos*: a qual, as quais.*

Referiu-se __***a***__ ela.
Dirigiu-se respeitosamente __***a***__ Vossa Excelência.
Dirigiu-se __***à / a***__ sua melhor amiga. (Facultativo. Se estivesse no plural, a crase ocorreria obrigatoriamente).
Entregou os presentes __***a***__ todas.
Entregou o brinquedo _***a***___ essa menina, em vez de entregar àquela.

- Após preposição: Neste caso, o uso do acento grave é proibido. Contudo, depois da preposição ***até***, o uso é facultativo.

Ajoelhou-se perante _ **_a__** rainha.
Fui até __**a / à**__ lanchonete. (Facultativo)

Relativamente a lugares: Alguns nomes de lugar não admitem o artigo ***a,*** outros, entretanto, admitem o artigo, de modo que diante deles ocorrerá crase, desde que o termo regente admita a preposição ***a.*** *Uma dica para nunca confundir os casos: Sempre substitua o verbo Ir, Voltar, Retornar etc., pelo verbo Estar. Se houver a contração* ***em + a = na****, usa-se o acento grave. Se não houver contração, não ocorre crase.*

> ****Dica mágica! Não se esqueça: "Se você vai a e volta da: crase há. Se você vai a e volta de: crase pra quê?"***

Fui ____ Argentina. (Estou na Argentina / Voltei da Argentina)
Fui ____ Paris. (Estou em *Par*is / Voltei de Paris)
Irei ___ casa para dormir. (Estou em casa para dormir / Voltei de casa para dormir)
Irei ____ casa de Carlos. (Estou na casa de Carlos / Voltei da Casa de Carlos)

Este conteúdo pertence ao Descomplica. É vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito.
Todos os direitos reservados.

- Locuções adverbiais: Antes de locuções adverbiais femininas, o uso do acento grave é obrigatório. Já entre termos repetidos, não ocorre crase.

*A aula começa __**às**__ sete horas.*
*Os alunos sairão __**às**__ pressas.*
*Escrevi a redação __**à**__ caneta.*
*O líquido cai gota __**a**__ gota.*

- *Casos especiais: Os pronomes relativos que, quem, cujo, cuja, cujos, cujas, jamais admitem crase, pois não admitem artigo.*

As jogadas de Adriano, o Imperador, eram iguais __*a*__ de Pelé. (Caso de paralelismo. No entanto, já temos a preposição ***de***, exigida pelo termo implícito "*jogadas*", portanto, esse a é apenas o artigo admitido pelo termo implícito)
Minha nova escola fica próxima __***a***__ que você estudava.

Este conteúdo pertence ao Descomplica. É vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito.
Todos os direitos reservados.

Uso da Vírgula

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Vírgulas, vírgulas e mais vírgulas. Esses “pequenos monstrinhos” acabam por se transformarem, ao longo do ano de vestibular, em uma verdadeira ameaça à tranquilidade do vestibulando, principalmente porque nesse ano, você já deve ter percebido que determinados mitos que cercam o uso das vírgulas (principalmente aqueles que dizem que é para marcar “pausas” na leitura, como se “pausa” fosse um conceito objetivo ou suficientemente preciso) caem por terra.

A fim de tornarmos o estudo do uso das vírgulas realmente eficiente, aqui vão algumas regras de utilização, seguidas de exercícios que as tornem mais claras.

2. REGRAS GERAIS DE USO DAS VÍRGULAS

Segundo o professor Agostinho Dias Carneiro*, os casos obrigatórios de uso da vírgula são os abaixo listados:

- Separar elementos de mesma função (o último elemento da série dispensa a vírgula quando precedido de e, ou, nem). *

É importante ressaltar que não faz diferença serem núcleos do sujeito, do objeto direto ou do adjunto adverbial, por exemplo. É fundamental que todos desempenhem a mesma função.

- Separar o aposto ou termo de valor explicativo.*

Existe uma exceção à regra do aposto: o do tipo especificativo, como na frase “O escritor Machado de Assis é genial.”, em que *Machado de Assis* é aposto especificativo.

- Separar o vocativo.*

Lembre-se de que um vocativo é facilmente reconhecível, pois aparece toda vez em que queremos chamar “alguém” em um contexto oracional. Trata-se de um termo não essencial da oração e que marca a função apelativa da linguagem.

- Separar elementos idênticos que se repetem.

Aqui, a ideia seria a mesma de regra do primeiro item – os termos possuem a mesma função sintática e devem ser separados aos olhos do leitor.

Este conteúdo pertence ao Descomplica. É vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito.
Todos os direitos reservados.

- Separar o adjunto adverbial deslocado (quando o adjunto adverbial é de pequena extensão, a vírgula pode ser suprimida, assim como em frases em que o adjunto adverbial é seguido de verbo com sujeito posposto).*

Note que a intenção da língua é preservar aquilo a que chamamos de ordem direta, isto é, sujeito, verbo, complemento e, se for o caso, adjunto adverbial. Se essa ordem for rompida ou desestruturada, deve-se utilizar a vírgula para evidenciar essa modificação.

- Separar o local, nas datas.*

Trata-se de uma separação de sintagmas nominais: um relativo ao espaço e outro relativo ao tempo/momento.

- Indicar a omissão do verbo ou do conectivo.*

Quando omitimos umas dessas estruturas, literariamente, pode ocorrer uma elipse ou zeugma. Atente para as aulas de figuras de linguagem a fim de entender melhor essa nuance.

- Separar elementos de caráter incidental, como palavras denotativas, frases exclamativas, entre outros.*

Tais estruturas são entendidas pela língua como elementos estranhos à ordem “natural” de um período ou oração. Por isso, devem ser destacados do todo por meio do uso de vírgulas.

- Destacar elementos antecipados, em pleonasmo.*

É o caso, por exemplo, do objeto direto pleonástico, como ocorre em “Suas músicas, ouço-as sempre”. O objeto direto pleonástico obriga o enunciador a utilizar a vírgula separando o referente *suas músicas*, que é objeto direto.

- Distinguir o elemento explicativo do determinativo.*

Você se lembra das orações adjetivas restritivas e explicativas? As primeiras aparecem sem vírgulas, enquanto as outras aparecem sempre entre vírgulas. É exatamente esse o caso: as restritivas determinam uma característica do termo substantivo que as antecede, diferenciando-se das explicativas.

- Esclarecer possível ambiguidade.*

Este conteúdo pertence ao Descomplica. É vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito.
Todos os direitos reservados.

As ambiguidades costumam caracterizar-se pela dupla possibilidade de leitura de uma frase, período ou enunciado.

- Separar o anacoluto.*

Lembre-se: o anacoluto é a figura de linguagem que se caracteriza pela ruptura "violenta" da estruturação sintática da frase.

- Separar orações coordenadas assindéticas.*

As assindéticas são aquelas em que não há conectivo expresso, como em "Vim, vi, venci."

- Separar orações coordenadas sindéticas (aditivas, se o conectivo aparecer repetido; adversativas, exceto as introduzidas por "mas", de pequena extensão; explicativas, conclusivas e alternativas).*

As sindéticas, por sua vez, são aquelas em que o conectivo está expresso. Observe: *Penso, logo existo.* A primeira oração é coordenada assindética e a segunda é coordenada sindética conclusiva – separada por vírgula, portanto.

- Separar as orações adverbiais, principalmente se antepostas à principal.*

Por exemplo, na frase "Quando a gente gosta, é claro que a gente cuida", a primeira oração é subordinada adverbial temporal anteposta. Por isso, utiliza-se a vírgula.

- Separar orações adverbiais reduzidas.*

É o caso de "Terminada a prova, foram embora", em que a oração reduzida de particípio vem separada por vírgula.

* (Fonte: Carneiro, Agostinho Dias; In: Redação em Construção: A Escritura do Texto, Ed. Moderna, 2ª Edição)

Este conteúdo pertence ao Descomplica. É vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito.
Todos os direitos reservados.

Regência Verbal

1. CONCEITO

Estudar regência verbal consiste em estudar a correta transitividade e o uso de alguns verbos. Observe o exemplo:

Hoje prefiro cinema do que teatro. (inadequado)

Embora a situação comunicacional presente seja entendida por um possível receptor, do ponto de vista da norma culta da língua portuguesa, a frase anterior é inadequada. A forma correta seria:

Hoje prefiro cinema a teatro. (adequado)

Isso porque o verbo "preferir" é um verbo transitivo direto e indireto, cujo complemento preposicionado é regido pela preposição "a".

2. ANÁLISE DA REGÊNCIA DE ALGUNS VERBOS PRINCIPAIS

- Agradar – no sentido de satisfazer, é transitivo indireto.

Exemplo: É difícil agradar a todos.

- Ajudar – no sentido de prestar ajuda, tanto pode ser transitivo direto como transitivo indireto.

Exemplo: Ajudei meu filho.
Ajudei a meu filho.

- Aspirar – no sentido de respirar ou inalar, é transitivo direto. No sentido de desejar ou querer, é transitivo indireto.

Exemplo: Aspiro o perfume das flores.
Aspiramos a salários dignos.

- Assistir – no sentido de ver ou presenciar, é transitivo indireto. No sentido de prestar assistência, ajudar ou atender é facultativamente transitivo direto ou indireto.

Exemplo: Assistimos à vitória do Mengão sobre o Vasco.

Este conteúdo pertence ao Descomplica. É vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito.
Todos os direitos reservados.

Queria assistir ao último capítulo da novela.
O médico assistiu o paciente.
O médico assistiu ao paciente.
O médico assistiu a paciente.
O médico assistiu à paciente.

Observação: o verbo “assistir” apresenta mais dois sentidos, um pouco menos comuns do que os primeiros. No sentido de caber, pertencer ou ser pertinente, é transitivo indireto. No sentido de morar, é intransitivo.

Exemplo: Aquele direito assiste ao réu.
Assisto no Rio de Janeiro e jamais iria para ouro lugar.

- Avisar, informar, participar, alertar, alarmar, advertir – esses verbos são transitivos diretos e indiretos. Contudo, são possíveis duas construções distintas. Observe:

Exemplo: Informei a mudança aos funcionários.
Informei os funcionários da mudança.

- Chamar – no sentido de mandar vir, é transitivo direto. No sentido de apelidar ou qualificar, é facultativamente transitivo direto ou indireto.

Exemplo: Chamei minha namorada e ela veio.
Chamei meu irmão de bobo.
Chamei ao meu irmão de bobo.

Observação: nos dois casos anteriores, a gramática permite a supressão da preposição “de”. Nesses casos, o predicativo do objeto pode ou não conter a preposição.

Exemplo: Chamei o político de corrupto.
Chamei o político corrupto.

- Chegar – é verbo intransitivo. Muito comumente, pessoas usam a preposição “em”, quando o correto na linguagem culta seria utilizar a preposição “a”.

Exemplo: Mãe, fique tranquila que já chego em casa. (inadequado)
Mãe, fique tranquila que já chego a casa. (adequado)

- Custar - no sentido de ter valor, é intransitivo (e o “complemento” é adjunto adverbial de preço). No sentido de ser difícil ou demorar, é transitivo indireto, regendo a preposição “a”.
-

Exemplo: O apartamento da praia custa muito dinheiro.

Este conteúdo pertence ao Descomplica. É vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito.
Todos os direitos reservados.

Custa-me entregar as chaves do portão.

- Implicar – no sentido de ter implicância, é transitivo indireto (preposição “com”). No sentido de acarretar, é transitivo direto (apesar de o uso frequente ser feito como transitivo indireto, regendo a preposição “em”).

Exemplo: Quando era criança, sempre implicava com meu irmão.
A demissão do diretor implicou diversas mudanças na empresa. (e não “implicou em diversas mudanças na empresa”)

- Lembrar e esquecer – podem ser transitivos diretos ou transitivos indiretos (neste último caso, acompanhados do pronome integrante do verbo adequado).

Exemplo: Lembrei a apostila.
Lembrei-me da apostila.
Esqueceram a chave do carro.
Esqueceram-se da chave do carro.

Observação 1: não se esqueça de que o verbo *lembrar* também pode ser utilizado no sentido de informar, avisar, alertar. Nesse caso, será transitivo direto e indireto.

Exemplo: Lembrei meu aniversário aos amigos mais chegados.

Observação 2: o verbo *esquecer* pode ser utilizado no contexto de “cair no esquecimento”. Nessa hipótese, mais antiga, o elemento esquecido aparece como sujeito do verbo e a pessoa que efetivamente não se recorda é objeto. Machado de Assis nos dá um belo exemplo dessa perspectiva:
“Nunca me esqueceu o seminário, creia.”

- Namorar – é verbo transitivo direto – ou seja, não se deve utilizar a preposição.

Exemplo: Namoro uma bela garota.

Fica claro, portanto, que é inadequado dizer: “Namoro com uma bela garota” ou, mais comumente, a derradeira pergunta: “Quer namorar comigo?”. O adequado seria “Quer me namorar?”

- (Des)Obedecer – são transitivos indiretos.

Exemplo: Obedeço a meus pais.
Obedecia-lhe cegamente.

Este conteúdo pertence ao Descomplica. É vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito.
Todos os direitos reservados.

Observação: esses são os únicos verbos transitivos indiretos que admitem construção na voz passiva.

- Pagar e perdoar - são transitivos diretos e indiretos. A “coisa” é objeto direto e a “pessoa” é objeto indireto.

Exemplo: Paguei a dívida ao cobrador.
Perdoei-lhe as dívidas.

- Preferir – como dito no início deste módulo, a preposição “a” deve ser utilizada.

Exemplo: Prefiro carro a moto.

Nunca utilize adjuntos que busquem ampliar o sentido do verbo preferir. Nesse caso, não diga ou escreva “Prefiro mais isso...” ou “Preferia mil vezes estar aqui a...”

Cuidado com questões de paralelismo – Prefiro o carro à moto.

- Querer – no sentido de desejar, é transitivo direto. No sentido de querer bem, ter apreço, é transitivo indireto.

Exemplo: Quero muito dinheiro.
As mães querem a seus filhos.

- Simpatizar – é verbo transitivo indireto, regendo a preposição “com”. Cuidado: não existe o pronome integrante do verbo que muitas pessoas utilizam.

Exemplo: Simpatizei muito com ela.

É inadequado dizer “Simpatizei-me muito com ela”.

- Visar – no sentido de mirar, é transitivo direto. No sentido de desejar, é transitivo indireto. No sentido de “colocar o visto” é, mais uma vez, transitivo direto.

Exemplo: O atirador de elite visou o alvo.
Visamos a melhores condições de vida.
O turista visou o passaporte.

Este conteúdo pertence ao Descomplica. É vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito.
Todos os direitos reservados.

3. USO DA PREPOSIÇÃO COM O PRONOME RELATIVO

Principalmente quando você for escrever uma redação, atente para o uso das preposições antes de pronomes relativos. Essas preposições são regidas pelos verbos usados em cada frase. Observe os casos a seguir:

A garota que amo é linda.
A garota de que gosto é linda.
A garota com quem simpatizo é linda.
A garota por quem sou apaixonado é linda.
A garota a que me refiro é linda.
A garota de que falei é linda.

Este conteúdo pertence ao Descomplica. É vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito.
Todos os direitos reservados.

Concordância Verbal

1. APRESENTAÇÃO

Nesse módulo, estudaremos os principais tipos e ocorrências de itens relacionados à concordância verbal cobrados nos vestibulares do país. Nesse sentido, é válido lembrar que serão observadas as ocorrências de concordância em três grupos distintos: nas orações com sujeito simples, nas orações com sujeito composto e nas orações sem sujeito. Note que não trabalharemos TODOS os casos, mas somente aqueles que tendem a aparecer com maior frequência.

Vamos ao trabalho?

2. REGRA GERAL DE CONCORDÂNCIA VERBAL

A regra geral de concordância verbal é bastante simples: o verbo concorda com o núcleo (ou os núcleos) do sujeito. Desse modo, temos:

O **rapaz** saiu.
Os **rapazes** saíram.
No coração ficaram **lembranças** de nós dois.
Cão e gato são inimigos naturais.

Nas frases em destaque, os termos em negrito são todos núcleos do sujeito; quando o núcleo está no singular, o verbo fica no singular. Quando o núcleo está no plural ou temos mais de um núcleo, o verbo vai para o plural.

Simples, não? Nem tanto. Como sempre, muitas de nossas regras contêm casos especiais ou exceções. Por isso, temos que apresentar (e discutir) os itens que seguem.

3. CASOS DE DESTAQUE

- Sujeito Inexistente (ou Oração sem Sujeito):

Ocorre em situações em que consideramos o verbo impessoal, caso em que esse verbo (e seu auxiliar, quando houver locução verbal) aparece sempre na terceira pessoa do singular. A referência é feita ao processo verbal em si, pela impossibilidade de o atribuirmos a um sujeito.

- Verbos que expressam fenômenos da natureza:

Exemplo: Neva bastante nos Alpes.

Observação: Cuidado com os casos em que o verbo aparece em seu sentido figurado: Choveram reclamações sobre a prova.

Este conteúdo pertence ao Descomplica. É vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito.
Todos os direitos reservados.

- Verbo “haver” com o sentido de existir, ocorrer, aparecer, entre outros:

Exemplo: Há bons alunos em sala.
Haverá lugares para todos no carro.
Deve haver soluções para o aquecimento global.

Observações: Se o verbo “haver” nos casos acima for substituído por um equivalente, esse novo verbo deve ser passado para o plural.

Exemplo: Devem existir soluções para o aquecimento global.

- Verbos “fazer”, “estar” e “ser” indicando clima ou tempo:

Exemplo: Faz dois meses que não saio à noite.
Vai fazer três dias que não durmo.
Está calor no Rio de Janeiro.
É uma hora.

Observação: O verbo “ser”, nas indicações de tempo, apresenta concordância anômala. Ele deve concordar com o numeral situado ao seu lado. Observe:

É uma hora.
São duas horas.

Hoje é dia 25.
Hoje são 25 de agosto.

Casos do Sujeito Simples:

- Substantivos coletivos – a concordância pode ser feita com o núcleo ou com o termo especificador.

Exemplo: O enxame de abelhas picou (ou picaram) o rapaz.

- Numerais que indicam frações – a concordância é realizada com o numerador

Exemplo: Um terço votou.
Dois terços votaram.

Observação: Se o numeral que indica fração ou porcentagem for acompanhado de uma expressão especificadora, a concordância com o núcleo ou com esse novo termo é facultativa.

Este conteúdo pertence ao Descomplica. É vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito.
Todos os direitos reservados.

Exemplo: Um terço dos eleitores votou (ou votaram).
Dois terços do eleitorado votaram (ou votou).
Dois terços dos eleitores votaram.

- Nomes usados sempre no plural – dependem da presença do artigo para que a concordância no plural se realize.

Exemplo: Estados Unidos invadiu o Iraque.
ou
Os Estados Unidos invadiram o Iraque.

- Expressões que indicam parte ou quantidade indeterminada – mais uma vez, a concordância se faz de modo facultativo: ou com o núcleo ou com o termo especificador.

Exemplo: A maioria dos alunos dormiu (ou dormiram) durante a aula.
Grande parte dos ouvintes reclamou (ou reclamaram) da palestra.

- Alguns pronomes relevantes, como que ou quem.

Exemplo: Fui eu que fiz.
Fui eu quem fiz (ou fez).

Isso porque o pronome relativo “quem” equivale a “aquele que”. Há também a concorrência de pronomes.

Exemplo: Quais de nós farão (ou faremos) o trabalho?
Qual de nós fará o trabalho?

Casos do sujeito composto:

- Conjunção OU: Se for com sentido de exclusão, concorda no singular; se puder não ser excludente, concorda no plural.

Exemplo: Flamengo ou Barcelona será campeão.
Fumar ou beber fazem mal à saúde.

- Sujeito posposto ao verbo - Pode fazer a concordância ideológica (no plural) ou atrativa (concordando apenas com o termo mais próximo).

Exemplo: O pai e o filho saíram.
Saíram o pai e o filho.
Saiu o pai e o filho.

Este conteúdo pertence ao Descomplica. É vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito.
Todos os direitos reservados.

- Aposto resumitivo – é o único caso em que a concordância se faz com o aposto e não com o sujeito.

Exemplo: O cansaço, o estresse, a pressão, nada me fará desistir.

Este conteúdo pertence ao Descomplica. É vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito.
Todos os direitos reservados.

REDAÇÃO

Competência 1: sua redação e a gramática

Professor Rômulo

REDAÇÃO

Este conteúdo pertence ao PROENEM. Está vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito. Todos os direitos reservados.

Tema: A questão da inclusão das pessoas com deficiência

No que se refere à inclusão de idosos e pessoas com deficiência no Brasil, pode-se perceber que muitos ainda encontram diversos problemas adaptativos em meio à sociedade brasileira. Isso se evidencia não apenas pelos obstáculos enfrentados por grande parte dos cadeirantes, mas também pelas dificuldades vivenciadas pelos idosos nas grandes cidades.

Na Roma Antiga, tanto nobres como plebeus tinha permissão para sacrificar os filhos que nasciam com algum tipo de deficiência. Já em Atenas, influenciada por Aristóteles, a sociedade amparava os deficientes. Hoje, no Brasil ,pode-se perceber que os cadeirantes enfrentam diversos problemas para se locomoverem nas metrópoles, tendo em vista a dificuldade que muitos passam para utilizarem os transportes públicos e a falta de acessibilidade as rampas.

Este conteúdo pertence ao PROENEM. Está vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito. Todos os direitos reservados.

Além disso ,pesquisas feitas pelo portal G1 apontaram que cerca de 40% das pessoas da terceira idade sofrem com algum tipo de deficit de atenção .Ademais ,os idosos também encontram diversos bloqueios na cidades do país, visto que as calçadas não são construídas de forma linear e muitos ambulantes ocupam esses espaços ,por conseguinte ,acabam tendo que se arriscarem em meio ao trânsito.

Segundo o escritor Sebastião Barros , a maior deficiência não está no corpo do deficiente, mas, na alma das pessoas que não os respeitam. Desse modo , o Governo deve fiscalizar de forma intensa os motoristas que estacionam nas vagas para deficientes, aplicando multas financeiras e colocando agentes de trânsito para realizarem rondas , a fim de tornar o sistema de lei existente mais eficaz.

Este conteúdo pertence ao PROENEM. Está vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito. Todos os direitos reservados.

Outrossim, o Ministério da Infraestutura deve construir calçadas lineares e implantar sistemas sonoros para orientar os idosos ,com a finalidade de promover a mobilidade urbana para todos.

Regras práticas para o emprego de letras

1. Representação do fonema /z/

a) Dependendo da sílaba inicial da palavra, pode ser representado pelas letras z, x, s:

Sílaba inicial a à usa-se z - azar, azia, azedo, azougue, azêmola... Exceções: Ásia, asa, asilo, asinino.

1. Sílaba inicial e à usa-se x - exame, exemplo, exímio, êxodo, exumar...

Exceções: esôfago, esotérico.

Este conteúdo pertence ao PROENEM. Está vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito. Todos os direitos reservados.

2. Sílaba inicial i à usa-se s - isento, isolado, Isabel, Isaura, Isidoro...

3. Sílaba inicial o à usa-se s - hosana, Osório, Osíris, Oséias...

Exceção: ozônio

4. Sílaba inicial u à usa-se s - usar, usina, usura, usufruto...

b) No segmento final da palavra (sílaba ou sufixo) pode ser representado pelas letras z e s:

1. Letra z à se o fonema /z/ não vier entre vogais:

az, oz - (adj. oxítonos) audaz, loquaz, veloz, atroz...

iz, uz - (pal. oxítonas) cicatriz, matriz, cuscuz, mastruz...

Exceções: anis, abatis, obus.

ez, eza - (subst. abstratos) maciez, embriaguez, avareza...

Este conteúdo pertence ao PROENEM. Está vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito. Todos os direitos reservados.

2. Letra s - se o fonema /z/ vier entre vogais:

asa - casa, brasa...

ase - frase, crase...

aso - vaso, caso...

Exceções: gaze, prazo.

ês(a) - camponês, marquesa...

ese - tese, catequese...

esia - maresia, burguesia...

eso - ileso, obeso, indefeso...

isa - poetisa, pesquisa...

Exceções: baliza, coriza, ojeriza.

Este conteúdo pertence ao PROENEM. Está vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito. Todos os direitos reservados.

êS(a) - camponês, marquesa...
ese - tese, catequese...
esia - maresia, burguesia...
eso - ileso, obeso, indefeso...
isa - poetisa, pesquisa...

Exceções: baliza, coriza, ojeriza.

ise - valise, análise, hemoptise...
Exceções: deslize.

iso - aviso, liso, riso, siso...
Exceções: guizo, granizo.

oso(a) - gostoso, jeitoso, meloso...
Exceções: gozo.

ose - hipnose, sacarose, apoteose...
uso(a) - fuso, musa, medusa...
Exceções: cafuzo(a).

Este conteúdo pertence ao PROENEM. Está vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito. Todos os direitos reservados.

c) Verbos:

1. Terminação izar - derivados de nomes sem "s" na última sílaba:

utilizar, avalizar, dinamizar, centralizar...

- cognatos (derivados com mesmo radical) com sufixo "ismo":

(batismo) batizar - (catecismo) catequizar...

2. Terminação isar - derivados de nomes com "s" na última sílaba:

avisar, analisar, pesquisar, alisar, bisar...

3. Verbos pôr e querer - com "s" em todas as flexões:

pus, pusesse, pusera, quis, quisesse, quisera...

Este conteúdo pertence ao PROENEM. Está vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito. Todos os direitos reservados.

d) Nas derivações sufixais:

Letra z à se não houver "s" na última sílaba da palavra primitiva: Marzinho, canzarrão, balázio, bambuzal, pobrezinho...

Letra s à se houver "s" na última sílaba da palavra primitiva: japonesinho, braseiro, parafusinho, camiseiro, extasiado...

e) Depois de ditongos:

Letra s - lousa, coisa, aplauso, clausura, maisena, Creusa...

Este conteúdo pertence ao PROENEM. Está vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito. Todos os direitos reservados.

2. Representação do fonema /x/

Emprego da letra X

a) depois das sílabas iniciais:

me - mexerico, mexicano, mexer...

Exceções: mecha

la - laxante...
li - lixa...
lu - luxo...
gra - graxa...
bru - bruxa...
en - enxame, enxoval, enxurrada...

Exceções: enchova.

Este conteúdo pertence ao PROENEM. Está vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito. Todos os direitos reservados.

OBSERVAÇÃO
Quando en for prefixo, prevalece a grafia da palavra primitiva: encharcar, enchapelar, encher, enxadrista...

b) depois de ditongos:
caixa, ameixa, frouxo, queixo...

Exceções: recauchutar:

Este conteúdo pertence ao PROENEM. Está vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito. Todos os direitos reservados.

3. OUTROS CASOS DE ORTOGRAFIA

1. Letra g

Palavras terminadas em:

- ágio - presságio
- égio - privilégio
- ígio - vestígio
- ógio - relógio
- úgio - refúgio

- agem - viagem
- ege - herege
- igem - vertigem
- oge - paragoge
- ugem - penugem

Exceções: pajem, lajem, lambujem.

Este conteúdo pertence ao PROENEM. Está vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito. Todos os direitos reservados.

2. Letra c (ç)

a) nos sufixos: barcaça, viração, cansaço, bonança, roliço

b) depois de ditongos: louça, foice, beiço, afeição.

c) cognatas com "t": exceto à exceção, isento à isenção.

d) derivações do verbo "ter": deter à detenção, obter à obtenção.

3. Letra s / ss

Nas derivações, a partir das terminações verbais:

ender - pretender à pretensão; ascender à ascensão.

ergir - imergir à imersão; submergir à submersão.

Este conteúdo pertence ao PROENEM. Está vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito. Todos os direitos reservados.

erter - inverter à inversão; perverter à perversão.

pelir - repelir à repulsa; compelir àcompulsão.

correr -discorrer à discurso; percorrer à percurso.

ceder - ceder à cessão; conceder à concessão.

gredir - agredir > agressão; regredir > regresso.

primir - exprimir à expressão; comprimir à compressa; permitir à permissão; discutir à discussão.

Este conteúdo pertence ao PROENEM. Está vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito. Todos os direitos reservados.

Maiúsculas e minúsculas

Emprega-se a inicial maiúscula:

a) nas citações diretas: Como escreveu Rui Barbosa: "A pátria é a família amplificada."

b) nos substantivos próprios e siglas: Antônio, Brasil, Rio de Janeiro, FGTS (Fundo de Garantia do Tempo de Serviço)...

c) em nomes de vias e lugares públicos: Avenida Beira Rio, Esplanada dos Ministérios, Praça dos Três Poderes, Rodovia dos Imigrantes...

d) altos conceitos religiosos, políticos ou nacionalistas: a Igreja, o Estado, a Nação, a República, o Senado, a Capital...

e) nomes de artes, ciências e disciplinas: a Música, a Matemática, a Pintura, o Português...

Este conteúdo pertence ao PROENEM. Está vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito. Todos os direitos reservados.

f) nomes de obras: Os Lusíadas, Os Sertões, a Nona Sinfonia, a Divina Comédia, o Diário...

g) nomes de altos cargos, dignidades ou postos: Papa, Presidente, Governador, Ministro...

h) nomes de expressões de tratamento: Dom, Senhor, Vossa Excelência, Ilustríssimo Senhor...

i) nomes de épocas e fatos históricos: a Revolução Francesa, a Renascença, o Fico, Descobrimento do Brasil, a Idade Média...

j) nomes de atos de autoridades políticas: o Decreto-Lei n° 200, a Lei n° 7.625, o Aviso n° 12...

Este conteúdo pertence ao PROENEM. Está vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito. Todos os direitos reservados.

Emprega-se inicial minúscula:

a) nomes de povos: gaúchos, cariocas, chilenos, aimorés, capixabas, porto-alegranse, potiguara...

b) nomes dos meses e dias da semana: janeiro, fevereiro, março, segunda-feira, sábado...

c) partículas átonas no interior de locuções ou expressões com iniciais maiúsculas: Memorial de Aires, Uma Jangada para Ulisses, Vestida para Matar...

d) nomes comuns que acompanham os geográficos: o rio Amazonas, o oceano Pacífico, a baía da Guanabara, o canal de Suez...

e) nomes de festas pagãs ou populares: o carnaval, a vaquejada, o rodeio...

f) nomes próprios formando compostos: agrião-do-brasil, joão-ninguém, deus-nos-acuda...

Este conteúdo pertence ao PROENEM. Está vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito. Todos os direitos reservados.

TEXTO

No que se refere aos avanços que a tecnologia tem gerado em diversas áreas das atividades humanas, é possível afirmar que a educação formal no Brasil tem sido impactada sobremaneira pela inserção dessas modernas ferramentas pedagógicas.

Isso se evidencia não só pelas modificações que os novos recursos empregados no modelo presencial tem apresentado como pelo crescente desenvolvimento de plataformas virtuais de ensino.

Este conteúdo pertence ao PROENEM. Está vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito. Todos os direitos reservados.

TEXTO 2

Relativo à modalidade clássica, em que ocorre o movimento pendular discente-escola, vemos que a inserção dos meios tecnológicos na ministração dos conteúdos tem dado nova dinâmica ao "aprender", aguçando o interesse dos alunos e os mantendo mais focados e participativos, em grande parte graças à utilização de recursos como vídeos, animações, jogos pedagógicos, entre outros.

Essa nova metodologia, reforça o conceito criado pelo educador Paulo Freire de que a constante procura, gera a reinvenção diuturna do saber.

Este conteúdo pertence ao PROENEM. Está vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito. Todos os direitos reservados.

TEXTO 3

Nesse sentido, ganha bastante importância uma nova e pujante forma de transmissão de saberes, a virtual. Com ela, pessoas que não tinham acesso aos estudos por várias causas, tais como a falta de tempo e de acesso, na localidade de residência, têm a possibilidade de integrar plataformas à distância, assistindo aulas gravadas em mídias digitais, transmitidas via satélite, ou pela internet

Com o advento dessas novas técnicas, houve uma quebra de paradigma das relações de ensino-aprendizagem, gerando a inclusão de muitos, até então marginalizados do processo.

Este conteúdo pertence ao PROENEM. Está vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito. Todos os direitos reservados.

TEXTO 4

Os modernos meios pedagógicos têm, portanto, gerado transformações significativas na construção do conhecimento científico formalizado, no país.

Para isso, o governo deve investir na modernização dos laboratórios e salas de aula das escolas públicas; cabendo à população a cobrança por programas de inclusão digital, além de se comprometer com o uso racional dos novos equipamentos; contribuindo para dirimir a exclusão criada pelo anacrônico sistema de educacional brasileiro.

Este conteúdo pertence ao PROENEM. Está vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito. Todos os direitos reservados.

REDAÇÃO

Tema: A questão da inclusão das pessoas com deficiência

As barreiras impostas pelo preconceito

A estrutura, das sociedades desde os seus primórdios, sempre inabilitou os portadores de deficiência, na antiguidade clássica a sociedade espartana descartava crianças que nascessem com qualquer tipo de defeito fisiológico.

Este conteúdo pertence ao PROENEM. Está vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito. Todos os direitos reservados.

A legislação brasileira procura introduzir o deficiente no convívio social de forma justa, porém, as leis não são correntemente compridas, essas pessoas são menosprezadas, vistas como incapazes e suas necessidades não são devidamente atendidas, essa problemática está ligada com a omissão no comprimento das regras de inclusão em consonância com o prejulgamento da sociedade.

Relativo ao não comprimento da jurisprudência, a constituição oferece um aparato muito vasto aos deficientes, promovendo cotas em vagas de concursos públicos e universidades, exige também que haja contratações pelo setor privado. Entretanto, grande parte dos prédios públicos e privados não possuem uma estrutura adequada para a locomoção dos portadores de necessidades especiais, o que é exigido nas leis, isso acarreta em transtornos no cotidiano desses indivíduos.

Este conteúdo pertence ao PROENEM. Está vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito. Todos os direitos reservados.

Como disse a arquiteta humanista Thaís Frota, se um lugar não está preparado para receber todas as pessoas, esse lugar é deficiente. As necessidades especiais não podem ser um motivo de exclusão e sim de aprimoramento para obtenção do convívio igualitário.

Outrossim, o preconceito das pessoas faz com que o deficiente seja enxergado como incapaz, esse é um dos motivos pelo qual a empregabilidade e a inclusão em qualquer meio social são dificultadas.

Este conteúdo pertence ao PROENEM. Está vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito. Todos os direitos reservados.

Deficiência não é motivo de desmerecimento, apenas demanda de tratamentos que atendam certas limitações, nas paraolimpíadas os atletas brasileiros ao demostrarem sua capacidade rompem o paradigma social no qual essas pessoas são classificadas como inferiores, comprovando o quanto podem ser produtivos.

O Governo, portanto, deve através do órgão competente realizar uma fiscalização rigorosa no comprimento das leis que exigem a adaptação na estrutura das edificações.

Este conteúdo pertence ao PROENEM. Está vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito. Todos os direitos reservados.

Os governantes dos Estados poderiam realizar projetos de expansão do modelo arquitetônico de cidades como Brasília, onde foi implementado nos locais públicos, rampas, corrimões, sinalizadores táteis e auditivos, a sociedade por sua precisa renovar seus conceitos em relação ao assunto e não ficar preza a essas raízes histórias.

Com atitudes como essas, a exclusão dessa parcela de pessoas seria claramente reduzida.

Este conteúdo pertence ao PROENEM. Está vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito. Todos os direitos reservados.

mundo português

Redação: Conclusão

OBRIGATÓRIO

- Retomada das ideias centrais
- Reafirmar a tese (o que já foi afirmado no início deve ser reafirmado no final. Isso é coerência)

Pode ser usada uma pergunta retórica QUE JÁ FOI RESPONDIDA AO LONGO DO TEXTO

Usar elementos de coesão (para iniciar o último parágrafo) como:

- Com isso
- Sendo assim
- Portanto
- Logo

IMPORTANTE!

Apresentar uma proposta de intervenção= solução possível= sugestão para resolver o problema.

Leia o exemplo abaixo da conclusão de uma redação nota 1000

*Fica clara, **portanto**, a necessidade de uma ampliação da legislação atual a fim de limitar, como já acontece em países como Canadá e Noruega, a propaganda para esse público, visando à proibição de técnicas abusivas e inadequadas. Além disso, é preciso focar na conscientização dessa faixa etária em escolas, com professores que abordem esse assunto de forma compreensível e responsável. Só assim construiremos um sistema que, ao mesmo tempo, consiga vender seus produtos sem obter vantagem abusiva da ingenuidade infantil.*

Bibliografia

Agostinho Dias CARNEIRO. *Redação em construção - a escritura do texto*. Moderna. São Paulo. 1993.

A FARIAS e Agostinho Dias CARNEIRO. *A interpretação do texto e o pretexto (vol. 1 e 2)*. Ao Livro Técnico. Rio de Janeiro. 1997.

J. L. FIORIN e F. S. PLATÃO. *Para entender o texto — leitura e redação*. Ática. São Paulo. 1990

mundo português

Redação: Desenvolvimento

- A **tese** já foi decidida e apontada na **introdução**
- Agora fazemos o **desenvolvimento** = **"corpo da redação"**
- No **desenvolvimento** sempre levar em conta o **posicionamento** apontado na tese

Um ótimo desenvolvimento se baseia em 4 coisas:

- Clareza das ideias
- Coerência entre os parágrafos
- Manutenção da tese
- Justificativa (motivos do posicionamento)

SEMPRE

Separe suas ideias por tópicos (itens) sobre aquilo que será possível e coerente usar nos argumentos

Separe suas ideias pensando: Vou conseguir explica-las? Vou conseguir desenvolvê-las?

o que sempre deve ser feito

- Progressão temática (início, meio e fim)
- Elementos de coesão (termos que ligam as frases e períodos)
- Outro item válido, mas que não é obrigatório é citar exemplos, frases de autoridades, letras de música, pensamento conhecido e etc. Dentro desses exemplos, **não use** frases prontas.

Lembrem-se de que frases de efeito e exemplos auxiliam o leitor a ver seu argumento e até concordar com seu texto.

Levantar hipóteses e chegar a conclusões **é muito eficiente.**

Procure **fugir** ao senso comum.

Ex: Se a redação for sobre o distanciamento do jovem em relação à política: O jovem se distanciou da política devidos aos altos índices de corrupção. (isso todo mundo diz)

CONTRAPONTO

Cuidado! Quando o usar o contraste (oposição de ideias) **sempre escolha um lado** para se posicionar.

EX: Enquanto a busca por uma vida saudável leva milhares de pessoas a utilizar novas formas de suplementação, o exagero nos cuidados com o corpo passaram a ser motivo de preocupação médica.

CAUSA (motivo) X **CONSEQUÊNCIA** (efeito/resultado) = afirmar algo e explicar o motivo e no que isso resultou

Exemplo: Devido ao uso abusivo de suplementos, muitos jovens que almejavam o corpo perfeito, hoje se deparam com sérios problemas de saúde. A quantidade de substancias ingeridas por homens e mulheres fugiu de tal maneira ao controle dos órgãos competentes que os riscos à saúde só aumentaram nos últimos anos.

Bom, estas dicas servem perfeitamente para vocês construírem e desenvolverem uma REDAÇÃO NOTA 1000.

Bons estudos!

Bibliografia

- CARNEIRO, Agostinho Dias . *Redação em construção - a escritura do texto*. Moderna. São Paulo. 1993.
- A FARIAS e Agostinho Dias CARNEIRO. *A interpretação do texto e o pretexto (vol. 1 e 2)*. Ao Livro Técnico. Rio de Janeiro. 1997.
- J. L. FIORIN e F. S. PLATÃO. *Para entender o texto — leitura e redação*. Ática. São Paulo. 1990

mundo português

Redação: como desenvolver uma tese

Dentre as muitas maneiras para iniciar uma tese temos as principais e mais **eficazes**:

1º) artigo + substantivo

EX: A lei que passou a vigorar no Brasil...

2º) VTD + SE + SUJEITO (verbo transitivo direto + partícula SE + sujeito que sofre a ação)

EX: Sabe-se que as leis vigentes no Brasil...

3º) V.L + PREDICATIVO (verbo de ligação + característica)

EX: É fundamental que se repense o código penal brasileiro

Não é obrigatório, mas outra maneira de iniciar uma tese é fazendo uma breve explicação do que vai ser dito.

Além disso, pode-se iniciar pelo problema.

EX.: Uma onda de crimes cometidos por menores infratores levou o governo brasileiro a votar uma nova lei para diminuir a maioridade penal para 16 anos. Acreditar que dessa forma serão solucionados os problemas devido aos atos de violência cometidos por menores **é um equívoco.** (o que está destacado é a **tese**)

TESE sobre 2 pontos: Na introdução pode-se apresentar os dois lados de um mesmo ponto e **sempre** optar por 1. Reafirmá-lo na introdução e durante todo o texto.

- Lembre-se de que **todo o posicionamento deve ser explicado.**
- **Só construa a tese a partir de algo que você possa argumentar**, ou seja, você precisa ter recursos.

Bibliografia

- CARNEIRO, Agostinho Dias. *Redação em construção - a escritura do texto*. Moderna. São Paulo. 1993.
- FARIAS, A. e CARNEIRO, Agostinho Dias . *A interpretação do texto e o pretexto (vol. 1 e 2)*. Ao Livro Técnico. Rio de Janeiro. 1997.
- J. L. FIORIN e F. S. PLATÃO. *Para entender o texto — leitura e redação*. Ática. São Paulo. 1990.

Realismo, Naturalismo e Parnasianismo

O Realismo e o Naturalismo foram as duas escolas literárias de domínio no fim do século XIX e início do século XX. Sua contra-parte na poesia é chamada de Parnasianismo. Apesar de se parecerem, o Realismo e o Naturalismo tem diferenças e quanto ao Parnasianismo, apesar de dominante não foi o único estilo de poesia da época, apesar de ter sido o dominante. O mais importante autor realista e maior escritor do Brasil foi **Machado de Assis**, que possui página em separado. Outro autor importante na época foi o naturalista Inglês de Sousa, redator dos estatutos da ABL.

Raul Pompéia

Raul D'Ávila Pompéia teve uma infância rica e reclusa. Seus pais eram donos de uma fazenda de cana-de-açúcar e o mandaram para um internato com 10 anos, em 1863. Lá recebeu influências para escrever O Ateneu e escreveu seu primeiro livro, antes dos 15 anos, muito aclamado pela crítica da época, especialmente por ser o autor tão jovem. Mais tarde estudou num Externato e foi estudar Direito, colaborando também com jornais e revistas. Era abolicionista e republicano. Muito sensível, este professor, político, jornalista, escritor e polemista se suicidou em 1895. Foi um escritor que não se pode enquadrar em único estilo, tendo influências naturalistas, realistas, expressionistas e impressionistas. Sua obra de maior importância é **O Ateneu**, que tem algum caráter autobiográfico. Nas passagens a seguir, note a linguagem rebuscada que o autor usa.

"Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai, à porta do Ateneu. Coragem para a luta." *O Ateneu*

"Falavam do incendiário. Imóvel! Contavam que não se achava a senhora. Imóvel! A própria senhora com quem ele contava para o jardim de crianças! Dor veneranda! Indiferença suprema dos sofrimentos excepcionais! Majestade inerte do cedro fulminado! Ele pertencia ao monopólio da mágoa. O Ateneu devastado! O seu trabalho perdido, a conquista inapreciável de seus esforços!... Em paz!... Não era um homem aquilo; era um de profundis." *O Ateneu*

Aluísio de Azevedo

Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo foi desenhista e mais tarde escritor profissional, se envolveu na política maranhense, fundou jornais e publicou o primeiro livro naturalista brasileiro, *O Mulato*. Foi o primeiro escritor brasileiro a ter a literatura exclusivamente como profissão. Sua obra variou em qualidade, tendo feito alguns dramalhões românticos que considerava de má qualidade - e eram - e obras naturalistas de relevância - junto com outras de nem tanta relevância. Mais tarde se desgostou da literatura e ingressou no serviço público. Foi membro da ABL. O que se segue são passagens de suas obras mais famosas, as naturalistas **O Mulato**, **O Cortiço** e **Casa de Pensão**.

"Naquela mulata estava o grande mistério e a síntese das impressões que ele recebera chegando aqui: ela era a luz ardente do meio-dia; ela era o calor vermelho das sestas da fazenda; era o aroma quente dos trevos e das baunilhas, que o atordoara nas matas brasileiras; era a palmeira virginal e esquiva que não se torce a nenhuma outra planta; era o veneno e era açúcar gostoso; era o sapoti mais doce que o mel e era a castanha do caju, que abre feridas com seu azeite de fogo; ela era a cobra verde e traiçoeira, a lagarta viscosa, a muriçoca doida, que esvoaçava havia muito tempo em trono do idade da terra, piscando-lhe as artérias, para lhe cuspir dentro do sangue uma centelha daquele amor setentrional, uma nota daquela música feita de gemidos de prazer, uma larva daquela nuvem de cantáridas que zumbiam em torno da Rita Baiana e espalhavam-se pelo ar numa fosforescência afrodisíaca." *O Cortiço*

"Bertoleza então, erguendo-se com ímpeto de anta bravia, recuou de um salto e, antes que alguém conseguisse alcançá-la, já de um só golpe certeiro e fundo rasgara o ventre de lado a lado." *O Cortiço*

"Sua pequena testa, curta e sem espinhas, margeada de cabelos crescendo, não denunciava o que naquela cabeça havia de voluptuoso e ruim. Seu todo acanhado, fraco e modesto, não deixava transparecer a brutalidade daquele temperamento cálido e desensofrido." *Casa de Pensão*

"Então, fechou novamente os olhos estremecendo, esticou o corpo - e uma palavra doce esvoaçou-lhe nos lábios entreabertos, como um fraco e lamentoso apelo de criança: - Mamãe!...
E morreu." *Casa de Pensão*

"Raimundo tinha vinte e seis anos e seria um tipo acabado de brasileiro, se não foram os grandes olhos azuis, que puxara do pai. Cabelos muito pretos, lustrosos e crespos; tez morena e amulatada, mas fina; dentes claros que reluziam sob a negrura do bigode; estatura alta e elegante; pescoço largo, nariz direito e fronte espaçosa. A parte mais característica de sua fisionomia eram os olhos - grandes ramalhudos, cheios de sombras azuis; pestanas eriçadas e negras, pálpebras de um roxo vaporoso e úmido; as sobrancelhas, muito desenhadas no rosto, como a nanquim, faziam sobressair a frescura da epiderme, que, no lugar da barba raspada, lembrava os tons suaves e transparentes de uma aquarela sobre papel de arroz." *O Mulato*

"Ana Rosa estremeceu toda, deu um grito, ficou lívida, levou as mãos aos olhos. Parecia-lhe ter reconhecido Raimundo naquele corpo ensangüentado. Duvidou e, sem ânimo de formular um pensamento, abriu de súbito as vidraças.
Era, com efeito, ele.
(...) A moça deixou atrás de si, pelo chão, um grosso rastro de sangue, que lhe escorria debaixo das saias, tingindo-lhe os pés. E, no lugar da queda, ficou no assoalho uma enorme poça vermelha." *O Mulato*

Artur Azevedo

Artur Nabantino Gonçalves de Azevedo (1855-1908), irmão mais velho de Aluísio de Azevedo, foi contista, jornalista, tradutor, crítico e, principalmente, teatrólogo. Autor de mais de 70 peças de teatro, pode junto com **Martins Pena** ser considerado um dos criadores da dramaturgia nacional. Sua obra era afinada com o gosto popular, e continham, assim como sua poesia e seus contos, elementos cômicos. Artur Azevedo teve vários empregos burocráticos (como muitos escritores do século XIX) enquanto escrevia. Azevedo também é o provável autor da primeira crítica de cinema nacional.

Coelho Neto

Henrique Maximiliano Coelho Neto (1864-1934) foi em sua época o que hoje é Paulo Coelho em termos de Literatura Brasileira: um escritor de grande apelo popular, prolífico e de baixa qualidade. Deputado, o "príncipe dos prosadores brasileiros" (como foi eleito em 1928) escrevia freneticamente não apenas romances e contos, mas também artigos para jornais brasileiros e estrangeiros.

João do Rio

João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto (1881-1921) foi o jornalista, cronista, contista e teatrólogo conhecido como João do Rio, o pseudônimo com o qual assinava seus artigos. No seu tempo, João do Rio era um dos mais importantes jornalistas e escritores do Rio de Janeiro, sendo até mesmo aceito na ABL. E isso era muito estranho para sua época, já que João do Rio era mulato, homossexual e cocainômano numa sociedade que desprezaria qualquer uma

das três qualidades. Mas João do Rio escrevia artigos que eram muito apreciados pela sociedade da época e se enquadram na mesma categoria de Coelho Neto: "sorriso da sociedade".

Inglês de Sousa

Herculano Marcos Inglês de Sousa (1853-1918), romancista e contista paraense, foi uma das principais figuras do Naturalismo no Brasil. Influenciado pelo francês Émile Zola e pelo português **Eça de Queirós**, a obra de Inglês de Sousa tem grandes qualidades estilísticas, descritivas e narrativas, sendo um dos regionalistas de mais destaque do século XIX, descrevendo com romances como O Missionário os costumes da região amazônica. Pertencente à ABL, redigiu seus estatutos internos. Ingl6es de Sousa é vítima de um mal que afeta muitos naturalistas: sua técnica um tanto pomposa e artificial é de certa monotonia.

Domingos Olímpio

Nascido em Sobral, Ceará, a 18 de setembro de 1850, o escritor naturalista Domingos Olímpio Braga Cavalcanti foi um dos poucos e um dos últimos de sua escola. Em 1873 tornou-se bacharel em Direito em Recife voltou ao Ceará para exercer o jornalismo como abolicionista e republicano; casou-se dois anos depois, quando também foi escolhido promotor público. Quatro anos depois, forçado pela situação política (era político de oposição) mudou-se para o Pará. Em 1891 muda-se para o RJ, onde exerce o jornalismo e a advocacia. Viúvo, casa-se novamente no ano seguinte. Em 1903 publica sua principal obra, **Luzia-Homem**, e passa a escrever sob o pseudônimo de "Pojucan" na recém-fundada *Os Anais*. Em 6 de outubro de 1906, falece.

"Sob os músculos poderosos de Luzia-Homem estava a mulher tímida e frágil, afogada no sofrimento que não transbordava em pranto, e só irradiava , em chispas fulvas, nos grandes olhos de luminosa treva." *Luzia-Homem*

"Raulino recuou, cortado de terror, ante o cadáver; e, num turbilhão de cólera, rugiu arrepiado, apertando os dentes, e, com uns gestos, que eram crispações medonhas de fera, esquadrinhou o terreno, buscando e rebuscando o criminoso." *Luzia-Homem*

Olavo Bilac

Jornalista, Olavo Brás dos Martins de Oliveira Bilac nasceu a 16 de dezembro de 1865 e morreu em 28 de dezembro de 1918. Principiou estudos de Medicina e Direito, mas abandonou ambos para se dedicar a Literatura. Foi preso durante a Revolta da Armada por Floriano Peixoto, tendo participado de campanhas cívicas, mas trabalhando muito pouco em seus empregos públicos. Pertenceu à ABL, tendo sido o principal poeta parnasiano. Sua poesia por vezes se afastava do ideal parnasiano, mas escreveu muitas poesias tecnicamente impecáveis. Considerado um dos maiores poetas brasileiros de todos os tempos, observe na passagem abaixo o ideal parnasiano que ele e os outros poetas a seguir buscavam.

"Quero que a estrofe cristalina,
Dobrada ao jeito
Do ourives, saia da oficina
Sem um defeito:"

Alberto de Oliveira

Antônio Mariano Alberto de Oliveira (1859-1937) cursou Medicina e formou-se em Farmácia. O mais parnasiano dos poetas, começou com poesia romântica. Foi funcionário público e professor o Príncipe dos Poetas, membro fundador da ABL. Sua poesia era altamente descritiva e de grande cuidado na forma, como atesta a passagem abaixo.

"Estranho mimo aquele vaso! Vi-o
Casualmente, uma vez, de um perfumado
Contador sobre o mármor luzidio,
Entre um leque e o começo de um bordado."

Raimundo Correia

Raimundo da Mota Azevedo Correia (1860-1911) formou-se em Direito e foi magistrado e diplomata, tendo se aproximado do Simbolismo com sua poesia amargurada e intensa, que tem a seguir uma amostra.

"Quanta gente que ri, talvez existe,
Cuja ventura única consiste
Em parecer aos outros venturosa!"

Marcos Pacco

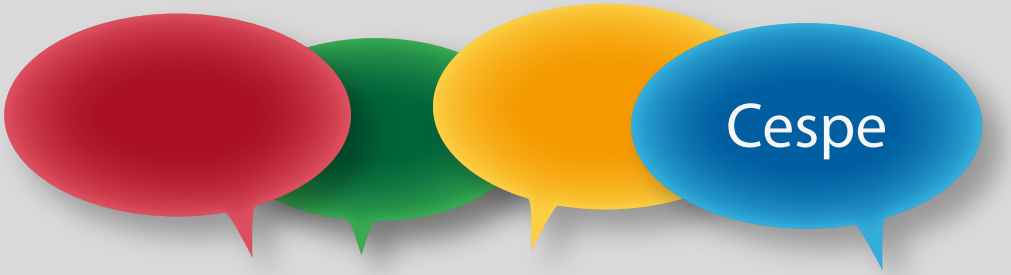

Questões Comentadas
Gramática

Editora
Sintagma

1

Acesse www.baixarveloz.net

© 10/2011 – Editora Sintagma

EDITORA
SINTAGMA

Pacco, Marcos.
Questões Comentadas: Gramática – Volume 1 – CESPE
Marcos Pacco – 1ª ed.
Editora Sintagma – Brasília, DF: Sintagma Editora, 2011

170 p.

1. Brasil: Questões Comentadas: Gramática.

CDD 469

Editor
Marcos Pacco

Conselho Editorial
Marcos Pacco
Renata Ribeiro
Tiago França

Diagramação
Antônio Francisco Pereira

Capa
Guilherme Alcântara

Revisão
Lucas Ribeiro

Editora Sintagma – SIG, Quadra 01, Lote 495, Brasília-DF
Ed.: Barão do Rio Branco – Sala 110 – CEP.: 71.610.410 – Tel.: 3033-8475

Esta obra é parte integrante da Novíssima Gramática Aplicada ao Texto, mas pode ser vendida separadamente.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS *– De acordo com a Lei n. 9.610, de 19.02.1998, nenhuma parte deste livro pode ser fotocopiada, gravada, reproduzida ou armazenada em um sistema de recuperação de informações ou transmitida sob qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico ou mecânico sem o prévio consentimento do detentor dos direitos autorais e do editor.*

Acesse www.baixarveloz.net

Ao meu Mestre, Jesus Cristo, minha fonte de vida.

Aos meus familiares, minha fonte de apoio.

Aos meus alunos, minha fonte de inspiração.

Acesse www.baixarveloz.net

Acesse www.baixarveloz.net

APRESENTAÇÃO

Este livro é o primeiro volume da série QUESTÕES COMENTADAS DE PORTUGUÊS. Acreditamos que, assim como um atleta profissional precisa dedicar-se proficuamente aos treinos físicos para obter êxito nas competições, os concursandos e vestibulandos precisam dedicar-se ao "treino intelectual" para alcançarem a tão sonhada vaga no serviço público ou na universidade, respectivamente.

Resolver questões de provas anteriores é, comprovadamente, um dos métodos mais eficazes de preparação para concursos e vestibulares. A Editora Sintagma tem a imensa satisfação de contribuir, por meio desta obra, para o sucesso dos candidatos que se preparam para tal finalidade.

Esta obra reúne várias provas do Cespe/UnB e as classifica por tema, em conformidade com o conteúdo programático dos editais. Além de separadas por assunto, as questões possuem respostas comentadas pelo autor. Alguns comentários chegam a ser verdadeiros resumos de aulas de Gramática.

Cremos termos feito um bom trabalho. Entretanto, quaisquer críticas e sugestões que visem ao seu aperfeiçoamento serão bem vindas.

Bom *treino*!

O Editor

Acesse www.baixarveloz.net

Acesse www.baixarveloz.net

SUMÁRIO

Capítulo 1
Classes Gramaticais Variáveis 11
Artigos, substantivos, adjetivos e numerais 11
Pronomes 13
Verbos 21
Comentários 26

Capítulo 2
Classes Gramaticais Invariáveis 37
Preposições 37
Conjunções 40
Advérbios e palavras denotativas 42
Comentários 45

Capítulo 3
Regência Verbal e Nominal 51
Comentários 58

Capítulo 4
Crase 65
Comentários 70

Capítulo 5
Sintaxe do Período Simples 75
Comentários 80

Capítulo 6
Sintaxe do Período Composto 85
Comentários 92

Acesse www.baixarveloz.net

Capítulo 7
Pontuação 101
Comentários 114

Capítulo 8
Partícula Se..... 125
Comentários 129

Capítulo 9
Concordância Verbal e Nominal..... 133
Comentários 141

Capítulo 10
Colocação Pronominal 149
Comentários 152

Capítulo 11
Domínio das Relações Morfossintáticas, Semânticas e Discursivas... 155
Comentários 159

Capítulo 12
Acentuação e Ortografia..... 165
Comentários 158

Acesse www.baixarveloz.net

CESPE/UnB

Questões Comentadas: Gramática

Acesse www.baixarveloz.net

Acesse www.baixarveloz.net

Classes Gramaticais Variáveis

Capítulo 1

Artigos, substantivos, adjetivos e numerais

"Machado pode ser considerado, no contexto histórico em que surgiu, um espanto e um milagre, mas o que me encanta de forma mais particular é o fato de que ele estava, o tempo todo, pregando peças nos leitores e nele mesmo."

1. No texto, o termo "o" que precede "que" (ℓ.2), "fato" (ℓ.3) e "tempo" (ℓ.3) classifica-se como artigo nas três ocorrências.

"As vivências do tempo e do espaço constituem dimensões fundamentais de todas as experiências humanas. O ser, de modo geral, só é possível nas dimensões reais e objetivas do espaço e do tempo."

2. Na linha 2, o termo "só é possível" indica que "ser" está empregado como verbo, não como substantivo, sinônimo de pessoa.

"XV – Trabalhar com metodologia interativa: grupos, seminários, jogos, estudo do meio, experimentação, problematização, temas geradores, projetos e monitoria."

3. Em XV, as alusões a metodologias interativas estão representadas apenas pelos substantivos abstratos "experimentação" e "problematização".

SINTAGMA

Acesse www.baixarveloz.net

1 "Uma decisão singular de um juiz da Vara de Execuções Criminais de Tupã, pequena cidade a 534 km da cidade de São Paulo, impondo critérios bastante rígidos para que os estabelecimentos penais da região possam receber novos presos, confirma a dramática dimensão
5 da crise do sistema prisional."

4. As palavras "singular" (ℓ.1) e "dramática" (ℓ.4) qualificam, respectivamente, os substantivos "decisão" (ℓ.1) e "dimensão" (ℓ.4).

"Tivera uma peleteria numa cidade onde fazia um calor dos infernos quase o ano inteiro. Claro que foi à falência, mas suas freguesas nunca foram tão bonitas, embora tão poucas."

5. No trecho "fazia um calor dos infernos quase o ano inteiro" (ℓ.1-2), a substituição de "dos infernos" por **infernal** manteria a correção gramatical e o sentido do texto.

"O problema político essencial para o intelectual não é criticar os conteúdos ideológicos que estariam ligados à ciência nem fazer com que sua prática científica seja acompanhada por uma ideologia justa; mas saber se é possível constituir uma nova política da verdade."

6. A correção gramatical e o sentido do texto seriam mantidos com a substituição do termo "da verdade" (ℓ.4) pelo adjetivo **verdadeira.**

"Foi assim que o mais importante crítico literário do mundo, o norte-americano Harold Bloom, 77, classificou Machado de Assis quando elencou, em Gênio – Os 100 Autores Mais Criativos da História da Literatura (Ed.Objetiva, 2002), os melhores escritores do mundo segundo seus critérios e gosto particular."

7. No texto, destaca-se o emprego do superlativo.

"Sendo positivo, o livro é aprovado junto ao conselho, que decide por sua publicação."

8. Em "Sendo positivo, o livro é aprovado junto ao conselho" (ℓ.1), embora seguido de vírgula, o adjetivo "positivo" qualifica "livro".

Acesse www.baixarveloz.net

"O ano de 1964 representou para a Universidade de Brasília o maior retrocesso que pôde existir na história do ensino superior no Brasil. No meu entender, foi um verdadeiro aborto na história da ciência, pois aqui se perdeu o que existia de melhor em conhecimento científico e intelectual deste país. Digo isso porque presenciei os fatos daquela época. Destruíram, aqui, o ninho dos homens-águias. Desapareceram os grandes personagens, que foram a verdadeira história da UnB. Restaram apenas mágoas e ressentimentos, medo e desconfiança, um sentimento de desgosto e de tristeza no meio de toda aquela gente se evadindo ou assistindo com pavor à violência e à desmoralização de seus colegas e familiares sem que nada se pudesse fazer. Por isso afirmo e considero que aqui a história ficou interrompida.

Entre prisões e renúncias ao cargo, a Universidade perdeu os melhores professores escolhidos pelo reitor Darcy Ribeiro. Até aquela data, o que existia de melhor em matéria de ensino estava na Universidade de Brasília."

9. Recurso retórico para indicar o grau mais intenso da qualidade de algo, o superlativo foi empregado para qualificar os professores que atuavam na UnB em 1964 na expressão "os melhores professores" (ℓ.13-14).

"Segundo o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, 'cidadania é a qualidade ou estado do cidadão'."

10. A palavra **segundo** está sendo empregada como numeral em: "Segundo o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa" (ℓ.1).

Pronomes

"— Eu violei o segredo dos deuses, acudia Stroibus.

O homem é a sintaxe da natureza, eu descobri as leis da gramática divina...

— Explica-te.

— Mais tarde; deixa-me experimentar primeiro. Quando a minha doutrina estiver completa, divulgá-la-ei como a maior riqueza que os homens jamais poderão receber de um homem. Imaginem a expectação pública e a curiosidade dos outros filósofos, embora incrédulos de que a verdade recente viesse aposentar as que eles mesmos possuíam. Entretanto, esperavam todos."

Acesse www.baixarveloz.net

11. No trecho "deixa-me experimentar primeiro" (ℓ.5), o pronome exerce a função de complemento das formas verbais "deixa" e "experimentar".

> "Imaginem a expectação pública e a curiosidade dos outros filósofos, embora incrédulos de que a verdade recente viesse aposentar as que eles mesmos possuíam. Entretanto, esperavam todos. Os dois hóspedes eram apontados na rua até pelas crianças."

12. No trecho "que a verdade recente viesse aposentar as que eles mesmos possuíam" (ℓ.2-3), o termo "as" exerce a função sintática de complemento direto da forma verbal "possuíam".

> 1 "A política de comércio exterior do Brasil envolveu historicamente um grande debate nacional. Governo e lideranças sociais a ela vincularam as possibilidades do desenvolvimento econômico, desde as suas origens, na primeira metade do século XIX. Em
> 5 três períodos, ela foi atrelada a diferentes paradigmas de inserção internacional:"

13. As duas ocorrências do pronome "ela" (ℓ.3 e 5) se referem ao mesmo antecedente: "A política de comércio exterior do Brasil" (ℓ.1).

> "Ei-los sós e mudos, em estado de dicionário.
> Convive com teus poemas, antes de escrevê-los.
> Tem paciência, se obscuros. Calma, se te provocam."

14. Um pronome oblíquo **o(s)**, colocado após uma palavra terminada em -s, não necessariamente um verbo, assume a forma **-lo(s)**. Foi o que ocorreu em "Ei-los" (ℓ.1).

> "Meu sonho de consumo, eu sabia agora, era a liberdade. O ser humano se caracteriza, na verdade, por uma estupidez. Ele só descobre que um bem é fundamental quando deixa de possuí-lo."

15. No trecho "quando deixa de possuí-lo" (ℓ.3), o pronome enclítico refere-se ao termo "um bem".

> "Não sendo condicionado por natureza, o homem é capaz de vivenciar novas experiências, de inventar artefatos que lhe possibilitem, por exemplo, voar ou explorar o mundo subaquático, quando não foi dotado por natureza para voar e permanecer sob a água."

Acesse www.baixarveloz.net

16. No desenvolvimento das relações de coesão do texto, o pronome "lhe" (ℓ.2) retoma "homem" (ℓ.1) e, por isso, sua substituição pelo pronome **o** preservaria a coerência e a correção gramatical do texto.

> "A idiomaticidade é relativa a um sujeito empírico, um sujeito que se situa a si e ao outro em relação a um tempo e um espaço."

17. Embora a ênfase criada pela redundância no uso dos pronomes "se" e "si", em "um sujeito que se situa a si e ao outro" (ℓ.1-2), reforce a argumentação, a opção pelo emprego de apenas um deles – como, por exemplo, **um sujeito que situa a si e ao outro** – preservaria a clareza, a coerência e a correção gramatical do texto.

> "Esse folclore – em seu sentido mais amplo – traz à luz a compreensão de determinados povos sobre o meio que os cerca, mas de maneira bastante particular."

18. Preservam-se a correção gramatical do texto e a coerência entre os argumentos ao se substituir o pronome "os" pelo correspondente "lhes" antes de "cerca" (ℓ.2), escrevendo-se **o meio que lhes cerca.**

> "Achava que você tinha de ficar isolado com um pequeno grupo de pessoas, pensando em uma solução inovadora. Depois, percebi que a inovação está dentro de cada um de nós. De repente, me dei conta de que a forma certa de a inovação acontecer é deixar a coisa fluir. Quando todo mundo está impregnado do espírito da inovação, ela vem até você, todos os dias. Se eu abrir espaço para você dar vazão a sua paixão, a mudança acontece."

19. O pronome de tratamento "você" (ℓ.1 e 6) é empregado, na fala da entrevistada, em sentido genérico, em referência a qualquer pessoa e, não, especificamente, ao interlocutor.

> "Essas perguntas estão na raiz do que se pode chamar de pauta de vanguarda do Supremo Tribunal Federal – ou seja, expressam o conteúdo das futuras polêmicas que a Corte terá de resolver."

20. Em "na raiz do que se pode chamar" (ℓ.1), a substituição de "do" por **daquilo** mantém a correção gramatical do texto.

Acesse www.baixarveloz.net

"O alívio dos que, tendo a intenção de viver irregularmente na Espanha, conseguem passar pelo controle de imigração do Aeroporto Internacional de Barajas não dura muito tempo."

21. No trecho "alívio dos que" (ℓ.1), a substituição de "dos" por **daqueles** prejudica a correção gramatical do período.

"Para ser democrático, deve contar, a partir das relações de poder estendidas a todos os indivíduos, com um espaço político demarcado por regras e procedimentos claros, que, efetivamente, assegurem o atendimento às demandas públicas da maior parte da população, elegidas pela própria sociedade, através de suas formas de participação/representação.
Para que isso ocorra, contudo, impõe-se a existência e a eficácia de instrumentos de reflexão e o debate público das questões sociais vinculadas à gestão de interesses coletivos..."

22. O pronome "isso" (ℓ.7) exerce, na organização dos argumentos do texto, a função coesiva de retomar e resumir o fato de que as "demandas públicas da maior parte da população" (ℓ.4-5) são escolhidas por meio de "formas de participação/representação" (ℓ.5-6).

"E ela veio na quarta-feira, 10, no palco do Teatro Plácido de Castro, em Rio Branco, na forma de uma portaria assinada pelo ministro da Justiça, Tarso Genro. Antes, porém, realizou-se uma sessão de julgamento da Comissão de Anistia, cujo resultado foi o reconhecimento, por unanimidade, da perseguição política sofrida por Chico Mendes no início dos anos 80 do século passado."

23. Na linha 4, o vocábulo "cujo" estabelece relação sintático-semântica entre os termos "resultado" e "Comissão de Anistia".

"Nas sociedades orais, aquelas que não dispunham de nenhum sistema de escrita, as mensagens eram recebidas no tempo e no lugar em que eram emitidas".

24. No período acima, as duas ocorrências do pronome relativo "que" exercem funções sintáticas distintas.

Acesse www.baixarveloz.net

1 "Cidade e corte, que desde muito tinham notícias dos nossos dois amigos, fizeram-lhes um recebimento régio, mostraram conhecer seus escritos, discutiram as suas ideias, mandaram-lhes muitos presentes, papiros, crocodilos, zebras, púrpuras. Eles, porém, recusaram tudo,
5 com simplicidade, dizendo que a filosofia bastava ao filósofo, e que o supérfluo era um dissolvente."

25. Nos trechos "que desde muito tinham notícias dos nossos dois amigos" (ℓ.1-2) e "que a filosofia bastava ao filósofo, e que o supérfluo era um dissolvente" (ℓ.5-6), os elementos gramaticais grifados exercem a mesma função sintática.

"A possibilidade de utilização de um ou de outro combustível, conforme sua necessidade e seu desejo, dá ao consumidor uma liberdade de escolha com que ele não contava em experiências anteriores de uso do álcool como combustível automotivo."

26. A substituição de "com que" (ℓ.3) por **com a qual** prejudica a correção gramatical do período.

"Os ganhos de eficiência da indústria brasileira têm uma característica nova: seus benefícios estão sendo partilhados entre as empresas e os trabalhadores, cujos aumentos salariais, portanto, não pressionam os preços."

27. A substituição do termo "cujos" (ℓ.3) por **dos quais** prejudica a correção gramatical do período.

"Nela, 130 países signatários do documento final, entre os quais o Brasil, assumem o compromisso de definir novos conceitos sobre esse tipo de crime."

28. Mantém-se a correção gramatical do período com a substituição de "os quais" (ℓ.1) por **cujos** ou **os que**.

"Agora, ao vê-lo assim, suado e nervoso, mudando de lugar o tempo todo e murmurando palavras que me escapavam, temia que me abordasse para conversar sobre o filho."

Acesse www.baixarveloz.net

29. A correção gramatical do texto seria mantida se o pronome "que", em "que me escapavam" (ℓ.2), fosse substituído por **quê**.

> "ágora (praça pública onde os que eram chamados se organizavam para, de comum acordo, deliberar sobre decisões)."

30. O pronome relativo "onde" foi empregado como uma referência a local, como exige a norma padrão, em "onde os que eram chamados se organizavam para, de comum acordo, deliberar sobre decisões" (ℓ.1-2).

> 1 "Muitas dessas ocupações estão ligadas à área de tecnologia, cujo avanço permanente cria novas demandas por gente mais especializada.
> (...) diagnosticando profissionais que faltam às empresas; e o farma-
> 5 coeconomista, cuja função é analisar a viabilidade econômica de um remédio, incluindo-se a demanda existente e a relação custo-benefício".

31. Os segmentos "cujo avanço permanente" (ℓ.1-2) e "cuja função" (ℓ.4) equivalem, no texto, respectivamente, a **o avanço permanente da área de tecnologia** e a **função do farmacoeconomista.**

> "Em um artigo publicado em 2000, e que fez muito sucesso na Internet, Cristovam Buarque desenhava um idílico mundo futuro, liberto das soberanias nacionais, em que tudo seria de todos."

32. Mantém-se a correção gramatical do texto e respeitam-se suas relações argumentativas ao se substituir "em que" (ℓ.3) por **onde**.

> "Tivera uma peleteria numa cidade onde fazia um calor dos infernos quase o ano inteiro. Claro que foi à falência, mas suas freguesas nunca foram tão bonitas, embora tão poucas."

33. Na linha 1, o pronome relativo "onde" se refere ao adjunto adverbial "numa cidade".

> "Um dia ele me disse que era uma pena que os homens tivessem de ser julgados como cavalos de corrida, pelo seu retrospecto."

Acesse www.baixarveloz.net

34. No trecho "Um dia ele me disse que era uma pena" (ℓ.1), o pronome "que" exerce a função sintática de sujeito da oração.

"Nessa concepção, surge a democracia grega, onde somente 10% da população determinava os destinos de toda a cidade (eram excluídos os escravos, as mulheres e os artesãos)."

35. A oração "10% da população determinava os destinos de toda a cidade" (ℓ.1-2) teria o mesmo sentido caso o termo sublinhado – o artigo "a" – fosse eliminado.

1 "**As pesquisas** com células-tronco embrionárias, que apontam para imensos recursos terapêuticos, exigem um mínimo acordo sobre o momento inicial da vida humana.
(...)
5 Mas a vida humana, como precisar o seu primeiro momento? As variadas respostas indicam **suas dependências** dos pontos de vista adotados. "Não há consenso."

36. O desenvolvimento das ideias do texto mostra que o pronome "suas" (ℓ.6) estabelece relação com o início do texto, por associar "dependências" (ℓ.6) a "pesquisas" (ℓ.1).

1 "A crise, que tem levado muitos negócios à bancarrota, provocou efeito oposto para o McDonald's, a maior rede de fast-food do mundo."
"Esse ritmo de crescimento é 60% mais veloz que o registrado no
5 mesmo período de 2008, justamente antes da crise."
(...)
"Eles dizem que os brasileiros já começaram a trocar o restaurante pelo fast-food."

37. Os termos "que" (ℓ. 1), "Esse" (ℓ.3) e "Eles" (ℓ.6) são pronomes.

38. Considerando as relações de coesão textual, assinale a opção correta a respeito do uso de pronomes no texto.

"As sociedades humanas são complexas e os seus membros se atraem ou se repelem em função de sua pertinência."

Acesse www.baixarveloz.net

a) O desenvolvimento do texto permite que o pronome "se" em "se repelem" (ℓ.2) seja retirado e fique apenas subentendido.

> "As sociedades humanas são complexas e os seus membros se atraem ou se repelem em função de sua pertinência. Não existe o homem só, mesmo quando solitário. Para se construir e entender-se, o homem precisa pertencer."

b) O uso do pronome em "se construir" (ℓ.3) e "entender-se" (ℓ.3) mostra que deve ser usado o pronome também em "pertencer" (ℓ.4): pertencer-se.

> 1 "Essa pertinência vai desde a linguagem, passa pelos grupos e classes sociais e invade as culturas, os saberes e, até mesmo, as idiossincrasias. As sociedades não são essencialmente harmônicas. Elas sempre se estão transformando a partir dos conflitos e das contradições que
> 5 as fazem mover-se e transformar-se."

c) Na linha 5, preservam-se a coerência dos argumentos e a correção gramatical do texto ao se deslocar o pronome "as" para depois do verbo "fazem" do seguinte modo: fazem as mover-se.

> "Não mais direitos que apenas se cristalizam em leis ou códigos, mas que se constituem a partir de conflitos, que traduzem as transformações e os avanços históricos da humanidade."

d) A forma verbal "traduzem" (ℓ.2) está flexionada no plural porque o sujeito da oração, o pronome "que" (ℓ.2) retoma a expressão no plural "leis ou códigos" (ℓ.1).

> 1 "Não mais direitos que apenas se cristalizam em leis ou códigos, mas que se constituem a partir de conflitos, que traduzem as transformações e os avanços históricos da humanidade. Não se pode mais entendê-los como fruto de uma sociedade abstrata, mas como
> 5 a expressão coativa de tensões e contradições engendradas pelos embates de interesses e projetos de grupos sociais."

e) Em "entendê-los" (ℓ.4), o pronome substitui o vocábulo "conflitos" (ℓ.2).

Acesse www.baixarveloz.net

1 Promulgada em setembro de 2008, a nova Lei do Estágio ainda provoca dúvidas entre empresários e estudantes. Fruto de um longo debate, seu maior objetivo, segundo o ministro do trabalho, Carlos Lupi, era: "Proporcionar a milhões de jovens estudantes brasileiros
5 os instrumentos que facilitem sua passagem do ambiente escolar para o mundo do trabalho".

39. Na expressão "seu maior objetivo" (ℓ.3), o pronome refere-se a "ministro do trabalho, Carlos Lupi" (ℓ.3-4).

Verbos

"Nos quase 500 anos que durou o processo de plena ocupação e integração do espaço nacional, foi apresentada sempre a construção de uma rede unificada de transportes como a única forma de assegurar a integridade do território."

40. A expressão "que durou" (ℓ.1) indica que o processo de ocupação e integração do espaço nacional está sendo considerado como completo.

"Foi por participar de um ato público, em 1980, que Chico Mendes passou a ser fichado e perseguido pelos militares. Em Rio Branco, o seringueiro fez um discurso exaltado contra a violência no campo provocada pelos fazendeiros."

41. O verbo "participar" (ℓ.1) está empregado, no período, como termo substantivo.

1 "Um cenário polêmico é embasado no desencadeamento de um estrondoso processo de exclusão, diretamente proporcional ao avanço tecnológico, cuja projeção futura indica que a automação do trabalho exigirá cada vez menos trabalhadores implicados tanto na
5 produção propriamente dita quanto no controle da produção."

42. Preserva-se tanto a correção gramatical quanto a coerência textual ao se empregar o infinitivo **desencadear**, com função de substantivo, em lugar do substantivo "desencadeamento" (ℓ.1).

Acesse www.baixarveloz.net

"Nas interrelações pessoais, é inconteste que cada um dá sua própria versão dos fatos e da vida, segundo suas particulares experiências e com base na formação que tenha acumulado ao longo de sua existência."

43. O emprego do modo subjuntivo em "tenha" (ℓ.3) é sintaticamente exigido pela oração subordinada iniciada pelo pronome relativo "que" (ℓ.3).

1 "No que tange à pesquisa, vem sendo publicamente proposto que uma política de ciências, tecnologia e inovação em saúde deva ter como pressupostos essenciais a busca da equidade e a observância de rigorosos princípios bioéticos na pesquisa e na experimentação em
5 geral."

44. O uso do modo subjuntivo em "deva" (ℓ.2) respeita as regras gramaticais, porque esse verbo ocorre em uma oração iniciada pela conjunção "que" (ℓ.1)

"Há a necessidade de que a pesquisa feita na universidade e nos laboratórios seja menos teórica e mais voltada para aplicações práticas", diz Rodríguez. "E o setor privado precisa investir mais em pesquisa e desenvolvimento."

45. As formas verbais 'seja' (ℓ.2) e 'precisa' (ℓ.3) estão flexionadas no modo subjuntivo, porque ambas se referem a uma situação hipotética.

1 "Penetra surdamente no reino das palavras.
Lá estão os poemas que esperam ser escritos.
Estão paralisados, mas não há desespero, há calma e frescura na superfície intata.
5 Ei-los sós e mudos, em estado de dicionário.
Convive com teus poemas, antes de escrevê-los.
Tem paciência, se obscuros. Calma, se te provocam.
Espera que cada um se realize e consume com seu poder de palavra o seu poder de silêncio."

46. No trecho "Espera que cada um se realize" (ℓ.8), seguindo o padrão dos verbos conviver (ℓ.6) e ter (ℓ.7), o poeta faz uma recomendação ao interlocutor, usando o modo imperativo.

Acesse www.baixarveloz.net

47. As formas verbais "Penetra" (ℓ.1) e "Convive" (ℓ.6) estão no imperativo afirmativo, que, no texto, é o modo da exortação do poeta, que se dirige ao interlocutor empregando o verbo na segunda pessoa; caso o fizesse na terceira pessoa, teria de empregar, nesses versos, as formas **Penetre** e **Conviva**, além das alterações que deveria fazer no restante do poema.

1 "Claro está que não nos referimos ao carrancudo português, que, em meio de uma chusma de folhas metodicamente dispostas, passa os dias sentado, com as pernas cruzadas no ponto de reunião da Rua do Ouvidor com o Largo de S. Francisco, na Brahma, nas portas dos
5 cafés da Avenida, em toda parte.
Queremos falar do pequenino garoto de dez anos, o brasileirito trêfego, ativo, tagarela como uma pega, travesso como um tico-tico. Por aqui, por ali, vai, vem, corre, galopa, atravessa as ruas com uma rapidez de raio, persegue os veículos, desliza entre automóveis como
10 uma sombra. Parece invulnerável."

48. Ao empregar formas verbais na primeira pessoa do plural, como "referimos" (ℓ.1) e "Queremos" (ℓ.6), o autor diminui significativamente a subjetividade do texto e adota posição impessoal em relação ao tema, recurso de linguagem condizente com o tipo textual desenvolvido.

"Se você é médico, ponha de lado aquele seu livrinho com o juramento de Hipócrates e aprenda a traduzir hieróglifos."

49. Na linha 1, a forma verbal "ponha", flexionada no modo imperativo, dirige-se a quem se identifica com o pronome "você", empregado na oração anterior.

"Mais uma vez, o Brasil permanece entalado no que parece ser uma incapacidade crônica de converter sua produção acadêmica em invenções que gerem patentes"

50. No texto, seria incorreto substituir "que gerem" (ℓ.3) por **que possam gerar**.

Acesse www.baixarveloz.net

"A Convenção de Palermo recomenda, ainda, que os países agravem as sanções contra a corrupção e estabelece as bases para o confisco, a apreensão e a disposição de bens e ativos financeiros obtidos por meio de atividades criminosas, também aplicáveis aos equipamentos usados nessas atividades."

51. O emprego do modo subjuntivo em "agravem" (ℓ.1) justifica-se por tratar-se de uma afirmação categórica.

"Quando o ritmo de vida se acelerou? Alguns juram que foi a partir de 1995, com a chegada da Internet ao Brasil e sua avalancha de informação. A verdade é que a culpa acabará genericamente atribuída à tecnologia."

52. O uso do futuro do presente em "acabará"(ℓ.3) expressa que a verdade referida ainda não foi comprovada.

"O Brasil não dispunha de uma lei que regulamentasse claramente os direitos e deveres das empresas, das escolas e dos estagiários."

53. Em "O Brasil não dispunha" (ℓ.1), o verbo **dispo**r está no presente.

"Por exemplo, se cada caçador reparte sua presa apenas com a família imediata, é mais provável que a caça se torne fortemente competitiva."

54. A forma verbal "torne" (ℓ.2) está condicionada à estrutura sintática em que ocorre; por isso, sua substituição por **torna** desrespeitaria as regras gramaticais.

"Nos quase 500 anos que durou o processo de plena ocupação e integração do espaço nacional, foi apresentada sempre a construção de uma rede unificada de transportes como a única forma de assegurar a integridade do território."

55. A substituição da locução verbal "foi apresentada" (ℓ.2) por **apresentou-se** prejudica a correção gramatical do período.

Acesse www.baixarveloz.net

1 "Atualmente, o PEFC é composto por 30 membros representantes de programas nacionais de certificação florestal, sendo que 21 deles já foram submetidos a rigoroso processo de avaliação e possuem seu reconhecimento, representando uma área de 127.760.297
5 hectares de florestas certificadas, que produzem milhões de toneladas de madeira certificadas com a marca PEFC."

56. A substituição da expressão "é composto" (ℓ.1) por **compõem-se** mantém a correção gramatical do período.

"Em dezembro de 2004, foi editado o Decreto n. 5.296, que regulamenta a Lei n. 10.048/2000 – que dispõe sobre a prioridade de atendimento às pessoas portadoras de deficiência, idosos, gestantes, lactantes e pessoas acompanhadas por crianças de colo".

57. A substituição de "foi editado" (ℓ.1) por **editou-se** mantém a correção gramatical do período.

"E, no ano passado, cresceu a um ritmo mais intenso do que nos anos anteriores, com ganhos salariais para os 13 trabalhadores. Dados recentes indicam que essa tendência deve se manter."

58. A substituição de "deve se manter" (ℓ.3) por **deve ser mantida** preserva a correção gramatical do período.

"Na lista datada do meio do século XIX a.C., encontram-se produtos farmacêuticos como mel, resinas e alguns metais conhecidos como antibióticos para o tratamento de feridas."

59. Preservam-se a coerência e a correção gramatical do texto ao se substituir "encontram-se" (ℓ.1) por outra forma de voz passiva gramatical, tal como **foi encontrado**.

"Foi divulgado um novo ranque de países segundo seu desempenho na inovação científica"

60. No texto, seria incorreto substituir "Foi divulgado" (ℓ.1) por **Divulgaram-se**.

Acesse www.baixarveloz.net

COMENTÁRIOS

Classes Gramaticais Variáveis

1. **ERRADO**. O primeiro "o" não é artigo, mas sim pronome demonstrativo. Observe-se que tal partícula pode ser substituída por **aquilo**, o que resultaria no trecho **aquilo que me encanta.** Já em *"... é o fato de que ele estava, o tempo todo*", temos sim dois artigos definidos masculinos que antecedem os substantivos "fato" e "tempo".

2. **ERRADO**. O artigo, além de particularizar ou generalizar a ideia do substantivo, tem ainda a função de substantivar palavras que originalmente pertençam a outras classes. Observe-se que no período "O amanhã não nos pertence", o termo destacado é, originalmente, um advérbio, mas contextualmente um substantivo, uma vez que foi substantivado pelo artigo. Processo parecido ocorre com o vocábulo "ser", na questão ora resolvida, uma vez que ele deixa de pertencer à classe dos verbos, e contextualmente passa a ser substantivo.

3. **ERRADO**. Todos os termos destacados no trecho "*Trabalhar com metodologia interativa: grupos, seminários, jogos, estudo do meio, experimentação, problematização, temas geradores, projetos e monitoria*" são substantivos que se referem a "metodologias interativas", contextualmente.

4. **CERTO**. Nas expressões "Uma decisão singular" e "a dramática dimensão da crise", os termos destacados são dois adjetivos, que caracterizam contextualmente os substantivos "decisão" e "dimensão".

5. **CERTO**. Na expressão "fazia um calor dos infernos", o termo destacado corresponde, semântica e gramaticalmente ao adjetivo **infernal.** Observe-se que "dos infernos" classifica-se, contextualmente, como locução adjetiva – termo preposicionado que qualifica ou caracteriza substantivos. Vejam-se outros exemplos de locução adjetiva: crise **dos rins** = crise **renal**; amor **de mãe** = amor materno; distúrbio **de comportamento** = distúrbio **comportamental**.

Acesse www.baixarveloz.net

6. **ERRADO**. No contexto, a expressão "da verdade" não é uma locução adjetiva que corresponda semanticamente ao adjetivo **verdadeira**. Observe-se que o autor não deseja qualificar o substantivo "política" e sim dizer que "a verdade" teria uma política. No trecho "mas saber se é possível constituir uma nova política da verdade", nota-se que o vocábulo "política" teria como sinônimos os substantivos **conceito, ideia**. E em nenhum momento o autor deseja caracterizar esse conceito, essa ideia, essa política, e sim dizer que "a verdade" precisa de um novo conceito, uma nova ideia, uma nova política.

7. **CERTO.** O superlativo, segundo alguns gramáticos, é uma flexão de grau que ocorre geralmente com adjetivos ou com advérbios. No caso dos adjetivos, consiste na intensificação de uma qualidade ou de uma característica geralmente por meio de advérbios e artigos. No trecho "*Foi assim que o mais importante crítico literário do mundo, o norte-americano Harold Bloom, 77, classificou Machado de Assis quando elencou, em Gênio – Os 100 Autores Mais Criativos da História da Literatura (Ed.Objetiva, 2002), os melhores escritores do mundo segundo seus critérios e gosto particular*", as três expressões sublinhadas representam o **superlativo relativo de superioridade**. Note-se que os adjetivos "importante" e "Criativos" são intensificados pelas expressões "o mais" e "os mais", respectivamente. E "melhores" – que qualifica o substantivo "escritores" – representa o superlativo sintético do adjetivo **bons**, uma vez que substitui a expressão **mais bons –** que seria gramaticalmente incorreta.

8. **CERTO.** O adjetivo "positivo" claramente se refere ao substantivo posposto "livro". Está precedido por vírgula porque a oração em que se insere está deslocada de sua posição original. Vale ressaltar que esse adjetivo, contextualmente, exerce a função sintática de predicativo do sujeito.

9. **CERTO.** No trecho "a Universidade perdeu os melhores professores", ocorre, sim, o superlativo relativo de superioridade. Veja-se o comentário da questão 7.

10. **ERRADO.** O vocábulo "Segundo" está empregado, contextualmente, como preposição acidental, e pode ser substituído por **De acordo com**. Observe-se que "segundo" introduz um adjunto adverbial de conformidade. Os adjuntos adverbiais, quando representados por mais de uma

Acesse www.baixarveloz.net

palavra, geralmente são introduzidos por preposições. Logo, o vocábulo **segundo,** que pode ser numeral ou conjunção em outros contextos, classifica-se neste contexto como preposição.

11. **ERRADO.** Tem-se, neste caso, um exemplo de verbos causativos, seguidos de infinitivo. A gramática diz que os verbos deixar, mandar e fazer (e sinônimos) podem apresentar um complemento que funcionará como sujeito de outro verbo posterior. Observe-se que o pronome "me" é complemento da forma verbal "deixa" e sujeito de "experimentar". Se a oração reduzida de infinitivo fosse desenvolvida, ter-se-ia: **Deixa que eu experimente primeiro**. Observe-se que a oração em destaque seria complemento da anterior, porém o pronome "eu" (que corresponde a "me" na oração original) funciona como sujeito de "experimente". Portanto, a afirmação de que o pronome é complemento dos dois verbos está incorreta. Ele é complemento de "Deixa" e sujeito de "experimentar".

12. **ERRADO.** O termo "as", que equivale a **aquelas**, é complemento da forma verbal "aposentar". O complemento de "possuíam" é o pronome relativo "que" – substituto de "verdades".

13. **CERTO.** As duas ocorrências do pronome pessoal "ela" referem-se anaforicamente à expressão "política de comércio exterior do Brasil". Observe-se que anáfora é a referência a termos anteriormente citados.

14. **CERTO.** A regra diz que os pronomes pessoais oblíquos átonos **o, os, a, as** se transformam em **lo, los, la, las,** após verbos ou outros pronomes pessoais átonos terminados em **–R, –S, –Z**. A única ressalva que fazemos a essa questão do Cespe é que o autor afirma que tal mudança ocorre, genericamente, após palavras terminadas em **–s.** Não é verdade que seja após quaisquer palavras terminadas nessa consoante. O pronome deve estar ligado a uma palavra por hífen. No texto, o pronome "os" está ligado à palavra denotativa "eis", que aceita o hífen. Vejam-se outros exemplos:

A vida, Deus no-la concedeu./ Vou deixá-los em paz .

15. **CERTO.** O pronome oblíquo "lo" refere-se anaforicamente ao substantivo "bem". Lembre-se de que anáfora é a referência a um termo anterior.

Acesse www.baixarveloz.net

16. ERRADO. O pronome "lhe" de fato se refere a "homem", entretanto não pode ser substituído por **o**. Este pronome exerce a função sintática de objeto direto; já o pronome "lhe" exerce contextualmente a função de objeto indireto. No trecho *"inventar artefatos que **lhe possibilitem**, por exemplo, **voar** ou **explorar** o mundo subaquático",* a forma verbal "possibilitem" é transitiva direta e indireta. O pronome "lhe" é o objeto indireto; os verbos "voar" e "explorar" funcionam como o objeto direto. Portanto, se substituíssemos "lhe" por **o**, incorreríamos em erro gramatical, uma vez que um verbo VTDI teria dois objetos diretos – o que seria totalmente incorreto.

17. CERTO. Os pronomes "se" e "si" foram usados em sua função reflexiva, ou seja, aquela em que o sujeito da oração pratica e recebe a ação. O uso repetitivo observado no período serve, estilisticamente, para reforçar a mensagem reflexiva, promovendo ênfase. Mas a retirada de "se" não causaria erro gramatical, uma vez que seu valor contextual é apenas estilístico (aumento da expressividade).

18. ERRADO. A forma verbal "cerca" classifica-se, contextualmente, como transitiva direta. Exige, apenas, objeto direto. Sabe-se que "lhe" funciona como objeto indireto, portanto a substituição de "o" (objeto direto) por **lhe** tornaria o texto incorreto.

19. CERTO. O pronome pessoal de tratamento "você" é usado geralmente em referência ao interlocutor de uma mensagem, a pessoa com quem se fala. Modernamente, porém, esse pronome tem sido usado também com valor de "alguém", "qualquer pessoa que...", ou seja, expressando uma ideia de indeterminação, indefinição. É o que se observa no contexto.

20. CERTO. A substituição de "do" por **daquilo** pode ser feita contextualmente sem prejuízo gramatical ou semântico. Note-se que "o" na expressão "na raiz d**o** que se pode chamar" não é artigo definido, e sim pronome demonstrativo, tanto que pode ser substituído por **aquilo** (também pronome demonstrativo) sem nenhuma alteração semântica ou erro gramatical.

21. ERRADO. Nesta questão, assim como na anterior, tem-se a substituição de um pronome demonstrativo por outro. A questão está errada por dizer que haveria prejuízo gramatical caso ocorresse a substituição de "dos" (preposição + pronome demonstrativo) por **daqueles** (preposição + pro-

Acesse www.baixarveloz.net

nome demonstrativo). Observe-se, mais uma vez, que "os', na expressão "alívio d**os** que", não é artigo (uma vez que não se refere a um substantivo), e sim pronome.

22. **ERRADO.** O pronome isso não retoma apenas parte do parágrafo, mas todo ele, a começar em "para ser democrático".

23. **ERRADO.** O pronome relativo "cujo" estabelece relação sintático-semântica entre "**julgamento** da Comissão de Anistia" e "resultado". Observe que "o resultado" é do "julgamento". Ressalta-se que **cujo** estabelece relação de posse entre dois termos substantivos.

24. **CERTO.** No primeiro caso, o pronome relativo "que" exerce a função sintática de sujeito. No segundo, de adjunto adverbial. Para notar que são funções diferentes, basta observar que um está preposicionado e o outro não. Ressalta-se que o pronome relativo exerce a função sintática que o termo substituído exerceria se estivesse na oração em que o pronome relativo está.

25. **ERRADO.** No primeiro "que" destacado, tem-se um pronome relativo, que exerce a função sintática de sujeito. No segundo e terceiro casos, ocorrem duas conjunções integrantes, que não exercem funções sintáticas propriamente ditas. Servem, apenas, para introduzir orações subordinadas substantivas. Portanto, o item está incorreto.

26. **ERRADO.** Na expressão "com que", há um pronome relativo que substitui a expressão antecedente "liberdade de escolha". Tal pronome pode ser substituído contextualmente pela expressão **com a qual** sem que se incorra em erro gramatical, uma vez que **a qual** é também um pronome relativo e faz referência a um termo feminino. Note-se, ainda, que o uso da preposição "com" decorre da regência do verbo posterior: "contava".

27. **CERTO.** De fato, há prejuízo gramatical. Apesar de ambas as expressões serem classificadas como pronome relativo, **dos quais** não pode substituir "cujos", porque este pronome estabelece relação de posse entre dois termos substantivos – um anterior e outro posterior, o que não ocorre com os outros pronomes relativos (que substituem apenas um termo anterior). Observe-se, também, que "cujos" não está preposicionado e **dos quais** sim.

Acesse www.baixarveloz.net

28. ERRADO. Apesar de "os quais", "cujos" e "que" serem todos pronomes relativos, a substituição do primeiro pelos outros contextualmente não pode ocorrer sem que se incorra em erro gramatical. Observe-se, por exemplo, que o pronome **cujos** estabelece relação de posse entre dois substantivos – um anterior e outro posterior, o que não ocorre com os outros pronomes relativos (que substituem apenas um termo anterior). Portanto, no lugar de "os quais" ou "que" não cabe "cujo" sem que se provoque erro gramatical ou alteração semântica.

29. ERRADO. No texto, "que" é um pronome relativo. Já a partícula **quê** (acentuada) classifica-se ora como substantivo ora como pronome interrogativo. Veja-se: "Meu bem querer tem um **quê** de pecado..." (substantivo); "Eles se foram por **quê**?" (pronome interrogativo).

30. CERTO. O pronome relativo "onde" retoma contextualmente o termo "praças públicas". Observe-se que tal pronome deve fazer referência a lugares – físicos ou imaginários.

31. CERTO. O pronome relativo **cujo** (e suas flexões) estabelece relação de posse entre dois substantivos distintos. Na expressão "área de tecnologia, cujo avanço permanente", o pronome "cujo" estabelece uma relação que pode ser demonstrada claramente pela expressão **o avanço permanente da área de tecnologia.** E a expressão "o farmacoeconomista, cuja função..." equivale semântica e sintaticamente a **função do farmacoeconomista.** A nosso ver, porém, o Cespe não deixou claro a que equivalência se referia. Há uma equivalência sintática e semântica, mas não uma equivalência formal, uma vez que não se podem substituir as expressões destacadas no texto pelas expressões sugeridas.

32. CERTO. No trecho "Cristovam Buarque desenhava um idílico mundo futuro, liberto das soberanias nacionais, em **que** tudo seria de todos...", o pronome relativo destacado exerce a função de adjunto adverbial de lugar, retomando a expressão "mundo futuro" (que indica lugar). O pronome relativo **onde** caberia perfeitamente no lugar da expressão "em que", uma vez que também indica lugar.

33. CERTO. Na expressão "Tivera uma peleteria <u>numa cidade</u> onde fazia um calor dos infernos ...", o termo sublinhado exerce a função de adjunto adverbial de lugar. E o pronome relativo "onde" retoma esse antecedente.

Acesse www.baixarveloz.net

34. ERRADO. A questão afirma que a partícula "que" contextualmente é um pronome e exerce a função de sujeito. Isso não é correto. Tal partícula, no contexto, é uma conjunção integrante e introduz uma oração subordinada substantiva que funciona como complemento da forma verbal "disse".

35. ERRADO. A gramática diz que o pronome indefinido "todo" tem um sentido se estiver seguido de artigo e outro se não estiver. A espressão **todo o** indica um ser, um lugar inteiro, completo. Já a expressão **todo** significa **qualquer** e dá ideia de vários seres. No trecho "10% da população determinava os destinos de toda a cidade", a expressão sublinhada dá ideia de **a cidade inteira**. Se retirássemos a partícula "a", a ideia passaria a ser **de qualquer cidade, de todas as cidades.**

36. ERRADO. No trecho "As variadas respostas indicam **suas dependências** dos pontos de vista adotados", o pronome possessivo "suas" estabelece claramente relação de posse com o substantivo "respostas". O trecho citado equivaleria sintática e semanticamente à seguinte reescritura: *As variadas respostas **dependem** dos pontos de vista adotados*, ou *As variadas respostas **são dependentes** dos pontos de vista adotados*

37. CERTO. A partícula "que" é um pronome relativo e retoma "A crise"; "Esse" é um pronome demonstrativo; "Eles" é um pronome pessoal do caso reto.

38. ALTERNATIVA A. "As sociedades humanas são complexas e os seus membros se atraem ou se repelem em função de sua pertinência." Observe-se que a partícula "se" no trecho citado classifica-se como pronome reflexivo recíproco. Por já ter sido usada com a forma verbal "atraem" e pela coordenação que existe na expressão "se atraem ou se repelem", a elipse da segunda ocorrência de "se" é correta; tal pronome ficará subentendido.

39. ERRADO. O pronome "seu" não faz referência, no contexto, a ministro Carlos Lupi, e sim a "a nova Lei do Estágio".

40. CERTO. Na expressão "que durou", a forma verbal foi conjugada no pretérito perfeito do indicativo. Esse tempo verbal indica uma ação concluída. Portanto, é coerente a afirmação da questão.

Acesse www.baixarveloz.net

41. ERRADO. No texto, "participar" faz parte de uma oração subordinada adverbial causal. É, portanto, um verbo. Para que a forma verbal "participar" fosse empregada como substantivo, seria necessário que estivesse substantivada, ou seja, antecedida por um artigo ou por um pronome.

42. CERTO. Observe-se que no trecho "Um cenário polêmico é embasado **no desencadeamento** de um estrondoso processo de exclusão", o termo destacado poderia ser substituído por **no desencadear**. Neste caso, o verbo "desencadear" estaria antecedido de artigo, o que o torna substantivado, ou seja, com o mesmo valor de um substantivo.

43. CERTO. O modo subjuntivo expressa ideia de hipótese, dúvida. A palavra "subjuntivo" vem da mesma raiz de **subordinado**. Pode-se constatar que verbos no subjuntivo normalmente pertencem a orações subordinadas. No contexto, "tenham" está, de fato, no subjuntivo e esse modo verbal é exigido pela oração subordinada adjetiva "que tenha acumulado ao longo de sua existência." Deve-se ressaltar, porém, que nem toda oração subordinada possui verbo no subjuntivo. No período *Os funcionários que não concordaram com a proposta fizeram greve,* a oração introduzida pelo conectivo "que" é subordinada adjetiva. Porém a forma verbal "concordaram" está no modo indicativo. A nosso ver, a banca deveria considerar isso e, em vez de dizer que é a oração subordinada que exige o subjuntivo, dizer que o contexto sintático-semântico (principalmente o semântico) é que sugere o subjuntivo – uma vez que este é o modo que indica hipótese.

44. CERTO. O uso do subjuntivo respeita, contextualmente, as regras gramaticais, uma vez que ocorre em uma oração subordinada. Veja-se o comentário da questão anterior, pois, na nossa opinião, a Banca cometeu o mesmo erro.

45. ERRADO. Realmente "seja" está no modo subjuntivo, mas "precisa" não. Esta forma verbal representa o presente do indicativo, ou seja, expressa um fato certo, concreto, num tempo atual. Subjuntivo expressa hipótese.

46. CERTO. O poema foi construído tendo por base o imperativo. O Imperativo é o modo verbal pelo qual se dá uma ordem, um conselho, uma sugestão ou se faz um pedido a alguém. É incorreto se pensar que esse modo verbal expresse apenas ordem. A questão afirma que "o poeta faz uma recomendação ao interlocutor, usando o modo imperativo", o que é correto.

Acesse www.baixarveloz.net

47. CERTO. Quando nos dirigimos a um interlocutor no singular, podemos utilizar as formas **tu** e **você.** O pronome "você", apesar de ser de 2ª pessoa, deve ser conjugado em terceira pessoa. Se o autor optasse por se dirigir ao interlocutor usando a forma pronominal "você", de fato as substituições sugeridas teriam de ser realizadas. Para entender melhor esse assunto, leia o tópico conjugação de verbos no nosso livro *Português Básico Aplicado ao Texto, p. 96.*

48. ERRADO. É o contrário do que se afirma no texto. Ao usar as formas verbais em primeira pessoa, o autor confere subjetividade ao texto, o que implica um caráter pessoal de comunicação. A objetividade e a impessoalidade adviriam do uso de terceira pessoa. Note-se que impessoalidade é um recurso argumentativo pelo qual o autor não identifica o agente do processo verbal.

49. CERTO. A forma verbal "ponha" está no imperativo afirmativo e realmente se refere ao pronome "você", da oração anterior.

50. ERRADO. Tanto a forma verbal "gerem" quanto "possam gerar" estão conjugadas no tempo presente do modo subjuntivo. A substituição pela locução não causaria prejuízo semântico nem gramatical. A simples substituição, no texto, de uma pela outra mostraria a compatibilidade entre elas, não sendo necessário saber a que tempo elas pertenceriam.

51. ERRADO. O subjuntivo não expressa uma afirmação categórica, concreta. Indica um fato hipotético, possível. No trecho "A Convenção de Palermo **recomenda**, ainda, que os países **agravem** as sanções contra a corrupção...", vê-se claramente que "agravem" é uma possibilidade, além de se notar que "recomenda", apesar de estar no modo indicativo, tem uma aspecto semântico de "sugestão". Logo, não há uma afirmação categórica no contexto.

52. ERRADO. O uso do futuro do presente "acabará" tem, no contexto, um valor estilístico. Nota-se na leitura do trecho que não se refere realmente a algo que vá acontecer no futuro, mas a algo que já aconteceu ou que esteja acontecendo. Observe-se que "acabará" pode, sem prejuízo semântico, ser substituído por **acabou** ou **acaba.** Portanto, o erro da questão está em afirmar que "acabará" indica algo que ainda não foi comprovado.

Acesse www.baixarveloz.net

Modernamente, e comum se usar um tempo verbal para expressar a ideia de outro, como se vê em: *Eu trago o livro amanhã,* em que "trago" equivale a "trarei".

53. **ERRADO.** A forma verbal "dispunha" está no pretérito imperfeito do indicativo. Pode-se reconhecer esse tempo verbal por suas terminações mais comuns: esta**va,** vend**ia,** ti**nha.**

54. **CERTO.** Contextualmente, não é possível substituir "torne" (presente do subjuntivo) por **torna** (presente do indicativo). Observe-se que "torne" ocorre numa oração subordinada substantiva e num contexto semântico que expressa dúvida, hipótese: "é **mais provável que** a caça se **torne** fortemente competitiva." Veja-se um exemplo em que a substituição é possível: "A empresa deseja contratar profissionais que *morem(ou moram)* no próprio município." Por que nesse contexto a substituição é coerente? Porque a oração anterior (a empresa deseja contratar profissionais) não expressa ideia de dúvida, hipótese. Então, a subordinada não precisa conter verbo no subjuntivo.

55. **ERRADO.** Não há prejuízo para a correção gramatical. Ocorre apenas a mudança de voz passiva analítica ("foi apresentada") para voz passiva sintética (apresentou-se). Reconhece-se a estrutura de voz passiva analítica pela presença de verbo **ser + particípio**. Já a voz passiva sintética apresenta **VTD** ou **VTDI + partícula apassivadora** (**se**).

56. **ERRADO.** A questão está errada apenas pela concordância verbal. Sabe-se que o verbo deve concordar com o sujeito. Se o sujeito estiver, por exemplo, no singular, o verbo deve também ficar no singular. A substituição proposta para o termo destacado no trecho "Atualmente, o PEFC **é composto** por 30 membros" estaria correta se fosse por **compõe-se** (singular) e não **compõem-se** (plural), uma vez que o verbo deve concordar com o sujeito simples "o PEFC".

57. **CERTO.** Mantém-se a correção gramatical. Ocorre apenas a mudança de voz passiva analítica ("foi editado") para voz passiva sintética (editou-se). Reconhece-se a estrutura de voz passiva analítica pela presença de verbo **ser + particípio**. Já a voz passiva sintética apresenta **VTD** ou **VTDI + partícula apassivadora** (**se**).

SINTAGMA

Acesse www.baixarveloz.net

58. CERTO. A substituição de "deve se manter" por **deve ser mantida** preserva a correção gramatical. Ocorre, neste caso, a mudança de voz passiva sintética ("deve se manter") para voz passiva analítica ("deve ser mantida"). Reconhece-se a estrutura de voz passiva analítica pela presença de verbo **ser + particípio**. Já a voz passiva sintética apresenta **VTD** ou **VTDI + partícula apassivadora** (**se**).

59. ERRADO. A substituição de "encontram-se" por **foi encontrado** implicaria pelo menos dois erros: 1) a primeira forma verbal está no plural e a segunda no singular – erro de concordância; 2) a primeira forma verbal está no tempo presente e a segunda no tempo pretérito –incoerência entre os tempos verbais. A expressão **são encontrados** seria a substituição correta.

60. CERTO. A questão afirma ser incorreta a substituição de "Foi divulgado" por **Divulgaram-se**. De fato, tal substituição é incorreta. Observe-se que "Foi divulgado" representa a voz passiva analítica e concorda com o sujeito simples "um novo ranque". Se procedêssemos à substituição, a forma verbal "Divulgaram-se" não concordaria com o sujeito. A expressão **Divulgou-se** seria a troca correta.

Acesse www.baixarveloz.net

Classes Gramaticais Invariáveis

Capítulo 2

Preposições

"A nossa herança cultural, desenvolvida através de inúmeras gerações, sempre nos condicionou a reagir depreciativamente em relação ao comportamento daqueles que agem fora dos padrões aceitos pela maioria da comunidade."

1. No desenvolvimento do texto, provoca erro gramatical ou incoerência textual, a omissão de "em relação" (ℓ.2).

"Com um alto grau de urbanização, o Brasil já apresenta **cerca de** 80% da população nas cidades, mas, como advertem estudiosos do assunto, o país ainda tem muito a aprender sobre crescimento e planejamento urbanos."

2. A substituição de "cerca de" (ℓ.1) por **acerca de** manteria a correção gramatical do período.

"A polícia está pelas ruas, uniformizada ou à paisana, e constantemente faz batidas em lugares que os imigrantes frequentam ou onde trabalham. Foram expedidas **cerca de** 7 mil cartas de expulsão de brasileiros no ano passado."

3. A substituição de "cerca de" (ℓ.3) por **acerca de** mantém a correção gramatical do período.

SINTAGMA

Acesse www.baixarveloz.net

Com um alto grau de urbanização, o Brasil já apresenta cerca de 80% da população nas cidades, mas, como advertem estudiosos do assunto, o país ainda tem **muito a aprender** sobre crescimento e planejamento urbanos.

4. Em "muito a aprender" (ℓ.3), "a" é preposição.

"De imediato, existe o alerta: onde morar em metrópoles? É melhor optar por uma casa ou um apartamento o mais distante possível – **a dois quarteirões**, no mínimo – das ruas e avenidas mais movimentadas."

5. Manteria a correção gramatical e o sentido do texto a inserção de **há dois quarteirões** no lugar de "a dois quarteirões" (ℓ.2-3).

"Seu técnico, Bob Bowman, previu que ele bateria recordes mundiais **dali a 12 anos**, nos Jogos Olímpicos de 2008."

6. Em lugar da expressão "dali a 12 anos" (ℓ.2), estaria igualmente correta a grafia **dali há 12 anos.**

1 Acreditavam, também, que a existência de meios de comunicação viria promover mudanças estruturais na economia brasileira, **ao** permitir o povoamento das áreas de baixa densidade demográfica e, sobretudo, por possibilitar a descoberta e o desenvolvimento de novos
5 recursos que jaziam ocultos no vasto e inexplorado interior da nação.

7. Prejudicaria a correção gramatical do período a substituição de "ao", em "ao permitir" (ℓ.2), pela preposição **por**.

1 "Seja qual for a função ou a combinatória de funções dominantes em um determinado momento de comunicação, postula-se que preexiste a todas elas a função pragmática de ferramenta de atuação sobre o outro, de recurso para fazer o outro ver/conceber o mundo como o
5 emissor/locutor o vê e o concebe, ou para fazer o destinatário tomar atitudes, assumir crenças e eventualmente desejos do locutor."

8. No período sintático "postula-se que (...) desejos do locutor" (ℓ.2-6), as três ocorrências da preposição "de" estabelecem a dependência dos termos que regem para com o termo "função pragmática" (ℓ.3), como mostra o esquema seguinte.

Acesse www.baixarveloz.net

função pragmática:
- de ferramenta
- de atuação sobre o outro
- de recurso para fazer o outro conceber o mundo

Agora que o desastre aconteceu, é importante entender por que ele foi tão grave – afinal, há muitas regiões com o mesmo tipo de risco no país. De todas as medidas já tomadas e dos estudos em curso, algumas conclusões podem ser tiradas sobre o que é preciso fazer:

1) Conter o desmatamento nas cabeceiras dos rios – Em um terreno com vegetação nativa, a água das chuvas leva mais tempo para chegar ao **curso d'água**. As próprias folhas das árvores absorvem parte da chuva e reduzem o impacto das gotas no solo. Além disso, troncos e folhas no chão ajudam a reter a água. O solo, menos compactado,absorve mais água.

9. Na expressão "curso d'água", o apóstrofo marca a elisão da vogal final da preposição.

"Assim, faz-se necessária a realização de um estudo sobre a rede da assistência social no Brasil, com informações sobre os serviços prestados, **de modo a** orientar investimentos estratégicos."

10. O conectivo "de modo a" (ℓ.3) pode ser substituído por **a despeito de** sem que haja alteração no significado original do texto.

1 "Em nosso continente, a colonização espanhola caracterizou-se largamente pelo que faltou à portuguesa: por uma aplicação insistente em assegurar o predomínio militar, econômico e político da metrópole sobre as terras conquistadas**, mediante a** criação de grandes núcleos
5 de povoação estáveis e bem ordenados."

11. A respeito do uso das estruturas linguísticas no texto na linha 4, o autor evita a repetição da preposição **por** ao usar o termo "mediante a", que estabelece relações significativas semelhantes.

1 Até hoje respondíamos à questão QUANDO COMEÇA A VIDA? das mais diversas maneiras, com a despreocupação dos inconsequentes. Isso mudou. "**As pesquisas** com células-tronco embrionárias, que apontam para imensos recursos terapêuticos, exigem um mínimo
5 acordo sobre o momento inicial da vida humana."

Acesse www.baixarveloz.net

12. O período iniciado pela expressão "As pesquisas" (ℓ.3) estabelece, na argumentação do texto, uma razão, um motivo para a ideia da oração anterior; por isso admite ser assim iniciado: **Por causa das pesquisas**.

> "No início do século 19, o filósofo Hegel chegou a dizer que a leitura dos jornais era "a oração matinal do homem moderno".

13. Em "chegou a dizer" (ℓ.1), "a" é preposição exigida pela regência de "chegou".

> "Meu pai era um homem bonito com muitas namoradas, jogava tênis, nadava, nunca pegara uma gripe – até ter um derrame cerebral. Vivia envolvido com "sirigaitas", como minha mãe as chamava, e com fracassos comerciais crônicos."

14. Na linha 1, "com" estabelece uma comparação entre as "namoradas" e o termo 'sirigaitas' (ℓ.2).

> "Egito, Filipinas, Indonésia e Costa do Marfim sofreram ondas de saques em busca de alimentos. Na Tailândia, tropas foram mobilizadas para conter a invasão aos campos de arroz."

15. No trecho "Na Tailândia, tropas foram mobilizadas para conter a invasão aos campos de arroz" (ℓ.2-3), o conector "para" estabelece uma relação de consequência entre as ações verbais das orações.

Conjunções

> "Por ironia, as notícias mais frequentes produzidas pelas pesquisas científicas relatam não a descoberta de novos seres ou fronteiras marinhas, mas a alarmante escalada das agressões impingidas aos oceanos pela ação humana."

16. O termo "mas" (ℓ.3) corresponde a qualquer um dos seguintes: **todavia, entretanto, no entanto, conquanto**.

> "No ano passado, a produção industrial cresceu 6%, enquanto o emprego aumentou 2,2% e o total de horas pagas pela indústria aumentou 1,8%."

Acesse www.baixarveloz.net

17. O termo "enquanto" (ℓ.1) pode, sem prejuízo para a correção gramatical e para as informações originais do período, ser substituído por qualquer um dos seguintes: **ao passo que, na medida que, conquanto**.

1 "Sua sentença foi muito elogiada. Contudo, o governo estadual anunciou que irá recorrer ao Tribunal de Justiça, sob a alegação de que, se os estabelecimentos penais não puderem receber mais presos, os juízes das varas de execuções não poderão julgar réus acusados de
5 crimes violentos, como homicídio, latrocínio, sequestro ou estupro."

18. Na linha 1, o emprego da conjunção "Contudo" estabelece uma relação de causa e efeito entre as orações.

"Nunca se falou tanto sobre cidadania, em nossa sociedade, como nos últimos anos. Mas, afinal, o que é cidadania?"

19. Em "como nos últimos anos" (ℓ.1-2), a palavra "como" tem valor conformativo.

"A imagem da metrópole no século XX é a dos arranha-céus e das oportunidades de emprego, mas Planeta Favela leva o leitor para uma viagem ao redor do mundo pela realidade dos cenários de pobreza onde vive a maioria dos habitantes das megacidades do século XXI."

20. A conjunção "mas" (ℓ.2) possui valor semântico aditivo no contexto em que está inserida.

1 "Este é o momento adequado do resgate do professor como sujeito histórico de transformação, porque se está atravessando uma conjuntura paradoxal: nunca se precisou e pediu tanto do professor e nunca se deu tão pouco a ele, do ponto de vista tanto da formação quanto da
5 remuneração e das condições de trabalho."

21. Por ser empregada duas vezes no mesmo período, a palavra "nunca" (ℓ.3) pode ser substituída, nas duas ocorrências, pela conjunção **nem**, sem prejuízo para o sentido do texto.

1 "Este é o momento adequado do resgate do professor como sujeito histórico de transformação, porque se está atravessando uma conjun-

Acesse www.baixarveloz.net

tura paradoxal: nunca se precisou e pediu tanto do professor e nunca se deu tão pouco a ele, do ponto de vista **tanto** da formação **quanto** da remuneração e das condições de trabalho."

22. A combinação "tanto (...) quanto" (ℓ.4) pode ser substituída pela combinação **não só** (...) **mas também**, mantendo-se a ideia de adição de informações.

"Tivera uma peleteria numa cidade onde fazia um calor dos infernos quase o ano inteiro. Claro que foi à falência, mas suas freguesas nunca foram tão bonitas, embora tão poucas."

23. No trecho "mas suas freguesas nunca foram tão bonitas, embora tão poucas" (ℓ.2-3), as conjunções coordenativas "mas" e "embora" expressam valores adversativos.

Advérbios e Palavras Denotativas

BSB, 8/3/2009.

Excelentíssima Senhorita:

1. O abaixo-assinado, aluno compulsivo de cursos preparatórios para concursos públicos, dotado da esperança férrea de se tornar brevemente um eminente funcionário público, vem, mui respeitosamente, por meio desta informar a Vossa Senhoria que se inscreveu para o provimento de vaga no cargo de Analista de Trânsito do DETRAN/DF, e, por esse relevante motivo, suspende por tempo indeterminado o noivado que mantém com a Excelentíssima Senhorita, para se dedicar integralmente ao estudo das matérias constantes do respectivo edtal.
2. Aproveito o ensejo para manifestar-lhe também, outrossim, a intenção de retomar, tão logo seja aprovado, minhas funções de noivo junto a Vossa Excelentíssima, haja visto o grande amor que te devoto.
3. Reitero protestos de estima e consideração.

J.A.cabral
JUAREZ ALENCAR CABRAL

Acesse www.baixarveloz.net

24. No segundo parágrafo, o advérbio "outrossim", frequente em expedientes oficiais, está empregado de forma redundante por estar antecedido do advérbio "também".

1 "No que tange à pesquisa, vem sendo publicamente proposto que uma política de ciências, tecnologia e inovação em saúde deva ter como pressupostos essenciais a busca da equidade e a observância de rigorosos princípios bioéticos na pesquisa e na experimentação
5 em geral. Também que essa política se estruture principalmente no compromisso do ganho social em todas suas vertentes – saúde, indústria, comércio e cultura científica –, na extensão do conhecimento e na abrangência de todos que se envolvem com a pesquisa em saúde."

25. O desenvolvimento da argumentação do texto permite subentender que a oração iniciada por "Também" (ℓ.5) dá continuidade à ideia do que "vem sendo publicamente proposto" (ℓ.1).

1 "A mídia confunde muito o direito do Cidadão com o direito do Consumidor, por isso questiono o aspecto ideológico dessa confusão. (...)
"Um dos grandes problemas no Brasil, além da impunidade e da
5 corrupção endêmicas, é a má distribuição de renda, situação em que muitos têm pouco e poucos têm muito."

26. Nas orações "A mídia confunde muito o direito do Cidadão com o direito do Consumidor" (ℓ.1-2) e "poucos têm muito" (ℓ.5), a palavra "muito" tem o mesmo valor adverbial.

"É do direito de acesso que o povo brasileiro necessita e não de leis que garantam a uma minoria (elite brasileira) suas grandes e ricas propriedades."

27. Na oração "É do direito de acesso que o povo brasileiro necessita" (ℓ.1), a expressão "é(...) que" serve para enfatizar aquilo de que o povo brasileiro necessita.

1 "Nessa acepção, razão e verdade deixam de ser valores absolutos para se transformarem em valores temporariamente válidos, de acordo com o veredicto dos atores envolvidos na situação, os quais estabelecem consensualmente o processo pelo qual a verdade e a razão podem ser
5 conquistadas em um contexto dado."

Acesse www.baixarveloz.net

28. Mantêm-se a correção gramatical e as relações semânticas responsáveis pela coerência textual caso se desloque, na linha 4, o advérbio "consensualmente" para antes de "estabelecem".

1 "Em virtude disso, dessa discussão sobre a filosofia e o social surgem dois momentos importantes: o primeiro é pensar uma comunidade autoreflexiva e confrontar-se, assim, com as novas formas de ideologia. Mas, por outro lado, a filosofia precisa da sensibilidade para
5 o diferente, senão repetirá apenas as formas do idêntico e, assim, fechará as possibilidades do novo, do espontâneo e do autêntico na história."

29. A expressão "por outro lado" (ℓ.4) explicita a caracterização do segundo dos "dois momentos importantes" (ℓ.2).

1 "Cometi apenas um erro. Não soube ser feliz. Nunca: nem um só dia, nem sequer uma hora. A própria criação, um prazer para os poetas mais sensíveis, foi para mim sempre mais angustiante que redentora. A causa primeira do meu infortúnio, conheço-a agora. Tive sempre
5 medo da vida."

30. Em "Cometi apenas um erro" (ℓ.1) e "Tive sempre medo da vida" (ℓ.4-5), a mudança na ordem dos termos adverbiais para **Apenas cometi um erro** e **Sempre tive medo da vida** mantém inalterado o sentido desses períodos no texto.

Acesse www.baixarveloz.net

COMENTÁRIOS

Classes Gramaticais Invariáveis

1. **ERRADO.** A expressão "em relação a" é uma locução prepositiva – elemento geralmente utilizado para introduzir complementos, assim como a preposição. Porém, no trecho "sempre nos condicionou a reagir depreciativamente **em relação** ao comportamento daqueles que agem fora dos padrões", se fosse retirada apenas parte da locução (elemento em negrito), não haveria prejuízo gramatical. Observe-se que a contração "ao" (preposição + artigo) introduziria corretamente o complemento do verbo antecedente "reagir".

2. **ERRADO.** Ambas as expressões são locuções prepositivas. Entretanto, expressam relações semânticas diferentes. **Cerca de** dá ideia de quantidade aproximada; **acerca de** equivale a **a respeito de, sobre** e geralmente introduz termos que dão ideia de assunto. Portanto, uma não pode substituir corretamente a outra.

3. **ERRADO.** Veja-se o comentário da questão anterior.

4. **CERTO.** A partícula "a" que antecede a forma verbal "aprender" é invariável; portanto, é uma preposição.

5. **ERRADO.** A preposição "a", na expressão "a dois quarteirões", introduz adjunto adverbial de lugar, expressa ideia de distância. A substituição de "a" pela forma verbal "há" não teria a menor coerência, uma vez que essa forma verbal indica principalmente existência ou tempo decorrido.

6. **ERRADO.** A preposição "a", na expressão "dali a 12 anos", faz parte de um adjunto adverbial de tempo; o uso de tal preposição nessas circunstâncias traduz tempo futuro. A substituição de "a" pela forma verbal "há" não teria a menor coerência, uma vez que essa forma verbal indica principalmente existência ou tempo **decorrido**.

Acesse www.baixarveloz.net

7. **ERRADO.** Não haveria prejuízo gramatical. Observe-se que a substituição de "ao" pela preposição **por** seria coerente, uma vez que introduziria outra causa para a oração *"viria promover mudanças"*, estruturando um paralelismo sintático (semelhança formal entre os itens de uma enumeração) com a expressão "por possibilitar a descoberta e o desenvolvimento de novos recursos".

8. **ERRADO.** O esquema de subordinação apresentado na questão está incorreto. Sabe-se que a preposição subordina um termo a outro. Porém, no trecho "preexiste a todas elas a função pragmática **(1) de ferramenta de atuação sobre o outro**, **(2) de recurso para fazer o outro ver/conceber o mundo como o emissor/locutor o vê e o concebe**, ou para fazer o destinatário tomar atitudes, assumir crenças e eventualmente desejos do locutor", percebe-se que as duas expressões numeradas é que estão subordinadas à expressão "função pragmática". Note-se que o termo "de atuação sobre o outro" não se subordina diretamente à "função pragmática", e sim à "ferramenta".

9. **CERTO.** De fato, na expressão "curso d'água", houve a supressão da vogal da preposição "de". Essa supressão de vogais se chama **elisão** (modificação fonética em que se elimina o final vocálico de uma palavra e que resulta na fusão com uma palavra subsequente). Vejam-se exemplos: **pingo d'água, Ouro Preto d'Oeste, Sant'Ana.**

10. **ERRADO.** Tanto "de modo a" quanto **a despeito de** são locuções prepositivas. Entretanto, introduzem ideias diferentes: a primeira expressa finalidade; a segunda, oposição, concessão (equivale a **embora**). Uma não tem nada a ver com a outra. Portanto, a substituição seria incorreta.

11. **ERRADO.** A preposição acidental **mediante** contextualmente indica o modo pelo qual se conseguiu "assegurar o predomínio militar, econômico e político da metrópole sobre as terras conquistadas". A preposição **por** indicaria outro agente ou outra causa da forma verbal "caracterizou-se", presente na expressão "a colonização espanhola caracterizou-se". Portanto, "mediante" não teria relação nenhuma com "por" (citado no texto) e, por isso, não está evitando a repetição de tal preposição.

12. **ERRADO.** Parte da afirmação da questão está correta. Efetivamente, o trecho iniciado em "As pesquisas" indica uma razão, um motivo para a ideia da oração anterior; entretanto, a expressão **Por causa das pesquisas**

Acesse www.baixarveloz.net

não poderia substituir "As pesquisas", pois geraria uma incongruência, um truncamento sintático – erro gramatical que consiste em cortar partes fundamentais de um período, deixando-o incompleto. Veja-se a expressão modificada: ."**Por causa das pesquisas** com células-tronco embrionárias, que apontam para imensos recursos terapêuticos, **exigem** um mínimo acordo sobre o momento inicial da vida humana." Observe-se que não haveria nenhum nexo entre as orações iniciadas pelas expressões destacadas.

13. **CERTO.** Observe-se que na expressão "chegou a dizer", temos uma locução verbal em que os verbos estão unidos por preposição, como ocorre em *acabou de chegar*, *acabou de dizer*, *estou a pensar*. Normalmente essa preposição é exigida pelo verbo auxiliar.

14. **ERRADO.** A preposição "com" (ℓ.1) não estabelece nenhuma relação de comparação, e sim de posse entre "homem bonito" e "muitas namoradas". A segunda ocorrência da mesma preposição introduz um complemento para a forma verbal "envolvido". Em nenhum momento do texto há comparação entre "namoradas" e "sirigaitas".

15. **ERRADO.** A preposição "para" em "para conter a invasão aos campos de arroz" introduz ideia de finalidade, e não consequência.

16. **ERRADO.** A conjunção "mas" expressa ideia de oposição e classifica-se como conjunção coordenativa adversativa, juntamente com **porém, todavia, entretanto, não obstante, contudo.** Já a conjunção "conquanto" (que equivale a **embora**), apesar de indicar oposição, classifica-se como conjunção subordinativa adverbial concessiva. Ou seja, uma introduz orações coordenadas e a outra introduz orações subordinadas. Logo, uma não pode ser substituída pela outra.

17. **ERRADO.** O conectivo "enquanto" classifica-se como conjunção subordinativa temporal. Outros dois conectivos citados na questão expressam ideia diferentes: **ao passo que (**oposição) e **conquanto** (oposição, concessão). A expressão **na medida que** é inexistente. Portanto, não poderia haver permuta entre elas. Existe **à medida que** (proporção) e **na medida em que** (causa).

18. **ERRADO.** O conectivo "Contudo" não estabelece relação de causa e efeito, e sim de oposição entre uma oração e outra. Equivale às conjunções adversativas **mas, todavia, no entanto, entretanto** e **não obstante.**

Acesse www.baixarveloz.net

19. **ERRADO.** O valor semântico da conjunção "como" no contexto é de comparação, e não de conformidade. Uma das formas mais simples de se perceber isso é se notar que o mesmo verbo da oração principal muitas vezes fica subentendido na oração subordinada comparativa. Veja-se: "Nunca se falou tanto sobre cidadania, em nossa sociedade, como (**se falou**) nos últimos anos."

20. **ERRADO.** O valor da conjunção "mas" contextualmente é o tradicional: adversidade, oposição. Nota-se que há uma contraposição entre "arranha-céus e oportunidades de emprego das metrópoles do século XX" e "pobreza das mega-cidades do século XXI". O conectivo **mas** não teria valor adversativo, e sim aditivo, por exemplo, nas seguintes construções*: "Corri bastante, mas alcancei o ônibus./ Estudei muito, mas obtive bons "resultados"*. Observe-se que nesses exemplos o conectivo "mas" poderia ser substituído por **e**, sem prejuízo semântico ou sintático.

21. **ERRADO.** Pela simples leitura, pode-se perceber que a primeira ocorrência do advérbio "nunca" não pode ser substituída pela conjunção aditiva "nem". Isso ocorre porque "nunca" não tem nenhum valor semântico de adição, o que é o caso de **nem.** Simplesmente introduz uma ideia de tempo à oração subsequente; já no segundo caso, à primeira vista parece que a substituição pode ocorrer. Mas aqui há uma questão gramatical: no trecho "e nunca se deu tão pouco a ele" já existe o conectivo de adição "e"; logo, não faz sentido o emprego de dois conectivos que indiquem adição para introduzir a mesma oração.

22. **CERTO.** As expressões "tanto quanto" e "não só mas também" são locuções conjuntivas coordenativas aditivas e se equivalem semântica e sintaticamente.

23. **ERRADO.** O conectivo "mas", de fato, introduz ideia adversativa, ou seja, ideia de oposição. Já o conectivo "embora" introduz ideia de concessão – permissão, exceção, admissão de algo contrário. O erro da questão consiste em usar a palavra "adversativa" para as duas conjunções.

24. **CERTO.** O vocábulo "Outrossim" é um advérbio de acréscimo e significa "igualmente", "ademais", "também". Logo, já que significa "também", o uso concomitante dessas duas expressões constitui uma redundância.

Acesse www.baixarveloz.net

25. CERTO. Observe-se que a expressão "vem sendo publicamente proposto" poderia ser inserida após "na experimentação em geral" (ℓ. 4-5), fazendo-se os devidos ajustes de pontuação e de iniciais maiúsculas. E o advérbio "também" (que expressa ideia de acréscimo) é corretamente empregado com essa finalidade.

26. CERTO. (GABARITO OFICIAL). Discordamos do gabarito da banca. O vocábulo "muito" de fato tem valor adverbial em "A mídia confunde muito". Entretanto em "poucos têm muito", o vocábulo destacado não tem valor adverbial: é um pronome indefinido substantivo, ou seja, aquele que substitui genericamente um substantivo. Observe-se que se fizéssemos tal vocábulo ser acompanhado, por exemplo, do vocábulo **recursos**, ele iria para o plural: **muitos recursos.**

27. CERTO. A expressão "é que" contextualmente classifica-se como palavra expletiva, ou seja, de realce. Observe-se que tal expressão poderia ser retirada sem prejuízo gramatical. O normal é que as duas palavras que formam essa expressão venham juntas, como em **Eu *é que* não vou lá.** Mas pode vir intercalada por outras palavras, como ocorre no texto.

28. CERTO. O deslocamento do advérbio de modo "consensualmente" para antes da forma verbal "estabelecem" não causa prejuízo gramatical nem prejuízo para a coerência textual. Isso pode ser percebido pela simples leitura e pelo conhecimento de que o advérbio é uma das classes que mais têm mobilidade dentro de uma oração. Entretanto, mesmo com tal facilidade de movimento, muitas vezes é o contexto que vai definir se haverá ou não alteração semântica.

29. ERRADO. A expressão "Por outro lado" não explicita, não deixa claro o "segundo momento" esperado no texto. Essa expressão classifica-se como palavra denotativa de continuação e apenas introduz a citação do "segundo momento". Veja-se que tal expressão, por si só, não é capaz de explicitar nada.

30. ERRADO. Em "Cometi apenas um erro", a anteposição do advérbio "apenas" para antes da forma verbal faz com que ele modifique toda a oração e passe a não mais expressar ideia de quantidade juntamente com o numeral "um". Já em "Tive sempre medo da vida" (ℓ.3), a mudança na ordem do termo adverbial **Sempre tive medo da vida** mantém inalterado o sentido da oração.

Acesse www.baixarveloz.net

Acesse www.baixarveloz.net

Regência Verbal e Nominal

Capítulo 3

"A impiedosa lucidez com que eu agora pensava em meu pai encheu-me de horror – não podemos ver as pessoas que amamos como elas realmente são, impunemente."

1. No trecho "A impiedosa lucidez com que eu agora pensava em meu pai encheu-me de horror" (ℓ.1-2), o emprego da preposição "com" é facultativo.

"Um homem do século XVI ou XVII ficaria espantado com as exigências de identidade civil a que nós nos submetemos com naturalidade"

2. O emprego da preposição antes do pronome, em "a que" (ℓ.2), atende à regra gramatical que exige a preposição **a** regendo um dos complementos do verbo **submeter**.

3. Ambas as construções serão tidas como corretas, se figurarem em um expediente oficial: 1.Esses são os recursos de que o Estado dispõe. 2.O Governo insiste que a negociação é importante.

1 "Por isso, temos de conscientizar-nos de que a superação de conflitos éticos é dinâmica e envolve uma ampla interação de necessidades, obrigações e interesses dos vários envolvidos: o governo, por ser o agente protetor, regulador, financiador e comprador maior; a indústria
5 e os fornecedores, que exercem grande pressão inflacionária para a incorporação de seus produtos ou bens; as instituições e os profissionais de saúde, que pressionam pela atualização da sua capacidade instalada, variedade de oferta de serviços e atualização tecnocientífica."

SINTAGMA

Acesse www.baixarveloz.net

4. Na linha 1, a preposição em "de que" é exigida pelo verbo "conscientizar-nos", por isso sua retirada do texto provocaria erro gramatical.

> "A cultura refinada nunca foi para muita gente. A cultura mais sofisticada e profunda sempre foi um fenômeno restrito em que as barreiras de acesso sempre foram enormes."

5. A organização dos argumentos no texto mostra que o pronome relativo "que" (ℓ.3) é obrigatoriamente regido pela preposição "em", pois a preposição tem a função semântica de atribuir valor locativo ao termo, localizando "as barreiras de acesso" (ℓ.3) no "fenômeno restrito" (ℓ.2).

> "Em relação à etapa de verificação, constatou-se que todas as recomendações propostas, decorrentes da análise do relatório que marcou o início do processo de acompanhamento, foram incorporadas integralmente no relatório final de acompanhamento."

6. Em "No relatório" (ℓ.3), o emprego da preposição **em** está de acordo com a prescrição gramatical, que estabelece para o uso formal da linguagem uma única regência para o termo "incorporado".

> "... para clientes de planos de saúde e para empregados de empresas; o gerente de diversidade, que, em um setor de recursos humanos, é quem tem uma visão mais panorâmica do quadro de empregados, diagnosticando profissionais que faltam às empresas; e o farmacoeconomista, cuja função é analisar a viabilidade econômica de um remédio, incluindo-se a demanda existente e a relação custo-benefício."

7. No trecho "diagnosticando profissionais que <u>faltam</u> às empresas" (ℓ.4), o verbo sublinhado rege dois complementos: um direto, representado pelo termo "profissionais", e outro indireto, representado por "às empresas".

> "Fazer ciência implica descobrir, inventar e produzir coisas novas. Antes de o capitalismo se estabelecer como sistema socioeconômico dominante, fazer ciência era uma atividade individual e privada."

8. Na linha 2, segundo as regras da norma culta da língua portuguesa, a preposição "de" não sofre contração com o artigo de "o capitalismo" por que este termo desempenha a função de sujeito da oração subordinada.

Acesse www.baixarveloz.net

"No entanto,observa-se que uma das dificuldades da vida social é a aceitação da diferença."

9. O respeito às regras da norma culta, requisito da redação de documentos oficiais, exigiria que a contração em "das dificuldades" (ℓ.1) fosse desfeita, grafando-se **de as dificuldades**, se o período em que ocorre esse termo constasse de um texto oficial.

"— Temos coisa melhor do que esses tratados, interrompia Stroibus. Trago uma doutrina, que, em pouco, vai dominar o universo; cuido nada menos que em reconstituir os homens e os Estados, distribuindo os talentos e as virtudes."

10. O trecho "Temos coisa melhor do que esses tratados" (ℓ.1) admite, sem prejuízo para a correção gramatical e o sentido original do texto, a seguinte reescrita: **Temos coisa melhor que esses tratados**.

"Agora, a onda são os produtos com novas funcionalidades para atender a novas necessidades do consumidor."

11. A omissão da preposição "a", em "atender a novas necessidades do consumidor" (ℓ.2), não prejudica a correção gramatical nem o sentido original do texto.

"O conhecimento e a aprendizagem sobre a escala local proporcionados pelas informações estatísticas vêm responder às exigências imediatas de compreensão da heterogeneidade estrutural no Brasil,..."

12. Mantém a correção gramatical do texto a seguinte reescrita do trecho "responder às exigências imediatas" (ℓ.2-3): **responder a exigências imediatas.**

"Até hoje respondíamos à questão QUANDO COMEÇA A VIDA? das mais diversas maneiras, com a despreocupação dos inconsequentes."

13. Na linha 1, a presença do sinal indicativo de crase em "à questão" indica que o verbo **responder**, como está empregado no texto, exige o uso de **ao**, se, mantida a coerência textual, o vocábulo "questão" for substituído por **questionamento**.

Acesse www.baixarveloz.net

14. O verbo chamar, no sentido de convocar, mandar vir, rege complemento sem proposição. Assinale a opção que apresenta um exemplo desse sentido e dessa regência do verbo chamar.

a. O telefone chamava insistentemente.

b. O ímã chama o ferro.

c. O diretor chamou para si toda a responsabilidade.

d. Vá chamá-los para o jantar.

e. Chamava pelo amigo de infância.

15. Assinale a opção em que a regência verbal da frase apresentada está em desacordo com os padrões gramaticais.

a. Assistiu o espetáculo pelo telão, pois estava longe do palco.

b. O fã, extasiado, assistiu ao desfile de carnaval.

c. Rápido, o corpo de bombeiros assistiu o acidentado.

d. Piamente, acreditava em todos.

> "Tais dinâmicas não se reportam apenas ao caráter negativo do poder, de opressão, punição ou repressão, mas também ao seu caráter positivo, de disciplinar, controlar, adestrar, aprimorar."

16. O uso da preposição em "ao caráter" (ℓ.1) deve-se às exigências sintáticas do verbo **reportar**, na acepção usada no texto.

> "Esse conceito pressupõe que todos sejam forçados a viver em casas idênticas, ganhar os mesmos salários, comer as mesmas comidas e acreditar nos mesmos valores?"

17. O desenvolvimento da argumentação permite a inserção da preposição **a** imediatamente antes de "ganhar" (ℓ.2), de "comer" (ℓ.2) e de "acreditar" (ℓ.3), sem se prejudicar a correção gramatical do texto.

> 1 "A crise, que tem levado muitos negócios à bancarrota, provocou efeito oposto para o McDonald's, a maior rede de fast-food do mundo. Números recentes, relativos ao primeiro trimestre deste ano, mostram que as vendas já aumentaram quase 5% nos Estados Unidos
> 5 da América (EUA), onde mais de um terço das 31.000 lojas da rede estão localizadas. Esse ritmo de crescimento é 60% mais veloz que o registrado no mesmo período de 2008, justamente antes da crise."

Acesse www.baixarveloz.net

18. As formas verbais "provocou" (ℓ.1) e "é" (ℓ.6) são verbos de ligação.

19. Acerca da sintaxe do trecho "Os números são semelhantes aos relacionados aos furtos, roubos e ameaças", pode-se afirmar que o vocábulo "são" está empregado como verbo de ligação.

> "A objetividade, portanto, não existe, apenas seu efeito, que é criado por meio de mecanismos linguísticos que dão outros ecos e valores significativos à mensagem."

20. Preservando-se a correção gramatical e a coerência argumentativa do parágrafo, a função que a expressão "mecanismos linguísticos" (ℓ.2) exerce no texto poderia ser marcada apenas pela preposição "por", sem necessidade de se recorrer ao emprego de "por meio de" (ℓ.2).

> 1 "Existem dúvidas se é possível, democraticamente, um controle social e ético sobre os conhecimentos científicos e os avanços tecnológicos em geral. Discute-se também se, do ponto de vista do direito, as questões éticas devem ser objeto de leis ou de normas, ou de ambas.
> 5 Assim como se indaga muito se a sociedade não estaria exercendo um controle social e ético sobre as tecnociências mediante normas (códigos de ética) em detrimento dos poderes legalmente constituídos nos estados democráticos, menosprezando as leis e superestimando os códigos de ética."

21. A inserção da preposição **sobre** antes da oração condicional iniciada por "se é possível" (ℓ.1) manteria a coerência da argumentação do texto, bem como respeitaria as regras gramaticais.

> 1 "Tendo como principal propósito a interligação das distantes e isoladas províncias com vistas à constituição de uma nação-Estado verdadeiramente unificada, esses pioneiros da promoção dos transportes no país explicitavam firmemente a sua crença de que o crescimento era enormemente inibido pela ausência de um sistema nacional
> 5 de comunicações e de que o desenvolvimento dos transportes constituía um fator crucial para o alargamento da base econômica do país."

22. A preposição em "de que o desenvolvimento" (ℓ.6) é exigida pela regência da palavra "crença" (ℓ.4).

SINTAGMA

Acesse www.baixarveloz.net

"A informação atualizada é ferramenta essencial para a formulação e a implementação de políticas públicas, especialmente em áreas em que a prestação de serviços é descentralizada, como é o caso da assistência social."

23. O trecho "para a formulação e a implementação de políticas públicas" (ℓ.1-2) complementa o sentido do adjetivo "essencial" (ℓ.1).

"Muitas coisas nos diferenciam dos outros animais, mas nada é mais marcante do que a nossa capacidade de trabalhar, de transformar o mundo segundo nossa qualificação, nossa energia, nossa imaginação".

24. A retirada da preposição em "de transformar" (ℓ.2) violaria as regras de gramática da língua portuguesa, já que essa expressão complementa "capacidade" (ℓ.2).

"Dada a inexistência de encanamento para fazer a drenagem, tornava-se impossível a distribuição de água nas casas."

25. O segmento "Dada a inexistência de encanamento" (ℓ.1) poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: **Devido inexistência de encanamento**.

"Todo indivíduo tem direito à proteção de sua liberdade, de sua integridade física e de outros bens que são necessários para que uma pessoa não seja rebaixada de sua natureza humana."

26. Na linhas 1 e 2, a repetição da preposição "de" antes de "sua liberdade", "sua integridade" e "outros bens" indica que se trata de três expressões que complementam "proteção", e não "direito".

"O fato é que, desde os seus primórdios, as coletividades humanas não apenas pactuaram normas de convivência social, mas também foram corporificando um conjunto de conceitos e princípios orientadores da conduta no que tange ao campo ético-moral."

27. Na linha 4, a preposição **a**, que compõe o termo "ao campo ético-moral", é exigida pelo substantivo "conduta".

Acesse www.baixarveloz.net

"Com um visual colorido e irreverente, os vinte cartazes buscam propagar a ideia **de que** é possível tomar medidas que diminuam as chances de contrair câncer e **de que** a detecção precoce da doença amplia significativamente as chances de cura."

28. As duas ocorrências da preposição "de" em "de que" (ℓ.2-3) mostram o início de orações que complementam o termo "ideia" (ℓ.2).

"O mercado cria inevitavelmente a ideia de que o lucro de um pode ser o prejuízo do outro e que cada um deve defender os próprios interesses."

29. Alteram-se as relações semânticas entre os termos da oração e desrespeitam-se as regras gramaticais de regência ao se inserir a preposição "de" antes de "que cada um" (ℓ.2), escrevendo-se **e de que cada um**.

"Ouvinte atenta dos relatos dos trabalhadores sobre ameaças sofridas por parte de fazendeiros e sobre a situação degradante de sobrevivência a que são submetidos, a entidade apura os fatos e leva as denúncias aos órgãos competentes do Estado para a adoção de medidas."

30. A presença de preposição em "aos órgãos competentes" (ℓ.4) justifica-se pela regência de "denúncias" (ℓ.3).

Acesse www.baixarveloz.net

COMENTÁRIOS

Regência Verbal e Nominal

1. **ERRADO.** No trecho "A impiedosa lucidez com que eu agora pensava em meu pai encheu-me de horror", a preposição "com" não é facultativa. A partícula "que" é um pronome relativo, que introduz uma oração subordinada. Caso se reescrevesse essa oração com o termo que o pronome relativo substitui, ter-se-ia: **Eu agora pensava em meu pai com a impiedosa lucidez.** Sintaticamente, a expressão "a impiedosa lucidez", na oração reescrita, exerce a função de adjunto adverbial de modo. Os adjuntos adverbiais formados por mais de uma palavra são, em regra, introduzidos por preposição. Como o pronome relativo "que" substitui um termo que exerceria a função de adjunto adverbial, deve ser precedido pela preposição que introduziria aquele termo.

2. **CERTO.** No trecho "(...) as exigências de identidade civil a que nós nos submetemos com naturalidade", o pronome relativo "que" substitui o termo "exigências de identidade civil, que, numa oração reescrita, funcionaria como objeto indireto (termo preposicionado). Veja-se: **Nós nos submetemos às exigências de identidade civil.** O pronome relativo exerce a função sintática que o termo substituído exerceria se ali estivesse. Logo, a preposição é uma exigência da forma verbal "submetemos" – que exige um complemento preposicionado.

3. **CERTO.** Ambas as construções são gramaticalmente corretas. Em "Esses são os recursos de que o Estado dispõe", a preposição que antecede o pronome relativo "que" deve-se à regência do verbo **dispor,** no sentido em que é empregado no texto: quem dispõe, dispõe de algo. Na oração 2 – O Governo insiste que a negociação é importante – , a forma verbal "insiste" exige um complemento preposicionado; entretanto, observa-se que toda a oração introduzida pela conjunção integrante "que" funciona como complemento de tal verbo. A regra diz que se uma oração for introduzida por essa conjunção e funcionar como complemento indireto ou complemento nominal, a preposição se torna facultativa – desde que não haja ambiguidade. Portanto, as duas orações estão corretas.

4. **CERTO.** A forma verbal "conscientizar" classifica-se, contextualmente, como VTDI: exige um objeto direto e outro indireto. O Objeto direto é

Acesse www.baixarveloz.net

representado no trecho pelo pronome "nos"; o indireto, pela oração "de que a superação de conflitos éticos é dinâmica...". Nesse período, a preposição não é facultativa, pois sua retirada poderia permitir a interpretação de que o pronome "nos" funcionaria como objeto, ou que poderia haver dois objetos diretos para o mesmo verbo indireto – o que configuraria erro. Veja-se claramente a explicação para o uso opcional da preposição com a conjunção integrante **que:**

> Quando o complemento de um nome ou de um verbo é uma oração subordinada substantiva introduzida pela conjunção integrante **que**, o uso da preposição **é facultativo**, desde que isso não entre em conflito com outras regras ou não cause ambiguidade. Veja-se:

- *Estou certo de que...* ou *Estou certo que...*
- *Preciso de que você me ajude* ou *Preciso que você me ajude.* Observe-se que não houve ambiguidade nem conflito com outras regras.
- *O policial avisou o pedestre de que a via estava interditada.* Observe-se que aqui não seria permitida a retirada da preposição. O verbo **avisar**, contextualmente, é VTDI. Exige, portanto, objeto direto e objeto indireto. Neste último exemplo, se for retirada a preposição, ocorrerá um erro gramatical, já que restarão dois objetos diretos.

5. **CERTO.** No trecho "sempre foi um fenômeno restrito em que as barreiras de acesso sempre foram enormes", o termo destacado é um pronome relativo. Esse termo introduz uma oração subordinada adjetiva e, no contexto, substitui o termo "um fenômeno restrito". Se a oração fosse reescrita, substituindo-se o pronome relativo por seu antecedente, ter-se-ia: **As barreiras de acesso sempre foram enormes nesse fenômeno restrito.** Como afirma a questão, o termo "fenômeno restrito" tem valor locativo – adjunto adverbial de lugar. Os adjuntos adverbiais formados por mais de uma palavra são, em regra, introduzidos por preposição. Como o pronome relativo "que" substitui um termo que exerceria a função de adjunto adverbial, deve ser precedido pela preposição que introduziria aquele termo. Logo, a questão está correta.

6. **ERRADO.** O pronome relativo "que" pode, contextualmente, ser regido pelas preposições **em** ou **a.** O verbo incorporar não tem apenas uma regência: pode ser incorporar **algo em algo** ou incorporar **algo a algo**. A questão está incorreta por afirmar que no uso formal da linguagem há uma única regência para o termo "incorporado".

Acesse www.baixarveloz.net

7. **ERRADO.** A questão afirma que a forma verbal "faltam" rege dois complementos, o que não procede. Há apenas um complemento: "às empresas" (objeto indireto). O termo "profissionais" – indicado como objeto direto – funcionaria, na verdade, como sujeito, substituído pelo pronome relativo "que". Veja-se a oração subordinada reescrita: **Profissionais faltam às empresas.**

8. **CERTO.** No trecho "Antes de o capitalismo se estabelecer", o termo destacado funciona como sujeito do verbo posterior, e ambos fazem parte de uma oração subordinada reduzida de infinitivo. A regra diz que não se pode contrair a preposição com o determinante (artigo ou pronome) do núcleo do sujeito de um verbo no infinitivo (que fará parte de uma oração subordinada). Logo, a questão está correta.

9. **ERRADO.** No trecho "uma das dificuldades da vida social é a aceitação da diferença...", o termo destacado exerce a função de sujeito da forma verbal "é". A questão afirma que deveria haver a separação da contração "das", grafando-se **de as**. Isso não procede. A regra diz que não se pode contrair a preposição com o determinante (artigo ou pronome) do núcleo do sujeito de um verbo no infinitivo (que fará parte de uma oração subordinada). Observe-se que o núcleo do sujeito não está preposicionado: o vocábulo "uma"; em segundo lugar, tal termo não funciona como sujeito de infinitivo. Logo, a questão está incorreta.

10. **CERTO.** A regra diz que em estruturas comparativas tanto faz usar a conjunção "que" ou a locução conjuntiva "do que". Portanto, o item está correto.

11. **CERTO.** A gramática diz que o verbo atender admite duas regências, sem alteração semântica: VTD ou VTI. No texto, está empregado como VTI, com a preposição "a". Se for retirada tal preposição, não haverá prejuízo gramatical nem semântico, uma vez que o verbo passará a ser classificado como VTD.

12. **CERTO.** A forma verbal **responder** normalmente se classifica como VTDI. Contextualmente, porém, é VTI – exige apenas um objeto indireto (responder a algo). A questão afirma que a substituição do termo destacado em "responder **às exigências** imediatas de compreensão da

Acesse www.baixarveloz.net

heterogeneidade estrutural" por **a exigências** não causaria erro gramatical – o que procede. Note-se que o autor não retirou a preposição "a" exigida pelo verbo. Retirou apenas o artigo "as" que determina o substantivo "respostas". Logo, não houve prejuízo gramatical, já que o artigo não é obrigatório. Se a questão perguntasse, porém, se haveria alteração semântica, a resposta seria afirmativa. O artigo confere um caráter semântico de especificação, delimitação; já sua ausência dá ao substantivo um caráter genérico, indefinido.

13. **CERTO.** A forma verbal **responder** normalmente se classifica como VTDI. Contextualmente, porém, é VTI – exige apenas um objeto indireto (responder a algo). A questão afirma que a substituição do termo destacado em "respondíamos à **questão** QUANDO COMEÇA A VIDA?" por **questionamento**, exigiria o uso da contração **ao**, para se preservar a correção gramatical e a coerência textual. Isso é correto. Observe que, neste caso, não poderíamos abrir mão do artigo **o,** uma vez que não há como generalizar ou deixar indefinido o **questionamento.** Observe-se que "a questão" já está delimitada, definida: "QUANDO COMEÇA A VIDA?".

14. **ALTERNATIVA D.** A única oração em que o verbo "chamar" pede complemento sem preposição e tem o sentido de **convocar**, **mandar vir** é "Vamos chamá-los para o jantar." Observe que o termo "para o jantar" não é exigido pelo verbo. É apenas um acréscimo, um adjunto adverbial de finalidade. O complemento de tal verbo é o pronome oblíquo –**lo**. Na oração "O ímã chama o ferro", temos a mesma regência, porém o sentido é outro: **atrair**.

15. **ALTERNATIVA A.** A oração que está em desacordo com a prescrição gramatical é "Assistiu o espetáculo pelo telão...". A regra diz que o verbo **assistir**, no sentido de **ver, presenciar**, é transitivo indireto e exige a preposição **a.** Portanto, o termo "espetáculo" deveria estar antecedido por essa preposição.

16. **CERTO.** O verbo **reportar-se**, assim como **referir-se**, é transitivo indireto e exige complemento antecedido pela preposição **a**. No trecho "Tais dinâmicas não se reportam apenas **ao caráter** negativo do poder", o termo destacado obrigatoriamente vem regido, obrigatoriamente, por preposição, para atender à exigência do verbo.

Acesse www.baixarveloz.net

17. **CERTO.** Observe-se que no trecho "Esse conceito pressupõe que todos sejam forçados **a viver** em casas idênticas, **ganhar** os mesmos salários, **comer** as mesmas comidas e **acreditar** nos mesmos valores?" há uma cadeia de elementos que funcionam como complementos da locução verbal "sejam forçados". Quem é forçado, é forçado **a**... O autor poderia ter usado a preposição "a" antes de cada verbo destacado em negrito, uma vez que fazem parte da enumeração; porém optou pela elipse, como uma estratégia argumentativa e estilística que evita a repetição. Vale salientar que repetição não é erro gramatical. Em alguns casos, pode ser uma falha de estilo, mas não incorreção gramatical.

18. **ERRADO.** Apenas a forma verbal "é" é verbo de ligação. O verbo "provocou" classifica-se, no contexto, como transitivo direto e indireto, uma vez que exige o complemento direto "efeito oposto" e o indireto "para o McDonald's".

19. **CERTO.** No trecho "Os números são semelhantes...", o verbo ser é classificado como de ligação, uma vez que liga o sujeito (os números) ao predicativo do sujeito (semelhantes). São exemplos de verbos de ligação que gramaticalmente poderiam substituir a forma verbal "são": **parecem, continuam, tornam-se, permanecem, estão.**

20. **CERTO.** A expressão "por meio de" é uma locução prepositiva que geralmente introduz adjuntos adverbiais de modo. No contexto, ela poderia ser subtituída apenas pela preposição **por** sem prejuízo gramatical nem semântico, uma vez que o termo "mecanismos linguísticos" expressa ideia de modo e admite tal preposição. Veja-se a oração reescrita: "(...) que é criado **po**r mecanismos linguísticos...".

21. **CERTO.** O substantivo "dúvidas" admite tanto a preposição **de** quanto a preposição **sobre.** Observe-se que o termo introduzido por essas preposições funcionaria sintaticamente como complemento nominal.

22. **CERTO.** Observem-se os termos destacados no texto: "esses pioneiros da promoção dos transportes no país explicitavam firmemente a sua crença **de que** o crescimento era enormemente inibido pela ausência de um sistema nacional de comunicações e **de que** o desenvolvimento dos transportes constituía um fator crucial". O substantivo "crença" exige complemento preposicionado (complemento nominal), regido pelas preposições **em** ou **de**. As duas orações introduzidas por "de que"

Acesse www.baixarveloz.net

(preposição + conjunção integrante) classificam-se como **subordinadas substantivas completivas nominais.** Note-se, também, que imediatamente antes da segunda ocorrência da expressão "de que" há uma conjunção aditiva "e". Essa conjunção está ligando os dois complementos do substantivo "crença".

23. **CERTO.** O adjetivo "essencial", contextualmente, exige complemento preposicionado (complemento nominal), introduzido pelas conjunções "para" ou "a".

24. **ERRADO.** O substantivo "capacidade" é regido pela preposição de (quem tem capacidade, tem capacidade de). Porém, se houver mais de um termo a ser regido pelo substantivo, pode-se usar um recurso estilístico chamado elipse preposicional. Nesse caso, o primeiro termo regido, "de trabalhar", vem preposicionado, e os demais podem vir sem a preposição – preposição implícita. Portanto, a retirada da preposição em "de transformar" não violaria as regras da gramática.

25. **ERRADO.** Na expressão **Devido inexistência de encanamento** faltaria a preposição **a**. Observe-se que contextualmente "Dada" é um verbo que introduz uma oração subordinada reduzida de particípio. Já "Devido", não teria essa função, já que faz parte da locução prepositiva **devido a**. A oração reescrita estaria gramaticalmente correta da seguinte forma: **Devido à inexistência de encanamento.**

26. **CERTO.** No contexto, há uma enumeração de termos introduzidos pela preposição "de" que funcionam como complementos nominais do substantivo "proteção", e não de "direito". Observe-se que "direito", contextualmente, exige complemento precedido da preposição "a": quem tem direito, tem direito **a**. No caso, "proteção" é complemento de "direito".

27. **ERRADO.** No trecho "orientadores da conduta no que tange **ao campo ético-moral**" , observa-se que o termo destacado é complemento da forma verbal "tange" – que significa **referir-se** – e não do substantivo "conduta".

28. **CERTO.** O substantivo "ideia" exige, no contexto, complemento preposicionado (complemento nominal), regido pela preposição **de**. As duas orações introduzidas por "de que" (preposição + conjunção integrante) classificam-se como **subordinadas substantivas completivas nominais.**

Acesse www.baixarveloz.net

Note-se, também, que imediatamente antes da segunda ocorrência da expressão "de que" há uma conjunção aditiva "e". Essa conjunção está ligando os dois complementos do substantivo "ideia".

29. **ERRADO.** A inserção da preposição não causa alteração nas relações semânticas entre os termos da oração nem desrespeito às regras gramaticais de regência do período. Observe-se que, assim como na questão anterior, o substantivo ideia exige complemento nominal. E são duas as orações que exercem essa função: "a ideia **de que o lucro de um pode ser o prejuízo do outro** e **que cada um deve defender os próprios interesses".** O autor fez uma opção estilística de suprimir a preposição que precederia o conectivo oracional da segunda oração, evitando, assim, uma repetição desnecessária. Entretanto, como já se viu anteriormente, repetição não é erro. Logo, poder-se-ia proceder à inserção do conectivo "de" sem prejuízo gramatical ou semântico.

30. **ERRADO.** No trecho "a entidade apura os fatos e leva as denúncias **aos órgãos competentes do Estado** para a adoção de medidas", o termo destacado é complemento da forma verbal "leva", que exige, no contexto, dois complementos: quem leva, leva **algo** (objeto direto) **a alguém** (objeto indireto).

Acesse www.baixarveloz.net

Crase

Capítulo 4

"Evidentemente, isso leva a perceber que há um conflito entre a autonomia da vontade do agente ético (a decisão emana apenas do interior do sujeito) e a heteronomia dos valores morais de sua sociedade (os valores são dados externos ao sujeito)."

1. É pela acepção do verbo levar, em "leva a perceber" (ℓ.1), que se justifica o emprego da preposição "a" nesse trecho, de tal modo que, se for empregado o substantivo correspondente a "perceber", **percepção**, a preposição continuará presente e será correto o emprego da crase: **à percepção**.

1 "Mais preocupante, no entanto, é a situação criada pelo relator da ONU para o direito à alimentação, Jean Ziegler, que classificou os biocombustíveis como "um crime contra a humanidade", garantindo que o mundo teria milhões e milhões de novos famintos pela escalada
5 nos preços dos alimentos que seriam usados para fazer funcionar os motores dos automóveis do mundo rico."

2. Em "direito à alimentação" (ℓ.2), o uso de sinal indicativo de crase é um recurso imprescindível para a compreensão do texto.

"Como nada ainda deu certo no planeta, a internacionalização só será aceitável quando se cumprirem duas premissas."

3. Mantêm-se a coerência de ideias e a correção gramatical do texto ao se empregar o sinal indicativo de crase no "a", em "a internacionalização" (ℓ.1), situação em que esse termo seria empregado como objeto direto preposicionado.

SINTAGMA

Acesse www.baixarveloz.net

"Pode-se dizer, no que concerne à complexidade, que há um pólo empírico e um pólo lógico e que a complexidade aparece quando há simultaneamente dificuldades empíricas e dificuldades lógicas."

4. A retirada do sinal indicativo de crase em "no que concerne à complexidade" (ℓ.1) altera as relações de sentido entre os termos, mas preserva sua correção gramatical.

"Não é o tamanho, em termos de número de habitantes ou da área espacial ocupada, que conta; conta sua funcionalidade em termos das manipulações financeiras, que caracterizam a era da globalização."

5. Atenderia à prescrição gramatical a alteração do segmento "em termos das manipulações financeiras" (ℓ.2-3) para **relativamente as manipulações financeiras.**

1 "o nacional-desenvolvimentismo e sua carga política e ideológica cederam à vontade de abrir a economia e o mercado, de forma irracional e reativa, à onda de globalização e de neoliberalismo que penetrava o país vinda de fora. Ao substituí-lo na presidência, Itamar
5 Franco recuou momentaneamente aos parâmetros anteriores do Estado desenvolvimentista, sem, contudo, bloquear a consciência da necessidade de se prosseguir com as adaptações aos novos tempos."

6. O emprego do sinal indicativo de crase em "à onda" (ℓ.3) justifica-se pela regência de "abrir" (ℓ.2) e pela presença de artigo definido feminino singular.

"Pode-se dar a entender que se viajou, que se conhecem línguas. Uma palavra estrangeira em uma placa ou em uma propaganda pode indicar desejo de ver-se associado a outra cultura e a outro país, por seu prestígio"

7. Pelo fato de "associado" (ℓ.3) exigir que seu complemento seja regido pela preposição **a**, pode ser empregado o sinal indicativo de crase em "a outra cultura".

"Assim como o banco em que trabalha, Hugo se tornou mais ligado às questões ambientais com o passar dos anos."

Acesse www.baixarveloz.net

8. A substituição da expressão "questões ambientais" (ℓ.2) por sinônimos textuais, como, por exemplo**, temas ambientais** ou **problemas ambientais**, preserva a coerência da argumentação e a correção gramatical do texto.

> "E é apostando nessa segunda opção que os verdadeiros democratas insistem em proporcionar informações a todas as pessoas."

9. No termo "a todas as pessoas" (ℓ.2), ao se eliminar o pronome "todas", é necessário eliminar a preposição "a" e colocar sinal indicativo de crase em "as pessoas".

> "O reconhecimento do programa brasileiro significa que as nossas florestas atendem às práticas internacionais de manejo sustentável, são socialmente justas, economicamente viáveis e ambientalmente corretas, o que facilita o aumento das exportações das empresas brasileiras, devido à queda de barreiras técnicas."

10. A substituição de "às práticas" (ℓ.2) por **a práticas** prejudica a correção gramatical do período.

11. Assinale a opção em que a frase apresenta o emprego correto do acento grave indicativo de crase.

a. Isto não interessa à ninguém.

b. Não costumamos comprar roupas à prazo.

c. O estudante se dirigiu à diretoria da escola.

d. Caminhamos devagar até à entrada do estabelecimento.

e. Essa é a instituição à que nos referimos na conversa com o presidente.

> "... Mudado seu modo de pensar, o pesquisador já não concebe aquele tema da mesma forma e, assim, já não é capaz de estabelecer uma relação exatamente igual à do experimento original."

12. Em "à do experimento" (ℓ.3), o sinal indicativo de crase está empregado de forma semelhante ao emprego desse sinal em expressões como **à moda, às vezes**, em que o uso do sinal é fixo.

> "... verdades falsas que, quando se disseminam dentro de um grupo ou comunidade, tendem a hostilizar formas de pensamento e de comportamento que, de alguma forma, não se conformam àquela "verdade".

Acesse www.baixarveloz.net

13. Na linha 3, justifica-se o sinal indicativo de crase em "àquela" pela exigência de iniciar o complemento de "se conformam" com a preposição **a**.

> "No início, Michael não gostava de treinar, mas aos poucos as coisas começaram a mudar. Aos 11 anos, ele resolveu parar de tomar pílulas para controlar a hiperatividade."

14. Se a locução "aos poucos" (ℓ.1) fosse trocada por uma outra com palavra feminina, o emprego da crase seria obrigatório, como em **às pressas as coisas começaram a mudar**.

> "Caiu a última trincheira de resistência contra a ferramenta. O autor de Ensaio sobre a Cegueira e O Evangelho Segundo Jesus Cristo decidiu criar "um espaço para comentários, reflexões, simples opiniões sobre isto ou aquilo, o que vier a talhe de foice".

15. Preserva-se a correção gramatical ao se reescrever a expressão 'a talhe de foice' (ℓ.4) com crase: **à talhe de foice**.

> 1 "Tivera uma peleteria numa cidade onde fazia um calor dos infernos quase o ano inteiro. Claro que foi à falência, mas suas freguesas nunca foram tão bonitas, embora tão poucas. (...). Às vezes, eles discutiam na hora do jantar; na verdade, minha mãe brigava com ele, que ficava
> 5 calado; se ela não parava de brigar, ele se levantava da mesa e saía para a rua."

16. Nas linhas 2 e 3, o emprego do sinal indicativo de crase em "à falência" e "Às vezes" justifica-se pela regência verbal.

> "O capitalismo pode ser definido como a coexistência entre a enorme capacidade de criar, transformar e dominar a natureza, suscitando desejos, ambições e esperanças, e as limitações intrínsecas à sua capacidade de entregar o que prometeu."

17. No trecho "e as limitações intrínsecas à sua capacidade de entregar o que prometeu" (ℓ.3-4), o emprego do sinal indicativo de crase é facultativo.

> 1 "Não conseguia dormir direito por não conseguir juntar dinheiro sequer para **retornar à minha cidade** e rever a família", relatou.

Acesse www.baixarveloz.net

Quando uma fazenda no município paraense de Piçarras foi fiscalizada em junho deste ano, Copaíba foi localizado pelo Grupo Móvel, resgatado e recebeu de indenização trabalhista mais de R$ 5 mil.

18. O sinal indicativo de crase em "retornar à minha cidade" (ℓ.2) é facultativo e a sua omissão preservaria os sentidos do texto e a correção das estruturas linguísticas.

"O nosso planeta azul vive um paradoxo dramático: embora dois terços da superfície da Terra sejam cobertos de água, uma em cada três pessoas não dispõe desse líquido em quantidade suficiente para atender às suas necessidades básicas.
(...)
Calcula-se, ainda, que 30% das maiores bacias hidrográficas perderam mais da metade da cobertura vegetal original, o que levou à redução da quantidade de água.
(...) O restante corresponde à água salgada dos mares (97%) e ao gelo nos pólos e no alto das montanhas."

19. Nos trechos "atender às suas necessidades" (ℓ.3-4), "levou à redução da quantidade de água" (ℓ.6-7) e "O restante corresponde à água salgada dos mares" (ℓ.8), o emprego de crase é obrigatório.

"Passar da condição de devedor à de credor internacional é fato inédito, mas não surpreendente."

20. Antes da expressão "de credor" (ℓ.1), subentende-se a repetição da palavra "condição".

Acesse www.baixarveloz.net

COMENTÁRIOS

Crase

1. **CERTO.** No trecho *"Evidentemente, isso **leva** a perceber que há um conflito entre a autonomia da vontade do agente"*, a forma verbal destacada é, contextualmente, transitiva indireta: exige um complemento antecedido pela preposição **a**. Não há crase, porque o complemento é um verbo. Porém, se esse verbo for substituído pelo substantivo **percepção**, deverá ser empregado o sinal indicativo de crase, uma vez que ocorrerá a fusão da preposição "a" com o artigo definido feminino "a" – que antecederá "percepção".

2. **ERRADO.** Observe-se que a retirada do sinal indicativo de crase em "direito à alimentação" não compromete a compreensão do texto. Note-se, também, que não haveria prejuízo gramatical, uma vez que o substantivo "alimentação" não tem seu sentido restringido por nenhuma adjetivação.

3. **ERRADO.** No trecho *"Como nada ainda deu certo no planeta, **a internacionalização** só será aceitável quando se cumprirem duas premissas",* o termo destacado funciona como sujeito. Como o sujeito não pode ser preposicionado, não pode ocorrer crase. Ao contrário do que afirma a questão, caso inseríssemos o sinal indicativo de crase, o termo não passaria a funcionar como objeto direto preposicionado. Haveria, sim, um truncamento sintático, que prejudicaria totalmente a compreensão do texto.

4. **ERRADO.** (GABARITO OFICIAL). Apesar de esse ser o gabarito divulgado, discordamos da resposta da banca. A nosso ver, a questão está certa. No trecho " (...) no que concerne à complexidade", a retirada do acento grave não provocaria nenhum erro gramatical, mas alteraria o sentido do texto. A gramática diz que a ausência de artigo ou outro determinante confere ao substantivo um caráter genérico, indefinido. Se há crase no contexto, há artigo. Logo, a retirada do acento indicativo de crase provoca a retirada do artigo, já que a preposição não pode ser retirada por ser uma exigência da forma verbal "concerne". Logo, se se retira o artigo, modifica-se também o sentido, apesar de não haver erro gramatical.

Acesse www.baixarveloz.net

5. **ERRADO.** A substituição do trecho destacado em "Não é o tamanho, em termos de número de habitantes ou da área espacial ocupada, que conta; conta sua funcionalidade **em termos das manipulações financeiras**" por **relativamente as manipulações financeiras** não provoca alteração semântica, mas provoca prejuízo gramatical, uma vez que faltaria o acento indicativo de crase. Observe-se que o advérbio "relativamente" exige a preposição "a" e que "manipulações financeiras" está antecedido pelo artigo definido "as". Logo, deveria ocorrer a fusão entre essas duas partículas, marcada pelo acento grave.

6. **CERTO.** Observe-se que, no trecho "(...) **abrir** a economia e o mercado, de forma irracional e reativa, à onda de globalização e de neoliberalismo...", a forma verbal destacada exige dois complementos: quem abre, abre algo para alguém. O termo "a economia e o mercado" funcionam como objeto direto do verbo "abrir" e "à onda de globalização e de neoliberalismo" funciona como objeto indireto do mesmo verbo. Portanto, o verbo "abrir" exige preposição "a" e o substantivo "onda" vem antecedido pelo artigo "a", o que leva à fusão de tais partículas e ao consequente uso do sinal indicativo de crase.

7. **ERRADO.** De fato, o termo "associado" exige a preposição "a", no trecho "(...) desejo de ver-se associado **a outra cultura** e **a outro país**, por seu prestígio". Entretanto, observe-se que os termos destacados formam um paralelismo sintático (semelhança formal entre os elementos de uma enumeração) com ideia indefinida, genérica. O vocábulo "outra" é, contextualmente, um pronome indefinido. Não existe crase antes de pronomes indefinidos, porque tais pronomes não podem ser antecedidos por artigo. A partícula "a" presente nesse trecho classifica-se apenas como preposição.

8. **ERRADO.** Para que a substituição mantivesse a correção gramatical, seria necessário se retirar a contração "às " e inserir "a" ou "aos", uma vez que "temas" e "problemas" são palavras masculinas.

9. **CERTO.** No trecho "insistem em **proporcionar** informações a todas as pessoas", o verbo destacado exige a preposição "a". Caso se retire, como propõe a questão, o pronome indefinido "todas", haverá a fusão entre a preposição "a" e o artigo "as", marcada pelo sinal indicativo de crase.

Acesse www.baixarveloz.net

10. **ERRADO.** Não haveria prejuízo gramatical, e sim alteração semântica. Observe-se que a substituição de "às" (preposição + artigo) por **a** (preposição) não provoca erro de regência. A ausência de artigo apenas confere ao substantivo "práticas" um sentido genérico, indefinido.

11. **ALTERNATIVAS C e D (questão anulada)**. Em "O estudante se dirigiu à diretoria da escola", a forma verbal "dirigiu-se" exige a preposição "a" e o substantivo "diretoria" admite o artigo "a". Logo, ocorre a crase. Na alternativa A, o erro consiste no uso de crase antes de pronomes indefinidos; na alternativa B, foi empregada a crase antes de palavras masculinas; na alternativa D, a crase não está incorreta, já que a gramática afirma ser facultativo o uso de crase após a preposição **até**; na alternativa E, a partícula "a" que antecede o pronome relativo "que" é apenas uma preposição, exigida pela regência de "nos referimos".

12. **ERRADO.** O uso do acento indicativo de crase em "não é capaz de estabelecer uma relação exatamente igual **à do** experimento original" não se assemelha ao uso em "à moda", "às vezes". Trata-se da fusão da preposição exigida pelo adjetivo "igual" com o pronome demonstrativo "a", que substitui o antecedente "relação".

13. **CERTO.** A forma verbal "se conformam", na acepção utilizada no contexto (tomar a forma de, adaptar-se a), exige a preposição "a". A crase, nesse caso, ocorre entre tal preposição e o "a" inicial do pronome demonstrativo "aquela".

14. **CERTO.** A gramática afirma ser obrigatório o sinal indicativo de crase nas locuções adjetivas, adverbiais, conjuntivas e prepositivas formadas por palavras femininas. São exemplos: **à fantasia, à paisana, à vista, às vezes, à proporção que, à espera de.**

15. **ERRADO.** Apesar de a expressão "a talhe de foice" conter uma locução prepositiva (algo que poderia levar à crase), o vocábulo "talhe" (que significa **corte**) é uma palavra masculina. Não ocorre crase antes de termos masculinos.

16. **ERRADO.** Em "Claro que foi à falência", a crase se deve à regência da forma verbal "foi" e ao emprego do artigo definido "a", admitido por "falência". Porém, no termo "Às vezes", o acento indicativo de crase deve-se ao caso fixo: locuções adverbiais formadas por palavras femininas.

Acesse www.baixarveloz.net

17. CERTO. A gramática afirma ser facultativo o emprego de crase nos pronomes possessivos adjetivos femininos no singular: minha, tua, sua, nossa e vossa.

18. CERTO. Antes de pronomes possessivos (que também são determinantes de substantivos), pode-se ou não utilizar artigos, sem nenhuma alteração semântica. Veja-se: **Conheço a sua família**/ **Conheço sua família**. Por isso, a gramática afirma ser facultativo o emprego de crase nos pronomes possessivos adjetivos femininos no singular: minha, tua, sua, nossa e vossa. Observe-se que se um termo regente não exigir preposição, a crase deixará de ser opcional e passará a ser proibida, como é o caso da oração *Conheço a sua família.*

19. ERRADO. O sinal indicativo de crase utilizado em "atender às suas necessidades" não é obrigatório, já que a gramática admite duas regências opcionais para o verbo **atender**: pode ser VTD ou VTI. No texto, foi empregado como VTI. Porém, poderia ser utilizado como VTD, o que dispensaria o uso de preposição. Sem preposição, não haveria crase. Não se deve confundir este caso com o caso facultativo de crase antes de pronomes possessivos femininos, pois tal caso trata apenas de pronomes no singular.

20. CERTO. Nota-se claramente que o vocábulo **condição** poderia ser inserido imediatamente após a contração "à". Portanto, tal palavra esta subentedida.

Acesse www.baixarveloz.net

Acesse www.baixarveloz.net

Sintaxe do Período Simples

Capítulo 5

Do sucesso no circuito comunicacional dependem a existência e a felicidade pessoal.

1. No período acima, o sujeito composto – "a existência e a felicidade pessoal" – está posposto ao núcleo do predicado verbal.

"O bom momento que vive a economia nacional estimula suas vendas, mas a indiscutível preferência do consumidor pelo modelo flex tem outras razões."

2. No trecho "O bom momento que vive a economia nacional estimula suas vendas" (ℓ.1), o sujeito das formas verbais "vive" e "estimula" é o mesmo.

1 "Desapareceram os grandes personagens, que foram a verdadeira história da UnB. Restaram apenas mágoas e ressentimentos, medo e desconfiança, um sentimento de desgosto e de tristeza no meio de toda aquela gente se evadindo ou assistindo com pavor à violência
5 e à desmoralização de seus colegas e familiares sem que nada se pudesse fazer."

3. A indeterminação do sujeito é um recurso usado quando o autor não quer ou não pode revelar quem fez determinada ação, como ocorre em: "Desapareceram" (ℓ.1); "Restaram" (ℓ.2).

"Segundo a observação de H. von Stein, ao ouvir a palavra "natureza", o homem dos séculos XVII e XVIII pensa imediatamente no firmamento; o do século XIX pensa em uma paisagem."

SINTAGMA

Acesse www.baixarveloz.net

4. Em "o homem dos séculos XVII e XVIII pensa imediatamente no firmamento; o do século XIX pensa em uma paisagem" (ℓ.2-3), o núcleo do sujeito está elíptico, na segunda ocorrência do verbo **pensar**.

> "A etapa de avaliação quantitativa e a de avaliação qualitativa dos resultados compõe o próximo capítulo."

5. Para se garantir a coerência e a correção gramatical da frase, deve-se transformar o sujeito, que é composto, em sujeito simples, retirando-se o trecho "a de avaliação" e deixando-se o verbo **compor** como está, no singular.

> "Apenas 1% de toda a água existente no planeta é apropriado para beber ou ser usado na agricultura. O restante corresponde à água salgada dos mares (97%) e ao gelo nos pólos e no alto das montanhas. Administrar essa cota de água doce já desperta preocupação."

6. A oração "Administrar essa cota de água doce" (ℓ.4) exerce função sintática de sujeito.

> "O poluente associado à maior probabilidade de morte dos fetos é o monóxido de carbono (CO), um gás sem cor nem cheiro que resulta da queima incompleta dos combustíveis."

7. O trecho "um gás sem cor nem cheiro que resulta da queima incompleta dos combustíveis" (ℓ.2-3) exerce a função de aposto.

> "Talento só não basta", disse Phelps na entrevista coletiva após a sexta medalha de ouro. "Muito trabalho,muita dedicação, é uma combinação de tudo... Tentar dormir e se recuperar, armar cada sessão de treino da melhor forma possível e acumular muito treino.""

8. No último parágrafo, o sujeito dos verbos "Tentar", "recuperar", "armar" e "acumular" é o pronome "tudo", que funciona como aposto.

> "Mais preocupante, no entanto, é a situação criada pelo relator da ONU para o direito à alimentação, Jean Ziegler, que classificou os biocombustíveis como "um crime contra a humanidade",..."

9. O nome "Jean Ziegler" (ℓ.2) está entre vírgulas por constituir um vocativo.

Acesse www.baixarveloz.net

"Marx, herdeiro e defensor das postulações do Iluminismo, indagou se as relações de produção e as forças produtivas do capitalismo permitiriam, de fato, a realização da Liberdade, da Igualdade e da Fraternidade."

10. O trecho "herdeiro e defensor das postulações do Iluminismo" (ℓ.1) exerce, na oração, a função sintática de vocativo.

"O IRIB e o Colégio Notarial sentem-se orgulhosos de poder contribuir com o desenvolvimento das atividades notariais e registrais do estado."

11. Na linha 1, a palavra "orgulhosos" é um adjetivo que está, no contexto, exercendo a função sintática de predicativo de "IRIB" e "Colégio Notarial", ambos objetos diretos.

"Os números são semelhantes aos relacionados aos furtos, roubos e ameaças

12. No trecho "Os números são semelhantes aos relacionados aos furtos, roubos e ameaças", o termo "números" é predicativo do sujeito.

13. A expressão "Confissões de Allan Poe", no título de um texto, e "construção de Brasília" são estruturas semelhantes sintaticamente, pois são formadas por substantivo abstrato mais preposição **de** seguida de outro substantivo, o qual, no título do texto, desempenha papel de agente – pelo qual se entende que Allan Poe fez uma confissão – e, em construção de Brasília, desempenha papel de paciente.

1 "O fulcro da questão é que ou garantimos os direitos sociais a todos os trabalhadores, em todas as posições na ocupação – assalariados, estatutários, cooperantes, avulsos, terceirizados etc. – ou será cada vez mais difícil garanti-los para uma minoria cada vez menor de
5 trabalhadores que hoje têm o status de empregados regulares."

14. As alternativas expressas entre as linhas 1 e 5 complementam o sentido do sujeito da oração "O fulcro da questão é" (ℓ.1).

1 "Ele só descobre que um bem é fundamental quando deixa de possuí-lo. Preso naquele porão, eu descobria que a liberdade mais impor-

Acesse www.baixarveloz.net

tante que existia era a liberdade de ir e vir, a liberdade de movimento. Eu tinha todas as outras liberdades, preso no porão – de pensar, de xingar meus captores, de ter uma religião (caso quisesse uma), de escolher minhas convicções políticas."

15. A oração "que um bem é fundamental" (ℓ.1) exerce a mesma função sintática que "todas as outras liberdades" (ℓ.4).

"Além das estatísticas, o autor revela as histórias trágicas que os dados frios não mostram, como as crianças abandonadas pelas famílias nas ruas de Kinshasa (Congo), por serem consideradas "feiticeiras", ou a nuvem de gás letal expelida pela fábrica da Union Carbide na Índia, que causou a morte de aproximadamente 22 mil habitantes de barracos nos arredores da unidade da empresa, que não tinham informação sobre os riscos ou opção de morar em outro local."

16. Na linha 1, a expressão "os dados frios" é objeto direto do verbo "mostram".

"Um analista de palavra-chave, por exemplo, tem a única missão de combinar as palavras de um sítio de modo que as ferramentas de busca o situem, sempre, entre os primeiros da lista. Em uma outra frente, surgiram funções relativas a assuntos ambientais, como a do consultor de sustentabilidade, profissional que, entre outras coisas, faz estudos de impacto sobre o ambiente. É algo básico para muitos negócios."

17. Pelos sentidos do texto, depreende-se que, no trecho "de modo que as ferramentas de busca <u>o</u> situem, sempre, entre os primeiros da lista" (ℓ.2-3), o termo sublinhado, que é complemento do verbo **situar**, está empregado em referência a "Um analista de palavra-chave" (ℓ.1).

"Machado pode ser considerado, no contexto histórico em que surgiu, um espanto e um milagre, mas o que me encanta de forma mais particular é o fato de que ele estava, o tempo todo, pregando peças nos leitores e nele mesmo."

18. O pronome 'me' (ℓ.2) funciona como complemento indireto da forma verbal "encanta" (ℓ.2).

Acesse www.baixarveloz.net

1 "O Instituto de Registro Imobiliário do Brasil (IRIB), seção de São Paulo, em parceria com o Colégio Notarial do Brasil, também seção de São Paulo, e com o apoio da Corregedoria-Geral da Justiça de São Paulo, congrega esforços para promover e realizar seminários
5 de direito notarial e registral no estado, visando o aperfeiçoamento técnico de notários e registradores e a reciclagem de prepostos e profissionais que atuam na área."

19. As expressões "em parceria" (ℓ.2) e "com o apoio" (ℓ.3) exercem a função sintática de adjunto adverbial de companhia e, por isso, podem ser substituídas, sem prejuízo do sentido, por **juntamente**.

"Em 1964, o cineasta Stanley Kubrick lançava o filme Dr. Strangelove. Nele, um oficial norte-americano ordena um bombardeio nuclear à União Soviética e comete suicídio em seguida, levando consigo o código para cancelar o bombardeio."

20. A expressão "à União Soviética" (ℓ.3) é complemento da forma verbal "ordena" (ℓ.2).

Acesse www.baixarveloz.net

COMENTÁRIOS

Sintaxe do Período Simples

1. **CERTO.** Sabe-se que a ordem direta dos termos da oração é SUJEITO + VERBO + COMPLEMENTO. No trecho *"Do sucesso no circuito comunicacional dependem a existência e a felicidade pessoal"* tem-se COMPLEMENTO (Do sucesso no circuito comunicacional) + VERBO (dependem) + SUJEITO COMPOSTO (a existência e a felicidade pessoal). A oração está, portanto, na ordem inversa: o sujeito está posposto ao predicado.

2. **ERRADO.** O sujeito de "vive" é a expressão posposta "a economia nacional; já o sujeito de "estimula" é a expressão "O bom momento".

3. **ERRADO.** O que a questão afirma acerca do conceito de indeterminação do sujeito é correto. Entretanto, o que afirma sobre as formas verbais "Desapareceram" e "restaram" é incorreto. O sujeito desses verbos não é indeterminado, e sim, respectivamente, os termos "os grandes personagens" e "mágoas e ressentimentos, medo e desconfiança, um sentimento de desgosto e de tristeza". Deve-se observar que a terceira pessoa do plural só indica sujeito indeterminado quando não se fizer referência a nenhum termo anterior ou posterior. Ex.: *Pegaram meu celular./ Quebraram a vitrine daquela loja*.

4. **CERTO.** Percebe-se claramente que o sujeito da segunda ocorrência de "pensa" é o termo "homem", que está subentendido contextualmente.

5. **CERTO.** No trecho "A etapa de avaliação quantitativa e a de avaliação qualitativa dos resultados **compõe** o próximo capítulo", a forma verbal está no singular, o que configura erro gramatical, uma vez que o sujeito é composto. Observe-se que o termo "etapa" está subentendido entre "a de". Para que a frase fique gramaticalmente correta, a mudança sugerida, apesar de não ser a única possível, é eficaz, ou seja, a retirada de "a de avaliação" tornaria o sujeito simples e manteria o verbo no singular.

6. **CERTO.** Observe-se que no trecho **Administrar essa cota de água doce/ já desperta preocupação,** tem-se duas orações, que aqui foram separadas por uma barra. O sujeito da primeira não existe, uma vez que

Acesse www.baixarveloz.net

o verbo está no infinitivo impessoal. O sujeito da segunda é justamente a primeira. Observe-se: O que **já desperta preocupação**? Resposta: ISSO = **Administrar essa cota de água doce.** O termo sublinhado é um pronome interrogativo que serve para identificar o sujeito. Geralmente quando se faz as perguntas Quem? e O quê? antes dos verbos, encontra-se o sujeito. No caso, o sujeito é a outra oração, classificado como sujeito oracional.

7. **CERTO.** O aposto é um termo substantivo de natureza explicativa, que equivale a outro termo substantivo geralmente anterior. Quando explicativo, o aposto é separado do termo a que se refere por vírgula, travessão, dois pontos ou parênteses. Observe-se que a expressão "um gás sem cor nem cheiro que resulta da queima incompleta dos combustíveis" está separada por vírgula e equivale ao termo anterior "monóxido de carbono".

8. **ERRADO.** No trecho "Tentar dormir e se recuperar, armar cada sessão de treino da melhor forma possível e acumular muito treino", os verbos destacados estão no infinitivo impessoal, uma vez que não há um termo a que se refiram. O sujeito não é o pronome "tudo" (este termo é complemento nominal de "combinação"). Alguns gramáticos afirmam que verbos no infinitivo impessoal possuem sujeito indeterminado; outros afirmam que se trata de oração sem sujeito. De qualquer forma, a questão está incorreta por indicar o pronome "tudo" como sujeito.

9. **ERRADO.** Vocativo é um termo utilizado para se fazer um chamamento, uma invocação. Não equivale a um termo anterior nem o explica. O nome "Jean Ziegler", na verdade, é aposto explicativo do termo "relator da ONU para o direito à alimentação". O aposto é um termo substantivo de natureza explicativa, que equivale a outro termo substantivo geralmente anterior. Quando explicativo, o aposto é separado do termo a que se refere por vírgula, travessão, dois pontos ou parênteses.

10. **ERRADO.** Vocativo é um termo utilizado para se fazer um chamamento, uma invocação. Não equivale a um termo anterior nem o explica. O termo "herdeiro e defensor das postulações do Iluminismo", na verdade, é aposto explicativo do nome anterior "Marx". Sabe-se que o aposto é um termo substantivo de natureza explicativa, que equivale a outro termo substantivo geralmente anterior. Quando explicativo, o aposto é separado do termo a que se refere por vírgula, travessão, dois pontos ou parênteses.

Acesse www.baixarveloz.net

11. **ERRADO.** A primeira parte da afirmação está correta. De fato, o adjetivo "orgulhosos" funciona como predicativo do sujeito dos termos "IRIB" e "Colégio Notarial". Observe-se, porém, que estes termos funcionam como sujeito de "sentem-se", e não como objetos diretos. Deve-se observar, ainda, que o predicativo do sujeito é uma característica ou qualidade do sujeito, mas se encontra no predicado.

12. **ERRADO.** Claramente o substantivo "números" funciona como sujeito da forma verbal "são". O predicativo é o termo adjetivo "semelhantes".

13. **CERTO.** Observe-se que tanto em "Confissões de Allan Poe" quanto em "construção de Brasília" tem-se uma estrutura formada por substantivo + preposição + substantivo, sendo que a preposição introduz especificações para os termos anteriores a ela. Quanto ao papel semântico, "Allan Poe" realmente exerce papel de agente: ele que confessa; e "Brasília" exerce papel de paciente, uma vez que ela é construída. Quanto às funções sintáticas, poder-se-ia afirmar que "de Allan Poe" é um adjunto adnominal e "de Brasília" complemento nominal. Porém a estrutura sintática é semelhante (subst. + prep. + subst.).

14. **CERTO.** A expressão "O fulcro da questão" funciona como sujeito da oração "O fulcro da questão é". O predicativo do sujeito é toda a oração que vem após a forma verbal "é", portanto classifica-se como oração subordinada substantiva predicativa. Sabe-se que verbos de ligação não têm sentido próprio, por isso necessitam de um predicativo para lhes complementar o sentido. Portanto, a questão está correta.

15. **CERTO.** No trecho "Ele só descobre <u>que um bem é fundamental</u>", a oração sublinhada exerce a função de objeto direto, completando a forma verbal transitiva direta "descobre" (Veja-se a semelhança com a questão anterior). No trecho "Eu tinha <u>todas as outras liberdades</u>", o termo sublinhado exerce a função de objeto direto, completando a forma verbal transitiva direta "tinha". Portanto, os elementos destacados exercem a mesma função sintática, apesar de o primeiro ser uma oração e o segundo não.

16. **ERRADO.** No trecho "Além das estatísticas, o autor revela as histórias trágicas que os dados frios não mostram...", a expressão "os dados frios" não funciona como objeto direto, e sim como sujeito. Observe-se que o termo que complementa semanticamente a forma verbal "mostram" é a expressão "as histórias trágicas", substituída sintaticamente pelo pronome relativo "que".

Acesse www.baixarveloz.net

17. ERRADO. A primeira parte da questão é verdadeira. De fato, em "o situem", o termo sublinhado exerce a função sintática de objeto direto. Entretanto, a referência coesiva foi indicada de maneira incorreta. O pronome destacado não retoma "Um analista de palavra-chave", sujeito da oração, e sim o termo "sítio" (tradução de *site*).

18. ERRADO. Observe-se que no trecho "mas o que me encanta de forma mais particular" a forma verbal sublinhada é VTD; exige, portanto, um objeto direto. Logo, o pronome "me" não pode ser objeto indireto contextualmente. Sabe-se que **vos, se, nos, te, me** podem funcionar como objeto direto ou indireto, mas quem define a função deles é o verbo.

19. ERRADO. Realmente, a substituição sugerida pela questão não traria prejuízo gramatical nem semântico. Entretanto, a função sintático-semântica das expressões "em parceria" e "com o apoio" foi indicada de maneira incorreta. Na verdade, trata-se de adjuntos adverbiais de modo, e não de companhia. Veja-se que os vocábulos derivados terminados em **mente** são, em termos gerais, advérbios de modo. O termo **juntamente** é um deles. O fato de as expressões "em parceria" e "com o apoio" poderem ser substituídas por um advérbio de modo é um indicativo de que exercem a mesma função.

20. ERRADO. A expressão "à União Soviética" é, na verdade, complemento nominal do substantivo "bombardeio". Observe-se que a forma verbal "ordena" até poderia ser VTDI, exigindo dois complementos. Porém, contextualmente, o termo que representa semanticamente **o destinatário da ordem** não é "à União Soviética", e sim, implicitamente, um subordinado do oficial que ordena o bombardeio.

Acesse www.baixarveloz.net

Acesse www.baixarveloz.net

Sintaxe do Período Composto

Capítulo 6

1 "Há, porém, outras mais graves, que se instalam lentamente no organismo, como o aumento da pressão arterial e a ocorrência de paradas cardíacas. Estas podem passar despercebidas, já que nem sempre apresentam uma relação tão clara e direta com o fator ambiental. De
5 imediato, existe o alerta: onde morar em metrópoles?"

1. A locução "já que" (ℓ.3) estabelece uma reação de comparação no período.

"Apesar de pequena, a função do INMETRO é fundamental, já que a instituição está contribuindo para a promoção da igualdade social."

2. A substituição de "Apesar de" (ℓ.1) por **Embora** prejudica a correção gramatical do período.

"Eles, porém, recusaram tudo, com simplicidade, dizendo que a filosofia bastava ao filósofo, e que o supérfluo era um dissolvente.Tão nobre resposta encheu de admiração tanto aos sábios como aos principais e à mesma plebe."

3. No trecho "Tão nobre resposta encheu de admiração tanto aos sábios como aos principais e à mesma plebe" (ℓ.2-4), a substituição de "como" por **quanto** mantém a correção gramatical do texto.

"O resultado obtido no estudo, publicado na revista **PNAS**, mostra que a falta de comida, nos primeiros meses de gestação, altera o material genético dos filhos. Nenhum deles, porém, nasceu abaixo do peso ou com algum problema evidente de saúde."

Acesse www.baixarveloz.net

4. No trecho "Nenhum deles, porém, nasceu abaixo do peso ou com algum problema evidente de saúde" (ℓ.3-4), a conjunção adversativa pode, sem prejuízo para o sentido original do texto, ser substituída por **contudo**, **todavia** ou **no entanto**.

> "Por ironia, as notícias mais frequentes produzidas pelas pesquisas científicas relatam não a descoberta de novos seres ou fronteiras marinhas, mas a alarmante escalada das agressões impingidas aos oceanos pela ação humana."

5. O termo "mas" (ℓ.3) corresponde a qualquer um dos seguintes: **todavia, entretanto, no entanto, conquanto**.

> "O processo de acompanhamento foi estruturado em dois estágios interdependentes entre si: as ações desenvolvidas pela Agência, enquanto parte avaliada, e as ações sob responsabilidade do avaliador do processo a Comissão de Acompanhamento e Avaliação."

6. No trecho "enquanto parte avaliada" (ℓ.3), o emprego de "enquanto" contraria recomendações de alguns gramáticos relativas ao uso da norma padrão da língua portuguesa em contextos escritos formais.

> "A despeito da desaceleração econômica nas nações ricas, as cotações das commodities agrícolas, minerais e energéticas persistem em ascensão. Segundo o FMI, os preços dos alimentos subiram 48% do final de 2006 ao início de 2008."

7. A expressão "A despeito da" (ℓ.1) pode, sem prejuízo para a correção gramatical e as informações originais do período, ser substituída por qualquer uma das seguintes: **Apesar da, Embora haja, Não obstante a**.

> "As pessoas não nascem iguais. Elas possuem habilidades e talentos próprios. O principal papel de um governo não é ir contra essa realidade e forçar algo que não existe nem existirá."

8. O desenvolvimento das ideias no texto permite a inserção, na linha 1, de conectivo de valor explicativo entre as orações, da seguinte forma: **iguais, pois elas possuem**.

Acesse www.baixarveloz.net

"De tão habituados a viver em relação com os demais, poucas vezes percebemos ou constatamos sua importância ou sua influência em nossos comportamentos ou em nossas decisões. A vida humana é grupal."

9. Em "De tão habituados" (ℓ.1), a preposição "De" introduz oração de valor causal que, entre outras estruturas, corresponde a **Porque estamos tão habituados** ou a **Por estarmos tão habituados**.

"Cada vez que eu tentava reconciliar-me com ela, saía maltratado, repelido."

10. Em "Cada vez que eu tentava reconciliar-me com ela" (ℓ.1), a expressão "Cada vez que" pode ser substituída por **À medida que**, sem alteração de sentido.

"Escrevi, pois, toda a minha vida poemas, narrativas, contos, tratados, ensaios."

11. Com o deslocamento da conjunção "pois" para o início da oração "Escrevi, pois, toda a minha vida poemas, narrativas, contos, tratados, ensaios" (ℓ.1), com os devidos ajustes de maiúsculas e minúsculas, preserva-se o sentido original do período.

"Porém, mal experimentava a ilusão de pela poesia ter exorcizado a perseguição dos meus pavores, logo outras alucinações, outros pesadelos, outras bizarrias macabras e fúnebres assaltavam sem trégua a minha pobre alma acabrunhada."

12. Em "Porém, mal experimentava a ilusão (...) a minha pobre alma acabrunhada" (ℓ.1-4), o termo "mal" é empregado com sentido temporal.

"A lenda urbana surge com a oportunidade do inusitado, do espetacular, do fantasioso. É o momento em que se pode romper com a realidade e crer que existe algo além do que se conhece."

13. Preservam-se a correção gramatical do texto e a coerência entre os argumentos ao se ligar o segundo período sintático do texto ao primeiro por uma conjunção, da seguinte forma: (...) **do fantasioso, posto que é o momento (...).**

Acesse www.baixarveloz.net

"Tem paciência, se obscuros. Calma, se te provocam."

14. O trecho "Tem paciência, se obscuros" constitui um período simples, uma oração absoluta.

"O vendedor de jornais é o tipo mais despreocupado e alegre do mundo.
Tem uma alma de pássaro.
Claro está que não nos referimos ao carrancudo português, que, em meio de uma chusma de folhas metodicamente dispostas, passa os dias sentado, com as pernas cruzadas no ponto de reunião da Rua do Ouvidor com o Largo de S. Francisco, na Brahma, nas portas dos cafés da Avenida, em toda parte."

15. Os dois primeiros períodos do texto são formados, respectivamente, por uma oração absoluta e uma frase nominal, e o terceiro período é constituído por período composto por coordenação e subordinação.

"Seu físico é naturalmente perfeito para a natação. O corpo lembra a forma de um peixe. Tem articulações flexíveis e enormes mãos que parecem pás. Ter nascido no país com a melhor estrutura para detecção e lapidação de talentos esportivos também ajudou – uma vez bem-sucedido em competições escolares, Phelps seguiu naturalmente o caminho que o levou à equipe olímpica norte americana."

16. São exemplos de orações coordenadas adversativas as duas orações da seguinte passagem do texto: "Seu físico é naturalmente perfeito para a natação. O corpo lembra a forma de um peixe" (ℓ.1-2).

"Todos os Estados promoverão a cooperação internacional com o objetivo de garantir que os resultados do progresso científico e tecnológico sejam usados para o fortalecimento da paz e da segurança internacionais, a liberdade e a independência, assim como para atingir o desenvolvimento econômico e social dos povos e tornar efetivos os direitos e liberdades humanas de acordo com a Carta das Nações Unidas."

17. Por causa das ocorrências da conjunção "e" no mesmo período sintático, o conectivo "assim como" (ℓ.4) tem a dupla função de marcar a relação de adição entre as orações e deixar clara a hierarquia das relações semânticas.

Acesse www.baixarveloz.net

"V – Dar liberdade ao aluno para escolher o momento para ser avaliado
VI – Desenvolver em aula a responsabilidade coletiva pela aprendizagem e disciplina"

18. As propostas apresentadas tanto em V quanto em VI estão formuladas como períodos compostos por subordinação.

"Aceitar que somos indeterminados naturalmente, que seremos lapidados pela educação e pela cultura, que disso decorrem diferenças relevantes e irredutíveis aos genes é muito difícil."

19. As orações que precedem a forma verbal "é" (ℓ.3) constituem o sujeito que leva esse verbo para o singular.

"A consequência imediata desse processo é que o produto do IGF2 pode servir de combustível para o desenvolvimento de tumores no futuro."

20. No período "A consequência (...) tumores no futuro" (ℓ.1-3), o trecho "que o produto do IGF2 pode servir de combustível para o desenvolvimento de tumores no futuro" exerce a função sintática de sujeito.

"XII – Solicitar a colaboração dos aprendizes na elaboração de questões"

21. Transformando-se em período composto a sugestão XII – "Solicitar a colaboração dos aprendizes na elaboração de questões" –, tem-se: **Solicitar aos aprendizes que colaborem na elaboração de questões**.

1 "Era à porta de uma igreja. Eu esperava que as minhas primas Claudina e Rosa tomassem água benta, para conduzi-las à nossa casa, onde estavam hospedadas. Tinham vindo de Sapucaia, pelo Carnaval, e demoraram-se dois meses na corte. Era eu que as acompanhava
5 a toda a parte, missas, teatros, rua do Ouvidor, porque minha mãe, com o seu reumático, mal podia mover-se dentro de casa, e elas não sabiam andar sós."

22. No texto, as orações "que as minhas primas Claudina e Rosa tomassem água benta" (ℓ.1-2) e "que as acompanhava a toda a parte, missas, teatros, rua do Ouvidor" (ℓ.4-5) exercem a mesma função sintática e, por isso, têm a mesma classificação.

Acesse www.baixarveloz.net

"IX – Fazer contrato de trabalho com os alunos
X – Garantir clima de respeito em sala de aula"

23. Juntando-se as sugestões IX e X em uma única oração, estará sintaticamente correta e preservará o sentido original do texto a seguinte sugestão: **Fazer contrato com os alunos com cujo clima de respeito em sala de aula estará garantido o trabalho.**

"No fim, tinha um pequeno armarinho – sempre tivera lojas que fossem frequentadas principalmente por mulheres – na rua Senhor dos Passos."

24. Nas linhas 1 e 2, a oração adjetiva "que fossem frequentadas principalmente por mulheres" apresenta valor explicativo.

1 "Os poluentes emitidos pelo motor de automóveis, ônibus e caminhões geralmente se espalham por um raio de até 150 metros a partir do ponto em que são lançados e transformam as grandes avenidas em imensas chaminés que despejam sobre a cidade toneladas de partículas
5 e gases tóxicos."

25. A oração "que despejam sobre a cidade toneladas de partículas e gases tóxicos" (ℓ.4-5) restringe o sentido da palavra "chaminés" (ℓ.4).

1 "O caso de Chico Mendes foi relatado pela conselheira Sueli Bellato. Emocionada, ela disse ter lido muito sobre o seringueiro morto para, então, encadear os argumentos que a fizeram acatar o pedido de reconhecimento e indenização interposto por Izalmar Mendes. Chico
5 Mendes foi vereador em Xapuri, onde nasceu, e se firmou como crítico de projetos governamentais de graves consequências ambientais, como a construção de estradas na região amazônica."

26. O termo "onde" (ℓ.5) introduz oração adjetiva de sentido explicativo.

"Minha mãe costumava aparecer na loja, para ver se alguma sirigaita andava por lá."

27. No trecho "Minha mãe costumava aparecer na loja, para ver se alguma sirigaita andava por lá" (ℓ.1), a oração iniciada pela preposição "para" expressa finalidade.

Acesse www.baixarveloz.net

"O INMETRO tem realizado estudos aprofundados que visam diagnosticar a realidade do país e encontrar melhores soluções técnicas para que o Programa de Acessibilidade para Transportes Coletivos e de Passageiros seja eficaz."

28. O termo "para que" (ℓ.3) estabelece uma relação de finalidade entre orações do período.

"... Mesmo que não possamos olhar de um curso único para a história, os projetos humanos têm um assentamento inicial que já permite abrir o presente para a construção de futuros possíveis."

29. Preservam-se as relações entre os argumentos do texto caso se empregue em lugar de "que não possamos" (ℓ.1), uma oração correspondente com o gerúndio: **não podendo**.

"Todo indivíduo tem direito à proteção de sua liberdade, de sua integridade física e de outros bens que são necessários para que uma pessoa não seja rebaixada de sua natureza humana."

30. Mantém-se o texto coerente e gramaticalmente correto ao se substituir "que uma pessoa não seja" (ℓ.2-3) por **uma pessoa não ser**.

Acesse www.baixarveloz.net

COMENTÁRIOS

Sintaxe do Período Composto

1. **ERRADO.** A locução "já que" equivale a **uma vez que, visto que, pois** e **porque.** Dessa forma, possui valor **causal** e não comparativo. São exemplos de conjunções comparativas: que, do que, quanto mais, quanto menos.

2. **ERRADO.** Tanto a locução prepositiva "Apesar de" quanto a conjunção **Embora** expressam ideia de concessão, ou seja, oposição e exceção. Observe-se que a reescritura "**Embora** pequena, a função do INMETRO é fundamental" expressaria a mesma ideia e não apresentaria erro gramatical. Deve-se observar, porém, que nem sempre é possível substituir uma locução prepositiva por uma conjunção, mesmo que expressem a mesma ideia. Veja-se: **Apesar de termos trabalhado muito, não estamos cansados.** Observe-se que neste contexto não seria possível substituir "Apesar de" por **Embora**.

3. **CERTO.** Existem as locuções conjuntivas **tanto quanto** e **tanto como**, que expressam a mesma ideia e introduzem contextualmente o mesmo tipo de oração: oração coordenada sindética aditiva.

4. **CERTO.** No trecho "Nenhum deles, <u>porém</u>, nasceu abaixo do peso ou com algum problema evidente de saúde", o termo destacado é, de fato, uma conjunção coordenativa adversativa, que introduz ideia de oposição. Os conectivos **contudo**, **todavia** ou **no entanto** também são adversativos, além de **mas, entretanto** e **não obstante.** A título de informação (a questão não exige isso), observe-se que o único conectivo que, apesar de expressar a mesma ideia, não poderia substituir "porém", contextualmente, é **mas.** O conectivo "porém" está deslocado de sua posição natural (início de uma oração), fato que pode ser observado pelo uso das vírgulas; já o conectivo **mas** não pode ser deslocado.

5. **ERRADO.** O conectivo "mas" é, de fato, uma conjunção coordenativa adversativa, que introduz ideia de oposição. Os conectivos **todavia, entretanto** e **no entanto** também são adversativos, porém **conquanto** é uma

Acesse www.baixarveloz.net

conjunção subordinativa concessiva. A ideia de oposição está presente tanto nas conjunções adversativas quanto nas concessivas, entretanto uma não pode ser permutada pela outra por uma razão sintática: as adversativas introduzem orações independentes (coordenadas) e as concessivas introduzem orações dependentes (subordinadas).

6. **CERTO.** Gramaticalmente, o conectivo **enquanto** deve introduzir orações com ideia de tempo, como no exemplo: **Enquanto caminhávamos, conversávamos.** Note-se que no contexto em que foi empregado, essa conjunção não introduz ideia de tempo. Isso é condenado pela gramática normativa. O conectivo correto a ser utilizado em tal situação seria **como**.

7. **CERTO.** Observe-se que, no trecho "**A despeito da** desaceleração econômica nas nações ricas, as cotações das *commodities* agrícolas, minerais e energéticas persistem em ascensão", o termo destacado é uma locução prepositiva que introduz ideia de concessão (oposição, exceção). As expressões **Apesar da, Embora haja, Não obstante a** poderiam perfeitamente substituir aquela expressão, uma vez que também expressam ideia concessiva. Observe-se que ao se usar **Embora,** foi necessária contextualmente a utilização da forma verbal **haja,** para que não houvesse truncamento sintático. Não se pode generalizar o uso dessas expressões. Veja-se que na questão 2, deste capítulo, pode-se permutar "apesar de" por "embora", sem necessidade de se utilizar um verbo. Já na questão ora analisada, contextualmente a forma verbal é necessária. Como se diz, "cada caso é um caso".

8. **CERTO.** A inserção do conectivo de valor explicativo "pois" não causaria prejuízo gramatical ou semântico. Note-se que no trecho "As pessoas não nascem iguais. Elas possuem habilidades e talentos próprios", o segundo período pode perfeitamente ser uma explicação ou causa do primeiro. Logo, a inserção não causaria problema algum.

9. **CERTO.** Observe-se que a preposição "De", em si mesma, não expressa ideia de causa. Ela introduz uma oração subordinada que indica causa. Deve-se ter cuidado para não se dar uma interpretação errada à questão. Em nenhum momento se diz que a preposição indica causa, nem que pode substituir uma conjunção causal. Outrossim, deve-se ter em mente que

Acesse www.baixarveloz.net

quando uma oração subordinada é introduzida por conjunção, será classificada como desenvolvida (ex.: **Porque estamos tão habituados...).** Quando não possuir conjunção ou pronome relativo, será denominada reduzida (ex.: **Por estarmos tão habituados...).** Observe-se, ainda, que as três orações citadas possuem equivalência semântica: a) "De tão habituados a viver em relação com os demais..."; b) **Porque estamos tão habituados...;** c) **Por estarmos tão habituados...**

10. **ERRADO.** A expressão "Cada vez que" introduz orações com ideia temporal; já a expressão "à medida que" introduz ideia de proporção, e não de tempo. Gramaticalmente, seria possível substituir uma pela outra sem que se causasse erro gramatical. Entretanto, haveria alteração semântica.

11. **ERRADO.** O conectivo "pois" tem, contextualmente, valor conclusivo. Observe-se que ele poderia facilmente ser substituído por **portanto**, sem que se ferissem as regras gramaticais e os sentidos textuais. Entretanto, o deslocamento de tal conjunção para o início do período, como proposto pela questão, alteraria as relações semânticas: o conectivo deixaria de ter valor conclusivo e passaria a ter valor explicativo, equivalendo a **porque**. A regra diz que se o conectivo **pois** estiver deslocado (intercalado ou no final do período), terá valor conclusivo; na posição normal (início de oração), terá valor explicativo.

12. **CERTO.** A palavra **mal** pode ter as seguintes classificações: a) substantivo: **O mal não triunfará**; b) advérbio de modo: **Ele não canta mal**; c) conjunção temporal: **Mal o chefe saiu, os funcionários pararam de trabalhar.** No contexto, de fato a palavra "mal" tem valor temporal. Note-se que o período poderia assim ser reescrito: "Porém, **ainda** não experimentava a ilusão de pela poesia ter exorcizado a perseguição...".

13. **ERRADO.** O conectivo **posto que**, segundo a gramática, possui valor concessivo e pode ser substituído por **embora**, que tem o mesmo valor. Modernamente, tal conectivo tem sido utilizado com valor causal (porque, já que), entretanto tal uso não encontra respaldo nos gramáticos tradicionais. Portanto, não seria possível fazer a substituição proposta pela questão. A substituição prejudicaria a coerência (lógica) entre os argumentos e a correção gramatical, uma vez que **posto que** exigiria verbo no subjuntivo.

Acesse www.baixarveloz.net

14. **ERRADO.** Observando-se o contexto, percebe-se que há um verbo subentendido: Tem paciência, se *estiverem* obscuros. *Tenha* Calma, se te provocam. Portanto, não há período simples, e sim composto. O trecho "Tem paciência, se *estiverem* obscuros" será assim analisado: 1ª oração = principal; 2ª oração = subordinada adverbial condicional.

15. **ERRADO.** O primeiro período realmente é uma oração absoluta, ou seja, um período simples. Já o segundo período não é uma frase nominal, como afirma a questão, e sim um período simples também. Frases nominais são enunciados que não contêm verbos.

16. **ERRADO.** Em primeiro lugar, porque não há duas orações no trecho citado, e sim dois períodos. Observe-se que cada uma das orações começa por letra maiúscula e termina por ponto – o que caracteriza os limites de um período. Em segundo lugar, porque não há ideia adversativa entre os períodos. Portanto, temos apenas dois períodos sintaticamente coordenados.

17. **CERTO.** A gramática afirma que as conjunções podem ligar termos ou orações. A conjunção aditiva "e", no período, ocorre várias vezes na ligação de termos: "progresso científico **e** tecnológico", "da paz **e** da segurança internacionais", "a liberdade **e** a independência", "o desenvolvimento econômico **e** social dos povos", "os direitos **e** liberdades humanas". Se essa mesma conjunção fosse utilizada no trecho para ligar orações, tais orações não teriam destaque dentro do período, ou seja, perderiam expressividade, apesar de o uso estar correto. Logo, a conjunção "assim como" – que também é aditiva – serve ao período tanto para unir orações como para marcar a hierarquia das ideias, uma vez que a adição por ela expressa é mais importante que a adição entre os termos do período.

18. **ERRADO.** Apenas no trecho "Dar liberdade ao aluno para escolher o momento para ser avaliado" existe um período composto por subordinação. A oração introduzida por "Dar" é classificada como principal e aquela iniciada por "para" se classifica como oração subordinada adverbial de finalidade. No trecho "Desenvolver em aula a responsabilidade coletiva pela aprendizagem e disciplina", tem-se apenas uma oração – período simples –, uma vez que há apenas um verbo.

Acesse www.baixarveloz.net

19. **CERTO.** A gramática afirma que se o sujeito de um verbo for outra oração (sujeito oracional), o verbo da oração principal deverá ficar no singular, mesmo que o sujeito oracional seja composto por várias orações. É o que acontece no período. Observe-se que o núcleo do sujeito é a forma verbal "Aceitar", seguida por várias orações introduzidas pela conjunção integrante "que". Estas orações funcionam como objeto direto oracional do verbo "Aceitar". Veja-se que poderia ocorrer a seguinte síntese do período: **Aceitar isso, isso e isso é muito difícil.** O termo **isso** estaria substituindo as orações que complementam a forma verbal "Aceitar", que por sua vez funciona como sujeito da forma verbal "é".

20. **ERRADO.** Observe-se que a oração introduzida pela conjunção integrante "que" complementa a forma verbal "é", classificada como verbo de ligação. Verbos de ligação exigem um complemento chamado predicativo do sujeito. Logo, a oração se classifica como **oração subordinada substantiva predicativa.** Veja-se como seria uma reescritura sintética do período: A consequência imediata desse processo é **essa** (ou **isso**). O termo sublinhado funciona como sujeito, o verbo é de ligação e o termo **essa** ou **isso** (que substituiria a oração substantiva) funciona como predicativo do sujeito.

21. **CERTO.** No trecho "Solicitar a colaboração dos aprendizes na elaboração de questões", tem-se um período simples, uma vez que há apenas um verbo. A forma verbal "Solicitar" exige um complemento direto: o termo nominal "a colaboração dos aprendizes". A mudança sugerida pela banca transforma, de fato, o período simples em composto. O complemento de "Solicitar" passa a ser uma oração subordinada substantiva objetiva direta: **que colaborem na elaboração de questões.**

22. **ERRADO.** A oração "que as minhas primas Claudina e Rosa tomassem água benta" classifica-se, contextualmente, como **oração subordinada substantiva objetiva direta,** pois complementa sintática e semanticamente a forma verbal "esperava". E o conectivo "que" é uma conjunção integrante. Entretanto, a partícula "que" presente em "Era eu que as acompanhava a toda a parte, missas, teatros..." é apenas uma partícula de realce, que normalmente vem associada ao verbo **ser**. Observa-se que as palavras "Era" e "que" podem ser retiradas da oração sem prejuízo gramatical ou semântico: **Eu as acompanhava a toda a parte...** Vejam-se outros exemplos dessa partícula de realce (ou expletiva): *Nós é que não vamos falar*

Acesse www.baixarveloz.net

com o chefe; É ela que vai nos dar a notícia. A partícula de realce não introduz nenhum tipo de oração. Logo, as orações destacadas no enunciado da questão não exercem a mesma função.

23. **ERRADO.** Em primeiro lugar, porque não preservaria o sentido original. Nota-se que são duas sugestões. O conectivo **cujo** introduz orações subordinadas adjetivas e expressa ideia de posse. Porém, não faz o menor sentido unir as duas orações com essa ideia. Em segundo lugar, o pronome relativo "cujo" foi empregado de maneira incorreta. Ele deve estabelecer nexo entre dois substantivos. Na questão, estaria ligando "alunos" e "clima de respeito", mas isso não tem lógica (é incoerente) contextualmente, pois não há relação de posse entre tais expressões. Subentende-se que "clima de respeito" foi empregado de forma genérica, indefinida, e não no sentido de que "o clima de respeito" fosse "dos alunos". Além disso, a preposição "com" não é exigida por nenhum termo, contextualmente.

24. **ERRADO.** Sabe-se que os pronomes relativos introduzem orações subordinadas adjetivas. Tais orações podem, semanticamente, expressar ideia de restrição ou explicação. Sendo explicativa, a oração deve vir separada por vírgula ou travessão. Note-se que não há nenhum desses sinais de pontuação no início da oração adjetiva "que fossem frequentadas principalmente por mulheres". Logo, a oração não tem valor explicativo, e sim restritivo.

25. **CERTO.** Pronomes relativos introduzem orações subordinadas adjetivas. Tais orações podem, semanticamente, expressar ideia de restrição ou explicação. Sendo explicativa, a oração deve vir separada por vírgula ou travessão. Caso contrário, a oração será restritiva. É o que ocorre no período. A oração "que despejam sobre a cidade toneladas de partículas e gases tóxicos" de fato restringe o sentido do substantivo "chaminés". Classifica-se, portanto, como oração subordinada adjetiva restritiva.

26. **CERTO.** O vocábulo "onde" é, contextualmente, um pronome relativo (palavra que substitui um termo substantivo da oração anterior, exerce a função que tal termo exerceria, além de introduzir uma oração subordinada adjetiva). Como tal pronome no contexto é antecedido por uma vírgula, possui caráter explicativo. A oração que ele introduz se classifica, consequentemente, como oração subordinada adjetiva explicativa. Ela explica o termo "Xapuri". Observe-se que dificilmente um substantivo

Acesse www.baixarveloz.net

próprio aceitará que um termo lhe restrinja o sentido, uma vez que a restrição é inerente a ele. Ou seja, o substantivo próprio já possui um caráter particularizante, que o diferencia dos substantivos comuns. Portanto, majoritariamente, as orações adjetivas que se refiram a substantivos próprios terão caráter explicativo, esclarecedor.

27. CERTO. A oração "para ver se alguma sirigaita andava por lá" classifica-se contextualmente como oração subordinada adverbial final. Portanto, expressa ideia de finalidade. Deve-se ressaltar que "para" não é uma conjunção. As orações geralmente são introduzidas por conjunção, e não preposição. Quando isso ocorre, a oração subordinada recebe, além da classificação habitual, a denominação de **reduzida de infinitivo, de gerúndio** ou **de particípio**. No caso, a oração em destaque receberá o nome de oração subordinada adverbial final reduzida de infinitivo.

28. CERTO. Compare-se esta questão com a anterior. Veja-se que a ideia de finalidade está presente nos dois períodos. Na questão anterior, a oração é introduzida apenas por "para" (preposição); já nesta questão, a oração "para que o Programa de Acessibilidade para Transportes Coletivos e de Passageiros seja eficaz" é introduzido pela locução conjuntiva "para que", que introduz ideia de finalidade. Locuções são conjuntos de palavras (geralmente introduzidas por preposição) que têm valor de uma só. Locuções conjuntivas, portanto, têm valor de uma só conjunção. Observe-se que em "para que" o segundo elemento é uma conjunção. As orações subordinadas que são introduzidas por conjunção ou locução conjuntiva recebem a denominação de **desenvolvidas**.

29. ERRADO. Sintaticamente, a substituição de "que não possamos" por **não podendo** seria possível: ocorreria a transformação de uma oração desenvolvida numa reduzida. Entretanto, a relação entre os argumentos do trecho sofreria um prejuízo semântico: a ambiguidade e a incoerência. Veja-se que no trecho "'... Mesmo que não possamos **olhar** de um curso único para a história, os projetos humanos têm um assentamento inicial que já permite abrir o presente para a construção de futuros possíveis", o sujeito da locução verbal destacada está implícito: **nós**. Entretanto, se tal oração fosse modificada para **Mesmo não podendo**, a forma verbal passaria a ter como sujeito a expressão "os projetos humanos". A ideia resultante seria a seguinte: "**Mesmo não podendo olhar de um curso único para a história, os projetos humanos têm um assentamento inicial..."**. Isso seria incoerente no contexto.

Acesse www.baixarveloz.net

30. **CERTO.** A substituição não traria prejuízo gramatical nem semântico. Haveria apenas a substituição de uma oração subordinada desenvolvida por uma reduzida de infinitivo. Observe-se que "para que uma pessoa não seja" classifica-se como oração subordinada adverbial final **desenvolvida** (este último termo é dispensável). Já a oração **para uma pessoa não ser** classificar-se-ia como oração subordinada adverbial final reduzida de infinitivo. Mas o sentido e a função sintática seriam os mesmos.

Acesse www.baixarveloz.net

Acesse www.baixarveloz.net

Pontuação

Capítulo 7

"Segundo a observação de H. von Stein, ao ouvir a palavra "natureza", o homem dos séculos XVII e XVIII pensa imediatamente no firmamento; o do século XIX pensa em uma paisagem."

1. No final do texto, em "o do século XIX pensa em uma paisagem", as relações sintáticas do trecho permitem a colocação de uma vírgula entre "o do século XIX" e "pensa".

"Estas indagações, possivelmente existentes desde que o homem começou a pensar, têm ocupado o tempo e o esforço de elaboração dos filósofos ao longo dos séculos."

2. Mantêm-se a correção gramatical e a coerência textual caso seja retirada a vírgula logo após o termo "indagações" (ℓ.1).

"As consequências mais imediatas – e moderadas – de encher os pulmões todos os dias com o ar das metrópoles são logo sentidas: entupimento das vias aéreas, mal-estar, crises de asma, irritação dos olhos."

3. Nas linhas 3 e 4, as vírgulas utilizadas no interior do período que termina na palavra "olhos" têm a função de separar elementos de mesma função gramatical componentes de uma enumeração.

"Eu tinha todas as outras liberdades, preso no porão – de pensar, de xingar meus captores, de ter uma religião (caso quisesse uma), de escolher minhas convicções políticas."

SINTAGMA

Acesse www.baixarveloz.net

4. No trecho "de pensar, de xingar meus captores, de ter uma religião (caso quisesse uma), de escolher minhas convicções políticas" (ℓ.1-3), a vírgula é empregada para separar termos que exercem a mesma função sintática.

> "Toda empresa tem uma cultura, uma personalidade, uma cara. Essa cultura acaba impressa nas pessoas que trabalham ali."

5. Nos termos enumerados na linha 1, a substituição da vírgula colocada antes de "uma cara" pela conjunção **e** preservaria a correção gramatical do texto, mas enfraqueceria a indicação semântica de que se trata de termos praticamente sinônimos.

> "O DNA Paulistano, série de pesquisas realizadas, no ano passado, pelo Datafolha, revelou fatias surpreendentemente elevadas de pessoas que, nas diversas regiões da cidade, costumam caminhar até o trabalho"

6. De acordo com a gramática normativa da língua portuguesa, o emprego da vírgula no primeiro período do texto não tem justificativa gramatical.

> "No ano passado, a produção industrial cresceu 6%, enquanto o emprego aumentou 2,2% e o total de horas pagas pela indústria aumentou 1,8%."

7. O emprego da vírgula logo após "passado" (ℓ.1) justifica-se por isolar o adjunto adverbial de tempo anteposto à oração principal.

> 1 "Entretanto, pode-se constatar que, até dentro de uma mesma nação, os benefícios do processo não são distribuídos de maneira mais ou menos equitativa. Em certos casos, essa distribuição torna-se mesmo bastante injusta, com uma grande acumulação de benefícios
> 5 para pequenos setores sociais, em detrimento da grande maioria da população."

8. O emprego das vírgulas no último período sintático do texto mostra que a circunstância expressa por "com uma grande acumulação de benefícios para pequenos setores sociais" (ℓ.4-5) pode ser deslocada tanto para antes de "essa distribuição" (ℓ.3) quanto para depois de "população" (ℓ.6), sem prejudicar a coerência entre os argumentos.

Acesse www.baixarveloz.net

"Um dos grandes problemas no Brasil, além da impunidade e da corrupção endêmicas, é a má distribuição de renda, situação em que muitos têm pouco e poucos têm muito."

9. As duas primeiras vírgulas do período isolam o aposto, ou seja, um termo que explica uma palavra ou expressão já mencionada.

"Fruto de um longo debate, seu maior objetivo, segundo o ministro do trabalho, Carlos Lupi, era: "Proporcionar a milhões de jovens estudantes brasileiros os instrumentos que facilitem sua passagem do ambiente escolar para o mundo do trabalho".

10. A expressão "Carlos Lupi" (ℓ.2) está entre vírgulas por tratar-se de aposto explicativo.

"Meu tio José Ribeiro, pai destas primas, foi o único, de cinco irmãos, que lá ficou lavrando a terra e figurando na política do lugar."

11. No trecho "Meu tio José Ribeiro, pai destas primas, foi o único, de cinco irmãos" (ℓ.1), "pai destas primas" é uma oração explicativa e, por isso, está separada por vírgulas.

1 "Não surpreende que, como mostraram o físico Roberto Nicolsky e o engenheiro André Korottchenko de Oliveira, em artigo publicado recentemente, o Brasil venha caindo na classificação dos países que mais registram patentes no escritório norte-americano que cuida do
5 assunto, o USPTO (sigla do nome em inglês)."

12. Na linha 5, logo após a palavra "assunto", a vírgula foi empregada para isolar o vocativo subsequente.

1 "As empresas ficaram mais eficientes e estão repartindo os ganhos com o trabalhador, e isso é muito bom, porque o aumento da renda alimenta a expansão da demanda doméstica", diz o assessor do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial, Júlio Sérgio Gomes de
5 Almeida."

13. O emprego da vírgula logo após "Industrial" (ℓ.4) deve-se à necessidade de se isolar o vocativo subsequente.

Acesse www.baixarveloz.net

"Há, no entanto, um preconceito que parece ser mais resistente do que os outros, o linguístico."

14. A vírgula antes do termo "o linguístico" (ℓ.2) tem a função de marcar um verbo subentendido; mesmo papel que desempenha no seguinte exemplo: **A formiga é trabalhadora; a cigarra, cantora.**

1 "Tempo, espaço e matéria são, pois, ideias que penetram o nosso conhecimento das coisas, desde o mais primitivo, e que evoluíram por meio das especulações filosóficas até as modernas investigações científicas, que as integraram em um nível mais profundo de síntese,
5 uma unificação que levou milênios para ser atingida."

15. Na linha 1, caso se deslocasse a conjunção "pois" para o início da oração, a coerência da argumentação seria preservada, desde que fossem retiradas as duas vírgulas que isolam essa palavra e que se fizessem os necessários ajustes nas letras maiúsculas e minúsculas.

"É fato que, em alguns momentos da crise iniciada em julho, marcada pela queda de liquidez dos bancos, ocorreram episódios de exigência de taxas melhores por parte de investidores, mas em nenhum momento aconteceu uma piora no perfil da dívida brasileira."

16. A vírgula logo após "investidores" (ℓ.3) é utilizada para separar orações coordenadas.

"As estradas da Grã-Bretanha tinham sido construídas pelos romanos, e os sulcos foram escavados por carruagens romanas."

17. A vírgula que precede a conjunção "e" (ℓ.2) indica que esta liga duas orações de sujeitos diferentes; mas a retirada desse sinal de pontuação preservaria a correção e a coerência textual.

1 "Os dois relatórios específicos de acompanhamentos elaborados pela ANS e submetidos à apreciação da Comissão foram o 1.º Relatório Semestral do Contrato de Gestão 2006/2007, de julho de 2007, e o Relatório Final do Contrato de Gestão 2006/2007, de março de 2008.

Acesse www.baixarveloz.net

5 O primeiro atua como marco inicial do processo de acompanhamento, e o segundo, como o marco final do estágio de acompanhamento sob responsabilidade da ANS."

18. Na linha 2, o emprego de vírgulas – uma antes de "e" e outra após "segundo" – justifica-se, de acordo com as normas de pontuação da língua portuguesa, respectivamente, pelo fato de as orações apresentarem o mesmo sujeito – "Relatório" – e pela ocorrência de uma exemplificação, introduzida por "como".

"Vivia envolvido com "sirigaitas", como minha mãe as chamava, e com fracassos comerciais crônicos."

19. No trecho "Vivia envolvido com 'sirigaitas', como minha mãe as chamava, e com fracassos comerciais crônicos" (ℓ.1-2), é facultativo o emprego da vírgula antes da conjunção coordenada "e".

"Mas basta percorrer essa e outras áreas do centro – onde, compreensivelmente, mais se caminha – para notar o estado precário das calçadas e as constantes irregularidades."

20. A substituição de travessões por vírgulas, nas linhas 1 e 2, manteria a correção gramatical do período e suas informações originais.

1 "O Brasil obteve o reconhecimento internacional do Programa Brasileiro de Certificação de Manejo de Florestas (CERFLOR) durante a 19.ª Reunião Plenária *do Program for the Endorsement of Forest Certification* (PEFC), maior fórum de programas nacionais
5 de certificação de manejo florestal."

21. Na linha 4, o emprego de vírgula após "(PEFC)" justifica-se por isolar expressão apositiva subsequente.

1 "Enquanto outros países em desenvolvimento, como China, Índia e Coréia, investem na formação de pesquisadores e se transformam em produtores de conhecimentos que dinamizam suas economias, o Brasil não consegue eliminar o fosso que separa as instituições de
5 pesquisa das empresas privadas, nem aumentar o volume de investimentos em pesquisa e desenvolvimento."

Acesse www.baixarveloz.net

22. O segmento "que dinamizam suas economias" (ℓ.3) constitui oração subordinada adjetiva restritiva e, por isso, não vem precedido de vírgula.

"Em três períodos, ela foi atrelada a diferentes paradigmas de inserção internacional: o conservador do século XIX, que se estendeu até os anos 30 do século seguinte; o do Estado desenvolvimentista, que vigorou desde então até 1989; e o novo paradigma de inserção liberal em formação nos anos noventa."

23. As orações "que se estendeu até os anos 30 do século seguinte" (ℓ.2-3) e "que vigorou desde então até 1989" (ℓ.3-4) estão antecedidas por vírgulas porque são subordinadas adjetivas restritivas.

"Mantido por contribuições das empresas associadas, o CIEE lançou o Guia Prático para Entender a Nova Lei do Estágio, com respostas a mais de 30 perguntas acerca das mudanças e normas mais importantes."

24. Após a palavra "associadas" (ℓ.1), a vírgula é obrigatória.

"A partir da década de 70, políticas ativas de promoção de exportação, apoiadas em incentivos fiscais e creditícios, juntaram-se a esse elenco de instrumentos."

25. O segmento "apoiadas em incentivos fiscais e creditícios" (ℓ.2) está entre vírgulas porque é uma oração reduzida de particípio e tem natureza restritiva.

Penetra surdamente no reino das palavras.
Lá estão os poemas que esperam ser escritos.
Estão paralisados, mas não há desespero, há calma e frescura na superfície intata.
Ei-los sós e mudos, em estado de dicionário.
Convive com teus poemas, antes de escrevê-los.
Tem paciência, se obscuros. Calma, se te provocam.
Espera que cada um se realize e consume com seu poder de palavra o seu poder de silêncio.
Não forces o poema a desprender-se do limbo.

Acesse www.baixarveloz.net

Não colhas no chão o poema que se perdeu.
Não adules o poema. Aceita-o como ele aceitará sua forma definitiva e concentrada no espaço.

26. Se o poeta tivesse resolvido colocar uma vírgula logo após "chão", em "Não colhas no chão o poema que se perdeu" (v.11), o trecho continuaria correto e sem alterações de cunho semântico, porque essa vírgula seria apenas enfática.

"No caso do IGF2, quando ele deixa de ser silenciado, o potente fator de crescimento que ele sintetiza pode ficar mais disponível no organismo."

27. Na linha 1, a oração adverbial "quando ele deixa de ser silenciado" está isolada por vírgulas devido ao fato de ter sido deslocada de sua posição na ordem direta.

"O alívio dos que, tendo a intenção de viver irregularmente na Espanha, conseguem passar pelo controle de imigração do Aeroporto Internacional de Barajas não dura muito tempo."

28. As vírgulas das linhas 1 e 2 justificam-se por isolar oração reduzida de gerúndio intercalada na principal.

"... Não se podendo repetir a relação sujeito-objeto, é forçoso afirmar que seria impossível a reprodução exata de qualquer situação de pesquisa, o que ressalta a importância da descrição do fenômeno e o caráter vivo dos postulados teóricos."

29. Logo após "pesquisa" (ℓ.2), estaria gramaticalmente correto e coerente com o desenvolvimento das ideias do texto o emprego do travessão simples no lugar da vírgula.

"Por muitos anos, pensávamos compreender o que era interpretado, o que era uma interpretação; inquietávamo-nos, eventualmente, a propósito de uma dificuldade em particular, ocorrida no trabalho de interpretação."

Acesse www.baixarveloz.net

30. A substituição das duas vírgulas que demarcam a explicação "a propósito de uma dificuldade em particular" (ℓ.2-3) pelo duplo travessão preservaria a correção gramatical e a coerência textual.

> "Atualmente, não temos certeza, já não estamos tão certos. O conflito de ideologias fez com que indagássemos sobre o que quer dizer uma interpretação e duvidássemos sobre o que estávamos fazendo ou teríamos de fazer."

31. Respeita-se a relação entre as ideias do texto e mantém-se sua correção gramatical com a substituição do ponto depois de "certos" (ℓ.1) pelo sinal de dois pontos, fazendo os necessários ajustes na inicial maiúscula.

> 1 "Por isso, temos de conscientizar-nos de que a superação de conflitos éticos é dinâmica e envolve uma ampla interação de necessidades, obrigações e interesses dos vários envolvidos: o governo, por ser o agente protetor, regulador, financiador e comprador maior; a indústria
> 5 e os fornecedores, que exercem grande pressão inflacionária para a incorporação de seus produtos ou bens; as instituições e os profissionais de saúde, que pressionam pela atualização da sua capacidade instalada, variedade de oferta de serviços e atualização tecnocientífica."

32. O uso da pontuação preserva a hierarquia entre as ideias do texto, depois de "envolvidos" (ℓ.3), porque os termos da enumeração são marcados pelo sinal de ponto e vírgula (ℓ.4), enquanto as vírgulas marcam explicações no interior desses termos.

> 1 "A terra era grave como a íbis pousada numa só pata, pensativa como a esfinge, circunspecta como as múmias, dura como as pirâmides; não tinha tempo nem maneira de rir."
> (....)
> 5 "— Temos coisa melhor do que esses tratados, interrompia Stroibus. Trago uma doutrina, que, em pouco, vai dominar o universo; cuido nada menos que em reconstituir os homens e os Estados, distribuindo os talentos e as virtudes.

33. Tanto na linha 2 quanto na 5, a substituição do ponto e vírgula por dois pontos manteria a correção gramatical e o sentido original dos respectivos períodos.

Acesse www.baixarveloz.net

1 Entre os novos tipos de profissional que hoje mais despertam interesse nas empresas estão também: o arquiteto da informação, responsável por organizar o conteúdo dos sítios para que as pessoas encontrem as informações com facilidade e façam suas compras na rede sem que
5 esse seja um processo demorado demais; o cientista do exercício, que elabora um plano completo de prevenção de doenças, no qual se incluem programas de condicionamento físico, para clientes de planos de saúde e para empregados de empresas; o gerente de diversidade, que, em um setor de recursos humanos, é quem tem uma visão
10 mais panorâmica do quadro de empregados, diagnosticando profissionais que faltam às empresas; e o farmacoeconomista, cuja função é analisar a viabilidade econômica de um remédio, incluindo-se a demanda existente e a relação custo-benefício.

34. Os sinais de ponto e vírgula são empregados, nas linhas 5, 8 e 11, para separar os termos de uma enumeração, os quais são modificados por expressões ou orações separadas por vírgulas.

"Obcecados por conveniência, velocidade e modismos, somos presas fáceis para marcas que promovem a obsolescência prematura de seus produtos."

35. Preservam-se a coerência da argumentação bem como a correção gramatical do texto ao se substituir a vírgula logo depois de "modismos" (ℓ.1) por ponto e vírgula.

1 "A esfera da ciência pode parecer hostil às metáforas. Afinal de contas, a ciência ocupar-se-ia da busca e da representação do conhecimento, o que, para muitos, só pode ser literal: um remédio ou um tratamento médico são coisas concretas que podem ser vistas ou ingeridas; uma
5 ponte é uma construção de verdade, do mundo real; do mesmo modo, muitos outros avanços científicos são coisas concretas que afetam diretamente a vida das pessoas."

36. A substituição do sinal de ponto e vírgula depois de "ingeridas" (ℓ.4) e de "real" (ℓ.4) por vírgulas preservaria as regras de pontuação e a coerência, a clareza e a objetividade do texto.

SINTAGMA

Acesse www.baixarveloz.net

"O recado é claro. As pessoas querem deixar de usar o carro e levar uma vida mais saudável, mas é preciso que as autoridades se comprometam a estimular a prática do ciclismo e outros transportes alternativos."

37. Na linha 1, a oração "O recado é claro" poderia ser seguida por dois pontos, em vez do ponto-final, procedendo-se à devida alteração da letra maiúscula de "As". Nesse caso, se respeitariam as regras de pontuação, visto que o trecho subsequente é um esclarecimento, uma explicação.

"As consequências mais imediatas – e moderadas – de encher os pulmões todos os dias com o ar das metrópoles são logo sentidas: entupimento das vias aéreas, mal-estar, crises de asma, irritação dos olhos."

38. O emprego de dois pontos após "sentidas" (ℓ.2) é necessário porque o segmento de texto que imediatamente segue esse sinal de pontuação é uma citação.

1 "Em três períodos, ela foi atrelada a diferentes paradigmas de inserção internacional: o conservador do século XIX, que se estendeu até os anos 30 do século seguinte; o do Estado desenvolvimentista, que vigorou desde então até 1989; e o novo paradigma de inserção liberal
5 em formação nos anos noventa."

39. O sinal de dois pontos, na linha 2, justifica-se porque o segmento subsequente é composto por uma enumeração de itens de função sintática equivalente.

"O acompanhamento da ANS compreendeu três ações: a coleta de informações junto às unidades executoras das metas, o tratamento, compatibilização, crítica e consolidação das informações levantadas e a elaboração de relatórios específicos de acompanhamento."

40. Na enumeração introduzida pelos dois pontos empregados na linha 1, estariam de acordo com as normas gramaticais as seguintes alterações quanto ao emprego do artigo e da pontuação: a coleta de informações junto às unidades executoras das metas; o tratamento, a compatibilização, a crítica e a consolidação das informações levantadas; e a elaboração de relatórios específicos de acompanhamento.

Acesse www.baixarveloz.net

"Se a cidade moderna era a libertação do homem, ela tirava sua singularidade; desiguais em suas características, viraram miseravelmente iguais no aglomerado urbano, vulneráveis, segregados, enfim, menos do que homens: macacos."

41. Provoca erro gramatical ou incoerência entre os argumentos do texto a substituição do sinal de dois pontos logo após "homens" (ℓ.4) por travessão simples.

"A prática constitui uma ética empresarial, voltada para o público interno e externo, e trata-se de uma cartilha moral", conceitua o diretor-executivo do portal www.responsabilidadesocial.com. O empresário R. M. aderiu à ideia. Implantou na sua mercearia a opção de sacola de algodão como alternativa ao saco de plástico. Na gráfica XYZ, as ideias viraram projeto de logomarca**:** "Por um mundo melhor".

42. Na linha 6, o sinal de dois pontos e as aspas deixam subentender a fala do mesmo autor da fala marcada anteriormente, nas linhas 1 e 2.

"Quando alguém percebe que um vocabulário/discurso está interferindo em outro e inventa um novo, para substituir os dois, está contribuindo para as conquistas revolucionárias em qualquer campo da produção humana: nas artes, na ciência, no pensamento moral e político."

43. A função exercida pelo termo "para substituir os dois" (ℓ.2) permite que as vírgulas que o delimitam sejam substituídas por duplo travessão ou por sinal de parênteses, sem que isso resulte em prejuízo à coerência textual ou à correção gramatical.

"Essas perguntas estão na raiz do que se pode chamar de pauta de vanguarda do Supremo Tribunal Federal – ou seja, expressam o conteúdo das futuras polêmicas que a Corte terá de resolver."

44. Na linha 2, o travessão poderia ser substituído por vírgula, sem prejuízo para a correção gramatical do período.

Acesse www.baixarveloz.net

1 "A executiva norte-americana Nancy Tennant, responsável pela transformação da Whirlpool – o maior fabricante de utilidades domésticas dos EUA – em um pólo de inovação permanente, esteve no Brasil e falou sobre os desafios de incorporar a inovação ao dia-a-dia dos
5 negócios."

45. Os travessões empregados no texto isolam comentário pessoal do autor em relação aos fatos descritos.

1 "Seu filho nunca vai se focar em nada", vaticinou a professora de uma escola primária de Baltimore, nos EUA, à mãe do menino, Debbie Phelps. Michael Phelps era um menino orelhudo que sofria de transtorno de deficit de atenção com hiperatividade. Não parava
5 quieto nas aulas.Passava o tempo provocando os coleguinhas. Só se interessava por lacrosse – um exótico esporte praticado nos EUA e no Canadá, uma espécie de basquete com redes de caçar borboletas – e pela página de esportes do Baltimore Sun, o jornal local."

46. No texto, os travessões foram empregados para traduzir literalmente uma palavra de origem estrangeira.

"Esse papel é pesado. Por isso, quando entra ele em crise – quando minha liberdade de escolher amorosa ou política ou profissionalmente resulta em sofrimento –, posso aliviar-me procurando uma solução que substitua meu papel de sujeito pelo de objeto."

47. O deslocamento do travessão na linha 3 para logo depois de "profissionalmente" (ℓ.2-3) preservaria a correção gramatical do texto e a coerência da argumentação, com a vantagem de não acumular dois sinais de pontuação juntos.

"Eles aprendem pela prática – caçando com caçadores experientes, por exemplo –, pelo tirocínio, que constitui um tipo de aprendizado; aprendem ouvindo, repetindo o que ouvem, dominando profundamente provérbios e modos de combiná-los e recombiná-los,"

48. As regras de pontuação da língua portuguesa são respeitadas tanto substituindo-se os travessões, na linha 1-2, por parênteses, como substituindo-se o primeiro deles por vírgula e eliminando-se o segundo.

Acesse www.baixarveloz.net

> "Segundo o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, "cidadania é a qualidade ou estado do cidadão". Entende-se por cidadão "o indivíduo no gozo dos direitos civis e políticos de um estado, ou no desempenho de seus deveres para com este"."

49. As aspas, no período acima, indicam o emprego de expressões fora do seu sentido usual.

> "O autor de Ensaio sobre a Cegueira e O Evangelho Segundo Jesus Cristo decidiu criar "um espaço para comentários, reflexões, simples opiniões sobre isto ou aquilo, o que vier a talhe de foice".

50. Subentende-se do desenvolvimento das ideias do texto que o trecho entre aspas, nas linhas 2 e 3, é uma citação de palavras de José Saramago.

Acesse www.baixarveloz.net

COMENTÁRIOS

Pontuação

1. **ERRADO.** Um princípio básico de pontuação é que não se separam os termos de uma sequência natural: SUJEITO + VERBO + COMPLEMENTO. Se fosse inserida uma vírgula após o termo "século XIX" no trecho "o do século XIX pensa em uma paisagem", essa vírgula separaria o sujeito do verbo. Portanto, a questão está incorreta.

2. **ERRADO.** Observem-se os termos destacados em "Estas indagações, possivelmente existentes desde que o homem começou a pensar, têm ocupado...". Tem-se, respectivamente, o sujeito e o verbo. Entre eles, há um termo intercalado de valor explicativo. Retirando-se a primeira vírgula, como sugerido pela banca, haveria um erro gramatical. A gramática diz que um termo pode ser intercalado (duas vírgulas, dois travessões ou dois parênteses) entre o sujeito e o verbo. Duas vírgulas intercalam; uma vírgula separa. Logo, se se retirasse a vírgula, haveria a separação entre termos de sequência natural – sujeito e verbo – e isso configuraria erro gramatical.

3. **CERTO.** Sabe-se que os itens de uma enumeração devem ser separados por vírgulas. Note-se que tais termos exercerão a mesma função sintática e pertencerão à mesma classe gramatical.

4. **CERTO.** Os componentes de uma enumeração devem ser separados por vírgulas. Logo, a questão está correta. Há que se fazer uma ressalva, porém: não se trata, no contexto, da separação de termos, e sim da separação de orações.

5. **CERTO.** Observe-se que a vírgula foi utilizada no contexto para separar os termos de uma enumeração. Observe-se, entretanto, que tais termos têm praticamente o mesmo significado no contexto. Caso introduzíssemos a conjunção "e" imediatamente antes do último termo, passaríamos a interpretação de que se trata de termos diferentes. Logo, semanticamente haveria alteração e enfraqueceria, sim, essa noção de que os termos estão no mesmo campo significativo. Observe-se que, ao usar sinônimos numa enumeração, o autor busca promover ênfase.

Acesse www.baixarveloz.net

6. **ERRADO.** Vejam-se as justificativas para o emprego das vírgulas:
   a. as vírgulas que intercalam a expressão "série de pesquisas realizadas, no ano passado, pelo Datafolha," justificam-se por se tratar de um aposto explicativo;
   b. as vírgulas após "realizadas" e "passado" justificam-se por se tratar de um adjunto adverbial deslocado;
   c. as vírgulas após "que" e antes de "cidade" também se justificam por se tratar de um adjunto adverbial de grande extensão, deslocado de sua posição original.

7. **CERTO.** De fato, a expressão "No ano passado" funciona sintaticamente como adjunto adverbial. Por estar deslocado, recebe a vírgula.

8. **ERRADO.** Observe que a expressão "com uma grande acumulação de pequenos benefícios para pequenos setores sociais" funciona, contextualmente, como adjunto adverbial. Sabe-se que o adjunto adverbial possui bastante mobilidade dentro do período, ou seja, pode estar em diversas posições na oração. Entretanto, a facilidade de se deslocar não pressupõe que as relações semânticas – o sentido – sejam preservadas. Veja que a primeira proposta de deslocamento não provocaria incoerência, mas a segunda, sim. Se transpusermos o termo citado para depois de "população", o texto se tornará incoerente, uma vez que tal expressão parecerá funcionar como qualificador do termo "população".

9. **ERRADO.** A expressão "além da impunidade e da corrupção endêmicas" não explica "Um dos grandes problemas do Brasil", é apenas uma informação adicional, o que não configura um aposto. Não há relação de equivalência. Tal expressão está entre vírgulas por estar intercalada. Sabe-se que uma vírgula separa e duas intercalam. Veja-se que, com a retirada da expressão entre vírgulas, teríamos a seguinte reescrita: "Um dos grandes problemas do Brasil é a má distribuição de renda...". Portanto, questão errada por não se tratar de aposto.

10. **CERTO.** O aposto associa-se a um nome, geralmente vem separado por sinais de pontuação e raramente está preposicionado. Há, principalmente, quatro tipos de aposto: explicativo, enumerativo, nominativo e resumitivo. No texto, percebe-se uma relação de equivalência, de explicação entre os termos "ministro do trabalho" e "Carlos Lupi". Portanto, o termo "Carlos Lupi" é realmente um aposto explicativo.

Acesse www.baixarveloz.net

11. **ERRADO.** Sabe-se que oração é um enunciado que contém verbo. No trecho "pai destas primas", não há verbo. Tal expressão, por ser uma explicação e por estabelecer uma relação de equivalência com o termo "Meu tio José Ribeiro", classifica-se como aposto explicativo.

12. **ERRADO.** Vocativo é o termo utilizado para se chamar algo ou alguém. A expressão "o USPTO" não é um vocativo e sim um aposto – termo de natureza explicativa que equivale a outro termo substantivo da oração. Observe-se que tal expressão (USPTO) indica a sigla, o nome do "escritório americano que cuida do assunto".

13. **ERRADO.** Vocativo é o termo utilizado para se chamar algo ou alguém. A expressão "Júlio Sérgio Gomes de Almeida" não é um vocativo e sim um aposto – termo de natureza explicativa que equivale a outro termo substantivo da oração. Observe-se que tal expressão EQUIVALE ao termo antecedente "assessor do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial".

14. **ERRADO.** No trecho "Há um preconceito que parece ser mais resistente do que os outros, **o linguístico**", o termo destacado classifica-se sintaticamente como aposto – termo de natureza explicativa que equivale a outro termo substantivo da oração. A vírgula, portanto, introduz um aposto. É de se notar que o termo **preconceito** ficou subentendido. Mas a questão está errada por afirmar que "um verbo" ficou elíptico e que essa seria a justificativa para o uso da vírgula, como na frase "**A formiga é trabalhadora; a cigarra (é) cantora".**

15. **ERRADO.** Sabe-se que o conectivo **pois** expressa valor conclusivo quando deslocado na oração (intercalado ou no final), equivalendo a **portanto**. Caso fosse transposto para o início da oração (seu lugar normal), adquiriria o valor semântico de causa ou explicação e equivaleria a **porque**. Ora, explicação e conclusão são ideias totalmente diversas. Note-se que tal mudança prejudicaria a coerência da argumentação (a lógica textual), uma vez que alteraria profundamente relação semântica entre este e o parágrafo anterior. Veja-se uma comparação:

    Estou doente, *portanto* não irei à escola. (valor conclusivo).
    Estou doente, *pois* não irei à escola (valor explicativo, causal).

Acesse www.baixarveloz.net

16. CERTO. Observe-se que o conectivo (conjunção) "mas" introduz uma oração coordenada sindética adversativa, assim como **porém, entretanto, contudo**. A Gramática afirma que as orações coordenadas devem ser separadas por vírgula ou ponto e vírgula.

17. CERTO. Note-se que a vírgula antes da conjunção **e** dificilmente seria obrigatória. A gramática elenca quatro situações em que se pode usar a vírgula antes de tal conectivo:

a. Para separar orações coordenadas com sujeitos diferentes;

b. Para separar orações em que o conectivo **e** tenha valor adversativo;

c. Para separar o polissíndeto (repetição reiterada e estilística de um conectivo);

d. Para se dar ênfase ao último termo ou à última oração de uma série enumerativa.

Nesta questão, observa-se que cabe a primeira justificativa, sim. Observe-se ainda que a retirada desse sinal de pontuação preservaria a correção e a coerência textual.

18. ERRADO. Observando-se o comentário da questão anterior, percebe-se que a justificativa para o uso da vírgula antes da conjunção **e** não "se encaixa" em nenhum dos itens. Muito pelo contrário: vai de encontro ao que a gramática afirma em relação ao uso de vírgula para separar orações com sujeitos diferentes. Observa-se que a vírgula antes do conectivo "e", no texto, faz parte da intercalação do termo explicativo, "de julho de 2007", e que a segunda vírgula, após o termo "segundo", justifica-se por marcar a elipse de um termo; no caso, a forma verbal "atua".

19. ERRADO. Observa-se que a vírgula empregada antes do conectivo "e" não tem nenhuma relação com ele; faz parte da intercalação da oração "como minha mãe as chamava", sendo, portanto, obrigatória.

20. CERTO. Deve-se notar que o conectivo "onde" introduz uma oração subordinada adjetiva explicativa e que tais orações são obrigatoriamente separadas por vírgulas, travessões ou parênteses. No texto analisado, foram utilizados travessões. O uso das vírgulas em substituição a eles não causa prejuízo gramatical nem prejuízo para as informações do texto, apesar de implicar perda do realce sugerido pelos travessões.

Acesse www.baixarveloz.net

21. **CERTO.** De fato, a justificativa para o uso da vírgula no contexto mencionado está correta. Observa-se que a expressão "maior fórum de programas nacionais de certificação de manejo florestal" equivale sintaticamente à expressão substantiva anterior "*Program for the Endorsement of Forest Certification* (PEFC)" e a explica – o que constitui um aposto.

22. **CERTO.** O conectivo "que" no trecho "que dinamizam suas economias" é um pronome relativo. Sabe-se que tal pronome introduz orações subordinadas adjetivas. De fato, se fossem utilizadas vírgulas em tal trecho, a oração se classificaria como explicativa. Como isso não ocorreu, tem-se uma oração de caráter restritivo. Deve-se lembrar que só existem dois tipos de orações subordinadas adjetivas e que uma diferença básica entre elas é o uso de vírgula: as explicativas devem ser separadas por tal sinal de pontuação; as restritivas não.

23. **ERRADO.** As vírgulas utilizadas nas orações citadas deixam claro que se trata de orações com caráter explicativo, e não restritivo. O conectivo "que", no contexto, é um pronome relativo, conectivo que introduz orações subordinadas adjetivas. Existem dois tipos de orações subordinadas adjetivas; as restritivas e as explicativas. Uma diferença básica entre elas é o uso de vírgula: as explicativas devem ser separadas por tal sinal de pontuação; as restritivas não.

24. **CERTO.** No trecho, a oração "Mantido por contribuições das empresas associadas" classifica-se como oração subordinada adjetiva explicativa reduzida de particípio e está deslocada de sua posição original. Observe-se que a construção usual seria: **O CIEE, que é mantido por contribuições das empresas associadas, lançou o Guia Prático...** Sabe-se que tais orações devem, obrigatoriamente, ser separadas por vírgula.

25. **ERRADO.** A oração em destaque classifica-se, efetivamente, como oração subordinada adjetiva explicativa reduzida de particípio. A questão está incorreta por afirmar que tal oração tem caráter restritivo. Uma diferença básica entre as orações adjetivas é o uso de vírgula: as explicativas devem ser separadas por tal sinal de pontuação; as restritivas não. Para se notar claramente que se trata de uma oração adjetiva (e que ela está reduzida), veja-se uma sugestão de desenvolvimento do período: "A partir da década de 70, políticas ativas de promoção de exportação, que estavam apoiadas em incentivos fiscais e creditícios, juntaram-se a esse elenco de instrumentos."

Acesse www.baixarveloz.net

26. ERRADO. No trecho "Não colhas no chão o poema que se perdeu", o termo "poema que se perdeu" funciona, sintaticamente, como objeto direto da forma verbal "perdeu". Sabe-se que não se pode separar o complemento do verbo. Pelo exposto, a vírgula sugerida no enunciado, além de não ter caráter enfático, estaria totalmente incorreta.

27. CERTO. Na análise sintática de um período simples, os termos que funcionam como adjunto adverbial e que estão relacionados ao verbo devem, na ordem direta, estar pospostos ao verbo. No período composto, não é diferente: as orações adverbiais ficam, normalmente, pospostas à oração principal. Caso sejam deslocadas, a vírgula é obrigatória para demarcá-las.

28. CERTO. Aqui se nota uma questão característica do CESPE. Não é comum se encontrar na tradição gramatical regra que recomende o uso da vírgula quando uma oração estiver no gerúndio. Nota-se que, contextualmente, de fato a vírgula deve ser empregada para realçar o deslocamento de tal oração, mas não há uma regra que afirme ser o gerúndio um caso obrigatório de emprego de vírgula.

29. CERTO. Observe-se que o uso da vírgula no contexto justifica-se por introduzir uma explicação – uma oração de caráter apositivo. O travessão tem a mesma finalidade. Logo, a permuta dos dois sinais de pontuação é correta.

30. ERRADO. A primeira vírgula citada faz par com a outra vírgula que intercala o termo "eventualmente" (termo que funciona como adjunto adverbial deslocado). Sua substituição implicaria erro porque não se pode intercalar um termo com vírgula e travessão ao mesmo tempo.

31. CERTO. Observe-se que o trecho introduzido por "O conflito de ideologias..." tem, textualmente, caráter explicativo em relação ao período anterior. O uso do sinal de dois pontos teria a vantagem de tornar explícita essa relação semântica de explicação. Note-se, ainda, que o enunciado deixa clara a necessidade de ajustes na inicial maiúscula de "O conflito". Para que se veja claramente essa relação explicativa, vamos introduzir um conectivo entre tais períodos:

"Atualmente, não temos certeza, já não estamos tão certos, ***pois*** o conflito de ideologias fez com que indagássemos sobre o que quer dizer uma interpretação..."

Acesse www.baixarveloz.net

32. CERTO. O uso do ponto e vírgula objetiva marcar claramente as partes principais de um período; já a vírgula possui vários usos, dentre eles introduzir explicações. De fato, a pontuação marca a hierarquia entre os termos ou as partes de um período. As partes marcadas por ponto e vírgula são maiores e mais importantes, contextualmente, que aquelas marcadas por vírgula.

33. ERRADO. Gramaticalmente, não haveria erro na substituição. Entretanto, haveria alteração semântica. O ponto e vírgula contextualmente separa ideias complementares. Os dois pontos dariam a noção de que os termos subsequentes a ele seriam uma explicação de um termo anterior. Logo, os sentidos originais do texto não seriam preservados.

34. CERTO. Observe que o trecho citado contém uma enumeração, introduzida por dois pontos. São termos principais dessa enumeração: o "arquiteto da informação", o "cientista do exercício", o "gerente de diversidade" e o "farmacoeconomista". Cada um desses termos é seguido por uma expressão adjetiva, separada por vírgula. O ponto e vírgula demarca, claramente, as partes principais da enumeração.

35. ERRADO. A oração "Obcecados por conveniência, velocidade e modismos," classifica-se como subordinada adverbial causal reduzida de particípio. Sabe-se que as orações adverbiais deslocadas (antes ou no meio da principal) recebem vírgula obrigatoriamente. Porém, não podem ser separadas por ponto e vírgula. Esse sinal de pontuação reserva-se às orações coordenadas.

36. ERRADO. O uso do ponto e vírgula objetiva marcar claramente as partes principais de um período; já a vírgula possui vários usos. A substituição do sinal de ponto e vírgula por vírgula no trecho citado causaria truncamento sintático, ambiguidade, falta de clareza e falta de objetividade. Não ficariam delimitadas, por exemplo, as orações componentes da enumeração. A expressão "do mesmo modo" poderia ser interpretada como mais um item da enumeração presente em "uma ponte é uma construção de verdade, do mundo real", o que seria uma imensa incoerência.

37. CERTO. Os dois pontos têm a finalidade de introduzir uma enumeração, uma explicação, uma citação ou um diálogo. O texto subsequente à oração "O recado é claro" é claramente uma explicação desta oração. Logo, os dois pontos estariam corretos e evidenciariam a relação explicativa entre as duas orações.

Acesse www.baixarveloz.net

38. ERRADO. Para a gramática, citação é a reprodução literal de um discurso, ou seja, é o discurso direto, e não uma enumeração. Percebe-se que o trecho "entupimento das vias aéreas, mal-estar, crises de asma, irritação dos olhos" é uma enumeração que equivale ao termo "consequências". Portanto, os dois pontos não introduzem uma citação, e sim uma enumeração.

39. CERTO. Os dois pontos têm a finalidade de introduzir uma enumeração, uma explicação, uma citação ou um diálogo. No texto, os sintagmas (expressões) **conservador do século XIX**, **o do Estado desenvolvimentista** e **o novo paradigma** fazem parte de uma enumeração que explica a expressão anterior "diferentes paradigmas". Os termos da enumeração funcionam como aposto enumerativo. Logo, é correto afirmar-se que os dois pontos introduzem uma enumeração de itens de função sintática equivalente.

40. CERTO. Além de estar gramaticalmente corretas, as alterações imprimiriam mais clareza ao texto. O uso do artigo antes de cada um dos termos da expressão "a coleta de informações junto às unidades executoras das metas; o tratamento, a compatibilização, a crítica e a consolidação das informações levantadas" construiria um paralelismo sintático entre termos (um padrão para componentes de uma enumeração). O uso do ponto e vírgula demarcaria claramente as partes principais do período.

41. ERRADO. O travessão, assim como os dois pontos, pode ser usado para introduzir explicações ou enumerações. Logo, a permuta de um por outro, no contexto, não causaria erro gramatical.

42. ERRADO. Os dois pontos e as aspas não evidenciam que a fala é do mesmo locutor que inicia o trecho. Pelo contrário, fica claro que os dois pontos introduzem uma explicação para a expressão "projeto de logomarca". E as aspas servem para realçar a expressão "Por um mundo melhor".

43. CERTO. No contexto, a oração "para substituir os dois" classifica-se como subordinada adverbial final. Por estar deslocada, recebe as vírgulas. O uso de travessões conferiria a essa oração um caráter de comentário adicional, explicação, adendo. Isso não implicaria erro gramatical nem prejuízo para a coerência textual (lógica do texto).

44. CERTO. Sabe-se que o travessão tem a função de introduzir uma explicação. No contexto, introduz uma explicação para o trecho "Essas perguntas estão na raiz do que se pode chamar de pauta de vanguarda do Supremo

Acesse www.baixarveloz.net

Tribunal Federal". Observe-se que o uso de travessão não teve por objetivo intercalar a expressão "ou seja", e sim introduzir todo o trecho subsequente. A substituição desse travessão por vírgula não implicaria erro gramatical, mas enfraqueceria o realce dado à explicação. Entretanto, como a questão não mencionou este último fato, a substituição está correta.

45. ERRADO. Os travessões não foram utilizados para isolar comentário pessoal do autor em relação a fatos descritos, e sim uma explicação, para o leitor menos familiarizado com o assunto, sobre uma empresa estadunidense.

46. ERRADO. Os travessões não foram utilizados para traduzir literalmente uma palavra de origem estrangeira, e sim para explicar o significado de uma palavra. Seria uma tradução contextual, e não literal.

47. ERRADO. O deslocamento do travessão para o lugar sugerido causaria truncamento sintático – corte de partes essenciais do texto, provocando falta de entendimento, incoerência. Note-se que o uso do travessão com a vírgula não é incorreto e muitas vezes, como é o caso desta questão, é obrigatório (a vírgula está separando uma oração subordinada adverbial temporal deslocada). Além disso, o travessão separaria o núcleo do sujeito "liberdade" da forma verbal "resulta" – o que configuraria um erro de pontuação.

48. CERTO. Observe-se que os travessões duplos e os parênteses têm a função de intercalar termos explicativos. As vírgulas, entre várias finalidades, também acumulam essa função. Logo, a substituição desses sinais, contextualmente, não implicaria erro gramatical. Portanto, gramaticalmente a questão está certa. Entretanto, observa-se que a substituição por vírgulas enfraqueceria a noção explicativa do termo " — caçando com caçadores experientes, por exemplo —", pois faria com que tal oração fosse apenas mais um item da enumeração das "formas de aprendizagem" relacionadas no texto. Entretanto, nada se cobrou de Semântica nem de Estilística. Reiterando: questão gramaticalmente correta.

49. ERRADO. As aspas foram utilizadas para demarcar discurso direto, ou seja, a reprodução literal de uma fala, de um conceito.

50. CERTO. As aspas são usadas com as seguintes finalidades:

a. destacar o discurso direto;

b. destacar palavras estrangeiras ou neologismos;

Acesse www.baixarveloz.net

c. destacar palavras empregadas em sentido inabitual;

d. destacar ironia ou ênfase.

Note-se que, no contexto, a única justificativa plausível é a de introduzir discurso direto. Logo, aquela fala, de fato, deve ser atribuída a José Saramago.

Acesse www.baixarveloz.net

Acesse www.baixarveloz.net

Partícula Se

Capítulo 8

"Daí decorreu que as relações de interlocução e consulta entre o setor público e os agentes privados, nesse caso, exclusivamente as empresas e associações setoriais diretamente interessadas, se deram quase que exclusivamente ao longo desse eixo de articulação."

1. Em "se deram" (ℓ.3), o termo "se" indica sujeito indeterminado.

"A complexidade dos problemas desarticula-se e, precisamente por essa razão, torna-se necessária uma reordenação intelectual que nos habilite a pensar a complexidade."

2. No segundo parágrafo, as duas ocorrências do pronome **se**, em "desarticula-se" e "torna-se", marcam a impessoalidade da linguagem empregada no texto por meio da indeterminação do sujeito.

"Todavia, foi somente após a Independência que começou a se manifestar explicitamente, no Brasil, a preocupação com o isolamento das regiões do país como um obstáculo ao desenvolvimento econômico."

3. Em "se manifestar" (ℓ.1), o "se" indica sujeito indeterminado.

"As relações entre os países, para a adoção de mecanismos que permitam a efetiva cooperação jurídica, devem fundamentar-se na igualdade, e não na desconfiança mútua de violação da soberania."

4. Em "fundamentar-se" (ℓ.2), o "se" indica indeterminação do sujeito.

Acesse www.baixarveloz.net

"Como nada ainda deu certo no planeta, a internacionalização só será aceitável quando **se cumprirem** duas premissas."

5. Preservam-se a correção gramatical e a coerência da argumentação do texto ao se substituir a expressão "se cumprirem" (ℓ.2) por **forem cumpridas**.

"Durante o governo de Fernando Collor de Mello, entre 1990 e 1992, procedeu-se à demolição instantânea dos conceitos que haviam alimentado durante décadas os impulsos da diplomacia:"

6. Em "procedeu-se" (ℓ.2), o termo "-se" indica voz reflexiva.

"Engana-se, no entanto, quem acredita que os truques simbólicos da publicidade funcionam apenas para o consumo."

7. A dupla possibilidade de complementos para o verbo enganar, com pronome reflexivo ou não, mantém o texto correto e coerente se o pronome for retirado de "Engana-se" (ℓ.1).

HUMANO	INDIVÍDUO	PESSOA	CIDADÃO
A dimensão do convívio social.	A dimensão do mercado de trabalho e do consumo.	A dimensão de encontrar-se no mundo.	A dimensão de intervir na realidade.
O homem torna-se Ser Humano nas relações de convívio social.	O Ser Humano torna-se Indivíduo quando descobre seu papel e sua função social.	O Indivíduo torna-se Pessoa quando toma consciência de si mesmo, do outro e do mundo.	A Pessoa torna-se Cidadão quando intervém na realidade em que vive.
Existe realmente uma natureza humana? Teologicamente, afirmamos que existe uma natureza humana. Seguindo a corrente existencialista (J.P. Sartre), negamos tal natureza.	Que diferença existe entre o direto do Consumidor e o direito do Cidadão? Ao Consumidor deve ser dado o direito de propriedade, enquanto ao Cidadão deve ser dado o direito de acesso.	O que significa tornar-se Pessoa no nível psicológico e social? A pessoa é o indivíduo que toma consciência de si mesmo (Karl Roger)	Como podemos intervir na realidade, modificando as estruturas corruptas e injustas? Quando os direitos do cidadão lhe são oferecidos, e ele passa a exercê-los, há modificação de comportamento da sociedade.

Acesse www.baixarveloz.net

8. A expressão "si mesmo" (Coluna 3 linha 7) não tem valor reflexivo, opondo-se, por esse motivo, ao pronome "se" na seguinte construção: "encontrar-se no mundo" (Coluna 3, linhas 2 e 3).

"Stroibus tornou-se a esperança da cidade e do mundo."

9. No trecho "Stroibus tornou-se a esperança da cidade e do mundo" (ℓ.1), o verbo foi empregado em sua forma pronominal, cujo significado é **converter-se, transformar-se, fazer-se.**

"Analisando-se isoladamente os dados relativos a pedidos de patentes internacionais, até que o país **não se saiu** muito mal."

10. Na linha 2, o "se", em "não se saiu", é exigido pela regência do termo "o país".

1 "Esse quadro muda quando se desenvolve uma produção para a troca, em que cada um passa a produzir aquilo a que está mais capacitado. Já encontramos aí um forte motivo para a experiência da subjetividade privatizada: cada um deve ser capaz de identificar a sua
5 especialidade, **aperfeiçoar-se** nela, **identificar-se** com ela."

11. Na linha 5, por já ocorrer pronome átono no verbo "aperfeiçoar-se", o desenvolvimento do texto admite, como coerente e gramaticalmente correto, deixá-lo subentendido em "identificar-se", que, nesse caso, se reescreverá apenas como **identificar**.

1 Sucedendo o movimento da rede aos livros, a trajetória agora é dos livros para a rede. "Se antes os blogueiros tomaram as estantes e livrarias, em uma invasão organizada dos posts para as páginas, os escritores descobriram que estavam perdendo espaço e procuraram
5 recuperar o tempo perdido."

12. O desenvolvimento das ideias do texto mostra que, se a condição expressa pela oração iniciada por "Se" (ℓ.2) não se tivesse realizado, os escritores não procurariam "recuperar o tempo perdido" (ℓ.5).

"**Se** a cidade moderna era a libertação do homem, ela tirava sua singularidade; desiguais em suas características, viraram miseravelmente iguais no aglomerado urbano, vulneráveis, segregados, enfim, menos do que homens: macacos."

SINTAGMA

Acesse www.baixarveloz.net

13. Provoca erro gramatical ou incoerência entre os argumentos do texto a substituição da conjunção "Se" (ℓ.1) por **Ao mesmo tempo em que.**

> 1 "O próprio biólogo reconhece, porém, que sua concepção tem um espaço em branco a ser preenchido. **Se**, por um lado, ela ajuda a explicar o modo como os padrões de organização são repetidos, por outro, não explicita como eles se colocam em primeiro lugar.
> 5 Mas essa lacuna é estratégica, revela Sheldrake: "Isso deixa aberta a questão da criatividade evolucionária."

14. A conjunção "Se" (ℓ.2) inicia uma oração que apresenta uma condição para a realização do que se afirma na oração principal.

> "No início, eram apenas 88 juízes federais, todos nomeados pelo presidente da República. Na época, pelo Ato Institucional n.º 2, se esses juízes demonstrassem qualquer "incompatibilidade com os objetivos da Revolução", podiam ser demitidos."

15. O emprego de "se" em "se esses juízes" (ℓ.2-3) tem valor condicional.

Acesse www.baixarveloz.net

COMENTÁRIOS

Partícula Se

1. **ERRADO.** Claramente se nota que o sujeito da forma verbal "deram" é a expressão "as relações de interlocução e consulta entre o setor público e o privado". Outra coisa: quando a partícula se funciona como índice de indeterminação do sujeito, o verbo, obrigatoriamente, fica no singular.

2. **ERRADO.** Claramente se nota que o sujeito da forma verbal "desarticula-se" é a expressão "a complexidade dos problemas". Já o sujeito de "torna-se" é a expressão "uma reordenação intelectual". Portanto, em nenhuma das orações há impessoalidade do sujeito.

3. **ERRADO.** Para que haja sujeito indeterminado é necessário que haja impessoalidade da linguagem, ou seja, não se explicite o autor da ação, do processo verbal ou que não se explicite o sujeito. No texto, percebe-se claramente que o sujeito é a expressão "a preocupação com o isolamento das regiões do país...". A partícula **se**, nesta questão, classifica-se como partícula apassivadora. Observe-se que a expressão "começou a se manifestar" pode ser substituída por **começou a ser manifestada** (voz passiva analítica).

4. **ERRADO.** Nota-se claramente que o sujeito da forma verbal "fundamentar-se" é "a relação entre os países". A partícula **se**, nesta questão, classifica-se como partícula apassivadora. Observe-se que a expressão "devem fundamentar-se" poderia ser substituída por **devem ser fundamentadas** (voz passiva analítica).

5. **CERTO.** Na oração "(...) quando se cumprirem duas premissas", a partícula **se** classifica-se como pronome apassivador. A oração, portanto, está na voz passiva sintética. O que a questão propõe é que se transforme a voz passiva sintética em analítica. Logo, a substituição sugerida está correta: (...) **quando forem cumpridas duas premissas**.

6. **ERRADO.** Para que a forma verbal esteja na voz reflexiva, é necessário que o sujeito possa efetuar uma ação sobre si mesmo. Além disso, a partícula **se** deve ser substituída pela expressão **si mesmo**, preposicionada: **a si mesmo, em si mesmo, de si mesmo** etc. A partícula **se**, nesta questão, classifica-se como índice de indeterminação do sujeito. Observe-se que há impessoalidade e que a forma verbal "procedeu" é transitiva indireta.

Acesse www.baixarveloz.net

7. **ERRADO.** De fato, o verbo enganar pode ser reflexivo ou não. Entretanto, não haveria coerência textual caso se retirasse, no contexto, a partícula **se**. Observe-se que "Engana-se" equivale a **Engana a si mesmo** e que o sujeito de tal forma verbal é a expressão "quem acredita que os truques simbólicos da publicidade funcionam apenas para consumo." Por que não haveria coerência? Porque o verbo enganar ficaria sem complemento ou não se saberia se a expressão "quem acredita..." funcionaria como sujeito ou como complemento verbal, o que geraria ambiguidade e incorreção gramatical.

8. **ERRADO.** As duas expressões têm valor reflexivo. O pronome pessoal oblíquo tônico "si" sempre terá valor reflexivo. Já o pronome pessoal oblíquo átono "se" pode ter valor reflexivo dentro de um contexto. Na oração "A dimensão de encontrar-se no mundo" (no quadro da questão), observa-se claramente que a partícula "se" tem valor reflexivo, não havendo, portanto, oposição.

9. **CERTO.** A forma verbal "tornar-se"(verbo de ligação) é, sim, pronominal. Isso significa que a partícula **se** é classificada como parte integrante do verbo. Semanticamente, o verbo **tornar-se** tem o sentido de *converter-se*, *transformar-se*, *fazer-se*. Não se pode confundir parte integrante com pronome reflexivo. O pronome reflexivo só acompanha verbos transitivos, e não verbos de ligação ou intransitivos, como ocorre com a parte integrante.

10. **ERRADO.** A partícula "se" não é exigida pela regência do termo "o país", uma vez que tal termo não pede complemento. A partícula "se", neste contexto, classifica-se como parte integrante do verbo e contribui para que o verbo "sair" tenha um sentido diferente do habitual, ou seja, passe a ter o sentido de lograr êxito, conseguir um objetivo etc. Isso nada tem a ver com regência.

11. **ERRADO.** Observa-se que a forma verbal "identificar-se" está sendo usada, contextualmente, como verbo pronominal. Logo, o pronome é necessário. O fato de o mesmo pronome já ter sido utilizado com "aperfeiçoar-se" não torna facultativo seu uso em "identificar-se".

12. **ERRADO.** O conectivo "Se" não expressa contextualmente ideia de condição, e sim de causa. Observe que tal conectivo pode ser substituído por **Já que**.

Acesse www.baixarveloz.net

13. **ERRADO.** A substituição sugerida não provoca erro gramatical nem incoerência entre os argumentos do texto. A conjunção "Se", contextualmente, se classifica como concessiva e tem o mesmo valor de **embora.** Note-se que no texto a expressão "Ao mesmo tempo em que" também estaria correta; não teria exatamente o mesmo sentido de concessão, mas não provocaria incoerência. Observe-se que incoerência é falta de lógica. O texto continua lógico, apesar de poder haver uma pequena alteração semântica.

14. **ERRADO.** O conectivo "Se" não expressa contextualmente ideia de condição. Classifica-se como concessivo e tem o mesmo valor de **embora.** Observe-se, porém, que a substituição de "Se" por **Embora** obrigaria uma alteração gramatical: a substituição de "ajuda" (ℓ.2) por **ajude**. Mas não haveria alteração semântica.

15. **CERTO.** De fato, contextualmente a partícula "se" classifica-se como conjunção subordinativa condicional. Observe-se que ela pode ser substituída por **caso** (também conjunção condicional) sem alteração gramatical ou semântica.

Acesse www.baixarveloz.net

Acesse www.baixarveloz.net

Concordância Verbal e Nominal

Capítulo 9

"Pela teoria, em geral é mais fácil aprender o que outros já aprenderam antes, graças à memória coletiva acessível a todos os indivíduos da mesma espécie. Assim, os campos mórficos podem representar um novo ponto de partida para compreendermos nossa herança cultural e a influência de nossos ancestrais."

1. A flexão de primeira pessoa do plural em "compreendermos" (ℓ.4) indica que o sujeito da oração em que esse verbo ocorre é diferente do sujeito da oração anterior.

"As consequências mais imediatas – e moderadas – de encher os pulmões todos os dias com o ar das metrópoles são logo sentidas: entupimento das vias aéreas, mal-estar, crises de asma, irritação dos olhos. Há, porém, outras mais graves, que se instalam lentamente no organismo, como o aumento da pressão arterial e a ocorrência de paradas cardíacas. Estas podem passar despercebidas, já que nem sempre apresentam uma relação tão clara e direta com o fator ambiental."

2. A forma verbal "apresentam" (ℓ.7) está flexionada no plural porque se refere aos elementos da cadeia coesiva formada por "consequências" (ℓ.1), "outras mais graves" (ℓ.4) e "Estas" (ℓ.6).

"Analisando-se isoladamente os dados relativos a pedidos de patentes internacionais, até que o país não se saiu muito mal. Em 2007, apresentamos 384 requisições, um aumento de 15,4% em relação ao ano

SINTAGMA

Acesse www.baixarveloz.net

anterior. Com isso, galgamos quatro posições e passamos a ocupar
5 o 24.º lugar na lista dos 138 signatários do Tratado de Cooperação de Patentes."

3. As formas verbais de primeira pessoa do plural "apresentamos" (ℓ.2-3), galgamos" (ℓ.4) e "passamos" (ℓ.4) indicam que o autor está falando apenas em nome dos cientistas.

"Uma característica marcante desse conjunto de instrumentos refere-se ao fato de que sua concepção e administração eram essencialmente setoriais."

4. A forma verbal "eram" (ℓ.2) está no plural porque concorda com sujeito composto.

1 "Mantido por contribuições das empresas associadas, o CIEE lançou o Guia Prático para Entender a Nova Lei do Estágio, com respostas a mais de 30 perguntas acerca das mudanças e normas mais importantes. Entre elas, destacam-se a limitação da jornada
5 diária para seis horas, a obrigatoriedade de pagamento do auxílio-transporte, a concessão do recesso obrigatório de 30 dias após um ano de estágio e o limite máximo de dois anos de permanência em uma mesma empresa."

5. A concordância verbal permaneceria igualmente correta se, em lugar de "destacam-se" (ℓ.4), fosse empregada a forma **destaca-se**.

1 Dando início aos trabalhos desta Câmara Municipal para o ano de 2009, realizaremos o primeiro Gabinete de Rua, no dia 19 do corrente. Para tanto, solicitamos que V. Sa. Expresse vossa autorização para a montagem de um estande para a realização da referida atividade na
5 Praça das Flores (Centro), das 9 às 13 horas.

6. O termo "vossa", no segundo período do texto, está indevidamente empregado no documento, visto que a concordância com os pronomes de tratamento deve ser feita na terceira pessoa.

"A maioria dos leitores é atormentada pela crença de que os textos significam exatamente o que dizem; acredita que a intenção comunicativa, que é inferida, está tão dada quanto a forma verbal."

Acesse www.baixarveloz.net

7. A correção gramatical do texto seria preservada caso o paralelismo de gênero e número estabelecido entre "é atormentada" (ℓ.1) e "acredita" (ℓ.2) fosse substituído por **são atormentados** e **acreditam**.

1 As ações cidadãs conquistam espaço entre os empresários do Distrito Federal. Segundo pesquisa da Universidade de Brasília, cerca de 82% das micro e pequenas empresas locais atuam com responsabilidade social. "A prática constitui uma ética empresarial, voltada
5 para o público interno e externo, e trata-se de uma cartilha moral", conceitua o diretor-executivo do portal www.responsabilidadesocial.com. O empresário R. M. aderiu à ideia. Implantou na sua mercearia a opção de sacola de algodão como alternativa ao saco de plástico.

8. Se a locução "cerca de" (ℓ.2) for retirada do sujeito sintático, o verbo "atuam" (ℓ.3) deve ser flexionado no singular: **atua**.

"Procuram-se novos especialistas"

9. No texto, a flexão do verbo no plural justifica-se pela concordância feita com o termo "novos especialistas".

Art. 2º. Só se dará prosseguimento aos pedidos de prorrogação quando em conformidade com a lei;

10. Para que o trecho de documento acima atenda às normas de redação de documentos oficiais, é necessário que se substitua "dará" (ℓ.1) por **darão**, para atender às regras gramaticais da norma de padrão culto.

1 "E esse emaranhamento é tal que nem um computador poderia captar todos os processos em curso. Mas há também outra complexidade que provém da existência de fenômenos aleatórios (que não podem ser determinados e que, empiricamente, agregam incerteza ao pensa-
5 mento)."

11. O sentido impessoal do verbo **haver** permite que a afirmação generalizada "Mas há também outra complexidade que provém" (ℓ.2-3) seja substituída por uma frase nominal no plural: **Mas também outras necessidades provém**.

Acesse www.baixarveloz.net

"Com a desregulamentação dos mercados financeiros, houve uma redução nos estoques públicos voltados a mitigar desequilíbrios entre a oferta e a demanda."

12. Nas linhas 1 e 2, se a expressão "uma redução" estivesse no plural – **reduções** – a forma verbal "houve" também deveria estar no plural.

"Em primeiro lugar, é preciso definir o que vem a ser igualdade social."

13. Na linha 1, a forma verbal "vem" está no singular porque concorda com o pronome demonstrativo "o".

"Sem essa base, não seria possível teorizar, pesquisar, comunicar, nem produzir ciência."

14. A forma verbal "seria" (ℓ.1) está flexionada no singular para concordar com "ciência" (ℓ.2).

"Aceitar que somos indeterminados naturalmente, que seremos lapidados pela educação e pela cultura, que disso decorrem diferenças relevantes e irredutíveis aos genes é muito difícil. Significa aceitarmos que há algo muito precário na condição humana."

15. A substituição da primeira pessoa do plural em "aceitarmos" (ℓ.3) pela forma correspondente não-flexionada, **aceitar**, manteria coerente a argumentação, mas provocaria incorreção gramatical.

"E, muito importante, não faria sentido vivermos, estudarmos e trabalharmos em conjunto se não pudéssemos estabelecer alguma – ou muita – confiança nas pessoas que estão conosco nessa jornada."

16. A organização da textualidade mantém a coerência entre os argumentos, bem como o respeito às regras gramaticais, ao se usar **viver, estudar e trabalhar** em lugar de "vivermos, estudarmos e trabalharmos" (ℓ.1-2).

"As mensagens publicitárias passaram a buscar especialmente construir atmosferas fantasiosas, de modo a prevalecer sobre a face material das coisas um substrato onírico, sonho fabricado."

Acesse www.baixarveloz.net

17. Mantendo-se o respeito às regras gramaticais, é admitido, no desenvolvimento do texto, o uso do verbo "prevalecer" (ℓ.2) em flexão de plural para concordar com "atmosferas" (ℓ.2): **prevalecerem**.

> "... mesmo porque, ao longo dos séculos, os mais diversos países do planeta vêm buscando formas de se aproximarem e de incrementarem suas relações econômicas, sociais e culturais."

18. Preserva a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto a substituição das formas flexionadas no plural, "aproximarem" e "incrementarem", ambas na linha 2, pelas correspondentes não flexionadas: **aproximar e incrementar**.

> "... a seca e a quebra de safras em vários países; e a crise norte-americana, que levou investidores a apostar no aumento dos preços de alimentos em fundos de hedge."

19. No trecho "que levou investidores a apostar no aumento dos preços de alimentos em fundos de hedge" (ℓ.2-3), a substituição de "apostar" por **apostarem** manteria a correção gramatical do texto.

> Antes da Revolução Industrial, um operário só possuía a roupa do corpo. Sua maior riqueza eram os pregos de sua casa. Educação, cultura e lazer chegaram também aos pobres.

20. Na linha 2, a flexão de plural na forma verbal "eram" deve-se à concordância com "os pregos"; mas as regras gramaticais permitiriam usar também a flexão de singular, **era**.

> "Tinha a impressão de viver continuamente suspenso no limite de dois reinos – ser uma criança semimorta unida em laço misterioso a um espectro nostálgico. A criança tinha medo da treva; o espectro da luz. Uma e outro aspiravam à morte e, simultaneamente, receavam-na."

21. Na construção "Uma e outro aspiravam à morte" (ℓ.4), ao se substituir a conjunção "e" por **ou**, flexionando-se o verbo na terceira pessoa do singular, mantém-se a correção gramatical.

Acesse www.baixarveloz.net

22. Assinale a opção correta com relação à concordância verbal na frase apresentada.

a. Alguns políticos podem serem cassados.

b. Alguns de nós resolveram sair.

c. Devem haver muitos casos sem solução.

d. Os Estados Unidos da América ainda é a maior economia ocidental.

e. Tratavam-se de assuntos muito importantes.

> "Mas o Brasil tem capacidade técnica e experiência suficientes para, no mínimo, reduzir o impacto de chuvas como essa."

23. No trecho "capacidade técnica e experiência suficientes" (ℓ.1), caso a palavra sublinhada fosse substituída por **bastante**, a concordância se faria no singular, uma vez que esta palavra funcionaria como advérbio.

> "Fazem parte dessa infra-estrutura, entre outros, o sistema bancário, hoteleiro, de telecomunicação, bem como aeroportos, segurança."

24. Mantendo-se a correção gramatical e o sentido da sentença, no trecho "o sistema bancário, hoteleiro, de telecomunicação" (ℓ.1-2), a expressão sublinhada poderia receber a flexão de plural: **os sistemas**.

> 1 "Já à primeira vista o próprio traçado dos centros urbanos denuncia o esforço determinado de vencer e retificar a fantasia caprichosa da paisagem agreste: é um ato definido da vontade humana. As ruas não se deixam modelar pela sinuosidade e pelas asperezas do solo:
> 5 impõem-lhes antes o acento voluntário da linha reta."

25. Em "impõem-lhes" (ℓ.5), o plural no verbo é exigido por "ruas" (ℓ.3) e o plural no pronome átono é exigido por "sinuosidade" e "asperezas" (ℓ.4).

> 1 "Uma decisão singular de um juiz da Vara de Execuções Criminais de Tupã, pequena cidade a 534km da cidade de São Paulo, impondo critérios bastante rígidos para que os estabelecimentos penais da região possam receber novos presos, confirma a dramática dimensão
> 5 da crise do sistema prisional."

26. A correção gramatical do texto seria mantida se, na linha 3, a palavra "bastante" fosse flexionada no plural, para concordar com o substantivo "critérios".

Acesse www.baixarveloz.net

"VII Dialogar sobre dificuldades (investigação) apresentadas"

27. Em VII, o substantivo entre parênteses, por estar ligado, pelo sentido, à palavra "dificuldades", deveria ter sido flexionado no plural, para que fosse estabelecida a concordância nominal no trecho.

1 "Todos os Estados promoverão a cooperação internacional com o objetivo de garantir que os resultados do progresso científico e tecnológico sejam usados para o fortalecimento da paz e da segurança internacionais, a liberdade e a independência, assim como para
5 atingir o desenvolvimento econômico e social dos povos e tornar efetivos os direitos e liberdades humanas de acordo com a Carta das Nações Unidas."

28. Na linha 4, justifica-se a flexão de plural em "internacionais" pela concordância desse adjetivo tanto com "paz" quanto com "segurança"; se a flexão fosse de singular, as regras gramaticais seriam atendidas, mas a clareza do documento seria prejudicada.

"O importante é que isso indica que os egípcios tinham conhecimento da relação de causa e efeito de cada produto e aplicavam a ciência da farmacêutica, que visa à cura pela mudança interna do corpo ativada por meio de substâncias terapêuticas."

29. A flexão de feminino singular no adjetivo "ativada" (ℓ.3) deve-se à sua associação com "ciência da farmacêutica" (ℓ.2), expressão com a qual aquele adjetivo estabelece relação de concordância.

"Os seres humanos, nas culturas orais primárias, não afetadas por qualquer tipo de escrita, aprendem muito, possuem e praticam uma grande sabedoria, porém não "estudam."

30. O desenvolvimento da argumentação do texto permite que se empregue tanto "afetadas" (ℓ.1) quanto a correspondente flexão de masculino, **afetados**, sem que seja prejudicada a correção gramatical

1 "Do número, que é a base da razão e do entendimento, surge outra noção de indiscutível importância: é a noção de medida. Medir é comparar. Só são, entretanto, suscetíveis de medida as grandezas que admitem um elemento como base de comparação. Será possível
5 medir-se a extensão do espaço? De modo nenhum."

Acesse www.baixarveloz.net

31. Respeitando-se as normas gramaticais, seria possível reescrever o período iniciado com "Só" (ℓ.3), flexionando-se a palavra "grandezas" (ℓ.3) no singular, da seguinte forma: **Só são, entretanto, suscetíveis de medida a grandeza que admite um elemento como base de comparação**.

32. Com relação à concordância nominal, assinale a opção em que a frase apresentada está correta.

a. Eles chegaram da festa bastantes depressivos.

b. Na vida, teve bastantes mulheres.

c. As mulheres estavam meio impertinente.

d. Adorava contos orientais, hajam vistas suas releituras das Mil e Uma Noites.

33. Respeita as normas gramaticais e o padrão estabelecido para documentos oficiais o seguinte parágrafo de um regimento:

> 1º. – Não serão admissíveis a reiteração de pedidos, salvo se fundados em novas provas.

> "A cultura de massa, ao mesmo tempo em que superficializou, abriu uma possibilidade de contato com esse mundo simbólico. Mas o pior já passou. Hoje há uma demanda de aprofundamento."

34. Preserva a coerência entre os argumentos, bem como a correção gramatical do texto, a indicação da ideia de abrangência do termo "uma demanda" (ℓ.3) por meio da correspondente forma plural **demandas**.

> "Nem mesmo o cancelamento de alguns leilões pelo Tesouro Nacional, nas semanas de maior volatilidade da crise da bolha imobiliária norte-americana, afastou a atenção dos aplicadores externos em relação aos títulos brasileiros (...)"

35. A forma verbal "afastou" (ℓ.3) está no singular porque concorda com "Tesouro Nacional" (ℓ.1)

Acesse www.baixarveloz.net

COMENTÁRIOS

Concordância Verbal e Nominal

1. **CERTO.** A desinência –**mos**, em "compreendermos", indica que o sujeito de tal forma verbal está na primeira pessoa do plural (nós). Já na oração anterior, a locução verbal "podem representar" apresenta verbo auxiliar com terminação **–m,** o que caracteriza um sujeito de terceira pessoa do plural. Contextualmente, tal sujeito é a expressão "os campos mórficos".

2. **CERTO** (GABARITO OFICIAL). Apesar de ser essa a resposta da Banca, discordamos dessa posição. Gramaticalmente, a forma verbal "apresentam" concorda com o pronome "Estas", que retoma apenas a expressão "outras (consequências) mais graves". Observe que o texto faz contraposição entre "consequências mais imediatas – e moderadas" e consequências "mais graves, que se instalam lentamente no organismo". O pronome "Estas" refere-se apenas às consequências mais graves. Logo, a questão está incorreta.

3. **ERRADO.** Uma estratégia argumentativa que visa a incluir o leitor como participante do que se afirma é o uso da primeira pessoa do plural, ainda que a ideia seja apenas do autor. Quando se afirma, por exemplo, "Sabemos que o Brasil tem muito a crescer", essa é uma posição do autor, mas que busca a adesão do leitor a essa ideia. No texto, o autor não fala apenas em nome dos cientistas, o que pode ser observado pela expressão "até que o País não se saiu tão mal". Ou seja, o autor está falando em nome de todos os brasileiros.

4. **CERTO.** A forma verbal "eram" concorda em número e pessoa com o sujeito composto "sua concepção e administração". Essa questão exige o conhecimento da regra básica de concordância verbal: o verbo deve concordar em número e pessoa com o sujeito. Portanto, contextualmente, o verbo está na terceira pessoa do plural.

5. **CERTO.** A gramática diz que o sujeito composto deve levar o verbo para o plural. Entretanto, se o sujeito composto estiver posposto, a concordância pode ser feita apenas com o núcleo mais próximo ou com todos os núcleos. Na questão, o sujeito da forma verbal "destaca-se" é a expressão "a limitação da jornada diária para seis horas, a obrigatoriedade de

Acesse www.baixarveloz.net

pagamento do auxílio-transporte, a concessão do recesso obrigatório de 30 dias e o limite máximo de dois anos de permanência em uma mesma empresa". (Os termos sublinhados funcionam como núcleos do sujeito). O autor optou por estabelecer a concordância apenas com o primeiro núcleo – "limitação".

6. **CERTO.** A gramática estabelece que toda concordância com pronomes de tratamento deve ser feita em terceira pessoa. Se ele estiver no singular, terceira pessoa do singular. Se estiver no plural, terceira pessoa do plural. E os pronomes que se refiram a ele também têm de estar em terceira pessoa. Logo, o pronome "vossa" está incorreto. Em seu lugar deveria estar o pronome **sua**, dando origem à seguinte oração: "(...) solicitamos que V. Sª. expresse sua autorização...".

7. **CERTO.** A regra diz que, se o sujeito for formado por expressões partitivas (a maioria de..., grande parte de..., a maior parte de..., boa parte de..., grande número de..., a minoria de...), o verbo pode concordar com o núcleo dessas expressões ou com o termo preposicionado subsequente. No texto em questão, a concordância tanto pode ser feita com "maioria" quanto com "leitores". Caso se opte pela concordância com "leitores", todos os verbos deverão ser alterados. Como tal palavra é masculina, o particípio "atormentada" deverá ser alterado para o gênero masculino. Paralelismo diz respeito a padrão. Ocorre geralmente em enumeração de termos ou orações. Como, na questão, há dois verbos se referindo ao mesmo sujeito, ambos devem seguir o padrão de número (plural).

8. **ERRADO.** A regra diz que se o sujeito é formado de um número plural precedido das expressões **cerca de**, **mais de**, **menos de** e similares, o verbo vai para o plural. É o que ocorre no texto. A retirada de tal expressão em nada altera a concordância, uma vez que o verbo continuará concordando com uma expressão no plural: "82% das micro e pequenas empresas". Portanto, estaria incorreto escrever-se **atua**.

9. **CERTO.** Observe-se que a oração representa a voz passiva sintética. Na voz passiva, não se tem objeto direto. O termo que exerceria essa função na verdade funciona como sujeito paciente. E o verbo obrigatoriamente concorda com ele. Portanto, "Procuram-se" obrigatoriamente concorda com o sujeito paciente "novos especialistas". Note-se, ainda, que tal oração na voz passiva analítica teria a seguinte forma: **Novos especialistas são procurados**.

Acesse www.baixarveloz.net

10. **ERRADO.** Assim como na questão anterior, a oração "Só se dará prosseguimento..." representa a voz passiva sintética. Sabe-se que em tal voz o sujeito é o termo que funcionaria como objeto direto, no caso "prosseguimento". Como esse termo está no singular, o verbo também deverá ficar no singular. Observe-se que o examinador tenta induzir o candidato ao erro, levando a estabelecer a concordância com o complemento preposicionado "aos pedidos".

11. **ERRADO.** Em primeiro lugar, não tem nada a ver a explicação da impessoalidade do verbo haver. Não é essa impessoalidade que permitirá afirmações generalizadas. Em segundo lugar, a expressão sugerida – "Mas também outras necessidades provém" – não é uma frase nominal, pois contém verbo. Em terceiro lugar, a concordância de "necessidades" com "provém" estaria incorreta, uma vez que o substantivo está no plural e o verbo no singular (com acento agudo, singular; com acento circunflexo, plural). O verbo vir e suas formas derivadas recebem acento circunflexo no plural do presente do indicativo : *eu venho, tu vens, ele vem, nós vimos, vós vindes, eles vêm/ eu provenho, tu provéns, ele provém, nós provimos, vós provindes, eles provêm.*

12. **ERRADO.** O verbo haver, no sentido de existir ou ocorrer, é considerado impessoal, ou seja, não tem sujeito. Como não tem sujeito, obrigatoriamente fica no singular. O termo **reduções**, ainda que no plural, não interfere na concordância do verbo, uma vez que funciona como objeto direto, neste caso. Sabe-se que o verbo concorda com o sujeito, e não com o objeto.

13. **CERTO.** A gramática diz que, se o sujeito for o pronome relativo **que**, o verbo deve concordar com o termo antecedente do pronome. No caso, o antecedente é o pronome demonstrativo "o", que equivale ao demonstrativo **aquilo.** Como esse pronome está no singular, o verbo também deve ficar no singular.

14. **ERRADO.** No período, a forma verbal "seria" fica no singular para concordar com o sujeito oracional: "teorizar, pesquisar, comunicar, nem produzir ciência." A regra diz que se o sujeito de um verbo for outra oração (como no caso), o verbo deve ficar no singular, mesmo que o sujeito oracional seja composto. Encontra-se, facilmente, o sujeito oracional, perguntando-se: O que seria possível? Resposta: "teorizar..."

Acesse www.baixarveloz.net

15. **ERRADO.** Não haveria incorreção gramatical. A forma verbal "aceitarmos" representa o infinito flexionado, cujo sujeito seria o pronome **nós**. Caso substituíssemos essa forma verbal por **aceitar**, estaríamos utilizando o infinitivo não-flexionado – outra forma possível da Língua. Isso não constitui erro. Demonstra apenas a intenção do autor de destacar ou não o sujeito.

16. **CERTO.** As formas verbais "vivermos", "estudarmos" e "trabalharmos" pertencem ao infinitivo pessoal. Sabe-se que o infinitivo é uma forma nominal do verbo, ou seja, uma forma verbal que não exprime ideia de tempo, assemelhando-se aos substantivos. Quando o infinitivo tem um sujeito expresso, é chamado de pessoal. Quando não possui sujeito e expressa simplesmente uma ação ou processo em si mesmo, o infinitivo é chamado de impessoal, ou seja, sem sujeito. O uso das formas impessoais **viver, estudar** e **trabalhar** não causaria erro gramatical nem incoerência textual (ausência de lógica). Haveria uma pequena alteração semântica, uma vez que o foco sairia do sujeito para o verbo, mas isso não provoca incoerência gramatical ou textual.

17. **ERRADO.** Observe-se que o sujeito da forma verbal "prevalecerem" está deslocado, posposto ao verbo: é a expressão "um substrato onírico, um sonho fabricado". Logo, não haveria coerência textual nem correção gramatical caso a concordância desse verbo fosse feita com o substantivo "atmosferas".

18. **CERTO.** A regra diz que, se o sujeito de um verbo no infinitivo pessoal estiver em outra oração (oração principal), a concordância entre eles é opcional. Veja-se a análise do período:

    (...) **os mais diversos países do planeta** vêm buscando formas (1)// de se aproximarem (2)//e de incrementarem suas relações econômicas(3).

    (1) = oração principal; (2) = oração subordinada; (3) = oração subordinada

    O termo em negrito é o sujeito das três formas verbais. Como está na oração principal, a concordância com os verbos das orações subordinadas é opcional.

Acesse www.baixarveloz.net

19. CERTO. Questão muito semelhante à anterior. A regra diz que, se o sujeito de um verbo no infinitivo pessoal estiver em outra oração (oração principal), a concordância entre eles é opcional. Veja-se a análise do período:

"que levou **investidores** (1)// a apostar no aumento de preços... (2).

(1) = oração principal em relação à (2); (2) = oração subordinada.

O termo em negrito é o sujeito da oração subordinada, mas está na principal (funcionando como objeto direto). Logo, a concordância entre eles é facultativa.

20. CERTO. Essa questão trata da concordância especial do verbo **ser**. A regra diz que, se o sujeito e o predicativo forem ambos substantivos, o verbo concorda de preferência com o que estiver no plural. Trata-se, porém, de um caso facultativo, já que não se obriga tal concordância. Logo, o verbo poderia concordar com "Sua maior riqueza". Veja-se:

Sua maior riqueza (sujeito) *eram* **os pregos de sua casa** (predicativo).
Sua maior riqueza (sujeito) *era* **os pregos de sua casa** (predicativo).

21. CERTO. Uma regra diz que nas construções em que os núcleos do sujeito são unidos pela conjunção **ou**, o verbo pode ir para o plural se não houver ideia de exclusão. Outra regra afirma que sujeitos formados pela expressão UM E OUTRO, NEM UM NEM OUTRO e UM OU OUTRO estabelecem concordância facultativa com o verbo (singular ou plural). Portanto, no texto, a substituição de "aspiravam" por **aspirava** manteria a correção gramatical.

22. ALTERNATIVA B. A gramática afirma que as orações que tiverem como sujeito as expressões ALGUNS DE NÓS, POUCOS DENTRE NÓS, VÁRIOS DE NÓS ou expressões semelhantes terão concordancia facultativa: o verbo poderá concordar com o pronome indefinido ou com o pronome pessoal. Portanto, pode-se escrever:

Alguns de nós **resolveram** sair.
Alguns de **nós resolvemos** sair.

Acesse www.baixarveloz.net

Comentários sobre as outras alternativas da questão: na **letra A**, o erro consiste no emprego das duas formas verbais no plural. Apenas a primeira delas pode flexionar-se. **Na letra C**, há erro no emprego da forma verbal auxiliar "Devem". Como o verbo principal é haver – no sentido de existir – não há sujeito na oração. Logo, todos os verbos devem ficar no singular. **Na letra D**, a forma verbal "é" deveria estar no plural – são – para concordar com o termo "Estados Unidos". A regra diz que, se o topônimo plural estiver antecedido por artigo, o verbo deve ir para o plural. **Na letra E**, o erro consiste no emprego de plural. Quando se emprega índice de indeterminação do sujeito, o singular é obrigatório.

23. **ERRADO.** O vocábulo **bastante**, quando sinônimo de suficiente, classifica-se como adjetivo e flexiona-se como tal. Caso esse termo se refira a verbos ou a adjetivos, classificar-se-á como advérbio de intensidade. Neste caso, fica invariável. Veja-se:

    Os funcionários são *bastante* **pontuais**. (advérbio, pois intensifica o adjetivo "pontuais")

    Os funcionários **trabalharam** *bastante.* (advérbio, pois intensifica a forma verbal "trabalharam")

24. **CERTO.** Quando se tem um substantivo para mais de um adjetivo, o substantivo vai ao plural e os adjetivos permanecem no singular, ou o substantivo fica no singular e se repete o artigo antes de cada adjetivo. Logo, se fôssemos extremamente rigorosos, diríamos que o texto original está incorreto e que a alteração sugerida conferiria correção ao período, uma vez que o autor não seguiu nenhuma das regras previstas. Usou o substantivo no singular e não repetiu o artigo antes dos outros adjetivos. Para não entrar polêmica, basta-nos afirmar que a alteração é correta.

25. **CERTO.** Tem-se aí uma questão que cobra concordância verbal e nominal ao mesmo tempo. De fato, a forma verbal "impõem" está no plural para estabelecer concordância com o termo "As ruas". Em relação ao uso do pronome "lhes", observe-se que ele poderia ser substituído por **a elas**, em referência aos substantivos "sinuosidade" e "asperezas".

26. **ERRADO.** O vocábulo **bastante** só se flexiona quando for adjetivo (sinônimo de "suficiente") ou pronome indefinido (quando indicar uma quantidade indefinida de seres). Caso esse termo se refira a verbos ou a adjetivos

Acesse www.baixarveloz.net

(como é o caso), classificar-se-á como advérbio de intensidade. Neste caso, fica invariável. Observe-se que, no texto, "bastante" intensifica o adjetivo "rígidos". Portanto, é invariável, por ser advérbio de intensidade.

27. **ERRADO.** A concordância nominal está correta no trecho. O adjetivo-particípio "apresentadas" concorda em gênero e número com o substantivo "dificuldades". Já o termo entre parênteses não tem ligação com dificuldades, e sim com toda a oração "Dialogar sobre dificuldades apresentadas", que no contexto equivaleria ao substantivo "investigação".

28. **CERTO.** A regra diz que, se um adjetivo estiver posposto a dois substantivos, pode concordar com o mais próximo ou com os dois no gênero predominante. Portanto, caso "internacionais" estivesse no singular, estaria correto, pois, gramaticalmente, estabeleceria concordância apenas com "segurança". Entretanto, não ficaria claro se tal adjetivo estaria se referindo semanticamente tanto a "paz" quanto a "segurança". Portanto, a construção ficaria comprometida por falta de clareza.

29. **ERRADO.** O adjetivo "ativada" estabelece concordância com o substantivo "cura" e não com "ciência da farmacêutica".

30. **CERTO.** O adjetivo "afetadas" estabelece, contextualmente, concordância com "culturas orais primárias". Entretanto, nada impediria que o autor fizesse referência a "seres humanos". Neste caso, utilizaria a forma **afetados**. Observe-se que os sentidos textuais mudariam; entretanto, a questão não faz nenhuma referência a esta alteração semântica.

31. **ERRADO.** Observe-se que a alteração do vocábulo "grandezas" para o singular provocaria erro de concordância verbal e nominal. A forma verbal "são" e o adjetivo "suscetíveis" estão no plural para concordar com "grandezas". Logo, se tal palavra estivesse no singular, tanto o verbo quanto o adjetivo citados deveriam ficar no singular.

32. **ALTERNATIVA B.** O vocábulo **bastante** só se flexiona quando for adjetivo (sinônimo de "suficiente") ou pronome indefinido (quando indicar uma quantidade indefinida de seres). Observe-se que, no texto, ele foi empregado nesta última acepção. Quando se fala "Na vida, teve bastantes mulheres", o vocábulo bastante indica uma quantidade indefinida de "mulheres", classificando-se como pronome indefinido e flexionando-se de acordo com o substantivo a que se refere.

Acesse www.baixarveloz.net

Comentários às outras alternativas: **na letra A**, "bastantes" é advérbio de intensidade, portanto deveria ficar no singular; **na letra C**, o adjetivo "impertinente" deveria estar no plural para concordar com "mulheres"; **na letra D**, a expressão "hajam vistas" está incorreta, uma vez que "vistas" deve, obrigatoriamente, ficar no singular feminino. A expressão mais adequada seria **haja vista**.

33. ERRADO. O período "Não serão admissíveis a reiteração de pedidos..." contém erro de concordância verbal e nominal. O sujeito de "serão" é o substantivo "reiteração". Portanto, tanto o verbo **ser** quanto o adjetivo "admissíveis" devem, obrigatoriamente, ficar no singular.

34. CERTO. Observe-se que a substituição da expressão "uma demanda" por **demandas** não provocaria erro gramatical nem incoerência textual. Haveria apenas uma alteração semântica. Mas a questão não faz referência a isso. Portanto, está correta.

35. ERRADO. Veja-se que o sujeito da forma verbal "afastou" é "o cancelamento de alguns leilões pelo Tesouro Nacional". Sabe-se que o núcleo desse sujeito é a expressão "o cancelamento", termo com o qual o verbo concorda – "O cancelamento afastou". Portanto, não há concordância com o termo "Tesouro Nacional", e sim com o termo "o cancelamento", núcleo do sujeito.

Acesse www.baixarveloz.net

Colocação Pronominal

Capítulo 10

"... Não menos temeroso é o conhecimento que se transmite por gerações por meio da arte. Partindo da premissa de que a arte imita a vida e, por consequência, ..."

1. A colocação do pronome átono antes do verbo, em "se transmite" (ℓ.1), é obrigatória devido à presença do pronome relativo "que" no início da oração subordinada.

2. Considerando-se que a mesóclise é desaconselhável em expedientes oficiais, é preferível iniciar período com a construção "Lhe enviaremos mais informações oportunamente" a iniciá-lo com a construção "Enviar-lhe-emos mais informações oportunamente".

"A preocupação é pertinente porque em todo o mundo graves problemas vêm-se instalando e demandando dos governos novos mecanismos de avaliação para a incorporação tecnológica na assistência médico-hospitalar de alta complexidade e de alto custo em geral."

3. Em "vêm-se" (ℓ.2), a substituição do hífen por espaço provoca erro gramatical, por deixar o pronome átono sem apoio sintático.

"Quando a minha doutrina estiver completa, divulgá-la-ei como a maior riqueza que os homens jamais poderão receber de um homem."

4. No trecho "divulgá-la-ei como a maior riqueza" (ℓ.1-2), a colocação do pronome antes da forma verbal ou depois dela são opções que manteriam a correção gramatical do trecho.

Acesse www.baixarveloz.net

"As ruas não se deixam modelar pela sinuosidade e pelas asperezas do solo: impõem-lhes antes o acento voluntário da linha reta."

5. Preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se deslocar o pronome átono, em "se deixam" (ℓ.1), para depois do verbo, escrevendo: **deixam-se.**

"Às vezes, eles discutiam na hora do jantar; na verdade, minha mãe brigava com ele, que ficava calado; se ela não parava de brigar, ele se levantava da mesa e saía para a rua."

6. No trecho "se ela não parava de brigar" (ℓ.2), o pronome "se" está anteposto ao sujeito devido à presença do advérbio de negação.

Art. 1.º Os pedidos dever-se-ão ser requeridos nos exatos termos dos partidos.

7. Para que o trecho de documento acima atenda às normas de redação de documentos oficiais, é necessário que se retire o pronome átono de "dever-se-ão" (ℓ.1), grafando-se **deverão**.

"E não se trata de pouca gente. Estudo de 2007 da Sociedade Brasileira de Cirurgia Bariátrica e Metabólica estima que 63 milhões de pessoas a partir de 18 anos têm peso acima do normal."

8. Na oração "E não se trata de pouca gente" (ℓ.1), mantém-se a correção gramatical caso a ênclise seja empregada.

"Atualizando um pouco a distinção, poder-se-ia dizer que é como se os animais viessem com um *software* instalado, de fábrica, o qual os condiciona e limita durante toda a existência."

9. A substituição de "poder-se-ia dizer" (ℓ.1) pela forma menos formal **poderia se dizer** preservaria a correção gramatical do texto, desde que fosse respeitada a obrigatoriedade de não se usar hífen, para se reconhecer que o pronome **se** está antes do verbo **dizer**, e não depois do verbo **poderia**.

Acesse www.baixarveloz.net

10. Assinale a opção em que a frase apresentada está correta quanto à colocação pronominal, conforme o padrão escrito da língua portuguesa.

a. Não procure-me amanhã, estarei muito ocupado.

b. Quando ligarem-me, diga que não estou.

c. Me chame ao terminar a tarefa que começou

d. Aqui ela trabalha muito, porque se busca a excelência.

Acesse www.baixarveloz.net

COMENTÁRIOS

Colocação Pronominal

1. **CERTO.** Um dos fatores de atração para a próclise é a partícula **que,** seja ela conjunção ou pronome. No texto, tal partícula classifica-se como pronome relativo. Portanto, próclise obrigatória.

2. **ERRADO.** Não se pode iniciar uma oração com pronomes átonos. Como o verbo está no futuro do presente e no início da oração, a mesóclise se torna obrigatória. Observe-se que só ocorre mesóclise se o verbo estiver no futuro do presente ou do pretérito e se não houver fator de atração.

3. **ERRADO.** De fato, as gramáticas mais antigas condenavam o uso de pronomes átonos soltos entre dois verbos. Atualmente, porém, conforme Celso Cunha, não há esse impedimento. Portanto, a colocação estaria correta sem hífen.

4. **ERRADO.** Sabe-se que após pausa marcada por vírgula ou ponto e vírgula, a ênclise é obrigatória. Entretanto, verbos no futuro do presente ou no futuro do pretérito não admitem ênclise. Resta-nos, portanto, como colocação obrigatória, a mesóclise. Portanto, as alterações sugeridas na questão estariam incorretas.

5. **ERRADO.** Observe-se que em "As ruas não se deixam modelar...", o advérbio de negação "não" é um fator de atração para a próclise – colocação do pronome átono antes do verbo. Portanto, a próclise é obrigatória no contexto.

6. **ERRADO.** Observe-se que, neste caso, a partícula "se" não é um pronome, e sim uma conjunção subordinativa condicional (equivale à conjunção **caso**). Logo, não há que se falar em fatores de atração quando não houver o emprego de pronomes pessoais oblíquos átonos.

7. **CERTO.** Um dos requisitos da redação oficial é a correção gramatical. Observe-se que o pronome "se" está sobrando na frase, ou seja, não há nada que o justifique. Muito pelo contrário, seu emprego revela desconhecimento em relação à voz passiva: ou ela é sintética (com pronome

Acesse www.baixarveloz.net

apassivador) ou analítica (com verbo ser mais particípio). Na oração já está sendo empregada a voz passiva analítica. Portanto, o pronome deve ser retirado.

8. **ERRADO.** Sabe-se que o advérbio "não" é um fator de atração de próclise. Portanto tal colocação é obrigatória. São, ainda, fatores de atração: pronomes indefinidos, demonstrativos, relativos e interrogativos, conjunções subordinativas, orações exclamativas, interrogativas, optativas e a construção *em + gerúndio*.

9. **CERTO.** Não havendo fator de atração, a colocação do pronome oblíquo átono nas locuções verbais com infinitivo ou gerúndio é praticamente livre. De fato, o pronome pode ficar entre os dois verbos desde que se interprete que ele está proclítico ao verbo principal (dizer), uma vez que ele não poderia estar enclítico à forma verbal "poderia", já que esta forma está no futuro do pretérito.

10. **ALTERNATIVA D.** Observe-se que a próclise é obrigatória devido à presença da conjunção subordinativa causal "porque" – que é um fator de atração.

    Comentários às outras opções: a) incorreta, porque o vocábulo "Não" é um fator de atração de próclise e essa regra não foi seguida; b) incorreta, porque o vocábulo "Quando" é uma conjunção subordinativa adverbial temporal – um fator de atração para a próclise; c) incorreta, porque não se pode iniciar um período com pronomes pessoais oblíquos átonos.

Acesse www.baixarveloz.net

Acesse www.baixarveloz.net

Domínio das Relações Morfossintáticas, Semânticas e Discursivas

Capítulo 11

Nos itens a seguir, os fragmentos constituem trechos sucessivos de um texto, adaptado da Internet (www.inmetro.gov.br). Julgue-os quanto ao aspecto gramatical.

1. Compradores de diferentes partes do mundo de produtos oriundos de florestas exigem cada vez mais a comprovação de que a matéria-prima de base florestal provenha de fontes adequadamente manejadas. Por esse motivo, a certificação de manejo florestal e de produtos derivados de florestas, conferida por uma terceira parte independente, passaram a ser um requisito importante para a realização de negócios.

2. Entre os benefícios da certificação florestal, podemos destacar: a ampliação das exportações; o acesso a novos mercados; a melhoria da imagem da organização e do próprio país; o crescimento socioeconômico da atividade florestal; a proteção de ecossistemas; a melhoria das condições de trabalho e o atendimento à legislação.

3. Desenvolvido no âmbito do Sistema Brasileiro de Avaliação da Conformidade (SBAC) e gerenciado, pelo Instituto Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial (INMETRO), o Programa Brasileiro de Certificação de Manejo de Florestas (CERFLOR) é um programa de natureza voluntária e aberto a participação das partes interessadas.

SINTAGMA

Acesse www.baixarveloz.net

4. Atendendo à regras internacionais de normalização, avaliação da conformidade e acreditação de organismos atuantes nessa área, o envolvimento direto da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) e do INMETRO, organizações reconhecidas internacionalmente, reforça substancialmente a iniciativa brasileira.

Os itens a seguir apresentam reescrituras de trechos do texto. Julgue-os quanto à correção gramatical.

5. A capacidade dos homens para viverem juntos e coordenarem esforços evitando conflitos é determinada, em grande parte, por suas aptidões para a comunicação correta.

6. Nos últimos tempos, vem sofrendo alterações o circuito da comunicação humana, em cuja composição se encontram os quatro elementos básicos: o transmissor, o receptor, a mensagem e o meio.

7. De acordo com o pensamento de Peruzzolo, importa menos o conteúdo das mensagens trocadas, do que os canais utilizados nos processos comunicacionais.

8. Somente em coexistência com o meio é que a mensagem irá do transmissor ao recebedor, sem obstruir o processo comunicacional, pois os demais elementos não funcionam isoladamente.

9. Contemporaneamente, o e-mail é melhor meio de adesão utilizado pelos jovens estudantes.

10. Consiste em argumento contrário à correspondência eletrônica o fato de não ser acessível à muitos, o que implica possível perda de informações importantes.

11. São fatores adversos ao uso generalizado de e-mail na Internet: empobrecimento das relações sociais e facilitação de mal-entendidos, derivados de ruídos nas informações.

Nos itens a seguir, os fragmentos constituem trechos sucessivos e adaptados do editorial de O Estado de Minas de 8/10/2008. Julgue-os quanto à correção gramatical.

Acesse www.baixarveloz.net

12. O Brasil não pode mais fugir à responsabilidade de enfrentar a realidade de que está deixando de ser um país de jovens. A queda da fertilidade e o aumento da expectativa de vida são dados positivos e indicam avanços típicos de países mais desenvolvidos e de populações mais esclarecidas.

13. Mas, quando esses dois fatos ocorrem ao mesmo tempo, na velocidade em que vêm sendo observados no Brasil, a soma de seus efeitos é explosiva e precisa ser encarada com seriedade e planejamento.

14. A melhoria de nossa produção de estatísticas e a evolução acadêmica da capacidade dos técnicos brasileiros de interpretá-los não tem deixado faltar munição a planejadores, a autoridades e à todas as pessoas de responsabilidade.

15. Em estudo que acaba de ser divulgado pelo Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA), ressalta-se o impacto das mudanças na distribuição das faixas etárias da população brasileira.

16. Os dados foram produzidos pela última Pesquisa Nacional de Amostragem por Municípios, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). São marcantes a queda da participação dos mais jovens no total da população.

Considerando que os fragmentos incluídos nos itens a seguir são partes sucessivas de um texto adaptado de Pedro da Motta Veiga e Roberto Magno Iglesias (<www.bndes.gov.br>), julgue-os quanto à correção gramatical.

17. A institucionalidade da política de comércio exterior viveu, a partir do final dos anos 80, uma lenta e difícil transição. Até então, o modelo institucional apoiava-se na centralização do poder normativo e de gestão dos instrumentos (de promoção, de financiamento etc.) em uma superagência estatal: a CACEX, do Banco do Brasil, funcionando o Conselho de Comércio Exterior como instância interministerial de formulação de políticas.

18. A extinção da CACEX ocorreu simultaneamente à uma ampla redefinição do quadro em que é formulada e implementada a política brasileira de comércio exterior: novos condicionantes externos (as regras da

Acesse www.baixarveloz.net

OMC e os compromissos no MERCOSUL) E internos (os esforços de ajuste fiscal) restringiram drasticamente as perspectivas de continuidade das políticas de exportação então vigentes, ao passo que a abertura comercial redefiniu prioridades e instrumentos no âmbito da política de importação.

19. A partir de meados da década passada, o objetivo de aumentar exportações ganhou destaque entre as prioridades de governo, e as negociações comerciais adquiriram peso crescente na agenda da política de comércio exterior, tornando-se gradativamente uma questão significativa no debate político doméstico no país.

20. Portanto, ao se iniciar a nova década, o ambiente que se formula e gerencia a política de comércio exterior brasileira é radicalmente diverso daquele que vigiu à época em que a CACEX atuava como superagência nessa área. A institucionalidade da política distanciou-se do modelo CACEX, mas é pouco nítido o modelo desejável e adequado aos novos condicionantes e objetivos.

Acesse www.baixarveloz.net

COMENTÁRIOS

Domínio das Relações Morfossintáticas, Semânticas e Discursivas

1. **ERRADO.** O primeiro erro relaciona-se à semântica: há uma ambiguidade no trecho "Compradores de diferentes partes do mundo de produtos oriundos de florestas"; o segmento "de produtos oriundos de florestas" pode estar relacionado tanto a "Compradores" quanto a "mundo", gerando duplo sentido. O segundo erro é gramatical: a forma verbal "passaram" não concorda com seu sujeito, cujo núcleo é "certificação". Para que o período estivesse gramaticalmente correto, tal verbo deveria ficar no singular. Observe-se que a conjunção "e" – presente em "a certificação de manejo florestal e de produtos derivados de florestas" – não está ligando dois núcleos do sujeito (o que levaria o verbo para o plural), e sim dois complementos nominais para o termo "certificação".

2. **CERTO.** O item não apresenta erro algum, seja de gramática seja de construção textual. Deve-se observar que este tipo de questão abrange vários temas que precisam ser avaliados com cuidado. São eles: a) pontuação; b) concordância; c) regência; d) crase; e) ortografia; f) coesão; g) coerência; h) vícios de linguagem.

3. **ERRADO.** Há dois erros gramaticais no período. O primeiro consiste no uso inadequado da vírgula após a forma verbal "gerenciado", uma vez que está separando o verbo do agente da passiva. Ainda que se considere "gerenciado" como adjetivo-particípio, a vírgula estará errada por separar o adjetivo do seu complemento nominal. O segundo erro é a ausência do sinal indicativo de crase no segmento "aberto a participação das partes interessadas". O adjetivo "aberto" exige a preposição **a** e o substantivo "participação" exige o artigo "a", já que o substantivo está especificado.

4. **ERRADO.** No segmento "Atendendo à regras internacionais", ocorre um erro no emprego do sinal indicativo de crase. Sabe-se que tal sinal não pode ocorrer antes de palavras em sentido genérico. Mesmo que o substantivo "regras" esteja especificado pelo adjetivo "internacionais", a ausência do artigo confere sentido genérico ao substantivo. De uma maneira simples:

SINTAGMA

Acesse www.baixarveloz.net

a partícula "a", presente no segmento, é apenas uma preposição; não há emprego de artigo (que seria o artigo **as**). Logo, não pode ocorrer crase. Observe-se que jamais haverá crase se o substantivo estiver no plural e a partícula "a" estiver no singular.

5. **CERTO.** O item não apresenta erro algum, seja de gramática seja de construção textual. Deve-se observar que este tipo de questão abrange vários temas que precisam ser avaliados com cuidado. São eles: a) pontuação; b) concordância; c) regência; d) crase; e) ortografia; f) coesão; g) coerência; h) vícios de linguagem.

6. **CERTO.** Pode haver dúvidas em dois pontos. O primeiro seria no emprego da forma verbal "vem", no singular. Observe-se que o sujeito é o segmento "o circuito da comunicação humana", e não o termo "alterações"; portanto a concordância está correta. O segundo seria o emprego de "cuja", no segmento "em cuja composição se encontram...". Note-se que o pronome "cuja", contextualmente, faz referência aos substantivos "circuitos" e "composição", estabelecendo relação de posse entre eles. Quanto ao emprego da preposição "em", que antecede tal pronome relativo, observe-se que ela é exigida pela função de adjunto adverbial que exerce e pela regência da forma verbal "se encontram": *o que se encontra se encontra em algum lugar*. O item não apresenta erro algum, seja de gramática seja de construção textual. Deve-se observar que este tipo de questão abrange vários temas que precisam ser avaliados com cuidado. São eles: a) pontuação; b) concordância; c) regência; d) crase; e) ortografia; f) coesão; g) coerência; h) vícios de linguagem.

7. **CERTO.** O item não apresenta erro algum, seja de gramática seja de construção textual. Pode haver dúvidas em relação ao emprego da locução comparativa "do que". A Gramática afirma que nas comparações, tanto faz se usar a conjunção comparativa "que" ou a locução comparativa "do que".

8. **CERTO.** O item não apresenta erro algum, seja de gramática seja de construção textual. Pode haver dúvidas em relação ao emprego do termo "recebedor", um tanto estranho. O dicionário, porém, registra as formas substantivas "recebedor" e **receptor**.

9. **ERRADO.** Na construção "o *e-mail* é melhor meio de adesão utilizado pelos jovens estudantes", faltou o emprego do artigo **o** antes do vocábulo "melhor". Esse adjetivo está no grau superlativo relativo de superiorida-

Acesse www.baixarveloz.net

de. Nessa forma, o artigo é obrigatório. Pode-se até não usar o artigo, mas o adjetivo passaria ao grau comparativo de superioridade. Como exemplo, estaria correta a seguinte construção:

> **O *e-mail* é melhor meio de adesão que as cartas comuns.** (Grau comparativo de superioridade sintético).

10. **ERRADO.** O erro consiste no uso incorreto do acento indicativo de crase no segmento "à muitos". Sabe-se que "muitos" é um dos pronomes indefinidos. Não existe crase com tais pronomes. Outra forma de se perceber o erro seria o fato de "muitos" ser uma palavra masculina e, ainda, o fato de estar no plural.

11. **CERTO.** O item não apresenta erro algum, seja de gramática seja de construção textual. Não há o que comentar, uma vez que inexistem detalhes que poderiam gerar dúvidas.

12. **CERTO.** Pode haver dúvidas quanto ao uso da construção "fugir à responsabilidade...". Admite-se também a forma *fugir da responsabilidade*. Ambas estariam corretas.

13. **CERTO.** Pode haver dúvidas quanto à concordância no trecho "a soma de seus efeitos é explosiva e precisa ser encarada...". Deve-se observar que "é explosiva" e "encarada" estão concordando com o substantivo " soma" – que é o núcleo do sujeito. Por isso estão no singular e no feminino. Não se admite, neste caso, a concordância com o substantivo "efeitos", uma vez que não se encontram, no contexto, os casos em que se admitiria a concordância com o adjunto adnominal ou complemento nominal: sujeito com expressões partitivas, com números percentuais ou com substantivos coletivos.

14. **ERRADO.** Há dois erros gramaticais. O primeiro consiste na falta de concordância verbal. Note-se que a forma verbal "tem" deveria receber acento circunflexo – o que denotaria plural –, concordando assim com os núcleos do sujeito: os substantivos "melhoria" e "evolução". O segundo consiste no emprego incorreto do sinal indicativo de crase no segmento "à todas as pessoas...". Observe-se que "todas" é um pronome indefinido (caso proibitivo de crase). Além disso, não se emprega crase quando a partícula "a" antecede palavras no plural, desprovidas de artigo.

Acesse www.baixarveloz.net

15. **CERTO.** O item não apresenta erro algum, seja de gramática seja de construção textual. Não há o que comentar, uma vez que, a nosso ver, inexistem detalhes que poderiam gerar dúvidas.

16. **ERRADO.** Note-se que no trecho "São marcantes a queda da participação dos mais jovens no total da população", não houve concordância entre o verbo e o seu sujeito. O núcleo do sujeito é o substantivo "queda" – que está no singular. Logo, em vez de "São marcantes", deveria ter sido utilizada a forma **É marcante**.

17. **CERTO.** O item não apresenta erro algum, seja de gramática seja de construção textual. Não há o que comentar, uma vez que inexistem detalhes que poderiam gerar dúvidas.

18. **ERRADO.** Há dois erros gramaticais. O primeiro consiste no emprego incorreto do sinal indicativo de crase no segmento "simultaneamente à uma ampla redefinição do quadro". Sabe-se que não existe crase antes de artigos indefinidos, sejam masculinos ou femininos. O segundo é a grafia incorreta da conjunção "E", que deveria ter sido escrita em letra minúscula, pois não há nada que justifique o emprego em maiúscula.

19. **CERTO.** O item não apresenta erro algum, seja de gramática seja de construção textual. Pode haver dúvidas em relação ao emprego da vírgula que antecede a conjunção aditiva "e". A gramática estabelece que a vírgula pode ocorrer antes de tal conectivo em quatro situações:

    a. para separar orações coordenadas com sujeitos diferentes;
    b. para separar orações em que o conectivo **e** tenha valor adversativo;
    c. para separar o polissíndeto (repetição reiterada e estilística de um conectivo);
    d. para se dar ênfase ao último termo ou à última oração de uma série enumerativa.

    Observe-se que no trecho "o objetivo de aumentar exportações ganhou destaque entre as prioridades de governo, e as negociações comerciais adquiriram peso crescente...", a conjunção "e" une duas orações, cujos verbos são "ganhou" e "adquiriram". Note-se ainda que cada uma dessas formas verbais possui um sujeito diferente, cujos núcleos são "objetivo" e "negociações", respectivamente. Portanto, a justificativa para o emprego da vírgula é a alternativa **a**, logo acima.

Acesse www.baixarveloz.net

20. ERRADO. Há pelo menos três erros no trecho " Portanto, ao se iniciar a nova década, o ambiente que se formula e gerencia a política de comércio exterior brasileira é radicalmente diverso daquele que vigiu à época...". O primeiro deles é de regência: falta a preposição **em** imediatamente antes do pronome "que", já que esse pronome exerce a função de adjunto adverbial. O segundo é a falta de paralelismo sintático entre "se formula e gerencia": deveria ter sido repetida a partícula "se" imediatamente antes de "gerencia", pois a ausência desse termo gera ambiguidade. Note-se que se poderia interpretar o termo "a política" como sujeito ou como objeto direto – um contrassenso. E o terceiro erro é a conjugação do verbo VIGER: o certo não é "vigiu", e sim **vigeu**. VIGER conjuga-se como VENDER, exceto na primeira pessoa do singular do presente do indicativo e seus tempos derivados, pois VIGER é defectivo – verbo com falhas de conjugação.

Acesse www.baixarveloz.net

Acesse www.baixarveloz.net

Acentuação e Ortografia

Capítulo 12

1 "Em linhas gerais, as sugestões, recomendações e alterações propostas pela Comissão buscaram complementar as informações disponibilisadas e padronizar o processo de acompanhamento das metas de modo que se atenuasse os aspectos de subjetividade presente nos
5 processos de mensuração de resultados."

1. O erro de grafia presente no parágrafo, ainda que não comprometa a compreensão do trecho, deve ser corrigido.

Declarção de ministros do trabalho do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL) na Conferência Regional de Emprego

1 CONSIDERANDO:
(...) Que o desafio do MERCOUL é colocar emprego de qualidade no centro das estratégias de desenvolvimento, para construir instrumentos de intervenção relevantes para a inclusão social.
5 (...)
POR ISSO: OS MINISTROS DE TRABALHO, no marco da CONFERÊNCIA REGIONAL DE EMPREGO convocada pela Comissão Sociolaboral do MERCOSUL, DECLARAM:
(...)

2. O emprego das maiúsculas em "MERCOSUL" (ℓ.2), assim como em outras palavras do texto, contraria as normas abonadas pela ortografia oficial da língua portuguesa.

SINTAGMA

Acesse www.baixarveloz.net

"Entre os novos tipos de profissional que hoje mais despertam interesse nas empresas estão também: o arquiteto da informação, responsável por organizar o conteúdo dos sítios para que as pessoas encontrem as informações com facilidade e façam suas compras na rede sem que esse seja um processo demorado demais; o cientista do exercício, que elabora um plano completo de **prevenção** de doenças, no qual se incluem programas de condicionamento físico, para clientes de planos de saúde e para empregados de empresas..."

3. A palavra "prevenção" (ℓ.5) se escreve com "ç", da mesma forma que "correção", "precaução" e "compreenção".

"Eis que se revela o estadista, em toda sua plenitude, e o gênio político na força de sua capacidade. Os que nele esperavam vinditas e represálias se surpreendem e se decepcionam. Suspende, por iniciativa própria, no mesmo dia de sua posse, o estado de sítio, restaura as franquias legais, devolve à imprensa e aos instrumentos de comunicação os veículos da liberdade".

4. O substantivo referente ao verbo "Suspende" (ℓ.3) se grafa corretamente assim: **suspenção**.

5. As palavras "amazônico" e "viúva" acentuam-se de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.

6. As palavras "água", "renovável" e "distribuído", recebem acento gráfico pela mesma razão.

"Na CALC, mesmo que os líderes latino-americanos tenham falado de seu poder coletivo e de sua unidade crescente, as tensões regionais ficaram evidentes. O atrito entre Equador e Brasil é um exemplo: o presidente equatoriano, Rafael Correa, expulsou executivos da construtora brasileira Odebrecht e está questionando o empréstimo feito pelo poderoso Bando Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), que financia projetos de obras públicas na América Latina".

Acesse www.baixarveloz.net

7. As palavras “líderes” (ℓ.1), “empréstimo” (ℓ.5), “Econômico” (ℓ.6-7) e “públicas” (ℓ.7) recebem acento gráfico com base na mesma justificativa gramatical.

8. O vocábulo **traz** corresponde apenas a uma das formas do verbo trazer; a forma **trás** é empregada na indicação de lugar (equivale a parte posterior).

> “Promulgada em setembro de 2008, a nova Lei do Estágio ainda provoca dúvidas entre empresários e estudantes.”

9. Caso fosse eliminado o acento da palavra “dúvidas” (ℓ.2), o texto ficaria incoerente, pois a forma resultante corresponderia a palavra pertencente a outra classe gramatical.

> “O ano de 1964 representou para a Universidade de Brasília o maior retrocesso que pôde existir na história do ensino superior no Brasil.”

10. O acento gráfico em “pôde” (ℓ.2) obriga o leitor a situar a oração em que tal forma verbal está inserida no tempo pretérito.

Acesse www.baixarveloz.net

COMENTÁRIOS

Acentuação e Ortografia

1. **CERTO.** O erro de grafia presente no texto é o da palavra "disponibilisadas". Veja-se que o verbo **disponibilizar** é grafado com "z", portanto o particípio de tal verbo também deve ser escrito com "z". Realmente tal erro não compromete a compreensão do texto. Mesmo assim, deve ser corrigido.

2. **ERRADO.** O emprego das maiúsculas em "MERCOSUL" justifica-se por ser esta palavra uma abreviação do bloco econômico conhecido como Mercado Comum do Sul. Outra expressão foi grafada com maiúsculas por ser o nome de um evento – "Conferência Regional de Emprego". Veja-se também que em redações oficias há a possibilidade de se empregarem letras maiúsculas com o objetivo de DESTACAR. Por exemplo, são indicados, em letras maiúsculas, a epígrafe, o cargo da autoridade emitente, o órgão, a palavra CONSIDERANDO, e a ordem de execução ("DECRETA" ou "RESOLVE", de acordo com o ato).

3. **ERRADO.** "Compreenção" se escreve com "s" – Compreensão. No capítulo 19 do nosso livro "*Português Básico Aplicado ao Texto",* listamos algumas dicas práticas desta matéria, porém reconhecemos que a melhor forma de se aprender a correta grafia de um vocábulo é a retenção de sua imagem, o que ocorre por meio da leitura e da constante escrita.

4. **ERRADO.** A regra diz que usa-se S e não C/Ç nas palavras substantivas derivadas de verbos com radicais em **ND,** RG, RT, PEL, CORR e SENT. Alguns exemplos: pretender – pretensão / inverter – inversão / discorrer – discurso / consentir – consensual. Portanto, a grafia correta seria **suspensão – suspeNDer.**

5. **ERRADO.** A palavra "a-ma-zô-ni-co" é acentuada por ser uma proparoxítona. O vocábulo "vi-ú-va" acentua-se por ser uma paroxítona com vogal tônica (u) antecedida de uma vogal (i) com que não forma ditongo e nem constitui sílaba com a eventual consoante seguinte. Alguns exemplos dessa última regra: aí, Luís, atraíam, cafeína, juízes, miúdo, paraíso e sanduíche. Esse é um caso especial de acentuação de hiatos com as vogais 'i' e 'u'.

Acesse www.baixarveloz.net

6. **ERRADO.** "Água" – paroxítona terminada em ditongo oral. "Renovável" – paroxítona terminada em 'l'. "Distribuído" – paroxítona com vogal tônica (i) antecedida de uma vogal (u) com que não forma ditongo e nem constitui sílaba com a eventual consoante seguinte. Veja-se o comentário da questão 5.

7. **CERTO.** "Lí-de-res", "em-prés-ti-mo", "E-co-nô-mi-co", "pú-bli-cas", todas elas são proparoxítonas, portanto devem ser acentuadas.

8. **CERTO.** A preposição *trás,* que indica situação posterior, tornou-se arcaica. Atualmente, é substituída pelas locuções *depois de* e *atrás de*; em raras vezes, por sua sinônima *após. Traz* é a forma do presente do indicativo do verbo *trazer,* na 3º pessoa do singular.

9. **CERTO.** O vocábulo 'dúvidas' classifica-se como *substantivo* e significa falta de clareza. Sem o acento, torna-se *verbo (*duvidar).

10. **CERTO.** ***Pôde*** é a forma do passado do verbo *poder* (pretérito perfeito do indicativo), na 3ª pessoa do singular. ***Pode*** é a forma do presente do indicativo, na 3ª pessoa do singular. Exemplo: Ontem, ele não pôde estudar gramática, mas hoje ele pode.

Coleção
Questões Comentadas

1. CESPE I (médio e superior)
2. CONSULPLAN (médio e superior)
3. FGV I (médio e superior)
4. FGV II (superior)
5. UNIVERSA (médio e superior)
6. UNIVERSA + IADES (médio e superior)
7. CESPE II (médio)
8. CESPE III (superior)
9. FCC I (médio)
10. FCC II (superior)
11. DIVERSAS BANCAS I (médio)
12. DIVERSAS BANCAS II (superior)

Editora
Sintagma
www.editorasintagma.com.br
3033.8475 - Brasília/DF

RIO PREFEITURA
SUBSECRETARIA DE SERVIÇOS COMPARTILHADOS

CONCURSO PÚBLICO
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

PROFESSOR ADJUNTO DE EDUCAÇÃO INFANTIL

CADERNO DE QUESTÕES OBJETIVAS E DISCURSIVA

ATENÇÃO

1. A prova terá duração de 4 (quatro) horas, considerando, inclusive, a marcação do **CARTÃO-RESPOSTA** e o preenchimento da **FOLHA DE RESPOSTA DEFINITIVA.**
2. É de responsabilidade do candidato a conferência deste caderno que **contém 50 (cinquenta) questões de múltipla escolha**, cada uma com 4 (quatro) alternativas (A,B,C e D) e **01 (uma) questão discursiva.** As questões estão distribuídas da seguinte forma:

CONTEÚDO	QUESTÕES
Língua Portuguesa	01 a 10
Matemática	11 a 20
Legislação	21 a 25
Conhecimentos Específicos de Educação Infantil	26 a 50
Discursiva	1

3. Transcreva a frase abaixo, para o espaço determinado no cartão-resposta, com caligrafia usual, utilizando caneta esferográfica de tinta azul ou preta, para posterior exame grafológico.

"A GENTE NÃO FAZ AMIGOS, RECONHECE-OS"

4. A prova (objetiva e discursiva) deverá ser feita, obrigatoriamente, à caneta esferográfica, fabricada em material incolor e transparente, de tinta azul ou preta, não sendo permitido o uso de régua, lápis, lapiseira, marca texto, corretivo e/ou borracha durante a realização da prova. A simples posse ou uso de qualquer material, objeto ou equipamento não permitido, mesmo que desligado, no local da prova, corredor ou banheiros, implicará na exclusão do candidato no certame.
5. Durante a realização da prova (objetiva e discursiva) não será admitida a consulta à legislação, livros, impressos ou anotações bem como o empréstimo de material e/ou utensílio de qualquer espécie e/ou comunicação entre os candidatos, tampouco será permitido o uso de qualquer tipo de aparelho eletrônico.
6. Não haverá substituição do cartão-resposta e/ou folha de resposta definitiva por erro do candidato. O candidato não poderá amassar, molhar, dobrar, rasgar, manchar ou, de qualquer modo, danificar o cartão-resposta e a folha de resposta definitiva.
7. O candidato deverá elaborar o texto dissertativo de, no mínimo 20 (vinte) e no máximo, 25 (vinte e cinco) linhas. Caso o candidato opte por não responder à Prova Discursiva, deverá declarar, no campo destinado à resposta definitiva, que entregou a prova em branco.
8. A folha de resposta definitiva possui código numérico e não poderá ser assinada, rubricada, nem conter nenhuma identificação, mesmo que seja em seu verso, sendo assim a detecção de qualquer marca identificadora acarretará em anulação da questão e a consequente eliminação do candidato do certame.
9. **Será admitida** rasura, acompanhada da palavra *"digo"*, sem que isso constitua identificação de prova.
10. O candidato é responsável pela conferência de seus dados pessoais: nome, número de inscrição e data de nascimento.
11. Os relógios de pulso serão permitidos, desde que não sejam digitais e permaneçam sobre a mesa, à vista dos fiscais, até a conclusão da prova.
12. Somente após decorrida uma hora do início da prova, ainda que tenha desistido do certame, o candidato poderá retirar-se do recinto, depois que entregar o cartão-resposta, devidamente assinado e com a frase transcrita, juntamente com a folha de resposta definitiva sem nenhuma identificação e o caderno de questões. Não será permitida qualquer anotação de informações da prova em qualquer meio, sob pena de eliminação do certame.
13. **Faltando 30 (trinta) minutos para o término do tempo de prova, o candidato poderá levar o seu caderno de questões.** Os três últimos candidatos deverão permanecer em sala, sendo liberados somente quando todos tiverem concluído a prova ou o tempo tenha se esgotado, sendo indispensável o registro dos seus nomes e assinaturas na ata de aplicação de prova.
14. Não será permitido o uso de sanitários por candidatos que tenham terminado as provas.
15. O FISCAL DE SALA NÃO ESTÁ AUTORIZADO A ALTERAR QUAISQUER DESSAS INSTRUÇÕES.
16. O gabarito da prova objetiva será publicado no Diário Oficial do Município do Rio de Janeiro – D.O. Rio, no segundo dia útil seguinte ao de realização da prova, estando disponível, também, no endereço eletrônico http://www.rio.rj.gov.br/web/portaldeconcursos.

Boa Prova!

2019

LÍNGUA PORTUGUESA

Texto: É brincando que se aprende

O professor Pardal gostava muito do Huguinho, do Zezinho e do Luizinho e queria fazê-los felizes. Inventou, então, brinquedos que os fariam felizes para sempre, brinquedos que davam certo sempre: uma pipa que voava sempre, um peão que rodava sempre e um taco de beisebol que acertava sempre na bola. Os três patinhos ficaram felicíssimos ao receber os presentes e se puseram logo a brincar com seus brinquedos que funcionavam sempre.

Mas a alegria durou pouco. Veio logo o enfado. Porque não existe nada mais sem graça que um brinquedo que dá certo sempre. Brinquedo, para ser brinquedo, tem de ser um desafio. Um brinquedo é um objeto que, olhando para mim, me diz: "Veja se você pode comigo!". O brinquedo me põe à prova. Testa as minhas habilidades. Qual é a graça de armar um quebra-cabeça de 24 peças? Pode ser desafio para uma criança de 3 anos, mas não para mim. Já um quebra-cabeça de 500 peças é um desafio. Eu quero juntar as suas peças! Para isso, sou capaz de gastar meus olhos, meu tempo, minha inteligência, meu sono.

Qualquer coisa pode ser um brinquedo. Não é preciso que seja comprado em lojas. Na verdade, muitos dos brinquedos que se vendem em lojas não são brinquedos precisamente por não oferecerem desafio algum.

Que desafio existe numa boneca que fala quando se aperta a sua barriga? Que desafio existe num carrinho que anda ao se apertar um botão? Como os brinquedos do professor Pardal, eles logo perdem a graça. Mas um cabo de vassoura vira um brinquedo se ele faz um desafio: "Vamos, equilibre-me em sua testa!". Quando era menino, eu e meus amigos fazíamos competições para saber quem era capaz de equilibrar um cabo de vassoura na testa por mais tempo. O mesmo acontece com uma corda no momento em que ela deixa de ser coisa para se amarrar e passa a ser coisa de se pular.

Laranjas podem ser brinquedos? Meu pai era um mestre em descascar laranjas sem arrebentar a casca e sem ferir a fruta. Para o meu pai, a laranja e o canivete eram brinquedos. Eu olhava para ele e tinha inveja. Assim, tratei de aprender. E ainda hoje, quando vou descascar uma laranja, ela vira brinquedo nas minhas mãos ao me desafiar: "Vamos ver se você é capaz de tirar a minha casca sem me ferir e sem deixar que ela arrebente".

Para um alpinista, o Aconcágua é um brinquedo: é um desafio a ser vencido. Mas um morrinho baixo não é brinquedo porque é muito fácil – não é desafio. Ao escalar o Aconcágua, ele está medindo forças com a montanha ameaçadora! Pelo desafio dos picos, os alpinistas arriscam as suas vidas, e muitos morrem. Parodiando o Riobaldo: "Brincar é muito perigoso...".

Há brinquedos que são desafios ao seu corpo, à sua força, à sua habilidade, à sua paciência. E há brinquedos que são desafios à inteligência. A inteligência gosta de brincar. Brincando, ela salta e fica mais inteligente ainda. Brinquedo é tônico para a inteligência. Mas se ela tem de fazer coisas que não são desafio, ela fica preguiçosa e emburrecida.

Todo conhecimento científico começa com um desafio: um enigma a ser decifrado! A natureza desafia: "Veja se você me decifra!". E aí os olhos e a inteligência do cientista se põem a trabalhar para decifrar o enigma. Assim aconteceu com Johannes Kepler (1571-1630), cuja inteligência brincava com o movimento dos planetas. Assim aconteceu com Galileu Galilei (1564-1642), que, ao observar a natureza, tinha a suspeita de que ela falava uma linguagem que ele não entendia. Pôs-se, então, a observar e a pensar (ciência se faz com essas duas coisas, olho e cérebro!) até que decifrou o enigma: a natureza fala a linguagem da matemática! E até hoje os cientistas continuam a brincar o mesmo brinquedo descoberto por Galileu.

Aconteceu assim também com um monge chamado Gregor Johann Mendel (1882-1962). No seu mosteiro havia uma horta onde cresciam ervilhas. Os outros monges, vendo as ervilhas, pensavam em sopa. Mas Mendel percebeu que elas escondiam um segredo. E ele tanto fez que acabou por descobrir o segredo que nos revelou o incrível mundo da genética. E não é esse mesmo jogo que faz a criança que está começando a aprender a ler? Ela olha para as letras-ervilhas e tenta decifrar a palavra que elas formam. Tudo é brinquedo!

Rubem Alves

https://institutorubemalves.org.br/wp-content/uploads/2018/08/2002.12.17.pdf

01. A respeito do brinquedo, o texto **NÃO** afirma que:

(A) estimula a inteligência
(B) tem no desafio uma característica essencial
(C) trabalha raciocínio e coordenação motora
(D) está presente em muitas atividades da vida adulta

02. Está empregada em sentido conotativo a palavra destacada em:

(A) "Não é preciso que seja comprado em **lojas**."
(B) "Meu pai era um **mestre** em descascar laranjas..."
(C) "Já um **quebra-cabeça** de 500 peças é um desafio."
(D) "Que desafio existe num **carrinho**...?"

03. "Veio logo o **enfado**." (2º parágrafo) Nesta frase, a palavra em destaque pode ser substituída por:

(A) tédio, aborrecimento
(B) depressão, melancolia
(C) insensibilidade, apatia
(D) irritação, cólera

04. Em "Veja se você pode comigo" (2º parágrafo), o verbo poder está empregado no sentido de:

(A) ter autoridade moral para
(B) ter autorização para
(C) ter oportunidade de
(D) ter influência sobre

05. Justifica-se pela mesma regra a acentuação dos seguintes vocábulos:

(A) dá – três – até
(B) felicíssimos – tônico – genética
(C) Aconcágua – fácil – inteligência
(D) incrível – você – cérebro

06. Está corretamente grafada com inicial minúscula a palavra **professor** em "O professor Pardal gostava muito do Huguinho..." (1º parágrafo) Também deve ser iniciada com letra minúscula a palavra destacada na seguinte frase:

(A) Rio de Janeiro, 15 de **março** de 2019.
(B) Tive um bom desempenho em **geografia** este ano.
(C) Neste semestre, o livro que vamos ler é **iracema**.
(D) Precisamos preservar a **amazônia**.

07. Está destacado um advérbio em:

(A) "E até hoje continuam a brincar o mesmo brinquedo..."
(B) "Na verdade, muitos dos brinquedos..."
(C) "E não é esse mesmo jogo que faz a criança..."
(D) "O professor Pardal gostava muito do Huguinho..."

08. Foge à norma padrão da língua a seguinte frase:

(A) Tudo são brinquedos.
(B) Ao receberem os brinquedos, os patinhos se entusiasmaram.
(C) Existem brinquedos que são extremamente desafiadores.
(D) Vamos, me equilibra na sua testa!

09. "E ele tanto fez **que** acabou por descobrir o segredo..." (último parágrafo) Neste fragmento, a palavra em destaque introduz a ideia de:

(A) causa
(B) condição
(C) consequência
(D) concessão

10. A palavra **para** traz a ideia de finalidade no seguinte fragmento de texto:

(A) "Pode ser desafio **para** uma criança de 3 anos..."
(B) "**Para** isso, sou capaz de gastar meus olhos..."
(C) "Um brinquedo é um objeto que, olhando **para** mim..."
(D) "**Para** um alpinista, o Aconcágua é um brinquedo..."

MATEMÁTICA

11. A imagem a seguir mostra a embalagem de uma pizza com a forma de um prisma octogonal.

Esse prisma possui um total de arestas igual a:

(A) 16
(B) 18
(C) 24
(D) 28

12. Para encher 3/5 de uma caixa de água, uma torneira levou 6h. Nas mesmas condições, o tempo que essa torneira levará para completar o volume dessa caixa é igual a:

(A) 4 horas
(B) 4 horas e 30 minutos
(C) 3 horas
(D) 3 horas e 30 minutos

13. Um banco possui três cofres, A, B e C. No cofre A, estão guardados R$ 845.520,00; no cofre B, R$ 330.780,00 e, no cofre C, R$ 125.100,00. Para que os três cofres ficassem com a mesma quantidade de dinheiro, o gerente do banco transferiu **x** reais do cofre A para o cofre B e **y** reais do cofre A para o cofre C. Os valores de **x** e **y** em reais correspondem, respectivamente, a:

(A) 113.060,00 e 318.980,00
(B) 103.020,00 e 308.700,00
(C) 113.060,00 e 308.700,00
(D) 103.020,00 e 318.980,00

14. Numa determinada aula, um aluno disse que tinha uma quantidade de figurinhas igual a **n**. Em seguida ao distribuir todas as figurinhas para seus 15 amigos verificou que cada um recebeu 17 figurinhas. A soma dos algarismos de **n** é igual a:

(A) 8
(B) 9
(C) 12
(D) 13

15. Admita que um terreno de **0,12 km²** seja dividido em três partes iguais. A medida, em **m²**, de uma dessas partes é igual a:

(A) 40.000
(B) 4.000
(C) 400
(D) 0,4

16. Usando uma malha quadriculada formada por quadrados congruentes, um professor sombreou a palavra LUA.

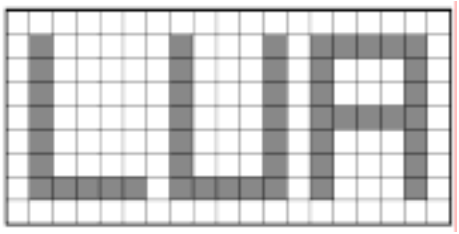

Considerando cada quadradinho da malha como unidade de área, a região sombreada tem área igual a:

(A) 50
(B) 48
(C) 45
(D) 35

17. Admita que uma determinada pessoa contraiu uma dívida e, para ajudar no pagamento, resolveu vender *brownie*. Num determinado mês foram vendidos 200 *brownies*, cada um por R$ 2,25 e o valor total obtido por essa venda equivale a $\frac{3}{40}$ da dívida. O valor total, em reais, dessa dívida é igual a:

(A) 7750,00
(B) 7550,00
(C) 6500,00
(D) 6000,00

18. Diariamente nos deparamos com objetos que têm a forma de um cilindro reto. Admita que a área da base e a altura de um desses objetos sejam respectivamente iguais a 10,36 cm^2 e 20,4 cm. O volume desse cilindro, em cm^3 , é igual a:

(A) $(10,36) \times (20,4)^2$
(B) $(10,36)^2 \times (20,4)$
(C) $(10,36)^2 \times (20,4)^2$
(D) $(10,36) \times (20,4)$

19. Em dezembro de 2018, um determinado mercado cobrava por um quilo de feijão o valor de R$ 5,10. Em janeiro de 2019 esse mercado está cobrando por um quilo desse mesmo feijão o valor de R$ 4,80. Em relação ao valor cobrado em janeiro de 2019, a redução do valor em cada quilo de feijão foi igual a:

(A) 7,00%
(B) 6,25%
(C) 5,88%
(D) 3,00%

20. Um professor utilizou uma malha quadriculada para mostrar aos seus alunos que, ao multiplicar todos os lados de um retângulo por 3, a área desse retângulo fica multiplicada por **k**. O valor de **k** é:

(A) 3
(B) 6
(C) 9
(D) 12

LEGISLAÇÃO

21. A avaliação na educação infantil, de acordo com a Lei nº 9.394/96, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, concretiza-se:

(A) mediante testagem das crianças, com o objetivo de promoção, para o acesso ao ensino fundamental
(B) mediante comparação entre as crianças da mesma turma ou grupamento, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental
(C) mediante acompanhamento e registro do desenvolvimento das crianças, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental
(D) mediante estimulação para o desenvolvimento das crianças, com o objetivo de promoção, para o acesso ao ensino fundamental

22. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, pode ser oferecida em horário parcial ou integral. Considerando as "Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil", o período mínimo de permanência em creches e pré-escolas nos horários parcial e integral é, respectivamente, de:

(A) 4 horas e 7 horas
(B) 4 horas e 8 horas
(C) 5 horas e 7 horas
(D) 5 horas e 10 horas

23. As propostas pedagógicas da educação infantil, segundo as "Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil" devem respeitar os seguintes princípios:

(A) culturais, estéticos e lúdicos
(B) estéticos, políticos e éticos
(C) políticos, éticos e culturais
(D) lúdicos, éticos e estéticos

24. A Lei nº 6.362/2018, que aprova o Plano Municipal de Educação do Rio de Janeiro – PME, em parte da meta 1, estabelece a universalização da educação infantil na pré-escola, até o segundo ano de vigência do plano (2020). Para o cumprimento dessa meta, a Secretaria Municipal de Educação deverá:

(A) implementar, em caráter complementar, programas de orientação e apoio às famílias, por meio da articulação entre as Secretarias Municipais de Saúde, Educação e Assistência Social e Direitos Humanos
(B) elaborar um Sistema de Avaliação e Monitoramento das unidades de educação infantil com ampla participação da sociedade para posterior aprovação pelo Conselho Municipal de Educação
(C) superar as desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação
(D) manter e ampliar o programa nacional de construção e reestruturação de escolas, visando à expansão da rede física de escolas públicas de educação infantil

25. O artigo 26 da Lei nº 9.394/96, LDB em vigor, afirma que os currículos da educação infantil devem contemplar a Base Nacional Comum Curricular – BNCC. Em dezembro de 2017, o Conselho Nacional de Educação a aprovou. Sobre esse tema, é correto afirmar que a BNCC é um documento de caráter:

(A) reflexivo, que define o conjunto normativo orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais como direito das crianças, jovens e adultos
(B) normativo, que define o conjunto normativo orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais como direito das crianças, jovens e adultos
(C) opcional, que defende o conjunto normativo orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais como direito das crianças, jovens e adultos
(D) sugestivo, que defende o conjunto normativo orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais como direito das crianças, jovens e adultos

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS DE EDUCAÇÃO INFANTIL

26. "(...) o tempo e o espaço na educação infantil devem ser vividos e organizados considerando as demandas das crianças e suas práticas do dia a dia, além da crença de que cabe à creche, pré-escola e EDI, proporcionar de forma intencional oportunidades para aprendizagens e desenvolvimento da criança". Com base nessa concepção, expressa nas "Orientações curriculares para a educação infantil" (2010), cabe ao professor:

(A) realizar um planejamento rigoroso que tenha como foco atingir as metas definidas, considerando seu próprio interesse

(B) organizar o espaço de forma que facilite o seu trabalho e o alcance de suas metas pessoais

(C) proporcionar às crianças vivências mecânicas e progressivas de aprendizagem

(D) compreender as metas, destacar os objetivos, preparar as atividades e observar os interesses das crianças

27. As orientações ao professor de pré-escola I e II do município do Rio de Janeiro indicam que se adote com as crianças um tipo de letra que favorece a discriminação visual e facilita o traçado. Esse tipo de letra é:

(A) imprensa

(B) caixa alta

(C) cursiva

(D) caixa baixa

28. O documento "O fazer das artes plásticas na educação infantil" (2012) apresenta, como sugestão de metodologia para pensar o trabalho com as artes plásticas nesse segmento da educação básica, uma proposta triangular organizada pela professora Ana Mae Barbosa, a qual apresenta três eixos. São eles:

(A) a leitura de imagem, o fazer artístico e o senso comum

(B) a contextualização, a reprodução e a intencionalidade

(C) a leitura de imagem, o fazer artístico e a contextualização

(D) a contextualização, a reprodução e os cinco sentidos

29. Em "Organização da sala na educação infantil: ambiente para a criança criar, mexer, interagir e aprender" (2013) salienta-se que, para organizar um ambiente propício a determinada faixa etária, é necessário:

(A) que o ambiente ofereça cadeiras e mesas para todas as crianças se sentarem e realizarem atividades de forma restrita

(B) considerar a história de vida de cada criança, a cultura local e as características gerais do grupo e seus interesses e desejos

(C) priorizar as demandas do professor e a sua mobilidade pelo espaço, de modo que não haja tropeços

(D) que se meça milimetricamente a sala, a altura de cada criança e dos profissionais para que todos fiquem confortáveis no ambiente

30. O espaço e a sua organização devem colaborar com o desenvolvimento da autonomia, com as interações e com a construção da identidade. Logo, o espaço deve conter:

(A) trabalhos feitos pelas crianças, fotos individuais ou da turma afixadas no mural ou na porta

(B) trabalhos feitos pelo professor independente do auxílio das crianças e afixados em murais altos e coloridos

(C) murais confeccionados pelo professor e fora do alcance das crianças para evitar que sofram danos

(D) murais sem desenhos e sem identificação do grupamento para que seja preservada a neutralidade do espaço

31. A Secretaria Municipal de Educação (SME), em seus documentos oficiais relativos à educação infantil, em conformidade com as "Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil" (2010), considera dois eixos estruturantes para o trabalho na educação infantil, que são:

(A) interações e experiências

(B) ações e brincadeiras

(C) interações e brincadeiras

(D) brincadeiras e influências

32. A rede municipal de educação infantil do Rio de Janeiro, seguindo as orientações das "Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil" (2010), defende a avaliação como um processo:

(A) fragmentado e que precisa revelar para as famílias os resultados atingidos pelas crianças

(B) comparativo que destaca os objetivos que ainda não foram alcançados pelas crianças

(C) descritivo e classificatório do desempenho evidenciado pelas crianças

(D) contínuo que deve acompanhar o processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança

33. "(...) planejar na educação infantil é planejar um contexto educativo, envolvendo atividades e situações desafiadoras e significativas, que favoreçam a exploração, a descoberta e a apropriação de conhecimento sobre o mundo físico e social." (Ostetto, 2000)

De acordo com o caderno pedagógico "Planejamento na educação infantil" (SME, 2011), planejar um contexto educativo envolve preparar o ambiente:

(A) com personagens da literatura infantil

(B) tendo como foco as relações humanas

(C) tendo como foco o professor

(D) com mobiliário colorido

34. De acordo com o caderno pedagógico "Planejamento na educação infantil" (SME, 2011), uma ação pedagógica é planejada com base nas metas estabelecidas para um determinado grupo de crianças. Nesse sentido, a ação do educador inclui a seleção das experiências a serem proporcionadas, que precisa considerar quatro aspectos, a saber:

(A) intencionalidade do educador; inércia das crianças; interação entre crianças e adultos e entre crianças; fragmentação da proposta
(B) intencionalidade do educador; interesse das crianças; interação entre crianças e adultos e entre crianças; complexidade da proposta
(C) interesse das crianças; animosidade entre crianças e adultos e entre crianças; simplicidade da proposta; intencionalidade do educador
(D) complexidade da proposta; negligência do educador; interesse do educador; interação entre crianças e adultos e entre crianças

35. Segundo as "Orientações curriculares para a educação infantil" (2010), a criança, ao ingressar em um espaço de educação infantil, vive a passagem de um ambiente doméstico e íntimo para um coletivo, com outras regras e relações sociais. Logo, esse novo espaço, por respeito à criança, precisa garantir-lhe:

(A) muros altos e indevassáveis, flexibilidade de horário de acordo com a demanda de cada família e atividades de curta duração
(B) construção de relações positivas, atividades diárias com curta duração e planejamento fixo e inflexível
(C) proteção à saúde e segurança, construção de relações positivas e criação de oportunidades para a aprendizagem
(D) oportunidades para a aprendizagem, flexibilidade de horário de entrada e saída de acordo com a demanda de cada professor e construção de relações positivas

36. No documento "Orientações curriculares para a educação infantil" (2010), a linguagem verbal é considerada como um bem cultural. Assim, o ideal é que, vivendo a linguagem oral no dia a dia, a criança vá aprendendo a:

(A) fazer uso da fala, apropriar-se do seu funcionamento e descobrir a possibilidade de registro
(B) manter-se calada, comunicando-se quando solicitada
(C) produzir, a princípio curtos e, em seguida, longos textos a respeito da sua linguagem e do contexto em que vive
(D) tornar-se um sujeito receoso de utilizar a linguagem como forma de expressão

37. Há crianças que ingressam nas unidades de educação infantil recitando sequências numéricas. A contagem de objetos, porém, envolve colocar em ação, gradativamente, um procedimento termo a termo entre os nomes dos numerais e os objetos a serem contados. Para explorar o sistema numérico oral com as crianças e evitar a mecanização, é necessário que elas:

(A) decorem os número de zero a dez mediante repetição contínua
(B) compreendam o sentido do que estão fazendo por meio de vivências cotidianas
(C) copiem a sequência numérica de zero a dez cobrindo os números
(D) realizem pequenas operações matemáticas apresentadas em livros didáticos

38. Vygotsky foi um importamte psicólogo russo que se dedicou ao estudo do desenvolvimento intelectual das crianças como fruto das interações sociais. Para esse autor, a construção do pensamento e da subjetividade é:

(A) um processo cultural
(B) uma formação natural
(C) uma formação universal
(D) um processo sensorial

39. "A característica principal do registro, como instrumento de trabalho pedagógico, é constituir-se num espaço pessoal do educador" (Ostetto org., 2012). Com essa perspectiva, é possível afirmar que o registro do educador deve contemplar:

(A) a construção de um planejamento inalterável e que demonstre as falhas nas atividades
(B) o estudo comparativo das crianças ressaltando os pontos negativos da rotina diária
(C) análise do conteúdo disciplinar que precisará ser alcançado considerando metas e prazos determinados
(D) o vivido diariamente, apresentado na escrita de forma descritiva e também analítica

40. "(...) a ideia de que o processo educativo necessita apresentar um resultado palpável, um produto foi um grande desafio para nós (...)". Segundo Souza e Weiss (Ostetto org., 2012), o trabalho educativo com os bebês no berçário se diferencia dos outros grupamentos da educação infantil por apresentar características particulares. Portanto, o planejamento para o trabalho com bebês se caracteriza pela:

(A) criação e apresentação de um produto final para a apreciação das famílias
(B) experimentação em práticas reducionistas que demonstrem a produção dos bebês
(C) construção de vivências significativas, envolvendo exploração, com todos os sentidos
(D) elaboração de trabalho palpável e concreto que fique exposto em toda a unidade

41. Zanini e Leite (Ostetto org., 2012) apresentam dois conceitos de rotina: a hospitalar ou rotineira e a criativa ou viva. Na rotina denominada hospitalar ou rotineira, o processo de aprendizagem só ocorre quando:

(A) a criança participa ativamente da organização das atividades
(B) a vontade da criança é levada em consideração no planejamento
(C) a sucessão de atividades é flexível e espontânea
(D) a atividade está sob o controle do educador

42. Desde o seu nascimento, toda pessoa interage com objetos do mundo letrado e, segundo Faria e Kuhnen (Ostetto org., 2012), não se pode negar à criança o seu desejo de interagir de forma mais efetiva e significativa com esses objetos. Consequentemente, a educação infantil deverá assegurar a existência de:

(A) atividades preparatórias para o ensino fundamental
(B) o menor contato possível da criança com livros e revistas
(C) espaços para que a criança compreenda a função social da escrita
(D) pequenos testes para verificar o processo de alfabetização

43. Ostetto (2018) afirma que, para a realização do registro do cotidiano vivido com um grupo de crianças, é necessário:

(A) idealizar as crianças e suas características e estabelecer as metas que precisam ser alcançadas
(B) descrever as famílias de cada criança e realizar um *check-list* daquilo que precisa ser alcançado
(C) observar ações, reações, interações, proposições não só das crianças, mas também do próprio docente
(D) traçar regras, propor atividades dirigidas e selecionar as crianças para as atividades

44. As ações de cuidado fazem parte da rotina da educação infantil e visam promover saúde e bem-estar como, por exemplo, o momento do banho, da soneca e da alimentação. Devem ser compreendidas como situações de aprendizagem, que se tornam educativas quando o adulto:

(A) incorpora essas ações como hábito e as realiza automaticamente, pois acredita que diálogo e explicações são desnecessários
(B) dirige-se às crianças com respeito, paciência, alegria, usando um tom ameno, pois acredita que o cuidar também educa
(C) entende que se trata de tarefas que precisam ser cumpridas, porém sem executá-las com intuito pedagógico
(D) atua ativamente no cuidado das crianças, porém de modo a inibir que elas adquiram autonomia

45. Garcia e Abreu (Ostetto, 2018) afirmam que: "(...) são fontes de diálogos com as diferentes pessoas que circulam (...). É um veículo de comunicação, sobretudo com as famílias". Nesse trecho, as autoras se referem ao:

(A) refeitório
(B) pátio externo
(C) mural
(D) mobiliário

46. Segundo Horn (2017), a organização do espaço na educação infantil tem como premissa:

(A) a compreensão do espaço como um cenário, uma paisagem
(B) o entendimento do espaço como parte integrante do currículo escolar e como parceiro pedagógico do educador infantil
(C) o entendimento do espaço como uma construção neutra e livre de qualquer representatividade
(D) a compreensão do espaço como lugar que precisa ser construído de acordo com o bem-estar do professor e sua demanda

47. A avaliação do desenvolvimento infantil é um processo construtivo de prática pedagógica e deve atuar como:

(A) legitimador de um comportamento inadequado
(B) um inventário do que foi aprendido pelas crianças
(C) um inibidor de potencialidades das crianças
(D) recurso para auxiliar o progresso das crianças

48. O protagonismo infantil, segundo Horn (2017), é definido como uma ação:

(A) compartilhada entre professores, crianças, conhecimento, espaço e tempo
(B) pré-estabelecida pelo professor, com objetivos previamente traçados e uso definido do tempo e do espaço
(C) direcionada, em que o professor exerce um papel fundamental e é o idealizador das atividades
(D) realizada pela criança, na qual esta segue ordens e cumpre o planejamento estipulado pelo professor

49. De acordo com Ramos (2011), uma proposta pedagógica para creche e pré-escola deve considerar a atividade educativa como uma ação:

(A) livre, que possibilite ao professor ampliar o seu repertório de ideias
(B) espontânea, que pode ou não levar à adesão das crianças do grupamento
(C) planejada, porém destituída de orientação, preservando a liberdade infantil
(D) intencional, orientada para a ampliação do universo cultural das crianças

50. A década de 90 abrigou marcos como a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente, que trouxe concretude aos direitos das crianças promulgados pela Constituição de 1988. Um dos marcos para a educação infantil foi a aprovação da Lei nº 9394/96, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que estabeleceu:

(A) a educação infantil como um movimento assistencialista
(B) a educação infantil como a primeira etapa da educação básica
(C) o atendimento das unidades de educação infantil para as crianças pobres
(D) o ensino infantil noturno para as mães trabalhadoras e seus filhos

DISCURSIVA

No momento da roda de conversa, uma criança relata que passou o fim de semana na casa dos avós e aprendeu algumas brincadeiras de antigamente. A turma ficou curiosa e pediu para ela ensinar as brincadeiras aprendidas. A professora regente percebeu o interesse das crianças e desenvolveu um projeto: Brincadeiras de antigamente. E, com o apoio do professor adjunto, colocaram em prática atividades que propiciaram vivências inesquecíveis para o grupo.

Suponha que você é um professor adjunto que está participando do projeto descrito.

Elabore um texto, considerando os documentos legais e os eixos estruturantes da educação infantil, no qual você descreva duas atividades - identificando o grupamento em que foram realizadas - e comente a participação das crianças em cada uma dessas atividades.

Responda à questão discursiva utilizando o mínimo de 20 (vinte) linhas e o máximo de 25 (vinte e cinco) linhas.

RASCUNHO

Luiz Antônio Marcuschi

PRODUÇÃO TEXTUAL, ANÁLISE DE GÊNEROS E COMPREENSÃO

parábola

sumário

9 **PREFÁCIO**
Cristina Teixeira e Márcia Mendonça

15 **APRESENTAÇÃO**

17 **AGRADECIMENTOS**

19 **INTRODUÇÃO GERAL**

25 **PRELIMINARES**
BREVE EXCURSO SOBRE A LINGÜÍSTICA NO SÉCULO XX

A. A construção do objeto dos estudos lingüísticos no século XX, **26**
B. As dicotomias fundacionais: *langue* e *parole*; *competência* e *desempenho*, **31**
C. O surgimento das perspectivas funcionalistas, **33**
D. A derrocada do behaviorismo e o surgimento dos cognitivismos, **34**
E. As novas tendências a partir dos anos 1950-1960, **38**

SUGESTÕES DE TRABALHO, **45**

Obras de consulta para aprofundamento dos temas tratados, **46**

49 **PRIMEIRA PARTE:**
1. PROCESSOS DE PRODUÇÃO TEXTUAL

1.1. Quando se ensina a língua, o que se ensina?, **50**
1.2. Análise da língua com base na produção textual, **51**
1.3. Quando se estuda a língua, o que se estuda?, **54**
1.4. Noção de língua, texto, textualidade e processos de textualização, **58**
1.5. Aprofundando a noção de língua por nós adotada, **61**

1.6. Noção de sujeito e subjetividade, 68
1.7. Noção de texto e lingüística de texto, 71
1.8. Relacionando texto, discurso e gênero, 81
1.9. A textualidade e sua inserção situacional e sociocultural, 87
1.10. Critérios de textualização: visão geral, 93
1.10.1. *Coesão*, 99
1.10.2. *Coerência*, 119
1.10.3. *Intencionalidade*, 126
1.10.4. *Aceitabilidade*, 127
1.10.5. *Situacionalidade*, 128
1.10.6. *Intertextualidade*, 129
1.10.7. *Informatividade*, 132
1.11. Avaliação dos sete critérios da textualidade, 133
1.12. Organização tópica, 134
1.13. Processo referencial, 139
EXERCÍCIOS DA PRIMEIRA PARTE: PROCESSOS DE PRODUÇÃO TEXTUAL, 142

145 **SEGUNDA PARTE:**
2. GÊNEROS TEXTUAIS NO ENSINO DE LÍNGUA

Nota prévia, 146
2.1. O estudo dos gêneros não é novo, mas está na moda, 147
2.2. O estudo dos gêneros mostra o funcionamento da sociedade, 149
2.3. Algumas perspectivas para o estudo dos gêneros, 152
2.4. Noção de *gênero* textual, *tipo* textual e domínio discursivo, 154
2.5. Gêneros textuais como sistema de controle social, 161
2.6. A questão da intergenericidade: que nomes dar aos gêneros?, 163
2.7. A questão intercultural, 171
2.8. A questão do suporte de gêneros textuais, 173
2.9. Análise dos gêneros na oralidade, 186
2.10. A análise de gêneros textuais na relação fala e escrita, 190
2.11. Domínios discursivos e gêneros textuais na oralidade e na escrita, 193
2.12. Distribuição dos gêneros no *continuum* da relação fala-escrita, 196
2.13. Os gêneros emergentes na mídia virtual e o ensino, 198
2.14. A questão dos gêneros e o ensino de língua, 206
2.15. Visão dos PCNs a respeito da questão dos gêneros, 208
2.16. Gêneros textuais na língua falada e escrita de acordo com os PCNs, 209
2.17. Os gêneros textuais em sala de aula: as "*seqüências didáticas*", 211
2.18. A proposta de Bronckart, 221
EXERCÍCIOS DA SEGUNDA PARTE: ANÁLISE DE GÊNEROS TEXTUAIS, 224

227 TERCEIRA PARTE:
3. PROCESSOS DE COMPREENSÃO

3.1. Leitura e compreensão como trabalho social e não atividade individual, 229
3.2. Breves observações sobre o *sentido literal*, 234
3.3. Compreensão e atividade inferencial , 237
3.4. A importância de conhecer a língua como *trabalho* social, histórico e cognitivo , 240
3.5. A necessidade de tomar o texto como *evento comunicativo*, 241
3.6. Algumas observações sobre o contexto no processo de compreensão, 243
3.7. Noção de inferência, 248
3.8. Compreensão como processo, 256
3.9. A compreensão interdialetal, 260
3.10. O tratamento da compreensão nos livros didáticos, 266
3.11. Tipologia das perguntas de compreensão nos livros didáticos, 270
3.12. Os descritores para a compreensão textual no ensino fundamental, 274

EXERCÍCIOS DA TERCEIRA PARTE: PROCESSOS DE COMPREENSÃO, 279

283 TEMAS SUGERIDOS PARA MONTAGEM DOS PÔSTERES DE AVALIAÇÃO

285 FONTES DE REFERÊNCIA DAS CITAÇÕES

293 ÍNDICE DE NOMES

prefácio

sobre o *mestre*, com carinho

Este prefácio pode causar estranhamento em alguns, pois no lugar de privilegiar o conteúdo da obra, servindo como uma espécie de guia para o leitor, ele coloca a singularidade do autor em primeiro plano. No caso do livro ora lançado, talvez, o estranhamento seja ainda maior, porque o nome de Luiz Antônio Marcuschi, na verdade, dispensa apresentações. Assim, este prefácio seria redundante, /.../ "a não ser que se trate de um texto vazado no registro da amizade", como bem lembrou Marcos Marcionilo, da Parábola Editorial.

E o que pretendemos aqui é, justamente, dar vazão ao sentimento de amizade e bem-querer que nutrimos por Marcuschi. Somos muitas suas devedoras e seus devedores. E as nossas dívidas são de natureza diversa. Aprendemos com ele uma certa maneira de olhar a linguagem, o sujeito e a vida. O que nos é possível fazer hoje em sala de aula e o sentido que damos a essa prática herdamos dele, em grande parte. Ele trilhou para nós e antes de nós o caminho que hoje percorremos.

Para além do campo teórico e metodológico, aprendemos com ele coisas que nem mesmo suspeita ter-nos ensinado, atitudes que dizem respeito não apenas à postura formal do professor, mas à conduta do homem. Ética, lealdade, tolerância, determinação são algumas delas. Mas, sem dúvida, a virtude que mais se destaca em Marcuschi é sua generosidade. A forma como sempre doou seu conhecimento, seu tempo e sua atenção ao outro causa admiração em todos.

Por tudo isso, o clichê de dizer o quanto nos sentimos honradas pelo convite, no nosso caso, se desfaz em função da densidade intelectual da obra e do autor. É imperativo ressaltar que redigir esta apresentação é um privilégio. Muitos poderiam e desejariam assinar este texto, pois, como nós, sentem

admiração, respeito e profundo afeto por Marcuschi e por seu trabalho. Esperamos que estas pessoas se sintam representadas por nós e pelos demais colegas e ex-alunos(as) ligados à Universidade Federal de Pernambuco – UFPE que assinam este texto. Afinal, os pontos de vista sobre o Marcuschi professor, pesquisador, orientador e colega, que aqui expomos, não são apenas nossos, temos certeza. Passemos, então, a detalhar estas várias faces de Marcuschi.

Seu nome corresponde a um dos maiores expoentes da lingüística. Mas sua projeção vai além da admiração de outros pesquisadores. Trata-se de um acadêmico daqueles que lotam auditórios em suas palestras, "segurando" o público pelos ouvidos até a última palavra, sempre solicitado nos congressos para autografar um livro e posar para uma foto. Os livros e artigos que publicou, as conferências que proferiu, os seminários e cursos que ministrou o tornaram conhecido, procurado e citado no mundo universitário. A erudição de seu conhecimento misturada a um jeito simples de transmitir este mesmo conhecimento faz dele um intelectual admirado por muitos. Sua atuação político-administrativa em instituições como CNPq e Capes apenas confirma seu valor entre os profissionais da área.

Mas o Marcuschi das conferências e das publicações é uma *persona*, por assim dizer, "de fora" e nós queremos falar dele de uma perspectiva "de dentro". O nosso foco é a atuação de Marcuschi como docente na UFPE.

A sala de aula é o *habitat* privilegiado do professor. E para os bons professores, uma aula, mais do que uma tarefa a ser realizada, é uma paixão a ser desfrutada. Quem freqüentou os cursos de Marcuschi se deparava, sempre, com um ser transbordando de paixão. Mas o calhamaço de papéis e os muitos livros que carregava eram a pista de que, por trás da inspiração apaixonada, havia muito trabalho, muito investimento pessoal.

O livro que ora prefaciamos comprova este trabalho, árduo e cotidiano, do Marcuschi professor. Trata-se de um material didático elaborado para a disciplina *Lingüística* 3, ministrada por ele na graduação em Letras da UFPE.

Como é prática nas universidades brasileiras, este material ficava disponível para os alunos numa "pasta". Apesar de o autor avisar que aqueles textos deveriam ser de uso exclusivo dos alunos da disciplina, a circulação "pirata" na UFPE e em outras universidades, promovida tanto por alunos quanto por professores, de graduação e de pós-graduação, ainda é intensa. Isso indica o quanto o material é precioso e o quanto, hoje, sua publicação se faz oportuna e necessária. O próprio Marcuschi já tencionava transformar a "pasta" em

livro. Inclusive, o original que manuseamos já trazia uma apresentação, um copyright, além da indicação "4ª versão, revista e ampliada".

Como o próprio autor adverte na apresentação, seu caráter didático, ou seja, o fato de ser um material que tem em vista o aluno e não os pares pesquisadores explica por que, talvez, ele não traga nada de rigorosamente novo para quem atua na área de lingüística de texto. Desde noções de língua, texto e textualidade, passando pelos estudos de gênero até a discussão sobre processos de compreensão, o livro aborda temas debatidos na área.

Marcuschi ressalta ainda que boa parte do material é conhecida, pois, ora são textos já publicados, ora apresentados em congressos, ou, quando não publicados, de ampla circulação no meio acadêmico. Essa característica pode, de fato, ocasionar no leitor uma sensação de já-conhecido, de já-sabido. Mas, apesar dos temas conhecidos, o autor os desenvolve em várias direções, abrangendo temas conexos tão diversos quanto relevantes: critérios de textualização, atividades de compreensão em materiais didáticos, uso intercultural de gêneros, compreensão interdialetal, instrumentos de avaliação educacional, gêneros emergentes, entre outros.

Apesar do amplo espectro de temas, a importância efetiva do trabalho está menos naquilo *do que* é dito e mais em *como* é dito. É nesse ponto que a grandeza do professor sobressai.

A natureza didática do livro é evidente, especialmente, pela presença de atividades, exemplos ilustrativos, glossários, indicações de obras de consulta para o aprofundamento dos temas tratados e uma série de quadros e tabelas que buscam sistematizar as teorias abordadas. Percebe-se ainda uma progressão de dificuldade das atividades propostas, partindo-se de indagações mais pontuais até pesquisas de campo realizadas pelos alunos e socializadas em pôsteres.

Na tentativa de explicar complexos fenômenos da linguagem, o livro é, ao mesmo tempo, abrangente e sistemático na apresentação das teorias. E vale lembrar a voracidade de leitura de Marcuschi. Ele não apenas remete a teóricos diversos, mas constrói um panorama crítico das diferentes perspectivas de análise sobre um mesmo tema. Nada mais didático para o leitor iniciante.

A sistematização está refletida nos conjuntos de conceitos basilares para cada tema. Marcuschi, porém, não abre mão da profundidade em nome de uma suposta necessidade de adequação ao público leitor. Sua conduta permanente é buscar uma linguagem simples para dar a conhecer o complexo.

A organicidade em termos teóricos indica a condução firme de um pesquisador preocupado com o rigor científico e com a coerência interna na exposição de seu pensamento. Ainda que certos trechos da obra possam parecer textos avulsos, por terem sido produzidos em momentos distintos e reunidos posteriormente para o livro, têm consistência como projeto de conhecimento. De fato, a seleção dos assuntos revela um empreendimento de anos: compilar para alunos de graduação questões referentes aos gêneros textuais, dentro do contínuo fala/escrita, e aos processos de produção e compreensão textual. Tudo isso permeado pela hipótese sociointeracional de base cognitiva. Os assuntos abordados são as velhas e boas questões do sentido, da cognição e da linguagem.

Ainda que se proponha a ser didático, Marcuschi foge da simplificação enganosa e diz aos leitores, logo na apresentação do livro, que não trará receitas, pressupondo o comprometimento do aluno no percurso de leitura, num trabalho colaborativo entre quem ensina e quem aprende. Isso, porém, não significa a ausência de postulações explícitas, como se percebe no trecho "A produção textual, assim como um jogo coletivo, não é uma atividade unilateral".

Os exemplos existentes no volume devem ser complementados em sala de aula por outros mais atuais. Eis aqui o perfil de um professor que não se acomoda, que não se esquiva do trabalho pesado, que prefere buscar exemplos novos a cada novo curso a estagnar suas reflexões em demonstrações que já deram certo. Essa postura de professor reflete claramente sua atuação como pesquisador, para quem o conhecimento está sempre se refazendo, sempre em processo de construção.

Uma conseqüência inesperada do cuidado de Marcuschi com a reelaboração constante de suas idéias é o "contrabando" de *mimeos* escritos por ele, ainda muito comum nas instituições de ensino de todo o país. Como dificilmente considera suas formulações acabadas o suficiente para publicá-las, a saída, para os interessados naquilo que Marcuschi escreve, é fotocopiar os textos inéditos que circulam entre os colegas.

É essa qualidade de pesquisador cujas idéias sempre estão "saindo do forno" que é ensinada aos alunos por meio de exercícios práticos neste livro. Os próprios alunos têm de construir um glossário dos termos técnicos mais relevantes estudados em cada parte da obra. Em vez de simplesmente apresentar o glossário pronto, Marcuschi investe no aluno principiante, incitando-o a se constituir pesquisador desde a sua formação inicial.

A coragem de não omitir conceitos ainda pouco claros ou precariamente definidos — como é o caso da noção de *suporte* — é outra característica do

pesquisador Marcuschi. Ele explicita para o leitor o quanto certo termo ainda permanece impreciso ou até que ponto ele parece inadequado — "Essa é uma questão complexa que não tem uma decisão clara" (p. 111). Expor francamente os bastidores da elaboração científica, com suas imperfeições e instabilidades, torna pública também a concepção de que pesquisar é uma tentativa incessante e sempre provisória de explicar o mundo.

Nesse contexto, para Marcuschi, a sala de aula constitui um grande laboratório de investigação, onde conhecer não é um ato individual, mas uma ação cooperativa. Ele não se porta como o dono absoluto da sala, mas como um co-participante. Muitas vezes, divide a disciplina com outros, disponibiliza o material antecipadamente e discute as aulas. Superando a pedagogia em que o professor se limita a transmitir ou repetir o já sabido, ele aposta na construção coletiva do conhecimento. Afinal os grandes pesquisadores se aventuram em um curso não para comunicar o que já sabem, mas para pensar sobre uma coisa que desejam muitíssimo conhecer, para lançar um olhar reflexivo sobre algo.

Ao longo do livro, ele cita muita gente, dá crédito a todos, até a quem fez só uma, mas significativa pesquisa. Nos agradecimentos, enfatiza que as idéias apresentadas no livro que ora está sendo publicado surgiram e tomaram corpo durante os últimos dez anos de docência no Departamento de Letras da UFPE e de pesquisa no Núcleo de Estudos Lingüísticos da Fala e da Escrita (NELFE), por ele coordenado. De todos os seus interlocutores — colegas de trabalho, monitores, bolsistas de iniciação científica, alunos de graduação, especialização e pós-graduação — ele agradece as contribuições que enriqueceram sua visão e compreensão das questões que o inquietavam. Agradece de modo particular a seus alunos de *Lingüística 3* que com ele discutiram vários dos temas tratados no livro e, em muitos casos, lhe forneceram sugestões e exemplos. Diz: "Sem esta contribuição, os materiais seriam bem menos atraentes e menos proveitosos". Essas palavras de Marcuschi mostram que, para ele, o conhecimento é elaborado em encontros, trocas, e interações. Cria-se em função de interlocutores.

E foi nas interações de Marcuschi com seus pares e alunos que esta obra tomou corpo. Agora, os textos antes inéditos, que compuseram a "pasta de *Lingüística 3*", saem publicados no formato de livro, constituem algo acabado. Mas, para manter a fidelidade ao pensamento de Marcuschi, que, a cada ano, buscava atualizar o conteúdo destas páginas, resta a nós,

pesquisadores e professores da área da lingüística, como afirma Comte-Sponville[1], "continuar essa história que nos precede, que nos gera, que nos habita, que é nossa tarefa, nosso destino, nossa dignidade, enfim, o único lugar possível, para nós".

CRISTINA TEIXEIRA
MÁRCIA MENDONÇA

Ângela Paiva Dionísio; Cinthya Torres Melo; Dóris de Arruda C. da Cunha; Isaltina Maria de Azevedo Mello Gomes; Judith Hoffnagel; Karina Falcone; Kazue Saito Monteiro de Barros; Lícia Heine; Maria da Piedade Moreira de Sá; Marianne Cavalcante; Marígia Aguiar; Sandra Helena D. de Melo; Suzana Cortez

Recife, 8 de abril de 2008

André Comte-Sponville (2007). *A vida humana*. São Paulo: Martins Fontes, p. 18.

apresentação

"Quando contemplamos o mundo natural que partilhamos com os outros, não perdemos o contato conosco, mas nos reconhecemos como membros de uma sociedade de mentes. /.../ E essa comunidade de mentes é a base do conhecimento e a medida de todas as coisas."
DONALD DAVIDSON, *Three Varieties of Knowledge.*

"Aquilo que se vê depende do lugar em que foi visto e das outras coisas que foram vistas ao mesmo tempo."
CLIFFORD GEERTZ, *O saber local*

"A razão é comum a todos, mas as pessoas agem como se tivessem uma razão privada."
HERÁCLITO, *Fragmento.*

"Sem o Tu não há o Eu".
FRIEDRICH JACOBI *(1743-1819).*

Este trabalho, que postula princípios sociointeracionistas, contém a quarta versão dos materiais para o *Curso de Lingüística 03* ministrado na Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, no segundo semestre de 2005[1]. Trata-se de observações destinadas à leitura dos alunos para o acompanhamento das exposições feitas em aula.

Constam aqui estudos muitas vezes inacabados e idéias preliminares. Em certas passagens, figuram partes de trabalhos editados em revistas, anais, coletâneas e originais não publicados. Por isso podem parecer incompletos e repetitivos. Indicações bibliográficas foram feitas para que cada leitor tenha condições de prosseguir em seu aprofundamento individual.

Os temas estão distribuídos em três partes com tópicos interligados, a saber:

(i) Produção textual com ênfase na *lingüística de texto* de base cognitiva

1. Na verdade, esta versão deveria ter sido utilizada no segundo semestre de 2005 durante o ano de 2005, mas só veio a ser usada no segundo semestre de 2005 que, por razões várias, inicia-se em janeiro de 2006.

(ii) Análise sociointerativa de *gêneros textuais* no contínuo fala-escrita
(iii) Processos de *compreensão textual* e produção de sentido.

As noções de *língua, texto, gênero, compreensão* e *sentido*, bem como o enfoque geral da abordagem, situam-se na perspectiva da *visão sociointeracionista da língua*. Esse tipo de visão recusa-se a considerar a língua como um sistema autônomo e como simples forma. Aqui, a linguagem é vista como *um conjunto de atividades* e *uma forma de ação*.

Como se sabe, os estudos lingüísticos no século XX foram marcados por dois movimentos relativamente distintos em sua perspectiva analítica: por um lado, temos o projeto *formalista*, que busca analisar a língua *descontextualizadamente*, dando primazia ao aspecto sintático; por outro lado, temos o movimento *funcionalista*, que busca *recontextualizar* a língua observando-a em seus contextos de uso e com ênfase no estudo do léxico, nos aspectos socioculturais, na interação e na visão cognitiva. Dos anos 80 do século XX para cá, tem crescido de maneira sistemática a segunda perspectiva, que vem se diversificando acentuadamente. É assim que ouvimos denominações bastante variadas para as análises, tais como: *sociointerativa; sociodiscursiva; socioconstrutiva; sociocognitiva* e assim por diante. Trata-se de reintroduzir nos estudos da linguagem o aspecto *social* (entenda-se: *interacional*) de ângulos diversos.

Em suma, estas notas consideram a linguagem contextualizada e em funcionamento. Situam-se na perspectiva da sociointeração e da sociocognição, o que lhes confere um caráter não-formalista. Mas não se trata de uma visão pragmática clássica na linha de John Austin ou H. P. Grice. As teorias centrais aqui defendidas situam-se no que hoje se chama de *hipótese sociointeracional* de base cognitiva.

Também não se trata de um conjunto de receitas. Tanto assim que a maioria dos exemplos foi posta à parte e será oferecida em aula no ato de exposição. Fontes para leituras complementares são sugeridas em vários momentos, pois aqui estão apenas diretrizes gerais.

Recife, janeiro de 2006
LUIZ ANTÔNIO MARCUSCHI

agradecimentos

Estas notas surgiram e tomaram corpo ao longo dos últimos dez anos, em decorrência das aulas de graduação no Departamento de Letras da UFPE e de pesquisas desenvolvidas no contexto de projetos realizados no NELFE (Núcleo de Estudos Lingüísticos da Fala e da Escrita) por mim coordenado. Este Núcleo conta com várias pesquisadoras colegas de Departamento (Judith Hoffnagel, Dóris de Arruda Carneiro da Cunha, Kazue Saito Monteiro de Barros e Ângela Paiva Dionísio), a quem agradeço os debates e as contribuições. Não posso esquecer também os bolsistas de iniciação científica que trabalharam comigo e sempre trouxeram desafios e contribuições que enriqueceram minha visão e compreensão das questões.

Muitas das idéias aqui desenvolvidas foram apresentadas em cursos de especialização em várias ocasiões a professores da rede pública de Pernambuco. Ou em minicursos em congressos de lingüística pelo Brasil afora. Em todos eles, sempre tive novas sugestões e idéias para reajustes e esclarecimentos com adaptações ao nível de conhecimento dos alunos.

Agradeço de modo particular aos meus alunos de *Lingüística* 3 de semestres anteriores, que comigo discutiram esses temas e, em muitos casos, me forneceram sugestões e exemplos que foram sendo incorporados a estas notas. Sem essa contribuição, os materiais seriam bem menos atraentes e menos proveitosos.

Confio em que esta parceria continue neste e nos próximos semestres com intensidade ainda maior para um proveito cada vez mais enriquecedor.

Espero que estas notas de trabalho tragam a todos algum proveito e que ajudem a acompanhar as aulas com mais segurança e maior interação para que ocorra a desejável construção coletiva de conhecimento, superando a simples transmissão ou repetição do já sabido.

introdução geral

No conjunto, esta série de notas pretende mostrar o funcionamento da linguagem sob o aspecto *textual-interativo*, tanto na modalidade escrita como oral. Tem-se em vista a configuração lingüística e alguns elementos básicos, tais como a produção e a circulação de gêneros textuais e os processos de compreensão. Será importante chegar a resultados satisfatórios em relação a isto com uma visão integrada e com um conceito de linguagem que dê conta de seu funcionamento no fenômeno textual, já que é impossível qualquer manifestação lingüística fora do texto situado.

O curso inicia com algumas observações preliminares sobre a situação da lingüística no século XX, a fim de situar de modo sistemático o momento e a motivação do surgimento dos tópicos analisados. Não se trata, no entanto, de uma revisão completa da história da lingüística e sim de uma breve contextualização da posição aqui adotada. Daí a inevitável simplificação na exposição.

****

A perspectiva geral do trabalho situa-se no contexto do que hoje se convenciona chamar de *lingüística enunciativa*. A visão adotada toma a *língua como um conjunto de práticas enunciativas e não como forma descarnada*. De modo particular, esta afirmação acha-se em consonância com M. Bakhtin/ V. N. Voloshinov (*Marxismo e filosofia da linguagem*)[1], quando os autores afirmam que toda enunciação humana, mesmo a mais elementar, é "organizada fora do indivíduo pelas condições extra-orgânicas do meio social" (M&FdaL, p. 107). Mesmo que realizada por um "organismo individual", a enunciação humana é sempre um ato social, como se depreende desta observação:

1. Daqui para a frente, cito essa obra pela sigla M&FdaL, pela edição brasileira: *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1979. Quanto à autoria da obra, segundo Carlos Alberto Faraco, que segue uma tradição forte na atualidade, o único autor da obra é V. N. Voloshinov, mas se formos olhar a edição norte-americana, ali só consta M. Bakhtin. Diante disso, optei por conservar os dois autores, embora concorde com a visão de Faraco, que afirma que essa obra não é essencialmente bakhtiniana.

> A enunciação enquanto tal é um puro produto da interação social, quer se trate de um ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma determinada comunidade lingüística (M&FdaL, p. 107).

A tese central de Bakhtin/Voloshinov, que tentamos seguir também neste curso, é:

> A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica e isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da *interação verbal*, realizada através da *enunciação* ou das *enunciações*. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua (M&FdaL, p. 109).

Em suma, concordamos com a posição de Bakhtin/Voloshinov exposta nestes termos:

> A língua vive e evolui historicamente na *comunicação verbal concreta, não no sistema lingüístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes* (M&FdaL, p. 110).

Os autores negam, pois, que a *parole (fala, enunciado)*, tal como definida por Saussure, seja um ato individual: ela é sempre um ato social. Do contrário, sequer seria compreensível.

Aspecto importante nesse contexto teórico é a noção de *dialogismo* como princípio fundador da linguagem: toda linguagem é dialógica, ou seja, *todo enunciado é sempre um enunciado de alguém para alguém*. Se assim não fosse, seria como uma ponte sem um dos lados para sustentação, o que a levaria à sua derrocada. Daí a noção de gênero como enunciado responsivo "*relativamente estável*", o que está de acordo com a idéia de linguagem como atividade interativa e não como forma ou sistema.

Partilho aqui das posições de Carlos Alberto Faraco em estudo recente, onde sugere que o estudo da interação[2] na linguagem é essencial para se entender não apenas o funcionamento da linguagem, mas também o surgimento da própria subjetividade. É assim que se poderia afirmar, com Mead, que a construção do sujeito se daria como efeito da interação. Sem o tu, sem o outro, não se teria a noção do *eu*. Esta é também a posição de Vygotsky, para

---

2. Refiro-me ao texto *Interação e linguagem: balanço e perspectivas*, apresentado como conferência de encerramento do Congresso Internacional Linguagem e Interação, realizado na Unisinos (São Leopoldo – RS), de 22 a 25 de agosto de 2005.

quem primeiro temos as *representações coletivas* que depois se tornam *representações individuais*. Veja-se isto nas palavras de Faraco:

> O que merece especial destaque em Mead é a sua concepção da linguagem não como estrutura, mas como ação — ação inter-subjetiva que, como tal, se internaliza e se torna ação intra-subjetiva. Processo semelhante defenderá Vygotsky para fundamentar sua teoria da cognição humana, isto é, a cognição vista como uma atividade que se dá primeiro na interação e é internalizada, trazendo para o interior o movimento do exterior.

Com isto, tanto Bakhtin como Vygotsky, Mead e os etnometodólogos, por caminhos e visões muito diversos entre si, retiram a reflexão sobre a língua do campo da estrutura para situá-la no campo do discurso em seu contexto sociointerativo. O fato de haver representações coletivas permite que possamos agir sem ter que negociar o tempo todo e possibilita a interação dando às nossas idéias um ar de "já visto", tal como postula a noção de intertextualidade e outras. Neste caso, o *enunciado* se torna a *unidade concreta e real* da atividade comunicativa entre os indivíduos situados em contextos sociais sempre reais. Esta é a hipótese sociointerativa que pretendemos endossar nestas análises e que deve servir como pano de fundo geral.

Isto se reflete em pelo menos quatro pontos centrais:

(a) na *noção de linguagem* como atividade social e interativa;
(b) na *visão de texto* como unidade de sentido ou unidade de interação;
(c) na *noção de compreensão* como atividade de construção de sentido na relação de um eu e um tu situados e mediados e
(d) na *noção de gênero textual* como forma de ação social e não como entidade lingüística formalmente constituída.

Apropriando-me de uma passagem do citado trabalho de Faraco, alerto para os perigos que essa visão comporta. Assim como não se pode submergir num *determinismo internalista*, a tentação da visão estrutural e formal, também não se deve submergir no *determinismo externalista* do sociointeracionismo. A prudência nesses casos deve ser preservada. Vejam-se estes aspectos nas palavras de Faraco (2005):

> Nesse sentido, parece que na área não podemos fugir do axioma de que o inter-subjetivo se torna intra-subjetivo, isto é, de que o movimento externo se torna movimento interno. A questão crucial é saber como se dá esse processo. Soluções integralmente deterministas não nos satisfazem. Parece que todos nós, interacionistas, queremos compreender a subjetividade como emergindo do social, queremos compreen-

der a interação como condicionada por vários fatores, mas, ao mesmo tempo, não queremos perder nem as singularidades da subjetividade, nem o novo, o inusitado, o imprevisível, o inesperado dos eventos de interação. Ou seja, nem o primado do indivíduo, nem o determinismo absoluto da estrutura.

George Mead, por exemplo, tentou fundamentar este não-determinismo por meio de duas grandes coordenadas. Primeiro, assumindo que o social nunca é um dado homogêneo, mas sempre heterogêneo. O social contém uma multiplicidade daquilo que ele chama de "outros generalizados" (que poderíamos entender como conjuntos de ações, representações, valores e atitudes que circulam numa determinada sociedade; ou o conjunto dos pré-construídos sócio-históricos).

Desse modo, nenhum sujeito fica confinado nos limites de um único outro generalizado, mas emerge de relações simultâneas ou consecutivas com vários outros generalizados, muitos deles opostos entre si, contraditórios, conflitivos. Essa realidade sempre heterogênea e cheia de contradições gera desequilíbrios e tensões que inviabilizam qualquer fechamento determinista mecânico dos processos interacionais e de seus efeitos.

Por outro lado, o caráter dinâmico (ativo e não-mecânico) do mundo interior também restringe o determinismo, na medida em que, a partir da contínua polarização entre o "me" e o "eu" (nos termos de Mead), geram-se respostas singulares e não totalmente previsíveis.

Em suma, a heterogeneidade e a contradição são os motores da relação externo/interno e da dinâmica do interno.

Este alerta é fundamental, pois a linguagem não é estrutura apenas, mas não é também um simples fruto de determinismos externos. A linguagem é vista, pelos interacionistas, sobretudo como *forma de ação* e, neste caso, deve ser analisada como atividade e não como estrutura, segundo observa Faraco. Mas, afirma o mesmo autor, "permanece entre nós o problema de como construir uma teoria que equacione estrutura e atividade; que case adequadamente, por exemplo, sentença e enunciado ou sentença/enunciado/enunciação". Essa é a missão à qual nos dedicaremos aqui com a análise dos três grandes tópicos: *texto, gênero, compreensão.*

Em consonância com essas posições, a proposta central deste curso é mostrar que todo o uso e funcionamento significativo da linguagem se dá em *textos* e *discursos* produzidos e recebidos em situações enunciativas ligadas a domínios discursivos da vida cotidiana e realizados em gêneros que circulam na sociedade. Para atingir esse objetivo, são fornecidos elementos teóricos e práticos sobre a noção de texto e discurso, critérios de textualização e processos de produção textual. Além disso, será estudada a diversidade textual na fala e na escrita e a variedade de gêneros, bem como os processos de compreensão.

Tendo em vista o interesse aplicativo e o alto potencial prático que essas análises comportam, será dada, ao longo do curso, atenção especial aos *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCNs) nos momentos específicos de tratar a língua, o texto, os gêneros e a compreensão textual.

A idéia nuclear aqui desenvolvida é simples e pode ser assim expressa: *não existe um uso significativo da língua fora das inter-relações pessoais e sociais situadas*. Daí a linha geral do curso na perspectiva sociointeracionista já frisada acima. Isto quer dizer que todo uso autêntico da língua é feito em textos produzidos por sujeitos históricos e sociais de carne e osso, que mantêm algum tipo de relação entre si e visam a algum objetivo comum.

Hoje existem, no Brasil, muitas reflexões sobre esses temas, contudo, essas reflexões andam longe de serem consensuais e apresentam muitas divergências. Parece saudável tomar consciência desse fato e desenvolver reflexões que contribuam para uma melhor análise do tema sem a pretensão de esgotá-lo nem de resolver o problema. O que se oferece aqui é uma teoria geral para a análise integrada de tais questões.

Ao finalizar esta breve introdução, gostaria de chamar a atenção para um fato importante: considerando a imensa complexidade dos fatores intervenientes nos objetos aqui trabalhados, não é possível fazer observações nem análises da linguagem sem incorrer em algum tipo de imprecisão conceitual. Este é o preço que se paga para não incorrer em reducionismos do fenômeno tratado. Assim, o nosso ponto de vista será de tal modo construído a ponto de permitir uma visão multifacetada do funcionamento da linguagem dentro de um paradigma elástico que evita olhares redutores e preconcebidos.

Breve excurso sobre a Lingüística no século XX

A. A construção do objeto dos estudos lingüísticos no século XX

Esta breve introdução geral não busca suprir um capítulo de história da lingüística, mas simplesmente introduzir o núcleo epistemológico que conduziu a lingüística até este momento, em particular no século XX. Como se sabe, a lingüística teve início há mais de 2.500 anos, na Índia, com Panini. Na observação do lingüista francês George Mounin,

> É na Índia antiga que se encontra a provável primeira reflexão manifesta levada a cabo por homens sobre a sua linguagem; e, sobretudo, a primeira descrição duma língua, como tal. E é espantosa a extraordinária qualidade logo alcançada por essa estréia no labor descritivo lingüístico (Mounin, 1970, p. 65)[1].

Mas Panini tinha intenções religiosas e não científicas ao realizar seu trabalho. Aliás, as motivações religiosas e políticas sempre foram as que mais moveram os estudos lingüísticos ao longo de toda a história até o século XX. Contudo, mesmo Chomsky reverencia a obra gigantesca do lingüista indiano, que soube desenvolver uma análise morfossintática refinada na relação com a fonologia. Pela mesma época de Panini, na Grécia Antiga, iniciavam-se os estudos da linguagem que influenciariam todas as gramáticas posteriores até nossos dias: é a *tradição greco-romana*. Entre estes estão Platão e Aristóteles. Ali são postas as bases filosóficas da terminologia e os primeiros problemas lingüísticos que foram, sobretudo, de ordem semântica e filosófica e não formal e morfológica. A idéia da *arbitrariedade do signo* e de seu caráter representacional vem de Platão e Aristóteles, que levantaram os pilares da semântica e da sintaxe[2]. De então para cá, os estudos avolumaram-se e chegaram ao século XIX com uma rica bagagem, especialmente na linha filológica, histórica e comparatista.

Assim, no século XIX, a lingüística desenvolvia-se como *lingüística histórica*, com grande empenho dos neogramáticos e dos comparatistas, que buscavam as leis gerais que subjaziam a todas as línguas[3]. Eles legaram ao século XX

1. George Mounin (1970). *História da lingüística: das origens ao século XX*. Porto: Despertar.

2. Os romanos e os medievais, de maneira geral, contribuíram mais para a reflexão filosófica do que para a investigação lingüística *stricto sensu*. Além disso, deve-se considerar que os romanos mais contribuíram para transmitir do que inovar a reflexão sobre a linguagem.

3. Disso surgiram, por exemplo, as famosas Leis de Grimm, que observavam as similaridades fonéticas das línguas indo-européias, em particular o sânscrito, o grego e o latim.

um arsenal de conhecimentos e algumas posturas teóricas que seriam incorporadas por Saussure[4]. Entre estas posições estão fundamentalmente as seguintes:

- *A língua é uma instituição social e não um organismo natural.*
- *A língua é uma totalidade organizada.*
- *A língua é um sistema autônomo de significação.*
- *A língua pode ser estudada em si e por si mesma.*
- *A língua é um sistema de signos arbitrários.*
- *A língua é uma realidade com história.*

Certamente, este conjunto de princípios levou Saussure a estabelecer algumas de suas dicotomias que, como se vê, situam-se nessa herança que ele recolhe nos neogramáticos. Daí surgiu a lingüística como ciência autônoma, separando-se dos estudos históricos, da psicologia, da filologia e literatura, áreas nas quais se achava integrado o estudo das línguas.

Essa tendência tinha uma longa e frutífera tradição que irá perdurar até os anos 30 do século XX, juntamente com a nova visão estruturalista surgida no primeiro quartel do século XX. Saussure deu origem à chamada *lingüística científica*, que ficou conhecida a partir de seu *Curso de lingüística geral* desenvolvido entre 1911-1913 e publicado postumamente em 1916 por seus alunos. Ninguém mais duvida hoje que o projeto saussuriano, mesmo na versão positivista legada pelos seus alunos[5], inaugura um novo modo de fazer lingüística em relação ao comparatismo e ao historicismo que o precederam, interrompendo uma parte importante da caminhada que durava desde o século XVII. Particularmente relevante é a sócio-semiótica proposta por Saussure e que deverá ter extrema relevância em todos os estudos lingüísticos posteriores.

O mestre genebrino concebia a língua como um fenômeno social, mas analisava-a como um código e um sistema de signos. A dar crédito aos ensinamentos contidos no *Curso*, interessavam-lhe apenas o sistema e a forma e não o aspecto de sua realização na fala ou no seu funcionamento em textos. A visão saussuriana de língua se dava a partir do sistema num recorte sincrônico

4. A esse respeito cf. Carlos Aberto Faraco (2004). Estudos pré-saussurianos. In: Anna Christina Bentes & Fernanda Mussalim (orgs.). *Introdução à lingüística*. Vol. III: *Fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, pp. 27-52.

5. Volto a frisar que uma revisão de Saussure com maior detalhe do que já se fez até aqui poderá mostrar que há mais equívocos do que se imagina nessa questão, e talvez o próprio Bakhtin tenha sido vítima dessa armadilha dos discípulos de Saussure, já que na época de Bakhtin não havia as reflexões que hoje se fazem a esse respeito. Portanto, é bom relativizar algumas das observações aqui feitas.

e com base nas unidades abaixo do nível da frase (fonema, morfema, lexema). Não havia atenção para o uso. (Obs.: estes aspectos estão sendo hoje totalmente revistos com as novas descobertas de manuscritos de Saussure publicados ao longo da última década do século XX.)

Não se deve ignorar, no entanto, que Saussure não fechou as portas para a análise do uso, da enunciação ou do texto, nem mesmo ignorou o sentido, mas essas não parecem ser suas preocupações centrais no *Curso*. Novas descobertas de textos inéditos de Saussure[6] dão conta de que ele tinha uma visão muito mais ligada à análise da língua em uso do que se deu a entender. Várias vezes Saussure (2004: 86-87; 237), nesses novos textos, lembra que a linguagem *é discurso*.

Vale a pena considerar aqui um item importante dessa nova publicação de Saussure (2004), a fim de ter clara a posição daquele lingüista quanto à natureza do objeto dos estudos lingüísticos. Com efeito, Saussure defendia que *não há objetos naturais na língua* e sim todos são fruto de um particular ponto de vista. Essa visão saussuriana é fundadora e essencial para se compreender como os objetos de nosso estudo são constituídos. Vejamos atentamente este aspecto em sua forma original nesta instrutiva passagem do Saussure recentemente redescoberto:

[[Não há objeto lingüístico antes do ponto de vista]]

2b Posição das identidades

Não se tem razão ao dizer: um fato de linguagem precisa ser considerado de vários pontos de vista; nem mesmo ao dizer: esse fato de linguagem será, realmente, duas coisas diferentes, conforme o ponto de vista. Porque se começa supondo que o fato de linguagem é dado fora do ponto de vista. É preciso dizer: primordialmente, existem pontos de vista; senão, é simplesmente impossível perceber um fato de linguagem.

A identidade que começamos a estabelecer, ora em nome de uma consideração ora em nome de outra, entre dois termos, eles mesmos de natureza variável, é absolutamente o único fato primeiro, o único fato simples de onde parte a investigação lingüística.

2c Natureza do objeto em lingüística

Será que a lingüística encontra diante de si, como objeto primeiro e imediato, um objeto dado, um conjunto de coisas evidentes, como é o caso da física, da química, da botânica, da astronomia, etc.?

6. Refiro-me aqui em particular ao livro recentemente publicado em português: Ferdinand de Saussure (2004). *Escritos de lingüística geral*. Organizados e editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler, com a colaboração de Antoinette Weil. São Paulo: Editora Cultrix. [ed. or.: *Écrits de linguistique générale*. Paris: Gallimard, 2002].

uma teoria mínima que o delimite e o conceba. Por outro lado, não se pode considerar que os significantes existam sem que haja uma *combinação, convenção* ou algo similar por parte dos falantes de uma língua. Todo o problema está no ponto de vista que adotamos para estabelecer esses fenômenos, como construímos as relações entre os indivíduos, o peso que damos a essas relações e como concebemos o papel da língua neste processo. Seguramente, Saussure procedeu por algumas reduções muito sérias em seu recorte sincrônico e sua visão sistemática, seguindo caminhos que impediram um trato da língua na observação primordial de sua característica discursiva e social.

Em conseqüência, nos estudos lingüísticos de marca saussuriana, o projeto que predominou na tradição do *Curso* sufocou sensivelmente o sujeito, a sociedade, a história, a cognição e o funcionamento discursivo da língua[7], a fim de obter um objeto asséptico e controlado criado pelo "*ponto de vista*" sincrônico e formal. Este drástico reducionismo na visada talvez não tenha estado na intenção da proposta saussuriana como se tenta hoje demonstrar na revisão que dele vem sendo feita (cf. Bouquet, 1997)[8], mas foi um de seus resultados notáveis. *Malgré cela*, em Saussure já estão prenunciados muitos dos desmembramentos da lingüística, para além da aplicação do *cânon aristotélico* no fazer científico.

O quadro epistemológico saussuriano vigorou para além de meados do século XX[9], inclusive na América do Norte, onde paralelamente se instalara a perspectiva bloomfieldiana, similar à de Saussure, mas filosoficamente menos elaborada. Pois é de ressaltar a qualidade da reflexão filosófica em Saussure, o que não ocorria em Leonard Bloomfield (1887-1949), um behaviorista despretensioso sob o ponto de vista epistemológico. Mesmo a contragosto do autor, as propostas saussurianas e suas derivadas culminaram num estruturalismo formal que levou a ignorar uma série de aspectos hoje considerados centrais na investigação lingüística. Em especial, ignorou-se quase tudo o que estava ligado à semântica, à pragmática e historicidade.

---

7. Ainda na tentativa de fazer justiça a Saussure, lembro que na mesma obra da qual extraí o trecho acima, consta esta passagem surpreendente: *"Todas as modificações, sejam fonéticas, sejam gramaticais (analógicas), se fazem exclusivamente no discursivo. Não há nenhum momento em que o sujeito submeta a uma revisão o tesouro mental da língua que ele tem em si, e crie, de espírito descansado, formas novas [...] que ele se proponha (prometa) 'colocar' em seu próximo discurso. Toda inovação chega de improviso, ao falar, e penetra, daí, no tesouro íntimo do ouvinte ou no do orador, mas se produz, portanto, a propósito de uma linguagem discursiva"* (Saussure, 2004: 86-87).

8. Simon Bouquet (1997). *Introdução à leitura de Saussure*. São Paulo, Cultrix.

9. Ainda hoje, e não só no Brasil, a maioria dos estudos de lingüística se inicia com a leitura sistemática da vulgata saussuriana. Basta analisar a bibliografia existente e se verá que o *Curso de lingüística geral* do lingüista genebrino figura lá quase que obrigatoriamente.

Assim, constata-se que a base epistemológica da lingüística dita científica do século XX foi uma adesão significativa ao modelo aristotélico-galileiano de ciência com tendências positivistas. Esse modelo esvaziou-se no final do século XX, deixando muitas perplexidades nas ciências humanas. Ao que tudo indica, uma das tristes heranças do século XX foi a insuficiência explicativa e o reducionismo decorrente do projeto formalista. Depositou-se na visão formal da língua uma expectativa exagerada que não deu os resultados esperados pela limitação e reificação do objeto construído para análise. Hoje, percebe-se que, ao invés da linguagem e seu funcionamento, a proposta formalista analisou um simulacro. Não se trata de recusar a forma e dar um privilégio à função, à ação, ao social e ao histórico, mas de harmonizá-los[10].

B. As dicotomias fundacionais: *langue* e *parole*; *competência* e *desempenho*

O final do século XIX é marcado por intensas análises da natureza da ciência e pelo debate sobre os fundamentos epistemológicos da investigação científica. Reativava-se a discussão a respeito do objeto científico e tentava-se resolver a tensão entre o particular e o universal, decidindo que a ciência não podia ser do particular e sim do universal. Isto desencadeou a já lembrada postura formalista por um lado, mas instaurou uma perspectiva empirista por outro. Instaurava-se o mundo extramental como o grande "tribunal da experiência", por um lado, e a visão formal com a imposição de um *a priori*, por outro lado. E todo o século XX viveu da tensão entre estes dois pólos: o formal e o empírico.

É inserido nesse quadro histórico de seu tempo que Saussure (tributário, como vimos, de achados dos neogramáticos e comparatistas) instaura uma série de dicotomias para definir o objeto da lingüística, sendo uma delas fundante e decisiva, isto é, a distinção entre *langue* e *parole*. A *parole* era a visão da língua no plano das realizações individuais de caráter não-social e de

10. Aos que se interessam por uma análise dos caminhos e descaminhos do século XX e "as crises das ciências", com a derrocada da epistemologia clássica, bem como com a entrada da filosofia da ciência, aconselho a leitura do livro de Boaventura de Souza Santos (2003). *Introdução a uma ciência pós-moderna*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Graal. Importante para nós é o que defende o autor ao ensinar (p. 30): "Deve-se *suspeitar* de uma epistemologia que recusa a reflexão sobre as condições sociais de produção e de distribuição (as conseqüências sociais) do conhecimento científico". A ciência não pode ser vista como uma "prática para si", pois isso a confinaria num universo que anularia "a dimensão pragmática da reflexão epistemológica".

difícil estudo sistemático por sua dispersão e variação, e a *langue* era a visão da língua no plano social, convencional e do sistema autônomo. De igual modo procedeu Chomsky ao distinguir entre *competência* e *desempenho*, em que o primeiro era o plano universal, ideal e próprio da espécie humana (inato), sendo o segundo o plano individual, particularístico e exteriorizado, não sendo este de interesse para os estudos científicos da língua. Para Chomsky, o objeto da ciência só poderia ser a *competência*, assim como a *langue* para Saussure. Existe, no entanto, uma diferença fundamental entre Saussure e Chomsky, pois enquanto para Saussure a linguagem é uma instituição social e convenção social, para Chomsky a linguagem é uma faculdade mental inata e geneticamente transmitida pela espécie. Central, em ambos, são a forma, o sistema, a abstração e o universal como objeto da ciência controlada. Aqui, a língua enquanto atividade social e histórica, bem como a produção e a compreensão textual e as atividades discursivas ficam em segundo plano, mas não são negadas. Esse aspecto deve ser sempre enfatizado: nem Saussure, nem Chomsky negam que as línguas tenham seu lado social e histórico, mas estes não são, para eles, o objeto específico do estudo científico. Em Saussure, a unidade de análise vai até o item lexical ou o sintagma, e em Chomsky ela chega à frase.

Outro aspecto importante é o fato de Saussure não negar a existência do sujeito, mas ele não se ocupa do sujeito nem tem uma reflexão específica sobre ele. Na realidade, o sujeito saussuriano não é um indivíduo voluntarista, pois este é o sujeito da *parole*, o sujeito saussuriano é um sujeito formal e em certo sentido "assujeitado", social, mas este aspecto não interessa muito a Saussure. Em Chomsky, o sujeito é uma entidade mental, a-histórica e associal pela qual ele não tem grande interesse.

O estruturalismo saussuriano voltava-se para a análise do sistema da língua como um conjunto de regularidades que subjazem à língua enquanto interioridade e forma, sendo que a variação ficava por conta das realizações individuais. Saussure não nega que as línguas variam, mas a língua, sob o aspecto da variação, não é o objeto científico como tal. A forma era o resíduo estável da convenção social, e o discurso era o plano da fala individual que poderia variar enormemente e não poderia ser o objeto de uma análise controlada. Esta posição de Saussure teve grande influência, mas não foi a única visão de lingüística na primeira metade do século, pois o século XX é multifacetado, sobretudo na segunda metade, embora se verifique uma certa polarização em torno do projeto saussuriano, se é possível falar assim.

Outras dicotomias importantes da lingüística do século XX foram estas

— sincronia	– diacronia
— significante	– significado
— sentido	– referência
— conotação	– denotação
— sintagmático	– paradigmático
— literal	– figurado
— social	– individual

Muitas destas dicotomias e outras ainda são utilizadas nos estudos lingüísticos sem o menor problema, em especial os de caráter formal ou estrutural.

C. O surgimento das perspectivas funcionalistas

Outras vertentes bastante influentes ao longo do século XX foram os hoje denominados *funcionalistas*[11] representados particularmente pela *Escola de Praga* com Nikolai Trubetzkoy (1890-1938); Roman Jakobson (1896-1982), este conhecido particularmente pela sua teoria das *funções da linguagem*, de grande influência; a *Escola de Copenhague* com Louis Hjelmslev (1899-1965) bem como a *Escola de Londres* com John Firth (1890-1960), a quem se deve a sistematização da noção de *contexto de situação* cunhada por Malinowski. Todos estes e vários outros lingüistas europeus dessa época levaram adiante projetos e estudos lingüísticos que não foram estritamente formais e estruturais no sentido saussuriano, tendo grande atenção para os aspectos funcionais, situacionais e contextuais ou comunicacionais no uso da língua, não se concentrando apenas no sistema. Deram origem às várias vertentes da lingüística de texto e dos diversos funcionalismos.

Veja-se o caso de Michael A. K. Halliday (*1925-...), que segue a posição de Firth, mas amplia suas linhas de observação para o plano do texto na relação com o contexto, desenvolvendo reflexões sistemáticas a respeito do funcionamento do sistema na sua relação com o contexto situacional. Surge daí a influente posição a partir dos anos 1970, denominada "*gramática sistêmico-*

11. Particularmente interessantes a esse respeito são os estudos de Rodolfo Ilari (2004). O estruturalismo lingüístico: alguns caminhos (pp. 53-92) e de Erotilde Goretti Pezatti (2004). O funcionalismo em lingüística (pp. 165-218), ambos ih: Anna Christina Bentes & Fernanda Mussalim (orgs.). *Introdução à lingüística*. Vol. III: *Fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez .

funcional", que propõe um funcionalismo baseado em formas regulares relacionando contexto social e forma lingüística com base nas funções da linguagem e na sua realização nos mais variados registros e gêneros textuais. Halliday renova a reflexão jakobsoniana sobre as funções da linguagem e as reduz a três funções apenas: *ideacional, interpessoal* e *textual*.

Por outro lado, o estruturalismo americano distinguiu-se do europeu e teve uma maior variedade de direções. Uma tradição forte ali foi o casamento da lingüística com a antropologia desde Franz Boas (1858-1942), passando por seu aluno notável, Edward Sapir (1884-1939), e o discípulo deste último, Benjamin Lee Whorf (1897-1941), que juntos deram uma orientação mais antropológica à lingüística com temas que iam além da descrição formal da língua, gerando a famosa "*hipótese Sapir-Whorf*", conhecida como o relativismo lingüístico, enquanto tentativa de demonstrar a relação entre linguagem e pensamento na perspectiva das representações sociais ligadas às línguas e etnias, visão que se filiava a Wilhelm von Humboldt (1767-1835)[12]. Dessas vertentes derivam a antropologia lingüística, a etnografia da fala, a etnometodologia, a sociolingüística e outras linhas, tal como a análise da conversação.

Ao lado dessas tendências, vigorou na análise lingüística, de forma bastante soberana Leonard Bloomfield (1887-1949), cuja obra *Language* (1933) teria muita influência entre os lingüistas estruturalistas até a chegada de Chomsky no final dos anos 1950. Bloomfield passava ao largo dos fenômenos cognitivos e postulava o que se chamou de behaviorismo que seria superado logo após os anos 1960. Uma das características da lingüística bloomfieldiana foi sua pouca atenção para os fenômenos semânticos da língua e sua tentativa de produzir um sistema de análise notadamente dedutivista fundado nas formas, mas com atenção para os dados, sendo neste caso também um descritivista.

D. A derrocada do behaviorismo e o surgimento dos cognitivismos

Segundo observa Monika Schwartz (1992: 11), citando Knapp, podemos dizer que o século XX divide-se em duas metades muito nítidas quanto à 'lingüística oficial':

12. Para Humboldt, a linguagem era o diferencial básico entre os seres humanos e todos os demais seres.

(a) até o final dos anos 1950, dominaram o behaviorismo e o empirismo;
(b) a partir dos anos 1960 foi se acentuando cada vez mais o domínio do cognitivismo.

Assim, a partir dos anos 1960, a cena lingüística internacional passa a ser dominada pelo gerativismo americano de Noam Chomsky (*1928-...). Dele provém grande parte dos estímulos da lingüística atual em muitas direções e entre elas a *agenda cognitiva*, como notado pelo próprio autor (1994: 58)[13]. Segundo Chomsky (1994: 23), com a gramática gerativa, "o objeto de investigação deixou de ser o comportamento lingüístico ou os produtos deste comportamento para passar a ser os estados da mente/cérebro que fazem parte de tal comportamento". A linguagem passa a ser concebida como uma *faculdade mental inata* instalada no "equipamento biológico" e não como um fenômeno social; a lingüística passa a ser concebida como o estudo da língua internalizada e "torna-se parte da psicologia e, em última análise, da biologia" (p. 46). Com isto, a lingüística deveria ser "incorporada nas ciências naturais" (p. 46), na medida em que se conseguirem instrumentos abstratos e formais de análise desses fenômenos mentais (Chomsky, 1994: 41-54)[14].

Nessa perspectiva epistemológica, o que está em jogo em primeira instância não é a análise de línguas nacionais nem suas exteriorizações ou

13. "A mudança de ponto de vista [estruturalista de análise] para uma interpretação mentalista do estudo da linguagem foi [...] um fator que contribuiu para o desenvolvimento das ciências cognitivas contemporâneas. [...] Surgiram muitos problemas novos e desafiadores, ao mesmo tempo que desapareceram inúmeros problemas conhecidos quando considerados nesta perspectiva" (Chomsky, 1994: 58).

14. Em sua obra de 1986, da qual usamos aqui a tradução de 1994, *O conhecimento da língua, sua natureza, origem e uso*, Chomsky nos dá as definições ainda hoje mais importantes para entender com clareza seu projeto geral. Para o autor, "a gramática generativa mudou o foco de atenção do comportamento lingüístico real ou potencial e dos produtos desse comportamento para o sistema de conhecimento que sustenta o uso e a compreensão da língua e, mais profundamente, para a capacidade inata que permite aos humanos atingir tal conhecimento" (p. 43). Assim, "uma gramática generativa não é um conjunto de asserções acerca de objectos exteriorizados construídos de uma determinada maneira" (p. 43). Para Chomsky, a exterioridade lingüística, os usos e as línguas naturais não são objetos interessantes para a lingüística (p. 45). Contudo, creio que devemos fazer justiça a Chomsky, já que ele abre portas para o estudo de outras questões quando lembra que "o estudo da linguagem e da GU, conduzido no quadro da psicologia individual, admite a possibilidade de o estado de conhecimento atingido poder ele próprio incluir algum tipo de referência à natureza social da língua" (p. 38). O autor aponta as observações de H. Putnam com sua teoria da "divisão do trabalho lingüístico" que mostra como o trabalho lexical na sociedade é dividido e não se pode prescindir de *experts* neste caso. E então lembra que "outros aspectos sociais da língua podem ser vistos de maneira idêntica — embora com isto não se pretenda negar a possibilidade ou valor de outros tipos de estudos sobre a língua que incorporem a estrutura social, bem como a interação social. Contrariamente ao que por vezes se pensa, nessa ligação não surgem conflitos nem quanto aos princípios, nem na prática" (p. 38). Observações nesse sentido podem ser vistas em Marcuschi (2000).

vinculações com a cultura e a sociedade e sim a mente humana e seus princípios gerais, a faculdade da linguagem inata e seu funcionamento como base para a aquisição de qualquer língua. A lingüística seria a ciência encarregada da análise desses princípios gerais inatos e o seu maior desafio é, para Chomsky, essencialmente este:

> O estudo da estrutura da língua, tal como é atualmente praticado, deveria eventualmente desaparecer como disciplina, à medida que novos tipos de evidência vão ficando disponíveis. Só deveria permanecer distinto porque o seu objeto é uma faculdade particular da mente, em última instância o cérebro: o seu estado inicial e os vários estados de maturação que pode atingir (1994: 55).

O preço pago por Chomsky para implantar essa perspectiva foi a eliminação dos estudos ligados à vida social da linguagem, isto é, a pragmática, a sociolingüística, a interação verbal, o discurso etc., ligados ao uso, funcionamento ou desempenho lingüístico. A descrição cede lugar à intuição. Para Chomsky, a fonte de dados não é a produção empírica e sim a introspecção do analista. Contudo, não se deve ver Chomsky como um teórico fincado num quadro teórico monolítico e imutável, pois há uma permanente mudança e evolução em seu modelo teórico[15]. No futuro, tenho certeza que as avaliações mostrarão que seu estímulo foi mais produtivo que o saussuriano. Mesmo para quem não o segue ou dele discorda, as reflexões chomskianas são um ponto de partida obrigatório hoje em dia e, em certo sentido, a agenda lingüística do momento é bastante ditada pelas linhas mestras do gerativismo. Não no sentido de seguir a teoria, mas de situar e identificar os problemas que ali se levantam e que o gerativismo está incapacitado de resolver ou pelos quais não se interessa.

Assim, alguns temas que nunca foram bem tratados voltaram hoje à ordem do dia, tais como a questão da origem da linguagem e a natureza da mente humana. A natureza dos dados lingüísticos e a necessidade de uma

---

15. Quanto a esse aspecto, aconselho a leitura do trabalho de José Borges Neto (2004). O empreendimento gerativo. In: Anna Christina Bentes & Fernanda Mussalim (orgs.). *Introdução à lingüística*. Vol. III: *Fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, pp. 93-130. Nesse trabalho, Borges Neto mostra que o programa gerativo, criado e liderado por Chomsky, é muito mais unitário e permanente do que os gerativistas imaginam. Desde os anos 1950 até hoje, Chomsky se mantém fiel ao programa inicial, cujo núcleo consistiria nestas afirmações: (a) "*Os comportamentos lingüísticos efetivos (enunciados) são, ao menos parcialmente, determinados por estados da mente/cérebro*"; e (b) "*A natureza dos estudos da mente/cérebro parcialmente responsáveis pelo comportamento lingüístico pode ser captada por sistemas computacionais que formam e modificam as representações*". Para Borges Neto, isso sintetiza o pensamento chomskiano nestes cinqüenta anos. "A criação de sistemas computacionais que sirvam de modelo para o conhecimento lingüístico dos falantes/ouvintes de uma língua" seria a tarefa do lingüista.

definição de língua-linguagem, sujeito e sentido. Busca-se hoje a completa superação do behaviorismo e ao mesmo tempo a não-entrega a um mentalismo como o de Chomsky. Evita-se a visão estruturalista e a descrição estritamente formal. Adere-se a visões funcionais, mas sem uma crença em determinismos externos. Neste percurso, o século XX acabou legando uma série de perplexidades e a partir delas um conjunto de tarefas urgentes para o século XXI. Chomsky representa um reducionismo violento do fenômeno lingüístico. Com a pragmática e os novos enfoques, tem-se um deslocamento considerável do ponto de vista do sistema para a atividade comunicativa.

Portanto, os meados do século XX não foram apenas o ponto de partida da nova perspectiva vigorosamente levantada por Chomsky, mas também o ponto de maturação do que se convencionou chamar de "*virada pragmática*"[16]. Nessa perspectiva analisam-se muito mais usos e funcionamentos da língua em situações concretas sem dedicação à análise formal. É a passagem da análise da forma para a função sociocomunicativa e o enquadre sociocognitivo. Sabemos que as línguas são empregadas no dia-a-dia das mais variadas maneiras e não de forma rígida. Os estudos discursivos e pragmáticos tentam esclarecer como se dá essa produção de sentidos relacionados aos usos efetivos: o sentido se torna algo situado, negociado, produzido, fruto de efeitos enunciativos e não algo prévio, imanente e apenas identificável como um conteúdo.

A pragmática é uma perspectiva de estudos que partilha grande número de relações com várias áreas da lingüística[17] e seguramente merecerá ao longo

16. Embora não seja aqui o lugar de detalhar essa questão, é imprescindível que pelo menos se faça um registro lembrando o papel essencial de Ludwig Wittgenstein a partir de suas *Investigações filosóficas* e John Austin com sua obra *Quando dizer é fazer*, que deram o impulso central a partir da filosofia analítica para que se desenvolvesse a pragmática tal qual a conhecemos hoje em suas diversas vertentes. Além desses, vale ressaltar o trabalho de H. P. Grice, *Lógica da conversação*, que estimulou o estudo sobre o problema da significação não-literal e introduziu o problema da intencionalidade na pragmática, já que este não era um aspecto saliente nos modelos wittgensteinianos e austinianos.

17. Acredito que a **pragmática** é compatível com alguns tipos de análise de discurso, embora alguns defendam que a pragmática seja o "inimigo número um" da **análise do discurso francesa** (ADF), como o faz, por exemplo, Sírio Possenti (2004). Teoria do discurso: um caso de múltiplas rupturas. In: Anna Christina Bentes & Fernanda Mussalim (orgs.). *Introdução à lingüística*. Vol. III: *Fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, pp. 353-392. Contudo, creio que a ADF não pode negar a noção de contexto nem a noção de cognição e intencionalidade, embora não trabalhe com elas tendo em vista a noção de sujeito e de língua que tem. O problema da pragmática de um modo geral é que ela não lida com o inconsciente e a psicanálise de um modo geral. Já a **análise do discurso crítica** (ADC) opera com a maioria desses conceitos por não ter a idéia de 'sujeito assujeitado' e não estar atravessada pela psicanálise. Concordo, no entanto, com Eni Orlandi que a visão psicologizante dos estudos pragmáticos com um sujeito intencional e sem inconsciente é um problema para os estudos pragmáticos. Seja como for, não creio que as mais diversas ADs que forem propostas possam se dar bem no futuro se não incorporarem algum tipo de pragmática e cognição.

deste século XXI atenção sistemática mais detida do que recebeu no século passado. É no quadro da pragmática associada a postulados de outras áreas que se mostra que a linguagem não é transparente e que as intenções não são dados empíricos. Ao lado da pragmática, apontaria ainda a já lembrada lingüística cognitiva como a linha de trabalho que deverá constituir boa parte da agenda dos trabalhos lingüísticos do século XXI.

E. As novas tendências a partir dos anos 1950-1960

É interessante não esquecer, nesta breve revisão geral da espinha dorsal do desenvolvimento da lingüística no século XX, que a partir dos anos 1950-1960 surgem todas as chamadas "*tendências hifenizadas ou genitivas*", isto é, as denominações de caráter eminentemente *interdisciplinares* do tipo:

- lingüística-de-texto,
- análise-do-discurso,
- análise-da-conversação,
- sócio-lingüística,
- psico-lingüística,
- etnografia-da-comunicação,
- etno-metodologia

e assim por diante. Por outro lado, o século XX, em especial no seu final, experimentou uma série de novas orientações e perspectivas ligadas aos avanços tecnológicos, e hoje enfrentamos o desafio de entender os usos lingüísticos no ainda desconhecido campo da comunicação digital e nas interações virtuais representadas pela internet[18].

Portanto, não obstante a impressão da hegemonia de um projeto formalista na perspectiva do tripé Saussure, Bloomfield, Chomsky, deve-se admitir que a lingüística do século XX foi multifacetada e plural. Teve uma imensa quantidade de desdobramentos, mas não é conclusiva e lega ao século XXI sérias questões não bem analisadas e que merecem aprofundamento.

18. Pessoalmente, defendo, quando a isto, que ***a internet é muito mais uma revolução social do que uma revolução lingüística***. Assim, como ainda veremos no trabalho sobre gêneros, a linguagem não está em crise nem se modifica de maneira tão radical com o advento da escrita internetiana. Um dos fatos mais notáveis quanto a isso é a evidência da ***variação na escrita***, fenômeno menos visível até este momento.

Como vimos, paralelamente a toda análise formal da língua, foram surgindo, nos anos 60 do século XX, novas tendências que fugiam à lingüística hegemônica. Eram linhas de trabalho que buscavam observar a linguagem em seus usos efetivos. Tratava-se do que se chamou de a *guinada pragmática*, motivada em parte pela filosofia analítica da linguagem impulsionada tanto por Wittgenstein (1889-1951) como por Austin. A partir dos anos 1960, surgiram a pragmática, a sociolingüística, a psicolingüística, a análise de discurso, a análise da conversação, a etnolingüística e, neste contexto, também a *lingüística textual*. Assim, não tem mais de 40 anos a tradição dos estudos sobre o texto na lingüística. Hoje persistem muitas tendências, mas a visão sociocognitiva está de algum modo tomando conta.

Uma breve radiografia dos estudos lingüísticos mostra desmembramentos teóricos nítidos no século XX, que poderíamos caracterizar deste modo:

1. a identificação do objeto da lingüística como sendo as formas representadas pelo sistema que se daria como uma abstração, resultando daí um grande conjunto de dicotomias, a maioria delas ainda hoje em vigência; aqui construíram-se os grandes modelos de análise e descrição do fenômeno lingüístico em seus níveis e com suas unidades internas; era um trabalho imanente e ligado à estrutura; trata-se da fortuna do modelo saussuriano;
2. a guinada pragmática[19], num primeiro momento vinda de fora, em especial da filosofia da linguagem de natureza analítica (especialmente com Wittgenstein e Austin), oferecendo novos paradigmas de análise da língua como forma de ação, mas sem atingir a lingüística como

19. Embora já tenha feito uma longa nota sobre a ***pragmática***, creio que se pode acrescentar mais alguns detalhes para que não fique vaga esta noção. De acordo com o *Dicionário de análise do discurso*, de Patrick Charaudeau & Dominique Maingueneau (2004), em seu verbete < **pragmática** > (pp. 393-396), o termo 'pragmática' usado como substantivo designa tanto uma subdisciplina da lingüística como uma corrente de estudos do discurso como uma concepção de linguagem. Como adjetivo, na visão de Morris (1938), seria um dos níveis de funcionamento da língua ao lado da sintaxe (relação do signos entre si) e da semântica (relação do signos com o mundo). Diria respeito à relação dos signos com seus usuários. A rigor, a pragmática é todo o estudo da língua relacionado a fatores contextuais e discursivos, tendo como foco de análise os usos e não as formas.

20. A sociolingüística trata da relação entre linguagem e realidade social. Surgiu nos anos 1950 com Uriel Weinreich, Charles Ferguson e Joshua Fishman, com estudos sobre a **diglossia** e o **contato lingüístico**, entre outros. Com William Labov, tomou corpo o estudo da **variação lingüística**. Há ainda outras sociolingüísticas qualitativas, tal como o trabalho de Basil Bernstein e o trabalho dos sociolingüistas Leslie Milroy e James Milroy com a análise das redes sociais, que no Brasil tiveram repercussão nos estudos de Stella-Maris Bortoni-Ricardo. Nesse campo, inserem-se ainda os estudos da norma e da língua padrão, tal como vêm sendo estimulados entre nós por Marcos Bagno.

um todo; introduzia a preocupação com a produção efetiva; teve início aqui uma discussão sobre a natureza da linguagem e se de fato a perspectiva formal daria ou não conta do tratamento da língua como "forma de ação";

3. a percepção e a identificação da variação social da linguagem[20], na perspectiva do variacionismo norte-americano ou na visão sociointerativa, trouxe grande quantidade de novos elementos e uma real oxigenação à lingüística com o surgimento da sociolingüística *stricto sensu* na teoria da variação e os mais variados estudos sobre norma lingüística e as investigações mais sofisticadas da dialetologia na continuidade dos estudos do século XIX, tendo em parte mantido-se no contexto dos estudos formais;
4. a visão dos estudos da natureza discursiva da língua que se dedica ao estudo do discurso em sua visão mais ampla, bem como às condições enunciativas. Aqui temos a etnografia da comunicação, a lingüística de texto, a análise da conversação, a psicolingüística e uma série de outras perspectivas em que se nota a presença da interdisciplinaridade e na observação da linguagem em funcionamento. A análise do discurso em sentido estrito, inicialmente, mantinha um compromisso com o estruturalismo na formulação dada por Pêcheux, sendo ainda alimentada pela teoria lingüística, o marxismo e a psicanálise. Distinguem-se hoje várias análises do discurso (por exemplo: AD crítica e a AD francesa), mas a mais praticada no momento, no Brasil, é a de origem francesa;
5. a afirmação do "*compromisso cognitivista*", nos meados do século, trazia a preocupação com a natureza da linguagem sob o ponto de vista de seu estatuto cognitivo; a preocupação com a atividade referencial, o problema da cognição, da significação, construção de categorias, problema dos protótipos, metáforas e todos os demais temas envolvidos nesta área; fortes influências da investigação computacional (modelo chomskiano), da psicologia cognitiva, do conexionismo e de outros campos como a neurologia levaram a vários caminhos e, hoje, o desafio cognitivo é uma das perplexidades da lingüística contemporânea, tendo em vista que se trata de uma determinação tanto interna como externa da língua e aqui não se pode mais ser dicotômico, nem formal ou funcional simplesmente.

É evidente que estes cinco focos são uma forma simplista e sumária de sistematizar e reduzir o grande e rico percurso da lingüística no século passa-

do a um pequeno punhado de aspectos, mas isto mostra uma renovação nos temas e nas perspectivas de maneira exemplar. Mostra também que, apesar de tudo, a lingüística no século XX não foi simplesmente estruturalista nem gerativista, mas muito mais matizada e rica em perspectivas.

Percebe-se que o projeto científico da lingüística no século XX derivou da forma (estrutura) para a cognição (organização da mente). Foi de uma imanência (centrada na estrutura da língua) a outra imanência, desta vez internalista (centrada nas estruturas mentais). É difícil imaginar algo claro ao dizer que Chomsky é cognitivista, pois o termo *cognição* neste momento não designa algo consensual. O melhor seria dizer que Chomsky postula um racionalismo mentalista, se é que isso caracteriza alguma coisa de modo específico.

Observando estes poucos elementos do lado da lingüística científica, parece que as rupturas mais significativas sob o ponto de vista epistemológico se dão quando o trato da língua situa-se em algum quadro teórico ou visão epistemológica diferente. Assim, Chomsky é uma ruptura pela sua ênfase no lado biológico e mental, e as demais vertentes são uma ruptura pelas suas ligações com novos enquadres epistemológicos, como bem lembrou Michel Pêcheux (1998) em elucidativa análise "Sobre a (des)construção das teorias lingüísticas"[21].

Com alguns acréscimos, endosso a visão de Eduardo Guimarães (2001:122s) para a cena contemporânea da lingüística em suas rupturas e tradições persistentes no embate entre quatro perspectivas:

a) o estruturalismo saussuriano com a visão de língua como fenômeno social, mas autônomo enquanto objeto de análise;
b) o cognitivismo naturalista chomskiano para o qual a lingüística se instaura no interior das ciências naturais com seu caráter biologizante;
c) a perspectiva interdisciplinar que tenta conciliar o exterior da linguagem (sociedade, história, cultura etc.) com a interioridade;
d) "posições como a análise de discurso, que põem em cena a questão de que não se pode reduzir o lingüístico nem ao social (antropológi-

21. Refiro-me aqui ao trabalho pouco conhecido de Michel Pêcheux (1999). Sobre a (des)construção das teorias lingüísticas. *Língua e instrumentos lingüísticos*, 2(1999), pp. 7-32, Campinas: Pontes. Assim se expressa Pêcheux nesse artigo: "*O fato de que o próprio itinerário da GGT tenha podido contribuir, na base de um certo* ***encobrimento interno*** *da especificidade dos fatos sintáticos, para deslocar cada vez mais o ponto de aplicação da reflexão em direção à semântica e à lógica, depois para a pragmática, não constitui face a este consenso senão prova suplementar: a homenagem forçada, pelo convívio formalista, às virtudes de um "****pensamento aberto ao exterior****"* (p. 13, grifos do autor).

co) nem ao psicológico, pois a linguagem é, ao lado de integralmente lingüística – num certo sentido saussuriano – também integralmente histórica" (p. 123).

Rigorosamente, tanto o estruturalismo quanto os funcionalismos pagam um alto tributo ao empirismo; ao passo que os formalismos são reféns de algum tipo de racionalismo, o que lhes dá pouca função prática e muito poder teórico de caráter explicativo. Nesse sentido, um dos contrastes mais marcantes entre as teorias de um modo geral será o fato de umas serem mais explicativas e outras mais descritivas; umas quererem aplicabilidade e outras apenas explicitude; algumas buscam observar usos (por exemplo, a pragmática) e outras buscam explicar formas. Isso não contribui para uma visão unitária nem para um diálogo construtivo entre as teorias.

Mas é mais do que urgente compreender, como mostra Pezatti (2004:165-218), que o funcionalismo em lingüística é muito mais um conjunto de teorias dentro de um paradigma do que uma visão unitária. Há muitos funcionalismos formalistas. Partindo da visão saussuriana, podemos dizer que o próprio objeto lingüístico se dá funcionalmente como produto de um ponto de vista e não como algo preestabelecido. O funcionalismo foi, a rigor, uma visão que precedeu o formalismo em lingüística.

Em proveitoso capítulo "Why Linguistics Needs the Sociologist", de seu *Foundations in Sociolinguistics* (1974), Dell Hymes trata da relação entre formalismo e funcionalismo observando que desde o início do século XX até a Segunda Guerra, deu-se o estudo da língua primordialmente na base da observação da estrutura e com isso o triunfo do estruturalismo que produziu resultados interessantes. É preciso não deixar de reconhecer que o estruturalismo teve o mérito de chamar a atenção para fatos da língua que antes não eram vistos com aquela clareza. Isto significa que, sob o ponto de vista metodológico, houve um ganho real na investigação lingüística.

Hoje a questão está bem mais diversificada e temos também o que se chama de *lingüística forense* (que se ocupa de problemas ligados à questão jurídica); *lingüística clínica* (ligada essencialmente a problemas neurolingüísticos, tais como as afasias, mal de Alzheimer e outros); *linguagem e trabalho* (voltada para a análise das relações humanas no trabalho, tendo o processo interativo pela linguagem como foco) e assim por diante. Isto significa que a lingüística tem ampliado seu campo de ação.

Hymes (1974: 78-79) sugere um quadro geral de propriedades para se observar as relações entre "lingüística estrutural" e "lingüística funcional". O aspecto mais importante aqui é que a análise estrutural envolve questões de relevância funcional no sistema lingüístico e que a análise funcional revela estruturas de uso, de modo que em ambos há aspectos funcionais e estruturais. O problema está, por um lado, na ênfase e, por outro, na forma de priorizar os dois aspectos. Chamo a atenção para o fato de não se estar aqui postulando uma dicotomia estrita entre funcionalismo e formalismo. Isto seria inadequado, já que entre ambos há um contínuo de posições como se vê neste quadro:

COMPARAÇÃO DOS FOCOS NA VISÃO DA LINGÜÍSTICA ESTRUTURAL E FUNCIONAL

Lingüística "estrutural"	Lingüística "funcional"
1. Estrutura do código lingüístico como gramática	1. Estrutura da fala (ato, evento) como formas de dizer
2. O uso apenas implementa – talvez limita, talvez correlaciona – o que é analisado como código; análise do código antecede a análise do uso	2. Análise do uso é anterior à análise do código; organização do uso revela relações e traços adicionais; mostra código e uso em relação (dialética) integral
3. Função referencial – completamente semantizada e uso como norma	3. Gama de funções sociais ou estilísticas
4. Elementos e estruturas como analiticamente arbitrários (na perspectiva transcultural ou histórica), ou universal (na perspectiva teórica)	4. Elementos e estruturas como etnograficamente adequados
5. Equivalência funcional (adaptativa) das línguas; todas as línguas são essencialmente (potencialmente) iguais	5. Diferenciação funcional (adaptativa) das línguas, variedades e estilos; estes são existencialmente não necessariamente equivalentes
6. Código e comunidade singulares e homogêneos (replicação de uniformidade)	6. Comunidade lingüística como matriz de repertórios de códigos de estilos de fala ("organização e diversidade")
7. Conceitos fundamentais, como comunidade de fala, ato de fala, falante fluente, funções da fala e da linguagem como tácitos ou arbitrariamente postulados	7. Conceitos fundamentais tomados como problemáticos e a serem investigados em seus contextos de origem e uso.

FONTE: Dell Hymes (1974). *Foundations in Sociolinguistics. An Ethnographic Approach.* Philadelphia: University of Pennsylvania Press, p. 79.

Geoffrey Leech (1983: 46)[22], numa perspectiva que complementa as posições acima, sugere uma outra visão das relações entre formalismo e funcionalismo, mostrando que ambas são posições teóricas vinculadas a diferentes visões da natureza da linguagem. Para esta visão, Leech toma de modo explícito a posição chomskiana como o paradigma básico para o formalismo. Mas isto é em certo sentido um reducionismo bastante grande. Por outro lado, na caracterização dos funcionalistas, não temos incluído os analistas do discurso de um modo geral nem a maioria dos que tratam de problemas cognitivos na

22. Citado aqui a partir de D. Schiffrin (1994: 21-22), que extrai os dados de G. Leech (1983). *Principles of Pragmatics.* London, Longman.

perspectiva sociointeracionista. Portanto, a visão do autor é limitada, mas mesmo assim vale a pena ser cotejada porque nos dá uma série de elementos importantes para a visão que vamos defender aqui.

FORMALISTAS E FUNCIONALISTAS SEGUNDO A VISÃO DE G. LEECH

1. Formalistas (p. ex. Chomsky) tendem a tomar a língua primariamente como um fenômeno mental.	1. Funcionalistas (p. ex. Halliday) tendem a tomá-la primariamente como um fenômeno societal.
2. Formalistas tendem a explicar os universais lingüísticos como derivados de uma herança genética comum à espécie humana.	2. Funcionalistas tendem a explicá-los como derivados da universalidade dos usos pelos quais a linguagem funciona na sociedade.
3. Formalistas inclinam-se a explicar a aquisição da linguagem em termos de uma capacidade humana inata para a aprendizagem.	3. Funcionalistas inclinam-se a explicá-la em termos do desenvolvimento das necessidades comunicativas da criança na sociedade.
4. Formalistas estudam a linguagem sobretudo como um sistema autônomo.	4. Funcionalistas estudam-na na relação com suas funções sociais.

Simplificadamente, pode-se dizer que o funcionalismo, em especial o sistemicista, baseia-se em dois pressupostos:

1. a linguagem tem funções que são externas ao sistema como tal
2. funções externas influenciam a organização interna do sistema lingüístico.

Os formalistas, particularmente os chomskianos, por sua vez, postulam que as funções externas da linguagem não influenciam as categorias internas do sistema. Tomam o sistema como autônomo e baseado na modularidade: fonologia, sintaxe e semântica. Cada módulo é independente e não interage com o outro.

Os funcionalistas radicais postulam que as categorias funcionais são primárias e delas deriva o sistema lingüístico. Já os funcionalistas moderados postulam que há uma relação entre forma e função, sendo que as categorias formais não são derivadas da função. Na realidade, o funcionalismo não se ocupa de formular princípios gramaticais internos que caracterizem a boa- ou má-formação de um conjunto de frases. A tendência do funcionalismo é observar os aspectos que conduzem de maneira mais adequada os processos interativos e comunicativos nas relações entre os interlocutores ou nos contextos comunicativos.

Apesar destas observações, entre formalismo e funcionalismo não há uma dicotomia estrita. Ambos comungam de uma série de propriedades e princípios e não chegam a formar dois campos incompatíveis[23]. De uma maneira geral, nos dias atuais, sobrevivem muitas das teorias dos últimos vinte anos.

23. Cf. a esse respeito os trabalhos de Erotilde Goreti Pezatti, "O funcionalismo em lingüística"

Bastem estes comentários sumários para se ter uma noção do lugar em que se situa a lingüística de texto. Ela vem no final de um longo percurso científico e ela própria passou por um grande desenvolvimento. É a este tema que nos dedicaremos a seguir para entrar então de modo sistemático no trabalho com a produção textual.

Sugestão de trabalho

Após a breve análise do desenvolvimento da lingüística no século XX, seria útil realizar um levantamento dos principais aspectos analisados, em especial aqueles ligados a autores, correntes teóricas e grandes temas. Uma consulta às obras indicadas na página seguinte serve como aprofundamento e fonte para realização da tarefa. Entre os temas que merecem atenção ofereço estas sugestões:

1. Quais os principais autores que desde o início do século XX mais contribuíram para o desenvolvimento da lingüística em suas várias direções (uma breve relação dos autores com as idéias centrais).
2. Quais as principais correntes lingüísticas surgidas no século XX (uma breve descrição dos princípios básicos).
3. Termos técnicos que poderiam contribuir para a construção de um pequeno glossário que aparecem nesta exposição e marcam o percurso dos estudos lingüísticos no século XX, tais como:

GLOSSÁRIO	
ato de fala	interação
cognição	léxico
competência comunicativa	língua padrão
competência lingüística	morfologia
desempenho	norma lingüística
dialeto	pragmática
discurso	registro
estilo	signo
estrutura	sintaxe
fonética	valor
fonologia	variação
forma	variedade lingüística
função	
intenção	

(pp. 165-218) e o trabalho de Roberta Pires de Oliveira, "Formalismos na lingüística; uma reflexão crítica" (pp. 219-250). Ambos in: Anna Christina Bentes & Fernanda Mussalim (orgs.) (2004). *Introdução à lingüística*. Vol. III: *Fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez. As duas autoras têm visões bastante diferenciadas a respeito da questão e por isso vale a pena confrontá-las.

Obras de consulta para aprofundamento dos temas tratados

Entre os instrumentos básicos imprescindíveis para trabalhar temas, conceitos e correntes teóricas com algum aprofundamento e brevidade para uma compreensão desejável estão obras de consulta tais como dicionários e história da disciplina. Assim, aqui ficam estas sugestões básicas para seu uso.

BORBA, Francisco da Silva (1979). *Introdução ao estudo da linguagem*. Rio de Janeiro: Ed. Nacional.

BRAIT, Beth (2005). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto.

CHARAUDEAU, Patrick & MAINGUENEAU, Dominique (2004). *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto.

CRYSTAL, David (1997). *The Cambridge Encyclopedia of Language*. 2nd Edition. Cambridge: Cambridge University Press.

DUBOIS, Jean; GIACOMO, Mathée; GUESPIN, Louis; MARCELLESI, Christiane; MARCELLESI, Jean-Baptiste & MEVEL, Jean-Pierre (1978). *Dicionário de lingüística*. São Paulo: Cultrix.

DUCROT, Osvald. & TODOROV, Tzvetan (1987). *Dicionário de ciências da linguagem*. Lisboa: Dom Quixote.

FIORIN, José Luiz (org.) (2004). *Introdução à lingüística*. Vol. II: *Princípios de análise*. São Paulo: Contexto.

MATTOSO CÂMARA JR., Joaquim (1975). *História da lingüística*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes .

MOISÉS, Massaud (1974). *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix.

MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Anna Christina (orgs.) (2004). *Introdução à lingüística*. Vol. 3: *Fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez.

SEUREN, Pieter A. M. (1998). *Western Linguistics. An Historical Introduction*. Oxford: Blackwell.

TARSK, R. L. (2004). *Dicionário de linguagem e lingüística*. Trad. e adaptação de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto.

WEEDWOOD, Barbara (2002). *História concisa da lingüística*. Trad.: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial.

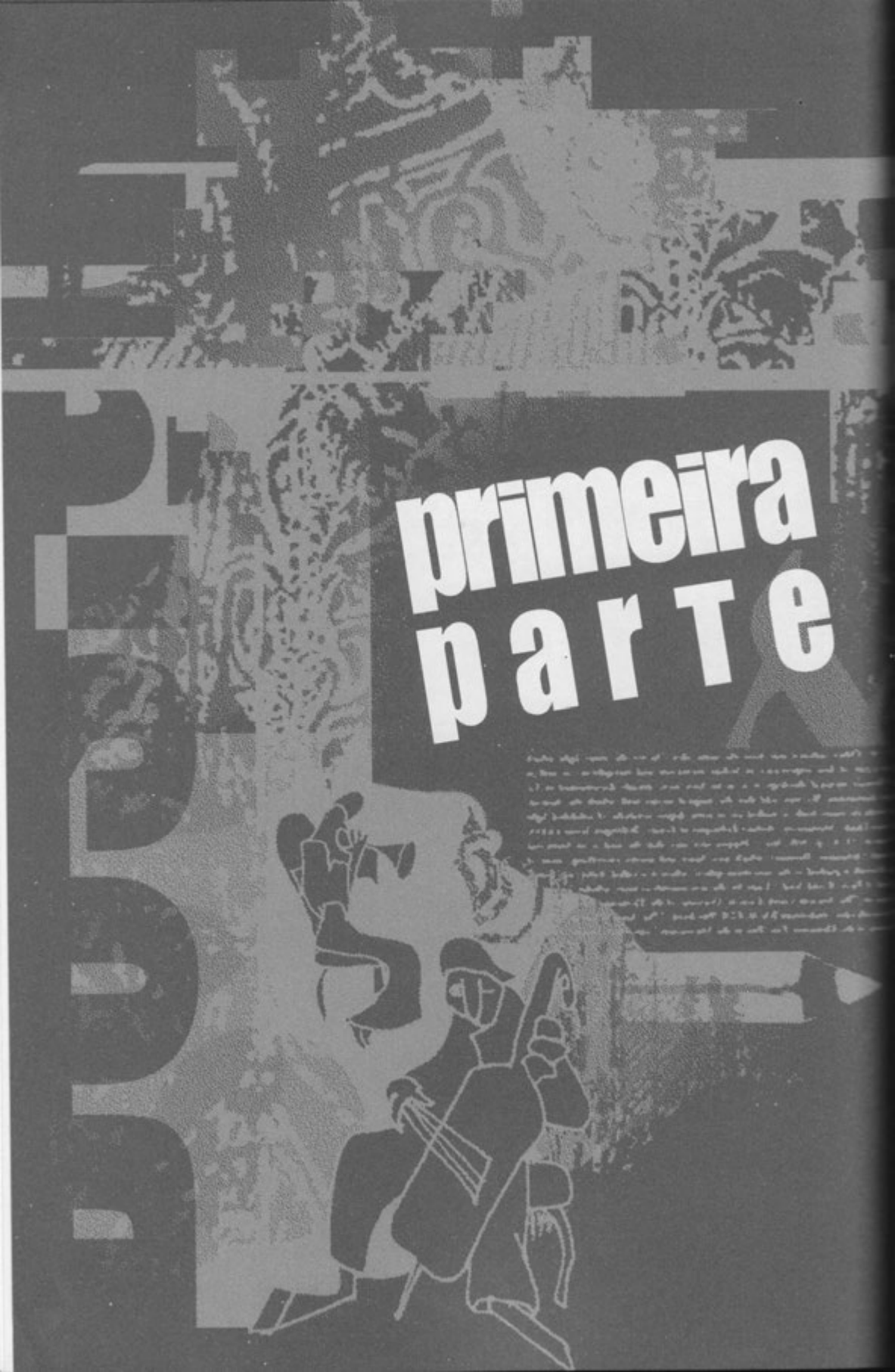
primeira
parte

1 processos de produção textual

1.1 Quando se ensina língua, o que se ensina?

A pergunta que se acha no item acima foi formulada por Antônio Augusto G. Batista na introdução de seu livro, *Aula de português — Discurso e saberes escolares*, (1997: 1) com um conteúdo levemente diferente: "Quando se ensina português, o que se ensina?". Para o autor, tratava-se da questão do ensino de língua portuguesa, mas aqui se trata da língua e não apenas do português. E não do ensino da língua como tal, mas de seu estudo. Na realidade, essa indagação pode ser feita de muitas coisas, mas em particular ela se aplica ao caso da língua.

Se adotarmos a posição saussuriana, defendida no *Curso*, de que "*o ponto de vista cria o objeto*", parece que a pergunta faz ainda mais sentido. Segundo muito bem frisa Batista,

> aquilo que se ensina não são as próprias coisas (a língua ou a história mesma), mas antes, um conjunto de conhecimentos sobre as coisas ou um modo, dentre outros possíveis, de se relacionar com elas (p. 3).

Esta postura sugere que o ensino, seja lá do que for, é sempre o ensino de uma visão do objeto e de uma relação com ele. Isto vale para o nosso objeto: a *língua*; e mais ainda para os fenômenos aos quais nos dedicamos aqui: o *texto*, os *gêneros* e a *compreensão*. Continuando essa reflexão sobre o que é que se ensina ou estuda quando se ensina ou estuda língua, vale a pena observar mais um pouco do que nos diz Batista (pp. 3-4):

> É a alteração do ponto de vista sobre esses e outros fenômenos que pode, em parte, explicar as mudanças que vem sofrendo o ensino de Português ao longo de sua história, e que se expressam, na alteração de seu nome: Gramática Nacional, Língua Pátria ou Idioma Nacional, Comunicação e Expressão, Português. É também na alteração desses pontos de vista — ou, particularmente, a competição entre eles — que pode explicar, em certa medida, as polêmicas e as verdadeiras lutas que com freqüência se travam para a definição de seu objeto e objetivos: a gramática? a leitura e a escrita? a língua oral? o processo de enunciação de textos orais e escritos? o domínio de uma língua considerada lógica e correta em si mesma? o domínio de uma variedade lingüística prestigiada socialmente? Dependendo das respostas que forem dadas a essas questões, diferentes práticas ensinarão diferentes objetos, com diferentes objetivos. Todas essas práticas, no entanto, poderão ser identificadas pela mesma designação: "Português". Faz sentido, portanto, perguntar o que, ao se ensinar essa disciplina, é ensinado.

Não parece restarem dúvidas quanto a esse aspecto crucial. Sempre que ensinamos algo, estamos motivados por algum interesse, algum objetivo, algu-

ma intenção central, o que dará o caminho para a produção tanto do objeto como da perspectiva. Esse fato esclarece a pluralidade de teorias e a impossibilidade de se dizer qual é a verdadeira. Todas têm sua motivação, algumas podem estar mais bem fundamentadas e outras podem ser mais explicativas. Mas nenhuma vai ser a única capaz de conter toda a verdade.

1.2 Análise da língua com base na produção textual

Que o ensino de língua deva dar-se através de *textos* é hoje um consenso tanto entre lingüistas teóricos como aplicados. Sabidamente, essa é, também, uma prática comum na escola e orientação central dos *PCNs*. A questão não reside no consenso ou na aceitação deste postulado, mas no modo como isto é posto em prática, já que muitas são as formas de se trabalhar texto.

Neste curso, aparecem algumas das alternativas de conduzir o trabalho com a língua através do texto (falado ou escrito), alimentadas pela convicção básica de que há boas razões para se ver a língua nessa perspectiva. Em primeiro lugar, isto é assim porque o trabalho com texto não tem um limite superior ou inferior para exploração de qualquer tipo de problema lingüístico, desde que na categoria *texto* se incluam tanto os falados como os escritos. Assim, resumidamente dito, com base em textos pode-se trabalhar:

a) as questões do desenvolvimento histórico da língua;
b) a língua em seu funcionamento autêntico e não simulado;
c) as relações entre as diversas variantes lingüísticas;
d) as relações entre fala e escrita no uso real da língua;
e) a organização fonológica da língua;
f) os problemas morfológicos em seus vários níveis;
g) o funcionamento e a definição de categorias gramaticais;
h) os padrões e a organização de estruturas sintáticas;
i) a organização do léxico e a exploração do vocabulário;
j) o funcionamento dos processos semânticos da língua;
k) a organização das intenções e os processos pragmáticos;
l) as estratégias de redação e questões de estilo;
m) a progressão temática e a organização tópica;
n) a questão da leitura e da compreensão;
o) o treinamento do raciocínio e da argumentação;
p) o estudo dos gêneros textuais;

q) o treinamento da ampliação, redução e resumo de texto;
r) o estudo da pontuação e da ortografia;
s) os problemas residuais da alfabetização.

E muitos outros aspectos facilmente imagináveis, pois essa relação não é exaustiva, nem obedece a alguma ordem lógica de problematização. Indica apenas a potencialidade exploratória no tratamento lingüístico com base em textos. Nem por isso deve-se imaginar que o trabalho com o texto tenha virtudes imanentes naturais, a ponto de se tornar uma espécie de panacéia geral para todos os problemas de língua.

Só para ilustrar, trago um pequeno exemplo de como o item (a) da listagem acima poderia ser contemplado. Trata-se de uma notícia publicada no *Diário de Pernambuco* em 21/08/1839.

> FURTARÃO O ANELÃO
> No dia 3 do prezente mez, na guarda principal, perdeo-se, ou furtarão do dedo de um dos indivíduos, quando dormia, que estava de guarda no mesmo lugar um anelão de ouro, todo lavrado, e com dous corações unidos dentro do círculo posto no lugar em qáele bota firma: pede se a quem for offerecido que não o compre; pois pretende-se proceder contra a pessoa em cujo se achar. Assegura-se ao Snr. que está deposse do dito anelão, que se o restituir se lhe guardará segredo da graça, ou antes da fraqueza, em que cahio. A pessoa que trocar o referido anelão nesta Typ. Receberá 4$rs de gratificação.

É imensa a riqueza deste texto para exploração, seja de formas lingüísticas em desuso, bem como do estilo jornalístico da época, da natureza do gênero notícia, os costumes que revela, o mundo em que se situa e muitos outros aspectos. Ele pode ensejar a busca de mais textos no mesmo jornal ou em documentos antigos para comparação e observação de como a língua não é estanque e varia ao longo do tempo, inclusive na escrita, de modo considerável.

Sabemos que um problema do ensino é o tratamento inadequado, para não dizer desastroso, que o texto vem recebendo, não obstante as muitas alternativas e experimentações que estão sendo hoje tentadas. Com efeito, introduziu-se o texto como motivação para o ensino sem mudar as formas de acesso, as categorias de trabalho e as propostas analíticas.

Mas o problema não reside só nas formas de acesso ao texto e sim nas formas de sua apresentação. Quanto a essa inadequação, sabe-se que os textos escolares, sobretudo nas primeiras séries, padecem de problemas de organiza-

ção lingüística e informacional. Por vezes, eles carecem de coesão, formando conjuntos de frases soltas e, em outras, a têm em excesso causando enorme volume de repetições tópicas. Em qualquer dos casos, o resultado será, evidentemente, um baixo rendimento do aluno. De resto, os textos escolares revelam ignorância e descompasso em relação à complexidade da produção oral dos alunos. Ignoram que o aluno já fala (domina a língua) quando entra na escola.

Hoje a cena já está bastante mudada em relação às últimas gerações de manuais didáticos, tendo em vista o processo de avaliação por parte do MEC no Programa Nacional de Avaliação do Livro Didático (PNLD). Já se cuida mais da presença de uma maior diversidade de gêneros, de um tratamento mais adequado da oralidade e da variação lingüística, bem como de um tratamento mais claro da compreensão. Mas é evidente, como se verá mais adiante, que nem tudo ainda é como se gostaria que fosse[1].

Considerando os objetivos básicos da escola no trato da língua, é oportuno levantar a questão de se a escola deve trabalhar apenas o texto escrito ou envolver-se também com o texto oral. Quanto a isso, define-se, hoje, uma linha de pensamento que parece sugerir que a missão da escola é, sobretudo, o ensino da modalidade escrita (cf. Kato, 1987 e Perini, 1985). Creio que ao se enfatizar o ensino da escrita não se deve ignorar a fala, pois a escrita reproduz a seu modo e com regras próprias, o processo interacional da conversação, da narrativa oral e do monólogo, para citar alguns.

É óbvio que se a escola tem como missão primária levar o aluno a bem se desempenhar na escrita, capacitando-o a desenvolver textos em que os aspectos formal e comunicativo estejam bem conjugados, isto não deve servir de motivo para ignorar os processos da comunicação oral. A razão é simples, pois desenvolver um texto escrito é fazer as vezes do falante e do ouvinte simuladamente. Mesmo que o texto escrito desenvolva um uso lingüístico interativo não do tipo comunicação face a face, deve, contudo, preservar os papéis que cabem ao escritor e ao leitor para cumprir sua função, sob pena de não ser comunicativo.

Os PCNs já trazem uma série de observações sobre a oralidade e os demais temas. Seria interessante que fizéssemos um levantamento de todas

1. Para uma visão clara da situação da avaliação dos livros didáticos de língua portuguesa realizada no contexto do PNLD, seus critérios e uma análise dos resultados, aconselho a leitura do livro editado por Roxane Rojo & Antônio A. G. Batista (orgs.) (2003). *Livro didático de língua portuguesa, letramento e cultura escrita*. Campinas: Mercado de Letras. Ali há a apresentação da metodologia de avaliação e os resultados dos últimos anos.

essas posições para termos uma noção clara de qual o tratamento que neste momento está sendo sugerido a essa questão[2]. Neste curso, vamos dar atenção especial à oralidade e problemas correlatos ao tratarmos os gêneros textuais nos itens 2.10 a 2.13.

Concluindo estas observações preliminares, ressalto que não é minha intenção trazer aqui sugestões detalhadas ou propor uma nova gramática pedagógica. Viso simplesmente mostrar como se pode operar no ensino dos fatos e do funcionamento da língua através do texto como forma natural de acesso à língua.

1.3 Quando se estuda a língua, o que se estuda?

A primeira tomada de posição aqui necessária é a explicitação do que se pode ou deve entender com a expressão "ensino de língua", pois como já lembrado, ao chegarem à escola, a criança, o adolescente ou o adulto já sabem a língua. Assim, vale a pena refletir a esse respeito, como o faz Maria de Fátima Carvalho Lopes (1984: 245)[3], ao indagar-se:

> o que justifica a intervenção escolar num processo de aquisição que acontece naturalmente?

Com a autora, podemos dar uma primeira resposta defendendo que:

> um dos objetivos gerais do ensino do Português é desenvolver a competência da comunicação (p. 245) [4].

Aprofundando a questão, a autora insiste (p. 247):

---

2. Sobre esse assunto, cf. algumas notas em Luiz Antônio Marcuschi (1999). O tratamento da oralidade nos PCN de Língua Portuguesa de 5ª a 8ª Séries. *Scripta*. Belo Horizonte: PUC-MG, vol. 2, nº 4, pp. 114-129.

3. Refiro-me ao trabalho de Maria de Fátima Carvalho Lopes (1984). Lingüística e ensino de língua materna. In: *Actas do 1º Encontro de Lingüistas Portugueses*. Lisboa: Faculdade de Letras de Lisboa, pp. 244-256.

4. Posição essencialmente similar a essa é defendida por outro lingüista português, Joaquim Fonseca (1984). A lingüística e o ensino da língua materna. In: *Actas do 1º Encontro de Lingüistas Portugueses*. Lisboa: Faculdade de Letras de Lisboa, pp. 257-260. Ele assim se expressa: "Direi, então, que a aula de língua materna visa, naturalmente, o desenvolvimento da competência comunicativa e metalingüística/metacomunicativa do aluno, desenvolvimento esse (e importa sublinhá-lo) fortemente orientado para que o aluno use melhor a sua língua — use melhor não apenas como aperfeiçoamento do domínio de estruturas, de correção gramatical, mas também, e sobretudo, e como obtenção de sucesso na adequação do acto verbal às situações de comunicação" (p. 259).

O que tem a escola de muito específico a oferecer no domínio do desenvolvimento da competência de comunicação, se as crianças já comunicam de forma suficiente e eficaz, sem intervenção da escola?

Quanto a este questionamento e a sugestão de resposta oferecida, parece útil fazer duas observações que permitem reordenações de foco em relação às concepções tradicionais na área:

- Em primeiro lugar, há aqui um deslocamento da função da escola como voltada exclusivamente para o ensino da escrita. Seu papel exorbita essa fronteira e se estende para o domínio da comunicação em geral. Envolve também o trabalho com a oralidade. Evidente que não se trata de ensinar a falar, mas de usar as formas orais em situações que o dia-a-dia nem sempre oferece, mas que devem ser dominadas. Além da escrita e da oralidade, estão ainda envolvidas, no trato de língua materna, questões relativas a processos argumentativos e raciocínio crítico.
- Em segundo lugar, deve-se ter muito cuidado com a noção de *competência comunicativa* que não se restringe a uma dada teoria da informação ou da comunicação, mas que deve levar em conta os parâmetros mais amplos de uma etnografia da fala, uma análise das interações verbais, produções discursivas e atividades verbais e comunicativas em geral sem ignorar a cognição. É nesse contexto que se situa a questão gramatical e todo o trabalho com a língua. Trata-se de valorizar a reflexão sobre a língua, saindo do ensino normativo para um ensino mais reflexivo.

Diante disso, o que pode oferecer a escola ao aluno? Considerando que a capacidade comunicativa já se acha muito bem desenvolvida no aluno quando ele chega à escola, o tipo de atividade da escola não deve ser ensinar o que ele já sabe. Nem tolher as capacidades já instaladas de interação. Assim, a resposta pode ser dada na medida em que se postula que a escola não ensina língua, mas usos da língua e formas não corriqueiras de comunicação escrita e oral. O núcleo do trabalho será com a língua no contexto da compreensão, produção e análise textual.

Nessa perspectiva, o trabalho em língua materna parte do enunciado e suas condições de produção para entender e bem produzir textos. Sem esquecer a língua, essa mudança do foco iria do significante à significação. Do enunciado à enunciação. Da palavra ao texto e deste para toda a análise e

produção de gêneros textuais. É uma forma de chamar a atenção do aluno para a real função da língua na vida diária e nos seus modos de agir e interagir. Nesse percurso, nota-se que a língua é variável e variada, as normas gramaticais não são tão rígidas e não podem ser o centro do ensino.

Quanto a essas questões, parece-me que Joaquim Fonseca (1984: 260) nos oferece uma boa sugestão de caracterização da aula de língua na linha em que nos posicionamos aqui. Para o autor, ela deveria privilegiar, numa base de natureza essencialmente lingüística,

> a preparação do aluno para a produção ágil dos seus discursos e para a avaliação crítica dos discursos alheios — no que se conseguirá que ele obtenha uma maior eficácia na actuação social, um maior sucesso na descoberta de si mesmo e na sua intervenção na prática social (p. 260).

É claro que esta posição de Joaquim Fonseca, com a qual estou de pleno acordo, traz a necessidade de uma boa formação lingüística para o professor de língua materna em qualquer nível do ensino. Como diz o autor (p. 259), trata-se muito mais de se perceber uma lingüística implicada do que uma lingüística aplicada, isto é, uma lingüística prévia e sólida que tenha fundamentos científicos bem definidos para poder ser aplicada. No fundo, a *aplicação seria uma implicação pedagógica do já sabido*.

Embora eu me decida pela noção de língua como um conjunto de práticas sociocognitivas e discursivas, como ainda veremos em detalhe adiante, não gostaria de deixar a impressão de que ignoro o sistema. Não existe possibilidade de trabalhar a língua sem atinar para o sistema, de modo que o trabalho com a gramática tem seu lugar garantido no trabalho com a língua materna. Assim, concordo com Irandé Antunes (2003:85) quando ela frisa que

> as pessoas, quando falam, não têm liberdade total de inventar, cada uma a seu modo, as palavras que dizem, nem têm a liberdade irrestrita de colocá-las de qualquer lugar nem de compor, de qualquer jeito, seus enunciados. Falam, isso, sim, todas elas, conforme as regras particulares da gramática de sua própria língua. Isso porque toda língua tem sua gramática, tem seu conjunto de regras, independentemente do prestígio social ou do nível de desenvolvimento econômico e cultural da comunidade em que é falada. Quer dizer, não existe língua sem gramática.

Se alguém é falante de uma língua, ele domina as regras dessa língua. O problema é que a língua não tem regras tão rígidas quanto imaginamos e pode haver alguma variação, mas não livre nem ilimitada. A gramática não tem uma finalidade em si mesma, mas para permitir o funcionamento da língua

por parte dos falantes. E como diz Antunes, (2003:89): "A gramática reflete as diversidades geográficas, sociais e de registro da língua".

É claro que a gramática tem uma função sociocognitiva relevante, desde que entendida como uma ferramenta que permite uma melhor atuação comunicativa. O problema é fazer de uma metalinguagem técnica e de uma análise formal o centro do trabalho com a língua. Também não se deve reduzir a língua à ortografia e às regras gramaticais. E nesse sentido, temos a ver com uma correta identificação do que seja a gramática. O falante deve saber flexionar os verbos e usar os tempos e os modos verbais para obter os efeitos desejados; deve saber usar os artigos e os pronomes para não confundir seu ouvinte; deve seguir a concordância verbo-nominal naquilo que for necessário à boa comunicação e assim por diante. Mas ele não precisa justificar com algum argumento porque faz isso ou aquilo nessas escolhas. O falante de uma língua deve fazer-se entender e não explicar o que está fazendo com a língua.

A este respeito concordo com a profª. Rosa Virgínia Mattos e Silva (2004:82-85)[5], quando aponta o valor social que a "consciência gramatical da língua" tem para o cidadão. Assim, a primazia do aspecto cognitivo, comunicativo e social ou então textual e discursivo que o ensino assumiu não deveria obscurecer o aspecto sistêmico da língua. Acredito que todos os reducionismos deveriam ser evitados. Não se deve ignorar que, sendo a língua um fenômeno social, tudo o que se acha vinculado a ela tem esse caráter, inevitavelmente. O que deve ser evitado, segundo nos adverte Mattos e Silva (2004:85) é "o objetivo pedagógico de caráter prescritivo" como o único a ser atingido.

O que não se pode continuar fazendo é um trabalho isolado num só nível como se este fosse (auto)suficiente. Assim, eu diria que dois aspectos devem ser evitados no trato da língua:

i. recortes com características de auto-suficiência
ii. prescrições de produção com características estáticas.

Portanto, dizer que a análise da língua se limita à sintaxe é reduzir a língua a algo muito delimitado, pois os aspectos textuais e discursivos, bem como as questões pragmáticas, sociais e cognitivas são muito relevantes e daí

5. Refiro-me à obra de Rosa Virgínia Mattos e Silva (2004). *"O português são dois..." Novas fronteiras, velhos problemas.* São Paulo: Parábola Editorial. Aqui a autora traz uma série de trabalhos críticos sobre história, variação e ensino de língua portuguesa.

não se poder evitar de considerar o funcionamento da língua em textos realizados em gêneros[6].

1.4 Noção de língua, texto, textualidade e processos de textualização

Tal como proposto na introdução geral, este curso trabalha a produção textual na perspectiva sociointerativa. Cabe agora deixar claro o que isto significa. Para tanto, apresento, em primeiro lugar, uma série de conceitos como base para o restante do trabalho. Assim, num primeiro momento, veremos as noções de língua e de texto, o que parcialmente vem sendo feito desde o início destas notas e deverá persistir até o final do curso.

Embora não seja necessário, é sempre fundamental explicar com que noção de língua se trabalha, quando se opera com categorias tais como texto ou discurso, já que disto dependerão muitas das posições adotadas. Mas esta distinção entre *texto* e *discurso* é hoje cada vez mais complexa, já que em certos casos são vistas até como intercambiáveis. A tendência é ver o texto no plano das formas lingüísticas e de sua organização, ao passo que o discurso seria o plano do funcionamento enunciativo, o plano da enunciação e efeitos de sentido na sua circulação sociointerativa e discursiva envolvendo outros aspectos. Texto e discurso não distinguem fala e escrita como querem alguns nem distinguem de maneira dicotômica duas abordagens. São muito mais duas maneiras complementares de enfocar a produção lingüística em funcionamento. As definições mais comuns para discurso foram:

- conjunto de enunciados que derivam da mesma formação discursiva;
- uma prática complexa e diferenciada, obedecendo a regras de transformação analisáveis;
- regularidade de uma prática.

Em todos os casos, observa-se que discurso é visto como uma *prática* e não como um objeto ou um artefato empírico. Parece que esta noção de *prática* é o que permitirá levar em conta os fenômenos extralingüísticos para não cair no subjetivismo.

6. Adiante vou chamar atenção para o fato de não transformarmos as aulas de língua materna em aulas de pragmática, lingüística de texto, análise do discurso ou teoria dos gêneros textuais. Pois isto seria apenas a introdução de uma nova escolástica ou vulgata que em nada seria melhor que a anterior.

Entremos agora na análise da língua e algumas noções que dela se tem dado. A língua pode ser vista — e foi vista — de vários ângulos teóricos, mas nós adotaremos uma posição bem definida para o trabalho com a produção textual na perspectiva sociointerativa.

De acordo com as diferentes posições existentes, pode-se ver a língua:

a) como forma ou estrutura — um sistema de regras que defende a autonomia do sistema diante das condições de produção (posição assumida pela visão formalista);
b) como instrumento — transmissor de informações, sistema de codificação; aqui se usa a metáfora do conduto (posição assumida pela teoria da comunicação);
c) como atividade cognitiva — ato de criação e expressão do pensamento típica da espécie humana (representada pelo cognitivismo);
d) como atividade sociointerativa situada — a perspectiva sociointeracionista relaciona os aspectos históricos e discursivos.

(a) Quando vista como uma entidade abstrata, enquanto forma, a língua é estudada em suas propriedades estruturais autônomas. Neste caso, é tomada como código ou sistema de signos e sua análise desenvolve-se na imanência do objeto. Esta perspectiva foi inaugurada no século XIX, tendo-se consolidado com Saussure e Chomsky; não se buscam explicações transcendentes para o fenômeno lingüístico, desleixando-se o contexto e a situação, bem como os aspectos discursivos sociais e históricos. Aqui, há uma certa dificuldade de tratar a questão da significação e os problemas relativos à compreensão. Também fica muito difícil observar o funcionamento do texto, que não é uma unidade do sistema, pois, como se verá, o texto situa-se no uso do sistema.

Tratada assim, a língua é tida como um sistema homogêneo composto de vários níveis hierarquicamente distribuídos. Nesta perspectiva, costuma-se distinguir níveis de análise formal. Em geral, os estudos lingüísticos nesta linha dedicam-se aos seguintes níveis estruturais:

— fonológico (cuja unidade é o fonema)
— morfológico (cuja unidade é o morfema)
— sintático (cuja unidade é o sintagma ou a oração)
— semântico (cuja unidade é o sema ou o conceito ou a proposição)

No geral, os estudos nesta linha não ultrapassam a unidade máxima da frase, nem se ocupam do uso da língua. Na maioria dos casos, trabalham-se

aqui as unidades isoladamente, fora de qualquer contexto. O interesse central dessa perspectiva é tratar os fenômenos sistemáticos da língua. Como se pode depreender destas observações, nossa perspectiva não se identifica com esse tipo de análise, embora sejam relevantes os conhecimentos obtidos nestas análises. O problema está em se imaginar que a língua seja apenas isso.

(b) Quanto à perspectiva que trata a língua como instrumento, a posição não parece razoável pelo fato de não atingir nenhum nível de abstração desejável e pelo fato de desvincular a língua de suas características mais importantes, ou seja, seu aspecto cognitivo e social. Além disso, tem como conseqüência a idéia de que a língua é um instrumento transparente e de manuseio não problemático. A compreensão se torna algo objetivo e a transmissão de informações seria natural. Essa perspectiva é pouco útil, mas muito adotada, em especial pelos manuais didáticos, ao tratarem os problemas da compreensão textual. Essa posição é muito comum nas teorias de comunicação em geral. É uma das visões mais ingênuas.

(c) Tomando esta posição de maneira radical, enfatizando a língua como atividade cognitiva ou apenas um sistema de representação, pode-se incorrer no risco de uma outra redução, que confina a língua a sua condição exclusiva de fenômeno mental e sistema de representação conceitual. Neste caso, como ocorre em boa parte dos cognitivismos contemporâneos, teríamos dificuldades de entender como é que a cultura, a experiência e nossa realidade cotidiana passam para a língua. A língua envolve atividades cognitivas, mas não é um fenômeno apenas cognitivo. Pois o paradoxo que surge quando se toma a língua como um fenômeno apenas cognitivo é o de não se conseguir explicar seu caráter social, já que a cognição admitida nessas teorias é um fenômeno não-social. De qualquer modo, o cognitivismo que vamos aqui admitir é o defendido pela *hipótese sociocognitivista*, que não se confina na imanência do cérebro nem propõe a língua como um fenômeno biológico (restrito às sinapses cerebrais).

d) Essa posição toma a língua como uma atividade sócio-histórica, uma atividade cognitiva e atividade sociointerativa. Na realidade, contempla a língua em seu aspecto sistemático, mas observa-a em seu funcionamento social, cognitivo e histórico, predominando a idéia de que o sentido se produz situadamente e que a língua é um fenômeno encorpado e não abstrato e autônomo. Não ignora a forma sistemática nem deixa de observar a regularidade sistemática. Assim, essa visão deveria receber uma série de esclarecimentos para poder tornar-se produtiva. Ela será adotada neste curso e explicitada ao longo da abordagem feita a seguir.

Assim, a postura geral aqui adotada pode ser caracterizada como textual-discursiva na perspectiva sociointerativa, isto é, consideramos o texto em seu aspecto tanto organizacional interno como seu funcionamento sob o ponto de vista enunciativo. Uma excelente abordagem nesse sentido pode ser vista nos trabalhos de Ingedore Koch, em particular em seu livro sobre as atividades textuais na perspectiva cognitiva e enunciativa, que ainda será tratada adiante[7].

1.5 Aprofundando a noção de língua por nós adotada

Uma vez feita a discussão teórica acima, podemos indagar qual a posição a ser adotada. É esta a questão a que nos voltamos a seguir.

Na realidade, nosso trabalho se dará na perspectiva (d), chamada textual-interativa. Nesse caso, não se deixa de admitir que a língua seja um sistema simbólico (ela é sistemática e constitui-se de um conjunto de símbolos ordenados), contudo ela é tomada como uma atividade sociointerativa desenvolvida em contextos comunicativos historicamente situados. Assim, a língua é vista como uma atividade, isto é, uma prática sociointerativa de base cognitiva e histórica. Podemos dizer, resumidamente, que a língua é um conjunto de práticas sociais e cognitivas historicamente situadas. Podemos dizer que as línguas são objetivações históricas do que é falado.

Tomo a língua como um sistema de práticas cognitivas abertas, flexíveis, criativas e indeterminadas quanto à informação ou estrutura. De outro ponto de vista, pode-se dizer que a língua é um sistema de práticas sociais e históricas sensíveis à realidade sobre a qual atua, sendo-lhe parcialmente prévio e parcialmente dependente esse contexto em que se situa. Em suma, a língua é um sistema de práticas com o qual os falantes/ouvintes (escritores/leitores) agem e expressam suas intenções com ações adequadas aos objetivos em cada circunstância, mas não construindo tudo como se fosse uma pressão externa pura e simples.

Podemos lembrar aqui mais uma vez a posição de Batista (1997: 21) quando ele afirma:

7. Refiro-me ao livro de Ingedore Villaça Koch (2001). *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez. A leitura desse livro é aqui enfaticamente aconselhada por ser exemplar no modo de tratar boa parte dos processos de organização e condução tópica e aspectos da produção de sentido com as anáforas ditas associativas e indiretas.

Na linguagem e através dela, portanto, constitui-se não só uma determinada organização da experiência do real, mas também determinados lugares para os interlocutores e demarcadas relações entre eles.

Veja-se o caso do uso dos pronomes: um eu marca a posição pessoal e o você indica que o eu não está incluído e a imagem que produzo é de um outro. O nós inclui a mim e a imagem não será a mesma que as duas anteriores: o nós inclui o eu e o outro. As identidades construídas e subsumidas no caso dos quantificadores para grupos, por exemplo, todos, alguns, nenhum, poucos e assim por diante, refletem mais do que simples agrupamento, pois envolvem também a construção de imagens. Portanto, como lembra Batista (1997: 21-22), "falar é agir" tanto sobre si, como sobre os outros e sobre o mundo. Falar não é apenas comunicar algo e sim produzir sentidos, produzir identidades, imagens, experiências e assim por diante.

Certamente, quando estudamos o texto, não podemos ignorar o funcionamento do "*sistema lingüístico*" com sua fonologia, morfologia, sintaxe, léxico e semântica; neste caso estamos apenas admitindo que a língua não é caótica e sim regida por um sistema de base. Mas ele não é predeterminado de modo explícito e completo, nem é auto-suficiente. Seu funcionamento vai ser integrado a uma série de outros aspectos sensíveis a muitos fenômenos que nada têm a ver com a forma diretamente.

Não obstante a visão acima defendida, é bom ter presente que há vários aspectos do funcionamento da língua que são mais bem explicados quando os observamos no nível do sistema. Por exemplo, a variação lingüística pode ser explicada na correlação com fatores sociais, mas os fenômenos que sistematicamente variam são estruturais, tais como os fonológicos e os morfológicos. Assim, quando se fala em uso e função, não se ignora a existência de formas. Apenas frisa-se que as formas não são tudo no estudo da língua e que as formas só fazem sentido quando situadas em contextos sociointerativamente relevantes. Esta é a distinção com Chomsky, que julga ser próprio da lingüística apenas o estudo da realidade mental da língua e não o seu aspecto externo, ou seja, o funcionamento na sociedade e nas relações intersubjetivas.

Uma das tendências mais comuns na lingüística do século XX, até recentemente — típica do estruturalismo —, foi centrar-se no estudo do *código*, isto é, na análise de propriedades imanentes ao sistema de signos da língua. Tratava-se do que podemos chamar de uma lingüística do significante. Assim, surgiram os conhecidos níveis de análise lingüística, tais como o fonológico, o

morfológico, o sintático e o semântico. Cada vez mais essa perspectiva foi cedendo lugar à idéia de que não se pode abordá-las isoladamente. Ainda continua um tanto obscuro, nessa perspectiva, estabelecer uma "ponte" clara de união ou processamento integrado desses níveis num todo, sem mencionar a difícil assimilação do aspecto pragmático da língua. Este em geral não é considerado um nível de análise da língua e sim um plano do uso[8].

Nas últimas décadas, com os estudos levados a efeito pelos teóricos do texto, do discurso e da conversação, que observam a língua em funcionamento a partir de suas *condições de produção e recepção*, deu-se uma guinada na tendência "oficial". As teorias que privilegiavam o código (o significante) como objeto de análise e viam a língua como um sistema de regras estruturado e determinado, não tinham condição de se fazer indagações relevantes sobre uma série de aspectos, por exemplo, a relação entre a língua falada e a língua escrita. Nem podiam indagar-se sobre os usos sociais da língua. A centração do estudo no código não podia enfrentar a variação e a produção de sentido em qualquer aspecto que se manifestasse, seja nas formas lingüísticas ou na significação.

A noção de língua aqui adotada admite que a língua é *variada e variável*, ou seja, supõe uma visão não-monolítica da língua e contempla pelo menos três aspectos dessa variação ou heterogeneidade, tal como lembra Renate Bartsch (1987: 186-190):

(a) heterogeneidade na comunidade lingüística (a população não é homogênea e fala de forma diferenciada com variedades dialetais regionalmente caracterizadas ou variedades sociais socioculturalmente marcadas);
(b) heterogeneidade de estilos e registros numa língua (na linguagem do dia-a-dia, tem-se estilos mais informais e na linguagem cuidada ou técnica tem-se estilos formais; também observam-se registros de vários tipos, sendo que um falante pode dominar vários deles simultaneamente);
(c) heterogeneidade no sistema lingüístico (a língua não tem *um* sistema ou *o* sistema, mas diversas sistematizações complementares, sobrepostas ou concomitantes, hoje conhecidas como 'regras variáveis', seja na fonologia, morfologia ou semântica).

8. Antes que se caia em equívocos e mal-entendidos quanto ao emprego da palavra "*uso*", será útil alertar que não se trata de uma noção instrumental de uso. *Uso* aqui é uma noção que apenas lembra o funcionamento da língua em seus contextos ou no plano da enunciação. Não é um uso instrumental, pois já ficou claro que nossa visão de língua não a contempla como se ela fosse um instrumento.

Esse aspecto da língua enquanto heterogênea sugere uma compreensão de língua diferente daquela com a qual os manuais didáticos em geral operam. Assim, pode-se admitir que:

- A língua é um sistema simbólico geralmente opaco, não-transparente e indeterminado sintática e semanticamente.
- A língua não é um simples código autônomo, estruturado como um sistema abstrato e homogêneo, preexistente e exterior ao falante; sua autonomia é relativa.
- A língua recebe sua determinação a partir de um conjunto de fatores definidos pelas condições de produção discursiva que concorrem para a manifestação de sentidos com base em textos produzidos em situações interativas.
- A língua é uma atividade[9] social, histórica e cognitiva, desenvolvida de acordo com as práticas socioculturais e, como tal, obedece a convenções de uso fundadas em normas socialmente instituídas.

Com a concepção de língua aqui sugerida, pretendo deslocar o interesse do código lingüístico (imanência das formas) para o *funcionamento da língua* ou, numa formulação mais comum, para a análise de textos e discursos (em certo sentido, o plano da enunciação). Isso tornará possível observar o que fazem os falantes com/na/da língua e, principalmente, como se dão conta de que estão fazendo uma determinada coisa com a língua. Também permite trabalhar as relações entre oralidade e escrita[10]

9. Parcialmente, mas não mais do que isso, pode-se dizer que essa noção de língua assemelha-se ao que postulava Wilhelm von Humboldt quando dizia que a língua era ***energeia (atividade, processo, energia, ação)*** e não ***ergon (produto)***. Segundo muito bem nota Faraco (2004), para Humboldt, "linguagem e pensamento constituem uma unidade. Nesse sentido, a língua não é entendida como apenas a manifestação externa do pensamento (algo que vem depois do pensamento), mas aquilo que o torna possível. Ela tem, nesse sentido, um caráter constitutivo viabilizando a elaboração conceitual e os atos criativos da mente. É por isso que Humboldt afirma que a língua é um processo, uma atividade (*energeia*) e não um produto (*ergon*)". Na verdade, língua seria uma atividade mental para Humboldt e não um sistema gramatical. Por outro lado, não é nada interessante pensar na língua como fazia A. Schleicher (1821-1867), que a considerava como um organismo vivo com existência própria, que nascia, desenvolvia-se e morria. Trata-se de uma antropomorfização que levou à descrição de árvores genealógicas do indo-europeu.

10. Em um curso como este não se pode trabalhar tudo. Mas seria conveniente considerar que hoje se distingue entre as expressões '**oralidade**' e '**fala**', de um lado e, '**letramento**' e '**escrita**', de outro. A **oralidade** é uma prática social no uso da língua, enquanto a **fala** seria a forma assumida pela expressão oral. O **letramento**, por sua vez, seria a prática social do uso diário da escrita em eventos comunicativos, enquanto a **escrita** seria a forma de manifestação do letramento enquanto atividade de textualização. Para maiores detalhes, cf. o livro de Luiz Antônio Marcuschi (2001). *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez.

como duas modalidades enunciativas complementares dentro de um contínuo de variações.

Com relação ao ensino, essa posição conduzirá ao desenvolvimento de *competências discursivas funcionalmente adequadas*. E, nesse caso, a *competência lingüística*, enquanto domínio de formas, passa a ser um subconjunto dos fatores de adequação. Assim, a ênfase na gramática pode ser minorada na direção de uma perspectiva mais funcional e sociointerativa no funcionamento da língua.

Com base no que vimos até aqui, podemos dizer que:

a) a língua se manifesta plenamente no seu funcionamento na vida diária, seja em textos triviais do cotidiano ou prestigiosos e canônicos que persistem na tradição cultural;
b) o uso da língua se dá em eventos discursivos situados sociocognitivamente e não em unidades isoladas;
c) a língua, enquanto sistema formal, acha-se impregnada pelo discurso;
d) muitos fenômenos relevantes e sistemáticos no funcionamento da língua são propriedades do discurso e não podem ser descritos e explicados com base apenas no sistema formal da língua;
e) entre os fenômenos relevantes comandados pelo funcionamento da língua estão as relações interfrásticas que não se esgotam nem se esclarecem no âmbito da frase; por exemplo: as seqüências conectivas, as seqüências anafóricas, as elipses, as repetições, o uso dos artigos etc.
f) as seqüências de enunciados num texto não são aleatórias, mas regidas por determinados princípios de textualização locais ou globais;
g) um texto não se esclarece em seu pleno funcionamento apenas no âmbito da língua, mas exige aspectos sociais e cognitivos.

Portanto, vamos admitir que a língua é uma atividade interativa, social e mental que estrutura nosso conhecimento e permite que nosso conhecimento seja estruturado. Enquanto fenômeno empírico, a língua não é um sistema abstrato e homogêneo, mas é:

heterogênea	indeterminada
social	variável
histórica	interativa
cognitiva	situada

Quando dizemos que a língua não é determinada, isto significa que não existe uma determinação fixa apriórica, seja no aspecto sintático ou semântico. Portanto, uma mesma forma pode funcionar com várias significações, de

maneira que não há uma determinação semântica proveniente do próprio sistema lingüístico. De igual maneira, podemos ter várias opções de determinação sintática para uma dada construção.

Veja-se o caso de Eternamente (*é ter na mente, éter na mente, é ternamente*...) e os mais diversos casos de ambigüidade, sejam eles de natureza sintática ou semântica, como esta manchete do *Diário de Pernambuco* em primeira página (13/05/20004):

> Fraude no Rio é investigada
> no Detran de Pernambuco

Como devemos entender esta manchete?

1. Trata-se de fraudes cometidas (pelo Detran) no Rio que agora serão investigadas pelo Detran de Pernambuco? ou
2. Trata-se de fraudes cometidas pelo Detran do Rio com ramificação em Pernambuco?

Somente a leitura do texto que segue a manchete permite esclarecer a situação.

> **Fraude no Rio é investigada no Detran de Pernambuco**
>
> Fraude no licenciamento de veículos no Rio pode ter ramificação em Pernambuco e em mais quatro estados. O esquema simula vistorias nos carros fora do estado de origem.
>
> FONTE: *Diário de Pernambuco*. Recife. 13/05/2004.

Outro exemplo de ambigüidade seria o contido na manchete do *Diário de Pernambuco* (02/11/2005) em que se lia a notícia abaixo, à primeira vista com duas possibilidades interpretativas. Poderia ser tanto a *crise na televisão* como a *crise no Governo Lula*. Só a leitura daria uma resposta, mas certamente, quem vivia o momento histórico brasileiro poderia logo saber que se tratava da *crise no Governo Lula* com as várias CPIs em andamento naquele momento. Veja-se a notícia:

> **PRESIDENTE ACEITA FALAR SOBRE CRISE NA TV**
>
> *Lula confirma ida ao Roda Viva segunda-feira e garante que não deixará de responder nenhuma pergunta*
>
> BRASÍLIA – Após seis meses de negociações, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva confirmou ontem a participação no programa de entrevista *Roda Viva*, da TV Cultura na próxima segunda-feira. /_/ Lula será o segundo presidente a dar entrevista ao *Roda Viva* no exercício do mandato.

O primeiro foi seu antecessor, Fernando Henrique Cardoso. Segundo Markun, que negociou a entrevista diretamente com Lula, o presidente disse que não quer falar só de crise, mas também de economia e que não deixará nenhuma pergunta sem resposta. /.../

Pode-se admitir, ainda, que a língua é uma atividade cognitiva. Pois ela não é simplesmente um instrumento para reproduzir ou representar idéias (pois a língua é muito mais do que um *espelho* da realidade). A língua é também muito mais do que um veículo de informações. A função mais importante da língua não é a informacional e sim a de inserir os indivíduos em contextos sócio-históricos e permitir que se entendam.

Finalmente, postulamos também que a língua é uma forma de ação, ou seja, um trabalho que se desenvolve colaborativamente entre os indivíduos na sociedade. Nesse caso, a pragmática, como sociopragmática, passa a ter um papel definido e claro no processo de produção textual, pois é um dos determinantes das condições de produção.

Há ainda um aspecto interessante a respeito da idéia de que a língua é uma forma de ação. Não se deve entender isso como se fosse uma ação voluntarista, particular, consciente e plenamente individual, como postula a pragmática tradicional dos atos de fala. Sempre estamos inseridos num contexto social e em alguma instituição cujos contratos somos obrigados a seguir sob pena de sermos punidos de alguma forma. As instituições, as ideologias, as crenças etc. são formas de coerção social e política que não permitem ao indivíduo agir como uma entidade plenamente individual. Não somos mais sujeitos cartesianos monolíticos, integrais e indivisíveis, que persistem à margem do corpo e dele se desgarram como uma alma que volta para a divindade. Não se nega a individualidade nem a responsabilidade pessoal, mas se afirma que as formas enunciativas e as possibilidades enunciativas não emanam de um indivíduo isolado e sim de um indivíduo numa sociedade e no contexto de uma instituição.

Tomemos um exemplo: quando alguém assume um cargo oficial no governo, pode ter, pessoalmente, uma série de posições que receberão, num dado momento, coerções institucionais, e ele vai deixá-las de lado para representar o papel que nesse momento lhe é exigido por pertencer àquela instituição. Assim, nem sempre se pode recriminar quando alguém "muda de opinião" ao assumir uma posição oficial, pois ele passa a fazer parte de um corpo maior do que ele e suas crenças pessoais. São novas condições de produção discursiva que entram em jogo. Um ato lingüístico pode ser formalmente igual do ponto de vista do enunciado, mas, do ponto de vista de sua significação e

de seus efeitos, ele será bem diverso, a depender do lugar que o condiciona, isto é, das condições de produção em que foi realizado.

Não nos aprofundaremos nesse ponto, pois isto deve retornar mais adiante ao trabalharmos o aspecto da compreensão textual. Ali veremos que uma análise textual baseada no código não tem condições de incorporar a produção de sentido, nem tem condições de perceber os efeitos de sentido a partir de lugares enunciativos diversos ou de crenças diversas. É por isso que o foco deve sair do código para o discurso. Temos de ir do enunciado para a anunciação e para o funcionamento da língua. Mas antes disso, seria bom dar uma breve olhada na noção de sujeito, um termo central várias vezes empregado nessas reflexões e nunca pensado em suas propriedades centrais.

1.6 Noção de sujeito e subjetividade

Para muitos autores, a reflexão sobre o funcionamento da língua em sociedade depende da noção de *sujeito* que temos. Assim, tudo indica que um dos pontos centrais que distinguem as várias correntes de AD (e por extensão, qualquer teoria lingüística) passa pela noção de sujeito. A questão é: o que caracterizaria o sujeito enquanto ser humano? Sua natureza, os aspectos sociais ou os fatores ligados ao inconsciente? (cf. Possenti, 1993)[11].

Para Possenti (1993), tratar do sujeito é responder à questão da relação entre *quem fala* e *o que é falado*. E neste caso temos três respostas possíveis (cf. Possenti, pp. 15-17), que reporto aqui para discussão:

> (1) numa delas se responde a sério "eu falo", isto é, acredita-se que o falante agrega ao enunciado que produz numa determinada instância algum ingrediente relevante para a interpretação. Em outras palavras, o fato de o falante ser um ou outro pode não ser indiferente. O modo mais elementar de se argumentar em favor desta tese é dizer que enunciados como "eu estou aqui" só podem ser interpretados considerando-se sua enunciação e que esta envolve crucialmente o falante. Diz-se, em casos como estes, numa certa tradição (Benveniste, p. ex.), que este enunciado está marcado pela subjetividade, que por isso ele é discurso. O mesmo se dá em casos como "infelizmente, p" ou "talvez p", em que se interpreta "infelizmente" e "talvez" como sendo o ponto de vista do locutor sobre p. Marcas de subjetividade, portanto. // Uma outra forma de

11. Refiro-me ao texto de Sírio Possenti (1993). Concepções de sujeito na linguagem, *Boletim da Abralin*, 13. São Paulo: USP, pp. 13-30.

considerar da maneira acima definida a relação do enunciado com o falante é a que invoca a relevância da intenção do falante ao dizer algo através de um certo enunciado. Se compreender é descobrir a intenção do falante [...] tem-se que aceitar que de certa forma o sujeito da enunciação é responsável pelo sentido. Para os adversários desta hipótese, esta maneira de ver a relação do sujeito com a língua implica aceitar que a língua está à disposição de indivíduos que a utilizam como se ela não tivesse história [...] Uma característica importante desta concepção é a de que se acentua o predomínio, se não a exclusividade, da consciência individual no uso da linguagem. Em outras palavras, o falante sabe o que quer dizer e sabe qual a melhor maneira de fazê-lo para produzir os efeitos que quer. [...] Os adversários desta concepção dizem que se confere ao sujeito da enunciação, desta forma, o estatuto de fonte do sentido. [...] O correlato político desta concepção de sujeito na linguagem seria a ideologia liberal, segundo a qual os indivíduos fazem o que querem na história. [...] O sujeito faz a história, assim como produz sentidos. A língua não seria um entrave a suas intenções. Esta concepção inscreve-se "numa filosofia do sujeito neutro, transparente a si próprio (uma filosofia de antes da descoberta freudiana), e naquela de um sujeito sem determinações sócio-ideológicas (uma filosofia de antes de Marx).

(2) Contra a idéia segundo a qual o falante pode controlar o sentido de seus enunciados erguem-se [...] concepções segundo as quais o indivíduo não é bem como se pensava até então que fosse. Sua consciência, quando existe, é produzida de fora e ele pode não saber o que faz ou o que diz. Uma das maneiras de assinalar a diferença de concepções é substituir a expressão "eu falo" pela expressão "fala-se", para dar conta da relação entre aquele que fala e o que é falado. Nesta expressão, o "se" significa que quem fala de fato é sempre um sujeito anônimo, social, em relação ao qual o indivíduo que em determinado momento ocupa o papel de locutor é dependente, repetidor, etc. [...] Os provérbios são talvez os melhores exemplos, mas há outros tantos enunciados como "fumar faz mal à saúde, o álcool faz mal ao corpo e ao espírito, os políticos são todos iguais, lugar de mulher é na cozinha, preto quando não faz na entrada faz na saída, etc"[...]. Assim, é difícil encontrar um enunciado que já não tenha sido dito. Tudo já foi dito. [...] Fica claro, assim o que quer dizer "sujeito é falado, assujeitado"; há uma estrutura que fala através de indivíduos que são levados a ocupar nela determinadas posições a partir das quais podem e devem dizer certas coisas e não outras. O indivíduo que fala é sempre porta-voz. Você não fala, é um discurso anterior que fala através de você. O padre repete, o juiz repete, o advogado repete, o professor repete, os escritores se repetem, a literatura diz sempre a mesma coisa, as piadas veiculam sempre o mesmo ponto de vista. [...] A fonte do sentido é a formação discursiva a que o enunciado pertence (se puder pertencer a mais de uma poderá ter mais de um sentido [...].

(3) A psicanálise, por outro lado, nos mostra que quem fala é o nosso inconsciente, que às vezes rompe as cadeias da censura e diz o que o ego não quer. Nesta posição,

responder-se-ia que é o "isto" ou o id que fala. O sujeito, neste caso, de novo, não é consciente, não controla o sentido do que diz. Freud (1905) em seu *Psicopatologia da vida cotidiana* nos dá exemplos interessantes.

a) durante uma tempestuosa assembléia, o coordenador disse: "agora iremos *streiten* (brigar), [em vez de *schreiten* (prosseguir)] no quarto item da agenda" (p. 95).

b) um senhor conversava com uma senhora e lhe perguntou: "a senhora viu a exposição (*Auslage*) na Wertheim? O lugar está completamente decotado (em vez de decorado) (p. 96).

Seguramente, a concepção de sujeito aqui adotada não é a (1), que supõe um sujeito humano em carne e osso, intencional, consciente e com uma linguagem transparente que não lhe oferece resistência. Mas também não será a do sujeito (2) nem (3) pura e simplesmente, pois não se pode admitir um "sujeito assujeitado" e que não tenha vontade, nem um sujeito que seja só inscrição na história e no inconsciente. O sujeito de que falamos aqui é aquele que ocupa um lugar no discurso e que se determina na relação com o outro.

O estruturalismo expulsou o sujeito da língua e enfatizou o sistema já que, como lembra Possenti (p. 20),

> a língua tem um funcionamento que independe do falante, independe do indivíduo; é social [...] é um sistema auto-suficiente. É por ser auto-suficiente, não por ser social, que independe do indivíduo. Por detrás dela não estão falantes, motivações, etc., estão outras estruturas.

Para os marxistas, isto significava eliminar a história e os condicionamentos superestruturais e ao mesmo tempo eliminava a *práxis*. O problema do estruturalismo é sua concepção de língua como externa ao sujeito que é seu produto, sendo ela transparente e autônoma. O sujeito teria morrido nesse caso e não seria um autor, tal como já postulavam Foucault ou Barthes. Como autor, o sujeito é, no máximo, dono de uma "fala", mas esta não é o objeto da lingüística e é um exterior.

Em suma, pode-se dizer que o sujeito não é nem assujeitado nem totalmente individual e consciente, mas produto de uma clivagem da relação entre linguagem e história. Em não sendo totalmente livre, nem determinado por alguma exterioridade, o sujeito se constitui na relação com o outro e, como lembra Possenti, citado acima, o sujeito não é a única fonte do sentido, pois ele se inscreve na história e na língua.

Tema interessante neste contexto e que não será aqui aprofundado, é a questão de como se dá a subjetividade na linguagem. Para tanto, podemos

remontar a Émile Benveniste (1976) em seu famoso trabalho "Da subjetividade na linguagem"[12], para quem

> é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de "ego" (p. 286).

A subjetividade é o que o autor chama de "capacidade do locutor se propor como 'sujeito'". Trata-se da emergência do eu no seio da linguagem, ou seja, "é o 'ego' que *diz ego*" (p. 286). Mas este eu se determina na relação com o *tu*, como já dissemos, pois

> a consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste. Eu não emprego *eu* a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocução um *tu*. Essa condição de diálogo é que é constitutiva da *pessoa*, pois implica em reciprocidade — que eu me torne *tu* na alocução daquele que por sua vez se designa por *eu* (p. 286).

O eu fundamenta a consciência de si e esta, como se viu, dá-se no contraste com um tu. Assim, *a subjetividade nasce no seio da intersubjetividade*. Esses aspectos vão se tornar relevantes no tratamento do texto quando se observar o funcionamento dos dêiticos (este, aqui, agora, hoje etc.) sejam de lugar, tempo, pessoa ou mesmo a modalidade e os tempos verbais.

Estas questões deverão retornar em dois momentos:

(a) quando nos voltarmos para o funcionamento dos pronomes no texto e
(b) trabalharmos a compreensão textual.

1.7 Noção de texto e lingüística de texto

Todos nós sabemos que a comunicação lingüística (e a produção discursiva em geral) não se dá em unidades isoladas, tais como fonemas, morfemas ou palavras soltas, mas sim em unidades maiores, ou seja, por textos. E os textos são, a rigor, o único material lingüístico observável, como lembram alguns autores. Isto quer dizer que há um fenômeno lingüístico (de caráter enunciativo e não meramente formal) que vai além da frase e constitui uma unidade de sentido[13]. O texto

---

12. Émile Benveniste ([1958] 1976). Da subjetividade na linguagem. In: *Problemas de lingüística geral*. Vol. I. São Paulo: Companhia Editora Nacional e EDUSP, pp. 284-293.

13. Quanto ao problema de se considerar o texto uma **unidade de análise** ou não, podem-se consultar as observações de Anne Reboul & Jacques Moeschler (1998). *Pragmatique de discours. De*

é o resultado de uma ação lingüística cujas fronteiras são em geral definidas por seus vínculos com o mundo no qual ele surge e funciona. Esse fenômeno não é apenas uma extensão da frase, mas uma entidade teoricamente nova (como já disse Charolles). Exige explicações que exorbitam as conhecidas análises do nível morfossintático.

O texto pode ser tido como um tecido estruturado, uma entidade significativa, uma entidade de comunicação e um artefato sócio-histórico. De certo modo, pode-se afirmar que o texto é uma (re)construção do mundo e não uma simples refração ou reflexo. Como Bakhtin dizia da linguagem que ela '*refrata*' o mundo e não reflete, também podemos afirmar do texto que ele *refrata o mundo* na medida em que o reordena e reconstrói. Neste curso, vamos nos dedicar a essa entidade comunicativa que forma uma unidade de sentido chamada texto. Tanto o texto oral como o escrito. Pois oralidade e escrita[14] são duas modalidades discursivas, igualmente relevantes e fundamentais, como ainda veremos adiante.

Aqui, enuncio brevemente a noção de texto que vamos adotar neste curso. Ela foi desenvolvida por Beaugrande (1997: 10) e postula que:

> "O texto é um evento comunicativo em que convergem ações lingüísticas, sociais e cognitivas."

Muitos são os aspectos que devem ser aqui tratados para dar conta desta definição. Em resumo, ela envolve tudo que necessitamos para dar conta da produção textual na perspectiva sociodiscursiva.

---

l'interprétation de l'énoncé à l'interprétation du discours. Paris: Armand Colin, em especial as pp. 21-27, em que se discute que tipo de unidade é o texto. Para os autores (p. 25), existem três tipos de unidades lingüísticas: (a) *unidades indivisíveis* (por exemplo: fonemas); (b) *unidades emergentes e compostas* (por exemplo: morfemas) e (c) *unidades formais que emergem pelas regras* (por exemplo: frases). O texto não é nenhuma dessas e não pode ser tido como uma unidade lingüística para esses autores. Para eles (p. 26), "o DISCURSO tem características que não se explicam pelos elementos que o compõem e pelas relações entre esses elementos". A questão é muito complexa e não pode ser aqui resolvida, no entanto, num ponto os autores têm razão. Não se pode dizer que o texto seja uma unidade do tipo frase ou morfema, sintagma etc. Caso fosse assim, poderíamos dar-lhe uma gramática rigorosa de boa-formação, o que não é possível em hipótese alguma. Assim, no caso do texto, estamos diante de uma unidade processual, uma unidade semântica, um evento.

14. Sugiro cuidado com o uso da expressão "***escrita***", que aqui está sendo empregada de maneira técnica. Refiro-me, nesse momento, aos problemas de ordem lingüística em sentido mais restrito. Há uma expressão que hoje se tornou comum e tem um uso muito mais amplo, isto é, ***letramento***. Com a expressão ***letramento*** têm-se em mente os usos sociais da escrita numa dada sociedade. Não há um letramento apenas, mas sim um contínuo de **letramentos**. É mais do que o simples domínio da escrita formal. Não se confunde com a alfabetização nem com o uso da escrita apenas. Na segunda parte deste curso, teremos oportunidade de discutir alguns aspectos a esse respeito.

A lingüística de texto (doravante LT), surgida nos meados dos anos 60 do século XX, trata hoje tanto da produção como da compreensão de textos orais e escritos. Inicialmente, só se ocupava dos textos escritos e com o processo de produção. Seus interesses e objetivos ampliaram-se muito nos anos 90. Para uma boa informação sobre o desenvolvimento da LT nos últimos 30 anos, vejam-se os trabalhos de Marcuschi (1983), Ingedore Koch (1999) e Anna Christina Bentes (2001)[15].

Sob um ponto de vista mais técnico, a LT pode ser definida como o estudo das operações lingüísticas, discursivas e cognitivas reguladoras e controladoras da produção, construção e processamento de textos escritos ou orais em contextos naturais de uso.

A LT parte da premissa de que a língua não funciona nem se dá em unidades isoladas, tais como os fonemas, os morfemas, as palavras ou as frases soltas. Mas sim em unidades de sentido chamadas texto, sejam elas textos orais ou escritos.

A motivação inicial da LT foi a certeza de que as teorias lingüísticas tradicionais não davam conta de alguns fenômenos lingüísticos que apareciam no texto. E estes fenômenos eram resumidos numa expressão quase mágica: relações interfrásticas. Constatava-se que certas propriedades lingüísticas de uma frase só eram explicáveis na sua relação com uma outra frase, o que exigia uma teoria que fosse além da lingüística de frase. Só assim se explicaria a anáfora, as propriedades textuais do artigo e também o problema da elipse e repetição, entre outros. Contudo, se no início da LT o argumento era a necessidade de desenvolver uma gramática transfrástica, hoje o argumento para se prosseguir no desenvolvimento de uma LT já é outro.

Hoje não se fala mais em *gramática de texto*. Essa noção supunha que seria possível identificar um conjunto de regras de "*boa formação textual*", o que se sabe ser impossível, pois o texto não é uma unidade formal que pode ser definida e determinada por um conjunto de propriedades puramente componenciais e intrínsecas. Também não é possível dar um conjunto de regras formais que possam gerar textos adequados.

Imaginemos a dificuldade que teríamos de propor regras para a produção de todos os gêneros textuais; ou então as regras para obter efeitos de sentido específi-

15 . Além desses estudos, podem-se ler, sobre as noções de LT e texto, os estudos de Leonor Fávero & Ingedore Koch (1983). *Lingüística textual*. São Paulo: Cortez. Também o trabalho de Irandé Antunes (1999). *Coesão lexical*. Recife: Editora da UFPE. Recentemente, saiu sobre o mesmo tema o trabalho de Irandé Antunes (2005). *Lutar com palavras. Coesão e coerência*. São Paulo: Parábola Editorial.

cos; ou as regras para seqüenciar conteúdos ou dar saltos temáticos, produzir digressões etc. O projeto seria impossível e inviável. Foi isto que levou os gramáticos do texto a desistirem da idéia. A teoria textual é muito mais uma heurística do que um conjunto de regras específicas enunciadas de modo explícito e claro.

Dizer que os critérios definidores das propriedades de um texto são heurísticos equivale a propor que sejam indicativos e sugestivos para permitir a produção e a compreensão, mas não regras rígidas e formais como condições necessárias e suficientes para a boa-formação textual.

A LT, abordada em sentido estrito, é algo bem diverso da *análise literária*; também é diferente da *retórica* e da *estilística*, embora evidencie parentescos com ambas. Configura uma linha de investigação interdisciplinar dentro da lingüística e como tal exige métodos e categorias de várias procedências. Hoje é a perspectiva que vem fornecendo a base teórica mais usada no estudo da língua em sala de aula. Mas não se pode imaginar que haja apenas uma LT.

A questão à qual devemos responder é: como e onde situar o texto nos estudos lingüísticos, já que as definições de texto não fazem alusão a nenhum dos níveis lingüísticos de análise? O texto está no nível do sistema ou é simplesmente um fenômeno do funcionamento do sistema? Aqui, as posições teóricas têm variado.

Segundo Ferdinand de Saussure [1916], por exemplo, a frase não é uma unidade da *langue* e sim da *parole* (do uso, da fala); Noam Chomsky [1965] e [1986], por sua vez, já tem na frase a unidade básica da língua (mas sua preocupação se volta para a competência lingüística ideal e abstrata e não para a frase em uso). A Chomsky, como vimos, não interessa o desempenho.

Assim como a lingüística teórica se dedica ao estudo do sistema virtual da língua, a lingüística de texto dedica-se ao estudo da atualização desse sistema em situações concretas de uso. Isto faz com que alguns lingüistas situem a LT fora do estudo da língua *stricto sensu*. Esta postura será comum aos lingüistas que seguem Saussure [1916], Bloomfield [1933], Chomsky [1965] e muitos outros.

A LT distingue entre *sentido* e *conteúdo* e não tem como objetivo uma análise de conteúdo, já que isto é objeto de outras disciplinas. O conteúdo é aquilo que se diz ou descreve ou designa no mundo, mas o sentido é um efeito produzido pelo fato de se dizer de uma ou outra forma esse conteúdo. O sentido é um efeito do funcionamento da língua quando os falantes estão situados em contextos sócio-históricos e produzem textos em condições específicas.

Pelo fato de o texto ativar estratégias, expectativas, conhecimentos lingüísticos e não-lingüísticos, a LT assume importância decisiva no ensino de língua e na montagem de manuais que buscam estudar textos. Ela deve prestar um serviço fundamental na elaboração de exercícios de produção e compreensão de textos (cf. mais alguns elementos a este respeito no trabalho de Graça Costa Val, 2000).

De uma maneira geral, as diversas vertentes da LT hoje aceitam as seguintes posições:

- A LT é uma perspectiva de trabalho que observa o funcionamento da língua em uso e não *in vitro*. Trata-se de uma perspectiva orientada por dados autênticos e não pela introspecção, mas, apesar disso, sua preocupação não é descritivista.
- A LT se funda numa concepção de língua em que a preocupação maior recai nos processos (sociocognitivos) e não no produto.
- A LT não se dedica ao estudo das propriedades gerais da língua, como o faz a lingüística clássica, que se dedica aos subdomínios estáveis do sistema, tais como a fonologia, a morfologia e a sintaxe, reduzindo assim o campo de análise e descrição.
- A LT dedica-se a domínios mais flutuantes ou dinâmicos, como observa Beaugrande (1997), tais como a concatenação de enunciados, a produção de sentido, a pragmática, os processos de compreensão, as operações cognitivas, a diferença entre os gêneros textuais, a inserção da linguagem em contextos, o aspecto social e o funcionamento discursivo da língua. Trata-se de uma *lingüística da enunciação* em oposição a uma *lingüística do enunciado* ou do *significante*.
- A LT tem como ponto central de suas preocupações atuais as relações dinâmicas entre a teoria e a prática, entre o processamento e o uso do texto.

Não há dúvida de que a LT situa-se nos domínios da lingüística e lida com fatos da língua, além de considerar a sociedade em que essa língua se situa. A LT opera com fatos mais amplos que a lingüística tradicional. Contudo, quando se faz uma análise textual, deve-se ter em mente que os aspectos estritamente lingüísticos, tais como a fonologia, a morfologia, a sintaxe e a semântica, são imprescindíveis para a estabilidade textual.

O que se postula enfaticamente na LT é que a *língua não tem autonomia sintática, semântica e cognitiva*. O texto não é simplesmente um artefato

lingüístico, mas um evento que ocorre na forma de linguagem inserida em contextos comunicativos. Assim, poderíamos concluir estas observações preliminares com a posição sistemática de que: *a lingüística de texto é uma perspectiva de trabalho com a língua que recusa a noção de* autonomia *da língua.*

Metodologicamente, lidamos, na LT, com um domínio empírico (isto é: o funcionamento efetivo da língua) e não formal. Assim, a LT é uma perspectiva de trabalho orientada por dados autênticos, empíricos e extraídos do desempenho real. Não é uma análise de observações introspectivas. É importante determinarmos com certa precisão este domínio, já que não se trata de uma panacéia geral, mas de um estudo controlado. Seu tema abrange:

(a) *coesão superficial* (nível dos constituintes lingüísticos);
(b) *coerência conceitual* (nível semântico, cognitivo, intersubjetivo e funcional);
(c) *sistema de pressuposições* (implicações no nível pragmático da produção de sentido no plano das ações e intenções).

Em suma: o trabalho com a língua portuguesa, na perspectiva de uma LT, teria de se ocupar com algo mais do que o ensino e aprendizagem de regras ou normas de boa-formação de seqüências lingüísticas. Trata-se de um estudo em que se privilegia a variada produção e suas contextualizações na vida diária.

Hoje em dia, não faz muito sentido discutir se o texto é uma unidade da *langue* (do sistema da língua) ou da *parole* (do uso da língua). Trata-se de uma *unidade comunicativa* (um evento) e de uma *unidade de sentido* realizada tanto no nível do uso como no nível do sistema. Tanto o sistema como o uso têm suas funções essenciais na produção textual. Mas, de qualquer modo, o texto não é uma unidade formal da língua como, por exemplo, o fonema, o morfema, a palavra, o sintagma e a frase.

É provável que certos aspectos formais da língua tenham influência na seqüenciação dos enunciados, assim como certas propriedades comunicativas exercem pressões discursivas sobre o texto. Contudo, não há uma regra que diz qual o conteúdo que deve necessariamente se seguir a outro determinado conteúdo numa seqüência textual. O que determina a seqüência é uma relação muito complexa e não há regras fixas para isso.

Conhecemos algumas seqüências chamadas *pares adjacentes* na conversação, tais como "*pergunta-resposta*" ou "*afirmação-comentário*", entre outros.

Estas seqüências são comandadas por relações de relevância. Mas nem tudo se comporta dessa forma nas seqüências textuais.

O que se pode afirmar com certa segurança é que *a seqüência dos enunciados num texto não pode ser aleatória sob o ponto de vista lingüístico, discursivo ou cognitivo.* Isto equivale a dizer que se, por um lado, as operações tipicamente lingüísticas como a sintaxe, a morfologia e a fonologia são imprescindíveis e inevitáveis, a análise textual não deve parar nesses aspectos, pois até eles mesmos podem ser comandados por orientações discursivas, como no caso de muitas anáforas e até mesmo de certas concordâncias sintáticas.

O texto acha-se construído na perspectiva da enunciação. E os processos enunciativos não são simples nem obedecem a regras fixas. Na visão que aqui se está propondo, denominada sociointerativa, um dos aspectos centrais no processo interlocutivo é a relação dos indivíduos entre si e com a situação discursiva. Estes aspectos vão exigir dos falantes e escritores que se preocupem em articular conjuntamente seus textos ou então que tenham em mente seus interlocutores quando escrevem.

Usando de uma imagem diria que, do ponto de vista sociointerativo, produzir um texto assemelha-se a jogar um jogo. Antes de um jogo, temos um conjunto de regras (que podem ser elásticas como no futebol ou rígidas como no xadrez), um espaço de manobra (a quadra, o campo, o tabuleiro, a mesa) e uma série de atores (os jogadores), cada qual com seus papéis e funções (que podem ser bastante variáveis, se for um futebol, um basquete, um xadrez etc.). Mas o jogo só se dá no decorrer do jogo. Para que o jogo ocorra, todos devem colaborar. Se são dois times (como no futebol) ou dois indivíduos (como no xadrez e na conversação dialogal), cada um terá sua posição particular. Embora cada qual queira vencer, todos devem jogar o mesmo jogo, pois, do contrário, não haverá jogo algum. Para que um vença, devem ser respeitadas as mesmas regras. Não adianta reunir dois times num campo e um querer jogar vôlei e outro querer basquete. Ambos devem jogar ou basquete ou vôlei. Assim se dá com os textos. Produtores e receptores de texto (ouvinte/leitor — falante/escritor) todos devem colaborar para um mesmo fim e dentro de um conjunto de normas iguais. Os falantes/escritores da língua, ao produzirem textos, estão enunciando conteúdos e sugerindo sentidos que devem ser construídos, inferidos, determinados mutuamente. A produção textual, assim como um jogo coletivo, não é uma atividade unilateral. Envolve decisões conjuntas. Isso caracteriza de maneira bastante essencial a produção textual como uma atividade sociointerativa.

Embora imagens e metáforas sejam heuristicamente adequadas para dar uma visão plasticamente rica e clara, é necessário, num passo posterior, enfrentar as questões teóricas e práticas. E aqui começa o nosso problema: sabemos que para se produzir um texto deve-se seguir algumas normas, mesmo que não sejam regras rígidas. Sabemos que não se pode enunciar de qualquer modo os conteúdos, já que isso não favoreceria a compreensão pretendida. Também sabemos que deve haver pelo menos uma noção clara do quanto se deve dizer e do quanto se pode deixar de dizer, isto é, sabemos que os textos são desenhados para interlocutores definidos e para situações nas quais supomos que os textos devem estar inseridos.

Um dos problemas constatados nas redações escolares é precisamente este: não se define com precisão a quem o aluno se dirige. A cena textual não fica clara. Ele não tem um *outro* (*o auditório*) bem determinado e assim tem dificuldade de operar com a linguagem e escreve tudo para o mesmo interlocutor que é o professor. E nós sabemos que a mudança de interlocutor leva a se fazer seleções lexicais diversas e níveis de formalidade distintos[16].

Muitas indagações surgem neste contexto. Entre elas estão:

- Quais são os princípios mais gerais que permitem a produção de e o acesso a sentidos?
- Qual o papel das relações entre os atores sociais envolvidos nos processos de enunciação e na atividade de interlocução ao produzirem textos?
- Pode-se afirmar que cada texto teria de realizar uma estrutura básica inevitável?
- Caso todos os textos devessem oferecer uma estrutura básica, os gêneros textuais teriam algum papel importante na determinação dessa estrutura?
- Em que medida as intenções, os propósitos, os objetivos etc. influenciam na determinação da seqüência dos enunciados?
- Em que medida aspectos como nível de linguagem, grau de formalidade/informalidade etc. têm um papel decisivo na produção textual?
- Os dois modos de enunciação – fala e escrita – têm algum papel decisivo na produção textual a ponto de exigirem estratégias de textualização totalmente diversas?

Esta avalanche de questões serve apenas para expressar a complexidade do problema em foco. Não se deve ter a ilusão de que vamos responder a todas as indagações. Algumas já estão respondidas acima e outras o serão a seguir. Algumas ficarão para o futuro. No momento, vou me ater ao seguinte

16. De grande proveito nesse contexto são as observações trazidas por Irandé Antunes (2003). *Aula de português. Ensino & interação.* São Paulo: Parábola. Para a autora, toda a escrita é uma atividade interativa e isso implica sempre duas ou mais pessoas em interação real ou simulada.

problema geral: *quais são os nossos sistemas de controle da produção textual? O que observar? A que dar importância?*

A primeira decisão teórica importante nesse momento deve ser esta: os conhecidos princípios da textualidade (formulados por Beaugrande & Dressler, 1981) não podem ser tomados como equivalentes a regras de boa formação textual.

O mais certo, mas ao mesmo tempo pouco útil, é admitir que *o texto se dá como um ato de comunicação unificado num complexo universo de ações humanas interativas e colaborativas.*

Refinando esta visão podemos, com Beaugrande (1997), dizer que:

> "O texto é um sistema atualizado de escolhas extraído de sistemas virtuais entre os quais a língua é o sistema mais importante."

A questão neste caso é: *como se dão as relações entre os sistemas virtuais (sistemas lingüísticos) e o sistema atualizado e representado pelo texto?*[17]

Uma resposta a essa questão deve orientar-se para as relações entre a teoria e os dados, o geral e o específico, o abstrato e o concreto, o social e o individual, o conhecimento e a ação, a regra e a estratégia, o mental e o comportamental e assim por diante. Não para endossar a dicotomia, mas, sobretudo, para evitá-la. No momento, vou me dedicar a alguns aspectos dessa questão e não a todos eles.

Quando um falante ou um escritor se põe a usar a língua (produzir textos), ele pode fazer escolhas diversas a partir do sistema virtual da língua, *mas tem que se decidir por* uma *escolha*. Assim, como lembrado por Beaugrande (1997), a liberdade virtual passa a ser uma obrigação real na hora da produção. Se observarmos a facilidade e a rapidez com que nos desempenhamos

17. Não há uma oposição dicotômica entre ***real*** e ***virtual***, pois ambos são realidades. Cada qual a seu modo: uma é a realidade virtual (realidade do sistema) e outra é a realidade concreta (realidade empírica). Não há nada de paradoxal nessa formulação, pois oposição se dá entre ***virtual*** e ***concreto*** e não entre ***virtual*** e ***real***. O texto que você está lendo agora, no seu monitor, acha-se num ambiente **virtual**, mas ele é real, existe a seu modo. Tanto assim que você pode **ler**. Isto quer dizer que todo texto é uma atualização ou realização do sistema lingüístico. Por outro lado, quando falamos em **sistema** e dizemos que ele é **virtual**, isso não é o mesmo que falar na "**virtualidade do texto no seu vídeo**". Ou seja: quando dizemos que um sistema é um fenômeno virtual e como tal abstrato e independente das circunstâncias de uso, tal como o sistema lingüístico, falamos num **construto teórico**. Quando dizemos que o texto no seu vídeo é virtual, falamos numa forma típica de realização que não se manifesta na concretude do texto impresso e que tem várias maneiras de ser operado, por exemplo, o hipertexto.

quando produzimos nossos textos no dia-a-dia, podemos nos indagar se o fazemos como uma decisão consciente e deliberada ou se isso flui dentro da situação normal em que estamos inseridos.

Basta observar como produzimos com facilidade uma enormidade de gêneros textuais orais com as mais diversas formas organizacionais sem titubear e sem planejar o que vamos fazer.

Baseados nisso, podemos chegar à definição de texto de Beaugrande (1997: 10), já lembrada anteriormente, que assim se expressa:

> "É essencial tomar o texto como um *evento comunicativo no qual convergem ações lingüísticas, cognitivas e sociais.*"

Esta definição, no dizer de Beaugrande, sugere que o texto não é uma simples seqüência de palavras escritas ou faladas, mas um evento. Tal definição envolve uma enorme riqueza de aspectos, o que torna difícil sua explanação completa. Em essência, podemos frisar as seguintes implicações diretas dessa posição:

1. o texto é visto como um *sistema de conexões entre vários elementos*, tais como: sons, palavras, enunciados, significações, participantes, contextos, ações etc.
2. o texto é construído numa orientação de *multissistemas*, ou seja, envolve tanto aspectos lingüísticos como não-lingüísticos no seu processamento (imagem, música) e o texto se torna em geral *multimodal*;
3. o texto é um *evento interativo* e não se dá como um artefato monológico e solitário, sendo sempre um processo e uma co-produção (co-autorias em vários níveis);
4. o texto compõe-se de *elementos que são multifuncionais* sob vários aspectos, tais como: um som, uma palavra, uma significação, uma instrução etc. e deve ser processado com esta multifuncionalidade.

No último ponto, há uma questão interessante apontada por Beaugrande (1997: 11). Todos nós aprendemos a língua em condições únicas na infância, no contato direto e primeiro com a mãe, com a família, o ambiente direto, nosso meio, na escola etc. e em condições relativamente restritas. Como se explica então que em qualquer situação em que nos encontremos (mesmo as que não vivemos ainda diretamente um dia), conseguimos obter tanto consenso sobre o que dizemos, ou seja, conseguimos nos entender de maneira tão admirável?

Para Beaugrande (1997: 11), a resposta está no seguinte:

> "As pessoas usam e partilham a língua tão bem precisamente porque ela é um *sistema em constante interação com seus conhecimentos partilhados sobre o seu mundo e sua sociedade*."

É nessa idéia básica que se funda a essência de nosso tema propriamente, pois ela aponta para o estudo das condições sociocomunicativas identificadas nos processos sociointerativos.

Na operação com a língua, lidamos mais do que com um simples uso de regras, sejam elas de seqüenciação ou outras quaisquer. O que aqui está em ação é um conjunto de sistemas ou subsistemas que permitem às pessoas interagirem por escrito ou pela fala, escolhendo e especificando sentidos mediante a linguagem que usam. Em suma: todos temos uma competência textual-discursiva relativamente bem desenvolvida e não há o que ensinar propriamente. Nosso papel neste momento é compreender como isto funciona e como podemos fazer com que funcione ainda melhor.

1.8 Relacionando texto, discurso e gênero

Não é interessante distinguir rigidamente entre *texto* e *discurso*, pois a tendência atual é ver um continuo entre ambos com uma espécie de condicionamento mútuo. Também sua relação com o *gênero* deve ser bem entendida e não posta como se fosse algo muito diverso. Para esclarecer um pouco este aspecto, vou me reportar ao trabalho de Antónia Coutinho (2004)[18] e Jean-Michel Adam (1999)[19].

De fato, segundo observa Coutinho (p. 29), uma das tendências atuais é a de não distinguir de forma rígida entre *texto* e *discurso*, pois se trata de frisar mais as relações entre ambos e considerá-los como aspectos complementares da atividade enunciativa. Trata-se de "reiterar a articulação entre o plano discursivo e textual", considerando o *discurso* como o "*objeto de dizer*" e o *texto* como o "*objeto de figura*". O discurso dar-se-ia no plano do dizer (a

18. Antónia Coutinho (2004). *Schematisation* (discursive) et *dispostion* (textuelle). In: Jean-Michel Adam; Jean-Blaise Grize & Magid Ali Bouacha (orgs.). *Texte et discours: catégories pour l'analyse*. Dijon: Editions Universitaires de Dijon, pp. 29-42.

19. Trata-se da obra de Jean-Michel Adam (1999). *Linguistique textuelle. Des genres de discours aux textes*. Paris: Nathan.

enunciação) e o texto no plano da esquematização (a configuração). Entre ambos, o *gênero* é aquele que condiciona a atividade enunciativa.

Isso implica afirmar que os textos são, na realidade, os objetos empíricos aos quais temos acesso direto como o "*plano dos observáveis*", na visão de Culioli. Enquanto unidades empíricas, os textos seriam "produções lingüísticas atestadas que realizam uma função comunicativa e se inserem numa prática social" (Coutinho, 2004:29). Essa visão é um recuo diante da posição de Adam (1990), para quem o texto era uma *unidade abstrata* em que se tinha em mente o fato lingüístico "puro" sem suas condições de produção de acordo com a conhecida fórmula proposta pelo autor:

Discurso = texto + condições de produção
Texto = discurso - condições de produção

Essa forma de ver o texto representa uma redução do objeto e é fruto de um procedimento metodológico e epistemológico de identificar o objeto limitado a seus aspectos centrais imanentes à língua. Contudo, é bom lembrar que nem tudo o que se toma como *significação* está no âmbito da língua e do sistema (léxico-gramatical). O contexto é algo mais do que um simples entorno e não se pode separar de forma rigorosa o texto de seu contexto discursivo. Contexto é fonte de sentido (veja a noção de *contexto* adiante).

É assim que Adam (1999: 39) retoma aquela noção de texto anterior que procedia a uma descontextualização e rejeita aquele procedimento sugerido pela citada fórmula propondo agora uma releitura que inclua o texto no contexto das práticas discursivas sem dissociar sua historicidade e suas condições de produção. Este movimento de mudança de concepção é importante porque permite tratar os gêneros textuais como elementos tipicamente discursivos. Aqui é bom ter em mente que Adam (1999: 39) dirá agora, em contraposição ao seu estudo de 1990:

> Em outros termos, não diremos jamais que um texto ou um discurso é composto de frases. A própria existência de frases tipográficas — como os parágrafos, os períodos, as seqüências e os textos — resulta de escolhas instrucionais plurideterminadas. Nesta perspectiva [...] *a lingüística textual pode ser definida como um subdomínio do campo mais vasto da análise das práticas discursivas* (ênfase adicionada).

E nesse ponto, Adam dirá que aquela fórmula de 1990 não deve mais ser tomada como se estivesse sugerindo uma operação de descontextualização.

Trata-se agora de

> uma forma de inclusão do texto num campo mais vasto das práticas discursivas que devem ser pensadas na diversidade dos gêneros que elas autorizam e na sua historicidade (p. 39).

E para isto, Adam (1999: 39) oferece o seguinte diagrama representacional da nova concepção em oposição à de 1990:

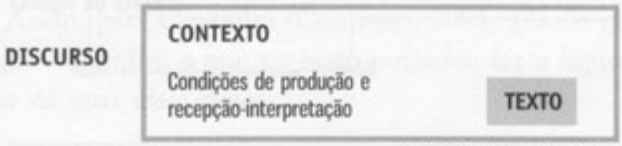

FONTE: Jean-Michel Adam. 1999:39

Após definir a noção de texto como objeto abstrato no campo dos estudos de lingüística numa teoria geral e de definir discurso como a realidade singular de interação-enunciação objeto de análises discursivas e tomando o gênero como "a diversidade socioculturalmente regulada das práticas discursivas humanas" (p. 40), Adam identifica o texto como objeto concreto, material e empírico resultante de um ato de enunciação. Com isto, chega à articulação do discursivo com o textual e a distinção entre ambos dilui-se de modo sensível. Para tanto, Adam recorre a Maingueneau (cf. Adam 1999:40):

> Como já disse Dominique Maingueneau: "Ao falarmos de discurso articulamos o enunciado sobre uma situação de enunciação singular; ao falar de texto, colocamos o acento sobre aquilo que lhe confere uma unidade, que o torna uma totalidade e não um simples conjunto de frases' (1986: 82). Em outros termos, os dois pontos de vista são complementares [...]".

A idéia da visão complementar é importante e tem como conseqüência o fato de não frisar apenas um dos lados do funcionamento da língua no seu aspecto genérico. Nesse sentido, Adam (1999: 40) considera que "a separação do textual e do discursivo é essencialmente metodológica". Assim, de certo modo, a distinção tende a anular-se e a se tornar menos significativa.

Adam (1999: 41) observa que até os anos 1980, a LT tratava o texto em suas propriedades co-textuais e a partir dos anos 1980 já define o texto como um evento comunicativo, tal como o fazem Beaugrande & Dressler (1981), deslocando o foco para a questão pragmática, com a análise da intencionalidade e, particularmente, da situacionalidade. *Vai-se do co-texto ao contexto.*

Dar conta do textual (o particular) e do discursivo (o universal) não pode ser feito num mesmo movimento teórico. Assim, fica um impasse se queremos

dissipar fronteiras. A proposta "neutralização terminológica" da separação entre duas dimensões complementares (discurso e texto) (Adam, 1999:41) torna-se complicada. Para Coutinho (p. 32), parece que a melhor articulação para tratar dos textos empíricos seria entre *texto, discurso* e *gênero* como "categorias descritivas". Coutinho (p. 32) propõe o seguinte esquema para dar conta do texto como objeto empírico:

FONTE: Antônia Coutinho (2004: 32).

O discurso como "objeto do dizer" é visto como "prática lingüística codificada, associada a uma prática social (sócio-institucional) historicamente situada" (Coutinho, 2004: 32). É uma enunciação em que entram os participantes e a situação sócio-histórica de enunciação. Além disso, entram aspectos pragmáticos, tipológicos, processos de esquematização e elementos relativos ao gênero. O que perpassa todas as posições teóricas em relação ao discurso é o fato de se tratar de "*uso interativo da língua*" (Coutinho, 2004: 33). Isso significa que uso da língua no plano discursivo não é "um real objetivo e estável" captado simplesmente no plano da codificação-decodificação.

A idéia do texto como "objeto de figura" sugere que se trata de uma *configuração*, ou seja, de uma esquematização que conduz a uma figura ou uma figuração. Não se trata de uma ordenação de enunciados em seqüência e sim de uma configuração global que pode ter até mesmo um só enunciado ou mesmo um romance inteiro (Coutinho, 2004: 33-35). O texto é o observável, o fenômeno lingüístico empírico que apresenta todos os elementos configuracionais que dão acesso aos demais aspectos da análise.

Entre o discurso e o texto está o *gênero*, que é aqui visto como prática social e prática textual-discursiva. Ele opera como a ponte entre o discurso como uma atividade mais universal e o texto enquanto a peça empírica particularizada e configurada numa determinada composição observável. Gêneros são modelos correspondentes a formas sociais reconhecíveis nas situações de comunicação em que ocorrem. Sua estabilidade é relativa ao momento histórico-social em que surge e circula (Coutinho, 2004: 35-37).

O gênero apresenta dois aspectos importantes:

(a) *gestão enunciativa* (escolha dos planos de enunciação, modos discursivos e tipos textuais);

(b) composicionalidade (identificação de unidades ou subunidades textuais que dizem respeito à seqüenciação e ao encadeamento e linearização textual).

Assim, para Coutinho (Coutinho, 2004: 37), "o gênero prefigura o texto e o gênero define o que no texto empírico faz a figura do texto". A figura a seguir dá uma idéia disso:

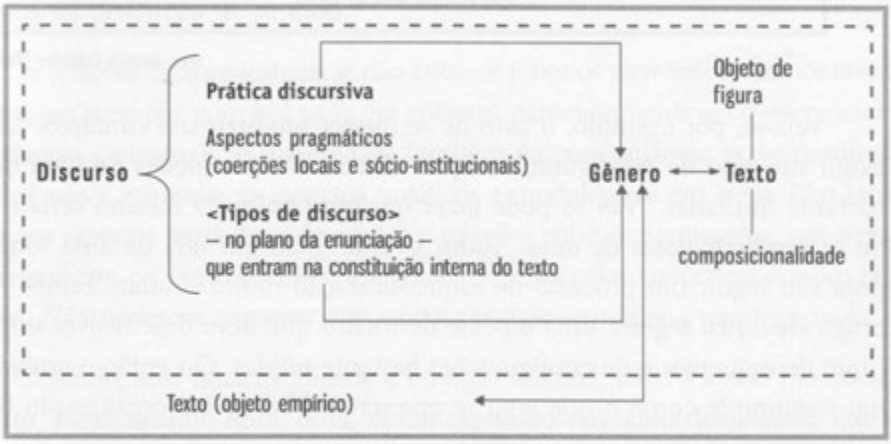

FONTE: Antônia Coutinho (2004:37)

A *esquematização* implica um trabalho de *construção* de objetos, tal como se percebe quando se analisa o texto com suas configurações. Essa esquematização não é arbitrária, mas segue pré-configurações culturais com funções e objetivos bem definidos, de certo modo, pré-figurados pelo gênero que oferece uma organização composicional que não deve ser tomada como se fosse uma camisa-de-força. O gênero é uma escolha que leva consigo uma série de conseqüências formais e funcionais. Na realidade, se observamos como agimos nas nossas decisões na vida diária, dá-se o seguinte: primeiramente, tenho uma atividade a ser desenvolvida e para a qual cabe um discurso característico. Esse discurso inicia com a escolha de um gênero que por sua vez condiciona uma esquematização textual. Veja-se isto na figura da página seguinte.

Na realidade, este esquema apresenta um gênero como uma espécie de condicionador de atividades discursivas esquematizantes que resultam em escolhas dentro de uma prática que nos levaria a pensar em esquematizações resultantes. Assim, muitas decisões de textualização (configuração textual com suas estruturas,

ordenamento paragráfico etc.) devem-se à escolha do gênero. Deste modo, o gênero inscreve também formas textuais que se manifestam no artefato lingüístico.

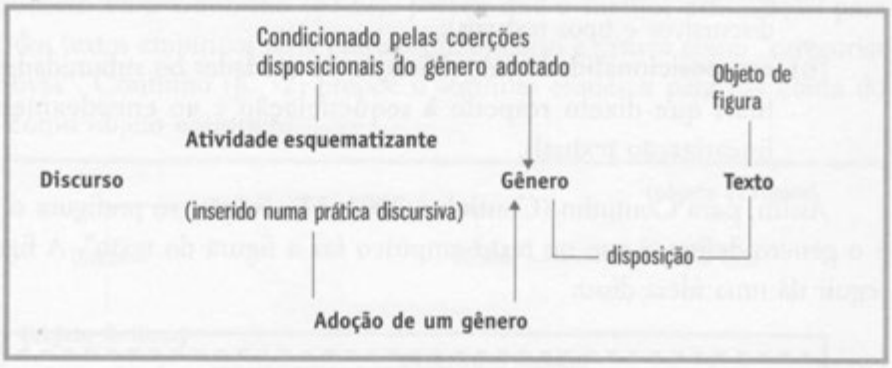

FONTE: Antônia Coutinho (2004:38)

Veja-se, por exemplo, o caso de se querer produzir um *cardápio*. Isto vai exigir um tipo de configuração, ações discursivas e seleções de toda ordem bastante limitadas. Não se pode fazer qualquer coisa. O mesmo seria o caso de se produzir *notas de aula*. Todos os que estão em sala de aula tomando nota vão seguir um processo de esquematização muito similar. Também um *artigo científico* seguirá uma espécie de roteiro que deve desenvolver um conjunto de esquemas e de configurações bastante nítidas. Ou então o *anúncio de um restaurante* como o que aqui se apresenta. Veja-se sua organização típica:

FONTE: *Diário de Pernambuco*, 09/10/2004.

O discurso inicia com a decisão pelo gênero "*anúncio de restaurante*" que traz consigo uma esquematização com algumas informações específicas que resultam num texto com uma dada configuração que funciona discursivamente para persuadir os fregueses a irem a um restaurante típico. A própria seleção da linguagem segue a decisão do gênero e seu funcionamento discursivo no contexto pretendido.

1.9 A textualidade e sua inserção situacional e sociocultural

É importante ter presente que, se por um lado, o texto se ancora no contexto situacional[20] com a decisão por um gênero que produz determinado discurso, e por isso não é uma realidade virtual, por outro lado, ele concerne às relações semânticas que se dão entre os elementos no interior do próprio texto. Portanto: um texto tem relações situacionais e co-textuais. Parece claro que o contexto pode ser visto como uma rede de textos que dialogam tanto de modo negociado como conflituoso. Contrato e conflito fazem parte dos movimentos da produção de sentido.

As relações ditas co-textuais se dão entre os próprios elementos internos como ocorre, por exemplo, com boa parte das anáforas, particularmente as co-referenciais. As relações co-textuais se manifestam também na concordância verbo-nominal, na regência e em todos os aspectos sintáticos e morfológicos em geral. Mas também nos aspectos semânticos imediatos e relações entre os enunciados, tais como causa e efeito, ou então sucessão temporal e ligação pelos conectivos e assim por diante. Não podemos esquecer este aspecto porque sem língua não há texto[21].

Contudo, sem situacionalidade e inserção cultural, não há como interpretar o texto. Parafraseando Kant, diria, numa expressão um tanto desajeitada, que *a língua sem contexto é vazia e o contexto sem a língua é cego.* Mas isso nos coloca diante de uma situação curiosa, pois em certo sentido todos os textos são virtuais enquanto não se inserirem em algum contexto interpretativo. Só que essa virtualidade diz respeito a um de seus aspectos, ou seja, sua compreensão efetiva. Esta só se dá numa determinada situação, já que todo sentido é sentido situado.

Assim chegamos às relações ditas contextuais. Estas relações se estabelecem entre o texto e sua situacionalidade ou inserção cultural, social, histórica e cognitiva (o que envolve os conhecimentos individuais e coletivos). Não se pode produzir nem entender um texto considerando apenas a linguagem. O

---

20. Quando se fala em ***contexto situacional***, não se deve com isso entender a situação física ou o entorno físico, empírico e imediato, mas a contextualização em sentido amplo, envolvendo desde as condições imediatas até a contextualização cognitiva, os enquadres sociais, culturais, históricos e todos os demais que porventura possam entrar em questão num dado momento do processo discursivo.

21. Fique claro que, nesse momento, estamos tratando do texto **verbalmente realizado**, isto é, produzido com linguagem articulada na forma de uma gramática com uma fonologia e um léxico. Não nos referimos aos textos pictóricos nem aos textos musicais como as pautas de música, que têm outras linguagens.

nicho significativo do texto (e da própria língua) é a cultura, a história e a sociedade. Esta inserção pode dar-se de diversas formas e por isso um texto pode ter várias interpretações, embora não inúmeras nem infinitas. Mas mesmo essas várias interpretações devem ser coerentes entre si e com isso não podem ser incompatíveis. O gráfico abaixo dá uma idéia disso:

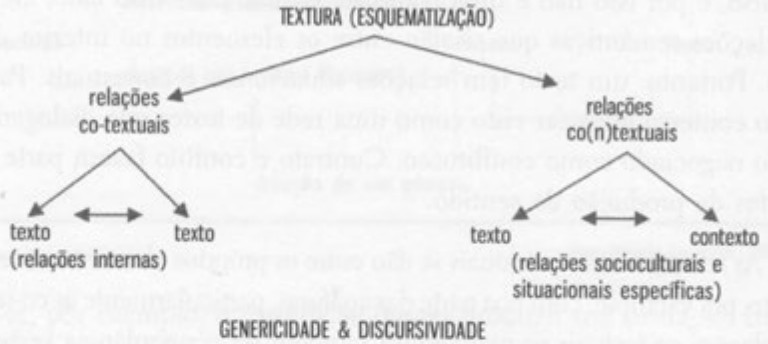

Como observam Halliday/Hasan (1976), texto e frase (enquanto entidades lingüísticas) não diferem apenas no tamanho do objeto lingüístico, mas na natureza desse objeto. Quando se diz que uma frase é coesiva, tem-se em mente o fato de que ela tem uma estrutura bem-formada. Mas quando se fala que um texto é coesivo, tem-se em mente que sua textura é comunicativa e compreensiva. Portanto, textura e estrutura são fatos lingüísticos diversos. Lembrando a noção de sujeito tratada acima, podemos dizer que a textura faz emergir um sujeito histórico e dialogicamente construído na relação com o outro, ao passo que na frase não há esse sujeito.

Neste curso, defendemos a posição de que o texto é a unidade máxima de funcionamento da língua. Não se trata, no entanto, de uma unidade do tipo das unidades formais da língua, como já observamos. Trata-se de uma unidade funcional (de natureza discursiva). Isto não significa que o texto deva ter este ou aquele tamanho para ser um texto. A unidade não é de caráter formal e sim funcional. A forma (esquema ou figura) é apenas uma realização específica do texto em constituintes lingüísticos de natureza morfossintática e lexical. Podemos ter um texto de uma só palavra, por exemplo, uma placa de trânsito na cancela do pedágio:

até um texto em vários tomos como uma enciclopédia. A extensão física não interfere na noção de texto em si. O que faz um texto ser um texto é a discursividade, inteligibilidade e articulação que ele põe em andamento.

Também defendemos que os textos operam basicamente em contextos comunicativos (seguindo nossa posição sociointerativa), o que os determina como língua em funcionamento. Mas isto pode conduzir à seguinte indagação: podemos distinguir entre um texto e um não-texto? Quando sabemos que um conjunto de enunciados não forma um texto?

Por um lado, diria que a indagação não procede e, por outro, diria que ela merece uma explicação mais demorada, pois deve ser muito bem entendida para não causar confusão.

Tomemos um exemplo: um catálogo telefônico é ou não um texto?

A resposta hoje poderia ser: sim, desde que seja lido por alguém que vive num contexto cultural em que o telefone é uma prática usual e sabe como operar com o catálogo. Portanto, segundo Beaugrande (1997: 13), podemos dizer:

"Um texto não existe, como texto, a menos que alguém o processe como tal".

Textualidade não é uma propriedade imanente a algum artefato lingüístico. Essa posição supõe pelo menos três aspectos:

- Primeiro: um texto não é um artefato, um produto, mas é um evento (uma espécie de acontecimento) e sua existência depende de que alguém o processe em algum contexto. É um fato discursivo e não um fato do sistema da língua. Dá-se na atividade enunciativa e não como uma relação de signos.
- Segundo: um texto não se define por propriedades imanentes necessárias e suficientes, mas por situar-se num contexto sociointerativo e por satisfazer um conjunto de condições que conduz cognitivamente à produção de sentidos.
- Terceiro: a seqüência de elementos lingüísticos será um texto na medida em que consiga oferecer acesso interpretativo a um indivíduo que tenha uma experiência sociocomunicativa relevante para a compreensão.

Este último ponto merece um breve comentário: ele pode implicar que determinado artefato lingüístico possa ser um texto para alguém e não ser um

texto para outra pessoa. E assim estaríamos diante de um impasse que pode conduzir ao relativismo. Mas o certo é que dada configuração lingüística funciona como um texto quando consegue produzir efeitos de sentido, coerência etc., do contrário não é um texto. Assim, se uma configuração lingüística (o texto) não funciona como texto (realizando um gênero e um discurso) dentro de uma comunidade ou para determinadas pessoas, isso não é uma questão individual ou um problema de relativismo e sim de falhas no acesso à produção de sentido. Falamos aqui de texto como um evento que atualiza sentidos e não como uma entidade que porta sentidos na independência de seus leitores. Quando se ensina alguém a lidar com textos, ensina-se mais do que usos lingüísticos. Ensinam-se operações discursivas de produção de sentidos dentro de uma dada cultura com determinados gêneros como formas de ação lingüística.

Operar com textos é uma forma de se inserir em uma cultura e dominar uma língua. Veja-se o caso de alguém que viaja a algum país em que o sistema de trânsito utiliza-se de um formato discursivo que difere totalmente do que ele conhece em sua cultura. Serão sinais de trânsito para ele? É evidente que são, mas não funcionam como tal. Portanto, eles não são sinais de trânsito do ponto de vista discursivo e sim do ponto de vista apenas institucional. Se não domino determinada língua — por exemplo, o russo, e me encontro em território russo — e me defronto com textos em russo, eles não vão funcionar como textos para mim, pois não sei operar com eles. O domínio da língua é também uma condição da textualidade. Note-se que não nego que haja um texto, mas nego que ele opere como tal em condições de inacessibilidade.

Não importa o quanto de problemas ortográficos ou sintáticos tenha um texto, ele produzirá os efeitos desejados se estiver em uma cultura e circular entre sujeitos que dominam a língua em que ele foi escrito.

Veja-se o caso destes dois textos:

FONTE: Fotos veiculadas pela internet em agosto de 2003.

Certamente, tanto o anúncio da esquerda, convidando todos a provarem da lingüiça do barzinho em questão, como o aviso da direita pedindo para não estacionar no local indicado são textos que produzem seus efeitos discursivos independentemente do quanto correta ou não estiver a grafia da língua portuguesa. A textualidade não depende, de um modo geral, da correção sintático-ortográfica da língua e sim da sua condição de processabilidade cognitiva e discursiva.

Vejamos aqui um extrato de um catálogo telefônico denominado "*Encontre & Compre*", referente a empresas de Recife, Olinda e Jaboatão para 2001. Destina-se a informar apenas os telefones de empresas e serviços. Note-se que o gênero *catálogo telefônico*, uma vez selecionado, conduz a uma esquematização ou configuração textual bastante definida quanto ao formato e produz efeitos discursivos claros.

Esse catálogo telefônico (cf. Beaugrande, 1997:13-15) só se torna efetivamente um texto porque o processamos em relações lineares e hierárquicas, tais como a relação que vai entre um nome, um endereço e um número. São, portanto, razões culturais e históricas de operação desse evento situacionalmente processado que o tornam um texto e não uma relação aleatória de endereços, nomes e números.

Na página aqui reproduzida do *catálogo telefônico*, temos uma seqüência muito interessante que é lida como um texto com caixas de seção (espécie de título de capítulo), cidade, empresa, assunto (tópico discursivo) e dados específicos para contato. Que a estrutura tenha uma forma telegráfica, isso é secundário. O certo é que temos condições de acesso à compreensão desse texto e o interpretamos sem maiores problemas. Não é o fato de um texto estar no formato de enunciados que o torna mais inteligível, mas sim que sua operação em condições sociais de uso seja acessível. As *listas* enquadram nesse princípio e exigem alto grau de conhecimentos prévios.

Veja-se aqui como o catálogo poderia ser entendido:

título da seção que corresponde ao título de capítulo →

Automóveis - Acessórios - Lojas e Serviços

▶ Recife ← nome da cidade na qual se encontra a empresa

nome da empresa →

ADOLFO EQUIPADORA

PNEUS - SOM PARA AUTO
RODAS ESPORTIVAS ACESSÓRIO
REVESTIMENTO FUMÊ

← descrição dos serviços prestados pela empresa

endereço da empresa →
telefone da empresa →

Av. Bultrins, 345
fone/fax 3439 19 20

O mesmo fazemos com a listagem que vem à direita, onde lemos:

indicador de continuidade →

Outros estabelecimentos

cidade → ▶ Recife

Empresa →
endereço e telefone →

Adolfo Equipadora Ltda.
av. Gen. M. Arthur 1115 ..... *3471 08 45
Autopeças Sérgio Henrique Ltda.
r. Caxambu 1770 ..... 3268 16 38

cidade → ▶ Olinda

empresa →
endereço e telefone →

Auto Center 2000 Ltda.
av. Gov. C. L. Cavalcante 695 ..... 3432 25 07
Auto Peças Tropicana Ltda.
av. Cel. F. Lundgren 999 ..... 3431 09 64

cidade → ▶ Jaboatão

empresa →
endereço e telefone →

Auto - Lata
r. Vasconcelos 52 ..... 3481 14 96
Doctor
estr. Batalha 1320 ..... 3462 24 30

Sabemos, por exemplo, que nossa cultura, nossa sociedade e rotina diária nos permitem inferir que a seqüência de números após um dado nome na lista telefônica é para ser digitada num dado aparelho eletrônico e não para a declamarmos em praça pública como uma fórmula mágica de encantamento. Também sabemos que o aparelho correspondente ao número chamado reagirá de uma dada maneira e esperamos que alguém produza algum tipo de resposta etc. etc. Por isso ninguém se espanta que ao digitar o número do telefone XYZ, fale uma pessoa cujo nome estava na lista após o número XYZ. O espantoso é quando isso não ocorre. Tanto assim, que logo dizemos: *"Foi engano"*.

Quem não vive numa cultura na qual a telefonia é uma rotina, não opera nem processa uma lista telefônica como um texto. Isto comprova que um texto se dá numa complexa relação interativa entre a linguagem, a cultura e os sujeitos históricos que operam nesses contextos. Não se trata de um sujeito individual e sim de um sujeito social que se apropriou da linguagem ou que foi apropriado pela linguagem e a sociedade em que vive. Este aspecto não é secundário e recebe por parte da análise do discurso, por exemplo, grandes discussões. E também nós devemos ter cuidado com o uso da noção de *sujeito* e *indivíduo*, tal como já alertado acima. Não se trata de sujeitos individuais, voluntariosos, intencionais, mas sim de sujeitos históricos, sociais, integrados numa cultura e numa forma de vida. Isto vale para as mais prosaicas ações da vida diária, tal como digitar um número telefônico ou encontrar o nome de um amigo na lista de aprovados num concurso público.

1.10 Critérios de textualização: visão geral

Seguindo as posições tradicionais na lingüística de texto, podemos postular que um texto, enquanto unidade comunicativa, deve obedecer a um conjunto de critérios de textualização (esquematização e figuração), já que ele não é um conjunto aleatório de frases, nem é uma seqüência em qualquer ordem.

Os critérios da textualidade, tal como foram primeiramente definidos por Beaugrande/Dressler (1981), devem ser tomados com algumas ressalvas. Primeiro, porque não se podem dividir os aspectos da textualidade de forma tão estanque e categórica. Alguns dos critérios são redundantes e se recobrem. Segundo, porque tal como já foi lembrado, não se deve concentrar a visão de texto na primazia do código nem na primazia da forma. Terceiro, porque não se pode ver nesses critérios algo assim como princípios de boa formação tex-

tual, pois isto seria equivocado, já que um texto não se pauta pela boa formação tal como a frase, por exemplo.

Como se verá agora, vamos analisar o texto como uma realidade e não uma virtualidade. Pois o texto não é apenas um sistema formal e sim uma realização lingüística a que chamamos de evento comunicativo e que preenche condições não meramente formais.

Um texto é uma proposta de sentido e ele só se completa com a participação do seu leitor/ouvinte. Na produção de um texto, não entram apenas fenômenos estritamente lingüísticos. Veja-se, por exemplo, um texto como a charge reproduzida abaixo em que temos apenas um ato de fala (verbalmente produzido) e uma seqüência de imagens em que elementos lingüísticos e não-lingüísticos interagem para produzir os efeitos desejados. Na realidade, o que aqui temos é um texto de humor que joga com aspectos referenciais e com conhecimentos prévios.

A interpretação do evento representado por esse texto deve levar em conta pelo menos o seguinte:

— o personagem em questão (no caso, José Serra, o Ministro da Saúde no ano de 2000);
— a visita desse Ministro a São Paulo e a agressão por ele sofrida com o lançamento de um ovo em seu rosto;
— o ato de lançar ovos, tomates ou tortas em personagens públicos como sinal de protesto não é uma ação individual, mas típica de culturas democráticas;
— a situação hilária foi produzida com a dubiedade da interpretação referencial que se produziu com um 'equívoco' referencial de efeitos específicos.

Este texto tem vários aspectos curiosos:

a) não tem orações seqüenciadas
b) não se restringe apenas ao uso da linguagem articulada
c) serve-se de um sistema semiótico diferente do que o lingüístico (trata-se de um gênero *multimodal*, como todas as charges).

O ato de fala "*Joga a mãe!*" deveria ter funcionado como uma *ofensa*, contudo, um gaiato o interpretou 'literalmente' na sua função referencial direta e jogou uma galinha, supostamente a 'mãe do ovo'. A interpretação pode variar, a depender de ser feita por você e eu (dois sujeitos que historicamente situados podemos dar boas gargalhadas) ou pelo próprio Ministro (sujeito historicamente situado num contexto institucional que pode execrar o autor da charge). Qual é a versão mais correta? Ambas seriam 'autorizadas' pelo texto, mesmo oferecendo representações cognitivas opostas (piada x insulto).

Considerando a definição de texto de Beaugrande (1997) trazida acima, percebemos aqui o que significa produzir um texto como um evento em que se articulam os três aspectos apontados:

1. aspectos lingüísticos (o ato de fala verbalmente produzido),
2. aspectos sociais (a situação sócio-histórica de Ministro de Fernando Henrique Cardoso) e
3. aspectos cognitivos (conhecimentos investidos).

Essa é a articulação multinível do texto. De modo geral, todos os textos articulam-se nesses três níveis. Isto significa que o autor e o leitor de um texto não estão isolados, seja no ato de produção ou de recepção.

Tendo em vista o que já se postulou em relação aos critérios da textualidade e considerando ainda os dois outros pontos do tripé conceitual indicados, *discurso* e *gênero*, pode-se montar o esquema que figura abaixo para explicitar as relações envolvidas particularmente na esquematização textual. Essas relações devem ser muito bem entendidas, pois não são estanques nem tão paralelas. Tudo aqui se imbrica numa relação muito estreita. Além disso, não há uma distinção entre um *dentro* e um *fora* do texto, pois isso seria ir contra toda a estratégia de textualização já desenvolvida até o presente e até mesmo contra a concepção de língua postulada. Não vamos aqui tratar dos aspectos relativos ao gênero nem ao discurso, mas eles devem ser considerados tal como expostos acima no item (1.9.). Resta ainda frisar que não se pode imaginar o texto como se tivesse um dentro (co-textualidade) e um fora (contextualidade), pois estes dois aspectos não se manifestam nessa perspectiva de observação.

O esquema a seguir deve dar uma idéia, mesmo que vaga, de como se distribuem os critérios gerais da textualidade.

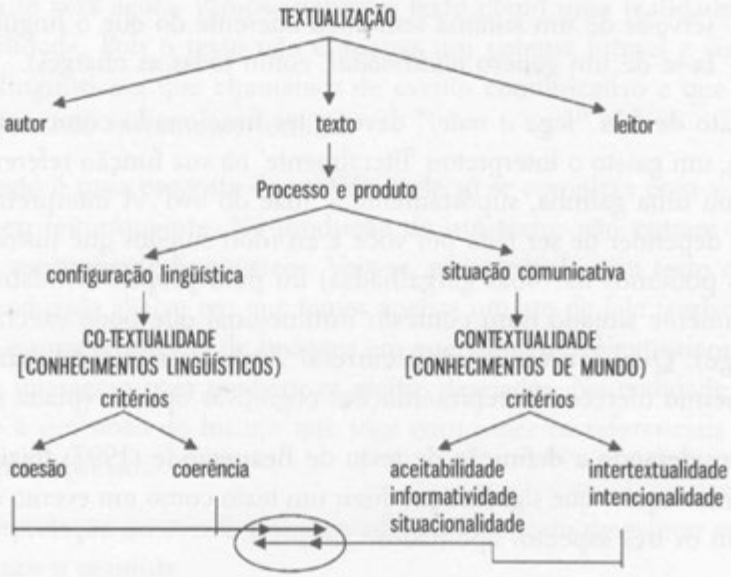

Analisando esse esquema encontramos:

(1) em primeiro lugar, os três grandes pilares da textualidade que são um produtor (autor), um leitor (receptor) e um texto (o evento). Nosso interesse centra-se, aqui, no texto enquanto processo (um acontecimento) e não um produto acabado;

(2) em segundo lugar, há dois lados a observar:

(a) o acesso cognitivo pelo aspecto mais estritamente lingüístico representado pelos critérios da co-textualidade (o intratexto), que exige por sua vez e de modo particular os conhecimentos lingüísticos e as regras envolvidos no sistema, bem como sua operacionalidade e

(b) o acesso cognitivo pelo aspecto contextual (situacional, social, histórico, cognitivo, enciclopédico) exigindo mais especificamente conhecimentos de mundo e outros (sociointerativos);

(3) em terceiro lugar, os critérios da textualização aqui dispostos em dois conjuntos, mas imbricados, como mostra a figura. Não esqueçamos que os sete critérios são contextuais (numa noção de contexto que não se fixe na distinção entre '*situação física e extratexto*' *versus* '*situação intratextual*'). Na realidade, devemos admitir uma noção de contexto mais rica, dinâmica e maleável como será discutido adiante e que envolve a historicidade.

O quadro acima propõe as sete condições da textualidade que, tal como lembrado, não constituem princípios de formação textual e sim critérios de acesso à produção de sentido. Esses sete critérios não têm todos o mesmo peso nem a mesma relevância. Além disso, não se distinguem de maneira tão clara como aparentam. Alguns são até mesmo redundantes. Também seria equivocado correlacionar esses critérios a alguma área da lingüística, tal como se tem feito em alguns momentos, como lembra o próprio Beaugrande (1997). Por exemplo, não é correto correlacionar a coesão com o nível morfossintático; nem a coerência com o nível semântico; nem a intencionalidade, situacionalidade e aceitabilidade com a pragmática; nem a informatividade com a relação tópico-comentário ou a intertextualidade com o estilo.

Um dos equívocos mais comuns na LT dos anos 1970 foi precisamente ter identificado o texto com uma frase ampliada (daí a noção da LT como uma teoria do *transfrástico*), quando, na realidade, o texto é uma unidade teoricamente nova e não apenas uma frase ampliada. Também não é uma simples sucessão de enunciados interligados. Já não se postula mais a idéia de que o texto seria "uma sucessão coesa e coerente de enunciados".

É bom frisar de modo enfático que o uso da expressão '*critério*', ao invés da expressão '*princípio*' para a noção de '*critérios da textualidade*', deve-se ao fato de não se admitir que esses aspectos da textualidade funcionem como 'leis' lingüísticas, já que são apenas critérios que no caso de sua ausência, não impedem que se tenha um texto. O texto, quando considerado como unidade, é uma unidade de sentido e não unidade lingüística.

Considerando o texto como uma atividade sistemática de atualização discursiva da língua na forma de um gênero, os sete critérios da textualização mostram quão rico é um texto em seu potencial para conectar atividades sociais, conhecimentos lingüísticos e conhecimentos de mundo (Beaugrande, 1997:15). Eles são muito mais critérios de acesso à construção de sentido do que princípios de boa formação textual.

Quando leio a lista telefônica como um texto que me informa um conjunto de dados, estou aplicando critérios gerais para textualizá-la, numa relação do mundo com a sociedade, e não busco uma textualidade imanente já realizada por esses critérios. A textualidade é o resultado de um processo de textualização. A textualidade é o evento final resultante das operações produzidas nesse processamento de elementos em multinível e multissistemas.

Observe-se o caso de outros gêneros textuais similares ao *catálogo telefônico*, tais como os *dicionários*, as *enciclopédias* e todo o tipo de *listas* que

encontramos diariamente em jornais, revistas ou afixados em paredes de universidades, colégios e assim por diante. Um aluno lê uma lista de nomes na parede e busca sua nota do mesmo modo que lê um livro-texto, só que opera de maneira diferente para estabelecer as conexões, a fim de textualizar aquele artefato lingüístico e o faz com outros propósitos.

É claro que, para confeccionar uma *lista* capaz de ser processada como um texto, há certas condições a serem observadas, assim como para construir um *poema* ou produzir um *conto* ou uma *notícia* num jornal, um *anúncio publicitário* etc. Quem vai ao supermercado com uma *lista de compras* construiu aquela lista dentro de alguns critérios, não aleatoriamente.

Seguramente, nossa atividade lingüística com um evento tal como um *anúncio publicitário* deverá ser diferente daquela que praticamos com uma *receita de cozinha* ou uma *ata de uma reunião* ou um *testamento*, mas isto se deve a uma prática que nos vem não especificamente do lado do sistema lingüístico e sim de nossa inserção na sociedade.

Estas últimas observações mostram que é relevante ter uma noção clara de como se estabelecem e desenham os gêneros textuais, já que o conjunto desses gêneros reflete uma das formas de organização da sociedade em que eles atuam (detalhes a este respeito na SEGUNDA PARTE deste curso)

Não há dúvida de que podemos nos deparar com artefatos lingüísticos incoerentes, não-informativos, incompreensíveis etc. Nesses casos, trata-se de inadequações, seja por parte de quem produziu aquele discurso ou de quem o recebeu, ou seja, o suposto texto não chegou a se transformar num evento discursivo comunicativamente relevante. Sabemos que isso ocorre com nossos universitários em sala de aula e não apenas com os alunos do ensino fundamental.

Produzimos textos por processos de textualização inadequados quando não conseguimos oferecer condições de acesso a algum sentido, seja por ausência de informações necessárias, ou por ausência de contextualização de dados ou então simplesmente por inobservância de restrições na linearização e violação de relações lógicas ou incompatibilidades informativas. Contudo, não convém confundir um texto de difícil compreensão com um texto impossível de ser compreendido. Às vezes, o que não entendo hoje entendo amanhã.

Ocorre, porém, que o aspecto lingüístico não opera sozinho e não pode encerrar em si todo o potencial de textualização. Este é o fato mais

importante nessa perspectiva teórica, pois se, por um lado, o texto não é um artefato autônomo, por outro, não é um ser num limbo sociocognitivo. É a isso que se referia Beaugrande (1997) quando afirmava que o grande problema da LT é providenciar a ponte entre o sistema virtual e o sistema real da língua.

Enquanto artefato estritamente lingüístico, o texto não passa de uma possibilidade cujas condições de realidade são o contributo de sua inserção na sociedade e no mundo. Isto equivale a substituir a metáfora do conduto, isto é a idéia de que o texto conduz os conteúdos, pela metáfora da lâmpada, isto é, a noção de que o texto contém as condições do processamento de conteúdos em contextos socialmente relevantes. Mais do que um transportador, o texto seria, nesse caso, um guia ou um holofote. Produzir e entender textos não é uma simples atividade de codificação e decodificação, mas um complexo processo de produção de sentido mediante atividades inferenciais. Este será o tema particular da TERCEIRA PARTE deste curso.

A partir deste ponto, serão oferecidos alguns elementos para uma melhor operacionalização dos critérios de textualização. Antes de iniciar o estudo desses fenômenos, gostaria de sugerir como leitura o trabalho de Irandé Antunes (2005), *Lutar com palavras: coesão e coerência*. Nessa obra, temos uma visão clara do fenômeno da coesão e coerência, bem como dos demais aspectos da textualidade, com inúmeros exemplos analisados. Em alguns momentos, nos ateremos a esses exemplos observando alguns funcionamentos da língua e do texto.

1.10.1. Coesão

Os fatores que regem a conexão referencial (realizada por aspectos mais especificamente semânticos) e a conexão seqüencial (realizada mais por elementos conectivos) em especial no nível da co-textualidade, geralmente conhecidos como coesão, formam parte dos critérios tidos como constitutivos da textualidade. Para muitos, a coesão é o critério mais importante da textualidade. São dessa opinião, sobretudo, aqueles que não distinguem entre coesão e coerência (cf. detalhes em Marcuschi, 1983 e Koch 2000).

Os processos de coesão dão conta da estruturação da seqüência [superficial] do texto (seja por recursos conectivos ou referenciais); não são simplesmente princípios sintáticos. Constituem os padrões formais para transmitir conhecimentos e sentidos.

Saliento que, tal como o faz a maioria dos autores em LT, distingo, com Beaugrande/Dressler (1981), entre coesão e coerência. Isto não significa, porém, que a coesão diga respeito a questões meramente sintáticas, já que esta distinção tem sua razão de ser em outros aspectos.

Para muitos estudiosos do texto, os mecanismos da coesão textual formam uma espécie de gramática do texto. Porém, a expressão gramática de texto é um tanto desnorteante, pois não podemos aplicar ao texto as noções usadas para a análise da frase. Se, por um lado, podemos realizar enunciados completos e explicá-los com gramáticas de frase, tomando-os independentemente, por outro lado, sabemos que vários enunciados corretamente construídos, quando postos em seqüência imediata, podem não formar uma seqüência aceitável. Isso quer dizer que um texto não é uma simples seqüência de frases bem-formadas. Essa seqüência deve preencher certos requisitos. A coesão é justamente a parte da LT que determina um subconjunto importante desses requisitos de seqüencialidade textual.

Há, pois, certos fenômenos sintáticos que se formam ou se dão na relação entre as sentenças (relações inter-sentenciais) que independem da correção individual de cada uma das sentenças em si. Esse tipo de dependência que se cria nas séries de seqüências a que chamamos textos vai permitir e exigir novos padrões frasais, de modo que as noções de corretude, incorretude e aceitabilidade, entre outras, têm que ser revistas.

Digamos, a título de hipótese, que uma 'gramática de texto' devesse seguir o mesmo sistema formal da montagem da 'gramática de frase'. Inicialmente, teríamos um símbolo T (para texto), como unidade hierárquica mais alta. Depois, baixaríamos para os constituintes restantes com um sistema mais ou menos assim, simplificando:

$$T \rightarrow (S_1, S_2, S_3 \ldots S_n)$$

onde S seria uma sentença de modo que, tal como no modelo axiomático da gramática gerativo-transformacional, poderíamos seguir com especificações, regras e definições para a formação do sistema que "geraria" todos os textos de uma língua. Não resta dúvida de que uma proposta dessa natureza teria pelo menos duas objeções iniciais:

(1) as regras necessárias para esse sistema seriam ou tão pobres, a ponto de não darem conta de T, ou tantas que beirariam um número infinito;

(2) a boa formação do texto seria uma função determinada pela boa formação das sentenças e pela sua concatenação bem-formada, o que é, evidentemente, um absurdo.

No caso de (1), ocorreria uma supersimplificação do sistema de T ou uma supercomplexificação com a conseqüente impossibilidade operacional; em (2) a situação ficaria ainda mais exacerbada, na medida em que teríamos grande quantidade de textos aceitáveis como tal, mas não bem-formados de acordo com o sistema formal, como no caso dos textos "Brasil do B", de Josias de Souza, e "Circuito fechado", de Ricardo Ramos, tratados mais adiante.

Isso significa que os fatores concorrentes para a formação de texto são mais amplos que os para a sentença (S), sendo praticamente impossível oferecer a "gramática textual" de uma língua, pelo menos formalmente. Daí não ser o texto apenas uma extensão da frase.

É plausível, pois, postular que não se pode propor uma gramática de texto aceitando como modelo teórico para T, algo assim como o proposto para S na gramática gerativo-transformacional. Axiomatizar a competência textual é possível apenas como perspectiva teórica, mas impossível como realização de fato, o que não significa que não possamos oferecer teorias formais parciais para porções ou aspectos específicos de T. Contudo, a soma de todas as porções não formará uma teoria unificada geral.

Retornando agora ao problema das categorias textuais, podemos dizer que, assim como aqui são propostas, elas são intuitivamente fundamentadas na competência textual e na suposição da hipótese sociointerativa. A competência é pressuposta como presente em todo aquele que domina uma língua qualquer, uma vez que ele se comunica por textos e não por unidades isoladas. Dessa competência fazem parte, obviamente, elementos que ultrapassam o domínio estritamente lingüístico e entram nos aspectos da realidade sociointerativa, tais como:

— conhecimentos pessoais e enciclopédicos;
— capacidade de memorização;
— domínio intuitivo de um aparato inferencial;
— partilhamento de conhecimentos circunstanciais;
— partilhamento de normas sociais;
— domínio de tecnologias de vários tipos,

e assim por diante.

A maior ou menor presença de cada um desses e outros fatores faz com que haja graus de dificuldades diversos na compreensão e mesmo produção de textos, de modo que "difícil" ou "fácil" são gradações variáveis para um mesmo texto e elas se devem não apenas a fatores estritamente lingüísticos.

Nessa perspectiva, as categorias textuais devem abranger tanto os aspectos sintáticos como os semânticos e pragmáticos, já que o texto deve ser visto como uma seqüência de atos enunciativos (escritos ou falados) e não uma seqüência de frases de algum modo coesas. Nesse sentido, a coesão explícita não é uma condição necessária para a textualidade. Veja-se abaixo o caso de um *artigo de fundo* de Josias de Souza para a *Folha de S.Paulo*. Como se observa, não há verbos no texto e, no máximo, temos ali nomes, adjetivos e advérbios. A coesão superficial ligando um elemento ao outro linearmente inexiste. Mas isto não é um entrave à compreensão. É claro que nem todos os que lêem este texto vão entender da mesma maneira e talvez alguns menos informados possam até entender muito pouco.

É interessante notar que nesse texto não há praticamente enunciados explicitados nem verbos ou qualquer outro elemento que faça uma ligação entre os itens. Há sempre um sintagma que opera como um enquadre de "*espaços mentais*", na terminologia de Fauconnier (1994), permitindo assim uma "*mesclagem conceitual*" na linha do pretendido. Vejam-se os inícios de cada parágrafo:

— Brasil bacharel
— Brasil Biafra
— Brasil Bélgica
— Brasil bordel
— Brasil benemerente
— Brasil Baixada
— Brasil benfazejo

Folha de S.Paulo, quinta-feira, 15 de junho de 2000

JOSIAS DE SOUZA

Brasil do B

BRASÍLIA - Brasil bacharel. Biografia bordada, brilhante. Bom berço. Bambambã. Bico bacana, boquirroto. Bastante blablablá. Baita barulho. Bobagem, besteira, blefe. Batente banho-maria. Bússola biruta. Baqueta bêbada.

Brasil Biafra. Breu. Barbárie boçal. Barraco barrento. Barata. Bacilo. Bactéria. Bebê buchudo, borocoxô. Bolso banido. Boca banguela. Barriga baldia. Barbeiragem. Bastaria bóia, baião-de-dois.

Brasil Bélgica. Brancura. Black-tie. Badalação brega. Boa brisa. Bens. Banquetes. Brindes. Brilho besta. Bonança bifocal. BMW: blindagem. Bolsa balofa: babau, baby.

Brasil bordel. Bancadas bandoleiras, buscando boquinhas, brechas, benesses. Bruma, biombo, bastidor barato. Balcão. Barganha. Bazar. Banda bandida. Bando bandalho. Baiano. Barbalho. Briga besta. Bagunça.

Brasil benemerente. Bonança Brasília bondosa. Banqueiro bajulado, beneficiado, bafejado. Bancarrota brecada. Balancete burlado. Bem-bom. Boca-livre. Brioche, bom-bocado. Bilheteria, borderô.

Brasil Baixada. Borrasca. Barro. Buraqueira. Boteco. Bagulho. Birita. Bílis. Bochincho. Bebedeira. Bofete. Bordoada. Berro. Bololô. Bafafá. Bazuca. Baioneta. Bala. Bangue-bangue. Blitz. Bloqueio. Boletim. Bíblia. Bispo. Beato. Benzedeira.

Brasil benfazejo. Boleiro. Bate-bola. Bossa. Balangandã. Balacobaco. Boêmia. Barzinho. Bumbo. Batucada. Balancê. Bole-bole. Beleza beiçola. Beldade. Biquíni. Bumbum buliçoso. Boazuda. Beijo. Beliscão.

Balada boba, burlesca. Basta*.

Com isto, entram na análise do texto tanto as condições gerais dos interlocutores como os contextos institucionais de produção e recepção, uma vez que eles são responsáveis pelos processos de formação de sentidos comprometidos com processos sociais e configurações ideológicas.

Em suma, o que se pode fornecer são condições de acesso e não condições de boa formação textual. Assim, segundo muito bem frisa Ursula Oomen, "a análise textual não pode consistir num alargamento linear de análises gramaticais a objetos de investigação mais amplos, tais como textos". Na verdade, prossegue ela,

> as passagens da frase para o texto, dentro de uma análise estruturalista, pressuporiam que a relação da frase com o texto pudesse ser comparada com a relação da frase com morfemas, de morfemas com fonemas. Observações empíricas indicam, porém, que as frases não constituem textos no mesmo sentido em que grupos de morfemas podem ser tomados como constituintes de frases.

Daí surge um dilema para as análises de texto: se, por um lado, os textos são produções lingüísticas, por outro, não podem ser analisados simplesmente pela extensão das categorias gramaticais para a frase, pois elas são uma ocorrência comunicativa no contexto de uso. Levado ao extremo, isso resultaria na tese de

---

Agradeço a Véronique Dahlet a indicação deste exemplo usado na tese de livre-docência sobre *pontuação* (USP, julho de 2004).

que cada texto teria sua gramática se quiséssemos dar a gramática do texto. De certo modo, essa tese é correta, pelo menos no sentido de que cada gênero textual tem uma forma de realização própria, de maneira que a textualidade de um poema e a de uma carta comercial observam princípios constitutivos diversos.

Mas a suposta gramática *genérico-textual* teria muito menos a ver com a coesão do que com outros aspectos, já que os gêneros textuais, como se verá, não se constituem com base apenas em características lingüísticas e sim em características sociocomunicativas e constituiriam muito mais uma *gramática social*. Portanto, embora seja tida como um princípio constitutivo do texto, a coesão superficial não é nem suficiente nem necessária para a textualidade, aspecto no qual discordo de Halliday/Hasan, que a julgam necessária.

A coesão sempre foi vista como um fenômeno da superfície do texto. Seria algo assim como a sintaxe textual. Hoje se sabe que isso não é correto. Segundo acertadamente observa Koch (1989), tem-se visto classicamente dois tipos de coesividade, tal como frisado no início deste item:

- a conexão referencial (realizada por aspectos mais especificamente semânticos)
- a conexão seqüencial (realizada mais por elementos conectivos).

Estes foram sempre tidos como critérios constitutivos da textualidade. Para muitos, a coesão é o critério mais importante da textualidade. Contudo, sabe-se que a coesão não é nem necessária nem suficiente, ou seja, sua presença não garante a textualidade e sua ausência não impede a textualidade. Isto pode ser visto no caso do texto de Josias de Souza, "Brasil do B", e também no caso do texto de Ricardo Ramos, "Circuito fechado", do qual trazemos um trecho abaixo.

O texto de Ricardo Ramos, superficialmente visto, não apresenta retomadas explícitas entre a seqüência das sentenças. Se a estrutura do mapeamento devesse obedecer aos princípios de que as sentenças denotam fatos e seqüências de sentenças denotam seqüências de fatos, o texto de Ricardo Ramos só reuniria fatos isolados e não formaria uma seqüência contínua nem exibiria textura (textualidade) para ser chamado de texto. Segundo Halliday/Hasan (1976), seria um não-texto. Ele é todo segmentado e sem uma continuidade superficial.Mas isto não impede que funcione como um texto perfeitamente inteligível.

CIRCUITO FECHADO
Ricardo Ramos

Chinelos, vaso, descarga. Pia, sabonete. Água. Escova, creme dental, água, espuma, creme de barbear, pincel, espuma, gilete, água, cortina, sabonete, água fria, água quente toalha. Creme para cabelo, pente. Cueca, camisa, abotoaduras, calça, meias, sapatos, gravata, paletó. Carteira, níqueis, documentos, caneta, chaves, lenço, relógio, maço de cigarros, caixa de fósforos. Jornal. (...)
Dentes, cabelos, um pouco do ouvido esquerdo e da visão. A memória intermediária, não a de muito longe nem a de ontem. Parentes, amigos, por morte, distância, desvio. Livros, de empréstimo, esquecimento e mudança. Mulheres também, com os seus temas. (...)
Muito prazer. Por favor, quer ver o meu saldo? Acho que sim. Que bom telefonar, foi ótimo, agora mesmo estava pensando em você. Puro, com gelo. Passe mais tarde, ainda não fiz, não está pronto. Amanhã eu ligo, e digo alguma coisa. Guarde o troco. Penso que sim. Este mês não, fica para o outro. (...)
Ter, haver. Uma sombra no chão, um seguro que se desvalorizou, uma gaiola de passarinhos. Uma cicatriz de operação na barriga e mais cinco invisíveis, que doem quando chove. Uma lâmpada de cabeceira, um cachorro vermelho, uma colcha e os seus retalhos. Um envelope com fotografias, não aquele álbum. (...)

FONTE: *Os melhores contos brasileiros de 1973*. Porto Alegre: Editora Globo, 1974, pp. 169-175.

É óbvio que neste caso não temos a ver com o exemplar mais comum de texto, mas ele deve ser explicado e abrangido, assim como qualquer outro. Representa um caso quase extremo, bem diverso, por exemplo, do que ocorre no texto de Rubem Machado, "Porque é domingo", que aparece em seguida. Este tem sua coerência fornecida por fatores diferentes que o de Ricardo Ramos. No caso do texto de Ricardo Ramos, o título não permite que façamos uma relação de fatos e estabeleçamos um *continuum* de sentido. Os enquadres são aqui feitos e nós compreendemos este texto porque ele descreve cenas que nos são familiares em nosso dia-a-dia.

O texto exige domínio de situações como, por exemplo, na seqüência seguinte que seguramente não encadeia situações uma na outra, mas situações bem diversas:

Muito prazer. Por favor, quer ver meu saldo? Acho que sim (...) "Muito prazer"

A atividade a que "*muito prazer*" se refere não antecede a atividade representada pelo pedido "*Por favor, quer ver meu saldo?*" e o enunciado que lhe segue, ou seja, "*Acho que sim*", não é uma resposta àquela solicitação. As três unidades dessa seqüência fazem parte de três momentos temporais e de três domínios experienciais diversos, mas nós operamos a seqüência como um *continuum* textual a partir de uma competência mais ampla que a competên-

cia puramente lingüística. É particularmente notável, neste caso, que hoje já não exista mais a situação lembrada, pois consulta a saldo em banco é totalmente automatizada em caixas eletrônicos que podem ser acessados na rua, em supermercados ou nos próprios bancos.

O texto de Ricardo Ramos é uma prova de que a coesão superficial do texto não é necessária para a textualidade. Contudo, isto não significa que ela seja irrelevante. Note-se que, no caso de um texto assim, há um imenso investimento de conhecimentos partilhados que supre a ausência de outros critérios. Aqui a coesão é inferida a partir da coerência. Este não é um texto de configuração prototípica e certamente, em sala de aula, ele seria severamente corrigido e receberia nota baixa.

Vejamos o caso deste outro texto que, ao contrário do de Ricardo Ramos, não tem pontuação alguma:

PORQUE É DOMINGO

Rubem Machado

Levantou tarde com vagar e simulacro de sorriso examinou os dentes no espelho do banheiro e tirando o carro para a frente da casa lavou-o tendo para isso vestido o short e tomou um chuveiro e fez barba e pôs sapato sem meia camisa esporte fora das calças e bebeu caipirinha discutindo futebol no bar da esquina e comprou uma garrafa de vinho três guaranás e comeu demais no almoço e folheou o grosso jornal pensando é só desgraça no mundo e bocejou diversas vezes e cochilou e acabou indo deitar no quarto e acordou às quatro horas com preguiça pensando vou visitar o Ari ele não vai estar mas vou assim mesmo e pegou as chaves do carro e disse à mulher vou dar uma volta e rodou no *volks* por ruas discretas cheias de sol o rádio ligado no futebol e batucada na casa do Ari não tinha ninguém pensou então vou até o Paulinho e foi mesmo e por sorte o Paulinho estava em casa de chinelo casaco de pijama veio até o portão e ele não quis entrar e gozou com a cara do Paulinho o teu time não é de nada está empatando logo com o lanterninha e girava as chaves do carro no dedo e o Paulinho disse o jogo ainda não acabou e ele contou pro Paulinho que estava comendo a secretária e o Paulinho despeitado só deu um sorriso amarelo e depois o Paulinho disse que descobriu que o Carlinhos rouba no jogo de buraco e que não joga mais com aquele cara e insistiu para que entrasse e ele agradeceu já ia andando e abanou de dentro do carro e voltou pra casa antes botou gasolina no posto e disse pra mulher que tinha ido nas casas do Ari e do Paulinho e ela perguntou se ele queria café e ele disse que não e perguntou a ela se já tinha começado o programa de televisão e enquanto sentava na poltrona e via comeu um pedaço de pudim e a mulher quebrou um copo na cozinha e ele gritou o que quebrou aí dentro e deu um arroto e quando o programa já estava quase no fim a mulher disse que queria sair ele levantou e foi trocar de roupa e foi ao cinema com a mulher e o filme era com a Sophia Loren e era colorido e eles gostaram e quando voltaram para casa viram ainda um pouco mais de televisão e começaram os dois a bocejar e ele escovou os dentes e fechou a casa e deu corda no despertador e foram dormir já um pouco tarde, porque é domingo.

FONTE: Rubem MACHADO. *Jacarés ao sol*. São Paulo: Ática, 1976. Citado a partir de J. W. Geraldi. *Portos de passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1991, pp. 186-187.)

O texto de Rubem Machado tem uma realização superficial oposta à do texto de Ricardo Ramos e não apresenta pontuação nem divisão em parágrafos. Nós temos que dividi-lo e proceder a um tipo de pontuação que se expressa sobretudo numa prosódia. Mas pode haver divergências entre os diversos leitores quando lêem este texto. Nem todos vão segmentá-lo da mesma maneira. Isto comprova também a tese de Véronique Dahlet (2004) de que a pontuação é principalmente um fenômeno discursivo e textual e não um fenômeno gramatical.

Muito diferente e, de início, sem uma proposta de sentido clara com um princípio comunicativo unificador é o texto seguinte:

> Uma bomba destrói o altar onde o Papa ia rezar uma missa. A Argentina teme um novo golpe. O PTB recebe convite para integrar o Governo a nível de Ministério. O BNH dá toda atenção aos mutuários oferecendo-lhes alternativas. Santos e Flamengo resolvem a primeira etapa. Brizola tem a preferência do povo em eleições diretas. Essas foram algumas das notícias que li no jornal de hoje.
>
> FONTE: *Diário de Pernambuco*, 22/10/1983

Aqui, a textualidade não se dá no nível da coesão e sim no nível da coerência metafrástica, tratando-se de uma metatematização efetivada retroativamente com a sentença final que recupera a unidade. Esse texto foi montado com uma série de manchetes de notícias do *Diário de Pernambuco*.

No segmento lingüístico a seguir, no entanto, há um seqüenciamento coesivo de fatos que permanecem isolados e, com isso, ele não tem condição de formar uma textura, o que prova que se a coesão não é condição necessária também não é suficiente.

> João vai à padaria. A padaria é feita de tijolos. Os tijolos são caríssimos. Também os mísseis são caríssimos. Os mísseis são lançados no espaço. Segundo a Teoria da Relatividade, o espaço é curvo. A geometria rimaniana dá conta desse fenômeno.

Em princípio, aqui não temos um texto, já que essa seqüência de enunciados não tem efeito comunicativo, apesar de evidenciar uma coesão relativamente forte no encadeamento das frases. Contudo, as relações de sentido não progridem nem as unificam. Não se pode negar que cada enunciado é bem-formado e que cada um deles tem algum sentido, mas o conjunto não forma uma unidade significativa[22].

---

22. Nesse momento, não entro em questões mais complicadas como, por exemplo, saber se os poemas concretos, os textos surrealistas e algumas obras literárias aparentemente absurdas são ou não

De modo geral, podemos dizer, com Koch (1989: 19), que "o conceito de coesão textual diz respeito a todos os processos de seqüencialização que asseguram (ou tornam recuperável) uma ligação lingüística significativa entre os elementos que ocorrem na superfície textual". É desejável que ela apareça como facilitador da compreensão e da produção de sentido.

Seguindo a sugestão de Halliday/Hasan (1976) (com a ressalva de que esses autores têm visão muito diversa daquela aqui defendida a respeito da coesão e coerência), podemos distinguir cinco grandes mecanismos de coesão:

1. Referência (pessoal, demonstrativa, comparativa)
2. Substituição (nominal, verbal, frasal)
3. Elipse (nominal, verbal, frasal)
4. Conjunção (aditiva, adversativa etc.)
5. Coesão lexical (repetição, sinonímia, colocação etc.)

Um esclarecimento desses mecanismos pode ser melhor obtido se consideramos as estratégias específicas da sua realização textual dentro de uma distribuição um pouco diversa daquela feita por Halliday/Hasan com as noções de coesão referencial e coesão seqüencial que as abordagens a seguir distinguem e que vem sendo proposta aqui.

Um desses mecanismos diz respeito à organização tida como referencial, baseada, sobretudo, em aspectos ligados à significação ou à referência. O outro funda-se na organização seqüencial em que a referência não é central. Essa dupla distinção foi estabelecida com clareza por Koch (1989: 27) da seguinte maneira:

> Tomando por base a função dos mecanismos coesivos na construção da textualidade, proponho que se considere a existência de duas grandes modalidades de coesão: a coesão referencial (referenciação, remissão) e a coesão seqüencial (seqüenciação).

Vejamos alguns detalhes das estratégias que dizem respeito ao mecanismo da coesão referencial que foi assim definida por Koch (1989: 30):

> Chamo, pois, de coesão referencial aquela em que um componente da superfície do texto faz remissão a outro(s) elemento(s) do universo textual. Ao primeiro, denomino forma referencial ou remissiva, e ao segundo, elemento de referência ou referente textual.

---

textos e que condições estão preenchendo para funcionar. Na realidade, ali temos uma questão mais complexa e tudo indica que com a noção de gênero e com a proposta de sentido pretendida dentro de um enquadre sociocultural específico e historicamente surgido, pode-se admitir que sejam textos e funcionem, embora para um número seguramente reduzido de leitores muito bem iniciados nessa literatura.

Para uma visão geral dessas *estratégias de organização referencial* dentro do texto, observemos a seguir um quadro das principais formas que operam nesse esquema que, posteriormente serão detidamente trabalhadas.

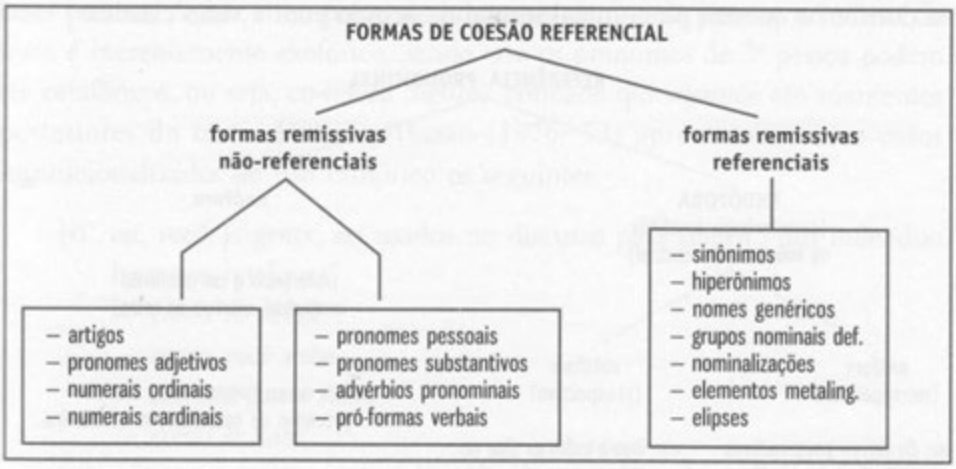

Vejamos uma breve explicação para as noções de <formas remissivas referenciais> e <formas remissivas não-referenciais> que operam nas relações da coesão referencial. A noção de *formas remissivas* diz respeito ao fato de uma forma remeter a outra e, nesse caso, todas as anáforas preenchem o requisito. Mas algumas dessas formas são referenciais e outras não, o que à primeira vista parece um contra-senso. Isto diz respeito à natureza do elemento formal que é usado para fazer a ligação anafórica e não ao seu funcionamento.

Estes dois conjuntos podem ser assim explicitados:

1. formas remissivas referenciais: são todos os elementos lingüísticos que estabelecem referências a partir de suas possibilidades referidoras. Entre essas formas, temos os sinônimos, os grupos nominais definidos etc. São formas com algum tipo de referência virtual própria. Em semântica, diríamos que se trata de itens lexicais plenos;
2. formas remissivas não-referenciais: trata-se de formas que não têm autonomia referencial (só referem concretamente), tais como os artigos e os pronomes. Eles podem de maneira mais clara co-referir, isto é, estabelecer uma relação de identidade referencial com o elemento remetido. Ou então referir algo por analogia, associação etc. Estas formas podem ser presas como no caso dos artigos ou então livres como no caso dos pronomes pessoais.

Vejamos brevemente alguns aspectos relativos aos processos de referenciação considerando a teoria clássica de Halliday a esse respeito.

Referência pronominal: é provável que o estudo dos fenômenos pronominais no texto seja o mais desenvolvido até hoje, pois o pronome é um fenômeno central como fator de organização textual. Vejamos, no esquema abaixo, como se distribui a questão pronominal textual de acordo com a visão clássica.

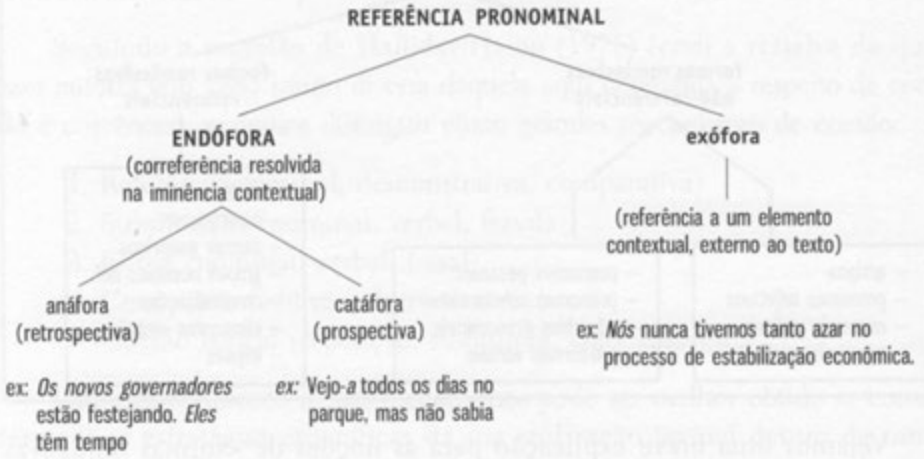

As pronominalizações ou pró-formas pronominais são casos de substituição mínima, ou seja, a remissão não se baseia em quase nenhuma característica semântica do item substitutivo, pois ele não é referencial em si mesmo e tem apenas uma relação morfossintática com o item ou estrutura que refere. Os pronomes, por formarem a classe mais genérica dos nomes, são minimamente marcados do ponto de vista semântico (não vamos aqui tratar das anáforas indiretas, associativas, analógicas, metonímicas etc. que se fundam em princípios cognitivos mais complexos). Vejamos algo sobre a referenciação *exofórica* e *endofórica*:

(a) A exófora, da qual pouco nos ocuparemos aqui, diz respeito a elementos que, na falta de uma expressão melhor, chamamos de 'externos ao texto' e recuperáveis na situação diretamente (particularmente na oralidade) ou por aspectos cognitivos, conhecimentos partilhados etc., mas não pela via de expressões co-referentes 'dentro do texto'[23]. Em geral, o uso de pronomes nas 1ª e 2ª pessoas no início do texto é de natureza inerentemente exofórica. A exófora comprova a reciprocidade da interação entre o uso da linguagem e a situação desse uso, que atualiza as estratégias de recepção. A referência exofórica de

23. Volto a insistir que a idéia de um **dentro e um fora do texto** é algo de grande complexidade e não se deve abusar dessas expressões. Elas têm a mera função heurística de lembrar que a solução referencial se dá em relações intra-textuais (muitas vezes com o concurso de aspectos cognitivos) ou em relações do texto com os enquadres externos.

pró-formas aplica-se à recuperação de entidades situadas fora do texto e não diretamente nele. A exófora depende do contexto. Geralmente é determinada pelos pronomes de 1ª e 2ª pessoas. E por possessivos que correspondem a essas pessoas. Assim, o emprego de pronomes de 1ª e 2ª pessoas no início do texto é inerentemente exofórico, sendo que os pronomes de 3ª pessoa podem ser catafóricos, ou seja, co-referir alguma entidade que aparece em momentos posteriores do texto. Halliday/Hasan (1976: 53) apresentam como casos institucionalizados de uso exofórico os seguintes:

(i) *eu, você, a gente, se*: usados no discurso para referir "um indivíduo humano qualquer"
— *como tu sabes...*
— *como você sabe...*
— *como a gente sabe...*
— *como se sabe...*

(ii) *nós* em usos em que o falante subsume, além de si, todos os outros:
— *Nós não podemos esquecer que...*

(iii) *eles* para indicar pessoas "não especificadas":
— *Eles devem saber quem foi fazer compras hoje.*

(b) A endófora é um tipo de pronominalização textual e faz referência a entidades recobráveis no 'interior do texto'. Neste conjunto temos dois subtipos:

(i) a *anáfora* que refere entidades já introduzidas e vem depois das expressões co-referidas (ou não);

(ii) a *catáfora*, que refere entidades projetivamente, de modo que sua ocorrência se dá antes da expressão co-referida (ou não).

Embora as definições sejam claras e não haja como confundi-las, a realização textual da pronominalização é problemática. Muitas vezes, cria ambigüidades, principalmente quando há várias probabilidades de referenciação. O exagero no uso da pronominalização num texto leva a uma progressiva diminuição da informação e a uma dificuldade crescente de processamento cognitivo.

Os textos orais costumam ter um maior número de formas pronominais, mas aí elas assumem uma relação situacional e não confundem o interlocutor. Os textos orais são altamente dêiticos, ou seja, estruturam-se indexicalmente, já que a situação concreta não exige que se transfira para o texto o universo em que a informação atual está se processando. Daí também o grau maior da complexidade co-referencial no texto escrito, onde o universo de processamento deve ir sendo paulatinamente construído.

Para se ter uma idéia da dificuldade de distinguir entre anáfora e catáfora, tome-se aqui o texto "A vela ao diabo" extraído de *Tutaméia*, de Guimarães Rosa. O primeiro enunciado é:

"Esse problema era possível".

Trata-se aí de uma anáfora ou de uma catáfora? Refere-se ao problema enunciado na indagação posta logo após o título:

"E se as unhas roessem os meninos?",

ou algo que vem posteriormente no texto e é identificado como

"o problema"?

Na realidade, cumprindo as funções que o texto literário geralmente tem, Guimarães Rosa abriu aí uma série de expectativas numa pluridimensão de sentidos. Não nos compete decidir qual deles prevalece.

A VELA AO DIABO

E se as unhas roessem os meninos?

ESTÓRIA IMEMORADA.

Êsse problema era possível. Teresinho inquietou-se, trás orelha saltando-lhe pulga irritante. Via espaçarem-se, e menos meigas, as cartas da nôiva, Zidica, ameninhamente ficada em São Luís. As mulheres, sóis de enganos... Teresinho clamou, queixou-se – já as coisas rabiscavam-se. Ele queria a profusão. Desamor, enfado, inconstância, de tudo culpava a ela, que não estava mais em seu conhecer. Tremefez-se de perdê-la.

Embora, em lógico rigor, motivo para tanto não houvesse ou houvesse, andara da incerteza à ânsia, num dolorir-se, voluntário da insônia. Até bebeu; só não sendo a situaçãozinha solúvel no álcool. Amava-a com toda a fraqueza de seu coração. Saiu-se para providência.

A de que se lembrou: novena, heróica. Devia, cada manhã, em igreja, acender vela e de joelhos ardê-la, a algum, o mesmo, santo – que não podia saber nem ver qual, para o bom efeito. O método moveria Deus, ao som de sua paixão, por mirificácia – dedo no botão, mão na manivela – segurando-lhe com Zidica o futuro.

Sem pejo ou vacilar, começou, rezando errado o padre-nosso, porém afirmadamente, pio, tiriteso. Entrava nessa fé, como o grande arcanjo Miguel revoa três vezes na Bíblia. Havia-de.

Ia conseguindo, e reanimava-se; nada pula mais que a esperança. Difícil – pueris humanos somos – era não olhar nem conhecer o seu Santo. Na hora, sim, pensava em Zidica; vezes, outrossim, pensasse um risquinho em Dlena.

No terceiro dia, retombou, entretanto, coração em farpa de seta, odiando janelas e paredes. São Luís não lhe mandara carta. Quem sabe, cismou, vela e ajoelhar-se, só, não dessem -

razoável sendo também uma de-mão, ajudar com o agir, aliar recursos? Deus é curvo e lento. E ocorreu-lhe Diena

FONTE: Guimarães Rosa. *Tutamétia – Terceiras estórias*. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.

Caso diverso é o do texto de Rachel de Queiroz, que inicia assim: "*Isto é uma história velha*", e se refere, evidentemente, ao texto completo e não a alguma entidade específica: trata-se de uma catáfora que tem por referente o texto completo, pronominalizando-o.

OS REVOLTOSOS
RACHEL DE QUEIROZ

Isto é uma história velha, passou-se lá por 1926. O país andava numa situação política tão complicada quanto a de agora. Não, minto. Tanto não. Era um complicado diferente, mais visível, mais à flor da pele. Havia gente de armas na mão, contudo não era assim por conflito pessoal e ideológico, irredutível como agora. Era mais uma pequena questão de princípios, de interpretação dentro de uma mesma ideologia – todos se diziam igualmente democráticos, nenhum dos combatentes disputava sobre a questão social (e o que mais tarde optou pelo marxismo – L. C. Prestes, saiu da briga e foi para a Rússia). Ademais, o povo em geral, embora não se pronunciasse abertamente, por medo de represálias do Governo ou descrença nas possibilidades da luta, o povo de coração estava os chamados "revoltosos", seduzido pela legenda e bravura dos jovens tenentes – os feitos dos dois 5 de Julho, a imolação dos 18 de Copacabana.

Acima de tudo, aquela marcha épica da Coluna Prestes pelos fundões ignorados do Brasil falava às imaginações e suscitava os mais ardentes entusiasmos. Creio mesmo que feito nenhum, na história nacional, tocara tanto o coração do povo. Os moços "generais e coronéis" (...).

A questão fica muito mais complexa quando observamos textos como o da publicidade da motocicleta *YAMAHA* na página seguinte.

Aqui, o enunciado inicial tem duas formas pronominais seguidas: "Você o observa de longe". "Você" é, evidentemente, exofórico, mas aquele "o" é uma anáfora ou uma catáfora? Referindo-se ao título que vem no início, "*Cavalo Selvagem*", tudo indica tratar-se de uma anáfora que retoma aquela expressão. No entanto, de um ponto de vista cognitivo, entra a questão da coerência textual, como processamento de relações mapeadas por nossos conhecimentos de mundo, em que se produzem os sentidos.

Outra observação geral relevante nesse caso é a indagação de se as pronominalizações sempre referem elementos da estrutura superficial do texto e

nunca entidades não recobráveis nessa estrutura. Hoje, os estudos acerca da referenciação trazem muitas idéias novas a este respeito que nos dão outra visão da textualização. Veja-se a este respeito a exposição de Ingedore Koch (2002) em sua já citada obra *Desvendando os segredos do texto*. Todos os gramáticos e

as teorias textuais sempre exigiram relações explícitas dos pronomes com a superfície textual. No entanto seqüências como (a) e (b) abaixo são freqüentes:

(a) *André é órfão. Ele os amava muito.*

(b) *João é um excelente filatelista. Ele os coleciona com o maior carinho.*

A forma pronominal "*os*" refere, em ambos os casos, elementos não recobráveis na estrutura de superfície e por isso é tida como gramaticalmente incorreta. Podemos, no entanto, imaginar a forma "*os*" como referindo entidades aí subentendidas. Existem casos em que a co-referencialidade se dá por um processo elíptico que realiza uma espécie de argumentação entimêmica[24], que se resolve por subentendidos proposicionais. Mas o certo é que as gramáticas contemplam esse caso como uma "*concordância ideológica*", tecnicamente chamada de silepse. Este é o caso do exemplo seguinte:

— *O povo descia a ladeira em procissão para a Igreja. Eles suavam no calor intenso.*

O item "*povo*" contém em si um plural, ou seja, muitas pessoas que são referidas pelo *eles*. Algo semelhante pode-se ver neste exemplo:

— *Ontem Pedro esperava pescar um peixe. Hoje ele quer comê-lo.*

Aí a forma pronominal "*-lo*" refere um peixe pescado de fato, mas não proposto na estrutura superficial. Sintaticamente apenas, isto não deveria ser possível, mas, cognitivamente, há uma estrutura inferencial elipticamente processada que permite tal construção. Se tomarmos a elipse como substituição pela forma zero, então a anáfora, no caso acima, substitui um lugar vazio que por sua vez é o substituto de algo anterior. Trata-se do mesmo caso como em:

— *Max não comprou um ovo, mas Maria sim e ele era podre.*

A elipse remete a uma entidade que havia sido negada e com isto afirma-a, possibilitando o processo anafórico, mas não se trata de uma co-referência, pois o ovo que Max não comprou não é o ovo que Maria comprou.

A catáfora, por sua vez, é uma forma pronominal com a característica essencial de evocar uma entidade antes de introduzi-la. É um elemento

24. **Entimema** é um tipo de raciocínio de caráter eminentemente retórico no qual uma premissa fica apenas subentendida e deve ser inferida a partir da conclusão. E é justamente essa a assertiva que se deseja que o outro leve em consideração. Por exemplo: "*Se amor matasse, eu estaria morto*". Deseja que o outro infira: "Estou amando".

pronominal que depois, no decorrer do discurso, será recuperado com um referente. Tem um uso relativamente baixo na fala, sendo mais característico da escrita. Uma das hipóteses para tanto é que na fala teríamos uma dificuldade maior de usar (entender) um pronome antes de pronunciar o nome por ele referido.

A anáfora com antecedente explícito na superfície textual é fundamentalmente gerada por algum tipo de relação entre dois constituintes oracionais e é resolvida por uma relação de um antecedente com um conseqüente. Assim, dado certo elemento textual x num ponto (que pode ser um item lexical ou um sintagma e até uma oração), a anáfora a noutro ponto teria aquele x como seu antecedente. Isto significa que para uma anáfora com antecedente explícito sempre é possível identificar, na superfície textual, algum elemento que lhe corresponde. No geral, a anáfora não apresenta problemas para sua interpretação ou compreensão, pois ela apresenta congruências com marcas de vários tipos. A resolução da anáfora, por obedecer a fatores diversos, pode apresentar certas saliências que levam à ambigüidade.

Segundo Pause (1984: 43), entre os critérios que auxiliam na resolução da congruência anafórica de um antecedente com um conseqüente explicitado no texto estariam os seguintes:

(a) princípio da congruência morfológica: trata-se de uma relação de superfície muito marcada, na medida em que o elemento pronominal combina morfologicamente com seu antecedente, seja em gênero, número etc., ou congruência sintática pela configuração estrutural;
(b) princípio da proximidade: se houver vários candidatos para uma anáfora, em geral o mais próximo assume o papel;
(c) princípio da preferência pelo papel sintático: no caso de um sujeito, ou um objeto etc., a anáfora que ocupa o mesmo papel terá como antecedente o referente de papel similar;
(d) princípio da preferência pela função temática: a anáfora teria como antecedente o elemento que ocupa o papel temático da frase anterior. Este princípio faz com que o princípio da proximidade nem sempre funcione;
(e) princípio da preferência pelo antecedente de maior consistência textual: os tópicos discursivos estabelecem o elemento que num certo espaço textual mantém a linha coesiva de antecedentes e conseqüentes;
(f) princípio da congruência cognitiva: que leva a se referir elementos cognitivamente relacionados, por exemplo, seres animados com se-

res animados, ações de certo tipo com ações do mesmo tipo etc. Aqui entram as questões relativas aos aspectos mais diretamente ligados a múltiplas possibilidades referenciais.

Pause (1984) observa que esses critérios não são absolutos e que vários deles podem aplicar-se ao mesmo tempo. Quanto mais critérios concorrerem para a determinação do antecedente, tanto mais fácil sua determinação. Também o peso de cada um desses critérios é diferenciado. Alguns, por exemplo, o da preferência da função temática, são particularmente fortes. Nesse caso, toma-se a noção de tema como uma noção sintática, ou seja, na relação tema-rema, da perspectiva funcionalista da frase. O seguinte exemplo de Pause (1984: 44) pode mostrar isso:

(1) *Pelas 23.59 h apareceu no horizonte um objeto luminoso e grande voando em direção sul que deixava uma pista em ziguezague. Então, de repente, esse objeto mudou para o leste sendo que o traço por ele deixado assumiu a forma de uma foice. ...*

Para a solução da anáfora ele ter-se-ia dois candidatos neste caso:

(a) *objeto luminoso*
(b) *leste*.

No entanto, o seu antecedente é tido como sendo "objeto", embora "leste" esteja mais próximo. O papel temático do antecedente lhe confere um *status* especial. Os fatores ou princípios acima enunciados levam a postular que a reconstrução do antecedente para um elemento anafórico com antecedente explícito considera uma série de informações do tipo:

(1) informações morfológicas (congruência entre o antecedente e o elemento pronominal)
(2) informações sintáticas (função e posição sintática das expressões)
(3) informações semânticas (o papel do referente)
(4) informações temáticas (o tema de uma frase ou de um texto)
(5) informações de conteúdo textual (o que já se informou sobre um referente pronominalizado)
(6) informações lexicais (informações de sentido que o próprio lexema traz consigo)
(7) informações enciclopédicas (conhecimentos do indivíduo, expectativas que uma informação traz consigo, inferências possíveis etc.)

Vejamos agora o quadro da coesão seqüencial neste gráfico:

COESÃO SEQÜENCIAL

seqüenciação parafrástica

- repetição lexical
- paralelismos
- paráfrases
- recorrência de tempo verbal

seqüenciação frástica

- progressão temática
- encadeamento por justaposição
  - a) marcadores espaciais
  - b) marcadores conversacionais
- encadeamento por conexões
  - a) relações lógico-semânticas
  - b) relações argumentativas

Como se sabe, este tipo de coesividade, muito trabalhado em sala de aula, funda-se de modo especial no estudo dos conectivos, mas ele é muito mais rico do que isso. Não vamos nos dedicar em detalhe a esse respeito. Vejamos apenas alguns desmembramentos para a seqüenciação conectiva que pode ser vista neste outro gráfico:

ESQUEMA DOS PROCESSOS DE COESÃO CONECTIVA

OPERADORES ARGUMENTATIVOS

1. Oposição – *mas, porém, contudo*
2. Causa – *porque, pois, já que*
3. Fim – *para, com o propósito de*
4. Condição – *se, a menos que, desde que*
5. Conclusão – *logo, assim, portanto*
6. Adição – *e, bem como, também*
7. Disjunção – *ou*
8. Exclusão – *nem*
9. Comparação – *mais do que, menos do que*

etc.

OPERADORES ORGANIZACIONAIS

A – de espaço e tempo textual
- *em primeiro lugar, em 2º lugar*
- *como veremos, como vimos*
- *neste ponto, aqui na 1ª parte*
- *no próximo capítulo*

B – metalingüísticos
- *por exemplo, isto é, ou seja,*
- *quer dizer, por outro lado,*
- *repetindo, em outras palavras*
- *com base nisso, segundo fulano etc.*

Não nos dedicaremos a uma exploração deste quadro, mas isso pode ser visto nos trabalhos aqui já citados de Ingedore Koch (1989).

Como se viu até aqui com algum detalhamento, os mecanismos da coesão dão conta da estruturação da seqüência superficial do texto (seja por recursos conectivos ou referenciais); não são simplesmente princípios sintáticos e sim uma espécie de semântica da sintaxe textual, onde se analisa como as

pessoas usam os padrões formais para transmitir conhecimentos e produzir sentidos com recursos lingüísticos.

Há, pois, certos fenômenos sintáticos que se formam ou se dão na relação entre os enunciados (relações inter-sentenciais) que independem da correção individual de cada um dos enunciados em si. Esse tipo de dependência que se cria nas séries de seqüências a que chamamos textos vai permitir e exigir novos padrões frasais, de modo que as próprias noções de corretude, incorretude e aceitabilidade, entre outras, têm que ser revistas.

A reflexão sobre coesividade não tem sido mais feita de maneira sistemática nos últimos estudos de LT porque este aspecto deu lugar aos trabalhos sobre os processos de referenciação, que passaram a representar a fusão dos processos de textualização.

1.10.2. Coerência

Para Beaugrande (1980: 19), a coerência subsume os procedimentos pelos quais os elementos do conhecimento são ativados, tais como a conexão conceitual. A coerência representa a análise do esforço para a continuidade da experiência humana. Isto significa que há uma distinção bastante clara entre a coesão como a *continuidade baseada na forma* e a coerência como a *continuidade baseada no sentido*. Trata-se de duas formas de observar a textualidade. São, a rigor, os dois aspectos que mais ocuparam os lingüistas de texto até hoje. Mas as posições a esse respeito têm mudado muito desde os anos 60 do século XX.

Na verdade, sabemos muitas coisas que não são ditas, mas que usamos na hora de interpretar um texto. Assim, por exemplo, é o caso da herança de propriedades que um elemento traz para dentro do texto quando ativado no conjunto das informações. Tenha-se em mente aqui os textos citados de Josias de Souza, "Brasil do B", e de Ricardo Ramos, "Circuito fechado", para entender melhor esse aspecto.

Suponhamos que um texto trate de uma narrativa sobre animais selvagens. É evidente que muitas propriedades dos animais selvagens e muitas de suas ações típicas não são aventadas no texto como tal, mas podem fazer parte integrante do conjunto de representações ativadas para organizar o sentido global do texto e sua coerência. Assim é que funciona a língua enquanto modelo para compreensão da realidade e organização dos sentidos. A língua não

é um depósito de conhecimentos, mas é um guia que permite elaborar caminhos cognitivos nas atividades lingüísticas.

Postula-se, aqui, que as relações que possibilitam a continuidade textual e semântico-cognitiva (coesividade e coerência) não se esgotam nas propriedades léxico-gramaticais imanentes à língua enquanto código. Isto exigirá uma noção de língua que ultrapasse esse patamar e siga o que já expusemos inicialmente sobre a questão. Embora tais relações léxico-gramaticais continuem cruciais, requerem-se, ainda, atividades lingüísticas, cognitivas e interacionais integradas e convergentes que permitam a construção de sentidos partilhados, ou pelo menos dêem pistas para seu acesso.

Veja-se o caso do poema que serve de epígrafe ao capítulo 10 de *Lutar com palavras*, livro de Irandé Antunes sobre a coesão textual[25], que trata da "*coesão e coerência*". Eis a magnífica passagem:

Subi a porta e fechei a escada.
Tirei minhas orações e recitei meus sapatos.
Desliguei a cama e deitei-me na luz

Tudo porque
Ele me deu um beijo de boa noite...
(Autor anônimo)

Após introduzir esse poema, a autora se indaga, logo no início do capítulo:

> Seria esse texto incoerente? É possível descobrir nele alguma ponta de sentido? Melhor dizendo, é possível recuperar alguma unidade de sentido ou de intenção? Serve para "dizer" alguma coisa? Se serve, como encarar o fato de as palavras estarem numa arrumação linear que resulta sem sentido? A porta sobe? A gente fecha a escada? A gente tira as orações e recita os sapatos? A gente desliga a cama e se deita na luz?

Não há dúvida de que o texto é coerente, mas em virtude de nossos conhecimentos e não em virtude do que está em sua imanência informacional.

Para Charolles (1983)[26], a coerência pode ser vista como "*um princípio da interpretação do discurso*" e das ações humanas de modo geral. Ela é o

25. Irandé Antunes (2005). *Lutar com palavras — coesão e coerência*. São Paulo: Parábola Editorial, p. 174.
26. Michel Charolles (1983). Coherence as a Principle in the Interpretation of Discourse. *Text* 3 (1983):71-97.

resultado de uma série de atos de enunciação que se encadeiam sucessivamente e que formam um conjunto compreensível como um todo. Para Charolles, somente uma análise de processos permite tratar a coerência. Seguramente, a coerência é em boa parte uma atividade realizada pelo receptor de um texto que atua sobre a proposta do autor. E, nesse afã, o receptor segue as pistas (deixadas pelo autor nas operações de coesão textual) como primeiros indicadores interpretativos. De todo modo, a coerência é uma atividade interpretativa e não uma propriedade imanente ao texto. Liga-se, pois a atividades cognitivas e não ao código apenas.

A coerência é, sobretudo, uma relação de sentido que se manifesta entre os enunciados, em geral de maneira global e não localizada. Na verdade, a coerência providencia a continuidade de sentido no texto e a ligação dos próprios tópicos discursivos. Não é observável como fenômeno empírico, mas se dá por razões conceituais, cognitivas, pragmáticas e outras. (Para maiores detalhes, cf. Koch/Travaglia, 1989 e 1990; Marcuschi, 1983; Koch, 2000).

A coerência, segundo observam Beaugrande/Dressler (1981),

> diz respeito ao modo como os componentes do universo textual, ou seja, os conceitos e relações subjacentes ao texto de superfície são mutuamente acessíveis e relevantes entre si, entrando numa configuração veiculadora de sentidos.

Relações de coerência são relações de sentido e se estabelecem de várias maneiras. Por exemplo, na seqüência de dois enunciados, sendo que um deles pode ser tomado como causa e outro como conseqüência. Ou então um é interpretado em função do outro. Suponhamos que alguém diga o seguinte a respeito de seus vizinhos à meia-noite:

— *Meus vizinhos devem ter saído porque a televisão ainda está ligada e as luzes da varanda estão acesas.*

Certamente, o autor dessa seqüência não está querendo sugerir uma relação de causa e efeito entre a televisão ligada, a luz acesa e a ausência dos vizinhos. O que ele está sugerindo é que as luzes acesas e a televisão ligada são um indício de que os vizinhos saíram. Pois ele sabe que quando os vizinhos estão em casa isso não acontece àquela hora e que quando saem, os vizinhos costumam agir daquele modo. A sugestão de coerência entre os enunciados e o bom uso daquele "porque" funda-se num conhecimento pessoal do enunciador daquela seqüência e não numa relação semântica entre os enunciados seqüenciados.

Esta é uma situação muito comum no dia-a-dia. É também o que vimos acima no conto "Circuito fechado", de Ricardo Ramos e no artigo de opinião de Josias de Souza.

É importante, no entanto, ter claro que as relações de coerência devem ser concebidas como uma entidade cognitiva. Isto faz com que essas relações em geral não estejam marcadas na superfície textual e que não tenham algum tipo de explicitude imediatamente visível.

Pode ser até mesmo um ponto de vista do leitor que estabelece a coerência. Assim, a coerência não é uma propriedade empírica do texto em si (não se pode apontar para coerência), mas ela é um trabalho do leitor sobre as possibilidades interpretativas do texto. É claro que o texto deve permitir o acesso à coerência, pois, do contrário, não haveria possibilidade de entendimento.

É importante frisar que a coerência é um aspecto fundante da textualidade e não resultante dela. É assim que a coerência está muito mais na mente do leitor e no ponto de vista do receptor do texto que no interior das formas textuais. Mas essa questão deve ser vista com cautela para não introduzirmos aqui um fator de subjetividade que venha a mascarar todo o processo de produção textual. A coerência não depende de um voluntarismo do sujeito individual. E aqui devemos lembrar a noção de *sujeito* tal como a definimos ao longo deste trabalho. O sujeito é histórico e social, acha-se inserido em contextos mais amplos que ele próprio e não tem domínio pleno do autor e do texto. O sujeito-leitor está submetido a uma série de condicionamentos e não tem consciência de todos eles. Assim, a coerência é também fruto de domínios discursivos dos quais procede o texto em questão. Seria equivocado analisar apenas o texto em si mesmo e na sua imanência para tratar a coerência.

Existem, com certeza, situações que independem da perspectiva do leitor para se identificar a falta de coerência numa seqüência, como o caso do indivíduo que "*estava nu, de mãos no bolso, contemplando o sol da meia-noite no interior de um forno microondas*". Mas isso não passa de uma brincadeira.

Segundo muito bem observou Fonseca (1992: 35), há autores que consideram a coerência como coerência temática, no estilo das teorias dos mentores da Escola de Praga e que têm na continuidade temática a garantia da unidade textual. O campo temático tem uma centralidade muito grande nessa forma de ver a questão, contudo, a coerência se dá num âmbito muito maior do que na relação de enunciado a enunciado. A coerência busca organizar o núcleo em torno do qual giram os enunciados textuais.

Isso quer dizer que a coerência não se dá como um movimento sucessivo de enunciado para enunciado e numa relação de elemento para elemento. Ela é uma função que em muitos casos se dá globalmente e tem uma realização holística. A coerência não é uma realização local, mas global, embora possa ter, em muitos casos, um desenvolvimento local. Nisso ela se distingue de forma clara da coesão textual.

Outra perspectiva é tomar essa mesma continuidade tópica (que gera coerência) designando-a, como o fazem os estruturalistas franceses, especialmente Greimas, de isotopia[27]. A isotopia funda-se tanto na continuidade do conteúdo quanto numa ordenação léxica estruturada em torno de um espaço mental criado por um item lexical ou uma seqüência lexical. Pode dar-se também como fixação de uma orientação intencional global pretendida pelo autor e que permite ao leitor uma interpretação nessa perspectiva. As piadas têm esse tipo de coerência que se dá com base em disfunções.

Há, no entanto, um funcionamento da isotopia já no nível do enunciado ou das relações imediatas dos elementos lexicais. Veja-se este exemplo:

— *A atriz beijou o namorado acaloradamente.*

Sabemos que [atriz] é um ser vivo e pode praticar ações do tipo [beijar] que, em geral, são ações de seres vivos. Assim, ao se dizer que "*a atriz beijou...*" se está produzindo uma predicação isotopicamente adequada. Já não ocorreria o mesmo se disséssemos:

— *A pedra-pomes beijou o namorado acaloradamente.*

Pois neste caso não haveria congruência semântica, já que se estaria predicando entre classes de semas diversos. Isto só seria adequado em condições especiais e com um uso metafórico (para maiores detalhes sobre a isotopia, cf. Maingueneau, 1996: 53-56).

---

27. Tal como lembra o verbete sobre "***isotopia***" no *Dicionário de análise do discurso* (P. Charaudeau e D. Maingueneau, 2004:292-294), a noção de ***isotopia*** foi introduzida por Greimas na semântica e diz respeito aos "procedimentos que concorrem para a *coerência* de uma *seqüência discursiva ou de uma mensagem*. Fundada na *redundância* de um mesmo traço no desenvolvimento dos enunciados, tal coerência diz respeito principalmente à organização semântica do discurso". A isotopia é um eixo semântico que permite criar efeitos de coerência. "Ela resulta, antes de mais nada, da 'iteratividade, ao longo de uma cadeia sintagmática, de **calssemas** [traços semânticos contextuais] que asseguram ao discurso sua *homogeneidade*" (p. 292). Pode-se dizer que "no plano funcional, a coerência discursiva produzida pela isotopia condiciona a *lisibilidade dos textos*." Por outro lado, "do ponto de vista do enunciatário, a isotopia constitui uma grade de leitura que torna homogênea a superfície do texto, já que ela permite eliminar as ambigüidades" (p. 293).

O mais comum é usar a isotopia como critério para a observação semântica de textos completos e não de simples enunciados. Veja-se aqui o exemplo trazido por Fiorin (1989: 82) para mostrar que a isotopia se dá como a recorrência de um traço semântico comum no texto e que orienta a leitura e a compreensão, tal como lembrado na nota 28 abaixo.

Este exemplo é útil para revelar uma visão fundada nos traços lingüísticos e evidenciar o quanto a noção de isotopia é de caráter estrutural.

Certa vez uma família inglesa foi passar as férias na Alemanha. No decorrer de um passeio, as pessoas da família viram uma casa de campo que lhes pareceu boa para passar as férias de verão. Foram falar com o proprietário da casa, um pastor alemão, e combinaram alugá-la no verão seguinte.

De volta à Inglaterra, discutiram muito acerca da planta da casa. De repente, a senhora lembrou-se de não ter visto o W.C. Conforme o sentido prático dos ingleses, escreveu imediatamente para confirmar tal detalhe. A carta foi escrita assim:

> Gentil Pastor.
>
> Sou membro da família inglesa que o visitou há pouco com a finalidade de alugar sua propriedade no próximo verão. Como esquecemos um detalhe muito importante, agradeceria se nos informasse onde se encontra o W.C.

O pastor alemão, não compreendendo o significado da abreviatura W.C. e julgando tratar-se da capela da religião inglesa White Chapel, respondeu nos seguintes termos:

> Gentil Senhora.
>
> Tenho o prazer de comunicar-lhe que o local de seu interesse fica a 12 km da casa. É muito cômodo, sobretudo se se tem o hábito de ir lá freqüentemente; nesse caso, é preferível levar comida para passar lá o dia inteiro. Alguns vão a pé, outros de bicicleta. Há lugar para quatrocentas pessoas sentadas e cem em pé; recomenda-se chegar cedo para arrumar lugar sentado, pois os assentos são de veludo. As crianças sentam-se ao lado dos adultos e todos cantam em coro. Na entrada é distribuída uma folha de papel para cada um; no entanto, se chegar depois da distribuição, pode-se usar a folha do vizinho ao lado. Tal folha deve ser restituída à saída para poder ser usada durante um mês. Existem amplificadores de som. Tudo o que se recolhe é para as crianças pobres da região. Fotógrafos especiais tiram fotografias para os jornais da cidade a fim de que todos possam ver seus semelhantes no desempenho de um dever tão humano.

Embora esta seja uma peça de humor, tudo se dá em função de um deslocamento semântico que contaminou a narrativa inteira e, em conseqüência, o sentido geral do texto. Não há dúvida de que esse sentido já se achava

de algum modo inscrito no texto e não foi introduzido aleatoriamente pelo intérprete da carta. Segundo observa Fiorin, houve um deslocamento da

isotopia da higiene para a
isotopia do culto,

originando assim uma sobreposição de isotopias. A leitura é feita com base em dois planos semânticos distintos e na sua contraposição. Uma espécie de sobreposição isotópica atuando simultaneamente.

As isotopias têm uma grande semelhança com o que se designa como *frames* (enquadres cognitivos) ou esquemas cognitivos gerais que controlam toda a estrutura cognitiva do texto e as relações intertextuais. A rigor, nessa perspectiva, não são propriamente as regras gramaticais que entram em ação para constituição da textualidade e sim os processos cognitivos.

É tendo em mente precisamente questões dessa natureza que Fonseca (1992: 35) defende que "a totalidade de significação intendida pelo locutor representa o grande princípio da construção do texto". Isto que dizer que a coerência seria uma espécie de princípio global de interpretação e não localizado.

Se a coerência é uma articulação de vários planos do texto e ocorre como um "complexo de interdependências" realizado verticalmente (pela intenção comunicativa global unificadora) e horizontalmente (inter-relação entre enunciados seqüenciados), o texto é de fato uma articulação em dois níveis. Mas isto é uma visão também redutora na medida em que terá dificuldade de integrar a interação entre produtor e receptor, já que não prevê, no modelo, o lugar da cooperação.

Como se nota, os dois princípios básicos da coerência, na posição teórica de Fonseca, são os seguintes:

i. não-contradição: que permite a diversidade dentro de esquemas de compatibilidade definida pela pertinência nas relações de implicação lógica, seqüência temporal, inclusão etc. (ordem e causalidade);
ii. não-tautologia: que providencia a continuidade textual, ou seja, a progressão temática trazendo conteúdos novos integrados.

Vejo dois problemas nessa posição: primeiro, em ambos os princípios, contemplam-se apenas as relações lógico-semânticas, sem a menor atenção para os papéis interacionais e as negociações entre os interlocutores; segundo, apesar de o princípio (ii) dar a entender que a redundância e a repetição estariam aqui eliminadas, isto não ocorre, pois elas servem a certos propósitos específicos que devem ser analisados em cada momento em que ocorrem.

Com base na intencionalidade, costuma-se dizer que um ato de fala, um enunciado, um texto são produzidos com um objetivo, uma finalidade que deve ser captada pelo leitor. Como se nota, se essa posição não chega a decidir uma primazia do autor, isto já desloca todos os princípios da dialogicidade para um plano de subjetividade inaceitável. Por isso mesmo, deve-se ter cautela com a questão da intencionalidade que não costuma ser trabalhada nos textos.

É difícil identificar a intencionalidade porque não se sabe ao certo o que observar. Também não se sabe se ela se deve ao autor ou ao leitor, pois ambos têm intenções. Mas o problema fica ainda maior quando queremos analisar a intencionalidade como um critério da textualidade. Seria mais conveniente vê-la integrada no plano global do texto e nos processos produtores de coerência.

O problema maior no caso da intencionalidade acha-se no conceito de sujeito que ela subentende. Tudo se passa como se o sujeito fosse dono do conteúdo e como se ele fosse uma fonte independente e a-histórica. Isto é impossível e não estaria em consonância com o que já postulamos aqui sobre a questão.

Em uma análise desse princípio, Fávero (1986) lembra que a intencionalidade serve para manifestar a ação discursiva pretendida pelo autor do texto. Portanto:

> a intencionalidade, no sentido estrito, é a intenção do locutor de produzir uma manifestação lingüística coesiva e coerente, ainda que essa intenção nem sempre se realize na sua totalidade, especialmente na conversação usual.

Certamente, cabe aqui lembrar, como o faz Fávero, que o princípio de cooperação com suas quatro máximas conversacionais, tal como propostas por Grice (1975), são uma boa forma de analisar como opera a intencionalidade num texto. A intencionalidade, sobretudo no caso de funcionar na perspectiva das implicaturas, é uma forma indireta de se dizer o que se quer num texto e é responsável por boa parte de implicitude. Mas não esqueçamos que a intencionalidade em Grice (1975) não é o mesmo que a intencionalidade de Austin ou de Searle.

1.10.4. Aceitabilidade

Como vimos há pouco, a aceitabilidade diz respeito à atitude do receptor do texto (é um critério centrado no alocutário), que recebe o texto como uma configuração aceitável, tendo-o como coerente e coeso, ou seja, interpretável e

significativo. Permite um certo grau de tolerância, além do qual o texto não seria sequer inteligível. O problema da aceitabilidade é definir os seus limites: são eles por parte do sistema, da plausibilidade cognitiva ou da situacionalidade? Nesse caso, esse princípio é redundante com o de situacionalidade.

É importante não confundir essa noção de aceitabilidade enquanto critério da textualidade com o mesmo termo usado na gramática gerativa. Pois o texto diz respeito ao sistema da língua atualizado e não a um sistema virtual. A rigor, um texto pode ser aceitável, embora alguns de seus enunciados violem a gramaticalidade em sentido estrito. A aceitabilidade no gerativismo se dá no plano estrito das formas e da semântica enquanto tal. Assim, uma seqüência como:

— *Hoje levantei cedo e tomei um banho, um café e um táxi para a universidade.*

Seria um enunciado mal-formado e inaceitável do ponto de vista gramatical por violar uma relação de papéis temáticos. Mas em certos contextos e para finalidades específicas, este enunciado é aceitável. A aceitabilidade de que trata a LT não se reduz ao plano das formas e sim se estende ao plano do sentido.

A aceitabilidade, enquanto critério da textualidade, parece ligar-se a noções pragmáticas e ter uma estreita interação com a intencionalidade, como lembrou Beaugrande (1997: 14).

A aceitabilidade se dá na medida direta das pretensões do próprio autor, que sugere ao seu leitor alternativas estilísticas ou gramaticais que buscam efeitos especiais. Com isto, vê-se que as relações entre aceitabilidade e gramaticalidade são muito complexas. Se tomarmos, por exemplo, as obras de Guimarães Rosa, vamos observar que muitos de seus textos contêm enunciados que sob o ponto de vista da gramática oferecem resistência, contudo, são plenamente aceitáveis na obra. Também na fala temos produções que beiram a agramaticalidade, mas nem por isso deixam de ser aceitáveis e inteligíveis por seus ouvintes.

1.10.5. Situacionalidade

O critério da situacionalidade refere-se ao fato de relacionarmos o evento textual à situação (social, cultural, ambiente etc.) em que ele ocorre (cf. Beaugrande, 1997: 15). A situacionalidade não só serve para interpretar e relacionar o texto ao seu contexto interpretativo, mas também para orientar a própria produção. A situacionalidade é um critério estratégico.

Tomemos o caso de alguém que quer falar ao telefone: essa situação exigirá uma série de ações mais ou menos consolidadas e que vão constituir o gênero *telefonema*. Haverá a chamada, as identificações e os cumprimentos mútuos, a abordagem de um tema, ou vários, e as despedidas. Assim será com qualquer outro texto, por exemplo, uma *ata de condomínio* e até mesmo uma *redação escolar*, que exigirão determinados requisitos situacionalmente definidos. Em certo sentido, todo o texto conserva em si traços da situação a que se refere ou na qual deve operar. A SITUACIONALIDADE PODE SER VISTA COMO UM CRITÉRIO DE ADEQUAÇÃO TEXTUAL.

Este princípio diz respeito aos fatores que tornam um texto relevante numa dada situação, pois o texto figura como uma ação dentro de uma situação controlada e orientada. A rigor, a situacionalidade é dada já pelo simples fato de que o texto é uma unidade em funcionamento.

Em sentido estrito, o critério da situacionalidade é supérfluo, pois por natureza, já se admite que todo sentido é sentido situado. Não há produção de sentido a não ser em contextos de uso. E a categoria do uso (o usual) em boa medida deveria determinar os aspectos definidores da situacionalidade.

Também é bom ter presente que situacionalidade não pode ser simplesmente confundida com contextualidade. A noção de contexto é um dos aspectos centrais da construção da situacionalidade, mas se distingue dela.

Por outro lado, em sentido estrito, poderíamos dizer que a situacionalidade é uma forma particular de o texto se adequar tanto a seus contextos como a seus usuários. Se um texto não cumprir os requisitos de situacionalidade, não poderá se "ancorar" em contextos de interpretação possíveis, o que o torna pouco proveitoso.

Sob vários pontos de vista, a situacionalidade não forma um princípio autônomo, na medida em que é em muitos casos um aspecto de outros critérios. No fundo se trata de um critério redundante quando visto isoladamente.

1.10.6. Intertextualidade

Este critério subsume as relações entre um dado texto e os outros textos relevantes encontrados em experiências anteriores, com ou sem mediação. Há hoje um consenso quanto ao fato de se admitir que todos os textos comungam com outros textos, ou seja, não existem textos que não mantenham algum aspecto intertextual, pois nenhum texto se acha isolado e solitário.

Pode-se dizer que a intertextualidade[28] é uma "*propriedade constitutiva de qualquer texto* e o conjunto das *relações* explícitas ou implícitas *que um texto ou um grupo de textos determinado* mantém com outros textos" (*Dicionário de análise do discurso*, 2004: 288). Essa noção entrou primeiro no estudo da literatura e depois estendeu-se para o tratamento do texto em geral. G. Genette (1982: 8) usa a expressão '*transtextualidade*' para designar o fenômeno de modo mais amplo e distingue os seguintes tipos de relações *transtextuais* (cf. *Dicionário de análise do discurso*, 2004, p. 289):

- a intertextualidade, que supõe a presença de um texto *em outro* (por citação, alusão etc.);
- a paratextualidade, que diz respeito ao *entorno* do texto propriamente dito, sua periferia (títulos, prefácios, ilustrações, encarte etc.);
- a metatextualidade, que se refere à relação de *comentário* de um texto por outro;
- a arquitextualidade, bastante mais abstrata, que põe um texto em relação com as diversas *classes* às quais ele pertence (tal poema de Baudelaire se encontra em relação de arquitextualidade com a classe dos sonetos, com a das obras simbolistas, com a dos poemas, com a das obras líricas etc.);
- a hipertextualidade, que recobre fenômenos como a paródia, o pastiche etc.

Maingueneau (1984: 83) distingue entre *intertextualidade* e *intertexto*, dizendo que o intertexto seriam os fragmentos discursivos que aparecem e a intertextualidade seria o princípio geral que rege as formas de isso ocorrer, isto é, as regras do intertexto se manifestar, que podem ser diversas na literatura, na ciência, na religião etc. Além disso, o autor distingue entre uma intertextualidade interna (entre discursos do mesmo campo discursivo) e uma intertextualidade externa (entre discursos de campos discursivos diversos, por exemplo, entre o campo discursivo da teologia e da ciência).

A intertextualidade é um fator importante para o estabelecimento dos tipos e gêneros de texto na medida em que os relaciona e os distingue. Na realidade, isso seria uma relação como a de arquitextualidade de Genette.

---

28. A questão da *intertextualidade* é relativamente complexa e a ela se ligam muitos termos que podem ser proveitosamente consultados no *Dicionário de análise do discurso*, tais como: ***aspas***; ***dialogismo***; ***discurso citado***; ***interdiscurso***; ***metacomunicação***; ***metadiscurso***; ***polifonia***, além dos tratados nessas breves notas. Deve-se, no entanto, ter algum cuidado, pois polifonia e intertextualidade não se equivalem.

Numa proveitosa reflexão sobre a intertextualidade e sua relação com a polifonia, Koch (1991: 529-541) lembra uma passagem de Barthes (1974) quando este afirma que "*todo texto é um intertexto; outros textos estão presentes nele, em níveis variáveis, sob formas mais ou menos reconhecíveis*". Nesse caso, todos os textos teriam uma configuração heterogênea. Para Barthes, "o intertexto é um campo geral de fórmulas anônimas, cuja origem raramente é recuperável, de citações inconscientes ou automáticas, feitas sem aspas".

Segundo Koch (1991: 530), num sentido amplo, a intertextualidade é uma "condição de existência do próprio discurso" e pode equivaler à noção de interdiscursividade ou heterogeneidade. Um discurso remete a outro e tudo se dá como se o que se tem a dizer trouxesse pelo menos em parte um já dito.

Para Maingueneau, o "intertexto é um componente decisivo das condições de produção discursiva". Daí a lembrança de Koch, que cita Kristeva (a introdutora da noção de intertextualidade), quando esta afirma: "Qualquer texto se constrói como um mosaico de citações e é a absorção e transformação de um outro texto".

Sob um ponto de vista estrito, observa Koch (1991: 532) que a intertextualidade seria "a relação de um texto com outros textos previamente existentes, isto é, efetivamente produzidos".

Trata-se, pois, da presença de partes de textos prévios dentro de um texto atual. Dentre as várias modalidades desse tipo de intertextualidade, Koch destaca, entre outras, as seguintes:

a) intertextualidade de forma e conteúdo: quando alguém utiliza, por exemplo, determinado gênero textual tal como a epopéia em um outro contexto não épico só para obter um efeito de sentido especial;
b) intertextualidade explícita: como no caso de citações, discursos diretos, referência documentadas com a fonte, resumos, resenhas;
c) intertextualidade com textos próprios, alheios ou genéricos: alguém pode muito bem situar-se numa relação consigo mesmo e aludir a seus textos, bem como citar textos sem autoria específica como os provérbios etc.

A intertextualidade colabora com a coerência textual. É hoje estudada detidamente porque tem importância fundamental ao relacionar discursos entre si.

No contexto da intertextualidade, também se costuma tratar do que Authier-Revuz (1982) chamou de heterogeneidade mostrada e heterogenei-

dade constitutiva. Pode-se dizer que se trata do problema da presença de discursos "outros" num dado discurso que vem de outras fontes enunciativas identificáveis ou não (o que equivale ao tema da intertextualidade). Vejamos alguns aspectos da questão:

- *Heterogeneidade mostrada*: presença de um discurso em outro discurso de modo localizável e identificável. Pode aparecer na forma não-marcada (discurso indireto, indireto livre, paráfrase, pastiche etc.) ou na forma marcada (discurso direto, com aspas ou alusão identificada etc.).
- *Heterogeneidade constitutiva*: quando o discurso é dominado pelo interdiscurso. É o surgimento de um diálogo interno e que não necessariamente vem do exterior. Assemelha-se ao dialogismo bakhtiniano. Constitui-se no debate com a alteridade.

O que se pode dizer é que a intertextualidade, mais do que um simples critério de textualidade, é também um princípio constitutivo que trata o texto como uma comunhão de discursos e não como algo isolado. E esse fato é relevante porque dá margem a que se façam interconexões dos mais variados tipos para a própria interpretação como no caso dos dois textos já comentados de Ricardo Ramos e Josias de Souza.

1.10.7. Informatividade

Seguramente, este critério é o mais óbvio de todos, pois se um texto é coerente é porque desenvolve algum tópico, ou seja, refere conteúdos. O essencial desse princípio é postular que num texto deve ser possível distinguir entre o que ele quer transmitir e o que é possível extrair dele, e o que não é pretendido. Ser informativo significa, pois, ser capaz de dirimir incertezas.

A rigor, a informatividade diz respeito ao grau de expectativa ou falta de expectativa, de conhecimento ou desconhecimento e mesmo incerteza do texto oferecido.

O certo é que ninguém produz textos para não dizer absolutamente nada. Contudo, não se pode confundir informação com conteúdo e sentido. A informação é um tipo de conteúdo apresentado ao leitor/ouvinte, mas não é algo óbvio. Perguntar pelos conteúdos de um texto não é o mesmo que perguntar pelas informações por ele trazidas. Assim, um ato de fala não é uma informa-

ção, mas um efeito de sentido produzido que percebemos como um dos conteúdos do texto. Mas este ato de fala, por exemplo, uma ofensa ou um xingamento, não se dá de forma direta ou informativa.

Portanto, informatividade é um critério bastante complexo e pouco específico. Não pode ser analisado como se fosse responsável por unidades informacionais. Nesse sentido, a informação de que trata este critério é algo necessariamente vago e não computacionalmente claro.

1.11 Avaliação dos sete critérios da textualidade

Vejamos neste momento, em síntese, alguns aspectos relativos aos sete critérios tratados até aqui. Segundo Beaugrande/Dressler (1981: 20), estes critérios podem ser assim observados:

a) dois deles são orientados pelo texto (coesão e coerência)
b) dois pelo aspecto psicológico (intencionalidade e aceitabilidade)
c) um pelo aspecto computacional (informatividade)
d) dois pelo aspecto sociodiscursivo (situacionalidade e intertextualidade).

Com isto, lembram os autores, temos quatro aspectos centrais sob os quais um texto pode ser observado:

1. língua;
2. cognição;
3. processamento;
4. sociedade.

Esses critérios não podem ser transformados em regras constitutivas de texto, tornando-os eficientes e adequados. Eles não são princípios de boa formação textual, como já foi sobejamente afirmado. O importante é observá-los como princípios de acesso ao sentido textual. E isso não é decidido pelos 'princípios', mas pela maneira como operamos com eles enquanto critérios.

Daí dizer-se, como Beaugrande (1997: 10), que o texto é um evento comunicativo em que convergem ações lingüísticas, cognitivas e sociais. O grande problema está em resolver essa convergência de maneira satisfatória e adequada.

1.12 Organização tópica

A noção de tópico continua problemática e pode ser entendida de acordo com os contextos teóricos em que é utilizada. Uma distinção usualmente feita nesse caso é entre tópico frasal (TF) e tópico discursivo (TD). O primeiro é de natureza sintática e se restringe ao nível da frase, tal como postulado inicialmente pela Escola de Praga na distinção hoje retomada por vários autores entre tema e rema. Essa noção funcional de tópico (equivalente ao tema), embora de cunho essencialmente semântico-pragmático, é de natureza sintática e em certo sentido equivale ao sujeito do enunciado, por ser aquilo sobre o qual se fala. Por exemplo, na frase:

— *Paulo comprou um livro.*

"*Paulo*" seria o tópico (tema), ou seja, o conhecido e sobre o qual se fala, "*comprou um livro*" seria o comentário (rema), ou seja, o novo, aquilo que se diz e se informa no enunciado. Contudo, o tópico frasal não se confunde com o sujeito sintático da frase e pode ser caracterizado pela entoação ou por um processo de alçamento chamado topicalização. Trata-se de uma visão em que forma e função são conjugadas no processo de linearização discursiva. Costuma-se, em outros contextos teóricos, distinguir entre tópico e comentário (Givón, Labov), o que equivale a uma distinção de caráter mais pragmático, assim como o par dado e novo (Chafe), de natureza mais cognitiva. Em todos os casos, trata-se de uma distinção sintática que faz uma ponte entre o semântico e o pragmático no âmbito da frase, por exemplo, tema-rema (Escola de Praga). Não é nessa linha que trabalhamos aqui o tópico, e sim na perspectiva do tópico discursivo.

Aspecto importante é que o tópico discursivo não é um dado *a priori*, mas uma construção realizada interativa e negociadamente. Assim, em qualquer interação verbal espontânea entre indivíduos em qualquer situação da vida diária, apesar de alguém sempre propor um tópico, esse alguém nunca terá a certeza de conduzir o tópico até o final por conta própria, pois sempre haverá que contar com a participação do outro. Quando se analisa o tópico discursivo, não se trata de uma simples análise de conteúdo, mas dos procedimentos para encadear os conteúdos. Os conteúdos, o "*aboutness*" de que falam Brown & Yule (1983), formam apenas a unidade ou o conjunto demarcado. Esse aspecto, tido como o processo de centração, constitui, ao lado de outros dois processos, a organicidade, e a delimitabilidade a base da noção do tópico discursivo.

Aqui, adoto a noção de tópico discursivo, designando com isso o tema discursivo, aquilo sobre o que se está falando num discurso (tal como sugerido por Brown & Yule, 1983), não necessariamente considerando a frase. Para esse tipo de tópico, a unidade é discursiva e não frasal. Aqui não se costuma distinguir entre tópico discursivo e outro pólo, como no caso das distinções anteriores. O tópico discursivo é levado adiante em porções maiores e se desenvolve nos processos enunciativos. No caso de uma interação face a face, por exemplo, ele é desenvolvido interativamente. Pode ser introduzido, desenvolvido, retirado, reintroduzido, reciclado ou abortado; ele é dinâmico e não estático.

A noção de tópico discursivo permite tratar de mais aspectos que a noção de tópico frasal, inclusive da continuidade-descontinuidade discursiva em termos mais globais e até mesmo a passagem de tópicos antigos para novos. Com a noção de tópico discursivo se pode dar conta de fenômenos tipicamente discursivos, tais como as interrupções ou as intenções fundadas em estratégias de manipulação tópica. O tópico discursivo não elimina a frase, mas considera-a sempre relacionada tanto a aspectos co-textuais como contextuais. Baseada em Chafe (1982), observa Mondada (1994: 45) que "o discurso procede constantemente por ativações e desativações". Do ponto de vista discursivo, uma informação ativada pode ser mantida mediante estratégias anafóricas (sejam elas pronominais ou nominais, entre outras) e com isso manter o tópico em andamento. Pode-se também manter um tópico ativo com outras estratégias, tais como entoação, seleções sintáticas ou construções paralelas, topicalizações e anáforas associativas.

Em relação a esses aspectos, o discurso oral e o escrito têm organização e desenvolvimento tópico relativamente diferenciados, tendo em vista suas condições de produção. A conversação, por exemplo, desenvolve a dinâmica tópica interativamente (sem um planejamento prévio e com monitoração local), ao passo que o texto escrito segue um processo enunciativo mais calculado, na base de suposições sociocognitivas e planejamento de maior alcance. Nisso residem algumas diferenças interessantes entre oralidade e escrita, tendo aqui o tempo e o espaço um papel importante, já que a oralidade se dá num tempo real e a escrita num tempo defasado (não só em relação à recepção, mas também em relação à produção). Isso já está sendo também reanalisado quando se trata da interação nos bate-papos na internet pela escrita.

Heinemann/Viehweger (1991: 32) incluem a Escola de Praga, que postulava a perspectiva funcional da frase entre as gramáticas de texto de natureza

estrutural. Trata-se do princípio de distribuição da informação na frase. Os dois termos básicos nesse modelo são os conhecidos:

— tema (que traz a informação sobre a qual é falado, ou seja, a informação dada);
— rema (que traz o que se diz sobre o tema, conhecida como informação nova).

Nesse caso, o tema traz a informação dada ou relativamente conhecida e o rema traz a informação relativamente nova ou desconhecida, tendo em vista o *status* informacional do fluxo comunicativo. Como a seqüência de tema-rema no texto não é constante e pode ser alterada, ela serve como meio de identificar estruturas de construção textual mediante o fluxo da informação que determina o dinamismo comunicativo do texto com base na progressão temática.

Num conhecido estudo sobre a questão, Daneš (1970)[29] analisou esse princípio de estruturação sintático-semântica do texto, detectando cinco estruturas básicas de progressão. Daneš postulava que é possível descrever a sintaxe textual (princípios lingüísticos da construção textual) com base na distribuição da comunicação no texto. Nem sempre o tema-rema se dá como uma posição na frase e às vezes trata-se de uma distribuição feita com o recurso da entoação ou então do artigo indefinido-definido. Portanto, tema-rema não são termos equivalentes a sujeito-complemento.

A relação tema-rema é hierárquica relativamente ao hipertema (tema central e geral). O desenvolvimento do tema pode receber cinco formas diversas de seqüenciação de acordo com a escolha que o autor fizer:

1. progressão linear simples (com uma tematização linear):

T1 → R1 ↓ T2(=R1) → R2 ↓ T3(=R2) → R3	A → B B → C C → D E	Ex: A fonologia estuda os fonemas de uma língua. Os fonemas são as unidades componenciais mínimas de qualquer sistema lingüístico. Todo sistema lingüístico tem pelo menos entre 20 e sessenta sons. Estes sons...

29. Neste caso sigo o texto de Daneš reproduzido em Dressler (org.) (1978). *Textlinguistik*, que leva por título "Zur linguistischen Analyse der Textstruktur" (pp. 185-192), que recebeu várias outras versões, já que o autor voltou à questão em várias oportunidades e isto constitui o cerne da **perspectiva funcionalista da frase** da Escola de Praga. Veja-se quanto a isso, Rodolfo Ilari (1992). *A perspectiva funcional da frase portuguesa*. 2ª ed. Campinas: Editora da Unincamp, 1992. A articulação tema-rema é o assunto central dessa obra.

2. progressão com um tema contínuo:

T1 → R1 T1 → R2 T1 → R3 T1 → R4	A → B A → C A → D A → E...	Ex: Os seres vivos habitam a Terra há milhares de anos. Seres vivos ainda não foram encontrados em outros planetas. Eles são uma forma superior de seres na natureza, mas estão ameaçados de desaparecer com o aumento da poluição humana.

3. progressão com tema derivado (temas que são derivados de um hipertema)

(T) ↓ T1 → R1 T2 → R2 ↓ T3 → R3	A ↙ ↘ A1 → B ↓ A3 → D ↓ A2 → C	Ex: Os animais dividem-se em várias classes. Os animais vertebrados são em geral os maiores fora d´água. Os animais marinhos são os maiores de todos. Já os insetos são os menores animais que a natureza tem.

4. progressão com um rema dividido (desenvolvimento com um duplo tema ou múltiplo)

T3 → R1 (= R1' + R1") ↓ T2' → R2' ↓ T2" → R2" ⋮	A → (= B1 + B2 + B3 + B4...) B1 → C B2 → D B3 → E B4 → F ...	Ex: O corpo humano divide-se em cabeça tronco e membros. A cabeça é uma parte muito especial por abrigar o cérebro. O tronco abriga a maioria dos órgãos vitais. Os membros servem para nosso contato com as coisas e manipulação direta dos objetos à nossa volta.

5. progressão com salto temático

T → R1 ↓ T2 → R2 ↓ → ⋮ T4 → R4	A → B B → C — — — F → G H → I	Ex: A polícia militar nos estados do Rio de Janeiro e em São Paulo foram mostradas em sua verdadeira face nos últimos dias de março deste ano. Nesta época, viu-se algo profundamente deprimente. Conta-se que há muitos anos atrás, quando ainda havia a escravidão, qualquer coisa que desagradasse ao senhor era tratada com violência e espancamento.

O próprio Daneš observa que em um texto como tal esses tipos não ocorrem puros na forma aqui proposta, mas que em geral eles aparecem misturados com o predomínio de uma dessas formas. Contudo, segundo se observou, uma aplicação desses princípios continua ainda pouco clara e de difícil operacionalização. Mas a idéia é importante por sugerir que os textos progridem em suas subunidades de maneira ordenada e não caótica. Há uma certa relação entre progressão informacional e plano textual.

Não esqueçamos que essas posições da Escola de Praga receberam outras versões bastante próximas e até mesmo independentes entre si. Assim é que podemos considerar os termos:

- tópico - comentário
- dado - novo
- figura - fundo

e outras dessas designações como "quase-sinônimas". Contudo, situam-se em contextos teóricos levemente distintos. Veja-se o caso de Chafe[30], por exemplo, que trabalha a questão dentro de um livro de semântica. Até hoje, Chafe não deixou de postular aquela posição.

Numa avaliação geral de todos esses modelos, Heinemann/Viehweger (1991: 35-36) observam:

(a) Todos esses modelos têm uma motivação gramatical. Partem do ponto de vista de que os textos estão estruturados à semelhança das frases. A novidade desses modelos é a substituição da gramática de frase por uma outra gramática de texto. Essa é uma tentativa que não poderia dar certo, pois não é possível imaginar que o texto tem estruturas similares às das frases.

(b) Os textos são concebidos como seqüências de frases que mantêm entre si uma estreita ligação coesiva. Essa coesividade vem marcada na superfície textual e garante a boa formação textual. Na verdade, esse é um postulado muito forte e a coesão não é uma condição nem necessária nem suficiente para a textualidade, como já vimos.

(c) Esses modelos postulam uma unidade referencial garantida pelo léxico, temporalidade e fluxo informacional.

Se, por um lado, essas perspectivas de abordagem textual são um ponto muito importante no tratamento do texto, essas gramáticas textuais constituem uma visão muito limitada e redutora do texto com um ponto de vista relativamente restrito. Seu caráter de estaticidade tira o dinamismo textual. Além disso, é relevante observar que esses modelos ignoram as relações existentes entre os produtores e receptores dos textos. Por fim, resta observar que os textos não são simples unidades gramaticais, e sim funcionais, com propriedades pragmáticas.

30. Refiro-me, aqui, especificamente a Wallace L. Chafe (1979). *Significado e estrutura semântica*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos. Especialmente o cap. 15 (pp. 218-241), que trata das "Informações novas e velhas".

1.13 Processo referencial

Hoje se admite que a questão referencial é central tanto na produção textual como na compreensão. E esse continua um capítulo dos menos desenvolvidos, sendo que mantém relação com várias outras questões como a continuidade tópica e o problema da coerência textual, incidindo ainda sobre a atividade inferencial. De uma maneira geral, pode-se distinguir, na tradição dos estudos semântico-discursivos, duas tendências básicas no tratamento da referência.

a) A primeira, mais antiga e ainda predominante nos estudos lógico-semânticos, é a que se funda numa concepção objetiva e realista de linguagem como transparente e referencialista (extensionalista), tendo por base uma visão instrumentalista de língua. Esta posição garante uma relação extensional entre linguagem e mundo e vem sendo postulada pelas teorias vericondicionais, entre outras.

b) A segunda posição postula uma noção de linguagem como atividade sociocognitiva em que a interação, a cultura, a experiência e aspectos situacionais interferem na determinação referencial. Esta posição não se confunde com o nominalismo.

De especial interesse no caso da perspectiva teórica (a), é a crença na possibilidade de dizer o mundo de forma objetiva, distinguindo rigidamente entre fatos e crenças. Além disso, essa perspectiva caracteriza-se por produzir teorias da compreensão e da produção textual em que, de um lado, está o texto com conteúdos objetivamente inscritos e, de outro, indivíduos que, em condições específicas, podem captar os conteúdos sem maiores problemas. Para esses autores, tanto a linguagem como o mundo estão previamente discretizados e podem ser correlacionados biunivocamente. A referência, seria, nesse caso, uma contraparte extramente para um conceito ou uma expressão lingüística. Os referentes, nessa teoria, são objetos do mundo e a atividade de referi-los é um processo de designação extensional.

Já no caso da posição (b), que toma a *língua como atividade* e postula o *texto como evento*, não se admite que os referentes sejam sistematicamente objetos do mundo, tendo em vista que se caracterizam como objetos de discurso, segundo largamente postulado, por exemplo, por Mondada (1994) e muitos outros. É nessa segunda posição que nos situamos para resolver a questão da relação entre processos referenciais (referenciação) e organização tópica (coerência) na atividade discursiva. Aqui os sentidos fundam-se numa atividade de interação e co-produção em que os conhecimentos partilhados têm

um papel crucial. A expressão *referenciação* é aqui usada no lugar de *referência*, já que esta última tem um caráter de relação pré-fabricada (à margem das condições de uso) entre o mundo e a linguagem. Tal como observa Mondada (1994: 17), ao se considerar a noção de

> objeto de discurso interessa ter em conta a imbricação das práticas cognitivas e sociais nas operações de referenciação, onde a referência é construída pela atividade enunciativa e orientada em primeiro lugar para a dimensão intersubjetiva no seio da qual ela é negociada, instaurada, modificada, ratificada.

Para a autora, como para nós, mais do que "a maneira como o texto faz referência a uma exterioridade", interessa "a maneira como os locutores concebem sua referência a uma exterioridade" (Mondada, 1994: 17). Isso significa que é essencialmente na interação (interpessoal ou com o texto) que se constrói o sentido. Na verdade, a referência é produzida na perspectiva do foco estabelecido. E quando o foco não é estabelecido com clareza, pode haver um desvio da focalização, o que acarreta também uma atribuição referencial inadequada. Segundo observam Moeschler & Reboul (1994: 350ss), uma expressão referencial só chega a sua referência concreta quando empregada num discurso. Caso contrário, sua significação lexical, de caráter lingüístico, não passará de uma referência virtual. Já no caso de termos como os pronomes e os dêiticos, que não têm referência virtual por não serem descritivamente autônomos, eles só chegam à referência concreta mediante outros indicadores. O exemplo (1) a seguir apresenta uma interessante situação discursiva para esclarecer esse processo de saturação referencial. Veja-se:

(1) F001 - telefonema

352 V: eu tava lá dentro...
353 mas sabe que eu não me servi de absolutamente nada a não ser uma coca-cola...
354 porque eu vi passando mas eu tava tão agoniada tão tensa sabe[...
355 B: [éh
356 V: mas diz que foi terrível né
357 porque os meios das cadeiras eram estreitas e não dava pra ele passá né
358 B: é... exato...
359 aí ficava um avanço
360 ficava uma coisa feia
361 quando vem pra cá vem chegando... "fica aqui espera aí que eu vô pegá um
362 pra mim"... Ø pegavam de dois três
363 V: nordestino é fogo viu
364 B: ave maria achei tão feio viu

Todos os que tiverem conhecimentos mínimos dos fatos envolvidos ou ouvirem a gravação completa do telefonema em questão identificam o referente de *ele* na linha 357 como sendo *o garçom*, embora o item não esteja lingüisticamente presente. No entanto, a falante referia-se ao indivíduo que estava servindo o coquetel. A questão é: como foi que o produtor daquele enunciado escolheu o gênero do pronome *ele*? Por uma predeterminação do referente implícito? Certamente que sim. Do mesmo modo, podemos interpretar a anáfora Ø na linha 362, que refere as pessoas presentes ao ato. Esse, no entanto, já é um caso um pouco mais complexo e exige a compreensão de um contexto um pouco maior. Mais complicada ainda fica a identificação do referente de "vô pegá um" na linha 361. Aquele indefinido um refere salgadinho ou docinho, isto é, os frios que estavam sendo servidos pelo garçom naquele coquetel. O curioso nesses três casos e em muitos outros do mesmo telefonema é que as falantes conseguem identificar com segurança o que estão querendo dizer e o que estão referindo.

Para a análise da relação entre referenciação e coerência[31], será essencial considerar que, numa perspectiva macro, um texto constrói-se e progride com base em dois processos gerais:

(1) *progressão referencial*
(2) *progressão tópica*.

Esclarecendo as relações de diferença e semelhança entre os dois processos, pode-se lembrar, *grosso modo*, que:

> *Progressão referencial* diz respeito à introdução, identificação, preservação, continuidade e retomada de referentes textuais, correspondendo *às estratégias de designação de referentes* e formando o que se pode denominar *cadeia referencial*.
>
> *Progressão tópica* diz respeito ao(s) assunto(s) ou tópico(s) discursivo(s) tratado(s) ao longo do texto.

Não há estudos detalhados relacionando esses dois aspectos. Mas, em princípio, eu não creio que sejam independentes, embora não sejam também biunívocos. Eles são co-determinados. Contudo, se a continuidade referencial serve de base para o desenvolvimento de um tópico, a presença de um tópico oferece tão-somente as condições possibilitadoras e preservadoras da continuidade referencial, mas não a garante. A progressão referencial se dá com

31. Este aspecto ainda não recebeu um tratamento adequado, pois é complexo e seguramente deverá ser objeto de intensos estudos proximamente.

base numa complexa relação entre linguagem, mundo e pensamento em interações realizadas no discurso. Nesse sentido, os referentes são aqui tomados como *objetos-de-discurso*. Além disso, sugere-se a necessidade de uma noção não-extensional de referência para dar conta do processo de referenciação textual. A *referenciação*, tal como a tratam Mondada e Dubois (1995), é um processo realizado no discurso e resultante da construção de referentes, de tal modo que a noção de *referência* passa a ter um uso diverso daquele que se lhe atribui na literatura semântica em geral. *Referir* não é uma atividade de "*etiquetar*" um mundo preexistente extensionalmente designado, mas sim uma *atividade discursiva* (essencialmente criativa), de tal modo que os *referentes* passam a ser *objetos-de-discurso*. Isso não quer dizer que se nega a existência do mundo extramental, pois este continua sendo a base para a designação.

Esse aspecto relativo aos objetos de discurso será aprofundado no momento em que nos dedicarmos ao problema da compreensão textual e aos processos de categorização.

Todas as questões tratadas nesta primeira parte devem retornar na segunda e em especial na terceira parte dessas análises. A seguir, vamos observar como os gêneros textuais se organizam e que tipo de seqüências eles desenvolvem. Na verdade, o que vamos perceber é que os gêneros textuais são poderosos instrumentos para organizar e desenvolver tanto formas textuais como processos de produção e compreensão. Eles são uma parte da atividade organizacional da sociedade, desde que os compreendemos como formas de ação social.

EXERCÍCIOS DA PRIMEIRA PARTE:
processos de produção textual

Tal como na parte anterior, relativa à visão histórica da lingüística no século XX, também aqui trazemos alguns exercícios para revisão geral e trabalho individual e coletivo. De preferência, estes exercícios deveriam ser realizados em equipe. Visam ao aprofundamento com leituras complementares. Seus resultados devem ser sempre debatidos em sala de aula.

Central seria um trabalho de pesquisa e levantamento permanente de termos-chave para a montagem de um glossário, cujas definições podem ser buscadas tanto neste manual como em dicionários e em outras fontes fornecidas no final da parte histórica. Isso é fundamental para que se domine a base terminológica de maneira mais técnica.

(a) GLOSSÁRIO SOBRE A QUESTÃO TEXTUAL: iniciar a montagem de um glossário para tratar do texto. Entre os termos mais importantes, estariam estes (que devem ser ampliados):

• anáfora	• isotopia
• catáfora	• língua
• coerência	• objeto de discurso
• coesão	• progressão referencial
• contexto	• referência
• co-referência	• sujeito
• co-texto	• tema-rema
• dado-novo	• texto
• dêitico	• tópico-comentário
• discurso	• tópico discursivo
• função	• tópico sentencial

(b) Analisar as concepções de língua encontráveis em pelo menos quatro teorias lingüísticas identificando-lhes as diferenças.

(c) Identificar as diversas definições de lingüística de texto e definições de texto nos dicionários de lingüística fazendo-lhes uma análise crítica.

(d) Identificar textos de gêneros variados e observar se os processos de coesividade são diferentes e em que diferem.

(e) Comparar o uso de anáforas em bulas de remédio, receitas culinárias, notícias de jornal, resenhas de livros e resumos de congressos.

(f) Identificar listas dos mais variados tipos e analisar os processos de referenciação tendo em vista seus usos sociais característicos.

(g) Tomar 10 coleções de livros didáticos do ensino fundamental e analisar os conceitos de língua e texto neles expostos ou identificar quais os conceitos deste tipo subjacentes aos mesmos.

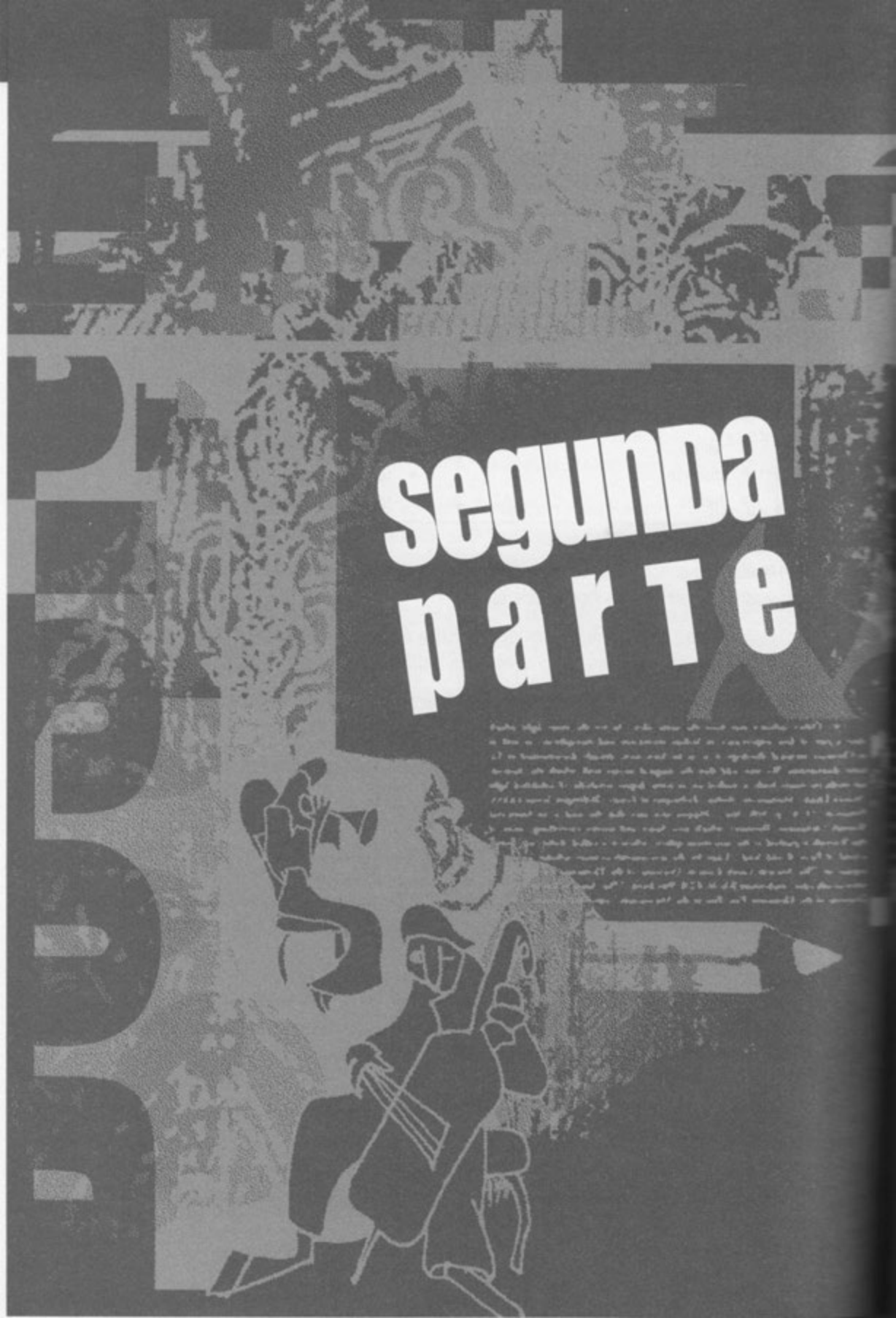
segunda
parte

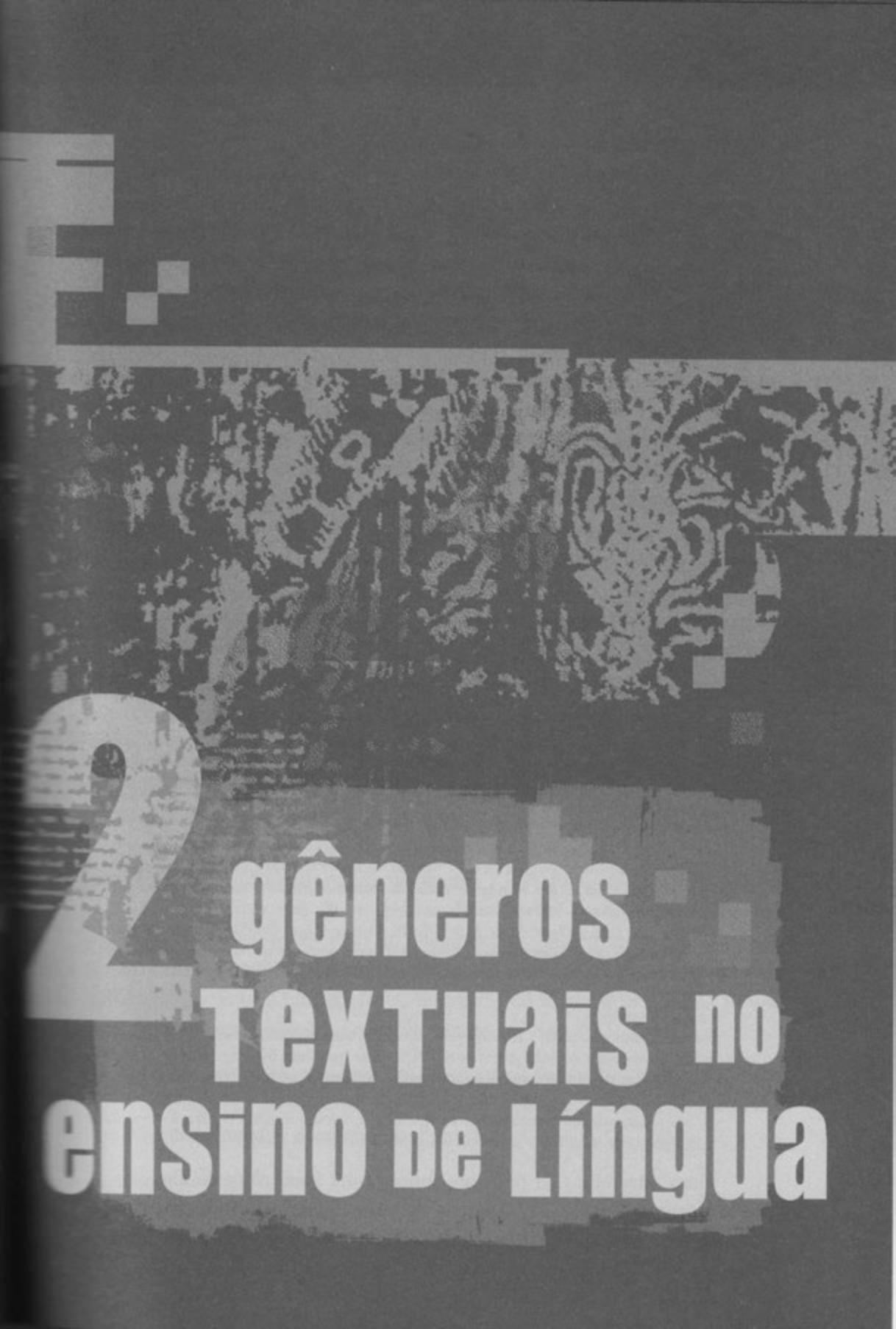

2 gêneros textuais no ensino de Língua

Nota prévia

É de impressionar a quantidade de livros, coletâneas, números temáticos de revistas e teses que surgiram nesses últimos anos em torno da questão dos gêneros textuais e seu 'ensino' no Brasil. Podemos afirmar que estamos presenciando uma espécie de '*explosão*' de estudos na área, a ponto de essa vertente de trabalho ter-se tornado uma moda. A qualidade dos trabalhos é muito variada e não se pode esquecer que muita coisa publicada é de grande valiosidade, mas boa parte é repetitiva e pouco proveitosa. Não é possível fazer justiça a essa produção em uma abordagem tão breve como esta. Mas é conveniente saber de sua existência. Da produção mais recente, ressalto pelo menos estas obras cuja leitura poderá ser de grande proveito. Outros trabalhos recentes podem ser vistos na bibliografia anexa no final.

BAZERMAN, Charles (2005). *Gêneros textuais, tipificação e interação*. São Paulo: Cortez. (Esta obra tem um alto potencial aplicativo. Trata os aspectos funcionais e históricos dos gêneros. O primeiro capítulo é essencial para se ter uma noção clara da posição do autor quanto à noção de gênero, sistema de gêneros e conjunto de gêneros na sociedade.)

CRISTÓVÃO, Vera Lúcia Lopes e NASCIMENTO, Elvira Lopes (orgs.) (2004). *Gêneros textuais: teoria e prática I*. Londrina: Fundação Araucária. (Esta coletânea de trabalhos é fruto de outro congresso de gêneros e tem trabalhos voltados para o problema do ensino.)

CRISTÓVÃO, Vera Lúcia Lopes e NASCIMENTO, Elvira Lopes (orgs.) (2005). *Gêneros textuais: teoria e prática II*. Palmas e União da Vitória: Kaygangue. (Esta coletânea é a segunda produzida a partir do congresso de gêneros em União da Vitória - PR e tem uma seção especial sobre temas voltados para o ensino.)

KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher (orgs.) (2006). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna. (Esta coletânea é produto das conferências de um congresso sobre gêneros em União da Vitória - PR e contém estudos importantes para se ter uma idéia do que vem sendo debatido neste momento em termos de gêneros textuais entre nós.)

MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Desirée (orgs.) (2005). *Gêneros – teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial. (Temos aqui a mais recente obra sobre gêneros com uma proveitosa revisão das teorias hoje em voga. É aconselhável para quem quiser aprofundar os aspectos teóricos de maneira mais ampla. Os textos aprofundam as teorias e não são simples.)

ZANOTTO, Normelio (2005). *E-mail e carta comercial: estudo contrastivo de gênero textual*. Rio de Janeiro e Caxias do Sul: Lucerna e EDUCS. (Este trabalho é fruto de uma tese de doutorado e tem uma proveitosa introdução aos estudos lingüísticos no início, bem como uma análise bastante clara do funcionamento dos gêneros textuais, particularmente as cartas comerciais e os *e-mails*, que são comparados com muitos exemplos analisados. A obra é aconselhável a quem quiser trabalhar o problema dos gêneros nesses dois casos.)

Com estas obras, já podemos formar uma idéia clara de algumas posições recentes. Trata-se de uma série de novas fontes de leitura, informação e formação, bem como alternativas de trabalho. Ao longo do curso, deveremos

voltar a esses estudos e seria aconselhável sua leitura até para um aprofundamento na questão, tendo em vista que hoje o ensino de língua anda bastante centrado em gêneros e isso não é tão simples nem pode ser realizado de modo ingênuo. A coletânea organizada por Meurer; Bonini & Motta-Roth (2005) contém uma série de estudos cuja leitura pode dar uma idéia bem mais clara da diversidade de teorias existentes hoje nos diversos países. Sua leitura será aqui aconselhada de modo enfático porque pode conduzir a um aprofundamento dos temas centrais tratados.

2.1. O estudo dos gêneros não é novo, mas está na moda

O estudo dos gêneros textuais não é novo e, no Ocidente, já tem pelo menos vinte e cinco séculos, se considerarmos que sua observação sistemática iniciou-se em Platão. O que hoje se tem é uma nova visão do mesmo tema. Seria gritante ingenuidade histórica imaginar que foi nos últimos decênios do século XX que se descobriu e iniciou o estudo dos gêneros textuais. Portanto, uma dificuldade natural no tratamento desse tema acha-se na abundância e diversidade das fontes e perspectivas de análise. Não é possível realizar aqui um levantamento sequer das perspectivas teóricas atuais.

A expressão "*gênero*" esteve, na tradição ocidental, especialmente ligada aos (gêneros literários, cuja análise se inicia com Platão para se firmar com Aristóteles, passando por Horácio e Quintiliano, pela Idade Média, o Renascimento e a Modernidade, até os primórdios do século XX. Atualmente, a noção de *gênero* já não mais se vincula apenas à literatura, como lembra Swales (1990: 33), ao dizer que "hoje, gênero é facilmente usado para referir uma categoria distintiva de discurso de qualquer tipo, falado ou escrito, com ou sem aspirações literárias". É assim que se usa a noção de gênero textual em etnografia, sociologia, antropologia, retórica e na lingüística. É nesta última que nos interessa analisar a noção de gênero.

É com Aristóteles que surge uma teoria mais sistemática sobre os gêneros e sobre a natureza do discurso. No cap. 3 da *Retórica* [1358a], Aristóteles diz que há três elementos compondo o discurso:

(a) aquele que fala;
(b) aquilo sobre o que se fala e
(c) aquele a quem se fala.

Num discurso existem, segundo Aristóteles, três tipos de *ouvinte* que operam:

(i) como espectador que olha o presente;
(ii) como assembléia que olha o futuro;
(iii) como juiz que julga sobre coisas passadas.

E a esses três tipos de julgamento Aristóteles associa três gêneros de discurso retórico:

(i) *discurso deliberativo*;
(ii) *discurso judiciário*;
(iii) *discurso demonstrativo (epidítico)*.

Do ponto de vista funcional, o *discurso deliberativo* servia para aconselhar/desaconselhar, e voltava-se para o futuro por ser exortativo por natureza; já o *discurso judiciário* tem a função de acusar ou defender e reflete-se sobre o passado, enquanto o *discurso demonstrativo* tem caráter epidítico, ou seja, de elogio ou censura, situando-se na ação presente. Em Aristóteles, tem-se uma construção teórica associando formas, funções e tempo, que se vê no esquema de Reboul (1998).

OS TRÊS GÊNEROS DO DISCURSO SEGUNDO ARISTÓTELES

Gênero	Auditório	Tempo	Ato	Valores	Argumento-tipo
Judiciário	Juízes	Passado (fatos a julgar)	Acusar; defender	Justo; injusto	Entimema (dedutivo)
Deliberativo	Assembléia	Futuro	Aconselhar desaconselhar	Útil; nocivo	Exemplo (indutivo)
Epidítico	Espectador	Presente	Louvar; censurar	Nobre; vil	Amplificação

FONTE: Olivier Reboul, 1998: 47.

A visão de Aristóteles sobre as estratégias e as estruturas dos gêneros foi desenvolvida amplamente na Idade Média. Tornou-se inclusive a ênfase pela qual a retórica se desenvolveu e propiciou a tradição estrutural. Aristóteles distinguiu entre a *epopéia*, a *tragédia*, a *comédia*, cujos tratados foram conservados e ainda a *aulética*, o *ditirambo* e a *citarística*, cujas análises perderam-se.

Hoje o estudo dos gêneros textuais está na moda, mas em perspectiva diferente da aristotélica. É o que Bhatia (1997) constata em sua revisão sobre o tema. Assim, a expressão "*gênero*" vem sendo atualmente usada de maneira cada vez mais freqüente e em número cada vez maior de áreas de investigação. Para Candlin, citado por Bhatia (1977: 629), trata-se de "*um conceito que achou o seu tempo*". E muitos estudiosos de áreas diversas estão se interessando cada vez mais por ele, tais como:

Teóricos da literatura, retóricos, sociólogos, cientistas da cognição, tradutores, lingüistas da computação, analistas do discurso, especialistas no Ensino de Inglês para Fins Específicos e professores de língua.

Isso está tornando o estudo de gêneros textuais um empreendimento cada vez mais multidisciplinar. Assim, a análise de gêneros engloba uma análise do texto e do discurso e uma descrição da língua e visão da sociedade, e ainda tenta responder a questões de natureza sociocultural no uso da língua de maneira geral. O trato dos gêneros diz respeito ao trato da língua em seu cotidiano nas mais diversas formas. E se adotarmos a posição de Carolyn Miller (1984), podemos dizer que os gêneros são uma "*forma de ação social*". Eles são um "*artefato cultural*" importante como parte integrante da estrutura comunicativa de nossa sociedade. Neste sentido, há muito a discutir e tentar distinguir as idéias de que gênero é:

uma categoria cultural
um esquema cognitivo
uma forma de ação social
uma estrutura textual
uma forma de organização social
uma ação retórica

Certamente, gênero pode ser isso tudo ao mesmo tempo, já que, em certo sentido, cada um desses indicadores pode ser tido como um aspecto da observação. Isso dá a noção mais aproximada da complexidade da questão e o porquê da ausência de trabalhos sistemáticos que até recentemente dessem conta do problema na perspectiva didática.

2.2 O estudo dos gêneros mostra o funcionamento da sociedade

TAREFA PARA O ESTUDO DOS GÊNEROS: para introduzir este capítulo, sugiro a leitura do texto de Charles Bazerman (2005: 19-46), intitulado "Atos de fala, gêneros textuais e sistemas de atividades: como os textos organizam atividades e pessoas"[1]. Aqui se pode observar os mais diversos aspectos relativos aos gêneros em

1. O texto encontra-se em Charles Bazerman (2005). *Gêneros textuais, tipificação e interação.* Organização: Ângela Paiva Dionísio & Judith Chambliss Hoffnagel.São Paulo: Cortez.

seu funcionamento e a noção de *fato social*, bem como outros conceitos básicos para o tratamento dos gêneros. Um fato social é aquilo em que as pessoas acreditam e passam a tomar como se fosse verdade, agindo de acordo com essa crença. Muitos fatos sociais são realidades constituídas tão-somente pelo discurso situado. Daí a importância de se trabalhar esse aspecto central.

Para Bhatia (1997: 629), os gêneros permitem o tratamento da intrigante e difícil questão que indaga:

> Por que os membros de comunidades discursivas específicas usam a língua da maneira como o fazem?

Por exemplo, por que todos os que escrevem uma *monografia de final de curso* fazem mais ou menos a mesma coisa? E assim também ao pronunciarmos uma *conferência*, darmos uma *aula expositiva*, escrevermos uma *tese de doutorado*, fazermos um *resumo*, uma *resenha*, produzimos textos similares na estrutura, e eles circulam em ambientes recorrentes e próprios. Isso ocorre também numa empresa com os *memorandos*, os *pedidos de venda*, as *promissórias*, os *contratos* e assim por diante. Vai ocorrer na esfera jurídica, na esfera jornalística, religiosa e em todos os demais domínios.

Na resposta a esta indagação estão envolvidas questões mais do que apenas socioculturais e cognitivas, como observa Bhatia (1997: 629), pois há aí ações de ordem comunicativa com estratégias convencionais para atingir determinados objetivos. Por exemplo, uma *monografia* é produzida para obter uma nota, uma *publicidade* serve para promover a venda de um produto, uma *receita culinária* orienta na confecção de uma comida etc., pois cada gênero textual tem um propósito bastante claro que o determina e lhe dá uma esfera de circulação. Aliás, esse será um aspecto bastante interessante, pois todos os gêneros têm uma forma e uma função, bem como um estilo e um conteúdo, mas sua determinação se dá basicamente pela função e não pela forma. Daí falharem os estudos estritamente formais ou estruturais do gênero. Tendo isto em vista, Bhatia (1997: 629) frisa:

> Esse aspecto tático da construção do gênero, sua interpretação e uso é provavelmente um dos fatores mais relevantes para dar conta de sua popularidade atual no campo dos estudos do discurso e da comunicação.

E como ocorre com todos os conceitos ou áreas que se tornam populares, proliferam e variam neles as teorias e as interpretações, o que acaba se transformando num inconveniente para o estudo. A variação dos entendimentos existentes é um problema que ocorre hoje nos estudos de gêneros que recebem todo tipo de contribuição teórica.

Na realidade, o estudo dos gêneros textuais é hoje uma fértil área interdisciplinar, com atenção especial para a linguagem em funcionamento e para as atividades culturais e sociais. Desde que não concebamos os gêneros como modelos estanques nem como estruturas rígidas, mas como formas culturais e cognitivas de ação social (Miller, 1984) corporificadas na linguagem, somos levados a ver os gêneros como *entidades dinâmicas*, cujos limites e demarcação se tornam fluidos.

Diante desse interesse, pode-se dizer que ao tamanho das preocupações também corresponde uma tamanha profusão de terminologias, teorias e posições a respeito da questão. Em princípio, isso seria muito bom se não fosse desnorteante. É quase impossível hoje dominar com satisfatoriedade a quantidade de sugestões para o tratamento dos gêneros textuais.

Muitas são as perspectivas teóricas nos estudos dos gêneros. Podemos aqui, brevemente, indicar pelo menos algumas dessas linhas sem nos determos muito. Vou somente situar os autores e nada mais. O quadro a seguir dá essa visão que pode ser tida como uma "*tipologia de tipologias*"[2]. Dominique Maingueneau (2004: 107-108) lembra que há uma profusão de tipologias e elas seguem em geral certos critérios que dão uma orientação básica[3]. O problema é que essas tipologias não servem para entender o funcionamento dos gêneros e sim para entender o que os autores estão fazendo para agrupar os gêneros. Um esforço que nem sempre dá certo. Para Maingueneau (2004: 108), o costume mais comum na análise do discurso é categorizar os gêneros por critérios situacionais, observando-se os dispositivos comunicativos sócio-historicamente definidos.

2. Essa análise encontra-se em Bernard Schneuwly (1986). *Quelle typologie de textes pour l'enseignement? Une typologie de typologies*. Texto apresentado ao Terceiro Colóquio Internacional de Didática do Francês, Namur, França.

3. Refiro-me aqui ao trabalho de Dominique Maingueneau (2004). Retour sur une catégorie: le genre. In: Jean-Michel Adam; Jean-Blaise Grize & Magid Ali Bouacha (orgs.). *Texte et discours: catégories pour l'analyse*. Dijon: Editions Universitaires de Dijon, pp. 107-118. O autor cita as seguintes tipologias desenvolvidas (p. 108):

(1) Os textos foram categorizados com base em critérios *lingüísticos*: enunciação; distribuição estatística de marcas lingüísticas; organização textual;

(2) A classificação pode ser feita também com critérios *funcionais*;

(3) As tipologias mais complexas fundam-se em critérios *situacionais*: o tipo de atores sociais, as circunstâncias da comunicação, os papéis, sociais, o canal utilizado, a temática;

(4) Também podemos falar em tipologias *discursivas*: combinam características lingüísticas, funcionais e situacionais. Aqui tem-se categorias mais amplas, tais como "discurso de vulgarização", "discurso jornalístico" etc.

2.3 Algumas perspectivas para o estudo dos gêneros

O estudo dos gêneros textuais é muito antigo e achava-se concentrado na literatura. Como vimos, ele surgiu com Platão e Aristóteles, tendo origem em Platão a tradição poética e em Aristóteles a tradição retórica. Agora sai dessas fronteiras e vem para a lingüística de maneira geral, mas em particular nas perspectivas discursivas. Vejamos primeiro como se acham essas correntes hoje no Brasil, onde temos várias tendências no tratamento dos gêneros textuais:

1) Uma linha bakhtiniana alimentada pela perspectiva de orientação vygotskyana socioconstrutivista da Escola de Genebra representada por Schneuwly/Dolz e pelo interacionismo sociodiscursivo de Bronckart. Essa linha de caráter essencialmente aplicativo ao ensino de língua materna é desenvolvida particularmente na PUC/SP.
2) Perspectiva "swalesiana", na linha da escola norte-americana mais formal e influenciada pelos estudos de gêneros de John Swales (1990) tal como se observa nos estudos da UFC, UFSC, UFSM e outros pólos.
3) Uma linha marcada pela perspectiva sistêmico-funcional é a Escola Australiana de Sydney, alimentada pela teoria sistêmico-funcionalista de Halliday com interesses na análise lingüística dos gêneros e influente na UFSC.
4) Uma quarta perspectiva menos marcada por essas linhas e mais geral, com influências de Bakhtin, Adam, Bronckart e também os norte-americanos como Charles Bazerman, Carolyn Miller e outros ingleses e australianos como Günther Kress e Norman Fairclough, é a que se vem desenvolvendo na UFPE e UFPB.

De maneira geral, o que se tem notado no Brasil foi uma enorme proliferação de trabalhos, inicialmente na linha de Swales e depois da Escola de Genebra com influências de Bakhtin e hoje com a influência de norte-americanos e da análise do discurso crítica. Como Bakhtin é um autor que apenas fornece subsídios teóricos de ordem macroanalítica e categorias mais amplas, pode ser assimilado por todos de forma bastante proveitosa. Bakhtin representa uma espécie de bom-senso teórico em relação à concepção de linguagem.

Ao lado dessas perspectivas em curso no Brasil, podemos, de um modo mais amplo, indicar algumas perspectivas teóricas em curso internacionalmente:

(a) perspectiva sócio-histórica e dialógica (Bakhtin);
(b) perspectiva comunicativa (Steger, Gülich, Bergmann, Berkenkotter);
(c) perspectiva sistêmico-funcional (Halliday): análise da relação texto e

contexto, estrutura esquemática do texto em estágios, relação situacional e cultural e gênero como realização do registro (Hasan, Martin, Eggins, Ventola, Hoey, Dudley-Evans);

(d) perspectiva sociorretórica de caráter etnográfico voltada para o ensino de segunda língua (Swales, Bhatia): basicamente, analisam e identificam estágios [movimentos e passos] na estrutura do gênero. Persiste um caráter prescritivo nessa posição teórica. Há também preocupação com o aspecto socioinstitucional dos gêneros. Vinculação particular com gêneros do domínio acadêmico e forte vinculação institucional. Maior preocupação com a escrita do que com a oralidade. Há uma visão nitidamente marcada pela perspectiva etnográfica com os conceitos de comunidade, propósito de atores sociais;

(e) perspectiva interacionista e sociodiscursiva de caráter psicolingüístico e atenção didática voltada para língua materna [(Bronckart, Dolz, Schneuwly): com vinculação psicológica (influências de Bakhtin e Vygotsky) estão preocupados em particular com o ensino dos gêneros na língua materna. Preocupação maior com o ensino fundamental e tanto com a oralidade como a escrita. A perspectiva geral é de caráter psicolingüístico ligado ao sociointeracionismo;

(f) perspectiva da análise crítica (N. Fairclough; G. Kress), para a qual o discurso é uma prática social e o gênero é uma maneira socialmente ratificada de usar a língua com um tipo particular de atividade social;

(g) perspectiva sociorretórica/sócio-histórica e cultural (C. Miller, Bazerman, Freedman): escola americana influenciada por Bakhtin, mas em especial pelos antropólogos, sociólogos e etnógrafos, preocupa-se com a organização social e as relações de poder que os gêneros encapsulam. Tem uma visão histórica dos gêneros e os toma como altamente vinculados com as instituições que os produzem. A atenção não se volta para o ensino e sim para a compreensão do funcionamento social e histórico, bem como sua relação com o poder.

Fique, no entanto, claro que esses enquadres são precários, tendo em vista o fato de não representarem de modo completo todos as possibilidades teóricas existentes no momento. Também não é uma classificação rígida, mas aberta e sujeita a discussão. Por fim, seria interessante fazer essa classificação com base em critérios mais finos e teoricamente mais detalhados, o que aqui é totalmente impossível.

2.4 Noção de *gênero* textual, *tipo* textual e domínio discursivo

Uma das teses centrais a ser defendida e adotada aqui é a de que é impossível não se comunicar verbalmente por algum gênero, assim como é impossível não se comunicar verbalmente por algum texto. Isso porque toda a manifestação verbal se dá sempre por meio de textos realizados em algum gênero. Em outros termos, a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual. Daí a centralidade da noção de *gênero textual*[4] no trato sociointerativo da produção lingüística. Em conseqüência, estamos submetidos a tal variedade de gêneros textuais, a ponto de sua identificação parecer difusa e aberta, sendo eles inúmeros, tal como lembra muito bem Bakhtin (1979), mas não infinitos.

Quando dominamos um gênero textual, não dominamos uma forma lingüística e sim uma forma de realizar lingüisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares. Esta idéia foi defendida de maneira similar também por Carolyn Miller (1984). Como afirmou Bronckart (1999: 103), "a apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas", o que permite dizer que os gêneros textuais operam, em certos contextos, como formas de legitimação discursiva, já que se situam numa relação sócio-histórica com fontes de produção que lhes dão sustentação além da justificativa individual.

Para deixar alguns conceitos claros nesta exposição, trazemos umas poucas definições com as quais depois vamos trabalhar para observar a possibilidade de traduzir isso para o ensino. Vejamos de maneira mais sistemática como devemos entender os termos que estamos usando, já que eles raramente são definidos de modo explícito.

a. Tipo textual designa uma espécie de construção teórica {em geral uma seqüência subjacente aos textos} definida pela natureza lingüística de sua composição {aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas, estilo}. O tipo caracteriza-se muito mais como seqüências lingüísticas (seqüências retóricas) do que como textos materializados; a rigor, são modos textuais. Em geral, os *tipos textuais* abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: *narração, argumentação,*

4. Não vamos discutir aqui se é mais pertinente a expressão "*gênero textual*" ou a expressão "*gênero discursivo*" ou "*gênero do discurso*". Vamos adotar a posição de que todas essas expressões podem ser usadas intercambiavelmente, salvo naqueles momentos em que se pretende, de modo explícito e claro, identificar algum fenômeno específico.

exposição, descrição, injunção. O conjunto de categorias para designar *tipos textuais* é limitado e sem tendência a aumentar. Quando predomina um modo num dado texto concreto, dizemos que esse é um texto *argumentativo* ou *narrativo* ou *expositivo* ou *descritivo* ou *injuntivo*.

b. Gênero textual refere os textos materializados em situações comunicativas recorrentes. Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. Em contraposição aos tipos, os gêneros são entidades empíricas em situações comunicativas e se expressam em designações diversas, constituindo em princípio listagens abertas. Alguns exemplos de gêneros textuais seriam: *telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, instruções de uso, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversação espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, aulas virtuais* e assim por diante. Como tal, os gêneros são formas textuais escritas ou orais bastante estáveis, histórica e socialmente situadas.

c. Domínio discursivo constitui muito mais uma "esfera da atividade humana" no sentido bakhtiniano do termo do que um princípio de classificação de textos e indica *instâncias discursivas* (por exemplo: discurso jurídico, discurso jornalístico, discurso religioso etc.). Não abrange um gênero em particular, mas dá origem a vários deles, já que os gêneros são institucionalmente marcados. Constituem práticas discursivas nas quais podemos identificar um conjunto de gêneros textuais que às vezes lhe são próprios ou específicos como rotinas comunicativas institucionalizadas e instauradoras de relações de poder.

Para defender essas posições, admitimos, com Bakhtin, que todas as atividades humanas estão relacionadas ao uso da língua, que se efetiva através de enunciados (orais e escritos) "concretos e únicos, que emanam dos integrantes de uma ou de outra esfera da atividade humana" (1979: 279). E com essa posição teórica chegamos à união do gênero ao seu envolvimento social. Não se pode tratar o gênero de discurso independentemente de sua realidade social e de sua relação com as atividades humanas.

Na realidade, o estudo dos gêneros textuais é uma fértil área interdisciplinar, com atenção especial para o funcionamento da língua e para as atividades culturais

e sociais. Desde que não concebamos os gêneros como modelos estanques, nem como estruturas rígidas, mas como formas culturais e cognitivas de ação social corporificadas de modo particular na linguagem, temos de ver os gêneros como entidades dinâmicas. Mas é claro que os gêneros têm uma identidade e eles são entidades poderosas que, na produção textual, nos condicionam a escolhas que não podem ser totalmente livres nem aleatórias, seja sob o ponto de vista do léxico, grau de formalidade ou natureza dos temas, como bem lembra Bronckart (2001). Os gêneros limitam nossa ação na escrita. Isto faz com que Amy J. Devitt (1997) identifique o gênero como nossa "*linguagem estândar*", o que por um lado impõe restrições e padronizações, mas por outro lado é um convite a escolhas, estilos, criatividade e variação.

Vejamos agora um simples exemplo para ter clara a questão relativa à inserção de seqüências tipológicas (os modos textuais) subjacentes à organização interna do gênero. Isto serve para comprovar que os gêneros não são opostos a tipos e que ambos não formam uma dicotomia e sim são complementares e integrados. Não subsistem isolados nem alheios um ao outro, são formas constitutivas do texto em funcionamento.

Gostaria de frisar um pouco mais esse aspecto pela sua importância: não devemos imaginar que a distinção entre gênero e tipo textual forme uma visão dicotômica, pois eles são dois aspectos constitutivos do funcionamento da língua em situações comunicativas da vida diária. Como ainda veremos, toda vez que desejamos produzir alguma ação lingüística em situação real, recorremos a algum gênero textual. Eles são parte integrante da sociedade e não apenas elementos que se sobrepõem a ela.

Vejamos agora uma *carta pessoal*, observando-lhe as seqüências tipológicas subjacentes. Seria muito interessante realizar estudos variados de gêneros para identificar quais são as seqüências mais comuns em cada um deles. Isso permitiria observar não apenas as estruturas textuais, mas sobretudo os atos retóricos praticados nos gêneros.

Exemplo (2): NELFE-003 - Carta pessoal

Seqüências tipológicas	Gênero textual: **carta pessoal**
Descritiva	Rio, 11/08/1991
Injuntiva	Amiga A.P. Oi!
Descritiva	Para ser mais preciso estou no meu quarto, escrevendo na escrivaninha, com um Micro System ligado na minha frente (bem alto, por sinal).

Expositiva	Está ligado na Manchete FM – ou rádio dos funks – eu adoro funk, principalmente com passos marcados. Aqui no Rio é o ritmo do momento... e você, gosta? Gosto também de house e dance music, sou fascinado por discotecas! Sempre vou à K.I,
Narrativa	ontem mesmo (sexta-feira) eu fui e cheguei quase quatro horas da madrugada.
Expositiva	Dançar é muito bom, principalmente em uma discoteca legal. Aqui no condomínio onde moro têm muitos jovens, somos todos muito amigos e sempre vamos todos juntos. É muito maneiro!
Narrativa	C. foi três vezes à K.I.,
Injuntiva	pergunte só a ele como é!
Expositiva	Está tocando agora o "Melô da Mina Sensual", super demais! Aqui ouço também a Transamérica e RPC FM.
Injuntiva	E você, quais rádios curte?
Expositiva	Demorei um tempão pra responder, espero sinceramente que você não esteja chateada comigo. Eu me amarrei de verdade em vocês aí, do Recife, principalmente a galera da ET, vocês são muito maneiros! Meu maior sonho é viajar, ficar um tempo por aí, conhecer legal vocês todos, sairmos juntos... Só que não sei ao certo se vou realmente no início de 1992. Mas pode ser que dê, quem sabe! /_____/ Não sei ao certo se vou ou não, mas fique certa que farei de tudo para conhecer vocês o mais rápido possível. Posso te dizer uma coisa? Adoro muito vocês!
Narrativa	Agora, a minha rotina: às segundas, quartas e sextas-feiras trabalho de 8:00 às 17:00h, em Botafogo. De lá vou para o T., minha aula vai de 18:30 às 10:40h. Chego aqui em casa quinze para meia-noite. E às terças e quintas fico 050 em F. só de 8:00 às 12:30h. Vou para o T.; às 13:30 começa o meu curso de Francês (vou me formar ano que vem) e vai até 15:30h. 16:00h vou dar aula e fico até 17:30h. 17:40h às 18:30h faço natação (no T. também) e até 22:40h tenho aula. /_____/ Ontem eu e Simone fizemos três meses de namoro;
Injuntiva	você sabia que eu estava namorando?
Expositiva	Ela mora aqui mesmo no ((ilegível)) (nome do condomínio). A gente se gosta muito, às vezes eu acho que nunca vamos terminar, depois eu acho que o namoro não vai durar muito, entende?
Argumentativa	O problema é que ela é muito ciumenta, principalmente porque eu já fui afim da B., que mora aqui também. Nem posso falar com a garota que S. já fica com raiva. /_____/
Narrativa	É acho que vou terminando
Injuntiva	escreva! Faz um favor? Diga pra M., A. P. e C. que esperem, não demoro a escrever Adoro vocês! Um beijão!
Narrativa	Do amigo P. P. 15:16h

É notável a variedade de seqüências tipológicas nessa carta pessoal, em que predominam descrições e exposições, o que é muito comum para o gênero. Esse tipo de análise pode ser desenvolvido com todos os gêneros e, de maneira geral, vai-se notar que há uma grande heterogeneidade tipológica nos gêneros textuais.

As definições aqui trazidas de *gênero, tipo, domínio discursivo* são muito mais operacionais do que formais e seguem de perto a posição bakhtiniana. Assim, para a noção de *tipo textual*, predomina a identificação de seqüências lingüísticas como norteadora; e para a noção de *gênero textual*, predominam os critérios de padrões comunicativos, ações, propósitos e inserção sócio-histórica. No caso dos *domínios discursivos*, não lidamos propriamente com textos e sim com formações históricas e sociais que originam os discursos. Eles ainda não se acham bem definidos e oferecem alguma resistência, mas seguramente, sua definição deveria ser na base de critérios etnográficos, antropológicos e sociológicos e históricos.

Em trabalho sobre o *domínio pedagógico*, Kazue Saito Monteiro de Barros (2004)[5] sugere vários critérios para o tratamento dos domínios e conclui afirmando que:

- A busca de definição do domínio pedagógico (ou qualquer domínio) deve partir de diferentes perspectivas de observação, considerando aspectos formais, funcionais e contextos de circulação. Vistos isoladamente, nenhum dos critérios parece ser suficiente para definição.
- É urgente (re)pensar o conceito de domínio em bases menos intuitivas, através da análise detalhada de gêneros que parecem compartilhar características (não só formais) comuns.
- A análise deve priorizar o ponto de vista dos interactantes, observando as marcas que deixam no discurso.
- No domínio pedagógico, o aspecto formal mais observado em estudos anteriores (gêneros da oralidade) – a organização dos turnos – não é (obviamente) definitivo, mas pode apresentar especificidades.
- No domínio pedagógico, os papéis sociais são bem marcados e podem ser evocados em situações de conflito, deixando marcas formais no texto.
- No domínio pedagógico, a interação envolve regras especiais e particulares que os participantes consideram no julgamento do que são contribuições permitidas na atividade.
- No domínio pedagógico, a interação incorpora regras "técnicas" específicas que se concretizam em marcas formais nos textos, por exemplo, o emprego de termos técnicos e científicos.
- O interessante não é descobrir que estruturas são típicas ou exclusivas do discurso pedagógico, mas identificar porque elas são recorrentes.

5. Kazue Saito Monteiro de Barros (2004). *Gêneros textuais do domínio pedagógico: aproximações e divergências*. Apresentado na XX Jornada Nacional de Estudos Lingüísticos do GELNE. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 7 a 10 de setembro de 2004.

Já com estas observações podemos notar que não é fácil determinar para cada domínio discursivo suas coordenadas, tendo em vista o conjunto de variáveis a serem observadas. Mas seria relevante e de interesse tratar a questão de modo mais sistemático e menos intuitivo. Esse é um campo aberto ao debate e à investigação.

Por todas essas observações, já podemos afirmar que os gêneros não são entidades formais, mas sim entidades comunicativas em que predominam os aspectos relativos a *funções, propósitos, ações* e *conteúdos*. Nesse sentido, pode-se dizer que a tipicidade de um gênero vem de suas características funcionais e organização retórica. Segundo sugestão de Carolyn Miller (1984), os gêneros são formas verbais de ação social estabilizadas e recorrentes em textos situados em comunidades de práticas em domínios discursivos específicos. Assim os gêneros se tornam propriedades inalienáveis dos textos empíricos e servem de guia para os interlocutores, dando inteligibilidade às ações retóricas. Resumidamente, poderia dizer que os gêneros são entidades:

a) dinâmicas	f) orientadas para fins específicos
b) históricas	g) ligadas a determinadas comunidades discursivas
c) sociais	h) ligadas a domínios discursivos
d) situadas	i) recorrentes
e) comunicativas	j) estabilizadas em formatos mais ou menos claros.

As distinções entre um gênero e outro não são predominantemente lingüísticas e sim funcionais. Já os critérios para distinguir os tipos textuais seriam lingüísticos e estruturais, de modo que os gêneros são designações sociorretóricas e os tipos são designações teóricas. Temos muito mais designações para gêneros como manifestações empíricas do que para tipos.

Os gêneros textuais são dinâmicos, de complexidade variável e não sabemos ao certo se é possível contá-los todos, pois como são sócio-históricos e variáveis, não há como fazer uma lista fechada, o que dificulta ainda mais sua classificação. Por isso é muito difícil fazer uma classificação de gêneros. Aliás, quanto a isso, hoje não é mais uma preocupação dos estudiosos fazer tipologias. A tendência hoje é explicar como eles se constituem e circulam socialmente.

Retomando ao trabalho de Maingueneau (2004), já citado aqui, lembro que o autor sempre foi cético quanto à classificação dos gêneros. Em artigo de 1999[6], ele propôs uma divisão dos gêneros em três grandes conjuntos de acordo com o seu "*regime de genericidade*", do seguinte modo:

6. Dominique Maingueneau (1999). Analysing Self-Constituting Discourses. *Discourse Studies*, vol. 1, 2(1999):175-199.

(a) *Gêneros autorais:* são os textos que mantêm um caráter de autoria pelos traços de estilo, caráter pessoal e se situam em especial na literatura, jornalismo, política, religião, filosofia etc.

(b) *Gêneros rotineiros:* são os comuns de nosso dia-a-dia, tal como aqueles que se realizam em entrevistas radiofônicas, televisivas, jornalísticas, consultas, médicas, debates etc. Seus papéis são fixados *a priori* e não mudam muito de situação para situação e neles as marcas autorais se manifestam menos. Têm uma estabilidade institucional bastante definida.

(c) *Gêneros conversacionais:* são os gêneros de menor estabilidade e sem uma organização temática previsível como as conversações. Em seu conjunto, são de difícil distinção e divisão como gêneros em categorias bem definidas.

Esta classificação foi modificada pelo autor, pois, segundo ele, a tripartição aqui postulada não era pertinente (Maingueneau, 2004: 110). O próprio termo "rotineiro" não parece adequado, já que daria a impressão de que as conversações não seriam rotineiras quando elas são rotinas muito comuns. Mas o mais complicado era distinguir de maneira tão rigorosa entre os gêneros *autorais* e os gêneros *rotineiros*, pois uma crônica jornalística tem sem dúvida marcas autorais e não poderia ser incluída no primeiro conjunto. Assim, Maingueneau sugere que se parta para um "regime de genericidade" em duas categorias e não mais em três. Com isso, ele defende que se distinga entre:

(a) *regime de gêneros conversacionais* e
(b) *regime de gêneros instituídos.*

O segundo grupo conteria agora os gêneros autorais e os rotineiros. A análise desenvolvida pelo autor é minuciosa e complexa e apresenta uma série de critérios para acomodar os gêneros nessa classificação. Não nos interessam os detalhes dessa teoria, mas interessam sim os propósitos da mesma, ou seja, a idéia de que é possível distinguir regimes de produção textual no contexto da interdiscursividade. E com isso sabemos que a escolha de um ou outro gênero em nossa atividade discursiva não é uma escolha aleatória e sim comandada por interesses específicos.

Deve aqui ficar claro, tal como visto acima, que não há uma dicotomia entre gênero e tipo. Trata-se duma relação de complementaridade. Ambos coexistem e não são dicotômicos. Todos os textos realizam um gênero e todos os gêneros realizam seqüências tipológicas diversificadas. Por isso mesmo, os gêneros são em geral tipologicamente heterogêneos. Vejamos isto num exemplo:

Tome-se o caso do *telefonema*. Como *gênero textual*, trata-se de um evento falado muito claro e definido em suas rotinas, identificável pela maioria dos indivíduos que vivem em culturas em que telefonar é uma prática usual. Caracteriza-se como um diálogo mediado pelo telefone, sem a presença física dos falantes. Contudo, do ponto de vista de tipo textual, um telefonema pode envolver argumentações, narrativas e descrições, ou seja, ele é heterogêneo. Podemos, pois, indagar se a noção de telefonema é clara hoje em dia. Observem-se algumas das diversas maneiras de usar o telefone:

- há a conversa telefônica (por telefone celular ou fixo) que mantemos todos os dias com nossa mãe, filhos, amigos, colegas de trabalho ao qual chamamos de *telefonema*;
- há o telefonema que mandamos a companhia telefônica dar por nós e se chama de *telegrama fonado*;
- há o telefonema na forma de um *recado gravado* ou *recado em secretária eletrônica*;
- há os telefonemas de aniversário, casamento etc., através de agências e que chamamos comumente de *telemensagens*.

Com efeito, há muito mais formas de usar o telefone do que o simples telefonema. O que é então um telefonema (enquanto gênero) diante de tanta variação na forma e nos recursos utilizados? Essa situação vai repetir-se com a carta, o formulário, o resumo, a lista e assim por diante, de modo que a questão de dar nome aos gêneros é algo de enorme complexidade.

Poderíamos apelar aqui para a conhecida noção de constelação textual ou colônia de textos ou então a idéia de sistema de gêneros, tal como o faz Charles Bazerman (2005), como ainda veremos mais adiante.

2.5 Gêneros textuais como sistema de controle social

Os gêneros são atividades discursivas socialmente estabilizadas que se prestam aos mais variados tipos de controle social e até mesmo ao exercício de poder. Pode-se, pois, dizer que os gêneros textuais são nossa forma de inserção, ação e controle social no dia-a-dia. Toda e qualquer atividade discursiva se dá em algum gênero que não é decidido *ad hoc*, como já lembrava Bakhtin ([1953]1979) em seu célebre ensaio sobre os *gêneros do discurso*. Daí também a imensa pluralidade de gêneros e seu caráter essencialmente sócio-histórico. Os gêneros são também necessários para a interlocução humana.

Um simples exemplo pode dar a dimensão disso: tomemos a atividade discursiva na vida acadêmica: quem controla a cientificidade em nosso trabalho investigativo diário? Em boa medida, os gêneros por nós produzidos dão, pelo menos em uma primeira instância, legitimidade ao nosso discurso. Nesse particular, certos gêneros tais como os *ensaios*, as *teses*, os *artigos científicos*, os *resumos*, as *conferências* etc., assumem um grande prestígio, a ponto de legitimarem e até imporem determinada forma de fazer ciência e decidir o que é científico. E com isso chega-se inclusive à idéia de que não são ciência os discursos produzidos fora de um certo cânon de gêneros da área acadêmica.

Assim, podemos dizer que o controle social pelos gêneros discursivos é incontornável, mas não determinista. Por um lado, a romântica idéia de que somos livres e de que temos em nossas mãos todo o sistema decisório é uma quimera, já que estamos imersos numa sociedade que nos molda sob vários aspectos e nos conduz a determinadas ações. Por outro lado, o gênero textual não cria relações deterministas nem perpetua relações, apenas manifesta-as em certas condições de suas realizações. Desde que nos constituímos como seres sociais, nos achamos envolvidos numa máquina sociodiscursiva. E um dos instrumentos mais poderosos dessa máquina são os gêneros textuais, sendo que de seu domínio e manipulação depende boa parte da forma de nossa inserção social e de nosso poder social. Enfim: quem pode expedir um *diploma*, uma *carteira de identidade*, um *alvará de soltura*, uma *certidão de casamento*, um *porte de arma*, escrever uma *reportagem jornalística*, uma *tese de doutorado*, dar uma *conferência*, uma *aula expositiva*, realizar um *inquérito judicial* e assim por diante?

Diante disso, parece possível dizer que a produção discursiva é um tipo de ação que transcende o aspecto meramente comunicativo e informacional. Daí que não se pode ter na atividade informacional a função mais importante da língua. Eu me atreveria a dizer que a informação é um fenômeno eventual e talvez um simples efeito colateral do funcionamento da língua. Todos nós sabemos que a língua não é apenas um sistema de comunicação nem um simples sistema simbólico para expressar idéias. Mas muito mais uma *forma de vida* e uma *forma de ação*, como dizia o velho Wittgenstein.

Talvez seja possível defender que boa parte de nossas atividades discursivas servem para atividades de controle social e cognitivo. Quando queremos exercer qualquer tipo de poder ou de influência, recorremos ao discurso. Ninguém fala só para exercitar as próprias cordas vocais ou os tímpanos alheios. Na realidade, o meio em que o ser humano vive e no qual se acha imerso é

muito maior que seu ambiente físico e contorno imediato, já que está envolto também por sua história e pela sociedade que (o) criou e pelos seus discursos. A vivência cultural humana está sempre envolta em linguagem, e todos os nossos textos situam-se nessas vivências estabilizadas em gêneros. Nesse contexto, é central a idéia de que a língua é uma *atividade sociointerativa* de caráter cognitivo, sistemática e instauradora de ordens diversas na sociedade. O funcionamento de uma língua no dia-a-dia é, mais do que tudo, um processo de integração social. Claro que não é a língua que discrimina ou que age, mas nós que com ela agimos e produzimos sentidos.

Aspecto que mereceria aqui pelo menos uma nota é a distinção que podemos fazer entre um evento e um gênero textual. Sabemos que consolar uma criança chorosa é um evento ou uma ação bastante complexa e, nesse caso, não vamos recitar um poema, mas dar um conselho, contar algo alegre etc. O gênero investido para consolar distingue-se do evento, assim como uma audiência no tribunal é um evento e neste evento ocorrem alguns gêneros específicos. O evento é marcado por um conjunto de ações e o gênero é a ação lingüística praticada como recorrente em situações típicas marcadas pelo evento. Um jogo de futebol é um evento, assim como um congresso acadêmico ou uma sessão do Congresso Nacional. Mas em cada situação dessas temos gêneros adequados e não adequados. Portanto, podemos distinguir com alguma clareza entre um evento e um gênero.

2.6 A questão da intergenericidade: que nomes dar aos gêneros?

Como é que se chega à denominação dos gêneros? Com certeza, as designações que usamos para os gêneros não são uma invenção pessoal, mas uma denominação histórica e socialmente constituída. E cada um de nós já deve ter notado como costumamos com alta freqüência designar o gênero que produzimos. Possuímos, para tanto, uma metalinguagem riquíssima, intuitivamente utilizada e, no geral, confiável. Contudo, é difícil determinar o nome de cada gênero de texto. Como já notaram muitos autores, em especial Bakhtin (1979), os gêneros se imbricam e interpenetram para constituírem novos gêneros. Como observamos anteriormente, não é uma boa atitude imaginar que os gêneros têm uma relação biunívoca com formas textuais. E isso fica comprovado no caso de um gênero que têm a função de outro, como é

típico das publicidades. Tome-se o caso da *epígrafe* que aparece em múltiplos lugares, mas de modo particular nos livros didáticos. Uma epígrafe é constituída de um poema, uma frase, um conto breve, uma máxima ou qualquer outro gênero e não tem uma característica específica, a não ser um determinado local no texto, que nos sugere se tratar de uma epígrafe. Assim, em muitos casos, apenas o local em que um texto aparece permite que determinemos com alguma precisão de que gênero se trata.

Em geral, damos nomes aos gêneros usando um desses critérios:

1. **forma estrutural** (gráfico; roda-pé; debate; poema)	4. **meio de transmissão** (telefonema; telegrama; e-mail)
2. **propósito comunicativo** (errata; endereço)	5. **papéis dos interlocutores** (exame oral; autorização)
3. **conteúdo** (nota de compra; resumo de novela)	6. **contexto situacional** (conversação esp.; carta pessoal)

Mas vários desses critérios podem atuar em conjunto. Basta ver os nomes que encontramos para os mais variados gêneros para imediatamente constatar que na constituição do nome sempre atua mais de um critério. Mas o certo é que quando se tem algum problema ou conflito na designação, ela surge em atenção ao propósito comunicativo ou função.

Veja-se a complexidade do caso do texto abaixo, que apareceu em quase todos os periódicos semanais e jornais diários, por ocasião da despedida do autor do personagem Snoopy.

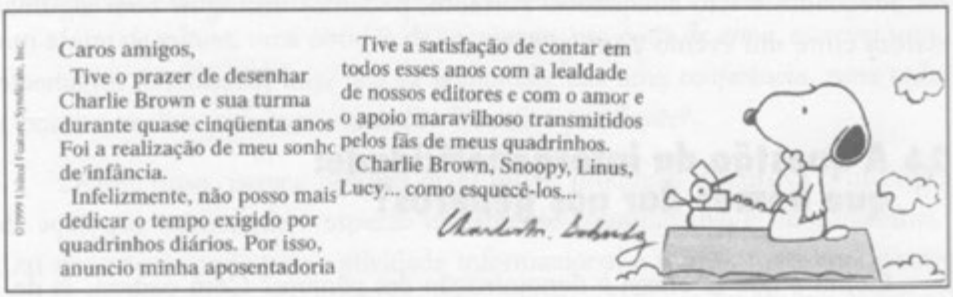

Na parte esquerda, uma carta de despedida e, à direita, um quadrinho com a figura do Snoopy pensativo diante de uma máquina de escrever antiga. Tratava-se de uma tirinha? Uma carta pessoal? Era um texto produzido num interdiscurso cujo espaço fora construído por meio século no contexto de uma *tirinha de jornal* ou uma *história em quadrinho*.

A questão central não é o problema da nomeação dos gêneros, mas a de sua identificação, pois é comum burlarmos o cânon de um gênero fazendo uma mescla de formas e funções. No geral, os gêneros estão bem fixados e não oferecem problemas para sua identificação.

No caso de mistura de gêneros, adoto a sugestão da lingüista alemã Ulla Fix (1997: 97), que usa a expressão "*intertextualidade tipológica*" para designar esse aspecto da hibridização ou mescla de gêneros em que um gênero assume a função de outro. Pessoalmente, estou usando intergenericidade como a expressão que melhor traduz o fenômeno. Essa violação de cânones subvertendo o modelo global de um gênero poderia ser visualizada num diagrama semelhante a outros aqui desenvolvidos. A título de exemplo, tomemos um *gênero A*, por exemplo, uma *publicidade* e um *gênero B*, por exemplo, uma *bula de remédio*, como no exemplo trazido por Ulla Fix (1997: 100), da editora alemã Diogenes, que aparece na quarta capa[7] dos livros. Veja a tradução:

Viva saudável com os livros
DIOGENES®
Os livros Diogenes acham-se internacionalmente introduzidos na biblioterapia

Posologia
As áreas de aplicação são muitas. Principalmente resfriados, corizas, dores de garganta e rouquidão, mas também nervosismo, irritações em geral e dificuldade de concentração. Em geral, os livros Diogenes atuam no processo de cura de quase todas as doenças para as quais prescreve-se descanso. Sucessos especiais foram registrados em casos de convalescença.

Propriedades
O efeito se faz notar pouco tempo após iniciada a leitura e tem grande durabilidade. Livros Diogenes aliviam rapidamente a dor, estimulam a circulação sangüínea e o estado geral melhora.

Precauções/riscos
Em geral, os Livros Diogenes são bem tolerados. Para miopia, aconselham-se meios de auxílio à leitura. São conhecidos casos isolados nos quais o uso prolongado produziu dependência.

Dosagem
Caso não haja outra indicação, sugere-se um livro a cada dois ou três dias. Regularidade no uso é o pressuposto essencial para a cura. Leitura diagonal ou desistência prematura podem interferir no efeito.

7. Não é o caso de discutirmos aqui, mas muitos autores tratam a ***quarta capa*** como um gênero. Contudo, a quarta capa é, a meu ver, muito mais um lugar (talvez até mesmo um suporte) especial para gêneros diversos. Muitas vezes acha-se ali um excerto do texto que vem no interior do livro ou um parágrafo da apresentação feita por alguém que não o autor; mas pode aparecer a relação dos livros da coleção da qual faz parte aquele livro. Em muitos casos, na quarta capa, aparecem elogios de autores conhecidos ao autor do livro. Portanto, a quarta capa é um lugar em que figuram as mais variadas formas textuais e os mais variados gêneros e se for tomada como gênero é difícil determinar até mesmo a função dele, pois em cada caso isto vai variar muito. Uma discussão mais complicada é aquela que discute se a capa de livro é um gênero e se a capa de revista é outro gênero. Esta questão do que é ou não um gênero ainda não está muito esclarecida e merece mais discussões.

Composição
Papel, cola e cores na impressão. Os livros Diogenes são ecologicamente produzidos. Neles são usados somente papéis fabricados sem cloro e sem ácidos, o que garante alta durabilidade.
Também, no caso de qualidade de vida, garante-se
ótima distração.
LIVROS DIOGENES
São menos aborrecidos

FONTE: Ulla FIX (1997: 100) – tradução de Luiz Antônio Marcuschi

O diagrama que se segue é uma tentativa de representar a intertextualidade tipológica aqui verificada. Não obstante a impressão de naturalidade desse fenômeno, gostaria de chamar a atenção para problemas bastante complexos no caso dessa análise. Não é evidente que se possa distinguir com clareza total entre formas e funções como aqui se dá a entender. Também é provável que a intergenericidade seja uma situação bem mais natural e normal do que imaginamos, e os textos convivem em geral em interação constante.

INTERGENERICIDADE

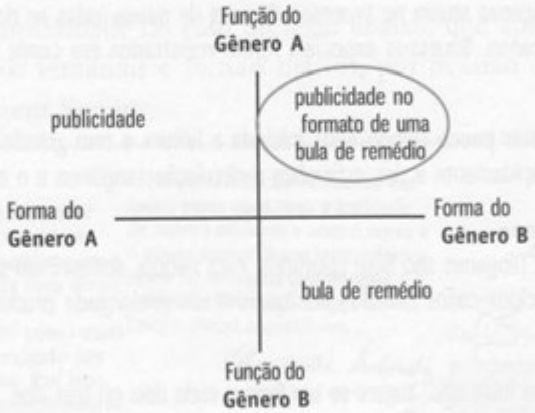

A intergenericidade de funções e formas de gêneros diversos num dado gênero deve ser distinguida da questão da heterogeneidade tipológica do gênero, que diz respeito ao fato de um gênero realizar seqüências de vários tipos textuais (por exemplo, uma carta pessoal, como já vimos, pode conter uma narrativa, uma argumentação e uma descrição, entre outras). No exemplo acima, temos um gênero (publicidade) com o formato de outro (bula de remédio). Em princípio, isso não deve trazer dificuldade alguma para a interpretabilidade, já que impera o predomínio da função sobre a forma na determinação interpretativa do gênero, o que evidencia a plasticidade e dinamicidade dos gêneros. Resumidamente, no caso dos gêneros, temos:

(1) intergenericidade → um gênero *com a função de outro*
(2) heterogeneidade tipológica → *um gênero com a presença de vários tipos.*

A *publicidade* opera de maneira particularmente produtiva na subversão da ordem instituída para chamar a atenção sobre um produto. Parece que desenquadrar o produto de seu enquadre normal é uma forma de reenquadrá-lo em novo enfoque para que o vejamos de forma mais nítida no mar de ofertas de produtos.

Observe-se o caso abaixo, um texto da *Folha de S.Paulo*, caracterizado como *artigo de opinião*, produzido por Josias de Souza. Temos aqui um poema produzido numa nítida intertextualidade com o conhecido poema de Drummond de Andrade. Contudo, na *Folha de S.Paulo*, trata-se de um *artigo de opinião* na forma de um *poema*.

Um novo José
Josias de Souza

-São Paulo-

Calma, José.
A festa não recomeçou,
a luz não acendeu,
a noite não esquentou,
o Malan não amoleceu.
Mas se voltar a pergunta:
e agora, José?
Diga: ora, Drummond,
agora Camdessus.
Continua sem mulher,
continua sem discurso,
continua sem carinho,
ainda não pode beber,
ainda não pode fumar,
cuspir ainda não pode,
a noite ainda é fria,
o dia ainda não veio,
o riso ainda não veio,
não veio ainda a utopia,
o Malan tem miopia,
mas nem tudo acabou,
nem tudo fugiu,
nem tudo mofou.
Se voltar a pergunta,
E agora, José?
Diga: ora, Drummond,
Agora FMI.
Se você gritasse,
se você gemesse,
se você dormisse,
se você cansasse,
se você morresse...
O Malan nada faria,
mas já há quem faça.
Ainda só, no escuro,
qual bicho-do-mato,
ainda sem teogonia,
ainda sem parede nua,
para se encostar,
ainda sem cavalo preto,
Que fuja a galope,
você ainda marcha, José!

Se voltar a pergunta:
José, para onde?
Diga: ora, Drummond,
por que tanta dúvida?

Elementar, elementar.
Sigo pra Washington
e, por favor, poeta,
não me chame de José.
Me chame Joseph.

FONTE: *FOLHA DE S.PAULO*, Caderno 1, p. 2 - Opinião, 04/10/1999

É bastante comum que nos órgãos de imprensa se usem as contaminações de gêneros ou se proceda à hibridização como forma de chamar mais a atenção e motivar a leitura. De algum modo, parece que essa estratégia tem o poder quase mágico de levar as pessoas a interpretarem muito mais e com mais intensidade o que ali está. Esse aspecto mereceria um estudo à parte.

O gráfico abaixo representa a intergenericidade e intertextualidade existentes no texto de Josias de Souza. De um lado, temos duas funções sobrepostas (*interfuncionalidade*) e dois gêneros se fundindo com um poema no artigo de opinião (*intergenericidade*) e, por fim, uma série de elementos do conhecido poema drummondiano "E agora, José?" aparecendo no interior do artigo de opinião (*intertextualidade*). Poderíamos falar também em *interdomínios discursivos*, já que são dois domínios sobrepostos (literatura e propaganda). Isto mostra o complexo nível de hibridização desse texto.

Poderíamos citar também o famoso caso do relatório de Graciliano Ramos como prefeito de Palmeira dos Índios, entre 1929 e 1930 e agora publicado como uma obra literária e que na época foi muito discutido por ter uma função cuja forma não era adequada, mas que foi bem aceito pelo governador das Alagoas, a quem ele se destinava. Como se observa, este caso é diverso dos

dois anteriores porque ali tínhamos uma atividade de mescla de gêneros (*bula de remédio & publicidade*) ou mescla de gêneros com intertextualidade (*poema & artigo de fundo*), sendo que agora temos um texto que não perde sua função, mas assume um novo lugar, ou seja, migra, ao longo da história, de um domínio (política) para um outro (literatura), sem deixar de continuar sendo um relatório. Trata-se de um movimento histórico que se dá pela funcionalidade do gênero e pela particular situação de seu autor. Não é comum que os textos procedam a essa migração. Mas isso existe e pode ser notado em muitos textos históricos.

Vejamos uma parte do relatório de Graciliano Ramos.

Parte inicial do Relatório de Graciliano Ramos ao governador do estado de Alagoas, entregue em 10 de janeiro de 1929 (citação da abertura, pp. 37-38 e conclusão, pp. 45-46)

PREFEITURA MUNICIPAL DE PALMEIRA DOS ÍNDIOS

RELATÓRIO

Ao Governo do estado de Alagoas

Exmo. Sr. Governador:

Trago a V. Exa. um resumo dos trabalhos realizados pela Prefeitura de Palmeira dos Índios em 1928. Não foram muitos, que os nossos recursos são exíguos. Assim minguados, entretanto, quase insensíveis ao observador afastado, que desconheça as condições em que o Município se achava, muito me custaram.

COMEÇOS

O PRINCIPAL, o que sem demora inicial, o de que dependiam todos os outros, segundo creio, foi estabelecer alguma ordem na administração.

Havia em Palmeira dos Índios inúmeros prefeitos: os cobradores de impostos, o Comandante do Destacamento, os soldados, outros que desejassem administrar. Cada pedaço do Município tinha a sua administração particular, com Prefeitos coronéis e Prefeitos inspetores de quarteirões. Os fiscais, esses resolviam questões de polícia e advogavam.

Para que semelhante anomalia desaparecesse, lutei com tenacidade e encontrei obstáculos dentro da Prefeitura e fora dela — dentro, uma resistência mole, suave, de algodão em rama; fora, uma campanha sorna, oblíqua, carregada de bílis. Pensavam uns que tudo ia bem nas mãos do Nosso Senhor, que administra melhor do que todos nós; outros me davam três meses para levar um tiro.

Dos funcionários que encontrei em janeiro do ano passado restam poucos. Saíram os que faziam política e os que não faziam coisa nenhuma. Os atuais não se metem onde não são necessários, cumprem as suas obrigações e, sobretudo, não se enganam em contas. Devo muito a eles.

Não sei se a administração do Município é boa ou ruim. Talvez pudesse ser pior.

(o autor relata aqui uma série de assuntos administrativos e presta contas)

CONCLUSÃO

Procurei sempre os caminhos mais curtos. Nas estradas que se abriram só há curvas onde as retas foram inteiramente impossíveis.
Evitei emaranhar-me em teias de aranha.
Certos indivíduos, não sei por que, imaginam que devem ser consultados; outros se julgam autoridade bastante para dizer aos contribuintes que não paguem impostos.
Não me entendi com estes.
Há quem ache tudo ruim, e ria constrangidamente, e escreva cartas anônimas, e adoeça, e se morda por não ver a infalível maroteirazinha, a abençoada canalhice, preciosa para quem a pratica, mais preciosa ainda para os que dela se servem como assunto invariável; há quem não compreenda como um ato administrativo seja isento de lucro pessoal; há até quem pretenda embaraçar-me em coisa tão simples como mandar quebrar as pedras dos caminhos.
Fechei os ouvidos, deixei gritarem, arrecadei 1:325$500 de multas.
Não favoreci ninguém. Devo ter cometido numerosos disparates. Todos os meus erros, porém, foram da inteligência, que é fraca.
Perdi vários amigos, ou indivíduos que possam ter semelhante nome.
Não me fizeram falta.
Há descontentamento. Se a minha estada na Prefeitura por estes dois anos dependesse de um plebiscito, talvez eu não obtivesse dez votos.

Paz e prosperidade.
Palmeira dos Índios, 10 de janeiro de 1929
Graciliano Ramos.

Aspecto interessante na identificação de um gênero textual é a dificuldade, que às vezes sentimos, de determinar o início e o final do texto enquanto entidade empírica, como já lembramos acima. Suponhamos o caso de um *livro didático* como gênero. Logo ocorre a dúvida de se de fato temos aí um gênero ou um suporte muito específico. Pois o livro didático contém textos dos mais variados gêneros, tais como *contos, poemas, tirinhas de jornal, notícias jornalísticas, adivinhas, atas, cartas pessoais* etc., sem contar com gêneros como *sumário, expediente da editora, ficha catalográfica, exercícios, bibliografia* e outros. Pessoalmente, defendo a posição de que o livro didático é um suporte e não um gênero.

No caso do livro didático, aqueles textos por ele trabalhados não estão ali de tal modo aglutinados a ponto de formarem um todo orgânico como observava Bakhtin [1979] para o *romance*. Embora o livro didático constitua um

todo, ele é feito de partes que mantêm suas características. Por exemplo: um poema não deixa de ser poema só porque entra no livro didático. Ele ali não passa a operar como a bula no caso da publicidade citada acima. Ou seja: o poema no livro didático não passa a ser poema didático. Contudo, ainda devemos pensar o problema da didatização dos gêneros.

Muitos são os problemas envolvidos na questão da intergenericidade e ainda não há trabalhos conclusivos sobre o tema. Seria oportuna uma discussão para identificar os aspectos novos envolvidos e a renovação da discussão dos gêneros. Daqui pode surgir até mesmo uma maior reflexão sobre o papel dos *propósitos* (funções) e da *forma* (organização textual) para a determinação do gênero. Essa discussão está por ser feita e deve iniciar em breve.

2.7 A questão intercultural

A autora alemã Susanne Günther (1991: 400), ao analisar o uso intercultural do gênero *provérbio*, observa que os gêneros não têm a mesma circulação situacional em todas as culturas. Cita o caso da *piada* que recebe avaliação diversa por parte de alemães e chineses em contextos de negócios. Lembra a autora:

> A escolha de um gênero que pode ser usado para servir a uma certa função interativa em nossa cultura pode se tornar inadequada numa situação cultural diferente. Um sinólogo alemão, que trabalhava como intérprete em encontros de negócios entre comerciantes chineses e alemães, me apontou a preferência dos comerciantes alemães por contar piadas em negociações comerciais. Para os chineses, é considerado inapropriado contar piadas durante encontros de negócios, e as piadas não são esperadas nesse contexto.

Esta observação é sintomática das diferenças interculturais na circulação dos gêneros. Tais diferenças se manifestam também no uso do "pequeno gênero provérbio" na relação entre alemães e chineses, lembra Günther (1991: 401) ao informar que em 12 conversações interculturais, ocorreram 21 provérbios por parte de chineses e nenhum por parte de alemães. O uso de provérbios tanto na oralidade como na escrita chinesa é um sintoma de boa educação, diz Günther (1991: 413). Isso não tem a mesma função em nossas culturas ocidentais de maneira geral, em especial em zonas urbanas.

O aspecto intercultural é crucial quando se trata do ensino de uma segunda língua, como lembra com bastante acuidade Bhatia (1993). Não pode-

mos supor que em todas as culturas se escreva uma carta do mesmo modo, nem que se dê um telefonema da mesma maneira. Esse aspecto é de particular importância e, muitas vezes, notamos que as embaixadas de um país distribuem aos membros de sua comitiva em visitas ao exterior instruções de como se comportar em situações diversas. Não se trata de uma banalidade, mas de modos de respeitar a diversidade cultural.

Haveria ainda um aspecto importante a tratar nesse caso, ou seja, o problema da variedade cultural dentro de um mesmo país e como isso deveria ser encarado pelo próprio livro didático. Tomemos o caso do Brasil, bastante heterogêneo culturalmente falando. Será que a heterogeneidade cultural se manifesta também nos gêneros e isso deveria passar para o ensino formalmente? A questão está aberta e deve ser debatida.

Não resta dúvida de que o ensino deve ser culturalmente sensível. O problema central é: como isso pode e deve passar para o livro didático num país culturalmente heterogêneo como o nosso? Este aspecto é muito polêmico e sobre ele não há consenso. A questão é a seguinte:

- Os manuais de ensino deveriam ou não ser construídos com especial atenção para a cultura local e regional, sem descuidar da grande cultura nacional?
- Qual o lugar e o papel da cultura regional no ensino? Por que ela aparece tão pouco? A cargo de quem fica esse trabalho?
- Caso os aspectos regionais devessem estar refletidos no LD, quais seriam eles? Os encapsulados no léxico? A literatura, os costumes, as formas de comportamento típicas?

Minha resposta a estas questões não vai além de uma *declaração de princípios*. Creio que se deveria oferecer um ensino culturalmente sensível, tendo em vista a pluralidade cultural. Não se deveria privilegiar o urbanismo elitizado, mas frisar a variação lingüística, social, temática, de costumes, crenças, valores etc. Os livros didáticos atuais não refletem de maneira muito clara essa posição, mas já são muito mais abertos a essa visão e sugerem atividades extraclasse que conduzem a esse caminho. Visitas a museus, parques, fábricas, instituições, universidades, feiras, mercados, teatros e assim por diante são sugestões comuns hoje em dia.

Quanto a temas, hoje, desde a 1ª série se observa um trabalho com as doenças endêmicas, a ecologia, as artes plásticas, a música, o sistema de trânsito, a literatura, as lendas e os mitos, os meios de comunicação de massa, a

geografia, a geopolítica, a situação de trabalho, a fauna e a flora, as relações interpessoais e assim por diante. Mas o que tem isso a ver com a língua? Aparentemente nada, se não consideramos que a linguagem é uma forma de ação e inserção social e cultural.

Com efeito, quando nos indagamos a respeito dos limites da aula de língua, ou da inserção da aula de língua na vida diária, estamos nos indagando sobre o papel da linguagem e da cultura. Nessa visão, é possível dizer que a aula de língua materna é um tipo de ação que transcende o aspecto meramente interno ao sistema da língua e vai além da atividade comunicativa e informacional. O meio em que o ser humano vive e no qual ele se acha imerso é muito maior que seu ambiente físico e seu contorno imediato, já que está envolto também por sua história, sua sociedade e seus discursos. A vivência cultural humana está sempre envolta em linguagem e todos os textos situam-se nessas vivências estabilizadas simbolicamente. Isto é um convite claro para o ensino situado em contextos reais da vida cotidiana.

2.8 A questão do suporte de gêneros textuais

Discussão ainda em andamento é a que diz respeito ao suporte dos gêneros. Muitos livros didáticos falam em portadores de gêneros, lembrando com isso os diversos locais ou continentes de gêneros como um jornal, um livro e uma revista semanal. No entanto, equivocam-se os manuais quando falam no dicionário como portador de gênero, pois ele próprio é um gênero. E equivocam-se ao tratar a embalagem como gênero, já que ela é um suporte. Essa é uma questão complexa que não tem uma decisão clara. Ainda inexistem estudos sistemáticos a respeito do suporte dos gêneros textuais. Apenas agora iniciam as investigações sistemáticas a este respeito e muitas são as indagações.

Dominique Maingueneau (2001: 71) observa que "é necessário reservar um lugar importante ao modo de *manifestação material* dos discursos, ao seu *suporte*, bem como ao seu modo de difusão: enunciados orais, no papel, radiofônicos, na tela do computador etc." (ênfase do autor). O *mídium*, como o chama Maingueneau (2001: 71) é importante, mas costumávamos desprezá-lo porque nos concentrávamos no texto como tal. É interessante a observação do autor quando afirma que "o mídium não é um simples 'meio', um instrumento para transportar uma mensagem estável: uma mudança importante do mídium modifica o *conjunto de gênero de discurso*" (2001: 71-72). Isso diz

respeito tanto ao modo de circulação como ao modo de consumo dos gêneros e ainda mais ao modo como eles são estabilizados para serem "transportados" eficazmente. Um dia só transmitíamos os textos oralmente; depois passamos a fazê-lo por escrito; mais tarde, por telefone; e então pelo rádio, televisão e recentemente pela internet. Esses mídiuns são ao mesmo tempo modos de transporte e de fixação, mas interferem no discurso.

Diante dessas poucas observações introdutórias, podemos indagar: qual o papel do suporte na relação com os gêneros? Tem o gênero características distintivas adicionais quando realizado e acessado em um ou outro suporte? A idéia central é que o suporte não é neutro e o gênero não fica indiferente a ele. Mas ainda estão por ser discutidos a natureza e o alcance dessa interferência ou desse papel. Uma observação preliminar pode ser feita a respeito da importância do suporte. Ele é imprescindível para que o gênero circule na sociedade e deve ter alguma influência na natureza do gênero suportado. Mas isso não significa que o suporte determine o gênero e sim que o gênero exige um suporte especial. Contudo, essa posição é questionável, pois há casos complexos em que o suporte determina a distinção que o gênero recebe. Tome-se o caso deste breve texto:

"Paulo, te amo, me ligue o mais rápido que puder.
Te espero no fone 55 44 33 22. Verônica".

Se isto estiver escrito num papel colocado sobre a mesa da pessoa indicada (Paulo), pode ser um *bilhete*; se for passado pela secretária eletrônica é um *recado*; remetido pelos correios num formulário próprio, pode ser um *telegrama*. O certo é que o conteúdo não muda, mas o gênero é sempre identificado na relação com o suporte. Portanto, há que se considerar esse aspecto como um caso de co-emergência, já que o gênero ocorre (surge e se concretiza) numa relação de fatores combinados no contexto emergente.

Mesmo sem ter segurança a respeito da questão, parece-me bastante razoável tratar o suporte na relação com pelo menos outros três aspectos já mencionados até aqui. Assim, gostaria de ver um contínuo de categorias representadas no quadro da página seguinte.

DEFINIÇÃO DE SUPORTE: *entendemos aqui como suporte de um gênero um* locus *físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto.* Pode-se dizer que suporte de um gênero é uma superfície física em formato específico que suporta, fixa e mostra um texto. Essa idéia comporta três aspectos:

a) *suporte é um lugar (físico ou virtual)*
b) *suporte tem formato específico*
c) *suporte serve para fixar e mostrar o texto.*

QUADRO GERAL DAS CATEGORIAS ANALÍTICAS

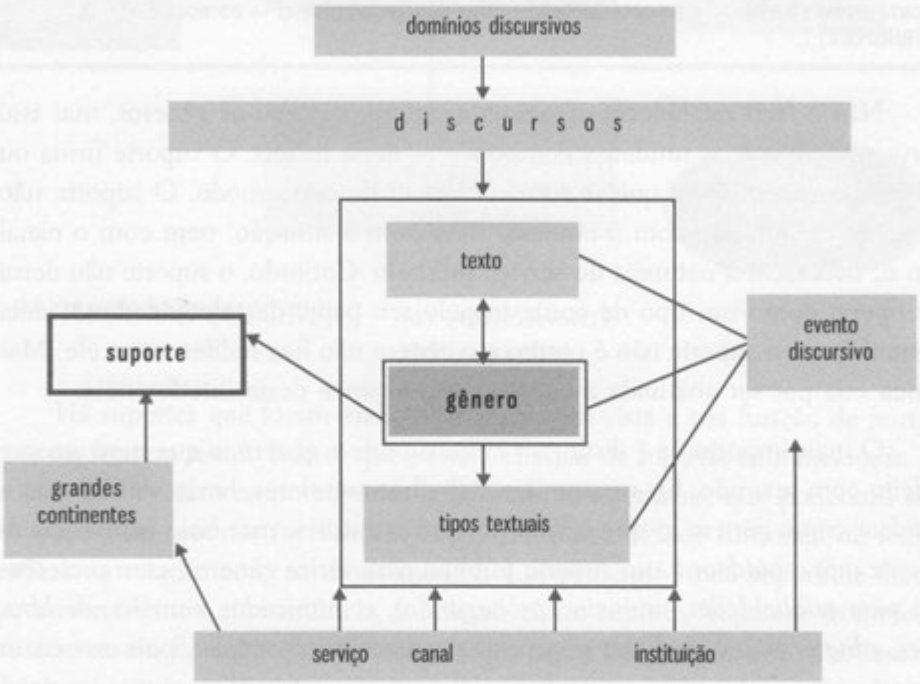

Com (a) supõe-se que o suporte deve ser algo real (pode ter realidade virtual como no caso do suporte representado pela internet). Essa materialidade é incontornável e não pode ser prescindida. Com (b) admite-se que os suportes não são informes nem uniformes, mas sempre aparecem em algum formato específico, tal como um livro, uma revista, um jornal, um *outdoor* e assim por diante. Além disso, o fato de ser específico significa que foi comunicativamente produzido para portar textos e não é um portador eventual. Com (c) admite-se que a função básica do suporte é fixar o texto e assim torná-lo acessível para fins comunicativos. Mas como o suporte tem um formato específico e é convencionalizado, ele pode ter contribuições ao gênero. Contudo, isso é problemático, pois também se pode dizer que os gêneros são ecológicos, no sentido de que desenvolvem nichos ou ambientes de realização mais adequados, seja para se fixarem ou circularem. Seria interessante analisar a hipótese de que os gêneros têm preferências e não se manifestam na indiferença a suportes.

É muito difícil contemplar o contínuo que surge na relação entre gênero, suporte e outros aspectos, pois não se trata de fenômenos discretos e não se pode dizer onde um acaba e outro começa. Tome-se o caso de uma *carta pessoal*. Pode-se estabelecer esta cadeia:

carta pessoal (GÊNERO) → papel-carta (SUPORTE) → tinta (MATERIAL DA ESCRITA) → correios (SERVIÇO DE TRANSPORTE) ...

Não é fácil estabelecer a mesma cadeia para todos os gêneros, mas isso serve para pensar as unidades componentes dessa cadeia. O suporte firma ou apresenta o texto para que se torne acessível de certo modo. O suporte não deve ser confundido com o contexto nem com a situação, nem com o canal em si, nem com a natureza do serviço prestado. Contudo, o suporte não deixa de operar como um tipo de contexto pelo seu papel de seletividade. A idéia central é que o suporte não é neutro e o gênero não fica indiferente a ele. Mas ainda está por ser analisada a natureza e o alcance dessa interferência.

O mais importante é distinguir entre suporte e gênero, o que nem sempre é feito com precisão. Eu mesmo, em trabalhos anteriores, havia identificado o *outdoor* como gênero, o que é feito por vários autores, mas hoje admito claramente que o *outdoor* é um suporte público para vários gêneros, com preferência para *publicidades, anúncios, propagandas, comunicados, convites, declarações, editais*. Não é qualquer gênero que aparece num *outdoor*, pois esse é um suporte para certos gêneros, preferencialmente na esfera discursiva comercial ou política. Este exemplo sugere que se trate o suporte na relação com outros aspectos, tais como: *domínio discursivo, formação discursiva, gênero e tipo textual*. A relação entre eles não constitui uma ordem hierárquica, já que não há um sistema de subordinação interna. Veja-se que o *jornalismo* é um *domínio discursivo*, ao passo que o *jornal* é seguramente um *suporte* e que a *ideologia capitalista norte-americana* se oferece como *uma esfera de formação discursiva* bastante nítida, sendo a *reportagem jornalística* o *gênero textual* em questão e as seqüências *narrativas* internas seriam o *tipo textual* dominante no caso de uma *reportagem* sobre a Guerra no Iraque publicada no *New York Times*. O gráfico da página seguinte dá uma idéia melhor disto.

Já vimos que todos os textos se realizam em algum gênero e que todos os gêneros comportam uma ou mais seqüências tipológicas e são produzidos em algum domínio discursivo que, por sua vez, se acha dentro de uma formação discursiva, sendo que os textos sempre se fixam em algum suporte pelo qual atingem a sociedade.

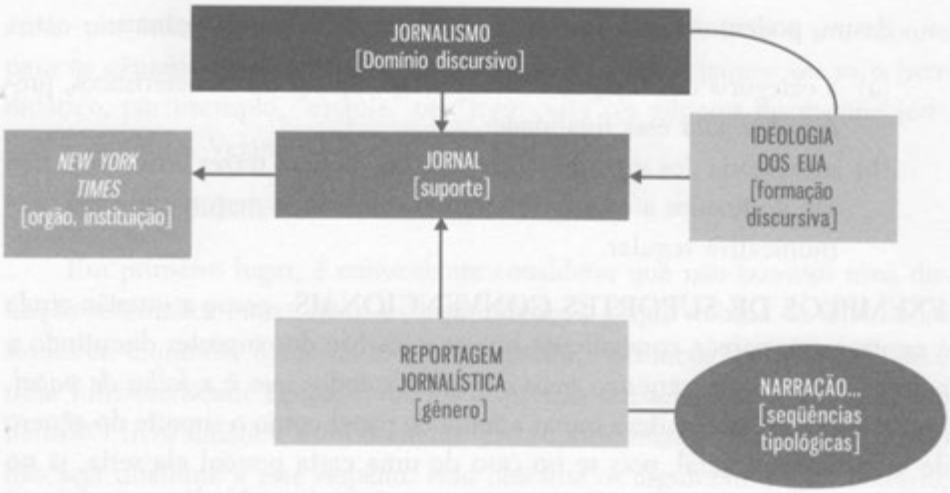

TIPOS DE SUPORTE: (a) convencional;
(b) incidental.

Há suportes que foram elaborados tendo em vista a sua função de portarem ou fixarem textos. São os que passo a chamar de *suportes convencionais*. E outros que operam como suportes ocasionais ou eventuais, que poderiam ser chamados de *suportes incidentais*, com uma possibilidade ilimitada de realizações na relação com os textos escritos. Em princípio, toda superfície física pode, em alguma circunstância, funcionar como suporte. Vejam-se os *troncos de árvores* em florestas com declarações de amor ou poemas em suas cascas. Por isso, convém restringir a noção de suportes textuais para o caso dos suportes convencionais. Não obstante isso, vamos analisar outros suportes incidentais, até porque eles são freqüentes na vida urbana.

Assim, o corpo humano pode servir de suporte para textos, mas não é um suporte convencional. Hoje está se tornando cada vez mais comum tatuar o corpo com uma imagem, um poema ou uma declaração de amor. O corpo também pode servir para os alunos inscreverem (em especial na perna ou coxa) suas *colas* para provas ou exames. O rosto de muitos estudantes funciona como suporte para *slogans* de protesto político, como já se viu muitas vezes. Até corpos de animais como cachorros e cavalos receberam inscrições de protesto. Contudo, não parece razoável que, do ponto de vista comunicativo, se possa classificar o corpo humano e o livro na mesma categoria de suporte textual, já que o livro foi concebido como suporte de textos desde o início[8].

8. Agradeço a Beth Marcuschi a sugestão de estabelecer alguma distinção de maneira sistemática para identificar os suportes em suas categorias.

Assim, podemos identificar duas categorias de suportes textuais:

(a) a categoria dos *suportes convencionais*, típicos ou característicos, produzidos para essa finalidade;
(b) a categoria dos *suportes incidentais* que podem trazer textos, mas não são destinados a esse fim de modo sistemático nem na atividade comunicativa regular.

EXEMPLOS DE SUPORTES CONVENCIONAIS: como a questão ainda é controversa, parece conveniente iniciar a análise dos suportes discutindo a natureza do suporte genérico mais comum de todos que é a *folha de papel*. Mas não parece que se deva tomar a folha de papel como o suporte do gênero de uma maneira geral, pois se no caso de uma carta pessoal ela seria, já no caso de um livro a *página* não é o suporte e sim o *livro*. No livro, a página é uma parte do todo. Se fôssemos tomar o *papel impresso* como um suporte de uma maneira geral, não teríamos distinções entre livros, revistas, livros didáticos, quadro de avisos e outros como suportes distintos. Com base nesta observação preliminar, vejamos vários suportes e suas características. Não se trata de uma classificação nem de um levantamento exaustivo.

(1) **Livro**

Seguramente, todos vamos concordar que o livro não é um gênero textual. Seja ele qual for, desde que visto como *livro*. Trata-se de um suporte maleável, mas com formatos definidos pela própria condição em que se apresenta (capa, páginas, encadernação etc.). O livro comporta os mais diversos gêneros que se queira. Contudo, podemos ter um livro que ao mesmo tempo realiza apenas um gênero, como no caso do *romance* ou da *tese de doutorado*. Nesses casos, distinguimos entre os *gêneros textuais* romance e tese de doutorado e o *suporte textual* livro. Tomemos um livro com cartas pessoais de alguém. Aquelas cartas já não são mais pessoais desde o momento em que foram publicadas. Passaram a ser documentos públicos e até seu *status* pode ter mudado se forem cartas de algum escritor. Mas com a divulgação em livro passam a operar como uma obra literária. O problema é que mudou a função e a natureza daqueles textos no gênero *carta pessoal*. Trata-se de um livro com muitos exemplares de um gênero ou simplesmente um gênero como tal? O livro é, neste caso, um suporte e o gênero é carta pessoal.

Em suma, um livro é sempre um suporte, sendo que em alguns casos contém um só gênero (um livro de poemas), em outros casos contém muitos gêneros diversos (uma obra com as publicações de um determinado jornal) ou

então um único gênero (romance). Em todos os casos, o livro é um suporte para os gêneros ou gênero que comporta. O problema parece ser se o livro didático, por exemplo, "engole" ou "transmuta" os gêneros do mesmo jeito que o romance. Vejamos o caso mais de perto.

(2) **Livro didático**

Em primeiro lugar, é conveniente considerar que não fazemos uma distinção sistemática entre "*livro*" e "*livro didático*", já que se trata de fenômenos similares. Contudo, como há elementos muito específicos do livro didático e uma funcionalidade típica, tratamos a questão em separado, mas todos são livros. O livro didático é nitidamente um suporte textual, embora a opinião não seja unânime a esse respeito. Não obstante os argumentos em contrário, ainda se pode dizer que o livro didático (LD), particularmente o LD de língua portuguesa, é um suporte que contém muitos gêneros, pois a incorporação dos gêneros textuais pelo LD não muda esses gêneros em suas identidades, embora lhe dê outra funcionalidade, fato ao qual denominei reversibilidade de função. Falo aqui em *funcionalidade* e não *função* para que se tenha claro esse aspecto. Por exemplo, uma carta, um poema, uma história em quadrinhos, uma receita culinária e um conto continuam sendo isso que representam originalmente e não mudam pelo fato de migrarem para o interior de um LD. Não é o mesmo que se dá, por exemplo, no caso de um romance que incorpora cartas, poemas e anúncios, entre outros.

Certamente, Bakhtin nunca teria classificado o livro didático entre os gêneros secundários e sim como um conjunto de gêneros. Aspecto importante é a vasta produção de gêneros tipicamente da esfera do discurso pedagógico, tal como a *explicação textual*, os *exercícios escolares*, a *redação*, *instruções para produção textual* e muitos outros que se acham no LD. O espaço pedagógico tem muitos outros gêneros que circulam nessa área e não migram para o LD, tais como as conferências, os relatórios, as atas de reuniões etc. Tudo indica, pois, que o LD pode ser tratado como um suporte com características muito especiais.

(3) **Jornal (diário)**

O jornal, diário e mesmo o jornal semanal, é nitidamente um suporte com muitos gêneros. Estes gêneros são, em boa medida, típicos e recebem, em função do suporte, algumas características em certos casos, tal como o da *notícia*. Aqui situam-se também as *cartas do leitor* e as *notas sociais*, entre outros. No jornal, temos gêneros que não aparecem em revistas semanais,

como: *anúncios fúnebres, convites para missas de sétimo dia, previsões meteorológicas, resumos de filmes, horóscopo diário* e assim por diante. Mas há outros comuns com as revistas, como *notícias, reportagens, editoriais, receitas culinárias, história em quadrinhos, charge, entrevistas* etc.

(4) **Revista (semanal / mensal)**

A revista semanal poderia ser vista no contexto do *jornal diário*, mas além de conter sensivelmente menos gêneros textuais que o jornal, tem uma peculiaridade no processo de textualização, como se frisou há pouco. Jornais diários e revistas divergem em alguns aspectos. Em primeiro lugar, muitos gêneros são mais específicos de jornais diários do que revistas semanais. Deve-se ter em mente que as revistas semanais, quinzenais ou mensais também divergem entre si e os jornais são em geral diários. Assim certos gêneros que circulam com notícias ou fatos apenas do dia (p. ex., anúncios fúnebres e classificados) pouco aparecem em revistas. Mas apenas uma análise detalhada diria se há diferenças específicas. O certo é que a titulação (manchetagem) em revistas e jornais tem diferenças notáveis.

(5) **Revista científica (boletins e anais)**

Seguramente, as revistas científicas, os anais de congressos e os boletins de associações científicas, por exemplo, são suportes de gêneros bastante específicos e ligados a um domínio discursivo (o científico, acadêmico ou instrucional). Ali encontramos *artigos científicos, resenhas, resumos, comunicações, bibliografias, debates científicos, programação de congressos, programas de cursos* e outros dessa natureza. São suportes hoje tradicionais e que se especializam de maneira muito clara. Pelo fato de serem considerados científicos, há inclusive um *status* dos gêneros por eles veiculados que é diferente dos textos similares que aparecem em jornais diários ou em revistas semanais de divulgação ou noticiosas.

(6) **Rádio**

Não obstante ter dito no início que não me reportaria aos gêneros orais de maneira sistemática, lembro o rádio como suporte pela sua relevância e por ter sido desenhado para esse fim. Contudo, friso que o rádio é um caso problemático porque pode ser considerado um suporte num sentido restrito como um lugar de fixação, mas é um serviço ou meio quando tomado como uma emissora. O rádio porta com uma multiplicidade de gêneros. Mas como ele conta com a transmissão sonora sem o recurso visual, certamente terá uma

interferência diversa da televisão. As notícias na TV, no rádio e no jornal não têm o mesmo tipo de tratamento em relação ao discurso relatado ou reportado. Há pouco discurso direto (citações de fala) no rádio e na TV, ao passo que isso ocorre mais no jornal e na revista.

(7) **Televisão**

A televisão acha-se no mesmo caso de ambigüidade que o rádio (é simultaneamente vista como suporte, meio e serviço), mas com a diferença de que aqui temos a imagem e não só o som. Além disso, poderíamos pensar em meios ou sistemas de transporte diversos na TV, já que ela pode servir-se de outros suportes e até de eventos complexos, pois na TV podemos ter a transmissão de *teatro, cinema, novela* e assim por diante. Mas ela não seria o suporte do teatro ou do cinema e sim um meio de transmissão. De resto, não sabemos ainda como tratar o caso do cinema e do teatro. Estes não são propriamente suportes e sim ambientes (casa de espetáculo) ou até instituições (o Cinema, o Teatro). Já a *peça de teatro* e o *filme* em si são gêneros.

(8) **Telefone**

Igualmente ao caso do rádio, temos aqui um suporte para gêneros orais. O telefone está no mesmo plano que os anteriores e é um suporte quando não se pensa apenas na tecnologia nem no sistema funcionando como meio. Classifico como um suporte-meio. Nele se dão muitos gêneros, mas haveria que discutir se distinguimos entre o telefone enquanto um aparelho e a telefonia como uma técnica de comunicação. Assim, a telefonia permite a realização de gêneros que o telefone não permitiria. Não me parece clara a distinção que se faz entre ambos e isso deveria ser mais bem pensado.

(9) **Quadro de avisos**

Este é um caso interessante que pode ser tido como um suporte pela quantidade de gêneros que abriga, mas há quem o considere um gênero textual, o que parece ser equivocado. Num quadro de avisos, temos publicidades, avisos, poemas, listagens de notas, informações diversas, cartazes de eventos, placas, sugestões, propostas, regimento de cursos, recortes de jornal com notícias, editoriais etc. Trata-se de um suporte com características próprias que contém no geral textos de curta extensão. Mas os quadros de avisos hoje podem conter outros suportes como os *folders* e jornais inteiros afixados. Também contém material visual como fotos e desenhos isolados.

(10) *Outdoor*

Trata-se de um suporte e não de um gênero. Como lembrado acima, em alguns momentos eu o classifiquei como gênero, mas dada a diversidade que esse "suporte" veio assumindo quanto aos gêneros que alberga e quanto à função desses gêneros, eu o classifico hoje como suporte. O *outdoor* tem peculiaridades muito interessantes e mereceria um estudo à parte. Ele veicula, como já se viu, gêneros bastante especializados, mas vem se generalizando cada vez mais.

(11) **Encarte**

Como vamos tratar o encarte em um jornal diário? Muitas vezes é uma revista completa, em outros casos, é uma publicidade, uma propaganda, uma campanha publicitária e assim por diante. Mas o encarte sempre vem dentro de um outro recipiente ou suporte. Já o próprio nome diz que se trata de algo dependente. Podemos falar de suportes de suportes? É importante não considerar a *bula de remédio* como um encarte por vir situada no interior de uma embalagem.

(12) *Folder*

Tudo indica que o *folder* pode ser tido como um suporte de gêneros diversos, embora haja quem o trate como gênero. Admito que o *folder* é um suporte que porta gêneros tais como *campanhas publicitárias, campanhas governamentais, publicidades, instruções de uso, currículos, prospectos* e assim por diante. Existem *folders* com mais de um gênero. Mas a questão do *folder* não é clara e há pouco consenso sobre o caso.

(13) **Luminosos**

Os luminosos foram produzidos para veicularem textos e imagens. São estruturas comunicativas com as quais os usuários têm em geral um contato bastante fugaz e não tão sistemático. Na maioria dos casos, ali figuram textos em movimento e gêneros ligados à publicidade de grandes empresas ou campanhas governamentais.

(14) **Faixas**

As faixas também são suportes tradicionais e altamente convencionais. São lugares adequados para veicular textos para serem vistos de longe. Também servem para decorar as mesas de abertura de congressos ou festividades. As faixas constituem uma espécie de suporte bastante comum para eventos festivos. Elas portam um gênero de cada vez. São inscrições, logomarcas ou

então indicação de eventos. Há faixas comemorativas de aniversários de empresas, festividades e situações de grande público.

ALGUNS EXEMPLOS DE SUPORTES INCIDENTAIS: os suportes aqui denominados *incidentais* são apenas meios casuais e que emergem em situações especiais ou até mesmo corriqueiras, mas não são convencionais, como os apontados no item anterior. Ninguém nega que uma porta de banheiro porta textos, mas isso não é comum em todos os banheiros, como não é comum todas as pessoas terem seus corpos tatuados com inscrições ou que as calçadas, as paredes e os muros em geral estejam cheios de inscrições. É inegável que boa parte dos textos hoje em circulação pelos ambientes urbanos se acham nesses *suportes incidentais*. Tratamos deles aqui, já que não devem ser ignorados.

(1) **Embalagem**

Este é um caso interessante, pois, no geral, a embalagem não seria tida como um suporte. Contudo, tomamos a embalagem como um suporte na medida em que nas embalagens podem estar vários gêneros. Embalagens de produtos comestíveis muitas vezes trazem não só o *rótulo* do produto, mas uma *receita*. Ou então, no caso de remédios, pode-se ter uma breve *bula de remédio* e assim por diante. Quanto a este último aspecto, pode-se indagar se as indicações que estão no rótulo são algo diverso da bula que vem dentro da caixa de remédio. Se indagarmos de vários especialistas, eles dirão que a bula é diferente daquilo que vem na embalagem. Mas se observarmos as instruções que aparecem na embalagem, elas parecem uma bula.

(2) **Pára-choques e pára-lamas de caminhão**

Não parece haver dúvidas de que estes sejam um suporte de gêneros muito especiais, tais como *frases* e *provérbios*. Certamente o caminhão é um veículo em vários sentidos, pois transporta tanto o pára-choque como o texto. Mas não é só o pára-choque do caminhão e sim também de automóveis e demais veículos como ônibus etc. que servem para essa finalidade. Essa é uma família de suportes ligada a um meio de transporte. Talvez devêssemos pôr aqui também as janelas traseiras de ônibus urbanos, que hoje se tornaram suportes sistemáticos, especialmente de publicidades.

(3) **Roupas**

Embora me decida pelas roupas como suportes, não parece muito claro se devemos tomá-las como tal, por exemplo, uma *camiseta*. Ela parece ser um suporte de gêneros, já que hoje em dia porta textos dos mais variados gêneros,

como *poemas*, *provérbios* etc. Mas a camiseta não traz de maneira sistemática textos e talvez devêssemos restringir esse aspecto.

(4) **Corpo humano**

O corpo humano vem cada vez mais servindo para veicular textos em geral muito curtos e na forma de tatuagens ou de *slogans* para protestos em situações especiais. Nem por isso o corpo humano passa a ser um suporte convencional. Ele continuará sendo um suporte incidental, que vai variar de acordo com as culturas. Nas culturas indígenas, os corpos são muitas vezes os "suportes semióticos" mais convencionais em situações de festa ou de cerimônias especiais. Mas isso pela circunstância de não terem outros suportes específicos nem disporem da escrita convencional em alguma de suas formas.

(5) **Paredes**

Todo tipo de parede está aqui incluído. Podem ser paredes de casas, edifícios ou mesmo de interiores como universidades, escola etc. Esses suportes operam muitas vezes em um contínuo como no caso de suportarem um quadro de avisos que é o suporte de gêneros.

(6) **Muros**

Hoje em dia parece que os muros estão se tornando suportes convencionais para alguns gêneros textuais tais como as propagandas políticas. Eles servem para inscrições, propagandas, publicidades e pichações em geral. São textos pouco desenvolvidos, mas de grande eficácia comunicativa. Mesmo que os muros sejam usados como suportes em grande escala, eles não são convencionados para essa finalidade como as revistas, os jornais e os livros.

(7) **Paradas de ônibus**

Imagino que as paradas de ônibus estão sendo tomadas como bons locais para afixar ou mesmo inscrever textos pela sua condição estratégica como ambiente favorável à comunicação em grade escala. São locais muito visíveis e quando há alguma parede ou um muro, comportam vários gêneros. Eles são para o grande público. Ali encontramos campanhas ou publicidades de apelo geral como carros, apartamentos, produtos de beleza e outros, mas não de supermercados nem de produtos perecíveis.

(8) **Estações de metrô**

Embora as estações de metrô sejam do mesmo estilo que a *parada de ônibus*, são sempre maiores e com mais possibilidade de gêneros. Tem algo de similar com paredes e muros quanto aos gêneros que comportam, mas há

ainda quadros de avisos e cartazes ou outros suportes que estão nelas afixados, o que lhes dá um caráter diferenciado nem sempre ligado à idéia de suporte de gêneros e sim de suporte de suportes.

(9) **Calçadas**

Hoje as calçadas passaram a ser locais para inscrições, tal como se institui a *calçada da fama*, em que pessoas famosas põem a impressão de seus pés e a inscrição de seus nomes. Esse suporte em geral porta textos curtos e permanentes.

(10) **Fachadas**

As fachadas de prédios, em geral de grandes extensões, são similares a paredes, mas ficam sempre de frente para grandes locais de circulação pública e portam inscrições maiores com gêneros de curta extensão. Na maioria das vezes, são logomarcas ou os nomes de empresas, marcas de grandes produtos.

(11) **Janelas de ônibus (meios de transporte em geral)**

De alguns tempos para cá, as janelas de ônibus, em especial a parte traseira, tornaram-se um suporte de publicidades e campanhas governamentais. Mas isso não é comum e não tem regularidade. Trata-se de um suporte muito incidental.

EXEMPLOS DE SERVIÇOS EM FUNÇÃO DA ATIVIDADE COMUNICATIVA: os casos abaixo não devem ser situados entre os suportes textuais, sejam os incidentais ou os convencionais. A tendência é vê-los como serviços.

(1) **Correios**

Os correios são menos um suporte e mais um meio de transporte ou um serviço. É muito diferente do caso da revista e do jornal. Quanto a isso, seria interessante discutir se o telefone e os correios formam um conjunto de suportes-meio diversos da televisão e do rádio.

(2) {**Programa de**} **E-mail**

Aqui está um caso curioso, pois se tomarmos o programa *Outlook*, por exemplo, teremos sem dúvida um suporte do tipo "*correio eletrônico*", mas se tomarmos os e-mails enquanto correlatos das cartas pessoais, teremos um gênero. Neste caso, trato a palavra e-mail como se fosse uma homonímia, ou seja, um termo com duas acepções tanto de origem como de função. Contudo, o e-mail na função de correio eletrônico é nitidamente um serviço que transporta os mais variados gêneros, tais como propagandas, ofícios, bilhetes, e-mails, cartas comerciais, relatórios, artigos científicos e assim por diante. Não obstante isso,

hoje a idéia mais comum em relação aos e-mails é que sejam vistos como um gênero da área epistolar, assim como observou Juliana de Assis (2002).

(3) **Mala-direta**

A mala-direta se assemelha a um *serviço* e deveria ser tratada como tal. No geral, a mala-direta veicula gêneros diversos do domínio discursivo da publicidade até a comunicação entre empresas e remessa de documentos a clientes de empresas. A expressão '*mala-direta*', quando empregada pelos Correios, é apenas uma designação para um *suporte*, mas enquanto empregada por uma empresa pode ser até mesmo a designação de um gênero, como o caso de uma *carta de aniversário*. O caso merece um estudo à parte pela complexidade. Há malas diretas para pessoas (uma *carta de aniversário* que o gerente do banco manda no seu aniversário); há malas diretas para 10.000 pessoas (as cartas que recebemos de um candidato a deputado); há malas diretas com publicidades de empresas (as promoções de uma loja) e assim por diante. Mas há casos muito mais complexos do que estes sendo chamados de mala direta.

(4) **Internet**

Trata-se de mais um caso-limite. Pessoalmente, trato a internet como um suporte que alberga e conduz gêneros dos mais diversos formatos. A internet contém todos os gêneros possíveis.

(5) ***Homepage* e *site***

Para alguns autores, a *homepage* e até mesmo o *site* são um gênero, mas para outros são um suporte. Creio que, de modo geral, a *homepage* é um gênero bem estabelecido, mas o *site* é um suporte e não um gênero. Além disso, parece claro que a *homepage* institucional carrega uma série de gêneros. Basta observar a *homepage* de qualquer universidade pare ver a diversidade de coisas feitas ali dentro. Entre outras coisas, está ali a possibilidade da matrícula de alunos *on-line*. Se tomarmos o *site* de algum servidor da internet como o UOL, vemos que se trata de um *serviço* ou suporte de outros suportes, já que ali estão revistas, jornais e livros.

2.9 Análise dos gêneros na oralidade

Neste momento, vou me ater aos gêneros textuais falados, uma área na qual os estudos não são abundantes. Observe-se que o estudo da classificação

das interações verbais orais é bem mais recente e menos sistemático que a classificação dos textos escritos. Quanto a isso, a lingüista alemã Elizabeth Gülich (1986) dedica-se à análise das condições empíricas para a determinação dos gêneros textuais orais. A relevância da investigação dos gêneros textuais reside, segundo Gülich (1986: 18), no fato de serem usados pelos participantes da comunicação lingüística como parte integrante de seu conhecimento comum.

Nesse sentido, um gênero seria uma noção cotidiana usada pelos falantes que se apóiam em características gerais e situações rotineiras para identificá-lo. Tudo indica que existe um saber social comum pelo qual os falantes se orientam em suas decisões acerca do gênero de texto que estão produzindo ou que devem produzir em cada contexto comunicativo. Esses gêneros não surgem naturalmente, mas se constroem na interação comunicativa e são fenômenos sociointerativos.

Para os lingüistas alemães Heinemann & Viehweger (1991: 110), os falantes dispõem de um "*conhecimento específico sobre estruturas textuais globais*" que lhes possibilita determinar um certo texto como membro de uma classe mais geral. Isso quer dizer que os falantes têm uma idéia bastante clara das estratégias de produção de uma narrativa, de um comentário etc.

Apesar de ser intuitivo e pouco sistemático, este não deixa de ser um conhecimento social cuja observância esperamos de todos os parceiros de comunicação. Essa competência classificatória "ingênua" opera com muita precisão em todas as situações diárias e permite que expressemos juízos de valor quanto à adequação dos textos produzidos. Apesar disso, lembra Steger, sabemos muito pouco a respeito das razões da diversidade de gêneros textuais que encontramos pela frente.

Segundo lembram Heinemann & Viehweger (1991: 111), os falantes lançam mão de conhecimentos de três grandes sistemas cognitivos para processar seus textos. Essas três esferas do saber são:

i. *saber lingüístico*
ii. *saber enciclopédico*
iii. *saber interacional*

Não se tem uma noção muito clara de como se organiza cada um desses saberes, mas é certo que eles não agem de forma sucessiva e sim interativamente. Mas eles não são uma espécie de "depósito de conhecimentos" do qual os falantes lançam mão. São processadores que operam como mecanismos que ativam a produção.

É muito comum que, com base nesses conhecimentos, os interlocutores especifiquem o gênero de texto que estão produzindo durante sua fala, como observou Gülich (1986: 21). Assim, ouvimos com freqüência as pessoas dizerem:

– no *telefonema* de ontem...	– o *bate-boca* daquela noite...
– na *aula* de hoje...	– a *piada* do dia é a seguinte...
– nessa *discussão*...	– a *reportagem* de ontem...
– minha *conferência* foi...	– aquela *transmissão de futebol*...
– o *debate* de ontem...	– o *noticiário* desta noite...etc.

Essas designações, além de suporem conhecimentos globais, não são precisamente conhecimentos tipológicos no sentido técnico do termo. Muitas vezes essas formas textuais têm marcas lingüísticas mais ou menos estereotipadas identificáveis desde o início. Assim é o caso das formas abaixo e outras marcas bastante conhecidas facilmente identificadas.

– "*era uma vez* ..." (abertura de narrativa)	– "*tome dois quilos de açúcar e adicione*..." (receita de bolo)
– "*prezado amigo*" (abertura de uma carta)	– "*alô, quem é?*" (telefonema)
– "*conhece aquela do português que*..." (piada)	– "*o tema de hoje será a Revolução Francesa*" (conferência)
– "*eu o condeno a cinco anos*" (julgamento em tribunal)	– "*atenção, silêncio*" (aviso)

Muitas delas são fórmulas históricas surgidas ao longo do tempo e de práticas sociais que têm suas características específicas tanto na fala como na escrita. Daí dizer-se que os gêneros são modelos comunicativos. Servem, muitas vezes, para criar uma expectativa no interlocutor e prepará-lo para determinada reação. Operam prospectivamente preparando o caminho da compreensão, como muito bem frisou Bakhtin (1979).

Para Gülich (1986: 28), os interlocutores seguem em geral três critérios para designarem seus textos:

a) canal / meio de comunicação (telefonema, telegrama)
b) critérios formais (conto, debate, contrato, ata, poema)
c) natureza do conteúdo (piada, prefácio de livro, comentário)

Contudo, isso não chega a oferecer critérios para formar uma classificação geral. O lingüista inglês Douglas Biber (1988: 170) lembra que os gêneros são geralmente determinados com base nos objetivos dos falantes e na

natureza do tópico tratado, sendo assim uma questão de uso e não de forma. Mas seria possível pensar numa determinação tipológica fundada em categorias internas, ou seja, de natureza formal e lingüística.

Talvez pudéssemos propor uma máxima de adequação tipológica segundo a qual deveria haver, em cada gênero textual, uma relação estreita entre:

— natureza da informação
— nível de linguagem
— tipo de situação
— relação entre os participantes
— natureza dos objetivos

É provável que essa relação obedeça a parâmetros de relativa rigidez (rotina social) em cada contexto cultural e social, de maneira que sua inobservância pode acarretar problemas. Nesse sentido, os indicadores aqui levantados serviriam para identificar as condições de adequação tipológica. Como os gêneros independem de decisões individuais e não são facilmente manipuláveis, eles operam como geradores de expectativas de compreensão mútua. Em suma: os gêneros textuais não são fruto de invenções individuais, mas formas socialmente maturadas em práticas comunicativas na ação linguageira.

Também poderia ser estabelecida uma certa correlação entre gêneros textuais e formas de condução dos tópicos discursivos. Assim, no caso de um debate ou de uma conferência caberiam observações do tipo:

"Gostei porque ele se ateve ao tema do começo ao fim".

"Não gostei porque ele divagou demais e toda hora entrava noutros temas."

No entanto, já não se poderia dizer o mesmo a respeito de uma conversação realizada durante um encontro casual num bar da esquina. Seria até estranho que alguém dissesse o seguinte a propósito de uma conversa de bar:

"Não gostei porque eles não aprofundavam os temas e variavam demais".

Eventos com definição temática restringem as digressões e forçam o cumprimento de uma agenda de assuntos. Já eventos sem definição temática permitem maior maleabilidade na evolução da agenda de assuntos. Contudo, vale salientar que constitui uma questão aberta se os gêneros textuais são universais ou se cada cultura e sociedade produz seus gêneros específicos. Como os gêneros textuais não só refletem, mas constituem as práticas sociais, é de supor que também haja variações culturalmente marcadas quanto às formas produzidas, já que as culturas são diversas em sua constituição.

2.10 A análise de gêneros textuais na relação fala e escrita

Um dos aspectos fascinantes e pouco esclarecidos nesse quadro é o que diz respeito à correlação dos gêneros textuais com a fala e a escrita. Parece que o contínuo verificado entre a fala e a escrita também tem seu correlato no contínuo dos gêneros textuais enquanto forma de representação de ações sociais. Se observarmos a questão sob esse ângulo, veremos que a comparação entre fala e escrita suscita novas hipóteses para a análise do fenômeno.

Como os gêneros textuais ancoram na sociedade e nos costumes e ao mesmo tempo são parte dessa sociedade e organizam os costumes, podem variar de cultura para cultura. Muitas vezes, refletem situações sociais peculiares com um componente de adeqüabilidade estrutural, mas há um forte componente de caráter sociocomunicativo. Assim, deve-se levar em conta o aspecto que diz respeito ao uso comunicativo dos diversos gêneros como determinante de formas estruturais.

É sabido que as atividades comunicativas são uma das formas de organização da sociedade e condicionam boa parte das demais ações praticadas em sociedade. Tal como lembram Bergmann e Luckmann (1995: 297), um dos traços freqüentes nos gêneros é "um estoque comum de conhecimentos diários sobre normatividade e reputação social da atividade comunicativa prescritos e moldados pelos gêneros". Isto faz com que tenhamos uma noção clara do que convém ou não convém em determinados momentos. Nesse sentido, os gêneros estão muitas vezes "imbuídos de valores" e "são muito mais do que guias neutros para a realização de certas atividades comunicativas" (p. 297).

Essa questão diz respeito também à distribuição dos gêneros na sociedade. Tal como frisava Bakhtin (1979), os gêneros são apreendidos no curso de nossas vidas como membros de alguma comunidade. Nesse caso, os gêneros são padrões comunicativos socialmente utilizados, que funcionam como uma espécie de modelo comunicativo global que representa um conhecimento social localizado em situações concretas. Sociedades tipicamente orais desenvolvem certos gêneros que se perdem em outras tipicamente escritas e penetradas pelo alto desenvolvimento tecnológico. É assim que em centros urbanos sofisticados são quase desconhecidos gêneros como os *cantos de guerra* indígenas, os *cantos medicinais* dos pajés ou as *benzeções* das rezadeiras, os

lamentos das carpideiras. Tudo isso surge naquelas sociedades como práticas culturais rotineiras, tal como o *editorial* de um jornal diário ou uma *bula de remédio* em nossas sociedades.

Uma *carta pessoal*, um *bilhete casual*, um *telefonema pessoal* e uma *conversação espontânea* têm uma série de aspectos em comum que tanto se revelam nas seleções morfossintáticas, como na natureza do léxico e no grau de monitoramento da enunciação. São gêneros comparáveis e apresentam traços comuns que não necessariamente precisam revelar-se na materialidade lingüística.

A tentativa de observar os gêneros na relação F-E resultaria uma visão antidicotômica ao sugerir que eles:

1. são históricos e têm origem em práticas sociais
2. são sociocomunicativos e revelam práticas
3. estabilizam determinadas rotinas de realização
4. tendem a ter uma forma característica
5. nem tudo neles pode ser definido sob o aspecto formal
6. sua funcionalidade lhes dá maleabilidade e definição
7. são eventos com contrapartes tanto orais como escritas.

Aspecto central nesta questão é a impossibilidade de situar a oralidade e a escrita em sistemas lingüísticos diversos, de modo que ambas fazem parte do mesmo sistema da língua. São realizações de uma gramática única, mas, do ponto de vista semiológico, podem ter peculiaridades com diferenças bem acentuadas, de tal modo que a escrita não representa a fala. Portanto, não postulamos uma simetria de representação entre fala e escrita, mas uma relação sistêmica no aspecto central das articulações estritamente lingüísticas.

O gráfico a seguir, produzido com base em sugestões colhidas em Koch & Oesterreicher (1990)[9], representa as mesclagens dos gêneros na relação fala-escrita, considerando-se as condições de produção (concepção) e recepção oral e escrita (aspecto medial, gráfico ou fônico). Essa visão deve ser tomada com cautela porque tem alguns inconvenientes de ainda situar a observação em patamares que podem conduzir a uma percepção que continua dicotômica. Assim, apresento aqui a sugestão com esta ressalva,

9. Peter Koch; Wulf Oesterreicher (1990). *Gesprochene Sprache in der Romania: Französisch, Italienisch, Spanisch*. Tübingen: Max Niemeyer, pp. 8-17.

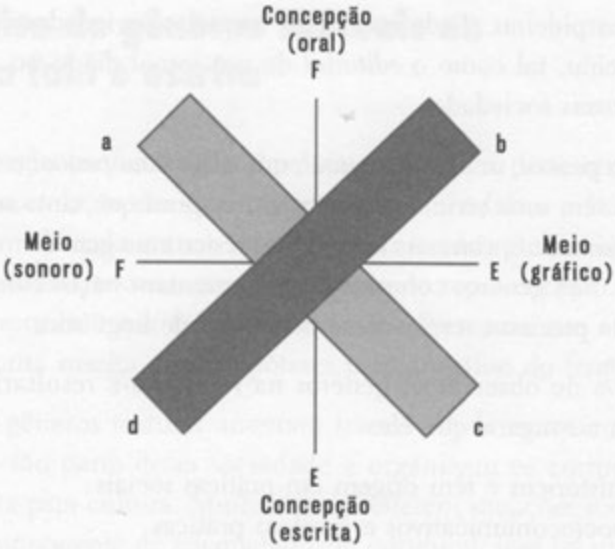

Nesta representação, temos em [a] o domínio do tipicamente falado quanto ao meio e quanto à concepção, que é a produção original. Já a sua contraparte seria o domínio [c] correspondente ao tipicamente escrito. Por outro lado, tanto [b] como [d] seriam os domínios mistos das mesclagens de modalidades. Note-se que a concepção diz respeito à versão original e o meio diz respeito ao modo de recepção. Se formos fazer uma análise mais fina, teremos que distinguir os pesos dessas duas maneiras de contemplar o texto.

Uma observação terminológica deve ser aqui feita para evitar mal-entendidos a respeito do que se tem em mente com as expressões "*concepção oral*" e "*concepção escrita*". Não se trata de postular que o texto é concebido oralmente ou concebido por escrito sob o ponto de vista cognitivo, mas que a forma original de sua produção é escrita ou oral. Assim, a expressão "*concepção*" aponta para a natureza do meio em que o texto foi originalmente expresso ou exteriorizado. É assim que um poema declamado não se torna uma linguagem falada no ato da declamação e sim um texto escrito *oralizado*, já que sua concepção foi no formato escrito. Com base nessa sugestão, defendo que *o som não é uma condição suficiente para a definição da língua falada*. O som é apenas uma condição necessária da oralidade, pois sem ele, seguramente não teremos língua oral, mas não suficiente. Portanto, a concepção (oral ou escrita) indica o meio originário de produção, mas não a natureza do ato cognitivo de criação, já que seria inoportuno postular que se possa conceber textos por escrito ou oralmente sob o ponto de vista cognitivo. O quadro abaixo revela os cruzamentos possíveis, tomando-se quatro gêneros:

Gênero textual	Meio		Concepção	
	Sonoro	Gráfico	Oral	Escrita
Conversação espontânea [a]	X		X	
Texto científico [c]		X		X
Noticiário de tv [d]	X			X
Entrevista publicada na *Veja* [b]		X	X	

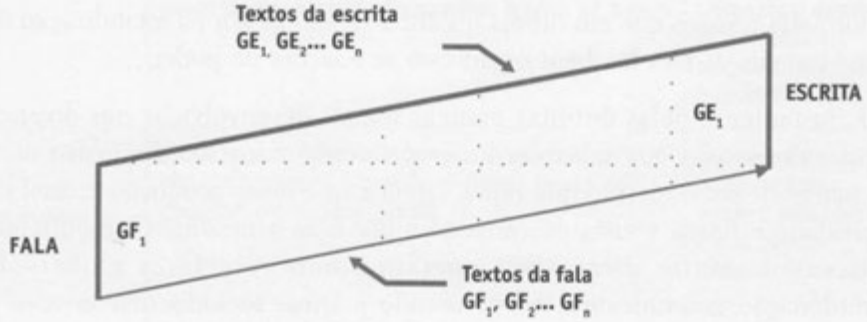

Outra maneira de ver as relações de complementaridade seria na grade do contínuo de gêneros já proposta quando analisamos a relação fala e escrita [UNIDADE 1]. Nessa forma de representar as relações entre língua falada e língua escrita, temos uma visão contínua que se dá na comparação com gêneros textuais tal como representada acima.

No gráfico, observa-se que tanto a fala como a escrita se dão em dois *continua*:

(a) na linha dos diversos gêneros textuais (GF_1, GF_2... GF_n; GE_1, GE_2... GE_n)
(b) na linha das características específicas de cada modalidade.

211 Domínios discursivos e gêneros textuais na oralidade e na escrita

Partindo das reflexões feitas até aqui, podemos tentar várias distribuições sistemáticas dos gêneros, o que não significa que estejamos fazendo classificações. Mas será difícil decidir por uma ou outra delas, tendo em vista a diversidade de critérios. Seguindo alguns critérios gerais e subdividindo a produção textual entre fala e escrita, poderíamos sugerir um quadro geral bastante amplo com denominações variadas que se submeteriam a uma análise como a que fizemos no item anterior.

Já vimos que os textos situam-se em domínios discursivos que produzem contextos e situações para as práticas sociodiscursivas características. Tal como

exposto acima, entendemos como *domínio discursivo* uma esfera da vida social ou institucional (religiosa, jurídica, jornalística, pedagógica, política, industrial, militar, familiar, lúdica etc.) na qual se dão práticas que organizam formas de comunicação e respectivas estratégias de compreensão. Assim, os domínios discursivos produzem modelos de ação comunicativa que se estabilizam e se transmitem de geração para geração com propósitos e efeitos definidos e claros. Além disso, acarretam formas de ação, reflexão e avaliação social que determinam formatos textuais que em última instância desembocam na estabilização de gêneros textuais. E eles também organizam as relações de poder.

É justamente pelas distintas práticas sociais desenvolvidas nos diversos domínios discursivos que sabemos que nosso comportamento discursivo num circo não pode ser o mesmo que numa igreja e que nossa produção textual na universidade e numa revista de variedades não será a mesma. Conseqüentemente, os domínios discursivos operam como enquadres globais de superordenação comunicativa, subordinando práticas sociodiscursivas orais e escritas que resultam nos gêneros.

O quadro geral que se segue é uma tentativa de distribuição dos gêneros da oralidade e escrita no enquadre dos respectivos domínios discursivos. Resta dizer que muitos gêneros são comuns a vários domínios. Vejamos uma breve relação que não é definitiva nem representativa.

GÊNEROS TEXTUAIS POR DOMÍNIOS DISCURSIVOS E MODALIDADES

DOMÍNIOS DISCURSIVOS	MODALIDADES DE USO DA LÍNGUA	
	ESCRITA	ORALIDADE
INSTRUCIONAL (científico, acadêmico e educacional)	artigos científicos; verbetes de enciclopédias; relatórios científicos; notas de aula; nota de rodapé; diários de campo; teses; dissertações; monografias; glossário; artigos de divulgação científica; tabelas; mapas; gráficos; resumos de artigos de livros; resumos de livros; resumos de conferências; resenhas; comentários; biografias; projetos; solicitação de bolsa; cronograma de trabalho; organograma de atividade; monografia de curso; monografia de disciplina; definição; autobiografias; manuais de ensino; bibliografia; ficha catalográfica; memorial; curriculum vitae; parecer técnico; verbete; parecer sobre tese; parecer sobre artigo; parecer sobre projeto; carta de apresentação; carta de recomendação; ata de reunião; sumário; índice remissivo; diploma; índice onomástico; dicionário; prova de língua; prova de vestibular; prova de múltipla escolha; diploma; certificado de especialização; certificado de proficiência; atestado de participação; epígrafe	conferências; debates; discussões; exposições; comunicações; aulas participativas; aulas expositivas; entrevistas de campo; exames orais; exames finais; seminários de iniciantes; seminários avançados; seminários temáticos; colóquios; prova oral; argüição de tese; argüição de dissertação; entrevista de seleção de curso; aula de concurso; aulas em vídeo; aulas pelo rádio; aconselhamentos

Jornalístico	editoriais; notícias; reportagens; nota social; artigos de opinião; comentário; jogos; histórias em quadrinhos; palavras cruzadas; crônica policial; crônica esportiva; entrevistas jornalísticas; anúncios classificados; anúncios fúnebres; cartas do leitor; carta ao leitor; resumo de novelas; reclamações; capa de revista; expediente; boletim do tempo; sinopse de novela; resumo de filme; cartoon; caricatura; enquete; roteiros; errata; charge; programação semanal; ágenda de viagem	entrevistas jornalísticas; entrevistas televisivas; entrevistas radiofônicas; entrevista coletiva; notícias de rádio; notícia de tv; reportagens ao vivo; comentários; discussões; debates; apresentações; programa radiofônico; boletim do tempo
Religioso	orações; rezas; catecismo; homilias; hagiografias; cânticos religiosos; missal; bulas papais; jaculatórias; penitências; encíclicas papais	sermões; confissão; rezas; cantorias; orações; lamentações; benzeções; cantos medicinais
Saúde	receita médica; bula de remédio; parecer médico; receitas caseiras; receitas culinárias	consulta; entrevista médica; conselho médico;
Comercial	rótulo; nota de venda; fatura; nota de compra; classificados; publicidade; comprovante de pagamento; nota promissória; nota fiscal; boleto; boletim de preços; logomarca; comprovante de renda; carta comercial; parecer de consultoria; formulário de compra; carta-resposta; comercial; memorando; nota de serviço; controle de estoque; controle de venda; copyright; bilhete de avião; bilhete de ônibus; carta de representação; certificado de garantia; atestado de qualidade; lista de espera; balanço comercial	publicidade de feira; publicidade de TV; publicidade de rádio; refrão de feira; refrão de carro de venda de rua
Industrial	instruções de montagem; descrição de obras; código de obras; avisos; controle de estoque; atestado de validade; manuais de instrução	ordens
Jurídico	contratos; leis; regimentos; estatutos; certidão de batismo; certidão de casamento; certidão de óbito; certidão de bons antecedentes; certidão negativa; atestados; certificados; diplomas; normas; regras; pareceres; boletim de ocorrência; edital de convocação; edital de concurso; aviso de licitação; auto de penhora; auto de avaliação; documentos pessoais; requerimento; autorização de funcionamento; alvará de licença; alvará de soltura; alvará de prisão; sentença de condenação; citação criminal; mandado de busca; decreto-lei; medida provisória; desmentido; editais; regulamentos; contratos; advertência	tomada de depoimento; argüição; declarações; exortações; depoimento; inquérito judicial; inquérito policial; ordem de prisão

Publicitário	propagandas; publicidades; anúncios; cartazes; folhetos; logomarcas; avisos; necrológios; outdoors; inscrições em muros; inscrições em banheiros; placas; endereço postal; endereço eletrônico; endereço de internet	publicidade na tv; publicidade no rádio
Lazer	piadas; jogos; adivinhas; histórias em quadrinhos; palavras cruzadas; horóscopo	fofocas; piadas; adivinhas jogos teatrais
Interpessoal	cartas pessoais; cartas comerciais; cartas abertas; cartas do leitor; cartas oficiais; carta-convite; cartão de visita; e-mail; bilhetes; atas; telegramas; memorandos; boletins; relatos; agradecimentos; convites; advertências; informes; diário pessoal; aviso fúnebre; volantes; lista de compras; endereço postal; endereço eletrônico; autobiografia; formulários; placa; mapa; catálogo; papel timbrado	recados; conversações espontâneas; telefonemas; bate-papo virtual; convites; agradecimentos; advertências; avisos; ameaças; provérbios
Militar	ordem do dia; roteiro de cerimônia oficial; roteiro de formatura; lista de tarefas	ordem do dia
Ficcional	épica – lírica – dramática; poemas diários; contos; mito; peça de teatro; lenda; parlendas; fábulas; histórias em quadrinhos; romances; dramas; crônicas; roteiro de filme	fábulas; contos; lendas; poemas; declamações; encenações

Esta lista é reveladora de um aspecto singular: há domínios discursivos mais produtivos em diversidade de formas textuais e outros mais resistentes. Além disso, se fôssemos fazer este quadro considerando culturas diversas, teríamos grandes surpresas. Pois há culturas em que a situação se inverteria totalmente em relação ao que se tem nesses quadros. Por fim, parece que hoje há mais gêneros textuais na escrita que na fala.

2.12 Distribuição dos gêneros no *continuum* da relação fala-escrita

No quadro a seguir, tomam-se os critérios definidos acima para a correlação entre fala e escrita no contexto do contínuo em sobreposição dos gêneros textuais. A rigor, trata-se da mesma proposta feita, mas agora com uma tentativa de agrupar os gêneros e indicá-los ao longo do contínuo.

O valor de um quadro geral como o proposto acima acha-se na possibilidade de relações mais do que intuitivas. Um aspecto interessante é o que se dá no

DISTRIBUIÇÃO DOS TEXTOS DE USO FALADOS E ESCRITOS NO CONTÍNUO GENÉRICO

COMUNICAÇÕES PESSOAIS

- inscrições em paredes
- volantes de rua
- bilhetes
- cartas pessoais
- conversas públicas
- conversa telefônica
- conversa espontânea

COMUNICAÇÕES PÚBLICAS

- formulários
- atas de reuniões
- entrevistas
- inquéritos
- reportagens ao vivo
- discursos festivos
- entrevistas pessoais
- entrevistas no rádio/TV
- inquéritos
- debates
- discussões no rádio e TV

TEXTOS INSTRUCIONAIS

- notícias de jornal
- cartas do leitor
- comunicados
- avisos
- noticiário de rádio
- textos publicitários
- cartas comerciais
- instruções de uso
- narrativas
- telegramas
- convocações
- anúncios classificados
- noticiário de Tv
- noticiário de TV ao vivo
- noticiário de rádio ao vivo
- exposições informais
- divulgação científica
- textos profissionais
- editoriais de jornais
- manuais escolares
- resumos
- processos
- bulas
- receitas em geral
- aulas
- relatos
- narrativas
- piadas

TEXTOS ACADÊMICOS

- textos acadêmicos
- artigos científicos
- legislação
- documentos oficiais
- relatórios técnicos
- pareceres em
- exposição acadêmica
- conferência
- discursos oficiais

F A L A

E S C R I T A

CONVERSAÇÕES

ENTREVISTAS

APRESENTAÇÕES E REPORTAGENS

EXPOSIÇÕES ACADÊMICAS

círculo intermediário que envolve alguns gêneros (intermodais?) que são de difícil localização em uma ou outra modalidade de maneira muito clara. Trata-se dos chamados gêneros mistos ou híbridos sob o ponto de vista da modalidade

2.13 Os gêneros emergentes na mídia virtual e o ensino

Mais do que em qualquer outra época, hoje proliferam gêneros novos dentro de novas tecnologias, particularmente na mídia eletrônica (digital). Diante disso, vale indagar-se se a escola deverá amanhã se ocupar de como se produz um *e-mail* e outros gêneros do discurso do mundo virtual ou se isso não é sua atribuição. Pode a escola tranqüilamente continuar ensinando como se escreve cartas e como se produz um debate face a face? Será que o modelo de interação face a face proposto por Sacks, Schegloff e Schiffrin nos anos 1970 já deve ser revisto em pontos essenciais, considerando-se a presença nos bate-papos?

Em princípio, é possível concordar com Tom Erickson (1997), para quem o estudo da comunicação virtual na perspectiva dos gêneros é particularmente interessante porque "a interação *on-line* tem o potencial de acelerar enormemente a evolução dos gêneros", tendo em vista a natureza do meio tecnológico e os modos como se desenvolve. Esse meio propicia, ao contrário do que se imaginava, uma "interação altamente participativa", o que obrigará a rever algumas noções já consagradas.

Se tomarmos o gênero enquanto texto concreto, situado histórica e socialmente, culturalmente sensível, recorrente, "relativamente estável" do ponto de vista estilístico e composicional, servindo como instrumento comunicativo com propósitos específicos como forma de ação social, é fácil perceber que um novo meio tecnológico, que interfere em boa parte dessas condições, deve também interferir na natureza do gênero produzido. Tomemos o gênero mais praticado no nosso dia-a-dia, a *conversação espontânea* realizada face a face, e pensemos na descrição oferecida por Sacks, Schegloff e Schiffrin (1974). Tentemos agora aplicar essa descrição a um bate-papo *on-line*. Que aspectos da relação face a face transferem-se para o novo meio? Qual a interferência do anonimato mantido num apelido (*nickname*)? O que muda quando a relação *interpessoal* passa a ser uma relação *hiperpessoal*, como no caso de um *bate-papo em aberto*? Não é propriamente a estrutura que se reorganiza, mas o quadro que forma a noção do gênero. Em suma: muda o gênero.

Não obstante essas ponderações, é bom ter cautela quando se afirma que algo de novo está acontecendo em relação à linguagem, pois faz muitíssimo tempo que o ser humano fala e bastante tempo que escreve. A idéia de que a

cada nova tecnologia, como lembra David Crystal (2001: 2), o mundo todo se renova por completo, é uma ilusão que logo desaparece. Novidades podem até acontecer, mas com o tempo percebe-se que não era tão novo aquilo que foi tido como tal. E, particularmente suas influências não foram tão devastadoras ou tão espetaculares como se imaginava. Daí a pergunta: quanto de novo *vem por aí* com a *internet* nos nossos vídeos?

Justamente por não encontrar grandes respostas para essa questão, Crystal escreveu seu livro *A linguagem e a internet*, na tentativa de descobrir algo sobre "o papel da linguagem na internet e o efeito da internet na linguagem" (2001: viii). Quanto a isso, para o autor, sumariamente, três aspectos podem ser frisados:

(1) do ponto de vista da linguagem, temos uma pontuação minimalista, uma ortografia um tanto bizarra, abundância de abreviaturas nada convencionais, estruturas frasais pouco ortodoxas e uma escrita semi-alfabética;
(2) do ponto de vista da natureza enunciativa dessa linguagem, integram-se mais semioses do que usualmente, tendo em vista a natureza do meio;
(3) do ponto de vista dos gêneros realizados, a *internet* transmuta de maneira bastante radical gêneros existentes e desenvolve alguns realmente novos. Contudo, um fato é inconteste: a internet e todos os gêneros a ela ligados são eventos textuais fundamentalmente baseados na escrita. Na internet a escrita continua essencial.

Tudo indica, ainda segundo Crystal (2001), que a *internet* seja menos uma revolução tecnológica do que uma revolução dos modos sociais de interagir lingüisticamente. Pode-se dizer que o discurso eletrônico ainda se acha em estado meio selvagem e indomado sob o ponto de vista lingüístico e organizacional. O próprio estado de anonimato dos bate-papos favorece o lado instintivo, desde a escolha do apelido até as decisões lingüísticas, estilísticas e liberalidades quanto ao conteúdo. Trata-se de uma estética em busca de seu cânon, se é que isso ainda pode acontecer.

De maneira geral, a *comunicação mediada por computador* abrange todos os formatos de comunicação e os respectivos gêneros que emergem nesse contexto. Futuramente, é provável que a expressão *internet* assuma a carga semântica e pragmática do sistema completo, já que se trata da rede mundial de comunicação ininterruptamente interconectada a todos os computadores ligados a ela. Analisa, de modo particular, um conjunto específico de novos gêneros textuais, desenvolvidos no contexto da hoje denominada *mídia virtual*, identificada centralmente na tecnologia computacional a partir das três últimas décadas do século XX. Daí surge um novo tipo de comunicação co-

nhecido como *comunicação mediada por computador* (CMC) ou *comunicação eletrônica*, que desenvolve uma espécie de "*discurso eletrônico*" .

A relevância de se tratar desses gêneros textuais reside em pelo menos quatro aspectos:

(1) são gêneros em franco desenvolvimento e fase de fixação com uso cada vez mais generalizado;
(2) apresentam peculiaridades formais próprias, não obstante terem contrapartes em gêneros prévios;
(3) oferecem a possibilidade de se rever alguns conceitos tradicionais a respeito da textualidade;
(4) mudam sensivelmente nossa relação com a oralidade e a escrita, o que nos obriga a repensá-la.

Para melhor compreensão do problema e para que a análise tenha mais autonomia, introduzimos, inicialmente, alguns conceitos com elementos teóricos e metodológicos. O tema em si — *gêneros textuais* — não é novo e vem sendo tratado desde os anos 1960, quando surgiram a lingüística de texto e a análise conversacional, mas o enfoque dado aqui com atenção particular aos gêneros textuais no domínio da mídia virtual é mais recente e carece ainda de trabalhos, embora já apareçam estudos específicos[10] sobre esse novo modo discursivo também denominado "*discurso eletrônico*".

Entremos agora na análise dos gêneros emergentes nesses ambientes. Desconheço levantamentos exatos de quantos gêneros poderiam ser identificados na mídia virtual e ignoro se já há uma designação consagrada para os mesmos[11]. Também deixo claro que esta listagem é uma amostra e não uma relação exaustiva, pois pode haver mais gêneros, além de lhes serem dadas outras definições e caracterizações. De todo modo, entre os gêneros mais conhecidos e que vêm sendo estudados no momento, podemos situar pelo menos estes (com designações tentativas):

---

10. Torna-se imperativo citar aqui o livro *Interação e aprendizagem em ambiente virtual*, recentemente organizado e editado por Vera Menezes (FALE-UFMG, Belo Horizonte, 2001) com uma série de textos, a maioria deles referida ao longo deste trabalho.

11. Não gostaria que se tomassem os nomes aqui dados aos gêneros como designações definitivas. Na primeira versão deste estudo, citada por muitos que a ela tiveram acesso, eu denominava "*bate-papos educacionais*" o que agra chamo de "*chats educacionais*", termo que vem se consagrando. Também prefiro hoje o nome "*conversações chat*" ou apenas "*chat*" ao invés de '*bate-papos virtuais*'.

1. e-mail[12] — correio eletrônico com formas de produção típicas e já padronizadas. Inicialmente um serviço (*electronic mail*), resultou num gênero (surgiu em 1972/3 nos EUA e esta hoje entre os mais praticados na escrita).
2. chat em aberto (bate-papo virtual em aberto — *room-chat*)[13] — inúmeras pessoas interagindo simultaneamente em relação síncrona e no mesmo ambiente. Surgiu como IRC na Finlândia em 1988.
3. chat reservado (bate-papo virtual reservado) — variante dos *room-chats* do tipo (2) mas com as falas pessoais acessíveis apenas aos dois interlocutores mutuamente selecionados, embora possam continuar vendo todos os demais em aberto.
4. chat agendado (bate-papo agendado - ICQ) — variante de (3), mas com a característica de ter sido agendado e oferecer a possibilidade demais recursos tecnológicos na recepção e envio de arquivos.
5. chat privado (bate-papo virtual em salas privadas) — são os bate-papos em sala privada com apenas os dois parceiros de diálogo presentes; uma espécie de variação dos bate-papos de tipo (2).
6. entrevista com convidado — forma de diálogo com perguntas e respostas num esquema diferente dos dois anteriores.
7. e-mail educacional (aula virtual) — interações com número limitado de alunos tanto no formato de *e-mail* ou de *arquivos hipertextuais* com tema definido em contatos geralmente assíncronos.
8. aula chat (chat educacional) — interações síncronas no estilo dos *chats* com finalidade educacional, geralmente para tirar dúvidas, dar atendimento pessoal ou em grupo e com temas prévios.
9. vídeoconferência interativa — realizada por computador e similar a uma interação face a face; uso da voz pela rede de telefonia ou a cabo.
10. lista de discussão (*mailing list*) — grupo de pessoas com interesses específicos, que se comunicam em geral de forma assíncrona, mediada por um responsável que organiza as mensagens e eventualmente faz triagens.
11. endereço eletrônico (o endereço eletrônico, seja o pessoal para e-mail ou para a *home-page*, tem hoje características típicas e é um gênero).

---

12. Note-se que o termo já vem sendo dicionarizado nessa forma tanto pelo *Dicionário Aurélio Século XXI*, como pelo *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa 1.0*. Assim, não traduzo para *"correio eletrônico"*, como seria o normal fazê-lo.

13. Os gêneros denominados *chats* são na realidade *bate-papos virtuais* em tempo real (*on-line*) e provém de um programa ou sistema chamado *IRC* (*Internet Relay Chat*). Existem muitos sistemas desses. Quanto ao *ICQ (I Seek You)* e os *MUDs (Multiple User Domains)*, trata-se de variações que aqui não serão distinguidas de maneira sistemática, já que variam apenas como formas operacionais de programar as falas e estabelecer os contatos, mas a produção textual não varia substantivamente, a não ser quando se trata de mostrar a natureza dos diálogos. Também chamo atenção para o fato de o termo já se achar dicionarizado tanto no *Aurélio* como no *Houaiss*. Neste, lemos, para o verbete **chat**, o seguinte: *"forma de comunicação à distância, utilizando computadores ligados à internet, na qual o que se digita no teclado de um deles aparece em tempo real no vídeo de todos os participantes do bate-papo"*.

12. weblog (blogs; diários virtuais) — são os diários pessoais na rede; uma escrita autobiográfica com observações diárias ou não, agendas, anotações, em geral muito praticados pelos adolescentes na forma de diários participativos.

Entre os mais praticados estão os *e-mails*, os *chats* em todas as modalidades, *listas de discussão* e *weblogs (diários)*. Hoje começam a se popularizar também as *aulas chat* e por *e-mail* no ensino a distância. Em todos esses gêneros, a comunicação se dá pela linguagem escrita. Como veremos, essa escrita tende a uma certa informalidade, menor monitoração e cobrança pela fluidez do meio e pela rapidez do tempo.

Em certos casos, esses gêneros emergentes parecem projeções ou "transmutações" de outros como suas contrapartes prévias, o que sugere a pergunta de se os *designers* de *softwares* seguiram padrões preexistentes como base para a moldagem de seus programas. Como os novos gêneros só são possíveis dentro de determinados programas, parece que a resposta deve ser sim[14]. Mas não devemos confundir um programa com um gênero, pois mesmo diante da rigidez de um programa, não há rigidez nas estratégias de realização do gênero como instrumento de ação social. O que se deveria investigar é qual a real novidade das práticas e não a simples estrutura interna ou a natureza da linguagem.

Por exemplo: nos *bate-papos virtuais abertos*, são construídas identidades sociais muito diversas das que se constroem nas *conversações face a face*. Esse aspecto não está nos domínios de controle de nenhum engenheiro de *software*. O engenheiro pode, quando muito, controlar a ferramenta conceitual, mas não os usos e, muito menos os usuários. Isso significa que os usos não podem ser controlados em toda a sua extensão pelo sistema. Assim ocorre também com as línguas naturais de um modo geral. Embora haja um sistema lingüístico subjacente a cada língua, ele não impede a variação. As variações não são aleatórias e sim sistemáticas, no caso dos usos lingüísticos. Já no caso dos usos de *softwares interativos*, que fundam usos resultantes em gêneros textuais, as projeções dos engenheiros são ainda mais fracas. A rigidez do programa fica

14. Essa questão é de extrema importância e, como vimos nas palavras do engenheiro de *software*, Thomas Erickson (2000), ao explicar a construção e o funcionamento do programa BABBLE, os *designers* tiveram como modelo-padrão os gêneros prévios que compõem aquele programa. Assim, um *chat* seguiria as estratégias de produção dialógica de uma conversação com simulação das atividades ali desenvolvidas. Mais adiante, nos reportaremos a este aspecto ao tratarmos dos *chats* em ambientes abertos. Outro engenheiro dessa linha de trabalho é Lyn Pemberton (2000), que em *Genre as a Structure Concept for Interaction Disign Pattern Languages*, "explora a idéia de que *gênero* pode ser uma ferramenta conceitual útil para estruturar padrões interacionais de sublinguagens" e com isso mapear o território para a construção de *softs*. O autor toma o trabalho de Swales (1990) como ponto de partida para sua noção de gênero da "vida real".

por conta de sua característica formulaica, já que em última análise todos os gêneros produzidos no contexto da mídia virtual têm um sabor de *formulários* mais ou menos discursivos e não de múltipla escolha.

Aspecto reiteradamente salientado na caracterização dos gêneros emergentes é o intenso uso da escrita, dando-se praticamente o contrário em suas contrapartes nas relações interpessoais não virtuais. Será isso relevante na caracterização do gênero emergente ou é um aspecto que nos leva apenas a repensar a nossa relação com a escrita e com a oralidade, mas não a relação entre ambas? Se nos dedicarmos a uma análise de detalhe dos gêneros emergentes na mídia eletrônica em geral (telefonia, rádio, televisão, internet), veremos que algumas das idéias a respeito da interação verbal deverão ser revistas. Por exemplo, a *presença física* não caracteriza a interação conversacional em si, mas sim determinados gêneros, tais como os que se dão nos encontros face a face. De igual modo, a produção oral não é necessária, mas apenas suficiente para determinar a interação verbal, pois é possível uma interação síncrona, pessoal e direta pela *escrita transmitida à distância*, o que já era em parte possível pela comunicação pelo telégrafo e pelo código Morse. Mas no caso atual há uma série de novidades que não apenas simulam, mas realizam efetivamente a interação.

Todos os gêneros aqui tratados dizem respeito a interações entre indivíduos reais, embora suas relações sejam no geral virtuais. Por isso optamos por não tratar do "gênero textual" no contexto do mundo imaginário dos MUDs (Multi-User-Dungeon). Trata-se de um programa de jogos muito conhecido nos anos 1970 e que posteriormente redundou em algo que poderia ser chamado de *Jogo de combate* ou *Luta com dragões*. Como opera numa relação com um mundo imaginário, pareceu não caber nesse contexto de análise. No caso dos MUDs, temos um tipo de relação irreal, relação com a fantasia e não com seres reais e trata-se de um jogo. Por essa razão, foi daqui excluído[15].

Diante de tudo isso, é possível indagar-se que tipo de prática social emerge com as novas formas de discurso virtual pela *internet*. Pode-se falar em letramento digital, como foi inicialmente sugerido? Creio que é cedo para tanto. Mas já se pode dizer que temos novas *situações de letramento cultural*.

Tomando-se os gêneros apontados acima e seguindo-se a idéia de que eles podem representar um contínuo com base em alguns vetores, tal como já havia sido sugerido para a relação fala-escrita em Marcuschi (1997), é possível, com base na sugestão de Yates (2000: 236-236), traçar os dois gráficos abaixo como dois contínuos contrapostos.

---

15. Para informações mais detalhadas a respeito da linguagem e dos formatos dessas interações imaginárias, sugiro a leitura do cap. 6 de Crystal (2001), pp. 171-194.

O gráfico 1 mostra o contínuo entre alguns gêneros tradicionais na fala e escrita, tendo como vetores os eixos da comunicação síncrona *versus* comunicação assíncrona, ou seja, comunicação que se dá no tempo real (caso da comunicação face a face) e a comunicação escrita (em geral defasada no tempo). Além disso, temos os outros dois vetores, a comunicação grupal (de um para muitos, de muitos para um ou de muitos para muitos) e a comunicação bilateral (de um para um).

O gráfico 1 representa o contínuo entre os gêneros de uma certa escrita (cartas informais) até a fala espontânea nas conversações dialógicas. Há um movimento do relativamente formal, pois as cartas podem receber vários estilos quanto a esse aspecto, até o bastante informal. E igualmente do mais distanciado (comunicação assíncrona) até a comunicação em tempo real, face a face. Por outro lado, pode-se ir desde a comunicação em grupo até a bilateral. Quanto a este aspecto, note-se que uma carta pode ter várias formas (desde uma carta pessoal de um para um até uma carta circular de um para muitos.

Os gráficos 1 e 2 trazem uma relação que tenta eliminar a visão dicotômica e ao mesmo tempo mostra que há uma certa diferença entre o ambiente sonoro / impresso e o meio digital.

GRÁFICO 1: O CONTÍNUO DE GÊNEROS NA COMUNICAÇÃO TRADICIONAL IMPRESSA E FALADA

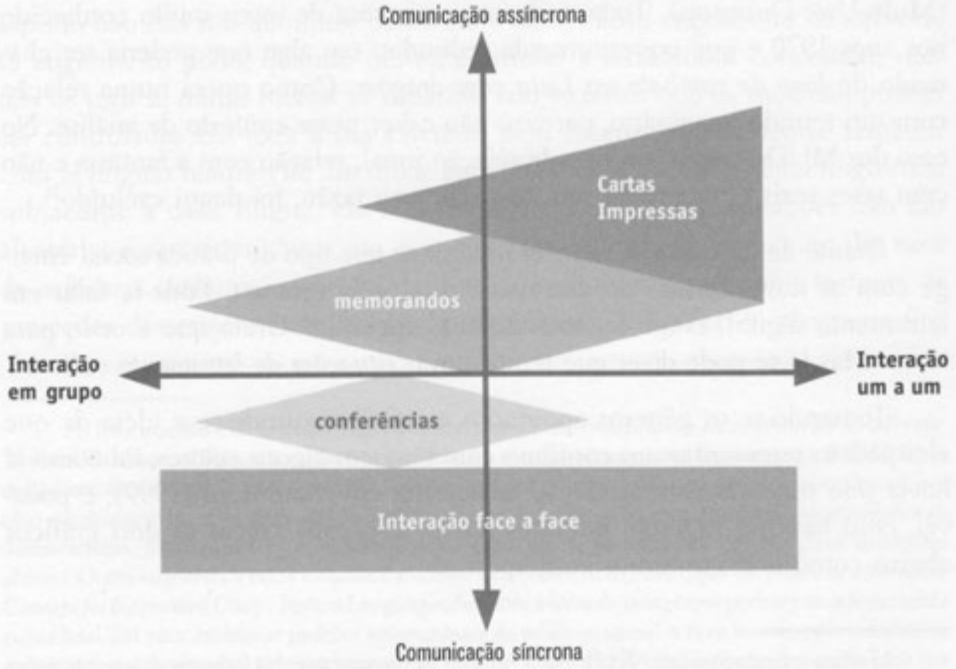

FONTE: Simeon J. YATES (2000: 236)

GRÁFICO 2: O CONTÍNUO DE GÊNEROS NA COMUNICAÇÃO DIGITAL MEDIADA POR COMPUTADOR

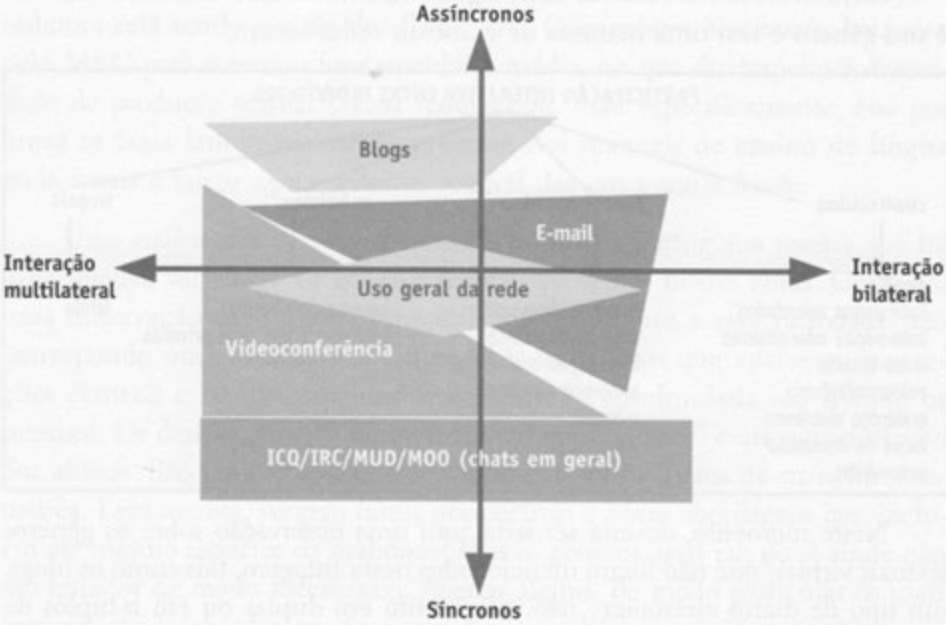

FONTE: Simeon J. YATES (2000: 237)

O gráfico 2 traz os mesmos vetores acima, mas desta vez aplicando-os à comunicação digital. Neste caso, o que se observa é que os *e-mails* são uma comunicação de fato assíncrona, mas podem ser tanto grupais como individuais, tendo uma preferência pela realização interindividual. Já a videoconferência distingue-se quanto a isso. Por outro lado, o uso da rede (www) em todas as suas modalidades e gêneros abrigados, está num entrecruzamento que permite enorme variedade de realizações em termos de formalidade, informalidade, relações comunicativas e produção síncrona ou não. Mas os *bate-papos virtuais* ocupam a base que, em certo sentido, corresponde à situação da comunicação face a face, com as diversas possibilidades apontadas em relação a serem comunicações grupais ou interindividuais.

A distribuição dos gêneros por esse contínuo poderia ser feita num quadro multidimensional, tomando os parâmetros trazidos no quadro acima e considerando os onze gêneros tratados. Veríamos que há uma ordem muito clara entre eles e sua distribuição se dá de forma não aleatória e sua produção obedece a critérios bastante rigorosos. Gaston Hilgert (2000) já mostrava essa questão com muita precisão ao identificar "o contínuo em que se distribuem os gêneros de textos escritos" (2000: 52) correlacionando-os dentro do ambiente digital.

Observação interessante no contexto do discurso virtual é a construção das identidades sociais numa espécie de contínuo. Podemos dizer que ali se dão interações entre indivíduos no seguinte leque geral, considerando apenas a natureza das relações entre os participantes e os gêneros aqui vistos.

Hoje deveríamos observar com algum cuidado o caso do orkut, que não é um gênero e sim uma maneira de construir redes sociais.

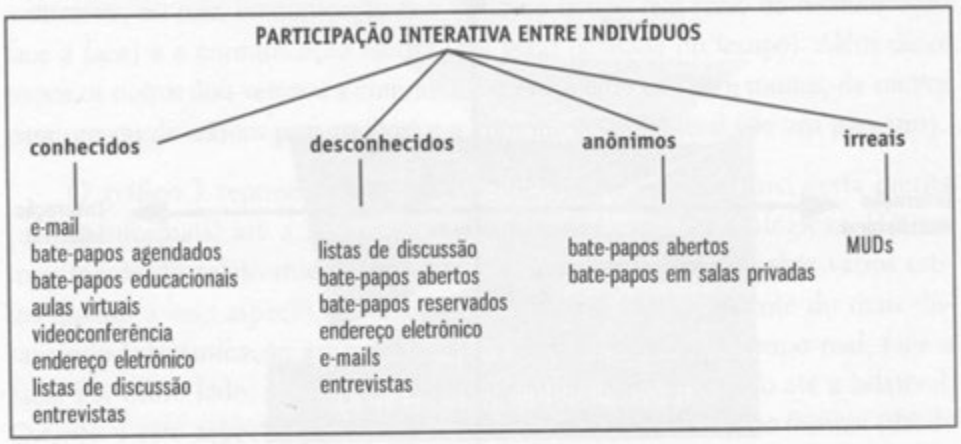

Neste momento, deveria ser feita aqui uma observação sobre os gêneros textuais virtuais que não foram mencionados nesta listagem, tais como os blogs, um tipo de diário eletrônico, não raro escrito em duplas ou em n-tuplos de participantes que colaboram para construir um texto sempre em evolução.

2.14 A questão dos gêneros e o ensino de língua

Diante da multiplicidade de gêneros existentes e diante da necessidade de escolha, pergunta-se: será que existe algum gênero ideal para tratamento em sala de aula? Ou será que existem gêneros que são mais importantes que outros? Esta questão será enfocada no momento em que nos dedicarmos a analisar e sugerir seqüências didáticas, mas desde logo deve ficar claro que não há uma resposta consensual. Os próprios *PCNs* têm grande dificuldade quando chegam a este ponto e parece que há gêneros mais adequados para a produção e outros mais adequados para a leitura, pois tudo indica que em certos casos somos confrontados apenas com um consumo receptivo e em outros casos temos que produzir os textos. Assim, um bilhete, uma carta pessoal e uma listagem são importantes para todos os cidadãos, mas uma notícia de jornal, uma reportagem e um editorial são gêneros menos praticados pelos indivíduos, mas lidos por todos.

Questões deste tipo devem ser por nós enfrentadas na hora de decidir o trabalho efetivo e nos voltaremos a elas adiante. Mas vejamos aqui algumas características de alguns gêneros e como eles se organizam.

A investigação até aqui trazida é de interesse para os que trabalham e militam na área do ensino de língua de modo geral, seja de língua materna ou

de segunda língua/língua estrangeira. Também deve ser um indicador de quão redutora está sendo a visão dos *Parâmetros Curriculares Nacionais*, lançados pelo MEC para o ensino fundamental e médio, no que diz respeito à diversidade de produção textual[16]. Essa redução ou, mais especificamente, essa pobreza se fazia lamentavelmente presente nos manuais de ensino de língua tradicionais e talvez agora se torne possível dar um passo à frente.

Uma análise dos manuais de ensino de língua portuguesa mostra que há uma relativa variedade de gêneros textuais presentes nessas obras. Contudo, uma observação mais atenta e qualificada revela que a essa variedade não corresponde uma realidade analítica. Pois os gêneros que aparecem nas seções centrais e básicas, analisados de maneira aprofundada são sempre os mesmos. Os demais gêneros figuram apenas para "enfeite" e até para distração dos alunos. São poucos os casos de tratamento dos gêneros de maneira sistemática. Lentamente, surgem novas perspectivas e novas abordagens que incluem até mesmo aspectos da oralidade. Mas os gêneros orais em geral ainda não são tratados de modo sistemático. Apenas alguns, de modo particular os mais formais, são lembrados em suas características básicas.

Não é de se supor, no entanto, que os alunos aprendam naturalmente a produzir os diversos gêneros escritos de uso diário. Nem é comum que se aprendam naturalmente os gêneros orais mais formais, como bem observam Dolz & Schneuwly (1998). Por outro lado, é de se indagar se há gêneros textuais ideais para o ensino de língua. Tudo indica que a resposta seja não. Mas é provável que se possam identificar gêneros com dificuldades progressivas, do nível menos formal ao mais formal, do mais privado ao mais público e assim por diante.

Deve ter ficado claro que há muito mais gêneros na escrita do que na fala, o que é de certo modo surpreendente, mas explicável pela diversidade de ações lingüísticas que praticamos no dia-a-dia na modalidade escrita. As civilizações em que a escrita tem um papel central nas tarefas do dia-a-dia, mormente no comércio, indústria e produção do conhecimento, tendem a diversificar de maneira acentuada as formas textuais utilizadas. Essa tendência torna de algum modo difícil a vida do cidadão comum, que já não consegue dominar com facilidade essa verdadeira selva textual. Por isso é importante que nos dediquemos a entender melhor essa questão.

---

16. Em muitos outros aspectos os PCNs são inovadores e muito claros, mas no que tange aos gêneros, há uma sugestão pouco clara do seu tratamento, embora esteja aí pela primeira vez uma posição determinada e determinante para esse trabalho. O que eu critico aqui é a forma como isso vem sendo trabalhado nos PCNs.

Ao lado do problema da diversidade textual, há ainda a visão hoje comumente aceita e tão claramente defendida por Bakhtin (1979) que aponta os gêneros textuais como esquemas de compreensão e facilitação da ação comunicativa interpessoal. Essa estabilização de formas textuais repercute não só no processo de compreensão, mas na própria estabilização de formas sociais de interação e raciocínio.

Assim, em última análise, a distribuição da produção discursiva em gêneros tem como correlato a própria organização da sociedade, o que nos faz pensar no estudo sócio-histórico dos gêneros textuais como uma das maneiras de entender o próprio funcionamento social da língua. Isto nos remete ao núcleo da perspectiva teórica dos estudos lingüísticos sobre o texto e do texto aqui empreendidos, ou seja, a visão sociointeracionista.

2.15 Visão dos PCNs a respeito da questão dos gêneros

Ressalte-se a posição enfática e explícita defendida corretamente nos PCNs de que a língua falada e a língua escrita não se opõem de forma dicotômica nem são produções em situações polares (p. 55). Além disso, é notável a posição de que a LF e a LE se dão relacionadas no contexto do contínuo dos gêneros textuais (p. 56) com diferenças tidas como graduais. Uma idéia aproximada disso é fornecida nos dois quadros (pp. 41 e 43) com gêneros similares nas duas modalidades. Importante é a constatação de que uma das confusões mais comuns que

> circulam na escola a respeito da relação entre a modalidade oral e a escrita (é) imaginar a escrita como mera transposição do oral, ou tratar as especificidades de cada modalidade como polaridades (p. 55).

A ênfase desse princípio geral deve ser cada vez mais acentuada, pois não há equívoco mais inconveniente do que tratar a escrita como mera transposição da fala para o papel na forma gráfica. A escrita não é a representação gráfica da fala.

São, no entanto, vagas e imprecisas as observações de detalhe sobre a qualidade das relações entre fala e escrita, pois parece que fala e escrita se oporiam, pelo "interesse pedagógico", como se uma (a fala) fosse o "vernacular", isto é, aquela forma de comunicação espontânea, face a face, cotidiana e coloquial (p. 15); e outra (a escrita) a "norma culta" referente à língua-padrão e socialmente prestigiada. Mas isso contrastaria com a observação de que, precisamente daí decorrem preconceitos ou "mitos" dos quais a escola deveria livrar-se, tais como:

> o (preconceito) de que existe uma única forma 'certa' de falar, o de que a fala 'certa' é a de uma determinada região (a carioca, por exemplo), o de que a fala 'certa' se aproxima do padrão da escrita, o de que o brasileiro fala mal, o de que é preciso 'consertar' a fala do aluno para evitar que ele escreva errado (p. 15).

Tidas pelos PCNs como "insustentáveis" e culturalmente mutiladoras, essas crenças são nefastas, e a escola deveria evitá-las, mostrando que há diversas formas de se expressar de acordo com as situações, os contextos e os interlocutores, de modo que:

> A questão não é de correção da forma, mas de sua adequação às circunstâncias de uso, ou seja, de utilização adequada da linguagem (p. 16).

Diante de tal afirmativa, a inevitável pergunta de todo(a) o(a) professor(a) em sala de aula será esta: "*Então o que faço com um aluno que diz 'nós vai'?*". Seguramente, a posição dos PCNs não dá pistas para a angustiante expectativa de uma resposta por parte do(a) professor(a) diante de alunos em carne e osso.

2.16 Gêneros textuais na língua falada e escrita de acordo com os PCNs

Este aspecto é complexo e não passa despercebido aos PCNs. Contudo, as observações são, no geral, vagas. Às vezes se trata de tipos de texto ou seqüências discursivas (p. 45) tais como: *narrativa, descrição, exposição, argumentação e conversação*. Em outros casos, trata-se de gêneros textuais (p. 40 e 43): entrevista, debate, palestra, conto, novela, artigo, reportagem etc. Não se faz uma distinção sistemática entre *tipos* (enquanto construtos teóricos) e *gêneros* (enquanto formas textuais empiricamente realizadas e sempre heterogêneas).

Consideram-se apenas os gêneros com realização lingüística mais formal e não os mais praticados nas atividades lingüísticas cotidianas. Isto não seria ruim se houvesse atenção para um maior número de casos e situações. Além disso, falta uma noção da gradação de que se fala em outras partes dos PCNs. Também é curioso que se tomem gêneros diversos para tratar a produção e a compreensão, como se observa no quadro apenso à p. 40 quando comparado com o da p. 43, aqui reproduzidos para observação.

O que mais salta à vista, no entanto, é a confusão entre oralidade e escrita. Pois não há clareza quanto a critérios que teriam sido usados para estabelecer essas distinções. Mesmo as exposições ao longo dos PCNs não ajudam a entender o procedimento nesse ponto.

O quadro 1 traz os gêneros sugeridos para trabalhar a "prática de compreensão de textos"; já o quadro 2 apresenta os gêneros sugeridos para trabalhar a "prática de produção de textos". Há mais sugestões em outros momentos, mas aqui vamos nos deter apenas nestes dois quadros.

(quadro 1, p. 40)

GÊNEROS PREVISTOS PARA A PRÁTICA DE COMPRENSÃO DE TEXTOS

LINGUAGEM ORAL		LINGUAGEM ESCRITA	
LITERÁRIOS	Cordel Texto dramático	LITERÁRIOS	Conto Novela Romance Crônica Poema Texto dramático
DE IMPRENSA	Comentário radiofônico Entrevista Debate Depoimento	DE IMPRENSA	Notícia Editorial Artigo Reportagem Carta do leitor Entrevista
DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA	Exposição Seminário Debate Palestra	DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA	Verbete enciclopédico (nota / artigo) Relatório de experiências Didático (textos, enunciados de questões)
PUBLICIDADE	propaganda	PUBLICIDADE	Propaganda

O que se nota é que há muito mais gêneros sugeridos para a atividade de compreensão do que para a atividade de produção. Isto reflete em parte a situação atual em que os alunos escrevem pouco e em certos casos quase não escrevem. Parece que produzir textos é uma atividade ainda pouco conhecida e mais conhecida é a que diz respeito à compreensão. As atividades relativas à compreensão são sempre em maior número.

(quadro 2, p. 43)

GÊNEROS PREVISTOS PARA A PRÁTICA DE PRODUÇÃO DE TEXTOS

LINGUAGEM ORAL		LINGUAGEM ESCRITA	
LITERÁRIOS		LITERÁRIOS	Conto Poema
DE IMPRENSA	Entrevista Debate Depoimento	DE IMPRENSA	Notícia Editorial Carta do leitor Entrevista
DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA	Exposição Seminário Debate	DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA	Relatório de experiências Esquema e resumo de artigos ou verbetes de enciclopédia

Os PCNs não negam que haja mais gêneros, mas estes não são lembrados. Por que não trabalhar telefonemas, conversações espontâneas, consultas, discussões etc., para a fala? Por que não analisar formulários, cartas, bilhetes, documentos, receitas, bulas, anúncios, horóscopos, diários, ata de condomínio e assim por diante, para a escrita? Estes são muito mais comuns do que aqueles lembrados nos quadros 1 e 2.

Na realidade, aqui há um problema de ordem metodológica paradoxal: por um lado, quando os PCNs propõem conteúdos programáticos mostram-se inevitavelmente redutores e, por outro, quando concretizam as ações, tornam-se homogeneizadores, sugerindo que todos os professores trabalhem determinados fenômenos. O fato é que para planos dessa ordem dever-se-ia operar no nível conceitual, explanatório e não de conteúdos. Nesses casos, noções, estratégias e processos com as respectivas exemplificações são mais importantes do que conteúdos específicos. O caso dos gêneros textuais é apenas um exemplo paradigmático disso.

Uma tarefa interessante seria analisar os livros didáticos, observando quais são as propostas por eles feitas para a produção textual com base nos gêneros. Esta análise já foi em parte feita no trabalho de doutorado de Williany Miranda da Silva[17], que analisou os exercícios de produção textual com base numa teoria de gêneros. Sua constatação foi que a escola ainda não se preocupa com a produção textual baseada em gêneros.

2.17 Os gêneros textuais em sala de aula: as *"seqüências didáticas"*

Dolz & Schneuwly preocupam-se em fornecer elementos de interesse para o ensino da oralidade em sala de aula, e todo o esforço volta-se para a consecução desse objetivo. Central é a metodologia utilizada para construir o que ficou conhecido nessa escola como *ensino por seqüências didáticas*, realizado com base em gêneros textuais diversos, especialmente os gêneros orais mais elaborados. Para tanto, os autores desenvolvem uma noção de gênero, concebido como um *instrumento de comunicação*, que se realiza empiricamente em textos. Devido a seu alto poder heurístico, Schneuwly (1994) chamou os

17. Refiro-me ao trabalho de Williany Miranda da Silva (2003). *O gênero textual no espaço didático*. Tese de doutorado em lingüística, Pós-Graduação em Letras da UFPE, Recife, mimeo (orientada por Luiz Antônio Marcuschi).

gêneros textuais de *mega-instrumentos* em outro trabalho, o que é retomado aqui, como se observa abaixo.

Como os gêneros se acham sempre ancorados em alguma situação concreta, particularmente os orais, os autores julgam plausível partir de situações claras para trabalhar a oralidade. Assim, sendo o texto um evento singular e situado em algum contexto de produção, seja ele oral ou escrito, no ensino, é conveniente partir de uma situação e identificar alguma atividade a ser desenvolvida para que se inicie uma comunicação. Por exemplo, explicar a migração das aves diante de uma turma de alunos ou produzir uma entrevista radiofônica.

Em sua postura teórica central, Dolz & Schneuwly (1998: 64) seguem a posição bakhtiniana de que:

> Para possibilitar a comunicação, toda sociedade elabora formas relativamente estáveis de textos que funcionam como intermediários entre o enunciador e o destinatário, a saber, gêneros.

E exploram os gêneros com base na metáfora dos "*instrumentos* que fundam a possibilidade de comunicação (e de aprendizagem)" (1998: 64). Assim, quando alguém tem de agir discursivamente, deve instrumentalizar-se com um conjunto de utensílios, por exemplo, usando o garfo para comer, o machado para cortar uma árvore ou então um gênero como "instrumento para agir discursivamente". Segundo os autores, o gênero

> É um instrumento semiótico constituído de signos organizados de maneira regular; este instrumento é complexo e compreende níveis diferentes; é por isso que o chamamos por vezes de 'mega-instrumento', para dizer que se trata de um conjunto articulado de instrumentos à moda de uma usina; mas fundamentalmente, trata-se de um instrumento que permite realizar uma ação numa situação particular. E aprender a falar é apropriar-se de instrumentos para falar em situações discursivas diversas, isto é, apropriar-se de gêneros (1998: 65).

A metáfora do instrumento deve ser muito bem entendida, pois os autores não ignoram o risco de uma noção instrumental de língua, já que isso seria inadequado. Por isso indagam-se: "De que modo definir o gênero como instrumento?" (1998: 65) Para tanto, na linha de Bakhtin (1979), distinguem três dimensões essenciais:

1) os *conteúdos* que se tornam decidíveis no gênero;
2) a *estrutura comunicativa* particular dos textos que pertencem ao gênero;
3) as *configurações específicas de unidades lingüísticas* como traços da posição enunciativa do enunciador, os conjuntos particulares de seqüências textuais e de tipos discursivos que formam essa estrutura.

Isto é interessante porque, desse modo, na ótica escolar, os gêneros se tornam um ponto de referência concreto para os alunos, operando como "entidades intermediárias que permitem estabilizar os elementos formais e rituais das práticas". Torna-se, assim, fácil operar com os gêneros que asseguram um quadro de estratégias para a análise e a produção textual. Os gêneros são tidos, pois, como as unidades concretas nas quais deve dar-se o ensino (1998: 66).

Na realidade, os dois autores estão interessados na noção de gênero na medida em que ela lhes será útil no trabalho com a oralidade. A preocupação vai centrar-se, em essência, no que os autores chamam de *gêneros formais públicos* produzidos em situações públicas ritualizadas e com modelos de produção bem definidos, tais como *sermão, debate televisivo, conferência, entrevista radiofônica* e outros dessa natureza trabalhados detidamente pelos autores em forma de seqüências didáticas. Pois, a hipótese é a de que os alunos já dominem os gêneros informais da vida cotidiana (1998: 68) não se necessitando de trabalhá-los de modo especial. Os gêneros formais públicos, no entanto, têm formas pré-codificadas e rígidas que não se determinam na situação concreta. Precisam de estímulo e aprendizagem especial, daí serem um objeto preferencial, ou até mesmo "*objeto autônomo*" do ensino na oralidade (1998: 69).

Modelo de trabalho em seqüências didáticas de Joaquim Dolz, Michèle Noverraz e Bernard Schneuwly para o ensino de gêneros nas séries fundamentais

Essa proposta apresenta a metodologia e os procedimentos para o ensino de gêneros tal como sugeridos por Joaquim Dolz, Michèle Noverraz e Bernard Schneuwly para o ensino fundamental em francês[18]. A proposta parte da idéia de que é possível e desejável ensinar gêneros textuais públicos da oralidade e da escrita e isso pode ser feito de maneira ordenada.

Os procedimentos têm um caráter modular e levam em conta tanto a oralidade como a escrita. O trabalho distribui-se ao longo de todas as séries do ensino fundamental. A idéia central é a de que se devem criar situações reais com contextos que permitam reproduzir em grandes linhas e no detalhe a situação concreta de produção textual incluindo sua circulação, ou seja, com atenção para o processo de relação entre produtores e receptores.

Os autores definem a "seqüência didática" como "um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito" (2004: 97). Para tanto, leva-se em conta a comunicação em situa-

ção real, pois sabemos que escrever uma carta a um amigo ou uma carta comercial é algo diferente. Falar num barzinho com os amigos ou produzir um discurso diante de um público não é a mesma coisa. Isso quer dizer que são contempladas as semelhanças e as diferenças entre os gêneros e entre as duas modalidades de uso da língua. Os gêneros são tidos como instrumentos comunicativos que servem para realizar essas atividades formais e informais de maneira adequada.

A finalidade de trabalhar com seqüências didáticas é proporcionar ao aluno um procedimento de realizar todas as tarefas e etapas para a produção de um gênero. Segundo os autores (2004: 98), "a estrutura de base de uma seqüência didática" pode ter esta representação esquemática, tendo em conta as atividades a serem desenvolvidas no processo de produção:

ESQUEMA DA SEQÜÊNCIA DIDÁTICA

Procedimentos envolvidos no modelo das seqüências didáticas

Como se viu no diagrama acima, o modelo de trabalho com base nas seqüências didáticas envolve 4 fases que se explicitam aqui:

I. Apresentação da situação (pp. 99-101)

(a) Primeiro vem uma apresentação inicial da situação em que é formulada a tarefa a ser desenvolvida pelos alunos. Define-se a modalidade: se escrita ou se oral.

(b) A primeira dimensão da proposta leva em conta o projeto coletivo para a produção do gênero a ser trabalhado. Aqui se decide qual o gênero a ser produzido; para quem ele é produzido, qual a sua modalidade; a forma que terá a produção: se para rádio, televisão, papel, jornal etc.

(c) A segunda dimensão diz respeito aos conteúdos a serem desenvolvidos. Isto deve ter relação com o gênero e pode exigir alguma pesquisa que

18. Refiro-me ao texto de Joaquim Dolz; Michele Noverraz e Bernard Schneuwly (2004). Seqüências didáticas para o oral e a escrita: Apresentação de um procedimento. In: Bernard Schneuwly e Joaquim Dolz (2004). *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, pp. 95-128.

deve ser feita em classe. De que área se trata e sobre o que falarão ou escreverão. É importante que nesta fase sejam apresentados a exemplares do gênero a ser realizado. Os alunos podem ler textos do mesmo gênero ou ouvir, se for o caso de gêneros orais. Os alunos podem discutir sobre a questão. O primeiro encontro com o gênero pode ter o acompanhamento do professor para se discutir aspectos de sua organização.

II. A primeira produção (pp. 101-103)

(a) O segundo passo é a primeira produção. Essa *produção inicial* é a primeira formulação do texto que pode ser realizada tanto coletiva como individualmente. Ela é avaliada formativamente pelo professor recebendo nota.

(b) Essa primeira produção pode ser feita em esboço geral e ainda apenas treinando o gênero sem uma destinação específica. Posteriormente, serão feitos os ajustes até a produção final. Esse esboço deve ser tido como o primeiro contato com o gênero. Essa etapa é crucial, pois representa a primeira atividade de produção em que o texto vai ser avaliado e revisto tantas vezes quantas necessárias e sucessivamente passando por módulos nos passos seguintes até chegar ao estágio final de elaboração.

III. Os módulos (pp. 103-106)

(a) Seguem-se então os módulos, que podem ser vários, até que se tenha treinado suficientemente a produção para a elaboração final do texto com sua avaliação somativa que testa o aprendizado. A construção dos módulos deve ser de tal modo que dê conta dos problemas aparecidos até agora. Eles não são fixos, mas seguem uma seqüência que vai do mais complexo ao mais simples para, no final, voltar ao complexo que é a produção textual.

(b) No início dos módulos, trabalham-se os problemas que apareceram na primeira produção. Trata-se de "dar aos alunos os instrumentos necessários para superá-los" (p. 103) após terem sido identificados os problemas. Por exemplo:

(i) como foi a representação da situação de comunicação? (destinatários, objetivos, gênero, modalidade etc);

(ii) como foi a elaboração dos conteúdos? (verificar os conteúdos, analisar as notas que foram feitas, as fontes etc.)

(iii) como foi o planejamento do texto? (observar se o gênero obedece à organização estrutural adequada, por exemplo, se foi uma entrevista, como está a ordem da P-R, se foi um conto, se foi uma notícia, uma receita etc.);

(iv) como foi a realização do texto? (observar como foi a seleção lexical, as estruturas sintáticas e todos os elementos ligados a esse nível semântico da expressão).

(b) Em seguida, podem-se fazer atividades de observação e análise de textos (p. 105) com o objetivo de identificar se o gênero foi bem produzido, se tem outras alternativas; podem-se comparar os textos produzidos e partir para a análise coletiva de problemas específicos ou gerais etc. Num segundo momento, pode-se tratar de tarefas simplificadas de produção de textos, em que se trabalhariam aspectos pontuais, por exemplo, transformar uma seqüência descritiva em argumentativa ou encaixar um trecho que monte uma argumentação ou uma exposição explicativa necessária ou então variar o texto em algum de seus aspectos. Por fim, trata-se de chegar à elaboração de uma linguagem comum, tendo em vista o fato de se poder falar sobre o que se está fazendo. É o momento de elaborar uma forma de ver o próprio trabalho.

(c) Num terceiro módulo, depois de o aluno ter aprendido a falar sobre o gênero e adquirido meios de observá-lo sob vários pontos de vista, ele deve adquirir uma linguagem técnica para se expressar sobre o que está fazendo. Pode até elaborar seu glossário a respeito do gênero ou das atividades desenvolvidas. É o momento de capitalizar todas as aquisições (p. 106) feitas ao longo dos outros módulos sobre o gênero em produção.

IV. Produção final

Esta parte da seqüência é reservada à produção final do gênero. Nesse momento, o aluno põe em prática o que aprendeu ao longo dos módulos, após a análise da produção inicial. Aqui o professor pode proceder a uma avaliação somativa e não apenas formativa. Nessa produção final, o trabalho concentra-se no pólo do aluno (p. 107). Aqui o aluno obtém um controle sobre sua própria aprendizagem e sabe o que fez, por que fez e como fez. Aprende a regular suas ações e suas formas de produção e seleção do gênero de acordo com a situação em que ele pode ser produzido. Essa avaliação deve levar em conta tanto os progressos do aluno como tudo o que lhe falta para chegar a uma produção efetiva de seu texto segundo o gênero pretendido.

Observações sobre os procedimentos apresentados (pp. 108-113)

O modelo apresentado aqui tem caráter modular, ou seja, ele procede por etapas com tarefas específicas. A proposta trabalha com a oralidade e a escrita. Não privilegia uma das duas modalidades e as vê integradamente e

num grau ascendente de dificuldades e permite articular a produção do gênero textual com outros domínios de ensino de língua. Aqui lembramos a sintaxe, a ortografia, o estilo etc. Vejamos alguns aspectos de modo mais explícito.

(a) Do ponto de vista teórico, esse tipo de proposta de trabalho com a língua age com a produção textual e não apenas com as palavras isoladas. Assim, a proposta tem por trás todos os princípios gerais da lingüística textual a fundamentarem o trabalho. Além disso, tem uma visão de língua como um conjunto de práticas sociais e vê os gêneros nesta mesma linha. Não separa a oralidade da escrita como se fossem dois domínios dicotômicos.

(b) Considera-se que a produção textual é uma atividade que se situa em contextos da vida cotidiana e os textos são produzidos para alguém com algum objetivo. Supera-se aquela velha idéia de que a redação escolar é a única forma de tratar a realidade lingüística.

(c) Tratam-se os gêneros como formas históricas com uma relativa estabilidade e que circulam na sociedade para consumo dos falantes e leitores em geral. Ensina-se a produzir textos e, em conseqüência de uma conscientização do processo, aprende-se também algo a respeito da teoria do texto e do gênero.

(d) Com isso, o aluno se prepara para enfrentar as situações reais da vida diária, pois a seleção dos gêneros deve estar atenta para esse lado da vida diária. As produções consideram as características de cada gênero e suas necessidades.

(e) Interessante perceber que a estratégia de modularidade com que é desenvolvido o trabalho situa as ações no contexto da realidade e não naturaliza o trabalho com a língua. Também não fica apenas em observações impressionistas, conduzindo as ações para situações concretas do dia-a dia. O aluno conscientiza-se e desenvolve um trabalho mais claro e auto-regulado.

(f) A modularidade permite também um trabalho diferenciado entre os alunos e permite que se tenha atenção para problemas específicos de cada qual na medida em que se acompanham as produções individuais e se fazem avaliações específicas da produção corrente. A produção do aluno é valorizada.

(g) O trabalho modular permite que os casos de insucesso sejam retrabalhados e recebam atenção especial sem que isso ocasione transtornos. Pode haver, pois, um trabalho diferenciado e de atenções especiais sem a necessidade de divisão de turmas. A modularidade deve obedecer a uma ordem normal e não aleatória.

(h) A oralidade e a escrita devem ser tratadas de forma clara e o centro da atenção é o gênero. Há gêneros que se prestam para um trabalho mais efetivo na oralidade e outros na escrita.

(i) A atividade modular pode ser uma maneira de compreender melhor que o trabalho de escrita é também um trabalho de reescrita (p. 112). O processo de produção deve ser de algum modo distinguido da produção final do texto. Pois o produto final é o resultado de um processo que pode passar por muitas revisões.

(j) "O texto escrito pode ser considerado como uma forma permanente, exteriorizada, do próprio comportamento de linguagem" (p. 113). Esse processo, por ser exteriorizado pode ser observado e tornar-se objeto de reflexão. Já para o texto oral, essa observabilidade não é tão natural, mas pode ser feita na medida em que se grava o texto e se transcreve. Assim, um trabalho com estes instrumentos seria de grande utilidade no caso da oralidade até para se observar o que se fez.

Em suma, o que se pode dizer é que as seqüências didáticas "visam ao aperfeiçoamento das práticas de escrita e de produção oral e estão principalmente centradas na aquisição de procedimentos e de práticas" (p. 114).

Uma perspectiva textual (pp. 115-119)

O modelo das seqüências didáticas segue os princípios gerais da lingüística textual. E nesse nível podem ser tratados todos os problemas da textualidade interligadamente com o dos gêneros textuais. Alguns desses aspectos são os seguintes:

(a) Questões gramaticais: aqui podem ser tratados, dentro dos módulos, de forma sistemática, o problema da organização da frase, os tempos verbais, a coordenação e subordinação, a pontuação, a paragrafação e assim por diante. Embora a sintaxe não se ligue ao gênero, ela contribui para a construção do gênero e pode ser tratada com uma abordagem "epilingüística' como o fazem, por exemplo, os PCNs.

(b) Questões de ortografia: os problemas de ortografia não são questões de gênero textual, mas podem ser tratados na produção lingüística escrita sem dificuldade dentro dos módulos e até na revisão final do texto para a produção final. O trabalho da ortografia não deve sobrepor-se ao trabalho efetivo com a produção textual, pois a ortografia é um detalhe específico que deve ser cuidado, mas com outro tipo de atenção e exposição do aluno. Transformar a revisão ortográfica em centro dos problemas é desvirtuar todo o trabalho com a seqüência didática.

Agrupamento dos gêneros e progressão (pp. 119-126)

A questão do agrupamento dos gêneros é importante, pois diz respeito à seleção dos gêneros a serem tratados na seqüência didática. Os autores sugerem que se agrupem os gêneros por séries e que então se escolha um deles por vez para ser trabalhado.

Por trás do processo de seleção dos gêneros, está toda uma teoria dos gêneros textuais e sua atenção para com a sociedade em que esse ensino deve dar-se. No geral, de cultura para cultura, se dão as mesmas situações básicas na vida diária. Ninguém duvida que em todas as culturas as pessoas falam muito mais do que escrevem e que quando falam dialogam, isto é, produzem conversações e não textos monologados.

Os autores propõem o quadro geral que aparece abaixo para tratar o ensino de gêneros. Esse quadro se organiza contemplando uma série de aspectos já expostos ao longo das bases teóricas aqui trazidas e considerando os objetivos do ensino proposto. Estes agrupamentos de gêneros se dão pelas cinco modalidades retóricas que correspondem aos tipos textuais (aqui tratados como seqüências tipológicas no interior de cada gênero).

ASPECTOS TIPOLÓGICOS

DOMÍNIOS SOCIAIS DE COMUNICAÇÃO	CAPACIDADES DE LINGUAGEM DOMINANTES	EXEMPLOS DE GÊNEROS ORAIS E ESCRITOS
Cultura literária ficcional	NARRAR *Mimeses* da ação através da criação de intriga	Conto maravilhoso Fábula Lenda Narrativa de aventura Narrativa de ficção científica Narrativa de enigma Novela fantástica Conto parodiado
Documentação e memorização de ações humanas	RELATAR Representação pelo discurso de experiências vividas, situadas no tempo	Relato de experiência vivida Relato de viagem Testemunho *Curriculum vitae* Notícia Reportagem Crônica esportiva Ensaio biográfico
Discussão de problemas sociais controversos	ARGUMENTAR Sustentação, refutação e negociação de tomadas de posição	Texto de opinião Diálogo argumentativo Carta do leitor Carta de reclamação Deliberação informal Debate regrado Discurso de defesa (adv.) Discurso de acusação adv.

Transmissão e construção de saberes	EXPOR Apresentação textual de diferentes formas dos saberes	Seminário Conferência Artigo ou verbete de enciclopédia Entrevista de especialista Tomada de notas Resumo de textos expositivos ou explicativos Relatório científico Relato de experiência científica
Instruções e prescrições	DESCREVER AÇÕES Regulação mútua de comportamentos	Instruções de montagem Receita Regulamento Regras de jogo Instruções de uso Instruções

FONTE: Joaquim Dolz, Michèle Noverraz e Bernard Schneuwly (2004: 121).

Segundo os autores,

> os agrupamentos, assim definidos, não são estanques uns em relação aos outros; não é possível classificar um gênero de maneira absoluta num dos agrupamentos propostos (p. 121).

Os princípios desta progressão são estes (pp. 123-125):

1) A progressão é organizada em torno de agrupamento de gêneros: cada grupo se acha formado dentro de uma modalidade discursiva ou um tipo básico predominando.
2) A progressão se dá na forma espiralada: o mesmo gênero é dominado em vários níveis.
3) Os gêneros são tratados de acordo com os ciclos de ensino: mesmo assim as escolhas podem ser flexíveis, pois não se pode estabelecer um grau de dificuldades crescentes nos gêneros.
4) Aprendizagem precoce para assegurar domínio ao longo do tempo: os mesmo textos devem ser produzidos em vários momentos ao longo dos ciclos.
5) Evitar a repetição, sobrepondo-se diferentes níveis de complexidade: cada gênero pode ser abordado em níveis diversos de exigência e dificuldade, desde uma sofisticação mínima até uma máxima, de acordo com o avanço do ensino. Deveria ser evitado o tratamento reiterado dos mesmos gêneros por séries.

Vejamos aqui a proposta da distribuição dos gêneros por série, tal como os autores sugerem para o ensino de francês. Seguramente, deveria haver alguma adaptação para o português e para o Brasil em geral, mas esse é um detalhe que podemos discutir de maneira concreta a cada momento em que vamos trabalhar os fenômenos em si mesmos.

SEQÜÊNCIAS DIDÁTICAS PARA EXPRESSÃO ORAL E ESCRITA: DISTRIBUIÇÃO DAS 35 SEQÜÊNCIAS

AGRUPAMENTO	CICLO			
	1ª – 2ª	3ª-4ª	5ª-6ª	7ª-8ª
NARRAR	1. O livro para completar	1. O conto maravilhoso 2. A narrativa de aventura	1. O conto do porquê e do como 2. A narrativa de aventura	1. A paródia de conto 2. A narrativa de ficção científica 3. A novela fantástica
RELATAR	1. O relato de experiência vivida* (Apresentação em áudio)	1. O testemunho de uma experiência vivida	1. A notícia	1. A nota biográfica 2. A reportagem radiofônica *
ARGUMENTAR	1. A carta de solicitação	1. A carta de resposta ao leitor 2. O debate regrado *	1. A carta de leitor 2. A apresentação de um romance *	1. A petição 2. A nota crítica de leitura 3. O ponto de vista 4. O debate público *
TRANSMITIR CONHECIMENTOS	1. Como funciona? (Apresentação de um brinquedo e de seu funcionamento)	1. O artigo enciclopédico 2. A entrevista radiofônica*	1. A exposição escrita 2. A nota de síntese para aprender 3. A exposição oral *	1. A apresentação de documentos 2. O relatório científico 3. A exposição oral * 4. A entrevista radiofônica*
REGULAR COMPORTAMENTOS	1. A receita de cozinha * (Apres. em áudio) 5 seqüências (sendo 2 orais)	1. A descrição de um itinerário * 8 seqüências (sendo 3 orais)	1. As regras de jogo 9 seqüências (sendo 2 orais)	13 seqüências (sendo 4 orais)

FONTE: Joaquim Dolz, Michèle Noverraz e Bernard Schneuwly (2004:126).
Observação: os gêneros com asteriscos (*) indicam seqüências de expressão oral.

2.18 A proposta de Bronckart

Bronckart (2001) em *L'enseignement des discours*, lembra que os textos são um objeto legítimo de estudo e que a análise de seus níveis de organização permite trabalhar a maioria dos problemas relativos à língua em todos os seus aspectos. O trabalho com gêneros é interessante na medida em que eles "são instrumentos de adaptação e participação na vida social e comunicativa". Quanto ao tratamento dos gêneros para elaborar uma série didática, Bronckart sugere uma atividade em quatro fases:

(I) Elaborar um modelo didático:

O primeiro passo é a escolha de um gênero e sua adaptação aos conhecimentos dos alunos; em seguida trata-se de analisar as propriedades desse texto, seus usos, suas formas de realização, suas variações e seus contextos de uso. Esse modelo assim escolhido e trabalhado permite delimitar três grandes categorias de objetivos de ensino:

(a) analisar as *atividades discursivas*: aprender os critérios da escolha de um dado gênero numa dada situação comunicativa; simular a posição de um produtor do gênero imaginando as intenções os interlocutores (destinatários etc.); identificar os conhecimentos mobilizados para produzir o gênero nas circunstâncias imaginadas; especificar as estruturas comunicativas e o formato convencional que o gênero apresenta;

(b) operar com as *seqüências típicas (tipos textuais)*: saber como coordenar as seqüências que entram para compor a coerência de base textual, tais como as seqüências argumentativas, narrativas, expositivas etc.; essas bases globais devem ser ordenadas e seqüenciadas de maneira organizada;

(c) dominar os *mecanismos lingüísticos:* nesse caso, trata-se de estudar e analisar os aspectos sintáticos, morfológicos (gramaticais de uma maneira geral) e as propriedades léxicas bem como a escolha dos registros e estilos; observa-se aqui a organização textual sob o seu aspecto local (coesão) e global (coerência);

(II) Identificar as capacidades adquiridas:

Testar os alunos quanto ao fato de se adquiriram ou perceberam os três aspectos trabalhados em (I) acima, ou seja: as capacidades relativas às *ações discursivas, tipológicas, lingüístico-textuais.*

(III) Elaborar e conduzir atividades de produção:

Uma vez identificadas as capacidades em relação ao trato dos gêneros escolhidos, partir para exercícios de produção efetiva de gêneros dando condições específicas e situações determinadas de acordo com os elementos analisados em (I e II) acima. Aqui seriam elaborados os *módulos* de seqüências didáticas.

(IV) Avaliar as novas capacidades adquiridas:

Neste ponto trata-se de analisar as produções textuais dos alunos dando-lhes um retorno específico de maneira que possam prosseguir no trabalho

com gêneros similares ou com outros gêneros dentro dos passos expostos até aqui em (I, II, III) acima.

Este modelo, desenhado para o trabalho com gêneros textuais escritos, pode muito bem ser estendido para os gêneros orais. Assim, podemos identificar, como faz Bronckart, a exposição oral como objeto de análise e tratamento numa série didática. Vejamos como se poderia analisar uma *exposição oral* tal como as que são feitas por um *expert* sobre um tema, alunos em sala de aula como apresentação de um tema diante da turma. Seguindo o modelo acima proposto, temos:

(I) Elaboração do modelo didático:

O modelo escolhido é uma exposição didática que deveria ter sido gravada e transcrita para análise:

(a) **quanto às *atividades discursivas* uma exposição oral apresenta:**

- uma estrutura comunicativa institucionalizada e bem definida ou seja, convencionalizada;
- em relação aos atores sociais, há um especialista que fala sobre um tema determinado diante de um auditório interessado;
- há uma assimetria quanto à posse da palavra e disponibilidade de conhecimentos;
- um dos propósitos da exposição oral é diminuir a assimetria de conhecimentos e partilhar conteúdos;
- o expositor usará de recursos diversos para sua exposição, sejam os meios próprios tais como a gestualidade, entoação, mímica, mas ainda outros recursos disponíveis (projetor, microfone etc.)
- poderá haver intervenção do público mediante permissão do expositor ou não.

(b) **quanto às *seqüências típicas de tipos textuais* uma exposição oral:**

- é um monólogo em que um expositor tem a palavra;
- a organização interna apresenta uma abertura com a informação do tema, delimitação do objeto e desenvolvimento do tema, recapitulações, sumarizações e observações conclusivas;
- quanto às seqüências típicas tem fases descritivas, expositivas e argumentativas.

(c) **quanto aos *mecanismos lingüísticos* mobilizados numa exposição oral, teríamos:**

a. do ponto de vista do léxico mobilizado, em geral trata-se de expressões técnicas e um estilo característico de exposições científicas;

- a gesticulação, a mímica e os elementos suprassegmentais são usados para criar efeitos;
- uso de marcadores para encadeamento dos enunciados e repetições, bem como elementos anafóricos são utilizados para desenvolver os temas.

(II) Identificar as capacidades adquiridas:

Neste ponto, trata-se de analisar alguma produção de exposição oral desenvolvida por um aluno e um profissional, identificando os aspectos apontados. De um modo geral, pode-se pedir para ouvir, tomar notas, ir se preparando para a fase seguinte que será a da produção de uma exposição oral.

(III) Elaborar e conduzir atividades de produção:

Uma vez identificadas as capacidades em relação à exposição oral, parte-se para a produção de uma exposição seja por um aluno ou por duplas. Para a produção seguem-se passos previstos desde as notas escritas para consulta até o desenvolvimento do tema e sua apresentação em público.

(IV) Avaliar as novas capacidades adquiridas:

A produção na fase anterior é observada e anotada por todos, que agora analisam e fazem suas sugestões. Observa-se a capacidade de conduzir o tema; a seleção dos tópicos e da linguagem; a adequação ao público e a capacidade de envolver os ouvintes.

Neste exemplo, alguns aspectos estão aqui apontados, mas pode-se ir mais longe e tratar de muitos outros. Seguramente, para cada gênero trabalhado, podem-se trazer variações e observar a multiplicidade de formas de produzi-lo. Também se pode proceder a pesquisas por parte dos alunos que coletam dados de gêneros da mesma classe ou similares ou com pequenas variações. É possível que se tenha exemplares de gêneros que não foram bem-sucedidos na sua produção. Uma seqüência didática de gêneros pode dedicar-se a observar também questões específicas relacionadas a gêneros.

EXERCÍCIOS DA SEGUNDA PARTE: análise de gêneros textuais

(a) GLOSSÁRIO SOBRE GÊNEROS TEXTUAIS: Dar continuidade à montagem do glossário com termos tais como os que aparecem nesta unidade:

• autor (autoria) • argumentar (argumentação) • canal • comunicação assíncrona • comunicação síncrona • comunicação discursiva • descrição • dialogismo • didatização do gênero • domínio discursivo • estilo • etnografia • etnometodologia • evento discursivo • expor (exposição) • gêneros da escrita • gêneros orais • gênero textual • heterogeneidade lingüística	• injução • interação social • interculturalismo interdiscurso • intergenericidade • intertextualidade • letramento • multimodalidade • narrar (narrativa) • oralidade • poder • propósito do gênero • retórica • seqüência didática • socioconstrutivismo • suporte textual • texto multimodal • tipo textual • variação e mudança lingüística

(b) Definir e trabalhar critérios específicos para a noção de domínio discursivo, tentando esclarecer o que caracteriza cada um deles. Tentar estabelecer um quadro de domínios e justificar a escolha e a tipificação. Partir do que foi apresentado neste manual, criticando-o.

(c) Escolher alguns gêneros e apontar as seqüências tipológicas subjacentes, identificando quais são as predominantes. Por exemplo (só para a escrita):

a) notícia jornalística
b) crônica
c) entrevista jornalística
d) artigo científico
e) aula expositiva (utilize as aulas transcritas pelo Projeto NURC)
f) ata de condomínio
g) bula de remédio
etc.

(d) Montar uma *seqüência didática* com todos os passos, tomando por base um gênero textual para uma série definida. Seguir os passos dados por Schneuwly, Dolz & Noverraz. Se possível, aplicar em sala de aula e analisar os resultados.

(e) Identificar uma série de textos que teriam um alto componente de intergenericidade e observar se apresentam características peculiares quanto ao processo de textualização em relação aos critérios da textualidade apresentados na primeira unidade.

(f) Fazer uma análise das concepções e do uso das expressões "*gênero textual/discursivo*" e "*tipo textual*" em livros didáticos do ensino fundamental e mostrar sua consistência/inconsistência no uso dessa terminologia.

(g) Discutir várias definições de gênero e mostrar em que elas diferem na relação entre privilegiar ou desprivilegiar a forma e os propósitos. Mostrar em que estes dois aspectos contribuem para a produção do gênero.

(h) Em que diferem as noções de gênero na linha da *análise crítica do discurso* e na linha das demais visões.

Terceira parte

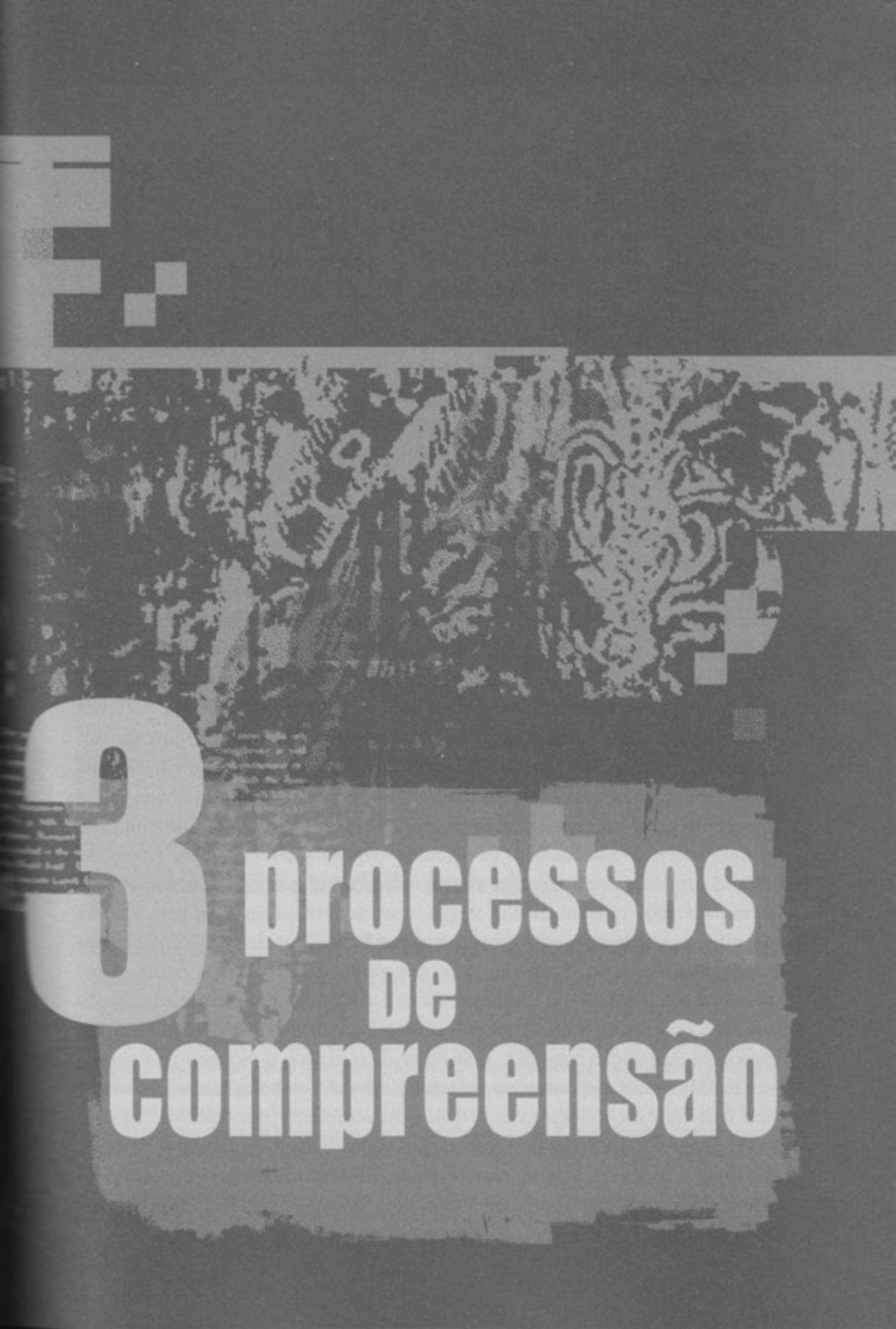

3 processos de compreensão

Trabalhar a compreensão hoje em dia é bastante complexo. Muitos são os estudos sobre o tema e igualmente variadas são as posições teóricas. Não há uma teoria hegemônica ou que seja a mais correta e definitiva. Ler é um ato de produção e apropriação de sentido que nunca é definitivo e completo. Aqui vamos defender a posição de que ler não é um ato de simples extração de conteúdos ou identificação de sentidos. Mas não se pode dizer que ler seja apenas uma experiência individual sobre o texto, oral ou escrito. Compreender o outro é uma aventura, e nesse terreno não há garantias absolutas ou completas.

Antes de qualquer coisa, deve-se ter clareza quanto ao fato de que nossa compreensão está ligada a esquemas cognitivos internalizados, mas não individuais e únicos. Assim, a percepção é, em boa medida, guiada e ativada pelo nosso sistema sociocultural internalizado ao longo da vida. Nossas experiências, por sua vez, são uma construção com base em sensações organizadas e não um fruto puro e simples de sensações primárias. Essa idéia é muito antiga e foi defendida já por Heráclito no século VI a.C., para quem a harmonia, a coerência, a unidade e o sentido estavam no oculto e não no aparente, pois este se mostra atomizado e sempre em mudança. Daí a idéia de que perceber é reconhecer com categorias ou esquemas internalizados e não apenas ver, sentir, ouvir etc. pela sensação direta dos sentidos puros. Ver algo não é ainda *perceber* determinado objeto. Eu não vejo uma cadeira e sim um objeto que é percebido pelas condições cognitivas internalizadas e que então é identificado como *cadeira*. Pensamos com categorias e esquemas e não com as sensações. Nós só tomamos conhecimento de algo e identificamos algo como sendo determinada coisa quando temos categorias ou esquemas cognitivos para isso. Se eu nunca vi cadeiras nem construí a experiência de cadeira, não reconheço uma cadeira quando alguém me põe um objeto desse tipo pela frente. A cadeira, na sua condição de um objeto físico e cultural para determinada função ou ação cotidiana — por exemplo, sentar —, não é um dado dos sentidos, mas uma elaboração cognitiva. E assim se dá com todo o processo de compreensão. Mas esses esquemas ou categorias não são elaborações individuais e sim coletivas, como logo mais veremos. As representações coletivas, já lembrava Vygotsky, precedem as elaborações individuais e lhes servem de base. Essa é a grande novidade da *abordagem sociointerativa da cognição* em oposição à velha noção de conhecimento como atividade individual (fruto da psicologia cognitiva de origem subjetivista).

A língua é um sistema simbólico ligado a práticas sócio-históricas e não funciona no vácuo. Ela se dá, inclusive, com condições inter- e intrapessoais, como diria Vygotsky. O sociointeracionismo vygotskiano funda-se nas propriedades da mente social. Para Vygotsky, conhecer é um ato social e não uma ação interior do indivíduo isolado[1]. A criança primeiro se apropria da linguagem como uma ação social e depois a internaliza para, a partir de uma atividade *intrapessoal*, fazer um uso *interpessoal*. Vários outros autores, como Tomasello (2003), adotam essa visão de que é o social que funda a cognição.

É por isso que tomamos a língua como um conjunto de atividades sociais e históricas e não como um sistema apenas. Com ela guiamos o sentido e construímos mundos, mas não por força de alguma virtude imanente à própria língua como tal e sim pelo esforço dos falantes. Diante disso, vamos ver que compreender não é extrair conteúdos de textos. Por isso mesmo, nem tudo é visto por todos do mesmo modo e há divergências na compreensão de textos por parte de diferentes leitores.

Resta frisar ainda que os modelos culturais de determinada sociedade são uma sólida base para construir as experiências tal como frisamos acima. É nesse contexto que a língua terá um papel decisivo. Também há esquemas maiores que os conceituais, tal como os *gêneros textuais* que operam como formas discursivas de enquadre poderoso para guiar o sentido. É dessas questões que trataremos neste módulo final do curso.

3.1 Leitura e compreensão como trabalho social e não atividade individual

Compreender bem um texto não é uma atividade natural nem uma herança genética; nem uma ação individual isolada do meio e da sociedade em

1. Em sua obra *A formação social da mente* (1984: 30), Vygotsky afirma: "A maior mudança na capacidade das crianças para usar a linguagem como um instrumento para a solução de problemas acontece um pouco mais tarde no seu desenvolvimento, no momento em que a fala socializada (que foi previamente utilizada para dirigir-se a um adulto) é *internalizada*. Ao invés de apelar para o adulto, as crianças passam a apelar a si mesmas; a linguagem passa, assim, a adquirir uma *função intrapessoal* além do seu uso *interpessoal*. No momento em que as crianças desenvolvem um método de comportamento para guiarem a si mesmas, o qual tinha sido usado previamente em relação a outra pessoa, e quando elas organizam sua própria atividade de acordo com uma forma social de comportamento, conseguem, com sucesso, impor a si mesmas uma atitude social. A história do processo de *internalização da fala social* é também a história da socialização do intelecto das crianças".

que se vive. Compreender exige habilidade, interação e trabalho. Na realidade, sempre que ouvimos alguém ou lemos um texto, entendemos algo, mas nem sempre essa compreensão é bem-sucedida. Compreender não é uma ação apenas lingüística ou cognitiva. É muito mais uma forma de inserção no mundo e um modo de agir sobre o mundo na relação com o outro dentro de uma cultura e uma sociedade. Para se ter uma idéia da dificuldade de compreender bem basta considerar que em menos da metade dos casos as pessoas se saem a contento nos testes realizados em aula ou em concursos, o que se repete em muitas situações da vida diária. É comum ouvirmos reclamações do tipo: "*Não foi bem isso que eu quis dizer*"; "*você não está me entendendo*"; "*o autor não disse isso*", e assim por diante. Contudo, vale a pena indagar-se o que é que estava sendo dito ou o que é que o autor queria dizer. Existem, pois, má e boa compreensão, ou melhor, *más* e *boas* compreensões de um mesmo texto, sendo estas últimas atividades cognitivas trabalhosas e delicadas.

Prova da não-naturalidade da boa-compreensão é o resultado da avaliação internacional de leitura feita pelo teste PISA em 41 países pela Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OECD-PISA). Nesse exame — que não é isento de críticas —, o Brasil ficou entre os últimos cinco países com uma nota média inferior a 4 pontos numa escala de 1 a 8. Isso quer dizer que os alunos com 15 anos (que deveriam estar na 1ª série do ensino médio) só responderam bem a cerca de 40% das questões. Embora o teste PISA seja controverso, tanto na sua elaboração como nas condições de aplicação, o resultado não deixa de ser alarmante. Isto repetiu-se em grau um pouco menor de gravidade na avaliação da compreensão realizada, no Brasil, pelo INEP no teste do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB) em alunos do ensino básico. O relatório SAEB 2001 revela que a compreensão teve êxito em cerca de apenas 50-60% das situações.

Independentemente de resultados de testes, todos nós sabemos como é importante nos entendermos bem no dia-a-dia, seja no diálogo com outras pessoas ou na leitura de textos escritos. Esse não é um assunto apenas escolar ou acadêmico, mas de nossa vivência cotidiana, pois entre as experiências negativas que fazemos está a de sermos mal-entendidos em nossas relações comunicativas. Da má-compreensão podem surgir desavenças e acabarem namoros; podemos perder amigos e dinheiro, sofrer acidentes e até deixar de conseguir um emprego. A nota baixa na escola é apenas um detalhe menor. Diante disso, não parece necessário argumentar em favor da relevância do estudo da compreensão, já que ela permeia todas as nossas atividades, mas é útil lembrar alguns aspectos relacionados ao tema.

Em primeiro lugar, sempre que produzimos algum enunciado, desejamos que ele seja compreendido, mas nunca exercemos total controle sobre o entendimento que esse enunciado possa vir a ter. Isto se deve à própria natureza da linguagem, que não é transparente nem funciona como uma fotografia ou xerox da realidade.

Em segundo lugar, a interpretação dos enunciados é sempre fruto de um trabalho e não uma simples extração de informações objetivas. Como o trabalho é conjunto e não unilateral, pois compreender é uma atividade colaborativa que se dá na interação entre autor-texto-leitor ou falante-texto-ouvinte, podem ocorrer desencontros. A compreensão é também um exercício de convivência sociocultural.

Ângela Kleiman (2004: 14)[2] afirma o seguinte, a respeito da atividade de leitura e o estudo atual a esse respeito:

> A concepção hoje predominante nos estudos de leitura é a de leitura como prática social que, na lingüística aplicada, é subsidiada teoricamente pelos estudos do letramento. Nessa perspectiva, os usos da leitura estão ligados à situação; são determinados pelas histórias dos participantes, pelas características da instituição em que se encontram, pelo grau de formalidade ou informalidade da situação, pelo objetivo da atividade de leitura, diferindo segundo o grupo social. Tudo isso realça a diferença e a multiplicidade dos discursos que envolvem e constituem os sujeitos e que determinam esses diferentes modos de ler.

Isto quer dizer que na visão atual o leitor não é um sujeito consciente e dono do texto, mas ele se acha inserido na realidade social e tem que operar sobre conteúdos e contextos socioculturais com os quais lida permanentemente. Na sua análise, Kleiman identifica dois modelos de leitura historicamente desenvolvidos nos últimos trinta anos. Um deles, que vai da década de 1970 aos anos 1990, é dominado pelas teorias da psicologia cognitiva e pela lingüística de texto de primeira e segunda geração, que ainda se pautavam pela visão do texto como um continente. Hoje essa visão já está superada e uma nova posição surge no interior da lingüística de texto para dar conta dos processos de compreensão. O modelo criticado por Kleiman é assim representado pela autora (2004: 115):

2. Refiro-me aqui ao trabalho de Ângela B. Kleiman (2004). Abordagens da leitura. *Scripta*, Belo Horizonte, vol. 7, 14(2004):13-22.

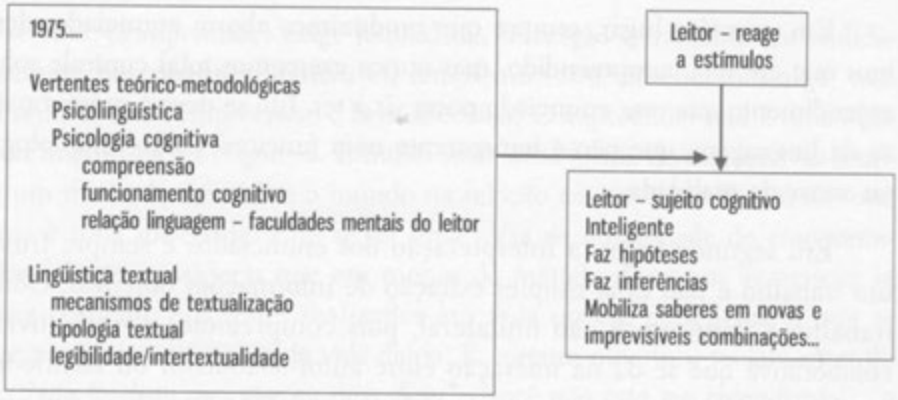

FONTE: Ângela Kleiman, 2004: 15

Por essa visão da autora, nota-se que ela critica as posições da lingüística de texto e da psicologia cognitiva que inspiraram as teorias que viam o leitor como sujeito ativo que utilizava e mobilizava conhecimentos pessoais para compreender. Para Kleiman, a partir dos anos 1990, ocorreu uma guinada significativa nesse contexto, indo-se para uma visão que desloca o pólo do interesse da ação do indivíduo sobre o texto para a inserção do sujeito na sociedade e no contexto de interpretação ligado à realidade sociocultural, dando menos ênfase ao texto em si, às faculdades mentais e aos conhecimentos prévios. Isto estaria caracterizado pelo próximo diagrama, que traz os elementos básicos da nova visão agora orientada pelos estudos do letramento, as ciências sociais, a sociolingüística interacional, a análise do discurso crítica etc. Vejamos o modelo tal como proposto por Kleiman (2004: 16):

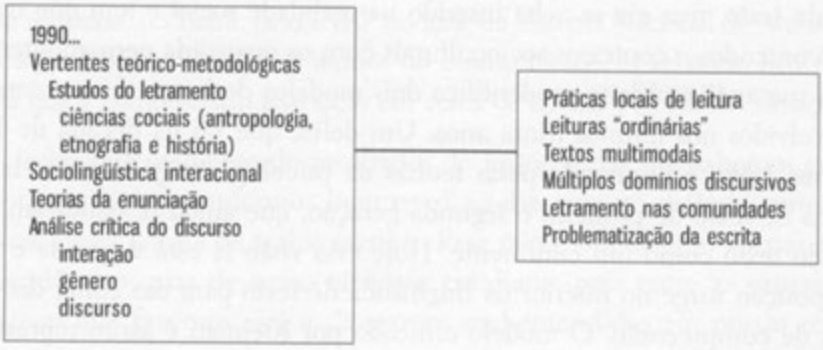

FONTE: Ângela Kleiman, 2004: 16

Isto sugere que atualmente a leitura vem sendo tratada em um novo contexto teórico que considera práticas sob um aspecto crítico e voltado para atividades, sobretudo sociointerativas. Trata-se de promover a leitura como uma ação solidária e coletiva no seio da sociedade. A leitura deve ter assim uma influência

bastante clara sobre os processos de compreensão que não se dão, a não ser contra esse pano de fundo sociointerativo. Não discordo dessa posição, mas creio que devemos ter mais clareza sobre os aspectos em discussão. Trata-se, aqui, de uma visão que não desloca o pólo da observação, mas desloca o problema observado. Observam-se atividades sociais e não processos de compreensão. Concordo com Kleiman na medida em que ela enfatiza as questões sociais envolvidas, tal como já apontei sobejamente até aqui nas primeiras duas partes deste curso, mas não creio que isso entre no núcleo dos problemas relativos às atividades de compreensão envolvidas. É para esses problemas que vamos nos voltar aqui, sem deixar de lado as posições da AD crítica, que alimentam boa parte de nossas reflexões sobre a análise de gêneros textuais.

Já que praticamente todas as nossas ações diárias mais significativas estão revestidas de linguagem, é importante saber algo sobre o seu funcionamento. E esse funcionamento da linguagem é tão espontâneo que não nos damos conta de sua complexidade. Quando falamos ou escrevemos, não temos muita consciência das regras usadas ou das decisões tomadas, pois essas ações são tão rotineiras que fluem de modo inconsciente. Por outro lado, as atividades sociais e cognitivas marcadas pela linguagem são sempre colaborativas e não atos individuais. Por isso, seguidamente operam como fontes de mal-entendidos. Pois, como seres produtores de sentidos, não somos tão lineares e transparentes quanto seria de desejar, e a compreensão humana depende da cooperação mútua. Sendo uma atividade de produção de sentidos colaborativa, a compreensão não é um simples ato de identificação de informações, mas uma construção de sentidos com base em atividades inferenciais. Para se compreender bem um texto, tem-se que sair dele, pois o texto sempre monitora o seu leitor para além de si próprio e esse é um aspecto notável quanto à produção de sentido.

Tal quadro teórico traz várias conseqüências que deverão ser exploradas neste estudo; entre tais conseqüências estão, por exemplo, as seguintes:

1) *entender um texto não equivale a entender palavras ou frases;*
2) *entender as frases ou as palavras é vê-las em um contexto maior;*
3) *entender é produzir sentidos e não extrair conteúdos prontos;*
4) *entender o texto é inferir numa relação de vários conhecimentos.*

A isso subjazem algumas suposições bastante centrais, como:

1) *os textos são em geral lidos com motivações muito diversas;*
2) *diferentes indivíduos produzem sentidos diversos com o mesmo texto;*
3) *um texto não tem uma compreensão ideal, definitiva e única;*

4) *mesmo que variadas, as compreensões de um texto devem ser compatíveis;*
5) *em condições socioculturais diversas, temos compreensões diversas do mesmo texto.*

Para uma fundamentação dessas posições e uma análise clara dos processos de compreensão envolvidos, devemos levar em conta algumas noções básicas. Entre elas estão três que merecerão atenção particular: *língua, texto* e *inferência*. Duas delas, *língua* e *texto* já foram trabalhadas na primeira parte deste curso. Agora deve ser trabalhada em detalhe a terceira: *inferência*. Outras noções além destas serão apresentadas ao longo das reflexões, mas dessas três dependerá nossa visão da atividade de compreensão. Conceitos tais como: *contexto, sujeito, estilo* e *gênero textual* são fundamentais para uma boa visão da atividade de compreensão e eles já foram analisados na segunda parte deste curso.

A idéia hoje mais plausível é a de que a compreensão de texto não se dá como fruto da simples apreensão de significados literais das palavras. Quanto a isso, precisamos discutir o que se deve entender com a expressão "*significado literal*", que para muitos autores sequer faz sentido. Contudo, trata-se de uma expressão que, como mostra Sírio Possenti (2002), pode ser usada. Veja-se o caso de algumas ocorrências que até parecem piadas:

— Numa livraria, o livro *Raízes do Brasil* estava classificado entre os livros de botânica;
— Numa outra livraria, o livro *Dialética do concreto* estava colocado na estante dos livros de engenharia civil.

Diante disto, vale a pena perguntar-se o que é *o sentido literal* e se ele de fato existe. De modo especial, a questão se torna mais insistente quando se consideram os aspectos pragmáticos e não apenas os semânticos. Pode-se admitir que compreender uma expressão lingüística ou um texto em uso é entendê-los em seus contextos. É no uso efetivo da língua e de modo especial no texto em sua relação com seu leitor ou ouvinte que o sentido se constitui.

3.2 Breves observações sobre o *sentido literal*

Muitas são as discussões hoje sobre a questão do sentido literal, e os autores divergem de maneira bastante acentuada sobre o tema. Adiantando a posição aqui assumida, diria que o sentido literal nada mais é que um sentido

básico que entendemos quando usamos a língua em situações naturais. Não se trata do sentido dicionarizado nem de uma oposição ao sentido figurado e sim daquele sentido que é construído como preferencial. Assim, não se pode vincular o sentido literal de forma automática a palavras, pois elas podem ter vários sentidos literais. O sentido é um efeito do funcionamento da língua e não uma simples propriedade imanente ao item lexical como tal. Para um esclarecimento mais técnico da questão, vejamos mais algumas noções.

Para Mira Ariel (2002: 361)[3], o *sentido literal* (SL) foi tido originalmente como codificado, composicional, contextualmente invariante, sentencial e vericondicional (fator relevante para identificar a verdade dos enunciados). Mas muitos foram os problemas com essa e outras propriedades definidoras do sentido literal, e algumas modificações foram propostas na definição. Alguns teóricos incluem interpretações dependentes de contexto em suas noções de *sentido literal* (como *sentido mínimo)* ou então que o SL não necessita de receber uma especificação de todas as condições de verdade e alguns até deixaram de postular a literalidade sentencial etc. Como conseqüência disso não há hoje uma definição consensual e teoricamente unificada de sentido literal. É por isso que a questão continua ainda aberta a discussões.

Em contrapartida, Ariel (2002: 362) lembra que o *sentido não-literal* (SNL) foi sempre tido como distinto do sentido literal, do qual se distinguiria de modo complementar. O SNL seria pragmático, associado ao enunciado e ao falante, não convencionalizado nem composicional. Não seria direto e teria uma origem em geral de caráter inferencial. Também seria dependente do SL e como tal também cancelável. Os SNL clássicos se dariam nas metáforas, atos de fala indiretos, implicaturas conversacionais e ironias. Justamente por isso os enunciados com sentidos não-literais não poderiam ser verificáveis e com eles não se faria ciência.

Outros aspectos tidos como pertencentes ao SL e SNL seriam (p. 363).

SENTIDO LITERAL	SENTIDO NÃO-LITERAL
Automático	Não-automático
Obrigatório	Opcional
Normal	Fortuito
Não-marcado	Marcado
Indispensável	Dispensável
Não-figurativo	Figurativo
	Indireto

3. Refiro-me aqui ao trabalho de Mira Ariel (2002). The Demise of a Unique Concept of Literal Meaning. *Journal of Pragmatics*, 34, pp. 361-402. No momento, farei apenas algumas observações sobre o tema, tendo em vista a complexidade de que se reveste.

Mas esta listagem não tem grande serventia, pois é tomada de modo bastante aleatório e até contraditório entre os diversos lingüistas que se ocupam do problema.

Ariel (2002: 362) busca um modo de trabalhar o sentido literal como um tipo de *sentido rudimentar*, mesmo não sendo possível uma definição precisa de SL. A autora sugere três caminhos pelos quais o SL poderia ser tomado como básico ou mínimo. A autora vai se posicionar em defesa da existência de um SL como um sentido mínimo que pode ser identificado em três aspectos diversos:

a) *lingüisticamente* (que se acha inscrito nos usos comuns dicionarizados);
b) *psicolingüisticamente* (que se dá como aquele que surge pelos usos intencionais);
c) *interacionalmente* (que ocorre nos processos interativos negociadamente).

Assim, se um dos aspectos centrais da noção de SL era sua invariância contextual, sendo que sua origem estaria no conhecimento lingüístico dos itens lexicais e suas regras lingüísticas de combinação, isto já não é mais tão seguro. O SL não pode ser mais tido simplesmente como aquilo que é dito, completamente determinado, explícito e convencional.

É por isso que hoje há muitos lingüistas que não julgam possível distinguir entre SL e SNL da maneira tradicional. Ariel (2002: 364) observa que não é possível distinguir rigidamente entre ambos, já que:

a) o SL requer um suporte contextual (tal como o SNL);
b) o processamento do SL é por vezes inferencial e o do SNL é automático em muitos casos (isso sugere que é até mais fácil lidar com o sentido não-literal);
c) as formas lingüísticas não estão obviamente classificadas entre SL e SNL.

Aspecto importante, segundo Ariel (2002: 363-365) é que, tal como observou Searle (1978), muitos enunciados tomados em sentido literal exigem contextos para sua interpretação. Às vezes esses contextos são tão transparentes e automáticos que passam despercebidos.

O interessante aqui é que, como muitos autores observam (cf. Ariel, 2002: 365), o SL exige contexto para ser interpretado e o SNL exige uma certa convenção, assim como no caso dos atos indiretos. Muitos autores, em especial psicolingüistas e cognitivistas, postulam que o processamento do SNL e do SL não é significativamente diferente. Pois sempre se exige inferências para interpretar o que é dito.

Para alguns autores, o processamento do SL e do SNL se dá pelos mesmos mecanismos. Além disso, o SNL não depende do SL para sua interpretação. Ariel (2002: 366) lembra a posição de Sperber & Wilson (1981), para os quais a *cancelabilidade* não é uma propriedade apenas dos enunciados produzidos pela implicatura (por SNL), mas também certas desambigüizações são canceláveis embora sejam tidas como parte do que é dito.

Ariel (2002: 366) mostra a posição de Lee (1990), para quem as palavras se tornam mais polissêmicas em função de sua "idade" e sua freqüência. As palavras tendem a integrar em seus sentidos literais alguns dos seus sentidos derivados contextualmente ao longo de sua história.

Diante de todas as observações a respeito da anulação da relação da distinção entre SL e SNL tendo por base o contexto ou outro aspecto, Ariel (368) sugere que se deixe de lado a distinção como tal e se pense em outros caminhos.

3.3 Compreensão e atividade inferencial

De maneira geral, hoje podemos distribuir os modelos teóricos que tratam da compreensão em dois grandes paradigmas que podem ser por sua vez desmembrados em muitos outros subconjuntos específicos. Esses dois conjuntos poderiam ser agrupados em duas hipóteses:

(A) compreender é decodificar (metáfora do conduto)
(B) compreender é inferir (metáfora da planta baixa)

Com isso teríamos, de um lado, as teorias da compreensão como decodificação, baseadas na noção de língua como código e, de outro lado, aquelas baseadas na noção de língua como atividade, tomando a compreensão como inferência ou pelo menos como processo de construção baseada numa atividade mais ampla e de base sociointerativa. De um lado, está a perspectiva de uma semântica lexicalista, uma noção de referência extensionalista na relação linguagem-mundo e uma concepção de texto como continente. De outro lado, está uma noção de língua como atividade sociointerativa e cognitiva, com uma noção de referência e coerência produzidas interativamente e uma noção de texto como evento construído na relação situacional, sendo o sentido sempre situado. Poderia dizer que essta visão se insere sem maiores problemas no segundo modelo sugerido por Kleiman (2004).

Seguramente, haverá necessidade de delimitar com mais precisão esses aspectos, mas desde logo fica claro que todas as teorias do tipo (A), que postulam a

compreensão como decodificação, conduzem à metáfora da língua como veículo ou instrumento de construção do sentido e envolvem um sujeito isolado no processo. Centram-se no código e na forma lingüística como o principal objeto de análise. Nesse caso, prevalece a função informacional e ao autor/falante compete a tarefa de pôr as idéias no papel ou nas palavras, já que a língua teria a propriedade de significar com alto grau de autonomia. Os textos seriam portadores de significações e conteúdos objetivos por eles transportados e nós, como leitores ou ouvintes, teríamos a missão de apreender esses sentidos ali objetivamente instalados. Compreender seria uma ação objetiva de *apreender* ou *decodificar* o que fora codificado. De algum modo, aqui estão representadas todas as teorias que serviram de modelo para o ensino escolar nos últimos cinqüenta anos.

Já no caso das teorias no paradigma de tipo (B), que postula a compreensão como inferência, toda compreensão será sempre atingida mediante processos em que atuam planos de atividades desenvolvidos em vários níveis e em especial com a participação decisiva do leitor ou ouvinte numa ação colaborativa. Aqui poderíamos adotar a metáfora da compreensão como construção. A língua é vista como uma atividade e não como um instrumento; uma atividade sempre interativa, ou seja, o processo de compreensão se dá como uma construção coletiva. Ainda veremos que isso será matizado e diversificado nas várias teorias inferenciais. Pois cabe perguntar de onde vêm esses conhecimentos que interagem no processo de compreensão e como são usados na suposição de partilhamento.

Se nas teorias do paradigma da codificação se observa uma ingênua noção de objetividade, no caso das teorias do paradigma da inferência temos uma crença generalizada na possibilidade da comunicação intersubjetiva e no partilhamento de conhecimentos como um dado. Acredita-se que a capacidade inferencial é mais ou menos natural e intuitiva. Seguramente, nem tudo é assim e mais do que isto, a compreensão, mesmo sendo em boa medida uma atividade inferencial em que os conhecimentos partilhados vão exercer uma boa dose de influência, seria ingênuo acreditar que isso se dá de maneira não problemática, pois o mal-entendido é um fato. Um desafio no paradigma inferencial é explicar a suposição de expectativa de partilhamento de conhecimentos.

Essas duas perspectivas teóricas não são necessariamente antagônicas, podendo apresentar pontos de contato. Contudo, o mais importante é que cada uma acarretará definições e conseqüências bastante distintas tanto na noção de língua como de texto e funções da linguagem. Particularmente a teoria de comunicação subjacente não será a mesma, como

bem mostrou D. Schiffrin (1994) em seu estudo sobre os modelos de análise do discurso.

Na tentativa de evitar confusões, alguns aspectos podem ser agora mais bem trabalhados, tais como estes que passo a enunciar:

1) Ler e compreender são equivalentes. [Suponha-se que alguém diga: "Li o livro todo e não entendi nada". Neste caso, é razoável perguntar-se se ele leu o livro, ou pelo menos seria interessante indagar-se sobre o que se entende com ler no caso de uma expressão como essa. Em suma: ler equivale a ler compreensivamente. Portanto, recitar de cor um texto não é garantia de tê-lo compreendido. Memorizar não é o mesmo que compreender.]
2) A compreensão de texto é um processo cognitivo. [Na compreensão de texto estão envolvidos aspectos cognitivos, ou seja, nossas faculdades mentais acham-se em ação. Isso aponta para o fato de que o ser humano é um sistema (cognitivo) complexo de armazenamento de informações tendo em vista sempre objetivos muito específicos. Mas um indivíduo social que conhece e não um sujeito intencional pura e simplesmente.]
3) No processo de compreensão, desenvolvemos atividades inferenciais. [Com esta posição admitimos que compreender é partir dos conhecimentos (informações) trazidos pelo texto e dos conhecimentos pessoais (chamados de conhecimentos enciclopédicos) para produzir (inferir) um sentido como produto de nossa leitura. Compreender um texto é realizar inferências a partir das informações dadas no texto e situadas em contextos mais amplos.]
4) Os conhecimentos prévios exercem uma influência muito grande ao compreendermos um texto. [São estes conhecimentos os responsáveis básicos pela nossa compreensão. Destes conhecimentos fazem parte os seguintes:
   (1) Conhecimentos lingüísticos;
   (2) Conhecimentos factuais (enciclopédicos);
   (3) Conhecimentos específicos (pessoais);
   (4) Conhecimentos de normas (institucionais, culturais, sociais)
   (5) Conhecimentos lógicos (processos).]
5) Compreender um texto não equivale a decodificar mensagens. [A compreensão não é uma espécie de decodificação, como se nossa atividade de compreensão fosse uma simples depreensão de sentidos a partir de elementos postos no texto.]

3.4 A importância de conceber a língua como *trabalho* social, histórico e cognitivo

O primeiro aspecto importante numa análise da atividade de compreensão é a noção de língua que se adota. Este tema já foi tratado na primeira unidade deste curso, ao analisarmos a concepção de língua aqui adotada e também a noção de texto (cf. pp. 71-81). Os manuais escolares e os autores mais estruturalistas concebem a língua simplesmente como um *código* ou um sistema de sinais autônomo, transparente, sem história e fora da realidade social dos falantes. Mas a língua é muito mais do que um sistema de estruturas fonológicas, sintáticas e lexicais. A língua não é sequer uma estrutura; ela é estruturada simultaneamente em vários planos, tais como o fonológico, o sintático, o semântico e o cognitivo, que se organizam no processo de enunciação. A língua é um fenômeno cultural, histórico, social e cognitivo que varia ao longo do tempo e de acordo com os falantes: ela se manifesta no seu funcionamento e é sensível ao contexto. Não é um sistema monolítico e transparente, para "fotografar" a realidade, mas é heterogênea e sempre funciona situadamente na relação dialógica, como ensina Bakhtin (1979). Não pode ser vista e tratada simplesmente como um código. Assim, a produção textual não é uma simples atividade de codificação e a leitura não é um processo de mera decodificação.

Portanto, sendo a língua uma *atividade constitutiva*, tal como dizia Franchi (1977), com ela podemos construir sentidos. Sendo uma *forma cognitiva*, com ela podemos expressar nossos sentimentos, crenças, idéias e desejos. Em resumo: mais do que uma forma, a língua é uma *forma de ação* pela qual podemos agir fazendo coisas. Não se confunde com gramática, ortografia ou léxico. Em conseqüência, a língua se manifesta nos processos discursivos, no nível da enunciação, concretizando-se nos usos textuais mais variados. Não se dá na palavra isolada nem no enunciado solto. A língua é um *sistema simbólico* que pode significar muitas coisas, mas que não tem uma semântica imanente pronta nem plena autonomia significativa. Assim, quando recebemos uma carta de uma amiga dizendo:

"***Ontem** foi um dia emocionante, fizemos a maior passeata contra a violência em nossa **cidade**.*"

O entendimento das expressões em destaque só é possível se soubermos a data da carta e onde mora a amiga. Mas há casos mais complexos como as

ironias em que temos de entender praticamente o oposto, por exemplo, quando a mãe que olha o filho todo sujo e diz: "*Que bonito, meu filho!*"

Nesta perspectiva, a língua é mais que um simples instrumento de comunicação; mais do que um código ou uma estrutura. Como atividade, ela é indeterminada sob o ponto de vista semântico e sintático. Por isso, as significações e os sentidos textuais e discursivos não podem estar aprisionados no interior dos textos pelas estruturas lingüísticas, nem podem ser confundidos com conteúdos informacionais. A língua é semanticamente opaca, e os textos podem produzir mais de um sentido. A língua permite a pluralidade de significações e as pessoas podem entender o que não foi pretendido pelo falante ou o autor do texto. Certamente, muitas destas questões se devem a construções que permitem ambigüidades sintáticas como "*o burro do vizinho*" (o vizinho *tem* um burro ou ele *é* burro?), "*o quadro de Di Cavalcanti*" (Di Cavalcanti *tem* um quadro ou ele *pintou*?); ambigüidades semânticas (muitas piadas baseiam-se neste aspecto) e assim por diante.

Com essa concepção de língua, é fácil notar que o texto pode tornar-se uma "*armadilha*" e que nem tudo o que queremos dizer está inscrito nele objetivamente. Também não é possível dizer tudo, já que para isso teríamos de produzir uma grande quantidade de linguagem e os textos não terminariam nunca. Até por uma questão de economia, o autor de um texto sempre vai ter que deixar muita coisa por conta do leitor ou ouvinte. Um texto bem-sucedido é aquele que consegue dizer o suficiente para ser bem-entendido, supondo apenas aquilo que é possível esperar como sabido pelo ouvinte ou leitor. Se o autor ou falante de um texto diz uma parte e supõe outra parte como de responsabilidade do leitor ou ouvinte, então a atividade de produção de sentidos (ou de compreensão de texto) é sempre uma *atividade de co-autoria*. Em suma, os sentidos são parcialmente produzidos pelo texto e parcialmente completados pelo leitor. Nesta maneira de ver o funcionamento da língua, não é justificável buscar todos os sentidos do texto no texto, como se eles estivessem ali postos de modo objetivo.

3.5 A necessidade de tomar o texto como *evento comunicativo*

Ao lado da noção de língua, é necessário ter uma noção de texto e de funcionamento do texto (cf., sobre isto as pp. 81-86 da primeira parte do curso). A escola trata o texto como um produto acabado funcionando como

um *container*, onde se "entra" para pegar coisas. Mas o texto não é um puro produto nem um simples artefato pronto; ele é um processo e pode ser visto como um evento comunicativo sempre emergente. Assim, não sendo um produto acabado e objetivo nem um depósito de informações, mas um evento ou um ato enunciativo, o texto acha-se em permanente elaboração ao longo de sua história e das diversas recepções pelos diversos leitores. O texto deve preencher alguns requisitos para sua formulação, mas eles não são condições necessárias nem suficientes. A textualidade se dá como um sistema equilibrado de relações entre forma e conteúdo e não como a observância de uma gramática ou conjunto de regras de boa-formação.

O texto é uma proposta de sentido e se acha aberto a várias alternativas de compreensão. Mas todo cuidado aqui é pouco, pois o texto não é uma *caixinha de surpresas* ou algum tipo de *caixa preta*. Se assim fosse, ninguém se entenderia e viveríamos em eterna confusão. Há, pois, limites para a compreensão textual. E esses limites são dados por alguns princípios de compreensão, como ainda veremos adiante. Nessa visão, a coerência de um texto é uma perspectiva interpretativa do leitor e não se acha inscrita de forma completa e unívoca no texto. Um texto pode ter *coerências diversas* e, ao carecer de evidências, o leitor constrói a sua. Nem sempre é feliz nesta atividade e não raro falseia informações. Aqui, os conhecimentos individuais são muito importantes e até mesmo decisivos, não só como base para a percepção do que está sendo dito, mas para, pura e simplesmente, montar um sentido.

A sugestão é que se tome o texto como um evento comunicativo em que convergem ações lingüísticas, sociais e cognitivas, tal como proposto por Beaugrande (1997: 10). Portanto, se a língua é atividade interativa e não apenas forma, e o texto é um evento comunicativo e não apenas um artefato ou produto, a atenção e a análise dos processos de compreensão recaem nas atividades, nas habilidades e nos modos de produção de sentido bem como na organização e condução das informações. Como o texto é um evento que se dá na relação interativa e na sua situacionalidade, sua função central não será a informativa. Os efeitos de sentido são produzidos pelos leitores ou ouvintes na relação com os textos, de modo que as compreensões daí decorrentes são fruto do trabalho conjunto entre produtores e receptores em situações reais de uso da língua. O sentido não está no leitor, nem no texto, nem no autor, mas se dá como um efeito das relações entre eles e das atividades desenvolvidas. Nesse caso, ele apresenta um alto grau de instabilidade e indeterminação por ser um sistema complexo e com muitas relações que se

completam na atividade enunciativa. Assim, pode-se dizer que textos são sistemas instáveis e sua estabilidade é sempre um estado transitório de adaptação a um determinado objetivo e contexto.

Escrever não é comunicar ou transmitir para o papel algo que está na mente ou no mundo e que deve ser captado por outras mentes. Pois se a língua não é um sistema de representação ou espelhamento da realidade ou de idéias, a escrita é uma invenção permanente do mundo e a leitura é uma reinvenção. Seguramente, essas atividades não são aleatórias nem voluntariosas, mas regradas pelas vivências, pelo controle social e pela cultura. Tanto a escrita como a fala são atividades situadas e a situação, ou o contexto (cognitivo, social, cultural, histórico), em que são produzidas é parte integral do ato de escrever ou falar. Um texto é produzido sob certas condições, por um autor com certos conhecimentos e determinados objetivos e intenções. Em outro contexto de recepção, aquele texto assim produzido pode ter outras condições de recepção. Ler a carta de Pero Vaz de Caminha hoje não é o mesmo que há quatro ou cinco séculos. Os textos têm história, são históricos. Em geral, o autor tem em mente um certo público, mas não elimina outros. Isso repercute diretamente sobre a forma de organização dos materiais lingüísticos e as condições de processamento. Daí também a dificuldade de se dizer o que é uma *leitura objetiva*, se é que isso faz algum sentido.

Os textos sempre se realizam em algum gênero textual particular, seja uma notícia de jornal, uma piada, uma reportagem, um poema, uma carta pessoal, uma conversação espontânea, uma conferência, um artigo científico, uma receita culinária ou qualquer outro. E cada gênero tem maneiras especiais de ser entendido, não se podendo ler uma receita culinária como se lê uma piada, um artigo científico ou um poema. O gênero textual é um indicador importante, pois a produção e o trato de um artigo científico são diversos dos de uma tirinha de jornal ou um horóscopo. Os gêneros não são simples formas textuais, mas "formas de ação social", como diz Carolyn Miller (1984) e eles são orientadores da compreensão, como propõe Bakhtin (1979).

3.6 Algumas observações sobre o contexto no processo de compreensão

M. Dascal & E. Weizman (1987) tentam construir um modelo integrado para a interpretação de texto, tendo por pano de fundo a consideração do

contexto e seu papel fundamental. Observam (1987: 31) que já é amplamente aceita a concepção de que o contexto tem um papel central na interpretação de textos, sejam eles escritos ou orais. Em geral, postula-se que o leitor/ouvinte acha-se exposto a uma base (os materiais lingüísticos que por vezes são tidos como o "sentido literal") a partir da qual, usando o co-texto e o contexto, se dá a compreensão. O problema está na relação entre esses dois aspectos e nos fatores que intervêm em cada um deles.

Em primeiro lugar, parece que o co-texto ou o dado lingüístico não opera como fator invariante. Dascal & Weizman apontam três questões em relação a isso:

(1) A simples presença de uma mesma expressão lingüística em diferentes ocasiões indica que estamos em presença do mesmo "sentido literal"?
(2) Que tipo de pista o leitor emprega para chegar desse suposto "sentido literal" à interpretação final?
(3) Como essas pistas guiam o leitor pela multidão de informações cotextuais e contextuais exeqüíveis e como esse labirinto pode ser organizado?

Tomando o contexto como o possível ordenador interpretativo, os autores buscam analisar a influência de dois tipos de informações contextuais:

(a) extralingüística;
(b) metalingüística.

Sabemos que as expressões que entram na formação de um enunciado podem ser de vários tipos. Entre elas estão, por exemplo, as que expressam relações e as denominadas dêiticas. No caso de expressões dêiticas, é fácil supor que informações extratextuais ou contextuais devem fornecer pistas para a interpretação do significado do enunciado. No caso das relacionais, isto é já um pouco mais complexo. No exemplo dado pelos autores:

(1) *João é um sujeito alto.*

tem-se que considerar situações diversas. Se isto é dito em relação a um jogador de basquete, a média talvez seja 1,80m e então ele terá mais de 1,80m, mas em relação aos ocidentais em geral, como a média é de 1,70m, ele terá mais de 1,70m. Já para os orientais, a altura é menor. Isso revela que a interpretação de elementos não-indexicais não tem base nos componentes semânticos, mas em outras relações. Contudo, as pistas não são de todo extralingüísticas.

O modelo proposto por Dascal & Weizman (1987: 35-39), que visa dar conta do labirinto de indícios à disposição do destinatário de um texto, tenta desenhar as

possibilidades de seleção mais relevantes para um enunciado específico, uma situação específica e um conhecimento de base específico. Partem de 5 princípios:

(i) O destinatário de um texto guia-se por dois tipos de pistas contextuais: extralingüística (conhecimentos de mundo) e metalingüística (conhecimentos de convenções e estruturas lingüísticas).

(ii) Em cada tipo de pistas são postulados níveis que vão desde o específico (conhecimento imediato) até o mais distante (propriedades convencionais, fatos, crenças).

(iii) Postula-se um paralelismo entre os níveis de especificidade e os dois tipos de pistas.

(iv) A exploração dos dois tipos de pistas se dá num processo em duas etapas
(a) apreciação inicial (*primary valuation*) de traços imediatos e
(b) avaliação posterior (*further evaluation*) com a checagem da apreciação inicial com base nos conhecimentos de fundo e outros.

(v) Postula-se outro paralelismo entre os dois tipos de pistas, considerando os processos de apreciação e avaliação.

Daí surge o modelo exposto na figura abaixo (Dascal & Weizman, 1987: 37):

PISTAS CONTEXTUAIS EMPREGADAS PARA A INTERPRETAÇÃO DE ENUNCIADOS

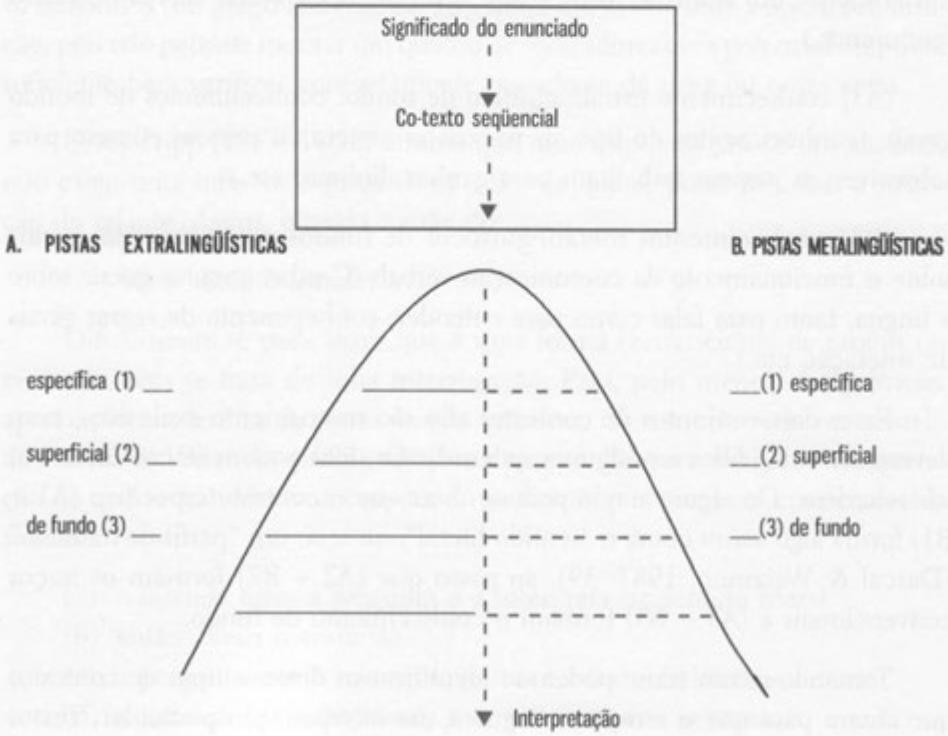

Com base nos princípios acima, Dascal & Weizman sugerem as seguintes fontes de pistas contextuais:

(A1) contexto extralingüístico específico: traços específicos da situação referida no texto. (Suponha-se que um sujeito referido num texto tem o costume de almoçar no restaurante Fasano de São Paulo. Isto leva a se poder inferir que ele gasta muito com cada refeição, que tem muito dinheiro etc.)

(B1) contexto metalingüístico específico: traços específicos das circunstâncias lingüísticas relevantes para o enunciado em questão. (Por exemplo, a apreciação de determinada expressão como típica de dado idioleto de certa pessoa.)

(A2) contexto extralingüístico "superficial": suposições gerais sobre os traços de um dado conjunto de situações. (Por exemplo, no caso do restaurante Fasano, pode-se supor as pessoas que lá comparecem, seus modos, seus trajes etc., algo assim como os "frames" ou "scripts").

(B2) contexto metalingüístico "superficial": suposições gerais sobre a estrutura convencional de um texto montado para determinado objetivo; suposições sobre convenções dependentes de um certo registro. (Um texto jornalístico e um texto ficcional levam a suposições diversas acerca de certos fenômenos.)

(A3) conhecimento extralingüístico de fundo: conhecimentos de mundo gerais. (conhecimentos do tipo: as pessoas se vestem, as pessoas comem para sobreviver; as pessoas trabalham para ganhar dinheiro etc.)

(B3) conhecimentos metalingüísticos de fundo: conhecimentos gerais sobre o funcionamento da comunicação verbal. (Conhecimentos gerais sobre a língua, tanto para falar como para entender; conhecimento de regras gerais de interação etc.).

Esses dois conjuntos de contextos não são mutuamente exclusivos, nem devem ser entendidos em alguma ordem linear, mas podem se combinar em várias ordens. De algum modo pode-se dizer que o contexto específico (A1 + B1) forma algo assim como o "sentido literal", ou seja, um "perfil de trabalho" (Dascal & Weizman, 1987: 39), ao passo que (A2 + B2) formam os traços convencionais e (A3 + B3) formam o conhecimento de fundo.

Tomando-se um texto, podem-se identificar os diversos tipos de contextos que atuam para que o receptor chegue à sua interpretação particular. Textos

mais complexos e pouco "transparentes" exigem maior investimento em contextos. Caso o leitor não domine estes contextos corre o risco de mal-entender aquele texto. Para Dascal & Weizman (1987: 43), "todos os textos são, em alguma medida, 'opacos' e como tal requerem o contexto para sua interpretação.

É possível ainda distinguir entre dois tipos de opacidade de um texto:

(1) deiticidade implícita, que se resolve com o recurso de elementos co-textuais ou contextuais imediatos;
(2) indiretude, que é a diferença entre o significado do enunciado (*utterance-meaning*) e o significado do falante (*speaker-meaning*), cuja solução exige uma espécie de "segundo canal" de informação.

Para tanto, os autores (1987: 44) distinguem entre dois tipos de informação:

(b) pistas (*clues*), co-textuais ou contextuais que conduzem à determinação do significado do enunciado e do significado do falante;
(c) dicas (*clues*), que permitem distinguir entre opacidade e indiretude.

O modelo teórico proposto por Dascal & Weizman (1987) tem uma série de aspectos interessantes, na medida em que sugere um caminho para distinguir tipos de contexto (que podem ser refinados) e determinar a respectiva semântica (ou pragmática). Contudo, deixa em aberto toda a operacionalização, pois não permite montar um quadro de indicadores com potencial empírico suficiente para verificar concretamente quando se dá uma ou outra coisa.

Ervin-Tripp (1987: 51-52) lembra que uma interpretação de um ato indireto exige uma inferência pragmática a fim de que se possa perceber a intenção do falante. Assim, quando a mãe diz

— *Vocês estão brigando?*

Dificilmente se pode dizer que é uma forma convencional de proibir ou censurar, pois se trata de uma interrogação. Esta, pelo menos, é a primeira apreciação em termos de pistas metalingüísticas, tal como se veria no modelo de Dascal & Weizman (1987). Os passos que se dão para chegar à interpretação de que se trata de uma censura ou proibição poderiam ser enunciados da seguinte forma:

(a) o ouvinte ouve a pergunta e a interpreta no sentido literal
(b) então checa o contexto
(c) a pergunta não é relevante, pois o contexto é visível
(d) a intenção da mãe não é, pois, solicitar uma informação

(e) como as brigas são proibidas em casa, trata-se de uma censura
(f) a interrogação é interpretada como uma proibição.

É evidente que temos aí um processo inferencial baseado em uma série de procedimentos que, neste caso, podem ser explicitados com certa facilidade, mas, em geral, a situação é bem mais complexa, como ainda veremos na análise dos dados de que dispomos.

3.7. Noção de inferência

A terceira noção central numa teoria da compreensão é a de inferência. Quanto a isso, podemos dizer, tal como lembrado acima, que todas as teorias de compreensão se situam num destes dois paradigmas:

(1) *compreender é decodificar* ou
(2) *compreender é inferir.*

De um lado, temos as teorias da compreensão como decodificação, baseadas na noção de língua como código e, de outro lado, aquelas baseadas na noção de língua como atividade, tomando a compreensão como atividade inferencial. De um lado, está a perspectiva de uma semântica lexicalista, uma noção de referência extensionalista na relação linguagem-mundo e uma concepção de texto como continente. De outro lado, está uma noção de língua como atividade sociointerativa e cognitiva, com uma noção de referência e coerência produzidas interativamente e uma noção de texto como evento, sendo o sentido sempre situado. É nesta segunda posição que nos posicionamos aqui.

As teorias fundadas no paradigma da decodificação sustentam a posição de que a língua é um sistema de representação de idéias e o texto é um repositário de informações. Nelas, compreender não passaria de uma tarefa de identificar e extrair informações textuais. Essa postura é bastante comum nos livros didáticos e é nela que os exercícios se baseiam para não admitir respostas alternativas a perguntas de compreensão. No caso, compreender o texto é apenas decodificar informações inscritas objetivamente. Já as teorias que postulam a idéia de que compreender se funda em atividades cooperativas e inferenciais, tomam o trabalho de compreensão como construtivo, criativo e sociointerativo. Assim, como vimos, o sentido não está nem no texto nem no leitor nem no autor, e sim numa complexa relação interativa entre os três e surge como efeito de uma negociação.

A contribuição essencial das inferências na compreensão de textos é funcionarem como provedoras de contexto integrador para informações e estabelecimento de continuidade do próprio texto, dando-lhe coerência. As inferências funcionam como hipóteses coesivas para o leitor processar o texto. Funcionam como estratégias ou regras embutidas no processo. Não se pode, pois, definir e medir a compreensão pela quantidade de texto reconstruído pelo leitor, pois ler compreensivamente não é apenas reproduzir informações textuais, nem parafrasear. Isto seria o mesmo que supor que compreender um texto seria traduzi-lo em outro equivalente, de modo unívoco, já previsto pelo original.

Na compreensão influenciam condições textuais, pragmáticas, cognitivas, interesses e outros fatores, tais como conhecimentos do leitor, gênero e forma de textualização. Por isso a compreensão de texto é uma questão complexa que envolve não apenas fenômenos lingüísticos, mas também antropológicos, psicológicos e factuais. As inferências lidam com as relações entre esses conhecimentos e muitos outros aspectos. Por exemplo, a simples interpretação de um pronome do texto (todos os casos de anáforas) são atividades inferenciais. Para detalhes, vejam-se os estudos de Kleiman (1989, 1988), Marcuschi (1999) e Koch (2002) sobre o assunto.

Uma sugestão muito comum para definir *inferência* é a de Rickheit, Schnotz & Strohner (1985: 8): "*Uma inferência é a geração de informação semântica nova a partir de informação semântica velha num dado contexto*". Na realidade, as inferências na compreensão de texto são processos cognitivos nos quais os falantes ou ouvintes, partindo da informação textual e considerando o respectivo contexto, constroem uma nova representação semântica. Para tanto, será necessário ter clareza não apenas em relação ao que se deve entender por *informação*, mas também o que vem a ser *contexto*. Diante do exposto, pode-se dizer que as inferências introduzem informações por vezes mais salientes que as do próprio texto. Na tentativa de melhor compreender o problema, vejamos o exemplo da crônica *A verdade*, que se encontra na obra de Luiz Fernando Veríssimo (1984: 62-63). Para uma melhor visualização, os enunciados foram numerados de acordo com cada proposição.

Exemplo (1)

A VERDADE

1. Uma donzela estava um dia sentada à beira de um riacho,
2. deixando a água do riacho passar por entre seus dedos muito brancos,
3. quando sentiu o seu anel de diamante ser levado pelas águas.
4. Temendo o castigo do pai,
5. a donzela contou em casa

6. que fora assaltada por um homem no bosque
7. e que ele arrancara o anel de diamante do seu dedo
8. e a deixara desfalecida sobre um canteiro de margaridas.
9. O pai e os irmãos da donzela foram atrás do assaltante
10. e encontraram um homem dormindo no bosque,
11. e o mataram,
12. mas não encontraram o anel de diamante.
13. E a donzela disse:
14. – Agora me lembro,
15. não era um homem,
16. eram dois.
17. E o pai e os irmãos da donzela saíram atrás do segundo homem,
18. e o encontraram,
19. e o mataram,
20. mas ele também não tinha o anel.
21. E a donzela disse:
22. Então está com o terceiro!
23. Pois se lembrara
24. que havia um terceiro assaltante.
25. E o pai e os irmãos da donzela saíram no encalço do terceiro assaltante
26. e o encontraram no bosque.
27. Mas não o mataram,
28. pois estavam fartos de sangue.
29. E trouxeram o homem para a aldeia,
30. e o revistaram,
31. e encontraram no seu bolso o anel de diamante da donzela,
32. para espanto dela.
33. Foi ele que assaltou a donzela,
34. e arrancou o anel de seu dedo,
35. e a deixou desfalecida
36. – gritaram os aldeões –.
37. Matem-no!
38. – Esperem!
39. gritou o homem,
40. no momento em que passavam a corda da forca pelo seu pescoço.
41. – Eu não roubei o anel.
42. Foi ela que me deu!
43. E apontou para a donzela,
44. diante do escândalo de todos.
45. O homem contou
46. que estava sentado à beira do riacho,
47. pescando,
48. quando a donzela se aproximou dele
49. e pediu um beijo.
50. Ele deu o beijo.
51. Depois a donzela tirara a roupa
52. e pedira
53. que ele a possuísse,
54. pois queria saber
55. o que era o amor.
56. Mas como era um homem honrado,
57. ele resistira,
58. e dissera
59. que a donzela devia ter paciência,
60. pois conheceria o amor do marido no seu leito de núpcias.

61. Então a donzela lhe oferecera o anel,
62. dizendo:
63. "Já que meus encantos não o seduzem,
64. este anel comprará o seu amor".
65. E ele sucumbira,
66. pois era pobre,
67. e a necessidade é o algoz da honra.
68. Todos se viraram contra a donzela
69. e gritaram:
70. "Rameira!
71. Impura!
72. Diaba!"
73. e exigiram seu sacrifício.
74. E o próprio pai da donzela passou a forca para o seu pescoço.
75. Antes de morrer, a donzela disse para o pescador
76. – A sua mentira era maior que a minha.
77. Eles mataram pela minha mentira
78. e vão matar pela sua.
79. Onde está, afinal, a verdade?
80. O pescador deu de ombros
81. e disse:
82. – A verdade é que eu achei o anel na barriga de um peixe.
83. Mas quem acreditaria nisso?
84. O pessoal quer violência e sexo,
85. não histórias de pescador.

Utilizei esta narrativa num trabalho sobre "O processo inferencial na compreensão de textos" realizado entre 1987-1989 (Marcuschi, 1989) aplicando um teste com 10 perguntas a alunos de escolas públicas e particulares do ensino fundamental. Sem entrar nos detalhes da pesquisa, vejamos alguns aspectos de processos inferenciais em apenas três das perguntas feitas após a leitura do texto:

(1) *A donzela sentada à beira do riacho estava muito bronzeada porque costumava ir à praia?*
(2) *O pai e os irmãos da donzela revistaram os dois presos antes ou depois de matá-los?*
(3) *Quantos foram os assaltantes da donzela?*

A pergunta (1), de caráter inferencial, fazia uma suposição que deveria ser negada (não estava bronzeada). A informação necessária não está diretamente no texto e deve ser construída a partir das linhas 1-2: "*Uma donzela estava um dia sentada à beira de um riacho, deixando a água do riacho passar por entre seus dedos muito brancos*" e com base em conhecimentos pessoais de que moças com "*dedos muito brancos*" certamente não vão à praia, pois não iriam usando luvas ou cobrindo apenas as mãos e por isso não estão também bronzeadas. De acordo com a previsão, a maioria dos informantes respondeu que "*ela não estava bronzeada porque era toda branca como seus dedos*". Al-

guns disseram que "*ela não estava bronzeada porque ali não havia praia*". Em cada um desses dos dois casos, houve uma inferência, mas com base em atividades diversas. Os primeiros fizeram uma *generalização* a partir de uma informação presente e conhecimentos pessoais; os segundos *particularizaram*, tendo em vista o fato de ela estar num bosque e em bosques não haver praias, o que a impedia de estar bronzeada. Mas houve um significativo número de alunos que disseram: "*Essa informação não está no texto*". Neste caso, buscavam uma solução diretamente inscrita na textualidade e tratavam a indagação inferencial como subjetiva ou impertinente.

A pergunta (2), também inferencial, envolvia uma armadilha, pois o texto não dizia que eles "*foram presos*". Foi por isso que alguns responderam: "*Os homens não foram presos. Foram mortos depois de revistados*". Um aluno disse: "*Só um foi preso e esse não foi morto*". No geral, aqui operaram inferências pragmáticas, como: "*Revistaram depois de matá-los, senão não tinham matado. E isto serviu de lição para o terceiro suspeito*". No entanto, nas primeiras séries, os alunos diziam não saber se os presos tinham sido revistados porque o texto não fala sobre isso.

A pergunta (3) lidava com vários níveis de verdade no texto, pois não havia assaltantes. No entanto, presos às "*informações textuais*", 80% dos alunos da 4ª série e 60% da 7ª série da escola pública disseram que eram três assaltantes. Distinguir entre verdade e falsidade em relação às vozes do texto não parece algo tão natural.

Os poucos exemplos aqui trazidos mostram como se lida inferencialmente com informações textuais, conhecimentos pessoais e suposições. É preocupante quando se observa que, em sua maioria, os jovens leitores desse texto acharam que a donzela da história foi enforcada porque agiu como prostituta. E muitos não souberam sequer dizer qual era a profissão do homem preso e levado à forca.

Muitas vezes, particularmente na fala, as inferências são estabelecidas, como observa Gumperz (1982), a partir de pistas tais como a prosódia (entonação, volume e qualidade da voz, pausa, velocidade e ritmo da fala), escolhas léxicas, distribuição sintática, estilo, mímica, gestos, postura corporal e assim por diante. O certo é que as inferências são produzidas com o aporte de elementos sociossemânticos, cognitivos situacionais, históricos, lingüísticos, de vários tipos que operam integradamente. *Compreender é, essencialmente, uma atividade de relacionar conhecimentos, experiências e ações num movimento interativo e negociado.*

A atividade inferencial, quando vista na sua complexidade, não pode ser tida como um mecanismo espontâneo e natural. Pode ocorrer que, em dado momento, determinada estratégia seja mais eficaz do que outra para dada operação inferencial. Veja-se o caso do *aviso* como um gênero textual bastante comum. Suponhamos que na porta de certo estabelecimento comercial esteja escrito: "*Aberto aos domingos*". Com isso posso entender, por exemplo:

(a) *Este estabelecimento só abre aos domingos.*
(b) *Este estabelecimento abre também aos domingos.*
(c) *Este estabelecimento abre todos os dias da semana.*

Qual dessas interpretações é a mais provável? Seguramente, todos diriam que a intenção do autor desse aviso foi dizer que o estabelecimento abre todos os dias, *inclusive aos domingos*. Assim, parece que (c) seria a interpretação preferencial e implicaria (b). Mas (a) também não estaria errada; só não seria usual, porque o normal é abrir durante os dias não-feriados.

Imaginemos agora um outro aviso também comum em portas de fábricas: "*Não há vagas*". O que se deve entender por isto?

(a) *Todas as vagas desta empresa estão ocupadas.*
(b) *Esta empresa não emprega ninguém.*
(c) *Nesta empresa não se trabalha.*

Imagino que a alternativa (a) seja a mais usual, pois a empresa deve ter empregados em número suficiente e, portanto, ali se trabalha, o que invalida (b) e (c). Por fim, na relação com avisos, deve-se ter claro que as expressões têm muito menos uma função referencial do que uma intenção *performativa*, isto é, elas pretendem incitar a uma ação futura. Assim, ao lermos na parede de um restaurante a expressão "*Fumantes*", não entendemos que ali há pessoas que fumam, mas que ali se *pode fumar*. Igualmente, ao lermos na frente de um prédio uma tabuleta que diz "*Saída de veículos*", não se trata de uma simples informação de que dali saem veículos, mas sim de que ali há perigo e deve-se ter algum cuidado ao passar.

Quanto às inferências, eu identificava (Marcuschi, 1989) uma série delas, tal como se pode observar no quadro geral abaixo. O curioso é que embora haja vários tipos de inferências, no nosso dia-a-dia, procedemos muito mais por raciocínios práticos do que por raciocínios lógicos em sentido estrito. Esse aspecto de nossa atuação discursiva é importante porque mostra que em geral somos seres práticos. Nossa vivência é, sobretudo, institucional e convencionalizada e não se funda em relações estritamente lógicas. É assim que lidamos

com a maioria dos avisos no dia-a-dia e nunca nos irritamos com sua obviedade. Ninguém acha estranho ler *"banheiros"*; *"saída"*, *"escada"*, *"extintor de incêndio"*, pois aquilo não é uma etiqueta para designar referencialmente coisas do mundo e sim um indicador de possíveis ações.

QUADRO GERAL DE INTERFERÊNCIAS

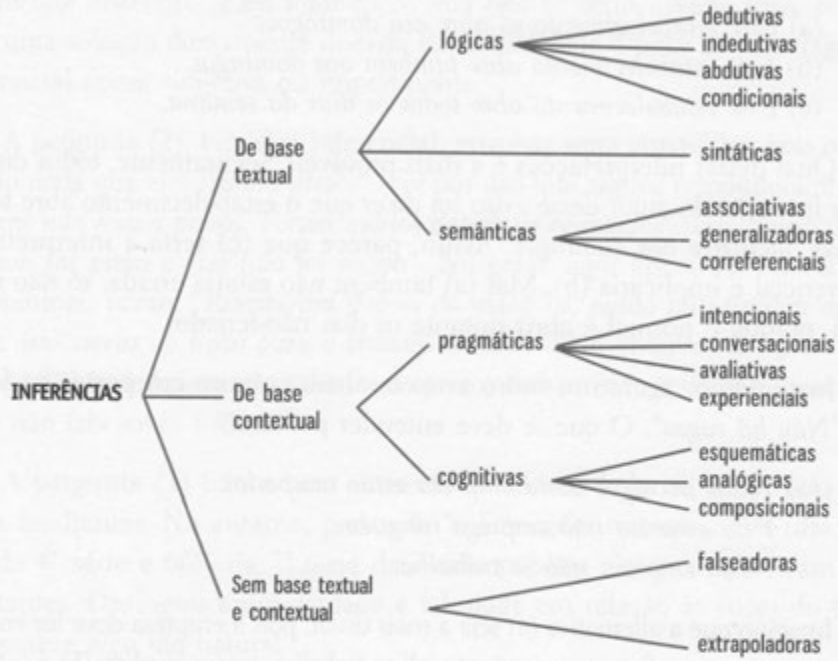

Neste sentido, a inferência que no final resulta numa compreensão específica se dá como fruto de uma operação co-textual/contextual e cognitiva regida por certas regras. Fundados no esquema acima, podemos agora estabelecer um quadro de operações que permite entender o que ocorre com essas inferências. Este quadro não é uma definição clara nem exaustiva dos processos e procedimentos envolvidos na imensa quantidade de atividades implicadas no esquema exposto.

Esta série de operações e suas respectivas condições de realização possibilitam que se avaliem o que é feito em termos inferenciais quando compreendemos um texto.

QUADRO DE OPERAÇÕES

Tipo de operação inferencial	Natureza da inferência	Condições de realização
1. dedução	lógica	Reunião de duas ou mais informações textuais que funcionam como premissas para chegar a outra informação logicamente. A conclusão será necessária se a operação for válida. Operação pouco comum em narrativas.
2. indução	lógica	Tomada de várias informações textuais para chegar a uma conclusão com valor de probabilidade de acordo com o grau de verdade das premissas.
3. particularização	lexical semântica pragmática	Tomada de um elemento geral de base lexical ou fundado em experiências e conhecimentos pessoais individualizando ou contextualizando num conteúdo particular com um lexema específico.
4. generalização	lexical pragmática	Saída de uma informação específica, por exemplo, um lexema, para chegar à afirmação de outra mais geral.
5. sintetização	lexical semântica pragmática	Condensação de várias informações tomando por base saliências lexicais sem que ocorra uma eliminação de elementos essenciais.
6. parafraseamento	lexical semântica	Alteração lexical para dizer a mesma informação sem alteração fundamental de conteúdo proposicional.
7. associação	lexical semântica pragmática	Afirmação de uma informação obtida através de saliências lexicais ou cognitivas por associação de idéias.
8. avaliação ilocutória	lexical semântica pragmática	Atividade de explicitação dos atos ilocutórios com expressões performativas que os representam. Funciona como montagem de um quadro para explicitação de intenções e avaliações mais globais.
9. reconstrução	cognitiva pragmática experiencial	Reordenação ou reformulação de elementos textuais com quadros total ou parcialmente novos. Diverge do acréscimo na medida que insere algo novo situado no velho. No caso das narrativas, opera como uma estratégia de mudar o discurso direto em indireto e vice-versa.
10. eliminação	cognitiva experiencia lexical	Exclusão pura e simples de informações ou dados relevantes e indispensáveis, impedindo até mesmo a compreensão dos dados que permanecem.
11. acréscimo	pragmática experiencial	Introdução de elementos que não estão implícitos nem são de base textual, sendo que muitas vezes podem levar até a contradições e falseamentos.
12. falseamento	cognitiva experiencial	Atividade de introduzir um elemento e afirmar uma proposição falsa que não condiz com as informações textuais ou não pode ser dali inferida.

3.8 Compreensão como processo

Uma das idéias centrais nesse contexto teórico é a concepção da compreensão como processo. Quanto a isso, podemos identificar pelo menos quatro aspectos na forma de operacionalização desse processo, ou sejam:

1. Processo estratégico: esta noção sugere que a compreensão não é uma atividade com regras formais e lógicas que dão resultados automáticos. Os processos estratégicos permitem supor que as atividades estão voltadas para uma ação comunicativa otimizada, com escolha das alternativas mais produtivas. É por isso que as inferências mais comuns não são as lógicas e sim as pragmáticas, semânticas ou cognitivas de uma maneira geral.
2. Processo flexível: esta idéia afirma que não há uma orientação única, podendo a compreensão dar-se tanto num movimento global (*top-down*) como local (*bottom-up*), a depender das necessidades dos interactantes e do contexto discursivo. A compreensão pode se dar num ir e vir em movimentos do todo para as partes e vice-versa.
3. Processo interativo: ponto-chave aqui é o fato de que a compreensão, em especial nas atividades interativas realizadas na relação face a face (textos orais em geral), é negociada, ou seja, é co-construída e não unilateral. Uma negociação com as propostas textuais e com o interlocutor. Mas isto ocorre também no caso da leitura de textos escritos, já que eles são sempre interativos e possuem marcas com essas orientações. Os dêiticos discursivos, por exemplo, são sempre monitorações cognitivas interpessoais.
4. Processo inferencial: como se viu detalhadamente, esta noção diz respeito ao modo da produção de sentido que não se dá pela identificação e extração de informações codificadas, mas como uma atividade em que conhecimentos de diversas procedências entram em ação por formas de raciocínio variadas, tal como listado acima.

Concebendo a compreensão como processo, fica evidente que ela não é uma atividade de cálculo com regras precisas ou exatas. Contudo, se compreender não é uma atividade de precisão, isto também não quer dizer que seja uma atividade imprecisa e de pura adivinhação. Ela é uma atividade de seleção, reordenação e reconstrução, em que certa margem de criatividade é permitida. De resto, a compreensão é uma atividade dialógica que se dá na relação com o outro.

Diante de tudo o que dissemos até aqui, é razoável admitir que leitura e compreensão de texto não é uma atividade de vale-tudo. Um texto permite muitas leituras, mas não infinitas. Não podemos dizer quantas são as compreensões possíveis de determinado texto, mas podemos dizer que algumas delas não são possíveis. Portanto, pode haver leituras erradas, incorretas, impossíveis e não-autorizadas pelo texto, como tão bem explicou Sírio Possenti (1990 e 1991). Por exemplo, não podemos entender o contrário do que está afirmado, ou seja, nossa compreensão não pode entrar em contradição com a verdade das proposições do texto: compreender é produzir modelos cognitivos compatíveis preservando o valor-verdade.

Na tentativa de melhor visualizar a questão, sigo sugestão de Marcelo Dascal (1981), imaginando o texto como uma cebola. A metáfora não é a melhor, mas pode ajudar a perceber a questão com algum grau de plasticidade. As camadas internas (as cascas centrais) seriam as *informações objetivas*: uma espécie de núcleo informacional que qualquer um teria de admitir sem mudar o conteúdo (por exemplo, dados factuais, nomes, lugares etc.). Seriam os elementos tipicamente informacionais que nunca vão além de 30 a 50% do que entendemos no texto. Em seguida, vem uma camada (as cascas intermediárias) que é passível de receber interpretações diversas, mas válidas; esse é o *terreno das inferências* (em geral ali estão as implicaturas, as intenções, uma espécie de terreno dos subentendidos e das suposições). Essa camada perfaz um conjunto considerável que, em certos textos, tal como os publicitários, constituem mais de 50%. A camada seguinte (as cascas mais longe do núcleo) é mais complexa e está sujeita a muitos equívocos, já que é o *domínio de nossas crenças e valores pessoais*. Textos poéticos, textos da esfera religiosa e textos de alto teor ideológico como os discursos políticos operam de modo bastante acentuado nesse nível de interpretação. Por fim, existe uma camada (as últimas cascas) que é a mais vulnerável e sobre ela podemos discutir, pois está no *domínio das extrapolações*. É aqui que costuma surgir o equívoco mais evidente nas interpretações textuais, e a discussão é interminável.

Traduzindo a imagem da cebola num diagrama para entender melhor como se dá a compreensão, poderíamos usar a figura abaixo, na qual estão desenhados cinco horizontes que ilustram o que se passa com a compreensão. Vejamos:

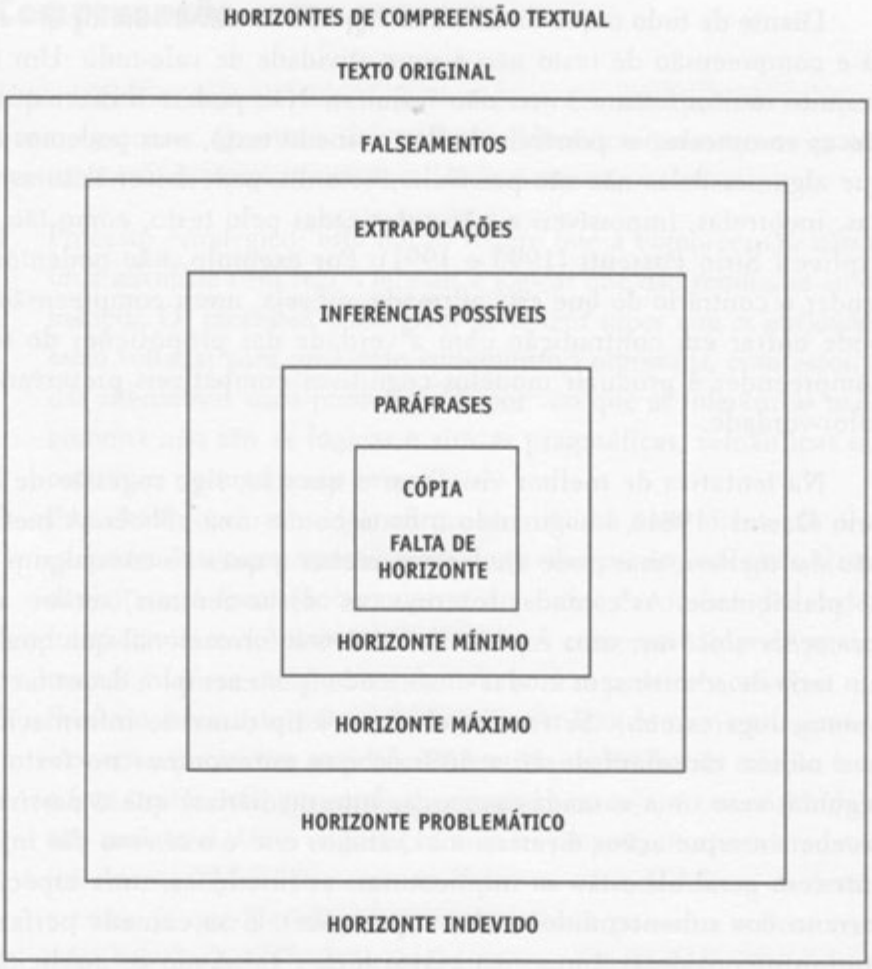

O *texto original* é aquele que recebemos para leitura, por exemplo, o texto de Luiz Fernando Veríssimo. Certamente, podemos ler esse texto de várias maneiras. Essas diferentes maneiras são *horizontes* ou perspectivas diversas. Tentemos uma breve explicação:

1. Falta de horizonte — uma leitura nessa perspectiva apenas *repete* ou *copia* o que está dito no texto. Permanecer nesse nível de leitura é agir como se o texto só tivesse informações objetivas inscritas de modo transparente. A atividade do leitor se reduziria a mera atividade de repetição. Essa é a perspectiva dos exercícios escolares. Ela existe, mas não é a única e é muito óbvia. Por outro lado, repetir um texto nem sempre é garantia de que se compreendeu efetivamente, pois sabemos que *decorar um texto não garante compreensão.*

2. Horizonte mínimo — nesse caso, teremos o que aqui se chama de *leitura parafrástica*, ou seja, uma espécie de repetição com outras palavras em

que podemos deixar algo de lado, selecionar o que dizer e escolher o léxico que nos interessa. Certamente, vamos colocar alguns elementos novos, mas nossa interferência será mínima e a leitura fica ainda numa atividade de identificação de informações objetivas que podem ser ditas com outras palavras.

3. Horizonte máximo — essa é a perspectiva que considera as *atividades inferenciais* no processo de compreensão, isto é, as atividades de geração de sentidos pela reunião de várias informações do próprio texto, ou pela introdução de informações e conhecimentos pessoais ou outros não contidos no texto. É uma leitura do que vai nas entrelinhas; não se limita à paráfrase nem fica reduzida à repetição. Esse horizonte representado pelas inferências constitui o horizonte máximo da produção de sentido.

4. Horizonte problemático — embora esse horizonte não seja em princípio descartável como inadequado, ele vai muito além das informações do próprio texto e se situa no limite da interpretabilidade. Trata-se do âmbito da extrapolação. São leituras de caráter pessoal, onde o investimento de conhecimentos pessoais é muito grande. Na escola, essa esfera é tida como a da "*opinião pessoal*" e ali se instala quase que um vale-tudo. Assim, por exemplo, parece possível, mas é problemático dizer que, no caso do conto de Veríssimo, os habitantes do povoado em que morava a donzela eram sanguinários e intransigentes com a prostituição, ou afirmar que o texto mostra como os pescadores são mentirosos.

5. Horizonte indevido — finalmente, identificamos uma zona muito nebulosa que qualificamos como indevida ou proibida. É a área da *leitura errada*. Por exemplo, suponhamos este texto publicado no DIÁRIO DE PERNAMBUCO:

> *"Todas as músicas tocadas e cantadas no carnaval pernambucano de 1996 ficaram entre o frevo e o maracatu numa demonstração inequívoca da supremacia da cultura local".*

Se, com base neste texto, alguém dissesse que entre as músicas tocadas no carnaval pernambucano estavam o *chorinho* e a *axé music*, ele estaria contestando o texto, mas não compreendendo ou interpretando, pois o texto não permitia aquela leitura. Contudo, se alguém tivesse lido esse texto numa seção de variedades da revista *Veja*, poderia achar que se tratava de uma ironia. Nesse caso, baseado em suposições várias, ele poderia *inferir* que o autor do texto quis dar a entender *de maneira irônica* que em Pernambuco não há só frevo e maracatu no carnaval, ficando num *horizonte problemático*.

Com esta última observação, entramos num terreno delicado e limítrofe, que é o de perceber as *intenções* no texto. É difícil desenvolver uma teoria consistente e clara para essa finalidade. Existem várias delas, por exemplo, a teoria das máximas conversacionais de H. P. Grice (1975), que explica como se dão as *implicaturas* (inferências de natureza pragmática), de que não trataremos aqui. Essas teorias defendem que é possível, com uma frase ou um texto, dar a entender o contrário daquilo que é expresso pelo suposto '*sentido literal*'. Mas aí entramos numa questão bastante complexa, ou seja: *existe ou não o sentido literal?* Embora relevante para o trabalho com a compreensão, esta questão sai de nosso campo. Para observações interessantes sobre o assunto, remeto ao estudo de Possenti (2002), para quem o sentido literal existe, mas de uma maneira geral as palavras não funcionam '*literalmente*'. Nós dificilmente vivemos em "estado de dicionário". Parece que os autores de livros didáticos ainda se baseiam de modo muito enfático no dicionário para identificar sentidos de palavras e não se fundam no "*funcionamento textual do léxico*".

3.9 A compreensão interdialetal

Gumperz (1982) trata da questão da compreensão intercultural e mostra como visões de mundo diversas repercutem também na relação interpessoal. Isto quer dizer que a linguagem e sociedade têm uma relação muito estreita sob este aspecto. Uma prova contundente disso é também o estudo de Bortoni-Ricardo (1984) que será aqui analisado com algum detalhe.

Stella Maris Bortoni-Ricardo (1984: 9) toma como base de sua análise a premissa de que é um "mito" a unidade lingüística no Brasil. Pois nosso português acha-se enormemente dividido em dialetos (variedades socioletais) muitas vezes mutuamente inintelígiveis. Isso por razões essencialmente sociolingüísticas. Existe, sim, uma variedade diatópica de validade suprarregional que conhecemos como língua portuguesa *padrão*, no entanto, o padrão não se verifica mais do que na escrita, sendo que na fala ele é, no máximo, um bem social distribuído apenas entre as camadas mais cultas da população. Isto é identificado por Bortoni (1984: 10) dentro de um *continuum* lingüístico em que de um lado estariam os falares ("dialetos rurais") de populações em situação isoladas e, de outro, a fala das camadas de maior instrução e com acesso aos meios de comunicação.

Bortoni-Ricardo se dedica à análise dos dialetos rurbanos (rurais+urbanos), ou seja, àqueles dialetos falados pelas camadas populares que se situam na

zonas periféricas das cidades, que têm pouco acesso à escolarização e vêm do interior. Essas populações rurbanas têm grandes dificuldades de compreensão quando entram em interação com os urbanos. Os dados que constituem o objeto de análise de Bortoni-Ricardo (1984: 10) foram extraídos de entrevistas feitas com migrantes da zona rural e fixados em Brasilândia (uma cidade-satélite de Brasília). Os entrevistadores eram alunos universitários da UnB.

A variedade dialetal oferece, sem dúvida, dificuldades (barreiras) à compreensão. Mas, certamente, muitas das dificuldades encontradas têm sua origem na natureza do evento trabalhado, ou seja, a entrevista, que tem formas próprias de condução, como já vimos anteriormente. A questão da relação entre os pares adjacentes (na organização do próprio evento comunicativo entrevista) é sempre problemática (cf. Goffman, 1976), pois uma pergunta coloca certas demandas que o parceiro, na resposta, deve satisfazer.

Bortoni-Ricardo (1984: 12) observa que para a análise da interação nessas entrevistas, três aspectos devem ser considerados:

1. assimetria entre os interlocutores — é um fato que diz respeito à própria distribuição dos papéis sociais dos interlocutores e regula o poder que emerge nessas situações. Nesse caso, temos, por um lado, a própria natureza do evento (entrevista), que é assimétrico e, por outro, a realidade social dos falantes (universitários-analfabetos).
2. disposição para a convergência — trata-se da disposição por parte dos falantes, sobretudo dos de mais alta instrução, de adaptar-se à fala do interlocutor, facilitando a compreensão. É uma estratégia que visa minimizar as diferenças e satisfazer um processo de acomodação. Pode manifestar-se na mudança de código, mudança de pronúncia, variação de registro etc.
3. insegurança lingüística — a insegurança lingüística leva a que as pessoas por vezes suponham que compreenderam e, outras, que se entreguem minimizando-se ou inferiorizando-se como incultas, analfabetas etc.

Antes de prosseguir com as observações de Bortoni-Ricardo, gostaria de trazer um exemplo bastante interessante de uma empregada doméstica do qual eu gosto muito e cito em vários trabalhos meus. É uma seqüência muito ilustrativa que mostra com clareza como se organizam os processos de compreensão na interação verbal. Trata-se de um trecho em que uma

entrevistadora universitária pergunta a uma empregada doméstica analfabeta sobre suas atividades diárias[4]:

(Exemplo 2)
I - (Ítala — entrevistadora, mulher)
S - (Severina — entrevistada, analfabeta, 28 anos)

1 I – há quanto tempo está nesta casa?
2 S – há um ano e um mês
3 I – que é que você faz aqui?
4 S – eu cozinho e arrumo
5 I – você cuida também de crianças?
6 S – cuido muitcho bem
7 I – fica muito tempo durante/ com ela ... com elas?
8 S – depende do tempo/ se ela for saí: e não tivé quem fique eu fico até:: o:
9 tempo todo ... se não tivé outra eu eu posso ficá até um ano.. dois ... depende
10 I – você gosta de crianças?
11 S – gosto bastante
12 I – qual a idade das crianças?
13 S – ah: ... seis me::is um a:no dois a:no... até:... deiz ano/ depende
14 da criança ... se ela for muito boazinha comigo eu gosto dela
15 I – e nesta casa?
16 S – bom nessa qui eu gosto BAStante da casa ... gosto dela ... minha
17 patroa é muito boa... não tenho o quê dizê dela
18 I – e das crianças?
19 S – gosto realmente também
20 I – quais as idades?
21 S – essa daqui éh: se::is ano ... só tem uma
22 I – uma?
23 S – só sim sim senhora

No caso desta entrevista, o que temos é uma situação bastante singular, em que se dá uma confusão baseada na não-identificação correta dos referentes, e a entrevistadora procura refazer o rumo da entrevista, mas não consegue resolver a questão.

Bortoni-Ricardo (1984: 14) traz um caso que ilustra o problema da convergência num caso de incompreensão. Veja-se:

(Exemplo 3)
1 E – e do INPS, ou do FUNRURAL, você já recebeu algum benefício?
Assim que você estivesse doente, tivesse assistência, alguma coisa assim?
2 MO – Como que a senhora fala?
3 E – Do instituto. Lá na roça, vocês não tinham instituto, não é?
4 MO – Lá? Assim de ganhá?
5 E – Assim de tê médico de graça...

Note-se que aqui a convergência deu-se mediante um processo de reformulação ou substituição lexical da sigla INPS e FUNRURAL para outro registro e uma explicação.

4. Dados extraídos do *Projeto sobre a linguagem falada pela empregada doméstica*, entrevista coletada em 1978 e transcrita por Luiz Antônio Marcuschi.

Em outros casos, as próprias informantes tomam a iniciativa de confessar sua insegurança lingüística e de autodegradarem, atribuindo a incompreensão a fraquezas como a falta de memória ou outras coisas. Veja-se este caso:

(Exemplo 4 - p. 15)
1 E – O médico já disse o que é?
2 LS – Num disse... disse sim, mais eu num compreendo muito bem, eu me esqueço, é um nomezinho esquisito, num sei bem como é não.

(Exemplo 5 - pp. 15-16)
1 E – Mas tem um programa especial (no rádio) que a senhora gosta?
2 MT – Tem maisi eu num entendo daquilo, eu vejo eles falá, eu esqueço, tô c'a cabeça ruim...

Há casos em que a entrevistada fornece respostas sem entender a pergunta. Veja-se esta situação:

(Exemplo 6 - p. 16)
1 E – E assim de grupos de igreja, de dança, a senhora participa de alguma coisa?
2 MD – participo
3 E – de quê?
4 MD – Ah, eu sô boba, eu num sei de que que é, cumé que é que responde a senhora.

Veja-se que em alguns casos trata-se de uma forma lingüística com a sua pronúncia alterada que leva à incompreensão como neste caso:

(Exemplo 7 - p. 17)
1 B – Outros traz um agradinho, um sabão assim...
2 E – Traz o quê?
3 B – Traz um agradinho de - alimento, né?
4 E – Como é que a senhora chama?
5 B – Conceição Moreira!
6 E – Não!
7 B – Ah!

É curioso que o turno 5 não tem nada de não-cooperativo como observa Bortoni-Ricardo, mas se trata de uma incompreensão, pois a expressão:

— *Como é que a senhora chama?*

pode tanto significar:

a) como é seu nome?
b) como é o nome disso?

sendo que a entrevistadora tinha em mente a compreensão (b). Mas no dialeto da entrevistada, o verbo chamar não é pronominal e só entendido na versão (a), ao passo que para a versão (b) ela usa o verbo "falar", ou seja:

— como é que fala isso?

Talvez a solução tivesse sido dizer:

— como é que a senhora chama isso?

Bortoni-Ricardo dividiu os casos de incompreensão em cinco grupos:

a) regras fonológicas
b) regras morfológicas ou sintáticas
c) d) e) regras pragmáticas, questões lexicais etc.

O exemplo mais marcante para regras de natureza fonológica que interferem na compreensão é o seguinte:

(Exemplo 8 - p. 19)

1 E – Depende de que o sucesso da gente? Pra gente conseguir alguma coisa,
2 depende de quê? de quem?
3 MP – uai, depende da... da sistença da gente e da boa vontade, né? Num disisti
4 daquilo í sempri...
5 E – Mas que tipo de assistência seria essa?
6 MP – Não assistença assim da gente mesmo falá: ĩeu vô fazê aquilo, aquilo que ĩeu
7 tenho vontade, né, de trabalhá pra... pra se consegui aquilo, a gente trabalha e
8 consegue, o faiz aquilo que a gente tem vontade de fazê, né?

No caso da primeira resposta da informante, ela em (3) usou a expressão *sistença* em que a palavra *insistência* "sofreu uma aférese da sílaba inicial e redução do ditongo crescente na sílaba átona final" (Bortoni-Ricardo, 1984: 19). A entrevistadora interpretou essa palavra como *assistência* e, como não entendeu, pediu esclarecimentos.

Mas, de acordo com o que observa Bortoni-Ricardo, parece que a maior parte de problemas na compreensão nestas entrevistas deve-se, sobretudo, a questões de natureza lexical. Vejamos alguns casos.

(Exemplo 9 - p. 22)

1 E – Dona Maria, nos próximos dez anos, o que a senhora pretende fazê?
2 MT – Dez ano agora ou...
3 E – É, nos próximos dez anos
4 MT – Pra trais?
5 E – Não, daqui pra frente.

Note-se que o turno (2) é um pedido de esclarecimento, tal como o turno (4). Trata-se de uma seqüência paralela ou lateral (*side sequence* na terminologia de Jefferson (1972)). Vejamos mais alguns exemplos dentro dessa mesma série de questões lexicais:

(Exemplo 10 - p. 23)

1 E – O senhor vai freqüentemente a Taguatinga?
2 CF – Uhm?
3 E – O senhor vai muito a Taguatinga?
4 CF – VÔ, ainda ontonte mesmo eu vim de lá.

(Exemplo 11 - p. 24)

1 E – Na sua opinião, uma pessoa que nasce pobre, pode melhorar sua condição econômica?
2 MC – ??????

3 E – O senhor acha que ela pode melhorar sua condição econômica? Pode vir a ser rica, pode pelo menos ter vida boa, folgada?
4 MC – Tem e'as que miora a situação, né, a pessoa é pobre, mas no fim ganha as coisa né?

(Exemplo 12 - p. 28)
1 E – A senhora esteve presente nas duas últimas reuniões da novena?
2 FS – Se eu tive?
3 E – É.
4 FS – Não.
5 E – A senhora não foi?
6 (interferência da filha da informante) – E a senhora não foi naquela última novena?
7 FS – Tive na novena, mas não tive presente!

Este último caso é muito significativo, pois mostra como um termo pode ser polissêmico (presente = adjetivo e presente= substantivo). Lembro que é esse um dos caminhos pelos quais surgem também piadas ou xistes que trabalham com reelaborações ou reanálises morfológicas da língua para que surjam as piadas, tal como muito bem observa Possenti em seus trabalhos sobre o assunto.

Um aspecto muito importante no processo de compreensão na interação face a face é o relativo à identificação dos referentes. Os referentes podem não ser corretamente identificados por razões várias. Veja-se este caso trazido por Bortoni-Ricardo (1984: 28) em que tudo radica no fato de o referente ser designado por um item lexical desconhecido.

(Exemplo 13 - p. 28)
1 E – A senhora participa de alguma associação de moradores?
2 BP – Moradô?
3 E – Capaiz que aqui não devi tê não, associação de moradores, têm?
4 BP – Tem
5 E – A senhora participa?
6 BP – Participo sim. O que é isso, associação de de moradores?

Uma das observações de Bortoni-Ricardo (1984: 29) que merecem destaque neste momento é a que lembra a confusão que é feita entre *monolingüismo* (que é o fato de termos uma só língua, a portuguesa) e *homogeneidade lingüística*. Pois se o segundo implica o primeiro, o primeiro não implica o segundo. Não se trata de uma implicação mútua e sim de uma unidirecionalidade nessa implicação. A conseqüência mais grave aqui é a que diz respeito à própria cidadania. Pois as pessoas em ambientes rurais ou rurbanos, que estão sendo bombardeadas por mensagens (até mesmo oficiais) para seu próprio bem-estar, seja pelos noticiários ou pelos esclarecimentos, não estão sendo atingidas. Ficam à margem do próprio desenvolvimento social. Quando isso chega à escola, temos uma situação ainda mais preocupante[5].

5. Seria bom consultar a Revista *Tempo Brasileiro* 53/54 (1978), que trata do tema geral *lingüística e ensino do vernáculo*. A dissertação de Inalda Rodrigues de Souza (1980) sobre a interação médico-paciente pode ser um bom ponto de apoio para se observar algumas das questões levantadas neste contexto.

Seria um bom objeto de estudo a questão da compreensão de novelas, de noticiários, de porta-vozes do governo por parte de nossa população média.

3.10 O tratamento da compreensão nos livros didáticos

Neste momento, veremos um tema de grande importância que hoje, quase uma década após os PCNs, já está sendo tratado de forma mais séria e mais adequada do que há dez anos, quando fiz uma análise minuciosa de uma série de manuais de ensino de língua portuguesa (cf. Marcuschi, 1996; 1999). Naqueles trabalhos, observei que quase todos os manuais apresentavam pelo menos uma seção de exercícios chamada *Compreensão, Interpretação, Entendimento* de texto ou algo semelhante. Essa parte do trabalho deveria exercitar a compreensão, aprofundar o entendimento e conduzir a uma reflexão sobre o texto. A iniciativa é elogiável e extremamente necessária, pois a compreensão deve ser treinada. Além disso, a compreensão de texto é um dos aspectos básicos no domínio do uso da língua. Pode-se até dizer, de forma bastante radical, que *compreender é incontornável*.

A constatação feita com base nos livros didáticos da época foi bastante melancólica ao descobrirmos que, em sua maioria, esses exercícios não passavam de uma descomprometida "*atividade de copiação*" e, na melhor das hipóteses, se prestavam como exercícios de caligrafia, mas não estimulavam a reflexão crítica. As observações a seguir foram extraídas parcialmente de Marcuschi (1996 e 1999).

Já que todos os autores de livros didáticos julgam relevante o trabalho com a compreensão textual, inserindo farta dose de exercícios, o problema não é a ausência desse tipo de trabalho e sim a *natureza* do mesmo. Entre esses problemas, identificamos os seguintes:

(1) A compreensão é considerada, na maioria dos casos, como uma simples e natural atividade de decodificação de um conteúdo objetivamente inscrito no texto ou uma atividade de cópia. Compreender texto resume-se, no geral, a uma atividade de identificação e extração de conteúdos. Como se verá, mesmo nos atuais descritores sugeridos pelas *Matrizes do SAEB* persiste em boa medida essa idéia.

(2) As questões típicas de compreensão vêm misturadas com uma série de outras que nada têm a ver com o assunto, especialmente questões formais.

(3) É comum os exercícios de compreensão nada terem a ver com o texto ao qual se referem, mas serem apenas indagações genéricas ou apenas indagações de ordem subjetiva que podem ser respondidas com qualquer dado.

(4) Os exercícios de compreensão raramente levam a reflexões críticas sobre o texto e não permitem expansão ou construção de sentido, o que reforça a noção de que compreender é apenas identificar conteúdos.

Estas constatações evidenciam não apenas a falta de clareza quanto ao tipo de exercício que deve ser feito no caso da compreensão, mas principalmente a falta de clareza quanto aos processos envolvidos. Perde-se uma excelente oportunidade de treinar o raciocínio, o pensamento crítico e as habilidades argumentativas. Também se perde a oportunidade de incentivar a formação de opinião.

Aspecto importantíssimo, e que persiste ainda hoje, é o fato de a maioria absoluta dos exercícios de compreensão dos manuais escolares resumir-se a *perguntas e respostas*. Poucas são as atividades de reflexão. Em geral, trata-se de perguntas padronizadas e repetitivas, feitas na mesma seqüência do texto. Quase sempre se restringem às conhecidas indagações objetivas:

O quê?
Quem?
Quando?
Onde?
Qual?
Como?
Para quê?

Ou então contém ordens do tipo: *copie, ligue, retire, complete, cite, transcreva, escreva, identifique, reescreva*... partes do texto.

Apesar desta observação negativa, é bom lembrar que esses exercícios não são inúteis. Eles podem ser feitos, e talvez sejam necessários, mas se levarmos em conta o que aqui foi exposto a respeito dos processos de compreensão, eles não são exercícios de compreensão, pois se preocupam apenas com aspectos formais ou então reduzem o trabalho à identificação de informações objetivas e superficiais. Essa é uma forma muito restrita e pobre de ver o funcionamento da língua e do texto.

Tal como observado, perguntas muito comuns nos exercícios de compreensão são aquelas que indagam sobre aspectos formais, sem necessidade de análise. Entre elas encontramos:

- Qual o título do texto?
- Quantos versos tem o poema?
- Em quantos parágrafos apareceu a fala das personagens?
- Quantos parágrafos tem o texto?
- Numere os parágrafos do texto.

Estas perguntas têm sua utilidade em outro contexto, pois conduzem a conhecimentos formais interessantes. Exigem que se saiba, por exemplo, o que é *parágrafo, verso, título* etc. Contudo, não se trata de questões de compreensão. O máximo que elas conseguem é evidenciar a má noção do que seja compreender um texto. Ao invés de indagar qual o título do texto, seria interessante uma atividade de reflexão sobre o título e não uma simples ação de copiar o título.

Vimos que é possível haver leituras diferenciadas e ainda corretas do mesmo texto. A proposta dos exercícios escolares falha sob esse aspecto porque concebe o texto como uma soma de informações objetivas e exclusivas. Com um conceito de língua tal como o aqui adotado, que se recusa a restringir a língua a um simples instrumento com a função de transmitir informação e uma noção de texto como proposta de sentido, podem-se sugerir exercícios e tarefas muito mais instigantes aos alunos. Compreender o texto não será mais uma atividade de garimpagem, mas uma atividade reflexiva.

É muito difícil, em qualquer situação de uso da língua, obter a explicitude completa nos textos, pois eles sempre estão contextualizados numa determinada situação, cultura, momento histórico, campo ideológico, crença e assim por diante. Além disso, uma pessoa pode entender mais do que outra quando lê um texto, já que a compreensão dependerá também dos conhecimentos pessoais que podem ser muito diversificados: conhecimentos lingüísticos, conhecimentos de regras de comportamento, conhecimentos sociais, antropológicos, históricos, factuais, científicos e outros. Também são importantes as nossas crenças, ideologia e valores.

Tomemos um exemplo para ver como atuam os conhecimentos partilhados em situações interpessoais e como o processo inferencial se instala de maneira crucial. Suponhamos que Pedro e João, ao se encontrarem, mantenham o seguinte diálogo:

Pedro: *Acabei de vender meu carro*!
João: *mas que cara de sorte, hein?!*

A observação de João mostra que ele tomou (compreendeu) o enunciado de Pedro não como sendo uma informação, mas como uma expressão de alívio. Isso só foi possível porque João conhecia muito bem o carro de Pedro — velho, completamente enferrujado e caindo aos pedaços. A inferência que o levou a considerar a venda como um lance de sorte e não uma simples transação normal, baseou-se nos conhecimentos partilhados por ambos e não em uma informação textual explícita. Para inferir, João reuniu conhecimentos de que dispunha e informações dadas por Pedro. Isso é o que fazemos quando lemos as publicidades, avisos, listas, cardápios etc., que são textos muito curtos e com poucas informações, sendo que mais da metade do que entendemos é literalmente *posto* por nós. Em maior ou menor grau, somos sempre co-autores dos textos dos quais resultam nossas compreensões.

A estas alturas é fácil perceber que os exercícios de compreensão dos livros didáticos costumam falhar em pelo menos três aspectos centrais:

(1) supõem uma noção instrumental de língua e imaginam que ela funciona apenas literalmente como transmissora de informação; é a velha metáfora da língua como um *conduto*;
(2) supõem que os textos são produtos acabados que contêm em si objetivamente inscritas todas as informações possíveis;
(3) supõem que compreender, repetir e memorizar são a mesma coisa, ou seja, compreender é identificar informações textuais objetivas.

Estas suposições fundam-se numa noção equivocada de língua, de texto e compreensão. Partem de uma visão da comunicação teoricamente falha e empiricamente inadequada. A língua vista como código autônomo com propriedades imanentes conduz uma teoria da compreensão em que compreender equivale a decodificar. Mas como nós vimos, compreender não é o mesmo que decodificar palavras e frases do texto. A noção de compreensão como simples decodificação só será superada quando admitirmos que a compreensão é um processo criador, ativo e construtivo que vai além da informação estritamente textual.

Além do mais, os textos trabalhados nos manuais escolares são pouco representativos da diversidade textual encontrada no dia-a-dia. A escola poderia oferecer mais oportunidade de contato com textos não narrativos, tais como as bulas de remédio, as instruções de uso de aparelhos, os contratos de aluguel, as atas de condomínio, as propagandas, as notícias de jornal.

3.11 Tipologia das perguntas de compreensão nos livros didáticos

Ao fazer a análise dos exercícios de compreensão nos livros didáticos, desenvolvi uma tipologia de perguntas que encontramos nas seções dedicadas à compreensão textual (cf. detalhes em Marcuschi, 1999). Esta tipologia deveria hoje sofrer alguma mudança, mas em princípio ainda continua válida. Apenas os resultados quantitativos que apresento não são mais os mesmos e seria interessante tomar isso como uma tarefa útil até para perceber quais foram as mudanças ocorridas neste terreno dos anos 1980 até hoje. Certamente, essa tipologia não é a única nem a mais correta, mas serve para indicar alguns aspectos centrais da prática escolar quanto ao fenômeno da compreensão.

Não obstante o fato de hoje haver uma maior consciência de que a compreensão não é um simples ato de extração de informações de textos mediante a leitura superficial, ainda continua muito presente nos LDs atuais a atividade de leitura superficial. Algumas análises recentes sobre o tema têm revelado que as mudanças nesse particular têm sido mínimas. Tudo indica que a questão acha-se ligada em especial à ausência de reflexão crítica em sala de aula. Pois o trabalho com a compreensão dentro de um paradigma que se ocupa com a interpretação e análise mais aprofundada exige que se reflita e discuta o tema e isto não é uma prática comum em sala de aula. As próprias análises dos LDs, na avaliação do MEC, revelam esse descuido. Portanto, aí continua mais um ponto de análise e investigação aberto a novos trabalhos.

Considerando a leitura como uma atividade social e crítica, poderíamos encaminhar uma nova proposta de construção de uma tipologia de perguntas. Por exemplo, observar se elas têm caráter crítico, se elas consideram o aspecto multimodal dos textos e se elas dão conta da atividade solidária desenvolvida na leitura de textos em situações da vida diária. Disso deveria resultar uma nova visão tipológica que provavelmente daria em resultados similares aos que aqui se postulam. Enquanto ainda não temos essa nova visão tipológica, vejamos o que ocorre com a que aqui se apresenta.

Os tipos de perguntas encontrados nos exercícios de compreensão dos LDP analisados foram identificados de acordo com as estratégias que utilizavam. Os nomes dados podem ser outros. Eles servem de guia para indicar a ação básica pretendida em cada categoria.

Vejamos aqui os tipos e suas definições com alguns exemplos.

TIPOLOGIA DAS PERGUNTAS DE COMPREENSÃO EM LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA NOS ANOS 1980-1990

TIPOS DE PERGUNTAS	EXPLICITAÇÃO DOS TIPOS	EXEMPLOS
1. A cor do cavalo branco de Napoleão	São P não muito freqüentes e de perspicácia mínima, sendo já auto-respondidas pela própria formulação. Assemelham-se às indagações do tipo: "Qual a cor do cavalo branco de Napoleão?"	■ Ligue: Lilian - *Não preciso falar sobre o que aconteceu.* Mamãe - *Mamãe, desculpe, eu menti para você.*
2. Cópias	São as P que sugerem atividades mecânicas de transcrição de frases ou palavras. Verbos freqüentes aqui são: *copie, retire, aponte, indique, transcreva, complete, assinale, identifique* etc.	■ Copie a fala do trabalhador. ■ Retire do texto a frase que... ■ Copie a frase corrigindo-a de acordo com o texto. ■ Transcreva o trecho que fala sobre... ■ Complete de acordo com o texto.
3. Objetivas	São as P que indagam sobre conteúdos objetivamente inscritos no texto *(O que, quem, quando, como, onde...)* numa atividade de pura decodificação. A resposta acha-se centrada só no texto.	■ Quem comprou a meia azul? ■ O que ela faz todos os dias? ■ De que tipo de música Bruno mais gosta? ■ Assinale com um x a resposta certa.
4. Inferenciais	Estas P são as mais complexas, pois exigem conhecimentos textuais e outros, sejam eles pessoais, contextuais, enciclopédicos, bem como regras inferenciais e análise crítica para busca de respostas.	■ A donzela do conto de Veríssimo costumava ir à praia ou não?
5. Globais	São as P que levam em conta o texto como um todo e aspectos extratextuais, envolvendo processos inferenciais complexos.	■ Qual a moral dessa história? ■ Que outro título você daria? ■ Levando-se em conta o sentido global do texto, pode concluir que...
6. Subjetivas	Estas P em geral têm a ver com o texto de maneira apenas superficial, sendo que a R fica por conta do aluno e não há como testá-la em sua validade. A justificativa tem um caráter apenas externo.	■ Qual a sua opinião sobre...? Justifique. ■ O que você acha do...? Justifique. ■ Do seu ponto de vista, a atitude do menino diante da velha senhora foi correta?
7. Vale-tudo	São as P que indagam sobre questões que admitem qualquer resposta, não havendo possibilidade de se equivocar. A ligação com o texto é apenas um pretexto sem base alguma para a resposta. Distinguem-se das subjetivas por não exigirem nenhum tipo de justificativa ou relação textual.	■ De que passagem do texto você mais gostou? ■ Se você pudesse fazer uma cirurgia para modificar o funcionamento de seu corpo, que órgão você operaria? Justifique sua resposta. ■ Você concorda com o autor?

8. Impossíveis	Estas P exigem conhecimentos externos ao texto e só podem ser respondidas com base em conhecimentos enciclopédicos. São questões antípodas às de cópia e às objetivas.	■ Dê um exemplo de pleonasmo vicioso (Não havia pleonasmo no texto e isso não fora explicado na lição) ■ Caxambu fica onde? (O texto não falava de Caxambu)
9. Metalingüísticas	São as P que indagam sobre questões formais, geralmente da estrutura do texto ou do léxico, bem como de partes textuais. Aqui se situam as P que levam o aluno a copiar vocábulos e depois identificar qual o significado que mais se adapta ao texto.	■ Quantos parágrafos tem o texto? ■ Qual o título do texto? ■ Quantos versos tem o poema? ■ Numere os parágrafos do texto. ■ Vá ao dicionário e copie os significados da palavra...

Quanto às perguntas subjetivas, é bom ter presente que os alunos se sentem comprometidos com o paradigma da escola e às vezes dizem o que imaginam que vai agradar à professora. Num livro (consumível) consultado, que continha as respostas dadas pelo aluno, encontrei o seguinte:

P — *Você gostou da história do menino que vivia sujo?*
R — *Não, porque a professora disse que devemos tomar banho todos os dias.*

O aluno falou na perspectiva da escola e não na sua. Mas também há respostas deste tipo:

P — *Você gostou do texto que acabou de ler?*
R — *Mais ou menos, mas é mais para menos.*

A tipologia apresentada foi montada tendo em vista uma análise de 25 livros do ensino fundamental, passando por todas as séries. O total de perguntas analisadas em todos os exercícios computados foi de 2.360 questões. A estatística contou com alguns manuais em que predominavam as cópias e perguntas objetivas, bem como outros manuais em que houve acentuada presença de perguntas inferenciais e globais. Isso deu uma média equilibrada e é de supor que os percentuais abaixo sejam bastante próximos da realidade dos anos 1990. O resultado, em percentuais, evidencia um quadro preocupante.

Uma análise, mesmo que sumária, destes dados revela que há um predomínio impressionante (70%) de questões fundadas exclusivamente no texto, sendo que quase um quinto das perguntas é pura cópia e mais da metade só precisa de uma olhada em informações textuais para resposta. Mais preocupante, no entanto, é o fato de se ter somente um décimo das questões situadas na classe de perguntas que exigem alguma reflexão mais acurada para respon-

der, ou seja, algum tipo de inferência ou raciocínio crítico, sendo que elas equivalem ao mesmo percentual de indagações que podem receber todo tipo de resposta, já que nas questões subjetivas e vale-tudo, aceita-se qualquer resposta, sem critérios mais refinados para sua produção. Por fim, questões de natureza estrutural também aparecem com relativa freqüência (9%) como se fossem questões de compreensão.

PERGUNTAS DE COMPREENSÃO EM LIVROS DIDÁTICOS DO ENSINO BÁSICO

TIPOS	%	GRUPOS
1. Cor do cavalo branco	1	70 %
2. Cópias	16	
3. Objetivas	53	
4. Inferenciais	6	10 %
5. Globais	4	
6. Subjetivas	7,5	11 %
7. Vale-tudo	3	
8. Impossíveis	0,5	
9. Metalingüísticas	9	9 %

Os resultados apresentados aqui sugerem dois tipos de explicação:

(a) Por um lado, tratar-se-ia de uma total falta de critério para a organização dos exercícios de compreensão, ou seja, nesses exercícios, entraria tudo o que teria minimamente a ver com texto ou com indagações que não caberiam na gramática, na ortografia e em outros aspectos mais técnicos no estudo da língua.

(b) Por outro lado, parece faltar clareza quanto ao que se deve entender por compreensão de texto, o que redundaria nessa mistura de questões dentro de um mesmo conjunto inadequadamente.

Não é possível decidir aqui por uma ou outra dessas hipóteses. Tudo indica que se trata de um misto de ambas. Seguramente, os anos 2000 apresentam mudanças substantivas nesse quadro, pois já há uma consciência muito maior em relação ao problema. Um exercício interessante para quem deseja fazer uma análise mais aprofundada da questão aqui levantada seria a análise comparativa entre os manuais de ensino de língua referentes ao período anterior ao surgimento dos PCNs e os manuais que já foram produzidos com uma nova mentalidade a respeito do ensino de língua.

Em trabalho recente sobre compreensão nos livros didáticos (Marcuschi, 2003), dediquei-me de maneira especial a ver como se trabalhava o *vocabulá-*

rio no contexto dos exercícios de compreensão. Numa análise não muito extensa, constatei que mais da metade dos exercícios com o vocabulário se situa no trabalho com a *sinonímia*. Outra parte trabalha questões de *linguagem figurada*, cabendo ainda um bom percentual de exercícios com a *forma* (gênero, número, grau, derivação, neologia etc). O normal é uma visão descontextualizada do léxico. Daí o acúmulo de comandos do tipo:

- Explique o sentido da palavra grifada.
- Escreva outras palavras que signifiquem o mesmo que [...].
- Qual o significado da palavra [....].
- Sublinhe as palavras que você desconhece e procure seus significados no dicionário, indicando qual deles é o mais apropriado.
- Substitua as palavras grifadas por um sinônimo e se você desconhece vá ao dicionário.
- Reescreva as frases com um sinônimo para as palavras sublinhadas.
- Ligue as palavras da lista à esquerda com sua equivalente na lista à direita.
- Relacione de duas em duas as palavras que dizem o contrário.
- No texto você encontra algumas palavras grifadas que são gírias: substitua-as pelo equivalente em linguagem culta.
- Identifique as expressões idiomáticas e dê o seu sentido.

Este tipo de atividade e tratamento do vocabulário nos dá uma idéia bastante clara da noção de língua que os autores têm e da função meramente representacional dos vocábulos da língua. Até parece que sabendo o léxico, entende-se o texto. No entanto, é necessário ter claro que o conhecimento do léxico de uma língua é apenas uma condição necessária, mas não suficiente para a compreensão de um texto.

3.12 Os descritores para a compreensão textual no ensino fundamental

Após as observações sobre o que ocorria e ainda ocorre nos manuais de língua portuguesa, é importante considerar o que há de novo nesse terreno tão importante e ao mesmo tempo pouco claro da compreensão textual. Existe hoje um programa nacional em andamento no MEC, que se destina a avaliar a proficiência de língua materna no Brasil. Essa aferição do rendimento escolar no ensino fundamental e no médio vem se dando a partir de *matrizes de referência*, elaboradas pelo SAEB (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica), às quais nos referimos inicialmente, que são aprovei-

tadas, com algumas mudanças, pelos estados e municípios. Essas matrizes concebem a linguagem como sendo "ao mesmo tempo, atividade cognitiva e ação entre indivíduos", de modo que um indivíduo domina a língua quando "sabe fazer uso de seus recursos expressivos em diversas situações". Nessa tarefa, a fim de "cumprir melhor seus objetivos comunicativos, suas intenções interlocutórias", o indivíduo deve dominar bastante bem o funcionamento do léxico e dos gêneros (SAEB 2001: 17). A rigor, podemos concordar com essas posições. Com efeito, o problema está na limitação do exame, pois para a avaliação das competências comunicativas do aluno no uso da língua, o SAEB decidiu-se por observar apenas a *compreensão textual*. De acordo com o próprio documento:

> No SAEB 2002, na área de Língua Portuguesa, optou-se por avaliar somente habilidades de leitura. Um bom leitor, além de mobilizar esquemas cognitivos básicos, de ativar conhecimentos prévios partilhados e relevantes ao contexto, recorre a seus conhecimentos lingüísticos para ser capaz de perceber os sentidos, as intenções — implícitas e explícitas — do texto e os recursos que o autor utilizou para significar e atuar verbalmente" (SAEB 2001: 18).

Não creio que esteja errada essa orientação, mas por sua limitação à compreensão, ela tem como conseqüência que na escola só se passa a trabalhar a compreensão, entrando em segundo plano a produção textual. Tudo fica dentro da velha filosofia: *ensina-se o que se avalia*. Deixemos, porém esse aspecto político de lado, e vejamos apenas o que nos diz respeito. A matriz geral, tal como indicado abaixo, apresenta 21 descritores distribuídos em VI tópicos diversos. Apresento um quadro com todos os descritores, observando que as primeiras séries vão se servir de alguns e não de todos ao mesmo tempo. Só na 8ª do Fundamental e 3ª do Ensino Médio eles são aplicados em sua integralidade.

MATRIZ DE REFERÊNCIA PARA OS DESCRITORES DE LÍNGUA PORTUGUESA DO SAEB 2001

TÓPICOS	HABILIDADES
I. Procedimentos de leitura	Localizar informações explícitas em um texto
	Inferir o sentido de uma palavra ou expressão.
	Inferir o sentido de uma palavra ou expressão.
	Identificar o tema de um texto.
	Distinguir um fato da opinião relativa a esse fato

II. Implicações do suporte, do gênero e/ou do enunciador na compreensão do texto	Interpretar texto com auxílio de material gráfico diverso (propagandas, quadrinhos, foto, etc.)
	Identificar finalidade de textos de diferentes gêneros
III. Relação entre textos	Reconhecer diferentes formas de tratar uma informação na comparação de textos que tratam do mesmo tema, em função das condições em que ele for produzido e daquelas em que será recebido
	Reconhecer posições distintas entre duas ou mais opiniões relativas ao mesmo fato ou ao mesmo tema
IV. Coerência e coesão no processamento do texto	Estabelecer relações entre partes de um texto, identificando repetições ou substituições que contribuem para a continuidade de um texto
	Identificar a tese de um texto
	Estabelecer relação entre a tese e os argumentos oferecidos para sustentá-la
	Diferenciar as partes principais das secundárias em um texto
	Identificar o conflito gerador do enredo e os elementos que constroem a narrativa
	Estabelecer relação causa/conseqüência entre partes e elementos de um texto
	Estabelecer relações lógico-discursivas presentes no texto, marcadas por conjunções, advérbios, etc.
V. Relações entre recursos expressivos e efeitos de sentido	Identificar efeitos de ironia ou humor em textos variados
	Reconhecer o efeito de sentido decorrente do uso da pontuação e de outras notações
	Reconhecer o efeito de sentido da escolha de uma determinada palavra ou expressão [8ª e 3ª]
	Reconhecer o efeito de sentido decorrente da exploração de recursos ortográficos e/ou morfossintáticos
VI. Variação lingüística	Identificar as marcas lingüísticas que evidenciam o locutor e o interlocutor de um texto

Pela formulação desses descritores no interior dos tópicos em que foram inseridos, podemos observar que eles seguem uma visão textual sob o aspecto processual e não apenas de conteúdo. Esses descritores dão margem a um trabalho inferencial, o que é um avanço em relação àquele que só se ocupa da informação objetiva e direta. Um trabalho interessante seria identificar aqui quais desses descritores são de caráter inferencial ou não. Alguns deles são pontualizados e outros são globais. Mas, em nenhum momento, se pensa na produção textual.

Se a formulação dos descritores é razoável, analisando os testes elaborados a partir dessas matrizes, percebe-se que algumas questões dizem respeito a fenômenos bastante localizados e até isolados. Veja-se este caso da prova de Avaliação de Língua Portuguesa pelo SAEB 2001 para a 8ª Série em que se testa o descritor: "*Estabelecer relações entre partes de um texto, identificando repetições ou substituições que contribuem para a continuidade de um texto*".

Exemplo (14)

Prejuízo em estacionamento

Sou freqüentador quase que diário do estacionamento de um shopping explorado por uma empresa. No último dia 21 estacionei à tarde e à noite. Quando saí à noite, notei que o rádio do meu carro estava funcionando mal, motivado pelo roubo da antena. No dia seguinte, preenchi um formulário anexando os dois comprovantes do pagamento, solicitando a reposição da antena, pleito que me foi negado dois dia após, por telefone. Fiz outro requerimento solicitando uma justificativa da negação e não fui atendido. Qual o direito que temos ao estacionar em um shopping pagando R$ 2,50?

Texto adaptado. *O GLOBO*:
21 de janeiro de 2001, p. 32.

A palavra "pleito", no texto, refere-se

(A) ao roubo da antena.
(B) à reposição da antena.
(C) à justificativa da negação.
(D) ao comprovante do pagamento.

Percentual de respostas às alternativas

A	B	C	D	Em branco e nulas
15	33	35	14	3

FONTE: *SAEB 2001 - Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica. Relatório Saeb 2001 - Língua Portuguesa*, Brasília, 2002, p. 68

O que se vê neste pequeno exemplo dá uma idéia aproximada da forma como se trabalha a questão inferencial na base de um item lexical e não de relações mais amplas. Muito preocupante é que apenas um terço dos alunos (33%) nesse nível de ensino tenham conseguido acertar a resposta que aparentemente não seria complicada.

Mas há ainda o problema da formulação da pergunta em casos nos quais o aluno é induzido a erro ou a raciocínios equivocados. Vejamos um exemplo bastante complexo e que continha, a meu ver, um equívoco na formulação da pergunta. Trata-se da avaliação com base no descritor: "*Reconhecer diferentes formas de tratar uma informação na comparação de textos que tratam do mesmo tema, em função das condições em que ele for produzido e daquelas em que será recebido*". Foi aplicado em 2001 para alunos da 3ª série do ensino médio. Vejamos os dois textos e o teste:

Exemplo (3)

TEXTO I
Divorciadas são assassinadas em São Paulo e Fortaleza
Polícia crê em crime passional

O assassinato de duas mulheres, uma em São Paulo e outra em Fortaleza (CE), intriga a polícia, que até a noite de ontem não havia prendido os autores. Apesar de não haver nenhuma relação entre os dois crimes, há muitas coincidências.
As duas mulheres estavam na faixa entre 30 e 40 anos. As duas trabalhavam na área médica (uma era legista, a outra, bióloga). Ambas eram divorciadas, moravam sozinhas e nos dois casos há suspeita de crime passional.
Folha de S.Paulo

TEXTO II
Médica é assassinada ao deixar centro espírita
A polícia já tem o suspeito de assassinato da médica alergista do Hospital das Clínicas Isaura Virgínia Santos Rosa Pinczowski, de 35 anos. Ela morreu ontem com um tiro no peito quando saía do centro espírita Seara Bendita, na rua Demóstenes, em São Paulo, em seu Golf prata, placa CKC-5686, de São Bernardo do Campo. Segundo testemunhas, Isaura teve seu veículo interceptado por um Vectra preto que subia na contramão a rua Constantino de Souza, altura do número 454.

O Povo

Sobre os textos, pode-se afirmar que:
(A) O texto I divulga a morte de duas mulheres, ressaltando os pontos comuns aos casos.
(B) Os dois jornais noticiam a morte de duas mulheres.
(C) Os dois jornais relatam assassinatos cuja violência revoltou os médicos.
(D) O texto I é uma notícia e o texto II é um artigo.
(E) Os jornais enfatizam o crescente assassinato de mulheres no país.

Percentual de respostas às alternativas

A	B	C	D	E	Em branco e nulas
37	6	6	31	18	2

FONTE: *SAEB 2001 – Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica. Relatório Saeb 2001 – Língua Portuguesa*, Brasília, 2002, p. 96.

Observe-se que, não obstante a facilidade com que se poderia responder a essa questão, somente pouco mais de 1/3 dos alunos acertou. Tudo indica que a formulação induziu a equívocos, pois é inadequado indagar a respeito dos dois textos, quando a resposta estava em um deles apenas. A indagação teria sido melhor formulada assim: "*Lendo os dois textos, pode-se afirmar que*". Não se buscava uma dada informação *em ambos*, como sugeria a formulação "*sobre os textos*". No caso, parece que ambos devessem dizer algo, quando apenas um sugeria aquele entendimento. Portanto, de nada vale ter bons descritores, se o problema surge em outro campo. Muitas vezes, o maior desafio não está em entender o texto, mas no teste.

Sabemos que essas matrizes não são um programa de ensino de língua, mas como servem para avaliar habilidades, acabam orientando a formulação de programas de ensino. Nesse caso, ao se descuidar da *produção textual*, dá-se a impressão de que a compreensão pode ser desligada da produção. No entanto, ao expressarmos nosso entendimento de um texto (desde que não estejamos apenas respondendo a perguntas isoladas), estaremos também produzindo um

outro texto, pois a compreensão de um texto *x* se manifesta em um texto *y*. Assim, uma das críticas aos atuais descritores é a sua tendência absoluta a imaginar que a compreensão se manifesta na resposta a perguntas. Não há um único descritor que se dedique a sugerir produções textuais como formas de evidenciar compreensão. E nós sabemos que no dia-a-dia ninguém vive respondendo a perguntas sobre textos e sim falando sobre eles, resumindo-os, reportando-os ou opinando. Por que não se dedicar a essas tarefas da vida real?

EXERCÍCIOS DA TERCEIRA PARTE:
Processos de compreensão

(a) GLOSSÁRIO SOBRE PROCESSOS DE COMPREENSÃO: Continuidade da montagem do glossário com os termos centrais desta parte:

• análise crítica do discurso	• inferência
• codificação	• lexema
• cognição	• léxico
• compreensão	• memória
• conhecimentos partilhados	• metáfora
• consciência	• metalinguagem
• decodificação	• sentido
• esquemas cognitivos	• sentido figurado
• estratégia	• sentido literal
• experiência	• significação
• frames/ enquadres	• sociointeração
	• sujeito

(b) Explicitar os conceitos centrais desenvolvidos neste ensaio (língua, compreensão, texto, inferência, sociointeração) e demonstrar como eles repercutem na forma de se trabalhar o processo de compreensão.

(c) Identificar as teorias ou as posições contra as quais este ensaio se volta e expor os argumentos desenvolvidos para mostrar que elas não são produtivas.

(d) Quais são as possíveis conseqüências de se trabalhar a compreensão na suposição de que a língua seja um simples instrumento de condução e representação de idéias?

(e) Verificar quais dentre as sugestões dadas nas Matrizes de Descritores do SAEB são as mais pertinentes segundo as posições defendidas neste ensaio.

(f) Sugerir algum tipo de Matriz de Descritores para o ensino superior e explicitar que tipos de atividades seriam mais interessantes nesse nível de ensino.

(g) Propor um trabalho com o vocabulário no seu funcionamento textual. Tentar elaborar uma proposta em que os itens seriam trabalhados na perspectiva textual.

(h) Tomar uma coleção de livros didáticos do Ensino Fundamental de 1ª a 8ª Séries e analisar as perguntas nos exercícios de compreensão de acordo com a tipologia aqui sugerida ou uma outra que você mesmo construiu.

Temas sugeridos para a montagem dos pôsteres de avaliação

Estes temas serão sorteados nas primeiras aulas para que possam ser investigados ao longo do semestre. Eles podem estar acoplados às tarefas desenvolvidas nos exercícios propostos acima.

TEMAS SUGERIDOS PARA O PRIMEIRO EXERCÍCIO

1. Noções de língua e suas conseqüências
2. Noções de texto ao longo dos últimos 30 anos
3. Noções de sujeito de acordo com as várias teorias
4. Critérios gerais de textualização
5. Organização tópica e progressão textual
6. Noção de gênero textual: visão teórica, definição e exemplares característicos
7. Tipos textuais: definições e análise de exemplos
8. Gêneros textuais surgidos na relação com as tecnologias eletrônicas
9. Os bate-papos e a conversação espontânea: Uma comparação.
10. A hibridização e a intergenericidade no caso específico da publicidade
11. Os gêneros textuais no contínuo fala-escrita (levantamento e breve caracterização)
12. A questão do suporte dos gêneros textuais: relação entre gênero e suporte
13. A questão do livro didático como suporte ou como gênero
14. Os gêneros na área literária
15. Gêneros do domínio discursivo do jornalismo
16. Gêneros do domínio discursivo da área pedagógica
17. A posição dos Parâmetros Curriculares Nacionais em relação aos gêneros textuais
18. Presença de gêneros textuais e seu tratamento nos Livros didáticos de Português de 1ª a 4ª séries
19. Presença de gêneros textuais e seu tratamento nos Livros didáticos de Português de 5ª a 8ª séries
20. Presença de gêneros textuais e seu tratamento nos Livros didáticos de Português no Ensino Médio

TEMAS SUGERIDOS PARA O SEGUNDO EXERCÍCIO

1. Teoria(s) da compreensão – perspectivas teóricas existentes (pelo menos três)
2. O processo de compreensão e sua relação com os gêneros textuais
3. Compreensão e processos inferenciais
4. Papel do léxico na atividade de compreensão e produção de sentido na perspectiva dos gêneros
5. Conhecimentos pessoais e sua importância na compreensão textual e sua relação com gêneros
6. Gêneros textuais e processos inferenciais: o caso das charges
7. Compreensão de piadas no confronto com bulas de remédio
8. Compreensão no texto oral e no texto escrito: semelhanças e diferenças exemplificadas em gêneros
9. Análise do tratamento da compreensão nos livros didáticos e sua relação com os gêneros
10. A compreensão de gêneros textuais da literatura: o poema e o romance
11. A compreensão nos gêneros do noticiário da televisão
12. A compreensão da publicidade na TV e no jornal
13. A compreensão na atividade face a face e nos bate-papos pela internet
14. O tratamento da compreensão e sua relação com gêneros no livro de 1ª a 4ª série
15. O tratamento da compreensão e sua relação com gêneros no livro de 5ª a 8ª série
16. O tratamento da compreensão e sua relação com gêneros no livro do Ensino Médio
17. Análise dos descritores do SAEB em comparação com os descritores do SAEPE
18. Uma análise crítica dos exames nacionais do SAEB para avaliação de alunos
19. Uma análise dos PCNs na sua posição a respeito dos processos de compreensão
20. Compreensão da publicidade considerando as camadas sociais da população

fontes de referência das citações

ANTUNES, I. (2005). *Lutar com palavras. Coesão e coerência.* São Paulo: Parábola Editorial.

ANTUNES, I. (2003). *Aula de português. Encontro & interação.* São Paulo: Parábola Editorial.

ARAÚJO, A. D. (2000). Análise de gênero: uma abordagem alternativa para o ensino da redação acadêmica. In: FORTKAMP, M. B. M. e TOMITCH, L. M. B. (orgs.). *Aspectos da lingüística aplicada.* Florianópolis: Insular, pp. 185-200.

ARAUJO, J. C. R. de (2003). *Chat Na Web: um estudo de gênero hipertextual.* Fortaleza: Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal do Ceará. Dissertação de mestrado, mimeo.

ARIEL, M. (2002). The Demise of a Unique Concept of Literal Meaning. *Journal of Pragmatics*, 34, pp. 361-402.

ASSIS, J. A. (2002). *Explicitude/implicitude no e-mail e na mensagem em secretária eletrônica: contribuições para o estudo das relações oralidade/escrita.* Tese de doutorado. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, manuscrita.

AUSTIN, J. L. ([1962] 1990). *Quando dizer é fazer.* Trad.: D. Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas. (ed. or.: *How to Do Things with Words.* Oxford: Oxford University Press).

AUTHIER-REVUZ, J. (1982). *Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso.* Campinas: IEL, 2000, mimeo.

BAGNO, M. (org.) (2001). *Norma lingüística.* São Paulo: Edições Loyola.

BAGNO, M. (org.) (2002). *Lingüística da norma.* São Paulo: Edições Loyola.

BAKHTIN, M. ([1979]. 1992). Os gêneros do discurso. In BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal.* São Paulo: Martins Fontes, pp. 277-326.

BAKHTIN, M. & VOLOSHINOV, V. N. (1979). *Marxismo e filosofia da linguagem.* São Paulo: Hucitec.

BARROS, K. S. M. de (2001). Características organizacionais de aulas pela Internet. In: URBANO, H. et al. (orgs.). *Dino Preti e seus temas.* São Paulo: Cortez Editora, pp. 355-367.

BARROS, K. S. M. de (2002). Aspectos da interação em aulas pela Internet. In: BARROS, K. S. M. de (org.). *Atividades de interação verbal: estratégias e organização.* Natal/Recife: PPgEL/Ed. Imprensa Universitária, UFRPE, pp. 39-50.

BARROS, K. S. M. de (2004). Gêneros textuais do domínio pedagógico: aproximações e divergências. Apresentado na XX Jornada Nacional de Estudos Lingüísticos do GELNE. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 7 a 10 de setembro de 2004

BARTSCH, R. (1987). *Sprachnormen: Theorie und Praxis.* Tübingen: Niemeyer.

BARTHES, R. (1974). *Novos ensaios críticos. O grau zero da escritura.* São Paulo: Cultrix.

BATISTA, A. A. G. (1997). *Aula de português. Discurso e saberes escolares.* São Paulo: Martins Fontes.

BATISTA, A. A. G. & GALVÃO, A. M. O. (orgs.) (1999). *Leitura: práticas, impressos, letramentos.* Belo Horizonte: Autêntica.

BAZERMAN, C. (2005). *Gêneros textuais, tipificação e interação*. Org.: Â. Paiva Dionísio e J. Hoffnagel. São Paulo: Cortez.

BEAUGRANDE, R. de (1997). *New Foundations for a Science of Text and Discourse: Cognition, Communication, and the Freedom of Access to Knowledge and Society*. Norwood: Ablex.

BEAUGRANDE, R.-A. de & DRESSLER, W. (1981). *Introduction to Text Linguistics*. London: Longman.

BENVENISTE. É. ([1958] 1976). Da subjetividade na linguagem. In: *Problemas de lingüística geral*, vol I. São Paulo: Companhia Editora Nacional e EdUSP, pp. 284-293.

BERGMANN, P. L & LUCKMANN, T. (1995). *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes.

BHATIA, V. K. (1997). Genre Analysis Today. *Revue Belge de Philologie et d'Histoire*. 75(3):629-652.

BIBER, D. (1988). *Variation Across Speech and Writing*. Cambridge: Cambridge University Press.

BLOOD, R. (2002). *The Weblog Handbook: Practical Advice on Creating and Maintaining Your Blog*. Cambridge: Perseus Books Group.

BOLTER, J. D. (1991).*Writing Space: The Computer Hypertext and History of Writing*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum.

BLOOMFIELD. L. (1933). *Language*. New York: Rinehart and Winston.

BORGES NETO, J. (2004). O empreendimento gerativo. In: BENTES, A. C. & MUSSALIM, F. (eds.). *Introdução à lingüística*. Vol. III: *Fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez , pp. 93-130.

BORTONI-RICARDO, S.M.C. (1985). *The Urbanization of Rural Dialect Speakers*. Cambridge: CUP.

BOUQUET, S. (1997). *Introdução à leitura de Saussure*. São Paulo: Cultrix.

BRAIT, B. (org.) (2005). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Cortez.

BRANDÃO, H. N. (2001). Texto, a articulação: gêneros do discurso e ensino. In: BRANDÃO, H. N. *Estudos sobre o discurso*. (Concurso de livre-docência). São Paulo: USP, pp. 286-296.

BRANDÃO, H. N. (2001). Texto, gêneros do discurso e ensino. In: BRANDÃO, H. N. *Estudos sobre o discurso*. (Manuscrito para concurso de livre-docência). São Paulo: USP, mimeo, pp. 257-285.

BRITTO, L. P. L. (2003). *Contra o consenso. Cultura escrita, educação e participação*. Campinas: Mercado de Letras.

BROWN, G.; YULE, G. (1983). *Discourse Analysis*. Cambridge: Cambridge University Press.

BRONCKART, J.-P. (1999). *Atividades de linguagem, textos e discursos. Por um interacionismo sócio -discursivo*. Trad.: A. R. Machado e P. Cunha. São Paulo: EDUC.

____ (2001). L'Enseignement des discours. De l'appropriation pratique à la maîtrise formelle. In: ALMGREN M. & al. (orgs.), *Research on Child Language Acquisition*. New-York: Cascadilla Press, pp. 1-16.

CHAFE, W. L. (1979). *Significado e estrutura semântica*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos.

____ (1982). Integration and Involvement in Speaking, Writing, and Oral Literature. In: TANNEN, D. *Spoken and Written Language: Exploring Orality and Literacy*. Cambridge: Cambridge University Press.

CHAROLLES, M. (1983). Coherence as a Principle in the Interpretation of Discourse. *Text* 3(1983):71-97.

CHARTIER, R. (1994). *A ordem dos livros*. Brasília: Editora da UnB.

____ (1997). *A aventura do livro — Do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora da UNESP.

CHAVES, G. M. M. (2001). Interação on-line: análise de interações em salas de chat. In: PAIVA, V. L. M. (org.). *Interação e aprendizagem em ambiente virtual*. Belo Horizonte: FALE- UFMG, pp. 37-73.

CHOMSKY, N. ([1965] 1975). *Aspectos da teoria da sintaxe*. Trad.: J. A. Meireles e E. P. Raposo. Coimbra: Armênio Amado Editora.

____. ([1986] 1994). *O conhecimento da língua. Sua natureza, origem e uso*. Trad.: A. Gonçalves e A.T. Gonçalves. Lisboa: Editorial Caminho.

COLE, P. (org.). *Radical Pragmatics*. New York: Academic Press, pp. 295-318.

COSTA VAL, M. da G. (2000). Repensando a textualidade. In: AZEREDO, J. C. de (org.). *Língua portuguesa em debate. Conhecimento e ensino*. Petrópolis: Vozes, pp. 34-51.

COUTINHO, A. (2004). *Schematisation* (discursive) et *disposition* (textuelle). In: ADAM, J.-M.; GRIZE, J.-B. & BOUACHA, M. A. (orgs.). *Texte et discours: catégories pour l'analyse*. Dijon: Editions Universitaires de Dijon, pp. 29-42.

CRISTÓVÃO, V. L. L. e NASCIMENTO, E. L. (orgs.) (2004). *Gêneros textuais: teoria e prática I*. Londrina: Fundação Araucária.

CRISTÓVÃO, V. L. L. e NASCIMENTO, E. L. (orgs.) (orgs.) (2005). *Gêneros textuais: teoria e prática II*. Palmas e União da Vitória: Kaygangue.

CRYSTAL, D. (2001). *Language and the Internet*. Cambridge: Cambridge University Press.

DAHLET, V. (2004). *A pontuação: regularidades e variações*. Livre-docência. São Paulo: USP.

DANEŠ, F. (1970). Zur linguistischen Analyse der Textstruktur. In DRESSLER, W. (org.) (1978). *Textlinguistik*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, pp. 185-192.

DANET. B. (1997). Books, Letters, Documents. *Journal of Material Culture* 2(1): 5-38.

DASCAL, M. (1981). Strategies of Understanding. In: PARRET, H. & BOUVERESSE, J. (orgs.). *Meaning and Understanding*. Berlin, New York: W. De Gruyter, pp. 327-352.

DASCAL, M. e WEIZMAN, E. (1987). Contextual Exploitation of Interpretation Clues in Text Understanding: an Integrated Model. In: VERSCHUEREN, J.; BERTUCCELLI-PAPI, M. (orgs.). *The Pragmatic Perspective*. Amsterdam: John Benjamins, pp. 31-46.

DELL'ISOLA, R. L. P. (1991). *Leitura: inferências e contexto sociocultural*. Belo Horizonte: Imprensa Universitária.

DEVITT, A. J. (1997). Genre as Language Standard. In: BISHOP, W. & OSTROM, H. (orgs.). *Genre and Writing. Issues, Arguments, Alternatives*. Portsmouth: Boynton/Cook, pp. 45-55.

DIONÍSIO, Â. P.; MACHADO, A. R. e BEZERRA, M. A. (orgs.) (2002). *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna.

DIONÍSIO, Â. P. & BESERRA, N. da S. (orgs.) (2003). *Tecendo textos, construindo experiências*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna.

DOLZ, J. & SCHNEUWLY, B. (1998). *Pour un enseignement de l'oral. Initiation au genres formels à l'école*. Paris: ESF éditeur.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, N. e SCHNEUWLY, B. (2004). Seqüências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: DOLZ, J. e SCHNEUWLY, B. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, pp. 95-128.

DUBOIS, J. et al. (1973). *Dicionário de lingüística*. São Paulo: Cultrix.

ERICKSON, T. (1997). Social Interaction on the Net: Virtual Community as participatory Genre. *Proceedings of the Thirtieth Hawaii International Conference on System Science*. January, vol. VI, pp. 13-21, 1997, Mauai, Hawaii). Citado a partir de cópia do: http://www.pliant.org/personal/Tom_Erickson/VC_as_Genre.html

ERICKSON, T. (2000). Making Sense of Computer-Mediated Communication (CMC): Conversations as Genres, CMC Systems as Genre Ecologies. In: NUNAMAKER JR., J. F. e SPRAGUE JR., R. H. *Proceedings of the Thirty-Third Hawaii International Conference on Systems Science* January, 2000. IEEE Press. Lido em: http://www.pliant.org/personal/Tom_Erickson/

ERVIN-TRIPP, S. (1987). Cross-Cultural Developmental Sources of Pragmatic Generalizations. In: VERSCHUEREN, J.; BERTUCELLI-PAPI, M. (orgs.) (1987). *The Pragmatic Perspective*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, pp. 47-60.

ERVIN-TRIPP, S. M.; STRAGE, A.; LAMPERT, M.; BELL, N. (1987). Understanding Requests. *Linguistics*, 25:107-143.

FARACO, C. A. (2005). *Interação e linguagem: balanço e perspectivas*. Conferência apresentada no encerramento do *Congresso Internacional Linguagem e Interação*, realizado na UNISINOS (São Leopoldo – RS), de 22 a 25 de agosto de 2005.

____. (2004). Estudos pré-saussurianos. In: BENTES, A. C. & MUSSALIM, F. (orgs.). *Introdução à lingüística*. Vol. III: *Fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, pp. 27-52.

FAUCONNIER, G. (1994). *Mental Spaces*. New York: Cambridge: Cambridge University Press.

FAUSTINI, C. H. (2001). Educação a distância: um curso de leitura em língua inglesa para informática via Internet. In: PAIVA, V. L. M. (org.) (2001). *Interação e aprendizagem em ambiente virtual*. Belo Horizonte: FALE- UFMG, pp. 249-268.

FÁVERO, L. L. (1986). Intencionalidade e aceitabilidade como critério de textualidade. *Lingüística textual — texto e leitura*. Série cadernos PUC, 22 (1986):31-37.

FÁVERO, L. L. (1991). *Coesão e coerência textuais*. São Paulo: Ática.

FÁVERO, L. L. & KOCK, I. V. (1983). *Lingüística textual: introdução*. São Paulo: Cortez.

FIGUEROA, E . (1994). *Sociolinguistic Metatheory*. Oxford: Pergamon.

FIORIN, J. L. (1989). *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto e EdUSP.

FIX, U. (1997). Kanon und Auflösung des Kanons. Typologische Intertextualität — ein "postmodernes" Stilmittel? In: ANTOS, Gerd & TIETZ, H. (orgs.). *Die Zukunft der Textlinguistik. Traditionen, Transformationen, Trends*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, pp. 96-108.

FONSECA, J. (1992). *Lingüística e texto/discurso: teoria, descrição, aplicação*. Lisboa: Ministério da Educação, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.

FONSECA, L. (2001). Alocação de turnos em salas de chat e em salas de aula. In: PAIVA, V. L. M. (org.) (2001). *Interação e aprendizagem em ambiente virtual*. Belo Horizonte: FALE- UFMG, pp. 74-85.

FRANCHI, C. ([1977] 1992). Linguagem – atividade constitutiva. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas: IEL, 22(1992):9-39 (publicado originalmente na revista *Almanaque*, 5[1977]:9-26).

FULGÊNCIO, L. & LIBERATO, Y. (1996). *A leitura na escola*. São Paulo: Contexto.

GENETTE. G. (1982). *Palimpsestes*. Paris: Seuil.

GERALDI, J. W. (1991). *Portos de passagem*. São Paulo: Martins Fontes.

GOFFMAN, E. (1976). Gender Advertisements. In: *Studies in the Anthropology of Visual Comunication*. Vol. 3, n. 2, pp. 69-154.

GRICE, H. P. (1975). Logic and Conversation. In: COLE, P. & MORGAN, J. L. (orgs.). *Syntax and Semantics-*. Vol. 3: *Speech Acts*. New York: Academic Press, pp. 41 58. (Trad. br. in DASCAL, M. [org.] [1982]. *Fundamentos metodológicos da lingüística*. Vol. IV: *Pragmática*. Campinas: edição do organizador, pp. 59 80).

GUIMARÃES. E. (org.) (2001). *Produção e circulação do conhecimento: Estado, mídia e sociedade*. Campinas: Pontes.

GÜLICH, E. (1986). Textsorten in der Kommunikationspraxis. In: KALLMEYER, W. (org). *Kommunikationstypologie. Handlungsmuster, Textsorten, Situationstypen*. Düsseldorf: Schwann, pp. 15-45.

GUMPERZ, J. (1982). *Discourse Strategies*. Cambridge: Cambridge University Press.

GÜNTHER, S. (1991). A Language 'with Taste': Uses of Proverbial Sayings in Intercultural Communication. *Text*, 11-3(1991):399-418.

HAFNER, K. & LYON, M. (1996). *Where Wizards Stay Up Late. The Origins of the Internet*. New York: Simon & Schuster Inc.

HALLIDAY, M. A. K. & HASAN, R. (1976). *Cohesion in English*. London: Longman.

HALLIDAY, M. A. K. (1978). *Language as Social Semiotic. The Social Interpretation of Language and Meaning*. London: Edward Arnold.

HEINEMANN, W. & VIEHWEGER, D. (1991). *Textlinguistik: Eine Einführung*. Tübingen: Niemeyer.

HILGERT, G. (2000). A construção do texto "falado" por escrito na Internet. In: PRETI, D. (org.). *Fala e escrita em questão*. (Projetos Paralelos – NURC/SP - Núcleo USP – Vol. 4). São Paulo: Humanitas, pp. 17-55.

HOLMES, J. & MEYERHOFF, M. (1999). The Community of Practice: Theories and Methodologies in Language and Gender Research. *Language in Society*, 28(1999)173-183.

HOUAISS, A. (2002). *Dicionário Houaiss* (versão eletrônica).

HYMES, D. (1972). Models of the Interaction of Language and Social Life. In: GUMPERZ, J. J. & HYMES, D. (orgs.). *Directions in Sociolinguistics. The Ethnography of Communication*. New York: Holt, Rinehart and Winston, pp. 35-71.

HYMES, D. (1974). *Foundations in Sociolinguistics. An Ethnographic Approach*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

ILARI, R. (2004). O estruturalismo lingüístico: alguns caminhos. In: BENTES, A. C. & MUSSALIM, F. (orgs.). *Introdução à lingüística*. Vol. III: *Fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez , pp. 53-92.

JONSSON, E. (1997). Electronic Discourse. On Speech and Writing on the Internet. Luleå University of Technology. Department of Communication and Languages. (Extraído de: <http://www.ludd.luth.se/users/jonsson/D-essay/ElectronicDiscourse.html (05/02/2000).

KARKOWSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (orgs.) (2006). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna.

KATO, M. (1987). *No mundo da escrita*. São Paulo: Ática.

KLEIMAN, Â. (1989a). *Leitura. Ensino e pesquisa*. Campinas: Pontes.

____. (1989b). *Texto e leitor. Aspectos cognitivos da leitura*. Campinas: Pontes.

____. (2004). Abordagens da leitura. *Scripta*, Belo Horizonte, vol. 7, nº 14, pp. 13-22.

KOCH, I. V. (1989). *A coesão textual*. São Paulo: Contexto.

____. (1991). Intertextualidade e polifonia: um só fenômeno? *Revista D.E.L.T.A*, 7:2 (1991): 529-543. Neste texto, Koch analisa com detalhe a relação entre polifonia e intertextualidade

____. (1992). *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto.

____. (1997). *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto.
____. (2000). O desenvolvimento da lingüística textual no Brasil. *Revista D.E.L.T.A.* 15(2000):167-182.
____. (2002). *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez.
KOCH, I. V. & TRAVAGLIA, L. C. (1989). *Texto e coerência*. São Paulo: Cortez.
KOCH, I. V. & TRAVAGLIA, L. C. (1990). *A coerência textual*. São Paulo: Contexto.
KOCH, P. & OESTERREICHER, W. (1990). Gesprochene Sprache in der Romania: Französisch, Italienisch, Spanisch. Tübingen: Max Niemeyer.
LAVE, J. & WENGER, E. (1991). *Situated Learning: Legitimate Peripherial Participation*. Cambridge and New York: Cambridge University Press.
LEECH, G. (1983). *Principles of Pragmatics*. London: Longman.
LEVINSON, S. (1979). Activity-Types and Language. *Linguistics*, 17:365-399.
LINDHALL, G. "wumpus"; ROUKONEN, V. "vesa"; NG, James; HEINO, T. & RICHARDS. (s.d.) *History of IRC (Internet Relay Chat)*. Copiado em outubro de 2001 no *site*: http://daniel.haxx.se/irchistory.html
MACHADO, R. (1976). *Jacarés ao sol*. São Paulo: Ática.
MAINGUENEAU, D. (1996). *Pragmática para o discurso literário*. São Paulo: Martins Fontes.
____. (1997). *Novas tendências em análise do discurso*. 3ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP.
____. (1999). Analysing Self-Constituting Discourses. *Discourse Studies*, vol. 1, 2(1999):175-199.
____. (2004). Retour sur une catégorie: le genre. In: ADAM, J.-M.; GRIZE, J.-B. & BOUCHA, M. A. (orgs.). *Texte et discours: catégories pour l'analyse*. Dijon: Editions Universitaires de Dijon, pp. 107-118.
MARCUSCHI, E. (org.) (2001). *Formação do educador, avaliação & currículo*. Recife: Editora da UFPE.
MARCUSCHI, L. A. (1983). *Lingüística de texto: o que é e como se faz*. Recife: UFPE. Série Documentos, Vol. 1. PG em lingüística.
____. (1988). Leitura e compreensão de texto falado e escrito como ato individual de uma prática social. In: ZILBERMANN, R. & SILVA, E. T. da (orgs). *Leitura: perspectivas interdisciplinares*. São Paulo: Ática, pp. 38-57. (Outros textos do livro são aconselháveis).
____. (1989). *O processo inferencial na compreensão de textos*. Relatório de Projeto financiado pelo CNPq, Proc. nº 30.4780/85. Recife: Departamento de Letras/Universidade Federal de Pernambuco, mimeo., 145pp.
____. (1991). *Compreensão como processo inferencial*. Relatório Técnico de Projeto para o CNPq, mimeo.
____. (1996). Compreensão ou copiação? A propósito dos exercícios de leitura nos manuais de ensino de língua. *Em Aberto. INEP*, 69(1996): 64-82, Brasília.
____. (1997). O livro didático de língua portuguesa em questão: o caso da compreensão de texto. *Caderno do I Colóquio de leitura do Centro-Oeste*. Faculdade de Letras, Goiás, pp. 38-71.
____. (1997). *Análise da conversação*. 3ª ed. São Paulo: Ática.
____. (1997a). Oralidade e escrita. *Signótica*, Goiânia: UFGO, nº 9 (1997):119-146.
____. (1999). Linearização, cognição e referência: o desafio do hipertexto. *Línguas e instrumentos lingüísticos*. Campinas: Editora Pontes, nº 3(1999): 21-46.
____. (1999a). O livro didático de língua portuguesa em questão: o caso da compreensão de texto. *Cadernos do I Colóquio de Leitura do Centro-Oeste*. Goiânia: UFGO, pp. 38-71.
____. (2000). O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula. In: AZEREDO, J. C. de (org.). *Língua portuguesa em debate. Conhecimento e ensino*. Petrópolis: Editora Vozes, pp. 87-111.
____. (2001). *Da fala para a escrita. Atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez Editora.
____. (2003). *Gênero e léxico na produção textual*. Conferência pronunciada no I Simpósio de Língua Portuguesa e Literatura: Interseções. Puc-Minas – Coração Eucarístico. Belo Horizonte – MG - 1º a 3 de outubro de 2003, mimeo.
MARCUSCHI, L. A. & XAVIER, A. C. (orgs.). 2004. *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna.
MATTOS E SILVA, R. V. (2004). *"O português são dois..." Novas fronteiras, velhos problemas*. São Paulo: Parábola Editorial.
MENDONÇA, M. (1997). *Os esquemas gráficos e a representação textual no processo de compreensão*. Dissertação de mestrado. Recife: Pós-Graduação em Letras e Lingüística, UFPE.
MENEZES, V. (2001). *Interação e aprendizagem em ambiente virtual*. Belo Horizonte: FALE-UFMG.
MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (orgs.). *Gêneros – teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial.

MILLER, C. R. (1984/1994). Genre as Social Action. In: FREEDMAN, A. & MEDWAY, P. (orgs.) (1994). *Genre and the New Rethoric*. London: Taylor & Francis, pp. 23-42 (originalmente publicado em: *Quarterly Journal of Speech*. 70[1984]:151-167).

____. 1994. Rhetorical Community: The Cultural Basis of Genre. In: FREEDMAN, A. & MEDWAY, P. (orgs.). 1994. *Genre and the New Rhetoric*. London: Taylor & Francis, pp. 67-78.

MIRANDA, W. (1997). *Os exercícios de compreensão em livros didáticos do ensino médio*. Dissertação de mestrado, Recife: Pós- Graduação em Letras e Lingüística, UFPE.

MOESCHLER, J., REBOUL, A. (1994). *Dictionnaire encyclopédique de pragmatique*. Paris: Seuil.

MONDADA, L. (1994). *Verbalisation de l'espace et fabrication du savoir: approche linguistique de la construction des objets de discours*. Lausanne: Université de Lausanne.

MORRISON, K. (1995). Estabelecendo o texto: a institucionalização do conhecimento por meio das formas históricas e filosóficas de argumentação. In: BOTTÉRO, J. e MORRISON, K. *Cultura, pensamento e escrita*. São Paulo: Ática, pp. 141-200.

MOTTA-ROTH, D. (2000). Gêneros discursivos no ensino de línguas para fins acadêmicos. In: FORTKAMP, M. B. M. e TOMITCH, L. M. B. (orgs.). *Aspectos da lingüística aplicada*. Florianópolis: Insular, pp. 167-184.

MOUNIN, G. (1970). *História da lingüística: das origens ao século XX*. Porto: Despertar.

MURPHY, K. L. & COLLINS, M. P. (1997). Communication Conventions in Instructional Electronic Chats. Lido no *site*: http://www.firstmonday.dk/issues/issue2_11/murphy/index.html (08/04/2002).

NEIS, I. A. (1984). Problemas de tipologia do texto narrativo. *Boletim da ABRALIN*, 6 (1984):72-81.

— —. (1986). Elementos de tipologia do texto descritivo. In: FÁVERO, L.L. & PASCHOAL, M. E. Z (orgs.). *Lingüística textual: texto e leitura*. Série Cadernos da PUC, 22. São Paulo: PUC-SP, pp. 47-63.

Novo Aurélio. Século XXI. 2002. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.

OLIVEIRA, R. P. de. Formalismos na lingüística; uma reflexão crítica. In: BENTES, A. C. & MUSSALIM, F. (orgs.). *Introdução à lingüística*. Vol. III: *Fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez , pp. 219-250.

ORLANDI, E. P. (1987). *A linguagem e seu funcionamento. As formas do discurso* (especialmente os caps. : "Tipologias de discurso e regras conversacionais", pp. 149-175; e "Sobre tipologia de discurso", pp. 217-238). 2ª ed. Campinas: Pontes.

____. (1996). *Interpretação — autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes.

____. (1999). *Análise de discurso*. Campinas: Editora Pontes.

PAIVA, V. L. M. (org.) (2001). *Interação e aprendizagem em ambiente virtual*. Belo Horizonte: FALE- UFMG.

____. (2001a). Aprendendo inglês no ciberespaço. In: PAIVA, V. L. M. (org.) (2001). *Interação e aprendizagem em ambiente virtual*. Belo Horizonte: FALE- UFMG, pp. 270-305.

PÊCHEUX, M. (1999). "Sobre a (des-)construção das teorias lingüísticas". *Língua e instrumentos lingüísticos*. Campinas: Pontes, 2(1999):7-32,

PEMBERTON, L. (2000). Genre as a Structure Concept for Interaction Design Pattern Languages. Lido em: http://www.it.bton.ac.uk./staff/lp22/genredraft.html (10/05/2002).

PERINI, M. A. (1985). *Para uma nova gramática do português*. São Paulo: Ática.

PETERS, O. (2002). *Ensino a distância*. São Leopoldo: Editora da Unisinos.

PEZATTI, E. G. (2004). O funcionalismo em lingüística. In: BENTES, A. C. & MUSSALIM, F. (orgs.). *Introdução à lingüística*. Vol. III: Fundamentos epistemológicos. São Paulo: Cortez, pp. 165-218.

POSSENTI, S. (1990). A leitura errada existe. *Estudos Lingüísticos; Anais de Seminários do GEL, XIX*. Bauru: Unesp, pp. 558-564.

____. (1991). Ainda a leitura errada. *Estudos Lingüísticos, Anais de Seminários do GEL, XX*. Franca: Unifran, pp. 717-724.

____. (1993). Concepções de sujeito na linguagem. *Boletim da Abralin*, 13. São Paulo: USP, pp. 13-30.

____. (2002). *Os limites do discurso*. Curitiba: Criar Edições.

____. (2004). Teoria do discurso: um caso de múltiplas rupturas. In: BENTES, A. C. & MUSSALIM, F. (orgs.). *Introdução à lingüística*. Vol. III: *Fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, pp. 353-392.

PRETI, D. (2004). *Estudos de língua oral e escrita*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna.

PRETI, D. (org.) (1993). *Análise de textos orais*. Projetos Paralelos NURC/SP São Paulo: FFLCH/USP.

____. (org.) (1997). *O discurso oral culto*. Projetos Paralelos NURC/SP São Paulo: FFLCH/USP

____. (org.) (1998). *Estudos de língua falada 3: variações e confrontos*. Projetos Paralelos NURC/SP São Paulo: Humanitas.

____. (org.) (2003). *Léxico na língua oral e escrita*. Vol. 6 – Projetos Paralelos NURC/SP. São Paulo: Humanitas.

REBOUL, A. & MOESCHLER, J. (1998). *Pragmatique de discours. De l'interprétation de l'énoncé à l'interprétation du discours*. Paris: Armand Colin.

REBOUL, O. (1998). *Introdução à retórica*. São Paulo: Martins Fontes.

RELATÓRIO SAEB 2001. INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS. *SAEB 2001*. Brasília: Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica. Relatório Saeb 2001 – Língua Portuguesa, 2002.

RHEINGOLD, H. (2000). *The Virtual Community. Homesteading on the Electronic Frontier*. 2ª ed. rev. Cambridge, London: The MIT Press.

RICKHEIT, G. & STROHNER, H. (1993). *Grundlagen der kognitiven Sprachverarbeitung*. Cambridge: Cambridge University Press.

RICKHEIT, G.; SCHNOTZ, W.; STROHNER, H. (1985). The Concept of Inference in Discourse Comprehension. In: RICKHEIT, G. & STROHNER, H. (orgs.). *Inferences in Text Processing*. Amsterdam: North Holland.

RODRIGUES, I. DE S. (1980). *Aspectos lingüísticos na interação médico/paciente*. Dissertação. Recife: Universidade Federal de Pernambuco.

ROJO, R. H. & BATISTA, A. A. G. (orgs.) (2003). *Livro didático de língua portuguesa, letramento e cultura escrita*. Campinas: Mercado de Letras.

ROOB, J. http://jrobb.userland.com (12/12/2003)

SACKS, H.; SCHEGLOFF, E.; JEFFERSON, G. (1974). A Simplest Systematics for the Organization of Turn-Taking for Conversation. *Language*, 50: 696-735.

SAEB 2001 - Novas perspectivas. INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS. SAEB -2001: novas perspectivas. Brasília: INEP, 2002.

SANTOS, B. de S. (2003). *Introdução a uma ciência pós-moderna*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Graal.

SARTORI FILHO, J. P. "jotaesse". *Blog*. In: http://www.sobresites.com/blog/ (12/12/2003).

SAUSSURE, F. de ([1916] 1974). *Curso de lingüística geral*. Trad. br.: A. Chelini *et alii*, do *Cours de Linguistique Générale*. São Paulo: Cultrix.

____. (2004). *Escritos de lingüística geral*. Organizados e editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler, com a colaboração de Antoinette Weil. São Paulo: Editora Cultrix.

SCHIFFRIN, D. (1994). *Approaches to Discourse*. Oxford : Blackwell.

SCHNEUWLY, B. (1994). Genres et types de discours: considérations psychologiques et ontogénétiques. In: REUTER, Y. org.). *Les interactions lecture-écriture*. Bern: Peter Lang, pp. 155-174.

SCHWARTZ, M. (1992). *Kognitive Semantiktheorie und neuropsychologische* Realität. Tübingen: Newmeyer.

SILVA, W. M. da (1996). *Os exercícios de compreensão em livros didáticos do ensino médio*. Recife: Dissertação de mestrado, defendida no Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística da UFPE, mimeo.

SMITH, F. (1989). *Compreendendo a leitura*. Porto Alegre: Artes Médicas.

SPERBER, D.; WILSON, D. (1981). Irony and the Use-Mention Distinction. In: COLE, P. (org.). *Radical Pragmatics*. New York: Academic Press, pp. 295-318.

STEGER, H.; DEUTRICH, H.; SCHANK, G.; SCHÜTZ, E. (1974). Redekonstellation, Redekonstellationstyp, Textexemplar, Textsorte im Rahmen eines Sprachverhaltensmodels. Begründung einer Forschungshypothese. In: *Gesprochene Sprache. Jahrbuch 1972 [des IdS]*. Düsseldorf: Schwann, pp. 39-97.

STEGER, H. (1983). Über Textsorten und andere Textklassen. In: *Textsorten und literarische Gattungen*, p. 25-67.

____. (1984). Sprachgeschichte als Geschichte der Textsorten/Texttypen und ihrer kommunikativen Bezugsbereiche. In: BESCH, W.; REICHMANN, O.; SONDEREGGER, S. *Sprachgeschichte. Ein Handbuch zur Geschichte der deutschen Sprache und ihrere Forschung*. Berlin: de Gruyter, vol. 1, pp. 186-204.

SWALES, J. M. (1990). *Genre Analysis. English in Academic and Research Settings*. Cambridge: Cambridge University Press (especialmente, pp. 1-65). In: *Rethinking Genre Colloquium*. Carleton University, Ottawa (abril 1992) (mimeo, 21 pp.).

TÁVORA, A. D. F. (2003). *Forma, função e propósito na constituição do gênero textual mala direta.* Dissertação de mestrado. Fortaleza: Pós-Graduação em Lingüística da UFC, mimeo.

THOMPSON, B. & COTTER, J. (1996). Talking Headers. *The Washigton Post Magazine* (04/10/1996) Reproduzido no *site*: http://www.olografix.org/gubi/estate/libri/wizards/email.html (Com base em HAFNER & LYON, 1996).

TOMASELLO. M. (2003). *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano.* São Paulo: Martins Fontes.

TREVISAN, E. (1992). *Leitura: coerência e conhecimento prévio.* Santa Maria: UFSM.

VAN DIJK, T. (1992). *Cognição, discurso e interação.* São Paulo: Contexto.

VERÍSSIMO, L. F. (1984). *A mulher do vizinho.* Porto Alegre: L&PM.

VYGOTSKY, L. S. (1984). *A formação social da mente.* São Paulo: Martins Fontes.

WALLACW, P. (1999). *The Psychology of the Internet.* Cambridge: Cambridge University Press.

WALTHER, J. B. (1996). Computer-Mediated Communication: Impersonal, Interpersonal and Hyperpersonal Interaction. *Communication Research*, 23(1):3-43.

WENGER, E. (1998). *Communities of Practice. Learning, Meaning, and Identity.* Cambridge: Cambridge University Press.

WITTGENSTEIN, L. (s.d.). *Investigações filosóficas.* São Paulo: Editora Abril.

XAVIER, A. C. (2002). *O hipertexto na sociedade da informação: a constituição do modo de enunciação digital.* Campinas: Instituto de estudos Lingüísticos, UNICAMP. Tese de Doutorado em Lingüística, mimeo.

XINRAN (2003). *As boas mulheres da China.* São Paulo: Companhia das Letras.

YATES, J. & ORLINOWSKI, W. J. (1992). Genres of Organizational Communication: A Structural Approach to Studying Communication and Media. *Academy of Management Science Review.* 17(2): 299-326.

YATES, S. J. (2000). Computer-Mediated Communication. The Future of the Letter? In: BARTON, D. & HALL, N. (orgs.) (2000). *Letter Writing as a Social Practice.* Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, pp. 233-251.

ZANOTTO, Normelio. *E-mail e carta comercial: estudo contrastivo de gênero textual.* Rio de Janeiro e Caxias do Sul: Lucerna e EDUCS.

índice de nomes

A

Adam, J.-M. 81, 82, 83, 152
Antunes, I. 56, 57, 99, 120
Ariel, M. 235, 236, 237
Aristóteles 26, 147, 148, 152
Assis, J. A. 186
Austin, J. L. 16, 39, 127
Authier-Revuz, J. 131

B

Bagno, M. 39, 46
Bakhtin, M. 19, 20, 21, 46, 72, 152, 153, 154, 155, 161, 163, 170, 179, 188, 190, 208, 212, 240, 243
Barros, K. S. M. de 17, 158
Barthes, R. 70, 131
Bartsch, R. 63
Batista, A. A. G. 50, 61, 62
Bazerman, C. 146, 149, 152, 153, 161
Beaugrande, R. de 72, 75, 79, 80, 81, 83, 89, 91, 93, 95, 97, 99, 100, 119, 121, 126, 128, 133, 242
Bentes, A. C. 27, 33, 36, 37, 45, 46, 73
Benveniste, É 68, 71
Bergmann, P. L. 152, 190
Berkenkotter, C. 152
Bernstein, B. 39
Bhatia 148
Bhatia, V. K. 148, 150, 153, 171
Biber, D. 188
Bloomfield. L. 30, 34, 38, 74
Boas, F. 34
Bonini, A. 146, 147
Borges Neto, J. 36
Bortoni-Ricardo, S. M. 39, 260, 261, 262, 263, 264, 265
Bouacha, M. A. 81, 151
Bouquet, S. 28, 30
Brait, B. 46
Brito, K. S. 146
Bronckart, J.-P. 152, 153, 154, 156, 221, 223
Brown, G. 134, 135

C

Candlin, C. 148
Chafe, W. L. 134, 135, 138
Charaudeau, P. 39, 46, 123
Charolles, M. 72, 120, 121, 126
Chomsky, N. 26, 32, 34, 35, 36, 37, 38, 41, 44, 59, 62, 74
Costa Val, M. da G. 75
Cotter, J. 292
Coutinho, A. 81, 82, 84, 85
Cristóvão, V. L. L. 146
Crystal, D. 46, 199
Culioli, A., 82

D

Dahlet, V. 103, 107
Daneš, F. 136, 137
Dascal, M. 243, 244, 245, 246, 247, 257
Devitt , A. J. 156
Dionísio, Â. P. 17
Dolz, J. 152, 153, 207, 211, 212, 213, 220, 221, 225
Dressler, W. 79, 83, 93, 100, 121, 133
Dubois, J. 46, 142
Dudley-Evans, T. 153

E

Eggins, S. 153
Erickson, T. 198
Ervin-Tripp, S. M. 247
Escola Australiana de Sydney 152
Escola de Copenhague 33
Escola de Genebra 152
Escola de Londres 33
Escola de Praga 33, 122, 134, 135, 136, 138

F

Fairclough, N. 152, 153
Faraco, C. A. 20, 21, 22
Fauconnier, G. 102
Fávero, L. L. 73
Ferguson, C. 39
Fiorin, J. L. 46, 124, 125

Firth, J. 33
Fishman, J. 39
Fix, U. 165
Fonseca, J. 56, 122, 125
Franchi, C. 240
Freedman, A. 153

G

Gaydeczka, B. 146
Genette. G. 130
Geraldi, J. W. 106
Givón, T. 134
Goffman, E. 261
Greimas, A. 123
Grice, H. P. 16, 127, 260
Guimarães, E. 41
Gülich, E. 152, 187, 188
Gumperz, J. 252, 260
Günther, S. 152, 171

H

Halliday, M. A. K. 33, 34, 44, 88, 104, 108, 109, 111, 152
Hasan, R. 88, 104, 108, 111, 153
Heinemann, W. 135, 138, 187
Hilgert, G. 205
Hjelmslev, L. 33
Hoey, M. 153
Humboldt, W. von 34
Hymes, D. 42, 43

I

Ilari, R. 33, 46, 136

J

Jakobson, R. 33
Jefferson, G. 264

K

Karwoski, A. M. 146
Kato, M. 53
Kleiman, Â. 231, 232, 233, 237, 249
Koch, I. V. 61, 73, 99, 104, 108, 114, 118, 121, 131, 191
Koch, P. 249
Kress, G. 152, 153
Kristeva, J. 131

L

Labov, W. 39, 134
Leech, G. 43
Luckmann, T. 190

M

Machado, R. 105, 106, 107
Maingueneau, D. 46, 83, 123, 130, 131, 151, 159, 160, 173
Malinowski, B. K. 33
Marcuschi, E. 177
Marcuschi, L. A. 9, 10, 11, 12, 13, 16, 73, 99, 121, 166, 203, 249, 251, 253, 266, 270, 273
Mattos e Silva, R. V. 57
Mead, G. 20, 21, 22
Medway, P. 290
Meurer, J. L. 146, 147
Miller, C. R. 149, 151, 152, 153, 154, 159, 243
Milroy, J. 39
Milroy, L. 39
Moeschler, J. 140
Mondada, L. 135, 139, 140, 142
Motta-Roth, D. 146, 147
Mounin, G. 26
Mussalim, F. 27, 33, 36, 37, 45, 46

N

Nascimento, E. L. 146
Noverraz, M. 213, 220, 221, 225

O

Oesterreicher, W. 191
Oomen, U. 103
Orlandi, E. P. 37

P

Panini 26
Pause, P. F. 116, 117
Pêcheux, M. 40, 41
Perini, M. A. 53
Pezatti, E. G. 42
Platão 26, 147, 152
Possenti, S. 68, 70, 234, 257, 260, 265
Putnam, H. 35

R

Ramos, R. 101, 104, 105, 106, 107, 119, 122, 132
Reboul, A. 140, 148
Reboul, O. 148
Rickheit, G. 249
Rojo, R. H. 53

S

Sacks, H. 198
Santos, B. 31
Sapir, E. 34
Saussure, F. de 20, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 38, 59, 74
Schegloff, E. 198
Schiffrin, D. 198, 239
Schleicher, A. 64
Schneuwly, B. 152, 153, 207, 211, 212, 213, 220, 221, 225
Schnotz, W. 249

Schwartz, M. 34
Searle, J. 127, 236
Silva, W. M. da 211
Souza, J. de 101, 102, 104, 119, 122, 132, 167, 168
Sperber, D. 237
Steger, H. 152, 187
Strohner, H. 249
Swales, J. M. 147, 152, 153

T

Tomasello. M. 229
Travaglia, L. C. 121
Trubetzkoy, W. 33

V

Ventola, E. 153
Veríssimo, L. F. 249, 258, 259
Viehweger, D. 135, 138, 187
Voloshinov, V. N. 19, 20
Vygotsky, L. S. 20, 21, 153, 228, 229

W

Weinreich, U. 39
Weizman, E. 243, 244, 245, 246, 247
Whorf, B. 34
Wilson, D. 237
Wittgenstein, L. 39, 162

Y

Yates, J. 203
Yule, G. 134, 135

Z

Zanotto, N. 146

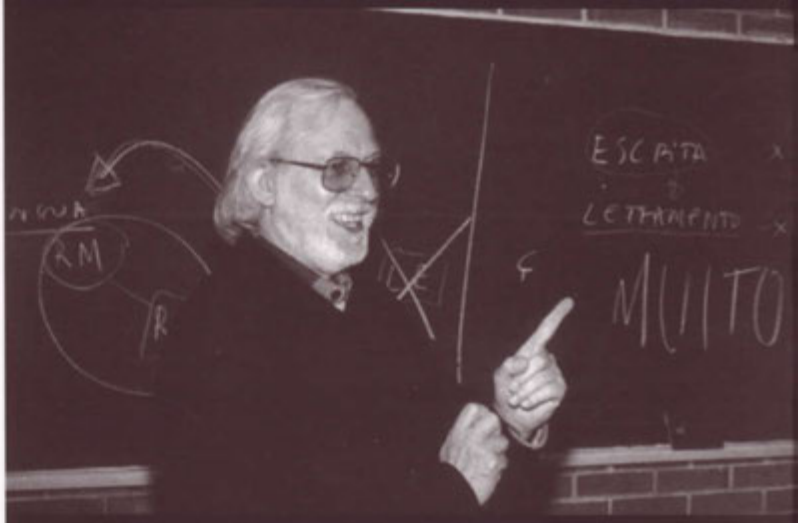

Luiz Antônio Marcuschi possui doutorado em filosofia da linguagem (1976) e pós-doutorado em questões de oralidade e escrita (1987), ambos realizados na Alemanha. É professor titular em lingüística do Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco. Na UFPE, criou o Núcleo de Estudos Lingüísticos da Fala e Escrita (NELFE). É pesquisador IA do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico e foi, por várias vezes, representante de área tanto no CNPq quanto na CAPES. Foi um dos fundadores da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Lingüística (ANPOLL) e seu presidente de 1988 a 1990. Tem várias publicações, muitas delas explorando temas pioneiros na área da lingüística. É autor dos livros *Análise da conversação; Da fala para a escrita: atividades de retextualização; Fenômenos da linguagem: reflexões semânticas e discursivas; Cognição, linguagem e práticas interacionais* e autor nas seguintes obras (dentre outras): *Conversas com lingüistas; Gêneros textuais e ensino; Hipertexto e gêneros digitais.*

parábola
www.parabolaeditorial.com.br
ISBN 978-85-88456-74-7
cód: 72
9 788588 456747

Manual de Construção em Aço

Prevenção contra Incêndio no Projeto de Arquitetura

PREVENÇÃO CONTRA INCÊNDIO NO PROJETO DE ARQUITETURA

Série “Manual de Construção em Aço”

- Galpões para Usos Gerais
- Ligações em Estruturas Metálicas
- Edifícios de Pequeno Porte Estruturados em Aço
- Alvenarias
- Painéis de Vedação
- Resistência ao Fogo das Estruturas de Aço
- Tratamento de Superfície e Pintura
- Transporte e Montagem
- Steel Framing: Arquitetura
- Interfaces Aço-Concreto
- Steel Framing: Engenharia
- Pontes e viadutos em vigas mistas
- Treliças tipo Steel Joist
- Viabilidade Econômica
- Dimensionamento de Perfis Formados a Frio conforme NBR 14762 e NBR 6355 (CD)
- Projeto e Durabilidade
- Estruturas Mistas Vol. 1 e 2
- Prevenção contra Incêndio no Projeto de Arquitetura

Valdir Pignatta e Silva
Mauri Resende Vargas
Rosária Ono

PREVENÇÃO CONTRA INCÊNDIO NO PROJETO DE ARQUITETURA

INSTITUTO AÇO BRASIL
CENTRO BRASILEIRO DA CONSTRUÇÃO EM AÇO

RIO DE JANEIRO
2010

© 2010 INSTITUTO AÇO BRASIL / CENTRO BRASILEIRO DA CONSTRUÇÃO EM AÇO

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida por quaisquer meio, sem a prévia autorização desta Entidade.

Ficha catalográfica preparada pelo Centro de Informações do IABr/CBCA

S586a Silva, Valdir Pignatta
Prevenção contra incêndio no Projeto de Arquitetura / Valdir Pignatta e Silva, Mauri Resende Vargas e Rosária Ono. - Rio de Janeiro: IABr/CBCA, 2010.

72p. ; 29 cm. -- (Série Manual de Construção em Aço)

Bibliografia

ISBN 978-85-89819-24-4

1.Segurança contra incêndio 2. Estruturas de aço 3. Arquitetura 4. Resistência ao fogo I. Vargas, Mauri Resende II. Ono, Rosária III.Títulos (série)

CDU 691.714:699.81(035)

Instituto Aço Brasil / Centro Brasileiro da Construção em Aço
Av. Rio Branco, 181 / 28º Andar
20040-007 - Rio de Janeiro - RJ
e-mail: cbca@acobrasil.org.br
site: www.cbca-iabr.org.br

SUMÁRIO

Capítulo 1
Introdução 9

Capítulo 2
Conceituação básica da segurança contra incêndio 13
2.1 Fenômeno da combustão 14
2.2 Transmissão de calor 14
2.3 Evolução de um incêndio 15
2.4 Medidas de proteção contra incêndio 17
2.4.1 Proteção passiva 17
2.4.1.1 Compartimentação horizontal e compartimentação vertical 17
2.4.1.2 Saídas de emergência 19
2.4.1.3 Reação ao fogo dos materiais de acabamento e revestimento 22
2.4.1.4 Resistência ao fogo dos elementos estruturais 22
2.4.1.5 Controle de fumaça 23
2.4.1.6 Separação entre edificações 23
2.4.2 Proteção ativa 24
2.4.2.1 Sistemas de detecção e alarme 25
2.4.2.2 Sistema de iluminação de emergência 25
2.4.2.3 Sinalização de emergência 26
2.4.2.4 Meios de combate a incêndios 27
2.5 Planejamento urbano 30

Capítulo 3
Exigências de resistência ao fogo 33
3.1 Curvas de incêndio 34
3.2 Método tabular 35
3.3 Exemplo de cálculo do TRRF 37
3.4 Método do tempo equivalente 38

Capítulo 4
Estruturas de aço sem revestimento contra fogo 39
4.1 Edificações de baixo risco 40
4.2 Coberturas estruturadas com aço 44
4.3 Estruturas enclausuradas 45
4.4. Estruturas integradas a alvenarias e lajes de concreto 46
4.5. Estruturas mistas de aço e concreto 48
4.5.1 Lajes mistas 48
4.5.2 Pilares mistos 49
4.5.2.1 Pilares mistos totalmente envolvidos por concreto 49
4.5.2.2 Pilares mistos parcialmente revestidos por concreto 49
4.5.2.3 Pilares mistos tubulares preenchidos por concreto 50
4.5.3 Vigas mistas 50
4.6 Estruturas externas 50
4.6.1 Posicionamento de pilares e vigas 51

Capítulo 5
Estruturas de aço com revestimento contra fogo 55
5.1 Revestimentos disponíveis 56
5.1.1 Argamassas projetadas 56
5.1.2 Placas rígidas 57
5.1.3 Pintura intumescente 58
5.1.4 Combinação de tipos de revestimentos contra fogo 58
5.2 Espessuras do material de revestimento 59
5.3 Estudo de caso 60

Anexo 65

Referência bibliográfica 71

Apresentação

As empresas produtoras de aço, através do Centro Brasileiro da Construção em Aço – CBCA, têm a satisfação de tornar disponível para o universo de profissionais envolvidos com o emprego do aço na construção civil, mais este manual, o décimo oitavo de uma série relacionada à Construção em Aço.

Este manual vem completar a literatura disponível na área de segurança contra incêndio das construções em aço, com informações e tabelas atualizadas, retiradas das principais fontes de referência, como normas técnicas brasileiras e internacionais e trabalhos de renomados especialistas brasileiros e internacionais nessa área.

Devido à sua característica didática, o presente manual foi estruturado em capítulos, nos quais serão abordados os seguintes tópicos: conceituação básica da segurança contra incêndio, exigências de resistência ao fogo, estruturas de aço sem revestimento contra fogo e com revestimento contra fogo.

Como centro dinâmico de serviços, com foco exclusivamente técnico e capacitado para conduzir uma política de promoção do uso do aço na construção, o CBCA está seguro de que este manual enquadra-se no objetivo de contribuir para a difusão de competência técnica e empresarial no País.

Espera-se que o trabalho seja útil aos fabricantes de estruturas em aço, profissionais liberais, construtoras, arquitetos, engenheiros, professores universitários, estudantes e entidades de classe que se relacionam com a construção em aço.

Os autores agradecem a colaboração do Prof. Dr. Macksuel Soares de Azevedo e do Arquiteto Luis Eduardo Crepaldi Garcia.

Capítulo 1

Introdução

1.1 - Introdução

A principal finalidade da "segurança contra incêndio em edificações" é minimizar o risco à vida das pessoas expostas ao sinistro. Uma vida humana é perdida a cada dez minutos devido a incêndios, segundo estatísticas internacionais. A principal causa desses óbitos é a exposição à fumaça tóxica que ocorre nos primeiros momentos do sinistro. Entende-se, portanto, como risco à vida, a exposição severa dos usuários da edificação à fumaça, ao calor e aos gases quentes, e em menor nível, à falência de elementos construtivos. Dessa forma, a segurança à vida depende prioritariamente da boa concepção do projeto, a fim de permitir a rápida desocupação dos ambientes atingidos e ameaçados pelas chamas.

Edifícios de pequeno porte, de fácil desocupação, exigem menos dispositivos de segurança e a verificação do comportamento da estrutura em situação de incêndio pode ser dispensada. Edifícios de maior porte, onde sua complexidade pode dificultar a desocupação rápida e que um eventual comprometimento estrutural devido ao incêndio pode por em risco a vizinhança ou a própria equipe de salvamento e combate ao fogo, exigem maior nível de segurança contra incêndio, incluindo a verificação das estruturas, pois o aço, o concreto, a madeira, assim como outros materiais estruturais, têm sua capacidade portante reduzida quando submetido a altas temperaturas.

Outra finalidade da "segurança contra incêndio em edificações" é a redução das perdas patrimoniais. Considera-se perda patrimonial, aquela causada pela destruição parcial ou total da edificação e do seu conteúdo como consequência do incêndio. Quando o poder público estabelece os requisitos mínimos de segurança contra incêndio para proteção à vida, acaba por definir, de alguma forma, um nível de segurança ao patrimônio. No entanto, esse último pode ser reforçado pelo "proprietário" do patrimônio, em função do seu interesse, que pode ser o valor patrimonial investido e de produção ou o valor histórico-cultural do mesmo. Não basta identificar, nesse caso, o possível dano à propriedade devido ao fogo, mas, por razões econômicas, é necessário também avaliar a extensão do dano que pode ser considerado tolerável, a fim de se otimizar os custos com dispositivos de segurança (Figura 1.1).

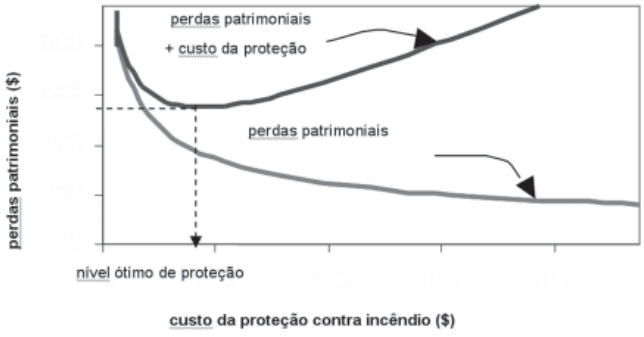

Figura 1.1 – custo da proteção contra incêndio

Assim, o nível mínimo de segurança contra incêndio em edificações, para fins de segurança à vida ou ao patrimônio é geralmente estipulado em códigos e normas, que incluem requisitos que devem ser atendidos tanto no projeto arquitetônico, como no projeto hidráulico, elétrico, de ar-condicionado e de estruturas.

Um sistema de segurança contra incêndio é composto de um conjunto de meios ativos (sistemas de detecção e alarme de incêndio, de extintores, de hidrantes e mangotinhos, de chuveiros automáticos, etc.) e passivos de proteção (rotas de fuga, compartimentação, resistência ao fogo das estruturas, etc.). O nível esperado de segurança contra incêndio pode ser obtido pela integração dos sistemas de proteção ativa e passiva no projeto da edificação.

O conhecimento dos fenômenos principais, dos conceitos básicos e dos parâmetros para análise da segurança contra incêndios é uma ferramenta com a qual o arquiteto deve contar no momento de projetar. Todas as atitudes tomadas no projeto, antes de se referenciar a qualquer norma, devem buscar apoio nesses conceitos básicos. O bom senso acaba por

ser um balizador do projeto, que termina por cumprir os requisitos das normas de maneira muito mais natural. Basicamente, entender os mecanismos de desenvolvimento e propagação do fogo, fumaça e gases quentes no interior das edificações é suficiente para compreender como o desenho arquitetônico pode ser um importante agente contribuinte ou não na evolução desses fenômenos.

Na elaboração do anteprojeto, o arquiteto normalmente deve considerar as exigências de proteção passiva e as interfaces com os dispositivos de proteção ativa. Muitas vezes, no entanto, ele se esquece que é nessa fase, na definição das soluções de compatibilidade entre estruturas e demais elementos construtivos, que se define o custo da segurança estrutural em situação de incêndio.

Este texto tem por finalidade apresentar, inicialmente, algumas informações que o arquiteto deve considerar na concepção arquitetônica, a fim de respeitar as exigências legais de proteção contra incêndio e, em seguida, de forma mais detalhada, subsídios e ferramentas disponíveis visando soluções, ao mesmo tempo seguras e econômicas, para garantir a segurança das estruturas de aço em incêndio.

Capítulo 2

Conceituação básica da segurança contra incêndio

2.1 Fenômeno da Combustão

O fogo é um fenômeno físico-químico, caracterizado por uma reação de oxidação, com emissão de calor e luz. Os quatro componentes que devem coexistir para a ocorrência da combustão são:

• Combustível: qualquer substância capaz de produzir calor por meio de reação química da combustão;

• Comburente: substância que alimenta a reação química da combustão (o oxigênio é a mais comum);

• Calor: energia térmica que se transfere de um sistema para outro em virtude da diferença de temperatura entre os dois;

• Reação em cadeia: a sequência dos três eventos acima, que resulta na combustão propriamente dita.

O mecanismo sequencial de ignição da maioria dos sólidos é sempre o mesmo. Ao serem aquecidos, vapores combustíveis se desprendem da superfície do sólido e se misturam ao oxigênio do ar. Essa mistura inflamável que se forma é a responsável pela ignição. Basta uma fagulha ou mesmo o simples contato com uma superfície muito aquecida, para que apareça uma chama na superfície do sólido combustível. Este fornece mais vapor combustível para a queima, que continua a ocorrer na presença do oxigênio (comburente), gerando assim um ciclo que só pára quando um dos elementos (combustível, comburente ou calor) for eliminado (Figura 2.1). Os meios de extinção baseiam-se justamente neste princípio: para quebrar a cadeia de eventos que geram o fogo, basta eliminar a influência de um de

Figura 2.1 – Elos da reação em cadeia

2.2 Transmissão de Calor

O calor pode ser transmitido de três formas: convecção, radiação e condução.

Convecção - O fluxo de calor por convecção é gerado pela diferença de densidade entre os gases do ambiente em chamas. Os gases quentes são menos densos e tendem a ocupar a atmosfera superior, enquanto os gases frios, de densidade maior, tendem a se movimentar para a atmosfera inferior do ambiente. Esse movimento gera o contato entre os gases quentes e o mobiliário ou os elementos construtivos ocorrendo a transferência de calor (Figura 2.2).

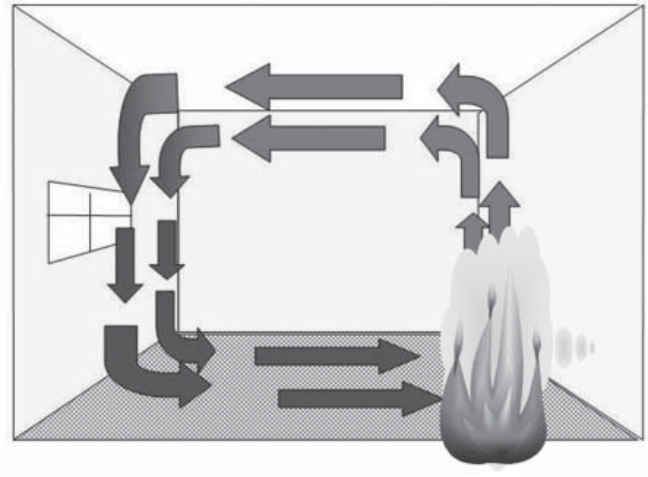

Figura 2.2 – Convecção decorrente de um incêndio (Silva, 2007)

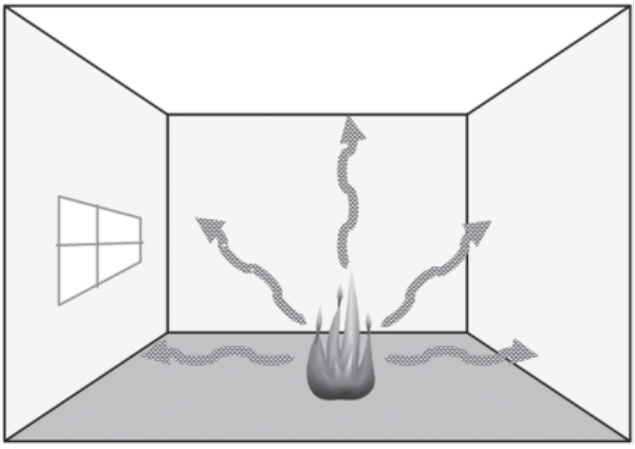

Figura 2.3 – Fluxo de calor radiante (Silva, 2007)

Radiação – o calor radiante transfere-se na forma de propagação de ondas, no gás ou no vácuo, de um corpo à alta temperatura para a superfície de outro à temperatura mais baixa (Figura 2.3).

Condução – o calor é transferido através de um material sólido, de uma região de temperatura elevada em direção a uma outra região de temperatura mais baixa (Figura 2.4).

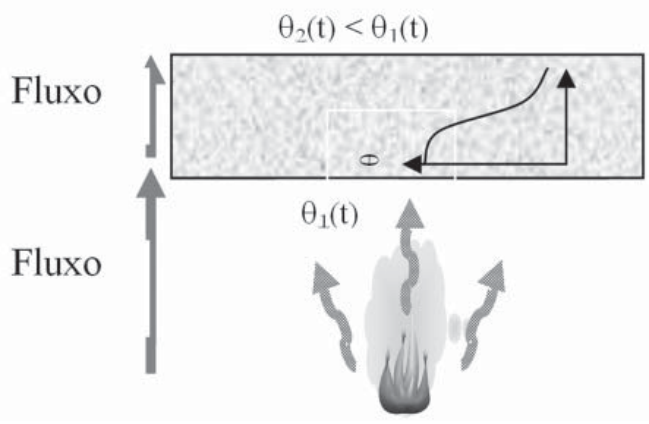

Figura 2.4 - Fluxo de calor através de um elemento de compartimentação (Silva, 2007)

2.3 Evolução de um Incêndio

A evolução do incêndio em um ambiente pode ser representada por uma curva com três fases bem definidas: fase inicial de elevação progressiva da temperatura; fase de aquecimento brusco; fase de resfriamento e extinção, conforme demonstra a curva temperatura-tempo de um incêndio real apresentada na figura 2.5.

Figura 2.5 - Curva temperatura-tempo de um incêndio real

Fase inicial de elevação progressiva da temperatura - esta fase se caracteriza pelo surgimento da ignição inicial (em geral, de um objeto dentro do recinto) e por grandes variações de temperatura de ponto a ponto, devido à inflamação sucessiva dos objetos existentes no ambiente. Existe a possibilidade do material envolvido se queimar completamente, sem transmitir o calor a outros materiais do local (isso pode acontecer devido às condições de ventilação ou às diferentes características dos materiais presentes). Nesse caso, o incêndio não passaria desta fase. Nesta fase, a combustão pode gerar gases tóxicos ou asfixiantes, mas, o risco de dano à estrutura é baixo.

Fase de aquecimento brusco - caso o fogo consiga se propagar, por convecção ou radiação, poderá ocorrer a repentina elevação da temperatura no local, com o rápido desenvolvimento de fumaça e gases inflamáveis, ocasionado pela combustão simultânea de vários materiais envolvidos. Com a oxigenação do local, devido às aberturas como portas e janelas, e à constante inflamação dos objetos, há um aumento cada vez maior da temperatura interna. Pode-se chegar a um momento em que o incêndio atinge a sua inflamação generalizada, ou “flashover” – o ambiente passa a ser completamente tomado pelas chamas e os gases quentes, que são emitidos através de portas e janelas e se queimam no exterior do edifício, em contato com o ar. O tempo para se atingir o “flashover” pode ser relativamente curto e depende, basicamente, das características

dos materiais de revestimento e acabamento usados no ambiente de origem do fogo. A partir daí, o incêndio pode se propagar para outros compartimentos do edifício por convecção de gases quentes, seja pelo interior da edificação ou pelo exterior (o fogo pode atingir pavimentos superiores através das aberturas como janelas). A fumaça espalha-se pelo edifício desde a fase anterior à inflamação generalizada, movimentando-se em sentido ascendente. A presença da fumaça e dos gases quentes faz com que as condições de sobrevivência tornem-se críticas antes mesmo do local ser atingido pelas chamas. Dependendo da intensidade do incêndio e da proximidade das edificações vizinhas, o incêndio pode ser transmitido por radiação para as construções adjacentes. Caso a edificação tenha medidas de combate a incêndio (brigada de incêndio, sprinklers, etc.) eficientes para extinguir o fogo antes do "flashover", a segurança da estrutura será pouco afetada em situação de incêndio, conforme o gráfico da Figura 2.6, que demonstra a influência dos "sprinklers" sobre a curva temperatura-tempo de um incêndio. Mas, devido à dificuldade de ajuizar-se essa situação com precisão, é comum dimensionar-se as estruturas dos edifícios de maior risco para a máxima temperatura do incêndio, ou seja, admitindo-se a ocorrência do "flashover".

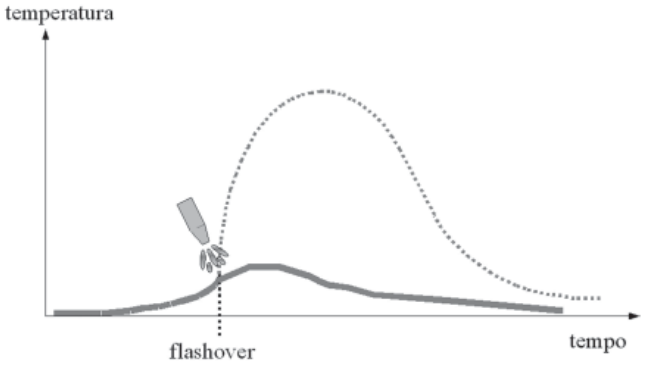

Figura 2.6 – curva temperatura-tempo de um incêndio afetada pela presença de sprinklers

Fase de resfriamento e extinção - após algum tempo, devido ao total consumo do combustível presente no local ou à falta de oxigênio, o incêndio terá sua intensidade reduzida, entrando na fase de resfriamento e, em seguida, extingue-se-á.

Resumidamente, pode-se dizer que a taxa de combustão de um incêndio (velocidade da queima) pode ser determinada pela quantidade do suprimento de ar, ou seja, a velocidade com que o ar é renovado. Também estão dentro dessa equação: a quantidade de combustível presente no ambiente, bem como sua conformação espacial e as dimensões das aberturas.

Ventilação - os gases emitidos pelos materiais combustíveis durante um incêndio, devido à alta temperatura, entram em movimento ascensional e são periodicamente substituídos pelo ar que adentra a edificação por portas e janelas. Ocorre, portanto, uma constante entrada de ar e saída de gases quentes. Essa troca de ar pode gerar duas situações: se a quantidade de ar que entra for maior do que a requisitada pela combustão dos elementos dentro da edificação, a queima se dará quase como uma combustão ao ar livre, ou seja, de maneira rápida e completa. Se, ao contrário, o volume de ar que entra no ambiente for menor do que o volume requisitado pela combustão, a combustão se dará de forma incompleta e o incêndio terá duração mais demorada, deixando a estrutura da edificação exposta a temperaturas elevadas por mais tempo.

Conteúdo combustível - a quantidade de material combustível existente em um ambiente pode ser usada para prever a intensidade e a duração de um incêndio. Para tanto, determina-se um parâmetro chamado carga de incêndio, que exprime o potencial calorífico médio da massa de materiais combustíveis existentes por unidade de área do local. Nessa relação, estão incluídos os componentes de construção (revestimentos de piso, forro, paredes, etc) bem como todo o material depositado na edificação

(decoração, móveis, livros, etc).

2.4 Medidas de Proteção contra Incêndio

Conceitualmente, classificam-se as medidas de proteção contra incêndio de edificações em: proteção passiva e proteção ativa.

2.4.1 Proteção Passiva

Proteção passiva é conjunto de medidas de proteção contra incêndio incorporadas à construção do edifício e que devem, portanto, ser previstas e projetadas pelo arquiteto. Seu desempenho ao fogo independe de qualquer ação externa. Constituem proteção passiva:

• Compartimentação (horizontal e vertical);
• Saídas de emergência (localização, quantidade e projeto);
• Reação ao fogo de materiais de acabamento e revestimento (escolha de materiais);
• Resistência ao fogo dos elementos construtivos;
• Controle de fumaça;
• Separação entre edificações.

2.4.1.1 Compartimentação Horizontal e Compartimentação Vertical

Compartimentar é basicamente dividir o edifício em células que devem ser capazes de suportar o calor da queima dos materiais em seu interior por certo período de tempo, contendo o crescimento do fogo nesse ambiente. Dessa forma, evita-se que o fogo se alastre rapidamente, gerando um incêndio de grandes proporções.

Resumidamente, os principais propósitos da compartimentação são:

• conter o fogo em seu ambiente de origem;
• manter as rotas de fuga seguras contra os efeitos do incêndios;
• facilitar as operações de resgate e combate ao incêndio.

Os meios de compartimentação podem ser classificados em dois grandes grupos: a compartimentação horizontal, que se ocupa em impedir a propagação do incêndio entre ambientes do mesmo pavimento, e a compartimentação vertical, que se destina a impedir a propagação do incêndio no sentido vertical, ou seja, entre pavimentos consecutivos.

A compartimentação horizontal pode ser obtida por meio dos dispositivos apresentados a seguir e ilustrados na Figura 2.7:

• paredes e portas corta-fogo nos pontos em que os cômodos se comunicam;
• registros corta-fogo nos dutos que trespassam as paredes corta-fogo;
• selagem corta-fogo em bandejas de passagem de cabos e tubulações nas paredes corta-fogo;
• afastamento horizontal entre janelas e portas de setores compartimentados, podendo-se fazer uso de abas de retenção nos casos em que a distância entre as aberturas não for considerada segura. Sugere-se consultar a IT09 do Corpo de Bombeiros do Estado de São Paulo. Também é importante que todos os ambientes tenham saídas próprias.

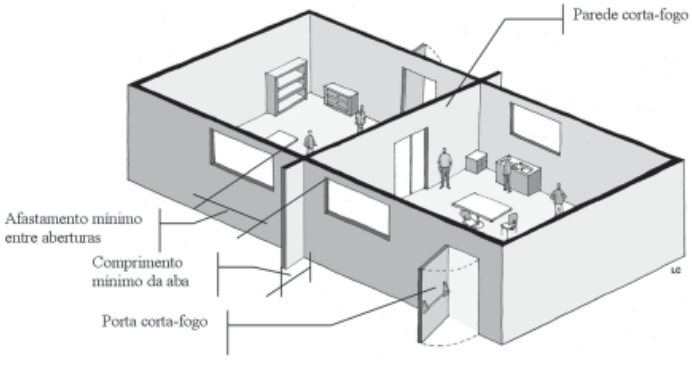

Figura 2.7 – Compartimentação horizontal

A compartimentação vertical pode ser obtida por meio dos seguintes recursos (que fazem com que cada pavimento componha um compartimento isolado):

• lajes corta-fogo;
• enclausuramento das escadas por meio de paredes e portas corta-fogo (Figura 2.8);

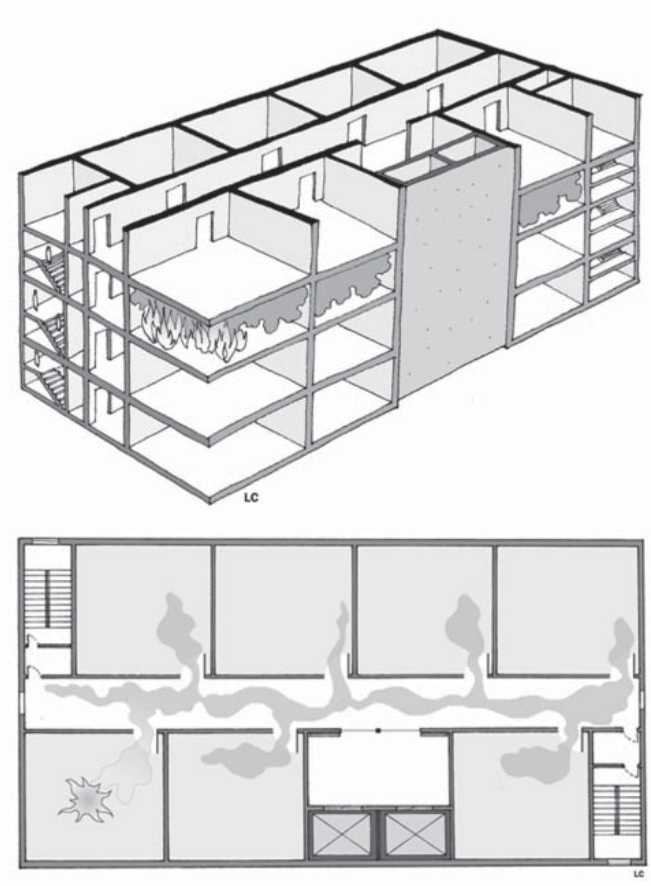

Figura 2.8 - Compartimentação vertical – escadas e elevadores

• registros corta-fogo em dutos que intercomunicam os pavimentos;
• selagem corta-fogo de passagens de cabos elétricos e tubulações (“shafts”) através das lajes (Figura 2.9);

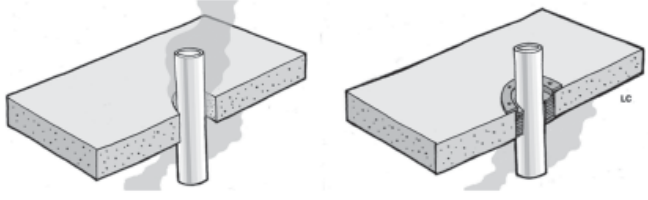

Figura 2.9 – Compartimentação vertical – Selagem

• utilização de abas verticais (parapeitos) ou abas horizontais projetando-se além da fachada, resistentes ao fogo e separando as janelas de pavimentos consecutivos, de modo a evitar que as chamas do pavimento inferior atinjam o pavimento em questão por transmissão da chama pelas janelas (ver Figura 2.10).

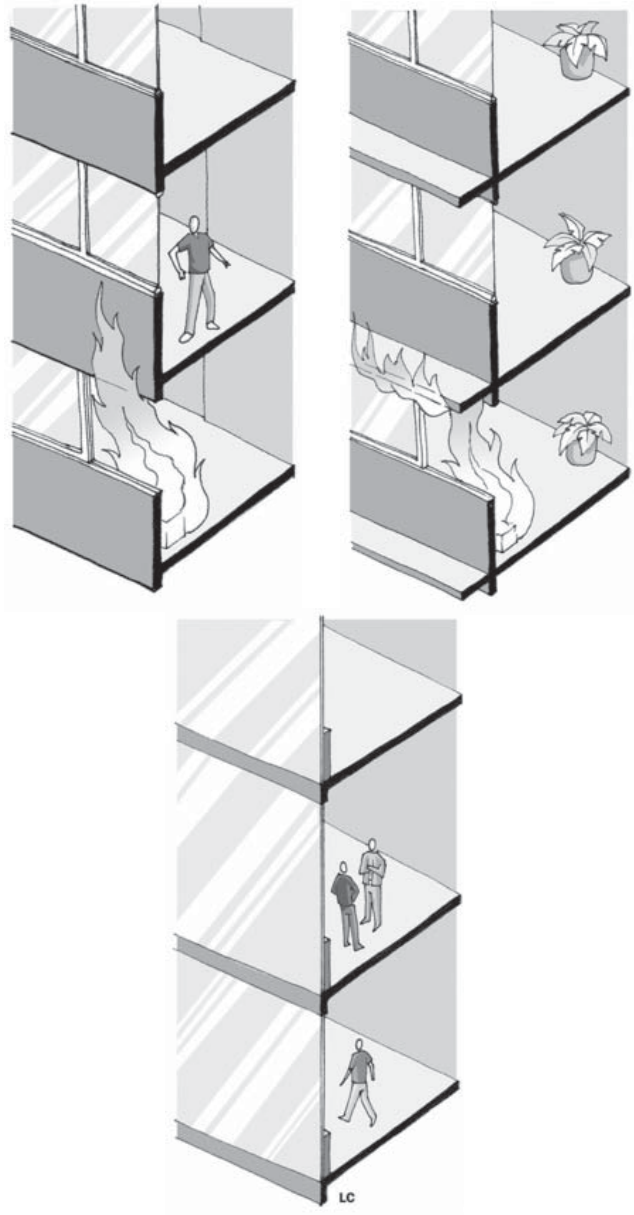

Figura 2.10 – Compartimentação vertical – Fachadas

A Figura 2.10 ilustra três exemplos de compartimentação vertical de fachada. No primeiro, a compartimentação é obtida pelo afastamento mínimo entre janelas de pavimentos consecutivos (parapeito). No segundo exemplo, a projeção da laje além da fachada externa do

edifício, garante a compartimentação, caso a altura do parapeito não seja suficiente. Já no terceiro exemplo, observa-se que para o caso da existência de pele de vidro, deverá continuar sendo respeitada a altura mínima do parapeito para ser garantida a compartimentação entre pavimentos. Sugere-se consultar a IT09 do Corpo de Bombeiros do Estado de São Paulo.

A importância da compartimentação vertical em um edifício está no fato de se garantir o refúgio e fuga, apesar de as chamas terem tomado uma ou mais partes de um dos pisos, inclusive que os outros pavimentos sejam usados pelas equipes de combate contra o incêndio.

Alguns pontos básicos das características construtivas dos elementos de compartimentação podem ser ressaltados:

• A parede corta-fogo precisa ser construída do piso ao teto (laje), com os devidos cuidados e amarrações para impedir o alastramento horizontal do incêndio. No caso de edificações térreas sem laje de cobertura é importante que a parede corta-fogo estenda-se acima da linha da cobertura;

• A distância mínima provida por parapeitos entre janelas de pavimentos consecutivos pode ser reduzida quando houver prolongamento da laje do piso: as abas projetam-se além da fachada externa do edifício, exercendo, portanto, função de compartimentação vertical.

• No caso de lajes e paredes corta-fogo, o conceito de resistência ao fogo deve ser respeitado. Resistência ao fogo é a propriedade de um elemento de construção de resistir à ação do fogo por determinado período de tempo, mantendo sua estabilidade (segurança estrutural), estanqueidade e isolamento térmico (Figura 2.11).

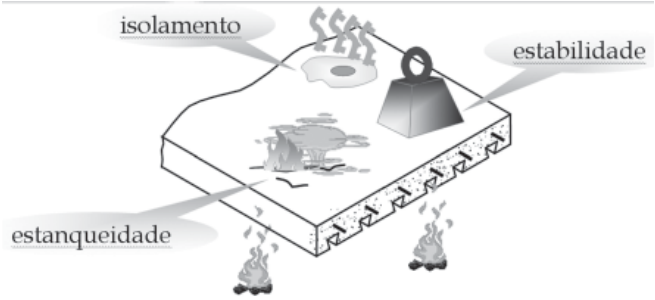

Figura 2.11 – Propriedades de resistência ao fogo de elementos de compartimentação (lajes, paredes, portas corta-fogo, etc. - Costa, 2008)

2.4.1.2 Saídas de Emergência

Dentre as medidas de proteção passiva, o projeto de saídas de emergência é fundamental. No caso de um incêndio, é necessário que os usuários tenham a possibilidade de sair do edifício por meios próprios, utilizando rotas de fuga seguras, livres dos efeitos do fogo (calor, fumaça e gases).

Além de permitir a saída, as rotas de fuga também podem ser utilizadas para a entrada da brigada de incêndio ou do Corpo de Bombeiros, pois muitas vezes a conformação do edifício não permite o combate pelo exterior (por exemplo, edifícios com múltiplos pavimentos ou edifícios térreos com área extensa), ou então o resgate de pessoas precisa ser efetuado. Nesses casos, os meios de evacuação podem converter-se em meios de acesso seguro às áreas afetadas ou não pelos efeitos do incêndio.

Para poder atender a estas necessidades, o projeto de saídas de emergência precisa considerar alguns aspectos fundamentais:

• **Número mínimo de saídas** - é calculado em função do tipo de ocupação do edifício, da sua altura, dimensões em planta e características construtivas.

• **Distância máxima a percorrer até uma saída segura** - consiste na distância entre o ponto mais afastado e o acesso a uma saída segura/protegida e pode variar conforme o tipo

de ocupação, as características construtivas do edifício e a existência de chuveiros automáticos para contenção do incêndio.

• **Condições das escadas de segurança (rota de fuga vertical) e dos corredores e passagens (rotas de fuga horizontais)** - o número mínimo de pessoas que as escadas precisam comportar é calculado a partir da lotação da edificação, que é determinada em função das áreas dos pavimentos e do tipo de ocupação. Para permitir uma desocupação segura, é necessário compatibilizar a largura das rotas horizontais e das portas com a lotação dos pavimentos, além de adotar caixas de escadas com largura suficiente para acomodar em seu interior toda a população do edifício, se esse for o caso. Além de garantir a sua largura, as rotas devem se apresentar permanentemente desobstruídas, ser constituídas de materiais de acabamento de piso e parede adequados, corrimãos e guarda-corpos, etc.

• **Localização das saídas e das escadas de segurança** - a localização das saídas e das escadas deve permitir um acesso rápido e seguro às mesmas. Estando suficientemente afastadas umas das outras, no caso de edifícios com mais de uma saída, cria-se a possibilidade de rotas de fuga alternativas, aumentando as chances dos usuários saírem com segurança. A sinalização adequada dos acessos às rotas também é fundamental.

• **Descarga das escadas de segurança e saídas finais** - o ideal é que a descarga das escadas de segurança leve os usuários diretamente ao exterior, em pavimento ao nível da via pública, onde estes possam se afastar do edifício sem risco à vida e sem causar tumulto. Saídas no átrio de entrada do edifício também são possíveis, desde que as saídas finais para o exterior estejam bem sinalizadas e que exista compartimentação em relação ao subsolo e a outros riscos no próprio pavimento de descarga.

Projeto e construção das escadas de segurança:

Edifícios de múltiplos pavimentos devem contar com escadas de uso coletivo. As escadas podem ser classificadas em cinco tipos básicos:

• escada aberta (não-enclausurada);
• escada enclausurada;
• escada enclausurada com antecâmara e dutos;
• escada enclausurada com vestíbulo e aberturas para ventilação diretas para o exterior;
• escada enclausurada com pressurização (com ou sem antecâmara).

Essa classificação é uma proposta dos autores e pode haver leves diferenças em relação às normas e códigos.

São denominadas “escadas de segurança” aquelas enclausuradas por paredes resistentes ao fogo e portas corta-fogo (compartimentação) para evitar a propagação de calor e fumaça por meio da caixa da escada, além de proteger os seus usuários dos efeitos do incêndio. A instalação de antecâmaras, também enclausuradas, junto às escadas, é normalmente exigida em locais de maior risco (edifícios altos, por exemplo). As antecâmaras devem dar acesso exclusivo à escada de segurança e ser providas de dutos de ventilação (de entrada de ar e saída de fumaça). Já nas escadas providas de vestíbulo ventilado, a antecâmara é substituída pelo vestíbulo com ventilação direta para o exterior, que elimina a fumaça e o calor que eventualmente adentre esse espaço. As escadas antecedidas de antecâmara ou vestíbulo são providas de ventilação natural. Em ambos os casos, é necessário atentar para a sua localização, considerando a possibilidade das aberturas de captação de ar / ventilação se tornarem pontos de tomada do calor e da fumaça de incêndio. Normalmente,

esses pontos devem ficar afastados de possíveis fontes geradoras de calor e fumaça.

A escada pressurizada, por sua vez, é uma escada de segurança provida de um sistema mecânico de pressurização do ambiente da caixa de escada, podendo ou não ter antecâmara (pressurizada ou não), dependendo da exigência legal a ser atendida. Este sistema também necessita de captação de ar fresco externo para garantir seu bom desempenho, além de alimentação elétrica alternativa.

A largura mínima das escadas de segurança varia conforme as Normas Técnicas e os códigos; normalmente é de 2,20 m para hospitais e varia de 1,10 m a 1,20 m para as demais ocupações. Essas medidas são derivadas do conceito de unidade de saída ou passagem: a largura média de uma pessoa (55 a 60cm) é a referência para calcular a largura das passagens, levando em conta o número de pessoas que ocupam o edifício (Figura 2.12). Portanto, a largura final pode variar em função das características de ocupação, podendo ser maior que o mínimo estabelecido. Deve-se atentar para os requisitos de projeto dos patamares de mudança de direção (largura mínima igual à largura da escada), da altura e largura de degraus, do posicionamento de corrimãos, guarda-corpos e tipo de piso (antiderrapante e incombustível). Consultar a ABNT NBR 9077:2001.

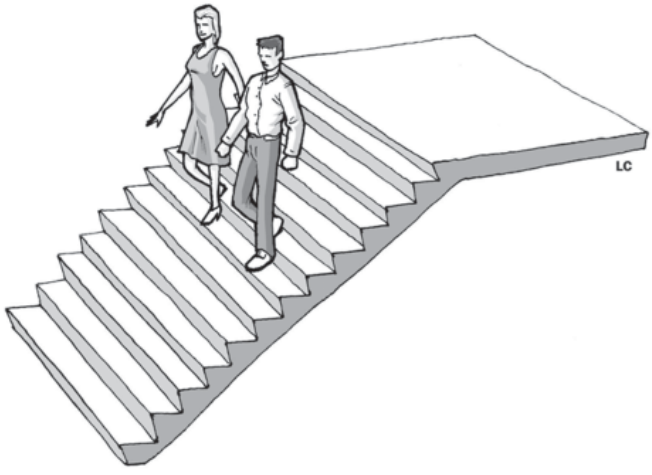

Figura 2.12 - Largura mínima de saídas

Passagens e Corredores

Quando for exigida uma rota de fuga horizontal constituída de corredores protegidos (compartimentados), é preciso que se leve em conta alguns aspectos importantes, tais como: impedir que a fumaça produzida durante o estágio inicial do incêndio penetre no corredor. Pode-se conseguir isso por meio da correta compartimentação do ambiente de origem do fogo, fazendo uso de paredes e portas com resistência ao fogo. No caso de corredores protegidos longos, é preciso prever aberturas para exaustão (natural ou artificial) de eventual contaminação por fumaça e a sua subdivisão com barreiras de contenção de fumaça.

Portas nas Rotas de Fuga

Portas em rotas de fuga não podem ser trancadas, mas devem dispor de um mecanismo de fechamento automático, para que permaneçam fechadas em situação de emergência. Elas devem abrir no sentido da fuga. Somente são admitidas portas em rotas de fuga com dobradiças de eixo vertical e sentido único de abertura.

As portas em rotas de fuga podem ser a prova de fumaça, corta-fogo ou ambos, bem como possuir barras antipânico, dependendo do uso e da ocupação do edifício. A largura mínima do vão livre deve ser de 0,8 m, podendo ser maior em função do número de ocupantes.

Elevadores de Emergência

Além das escadas de segurança, os edifícios altos devem contar com elevadores de emergência. Estes devem ser alimentados por fonte e circuito independentes, concebidos de maneira a não serem afetados pelas ações de um incêndio. Os elevadores de emergência, utilizados pela brigada de incêndio ou pelo Corpo de Bombeiros nos casos de sinistro, devem ser operados por comando especial.

O número de elevadores de emergência e sua localização devem ser determinados levando-se em conta as áreas dos pavimentos e as distâncias a percorrer para serem alcançados a partir de qualquer ponto do pavimento.

2.4.1.3 Reação ao Fogo dos Materiais de Acabamento e Revestimento

Os materiais utilizados nos acabamentos e revestimentos internos são de extrema importância para a segurança contra incêndio, pois dependendo de sua composição, podem contribuir, em maior ou menor grau, na evolução do fogo. As características de reação ao fogo que devem ser avaliadas nesses materiais são: velocidade de propagação superficial das chamas, quantidade e densidade de fumaça desenvolvida, quantidade de calor desenvolvido e toxicidade.

Na fase inicial de desenvolvimento do incêndio, os materiais de acabamento e revestimento instalados em paredes e forro são mais susceptíveis do que aqueles instalados em pisos, podendo contribuir de forma significativa para a evolução do fogo, por estarem em posições que favorecem a sua ignição e combustão.

Um elemento construtivo pode ser analisado sob o aspecto da sua resistência ao fogo e sob o aspecto da sua reação ao fogo. Resistência ao fogo trata da capacidade de um elemento construtivo de suportar os efeitos de um incêndio sem deixar de exercer suas funções (estanqueidade, isolamento térmico, incolumidade). Já reação ao fogo trata das características de combustão de elementos incorporados aos revestimentos e acabamentos, como a velocidade de propagação do fogo na superfície de um dado material, a quantidade de calor necessária para iniciar a ignição, quantidade de fumaça gerada, etc. Na ilustração (Figura 2.13), podemos ver, por exemplo, que os pilares estão mantendo sua função estrutural (resistência) enquanto que os objetos na mesa, bem como no piso, estão incendiando-se e produzindo grande quantidade de fumaça (reação).

Ensaios realizados em laboratório podem determinar as características necessárias para a escolha correta dos materiais. É importante, então, que o arquiteto pense a segurança do edifício desde a concepção da estrutura até a escolha dos materiais de acabamento dos

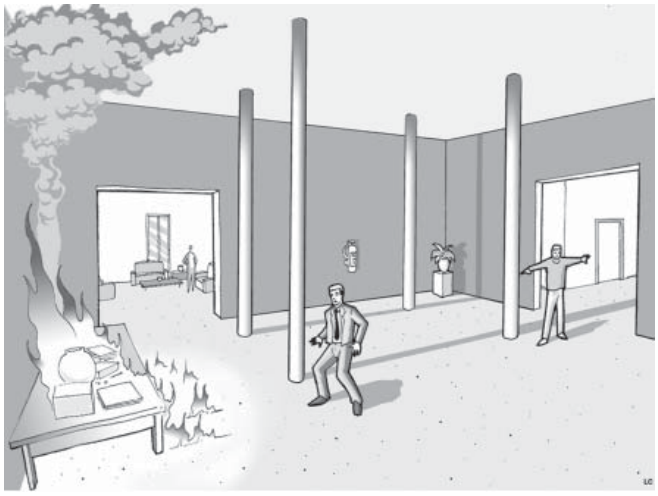

Figura 2.13 – Resistência ao fogo e Reação ao fogo

2.4.1.4 Resistência ao fogo dos elementos estruturais

É fundamental que o arquiteto saiba pensar o projeto do edifício para que ele funcione bem não só em situações cotidianas, mas também no caso de emergências. Dentre as várias ferramentas de que o arquiteto dispõe nessa área, a escolha dos elementos construtivos é uma das mais básicas. Uma estrutura projetada de forma adequada oferece maior tempo de resistência ao colapso no caso de um incêndio. Isso se traduz em maior tempo para desocupação dos usuários do edifício e para combate ao fogo.

Entende-se por resistência ao fogo de elementos estruturais a capacidade de suportar, por um dado período, os intensos fluxos de energia térmica que ocorrem durante um

incêndio, sem deixar de exercer sua função portante, de estanqueidade e de isolamento, quando exigidas. No caso dos elementos de aço é a função portante ou estabilidade aquela que deve ser verificada. No caso de lajes de concreto, as três propriedades devem ser respeitadas simultaneamente (Silva, 2004). Este assunto será aprofundado nos próximos capítulos.

2.4.1.5 Controle de fumaça

O fenômeno da combustão num incêndio produz quatro elementos de perigo ao ser humano: calor, chamas, fumaça e insuficiência de oxigênio. Dentre os quatro, a fumaça é a maior responsável por mortes em situações de sinistro: a redução da visibilidade provocada por ela impede que os usuários da edificação desocupem o local com rapidez; ficam assim expostos por maior tempo aos gases (essencialmente CO e CO2) e vapores quentes.

O fenômeno do alastramento da fumaça no interior das edificações é estudado com o objetivo de determinar o tempo máximo para evacuação dos ocupantes. A fumaça e os gases quentes se alastram rapidamente e se acumulam próximo ao forro/teto, aumentando a espessura de sua camada escura em direção descendente. Conceitualmente, o tempo para evacuação deve ser menor que o tempo que a camada de fumaça leva para atingir a altura de um homem em pé, dificultando sua visão e respiração.

No caso de corredores e escadas, a movimentação da fumaça depende, sobretudo, da geometria do espaço, das aberturas de comunicação existentes e da velocidade do ar no seu interior.

Existem vários meios para se controlar a propagação de fumaça dentro de um edifício; todos eles buscam resolver o problema a partir das características espaciais e estruturais da edificação. Os principais métodos de controle da propagação de fumaça no interior do edifício, que podem ser utilizados de forma combinada, são:

• Abas de contenção: posicionadas nos tetos/forros, cuja função é reter a propagação horizontal da camada de fumaça. É efetiva até que a espessura (altura) da camada atinja a altura da aba (Figura 2.14);

• Exaustão natural ou mecânica: os dois casos objetivam retirar a fumaça do interior do edifício, com captação junto ou rente ao teto;

• Pressurização: evita, por diferença de pressão, que a fumaça entre em um determinado ambiente.

O alastramento da fumaça pelos ambientes de um edifício também pode dificultar o acesso do Corpo de Bombeiros ao seu interior para as atividades de combate ao fogo e de salvamento de vítimas, pois a falta de visibilidade pode dificultar a localização do incêndio assim

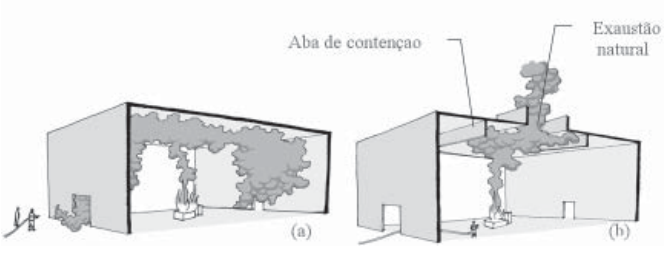

Figura 2.14 – Propagação da fumaça: (a) quando não existem medidas de controle; (b) quando medidas de controle de movimento da fumaça foram previstas.

2.4.1.6 Separação entre edificações

O incêndio pode se propagar para os edifícios vizinhos por radiação, convecção ou condução do calor gerado e esse risco pode ser reduzido quando são levadas em consideração as condições de separação entre elas. Essa separação pode ser feita por meio do afastamento entre edificações (Figura 2.15), ou pela construção de barreiras entre elas, como paredes corta-fogo (no caso de edificações geminadas) (Figura 2.16). Sugere-se consultar a IT7 do Corpo de Bombeiros de São Paulo.

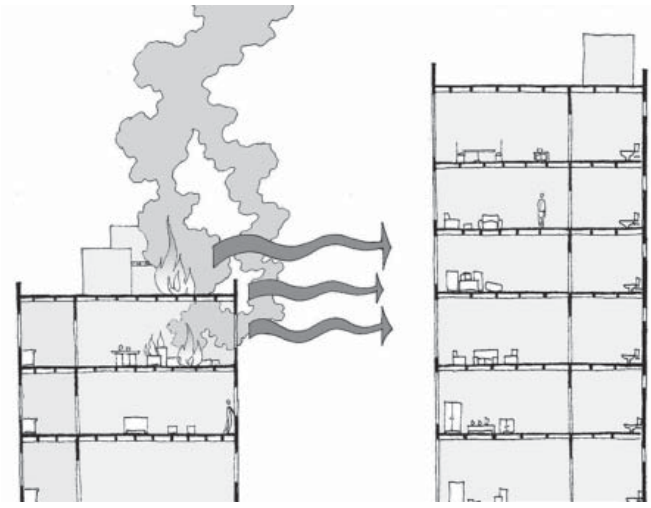

Figura 2.15 – Afastamento seguro entre edificações

No caso de edificações contíguas (geminadas), a separação deve ser feita por meio de uma parede corta-fogo. O dimensionamento dessa parede será determinado de acordo com as propriedades do material com o qual ela será construída, considerando suas características de resistência ao fogo. A estrutura do telhado não pode se apoiar nesta parede que deve ser portante (capaz de manter-se mesmo que a estrutura do telhado entre em colapso). Também é necessário observar a altura extra que a parede deve apresentar com relação à altura do telhado, bem como o tempo de resistência ao fogo da mesma. Percebe-se que a parede corta-fogo busca suprir as mesmas funções do distanciamento entre edificações: evitar a propagação por radiação, condução ou convecção para o edifício vizinho.

Figura 2.16 – Separação entre edificações

A distância de separação adequada entre fachadas de edifícios adjacentes pode ser calculada levando-se em conta a área da fachada em relação à área de aberturas contidas nela, a área de cobertura (caso de edificações com diferença de altura), bem como a carga de incêndio do edifício. Quanto mais aberturas, maiores as chances das chamas e do calor se propagarem para o edifício vizinho. Pensando nesses fatores, o arquiteto tem a possibilidade de fazer com que o projeto seja otimizado, considerando o distanciamento entre as edificações, o controle da carga de incêndio ou outros tipos de proteção, em função da vulnerabilidade do edifício à propagação do incêndio.

No caso do afastamento entre edificações com diferença significativa de alturas, a preocupação com a distância entre a fachada de uma (mais alta) e a cobertura da outra (mais baixa) também merece atenção especial. Quanto mais isolados forem os andares um dos outros (compartimentação vertical), menor será a incidência de calor na cobertura do edifício vizinho e, por conseqüência, menor será a distância horizontal necessária entre a fachada do edifício elevado e a cobertura do edifício vizinho.

2.4.2 Proteção Ativa

Na segurança contra incêndio, os sistemas de proteção ativa são complementares aos de proteção passiva, e somente entram em ação quando da ocorrência de incêndio, dependendo para isso de acionamento manual ou automático. Um sistema de proteção ativa é essencialmente constituído de instalações prediais para detecção e alarme do incêndio (que dá o alerta para inicio da desocupação e do combate), para combate ao fogo (chuveiros automáticos, hidrantes, extintores, etc.), para orientação do abandono (iluminação e sinalização das rotas de fuga), dentre outros.

2.4.2.1 Sistemas de Detecção e Alarme

Esses sistemas são os meios para detectar um incêndio e alertar os ocupantes do edifício e podem ser o principal responsável pelo salvamento de vidas em casos de incêndio de grandes proporções. Quanto mais cedo o incêndio for detectado, mais fácil será o seu controle e, em casos em que o combate seja dificultado, pode-se proceder, rapidamente, o abandono do edifício.

A detecção e o alarme podem ser automáticos ou manuais; em muitos casos, o próprio homem atua como detector eficaz do incêndio, dando o alarme antes do sistema automatizado. Porém, na grande maioria das situações, o homem não é figura presente ou pode não estar atento às alterações no ambiente a todo instante.

O sistema completo de detecção e alarme (Figura 2.17) é composto de:

• Detector automático de incêndio: sensor que pode responder a anomalias no ambiente, tais como aumento de temperatura, presença de fumaça, gás ou chama;

• Acionador manual ou botoeira: destinado ao acionamento do sistema de alarme por qualquer usuário do edifício (deve transmitir um sinal para uma estação de controle, a partir da qual, as providências necessárias devem ser tomadas;

• Central de controle do sistema: recebe, indica e registra o sinal de perigo enviado pelo detector automático ou acionador manual, além de transmitir o sinal recebido por meio de equipamento de envio de alarme para outros pontos do edifício, conforme a necessidade;

• Avisadores sonoros ou visuais: indicam a situação de perigo, podendo fazer uso de luzes, sons de sirene ou mensagens pré-gravadas;

• Fonte de alimentação de energia elétrica, para garantir o funcionamento do sistema em quaisquer circunstâncias.

O sistema de detecção e alarme automático deve ser instalado nas seguintes situações:

• o início do incêndio não possa ser prontamente percebido de qualquer parte do edifício por seus ocupantes;

• exista um grande número de pessoas no edifício;

• o risco de inicio e propagação de incêndio seja elevado;

• os ocupantes possam estar em situação especial (sono em hotéis, situação crítica de saúde em hospitais, etc).

Os acionadores manuais de alarme devem ser instalados em todos os tipos de edifícios, exceto nos de pequeno porte. Nesse último caso, o reconhecimento do princípio de incêndio pode ser feito rapidamente por todos os ocupantes do edifício, não havendo, portanto, a necessidade de um sistema de alarme geral.

Os acionadores manuais devem ser instalados nas rotas de fuga, próximos às saídas (escadas de seguranças e saídas de emergência), possibilitando aos usuários que detectarem o incêndio o acionamento do sistema de alarme ao mesmo tempo em que dão início à evacuação.

2.4.2.2 Sistema de iluminação de emergência

Para permitir uma saída fácil e segura da população do edifício no caso de um incêndio, a iluminação de emergência pode ser de dois tipos:

• de balizamento: associada à sinalização de indicação das rotas de fuga, permite a orientar os usuários no sentido e na direção, em caso de emergência;

• de aclaramento: destina-se a iluminar o ambiente de permanência e as rotas de fuga, possibilitando aos ocupantes uma evacuação segura; pode substituir parcialmente a iluminação artificial normal, que pode falhar ou ser desligada em caso de incêndio (por isso a iluminação de emergência deve ter fonte de energia própria).

No caso do sistema de aclaramento, pode-se trabalhar com dois métodos de iluminação: a permanente (as instalações ficam acesas nas áreas comuns, alimentadas pelo sistema normal do edifício, trocando automaticamente para o sistema de alimentação própria em caso de emergência) e a não-permanente (as instalações permanecem desligadas nas áreas comuns, sendo acionadas somente em situações de emergência, alimentadas por fonte própria).

O sistema de iluminação de emergência deve ser disposto em grandes ambientes e ao longo das rotas de fuga (corredores, acessos, passagens, antecâmaras e patamares de escadas).

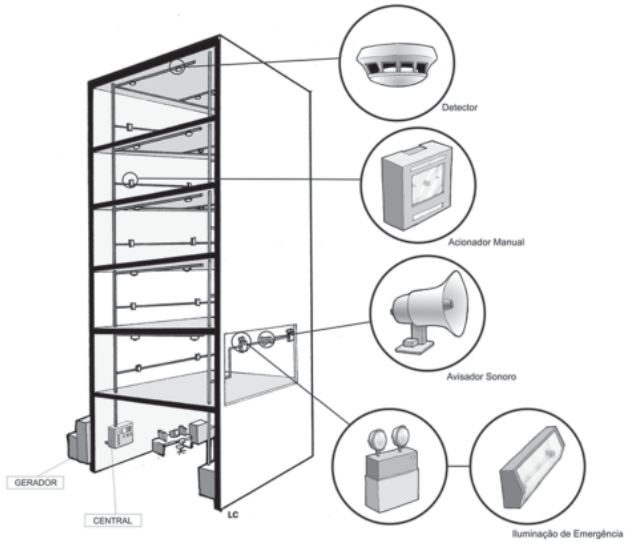

Figura 2.17 – Sistemas de detecção e alarme de incêndio e de iluminação de emergência

2.4.2.3 Sinalização de emergência

O sistema de sinalização de emergência em um edifício possui duas funções distintas: reduzir a possibilidade de ocorrência de incêndios (alertar para riscos potenciais, incentivar ações preventivas, proibir ações de risco); e orientar em caso de incêndio (indicar localização dos equipamentos de combate e orientar seu uso; indicar rotas de fuga).

Dentro dessas funções, a sinalização de emergência é dividida em quatro categorias:

• sinalização de alerta: alerta para áreas e materiais com potencial de risco;
• sinalização de proibição: proíbe ações capazes de iniciar um incêndio;
• sinalização de condições de orientação e salvamento: indica as rotas de saídas e explica as ações necessária para seu acesso;
• sinalização dos equipamentos de combate: indica os tipos e a localização dos equipamentos de combate.

A sinalização de emergência deve ser planejada, de forma a estar compatível com o projeto de comunicação visual da edificação, notando-se que existem padrões universais de caracteres e pictogramas, assim como de dimensionamento, adotados em normas e códigos de segurança contra incêndio (Figura 2.18).

Figura 2.18 – Sinalização de emergência

2.4.2.4 Meios de combate a incêndios

Dentro do conjunto de medidas da proteção ativa, os meios de combate a incêndios são aqueles utilizados para controlar o incêndio quando as medidas preventivas falham, e o incêndio teve início. Para que o sistema de combate cumpra seu papel, é necessário que seu dimensionamento seja feito corretamente.

A seguir estão listados os principais meios de combate a incêndios:

Extintores portáteis e sobre rodas – o extintor portátil é um equipamento de combate ao fogo de acionamento manual, constituído por recipiente, acessório e agente extintor. O extintor sobre rodas é constituído pelos mesmos itens, com a adição de uma carreta para o manuseio, devido a seu peso elevado (por conter agente extintor em maior quantidade).

A principal função dos extintores é combater o foco de um incêndio. Para que isso possa acontecer, é necessário que a operação do equipamento seja simples (qualquer usuário do edifício pode acioná-lo) e de preparação rápida (é necessário que o usuário não perca muito tempo preparando-o para o uso).

Os agentes extintores mais comuns são: água, pó químico seco e dióxido de carbono. O tipo de extintor deve ser escolhido em função do tipo de incêndio (ou seja, as propriedades dos materiais que podem se inflamar) que pode ocorrer no local. A quantidade de extintores deve ser dimensionada a partir da área a ser protegida e das distâncias a serem percorridas para alcançar o extintor. A sua instalação deve considerar também a visibilidade do equipamento e a dificuldade de obstrução de seu acesso (Figura 2.19).

Figura 2.19 – Extintores portáteis de incêndio

A instalação dos extintores portáteis deve obedecer a alguns padrões mínimos: a altura da instalação precisa levar em conta a ergonomia, pensando no manuseio do equipamento. Também deve ser mantida uma distância mínima do piso (consideração de manutenção: manter o extintor acima do solo permite que o piso seja lavado sem que o recipiente entre em contato com água, acabando por oxidar-se), podendo ser usados suportes para o caso de extintores apoiados sobre o piso. Independente das especificidades de edifício, no mínimo duas unidades extintoras devem ser previstas: uma destinada à proteção de incêndios em combustíveis sólidos (extintor de água pressurizada), e outra, em equipamentos elétricos energizados (extintor de dióxido de carbono ou pó químico seco).

Sistema de hidrantes – nos casos em que o combate por extintores manuais torna-se insuficiente, o sistema de hidrantes deve ser acionado. Este é basicamente um sistema fixo de condução e distribuição de tomadas de água com determinada pressão e vazão em uma edificação. O sistema (Figura 2.20) é composto por:

- reservatório de água;
- sistema de pressurização mecânica (quando os desníveis geométricos entre o reservatório e os hidrantes não propiciarem pressão e vazão mínima requeridas ao sistema);
- conjunto de peça hidráulicas e acessórios (registros, válvulas de retenção, esguichos, mangueiras, etc);
- tubulação (responsável pela condução

de água, dimensionada a partir de cálculos hidráulicos);

• forma de acionamento do sistema (sistema de acionamento das bombas – botoadeiras, pressostatos, chaves de fluxo, etc).

Os hidrantes devem ser instalados em todos os pavimentos, em local protegido dos efeitos do incêndio, nas proximidades das escadas de segurança. O número de pontos de hidrantes depende da área de cada pavimento e a capacidade de alcance das mangueiras conectadas para o combate ao fogo.

Adicionalmente, a tubulação do sistema deve possuir um prolongamento até o exterior da edificação, num ponto denominado válvula de recalque, que permite, quando necessário, recalcar água de fontes externas para os hidrantes internos através do sistema de bombeamento das viaturas do Corpo de Bombeiros.

O sistema de hidrantes requer um treinamento do pessoal envolvido no seu manuseio, para garantir o uso seguro e correto (Figura 2.21).

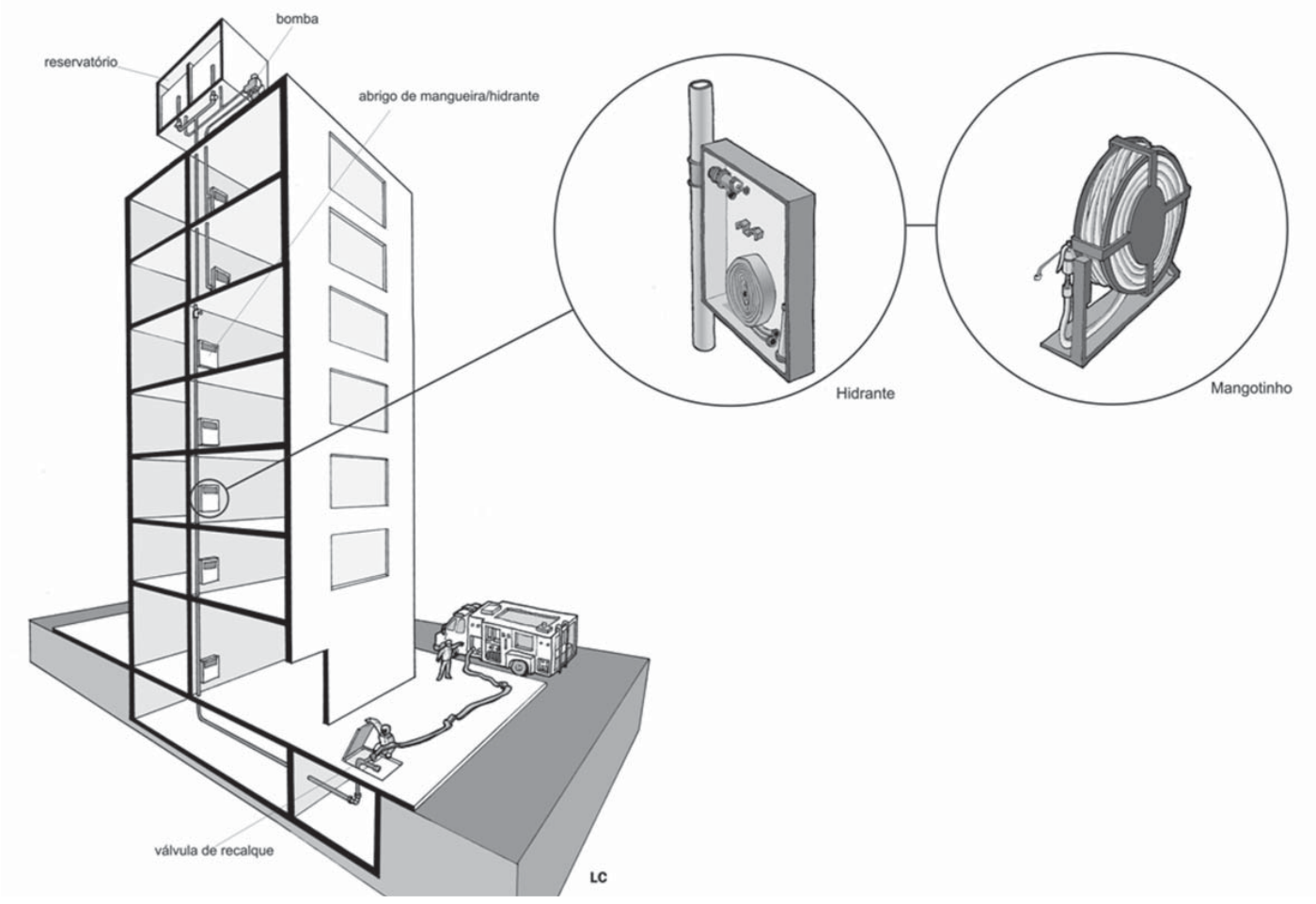

Figura 2.20 - Sistema de hidrantes e mangotinhos

Sistema de Mangotinhos

Uma alternativa ao sistema de hidrantes prediais é o sistema de mangotinhos. Recomenda-se a utilização deste sistema principalmente em locais onde a operação de combate ao incêndio será efetuada por pessoas não-habilitadas (por exemplo, em um edifício residencial, onde um morador pode precisar combater o incêndio).

O sistema pode ser operado de maneira rápida por uma única pessoa (Figura 2.21). O operador pode também contar com uma grande autonomia do sistema, devido ao seu baixo consumo de água. A mangueira já está conectada à saída de água.

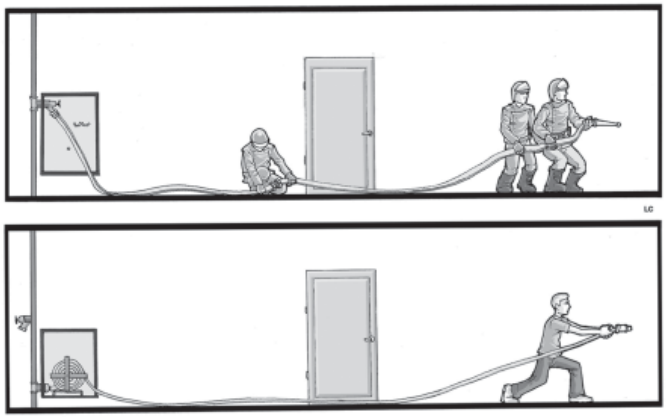

Figura 2.21 – Manuseio de hidrantes (ilustração superior) e mangotinhos (ilustração inferior)

Sistema de Chuveiros Automáticos (“sprinklers”)

O sistema de chuveiros automáticos tem como objetivo detectar e combater o incêndio em seu início, com a finalidade de conter os prejuízos materiais causados a uma área restrita.

Desenvolvido nos Estados Unidos (por essa razão, conhecido pelo termo inglês “sprinkler”), o sistema de chuveiros automáticos é constituído por uma rede hidráulica fixa contendo um suprimento de água sob pressão. A rede distribui-se pelo edifício e dispositivos de aspersão de água são distribuídos de maneira uniforme pela área a ser protegida. Eles são acionados, individualmente, por meio de um elemento termo sensível que se rompe por ação do calor proveniente do foco de incêndio, permitindo a descarga d´água sobre o princípio de incêndio, se adequadamente projetado (Figura 2.22).

A utilização do sistema de chuveiros automáticos é recomendada quando o edifício possui pavimentos com grandes áreas sem compartimentação.

O dimensionamento é feito levando em conta a severidade estimada do incêndio, os níveis de pressão mínimos em todos os pontos da rede e a distribuição de água de maneira homogênea, dentro de uma área de influência pré-determinada. Existem vários modelos de bicos de chuveiros automáticos (Figura 2.23), que se diferenciam em função da sensibilidade à temperatura, da distribuição de água e se embutido ou não.

Sistemas Fixos de Extinção por CO_2 ou outros gases inertes

Recintos que necessitam de um sistema de extinção por agente “limpo” devido ao valor dos objetos nele presentes podem fazer uso do sistema de combate por CO2 ou outros gases inertes. Nesse caso, o agente extintor inunda o ambiente, conseguindo a extinção do incêndio por abafamento, sem que o agente afete os equipamentos presentes ou mesmo permaneça no local após o combate, como no caso da água ou da espuma mecânica. Este sistema é composto por uma bateria do gás inerte, uma tubulação fixa de distribuição com aspersores e um circuito de detecção de incêndio que comanda a liberação do gás (Figura 2.24).

A disposição de sprinklers em um projeto pode apresentar vários problemas. A Figura 2.22 representa, a partir da esquerda, situações em que os sprinklers têm seus jatos bloqueados por vigas, paredes e dutos de ar condicionado.

Somente o chuveiro da extrema direita está agindo em sua amplitude correta.

Figura 2.22 – Influência de obstáculos no desempenho dos chuveiros automáticos

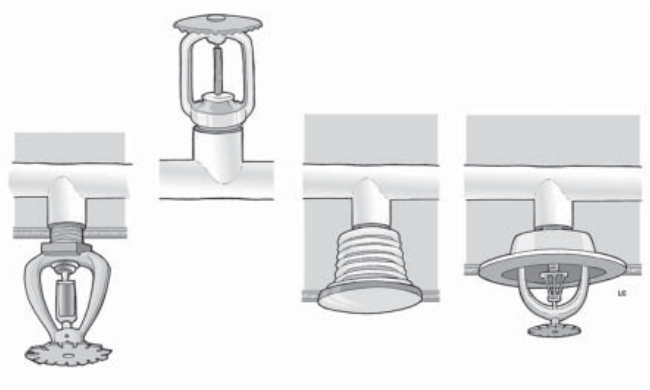

Figura 2.23 – Exemplos de bicos de chuveiros automáticos

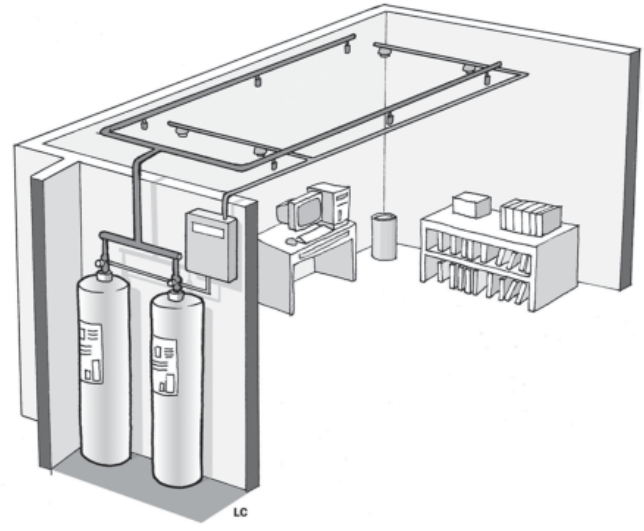

Figura 2.24 – Sistema de combate por gases inertes

2.5 Planejamento Urbano

Por mais que se tomem medidas para evitar ou amenizar os incêndios em edificações, vez por outra eles podem ocorrer. Nesses casos, a ação do Corpo de Bombeiros é fundamental para evitar que os incêndios transformem-se em grandes tragédias, e faz parte do trabalho do arquiteto facilitar essa ação.

O acesso à edificação é um ponto critico dentro do combate a incêndios; e por “acesso” deve-se entender desde o trajeto do quartel dos bombeiros ao local da ocorrência até o alcance que os bombeiros terão da via à edificação. Para garantir que fatores arquitetônicos não dificultem o combate ao incêndio, os arquitetos dispõem de algumas ferramentas básicas.

O dimensionamento das vias urbanas, por exemplo, é fundamental para garantir que as viaturas de bombeiros possam transitar livremente até o local do combate. Dados como a largura e altura livre da via, bem como o peso a que ela deve resistir, devem levar em consideração as especificações das viaturas dos bombeiros (Figura 2.25). O correto posicionamento de retornos nas vias mais extensas também deve ser considerado. Os principais tipos de caminhões de bombeiros apresentam dimensões aproximadas às apresentadas na Figura 2.25, onde o caminhão auto-tanque, à esquerda, é utilizado para transportar água para locais que não contam com hidrantes urbanos e, à direita, o caminhão auto-bomba que recebe água dos hidrantes urbanos e gera pressão adequada para o combate ao incêndio.

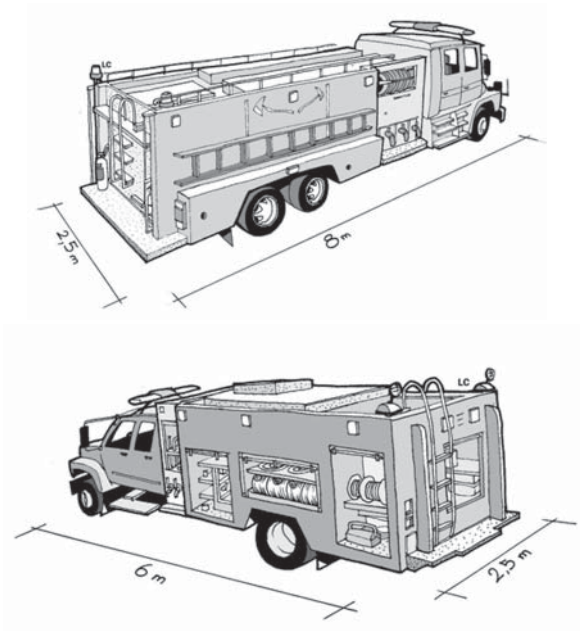

Figura 2.25 – Principais tipos de veículos de bombeiros

Levando em conta essas preocupações, não só estarão sendo criadas vias que comportam as viaturas dos bombeiros, mas também vias generosas e seguras para o trânsito normal (Figura 2.26).

Figura 2.26 – Características das vias de acesso para veículos de bombeiro

Uma vez que a viatura chegue ao local do incêndio, é necessário que ela possa ter acesso à edificação propriamente dita (Figura 2.27). Condomínios de residências unifamiliares, condomínios industriais e comerciais precisam ter vias internas de acesso adequadas ao deslocamento dos carros de bombeiros. Portais de entrada, muito comuns nessas tipologias de edificações, precisam levar em consideração as dimensões mínimas necessárias para o acesso seguro. Além disso, o perímetro do lote onde a edificação se encontra precisa apresentar faixa de estacionamento adequada (que tenha as dimensões mínimas, bem como a declividade e a proximidade da fachada).

O acesso da via até pelo menos uma das fachadas do edifício deve estar desobstruído. Muitas vezes, o combate pode ser dificultado por uma intervenção paisagística ou por uma área de estacionamento situada entre a via e a fachada do edifício. Outras situações como muros altos, instalação de painéis publicitários, postes e fiações elétricas, também podem se tornar obstáculos ao acesso. O arquiteto pode dar soluções que não comprometam as necessidades do programa, caso tenha consciência desses fatores citados.

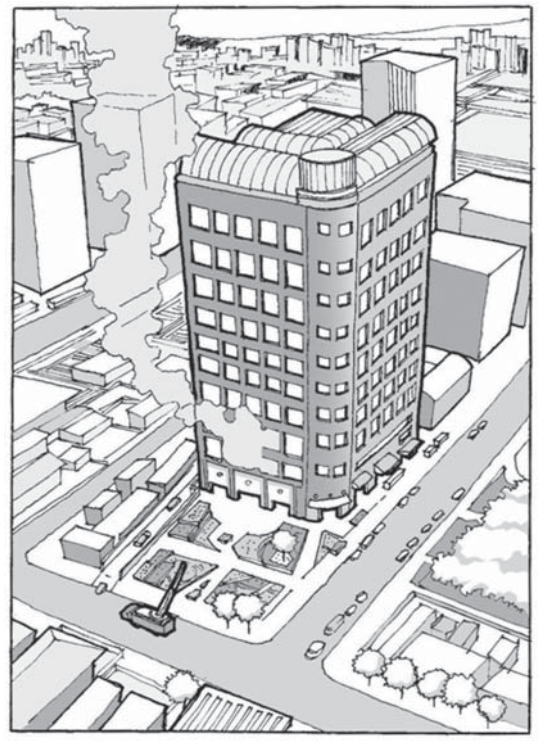

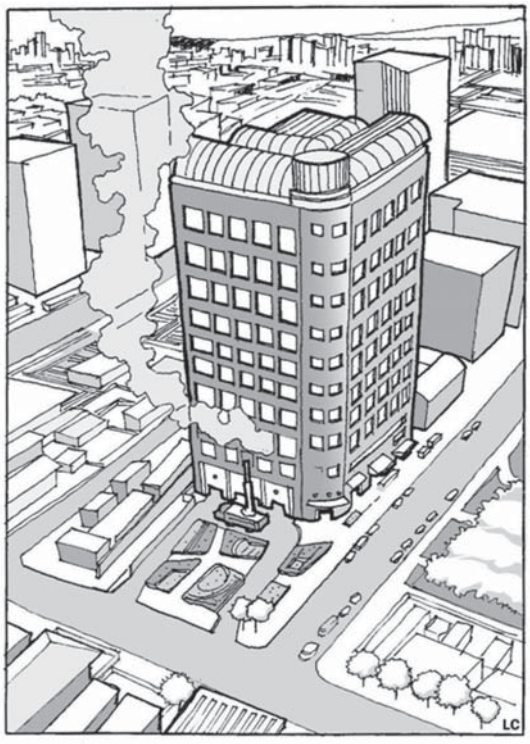

Figura 2.27 – Acesso de veículos de bombeiros ao lote: dificuldade de acesso ilustrada na figura de cima; solução prevista para facilitar o acesso, ilustrada na figura de baixo.

A proteção contra incêndio das cidades insere-se dentro de um contexto urbano mais amplo que não pode esquecer também a rede de proteção por hidrantes urbanos (Figura 2.28), bem como os cuidados para que esses equipamentos sejam voltados para a rua e não venham a ser obstruídos por intervenções posteriores. Tais cuidados fazem também parte das ferramentas de projeto do arquiteto enquanto planejador urbano.

Os hidrantes urbanos são equipamentos mantidos pelo poder público ou pela concessionária de água da cidade, instalados nos passeios públicos e que precisam estar permanentemente desobstruídos, voltados para o logradouro público, para permitir a conexão com o veículo de bombeiro que será abastecido para o combate ao fogo nas proximidades (Figura 2.28).

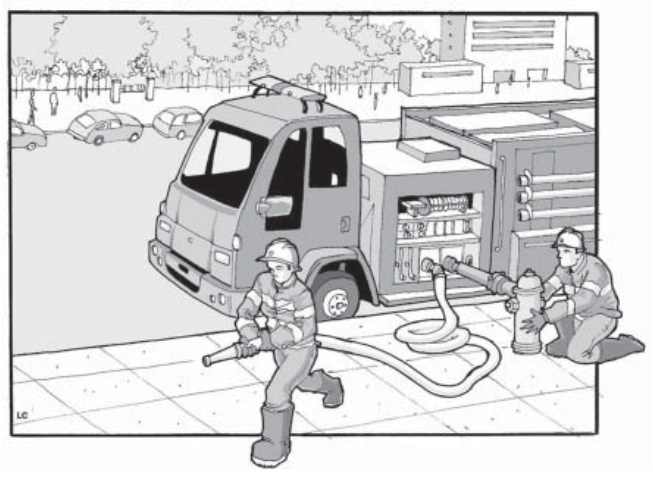

Figura 2.28 – Hidrantes urbanos

Capítulo 3

Exigências de resistência ao fogo

3.1 Curvas de incêndio

Uma estrutura, em condições normais de uso, é considerada segura quando apresenta capacidade para suportar, sem grandes deformações, os esforços provenientes das ações da gravidade e do vento. Uma estrutura, em situação de incêndio, é considerada segura quando possui capacidade para suportar, sem colapso, os esforços, considerando-se a redução de resistência dos materiais estruturais devido à exposição a altas temperaturas.

O aço, o concreto, assim como outros materiais estruturais, quando submetido a altas temperaturas sofrem redução de resistência (Figura 3.1) e de módulo de elasticidade (rigidez) (Figura 3.2).

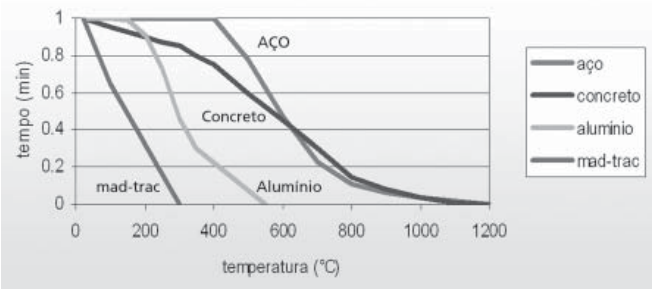

Figura 3.1.- Redução da resistência ao escoamento em função da temperatura

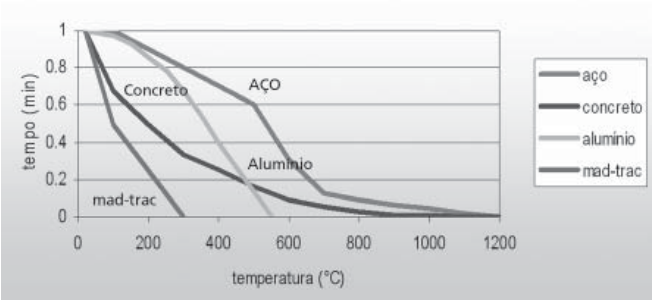

Figura 3.2.- Redução do módulo de elasticidade em função da temperatura

A segurança estrutural em incêndio, visando a proteção à vida, deve ser verificada de modo a evitar que a edificação colapse prematuramente antes da desocupação do edifício. São aceitáveis ruínas localizadas que não determinem colapso total da edificação.

A temperatura que causa o colapso de um elemento estrutural em situação de incêndio é denominada temperatura crítica. A temperatura crítica pode ser calculada em função do nível de carregamento e das dimensões do elemento estrutural (Silva, 2004). Quanto menor o nível de carregamento, maior será o valor da temperatura crítica.

A segurança estrutural em incêndio é verificada se a temperatura atuante no elemento estrutural for menor do que a temperatura crítica. A temperatura atuante é determinada em função da temperatura do incêndio. A severidade de um incêndio real pode ser estimada a partir das características do compartimento em sinistro. As principais características são:

- Quantidade e tipo da carga de incêndio, assim chamado o material combustível formado pelo mobiliário, revestimento de pisos e paredes, etc;
- Dimensões das janelas, por onde entra o oxigênio que é o material comburente da combustão;
- Características térmicas dos vedos (piso, paredes e teto), que impedem a propagação do incêndio para fora do compartimento.

A partir dessas características, entre outras, é possível se determinar uma curva temperatura-tempo que representa a variação da temperatura média dos gases quentes que tomam o compartimento, em função do tempo. Por se tratar de um modelo matemático, ele não é denominado de incêndio real, mas de incêndio natural compartimentado. A curva natural, bem como a real, possui um ramo ascendente e, após o material combustível ter sido consumido, um ramo descendente (Figura 3.3).

A máxima temperatura atuante nos elementos de aço, em incêndio, está associada ao máximo valor encontrado na curva natural do incêndio. Em projeto, deve se demonstrar que a temperatura máxima no aço é menor do que a temperatura crítica. Apesar de a engenharia de segurança contra incêndio ter evoluído bastan-

te nos últimos anos e modelos computacionais de incêndio, muito refinados, já serem de uso comum em universidades, o meio técnico ainda não se adaptou a essa evolução.

É de costume, em códigos e normas nacionais e internacionais, permitir-se o emprego de uma curva temperatura-tempo simplificada, denominada curva do incêndio-padrão (Figura 3.3). A curva-padrão é uma curva que simula apenas a fase de aquecimento dos gases por meio de uma expressão logarítmica que correlaciona a temperatura ao tempo (ABNT NBR 5628:2001; ISO, 1990). Independe das características do compartimento mencionadas antes. Portanto, não é propriamente uma curva de incêndio. Trata-se de uma simplificação, que pode ser empregada, mas com os devidos cuidados.

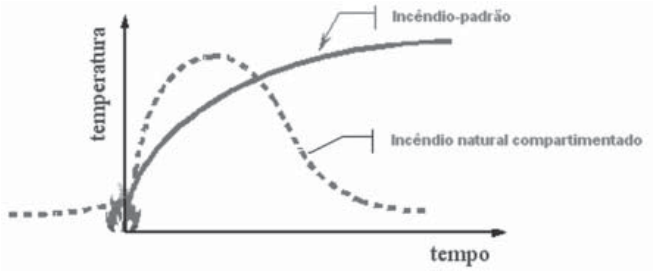

Figura 3.3.- Curvas temperatura-tempo

Observando-se a curva-padrão, nota-se que ela não passa por um máximo, portanto, com base nessa idealização do incêndio, a temperatura do aço também ascenderia indefinidamente. Para resolver esse problema de projeto, é corrente se preestabelecer o valor de um tempo em que a curva de aquecimento pode ser interrompida. Esse tempo é denominado tempo requerido de resistência ao fogo - TRRF.

A determinação dos valores de TRRF - tempo requerido de resistência ao fogo tem, por expectativa, encontrar a temperatura no aço correspondente a esse tempo, via curva-padrão, que seja igual à máxima temperatura que seria encontrada por meio da curva natural.

O tempo requerido de resistência ao fogo é, portanto, o mínimo tempo que um elemento construtivo deve resistir, quando sujeito ao incêndio-padrão. Por se tratar de uma curva padronizada e não de uma curva temperatura-tempo de um incêndio real, esse tempo é utilizado apenas para fins de verificação de projeto ou de dimensionamento do material de revestimento contra fogo. Não se trata, pois, do tempo real de duração do incêndio ou de desocupação do edifício ou tempo de chegada do socorro.

3.2 Método tabular

O TRRF poderia ser calculado pela engenharia de segurança contra incêndio, empregando-se formulações e conceitos científicos rigorosos, mas seria extremamente trabalhoso e variaria de edificação para edificação. Por simplicidade de projeto, esse valor é definido por meio de consenso da sociedade em função do uso da edificação e de suas dimensões e consagrado em normas ou códigos.

Dessa forma, os códigos, ao invés de exigirem segurança à temperatura, exigem segurança por um determinado tempo, TRRF, associado à curva-padrão de elevação de temperatura.

Os valores do TRRF geralmente são 30 min, 60 min, 90 min e 120 min. A NBR 14432:2000 fornece os TRRF para diversas ocupações. Um resumo é apresentado na Figura 3.4.

HOTEL ESCRITÓRIO HOSPITAL	h <= 6 m	6m < h <= 23 m	23m < h <=30 m	h > 30 m
TRRF	Evolução da temperatura dos gases (° C) 821 30 TRRF (min)	Evolução da temperatura dos gases (° C) 925 60 TRRF (min)	Evolução da temperatura dos gases (° C) 986 90 TRRF (min)	Evolução da temperatura dos gases (° C) 1029 120 TRRF (min)

RESIDÊNCIA ESCOLA	h <= 12 m	12m < h <= 23 m	23m < h <=30 m	h > 30 m
TRRF	Evolução da temperatura dos gases (° C) 821 30 TRRF (min)	Evolução da temperatura dos gases (° C) 925 60 TRRF (min)	Evolução da temperatura dos gases (° C) 986 90 TRRF (min)	Evolução da temperatura dos gases (° C) 1029 120 TRRF (min)

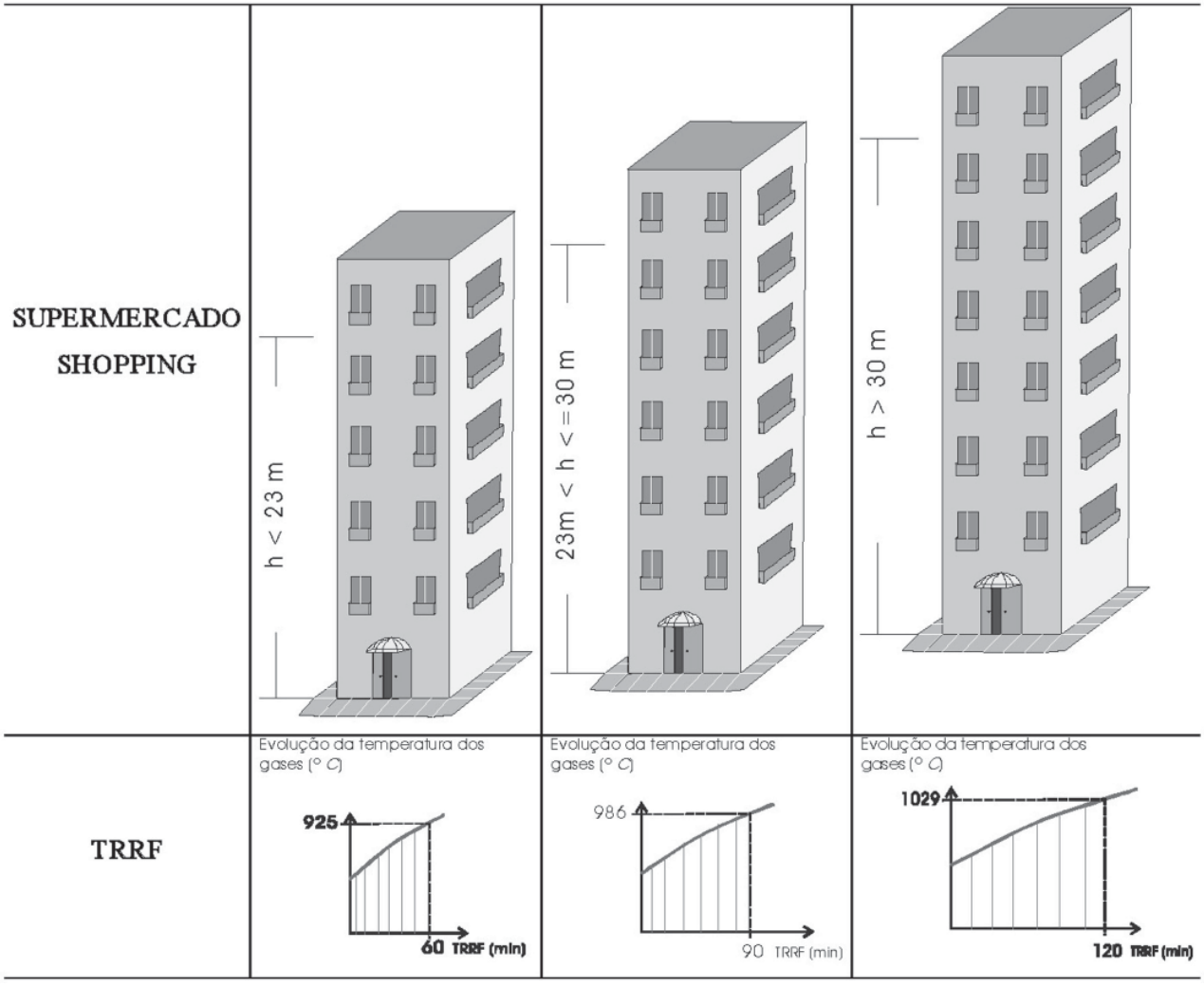

Figura 3.4 – TRRF em função das características das edificações

Na Figura 3.4, **h** representa a distância compreendida entre o ponto que caracteriza a saída (situado no nível de descarga do prédio) e o piso do último pavimento, excetuando-se zeladorias, barrilete, casa de máquinas, piso técnico e pisos sem permanência humana.

O risco de incêndio é definido pela superposição das probabilidades que envolvem o perigo de ativação e propagação do incêndio e de suas consequências. Apesar de os valores dos TRRF apresentados na Figura 3.4 não terem base científica, eles procuram ser compatíveis com a definição de risco. O tipo de uso da edificação está associado ao perigo, por sua vez a altura está associada às conseqüências de um incêndio. Um aspecto fundamental para reduzir a probabilidade de propagação é a compartimentação (vide capítulo 1) que, apesar de não ser explicitada na Figura 3.4, deve ser respeitada.

3.3 Exemplo de cálculo do TRRF

Determinar o TRRF para uma escola com seis pavimentos, com altura do compartimento de 3 m, e área de 400 m^2 por pavimento. A cobertura é constituída por laje com telha, não havendo permanência de pessoas. Como medidas de segurança contra incêndio existem as determinadas pelos códigos e a brigada contra incêndio não-profissional.

1º Passo: Determinar a altura da edificação (h)

Altura da edificação h é a distância compreendida entre o ponto que caracteriza a saída situada no nível no qual uma porta conduz ao exterior do prédio (nível de descarga) e o piso do último pavimento, excetuando-se zeladorias, barrilete, casa de máquinas, piso técnico e pisos sem permanência humana. Portanto, h = 15,00 m.

2º Passo: Consultar a Figura 3.4 para determinar o TRRF

Obtida a altura da edificação, combina-se a linha altura com a coluna ocupação/uso, neste caso temos a linha escola, e a coluna $12m < h \leq 23m$.

Dessa combinação, tem-se TRRF = 60min.

Os elementos estruturais (vigas, pilares e lajes) devem ter, portanto, resistência ao fogo de 60 min para a curva de aquecimento dos gases conforme o incêndio-padrão. Da mesma forma, os elementos de compartimentação (paredes resistentes ao fogo) devem possuir a mesma resistência ao fogo.

3.4 Método do tempo equivalente

Outra maneira de se determinar o TRRF é por meio do método do tempo equivalente. No Anexo A esse método é apresentado de forma detalhada incluindo limitações de uso e exemplo de aplicação.

Com base no método do tempo equivalente, pode-se qualificar a influência de alguns parâmetros arquitetônicos nas exigências de resistência ao fogo das estruturas.

As exigências de resistência ao fogo são funções dos seguintes parâmetros:

• carga de incêndio específica – valor definido em normas em função do tipo de ocupação da edificação e medido em unidade de energia térmica por área de piso (MJ/m^2). Por exemplo: 700 MJ/m^2 para escritórios, 300 MJ/m^2 para escolas e 600 MJ/m^2 para lojas de departamentos;

• medidas de proteção ativa – a presença simultânea ou não de chuveiros automáticos, detectores de calor ou fumaça e brigada contra incêndio permite reduzir as exigências de resistência ao fogo das estruturas. Geralmente essas medidas são exigidas pelo Corpo de Bombeiros para edifícios de maior porte, mas, mesmo para edifícios em que elas não sejam exigidas, vale a pena analisar as vantagens de sua utilização;

• dimensões da edificação – Conforme mencionado no capítulo 1 deste livro, as edificações são divididas em compartimentos estanques ao fogo. As dimensões máximas desses compartimentos são definidas em códigos do Corpo de Bombeiros.

• altura do compartimento – quanto maior o pé-direito menor a exigência de resistência ao fogo;

• área de aberturas para o exterior da edificação – em incêndio, admite-se que os vidros das janelas se quebram, assim pode-se considerar que todas as janelas para o exterior do compartimento estão abertas. Quanto maior for essa área, tanto menor será o tempo exigido de resistência ao fogo das estruturas.

Capítulo 4

Estruturas de aço sem revestimento contra fogo

4.1 Edificações de baixo risco

Há edificações em que o risco à vida humana em incêndio é muito baixo, devido a suas dimensões e uso. Contribuem para reduzir o risco, uma ou mais das seguintes características:

- Área e altura pequenas das edificações;
- Baixa carga de incêndio;
- Medidas de segurança contra incêndio, tais como: chuveiros automáticos, detecção de calor ou de fumaça, brigada contra incêndio, saídas de emergência adequadas, etc;
- Minimização da propagação por meio de compartimentação vertical e horizontal;
- Aspectos relacionados ao combate: acessibilidade, fachadas de aproximação, qualidade do corpo de bombeiro ou brigada;
- Condições de exposição ao fogo: elemento estrutural integrado a paredes, misto de aço e concreto.

É possível demonstrar-se que, as edificações com baixo risco dispensam o revestimento contra fogo das estruturas, por meio da engenharia de segurança contra incêndio. No entanto, ainda não é uma prática habitual no Brasil em vista de ser uma área científica nova. Dessa forma, para não encarecer desnecessariamente a construção civil brasileira, foi estabelecido por consenso e consagrado na ABNT NBR 14432:2000, um rol de edificações para as quais é dispensada a comprovação de resistência ao fogo das estruturas. São as denominadas edificações isentas dos requisitos de resistência ao fogo e apresentadas a seguir. Todas as edificações relacionadas como isentas dos requisitos de resistência ao fogo devem possuir as saídas de emergência dimensionadas conforme ABNT NBR 9077:2001.

As edificações para qualquer uso ou ocupação, com altura menor ou igual a 12m, cuja área total seja menor ou igual a 750m².

Figura 4.1 - clínica médica - Proj. Siegbert Zanettini - SP (Foto: Sidney Palatnik)

Figura 4.2 - Loja em construção restaurada - Mangal das Garças - Belém - Pará (Foto: Sidney Palatnik)

A NBR 14432 não define área total, apenas área bruta do pavimento, como sendo a medida, em qualquer pavimento de uma edificação, do espaço compreendido pelo perímetro interno das paredes externas e paredes corta-fogo, excluindo-se a área de antecâmaras e dos recintos fechados de escadas e rampas.

Assim, a área total será a soma das áreas dos pavimentos, como definido acima.

O decreto-lei do Estado de São Paulo 46076/01, no seu artigo 21, diz que no cálculo da área a ser protegida com as medidas de segurança contra incêndio, não serão computados:

• Beirais de telhados até 1m de projeção;
• Passagens cobertas, com largura máxima de 3 m, com laterais abertas destinadas apenas à circulação de pessoas ou mercadorias;
• Escadas enclausuradas, incluindo as antecâmeras.

As edificações cuja área total seja menor ou igual a 1500 m², com no máximo dois pavimentos, com carga de incêndio específica menor ou igual a 1000 MJ/m².

Figura 4.3 - Concessionaria de veículos - Marginal Tietê - SP (Foto: Sidney Palatnik)

Essa isenção depende, portanto, da carga de incêndio da edificação. Para isso é necessário consultar a NBR14432 que apresenta uma tabela de valores de carga de incêndio para diversas ocupações.

Enquadram-se nessa isenção as seguintes edificações:

• Escolas, escritórios, consultórios, agências bancárias, academias, apartamentos, além de outras ocupações relacionadas na tabela C.1 do anexo C da NBR14432, cuja carga de incêndio específica é inferior a 1000 MJ/m².

A exemplo da IT08 do CB/SP, propõe-se que na futura revisão da NBR 14432 sejam excluídas da isenção acima as edificações:

• Lojas, supermercados, mercados, shopping centers, escolas para deficientes, museus, bibliotecas, teatros, auditórios, boates, clubes, bingos, asilos, orfanatos hospitais, postos de saúde e penitenciárias.

Essas ocupações representam um maior risco à vida humana, devido à presença de grande número de pessoas ou alta carga de incêndio ou às condições físicas dos usuários.

As edificações para academia de ginástica, com altura menor ou igual a 12 m.

A NBR 14432 não isenta esse tipo de ocupação. A exemplo da IT08 do CB/SP, propõe-se que na futura revisão da NBR 14432, seja incluída essa isenção.

Enquadrar-se-iam nessa isenção as academias de ginástica, desde que em seus cômodos/compartimentos, os materiais de acabamento e revestimentos fossem incombustíveis.

Figura 4.4 - Academia-São Paulo/SP

Algumas edificações de locais de reunião pública com altura menor ou igual a 23 m.

Enquadram-se nessa isenção as seguintes edificações:

• Estádios, ginásios e piscinas cobertas com arquibancadas;

• Estações rodoviárias, ferroviárias, aeroportos.

Figura 4.5 - Ginásio Barueri-SP

Figura 4.6 - Aeroporto de Brasília - Prof. Sergio Parada - Brasília - DF (Foto: Sidney Palatnik)

Algumas edificações para serviços automotivos com altura menor ou igual a 30m, abertas lateralmente, com estrutura de aço, de concreto armado ou protendido.

Enquadram-se nessa isenção as seguintes edificações:

• Garagens automáticas, garagens sem automação e sem abastecimento.

Edificação aberta lateralmente é aquela que:

• Tem ventilação permanente em duas ou mais fachadas externas, providas por aberturas que possam ser consideradas uniformemente distribuídas e que tenham comprimentos em planta que somados atinjam pelo menos 40% do perímetro e áreas que somadas correspondam a pelo menos 20% da superfície total das fachadas externas; ou,

• Tem ventilação permanente em duas ou mais fachadas externas, providas de aberturas, cujas áreas somadas correspondam a pelo menos 1/3 da superfície total das fachadas externas, e pelo menos 50% destas áreas abertas situadas em duas fachadas opostas.

Além disso, as seguintes condições construtivas devem ser respeitadas:

• As vigas devem ser mistas (com conectores de cisalhamento). Os perfis metálicos das vigas devem ter fator de massividade menor ou igual a 350 m^{-1};

• Os pilares devem ter fatores de massividade menor ou igual a 250 m^{-1};

• Os elementos responsáveis pela estabilidade estrutural em situação de incêndio, definidos pelo projetista, devem ser verificados para um TRRF de 30 min.

As edificações para depósitos com baixo risco de incêndio, com altura menor ou igual a 30 m, com estrutura em concreto armado ou protendido ou em aço.

Enquadram-se nessa isenção as seguintes edificações:

• Depósitos sem risco de incêndio expressivo, por exemplo, que armazenam tijolos, pedras, areias, cimentos, metais ou outros materiais incombustíveis.

As edificações térreas de uso industrial, incluindo suas coberturas, com carga de incêndio específica menor ou igual a 1200 MJ/m², ,

A maior parte das indústrias apresenta carga de incêndio inferior a 1200MJ/m2, conforme Anexo C da NBR 14432, são exceções as de materiais sintéticos ou plásticos, papelões betuminados, produtos com albumina, produtos com amido, produtos de limpeza, rações, resinas, tintas e solventes, tratamento de madeira, cereais, espumas, farinhas, gráficas (empacotamento).

As edificações térreas, incluindo suas coberturas, utilizadas como depósito, com carga de incêndio específica menor ou igual a 2000 MJ/m².

Quando o material armazenado for bem definido e sujeito a pequena variação, pode-se determinar a carga de incêndio específica por meio de um levantamento conforme item C.2 da NBR14432. Se esse valor for inferior a 2000 MJ/m², a edificação estará isenta dos requisitos de resistência ao fogo.

Quando o material armazenado for indeterminado, não havendo o controle da carga de incêndio, as estruturas portantes da edificação e de sua cobertura (ver item 4.2) devem atender aos requisitos de resistência ao fogo.

As edificações térreas, incluindo suas coberturas que forem providas de chuveiros automáticos.

As edificações térreas, incluindo suas coberturas com área total menor ou igual a 5000 m², com pelo menos duas fachadas de aproximação que perfaçam no mínimo 50% do perímetro.

De acordo com a NBR 14432, fachada de aproximação é aquela localizada ao longo de uma via pública ou privada, com largura livre maior ou igual a 6 m, sem obstrução, possibilitando o acesso e o posicionamento adequado dos equipamentos de combate a incêndio. A fachada deve ter pelo menos um meio de acesso ao interior do edifício e não ter obstáculos.

As edificações térreas, incluindo suas coberturas consideradas abertas lateralmente.

Edificação aberta lateralmente é aquela que:

• Tem ventilação permanente em duas ou mais fachadas externas, providas por aberturas que possam ser consideradas uniformemente distribuídas e que tenham comprimentos em planta que somados atinjam pelo menos 40% do perímetro e áreas que somadas correspondam a pelo menos 20% da superfície total das fachadas externas; ou,

• Tem ventilação permanente em duas ou mais fachadas externas, providas de aberturas, cujas áreas somadas correspondam a pelo menos 1/3 da superfície total das fachadas externas, e pelo menos 50% destas áreas abertas situadas em duas fachadas opostas.

Os mezaninos com área menor ou igual a 750 m², cuja estrutura seja independente da estrutura principal do edifício ou que não causem o seu colapso.

As escadas e rampas abertas, internas ou externas, desde que não possuam materiais combustíveis em acabamentos, em revestimentos ou incorporados em suas estruturas.

4.2 Coberturas estruturadas com aço

As coberturas dos edifícios destinados a depósitos, indústrias, ginásios esportivos e supermercados são projetadas para vencer grandes vãos, de forma a permitir espaços internos livres, sem pilares que não interfiram nas atividades, processos industriais e movimentação de equipamentos. As suas estruturas são dimensionadas para suportarem o peso próprio, as telhas e tapamentos laterais leves, baixa sobrecarga e vento, resultando em elementos estruturais muito esbeltos.

Nos sistemas estruturais de aço, um elemento depende de outro para manter sua estabilidade. As tesouras principais são travadas pelas terças que funcionam como escoras, contra-tesouras ou mãos francesas. As terças são apoiadas lateralmente por correntes e barras rígidas. Os contraventamentos horizontais situados no plano da cobertura garantem a estabilidade da própria cobertura e contribuem para a estabilidade da edificação como um todo.

Todos esses elementos costumam apresentar alto fator de massividade (razão entre área exposta ao incêndio e o volume do elemento estrutural), ou seja, são formados por paredes esbeltas, significa que sua elevação de temperatura é quase simultânea à temperatura dos gases quentes. Dessa forma, podem atingir altas temperaturas rapidamente, deformarem, perderem a capacidade de resistir aos esforços solicitantes e de cumprirem a finalidade de travar outros elementos.

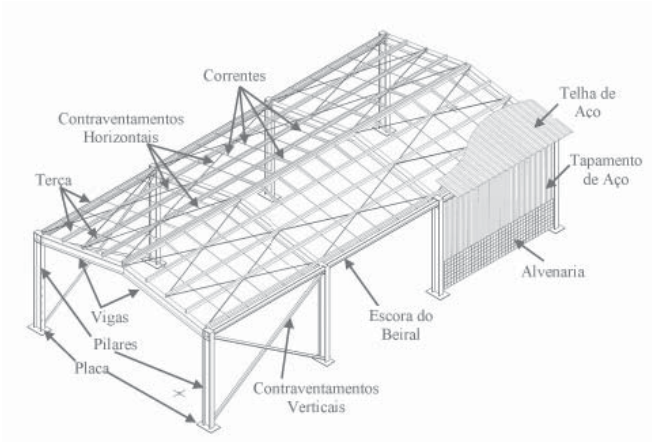

Figura 4.7 – Desenho esquemático identificando os elementos estruturais

Os incêndios em depósitos de materiais combustíveis (papel, plástico, tecido, tinta, etc.), com altas cargas de incêndio atingem elevadas temperaturas e podem ter longa duração.

A Figura 4.8 apresenta curvas de variação da temperatura com o tempo, dos gases em incêndios reais, para diversos graus de ventilação (área total de aberturas verticais e a área de piso), admitindo-se uma carga de incêndio (relação entre o potencial calorífico do material combustível e a área de piso) similar àquelas geralmente encontradas em depósitos.

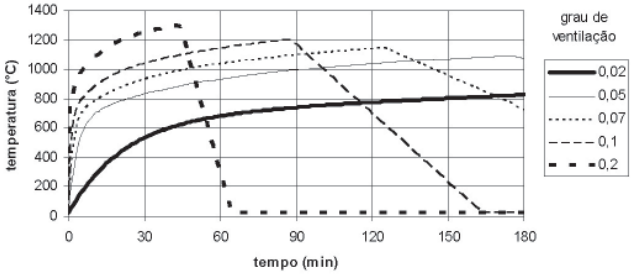

Figura 4.8 – Curvas de Incêndio Natural.

Nessas condições, os incêndios podem ser extremamente severos e o combate ao fogo torna-se praticamente impossível. As estruturas não resistem à ação térmica dessa magnitude e entram em colapso.

No que se refere à segurança estrutural, tanto a ABNT NBR 14432:2000 – Exigências de resistência ao fogo de elementos constru-

tivos de edificações – Procedimento, como a Instrução Técnica 08/2004 CB/SP – Segurança Estrutural nas Edificações orientam os projetistas na concepção e cálculo das coberturas em situação de incêndio.

O item 10.1 da NBR 14432 prescreve que "os elementos estruturais de cobertura, cujo colapso não comprometa a estabilidade da estrutura principal, a critério do responsável técnico pelo projeto estrutural, estão isentos de requisitos de resistência ao fogo. A isenção não se aplica às coberturas que tenham função de piso, mesmo que seja apenas para saída de emergência".

O item 10.2 complementa: "Entende-se por elementos estruturais de cobertura exclusivamente aquelas peças estruturais que têm por função básica suportá-la, tais como tesouras, vigas de cobertura, terças etc., além das lajes e contraventamentos no plano da cobertura, não incluindo outros elementos tais como pilares e contraventamentos verticais".

No entanto, esses dois itens não proporcionam aos projetistas, especialmente àqueles que não estão familiarizados com as questões do incêndio, um entendimento claro do que seja "não comprometer a estabilidade da estrutura principal". Os autores sugerem a interpretação apresentada a seguir.

As coberturas das edificações que não estão relacionadas como isentas, estarão isentas quando:

1. Não tiverem função de piso, para rota de fuga dos usuários do edifício;

2. O seu colapso estrutural não comprometer a estabilidade das paredes externas, quando essas forem essenciais para evitar a propagação do fogo para edificações vizinhas;

3.O seu colapso estrutural não provocar o colapso progressivo dos pavimentos abaixo.

A edificação que representar risco à vida humana, às edificações adjacentes e à infra-estrutura pública, não sendo considerada isenta da resistência ao fogo, deverá ser projetada de tal forma que as paredes externas e de compartimentação permaneçam estáveis na situação de incêndio, mesmo que haja o eventual colapso da cobertura.

Uma edificação térrea, de classe P1, com $h \leq 6{,}0m$, que não possuir as condições para isenção, deve atender ao tempo requerido de resistência ao fogo de 30 ou 60 minutos, conforme tabela A1, da NBR 14432:2000. Isso significa que os elementos estruturais de sustentação da cobertura (basicamente os pilares), devam ser projetados e dimensionados de tal forma que permaneçam estáveis, assegurando a estabilidade das paredes externas e de compartimentação.

No caso de edifícios de múltiplos pavimentos, cuja cobertura seja constituída por vigas e lajes, é necessário avaliar se o seu eventual colapso não atinge as demais lajes dos pavimentos inferiores, levando a um colapso progressivo.

4.3 Estruturas Enclausuradas

Os elementos estruturais enclausurados estarão livres da ação do incêndio desde que o enclausuramento tenha o TRRF no mínimo igual ao que seria exigido para o elemento encapsulado considerado.

São exemplos, os pilares e vigas enclausuradas em alvenaria (figuras 4.9 e 4.10) e elementos dentro dos núcleos enclausurados de edifícios (figura 4.11).

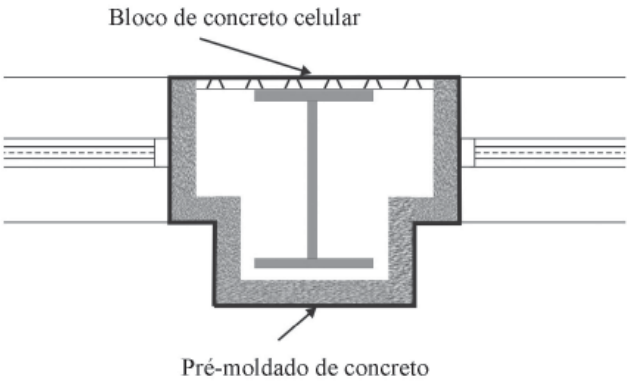

Figura 4.9 Pilar de fachada com elemento pré-moldado.

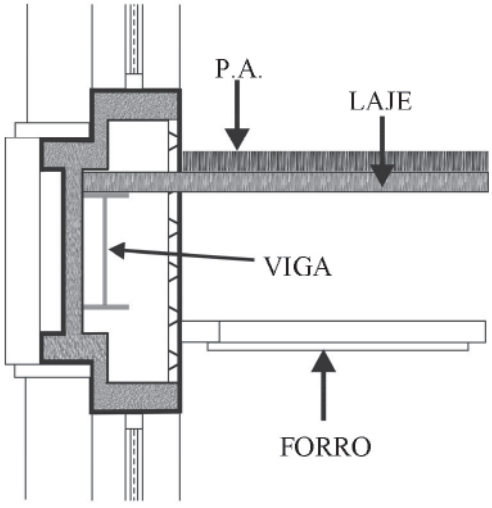

Figura 4.10 Viga de borda com elemento pré-moldado.

Figura 4.11 Escadas enclausuradas de um edifício.

Não há necessidade de qualquer tipo de revestimento contra fogo para as estruturas de aço das escadas enclausuradas, uma vez que elas não podem ser submetidas a altas temperaturas, pois haverá trânsito de pessoas durante um incêndio.

4.4 Estruturas integradas a alvenarias e lajes de concreto

As estruturas de aço em edifícios são normalmente ligadas a outros elementos estruturais (concreto) ou elementos construtivos (alvenaria) (Figuras 4.12 e 4.13). Pela cuidadosa integração dos elementos de aço com os elementos adjacentes, pode-se obter o aumento da resistência ao fogo. Em alguns casos, dependendo do cálculo da estrutura em incêndio, conforme ABNT NBR 14323:1999, até eliminar o revestimento contra fogo.

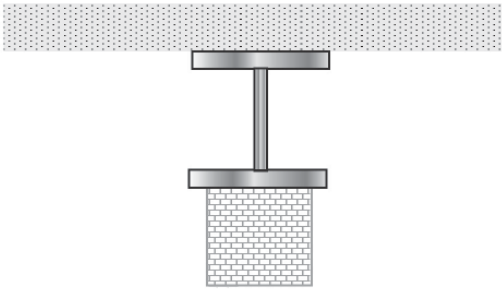

Figura 4.12 - viga de aço com laje de concreto e sobre alvenaria (corte)

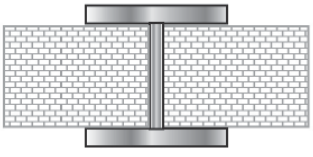

Figura 4.12 - viga de aço com laje de concreto e sobre alvenaria (corte)

Elementos de aço, mesmo que apenas parcialmente protegidos pelos elementos mais robustos, sofrem redução da taxa de absorção de calor, devido à menor área de exposição. Consequentemente, aumentará o tempo para atingir a temperatura de colapso. Além disso, se a região aquecida, com menor resistência, atingir a plasticidade, os esforços serão redistribuídos para a região fria a qual ainda conserva resistência. Nesse caso, a verificação da necessidade ou não de revestimento demandará um cálculo estrutural.

As propriedades naturais de isolamento dos blocos de concreto ou de tijolos cerâmicos restringem o aumento da temperatura do aço protegido durante o incêndio, permitindo assim que a parte exposta resista a temperaturas mais altas, aumentando a resistência ao fogo de um pilar com parte de seus perfis embutidos na parede de blocos de concreto ou de tijolos cerâmicos, como mostra a Figura 4.14.

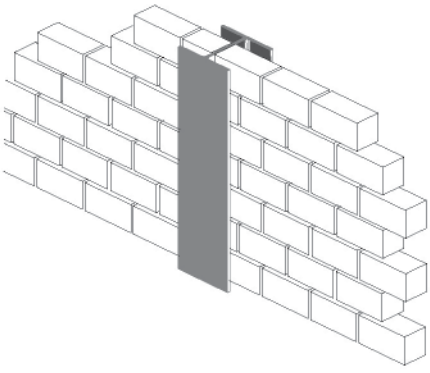

Figura 4.14 Pilar em parede

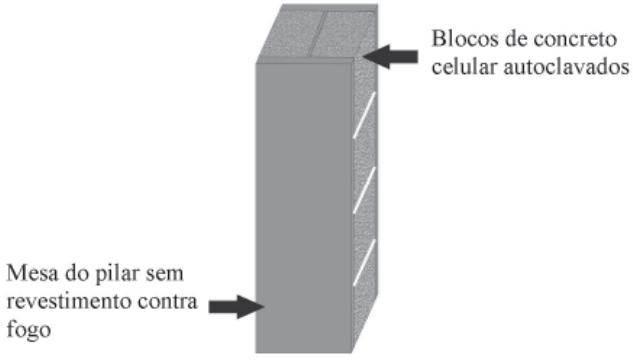

Figura 4.15 Pilar com Bloco

Projetos que usam concepções de elementos estruturais integrados assumiram grande importância nas técnicas suecas de edifícios em aço durante os anos 80. Adicionalmente, novos perfis de aço foram desenvolvidos visando maiores benefícios em projetos estruturais integrados. Técnicas similares foram desenvolvidas em outros países da Europa (IISI, 1993).

Uma solução interessante é o projeto de vigas parcialmente protegidas do fogo pela própria laje que elas sustentam.

A Figura 4.16 mostra o sistema de cantoneira de apoio da laje, frequentemente usado no Reino Unido para reduzir a altura da viga e assim aumentar a altura do pé-direito do pavimento. Com a escolha adequada das dimensões da viga e da espessura da laje de concreto, esse tipo de sistema pode atingir um tempo de resistência ao fogo de 60 minutos.

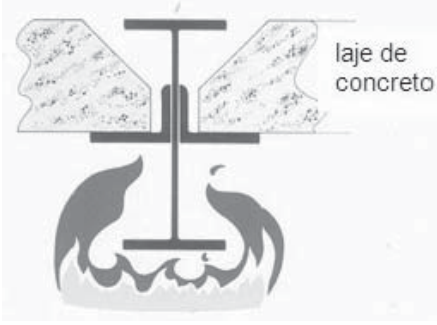

Figura 4.16 Sistema de cantoneira de apoio da laje

Outra solução, apresentada na Figura 4.17, pode ser obtida soldando uma chapa de aço na mesa inferior de um perfil de aço. A laje de concreto se apóia na chapa de aço e protege a maior parte da viga da exposição ao fogo. A resistência ao fogo desse sistema varia em função da espessura da chapa de aço ou pela aplicação de uma camada fina de tinta intumescente (BS, 1995).

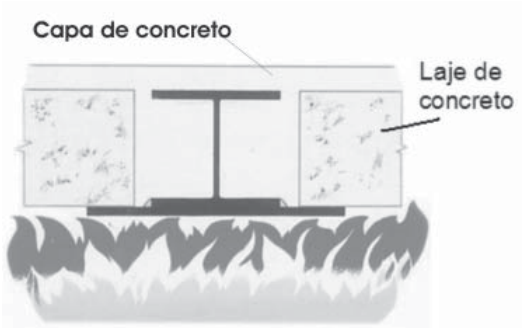

Figura 4.17 Piso tipo “slim floor”

No Reino Unido é utilizado o mesmo tipo de sistema para laje mista “steel deck”, com altura de onda próxima à altura da viga (Figura 4.18).

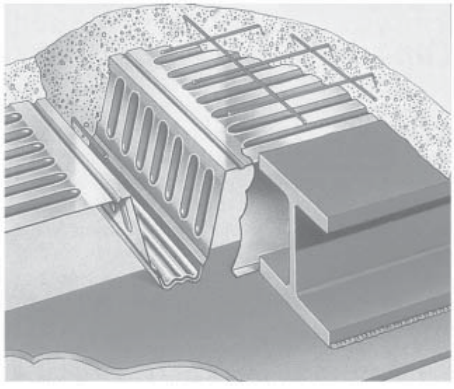

Figura 4.18 Piso tipo “slim deck”

4.5 Estruturas mistas de aço e concreto

4.5.1 Lajes mistas

As lajes mistas aço e concreto são lajes de concreto moldado in-loco, que usam uma fôrma de aço que atua, ao mesmo tempo, como fôrma e como armadura inferior (positiva) da laje. A aderência ao concreto para que a fôrma possa exercer a função de armadura é garantida pelas mossas (fig. 4.19).

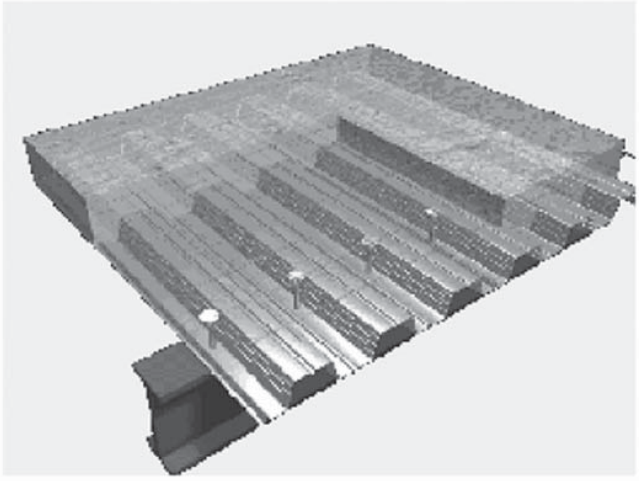

Figura 4.19: Mossas na armadura de laje mista.

Em situação de incêndio, as lajes de concreto com forma de aço incorporada, sem revestimento contra fogo, calculadas adequadamente à temperatura ambiente, possuem uma resistência inerente de no mínimo 30 min, desde que a espessura média de concreto, da capa e da onda baixa, seja superior a 60 mm. Para tempos maiores de resistência a fogo, a espessura de concreto acima da fôrma deve respeitar a tabela 4.1 Caso esses valores não possam ser seguidos, é possível proceder-se a um cálculo estrutural mais refinado, reduzindo-se a espessura de concreto, a custa de armadura adicional.

Alternativamente, a resistência ao fogo do conjunto pode ser obtida por meio de revestimento da fôrma, mas, o mais frequente é a verificação estrutural em situação de incêndio, eliminando a necessidade de revestimento.

Tabela 4.1: Espessura mínima do concreto acima da fôrma de aço (ABNT NBR 14323:1999)

Tempo requerido de resistência ao fogo (min)	Espessura mínima do concreto (mm)	
	Densidade normal	*Baixa densidade*
60	90	65
90	100	75
120	110	85

4.5.2 Pilares mistos

Pilares mistos de aço e concreto são aqueles em que os dois materiais são dimensionados para resistir ao carregamento. O aço colabora devido à alta resistência mecânica e o concreto, robusto, mas com resistência limitada, colabora para a estabilidade do conjunto. São previstos três tipos de pilares mistos: totalmente envolvidos por concreto, parcialmente envolvidos por concreto e tubulares preenchidos com concreto.

4.5.2.1 Pilares mistos totalmente envolvidos por concreto

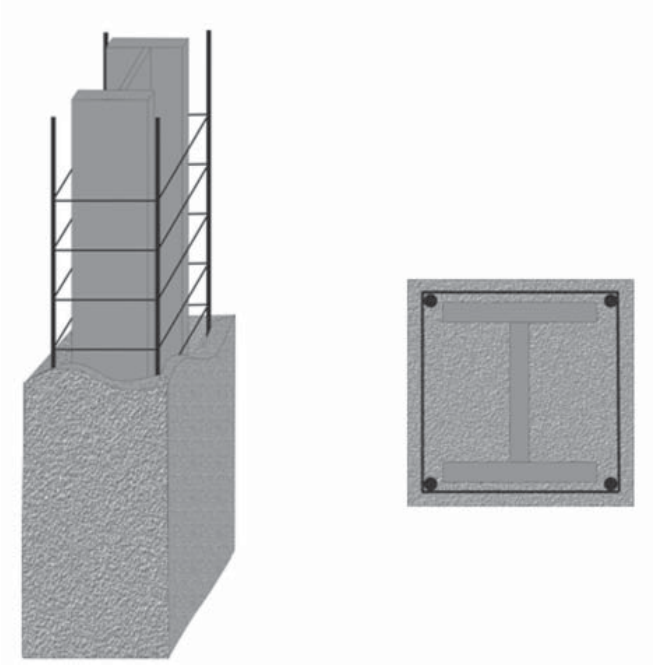

Figura 4.20 Pilar totalmente envolvido por concreto.

Neste caso, para que o pilar dimensionado à temperatura ambiente tenha resistência suficiente à temperatura elevada, é necessário apenas respeitar certas dimensões mínimas da seção de concreto e distâncias mínimas entre perfil de aço e face externa do concreto, em função do TRRF. Por exemplo, para TRRF de 30 min, a menor dimensão deve ser de 150 mm e as distâncias mínimas entre perfil e armadura e face externa do concreto devem ser 40 mm e 20 mm respectivamente (ABNT NBR 14323:1999). Para TRRF de 90 min, ou seja, para edifícios mais altos, a menor dimensão deve ser de 300 mm e as distâncias mínimas entre perfil e armadura e face externa do concreto devem ser 75 mm e 40 mm, respectivamente. Esses valores, geralmente, são fáceis de serem conseguidos na prática.

4.5.2.2 Pilares mistos parcialmente revestidos por concreto

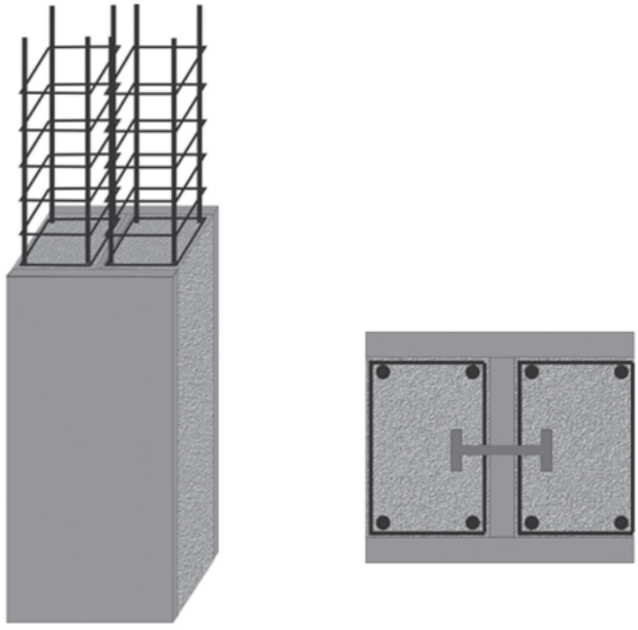

Figura 4.21 Pilar parcialmente revestido por concreto.

A fim de respeitar as exigências de resistência ao fogo, este pilar deve seguir (da mesma forma que os pilares totalmente revestidos), valores mínimos de dimensões e cobrimentos. Caso, por razões arquitetônicas, esses valores não possam ser seguidos, é possível proceder-se a um cálculo estrutural mais refinado para se definir a necessidade ou não de revestimento contra fogo. Quando o concreto não tiver função estrutural, este tipo de pilar misto tem resistência ao fogo de 30 min.

4.5.2.3 Pilares mistos tubulares preenchidos por concreto

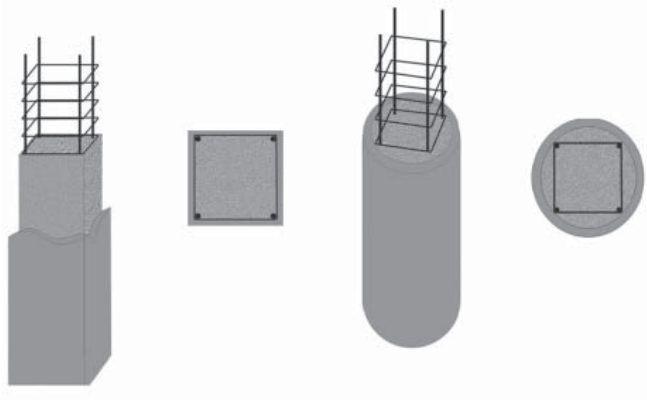

Figura 4.22 Pilares tubulares revestidos por concreto.

A fim de respeitar as exigências de resistência ao fogo, este pilar deve obedecer (da mesma forma que os anteriores), os valores mínimos de dimensões e cobrimentos. Caso, por razões arquitetônicas, esses valores não possam ser seguidos, é possível proceder-se a um cálculo estrutural mais refinado para se definir a necessidade ou não de revestimento contra fogo.

4.5.3 Vigas mistas

Viga mista de aço e concreto é aquela em que ambos os materiais trabalham para resistir ao carregamento que causa flexão na viga. A laje de concreto, que se apóia na viga, colabora resistindo a tensões de compressão, enquanto a viga de aço resiste tanto a tensões de tração quanto às de compressão, essas últimas aliviadas devido à colaboração do concreto. A fim de que ambos os materiais trabalhem em conjunto é necessário instalar conectores para interligá-los.

Em incêndio, a presença da laje, elemento robusto, faz com que a mesa superior da viga de aço não se aqueça muito e, portanto, a temperatura média no aço será reduzida, aumentando a resistência ao fogo do conjunto. Para edifícios de menor risco, em que o TRRF seja de 30 min, é possível, em algumas situações, demonstrar por meio de cálculo estrutural que o revestimento pode ser dispensado (ABNT NBR 14323:1999). É importante ressaltar que para esses casos, o dimensionamento à temperatura ambiente já deve considerar as exigências de resistência ao fogo.

Pisos formados por lajes e vigas mistas, projetadas adequadamente, podem dispensar o revestimento contra fogo das vigas secundárias, mesmo para edifícios mais altos e, portanto, com TRRF maiores.

Deve ser ressaltado que a eliminação do revestimento não é automática. A laje deve ser calculada a fim de permitir a formação de uma “membrana”; as vigas principais devem ser verificadas para um carregamento adicional e o leiaute estrutural deve ser bem concebido.

4.6 Estruturas externas

Muitos edifícios modernos são construídos com estrutura de aço externa à fachada. Nessas condições, a estrutura externa é aquecida apenas pelas chamas que emanam da janela ou outras aberturas da fachada do edifício.

Figura 4.23 - Teatro Paulínia-SP (Foto: Mauri Vargas)

As estruturas de aço, afastadas externamente das fachadas dos edifícios, estarão sujeitas à maior ou menor ação térmica, dependendo do posicionamento dos seus elementos estruturais em relação às janelas ou aberturas. É possível que esses elementos estruturais possam dispensar o revestimento contra fogo, mantendo a necessária segurança.

A posição da estrutura externa pode ser determinada por meio de um método descrito na norma européia Eurocode1 que permite calcular a temperatura nos elementos estruturais, levando em consideração a carga de incêndio, a ventilação, as características dos ambientes e o efeito potencial do vento.

Deve-se comparar a temperatura calculada com a temperatura critica do elemento estrutural obtida em conformidade com a NBR 14323, se o Θ_a for maior do que o $\Theta_{aço}$ não é necessário o uso de revestimento contra fogo. Note-se que não é usado o TRRF, somente as temperaturas são consideradas.

4.6.1 Posicionamento de pilares e vigas

Nas tabelas 4.2 a 4.4 são apresentados os resultados dos cálculos elaborados para dois tipos de edificações: uma escola (Figura 4.24) e um edifício de escritórios (Figura 4.25) contendo um núcleo com carga de incêndio muito baixa (escadas, elevador, etc.) e para três perfis de pilares nas situações 1 e 2 (Figuras 4.26 e 4.27, respectivamente) e três perfis de vigas na situação 3 (Figura 4.28).

Esses resultados foram obtidos por procedimentos analíticos, com as cargas de incêndio específicas de cálculo iguais a 300 MJ/m^2 e 700 MJ/m^2 (valores típicos para escolas e escritórios, respectivamente).

O Decreto Estadual n° 46.076/01 do Estado de São Paulo, na Instrução Técnica N° 08/2004 recomenda que a temperatura crítica do aço seja adotada como um valor máximo de 550°C para aços convencionais (aços sem resistência ao fogo melhorada) ou calculada para cada elemento estrutural de acordo com a norma NBR 14323. Nas tabelas apresentadas, limitou-se a temperatura máxima admissível a 550°C. Outras distâncias podem ser adotadas desde que a temperatura crítica seja adequadamente calculada. Para a situação 2, admitiu-se que não há transferência de calor da mesa revestida às demais partes do perfil. Para a situação 3, admitiu-se que as partes do perfil em contato com a laje e voltadas para a parede, não são aquecidas diretamente pelo incêndio.

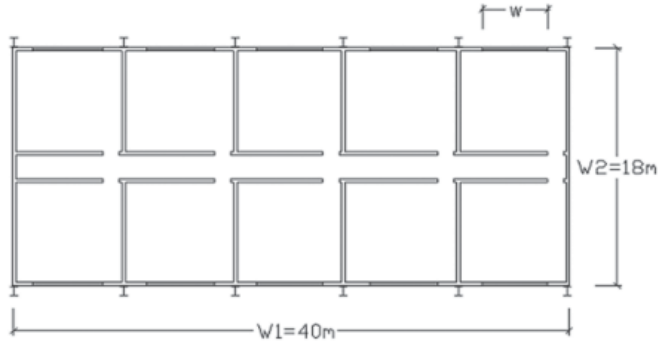

Figura 4.24 Planta do pavimento tipo de escola.

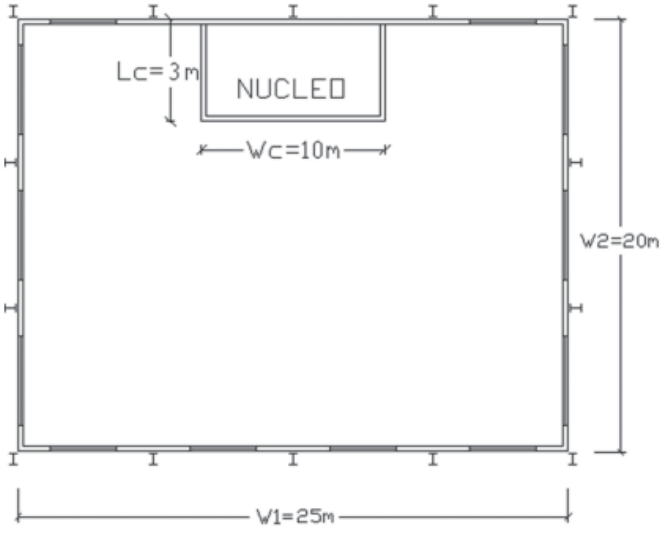

Figura 4.25 Planta do pavimento tipo de um edifício de escritório.

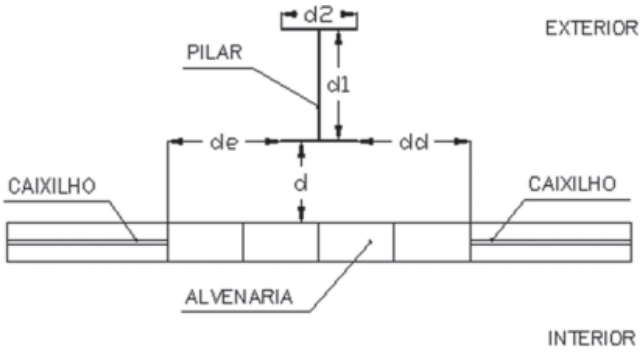

Figura 4.26 Posição do pilar em relação à parede e às janelas mais próximas do compartimento em chamas na situação 1.

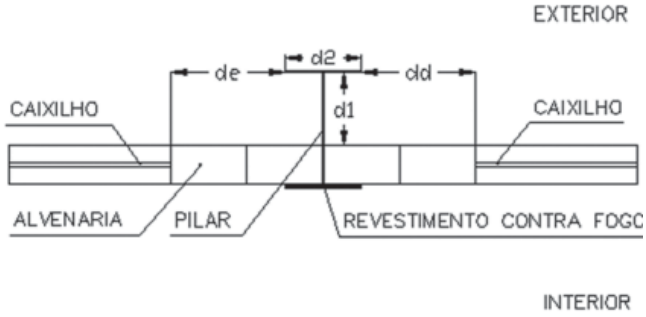

Figura 4.27 Posição do pilar em relação à parede e às janelas mais próximas do compartimento em chamas na situação 2.

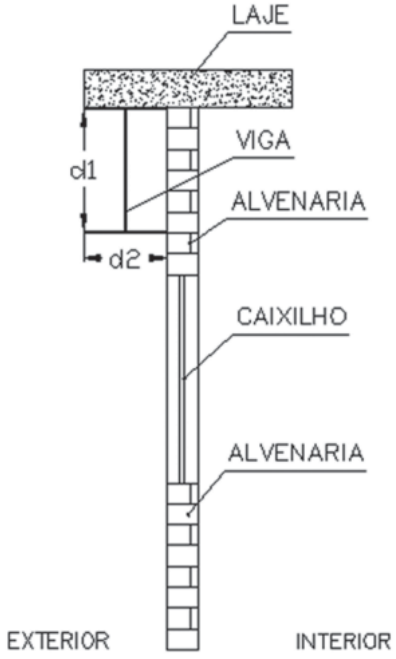

Figura 4.28 Posição da viga em relação à parede e às janelas mais próximas do compartimento em chamas na situação 3.

Tabela 4.2 Posicionamento adequado de pilares - situação 1. (AZEVEDO, 2009)

Situação 1		W_1 [m]	W_2 [m]	H [m]	h [m]	w [m]	w_1 [m]	w_i [m]	$d_e=d_d$ [m]	d [m]	d_1 [m]	d_2 [m]	n [ ]	m [ ]
ESCOLA (qfi = 300 MJ/m²)	I 300 x 200	40	18	3	1.50	6.60	33.00	33.00	0.60	0.00	0.300	0.200	2	3
		40	18	3	1.50	6.40	32.00	32.00	0.70	0.00	0.300	0.200	2	3
		40	18	3	1.50	5.80	29.00	29.00	1.00	0.50	0.300	0.200	2	3
		40	18	3	1.50	5.60	28.00	28.00	1.10	0.50	0.300	0.200	2	3
	I 250 x 170	40	18	3	1.50	6.83	34.15	34.15	0.50	0.00	0.250	0.170	2	3
		40	18	3	1.50	6.63	33.15	33.15	0.60	0.00	0.250	0.170	2	3
		40	18	3	1.50	6.03	30.15	30.15	0.90	0.50	0.250	0.170	2	3
	I 200 x 130	40	18	3	1.50	6.87	34.35	34.35	0.50	0.00	0.200	0.130	2	3
		40	18	3	1.50	6.07	30.35	30.35	0.90	0.50	0.200	0.130	2	3
ESCRITÓRIO (qfi = 700 MJ/m²)	I 300 x 200	25	20	3	1.50	4.45	17.80	18.63	0.80	0.00	0.300	0.200	2	2
		25	20	3	1.50	4.05	16.20	17.03	1.00	0.50	0.300	0.200	2	2
		25	20	3	1.50	3.85	15.40	16.23	1.10	0.50	0.300	0.200	2	2
	I 250 x 170	25	20	3	1.50	4.68	18.72	19.55	0.70	0.00	0.250	0.170	2	2
		25	20	3	1.50	4.08	16.32	17.15	1.00	0.50	0.250	0.170	2	2
	I 200 x 130	25	20	3	1.50	4.92	19.68	20.51	0.60	0.00	0.200	0.130	2	2
		25	20	3	1.50	4.12	16.48	17.31	1.00	0.50	0.200	0.130	2	2
		25	20	3	1.50	3.92	15.68	16.51	1.10	0.50	0.200	0.130	2	2

Tabela 4.3 Posicionamento adequado de pilares - situação 2. (AZEVEDO, 2009)

Situação 2		W_1 [m]	W_2 [m]	H [m]	h [m]	w [m]	w_1 [m]	w_i [m]	$d_e=d_d$ [m]	d_1 [m]	d_2 [m]	n [ ]	m [ ]
ESCOLA (qfi = 300 MJ/m²)	I 300 x 200	40	18	3	1.50	7.00	35.00	35.00	0.40	0.150	0.200	2	3
	I 250 x 170	40	18	3	1.50	7.23	36.15	36.15	0.30	0.100	0.170	2	3
		40	18	3	1.50	7.03	35.15	35.15	0.40	0.100	0.170	2	3
	I 200 x 130	40	18	3	1.50	7.27	36.35	36.35	0.30	0.050	0.130	2	3
ESCRITORIO (qfi = 700 MJ/m²)	I 300 x 200	25	20	3	1.50	5.05	20.20	21.03	0.50	0.150	0.200	2	2
		25	20	3	1.50	4.85	19.40	20.23	0.60	0.150	0.200	2	2
	I 250 x 170	25	20	3	1.50	5.08	20.32	21.15	0.50	0.100	0.170	2	2
	I 200 x 130	25	20	3	1.50	5.32	21.28	22.11	0.40	0.050	0.130	2	2

Tabela 4.4 Posicionamento adequado de vigas -situação 3. (AZEVEDO, 2009)

Situação 3		W_1 [m]	W_2 [m]	H [m]	h [m]	w [m]	w_1 [m]	w_i [m]	d_1 [m]	d_2 [m]	d_v [m]
ESCOLA (qfi = 300 MJ/m²)	I 400 x 200	40	18	3	1.50	6.75	33.75	33.75	0.200	0.400	0.10
		40	18	3	1.50	6.75	33.75	33.75	0.200	0.400	0.50
	I 350 x 175	40	18	3	1.50	6.75	33.75	33.75	0.175	0.350	0.10
	I 300 x 150	40	18	3	1.50	6.75	33.75	33.75	0.150	0.300	0.10
ESCRITORIO (qfi = 700 MJ/m²)	I 400 x 200	30	25	3	1.50	6.25	25.00	26.67	0.200	0.400	0.20
	I 350 x 175	30	25	3	1.50	6.25	25.00	26.67	0.175	0.350	0.20
	I 300 x 150	30	25	3	1.50	6.25	25.00	26.67	0.150	0.300	0.20

Onde:

W_1 = Largura da parede que contém as janelas;
W_2 = Profundidade do compartimento;
H = Altura do compartimento;
Lc = Profundidade do núcleo
Wc = Largura do núcleo
h = Altura da janela;
w = Largura de uma janela; (aquela que tem maior influência)
w_1 = Largura total das janelas da parede 1;
w_i = Largura total das demais janelas;
d_e = Distância do pilar à janela esquerda;
d_d = Distância do pilar à janela direita;
d = Distância do pilar à parede;
d_1 = Comprimento da face do pilar perpendicular à parede;
d_2 = Comprimento da face do pilar paralela à parede;
n = Quantidade de janelas à direita do pilar;
m = Quantidade de janelas à esquerda do pilar;
qfi = Carga de incêndio específica
Θa = Temperatura do pilar
a = Distância segura do pilar à borda da janela (esquerda ou direita)
d_v = Distância segura da viga em relação ao topo da janela.

Capítulo 5

Estruturas de aço com revestimento contra fogo

Quando não for possível verificar a segurança contra incêndio apenas com o emprego das técnicas descritas no capítulo anterior, torna-se necessário o emprego de revestimentos contra fogo a fim de impedir o aumento excessivo da temperatura das estruturas de aço em situação de incêndio.

Em termos gerais, os materiais de revestimento contra fogo devem apresentar:

- baixa massa específica aparente;
- baixa condutividade térmica;
- alto calor específico;
- adequada resistência mecânica (quando expostos a impactos);
- garantia de integridade durante a evolução do incêndio;
- custo compatível.

5.1. Revestimentos disponíveis

Os tipos de revestimento contra fogo mais empregados na construção civil brasileira são apresentados a seguir.

5.1.1. Argamassas Projetadas

As argamassas projetadas contendo fibras consistem de agregados, fibras minerais e aglomerantes (por exemplo, cimento Portland). São aplicadas sob baixa pressão por meio de uma mangueira até a pistola, onde é misturada com água nebulizada e jateada diretamente na superfície do aço. Resulta numa superfície rugosa, mais apropriada para elementos acima de forros ou ambientes menos exigentes.

As argamassas projetadas cimentícias (não confundir com o elemento de vedação placa cimentícia) consistem de agregados e aglomerantes misturados com água, formando uma massa fluida, que é transportada por meio de uma mangueira até a pistola, onde o ar comprimido faz o jateamento diretamente na superfície do aço. Resultam numa superfície rugosa, mais apropriada para aplicação em estruturas não aparentes. Apresentam baixa resistência mecânica e à umidade, sendo indicadas para ambientes menos agressivos. Geralmente é constituída de gesso ou vermiculita, cimento, resinas acrílicas e cargas inertes, tais como poliestireno expandido e celulose.

As argamassas projetadas devem trabalhar monoliticamente com a estrutura e acompanhar seus movimentos sem que ocorram fissuras ou desprendimento, formando um revestimento homogêneo e contínuo que penetre em todos os cantos ou reentrâncias da estrutura. Não podem conter amianto ou outro material agressivo à saúde dos usuários do edifício, nem apresentar desprendimento por ressecamento superficial ou por ação de correntes de ar, para não contaminar o ambiente.

Devem atender às normas para os plenos de edifícios para os quais são exigidos ensaios de erosão sob correntes de ar com velocidade de teste de 24 km/h, sem que o material apresente perda significativa de massa após 4 horas de testes. Qualquer produto de proteção que sofra perda de material decorrente de erosão causada por correntes de ar terá, com o tempo, sua espessura reduzida e conseqüentemente uma redução na proteção.

Sua durabilidade deverá ser a mesma da estrutura, dispensando manutenção e possibilitando facilidade para reparos manuais, garantindo perfeita aderência entre camadas sucessivas no caso de eventuais danos causados pelas demais atividades da obra.

Não devem ser higroscópicas e o aço deverá ficar livre de umidade, tornando desnecessário o uso de “primers” ou outros sistemas contra corrosão para estruturas internas.

Precisam apresentar índice zero de combustibilidade e propagação de chamas.

Não devem conter espaços vazios, impedindo que insetos se instalem em seu interior. Sua formulação com fungicidas e bactericidas tem que estabilizar seus componentes não permitindo a proliferação de fungos e bactérias em seu interior.

Encontram-se no mercado brasileiro diversas marcas de argamassas projetadas cimentícias com propriedades físicas diferentes, inclusive para uso externo.

Um tipo de argamassa, importada dos Estados Unidos, apresenta baixa massa específica (240 kg/m3), é atóxica e aplicada por projeção diretamente sobre a estrutura, dispensando o uso de pinos ou telas para fixação. É composta basicamente por 82% de gesso, 2% de cimento Portland e resinas acrílicas, não existindo nenhum tipo de reação química após sua aplicação ou mesmo quando exposto a altas temperaturas.

Figura 5.1 Aplicação de argamassa projetada “cimentitious” - Fonte: Grace do Brasil

Existe a argamassa projetada nacional, composta basicamente de vermiculita expandida, gesso, aglomerantes hidráulicos, resinas acrílicas, fibras de celulose e partículas de poliestireno, que adicionada de água, torna-se uma argamassa de proteção térmica. Apresenta densidade de 300 kg/m³.

É aplicada por jateamento ou com o uso de espátulas, não sendo necessário o uso de telas ou pinos para aderência à superfície metálica.

.

As argamassas projetadas apresentam textura rugosa de aspecto final rústico, no entanto, constituem-se no sistema de revestimento contra fogo mais econômico e mais indicado para vigas não-aparentes como é o caso de vigas sobre forros (Figura 5.4). Portanto, a redução substancial do custo do revestimento contra fogo pode ser obtida por meio da colocação de forro falso.

Figura 5.4 Vigas com revestimento contra fogo ocultadas por forro.

5.1.2 Placas Rígidas

Elementos pré-fabricados fixados na estrutura por meio de pinos ou perfis leves de aço, proporcionando diversas possibilidades de acabamento. Geralmente são compostas por materiais fibrosos ou vermiculita ou gesso ou combinação desses materiais.

As placas de gesso acartonado são constituídas de um núcleo de gesso natural, misturado com água e aditivos, revestido por 2 lâminas de cartão duplex. Com a adição de fibras minerais à mistura do núcleo são obtidas as placas de gesso acartonado resistentes ao fogo (Figura 5.5).

As placas de lã de rocha são painéis feitos com materiais fibrosos, em geral aglomerados por pulverização de resinas termo-endurecíveis. A lã de rocha é obtida da fusão da rocha de origem basáltica.

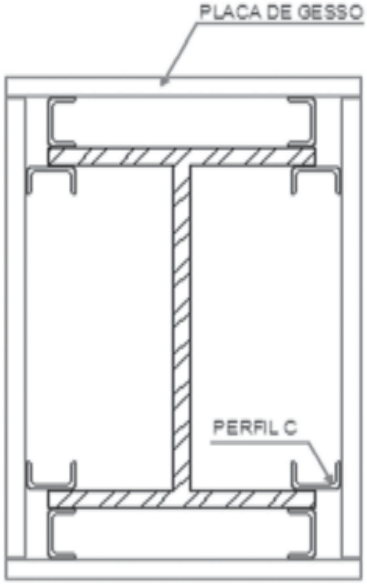

Figura 5.5 Pilar revestido com placas de gesso tipo resistente ao fogo.

5.1.3. Pintura Intumescente

Constituída por polímeros com substâncias diversas intumescentes, que reagem na presença de fogo, em geral, a partir de 200ºC, aumentando seu volume. Os poros resultantes são preenchidos por gases atóxicos que, junto com resinas especiais que constituem as tintas, formam uma espuma carbonácea rígida na superfície do aço, retardando o efeito do calor da chama.

A pintura intumescente é uma película fina que intumesce (aumenta de volume), quando sujeita à ação do calor e forma uma camada de proteção térmica no aço. É aplicada por meios convencionais, pistola ou rolo, diretamente sobre a superfície de aço, convenientemente preparada. Em seu esquema de pintura deve ser prevista a aplicação de tinta de fundo (primer) e de acabamento (top seal) compatíveis, de modo a obter textura, aparência e cores similares às pinturas convencionais.

Devem ser removidas todas as substâncias estranhas como carepa de laminação, ferrugem antiga, mediante abrasivos de natureza metálica (granalha de aço), impelidos por ar comprimido, por meio de bico apropriado, isto é por jateamento abrasivo.

O jato abrasivo não remove óleos, graxas e gorduras da superfície do aço. Por isso, esses materiais devem ser eliminados antes de qualquer operação de jateamento.

O sistema consiste, além do primer compatível, de mais dois produtos: a pintura intumescente, que oferece a característica intumescente, de proteção térmica e a tinta de acabamento que oferece efeito decorativo, na cor especificada.

5.1.4 Combinação de tipos de revestimentos contra fogo.

Nas Figuras 5.6 a 5.9 são mostrados alguns tipos de combinações de revestimento que podem ser empregados.

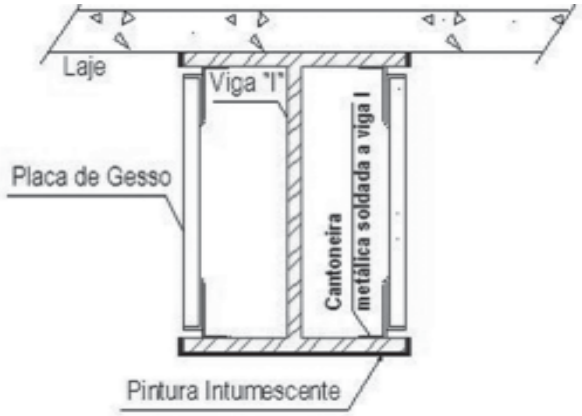

Figura 5.6 Detalhe de placa de gesso com pintura intumescente.

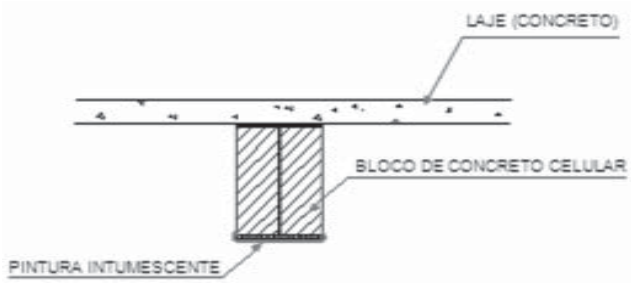

Figura 5.7 Detalhe do bloco de concreto celular autoclavado-com pintura intumescente

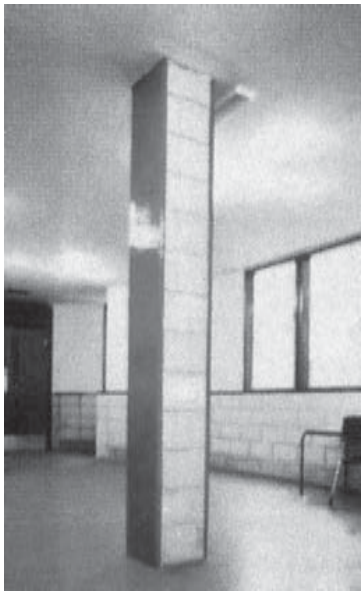

Figura 5.8: Detalhe de pilar preenchido com alvenaria e pintura intumescente nas mesas

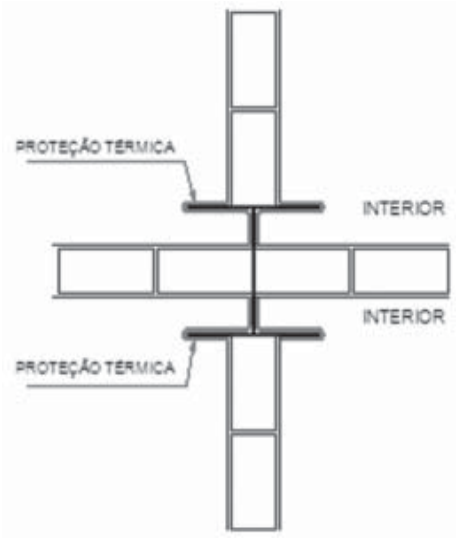

Figura 5.09 Detalhe da alvenaria com revestimento contra fogo (argamassa projetada)

5.2 Espessuras do material de revestimento

O dimensionamento das espessuras do material de revestimento pode ser feito por meio de métodos numéricos ou analíticos empregando-se computadores. Para o uso desses métodos é necessário conhecer-se as propriedades físicas e térmicas dos produtos, tais como: densidade, condutividade térmica e calor específico, em função da temperatura.

Outra maneira mais prática de se encontrar as espessuras é o uso direto de métodos experimentais. Elementos de aço com diversas dimensões e revestidos por diferentes espessuras são testados em laboratórios nacional ou estrangeiro. Como resultado, tem-se tabelas, denominadas de carta de cobertura (Figura 5.10) , que associam o fator de massividade (característica geométrica da seção transversal do perfil) e o TRRF (tempo requerido de resistência ao fogo) à espessura a se empregar.

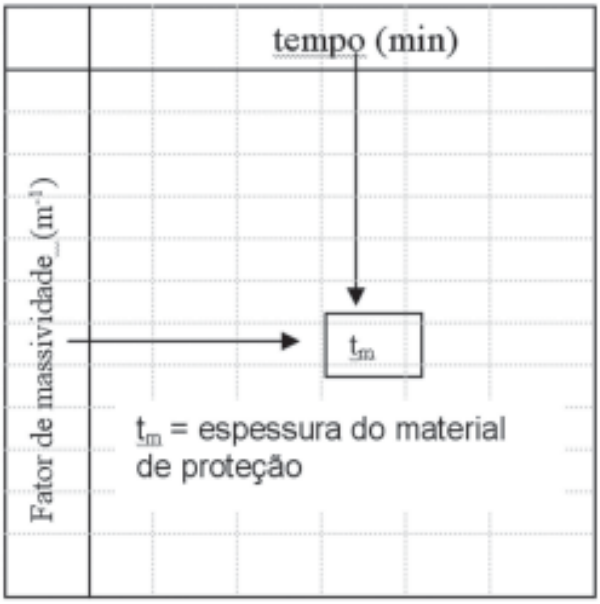

Figura 5.10 - Carta de cobertura para materiais de revestimento contra fogo

Conforme a localização do laboratório a fazer os ensaios, têm-se tabelas brasileiras ou estrangeiras. Os ensaios realizados no Brasil em geral, não permitem encontrar resultados mais econômicos do que os realizados em outros países, em função da tecnologia empregada.

Os resultados de ensaios de materiais estrangeiros mais empregados no Brasil são os realizados pelo laboratório norte-americano UL – Underwriters Laboratory (UL, 2003, Vargas e Silva, 2003), que se baseia na ASTM E-119 (2000), para argamassas projetadas e pelo BRE British Research Establishment para pinturas intumescentes. As normas brasileiras permitem a utilização de resultados de ensaios realizados no exterior. Esse uso, no entanto, deve ser feito com cautela. O material do revestimento a ser efetivamente utilizado no Brasil deve ter sido testado quanto ao seu comportamento ao fogo quando aplicado em perfil de aço, em laboratório idôneo. Os resultados de ensaios somente podem ser utilizados para situações similares àquelas testadas ou outras em que, comprovadamente, sejam favoráveis à segurança.

5.3 Estudo de caso

Considera-se um edifício com 19 pavimentos, destinado a escritórios administrativos, estruturado com aço e concreto. O edifício possui 3 subsolos destinados a estacionamento de veículos. Acima da cobertura encontram-se a casa de máquinas, barrilete, reservatórios de água e heliponto.

Apresentam-se a seguir os passos para se efetuar uma análise da segurança das estruturas em situação de incêndio, objetivando atender as prescrições das Normas Brasileiras NBR 14432 e NBR 14323.

1º passo – Caracterizar a edificação

Determinar qual a ocupação principal, altura da edificação, altura do subsolo, área do pavimento, de acordo com as definições constantes nas normas acima mencionadas.

Para o presente estudo temos o seguinte:

• Ocupação principal: escritório técnico/ administrativo, classificado em “Serviços profissionais e técnicos” - grupo D - Divisão D1 da NBR 14432;

• Altura do subsolo (distância entre o piso do pavimento de menor cota e o piso do pavimento de descarga) = 9,50 m;

• Altura da edificação (distância entre o piso do pavimento de descarga e o piso do último pavimento) = 73 m;

• Área do pavimento tipo = 1020 m².

2º passo – Analisar as condições específicas

O responsável técnico pela segurança estrutural em situação de incêndio deve analisar:

• Os projetos relativos ao sistema de proteção ativa, tais como: hidrantes e chuveiros automáticos, detecção e alarme, e os sistemas de proteção passiva, tais como: compartimentação, revestimentos, saídas de emergência, entre outros.

• As condições de acessibilidade para combate ao fogo que a edificação oferece e a existência e proximidade de posto de atendimento do Corpo de Bombeiros.

• Os materiais incorporados na construção do edifício quanto à sua combustibilidade, de modo que possa certificar que esses, na ocorrência de incêndio, restrinjam a propagação de fogo e o desenvolvimento de fumaça. Referência IT 10/01 “Controle de Materiais de Acabamento e Revestimento” CB/SP.

• A concepção estrutural adotada pelo projeto, os critérios adotados para estabilidade global da estrutura e o dimensionamento dos elementos estruturais (vigas, lajes e pilares).

Essa análise orientará o responsável técnico a estabelecer os critérios para dimensionamento do revestimento contra fogo.

3º passo – Determinar as exigências de resistência ao fogo dos elementos estruturais

• O responsável técnico deve estabelecer inicialmente quais os TRRF (Tempos requeridos de resistência ao fogo) para os diversos elementos estruturais, com base na NBR 14432, utilizando o método tabular ou método do tempo equivalente

Cálculo do TRRF pelo método do Tempo Equivalente:

$$q_{fi} = 700 MJ/m^2$$

$$K = 0{,}07 \min m^2/MJ$$

$$H = 3{,}00 m$$

$$A_v = 180 m^2$$

$$A_f = 1020 m^2$$

$$\gamma_n = 0{,}54$$

$$\gamma_s = 1{,}70$$

$$t_{eq} = q_{fi} \times \gamma_n \times \gamma_s \times K \times W$$

$$W = \left(\frac{6}{3}\right)^{0,3} \times \left[0{,}62 + 90 \times \left(0{,}4 - \frac{180}{1020}\right)^4\right] = 1{,}04$$

$$t_{eq} = 700 \times 0{,}54 \times 1{,}70 \times 0{,}55 \times 1{,}04 = 37 \min$$

Conforme Instrução Técnica 08 do Corpo de Bombeiros/SP – o TRRF com base no não poderá ser menor que o TRRF tabelado reduzido de 30min. Portanto, o TRRF de todos os elementos estruturais (pilares, vigas principais ou secundárias, lajes e contraventamentos) será de 120 min – 30 min, ou seja, 90 min.

4º passo – Seleção do material de revestimento contra fogo e respectivas espessuras

Escolher o material de revestimento contra fogo mais adequado, em função das exigências de arquitetura, prazos de execução e custos, e dimensionar as espessuras. Para o presente estudo, optou-se pelo material argamassa projetada “cimentícia”, tendo as espessuras determinadas conforme o seguinte:

• Pilares e vigas - conforme ensaios realizados em laboratório nacional;

• Contraventamentos – calculados em situação de incêndio conforme NBR 14323, o que permitiu eliminar o revestimento contra fogo;

• Pilares mistos – conforme NBR 14323;

• Lajes com fôrma de aço incorporada - conforme NBR 14323.

5º passo – elaborar planilhas de vigas, pilares e contraventamentos, contendo todos os perfis estruturais, suas características geométricas e as respectivas espessuras de material de proteção térmica.

Tabela 5.1 – Planilha de revestimento contra fogo – vigas

Considerar: i) *TRRF = 90 minutos; ii) material = argamassa projetada "cimentitious"*

Vigas - 5º ao 7º PAVIMENTOS										
PERFIS		d mm	b_{fs} mm	t_{fs} mm	b_{fi} mm	t_{fi} mm	t_w mm	μ/A m^{-1}	esp. mm	OBS.:
V1	VE 400x44	400	200	9,50	200	9,50	4,75	248	33	viga principal
V2	VE 500x61	500	250	9,50	250	9,50	6,35	223	31	viga princioal
V3	VE 300x33	300	150	8,00	150	8,00	6,35	142	24	viga de borda-(3f)
V4	W 360x39	353	128	10,70	128	10,7	6,50	121	22	viga de borda –(3f)
V5	W 530x85	535	166	16,50	166	16,50	10,30	145	25	viga principal
V6	VE 250x27	250	125	8,00	125	8,00	6,35	247	33	viga secundária
V8	W 250x22,3	254	102	6,9	102	6,9	5,8	286	35	viga secundária

- **μ/A: – Fator de massividade da viga;**
- **esp.: – Espessura da argamassa projetada;**
- **d, bfs, tfs, bf, tfi, tw: – Características geométricas das vigas.**

Tabela 5.2 – Planilha de revestimento contra fogo – pilares

Considerar: i) TRRF = 90 minutos; ii) material = argamassa projetada "cimentitiou".

Pilares - 5º ao 7º PAVIMENTOS									
PERFIS	**d** mm	**b_{fs}** mm	**t_{fs}** mm	**b_{fi}** mm	**t_{fi}** mm	**t_w** mm	**μ/A** m^{-1}	**esp** mm	**observações**
CE 200x34	200	200	8.00	200	8.00	6,35	272	34	
CE 250x43	250	250	8,00	250	8,00	6,35	271	34	
CE 300x62	300	300	9,50	300	9,50	8,00	224	31	
HP 200x53	204	207	11,3	207	11,3	11,3	180	28	
HP 250x85	254	260	14,4	260	14,4	14,4	142	24	
HP 310x110	308	310	15,5	310	15,5	15,4	132	23	

- **μ/A: – Fator de massividade da viga;**
- **esp.: – Espessura da argamassa projetada;**
- **d, b_{fs}, t_{fs}, b_f, t_{fi}, t_w: – Características geométricas das vigas.**

6º passo: Explicitar os elementos estruturais livres da ação do incêndio ou confinados, que não necessitem receber material de revestimento contra fogo.

Anexo

A. Método do tempo equivalente

Outra maneira de se determinar o TRRF é por meio do método do tempo equivalente. Trata-se de uma alternativa ao TRRF tabelado, permitindo sua redução, pela consideração de outras particularidades da edificação que lhe conferem maior segurança a incêndio.

A NBR 14432:2000 permite o uso desse método sem detalhá-lo. Os autores sugerem que o método do tempo equivalente seja empregado usando o procedimento de cálculo apresentado a seguir. A legislação estadual deve ser sempre consultada, pois pode haver alguma divergência com o método aqui proposto.

O valor do tempo equivalente deve ser determinado pela equação A.1

$$t_e = q_{fi} \, x \, \gamma_n \, x \, \gamma_s \, x \, K \, x \, W \, x \, M \qquad \text{(A.1)}$$

onde:

t_e = tempo equivalente (min);

q_{fi} = valor característico da carga de incêndio especifica (MJ/m²) determinado segundo a NBR 14432:2000. Alguns valores de carga de incêndio são fornecidos na Tabela A.1.

γ_n = coeficiente adimensional que leva em conta a presença de medidas de proteção ativa da edificação (eq. A.2);

γ_s = coeficiente de segurança (adimensional) que depende do perigo de início e propagação do incêndio e das conseqüências do colapso da edificação (eq. A.3);

K = fator relacionado às características térmicas dos elementos de vedação. A favor da segurança, pode-se tomá-lo igual a 0,07 min. m²/MJ;

W = fator relacionado à altura do compartimento e à ventilação do ambiente (eq. A.5);

M = fator de correção que depende do material da estrutura.

Tabela A.1 – carga de incêndio (NBR 14432:2000)

Ocupação	Carga de incêndio (MJ/m²)	Ocupação	Carga de incêndio (MJ/m²)
Comercial varejista		**Educacional e cultura física**	
Aparelhos domésticos	500	Academias	300
Bebidas destiladas	700	Creches	400
Drogarias(incl. depósitos)	1000	Escolas	300
Livrarias	1000	**Locais de reunião pública**	
Lojas de departamento	600	Bibliotecas	2000
Papelarias	700	Cinemas ou teatros	600
Produtos têxteis	600	Igrejas	200
Supermercados	400	Museus	300
Consultórios médicos	200	Restaurantes	300
Serviços		**Outros**	
Escritórios	700	Apartamentos	300
Oficinas elétricas	600	Hotéis	500
Oficinas mecânicas	200	Hospitais	300

$$\gamma_n = \gamma_{n1} \, x \, \gamma_{n2} \, x \, \gamma_{n3} \qquad \text{(A.2)}$$

onde:

$\gamma_{n1}, \gamma_{n2} \, e \, \gamma_{n3}$ = coeficiente relacionados às medidas de segurança contra incêndio determinados conforme Tabela A.2.

Tabela A.2 – Valores dos coeficientes Y_n associados às medidas de segurança contra incêndio.

Valores de γ_{n1}, γ_{n2} e γ_{n3}			
Existência de chuveiros automáticos	Brigada contra incêndio		Existência de detecção automática
	não-profissional	profissional	
γ_{n1}	γ_{n2}		γ_{n3}
0,60	0,90	0,60	0,90

Na ausência de algum meio de proteção indicado na Tabela A.2, adota-se o respectivo γ_n igual a 1.

$$\gamma_s = \gamma_{s1} \times \gamma_{s2} \qquad \text{(A.3)}$$

onde:

γ_{s1} = coeficiente relacionado à área de piso do compartimento e à altura da edificação determinado conforme eq. A.4;

γ_{s2} = coeficiente relacionado ao risco de ativação do incêndio determinado conforme Tabela A.3;

$$\gamma_{s1} = 1 + \frac{A \times (h+3)}{100\,000} \qquad \text{(A.4)}$$

$$1 \leq \gamma_{s1} \leq 3$$

onde:
A = área de piso do compartimento (m^2);
h = altura da edificação (conforme figura 2.4) (m).

Tabela A.3 – Valores de γ_{s2} em função do risco de ativação.

γ_{s2}	Probabilidade de ativação do incêndio	Ocupação
0,85	pequena	Escola, galeria de arte, parque aquático, igreja, museu Biblioteca, cinema, correio, consultório médico, escritório, farmácia, frigorífico, hotel, livraria, hospital, laboratório fotográfico, indústria de papel, oficina elétrica ou mecânica, residência, restaurante, teatro, depósitos (produtos farmacêuticos, bebidas alcoólicas, venda de acessórios de automóveis) e depósitos em geral
1,00	regular	
1,20	média	Montagem de automóveis, hangar, indústria mecânica
1,50	alta	Laboratório químico, oficina de pintura de automóveis

$$W = \left(\frac{6}{H}\right)^{0,3} \times \left[0,62 + 90 \times \left(0,4 - \frac{A_v}{A_f}\right)^4\right] \geq 0,5 \qquad \text{(A.5)}$$

onde:
H = altura do compartimento (m);
A_v = área de ventilação vertical (janelas, portas e similares) (m^2);
A_f = área de piso do compartimento (m^2).

A Figura A.5 apresenta-se a variação de W com a altura do compartimento e ventilação.

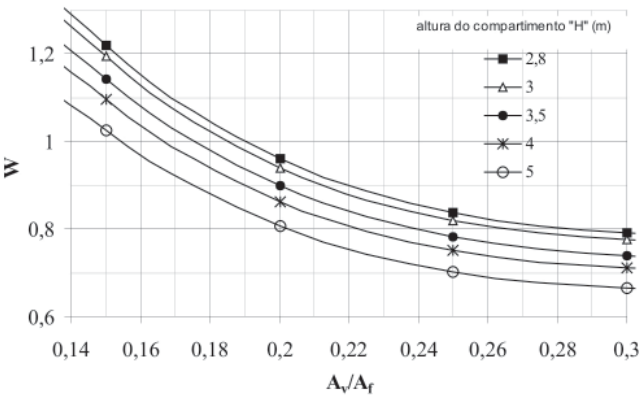

Figura A.1 – Valores de W em função da ventilação $\frac{A_v}{A_f}$ e da altura do compartimento H.

Tabela A.4 – Valores do fator "M" em função do material estrutural.

material da estrutura	M
concreto armado	1,0
aço com revestimento contra fogo	1,0
aço sem revestimento contra fogo	$13{,}7 \times V$
estruturas mistas de aço e concreto	*

* Utilizar, onde aplicável, o valor mais desfavorável de M.

Onde:

V = grau de ventilação compartimento, determinado conforme eq. A.6, respeitado o intervalo $0{,}02m^{1/2} \leq V \leq 0{,}2m^{1/2}$.

$$V = \frac{A_v \cdot \sqrt{h_{eq}}}{A_t} \qquad \text{(A.6)}$$

onde:

A_v = área total de aberturas verticais (m^2);
A_t = área total do compartimento (paredes, teto, piso e aberturas) (m^2);
h_{eq} = altura média das aberturas calculada conforme eq. A.7

$$h_{eq} = \frac{\sum h_i \times A_{vi}}{\sum A_v} \qquad \text{(A.7)}$$

onde:
h_i = altura da abertura "i" (m);
A_{vi} = área da abertura vertical "i" (m^2).

A.1 Limitações de uso do método do tempo equivalente

A eq. A.1 proposta neste trabalho, para o cálculo do tempo equivalente, é cientificamente demonstrável e defensável. Os coeficientes de ponderação γ_n e γ_s , por outro lado, são arbitrados por cada país, em função do nível de segurança estabelecido pelo consenso da sociedade. Em face da subjetividade envolvida e de que o método do tempo equivalente ainda é pouco empregado no Brasil, sugere-se que algumas limitações sejam consideradas, a fim de não reduzir drasticamente as exigências correntes das edificações mais altas ou, por outro lado, agravar as exigências das edificações de baixo risco.

I) Para edificações com altura menor ou igual a 12 m o valor do tempo equivalente deve ser no mínimo 15 min;

Por exemplo:

Se t_{eq} calculado for igual a 12 min para h = 9m e TRRF = 30 min (valor tabelado na figura A.4), adota-se um novo TRRF = 15 min em substituição ao valor tabelado.

Se t_{eq} calculado for igual a 23 min para h = 9 m e TRRF = 30 min (valor tabelado na

figura A.4), adota-se um novo TRRF = 23 min em substituição ao valor tabelado.

II) Para edificações com altura maior aos 12 m o valor do tempo equivalente pode ser reduzido no máximo 30min do TRRF recomendado pela NBR 14432:2000;

Por exemplo:

Se t_{eq} calculado for igual a 47 min para h = 35 m e TRRF = 120 min (valor tabelado na figura A.4), adota-se um novo TRRF = 90 min em substituição do valor tabelado.

Se calculado for igual a 12 min para h = 15 m e TRRF = 30 min (valor tabelado na figura A.4), adota-se um novo TRRF = 30 min em substituição do valor tabelado.

É importante notar-se que alguns fatores que dependem da geometria da edificação, incluindo dimensões das suas aberturas, são definidos na fase de anteprojeto arquitetônico. Em outras palavras, o arquiteto deve tomar consciência que decisões tomadas no início do projeto acabam por definir o tempo de resistência ao fogo exigido para as estruturas e por decorrência o custo do sistema de revestimento contra fogo.

Bibliografia

Bibliografia

01. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS . NBR 14323 : Dimensionamento de estruturas de aço de edifícios em situação de incêndio. Rio de Janeiro, 1999.

02. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, NBR 14432 : Exigências de resistência ao fogo de elementos construtivos de edificações. Procedimento. Rio de Janeiro, 2000.

03. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, NBR 5628 : Componentes construtivos estruturais - Determinação da resistência ao fogo. Rio de Janeiro, 2001.

04. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, NBR 9077 : Saídas de emergência em edifícios. Rio de Janeiro, 2001.

05. AMERICAN SOCIETY FOR TESTING AND MATERIALS, E119 : Designation: "Standard Test Methods for Fire Testes of Building Construction and Materials". Vol.04.06. EUA. 2000.

06. AZEVEDO, M. S. Determinação da temperatura em elementos estruturais de aço externos a edificações em situação de incêndio. 2005. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória. 2005.

07. AZEVEDO, M. S. Estruturas de aço sem revestimento contra fogo externas a edifícios em incêndio. 2009. Tese apresentada à Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, São Paulo. 2009.

08. BRITISH STEEL. Fire resistance of steel framed buildings. Sections, Plates & Commercial Steels. Redcar. 1998.

09. BRITISH STEEL. Slim floor construction. Sections, Plates & Commercial Steels. Cleveland. 1995.

10. SÃO PAULO (Estado). Decreto Estadual No. 46.076. São Paulo. 31 de agosto de 2001.

11. EUROPEAN COMMITTEE FOR STANDARIZATION, EN 1991-2-2: Eurocode 1 - Basis of design and actions on structures. Actions on structures exposed to fi re. Brussels. 2001.

12. INSTRUÇÃO TÉCNICA DO CORPO DE BOMBEIROS DE SÃO PAULO Separação entre Edificações. IT07. São Paulo. 2004.

13. INSTRUÇÃO TÉCNICA DO CORPO DE BOMBEIROS DE SÃO PAULO Segurança Estrutural nas Edificações - Resistência ao fogo dos elementos de construção. IT08. São Paulo. 2004.

14. INSTRUÇÃO TÉCNICA DO CORPO DE BOMBEIROS DE SÃO PAULO Controle de Materiais de Acabamento e Revestimento. IT10. São Paulo. 2004.

15. INSTRUÇÃO TÉCNICA DO CORPO DE BOMBEIROS DE SÃO PAULO. Compartimentação horizontal e compartimentação vertical. IT 9. São Paulo. 2004

16. INTERNACIONAL IRON AND STEEL INSTITUTE . Fire Engineering Design for Steel Structures: State of the Art. Brussels. 1993.

17. INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR STANDARDZATION, ISO 834 : Fire-resistance tests – elements of building construction – Part 1.1: General requirements for fi re resistance testing. Geneva, 1990.

18. SILVA, V. P. Estruturas de aço em situação de incêndio. São Paulo, Zigurate Editora , 2004.

19. UNDERWRITERS LABORATORIES INC, UL 263 : Standard for fire tests of building construction and materials. 13th Edition. Northbrook, 2003.

20. VARGAS, M. R. e SILVA, V. P. Manual de construção em aço – Resistência ao fogo das estruturas. Rio de Janeiro, Centro Brasileiro da Construção em Aço, 2003.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

1. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, NBR 15200 : Projeto de estruturas de concreto em situação de incêndio – Procedimento. Rio de Janeiro, 2004.

2. BAILEY, C. G.; MOORE, D. B. The structural behaviour of steel frames with composite f loorslabs subject to fire: Part1: Theory". Building Research Establishment. Volume 78 , No 11, Junho 2000.

3. COSTA, C. N.; ONO, R.; SILVA, V. P. A importância da compartimentação e suas implicações no dimensionamento das estruturas de concreto para situação de incêndio. In: CONGRESSO BRASILEIRO DO CONCRETO, 47., 2005, Olinda. Anais... Olinda: IBRACON, 2005.

4. EUROPEAN COMMITTEE FOR STANDARIZATION, BS EN 1993-1-2 : Eurocode3 - Design of steel structures part 1.2 General rules – Structural fire design. 2005.

5. EUROPEAN COMMITTEE FOR STANDARIZATION, BS EN 1994-1-2: Eurocode 4 - Design of composite steel and concrete structures part 1.2 General rules - Structural fire design. 2005.

6. SEITO, A.I.; GILL, A.A.; SILVA, S. B.;PANNONI, F. D.; ONO, R.; CARLO, U.; SILVA, V.P. (Editores). A segurança contra incêndio no Brasil. São Paulo: Projeto Editora, 2008. 457p.

7. STEEL CONSTRUCTION INSTITUTE. Fire Safe design: A new approach to Multi-Storey Steel-Framed Buildings. Berkshire: SCI Publication, 2000.

8. STEEL CONSTRUCTION INSTITUTE . Structural fire safety: A handbook for architects ang engineers. Berkshire, SCI Publication, 1999.

9. STEEL CONSTRUCTION INSTITUTE. The fire resistance of composite floors with steel decking. Berkshire, SCI Publication , 1991.

10. STEEL CONSTRUCTION INSTITUTE. Design of steel framed building without applied fire protection. Berkshire, SCI Publication , 1999.

11. SILVA, V. P. ?Estructuras de acero en situación de incêndio?. Acero Latinoamericano, Chile, n.495 , p. 26-42, Mar./Abr. 2006.

12. COSTA, C. N. Dimensionamento de elementos de concreto armado em situação de incêndio. 2008. Tese de doutorado apresentada à Escola Politécnica da USP, São Paulo. 2008

SuperTráfego
www.supertrafego.com
HOTEL DA WEB
COMPRE JÁ!
1000 apostilas + provas + resumos + teses
Buscar na web
super Ofertas

Preposições

Uma preposição mostra uma relação entre o seu objeto e outra palavra numa sentença. A preposição pode aparecer sob a forma de uma palavra (at, by, in, on, etc...) ou sob a forma de uma “frase” que funciona como uma unidade (in front of, by way of, etc...).

Algumas das relações que as preposições expressam são: lugar ou posição, direção, tempo, maneira (modo), e agente (ou instrumento).

The book is on the desk. (lugar ou posição)

The boy ran toward the house. (direção)

The man arrived at ten o’clock. (tempo)

The woman travels by train. (maneira ou modo)

The book was written by him. (agente)

Uma preposição + um objeto forma uma frase. Este tipo de frase usualmente funciona como um modificador (adjetivo ou advérbio).

The report of the meeting was read. (adjetivo)

We go to class at ten o’clock. (advérbio)

AT, IN, ON

Em geral as três preposições significam “em”.

Usos:

1) A preposição at é usada:

a) com horas (significando “às”).

Exemplo: He came here at six o’clock.

b) com datas comemorativas.

Exemplos: A party will be at Christmas.

I wasn’t here at Easter.

Quando há a palavra day, usa-se on.

SuperTráfego
www.supertrafego.com
HOTEL DA WEB
COMPRE JÁ!
1000 apostilas + provas + resumos + teses
Buscar na web
super Ofertas

Exemplo: She will arrive on Christmas Day.

c) com noon, night, midnight e dawn.

Exemplo: Lunch will be served at noon.

d) com lugares, sem necessariamente indicar dentro.

Exemplo: They are at the bus stop.

There were a lot of people at the station.

The cab driver is at the gas station.

Ann must be at the movies now.

There’s a cat at the door.

e) com cidades pequenas.

Exemplo: He was born at Olinda.

f) com endereços completos.

Exemplo Barbara lives at 308 Lincoln Street.

2) A preposição in é usada:

a) com períodos do dia (exceto noon, night, midnight e dawn).

Exemplos: He studies in the morning.

Your daughter doesn’t work in the evening, does she?

b) com meses.

Exemplo: The course will begin in July.

c) com estações do ano.

Exemplo: It’s very cold in winter.

d) com anos.

Exemplo: Brazil won the World Cup in 1970.

e) com séculos:

SuperTráfego
www.supertrafego.com
HOTEL DA WEB
COMPRE JÁ!
1000 apostilas + provas + resumos + teses
Buscar na web
super Ofertas

Exemplo: Brasília was not founded in the 19th century.

f) com expressões de tempo:

Exemplo: The manager will come in a few days.

g) com espressões de lugar, indicando dentro.

Exemplos: They are in the house now.

The students were in the classroom.

The maid is working in the kitchen.

My books are in that box.

h) com tipos de residência.

Exemplos: I live in an apartment.

Peter lived in a humble house years ago.

i) Com cidades grandes.

Exemplo: Mark's cousin lives in London.

j) com estados.

Exemplo: There's a lot of poverty in Paraíba, Piauí and Maranhão.

k) com países.

Exemplo: He's going to spend his vacation in Europe.

l) com continentes.

Exemplo: There are many developed countries in Europe.

3) A preposição on é usada:

a) com o significado de "sobre", "em cima de".

Exemplo: Our bags are on the table.

b) com dias da semana.

SuperTráfego
www.supertrafego.com
HOTEL DA WEB
COMPRE JÁ!
1000 apostilas + provas + resumos + teses
Buscar na web
super Ofertas

Exemplo: I have a class on Tuesday.

c) com datas.

Exemplos: The baby was born on February, 14th.

That accident happened on September 6th, 1998.

d) com meios de transportes coletivos.

Exemplos: There are more than sixty people on the bus.

The passengers on the plane are scared.

Mas: in the car

in the taxi.

e) com nomes de ruas ou avenidas.

Exemplos: The Gordons live on Washington Street.

Evelyn has a shop on Kennedy Avenue.

f) com referência a ilhas ou fazendas.

Exemplos: The man lived on an island for many years.

I spent five days on a farm.

g) com a palavra floor (andar).

Exemplo: Joe lives on the first floor, not on the third.

OTHER PREPOSITIONS

about - sobre; a respeito de.

Exemplo: The teacher is talking about conjunctions.

above – acima de.

Exemplo: The plane is flying above the clouds.

across – através de (indicando de um lado a outro); do outro lado de.

Exemplos: He walked across the bridge.

SuperTráfego
www.supertrafego.com
HOTEL DA WEB
COMPRE JÁ!
1000 apostilas + provas + resumos + teses
Buscar na web
super Ofertas

There’s a store across the street.

after – depois de; atrás de (no sentido de perseguição).

Exemplos: I’ll talk to you after seven o’clock.

The policeman is running after the thief.

against – contra.

Exemplo: Brazil played against Argentina last year.

among – entre; no meio de (várias pessoas ou coisas).

Exemplo: There was a pickpocket among those people.

around/ round – ao redor de; em torno de.

Exemplos: The kids are running around the house.

The earth moves round the sun.

as far as – até (em relação a lugar).

Exemplo: We traveled as far as England on our vacation.

before – antes de; diante de.

Exemplos: The class always begins before eight-thirty.

The woman is standing before the mirror.

behind – atrás de.

Exemplo: They hid behind that tree.

below – abaixo de.

Exemplo: The temperature is below zero now.

beside – ao lado de.

Exemplo: Mike always sits beside Bob in the classroom.

besides – além de.

SuperTráfego
www.supertrafego.com
HOTEL DA WEB
COMPRE JÁ!
1000 apostilas + provas + resumos + teses
Buscar na web
super Ofertas

Exemplo: What languages do you speak besides Portuguese?

between – entre, no meio de (duas pessoas ou coisas).

Exemplo: Lucy is sitting between Fred and Chris.

beyond – além de (referindo-se a lugar).

Exemplo: He lives somewhere beyond the mountains.

by - junto a; perto de; no mais tardar (com expressões de tempo); por (autoria; antes do agente da passiva); de (com meios de transporte).

Exemplos: Everybody is sitting by the fire.

They will be at the party by midnight.

This poem was written by Poe.

I come to school by bus.

Mas: I went to school on foot.

down – para baixo.

Exemplo: I carried the baggage down the garage.

for - por; durante; para (em referência a alguém ou a alguma coisa e com alguns verbos de movimento, tais como: to leave, to start, to sail, etc.).

Exemplos: I bought the book for four dollars.

Mark has worked here for 25 years.

This is for you, darling.

He left for Miami last year.

from – de (indicando origem ou ponto de partida).

Exemplos: Bono Voz is from Dublin.

That bus comes from Recife.

into – para dentro (indica movimento de entrada).

Exemplo: He is going into the house now.

SuperTráfego
www.supertrafego.com
HOTEL DA WEB
COMPRE JÁ!
1000 apostilas + provas + resumos + teses
Buscar na web
super Ofertas

in front of – na frente de.

Exemplo: This line is too long. There are 200 people in front of mine.

near – perto de.

Exemplo: My mother lives near the church.

of – de.

Exemplos: Could you give me a cup of coffee?

This is the president of this company.

off – fora de (indica fora da superfície de algo, opondo-se a on).

Exemplo: The car is off the road.

opposite – em frente a; do lado oposto.

Exemplo: There’s a supermarket opposite the bank.

out of - fora de (indica que algo ou alguém não estáa dentro, opondo-se a in).

Exemplo: The students are out of the class.

over – sobre; por cima de (sem estar em contato).

Exemplos: The cat jumped over the fence.

There’s a lamp over the table.

since – desde.

Exemplo: I haven’t heard from Jim since January.

through – através de (passando por dentro).

Exemplo: The boy made a hole through the wall.

throughout – por todo; de um extremo a outro.

Exemplo: He traveled throughout the country two years ago.

until/ till - até (em relação a tempo).

SuperTráfego
www.supertrafego.com
HOTEL DA WEB
COMPRE JÁ!
1000 apostilas + provas + resumos + teses
Buscar na web
super Ofertas

Exemplo: They will wait until Wednesday.

to – para.

Exemplos: This is not the road to the hospital.

The children are going to school now.

That strange man turned to the left.

towards – em direção a.

Exemplo: There's a strange man walking towards you.

under – embaixo de.

Exemplo: Look! Your dog is under the table.

up - para cima.

Exemplo: She carried the heavy box up the stairs.

with – com.

Exemplo: I live with my cousins.

within – em; dentro de (usada com expressões de tempo).

Exemplo: She will come here within two months.

without - sem.

Exemplo: He went to the cinema without any money.

Notas:

Certos verbos, adjetivos e substantivos exigem preposições que, em muitos casos, diferem do português.

a) Verbos:

to believe in – acreditar

to consist of – consistir em

to depend on/upon – depender de

SuperTráfego
www.supertrafego.com
HOTEL DA WEB
COMPRE JÁ!
1000 apostilas + provas + resumos + teses
Buscar na web
super Ofertas

to dream about/of – sonhar com

to insist on – insistir em

to rely on – contar com

to think about/of – pensar em

b) Adjetivos:

to be addicted to – ser viciado em

to be ashamed of – ter vergonha de, estar envergonhado por (de, com)

to be dressed in (white, black...) – estar vestido de (branco,preto...)

to be free from/of – estar livre de

to be good /bad at (math, biology...) – ser bom/mau em (Matemática, Biologia...)

c) Substantivos:

at hand – à mão

at work – no trabalho

by heart – de cor

by mistake – por engano

in bed – de cama

in a hurry – com pressa

in ink – a tinta

in mourning – de luto

in pencil – a lápis

in time – em tempo; com tempo

on business – a negócios

on time – na hora certa; no horário

Ana Flávia Messa

PRÁTICA PENAL PARA EXAME DA OAB

Contém modelos, dicas de estudo e *ranking* das peças práticas

9ª edição

saraiva jur

ISBN 9788547228057

Messa, Ana Flávia
Prática penal para exame da OAB / Ana Flávia Messa. – 9. ed. – São Paulo : Saraiva Educação, 2018.
1. Direito Penal - Brasil - Exames, questões, etc. 2. Ordem dos Advogados do Brasil 3. Prática forense - Brasil I. Título.
17-1474 CDU 343.2(81)(079.1)

Índices para catálogo sistemático:
1. Ordem dos Advogados do Brasil : Prática penal : Exames de ordem 343.2(81)(079.1)

Presidente *Eduardo Mufarej*

Vice-presidente *Claudio Lensing*

Diretora editorial *Flávia Alves Bravin*

Conselho editorial

Presidente *Carlos Ragazzo*

Consultor acadêmico *Murilo Angeli*

Gerência

Planejamento e novos projetos *Renata Pascoal Müller*

Concursos *Roberto Navarro*

Legislação e doutrina *Thaís de Camargo Rodrigues*

Edição *Liana Ganiko Brito Catenacci | Patrícia Quero*

Produção editorial *Maria Izabel B. B. Bressan (coord.) | Carolina Massanhi*

Arte e digital *Mônica Landi (coord.) | Claudirene de Moura Santos Silva | Guilherme H. M. Salvador | Tiago Dela Rosa | Verônica Pivisan Reis*

Planejamento e processos *Clarissa Boraschi Maria (coord.) | Juliana Bojczuk Fermino | Kelli Priscila Pinto | Marília Cordeiro | Fernando Penteado | Tatiana dos Santos Romão*

Novos projetos *Laura Paraíso Buldrini Filogônio*

Diagramação (Livro Físico) *Claudirene de Moura Santos Silva*

Comunicação e MKT *Elaine Cristina da Silva*

Capa *Apis design integrado*

Livro digital (E-pub)

Produção do e-pub *Guilherme Henrique Martins Salvador*

Data de fechamento da edição: 9-10-2017

Dúvidas?

Acesse www.editorasaraiva.com.br/direito

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Saraiva.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei n. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

À minha vovó Leonor, in memoriam, exemplo de vida.Aos meus pais, pelo auxílio na minha formação.Aos meus irmãos, por todo o carinho.

Ao Paulo Ferreira da Cunha, pela amizade.

Ao meu amigo R.T., in memoriam, pelo legado de honra, honestidade e trabalho.

Sumário

Agradecimentos

Apresentação

Prefácio

Nota à 9ª Edição

Nota dos Editores

1 - Visão Geral do Exame da OAB

1 Exame da OAB

2 Critérios de avaliação

3 Cargo de examinador

4 Dispensa do Exame de Ordem

5 Programa da prova prático-profissional

6 Ranking das peças práticas

7 Como estudar para a Segunda Fase da OAB

7.1 Dicas sobre a peça prática

7.2 Dicas sobre as questões práticas

7.3 Recomendações finais

2 - Visão Geral dos Procedimentos Criminais

1 Procedimento comum

1.1 Procedimento ordinário

1.1.1 Cabimento

1.1.2 Previsão legal

1.1.3 Procedimento
1.2 Procedimento sumário
1.2.1 Cabimento
1.2.2 Previsão legal
1.2.3 Procedimento
1.3 Procedimento sumaríssimo
1.3.1 Cabimento
1.3.2 Previsão legal
1.3.3 Procedimento
2 Procedimentos especiais
2.1 Código de Processo Penal
2.1.1 Procedimento do júri
2.1.2 Procedimento dos crimes de falência – Lei n. 11.101/2005
2.1.3 Procedimento dos crimes de responsabilidade dos funcionários públicos
2.1.4 Procedimento dos crimes contra a honra
2.1.5 Procedimento dos crimes contra a propriedade imaterial
2.1.6 Procedimento de restauração de autos extraviados ou destruídos
2.2 Leis especiais
2.2.1 Procedimento dos crimes de abuso de autoridade
2.2.2 Procedimento dos crimes de lavagem de dinheiro
2.2.3 Procedimento dos crimes contra o sistema financeiro
2.2.4 Procedimento dos crimes do Estatuto da Criança e do Adolescente
2.2.5 Procedimento do crime organizado
2.2.6 Procedimento da Lei de Drogas – Lei n. 11.343/2006
3 - Realização da 2ª Fase do Exame da OAB
1 Leitura do problema

2 Cabimento da peça
2.1 Como descobrir a peça prática cabível?
2.1.1 Peça cabível
3 Questões práticas
4 - Dicas da Peça Prático-Profissional da OAB
1 Dicas de cabimento da peça prático-profissional
1.1 Relaxamento de prisão em flagrante e liberdade provisória
1.2 Relaxamento/revogação ou habeas corpus
1.3 Queixa-crime e requerimento de instauração de inquérito policial
1.4 Habeas corpus
1.5 Revisão criminal e habeas corpus
1.6 Reabilitação criminal
1.7 Memoriais
1.8 Recurso
1.9 Livramento condicional
1.10 Mandado de segurança
2 Desenvolvimento jurídico da peça prática penal cabível
2.1 Admissibilidade
2.1.1 Habeas corpus
2.1.2 Queixa-crime
2.1.3 Recurso
2.2 Teses no habeas corpus
2.2.1 Tese de nulidade
2.2.2 Tese de abuso de autoridade
2.2.3 Tese da extinção da punibilidade
2.2.4 Tese da falta de justa causa

2.2.5 Mais de uma tese no mesmo enunciado
2.3 Relaxamento ou revogação de prisão
2.3.1 Introdução
2.3.2 Prisão em flagrante
2.3.3 Prisão temporária
2.3.4 Prisão preventiva
2.4 Resposta à acusação
2.5 Recurso criminal
2.5.1 Embargos de declaração
2.5.2 Embargos infringentes e de nulidade
2.5.3 Carta testemunhável
2.5.4 Apelação criminal
2.6 Memoriais
2.7 Revisão criminal
2.8 Mandado de segurança em matéria criminal
2.9 Benefício na execução penal
3 Teses de defesa específica
3.1 Falsa morte do agente
3.2 Cheque dado em garantia de dívida
3.3 Não apresentação das alegações finais pelo querelante
3.4 Excesso de prazo
3.5 Incompetência do juízo
3.6 Escusa absolutória
3.7 Falta de exame de corpo de delito
3.8 Trottoir
3.9 Exclusão de antijuridicidade

3.10 Cerceamento de defesa
3.11 Ilegitimidade de parte
3.12 Não configuração de prisão
3.13 Furto de uso
3.14 Insuficiência probatória
3.15 Prescrição da pretensão executória
3.16 Ilegalidade da prisão em flagrante
3.17 Emprego de arma de fogo
3.18 Fixação da pena-base: antecedentes
3.19 Terceira fase da dosimetria da pena: causas de aumento e de diminuição
3.20 Determinação do regime inicial de cumprimento da pena privativa de liberdade
3.21 Princípio da insignificância
3.22 Outras teses
4 Princípios constitucionais
4.1 Princípio do juiz natural
4.2 Princípio do duplo grau de jurisdição
4.3 Princípio do favor rei
4.4 Princípio do promotor natural
4.5 Princípio da persuasão racional
4.6 Princípio da correlação
4.7 Princípio da iura novit curia
4.8 Princípio da iniciativa das partes
4.9 Princípio da verdade real ou material
4.10 Princípio da presunção de inocência
4.11 Princípio da motivação das decisões judiciais
4.12 Princípio do contraditório

4.13 Princípio do devido processo legal
4.14 Princípio da ampla defesa
4.15 Princípio da inadmissibilidade de prova ilícita
4.16 Princípios da ação penal pública
4.17 Princípios da ação penal privada
4.18 Princípios da nulidade
4.19 Princípios dos prazos
4.20 Princípios do JECRIM
4.21 Princípios recursais
5 Estrutura da peça prática penal cabível
5.1 Montagem da peça
5.2 Componentes da peça
5.2.1 Endereçamento
5.2.2 Preâmbulo
5.2.3 Dos fatos
5.2.4 Do direito
5.2.5 Pedido
5.2.6 Parte final
6 Recomendações práticas para o dia do exame da OAB
7 Orientações gerais do exame da OAB

5 - Peças da Fase Pré-Processual
1 Peças entre a fase investigatória e antes da propositura da ação penal
2 Introdução
3 Fase investigatória
4 Espécies de procedimentos investigatórios
5 Características do inquérito policial

6 Representação
7 Requerimento
8 Relaxamento de prisão em flagrante
9 Revogação de prisão
10 Prisão domiciliar
11 Medida cautelar alternativa de prisão
12 Liberdade provisória

6 - Fase da Propositura da Ação Penal
1 Introdução
2 Queixa-crime
3 Queixa-crime subsidiária

7 - Peças Incidentais
1 Resposta à acusação (também chamada de defesa inicial)
2 Defesa prévia ou inicial no júri
3 Defesa preliminar
4 Exceção
5 Conflito de jurisdição
6 Sequestro
7 Arresto
8 Pedido de especialização de hipoteca legal
9 Incidente de falsidade
10 Incidente de insanidade mental
11 Pedido de explicações em juízo
12 Habilitação do assistente
13 Restituição de coisa apreendida

8 - Alegações Finais (Memoriais)

9 - Dos Recursos Criminais

1 Teoria geral

2 Carta testemunhável

3 Embargos de declaração

4 Embargos infringentes e de nulidade

5 Apelação

6 Recurso em sentido estrito

7 Recurso ordinário constitucional

8 Recurso extraordinário

9 Recurso especial

10 Do agravo em recurso especial e em recurso extraordinário: agravo de admissão

11 Agravo interno

10 - Ações Autônomas

1 Habeas corpus

2 Mandado de segurança

3 Revisão criminal

11 - Peças da Execução Criminal

1 Livramento condicional

2 Reabilitação criminal

3 Agravo em execução

4 Pedido de remição

5 Pedido de detração penal

6 Pedido de indulto

7 Pedido de progressão de regime

8 Pedido de lei penal benéfica

9 Pedido de unificação de penas (art. 111 da LEP)

10 Pedido de extinção de punibilidade

11 Pedido de comutação de pena

Agradecimentos

Agradeço aos meus alunos, fonte de inspiração na labuta do magistério.

Agradeço ao professor Gianpaolo Poggio Smanio, pela orientação e ensinamentos na dissertação de mestrado.

Agradeço aos colegas de magistério, pelo apoio na divulgação.

Agradeço à equipe do Editorial Jurídico da Saraiva, na pessoa do Luiz Roberto Curia, Roberto Navarro, Thaís de Camargo Rodrigues, Verônica Pivisan Reis, Liana Ganiko Brito Catenacci e Thiago Belmiro Fraga, entre outras pessoas maravilhosas e competentes.

Apresentação

Muito honrado em apresentar a obra Prática penal para exame da OAB, da autora Ana Flávia Messa, cabe registrar inicialmente a minha satisfação em ter sido seu orientador no curso de mestrado da Universidade Mackenzie, onde a então mestranda efetuou brilhante defesa, atingindo aprovação com louvor e nota máxima atribuída, tornando-se mestre em direito.

Demonstrou a autora, na ocasião dos debates sobre a dissertação, enorme conhecimento do Direito Penal e Processual Penal, além de erudição ímpar, qualidades reconhecidas por todos os seus colegas e alunos, na Universidade Presbiteriana Mackenzie e em cursos preparatórios para o exame da OAB.

O livro traz uma visão atualíssima sobre o exame da OAB, seus critérios de avaliação e os temas de estudos imprescindíveis para a prova.

Apresenta a autora uma visão geral teórica sobre os temas de direito processual penal, apontando conceitos precisos e enxutos, como devem ser mostrados em livros preparatórios para exames e concursos, possibilitando o estudo, a recordação e memorização necessários por parte dos alunos.

Além disso, dispõe de modelos de petições e recursos de acordo com a melhor técnica processual, que deverão ser seguidos pelos alunos a fim de obterem o sucesso almejado e poderem exercer a advocacia, carreira que tanto fez pelo bem do nosso País.

Parabéns à autora e à Editora Saraiva, certo do sucesso desta obra.

São Paulo, junho de 2005.

Gianpaolo Poggio Smanio

Procurador Geral de Justiça do Estado de São Paulo (biênio 2016/2018), Doutor em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), Professor do Complexo Jurídico Damásio E. de Jesus, da Escola Superior do Ministério Público de São Paulo e da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Prefácio

Este livro tem como objetivo auxiliar estudantes de Direito, candidatos a exames da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e profissionais da área a aplicar os conhecimentos jurídicos teóricos na realidade prática. Muitas dificuldades surgem no terreno da prática jurídica do Exame da OAB, o que representou uma fonte de inspiração e de incentivo na busca das soluções e também no fornecimento de ideias de diretrizes básicas contidas nesta obra. O estudante ou bacharel, ao se deparar com algum trabalho nesta área, como a elaboração de uma peça processual, acaba copiando modelos de livros sem criar uma identidade própria do Exame da OAB. Não pretendemos esgotar o assunto, mas dar uma orientação geral nessa disciplina, que, segundo o MEC, constitui matéria curricular e autônoma nas Faculdades de Direito. O Capítulo 1 deste livro contém noções básicas sobre a OAB, Exame da OAB e a avaliação no Exame, ou seja, o sistema de notas, os critérios e o cargo de examinador. O Capítulo 2 fornece a visão geral dos Procedimentos Criminais, previstos no Código de Processo Penal e em Leis Especiais. O Capítulo 3 contém um roteiro prático para a realização da 2ª fase do Exame da OAB, desde a leitura do enunciado até a escolha da peça prática pertinente. No Capítulo 4, há dicas do cabimento e desenvolvimento jurídico da peça prática penal cabível. Além disso, constam recomendações práticas para o dia do exame e um rol dos princípios jurídicos que podem ser usados na fundamentação das peças e questões. Os Capítulos 5 a 11 apresentam os modelos das peças práticas na área penal, inclusive com explicação teórica do seu cabimento e procedimento. O Anexo contém

diretrizes sobre os termos adequados nos recursos criminais. E na parte final da obra consta um ranking das peças da 2ª fase de penal

A Autora

Nota à 9ª Edição

O excelente acolhimento dispensado pela comunidade jurídica acadêmica e profissional ao livro Prática penal para o Exame da OAB reflete um aprimoramento cada vez mais intenso e detalhado da obra. Nesta edição a obra foi atualizada de acordo com as alterações do Código de Processo Civil (CPC) que refletem em processo penal. No final da obra foi acrescentado um roteiro de questões práticas por temas.

Nota dos Editores

Devido à dinâmica do Exame Nacional da OAB, sob a organização da FGV, o bacharel deve adotar a estratégia de acompanhar as questões mais recentes que são exigidas na prova. Podemos afirmar que um dos requisitos – aliás, indispensável – para ser aprovado é estar atento às tendências da banca examinadora.

A fim de manter os leitores sempre em contato com esse cenário, assumimos o compromisso de lançar no mercado edições devidamente atualizadas com os últimos exames da Ordem.

Entendemos, por isso, que ao serem divulgados os gabaritos oficiais das atuais questões devemos lançar os respectivos comentários. Para atender a essa necessidade premente e legítima dos bacharéis, destacamos que a 8ª edição recebeu acréscimos decorrentes dos últimos XIX Exames de Ordem.

Esperamos que a grata notícia de sua inscrição na OAB se confirme no próximo exame. E que a carreira do futuro advogado seja um verdadeiro sucesso! São nossos votos.

1

Visão Geral do Exame da OAB

1 Exame da OAB

A Constituição Federal assegura em seu art. 5º, inciso XIII, a liberdade de ação profissional, atendidas as qualificações profissionais que a lei estabelecer.

O Texto Constitucional considera a liberdade de ação profissional uma norma de aplicabilidade imediata e eficácia contida, ou seja, norma que a lei tem por objetivo, único e exclusivo, regulamentar determinada profissão, estabelecendo a qualificação mínima que deve possuir aquele que pretenda exercê-la. Segundo jurisprudência do STF, a liberdade de ação profissional segue um modelo de reserva legal, que não confere ao legislador o poder de restringir o exercício da liberdade a ponto de atingir o seu próprio núcleo essencial[1].

A liberdade de ação profissional é considerada norma autoaplicável até a edição de ato normativo posterior, que lhe restrinja eficácia. Trata-se de norma constitucional de eficácia contida, pois produz efeitos imediatos, mas pode ter seu âmbito diminuído por lei infraconstitucional. Desse modo, a lei pode estabelecer os critérios que habilitam uma pessoa ao desempenho da atividade escolhida, objetivando, com essas limitações do direito individual, a proteção da sociedade. Como observa José Afonso da Silva[2]:

> "Normas de eficácia contida, portanto, são aquelas em que o legislador constituinte regulou suficientemente os interesses relativos a determinada matéria, mas deixou margem à atuação

restritiva por parte da competência discricionária do Poder Público, nos termos que a lei estabelecer ou nos termos dos conceitos gerais nelas enunciados".

A profissão de advogado foi regulamentada por Lei (Lei n. 8.906/94 e respectivas alterações e regulamentações), que estabeleceu as qualificações profissionais necessárias para o exercício da profissão, inclusive a obrigatoriedade da feitura do Exame da OAB que, por sua vez serve perfeitamente ao propósito de avaliar se estão presentes as condições mínimas para o exercício escorreito da advocacia, almejando-se sempre oferecer à coletividade profissionais razoavelmente capacitados. O inciso IV do art. 8º da Lei n. 8.906/94 é compatível com o princípio da proporcionalidade, porquanto fundado no interesse público consubstanciado na proteção da sociedade contra o exercício de profissão capaz de gerar graves danos à coletividade[3].

O Exame da Ordem é uma prova de aferição de conhecimentos jurídicos básicos e da prática profissional do bacharel em Direito. Poderão prestar o Exame de Ordem, além do bacharel, os estudantes de Direito do último ano do curso ou do nono e décimo semestres, essa possibilidade foi incluída pelo Provimento n. 156/2013, que alterou o Provimento n. 144/2011. Serão realizados três Exames de Ordem por ano. Tal exame é dividido em duas partes:

a) Prova objetiva

São apresentados 80 (oitenta) testes relacionados às matérias do currículo mínimo de todos os cursos jurídicos, com quatro opções cada, elaboradas e aplicadas sem consulta, de caráter eliminatório, exigindo-se a nota mínima de 50% (cinquenta por cento) para submeter-se à prova subsequente.

A prova objetiva conterá, no mínimo, 15% (quinze por cento) de questões versando sobre Estatuto da Advocacia e da OAB e seu Regulamento Geral, Código de Ética e Disciplina, Filosofia do Direito e Direitos Humanos.

Cabe ressaltar que as 80 (oitenta) questões de múltipla escolha contemplarão as disciplinas do Eixo

de Formação Profissional, de Direitos Humanos, de Filosofia do Direito, do Estatuto da Advocacia e da OAB e seu Regulamento Geral e do Código de Ética e Disciplina, podendo contemplar também disciplinas do Eixo de Formação Fundamental.

A partir do final de 2010, nos termos do Provimento n. 144/2011 da OAB e da Resolução n. 9/2004 do Conselho Nacional de Educação, o conteúdo programático da prova abrangerá os conteúdos previstos tanto no Eixo de Formação Fundamental (Antropologia; Ciência Política; Economia; Ética; Filosofia; História; Psicologia; Sociologia) como no Eixo de Formação Profissional (Direito Constitucional; Direito Administrativo; Direito Tributário; Direito Penal; Direito Civil; Direito Empresarial; Direito do Trabalho; Direito Internacional; Direito Processual) do curso de graduação em Direito.

Além da inclusão das disciplinas supraenumeradas, podem constar da prova, de acordo com previsão no edital, outras disciplinas jurídicas, como Direito Ambiental, Código de Defesa do Consumidor e Estatuto da Criança e do Adolescente.

Em face dos últimos editais, a prova objetiva tem como área de conhecimento disciplinas profissionalizantes obrigatórias e integrantes do currículo mínimo do curso de Direito, fixadas pelo CNE/CES n. 9, de 29 de setembro de 2004: Direitos Humanos, Código do Consumidor, Estatuto da Criança e do Adolescente, Direito Ambiental, Direito Internacional, Filosofia do Direito, bem como Estatuto da Advocacia e da OAB, seu Regulamento Geral e Código de Ética e Disciplina da OAB.

As questões da prova objetiva poderão ser formuladas de modo que, necessariamente, a resposta reflita a jurisprudência pacificada dos Tribunais Superiores.

b) Prova prático-profissional

Destacam-se as seguintes observações:

é uma fase acessível apenas aos candidatos aprovados na fase objetiva;

elaboração de peça profissional: redação de peça profissional privativa de advogado em uma das áreas de escolha do candidato: penal, civil, trabalhista ou tributário ou constitucional ou administrativo ou empresarial;

questões práticas, sob a forma de situações-problemas, na área de opção do candidato; a extensão máxima do texto será de 30 (trinta) linhas para cada questão; poderão ser formuladas de modo que, necessariamente, a resposta reflita a jurisprudência pacificada dos Tribunais Superiores;

a peça prática vale 5,0 (cinco) pontos; as questões práticas valem 5,0 (cinco) pontos (um e vinte e cinco pontos para cada questão);

são permitidas consultas a legislação, súmulas, enunciados, orientações jurisprudenciais e precedentes normativos sem qualquer anotação ou comentário;

é vedada a utilização de obras que contenham formulários e modelos;

é considerado aprovado o candidato que obtiver nota igual ou superior a 6,0 (seis) inteiros, vedado o arredondamento;

o examinando reprovado pode repetir o Exame de Ordem, efetivando o reaproveitamento da primeira fase por uma única vez no exame subsequente.

2 Critérios de avaliação

a) Primeira fase: para avaliação do Exame na primeira fase, verifica-se a pontuação: se atingir o número de 40 ou mais, está aprovado e habilitado à prova prático-profissional; caso contrário, reprovado, devendo fazer novo exame.

b) Segunda Fase: a peça profissional valerá 5 (cinco) pontos e cada uma das questões, 1,25 (um e vinte e cinco) pontos. Será considerado aprovado o examinando que obtiver nota igual ou superior a 6 (seis) inteiros, vedado o arredondamento. É nula a prova prático-profissional que contiver qualquer forma de identificação do examinando. Ao examinando que não lograr aprovação na prova prático-profissional será facultado computar o resultado obtido na prova objetiva apenas quando se submeter ao Exame de Ordem imediatamente subsequente. O valor da taxa devida, em tal hipótese, será definido em edital, atendendo a essa peculiaridade.

Para avaliação do Exame na segunda fase, são observados os seguintes critérios:

a) adequação de endereçamento: nesse item é avaliado se o candidato acertou o endereçamento da peça prática. De acordo com a FGV, quando se trata de recurso, são avaliados dois endereçamentos – o da interposição e o das razões;

b) capacidade de exposição e interpretação: o examinador avalia a capacidade do candidato de apontar a(s) tese(s) jurídica(s) na peça profissional, bem como o raciocínio jurídico, verificando se o candidato tem encadeamento lógico nas ideias colocadas na sua argumentação jurídica, e um pedido completo, que contemple as teses desenvolvidas;

c) fundamentação e sua consistência: o examinador avalia se o candidato demonstrou a tese de maneira lógica e correta, inclusive com indicação correta dos dispositivos legais que dão fundamentação, além do reforço doutrinário e jurisprudencial;

d) correção gramatical: o examinador avalia a observância das regras gramaticais como acentuação gráfica, concordância e outras;

e) técnica profissional: o examinador verifica se o candidato sabe montar a peça prática, de acordo com a legislação e a prática advocatícia. De acordo com a FGV, o critério de avaliação é denominado estrutura correta e abrange divisão de partes/indicação de local, data, assinatura.

Cabe ressaltar que caso a peça profissional exija assinatura, o examinando deverá utilizar apenas a palavra "ADVOGADO". Ao texto que contenha outra assinatura, será atribuída nota 0 (zero), por se tratar de identificação do examinando em local indevido. A pontuação fica entre 0,00/0,10.

ADVERTÊNCIA:

* PEÇA INADEQUADA: peça que não esteja exclusivamente em conformidade com a solução técnica indicada no padrão de resposta da prova, ou apresentação de resposta incoerente com situação proposta ou ausência de texto; no caso de peça inadequada, o examinando receberá nota ZERO na redação da peça profissional ou na questão.
* INDICAÇÃO CORRETA DE PEÇA PRÁTICA: é verificada no nomem iuris da peça concomitantemente com o correto e completo fundamento legal usado para justificar tecnicamente a escolha feita.

Na correção da peça profissional, os examinadores analisam de forma detalhada a parte da argumentação jurídica (desenvolvimento jurídico), avaliando o conhecimento do candidato sobre teses jurídicas existentes na área de sua opção. A título de exemplificação, seguem abaixo modelos de correção feitos pela FGV.

1. XVIII Exame OAB – 2ª FASE – Padrão de correção Direito Penal: peça prática é Apelação

Item	Pontuação
1 – Petição de interposição: Endereçamento correto (0,10) e Fundamento legal para petição de interposição (0,10)	0 / 0,20
2 – Razões de Apelação: Endereçamento correto	0 / 0,10
3 – Teses Jurídicas inclusive sobre a necessidade de reforma da decisão	0 / 3,60
4. Pedidos	0/0,90
5. Prazo	0/0,10
6. Estrutura: interposição e razões; local, data e assinatura	0/0,10

2. VI Exame OAB – 2ª FASE – Padrão de correção Direito Penal: peça prática é pedido de relaxamento de prisão

Item	Pontuação
1 – Estrutura correta (divisão das partes / indicação de local, data, assinatura)	0 / 0,25
2 – Indicação correta dos dispositivos legais que dão ensejo ao pedido de relaxamento de prisão – art. 5º, LXV, da CRFB OU art. 310, I, do CPP.	0 / 0,5
3 – Endereçamento correto – Juiz de Direito da XX Vara Criminal da Comarca...	0 / 0,25
4.1 – Desenvolvimento jurídico acerca da nulidade do auto de prisão em flagrante por violação ao direito a não produzir prova contra si (0,5) [art. 5º, LXIII, da CRFB OU art. 8º, 2, "g" do Decreto 678/92 (Pacto de San José da Costa Rica)] (0,25) Obs.: A mera indicação do artigo não é pontuada.	0,75 0 / 0,25 0 / 0,5 / 0,75
4.2 – Em razão da colheita forçada do exame de teor alcoólico e consequente ilicitude da prova (0,5) [art. 5º, LVI, OU art. 157 do CPP] (0,25) Obs.: A mera indicação do artigo não é pontuada.	0 / 0,5 / 0,75
5 – Desenvolvimento jurídico acerca da nulidade do auto de prisão em flagrante por violação ao direito à comunicação entre o preso e o advogado, bem como familiares (0,8), nos termos do art. 5º, LXIII, da CRFB OU art. 7º, III, do EOAB (0,2). Obs.: A mera indicação do artigo não é pontuada.	0 / 0,8 / 1,0
6 – Desenvolvimento jurídico acerca da nulidade do auto de prisão em flagrante por violação à exigência de comunicação da medida à autoridade judiciária e à defensoria pública dentro de 24 horas (0,8), nos termos do art. 306, § 1º, do CPP OU art. 5º, LXII, da CRFB (0,2). Obs.: A mera indicação do artigo não é pontuada.	0 / 0,8 / 1,0
7 – Pedido de relaxamento de prisão em razão da nulidade do auto de prisão em flagrante (0,25) e expedição de alvará de soltura (0,25).	0 / 0,25 / 0,5

3. V Exame OAB – 2ª FASE – Padrão de correção Direito Penal: peça prática é Apelação

Item	Pontuação
Estrutura correta (divisão das partes / indicação de local, data, assinatura)	0 / 0,25

Indicação correta dos dispositivos legais que dão ensejo à apelação (art. 593, I, do CPP)	0 / 0,5
Endereçamento correto da interposição	0 / 0,25
Endereçamento correto das razões	0 / 0,25
Indicação de reformatio in pejus (0,20)	0 / 0,20
Desenvolvimento jurídico acerca da ocorrência de reformatio in pejus (0,40). Art. 617 do CPP (0,15)	0 / 0,15 / 0,40 / 0,55
Incidência da prescrição da pretensão punitiva (0,30). Desenvolvimento jurídico (0,45)	0 / 0,30 / 0,45 / 0,75
Não incidência da qualificadora de abuso de confiança OU desclassificação para furto simples (0,3). Desenvolvimento jurídico (0,45)	0 / 0,30 / 0,45 / 0,75
Atipicidade material da conduta OU Princípio da bagatela (0,3) Desenvolvimento jurídico (0,45)	0 / 0,30 / 0,45 / 0,75
Desenvolvimento jurídico acerca da incidência, em caráter eventual, da figura do furto privilegiado	0 / 0,25
Desenvolvimento jurídico acerca da substituição da pena privativa de liberdade por multa OU suspensão condicional da pena (sursis) e do processo OU diminuição da pena por bis in idem	0 / 0,25
Pedido correto, contemplando as teses desenvolvidas	0 / 0,25

Antes das novas diretrizes gerais fixadas pelo Conselho Federal da OAB, o candidato podia consultar doutrina e jurisprudência para realizar a prova prático-profissional.

Com a nova padronização do Exame da OAB Nacional, estabelecida pelo Provimento n. 144/2011, só é permitida ao candidato consulta a legislação, súmulas, enunciados, orientações jurisprudenciais e precedentes normativos sem qualquer anotação ou comentário, na área de opção do examinando.

Dessa forma, com as novas regras do Exame da OAB, pode-se perceber

que o candidato terá de estudar doutrina e jurisprudência, estabelecendo um aprofundamento teórico das teses jurídicas existentes na sua área de opção, com técnicas de memorização do conteúdo, para, então, estar preparado para realizar a segunda fase da prova prático-profissional.

3 Cargo de examinador

O cargo de Examinador da OAB é regulado pelo Provimento n. 144/2011, com as alterações do Provimento n. 156/2013, expedido pelo Conselho Federal da OAB, no uso de suas atribuições legais, que estabelece normas e diretrizes do Exame de OAB.

A Banca Examinadora da OAB será designada pelo Coordenador Nacional do Exame de Ordem, competindo-lhe atuar em conjunto com a pessoa jurídica contratada para a preparação e realização das provas, bem como homologar os seus gabaritos.

A Banca Recursal da OAB será designada pelo Coordenador Nacional do Exame de Ordem, competindo-lhe julgar recursos acerca de nulidade de questões, impugnação de gabaritos e pedidos de revisão de notas, em decisões de caráter irrecorrível.

É vedada, no mesmo certame, a participação de membro da Banca Examinadora na Banca Recursal. Aos Conselhos Seccionais da OAB são vedadas a correção e a revisão das provas. É vedada a participação de professores de cursos preparatórios para Exame de Ordem, bem como de parentes de examinandos, até o quarto grau, na Coordenação Nacional, na Banca Examinadora e na Banca Recursal.

4 Dispensa do Exame de Ordem

De acordo com o Provimento n. 167/2015 ficam dispensados do Exame de Ordem:

a) os postulantes oriundos da Magistratura e do Ministério Público;

b) os bacharéis alcançados pelo art. 7º da Resolução n. 2/94, da Diretoria do CFOAB;

> Art. 7º da Resolução n. 2/94: Estão dispensados do Exame de Ordem: I – os bacharéis em direito que realizaram o estágio profissional de advocacia (Lei n. 4.215/63) ou o estágio de prática forense e organização judiciária (Lei nº 5.842/72), no prazo de dois anos, com aprovação nos exames finais perante banca examinadora integrada por representante da OAB, até 4 de julho de 1994; II – os inscritos no quadro de estagiários da OAB, até 4 de julho de 1994, desde que realizem o estágio em dois anos de atividades e o concluam, com aprovação final, até 4 de julho de 1996; 1 Bel. em Direito pela FG – Faculdade Guanambi. 2 Resolução n. 2/94, da Diretoria do Conselho Federal da OAB; III – os matriculados, comprovadamente, nos cursos de estágio referidos no inciso I, antes de 5 de julho de 1994, desde que requeiram inscrições no Quadro de Estagiários da OAB, e o concluam com aprovação final, juntamente com o curso, até 04 de julho de 1996; IV – os que preencheram os requisitos do art. 53, § 2º, da Lei n. 4.215/63, e requereram suas inscrições até 4 de julho de 1994; V – os que, tendo suas inscrições anteriores canceladas em virtude do exercício, em caráter definitivo, de cargos ou funções incompatíveis com advocacia, requerer novas inscrições, após a desincompatibilização. Parágrafo único. Os bacharéis em direito que exerceram cargos ou funções incompatíveis com a advocacia, inclusive em carreira jurídica, sem nunca terem obtido inscrição na OAB, se a requererem, serão obrigados a prestar Exame de Ordem.

c) os advogados públicos aprovados em concurso público de provas e títulos realizado com a efetiva participação da OAB, e que estejam há mais de 5 (cinco) anos no exercício da profissão.

5 Programa da prova prático-profissional

Com a nova padronização do Exame da OAB Nacional estabelecida pelo Provimento n. 144/2011, com as alterações do Provimento n. 156/2013, só é permitida ao candidato consulta a legislação, súmulas, enunciados,

orientações jurisprudenciais e precedentes normativos sem qualquer anotação ou comentário, na área de opção do examinando.

O Provimento n. 144/2011, com as alterações do Provimento n. 156/2013, estabelece que o Exame de Ordem abrange 2 (duas) provas, compreendendo os conteúdos previstos nos Eixos de Formação Fundamental e de Formação Profissional do curso de graduação em Direito, conforme as diretrizes curriculares instituídas pelo Conselho Nacional de Educação, bem assim Direitos Humanos, Filosofia do Direito, Estatuto da Advocacia e da OAB, Regulamento Geral e Código de Ética e Disciplina, além de outras matérias jurídicas, desde que previstas no edital.

O Eixo de Formação Fundamental tem por objetivo integrar o estudante no campo, estabelecendo as relações do Direito com outras áreas do saber, abrangendo, entre outros, estudos que envolvam conteúdos essenciais sobre Antropologia, Ciência Política, Economia, Ética, Filosofia, História, Psicologia e Sociologia.

O Eixo de Formação Profissional abrange, além do enfoque dogmático, o conhecimento e a aplicação, observadas as peculiaridades dos diversos ramos do Direito, de qualquer natureza, estudados sistematicamente e contextualizados segundo a evolução da Ciência do Direito e sua aplicação às mudanças sociais, econômicas, políticas e culturais do Brasil, e suas relações internacionais, incluindo-se necessariamente, entre outros condizentes com o projeto pedagógico, conteúdos essenciais sobre Direito Constitucional, Direito Administrativo, Direito Tributário, Direito Penal, Direito Civil, Direito Empresarial, Direito do Trabalho, Direito Internacional e Direito Processual.

Nos Editais consta o conteúdo programático exigido na segunda fase da OAB, que segue após a tabela de estudos, no final da obra.

6 Ranking das peças práticas

De acordo com os gabaritos oficiais dos Exames da OAB, pode-se perceber quais as peças práticas mais cobradas no Exame da OAB:

EXAME 110: revisão criminal (ponto 1); recurso ordinário constitucional (ponto 2); contrarrazões de recurso em sentido estrito (ponto 3);

EXAME 111: embargos infringentes (ponto 1); recurso em sentido estrito (ponto 2); contrarrazões de apelação (ponto 3);

EXAME 112: habeas corpus (ponto 1); contrarrazões de recurso em sentido estrito (ponto 2); agravo em execução (ponto 3);

EXAME 113: recurso em sentido estrito (ponto 1); habeas corpus (ponto 2); apelação (ponto 3);

EXAME 114: recurso ordinário constitucional (ponto 1); agravo em execução (ponto 2); apelação (ponto 3);

EXAME 115: revisão criminal (ponto 1); agravo em execução (ponto 2); recurso em sentido estrito (ponto 3);

EXAME 116: habeas corpus (ponto 1); apelação (ponto 2); alegações finais da defesa (ponto 3);

EXAME 117: recurso em sentido estrito (ponto 1); habeas corpus (ponto 2); queixa-crime (ponto 3);

EXAME 118: apelação (ponto 1); alegações finais (ponto 2); habeas corpus (ponto 3);

EXAME 119: requerimento de sequestro de bem (ponto 1); mandado de segurança com pedido de liminar (ponto 2); agravo em execução (ponto 3);

EXAME 120: agravo em execução (ponto 1); habeas corpus (ponto 2); embargos infringentes e de nulidade (ponto 3);

EXAME 121: recurso ordinário constitucional (ponto 1); revisão criminal (ponto 2); apelação (ponto 3);

EXAME 122: revisão criminal ou habeas corpus (ponto 1); habeas corpus (ponto 2); apelação (ponto 3);

EXAME 123: recurso em sentido estrito (ponto 1); apelação (ponto 2); mandado de segurança ou agravo em execução (ponto 3);

EXAME 124: apelação (ponto 1); habeas corpus (ponto 2); embargos de declaração (ponto

3);

EXAME 125: habeas corpus (ponto 1); recurso em sentido estrito (ponto 2); habeas corpus (ponto 3);

EXAME 126: apelação (ponto 1); habeas corpus (ponto 2); apelação ou habeas corpus (ponto 3);

EXAME 127: habeas corpus ou agravo em execução (ponto 1); habeas corpus (ponto 2); recurso em sentido estrito (ponto 3);

EXAME 128: apelação (ponto 1); revisão criminal (ponto 2); habeas corpus (ponto 3);

EXAME 129: habeas corpus (ponto 1); apelação (ponto 2); habeas corpus (ponto 3);

EXAME 130: apelação (ponto 1); agravo em execução (ponto 2); embargos infringentes (ponto 3);

EXAME 131: apelação (ponto 1); recurso em sentido estrito (ponto 2); queixa-crime (ponto 3);

EXAME 132: recurso em sentido estrito (ponto 1); revisão criminal (ponto 2); pedido de progressão de regime (ponto 3);

EXAME 133: alegações finais (ponto 1); habeas corpus (ponto 2); recurso em sentido estrito (ponto 3);

EXAME 134: recurso em sentido estrito (ponto 1); apelação (ponto 2); alegações finais (ponto 3);

EXAME 135: apelação (ponto 1); pedido de liberdade provisória (ponto 2); agravo em execução (ponto 3);

EXAME 136: recurso ordinário constitucional (ponto 1); relaxamento de prisão (ponto 2); apelação (ponto 3);

EXAME 137: revogação de prisão preventiva (ponto 1); queixa-crime (ponto 2); recurso em sentido estrito (ponto 3);

EXAME 138: recurso em sentido estrito;

EXAME 139: memoriais;

EXAME 140: queixa-crime;

EXAME 141: memoriais;

EXAME 2010.2: recurso em sentido estrito;

EXAME 2010.3: recurso em sentido estrito;

IV EXAME: apelação;

V EXAME: apelação;

VI EXAME: relaxamento de prisão em flagrante;

VII EXAME: apelação;

VIII EXAME: resposta à acusação;

IX EXAME: memoriais;

X EXAME: revisão criminal;

XI EXAME: recurso em sentido estrito;

XII EXAME: apelação;

XIII EXAME: apelação;

XIV EXAME: memoriais;

XV EXAME: queixa-crime;

XVI EXAME: agravo em execução;

XVII EXAME: memoriais;

XVIII EXAME: apelação;

XIX EXAME: contrarrazões de apelação;

XX EXAME: memoriais;

XXI EXAME: resposta à acusação;

XXII EXAME: apelação;

XXIII EXAME: memoriais.

Com base nos exames da OAB, pode-se indicar um ranking das peças práticas mais cobradas na segunda fase do exame na área penal:

1º – Apelação;

2º – Habeas Corpus;

3º – Recurso em Sentido Estrito;

4º – Memoriais;

5º – Agravo em Execução;

6º – Revisão Criminal;

7º – Queixa-Crime;

8º – Recurso Ordinário Constitucional;

9º – Empate: Embargos Infringentes e de Nulidade e

Relaxamento/Revogação de Prisão;

10º – Empate: Contrarrazões de Recurso em Sentido Estrito – Resposta à acusação – Contrarrazões de Apelação – Mandado de Segurança;

11º – Empate: Peças incidentais – Embargos de Declaração – Peças da Execução Penal – Liberdade Provisória.

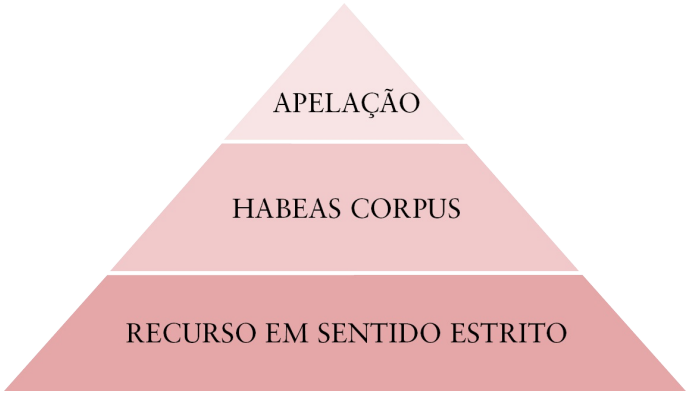

7 Como estudar para a Segunda Fase da OAB

Na segunda fase do exame da OAB, o candidato que optar pela área penal deve seguir as seguintes dicas para obter o sucesso desejado.

7.1 Dicas sobre a peça prática

I – Preparação do material do dia da prova: o material de apoio é essencial para consulta e fundamentação da peça prática. Na área penal, o candidato deve levar para a prova: a) Código Penal; b) Código de Processo Penal; c) Constituição Federal; d) objetos pessoais: caneta, lápis, borracha. O candidato não pode esquecer de buscar material atualizado, que ofereça índice (sistemático e remissivo) fácil e detalhado. Também não pode esquecer de levar no dia da prova a carteira de identidade e o cartão de inscrição da OAB. São permitidos os seguintes materiais no exame da OAB: a) legislação não comentada, não anotada e não comparada; b) códigos, inclusive os organizados que não possuam índices temáticos estruturando

roteiros de peças processuais, remissão doutrinária, jurisprudência, informativos dos tribunais ou quaisquer comentários, anotações ou comparações; c) leis de introdução dos Códigos; d) instruções normativas; e) índice remissivo; f) exposição de motivos; g) súmulas; h) enunciados; i) orientações jurisprudenciais; j) regimento interno; k) resoluções dos tribunais.

II – Estudo das peças: o candidato deve fazer um planejamento de estudo com base no edital exigido pela OAB. Deve lembrar que método de estudo e disciplina são as bases para a aprovação no exame da OAB. O candidato deve seguir os seguintes passos para o estudo dirigido:

a) preparação do material de estudo: o candidato deve ter o Código Penal comentado, o Código de Processo Penal comentado, um Manual de modelos de peças práticas e a coleta dos exames da OAB;

b) estudo teórico da peça: com resumo ou fichamento das ideias principais (sugiro que o candidato siga o seguinte roteiro para resumir: previsão legal, autor, réu, competência, finalidade, características, procedimento e observações complementares);

c) leitura: ler de 2 a 5 temas, por dia, de Direito Penal e Processo Penal (ao final desta obra segue anexo com tabela de estudo);

d) exercícios: efetuar exercícios sobre a peça estudada no dia;

e) treinamento: reservar uma hora e meia por dia para treinar argumentação jurídica, ou seja, redigir peças para obter habilidade com a prática penal do exame da OAB e com o tempo para a realização da peça.

III – Base da peça: é recomendável que o candidato faça leitura de doutrina de Direito Constitucional na parte dos Direitos e Garantias Fundamentais e dos Princípios Constitucionais, para fortalecimento dos argumentos jurídicos a serem usados na fundamentação da tese. É importante ressaltar que o estudo da área penal deve partir ou iniciar-se da Constituição Federal, pois a Constituição é a norma hierarquicamente superior a todas as demais e funciona como parâmetro a ser seguido na interpretação, aplicação e integração das normas jurídicas. Os princípios são as ideias centrais do sistema jurídico.

Algumas dicas sobre a importância dos princípios:

a) são os mandamentos nucleares do sistema; b) são os alicerces de um sistema; c) definem a lógica e a racionalidade do sistema; d) dão tônica e harmonia ao sistema; e) são as bases do ordenamento jurídico; f) são as ideias fundamentais e informadoras da organização jurídica da nação; g) são as linhas-mestras, os grandes nortes, as diretrizes magnas; h) dão coerência geral ao sistema; i) traçam os rumos a serem seguidos pela sociedade e pelo Estado; j) dão estrutura e coesão ao sistema; k) fortalecem o respeito à Constituição e garantem respeito a um bem da vida indispensável à essência do Estado democrático; l) orientam, condicionam e iluminam a interpretação das normas jurídicas; m) cumprem uma função informadora, devendo as diversas normas do ordenamento jurídico ser aplicadas em sintonia com os princípios; n) são vetores para soluções interpretativas; o) são ideias-matrizes; p) são normas qualificadas (validade maior); q) se forem desrespeitados, haverá quebra de todo o sistema jurídico; r) são direitos positivos; s) são fontes do direito; t) são ideias-bases de normas jurídicas; u) são nortes da atividade interpretativa e judicial.

IV – Linguagem adequada: o candidato deve atentar para:

a) o uso correto das regras gramaticais e preferencialmente as normas do novo acordo ortográfico;

b) a estética da peça, com letra legível e sem abreviaturas;

c) a linguagem direta, com termos adequados, sem repetição de vocábulos, o único termo que pode ser repetido sem problemas é o referente à designação da parte (exemplo: agravante, apelante, requerente);

d) o uso de caligrafia legível na elaboração das respostas às perguntas e da peça prática, podendo o candidato optar por utilizar letra "de forma";

e) no tocante à ortografia, se o candidato estiver com dúvida, deve utilizar um sinônimo.

V – Leitura do enunciado: o candidato deve ler o enunciado, para identificar os dados essenciais:

a) infração penal praticada: o candidato deve identificar se é crime ou contravenção penal;

b) ação penal: o candidato deve verificar se é caso de ação penal pública (incondicionada ou condicionada) ou privada (personalíssima ou subsidiária ou exclusiva);

c) pena abstrata: o candidato deve verificar qual a pena prevista na lei, em seus limites mínimo e máximo;

d) pena concreta: o candidato deve verificar qual a pena fixada pelo juiz na sentença criminal condenatória ou a medida de segurança fixada na sentença absolutória;

e) rito processual: o candidato deve verificar qual o procedimento cabível no caso concreto – rito especial ou rito ordinário ou rito sumário ou rito sumaríssimo;

f) momento processual: o candidato deve precisar o momento em que o caso concreto está de acordo com o rito;

g) situação prisional: o candidato deve verificar se o cliente envolvido na situação-problema está preso ou solto; se estiver preso, não esquecer de pedir a medida de soltura;

h) cliente: o candidato deve verificar quem é o beneficiário de sua medida criminal – pode ser o réu ou a própria vítima;

i) tese: o candidato deve verificar a argumentação que utilizará como base na fundamentação da sua peça prática; as teses tradicionais de defesa são: nulidade processual, abuso de autoridade, falta de justa causa e extinção da punibilidade;

j) competência: o candidato deve identificar qual o juízo competente para o endereçamento da peça prática;

k) pedido: o candidato deve mencionar o provimento jurisdicional compatível com o caso concreto.

VI – Rascunho da peça prática: após a leitura atenta e a coleta dos dados contidos na situação-problema, o candidato deve, no rascunho, traçar um resumo dos fatos e dos argumentos jurídicos que serão utilizados na fundamentação da tese. O rascunho serve para evitar rasuras e possibilitar a elaboração da peça prática com melhor estética e precisão.

VII – Elaboração da peça prática:

a) o candidato, ao inserir na peça prática, pelo menos, uma doutrina e uma jurisprudência (de acordo com o estudo e a memorização), objetiva conferir maior consistência à fundamentação; não é obrigatório;

b) dentro do mesmo tópico, pular uma linha; na mudança de tópicos na peça, pular duas linhas; cada parágrafo deve ter no máximo 8 (oito) linhas, sob pena de confusão de raciocínio;

c) a descrição dos fatos deve ser concisa, direta e com linguagem simples; o candidato não pode inventar dados nem copiar o problema.

VIII – Do direito:

No direito, o candidato deve seguir um roteiro estrutural na argumentação da tese:

a) apontamento da tese: o candidato deve mencionar a tese (nulidade, extinção da punibilidade, falta de justa causa ou abuso de autoridade). Após citar a tese, o candidato deve expor o motivo, ou seja, narrar o porquê da tese. Por fim, o candidato deve fazer referência ao fundamento legal e/ou constitucional;

b) demonstração da tese: o candidato deve arrolar os argumentos que indicarem os artigos de lei e princípios jurídicos violados com a ocorrência da tese exposta no parágrafo inicial;

c) fundamentação da tese: mencionar doutrina e jurisprudência. Na citação doutrinária e jurisprudencial, não há necessidade de especificar página, ano e edição do livro ou número do acórdão; colocar de forma genérica;

d) conclusão: retomar o parágrafo em que foi apontada a tese, com outras palavras.

Vejamos alguns exemplos:

1) Tese de Nulidade Processual

– apontamento da tese: no caso em tela, ocorreu nulidade processual (tese), em virtude da falta de intimação das partes na expedição da carta precatória na oitiva das testemunhas (motivo da tese), nos termos dos arts. 222 e 564, inciso IV, ambos do CPP, combinados com o art. 5º, inciso LV, da CF (fundamento legal).

– demonstração da tese: a referida falta de intimação representou um vício procedimental, desrespeitando, dessa forma, a ordem legal e, consequentemente, o princípio da legalidade, alicerce do Estado Democrático de Direito (a nulidade processual viola a lei).

– fundamentação da tese: doutrina: Segundo Fulano de tal, inquérito é procedimento. Jurisprudência: Segundo jurisprudência do STJ, o inquérito policial prescinde de contraditório.

– conclusão: dessa forma, houve nulidade pela falta de intimação processual, já que a regularidade procedimental exige respeito e observância às exigências legais, no sentido de buscar a justa composição da lide.

2) Tese de Falta de Justa Causa

Enunciado: "A" está sendo processado segundo denúncia que lhe imputa violação do art. 121, § 2º, inciso III, 1ª parte combinado com o art. 14, II, do Código Penal, porque teria tentado matar "B" mediante aplicação de injeção venenosa. O laudo do Instituto Médico Legal é taxativo, concluindo que a substância ministrada não tinha potencialidade lesiva, ou seja, era inócua. O Ministério Público apresentou alegações finais, postulando a pronúncia de "A" nos termos da denúncia. Como

advogado de "A", pratique o ato processual adequado ao rito processual.

– apontamento da tese: No caso em tela, ocorreu falta de justa causa (tese), em virtude do crime impossível (motivo da tese), nos termos do art. 17 do Código Penal (fundamento legal).

– demonstração da tese: O crime impossível restou demonstrado pela ineficácia absoluta do meio empregado, já que o laudo do Instituto Médico Legal foi taxativo no sentido de concluir que a substância ministrada não tinha potencialidade lesiva, ou seja, era inócua.

– fundamentação da tese: Doutrina: Segundo Noronha, no crime impossível não há tentativa, por não haver início de execução da ação típica. Jurisprudência: Segundo jurisprudência do STJ, a alegação de crime impossível pela ineficácia absoluta do meio demanda incursão no terreno fático-probatório, o que torna imprescindível a constatação por laudo pericial.

– conclusão: Dessa forma, houve falta de justa causa pela ocorrência de crime impossível, não podendo subsistir a imputação feita ao acusado, dada a inexistência de crime a punir.

3) Tese de Abuso de Autoridade

Enunciado: "A" está condenado por furto qualificado e foragido. Valendo-se de atestado de óbito falsificado, obteve do juiz das execuções criminais a extinção da punibilidade. Descoberta a fraude, o próprio magistrado cassou a sua decisão que já houvera passado em julgado, determinando a expedição de novo mandado de prisão contra "A". "A" continua foragido. Apresentar perante o órgão judiciário competente as razões da medida proposta.

– apontamento da tese: No caso em tela, ocorreu abuso de autoridade (tese), já que a sentença transitada em julgado faz coisa julgada formal e material, inexistindo, no Brasil, revisão contra o réu (motivo da tese), nos termos do art. 62 do Código Penal (fundamento).

– demonstração da tese: Se a sentença que decretou extinção da punibilidade já transitou em julgado, o processo não pode ter andamento e contra o suposto morto não pode ser intentada ação penal pelo mesmo objeto.

– fundamentação da tese: Segundo a doutrina, a sentença faz coisa julgada formal e material como qualquer outra fundada em prova falsa. Segundo a jurisprudência, a decisão lançada nos autos assume caráter de manifestação do Estado, que só pode ser revisada por meio de recurso.

– conclusão: Dessa forma, ocorreu abuso de autoridade, devendo ser mantida a decisão de extinção da punibilidade, já que não existe revisão contra o réu.

4) Tese de Extinção da Punibilidade

Enunciado: Em queixa-crime interposta por "A" contra "B", após decorrida a instrução a ação penal privada alcançou a fase das alegações finais. No ensejo, foram regularmente intimados o querelante e o seu patrono para a apresentação das alegações. No entanto, decorrido o prazo legal, tais alegações não foram oferecidas e o processo foi à conclusão para a sentença. O juiz

julgou a queixa procedente e condenou "B" a um mês de detenção, concedendo-lhe a suspensão condicional da pena. A sentença transitou em julgado. Elaborar a peça profissional adequada a resolver a situação de "B".

– apontamento da tese: No caso em tela, ocorreu extinção da punibilidade (tese), já que houve perempção (motivo da tese), nos termos do art. 107, IV, do CP.

– demonstração da tese: A ausência do querelante em razão de sua inércia ou desinteresse, a qualquer ato do processo a que deva estar presente, traduz inequívoco abandono de causa.

– fundamentação da tese: Segundo a doutrina, perempção é a perda do direito de demandar o querelado em face da inércia do querelante. Segundo o TJ/SP, a perempção como causa extintiva de punibilidade assenta-se na negligência do querelante quanto a andamento da causa.

– conclusão: Dessa forma, deve ser decretada a extinção da punibilidade, com fundamento na perempção em razão da negligência do querelante no andamento da causa.

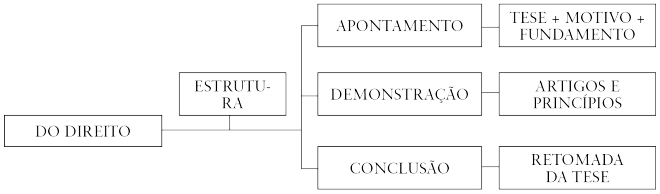

7.2 Dicas sobre as questões práticas

Na elaboração das respostas às questões práticas, o candidato deve seguir um roteiro para obter a pontuação necessária. Vejamos:

a) leitura atenta da questão: o candidato deve entender o que se pede na questão proposta pela OAB. A extensão máxima do texto será de 30 linhas para cada questão. Será desconsiderado, para efeito de avaliação, qualquer fragmento de texto que for escrito fora do local apropriado ou que ultrapassar a extensão máxima permitida;

b) busca após a leitura: o candidato deve procurar a resposta, em primeiro lugar, na lei, e, depois, na doutrina e na jurisprudência, já estudadas pelo candidato no preparo para a prova. A procura na lei e na doutrina será feita com base no índice remissivo dos Códigos;

c) fundamentação: na resposta, o candidato deve apresentar um fundamento legal ou constitucional, bem como mencionar todas as correntes doutrinárias e jurisprudenciais sobre o assunto.

ADVERTÊNCIA: NOTA ZERO NAS QUESTÕES PRÁTICAS EM CASO DE

* não atendimento ao conteúdo avaliado;

* ausência de texto de resposta;

* letra ilegível.

7.3 Recomendações finais

a) a prova não pode conter qualquer tipo de identificação do candidato. Nos termos do Provimento n. 144/2011, com as alterações do Provimento n. 156/2013, é nula a prova que contenha qualquer forma de identificação do examinando;

b) é vedada a divulgação de nomes e notas de examinandos não aprovados;

c) quanto às marcações liberadas nos materiais, é possível: a) simples utilização de marca-texto, traço ou simples remissão a artigos ou a lei; b) separação de códigos por clipes e/ou cores, providenciada pelo próprio examinando, sem nenhum tipo de anotação manuscrita ou impressa nos recursos utilizados para fazer a separação; c) utilização de separadores de códigos fabricados por editoras ou outras instituições ligadas ao mercado gráfico, desde que com impressão que contenha simples remissão a ramos do Direito ou a leis;

d) o examinando que, durante a aplicação das provas, estiver portando e/ou utilizando material proibido, ou se utilizar de qualquer expediente que vise burlar as regras do edital de abertura, especialmente as concernentes aos materiais de consulta, terá suas provas anuladas e será automaticamente eliminado do Exame.

1 RE 511961/SP – Relator(a): Min. Gilmar Mendes – Julgamento: 17-6-2009 – Órgão Julgador: Tribunal Pleno – PUBLIC 13-11-2009.

2 SILVA, José Afonso da. Aplicabilidade das normas constitucionais. São Paulo: Malheiros, 1998.

3 RE 603583 / RS – Relator(a): Min. MARCO AURÉLIO – Julgamento: 26-10-2011 – Órgão Julgador: Tribunal Pleno.

2

Visão Geral dos Procedimentos Criminais

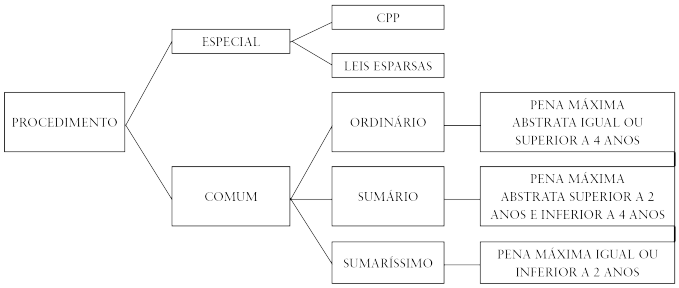

1 Procedimento comum

1.1 Procedimento ordinário

1.1.1 Cabimento

Crimes com pena máxima em abstrato igual ou superior a 4 (quatro) anos.

1.1.2 Previsão legal

Artigos 394 a 405, todos do CPP.

1.1.3 Procedimento

1. Oferecimento da denúncia ou queixa

   a) se for queixa-crime, após seu oferecimento é aberta vista ao Ministério Público para eventual aditamento no prazo de três dias do recebimento dos autos. O silêncio no prazo representa não aditamento. Sobre o aditamento de ação penal privada exclusiva há uma discussão doutrinária a respeito da inclusão de novo corréu:

      - não é possível aditar novo coautor, pois o Ministério Público não pode substituir a vítima no interesse e na legitimidade de agir;
      - Tourinho Filho[1]: é possível aditar novo coautor, pois o Ministério Público é o fiscal da lei, devendo zelar pela indivisibilidade;

- Demercian[2]: é possível aditar coautor quando restar demonstrado desconhecimento por parte da vítima;

b) o número máximo do rol de testemunhas é oito, não se compreendendo nesse número as que não prestam compromisso, as referidas e as que nada souberem que interesse à decisão da causa;

c) o Ministério Público ao oferecer a denúncia e o querelante ao apresentar a queixa podem requerer as diligências que entenderem necessárias ou convenientes para a prova que pretendem produzir. Cabe ao juiz deferir ou rejeitar, quando não interessarem à prova ou forem expedientes protelatórios.

2. Decisão liminar do juiz

a) Positiva: recebimento da denúncia ou queixa; no despacho de recebimento o juiz: (a) expede mandado de citação do acusado, (b) o acusado é citado para apresentar resposta à acusação ou defesa inicial ou resposta inicial, por escrito, no prazo de 10 dias:

- motivo do recebimento: quando atender aos requisitos do art. 41 do Código de Processo Penal e não contiver vício do art. 395 do Código de Processo Penal;
- recurso: não cabe, possibilitando-se ao acusado o habeas corpus; se for crime de competência originária de tribunal, cabe agravo (art. 39 da Lei n. 8.038/90);
- fundamentação: sobre a necessidade de fundamentar a decisão de recebimento da peça inicial acusatória existem duas correntes:

– a primeira corrente sustenta que é necessária a fundamentação, pois a CF, no art. 93, inciso IX, exige que todas as decisões judiciais sejam fundamentadas;

– a segunda corrente sustenta que não é necessária, pois a decisão de recebimento tem a natureza de um despacho, salvo se for crime falimentar;

- efeito: o recebimento da denúncia interrompe o prazo prescricional, conforme o art. 117, inciso I, do CP;
- natureza: decisão interlocutória simples, pois é decisão sobre marcha processual, sem julgamento do mérito;
- prazo: cinco dias, conforme o art. 800, inciso II, do CPP;
- suspensão condicional do processo: se for crime cuja pena mínima privativa de liberdade não supere um ano antes do recebimento, o Ministério Público pode apresentar proposta de suspensão condicional do processo.

b) Negativa: rejeição da denúncia ou queixa.

- motivo: quando não atende às formalidades do art. 41 do CPP ou incide em uma das situações do art. 395 do CPP;
- recurso: cabe Recurso em Sentido Estrito (art. 581, I, do CPP); no caso de infração de menor potencial ofensivo, cabe apelação (art. 82 da Lei n. 9.099/95); se for crime de competência originária de tribunal, cabe agravo (art. 39 da Lei n. 8.038/90);
- fundamentação: é necessário, conforme o art. 93, inciso IX, da Constituição Federal, que prevê o princípio constitucional da motivação das decisões judiciais;
- natureza: decisão interlocutória mista terminativa que faz coisa julgada formal, ou seja, decisão que encerra a relação processual, sem julgamento de mérito;
- prazo: cinco dias, conforme o art. 800, inciso II, do CPP.

Após o recebimento da denúncia ou queixa, o processo se desenvolverá por meio de uma sequência de atos processuais, que serão analisados a seguir.

3. Citação do réu

Será feita de acordo com as regras legais previstas nos arts. 351 e seguintes do CPP:

a) ato que comunica o réu de que há contra ele uma acusação, ao mesmo tempo que o chama para que venha defender-se no processo;

b) na execução penal não há necessidade de citação, exceto na hipótese do art. 164 da Lei n. 7.210/84;

c) é uma garantia individual em face do princípio do contraditório e da ampla defesa;

d) na ausência, há nulidade absoluta (art. 564, III, e, do CPP);

e) na irregularidade, há nulidade relativa (art. 564, IV, do CPP);

f) seu efeito é completar à instância ou relação processual (art. 363 do CPP);

g) a revelia ocorre quando o réu é citado ou intimado pessoalmente para qualquer ato, deixar de comparecer sem motivo justificado, ou, no curso do processo, muda de endereço sem prévia comunicação ao Juízo. Se for citado por edital, não comparecer nem constituir defensor, haverá suspensão do processo e do prazo prescricional; se comparecer ou constituir defensor, o processo prosseguirá. Nos crimes de lavagem de dinheiro, conforme o art. 2º, § 2º, da Lei n. 9.613/98, se o réu for citado por edital e não comparecer nem constituir advogado, o processo seguirá até o julgamento, com a nomeação de defensor dativo;

h) pode ser: (1) pessoal: mandado, precatória, rogatória, carta de ordem e requisição; (2) ficta: edital e hora certa:

mandado: é feito quando o réu estiver em local certo, no território de jurisdição do juiz da causa;

precatória: é feita quando o réu estiver em local certo, mas fora do território de jurisdição do juiz da causa;

rogatória: (a) quando o réu estiver em local certo e sabido, no exterior; (b) quando o réu estiver em legações estrangeiras (sede de consulados ou embaixadas);

carta de ordem: (a) quando é feita de tribunal para juiz; (b) de Tribunal superior para Tribunal de segunda instância;

militar: expedição de ofício requisitório ao chefe do serviço, para que este faça a citação.

Se estiver fora do território do juízo processante, a citação será por precatória;

preso: será pessoal, ou seja, o oficial de justiça dirige-se ao estabelecimento penitenciário, faz a leitura do mandado, entrega a contrafé (cópia do mandado e da acusação) e faz a certidão da ocorrência;

funcionário público: pode ser por mandado ou precatória, mas há necessidade de notificar o chefe da repartição, para que providencie a substituição do funcionário;

edital: quando o acusado não for encontrado. O prazo da defesa começará a fluir a partir do comparecimento pessoal do acusado ou do defensor constituído. A citação por edital na hipótese de local inacessível continua a existir, por aplicação analógica do art. 256, inciso II, do CPC/2015;

hora certa: quando o oficial de justiça, por três vezes, procurar o réu em seu domicílio ou residência, para citação pessoal, não encontrá-lo, havendo suspeita de ocultação, deve intimar a pessoa da família, ou, em sua falta, qualquer vizinho, informando que, no dia seguinte, voltará, a fim de efetuar a citação, na hora designada. No dia e hora designados, o oficial comparecerá ao domicílio ou residência do citando. Se estiver presente, realiza a citação e documenta a diligência. Se não estiver presente, o oficial se informa da ausência. Se forem razões injustificadas, fará a citação, deixando a contrafé com pessoa da família ou qualquer vizinho. O escrivão enviará ao réu carta, telegrama ou radiograma dando ciência ao réu da citação.

4. Resposta à acusação ou defesa ou resposta inicial

a) forma: peça escrita;

b) prazo: 10 dias;

c) nulidade: falta de concessão de prazo para apresentação da defesa inicial;

d) legitimidade ativa: acusado, por meio de profissional habilitado;

e) conteúdo: (1) pode juntar documentos; (2) arrolar testemunhas; (3) requerer diligências; (4) incompetência do juízo; (5) especificar provas; (6) tudo o que interesse à defesa do acusado; (7) oferecer justificações;

f) não apresentação no prazo legal: juiz nomeará defensor para oferecer a defesa no prazo de 10 dias.

5. Absolvição sumária

a) conceito: é a possibilidade de julgamento antecipado da lide;

b) previsão legal: art. 397 do CPP;

c) cabimento: I – existência manifesta de causa excludente da ilicitude do fato (art. 23 do Código Penal); II – existência manifesta de causa excludente da culpabilidade do agente, salvo inimputabilidade; III – que o fato narrado evidentemente não constitui crime (ausência de tipicidade, impossibilidade jurídica do pedido); IV – extinta a punibilidade do agente;

d) natureza: decisão de mérito, passível de coisa julgada material;

e) recurso: apelação, salvo no caso de extinção da punibilidade, em que o recurso oponível continua sendo o recurso em sentido estrito, nos termos do art. 581, VIII, do CPP.

6. Não decretação de absolvição sumária

Se após o oferecimento da resposta à acusação o juiz verificar que não é caso de absolvição sumária, designará dia e hora para a audiência, ordenando a intimação do acusado, de seu defensor, do Ministério Público e, se for o caso, do querelante e do assistente.

O caput do art. 399 do CPP, ao estabelecer ato de recebimento da denúncia ou queixa, gerou divergência na doutrina. Para alguns, o primeiro recebimento previsto no art. 396 do CPP tem natureza provisória e o segundo recebimento previsto no art. 399 do CPP tem natureza definitiva e que gera a interrupção do prazo prescricional. Para outros, o segundo recebimento é apenas uma ratificação do primeiro recebimento, de forma que não gera a interrupção do prazo prescricional. Adotamos a posição de que existe apenas um recebimento, que é o previsto no art. 396 do CPP.

No caso da intimação do acusado, cabe ressaltar que se o réu estiver fora do território do juízo processante, a intimação será feita por precatória; se o réu estiver preso, haverá a requisição da apresentação do acusado em juízo em dia, hora e local designados.

O Código estabelece que "o juiz que presidiu a instrução deverá proferir a sentença" (art. 399, §§ 1º e 2º), adotando, de forma expressa, o princípio da identidade física do Juiz, ou seja, o Juiz que colher a prova deve julgar o processo.

7. Audiência de instrução e julgamento

a) prazo máximo: 60 (sessenta) dias;

b) atos processuais: (1) declarações do ofendido, (2) inquirição das testemunhas arroladas pela acusação e pela defesa, nesta ordem, (3) esclarecimentos dos peritos, (4) acareações, (5) reconhecimento de pessoas e coisas e (6) interrogatório do acusado;

c) concentração: as provas serão produzidas numa só audiência;

d) indeferimento: o juiz pode indeferir as provas consideradas irrelevantes, impertinentes ou protelatórias;

e) indeferimento injustificado de prova pelo juiz: poderá acarretar a nulidade absoluta. Se a prova recusada for favorável ao acusado, o indeferimento ensejará habeas corpus; se produzir prova contra o acusado, o indeferimento poderá ensejar a correição parcial ou mandado de segurança;

f) requisito da perícia: se forem necessários esclarecimentos dos peritos, as partes deverão requerer previamente (art. 400, §§ 1º e 2º);

g) documentação: termo lavrado em livro próprio, assinado pelo juiz e pelas partes, contendo breve resumo dos fatos relevantes nela ocorridos;

h) gravação: sempre que possível, o registro dos depoimentos do investigado, indiciado, ofendido e testemunhas será feito pelos meios ou recursos de gravação magnética, estenotipia, digital, ou técnica similar, inclusive audiovisual, destinada a obter maior fidelidade das informações. No caso de registro por meio audiovisual, será encaminhada às partes cópia do registro original, sem necessidade de transcrição.

8. Declarações do ofendido

a) conteúdo: será qualificado e perguntado sobre as circunstâncias da infração, quem seja ou presuma ser o

seu autor, as provas que possa indicar, tomando-se por termo as suas declarações;

b) requisito: intimação;

c) não comparecimento injustificado: o ofendido poderá ser conduzido à presença da autoridade;

d) direito de comunicação: o ofendido será comunicado dos atos processuais relativos ao ingresso e à saída do acusado da prisão, à designação de data para audiência e à sentença e respectivos acórdãos que a mantenham ou modifiquem. As comunicações ao ofendido deverão ser feitas no endereço por ele indicado, admitindo-se, por opção do ofendido, o uso de meio eletrônico;

e) direito territorial: antes do início da audiência e durante a sua realização, será reservado espaço separado para o ofendido;

f) providência complementar: se o juiz entender necessário, poderá encaminhar o ofendido para atendimento multidisciplinar, especialmente nas áreas psicossocial, de assistência jurídica e de saúde, a expensas do ofensor ou do Estado;

g) obrigação judicial: preservação da intimidade, vida privada, honra e imagem do ofendido, podendo, inclusive, determinar o segredo de justiça em relação aos dados, depoimentos e outras informações constantes dos autos a seu respeito para evitar sua exposição aos meios de comunicação.

9. Audiência para oitiva das testemunhas de acusação

a) conceito: testemunha relata ao juiz as suas percepções sensoriais sobre fato relevante do processo;

b) são informantes (não prestam compromisso de dizer a verdade): (1) menores de 14 anos; (2) doentes e deficientes mentais; (3) os dispensados de testemunhar;

c) são dispensados de testemunhar (é opção, desde que não seja possível obter ou descobrir a prova do fato e de suas circunstâncias): (1) ascendente; (2) descendente; (3) afim em linha reta; (4) cônjuge; (5) irmão; (6) filho adotivo;

d) são proibidas de testemunhar: pessoas que têm obrigação de sigilo profissional, em razão de função, ministério, ofício ou profissão, salvo se, desobrigadas pela parte interessada, quiserem dar seu testemunho. Esta proibição é estendida ao advogado (mesmo autorizado pelo cliente, não pode testemunhar), Juiz e Ministério Público;

e) lugar do depoimento: foro do juízo; exceção: fora da sede do juízo: (1) pessoas impossibilitadas por enfermidade ou velhice; neste caso, o lugar será o local onde estiverem; (2) autoridades do art. 221 do CPP podem marcar dia, hora e local para inquirição;

f) quando a testemunha residir fora do juízo processante: ela será ouvida pelo juízo do local de sua residência; as partes devem ser intimadas da expedição da carta precatória (Súmula 155 do STF). Se residir fora do país, pode ser expedida carta rogatória se demonstrada previamente a sua imprescindibilidade, arcando a parte requerente com os custos de envio. Tanto a expedição da precatória como a da rogatória não suspenderão a instrução criminal;

g) quando a testemunha não conhecer a língua oficial: será nomeado intérprete;

h) produção antecipada do depoimento testemunhal: quando houver fundado receio de que a prova desaparecerá (morte, ausência ou esquecimento) na época da instrução criminal. O depoimento será feito de ofício ou a requerimento de qualquer das partes;

i) depoimento da testemunha: (1) qualificação; (2) compromisso de dizer a verdade, salvo casos de dispensa; (3) relato sobre os fatos, não podendo indicar suas apreciações pessoais, salvo quando inseparáveis da

narrativa do fato; (4) perguntas das partes (inquirição direta, ou seja, as partes perguntam de forma direta às testemunhas, permanecendo o juiz com o papel de fiscalizador, já que pode indeferir perguntas que não tiverem relação com a causa, impertinentes ou já respondidas): sempre em primeiro lugar, a parte que arrolou a testemunha, depois a parte contrária; (5) lavratura do termo; (6) assinatura;

j) se a testemunha for intimada e não comparecer por motivo injustificado: (a) o juiz pode determinar a sua condução coercitiva (art. 218 do CPP); (b) pode aplicar a multa do art. 453 do CPP; (c) pode processar por crime de desobediência; (d) pode condenar ao pagamento das custas da diligência;

k) prazo: o prazo da oitiva será de 20 dias, quando o réu for preso, e de 40 dias, quando o réu for solto;

l) incomunicabilidade entre testemunhas: antes do início da audiência e durante a sua realização serão reservados espaços para a garantia da incolumidade das testemunhas;

m) oitiva por videoconferência: permitida a presença do defensor, podendo ser realizada, inclusive, durante a audiência de instrução e julgamento.

10. Audiência para oitiva das testemunhas de defesa: mesmo procedimento da oitiva das testemunhas de acusação. Não pode ocorrer inversão na oitiva das testemunhas; em primeiro lugar sempre será a acusação, sob pena de nulidade absoluta.

11. Acareações

a) cabimento: será admitida entre acusados, entre acusado e testemunha, entre testemunhas, entre acusado ou testemunha e a pessoa ofendida, e entre as pessoas ofendidas, sempre que divergirem em suas declarações sobre fatos ou circunstâncias relevante;

b) forma: os acareados serão reperguntados, para que expliquem os pontos de divergência, reduzindo-se a termo o ato de acareação. Se ausente alguma testemunha cujas declarações divirjam das de outra, que esteja presente, a estas se darão a conhecer os pontos da divergência, consignando-se no auto o que explicar ou observar. Se subsistir a discordância, expedir-se-á precatória à autoridade do lugar onde resida a testemunha ausente, transcrevendo-se as declarações desta e as da testemunha presente, nos pontos em que divergirem, bem como o texto do referido auto, a fim de que se complete a diligência, ouvindo-se a testemunha ausente, pela mesma forma estabelecida para a testemunha presente. Essa diligência só se realizará quando não importe demora prejudicial ao processo e o juiz a entenda conveniente.

12. Reconhecimento de pessoas e coisas

a) reconhecimento de pessoas: I – a pessoa que tiver de fazer o reconhecimento será convidada a descrever a pessoa que deva ser reconhecida; II – a pessoa, cujo reconhecimento se pretender, será colocada, se possível, ao lado de outras que com ela tiverem qualquer semelhança, convidando-se quem tiver de fazer o reconhecimento a apontá-la; III – se houver razão para recear que a pessoa chamada para o reconhecimento, por efeito de intimidação ou outra influência, não diga a verdade em face da pessoa que deve ser reconhecida, a autoridade providenciará para que esta não veja aquela; IV – do ato de reconhecimento lavrar-se-á auto pormenorizado, subscrito pela autoridade, pela pessoa chamada para proceder ao reconhecimento e por duas testemunhas presenciais;

b) reconhecimento de objeto: será feito com as cautelas estabelecidas no reconhecimento de pessoas, no que for aplicável;

c) reconhecimento plurissubjetivo: se várias forem as pessoas chamadas a efetuar o reconhecimento de pessoa ou de objeto, cada uma fará a prova em separado, evitando-se qualquer comunicação entre elas.

13. Interrogatório do réu

a) natureza: meio de defesa e meio de prova;

b) características: (1) ato personalíssimo: só o réu pode ser interrogado; (2) ato público: qualquer pessoa pode assistir; (3) ato judicial: somente o juiz pode interrogar; (4) ato não preclusivo: pode ser realizado em qualquer momento;

c) presença na audiência do interrogatório: (1) do defensor: deve ser durante o interrogatório, sob pena de nulidade; (2) Ministério Público: pode ou não comparecer;

d) réu preso: será interrogado no estabelecimento carcerário, se forem preenchidas três condições: (1) garantida a presença do defensor; (2) haver segurança para o juiz, membro do Ministério Público e auxiliares; (3) garantida a publicidade do ato;

e) defesa e Ministério Público: podem fazer perguntas no final do interrogatório, em caráter complementar; o juiz pode indeferir as impertinentes e irrelevantes;

f) por precatória: é possível;

g) direitos do acusado: confessar, negar, silenciar e mentir;

h) negativa de responder a perguntas de qualificação: contravenção do art. 68, prevista no Decreto-lei n. 3.688, de 3-10-1941;

i) espécies: (1) analfabeto com deficiência de se comunicar: intervenção de intérprete; (2) estrangeiro: intérprete; (3) mudo: perguntas orais e respostas escritas; (4) surdo: perguntas escritas e respostas orais; (5) surdo-mudo: perguntas e respostas escritas;

j) procedimento: (1) qualificação; (2) ciência da acusação; (3) silêncio (o juiz informa o direito de permanecer calado e de não responder a perguntas que lhe são formuladas); (4) mérito (seguir o roteiro do art. 187 do Código de Processo Penal). De acordo com a Lei n. 13.257/2016, do interrogatório deverá constar a informação sobre a existência de filhos, respectivas idades e se possuem alguma deficiência e o nome e o contato de eventual responsável pelos cuidados dos filhos, indicado pela pessoa presa;

k) interrogatório por sistema de videoconferência:

- caráter: excepcional;
- determinação: juiz, por decisão fundamentada;
- iniciativa: de ofício ou a requerimento das partes;
- finalidades: prevenir risco à segurança pública, quando exista fundada suspeita de que o preso integre organização criminosa ou de que, por outra razão, possa fugir durante o deslocamento; viabilizar a participação do réu no referido ato processual, quando haja relevante dificuldade para seu comparecimento em juízo, por enfermidade ou outra circunstância pessoal; impedir a influência do réu no ânimo de testemunha ou da vítima, desde que não seja possível colher o depoimento destas por videoconferência, nos termos do art. 217 do Código de Processo Penal; responder a gravíssima questão de ordem pública;
- requisito: da decisão que determinar a realização de interrogatório por videoconferência as partes serão intimadas com 10 (dez) dias de antecedência;
- direitos do preso: a) entrevista prévia e reservada com o seu defensor; b) acesso a canais telefônicos reservados para comunicação entre o defensor que esteja no presídio e o advogado presente na sala de audiência do Fórum e entre este e o preso;

- fiscalização: a sala reservada no estabelecimento prisional para a realização de atos processuais por sistema de videoconferência será fiscalizada pelos corregedores e pelo juiz de cada causa, como também pelo Ministério Público e pela Ordem dos Advogados do Brasil.

14. Fase do art. 402 do CPP: diligências requeridas pelas partes

a) prazo: não há, pois devem ser requeridas de imediato;

b) ordem: Ministério Público – querelante – assistente – defesa;

c) conteúdo: diligências cuja necessidade se origine das circunstâncias ou de fatos apurados na instrução;

d) requisito: intimação, em nome da ampla defesa;

e) prazo da decisão: cinco dias, pois é interlocutória simples;

f) indeferimento indevido: nulidade do processo por cerceamento. O acusado pode utilizar o habeas corpus e a acusação, da correição parcial ou mandado de segurança;

g) não requerimento ou indeferimento: alegações finais;

h) momento: após o interrogatório, ao final da audiência.

15. Fase do art. 403 do CPP – alegações finais

a) conteúdo: dedução das pretensões e apreciação das provas. Segundo Tourinho[3], na fase das alegações, cumpre fazer uma apreciação das questões de fato apuradas no processo e, inclusive, sobre questões jurídicas, procurando mostrar a procedência e juridicidade do pedido;

b) ordem: Ministério Público – querelante – assistente – defesa;

c) prazo: vinte minutos, prorrogáveis por mais dez minutos;

d) necessidade de intimação: precisa, em homenagem à ampla defesa;

e) forma: oral;

f) forma escrita: (1) caso complexo; (2) número elevado de acusados. O prazo é de 5 dias para apresentação de memoriais;

g) se houver mais de um réu: o tempo previsto para a defesa de cada um será individual;

h) prazo do advogado do assistente: dez minutos, após as alegações finais do Ministério Público; neste caso prorroga-se "por igual período o tempo de manifestação da defesa".

16. Sentença: O juiz profere sentença em dez dias; caso não se encontre habilitado, prorrogáveis por mais dez dias. Quando houver apresentação de memoriais, o juiz tem o prazo de dez dias para proferir a sentença.

a) requisitos formais: (1) relatório: história relevante do processo (dispensado no JECRIM); (2) fundamentação: indicação dos motivos de fato e de direito, com a apreciação de toda a matéria da acusação e defesa; (3) dispositivo: decisão propriamente dita;

b) princípio da correlação: o juiz tem de julgar o acusado pelos fatos narrados na ação penal; o acusado se defende dos fatos alegados, e não da capitulação legal da infração penal;

c) publicação da sentença criminal: (1) se tiver sido proferida em audiência: com a leitura da sentença; (2) se não tiver sido proferida em audiência: com a entrega em cartório;

d) efeitos da publicação da sentença: (1) regra: com a publicação, a sentença torna-se irretratável; (2) exceção: erros materiais (podem ser corrigidos de ofício) e a oposição de embargos de declaração;

e) se o réu for condenado, está obrigado a recolher taxa judiciária de 100 UFESPs, salvo no Juizado Especial Criminal;

f) sentença absolutória:

- fundamentos: (1) inexistência do fato; (2) prova da não existência do fato (o fato existe, mas não há prova de sua ocorrência); (3) fato atípico; (4) prova de não ter o réu concorrido para a infração penal; (5) estar provado que o réu não concorreu para a infração penal; (6) existência de circunstância excludente de ilicitude ou de isenção de pena; (7) prova não suficiente para condenação;
- efeito principal: mandar colocar o réu em liberdade, salvo necessidade de prisão por outro motivo;
- outros efeitos: ordenar a cessação das medidas cautelares e provisoriamente aplicadas; aplicar medida de segurança, quando for o caso;

g) sentença condenatória:

- fundamento: prova suficiente de autoria e materialidade da infração penal;
- requisitos: as circunstâncias agravantes ou atenuantes definidas no Código Penal, e cuja existência reconhecer; as outras circunstâncias apuradas e tudo o mais que deva ser levado em conta na aplicação da pena, de acordo com o disposto nos arts. 59 e 60 do Código Penal; aplicará as penas de acordo com essas conclusões; fixará valor mínimo para reparação dos danos causados pela infração, considerando os prejuízos sofridos pelo ofendido; determinará se a sentença deverá ser publicada na íntegra ou em resumo e designará o jornal em que será feita a publicação; decisão sobre a manutenção ou, se for o caso, imposição de prisão preventiva ou de outra medida cautelar, sem prejuízo do conhecimento da apelação que vier a ser interposta;
- efeitos: (1) lançamento do nome do réu no rol dos culpados, após o trânsito em julgado; (2) obrigação de indenizar; (3) confisco: perda dos instrumentos e produtos do crime; (4) suspensão dos direitos políticos enquanto durarem os efeitos da condenação; (5) efeitos secundários do art. 92 do CPP; (6) suspensão ou proibição de obter permissão ou habilitação para dirigir veículo automotor, de dois meses a cinco anos, após transitar em julgado, por crime de trânsito;

h) tipos de decisões:

- vazia: sem fundamentação;
- suicida: fundamentação contraria o dispositivo;
- subjetivamente simples: proferida por uma pessoa;
- subjetividade plúrima: proferida por um órgão colegiado;
- subjetivamente complexa: proferida por mais de um órgão;
- interlocutória simples: resolve questão processual sem julgamento de mérito;
- interlocutória mista ou com força definitiva: encerra o processo (terminativa) ou uma etapa processual (não terminativa), sem julgamento do mérito;
- sentença própria ou em sentido estrito: soluciona a causa com julgamento do mérito;
- condenatória: procedência da pretensão punitiva;
- absolutória própria: improcedência da pretensão punitiva;
- absolutória imprópria: improcedência da pretensão punitiva, com imposição de medida de

segurança;

- terminativa de mérito: julga o mérito, sem absolver ou condenar;

i) fenômenos da sentença:

Itens	Emendatio libeli	Mutatio libeli
Terminologia	Emenda na acusação.	Mudança na acusação.
Conceito	Dar ao fato definição jurídica diversa (mudar o artigo de lei), sem modificar a descrição do fato contida na denúncia ou queixa.	Nova definição jurídica do fato, diante de prova da infração penal não contida na acusação.
Providência	Nenhuma, mesmo que implicar aplicação da pena mais grave.	Com aditamento: o Ministério Público deverá aditar a denúncia ou queixa, no prazo de 5 (cinco) dias. Em seguida, será ouvido o defensor do acusado no prazo de 5 (cinco) dias e, admitido o aditamento, o juiz, a requerimento de qualquer das partes, designará dia e hora para continuação da audiência, com inquirição de testemunhas, novo interrogatório do acusado, realização de debates e julgamento. Sem aditamento: o juiz atua de acordo com o art. 28 do CPP. Não recebido o aditamento, o processo prosseguirá.
2ª instância	Pode ser aplicada.	Não pode ser aplicada, conforme a Súmula 453 do STF.

j) embargos de declaração:

prazo: 5 dias;

motivo: I – esclarecer obscuridade ou eliminar contradição; II – suprir omissão de ponto

ou questão sobre o qual devia se pronunciar o juiz de ofício ou a requerimento; III – corrigir erro material;

efeito: interruptivo;

k) intimação da sentença: (1) pessoal: Ministério Público, defensor dativo, defensor público, defensor constituído e réu; (2) por edital: réu não encontrado ou revel: prazo do edital: (a) se for condenado a pena privativa de liberdade igual ou superior a um ano: 90 dias; (b) nos demais casos: 60 dias.

Fluxograma do procedimento ordinário

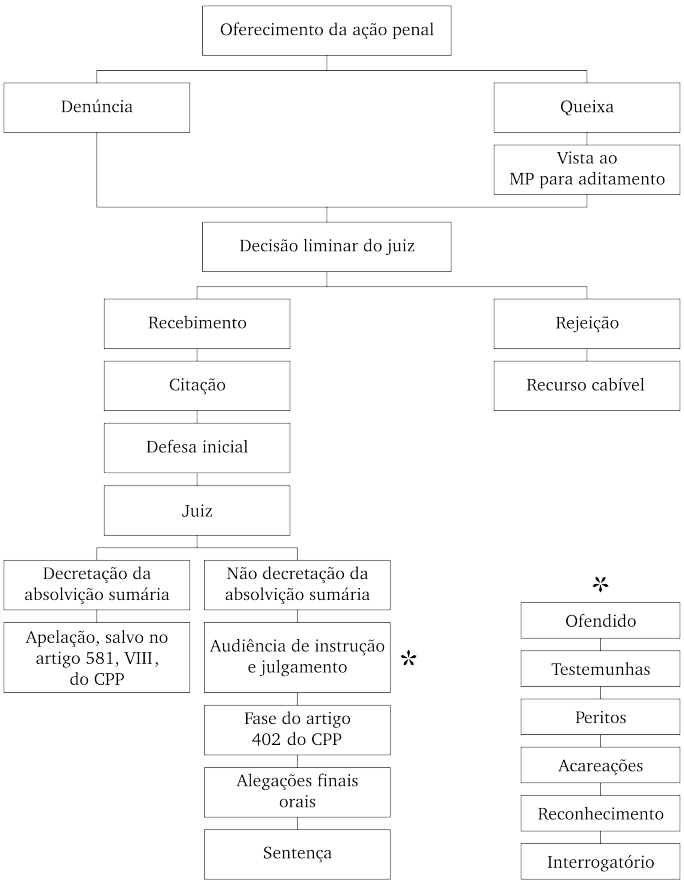

1.2 Procedimento sumário

1.2.1 Cabimento

Crimes com pena máxima em abstrato superior a dois anos e inferior a quatro anos.

1.2.2 Previsão legal

Artigos 531 a 538, todos do CPP.

1.2.3 Procedimento

1. Oferecimento da denúncia ou queixa
2. Decisão liminar do juiz
   a) positiva: recebimento da denúncia ou queixa; no despacho de recebimento o juiz: (a) expede mandado de citação do acusado; (b) o acusado é citado para apresentar defesa ou resposta inicial, por escrito, no prazo de 10 dias;
   b) negativa: rejeição da denúncia ou queixa.
3. Citação do réu
   a) defesa inicial;
   b) decretação de absolvição sumária e fim do processo.
4. Não decretação da absolvição sumária: será realizada audiência una de instrução, debates e julgamento
5. Audiência de instrução, debates e julgamento:
   - tomada de declarações do ofendido;
   - oitiva das testemunhas de acusação;
   - oitiva das testemunhas de defesa;
   - esclarecimentos dos peritos, desde que requeridos pelas partes;
   - acareações;
   - reconhecimento de pessoas e coisas;
   - interrogatório do acusado.
6. Alegações orais de 20 minutos, prorrogáveis por mais 10 minutos
7. Sentença

Fluxograma do procedimento sumário

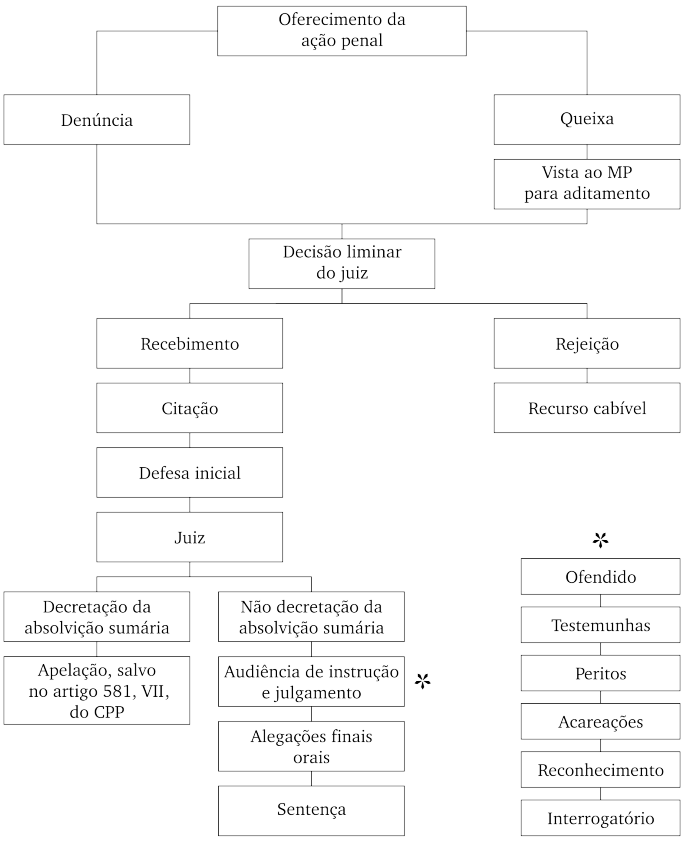

Itens	Ordinário	Sumário
N. máximo de testemunhas	Até 8.	Até 5.
Prazo máximo para conclusão da audiência de instrução e julgamento	60 dias.	30 dias.
Fase das diligências	Existe previsão no art. 402 do CPP.	Não há previsão.
Memoriais	Há previsão no art. 403, § 3º, do CPP.	Não há previsão.
Pena máxima cominada	Igual ou superior a 4 anos.	Acima de 2 anos e inferior a 4 anos.

1.3 Procedimento sumaríssimo

1.3.1 Cabimento

Nas infrações de menor potencial ofensivo: todas as contravenções penais

e todos os crimes que tenham pena máxima em abstrato igual ou inferior a dois anos.

1.3.2 Previsão legal

O procedimento sumaríssimo está regulado pelas Leis n. 9.099/95 e 10.259/01.

1.3.3 Procedimento

1. Praticada a infração de menor potencial ofensivo, será lavrado o Termo Circunstanciado, com encaminhamento imediato do autor do fato e do ofendido ao juizado.

2. Audiência preliminar

a) esclarecimento por parte do juiz da conciliação;

b) composição dos danos civis:

- cabimento: quando houver prejuízos à vítima;
- participação do Ministério Público: quando a vítima for incapaz;
- presidência do ato: juiz ou conciliador;
- feitura do acordo: as partes podem tomar uma das seguintes atitudes:
- fazer acordo: reduz a termo; homologada pelo juiz, torna-se sentença irrecorrível e com eficácia de título executivo; se for crime de ação penal privada ou condicionada à representação, a composição dos danos é causa extintiva de punibilidade;
- não fazer acordo: (1) se for crime de ação penal privada ou condicionada à representação: o ofendido exercerá o direito de queixa ou representação verbal; (2) se for crime de ação penal pública incondicionada: surgirá a possibilidade de transação penal;

c) transação penal:

- requisitos: (1) ação penal pública; (2) circunstâncias judiciais favoráveis; (3) não ter sofrido condenação definitiva a pena privativa de liberdade; (4) aceitação do autor e defensor; (5) não ter sido beneficiado em cinco anos;
- conceito: acordo entre o Ministério Público e o autor do fato;
- objeto: aplicação imediata de pena restritiva de direitos ou multa;
- efeito: uma vez feita a transação, não haverá instauração do processo;
- se houver aceitação da transação penal pelo autor do fato: juiz aplica a pena por sentença; se o juiz não concorda, deve aplicar o art. 28 do CPP;
- se não houver aceitação da transação penal pelo autor do fato: o Termo Circunstanciado será analisado pelo Ministério Público: (1) se não houver indícios de autoria e materialidade: promove o arquivamento; (2) se presentes indícios: promove a denúncia;
- natureza da decisão: condenação imprópria;
- recurso: apelação;

- descumprimento da proposta pelo autor do fato: abre vista ao Ministério Público;
- efeitos da sentença: não gera reincidência, maus antecedentes nem efeitos civis.

3. Fase judicial: quando o infrator não comparecer à audiência preliminar ou não for possível transação penal (só cabe na ação penal pública)

a) Oferecimento da denúncia ou queixa: (1) base: termo circunstanciado; (2) dispensa de exame de corpo de delito: quando a materialidade estiver demonstrada por boletim médico ou prova equivalente:
    - pode o Ministério Público, em vez de oferecer denúncia: (1) pedir novas diligências; (2) pedir remessa para o juízo penal comum;
    - discordância do juiz em face da remessa ministerial ao juízo penal comum: remete ao procurador-geral (estadual) ou à Câmara de coordenação e revisão (federal), que tomará a decisão final;

b) citação do acusado com entrega da cópia contendo a data da audiência de instrução e julgamento: se o réu estiver em local incerto, remessa ao juízo comum para citação por edital;

c) audiência de instrução e julgamento:
    - nova tentativa de conciliação e de oferecimento de transação penal;
    - palavra ao defensor para a resposta à acusação;

d) decisão liminar do juiz:
    - positiva: recebimento da denúncia ou queixa;
    - suspensão condicional do processo: (a) não cabe: processo prossegue; (b) cabe: suspensão por dois a quatro anos; neste caso, o acusado pode cumprir (extinção da punibilidade) ou não cumprir (revogação com prosseguimento do processo); iniciativa: só o Ministério Público pode pedir ao juiz a suspensão; crimes: somente quando a pena mínima seja igual ou inferior a um ano; não cabe na ação penal privada; se o Ministério Público não oferecer, o juiz seguirá o procedimento previsto no art. 28 do CPP;
    - atos processuais da audiência:

– oitiva da vítima;
– oitiva das testemunhas de acusação;
– oitiva das testemunhas de defesa;
– interrogatório do acusado;
– debates orais de 20 minutos prorrogáveis por mais 10 minutos;
– sentença;

    - negativa: rejeição da denúncia ou queixa, da qual cabe apelação em dez dias, cujo julgamento será feito pela turma julgadora por três juízes de primeiro grau.

e) recursos:

Itens	Apelação	Embargos de declaração
Prazo	Dez dias.	Cinco dias.

Contrarrazões	Dez dias.	Não tem.
Forma	Escrita.	Escrita ou verbal.
Cabimento	Sentença de mérito, sentença homologatória de transação penal e rejeição da denúncia ou queixa.	Correção de Erro Material, obscuridade, contradição e omissão.

Fluxograma do procedimento sumaríssimo

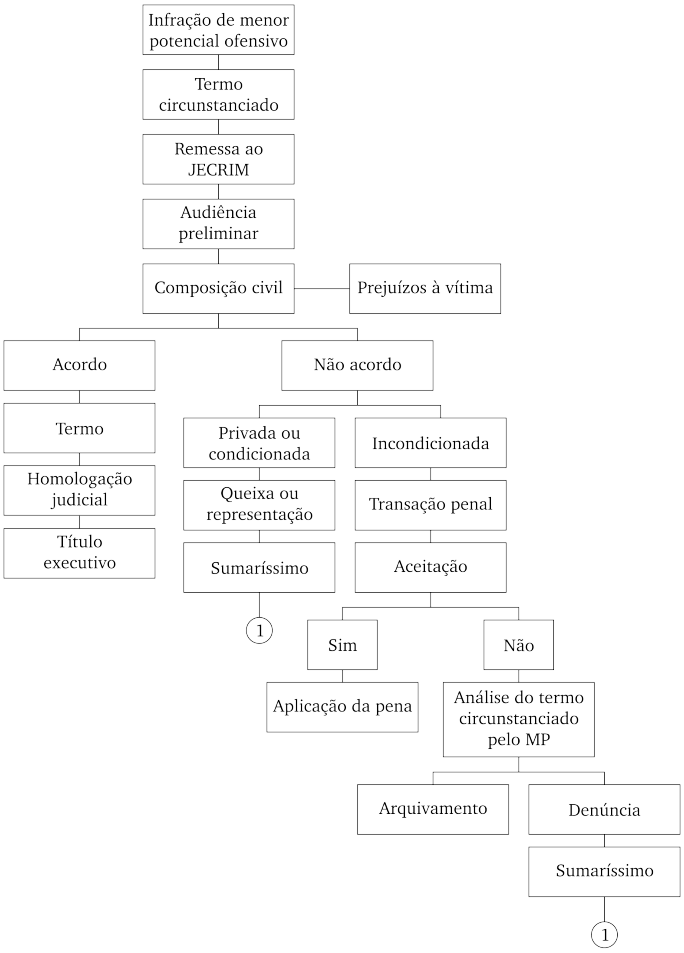

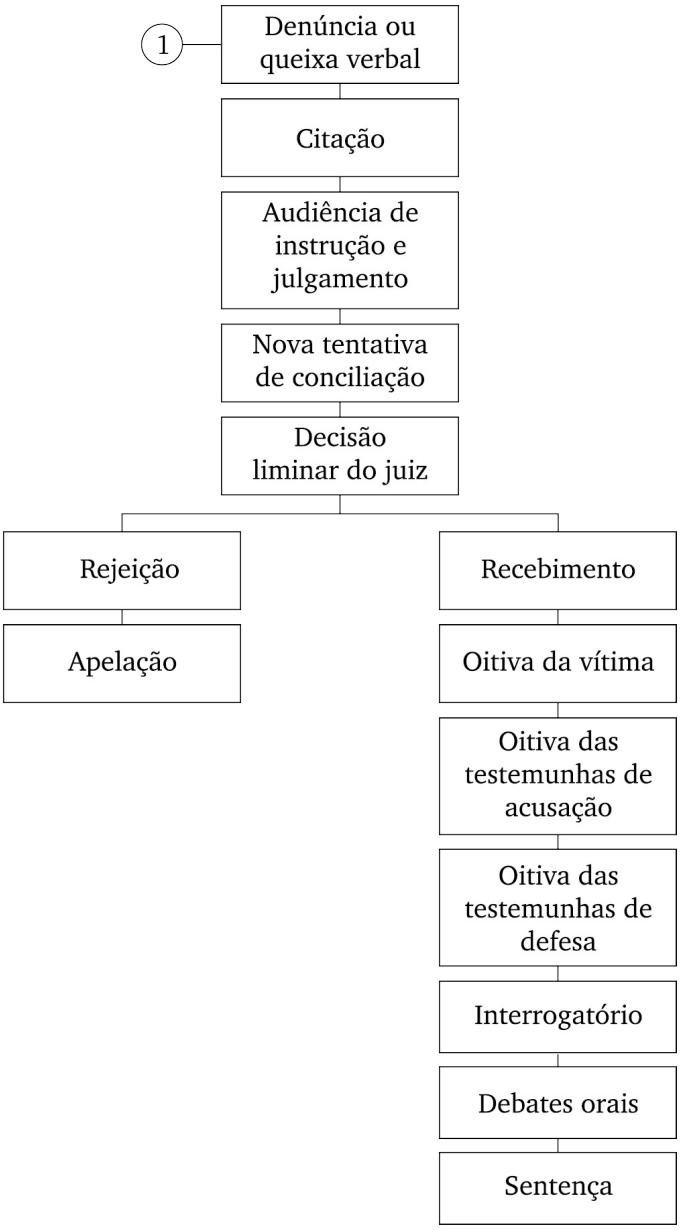

2 Procedimentos especiais

2.1 Código de Processo Penal

2.1.1 Procedimento do júri

a) Cabimento: o Tribunal do Júri tem competência para julgar os crimes dolosos contra a vida, tentados ou consumados, quais sejam: homicídio, infanticídio, participação em suicídio e aborto. Cabe ressalvar que nem todo crime doloso contra a vida será julgado pelo Tribunal do Júri, pois existem as seguintes exceções:

homicídio de militar contra militar será julgado pela Justiça Militar;

foro privilegiado, salvo quando o foro for estabelecido de forma exclusiva pela Constituição Estadual (neste caso, será julgado pelo Tribunal do Júri), nos termos da Súmula 721 do STF;

b) previsão legal: o Procedimento do Júri está regulado nos arts. 406 a 497, todos do CPP;

c) procedimento: o Procedimento do Júri é escalonado, isto é, dividido em duas fases:

Sumário da culpa

1. Oferecimento da denúncia ou queixa.
2. Decisão liminar do juiz:

a) Positiva: recebimento da denúncia ou queixa.

b) Negativa: rejeição da denúncia ou queixa.

3. Citação do réu.
4. Resposta à acusação por escrito no prazo de 10 dias (o prazo será contado a partir do efetivo cumprimento do mandado ou do comparecimento, em juízo, do acusado ou de defensor constituído, no caso de citação inválida ou por edital). Na resposta, o acusado poderá arguir preliminares e alegar tudo que interesse a sua defesa, oferecer documentos e justificações, especificar as provas pretendidas e arrolar testemunhas, até o máximo de 8 (oito), qualificando-as e requerendo sua intimação, quando necessário. As exceções serão processadas em apartado, nos termos dos arts. 95 a 112 do Código de Processo Penal. Não apresentada a resposta no prazo legal, o juiz nomeará defensor para oferecê-la em até 10 (dez) dias, concedendo-lhe vista dos autos.
5. Apresentada a defesa, o juiz ouvirá o Ministério Público ou o querelante sobre preliminares e documentos, em 5 dias.
6. Decretação de absolvição sumária e fim do processo.
7. Não decretação da absolvição sumária; será realizada audiência una de instrução, debates e julgamento.
8. Audiência de instrução, debates e julgamento (as provas serão produzidas em uma só audiência, podendo o juiz indeferir as consideradas irrelevantes, impertinentes ou protelatórias):

tomada de declarações do ofendido;

oitiva das testemunhas de acusação;

oitiva das testemunhas de defesa;

esclarecimentos dos peritos, desde que requeridos pelas partes e deferido pelo juiz;

acareações;

reconhecimento de pessoas e coisas;

interrogatório do acusado.

9. Debates: alegações orais de 20 minutos prorrogáveis por mais 10 minutos: se a causa for complexa ou elevado o número de acusados, haverá possibilidade de memoriais no prazo de 5 dias. Havendo mais de 1 (um) acusado, o tempo previsto para a acusação e a defesa de cada um deles será individual. Ao assistente do Ministério Público, após a manifestação deste, serão concedidos 10 (dez) minutos, prorrogando-se por igual período o tempo de manifestação da defesa.
10. Sentença: se forem apresentados memoriais, o prazo da sentença é de 10 dias.
11. Prazo de conclusão: pela lei há um prazo para conclusão do procedimento sumário da culpa de 90 dias, nos termos do art. 412 do CPP.

Julgamento da causa

1. Ao receber os autos, o presidente do Tribunal do Júri determinará a intimação do órgão do Ministério Público ou do querelante, no caso de queixa, e do defensor, para, no prazo de 5 (cinco) dias, apresentarem rol de testemunhas que irão depor em plenário, até o máximo de 5 (cinco), oportunidade em que poderão juntar documentos e requerer diligência.

2. O juiz presidente ordenará as diligências necessárias para sanar qualquer nulidade ou esclarecer fato que interesse ao julgamento da causa e fará relatório sucinto do processo, determinando sua inclusão em pauta da reunião do Tribunal do Júri.

3. Elaboração da lista dos jurados (arts. 425 e 426 do CPP).

4. Pode ocorrer o desaforamento (significa realizar o júri em localidade diferente daquela da consumação ou execução do crime, quando houver interesse de ordem pública, dúvida sobre a imparcialidade do júri, dúvida sobre a segurança do réu). O desaforamento também poderá ser determinado, em razão de comprovado excesso de serviço, ouvidos o juiz presidente e a parte contrária, se o julgamento não puder ser realizado no prazo de 6 (seis) meses, contado do trânsito em julgado da decisão de pronúncia. Quem determinará o desaforamento é o Tribunal, a requerimento do Ministério Público, do assistente, do querelante ou do acusado, ou mediante representação do juiz competente. O pedido será distribuído imediatamente e terá preferência de julgamento na Câmara ou Turma competente.

5. Estando o processo em ordem, o juiz presidente mandará intimar as partes, o ofendido, se for possível, as testemunhas e os peritos, quando houver requerimento, para a sessão de instrução e julgamento.

6. Sorteio dos jurados, sendo que o Tribunal do Júri é composto por 1 (um) juiz togado, seu presidente e por 25 (vinte e cinco) jurados, que serão sorteados dentre os alistados, 7 (sete) dos quais constituirão o Conselho de Sentença em cada sessão de julgamento.

7. Convocação dos jurados sorteados e abertura da sessão de julgamento, desde que compareçam pelo menos 15 jurados.

8. Constituição do Conselho de Sentença: 7 jurados; recusas imotivadas: 3 para cada parte; recusas motivadas: sem limite.

9. Após o sorteio, os jurados ficam incomunicáveis e ocorre a exortação, com o juramento.

10. Instrução em plenário

- declarações do ofendido;
- oitiva das testemunhas de acusação;
- oitiva das testemunhas de defesa;
- acareações;
- reconhecimento de pessoas e coisas;
- esclarecimentos de perito;
- leitura de peças;
- interrogatório do réu.

11. Relatório do juiz presidente.

12. Debates orais: (a) tempo de duração: acusação (1h30); defesa (1h30); havendo mais de 1 (um) acusado, o tempo para a acusação e a defesa será acrescido de 1 (uma) hora; (b) ordem: Ministério Público – assistente de acusação – defesa.

13. Réplica: tempo de duração: 1 (uma) hora; se houver mais de um réu, o prazo será dobrado.

14. Tréplica em 1 (uma) hora.

15. Formulação e leitura dos quesitos.

16. Não havendo dúvida a ser esclarecida, o juiz presidente, os jurados, o Ministério Público, o assistente, o querelante, o defensor do acusado, o escrivão e o oficial de justiça dirigir-se-ão à sala especial a fim de ser procedida a votação.

17. Sentença.

18. A sentença será lida em plenário pelo presidente antes de encerrada a sessão de instrução e julgamento.

19. Ata da sessão.

20. Tabela da presença dos sujeitos processuais no julgamento do Tribunal do Júri:

Itens	Consequência
Ausência do acusado solto	O julgamento não será adiado pelo não comparecimento do acusado solto.
Ausência do defensor ou curador	a) motivo justificado: adiamento; b) se a falta, sem escusa legítima, for do advogado do acusado, e se outro não for por este constituído, o fato será imediatamente comunicado ao presidente da seccional da Ordem dos Advogados do Brasil, com a data designada para a nova sessão. Não havendo escusa legítima, o julgamento será adiado somente uma vez, devendo o acusado ser julgado quando chamado novamente. O juiz intimará a Defensoria Pública para o novo julgamento, que será adiado para o primeiro dia desimpedido, observado o prazo mínimo de 10 (dez) dias.
Ausência do promotor	a) motivo justificado: adiamento para o primeiro dia desimpedido da mesma reunião, cientificadas as partes e as testemunhas; b) motivo injustificado: se a ausência não for justificada, o fato será imediatamente comunicado ao Procurador-Geral de Justiça, com a data designada para a nova sessão.
Ausência de assistente de acusação	O julgamento não será adiado pelo não comparecimento do assistente que tiver sido regularmente intimado.
Ausência do advogado do querelante	O julgamento não será adiado pelo não comparecimento do advogado do querelante que tiver sido regularmente intimado.

Fluxograma do procedimento do júri

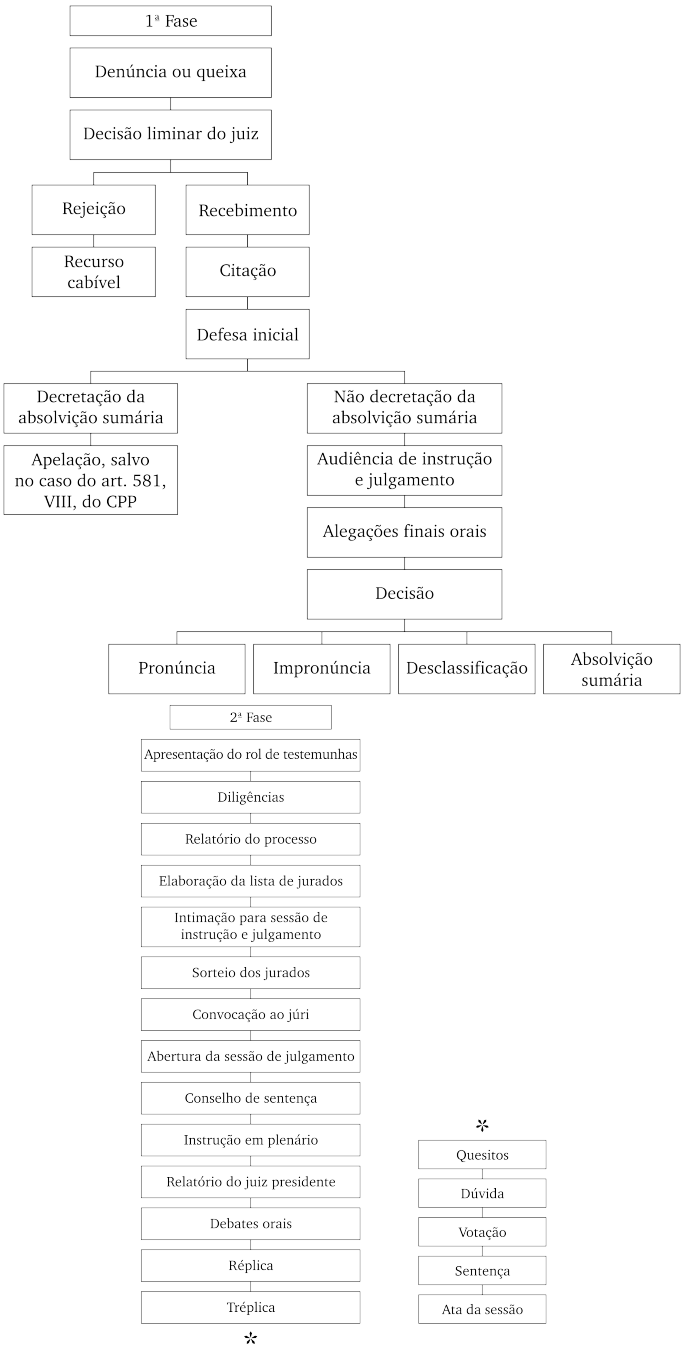

2.1.2 Procedimento dos crimes de falência – Lei n. 11.101/2005

a) Previsão legal: o procedimento criminal dos crimes de falência é regulado pela Lei n. 11.101/05, ficando revogadas as disposições dos arts. 503 a 512 do Código de Processo Penal, que tratam "do processo e do julgamento dos crimes de falência". A matéria vem regulada no Capítulo VII, Seção III, nos arts. 183 a 188;

b) competência: o foro competente para julgamento dos crimes falimentares é o do juízo criminal da jurisdição onde tenha sido decretada a falência, concedida a recuperação judicial ou homologado o

plano de recuperação extrajudicial, nos termos do art. 183 da Lei de Falências. Em São Paulo, a competência é da Vara que concedeu a recuperação judicial ou decretou a falência, nos termos da Lei n. 3.947/83;

c) ação penal: os crimes falimentares são de ação penal pública incondicionada, nos termos do art. 184 da Lei n. 11.101/2005;

d) ação penal privada subsidiária da pública: quando houver inércia do Ministério Público, cabe, nos termos dos arts. 29 do CPP, 100, § 3º, do CP, e 5º, LIX, da CF. Conforme o art. 184, parágrafo único, da Lei de Falências: "Decorrido o prazo a que se refere o art. 187, § 1º, sem que o representante do Ministério Público ofereça denúncia, qualquer credor habilitado ou o administrador judicial poderá oferecer ação penal privada subsidiária da pública, observado o prazo decadencial de 6 (seis) meses."

e) aplicação subsidiária: aplicam-se subsidiariamente as disposições do Código de Processo Penal, no que não forem incompatíveis com esta Lei;

f) participação do Ministério Público: pelo art. 187, § 2º, da Lei de Falências: em qualquer fase processual, surgindo indícios da prática dos crimes previstos nesta Lei, o juiz da falência, ou da recuperação judicial, ou da recuperação extrajudicial cientificará o Ministério Público;

g) requisito para o oferecimento da denúncia: a ação penal não poderá ser iniciada sem que exista prévia sentença de decretação da quebra, e também agora, concedendo a recuperação judicial. Conforme o art. 167 da Lei de Falências: intimado da sentença que decreta a falência ou concede a recuperação judicial, o Ministério Público, verificando a ocorrência de qualquer crime previsto nesta Lei, promoverá imediatamente a competente ação penal ou, se entender necessário, requisitará a abertura de inquérito policial.

h) procedimento:

1. Oferecimento da denúncia

a) Prazo para oferecimento da denúncia regula-se pelo art. 46 do CPP: cinco dias, estando o investigado preso, e 15 dias, se o investigado estiver solto, salvo se o Ministério Público, estando o réu solto ou afiançado, decidir aguardar a apresentação da exposição circunstanciada de que trata o art. 186 da Lei, devendo, em seguida, oferecer a denúncia em 15 dias.

b) Decorrido o prazo a que se refere o art. 187, § 1º, sem que o representante do Ministério Público ofereça denúncia, qualquer credor habilitado ou o administrador judicial poderá oferecer ação penal privada subsidiária da pública, observado o prazo decadencial de 6 (seis) meses.

2. Recebida a denúncia ou queixa, observar-se-á o rito previsto nos arts. 531 a 538 do Decreto-lei n. 3.689, de 3 de outubro de 1941 – Código de Processo Penal

a) citação do réu;

b) defesa inicial;

c) decretação de absolvição sumária e fim do processo;

d) não decretação da absolvição sumária: será realizada audiência una de instrução, debates e julgamento;

e) audiência de instrução, debates e julgamento:

tomada de declarações do ofendido;

oitiva das testemunhas de acusação;

oitiva das testemunhas de defesa;

esclarecimentos dos peritos, desde que requeridos pelas partes;

acareações;

reconhecimento de pessoas e coisas;

interrogatório do acusado;

alegações orais de 20 minutos, prorrogáveis por mais 10 minutos;

sentença.

Fluxograma do procedimento dos crimes de falência

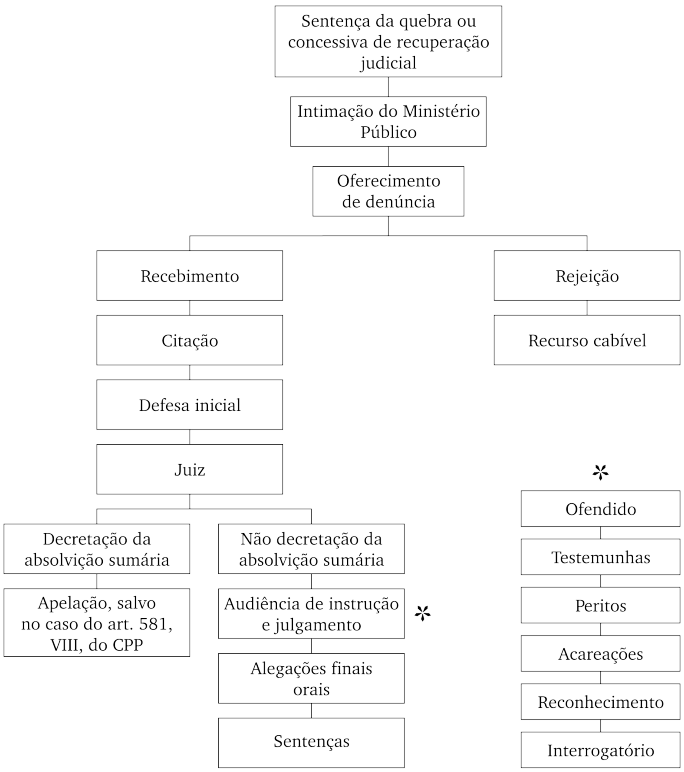

2.1.3 Procedimento dos crimes de responsabilidade dos funcionários públicos

a) previsão legal: o procedimento está regulado nos arts. 513 e 518 do CPP;

b) não aplicação: aos crimes inafiançáveis;

c) procedimento:

1. oferecimento da denúncia ou queixa;
2. notificação do acusado para oferecer defesa preliminar em 15 dias;
3. decisão liminar do juiz:

a) positiva: recebimento da denúncia ou queixa;

b) negativa: rejeição da denúncia ou queixa;

4. se recebida a denúncia ou queixa, o rito a ser seguido será o ordinário;
5. citação do réu;
6. defesa inicial;
7. decretação de absolvição sumária e fim do processo;
8. não decretação da absolvição sumária: será realizada audiência una de instrução, debates e julgamento;
9. audiência de instrução, debates e julgamento:

tomada de declarações do ofendido;

oitiva das testemunhas de acusação;

oitiva das testemunhas de defesa;

esclarecimentos dos peritos, desde que requeridos pelas partes;

acareações;

reconhecimento de pessoas e coisas;

interrogatório do acusado;

10. alegações orais de 20 minutos, prorrogáveis por mais 10 minutos: se a causa for complexa ou elevado o número de acusados, haverá possibilidade de memoriais no prazo de 5 dias;
11. sentença; se forem apresentados memoriais, o prazo da sentença é de 10 dias.

Fluxograma do procedimento dos crimes de responsabilidade dos funcionários públicos

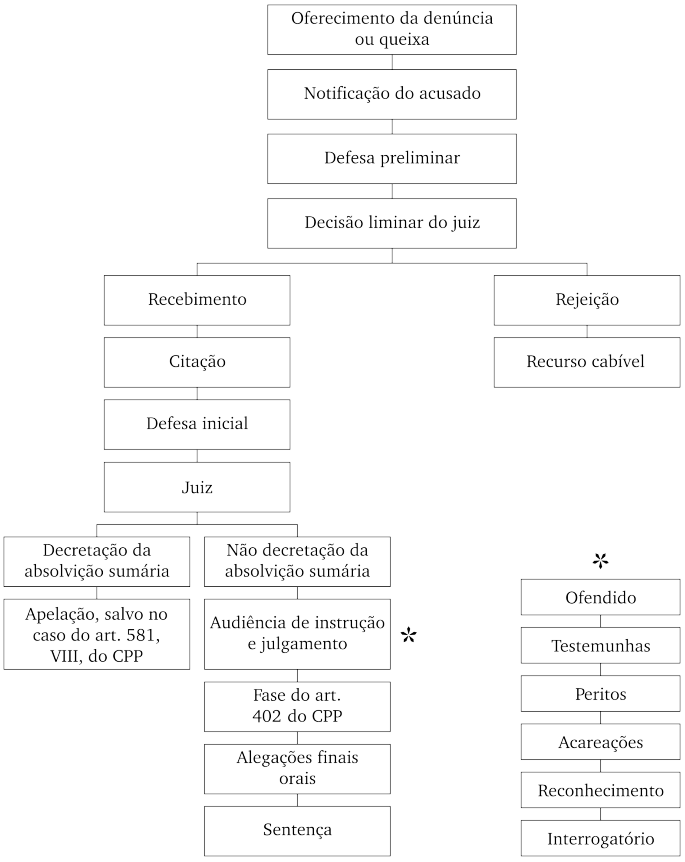

2.1.4 Procedimento dos crimes contra a honra

1. Oferecimento da queixa-crime.

2. O juiz determina a notificação do querelante e do querelado para comparecerem, desacompanhados de seus advogados, à audiência de conciliação.

3. Audiência de conciliação: se houver: extinção do processo; se não houver: análise judicial da queixa-crime.

4. Decisão liminar do juiz:

a) positiva: recebimento da denúncia ou queixa; o rito a ser seguido será o ordinário;

b) negativa: rejeição da denúncia ou queixa.

5. Citação do réu.

6. Defesa inicial.

7. Decretação de absolvição sumária e fim do processo.

8. Não decretação da absolvição sumária: será realizada audiência una de instrução, debates e julgamento.

9. Audiência de instrução, debates e julgamento:

- tomada de declarações do ofendido;
- oitiva das testemunhas de acusação;
- oitiva das testemunhas de defesa;
- esclarecimentos dos peritos, desde que requeridos pelas partes;
- acareações;
- reconhecimento de pessoas e coisas;
- interrogatório do acusado.

10. Alegações orais de 20 minutos, prorrogáveis por mais 10 minutos: se a causa for complexa ou elevado o número de acusados, haverá possibilidade de memoriais no prazo de 5 dias.

11. Sentença; se forem apresentados memoriais, o prazo da sentença é de 10 dias.

Fluxograma do procedimento dos crimes contra a honra

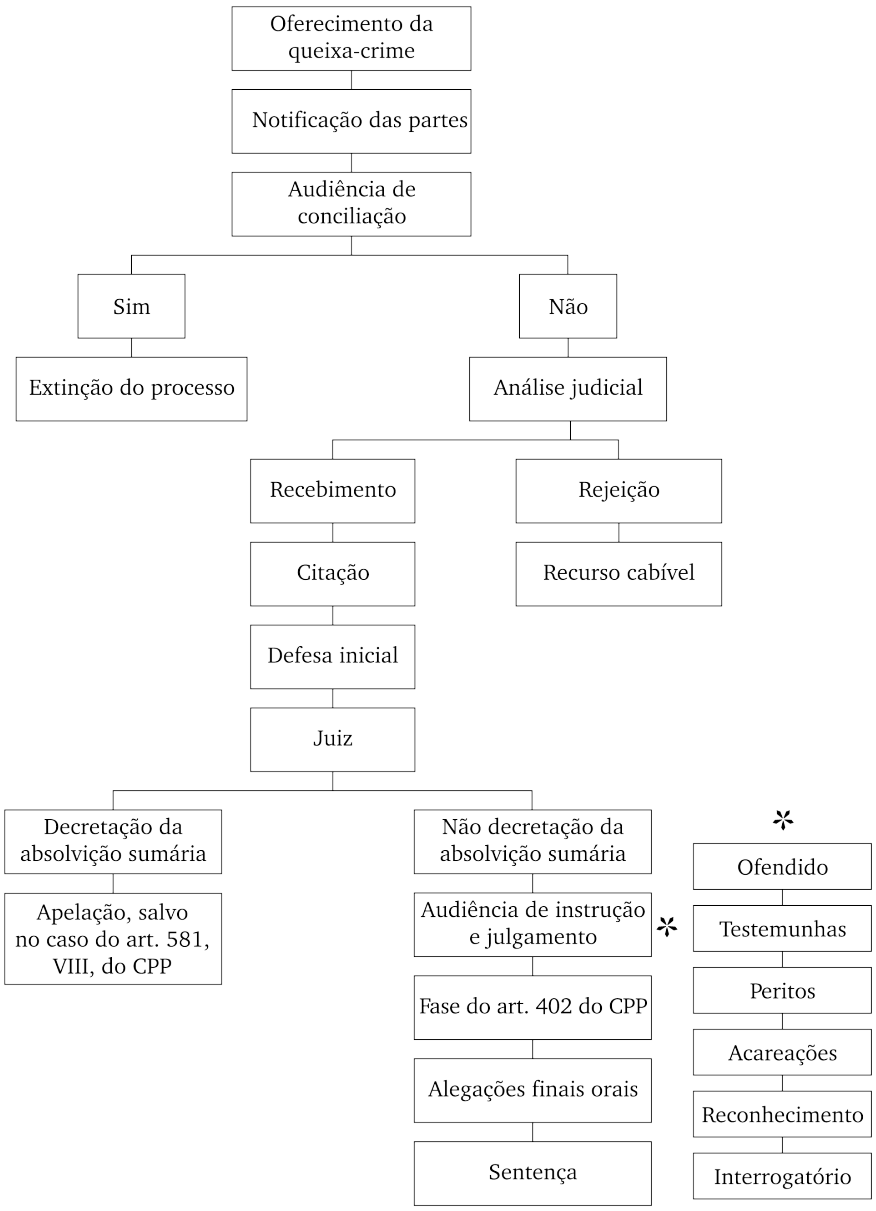

2.1.5 Procedimento dos crimes contra a propriedade imaterial

a) Ação penal privada

1. Se ocorrer infração penal que deixar vestígios: (a) requerimento do querelante para a prova da materialidade da infração; (b) busca e apreensão por dois peritos oficiais.
2. Apresentação do laudo pericial em 3 dias.
3. Impugnação do laudo pelo requerente.
4. Homologação do laudo pelo juiz.
5. Oferecimento da queixa: prazo de 30 dias após a homologação do laudo.

6. Decisão liminar do juiz

a) positiva: recebimento da denúncia ou queixa; o rito a ser seguido será o ordinário;

b) negativa: rejeição da denúncia ou queixa.

7. Defesa inicial.

8. Decretação de absolvição sumária e fim do processo.

9. Não decretação da absolvição sumária: será realizada audiência una de instrução, debates e julgamento.

10. Audiência de instrução, debates e julgamento

tomada de declarações do ofendido;

oitiva das testemunhas de acusação;

oitiva das testemunhas de defesa;

esclarecimentos dos peritos, desde que requeridos pelas partes;

acareações;

reconhecimento de pessoas e coisas;

interrogatório do acusado.

11. Alegações orais de 20 minutos, prorrogáveis por mais 10 minutos: se a causa for complexa ou elevado o número de acusados, haverá possibilidade de memoriais no prazo de 5 dias.

12. Sentença; se forem apresentados memoriais, o prazo da sentença é de 10 dias.

b) Ação penal pública

1. Se ocorrer infração penal que deixar vestígios: (a) a autoridade policial fará apreensão dos bens ilicitamente produzidos ou reproduzidos em sua totalidade, juntamente com os equipamentos, suportes e materiais que possibilitaram a sua existência, desde que estes se destinem precipuamente à prática do ilícito; (b) lavratura do termo, assinado por duas ou mais testemunhas, com a descrição de todos os bens apreendidos e informações sobre suas origens.

2. Realização de perícia sobre todos os bens apreendidos, por perito oficial ou, na falta deste, por pessoa tecnicamente habilitada.

3. Os bens e materiais apreendidos serão colocados em depósito em mãos dos titulares dos direitos de autor e conexo.

4. Possibilidade de destruição da produção ou reprodução apreendida ou sua manutenção.

5. Sentença: se for condenatória: confisco, podendo haver ordem de destruição.

Fluxograma do procedimento dos crimes contra a propriedade imaterial

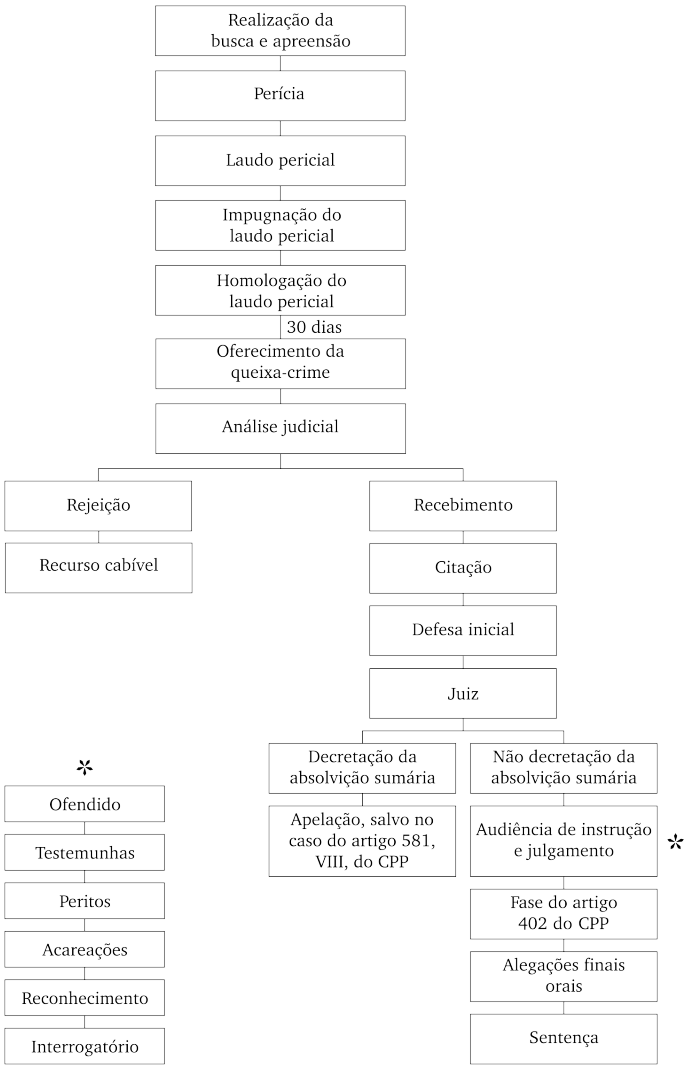

2.1.6 Procedimento de restauração de autos extraviados ou destruídos

1. Iniciativa: de ofício ou a requerimento de qualquer das partes.

2. Providências judiciais iniciais:

   a) manda o escrivão certificar o estado do processo, segundo sua lembrança, e reproduz o que houver a respeito em seus protocolos e registros;

   b) requisita cópias do que constar a respeito no Instituto Médico-Legal e em estabelecimentos congêneres.

3. Citação das partes: se não forem encontradas, serão citadas por edital com prazo de dez dias.

4. Audiência: as partes vão mencionar em termo circunstanciado os pontos em que estiverem acordes e a exibição e conferência das certidões e mais reproduções no processo apresentadas

e conferidas.

5. Diligências determinadas pelo juiz, que deverão ser concluídas em 20 dias, salvo força maior.

6. Decisão em dez dias: cabe apelação; com a sentença de restauração, os novos autos passam a valer como se fossem os originais perdidos. Se no curso do processo aparecerem os autos originais, os autos de restauração serão apensados a eles.

Fluxograma do procedimento de restauração de autos extraviados ou destruídos

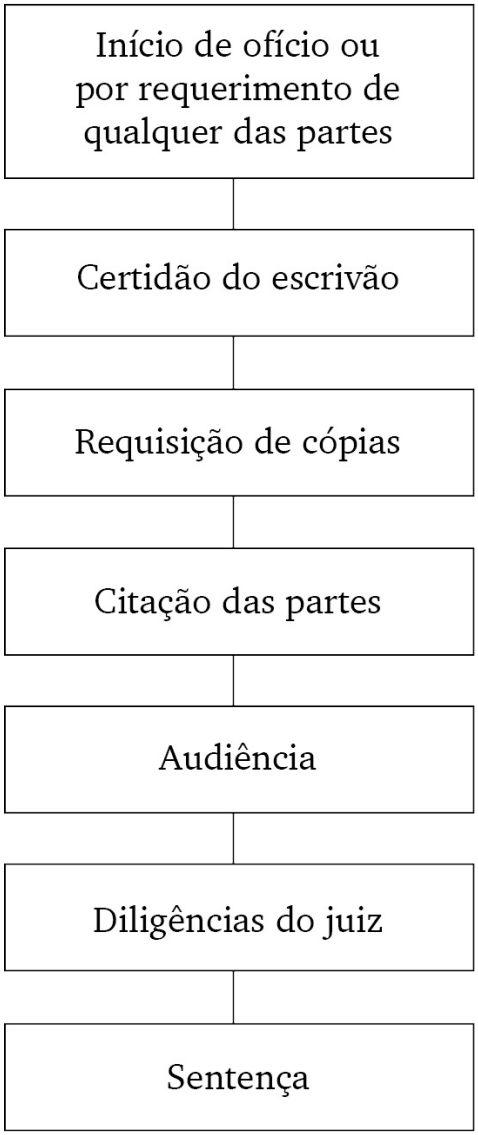

2.2 Leis especiais

2.2.1 Procedimento dos crimes de abuso de autoridade

Quando ocorrer um fato que constitua abuso de autoridade, surgirá um elo entre o infrator e o Estado, que terá o direito de puni-lo, através de uma trajetória, conhecida como persecução penal, que é dividida em três fases: (a) investigação; (b) processual; (c) execução penal.

A fase processual tem início com o oferecimento da ação penal (para alguns, com o recebimento pelo juiz) pelo Ministério Público. Para o seu oferecimento, será necessário o Ministério Público receber a notícia do fato, através do recebimento dos autos do inquérito policial, justificação, prévia sindicância ou da comunicação feita pela vítima ou qualquer do povo.

Após receber a comunicação do abuso, o Ministério Público irá analisar a existência de indícios suficientes de autoria e materialidade do crime, num prazo de 48 horas, contado da apresentação da representação.

Após a análise da representação, o Ministério Público poderá tomar uma das seguintes atitudes:

a) oferecimento da denúncia, apresentada em duas vias. Na denúncia devem estar descritos o abuso, com todas as circunstâncias, a qualificação do denunciado e o rol de testemunhas, em um número máximo de três;

b) pedir arquivamento: neste caso o juiz analisa o pedido, podendo:

concordar: a representação será arquivada;

discordar (considerar improcedentes as razões invocadas): fará remessa da representação ao procurador-geral e este oferecerá a denúncia, ou designará outro órgão do Ministério Público para oferecê-la ou insistirá no arquivamento, ao qual só então deverá o juiz atender;

c) pedir novas diligências ou requisitar direto para a autoridade policial;

d) inércia: se o órgão do Ministério Público não tomar nenhuma atitude (oferece denúncia, pede arquivamento ou novas diligências), será admitida ação privada. O órgão do Ministério Público poderá, porém, aditar a queixa, repudiá-la e oferecer denúncia substitutiva e intervir em todos os termos do processo, interpor recursos e, a todo tempo, no caso de negligência do querelante,

retomar a ação como parte principal.

Oferecida a denúncia pelo Ministério Público ou ação privada, no caso da inércia, o juiz irá analisar o caso em 48 horas, proferindo um dos seguintes despachos:

a) recebimento: recebida a denúncia, o réu será citado (mandado sucinto acompanhado da cópia da denúncia) para comparecer na audiência de interrogatórios, instrução, debates e julgamento. No despacho em que receber a denúncia, o juiz designará, desde logo, dia e hora para a audiência, que deverá ser realizada, improrrogavelmente, dentro de cinco dias;

b) rejeição: conforme o art. 28, parágrafo único, da Lei n. 4.898/65, das decisões, despachos e sentenças caberão os recursos e apelações previstas no CPP; dessa forma, da rejeição da denúncia, cabe RESE, nos termos do art. 581, inciso I.

Após o recebimento da denúncia, o réu será citado para comparecer na audiência, designada para ser realizada em determinado dia e hora.

Na hora marcada, o juiz mandará que o porteiro dos auditórios ou o oficial de justiça declare aberta a audiência, apregoando em seguida o réu, as testemunhas, o perito, o representante do Ministério Público ou o advogado que tenha subscrito a queixa e o advogado ou defensor do réu.

A audiência somente deixará de realizar-se se ausente o juiz. Se até meia hora depois da hora marcada o juiz não houver comparecido, os presentes poderão retirar-se, devendo o ocorrido constar do livro de termos de audiência.

A audiência de instrução e julgamento será pública, se contrariamente não dispuser o juiz, e realizar-se-á em dia útil, entre 10 (dez) e 18 (dezoito) horas, na sede do juízo ou, excepcionalmente, no local que o juiz designar.

Após a abertura da audiência, serão realizados os seguintes atos processuais:

a) qualificação e interrogatório do réu, se estiver presente. Não comparecendo o réu nem seu advogado, o juiz nomeará imediatamente defensor para funcionar na audiência e nos ulteriores termos do processo;

b) oitiva do perito;

c) oitiva das testemunhas de acusação;

d) oitiva das testemunhas de defesa;

e) debate oral: o juiz dará a palavra sucessivamente ao Ministério Público ou ao advogado que houver subscrito a queixa e ao advogado ou defensor do réu, pelo prazo de 15 minutos para cada um, prorrogável por mais 10 minutos, a critério do juiz;

f) encerrado o debate, o juiz proferirá imediatamente a sentença;

g) do ocorrido na audiência o escrivão lavrará no livro próprio, ditado pelo juiz, termo que conterá, em resumo, os depoimentos e as alegações da acusação e da defesa, os requerimentos e, por extenso, os despachos e a sentença. Subscreverão o termo o juiz, o representante do Ministério Público ou o advogado que houver subscrito a queixa, o advogado ou defensor do réu e o escrivão.

É interessante ressalvar três observações no procedimento da Lei de Abuso de Autoridade:

a) nas comarcas onde os meios de transporte forem difíceis e não permitirem a observância dos prazos fixados nesta lei, o juiz poderá aumentá-las, sempre motivadamente, até o dobro;

b) nos casos omissos, serão aplicáveis as normas do CPP, sempre que compatíveis com o sistema de instrução e julgamento regulado por esta lei;

c) se o ato ou fato constitutivo do abuso de autoridade houver deixado vestígios, o ofendido ou o acusado poderá: (a) promover a comprovação da existência de tais vestígios, por meio de duas testemunhas qualificadas; a representação poderá conter a indicação de mais duas testemunhas; (b) requerer ao juiz, até 72 horas antes da audiência de instrução e julgamento, a designação de um perito para fazer as verificações necessárias. O perito ou as testemunhas farão o seu relatório e prestarão seus depoimentos verbalmente, ou o apresentarão por escrito, querendo, na audiência de instrução e julgamento.

Fluxograma do procedimento dos crimes de abuso de autoridade

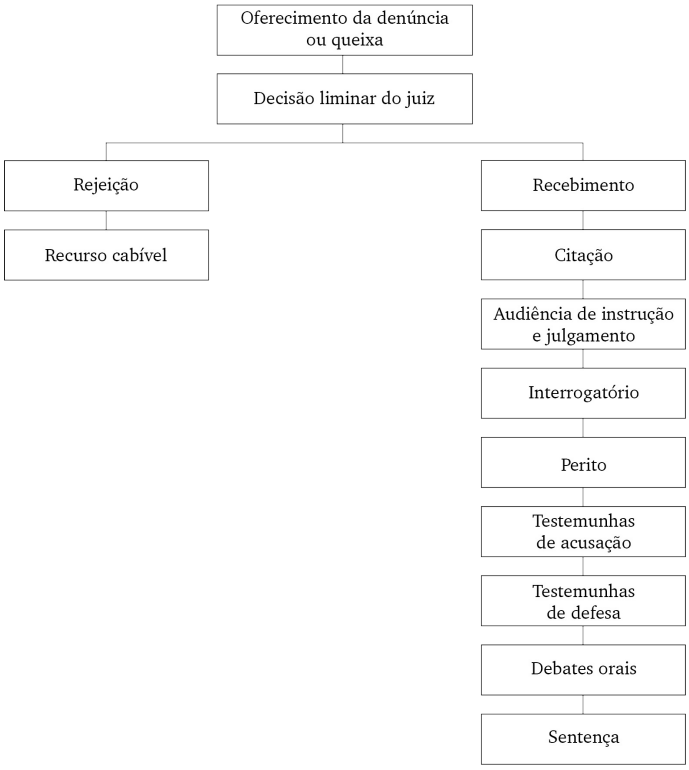

2.2.2 Procedimento dos crimes de lavagem de dinheiro

De acordo com a Lei n. 9.613/98, o procedimento criminal dos Crimes de Lavagem de Dinheiro é o mesmo procedimento comum dos crimes punidos com reclusão, da competência do juiz singular, ou seja, o procedimento ordinário:

1 Oferecimento da denúncia ou queixa

a) a denúncia será instruída com indícios suficientes da existência da infração penal antecedente, sendo puníveis os fatos previstos na Lei de Lavagem de Capitais, ainda que desconhecido ou isento de pena o autor ou extinta a punibilidade da infração penal antecedente;

b) competência da Justiça Federal:

- quando praticados contra o sistema financeiro e a ordem econômico-financeira, ou em detrimento de bens, serviços ou interesses da União, ou de suas entidades autárquicas ou empresas públicas;
- quando a infração penal antecedente for de competência da Justiça Federal.

2 Decisão liminar do juiz

a) positiva: recebimento da denúncia ou queixa; o rito a ser seguido será o ordinário;

b) negativa: rejeição da denúncia ou queixa.

3 Citação do réu

a) no processo por crime previsto nesta Lei não se aplica o disposto no art. 366 do CPP. Há corrente doutrinária que sustenta a inconstitucionalidade da inaplicabilidade do art. 366 do CPP[4].

4 Defesa inicial.

5 Decretação de absolvição sumária e fim do processo.

6 Não decretação da absolvição sumária será realizada audiência una de instrução, debates e julgamento.

7 Audiência de instrução, debates e julgamento

- tomada de declarações do ofendido;
- oitiva das testemunhas de acusação;
- oitiva das testemunhas de defesa;
- esclarecimentos dos peritos, desde que requeridos pelas partes;
- acareações;
- reconhecimento de pessoas e coisas;
- interrogatório do acusado.

8. Alegações orais de 20 minutos, prorrogáveis por mais 10 minutos: se a causa for complexa ou elevado o número de acusados, haverá possibilidade de memoriais no prazo de 5 dias.

9. Sentença; se forem apresentados memoriais, o prazo da sentença é de 10 dias.

Fluxograma do procedimento dos crimes de lavagem de dinheiro

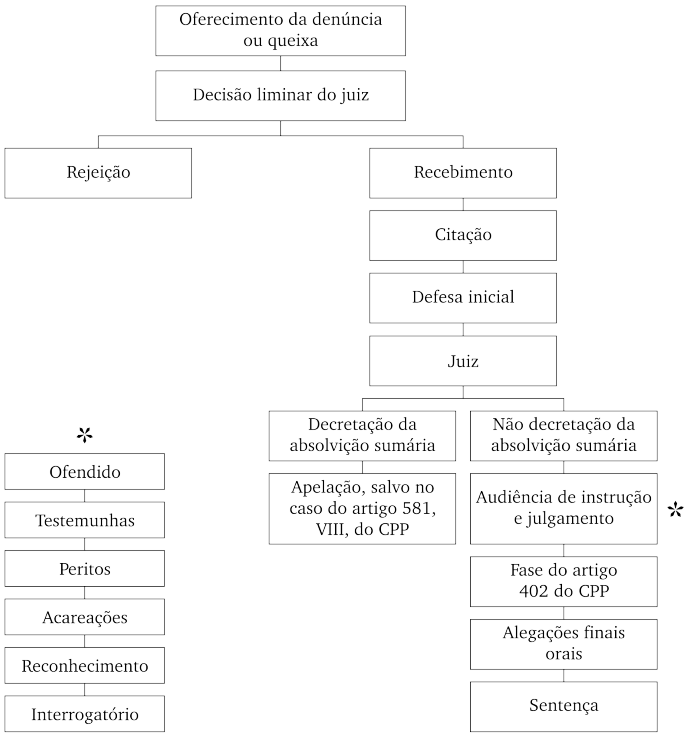

2.2.3 Procedimento dos crimes contra o sistema financeiro

1. Instauração do inquérito policial ou dispensável, se o titular da ação penal tiver elementos suficientes; o Ministério Público pode ficar sabendo da infração com a comunicação de qualquer pessoa, ou do Bacen, ou da CVM:

a) quando, no exercício de suas atribuições legais, o Banco Central do Brasil ou a Comissão de Valores Mobiliários (CVM) verificar a ocorrência de crime contra o sistema financeiro, disso deverá informar ao Ministério Público Federal, enviando-lhe os documentos necessários à comprovação do fato.

2. Recebidos os autos do inquérito, o Ministério Público irá analisar, podendo tomar uma das seguintes atitudes:

a) oferecimento da denúncia:

- a ação penal, nos crimes previstos nesta lei, será promovida pelo Ministério Público Federal, perante a Justiça Federal;
- será admitida a assistência da Comissão de Valores Mobiliários (CVM), quando o crime tiver sido praticado no âmbito de atividade sujeita à disciplina e à fiscalização dessa autarquia, e do Banco Central do Brasil quando, fora daquela hipótese, houver sido cometido na órbita de atividade sujeita à sua disciplina e fiscalização;

b) pedir arquivamento: neste caso o juiz analisa o pedido, podendo:

- concordar: arquivo;
- discordar (considerar improcedentes as razões invocadas): fará remessa da representação ao Procurador-Geral e este oferecerá a denúncia, ou designará outro órgão do Ministério Público para oferecê-la, ou insistirá no arquivamento, ao qual só então deverá o juiz atender;

c) pedir novas diligências ou requisitar direto para a autoridade policial:

- o órgão do Ministério Público Federal, sempre que julgar necessário, poderá requisitar, a qualquer autoridade, informação, documento ou diligência, relativo à prova dos crimes contra sistema financeiro. O sigilo dos serviços e operações financeiras não pode ser invocado como óbice ao atendimento da requisição;

d) inércia: quando a denúncia não for intentada no prazo legal, o ofendido poderá representar ao Procurador-Geral da República para que este a ofereça, designe outro órgão do Ministério Público para oferecê-la ou determine o arquivamento das peças de informação recebidas.

3. Observações:

a) sem prejuízo do disposto no art. 312 do CPP, a prisão preventiva do acusado da prática de crime previsto nesta lei poderá ser decretada em razão da magnitude da lesão causada (VETADO);

b) nos crimes contra o sistema financeiro punidos com pena de reclusão, o réu não poderá prestar fiança, nem apelar antes de ser recolhido à prisão, ainda que primário e de bons antecedentes, se estiver configurada situação que autoriza a prisão preventiva;

c) na fixação da pena de multa relativa aos crimes previstos nesta lei, o limite a que se refere o § 1º do art. 49 do Código Penal pode ser estendido até o décuplo, se verificada a situação nele cogitada.

d) de acordo com o art. 394, § 5º do CPP, o procedimento dos crimes contra o sistema financeiro sofre aplicação subsidiária das disposições do procedimento ordinário.

Fluxograma do procedimento dos crimes contra o sistema financeiro

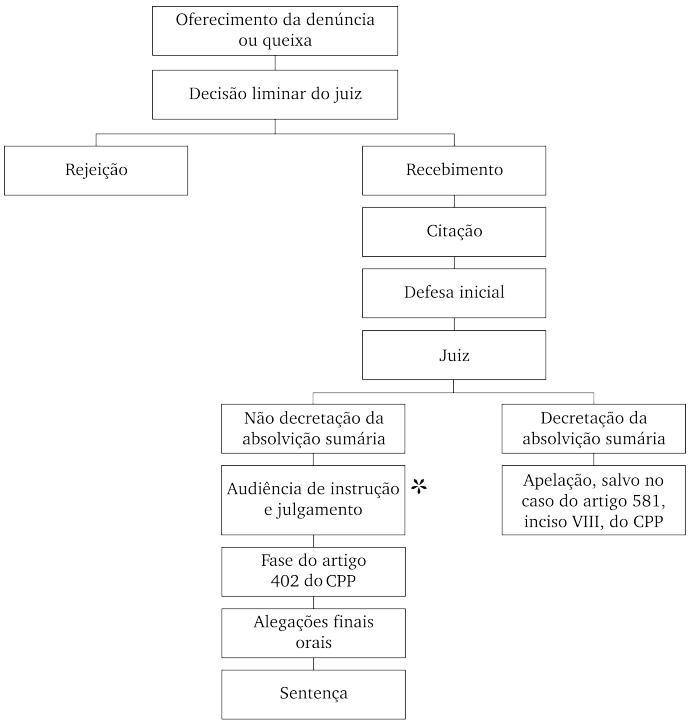

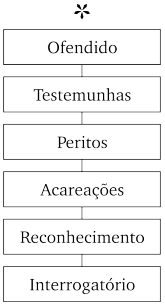

2.2.4 Procedimento dos crimes do Estatuto da Criança e do Adolescente

1. Praticado o ato infracional, surge o direito do Estado de punir o infrator, através da investigação, processo e execução da sanção penal.

2. Na fase investigatória, será feito um boletim de ocorrência circunstanciado. Em caso de ato infracional cometido mediante violência ou grave ameaça a pessoa, a autoridade policial deverá: (a) lavrar auto de apreensão, ouvidos as testemunhas e o adolescente; (b) apreender o produto e os instrumentos da infração; (c) requisitar os exames ou perícias necessários à comprovação da materialidade e autoria da infração. Os responsáveis serão avisados para comparecimento perante a autoridade policial.

3. Comparecendo qualquer dos pais ou responsável, o adolescente será prontamente liberado pela autoridade policial, sob termo de compromisso e responsabilidade de sua apresentação ao representante do Ministério Público, no mesmo dia ou, sendo impossível, no primeiro dia útil imediato, exceto quando, pela gravidade do ato infracional e sua repercussão social, deva o adolescente permanecer sob internação para garantia de sua segurança pessoal ou manutenção da ordem pública.

4. Em caso de não liberação, a autoridade policial encaminhará, desde logo, o adolescente ao representante do Ministério Público, juntamente com cópia do auto de apreensão ou boletim de ocorrência.

5. Sendo impossível a apresentação imediata, a autoridade policial encaminhará o adolescente à entidade de atendimento, que fará a apresentação ao representante do Ministério Público no prazo de 24 horas. Nas localidades onde não houver entidade de atendimento, a apresentação far-se-á pela autoridade policial. À falta de repartição policial especializada, o adolescente aguardará a apresentação em dependência separada da destinada a maiores.

6. Sendo o adolescente liberado, a autoridade policial encaminhará imediatamente ao representante do Ministério Público cópia do auto de apreensão ou boletim de ocorrência.

7. Apresentação do adolescente ao representante do Ministério Público:

a) em caso de não apresentação, o representante do Ministério Público notificará os pais ou responsável para apresentação do adolescente, podendo requisitar o concurso das polícias civil e militar;

b) se o adolescente, devidamente notificado, não comparecer injustificadamente à audiência de apresentação, a autoridade judiciária designará nova data, determinando sua condução coercitiva.

8. Oitiva imediata e informal e, sendo possível, de seus pais ou responsável, vítima e testemunhas.

9. Após a oitiva informal, o representante do Ministério Público poderá:

a) promover o arquivamento dos autos: os autos serão conclusos à autoridade judiciária para homologação e cumprimento da medida. Feito o pedido do arquivamento, o juiz poderá: concordar: arquivo; não concordar: fará remessa dos autos ao Procurador-Geral de Justiça, mediante despacho fundamentado, e este oferecerá representação, designará outro membro do Ministério Público para apresentá-la, ou ratificará o arquivamento ou a remissão, e só então estará a autoridade judiciária obrigada a homologar;

b) conceder a remissão: poderá ser aplicada em qualquer fase do procedimento, antes da sentença. Os autos serão conclusos à autoridade judiciária para homologação e cumprimento da medida. Se a autoridade judiciária entender adequada a remissão, ouvirá o representante do Ministério Público, proferindo decisão;

c) representar à autoridade judiciária para aplicação de medida socioeducativa:

- forma: a representação será oferecida por petição, podendo ser deduzida oralmente, em sessão diária instalada pela autoridade judiciária;
- conteúdo: breve resumo dos fatos e a classificação do ato infracional e, quando necessário, o rol de testemunhas. A representação independe de prova pré-constituída da autoria e materialidade.

10. Oferecida a representação, a autoridade judiciária designará audiência de apresentação do adolescente, decidindo, desde logo, sobre a decretação ou manutenção da internação:

a) o adolescente e seus pais ou responsável serão cientificados do teor da representação, e notificados a comparecer à audiência, acompanhados de advogado;

b) se os pais ou responsável não forem localizados, a autoridade judiciária dará curador especial ao adolescente;

c) não sendo localizado o adolescente, a autoridade judiciária expedirá mandado de busca e apreensão, determinando o sobrestamento do feito, até a efetiva apresentação;

d) estando o adolescente internado, será requisitada a sua apresentação, sem prejuízo da notificação dos pais ou responsável.

11. Oitiva do adolescente, seus pais ou responsável:

a) pode o juiz solicitar opinião de profissional qualificado.

12. Oitiva das testemunhas arroladas na representação.

13. Oitiva das testemunhas arroladas na defesa prévia.

14. Debates orais: será dada a palavra ao representante do Ministério Público e ao defensor,

sucessivamente, pelo tempo de 20 minutos para cada um, prorrogável por mais 10, a critério da autoridade judiciária.

15. Sentença condenatória ou absolutória (art. 189 do ECA).

16. Intimação da sentença:

    - a intimação da sentença que aplicar medida de internação ou regime de semiliberdade será feita: (a) ao adolescente e ao seu defensor; (b) quando não for encontrado o adolescente, a seus pais ou responsável, sem prejuízo do defensor; (c) sendo outra a medida aplicada, a intimação far-se-á unicamente na pessoa do defensor; (d) recaindo a intimação na pessoa do adolescente, deverá este manifestar se deseja ou não recorrer da sentença.

Fluxograma do procedimento dos crimes do Estatuto da Criança e do Adolescente

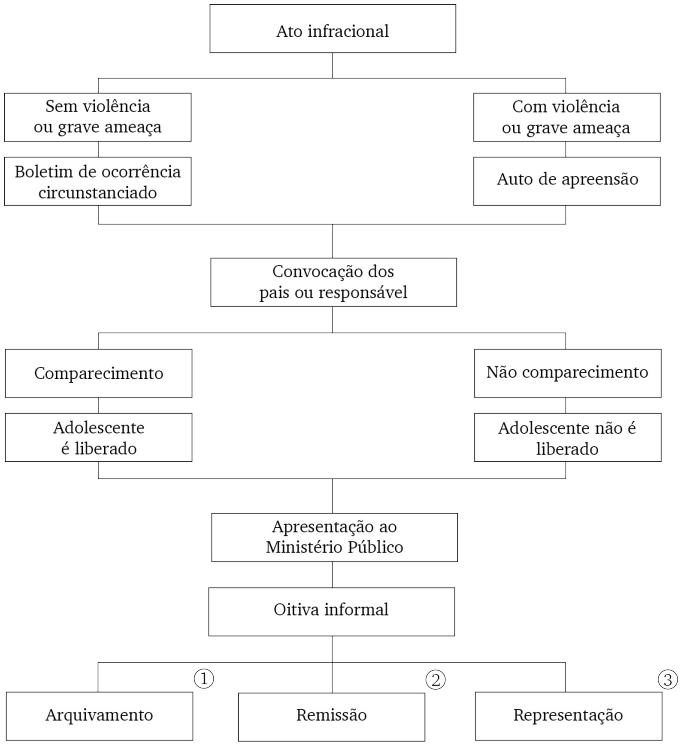

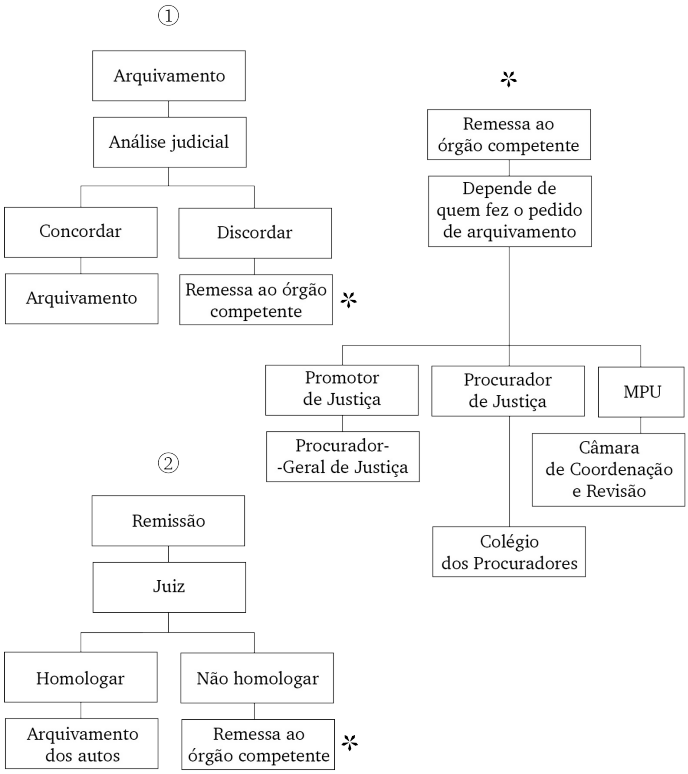
①
Arquivamento
Análise judicial
Concordar
Discordar
Arquivamento
Remessa ao órgão competente
*
*
Remessa ao órgão competente
Depende de quem fez o pedido de arquivamento
Promotor de Justiça
Procurador de Justiça
MPU
Procurador--Geral de Justiça
Câmara de Coordenação e Revisão
Colégio dos Procuradores
②
Remissão
Juiz
Homologar
Não homologar
Arquivamento dos autos
Remessa ao órgão competente
*

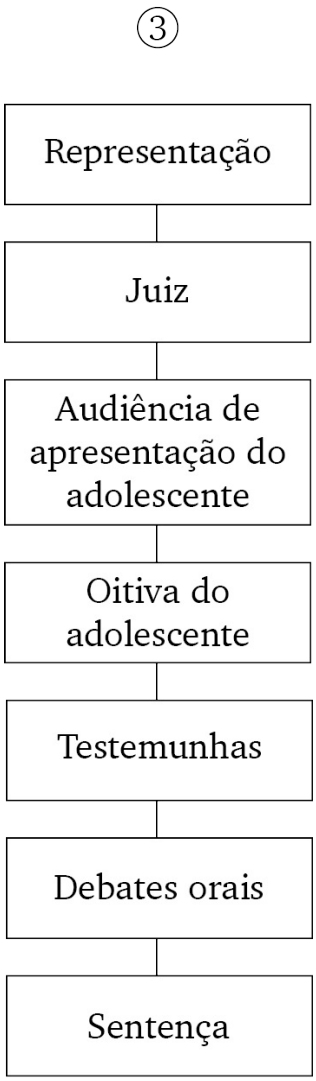

2.2.5 Procedimento do crime organizado

Os crimes previstos na Lei n. 12.850/2013 e as infrações penais conexas serão apurados mediante procedimento ordinário previsto no Código de Processo Penal.

A instrução criminal deverá ser encerrada em prazo razoável, o qual não poderá exceder 120 (cento e vinte) dias quando o réu estiver preso, prorrogáveis em até igual período, por decisão fundamentada, devidamente motivada pela complexidade da causa ou por fato procrastinatório atribuível ao réu.

2.2.6 Procedimento da Lei de Drogas – Lei n. 11.343/2006

a) aplicação subsidiária: as disposições do Código de Processo Penal e da Lei de Execução Penal;

b) prisão em flagrante: após a prisão, a autoridade de polícia comunicará ao juiz competente e dará vista do auto de prisão em flagrante ao órgão do Ministério Público, em 24 (vinte e quatro) horas;

c) laudo de constatação: é uma perícia preliminar que serve para lavratura do auto de prisão em flagrante e estabelecimento da materialidade do delito. O laudo conterá a natureza e a quantidade da droga e será firmado por perito oficial ou, na falta deste, por pessoa idônea. O laudo de constatação não autoriza a condenação;

d) direito de apelar em liberdade: nos crimes previstos nos arts. 33, caput, e § 1º, e 34 a 37, desta Lei, o réu não poderá apelar sem recolher-se à prisão, salvo se for primário e de bons antecedentes, assim reconhecido na sentença condenatória;

e) tipo de procedimento: depende da infração:

> se for infração prevista no art. 28 da Lei n. 11.343/2006[5], salvo se houver concurso com os crimes previstos nos arts. 33 a 37, o rito será sumaríssimo, previsto na Lei n. 9.099/95;

f) imunidade ao flagrante: não se imporá prisão em flagrante, devendo o autor do fato ser imediatamente encaminhado ao juízo competente ou, na falta deste, assumir o compromisso de a ele comparecer, lavrando-se termo circunstanciado e providenciando-se as requisições dos exames e perícias necessários;

g) procedimento:

1. praticado o crime, o Estado exercerá o direito de punir através da persecução penal, que, por sua vez, é dividida em: fase investigatória, processual e execução penal;
2. na fase investigatória será feita uma coleta de dados a respeito do crime e documentada no inquérito policial, cujo prazo de conclusão será de 30 (trinta) dias, se o indiciado estiver preso, e de 90 (noventa) dias, quando solto. O prazo para a conclusão do inquérito pode ser duplicado, pela autoridade judicial, ouvido o Ministério Público, mediante pedido justificado da autoridade de polícia judiciária (art. 51 da Lei n. 11.343/06);
3. uma vez concluído, o inquérito será enviado ao Judiciário, que, por sua vez, o remeterá ao Ministério Público, que tem o prazo de 10 (dez) dias para oferecer denúncia, requerer novas diligências ou o arquivamento do inquérito policial (art. 54);

Alguns doutrinadores sustentam que o prazo será de 5 (cinco) dias, quando o indiciado estiver

preso, nos termos do art. 46 do Código de Processo Penal;

4. se o Ministério Público requerer o arquivamento do Inquérito Policial, e se o juiz discordar, procederá à remessa dos autos ao Chefe do Ministério Público;
5. oferecida a denúncia, o juiz deve, nos termos do art. 55 da Lei n. 11.343/2006, determinar a notificação do acusado para oferecer defesa prévia, por escrito, no prazo de 10 (dez) dias, que se assemelha a uma verdadeira contestação, oferecendo exceções processuais, preliminares, razões de defesa, documentos e justificações, especificação das provas que pretende produzir e, até o número de 5 (cinco), arrolar testemunhas (art. 55, §§ 1º e 2º). Se o acusado não apresentar a defesa, o juiz nomeará defensor para oferecê-la em 10 (dez) dias, concedendo-lhe vista dos autos no ato de nomeação (art. 55, § 3º);
6. apresentada a defesa, o juiz decidirá em 5 (cinco) dias sobre o recebimento ou a rejeição da denúncia. Se entender imprescindível, o juiz, no prazo máximo de 10 (dez) dias, determinará a apresentação do preso, realização de diligências, exames e perícias;
7. recebida a denúncia, o juiz designará dia e hora para a audiência de instrução e julgamento, ordenará a citação pessoal do acusado, a intimação do Ministério Público, do assistente, se for o caso, e requisitará os laudos periciais. A audiência será realizada dentro dos 30 (trinta) dias seguintes ao recebimento da denúncia, salvo se determinada a realização de avaliação para atestar dependência de drogas, quando se realizará em 90 (noventa) dias;
8. se se tratar dos crimes tipificados nos arts. 33, caput, e § 1º, e 34 a 37, o juiz, ao receber a denúncia, poderá decretar o afastamento cautelar do denunciado de suas atividades, se for funcionário público, comunicando ao órgão respectivo;
9. na audiência de instrução e julgamento serão realizados os seguintes atos processuais: (a) o interrogatório do acusado (após proceder ao interrogatório, o juiz indagará das partes se restou algum fato para ser esclarecido, formulando as perguntas correspondentes se entender pertinente e relevante); (b) inquirição das testemunhas; (c) debates orais: será dada a palavra, sucessivamente, ao representante do Ministério Público e ao defensor do acusado, para sustentação oral, pelo prazo de 20 (vinte) minutos para cada um, prorrogável por mais 10 (dez), a critério do juiz;
10. o juiz pode dar a sentença na própria audiência de instrução e julgamento. Se não se sentir habilitado a julgar de imediato a causa, o juiz ordenará que os autos lhe sejam conclusos para, no prazo de 10 (dez) dias, proferir a sentença.

h) medidas assecuratórias relacionadas aos bens móveis e imóveis ou valores consistentes em produtos dos crimes previstos na Lei n. 11.343/06, ou que constituam proveito auferido com sua prática:

1. decisão: juiz;
2. iniciativa: o juiz, de ofício, a requerimento do Ministério Público ou mediante representação da autoridade de polícia judiciária;
3. requisito: indícios suficientes;
4. oitiva do Ministério Público: é necessária;
5. momento: no curso do inquérito ou da ação penal;
6. defesa do acusado: após decretação da medida, o juiz facultará ao acusado que, no prazo de 5 (cinco) dias, apresente ou requeira a produção de provas acerca da origem lícita do produto, bem ou valor objeto da decisão; provada a origem lícita do produto, bem ou valor, o juiz decidirá pela sua liberação;
7. requisito do pedido de restituição: só será conhecido com o comparecimento pessoal do acusado;
8. atos de conservação: pode o juiz determinar a prática de atos necessários à conservação de bens, direitos ou valores;
9. suspensão do sequestro: pelo juiz, ouvido o Ministério Público, quando a sua execução imediata possa comprometer as investigações;
10. destinação dos bens: não havendo prejuízo para a produção da prova dos fatos e comprovado o interesse público ou social, ressalvado o disposto no art. 62 da Lei n. 11.343/06, mediante autorização do juízo competente, ouvido o Ministério Público e cientificada a Senad, os bens apreendidos poderão ser utilizados pelos órgãos ou pelas entidades que atuam na prevenção do uso indevido, na atenção e reinserção social de usuários e dependentes de drogas e na repressão à produção não autorizada e ao tráfico ilícito de drogas, exclusivamente no interesse dessas atividades. Recaindo a autorização sobre veículos, embarcações ou aeronaves, o juiz ordenará à autoridade de trânsito ou ao equivalente órgão de registro e controle a expedição de certificado provisório de registro e licenciamento, em favor da instituição à qual tenha deferido o uso, ficando esta livre do pagamento de multas, encargos e tributos anteriores, até o trânsito em julgado da decisão que decretar o seu perdimento em favor da União.

Fluxograma do procedimento dos crimes de tóxicos (arts. 33 a 37 da Lei n. 11.343/2006)

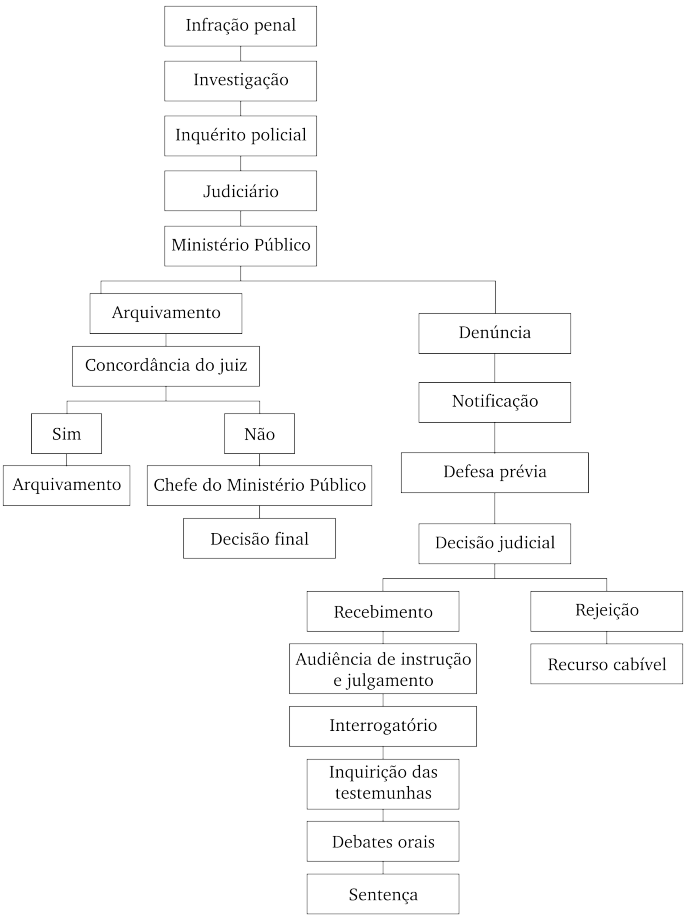
Infração penal
Investigação
Inquérito policial
Judiciário
Ministério Público
Arquivamento
Concordância do juiz
Sim
Arquivamento
Não
Chefe do Ministério Público
Decisão final
Denúncia
Notificação
Defesa prévia
Decisão judicial
Recebimento
Audiência de instrução e julgamento
Interrogatório
Inquirição das testemunhas
Debates orais
Sentença
Rejeição
Recurso cabível

1 TOURINHO FILHO, Fernando da Costa. Processo penal. São Paulo: Saraiva, 1997. v. 1, 2 e 3.

2 DEMERCIAN, Pedro Henrique. A oralidade no processo penal brasileiro. São Paulo: Atlas, 1999.

3 TOURINHO FILHO, Fernando da Costa. Manual de processo penal. São Paulo: Saraiva, 2003. p. 607.

4 CERVINI, Raul; OLIVEIRA, William Terra de; GOMES, Luiz Flávio. Lei de lavagem de capitais. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1998. p. 357.

5 As condutas do art. 28 da Lei n. 11.343/2006 são: (a) quem adquirir, guardar, tiver em depósito, transportar ou trouxer consigo, para consumo pessoal, drogas sem autorização ou em desacordo com determinação legal ou regulamentar; (b) quem, para seu consumo pessoal, semeia, cultiva ou colhe plantas destinadas à preparação de pequena quantidade de substância ou produto capaz de causar dependência física ou psíquica.

3

Realização da 2ª Fase do Exame da OAB

1 Leitura do problema

O candidato deverá ler o problema com atenção, para extrair seus dados indispensáveis e conseguir realizar a peça processual. Para entender o enunciado, e retirar dele dados essenciais, é necessário seguir um roteiro de questões. Vejamos:

a) Qual a infração penal praticada?

No enunciado da OAB, a infração penal pode aparecer de duas formas:

1. Com a indicação do artigo da Lei Penal

Exemplo: José encontra-se preso em virtude de sentença condenatória proferida pelo MM. Juiz da 6ª Vara Criminal, por ter incorrido nas penas do art. 213, caput, do Código Penal..;

2. Com a descrição da conduta criminosa, junto ou sem artigo da Lei Penal

Exemplo: José e Antonio, que trabalhavam no mesmo escritório de contabilidade em São Paulo, não mais conversam nem se cumprimentam em razão de vários fatos que se sucederam: no dia 28 de janeiro de 2004, José ofendeu Antonio, além de ameaçá-lo no sentido de que não hesitaria em tirar-lhe a vida. As ofensas e ameaças foram feitas na presença de várias testemunhas. Neste enunciado, a indicação da infração aparece descrita através dos fatos narrados (crime contra a honra ou crime de ameaça), sem indicação do artigo da lei penal;

O candidato não pode esquecer que no Brasil, em matéria de infração penal, adota-se o sistema dicotômico, ou seja, a infração penal é gênero, do qual duas são as espécies: crime ou delito (maior gravidade) e contravenção penal (menor gravidade);

b) Qual a espécie da ação penal?

Para o candidato descobrir a espécie da ação penal, deve consultar a Lei Penal e buscar o artigo da infração penal indicada no enunciado:

1. Se não estiver nada previsto a respeito da ação penal, concluir pela regra, ou seja, que se trata de ação penal pública incondicionada;

2. Se estiver prevista a seguinte expressão: "somente se procede mediante queixa", concluir que a ação é penal privada. Para descobrir a espécie da ação penal privada, usar a seguinte regra:

se no enunciado aparecer o crime de induzimento a erro essencial (art. 236, caput, e parágrafo único do Código Penal), concluir que a ação penal privada é personalíssima;

se no enunciado não aparecer o crime mencionado e constar a inércia do Ministério Público, a ação penal privada é subsidiária da pública;

se no enunciado não aparecer o crime que enseja a ação penal privada personalíssima, nem constar a inércia do Ministério Público, a ação penal privada é exclusiva;

3. Se estiver prevista a seguinte expressão: "somente se procede mediante representação", concluir que a ação penal é pública condicionada à representação;

4. Se estiver prevista a seguinte expressão: "somente se procede mediante requisição do Ministro da Justiça", concluir que a ação penal é pública condicionada à requisição do Ministro da Justiça;

c) Qual a sanção penal?

Sanção penal é a consequência jurídica aplicada ao infrator da Lei Penal. No ordenamento jurídico brasileiro são duas: (a) pena; (b) medida de segurança;

Pena é sanção imposta pelo Estado, mediante o devido processo legal, com característica retributiva, preventiva e reeducativa, aplicada aos imputáveis e semi-imputáveis, desde que comprovado juízo de culpabilidade. A pena pode ser: abstrata ou cominada, que é a prevista na Lei Penal no preceito secundário, num limite mínimo e num limite máximo, e concreta ou aplicada, que é a imposta pelo juiz na sentença criminal;

Medida de segurança é a sanção imposta pelo Estado, mediante devido processo legal, com característica preventivo-curativa, aplicada aos inimputáveis e semi-imputáveis, desde que comprovado juízo de periculosidade. A medida de segurança pode ser: detentiva – internação em hospital de custódia e tratamento psiquiátrico, ou outro estabelecimento adequado; e restritiva – tratamento ambulatorial;

Para o candidato descobrir a sanção penal, deve ter como ponto de partida o dado da infração colocada no enunciado:

1. Pena abstrata: para descobrir a pena abstrata, o candidato busca na Lei Penal;

Exemplo: suponha que o enunciado fale do crime de estupro, previsto no art. 213 do Código Penal. Neste caso, a pena abstrata é de reclusão de 6 (seis) a 10 (dez) anos;

2. Pena concreta: para descobrir a pena concreta, o candidato verifica no enunciado o conteúdo da sentença condenatória dada pelo juiz;

Exemplo: Tício foi denunciado e afinal condenado à pena de um ano de reclusão por emissão de cheque sem provisão de fundos, pelo MM. Juiz da 20ª Vara Criminal. Neste caso, a pena concreta é de 1 ano de reclusão;

3. Medida de segurança: para descobrir se foi imposta medida de segurança, o candidato verifica no enunciado o conteúdo da sentença absolutória dada pelo juiz: se absolver, sem impor medida, chama-se sentença absolutória própria; se absolver e impuser medida, chama-se sentença absolutória imprópria;

Exemplo: João da Silva foi denunciado pelo Ministério Público porque teria causado em Antonio de Souza, mediante o uso de uma barra de ferro, as lesões corporais que o levaram à morte. Durante a instrução criminal, o juiz, de ofício, determinou a instauração do incidente de sanidade mental do acusado. A perícia concluiu ser este portador de esquizofrenia grave. Duas testemunhas presenciais arroladas pela defesa afirmaram, categoricamente, que no dia dos fatos Antonio de Souza, após provocar o acusado, injustamente, com palavras de baixo calão, passou a desferir-lhe socos e pontapés. Levantando-se com dificuldade, João alcançou uma barra de ferro que se encontrava nas proximidades e golpeou Antonio por várias vezes, até que cessasse a agressão que sofria. Encerrada a primeira fase processual, o magistrado, acatando o laudo pericial, absolveu sumariamente João da Silva, aplicando-lhe medida de segurança, consistente em internação em hospital de custódia e tratamento psiquiátrico pelo prazo mínimo de dois anos;

d) Qual o procedimento criminal?

O candidato, para descobrir o procedimento criminal, tem de já ter extraído do enunciado a infração penal praticada, bem como sua pena abstrata;

Com o advento da Lei n. 11.719/2008, o procedimento criminal se dividiu em comum e especial. O procedimento comum é aplicado a todos os processos, salvo naqueles em que há previsão de procedimento especial;

Dessa forma, o candidato deve verificar se existe na lei procedimento especial: (a) se tiver: adotar o procedimento especial; (b) se não tiver: o candidato deve verificar o quantum da pena privativa de liberdade abstrata máxima, de forma que: (1) se for igual ou superior a 4 (quatro) anos, o procedimento a ser adotado será o ordinário; (2) se for inferior a 4 (quatro) anos e superior a 2 (dois) anos, o procedimento será o sumário; (3) se for menor ou igual a 2 (dois) anos, o procedimento será o sumaríssimo previsto nas Leis n. 9.099/95 e 10.259/2001;

Cabe ressalvar que todas as contravenções penais, tenham ou não procedimento especial, são infrações de menor potencial ofensivo, sujeitas, portanto, ao procedimento sumaríssimo;

e) Qual o momento do procedimento criminal?

Para o candidato averiguar e precisar o momento do procedimento criminal tem de conhecer os procedimentos processuais que existem na Lei Penal. Tais procedimentos já foram vistos em capítulo anterior;

Supondo que o candidato já conheça os procedimentos criminais, podemos estabelecer os

seguintes tipos de momentos, visando dar uma uniformidade entre os procedimentos existentes:

1. Momento da investigação da infração penal;
2. Momento da ação penal: oferecimento da denúncia ou queixa;
3. Momento processual: do recebimento da denúncia ou queixa até a sentença;
4. Momento da sentença;
5. Momento do acórdão;
6. Momento do trânsito em julgado;
7. Momento da Execução Penal;

f) Qual é o cliente?

O candidato no Exame de OAB tem de posicionar-se como advogado, postulando os interesses de alguém, que pode ser:

1. Crime de Ação Penal Privada: não importa o momento do procedimento criminal. O candidato pode atuar:

   em nome do infrator, cujas terminologias são: (a) na fase da investigação: investigado ou indiciado; (b) na fase processual: réu ou acusado ou querelado;

   em nome da vítima pela infração penal, cuja terminologia na fase processual é autor ou querelante;

2. Crime de Ação Penal Pública: não importa o momento do procedimento criminal. O candidato pode atuar:

   em nome do infrator, cujas terminologias são: (a) na fase da investigação: investigado ou indiciado; (b) na fase processual: em nome do réu ou acusado;

   em nome da vítima pela infração penal, cuja terminologia na fase processual é autor ou querelante, no caso de inércia do Ministério Público;

   em nome do assistente de acusação;

g) Qual a situação prisional?

Quando o candidato estiver postulando em favor dos interesses de um infrator da Lei Penal, deve sempre verificar a situação da liberdade de locomoção do seu cliente:

1. solto;
2. preso: para especificar a espécie de prisão, o candidato tem de saber quais as espécies de prisão

que existem no ordenamento jurídico: (a) penal: decretada após o trânsito em julgado da sentença penal condenatória; (b) processual ou cautelar ou provisória: decretada antes do trânsito em julgado da sentença penal, podendo ser: flagrante, temporária e preventiva; (c) civil: decretada em caso de devedor de pensão alimentícia; (d) disciplinar: decretada na ocorrência de crime militar próprio ou transgressão militar; (e) administrativa: decretada pela autoridade judiciária em certas hipóteses previstas em lei, como no caso de expulsão de estrangeiro, nos termos da Lei n. 6.815/80;

3. iminência de ser preso;

h) Qual a situação jurídica do seu cliente?

Nesta questão, o candidato deve ler o enunciado, verificar o problema ou a irregularidade praticada contra o seu cliente e descobrir, com base na legislação, doutrina e jurisprudência, uma solução para o seu cliente;

Para descobrir a solução jurídica para o caso concreto, o candidato deve buscar no índice remissivo dos Códigos e Livros as palavras-chaves e procurar até achar uma solução para o caso e conhecer previamente as teses da área penal;

Como exemplificação do procedimento de identificação da situação-problema, destacamos os seguintes exames:

(IV Exame da OAB) Tício foi denunciado e processado, na 1ª Vara Criminal da Comarca do Município X, pela prática de roubo qualificado em decorrência do emprego de arma de fogo. Ainda durante a fase de inquérito policial, Tício foi reconhecido pela vítima. Tal reconhecimento se deu quando a referida vítima olhou através de pequeno orifício da porta de uma sala onde se encontrava apenas o réu. Já em sede de instrução criminal, nem vítima nem testemunhas afirmaram ter escutado qualquer disparo de arma de fogo, mas foram uníssonas no sentido de assegurar que o assaltante portava uma. Não houve perícia, pois, os policiais que prenderam o réu em flagrante não lograram êxito em apreender a arma. Tais policiais afirmaram em juízo que, após escutarem gritos de "pega ladrão!", viram o réu correndo e foram em seu encalço. Afirmaram que, durante a perseguição, os passantes apontavam para o réu, bem como que este jogou um objeto no córrego que passava próximo ao local dos fatos, que acreditavam ser a arma de fogo utilizada. O réu, em seu interrogatório, exerceu o direito ao silêncio. Ao cabo da instrução criminal, Tício foi condenado a oito anos e seis meses de reclusão, por roubo com emprego de arma de fogo, tendo sido fixado o regime inicial fechado para cumprimento de pena. O magistrado, para fins de condenação e fixação da pena, levou em conta os depoimentos testemunhais colhidos em juízo e o reconhecimento feito pela vítima em sede policial, bem como o fato de o réu ser reincidente e portador de maus antecedentes, circunstâncias comprovadas no curso do processo. Você, na condição de advogado(a) de Tício, é intimado(a) da decisão. Com base somente nas informações de que dispõe e nas que podem ser inferidas pelo caso concreto acima, redija a peça cabível, apresentando as razões e sustentando as teses jurídicas pertinentes;

a) infração penal: roubo qualificado em decorrência do emprego de arma de fogo;

b) ação penal: pública incondicionada;

c) pena abstrata: reclusão de 4 a 10 anos e multa + aumento de pena em razão do emprego da arma de fogo;

d) pena concreta: oito anos e seis meses de reclusão, por roubo com emprego de arma de fogo, tendo sido fixado o regime inicial fechado para cumprimento de pena;

e) procedimento criminal: ordinário;

f) momento: momento da sentença;

g) cliente: Tício;

h) situação prisional: solto;

i) situação jurídica: a) o reconhecimento feito não deve ser considerado para fins de condenação, pois houve desrespeito à formalidade legal prevista no art. 226, II, do Código de Processo Penal; b) não há prova suficiente para a condenação do réu, haja vista ter sido feito somente um único reconhecimento, em sede de inquérito policial e sem a observância das exigências legais, o que levaria à absolvição com fulcro no art. 386, VII, do mesmo diploma (também se aceita como fundamento do pedido de absolvição o art. 386, V, do CPP); c) de maneira alternativa, deverá postular o afastamento da causa especial de aumento de pena decorrente do emprego de arma de fogo, pois esta deveria ter sido submetida à perícia, nos termos do art. 158 do Código de Processo Penal. Ademais, nem sequer foi possível a perícia indireta (art. 167 do CPP), pois nenhuma das testemunhas disse ter escutado a arma disparar, de modo que o emprego de arma somente poderia servir para configurar a grave ameaça, elementar do crime de roubo.

(V Exame da OAB) Em 10 de janeiro de 2007, Eliete foi denunciada pelo Ministério Público pela prática do crime de furto qualificado por abuso de confiança, haja vista ter alegado o Parquet que a denunciada havia se valido da qualidade de empregada doméstica para subtrair, em 20 de dezembro de 2006, a quantia de R$ 50,00 de seu patrão Cláudio, presidente da maior empresa do Brasil no segmento de venda de alimentos no varejo. A denúncia foi recebida em 12 de janeiro de 2007, e, após a instrução criminal, foi proferida, em 10 de dezembro de 2009, sentença penal julgando procedente a pretensão acusatória para condenar Eliete à pena final de dois anos de reclusão, em razão da prática do crime previsto no art. 155, § 2º, inciso IV, do Código Penal. Após a interposição de recurso de apelação exclusivo da defesa, o Tribunal de Justiça entendeu por bem anular toda a instrução criminal, ante a ocorrência de cerceamento de defesa em razão do indeferimento injustificado de uma pergunta formulada a uma testemunha. Novamente realizada a instrução criminal, ficou comprovado que, à época dos fatos, Eliete havia sido contratada por Cláudio havia uma semana e só tinha a obrigação de trabalhar às segundas, quartas e sextas-feiras, de modo que o suposto fato criminoso teria ocorrido no

terceiro dia de trabalho da doméstica. Ademais, foi juntada aos autos a comprovação dos rendimentos da vítima, que giravam em torno de R$ 50.000,00 (cinquenta mil reais) mensais. Após a apresentação de memoriais pelas partes, em 9 de fevereiro de 2011, foi proferida nova sentença penal condenando Eliete à pena final de 2 (dois) anos e 6 (seis) meses de reclusão. Em suas razões de decidir, assentou o magistrado que a ré possuía circunstâncias judiciais desfavoráveis, uma vez que se reveste de enorme gravidade a prática de crimes em que se abusa da confiança depositada no agente, motivo pelo qual a pena deveria ser distanciada do mínimo. Ao final, converteu a pena privativa de liberdade em restritiva de direitos, consubstanciada na prestação de 8 (oito) horas semanais de serviços comunitários, durante o período de 2 (dois) anos e 6 (seis) meses em instituição a ser definida pelo juízo de execuções penais. Novamente não houve recurso do Ministério Público, e a sentença foi publicada no Diário Eletrônico em 16 de fevereiro de 2011. Com base somente nas informações de que dispõe e nas que podem ser inferidas pelo caso concreto acima, redija, na qualidade de advogado de Eliete, com data para o último dia do prazo legal, o recurso cabível à hipótese, invocando todas as questões de direito pertinentes, mesmo que em caráter eventual;

a) infração penal: crime de furto qualificado por abuso de confiança;

b) ação penal: pública incondicionada;

c) pena abstrata: reclusão, de dois a oito anos, e multa;

d) pena concreta: dois anos de reclusão;

e) procedimento criminal: ordinário;

f) momento: sentença;

g) cliente: Eliete;

h) situação prisional: solto;

i) situação jurídica: 1 – absolvição; 2 – reconhecimento da reformatio in pejus, com a aplicação da pena em no máximo 2 anos e a consequente prescrição; 3 – atipicidade da conduta, tendo em vista a aplicação do princípio da bagatela; 4 – não incidência da qualificadora do abuso da confiança, com a consequente desclassificação para furto simples; 5 – aplicação da Suspensão Condicional do Processo; 6 – não sendo afastada a qualificadora, a incidência do § 2º do art. 155 do CP; 7 – a redução da pena pelo reconhecimento do bis in idem e a consequente prescrição; 8 – aplicação de sursis; 9 – inadequação da pena restritiva aplicada, tendo em vista o que dispõe o art. 46, § 3º, do CP;

(VI Exame da OAB) No dia 10 de março de 2011, após ingerir um litro de vinho na sede de sua fazenda, José Alves pegou seu automóvel e passou a conduzi-lo ao longo da estrada que tangencia sua propriedade rural. Após percorrer cerca de dois quilômetros na estrada absolutamente deserta, José

Alves foi surpreendido por uma equipe da Polícia Militar que lá estava a fim de procurar um indivíduo foragido do presídio da localidade. Abordado pelos policiais, José Alves saiu de seu veículo trôpego e exalando forte odor de álcool, oportunidade em que, de maneira incisiva, os policiais lhe compeliram a realizar um teste de alcoolemia em aparelho de ar alveolar. Realizado o teste, foi constatado que José Alves tinha concentração de álcool de um miligrama por litro de ar expelido pelos pulmões, razão pela qual os policiais o conduziram à Unidade de Polícia Judiciária, onde foi lavrado Auto de Prisão em Flagrante pela prática do crime previsto no art. 306 da Lei n. 9.503/97, c/c art. 2º, inciso II, do Decreto 6.488/2008, sendo-lhe negado no referido Auto de Prisão em Flagrante o direito de entrevistar-se com seus advogados ou com seus familiares. Dois dias após a lavratura do Auto de Prisão em Flagrante, em razão de José Alves ter permanecido encarcerado na Delegacia de Polícia, você é procurado pela família do preso, sob protestos de que não conseguiam vê-lo e de que o delegado não comunicara o fato ao juízo competente, tampouco à Defensoria Pública. Com base somente nas informações de que dispõe e nas que podem ser inferidas pelo caso concreto acima, na qualidade de advogado de José Alves, redija a peça cabível, exclusiva de advogado, no que tange à liberdade de seu cliente, questionando, em juízo, eventuais ilegalidades praticadas pela Autoridade Policial, alegando para tanto toda a matéria de direito pertinente ao caso;

a) infração penal: crime previsto no art. 306 da Lei n. 9.503/97, c/c art. 2º, II, do Decreto n. 6.488/2008;

b) ação penal: pública incondicionada;

c) pena abstrata: detenção de seis meses a três anos, multa e suspensão ou proibição de se obter a permissão ou a habilitação para dirigir veículo automotor;

d) pena concreta: não tem;

e) procedimento criminal: ordinário;

f) momento: investigação da infração penal;

g) cliente: José Alves;

h) situação prisional: preso;

i) situação jurídica: 1. O auto de prisão em flagrante é nulo por violação ao direito à não autoincriminação compulsória (princípio do nemo tenetur se detegere), previsto no art. 5º, LXIII, da CRFB/88 ou art. 8º, 2, g, do Decreto n. 678/92; 2. A prova é ilícita em razão da colheita forçada do exame de teor alcoólico, por força do art. 5º, LVI, da CRFB/88 ou art. 157 do CPP; 3. O auto de prisão em flagrante é nulo pela violação à exigência de comunicação da medida à Autoridade Judiciária, ao Ministério Público e à Defensoria Pública dentro de 24 horas, nos termos do art. 306, § 1º, do CPP ou art. 5º, LXII, da CRFB/88, ou art. 6º, V, c/c art. 185, ambos do CPP (a banca também convencionou aceitar como fundamento o art. 306, caput, do CPP, considerando-se a

legislação da época dos fatos); 4. O auto de prisão é nulo por violação ao direito à comunicação entre o preso e o advogado, bem como com familiares, nos termos do art. 5º, LXIII, da CRFB ou art. 7º, III, do Estatuto da Ordem dos Advogados do Brasil, ou art. 8º, 2, d, do Decreto n. 678/92;

(VII Exame da OAB) Grávida de nove meses, Ana entra em trabalho de parto, vindo dar à luz um menino saudável, o qual é imediatamente colocado em seu colo. Ao ter o recém-nascido em suas mãos, Ana é tomada por extremo furor, bradando aos gritos que seu filho era um "monstro horrível que não saiu de mim" e bate por seguidas vezes a cabeça da criança na parede do quarto do hospital, vitimando-a fatalmente. Após ser dominada pelos funcionários do hospital, Ana é presa em flagrante delito. Durante a fase de inquérito policial, foi realizado exame médico-legal, o qual atestou que Ana agira sob influência de estado puerperal. Posteriormente, foi denunciada, com base nas provas colhidas na fase inquisitorial, sobretudo o laudo do expert, perante a 1ª Vara Criminal/Tribunal do Júri pela prática do crime de homicídio triplamente qualificado, haja vista ter sustentado o Parquet que Ana fora movida por motivo fútil, empregara meio cruel para a consecução do ato criminoso, além de se utilizar de recurso que tornou impossível a defesa da vítima. Em sede de Alegações Finais Orais, o Promotor de Justiça reiterou os argumentos da denúncia, sustentando que Ana teria agido impelida por motivo fútil ao decidir matar seu filho em razão de tê-lo achado feio e teria empregado meio cruel ao bater a cabeça do bebê repetidas vezes contra a parede, além de impossibilitar a defesa da vítima, incapaz, em razão da idade, de defender-se. A Defensoria Pública, por sua vez, alegou que a ré não teria praticado o fato e, alternativamente, se o tivesse feito, não possuiria plena capacidade de autodeterminação, sendo inimputável. Ao proferir a sentença, o magistrado competente entendeu por bem absolver sumariamente a ré em razão de inimputabilidade, pois, ao tempo da ação, não seria ela inteiramente capaz de se autodeterminar em consequência da influência do estado puerperal. Tendo sido intimado o Ministério Público da decisão, em 11 de janeiro de 2011, o prazo recursal transcorreu in albis sem manifestação do Parquet. Em relação ao caso narrado, você, na condição de advogado(a), é procurado pelo pai da vítima, em 20 de janeiro de 2011, para habilitar-se como assistente da acusação e impugnar a decisão. Com base somente nas informações de que dispõe e nas que podem ser inferidas pelo caso concreto acima, redija a peça cabível, sustentando, para tanto, as teses jurídicas pertinentes, datando do último dia do prazo;

a) infração penal: crime de homicídio triplamente qualificado, haja vista ter sustentado o Parquet que Ana fora movida por motivo fútil, empregara meio cruel para a consecução do ato criminoso, além de se utilizar de recurso que tornou impossível a defesa da vítima;

b) ação penal: pública incondicionada;

c) pena abstrata: reclusão de 12 a 30 anos;

d) pena concreta: não tem, pois, o juiz decretou absolvição sumária;

e) procedimento criminal: júri;

f) momento: momento da sentença;

g) cliente: Ana;

h) situação prisional: presa;

i) situação jurídica: a) o juiz não poderia ter absolvido sumariamente a ré em razão da inimputabilidade, porque o Código de Processo Penal, em seu art. 415, parágrafo único, veda expressamente tal providência, salvo quando for a única tese defensiva, o que não é o caso, haja vista que a defesa também apresentou outra tese, qual seja a de negativa de autoria; b) a incidência do estado puerperal não é considerada causa excludente de culpabilidade fundada na ausência de capacidade de autodeterminação.

(VIII Exame da OAB) Visando abrir um restaurante, José pede vinte mil reais emprestados a Caio, assinando, como garantia, uma nota promissória no aludido valor, com vencimento para o dia 15 de maio de 2010. Na data mencionada, não tendo havido pagamento, Caio telefona para José e, educadamente, cobra a dívida, obtendo do devedor a promessa de que o valor seria pago em uma semana. Findo o prazo, Caio novamente contata José, que, dessa vez, afirma estar sem dinheiro, pois o restaurante não apresentara o lucro esperado. Indignado, Caio comparece no dia 24 de maio de 2010 ao restaurante e, mostrando para José uma pistola que trazia consigo, afirma que a dívida deveria ser saldada imediatamente, pois, do contrário, José pagaria com a própria vida. Aterrorizado, José entra no restaurante e telefona para a polícia, que, entretanto, não encontra Caio quando chega ao local. Os fatos acima referidos foram levados ao conhecimento do delegado de polícia da localidade, que instaurou inquérito policial para apurar as circunstâncias do ocorrido. Ao final da investigação, tendo Caio confirmado a ocorrência dos eventos em sua integralidade, o Ministério Público o denuncia pela prática do crime de extorsão qualificada pelo emprego de arma de fogo. Recebida a inicial pelo juízo da 5ª Vara Criminal, o réu é citado no dia 18 de janeiro de 2011. Procurado apenas por Caio para representá-lo na ação penal instaurada, sabendo-se que Joaquim e Manoel presenciaram os telefonemas de Caio cobrando a dívida vencida, e com base somente nas informações de que dispõe e nas que podem ser inferidas pelo caso concreto acima, redija, no último dia do prazo, a peça cabível, invocando todos os argumentos em favor de seu constituinte;

a) infração penal: crime de extorsão qualificada pelo emprego de arma de fogo;

b) ação penal: pública incondicionada;

c) pena abstrata: reclusão de 4 a 10 anos e multa + aumento de pena;

d) pena concreta: não tem;

e) procedimento criminal: ordinário;

f) momento: processual;

g) cliente: Caio;

h) situação prisional: solto;

i) situação jurídica: a) a conduta descrita pelo Ministério Público caracterizaria apenas o crime de exercício arbitrário das próprias razões, previsto no art. 345 do CP, uma vez que para a configuração do delito de extorsão seria imprescindível que a vantagem fosse indevida, sendo a conduta, com relação ao delito do art. 158, atípica; b) o Ministério Público não é parte legítima para figurar no polo ativo de processo criminal pelo delito de exercício arbitrário das próprias razões, pois não houve emprego de violência, sendo este persequível por ação penal privada; c) caberia a José ajuizar queixa-crime dentro do prazo decadencial de seis meses, contados a partir do dia 24 de maio de 2010 e, uma vez não tendo sido oferecida a queixa-crime até o dia 23 de novembro de 2010, incidiu sobre o feito o fenômeno da decadência, restando extinta a punibilidade de Caio; d) absolvição sumária de Caio, com fundamento no art. 397, III (pela atipicidade do delito de extorsão) e IV (pela incidência da decadência), do CPP; e) requerer a produção de prova testemunhal, com a oitiva de Joaquim e Manoel.

(IX Exame da OAB) Gisele foi denunciada, com recebimento ocorrido em 31-10-2010, pela prática do delito de lesão corporal leve, com a presença da circunstância agravante, de ter o crime sido cometido contra mulher grávida. Isso porque, segundo narrou a inicial acusatória, Gisele, no dia 1º-4-2009, então com 19 anos, objetivando provocar lesão corporal leve em Amanda, deu um chute nas costas de Carolina, por confundi-la com aquela, ocasião em que Carolina (que estava grávida) caiu de joelhos no chão, lesionando-se. A vítima, muito atordoada com o acontecido, ficou por um tempo sem saber o que fazer, mas foi convencida por Amanda (sua amiga e pessoa a quem Gisele realmente queria lesionar) a noticiar o fato na delegacia. Sendo assim, tão logo voltou de um intercâmbio, mais precisamente no dia 18-10-2009, Carolina compareceu à delegacia e noticiou o fato, representando contra Gisele. Por orientação do delegado, Carolina foi instruída a fazer exame de corpo de delito, o que não ocorreu, porque os ferimentos, muito leves, já haviam sarado. O Ministério Público, na denúncia, arrolou Amanda como testemunha. Em seu depoimento, feito em sede judicial, Amanda disse que não viu Gisele bater em Carolina e nem viu os ferimentos, mas disse que poderia afirmar com convicção que os fatos noticiados realmente ocorreram, pois estava na casa da vítima quando esta chegou chorando muito e narrando a história. Não foi ouvida mais nenhuma testemunha e Gisele, em seu interrogatório, exerceu o direito ao silêncio. Cumpre destacar que a primeira e única audiência ocorreu apenas em 20-3-2012, mas que, anteriormente, três outras audiências foram marcadas; apenas não se realizaram porque, na primeira, o magistrado não pôde comparecer, na segunda o Ministério Público não compareceu e a terceira não se realizou porque, no dia marcado, foi dado ponto facultativo pelo governador do Estado, razão pela qual todas as audiências foram redesignadas. Assim, somente na quarta data agendada é que a audiência efetivamente aconteceu. Também merece destaque o fato de que na referida

audiência o parquet não ofereceu proposta de suspensão condicional do processo, pois, conforme documentos comprobatórios juntados aos autos, em 30-3-2009, Gisele, em processo criminal onde se apuravam outros fatos, aceitou o benefício proposto. Assim, segundo o promotor de justiça, afigurava-se impossível formulação de nova proposta de suspensão condicional do processo, ou de qualquer outro benefício anterior não destacado, e, além disso, tal dado deveria figurar na condenação ora pleiteada para Gisele como outra circunstância agravante, qual seja, reincidência. Nesse sentido, considere que o magistrado encerrou a audiência e abriu prazo, intimando as partes, para o oferecimento da peça processual cabível. Como advogado de Gisele, levando em conta tão somente os dados contidos no enunciado, elabore a peça cabível;

a) infração penal: delito de lesão corporal leve, com a presença da circunstância agravante de ter o crime sido cometido contra mulher grávida;

b) ação penal: pública incondicionada;

c) pena abstrata: detenção, de três meses a um ano + aumento da agravante;

d) pena concreta: não tem;

e) procedimento criminal: sumaríssimo;

f) momento: processual;

g) cliente: Gisele;

h) situação prisional: solto;

i) situação jurídica: a) extinção de punibilidade pela decadência do direito de representação; b) a declaração da nulidade do processo com a consequente extinção da punibilidade pela prescrição da pretensão punitiva; c) a absolvição da ré com fundamento na ausência de provas para a condenação; d) subsidiariamente, em caso de condenação, deverá pleitear a não incidência da circunstância agravante de ter sido, o delito, cometido contra mulher grávida; a não incidência da agravante da reincidência; e) a atenuação da pena como consequência à aplicação da atenuante da menoridade relativa da ré.

(X Exame da OAB) Jane, no dia 18 de outubro de 2010, na cidade de Cuiabá – MT, subtraiu veículo automotor de propriedade de Gabriela. Tal subtração ocorreu no momento em que a vítima saltou do carro para buscar um pertence que havia esquecido em casa, deixando-o aberto e com a chave na ignição. Jane, ao ver tal situação, aproveitou-se e subtraiu o bem, com o intuito de revendê-lo no Paraguai. Imediatamente, a vítima chamou a polícia e esta empreendeu perseguição ininterrupta, tendo prendido Jane em flagrante somente no dia seguinte, exatamente quando esta tentava cruzar a fronteira para negociar a venda do bem, que estava guardado em local não revelado. Em 30 de outubro de 2010, a denúncia foi recebida. No curso do processo, as testemunhas arroladas afirmaram que a ré estava, realmente, negociando a venda do bem no país vizinho e que havia um comprador,

terceiro de boa-fé arrolado como testemunha, o qual, em suas declarações, ratificou os fatos. Também ficou apurado que Jane possuía maus antecedentes e reincidente específica nesse tipo de crime, bem como que Gabriela havia morrido no dia seguinte à subtração, vítima de enfarte sofrido logo após os fatos, já que o veículo era essencial à sua subsistência. A ré confessou o crime em seu interrogatório. Ao cabo da instrução criminal, a ré foi condenada a cinco anos de reclusão no regime inicial fechado para cumprimento da pena privativa de liberdade, tendo sido levada em consideração a confissão, a reincidência específica, os maus antecedentes e as consequências do crime, quais sejam, a morte da vítima e os danos decorrentes da subtração de bem essencial à sua subsistência. A condenação transitou definitivamente em julgado, e a ré iniciou o cumprimento da pena em 10 de novembro de 2012. No dia 5 de março de 2013, você, já na condição de advogado(a) de Jane, recebe em seu escritório a mãe de Jane, acompanhada de Gabriel, único parente vivo da vítima, que se identificou como sendo filho desta. Ele informou que, no dia 27 de outubro de 2010, Jane, acolhendo os conselhos maternos, lhe telefonou, indicando o local onde o veículo estava escondido. O filho da vítima, nunca mencionado no processo, informou que no mesmo dia do telefonema, foi ao local e pegou o veículo de volta, sem nenhum embaraço, bem como que tal veículo estava em seu poder desde então. Com base somente nas informações de que dispõe e nas que podem ser inferidas pelo caso concreto acima, redija a peça cabível, excluindo a possibilidade de impetração de Habeas Corpus, sustentando, para tanto, as teses jurídicas pertinentes;

a) infração penal: furto qualificado;

b) ação penal: pública incondicionada;

c) pena abstrata: reclusão de dois a oito anos, e multa;

d) pena concreta: cinco anos de reclusão no regime inicial fechado para cumprimento da pena privativa de liberdade;

e) procedimento criminal: ordinário;

f) momento: trânsito em julgado;

g) cliente: Jane;

h) situação prisional: presa;

i) situação jurídica: a) causa especial de diminuição de pena, prevista no art. 16 do Código Penal: arrependimento posterior b) desclassificação do furto qualificado para o furto simples (art. 155, caput, do Código Penal); c) regime semiaberto para cumprimento da pena privativa de liberdade (verbete 269 da Súmula do STJ);

2 Cabimento da peça

2.1 Como descobrir a peça prática cabível?

Neste item, serão fornecidas as dicas para descobrir qual a peça cabível, de acordo com o problema do Exame de OAB, levando em conta os momentos procedimentais de cada peça e, principalmente, os termos e as expressões empregados na questão prático-profissional;

2.1.1 Peça cabível

Para verificar qual a peça cabível, o candidato deverá observar o seguinte roteiro, levando em conta o momento procedimental:

1. Fase investigatória e antes da propositura da ação penal: se o caso prático estiver nesta fase, são as seguintes as peças cabíveis:

    relaxamento de prisão em flagrante;
    liberdade provisória;
    revogação de prisão;
    requerimento ou representação para instauração de inquérito policial;
    habeas corpus;
    requerimento de diligência ao Delegado de Polícia;
    pedido de restituição de coisa apreendida;
    pedido de explicações em juízo;
    pedido de sequestro de bens.

2. Fase de propositura da ação penal: se o caso prático estiver nesta fase, são as seguintes as peças cabíveis:

    queixa-crime;
    queixa-crime subsidiária;
    habeas corpus.

3. Fase entre a propositura da ação penal e antes da sentença: se o caso prático estiver nesta fase, são as seguintes as peças cabíveis:

resposta à acusação ou defesa inicial;

defesa preliminar;

exceção;

pedido de desaforamento;

medidas assecuratórias;

habilitação como assistente da acusação;

memoriais (alegações finais);

habeas corpus;

pedido de restituição de coisa apreendida.

4. Fase da sentença: se o caso prático estiver nesta fase, são as seguintes as peças cabíveis:

apelação;

embargos de declaração;

habeas corpus.

5. Fase do acórdão: se o caso prático estiver nesta fase, são as seguintes as peças cabíveis:

embargos de declaração;

embargos infringentes e de nulidade;

recurso ordinário constitucional;

recurso especial;

recurso extraordinário;

habeas corpus.

6. Fase do trânsito em julgado: se o caso prático estiver nesta fase, são as seguintes as peças cabíveis:

revisão criminal;

justificação criminal;

habeas corpus.

7. Fase da execução da pena: se o caso prático estiver nesta fase, são as seguintes as peças cabíveis:

agravo em execução;

livramento condicional;

reabilitação;

pedidos da execução, como remição, indulto etc.;

habeas corpus: aplicação restrita.

8. Outras peças:

carta testemunhável: cabe quando o juiz negar seguimento ao Recurso em Sentido Estrito e Agravo em Execução;

correição parcial: cabe quando houver inversão tumultuária do processo;

mandado de segurança: proteção de direito líquido e certo não amparado por habeas corpus nem por habeas data;

recurso em sentido estrito: cabimento taxativo no art. 581 do Código de Processo Penal;

agravo de instrumento: decisão denegatória de Recurso Especial ou Extraordinário;

agravo regimental: despacho de presidente, turma ou relator de Tribunal.

3 Questões práticas

Na prova prático-profissional, existem 5 (cinco) questões práticas, sob a forma de situações-problema. A resolução dessas questões depende do roteiro abaixo:

Exemplo 1: cite três crimes considerados hediondos

a) O candidato deve, em primeiro lugar, entender a questão prática formulada na prova a fim de identificar corretamente a pergunta:

– indicar: mostrar ou revelar alguma coisa;

– distinguir: discriminar estabelecer as diferenças existentes;

– enumerar: relacionar ou especificar alguma coisa;

– explicar: esclarecer um assunto;

– arrolar: descrever ou colocar o assunto em rol;

– definir: fixar com precisão o significado de alguma coisa, expondo suas características específicas;

– comparar: estabelecer semelhanças e diferenças existentes;

– citar: mencionar alguma coisa;

– enunciar: revelar de forma breve alguma coisa.

Entendimento da questão: citar é mencionar três crimes hediondos. Considerados no sentido de reconhecidos ou declarados como crimes hediondos.

b) Após o candidato estar inteirado da pergunta, deve fazer uma leitura atenta do enunciado da questão, a ponto de identificar a matéria, o tema e o assunto de que trata. Para facilitar, o candidato pode realçar as palavras-chaves;

Leitura atenta

Matéria: Legislação penal especial;

Tema: Crimes;

Assunto: Crimes hediondos;

c) Após identificar o assunto, o candidato deve refletir e resgatar na sua memória o conhecimento necessário para resolver a questão.

De acordo com o seu estudo, os crimes hediondos estão declarados no art. 1º da Lei n. 8.072/90, abrangendo tanto os consumados como os tentados;

d) Ao responder à questão, o candidato deve em primeiro lugar buscar um fundamento legal ou constitucional para embasar sua resposta;

Fundamento constitucional: art. 5º, inciso XLIII, da CF;

Fundamento legal: art. 1º da Lei n. 8.072/90;

e) Após indicar o fundamento legal e/ou constitucional, o candidato deve indicar TODAS as posições doutrinárias e jurisprudenciais sobre o assunto.

Doutrina: de acordo com o critério legal, os crimes hediondos estão arrolados de forma taxativa no art. 1º da Lei n. 8.072/90, quais sejam: I – homicídio quando praticado em atividade típica de grupo de extermínio, ainda que cometido por um só agente, e homicídio qualificado; II – latrocínio; III – extorsão qualificada pela morte; IV – extorsão mediante sequestro e na forma qualificada; V – estupro; VI – estupro de vulnerável; VII – epidemia com resultado morte; VII-B – falsificação, corrupção, adulteração ou alteração de produto destinado a fins terapêuticos ou medicinais; VIII – favorecimento da prostituição ou de outra forma de exploração sexual de criança ou adolescente ou de vulnerável. Considera-se também hediondo o crime de genocídio (basta o candidato indicar três conforme questionado no enunciado). De acordo com o critério judicial, será o crime considerado hediondo quando o juiz verificar no fato concreto uma intensa repulsa da sociedade, seja em face da gravidade objetiva,

seja pela maneira de execução do delito. Por fim, pelo critério misto, o legislador arrola de forma exemplificativa os crimes hediondos (vide lista acima), podendo o juiz estender o rol legal.

Jurisprudência: segundo orientação sufragada pelo Supremo Tribunal Federal sobre o alcance da Lei n. 8.072/90, o crime de estupro, tanto em sua forma simples como na qualificada, será classificado como hediondo (HC n. 81.288/SC, Relator Ministro Maurício Corrêa);

Exemplo 2: Antônio, pai de um jovem hipossuficiente preso em flagrante delito, recebe de um serventuário do Poder Judiciário Estadual a informação de que Jorge, defensor público criminal com atribuição para representar o seu filho, solicitara a quantia de dois mil reais para defendê-lo adequadamente. Indignado, Antônio, sem averiguar a fundo a informação, mas confiando na palavra do serventuário, escreve um texto reproduzindo a acusação e o entrega ao juiz titular da vara criminal em que Jorge funciona como defensor público. Ao tomar conhecimento do ocorrido, Jorge apresenta uma gravação em vídeo da entrevista que fizera com o filho de Antônio, na qual fica evidenciado que jamais solicitara qualquer quantia para defendê-lo, e representa criminalmente pelo fato. O Ministério Público oferece denúncia perante o Juizado Especial Criminal, atribuindo a Antônio o cometimento do crime de calúnia, praticado contra funcionário público em razão de suas funções, nada mencionando acerca dos benefícios previstos na Lei n. 9.099/95. Designada Audiência de Instrução e Julgamento, recebida a denúncia, ouvidas as testemunhas, interrogado o réu e apresentadas as alegações orais pelo Ministério Público, na qual pugnou pela condenação na forma da inicial, o magistrado concede a palavra a Vossa Senhoria para apresentar alegações finais orais. Em relação à situação acima, responda aos itens a seguir, empregando os argumentos jurídicos apropriados e a fundamentação legal pertinente ao caso: a) O

Juizado Especial Criminal é competente para apreciar o fato em tela?; b) Antônio faz jus a algum benefício da Lei n. 9.099/95? Em caso afirmativo, qual(is)?; c) Antônio praticou crime? Em caso afirmativo, qual? Em caso negativo, por que razão?

a) O candidato deve, em primeiro lugar, entender a questão prática formulada na prova a fim de identificar corretamente a pergunta;

Antônio foi denunciado por crime de calúnia, pois de acordo com o MP Antônio acusou o defensor público criminal, Jorge, de receber uma quantia indevida para exercer sua função de defesa criminal. A falsidade da imputação feita por Antônio se baseia numa gravação em vídeo da entrevista que Jorge fez com o filho de Antônio, na qual fica evidenciado que jamais solicitara qualquer quantia para defendê-lo.

b) Após o candidato estar inteirado da pergunta, deve fazer uma leitura atenta do enunciado da questão, a ponto de identificar a matéria, o tema e o assunto de que trata. Para facilitar, o candidato pode realçar as palavras-chaves;

leitura atenta;

matéria: leis penais e processuais penais;

tema: crimes e juizados especiais criminais;

assunto: calúnia e competência criminal.

c) Após identificar o assunto, o candidato deve refletir e resgatar na sua memória o conhecimento necessário para resolver a questão;

O Juizado Especial Criminal tem competência para processar e julgar infrações penais de menor potencial ofensivo, ou seja, as contravenções penais e os crimes a que a lei comine pena máxima não superior a 2 (dois) anos, cumulada ou não com multa. O crime de calúnia é de competência do JECRIM, já que a pena é de detenção, de seis meses a dois anos, e multa. Quando incidir a causa de aumento de pena não é de competência do JECRIM. Os benefícios possíveis no JECRIM seriam o sursis processual e a transação penal quando preenchidos os requisitos legais. Quando o agente pensa que está cometendo o crime, tendo a falsa noção da realidade, incide sobre os elementos do tipo penal, existe erro de tipo, que pode ser: Erro essencial – Recai sobre elementares ou circunstâncias do crime. Por exemplo: a) Invencível ou escusável – não podia ser evitado, nem com cuidado extraordinário; exclui dolo e culpa; b) Vencível ou inescusável – podia ser evitado pela atenção do homem médio; exclui o dolo, mas responde por crime culposo.

d) Ao responder à questão, o candidato deve em primeiro lugar buscar um fundamento legal ou constitucional para embasar sua resposta;

Fundamento constitucional: arts. 5º, inciso X, e 98, ambos da CF;

Fundamento legal: arts. 20, 138 ao 145, todos do CP; artigos da Lei 9.099/95, em especial os arts. 61 e 89.

e) Após indicar o fundamento legal e/ou constitucional, o candidato deve indicar TODAS as posições doutrinárias e jurisprudenciais sobre o assunto.

– O Juizado Especial Criminal é competente para apreciar o fato em tela?

Não, pois, de acordo com o art. 141, II, do CP, quando a ofensa for praticada contra funcionário público em razão de suas funções, a pena será aumentada de um terço, o que faz com que a sanção máxima abstratamente cominada seja superior a dois anos.

– Antônio faz jus a algum benefício da Lei n. 9.099/95? Em caso afirmativo, qual(is)?

Sim, suspensão condicional do processo, nos termos do art. 89 da Lei n. 9.099/95.

– Antônio praticou crime? Em caso afirmativo, qual? Em caso negativo, por que razão?

Não. Antônio agiu em erro de tipo vencível/inescusável. Conforme previsão do art. 20 do CP, nessa hipótese, o agente somente responderá pelo crime se for admitida a punição a título culposo, o que não é o caso, pois o crime em comento não admite a modalidade culposa. Vale lembrar que não houve dolo na conduta de Antônio.

Exemplo 3: Maria, jovem extremamente possessiva, comparece ao local em que Jorge, seu namorado, exerce o cargo de auxiliar administrativo e abre uma carta lacrada que havia sobre a mesa do rapaz. Ao ler o conteúdo, descobre que Jorge se apropriara de R$ 4.000,00 (quatro mil reais), que recebera da empresa em que trabalhava para efetuar um pagamento, mas utilizara tal quantia para comprar uma joia para uma moça chamada Júlia. Absolutamente transtornada, Maria entrega a correspondência aos patrões de Jorge.

Com base no relatado acima, responda aos itens a seguir, empregando os argumentos jurídicos apropriados e a fundamentação legal pertinente ao caso. a) Jorge praticou crime? Em caso positivo, qual(is)? b) Se o Ministério Público oferecesse denúncia com base exclusivamente na correspondência aberta por Maria, o que você, na qualidade de advogado de Jorge, alegaria?

a) O candidato deve, em primeiro lugar, entender a questão prática formulada na prova a fim de identificar corretamente a pergunta;

Maria descobre que seu namorado Jorge está lhe traindo ao abrir uma correspondência endereçada a ele. Na carta, descobre não apenas a traição, mas também que o namorado fez apropriação de uma verba da empresa onde trabalha;

b) Após o candidato estar inteirado da pergunta, deve fazer uma leitura atenta do enunciado da questão, a ponto de identificar a matéria, o tema e o assunto de que trata. Para facilitar, o candidato pode realçar as palavras-chaves;

leitura atenta;

matéria: legislação penal especial e processo penal;

tema: crimes e provas;

assunto: crimes contra o patrimônio, quebra de sigilo e prova ilícita;

c) Após identificar o assunto, o candidato deve refletir e resgatar na sua memória o conhecimento necessário para resolver a questão;

O crime de apropriação indébita ocorre quando quem tem a posse ou detenção lícita da coisa alheia móvel dela se apropria, como se dono fosse. Incide aumento de pena quando o agente recebeu a coisa em razão de ofício, emprego ou profissão. Prova é meio usado para convencer o juiz sobre a verdade de um fato. Quando a prova é obtida em desacordo com normas legais, tem-se a prova ilícita. Uma denúncia deve ser oferecida com fundamento jurídico e suporte fático autorizadores da acusação.

d) Ao responder à questão, o candidato deve em primeiro lugar buscar um fundamento legal ou constitucional para embasar sua resposta;

Fundamento constitucional: art. 5º, incisos XXII e LVI, da CF;

Fundamento legal: art. 168 do CP e art. 155 e seguintes do CPP;

e) Após indicar o fundamento legal e/ou constitucional, o candidato deve indicar TODAS as posições doutrinárias e jurisprudenciais sobre o assunto.

– Jorge praticou crime? Em caso positivo, qual(is)?

a) Sim. Apropriação indébita qualificada (ou majorada) em razão do ofício, prevista no art. 168, § 1º, III do CP;

– Se o Ministério Público oferecesse denúncia com base exclusivamente na correspondência aberta por Maria, o que você, na qualidade de advogado de Jorge, alegaria?

b) Falta de justa causa para a instauração de ação penal, já que a denúncia se encontra lastreada exclusivamente em uma prova ilícita, porquanto decorrente de violação a uma norma de direito material (art. 151 do CP).

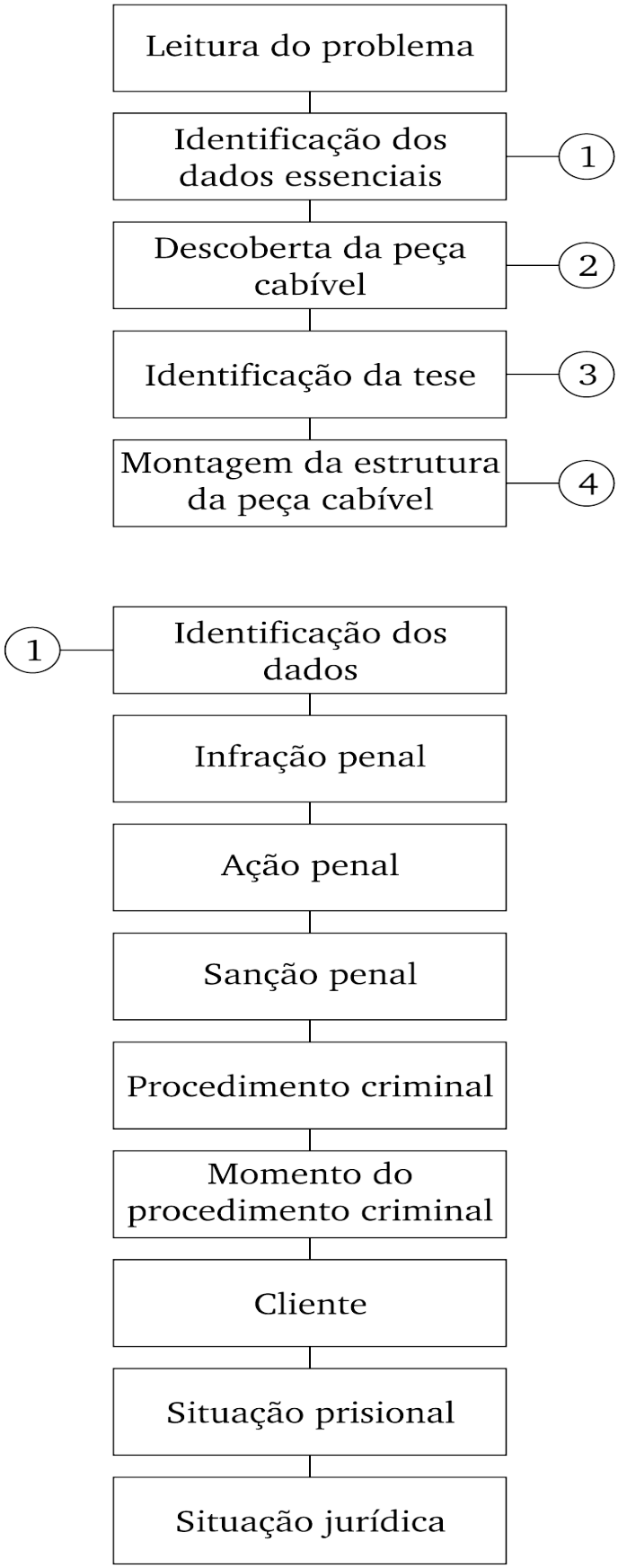
Leitura do problema
Identificação dos dados essenciais
1
Descoberta da peça cabível
2
Identificação da tese
3
Montagem da estrutura da peça cabível
4
1
Identificação dos dados
Infração penal
Ação penal
Sanção penal
Procedimento criminal
Momento do procedimento criminal
Cliente
Situação prisional
Situação jurídica

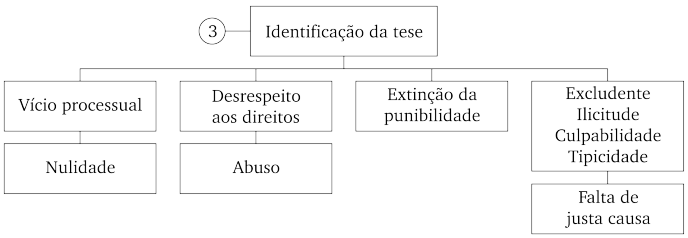
3
Identificação da tese
Vício processual
Nulidade
Desrespeito aos direitos
Abuso
Extinção da punibilidade
Excludente
Ilicitude
Culpabilidade
Tipicidade
Falta de justa causa

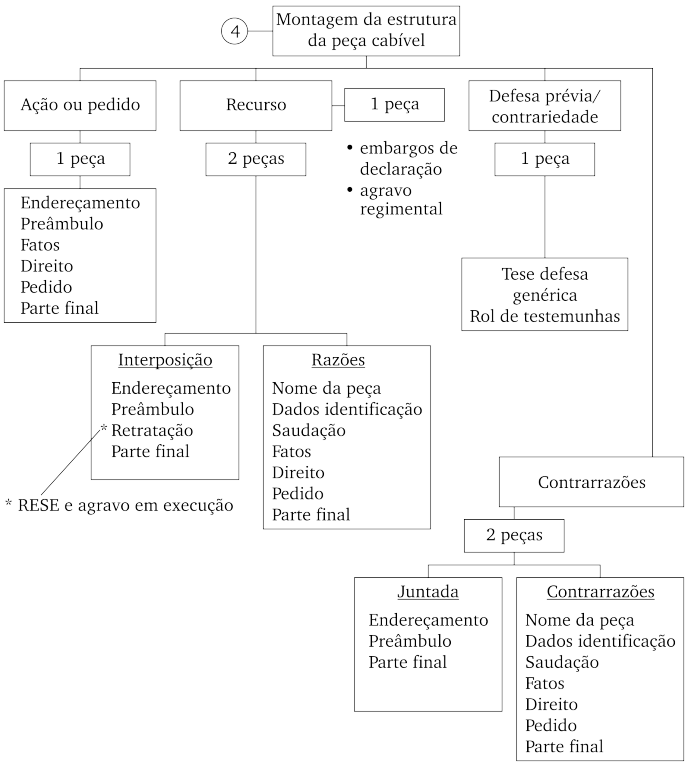
4
Montagem da estrutura da peça cabível
Ação ou pedido
1 peça
Endereçamento
Preâmbulo
Fatos
Direito
Pedido
Parte final
Recurso
2 peças
Interposição
Endereçamento
Preâmbulo
* Retratação
Parte final
Razões
Nome da peça
Dados identificação
Saudação
Fatos
Direito
Pedido
Parte final
1 peça
• embargos de declaração
• agravo regimental
* RESE e agravo em execução
Defesa prévia/ contrariedade
1 peça
Tese defesa genérica
Rol de testemunhas
Contrarrazões
2 peças
Juntada
Endereçamento
Preâmbulo
Parte final
Contrarrazões
Nome da peça
Dados identificação
Saudação
Fatos
Direito
Pedido
Parte final

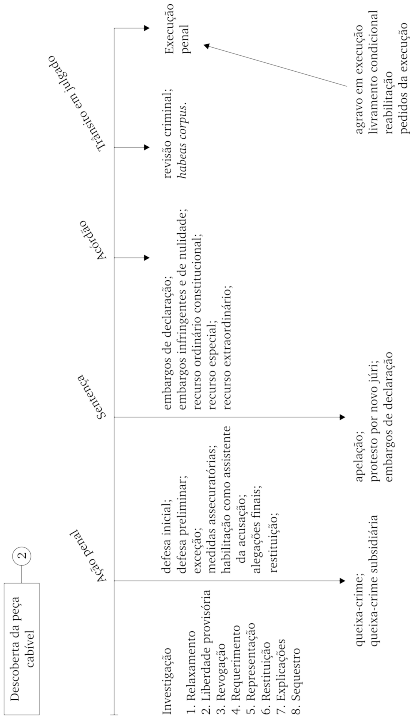
2
Descoberta da peça cabível
Ação penal
Investigação
1. Relaxamento
2. Liberdade provisória
3. Revogação
4. Requerimento
5. Representação
6. Restituição
7. Explicações
8. Sequestro
defesa inicial;
defesa preliminar;
exceção;
medidas assecuratórias;
habilitação como assistente da acusação;
alegações finais;
restituição;
queixa-crime;
queixa-crime subsidiária
Sentença
embargos de declaração;
embargos infringentes e de nulidade;
recurso ordinário constitucional;
recurso especial;
recurso extraordinário;
apelação;
protesto por novo júri;
embargos de declaração
Acórdão
Trânsito em julgado
revisão criminal;
habeas corpus.
Execução penal
agravo em execução
livramento condicional
reabilitação
pedidos da execução

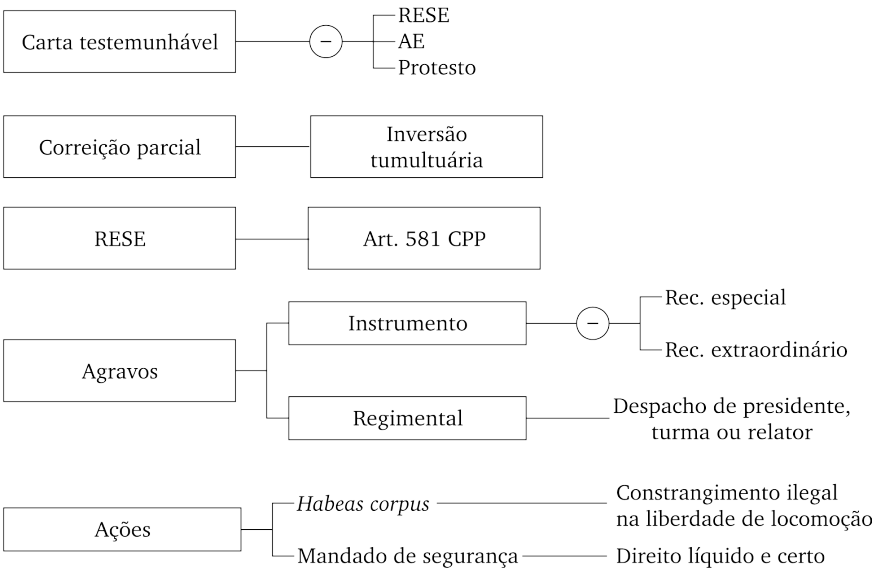
Carta testemunhável
RESE
AE
Protesto
Correição parcial
Inversão tumultuária
RESE
Art. 581 CPP
Agravos
Instrumento
Rec. especial
Rec. extraordinário
Regimental
Despacho de presidente, turma ou relator
Ações
Habeas corpus
Constrangimento ilegal na liberdade de locomoção
Mandado de segurança
Direito líquido e certo

4

Dicas da Peça Prático-Profissional da OAB

1 Dicas de cabimento da peça prático-profissional

1.1 Relaxamento de prisão em flagrante e liberdade provisória

O candidato para decidir entre Relaxamento e Liberdade Provisória precisa verificar se a prisão foi ou não regular: se for ilegal, cabe relaxamento; se legal, cabe liberdade provisória. O relaxamento de prisão tem como causa uma prisão em flagrante ilegal e a consequência é a liberdade plena e absoluta do autor do fato (no VI Exame OAB unificado o gabarito foi a formulação de uma petição de relaxamento de prisão em razão da nulidade do ato de prisão em flagrante, com o consequente alvará de soltura). Já a liberdade provisória tem como causa uma prisão legal e sua consequência também é a liberdade do autor do fato. Conforme acentua Vicente Greco:

> "A liberdade provisória distingue-se do relaxamento do flagrante ou revogação da prisão preventiva. Nesses casos, o acusado é devolvido à condição de liberdade pura, porque o motivo foi considerado ilegal ou insubsistente. Na liberdade provisória o motivo da prisão é válido, mas esta é substituída por aquela; o acusado permanece sob uma causa de prisão que fica suspensa e, consequentemente, pode ser revigorada com a revogação da liberdade provisória se houver razão legal para isso".

No relaxamento de prisão em flagrante o acusado não está sujeito a deveres e obrigações. Na liberdade provisória, ao contrário, o acusado fica sujeito a sanções pelo não cumprimento das obrigações que, conforme a hipótese, são a ele impostas. Na liberdade provisória há vínculos e pode

existir cautela pecuniária; no relaxamento não há vínculo.

Na prática, porém, é comum que os advogados cumulem o pedido de relaxamento de prisão com o de liberdade provisória, o que poderá ser aceito. É a posição da OAB (gabarito do exame 136º).

Cabe ressalvar que prisão em flagrante ilegal é aquela que pode apresentar duas espécies de vícios: (a) de natureza material: ocorre com a não configuração da situação de flagrante prevista no art. 302 do CPP; (b) de natureza formal: ocorre quando o auto de prisão em flagrante for realizado em desconformidade com as determinações dos arts. 304 e seguintes do CPP.

1.2 Relaxamento/revogação ou habeas corpus

A decisão para saber se o candidato usa a peça do Relaxamento/revogação ou habeas corpus: opção do candidato. A revogação da prisão preventiva ocorre quando não subsistir o motivo que ensejou a sua decretação, nos termos do art. 316 do CPP.

1.3 Queixa-crime e requerimento de instauração de inquérito policial

Cabe ressaltar que o candidato não pode confundir notitia criminis com queixa-crime. Notitia criminis é a comunicação da ocorrência de uma infração penal à autoridade. Queixa-crime é a petição inicial da ação penal privada, ou seja, quando o querelante (vítima) pede ao juiz a condenação do réu. A notitia criminis pode iniciar a fase investigatória. A queixa-crime, por sua vez, pode iniciar a fase processual.

Quando o enunciado trouxer apenas a narração de crime de ação penal privada, sem indicar o momento processual, a peça cabível será queixa ou requerimento de instauração do inquérito. Para escolher qual fazer na prova: opção do candidato. Opte pela queixa, peça que precisa de

advogado.

1.4 Habeas corpus

a) será cabível quando no enunciado não aparecer momento procedimental específico;

b) quando na questão aparecer: adote medida cabível para buscar a libertação de uma pessoa, sem estar na fase da execução da pena: habeas corpus ou liberdade provisória (caso estejam previstos os requisitos);

c) será cabível se o enunciado finalizar com o recebimento da denúncia ou queixa.

1.5 Revisão criminal e habeas corpus

O candidato para decidir entre revisão criminal e habeas corpus deve consultar o art. 621 do CPP; verifique se o caso pode ser enquadrado num dos incisos do artigo: se puder, será revisão; se não puder, será habeas corpus.

1.6 Reabilitação criminal

A reabilitação criminal será usada quando forem preenchidos os requisitos legais e for pedida a reintegração social, para apagar as manchas do passado.

1.7 Memoriais

A defesa apresentará seus memoriais quando aparecer no enunciado que a acusação já apresentou seus memoriais postulando algo.

1.8 Recurso

a) a expressão "a sentença ainda não transitou em julgado" ou "a decisão judicial foi publicada há dias" identifica que a peça é um recurso;

b) serão usadas contrarrazões de recurso quando o enunciado falar que a outra parte já interpôs recurso;

c) não será necessário elaborar interposição de recurso quando o enunciado disser que já foi interposto; neste caso, basta apresentar as razões;

d) será usada a peça dos embargos infringentes/nulidade quando estiverem presentes os seguintes requisitos: (a) acórdão de Tribunal de 2º grau; (b) não provimento da Apelação, ou RESE, ou

Agravo em Execução; (c) votação por maioria de votos desfavorável ao réu; (d) existência de voto vencido favorável ao réu;

e) será usado o recurso do Agravo em Execução quando houver decisão do juiz da execução, nos termos do art. 66 da LEP;

f) quando houver denegação do habeas corpus: se for em 1ª instância, cabe RESE; se for em 2ª instância, cabe ROC;

g) se aparecer no enunciado "a decisão já transitou em julgado para a acusação", também será dica para recurso;

h) será embargos de declaração quando no acórdão ou sentença fora do JECRIM aparecer vício de ambiguidade, obscuridade, contradição ou omissão; quando na sentença do JECRIM aparecer o vício da dúvida, será obscuridade, contradição ou omissão.

1.9 Livramento condicional

A peça do livramento condicional será usada quando forem preenchidos os requisitos legais e for pedida, no caso prático, a libertação da pessoa.

O habeas corpus não é meio idôneo para concessão do livramento condicional, em razão do seu caráter sumaríssimo e por não ser sede de análise profunda de provas. A única hipótese possível de discutir livramento em sede de habeas corpus é matéria relativa à constitucionalidade de dispositivo legal.

Na dúvida entre pedido de progressão de regime e pedido de livramento condicional, o candidato deve fazer a comparação dos requisitos legais de cada pedido. É posição da OAB não ser cabível a interposição do livramento condicional quando o acusado cumpre exatos 1/3 da pena, pois não preenche o requisito objetivo do tempo de cumprimento de mais de 1/3 da pena.

1.10 Mandado de segurança

O candidato para identificar a peça do mandado de segurança deve estudar os casos em que já se admitiu mandado de segurança em matéria

criminal, tanto na doutrina como na jurisprudência. Os casos estão previstos neste livro no capítulo do mandado de segurança.

O candidato deve verificar se no caso apresentado pela OAB existem os requisitos do mandado de segurança, quais sejam: a ação ou omissão da autoridade pública ou agente no exercício de função pública, ilegalidade ou abuso de poder, lesão ou ameaça de lesão e o direito líquido e certo.

Apesar de o art. 5º, inciso I, da Lei n. 12.016/2009 dispor que não cabe mandado de segurança contra ato de que caiba recurso administrativo com efeito suspensivo, independentemente de caução, o entendimento é que caberá mandado de segurança, interposto ou não o recurso administrativo, nos termos do princípio da inafastabilidade da jurisdição previsto no art. 5º, inciso XXXV, da CF.

Por fim, apesar de o art. 5º, inciso I, da Lei n. 12.016/2009 dispor que não cabe mandado de segurança contra despacho ou decisão judicial se houver recurso previsto nas leis processuais ou que possa ser modificado por via de correição, o mandado de segurança poderá ser usado, neste caso, quando o impetrante interessado comprove lesão grave e de difícil reparação.

2 Desenvolvimento jurídico da peça prática penal cabível

2.1 Admissibilidade

Para aumentar a pontuação, o candidato pode, na peça prática, no tópico Do Direito, abrir um item – Da admissibilidade – para comprovar os requisitos de admissibilidade da peça.

2.1.1 Habeas corpus

No caso em tela, é admissível a impetração do habeas corpus, já que

estão presentes os seus requisitos, senão vejamos:

a) o presente pedido é adequado para evitar ou fazer cessar o constrangimento ilegal à liberdade de locomoção, consubstanciado _____ (especificar o constrangimento);

b) há o requisito da necessidade no presente pedido, já que a finalidade é afastar a violência ou a coação decorrente de ilegalidade ou abuso de poder caracterizado _____ (especificar);

c) há possibilidade jurídica do pedido, já que o pleito de prestação jurisdicional penal formulado pelo paciente é admissível no direito objetivo material.

Dessa forma, presentes os requisitos, deve ser admitido este remédio judicial voltado à tutela da liberdade ambulatória.

2.1.2 Queixa-crime

O recebimento da presente queixa-crime depende do preenchimento das condições da ação, senão vejamos:

a) possibilidade jurídica do pedido está demonstrada pela tipicidade da conduta do Fulano de tal, nos termos do artigo _____;

b) interesse de agir está caracterizado pela: (1) viabilidade: trata-se de pedido idôneo, pois é amparado por indícios suficientes de autoria e materialidade do crime; (2) punibilidade: o Estado tem o direito de punir, não tendo ocorrido nenhuma causa extintiva;

c) legitimidade ativa está demonstrada, já que _____ (nome do autor da ação penal) é titular do direito de agir, nos termos do artigo _____ (artigo do crime);

d) legitimidade passiva: o acusado é legitimado para a ação, já que o Fulano de tal (nome do autor da ação penal) agiu como _____, no fato objeto da ação penal.

Dessa forma, presentes as condições exigidas pela lei, a ação penal deve ser admitida para seu regular processamento.

2.1.3 Recurso

O recurso, para ser admitido e processado, deve preencher os requisitos exigidos na lei, senão vejamos:

a) cabimento: o recurso ora interposto está previsto em lei, nos termos do artigo _____;

b) adequação: o presente recurso é adequado para impugnar a decisão que _____, já que

_____ (justificar o porquê da adequação – requisitos específicos);

c) regularidade procedimental do recurso está caracterizada, já que foi endereçada ao juízo competente, bem como interposto _____ (forma);

d) tempestividade está caracterizada, já que o recurso foi interposto no prazo legal, nos termos do artigo _____;

e) não há fatos impeditivos ou extintivos ao direito de recorrer.

Dessa forma, presentes os requisitos exigidos pela lei, o recurso deve ser admitido para seu regular processamento.

2.2 Teses no habeas corpus

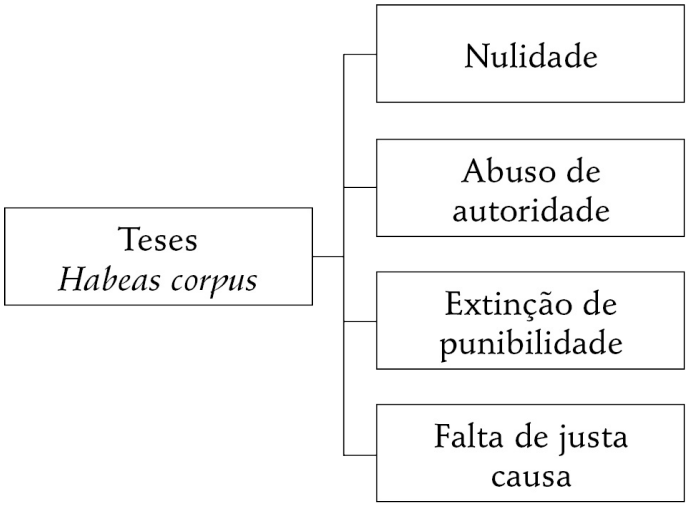

2.2.1 Tese de nulidade

Segundo Fernando Capez[1], "nulidade é um vício processual decorrente da inobservância das exigências legais capaz de invalidar o processo no todo ou em parte". O candidato não pode esquecer de alegar certos princípios relacionados ao processo e suas irregularidades: legalidade, devido processo legal, ampla defesa, contraditório, Estado Democrático de Direito. O artigo que serve de roteiro para as nulidades é o 564 do CPP.

Na tese de nulidade o candidato deve apontar a tese, demonstrá-la, fundamentá-la e concluir o raciocínio jurídico. Com base nesse roteiro, o candidato deve aplicar a seguinte estrutura na argumentação jurídica da tese de nulidade:

No caso em tela ocorreu _____ (indicar o motivo da nulidade), nos termos do artigo _____ (indicar o artigo de lei), vício processual comprometedor do regular desenvolvimento processual.

A nulidade em questão representa uma ofensa à ordem legal e consequentemente ao princípio da legalidade, alicerce do Estado Democrático de Direito, já que há desconformidade com o modelo da lei. A regularidade procedimental exige respeito e observância às exigências legais, no sentido de buscar a justa composição da lide.

O ato processual _____ (mencionar o ato) não foi realizado em conformidade com o modelo legal (ou não foi realizado, depende do caso trazido no exame da OAB), de forma que não atende aos requisitos mínimos, devendo ser considerado inválido perante o ordenamento jurídico e inapto a produzir os efeitos desejados.

A segurança jurídica exige que a tarefa de aplicar o direito seja realizada de maneira compatível com o ordenamento jurídico, sob pena de desviar o processo do seu objetivo maior, que é a preparação de um provimento final justo.

Dessa maneira, deve existir anulação _____ (precisar o início), para que haja regulamentação da forma processual e, por consequência, o alcance da verdade sobre os fatos.

O candidato deve atentar que na tese de nulidade existem algumas ideias correlatas:

a) a observância e o respeito às regras legais representam às partes garantia de um processo justo, legal e apto à descoberta da verdade dos fatos;

b) processo que não segue modelo legal desvia-se do seu objetivo maior de buscar um provimento final justo;

c) processo conduzido em conformidade com a lei gera uma resposta jurisdicional imparcial, correta

e justa;

d) a boa qualidade do pronunciamento jurisdicional depende de um processo desenvolvido com obediência às regras do devido processo legal;

e) a condução do processo segundo as regras do devido processo legal representa um caminho para a correta aplicação do direito;

f) nulidade é um defeito que torna sem valor ou pode invalidar o ato ou processo, no todo ou em parte; quando a nulidade é absoluta o prejuízo é manifesto para a efetividade do contraditório ou para a justiça da decisão;

g) ofensa à norma constitucional representa nulidade absoluta; Ada Pellegrini denomina "atipicidade constitucional".

Dicas: (1) Não esquecer de mencionar argumento constitucional, com a indicação de algum princípio; (2) ressaltar a ideia de que o processo sempre se desenvolve em conformidade ao devido processo legal e à dignidade da pessoa humana; (3) mencionar a ideia de que o processo sem vícios representa proteção do ordenamento jurídico, das partes e do próprio convencimento judicial na busca da verdade dos fatos.

Inexistência	Irregularidade	Nulidade absoluta	Nulidade relativa
☐ intensa desconformidade com a lei. ☐ não atos.	☐ mínima desconformidade com a lei. ☐ não afeta a validade do ato.	☐ prejuízo presumido para a efetividade do contraditório ou justiça da decisão. ☐ atinge o interesse público e a correta aplicação da lei. ☐ cabe decretação de ofício, vício insanável, que não se sujeita à convalidação ou sanação.	☐ depende da demonstração do prejuízo. ☐ atinge o interesse do particular; tutela interesse da parte. ☐ não cabe decretação de ofício. ☐ vício sanável.

Lembrar que toda nulidade gera desrespeito à lei, violando o princípio da legalidade. Tal princípio pode ser enunciado com as seguintes frases: a) o Estado de Direito assegura o império da lei; b) a lei é a fonte principal do direito, contendo uma ordem ou determinação do legislador aos indivíduos, inclusive para o próprio Estado; c) a lei exprime um comando estatal que

disciplina a vida em sociedade e contém a essência dos direitos e deveres.

2.2.2 Tese de abuso de autoridade

A tese do abuso será identificada pelo candidato, com o auxílio dos arts. 3º e 4º, ambos da Lei n. 4.898/65. Pode-se dizer que, no abuso de autoridade, há uma ideia fundamental, seja qual for o comportamento ou atitude exteriorizada: o desrespeito aos direitos fundamentais da pessoa humana.

Na tese de abuso de autoridade o candidato deve apontar a tese, demonstrá-la, fundamentá-la e concluir o raciocínio jurídico. Com base nesse roteiro, o candidato deve aplicar a seguinte estrutura na argumentação jurídica da tese de abuso de autoridade:

No caso em tela ocorreu abuso de autoridade, já que _____ (indicar o motivo do abuso), nos termos do artigo _____ (indicar o artigo de lei).

Motivo do comportamento abusivo da autoridade: (mencionar e questionar a conduta irregular da autoridade).

Efeitos da conduta da autoridade: o comportamento abusivo gera violação à dignidade da pessoa humana, consubstanciada na inviolabilidade (respeito) e efetividade (garantia) dos direitos.

Violação ao princípio da legalidade.

Violação ao princípio da segurança jurídica.

Violação de outros princípios.

Conclusão: mencionar que a autoridade deve exercer suas funções de forma regular, normal, adequada e responsável.

O candidato deve atentar que na tese do abuso existem algumas ideias correlatas:

a) abuso representa uma conduta atentória aos principais direitos e garantias fundamentais do homem;

b) o exercício do direito deve manter-se nos limites da lei em que se fundamenta, pois que, quando deles exorbita, não se tem exercício, mas abuso de direito;

c) o abuso gera desrespeito a sua dignidade e ao estabelecimento das condições mínimas de vida, de desenvolvimento da personalidade humana;

d) abuso representa arbítrio estatal;

e) o respeito aos direitos fundamentais, principalmente pelas autoridades públicas, é pilastra mestra na construção de um verdadeiro Estado Democrático de Direito;

f) a dignidade é inerente a todos os membros da família humana e é fundamento da liberdade, justiça e paz no mundo.

Dica: ressaltar que todo abuso gera desrespeito à lei, representa uma arbitrariedade e viola a dignidade da pessoa humana.

2.2.3 Tese da extinção da punibilidade

Na tese de extinção da punibilidade, o Estado perde o direito de punir em algumas situações; o roteiro-guia para o candidato é o art. 107 do Código Penal.

Na tese de extinção de punibilidade o candidato deve apontar a tese, demonstrá-la, fundamentá-la e concluir o raciocínio jurídico. Com base nesse roteiro, o candidato deve aplicar a seguinte estrutura na argumentação jurídica da tese de extinção de punibilidade:

No caso em tela ocorreu _____ (indicar o motivo da extinção), gerando extinção da punibilidade, nos termos do artigo _____ (mencionar o artigo de lei), não podendo o Estado a partir daí praticar qualquer ato persecutório contra o agente.

A _____ (motivo da extinção) como causa extintiva de punibilidade se assenta no _____ (explicar a causa).

A existência da persecução penal, no presente caso, revela violação à:

a) dignidade da pessoa humana, já que não há observância de prerrogativas de direito e processo penal, na limitação da autonomia da vontade e no respeito aos direitos da personalidade. Aliás, nem processado o agente pode ser (CPP, art. 43, II);

b) segurança jurídica, pois, mesmo com o reconhecimento da extinção da punibilidade, não houve respeito à abdicação do direito de punir do Estado, violando a segurança e a certeza do direito, indispensáveis para que haja justiça;

c) legalidade, já que a _____ (mencionar a autoridade) não observou a renúncia do direito de punir do Estado, com fundamento na disposição legal, violando a manutenção da paz social e da segurança jurídica, o que é considerado fundamental para o Estado de Direito moderno.

Dessa forma, a _____ fez desaparecer a pretensão punitiva ou o direito subjetivo do Estado à punição, tornando-se impossível aplicar contra o agente pena ou mesmo medida de segurança (CP, art. 96, parágrafo único).

* A causa extintiva da punibilidade atinge o direito de punir do Estado, subsistindo o crime em todos os seus requisitos e a sentença condenatória irrecorrível, salvo a que apaga o fato praticado pelo agente e rescinde a sentença condenatória irrecorrível, no caso a abolitio criminis e a anistia.

Quando na prova prático-profissional o exercício mencionar datas, há uma forte probabilidade de que a tese a ser alegada seja prescrição. Para obter a confirmação, o candidato deve realizar os cálculos e certificar-se da ocorrência ou não do fato. Para facilitar, foi feito um roteiro para realização dos problemas com prescrição:

a) em primeiro lugar, o candidato deve verificar qual a espécie de prescrição. Há duas espécies de prescrição: (a) da pretensão punitiva: o Estado perde o direito de punir pelo não exercício no prazo antes de transitar em julgado; (b) da pretensão executória: o Estado perde o direito de executar sanção penal pelo não exercício no prazo;

b) extrair do exercício o autor da infração penal e a idade, já que, pelo art. 115 do CP, há o benefício da redução à metade se na data do crime o agente era menor de 21 ou na data da sentença maior de 70;

c) se for punitiva, extrair do exercício a infração penal praticada e sua respectiva pena máxima abstrata. Após identificar a pena máxima, enquadrar na tabela do art. 109, conforme abaixo:

Se a pena cominada é:	A prescrição ocorrerá:
Mais que 12 anos	Em 20 anos
Mais que 8 até 12 anos	Em 16 anos
Mais que 4 até 8 anos	Em 12 anos
Mais que 2 até 4 anos	Em 8 anos
De 1 até 2 anos	Em 4 anos
Menos de 1 ano	Em 3 anos

d) o candidato deve atentar que na contagem do prazo são consideradas as causas de especial aumento ou diminuição de pena, mas não as agravantes e atenuantes. A tentativa é regulada pelo máximo do crime tentado, e reduzida ao mínimo da sua variável (1/3). Inclui o dia do começo;

e) os marcos interruptivos da prescrição da pretensão punitiva são: (1) recebimento da denúncia ou queixa; (2) pronúncia; (3) decisão confirmatória da pronúncia; (4) publicação da sentença ou acórdão condenatórios recorríveis;

f) os marcos interruptivos da prescrição da pretensão executória são: (1) início do cumprimento da pena; (2) continuação do cumprimento da pena; (3) reincidência.

2.2.4 Tese da falta de justa causa

a) excludente de ilicitude: (1) legal: prevista na Parte Geral (art. 23 do Código Penal) ou Especial; (2) supralegal: não prevista na lei, como o consentimento do ofendido em certos crimes;

b) excludente de culpabilidade: erro de proibição, coação moral irresistível, obediência hierárquica, inimputabilidade por doença mental ou desenvolvimento mental incompleto ou retardado, inimputabilidade por menoridade penal e inimputabilidade por embriaguez completa, proveniente de caso fortuito ou força maior;

c) excludente de tipicidade: agir sem dolo ou culpa, erro de tipo inevitável, agir com culpa em determinado crime que não admite forma culposa, tentativa, desistência voluntária, arrependimento eficaz, crime impossível, fato atípico, resultado não decorreu da ação do agente ou existe uma causa superveniente que causou o resultado;

d) escusa absolutória: motivos de isenção da pena previstos na parte dos crimes em espécie.

2.2.5 Mais de uma tese no mesmo enunciado

1. Nulidade e outra tese qualquer: o candidato divide o tópico Do Direito em duas partes: na primeira, denominada Da preliminar, faz argumentação da nulidade e, na segunda, denominada Do mérito, faz argumentação da outra tese.
2. Extinção da punibilidade e outra tese que não seja nulidade: o candidato divide o tópico Do Direito em duas partes: na primeira, denominada Da preliminar, faz argumentação da extinção da punibilidade e, na segunda, denominada Do mérito, faz argumentação da outra tese que não seja nulidade.
3. Abuso de autoridade e falta de justa causa: o candidato divide o tópico Do Direito em duas partes, sem especificar uma ordem.

2.3 Relaxamento ou revogação de prisão

2.3.1 Introdução

Na peça prática de relaxamento e/ou revogação de prisão, o candidato deve buscar a soltura do cliente preso, evidenciando na petição a ilegalidade da prisão.

O candidato deve saber que no Direito Brasileiro são admitidas as seguintes modalidades de prisão: 1. penal é a que decorre de sentença penal condenatória transitada em julgado; 2. processual ou cautelar ou provisória ou imprópria ou sem pena ou processual penal é a que ocorre antes do trânsito em julgado da sentença penal (temporária, preventiva e flagrante –, que na verdade é medida cautelar pré-processual); 3. disciplinar é a que decorre do descumprimento de dever funcional nas instituições militares, em dois casos: a) transgressão militar; b) crime militar próprio; 4. civil é a que obriga a pessoa presa a cumprir uma obrigação; mesmo que cumprir o tempo de prisão, a pessoa não ficará dispensada da obrigação. É aplicada no caso de devedor de alimentos.

Nem toda decretação da prisão depende de mandado judicial, ou seja, de uma ordem escrita e fundamentada da autoridade judiciária competente.

Em algumas hipóteses é dispensável mandado judicial:

a) prisão em flagrante;

b) prisão durante o estado de sítio;

c) prisão durante o estado de defesa[2]: existem dois casos: 1) por crime contra o Estado, determinada pelo executor da medida, comunicada imediatamente ao juiz competente, acompanhada de declaração, pela autoridade, do estado físico e mental do detido no momento de sua autuação; 2) por outros motivos que não o crime contra o Estado, não podendo ser superior a dez dias, salvo quando autorizada pelo Poder Judiciário;

d) prisão disciplinar: aplicável em dois casos: 1) transgressões militares, cujo permissivo normativo está nos arts. 5º, LXI, e 142, § 2º, da Constituição Federal, e 18 da Lei n. 1.002/69; 2) crimes militares próprios;

e) recaptura do foragido, nos termos do art. 684 do CPP.

A ilegalidade da prisão pode ser:

a) formal: é a não observância das formalidades na decretação da prisão, desde sua detenção até a lavratura do documento que registra a prisão;

b) material: é a não observância das condições de admissibilidade na decretação da prisão.

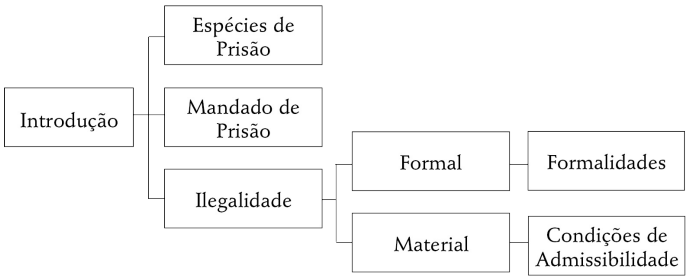

2.3.2 Prisão em flagrante

No caso da prisão em flagrante, pode-se afirmar que sua legalidade pode ser:

1) Formal: a) Ouvir o condutor; b) Ouvir as testemunhas; c) Ouvir o conduzido; d) Entregar a nota de culpa ao preso, em no máximo 24 horas da prisão (art. 306, § 2º, do CPP); e) Entregar comunicação ao juiz (art. 306, §1º, do CPP); f) Quando o conduzido disser que não tem advogado, a autoridade deverá comunicar a Defensoria Pública (Lei n. 11.449, de 15 de janeiro de 2007); g) Da lavratura do auto de prisão em flagrante deverá constar a informação sobre a existência de filhos, respectivas idades e se possuem alguma deficiência e o nome e o contato de eventual responsável pelos cuidados dos filhos, indicado pela pessoa presa.

2) Material: é a verificação da situação de flagrante entre as espécies admitidas (próprio/real/propriamente dito: está ou acaba de cometer; impróprio/quase flagrante: perseguido, logo após; presumido/ficto: encontrado, logo depois; obrigatório: autoridade policial; facultativo: qualquer do povo; preparado (Súmula 145 do STF): indução na prática do crime; esperado: aguarda a prática do crime; retardado: arts. 8º e 9º da Lei n. 12.850/2013; forjado/fabricado: criação de provas de crime inexistente; crime permanente: flagrante perdura enquanto durar a permanência; crime de ação penal privada: cabível, porém, para lavrar o auto, é necessária a autorização da vítima ou do representante legal; crime de ação penal pública condicionada: cabível, porém, para lavrar o auto, é necessária a representação da vítima ou do seu representante legal ou a requisição do Ministro da Justiça e respeito às imunidades ao flagrante, que podem ser genéricas (menores de 18 anos – ECA), diplomatas estrangeiros, em decorrência de tratado ou convenção internacional (art. 1º, I, do CPP), Presidente da República (art. 86, § 3º, da CF), apresentação espontânea (art. 317, a contrario sensu, do CPP) e quem socorre vítima de delito de trânsito (art. 301 da Lei n. 9.503/97), ou específicas (casos de imunidade ao flagrante por crime afiançável – senador, deputado federal, deputado estadual, deputado distrital, magistrado, membro do Ministério Público e advogado no exercício da profissão).

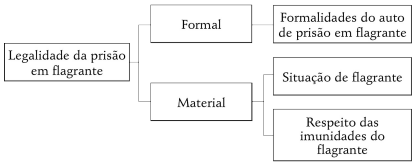

2.3.3 Prisão temporária

No caso da prisão temporária, pode-se afirmar que sua legalidade pode ser:

a) formal: momento da decretação (durante inquérito policial), prazo de duração (5 dias, prorrogável por igual período em caso de extrema e comprovada necessidade; no caso de crimes hediondos e equiparados o prazo será de 30 dias, prorrogável por igual período em caso de extrema e comprovada necessidade), competência para decretação (juiz criminal), iniciativa para a decretação (representação da autoridade policial ou requerimento do MP), mandado de prisão em duas vias, local do preso temporário (separado dos demais detentos);

b) material: é a verificação da presença dos requisitos à prisão temporária: a) obrigatório: fundadas razões de participação ou autoria nos crimes enumerados no art. 1º da Lei n. 7.960/89; b) alternativo: I – quando imprescindível para as investigações do inquérito policial; II – quando o indicado não tiver residência fixa ou não fornecer elementos necessários ao esclarecimento de sua identidade.

2.3.4 Prisão preventiva

No caso da prisão preventiva, pode-se afirmar que sua legalidade pode ser:

a) formal: momento da decretação (em qualquer fase da investigação policial ou do processo penal), competência para decretação (juiz criminal), iniciativa para a decretação (juiz, de ofício, se no curso da ação penal, ou a requerimento do Ministério Público, do querelante ou do assistente, ou por representação da autoridade policial);

b) material: é a verificação da presença dos requisitos dos pressupostos (prova da existência do crime e indício suficiente de autoria), das condições de admissibilidade (nos crimes dolosos punidos com pena privativa de liberdade máxima superior a 4 anos; se tiver sido condenado por outro crime doloso, em sentença transitada em julgado, ressalvado o disposto no inciso I do caput do art. 64 do Código Penal; se o crime envolver violência doméstica e familiar contra mulher, criança, adolescente, idoso, enfermo ou pessoa com deficiência, para garantir a execução das medidas protetivas de urgência; quando houver dúvida sobre a identidade civil da pessoa ou quando esta não fornecer elementos suficientes para esclarecê-la, devendo o preso ser colocado imediatamente em liberdade após a identificação, salvo se outra hipótese recomendar a manutenção da medida) e dos fundamentos (garantia da ordem pública, da ordem econômica, por conveniência da instrução criminal, ou para assegurar a aplicação da lei penal ou em caso de descumprimento de qualquer das obrigações impostas por força de outras medidas cautelares).

2.4 Resposta à acusação

De acordo com o art. 396-A do CPP, na resposta, o acusado poderá arguir preliminares e alegar tudo o que interesse à sua defesa, oferecer documentos e justificações, especificar as provas pretendidas e arrolar testemunhas, qualificando-as e requerendo sua intimação, quando necessário.

Na parte das preliminares, é possível alegar fato processual ou de mérito que impede que o juiz aprecie o fato principal ou uma questão principal: nulidade, falta de condições da ação penal, inépcia da inicial, falta de pressuposto processual.

No caso da extinção da punibilidade, se for a única matéria a ser alegada

então não aparece como preliminar. Ao passo que se a extinção da punibilidade estiver junto de outra tese que não tenha caráter de preliminar, o candidato deve separar a extinção como matéria de ordem pública e preliminar, prejudicial ao exame do mérito, e a outra matéria, como de mérito.

Na resposta à acusação o candidato deve expor na peça prática argumentos que demonstrem o não prosseguimento do processo criminal em razão da presença de um dos motivos ensejadores da absolvição sumária. De acordo com o CPP, em seu art. 397, são motivos de absolvição sumária:

I – a existência manifesta de causa excludente da ilicitude do fato: são hipóteses em que a conduta praticada não configura crime, mesmo que típica. Podem ser:

a) legais: previstas em lei encontradas no Código Penal ou em leis especiais;

b) supralegais: não previstas em lei, como o consentimento do ofendido em alguns crimes, desde que o bem jurídico seja disponível e o ofendido capaz de consentir. A causa excludente transforma o comportamento de ilícito em lícito.

Na parte geral do Código Penal temos as seguintes causas:

a) estrito cumprimento do dever legal: a pessoa pratica uma conduta em cumprimento de um dever imposto pela lei. "Estrito cumprimento" significa agir nos limites da lei; se extrapolado, comete-se o crime. "Dever legal" significa dever imposto por lei (ex.: prisão efetuada por policial);

b) exercício regular do direito: a pessoa pratica uma conduta autorizada por lei. "Exercício regular" significa agir nos limites da lei; se extrapolado,

comete-se o crime. "Direito" significa prerrogativa prevista em lei penal ou extrapenal (ex.: intervenção médica);

c) legítima defesa: age em legítima defesa quem usa de forma moderada os meios necessários para repelir agressão injusta atual ou iminente a direito seu ou de outrem;

d) estado de necessidade: age em estado de necessidade quem pratica o fato para salvar, de perigo atual, que não provocou por sua vontade nem podia de outro modo evitar, direito próprio ou alheio, cujo sacrifício, nas circunstâncias, não era razoável exigir.

Na tese de excludente de antijuridicidade o candidato deve apontar a tese, demonstrá-la, fundamentá-la e concluir o raciocínio jurídico. Com base nesse roteiro, o candidato deve aplicar a seguinte estrutura na argumentação jurídica:

Apontamento da tese: frase que indique a tese da causa excludente de antijuridicidade. Não se pode esquecer de mencionar o fundamento legal.

Demonstração da tese: o candidato deve explicar a ocorrência da causa excludente de antijuridicidade, mencionando os seus requisitos em consonância com o caso concreto.

Fundamentação da tese: apontar doutrina e jurisprudência que embasem a tese.

Conclusão: o candidato deve encerrar o raciocínio jurídico, demonstrando a presença da causa excludente da antijuridicidade, com a consequente exclusão da infração penal.

II – a existência manifesta de causa excludente da culpabilidade do agente, salvo inimputabilidade: Doença mental – Perturbação mental de qualquer ordem; Desenvolvimento mental incompleto – Menores de 18 anos

(legislação pertinente: Lei n. 8.069/90) e silvícolas não adaptados à civilização; Desenvolvimento mental retardado – Surdos que não puderem exprimir sua vontade e oligofrênicos; Embriaguez completa por caso fortuito ou força maior – Intoxicação aguda e transitória causada por álcool ou substância de efeito análogo, como o entorpecente, resultante de caso fortuito (a pessoa se embriaga por acidente ou porque desconhece o efeito do álcool) ou força maior (a pessoa é coagida a embriagar-se); Erro de proibição – O agente não sabe que sua conduta é proibida ou ilícita. Se for evitável, responde com diminuição da pena de 1/3 a 2/3; se inevitável, fica isento de pena, por exclusão de culpabilidade; Coação moral irresistível – O agente emprega grave ameaça contra a vítima, que fica impedida de resistir. O coator responde com agravante; o coagido fica isento de pena. Se resistível, o coator responde e o coagido responde com atenuante; Obediência hierárquica – É cumprir ordem não manifestamente ilegal de superior hierárquico. O superior responde com agravante; o subordinado fica isento de pena. Emoção e paixão não acarretam exclusão da imputabilidade penal, salvo quando configurarem estados patológicos.

Na tese de excludente de culpabilidade o candidato deve apontar a tese, demonstrá-la, fundamentá-la e concluir o raciocínio jurídico. Com base nesse roteiro, o candidato deve aplicar a seguinte estrutura na argumentação jurídica:

Apontamento da tese: frase que indique a tese da causa excludente de culpabilidade. Não pode esquecer de mencionar o fundamento legal.

Demonstração da tese: o candidato deve explicar a ocorrência da causa excludente de culpabilidade, mencionando os seus requisitos em consonância com o caso concreto.

Fundamentação da tese: apontar doutrina e jurisprudência que embasem

a tese.

Conclusão: o candidato deve encerrar o raciocínio jurídico, demonstrando a presença da causa excludente de culpabilidade.

III – que o fato narrado evidentemente não constitui crime: é fato atípico. São elementos do fato típico, conforme o crime: a) Crime material: conduta, resultado, nexo de causalidade e tipicidade; b) Crime formal: conduta e tipicidade; c) Crime de mera conduta: conduta e tipicidade. No caso do crime culposo, são elementos do fato típico: comportamento humano comissivo ou omissivo; falta de dever de cuidado; não agir com a cautela necessária; lesão ou ameaça de lesão a um bem jurídico protegido; resultado previsível por homem médio, porém o agente do crime não fez a previsão devida; tipicidade, ou seja, o ajuste da conduta real com o que está disposto na lei. É causa supralegal de exclusão de tipicidade o princípio da insignificância.

Na tese de atipicidade o candidato deve apontar a tese, demonstrá-la, fundamentá-la e concluir o raciocínio jurídico. Com base nesse roteiro, o candidato deve aplicar a seguinte estrutura na argumentação jurídica:

Apontamento da tese: frase que indique a tese da atipicidade da conduta praticada, nos termos do art. 1º do Código Penal combinado com o art. 5º, XXXIX, da Constituição Federal. Os dois artigos mencionados referem-se ao princípio da legalidade.

Demonstração da tese: o candidato deve explicar por que o fato é atípico. Por exemplo: o fato é atípico, pois a ofensa causada pelo crime é mínima. Nesse caso, o candidato deve comprovar a ocorrência da insignificância penal através de demonstração dos seus requisitos em consonância com o caso concreto: a) conduta minimamente ofensiva; b) ausência de

periculosidade do agente; c) reduzido grau de reprovabilidade do comportamento; e d) lesão jurídica inexpressiva.

Fundamentação da tese: apontar doutrina e jurisprudência que embasem a tese.

Conclusão: o candidato deve encerrar o raciocínio jurídico demonstrando a presença da causa excludente da tipicidade, afirmando, no exemplo mencionado, que para a incidência da norma incriminadora não basta a mera adequação do fato ao tipo penal (tipicidade formal), impondo-se verificar, ainda, a relevância da conduta e do resultado para o Direito Penal, em face da significância da lesão produzida ao bem jurídico tutelado pelo Estado (tipicidade material).

IV – extinta a punibilidade do agente: são hipóteses legais em que o Estado perde seu dever de punir. Há um rol exemplificativo no art. 107 do Código Penal.

Na tese de extinção de punibilidade o candidato deve apontar a tese, demonstrá-la, fundamentá-la e concluir o raciocínio jurídico. Com base nesse roteiro, o candidato deve aplicar a seguinte estrutura na argumentação jurídica:

Apontamento da tese: frase que indique a tese da extinção da punibilidade. Não esquecer de indicar o fundamento legal.

Demonstração da tese: o candidato deve explicar a ocorrência da causa extintiva da punibilidade. Mencionar os artigos e princípios jurídicos violados, como a segurança jurídica, a legalidade e a dignidade da pessoa humana.

Fundamentação da tese: apontar doutrina e jurisprudência que embasem a tese.

Conclusão: o candidato deve encerrar o raciocínio jurídico, demonstrando a presença da causa extintiva de punibilidade.

2.5 Recurso criminal

2.5.1 Embargos de declaração

Nos embargos de declaração, o candidato deve apontar a tese, demonstrá-la, fundamentá-la e concluir o raciocínio jurídico. Com base nesse roteiro, o candidato deve aplicar a seguinte estrutura na argumentação jurídica:

Apontamento da tese: frase afirmando que a decisão judicial é imperfeita em razão da presença de um vício de obscuridade, contradição, omissão e ambiguidade (no JECrim é dúvida).

Demonstração da tese: o candidato deve explicar a ocorrência do vício que torna a decisão judicial imperfeita.

Fundamentação da tese: apontar doutrina e jurisprudência que embasem a tese.

Conclusão: o candidato deve encerrar o raciocínio jurídico, demonstrando a necessidade de esclarecimento da decisão judicial.

2.5.2 Embargos infringentes e de nulidade

Nos embargos infringentes e de nulidade, o candidato deve apontar a tese, demonstrá-la, fundamentá-la e concluir o raciocínio jurídico. Com base nesse roteiro, o candidato deve aplicar a seguinte estrutura na argumentação jurídica:

Apontamento da tese: frase afirmando que o voto vencido favorável ao réu deve prevalecer.

Demonstração da tese: o candidato deve explicar comprovando os

argumentos do voto vencido.

Fundamentação da tese: apontar doutrina e jurisprudência que embasem a tese.

Conclusão: o candidato deve encerrar o raciocínio jurídico, demonstrando a prevalência do voto vencido.

2.5.3 Carta testemunhável

Na carta testemunhável, o candidato deve apontar a tese, demonstrá-la, fundamentá-la e concluir o raciocínio jurídico. Com base nesse roteiro, o candidato deve aplicar a seguinte estrutura na argumentação jurídica:

Apontamento da tese: frase afirmando que o recurso denegado ou obstado deve ser admitido.

Demonstração da tese: o candidato deve explicar a presença dos pressupostos legais necessários para admissibilidade do recurso.

Fundamentação da tese: apontar doutrina e jurisprudência que embasem a tese.

Conclusão: o candidato deve encerrar o raciocínio jurídico com a reforma da decisão denegatória ou que obste seguimento ao recurso.

2.5.4 Apelação criminal

Em face dos exames de OAB realizados percebe-se que quando a peça prática cobrada na segunda fase é apelação, a exigência é que o candidato desenvolva mais uma tese. Com base nessa tendência, o candidato deve aplicar a seguinte estrutura na argumentação jurídica (lembre que em cada uma das teses o candidato deve aplicar a estrutura do apontamento, demonstração e fundamentação da tese e conclusão):

I – Preliminar

a) Incompetência do juízo;

b) Inépcia da inicial acusatória;

c) Nulidade processual;

d) Cerceamento de defesa;

e) Extinção da punibilidade.

II – Mérito

a) Absolvição criminal;

b) Desclassificação da conduta criminosa;

c) Afastamento de qualificadora, causa de aumento de pena ou agravante;

d) Incidência de causa de diminuição de pena, privilégio ou atenuante;

e) Fixação do regime de cumprimento de pena mais favorável;

f) Substituição da pena.

2.6 Memoriais

Em face dos exames de OAB realizados percebe-se que quando a peça prática cobrada na segunda fase são os memoriais, a exigência é que o candidato desenvolva mais uma tese. Com base nessa tendência, o candidato deve aplicar a seguinte estrutura na argumentação jurídica (lembre-se que em cada uma das teses, o candidato deve aplicar a estrutura do apontamento, demonstração e fundamentação da tese e conclusão).

I – Preliminar

a) Incompetência do juízo;

b) Inépcia da inicial acusatória;

c) Nulidade processual;

d) Cerceamento de defesa;

e) Extinção da punibilidade.

II – Mérito

a) Absolvição criminal;

b) Desclassificação da conduta criminosa;

c) Afastamento de qualificadora, causa de aumento de pena ou agravante;

d) Incidência de causa de diminuição de pena, privilégio ou atenuante;

e) Fixação do regime de cumprimento de pena mais favorável;

f) Substituição da pena.

2.7 Revisão criminal

I – Cabimento: o candidato deve demonstrar pelo menos uma das hipóteses legais previstas no art. 621 do CPP.

II – Preliminar: nulidade.

III – Mérito: Absolvição Criminal:

a) Desclassificação da conduta criminosa;

b) Afastamento de qualificadora, causa de aumento de pena ou agravante;

c) Incidência de causa de diminuição de pena, privilégio ou atenuante;

d) Fixação do regime de cumprimento de pena mais favorável;

e) Substituição da pena.

2.8 Mandado de segurança em matéria criminal

Ao elaborar o MS, o candidato deve adotar a seguinte estrutura na argumentação jurídica:

Apontamento da tese: frase afirmando que o mandado de segurança deve ser concedido, pela presença dos requisitos.

Demonstração da tese: o candidato deve explicar a presença dos requisitos: a) ato comissivo ou omissivo da autoridade coatora; b) ilegalidade ou abuso de poder; c) lesão ou ameaça de lesão; d) direito

líquido e certo.

Fundamentação da tese: apontar doutrina e jurisprudência que embasem a tese.

Conclusão: o candidato deve encerrar o raciocínio jurídico alegando que com a presença dos requisitos deve ser concedida a ordem no mandado de segurança.

2.9 Benefício na execução penal

Ao elaborar o pedido de benefício na execução penal, o candidato deve adotar a seguinte estrutura na argumentação jurídica:

Apontamento da tese: afirmar que o requerente tem direito ao benefício em razão da presença dos pressupostos.

Demonstração tese: apontar os requisitos necessários para a obtenção do benefício da execução penal.

Fundamentação da tese: apontar doutrina e jurisprudência.

Conclusão: a presença dos requisitos legais gera direito subjetivo para o requerente, realçando a necessidade da oitiva do Ministério Público antes da concessão do benefício.

3 Teses de defesa específica

3.1 Falsa morte do agente

Se a morte do agente foi comprovada com certidão de óbito falsa, a morte não ocorreu, de forma que a decisão não adquire força de coisa julgada. É impossível a reabertura do processo, já que no Brasil não existe revisão contra o réu. Neste caso, resta a punição pela falsidade. Segundo a doutrina e a jurisprudência, há a imutabilidade da sentença, tendo em vista a proibição da revisão pro societate, o princípio do favor rei e do favor

libertatis.

Exemplo de caso prático: João foi condenado por furto qualificado e está foragido. Valendo-se de atestado de óbito falsificado, obteve do juiz das execuções criminais a extinção da punibilidade. Descoberta a fraude, o próprio magistrado cassou sua decisão, que já houvera passado em julgado, determinando a expedição de novo mandado de prisão contra João. João continua foragido. Questão: Apresentar perante o órgão judiciário competente as razões da medida proposta.

Neste caso, o candidato deve formular um HC ao Tribunal de Justiça alegando abuso de autoridade, já que sentença transitada em julgado faz coisa julgada formal e material, inexistindo no Brasil revisão contra o réu. No pedido, requerer a manutenção da decisão da extinção da punibilidade, expedindo-se o contramandado de prisão, uma vez que há a expedição do novo mandado de prisão.

3.2 Cheque dado em garantia de dívida

Não configura o crime de estelionato, pois o cheque está desvirtuado da sua função própria, de forma que não foi emitido para pronto pagamento, mas como promessa de dívida. É certo que a emissão do cheque como garantia de dívida e não como ordem de pagamento à vista exclui a tipicidade do fato e, por consequência, a caracterização do delito tipificado no inciso VI do § 2º do do art. 171 do Código Penal.

Exemplo de caso prático: Pedro, dado como incurso nas sanções do art. 171, caput, c/c o art. 71, ambos do Código Penal, foi condenado à pena de um ano de reclusão e pagamento de dez dias-multas, por sentença ainda não passada em julgado. Segundo consta, Pedro adquiriu mercadorias da empresa POP Ltda. pagando-as com cheques, para desconto posterior, que,

apresentados, não foram pagos por insuficiência de fundos. Questão: Como advogado de Pedro, adote a medida judicial cabível.

Neste caso, o candidato deve formular uma apelação interposta ao juiz de direito e com as razões ao Tribunal de Justiça alegando falta de justa causa, por ocorrer desvirtuamento do cheque como cártula do pagamento a vista. No pedido, requerer a absolvição do apelante.

3.3 Não apresentação das alegações finais pelo querelante

Acarreta a perempção, pois equivale à falta de pedido de condenação prevista no art. 60, inciso III, do CPP.

Exemplo de caso prático: João propôs queixa-crime contra Cláudio, pela prática do crime de injúria. Após decorrida a instrução criminal, foram regularmente intimados o querelante e seu patrono para apresentação das alegações finais. No entanto, decorrido o prazo legal, tais alegações não foram oferecidas e o processo foi à conclusão para a sentença. O juiz julgou a queixa procedente e condenou Cláudio, concedendo-lhe suspensão condicional da pena. A sentença transitou em julgado. Questão: Elaborar a peça profissional adequada para resolver a situação do Cláudio.

Neste caso, o candidato deve formular um HC alegando extinção da punibilidade, pela ocorrência da perempção, nos termos do art. 107, IV, do CP, combinado com o art. 60, III, do CPP. No pedido, requerer a extinção da punibilidade do fato imputado ao paciente.

3.4 Excesso de prazo

A Convenção Americana sobre Direitos Humanos, adotada no Brasil através do Decreto n. 678/92, consigna a ideia de que toda pessoa detida ou retida tem o direito de ser julgada dentro de um prazo razoável ou ser posta em liberdade, sem prejuízo de que prossiga o processo (art. 8º).

A Constituição Federal traz no seu art. 5º, LXXVIII, o princípio da celeridade processual ou da razoável duração do processo.

A Lei n. 9.034/95, que disciplina os meios de prevenção e repressão das ações praticadas por organizações criminosas, prevê o prazo de 81 dias para o fim da instrução quando se tratar de réu preso, e 120 dias, no caso de acusado solto[3].

O prazo de 81 dias foi efetivamente regulado por lei, devendo, portanto, ser obedecido quando da instrução penal, sob pena de ficar configurado o constrangimento ilegal por excesso de prazo, o que ensejaria o cabimento de habeas corpus, com fundamento no art. 648, II, do Código de Processo Penal.

O STJ, ao analisar a matéria, editou duas súmulas, no sentido de que, uma vez proferida a decisão de pronúncia e quando encerrada a instrução criminal, resta prejudicada a alegação de excesso de prazo (Súmulas 21 e 52). O entendimento do STF é exatamente o oposto e pode ser extraído da Súmula 697.

Não há configuração de constrangimento ilegal quando o excesso de prazo na formação da culpa decorre de incidentes processuais não imputáveis ao juiz do processo ou ao Ministério Público.

Exemplo de caso prático: Esquines foi denunciado pelo crime do art. 159 do CP, já que, mediante grave ameaça exercida com arma de fogo, sequestrou Demóstenes, empresário, exigindo de sua família, como condição para sua libertação, a importância de um milhão de reais. Foi autuado em flagrante no momento em que pegava o dinheiro deixado em local previamente combinado, e a vítima foi encontrada ilesa. O acusado encontra-se preso, por força da flagrância delitiva, há mais de 180 dias e

ainda não se encerrou a instrução criminal, uma vez que o representante do Ministério Público insiste na oitiva de duas testemunhas que devem ser ouvidas através de carta precatória, por residirem em outro Estado. Requerido o relaxamento do flagrante ao juízo processante, foi o mesmo indeferido, ensejando a interposição de ordem de HC ao Tribunal competente. O Tribunal denegou a ordem requerida, fundamentando o v. acórdão no fato de que a gravidade da infração se sobrepõe ao eventual excesso de prazo, desconfigurando o alegado constrangimento ilegal. Questão: Como advogado de Esquines, tome a providência judicial cabível.

Neste caso, o candidato deve formular um ROC alegando abuso de autoridade, por excesso de prazo, já que o indiciado está preso há mais de 81 dias. No pedido, requerer provimento do recurso, a fim de conceder a ordem de HC e, por consequência, o relaxamento da prisão em flagrante e a expedição do alvará de soltura.

3.5 Incompetência do juízo

Consumação do crime de emissão de cheque sem fundos: é o local da recusa do pagamento, sob pena de nulidade, nos termos da Súmula 521 do STF, combinada com os arts. 70, I, e 564, I, ambos do CPP.

Exemplo de caso prático: Marcos foi processado na Comarca de Santos por emissão de cheque sem fundos contra o Banco do Estado de São Paulo, agência de São Vicente. Marcos foi condenado à pena de um ano de reclusão, sendo preso. A sentença transitou em julgado. Questão: Elaborar peça para reparar a situação de Marcos.

Neste caso, o candidato deve formular um HC alegando nulidade, já que o foro competente para o processo e julgamento dos crimes de estelionato, sob a modalidade de emissão de cheque sem fundo, é o local onde se deu a

recusa do pagamento pelo sacado. No pedido, requerer a anulação ab initio e expedição do alvará de soltura.

3.6 Escusa absolutória

Exemplo de caso prático: Caio foi condenado pela prática do crime previsto no art. 155 do Código Penal, por sentença ainda não passada em julgado. Restou provado, no curso da ação penal, que Caio subtraiu um quadro da casa de Jussara, com quem vivia maritalmente ao tempo do delito, há mais de cinco anos. Os bens que guarneciam a residência foram adquiridos com o esforço de ambos. Questão: Como advogado de Caio, adote a medida judicial cabível.

Neste caso, o candidato deve formular Razões de Apelação alegando falta de justa causa, já que o apelante convivia maritalmente com a suposta vítima, estando sob o amparo da isenção de pena prevista no art. 181 do Código Penal.

3.7 Falta de exame de corpo de delito

A falta do exame de corpo de delito impede a elucidação do crime, pois não há dados instrutórios de ordem técnica sobre a materialidade dos vestígios deixados pelo crime.

Sem o exame não há descoberta da verdade material dos fatos, nem a existência material do crime, nem a comprovação dos elementos objetivos do crime.

Exemplo de caso prático: "A", depois de regularmente processado, foi condenado pela prática de aborto em "B" e, por isso, acha-se preso com sentença confirmada em segunda instância. Examinados os autos, verifica-se que inexiste exame de corpo de delito direto ou indireto, tendo as decisões judiciais se valido da confissão de "B" para justificar a sanção

penal. Questão: Elaborar peça profissional apta a resolver a situação de "A".

Neste caso, o candidato deve formular uma Revisão Criminal, alegando nulidade, por falta de laudo pericial, nos termos dos arts. 158 e 564, III, b, todos do CPP. Aborto é delito que deixa vestígios. A confissão da suposta gestante não supre o exame de corpo de delito.

3.8 Trottoir

É a exibição nas ruas em atos libidinosos. Ganhar dinheiro oferecendo a alguém o próprio corpo é ato não punível.

Exemplo de caso prático: o Delegado de Polícia da 3ª DP da Capital deu ordem para que seus agentes prendessem todas as meretrizes que circulam na área. A notícia chegou ao conhecimento de Maria, Rosana e Juliana, que estão temerosas, especialmente porque várias colegas já foram presas, encarceradas por vários dias, depois dispensadas sem instauração de qualquer procedimento.

Neste caso, o candidato deve formular um HC alegando abuso de autoridade, visto que a exibição nas ruas em atos libidinosos não é crime. As pessoas têm o direito de locomoção. Ofensa ao princípio da legalidade, pois há a criação de crime por ato de autoridade e não por lei.

3.9 Exclusão de antijuridicidade

São hipóteses em que a conduta praticada não configura crime, mesmo que típica. Existem as legais, previstas em lei, encontradas no Código Penal ou em leis especiais, e as supralegais, não previstas em lei, como o consentimento do ofendido em alguns crimes.

Situações variadas

1. Intervenção médico-cirúrgica: é possível, sem autorização do paciente ou representante, desde que haja estado de necessidade comprovado.

2. Violência desportiva: se ocorrer lesão em competições esportivas, o agressor deve ser responsabilizado quando agir sem observar as regras próprias e regulamentares do esporte.
3. Ofendículos: elementos materiais visíveis que servem para defender a posse ou propriedade de um bem jurídico.
4. Defesa mecânica predisposta: elementos materiais ocultos que servem para defender a posse ou a propriedade de um bem jurídico.
5. Excesso: (a) culposo: ocorre quando o agente reage supondo a agressão; (b) doloso: ocorre quando o agente reage contra agressão já cessada.

Itens	Legítima Defesa	Estado de Necessidade
Nota Característica	Revide a uma agressão.	Conflito entre bens jurídicos.
Bem Jurídico	Sujeito a uma agressão.	Diante de uma situação de perigo.
Fonte	Conduta humana.	Conduta humana ou fato natural.
Destinatário	Agressor.	Pode ser terceiro inocente.
Tipo de Agressão	Justa ou injusta.	Injusta.

Exemplo de caso prático: João e José eram amigos de infância; foram fazer uma excursão a uma enorme caverna no interior de São Paulo. Ficaram perdidos durante dois meses. Finalmente, os bombeiros alcançaram o lugar onde estavam, completamente deserto. José havia tirado a vida de João e os bombeiros viram José sentado ao lado de uma fogueira assando uma coxa da perna do amigo. Os bombeiros ficaram horrorizados e José foi preso em flagrante. Processado na Comarca KKKK por homicídio doloso qualificado, foi pronunciado pelo juiz e continua preso. O juiz, no r. decisório quanto à tranquilidade do pronunciado, ponderou que poucas vezes havia visto caso tão repugnante e acusado tão insensível. A r. sentença de pronúncia foi prolatada ontem. Questão: Como advogado de José, ingresse com a peça jurídica cabível.

Neste caso, o candidato deve formular um RESE alegando estado de necessidade, nos termos do art. 23, I, do CP.

3.10 Cerceamento de defesa

A defesa pode ser dividida em duas espécies: autodefesa, que abrange o direito de a pessoa acusada ser ouvida, e defesa técnica, que abrange o direito de a pessoa acusada ser representada por um profissional legalmente habilitado. A insuficiência de provas prejudica a apuração da verdade real dos fatos e a formação da convicção do juiz.

Exemplo de caso prático: João, em processo que lhe é movido por roubo na Comarca de São Paulo, arrolou, em defesa prévia, três testemunhas residentes e domiciliadas na Comarca de Santos, Estado de São Paulo. Quando da expedição da carta precatória, nem o réu nem o defensor foram intimados. No processo criminal, o réu foi condenado nos termos da infração penal do crime em tela. O decisório ainda não transitou em julgado. Questão: Como advogado de João, elaborar medida cabível.

Neste caso, o candidato deve formular uma Apelação alegando nulidade, por cerceamento de defesa, já que o réu e o seu defensor não foram intimados da expedição da carta precatória. É formalidade essencial à validade do ato processual, nos termos do art. 5º, LV, da CF, combinado com o art. 564, IV, do CPP.

3.11 Ilegitimidade de parte

A ilegitimidade da parte pode ser: (a) ad causam: é não ter aptidão para ser autor ou réu na ação penal. É caso de nulidade absoluta; (b) ad processum: é a falta de requisito formal exigido da parte no processo. O art. 568 do CPP diz que a nulidade por ilegitimidade do representante da parte poderá a todo tempo ser sanada, mediante a ratificação dos atos

processuais. É caso de nulidade relativa. A legitimidade de parte é uma condição da ação consistente na sua pertinência subjetiva, podendo ser ativa ou passiva.

Exemplo de caso prático: "A", à revelia de "B", vítima de delito de dano, foi denunciado pelo Ministério Público, que se baseou para tanto em inquérito policial. Questão: Apresentar a medida adequada para atender aos interesses de "A".

Neste caso, o candidato deve formular um HC alegando nulidade, já que há ilegitimidade ad causam. No caso de crime de dano simples, a ação somente se procede mediante queixa, nos termos do art. 167 do CP c/c os arts. 395 e 564, II, ambos do CPP.

3.12 Não configuração de prisão

Nos exercícios da OAB que tratarem do tema prisão, o candidato deverá atentar para algumas observações necessárias na feitura da peça adequada:

a) respeito ao princípio da necessidade: no regime de liberdades individuais que preside nosso Direito, a prisão é vista como medida excepcional;

b) a prisão preventiva não visa à punição antecipada do indiciado ou réu, mas possibilita o desenrolar do processo penal;

c) o clamor público não é motivo para privação cautelar da liberdade, pois não tem previsão legal;

d) a fundamentação na decretação da prisão deve ser concreta, com suporte fático e indicação das razões de convencimento. A concisão não significa desfundamentação, se justificada a necessidade e a motivação da segregação;

e) a fuga do acusado do distrito só será fundamento suficiente para a decretação da prisão preventiva quando ficar comprovada e evidenciada a tentativa do réu de se furtar à ação da justiça;

f) toda prisão visa manter a ordem pública, no sentido de tranquilidade social. Como pressuposto da prisão preventiva, significa prevenir a reprodução de fatos criminosos, acautelar o meio social e a própria credibilidade da justiça;

g) não é possível decretar prisão preventiva em casos de crime culposo, excludente de ilicitude,

contravenção penal e crimes em que o réu se livra solto.

3.13 Furto de uso

O furto de uso não é crime previsto na legislação brasileira, de forma que se alguém for punido por essa conduta pode alegar violação ao princípio da legalidade. No furto de uso, o propósito do agente é apenas fruir momentaneamente da coisa. Para configuração do furto de uso é indispensável a presença de certos requisitos: (a) devolução imediata da coisa subtraída; (b) repor no local em que a coisa foi retirada; (c) se for veículo automotor, tem de existir o reabastecimento; (d) a devolução deve ser feita por livre e espontânea vontade do agente.

Exemplo de caso prático: "A" subtraiu o carro de "B", que o deixara na garagem com as chaves no contato e a porta destravada, a fim de dar umas voltas com a namorada. Findo o passeio, voltou com o carro para colocá-lo na garagem. Quando desligou o motor e preparava-se para sair do veículo, foi preso em flagrante por delito de furto. O juiz da 5ª Vara Criminal condenou "A" a cumprir pena de um ano de reclusão, concedendo-lhe sursis. A sentença ainda não transitou em julgado. Questão: Elaborar a peça em favor de "A".

Neste caso, o candidato deve formular uma Apelação ao Tribunal de Justiça alegando falta de justa causa, já que não há crime no furto de uso.

3.14 Insuficiência probatória

O direito à prova é uma decorrência do devido processo legal. Conforme preconiza Antonio Scarance Fernandes, o direito à prova abrange: (a) direito de requerer a produção da prova; (b) direito a que o juiz decida sobre o pedido de produção da prova; (c) direito a que, deferida a prova, esta seja realizada, tomando-se todas as providências necessárias para sua

produção; (d) direito a participar da produção da prova; (e) direito a que a produção da prova seja feita em contraditório; (f) direito a que a prova seja feita com participação do juiz; (g) direito a que, realizada a prova, possa manifestar-se a respeito; (h) direito a que a prova seja objeto de avaliação pelo julgador.

O direito ao silêncio é previsto na Constituição Federal, em seu art. 5º, inciso LXVIII. Abrange: (a) necessidade do juiz advertir da existência do direito ao silêncio antes do acusado falar nos autos; (b) não interpretar o direito ao silêncio em prejuízo ao réu.

Exemplo de caso prático: Aurélio, em sede de inquérito policial, reservou-se o direito de permanecer calado. Na fase judicial, foi condenado como incurso no art. 157, § 2º, incisos I e II, c/c o art. 14, inciso II, do CP, às penas de 1 ano, 9 meses, 10 dias de reclusão e 4 dias-multa. Embora frágeis as provas produzidas, o MM. juízo da 15ª Vara Criminal Central da Comarca da Capital fundamentou a decisão na presunção de culpa, pelo silêncio de Aurélio na fase policial. A sentença foi publicada há 5 dias. Como advogado de Aurélio, adote a medida judicial cabível, justificando-a.

Neste caso, o candidato deve formular uma apelação ao Tribunal de Justiça alegando falta de justa causa, já que houve insuficiência probatória por ter sido a condenação fundamentada na presunção de culpa diante do silêncio do acusado.

3.15 Prescrição da pretensão executória

Exemplo de caso prático: João, brasileiro, casado, vendedor, nascido em 12 de maio de 1926, foi denunciado por ter subtraído de Maria um relógio, um anel e uma correntinha de ouro, em 12 de janeiro de 1993, na Rua São José, altura do n. 879. O denunciado simulou que estava armado. A

denúncia foi recebida pelo juiz da 12ª Vara Criminal em 25 de março de 1997 e o réu interrogado em 18 de dezembro de 1997. A vítima e as testemunhas de acusação foram inquiridas em 18 de março de 1998. As testemunhas de defesa foram ouvidas em 25 de abril de 1998. A defesa apresentou alegações finais em 10 de maio de 1998. Em 25 de maio de 1998, prolatou-se a sentença condenatória. João foi condenado à pena de 4 anos de reclusão e a 10 dias-multa por ter violado o art. 157, caput, do CP e foi fixado o regime prisional fechado para início do cumprimento da pena, por ter o réu cometido crime grave. O defensor do réu perdeu o prazo para recorrer e a sentença transitou em julgado para a defesa e para a acusação. Expediu-se mandado de prisão, e o réu está na iminência de ser preso. Questão: Elaborar peça em defesa do réu.

Neste caso, o candidato deve formular um HC alegando extinção da punibilidade pela ocorrência da prescrição da pretensão executória, já que entre os fatos e a denúncia decorreu o lapso temporal de 4 anos, 2 meses e 3 dias. Ficar atento para a situação do réu, que possuía 70 anos quando a sentença foi prolatada, o que gera o benefício do art. 115 do CP, ou seja, redução do prazo na metade.

3.16 Ilegalidade da prisão em flagrante

Com a não observância das formalidades legais: a) não ocorrência das hipóteses legais de flagrância (art. 302 do CP); b) violação dos direitos constitucionalmente assegurados ao preso; e c) não observância das formalidades relativas à lavratura do respectivo auto (arts. 304 a 307 do CPP – nulidade do auto de prisão em flagrante).

3.17 Emprego de arma de fogo

Se a arma de fogo não for submetida à perícia, o candidato pode

argumentar o afastamento da causa de aumento, pois não há como ser comprovada a potencialidade lesiva da arma. A perícia pode ser direta (art. 158 do CPP) ou indireta (art. 167 do CPP).

3.18 Fixação da pena-base: antecedentes

O juiz deve levar em conta as circunstâncias judiciais do art. 59 do Código Penal. A pena-base não pode desrespeitar os parâmetros mínimo e máximo da pena prevista na lei. A fixação da pena-base deve ser fundamentada pelo juiz com base nos elementos dos autos da ação penal. Uma das circunstâncias judiciais são os antecedentes (passado criminal). Quando fatos da vida pregressa do agente não constam da folha de antecedentes, o juiz analisa, na circunstância judicial, a conduta social. A posição favorável sobre maus antecedentes para fins do exame da OAB é do STJ, quando afirma que a existência de ações penais em curso, sem sentença condenatória com trânsito em julgado, e de inquéritos policiais não justificam um aumento da pena-base, sob pena de violação do princípio da presunção de inocência. A Súmula 144 do STJ impede que ações em curso sejam consideradas não somente como maus antecedentes, mas também valoradas de qualquer forma na pena-base. Na forma da Súmula 444 do STJ, a existência de inquéritos policiais ou ações penais em curso não são suficientes para fundamentar circunstâncias judiciais do art. 59 do Código Penal como desfavoráveis.

3.19 Terceira fase da dosimetria da pena: causas de aumento e de diminuição

As causas de aumento/diminuição da pena podem elevar a pena acima do máximo legal ou diminuir abaixo do mínimo legal. De acordo com a Súmula 443 do STJ, a mera indicação do número de majorantes não configura fundamentação idônea para justificar a aplicação da fração de

aumento acima do mínimo previsto em lei. É necessária fundamentação concreta.

3.20 Determinação do regime inicial de cumprimento da pena privativa de liberdade

A gravidade em abstrato do delito não pode justificar um regime de pena mais gravoso do que o cabível de acordo com a pena aplicada (Súmulas 718 do STF e 440 do STJ).

3.21 Princípio da insignificância

Existem duas tipicidades: a formal, que é a adequação da conduta praticada àquela prevista no tipo penal, e a material, que é a significativa lesão ao bem jurídico protegido pela norma. De acordo com o princípio da insignificância, o direito penal não se preocupa com lesões ínfimas, insignificantes, pois não seriam suficientes para atingir ou lesar o bem jurídico protegido. Uma vez reconhecida a aplicação da insignificância, tem-se o afastamento da tipicidade material da conduta, justificando absolvição sumária, com base no art. 397, III, do CPP.

3.22 Outras teses

a) é possível compensar a atenuante da confissão espontânea (art. 65, III, "d", do CP) com a agravante da promessa de recompensa (art. 62, IV) – Informativo 577/16 do STJ;

b) deve ser rejeitada a queixa-crime que, oferecida antes de qualquer procedimento prévio, impute a prática de infração de menor potencial ofensivo com base apenas na versão do autor e na indicação de rol de testemunhas, desacompanhada de Termo Circunstanciado ou de qualquer outro documento hábil a demonstrar, ainda que de modo indiciário, a autoria e a materialidade do crime – Informativo 577/16 do STJ;

c) no âmbito de recurso exclusivo da defesa, o Tribunal não pode agravar

a reprimenda imposta ao condenado, ainda que reconheça equívoco aritmético ocorrido no somatório das penas aplicadas – Informativo 576/16 do STJ;

d) no processo penal, o fato de o suposto autor do crime já ter se envolvido em ato infracional não constitui fundamento idôneo à decretação de prisão preventiva – Informativo 576/16 do STJ;

e) a reiteração criminosa inviabiliza a aplicação do princípio da insignificância nos crimes de descaminho, ressalvada a possibilidade de, no caso concreto, as instâncias ordinárias verificarem que a medida é socialmente recomendável – Informativo 575/16 do STJ;

f) durante interceptação telefônica deferida em primeiro grau de jurisdição, a captação fortuita de diálogos mantidos por autoridade com prerrogativa de foro não impõe, por si só, a remessa imediata dos autos ao Tribunal competente para processar e julgar a referida autoridade, sem que antes se avalie a idoneidade e a suficiência dos dados colhidos para se firmar o convencimento acerca do possível envolvimento do detentor de prerrogativa de foro com a prática de crime – Informativo 575/16 do STJ;

g) cabe habeas corpus para apurar eventual ilegalidade na fixação de medida protetiva de urgência consistente na proibição de aproximar-se de vítima de violência doméstica e familiar – Informativo 574/16 do STJ;

h) a jurisprudência do STF, ao interpretar o art. 89 da Lei 8.666/93, exige a demonstração do prejuízo ao erário e a finalidade específica de favorecimento indevido para reconhecer a adequação típica – Informativo 813 do STF;

i) não oferecida a queixa-crime contra todos os supostos autores ou partícipes da prática delituosa, há afronta ao princípio da indivisibilidade da

ação penal, a implicar renúncia tácita ao direito de querela, cuja eficácia extintiva da punibilidade estende-se a todos quantos alegadamente hajam intervindo no cometimento da infração penal – Informativo 813 do STF;

j) a execução provisória de acórdão penal condenatório proferido em julgamento de apelação, ainda que sujeito a recurso especial ou extraordinário, não compromete o princípio constitucional da presunção de inocência – Informativo 813 do STF.

4 Princípios constitucionais

O candidato que usar em sua argumentação jurídica princípios constitucionais deve ressaltar a importância do princípio, através de expressões, por exemplo:

a) mandamento nuclear de um sistema;

b) alicerce e base de um sistema;

c) fontes do direito;

d) estrutura e coesão ao sistema;

e) fixação de rumos a serem seguidos pelo governo e sociedade;

f) vetores para interpretação;

g) ideias fundamentais que dão harmonia ao sistema jurídico.

Alguns princípios em espécie para orientar a argumentação jurídica do candidato:

4.1 Princípio do juiz natural

a) Fundamento: (a) art. 5º, inciso XXXVII, da Constituição Federal: não haverá juízo ou tribunal de exceção; (b) art. 5º, inciso LIII, da Constituição Federal: ninguém será processado nem sentenciado senão pela autoridade competente.

b) Conteúdo: o princípio do juiz natural envolve as seguintes ideias:

1. investidura: a jurisdição somente pode ser exercida por quem for regularmente investido na função;

2. é vedado criar tribunais ou juízos de exceção, ou seja, órgãos criados sem autorização legal ou

constitucional e formados por julgadores, sem qualquer imparcialidade;

3. não é possível julgamento por órgãos constituídos após o fato.

c) Terminologia: princípio do juiz constitucional.

4.2 Princípio do duplo grau de jurisdição

a) Fundamento: previsão implícita na Constituição, em seu art. 92, quando menciona a existência de juízes e tribunais.

b) Conceito: possibilidade de reexame de uma decisão judicial, pela mesma instância (exemplo: os embargos de declaração) ou outra instância superior.

4.3 Princípio do favor rei

a) Conteúdo: quando houver dúvida, beneficiar o réu.

b) Aplicação

quando houver dúvida na interpretação da lei, prevalece a que for mais benéfica ao réu;

quando houver dúvida sobre a certeza da autoria e materialidade do crime, deve absolver;

existem recursos privativos da defesa, como os embargos infringentes e de nulidade;

é proibida a revisão criminal para agravar a situação do réu;

quando houver recurso exclusivo da defesa, não é possível reformar em seu desfavor.

4.4 Princípio do promotor natural

a) Aceitação: existem duas correntes: (a) está implícito na Constituição Federal, em analogia ao princípio do juiz natural; (b) não é possível.

b) Conceito: o réu tem o direito de ser processado por membro do Ministério Público que tenha atribuições previamente fixadas e conhecidas, segundo as normas administrativas da instituição.

c) Vedação: (a) designação casuística de promotor; (b) designação de promotor ad hoc.

4.5 Princípio da persuasão racional

a) Conteúdo

o que não está nos autos não está no mundo;

não existe hierarquia entre as provas;

a escolha da prova deve ser sempre motivada pelo juiz.

b) Terminologia: é também chamado de princípio do livre convencimento.

4.6 Princípio da correlação

a) Conceito: o juiz tem de julgar o acusado de acordo com o fato descrito na denúncia ou queixa.

b) Conteúdo: é vedado julgamento citra petita (menos), ultra petita (além) e extra petita (fora do pedido).

4.7 Princípio da iura novit curia

a) Conceito: o acusado se defende não da capitulação legal do crime, mas dos fatos narrados na denúncia ou queixa.

b) Terminologia: também chamado de narra mihi factum dabo tibi jus.

4.8 Princípio da iniciativa das partes

a) Conceito: não há jurisdição sem ação; a jurisdição é uma atividade provocada pela parte.

b) Exceções:

art. 654, § 2º do CPP: concessão do habeas corpus;

art. 311 do CPP: decretação da prisão preventiva;

art. 5º, I, do CPP: requisição para instauração de inquérito;

art. 156 do CPP: determinação de produção supletiva de prova.

c) Terminologia: é também chamado de princípio da inércia da jurisdição.

4.9 Princípio da verdade real ou material

O juiz deve investigar a realidade dos fatos, verificando como foram realizados, podendo, inclusive, determinar a produção de provas de ofício.

4.10 Princípio da presunção de inocência

a) Terminologia: também chamado de princípio da não culpabilidade ou do estado de inocência.

b) Conceito: ninguém pode ser considerado culpado a não ser após o trânsito em julgado da sentença penal condenatória.

c) Natureza: garantia processual penal.

d) Tipo de presunção: relativa.

e) Súmula 9 do STJ: a prisão processual não ofende o princípio da presunção da inocência.

f) Lançamento do nome do réu no rol dos culpados: o nome do réu só pode constar do rol dos

culpados após o trânsito em julgado da sentença penal condenatória.

g) Juízo condenatório: para o juiz condenar o réu tem de ter certeza da autoria e materialidade do crime; se houver dúvida, irá absolver.

4.11 Princípio da motivação das decisões judiciais

a) Fundamento: art. 93, inciso IX, da CF.

b) Conceito: todos os julgamentos do Poder Judiciário devem ser fundamentados, de forma a assegurar a imparcialidade e justiça, sob pena de nulidade.

4.12 Princípio do contraditório

a) Fundamento: art. 5º, inciso LV, da CF: aos litigantes, em processo judicial ou administrativo, e aos acusados em geral são assegurados o contraditório e ampla defesa, com os meios e recursos a ela inerentes.

b) Espécies: (1) Normal: o juiz antes de decidir ouve as partes; (2) Diferido: o juiz toma a decisão, porque é urgente, e depois ouve a parte contrária.

c) Terminologia: princípio da audiência bilateral ou bilateralidade da audiência.

d) Conteúdo:

o acusado tem o direito de conhecer a imputação que lhe é feita, para exercer o direito de defesa;

tomar ciência dos atos processuais;

possibilidade de manifestação nos autos, para impugnação.

e) Inquérito: só existe contraditório nos seguintes inquéritos (investigações): (1) parlamentar, promovido pela CPI; (2) para expulsão de estrangeiro.

f) Tipo de processo: existe em processo judicial ou administrativo.

4.13 Princípio do devido processo legal

a) Conceito: para alguém perder a liberdade ou os bens, é necessária a existência de um processo adequado, ou seja, com isonomia entre as partes envolvidas, contraditório e ampla defesa.

4.14 Princípio da ampla defesa

a) Tipo de processo: existe em processo judicial ou administrativo.

b) Conceito: possibilidade de o acusado usar todos os meios necessários e previstos em lei para sua defesa.

c) Conteúdo:

defesa técnica: representação por profissional legalmente habilitado; se não tiver advogado constituído, será nomeado um dativo;

autodefesa: apresentação da versão pessoal dos fatos pelo acusado;

a defesa tem o direito de pronunciamento após a acusação.

4.15 Princípio da inadmissibilidade de prova ilícita

a) Fundamento: art. 5º, inciso LVI, da CF.

b) Espécies de provas: (1) ilegítimas: obtidas em desrespeito às regras de Direito Processual; (2) ilícitas: obtidas em desrespeito às regras de Direito Material.

c) Teoria dos frutos da árvore envenenada: tudo o que decorrer da prova ilícita será considerado ilícito.

d) Princípio da proporcionalidade: em duas situações pode o juiz admitir prova ilícita:

utilização da prova in dubio pro reo;

abuso das garantias constitucionais;

legítima defesa.

e) Interceptação telefônica:

requisitos de admissibilidade: (1) ordem judicial fundamentada; (2) finalidade de instrução em inquérito ou processo criminal; (3) indícios razoáveis de autoria e participação do crime; (4) crime punido com reclusão; (5) indispensabilidade;

iniciativa: (1) autoridade policial; (2) Ministério Público; (3) de ofício, pelo juiz.

4.16 Princípios da ação penal pública

a) Oficialidade: a ação penal pública é oferecida por órgão oficial, ou seja, pertencente ao Estado, qual seja, o Ministério Público.

b) Obrigatoriedade: presentes os indícios suficientes de autoria e materialidade do crime, o Ministério Público é obrigado a oferecer a ação penal.

c) Indisponibilidade: o Ministério Público não pode desistir da ação penal ou do recurso interposto.

d) Indivisibilidade: o Ministério Público deve oferecer denúncia contra todos os autores da infração penal.

e) Intranscendência: a ação penal só pode ser movida contra a pessoa que cometeu a infração penal.

4.17 Princípios da ação penal privada

a) Oportunidade ou conveniência: o titular da ação penal privada (a vítima ou seu representante legal) tem a faculdade de escolher se quer propor ou não a ação penal.

b) Disponibilidade: o titular da ação penal privada pode desistir do prosseguimento da relação processual, o que pode ser feito pelo perdão, por exemplo.

c) Indivisibilidade: o querelante deve processar todos os autores do crime.

d) Intranscendência: a ação penal só pode ser movida contra a pessoa que cometeu a infração penal.

4.18 Princípios da nulidade

a) Prejuízo: nenhum ato será declarado nulo se da nulidade não resultar prejuízo para a acusação ou para a defesa; somente aplicado às nulidades relativas.

b) Instrumentalidade das formas: não será declarada a nulidade de ato processual se o ato tiver atingido seu fim, ainda que praticado de outra forma.

c) Causalidade: a nulidade de um ato, uma vez declarada, causará a dos atos que dele diretamente dependam ou dele sejam consequência.

d) Interesse: nenhuma das partes pode arguir nulidade a que haja dado causa, ou para que tenha concorrido, ou referente a formalidade cuja observância só à parte contrária interesse.

4.19 Princípios dos prazos

a) Igualdade de tratamento: as partes devem ter igual tratamento nos prazos, salvo motivo de ordem pública, como no caso de defensor público, cujos prazos são contados em dobro, nos termos do art. 5º, § 5º, da Lei n. 1.060/50.

b) Brevidade: o prazo deve ter duração razoável.

c) Utilidade: a duração do processo deve ser razoável para que haja a efetiva proteção do bem jurídico envolvido.

4.20 Princípios do JECRIM

a) Discricionariedade regrada: o MP pode deixar de oferecer denúncia quando optar pela transação penal no JECRIM.

b) Indisponibilidade mitigada: existe no JECRIM a possibilidade da suspensão condicional do processo.

c) Instrumentalidade das formas: os atos processuais serão válidos sempre que preencherem as

finalidades para as quais foram realizados, mesmo que não sejam as previstas em lei.

d) Prejuízo: não se pronuncia qualquer nulidade sem que tenha havido prejuízo.

4.21 Princípios recursais

a) Taxatividade: só serão admitidos os recursos previstos em lei.

b) Unirrecorribilidade das decisões: para cada decisão deve existir um único recurso adequado; porém, em caráter excepcional é possível a interposição simultânea de recursos: recurso especial e extraordinário.

c) Variabilidade dos recursos: é possível desistir de um recurso pelo outro, desde que no prazo.

5 Estrutura da peça prática penal cabível

5.1 Montagem da peça

A peça prática penal cabível terá a seguinte estrutura:

a) se for ação ou pedido (ex.: instauração de inquérito, representação...):

endereçamento;

preâmbulo: nome e qualificação das partes, capacidade postulatória, fundamento legal, nome da peça e frase final;

dos fatos;

do direito;

do pedido;

parte final.

b) se for recurso: o candidato deve prestar atenção, pois a regra é fazer duas peças, uma de interposição, em que o recorrente declara sua vontade de recorrer, e outra de razões, em que o recorrente declara os motivos do seu inconformismo com a decisão judicial. Exceção: embargos de declaração e agravo regimental;

b1) interposição:

endereçamento;

preâmbulo: nome e qualificação do recorrente, capacidade postulatória, inconformismo, fundamento legal, nome da peça, indicação do juízo ad quem;

parte final.

b2) razões:

nome da peça;

dados de identificação;

saudação;

dos fatos;

do direito;

do pedido;

parte final.

c) se for contrarrazões de recurso: o candidato deve fazer duas peças, uma de juntada, em que o recorrido declara que está juntando a peça, e outra das contrarrazões, em que o recorrido declara os motivos do seu inconformismo com o recurso interposto;

c1) juntada:

endereçamento;

preâmbulo: nome e qualificação do recorrido, capacidade postulatória, inconformismo com o recurso do recorrente, fundamento legal, nome da peça, indicação do juízo ad quem;

parte final.

c2) contrarrazões:

nome da peça;

dados de identificação;

saudação;

dos fatos;

do direito;

do pedido;

parte final.

5.2 Componentes da peça

5.2.1 Endereçamento

Escolha do juiz ou tribunal competente para análise do caso concreto. Indicar sempre o órgão judicial ou policial, e não a pessoa física do juiz ou do delegado. Usar pronome de tratamento correto: para juiz ou promotor usar Excelentíssimo; para delegado: Ilustríssimo.

Uma importante alteração ocorreu em relação à competência dos Tribunais estaduais de segunda instância. Com a publicação da Emenda Constitucional n. 45, foram extintos os Tribunais de Alçada. A discussão sobre a competência recursal em segunda instância obedecerá às seguintes regras:

Crime eleitoral: Justiça Eleitoral

1ª instância: Excelentíssimo Senhor Doutor Juiz Eleitoral da ___ Zona Eleitoral de _____ (local).

2ª instância: Excelentíssimo Senhor Doutor Juiz do Egrégio Tribunal Regional Eleitoral de _____ (local).

Instância Superior: Excelentíssimo Senhor Doutor Ministro _____ do Egrégio Tribunal Superior Eleitoral.

Instância Máxima: Excelentíssimo Senhor Doutor Ministro _____ do Colendo Supremo Tribunal Federal.

Crime militar: Justiça Militar

1ª instância: Excelentíssimo Senhor Doutor Juiz Militar da ___ Circunscrição Militar de _____ (local).

2ª instância: Excelentíssimo Senhor Doutor Juiz do Egrégio Tribunal Militar de _____ (local).

Instância Superior: Excelentíssimo Senhor Doutor Ministro _____ do Egrégio Superior Tribunal Militar.

Instância Máxima: Excelentíssimo Senhor Doutor Ministro _____ do Colendo Supremo Tribunal Federal.

Crime federal: Justiça Federal Comum

1ª instância: Excelentíssimo Senhor Doutor Juiz Federal da ___ Subseção Judiciária de _____ (local).

2ª instância: Excelentíssimo Senhor Doutor Desembargador Federal _____ do Egrégio Tribunal Regional Federal de _____ (local).

Instância Superior: Excelentíssimo Senhor Doutor Ministro _____ do Colendo Superior Tribunal de Justiça.

Instância Máxima: Excelentíssimo Senhor Doutor Ministro _____ do Colendo Supremo Tribunal Federal.

Crime estadual (residual): Justiça Estadual Comum

1ª instância: Excelentíssimo Senhor Doutor Juiz de Direito da ___ Comarca de _____ (local).

2ª instância: Excelentíssimo Senhor Doutor Desembargador ___ do Egrégio Tribunal de Justiça de _____ (local).

Instância Superior: Excelentíssimo Senhor Doutor Ministro _____ do Colendo Superior Tribunal de Justiça.

Instância Máxima: Excelentíssimo Senhor Doutor Ministro _____ do Colendo Supremo Tribunal Federal.

5.2.2 Preâmbulo

É o parágrafo introdutório da peça; entre o endereçamento e o preâmbulo o espaço deve ter de 10 a 15 cm (espaço para o despacho judicial).

Ação ou pedido

1. Nome e qualificação do autor
2. Capacidade postulatória: exteriorizada pela representação atribuída ao advogado para agir e falar em nome do processo. Trata-se de um pressuposto processual relacionado à parte.
3. Fundamento legal: artigo de lei em que se localiza a peça processual. O candidato poderá colocar outros artigos relacionados com o direito material.
4. Nome da peça: permite a identificação da peça processual que introduz a causa em juízo, revelando ao juiz o tipo de providência jurisdicional a ser obtida.
5. Nome e qualificação do réu
6. Frase final: pelos motivos abaixo, pelas razões a seguir expostas...
7. Modelo de Preâmbulo de Ação ou Pedido

Nome do autor, _____ (nacionalidade), _____ (estado civil), _____ (RG), _____ (CPF), residente e domiciliado na _____ (endereço), vem, com o devido respeito, à

presença de Vossa Excelência, por seu advogado infra-assinado (DOC 1), com fundamento no artigo _____ , oferecer ou apresentar _____ (nome da peça), contra _____ (nome do réu), _____ (nacionalidade), _____ (estado civil), _____ (RG), _____ (CPF), residente e domiciliado na _____ (endereço), pelas razões a seguir expostas:

Recurso

1. Nome e qualificação do recorrente: não precisa qualificar, pois o processo já está em andamento. A qualificação já constou nas peças iniciais do processo.
2. Capacidade postulatória: representação por advogado; não precisa colocar documento n. 1, indicando procuração, pois é peça em andamento.
3. Inconformismo com a decisão judicial
4. Fundamento legal: artigo de lei em que se localiza a peça processual. O candidato poderá colocar outros artigos relacionados com o direito material.
5. Nome da peça: usar o verbo INTERPOR o recurso tal.
6. Indicação do tribunal competente
7. Juízo de retratação, quando for RESE ou agravo em execução: colocar uma frase indicando a possibilidade da retratação.
8. Parte final: indicação do órgão competente para julgamento do recurso.
9. Modelo de Preâmbulo de Recurso

_____ (nome do autor), já qualificado nos autos do processo-crime em epígrafe, vem, com o devido respeito, à presença de Vossa Excelência, por seu advogado infra-assinado, inconformado com a decisão de fls. que _____ (especificar o conteúdo da decisão), com fundamento no artigo _____, interpor _____ (nome do recurso), ao Egrégio (Colendo: STJ ou STF) _____ (nome do Tribunal).

10. Modelo de juízo de retratação: após o preâmbulo, o candidato pula duas linhas e escreve a seguinte frase:

Assim, caso Vossa Excelência entenda manter a respeitável decisão de fls. que _____ (especificar o conteúdo), requer a remessa ao Tribunal competente.

Contrarrazões

1. Nome e qualificação do recorrido: não precisa qualificar, pois o processo já está em andamento. A qualificação já constou nas peças iniciais do processo.
2. Capacidade postulatória: representação por advogado; não precisa colocar documento 1, indicando procuração, pois é peça em andamento.

3. Inconformismo com o recurso interposto

4. Fundamento legal: artigo de lei em que se localiza a peça processual. O candidato poderá colocar outros artigos relacionados com o direito material.

5. Nome da peça: apresentar contrarrazões do _____ (nome do recurso).

6. Juízo de retratação, quando for RESE ou agravo em execução: colocar uma frase indicando a possibilidade da retratação.

7. Parte final: indicação do órgão competente para o julgamento do recurso.

8. Modelo de Preâmbulo de Recurso

_____ (nome do autor), já qualificado nos autos do processo-crime em epígrafe, vem, com o devido respeito, à presença de Vossa Excelência, por seu advogado infra-assinado, inconformado com o recurso de fls. que _____ (especificar o conteúdo do recurso), com fundamento no artigo _____, apresentar CONTRARRAZÕES _____ (nome do recurso), ao Egrégio (Colendo: STJ ou STF) _____ (nome do Tribunal).

9. Modelo de juízo de retratação: após o preâmbulo, o candidato pula duas linhas e escreve a seguinte frase:

Assim, caso Vossa Excelência entenda por reformar a respeitável decisão de fls. que _____ (especificar o conteúdo), requer a remessa ao Tribunal competente.

5.2.3 Dos fatos

A descrição dos fatos deve ser concisa, direta e com linguagem simples.

Neste item da peça, o candidato não pode inventar dados, nem copiar o problema. Deverá proceder da seguinte forma:

1. Se for ação ou pedido: deve narrar a infração, levando em conta os seguintes dados: quando foi cometido o crime, lugar do crime, motivo do crime, sujeito ativo, conduta criminosa, maneira, resultado criminoso.

Exemplo: a) No dia tal, mês tal, ano tal, por volta das tantas horas, no bar situado na Rua tal, Fulano de tal, por motivo fútil, ofendeu a integridade corporal de sua esposa, mediante socos e pontapés, causando-lhe lesões corporais de natureza grave, conforme laudo pericial à fls.

2. Se a peça for recurso: além de narrar o fato criminoso na forma do item anterior, colocar o andamento processual, na forma de relatório, e de acordo com o rito processual.

Exemplo do andamento: Fulano de tal foi denunciado como incurso no artigo tal, já que matou Sicrano. Recebida a denúncia (fls.), o réu foi citado (fls.) para apresentar resposta à acusação. Não

foi decretada absolvição sumária (fls.). Na audiência de instrução e julgamento, os atos processuais foram realizados (fls.). Na fase do art. 402 do CPP nada foi requerido. Em sede de alegações finais, o promotor requereu _____ (fls.). A defesa, por sua vez, _____ (fls.).

3. Observações específicas:

relaxamento da prisão em flagrante: narrar a prisão em flagrante;

memoriais: colocar andamento processual;

embargos de declaração: apontar o vício contido na decisão judicial.

5.2.4 Do direito

Fundamentos jurídicos, ou seja, reflexo dos fatos no mundo jurídico.

Uma das partes mais difíceis para o candidato é a argumentação, em que há o desenvolvimento dos fundamentos jurídicos, de acordo com a tese escolhida, e adaptada na resolução do problema apresentado pela OAB.

Neste item da peça, o candidato deverá seguir o seguinte roteiro:

a) Se for ação ou pedido:

apontar a tese;

demonstrar a tese;

apontar doutrina;

apontar jurisprudência;

conclusão.

Observações específicas sobre a tese:

liberdade provisória: primariedade, bons antecedentes, residência fixa e emprego; se for com fiança, o candidato não pode esquecer de demonstrar os requisitos da fiança;

representação/requerimento/queixa: comprovar a ocorrência da infração penal e sua respectiva autoria, com adaptação do fato típico ao tipo penal descrito na Lei Penal;

relaxamento de prisão em flagrante: comprovar a ilegalidade da prisão em flagrante;

defesa preliminar: comprovar requisitos para a rejeição da ação penal;

exceção/restituição de coisa apreendida/medidas assecuratórias/habilitação de

assistente/livramento condicional/reabilitação/remição/unificação de penas/detração penal/lei benéfica/extinção da punibilidade/indulto/progressão: comprovar os requisitos legais;

conflito de jurisdição: mostrar e comprovar o conflito;

pedido de explicações em juízo: comprovar a dúvida;

b) Se for recurso:

interposição: não tem o tópico Do Direito;

razões: a ideia fundamental é contrariar a decisão recorrida:

– apontar a tese;
– demonstrar a tese;
– apontar doutrina;
– apontar jurisprudência;
– conclusão.

Observações específicas sobre a tese:

– embargos infringentes e de nulidade: o embargante não pode esquecer de, além de defender o voto vencido, justificar a presença dos requisitos de admissibilidade do recurso;

– embargos de declaração: o embargante tem de alegar que o vício contido na decisão judicial representa um gravame, devendo ser sanado, para que a decisão se torne clara, precisa, íntegra e perfeita;

c) Se forem contrarrazões de recurso:

juntada: não tem a parte Do Direito;

contrarrazões: a ideia fundamental é defender a decisão recorrida e contrariar o recurso interposto:

– apontar a tese;
– demonstrar a tese;
– apontar doutrina;
– apontar jurisprudência;
– conclusão.

d) se a peça for resposta à acusação: o acusado poderá arguir preliminares e alegar tudo o que

interesse à sua defesa, oferecer documentos e justificações, especificar as provas pretendidas e arrolar testemunhas, qualificando-as e requerendo sua intimação, quando necessário.

5.2.5 Pedido

O candidato deve observar a seguinte ordem nos pedidos: a) incompetência; b) nulidade do processo; c) extinção da punibilidade; d) absolvição; e) desclassificação do crime. O candidato deve lembrar que o contramandado de prisão só pode ser pedido quando houver mandado de prisão expedido e o réu estiver foragido ou na iminência de ser preso. Já o salvo-conduto só pode ser pedido quando se tratar de habeas corpus preventivo, o paciente estiver solto e ainda não tiver sido expedido mandado de prisão.

5.2.6 Parte final

Termos em que pede deferimento; OAB e indicação do campo para assinatura; nas razões e contrarrazões colocar apenas a OAB e indicação para assinatura.

6 Recomendações práticas para o dia do exame da OAB

a) Material indicado para estudo: Código Penal comentado; CPP comentado; legislação especial; doutrina de Direito Penal e Direito Processual Penal; dicionário; Constituição Federal; doutrina de Direito Constitucional e livro de prática contendo modelos e exercícios. Material indicado para o dia da prova: legislação penal sem anotações nem comentários.

b) Prova: o candidato receberá um caderno contendo:

a situação-problema;

o problema: serão indicados três problemas, porém não é para o candidato escolher um; será feito um sorteio no início da prova; após o sorteio, os fiscais de sala informarão o número do ponto sorteado, devendo o candidato seguir o ponto sorteado;

as questões práticas: são em número de 4 (quatro);

folhas de rascunho;

folhas para a resposta final.

Atente, quando for entregar a prova, que passou o texto na folha original de resposta. Se entregar as respostas feitas nas folhas de rascunho, sua prova será desconsiderada.

c) Rascunho: o candidato deverá:

rascunhar o roteiro de questões (dados essenciais para entendimento do enunciado);

rascunhar o esqueleto da peça (tese, peça, competência e pedido);

separar os argumentos jurídicos a serem usados para fundamentar a tese;

na parte dos fatos, verificar a infração penal e o rito, para colocar o andamento processual, se for o caso;

no pedido, ser específico, indicar fundamento jurídico e legal;

não esquecer de arrolar argumentação constitucional: se não tiver nada específico, invocar algo genérico, como violação ao princípio da segurança jurídica.

Modelo: o princípio da segurança jurídica exige que o Poder Público respeite a lei e a CF, visto que a violação a tais normas abala a certeza e a igualdade, configurando um arbítrio estatal e, consequentemente, a quebra da coerência e harmonia do sistema jurídico.

d) Dos fatos: não inventar dados; narrar a infração penal praticada; colocar o andamento processual de acordo com o rito processual.

e) Do Direito:

demonstrar os requisitos para concessão do direito do condenado: pedido de indulto, progressão de regime, pedido de extinção da punibilidade, detração, lei penal benéfica, unificação de penas, remição, reabilitação e livramento condicional;

demonstrar a adequação típica: representação, requerimento, queixa-crime, queixa-crime subsidiária (não esquecer de mencionar a inércia do Ministério Público);

demonstrar o preenchimento de requisitos: processos incidentais;

demonstrar primariedade, bons antecedentes, residência e emprego fixos: liberdade provisória;

demonstrar que a prisão em flagrante constitui coação ilegal: relaxamento de prisão em flagrante;

estrutura nas demais peças: apontar a tese (tese + conteúdo + fundamento), demonstrar a tese (desenvolver a tese em vários parágrafos, não esquecendo de invocar

argumentação constitucional), doutrina, jurisprudência e conclusão.

f) Construção da liminar: cabível em duas peças práticas: habeas corpus e mandado de segurança. Seguir o modelo:

Habeas corpus

Embora não prevista em lei, a concessão da liminar em habeas corpus vem sendo admitida pela jurisprudência, sempre que presentes os requisitos, a seguir demonstrados:

a) fumus boni iuris, está evidenciado pela existência de disposição legal e princípios constitucionais que _____ (mencionar a tese);

b) periculum in mora, por sua vez, está caracterizado, pois, caso não seja _____ (o que se pede em favor do paciente), de forma urgente e imediata, ocorrerá lesão grave e de difícil reparação, consistente _____ (explicitar o dano que irá acontecer se não for obtida a liminar).

Dessa forma, presentes os requisitos do fumus boni iuris e periculum in mora, como restou comprovado acima, a liminar deve ser concedida, como direito subjetivo do paciente, para boa aplicação da lei penal e respeito aos valores supremos da sociedade.

Mandado de Segurança

Conforme o art. 7º, inciso II, da Lei n. 12.016/2009, é possível a concessão da liminar, sempre que presentes os requisitos a seguir demonstrados:

a) fumus boni iuris (relevante fundamento) está evidenciado pela existência de disposição legal e princípios constitucionais que _____ (mencionar a tese);

b) periculum in mora (ineficácia da medida), por sua vez, está caracterizado, pois, caso não seja _____ (o que se pede em favor do paciente), de forma urgente e imediata, ocorrerá lesão grave e de difícil reparação, consistente _____ (explicitar o dano que irá acontecer se não for obtida a liminar).

Dessa forma, presentes os requisitos do fumus boni iuris e periculum in mora, como restou comprovado acima, a liminar deve ser concedida, como direito subjetivo do impetrante, para boa aplicação da lei penal e respeito aos valores supremos da sociedade.

g) Redação: o candidato deve ficar atento à pontuação, à estética, limpeza, letra clara e legível (pode usar letra de forma, diferenciando maiúscula de minúscula), frases com sujeito, verbo e predicado, usar termos adequados para indicar as partes, evitar abreviaturas.

h) Parte final da peça:

qualquer peça, exceto razões ou contrarrazões de recurso

Termos em que

pede deferimento.

(2 linhas)

São Paulo, ___ (dia) de _____ (mês) de _____ (ano).

(2 linhas)

_____OAB – Seção ____ (local do exame) sob n. _____

razões ou contrarrazões de recurso

São Paulo, ___ (dia) de _____ (mês) de ____ (ano).

(2 linhas)

_____OAB – Seção ___ (local do exame) sob n. ____

i) Palavras em latim: não é obrigatório usar termos em latim na peça prática, pois não consta no edital, nem em lei, nem na Constituição Federal. O uso pode ser recomendado para enriquecer o vocabulário e o conhecimento jurídico exposto, mas não tem caráter obrigatório.

j) Endereço do advogado: após terminar a peça, colocar um parágrafo, identificando o endereço, até para eventual recebimento das intimações:

Para fins do art. 106 do CPC/2015, o endereço do advogado para fins de intimação é: Rua _____, n. _____, Bairro _____, cidade _____, Estado _____.

k) Taxa judiciária

O _____ (nome do autor da ação) requer juntada do comprovante do devido preparo, conforme guia anexa.

l) Forma: linguagem direta, simples; não repetir termos; construir parágrafos de no máximo oito linhas; entre tópicos diferentes, pular duas linhas; entre parágrafos do mesmo tópico, pular uma linha; parágrafos devem começar no meio da folha.

m) Modelo de Justificativa: após o final da peça

Foi _____ (indicar peça adequada), pois _____ (justificativa do cabimento da peça), com fundamento _____ (legal e constitucional). A competência é do _____ (indicar o órgão competente), com fundamento no artigo _____.

n) Citação de lei e artigo

(a) Lei: indicar o número da lei e em seguida a data: número da lei + data:

– Lei n. 11.719/2008 ou

– Lei n. 11.719, de 2008, ou

– Lei n. 11.719, de 20 de junho de 2008.

– Ano não tem ponto.

(b) Artigo:

– número do artigo: até o número 9 usar o símbolo º;

– inciso: usar algarismos romanos e hífens;

– alínea: letra minúscula;

– o símbolo § só pode ser usado quando o artigo tiver mais de um parágrafo;

– se for parágrafo único, escrever parágrafo por extenso.

Com o intuito de manter a tecnicidade dos textos redigidos, sugerimos a leitura da Lei Complementar 95/98, que dispõe sobre elaboração, redação, alteração e consolidação das leis, especificamente o art. 10 e seguintes.

7 Orientações gerais do exame da OAB

1. Evitar abreviaturas, mesmo de expressões conhecidas;

2. Não criar dados ou fatos, apenas utilizar o que foi dado na situação-problema;

3. Não usar à rua, mas sim na rua;

4. Evitar parágrafos longos com mais de 8 (oito) linhas;

5. É proibida qualquer identificação do candidato na prova, sob pena de anulação da prova;

6. Não se preocupar em escrever difícil; a redação deve ser clara e compreensível;

7. Evitar rasuras;

8. Atentar para redigir a peça processual na folha definitiva de respostas. O examinador não corrige peça feita a lápis ou em folha de rascunho;

9. Cuidado com o emprego de termos jurídicos em latim; na dúvida, é recomendado que o candidato leve o dicionário;

10. Quando o candidato for pedir alvará de soltura, não deve requerer expedição de alvará de soltura clausulado;

11. É possível fazer a prova em letra de forma, desde que o candidato use letra legível e diferencie letra maiúscula e minúscula;

12. O ideal estético da peça é que, na mudança de tópicos, o candidato pule 2 (duas) linhas e, dentro do mesmo tópico, pule 1 (uma) linha;

13. No tópico dos fatos, o candidato deve narrar os acontecimentos com suas palavras, sem copiar o problema, e concluir da seguinte forma: "Diante dos fatos narrados, houve _____ (mencionar a tese jurídica), conforme será demonstrado a seguir com a exposição dos

fundamentos jurídicos." A conclusão anterior é um modelo; o que o candidato deve atentar é a finalização do tópico dos fatos, que deve ser feita com uma frase de ligação com o direito.

14. No direito, o candidato também deve concluir o raciocínio jurídico, podendo usar o seguinte modelo: "Diante do exposto, com base na legislação e nos argumentos doutrinários e jurisprudenciais, houve _____ (mencionar a tese jurídica), de forma que _____ (mencionar a providência a ser obtida: bem da vida)."

15. O princípio da segurança jurídica é um dos princípios que os candidatos podem usar toda vez que constatarem na situação-problema uma arbitrariedade praticada pelo Poder Público. O candidato pode usar o seguinte modelo de parágrafo para mencionar o princípio: "O princípio da segurança jurídica exige que o Poder Público respeite a lei e a CF, visto que a violação a tais normas abala a certeza e a igualdade, configurando um arbítrio estatal e, consequentemente, a quebra da coerência e harmonia do sistema jurídico."

1 CAPEZ, Fernando. Curso de processo penal. São Paulo: Saraiva, 2004. p. 639.

2 Art. 136, § 3º, CF: "Na vigência do estado de defesa: I – a prisão por crime contra o Estado, determinada pelo executor da medida, será por este comunicada imediatamente ao juiz competente, que a relaxará, se não for legal, facultado ao preso requerer exame de corpo de delito à autoridade policial; II – a comunicação será acompanhada de declaração, pela autoridade, do estado físico e mental do detido no momento de sua autuação; III – a prisão ou detenção de qualquer pessoa não poderá ser superior a dez dias, salvo quando autorizada pelo Poder Judiciário; IV – é vedada a incomunicabilidade do preso".

3 A instrução criminal deverá ser encerrada em prazo razoável, o qual não poderá exceder a 120 (cento e vinte) dias quando o réu estiver preso, prorrogáveis em até igual período, por decisão fundamentada, devidamente motivada pela complexidade da causa ou por fato procrastinatório atribuível ao réu (art. 22 da Lei n. 12.850/2013).

5

Peças da Fase Pré-Processual

1 Peças entre a fase investigatória e antes da propositura da ação penal

relaxamento de prisão em flagrante;

liberdade provisória;

revogação de prisão;

requerimento ou representação para instauração de inquérito policial;

habeas corpus;

requerimento de diligência ao Delegado de Polícia;

pedido de restituição de coisa apreendida (análise no capítulo das peças incidentais);

pedido de explicações em juízo (análise no capítulo das peças incidentais);

pedido de sequestro de bens (análise no capítulo das peças incidentais).

2 Introdução

Quando alguém comete uma infração penal, seja crime ou contravenção, surge uma relação jurídica (um elo) entre o Estado, com o direito de punir, e o infrator, com o direito de ser punido com base na lei. A punição estatal é feita através de uma trajetória denominada persecução penal, que pode ser dividida em três fases: investigatória (coleta de dados), processual (sequência de atos no Judiciário) e execução penal (cumprimento da pena).

3 Fase investigatória

1. Finalidade: a finalidade da fase investigatória é:

a) coletar informações a respeito da materialidade e autoria da infração penal;

b) esclarecer o delito e sua autoria;

c) fornecer ao titular da ação penal elementos necessários para a sua propositura; e

d) poder influenciar no convencimento judicial, desde que as informações coletadas sejam confirmadas em juízo (salvo perícia), já que os elementos colhidos na investigação não são definitivos, constituindo apenas começo ou elemento de prova.

2. Atribuição: tal fase será conduzida pela Polícia Civil ou Federal, após receber a notícia da prática de uma infração penal. Com base no texto constitucional (art. 144 da CF), não cabe à Polícia Civil ou à Polícia Federal apurar as infrações criminais de natureza militar. Tais infrações são investigadas pela Polícia Judiciária Militar, que é constituída pelas autoridades militares e seus auxiliares.

3. Notícia do crime: quando a autoridade policial toma conhecimento de uma infração penal, diz-se que a autoridade recebeu a notícia do crime (notitia criminis). A notícia do crime pode chegar à autoridade policial das seguintes formas:

a) coercitiva: pela condução e apresentação de uma pessoa presa em flagrante na Delegacia;

b) imediata ou direta: através das atividades rotineiras (por exemplo, ronda) ou através de comunicação não formal, como no caso da denúncia anônima;

c) mediata ou indireta: mediante comunicação formal, como requisição do juiz, requerimento ou representação da vítima.

4. Formas de Instauração: Após tomar conhecimento da ocorrência de uma infração penal, através da notícia do crime, a autoridade policial formalizará o início das investigações, ou seja, determinará a instauração do Inquérito Policial (se não for infração de menor potencial ofensivo) ou Termo Circunstanciado (se for infração de menor potencial ofensivo). A formalização da instauração do Inquérito Policial depende do tipo de infração praticada:

a) crime de Ação Penal Privada: a instauração do inquérito depende de requerimento da vítima ou do seu representante legal, conforme prescreve o art. 5º, § 5º, do CPP. No caso de morte ou ausência, o direito passará para o cônjuge, ascendente, descendente e irmão. Se o inquérito policial for instaurado sem o requerimento, o prejudicado com a situação poderá discutir a instauração indevida por meio judicial cabível, qual seja, ao indiciado o habeas corpus e ao ofendido o mandado de segurança;

b) crime de Ação Penal Pública Condicionada à representação: a instauração do inquérito depende da representação da vítima ou do seu representante legal, conforme prescreve o art. 5º, § 4º, do CPP. No caso de morte ou ausência, o direito passará para o cônjuge, ascendente, descendente e

irmão;

c) crime de Ação Penal Pública Condicionada à requisição do Ministro da Justiça: a instauração do inquérito depende da requisição do Ministro da Justiça;

d) crime de Ação Penal Pública Incondicionada: a instauração do inquérito pode ser feita: (1) de ofício, pela própria autoridade policial, por meio de portaria (art. 5º, inciso I, do CPP); (2) por requisição do Ministério Público ou do juiz (art. 5º, inciso II, do CPP); (3) por requerimento da vítima ou do seu representante legal (art. 5º, inciso II, c/c os §§ 1º a 3º, todos do CPP – delatio criminis postulatória); (4) ato não formal de comunicação, feito por qualquer do povo (delatio criminis simples), nos termos do art. 5º, § 3º, do CPP. Em regra, é uma faculdade, salvo quando a lei exige obrigatoriedade de comunicação, por exemplo, o art. 269 do CP.

Tipo de Crime	Forma de Instauração
Ação Penal Privada	Requerimento da vítima ou representante legal
Ação Penal Pública Condicionada à Representação	Representação da vítima ou representante legal
Ação Penal Pública Condicionada à Requisição do Ministro da Justiça	Requisição do Ministro da Justiça
Ação Penal Pública Incondicionada	Ofício, requisição do MP, requisição judicial, requerimento da vítima ou representante legal e ato não formal de comunicação

É importante ressaltar que a autoridade policial não poderá rejeitar requisição para instaurar inquérito, porque requisição significa exigência, e deve ser cumprida. Caso não instaure, poderá sofrer responsabilização funcional e criminal.

Se por acaso a requisição não contiver indícios de autoria e materialidade, caberá à autoridade policial devolvê-la, com comunicação da impossibilidade de instauração do inquérito e solicitação de novas informações.

A autoridade policial, entretanto, pode indeferir requerimento ou representação para instaurar inquérito, porque requerer ou representar não possuem caráter vinculante. Tourinho[1] assevera que a autoridade policial só poderá indeferir em alguns casos: (a) extinção da punibilidade; (b) não

contiver indícios; (c) autoridade incompetente para instaurar inquérito; (d) fato atípico; (e) requerente incapaz.

Caso a autoridade policial indefira o requerimento ou representação, pode o prejudicado apresentar recurso administrativo ao Chefe da Polícia (área estadual: Secretário de Segurança Pública; área Federal: Ministro da Justiça), nos termos do art. 5º, § 2º, do CPP.

5. Providências: Após a instauração do inquérito policial, a autoridade policial deverá:

a) dirigir-se ao local, providenciando para que não se alterem o estado e conservação das coisas, até a chegada dos peritos criminais. Em caso de acidente de trânsito, a autoridade policial que primeiro tomar conhecimento do fato poderá autorizar a imediata remoção das pessoas que tenham sofrido lesão, bem como dos veículos nele envolvidos, se estiverem no leito da via pública e prejudicarem o tráfego, nos termos do art. 1º da Lei n. 5.970/73;

b) apreender os objetos que tiverem relação com o fato, após liberados pelos peritos criminais;

c) coletar todas as provas que servirem para o esclarecimento do fato e suas circunstâncias;

d) ouvir o ofendido;

e) ouvir o indiciado, com observância, no que for aplicável, do disposto nos arts. 185 a 196, todos do CPP, devendo o respectivo termo ser assinado por 2 (duas) testemunhas que lhe tenham ouvido a leitura;

f) proceder ao reconhecimento de pessoas e coisas e a acareações;

g) determinar, se for caso, que se proceda a exame de corpo de delito e a quaisquer outras perícias;

h) ordenar a identificação do indiciado pelo processo datiloscópico, se possível, e fazer juntar aos autos sua folha de antecedentes:

> Estatuto da Criança e do Adolescente: Lei n. 8.069/90, em seu art. 109, estabelece: "O adolescente civilmente identificado não será submetido à identificação compulsória pelos órgãos policiais, de proteção e judiciais, salvo para efeito de confrontação, havendo dúvida fundada";
>
> Lei de Identificação Criminal (Lei n. 12.037/2009):

– o civilmente identificado não será submetido a identificação criminal, salvo nos casos previstos nesta Lei;

– há casos em que, mesmo havendo a identificação civil, deverá a Autoridade Policial proceder à identificação criminal se: I – o documento apresentar rasura ou tiver indício de falsificação; II – o documento apresentado for insuficiente para identificar cabalmente o indiciado; III – o indiciado portar documentos de identidade distintos, com informações conflitantes entre si; IV – a identificação criminal for essencial às investigações policiais, segundo despacho da autoridade judiciária competente, que decidirá de ofício ou mediante representação da autoridade policial, do Ministério Público ou da defesa; V – constar de registros policiais o uso de outros nomes ou diferentes qualificações; VI – o estado de conservação ou a distância temporal ou da localidade da expedição do documento apresentado impossibilite a completa identificação dos caracteres essenciais. As cópias dos documentos apresentados deverão ser juntadas aos autos do inquérito, ou outra forma de investigação, ainda que consideradas insuficientes para identificar o indiciado;

– quando houver necessidade de identificação criminal, a autoridade encarregada tomará as providências necessárias para evitar o constrangimento do identificado;

– a identificação criminal incluirá o processo datiloscópico e o fotográfico, que serão juntados aos autos da comunicação da prisão em flagrante, ou do inquérito policial ou outra forma de investigação;

– é vedado mencionar a identificação criminal do indiciado em atestados de antecedentes ou em informações não destinadas ao juízo criminal, antes do trânsito em julgado da sentença condenatória;

– no caso de não oferecimento da denúncia, ou sua rejeição, ou absolvição, é facultado ao indiciado ou ao réu, após o arquivamento definitivo do inquérito, ou trânsito em julgado da sentença, requerer a retirada da identificação fotográfica do inquérito ou processo, desde que apresente provas de sua identificação civil;

i) averiguar a vida pregressa do indiciado, do ponto de vista individual, familiar e social, sua condição econômica, sua atitude e estado de ânimo antes e depois do crime e durante ele, e quaisquer outros elementos que contribuírem para a apreciação do seu temperamento e caráter;

j) colher informações sobre a existência de filhos, respectivas idades e se possuem alguma deficiência e o nome e o contato de eventual responsável pelos cuidados dos filhos, indicado pela pessoa presa;

k) para verificar a possibilidade de haver a infração sido praticada de determinado modo, a autoridade policial poderá proceder à reprodução simulada dos fatos, desde que esta não contrarie a moralidade ou a ordem pública.

6. Relatório: Concluídas as investigações, a autoridade deve fazer minucioso relatório do que tiver sido apurado no Inquérito Policial.

No Relatório, a autoridade policial poderá indicar testemunhas que não tiverem sido inquiridas, mencionando o lugar onde possam ser encontradas (art. 10, § 2º, do CPP), bem como as diligências não realizadas.

No caso de drogas, a autoridade policial deve estabelecer o enquadramento no art. 28 (usuário) ou 33 (traficante), nos termos da Lei n. 11.343/2006, que revoga a Lei n. 6.368, de 21 de outubro de 1976, e a Lei n. 10.409, de 11 de janeiro de 2002. No relatório, devem constar de forma sumária as circunstâncias do fato, a classificação do delito, indicando a quantidade e a natureza da substância ou do produto apreendido, o local e as condições em que se desenvolveu a ação criminosa, as circunstâncias da prisão, a conduta, a qualificação e os antecedentes do agente, nos termos do art. 52, inciso I, da Lei n. 11.343/2006.

Como peça informativa, o Ministério Público não fica vinculado à classificação dada no inquérito policial.

Concluído o inquérito, será este remetido ao Poder Judiciário competente. Os instrumentos do crime, bem como os objetos que interessarem à prova, acompanharão os autos do inquérito.

Nos crimes em que não couber ação pública, os autos do inquérito serão remetidos ao juízo competente, onde aguardarão a iniciativa do ofendido ou de seu representante legal, ou serão entregues ao requerente, se os pedir, mediante traslado.

Ao fazer a remessa dos autos do inquérito ao juiz competente, a autoridade policial oficiará ao Instituto de Identificação e Estatística, ou repartição congênere, mencionando o juízo a que tiverem sido distribuídos, e os dados relativos à infração penal e à pessoa do indiciado.

7. Encerramento anormal: O encerramento do inquérito policial, como vimos anteriormente, é feito por Relatório da autoridade policial; porém, é possível o encerramento anormal do inquérito, através do arquivamento e do trancamento.

7.1. Arquivamento:

a) Legitimidade: O arquivamento do inquérito policial é feito por pedido do Ministério Público e decidido pelo juiz. A autoridade policial não pode arquivar o inquérito, nos termos da sua característica de indisponibilidade prevista no art. 17 do CPP.

b) Análise Judicial: O juiz pode tomar as seguintes atitudes diante do pedido ministerial de arquivamento: (a) concordância: neste caso, o inquérito será arquivado; (b) discordância: neste caso, o juiz remete os autos do inquérito e o pedido do arquivamento ao:

a1) se for promotor de justiça (membro do Ministério Público Estadual): ao Procurador-Geral de Justiça, nos termos do art. 28 do CPP combinado com o art. 10, inciso IX, alínea d, da Lei n. 8.625/93, que pode oferecer a denúncia, designar outro órgão do Ministério Público que está obrigado a oferecer a denúncia ou ainda insistir no arquivamento;

a2) se for Procurador-Geral de Justiça (chefe do MP estadual): ao Colégio de Procuradores, nos termos do art. 12, inciso XI, da Lei n. 8.625/93: "Compete ao Colégio de Procuradores: rever, mediante requerimento de legítimo interessado, nos termos da Lei Orgânica, decisão de arquivamento de inquérito policial ou peças de informações determinada pelo Procurador-Geral de Justiça, nos casos de sua atribuição originária.";

a3) se for membro do Ministério Público Federal: à Câmara de Coordenação e Revisão, nos termos do art. 62, inciso IV, da Lei Complementar n. 75/93: "Compete às Câmaras de Coordenação e Revisão: IV – manifestar-se sobre o arquivamento de inquérito policial, inquérito parlamentar ou peças de informação, exceto nos casos de competência originária do Procurador-Geral," combinado com o art. 171, inciso V, da Lei Complementar n. 75/93;

a4) se for competência originária do STF: está obrigado a determinar o arquivamento quando requerido pelo Procurador-Geral da República.

O inquérito policial somente pode ser arquivado por determinação judicial, a requerimento do Ministério Público, quando houver justa causa. Não existe a possibilidade do arquivamento de inquérito "de ofício". Se o juiz determinar o arquivamento sem pedido do Ministério Público, caberá correição parcial.

A decisão judicial sobre o arquivamento faz coisa julgada formal, pois

pode o inquérito ser desarquivado, diante do aparecimento de novas provas, nos termos do art. 18 do CPP: "Depois de ordenado o arquivamento do inquérito pela autoridade judiciária, por falta de base para a denúncia, a autoridade policial poderá proceder a novas pesquisas, se de outras provas tiver notícia," e da Súmula 524 do STF: "Arquivado o inquérito policial, por despacho do juiz, a requerimento do promotor de justiça, não pode a ação penal ser iniciada, sem novas provas."

Cabe ressalvar que não é possível reabertura de inquérito policial quando este houver sido arquivado a pedido do Ministério Público e mediante decisão judicial, com apoio na extinção de punibilidade do indiciado ou na atipicidade penal da conduta a ele imputada.

Em regra, a decisão de arquivamento é irrecorrível, exceto: (a) nos crimes contra a economia popular, o recurso cabível é o de ofício (art. 7º da Lei n. 1.521/51: "Os juízes recorrerão de ofício sempre que absolverem os acusados em processo por crime contra a economia popular ou contra a saúde pública, ou quando determinarem o arquivamento dos autos do respectivo inquérito policial"); nas contravenções previstas nos arts. 58 e 60, ambos do Decreto-lei n. 6.259/44 (art. 6º, parágrafo único, da Lei n. 1.508/51), o recurso cabível é o recurso em sentido estrito: "Art. 6º Quando qualquer do povo provocar a iniciativa do Ministério Público, nos termos do art. 27 do Código do Processo Penal, para o processo tratado nesta lei, a representação, depois do registro pelo distribuidor do juízo, será por este enviada, incontinenti, ao Promotor Público, para os fins legais. Parágrafo único. Se a representação for arquivada, poderá o seu autor interpor recurso no sentido estrito." Há também a possibilidade de recurso dentro do procedimento previsto no art. 28 do CPP, definido no art. 12, inciso XI, da Lei n. 8.625/93.

Convém ressaltar que não cabe ação penal privada subsidiária da pública se o Ministério Público pede arquivamento do inquérito policial, pois não houve inércia.

Na ação penal privada não há necessidade do pedido de arquivamento, basta o curso do prazo decadencial do direito de queixa. Caso seja requerido o arquivamento, deve ser recebido como renúncia tácita ao direito de queixa, dando ensejo à extinção da punibilidade.

c) Espécies de arquivamento

a) implícito: quando existem vários crimes em apuração no mesmo inquérito e o MP oferece denúncia em relação a um delito, deixando de oferecê-la em relação a outro, sem se manifestar expressamente quanto ao arquivamento. Não admitido em face do princípio da obrigatoriedade e indisponibilidade da ação penal, sendo certo que na ação penal pública não vigora o princípio da indivisibilidade;

b) provisório: hipótese do art. 72 da Lei n. 9.099/95, quando não houver localização da vítima;

c) explícito ou direto: quando o MP diz os motivos do arquivamento;

d) indireto: quando o membro do Ministério Público reconhece sua ausência de atribuição para oferecimento da denúncia mas o juiz não reconhece sua incompetência no caso.

7.2. Trancamento do inquérito

O trancamento do inquérito ocorre quando alguém ajuizar habeas corpus alegando o não cabimento da instauração do inquérito policial.

O trancamento do inquérito é medida excepcional, ou seja, somente pode ser decretado quando houver evidente falta de justa causa.

A falta de justa causa no inquérito policial é caracterizada quando se verifica a atipicidade do fato investigado ou evidente impossibilidade de o indiciado ser o autor da infração ou quando já tiver ocorrido extinção da punibilidade.

É importante ressaltar que, existindo indícios da ocorrência de delito em tese a demandar apuração do evento em inquérito policial, não há falar em

falta de justa causa para sua instauração, nem de reconhecer a existência de qualquer constrangimento ilegal imposto ao paciente.

4 Espécies de procedimentos investigatórios

a) Inquérito Policial: feito por autoridade policial (Polícia Civil ou Federal).

b) Inquérito Extrapolicial: feito por outra autoridade administrativa, a quem por lei seja cometida a mesma função, por exemplo, o inquérito parlamentar, feito pela Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI).

c) Boletim de Ocorrência circunstanciado: quando o menor é apreendido em flagrante praticando ato infracional sem violência ou grave ameaça à pessoa (art. 174 do ECA).

d) Auto de apreensão: quando o menor é apreendido em flagrante por ato infracional praticado com violência ou grave ameaça à pessoa. Alguns chamam, também, de Boletim de Ocorrência Circunstanciado (art. 174 do ECA).

e) Relatório de investigação: ato infracional praticado por menor infrator, porém não apreendido em flagrante (art. 177 do ECA).

f) Termo circunstanciado: procedimento policial simplificado utilizado para investigação das infrações de menor potencial ofensivo, de competência dos Juizados Especiais Criminais.

g) Peças de informação: têm como objeto fato delituoso praticado por alguém ocupante de cargo que lhe permite ser julgado por órgão superior.

5 Características do inquérito policial

a) Escrito: todas as peças do inquérito policial serão, num só processado, reduzidas a escrito ou datilografadas (ou digitadas) e, neste caso, rubricadas pela autoridade.

b) Dispensabilidade: o inquérito policial acompanhará a denúncia ou queixa sempre que servir de base a uma ou outra, conforme os arts. 12, 27, 39, § 5º, 46, § 1º, todos do CPP. Quando o titular da ação penal tiver elementos suficientes para promover peça inicial acusatória, o inquérito será dispensável.

c) Inquisitivo: não existe contraditório nem ampla defesa no inquérito policial. Sobre o assunto temos duas correntes:

> é possível, nos termos do art. 5º, LV, da CF, já que o inquérito é um procedimento administrativo e como tal deve garantir o contraditório. Nesta posição temos divergência

do início do contraditório: (a) a partir do indiciamento; (b) a partir da instauração do inquérito;

não é possível, pois a natureza do inquérito é inquisitiva; não há partes nem processo; o contraditório aplica-se aos processos em que há litígio, que podem terminar, inclusive, com punição, o que não acontece com o inquérito policial.

Há inquéritos que admitem contraditório, como é o caso do inquérito instaurado pela Polícia Federal, a pedido do Ministro da Justiça, visando à expulsão de estrangeiro.

A natureza inquisitiva do inquérito produz os seguintes efeitos:

a possibilidade de o Delegado de Polícia instaurar o inquérito policial de ofício (ex officio), nos casos em que tomar conhecimento da ocorrência de crime inserido no rol de delitos sujeitos a ação penal pública incondicionada;

a discricionariedade de empreender quaisquer investigações que entenda necessárias para a elucidação do fato infringente da norma e à descoberta do respectivo autor;

proibição da arguição de suspeição das autoridades policiais, nos termos do art. 107 do CPP;

a possibilidade de a autoridade policial indeferir qualquer diligência requerida pelo ofendido ou indiciado, com exceção do exame de corpo de delito (art. 184 do CPP), nos termos do art. 14 do CPP.

d) Procedimento administrativo investigatório: sucessão de atos que visam à coleta de informações a respeito da infração penal e sua respectiva autoria.

e) Peça informativa: visa fornecer informações aos destinatários do inquérito: (1) imediato: titular da ação penal; (2) mediato: juiz.

f) Procedimento preparatório da ação penal: visa fornecer os elementos necessários para que o titular da ação penal tenha em mãos o fumus boni iuris para promover a ação penal.

g) Indisponibilidade: a autoridade policial não poderá mandar arquivar autos de inquérito.

h) Sigilo: a autoridade assegurará no inquérito o sigilo necessário à elucidação do fato ou exigido pelo interesse da sociedade. Nos atestados de antecedentes que lhe forem solicitados, a autoridade policial não poderá mencionar quaisquer anotações referentes à instauração de inquérito contra os requerentes. O sigilo, todavia, não se estende ao Ministério Público e ao Poder Judiciário, que podem acompanhar a investigação criminal. O Estatuto da Ordem dos Advogados do Brasil permite que o advogado do indiciado tenha acesso ao inquérito policial, podendo manusear, consultar os autos, salvo em caso de decretação de segredo de justiça, ato que desautoriza o

acompanhamento dos atos procedimentais pelo advogado (art. 7º, XIV, da Lei n. 8.906/94).

i) Discricionariedade: a autoridade policial tem liberdade de agir no procedimento investigatório, dentro dos limites da lei.

j) Oficialidade: o inquérito é feito pela Polícia, órgão oficial, pertencente ao Estado.

k) Autoritariedade: o inquérito policial é presidido por uma autoridade pública – o Delegado de Polícia.

l) Valor probatório relativo: os elementos de informação colhidos no inquérito policial podem ser elementos de convicção judicial, desde que sejam confirmados em juízo.

m) Vícios: vícios existentes no inquérito policial não afetam a ação penal nem o próprio inquérito. Eventuais irregularidades podem diminuir o valor do inquérito. Não há nulidades processuais em inquérito. Se a irregularidade for muito séria e o indiciado estiver preso, há ilegalidade da prisão, devendo ser relaxada.

n) Temporariedade: o inquérito policial tem prazo de duração:

réu preso (flagrante ou preventiva): prazo de 10 (dez) dias, contado a partir do dia em que se executar a ordem de prisão. Ao inquérito não concluído dentro do prazo legal e estando o réu preso, cabe habeas corpus, nos termos do art. 648, II, do CPP;

réu solto (com ou sem fiança): no prazo de 30 (trinta) dias. Caso o inquérito não seja concluído dentro do prazo legal, o juiz pode solicitar a sua dilação, nos termos do art. 10, § 3º, do CPP;

crimes contra a economia popular: 10 (dez) dias, esteja o indiciado preso ou solto (art. 10, § 1º, da Lei n. 1.521/51);

crimes de tóxicos: se o indiciado estiver preso, o inquérito policial será concluído no prazo de 30 (trinta) dias; se o indiciado estiver solto, o inquérito policial será concluído no prazo de 90 (noventa) dias, nos termos do art. 51 da Lei n. 11.343/2006. Tais prazos podem ser duplicados pelo juiz, ouvido o Ministério Público, mediante pedido justificado de autoridade de polícia judiciária;

crime de Justiça Federal: 15 dias, prorrogáveis por mais 15 dias, na Justiça Federal (art. 66 da Lei n. 5.010/66).

o) Incomunicabilidade do indiciado:

motivo: será permitida quando houver exigência por interesse da sociedade ou conveniência da investigação;

forma: dependerá sempre de despacho judicial fundamentado nos autos;

prazo: não excederá de três dias;

iniciativa: requerimento da autoridade policial, ou do órgão do Ministério Público;

não admissibilidade (corrente doutrinária): há posição doutrinária que sustenta a revogação da incomunicabilidade, em razão do art. 136, § 3º, IV, da CF. Dessa forma, caso seja decretada a incomunicabilidade do preso, é cabível mandado de segurança;

advogado: o advogado, pelo Estatuto da Ordem, tem o direito de entrar em contato com o seu cliente.

Na fase investigatória, a OAB pode exigir do candidato a feitura de três peças relacionadas ao início da investigação:

requerimento para instauração de inquérito policial, quando for crime de ação penal privada;

requerimento para instauração de inquérito policial, quando for crime de ação penal pública incondicionada;

representação para instauração de inquérito policial, quando for crime de ação penal pública condicionada à representação.

Procedimento geral do processo criminal

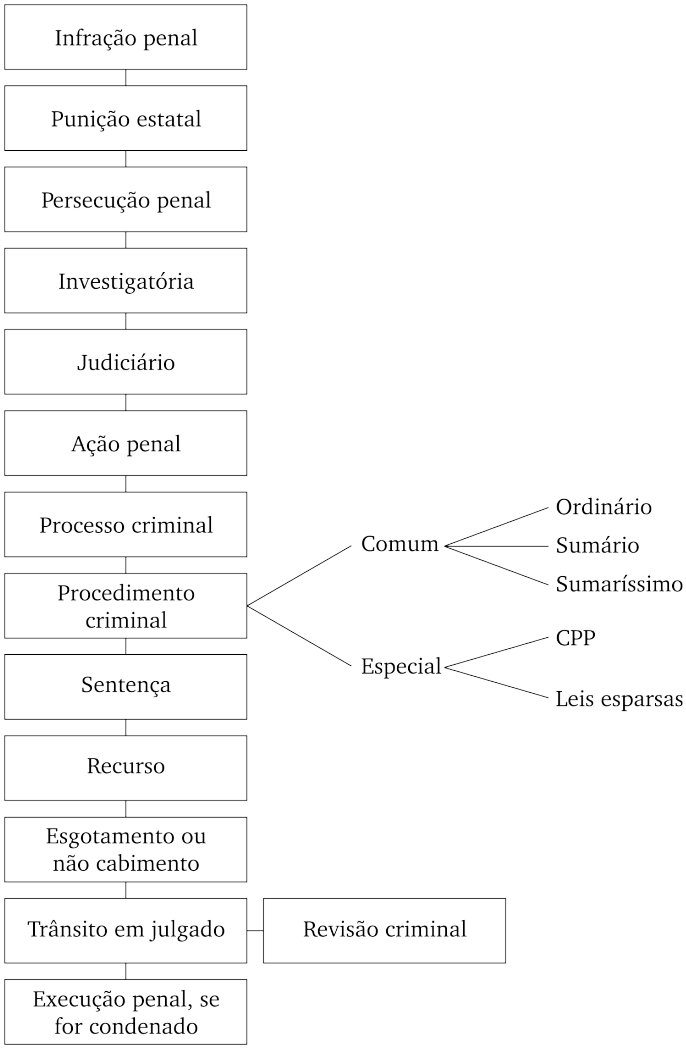

Investigação criminal

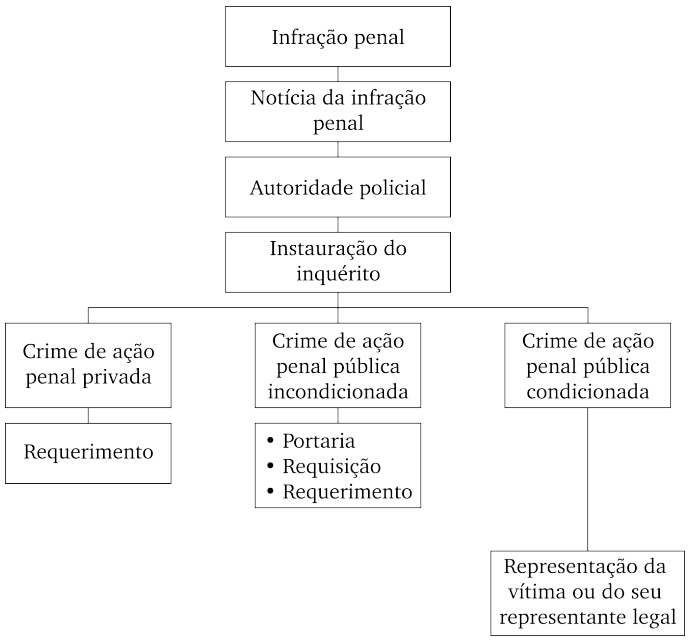

6 Representação

1. Cabimento: ação penal pública condicionada à representação. Tal ação é identificada quando aparecer na legislação a expressão "somente se procede mediante representação da vítima ou do seu representante legal".

2. Prazo: em regra, são seis meses, a contar da ciência do dia em que o titular do direito de representação veio a saber quem é o autor do crime (CP, art. 103 e CPP, art. 38); trata-se de um prazo de natureza decadencial, penal e improrrogável.

3. Competência: pode ser endereçada ao juiz, Delegado ou Promotor, nos termos do art. 39 do Código de Processo Penal.

3.1 Delegado: se for competente instaura o inquérito; se não for, remete para o competente.

3.2 Ministério Público: se tiver elementos suficientes para a propositura da ação penal, oferece denúncia; se não tiver elementos, remete para a autoridade policial.

3.3 Juiz: remete para a autoridade policial.

4. Procedimento da representação: se uma pessoa for vítima de crime de ação penal pública condicionada à representação, deverá dirigir-se à autoridade competente, que pode ser o Delegado, o Ministério Público ou o

Judiciário.

Ao chegar à Delegacia, a vítima deve expor a ocorrência criminal; caso o Delegado de polícia ou escrivão se recuse a elaborar o boletim de ocorrência, é preciso comunicar à Corregedoria da Polícia, que tomará as providências cabíveis. No BO, é necessário constar a informação a respeito do prazo que a vítima tem para fazer a representação criminal, que é uma confirmação de que o ofendido deseja ver a pessoa que cometeu o crime processada.

Se a vítima procura diretamente o Ministério Público ou o juiz, duas situações podem ocorrer: determina que o ofendido volte à delegacia de polícia para fazer o boletim de ocorrência, dali em diante sob sua supervisão e orientação, ou determina a abertura do inquérito policial, se procurado pelo ofendido.

5. Forma: não tem rigor formal; pode ser escrita ou verbal; basta que haja manifestação não duvidosa da vontade da vítima, ou do seu representante legal, em querer a responsabilização criminal do infrator, através da apuração da autoria e materialidade do crime.

6. Requisitos: nome do ofendido, nome do ofensor e menção do fato criminoso; se há vestígios, juntar laudo; rol de testemunhas; autoria.

7. Finalidade: comunicar infração penal e pedir providências para o Estado apurar a ocorrência e punir o respectivo infrator.

8. Retratação: é o cancelamento da representação (autorização para agir) ao Ministério Público. Após o oferecimento da denúncia, a representação torna-se irretratável; é possível retratação da retratação, desde que seja feita no prazo decadencial. É possível renúncia ao direito de representação quando houver a composição dos danos civis homologada pelo Juiz

mediante sentença irrecorrível, nos termos do art. 74, parágrafo único, da Lei n. 9.099/95.

9. Retratação tácita: é a reconciliação da vítima com o infrator da lei penal. Há discussão doutrinária a respeito da sua admissibilidade, existindo dois posicionamentos: (a) é permitida, pois a vítima demonstra não mais ter interesse na punição; (b) não é permitida, pois falta previsão legal.

10. Fundamento: a necessidade da representação fundamenta-se no princípio da oportunidade, ou seja, no interesse da vítima de decidir processar o criminoso ou não, de acordo com sua vontade.

11. Legitimidade ativa: ofendido ou representante legal; pode ser feita por procurador (não precisa ser advogado), desde que seja maior de 18 anos e tenha poderes especiais. No caso de morte ou ausência, o direito passará para o cônjuge, ascendente, descendente e irmão. O representante legal é o responsável (pai, tutor, curador, parentes em geral). Se houver divergência entre os pais, a solução cabe ao juiz, em face do princípio da igualdade jurídica dos pais.

11.1 Ofendido menor de 18 anos: representante legal.
11.2 Ofendido menor de 21 anos e maior de 18 anos: ofendido.
11.3 Ofendido sem representante legal: curador especial nomeado pelo juiz.
11.4 Ofendido enfermo mental: representante legal.
11.5 Ofendido com interesses colidentes com o do representante: curador especial nomeado pelo juiz.
11.6 Mulher casada: pode exercer o direito de representação sem o consentimento do marido, em razão do princípio constitucional da igualdade jurídica entre os cônjuges.

12. Terminologia: delatio criminis postulatória.

13. Natureza da representação: condição de procedibilidade (autorização para agir) e instituto híbrido, pois regulado no direito processual penal e no direito penal. Há quem sustente ser condição objetiva de punibilidade, como elemento essencial do crime.

14. Caráter: a representação não vincula o Ministério Público na decisão

de oferecimento da denúncia, de forma que: (a) se estiverem presentes os indícios de autoria e materialidade do crime, o MP é obrigado a oferecer a denúncia; (b) se não estiverem presentes os indícios, o MP pode promover o arquivamento.

15. Efeito extensivo: se a representação for feita contra um infrator e no decorrer das investigações forem descobertos indícios de participação de outros infratores, não será necessária nova representação para inclusão destes outros, pois a representação original é estendida para todo o fato criminoso.

16. Falta de representação: impede a instauração do Inquérito Policial e da ação penal pelo Ministério Público. É causa de nulidade no processo, mas pode ser suprida a todo tempo, antes da sentença final (art. 564, III, a).

17. Oferecimento da ação penal sem representação: haverá ilegitimidade de parte.

18. Não oferecimento da representação no prazo legal: ocorrerá decadência, ou seja, extinção de punibilidade nos termos do art. 107, inciso VI, do CP c/c o art. 38 do CPP.

19. Conteúdo da representação: informações sobre indícios de autoria e materialidade do crime, nos termos do art. 39, § 2º.

20. Código Eleitoral: não é possível ação penal pública condicionada à representação do ofendido nas infrações penais definidas no Código Eleitoral, em virtude do interesse público que envolve a matéria eleitoral.

21. Crimes contra a dignidade sexual: a ação penal é pública condicionada à representação nos crimes sexuais contra vulnerável e nos crimes contra a liberdade sexual. Procede-se, entretanto, mediante ação penal pública incondicionada se a vítima é menor de 18 (dezoito) anos ou

pessoa vulnerável, nos termos da Lei n. 12.015/2009.

22. Crimes contra a honra: só será necessária representação da vítima ou do seu representante legal quando o crime for cometido contra funcionário público, em razão de suas funções. Cabe ressaltar que existe a possibilidade de a vítima optar por requerimento, próprio da ação penal privada, nos termos da Súmula 714: "É concorrente a legitimidade do ofendido, mediante queixa, e do Ministério Público, condicionada à representação do ofendido, para a ação penal por crime contra a honra de servidor público em razão do exercício de suas funções."

23. Lei n. 9.099/95: será ação penal pública condicionada à representação do ofendido nos crimes de lesões corporais leves e lesões corporais culposas, nos termos do art. 88 da Lei n. 9.099/95.

24. Estrutura da peça prática: a peça prática da representação tem as seguintes partes: (a) Endereçamento; (b) Preâmbulo: nome e qualificação do representante (quem pede a investigação); capacidade postulatória (não é necessária, mas como na OAB o exame é para advogado, o candidato deve assumir a posição de procurador da parte), fundamento legal (artigo da lei sobre a peça), nome da peça, nome e qualificação do representado (suposto infrator) e frase final; (c) Corpo: fatos e direito; (d) Pedido; (e) Parte Final.

25. Termos: na peça prática da representação, usar, para o autor, representante, e para o suposto infrator, representado.

Esquema:

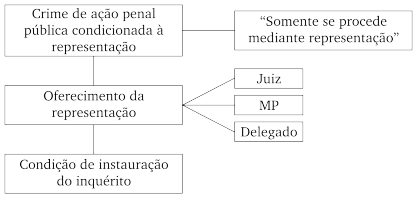

MODELO DE REPRESENTAÇÃO

I. ENDEREÇAMENTO: conforme o art. 39 do Código de Processo Penal, podemos ter as seguintes hipóteses:

a) Delegado de Polícia

ILUSTRÍSSIMO SENHOR DOUTOR DELEGADO DE POLÍCIA FEDERAL TITULAR DO ____ DISTRITO POLICIAL DA _____ (se for federal)

ILUSTRÍSSIMO SENHOR DOUTOR DELEGADO DE POLÍCIA CIVIL TITULAR DO ____ DISTRITO POLICIAL DA _____ (se for estadual)

b) Juiz

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA ____ VARA CRIMINAL DA COMARCA _____ (crimes não dolosos contra a vida e matéria estadual)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ FEDERAL DA ____ VARA CRIMINAL DA SEÇÃO JUDICIÁRIA DE _____ (crimes não dolosos contra a vida e matéria federal)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA ____ VARA DO JÚRI DA COMARCA DE _____ (crimes dolosos contra a vida e matéria estadual)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ FEDERAL DA ____ VARA DO JÚRI DA SEÇÃO JUDICIÁRIA DE _____ (crimes dolosos contra a vida e matéria federal)

c) Ministério Público

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR PROMOTOR DE JUSTIÇA DA ____ PROMOTORIA CRIMINAL DA _____ (se for estadual)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR PROCURADOR DA REPÚBLICA DA ____ PROCURADORIA CRIMINAL DA _____ (se for federal)

(10 linhas)

_____ (nome), _____ (nacionalidade), _____ (estado civil), _____ (profissão), residente e domiciliado _____ (endereço), vem, por seu advogado infra-assinado (documento n. 1), à presença de Vossa _____ (Delegado: Senhoria; Promotor, Procurador ou Juiz: Excelência), com fundamento no artigo 5º, § 4º, combinado com o artigo 39, ambos do Código de Processo Penal, oferecer REPRESENTAÇÃO em face de _____ (nome), _____ (nacionalidade), _____ (estado civil), _____ (profissão), residente e domiciliado _____ (endereço), pelos motivos de fato e de direito a seguir aduzidos:

(2 linhas)

DOS FATOS

* narrar o fato criminoso, com todas as circunstâncias, sem inventar dados ou copiar o problema. Seguir roteiro de questões: (a) Quando – tempo do fato – no dia tal, mês tal, ano tal, por volta das _____ horas; (b) Sujeito Ativo – quem pratica a conduta criminosa – Fulano de tal; (c) Lugar do crime; (d) Motivo do crime; (e) Comportamento criminoso; (f) Maneira pelo qual o crime foi praticado; (g) Mal produzido com a conduta criminosa. Se houver concurso de pessoas: especificar a conduta de cada coautor ou partícipe.

(2 linhas)

DO DIREITO

* Comprovar a ocorrência do crime e sua respectiva autoria, com adaptação ao fato típico realizado no mundo real. Demonstrar a ocorrência da infração, através de explicação dos seus requisitos (tipo objetivo, tipo subjetivo, consumação e outros). Não esquecer de relacionar os requisitos do tipo penal com o fato concreto.

(2 linhas)

DO PEDIDO

Diante do exposto, praticou o representado o crime _____, previsto no artigo _____, que é de ação penal pública condicionada, razão pela qual é oferecida a presente representação, a fim de que possa ser instaurado o inquérito policial e, posteriormente, oferecida a denúncia pelo Ministério Público, promovendo-se, assim, a persecução penal contra o representado.

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ___ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

CASO PRÁTICO

José e Antonio, que trabalhavam no mesmo escritório de contabilidade em São Paulo, não mais conversam nem se cumprimentam em razão de vários fatos que se sucederam: no dia 28.6.14, José ameaçou Antonio no sentido de que não hesitaria em tirar-lhe a vida. As ofensas e ameaças foram feitas na presença de várias testemunhas. Na condição de advogado de Antonio, elaborar a peça cabível.

EXEMPLO PRÁTICO DE REPRESENTAÇÃO

1. Rascunho da peça

a) infração penal: crime de ameaça, previsto no art. 147 do Código Penal;

b) ação penal: pública condicionada à representação;

c) pena concreta: não tem;

d) pena abstrata: detenção de um a seis meses ou multa;

e) rito processual: rito sumaríssimo, pois a pena máxima em abstrato é inferior a dois anos;

f) momento processual: na fase investigatória e antes da propositura da ação penal;

g) cliente: Antonio;

h) situação prisional: solto;

i) tese: comprovar a adequação típica dos fatos com o crime de ameaça;

j) peça: representação para instauração de inquérito policial;

k) competência: Ministério Público ou juiz ou delegado;

l) pedido: instauração do inquérito policial.

2. Peça prática

ILUSTRÍSSIMO SENHOR DOUTOR DELEGADO DE POLÍCIA TITULAR DO ___ DISTRITO POLICIAL DE SÃO PAULO

(10 linhas)

Antonio, (nacionalidade), (estado civil), (profissão), residente e domiciliado _____ (endereço), vem, por seu advogado infra-assinado (documento n. 1), à presença de Vossa Senhoria, com fundamento no artigo 5º, § 4º, combinado com o artigo 39, ambos do Código de Processo Penal, oferecer REPRESENTAÇÃO em face de José, (nacionalidade), (estado civil), (profissão), residente e domiciliado _____ (endereço), pelos motivos de fato e de direito a seguir aduzidos:

(2 linhas)

DOS FATOS

No dia 28 de junho de 2014, por volta das ___ horas, no escritório de contabilidade em São Paulo, José ofendeu Antonio, além de ameaçá-lo de morte, na presença de várias testemunhas.

(2 linhas)

DO DIREITO

No caso em tela, pode-se afirmar que ocorreu o crime de ameaça, já que estão presentes todos os elementos necessários para concretização do tipo penal, previsto no art. 147 do Código Penal.

José intimidou Antonio, prometendo-lhe um mal injusto e grave consistente num dano físico, qual seja, a morte.

A ameaça foi direta e explícita, já que a promessa do malefício foi dirigida à vítima na presença de várias testemunhas.

A ameaça de morte futura feita por José representou uma intimidação grave e séria, capaz de influir na tranquilidade psíquica da vítima Antonio, razão pela qual não mais conversou ou cumprimentou José.

A ameaça feita por José representou um mal injusto, pois constitui em si um ato criminoso (homicídio), com idoneidade suficiente para intimidar Antonio.

Cabe ressalvar que o crime de ameaça se consumou no momento em que Antonio tomou conhecimento da ameaça, ou seja, no dia 28 de março de 2011.

Dessa forma, presentes os requisitos necessários para configuração do crime de ameaça, requer a apuração do referido ilícito penal e da respectiva autoria de José.

(2 linhas)

DO PEDIDO

Diante do exposto, praticou o representado o crime de ameaça, previsto no art. 147 do Código Penal, que é de ação penal pública condicionada, razão pela qual é oferecida a presente representação, a fim de que possa ser instaurado o inquérito policial e posteriormente oferecida a denúncia pelo Ministério Público, promovendo-se, assim, a persecução penal contra o representado.

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

7 Requerimento

1. Cabimento: ação penal privada ou pública incondicionada.

2. Prazo:

2.1 Ação Penal Privada: em regra, são seis meses, a contar do dia em que o titular do direito da queixa veio a saber quem é o autor do crime (CP, art. 103 e CPP, art. 38) ; é prazo decadencial

e penal.

2.2 Ação Penal Pública: não tem prazo.

3. Competência: Delegado de Polícia.

4. Forma: não tem rigor formal; pode ser escrita ou verbal.

5. Requisitos: indícios de autoria e materialidade do crime; individualização do indiciado ou seus sinais característicos; narração do fato e nomeação de testemunhas, nos termos do art. 5º, § 2º, do CPP.

6. Finalidade: comunicar infração penal e pedir providências para o Estado apurar a ocorrência e punir o respectivo infrator.

7. Legitimidade Ativa:

7.1 Ação Penal Privada: ofendido ou representante legal, mulher casada não depende de outorga marital. No caso de morte ou ausência, o direito passará ao cônjuge, ascendente, descendente e irmão.

7.2 Ação Penal Pública: qualquer do povo ou vítima.

8. Indeferimento: a autoridade policial indefere quando não houver justa causa para o inquérito, devendo fundamentar sua decisão.

O jurista Hélio Bastos Tornaghi enumera em sua obra Instituições de processo penal quatro causas justificadoras do indeferimento do requerimento: "1º Quando o fato narrado não for típico; 2º Quando, manifestamente, já estiver extinta a punibilidade; 3º Quando a autoridade não for competente; e 4º Quando a petição não ministrar nenhum elemento" (2. ed., São Paulo, Saraiva, 1977, v. 2, p. 261).

Já o Prof. Fernando da Costa Tourinho Filho arrola os seguintes motivos ensejadores do indeferimento dos requerimentos formulados: (a) se já estiver extinta a punibilidade; (b) se o requerimento não fornecer o mínimo indispensável para se proceder à investigação; (c) se a autoridade a quem foi dirigido o requerimento não for a competente (lato sensu); (d) se o fato narrado for atípico; e (e) se o requerente for incapaz.

8.1 Ação Penal Pública: recurso ao Chefe de Polícia, nos termos do art. 5º, § 2º, do Código de

Processo Penal.

8.2 Ação Penal Privada: aplicação analógica do art. 5º, § 2º, do Código de Processo Penal, com recurso ao Chefe da Polícia.

Diante do indeferimento, pode o ofendido, em vez de utilizar recurso administrativo, requerer a instauração do inquérito ao MP, que, se for o caso, requisitará a abertura do procedimento.

9. Instauração do inquérito policial sem o requerimento: a parte inconformada com a instauração poderá pleitear, em juízo, o que for de direito. O meio judicial varia conforme a pessoa envolvida na infração, de forma que cabe ao indiciado o habeas corpus e ao ofendido o mandado de segurança.

10. Deferimento do requerimento: a autoridade policial, ao receber o requerimento, determinará a instauração do inquérito policial. Não se baixa portaria e o requerimento passa a ser a peça inicial do inquérito.

11. Estrutura da peça prática: a peça prática do requerimento tem as seguintes partes: (a) Endereçamento; (b) Preâmbulo: nome e qualificação do requerente (quem pede a investigação); capacidade postulatória (não é necessária, mas como na OAB o exame é para advogado, o candidato deve assumir a posição de procurador da parte), fundamento legal (artigo da lei sobre a peça), nome da peça, nome e qualificação do requerido (suposto infrator) e frase final; (c) Corpo: fatos e direito; (d) Pedido; (e) Parte Final.

12. Termos: na peça prática do requerimento usar, para o autor, requerente, e para o suposto infrator, requerido.

Esquemas:

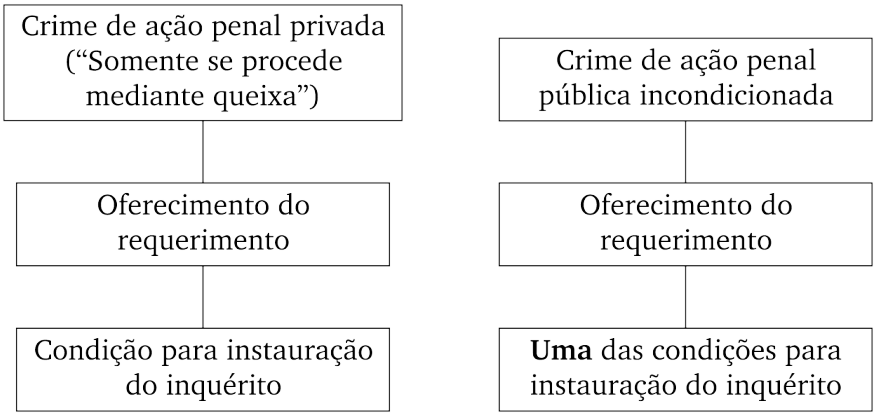

MODELO DE REQUERIMENTO

ILUSTRÍSSIMO SENHOR DOUTOR DELEGADO DE POLÍCIA TITULAR DO __ DISTRITO POLICIAL DA _____

(10 linhas)

_____ (nome), _____ (nacionalidade), _____ (estado civil), _____ (profissão), residente e domiciliado _____ (endereço), vem, por seu advogado infra-assinado (documento n. 1), à presença de Vossa Senhoria, com fundamento no artigo 5º, § 1º (crime de ação pública), ou 5º, § 5º (crime de ação privada), do Código de Processo Penal, oferecer REQUERIMENTO DE INSTAURAÇÃO DE INQUÉRITO POLICIAL em face de _____ (nome), _____ (nacionalidade), _____ (estado civil), _____ (profissão), residente e domiciliado _____ (endereço), pelos motivos de fato e de direito a seguir aduzidos:

(2 linhas)

DOS FATOS

* Narrar o fato criminoso, com todas as circunstâncias, sem inventar dados ou copiar o problema. Seguir roteiro de questões: (a) Quando – tempo do fato – No dia tal, mês tal, ano tal, por volta das ____ horas; (b) Sujeito Ativo – quem pratica a conduta criminosa – Fulano de tal; (c) Lugar do crime; (d) Motivo do crime; (e) Comportamento criminoso; (f) Maneira pela qual o crime foi praticado; (g) Mal produzido com a conduta criminosa. Se houver concurso de pessoas: especificar a conduta de cada coautor ou partícipe.

(2 linhas)

DO DIREITO

* Comprovar a ocorrência do crime e sua respectiva autoria, com adaptação ao fato típico realizado no mundo real. Demonstrar a ocorrência da infração, através de explicação dos seus requisitos (tipo objetivo, tipo subjetivo, consumação e outros). Não esquecer de relacionar os requisitos do tipo penal com o fato concreto.

(2 linhas)

DO PEDIDO

Diante do exposto, praticou o requerido o crime _____, previsto no artigo _____ que é de ação penal _____ (pública ou privada), razão pela qual é oferecido o presente requerimento, a fim de que possa ser instaurado o inquérito policial e posteriormente oferecida _____ (denúncia ou queixa), promovendo-se, assim, a persecução penal contra o requerido.

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

CASO PRÁTICO

Donaldo, Presidente do Sindicato Patronal, teve sua honra aviltada por Antonio, Benedito e Pedro, seus oponentes políticos. Estes passaram circular aos associados do sindicato dizendo, entre outras coisas, que ele era desonesto e salafrário. Como advogado de Donaldo, apresentar a peça apropriada.

* No caso prático, pode ser usada a Queixa-crime ou o Requerimento; na prova da OAB, na dúvida, optar por Queixa-crime, peça de advogado. Porém, usaremos o caso acima para treinar a peça do requerimento.

EXEMPLO PRÁTICO DE REQUERIMENTO

1. Rascunho da peça

a) infração penal: crime de injúria, previsto no art. 140 do Código Penal;

b) ação penal: privada, nos termos do art. 145 do Código Penal;

c) pena concreta: não tem;

d) pena abstrata: detenção de 1 a 6 meses ou multa;

e) rito processual: sumaríssimo, já que a pena máxima em abstrato é menor de dois anos;

f) momento processual: não tem; há apenas a narração fática de um crime;

g) cliente: Donaldo;

h) situação prisional: solto;

i) tese: comprovação da materialidade e da autoria da infração penal;

j) peça: requerimento;

k) competência: Delegado de Polícia titular;

l) pedido: instauração do inquérito policial e, posteriormente, oferecimento da queixa-crime, promovendo-se, assim, a persecução penal contra o representado.

2. Peça prática

ILUSTRÍSSIMO SENHOR DOUTOR DELEGADO DE POLÍCIA TITULAR DO __ DISTRITO POLICIAL DA _____

(10 linhas)

Donaldo, (nacionalidade), (estado civil), Presidente do Sindicato Patronal, residente e domiciliado _____ (endereço), vem, por seu advogado infra-assinado (documento n. 1), à presença de Vossa Excelência, com fundamento no artigo 5º, § 5º, do Código de Processo Penal, oferecer REQUERIMENTO DE INSTAURAÇÃO DE INQUÉRITO POLICIAL em face de Antonio, _____ (nacionalidade), _____ (estado civil), _____ (profissão), residente e domiciliado _____ (endereço), pelos motivos de fato e de direito a seguir aduzidos:

(2 linhas)

DOS FATOS

No dia tal, mês tal, ano tal, por volta das ____ horas, Antonio ofendeu a honra de Donaldo, Presidente do Sindicato Patronal, mediante transmissão de circular aos associados do sindicato, contendo expressões injuriosas ("desonesto" e "salafrário").

(2 linhas)

DO DIREITO

No caso em tela, Antonio, ora requerido, ofendeu a honra subjetiva de Donaldo, ora requerente, atingindo os seus atributos morais e sociais, imputando-lhe qualidades negativas, através de escritos com expressões ofensivas: "desonesto" e "salafrário".

A ofensa foi imediata, pois as expressões ultrajantes foram proferidas de maneira direta e explícita pelo agente, com manifestação inequívoca do propósito de ofender a dignidade ou decoro de Donaldo.

Cabe ressalvar que o crime de injúria se consumou no momento em que Donaldo tomou conhecimento dos insultos feitos nas circulares transmitidas por Antonio aos associados do Sindicato.

Dessa forma, presentes os requisitos necessários para configuração do crime de injúria, requer a apuração do referido ilícito penal e da respectiva autoria de Antonio.

(2 linhas)

DO PEDIDO

Diante do exposto, praticou o requerido o crime de injúria, previsto no art. 140 do Código Penal, que é de ação penal privada, razão pela qual é oferecido o presente requerimento, a fim de que possa ser instaurado o inquérito policial e posteriormente oferecida queixa, promovendo-se, assim, a persecução penal contra o requerido.

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

8 Relaxamento de prisão em flagrante

1. Finalidade: libertar pessoa com prisão ilegal. Conforme o art. 5º, LXV, da CF, a prisão ilegal será imediatamente relaxada pela autoridade judiciária.

2. Prisão ilegal: casos não taxativos, como fato atípico, excesso de prazo, falta de formalidade do auto de prisão em flagrante, não situação de flagrante.

3. Procedimento da prisão em flagrante:

3.1 Apresentação do preso à autoridade competente: a autoridade competente para elaborar o auto de prisão é a do local da prisão; se não houver, será apresentado no lugar mais próximo.

3.2 Lavratura do auto de prisão em flagrante: o delegado não é obrigado a lavrar o auto. O prazo máximo para lavratura do auto é de 24 horas, prazo para entregar ao preso nota de culpa. Da lavratura do auto de prisão em flagrante deverá constar a informação sobre a existência de filhos, respectivas idades e se possuem alguma deficiência e o nome e o contato de eventual responsável pelos cuidados dos filhos, indicado pela pessoa presa.

3.3 Comunicação da prisão: a prisão deve ser comunicada à família do preso ou à pessoa por ele indicada; quando for advogado que tiver sido preso em flagrante, observar o art. 7º, inciso IV, da Lei n. 8.906/94.

3.4 Oitiva do condutor: não precisa ter presenciado a infração ou a prisão. Nos termos do art. 304 do CPP, apresentado o preso à autoridade competente, ouvirá esta o condutor e colherá, desde logo, sua assinatura, entregando a este cópia do termo e recibo de entrega do preso.

3.5 Oitiva das testemunhas: mínimo duas; se não tiver, podem ser as que presenciaram a apresentação do preso à autoridade; será lavrado termo de depoimento.

Conforme o art. 304, § 2º, a falta de testemunhas da infração não impedirá o auto de prisão em flagrante; mas, nesse caso, com o condutor, deverão assiná-lo pelo menos duas pessoas que hajam presenciado a apresentação do preso à autoridade.

Após a oitiva do condutor e a entrega do recibo, a autoridade competente, nos termos do art. 304 do CPP, procederá à oitiva das testemunhas que o acompanharem e ao interrogatório do acusado sobre a imputação que lhe é feita, colhendo, após cada oitiva, suas respectivas assinaturas, lavrando, a autoridade, afinal, o auto.

3.6 Interrogatório do infrator: se não puder ser interrogado, poderá ser em momento posterior no inquérito. Será lavrado termo de interrogatório.

3.7 Oitiva da vítima: será lavrado termo de depoimento.

3.8 Lavratura pelo escrivão: pode ser escrevente ou pessoa designada pela autoridade, desde que preste o compromisso legal.

O auto de prisão em flagrante deixa de ser sequencial e passa a ser descontínuo.

3.9 Assinatura: ofendido, testemunhas, preso, curador ou defensor, autoridade e condutor; se o acusado se recusar a assinar, não souber ou não puder fazê-lo, o auto de prisão em flagrante será assinado por duas testemunhas, que tenham ouvido sua leitura na presença deste, nos termos do art. 304, § 3º, do CPP.

3.10 Comunicação ao juiz e ao Ministério Público: a comunicação imediata ao Juízo Criminal da prisão em flagrante delito é exigência constitucional, conforme o art. 5º, inciso LXII, da Constituição Federal: "a prisão de qualquer pessoa e o local onde se encontre serão comunicados imediatamente ao juiz competente e à família do preso ou à pessoa por ele indicada".

3.11 Entrega da nota de culpa em 24 horas: recibo da prisão, contendo o motivo da prisão, o nome do condutor e as testemunhas; a omissão do ato implica relaxamento da prisão.

4. Participação da Defensoria Pública na prisão em flagrante: a Lei n. 12.403/2011 modificou a redação do § 1º do art. 306 do Código de Processo Penal, que passa a vigorar com a seguinte redação: "§ 1º Em até 24 (vinte e quatro) horas após a realização da prisão, será encaminhado ao juiz

competente o auto de prisão em flagrante e, caso o autuado não informe o nome de seu advogado, cópia integral para a Defensoria Pública".

Quando a pessoa que foi presa em flagrante não tiver advogado, sua prisão deve ser comunicada à Defensoria Pública num prazo máximo de 24 horas para que o órgão designe um defensor para acompanhar o caso.

Até então o preso sem condições de contratar um advogado só tinha contato com o Defensor Público na audiência. Com a nova lei, a Defensoria poderá atuar imediatamente no caso.

No prazo de 24 horas, será entregue ao preso, mediante recibo, a nota de culpa, assinada pela autoridade, com o motivo da prisão, o nome do condutor e o das testemunhas, nos termos do art. 306, § 2º.

5. Providências posteriores ao Auto de Prisão em Flagrante. São:

a) expedição de nota de culpa: em até 24 horas após a realização da prisão, será entregue ao preso, mediante recibo, a nota de culpa, assinada pela autoridade, com o motivo da prisão, o nome do condutor e o das testemunhas;

b) recolhimento do conduzido à prisão ou soltura: resultando das respostas fundada suspeita contra o conduzido, a autoridade mandará recolhê-lo à prisão, exceto no caso de livrar-se solto ou de prestar fiança, e prosseguirá nos atos do inquérito ou processo, se para isso for competente; se não o for, enviará os autos à autoridade que o seja. Se o réu se livrar solto, deverá ser posto em liberdade, depois de lavrado o auto de prisão em flagrante;

c) comunicação da prisão ao Judiciário (art. 5º, LXII, da CF).

6. Prisão em flagrante e autuação em flagrante: não confundir prisão em flagrante com autuação em flagrante: a prisão é o ato administrativo de

privar alguém da sua liberdade de locomoção; possui caráter material; autuação é o registro escrito da prisão em flagrante e de suas ocorrências; possui caráter formal.

7. Espécies de flagrante

próprio/real/propriamente dito: está ou acaba de cometer;

impróprio/quase flagrante: perseguido, logo após;

presumido/ficto: encontrado, logo depois;

obrigatório: autoridade policial;

facultativo: qualquer do povo;

preparado (Súmula 145 do STF): indução na prática do crime;

esperado: aguarda a prática do crime;

retardado: art. 8º da Lei n. 12.850/2013;

forjado/fabricado: criação de provas de crime inexistente;

crime permanente: flagrante perdura enquanto durar a permanência;

crime de ação penal privada: cabível, porém para lavrar o auto precisa da autorização da vítima ou representante legal;

crime de ação penal pública condicionada: cabível, porém para lavrar o auto precisa da representação da vítima ou do seu representante legal ou de requisição do Ministro da Justiça.

8. Imunidade ao flagrante: menores de 18 anos (ECA), diplomatas estrangeiros, em decorrência de tratado ou convenção internacional (art. 1º, inciso I, do CPP), Presidente da República (art. 86, § 3º, da CF), apresentação espontânea (art. 317, a contrario sensu, do CPP) e quem socorre vítima de delito de trânsito (art. 301 da Lei n. 9.503/97).

9. Flagrante por crime inafiançável: senador, deputado federal, deputado estadual, deputado distrital, magistrado, membro do Ministério Público e advogado no exercício da profissão.

10. Características da prisão em flagrante: (a) ato administrativo; (b) dispensa ordem judicial; (c) espécie de prisão processual, já que ocorre antes do trânsito em julgado; (d) não ofende presunção de inocência, nos

termos do art. 5º, LXII, da Constituição Federal c/c a Súmula 9 do STJ; (e) abrange crime ou contravenção.

11. Fundamento: conforme observa Mirabete[2]: "é um sistema de autodefesa da sociedade, derivada da necessidade social de fazer cessar a prática criminosa e a perturbação da ordem, tendo também o sentido de salutar providência acautelatória da prova da materialidade do fato e da respectiva autoria".

12. Apresentação espontânea: a autoridade não poderá efetuar prisão em flagrante: deverá mandar lavrar o auto de apresentação, ouvi-lo-á e representará ao juiz quanto à necessidade de decretar a custódia preventiva. Inexiste prisão por apresentação. Agente não foi surpreendido em situação de flagrante nos termos do art. 302 do CPP. A finalidade primordial da prisão em flagrante é evitar a fuga do indiciado, o que não é necessário quando há apresentação espontânea.

13. Prisão em flagrante nas infrações penais de menor potencial ofensivo: é a captura e apresentação ao Delegado de Polícia. Conforme o parágrafo único do art. 69 da Lei n. 9.099/95, porém, apresentado o autor do fato, não será lavrado o auto de prisão em flagrante, mas apenas o termo circunstanciado de ocorrência e o termo de compromisso. No entanto, caso não assuma o compromisso de comparecer ao Juizado, o auto de prisão em flagrante será lavrado conforme o previsto no art. 304 do Código de Processo Penal.

14. Análise Judicial do Auto de Prisão em Flagrante: o juiz deve fundamentar sua decisão que pode ser: (a) pelo relaxamento da prisão ilegal; (b) de concessão de liberdade provisória, com ou sem fiança; (c) de conversão da "...prisão em flagrante em preventiva, quando presentes os requisitos constantes do art. 312 deste Código, e se revelarem inadequadas

ou insuficientes as medidas cautelares diversas da prisão" (art. 310, II, do CPP).

15. Prisão em flagrante nas infrações permanentes: nas infrações permanentes, como a consumação se prolonga no tempo, entende-se que o agente está em flagrante delito, enquanto não cessar a permanência.

16. Infração praticada na presença de autoridade: "Quando o fato for praticado em presença da autoridade, ou contra esta, no exercício de suas funções, constarão do auto a narração deste fato, a voz de prisão, as declarações que fizer o preso e os depoimentos das testemunhas, sendo tudo assinado pela autoridade, pelo preso e pelas testemunhas e remetido imediatamente ao juiz a quem couber tomar conhecimento do fato delituoso, se não o for a autoridade que houver presidido o auto" (art. 307 do CPP).

17. Estrutura da peça prática: a peça prática do relaxamento tem as seguintes partes: (a) Endereçamento; (b) Preâmbulo: nome e qualificação do requerente (pessoa presa em flagrante); capacidade postulatória, fundamento legal (artigo da lei sobre a peça), nome da peça e frase final; (c) Corpo: fatos e direito; (d) Pedido; (e) Parte Final.

18. Termos: na peça prática do relaxamento usar, para o autor do pedido (suposto infrator), requerente.

19. Descoberta do endereçamento: olhar a infração praticada e a matéria:

a) se for crime doloso contra a vida e matéria federal: Juiz Federal da Vara do Júri;

b) se for crime doloso contra a vida e matéria estadual: Juiz de Direito da Vara do Júri;

c) se for crime não doloso contra a vida, pena de reclusão, se for Capital e matéria estadual: Juiz de Direito do DIPO;

d) se for crime não doloso contra a vida, pena de detenção, se for Capital e matéria estadual: Juiz

de Direito da Vara Criminal;

e) se for crime não doloso contra a vida, pena de reclusão ou detenção, se for Capital e matéria federal: Juiz Federal da Vara Criminal;

f) se for crime não doloso contra a vida, pena de reclusão ou detenção, se for Interior e matéria estadual: Juiz de Direito da Vara Criminal;

g) se for crime não doloso contra a vida, pena de reclusão ou detenção, se for interior e matéria federal: Juiz Federal da Vara Criminal.

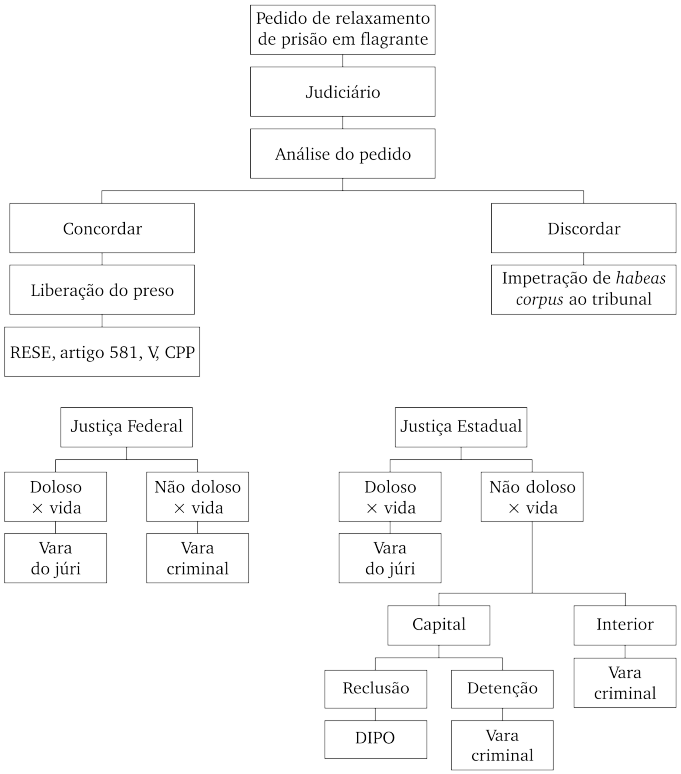

MODELO DE RELAXAMENTO DE PRISÃO EM FLAGRANTE

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA ___ VARA CRIMINAL DA COMARCA _____ (crimes não dolosos contra a vida e matéria estadual)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ FEDERAL DA ___ VARA CRIMINAL DA SEÇÃO JUDICIÁRIA DE _____ (crimes não dolosos contra a vida e matéria federal)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA ___ VARA DO JÚRI DA COMARCA DE _____(crimes dolosos contra a vida e matéria estadual)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ FEDERAL DA ___ VARA DO JÚRI DA SEÇÃO JUDICIÁRIA DE _____(crimes dolosos contra a vida e matéria federal)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ ___ DO DEPARTAMENTO DE INQUÉRITOS POLICIAIS – DIPO (crimes não dolosos × vida e apenados com reclusão – só na Capital e matéria estadual)

(10 linhas)

_____ (nome), _____ (nacionalidade), _____ (estado civil), _____ (profissão), residente e domiciliado _____ (endereço), vem, por seu advogado infra-assinado (documento n. 1), à presença de Vossa Excelência, com fundamento no artigo 5º, inciso LXV, da Constituição Federal combinado com os artigos 301 e seguintes do Código de Processo Penal, requerer o RELAXAMENTO DA PRISÃO EM FLAGRANTE, pelos motivos de fato e de direito a seguir aduzidos:

(2 linhas)

DOS FATOS

* Narrar o fato criminoso, com todas as circunstâncias, sem inventar dados ou copiar o problema. Seguir roteiro de questões: (a) Quando – tempo do fato – No dia tal, mês tal, ano tal, por volta das _____ horas; (b) Sujeito Ativo – quem pratica a conduta criminosa – Fulano de tal; (c) Lugar do crime; (d) Motivo do crime; (e) Comportamento criminoso; (f) Maneira pela qual o crime foi praticado; (g) Mal produzido com a conduta criminosa. Se houver concurso de pessoas: especificar a conduta de cada coautor ou partícipe.

* Narrar a prisão em flagrante, por exemplo:

No dia tal, mês tal, no lugar tal, ocorreu a prisão em flagrante de Fulano de tal, em razão da ocorrência da infração tal, conforme auto de prisão em flagrante a fls.

Ou

O requerente foi autuado em flagrante delito em _____ (data do flagrante), às ____ horas (horário do flagrante), e recolhido posteriormente ao _____ (número) Distrito Policial, pela prática do crime capitulado no artigo _____.

(2 linhas)

DO DIREITO

* Comprovar a ilegalidade da prisão em flagrante, por motivos como fato atípico, excesso de prazo, não observância de formalidade essencial ao auto de prisão em flagrante, não situação de flagrante e outras. Convencer o juiz de que a prisão em flagrante constitui um constrangimento ilegal. A prisão é ilegal quando: (a) contrariar a ordem jurídica; (b) for decretada de forma abusiva; (c) não observar os requisitos legais de sua decretação.

Exemplo:

A prisão em flagrante de Fulano de tal constitui constrangimento ilegal, pois _____ (motivo do constrangimento – apresentação espontânea, excesso de prazo, fato atípico, não observância de formalidade essencial na lavratura do auto de prisão em flagrante e outros).

No caso em tela, _____ (explicar o motivo do constrangimento).

* O candidato deve ressaltar a importância de cessar o constrangimento ilegal na liberdade de locomoção, podendo usar como fundamentação a Declaração Universal dos Direitos do Homem, em seus artigos IX – Ninguém será arbitrariamente preso, detido ou exilado, e XIII – Toda pessoa tem direito à liberdade de locomoção e residência dentro das fronteiras de cada Estado. Toda pessoa tem o direito de deixar qualquer país, inclusive o próprio, e a este regressar.

* A liberdade de locomoção é um direito fundamental da pessoa, que corresponde à sua liberdade física, sua liberdade corporal, que deve ser respeitada contra a prisão ilegal e em todos os casos em que a ilegalidade atinge a integridade física do indivíduo como direito inerente à sua personalidade.

Não resta dúvida de que houve cristalina violação à liberdade de locomoção, um dos direitos fundamentais do ser humano, amparado e protegido no Estado Democrático de Direito.

(2 linhas)

DO PEDIDO

Diante do exposto, vem requerer a Vossa Excelência o relaxamento da prisão em flagrante imposta ao requerente, a fim de que possa permanecer em liberdade durante o processo, com a expedição do alvará de soltura, como medida de inteira justiça.

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

CASO PRÁTICO

Em 28 de junho de 2014, por volta das 22 horas, Romualdo encontrava-se no interior de sua residência quando ouviu um barulho no quintal. Munido de um revólver, abriu a janela de sua casa e percebeu que uma pessoa, que não pôde identificar devido à escuridão, caminhava dentro dos limites de sua propriedade. Considerando tratar-se de um ladrão, desferiu três tiros que acabaram atingindo a vítima em região vital, causando sua morte. Ao sair do interior de sua residência, Romualdo constatou que havia matado um adolescente que lá havia entrado por motivos que fogem ao seu conhecimento. Imediatamente, Romualdo dirigiu-se à Delegacia de Polícia mais próxima, onde comunicou o ocorrido. O Delegado plantonista, após ouvir os fatos, prendeu-o em flagrante pelo crime de homicídio. Elaborar a medida cabível visando à libertação de Romualdo.

1. Rascunho da peça

a) infração penal: crime de homicídio, previsto no art. 121 do Código Penal;

b) ação penal: pública incondicionada;

c) pena concreta: não tem;

d) pena abstrata: reclusão de 6 a 20 anos;

e) rito processual: rito do júri;

f) momento processual: na fase investigatória e antes da propositura da ação penal;

g) cliente: Romualdo;

h) situação prisional: preso;

i) tese: comprovar a ilegalidade da prisão em flagrante;

j) peça: relaxamento de prisão em flagrante;

k) competência: Ministério Público ou juiz ou delegado;

l) pedido: juiz de direito da vara do júri.

2. Peça prática

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA ___ VARA DO JÚRI DA COMARCA DA CAPITAL

(10 linhas)

Romualdo, (nacionalidade), (estado civil), (profissão), residente e domiciliado _____ (endereço), vem, por seu advogado infra-assinado (documento n. 1), à presença de Vossa Excelência, com fundamento no artigo 5º, inciso LXV, da Constituição Federal, requerer RELAXAMENTO DA PRISÃO EM FLAGRANTE, pelos motivos de fato e de direito a seguir aduzidos:

(2 linhas)

DOS FATOS

No dia 28 de junho de 2014, por volta das _____ horas, Romualdo, no interior de sua residência, suspeitando de invasão domiciliar pelos barulhos vindos do quintal, abriu a janela localizada próxima ao quintal e desferiu três tiros que atingiram a vítima em região vital, causando-lhe a morte.

Após atingir a vítima, Romualdo dirigiu-se à Delegacia, para comunicar a ocorrência, sendo preso em flagrante pelo crime de homicídio, conforme auto de prisão em flagrante (documento anexo).

(2 linhas)

DO DIREITO

A prisão em flagrante constitui constrangimento ilegal, já que houve apresentação espontânea do agente à Polícia.

A apresentação espontânea de Romualdo à Delegacia demonstrou que não deve prevalecer o flagrante, pois a intenção do Romualdo não foi fugir, mas colaborar com a solução do caso.

A prisão em flagrante só pode ocorrer quando ficar caracterizada uma das situações de flagrância previstas no art. 302 do CPP, de forma que, no caso em tela, a situação não se encaixa em nenhum dos incisos da Lei.

Ademais, o comparecimento espontâneo impede a prisão em flagrante, devendo a autoridade policial ter lavrado o Auto de Apresentação e representar, se for o caso, para o juiz decretar a prisão preventiva.

(2 linhas)

DO PEDIDO

Diante do exposto, vem requerer a Vossa Excelência o relaxamento da prisão em flagrante imposta ao requerente, a fim de que possa permanecer em liberdade durante o processo, com a expedição do alvará de soltura, como medida de inteira justiça.

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

9 Revogação de prisão

1. Conceito de prisão: é a privação da liberdade de locomoção.

2. Regra geral: precisa de ordem judicial, o mandado de prisão.

3. Hipóteses de prisão sem ordem judicial: (a) prisão em flagrante; (b) prisão disciplinar (crime militar próprio e transgressão militar); (c) prisão

efetuada durante o estado de sítio e defesa; (d) recaptura de foragido.

4. Modalidades

4.1 Prisão penal: é a efetuada após o trânsito em julgado da sentença penal condenatória.

4.2 Prisão processual ou cautelar ou provisória: é a que ocorre antes do trânsito em julgado; são cinco modalidades: (a) prisão em flagrante; (b) prisão temporária; (c) prisão preventiva.

No Estatuto do estrangeiro existe previsão de prisão cautelar: (a) para fins de deportação: o estrangeiro, enquanto não se efetivar a deportação, poderá ser recolhido à prisão por ordem do Ministro da Justiça, pelo prazo de 60 dias. Sempre que não for possível, dentro do prazo de 60 dias, determinar-se a identidade do deportando ou obter-se documento de viagem para promover a sua retirada, a prisão poderá ser prorrogada por igual período, findo o qual ele será posto em liberdade, aplicando-se o disposto no art. 73 da Lei n. 6.815/80 (o estrangeiro, cuja prisão não se torne necessária, ou que tenha o prazo desta vencido, permanecerá em liberdade vigiada, em lugar designado pelo Ministério da Justiça, e guardará as normas de comportamento que lhe forem estabelecidas); (b) para fins de expulsão: o Ministro da Justiça, a qualquer tempo, poderá determinar a prisão, por 90 dias, do estrangeiro submetido a processo de expulsão e, para concluir o inquérito ou assegurar a execução da medida, prorrogá-la por igual prazo; (c) para fins de extradição: o Estado interessado na extradição poderá, em caso de urgência e antes da formalização do pedido de extradição, ou conjuntamente com este, requerer a prisão cautelar do extraditando por via diplomática ou, quando previsto em tratado, ao Ministério da Justiça, que, após exame da presença dos pressupostos formais de admissibilidade exigidos na Lei n. 6.815/80 ou em tratado, representará ao Supremo Tribunal Federal. O pedido de prisão cautelar noticiará o crime cometido e deverá ser fundamentado, podendo ser apresentado por correio, fax, mensagem eletrônica ou qualquer outro meio que assegure a comunicação por escrito. O pedido de prisão cautelar poderá ser apresentado ao Ministério da Justiça por meio da Organização Internacional de Polícia Criminal (Interpol), devidamente instruído com a documentação comprobatória da existência de ordem de prisão proferida por Estado estrangeiro. O Estado estrangeiro deverá, no prazo de 90 dias contado da data em que tiver sido cientificado da prisão do extraditando, formalizar o pedido de extradição. Caso o pedido não seja formalizado no prazo de 90 dias, o extraditando deverá ser posto em liberdade, não se admitindo novo pedido de prisão cautelar pelo mesmo fato sem que a extradição haja sido devidamente requerida.

4.3 Prisão civil: é a prisão por dívidas; somente é admissível no caso de devedor de alimentos;

4.4 Prisão disciplinar: é a decretada em face da ocorrência de crime militar próprio (somente definido em lei penal militar) ou transgressão militar (infração disciplinar).

5. Situações específicas de prisão

5.1 Prisão do eleitor: o eleitor não pode ser preso cinco dias antes, nem 48 horas depois da eleição, salvo prisão em flagrante ou por sentença penal condenatória por crime inafiançável, nos termos do art. 236 do Código eleitoral.

5.2 Prisão para averiguação: é a privação momentânea de uma pessoa, para possibilitar a investigação da infração penal; é feita sem ordem judicial; não há situação de flagrante. Há no caso um abuso de autoridade.

5.3 Prisão em domicílio: durante o dia não precisa do consentimento do morador; à noite, não pode realizar a prisão, salvo consentimento do morador.

5.4 Prisão especial: é uma prisão provisória que pode ser decretada durante o inquérito ou o processo criminal; a pessoa que tem o benefício fica em local distinto do estabelecimento comum ou em cela separada; quando for funcionário da administração penitenciária fica em dependência separada até o fim da execução da pena.

5.5 Prisão domiciliar: é o recolhimento do agente em sua residência particular, seja como medida cautelar, seja como forma de cumprimento de pena.

6. Prisão temporária

6.1 Antecedente legislativo: Medida Provisória n. 111, de 24 de novembro de 1989.

6.2 Finalidade: possibilitar a investigação de crimes graves no inquérito policial.

6.3 Ordem judicial: o mandado de prisão será expedido em duas vias, uma das quais será entregue ao indiciado e servirá como nota de culpa.

6.4 Iniciativa: representação da autoridade policial ou requerimento do Ministério Público.

6.5 Decretação: juiz, em 24 horas a partir do recebimento da representação ou requerimento, por despacho fundamentado.

6.6 Oitiva do Ministério Público: na hipótese de representação da autoridade policial.

6.7 Local do preso temporário: deverá permanecer obrigatoriamente separado dos demais detentos.

6.8 Duração: cinco dias, prorrogáveis por mais cinco dias, em caso de extrema e comprovada necessidade; quando for crime hediondo ou equiparado, será de trinta dias, prorrogáveis por mais trinta dias, em caso de extrema e comprovada necessidade. O tempo em que o indiciado estiver recolhido em prisão temporária não é computado no prazo máximo do inquérito.

6.9 Plantão: em todas as comarcas e seções judiciárias haverá um plantão permanente, de vinte e quatro horas, do Poder Judiciário e do Ministério Público para apreciação dos pedidos de prisão temporária.

6.10 Providências da prisão temporária: (a) efetuada a prisão, a autoridade policial informará o preso dos direitos previstos no art. 5º da CF; (b) decorrido o prazo de duração da prisão temporária, o preso deverá ser posto imediatamente em liberdade, salvo se já tiver sido decretada sua prisão preventiva.

6.11 Momento: a prisão temporária é admissível durante o inquérito policial.

6.12 Provas: o juiz poderá, de ofício ou a requerimento do Ministério Público e do advogado, determinar que o preso lhe seja apresentado, solicitar informações e esclarecimentos da autoridade policial e submetê-lo a exame de corpo de delito.

6.13 Cabimento: apesar das várias posições doutrinárias, adotamos a majoritária para o exame da OAB: é necessária a comprovação de dois requisitos para decretação da prisão temporária: (a) necessário: quando houver fundadas razões, de acordo com qualquer prova admitida na legislação penal, de autoria ou participação do indiciado nos crimes previstos no art. 1º da Lei n. 7.960/89; (b) alternativos: I – quando imprescindível para as investigações do inquérito policial ou II – quando o indiciado não tiver residência fixa ou III – quando não fornecer elementos necessários ao esclarecimento de sua identidade.

6.14 Abuso de autoridade na prisão temporária: haverá o abuso quando prolongar a execução de prisão temporária, de pena ou de medida de segurança, deixando de expedir em tempo oportuno ou de cumprir imediatamente ordem de liberdade, nos termos do art. 4º da Lei n. 4.898, de 9/12/65.

7. Prisão preventiva

7.1 Momento: pode ser decretada em qualquer fase do inquérito policial ou do processo judicial.

7.2 Decretação: juiz ou relator (2ª instância).

7.3 Iniciativa: a prisão preventiva pode ser decretada de ofício ou a pedido do Ministério Público, do querelante ou do assistente (vítima ou seu representante legal) ou, ainda, do cônjuge, ascendente, descendente ou irmão, nesta ordem, em caso de morte ou ausência ou por

representação da autoridade policial.

7.4 Fundamentos

a) garantia da ordem pública: evitar o cometimento de novas infrações penais;

b) conveniência da instrução criminal: impedir que o agente cause tumulto no processo, como fazer desaparecer as provas do crime;

c) garantia da aplicação da lei penal: evitar a fuga do agente;

d) garantia da ordem econômica: de acordo com o art. 86 da Lei n. 8.884, de 11-6-94;

e) descumprimento de qualquer das obrigações impostas por força de outras medidas cautelares alternativas da prisão (prisão preventiva subsidiária).

7.5 Pressupostos: (a) prova da existência do crime; (b) indícios suficientes de autoria.

7.6 Condições de admissibilidade: (a) crime doloso com pena máxima superior a 4 anos; (b) crime doloso com pena máxima igual ou inferior a 4 anos, quando reincidente em crime doloso ou em caso de violência doméstica ou familiar contra mulher, criança, adolescente, enfermo ou pessoa com deficiência; (c) crime doloso ou culposo, quando houver dúvida sobre a identidade civil.

7.7 Medida judicial: contra a decretação da prisão preventiva ou da decisão que deixa de revogar prisão preventiva cabe habeas corpus; contra a denegação ou revogação cabe recurso em sentido estrito (art. 581, V, CPP).

7.8 Observações: (a) a prisão preventiva é revogável a qualquer tempo, desde que desapareçam as condições que a ensejaram; (b) não é possível prisão preventiva em caso de excludente de ilicitude; (c) a apresentação espontânea não impede a prisão preventiva (art. 317 do CPP); (d) a decisão que decretar, substituir ou denegar a prisão preventiva será sempre motivada (art. 315 do CPP).

8. Comparação

Itens	Prisão temporária	Prisão preventiva	Prisão em flagrante
Previsão legal	Lei n. 7.960/89.	Artigos 310 e seguintes do CPP.	Artigos 302 e seguintes do CPP.
Momento	Durante inquérito policial.	Durante o inquérito ou processo criminal.	Qualquer momento, antes do trânsito em julgado.
Finalidade	Investigação de crimes graves.	Possibilitar a persecução penal.	Autodefesa da sociedade.
Decretação	Juiz.	Juiz.	Independe de ordem.
	Representação		Qualquer

Iniciativa	da autoridade policial ou requerimento do MP.	Ofício ou a pedido do MP, querelante assistente ou autoridade policial.	do povo ou a autoridade policial.
Fundamentos	a) crime previsto no art. 1º da Lei n. 7.960/89; b) requisito alternativo.	a) prova da existência do crime; b) indícios suficientes de autoria; c) garantia da ordem pública, econômica, conveniência da instrução e aplicação da lei penal; d) descumprimento de qualquer das obrigações impostas por força de outras medidas cautelares alternativas da prisão (prisão preventiva subsidiária).	Configurar situação de flagrante prevista no art. 302 do CPP.

9. Revogação da prisão

A prisão é medida de exceção. Não havendo razões sérias e objetivas para sua decretação, não há motivos para sua decretação ou manutenção.

A necessidade da revogação da prisão é uma forma de reforçar o princípio da presunção de inocência previsto na Constituição Federal de 1988, em seu art. 5º, LVII, combinado com o art. 8º, I, do Pacto de São José da Costa Rica, recepcionado em nosso ordenamento jurídico (art. 5º, § 2º, da CF/88 – Decreto Executivo n. 678/1992 e Decreto Legislativo n. 27/1992).

A revogação da prisão reafirma a necessidade da tutela da liberdade pessoal, um dos fundamentos da dignidade da pessoa humana, prerrogativa de todo ser humano de ser respeitado como pessoa, de não ser prejudicado em sua existência (a vida, o corpo e a saúde), de forma a garantir um patamar existencial mínimo.

A revogação da prisão pode ser motivada, dentre outras razões:

a) pela não fundamentação, em perfeita discordância ao disposto no art. 315 do Código de Processo Penal (no caso de prisão preventiva) combinado com o art. 93, inciso IX, da CF;

b) pela fundamentação baseada em proposições abstratas, como simples ato formal, mas que resultar de fatos concretos;

c) pela fundamentação que se limitar a acolher o pedido do representante do Ministério Público;

d) pela falta de prova da materialidade do delito e pelos indícios suficientes da autoria;

e) por excesso de prazo, desde que a demora não seja atribuída ao acusado (ninguém pode beneficiar-se da própria torpeza);

f) pelo não cabimento da prisão para certos crimes, como no caso da preventiva, que não pode ser decretada em crimes culposos;

g) pelo não cabimento da prisão a certas pessoas, como o Presidente da República (art. 86, § 3º, da CF) e agentes diplomáticos (art. 29 do Decreto n. 56.435/65).

10. Estrutura da peça prática: a peça prática da Revogação tem as seguintes partes: (a) Endereçamento; (b) Preâmbulo: nome e qualificação do requerente (pessoa presa); capacidade postulatória, fundamento legal (artigo da lei sobre a peça), nome da peça e frase final; (c) Corpo: Fatos e Direito; (d) Pedido; (e) Parte final.

11. Termos: na peça prática da Revogação usar, para o autor do pedido (suposto infrator), requerente.

12. Descoberta do endereçamento: valem as mesmas regras do relaxamento de prisão em flagrante, expostas anteriormente.

13. Opção: entre o pedido de revogação e o habeas corpus, o candidato pode optar, devendo dar preferência ao habeas corpus, por ter previsão legal e constitucional.

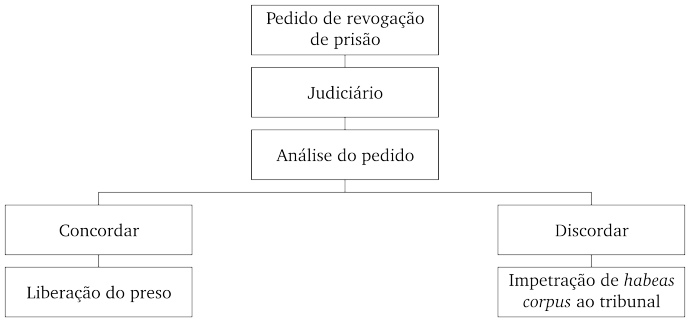

MODELO DE REVOGAÇÃO DE PRISÃO

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR _____ (mesmas regras do relaxamento de prisão em flagrante)

(10 linhas)

_____ (nome), _____ (nacionalidade), _____ (estado civil), _____ (profissão), residente e domiciliado _____ (endereço), vem, por seu advogado infra-assinado (documento n. 1), à presença de Vossa Excelência, com fundamento no artigo _____, requerer REVOGAÇÃO DA PRISÃO _____ (especificar a modalidade de prisão) pelos motivos de fato e de direito a seguir aduzidos:

(2 linhas)

DOS FATOS

* Narrar o fato criminoso, com todas as circunstâncias, sem inventar dados ou copiar o problema. Seguir roteiro de questões: (a) Quando – tempo do fato – No dia tal, mês tal, ano tal, por volta das _____ horas; (b) Sujeito Ativo – quem pratica a conduta criminosa – Fulano de tal; (c) Lugar do crime; (d) Motivo do crime; (e) Comportamento criminoso; (f) Maneira pela qual o crime foi praticado; (g) Mal produzido com a conduta criminosa. Se houver concurso de pessoas: especificar a conduta de cada coautor ou partícipe.

* Narrar a prisão efetuada, dentre as modalidades aceitas no direito brasileiro, por exemplo:

No dia tal, mês tal, no lugar tal, ocorreu a prisão tal do Fulano de tal, em razão da ocorrência da infração tal, conforme _____ (nome do documento que registra a prisão) a fls.

(2 linhas)

DO DIREITO

* Comprovar a ilegalidade da prisão. Convencer o juiz de que a prisão constitui um constrangimento ilegal.

Exemplo:

A prisão tal de Fulano de tal constitui constrangimento ilegal, pois _____ (motivo do constrangimento).

No caso em tela, _____ (explicar o motivo do constrangimento).

Não resta dúvida de que houve cristalina violação à liberdade de locomoção, um dos direitos fundamentais do ser humano, amparado e protegido no Estado Democrático de Direito.

(2 linhas)

DO PEDIDO

Diante do exposto, vem requerer a Vossa Excelência a revogação da prisão _____ (modalidade) imposta ao requerente, a fim de que possa permanecer em liberdade durante o processo, com a expedição do alvará de soltura, como medida de inteira justiça.

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

10 Prisão domiciliar

1. Espécies: com o advento da Lei n. 12.403/2011, existem duas espécies de prisão domiciliar: (a) a prevista no art. 117 da LEP como forma de cumprimento de pena; (b) a prevista como medida cautelar.

2. Prisão albergue domiciliar: é o recolhimento do indivíduo que está cumprindo pena no regime aberto para sua residência particular, desde que preenchidas uma das seguintes situações previstas no art. 117 da LEP: I – condenado maior de 70 (setenta) anos; II – condenado acometido de

doença grave; III – condenada com filho menor ou deficiente físico ou mental; IV – condenada gestante.

3. Prisão albergue domiciliar em caráter excepcional: é o recolhimento do indivíduo para sua residência particular, quando se encontrar cumprindo pena em estabelecimento compatível com regime mais gravoso, por inexistência de vagas em Casa de Albergado. A submissão de uma pessoa a um regime mais rigoroso do que o regime prisional estabelecido na condenação constitui constrangimento ilegal. Se o caótico sistema prisional estatal não possui meios para manter o detento em estabelecimento apropriado, é de se autorizar, excepcionalmente, que a pena seja cumprida em regime mais benéfico, ou seja, o domiciliar.

4. Prisão domiciliar cautelar

4.1. Noções gerais

a) excesso de prazo: é uma prisão provisória, em que o tempo de duração deve ser analisado à luz do princípio da razoabilidade;

b) detração: o tempo de duração da prisão domiciliar deve ser computado na pena privativa de liberdade;

c) controle judicial: (a) se for ilegal enseja habeas corpus; (b) se for deferido enseja RESE (recurso em sentido estrito) com fundamento no art. 581, inciso V, do CPP.

4.2. Prisão domiciliar substitutiva

a) conceito: é a prisão que visa substituir a prisão preventiva, por razões humanitárias;

b) cabimento: é decretada nas seguintes hipóteses legais: I – maior de 80 (oitenta) anos; II – extremamente debilitado por motivo de doença grave; III – imprescindível aos cuidados especiais de pessoa menor de 6 (seis) anos de idade ou com deficiência; IV – gestante; V – mulher com filho de até 12 (doze) anos de idade incompletos; VI – homem, caso seja o único responsável pelos cuidados do filho de até 12 (doze) anos de idade incompletos.

c) requisito: a colocação do agente em prisão domiciliar substitutiva exige prova idônea dos requisitos estabelecidos no art. 318 do CPP, ou seja, é necessária a demonstração cabal da hipótese legal de cabimento.

4.3. Prisão domiciliar alternativa

a) conceito: é a concedida sempre que for adequada ao caso concreto e a prisão preventiva se mostrar muito gravosa;

b) finalidade: é impedir a prisão preventiva.

5. Estrutura da peça prática: a peça prática do Pedido de prisão domiciliar tem as seguintes partes: (a) Endereçamento; (b) Preâmbulo: nome e qualificação do requerente (pessoa presa), capacidade

postulatória, fundamento legal (artigo da lei sobre a peça), nome da peça e frase final; (c) Corpo: fatos e direito; (d) Pedido; (e) Parte final.

6. Termos: na peça prática do Pedido de prisão domiciliar usar, para o autor do pedido (suposto infrator), requerente.

7. Descoberta do endereçamento: valem as mesmas regras do relaxamento de prisão em flagrante, expostas anteriormente.

MODELO DE PEDIDO DE PRISÃO DOMICILIAR

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR _____ (mesmas regras do relaxamento de prisão em flagrante)

(10 linhas)

_____ (nome), _____ (nacionalidade), _____ (estado civil), _____ (profissão), residente e domiciliado _____ (endereço), vem, por seu advogado infra-assinado (documento n. 1), à presença de Vossa Excelência, com fundamento no artigo _____, requerer PRISÃO DOMICILIAR pelos motivos de fato e de direito a seguir aduzidos:

(2 linhas)

DOS FATOS

* Narrar o fato criminoso, com todas as circunstâncias, sem inventar dados ou copiar o problema. Seguir roteiro de questões: (a) Quando – tempo do fato – No dia tal, mês tal, ano tal, por volta das _____ horas; (b) Sujeito Ativo – quem pratica a conduta criminosa – Fulano de tal; (c) Lugar do crime; (d) Motivo do crime; (e) Comportamento criminoso; (f) Maneira pela qual o crime foi praticado; (g) Mal produzido com a conduta criminosa. Se houver concurso de pessoas: especificar a conduta de cada coautor ou partícipe.

* Narrar a prisão preventiva efetuada, por exemplo:

No dia tal, mês tal, no lugar tal, ocorreu a prisão tal do Fulano de tal, em razão da ocorrência da infração tal, conforme _____ (nome do documento que registra a prisão) a fls.

(2 linhas)

DO DIREITO

* Se for prisão domiciliar substitutiva comprovar uma das hipóteses de cabimento previstas no art. 318 do CPP.

* Se for prisão domiciliar alternativa comprovar que a prisão preventiva se mostrou gravosa no caso concreto, nos termos do art. 319 combinado com o art. 282, § 6º, do CPP.

Afirmar que a prisão domiciliar é uma exigência do princípio da dignidade da pessoa humana.

(2 linhas)

DO PEDIDO

Diante do exposto, vem requerer a Vossa Excelência a decretação da prisão domiciliar, com o recolhimento do _____ (indiciado ou acusado) em sua residência, como medida de inteira justiça.

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

11 Medida cautelar alternativa de prisão

1. Natureza e finalidade: é medida cautelar decretada apenas quando devidamente amparada pelos requisitos legais previstos no art. 282 do CPP, quais sejam: (a) necessidade: a segregação cautelar deve ser decretada quando for para garantir a aplicação da lei penal (impedir a fuga ou perigo de fuga do indiciado ou acusado), para possibilitar a investigação criminal, para possibilitar a instrução criminal (conservação da prova) e, nos casos expressamente previstos, para evitar a prática de infrações penais (garantia da ordem pública); (b) adequação: a segregação cautelar deve ser avaliada levando em conta a gravidade do crime, circunstâncias do fato e condições pessoais do indiciado ou acusado.

2. Aplicação: a medida cautelar poderá ser aplicada isolada ou cumulativamente.

3. Competência: a medida cautelar será decretada pelo juiz.

4. Iniciativa: a decretação da medida cautelar pode ser de ofício ou a requerimento das partes ou, quando no curso da investigação criminal, por representação da autoridade policial ou mediante requerimento do Ministério Público.

5. Contraditório: ressalvados os casos de urgência ou de perigo de ineficácia da medida, o juiz, ao receber o pedido de medida cautelar, determinará a intimação da parte contrária, acompanhada de cópia do requerimento e das peças necessárias, permanecendo os autos em juízo, salvo nos casos de urgência ou de perigo de ineficácia da medida.

6. Descumprimento: no caso de descumprimento de qualquer das obrigações impostas, o juiz, de ofício ou mediante requerimento do

Ministério Público, de seu assistente ou do querelante, poderá substituir a medida, impor outra em cumulação, ou, em último caso, decretar a prisão preventiva (art. 312, parágrafo único).

7. Característica: o juiz poderá revogar a medida cautelar ou substituí-la quando verificar a falta de motivo para que subsista, bem como voltar a decretá-la, se sobrevierem razões que a justifiquem.

8. Prisão preventiva: será determinada quando não for cabível a sua substituição por outra medida cautelar.

9. Não aplicação: as medidas cautelares não se aplicam à infração a que não for isolada, cumulativa ou alternativamente cominada pena privativa de liberdade.

10. Enumeração: I – comparecimento periódico em juízo, no prazo e nas condições fixadas pelo juiz, para informar e justificar atividades; II – proibição de acesso ou frequência a determinados lugares quando, por circunstâncias relacionadas ao fato, deva o indiciado ou acusado permanecer distante desses locais para evitar o risco de novas infrações; III – proibição de manter contato com pessoa determinada quando, por circunstâncias relacionadas ao fato, deva o indiciado ou acusado dela permanecer distante; IV – proibição de ausentar-se da Comarca quando a permanência seja conveniente ou necessária para a investigação ou instrução; a proibição de ausentar-se do País será comunicada pelo juiz às autoridades encarregadas de fiscalizar as saídas do território nacional, intimando-se o indiciado ou acusado para entregar o passaporte, no prazo de 24 (vinte e quatro) horas; V – recolhimento domiciliar no período noturno e nos dias de folga quando o investigado ou acusado tenha residência e trabalho fixos; VI – suspensão do exercício de função pública ou de atividade de natureza econômica ou financeira quando houver justo

receio de sua utilização para a prática de infrações penais; VII – internação provisória do acusado nas hipóteses de crimes praticados com violência ou grave ameaça, quando os peritos concluírem ser inimputável ou semi-imputável (art. 26 do Código Penal) e houver risco de reiteração; VIII – fiança, nas infrações que a admitem, para assegurar o comparecimento a atos do processo, evitar a obstrução do seu andamento ou em caso de resistência injustificada à ordem judicial; IX – monitoração eletrônica.

11. Decisão concessiva: cabe recurso em sentido estrito, nos termos do art. 581, V, do CPP.

12. Decisão que indefere: enseja habeas corpus.

MODELO DE PEDIDO DE MEDIDA CAUTELAR ALTERNATIVA DE PRISÃO

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA ___ VARA CRIMINAL DA COMARCA _____ (crimes não dolosos contra a vida e matéria estadual)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ FEDERAL DA ___ VARA CRIMINAL DA SEÇÃO JUDICIÁRIA DE _____ (crimes não dolosos contra a vida e matéria federal)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA ___ VARA DO JÚRI DA COMARCA DE _____ (crimes dolosos contra a vida e matéria estadual)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ FEDERAL DA ___ VARA DO JÚRI DA SEÇÃO JUDICIÁRIA DE _____ (crimes dolosos contra a vida e matéria federal)

(10 linhas)

_____ (nome), _____ (nacionalidade), _____ (estado civil), _____ (profissão), residente e domiciliado _____ (endereço), vem, por seu advogado infra-assinado (documento n. 1), à presença de Vossa Excelência, com fundamento nos artigos 282 e 319, inciso _____ (mencionar o inciso específico indicador da medida cautelar), ambos do CPP, requerer _____ (especificar o nome da medida cautelar), pelos motivos de fato e de direito a seguir aduzidos:

(2 linhas)

DOS FATOS

* Narrar o fato criminoso, com todas as circunstâncias, sem inventar dados ou copiar o problema. Seguir roteiro de questões: (a) Quando – tempo do fato – No dia tal, mês tal, ano tal, por volta das _____ horas; (b) Sujeito ativo – quem pratica a conduta criminosa – Fulano de tal; (c) Lugar do crime; (d) Motivo do crime; (e) Comportamento criminoso; (f) Maneira pela qual o crime foi praticado; (g) Mal produzido com a conduta criminosa. Se houver concurso de pessoas: especificar a conduta de cada coautor ou partícipe.

* Narrar andamento processual, quando for indicado na questão.

(2 linhas)

DO DIREITO

* Frase inicial: afirmação da possibilidade da medida cautelar alternativa de prisão, conforme demonstração dos requisitos

legais.

* Demonstrar o fumus boni iuris e periculum in mora.

* Demonstrar os requisitos legais de acordo com o art. 319 do CPP.

* Frase final: concluir que, uma vez presentes os requisitos, tem direito subjetivo à medida cautelar.

(2 linhas)

DO PEDIDO

Diante do exposto, requer-se, após manifestação do Ministério Público, a concessão da _____(especificar qual a medida cautelar).

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

12 Liberdade provisória

1. Finalidade: permite que o acusado fique em liberdade até o trânsito em julgado da sentença criminal, desde que cumpra certos deveres processuais, sob pena de sua revogação e possível decretação da prisão preventiva.

2. Espécies:

2.1 Obrigatória: não existe mais a possibilidade de liberdade provisória obrigatória. Antes da Lei n. 12.403/2011 a liberdade provisória obrigatória prevista no art. 321 do Código de Processo Penal era direito do acusado, não dependia do pagamento de fiança, não estava sujeita a qualquer vinculação ou condição e era concedida quando o agente se livrasse solto.

Desta forma, com a mudança legislativa, podemos afirmar que, diante de uma infração que não tenha cominada pena privativa de liberdade, o Delegado não deve lavrar o auto de prisão em flagrante e o juiz não pode impor liberdade provisória ou qualquer outra medida cautelar.

No caso de infração de menor potencial ofensivo, o Delegado não lavrará o auto de prisão em flagrante nem imporá fiança, se o autor do fato se comprometer a comparecer ao Juizado. Já o juiz poderá impor liberdade provisória sem fiança.

2.2 Permitida: pode ser:

a) com fiança: tendo em vista o fato de a Lei n. 12.403/2011 não especificar quais infrações penais admitem fiança, a leitura a contrario sensu dos arts. 323 e 324 do CPP nos dará essa informação. Noutros termos, todas as infrações que não estiverem indicadas nos arts. 323 e 324, ambos do CPP, são considerados infrações afiançáveis;

b) sem fiança: é admitida nas seguintes hipóteses:

1. Causa excludente de ilicitude:

"Art. 310. Parágrafo único. Se o juiz verificar, pelo auto de prisão em flagrante, que o agente praticou o fato nas condições constantes dos incisos I a III do caput do art. 23 do Decreto-Lei n. 2.848, de 7 de dezembro de 1940 – Código Penal, poderá, fundamentadamente, conceder ao acusado liberdade provisória, mediante termo de comparecimento a todos os atos processuais, sob pena de revogação".

O primeiro caso é a hipótese da conduta do acusado se encaixar no art. 23 do Código Penal (causas excludentes da ilicitude do fato), pouco importando se o crime é inafiançável ou não. Há posição doutrinária[3] que sustenta a aplicação, por analogia, do art. 310, parágrafo único, do CPP no caso de uma probabilidade razoável de ocorrência de excludente de tipicidade ou de culpabilidade.

2. Réu pobre:

"Art. 350. Nos casos em que couber fiança, o juiz, verificando a situação econômica do preso, poderá conceder-lhe liberdade provisória, sujeitando-o às obrigações constantes dos arts. 327 e 328 deste Código e a outras medidas cautelares, se for o caso. Parágrafo único. Se o beneficiado descumprir, sem motivo justo, qualquer das obrigações ou medidas impostas, aplicar-se-á o disposto no § 4º do art. 282 deste Código".

A segunda hipótese de liberdade provisória sem fiança depende de três requisitos:

a) somente pode ser concedida nos casos em que se admite fiança;

b) o réu deve ser pobre;

c) sujeição às condições previstas nos arts. 327 e 328 do CPP.

3. Crimes Inafiançáveis (arts. 323 e 324 do CPP):

"Art. 323. Não será concedida fiança: I – nos crimes de racismo; II – nos crimes de tortura, tráfico ilícito de entorpecentes e drogas afins, terrorismo e nos definidos como crimes hediondos; III – nos crimes cometidos por grupos armados, civis ou militares, contra a ordem constitucional e o Estado Democrático".

"Art. 324. Não será, igualmente, concedida fiança: I – aos que, no mesmo processo, tiverem quebrado fiança anteriormente concedida ou infringido, sem motivo justo, qualquer das obrigações a que se referem os arts. 327 e 328 deste Código; II – em caso de prisão civil ou militar; III (Revogado pela Lei n. 12.403, de 2011); IV – quando presentes os motivos que autorizam a decretação da prisão preventiva (art. 312) (Redação dada pela Lei n. 12.403, de 2011)".

2.3 Vedada: proibida por lei;

I – nos crimes de racismo (art. 5º da CF): "Artigo 5º, inciso XLII – a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei";

II – nos crimes de tortura, tráfico ilícito de entorpecentes e drogas afins, terrorismo e nos

definidos como crimes hediondos: "Artigo 5º, inciso XLIII – a lei considerará crimes inafiançáveis e insuscetíveis de graça ou anistia a prática da tortura, o tráfico ilícito de entorpecentes e drogas afins, o terrorismo e os definidos como crimes hediondos, por eles respondendo os mandantes, os executores e os que, podendo evitá-los, se omitirem";

III – nos crimes cometidos por grupos armados, civis ou militares, contra a ordem constitucional e o Estado Democrático (art. 5º da CF): "Artigo 5º, inciso XLIV – constitui crime inafiançável e imprescritível a ação de grupos armados, civis ou militares, contra a ordem constitucional e o Estado Democrático";

IV – aos que, no mesmo processo, tiverem quebrado fiança anteriormente concedida ou infringido, sem motivo justo, qualquer das obrigações a que se referem os arts. 327 e 328 deste Código;

V – em caso de prisão civil ou militar;

VI – quando presentes os motivos que autorizam a decretação da prisão preventiva (art. 312 do CPP);

VII – crimes hediondos e equiparados (art. 5º, XLIII, da Constituição Federal): é vedada apenas liberdade provisória com fiança;

VIII – Lei de drogas (Lei n. 11.343/2006): é vedada liberdade provisória para os seguintes crimes: (a) tráfico de drogas; (b) condutas equiparadas ao tráfico de drogas (comércio de matéria-prima, insumo ou produto químico destinado à produção da droga, cultivo e local para o tráfico); (c) maquinário para fabricação de drogas; (d) associação para o tráfico; (e) associação para financiamento; (f) financiamento ou custeio ao tráfico; (g) informante eventual;

IX – Lei de Lavagem de Dinheiro (Lei n. 9.613/98): diante da revogação do art. 3º da Lei n. 9.613/98 a lavagem de dinheiro passa a admitir liberdade provisória, com ou sem fiança.

3. Pressuposto: prisão legal.

4. Conceito: a fiança é uma caução destinada a garantir o cumprimento das obrigações processuais do réu.

5. Natureza: a fiança é um direito subjetivo constitucional do acusado; é garantia real, que incide sobre coisa. Com a Lei n. 12.403/2011, pode ser uma medida cautelar originária, evitando a decretação da prisão cautelar, ou uma contracautela ou medida cautelar substitutiva, visando substituir a prisão preventiva decretada.

6. Finalidade: (a) no caso de medida cautelar a finalidade é possibilitar a

aplicação da lei penal, para a investigação ou a instrução criminal e, nos casos expressamente previstos, para evitar a prática de infrações penais; (b) quando for contracautela, o objetivo é o comparecimento a atos do processo, a fim de evitar a obstrução do seu andamento ou impedir resistência injustificada à ordem judicial.

7. Momento da fiança: pode ser concedida em qualquer fase do inquérito ou do processo, até o trânsito em julgado da sentença, mesmo na pendência de recurso extraordinário.

8. Prestador: indiciado ou réu, ou qualquer pessoa, a benefício do indiciado ou réu.

9. Documentação: livro especial, com termos de abertura e de encerramento, numerado e rubricado em todas as suas folhas pela autoridade, destinado especialmente aos termos de fiança. O termo será lavrado pelo escrivão e assinado pela autoridade.

10. Lugar de recolhimento: repartição arrecadadora federal ou estadual, ou entregue ao depositário público; nos lugares em que o depósito não se puder fazer de pronto, o valor será entregue ao escrivão ou pessoa abonada, a critério da autoridade, nos termos do art. 331 do CPP.

11. Oitiva do MP: o MP é ouvido sobre a concessão de liberdade provisória sem fiança, nos termos do art. 333 do CPP. Apesar da redação legal, a doutrina entende que o MP deve ser ouvido, também, no prazo de 24 horas, sobre a concessão da liberdade provisória com fiança.

12. Obrigações: (a) comparecimento aos atos do processo; (b) mudar de residência sem avisar ou ausência por mais de oito dias, sem comunicar a autoridade processante.

13. Arbitramento: leva em consideração a natureza da infração, as

condições pessoais de fortuna e vida pregressa do acusado, as circunstâncias indicativas de sua periculosidade, bem como a importância provável das custas do processo, até final julgamento. O valor da fiança será fixado pela autoridade que a conceder nos seguintes limites: I – de 1 (um) a 100 (cem) salários mínimos, quando se tratar de infração cuja pena privativa de liberdade, no grau máximo, não for superior a 4 (quatro) anos; II – de 10 (dez) a 200 (duzentos) salários mínimos, quando o máximo da pena privativa de liberdade cominada for superior a 4 (quatro) anos. Se assim recomendar a situação econômica do preso, a fiança poderá ser: I – dispensada, na forma do art. 350 do CPP; II – reduzida até o máximo de 2/3 (dois terços); ou III – aumentada em até 1.000 (mil) vezes.

14. Quebra: ocorre quando o acusado: I – regularmente intimado para ato do processo, deixar de comparecer, sem motivo justo; II – deliberadamente praticar ato de obstrução ao andamento do processo; III – descumprir medida cautelar imposta cumulativamente com a fiança; IV – resistir injustificadamente à ordem judicial; V – praticar nova infração penal dolosa. Se vier a ser reformado o julgamento em que se declarou quebrada a fiança, esta subsistirá em todos os seus efeitos. Os efeitos da quebra são: (a) perda de metade do seu valor; após deduzidas as custas e demais encargos a que o acusado estiver obrigado, o valor será recolhido ao Fundo Penitenciário Nacional (FUNPEN), conforme dispõe o art. 2º, VI, da Lei Complementar n. 79, de 7 de janeiro de 1994; (b) possibilidade de imposição de outra medida cautelar alternativa; (c) decretação da prisão preventiva se for o caso; (d) perda do direito de obter nova fiança no mesmo processo.

15. Perda: quando o réu, uma vez condenado, não se apresentar para o início do cumprimento da pena definitivamente imposta. Nesse caso, o

montante pago a título de fiança será perdido e o réu deverá recolher-se à prisão.

As fianças perdidas passam a fazer parte do Fundo Penitenciário Nacional (FUNPEN), conforme dispõe o art. 2º, VI, da Lei Complementar n. 79, de 7 de janeiro de 1994.

16. Cassação: quando a fiança é concedida por engano da autoridade; quando a imputação passa de um delito afiançável para outro inafiançável; quando exigir o reforço e ele não for prestado. Como consequência, o valor pago a título de fiança é integralmente devolvido e o réu terá de recolher-se à prisão, nos termos dos arts. 338, 339 e 340, todos do CPP.

17. Ausência de reforço: o reforço da fiança será exigido quando a autoridade tomar por engano fiança insuficiente; quando houver depreciação material ou perecimento dos bens hipotecados ou caucionados, ou depreciação dos metais ou pedras preciosas, e quando for inovada a classificação do delito. São, assim, casos em que o valor arbitrado se mostra insuficiente ou inexato, nos termos do art. 340 do CPP.

18. Modalidades de prestação de fiança: (a) por depósito: consiste no depósito de dinheiro, pedras, objetos, metais preciosos ou títulos da dívida pública; (b) por hipoteca: não há limitação do seu objeto. Exige-se, entretanto, avaliação por perito nomeado pela autoridade e inscrição em primeiro lugar.

19. Quem pode conceder fiança: será arbitrada pela autoridade policial nos casos de pena máxima inferior a 4 anos; no caso de recusa ou omissão do delegado, a fiança será requerida ao juiz, que decidirá em 48 horas (negada a concessão da fiança, o preso, ou alguém por ele, poderá impetrar habeas corpus ou propor uma petição simples, nos termos do art. 335 do

Código de Processo Penal). Nos casos de pena máxima superior a 4 anos, a concessão será pelo juiz ou relator, nos termos da Lei n. 8.038/90.

20. Concessão: recurso em sentido estrito.

21. Denegação: HC.

22. Destino da fiança: o dinheiro ou objetos dados como fiança servirão ao pagamento das custas, da indenização do dano, da prestação pecuniária e da multa, se o réu for condenado, salvo no caso da prescrição depois da sentença condenatória (art. 110 do Código Penal). Se a fiança for declarada sem efeito ou passar em julgado sentença que houver absolvido o acusado ou declarado extinta a ação penal, o valor que a constituir, atualizado, será restituído sem desconto, salvo no caso da prescrição depois da sentença condenatória (art. 110 do Código Penal).

23. Deveres processuais do afiançado: (a) pagar a fiança no valor fixado; (b) comparecer perante a autoridade sempre que intimado; (c) não mudar de residência sem prévia permissão da autoridade processante; (d) não se ausentar por mais de 8 dias de sua residência, sem comunicar à autoridade processante o lugar onde possa ser encontrado; (e) não praticar, deliberadamente, ato de obstrução ao andamento do processo; (f) cumprir medida cautelar imposta cumulativamente com a fiança; (g) não resistir injustificadamente à ordem judicial; (h) não praticar nova infração penal dolosa.

24. Estrutura da peça prática: a peça prática da liberdade provisória tem as seguintes partes: (a) Endereçamento; (b) Preâmbulo: nome e qualificação do requerente (pessoa presa em flagrante); capacidade postulatória, fundamento legal (artigo da lei sobre a peça), nome da peça e frase final; (c) Corpo: Fatos e Direito; (d) Pedido; (e) Parte final.

25. Termo: na peça prática da liberdade provisória usar para o autor do pedido (suposto infrator) a expressão requerente.

26. Descoberta do endereçamento: verificar a infração praticada e a matéria:

a) se for crime doloso contra a vida e matéria federal: Juiz Federal da Vara do Júri;

b) se for crime doloso contra a vida e matéria estadual: Juiz de Direito da Vara do Júri;

c) se for crime não doloso contra a vida, pena de reclusão, se for Capital e matéria estadual: juiz de Direito do DIPO;

d) se for crime não doloso contra a vida, pena de detenção, se for Capital e matéria estadual: juiz de Direito da Vara Criminal;

e) se for crime não doloso contra a vida, pena de reclusão ou detenção, se for Capital e matéria federal: juiz federal da Vara Criminal;

f) se for crime não doloso contra a vida, pena de reclusão ou detenção, se for Interior e matéria estadual: juiz de Direito da Vara Criminal;

g) se for crime não doloso contra a vida, pena de reclusão ou detenção, se for Interior e matéria federal: juiz federal da Vara Criminal.

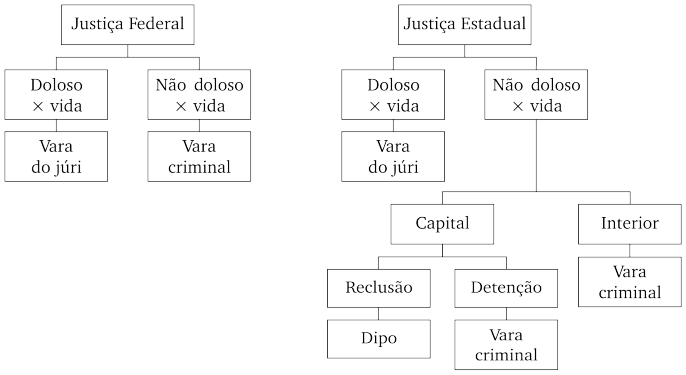

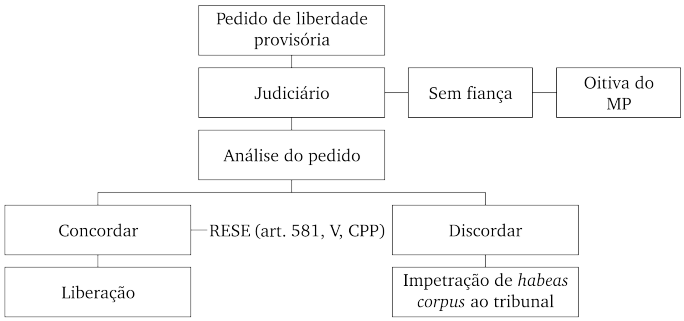

MODELO DE LIBERDADE PROVISÓRIA

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA ___ VARA CRIMINAL DA COMARCA _____ (crimes não dolosos contra a vida e matéria estadual)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ FEDERAL DA ___ VARA CRIMINAL DA SEÇÃO JUDICIÁRIA DE _____ (crimes não dolosos contra a vida e matéria federal)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA ___ VARA DO JÚRI DA COMARCA DE _____ (crimes dolosos contra a vida e matéria estadual)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ FEDERAL DA ___ VARA DO JÚRI DA SEÇÃO JUDICIÁRIA DE _____ (crimes dolosos contra a vida e matéria federal)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ ___ DO DEPARTAMENTO DE INQUÉRITOS POLICIAIS – DIPO (crimes não dolosos x vida e apenados com reclusão – só na Capital)

(10 linhas)

_____ (nome), _____ (nacionalidade), _____ (estado civil), _____ (profissão), residente e domiciliado _____ (endereço), vem, por seu advogado infra-assinado (documento n. 1), à presença de Vossa Excelência, com fundamento no artigo 5º, inciso LXVI, da Constituição Federal combinado com _____ (mencionar artigo específico de cabimento da liberdade provisória do Código de Processo Penal), requerer LIBERDADE PROVISÓRIA (especificar se é com fiança ou sem fiança), pelos motivos de fato e de direito a seguir aduzidos:

(2 linhas)

DOS FATOS

* Narrar o fato criminoso, com todas as circunstâncias, sem inventar dados ou copiar o problema. Seguir roteiro de questões: (a) Quando – tempo do fato – No dia tal, mês tal, ano tal, por volta das _____ horas; (b) Sujeito ativo – quem pratica a conduta criminosa – Fulano de tal; (c) Lugar do crime; (d) Motivo do crime; (e) Comportamento criminoso; (f) Maneira pela qual o crime foi praticado; (g) Mal produzido com a conduta criminosa. Se houver concurso de pessoas: especificar a conduta de cada coautor ou partícipe.

* Narrar andamento processual ou da investigação criminal.

(2 linhas)

DO DIREITO

* Frase inicial: afirmação da possibilidade da liberdade provisória, conforme demonstração dos requisitos legais.

No caso em tela, é possível a concessão de liberdade provisória ao _____ (identificar o beneficiário), por _____ (justificativa do direito ao benefício).

* Demonstrar os requisitos legais:

a) Condições pessoais do réu: primariedade + bons antecedentes + profissão definida ou ocupação lícita + residência ou distrito da culpa;

Comprovar: (a) primariedade: cabe também salientar, MM. Juiz, que o acusado jamais teve participação em qualquer tipo de delito, visto que é PRIMÁRIO, conforme consta nos autos (folha de antecedentes e certidões criminais); (b) bons antecedentes: possui BONS ANTECEDENTES, sendo que sempre foi pessoa honesta e voltada para o trabalho, conforme declaração do diretor do presídio; (c) residência fixa: possui RESIDÊNCIA FIXA, qual seja, Rua – _____ (endereço); d) emprego fixo: também possui PROFISSÃO DEFINIDA, sendo que (mencionar a profissão).

b) Argumentar que não há elementos suficientes que demonstrem a necessidade da custódia antecipada através da ausência dos requisitos da prisão preventiva;

c) Direito à liberdade: ressaltar a importância e contrapor a ideia de que a prisão é medida excepcional;

* A prisão é medida excepcional, já que ninguém deverá ser recolhido à prisão senão após o trânsito em julgado de sentença condenatória. A custódia cautelar, dessa forma, apenas é prevista nas hipóteses de absoluta necessidade, nos termos do art. 5º, incisos LXVI e LVII, da Constituição Federal. Assim sendo, houve a necessidade de estabelecer instituto com a finalidade de assegurar o regular desenvolvimento do processo, sem que ocorresse qualquer prejuízo à liberdade do acusado.

d) Afirmar que a liberdade provisória é necessária em face dos princípios da presunção de inocência e segurança jurídica;

e) Se for admitida fiança: demonstrar os requisitos para sua concessão.

* Frase final: Concluir que, uma vez presentes os requisitos, tem direito subjetivo à liberdade provisória: não havendo, assim, motivos para a manutenção da prisão _____, o acusado possui os requisitos legais para responder ao processo em liberdade, de forma que não se apresenta como medida justa o encarceramento de pessoa cuja conduta sempre pautou na honestidade e no trabalho.

(2 linhas)

DO PEDIDO

Diante do exposto, inexistindo requisitos para continuação da prisão, requer-se, após manifestação do Ministério Público (só se for sem fiança), a concessão da LIBERDADE PROVISÓRIA (especificar se é com ou sem fiança) e a expedição do alvará de soltura, como medida de inteira justiça.

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

CASO PRÁTICO

Daniel, conhecido empresário de São Paulo – SP, brasileiro, casado, residente e domiciliado na rua Xangai, n. 27, bairro Paulista, foi preso em flagrante pela suposta prática do delito tipificado no art. 3º da Lei n. 1.521/51: "destruir ou inutilizar, intencionalmente e sem autorização legal, com o fim de determinar alta de preços, em proveito próprio ou de terceiro, matérias-primas ou produtos necessários ao consumo do povo". Diante desse fato, Geiza, esposa de Daniel, procurou um advogado e lhe informou que Daniel era primário e possuía residência fixa. Aduziu que a empresa do marido, Feijão Paulistano S.A., já atuava no mercado havia mais de 8 anos. Ressaltou que Daniel sempre fora pessoa honesta e voltada para o trabalho. Além disso, Geiza narrou que Daniel era pai de uma criança de tenra idade, Júlia, que necessitava urgentemente do retorno do pai às atividades laborais para manter-lhe o sustento. Por fim, informou que estava grávida e não trabalhava fora. Geiza apresentou ao advogado os seguintes documentos: CPF e RG de Daniel, comprovante de residência, cartão da gestante expedido pela Secretaria de Saúde de SP, certidão de

nascimento da filha do casal, Júlia, auto de prisão em flagrante, nota de culpa e folha de antecedentes penais do indiciado, sem qualquer incidência. Considerando a situação hipotética descrita, formule, na condição de advogado(a) contratado(a) por Daniel, a peça – diversa de habeas corpus – que deve ser apresentada no processo.

1. Rascunho da peça

a) infração penal: art. 3º da Lei n. 1.521/51: "destruir ou inutilizar, intencionalmente e sem autorização legal, com o fim de determinar alta de preços, em proveito próprio ou de terceiro, matérias-primas ou produtos necessários ao consumo do povo";

b) ação penal: pública incondicionada;

c) pena concreta: não tem;

d) pena abstrata: detenção, de 2 (dois) anos a 10 (dez) anos, e multa, de vinte mil a cem mil cruzeiros;

e) rito processual: rito ordinário;

f) momento processual: na fase investigatória e antes da propositura da ação penal;

g) cliente: Daniel;

h) situação prisional: preso;

i) tese: comprovar os requisitos para concessão da liberdade provisória, pois, no caso em análise, não estão presentes os requisitos da prisão preventiva; o requerente é primário e possui residência fixa; não há nada indicando que, em liberdade, venha a ausentar-se do distrito da culpa, dificultando a aplicação da lei penal, nem que venha a causar perturbações durante a instrução criminal, dificultando a prova.

j) peça: liberdade provisória;

k) competência: juiz de direito da vara criminal;

l) pedido: deve ser requerida a concessão de liberdade provisória mediante fiança, já que se trata de crime contra a economia popular, e, nos termos do art. 325, § 2º, nos casos de prisão em flagrante pela prática de crime contra a economia popular ou de crime de sonegação fiscal não se aplica o disposto no art. 310 e parágrafo único do Código de Processo Penal. Assim, a liberdade provisória somente poderá ser concedida mediante fiança, por decisão do juiz competente e após a lavratura do auto de prisão em flagrante. Ressalte-se que não incide na hipótese o art. 350 do CPP, pois não se trata de requerente comprovadamente pobre.

2. Peça prática

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA ___ VARA CRIMINAL DA COMARCA DA CAPITAL

(10 linhas)

_____, (nome), (nacionalidade), (estado civil), (profissão), residente e domiciliado _____ (endereço), vem, por seu advogado infra-assinado (documento n. 1), à presença de Vossa Excelência, com fundamento no

artigo 5º, inciso LXVI, da Constituição Federal, requerer LIBERDADE PROVISÓRIA COM FIANÇA, pelos motivos de fato e de direito a seguir aduzidos:

(2 linhas)

DOS FATOS

O requerente, conhecido empresário de São Paulo – SP foi preso em flagrante pela suposta prática do delito tipificado no art. 3º da Lei n. 1.521/1951. Foi lavrado auto de prisão em flagrante com a entrega de nota de culpa.

(2 linhas)

DO DIREITO

No caso em tela, é possível a concessão de liberdade provisória ao requerente Daniel, pela presença dos requisitos.

A prisão é medida excepcional, já que ninguém deverá ser recolhido à prisão senão após o trânsito em julgado de sentença condenatória. A custódia cautelar, dessa forma, apenas é prevista nas hipóteses de absoluta necessidade, nos termos do art. 5º, incisos LXVI e LVII, da Constituição Federal. Assim sendo, houve a necessidade de estabelecer instituto com a finalidade de assegurar o regular desenvolvimento do processo, sem que ocorresse qualquer prejuízo à liberdade do acusado.

Geiza, esposa do requerente, narrou que Daniel, ora requerente, era pai de uma criança de tenra idade, Júlia, que necessitava urgentemente do retorno do pai às atividades laborais para manter-lhe o sustento, o que demonstra a necessidade da medida, o que revela total compatibilidade com o nosso ordenamento que enquadra a prisão como medida excepcional.

Cabe também salientar, MM. Juiz, que o acusado jamais teve participação em qualquer tipo de delito, visto que é PRIMÁRIO, conforme consta nos autos (folha de antecedentes e certidões criminais).

O requerente possui BONS ANTECEDENTES, sendo que sempre foi pessoa honesta e voltada para o trabalho, conforme declaração de sua esposa Geiza. A empresa do requerente, Feijão Paulistano S.A., já atuava no mercado havia mais de 8 anos.

O requerente possui residência fixa, qual seja, Rua Xangai, n. 27, bairro Paulista.

Além disso, o requerente também possui PROFISSÃO DEFINIDA, sendo que é conhecido empresário de São Paulo – SP.

No caso em tela, deve ser concedida liberdade provisória mediante fiança, já que se trata de crime contra a economia popular, e, nos termos do art. 325, § 2º, nos casos de prisão em flagrante pela prática de crime contra a economia popular ou de crime de sonegação fiscal não se aplica o disposto no art. 310 e parágrafo único do Código de Processo Penal. Não incide na hipótese o art. 350 do CPP, pois não se trata de requerente comprovadamente pobre.

Diante do exposto, uma vez presentes os requisitos, tem direito subjetivo à liberdade provisória: não havendo, assim, motivos para a manutenção da prisão em flagrante, o acusado Daniel possui os requisitos legais para responder ao processo em liberdade, de forma que não se apresenta como medida justa o encarceramento de pessoa cuja conduta sempre pautou na honestidade e no trabalho.

(2 linhas)

DO PEDIDO

Diante do exposto, inexistindo requisitos para continuação da prisão, requer--se a concessão da LIBERDADE PROVISÓRIA COM FIANÇA e a expedição do alvará de soltura, como medida de inteira justiça.

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

1 TOURINHO FILHO, Fernando da Costa. Manual de processo penal. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2003. p. 74.

2 MIRABETE, Julio Fabbrini. Código de Processo Penal interpretado: referências doutrinárias, indicações legais, resenha jurisprudencial. São Paulo: Atlas, 2000. p. 636.

3 "Se nestes casos há uma grande probabilidade de o agente vir a ser absolvido ao final, qualquer medida cautelar mais gravosa mostrar-se-á desproporcional em relação ao provável resultado futuro do processo" (Andrey Borges de Mendonça, Prisão e outras medidas cautelares pessoais, Editora Método, 2011).

6

Fase da Propositura da Ação Penal

1 Introdução

1. Fundamento constitucional: art. 5º, inciso XXXV, da CF.

2. Conceito: é o direito de pedir ao juiz a aplicação do Direito Penal Objetivo a um caso concreto.

3. Finalidades: (a) aplicação do Direito Penal Objetivo; (b) satisfação da pretensão punitiva.

4. Condições gerais da ação penal: requisitos para o exercício do direito de ação:

a) Possibilidade jurídica do pedido: o fato narrado deve ser típico, ou seja, previsto na lei como infração penal. A pretensão punitiva deduzida em juízo visa à aplicação de uma sanção penal prevista na ordem jurídica, diante da ocorrência de uma infração penal descrita na lei como crime ou contravenção.

b) Interesse de agir: (1) viabilidade: a ação só pode ser movida se houver a presença de indícios suficientes de autoria e materialidade do crime; (2) punibilidade: só é possível promover a ação enquanto ainda não for extinta a punibilidade. Há doutrinadores que sustentam a concretização do interesse de agir pela necessidade (sem ajuizar ação não é possível a satisfação da pretensão punitiva com aplicação da sanção penal), adequação (o provimento judicial deve ser apto a atender o caso concreto) e utilidade (o uso da ação deve ser relevante, ou seja, trazer proveito para o autor).

c) Legitimação para agir ou ad causam: (1) ativa: é manifestada pela titularidade da ação, ou seja, o legitimado ativo é o MP quando a ação for penal pública, e será o ofendido quando a ação for penal privada; (2) passiva: a ação só pode ser movida contra quem praticar a infração penal, ou seja, autor, coautor ou partícipe.

5. Rejeição da denúncia ou queixa: (a) for manifestamente inepta: é a

que não preenche os requisitos formais essenciais do art. 41 do CPP; (b) falta de pressuposto processual; (c) falta de condição para o exercício da ação penal; (d) falta de justa causa para o exercício da ação penal: é a falta de um mínimo probatório que demonstre a viabilidade e a seriedade da acusação, verificada apenas a intenção de narrar ou relatar um fato, na conduta dos querelados, inviabiliza-se a persecução penal, já que a peça acusatória deve expor com clareza a imputação criminal, com os elementos mínimos de autoria e materialidade da prática de determinada infração penal. Desta forma, é necessária plausibilidade da acusação (suporte mínimo de prova e indício de imputação).

6. Carência da ação penal: é a falta de condição exigida pela lei para o exercício da ação penal. O juiz deve rejeitar a denúncia ou queixa. Se o juiz receber a peça acusatória, poderá haver o reconhecimento da carência em qualquer instância, por ser matéria de ordem pública, gerando a nulidade absoluta do processo.

7. Legitimidade ativa concorrente: é a possibilidade de mais de um autor ajuizar a ação penal. Cabe ressalvar que, se um dos legitimados propuser a ação, os demais ficam impedidos.

Peças cabíveis:

queixa-crime;

queixa-crime subsidiária;

habeas corpus (será analisado em capítulo próprio, mas o candidato deve saber que cabe HC nesta fase).

2 Queixa-crime

1. Disciplina legal: a queixa-crime está regulada nos arts. 24 a 62 do

Código de Processo Penal e no art. 100 do Código Penal.

2. Tipo de ação penal: privada; segundo Mirabete: queixa é a petição inicial da ação penal privada[1]. Equivale à denúncia e como esta deve ser formulada juntando-se o inquérito policial ou outro elemento informativo. É subscrita por advogado com procuração especial do ofendido.

3. Característica: na queixa há a substituição processual, já que a vítima ingressa com a ação em nome próprio, para defender interesse alheio (o de punir do Estado). O direito do titular é o direito de acusar. Não há transferência do direito de punir.

4. Princípios

4.1 Oportunidade: cabe ao titular do direito de agir a faculdade de concordar ou não com a lavratura do auto de prisão em flagrante, com a instauração do inquérito e com a propositura da ação penal privada ou queixa-crime.

4.2 Disponibilidade: cabe ao titular do direito de agir a faculdade de prosseguir ou não com a ação penal até o final. A disponibilidade pode ser por perdão, perempção ou desistência.

4.3 Indivisibilidade: o titular do direito de agir não pode deixar de incluir na queixa-crime todos os coautores ou partícipes do fato, nos termos do art. 48 do CPP. O titular do direito de queixa não deve escolher quem processar; ou processa todos ou não processa ninguém.

4.4 Intranscendência ou personalidade da pena: a ação penal é limitada aos responsáveis pela infração, nos termos do art. 5º, inciso XLV, da CF.

5. Prazo: em regra, seis meses do conhecimento da autoria do fato pelo ofendido (ou representante legal).

6. Titular: vítima ou representante legal:

curador especial: (1) ofendido menor de 18 anos ou mentalmente enfermo ou retardado mental e que não tiver representante legal; (2) quando os interesses do ofendido menor de 18 anos ou mentalmente enfermo ou retardado mental colidirem com os interesses do representante legal;

morte ou ausência: o direito de oferecer queixa ou prosseguir na ação passará ao cônjuge, ascendente, descendente ou irmão;

mulher casada: não precisa mais do consentimento do marido para exercer o direito de queixa, em razão do princípio da igualdade jurídica dos cônjuges;

pessoa jurídica: serão representadas por quem os respectivos contratos ou estatutos

designarem; no silêncio, pelos seus diretores ou sócios-gerentes;

menor de 18 anos: representante legal;

maior de 18 anos: ofendido.

7. Documento indispensável: procuração com poderes especiais: (1) se comprovada pobreza, o juiz nomeia advogado para promover a ação penal; (2) o procurador deve ter poderes especiais, devendo constar do instrumento do mandato o nome do querelado e menção do fato criminoso (não é necessária a descrição pormenorizada do delito, bastando a menção do nomen juris). A falha na representação processual do querelante pode ser sanada a qualquer tempo, desde que dentro do prazo decadencial; (3) o laudo pericial só será juntado nos crimes que deixarem vestígios.

8. Quadro comparativo

Itens	Recebimento	Rejeição
Normal	Habeas corpus	Recurso em sentido estrito – art. 581, I, do CPP
Ação penal originária de tribunal	Agravo	Agravo (art. 39 da Lei n. 8.038/90)
Juizados especiais	Habeas corpus	Apelação

9. Finalidade: na queixa-crime, o titular do direito de agir defende interesse alheio (o direito de punir) em nome próprio. Trata-se de situação de legitimação extraordinária.

10. Requisitos

1. exposição do fato, com todas as suas circunstâncias:

o fato narrado deve constituir crime ou contravenção;

o fato criminoso deve ser descrito de forma especificada;

devem ser descritos todos os elementos do tipo penal;

devem constar de forma clara o sujeito ativo do crime, os autores e meios empregados, o mal produzido, o lugar do crime, os motivos do crime, a maneira pela qual foi praticado e o tempo do fato;

se houver concurso de pessoas, deve ser descrito o modo como cada um dos coautores ou partícipes concorreu para o evento;

2. qualificação do acusado ou esclarecimentos pelos quais se possa identificá-lo:

indicar as qualidades que individuam a pessoa;

3. classificação jurídica do crime;
4. rol de testemunhas, quando necessário.

11. Espécies de ação penal

a) privada ou exclusiva ou principal ou propriamente dita: proposta pela vítima ou seu representante legal; no caso de morte ou ausência, os legitimados são o cônjuge, ascendente, descendente ou irmão;

b) personalíssima: proposta somente pela vítima; no caso de sua morte ou ausência, haverá extinção da punibilidade, por perempção; só é admitida na hipótese prevista no art. 236, § 2º, do CP;

c) subsidiária ou supletiva: cabível quando houver inércia do Ministério Público. É proposta pela vítima ou seu representante legal.

12. Atuação do MP na ação penal privada

Na ação penal privada exclusiva e personalíssima, o MP atua como fiscal da lei, cabendo-lhe intervir em todos os termos do processo, conforme o previsto no art. 45 do CPP. A falta de intervenção do MP na ação penal privada gera nulidade relativa do processo (art. 564, inciso III, do CPP). Tal nulidade será sanada se não for convalidada em nome próprio (art. 572 do CPP).

Na ação penal privada subsidiária, o MP funciona como interveniente adesivo obrigatório ou assistente litisconsorcial, cabendo-lhe aditar, repudiar e oferecer denúncia substitutiva, intervir em todos os termos do processo, fornecer elementos de prova, interpor recurso e retomar ação quando houver negligência pelo querelante.

13. Aditamento da queixa

a) Legitimidade: Ministério Público.

b) Prazo: 3 dias.

c) Início do prazo: data do recebimento dos autos pelo Ministério Público.

d) Alcance: há dois posicionamentos:

(1) só alcança as imperfeições formais;

(2) pode incluir novos crimes ou novos infratores.

e) Não aditamento no prazo: há a presunção de que o MP não quis aditar a queixa.

f) Ação privada subsidiária: o MP pode não só aditar a queixa como também repudiá-la e oferecer denúncia substitutiva.

14. Queixa no Júri: (a) inércia do MP; (b) conexão de crimes, nos termos do art. 74, § 1º, do CPP.

15. Ação penal nos crimes em espécie

a) Crimes contra a pessoa: em regra a ação penal é pública incondicionada. No entanto, a ação penal será pública condicionada à representação nos seguintes crimes: a) lesão corporal simples ou leve; b) lesão corporal culposa; c) perigo de contágio venéreo; d) ameaça; e) violação de comunicação telegráfica, radioelétrica ou telefônica; f) impedimento de comunicação ou conversação; g) correspondência comercial; h) violação do segredo profissional. Nos crimes de calúnia e difamação, a regra é ação penal privada. Será pública condicionada à representação quando a ofensa é praticada contra funcionário público, em razão de suas funções; será pública condicionada à requisição do ministro da justiça, quando o crime for praticado contra o Presidente da República ou contra chefe de governo estrangeiro. No caso do crime de injúria, a regra é ação penal privada. Será pública incondicionada no caso de injúria real; será pública condicionada à representação no caso de injúria real, se da violência resultar lesão corporal leve e no caso de injúria com preconceito.

b) Crimes contra o patrimônio: em regra a ação penal é pública incondicionada. No entanto, a ação penal será pública condicionada à representação nos seguintes crimes: a) furto de coisa comum; b) fraude em refeição, alojamento ou transporte; c) fraude à execução. Será de ação penal privada no crime de introdução ou abandono de animais em propriedade alheia. Nos crimes de usurpação, se a propriedade é particular e não há emprego de violência contra a pessoa, a ação penal é privada. Nas demais hipóteses será pública incondicionada. No crime de dano, a ação é penal privada nas hipóteses de dano simples e qualificado por motivo egoístico ou prejuízo considerável. Será pública incondicionada nos demais casos. Nos crimes contra o patrimônio, a ação penal é pública condicionada à representação, se o crime é praticado em prejuízo de cônjuge desquitado ou judicialmente separado, de irmão e de tio ou sobrinho com quem o agente coabite. Cabe ressaltar que tal situação não se aplica se o crime é de roubo ou extorsão; se houver emprego de grave ameaça ou violência à pessoa ou se o crime é praticado contra pessoa com idade igual ou superior a 60 anos.

c) Crimes contra a propriedade imaterial: nos casos dos crimes de violação de direito autoral, a ação penal é privada para tipo básico; será pública incondicionada nas figuras qualificadas previstas nos arts. 186, incisos II e III, do CP e, nos crimes cometidos em desfavor de entidades de direito público, autarquia, empresa pública, sociedade de economia mista ou fundação instituída pelo Poder Público; será pública condicionada à representação na figura qualificada prevista no art. 186, inciso IV, do CP.

d) Crimes contra a organização do trabalho: os crimes são de ação penal pública incondicionada.

e) Crimes contra o sentimento religioso e contra o respeito aos mortos: os crimes são de ação penal pública incondicionada.

f) Crimes contra a dignidade sexual: nos crimes de estupro, violação sexual mediante fraude, assédio sexual, estupro de vulnerável, satisfação de lascívia mediante a presença de criança ou adolescente e favorecimento de prostituição ou outra forma de exploração sexual de vulnerável, a regra é ação penal pública condicionada à representação. No entanto, a ação será pública incondicionada em dois casos: a) se a vítima é menor de 18 anos; b) se a vítima é vulnerável. Se houver como resultado lesão grave ou morte para o crime de estupro, ainda que vítima seja maior de 18 anos e não seja vulnerável, a ação será pública incondicionada. Nos crimes de lenocínio e do tráfico de pessoa para fim de prostituição ou outra forma de exploração sexual, a ação penal é pública incondicionada. Nos crimes de ultraje público ao pudor, a ação penal é pública incondicionada.

g) Crimes contra a família: a regra é ação penal pública incondicionada. Será ação penal privada no caso do crime de induzimento a erro essencial e ocultação de impedimento.

h) Crimes contra a incolumidade pública: os crimes são de ação penal pública incondicionada.

i) Crimes contra a paz pública: os crimes são de ação penal pública incondicionada.

j) Crimes contra a fé pública: os crimes são de ação penal pública incondicionada.

k) Crimes contra a Administração Pública: os crimes são de ação penal pública incondicionada.

16. Não observância do prazo: se a queixa-crime não for intentada no prazo legal, ocorrerá decadência do direito de queixa e, por consequência, extinção da punibilidade. Mesmo que a queixa-crime tenha sido apresentada perante juízo incompetente, o certo é que o seu simples ajuizamento é suficiente para obstar a decadência.

17. Estrutura da peça prática: a peça prática da queixa-crime tem as seguintes partes: (a) Endereçamento; (b) Preâmbulo: nome e qualificação do querelante (autor da ação – ofendido); capacidade postulatória,

fundamento legal (artigo da lei sobre a peça), nome da peça, nome e qualificação do querelado (réu da ação – querelado) e frase final; (c) Corpo: fatos e direito; (d) Pedido; (e) Parte final.

18. Termos: na peça prática da queixa usar, para o réu, querelado; e para o autor – vítima, querelante.

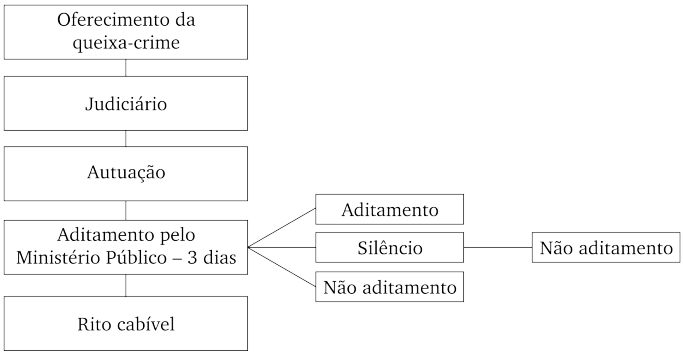

MODELO DE QUEIXA-CRIME

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA ___ VARA CRIMINAL DA COMARCA _____ (matéria estadual)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ FEDERAL DA ___ VARA CRIMINAL DA SEÇÃO JUDICIÁRIA DE _____ (matéria federal)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA ___ VARA DO JÚRI DA COMARCA DE _____ (crimes dolosos contra a vida e matéria estadual)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ FEDERAL DA ___ VARA DO JÚRI DA SEÇÃO JUDICIÁRIA DE _____ (crimes dolosos contra a vida e matéria federal)

(10 linhas)

_____ (nome), _____ (nacionalidade), _____ (estado civil), _____ (profissão), residente e domiciliado _____ (endereço), vem, por seu advogado infra-assinado (documento n. 1 – poderes especiais), à presença de Vossa Excelência, com fundamento nos artigos 41 e 44 do Código de Processo Penal combinado com o artigo 100, § 2º, do Código Penal, oferecer QUEIXA-CRIME em face de _____ (nome), _____ (nacionalidade), _____ (estado civil), _____ (profissão), residente e domiciliado _____ (endereço), pelos motivos de fato e de direito a seguir aduzidos:

(2 linhas)

DOS FATOS

* Narrar o fato criminoso, com todas as circunstâncias, sem inventar dados ou copiar o problema. Seguir roteiro de questões: (a) Quando – tempo do fato – No dia tal, mês tal, ano tal, por volta das ____ horas; (b) Sujeito Ativo – quem pratica a conduta criminosa – Fulano de tal; (c) Lugar do crime; (d) Motivo do crime; (e) Comportamento criminoso; (f) Maneira pela qual o crime foi praticado; (g) Mal produzido com a conduta criminosa. Se houver concurso de pessoas: especificar a conduta de cada coautor ou partícipe.

(2 linhas)

DO DIREITO

* Comprovar a ocorrência do crime e sua respectiva autoria, com adaptação ao fato típico realizado no mundo real.

Demonstrar a ocorrência da infração, através da explicação dos seus requisitos (tipo objetivo, tipo subjetivo, consumação e outros). Não esquecer de relacionar os requisitos do tipo penal com o fato concreto.

(2 linhas)

DO PEDIDO

Diante do exposto, tendo o querelado infringido o artigo _____, requer a Vossa Excelência que, recebida e autuada esta, seja o mesmo citado para apresentar resposta à acusação, ser processado e ao final condenado. Requer, outrossim, a notificação das testemunhas do rol abaixo para virem depor em juízo, em dia e hora a serem designados, sob as cominações legais.

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

(2 linhas)

Rol de Testemunhas:

1. _____ (Nome), _____ (Profissão), _____ (Endereço)
2. _____ (Nome), _____ (Profissão), _____ (Endereço)
3. _____ (Nome), _____ (Profissão), _____ (Endereço)

3 Queixa-crime subsidiária

1. Termo: ação penal supletiva.

2. Tipo de crime: crime de ação pública.

3. Cabimento: inércia do Ministério Público. Tal inércia é constatada quando o MP, diante do inquérito policial ou outras peças de informação, não pede arquivamento, novas diligências ou oferece denúncia. É proposta pela vítima ou seu representante legal. Os efeitos da inércia ministerial são: (a) punição administrativa para o promotor ou procurador desidioso; (b) relaxamento ou revogação da prisão; (c) propositura da ação penal privada subsidiária da pública. Se houver negligência do ofendido, o MP retoma o prosseguimento da ação. A propositura da subsidiária não impede a propositura da ação pública pelo MP enquanto não extinta a punibilidade.

4. Natureza: exceção ao art. 5º, LIX c/c o art. 129, I, ambos da CF.

5. Legitimidade ativa: vítima ou representante legal. No caso de morte ou ausência, o direito de oferecer a queixa passará ao cônjuge, ascendente, descendente ou irmão.

6. Prazo: em regra, seis meses, a contar do esgotamento do prazo para o MP oferecer denúncia.

7. Ministério Público: aditar, repudiar e oferecer denúncia substitutiva, intervir em todos os termos do processo, fornecer elementos de prova, interpor recurso e retomar ação quando houver negligência do querelante.

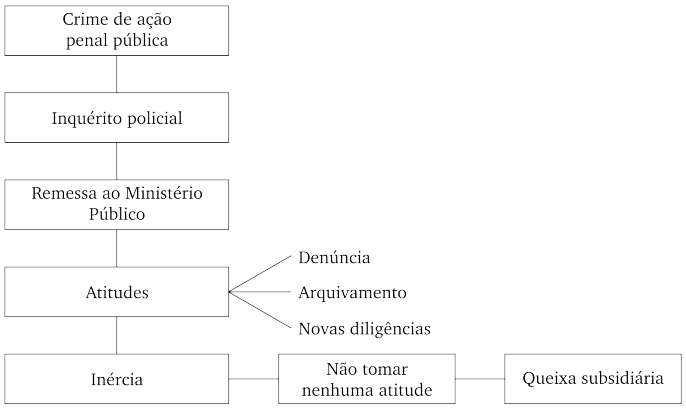

MODELO DE QUEIXA-CRIME SUBSIDIÁRIA

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA ___ VARA CRIMINAL DA COMARCA _____ (crimes não dolosos contra a vida e matéria estadual)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ FEDERAL DA ___ VARA CRIMINAL DA SEÇÃO JUDICIÁRIA DE _____ (crimes não dolosos contra a vida e matéria federal)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA ___ VARA DO JÚRI DA COMARCA DE_____ (crimes dolosos contra a vida e matéria estadual)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ FEDERAL DA ___ VARA DO JÚRI DA SEÇÃO JUDICIÁRIA DE _____ (crimes dolosos contra a vida e matéria federal)

(10 linhas)

_____ (nome), _____ (nacionalidade), _____ (estado civil), _____ (profissão), residente e domiciliado _____ (endereço), vem, por seu advogado infra-assinado (documento n. 1 – poderes especiais), à presença de Vossa Excelência, com fundamento nos artigos 41 e 44 do Código de Processo Penal combinado com o artigo 100, § 3º, do Código Penal, e artigo 5º, LIX, da Constituição Federal, oferecer QUEIXA-CRIME SUBSIDIÁRIA em face de _____ (nome), _____ (nacionalidade), _____ (estado civil), _____ (profissão), residente e domiciliado _____ (endereço), pelos motivos de fato e de direito a seguir aduzidos:

(2 linhas)

DOS FATOS

* Narrar o fato criminoso, com todas as circunstâncias, sem inventar dados ou copiar o problema. Seguir roteiro de questões:

(a) Quando – tempo do fato – No dia tal, mês tal, ano tal, por volta das _____ horas; (b) Sujeito Ativo – quem pratica a conduta criminosa – Fulano de tal; (c) Lugar do crime; (d) Motivo do crime; (e) Comportamento criminoso; (f) Maneira pela qual o crime foi praticado; (g) Mal produzido com a conduta criminosa. Se houver concurso de pessoas: especificar a conduta de cada coautor ou partícipe.

* Abrir um tópico sobre a inércia do Ministério Público.

No caso em tela, o douto representante do Ministério Público quedou-se inerte, já que _____ (especificar o motivo da inércia ministerial), nos termos do artigo _____ (fundamento legal justificador da inércia ministerial).

(2 linhas)

DO DIREITO

* Comprovar a ocorrência do crime e sua respectiva autoria, com adaptação ao fato típico realizado no mundo real. Demonstrar a ocorrência da infração, através da explicação dos seus requisitos (tipo objetivo, tipo subjetivo, consumação e outros). Não esquecer de relacionar os requisitos do tipo penal com o fato concreto.

(2 linhas)

DO PEDIDO

Diante do exposto, em virtude da inércia do Ministério Público em promover a denúncia e tendo o acusado infringido o artigo _____, requer a Vossa Excelência que, recebida e autuada esta, seja o mesmo citado para apresentar resposta à acusação, ser processado e ao final condenado. Requer, outrossim, a notificação das testemunhas do rol abaixo para virem depor em juízo, em dia e hora a serem designados, sob as cominações legais.

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

(2 linhas)

Rol de Testemunhas:

1. _____ (Nome), _____ (Profissão), _____ (Endereço)
2. _____ (Nome), _____ (Profissão), _____ (Endereço)
3. _____ (Nome), _____ (Profissão), _____ (Endereço)

CASO PRÁTICO

No dia 25.6.2012, por volta das 12 horas, na confluência das ruas Maria Paula e Genebra, Maria da Luz teve seu relógio subtraído por João da Paz, que se utilizou de violência e grave ameaça, exercida com uma faca. Descoberta a autoria e formalizado o inquérito policial com prova robusta de materialidade e autoria, os autos permanecem com o Ministério Público há mais de trinta dias, sem qualquer manifestação. Como advogado de Maria da Luz, atue em prol do constituinte.

EXEMPLO PRÁTICO DA PEÇA

1. Rascunho da peça

a) infração penal: roubo, nos termos do art. 157, § 2º, do Código Penal;

b) ação penal: pública incondicionada;

c) pena concreta: não tem;

d) pena abstrata: reclusão de 4 a 10 anos, e multa, com aumento de um terço até a metade;

e) rito processual: ordinário;

f) momento processual: não tem; narração fática do crime;

g) cliente: Maria da Luz;

h) situação prisional: solta;

i) tese: comprovação da materialidade e da autoria da infração penal;

j) peça: queixa-crime subsidiária;

k) competência: Juiz de Direito da Vara Criminal;

l) pedido: recebimento e autuação da queixa; citação do réu para apresentar resposta à acusação, ser processado e ao final condenado; notificação das testemunhas do rol abaixo para virem depor em juízo, em dia e hora a serem designados, sob as cominações legais.

2. Peça prática

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA ___ VARA CRIMINAL DA COMARCA DA CAPITAL

(10 linhas)

Maria da Luz, (nacionalidade), (estado civil), (profissão), residente e domiciliada _____ (endereço), vem, por seu advogado infra-assinado (documento n. 1 – poderes especiais), à presença de Vossa Excelência, com fundamento nos artigos 41 e 44 do Código de Processo Penal combinado com o artigo 100, § 3º, do Código Penal e artigo 5º, LIX, da CF, oferecer QUEIXA-CRIME SUBSIDIÁRIA em face de _____ (nome), _____ (nacionalidade), _____ (estado civil), _____ (profissão), residente e domiciliado _____ (endereço), pelos motivos de fato e de direito a seguir aduzidos:

(2 linhas)

DOS FATOS

No dia 25 de agosto de 2012, por volta das 12 horas, na confluência das ruas Maria Paula e Genebra, João da Paz subtraiu, mediante uso de uma faca, o relógio de Maria da Luz.

Trata-se de um crime de roubo, conforme prova robusta de materialidade e autoria constante dos autos do Inquérito Policial, que é de Ação Penal Pública Incondicionada, cuja titularidade pertence ao Ministério Público.

Conforme consta do art. 46 do Código de Processo Penal, em regra, o prazo para o Ministério Público se manifestar sobre o inquérito (arquivamento ou denúncia ou novas diligências) é de 15 dias, quando o réu é solto.

No entanto, no caso em tela, o Ministério Público recebeu os autos do inquérito policial e não realizou qualquer manifestação há mais de 30 dias, de forma que, excedido o prazo, com a inércia do Ministério Público, Maria da Luz, ora vítima, por seu advogado, intenta a presente ação privada subsidiária.

(2 linhas)

DO DIREITO

No caso em tela, pode-se afirmar que ocorreu o crime de roubo, já que estão presentes todos os elementos necessários para a concretização do tipo penal, previsto no art. 157, § 2º, do Código Penal.

João da Paz subtraiu coisa alheia móvel, ou seja, um relógio pertencente a Maria da Luz, de forma que houve ofensa ao seu patrimônio.

A subtração foi realizada mediante o uso de arma branca, de forma a constranger a vítima, retirando-lhe os meios de defesa e perturbando-lhe a liberdade psíquica.

A violência e a grave ameaça empregadas, com o uso da faca, foram dirigidas à pessoa de Maria da Luz, para facilitar a tarefa de João no despojamento do bem.

O emprego da faca demonstra maior periculosidade do agente e, ao mesmo tempo, intimidação por parte da vítima, de forma que deve ser reconhecida a causa de aumento de pena de emprego de arma.

Cabe ressalvar que o crime de roubo se consumou no momento em que João inverteu a posse, ainda que por breve momento, fora da vigilância da vítima Maria.

Dessa forma, presentes os requisitos necessários para a configuração do crime de roubo, requer a apuração do referido ilícito penal e da respectiva autoria de João.

(2 linhas)

DO PEDIDO

Diante do exposto, em virtude da inércia do Ministério Público em promover a denúncia e tendo o acusado infringido o art. 157, § 2º, do Código Penal, requer a Vossa Excelência que, recebida e autuada esta, seja o mesmo citado para apresentar defesa inicial, ser processado e ao final condenado. Requer, outrossim, a notificação das testemunhas do rol abaixo para virem depor em juízo, em dia e hora a serem designados, sob as cominações legais.

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

(2 linhas)

Rol de Testemunhas:

1. _____ (Nome), _____ (Profissão), _____ (Endereço)
2. _____ (Nome), _____ (Profissão), _____ (Endereço)
3. _____ (Nome), _____ (Profissão), _____ (Endereço)

1 MIRABETE. Ob. cit. p. 132.

7

Peças Incidentais

1 Resposta à acusação (também chamada de defesa inicial)

1. Conceito: primeira peça de defesa escrita produzida pela defesa.

2. Momento: após recebida a denúncia ou queixa, o acusado será citado para apresentar defesa inicial.

3. Citação por edital: o prazo para apresentação da defesa inicial começará a fluir a partir do comparecimento pessoal do acusado ou do defensor constituído.

4. Nulidade: falta de concessão do prazo, conforme o art. 564, III, e, do CPP.

5. Legitimidade ativa: acusado, por meio do seu defensor.

6. Prazo: dez dias, salvo defensor público, que, pela Lei n. 1.060/50, art. 5º, § 5º, tem prazo em dobro, ou seja, vinte dias.

7. Exceção: pode oferecer qualquer das exceções previstas nos arts. 95 a 111 do CPP, que serão processadas em apartado.

8. Não observância do prazo ou, quando citado, não constituir defensor: o juiz nomeará defensor para apresentar a defesa inicial em 10 dias. Se o defensor constituído, devidamente intimado, não apresentar resposta à acusação, o juiz deve nomear ao réu defensor público para apresentar a referida resposta, nos termos do art. 396-A, § 2º, do CPP.

9. Requisito: intimação do acusado ou do defensor, sob pena de nulidade.

10. Conteúdo: (a) arrolar testemunhas; (b) requerer diligências que entender convenientes; (c) requerer juntada de documentos; (d) arguir preliminares; (e) especificar as provas admitidas; (f) tudo o que interesse para a defesa.

11. Não arrolar testemunhas: preclusão, mas a defesa poderá solicitar inquirição; se aceito, ouve como testemunha do juízo.

12. Forma: petição avulsa ou por termo nos autos.

13. Oitiva do Ministério Público: será necessária quando apresentada a defesa inicial.

14. Esquema da peça prática: (a) endereçamento: juiz da causa; (b) preâmbulo: nome e qualificação do acusado, capacidade postulatória (colocar procuração, pois é a primeira peça da defesa), fundamento legal (art. 396; se for júri, art. 406 do CPP), nome da peça (apresentar RESPOSTA À ACUSAÇÃO OU DEFESA INICIAL), frase final (pelas razões a seguir expostas); (c) corpo da peça (não mencionar tese de defesa); (d) parte final (termos em que, pede deferimento, data e OAB).

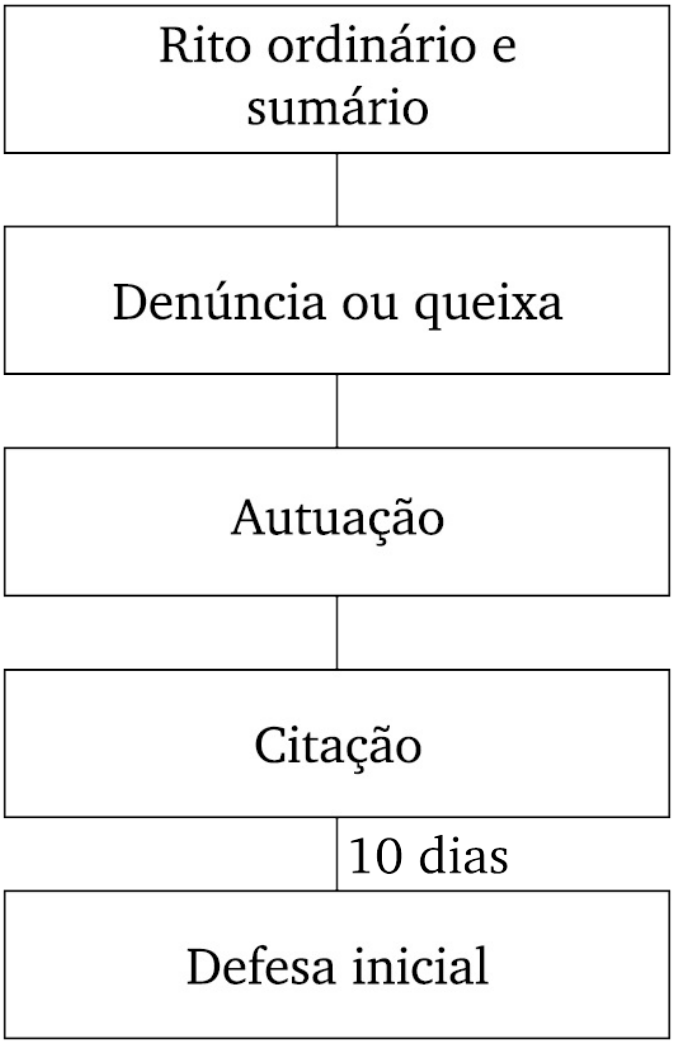

MODELO DE RESPOSTA À ACUSAÇÃO OU DEFESA INICIAL

a) Crimes não dolosos contra a vida

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA ___ VARA CRIMINAL DA COMARCA _____ (matéria estadual)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ FEDERAL DA ___ VARA CRIMINAL DA SEÇÃO JUDICIÁRIA DE _____ (matéria federal)

b) Crimes dolosos contra a vida

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA ___ VARA DO JÚRI DA COMARCA DE _____ (matéria estadual)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ FEDERAL DA ___ VARA DO JÚRI DA SEÇÃO JUDICIÁRIA DE _____ (matéria federal)

(10 linhas)

_____ (nome), já qualificado nos autos do processo-crime em epígrafe, vem, por seu advogado infra-assinado (documento n. 1), à presença de Vossa Excelência, com fundamento nos artigos 396/406 do Código de Processo

Penal, apresentar RESPOSTA À ACUSAÇÃO, pelos motivos a seguir aduzidos:

(2 linhas)

DOS FATOS

Narrar o fato criminoso, com todas as circunstâncias, sem inventar dados ou copiar o problema.

DO DIREITO

I – Das Preliminares

No caso em tela ocorreu _____ (mencionar a preliminar), em virtude da _____ (motivo da preliminar), nos termos do artigo _____ (fundamento legal/constitucional).

Demonstrar a preliminar: explicar o porquê da ocorrência da preliminar, indicando os artigos de lei e os princípios jurídicos embasadores.

Mencionar doutrina e jurisprudência

Desta forma. _____ (retomar o parágrafo em foi apontada a preliminar com outras palavras).

II – Do Mérito

* apontar a tese;

* justificar a tese;

* doutrina;

* jurisprudência;

* conclusão.

Se for o caso, demonstrar a necessidade de o juiz decretar absolvição sumária, nos termos do art. 397 do CPP. Seguir o roteiro:

A) No caso em tela, ocorreu _____ (apontar um dos incisos do art. 397 do CPP), já que _____ (explicar o motivo), nos termos do artigo _____ (indicar o fundamento legal do motivo).

B) Fundamentar: apresentar argumentos que justifiquem a incidência de um dos incisos do art. 397 do CPP, inclusive mencionando doutrina e jurisprudência.

C) Conclusão: Dessa forma _____ (concluir a ocorrência do art. 397 do CPP).

DOS REQUERIMENTOS

I – Se houver necessidade de documentos, requerer a juntada.

II – Se houver necessidade de diligências, requerer a realização, mostrando a necessidade e a importância da diligência para busca da verdade real.

III – Requer a notificação das testemunhas do rol abaixo para virem depor em juízo, em dia e hora a serem designados, sob as cominações legais.

IV – Especificar as provas pretendidas – O acusado pretende provar o alegado por todos os meios de prova em Direito admitidos, especialmente _____ (especificar os meios de prova).

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

(2 linhas)

Rol de Testemunhas:

1. _____ (Nome), _____ (Profissão), _____ (Endereço)

2. _____ (Nome), _____ (Profissão), _____ (Endereço)
3. _____ (Nome), _____ (Profissão), _____ (Endereço)

CASO PRÁTICO

A Polícia Civil do Estado do Rio Grande do Sul recebe notícia crime identificada, imputando a Maria Campos a prática de crime, eis que mandaria crianças brasileiras para o estrangeiro com documentos falsos. Diante da notícia crime, a autoridade policial instaura inquérito policial e, como primeira providência, representa pela decretação da interceptação das comunicações telefônicas de Maria Campos, "dada a gravidade dos fatos noticiados e a notória dificuldade de apurar crime de tráfico de menores para o exterior por outros meios, pois o 'modus operandi' envolve sempre atos ocultos e exige estrutura organizacional sofisticada, o que indica a existência de uma organização criminosa integrada pela investigada Maria". O Ministério Público opina favoravelmente e o juiz defere a medida, limitando-se a adotar, como razão de decidir, "os fundamentos explicitados na representação policial". No curso do monitoramento, foram identificadas pessoas que contratavam os serviços de Maria Campos para providenciar expedição de passaporte para viabilizar viagens de crianças para o exterior. Foi gravada conversa telefônica de Maria com um funcionário do setor de passaportes da Polícia Federal, Antônio Lopes, em que Maria consultava Antônio sobre os passaportes que ela havia solicitado, se já estavam prontos, e se poderiam ser enviados a ela. A pedido da autoridade policial, o juiz deferiu a interceptação das linhas telefônicas utilizadas por Antônio Lopes, mas nenhum diálogo relevante foi interceptado. O juiz, também com prévia representação da autoridade policial e manifestação favorável do Ministério Público, deferiu a quebra de sigilo bancário e fiscal dos investigados, tendo sido identificado um depósito de dinheiro em espécie na conta de Antônio, efetuado naquele mesmo ano,

no valor de R$ 100.000,00 (cem mil reais). O monitoramento telefônico foi mantido pelo período de quinze dias, após o que foi deferida medida de busca e apreensão nos endereços de Maria e Antônio. A decisão foi proferida nos seguintes termos: "diante da gravidade dos fatos e da real possibilidade de serem encontrados objetos relevantes para investigação, defiro requerimento de busca e apreensão nos endereços de Maria (Rua dos Casais, 213) e de Antônio (Rua Castro, 170, apartamento 201)". No endereço de Maria Campos, foi encontrada apenas uma relação de nomes que, na visão da autoridade policial, seriam clientes que teriam requerido a expedição de passaportes com os nomes de crianças que teriam viajado para o exterior. No endereço indicado no mandado de Antônio Lopes, nada foi encontrado. Entretanto, os policiais que cumpriram a ordem judicial perceberam que o apartamento 202 do mesmo prédio também pertencia ao investigado, motivo pelo qual nele ingressaram, encontrando e apreendendo a quantia de cinquenta mil dólares em espécie. Nenhuma outra diligência foi realizada. Relatado o inquérito policial, os autos foram remetidos ao Ministério Público, que ofereceu a denúncia nos seguintes termos: "o Ministério Público vem oferecer denúncia contra Maria Campos e Antônio Lopes, pelos fatos a seguir descritos: Maria Campos, com o auxílio do agente da polícia federal Antônio Lopes, expediu diversos passaportes para crianças e adolescentes, sem observância das formalidades legais. Maria tinha a finalidade de viabilizar a saída dos menores do país. A partir da quantia de dinheiro apreendida na casa de Antônio Lopes, bem como o depósito identificado em sua conta bancária, evidente que ele recebia vantagem indevida para efetuar a liberação dos passaportes. Assim agindo, a denunciada Maria Campos está incursa nas penas do art. 239, parágrafo único, da Lei n. 8.069/90 (Estatuto da Criança e do Adolescente), e nas

penas do art. 333, parágrafo único, c/c o art. 69, ambos do Código Penal. Já o denunciado Antônio Lopes está incurso nas penas do art. 239, parágrafo único, da Lei n. 8.069/90 (Estatuto da Criança e do Adolescente) e nas penas do art. 317, § 1º, c/c art. 69, ambos do Código Penal". O juiz da 15ª Vara Criminal de Porto Alegre, RS, recebeu a denúncia, nos seguintes termos: "compulsando os autos, verifico que há prova indiciária suficiente da ocorrência dos fatos descritos na denúncia e do envolvimento dos denunciados. Há justa causa para a ação penal, pelo que recebo a denúncia. Citem-se os réus, na forma da lei". Antônio foi citado pessoalmente em 27-10-2010 (quarta-feira) e o respectivo mandado foi acostado aos autos dia 1-11-2010 (segunda-feira). Antônio contratou você como Advogado, repassando-lhe nomes de pessoas (Carlos de Tal, residente na Rua 1, n. 10, nesta capital; João de Tal, residente na Rua 4, n. 310, nesta capital; Roberta de Tal, residente na Rua 4, n. 310, nesta capital) que prestariam relevantes informações para corroborar com sua versão. Nessa condição, redija a peça processual cabível desenvolvendo TODAS AS TESES DEFENSIVAS que podem ser extraídas do enunciado com indicação de respectivos dispositivos legais. Apresente a peça no último dia do prazo.

EXEMPLO PRÁTICO DA PEÇA

1. Rascunho da peça

a) infração penal: Maria Campos: art. 239, parágrafo único, da Lei n. 8.069/90 e nas penas do art. 333, parágrafo único, c/c o art. 69, ambos do Código Penal; Antônio Lopes: art. 239, parágrafo único, da Lei n. 8.069/90 e nas penas do art. 317, § 1º, c/c o art. 69, ambos do Código Penal;

b) ação penal: pública incondicionada;

c) pena concreta: não tem;

d) pena abstrata: art. 239, parágrafo único, da Lei n. 8.069/90: Pena – reclusão, de 6 (seis) a 8 (oito) anos, além da pena correspondente à violência; art. 333 do CP: pena – reclusão, de 2 (dois) a 12 (doze) anos, e multa; art. 317, § 1º, do CP: Pena – reclusão, de 2 (dois) a 12 (doze) anos, e multa. A pena é aumentada

de um terço, se, em consequência da vantagem ou promessa, o funcionário retarda ou deixa de praticar qualquer ato de ofício ou o pratica infringindo dever funcional.

e) rito processual: ordinário;

f) momento processual: após recebimento da denúncia com citação dos réus;

g) clientes: Maria Campos e Antônio Lopes;

h) situação prisional: soltos;

i) tese: momento próprio para apresentar a defesa;

j) peça: Resposta à acusação ou Defesa inicial;

k) competência: Juiz de Direito da 15ª Vara Criminal de Porto Alegre/RS;

l) pedido:

2. Peça prática

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA 15ª VARA Criminal de Porto Alegre – RS

(10 linhas)

Antônio, já qualificado nos autos do processo-crime em epígrafe, vem, por seu advogado infra-assinado (documento n. 1), à presença de Vossa Excelência, com fundamento no art. 396 do Código de Processo Penal, apresentar RESPOSTA À ACUSAÇÃO, pelos motivos a seguir aduzidos:

(2 linhas)

DOS FATOS

Narrar o fato criminoso, com todas as circunstâncias, sem inventar dados ou copiar o problema.

DO DIREITO

I – Das Preliminares

A) INCOMPETÊNCIA

No caso em tela ocorreu a incompetência da Justiça Estadual para processar o feito, já que o crime é de competência da Justiça Federal, nos termos do art. 109, inciso V, da Constituição Federal.

B) NULIDADE NA INTERCEPTAÇÃO TELEFÔNICA

No caso em tela ocorreu nulidade na interceptação telefônica, por dois motivos: a) falta de fundamentação da decisão nos termos do que disciplina o art. 5º, da Lei n. 9.296/96 e art. 93, IX, da Constituição da República; (b) impossibilidade de se decretar a medida de interceptação telefônica como primeira medida investigativa, não respeitando o princípio da excepcionalidade, violando o previsto no art. 2º, II, da Lei n. 9.296/96.

C) NULIDADE NA BUSCA E APREENSÃO

No caso em tela ocorreu nulidade da decisão que deferiu a busca e apreensão, eis que genérica e sem fundamentação, fulcro no art. 93, IX, da Constituição da República.

D) NULIDADE DA APREENSÃO

No caso em tela ocorreu nulidade da apreensão dos cinquenta mil dólares, eis que o ingresso no outro apartamento de Antônio, onde estava a quantia, não estava autorizado judicialmente. Diante da prova ilícita obtida, deve ser desconsiderado o dinheiro lá apreendido.

E) INÉPCIA DA INICIAL ACUSATÓRIA

No caso em tela ocorreu inépcia da inicial acusatória, eis que a conduta é genérica, sem descrever as elementares do tipo de corrupção passiva e sem imputar fato determinado. Isso viola o previsto no art. 8º, 2, "b", do Decreto n. 678/92, o qual prevê como garantia do acusado a comunicação prévia e pormenorizada da acusação formulada. Além disso, limita o exercício do direito de defesa, em desrespeito ao previsto no art. 5º, LV, da Constituição da República.

Por fim, há violação ao art. 41, do Código de Processo Penal.

II – Do Mérito

Em relação ao crime de corrupção passiva, previsto no art. 317, § 1º, do Código Penal, há falta de justa causa para a ação penal. Não há prova suficiente de que o réu recebia vantagem indevida para a emissão de passaportes de forma irregular; não há nenhuma prova de que os passaportes fossem emitidos de forma irregular; nenhum passaporte foi apreendido ou periciado na fase de inquérito policial; não há prova de que os passaportes supostamente requeridos por Maria na ligação telefônica foram, efetivamente, emitidos; não há prova de que houve o exaurimento do crime, nos termos do que prevê o § 1º do art. 317 do Código Penal, ou seja, que Antônio tenha efetivamente praticado ato infringindo dever funcional.

No que tange ao crime previsto no art. 239, parágrafo único, da Lei n. 8.069/90 (Estatuto da Criança e do Adolescente), não há qualquer indício da prática delituosa por parte de Antônio, eis que não há sequer referência de que ele tivesse ciência da intenção de Maria. Não havia consciência de que Antônio estivesse colaborando para a prática do crime supostamente praticado por Maria, inexistindo, dessa forma dolo.

Requer a notificação das testemunhas do rol abaixo para virem depor em juízo, em dia e hora a serem designados, sob as cominações legais.

(2 linhas)

DO PEDIDO

Diante do exposto, requer:

1) Em preliminar:

a) a decretação da nulidade por incompetência da Justiça Estadual para processar o feito, já que o crime é de competência da Justiça Federal, nos termos do art. 109, inciso V, da Constituição Federal;

b) a decretação da nulidade da interceptação telefônica pela falta de fundamentação e não respeito ao princípio da excepcionalidade;

c) a decretação da nulidade da busca e apreensão pela generalidade da medida e a falta de fundamentação;

d) o reconhecimento da inépcia da inicial acusatória, eis que a conduta é genérica, sem descrever as elementares do tipo de corrupção passiva e sem imputar fato determinado.

2) No mérito a decretação da absolvição sumária ou, alternativamente, instrução processual com produção da prova requerida pela defesa.

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

(2 linhas)

Rol de Testemunhas:

1. _____ (Nome), _____ (Profissão), _____ (Endereço)
2. _____ (Nome), _____ (Profissão), _____ (Endereço)
3. _____ (Nome), _____ (Profissão), _____ (Endereço)

2 Defesa prévia ou inicial no júri

1. Conteúdo: momento para arrolar testemunhas (máximo 5), requerer diligências e juntar documentos.

2. Caráter: facultativo.

3. Ausência de contrariedade ao libelo: ausência da peça não anula a ação penal, pois não tem caráter obrigatório.

4. Nulidade: falta de concessão do prazo, conforme o art. 564, III, e, do Código de Processo Penal.

5. Legitimidade ativa: MP, querelante e defensor.

6. Prazo: dez dias, a contar da intimação, salvo defensor público, que, pela Lei n. 1.060/50, art. 5º, § 5º, tem prazo em dobro, ou seja, vinte dias.

7. Requisito: intimação do acusado ou do defensor, sob pena de nulidade.

8. Reforma: a Lei n. 11.689/08 extinguiu o libelo crime acusatório e a contrariedade ao libelo.

9. Esquema da peça prática: (a) endereçamento: juiz-presidente do Tribunal do Júri, pois já é a segunda fase do júri; (b) preâmbulo: nome e qualificação do acusado, capacidade postulatória, fundamento legal (art. 422 do Código de Processo Penal), nome da peça (apresentar DEFESA PRÉVIA), fase final (pelas razões a seguir expostas); (c) corpo da peça (não mencionar tese de defesa); (d) parte final (termos em que, pede deferimento, data e OAB).

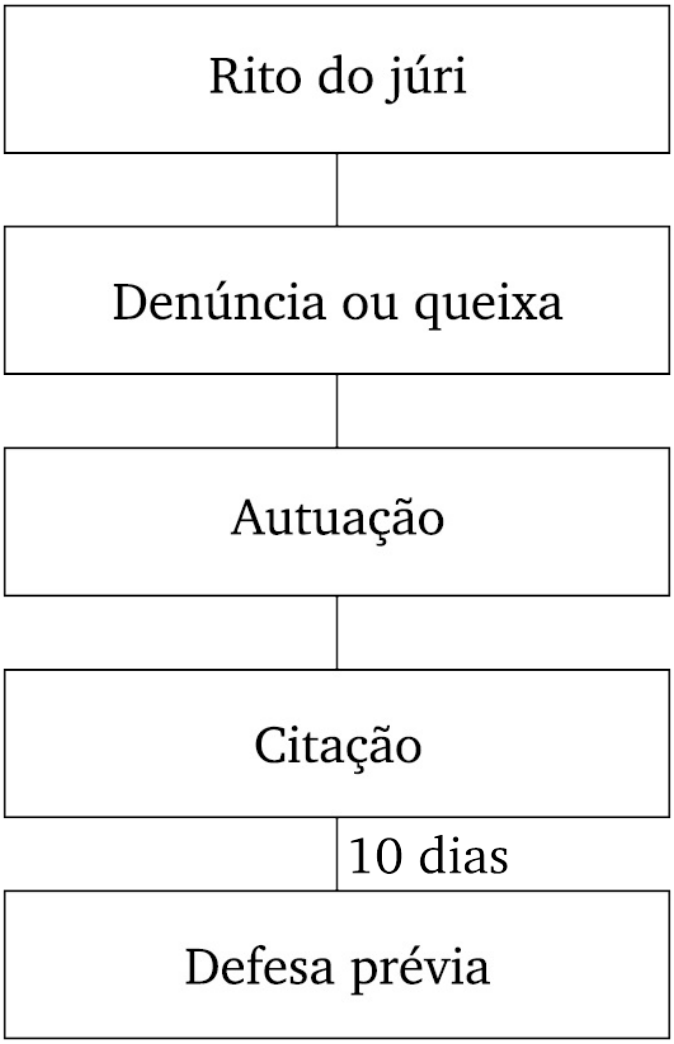

MODELO DE DEFESA INICIAL NO JÚRI

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ PRESIDENTE DO TRIBUNAL DO JÚRI DA _____

(10 linhas)

_____ (nome), já qualificado nos autos do processo-crime em epígrafe, vem, por seu advogado infra-assinado (documento n. 1), à presença de Vossa Excelência, com fundamento no artigo 406 do Código de Processo Penal, apresentar DEFESA INICIAL, pelos motivos a seguir aduzidos:

DOS FATOS

Narrar o fato criminoso, com todas as circunstâncias, sem inventar dados ou copiar o problema.

DO DIREITO

I – Das Preliminares

No caso em tela ocorreu _____ (mencionar a preliminar), em virtude da _____ (motivo da preliminar), nos termos do artigo _____ (fundamento legal/constitucional).

Demonstrar a preliminar: explicar o porquê da ocorrência da preliminar, indicando os artigos de lei e os

princípios jurídicos embasadores.

Mencionar doutrina e jurisprudência

Desta forma. _____ (retomar o parágrafo em foi apontada a preliminar com outras palavras).

II – Do Mérito

* apontar a tese;

* justificar a tese;

* doutrina;

* jurisprudência;

* conclusão.

Se for o caso, demonstrar a necessidade de o juiz decretar absolvição sumária, nos termos do art. 397 do CPP. Seguir o roteiro:

A) No caso em tela, ocorreu _____ (apontar um dos incisos do art. 397 do CPP), já que _____ (explicar o motivo), nos termos do artigo _____ (indicar o fundamento legal do motivo).

B) Fundamentar: apresentar argumentos que justifiquem a incidência de um dos incisos do art. 397 do CPP, inclusive mencionando doutrina e jurisprudência.

C) Conclusão: Dessa forma _____ (concluir a ocorrência do art. 397 do CPP).

DOS REQUERIMENTOS

I – Se houver necessidade de documento, requerer a juntada.

II – Se houver necessidade de diligências, requerer a realização, mostrando a necessidade e a importância da diligência para busca da verdade real.

III – Requerer a notificação das testemunhas do rol abaixo para virem depor em juízo, em dia e hora a serem designados, sob as cominações legais.

IV – Especificar as provas pretendidas – O acusado pretende provar o alegado por todos os meios de prova em Direito admitidos, especialmente _____ (especificar os meios da prova).

V – Se for o caso, demonstrar a necessidade de o juiz decretar absolvição sumária nos termos do art. 397 do CPP. Seguir o roteiro:

A) No caso em tela, ocorreu _____ (apontar um dos incisos do art. 397 do CPP), já que _____ (explicar o motivo), nos termos do artigo _____ (indicar o fundamento legal do pedido).

B) Fundamentar: apresentar argumentos que justifiquem a incidência de um dos incisos do art. 397 do CPP, inclusive mencionando doutrina e jurisprudência.

C) Conclusão: Dessa forma, _____ (concluir a ocorrência do art. 397 do CPP).

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

(2 linhas)

Rol de Testemunhas:

1. _____ (Nome), _____ (Profissão), _____ (Endereço)
2. _____ (Nome), _____ (Profissão), _____ (Endereço)
3. _____ (Nome), _____ (Profissão), _____ (Endereço)

3 Defesa preliminar

1. Finalidade: convencer o juiz na rejeição da denúncia ou queixa.

2. Rol não taxativo: apesar de o art. 516 do CPP prever que o juiz rejeitará a peça inicial acusatória quando, pela resposta do acusado ou do seu defensor, convencer-se da inexistência do crime ou da improcedência da ação, outros fundamentos da rejeição podem ser encontrados no art. 395 do CPP.

3. Cabimento: (a) art. 514 do CPP; (b) art. 55 da Lei n. 11.343/2006.

4. Terminologia: a peça recebe o nome de defesa preliminar, pois tem cabimento antes do recebimento da denúncia ou queixa.

5. Legitimidade ativa: próprio acusado.

6. Prazo: (a) funcionário público: 15 dias; (b) entorpecentes: 10 dias.

7. Competência: juiz da causa: que tiver autuado a denúncia ou queixa.

8. Nulidade: falta de notificação ou de prazo, em nome da ampla defesa, sob pena de correição parcial.

9. Crimes dos funcionários: a defesa preliminar não cabe no excesso de exação e na facilitação de contrabando ou descaminho. A peça só cabe nos crimes funcionais afiançáveis.

10. Réu não encontrado ou fora do local de jurisdição do juiz da causa: será nomeado defensor, a quem caberá apresentar a resposta preliminar.

11. Instrução da resposta: a resposta pode ser instruída com documentos e justificações, nos termos do art. 515 do CPP.

12. Local dos autos: durante o prazo concedido para a defesa preliminar, os autos permanecerão em cartório, onde poderão ser examinados pelo acusado ou seu defensor.

13. Desnecessidade: na ação penal instruída por inquérito policial, nos termos da Súmula 330 do STJ.

14. Questões polêmicas

a) Concurso de pessoas, sendo um funcionário público e o outro um particular

Uma corrente sustenta que não pode o particular apresentar defesa preliminar, pois é peça exclusiva de funcionário público[1].

Outra corrente sustenta que pode o particular apresentar defesa preliminar, pois praticaram o mesmo crime, não havendo justificativa para discriminação entre os infratores (art. 5º, caput, da CF).

b) Conexão de crimes, sendo um afiançável e o outro inafiançável

Uma corrente sustenta que deve ser apresentada a defesa preliminar apenas para o crime afiançável, em respeito ao art. 514 do CPP.

Outra corrente sustenta que deve ser apresentada a defesa preliminar nos dois crimes, pois houve conexão.

c) Funcionário aposentado ou exonerado

Uma corrente sustenta que não há necessidade de defesa preliminar, pois não há possibilidade de o funcionário ser processado, prejudicando o funcionamento normal da atividade administrativa[2].

Outra corrente sustenta ser necessária a defesa preliminar, pois a lei, quando faz a exigência da resposta, não distingue a situação do funcionário, se em atividade funcional ou não.

d) Não apresentação da defesa preliminar

Uma corrente sustenta que a não apresentação gera a nulidade absoluta, pois ofende a ampla defesa.

Outra corrente sustenta que a não apresentação gera nulidade relativa, que depende de demonstração de prejuízo e alegação em momento oportuno.

Defesa preliminar

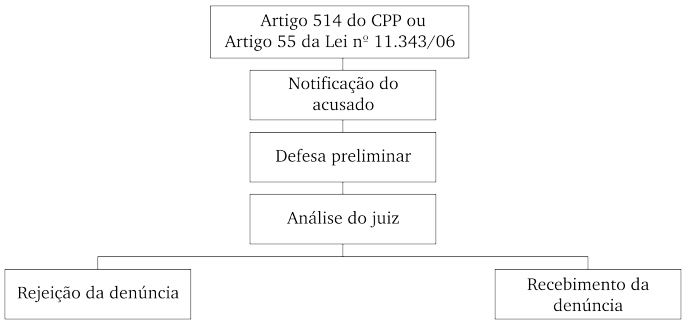

MODELO DE DEFESA PRELIMINAR

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA ___ VARA CRIMINAL DA COMARCA _____ (crimes não dolosos contra a vida e matéria estadual)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ FEDERAL DA ___ VARA CRIMINAL DA SEÇÃO JUDICIÁRIA DE _____ (crimes não dolosos contra a vida e matéria federal)

(10 linhas)

_____ (nome), já qualificado nos autos do processo-crime em epígrafe, vem, por seu advogado infra-assinado (documento n. 1), à presença de Vossa Excelência, com fundamento no _____, apresentar DEFESA PRELIMINAR, pelos motivos de fato e de direito a seguir aduzidos:

* Fundamento: funcionário: art. 514 do CPP; entorpecentes: art. 55 da Lei n. 11.343/06.

(2 linhas)

DOS FATOS

* Narrar o fato criminoso, com todas as circunstâncias, sem inventar dados ou copiar o problema. Colocar o andamento processual: o _____ (nome do infrator), foi denunciado pela prática de _____ (infração penal), prevista no artigo _____ (previsão legal da infração penal) a fls. A denúncia foi autuada a fls.

(2 linhas)

DO DIREITO

* Demonstrar a rejeição da ação penal; o roteiro para servir de base é o art. 395 do CPP: (a) for manifestamente inepta; (b) falta de pressuposto processual; (c) falta de condição para o exercício da ação; (d) falta de justa causa para o exercício da ação.

(2 linhas)

DO PEDIDO

1. Funcionário Público

Diante do exposto, vem requerer a Vossa Excelência a rejeição da denúncia, por _____ (motivo da rejeição), como medida de inteira justiça.

2. Entorpecentes

Diante do exposto, juntando nesta oportunidade o rol de testemunhas, vem requerer a Vossa Excelência a rejeição da denúncia, por _____ (motivo da rejeição), como medida de inteira justiça.

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

(2 linhas)

Rol de Testemunhas:

1. _____ (Nome), _____ (Profissão), _____ (Endereço)
2. _____ (Nome), _____ (Profissão), _____ (Endereço)
3. _____ (Nome), _____ (Profissão), _____ (Endereço)

CASO PRÁTICO

José, funcionário público federal, exerce cargo de diretor numa repartição, tendo como função fiscalizar a atuação dos subordinados. No dia 25 de abril de 2011, Rubens, funcionário público, colega e subordinado de José, cometeu infração administrativa, ou seja, não fez o relatório exigido para determinado caso concreto. Não houve responsabilização administrativa de Rubens, pois José não sabia da infração. Diante da omissão de José, foi oferecida denúncia, com base no art. 320 do Código de Processo Penal. A denúncia foi autuada pelo juiz, que notificou o acusado para responder. Como advogado de José, tome a medida cabível.

EXEMPLO PRÁTICO DA PEÇA

1. Rascunho da peça

a) infração penal: art. 320 do Código Penal;

b) ação penal: pública incondicionada;

c) pena concreta: não tem;

d) pena abstrata: detenção, de 15 dias a um mês, ou multa;

e) rito processual: sumaríssimo;

f) momento processual: notificação do acusado para apresentar a defesa preliminar; fase processual;

g) cliente: José;

h) situação prisional: solto;

i) tese: rejeição da denúncia, com base na falta de conhecimento da infração pelo superior;

j) peça: defesa preliminar;

k) competência: Juiz Federal da Vara Criminal;

l) pedido: rejeição da denúncia e notificação das testemunhas.

2. Peça prática

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ FEDERAL DA ___ VARA CRIMINAL DA SEÇÃO JUDICIÁRIA DE SÃO PAULO

(10 linhas)

José, já qualificado nos autos do processo-crime em epígrafe, vem, por seu advogado infra-assinado (documento n. 1), à presença de Vossa Excelência, com fundamento no artigo 514 do Código de Processo Penal, apresentar DEFESA PRELIMINAR, pelos motivos de fato e de direito a seguir aduzidos:

(2 linhas)

DOS FATOS

José foi denunciado pela prática de condescendência criminosa, prevista no art. 320 do Código de Processo Penal (fls.), já que José não responsabilizou o subordinado que cometeu infração no exercício do cargo.

A denúncia foi autuada (fls.) e o réu notificado para apresentar resposta escrita.

(2 linhas)

DO DIREITO

No caso em tela, a denúncia oferecida pelo Ministério Público deve ser rejeitada, já que o fato narrado na peça acusatória é atípico, senão vejamos:

A omissão na responsabilização do subordinado ocorreu porque José não sabia da infração praticada. Não houve o dolo de não responsabilizar o funcionário.

José não adotou comportamento psíquico contrário à ordem penal, pois não teve consciência sobre o elemento subjetivo do tipo, ou seja, não sabia que o seu subordinado cometeu infração.

A caracterização do tipo penal exige que o agente tenha conhecimento certo da autoria, com referência à infração praticada pelo subordinado. Como afirma Mirabete (Código penal interpretado. São Paulo: Atlas, 2005. p. 2379): "Evidentemente, a prática do crime pressupõe que o superior tenha conhecimento da infração de seu subordinado."

Dessa forma, não presente o elemento subjetivo do tipo, necessário para configuração do crime de condescendência criminosa, requer a rejeição da denúncia, com base no art. 395, inciso II, do CPP.

(2 linhas)

DO PEDIDO

Diante do exposto, vem requerer a Vossa Excelência a rejeição da denúncia, por fato atípico, nos termos do art. 395, inciso II, já que não houve dolo do agente, como medida de inteira justiça.

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

4 Exceção

1. Conceito: é uma forma de defesa indireta do réu, alegando um direito que pode extinguir, modificar, impedir ou adiar a pretensão do autor.

2. Classificação

2.1 Dilatórias: visam alongar o processo; são a de ilegitimidade de parte, suspeição e incompetência.

2.2 Peremptórias: visam finalizar o processo; são a de coisa julgada e litispendência.

3. Modalidades

3.1 Suspeição: falta de imparcialidade ou falta de isenção por sentimentos ou interesses pessoais:

a) Previsão legal: arts. 96 a 107 do CPP c/c o art. 254 do CPP.

b) Espécie: dilatória.

c) Características: tem preferência sobre as demais exceções.

d) Momento: (1) pelo acusado: após interrogatório ou defesa prévia; (2) pelo querelante: na petição inicial; (3) salvo se o motivo da suspeição for descoberto em momento posterior; (4) não pode ser alegada no inquérito policial.

e) Legitimidade ativa: (a) pode ser proposta pelas partes, inclusive assistente de acusação; (b) pode ser proposta de forma pessoal ou por procurador com poderes especiais.

f) Processamento em primeira instância

1. se o juiz afirmar suspeição: fará a declaração por escrito, com a especificação do motivo legal; remessa imediata ao substituto legal; não cabe recurso;

2. se não reconhecer suspeito: parte pode propor exceção de suspeição:

a) se o juiz aceitar a suspeição, mandará juntar aos autos a petição do recusante com os documentos e, por despacho, declara-se suspeito, com remessa dos autos ao substituto; não cabe recurso;

b) se o juiz não aceitar a suspeição, a petição será autuada em separado, será apresentada resposta escrita em três dias e haverá remessa ao tribunal em 24 horas. No tribunal, remete para distribuição, que faz o sorteio da Câmara ou Turma; feito o sorteio, remete para o relator, que poderá deferir, manda citar as partes, marca dia e hora para ouvir testemunhas, seguindo-se o julgamento: (1) improcedente: devolve para o juiz e, se houver má-fé, tem multa; (2) procedente: substituto legal, e são nulos atos processuais até o momento; pode rejeitar se achar infundada.

g) Processamento em segunda instância: se não for reconhecida de imediato pelo exceto, será aplicável o procedimento da suspeição previsto nos arts. 98 a 101 e nos regimentos internos; o julgamento será feito pelo tribunal pleno, funcionando como relator o presidente ou o vice-presidente (no caso de o presidente ser recusado).

h) Casos de suspeição

1. autoridade policial: deve declarar-se suspeita quando ocorrer motivo legal; não pode opor suspeição no inquérito policial;

2. jurado: será feita de forma verbal, com decisão de plano do juiz presidente do Tribunal do Júri, que a rejeitará se, negada pelo recusado, não for imediatamente comprovado. A arguição e a decisão serão documentadas em ata;

3. funcionário da justiça: o juiz decide de plano; ouve o exceto;

4. Ministério Público: se ouvido, podendo produzir provas em 3 dias; o juiz decide sem recurso. Se for reconhecido suspeito, ocorre remessa dos autos ao substituto legal;

5. revisor: passa o feito para o seu substituto na ordem de precedência;

6. relator: apresentará os autos em mesa para nova distribuição;

7. juiz que não for revisor nem relator: deve declarar-se suspeito na sessão de julgamento;

8. presidente do Tribunal: substituto irá designar e presidir julgamento.

3.2 Incompetência

a) Finalidade: alegar falta de capacidade funcional do juiz.

b) Forma: escrita ou oral.

c) Previsão legal: arts. 108 e 109 do CPP.

d) Reconhecimento oficial: juiz pode declarar sua competência, a qualquer tempo, devendo o processo ser remetido ao juízo competente. Do reconhecimento oficial cabe Recurso em sentido estrito, com fundamento no art. 581, inciso II, do CPP.

e) Legitimidade ativa: réu, querelado e Ministério Público.

f) Prazo: a exceção deve ser oferecida no prazo da defesa prévia, sob pena de preclusão (quando for incompetência relativa, pois a absoluta pode ser alegada a qualquer tempo).

g) Processamento:

apresentação da exceção, sendo possível o juiz reconhecer de ofício;

autuação em apartado;

oitiva do Ministério Público;

decisão judicial: (1) improcedente: o juiz continuará no feito; (2) procedente: remessa ao competente; o processo prosseguirá, mas com a ratificação dos atos anteriores.

3.3 Litispendência

a) Cabimento: cabe quando uma ação repete outra em curso: mesmo fato, mesmo pedido e mesmo réu.

b) Fundamento: non bis in idem.

c) Acolhimento: cabe Recurso em sentido estrito, com fundamento no art. 581, III, do CPP.

d) Reconhecimento de ofício: apelação.

e) Denegação: habeas corpus.

f) Confronto: como observa Mirabete: "Não se confunde litispendência com prevenção; na primeira, há dois processos pela mesma causa e apenas um deles deve prosseguir (o que primeiro foi instaurado); na segunda, há apenas um processo, sendo determinada a competência pela precedência dos atos do juiz com relação aos demais inicialmente competentes"[3].

g) Processamento: mesmo da incompetência.

3.4 Ilegitimidade de parte

a) Cabimento: falta capacidade processual ou titularidade da ação.

b) Acolhimento: (1) ad causam: anulação ab initio, por falta da legitimidade de parte; (2) ad processum: a nulidade pode ser sanada a qualquer tempo, mediante ratificação dos atos processuais, nos termos do art. 568 do CPP.

c) Reconhecimento na exceção: cabe Recurso em sentido estrito, com fundamento no art. 581, III, do CPP.

d) Reconhecimento oficial: quando o juiz reconhece de forma espontânea, cabe Recurso em sentido estrito, com fundamento no art. 581, I, do CPP.

e) Rejeição da exceção: alegar em preliminar de apelação ou habeas corpus.

f) Processamento: mesmo da incompetência.

3.5 Coisa julgada

a) Cabimento: cabe quando uma ação repete outra transitada em julgado.

b) Fundamento: non bis in idem e paz jurídica.

c) Identidade: mesmo pedido, mesmas partes e mesma causa de pedir.

d) Acolhimento: ação principal será extinta; cabe Recurso em sentido estrito.

e) Denegação: ação principal continua e pode usar habeas corpus.

f) Concurso de crimes: não há bis in idem, pois são delitos diversos.

g) Causa de pedir: fato principal, que tiver sido objeto da sentença.

h) Processamento: mesmo da incompetência.

4. Estrutura da peça prática

a) Endereçamento: (a) se for crime doloso contra vida e matéria federal: juiz federal da vara do júri; (b) se for crime doloso contra vida e matéria estadual: juiz de direito da vara do júri; (c) se não for crime doloso contra vida e matéria federal: juiz federal da vara criminal; (d) se não for crime doloso contra a vida e matéria estadual: juiz de direito da vara criminal.

b) Preâmbulo: (a) nome e qualificação do requerente (não precisa qualificar, pois não é peça inicial); (b) capacidade postulatória; (c) fundamento legal; (d) nome da peça; (e) frase final.

c) Dos fatos: narrar a infração penal praticada, sem inventar dados, e o andamento processual até o momento do pedido da remição.

d) Do direito: comprovar os requisitos da exceção.

e) Do pedido: (a) suspeição: reconhecimento e remessa; (b) incompetência: reconhecimento e remessa; (c) litispendência: reconhecimento e extinção do feito; (d) ilegitimidade de parte: reconhecimento e anulação.

f) Parte final: termos em que pede deferimento; data e indicação da OAB.

g) Terminologia: (1) verbo do pedido: opor; (2) interessado no pedido: excipiente.

Fluxograma da exceção de incompetência, litispendência, ilegitimidade de parte e coisa julgada

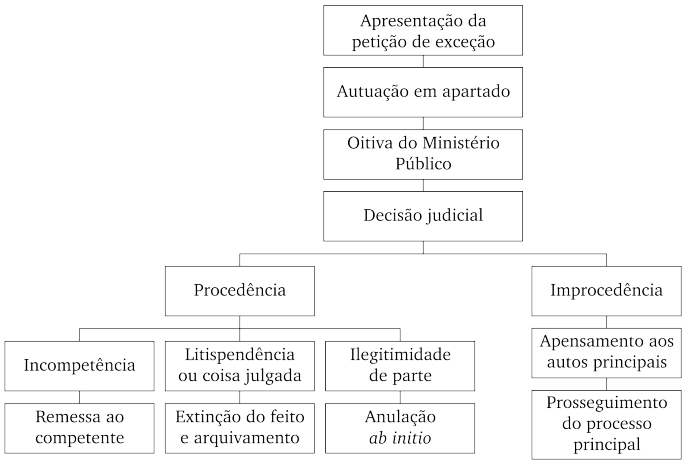

Fluxograma da exceção de suspeição

MODELO DE EXCEÇÃO

a) Crimes não dolosos contra a vida

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA ___ VARA CRIMINAL DA COMARCA _____ (matéria estadual)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ FEDERAL DA ___ VARA CRIMINAL DA SEÇÃO JUDICIÁRIA DE _____ (matéria federal)

b) Crimes dolosos contra a vida

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA ___ VARA DO JÚRI DA COMARCA DE _____ (matéria estadual)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ FEDERAL DA ___ VARA DO JÚRI DA SEÇÃO JUDICIÁRIA DE _____ (matéria federal)

(10 linhas)

_____ (nome), _____ (nacionalidade), _____ (estado civil), _____ (profissão), residente e domiciliado _____ (endereço), vem, por seu advogado infra-assinado (documento n. 1), à presença de Vossa Excelência, com fundamento no artigo 95, inciso _____, do Código de Processo Penal, opor EXCEÇÃO DE _____, pelos motivos de fato e de direito a seguir aduzidos:

(2 linhas)

DOS FATOS

* Narrar o fato criminoso, com todas as circunstâncias, sem inventar dados ou copiar o problema.

(2 linhas)

DO DIREITO

* Preencher os requisitos da exceção.

(2 linhas)

DO PEDIDO

1. Exceção de suspeição

Diante do exposto, vem requerer a Vossa Excelência, nos termos do art. 99 do CPP, o reconhecimento da suspeição, para que se determine a remessa dos autos ao substituto legal.

2. Exceção de incompetência

Diante do exposto, vem requerer a Vossa Excelência, nos termos do art. 108 do CPP, o reconhecimento da incompetência, para que se determine a remessa dos autos ao juízo competente.

3. Exceção de litispendência

Diante do exposto, vem requerer a Vossa Excelência, nos termos do art. 110 do CPP, o reconhecimento da litispendência, determinando a extinção do feito e o arquivamento do processo criminal.

4. Exceção de ilegitimidade de parte

Diante do exposto, vem requerer a Vossa Excelência, nos termos do art. 110 do CPP, o reconhecimento da ilegitimidade de parte, determinando a anulação ab initio.

5. Exceção de coisa julgada

Diante do exposto, vem requerer a Vossa Excelência, nos termos do art. 110 do CPP, o reconhecimento da coisa julgada, determinando a extinção do feito e o arquivamento do processo criminal.

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

CASO PRÁTICO

Antonio foi denunciado e condenado a um ano e dez meses de reclusão

por ter subtraído a bolsa de Júlia, no dia 25-4-2011, por volta das 21h00. A sentença transitou em julgado. O mesmo foi contemplado com a suspensão condicional da pena por dois anos. Durante o período de prova, foi citado para comparecer ao interrogatório na 20ª Vara Criminal de São Paulo, pelo mesmo crime, que ocorreu na mesma data e no mesmo horário, sendo que a coisa subtraída é a mesma bolsa de Júlia. Como advogado de Antonio, propor a medida cabível.

1. Rascunho da peça

a) infração penal: crime de furto;

b) ação penal: pública incondicionada;

c) pena concreta: um ano e dez meses;

d) pena abstrata: reclusão de um a quatro anos;

e) rito processual: ordinário;

f) momento processual: curso do processo;

g) cliente: Antonio;

h) situação prisional: solto;

i) tese: coisa julgada;

j) peça: exceção de coisa julgada;

k) competência: Juiz de Direito da Vara Criminal;

l) pedido: reconhecimento e extinção.

2. Peça prática

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA 20ª VARA CRIMINAL DA COMARCA DA CAPITAL

(10 linhas)

Antonio, (nacionalidade), (estado civil), (profissão), residente e domiciliado _____ (endereço), vem, por seu advogado infra-assinado (documento n. 1), à presença de Vossa Excelência, com fundamento no artigo 95, inciso IV, c/c o artigo 110, ambos do Código de Processo Penal, opor EXCEÇÃO DE COISA JULGADA, pelos motivos de fato e de direito a seguir aduzidos:

(2 linhas)

DOS FATOS

O excepiente foi denunciado pelo crime de furto (fls.). A denúncia foi recebida (fls.). O réu foi citado (fls.). A resposta à acusação foi apresentada no prazo legal (fls.).

Na fase do art. 397 do CPP, não foi decretada a absolvição sumária (fls). Foi realizada a audiência de instrução e julgamento e foram oferecidas as alegações finais (fls.). O juiz proferiu sentença condenatória já transitada em julgado

(fls.).

O excepiente foi contemplado pela suspensão condicional da pena (fls.). Durante o período de prova, foi citado para comparecer ao interrogatório da 20ª Vara Criminal da capital pelos mesmos fatos (fls.).

(2 linhas)

DO DIREITO

No caso em tela, justifica-se o cabimento da presente exceção, já que há uma identidade de demanda entre a ação proposta e uma outra já decidida por sentença judicial transitada em julgado. Vejamos:

a) mesmas partes: no processo transitado em julgado, as partes envolvidas foram: Antonio, como réu; Justiça pública, como autor; e Júlia, como vítima do crime; no processo novo instaurado perante a 20ª Vara Criminal da capital são as mesmas partes;

b) mesmo objeto: nos dois processos a discussão é sobre o furto de uma bolsa pertencente a Júlia, ocorrido no mesmo horário e na mesma data;

c) mesmo fundamento: furto simples, já que houve subtração de coisa alheia móvel;

d) mesmo pedido: condenação pela prática do furto.

Pelo exposto, constatada a existência nos dois processos, as mesmas partes, o mesmo pedido e a mesma causa de pedir, requer o reconhecimento da coisa julgada, visando assegurar a paz jurídica.

(2 linhas)

DO PEDIDO

Diante do exposto, vem requerer a Vossa Excelência, nos termos do art. 110 do CPP, o reconhecimento da coisa julgada, determinando a extinção do feito e o arquivamento do processo criminal.

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

(2 linhas)

Rol de Testemunhas:

1. _____ (Nome), _____ (Profissão), _____ (Endereço)
2. _____ (Nome), _____ (Profissão), _____ (Endereço)
3. _____ (Nome), _____ (Profissão), _____ (Endereço)

5 Conflito de jurisdição

1. Previsão legal: arts. 113 a 117 do CPP.

2. Espécies

a) positivo: dois ou mais juízes se acham competentes.

b) negativo: dois ou mais juízes se acham incompetentes.

3. Cabimento: controvérsia sobre unidade de juízo, junção ou separação

de processos.

4. Conflito de atribuições: entre Judiciário e outro Poder, ou entre órgãos dos poderes não jurisdicionais.

5. Situações de conflito

Situação de conflito	Competência para resolução
Juiz Federal × Juiz Estadual	STJ – art. 105, I, d, da CF
Juiz Federal × Juiz Estadual investido na jurisdição federal	TRF – Súmula 3 do STJ
Juiz da Execução × Juiz da Execução: Estados diferentes	STJ – art. 105, I, d, da CF
STJ × qualquer outro Tribunal	STF – art. 102, I, o, da CF
Tribunal Superior × Tribunal Superior	STF – art. 102, I, o, da CF
Tribunal Superior × qualquer outro Tribunal	Artigo 102, I, o, da CF
Juiz de Direito × Juiz Auditor	STJ – art. 105, I, d, da CF
Juiz Federal × Juiz Federal	TRF – art. 108, I, e, da CF
Juiz de Direito × Juiz Militar local	TJ – Súmula 555 do STF
TRE × TRE	TSE – art. 22, I, d, do Código Eleitoral
Juiz Eleitoral × Juiz Eleitoral (Estados diferentes)	TSE – art. 22, I, d, do Código Eleitoral
Juiz Eleitoral × Juiz Eleitoral (mesmo Estado)	TRE – art. 29, I, b, do Código Eleitoral
Juiz de Direito × Juiz de Direito	Câmara Especial do Tribunal de Justiça – art. 11, II, da Lei Complementar n. 225/79

6. Trânsito em julgado: não há conflito de jurisdição se uma decisão já

transitou em julgado, nos termos da Súmula 59 do STJ e arts. 105, I, d, e 102, I, o, ambos da Constituição Federal.

7. Iniciativa: pode ser suscitado pela parte interessada, pelos órgãos do Ministério Público ou por qualquer dos juízes ou tribunais em causa.

8. Momento da defesa: no interrogatório ou no prazo da defesa prévia.

9. Forma de alegação: os juízes e tribunais farão por representação e a parte interessada e o MP, por requerimento.

10. Conteúdo: narrar o conflito, expondo os fundamentos e juntando documentos comprobatórios.

11. Lugar do conflito: se for negativo, pode ocorrer nos próprios autos; se positivo, serão formados autos em separado.

12. Suspensão do processo: depois da distribuição do processo, quando for conflito positivo, pode o relator suspender o andamento do processo; quando for conflito negativo, o processo fica suspenso.

13. Procedimento

a) apresentação do requerimento (quando for parte interessada ou MP) ou de representação (juiz ou tribunal);

b) o relator requisita informações das autoridades em conflito, que serão prestadas no prazo fixado pelo relator;

c) oitiva do procurador-geral;

d) decisão do feito na primeira sessão, salvo se a instrução do feito depender de diligência;

e) remessa para execução.

14. Confronto

Conflito de competência ocorre entre juízes e tribunais da mesma jurisdição; conflito de jurisdição ocorre entre as unidades federadas (apesar da distinção terminológica, a lei não distingue).

15. Advocatória do STF: não há possibilidade de conflito entre o STF e

outro órgão, de forma que, mediante avocatória, restabelecerá sua jurisdição sempre que exercida por qualquer dos juízes ou tribunais inferiores.

16. Estrutura da peça prática

a) Endereçamento: varia conforme a hipótese do conflito; ver a tabela no item 5.

b) Preâmbulo: (a) nome e qualificação do requerente (não precisa qualificar, pois não é peça inicial); (b) capacidade postulatória; (c) fundamento legal; (d) nome da peça; (e) frase final.

c) Dos fatos: narrar a infração penal praticada, sem inventar dados, e o andamento processual até o momento do pedido.

d) Do direito: comprovar o conflito.

e) Do pedido: solução do conflito.

f) Parte final: termos em que pede deferimento; data e indicação da OAB.

g) Terminologia: (1) verbo do pedido: requerer; (2) interessado no pedido: requerente.

Fluxograma do conflito de jurisdição

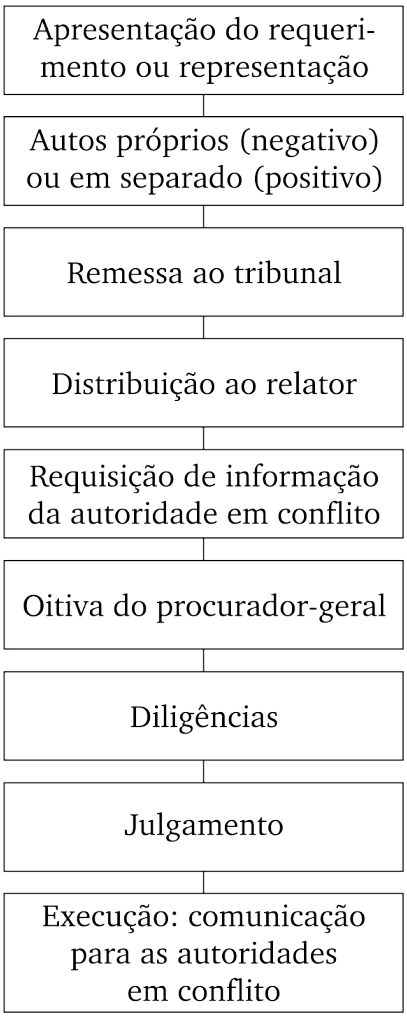

MODELO DE INSTAURAÇÃO DE CONFLITO DE JURISDIÇÃO

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR _____

(10 linhas)

_____ (nome), _____ (nacionalidade), _____ (estado civil), _____ (profissão), residente e domiciliado _____ (endereço), vem, por seu advogado infra-assinado (documento n. 1), à presença de Vossa Excelência, com fundamento nos artigos 113 e seguintes do Código de Processo Penal, suscitar o presente CONFLITO DE JURISDIÇÃO, pelas razões a seguir expostas:

(2 linhas)

DOS FATOS

* Narrar o fato criminoso, com todas as circunstâncias, sem inventar dados ou copiar o problema.

(2 linhas)

DO DIREITO

* Mostrar o conflito.

(2 linhas)

DO PEDIDO

Diante do exposto, vem requerer a Vossa Excelência a declaração da competência para _____, como medida de inteira justiça.

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

6 Sequestro

1. Finalidade: retenção judicial dos bens adquiridos com os proventos do crime, ainda que já tenham sido transferidos para terceiros.

2. Objeto: bens imóveis e móveis adquiridos com os proventos da infração.

3. Momento: curso do inquérito ou em qualquer fase do processo.

4. Legitimidade ativa: Ministério Público, vítima ou representante legal ou herdeiros, representação policial ou juiz, de ofício.

5. Concessão: juiz criminal, por meio de mandado.

6. Requisitos: demonstração de indícios veementes da proveniência ilícita dos bens. Como observa Mirabete[4], indícios veementes são os que geram, pelo menos, graves suspeitas contra o acusado.

7. Efeito do sequestro: uma vez ordenado o sequestro, o juiz deve determinar sua inscrição no Registro de Imóveis.

8. Procedimento

a) requerimento ou representação ou portaria;

b) autuação em apartado;

c) análise judicial: (1) ordena – expede mandado e manda realizar inscrição nos registros públicos; (2) não ordena.

9. Destino: após o trânsito em julgado serão avaliadas as coisas sequestradas e levadas a leilão. Os

autos serão remetidos ao juízo cível.

10. Embargos de terceiro

a) Iniciativa: acusado (bens não foram adquiridos com os proventos da infração); terceiro de boa-fé (aquisição de boa-fé); terceiro (qualquer defesa cabível).

b) Momento da decisão: após o trânsito em julgado da sentença condenatória, salvo quanto ao terceiro estranho.

c) Recurso: apelação.

11. Levantamento do sequestro: (a) se a ação penal não for intentada em 60 dias, contados da data em que ficar concluída a diligência; (b) se o terceiro prestar caução; (c) sentença transitada em julgado de extinção da punibilidade ou absolvição do réu.

a) Endereçamento: (1) se for crime doloso contra a vida e matéria federal: juiz federal da vara do júri; (2) se for crime doloso contra a vida e matéria estadual: juiz de direito da vara do júri; (3) se for crime não doloso contra vida e matéria federal: juiz federal da vara criminal; (4) se for crime não doloso contra a vida e matéria estadual: juiz de direito da vara criminal.

b) Preâmbulo: (a) nome e qualificação do requerente (não precisa qualificar, pois não é peça inicial); (b) capacidade postulatória; (c) fundamento legal; (d) nome da peça; (e) frase final.

c) Dos fatos: narrar a infração penal praticada, sem inventar dados, e o andamento processual até o momento do pedido.

d) Do direito: comprovar a presença dos requisitos para concessão do sequestro.

e) Do pedido: autuação em apartado e efetivação do sequestro.

f) Parte final: termos em que pede deferimento; data e indicação da OAB.

g) Terminologia: (1) verbo do pedido: requerer; (2) interessado no pedido: requerente.

Fluxograma do sequestro

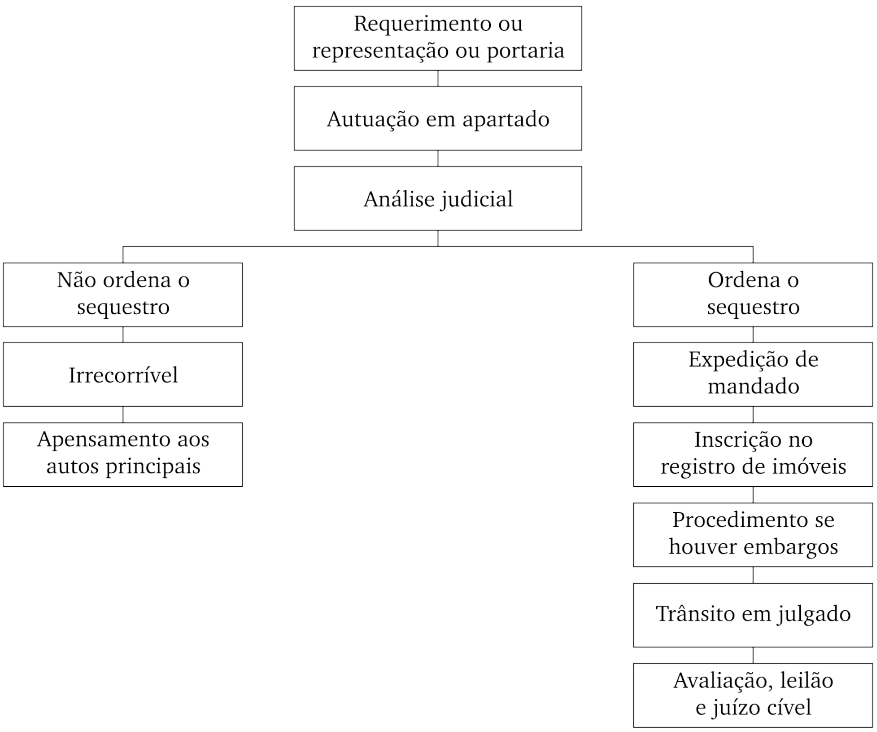

MODELO DE SEQUESTRO

a) Crimes não dolosos contra a vida

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA ___ VARA CRIMINAL DA COMARCA _____ (matéria estadual)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ FEDERAL DA ___ VARA CRIMINAL DA SEÇÃO JUDICIÁRIA DE _____ (matéria federal)

b) Crimes dolosos contra a vida

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA ___ VARA DO JÚRI DA COMARCA DE _____ (matéria estadual)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ FEDERAL DA ___ VARA DO JÚRI DA SEÇÃO JUDICIÁRIA DE _____ (matéria federal)

(10 linhas)

_____ (nome), _____ (nacionalidade), _____ (estado civil), _____ (profissão), residente e domiciliado _____ (endereço), vem, por seu advogado infra-assinado (documento n. 1), à presença de Vossa Excelência, com fundamento nos artigos 125 e seguintes do Código de Processo Penal, o SEQUESTRO DE BENS, pelos motivos de fato e de direito a seguir aduzidos:

(2 linhas)

DOS FATOS

* Narrar o fato criminoso, com todas as circunstâncias, sem inventar dados ou copiar o problema.

(2 linhas)

DO DIREITO

* Preencher os requisitos do sequestro.

(2 linhas)

DO PEDIDO

Diante do exposto, vem requerer a Vossa Excelência a autuação em apartado do presente requerimento e a efetivação do sequestro do bem indicado (se for imóvel, pedir inscrição no Registro de Imóveis).

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

7 Arresto

1. Finalidade: apreensão de quaisquer bens do indiciado ou acusado para garantir o ressarcimento de danos.

2. Objeto: bens móveis ou imóveis de origem ilícita, ainda que transferidos a terceiros.

3. Pressupostos: prova da materialidade do crime e indícios suficientes de autoria.

4. Legitimidade ativa: parte; MP: parte for pobre e requerer ou houver interesse do Fisco.

5. Sentença: condenatória: remessa ao juízo cível; absolutória: arresto levantado e bens devolvidos ao acusado.

6. Aplicação: todas as disposições sobre sequestro de imóveis, exceto o registro de imóveis.

7. Cabimento: o arresto é cabível quando for incabível a apreensão prevista no art. 240 do CPP e especificação da hipoteca legal.

8. Momento: após a instauração do processo.

9. Forma: autos apartados.

10. Levantamento: quando por sentença definitiva ocorrer absolvição do

réu ou extinção da punibilidade.

11. Depósito e administração dos bens: regime do processo civil.

12. Remessa ao juízo cível: os autos do arresto serão remetidos quando passar em julgado a sentença condenatória.

13. Revogação do arresto do imóvel: se no prazo de 15 (quinze) dias não for promovido o processo de inscrição da hipoteca legal.

14. Estrutura da peça prática

a) Endereçamento: (1) se for crime doloso contra a vida e matéria federal: juiz federal da vara do júri; (2) se for crime doloso contra a vida e matéria estadual: juiz de direito da vara do júri; (3) se for crime não doloso contra vida e matéria federal: juiz federal da vara criminal; (4) se for crime não doloso contra a vida e matéria estadual: juiz de direito da vara criminal.

b) Preâmbulo: (a) nome e qualificação do requerente (não precisa qualificar, pois não é peça inicial); (b) capacidade postulatória; (c) fundamento legal; (d) nome da peça; (e) frase final.

c) Dos fatos: narrar a infração penal praticada, sem inventar dados, e o andamento processual até o momento do pedido.

d) Do direito: comprovar a presença dos requisitos para concessão do arresto.

e) Do pedido: autuação em apartado e efetivação do arresto.

f) Parte final: termos em que pede deferimento; data e indicação da OAB.

g) Terminologia: (1) verbo do pedido: requerer; (2) interessado no pedido: requerente.

MODELO DE ARRESTO

a) Crimes não dolosos contra a vida

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA ___ VARA CRIMINAL DA COMARCA _____ (matéria estadual)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ FEDERAL DA ___ VARA CRIMINAL DA SEÇÃO JUDICIÁRIA DE _____ (matéria federal)

b) Crimes dolosos contra a vida

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA ___ VARA DO JÚRI DA COMARCA DE _____ (matéria estadual)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ FEDERAL DA ___ VARA DO JÚRI DA SEÇÃO JUDICIÁRIA DE _____ (matéria federal)

(10 linhas)

_____ (nome), _____ (nacionalidade), _____ (estado civil), _____ (profissão), residente e domiciliado _____ (endereço), vem, por seu advogado infra-assinado (documento n. 1), à presença de Vossa Excelência, com fundamento no artigo 137 do Código de Processo Penal, requerer o ARRESTO DE BENS, pelos motivos de fato e de direito a seguir aduzidos:

(2 linhas)

DOS FATOS

* Narrar o fato criminoso, com todas as circunstâncias, sem inventar dados ou copiar o problema.

(2 linhas)

DO DIREITO

* Preencher os requisitos do arresto.

(2 linhas)

DO PEDIDO

Diante do exposto, vem requerer a Vossa Excelência a autuação em apartado do presente requerimento e a efetivação do arresto, como medida de inteira justiça.

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

8 Pedido de especialização de hipoteca legal

1. Conceito: direito real de garantia que tem por objeto bens imóveis pertencentes ao devedor que, embora continuem em seu poder, asseguram a satisfação do crédito.

2. Finalidade: reparação do dano causado à vítima, bem como pagamento de eventual pena de multa e despesas processuais.

3. Momento: qualquer fase do processo.

4. Requisitos: (a) prova cabal da existência material do fato criminoso; (b) indícios suficientes de autoria.

5. Legitimidade ativa: ofendido, representante legal ou herdeiros; o MP só em dois casos: (a) ofendido pobre; (b) interesse da Fazenda Pública.

6. Procedimento: (a) requerimento; (b) autuação em apartado; (c) despacho do juiz arbitrando o valor da responsabilidade e a avaliação dos imóveis; (d) apresentação do laudo pericial; (e) oitiva das partes sobre laudo pericial; (f) julgamento: se presentes os requisitos, determina inscrição, tornando o bem inalienável. O juiz pode deixar de fazer a inscrição quando o réu oferecer caução suficiente equivalente à responsabilidade civil, despesas processuais e eventuais penas pecuniárias.

7. Cancelamento: se por sentença irrecorrível o réu for absolvido ou tiver sua punibilidade extinta.

8. Estrutura da peça prática

a) Endereçamento: (1) se for crime doloso contra a vida e matéria federal: juiz federal da vara do júri; (2) se for crime doloso contra a vida e matéria estadual: juiz de direito da vara do júri; (3) se for crime não doloso contra a vida e matéria federal: juiz federal da vara criminal; (4) se for crime não doloso contra a vida e matéria estadual: juiz de direito da vara criminal.

b) Preâmbulo: (a) nome e qualificação do requerente (não precisa qualificar, pois não é peça inicial); (b) capacidade postulatória; (c) fundamento legal; (d) nome da peça; (e) frase final.

c) Dos fatos: narrar a infração penal praticada, sem inventar dados, e o andamento processual até o momento do pedido.

d) Do direito: comprovar a presença dos requisitos para concessão da especialização da hipoteca.

e) Do pedido: autuação em apartado, arbitramento do valor da responsabilidade, avaliação dos bens e inscrição da hipoteca legal dos bens indicados.

f) Parte final: termos em que pede deferimento; data e indicação da OAB.

g) Terminologia: (1) verbo do pedido: requerer; (2) interessado no pedido: requerente.

Fluxograma da hipoteca legal

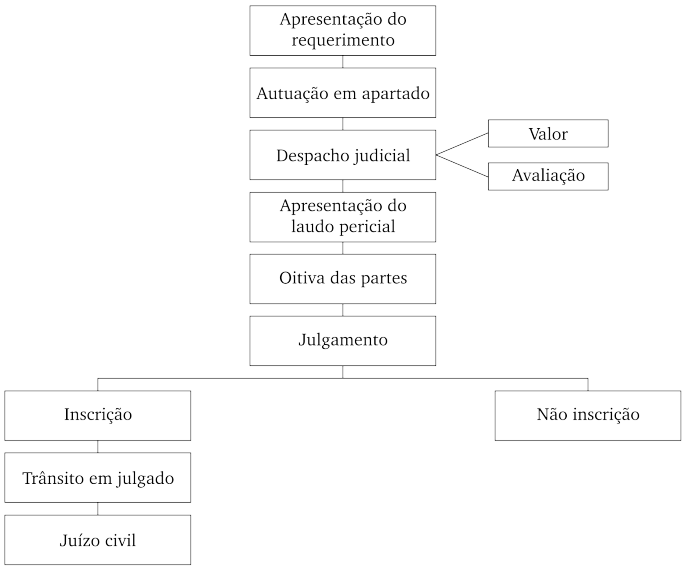

MODELO DE ESPECIALIZAÇÃO DE HIPOTECA LEGAL

a) Crimes não dolosos contra a vida

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA ___ VARA CRIMINAL DA COMARCA _____ (matéria estadual)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ FEDERAL DA ___ VARA CRIMINAL DA SEÇÃO JUDICIÁRIA DE _____ (matéria federal)

b) Crimes dolosos contra a vida

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA ___ VARA DO JÚRI DA COMARCA DE _____ (matéria estadual)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ FEDERAL DA ___ VARA DO JÚRI DA SEÇÃO JUDICIÁRIA DE _____ (matéria federal)

(10 linhas)

_____ (nome), _____ (nacionalidade), _____ (estado civil), _____ (profissão), residente e domiciliado _____ (endereço), vem, por seu advogado infra-assinado (documento n. 1), à presença de Vossa Excelência, com fundamento nos artigos 134 e seguintes do Código de Processo Penal, requerer a ESPECIALIZAÇÃO DA HIPOTECA LEGAL, pelos motivos de fato e de direito a seguir aduzidos:

(2 linhas)

DOS FATOS

* Narrar o fato criminoso, com todas as circunstâncias, sem inventar dados ou copiar o problema.

(2 linhas)

DO DIREITO

* Preencher os requisitos da especialização da hipoteca legal, inclusive com estimativa do valor da responsabilidade civil e designação dos imóveis a serem registrados no Cartório de Imóveis.

(2 linhas)

DO PEDIDO

Diante do exposto, vem requerer a Vossa Excelência a autuação em apartado do presente requerimento e que seja arbitrado o valor da responsabilidade e avaliados os bens, ordenando-se a inscrição da hipoteca legal dos bens indicados, como medida de inteira justiça.

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

9 Incidente de falsidade

1. Finalidade: provar que o documento é falso, não tendo valor probatório.

2. Forma: escrito.

3. Local: autos apartados.

4. Efeito do reconhecimento: desentranhamento do documento e remessa com os autos ao Ministério Público.

5. Relevância jurídica: conforme observa Mirabete[5], o incidente somente pode ser levantado contra documentos ou atos judiciais que possam influir na decisão da causa.

6. Procurador: poderes especiais.

7. Processamento:

a) apresentação;

b) autuação em apartado;

c) resposta em 48 horas;

d) três dias para produção de provas;

e) diligências;

f) oitiva do Ministério Público;

g) sentença.

8. Recurso: recurso em sentido estrito, nos termos do art. 581, XVIII, do CPP; não efeito

suspensivo; sobe nos próprios autos.

9. Legitimidade ativa: ofício ou requerimento das partes (acusado, Ministério Público ou querelante).

10. Coisa julgada: não, pois a decisão sobre a falsidade só tem importância no processo em que foi arguida e reconhecida.

11. Estrutura da peça prática

a) Endereçamento: (1) se for crime doloso contra a vida e matéria federal: juiz federal da vara do júri; (2) se for crime doloso contra a vida e matéria estadual: juiz de direito da vara do júri; (3) se for crime não doloso contra vida e matéria federal: juiz federal da vara criminal; (4) se for crime não doloso contra a vida e matéria estadual: juiz de direito da vara criminal.

b) Preâmbulo: (a) nome e qualificação do requerente (não precisa qualificar, pois não é peça inicial); (b) capacidade postulatória; (c) fundamento legal; (d) nome da peça; (e) frase final.

c) Dos fatos: narrar a infração penal praticada, sem inventar dados, e o andamento processual até o momento do pedido.

d) Do direito: comprovar que o documento não é autêntico, não tendo valor probatório.

e) Do pedido: autuação em apartado, reconhecimento da falsidade e, após trânsito em julgado, o desentranhamento do documento e remessa ao Ministério Público.

f) Parte final: termos em que pede deferimento; data e indicação da OAB.

g) Terminologia: (1) verbo do pedido: requerer; (2) interessado no pedido: requerente.

Fluxograma do incidente de falsidade

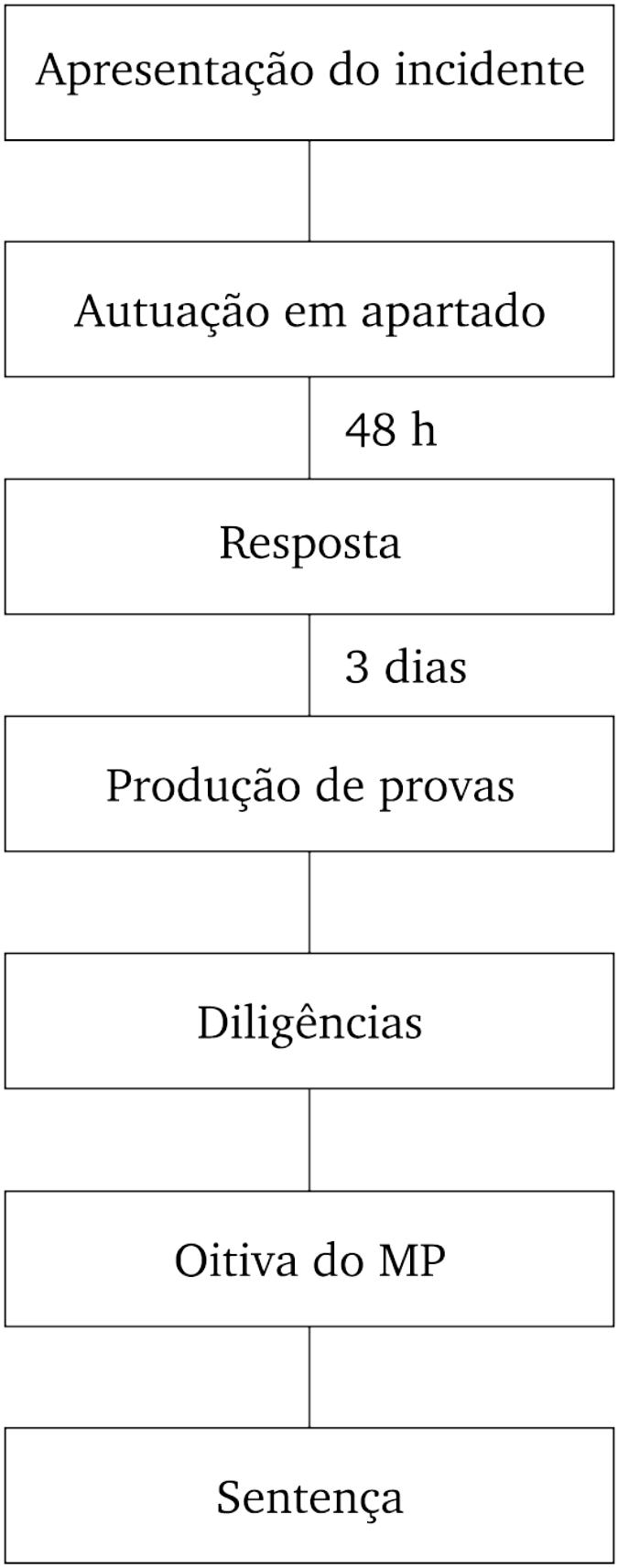
Apresentação do incidente
Autuação em apartado
48 h
Resposta
3 dias
Produção de provas
Diligências
Oitiva do MP
Sentença

MODELO DE INCIDENTE DE FALSIDADE

a) Crimes não dolosos contra a vida

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA ___ VARA CRIMINAL DA COMARCA _____ (matéria estadual)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ FEDERAL DA ___ VARA CRIMINAL DA SEÇÃO JUDICIÁRIA DE _____ (matéria federal)

b) Crimes dolosos contra a vida

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA ___ VARA DO JÚRI DA COMARCA DE _____ (matéria estadual)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ FEDERAL DA ___ VARA DO JÚRI DA SEÇÃO JUDICIÁRIA DE _____ (matéria federal)

(10 linhas)

_____ (nome), _____ (nacionalidade), _____ (estado civil), _____ (profissão), residente e domiciliado _____ (endereço), vem, por seu advogado infra-assinado (documento n. 1), à presença de Vossa Excelência, com fundamento nos artigos 145 e seguintes do Código de Processo Penal, suscitar o INCIDENTE DE FALSIDADE do _____ (especificar o documento) pelos motivos de fato e de direito a seguir aduzidos:

(2 linhas)

DOS FATOS

* Narrar o fato criminoso, com todas as circunstâncias, sem inventar dados ou copiar o problema.

(2 linhas)

DO DIREITO

* Preencher os requisitos do incidente de falsidade.

(2 linhas)

DO PEDIDO

Diante do exposto, vem requerer a Vossa Excelência a autuação em apartado do presente requerimento e o reconhecimento da falsidade. Requer, outrossim, após o trânsito em julgado, o desentranhamento do documento, com a remessa do mesmo, juntamente com o processo incidente, ao Ministério Público para as providências legais.

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

10 Incidente de insanidade mental

1. Cabimento: dúvida sobre a integridade mental do autor do crime.
2. Momento: qualquer fase do processo criminal ou do inquérito.

3. Legitimidade ativa: juiz de ofício ou requerimento do MP, defensor, curador, cônjuge, ascendente, descendente, irmão ou representação da autoridade policial.

4. Procedimento

4.1 Forma: autos apartados; será apensado ao processo principal, após a apresentação do laudo.

4.2 Instauração: por portaria com nomeação de curador.

4.3 Perícia: (a) prazo de até 45 dias, salvo necessidade de maior prazo; no caso de demora injustificada, cabe habeas corpus; (b) para facilitar o exame, o juiz pode determinar a entrega dos autos aos peritos; (c) se o acusado estiver preso, será internado em manicômio; se estiver solto, será recolhido em estabelecimento designado pelo juiz.

5. Suspensão do processo: se o juiz determinar o exame, quando já iniciada a ação penal.

6. Inimputável ou semi-imputabilidade: retomada do processo com curador; se for absolvido, sofrerá medida de segurança.

7. Aquisição da doença mental após o crime: suspensão do processo até o restabelecimento, salvo quanto às diligências que possam ser prejudicadas pelo adiamento. O juiz pode ordenar a internação. No caso de restabelecimento, o processo retoma seu curso, tendo a possibilidade de reinquirir as testemunhas que houverem prestado depoimento sem a sua presença.

8. Insanidade surge no curso da execução penal: será internado em manicômio, nos termos do art. 682 do CPP.

9. Insanidade ao tempo da infração: o processo prosseguirá com a presença do curador.

Fluxograma do incidente de insanidade

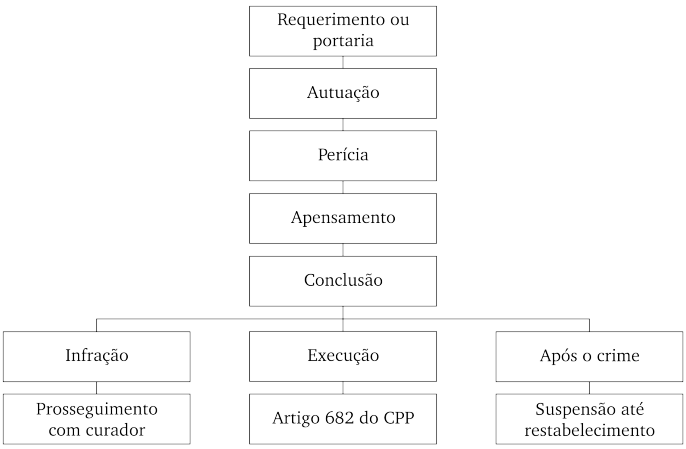

MODELO DE INCIDENTE DE INSANIDADE

a) Crimes não dolosos contra a vida

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA ___ VARA CRIMINAL DA COMARCA _____ (matéria estadual)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ FEDERAL DA ___ VARA CRIMINAL DA SEÇÃO JUDICIÁRIA DE _____ (matéria federal)

b) Crimes dolosos contra a vida

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA ___ VARA DO JÚRI DA COMARCA DE _____ (matéria estadual)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ FEDERAL DA ___ VARA DO JÚRI DA SEÇÃO JUDICIÁRIA DE _____ (matéria federal)

(10 linhas)

_____ (nome), _____ (nacionalidade), _____ (estado civil), _____ (profissão), residente e domiciliado _____ (endereço), vem, por seu advogado infra-assinado (documento n. 1), à presença de Vossa Excelência, com fundamento nos artigos 149 e seguintes do Código de Processo Penal, requerer INCIDENTE DE INSANIDADE MENTAL, pelos motivos de fato e de direito a seguir aduzidos:

(2 linhas)

DOS FATOS

* Narrar o fato criminoso, com todas as circunstâncias, sem inventar dados ou copiar o problema.

(2 linhas)

DO DIREITO

* Preencher os requisitos do incidente de Insanidade.

(2 linhas)

DO PEDIDO

Diante do exposto, vem requerer a Vossa Excelência a instauração do incidente de insanidade mental do acusado em autos apartados, para posterior apensamento aos autos principais.

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

11 Pedido de explicações em juízo

1. Cabimento: dúvida nas expressões ofensivas.
2. Tipo de crime: contra honra.
3. Competência: juízo criminal.
4. Processamento: (a) apresentação; (b) autuação; (c) audiência para ofensor explicar; (d) análise do ofendido.
5. Atitudes do ofendido: (a) explicações satisfatórias: não oferece queixa; (b) explicações insatisfatórias: oferece queixa.
6. Efeitos: torna o juízo prevento e não interrompe o prazo decadencial.
7. Natureza: medida preliminar não obrigatória, equiparada a uma notificação judicial.
8. Indeferimento judicial: esgotamento do prazo decadencial.

Fluxograma do pedido de explicações em juízo

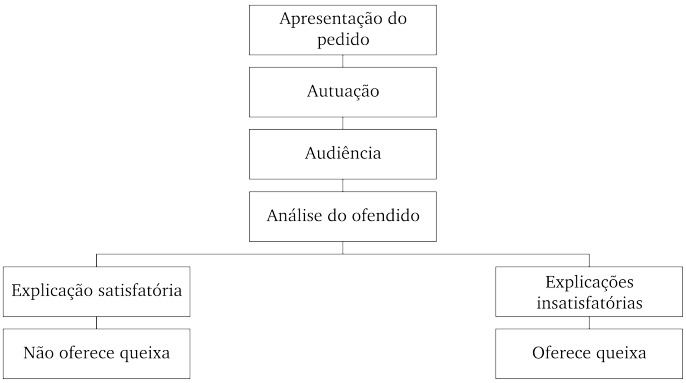

MODELO DE PEDIDO DE EXPLICAÇÕES EM JUÍZO

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ _____ DA ___ VARA CRIMINAL DA _____ (crimes não dolosos × vida e apenados com detenção)

ou

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ _____ DO JUIZADO ESPECIAL CRIMINAL DE _____

(10 linhas)

_____ (nome), _____ (nacionalidade), _____ (estado civil), _____ (profissão), residente e domiciliado _____ (endereço), vem, por seu advogado infra-assinado (doc. 1), à presença de Vossa Excelência, com fundamento no artigo 144 do Código Penal, requerer EXPLICAÇÕES EM JUÍZO do _____ (nome), _____ (nacionalidade), _____ (estado civil), _____ (profissão), residente e domiciliado _____ (endereço), pelos motivos de fato e de direito a seguir aduzidos:

(2 linhas)

DOS FATOS

* Narrar os acontecimentos, sem inventar dados ou copiar o problema. O requerente deve especificar as referências, frases ou alusões que tomou conhecimento contra a sua pessoa.

(2 linhas)

DO DIREITO

* Comprovar a dúvida. O requerente deve demonstrar que se julga ofendido nas referências, frases ou alusões proferidas pelo requerido.

(2 linhas)

DO PEDIDO

Diante do exposto, demonstrada a dúvida quanto ao significado das frases proferidas, vem requerer a Vossa Excelência notificar o ofensor para prestar explicações em juízo, como medida de inteira justiça.

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

12 Habilitação do assistente

1. Posição: ocupa o polo ativo junto do Ministério Público, formando litisconsórcio ativo.
2. Natureza: parte secundária na relação processual.
3. Sujeito: ofendido ou representante legal ou, na falta, o cônjuge, ascendente, descendente ou irmão.
4. Tipo de ação penal: pública.
5. Momento: pode ingressar a partir do recebimento da denúncia até o trânsito em julgado da decisão. Recebe a causa no estado em que se achar. Não cabe seu ingresso durante inquérito policial.
6. Corréu como assistente no mesmo processo: impossibilidade.
7. Direitos: (a) arrolar testemunhas; (b) reperguntar; (c) aditar libelo; (d) aditar articulados; (e) debate oral; (f) arrazoar recursos do MP; (g) propor provas.
8. Ministério Público: oitiva prévia para admissão do assistente.
9. Decisão de admissão: mandado de segurança.

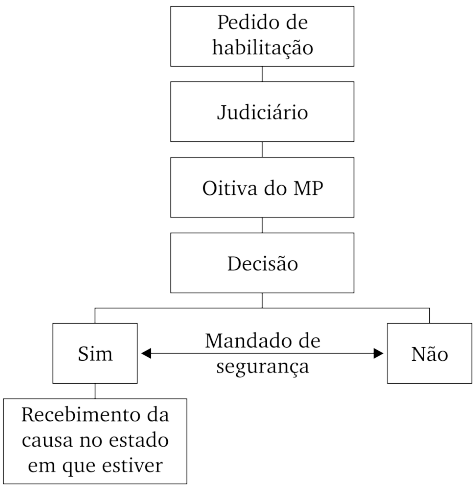

MODELO DE HABILITAÇÃO DE ASSISTENTE DE ACUSAÇÃO

a) Crimes não dolosos contra a vida

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA ___ VARA CRIMINAL DA COMARCA _____ (matéria estadual)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ FEDERAL DA ___ VARA CRIMINAL DA SEÇÃO JUDICIÁRIA DE _____ (matéria federal)

b) Crimes dolosos contra a vida

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA ___ VARA DO JÚRI DA COMARCA DE _____ (matéria estadual)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ FEDERAL DA ___ VARA DO JÚRI DA SEÇÃO JUDICIÁRIA DE _____ (matéria federal)

(10 linhas)

_____ (nome), _____ (nacionalidade), _____ (estado civil), _____ (profissão), residente e domiciliado _____ (endereço), vem, por seu advogado infra-assinado (documento n. 1), à presença de Vossa Excelência, com fundamento no artigo 268 do Código de Processo Penal, requerer o que segue:

(2 linhas)

DOS FATOS

* Narrar o fato criminoso, com todas as circunstâncias, sem inventar dados ou copiar o problema.

(2 linhas)

DO DIREITO

* Preencher os requisitos para ser habilitado como assistente de acusação.

(2 linhas)

DO PEDIDO

Diante do exposto, vem requerer a Vossa Excelência a habilitação como assistente de acusação, após ouvido o digno representante do Ministério Público, como medida de inteira justiça.

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

13 Restituição de coisa apreendida

1. Momento: após o trânsito em julgado da sentença, enquanto perdurar o interesse para o processo.

2. Sujeito: pode ser feita pela autoridade policial ou juiz.

3. Condução: não existir dúvida quanto ao direito do reclamante.

4. Coisas perecíveis: duas soluções:

a) avaliação e posterior venda em leilão;

b) entrega ao terceiro que as detenha em seu poder.

5. Recurso: apelação.

6. Destino

6.1 Confiscáveis: venda em leilão ou museu.

6.2 Coisas adquiridas com os proventos: leilão, com ressalva no direito de terceiro de boa-fé.

6.3 Não confiscável: leilão e à disposição do juízo de ausentes, desde que não reclamados e no prazo de 90 dias após trânsito em julgado.

7. Requisito: outra do MP.

Restituição de coisa apreendida

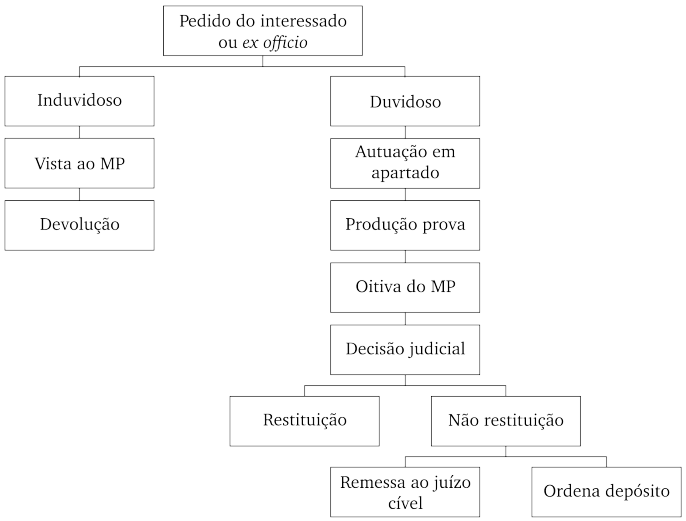

MODELO DE RESTITUIÇÃO DE COISA APREENDIDA

a) Crimes não dolosos contra a vida

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA ___ VARA CRIMINAL DA COMARCA _____ (matéria estadual)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ FEDERAL DA ___ VARA CRIMINAL DA SEÇÃO JUDICIÁRIA DE _____ (matéria federal)

b) Crimes dolosos contra a vida

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA ___ VARA DO JÚRI DA COMARCA DE _____ (matéria estadual)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ FEDERAL DA ___ VARA DO JÚRI DA SEÇÃO JUDICIÁRIA DE _____ (matéria federal)

(10 linhas)

_____ (nome), _____ (nacionalidade), _____ (estado civil), _____ (profissão), residente e domiciliado _____ (endereço), vem, por seu advogado infra-assinado (documento n. 1), à presença de Vossa Excelência, com fundamento no artigo 118 do Código de Processo Penal, requerer RESTITUIÇÃO DE BENS apreendidos _____ (especificar a apreensão), pelos motivos de fato e de direito a seguir aduzidos:

(2 linhas)

DOS FATOS

* Narrar o fato criminoso, com todas as circunstâncias, sem inventar dados ou copiar o problema. Narrar a busca e apreensão.

(2 linhas)

DO DIREITO

* Preencher os requisitos para que haja a restituição.

(2 linhas)

DO PEDIDO

Diante do exposto, vem requerer a Vossa Excelência que o presente pedido seja autuado em apartado,

ouvido o digno representante do Ministério Público e, afinal, os bens devolvidos. No caso de dúvida ou prova do alegado, espera a nomeação como depositário dos bens até a sentença, como medida de inteira justiça (último pedido não faz quando for para delegado).

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

1 JESUS, Damásio E. Curso de processo penal anotado. São Paulo: Saraiva, 2004. p. 407.

2 JESUS, Damásio E. Curso de processo penal anotado. São Paulo: Saraiva, 2004. p. 406.

3 MIRABETE, Julio Fabbrini. Processo penal. São Paulo: Atlas, 2004. p. 233.

4 MIRABETE, Julio Fabbrini. Código de Processo Penal interpretado. São Paulo: Atlas, 2000. p. 367.

5 MIRABETE, Julio Fabbrini. Código Penal interpretado. São Paulo: Atlas, 2000. p. 384.

8

Alegações Finais (Memoriais)

1. Tabela comparativa das alegações finais:

Itens	Rito ordinário	Rito sumário da culpa
Localização	Entre a fase do art. 402 do CPP e a sentença.	Entre o interrogatório e a sentença.
Fundamento	Artigo 403 do CPP.	Artigo 411, § 4º, do CPP.
Prazo	20 minutos, prorrogáveis por mais 10 minutos; quando houver complexidade ou elevado número de acusados, o juiz fixa 5 dias para memoriais.	20 minutos, prorrogáveis por mais 10 minutos; quando houver complexidade ou elevado número de acusados, o juiz fixa 5 dias para memoriais.
Falta de concessão de prazo	Artigo 564, III, e, do CPP.	Artigo 564, III, e, do CPP.

2. Defensor requer ou concorda com a condenação: anula a ação penal a partir das alegações finais, nos termos da Súmula 523 do STF[1].

3. Necessidade de intimação: sempre, para manter o contraditório e a ampla defesa:

3.1 Ministério Público: intimação pessoal com vista dos autos.

3.2 Defensor dativo ou público: intimação pessoal.

3.3 Defensor constituído: pode ser intimado pela imprensa.

4. Falta das alegações finais

4.1 Acusação

4.1.1 Ação penal privada subsidiária: retomada do processo pelo Ministério Público.

4.1.2 Ação privada exclusiva: perempção, com extinção de punibilidade do querelado; ocorre o mesmo efeito se o querelante não pedir condenação nas alegações finais.

4.1.3 Ministério Público: não pode deixar de apresentar, pois, além de fiscal da lei, é órgão incumbido de defender a sociedade. O não oferecimento gera responsabilidade funcional, devendo o juiz comunicar o Procurador-Geral, para que este tome as providências devidas.

4.1.4 Assistente de Acusação: há mera irregularidade, por constituir parte secundária no

processo criminal.

4.2 Defesa: dois posicionamentos:

4.2.1 Minoritária: não acarreta nulidade, pois esta só ocorre quando falta intimação ou quando não for dado prazo para o seu oferecimento.

4.2.2 Majoritária: acarreta nulidade absoluta, pois é termo essencial do processo, gerando cerceamento de defesa.

5. Pedidos nas alegações finais do júri: (a) pronúncia: indícios suficientes de autoria e materialidade da infração penal; (b) impronúncia: não presença de indícios de autoria e materialidade da infração penal; (c) desclassificação: crime não doloso contra a vida; (d) absolvição sumária: prova de inexistência do fato; prova de não ser o réu autor ou partícipe do fato; fato não constituir infração penal, excludentes de ilicitude e excludentes de culpabilidade.

6. Conteúdo: devem ser alegadas as preliminares e o mérito. Como afirma Mirabete[2]: "se manifestarão sobre a prova produzida nos autos e deduzirão suas pretensões". Pode requerer diligências e apontar nulidades.

7. Forma: a regra é que as alegações finais são orais. O juiz poderá, considerada a complexidade do caso ou o número de acusados, conceder às partes o prazo de 5 (cinco) dias, sucessivamente, para a apresentação de memoriais.

8. A decisão judicial de indeferimento da substituição das alegações finais orais por memoriais é recorrível? Há posicionamentos:

a) Cabe correição parcial, pois há inversão tumultuária do processo.

b) Cabe Mandado de Segurança, pois há ofensa ao direito líquido e certo de observância da forma procedimental prevista em lei.

9. Ordem nas alegações finais

9.1 Crime de ação penal privada: querelante, Ministério Público e defesa.

9.2 Crime de ação penal pública: Ministério Público, assistente de acusação e defesa.

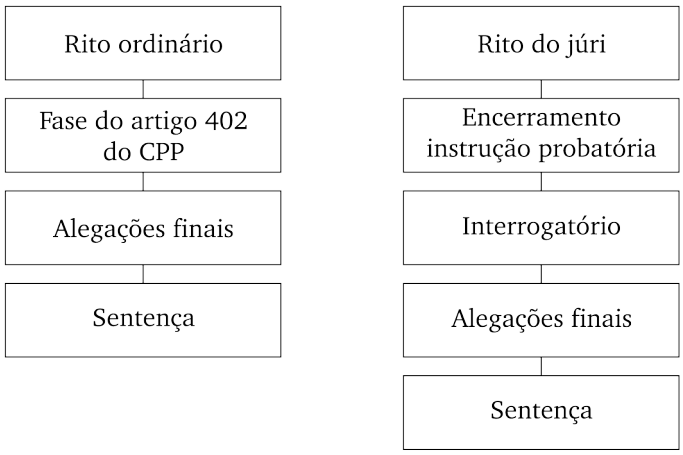

ALEGAÇÕES FINAIS DO JÚRI – MEMORIAIS

MODELO DE ALEGAÇÕES FINAIS DA DEFESA – MEMORIAIS

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA _____ VARA DO JÚRI DA COMARCA DE _____ (crimes dolosos × vida e matéria estadual)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ FEDERAL DA _____ VARA DO JÚRI DA SEÇÃO JUDICIÁRIA DE _____ (crimes dolosos × vida e matéria federal)

(10 linhas)

_____ (nome), já qualificado nos autos do processo-crime em epígrafe, vem, por seu advogado infra-assinado, à presença de Vossa Excelência, com fundamento no artigo 411, § 4º, do Código de Processo Penal, apresentar MEMORIAIS, pelos motivos de fato e de direito a seguir aduzidos:

(2 linhas)

DOS FATOS

* Narrar os acontecimentos, sem inventar dados ou copiar o problema. Colocar andamento processual.

(2 linhas)

DO DIREITO

- apontar a tese;
- justificar a tese;
- doutrina;
- jurisprudência;
- conclusão.

(2 linhas)

DO PEDIDO

Diante do exposto, requer-se:

a) Em preliminar _____.

b) No mérito, que seja julgada improcedente a presente ação penal, decretando-se a impronúncia (art. 414 do CPP) ou a absolvição sumária (art. 415 do CPP) ou a desclassificação (art. 419 do CPP), como medida de inteira justiça.

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

MODELO DE ALEGAÇÕES FINAIS DO ASSISTENTE DE ACUSAÇÃO – MEMORIAIS

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA ____ VARA DO JÚRI DA COMARCA DE _____ (crimes dolosos × vida e matéria estadual)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ FEDERAL DA ____ VARA DO JÚRI DA SEÇÃO JUDICIÁRIA DE _____ (crimes dolosos × vida e matéria federal)

(10 linhas)

_____ (nome), já qualificado nos autos do processo-crime em epígrafe, vem, por seu advogado infra-assinado, à presença de Vossa Excelência, com fundamento no artigo 411, § 4º, do Código de Processo Penal, apresentar MEMORIAIS, pelos motivos de fato e de direito a seguir aduzidos:

(2 linhas)

DOS FATOS

* Narrar os acontecimentos, sem inventar dados ou copiar o problema. Colocar andamento processual.

(2 linhas)

DO DIREITO

? apontar a tese;

? justificar a tese;

? doutrina;

? jurisprudência;

? conclusão.

(2 linhas)

DO PEDIDO

Diante do exposto, requer-se:

a) Em preliminar _____.

b) No mérito, a declaração da admissibilidade e viabilidade da acusação para julgamento pelo Tribunal do Júri, decretando-se a pronúncia do acusado, como incurso nas penas do artigo _____, como medida de inteira justiça.

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

MODELO DE ALEGAÇÕES FINAIS DO QUERELANTE – MEMORIAIS

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA ___ VARA DO JÚRI DA COMARCA DE _____ (crimes dolosos × vida e matéria estadual)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ FEDERAL DA ___ VARA DO JÚRI DA SEÇÃO JUDICIÁRIA DE _____ (crimes dolosos × vida e matéria federal)

(10 linhas)

_____ (nome), já qualificado nos autos do processo-crime em epígrafe, vem, por seu advogado infra-assinado, à presença de Vossa Excelência, com fundamento no artigo 411, § 4º, do Código de Processo Penal, apresentar MEMORIAIS, pelos motivos de fato e de direito a seguir aduzidos:

(2 linhas)

DOS FATOS

* Narrar os acontecimentos, sem inventar dados ou copiar o problema. Colocar andamento processual.

(2 linhas)

DO DIREITO

? apontar a tese;

? justificar a tese;

? doutrina;

? jurisprudência;

? conclusão.

(2 linhas)

DO PEDIDO

Diante do exposto, requer-se:

a) Em preliminar _____.

b) No mérito, a declaração da admissibilidade e viabilidade da acusação para julgamento pelo Tribunal do Júri, decretando-se a pronúncia do acusado, como incurso nas penas do artigo _____, como medida de inteira justiça.

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

ALEGAÇÕES FINAIS FORA DO JÚRI – MEMORIAIS

MODELO DE ALEGAÇÕES FINAIS DA DEFESA – MEMORIAIS

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA ___ VARA CRIMINAL DA COMARCA DE _____ (crimes não dolosos × vida e matéria estadual)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ FEDERAL DA ___ VARA CRIMINAL DA SEÇÃO JUDICIÁRIA DE _____ (crimes não dolosos × vida e matéria federal)

(10 linhas)

_____ (nome), já qualificado nos autos do processo-crime em epígrafe, vem, por seu advogado infra-assinado, à presença de Vossa Excelência, com fundamento no artigo 403 do Código de Processo Penal, apresentar MEMORIAIS, pelos motivos de fato e de direito a seguir aduzidos:

(2 linhas)

DOS FATOS

* Narrar os acontecimentos, sem inventar dados ou copiar o problema. Colocar andamento processual.

(2 linhas)

DO DIREITO

? apontar a tese;

? justificar a tese;

? doutrina;

? jurisprudência;

? conclusão.

(2 linhas)

DO PEDIDO

Diante do exposto, requer-se:

a) Em preliminar (se houver) _____.

b) No mérito, a absolvição do réu, com fundamento no art. 386, inciso ___, do CPP ou, salvo melhor juízo_____ (outros pedidos, como desclassificação do crime, uma diminuição da pena etc.).

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

MODELO DE ALEGAÇÕES FINAIS DO ASSISTENTE DE ACUSAÇÃO – MEMORIAIS

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA ___ VARA CRIMINAL DA COMARCA DE _____ (crimes não dolosos × vida e matéria estadual)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ FEDERAL DA ___ VARA CRIMINAL DA SEÇÃO JUDICIÁRIA DE _____ (crimes não dolosos × vida e matéria federal)

(10 linhas)

_____ (nome), já qualificado nos autos do processo-crime em epígrafe, vem, por seu advogado infra-assinado, à presença de Vossa Excelência, com fundamento no artigo 403 do Código de Processo Penal, apresentar MEMORIAIS, pelos motivos de fato e de direito a seguir aduzidos:

(2 linhas)

DOS FATOS

* Narrar os acontecimentos, sem inventar dados ou copiar o problema. Colocar andamento processual.

(2 linhas)

DO DIREITO

- apontar a tese;
- justificar a tese;
- doutrina;
- jurisprudência;
- conclusão.

(2 linhas)

DO PEDIDO

Diante do exposto, requer-se:

a) Em preliminar _____.

b) No mérito, que seja julgada procedente a presente ação penal, decretando-se a condenação do acusado, como incurso nas penas do artigo _____, como medida de inteira justiça.

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

MODELO DE ALEGAÇÕES FINAIS DO QUERELANTE – MEMORIAIS

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA ___ VARA CRIMINAL DA COMARCA DE _____ (crimes não dolosos × vida e matéria estadual)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ FEDERAL DA ___ VARA CRIMINAL DA SEÇÃO JUDICIÁRIA DE _____ (crimes não dolosos × vida e matéria federal)

(10 linhas)

_____(nome), já qualificado nos autos do processo-crime em epígrafe, vem, por seu advogado infra-assinado, à presença de Vossa Excelência, com fundamento no artigo 403 do Código de Processo Penal, apresentar MEMORIAIS, pelos motivos de fato e de direito a seguir aduzidos:

(2 linhas)

DOS FATOS

* Narrar os acontecimentos, sem inventar dados ou copiar o problema. Colocar andamento processual.

(2 linhas)

DO DIREITO

? apontar a tese;

? justificar a tese;

? doutrina;

? jurisprudência;

? conclusão.

(2 linhas)

DO PEDIDO

Diante do exposto, requer-se:

a) Em preliminar _____.

b) No mérito, que seja julgada procedente a presente ação penal, decretando-se a condenação do querelado, como incurso nas penas do artigo _____, como medida de inteira justiça.

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

EXEMPLO PRÁTICO DA PEÇA DE ALEGAÇÕES FINAIS DE DEFESA –

MEMORIAIS

CASO PRÁTICO

"A" está sendo processado segundo a denúncia que lhe imputa violação do art. 121, § 2º, inciso III, 1ª parte, combinado com o art. 14, II, do Código Penal, porque teria tentado matar "B", mediante aplicação de injeção venenosa. O laudo do Instituto Médico-Legal é taxativo, concluindo que a substância ministrada não tinha potencialidade lesiva, ou seja, era inócua. O Ministério Público apresentou alegações finais postulando a pronúncia de "A" nos termos da denúncia. Como advogado de "A", pratique o ato processual adequado ao rito processual.

1. Rascunho da peça

a) Infração penal: art. 121, § 2º, inciso III, 1ª parte, combinado com o art. 14, II, do Código Penal.

b) Ação penal: pública incondicionada.

c) Pena concreta: não tem.

d) Pena abstrata: reclusão de 6 a 20 anos e multa.

e) Rito processual: júri.

f) Momento processual: após alegações finais da acusação.

g) Cliente: "A".

h) Situação prisional: solto.

i) Tese: crime impossível, nos termos do art. 17 do Código Penal.

j) Peça: alegações finais do júri – memoriais.

k) Competência: Juiz da Vara do Júri.

l) Pedido: impronúncia.

2. Peça Prática

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA ___ VARA DO JÚRI DA COMARCA DA CAPITAL

(10 linhas)

"A", já qualificado nos autos do processo-crime em epígrafe, vem, por seu advogado infra-assinado, à presença de Vossa Excelência, com fundamento no art. 411, § 4º, do Código de Processo Penal, apresentar MEMORIAIS, pelos motivos de fato e de direito a seguir aduzidos:

(2 linhas)

DOS FATOS

"A" foi denunciado pela prática de tentativa de homicídio (fls.), já que tentou matar "B", mediante aplicação de injeção venenosa.

A denúncia foi recebida (fls.). O réu foi citado (fls.). Foi apresentada resposta à acusação (fls.). Na fase do art. 411, § 4º, do CPP, o MP postulou pela pronúncia de "A", nos termos da denúncia (fls.).

(2 linhas)

DO DIREITO

No caso em tela, verifica-se crime impossível, nos termos do art. 17 do Código Penal, já que a substância ministrada não tinha potencialidade lesiva, conforme laudo pericial (fls.).

Trata-se de uma tentativa inidônea, pois o meio utilizado por "A" não era apto a produzir o resultado danoso, tornando o fato atípico. Como afirma Delmanto (Código Penal comentado, São Paulo: Renovar, 2000, p. 28): "O meio é absolutamente ineficaz quando totalmente inadequado ou inidôneo para alcançar o resultado criminoso."

A ineficácia absoluta do meio está demonstrada por um laudo do instituto médico-legal, prova científica e cabal, no sentido de confirmar que o meio utilizado por "A" não possui aptidão para ofender ou ameaçar o objeto jurídico, ou seja, a vida de "B".

A inadequação da tentativa revela-se pelo fato de que o agente de forma alguma conseguiria alcançar a consumação, diante da constatação da total ineficácia do meio empregado para obtenção do resultado.

Dessa forma, presentes os requisitos necessários para a configuração do crime impossível, requer o reconhecimento da atipicidade da conduta.

(2 linhas)

DO PEDIDO

Diante do exposto, requer-se a improcedência da ação penal, com o reconhecimento da impronúncia do réu, com fundamento no art. 414 do Código de Processo Penal.

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

1 Súmula 523 do STF: "No processo penal a falta de defesa constitui nulidade absoluta, mas a deficiência só o anulará se houver prova de prejuízo para o réu."

2 MIRABETE, Julio Fabbrini. Código de Processo Penal interpretado: referências doutrinárias, indicações legais, resenha jurisprudencial. São Paulo: Atlas, 2000. p. 1086.

9

Dos Recursos Criminais

1 Teoria geral

1. Fundamento do recurso

a) necessidade psicológica de não se conformar com apenas uma decisão judicial;

b) possibilidade de erro humano. Como bem observa Moacyr Amaral Santos[1]: "os juízes são criaturas humanas e, portanto, falíveis, suscetíveis de erros e injunções";

c) duplo grau de jurisdição: existência de juízes e tribunais;

d) "Sob o aspecto social, os recursos visam tranquilizar a sociedade [...] Assegura-se, assim, a ideia de que o Estado garante prestação jurisdicional digna de credibilidade, aceitação e respeito"[2].

2. Finalidade do recurso

a) garantir a segurança jurídica;

b) alcançar a justa composição da lide;

c) impugnação da decisão judicial;

d) pedir reforma ou invalidação ou esclarecimento ou integração de decisão judicial;

e) "O recurso conforta o espírito do homem e possibilita, ao mesmo tempo, o aprimoramento da atividade do Judiciário"[3].

3. Natureza do recurso: existem três posicionamentos:

a) desdobramento do direito de ação;

b) nova ação;

c) meio que visa à reforma de decisão pela mesma autoridade judiciária ou outra hierarquicamente superior.

4. Características

a) direito subjetivo, ou seja, existe o direito de recorrer, de questionar decisão judicial;

b) ônus processual, pois a parte não é obrigada a interpor recurso, mas, se não recorrer, terá prejuízos;

c) remédio processual, pois visa sanar uma dificuldade, através do reexame da decisão judicial;

d) "é uma extensão do direito de ação ou defesa, e, portanto, apenas prolonga a vida do processo e a litispendência existente, dentro da mesma relação processual"[4].

5. Terminologia

5.1 Juízo a quo: é o que profere a decisão judicial.

5.2 Juízo ad quem: é o que julga o recurso.

6. Pressupostos recursais

6.1 Conceito: são requisitos de admissibilidade do recurso.

6.2 Espécies

a) Objetivos: são os que dizem respeito ao próprio recurso.

b) Subjetivos: dizem respeito à pessoa do recorrente.

6.3 Pressupostos objetivos

a) Taxatividade ou cabimento: o recurso deve estar previsto na lei.

b) Adequação: o recurso deve ser adequado para o reexame da decisão judicial:

exceção: fungibilidade recursal: interpor recurso errado no lugar do recurso correto; poderá ser admitido o recurso incorreto desde que tenha sido observado o prazo do recurso correto, que não haja má-fé do recorrente e que não haja erro grosseiro;

princípios correlatos:

– variabilidade dos recursos: é possível desistir de um recurso pelo outro desde de que no prazo; não é aplicado ao Ministério Público. Há uma corrente que sustenta a impossibilidade da variação de recurso, em face da preclusão consumativa recursal;

– unirrecorribilidade das decisões: para cada decisão judicial existe um recurso adequado.

c) Tempestividade: o recurso deve ser interposto no prazo legal. O prazo do recurso criminal é:

contínuo: não é interrompido em férias, feriado ou domingo;

peremptório: é fatal e decisivo. Na dúvida sobre a tempestividade recursal, a solução é interpretar em benefício do recorrente.

O prazo é variável, conforme a espécie de recurso:

Itens	Prazo da interposição	Prazo das razões	Prazo das contrarrazões
Recurso em sentido estrito	☐ regra geral: 5 dias (artigo 586 do CPP); ☐ contra inclusão ou exclusão de jurado da lista oficial: 20 dias (artigo 586, parágrafo único, do CPP).	2 dias (artigo 588).	2 dias.

Apelação	☐ regra geral: 5 dias (artigo 593 do CPP); ☐ JECRIM: 10 dias; ☐ supletiva no júri: 15 dias.	☐ crime: 8 dias (artigo 600 do CPP); ☐ contravenção: 3 dias (artigo 600 do CPP); ☐ assistente: 3 dias (artigo 600, parágrafo único, do CPP).	☐ crime: 8 dias (artigo 600 do CPP); ☐ contravenção: 3 dias (artigo 600 do CPP); ☐ assistente: 3 dias (artigo 600, parágrafo único, do CPP).
Embargos infringentes e de nulidade	10 dias.	10 dias.	10 dias.
Embargos de declaração	☐ regra: 2 dias (artigo 619 do CPP); ☐ JECRIM: 5 dias.	Não tem.	Não tem.
Carta testemunhável	48 horas (artigo 640 do CPP).	2 dias (artigo 643 c/c o artigo 588, ambos do CPP).	dois dias (artigo 643 c/c o artigo 588, ambos do CPP).
Correição parcial	5 dias.	Não tem.	Não tem.
Recurso ordinário constitucional	15 dias	15 dias	15 dias
Recurso especial	15 dias.	15 dias.	15 dias.
Recurso extraordinário	15 dias.	15 dias.	15 dias.
Agravo em execução	5 dias.	2 dias.	2 dias.
Agravo interno	15 dias.	Não tem.	Não tem.
Agravo em recurso especial ou extraordinário	15 dias.	15 dias.	15 dias.

d) Regularidade formal: o recurso, para ser recebido, processado e julgado, precisa preencher as

formalidades legais:

forma do recurso:

– regra: termo nos autos ou petição;

– exceção: só admite petição: embargos, carta testemunhável, recurso especial, recurso extraordinário e correição parcial;

fundamentação: apresentação dos motivos do inconformismo com a decisão judicial:

– Ministério Público: não pode deixar de apresentar, em nome do princípio da indisponibilidade; a não apresentação gera presunção de desistência, o que não é admitido pelo art. 576 do Código de Processo Penal;

– defesa: não pode deixar de apresentar, sob pena de violação ao princípio da ampla defesa;

e) Ausência de fatos impeditivos: fatos ocorridos antes da interposição do recurso:

renúncia;

não recolhimento do réu à prisão.

f) Ausência de fatos extintivos: fato ocorrido após a interposição do recurso:

desistência;

deserção.

6.4 Pressupostos subjetivos

a) legitimidade: possui aptidão para recorrer o Ministério Público, o querelante, o réu, o defensor e o assistente de acusação. O Ministério Público não pode apelar de sentença absolutória em ação penal privada exclusiva;

b) interesse de agir: demonstrado pela sucumbência da parte, nos termos do art. 577, parágrafo único, do Código de Processo Penal, ou seja, tem interesse de recorrer aquele a quem a decisão judicial causou prejuízo.

Recurso do Ministério Público a favor do réu: é possível, pois o Ministério Público é fiscal da lei. Conforme Fernando Capez[5]: "Não pode [...] recorrer o Ministério Público, se o seu pedido formulado nas alegações finais, seja pela condenação, seja pela absolvição, tiver sido integralmente acolhido na sentença. O problema aqui é puramente de falta de sucumbência";

recurso do réu em face da sentença absolutória: pode, para mudar o fundamento da absolvição.

7. Reexame de ofício ou necessário: ocorre quando o juiz remete de ofício os autos para a superior instância, para revisão de sua decisão. Trata-se de uma providência necessária para a decisão transitar em julgado, não precisando de fundamentação. Se o juiz não remeter, pode o Tribunal avocar os autos

de ofício. São os seguintes casos:

a) concessão de reabilitação criminal;

b) absolvição sumária;

c) concessão de habeas corpus pelo juiz;

d) arquivamento da sentença absolutória nos crimes contra a economia popular.

8. Juízos dos recursos

8.1 Admissibilidade ou prelibação: verificação da presença dos pressupostos recursais:

a) se presentes: conhece o recurso;

b) se não presentes: não conhece do recurso;

c) pode ser feita pelo juízo a quo e ad quem;

d) a matéria de admissibilidade recursal é de ordem pública, de forma que o juiz pode examinar de ofício.

8.2 Mérito ou delibação: julgamento do recurso:

a) dar provimento;

b) negar provimento: vício procedimental ou de julgamento.

9. Extinção do recurso

9.1 Normal: quando há julgamento do recurso.

9.2 Anormal: quando ocorrer:

a) desistência: não há possibilidade para o Ministério Público;

b) deserção: ocorre com a falta de preparo ou de pagamento das despesas processuais.

10. Efeitos do recurso

10.1 Devolutivo: existe em todos os recursos; é a possibilidade de transferir o reexame da matéria já julgada para o mesmo órgão jurisdicional ou outro.

10.2 Suspensivo: só existe quando previsto em lei; impede a execução da decisão até o julgamento do recurso.

10.3 Regressivo: só existe quando previsto em lei; é o juízo de retratação; é a possibilidade de o juiz que proferir a decisão voltar atrás.

10.4 Extensivo: o recurso interposto por um corréu beneficia outro, quando não fundado em motivo de caráter exclusivamente pessoal.

10.5 Comum: impedir o trânsito em julgado da decisão recorrida.

11. Classificação dos recursos

11.1 Quanto à abrangência:

a) total: visa impugnar toda a decisão judicial;

b) parcial: visa impugnar parte da decisão judicial.

11.2 Quanto à fundamentação

a) livre: seu fundamento é livre, podendo ser alegado qualquer vício processual ou material.

b) vinculada: seu fundamento é específico e determinado.

11.3 Quanto à fonte legal

a) Extraordinário ou excepcional: sua fonte é a Constituição Federal.

b) Ordinário: sua fonte é a lei processual.

11.4 Quanto à vontade do recorrente

a) voluntário: depende da vontade da parte;

b) de ofício: é aquele em que o próprio juiz recorre da decisão. Também chamado de reexame necessário ou duplo grau de jurisdição obrigatório.

> comentário: tal classificação é criticada pela doutrina, já que faz parte da natureza do recurso sua voluntariedade. Como diz Vicente Greco[6], o recurso de ofício representa uma anomalia e uma impropriedade.

11.5 Quanto ao órgão julgador

a) devolutivo: o órgão julgador é juiz ou tribunal diferente e superior ao que emitiu a decisão;

b) iterativo: órgão julgador é o mesmo juiz que proferiu a decisão recorrida;

c) misto: órgão julgador será tanto o que proferiu a decisão como outro órgão superior.

11.6 Quanto ao interesse de recorrer

a) comum: o interesse de recorrer é manifestado pela sucumbência;

b) especial: o interesse de recorrer é manifestado não só pela sucumbência como também por um requisito específico exigido na lei.

11.7 Quanto à finalidade

a) recurso de reforma: visa à modificação do julgado;

b) recurso de esclarecimento: visa esclarecer (ou a precisão) o julgado;

c) recurso de integração: visa suprir omissão do julgador;

d) recurso de invalidação: visa anular ou cassar decisão judicial, por conter vícios processuais.

12. Confronto

12.1 Recurso e ação impugnativa autônoma

Recurso é meio de impugnação judicial que, quando interposto, não visa à instauração de nova relação processual; apenas dá continuidade à relação processual já instaurada. Como observa José Frederico Marques: "O recurso, qualquer que seja ele, constitui sempre um procedimento, que dilata e amplia a relação processual, porquanto vem formado por um conjunto de atos, que se sucedem e são coordenados tendo em vista o reexame de um ato decisório"[7].

Ação impugnativa autônoma, como a Revisão Criminal, quando proposta, dá origem a uma nova relação processual.

12.2 Desistência e renúncia no recurso

Desistência pressupõe o recurso já interposto, sendo, portanto, posterior à interposição do recurso. É o abandono do recurso já interposto.

Na renúncia, a pessoa abre mão do direito de recorrer, sendo, portanto, prévia à interposição do

recurso.

12.3 Error in judicando e error in procedendo

Error in judicando é vício no conteúdo de decisão judicial, decorrente da errônea apreciação judicial da vontade contida na lei. Nesse caso, o recurso visa obter a reforma da decisão judicial recorrida, para que outra seja proferida no seu lugar.

Error in procedendo é vício na forma da decisão judicial, decorrente do descumprimento de uma norma de natureza processual. Nesse caso, o recurso visa obter a anulação da decisão judicial recorrida, para que outra seja proferida no seu lugar.

13. Modalidades de recursos criminais

13.1 Código de Processo Penal: recurso em sentido estrito, apelação, embargos e carta testemunhável.

13.2 Constituição Federal: recurso ordinário constitucional, recurso especial e recurso extraordinário.

13.3 Leis esparsas

a) JECRIM

expressos na Lei n. 9.099/95: apelação e embargos de declaração;

admitidos: todos os recursos do CPP, já que no art. 92 da Lei n. 9.099/95 existe previsão da aplicação subsidiária do Código Penal e Código de Processo Penal;

recursos constitucionais: o recurso especial não é admitido, pois o art. 105, III, CF, só o permite quando há decisões de tribunais, e não de turmas recursais (Súmula 203 do STJ).

b) Crimes eleitorais – Lei n. 4.737/65

expressos na Lei n. 4.737/65: art. 362. Das decisões finais de condenação ou absolvição cabe recurso para o Tribunal Regional, a ser interposto no prazo de 10 (dez) dias;

admitidos: todos os recursos do CPP, já que no art. 364 da Lei n. 4.737/65 existe previsão da aplicação subsidiária e supletiva do Código de Processo Criminal.

c) Crimes de abuso de autoridade – Lei n. 4.898/65

admitidos: todos os recursos do CPP; já que no art. 28 da Lei n. 4.898/65 existe previsão das decisões, despachos e sentenças, caberão os recursos e apelações previstos no Código de Processo Criminal.

d) Lei de Execução Penal – Lei n. 7.210/84

expressos na Lei n. 7.210/84: agravo em execução, conforme o art. 197 da LEP.

e) ECA – Lei n. 8.069/90

admitidos: todos os recursos do CPC, já que no art. 198 da Lei n. 8.069/90 existe a

previsão de que nos procedimentos afetos à Justiça da infância e juventude fica adotado o sistema recursal do CPC; os recursos do CPP, já que no art. 152 da Lei n. 8.069/90 existe a previsão aos procedimentos regulados no ECA, aplicam-se subsidiariamente as normas gerais previstas na legislação pertinente.

f) Crimes de trânsito – Lei n. 9.503/97

expressos na Lei n. 9.503/97: da decisão que decretar a suspensão da permissão ou da habilitação para dirigir veículo automotor ou a medida cautelar, ou da que indeferir, cabe recurso em sentido estrito;

admitidos: todos os recursos do CPP, já que no art. 291 da Lei n. 9.503/97 existe previsão de que em tudo o que não é regulado pela lei de trânsito será aplicado o Código Penal e o de Processo Penal.

g) Crimes ambientais – Lei n. 9.605/98

admitidos: todos os recursos do Código de Processo Penal, já que o art. 79 da Lei n. 9.605/98 faz previsão da aplicação subsidiária das disposições do Código Penal e do CPP.

2 Carta testemunhável

1. Disciplina legal: arts. 639 a 646 do CPP.

2. Finalidade: pedir o reexame da decisão que negar seguimento ao Recurso em Sentido Estrito ou Agravo em Execução. Noutros termos, fazer a subida do recurso denegado ou obstado para a segunda instância.

* Observação

a) as palavras importantes são indeferir ou negar seguimento.

b) Não cabe quando falar em improvido: neste caso, se a votação: (1) for unânime, cabe recurso especial ou extraordinário, conforme o caso; (2) não for unânime e tiver voto divergente favorável ao réu, cabem embargos infringentes e de nulidade.

3. Não cabimento

a) Negativa de apelação: recurso em Sentido Estrito (art. 581, inciso XV, do CPP).

b) Negativa de Recurso Especial/Recurso Extraordinário: Cabe agravo contra decisão do presidente ou do vice-presidente do tribunal recorrido que inadmitir recurso extraordinário ou recurso especial, salvo quando fundada na aplicação de entendimento firmado em regime de repercussão geral ou em julgamento de recursos repetitivos (art. 1.042 do CPC).

c) Negativa monocrática dos Embargos Infringentes/Nulidade: agravo regimental.

d) Negativa de Correição Parcial: não cabe, pois a correição não é recurso.

4. Legitimidade ativa: parte prejudicada, ou seja, a parte que teve o recurso denegado ou com andamento obstado.

5. Requisitos: (a) ser tempestivo; (b) existir decisão denegatória do recurso (a que julga inadmissível

o recurso) ou que negue seguimento ao tribunal ad quem (o juiz recebe o recurso, mas não o encaminha ao órgão superior de julgamento).

6. Prazo

6.1 Interposição: 48 horas, contadas da intimação da decisão denegatória (na dificuldade de precisar a hora da decisão, aplica o art. 798, §§ 1º e 3º, do CPP).

6.2 Razões: dois dias, contados da intimação.

6.3 Contrarrazões: dois dias, contados da intimação.

7. Competência: a interposição será endereçada ao escrivão do cartório e as razões, ao Tribunal competente.

8. Características

8.1 Recurso subsidiário: só é cabível quando não houver outro meio de impugnação das decisões de não recebimento ou não seguimento do recurso.

8.2 Recurso anômalo: porque é interposto perante escrivão.

8.3 Efeito: não tem efeito suspensivo, possuindo apenas o devolutivo, nos termos do art. 646 do CPP.

9. Formação do instrumento: (a) partes devem indicar peças para traslado (para o processamento da Carta e para julgamento do mérito do recurso denegado pelo Tribunal), pois o recurso subirá por instrumento, formando autos apartados; (b) instrumento é o conjunto de peças do processo trasladadas.

10. Natureza: há dois posicionamentos: (a) trata-se de instrumento processual; (b) recurso.

11. Entrega do instrumento

11.1 prazo para entrega: cinco dias; na parte que fala do recurso extraordinário foi revogado;

11.2 suspensão do escrivão por 30 dias: (a) não entregar o recibo da petição à parte; (b) não entregar a carta no prazo legal. Se for aplicada a punição, passa ao substituto; se não adiantar, o presidente do Tribunal poderá avocar os autos.

12. Processamento na superior instância: será processado de acordo com o recurso denegado ou que teve andamento obstado.

13. Julgamento do tribunal: (a) provimento: mandará processar o recurso denegado ou obstado; se a carta estiver suficientemente instruída, decidirá, desde logo, o mérito; (b) não provimento.

14. Procedimento da carta testemunhável

a) indeferimento ou não seguimento do Recurso em Sentido Estrito ou Agravo em Execução;
b) em 48 horas da decisão, deve ser feita uma petição de interposição ao escrivão ou secretário do tribunal (não tem aplicação, pois, quando se fala em recurso extraordinário, o recurso cabível é o agravo), com indicação das peças a serem trasladadas, para formação do instrumento;
c) o escrivão ou secretário dará recibo à parte, sob pena de suspensão por 30 dias;
d) feita a interposição, o escrivão ou secretário fará a extração e autuação da carta;
e) feito o concerto da carta, o escrivão ou secretário deverá entregá-la em no máximo cinco dias ao testemunhante;

f) se o escrivão ou o secretário não fizer a referida entrega, o testemunhante comunica o fato ao juiz ou Presidente do Tribunal, para que seja aplicada a sanção de suspensão por 30 dias e determinada a extração do instrumento por um substituto;

g) intimação do testemunhante para apresentar as razões em dois dias;

h) intimação do testemunhado para apresentar as contrarrazões em dois dias;

i) os autos vão conclusos ao juiz para o juízo de retratação;

j) se o juiz se retratar, remete ao tribunal para análise do recurso antes não admitido ou obstado; noutros termos, o recurso denegado terá seguimento; a parte contrária pode recorrer por simples petição ao tribunal;

k) se o juiz não se retratar, manda para o tribunal julgar, podendo tomar uma das seguintes atitudes:

se a carta estiver devidamente instruída com as razões: admite o recurso e aproveita e julga o mérito;

se a carta não estiver devidamente instruída: indefere ou limita-se a admitir o recurso, determinando o seu processamento.

15. Esquema da peça prática: são duas peças: (a) interposição: pessoa declara a vontade de recorrer, indicando as peças para traslado; (b) razões: pessoa declara os motivos do inconformismo.

Terminologia: (1) verbo do recurso: requerer extração da Carta Testemunhável; (2) recorrente: testemunhante.

Partes: testemunhante é o recorrente; testemunhado é o juiz que denega o recurso.

Interposição

a) Endereçamento: será endereçado, conforme prescreve o art. 640 do CPP, ao escrivão. A parte do artigo que menciona a possibilidade de endereçar para o secretário do tribunal não está mais em vigor, pois só era justificado para o caso de recurso extraordinário, que não é mais hipótese de cabimento.

b) Preâmbulo: (a) nome e qualificação do prejudicado com a decisão (não precisa qualificar, pois não é peça inicial); (b) capacidade postulatória; (c) fundamento legal; (d) nome da peça; (e) frase final: pedir traslado e encaminhamento ao tribunal competente.

c) Parte final: termos em que pede deferimento; data e OAB.

d) Rol das peças: enumerar as peças necessárias para o traslado.

Razões

a) Nome da peça: no centro da folha, o nome da peça: Razões de Carta Testemunhável.

b) Introdução: no lado esquerdo da peça, indicar dados de identificação.

c) Saudação: cumprimento aos membros do tribunal competente.

d) Dos fatos: narrar a infração penal praticada, sem inventar dados, e o andamento processual até o momento da decisão denegatória.

e) Do direito: demonstrar o inconformismo com a decisão denegatória.

f) Do pedido: processamento do recurso denegado e, se a causa estiver madura (instrução suficiente), o tribunal julga desde logo o mérito do recurso denegado.

g) Parte final: data e indicação da OAB.

Carta testemunhável

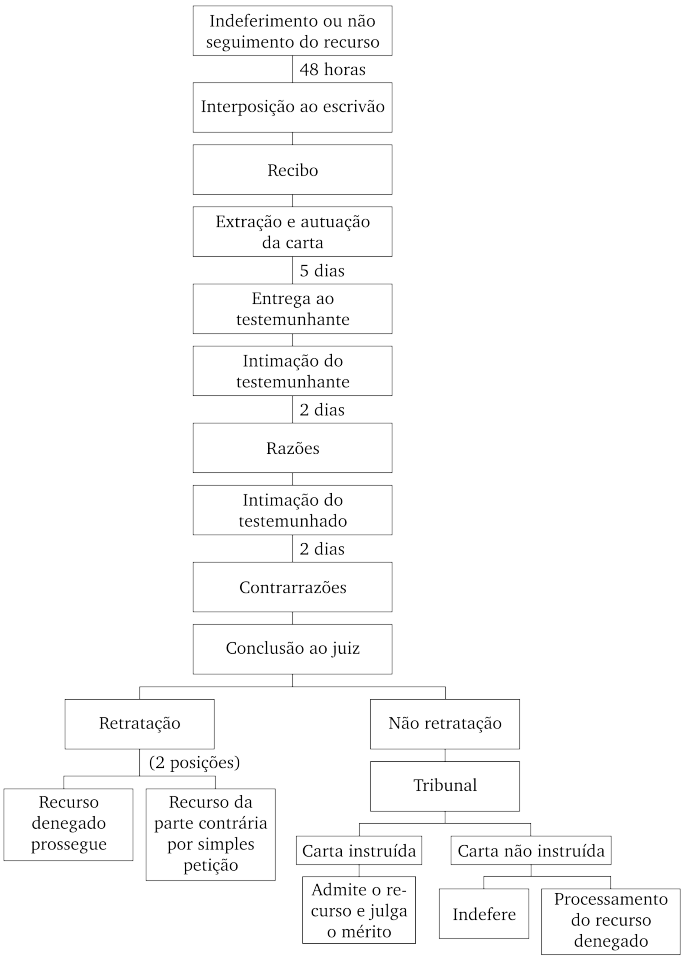

MODELO DE CARTA TESTEMUNHÁVEL

INTERPOSIÇÃO

ILUSTRÍSSIMO SENHOR ESCRIVÃO DO CARTÓRIO DO ___ OFÍCIO DA COMARCA DE _____ (se for matéria estadual)

ILUSTRÍSSIMO SENHOR ESCRIVÃO DO CARTÓRIO DO ___ OFÍCIO DA SEÇÃO JUDICIÁRIA DE _____ (se for matéria federal)

(10 linhas)

_____ (nome), já qualificado nos autos do processo-crime em epígrafe n. _____, vem, por seu advogado infra-assinado, à presença de Vossa Senhoria, com fundamento nos artigos 639 e seguintes do Código de Processo Penal, requerer a extração da CARTA TESTEMUNHÁVEL, dentro do prazo legal, arrolando peças para traslado, bem como o seu encaminhamento ao Egrégio Tribunal competente.

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

(2 linhas)

Rol das peças para traslado:

– Decisão recorrida (fls.).

– Intimação da decisão recorrida (fls.).

– Petição recursal (fls.).

– Despacho denegatório ou obstativo do recurso (fls.).

– Certidão comprobatória de que a carta foi tempestiva (fls.).

– Prova da interposição do recurso denegado ou obstado, inclusive sua tempestividade (fls.).

– Outras peças (fls.).

RAZÕES DE CARTA TESTEMUNHÁVEL

(3 linhas)

Testemunhante:

Testemunhado:

Origem:

Autos do Processo n.

(3 linhas)

Egrégio Tribunal,

Colenda Câmara (Turma: se for TRF),

Ínclitos Julgadores,

(3 linhas)

Impõe-se a reforma da respeitável decisão_____ (especificar o conteúdo), pelas razões de fato e de direito a seguir expostas:

(2 linhas)

DOS FATOS

* Narrar os acontecimentos, sem inventar dados ou copiar o problema. Colocar o andamento processual, até o momento da decisão denegatória.

(2 linhas)

DO DIREITO

☐ apontar a tese: fazer com que o recurso seja admitido;

☐ justificar a tese;

☐ doutrina;

☐ jurisprudência;

☐ conclusão.

(2 linhas)

DO PEDIDO

Diante do exposto, requer seja a presente Carta Testemunhável encaminhada a uma das Câmaras (se for Federal, substituir Câmara por Turma) desse Egrégio Tribunal, para o efeito de determinarem o processamento do _____ (nome do recurso) denegado, ou decida de ofício, caso entenda estar suficientemente instruída, como medida de inteira justiça.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

MODELO DE CONTRARRAZÕES DE CARTA TESTEMUNHÁVEL

PETIÇÃO DE JUNTADA

a) se for denegação de Agravo em Execução

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA ___ VARA DAS EXECUÇÕES CRIMINAIS DA COMARCA DE _____ (matéria estadual)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ FEDERAL DA ___ VARA DAS EXECUÇÕES CRIMINAIS DA SEÇÃO JUDICIÁRIA DE _____ (matéria federal)

b) se for denegação de RESE e for infração de menor potencial ofensivo

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DO ___ JUIZADO ESPECIAL CRIMINAL DE _____

c) se for denegação de RESE e não for infração de menor potencial ofensivo, mas for crime não doloso contra a vida

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA ___ VARA CRIMINAL DA COMARCA DE _____ (matéria estadual)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ FEDERAL DA ___ VARA CRIMINAL DA SEÇÃO JUDICIÁRIA DE _____ (matéria federal)

d) se for denegação de RESE e não for infração de menor potencial ofensivo, mas for crime doloso contra a vida

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA ___ VARA DO JÚRI DA COMARCA DE _____ (matéria estadual)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ FEDERAL DA ___ VARA DO JÚRI DA SEÇÃO JUDICIÁRIA DE _____ (matéria federal)

(10 linhas)

_____ (nome), já qualificado nos autos do processo-crime em epígrafe n. _____, vem, por seu advogado infra-assinado, à presença de Vossa Excelência, não se conformando com o recurso interposto pelo _____, com fundamento no artigo 643 do Código de Processo Penal, requerer a juntada das CONTRARRAZÕES DE CARTA TESTEMUNHÁVEL.

(2 linhas)

Termos em que, requerendo seja ordenado o processamento das contrarrazões, pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

CONTRARRAZÕES DE CARTA TESTEMUNHÁVEL

(3 linhas)

Testemunhante:

Testemunhado:

Origem:

Autos do Processo n.

(3 linhas)

Egrégio Tribunal,

Colenda Câmara (Turma: se for TRF),

Doutos Julgadores

(3 linhas)

Não se conformando com o recurso interposto por _____ contra a respeitável decisão de fls. proferida em favor do recorrido, vem apresentar CONTRARRAZÕES, aguardando afinal se dignem Vossas Excelências em mantê-la, pelas razões a seguir expostas:

(2 linhas)

DOS FATOS

* Narrar os acontecimentos, sem inventar dados ou copiar o problema. Colocar o andamento processual.

(2 linhas)

DO DIREITO

☐ apontar a tese;

☐ justificar a tese;

☐ doutrina;

☐ jurisprudência;

☐ conclusão.

(2 linhas)

DO PEDIDO

Diante do exposto, requer seja dado provimento ao presente recurso, devendo ser mantida a respeitável decisão, no sentido de _____, como medida de inteira justiça.

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

CASO PRÁTICO (Apesar da extinção do protesto por novo júri; o exercício será mantido para exercitar a carta testemunhável)

Abelardo foi denunciado na 1ª Vara do Júri como incurso em concurso formal no art. 121, § 2º, inciso II, combinado com o art. 157, ambos do Código Penal. Ao término da instrução preliminar, o mesmo, após todas as provas apresentadas pela promotoria, foi pronunciado com base no mesmo artigo referido na denúncia. Esta decisão interlocutória transitou em julgado após cinco dias, sem manifestação das partes em recorrer em sentido estrito. Em plenário, você como advogado do réu sustentou legítima defesa. Abelardo foi condenado por quatro votos contra três. O douto juiz presidente do júri, no

momento da dosimetria da pena, aplicou-lhe a pena de 21 anos e três meses de reclusão, a ser cumprida integralmente em regime fechado. A defesa apresentou protesto por novo júri, que foi denegado, pela não presença dos requisitos de admissibilidade do protesto, já que houve concurso formal de crimes. Elaborar medida cabível ao caso.

1. Rascunho da peça

a) infração penal: art. 121, § 2º, II, do Código Penal em concurso formal com o art. 157 do Código Penal;

b) ação penal: pública incondicionada;

c) pena concreta: 21 anos e 3 meses de detenção;

d) pena abstrata: reclusão de 12 a 30 anos; roubo: reclusão de 4 a 10 anos e multa;

e) rito processual: júri;

f) momento processual: indeferimento do protesto por novo júri;

g) cliente: Abelardo;

h) situação prisional: solto;

i) tese: justificar os requisitos de admissibilidade do protesto por novo júri;

j) peça: carta testemunhável;

k) competência: escrivão do cartório do ofício da comarca da capital;

l) pedido: novo júri.

2. Peça prática

INTERPOSIÇÃO

EXCELENTÍSSMO SENHOR ESCRIVÃO DO CARTÓRIO DO _____ OFÍCIO DA COMARCA DA CAPITAL

(10 linhas)

Abelardo, já qualificado nos autos do processo-crime em epígrafe n. _____, vem, por seu advogado infra-assinado, à presença de Vossa Senhoria, com fundamento nos artigos 639 e seguintes do Código de Processo Penal, requerer a extração da CARTA TESTEMUNHÁVEL, dentro do prazo legal, arrolando peças para traslado, bem como o seu encaminhamento ao Egrégio Tribunal competente.

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

(2 linhas)

Rol das peças para traslado:

– Decisão recorrida (fls.).

– Intimação da decisão recorrida (fls.).

– Petição recursal (fls.).

– Despacho denegatório ou obstativo do recurso (fls.).

– Certidão comprobatória de que a carta foi tempestiva (fls.).

– Prova da interposição do recurso denegado ou obstado, inclusive sua tempestividade (fls.).

– Outras peças (fls.).

RAZÕES DE CARTA TESTEMUNHÁVEL

(3 linhas)

Testemunhante: Abelardo

Testemunhado: Juiz

Origem: Cartório do Ofício da Comarca da Capital

Autos do Processo n.

(3 linhas)

Egrégio Tribunal,

Colenda Câmara (Turma: se for TRF),

Ínclitos Julgadores,

(3 linhas)

Impõe-se a reforma da respeitável decisão _____ (especificar o conteúdo), pelas razões de fato e de direito a seguir expostas:

(2 linhas)

DOS FATOS

Abelardo foi denunciado como incurso no art. 121, § 2º, II, em concurso formal com o art. 157, ambos do Código Penal. Recebida a denúncia (fls.), o réu foi citado (fls.). Foi apresentada resposta à acusação (fls.). Não foi decretada a absolvição sumária (fls.).

Na audiência de instrução e julgamento, foram realizados os atos processuais (fls.). Em sede de alegações escritas, o promotor requereu _____ (fls.). A defesa, por sua vez, ____ (fls.). Na fase das diligências, nada foi requerido. Após conclusos os autos ao juiz, houve decisão de pronúncia (fls.). Não houve recurso em sentido estrito (fls.).

Na segunda fase do júri, o procedimento desenvolveu-se até a sentença (fls.), que condenou o protestante à pena de 21 anos e 3 meses de reclusão, a ser cumprida integralmente em regime fechado (fls.).

A defesa apresentou protesto por novo júri, que foi denegado pelo juiz presidente do tribunal do júri.

(2 linhas)

DO DIREITO

O recurso do protesto por novo júri apresentado pela recorrente deve ser admitido, pois há a presença de todos os requisitos, senão vejamos:

I – Consta dos autos a condenação de Abelardo, ora protestante, pela prática de homicídio qualificado em concurso formal com roubo, o que comprova o requisito legal da sentença condenatória proferida pelo Tribunal do Júri.

II – O protestante foi processado, julgado e, por fim, condenado pelo Estado a uma pena de reclusão de 21 anos e 3 meses de reclusão, resultante de um só crime, justificando o requisito da pena para cabimento do presente recurso.

Conforme observa Mirabete, em sua obra Código de Processo Penal interpretado, Atlas, 2000, p. 1311: "se a pena for resultante de crime continuado ou concurso formal, admite-se o protesto porque em ambos os casos se considera, ao menos por ficção, que há um todo unitário em que houve uma exasperação da pena".

III – O protestante interpôs recurso no prazo legal, cumprindo o requisito da tempestividade, conforme certidão anexa (doc. 1).

IV – O presente recurso foi interposto pelo defensor, com escritório situado na Rua tal, em nome do protestante, cumprindo o requisito da legitimidade ativa processual, nos termos do art. 577 do CPP.

V – Conforme certidão do distribuidor (doc. 2), não consta utilização anterior do protesto por novo júri.

VI – Pelo exposto, foram apontados os pressupostos legais necessários para admissibilidade do protesto, justificando, dessa forma, o direito líquido e certo do condenado à realização de um novo júri. Não há razão para manter, portanto, a decisão denegatória do protesto por novo júri.

(2 linhas)

DO PEDIDO

Diante do exposto, requer seja a presente Carta Testemunhável encaminhada a uma das Câmaras desse Egrégio Tribunal, para o efeito de determinarem o processamento do protesto por novo júri denegado, ou decida de ofício, caso entenda estar suficientemente instruída, como medida de inteira justiça.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

3 Embargos de declaração

1. Disciplina legal: os embargos de declaração estão regulados:

a) em relação às decisões proferidas pelos tribunais: nos arts. 619 e 620 do CPP;

b) em relação às decisões proferidas em primeiro grau: no art. 382 do CPP;

c) no JECrim: no art. 82 da Lei n. 9.099/95.

2. Finalidade

2.1 Saneamento: corrigir vício contido em sentença ou acórdão, visando seu esclarecimento ou integração. Conforme:

a) Hidejalma Muccio[8]: "Os embargos de declaração possibilitam que a omissão seja suprida, a obscuridade afastada, a ambiguidade desfeita e a contradição removida";

b) Nelson Luiz Pinto[9]: "É, pois, função desse recurso a revelação do verdadeiro sentido da decisão, bem como repor a decisão nos limites traçados pelo pedido da parte."

2.2 Prequestionamento: na prática forense é utilizado para prequestionamento, conforme as Súmulas 356 do STF e 211 do STJ. Para admissibilidade do recurso especial e extraordinário, é necessário que a questão federal ou constitucional seja debatida no acórdão recorrido.

3. Vícios: o rol dos vícios que ensejam os embargos é taxativo:

3.1 Obscuridade: falta de clareza, confusão, termos complexos e desconexos.

3.2 Contradição: proposições contrárias, incoerência, colisão de informações.

3.3 Omissão: não aprecia questões, lacuna, esquecimento, não disse o que era indispensável dizer; não apreciação de questões relevantes para o julgamento ou com a não manifestação sobre algum tópico da matéria submetida à apreciação judicial.

3.4. Correção de Erro Material (não tem no JECrim): diz respeito a itens como engano de digitação ou redação.

4. Sentença/Acórdão sem vício: clara, inteligível e apta. Mirabete[10]: "a sentença deve ser

extrinsecamente clara e precisa".

5. Legitimidade ativa: qualquer das partes (acusação ou defesa), inclusive o assistente de acusação.

6. Requisitos: fazer petição indicando o vício para o juiz que proferiu a sentença ou o relator, quando for acórdão.

7. Efeito infringente

7.1 Conceito: efeito infringente significa modificar a decisão embargada.

7.2 Cabimento: não cabe, pois seu objetivo é tornar a decisão clara e precisa; porém a jurisprudência o admite quando houver omissão, sendo necessário oitiva da parte contrária, em homenagem ao princípio do contraditório. O juiz intimará o embargado para, querendo, manifestar-se, no prazo de 5 (cinco) dias, sobre os embargos opostos, caso seu eventual acolhimento implique a modificação da decisão embargada (art. 1.023, § 1º, do CPC). Nucci[11] diz que a modificação substancial pode decorrer não apenas da omissão, como também da contradição.

8. Indeferimento liminar dos embargos de declaração: não tem recurso no CPP. Quando acontecer em primeiro grau, deve ou renovar o pedido em preliminar de recurso ou, se for grave, propor habeas corpus[12]. Há doutrinadores[13] que sustentam a irrecorribilidade. Em segunda instância, pode-se falar em agravo interno.

9. Cabem embargos de declaração da decisão nos embargos? Há os seguintes posicionamentos:

a) Sim, desde que atinjam a nova decisão proferida nos embargos de declaração. Como bem observa Tourinho, existe a impossibilidade de atacar, mediante novos embargos de declaração, aspectos já solucionados na decisão declaratória precedente[14].

b) Há quem diga que podem atingir a decisão anterior, desde que o assunto não tenha sido discutido. A reiteração com o mesmo conteúdo do anterior tem caráter protelatório.

10. Cabem embargos de declaração de decisão interlocutória? Uma corrente diz que sim; outra diz que não, por falta de previsão legal.

11. Cabem embargos de declaração quando houver contradição do acórdão com a prova nos autos? Não, pois só cabem embargos quando a contradição é encontrada no próprio corpo da decisão.

12. Os embargos podem reavaliar provas e fatos? Não, pois sua finalidade legal é corrigir vícios.

14. Contradição entre a ementa e o acórdão? Duas correntes:

a primeira diz que não, pois a ementa não tem conteúdo decisório;

a segunda diz que sim, já que existe o vício.

15. Prazo

15.1 Prazo no CPP: dois dias.

15.2 Prazo no JECrim: cinco dias.

15.3 Início do prazo: publicação da decisão judicial.

15.4 Defensor público: prazo em dobro, nos termos do art. 5º, § 5º, da Lei n. 1.060/50.

15.5 Outros prazos: alguns Regimentos Internos fazem previsão de prazo específico: (a) STF: art. 337, § 1º – cinco dias; (b) STJ: art. 263 – dois dias.

16. Julgamento: mesmo órgão jurisdicional que prolatou a decisão embargada:

16.1 Segunda instância: os embargos são dirigidos para o relator do acórdão embargado.

16.2 Primeira instância: os embargos são dirigidos ao próprio juiz que prolatou a decisão.

17. Características: (a) não tem sustentação oral; (b) quando cabe de sentença, chama embarguinhos; (c) retratação disfarçada, já que o próprio órgão que proferiu a decisão irá rever, para sanar o vício; (d) em natureza recursal, já que meio voluntário de impugnação de decisão judicial.

18. Efeitos

a) interrompem o prazo de outros recursos, em analogia ao art. 1026 do CPC; o prazo recomeça a contar em sua inteireza a partir da intimação da decisão que julga os embargos. É possível utilizar no Processo Penal regra do Código de Processo Civil, já que pelo art. 3º do CPP a lei processual penal adota aplicação analógica.

b) A eficácia da decisão monocrática ou colegiada poderá ser suspensa pelo respectivo juiz ou relator se demonstrada a probabilidade de provimento do recurso ou, sendo relevante a fundamentação, se houver risco de dano grave ou de difícil reparação.

c) possuem efeito regressivo, ou seja, juízo de retratação, já que são julgados pelo mesmo órgão prolator da decisão;

d) possuem efeito devolutivo, pois há a devolução da matéria decidida ao mesmo órgão que julgou a decisão.

19. Embargos manifestamente protelatórios: o regimento interno do STF diz que quando for manifestamente protelatório não acarreta o efeito de suspender ou interromper o prazo de outros recursos. O juiz ou o tribunal, em decisão fundamentada, condenará o embargante a pagar ao embargado multa não excedente a dois por cento sobre o valor atualizado da causa. Na reiteração de embargos de declaração manifestamente protelatórios, a multa será elevada a até dez por cento sobre o valor atualizado da causa, e a interposição de qualquer recurso ficará condicionada ao depósito prévio do valor da multa, à exceção da Fazenda Pública e do beneficiário de gratuidade da justiça, que a recolherão ao final. Não serão admitidos novos embargos de declaração se os 2 (dois) anteriores houverem sido considerados protelatórios.

20. Contraditório: os embargos de declaração são, em regra, inaudita altera pars, ou seja, sem oitiva

da parte contrária; porém, quando possuem efeito infringente, será necessário formar o contraditório, de modo a abrir vista à parte contrária antes do julgamento dos embargos de declaração. O juiz intimará o embargado para, querendo, manifestar-se, no prazo de 5 (cinco) dias, sobre os embargos opostos, caso seu eventual acolhimento implique a modificação da decisão embargada. (art. 1.023, § 1º, do CPC).

21. Processamento

a) apresentação da petição de embargos dirigida ao juiz ou relator, conforme o caso, com indicação do ponto a ser corrigido;

b) na segunda instância o relator apresenta para julgamento na primeira sessão do colegiado, sem depender de revisão; nos tribunais, o relator apresentará os embargos em mesa na sessão subsequente, proferindo voto, e, não havendo julgamento nessa sessão, será o recurso incluído em pauta automaticamente. Quando os embargos de declaração forem opostos contra decisão de relator ou outra decisão unipessoal proferida em tribunal, o órgão prolator da decisão embargada decidi-los-á monocraticamente.

c) análise judicial da petição, podendo ser tomada uma das seguintes atitudes:

indeferimento liminar: agravo interno;

deferimento: prosseguimento;

d) decisão final, que forma junto com a decisão embargada uma só decisão clara e precisa. A sentença ou o acórdão proferido em sede de embargos de declaração são como diz Tornaghi[15]: "dois pronunciamentos que se fundem numa só decisão, mais iluminada ou completa".

22. Regularidade formal: os embargos devem ser opostos por petição. No Juizado Criminal é admitida oposição oral.

23. Observações:

a) embora a lei preveja embargos de declaração apenas de sentença e acórdão, qualquer decisão judicial pode ser embargada enquanto não ocorrer preclusão;

b) a expressão Tribunais de Apelação contida no art. 619 do CPP deve ser interpretada de maneira a incluir os seguintes tribunais: Tribunal de Justiça, Tribunal Regional Federal e Tribunal Regional Eleitoral;

c) a respeito da natureza dos embargos de declaração, há dois posicionamentos:

não têm natureza recursal, pois sua finalidade é corrigir vício, e não questionar provas e fatos; os embargos são endereçados ao próprio juiz a quo;

têm natureza recursal, pois além de serem previstos na lei como recursos, visam corrigir

vício contido na decisão judicial;

d) a parte tem direito à entrega da prestação jurisdicional de forma clara, precisa e completa [...] os embargos de declaração [...] meio indispensável à segurança dos provimentos judiciais[16].

24. Esquema da peça prática

a) Endereçamento:

quando for sentença: (1) se for crime doloso contra a vida: Juiz Presidente do Tribunal do Júri; (2) se não for crime doloso contra vida e matéria federal: Juiz Federal da Vara Criminal; (3) se não for crime doloso contra vida e matéria estadual: Juiz de Direito da Vara Criminal; (4) se for do JECrim: juiz do JECrim;

quando for acórdão: (1) se matéria Federal: Desembargador Federal Relator da Turma Criminal; (2) se matéria estadual: Desembargador Relator da Câmara Criminal.

b) Preâmbulo: (a) nome e qualificação do embargante (não precisa qualificar, pois não é peça inicial); (b) capacidade postulatória; (c) fundamento legal; (d) nome da peça; (e) tempestividade recursal; (f) frase final.

c) Dos fatos: narrar a infração penal praticada, sem inventar dados, e o andamento processual até o momento da sentença ou acórdão, conforme o caso; apontar o vício da decisão.

d) Do direito: comprovar a ocorrência do vício na decisão, para sua correção.

e) Do pedido: pedir a correção do vício.

f) Parte final: termos em que, pede deferimento; data e indicação da OAB.

g) Terminologia: (1) verbo do recurso: opor Embargos de Declaração; (2) recorrente: embargante; (3) recorrido: embargado.

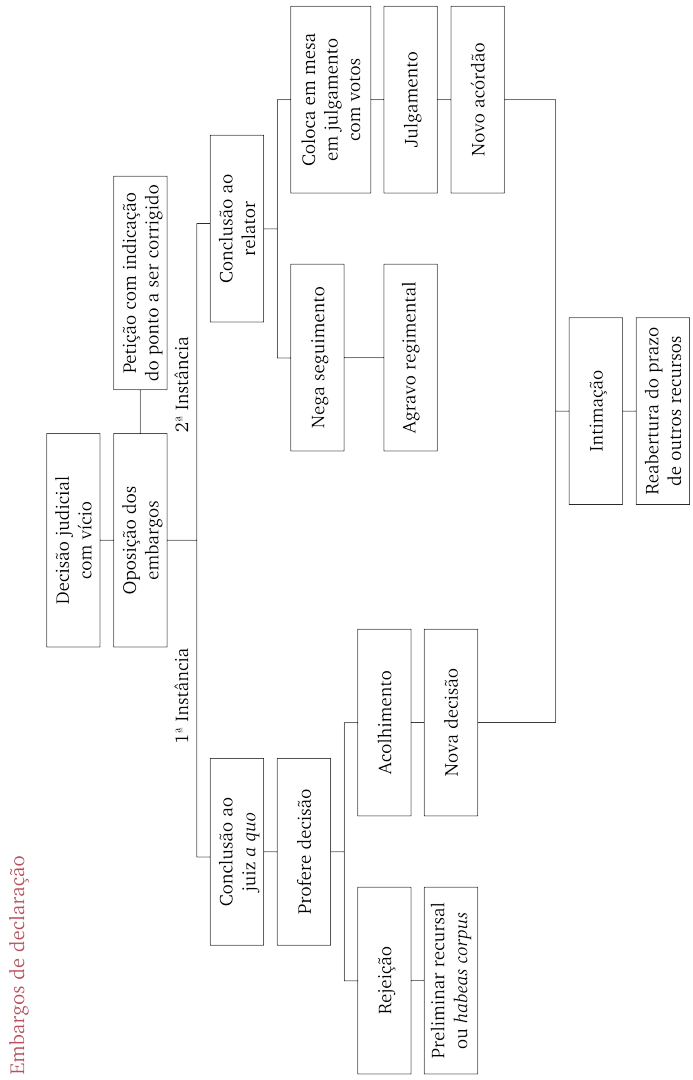

MODELO DE EMBARGOS DE DECLARAÇÃO DE SENTENÇA

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA ___ VARA CRIMINAL DA COMARCA DE _____ (crime não doloso contra a vida e matéria estadual)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ FEDERAL DA ___ VARA CRIMINAL DA SEÇÃO JUDICIÁRIA DE _____ (crime não doloso contra a vida e matéria federal)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ PRESIDENTE DO TRIBUNAL JÚRI DA COMARCA DE _____ (crime doloso contra a vida e matéria estadual)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ PRESIDENTE DO TRIBUNAL JÚRI DA SEÇÃO JUDICIÁRIA DE _____ (crime doloso contra a vida e matéria federal)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DO JUIZADO ESPECIAL CRIMINAL DA COMARCA DE _____ (infração de menor potencial ofensivo e matéria estadual)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DO JUIZADO ESPECIAL CRIMINAL DA SEÇÃO JUDICIÁRIA DE _____ (infração de menor potencial ofensivo e matéria federal)

(10 linhas)

_____ (nome), já qualificado nos autos do processo-crime em epígrafe, vem, por seu advogado infra-

assinado, à presença de Vossa Excelência, com fundamento no artigo _____, opor EMBARGOS DE DECLARAÇÃO à respeitável sentença de fls., dentro do prazo legal, pelos motivos de fato e de direito a seguir aduzidos:

(2 linhas)

DOS FATOS

* Narrar os acontecimentos, sem inventar dados ou copiar o problema. Colocar o andamento processual.

* Apontar erro material ou a omissão ou contradição ou obscuridade. Se for Jecrim apontar contradição ou obscuridade ou omissão.

(2 linhas)

DO DIREITO

☐ apontar a tese: a tese é sanar o vício contido na decisão. Exemplo: No caso em tela, o vício _____ (indicar a espécie) representa um gravame produzido à _____ (indicar a parte prejudicada). Nessa esteira, a finalidade do embargante é sanar o vício, para que a sentença fique clara, precisa, íntegra e perfeita;

☐ justificar a tese: demonstrar o vício e a necessidade de sua correção;

☐ doutrina;

☐ jurisprudência;

☐ conclusão.

(2 linhas)

DO PEDIDO

Diante do exposto, requer sejam recebidos os presentes EMBARGOS DE DECLARAÇÃO e, ao final, julgados para se declarar a sentença embargada, corrigindo-se _____ (mencionar o vício) nela contido, como medida de inteira justiça.

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

MODELO DE EMBARGOS DE DECLARAÇÃO DE ACÓRDÃO

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR DESEMBARGADOR RELATOR DA ___ CÂMARA CRIMINAL DO EGRÉGIO TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE _____ (matéria estadual)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR DESEMBARGADOR FEDERAL RELATOR DA ___ TURMA CRIMINAL DO EGRÉGIO TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA ___ REGIÃO (matéria federal)

(10 linhas)

_____ (nome), já qualificado nos autos do processo-crime em epígrafe, vem, por seu advogado infra-assinado, à presença de Vossa Excelência, com fundamento no artigo 619 do Código de Processo Penal, opor EMBARGOS DE DECLARAÇÃO ao venerando acórdão de fls., dentro do prazo legal, pelos motivos de fato e de direito a seguir aduzidos:

(2 linhas)

DOS FATOS

* Narrar os acontecimentos, sem inventar dados ou copiar o problema. Colocar o andamento processual.

* Apontar erro material ou a omissão ou contradição ou obscuridade. Se for JECrim apontar contradição ou obscuridade ou omissão.

(2 linhas)

DO DIREITO

☐ apontar a tese: a tese é sanar o vício contido na decisão. Exemplo: No caso em tela, o vício _____ (indicar a espécie), representa um gravame produzido à _____ (indicar a parte prejudicada). Nessa esteira, a finalidade do embargante é sanar o vício, para que o acórdão fique claro, preciso, íntegro e perfeito;

☐ justificar a tese: demonstrar o vício e a necessidade da sua correção;

☐ doutrina;

☐ jurisprudência;

☐ conclusão.

(2 linhas)

DO PEDIDO

Diante do exposto, requer sejam recebidos os presentes EMBARGOS DE DECLARAÇÃO e, ao final, julgados para se declarar o acórdão embargado, corrigindo-se _____ nele contido, como medida de inteira justiça.

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

CASO PRÁTICO

José foi processado perante a 1ª Vara Criminal da capital como incurso no art. 213 do CP. Baseou sua defesa no fato de que, apesar de ter sido reconhecido pela vítima, não seria possível ser o autor do crime, uma vez que no dia dos fatos estava na cidade do Rio de Janeiro, anexando aos autos notas fiscais de hotéis e restaurantes em que ficou. Concedido a José o direito de recorrer em liberdade, ele efetivamente apelou ao tribunal competente, sempre alegando, entre outras coisas, que não poderia ter cometido o crime, pois não estava em São Paulo, e que a prova era robusta e insofismável. A decisão do tribunal, por sua primeira Câmara, foi publicada ontem e o venerando acórdão negou provimento ao recurso interposto por José, salientando seus péssimos antecedentes criminais e sólida prova acusatória, mas não mencionou a prova carreada aos autos, no que diz respeito às notas fiscais anexadas. Como advogado de José, elaborar a peça que melhor atenda aos interesses de José. Justifique.

1. Rascunho da peça

a) infração penal: art. 213 do Código Penal;

b) ação penal: pública condicionada à representação, nos termos do art. 225 do Código Penal;

c) pena concreta: não mencionado;

d) pena abstrata: reclusão de 6 a 10 anos;

e) rito processual: ordinário;

f) momento processual: momento do acórdão;

g) cliente: José;

h) situação prisional: solto;

i) tese: falta de apreciação de provas;

j) peça: embargos de declaração;

k) competência: desembargador relator da 1ª Câmara Criminal do Tribunal de Justiça;

l) pedido: sanar vício.

2. Peça prática

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR DESEMBARGADOR RELATOR DA ___ CÂMARA CRIMINAL DO EGRÉGIO TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO

(10 linhas)

José, já qualificado nos autos do processo-crime em epígrafe, vem, por seu advogado infra-assinado, à presença de Vossa Excelência, com fundamento no artigo 619 do Código de Processo Penal, opor EMBARGOS DE DECLARAÇÃO ao venerando acórdão de fls., dentro do prazo legal, pelos motivos de fato e de direito a seguir aduzidos:

(2 linhas)

DOS FATOS

O embargante foi denunciado como incurso nas penas do art. 213 do Código Penal (fls.). A denúncia foi recebida (fls.). O réu foi citado (fls.).

A resposta à acusação foi apresentada no prazo legal (fls.). Não houve decretação de absolvição sumária (fls.). Na audiência de instrução e julgamento os atos processuais foram realizados (fls.). Foram apresentadas alegações finais (fls.). O juiz proferiu sentença.

O embargante apelou ao tribunal, que negou provimento ao recurso interposto (fls.).

O tribunal em seu acórdão não mencionou a prova carreada aos autos, no que diz respeito às notas fiscais anexadas (fls.).

(2 linhas)

DO DIREITO

No caso em tela, o vício da omissão representa um gravame produzido ao embargante. Nessa esteira, a finalidade do embargante é sanar o vício, para que o acórdão fique claro, preciso, íntegro e perfeito.

A omissão restou caracterizada pela não apreciação do Tribunal em relação à prova constante dos autos, que, por sua vez, comprova a inocência do embargante.

Conforme observa Mirabete sobre o cabimento do presente embargo, em sua obra Código de Processo Penal interpretado, Atlas, 2000, página 1342: "têm característica a invocação no mesmo juízo ou tribunal, para que se desfaça ambiguidade, obscuridade, contradição ou omissão que a sentença ou acórdão contém".

É indiscutível o prejuízo sofrido pelo embargante, já que a prova visa comprovar a inocência. O vício deve ser sanado em nome da busca da verdade material dos fatos, princípio base do processo penal.

(2 linhas)

DO PEDIDO

Diante do exposto, requer sejam recebidos os presentes EMBARGOS DE DECLARAÇÃO e, ao final, julgados para se declarar o acórdão embargado, corrigindo-se a omissão nele contida, como medida de inteira justiça.

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

4 Embargos infringentes e de nulidade

1. Disciplina legal: o recurso dos embargos infringentes e de nulidade está regulado no art. 609 do CPP.

2. Histórico: foi introduzido pela Lei n. 1.720-B, de 3-11-1952.

3. Características

a) recurso ampliativo: ao possibilitar o reexame da matéria que foi objeto de divergência, amplia a composição da turma julgadora;

b) recurso exclusivo da defesa;

c) é um recurso cabível de acórdão não unânime, proferido em julgamento de apelação ou recurso em sentido estrito, desfavorável ao réu;

d) manifestação do princípio da ampla defesa, na modalidade de um favor rei;

e) têm efeito devolutivo e suspensivo;

f) são ofensivos, pois visam à reforma da decisão pelo voto vencido favorável ao réu;

g) não é necessário o recolhimento do réu à prisão para opor os embargos;

h) apresentam caráter de retratação, pois os próprios julgadores do acórdão embargado participam do julgamento do recurso[17].

4. Finalidade: fazer valer o voto vencido; possibilitar o reexame da matéria objeto de discordância, ocorrida no julgamento de uma apelação ou de um recurso em sentido estrito, por uma Turma ampliada de juízes ou desembargadores.

5. Espécies:

Itens	Embargos infringentes	Embargos de nulidade
Finalidade	Modificação.	Anulação.
Alcance	Mérito.	Questão processual.
Resultado	Substituição por outra decisão.	Anulação do processo.

6. Outros embargos

a) Embargos no STJ: não há embargos infringentes.

b) Embargos no STF: cabem de decisão não unânime do plenário ou turma que julgar improcedente ação penal, revisão criminal ou quando for desfavorável ao réu em recurso criminal ordinário (regimento interno do STF).

c) Embargos na Justiça Militar: cabem se a decisão final da Justiça Militar não for unânime, não importando se favorável ou não ao réu, podendo o MP propor.

7. Legitimidade ativa: defensor constituído ou dativo. O réu pode apresentar os embargos, mas não arrazoar, salvo se tiver capacidade postulatória. É recurso exclusivo da defesa. Na Justiça Militar pode ser utilizado tanto pela acusação como pela defesa.

8. Requisitos: (a) decisão em RESE ou Apelação; (b) decisão por maioria, ou seja, a existência de um voto vencido; (c) voto vencido com decisão favorável ao réu; (d) quando a divergência for parcial os embargos ficam restritos à matéria da divergência; (e) a divergência deve atingir o resultado, e não apenas a fundamentação.

9. Prazo: dez dias, contados da publicação do acórdão na imprensa oficial.

10. Regularidade formal: os embargos devem ser opostos por petição composta de interposição, peça onde se declara a vontade de recorrer, e das razões, peça onde se declaram os motivos do inconformismo. Devem ser dirigidos ao relator do acórdão e entregues na secretaria do tribunal.

11. Julgamento: petição dirigida ao relator do acórdão, e o julgamento será feito pelo tribunal competente, de acordo com o regimento interno: no TRF, são duas turmas; no TJ/SP: Câmara, na sua composição integral.

12. Interesse em recorrer: a divergência de votos que autoriza os embargos diz respeito à conclusão do pronunciamento, e não à sua fundamentação. Não há interesse em modificar os motivos que levaram ao resultado desfavorável. Se a divergência for total, integral será o reexame da matéria decidida. Se a divergência for parcial, limitado será o reexame da matéria decidida. Deve existir um voto favorável à defesa.

13. Processamento (art. 613 do CPP):

a) apresentação dos embargos ao relator do acórdão embargado;

b) remessa dos autos ao procurador-geral para em dez dias dar parecer;

c) distribuição ao relator para em dez dias fazer relatório;

d) remessa ao revisor para em dez dias fazer revisão e pedir dia para julgamento;

e) sessão de julgamento, com o tempo de debates de um quarto de hora (o querelante e o assistente têm o direito de manifestação, em respeito ao contraditório, num prazo de dez dias);

f) julgamento pelo tribunal competente: (1) a favor do voto vencedor; (2) a favor do voto vencido; (3) solução intermediária.

14. Empate: prevalece a decisão mais favorável ao réu.

15. Não cabimento

a) em recurso ex officio: segundo o STJ não cabe;

b) nos julgamentos realizados pelas turmas recursais: não, pois turmas recursais não são tribunais;

c) quando se tratar de ação penal de competência originária, em caso de recebimento da denúncia por maioria de votos: não, pois há falta de previsão legal.

16. Decisão com parte não unânime e parte unânime: oposição do Recurso Especial ou Extraordinário, no prazo legal, antes do julgamento dos embargos (Súmula 355 do STF).

17. Cabimento em agravo em execução: há os seguintes posicionamentos:

a) sim, pois o agravo em execução é previsto para impugnação de decisões que antes comportavam Recurso em sentido estrito, sob pena de violação à ampla defesa;

b) não é possível, pois a lei é clara e taxativa ao dizer que só cabe em julgamento de apelação e recurso em sentido estrito.

18. Denegação pelo relator: agravo regimental.

19. Esquema da peça prática:

Interposição

a) Endereçamento: será endereçado para o relator do acórdão embargado.

b) Preâmbulo: (a) nome e qualificação do réu (não precisa qualificar, pois não é peça inicial); (b) capacidade postulatória; (c) fundamento legal; (d) nome da peça; (e) frase final: tempestividade e encaminhamento ao Tribunal competente.

c) Parte final: termos em que, pede deferimento; data e OAB.

Razões

a) Nome da peça: no centro da folha, o nome da peça: Razões de Embargos Infringentes ou Nulidade.

b) Introdução: no lado esquerdo da peça, indicar dados de identificação.

c) Saudação: cumprimento aos membros do Tribunal competente.

d) Dos fatos: narrar a infração penal praticada, sem inventar dado, e o andamento processual até o momento do acórdão com voto vencido.

e) Do direito: demonstrar que o voto vencido deve prevalecer, desde que favorável à defesa.

f) Do pedido: provimento do recurso, com a mantença da decisão.

g) Parte final: data e indicação da OAB.

Embargos infringentes e de nulidade

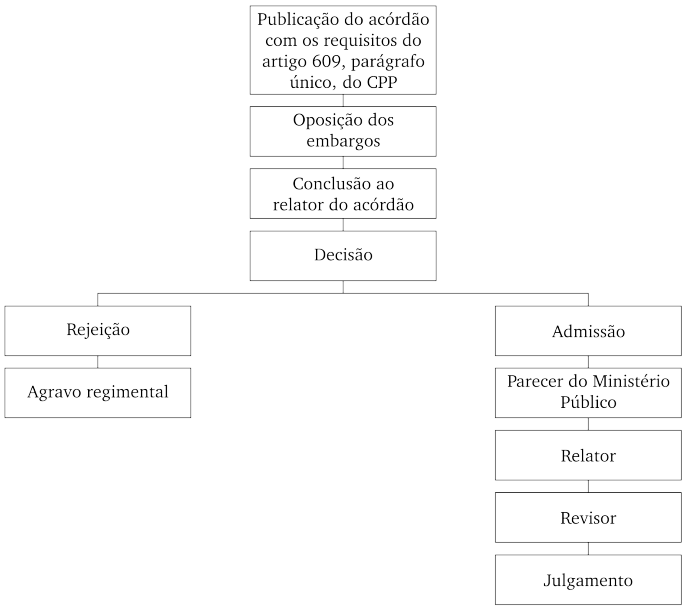

MODELO DE EMBARGOS INFRINGENTES E DE NULIDADE

INTERPOSIÇÃO

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR DESEMBARGADOR RELATOR DA ___ CÂMARA CRIMINAL DO EGRÉGIO TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE _____ (matéria estadual)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR DESEMBARGADOR FEDERAL RELATOR DA ___ TURMA CRIMINAL DO EGRÉGIO TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA ___ REGIÃO (matéria federal)

(10 linhas)

_____ (nome), já qualificado nos autos do processo em epígrafe, vem, por seu advogado infra-assinado, à presença de Vossa Excelência, não se conformando com o venerando acórdão de fls. que _____ (especificar o conteúdo da decisão), com fundamento no artigo 609, parágrafo único, do Código de Processo Penal, opor EMBARGOS INFRINGENTES (OU DE NULIDADE), dentro do prazo legal, ao Egrégio Tribunal competente.

(2 linhas)

Termos em que, requerendo seja ordenado o processamento do presente recurso, com as inclusas razões, pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

RAZÕES DE EMBARGOS INFRINGENTES E DE NULIDADE

(3 linhas)

Embargante:

Embargado:

Origem:

Autos do Processo n.

(3 linhas)

Egrégio Tribunal,

Colenda Câmara,

Doutos Julgadores,

Insigne Relator

(3 linhas)

Impõe-se, data venia, os presentes EMBARGOS para que o voto vencido seja reconhecido, pelas razões a seguir expostas:

(2 linhas)

DOS FATOS

* Narrar os acontecimentos, sem inventar dados ou copiar o problema. Colocar o andamento processual.

(2 linhas)

DO DIREITO

☐ apontar a tese: não esquecer de justificar a presença dos requisitos de admissibilidade. A tese será a contida no voto vencido;

☐ justificar a tese;

☐ doutrina;

☐ jurisprudência;

☐ conclusão.

(2 linhas)

DO PEDIDO

Diante do exposto e apresentados os fundamentos dos EMBARGOS ora opostos, requer a reforma do venerando acórdão recorrido, para que, ao final, seja mantido o voto vencido, a fim de _____, como medida de inteira justiça.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

5 Apelação

1. Disciplina legal: a apelação está regulada:

a) regra: nos arts. 593 a 603 do CPP;

b) no JECrim: está regulado no art. 82 da Lei n. 9.099/95.

2. Finalidade: pedir reexame ao Tribunal de sentença definitiva ou com força de definitiva.

3. Legitimidade ativa:

a) Ministério Público: pode, de sentença absolutória (fiscal da lei) ou condenatória; não pode recorrer

na ação penal privada para pedir condenação; é possível o MP recorrer contra o réu na ação penal privada subsidiária da pública;

b) assistente de acusação: para aumentar pena ou incluir qualificadora: duas correntes: (a) não pode, pois o seu interesse é formar título executivo no cível; (b) sim, pois sua função é auxiliar a justiça; sua atuação é supletiva: só apelar das matérias não impugnadas pelo Ministério Público;

c) defensor dativo: não é obrigado a apelar;

d) réu e curador: podem recorrer por termo nos autos; divergência entre réu e defensor: (a) defensor, pois tem capacidade técnica; (b) quem deseja apelar, em nome da ampla defesa; (c) Súmula 705 do STF.

4. Características: (a) amplo: devolve ao Tribunal toda a matéria já decidida pelo juiz *a quo*; (b) residual: cabe quando não for possível o Recurso em Sentido Estrito; (c) apelação é delimitada no ato da interposição (Súmula 713 do STF).

5. Prazo

5.1 Interposição: cinco dias; no JECrim, a interposição é de dez dias.

5.2 Início do prazo: intimação da sentença.

5.3 Citação por edital: o prazo começa a contar do fim do prazo do edital (60 dias, se a pena aplicada for menor de um ano ou, 90 dias, se a pena for igual ou superior a um ano).

5.4 Júri: a publicação ocorre na sessão de julgamento, saindo as partes intimadas (art. 798, § 5º, b, do CPP).

5.5 Assistente: há dois posicionamentos:

a primeira corrente sustenta que o prazo varia, conforme esteja ou não habilitado: (a) se habilitado: 5 dias; (b) se não habilitado: 15 dias após o término do prazo do Ministério Público;

a segunda corrente sustenta que o prazo é sempre de 15 dias.

5.6 Razões: crime: oito dias, contravenção: três dias; se for assistente, o prazo será de três dias, após manifestação do Ministério Público; o Ministério Público terá o prazo de três dias para arrazoar ou contra-arrazoar o recurso, se a ação penal for privada; no JECrim, o prazo é de dez dias.

5.7 Prazo comum: quando forem dois ou mais apelantes ou apelados.

5.8 Defensor Público: o prazo será em dobro, nos termos do art. 5º, § 5º, da Lei n. 1.060/50.

6. Julgamento: Tribunal ou Turma Recursal, quando for JECrim.

7. Processamento:

a) interposição por termo ou petição;

b) intimação do apelante para oferecer razões ou, se preferir, arrazoar em segunda instância, nos termos do art. 600, § 4º, do CPP (mencionar tal situação na interposição; no tribunal ad quem será aberta vista para as razões e contrarrazões);

c) intimação do recorrido para contrarrazões;

d) juízo de admissibilidade pelo juiz a quo, que pode tomar uma das seguintes atitudes:

admitir o recurso: ocorrerá o processamento do recurso, com a remessa ao Tribunal ad quem; tal remessa será feita em 5 dias, salvo se houver traslado, pois o prazo, nesse caso, será de 30 dias;

não admitir o recurso: a parte pode interpor recurso em sentido estrito, nos termos do art. 581, inciso XV, do CPP. Se admitir recurso, mas não der prosseguimento, cabe carta testemunhável, nos termos do art. 639 do CPP[18];

e) no Tribunal, o processamento da Apelação varia conforme a qualidade da pena:

pena de detenção: (1) vista do procurador-geral para parecer em cinco dias; (2) relator, em cinco dias, pede dia para julgamento; (3) anúncio do julgamento pelo Presidente; (4) pregão; (5) exposição do relatório pelo relator; (6) sustentação oral por dez minutos; (7) julgamento por maioria de votos, com a publicação do respectivo acórdão;

pena de reclusão: (1) vista ao procurador-geral para parecer em dez dias; (2) relator, em dez dias, para relatório; (3) revisor, em dez dias, faz revisão e pede dia para julgamento; (4) anúncio do julgamento pelo presidente; (5) exposição do relatório pelo relator; (6) sustentação oral por 15 minutos; (7) julgamento por maioria de votos, com a publicação do respectivo acórdão;

f) normas complementares do procedimento da Apelação serão estabelecidas nos Regimentos internos dos Tribunais;

g) se houver empate de votos no julgamento dos recursos, o presidente dará o voto de desempate; se já proferiu, prevalece a decisão mais favorável ao réu.

8. Cabimento

8.1 Sentenças definitivas de condenação ou absolvição proferidas por juiz singular.

Sentença definitiva é a que julga o mérito, podendo ser: (1) condenatória: é a que julga procedente a pretensão punitiva; (2) absolutória: é a que julga improcedente a pretensão punitiva, podendo ser própria, quando apenas absolve, ou imprópria, quando absolve e impõe medida de segurança.

atenção: "Art. 416. Contra a sentença de impronúncia ou de absolvição sumária caberá apelação".

ação penal originária de tribunal – Recurso Especial ou Extraordinário;

extinção da punibilidade – Recurso em sentido estrito.

8.2 Decisões definitivas ou com força de definitivas, proferidas por juiz singular nos casos não previstos no capítulo que rege o recurso em sentido estrito.

Sentença com força de definitiva é a que julga o mérito sem condenar ou absolver.

8.3 Decisões do Tribunal do Júri, quando:

ocorrer nulidade posterior à pronúncia. Nesse caso, se o Tribunal der provimento, anulará o julgamento, determinando novo julgamento; quando ocorrer nulidade posterior à pronúncia: se houver anulação, haverá novo julgamento; as nulidades absolutas podem ser alegadas a qualquer momento; as nulidades relativas só podem ser alegadas em momento próprio previsto em lei:

Momento da nulidade	Momento da arguição
Instrução criminal.	Alegações finais.
Após pronúncia.	Após anúncio do julgamento e pregão das partes.
Plenário.	Após a ocorrência da nulidade.

for a sentença do juiz presidente contrária à lei expressa ou à decisão dos jurados: o tribunal fará a devida retificação;

houver erro ou injustiça no tocante à aplicação da pena ou da medida de segurança. Erro é falhar, ou seja, aplicar a pena ou medida de segurança de maneira incorreta; injustiça é aplicar a sanção sem moderação. Nesse caso, o tribunal, ao dar provimento ao recurso, retificará a aplicação da pena ou da medida de segurança;

for a decisão dos jurados manifestamente contrária à prova dos autos. Manifestamente contrária significa sem apoio em prova; nesse caso, se o Tribunal concordar com o recurso, mandará que seja feito um novo júri; a apelação com esse fundamento só pode ser usada uma vez.

9. Espécies de apelação

9.1 Total ou plena: é a interposta de todo o julgado.

9.2 Parcial ou limitada: é a interposta de parte do julgado.

9.3 Sumária: é a apelação quando se trata de contravenção ou crime apenado com detenção.

9.4 Ordinária: é a apelação quando se trata de crime apenado com reclusão.

9.5 Principal: é apelação interposta pelo Ministério Público.

9.6 Supletiva ou subsidiária: é apelação interposta pelo ofendido, habilitado ou não como assistente.

10. Forma

10.1 Interposição: petição ou termo nos autos; no JECrim, é só por petição.

10.2 Processamento: a Apelação pode ser processada nos próprios autos ou por traslado, quando houver mais de um réu no processo. As despesas do traslado correrão por conta de quem o solicitar,

salvo se o pedido for de réu pobre ou do Ministério Público.

10.3 Outro meio: a apelação pode ser interposta por fax ou telex.

11. Apelar em liberdade: o art. 594 do CPP foi revogado expressamente, nos termos do art. 3º da Lei n. 11.719/2008.

12. Efeitos

12.1 Devolutivo: devolve a matéria já decidida para reexame pelo Tribunal. Cabe ao recorrente delimitar na interposição o limite da impugnação, sob pena de a apelação ser considerada plena.

12.2 Suspensivo: (a) sentença absolutória: não tem efeito suspensivo, devendo o réu ser colocado em liberdade; (b) sentença condenatória: tem efeito suspensivo.

12.3 Extensivo: quando corréu apelar, pode a apelação beneficiar os demais, desde que não fundado em circunstâncias pessoais.

13. Observações

a) em segunda instância pode ocorrer a emendatio libeli, mas não pode ocorrer a mutatio libeli, nos termos da Súmula 453 do STF;

b) o Ministério Público não pode desistir do recurso, pois vigora a regra da indisponibilidade, prevista no art. 576 do CPP; já a defesa pode desistir, acarretando extinção anormal do recurso;

c) se não for apresentada[19]:

razões ou contrarrazões de defesa: nomear ou substituir ou constituir defensor;

razões de acusação: implica desistência tácita, o que viola o art. 576 do CPP;

contrarrazões de acusação: juiz dá vista dos autos ao substituto legal e manda ofício ao procurador-geral.

14. Esquema da peça prática das razões

14.1 Interposição

a) Endereçamento: se for crime doloso contra a vida: (1) Juiz Presidente do Tribunal do Júri; (2) se não for crime doloso contra vida e matéria federal: Juiz Federal da Vara Criminal; (3) se não for crime doloso contra a vida e matéria estadual: Juiz de Direito da Vara Criminal; (4) se for juiz do JECrim: juiz do Juizado.

b) Preâmbulo: (a) nome e qualificação do apelante (não precisa qualificar, pois não é peça inicial); (b) capacidade postulatória; (c) inconformismo; (d) fundamento legal; (e) nome da peça; (f) Tribunal; (g) frase final.

c) Parte final: termos em que, requerendo seja ordenado o processamento do presente recurso, pede deferimento; data e assinatura.

14.2 Razões

a) Nome da peça: centro da folha.

b) Dados de identificação: apelante, apelado, número do processo e juízo de origem.

c) Saudação: (1) se for federal: Egrégio Tribunal, Colenda Turma, Eméritos julgadores, Douta Procuradoria da República; (2) se for estadual: Egrégio Tribunal, Colenda Câmara, Eméritos julgadores, Douta Procuradoria de Justiça; (3) se for JECrim: Douta Turma recursal, Eméritos julgadores.

d) Dos fatos: narrar a infração penal praticada, sem inventar dados, e o andamento processual até o momento da sentença.

e) Do direito: comprovar a tese, de acordo com o enunciado.

f) Do pedido: provimento do recurso + pedido específico.

g) Parte final: termos em que, pede deferimento; data e indicação da OAB.

h) Terminologia: (1) verbo do recurso: interpor Apelação; (2) recorrente: apelante; (3) recorrido: apelado.

15. Esquema da peça prática das contrarrazões

15.1 Interposição

a) Endereçamento: se for crime doloso contra a vida: (1) Juiz Presidente do Tribunal do Júri; (2) se não for crime doloso contra vida e matéria federal: Juiz Federal da Vara Criminal; (3) se não for crime doloso contra a vida e matéria estadual: Juiz de Direito da Vara Criminal; (4) se for juiz do JECrim: juiz do Juizado.

b) Preâmbulo: (a) nome e qualificação do apelante (não precisa qualificar, pois não é peça inicial); (b) capacidade postulatória; (c) inconformismo; (d) fundamento legal; (e) nome da peça; (f) Tribunal; (g) frase final.

c) Parte final: termos em que, requerendo seja ordenado o processamento do presente recurso, pede deferimento; data e assinatura.

15.2 Contrarrazões

a) Nome da peça: centro da folha.

b) Dados de identificação: apelante, apelado, número do processo e juízo de origem.

c) Saudação: (1) se for federal: Egrégio Tribunal, Colenda Turma, Eméritos julgadores, Douta Procuradoria da República; (2) se for estadual: Egrégio Tribunal, Colenda Câmara, Eméritos julgadores, Douta Procuradoria de Justiça; (3) se for JECrim: Douta Turma recursal, Eméritos julgadores.

d) Dos fatos: narrar a infração penal praticada, sem inventar dados, e o andamento processual até o momento da sentença.

e) Do direito: comprovar a tese, de acordo com o enunciado.

f) Do pedido: não provimento do recurso + pedido específico.

g) Parte final: termos em que, pede deferimento; data e indicação da OAB.

h) Terminologia: (1) verbo do recurso: interpor Apelação; (2) recorrente: apelante; (3) recorrido:

apelado.

16. Fenômenos processuais

16.1 reformatio in pejus: ocorre quando houver recurso exclusivo da defesa e o tribunal no julgamento do recurso prejudicar a situação processual do réu;

16.2 reformatio in pejus indireta: ocorre quando houver recurso exclusivo da defesa e o tribunal no julgamento do recurso anular a sentença condenatória e proferir decisão mais gravosa do que a que foi anulada;

16.3 reformatio in mellius: ocorre quando houver recurso exclusivo da acusação e o tribunal no julgamento do recurso melhorar a situação processual do réu.

17. Aspectos processuais:

17.1 Desistência: (a) Ministério Público: não pode em face da regra da indisponibilidade prevista no art. 576 do CPP; (b) defesa pode desistir, nos termos da Súmula 705 do STF.

17.2 Omissão de razões e contrarrazões: (a) Ministério Público: não pode em face da regra da indisponibilidade prevista no art. 576 do CPP; (b) o defensor deverá ser substituído.

17.3 Recurso: contra a decisão denegatória de apelação cabe RESE, nos termos do art. 581, inciso XV, do CPP.

Apelação

MODELO DE RAZÕES DE APELAÇÃO

INTERPOSIÇÃO

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ PRESIDENTE DO ___ TRIBUNAL DO JÚRI DE _____ (crimes dolosos × vida)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA ___ VARA DO CRIMINAL DA COMARCA DE _____ (crimes não dolosos × vida e matéria estadual)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ FEDERAL DA ___ VARA DO CRIMINAL DA SEÇÃO JUDICIÁRIA DE _____ (crimes não dolosos × vida e matéria federal)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DO ___ JUIZADO ESPECIAL CRIMINAL DE _____ (infração de menor potencial ofensivo)

(10 linhas)

_____ (nome), já qualificado nos autos do processo-crime em epígrafe n. _____, vem, por seu advogado infra-assinado, à presença de Vossa Excelência, não se conformando com a respeitável sentença de fls. que _____ (especificar o conteúdo da decisão), com fundamento no artigo 593, inciso _____, do Código de Processo Penal (JECrim – artigo 82 da Lei n. 9.099/95), interpor RECURSO DE APELAÇÃO ao Egrégio Tribunal competente.

(2 linhas)

Termos em que, requerendo seja ordenado o processamento do presente recurso, com as inclusas razões,

pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

RAZÕES DE APELAÇÃO

(3 linhas)

Apelante:

Apelado:

Origem:

Autos do Processo n.

(3 linhas)

Egrégio Tribunal,

Colenda Câmara,

Ínclitos Julgadores,

Douta Procuradoria

(3 linhas)

No caso em tela, é necessária a reforma da respeitável sentença _____ (especificar o conteúdo) proferida contra o apelante, senão vejamos:

(2 linhas)

DOS FATOS

* Narrar os acontecimentos, sem inventar dados ou copiar o problema. Colocar o andamento processual.

(2 linhas)

DO DIREITO

☐ apontar a tese;

☐ justificar a tese;

☐ doutrina;

☐ jurisprudência;

☐ conclusão.

(2 linhas)

DO PEDIDO

a) Sentença do Tribunal do Júri

– parte comum

Diante do exposto, requer seja dado provimento ao presente recurso, para que _____, como medida de inteira justiça.

– parte diferencial

a) Sentença do Júri: depende da alínea do art. 593, inciso III, do CPP:

* Art. 593, III, a: ... para que seja decretada a nulidade do julgamento...

* Art. 593, III, b: ... para que seja retificada a sentença...

* Art. 593, III, c: ... para que seja retificada a aplicação da pena...

* Art. 593, III, d: ... para que seja o apelante submetido a novo julgamento...

b) Sentença do JECrim/Vara Criminal

Diante do exposto, requer seja dado provimento ao recurso interposto, decretando-se a Absolvição do apelante, com fundamento no art. 386, inciso _____, do Código de Processo Penal, ou, salvo melhor juízo _____ (exemplo: diminuição de pena, substituição da pena, concessão de SURSIS etc.), como medida de inteira justiça.

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

CASO PRÁTICO

"A" foi processado criminalmente pelo crime de roubo qualificado, na cidade e comarca de São Paulo. Seu defensor arrolou na defesa prévia duas testemunhas domiciliadas na cidade e na comarca de Jacareí, Estado de São Paulo. Nem "A" nem seu defensor foram intimados da expedição de carta precatória para oitiva das testemunhas. Viu-se "A" condenado, embora a sentença não tivesse transitado em julgado. Questão: apresentar recurso cabível em favor de "A".

1. Rascunho da peça

a) infração penal: roubo qualificado;

b) ação penal: pública incondicionada;

c) pena concreta: não tem;

d) pena abstrata: se resultou lesão grave, a pena é de reclusão de 7 a 15 anos, além de multa; se resultou morte, a pena é de reclusão de 20 a 30 anos, sem prejuízo da multa;

e) rito processual: ordinário, pois a pena máxima em abstrata é superior a 2 anos;

f) momento processual: fase da sentença não transitada em julgado;

g) cliente: "A";

h) situação prisional: solto;

i) tese: nulidade, com fundamento no art. 564, III, o, do CPP, combinado com o art. 5º, inciso LV, da Constituição Federal;

j) peça: apelação com interposição e razões;

k) competência: a interposição será feita perante o juiz da Vara Criminal; as razões são encaminhadas ao Tribunal de Justiça;

l) pedido: a anulação a partir da expedição da carta precatória para oitiva das testemunhas de defesa.

2. Peça prática

INTERPOSIÇÃO

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA ___ VARA CRIMINAL DA COMARCA DA CAPITAL

(10 linhas)

"A", já qualificado nos autos do processo-crime em epígrafe n. _____, vem, por seu advogado infra-assinado, à presença de Vossa Excelência, não se conformando com a respeitável sentença de fls. que condenou o réu pelo crime de roubo qualificado, com fundamento no artigo 593, inciso I, do Código de Processo Penal, interpor RECURSO DE APELAÇÃO ao Egrégio Tribunal competente.

(2 linhas)

Termos em que, requerendo seja ordenado o processamento do presente recurso, com as inclusas razões, pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

RAZÕES DE APELAÇÃO

(3 linhas)

Apelante: "A"

Apelado: Justiça Pública

Origem: Vara Criminal

Autos do Processo n. _____

(3 linhas)

Egrégio Tribunal,

Colenda Câmara,

Ínclitos Julgadores,

Douta Procuradoria

(3 linhas)

No caso em tela, é necessária a reforma da respeitável sentença condenatória proferida contra o apelante, senão vejamos:

(2 linhas)

DOS FATOS

"A" foi denunciado pela prática do crime de roubo qualificado. A denúncia foi recebida (fls.). O réu foi citado (fls.). A resposta à acusação foi apresentada no prazo legal, tendo o defensor arrolado duas testemunhas, domiciliadas na cidade e comarca de Jacareí, Estado de São Paulo (fls.). "A" e seu defensor não foram intimados da expedição da carta precatória para oitiva das testemunhas.

Na audiência de instrução e julgamento, os atos processuais foram realizados (fls.). Na fase do art. 402 do CPP, nada foi requerido pelas partes. As alegações finais foram apresentadas (fls.). A sentença condenatória foi proferida (fls.).

(2 linhas)

DO DIREITO

No caso em tela, resta evidente a ocorrência de uma nulidade, já que "A", ora apelante, e seu defensor não foram intimados da expedição da carta precatória para oitiva das testemunhas domiciliadas na cidade e comarca de Jacareí, nos termos do art. 564, inciso III, alínea o, combinado com o art. 5º, inciso LV, da Constituição Federal.

Conforme o art. 222 do Código de Processo Penal, quando uma testemunha reside em local diverso do juízo,

será ela inquirida pelo juiz do lugar de sua residência, com intimação das partes.

A não intimação representa ofensa ao devido processo legal, já que a intimação é ato processual necessário, e exigido pela lei, para a realização do contraditório, o exercício da ampla defesa e a boa condução do processo. Conforme Ada Pellegrini e outros: "... as partes têm direito a que a marcha do processo criminal seja integralmente cumprida segundo as prescrições legais" (Nulidades no processo penal, São Paulo, Revista dos Tribunais, 1998, p. 248).

A regularidade procedimental exige respeito e observância das exigências legais, no sentido de buscar a justa composição da lide. No entanto, a falta de intimação representou um vício procedimental, desrespeitando, dessa forma, a ordem legal e, consequentemente, o princípio da legalidade, alicerce do Estado Democrático de Direito.

A não intimação da defesa na expedição da carta precatória é nulidade absoluta, de natureza insanável, representando uma garantia constitucional.

"A", ora apelante, e seu defensor não tiveram conhecimento da expedição da carta precatória, não tendo informação a respeito desse ato processual, exigência fundamental para o exercício do contraditório e preparação da defesa para influenciar o convencimento do juiz.

A ocorrência do referido vício processual, consistente na inobservância do interesse público na correta aplicação do direito, acarreta ineficácia processual a partir da expedição da carta precatória, pois foi nesse momento que ocorreu prejuízo às partes na concretização do devido processo legal.

(2 linhas)

DO PEDIDO

Diante do exposto, requer seja dado provimento ao recurso interposto, decretando-se a anulação do processo a partir da expedição da carta precatória para oitiva das testemunhas arroladas pela defesa, como medida de inteira justiça.

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

MODELO DE CONTRARRAZÕES DE APELAÇÃO

PETIÇÃO DE JUNTADA

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ PRESIDENTE DO ___ TRIBUNAL DO JÚRI DE _____ (crimes dolosos × vida)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE ___ DA ___VARA CRIMINAL DA _____ (crimes não dolosos × vida)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DO ___ JUIZADO ESPECIAL CRIMINAL DE _____ (infração de menor potencial ofensivo)

(10 linhas)

_____ (nome), já qualificado nos autos do processo-crime em epígrafe n. _____, vem, por seu advogado infra-assinado, à presença de Vossa Excelência, não se conformando com o recurso interposto pelo _____, com fundamento no artigo 600 do Código de Processo Penal, requerer a juntada das CONTRARRAZÕES DE APELAÇÃO.

(2 linhas)

Termos em que, requerendo seja ordenado o processamento das contrarrazões, pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

CONTRARRAZÕES DE APELAÇÃO

(3 linhas)

Apelante:

Apelado:

Origem:

Autos do Processo n.

(3 linhas)

Meritíssimo Juiz,

Egrégio Tribunal,

Colenda Câmara,

Doutos Julgadores

(3 linhas)

No caso em tela, não se conformando com o recurso interposto por _____ contra a respeitável decisão de fls. proferida em favor do apelado, vem apresentar CONTRARRAZÕES, aguardando afinal se dignem Vossas Excelências em mantê-la, pelas razões a seguir expostas:

(2 linhas)

DOS FATOS

* Narrar os acontecimentos, sem inventar dados ou copiar o problema. Colocar o andamento processual.

(2 linhas)

DO DIREITO

☐ apontar a tese;

☐ justificar a tese;

☐ doutrina;

☐ jurisprudência;

☐ conclusão.

(2 linhas)

DO PEDIDO

Diante do exposto, requer seja dado provimento ao presente recurso, devendo ser mantida a respeitável sentença, no sentido de _____, como medida de inteira justiça.

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

6 Recurso em sentido estrito

1. Disciplina legal: o recurso em sentido estrito está regulado nos arts. 581 a 592 do CPP.

2. Finalidade: pedir reexame ao Tribunal de decisão, com a possibilidade de o juiz exercer juízo de retratação.

3. Legitimidade ativa: (a) Ministério Público; (b) Assistente de Acusação: só pode interpor RESE nas hipóteses de extinção da punibilidade ou impronúncia, nos termos do art. 584, § 1º, do CPP; (c) Defensor; (d) Réu e curador: podem recorrer por termo nos autos; divergência entre réu e defensor: prevalece a vontade: (a) do defensor, pois tem capacidade técnica; (b) de quem deseja apelar, em nome da ampla defesa; (c) da Súmula 705 do STF.

4. Requisitos:

5. Prazo

5.1 Interposição: 5 dias, salvo no caso do art. 581, inciso XVI, que são 20 dias.

5.2 Assistente: o prazo é de 15 dias após MP (art. 584, § 1º, c/c o art. 598, parágrafo único).

5.3 Razões: dois dias.

5.4 Contrarrazões: dois dias.

5.5 Juízo de retratação: dois dias.

5.6 Defensor público: o prazo será em dobro, nos termos do art. 5º, § 5º, da Lei n. 1.060/50.

6. Julgamento: interposição perante o juiz de primeiro grau e julgamento no tribunal competente (salvo na hipótese do art. 581, inciso XIV, em que o julgamento será para o Presidente do Tribunal).

7. Características: (a) não há deserção; (b) pode subir nos próprios autos ou em traslado, conforme os arts. 583 e 587, parágrafo único, do CPP;

8. Processamento

a) apresentação da petição ao juiz a quo;

b) intimação do recorrente para oferecer razões no prazo de dois dias;

c) intimação do recorrido para oferecer contrarrazões no prazo de dois dias;

d) juízo de retratação do juiz a quo: (1) se houver retratação: a parte contrária poderá recorrer por simples petição; (2) se não houver retratação: o recurso sobe para o Tribunal;

e) no tribunal abre vista ao procurador-geral, que tem cinco dias para o parecer;

f) relator pede dia para julgamento;

g) anúncio do julgamento pelo presidente;

h) pregão das partes;

i) exposição do relatório pelo relator;

j) sustentação oral por dez minutos;

k) julgamento por maioria de votos, com publicação do acórdão.

9. Cabimento

9.1 Não recebimento da denúncia ou queixa: (a) abrange o aditamento da denúncia ou queixa; (b) contra o recebimento cabe habeas corpus.

9.2 Decisão de incompetência do juízo: quando o juiz reconhece de ofício a incompetência do juízo.

9.3 Decisão de procedência da exceção, salvo suspeição: abrange as exceções de litispendência, coisa julgada, incompetência do juízo e ilegitimidade da parte.

9.4 Decisão de pronúncia ou impronúncia do réu: (a) pronúncia: comprovada a materialidade e indícios suficientes de autoria; (b) impronúncia: não tiver a comprovação; (c) são decisões dadas no final da primeira fase do júri, conhecida como sumário da culpa.

9.5 Decisão que concede, nega, arbitra, cassa ou julga inidônea a fiança.

9.6 Decisão que indeferir requerimento de prisão preventiva ou revogar prisão preventiva.

9.7 Decisão de concessão da liberdade provisória.

9.8 Decisão de relaxamento da prisão em flagrante.

9.9 Decisão de absolvição sumária: quando for comprovada a ocorrência de causa excludente de ilicitude ou culpabilidade.

9.10 Decisão de quebra ou perda da fiança.

9.11 Decisão de extinção da punibilidade.

9.12 Decisão de indeferimento do pedido de reconhecimento de extinção da punibilidade.

9.13 Decisão de concessão ou denegação do habeas corpus.

9.14 Decisão de concessão, denegação ou revogação da suspensão condicional da pena.

9.15 Decisão anulatória da instrução criminal.

9.16 Decisão de inclusão ou exclusão do jurado da lista geral.

9.17 Decisão denegatória ou que julgar deserta a apelação.

9.18 Decisão de suspensão do processo, por questão prejudicial.

9.19 Decisão do incidente de falsidade.

10. Não cabimento do Recurso em sentido estrito: alguns incisos do art. 581 do CPP foram revogados pela Lei de Execução Penal: (a) decisão de concessão, denegação ou revogação do livramento condicional; (b) decisão de decretação de medida de segurança, depois de transitar em julgado; (c) decisão que impuser medida de segurança por transgressão de outra; (d) decisão que mantiver ou substituir medida de segurança, nos casos do art. 774; (e) decisão de revogação da medida de segurança; (f) decisão que deixar de revogar a medida de segurança nos casos em que a lei admita a revogação; (g) decisão que converter a multa em detenção ou prisão simples; (h) decisão sobre unificação de penas.

11. Efeitos

11.1 Devolutivo: devolve a matéria já decidida para reexame pelo Tribunal.

11.2 Suspensivo: (a) decisão de perda da fiança; (b) decisão de quebra da fiança (suspende apenas o efeito de perda da metade do seu valor; (c) decisão denegatória ou que julgar deserta a apelação; (d) decisão de pronúncia (suspende o julgamento).

11.3 Regressivo: juízo de retratação.

12. Forma

12.1 Interposição: petição ou termo nos autos.

12.2 Processamento: o Recurso em sentido estrito pode ser processado nos próprios autos ou por instrumento. Subirá nos próprios autos nos casos do art. 583 do CPP. Quando subir por instrumento, o recorrente tem de indicar na petição as peças para o traslado, nos termos dos arts. 587, 589 e 590, todos do CPP.

13. Observações:

a) O Ministério Público não pode desistir do recurso, pois vigora a regra da indisponibilidade, prevista no art. 576 do CPP; já a defesa pode desistir, acarretando a extinção anormal do recurso.

b) Se não for apresentada[20]:

razões ou contrarrazões de defesa: nomear ou substituir ou constituir defensor;

razões de acusação: implica desistência tácita, o que viola o art. 576 do CPP;

contrarrazões de acusação: juiz dá vista dos autos ao substituto legal e manda ofício ao procurador-geral.

14. Reforma: a Lei n. 11.689/2008 extinguiu a possibilidade de recurso em sentido estrito para impronúncia e absolvição sumária. Nesses casos, cabe apelação.

15. Esquema da peça das Razões

15.1 Interposição

a) Endereçamento: se for crime doloso contra a vida: (1) Juiz Presidente do Tribunal do Júri; (2) se não for crime doloso contra a vida e matéria federal: Juiz Federal da Vara Criminal; (3) se não for crime doloso contra a vida e matéria estadual: Juiz de Direito da Vara Criminal; (4) se for juiz do JECrim: juiz do Juizado.

b) Preâmbulo: (a) nome e qualificação do apelante (não precisa qualificar, pois não é peça inicial); (b) capacidade postulatória; (c) inconformismo; (d) fundamento legal; (e) nome da peça; (f) tribunal; (g) frase final.

c) Retratação: se o juiz mantiver a decisão, requer a remessa ao Tribunal.

d) Parte final: termos em que, requerendo seja ordenado o processamento do presente recurso, pede deferimento; data e assinatura.

15.2 Razões

a) Nome da peça: centro da folha.

b) Dados de identificação: recorrente, recorrido, número do processo e juízo de origem.

c) Saudação: (1) se for federal: Egrégio Tribunal, Colenda Turma, Eméritos julgadores, Douta Procuradoria da República; (2) se for estadual: Egrégio Tribunal, Colenda Câmara, Eméritos julgadores, Douta Procuradoria de Justiça; (3) se for JECrim: Douta Turma recursal, Eméritos julgadores.

d) Dos fatos: narrar a infração penal praticada, sem inventar dados, e o andamento processual até o momento da sentença.

e) Do direito: comprovar a tese, de acordo com o enunciado.

f) Do pedido: provimento do recurso + pedido específico.

g) Parte final: termos em que, pede deferimento; data e indicação da OAB.

h) Terminologia: (1) verbo do recurso: interpor recurso em sentido estrito; (2) recorrente; (3) recorrido.

16. Esquema da peça das contrarrazões

16.1 Interposição

a) Endereçamento: se for crime doloso contra a vida: (1) Juiz da Vara do Júri; (2) se não for crime doloso contra a vida e matéria federal: Juiz Federal da Vara Criminal; (3) se não for crime doloso contra a vida e matéria estadual: Juiz de Direito da Vara Criminal.

b) Preâmbulo: (a) nome e qualificação do apelante (não precisa qualificar, pois não é peça inicial); (b) capacidade postulatória; (c) inconformismo; (d) fundamento legal; (e) nome da peça; (f) Tribunal; (g) frase final.

c) Parte final: termos em que, requerendo seja ordenado o processamento do presente recurso, pede deferimento; data e assinatura.

16.2 Contrarrazões

a) Nome da peça: centro da folha.

b) Dados de identificação: recorrente, recorrido, número do processo e juízo de origem.

c) Saudação: (1) se for federal: Egrégio Tribunal, Colenda Turma, Eméritos julgadores, Douta Procuradoria da República; (2) se for estadual: Egrégio Tribunal, Colenda Câmara, Eméritos julgadores, Douta Procuradoria de Justiça; (3) se for JECrim: Douta Turma recursal, Eméritos julgadores.

d) Dos fatos: narrar a infração penal praticada, sem inventar dados, e o andamento processual até o momento da sentença.

e) Do direito: comprovar a tese, de acordo com o enunciado.

f) Do pedido: não provimento do recurso + pedido específico.

g) Parte final: termos em que, pede deferimento; data e indicação da OAB.

h) Terminologia: (1) verbo do recurso: interpor Recurso em sentido estrito; (2) recorrente; recorrido.

17. Projeto de Lei n. 156/2009: o Projeto de Lei n. 156, que visa reforma do Código de Processo Penal, traz as seguintes modificações no Recurso em Sentido Estrito: (a) não tem mais recurso em sentido estrito; (b) será agravo, retido ou por instrumento no prazo de 10 dias.

18. Observação: concessão, negativa ou revogação de sursis:

a) negada ou concedida de forma indevida na sentença: apelação;

b) alteração das condições, revogação ou prorrogação: agravo em execução.

Recurso em sentido estrito

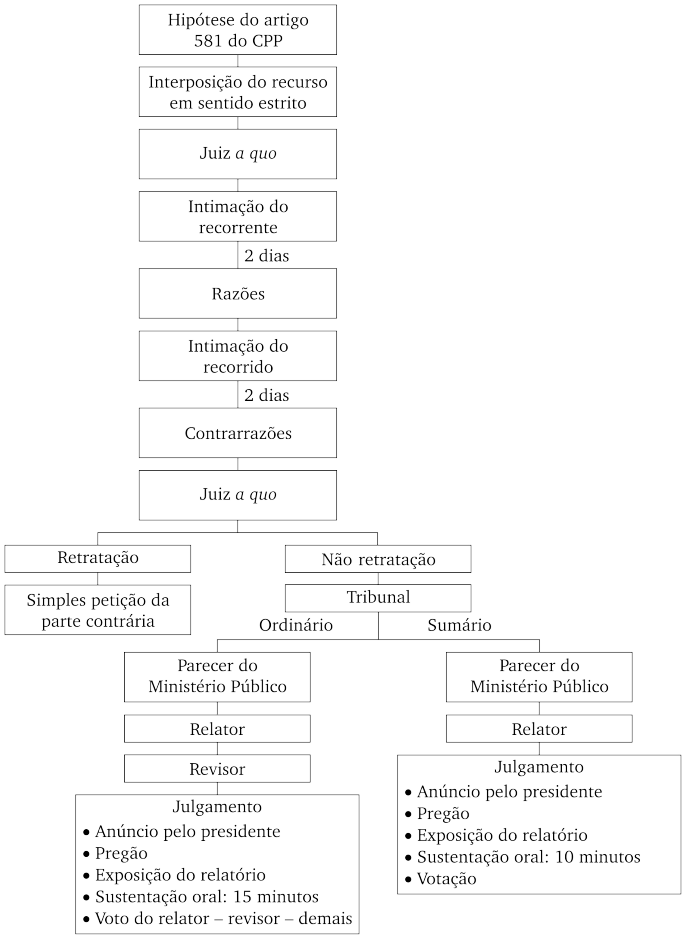

MODELO DE RAZÕES DO RECURSO EM SENTIDO ESTRITO

INTERPOSIÇÃO

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ FEDERAL DA ___ VARA DO JÚRI DA _____ (crimes dolosos × vida e matéria federal)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA ___ VARA DO JÚRI DA _____ (crimes dolosos × vida e matéria estadual)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ FEDERAL DA ___ VARA DO CRIMINAL DA _____(crimes não dolosos × vida e matéria federal)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA ___ VARA DO CRIMINAL DA _____(crimes não dolosos × vida e matéria estadual)

(10 linhas)

_____ (nome), já qualificado nos autos do processo-crime em epígrafe n. _____, vem, por seu advogado infra-assinado, à presença de Vossa Excelência, não se conformando com a respeitável decisão de fls. que _____ (especificar o conteúdo da decisão), com fundamento no artigo 581, inciso _____, do Código de Processo Penal, interpor RECURSO EM SENTIDO ESTRITO, pelos motivos de fato e de direito a seguir aduzidos:

(2 linhas)

Assim sendo, caso Vossa Excelência entenda que deva manter a respeitável decisão, requer seja o presente recurso remetido ao Egrégio Tribunal competente.

(1 linha)

Termos em que, requerendo seja ordenado o processamento do presente recurso, com as inclusas razões, pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

RAZÕES DE RECURSO EM SENTIDO ESTRITO

(3 linhas)

Recorrente:

Recorrido:

Origem:

Autos do Processo n.

(3 linhas)

Meritíssimo Juiz,

Egrégio Tribunal,

Colenda Câmara,

Doutos Julgadores

(3 linhas)

No caso em tela, é necessária a reforma da decisão, pois, não se conformando com a respeitável decisão proferida, vem dela RECORRER EM SENTIDO ESTRITO, aguardando que ao final se digne Vossa Excelência reformá-la pelas razões a seguir expostas:

(2 linhas)

DOS FATOS

* Narrar os acontecimentos, sem inventar dados ou copiar o problema. Colocar o andamento processual.

(2 linhas)

DO DIREITO

☐ apontar a tese;

☐ justificar a tese;

☐ doutrina;

☐ jurisprudência;

☐ conclusão.

(2 linhas)

DO PEDIDO

Diante do exposto, requer seja dado provimento ao presente recurso, para tornar sem efeito a decisão impugnada, no sentido de _____, como medida de inteira justiça.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

MODELO DE CONTRARRAZÕES DO RECURSO EM SENTIDO ESTRITO

PETIÇÃO DE JUNTADA

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ FEDERAL DA ___ VARA DO JÚRI DA _____ (crimes dolosos × vida e matéria federal)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA ___ VARA DO JÚRI DA _____ (crimes dolosos × vida e matéria estadual)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ FEDERAL DA ___ VARA DO CRIMINAL DA _____ (crimes não dolosos × vida e matéria federal)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA ___ VARA DO CRIMINAL DA _____ (crimes não dolosos × vida e matéria estadual)

(10 linhas)

_____ (nome), já qualificado nos autos do processo-crime em epígrafe n. _____ , vem, por seu advogado infra-assinado, à presença de Vossa Excelência, não se conformando com o recurso interposto pelo _____ , com fundamento nos artigos 588 e 589, ambos do Código de Processo Penal, requerer a juntada das CONTRARRAZÕES DE RECURSO EM SENTIDO ESTRITO.

(2 linhas)

Assim sendo, caso Vossa Excelência entenda que deva reformar a respeitável decisão, requer seja o presente recurso remetido ao Egrégio Tribunal competente.

(1 linha)

Termos em que, requerendo seja ordenado o processamento das contrarrazões, pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

CONTRARRAZÕES DE RECURSO EM SENTIDO ESTRITO

(3 linhas)

Recorrente:

Recorrido:

Origem:

Autos do Processo n.

(3 linhas)

Meritíssimo Juiz,

Egrégio Tribunal,

Colenda Câmara,

Doutos Julgadores

(3 linhas)

No caso em tela, é necessária a mantença da decisão, pois, não se conformando com o recurso interposto por _____ contra a respeitável decisão de fls. proferida em favor do recorrido, vem apresentar CONTRARRAZÕES, aguardando afinal se dignem Vossas Excelências mantê-la, pelas razões a seguir expostas:

(2 linhas)

DOS FATOS

* Narrar os acontecimentos, sem inventar dados ou copiar o problema. Colocar o andamento processual.

(2 linhas)

DO DIREITO

☐ apontar a tese;

☐ justificar a tese;

☐ doutrina;

☐ jurisprudência;

☐ conclusão.

(2 linhas)

DO PEDIDO

Diante do exposto, requer seja dado provimento ao presente recurso, devendo ser mantida a respeitável decisão, no sentido de _____, como medida de inteira justiça.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

7 Recurso ordinário constitucional

1. Finalidade:

a) cabimento no STJ: pedir o reexame de: (a) decisão denegatória de HC ou MS, proferidas em única ou última instância, pelos Tribunais Estaduais, do Distrito Federal ou pelos Tribunais Regionais Federais (se for decisão concessiva, poderá haver Recurso Especial ou Recurso Extraordinário, por parte do MP ou querelante); (b) decisões proferidas em causas em que forem partes Estado

estrangeiro ou organismo internacional, de um lado, e, de outro, município ou pessoa residente ou domiciliada no país;

b) cabimento no STF (art. 102, II, da CF): pedir o reexame de: (a) decisão denegatória de HC ou MS ou MI ou HD, proferidas em única instância pelos Tribunais superiores (STJ – art. 105, b/c/h; TSE – art. 121, § 3º; STM – art. 124, parágrafo único); (b) decisões referentes a crimes políticos (a competência para julgar é da justiça federal – art. 109, IV, da CF c/c o art. 108, a).

2. Legitimidade ativa: no caso do HC, o paciente que o impetrou será o prejudicado.

3. Requisitos: demonstrar o cabimento.

4. Prazo: 5 dias para interposição, no caso de HC; no caso de MS, é 15 dias (início do prazo: publicação do acórdão); vista do MP: HC – 2 dias e MS – 5 dias (arts. 30, 31, 33 e 35, todos da Lei n. 8.038/90).

5. Julgamento: quando for TJ ou TRF, quem julga é o STJ; quando for tribunal superior, quem julga é o STF.

6. Características: (a) efeito devolutivo amplo; (b) petição dirigida para o presidente ou vice-presidente do tribunal recorrido, junto com as razões.

7. Processamento: (a) apresentação do ROC; (b) cabe ao presidente ou vice-presidente do tribunal recorrido determinar a intimação do recorrido para, em 15 (quinze) dias, apresentar as contrarrazões.; (c) os autos serão remetidos ao respectivo tribunal superior, independentemente de juízo de admissibilidade (d) remessa ao STJ ou STF; (e) autuação e distribuição; (f) vista ao Ministério Público Federal; (g) relator inclui na pauta; (h) julgamento na turma (arts. 247, 248, 310 a 312, todos do RISTF).

8. Interposição: interposto por petição ao presidente ou vice-presidente do tribunal que denegou a ordem.

Recurso ordinário constitucional

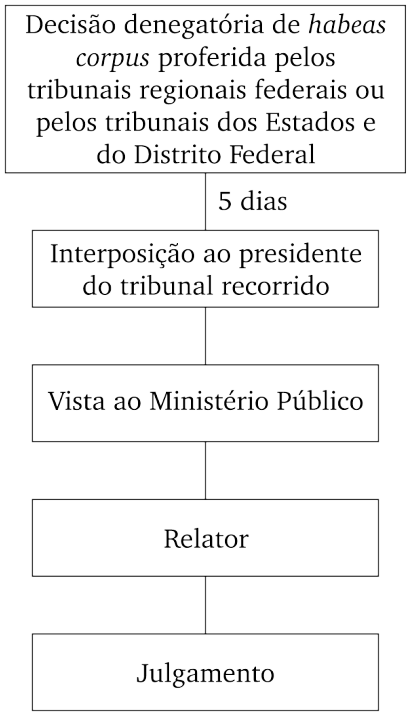

MODELO DE RAZÕES DE RECURSO ORDINÁRIO CONSTITUCIONAL

INTERPOSIÇÃO

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR DESEMBARGADOR PRESIDENTE DO EGRÉGIO TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE _____

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR DESEMBARGADOR FEDERAL PRESIDENTE DO EGRÉGIO TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA ___ REGIÃO

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR MINISTRO PRESIDENTE DO COLENDO SUPERIOR TRIBUNAL DE JUSTIÇA (quando o HC ou MS forem denegados pelo STJ)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR MINISTRO PRESIDENTE DO COLENDO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL (quando o HC ou MS forem denegados pelo STF)

(10 linhas)

_____ (nome), já qualificado nos autos do processo-crime em epígrafe, vem, por seu advogado infra-assinado, à presença de Vossa Excelência, não se conformando com o venerando acórdão de fls. que _____ (especificar o conteúdo da decisão), com fundamento no artigo 105, inciso II, alínea a, da Constituição Federal combinado com os artigos 30 e 32 da Lei n. 8.038/90 (se for competência do STF: artigo 102, inciso II, a, da CF), interpor RECURSO ORDINÁRIO CONSTITUCIONAL ao Colendo _____ (STJ – HC ou MS denegado por tribunal estadual ou regional federal, ou STF – HC ou MS denegado por tribunal superior).

(2 linhas)

Termos em que, requerendo seja ordenado o processamento do presente recurso, com as inclusas razões, pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

RAZÕES DE RECURSO ORDINÁRIO CONSTITUCIONAL

(3 linhas)

Paciente (HC) ou Impetrante (MS): _____

Habeas Corpus ou Mandado de Segurança n. _____

(3 linhas)

Colendo STJ ou STF,

Douta Turma,

Ínclitos Ministros

(3 linhas)

Impõe-se a reforma do venerando acórdão _____ (especificar o con-teúdo) proferido contra o _____ (paciente ou impetrante), pelas razões a seguir expostas:

(2 linhas)

DOS FATOS

* Narrar os acontecimentos, sem inventar dados ou copiar o problema. Colocar o andamento processual.

(2 linhas)

DO DIREITO

☐ apontar a tese;

☐ justificar a tese;

☐ doutrina;

☐ jurisprudência;

☐ conclusão.

(2 linhas)

DO PEDIDO

Diante do exposto, requer-se seja o presente recurso conhecido e provido, para tornar sem efeito a decisão que _____, concedendo-se _____, como medida de inteira justiça.

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

8 Recurso extraordinário

1. Finalidade: pedir o reexame de causa decidida em única ou última instância, quando a decisão contrariar dispositivo da CF, ou quando declarar a inconstitucionalidade de lei federal ou tratado, ou quando julgar válida lei ou ato de governo local contestado em face da CF (art. 102, III, da CF c/c os

arts. 1.029 e seguintes do CPC):

102, III, a – contrariar dispositivo da Constituição: decisão recorrida × Constituição: incompatível ou afrontar regra ou princípio;

102, III, c – julgar válida lei ou ato de governo local contestado em face da Constituição; lei local contra lei federal local: ato da administração estadual ou municipal, que não seja lei ou ato jurisdicional; requisitos: haja impugnação da validade da lei ou do ato, tenha o recurso por fundamento a impugnação e a decisão seja favorável à lei ou ato impugnado;

102, III, b – declarar a inconstitucionalidade de tratado ou lei federal: decisão recorrida afirma que o tratado ou a lei é inconstitucional;

102, III, d – julgar válida lei local contestada em face de lei federal;

causa decidida em única instância: competência originária;

causa decidida em última instância: esgotamento das vias recursais ordinárias (Súmula 281 do STF).

2. Legitimidade ativa: acusação ou defesa.

3. Requisitos: (a) questão federal constitucional; (b) prequestionamento; (c) esgotamento das vias recursais ordinárias (causa decidida em única e última instância).

4. Prazo: 15 dias para interposição perante o presidente do Tribunal recorrido; contrarrazões: 15 dias.

5. Julgamento: se o presidente ou vice-presidente do tribunal aceitar, remete para o STF; se não aceitar agravo de admissão em quinze dias, ao STF.

6. Características: a) fundamento constitucional (cabimento nos casos previstos na Constituição Federal); b) formulado em petição;

7. Conteúdo: exposição do fato e do direito; demonstração do cabimento do recurso interposto; c) razões do pedido de reforma ou de invalidação da decisão recorrida.

8. Fundamento em Dissídio Jurisprudencial: o recorrente fará a prova da divergência com a certidão, cópia ou citação do repositório de jurisprudência, oficial ou credenciado, inclusive em mídia eletrônica, em que houver sido publicado o acórdão divergente, ou ainda com a reprodução de julgado disponível na rede mundial de computadores, com indicação da respectiva fonte, devendo-se, em qualquer caso, mencionar as circunstâncias que identifiquem ou assemelhem os casos confrontados.

9. Vício Formal: O Supremo Tribunal Federal poderá desconsiderar vício formal de recurso tempestivo ou determinar sua correção, desde que não o repute grave.

10. Efeito Suspensivo: a) ao tribunal superior respectivo, no período compreendido entre a publicação da decisão de admissão do recurso e sua distribuição, ficando o relator designado para seu exame prevento para julgá-lo; b) ao relator, se já distribuído o recurso; c) ao presidente ou ao vice-presidente do tribunal recorrido, no período compreendido entre a interposição do recurso e a publicação da decisão de admissão do recurso, assim como no caso de o recurso ter sido sobrestado.

11. Juízo de Admissibilidade pelo Presidente ou Vice-Presidente do Tribunal Recorrido: I – negar seguimento: a recurso extraordinário que discuta questão constitucional à qual o Supremo Tribunal Federal não tenha reconhecido a existência de repercussão geral ou a recurso extraordinário interposto

contra acórdão que esteja em conformidade com entendimento do Supremo Tribunal Federal exarado no regime de repercussão geral; a recurso extraordinário interposto contra acórdão que esteja em conformidade com entendimento do Supremo Tribunal Federal exarado no regime de julgamento de recursos repetitivos; II – encaminhar o processo ao órgão julgador para realização do juízo de retratação, se o acórdão recorrido divergir do entendimento do Supremo Tribunal Federal exarado, conforme o caso, nos regimes de repercussão geral ou de recursos repetitivos; III – sobrestar o recurso que versar sobre controvérsia de caráter repetitivo ainda não decidida pelo Supremo Tribunal Federal; IV – selecionar o recurso como representativo de controvérsia constitucional ou infraconstitucional; V – realizar o juízo de admissibilidade e, se positivo, remeter o feito ao Supremo Tribunal Federal.

12. Processamento: (a) apresentação da petição ao presidente ou vice-presidente do tribunal que proferiu a decisão recorrida na secretaria do tribunal; (b) recebida a petição do recurso pela secretaria do tribunal, o recorrido será intimado para apresentar contrarrazões no prazo de 15 (quinze) dias, findo o qual os autos serão conclusos ao presidente ou ao vice-presidente do tribunal recorrido; (c) conclusão dos autos ao presidente ou vice-presidente do tribunal para juízo de admissibilidade em 5 dias (Súmulas 292 e 528 do STF); (d) admitida remessa ao STF, haverá distribuição para uma das turmas, desde que o recurso ainda não tenha sido submetido ao regime de repercussão geral ou de julgamento de recursos repetitivos; o recurso tenha sido selecionado como representativo da controvérsia; ou o tribunal recorrido tenha refutado o juízo de retratação ; (e) sorteio de relator; (f) manifestação do MP; (g) julgamento.

13. Assistente de acusação (Súmula 210 do STF): (a) não apelação pelo Ministério Público; (b) decretação da extinção da punibilidade; (c) sentença de pronúncia.

14. Repercussão geral: a) O Supremo Tribunal Federal, em decisão irrecorrível, não conhecerá do recurso extraordinário quando a questão constitucional nele versada não tiver repercussão geral; b) Para efeito de repercussão geral, será considerada a existência ou não de questões relevantes do ponto de vista econômico, político, social ou jurídico que ultrapassem os interesses subjetivos do processo; c) O recorrente deverá demonstrar a existência de repercussão geral para apreciação exclusiva pelo Supremo Tribunal Federal; d) haverá repercussão geral sempre que o recurso impugnar acórdão que contrarie súmula ou jurisprudência dominante do Supremo Tribunal Federal; tenha reconhecido a inconstitucionalidade de tratado ou de lei federal; e) reconhecida a repercussão geral, o relator no Supremo Tribunal Federal determinará a suspensão do processamento de todos os processos pendentes, individuais ou coletivos, que versem sobre a questão e tramitem no território nacional; f) Negada a repercussão geral, o presidente ou o vice-presidente do tribunal de origem negará seguimento aos recursos extraordinários sobrestados na origem que versem sobre matéria idêntica; g) o recurso que tiver a repercussão geral reconhecida deverá ser julgado no prazo de 1 (um) ano e terá preferência sobre os demais feitos, ressalvados os que envolvam réu preso e os pedidos de habeas corpus; h) a súmula da decisão sobre a repercussão geral constará de ata, que será publicada no diário oficial e valerá como acórdão.

15. Exclusão do sobrestamento da repercussão geral: o interessado pode requerer, ao presidente ou ao vice-presidente do tribunal de origem, que exclua da decisão de sobrestamento e inadmita o recurso

extraordinário que tenha sido interposto intempestivamente, tendo o recorrente o prazo de 5 (cinco) dias para manifestar-se sobre esse requerimento. Do indeferimento cabe agravo interno.

16. Do Julgamento dos Recursos Extraordinário e Especial Repetitivos

a) Requisito: multiplicidade de recursos extraordinários com fundamento em idêntica questão de direito.

b) Efeito: haverá afetação para julgamento.

c) Processamento: arts. 1.036 ao 1.041 do CPC, observado o disposto no Regimento Interno do Supremo Tribunal Federal.

d) Seleção: o presidente ou o vice-presidente de tribunal de justiça ou de tribunal regional federal selecionará 2 (dois) ou mais recursos representativos da controvérsia, que serão encaminhados ao Supremo Tribunal Federal para fins de afetação, determinando a suspensão do trâmite de todos os processos pendentes, individuais ou coletivos, que tramitem no Estado ou na região, conforme o caso.

e) Seleção não vinculante: a escolha feita pelo presidente ou vice-presidente do tribunal de justiça ou do tribunal regional federal não vinculará o relator no tribunal superior, que poderá selecionar outros recursos representativos da controvérsia.

f) Seleção adicional: o relator em tribunal superior também poderá selecionar 2 (dois) ou mais recursos representativos da controvérsia para julgamento da questão de direito independentemente da iniciativa do presidente ou do vice-presidente do tribunal de origem.

g) Objeto da Seleção: somente podem ser selecionados recursos admissíveis que contenham abrangente argumentação e discussão a respeito da questão a ser decidida.

h) Exclusão da decisão de sobrestamento: o interessado pode requerer, ao presidente ou ao vice-presidente, que exclua da decisão de sobrestamento e inadmita o recurso extraordinário que tenha sido interposto intempestivamente, tendo o recorrente o prazo de 5 (cinco) dias para manifestar-se sobre esse requerimento. Da decisão que indeferir o requerimento caberá apenas agravo interno.

i) Conteúdo da Decisão de Afetação: I – identificará com precisão a questão a ser submetida a julgamento; II – determinará a suspensão do processamento de todos os processos pendentes, individuais ou coletivos, que versem sobre a questão e tramitem no território nacional; III – poderá requisitar aos presidentes ou aos vice-presidentes dos tribunais de justiça ou dos tribunais regionais federais a remessa de um recurso representativo da controvérsia.

j) Não afetação: o relator, no tribunal superior, comunicará o fato ao presidente ou ao vice-presidente que os houver enviado, para que seja revogada a decisão de suspensão.

k) Pluralidade de afetação: havendo mais de uma afetação, será prevento o relator que primeiro tiver proferido a decisão de afetação.

l) Prazo de julgamento dos recursos afetados: deverão ser julgados no prazo de 1 (um) ano e terão preferência sobre os demais feitos, ressalvados os que envolvam réu preso e os pedidos de habeas corpus.

m) Efeito do julgamento dos recursos afetados: os órgãos colegiados declararão prejudicados os demais recursos versando sobre idêntica controvérsia ou os decidirão aplicando a tese firmada. Negada a existência de repercussão geral no recurso extraordinário afetado, serão considerados automaticamente inadmitidos os recursos extraordinários cujo processamento tenha sido sobrestado.

n) Após Publicação do acórdão paradigma: I – o presidente ou o vice-presidente do tribunal de origem negará seguimento aos recursos especiais ou extraordinários sobrestados na origem, se o acórdão recorrido coincidir com a orientação do tribunal superior; II – o órgão que proferiu o acórdão recorrido, na origem, reexaminará o processo de competência originária, a remessa necessária ou o recurso anteriormente julgado, se o acórdão recorrido contrariar a orientação do tribunal superior; III – os processos suspensos em primeiro e segundo graus de jurisdição retomarão o curso para julgamento e aplicação da tese firmada pelo tribunal superior; IV – se os recursos versarem sobre questão relativa a prestação de serviço público objeto de concessão, permissão ou autorização, o resultado do julgamento será comunicado ao órgão, ao ente ou à agência reguladora competente para fiscalização da efetiva aplicação, por parte dos entes sujeitos a regulação, da tese adotada.

Recurso extraordinário

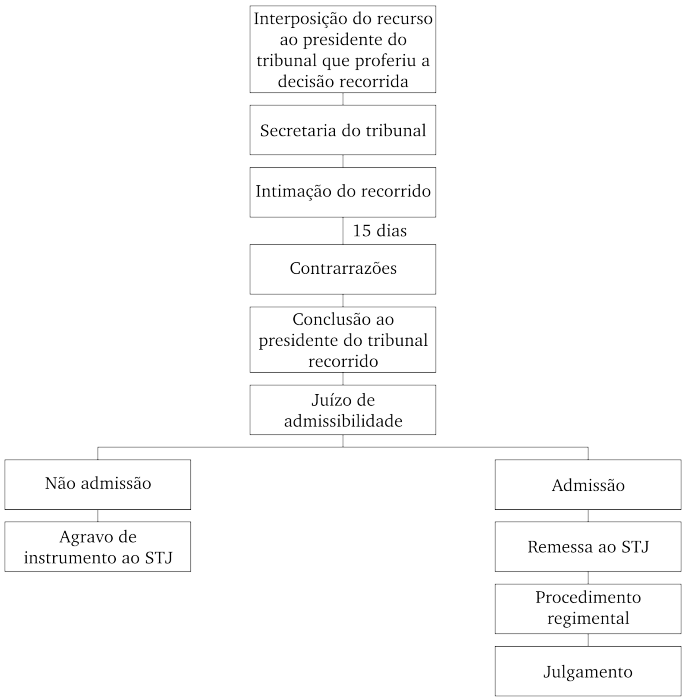

MODELO DE RAZÕES DE RECURSO EXTRAORDINÁRIO

INTERPOSIÇÃO

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR DESEMBARGADOR PRESIDENTE DO EGRÉGIO TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE _____

ou

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR DESEMBARGADOR FEDERAL PRESIDENTE DO EGRÉGIO TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA ___ REGIÃO

(10 linhas)

_____ (nome), já qualificado nos autos do processo-crime em epígrafe, vem, por seu advogado infra-assinado, à presença de Vossa Excelência, não se conformando com o venerando acórdão de fls. que _____ (especificar o conteúdo da decisão), com fundamento no artigo 102, inciso III, alínea _____, da Constituição Federal combinado com os artigos 1.029 e seguintes do CPC, interpor RECURSO EXTRAORDINÁRIO ao Colendo STF.

(2 linhas)

Termos em que, requerendo seja ordenado o processamento do presente recurso, com as inclusas razões, pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

RAZÕES DE RECURSO EXTRAORDINÁRIO

(3 linhas)

Recorrente: _____

_____ (nome do recurso) n. _____

(3 linhas)

Colendo STF,

Douta Turma,

Ínclitos Ministros

(3 linhas)

Impõe-se a reforma do venerando acórdão _____ (especificar o conteúdo), proferido pela Douta Turma, por _____ (motivo do inconformismo), pelas razões a seguir expostas:

(2 linhas)

DOS FATOS

* Narrar os acontecimentos, sem inventar dados ou copiar o problema. Colocar o andamento processual.

(2 linhas)

DA ADMISSIBILIDADE DO RECURSO EXTRAORDINÁRIO: o candidato tem de demonstrar os requisitos de cabimento do recurso extraordinário.

DO DIREITO

☐ apontar a tese;

☐ justificar a tese;

☐ doutrina;

☐ jurisprudência;

☐ conclusão;

☐ não esquecer de alegar repercussão geral, nos termos do art. 102, § 3º, da Constituição Federal.

(2 linhas)

DO PEDIDO

Diante do exposto, demonstrado _____ (motivo do Recurso Ex-traordinário) requer-se seja o presente recurso conhecido e provido, para tornar sem efeito a decisão que _____ , concedendo-se _____, como medida de inteira justiça.

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

9 Recurso especial

1. Finalidade: (a) pedir o reexame de decisão que viola legislação federal infraconstitucional. Precisa de prequestionamento; caso o tribunal a quo não tiver discutido a matéria, deverão ser opostos os embargos de declaração (art. 105, III, da CF c/c 1.029 e seguintes do CPC). Prequestionamento: Súmula 211, STJ; (b) conforme Hidejalma Muccio[21], o recurso especial visa garantir a vigência e o

cumprimento das leis federais uniformemente em todo o território nacional.

105, III, a – contrariar tratado ou lei federal, ou negar-lhes vigência: ter como inexistente ou aplicar de forma errada;
105, III, b – julgar válido ato de governo local contestado em face de lei federal: ato da administração estadual ou municipal, que não seja lei ou ato jurisdicional;
105, III, c – der a lei federal interpretação divergente da que lhe haja atribuído outro tribunal: divergência jurisprudencial, sendo que o paradigma (decisão dos autos para demonstração) deve ser decisão de última instância. Súmula 13 do STJ;
causa decidida em única instância: competência originária;
causa decidida em última instância: esgotamento das vias recursais ordinárias (Súmula 281 do STF).

2. Legitimidade ativa: defesa ou acusação, inclusive o assistente de acusação.

3. Requisitos: (a) questão federal infraconstitucional; (b) prequestionamento; (c) esgotamento das vias recursais ordinárias: (d) decisão emanada de Tribunal Estadual ou TRF ou do DF ou Território Federal.

4. Características: a) fundamento constitucional (cabimento nos casos previstos na Constituição Federal); b) formulado em petição; c) Súmulas 279, 283, 284, 356 do STF; (d) instituto político de direito processual constitucional.

5. Conteúdo: exposição do fato e do direito; demonstração do cabimento do recurso interposto; c) razões do pedido de reforma ou de invalidação da decisão recorrida.

6. Fundamento em Dissídio Jurisprudencial: o recorrente fará a prova da divergência com a certidão, cópia ou citação do repositório de jurisprudência, oficial ou credenciado, inclusive em mídia eletrônica, em que houver sido publicado o acórdão divergente, ou ainda com a reprodução de julgado disponível na rede mundial de computadores, com indicação da respectiva fonte, devendo-se, em qualquer caso, mencionar as circunstâncias que identifiquem ou assemelhem os casos confrontados.

7. Vício Formal: O Superior Tribunal de Justiça poderá desconsiderar vício formal de recurso tempestivo ou determinar sua correção, desde que não o repute grave.

8. Efeito Suspensivo: a) ao tribunal superior respectivo, no período compreendido entre a publicação da decisão de admissão do recurso e sua distribuição, ficando o relator designado para seu exame prevento para julgá-lo; b) ao relator, se já distribuído o recurso; c) ao presidente ou ao vice-presidente do tribunal recorrido, no período compreendido entre a interposição do recurso e a publicação da decisão de admissão do recurso, assim como no caso de o recurso ter sido sobrestado.

9. Juízo de Admissibilidade pelo Presidente ou Vice-Presidente do Tribunal Recorrido: I – negar seguimento a recurso especial interposto contra acórdão que esteja em conformidade com entendimento do STJ exarado no regime de julgamento de recursos repetitivos; II – encaminhar o processo ao órgão julgador para realização do juízo de retratação, se o acórdão recorrido divergir do entendimento do STJ exaradonos regimes de recursos repetitivos; III – sobrestar o recurso que versar sobre controvérsia de caráter repetitivo ainda não decidida pelo STJ; IV – selecionar o recurso como

representativo de controvérsia constitucional ou infraconstitucional; V – realizar o juízo de admissibilidade e, se positivo, remeter o feito ao Superior Tribunal de Justiça.

10. Prazo: 15 dias para interposição para o presidente ou vice-presidente tribunal de origem, a contar da intimação da decisão recorrida. Se o presidente aceitar, vai para o STJ; se não aceitar, usar o agravo de admissão para o STJ, que deverá ser interposto em quinze dias.

11. Julgamento: STJ.

12. Processamento: (a) apresentação da petição ao presidente ou vice-presidente do tribunal que proferiu a decisão recorrida na secretaria do tribunal; (b) recebida a petição do recurso pela secretaria do tribunal, o recorrido será intimado para apresentar contrarrazões no prazo de 15 (quinze) dias, findo o qual os autos serão conclusos ao presidente ou ao vice-presidente do tribunal recorrido; (c) conclusão dos autos ao presidente do tribunal para juízo de admissibilidade em 5 dias (Súmulas 292 e 528 do STF); (d) admitida remessa ao STJ (desde que o recurso ainda não tenha sido submetido ao regime de repercussão geral ou de julgamento de recursos repetitivos; o recurso tenha sido selecionado como representativo da controvérsia; ou o tribunal recorrido tenha refutado o juízo de retratação), haverá distribuição para uma das turmas; (e) sorteio de relator; (f) manifestação do MP; (g) julgamento.

13. Não cabimento: (a) reexame de prova (Súmula 7 do STJ); (b) decisões do JECrim.

14. Objeto: questão federal ou natureza infraconstitucional.

15. Interposição conjunta de recurso extraordinário e especial: os autos são remetidos ao STJ. Concluído o julgamento do recurso especial, os autos serão remetidos ao Supremo Tribunal Federal para apreciação do recurso extraordinário, se este não estiver prejudicado. Se o relator do recurso especial considerar prejudicial o recurso extraordinário, em decisão irrecorrível, sobrestará o julgamento e remeterá os autos ao Supremo Tribunal Federal. Se o relator do recurso extraordinário, em decisão irrecorrível, rejeitar a prejudicialidade, devolverá os autos ao Superior Tribunal de Justiça para o julgamento do recurso especial.

16. Recurso especial com matéria constitucional: se o relator, no Superior Tribunal de Justiça, entender que o recurso especial versa sobre questão constitucional, deverá conceder prazo de 15 (quinze) dias para que o recorrente demonstre a existência de repercussão geral e se manifeste sobre a questão constitucional. O relator remeterá o recurso ao Supremo Tribunal Federal, que, em juízo de admissibilidade, poderá devolvê-lo ao Superior Tribunal de Justiça.

17. Ofensa Reflexa da Constituição Federal: Se o Supremo Tribunal Federal considerar como reflexa a ofensa à Constituição afirmada no recurso extraordinário, por pressupor a revisão da interpretação de lei federal ou de tratado, remetê-lo-á ao Superior Tribunal de Justiça para julgamento como recurso especial.

18. Do Julgamento dos Recursos Extraordinário e Especial Repetitivos

a) Requisito: multiplicidade de recursos especiais com fundamento em idêntica questão de direito.

b) Efeito: haverá afetação para julgamento.

c) Processamento: arts. 1.036 ao 1.041 do CPC, observado o disposto no Regimento Interno do

Superior Tribunal de Justiça.

d) Seleção: o presidente ou o vice-presidente de tribunal de justiça ou de tribunal regional federal selecionará 2 (dois) ou mais recursos representativos da controvérsia, que serão encaminhados ao Superior Tribunal de Justiça para fins de afetação, determinando a suspensão do trâmite de todos os processos pendentes, individuais ou coletivos, que tramitem no Estado ou na região, conforme o caso.

e) Seleção não vinculante: a escolha feita pelo presidente ou vice-presidente do tribunal de justiça ou do tribunal regional federal não vinculará o relator no tribunal superior, que poderá selecionar outros recursos representativos da controvérsia.

f) Seleção adicional: o relator em tribunal superior também poderá selecionar 2 (dois) ou mais recursos representativos da controvérsia para julgamento da questão de direito independentemente da iniciativa do presidente ou do vice-presidente do tribunal de origem.

g) Objeto da seleção: somente podem ser selecionados recursos admissíveis que contenham abrangente argumentação e discussão a respeito da questão a ser decidida.

h) Exclusão da decisão de sobrestamento: o interessado pode requerer, ao presidente ou ao vice-presidente, que exclua da decisão de sobrestamento e inadmita o recurso extraordinário que tenha sido interposto intempestivamente, tendo o recorrente o prazo de 5 (cinco) dias para manifestar-se sobre esse requerimento. Da decisão que indeferir o requerimento caberá apenas agravo interno.

i) Conteúdo da decisão de afetação: I – identificará com precisão a questão a ser submetida a julgamento; II – determinará a suspensão do processamento de todos os processos pendentes, individuais ou coletivos, que versem sobre a questão e tramitem no território nacional; III – poderá requisitar aos presidentes ou aos vice-presidentes dos tribunais de justiça ou dos tribunais regionais federais a remessa de um recurso representativo da controvérsia.

j) Não afetação: o relator, no tribunal superior, comunicará o fato ao presidente ou ao vice-presidente que os houver enviado, para que seja revogada a decisão de suspensão.

k) Pluralidade de afetação: havendo mais de uma afetação, será prevento o relator que primeiro tiver proferido a decisão de afetação.

l) Prazo de julgamento dos recursos afetados: deverão ser julgados no prazo de 1 (um) ano e terão preferência sobre os demais feitos, ressalvados os que envolvam réu preso e os pedidos de habeas corpus.

m) Efeito do julgamento dos recursos afetados: os órgãos colegiados declararão prejudicados os demais recursos versando sobre idêntica controvérsia ou os decidirão aplicando a tese firmada.

n) Após publicação do acórdão paradigma: I – o presidente ou o vice-presidente do tribunal de origem negará seguimento aos recursos especiais ou extraordinários sobrestados na origem, se o acórdão recorrido coincidir com a orientação do tribunal superior; II – o órgão que proferiu o acórdão recorrido, na origem, reexaminará o processo de competência originária, a remessa necessária ou o recurso anteriormente julgado, se o acórdão recorrido contrariar a orientação do tribunal superior; III – os processos suspensos em primeiro e segundo graus de jurisdição retomarão o curso para julgamento e aplicação da tese firmada pelo tribunal superior; IV – se os recursos versarem sobre questão relativa a prestação de serviço público objeto de concessão, permissão ou autorização, o resultado do julgamento será comunicado ao órgão, ao ente ou à agência reguladora competente para fiscalização da efetiva aplicação, por parte dos entes sujeitos a regulação, da tese adotada.

Recurso especial

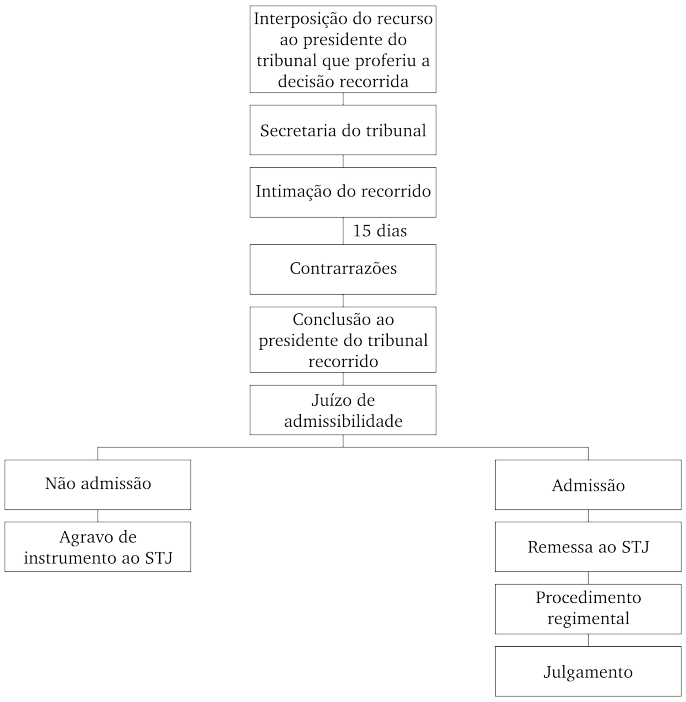

Interposição simultânea dos recursos extraordinário e especial

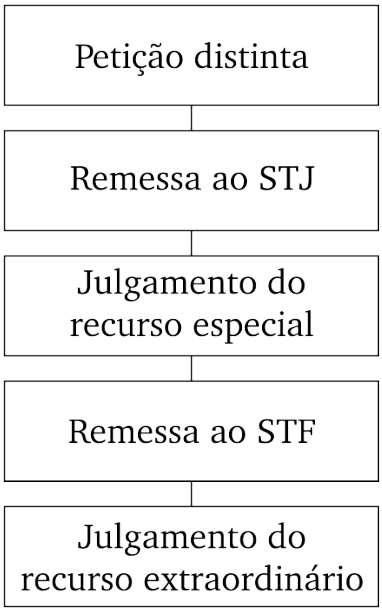
Petição distinta
Remessa ao STJ
Julgamento do recurso especial
Remessa ao STF
Julgamento do recurso extraordinário

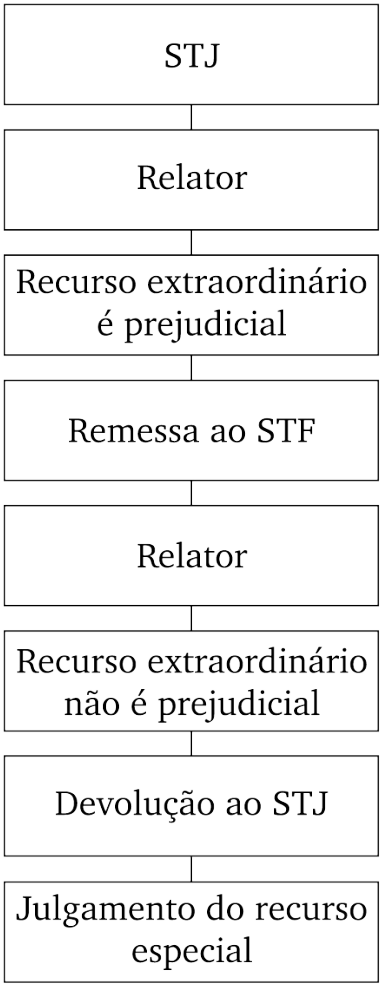
STJ
Relator
Recurso extraordinário é prejudicial
Remessa ao STF
Relator
Recurso extraordinário não é prejudicial
Devolução ao STJ
Julgamento do recurso especial

MODELO DE RAZÕES DE RECURSO ESPECIAL

INTERPOSIÇÃO

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR DESEMBARGADOR PRESIDENTE DO EGRÉGIO TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE _____

ou

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR DESEMBARGADOR FEDERAL PRESIDENTE DO EGRÉGIO TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA ___ REGIÃO

(10 linhas)

_____ (nome), já qualificado nos autos do processo-crime em epígrafe, vem, por seu advogado infra-assinado, à presença de Vossa Excelência, não se conformando com o venerando acórdão de fls. que _____ (especificar o conteúdo da decisão), com fundamento no artigo 105, inciso III, alínea _____, da Constituição Federal combinado com os artigos 1.029 e seguintes do CPC e artigos 255 e seguintes do Regimento Interno do STJ, interpor RECURSO ESPECIAL ao Colendo STJ.

(2 linhas)

Termos em que, requerendo seja ordenado o processamento do presente recurso, com as inclusas razões, pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

RAZÕES DE RECURSO ESPECIAL

(3 linhas)

Recorrente: _____

_____ (nome do recurso) n. _____

(3 linhas)

Colendo STJ,

Douta Turma,

Ínclitos Ministros

(3 linhas)

Impõe-se a reforma do venerando acórdão _____ (especificar o conteúdo), proferido pela Douta Turma, por _____ (motivo do inconformismo), pelas razões a seguir expostas:

(2 linhas)

DOS FATOS

* Narrar os acontecimentos, sem inventar dados ou copiar o problema. Colocar o andamento processual.

(2 linhas)

DA ADMISSIBILIDADE DO RECURSO ESPECIAL

* O candidato tem de demonstrar os requisitos de cabimento do Recurso Especial.

DO DIREITO

☐ apontar a tese;

☐ justificar a tese;

☐ doutrina;

☐ jurisprudência;

☐ conclusão.

(2 linhas)

DO PEDIDO

Diante do exposto, demonstrado _____ (motivo do Recurso Especial) requer-se seja o presente recurso conhecido e provido, para tornar sem efeito a decisão que _____, concedendo-se _____ , como medida de inteira justiça.

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

10 Do agravo em recurso especial e em recurso extraordinário: agravo de admissão

1. Finalidade: pedir o reexame de decisão do presidente ou do vice-presidente do tribunal recorrido que inadmitir recurso extraordinário ou recurso especial, salvo quando fundada na aplicação de entendimento firmado em regime de repercussão geral ou em julgamento de recursos repetitivos.

2. Legitimidade ativa: parte vencida, terceiro prejudicado ou Ministério Público, nos termos do art. 996 do CPP.

3. Requisitos: (a) petição interposta perante o presidente ou vice-presidente do tribunal de origem; (b) Súmulas 287/288 do STF; (c) composto por interposição e razões.

4. Prazo: quinze dias, a contar da intimação da decisão (art. 1003, §5º do CPC).

5. Julgamento: interposição perante o presidente do tribunal de origem e razões ao STJ ou STF.

6. Contraditório: o agravado será intimado, de imediato, para oferecer resposta no prazo de 15 dias.

7. Retratação: é cabível.

8. Se não houver retratação: o agravo será remetido ao tribunal superior competente

7. Interposição conjunta: Na hipótese de interposição conjunta de recursos extraordinário e especial, o agravante deverá interpor um agravo para cada recurso não admitido.

8. Único Agravo: o recurso será remetido ao tribunal competente, e, havendo interposição conjunta, os autos serão remetidos ao Superior Tribunal de Justiça. Concluído o julgamento do agravo pelo Superior Tribunal de Justiça e, se for o caso, do recurso especial, independentemente de pedido, os

autos serão remetidos ao Supremo Tribunal Federal para apreciação do agravo a ele dirigido, salvo se estiver prejudicado

9. Forma: petição escrita.

Do Agravo em Recurso Especial e em Recurso Extraordinário: Agravo de Admissão

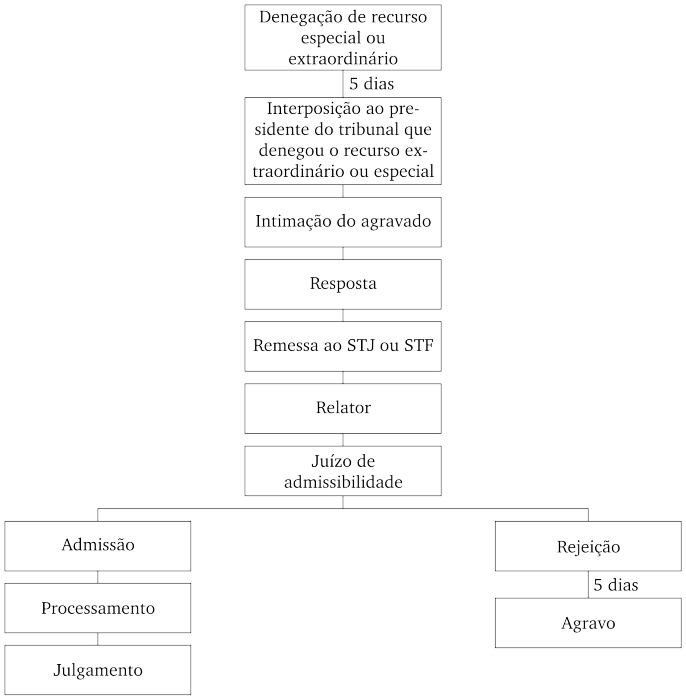

MODELO DE RAZÕES DE AGRAVO EM RECURSO ESPECIAL E EM RECURSO EXTRAORDINÁRIO: AGRAVO DE ADMISSÃO

INTERPOSIÇÃO

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR DESEMBARGADOR PRESIDENTE DO EGRÉGIO TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE _____

ou

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR DESEMBARGADOR FEDERAL PRESIDENTE DO EGRÉGIO TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA ___ REGIÃO

(10 linhas)

_____ (nome), já qualificado nos autos do processo-crime em epígrafe, vem, por seu advogado infra-assinado, à presença de Vossa Excelência, não se conformando com a respeitável decisão de fls. que _____ (especificar o conteúdo da decisão), com fundamento nos artigos 1042 do CPC, interpor AGRAVO DE ADMISSÃO _____ (mencionar se o agravo é em recurso especial ou extraordinário) ao Colendo STJ ou STF.

(2 linhas)

Termos em que, requerendo seja ordenado o processamento do presente recurso, com as inclusas razões, pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

RAZÕES DE AGRAVO EM RECURSO ESPECIAL E EM RECURSO EXTRAORDINÁRIO: AGRAVO DE ADMISSÃO

(3 linhas)

Agravante:

Agravado:

Origem:

Autos do Processo n.

(3 linhas)

Colendo STJ ou STF,

Douta Turma,

Ínclitos Ministros

(3 linhas)

Impõe-se a reforma da respeitável decisão _____ (especificar o conteúdo) proferida contra o agravante, pelas razões a seguir expostas:

(2 linhas)

DOS FATOS

* Narrar os acontecimentos, sem inventar dados ou copiar o problema. Colocar o andamento processual.

(2 linhas)

DO DIREITO

☐ apontar a tese: questionar a decisão que inadmitiu o recurso especial ou extraordinário;

☐ justificar a tese;

☐ doutrina;

☐ jurisprudência;

☐ conclusão.

(2 linhas)

DO PEDIDO

Diante do exposto, requer seja dado provimento ao presente recurso, para que seja admitido _____ (especificar se é recurso especial ou extraordinário), como medida de inteira justiça.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

11 Agravo interno

1. Finalidade: pedir o reexame de decisão proferida por relator.

2. Legitimidade ativa: parte prejudicada.

3. Requisitos: única petição, em que o recorrente impugnará especificadamente os fundamentos da decisão agravada.

4. Prazo: quinze dias pelo novo CPC.

5. Endereçamento: relator

6. Contraditório: será intimado o agravado para manifestação sobre o recurso em 15 dias

7. Juízo de retratação: é possível

8. Não houver retratação: o relator leva a julgamento pelo órgão colegiado com inclusão em pauta.

9. Vedação ao relator: limitar-se à reprodução dos fundamentos da decisão agravada para julgar improcedente o agravo interno.

10. Julgamento: pelo tribunal competente que iria conhecer o recurso denegado.

11. Características: pede reconsideração da decisão. Caso não seja possível, pedir remessa ao órgão competente.

12. Fundamento legal: art. 1021 do CPC.

13. Processamento: regimental: STF – art. 317; STJ – art. 258; TJ – art. 328; varia de regimento interno para regimento interno.

14. Manifestamente inadmissível ou improcedente em votação unânime: o órgão colegiado, em decisão fundamentada, condenará o agravante a pagar ao agravado multa fixada entre um e cinco por cento do valor atualizado da causa. A interposição de qualquer outro recurso está condicionada ao depósito prévio do valor da multa, à exceção da Fazenda Pública e do beneficiário de gratuidade da justiça, que farão o pagamento ao final.

MODELO DE AGRAVO INTERNO

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR MINISTRO RELATOR DO COLENDO SUPERIOR TRIBUNAL DE JUSTIÇA

ou

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR MINISTRO RELATOR DO COLENDO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL

ou

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR DESEMBARGADOR RELATOR DO EGRÉGIO TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE _____

ou

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR DESEMBARGADOR FEDERAL RELATOR DO EGRÉGIO TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA ___ REGIÃO

(10 linhas)

_____ (nome), já qualificado nos autos do processo-crime em epígrafe, vem, por seu advogado infra-assinado, à presença de Vossa Excelência, não se conformando com a respeitável decisão de fls. que _____ (especificar

o conteúdo da decisão), com fundamento no artigo 1.021 do Código de Processo Civil combinado com o artigo ____ (indicar o número do artigo) do Regimento Interno do _____ (indicar o tribunal), interpor AGRAVO INTERNO ao Colendo STJ ou STF, ao Egrégio TJ ou TRF.

(2 linhas)

DOS FATOS

* Narrar os acontecimentos, sem inventar dados ou copiar o problema. Colocar o andamento processual.

(2 linhas)

DO DIREITO

☐ apontar a tese: não esquecer de realizar uma impugnação específica dos fundamentos da decisão agravada;

☐ justificar a tese;

☐ doutrina;

☐ jurisprudência;

☐ conclusão.

(2 linhas)

DO PEDIDO

Diante do exposto, requer seja dado provimento ao presente recurso, para que _____, como medida de inteira justiça.

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

1 SANTOS, Moacyr Amaral. Primeiras linhas de direito processual civil. São Paulo: Saraiva, 2001. v. 3, p. 78.

2 CASTELO BRANCO, Tales. Teoria e prática dos recursos criminais. São Paulo: Saraiva, 2003. p. 4.

3 MIRANDA, Gilson Delgado; PIZZOL, Patrícia Miranda. Processo civil: recursos. São Paulo: Atlas, 2001. p. 17.

4 PINTO, Nelson Luiz. Manual dos recursos cíveis. São Paulo: Malheiros, 2002. p. 27.

5 CAPEZ, Fernando. Curso de processo penal. São Paulo: Saraiva, 2004. p. 416.

6 GRECO FILHO, Vicente. Direito processual civil brasileiro. São Paulo: Saraiva, 1995. p. 259.

7 MARQUES, José Frederico. Manual de direito processual civil. Campinas: Bookseller, 1997. p. 143.

8 MUCCIO, Hidejalma. Prática de processo penal: teoria e prática. São Paulo: HM, 2005. p. 817.

9 LUIZ PINTO, Nelson. Manual dos recursos cíveis. São Paulo: Malheiros, 2002. p. 178.

10 MIRABETE, Julio Fabbrini. Processo penal. São Paulo: Atlas, 2002. p. 666.

11 NUCCI, Guilherme de Souza. Código de Processo Penal anotado. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2004. p. 918.

12 CASTELO BRANCO, Tales. Teoria e prática dos recursos criminais. São Paulo: Saraiva, 2003. p. 106.

13 CAMARA LEAL, Antonio Luiz da. Comentários ao Código de Processo Penal brasileiro. Rio de Janeiro/São Paulo: Freitas Bastos, 1942. p. 821.

14 TOURINHO FILHO, Fernando da Costa. Processo penal. São Paulo: Saraiva, 1999. p. 456.

15 TORNAGHI, Hélio. Curso de processo penal. São Paulo: Saraiva, 1988. p. 370.

16 LUIZ PINTO, Nelson. Manual dos recursos cíveis. São Paulo: Malheiros, 2002. p. 178.

17 MUCCIO, Hidejalma. Prática de processo penal: teoria e prática. São Paulo: HM, 2005. p. 837.

18 GRINOVER, Ada Pellegrini; SCARANCE FERNANDES, Antonio; MAGALHÃES GOMES FILHO, Antonio. Recursos no processo penal. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1998. p. 149.

19 MUCCIO, Hidejalma. Prática de processo penal: teoria e prática. São Paulo: HM, 2005. p. 755-756.

20 MUCCIO, Hidejalma. Prática de processo penal: teoria e prática. São Paulo: HM, 2005. p. 755-756.

21 MUCCIO, Hidejalma. Prática de processo penal: teoria e prática. São Paulo: HM, 2005. p. 941.

10

Ações Autônomas

1 Habeas corpus

1. Finalidade: evitar ou cessar violência ou coação à liberdade de locomoção, por ilegalidade ou abuso de poder.

2. Capacidade postulatória: não é necessária a intervenção de advogado.

3. Previsão legal: o habeas corpus está previsto no art. 5º, inciso LXVII, da CF e nos arts. 647 a 667 do CPP.

4. Objeto: liberdade de locomoção: direito de ir, vir, ficar, permanecer e deslocar.

5. Terminologia: (a) impetrante: é a pessoa que requer o habeas corpus; (b) paciente: é a que sofre coação; (c) detentor: é a pessoa que tem o paciente sob custódia; (d) coator: é a que exerce violência ou coação.

6. Legitimidade ativa: qualquer pessoa, nacional ou estrangeira (a petição deve ser redigida em português), pode fazer uso do habeas corpus, em benefício próprio ou alheio.

6.1 Analfabeto: o analfabeto pode impetrar com assinatura a rogo; não basta a impressão digital.

6.2 Ministério Público: o membro do Ministério Público, como fiscal da lei, nos termos do art. 32 da Lei Orgânica n. 8.625/93.

6.3 Juiz: há dois posicionamentos: (a) só pode impetrar quando for paciente; (b) pode impetrar em favor de pessoa que esteja sofrendo a coação ou violência na sua liberdade de locomoção, pois todos têm direito de petição, nos termos do art. 5º, inciso XXXIV, da CF.

6.4 Pessoa jurídica: pode impetrar habeas corpus em favor de pessoa física.

7. Legitimidade passiva: autoridade pública ou particular (exemplo: retenção em hospital por não pagamento das despesas).

8. Requisitos: (a) endereçamento; (b) paciente; (c) autoridade coatora; (d) fatos; (e) assinatura do impetrante.

9. Prazo: não tem.

10. Julgamento: autoridade superior à tida como coatora, nos termos do art. 650, § 1º, do CPP.

11. Características

11.1 Ação judicial: pois é pedido de prestação jurisdicional.

11.2 Ação constitucional: prevista na Constituição Federal.

11.3 Ação penal popular: qualquer pessoa pode ajuizar o habeas corpus. Conforme observa Alexandre de Moraes[1]: "A legitimidade para ajuizamento do habeas corpus é um atributo da personalidade, não se exigindo a capacidade de estar em juízo, nem a capacidade postulatória".

11.4 Caráter sumaríssimo: não admite dilação probatória; o rito processual é desenvolvido em basicamente duas fases: postulatória e decisória.

11.5 Informal: pode ser impetrado por radiograma, telex ou telefone; basta a petição ser redigida por escrito, em língua portuguesa.

11.6 Remédio constitucional: visa pedir ao juiz a cessação da ameaça ou do constrangimento à liberdade de locomoção.

11.7 Ação de procedimento especial: pois se desenvolve através de uma sequência de atos processuais concentrados.

11.8 Ação de caráter penal: pois envolve a liberdade de locomoção.

11.9 Garantia individual: pois serve para proteger a liberdade de locomoção da pessoa humana.

11.10 Ação gratuita: isenta de custas.

12. Liminar em habeas corpus

12.1 Admissibilidade: é possível em caráter excepcional, apesar de não estar prevista em lei.

12.2 Finalidade: proteger a pessoa humana que sofre constrangimento na sua liberdade de locomoção, através da antecipação da liberdade ou de medidas urgentes para resguardo do direito de ir, vir, ficar, permanecer e deslocar.

12.3 Requisitos: (a) fumus boni iuris: fumaça do bom direito; (b) periculum in mora: perigo da demora.

12.4 Modelo da liminar em habeas corpus: embora não prevista em lei, a concessão da liminar em habeas corpus vem sendo admitida pela jurisprudência sempre que presentes os requisitos a seguir demonstrados:

a) fumus boni iuris, está evidenciado pela existência de disposição legal e princípios constitucionais que _____ (mencionar a tese e seu fundamento);

b) periculum in mora, por sua vez, está caracterizado, pois, caso não seja concedida a ordem para _____ (mencionar o pedido do HC), de forma urgente e imediata, ocorrerá lesão grave e de difícil reparação.

Dessa forma, presentes os requisitos do fumus boni iuris e do periculum in mora, como restou comprovado acima, a liminar deve ser concedida, como direito subjetivo do paciente, para boa aplicação da lei penal e respeito aos valores supremos da sociedade.

13. Processamento: (a) apresentação da petição; (b) apresentação do preso, salvo no caso do art. 657 do CPP; (c) realização de diligência; (d) decisão em 24 horas. As informações da autoridade coatora são requisitadas quando em segunda instância. Ministério Público só se manifesta em segunda instância. Se for processo da competência originária de tribunal, será julgado na primeira sessão.

14. Questões processuais: (a) é possível desistência no habeas corpus; (b) a autoridade competente

para julgar o habeas corpus não está vinculada ao pedido e causa de pedir formulado pelo impetrante, podendo julgar aquém ou além do que foi pleiteado; (c) o seu julgamento tem preferência sobre todos os demais procedimentos; (d) não é possível a participação do assistente do Ministério Público nos processos de habeas corpus; (e) não é admitida a impetração apócrifa, ou seja, sem identificação e assinatura do impetrante.

15. Cabimento

15.1 Estado de sítio: não pode no estado de sítio, conforme os arts. 138 e 139, ambos da CF.

15.2 Excesso de prazo: é possível ajuizar habeas corpus quando ocorrer excesso de prazo na instrução processual penal, salvo se a demora tiver sido causada pela defesa, pelo grande número de acusados envolvidos ou por greve dos serventuários da justiça.

15.3 Punição disciplinar militar: apesar de existir na Constituição Federal, em seu art. 142, § 2º, proibição expressa, podemos dizer que é possível em dois casos excepcionais: (a) autoridade incompetente; (b) não observância das formalidades previstas em lei. Manoel Gonçalves Ferreira Filho[2] assevera que cabe habeas corpus em caso de punição disciplinar militar se faltar qualquer dos pressupostos da transgressão militar (hierarquia, poder disciplinar, ato ligado à função e pena prevista em lei).

15.4 Custas processuais: não cabe habeas corpus para resolver sobre ônus das custas, por não estar mais em causa a liberdade de locomoção, nos termos da Súmula 395 do STF.

15.5 Pena pecuniária: não cabe contra decisão condenatória a pena de multa, ou relativa a processo em curso por infração penal em que a pena pecuniária seja a única cominada, nos termos da súmula, pois não envolve liberdade de locomoção.

15.6 Pessoas desconhecidas: não é possível conhecimento em favor de pessoas desconhecidas de forma coletiva e indeterminada[3].

15.7 Não concordância do paciente: há dois posicionamentos: (a) impede a ação; (b) irrelevante para a ação.

15.8 Extinção da pena privativa de liberdade: não cabe, nos termos da Súmula 695 do STF.

15.9 Imposição da pena de exclusão de militar ou de perda da patente ou de função pública: não cabe, nos termos da Súmula 694 do STF.

15.10 Extradição: não cabe contra omissão do relator da extradição, se fundada em fato ou direito estrangeiro cuja prova não constava dos autos, nem foi ele provocado a respeito.

15.11 Intimação para depor em CPI: é possível habeas corpus, pois a intimação traz em si a ideia da condução coercitiva.

15.12 Empate: prevalece a decisão mais favorável ao paciente.

16. Competência: existem no processo do *habeas corpus* duas espécies de competência:

a) originária: proposta direta no órgão julgador;

b) recursal: quando passa por instâncias.

Observações:

a) Súmula 691: não compete ao STF conhecer de habeas corpus impetrado contra decisão de relator que, em habeas corpus requerido a tribunal superior, indefere liminar.

c) Súmula 606: não cabe habeas corpus originário para o tribunal pleno de decisão de turma ou do plenário proferida em habeas corpus ou no respectivo recurso.

17. Espécies: (a) preventivo: serve para afastar ameaça à liberdade de locomoção. O juiz expede salvo-conduto; (b) repressivo ou liberatório: serve para afastar constrangimento à liberdade de locomoção. O juiz expede alvará de soltura; (c) de ofício: o juiz o concede, no curso de processo criminal, quando houver constrangimento ilegal à liberdade de locomoção. Tais espécies estão comparadas na tabela a seguir exposta:

Itens	Preventivo	Repressivo	De ofício
Cabimento	Quando alguém se achar ameaçado de sofrer violência ou coação em sua liberdade de locomoção por ilegalidade ou abuso de poder.	Quando alguém estiver sofrendo violência ou coação em sua liberdade de locomoção por ilegalidade ou abuso de poder.	Quando alguém, no curso de processo criminal, estiver sofrendo violência ou coação em sua liberdade de locomoção por ilegalidade ou abuso de poder.
Finalidade	Cessar a ameaça.	Cessar a ameaça, impedindo a violência ou coação na liberdade de locomoção.	Cessar o constrangimento, liberando o paciente.
Ordem judicial	Salvo-conduto.	Alvará de soltura.	Alvará de soltura.
Terminologia	Não tem.	Pode ser chamado de liberatório ou suspensivo.	Não tem.

18. Recursos

18.1 Recurso de ofício: quando o juiz de primeiro grau concede a ordem de habeas corpus, nos termos do art. 574, inciso I, do CPP. Como observam Ada Pellegrini, Antonio Magalhães e Antonio Scarance[4]: "não se trata propriamente de um recurso, mas de uma condição de eficácia da sentença que somente passa em julgado depois de confirmada em segundo grau de jurisdição".

18.2 Recurso em sentido estrito: quando o juiz de primeiro grau conceder ou negar a ordem de habeas corpus, nos termos do art. 581, inciso X, do CPP.

18.3 Recurso ordinário constitucional: (a) STF: quando o habeas corpus tiver sido julgado em única

instância pelos tribunais superiores (art. 102, inciso II, a, da CF); (b) STJ: quando a decisão for proferida em única ou última instância pelos Tribunais Regionais Federais ou pelos Tribunais dos Estados e do Distrito Federal (art. 105, inciso II, a, da CF).

18.4 Recursos especial e extraordinário: cabíveis nos casos de concessão de habeas corpus, desde que preenchidos os requisitos, conforme capítulo próprio.

19. Reiteração de habeas corpus: há três posicionamentos: (a) é possível, desde que haja novas provas ou novos fundamentos; (b) é possível, ainda que com os mesmos fundamentos; (c) não pode, pois existe recurso próprio para discutir a decisão denegatória.

20. Possibilidade de supressão: não é possível suprimir o habeas corpus via emenda constitucional, já que se trata de cláusula pétrea, nos termos do art. 60, § 4º, da CF.

21. Origem histórica

21.1 Mundo: há dois posicionamentos: (a) surgiu na Inglaterra, com a Magna Carta; (b) surgiu no direito romano.

21.2 Brasil: surgiu com o Código de Processo Criminal do Império, de 1832; a primeira Constituição foi a de 1891, que admitia habeas corpus para proteger direitos pessoais, inclusive liberdade de locomoção; em 1926, a reforma constitucional restringiu o habeas corpus em instrumento protetor apenas da liberdade de locomoção.

22. Condições da ação

22.1 Possibilidade jurídica do pedido: o pedido formulado pelo autor tem de ser previsto e aceito pelo ordenamento jurídico.

22.2 Interesse de agir: (a) necessidade: é preciso que haja um constrangimento ou simples ameaça na liberdade de locomoção; (b) adequação: o habeas corpus deve ser apto a corrigir ou remover a situação ilegal ou abusiva causada na liberdade de locomoção de uma pessoa.

22.3 Legitimidade para agir: (a) ativa: qualquer pessoa; (b) passiva: autoridade pública ou particular.

23. Efeitos: (a) concessão da ordem: paciente será colocado em liberdade, salvo se por outro motivo deva permanecer preso; (b) preventivo: expedição do salvo-conduto; (c) ordem para anular: renovação do processo desde o momento em que se verificou o vício.

24. Regras de endereçamento do habeas corpus: o habeas corpus será endereçado para autoridade superior à tida como coatora, observadas as regras a seguir:

Autoridade coatora	Regra de endereçamento
Delegado da polícia estadual	Excelentíssimo Senhor Doutor Juiz de Direito da ___ Vara Criminal/Júri da Comarca de

	_____
Delegado da polícia federal	Excelentíssimo Senhor Doutor Juiz Federal da ___ Vara Criminal/Júri da Seção Judiciária de _____
Juiz de Direito	Excelentíssimo Senhor Doutor Desembargador Presidente do Egrégio Tribunal de Justiça do Estado de _____
Juiz Federal	Excelentíssimo Senhor Doutor Desembargador Federal Presidente do Egrégio Tribunal Regional Federal da ___ Região
Tribunal Estadual	Excelentíssimo Senhor Doutor Ministro Presidente do Colendo STJ
Tribunal Regional Federal	Excelentíssimo Senhor Doutor Ministro Presidente do Colendo STJ
Particular	Excelentíssimo Senhor Doutor Juiz de Direito/Federal da ___ Vara criminal/ júri da comarca/seção judiciária de _____
Promotor de justiça	Excelentíssimo Senhor Doutor Desembargador Presidente do Egrégio Tribunal de Justiça do Estado de _____
Membro do MPU que oficie perante Tribunal	Excelentíssimo Senhor Doutor Ministro Presidente do Colendo STJ
Governador, desembargador, membros dos Tribunais de contas dos Estados, do Distrito Federal e dos municípios, dos Tribunais regionais federais, eleitorais e do trabalho.	Excelentíssimo Senhor Doutor Ministro Presidente do Colendo STJ
Membro do MPU que oficie na primeira instância	Excelentíssimo Senhor Doutor Desembargador Federal do Egrégio Tribunal Regional Federal da ___ Região
Juiz do juizado especial criminal	Excelentíssimo Senhor Doutor Juiz Presidente da Egrégia Turma Recursal do Juizado Especial Criminal Federal/Estadual da Seção Judiciária/Comarca de _____
Turma recursal federal	Excelentíssimo Senhor Doutor Desembargador Federal do Egrégio Tribunal Regional Federal da

	___ Região
Turma recursal estadual	Excelentíssimo Senhor Doutor Desembargador Presidente do Egrégio Tribunal de Justiça do Estado de _____

25. Estrutura da peça prática

a) Endereçamento: conforme regras no item 24.

b) Preâmbulo: (a) nome e qualificação do advogado (precisa qualificar); (b) fundamento legal; (c) nome da peça; (d) identificação da autoridade coatora; (e) frase final.

c) Dos Fatos: narrar a infração penal praticada, sem inverter dados, e o andamento processual até o momento do pedido de habeas corpus.

d) Do Direito: comprovar constrangimento ilegal à liberdade de locomoção.

e) Do Pedido: conforme modelo da peça.

f) Parte Final: termos em que, pede deferimento; data e indicação da OAB.

g) Terminologia: (1) verbo do pedido: requerer; (2) interessado no pedido: paciente; (3) pede: impetrante; (4) causador do constrangimento ilegal: autoridade coatora.

Habeas corpus

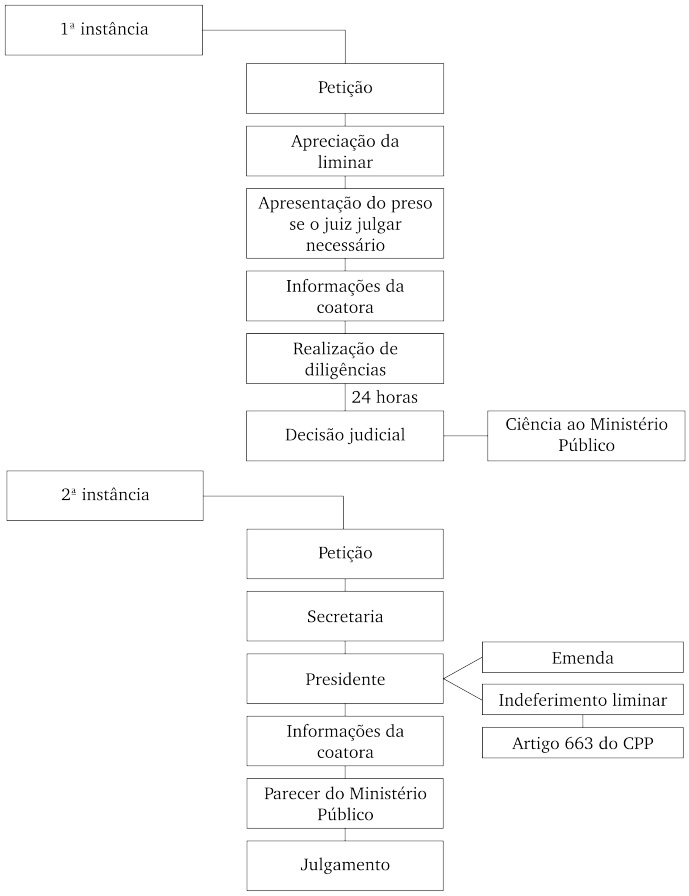

MODELO DE HABEAS CORPUS

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR _____ (item 24)

(10 linhas)

_____ (nome), advogado inscrito na Ordem dos Advogados do Brasil sob n. _____, Seção _____, com escritório na _____ (endereço), vem, à presença de Vossa Excelência, com fundamento no artigo 5º, inciso LXVIII, da Constituição Federal combinado com os artigos 647 e seguintes do Código de Processo Penal, impetrar ordem de HABEAS CORPUS, com pedido de liminar, contra ato do _____ (autoridade coatora), em favor de _____ (nome do paciente), _____ (nacionalidade), _____ (estado civil), _____ (profissão), residente e domiciliado na _____ (endereço), pelos motivos de fato e de direito a seguir aduzidos:

(2 linhas)

DOS FATOS

* Narrar os acontecimentos, sem inventar dados ou copiar o problema.

(2 linhas)

DO DIREITO

☐ apontar a tese;

☐ justificar a tese;

☐ doutrina;

☐ jurisprudência;

☐ conclusão.

(2 linhas)

DA LIMINAR

☐ apontar o cabimento da liminar no habeas corpus;

☐ demonstrar o fumus boni iuris;

☐ demonstrar o periculum in mora;

☐ conclusão.

DO PEDIDO

a) Parte comum

Diante do exposto, vem requerer que, após solicitadas as informações à autoridade coatora, seja concedida a ordem impetrada, com base nos arts. 647 e 648, inciso _____, do Código de Processo Penal, decretando-se _____, como medida de inteira justiça.

b) Parte diferencial

☐ Extinção da punibilidade: ... decretando-se a extinção da punibilidade do fato imputado ao paciente na ação penal, já que _____ (motivo da extinção)...

☐ Nulidade: ... decretando-se a anulação _____ (ab initio ou a partir do ato _____).

☐ Falta de justa causa: ... decretando-se trancamento da ação penal (se não houver sentença) ou cassação da sentença (se houver sentença).

☐ Abuso de autoridade: ... decretando-se _____ (depende da situação colocada no problema).

c) Pedidos complementares

☐ Prisão preventiva: revogação da prisão preventiva decretada contra o paciente e a expedição do alvará de soltura em seu favor.

☐ Prisão em flagrante: relaxamento da prisão em flagrante imposta ao paciente e expedição do alvará de soltura em seu favor.

☐ Iminência de ser preso: expedição do contramandado de prisão.

☐ HC preventivo: expedição do salvo-conduto.

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

CASO PRÁTICO

"A", através de notícia veiculada em vários jornais, difamou "B". Este, após 4 anos da publicação da notícia, promoveu uma ação penal contra "A", ação essa que se encontra em curso. Qual a providência a ser tomada pelo advogado de "A"?

1. Rascunho da peça

a) infração penal: crime de difamação previsto no art. 139 do CP;

b) ação penal: privada;

c) pena concreta: não tem;

d) pena abstrata: detenção de 3 meses a um ano e multa;

e) rito processual: sumaríssimo, pois a pena máxima prevista em lei é inferior a 2 anos;

f) momento processual: não definido; apenas diz que a ação penal se encontra em curso;

g) cliente: "A";

h) situação prisional: solto;

i) tese: extinção da punibilidade pela ocorrência da prescrição nos termos do art. 109 do CP;

j) peça: habeas corpus;

k) competência: tribunal de justiça;

l) pedido: extinção da punibilidade.

2. Peça prática

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR DESEMBARGADOR PRESIDENTE DO EGRÉGIO TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO

(10 linhas)

_____ (nome), advogado inscrito na Ordem dos Advogados do Brasil sob n. _____, Seção _____, com escritório na _____ (endereço), vem, à presença de Vossa Excelência, com fundamento no artigo 5º, inciso LXVIII, da Constituição Federal combinado com os artigos 647 e seguintes do Código de Processo Penal, impetrar ordem de HABEAS CORPUS, com pedido de liminar, contra ato do Meritíssimo Juiz de Direito da Vara Criminal, em favor de "A" _____ (nacionalidade), _____ (estado civil), _____ (profissão), residente e domiciliado na _____ (endereço), pelos motivos de fato e de direito a seguir aduzidos:

(2 linhas)

DOS FATOS

"A", ora paciente, praticou crime de difamação previsto no Código Penal contra "B", ora paciente, através de notícia veiculada em vários jornais.

Diante dos fatos, "B" moveu ação penal contra "A", após 4 anos da publicação da notícia (fls.).

(2 linhas)

DO DIREITO

No caso em tela, há extinção da punibilidade pela ocorrência de prescrição nos termos do art. 109 combinado com o art. 107, inciso IV, ambos do Código Penal.

O paciente promoveu a ação penal 4 anos após a publicação da notícia, ultrapassando o prazo prescricional previsto no CP.

O paciente perdeu o direito de promover a ação privada e provocar a prestação jurisdicional porque não exerceu o direito de queixa no prazo legal.

* Dessa forma o Estado perdeu o direito de punir, cessando a punibilidade do fato, em razão da prescrição.

(2 linhas)

DA LIMINAR

DO PEDIDO

Diante do exposto, vem requerer que, após solicitadas as informações à autoridade coatora, seja concedida a ordem impetrada, com base nos arts. 647 e 648, inciso VII, do Código de Processo Penal, decretando-se a extinção da punibilidade do fato imputado ao paciente na ação penal, como medida de inteira justiça.

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

CASO PRÁTICO

O cidadão "A", carroceiro, favelado, primário, trabalhador, estava transportando sua carroça por uma das ruas do centro quando, perdendo o controle, ocasionou um atropelamento, sendo a vítima o cidadão "B", que veio a falecer. "A" foi denunciado pelo art. 121, § 3 º, do CP. A denúncia foi recebida. O processo teve início e o magistrado não deferiu a suspensão processual em favor de "A" porque o réu não reparou o dano. O processo tramitou e "A" acabou condenado a dois anos de detenção com sursis. A respeitável sentença já transitou em julgado. Questão: produzir a peça cabível em favor de "A" ao órgão judiciário competente, justificando o endereçamento e a peça.

1. Rascunho da peça

a) infração penal: art. 121, § 3º, do Código Penal;

b) ação penal: pública incondicionada;

c) pena concreta: dois anos de detenção com sursis;

d) pena abstrata: detenção de um a três anos;

e) rito processual: sumário;

f) momento processual: sentença transitada em julgado;

g) cliente: cidadão "A";

h) situação prisional: solto;

i) tese: abuso de autoridade, pois o juiz não deferiu a suspensão processual em favor de "A";

j) peça: habeas corpus: arts. 647 e 648, inciso I, do Código de Processo Penal;

k) competência: Tribunal de Justiça;

l) pedido: cassação da sentença e concessão do benefício de suspensão condicional do processo.

2. Peça prática

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR DESEMBARGADOR PRESIDENTE DO EGRÉGIO TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO

(10 linhas)

_____ (nome), advogado inscrito na Ordem dos Advogados do Brasil sob n. _____, Seção _____, com escritório na _____ (endereço), vem, à presença de Vossa Excelência, com fundamento no artigo 5º, inciso LXVIII, da Constituição Federal combinado com os artigos 647 e seguintes do Código de Processo Penal, impetrar ordem de HABEAS CORPUS contra ato do Meritíssimo Juiz de Direito da___ Vara Criminal, em favor de "A" _____, (nacionalidade) _____, (estado civil) _____, (profissão), residente e domiciliado na _____ (endereço), pelos motivos de fato e de direito a seguir aduzidos:

(2 linhas)

DOS FATOS

"A" foi denunciado pela prática de homicídio culposo, já que atropelou "B", quando estava transportando sua carroça por uma das ruas do centro.

A denúncia foi recebida (fls.). O réu foi citado (fls.). A resposta à acusação foi apresentada no prazo legal (fls.). Não foi decretada a absolvição sumária. Na audiência de instrução e julgamento foram realizados atos processuais (fls.). Foram realizados os debates orais (fls.) e foi proferida sentença (fls.).

A respeitável sentença transitou em julgado (fls.).

(2 linhas)

DO DIREITO

A decisão de indeferimento da suspensão processual em favor de "A", em virtude da não reparação do dano, não merece prosperar. Vejamos:

A reparação do dano não é requisito para concessão da suspensão, conforme art. 89 da Lei n. 9.099/95. A exigência de sua comprovação ou da impossibilidade será feita após transcorrido o período de prova.

O paciente preenche as condições legais, quais sejam: pena mínima abstrata não superior a um ano; não está sendo processado por outro crime; não foi condenado por outro crime, e estão presentes as condições do sursis previstas no art. 77 do Código Penal.

Dessa forma, presentes os requisitos legais, a suspensão condicional do processo constitui direito público subjetivo do acusado, configurando constrangimento ilegal a exigência, para seu deferimento, de prévia demonstração da reparação do dano ou sua impossibilidade.

Ademais, a vinculação da suspensão processual à reparação do dano ofende o princípio da isonomia previsto no art. 5º, caput, da Constituição Federal, pois o acesso ao benefício legal fica restrito aos ricos, que têm condições econômicas de arcar com os prejuízos causados pelo crime.

Dessa forma, como a reparação do dano não é requisito do sursis processual, o juiz deve conceder a suspensão do curso do processo.

(2 linhas)

DO PEDIDO

a) Parte comum

Diante do exposto, vem requerer que, após solicitadas as informações à autoridade coatora, seja concedida a ordem impetrada, com base nos arts. 647 e 648, inciso I, do Código de Processo Penal, decretando-se a cassação da sentença e concessão do benefício da suspensão condicional do processo, como medida de inteira justiça.

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

CASO PRÁTICO

"A", funcionário público federal, responsável pela tesouraria do INSS, deu um desfalque de R$ 1.000.000,00 nos cofres da autarquia. Apuradas a autoria e a materialidade e provada a culpa pela infração cometida, o réu foi condenado a uma pena de reclusão de dois anos e três meses, pelo juiz da 20ª Vara criminal de São Paulo. A sentença transitou em julgado. O réu reúne péssimos antecedentes criminais. Foi expedido mandado de prisão. Apresentar medida judicial cabível em favor de "A".

1. Rascunho da peça

a) infração penal: peculato, previsto no art. 312 do CP;

b) ação penal: pública incondicionada;

c) pena concreta: reclusão de dois anos e três meses;

d) pena abstrata: reclusão de dois a doze anos e multa;

e) rito processual: especial;

f) momento processual: trânsito em julgado;

g) cliente: "A";

h) situação prisional: iminência de ser preso;

i) tese: nulidade por incompetência do juízo;

j) peça: habeas corpus;

k) competência: Tribunal Regional Federal;

l) pedido: anulação ab initio e expedição do contramandado de prisão.

2. Peça prática

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR DESEMBARGADOR PRESIDENTE DO EGRÉGIO TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA 3ª REGIÃO

(10 linhas)

_____ (nome), advogado inscrito na Ordem dos Advogados do Brasil sob n. _____, Seção _____, com escritório na _____ (endereço), vem, à presença de Vossa Excelência, com fundamento no artigo 5º, inciso LXVIII, da Constituição Federal combinado com os artigos 647 e seguintes do Código de Processo Penal, impetrar ordem de HABEAS CORPUS, com pedido de liminar, contra ato do Meritíssimo juiz da 20ª Vara Criminal de São Paulo, em favor de "A" _____, (nacionalidade) _____ , (estado civil) _____, (profissão), residente e domiciliado na

_____ (endereço), pelos motivos de fato e de direito a seguir aduzidos:

(2 linhas)

DOS FATOS

"A" foi denunciado pela prática de crime de peculato. "A" foi notificado para apresentar defesa preliminar (fls.). A denúncia foi recebida (fls.). O réu foi citado (fls.). A resposta à acusação foi apresentada no prazo legal (fls.). Não foi decretada a absolvição sumária. Na audiência de instrução e julgamento foram realizados os atos processuais (fls.) Foram realizados os debates orais (fls.). A sentença foi proferida condenando o paciente a uma pena de reclusão de dois anos e três meses (fls.).

A sentença transitou em julgado (fls.). Foi expedido mandado de prisão (fls.).

(2 linhas)

DO DIREITO

No caso em tela há nulidade pela incompetência do juízo, já que a ação penal, tendo como vítima entidade federal, deve ser julgada pela Justiça Federal, nos termos do art. 109, inciso IV, da CF c/c os arts. 74 e 564, inciso I, ambos do CPP.

Há violação ao princípio do juiz natural, já que a pessoa só pode ser processada ou condenada por autoridade competente, ou seja, investida na função jurisdicional e com a medida certa da jurisdição.

No caso, a competência de jurisdição é da Justiça Federal, pois a Constituição Federal prescreve que em todas as ações em que há como vítima uma entidade federal a competência é da Justiça Federal comum.

A regularidade procedimental exige respeito e observância das exigências legais, no sentido de buscar a justa composição da lide. No entanto, a incompetência do juízo representou um vício procedimental, desrespeitando, dessa forma, a ordem legal e, consequentemente, o princípio da legalidade, alicerce do Estado Democrático de Direito.

Dessa forma, comprovada a incompetência do juízo, deve o processo ser anulado, já que o juiz somente tem jurisdição legal nos limites da sua competência.

(2 linhas)

DA LIMINAR

Embora não prevista em lei, a concessão da liminar em habeas corpus vem sendo admitida pela jurisprudência sempre que presentes os requisitos a seguir demonstrados:

a) o fumus boni iuris está evidenciado pela existência de disposição legal e princípios constitucionais que revelam a incompetência do juízo;

b) o periculum in mora, por sua vez, está caracterizado, pois caso não seja concedida a ordem para anular o processo, de forma urgente e imediata, ocorrerá lesão grave e de difícil reparação, consistente em prejuízos na regularidade procedimental.

Assim, presentes os requisitos do fumus boni iuris e do periculum in mora, como restou comprovado acima, a liminar deve ser concedida, como direito subjetivo do paciente, para boa aplicação da lei penal e respeito aos valores supremos da sociedade.

DO PEDIDO

Diante do exposto, vem requerer que, após solicitadas as informações à autoridade coatora, seja concedida a ordem impetrada, com base nos arts. 647 e 648, inciso VI, do Código de Processo Penal, decretando-se a anulação ab initio e expedição do contramandado de prisão, como medida de inteira justiça.

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

CASO PRÁTICO

"A", que não se conforma com a mesada que recebe de seu pai, subtrai deste determinado objeto que vende a fim de apurar certa importância de que necessita. O pai de "A" leva o fato ao conhecimento da polícia, que, em investigações, deslinda o caso, indicando "A" como autor do furto. Convocada a prestar declarações, a vítima manifesta seu desinteresse pelo prosseguimento do inquérito por saber então que seu filho fora o autor do furto. A despeito de tal pronunciamento, o inquérito é remetido a juízo, sendo "A" denunciado como incurso nas penas do art. 155 do Código Penal. E, finalmente, condenado. "A" é preso para cumprir a sanção que lhe foi imposta. Elaborar a peça profissional que julgar mais adequada aos interesses de "A".

1. Rascunho da peça

a) infração penal: furto, previsto no art. 155 do CP;

b) ação penal: pública incondicionada;

c) pena concreta: não tem;

d) pena abstrata: reclusão de um a quatro anos e multa;

e) rito processual: ordinário;

f) momento processual: condenação, sem especificar se houve abertura de prazo para intimação;

g) cliente: "A";

h) situação prisional: preso;

i) tese: falta de justa causa pelo art. 181, inciso II, do CP;

j) peça: habeas corpus;

k) competência: Tribunal de justiça;

l) pedido: cassação da sentença e expedição do alvará de soltura.

2. Peça prática

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR DESEMBARGADOR PRESIDENTE DO EGRÉGIO TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO

(10 linhas)

_____ (nome), advogado inscrito na Ordem dos Advogados do Brasil sob n. _____, Seção _____, com escritório na _____ (endereço), vem, à presença de Vossa Excelência, com fundamento no artigo 5º, inciso LXVIII, da Constituição Federal combinado com os artigos 647 e seguintes do Código de Processo Penal, impetrar ordem de HABEAS CORPUS, com pedido de liminar, contra ato do Meritíssimo Juiz de direito da Vara Criminal, em favor de "A" _____, (nacionalidade) _____, (estado civil) _____, (profissão), residente e domiciliado na _____ (endereço), pelos motivos de fato e de direito a seguir aduzidos:

(2 linhas)

DOS FATOS

"A" foi denunciado pela prática de crime de furto. A denúncia foi recebida (fls.). O réu foi citado (fls.). A resposta à acusação foi apresentada no prazo legal (fls.).

Não foi decretada a absolvição sumária (fls). Na audiência de instrução e julgamento foram realizados os atos processuais (fls.). As alegações finais foram apresentadas (fls.). A sentença condenatória foi proferida.

(2 linhas)

DO DIREITO

No caso em tela há ocorrência da imunidade absoluta prevista no art. 181, inciso II, do Código Penal, de modo que não pode ser instaurado inquérito policial e muito menos ação penal contra o beneficiário, por falta de interesse de agir, uma vez que não é possível a imposição de pena.

O paciente cometeu crime de furto em prejuízo de seu pai e, em razão da existência de laço familiar, será isento de pena, caracterizando a imunidade penal absoluta.

Dessa forma, reconhecida uma escusa absolutória de caráter pessoal, deve o juiz cassar a sentença e, por consequência, excluir a possibilidade de punição do fato imputado ao paciente.

(2 linhas)

DA LIMINAR

Embora não prevista em lei, a concessão da liminar em habeas corpus vem sendo admitida pela jurisprudência sempre que presentes os requisitos a seguir demonstrados:

a) o fumus boni iuris está evidenciado pela existência de disposição legal e princípios constitucionais que revelam a falta de justa causa caracterizada pela imunidade patrimonial;

b) o periculum in mora, por sua vez, está caracterizado, pois, caso não seja concedida a ordem para cassar a sentença e libertar o paciente, de forma urgente e imediata, ocorrerá lesão grave e de difícil reparação.

Dessa maneira, presentes os requisitos do fumus boni iuris e do periculum in mora, como restou comprovado acima, a liminar deve ser concedida, como direito subjetivo do paciente, para boa aplicação da lei penal e respeito aos valores supremos da sociedade.

DO PEDIDO

Diante do exposto, vem requerer que, após solicitadas as informações à autoridade coatora, seja concedida a ordem impetrada, com base nos arts. 647 e 648, inciso I, do Código de Processo Penal, decretando-se a cassação da sentença proferida contra o paciente e expedição do alvará de soltura, como medida de inteira justiça.

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

2 Mandado de segurança

1. Previsão constitucional: art. 5º, inciso LXIX, da Constituição Federal.

2. Previsão legal: o mandado de segurança está disciplinado na Lei n. 12.016/2009.

3. Objeto: proteger direito líquido e certo, não amparado por habeas corpus ou habeas data.

4. Finalidade: reparar ou afastar ou corrigir ilegalidade ou abuso de poder praticado por autoridade ou agentes no exercício de função pública ao direito líquido e certo.

ilegalidade: desconformidade com a lei;
abuso de poder: (a) desvio de poder: ato com finalidade diversa da prevista em lei; (b) excesso de poder: prática do ato além dos limites permitidos.

5. Direito líquido e certo: é o direito comprovado de plano. Como bem observa Hely Lopes[5], direito líquido e certo é o que se apresenta manifesto na sua existência,

delimitado na sua extensão e apto a ser exercido no momento da impetração.

6. Fundamento: o mandado de segurança deve ser impetrado quando houver ilegalidade ou abuso de poder causado por autoridade pública ou agente no exercício de função pública.

7. Natureza: ação constitucional de natureza civil, ou seja, requerimento de prestação jurisdicional previsto na CF.

8. Legitimidade ativa: titular do direito individual ou coletivo líquido e certo, podendo ser pessoa física ou jurídica ou formal. É possível impetrar mandado de segurança: (a) Ministério Público, nos termos do art. 32 da Lei Orgânica n. 8.625/93; (b) órgão com capacidade processual; (c) universalidade reconhecida por lei.

9. Legitimidade passiva: autoridade pública ou agente de pessoa jurídica no exercício de atribuições do Poder Público.

> ato complexo – há dois posicionamentos: (a) autoridade inferior; (b) última autoridade que, com sua vontade, integrou o ato complexo;
> ato colegiado – presidente do órgão;
> ato composto – autoridade superior.

10. Requisitos: (a) direito líquido e certo: comprovado de plano; (b) ilegalidade ou abuso de poder; (c) lesão ou ameaça de lesão; (d) ato comissivo ou omissivo de autoridade pública ou agente no exercício de função pública.

Cabe ressalvar que no mandado de segurança preventivo não há falar em prazo decadencial do direito de impetração do remédio.

11. Prazo: 120 dias, a partir da ciência do ato impugnado. Pela Súmula n. 632 do STF é constitucional lei que fixa o prazo de decadência para a impetração do mandado de segurança.

12. Forma: a impetração pode ser feita por telegrama ou radiograma ao juiz, em caso de urgência.

13. Julgamento: a competência é determinada pela categoria da autoridade coatora e sua sede funcional.

14. Características: (a) ação civil; (b) caráter sumaríssimo; (c) a decisão é exequível; (d) caráter subsidiário, pois protege direito líquido e certo não amparado por habeas corpus e habeas data; (e) instrumento de liberdade civil e política, pois é usado para que os indivíduos se defendam de atos ilegais ou praticados com abuso de poder[6].

15. Processamento: (a) apresentação da petição; (b) notificação da autoridade coatora para prestar informações em dez dias; (c) parecer do MP em cinco dias; (d) decisão em cinco dias.

16. Aspectos processuais

16.1 Litisconsórcio: é possível pluralidade de pessoas no polo ativo ou passivo.

16.2 Liminar: cabível sempre que houver relevância do fundamento do pedido e quando a demora puder acarretar dano irreparável para o impetrante, nos termos do art. 7º da Lei n. 12.016/2009;

16.3 Participação do Ministério Público: ora como parte, ora como fiscal da lei.

16.4 Informações da autoridade coatora: sua falta não gera confissão.

16.5 Dilação probatória: não há exame aprofundado de provas; conforme observa Vicente Greco[7]: "O pressuposto do mandado de segurança, portanto, é a ausência de dúvida quanto à situação de fato, que deve ser provada documentalmente. Qualquer incerteza sobre os fatos decreta o descabimento da reparação da lesão através do mandado, devendo a parte pleitear seus direitos através de ação que comporte dilação probatória."

16.6 Condenação em honorários advocatícios: não cabe, nos termos das Súmulas n. 512 do STF e n. 105 do STJ.

17. Cabimento

17.1 Cabimento contra ato judicial: é possível, desde que não haja recurso específico ou, havendo recurso, não tenha efeito suspensivo.

17.2 Cabimento contra decisão judicial transitada em julgado: não cabe diante do trânsito em julgado.

17.3 Cabimento contra ato disciplinar: é possível quando a autoridade for incompetente ou não houver observância das formalidades previstas em lei.

17.4 Cabimento contra lei em tese: não cabe, pois norma geral e abstrata não gera lesão a direitos subjetivos.

17.5 Cabimento contra lei de efeitos concretos: cabe, pois há providências concretas de execução de ato.

18. Espécies: (a) Preventivo: serve para afastar ameaça ou justo receio de lesão a direito; (b) Repressivo: serve para afastar constrangimento ou ato lesivo a direito.

19. Cabimento em matéria criminal: algumas situações que admitem mandado de segurança (não é rol taxativo):

vista de inquérito por advogado;

acompanhar cliente na fase de inquérito;

entrevista reservada do advogado com o cliente;

obtenção de certidões;

direito de juntada de documentos;

obter efeito suspensivo de recurso;

não admissibilidade do assistente de acusação;

apreensão de objetos sem relação com o crime;

processar correição parcial denegada;

restituição de coisa apreendida por terceiro de boa-fé;

acompanhar perícia;

para oferecer quesitos em prova pericial;

contra medida de sequestro;

recusa de expedição de certidão negativa de antecedentes.

20. Estrutura da peça prática

a) Endereçamento:

Autoridade Coatora	Regra de Endereçamento
Delegado da polícia estadual	Excelentíssimo Senhor Doutor Juiz de Direito da ___ Vara Criminal/Júri da Comarca de _____
Delegado da polícia federal	Excelentíssimo Senhor Doutor Juiz Federal da ___ Vara Criminal/Júri da Seção Judiciária de _____
Juiz de Direito	Excelentíssimo Senhor Doutor Desembargador Presidente do Egrégio Tribunal de Justiça do Estado de _____
Juiz Federal	Excelentíssimo Senhor Doutor Desembargador Federal Presidente do Egrégio Tribunal Regional Federal da _____ Região
Artigo 105, I, b	Excelentíssimo Senhor Doutor Ministro Presidente do Colendo STJ.
Artigo 102, I, d	Excelentíssimo Senhor Doutor Ministro Presidente do Colendo STF.

b) Preâmbulo: (a) nome e qualificação do requerente (precisa qualificar); (b) capacidade postulatória; (c) fundamento legal; (d) nome da peça; (e) frase final.

c) Dos fatos: narrar a infração penal praticada, sem inventar dados, e o andamento processual até o momento do pedido.

d) Do direito: comprovar a presença dos requisitos para a concessão da ordem do mandado de segurança.

e) Do pedido: concessão da ordem, da liminar, informações da coatora, oitiva do Ministério Público, juntada de documentos e intimação da pessoa jurídica.

f) Parte final: termos em que pede deferimento; data e indicação da OAB.

g) Terminologia: (1) verbo do pedido: requerer; (2) interessado no pedido: requerente.

Procedimento do mandado de segurança

MODELO DE MANDADO DE SEGURANÇA

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR _____

(10 linhas)

_____ (nome), _____ (nacionalidade), _____ (estado civil), _____ (profissão), residente e domiciliado _____ (endereço), por seu advogado infra--assinado, com escritório na _____ (endereço), vem, à presença de Vossa Excelência, com fundamento no artigo 5º, inciso LXIX, da Constituição Federal combinado com os artigos da Lei n. 12.016/09, impetrar MANDADO DE SEGURANÇA, com pedido de liminar, contra ato praticado pelo _____ (autoridade coatora), pelos motivos de fato e de direito a seguir aduzidos:

(2 linhas)

DOS FATOS

* Narrar os acontecimentos, sem inventar dados ou copiar o problema.

(2 linhas)

DO DIREITO

No caso em tela, justifica-se o cabimento do presente mandado de segurança, pela presença dos requisitos,

senão vejamos:

(a) prática de ato omissivo ou comissivo pela autoridade coatora;

(b) ilegalidade ou abuso de poder;

(c) lesão ou ameaça de lesão;

(d) direito líquido e certo.

Dessa forma, presentes os requisitos ensejadores do mandado de segurança, a ordem deve ser concedida no sentido de _____ (especificar de acordo com o caso concreto).

(2 linhas)

DA LIMINAR

☐ apontar o cabimento da liminar no MS;

☐ demonstrar o fumus boni iuris;

☐ demonstrar o periculum in mora;

☐ conclusão.

DO PEDIDO

Diante do exposto, requer-se:

a) a concessão da liminar inaudita altera pars, com base no art. 7º, inciso III, da Lei n. 12.016/2009, no sentido de _____;

b) notificação da autoridade coatora para que preste as informações que entender necessárias no prazo de dez dias;

c) intimação do representante da pessoa jurídica;

d) oitiva do ilustre membro do Ministério Público, para que ofereça parecer;

e) seja julgada procedente a presente ação, confirmando-se a liminar e concedendo-se definitivamente a ordem pleiteada para que _____;

f) seja deferida a juntada de documentos que instruem a inicial.

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

CASO PRÁTICO

"A" adquiriu, a título oneroso e de boa-fé, um automóvel fruto de estelionato praticado por "B". Instaurado o inquérito policial, a autoridade policial determinou a busca, a apreensão e o depósito do veículo com o primitivo dono e vítima da burla. Integrada a ação penal, "A" requereu a devolução do carro perante o juízo criminal por onde transcorre o processo, sendo-lhe, porém, negada a pretensão. Propor medida adequada a atender os interesses de "A".

1. Rascunho da peça

a) infração penal: não tem; há o estelionato praticado por "B";

b) ação penal: pública incondicionada;

c) pena concreta: não tem;

d) pena abstrata: reclusão de um a cinco anos e multa;

e) rito processual: ordinário;

f) momento processual: fase da ação penal com violação a direito líquido e certo;

g) cliente: "A";

h) situação prisional: não tem;

i) tese: abuso de autoridade, pois houve a negativa ao direito de restituição do veículo;

j) peça: mandado de segurança;

k) competência: Tribunal de Justiça;

l) pedido: concessão da ordem para determinar a devolução do veículo apreendido.

2. Peça prática

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR DESEMBARGADOR PRESIDENTE DO EGRÉGIO TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO

(10 linhas)

"A" _____, (nacionalidade) _____, (estado civil) _____, (profissão), residente e domiciliado _____ (endereço), por seu advogado infra-assinado, com escritório na _____ (endereço), vem à presença de Vossa Excelência, com fundamento no artigo 5º, inciso LXIX, da Constituição Federal combinado com a Lei n. 12.016/09, impetrar MANDADO DE SEGURANÇA, com pedido de liminar, contra ato praticado pelo Meritíssimo Juiz da Vara Criminal, pelos motivos de fato e de direito a seguir aduzidos:

(2 linhas)

DOS FATOS

O impetrante adquiriu, a título oneroso e de boa-fé, veículo produto de estelionato praticado por "B" (fls.).

Na fase do inquérito policial, a autoridade policial diligenciou determinando a busca, a apreensão e o depósito do veículo (fls.).

Em sede de ação penal, "A" requereu devolução do carro perante o juízo criminal (fls.). O juiz proferiu decisão denegatória (fls.).

(2 linhas)

DO DIREITO

No caso em tela justifica-se o cabimento do presente mandado de segurança, pela presença dos requisitos. Vejamos:

a) prática de ato comissivo por autoridade pública: negativa, pelo juiz criminal, da pretensão de restituição do carro requerida pelo impetrante;

b) ilegalidade ou abuso de poder: o terceiro de boa-fé (impetrante) adquirente de coisa objeto de estelionato deve ter seu direito preservado, por imposição da equidade e da segurança do comércio jurídico;

c) lesão: o impetrante está sofrendo prejuízo com a não devolução do veículo, ou seja, há um constrangimento concretizado;

d) direito líquido e certo: direito de ser mantido na posse do veículo que foi apreendido pela autoridade pública.

Dessa forma, presentes os requisitos ensejadores do mandado de segurança, a ordem deve ser concedida com a devolução do veículo.

(2 linhas)

DA LIMINAR

Conforme o art. 7º, inciso III, da Lei n. 12.016/09, é possível a concessão da liminar sempre que presentes os requisitos a seguir demonstrados:

a) o fumus boni iuris (relevante fundamento) está evidenciado pela existência de disposição legal que reconhece o direito de posse por parte de terceiro de boa-fé;

b) o periculum in mora (ineficácia da medida), por sua vez, está caracterizado, pois, caso não seja devolvido o veículo, de forma urgente e imediata, ocorrerá lesão grave e de difícil reparação, consistente nos prejuízos na vida profissional do impetrante.

Dessa forma, presentes os requisitos do fumus boni iuris e do periculum in mora, como restou comprovado acima, a liminar deve ser concedida, como direito subjetivo do impetrante, para boa aplicação da lei penal e respeito aos valores supremos da sociedade.

DO PEDIDO

Diante do exposto, requer-se:

a) a concessão da liminar inaudita altera pars, com base no art. 7º, inciso III, da Lei n. 12.016/2009, no sentido de que haja a devolução do veículo;

b) notificação da autoridade coatora para que preste as informações que entender necessárias no prazo de dez dias;

c) intimação do representante da pessoa jurídica;

d) oitiva do ilustre membro do Ministério Público, para que ofereça parecer;

e) seja julgada procedente a presente ação, confirmando-se a liminar e concedendo-se definitivamente a ordem pleiteada para que haja devolução do veículo;

f) seja deferida a juntada de documentos que instruem a inicial.

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

3 Revisão criminal

1. Finalidade: pedir o reexame de decisão transitada em julgado. Segundo Ada Pellegrini[8] e outros, a revisão criminal tem como objetivo primordial a restauração do status dignitatis do condenado e a liberação dos efeitos penais, civis e administrativos que permanecem mesmo após a extinção da pena.

2. Juízos na revisão criminal: (a) rescindente ou revidente: é o que desconstitui a decisão transitada em julgado; (b) rescisório ou revisório: cuida da sua substituição por outra decisão.

3. Correlação do pedido: o tribunal pode, na revisão criminal, fazer julgamento extra ou ultra petita.

4. Objeto: sentença condenatória ou absolutória imprópria.

5. Natureza: há os seguintes posicionamentos:

a) corrente majoritária: ação impugnativa autônoma, pois origina nova relação processual;

b) corrente minoritária: recurso, pois a finalidade é substituir uma decisão pela outra.

Podemos afirmar que a revisão criminal tem três naturezas: (1) doutrinária: (a) ação impugnativa autônoma, pois origina nova relação processual; (b) ação penal rescisória ou desconstitutiva, pois visa reverter ou desfazer o trânsito em julgado; (2) legal: no CPP é prevista

como recurso; (3) condenado: a revisão é um direito.

6. Pressuposto: existência de sentença (condenatória ou absolutória imprópria) transitada em julgado (processo findo). Trânsito em julgado: (a) quando não cabe mais recurso; (b) quando não for interposto o recurso cabível, gerando preclusão.

7. Documento indispensável: a revisão criminal deve ser instruída com a certidão do trânsito em julgado.

8. Causa de pedir: a revisão criminal deve ser fundamentada em uma das hipóteses legais previstas no art. 621 do CPP.

9. Características

a) Ação penal: pois envolve defesa da liberdade.

b) Ação constitutiva: visa criar, modificar ou extinguir uma situação processual; noutros termos, visa desfazer os efeitos de sentença condenatória ou absolutória imprópria transitada em julgado.

c) Ação de conhecimento: visa pedir ao juiz o reconhecimento de um direito.

d) Garantia fundamental: meio usado para garantir o direito de não sofrer sentenças injustas e viciadas.

e) Ação sui generis: não há parte contrária, mas somente o autor, questionando um erro judiciário que a vitimou[9].

10. Fundamento: a revisão criminal serve para desconstituir o trânsito em julgado em casos excepcionais previstos em lei no sentido de fazer prevalecer justiça sobre a certeza do direito:

a) como observa Gianpaolo P. Smanio[10]: "A coisa julgada no processo penal deve ceder aos imperativos da justiça, prevalecendo a vontade real e não a verdade formal";

b) como observa Ada P. Grinover e outros[11]: "Só em casos excepcionais, taxativamente elencados pelo legislador, prevê o ordenamento jurídico a possibilidade de desconstituir-se a coisa julgada por intermédio da revisão criminal [...]. Isto ocorre quando a sentença se reveste de vícios extremamente graves, que aconselham a prevalência do valor 'justiça' sobre o valor 'certeza'";

c) Hidejalma Muccio[12]: "A necessidade de se buscar correção, a perfeição da decisão e a sua efetiva justiça, fez com que o Estado viesse a permitir a revisão de seus julgados".

11. Legitimidade ativa: réu ou procurador legalmente habilitado. No caso de morte do réu, a revisão pode ser movida pelo CADI (cônjuge, ascendente, descendente ou irmão). No conceito de cônjuge inclui-se o companheiro. Há uma ordem preferencial, de forma que o abandono ou desistência da revisão criminal permite que haja o prosseguimento por qualquer das pessoas seguintes. Se o condenado morrer no curso

do processo revisional, o presidente do tribunal ou relator do processo nomeia curador, nos termos do art. 631 do CPP.

12. Legitimidade do réu sem advogado: há uma discussão doutrinária a respeito da constitucionalidade do art. 623 do CPP, quando prescreve que o réu pode pessoalmente propor revisão criminal:

a) uma corrente sustenta ser o art. 623 do CPP inconstitucional, pois viola o art. 133 da Constituição Federal, que prescreve ser o advogado indispensável à administração da justiça;

b) outra corrente sustenta que o art. 623 do CPP não é inconstitucional, pois como é uma ação que visa dar plenitude de defesa, restaurando a dignidade do condenado, é permitida a propositura direta, sem advogado.

13. Legitimidade do procurador legalmente habilitado: é advogado inscrito nos quadros da OAB; não são exigidos poderes especiais.

14. Legitimidade do Ministério Público: há dois posicionamentos:

a) o primeiro sustenta que pode ajuizar revisão criminal, pois é órgão incumbido de fiscalizar a lei e defender os interesses da sociedade;

b) o segundo sustenta que não pode ajuizar revisão criminal, pois não foi legitimado pela lei, nos termos do art. 623 do CPP.

15. Prazo: qualquer tempo, após o trânsito em julgado, nos termos do art. 622 do CPP; não importa se o réu já cumpriu pena, se houve extinção da punibilidade ou se o réu faleceu.

16. Após extinção da pena: é possível revisão criminal, pois o objetivo é a restauração da dignidade humana.

17. Decisão do Tribunal do júri: há dois posicionamentos:

a) é possível, em nome da ampla defesa; não há ofensa à soberania dos veredictos, pois trata-se de um favor da liberdade do réu; quem adota esse posicionamento diverge no órgão competente para julgamento da revisão criminal: (1) tribunal de segundo grau é competente para juízo rescindente e rescisório; (2) o tribunal de segundo grau só é competente para o juízo rescindente;

b) não é possível, pois ofende a soberania dos veredictos.

18. Cabimento:

a) Quando a sentença condenatória for contrária a texto expresso da lei: incompatibilidade à lei processual ou material; não fundamentada com base na lei; não abrange aplicação de lei posterior mais benigna (nesse caso, o competente é o juiz das execuções penais); não cabe quando a decisão rescindenda se tiver baseado em texto legal de interpretação controvertida nos tribunais.

b) Quando a sentença condenatória for contrária à evidência dos autos: só indícios, sem consistência, sem provas idôneas.

c) Quando a sentença condenatória se fundar em provas comprovadamente falsas: a prova da falsidade deve ser colhida em outro processo, mas não pode ser colhida no da revisão.

d) Quando surgirem novas provas de circunstância que autorize a diminuição da pena: são atenuantes ou causas de diminuição de pena.

e) Quando surgirem novas provas de inocência do condenado: produzida no contraditório ou desconhecida na época da sentença.

19. Não cabimento: (a) para modificar fundamento da absolvição; (b) se ocorrer extinção da punibilidade antes da sentença; (c) sentença condenatória estrangeira, ainda que homologada.

20. Reiteração de pedido: é possível, desde que haja novas provas.

21. Pode-se na revisão aplicar lei penal benéfica? Não, em face da Súmula n. 611 do STF e do art. 66, inciso I, da LEP.

22. Recolhimento à prisão: o condenado não é obrigado a recolher-se à prisão, nos termos da Súmula n. 393 do STF.

23. Competência: a revisão criminal é ação de competência originária de tribunal, de forma que não é possível a revisão ser julgada por juiz de primeira instância. As regras de competência na revisão variam conforme o lugar em que foi proferida a sentença transitada em julgado: (a) se a sentença for proferida em primeira instância, será competente o tribunal que seria competente para análise do eventual recurso; (b) se não for proferida em primeira instância, será competente o tribunal que proferiu o acórdão em ação penal originária ou em recurso. O candidato deve grifar e observar os seguintes dispositivos:

STF: 102, I, j: compete ao STF processar e julgar a revisão criminal de seus julgados.

STJ: 105, I, e: compete ao STJ processar e julgar a revisão criminal de seus julgados.

TRF: 108, I, b: compete ao TRF processar e julgar a revisão criminal de julgados seus ou dos juízes federais da região.

TJ: em caráter residual, compete ao TJ processar e julgar a revisão criminal de seus julgados ou dos juízes estaduais.

Justiça Eleitoral e Militar: compete processar e julgar a revisão criminal de seus julgados.

Órgão interno competente: depende do Regimento Interno e da lei de organização judiciária.

24. Efeitos: (a) a decisão na revisão criminal de um corréu pode beneficiar os demais, desde que não fundada em condições pessoais; (b) se houver absolvição, ocorre o restabelecimento de todos os direitos perdidos em face da condenação, nos

termos do art. 627 do CPP; (c) não pode ser agravada a pena imposta pela decisão revista; (d) a revisão não tem efeito suspensivo.

25. Processamento: (a) apresentação da petição ao presidente do tribunal competente; (b) análise do presidente; (c) distribuição do relator; (d) apensamento aos autos (se não advier dificuldade para a execução da sentença); (e) parecer do MP em dez dias; (f) autos voltam para o relator dar o relatório em dez dias; (g) autos vão para o revisor: revisão e marcação da data para julgamento; (h) julgamento: alteração na classificação do delito, absolvição do acusado, modificação da pena ou anulação do processo.

26. Indeferimento liminar: cabe o recurso inominado do art. 625, §§ 3º e 4º, do CPP.

27. Normas complementares do processamento: podem ser previstas nos regimentos internos.

28. Julgamento: a revisão criminal pode ser julgada:

a) improcedente: são cabíveis recurso extraordinário e especial, embargos de declaração e os infringentes/nulidades (quando for decisão não unânime e desfavorável proferida no STF);

b) procedente: o tribunal pode:

absolver: manda colocar o réu em liberdade, nos termos do art. 629 do CPP; haverá o restabelecimento de todos os direitos perdidos em virtude da condenação, devendo o tribunal, se for o caso, impor a medida de segurança cabível, nos termos do art. 627 do CPP:

diminuir a pena;

alterar a classificação do delito;

anular o processo.

29. Indenização por erro judiciário: quando houver erro judiciário, a parte prejudicada pode pedir indenização visando à reparação dos seus prejuízos. Tal pedido pode ser feito em sede de revisão criminal ou em processo à parte. A responsabilidade do Estado diante de erro judiciário é objetiva e independe da titularidade da ação penal.

30. Confronto

a) Revisão criminal e ação rescisória

Itens	Revisão criminal	Ação rescisória
Prazo	Não tem; pode ser proposta a qualquer tempo.	Prazo de dois anos.
Legitimidade ativa	Privativa da defesa.	Qualquer das partes ou por terceiros

		juridicamente interessados.

31. Revisão pro societate: não é possível.

32. Reformatio in pejus indireta: quando o tribunal anular a decisão não pode impor outra prejudicial ao sentenciado.

33. Recursos: embargos de declaração, recurso especial, recurso extraordinário e agravo regimental.

34. Ônus da prova: cabe ao sentenciado demonstrar a existência de vício grave na decisão transitada em julgado.

35. Deserção: não há deserção com a fuga do condenado após a propositura do pedido.

36. Acórdão na revisão criminal: após o trânsito em julgado do acórdão, a certidão do julgamento do tribunal deve ser juntada aos autos para execução pelo juiz da execução penal.

37. Estrutura da peça prática

a) Endereçamento: ação de competência originária de tribunal, conforme as regras no item 23.

b) Preâmbulo: (a) nome e qualificação do requerente (precisa qualificar, pois é peça de competência originária); (b) capacidade postulatória; (c) fundamento legal; (d) nome da peça; (e) inconformismo com a sentença; (f) trânsito em julgado; (g) frase final.

c) Dos fatos: narrar a infração penal praticada, sem inventar dados, e o andamento processual até o momento do pedido da revisão criminal.

d) Do direito: comprovar uma das hipóteses do art. 621 do CPP.

e) Do pedido: (a) alteração na classificação do delito; (b) absolvição; (c) modificação da pena; (d) anulação do processo.

f) Parte final: termos em que pede deferimento; data e indicação da OAB.

g) Terminologia: (a) verbo do pedido: requerer; (b) interessado no pedido: peticionário ou revisionando.

Procedimento da revisão criminal

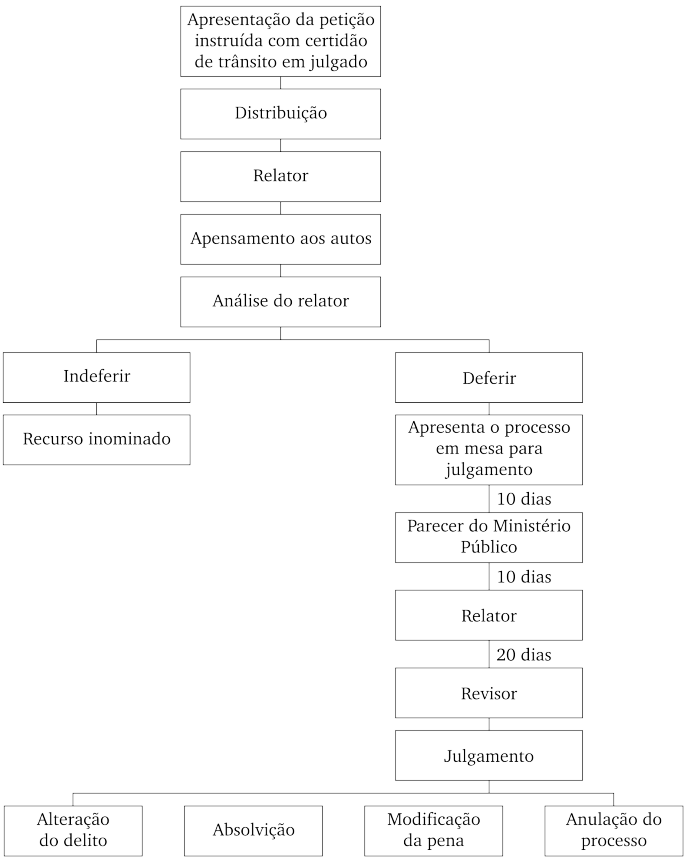

MODELO DE REVISÃO CRIMINAL

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR DESEMBARGADOR PRESIDENTE DO EGRÉGIO TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE _____

ou

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR DESEMBARGADOR FEDERAL PRESIDENTE DO EGRÉGIO TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA ___ REGIÃO

ou

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR MINISTRO PRESIDENTE DO COLENDO SUPERIOR TRIBUNAL DE JUSTIÇA (quando a condenação tiver sido proferida pelo STJ)

ou

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR MINISTRO PRESIDENTE DO COLENDO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL (quando a condenação tiver sido proferida pelo STF)

(10 linhas)

_____ (nome), _____ (nacionalidade), _____ (estado civil), _____ (profissão), residente e domiciliado _____ (endereço), vem, por seu advogado infra-assinado (doc. 1), à presença de Vossa Excelência, não se conformando com a respeitável sentença, já transitada em julgado (certidão anexa – doc. 2), de fls. que _____ (especificar o conteúdo da decisão), com fundamento nos artigos 621 e seguintes do Código de Processo Penal, apresentar REVISÃO CRIMINAL pelos motivos de fato e de direito a seguir aduzidos:

(2 linhas)

DOS FATOS

* Narrar os acontecimentos, sem inventar dados ou copiar o problema. Colocar o andamento processual.

(2 linhas)

DO DIREITO

☐ apontar a tese;

☐ justificar a tese;

☐ doutrina;

☐ jurisprudência;

☐ conclusão.

(2 linhas)

DO PEDIDO

a) Parte comum

Diante do exposto, vem requerer seja acolhido o presente pedido revisional, decretando-se _____, como medida de inteira justiça.

b) Parte diferencial: varia conforme o art. 626 do CPP.

☐ decretando-se a alteração na classificação da infração para o crime de _____.

☐ decretando-se a absolvição do revisionando...

☐ decretando-se a modificação da pena imposta ao revisionando...

☐ decretando-se a anulação do processo...

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

CASO PRÁTICO

"A", depois de regularmente processado, foi condenado pela prática de aborto em "B", e por isso acha-se preso com sentença já confirmada em segunda instância. Examinados os autos, verifica-se que inexiste exame de corpo de delito direto ou indireto, tendo as decisões judiciais se valido da confissão de "B" para justificar a sanção penal. Elaborar a peça profissional apta a resolver a situação de "A".

1. Rascunho da peça

a) infração penal: art. 124 do Código Penal;

b) ação penal: pública incondicionada;

c) pena concreta: não tem;

d) pena abstrata: detenção de um a três meses;

e) rito processual: júri;

f) momento processual: trânsito em julgado; a dica é a frase "com sentença já confirmada em segunda instância";

g) cliente: "B";

h) situação prisional: preso;

i) tese: nulidade, pela falta de laudo pericial; a confissão da suposta gestante não supre o exame de corpo de delito;

j) peça: revisão criminal; cabe também habeas corpus;

k) competência: tribunal de justiça;

l) pedido: acolhimento do pedido revisional, decretando a anulação do processo para que o requerente seja absolvido.

2. Peça prática

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR DESEMBARGADOR PRESIDENTE DO EGRÉGIO TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO

(10 linhas)

_____ (nome), _____ (nacionalidade), _____ (estado civil), _____ (profissão), residente e domiciliado _____ (endereço), vem, por seu advogado infra-assinado (doc. 1), à presença de Vossa Excelência, não se conformando com a respeitável sentença condenatória, já transitada em julgado (certidão anexa – doc. 2), de fls., com fundamento nos artigos 621 e seguintes do Código de Processo Penal, apresentar REVISÃO CRIMINAL pelos motivos de fato e de direito a seguir aduzidos:

(2 linhas)

DOS FATOS

"A" foi denunciado pela prática de crime de aborto. A denúncia foi recebida (fls.). O réu foi citado (fls.). A resposta à acusação foi apresentada no prazo legal (fls.).

Não foi decretada absolvição sumária (fls.). Na audiência de instrução e julgamento foram realizados os atos processuais (fls.). As alegações finais foram apresentadas (fls.). A sentença condenatória foi proferida (fls.).

O peticionário acha-se preso com sentença já confirmada em segunda instância (fls.).

(2 linhas)

DO DIREITO

No caso em tela, resta evidente a ocorrência de uma nulidade absoluta, já que não houve exame de corpo de delito para verificação do crime de aborto, exigido pela lei, nos termos do art. 158 combinado com o art. 564, inciso III, b, ambos do Código de Processo Penal.

O crime de aborto é um dos crimes previstos na legislação penal que deixa vestígios materiais, ou seja, sinais aparentes de sua prática, uma vez que se pode visualizar o feto sendo expulso e morto.

O art. 158 do Código Penal prescreve que quando a infração deixar vestígios é indispensável o exame de corpo de delito, para verificação da prova da existência do crime. E o Código erige em nulidade insanável a falta de exame de corpo de delito nos crimes que deixam vestígios, ressalvado, contudo, o suprimento pela prova testemunhal (art. 564, III, b, do CPP).

No presente caso, apesar de o crime ter deixado vestígios, não houve exame de corpo de delito, meio eficaz para esclarecimento dos fatos e busca da verdade.

A confissão do peticionário não é meio idôneo para substituir o exame de corpo de delito, pois de forma isolada revela-se frágil e não apta a comprovar a existência das infrações que deixam vestígios materiais.

Outrossim, a não comprovação da existência do crime, mais do que problema de nulidade, representa falta de prova destinada a comprovar a materialidade do crime e que interfere na decisão do processo.

O objeto da prova, ou seja, a materialidade, não foi comprovada, de modo que não há elementos suficientes para formar o convencimento judicial de reconhecimento de uma condenação. Embora com indícios da ocorrência do ilícito se tenha instaurado a ação penal, não ficou comprovada cumpridamente sua materialidade.

Diante da falta de exame de corpo de delito não há certeza necessária para que o juiz declare a existência da responsabilidade criminal e imponha sanção a determinada pessoa. Deve, portanto, absolver o acusado, pois não há prova da

existência do fato.

(2 linhas)

DO PEDIDO

Diante do exposto, vem requerer seja acolhido o presente pedido revisional, decretando-se a anulação do processo para que o requerente seja absolvido, como medida de inteira justiça.

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

1 MORAES, Alexandre de. Direito constitucional. São Paulo: Atlas, 2004. p. 143.

2 FERREIRA FILHO, Manoel Gonçalves. Curso de direito constitucional. São Paulo: Saraiva, 2003. p. 314.

3 MIRABETE, Julio Fabbrini. Processo penal. São Paulo: Atlas, 2002. p. 712.

4 GRINOVER, Ada Pellegrini; GOMES FILHO, Antonio Magalhães; FERNANDES, Antonio Scarance. Recurso no processo penal. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1998. p. 381.

5 MEIRELLES, Hely Lopes. Mandado de segurança e ação popular. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1995. p. 15.

6 MORAES, Alexandre de. Direito constitucional. São Paulo: Atlas, 2004. p. 164.

7 GRECO, Vicente. Tutela jurisdicional das liberdades. São Paulo: Saraiva, 1989. p. 162.

8 GRINOVER, Ada Pellegrini; GOMES FILHO, Antonio Magalhães; FERNANDES, Antonio Scarance. Recursos no processo penal. São Paulo: Revista dos Tribunais. 1998. p. 324.

9 NUCCI, Guilherme. Código de Processo Penal comentado. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2004. p. 920.

10 SMANIO, Gianpaolo Poggio. Processo penal. São Paulo: Atlas, 2005. p. 142.

11 GRINOVER, Ada Pellegrini; GOMES FILHO, Antonio Magalhães; FERNANDES, Antonio Scarance. Recursos no processo penal. São Paulo: Revista dos Tribunais. 1998. p. 305.

12 MUCCIO, Hidejalma. Prática de processo penal: teoria e prática. São Paulo: HM, 2005. p. 954.

11

Peças da Execução Criminal

Visão Geral na Execução Penal

A Execução Penal é uma das fases da persecução penal que visa efetivar as disposições criminais contidas na decisão condenatória, ou seja, tornar concreta a sanção aplicada pelo juiz na sentença, além de possibilitar a reintegração harmônica do condenado ao meio social. A Execução Penal está regulada na Lei n. 7.210/84 e é aplicada tanto ao preso provisório como ao definitivo.

MODELO BÁSICO DE PETIÇÃO DE BENEFÍCIO OU INCIDENTE NA EXECUÇÃO PENAL (MODELO GENÉRICO)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA ___ VARA DAS EXECUÇÕES CRIMINAIS DA COMARCA DE _____ (se for competência estadual)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ FEDERAL DA ___ VARA DAS EXECUÇÕES CRIMINAIS DA SEÇÃO JUDICIÁRIA DE _____ (se for competência federal)

* O endereçamento é sempre para o Juiz da Vara das Execuções Criminais. O candidato deve verificar apenas se é competência federal ou estadual. Não usar abreviaturas. Após o endereçamento, o candidato deve dar um espaçamento de 10 linhas.

Nome do requerente, já qualificado nos autos do processo-crime em epígrafe, vem, por seu advogado infra-assinado, à presença de Vossa Excelência, com fundamento nos artigos _____, requerer o/a _____ (nome do benefício), pelos motivos de fato e de direito a seguir aduzidos:

DOS FATOS

* O candidato deve indicar o tópico DOS FATOS, narrar o andamento processual e os fatos, sem inventar dados.

DO DIREITO

* O candidato deve indicar o tópico DO DIREITO, demonstrando os requisitos necessários para obtenção do benefício da execução penal. Deve concluir afirmando que a presença dos requisitos legais gera direito subjetivo para o requerente.

DO PEDIDO

* O candidato deve indicar o tópico DO PEDIDO, realçando a necessidade da oitiva do Ministério Público antes da concessão do benefício. Não esquecer que o pedido deve ser completo, inclusive com fundamentação legal.

PARTE FINAL

Termos em que, pede deferimento.

Cidade, _____.

_____. OAB – sob n. _____

1 Livramento condicional

1. Conceito: é a concessão provisória e antecipada da liberdade do condenado, mediante o preenchimento de requisitos previstos em lei. Como afirma Heleno Cláudio Fragoso[1], o livramento condicional implica uma renúncia condicionada e revogável do Estado à execução da pena.

2. Finalidade: (a) reduzir o tempo de prisão, mediante preenchimento de requisitos e aceitação de certas condições; (b) antecipar provisoriamente a liberdade com condições estabelecidas e fiscalização constante; (c) readaptar o condenado ao convívio social.

3. Características: (a) medida penal; (b) instituto de política criminal; (c) direito subjetivo de liberdade, desde que preenchidos os requisitos legais; (d) medida administrativa, pois durante o período do livramento o condenado é observado pelos sujeitos da execução penal; (e) benefício do condenado; (f) forma de execução da pena: é a última fase do cumprimento da pena, qual seja, a liberdade condicional; (g) medida jurisdicional, pois é concedida pelo juiz da execução penal do lugar onde o beneficiário cumpre a pena; (h) incidente na execução da pena.

4. Requisitos

4.1 Objetivos: são os relacionados com a pena e a reparação do dano:
a) tipo de pena: privativa de liberdade;
b) quantidade da pena: igual ou superior a dois anos;
c) tempo de cumprimento da pena:

Situação	Tempo	Tipo
Não reincidente em crime doloso + bons antecedentes.	1/3.	Especial.
Reincidente em crime doloso.	1/2.	Ordinário.
Crimes hediondos.	2/3, salvo reincidente específico.	Qualificado.
Não reincidente em crime doloso + maus antecedentes.	1/3 ou 1/2.	Verificar a posição mais favorável ao seu cliente na OAB.

No caso de condenado por associação ao tráfico: caso não seja reincidente específico, deve cumprir 2/3 da pena para fazer jus ao livramento condicional, nos termos do art. 44, parágrafo único da Lei n. 11.343/2006, nos termos do Informativo 568 do STJ.

Na definição do requisito objetivo para a concessão de livramento condicional, a condição de reincidente em crime doloso deve incidir sobre a somatória das penas impostas ao condenado, ainda que a agravante da reincidência não tenha sido reconhecida pelo juízo sentenciante em algumas das condenações, nos termos do Informativo 561 do STJ.

d) reparação do dano: salvo impossibilidade em face da precária situação econômica.

4.2 Subjetivos: dizem respeito à pessoa do condenado.

a) comportamento satisfatório durante a execução da pena: o comportamento do condenado deve ser resultado de um conjunto de fatores, como o número e o tipo das faltas disciplinares, o caráter e a personalidade e suas relações com os demais presos e com os funcionários; a avaliação da satisfatoriedade do comportamento do executado não pode ser limitada a um período absoluto e curto de tempo; a mudança de endereço sem autorização judicial durante o curso do livramento condicional, em descumprimento a uma das condições impostas na decisão que concedeu o benefício, não configura, por si só, falta disciplinar de natureza grave, nos termos do informativo 562 do STJ;

b) bom desempenho no trabalho que lhe foi atribuído, salvo no estabelecimento em que não há possibilidade de trabalho. Guilherme Nucci[2] diz que na demonstração desse requisito é necessário parecer da comissão técnica de classificação;

c) aptidão para prover à própria subsistência mediante trabalho honesto: deve ser demonstrado se o sentenciado tem condições de retornar ao convívio social para exercer atividade útil e honesta; não é exigida proposta de emprego.

4.3 Requisitos específicos

a) nos crimes dolosos cometidos com violência ou grave ameaça, precisa da cessação da periculosidade, ou seja, a quase certeza de que o sentenciado não mais voltará a delinquir quando retornar ao convívio social. Alguns doutrinadores, para demonstração desse requisito, afirmam ser necessário o exame criminológico;

b) nos crimes previstos na Lei n. 8.072/90, não ser reincidente específico. Há três posicionamentos sobre o conceito de reincidente específico (na OAB, adote o mais favorável ao cliente): (1) é praticar outro crime hediondo; (2) é praticar outro crime que viole o mesmo bem jurídico; (3) é praticar o mesmo tipo penal.

5. Habeas corpus: em caráter excepcional, só é cabível na concessão do livramento condicional quando preenchidos dois requisitos: (a) manifesta ilegalidade; (b) não necessidade de exame aprofundado de provas.

6. Estrangeiro: (1) residente no país: pode obter livramento condicional, desde que sejam preenchidos os seguintes requisitos: (a) visto permanente no Brasil; (b) endereço fixo; (c) certidão de não expulsão; (2) permanência irregular ou visto temporário: não pode obter livramento condicional, pois não preenche condição do livramento, qual seja, exercer atividade honesta e remunerada; (3) submetido a processo de expulsão: há dois posicionamentos: (a) não pode obter o livramento condicional, pois poderia propiciar ao condenado liberdade de permanência e circulação no país capaz de frustrar a medida expulsória (TACRIM-SP, RA 455.459 – Rel. Augusto César); (b) é possível a concessão de livramento condicional ao estrangeiro submetido a processo de expulsão, nos termos do art. 67 da Lei n. 6.815/80.

7. Livramento condicional cautelar: na OAB, o candidato deve adotar o seguinte posicionamento:

a) se estiver pela vítima do crime: não é possível, por falta de previsão legal, por violação ao devido processo legal e por representar julgamento extra petita;

b) se estiver pelo infrator: é possível, pois o juiz tem o poder geral de cautela, nos termos do art. 66, inciso VI, da LEP.

8. Crime hediondo: é possível conceder livramento condicional ao condenado por

crime hediondo ou equiparado, salvo se for reincidente específico. A concessão do benefício é compatível com a regra do cumprimento integral em regime fechado, pois o livramento não é regime de cumprimento de pena, mas forma de antecipar a liberdade.

9. Duração ou período de prova: é o tempo restante da pena a ser cumprida.

10. Egresso: terminologia usada para o beneficiado do livramento condicional no período de prova.

11. Soma das penas: é possível para efeito de livramento condicional, mesmo que tenham sido aplicadas em processos distintos.

12. Insubsistente: o condenado foge do presídio após concessão do livramento e antes da cerimônia (art. 137 da LEP).

13. Revogação do livramento condicional

13.1 Requisito da revogação: é necessário antes de a revogação ouvir o sentenciado liberado para garantir seu direito de defesa.

13.2 Revogação obrigatória: é a que decorre da lei. São as hipóteses:

a) condenação irrecorrível a pena privativa de liberdade por crime praticado antes do benefício;

b) condenação irrecorrível a pena privativa de liberdade por crime praticado durante o benefício.

13.3 Revogação facultativa: é a que decorre do prudente critério do juiz. São as seguintes hipóteses:

a) condenação irrecorrível, por crime ou contravenção, a pena não privativa de liberdade;

b) descumprimento das condições impostas (o juiz pode optar entre revogar, advertir ou condicionar).

13.4 Efeito da revogação

a) condenação irrecorrível por crime praticado durante o livramento condicional: impossibilidade de concessão do livramento em relação à mesma pena e não cômputo do tempo de liberdade como pena cumprida;

b) condenação irrecorrível por crime praticado antes do livramento condicional: possibilidade de concessão de livramento em relação à mesma pena, soma das penas para obtenção do benefício e cômputo do tempo de liberdade como pena cumprida;

c) descumprimento das condições impostas na sentença ou condenação por contravenção penal: impossibilidade de concessão do livramento em relação à mesma pena e não cômputo do tempo de liberdade como pena cumprida.

14. Condições do livramento condicional

14.1 Competência na fixação: juiz da execução.

14.2 Características: (a) alterabilidade: as condições judiciais podem ser modificadas, nos termos do art. 144 da LEP; (b) bilateralidade: necessidade de aceitação das condições impostas, sob pena de tornar sem efeito o livramento, devendo a pena ser cumprida.

14.3 Obrigatórias

a) obter ocupação lícita, em tempo razoável, se for apto para o trabalho: conforme observa Cezar R. Bitencourt[3], as entidades assistenciais deverão prestar apoio ao egresso na difícil tarefa de conseguir trabalho honesto; a eventual deficiência física do apenado não impedirá a obtenção do

livramento condicional;

b) comunicar ao juiz, periodicamente, sua ocupação;

c) não mudar de comarca sem autorização judicial: se for autorizado, deve ser remetida cópia da sentença do livramento ao Juízo do lugar para onde ele se houver transferido e à autoridade incumbida da observação cautelar e de proteção, nos termos do art. 133 da LEP.

14.4 Facultativas (dentre outras que o juiz pode fixar)

a) não mudar de residência sem comunicação ao juiz e à autoridade incumbida da observação cautelar e de proteção: tal condição se refere à mudança de residência dentro da mesma comarca;

b) recolher-se à habitação em hora fixada;

c) não frequentar determinados lugares.

15. Requisito formal: há necessidade de manifestação do Ministério Público e do defensor antes do deferimento do livramento condicional, nos termos do art. 112, § 2º, da LEP.

16. Extinção da pena: se após o término do período de prova não tiver ocorrido revogação.

17. Iniciativa: ofício, requerimento do interessado, Ministério Público ou representação do Conselho Penitenciário.

18. Declaração: juiz, por sentença declaratória.

19. Crime cometido na vigência: prorroga o período de prova até o trânsito em julgado da decisão: (a) decisão condenatória: revogação; (b) decisão absolutória: juiz declara a extinção.

20. Crime cometido antes da vigência: o juiz deve decretar a extinção da pena, não havendo prorrogação.

21. Procedimento: (a) apresentação do requerimento; (b) oitiva do diretor do estabelecimento penitenciário, do Ministério Público e do defensor; (c) relatório minucioso do diretor do estabelecimento penal, nos moldes do art. 714 do CPP; (d) deferido o livramento, serão impostas condições e expedida a carta de livramento; (e) cerimônia do livramento: leitura da sentença, explicação das condições e causas de revogação; (f) início do período de prova: o liberado fica sob vigilância; (g) audiência admonitória presidida pelo Conselho Penitenciário ou designação judicial: (1) se aceitar: recebe caderneta com identificação e condições; (2) se não aceitar: sem efeito.

22. Confronto

Itens	Sursis	Livramento condicional
Cumprimento da pena	Não tem.	Tem.
Início do período de prova	Audiência admonitória.	Cerimônia.
Período de prova	Dois a quatro anos.	Restante da pena.
Concessão	Juiz na sentença.	Juiz da execução.

Recurso	Apelação.	Agravo em execução.

23. Necessidade de parecer do Conselho Penitenciário: há dois posicionamentos:

a) é necessário, pois: (1) não é possível afastar o conselho de decisão de antecipação provisória da liberdade, como entidade fiscalizadora e colaboradora da execução penal; (2) há previsão expressa da necessidade do parecer no art. 131 da LEP, que, inclusive, é específico sobre livramento condicional;

b) não é necessário parecer do Conselho Penitenciário, nos termos do art. 70 da LEP.

POSIÇÃO NA OAB

Como é difícil saber a posição de cada examinador da prova da OAB, recomendamos que o candidato, no pedido da peça do livramento condicional, em relação ao parecer do Conselho Penitenciário, justifique o seu ponto de vista após a parte final da peça, conforme exemplos abaixo:

Justificativa

a) se o candidato colocar o parecer, apresentar a seguinte justificativa: a colocação da necessidade do parecer do Conselho foi feita tendo em vista o art. 131 da Lei de Execução Penal, que exige para o livramento condicional, além dos requisitos do art. 83 do Código Penal, a oitiva do Ministério Público e do Conselho Penitenciário;

b) se o candidato não colocar o parecer, apresentar a seguinte justificativa: a não colocação da necessidade do parecer do Conselho foi feita tendo em vista o art. 70, inciso I, da LEP, que dispensa o Conselho de emitir manifestação antes do deferimento do livramento condicional, restringindo-se suas intervenções aos pedidos de indulto e comutação de pena, à exceção daqueles indultos com base no estado de saúde do apenado.

24. Relação com detração penal: a pena remida pelo trabalho é considerada para efeitos do livramento, nos termos do art. 128 da LEP.

25. Falta Grave: não interrompe o prazo para obtenção de livramento condicional, nos termos da Súmula 441 do STF.

26. Livramento Condicional e Remição: cometimento de crime durante o período de prova do livramento condicional não implica a perda dos dias remidos, nos termos do Informativo 539 do STJ.

25. Estrutura da peça prática

a) Endereçamento: juiz da execução federal ou estadual, nos termos do art. 66, inciso III, e, da LEP.

b) Preâmbulo: (a) nome e qualificação do requerente (não precisa qualificar, pois não é peça inicial); (b) capacidade postulatória; (c) fundamento legal; (d) nome da peça; (e) frase final.

c) Dos fatos: narrar a infração penal praticada, sem inventar dados, e o andamento processual até o momento do pedido do livramento condicional.

d) Do direito: comprovar a presença dos requisitos para a concessão do livramento condicional.

e) Do pedido: concessão do livramento condicional e expedição do alvará de soltura.

f) Parte final: termos em que, pede deferimento; data e indicação da OAB.

g) Terminologia: (1) verbo do pedido: requerer; (2) interessado no pedido: requerente.

Fluxograma do pedido de livramento condicional

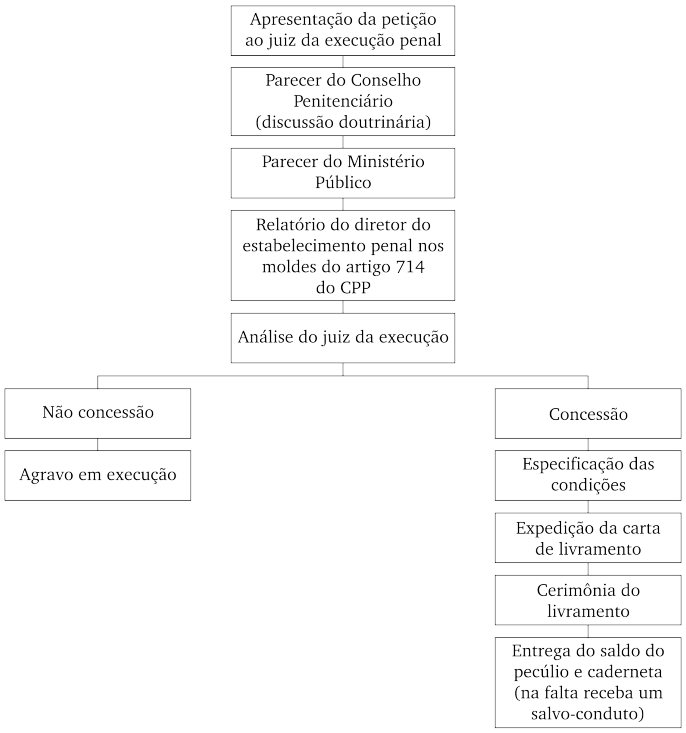

MODELO DE LIVRAMENTO CONDICIONAL

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ FEDERAL DA ____ VARA DAS EXECUÇÕES CRIMINAIS DA _____ (se for matéria federal)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA ____ VARA DAS EXECUÇÕES CRIMINAIS DA _____ (se for matéria ESTADUAL)

(10 linhas)

_____ (nome), já qualificado nos autos do processo-crime em epígrafe, vem, por seu advogado infra-assinado, à presença de Vossa Excelência, com fundamento nos artigos 83 e seguintes do Código Penal combinado com o artigo 66 _____ e com os artigos 131 e seguintes da Lei de Execução Penal, requerer LIVRAMENTO CONDICIONAL, pelos motivos de fato e de direito a seguir aduzidos:

(2 linhas)

DOS FATOS

* Narrar os acontecimentos, sem inventar dados ou copiar o problema.

(2 linhas)

DO DIREITO

* Demonstrar os requisitos para concessão do livramento condicional.

O requerente foi condenado à pena _____, pela prática _____ (infração), tendo a respeitável sentença transitado em julgado (doc. 1).

As certidões criminais (doc. 2) comprovam ser o requerente _____.

O requerente já cumpriu _____ da pena imposta pelo Estado (doc. 3).

Segundo declaração do diretor do presídio, o requerente sempre demonstrou bom comportamento carcerário e aptidão para prover a própria subsistência _____ (doc. 4).

Finalmente, preenchidos os requisitos objetivos e subjetivos do livramento condicional, deve ser concedido ao condenado seu direito subjetivo da antecipação provisória da liberdade.

(2 linhas)

DO PEDIDO

Diante do exposto, requer, após ouvido o Conselho Penitenciário e parecer do Digno Representante do Ministério Público, a concessão do LIVRAMENTO CONDICIONAL, com a expedição da respectiva carteira e do alvará de soltura, como medida de inteira justiça.

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

Justificativa

a) Se o candidato colocar o parecer, apresentar a seguinte justificativa: a colocação da necessidade do parecer do Conselho foi feita tendo em vista o art. 131 da Lei de Execução Penal, que exige para o livramento condicional, além dos requisitos do art. 83 do Código Penal, a oitiva do Ministério Público e do Conselho Penitenciário.

b) Se o candidato não colocar o parecer, apresentar a seguinte justificativa: a não colocação da necessidade do parecer do Conselho foi feita tendo em vista a Lei de Execução Penal, art. 70, inciso I, que dispensa o Conselho de emitir manifestação antes do deferimento do livramento condicional, restringindo-se suas intervenções aos pedidos de indulto e comutação de pena, à exceção daqueles indultos com base no estado de saúde do apenado.

CASO PRÁTICO

"A" foi condenado à pena de cinco anos de reclusão, por violação ao art. 33 da Lei n. 11.343/2006. A sentença já transitou em julgado. "A" está recolhido na Casa de Detenção há exatamente dois anos. É primário e não possui nenhum outro processo em andamento. Tem bom comportamento carcerário e já conta com proposta de emprego para quando estiver em liberdade. Questão: Adotar medida que possibilite a libertação de "A".

1. Rascunho da peça

a) infração penal: art. 33 da Lei n. 11.343/06;

b) ação penal: pública incondicionada;

c) pena concreta: 5 anos de reclusão;

d) pena abstrata: reclusão de 5 (cinco) a 15 (quinze) anos e pagamento de 500 (quinhentos) a 1.500 (mil e quinhentos) dias-multa;

e) rito processual: especial, previsto na Lei n. 11.343/2006;

f) momento processual: execução penal, pois está recolhido na Casa de Detenção;

g) cliente: "A";

h) situação prisional: preso;

i) tese: livramento condicional é um direito subjetivo de "A", em razão do preenchimento dos requisitos subjetivos e objetivos previstos em lei;

j) peça: livramento condicional;

k) competência: juiz da Vara das Execuções Criminais;

l) pedido: concessão do livramento condicional.

2. Peça prática

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA ___ VARA DAS EXECUÇÕES CRIMINAIS DE SÃO PAULO

(10 linhas)

"A", já qualificado nos autos do processo-crime em epígrafe, vem, por seu advogado infra-assinado, à presença de Vossa Excelência, com fundamento nos artigos 83 e seguintes do Código Penal, combinado com os artigos 66, inciso III, alínea e, e 131 e seguintes da Lei de Execução Penal, requerer LIVRAMENTO CONDICIONAL, pelos motivos de fato e de direito a seguir aduzidos:

(2 linhas)

DOS FATOS

"A" foi denunciado pela prática do tráfico ilícito de entorpecentes como incurso nas penas do art. 33 da Lei n. 11.343/2006.

A denúncia foi oferecida (fls.). O réu foi citado para comparecimento em audiência de instrução e julgamento (fls.). A denúncia foi recebida (fls.). Na audiência de instrução e julgamento, foram realizados os atos processuais, o réu foi interrogado (fls.), as testemunhas inquiridas (fls.), e as partes realizaram os debates orais (fls.).

O juiz proferiu sentença condenatória, sujeitando o réu a cumprir a pena de 5 anos de reclusão, por violação ao art. 33 da Lei n. 11.343/06 (fls.). A sentença transitou em julgado (fls.)

Transitada em julgado, foi expedida guia para recolhimento de "A", na Casa de Detenção (fls.). "A" está recolhido na Casa de Detenção, há exatamente dois anos (fls.).

(2 linhas)

DO DIREITO

O requerente foi condenado à pena de três anos de reclusão, pela prática do crime de tráfico ilícito de entorpecentes, tendo a respeitável sentença transitada em julgado (doc. 1).

As certidões criminais (doc. 2) comprovam ser o requerente primário, não possuindo nenhum outro processo em andamento.

O requerente já cumpriu dois anos da pena imposta pelo Estado (doc. 3), ou seja, mais da metade da pena, atendendo, dessa forma, o requisito objetivo do tempo da pena cumprida, nos termos do art. 83, inciso I, do Código Penal.

Segundo declaração do diretor do presídio, o requerente sempre demonstrou bom comportamento carcerário e aptidão para prover a própria subsistência, contando com proposta de emprego, para quando estiver em liberdade (doc. 4).

Finalmente, preenchidos os requisitos objetivos e subjetivos do livramento condicional, deve ser concedido ao condenado seu direito subjetivo da antecipação provisória da liberdade.

(2 linhas)

DO PEDIDO

Diante do exposto, requer, após ouvido o Conselho Penitenciário e parecer do Digno Representante do Ministério Público, a concessão do LIVRAMENTO CONDICIONAL, com a expedição da respectiva carteira e do alvará de soltura, como medida de inteira justiça.

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

Justificativa: a não colocação da necessidade do parecer do Conselho foi feita tendo em vista o art. 70, inciso I, da Lei de Execução Penal, que dispensa o Conselho de emitir manifestação antes do deferimento do livramento condicional, restringindo-se suas intervenções aos pedidos de indulto e comutação de pena, à exceção daqueles indultos com base no estado de saúde do apenado.

2 Reabilitação criminal

1. Finalidade: (a) restituir situação anterior à condenação; (b) restaurar dignidade social; (c) reintegrar no exercício dos direitos atingidos pela condenação; (d) estimular a regeneração.

2. Natureza: (a) causa suspensiva de alguns efeitos secundários da condenação e dos registros criminais; (b) direito do condenado que preencher os requisitos legais.

3. Pressuposto: sentença condenatória com trânsito em julgado cuja pena tenha sido executada ou esteja extinta.

4. Requisitos: (a) decurso de dois anos da extinção da pena ou da audiência admonitória; (b) bom comportamento público e privado durante esses dois anos; (c) domicílio no país durante esses dois anos; (d) reparação do dano, salvo impossibilidade absoluta ou renúncia comprovada da vítima.

5. Competência: juiz da condenação, mesmo que a condenação tiver sido proferida em tribunal, nos termos do art. 743 do CPP.

6. Reincidência: não apaga reabilitação.

7. Reabilitação em porções: não cabe reabilitação parcial, pois deve cumprir todas as penas e depois pedir reabilitação.

8. Legitimidade ativa: condenado, devidamente representado por advogado.

9. Morte do reabilitado: extingue o processo, não podendo a reabilitação ser requerida por herdeiros ou sucessores.

10. Atitudes do juiz diante do pedido de reabilitação: (a) concede: ocorrerá o sigilo sobre o processo e a condenação, e a suspensão dos efeitos extrapenais específicos; (b) não concede: recurso cabível; pode ser requerida novamente, desde que haja novos elementos.

11. Documentação: nas certidões criminais não aparecerá registro do processo e da condenação, salvo em caso de requisições judiciais.

12. Revogação

12.1 Motivo: quando o reabilitado for condenado como reincidente, por decisão definitiva, a pena que não seja de multa.

12.2 Iniciativa: de ofício ou a requerimento do Ministério Público.

12.3 Requisito: (a) se for feito de ofício: oitiva das partes; (b) se for feito por requerimento do Ministério Público: oitiva do condenado.

12.4 Recurso: contra a decisão de revogação da reabilitação cabe apelação.

12.5 Efeitos: uma vez revogada a reabilitação, os efeitos extrapenais específicos suspensos voltam a ter eficácia.

13. Efeitos

13.1 Sigilo do processo e condenação do reabilitado: não mais constarão registros criminais em certidões criminais ou folhas de antecedentes; a doutrina critica esse efeito, em face do art. 202 da LEP, que dispõe que o sigilo é automático.

13.2 Suspensão dos efeitos extrapenais específicos que constam no art. 92 do Código Penal: (a) incapacidade para o exercício do pátrio poder, tutela ou curatela: uma vez reabilitado, o agente não pode exercer a capacidade do pátrio poder, tutela ou curatela em relação ao filho, tutelado ou curatelado ofendido pelo crime; (b) perda do cargo, função ou mandato eletivo: uma vez reabilitado, não é possível reconduzir o reabilitado para o mesmo cargo; (c) inabilitação para dirigir veículo: uma vez reabilitado, será habilitado para dirigir veículo.

14. Prazo: dois anos após a extinção ou término da pena, computado nesse período o prazo do *sursis* ou do livramento condicional, se não houver revogação. O art. 743 do CPP foi revogado.

15. Prescrição: (a) pretensão punitiva: não permite a reabilitação; (b) pretensão executória: permite a reabilitação.

16. Processamento: (a) apresentação do pedido; (b) realização de diligências; (c) oitiva do Ministério Público; (d) decisão sobre o pedido de reabilitação.

17. Decisão sobre o pedido de reabilitação

17.1 Concessão: (a) recurso: apelação e recurso de ofício; (b) providência: comunicar ao Instituto de Identificação e Estatística ou repartição congênere, após sentença irrecorrível; (c) efeitos: (1) sigilo sobre o processo e condenação, salvo requisição judicial; (2) suspensão dos efeitos extrapenais específicos.

17.2 Não concessão: (a) recurso: apelação; (b) não gera efeitos do sigilo nem da suspensão dos

efeitos extrapenais específicos.

18. Documentos comprobatórios dos requisitos da reabilitação

18.1 Previsão legal: art. 744 do CPP;

18.2 Enumeração: (a) antecedentes: certidões comprobatórias de não ter o requerente respondido, nem estar respondendo, a processo penal, em qualquer das comarcas em que houver residido durante o prazo de dois anos; (b) bom comportamento: atestados de autoridades policiais, fornecidos por pessoas a cujo serviço tenha estado ou outros documentos que comprovam bom comportamento; (c) domicílio: documentos como atestados de residência ou declarações testemunhais; (d) reparação do dano: prova do ressarcimento ou da impossibilidade (não tem condições de ressarcir sem prejuízo da sua subsistência e de sua família).

19. Estrutura da peça prática

a) Endereçamento: juiz de direito ou federal da condenação.

b) Preâmbulo: (a) nome e qualificação do requerente (não precisa qualificar, pois não é peça inicial); (b) capacidade postulatória; (c) fundamento legal; (d) nome da peça; (e) frase final.

c) Dos fatos: narrar a infração penal praticada, sem inventar dados, e o andamento processual até o momento do pedido de reabilitação.

d) Do direito: comprovar os requisitos da reabilitação.

e) Do pedido: concessão da reabilitação.

f) Parte final: termos em que, pede deferimento; data e indicação da OAB.

g) Terminologia: (1) verbo do pedido: requerer; (2) interessado no pedido: requerente.

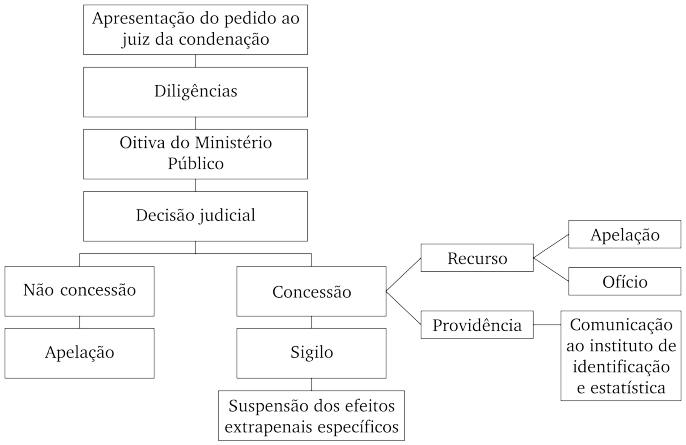

MODELO DE REABILITAÇÃO CRIMINAL

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA ___ VARA CRIMINAL DA COMARCA _____ (ESTADUAL)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ FEDERAL DA ___ VARA CRIMINAL DA SEÇÃO JUDICIÁRIA _____ (FEDERAL)

(10 linhas)

_____ (nome), já qualificado nos autos do processo-crime em epígrafe n. _____, vem, por seu advogado infra-assinado, à presença de Vossa Excelência, com fundamento nos artigos 93 e seguintes do Código Penal combinado com os artigos 743 e seguintes do Código de Processo Penal, requerer REABILITAÇÃO CRIMINAL, pelos motivos de fato e de direito a seguir aduzidos:

(2 linhas)

DOS FATOS

* Narrar os acontecimentos, sem inventar dados ou copiar o problema.

(2 linhas)

DO DIREITO

* Demonstrar os requisitos para concessão da reabilitação criminal.

Conforme a certidão do trânsito em julgado da respeitável sentença expedida por este Digno Juízo (doc. 2) e a certidão do término do cumprimento da pena (doc. 3), constata-se que a pena imposta ao requerente extinguiu-se há _____.

As certidões criminais (doc. 4) comprovam que, durante esse período, o requerente não respondeu nem se encontra respondendo a processo criminal.

Durante _____, contados do dia do término da execução da pena, o requerente manteve domicílio no país, conforme as contas de luz e escritura de sua casa (doc. 5), bem como mantém emprego fixo, conforme Carteira Profissional (doc. 6).

Segundo declarações, atestados e certidões anexas, o requerente sempre demonstrou bom comportamento público e privado (docs. 7 e 8).

Em relação ao dano causado pelo crime, o requerente realizou o seu ressarcimento integral, conforme documento público lavrado pela própria vítima (doc. 9).

Finalmente, preenchidos os requisitos objetivos e subjetivos da Reabilitação, deve ser esta concedida ao requerente.

(2 linhas)

DO PEDIDO

Diante do exposto, requer, após oitiva do Digno Representante do Ministério Público, a concessão da REABILITAÇÃO CRIMINAL, assegurando-se _____, como medida de inteira justiça.

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

CASO PRÁTICO

"A" foi processado e condenado pela prática do crime de furto. Ocorre que, há mais de quatro anos, já cumpriu a pena que lhe foi imposta. Pretendendo sanar as marcas do passado, limpando sua folha de antecedentes, procurou seu escritório de advocacia para que fossem tomadas as providências pertinentes. Elaborar peça adequada.

1. Rascunho da peça

a) infração penal: crime de furto;

b) ação penal: pública incondicionada;

c) pena concreta: não mencionada;

d) pena abstrata: reclusão de um a quatro anos e multa;

e) rito processual: ordinário;

f) momento processual: execução penal;

g) cliente: "A";

h) situação prisional: preso;

i) tese: tem direito à reabilitação, já que preenche os requisitos legais;

j) competência: Juiz da Vara Criminal;

k) pedido: concessão da reabilitação.

2. Peça prática

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA ___ VARA CRIMINAL DA COMARCA DA CAPITAL

(10 linhas)

_____ (nome), já qualificado nos autos do processo-crime em epígrafe n. _____, vem, por seu advogado infra-assinado, à presença de Vossa Excelência, com fundamento nos artigos 93 e seguintes do Código Penal combinado com os artigos 743 e seguintes do Código de Processo Penal, requerer REABILITAÇÃO CRIMINAL, pelos motivos de fato e de direito a seguir aduzidos:

(2 linhas)

DOS FATOS

O requerente foi denunciado pela prática de crime de furto. A denúncia foi recebida (fls.). O réu foi citado (fls.). A resposta à acusação foi apresentada no prazo legal (fls.).

As testemunhas foram inquiridas (fls.). Na fase do art. 397 do CPP, não foi decretada a absolvição sumária (fls.). A audiência de instrução e julgamento foi realizada (fls.). As alegações finais foram apresentadas (fls.). A sentença condenatória foi proferida (fls.).

A sentença transitou em julgado (fls.). O requerente já cumpriu pena há mais de quatro anos (fls.).

(2 linhas)

DO DIREITO

Conforme a certidão do trânsito em julgado da respeitável sentença expedida por este Digno Juízo (doc. 2) e a certidão do término do cumprimento da pena (doc. 3), constata-se que a pena imposta ao requerente extinguiu-se há mais de quatro anos.

As certidões criminais (doc. 4) comprovam que, durante esse período, o requerente não respondeu nem se encontra respondendo a processo criminal.

Durante mais de quatro anos, contados do dia do término da execução da pena, o requerente manteve domicílio no país, conforme as contas de luz e escritura de sua casa (doc. 5), bem como mantém emprego fixo, conforme Carteira Profissional (doc. 6).

Segundo declarações, atestados e certidões anexas, o requerente sempre demonstrou bom comportamento público e privado (docs. 7 e 8).

Em relação ao dano causado pelo crime, o requerente realizou seu ressarcimento integral, conforme documento público lavrado pela própria vítima (doc. 9).

Finalmente, preenchidos os requisitos objetivos e subjetivos da reabilitação, deve ser esta concedida ao requerente.

(2 linhas)

DO PEDIDO

Diante do exposto, requer, após oitiva do digno representante do Ministério Público, a concessão da REABILITAÇÃO CRIMINAL, assegurando-se sigilo sobre o processo e condenação, como medida de inteira justiça.

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

3 Agravo em execução

1. Previsão legal: art. 197 da Lei de Execução Penal.

2. Cabimento: decisão proferida por juiz da execução penal ou proferida durante o processo de execução penal ou relativa à execução penal. O art. 66 da LEP fornece um roteiro das hipóteses de cabimento do agravo em execução:

a) Aplicação da lei penal mais benigna: quando lei posterior retirar o caráter criminoso do fato ou favorecer, de qualquer outro modo, o infrator, como a diminuição de pena.

b) Extinção da punibilidade: há um rol exemplificativo das causas extintivas de punibilidade no art. 107 do Código Penal.

c) Soma ou unificação de penas: quando houver concurso formal ideal, crime continuado ou o total exceder ao limite máximo previsto no Código Penal.

d) Progressão de regime: transferência do condenado do regime mais rigoroso para o regime menos rigoroso.

e) Regressão de regime: transferência do condenado do regime mais rigoroso para o regime menos rigoroso.

f) Detração penal: cômputo, na pena privativa de liberdade e na medida de segurança, do tempo de prisão provisória, no Brasil ou no estrangeiro, de prisão administrativa e internação.

g) Remição penal: possibilidade de o condenado que cumpre pena em regime fechado ou semiaberto descontar do tempo da execução da pena os dias efetivamente trabalhados (a cada três dias trabalhados terá o desconto de um dia na pena).

h) Suspensão condicional da pena: suspensão da pena privativa de liberdade por um período, com imposição de condições.

i) Livramento condicional: antecipação provisória da liberdade, com imposição de obrigações.

j) Incidentes da execução: questões que surgem no curso do processo de execução penal que podem levar à redução, extinção ou substituição da pena.

k) Autorizar saídas temporárias: (1) permissão de saída: sair com escolta por falecimento ou doença grave de cônjuge, companheiro, ascendente, descendente ou irmão, ou por necessidade de tratamento médico; (2) saída temporária: sair sem escolta para frequentar cursos profissionalizantes, de segundo grau ou superior. Visita à família ou participação em atividades de convívio social.

l) Tarefas administrativas: art. 66, incisos VI a IX, da LEP.

m) Remoção de condenado: (1) fora da comarca: precisa de precatória; (2) dentro da comarca: decisão pode ser da autoridade administrativa; (3) outro país: extradição ou expulsão; (4) para hospital psiquiátrico ou manicômio.

n) Pena restritiva de direito: o juiz fixará a forma de cumprimento e a fiscalização.

o) Conversão da pena restritiva de direito em privativa de liberdade: (a) descumprimento injustificado da condição imposta; (b) quando o condenado praticar qualquer das faltas graves previstas no art. 51, incisos I, II e III, da LEP; (c) no art. 44, § 5º, do CP; (d) se o condenado não for encontrado para ser intimado do início do cumprimento da pena.

p) Conversão da pena privativa de liberdade em restritiva de direitos.

q) Medida de segurança: aplicação, substituição da pena por medida de segurança, revogação, desinternação e restabelecimento de situação anterior).

3. Processamento: há dois posicionamentos:

a) majoritário: na forma do recurso em sentido estrito (arts. 581 a 592 do CPP);

b) minoritário: na forma do agravo de instrumento do Código de Processo Civil, por analogia.

4. Previsão das decisões na execução: estão previstas no art. 66 da LEP e no art. 581, incisos XI, XII, XVII, XIX, XX, XXI, XXII e XXIII.

5. Decisão denegatória: carta testemunhável.

6. Prazo: cinco dias, conforme a Súmula n. 700 do STF. O início do prazo é da data da intimação da decisão.

7. Efeito suspensivo: (a) cabimento: decisão que concede desinternação ou liberação (art. 179 da LEP); (b) meios de obtenção: mandado de segurança ou habeas corpus, conforme o caso.

8. Legitimidade ativa: réu ou representante legal e Ministério Público.

9. Processamento: (a) apresentação do recurso perante o juiz da execução penal; (b) razões e contrarrazões em dois dias; (c) juízo de retratação em dois dias; (d) se mantiver, remete ao tribunal competente; (e) se reformar, cabe ao recorrido elaborar simples petição em cinco dias para requerer a

subida dos autos.

10. Esquema da peça prática das Razões

10.1 Interposição

a) Endereçamento: juiz federal ou estadual da vara das execuções criminais.

b) Preâmbulo: (a) nome e qualificação do agravante (não precisa qualificar, pois não é peça inicial); (b) capacidade postulatória; (c) inconformismo com o recurso da outra parte; (d) fundamento legal; (e) nome da peça; (f) tribunal; (g) frase final.

c) Parte final: termos em que, requerendo seja ordenado o processamento do presente recurso, pede deferimento; data e assinatura.

10.2 Razões

a) Nome da peça: centro da folha.

b) Dados de identificação: agravante, agravado, número do processo e juízo de origem.

c) Saudação: (1) se for federal: Egrégio Tribunal, Colenda Turma, Eméritos julgadores, Douta Procuradoria da República; (2) se for estadual: Egrégio Tribunal, Colenda Câmara, Eméritos julgadores, Douta Procuradoria de Justiça.

d) Dos fatos: narrar a infração penal praticada, sem inventar dados, e o andamento processual até o momento da decisão proferida pelo juiz da execução penal.

e) Do direito: comprovar a tese, de acordo com o enunciado.

f) Do pedido: provimento do recurso + pedido específico.

g) Parte final: termos em que, pede deferimento; data e indicação da OAB.

h) Terminologia: (1) verbo do recurso: interpor Agravo em execução; (2) recorrente: agravante; (3) recorrido: agravado.

11. Esquema da peça prática das contrarrazões

11.1 Interposição

a) Endereçamento: juiz federal ou estadual da Vara das Execuções Criminais.

b) Preâmbulo: (a) nome e qualificação do agravante (não precisa qualificar, pois não é peça inicial); (b) capacidade postulatória; (c) inconformismo; (d) fundamento legal; (e) nome da peça; (f) tribunal; (g) frase final.

c) Parte final: termos em que, requerendo seja ordenado o processamento do presente recurso, pede deferimento; data e assinatura.

11.2 Contrarrazões

a) Nome da peça: centro da folha.

b) Dados de identificação: agravante, agravado, número do processo e juízo de origem.

c) Saudação: (1) se for federal: Egrégio Tribunal, Colenda Turma, Eméritos julgadores, Douta Procuradoria da República; (2) se for estadual: Egrégio Tribunal, Colenda Câmara, Eméritos julgadores, Douta Procuradoria de Justiça.

d) Dos fatos: narrar a infração penal praticada, sem inventar dados, e o andamento processual até o momento da decisão do juiz de Execução Penal e a interposição do agravo em execução.

e) Do direito: comprovar a tese, de acordo com o enunciado.

f) Do pedido: não provimento do recurso + pedido específico.

g) Parte final: termos em que, pede deferimento; data e indicação da OAB.

h) Terminologia: (1) verbo do recurso: interpor Agravo em execução; (2) recorrente: agravante; (3) recorrido: agravado.

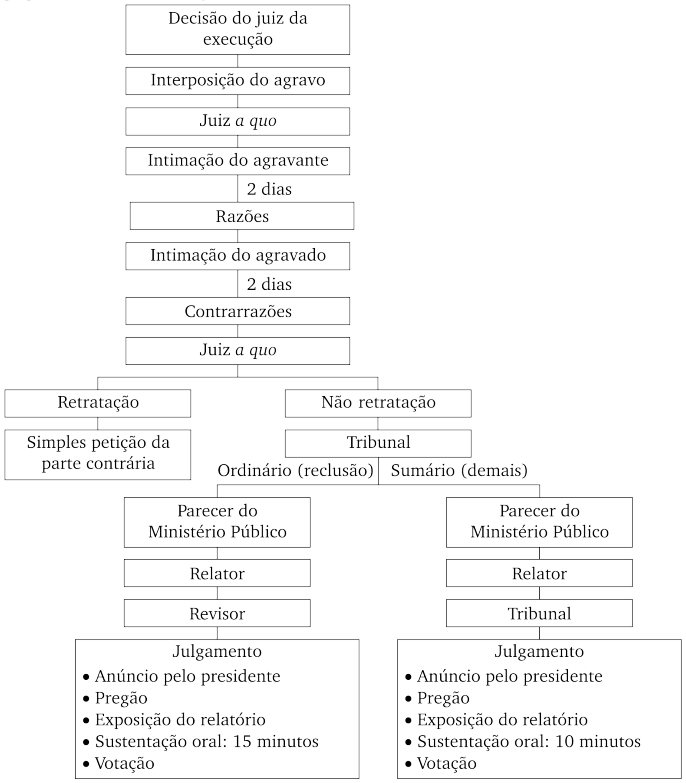

MODELO DE RAZÕES DO AGRAVO EM EXECUÇÃO

INTERPOSIÇÃO

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA ___ VARA DAS EXECUÇÕES CRIMINAIS DA COMARCA _____ (ESTADUAL)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ FEDERAL DA ___ VARA DAS EXECUÇÕES CRIMINAIS DA SEÇÃO JUDICIÁRIA _____ (FEDERAL)

(10 linhas)

_____ (nome), já qualificado nos autos do processo-crime em epígrafe n. _____ , vem, por seu advogado infra-assinado, à presença de Vossa Excelência, não se conformando com a respeitável decisão de fls. que _____ (especificar o conteúdo da decisão), com fundamento no artigo 66, inciso _____, combinado com o artigo 197, ambos da Lei de Execução Penal, interpor AGRAVO EM EXECUÇÃO.

(2 linhas)

Assim sendo, caso Vossa Excelência entenda que deva manter a respeitável decisão, requer seja o presente recurso remetido ao Egrégio Tribunal competente.

(1 linha)

Termos em que, requerendo seja ordenado o processamento do presente recurso, com as inclusas razões,

pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

RAZÕES DE AGRAVO EM EXECUÇÃO

(3 linhas)

Agravante:

Agravado:

Origem:

Autos do Processo n.

(3 linhas)

Meritíssimo Juiz,

Egrégio Tribunal,

Colenda Câmara,

Doutos Julgadores

(3 linhas)

Não se conformando com a respeitável decisão proferida, vem dela AGRAVAR, aguardando que ao final se digne Vossa Excelência em reformá-la pelas razões a seguir expostas:

(2 linhas)

DOS FATOS

* Narrar os acontecimentos, sem inventar dados ou copiar o problema. Colocar o andamento processual.

(2 linhas)

DO DIREITO

☐ apontar a tese;

☐ justificar a tese;

☐ doutrina;

☐ jurisprudência;

☐ conclusão.

(2 linhas)

DO PEDIDO

Diante do exposto, requer seja dado provimento ao presente recurso, para tornar sem efeito a decisão impugnada, no sentido de _____, como medida de inteira justiça.

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

MODELO DE CONTRARRAZÕES DO AGRAVO EM EXECUÇÃO

PETIÇÃO DE JUNTADA

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA ___ VARA DAS EXECUÇÕES CRIMINAIS DA COMARCA _____ (ESTADUAL)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ FEDERAL DA ___ VARA DAS EXECUÇÕES CRIMINAIS DA SEÇÃO JUDICIÁRIA _____ (FEDERAL)

(10 linhas)

_____ (nome), já qualificado nos autos do processo-crime em epígrafe n. _____, vem, por seu advogado infra-assinado, à presença de Vossa Excelência, não se conformando com o recurso interposto pelo _____, com fundamento no artigo 66, inciso _____, combinado com o artigo 197, ambos da Lei de Execução Penal, requerer a juntada das CONTRARRAZÕES DE AGRAVO EM EXECUÇÃO.

(2 linhas)

Assim sendo, caso Vossa Excelência entenda que deva reformar a respeitável decisão, requer seja o presente recurso remetido ao Egrégio Tribunal competente.

(1 linha)

Termos em que, requerendo seja ordenado o processamento das contrarrazões, pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

CONTRARRAZÕES DE AGRAVO EM EXECUÇÃO

(3 linhas)

Agravante:

Agravado:

Origem:

Autos do Processo n.

(3 linhas)

Meritíssimo Juiz,

Egrégio Tribunal,

Colenda Câmara,

Doutos Julgadores

(3 linhas)

Não se conformando com o recurso interposto por _____ contra a respeitável decisão de fls. proferida em favor do agravado, vem apresentar CONTRARRAZÕES, aguardando afinal se dignem Vossas Excelências em mantê-la, pelas razões a seguir expostas:

(2 linhas)

DOS FATOS

* Narrar os acontecimentos, sem inventar dados ou copiar o problema. Colocar o andamento processual.

(2 linhas)

DO DIREITO

☐ apontar a tese;

☐ justificar a tese;

☐ doutrina;

☐ jurisprudência;

☐ conclusão.

(2 linhas)

DO PEDIDO

Diante do exposto, requer seja dado provimento ao presente recurso, devendo ser mantida a respeitável decisão, no sentido de _____, como medida de inteira justiça.

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

CASO PRÁTICO

"A" viu-se condenado pelo juiz da 3ª Vara Criminal a dois anos de reclusão, por crime de falsidade ideológica e foi contemplado com o sursis por igual período. Em liberdade, "A" assassinou um desafeto, respondendo ao processo em liberdade. Ciente da nova infração cometida, o Dr. Promotor requereu ao juiz a revogação do sursis concedido a "A" e foi atendido. Propor medida judicial cabível em favor de "A".

1. Rascunho da peça

a) infração penal: crime de falsidade ideológica;

b) ação penal: pública incondicionada;

c) pena concreta: dois anos de reclusão;

d) pena abstrata: reclusão, de um a cinco anos, e multa, se o documento é público; reclusão, de um a três anos, e multa, se o documento é particular;

e) rito processual: ordinário;

f) momento processual: execução penal, pois a revogação do sursis exige o advento de sentença condenatória irrecorrível;

g) cliente: "A";

h) situação prisional: preso;

i) tese: não revogação do sursis;

j) peça: agravo em execução;

k) competência: juiz da Vara das Execuções Criminais;

l) pedido: concessão do sursis.

2. Peça prática

INTERPOSIÇÃO

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA ___ VARA DAS EXECUÇÕES CRIMINAIS DA COMARCA DA CAPITAL

(10 linhas)

"A", já qualificado nos autos do processo-crime em epígrafe n. _____, vem, por seu advogado infra-assinado, à presença de Vossa Excelência, não se conformando com a respeitável decisão de fls. que revogou o sursis, com fundamento no artigo 66, inciso III, d, combinado com o artigo 197, ambos da Lei de Execução Penal, interpor AGRAVO EM EXECUÇÃO.

(2 linhas)

Assim sendo, caso Vossa Excelência entenda que deva manter a respeitável decisão, requer seja o presente recurso remetido ao Egrégio Tribunal competente.

(1 linha)

Termos em que, requerendo seja ordenado o processamento do presente recurso, com as inclusas razões, pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

RAZÕES DE AGRAVO EM EXECUÇÃO

(3 linhas)

Agravante: "A"

Agravado: Justiça Pública

Origem: Vara das execuções criminais

Autos do Processo n. _____

(3 linhas)

Meritíssimo Juiz,

Egrégio Tribunal,

Colenda Câmara,

Doutos Julgadores

(3 linhas)

Não se conformando com a respeitável decisão proferida, vem dela AGRAVAR, aguardando que ao final se dignem Vossas Excelências em reformá-la, pelas razões a seguir expostas:

(2 linhas)

DOS FATOS

"A" foi denunciado pela prática de crime de falsidade ideológica. A denúncia foi recebida (fls.). O réu foi citado (fls.). A defesa inicial foi apresentada no prazo legal (fls.).

As testemunhas foram inquiridas (fls.). Na fase do art. 397 do CPP, não foi decretada a absolvição sumária (fls.). A audiência de instrução e julgamento foi realizada (fls.). As alegações finais foram apresentadas (fls.). A sentença condenatória foi proferida (fls.).

O juiz proferiu sentença condenatória, sujeitando o réu a cumprir a pena de dois anos de reclusão, por violação ao art. 299 do Código Penal (fls.). "A" foi contemplado com sursis (fls.). Em liberdade, "A" assassinou um desafeto, respondendo ao processo em liberdade (fls.).

Em razão da nova infração cometida, a Justiça Pública requereu a revogação do sursis (fls.). O juiz concedeu a revogação de sursis (fls.).

(2 linhas)

DO DIREITO

No caso em tela há a caracterização do abuso de autoridade por parte do juiz da 3ª Vara Criminal, já que revogou sursis concedido ao agravante sem base legal, senão vejamos:

O agravante responde ao processo em liberdade em razão de ter assassinado um desafeto. A sentença ainda não foi proferida.

O juiz revogou o sursis somente pelo motivo da existência de outro processo, contrariando a lei, pois a revogação obrigatória ou facultativa exige o advento de sentença condenatória irrecorrível, fato que não aconteceu.

O máximo que poderia existir no caso, com base na lei, seria a prorrogação do período de prova, nos termos do art. 81, § 2º, do Código Penal, já que o agravante está sendo processado por outro crime.

(2 linhas)

DO PEDIDO

Diante do exposto, requer seja dado provimento ao presente recurso, para tornar sem efeito a decisão impugnada que revogou o sursis, no sentido de manter a suspensão condicional da pena, como medida de inteira justiça.

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

CASO PRÁTICO

"A" viu-se condenado pelo juiz da 3ª Vara Criminal a dois anos de reclusão, por crime de falsidade ideológica e foi contemplado com o sursis por igual período. Em liberdade, "A" assassinou um desafeto, respondendo ao processo em liberdade. Ciente da nova infração cometida, o Dr. Promotor requereu ao juiz a revogação do sursis concedido a "A" e não foi atendido. Em razão da decisão denegatória, o promotor interpôs agravo em execução. Propor medida judicial cabível em favor de "A".

1. Rascunho da peça

a) infração penal: crime de falsidade ideológica;

b) ação penal: pública incondicionada;

c) pena concreta: 2 anos de reclusão;

d) pena abstrata: reclusão, de 1 a 5 anos, e multa, se o documento é público; reclusão, de 1 a 3 anos, e multa, se o documento é particular;

e) rito processual: ordinário;

f) momento processual: execução penal, pois a revogação do sursis exige o advento de sentença condenatória irrecorrível;

g) cliente: "A";

h) situação prisional: preso;

i) tese: não revogação do sursis;

j) peça: agravo em execução;

k) competência: Juiz da Vara das Execuções Criminais;

l) pedido: concessão do sursis.

2. Peça prática

PETIÇÃO DE JUNTADA

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA ___ VARA DAS EXECUÇÕES CRIMINAIS DA COMARCA DA CAPITAL

(10 linhas)

"A", já qualificado nos autos do processo-crime em epígrafe n. _____, vem, por seu advogado infra-assinado, à presença de Vossa Excelência, não se conformando com o recurso interposto pela Justiça Pública, com fundamento nos artigos 66, inciso III, d, combinado com o artigo 197, ambos da Lei de Execução Penal, requerer a juntada das CONTRARRAZÕES DE AGRAVO EM EXECUÇÃO.

(2 linhas)

Assim sendo, caso Vossa Excelência entenda que deva reformar a respeitável decisão, requer seja o presente recurso remetido ao Egrégio Tribunal competente.

(1 linha)

Termos em que, requerendo seja ordenado o processamento das contrarrazões, pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

CONTRARRAZÕES DE AGRAVO EM EXECUÇÃO

(3 linhas)

Agravante: Justiça Pública

Agravado: "A"

Origem: Vara das Execuções Criminais

Autos do Processo n. _____

(3 linhas)

Meritíssimo Juiz,

Egrégio Tribunal,

Colenda Câmara,

Doutos Julgadores

(3 linhas)

Não se conformando com o recurso interposto por _____ contra a respeitável decisão de fls. proferida em favor do agravado, vem apresentar CONTRARRAZÕES, aguardando afinal se dignem Vossas Excelências em mantê-la, pelas razões a seguir expostas:

(2 linhas)

DOS FATOS

"A" foi denunciado pela prática de crime de falsidade ideológica. A denúncia foi recebida (fls.). O réu foi citado (fls.). A defesa inicial foi apresentada no prazo legal (fls.).

As testemunhas foram inquiridas (fls.). Na fase do art. 397 do CPP, não foi decretada a absolvição sumária (fls). A audiência de instrução e julgamento foi realizada (fls.). As alegações finais foram apresentadas (fls.). A sentença condenatória foi proferida (fls.).

O juiz proferiu sentença condenatória, sujeitando o réu a cumprir a pena de dois anos de reclusão, por violação ao art. 299 do Código Penal (fls.). "A" foi contemplado com sursis (fls.). Em liberdade, "A" assassinou um desafeto, respondendo ao processo em liberdade (fls.).

Em razão da nova infração cometida, a Justiça Pública requereu a revogação do sursis (fls.). O juiz não concedeu a revogação de sursis (fls.). O promotor agravou (fls.).

(2 linhas)

DO DIREITO

No caso em tela, não pode prevalecer a tese de revogação do sursis, já que sem base legal, senão vejamos:

O agravante responde ao processo em liberdade em razão de ter assassinado um desafeto. A sentença ainda não foi proferida.

O douto promotor pede ao juiz a revogação do sursis somente pelo motivo da existência de outro processo, contrariando a lei, pois a revogação obrigatória ou facultativa exige o advento de sentença condenatória irrecorrível, fato que não aconteceu.

O máximo que poderia existir no caso, com base na lei, seria a prorrogação do período de prova, nos termos do art. 81, § 2º, do Código Penal, já que o agravante está sendo processado por outro crime.

(2 linhas)

DO PEDIDO

Diante do exposto, requer seja dado provimento ao presente recurso, devendo ser mantida a respeitável decisão, no sentido de manter o sursis, como medida de inteira justiça.

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

4 Pedido de remição

1. Previsão legal: arts. 126 a 130 da Lei n. 7.210/84.

2. Finalidade: descontar um dia de pena a cada três dias trabalhados. Como observam Moraes e Smanio[4]: "Trata-se de um meio de abreviar ou extinguir a pena, oferecendo um estímulo ao

sentenciado para corrigir-se por meio do trabalho."

3. Cabimento: pode remir o condenado em regime fechado ou semiaberto. Segundo o STJ, no regime aberto, a remição somente é conferida se há frequência em curso de ensino regular ou de educação profissional (AgRg no REsp 1.258.989/RS). A frequência a curso de ensino formal é causa de remição de parte do tempo de execução de pena sob regime fechado ou semiaberto, nos termos da súmula 341 do STJ. É possível a remição de parte do tempo de execução da pena quando o condenado, em regime fechado ou semiaberto, desempenha atividade laborativa, ainda que extramuros, nos termos da Súmula 562 do STJ.

4. Remir sem trabalhar: quando sofre acidente de trabalho e fica impossibilitado de prosseguir.

5. Decretação: juiz da execução.

6. Requisito: oitiva do Ministério Público.

7. Jornada de trabalho: oito horas de trabalho diário; se trabalhar menos, não terá direito ao desconto; se trabalhar mais do que a jornada, não terá direito ao acréscimo para fins de concessão de remição.

8. Falta grave:

8.1 Efeitos: há os seguintes posicionamentos:

a) majoritário: perda do tempo remido; recomeça a contar a partir da infração disciplinar; dentro dessa corrente há divergência quanto à necessidade ou não de declaração judicial sobre a referida perda: (1) não precisa de manifestação judicial[5]; (2) é necessária, pois a execução penal é judicial[6];

Reconhecida falta grave, a perda de até 1/3 do tempo remido (art. 127 da LEP) pode alcançar dias de trabalho anteriores à infração disciplinar e que ainda não tenham sido declarados pelo juízo da execução no cômputo da remição, nos termos do informativo 571 do STJ.

b) minoritário[7]: há bis in idem na atribuição da perda dos dias remidos, além da sanção disciplinar e da regressão de regime decorrente de falta grave.

8.2 Oitiva do condenado: há os seguintes posicionamentos:

a) é necessária a oitiva do próprio condenado em audiência perante o juiz;

b) é necessária a oitiva do condenado por meio de defesa técnica em audiência perante o juiz;

c) não é necessária a oitiva do condenado.

9. Livramento condicional: o tempo remido é considerado para fins de livramento condicional.

10. Indulto: o tempo remido é considerado para fins de indulto.

11. Trabalho: (a) pelo STJ, abarca atividade estudantil; (b) não basta vontade de trabalhar, sendo necessário o efetivo trabalho; (c) para deferimento da remição são excluídos os dias de descanso obrigatório e os dias em que a jornada de trabalho for inferior a seis horas; (d) são vedadas compensações na jornada de trabalho; (e) não é considerado trabalho para fins de remição a feitura por detento de petições e requerimentos em favor de seus colegas (se tal situação for do cliente exigida no Exame de Ordem, defender a posição do seu cliente, afirmando ser trabalho para fins de remissão); (f) se houver dúvida no registro dos dias trabalhados para fins de remição, deve ser interpretada a favor do condenado; (g) A atividade de leitura pode ser considerada para fins de remição de parte do

tempo de execução da pena, pois visa propiciar a cultura, possui caráter ressocializador, até mesmo por contribuir na restauração da autoestima, além de diminuir consideravelmente a ociosidade dos presos e reduz a reincidência criminal, nos termos do Informativo 564 do STJ; (h) A remição da pena pelo estudo deve ocorrer independentemente de a atividade estudantil ser desenvolvida em dia não útil, nos termos do Informativo 556 do STJ..

12. Medida de segurança: não gera remição.

13. Documentação: o registro de todos os condenados que estejam trabalhando e dos dias de trabalho de cada um deles é documentado por atestado firmado pelo diretor da cadeia pública.

14. Obrigação do diretor da cadeia: deve enviar todo o mês cópia do registro de todos os condenados que estejam trabalhando e dos dias de trabalho de cada um deles ao juiz da execução penal.

15. Preso provisório: tem direito à remição, pois, se pode o mais, que é ter direito à detração, pode o menos, que é ter direito à remição; uma vez recolhido à cadeia pública, terá os mesmos direitos dos condenados do regime fechado[8].

16. Efeito da concessão da remição: a guia de recolhimento do condenado deve ser retificada, nos termos do art. 106, § 2º, da LEP.

17. Crimes: (a) falsidade ideológica: se declarar ou atestar falsamente prestação de serviço para fim de instruir pedido de remição; (b) falsidade material: se falsificar ou alterar os registros ou as cópias mensais encaminhadas ao juiz da execução para efeito da remição.

18. Estrutura da peça prática

a) Endereçamento: juiz da execução (federal ou estadual), nos termos do art. 66, inciso III, c, da LEP.

b) Preâmbulo: (a) nome e qualificação do requerente (não precisa qualificar, pois não é peça inicial); (b) capacidade postulatória; (c) fundamento legal; (d) nome da peça; (e) frase final.

c) Dos fatos: narrar a infração penal praticada, sem inventar dados, e o andamento processual até o momento do pedido da remição.

d) Do direito: comprovar o efetivo trabalho, salvo quando sofre acidente de trabalho.

e) Do pedido: concessão da remição e retificação da guia de recolhimento.

f) Parte final: termos em que, pede deferimento; data e indicação da OAB.

g) Terminologia: (1) verbo do pedido: requerer; (2) interessado no pedido: requerente.

Pedido de remição

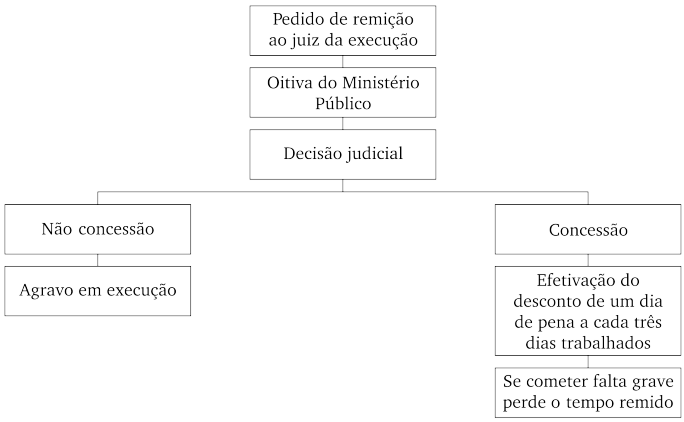

MODELO DE PEDIDO DE REMIÇÃO

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA ___ VARA DAS EXECUÇÕES CRIMINAIS DA COMARCA _____ (ESTADUAL)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ FEDERAL DA ___ VARA DAS EXECUÇÕES CRIMINAIS DA SEÇÃO JUDICIÁRIA _____ (FEDERAL)

(10 linhas)

_____ (nome), já qualificado nos autos do processo-crime em epígrafe, vem, por seu advogado infra-assinado, à presença de Vossa Excelência, com fundamento no artigo 126 combinado com o artigo 66, inciso III, alínea c, ambos da Lei de Execução Penal, requerer REMIÇÃO, pelos motivos de fato e de direito a seguir aduzidos:

(2 linhas)

DOS FATOS

* Narrar os acontecimentos, sem inventar dados ou copiar o problema.

(2 linhas)

DO DIREITO

* Demonstrar os requisitos para concessão da remição.

O requerente foi condenado à _____, pela prática _____ (infração) (doc. 2).

O requerente encontra-se recolhido _____, cumprindo a sua pena em regime _____ (fechado ou semiaberto – art. 126 da Lei da Execução Penal) (doc. 3).

O requerente realiza atividade laborativa ordenada na _____, cumprindo de forma regular as regras e horários na função exercida (doc. 4).

Finalmente, conforme o art. 126 da Lei de Execução Penal, diante do tempo de _____ (lapso temporal do trabalho), deve ser reduzido o tempo de duração da pena privativa de liberdade em _____ (quantum de diminuição) (doc. 5).

(2 linhas)

DO PEDIDO

Diante do exposto, requer, após parecer do digno representante do Ministério Público, a concessão da REMIÇÃO, com a consequente retificação da guia de recolhimento do condenado beneficiado, nos termos do art. 106, § 2º, da LEP, como medida de inteira justiça.

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

CASO PRÁTICO

Marcos foi condenado à pena de cinco anos de reclusão, por violação ao art. 33 da Lei n. 11.343/2006. A sentença já transitou em julgado. Marcos está recolhido na Casa de Detenção há exatamente dois anos. Cumpre a pena em regime fechado. Na Casa de Detenção trabalha como ajudante de cozinha, de acordo com as regras impostas no regulamento carcerário. Consta na sua guia de recolhimento que já trabalhou 546 dias. Questão: Adotar medida que possibilite a redução da pena de Marcos.

1. Rascunho da peça

a) infração penal: art. 33 da Lei n. 11.343/2006;

b) ação penal: pública incondicionada;

c) pena concreta: 5 anos de reclusão;

d) pena abstrata: reclusão de 5 (cinco) a 15 (quinze) anos e pagamento de 500 (quinhentos) a 1.500 (mil e quinhentos) dias-multa;

e) rito processual: especial, previsto na Lei n. 11.343/2006;

f) momento processual: execução penal, pois está recolhido na Casa de Detenção;

g) cliente: Marcos;

h) situação prisional: preso;

i) tese: tem direito à remição em razão de efetivo trabalho desempenhado na cadeia pública como ajudante de cozinha;

j) peça: pedido de remição;

k) competência: Juiz da Vara das Execuções Criminais;

l) pedido: concessão do desconto de, a cada três dias trabalhados, um dia na pena.

2. Peça prática

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA ___ VARA DAS EXECUÇÕES CRIMINAIS DE SÃO PAULO

(10 linhas)

Marcos, já qualificado nos autos do processo-crime em epígrafe, vem, por seu advogado infra-assinado, à presença de Vossa Excelência, com fundamento nos artigos 126 e seguintes da Lei de Execução Penal, requerer REMIÇÃO, pelos motivos de fato e de direito a seguir aduzidos:

(2 linhas)

DOS FATOS

Marcos foi denunciado pela prática do tráfico ilícito de entorpecentes, como incurso nas penas do art. 33 da Lei n. 11.343/2006.

A denúncia foi oferecida (fls.). O réu foi citado para comparecimento em audiência de instrução e julgamento (fls.). A denúncia foi recebida (fls.). Na audiência de instrução e julgamento, foram realizados os atos processuais (fls.), e as partes realizaram os debates orais (fls.).

O juiz proferiu sentença condenatória, sujeitando o réu a cumprir a pena de cinco anos de reclusão, por violação ao art. 33 da Lei n. 11.343/2006 (fls.). A sentença transitou em julgado (fls.)

Transitada em julgado, foi expedida guia para recolhimento de Marcos na Casa de Detenção (fls.). O requerente está recolhido na Casa de Detenção há exatamente dois anos (fls.).

Consta na guia de recolhimento e no atestado do diretor da Casa de Detenção (fls.) que o requerente trabalhou 546 dias como ajudante de cozinha, de acordo com as regras do regulamento carcerário.

(2 linhas)

DO DIREITO

O requerente foi condenado à pena de cinco anos de reclusão, pela prática do crime de tráfico ilícito de entorpecentes, tendo a respeitável sentença transitado em julgado (doc. 1).

O requerente encontra-se recolhido na Casa de Detenção, cumprindo a sua pena em regime fechado (doc. 3).

O requerente realiza atividade laborativa ordenada na função de ajudante de cozinha, cumprindo de forma regular as regras e horários na função exercida (doc. 4).

Finalmente, conforme o art. 126 da Lei de Execução Penal, diante do tempo de 546 dias de trabalho, deve ser reduzido o tempo de duração da pena privativa de liberdade em 182 dias (doc. 5).

O desconto deve ser concedido de forma a atingir os objetivos da reintegração social, através da abreviação da duração da pena imposta ao condenado pelo trabalho. Como bem observa Mirabete, em sua obra Execução penal, Atlas, p. 290:

"trata-se de um direito do condenado em reduzir pelo trabalho prisional o tempo de duração da pena privativa de liberdade cumprida em regime fechado ou semiaberto".

(2 linhas)

DO PEDIDO

Diante do exposto, requer, após parecer do digno representante do Ministério Público, a concessão da REMIÇÃO, com a consequente retificação da guia de recolhimento do condenado beneficiado, nos termos do art. 106, § 2º, da LEP, como medida de inteira justiça.

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

5 Pedido de detração penal

1. Previsão legal: art. 42 do Código Penal combinado com o art. 66, inciso III, c, da LEP.

2. Conceito: cômputo na pena privativa de liberdade e na medida de segurança do tempo de prisão provisória (prisão anterior ao trânsito em julgado: flagrante, preventiva, temporária, por pronúncia e por sentença condenatória recorrível), no Brasil ou no estrangeiro, de prisão administrativa e de internação em hospital de custódia e tratamento ou estabelecimento similar.

3. Competência: juiz da execução (art. 66, III, c, da LEP).

4. Legitimidade ativa: condenado ou representante legal ou cônjuge ou parente ou descendente.

5. Requisito: oitiva do Ministério Público.

6. Indeferimento: agravo em execução.

7. Relação com outros institutos

7.1 Sursis: caberá detração em relação à pena fixada, desde que o sursis não tenha sido revogado.

7.2 Prescrição: será aplicada sobre o restante da pena, depois de feita a detração.

7.3 Pena restritiva de direitos: alguns doutrinadores defendem a ideia de caber detração, por ter caráter mais brando e substitutivo.

7.4 Pena de multa: há dois posicionamentos: (a) não cabe, por falta de previsão legal; (b) cabe, aplicando-se por analogia o art. 42 do Código Penal.

7.5 Medida de segurança: o desconto na contagem da medida de segurança deve ser no prazo mínimo de internação ou de tratamento ambulatorial.

7.6 Regime inicial de cumprimento de pena: não sofre influência da detração penal.

7.7 Prisão civil: há dois posicionamentos: (a) não pode, por falta de previsão legal; (b) pode, desde que haja nexo entre a prisão civil e a condenação criminal.

8. Estrutura da peça prática

a) Endereçamento: juiz da execução federal ou estadual, nos termos do art. 66, inciso III, c, da LEP.

b) Preâmbulo: (a) nome e qualificação do requerente (não precisa qualificar, pois não é peça inicial); (b) capacidade postulatória; (c) fundamento legal; (d) nome da peça; (e) frase final.

c) Dos fatos: narrar a infração penal praticada, sem inventar dados, e o andamento processual até o momento do pedido de detração.

d) Do direito: comprovar os requisitos da detração penal.

e) Do pedido: concessão da detração penal.

f) Parte final: termos em que, pede deferimento; data e indicação da OAB.

g) Terminologia: (1) verbo do pedido: requerer; (2) interessado no pedido: requerente.

Pedido de detração penal

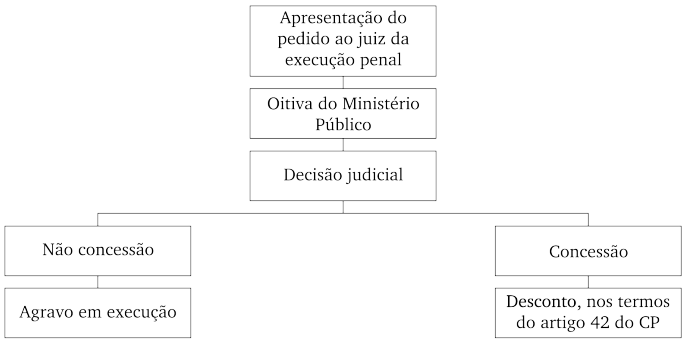

MODELO DE PEDIDO DE DETRAÇÃO PENAL

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA ___ VARA DAS EXECUÇÕES CRIMINAIS DA COMARCA _____ (ESTADUAL)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ FEDERAL DA ___ VARA DAS EXECUÇÕES CRIMINAIS DA SEÇÃO JUDICIÁRIA _____ (FEDERAL)

(10 linhas)

_____ (nome), já qualificado nos autos do processo-crime em epígrafe, vem, por seu advogado infra-assinado, à presença de Vossa Excelência, com fundamento no artigo 42 do Código Penal combinado com o artigo 66, inciso III, c, da Lei de Execução Penal, requerer DETRAÇÃO PENAL, pelos motivos de fato e de direito a seguir aduzidos:

(2 linhas)

DOS FATOS

* Narrar os acontecimentos, sem inventar dados ou copiar o problema.

(2 linhas)

DO DIREITO

* Demonstrar os requisitos para concessão da detração penal do art. 42 do Código Penal.

O requerente foi condenado à _____, pela prática _____ (infração) (doc. 2).

Consta dos autos que o requerente cumpriu _____ (especificar o que pode ser descontado) (doc. 3).

Finalmente, conforme o art. 42 do Código Penal, diante do tempo de _____ (prisão ou de internação) já cumprido pelo condenado, deve ser concedido o abatimento na _____ (pena ou medida de segurança).

(2 linhas)

DO PEDIDO

Diante do exposto, requer, após parecer do digno representante do Ministério Público, a concessão da DETRAÇÃO PENAL, como medida de inteira justiça.

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

CASO PRÁTICO

Marcos foi condenado à pena de três anos de reclusão, por violação ao art. 28 da Lei n. 11.343/2006. A sentença já transitou em julgado. Marcos está recolhido na Casa de Detenção. Cumpre a pena em regime fechado. Consta na sua guia de recolhimento que já sofreu prisão preventiva por 90 dias. Questão: Adotar medida que possibilite a redução da pena de Marcos.

1. Rascunho da peça

a) infração penal: art. 28 da Lei n. 11.343/2006;

b) ação penal: pública incondicionada;

c) pena concreta: 3 anos de reclusão;

d) pena abstrata: reclusão de 3 a 15 anos, e pagamento de 50 a 360 dias-multa;

e) rito processual: especial, previsto na Lei n. 11.343/2006;

f) momento processual: execução penal, pois está recolhido na Casa de Detenção;

g) cliente: Marcos;

h) situação prisional: preso;

i) tese: tem direito à detração penal, pois sofreu prisão preventiva por 90 dias;

j) peça: pedido de detração penal;

k) competência: Juiz da Vara das Execuções Criminais;

l) pedido: concessão da detração penal.

2. Peça prática

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA ___ VARA DAS EXECUÇÕES CRIMINAIS DA COMARCA DA CAPITAL

(10 linhas)

Marcos, já qualificado nos autos do processo-crime em epígrafe, vem, por seu advogado infra-assinado, à presença de Vossa Excelência, com fundamento no artigo 66, inciso III, d, da Lei de Execução Penal, requerer DETRAÇÃO PENAL, pelos motivos de fato e de direito a seguir aduzidos:

(2 linhas)

DOS FATOS

Marcos foi denunciado pela prática de tráfico ilícito de entorpecentes, como incurso nas penas do art. 28 da Lei n. 11.343/2006.

A denúncia foi oferecida (fls.). O réu citado para comparecer em audiência de instrução e julgamento (fls.). A denúncia foi recebida (fls.). Na audiência de instrução e julgamento foram realizados os atos processuais (fls.), e as partes realizaram os debates orais (fls.).

O juiz proferiu sentença condenatória, sujeitando o réu a cumprir a pena de três anos de reclusão, por violação ao art. 28 da Lei n. 11.343/2006 (fls.). A sentença transitou em julgado (fls.)

Transitada em julgado, foi expedida guia para recolhimento de Marcos, na Casa de Detenção (fls.). O requerente está recolhido na Casa de Detenção (fls.).

Consta nos autos que o requerente foi preso preventivamente por 90 dias (fls.).

(2 linhas)

DO DIREITO

O requerente foi condenado a três anos de reclusão, por violação ao art. 28 da Lei n. 11.343/2006 (doc. 2).

Consta dos autos que o requerente cumpriu 90 dias de prisão preventiva (doc. 3).

Finalmente, conforme art. 42 do Código Penal, diante do tempo de 90 dias de prisão preventiva, já cumprido pelo condenado, deve ser concedido abatimento na pena imposta pelo juiz na sentença, totalizando dois anos e sete meses.

(2 linhas)

DO PEDIDO

Diante do exposto, requer, após parecer do digno representante do Ministério Público, a concessão da DETRAÇÃO PENAL, como medida de inteira justiça.

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

6 Pedido de indulto

1. Previsão legal: arts. 187 e seguintes da LEP.

2. Conceito: forma de renúncia do Estado ao direito de punir. Como observa Mirabete[9], é ato de clemência do Poder Público em favor de um réu ou de vários réus.

3. Natureza: ato discricionário do Presidente da República. Trata-se de competência privativa que pode ser delegada aos ministros de Estado, ao procurador-geral da República ou ao advogado-geral da União, nos termos do art. 84, inciso XII, combinado com o parágrafo único, ambos da CF.

4. Instrumento normativo da concessão do indulto: decreto presidencial.

5. Competência para decidir sobre indulto: juiz da Execução Criminal nos termos do art. 66, inciso III, alínea f, da LEP; a decisão judicial tem natureza declaratória.

6. Requisitos do procedimento: (a) decreto presidencial; (b) apreciação judicial; (c) manifestação do Ministério Público.

7. Abrangência: a decisão judicial guarda relação com o decreto presidencial, de forma que a concessão do indulto só alcança as penas abrangidas no decreto presidencial[10].

8. Indeferimento: agravo em execução.

9. Espécies de indulto

9.1 Quanto à abrangência: (a) pleno: é o que extingue a pena; (b) parcial ou comutação: é o que diminui a pena ou a transforma em uma pena de menor gravidade.

9.2 Quanto às condições: (a) condicional: exige o preenchimento de condição por parte do indultado; admite recusa; (b) incondicional: não exige condição por parte do indultado; não pode ser recusado.

9.3 Quanto aos beneficiários: (a) individual: alcança uma pessoa determinada; (b) coletivo: abrange

um grupo de sentenciados. Segundo Guilherme Nucci[11] somente quando o decreto for dirigido a uma pessoa, sem estabelecer qualquer condição, o juiz é obrigado a acatar, liberando o condenado.

10. Legitimidade ativa

10.1 Indulto individual: condenado ou Ministério Público ou Conselho Penitenciário ou iniciativa da autoridade administrativa.

10.2 Indulto coletivo: juiz, de ofício, ou a requerimento do interessado, do Ministério Público, do Conselho Penitenciário ou por iniciativa da autoridade administrativa.

11. Efeito: o indulto só atinge os efeitos principais da condenação.

12. Momento: após o trânsito em julgado de condenação. Conforme observa Fernando Capez[12], a jurisprudência tem admitido o indulto após o trânsito em julgado para a acusação, ainda que caiba recurso da defesa.

13. Crimes insuscetíveis: os crimes hediondos, de tortura, tráfico e terrorismo. Há quem diga que a Lei dos Crimes Hediondos só proibiu a anistia e a graça.

14. Processamento

14.1 Indulto individual: (a) apresentação da petição ou proposta com documentos; (b) entrega da petição e dos documentos ao Conselho Penitenciário para elaboração de parecer; (c) análise do pedido pelo Conselho Penitenciário, que poderá promover as diligências necessárias; (d) parecer do Ministério Público; (e) remessa dos autos para o Ministério da Justiça; (f) despacho do Presidente da República ou seu delegado; (g) se conceder o indulto, baixará decreto; (h) concedido o indulto, o juiz da execução deve decretar a extinção da punibilidade ou comutar a pena.

14.2 Indulto coletivo: (a) concessão do indulto por decreto; (b) juntada de cópia do decreto aos autos; (c) concedido o indulto, o juiz decreta a extinção da punibilidade ou comutação de ofício ou por requerimento do interessado, do Ministério Público ou por iniciativa do Conselho Penitenciário ou de autoridade administrativa.

15. Prática de falta grave: não interrompe prazo para fins de indulto, nos termos da Súmula 535 do STJ.

16. Estrutura da peça prática

a) Endereçamento: juiz da execução (federal ou estadual), nos termos do art. 66, inciso III, f, da LEP.

b) Preâmbulo: (a) nome e qualificação do requerente (não precisa qualificar, pois não é peça inicial); (b) capacidade postulatória; (c) fundamento legal; (d) nome da peça; (e) frase final.

c) Dos fatos: narrar a infração penal praticada, sem inventar dados, e o andamento processual até o momento do pedido do indulto.

d) Do direito: comprovar a presença dos requisitos para concessão do indulto.

e) Do pedido: concessão do indulto e extinção da punibilidade.

f) Parte final: termos em que, pede deferimento; data e indicação da OAB.

g) Terminologia: (1) verbo do pedido: requerer; (2) interessado no pedido: requerente.

Indulto individual

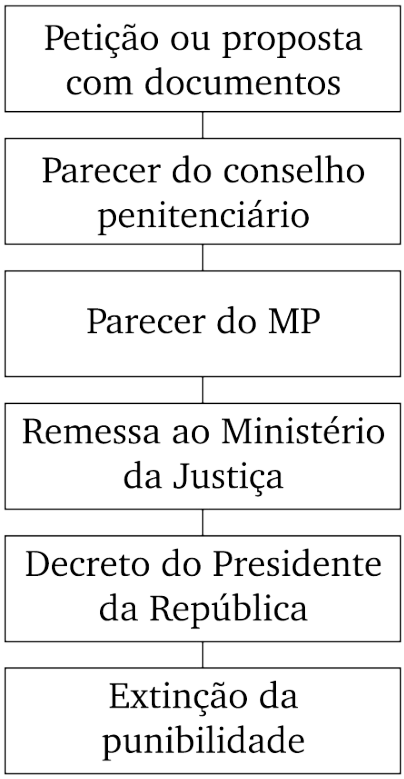

Indulto coletivo

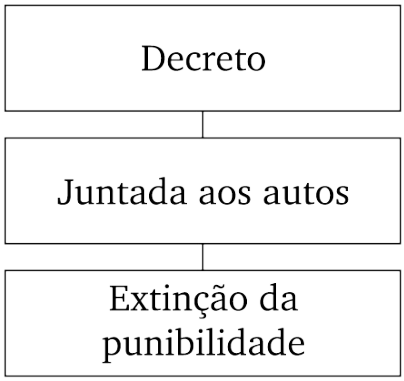

MODELO DE PEDIDO DE INDULTO

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA ___ VARA DAS EXECUÇÕES CRIMINAIS DA COMARCA _____ (ESTADUAL)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ FEDERAL DA ___ VARA DAS EXECUÇÕES CRIMINAIS DA SEÇÃO JUDICIÁRIA _____ (FEDERAL)

(10 linhas)

_____ (nome), já qualificado nos autos do processo-crime em epígrafe, vem, por seu advogado infra-assinado, à presença de Vossa Excelência, com fundamento nos artigos 66, III, f, c/c os artigos 187 e seguintes da Lei de Execução Penal, requerer INDULTO, pelos motivos de fato e de direito a seguir aduzidos:

(2 linhas)

DOS FATOS

* Narrar os acontecimentos, sem inventar dados ou copiar o problema.

(2 linhas)

DO DIREITO

* Demonstrar os requisitos para a concessão do indulto dos arts. 187 e seguintes da LEP, inclusive os requisitos constantes no decreto que concedeu o benefício.

(2 linhas)

DO PEDIDO

Diante do exposto, requer, após oitiva do membro do Ministério Público, a concessão do INDULTO e, consequentemente, a declaração da extinção da punibilidade, como medida de inteira justiça.

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

7 Pedido de progressão de regime

1. Previsão legal: arts. 112 a 117 da LEP.

2. Finalidade: passar de um regime mais rigoroso para outro mais brando de cumprimento da pena privativa de liberdade.

3. Legitimidade ativa: Ministério Público, advogado, sentenciado ou de ofício pelo juiz.

4. Requisitos:

4.1 Objetivo: 1/6 de cumprimento da pena no regime anterior; há nesse requisito temporal uma observação: (a) na primeira progressão: cumprimento de um sexto da pena ou do total das penas que foram impostas; (b) na segunda progressão em diante: há dois posicionamentos: (1) majoritário: cumprimento de um sexto do restante da pena; (2) minoritário: cumprimento de um sexto da pena inicial.

4.2 Subjetivo: o mérito do condenado é demonstrado pelo bom comportamento, atestado pelo diretor do estabelecimento penitenciário e pela probabilidade de adaptação do condenado ao regime mais brando. Podem ser apontados os seguintes meios de avaliação do bom comportamento: (a) autodisciplina; (b) noção de responsabilidade pelos seus próprios atos; (c) realização e participação

em atividades de reintegração ao convívio social, como trabalhos internos; (d) noção de respeito para com os seus semelhantes.

4.3 Formal: manifestação prévia do Ministério Público e do defensor. Com o advento da Lei n. 10.792/2003, o exame criminológico e o parecer da Comissão Técnica de Classificação deixaram de ser requisitos para a progressão de regime. De acordo com a Súmula 439 do STJ, admite-se o exame criminológico pelas peculiaridades do caso, desde que em decisão motivada.

5. Habeas corpus: não é possível, pois a concessão da progressão de regime depende da produção de provas.

6. Progressão por salto: passagem direta do fechado para o aberto. Sobre a admissibilidade desta progressão, há os seguintes posicionamentos:

a) não pode, pois, como observam Moraes e Smanio[13]: "a inércia do Estado em resolver o problema carcerário não poderá permitir a concessão indiscriminada de progressões do regime fechado diretamente ao regime aberto";

b) pode, pois a falta de vagas em colônias penais agrícolas, industriais e similares é problema do Estado e não do condenado que está sofrendo constrangimento ilegal.

O STJ firmou entendimento de que é inadmissível a chamada progressão per saltum de regime prisional, nos termos da Súmula 491.

Cabe ressalvar que, quando o condenado já cumpriu 1/6 da pena no regime fechado e não consegue a passagem para o semiaberto por falta de vaga, permanecendo mais 1/6 no fechado, terá direito à progressão de regime.

7. Crimes especiais e progressão:

7.1 Crimes hediondos: a possibilidade de progressão de regime nos crimes hediondos passou pelas seguintes fases, até chegar à Lei atual, n. 11.464/2007:

a) Lei n. 8.072/90: art. 2º, § 1º: a pena por crime previsto neste artigo será cumprida integralmente em regime fechado. Em face da Lei dos Crimes hediondos, surgiram dois posicionamentos:

não admite progressão, nos termos do art. 2º, § 1º, da Lei;

admite progressão, pois há ofensa ao princípio da individualização da pena.

b) Lei n. 9.455/97: art. 1º, § 7º: o condenado por crime previsto nesta Lei (tortura), salvo a hipótese do § 2º (na mesma pena incorre quem submete pessoa presa ou sujeita à medida de segurança a sofrimento físico ou mental, por intermédio da prática de ato não previsto em lei ou não resultante de medida legal), iniciará o cumprimento da pena em regime fechado.

Em face da previsão da possibilidade da progressão de regime no crime de tortura, surgiram dois posicionamentos acerca da extensão do benefício para os demais crimes hediondos:

o benefício deve ser estendido, já que delitos idênticos devem receber o mesmo tratamento, em nome do princípio da proporcionalidade;

o benefício não deve ser estendido, pois o legislador limitou sua aplicação ao crime de tortura.

c) Súmula 698 do STF (Sessão Plenária de 24-9-2003): não se estende aos demais crimes hediondos a admissibilidade de progressão no regime de execução da pena aplicada ao crime de tortura.

d) Decisão do Plenário do STF em 23-2-2006 (HC 82.959-SP, rel. Marco Aurélio, m.v.): declarou, incidenter tantum, a inconstitucionalidade do § 1º do art. 2º da Lei n. 8.072, de 25 de julho de 1990, nos termos do voto do relator, vencidos os ministros Carlos Velloso, Joaquim Barbosa, Ellen Gracie, Celso de Mello e Nelson Jobim, Presidente. O Tribunal, por votação unânime, explicitou que a declaração incidental de inconstitucionalidade do preceito legal em questão não gerará consequências jurídicas com relação às penas já extintas nesta data, pois esta decisão plenária envolve, unicamente, o afastamento do óbice representado pela norma ora declarada inconstitucional, sem prejuízo da apreciação, caso a caso, pelo magistrado competente, dos demais requisitos pertinentes ao reconhecimento da possibilidade de progressão. A progressão foi fundamentada na garantia da individualização da pena – art. 5º, inciso XLVI, da Constituição Federal.

e) Dias atuais: agora, o art. 2º da Lei n. 8.072/90 (Lei dos Crimes Hediondos) tem nova redação, dada pela Lei n. 11.464/2007, publicada em 29 de março de 2007, que admite a progressão de regime prisional quando se tratar de condenação por crime hediondo e seus equiparados (tortura, tráfico ilícito de entorpecentes e drogas afins e terrorismo), uma vez que o novo § 1º do art. 2º da Lei dos Crimes Hediondos diz que a pena por crime previsto neste artigo será cumprida inicialmente em regime fechado. O § 2º do mencionado artigo estabelece a quantidade da pena que deve ser cumprida para que seja possível a progressão do regime (ou seja, 2/5 para apenados primários, e 3/5 para reincidentes). Cabe ressaltar que no caso de reincidentes, a lei dos crimes hediondos não faz distinção entre reincidência comum e específica, de forma havendo reincidência, ao condenado deverá ser aplicada a fração de 3/5 da pena cumprida para fins de progressão do regime (Informativo 563 do STJ).

7.2 Crimes de tortura: admite progressão de regime, pois a lei diz que a pena começa a ser cumprida no regime fechado.

7.3 Crime organizado: admite progressão do regime, pois o art. 10 da Lei n. 9.034/95 fixa que o regime inicial será o fechado.

8. Progressão do regime semiaberto para o aberto (arts. 114 e 115 da LEP): (a) cumprimento de 1/6 da pena; (b) aceitação do programa e das condições gerais impostas pelo juiz; (c) aceitação das condições especiais fixadas pelo juiz; (d) compatibilidade do sentenciado com o regime aberto.

8.1. Crimes Hediondos ou Assemelhados: quando cometidos antes da vigência da Lei n. 11.464/2007 sujeitam-se ao disposto no art. 112 da Lei n. 7.210/84 (Lei de Execução Penal) para a progressão de regime prisional (Súmula 471 do STJ).

9. Recurso: a concessão ou denegação da progressão de regime enseja agravo em execução, nos termos do art. 197 da LEP.

10. Prisão-albergue domiciliar

10.1 Conceito: é o recolhimento do indivíduo que está cumprindo pena no regime aberto para sua

residência particular, desde que preenchida uma das seguintes situações previstas no art. 117 da LEP: (a) condenado maior de 70 anos; (b) condenado acometido de doença grave; (c) condenada com filho menor ou deficiente físico ou mental; condenada gestante.

10.2 Normas do regime: a pessoa que cumpre a pena na sua residência tem de obedecer às regras do regime aberto; porém, na prática, pela ausência de fiscalização do poder público, a medida torna-se ineficiente. Como bem observa Mirabete[14], a prisão-albergue domiciliar é um verdadeiro simulacro da execução da pena, passando a ser forma velada de impunidade, contribuindo para o descrédito do regime aberto e da defesa social.

10.3 Possibilidade de concessão da prisão-albergue domiciliar fora das hipóteses do art. 117 da LEP, quando há inexistência de casa de albergado: há duas posições:

a) não é possível, pois o art. 117 da LEP enumera situações taxativas;

b) é possível, pois o sentenciado não tem culpa pelo problema penitenciário do Estado.

11. STJ e regime aberto: é inadmissível a fixação de pena substitutiva (art. 44 do CP) como condição especial ao regime aberto, nos termos da Súmula 493.

12. Prática de Falta Grave: interrompe a contagem do prazo para a progressão de regime de cumprimento de pena, o qual se reinicia a partir do cometimento dessa infração (Súmula n. 534 do STJ).

13. Esquema da peça prática

a) Endereçamento: juiz da execução (federal ou estadual), nos termos do art. 66, inciso III, b, da LEP. Se a sentença não transitou em julgado, será competente o juiz da condenação, nos termos das Súmulas n. 716 e 717, ambas do STF.

> Súmula 717: não impede a progressão de regime de execução de pena, fixada em sentença não transitada em julgado, o fato de o réu se encontrar em prisão especial.
>
> Súmula 716: admite-se a progressão de regime de cumprimento da pena ou a aplicação imediata de regime menos severo nela determinada, antes do trânsito em julgado da sentença condenatória.

b) Preâmbulo: (a) nome e qualificação do requerente (não precisa qualificar, pois não é peça inicial); (b) capacidade postulatória; (c) fundamento legal; (d) nome da peça; (e) frase final.

c) Dos fatos: narrar a infração penal praticada, sem inventar dados, e o andamento processual até o momento do pedido da progressão de regime.

d) Do direito: comprovar a presença dos requisitos para concessão da progressão de regime.

e) Do pedido: progressão de regime.

f) Parte final: termos em que, pede deferimento; data e indicação da OAB.

g) Terminologia: (1) verbo do pedido: requerer; (2) interessado no pedido: requerente.

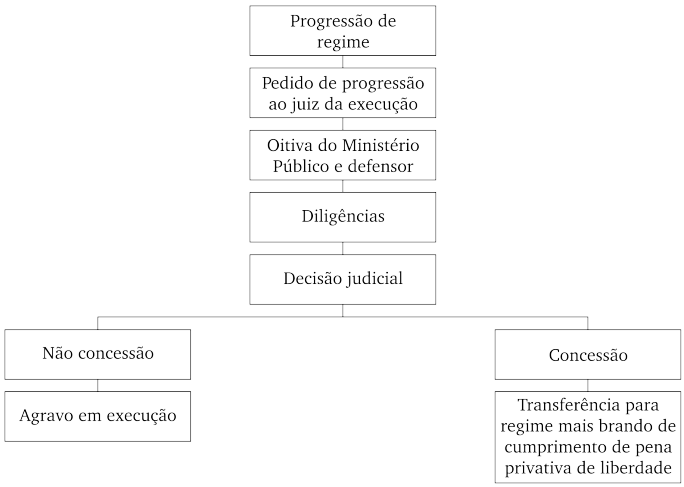

MODELO DE PEDIDO DE PROGRESSÃO DE REGIME

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA ___ VARA DAS EXECUÇÕES CRIMINAIS DA COMARCA _____ (ESTADUAL)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ FEDERAL DA ___ VARA DAS EXECUÇÕES CRIMINAIS DA SEÇÃO JUDICIÁRIA DE _____ (FEDERAL)

(10 linhas)

_____ (nome), já qualificado nos autos do processo-crime em epígrafe, vem, por seu advogado infra-assinado, à presença de Vossa Excelência, com fundamento nos artigos 66, III, b, combinado com o artigo 112, ambos da Lei de Execução Penal, requerer PROGRESSÃO DE REGIME, pelos motivos de fato e de direito a seguir aduzidos:

(2 linhas)

DOS FATOS

* Narrar os acontecimentos, sem inventar dados ou copiar o problema.

(2 linhas)

DO DIREITO

* Demonstrar os requisitos para a concessão da progressão, conforme exemplo abaixo:

O requerente foi condenado à pena _____, pela prática _____ (infração), tendo a respeitável sentença transitado em julgado (doc. 1).

O requerente já cumpriu _____ da pena imposta pelo Estado (doc. 3), o que comprova o preenchimento do requisito objetivo previsto no art. 112 da Lei de Execução Penal.

Segundo declaração do diretor do presídio, o requerente sempre demonstrou bom comportamento carcerário durante a execução da pena, atestado pelo diretor do estabelecimento penitenciário e pela probabilidade de adaptação do condenado ao regime mais brando, através de adequação temperamental e do senso de responsabilidade, autodisciplina e respeito (doc. 4).

Finalmente, preenchidos os requisitos objetivos e subjetivos da progressão de regime, deve ser concedido ao condenado seu direito de passar para um regime mais brando de cumprimento da pena privativa de liberdade.

(2 linhas)

DO PEDIDO

Diante do exposto, requer-se, após oitiva do representante do Ministério Público, a concessão da PROGRESSÃO DO REGIME _____ PARA O _____, em favor do requerente, como medida de inteira justiça.

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

CASO PRÁTICO

"A" foi condenado à pena de 12 anos de reclusão, em regime fechado, por homicídio simples. A sentença já transitou em julgado. "A" está recolhido na Casa de Detenção há exatamente dois anos. Tem bom comportamento carcerário, demonstrado através da colaboração em trabalhos internos e pelo não registro de faltas disciplinares nem de tentativa de fuga. Questão: adotar medida que possibilite a progressão de regime.

1. Rascunho da peça

a) infração penal: homicídio;

b) ação penal: pública incondicionada;

c) pena concreta: 12 anos de reclusão;

d) pena abstrata: reclusão de 6 a 20 anos;

e) rito processual: júri;

f) momento processual: execução penal, pois está recolhido na Casa de Detenção;

g) cliente: "A";

h) situação prisional: preso;

i) tese: tem direito à progressão de regime, em razão do preenchimento dos requisitos subjetivos e objetivos previstos em lei;

j) peça: pedido de progressão de regime;

k) competência: Juiz da Vara das Execuções Criminais;

l) pedido: concessão da progressão de regime.

2. Peça prática

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA ___ VARA DAS EXECUÇÕES CRIMINAIS DE SÃO PAULO

(10 linhas)

"A", já qualificado nos autos do processo-crime em epígrafe, vem, por seu advogado infra-assinado, à presença de Vossa Excelência, com fundamento nos artigos 66, III, b, combinado com o artigo 112, ambos da Lei de Execução Penal, requerer PROGRESSÃO DE REGIME, pelos motivos de fato e de direito a seguir aduzidos:

(2 linhas)

DOS FATOS

A denúncia foi recebida (fls.). O réu foi citado para apresentar resposta à acusação (fls.). Não houve decretação de absolvição sumária (fls.). Na audiência de instrução e julgamento, foram realizados os atos processuais e as

partes realizaram os debates orais (fls.). Na segunda fase do procedimento do júri, foram praticados todos os atos, desde a apresentação do rol de testemunhas até a sentença.

A respeitável sentença transitou em julgado (fls.). Na fase de execução da pena, o requerente pede a progressão de regime (fls.).

(2 linhas)

DO DIREITO

O requerente foi condenado à pena de 12 anos de reclusão, pela prática de homicídio qualificado, tendo a respeitável sentença transitado em julgado (doc. 1).

O requerente já cumpriu dois anos, ou seja, 1/6 da pena imposta pelo Estado (doc. 3), o que comprova o preenchimento do requisito objetivo previsto no art. 112 da Lei de Execução Penal.

Segundo declaração do diretor do presídio, o requerente sempre demonstrou bom comportamento carcerário durante a execução da pena, atestado pelo diretor do estabelecimento penitenciário e pela probabilidade de adaptação do condenado ao regime mais brando, através de adequação temperamental e do senso de responsabilidade, autodisciplina e respeito (doc. 4).

Durante sua vida carcerária, o requerente realizou trabalhos internos e não cometeu faltas disciplinares, o que representa elemento positivo para a progressão (fls.).

Finalmente, preenchidos os requisitos, objetivos e subjetivos da progressão de regime, deve ser concedido ao condenado seu direito de passar para um regime mais brando de cumprimento da pena privativa de liberdade.

(2 linhas)

DO PEDIDO

Diante do exposto, requer-se, após a oitiva do representante do Ministério Público, a concessão da PROGRESSÃO DO REGIME FECHADO PARA O SEMIABERTO, em favor do requerente, como medida de inteira justiça.

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

CASO PRÁTICO

Carlos foi processado e condenado com trânsito em julgado pela prática de homicídio simples (art. 121, caput) praticado na cidade de Avaré, no ano de 2001, tendo sido condenado pelo Juiz de Avaré à pena de seis anos de reclusão a ser cumprida em regime fechado, em face de sua condição de reincidente. Iniciada a execução de sua pena na Penitenciária de Avaré, passaram-se exatos dois anos desde o início do cumprimento da sua pena no regime fechado, ainda não pleiteando Carlos qualquer benefício no âmbito da execução penal, não obstante o seu bom comportamento na prisão e a existência da Vara de Execução na cidade de Avaré. Questão: Como advogado de Carlos, faça a peça adequada.

1. Rascunho da peça

a) infração penal: homicídio simples;

b) ação penal: pública incondicionada;

c) pena concreta: 6 anos de reclusão;

d) pena abstrata: reclusão de 6 a 20 anos;

e) rito processual: júri;

f) momento processual: execução penal, pois está recolhido na Penitenciária de Avaré;

g) cliente: Carlos;

h) situação prisional: preso;

i) tese: tem direito à progressão de regime, em razão do preenchimento dos requisitos subjetivos e objetivos previstos em lei;

j) peça: pedido de progressão de regime;

k) competência: Juiz da Vara das Execuções Criminais de Avaré;

l) pedido: concessão da progressão de regime.

2. Peça prática

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA ___ VARA DAS EXECUÇÕES CRIMINAIS DE AVARÉ

(10 linhas)

CARLOS, já qualificado nos autos do processo-crime em epígrafe, vem, por seu advogado infra-assinado, à presença de Vossa Excelência, com fundamento no artigo 66, III, b, combinado com o artigo 112, ambos da Lei de Execução Penal, requerer PROGRESSÃO DE REGIME, pelos motivos de fato e de direito a seguir aduzidos:

DOS FATOS

O requerente foi denunciado pelo crime de homicídio simples (fls.). A denúncia foi recebida (fls.). O réu foi citado para apresentar resposta à acusação (fls.). Não houve decretação de absolvição sumária (fls.). Na audiência de instrução e julgamento, foram realizados os atos processuais, e as partes realizaram os debates orais (fls.). Na segunda fase do procedimento do júri, foram praticados todos os atos, desde a apresentação do rol de testemunhas até a sentença.

A respeitável sentença transitou em julgado (fls.). Na fase da execução da pena, o requerente pede a progressão de regime (fls.).

DO DIREITO

O requerente foi condenado à pena de 6 anos de reclusão, pela prática de homicídio simples, tendo a respeitável sentença transitado em julgado (doc. 1).

O requerente já cumpriu 2 anos, ou seja, 1/6 da pena imposta pelo Estado (doc. 3), o que comprova o preenchimento do requisito objetivo previsto no art. 112 da Lei de Execução Penal.

Segundo declaração do diretor do presídio, o requerente sempre demonstrou bom comportamento carcerário durante os dois anos no cárcere, atestado pelo diretor do estabelecimento penitenciário e pela probabilidade de adaptação do condenado ao regime mais brando, através de adequação temperamental e do senso de responsabilidade, autodisciplina e respeito (doc. 4).

Finalmente, preenchidos os requisitos objetivos e subjetivos da progressão de regime, deve ser concedido ao condenado seu direito de passar para um regime mais brando de cumprimento da pena privativa de liberdade.

(2 linhas)

DO PEDIDO

Diante do exposto, requer-se, após a oitiva do representante do Ministério Público, a concessão da PROGRESSÃO DO REGIME FECHADO PARA O SEMIABERTO, em favor do requerente, como medida de inteira justiça.

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

8 Pedido de lei penal benéfica

1. Finalidade: pedir ao juiz da execução a aplicação da lei penal mais benéfica, nos moldes do art. 2º do Código Penal combinado com o art. 5º, XL, da CF.

2. Indeferimento: agravo em execução.

3. Competência: juiz da execução, nos moldes da Súmula 611 do STF e do art. 66, inciso I, da LEP.

4. Legitimidade ativa: condenado ou representante legal ou cônjuge ou parente ou descendente.

5. Requisito: oitiva do Ministério Público.

6. Momento: após o trânsito em julgado.

7. Casos de lei penal benéfica (lex mitior)

7.1 Abolitio criminis: lei penal posterior deixar de considerar como crime determinado comportamento criminoso.

7.2 Novatio legis in mellius: lei penal posterior beneficiar o réu de qualquer outra forma, como diminuindo pena.

8. Situações polêmicas

8.1 Combinação de leis: há dois posicionamentos:

a) não é possível, já que se o juiz combinar as leis estaria legislando, criando lei nova, não prevista nem autorizada pelo legislador;

b) é possível, já que se o juiz combinar as leis estaria apenas concretizando processo de integração de leis.

8.2 Vacatio legis

a) Conceito: é o período entre a publicação da lei e a sua entrada em vigor.

b) Finalidade: fazer com que a sociedade amadureça o conhecimento da lei.

c) Eficácia: como regra geral, nesse período a lei não gera direitos nem obrigações; porém, quando se trata de lei penal benéfica, surgem dois posicionamentos:

sim, pois é lei posterior; o que importa é a publicação: publicou, produz efeitos;

não, pois no período de vacatio legis a lei não produz efeitos, continua imperando a lei antiga, não importando se é lei penal benéfica.

8.3 Lei interpretativa

a) Conceito: é lei que visa explicar outra lei já editada.

b) Finalidade: buscar o significado de lei já editada.

c) Possibilidade de retroatividade: há dois posicionamentos:

pode retroagir, já que lei interpretativa é lei explicativa, que não inova a ordem jurídica,

apenas visa esclarecer ou interpretar o conteúdo de lei editada; não importa se o conteúdo da lei é benéfico ou prejudicial ao réu;

pode retroagir, quando for benéfica ao réu;

não pode retroagir, porque não existe leis interpretativas, a função de explicar ou interpretar as leis cabe aos aplicadores do Direito, e não ao legislador.

Cabe ressalvar que se a lei interpretativa perder sua natureza de explicar para inovar, aplicam-se as regras de retroatividade da lei penal comum, ou seja, se inovar para prejudicar, não retroage; se inovar para beneficiar, pode retroagir.

8.4 Lex Mitior inconstitucional

a) Inconstitucionalidade: é a incompatibilidade vertical do ato legislativo ou administrativo com a Constituição.

b) Controle de constitucionalidade: é a verificação da compatibilidade de ato legislativo ou administrativo com a Constituição.

c) Espécies de controle: (1) difuso: é o feito por qualquer juiz ou tribunal; (2) concentrado: é o feito por apenas determinado órgão.

d) Aplicação de pena benéfica inconstitucional: depende da espécie do controle: (1) se for difuso, pode o juiz ou tribunal decidir a respeito; (2) se for concentrado, e o órgão incumbido de funcionar como guardião da Constituição já decidiu pela inconstitucionalidade, tal orientação deve ser seguida pelo efeito vinculante. Mas, como observa Nucci[15], em se tratando de norma penal relacionada à liberdade, não pode prevalecer o interesse coletivo sobre o particular, de forma que o melhor a ser feito é aplicar efeitos ex nunc, para evitar prejuízos incalculáveis.

8.5 Apuração da lei penal benéfica: em primeiro lugar faz comparação dos textos legais em abstrato; depois, no âmbito concreto; se ainda não der para apurar, perguntar ao réu; em último lugar, na dúvida, não aplicar a lei a casos já transitados em julgado, para manter a segurança jurídica.

8.6 Lei mista: é a que contém disposições de natureza penal e processual; nesse caso, a maioria doutrinária e jurisprudencial sustenta que devem ser aplicadas as regras de retroatividade da lei penal, e não da lei processual.

8.7 Teoria da ponderação diferenciada: no caso de lex mitior, é possível a retroatividade de toda a lei ou de apenas parte dela, por ter conteúdo benéfico (Luiz Flávio Gomes).

9. Efeito: a aplicação da lei penal mais benéfica gera a extinção da punibilidade. A cláusula de extinção de punibilidade, por afetar a pretensão punitiva do Estado, qualifica-se como norma penal de caráter material, aplicando-se, em consequência, quando mais favorável, aos delitos cometidos sob o domínio de sua vigência temporal, ainda que já tenha sido revogada pela superveniente edição de uma *lex gravior*.

10. Pena cumprida: não há retroatividade da lei mais benigna para alcançar pena já cumprida (RE 395.269/04/STF).

11. Estrutura da peça prática

a) Endereçamento: juiz da execução (federal ou estadual), nos termos do art. 66, inciso I, da LEP.

b) Preâmbulo: (a) nome e qualificação do requerente (não precisa qualificar, pois não é peça inicial); (b) capacidade postulatória; (c) fundamento legal; (d) nome da peça; (e) frase final.

c) Dos fatos: narrar a infração penal praticada, sem inventar dados, e o andamento processual até o momento do pedido da aplicação da lei penal benéfica.

d) Do direito: comprovar a ocorrência da situação de lei penal benéfica.

e) Do pedido: aplicação da lei penal benéfica.

f) Parte final: termos em que, pede deferimento; data e indicação da OAB.

g) Terminologia: (1) verbo do pedido: requerer; (2) interessado no pedido: requerente.

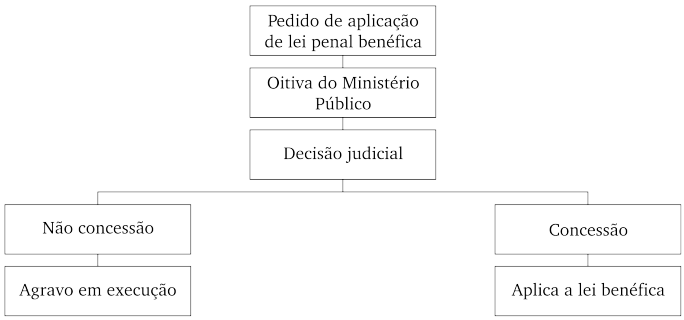

MODELO DE PEDIDO DE LEI BENÉFICA

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA ___ VARA DAS EXECUÇÕES CRIMINAIS DA COMARCA _____ (ESTADUAL)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ FEDERAL DA ___ VARA DAS EXECUÇÕES CRIMINAIS DA SEÇÃO JUDICIÁRIA DE _____ (FEDERAL)

(10 linhas)

_____ (nome), já qualificado nos autos do processo-crime em epígrafe, vem, por seu advogado infra-assinado, à presença de Vossa Excelência, com fundamento no artigo 2º do Código Penal combinado com o artigo 5º, XL, da Constituição Federal e com o artigo 66, inciso I, da Lei de Execução Penal, requerer a aplicação da Lei n. _____, por ser mais benéfica ao condenado, pelos motivos de fato e de direito a seguir aduzidos:

(2 linhas)

DOS FATOS

* Narrar os acontecimentos, sem inventar dados ou copiar o problema.

(2 linhas)

DO DIREITO

* Demonstrar o cabimento da lei penal mais favorável.

* Aplicação do princípio da retroatividade da lei mais benigna, nos moldes do art. 5º, inciso XL, da CF.

* Abolitio criminis: lei posterior torna atípico o fato: extingue a punibilidade, com a cessação dos efeitos penais.

* Novatio legis in mellius: lei posterior que favorece o agente, de outra forma que não seja extinguindo o crime.

(2 linhas)

DO PEDIDO

Diante do exposto, requer, após parecer do digno representante do Ministério Público, a aplicação da Lei n. _____, no sentido de _____, como medida de inteira justiça.

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

CASO PRÁTICO

Caio seduziu Mévia, que era sua namorada e tinha 17 anos na ocasião dos fatos. Autoria e materialidade incontestes. Caio foi processado e condenado pela prática do crime de sedução. A sentença já transitou em julgado e Caio está cumprindo pena. Como advogado, tome a medida cabível em favor de Caio.

1. Rascunho da peça

a) infração penal: sedução;

b) ação penal: privada;

c) pena concreta: não fornecido;

d) pena abstrata: reclusão de 2 a 4 anos;

e) rito processual: ordinário;

f) momento processual: execução penal;

g) cliente: Caio;

h) situação prisional: preso;

i) tese: tem direito à liberdade, pois ocorreu abolitio criminis;

j) peça: pedido de lei benéfica;

k) competência: Juiz da Vara das Execuções Criminais;

l) pedido: aplicação da lei penal benéfica e extinção da punibilidade.

2. Peça prática

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA ___ VARA DAS EXECUÇÕES CRIMINAIS DA COMARCA DE SÃO PAULO

(10 linhas)

_____ (nome), já qualificado nos autos do processo-crime em epígrafe, vem, por seu advogado infra-assinado, à presença de Vossa Excelência, com fundamento no artigo 2º do Código Penal combinado com o artigo 5º, XL, da Constituição Federal e com o artigo 66, inciso I, da Lei de Execução Penal, requerer a aplicação da Lei n. 11.106, de 28 de março de 2005, por ser mais benéfica ao condenado, pelos motivos de fato e de direito a seguir aduzidos:

(2 linhas)

DOS FATOS

O requerente foi acusado por crime de sedução, já que teria seduzido mulher virgem, com 17 anos, aproveitando-se de sua inexperiência.

A queixa foi recebida (fls.). O réu foi citado (fls.). A resposta à acusação foi apresentada no prazo legal (fls.).

Na fase do art. 397 do CPP, não foi decretada a absolvição sumária (fls.). A audiência de instrução e julgamento foi realizada (fls.). Foram apresentadas as alegações finais (fls.). O juiz proferiu sentença condenatória (fls.). A sentença transitou em julgado e o requerente está cumprindo pena (fls.).

(2 linhas)

DO DIREITO

No caso em tela, o advento da Lei n. 11.106, de 28 de março de 2005, trouxe benefícios para o requerente, já que extinguiu o crime de sedução, ocorrendo o fenômeno da abolitio criminis.

Em consonância com o princípio da retroatividade da lei penal mais benigna, o fenômeno da abolitio criminis gera a não punição do infrator, já que ninguém será punido por fato que lei posterior deixa de considerar crime.

Dessa forma, o requerente deve ser colocado em liberdade, e não só o crime, mas também todos os reflexos penais decorrentes da aplicação da lei anterior devem desaparecer.

Cabe justificar o pedido perante este Douto Juízo na Súmula n. 611 do STF: "Transitada em julgado a sentença condenatória, compete ao juízo das execuções a aplicação de lei mais benigna."

Assim, diante da ocorrência da lex mitior, requer a aplicação da lei penal benéfica, de aplicação obrigatória, inclusive por imposição constitucional.

(2 linhas)

DO PEDIDO

Diante do exposto, requer, após parecer do digno membro do Ministério Público, a aplicação da Lei n. 11.106/2005, no sentido de decretar a extinção da punibilidade do requerente, pela ocorrência da abolitio criminis, como medida de inteira justiça. Requer, outrossim, a expedição do alvará de soltura.

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

9 Pedido de unificação de penas (art. 111 da LEP)

1. Competência: juiz da execução, de ofício ou a pedido do condenado, representante legal, cônjuge, parente ou descendente.

2. Previsão legal: arts. 69, 71 e 75, todos do Código Penal, e art. 66, III, a, da LEP.

3. Cabimento: (a) concurso formal ideal; (b) crime continuado; (c) total exceder o limite máximo previsto no CP.

4. Natureza: (a) incidente na execução; (b) medida jurisdicional.

5. Efeito: transformação em uma única pena.

6. Pressuposto: quando houver condenação por mais de um crime, no mesmo processo ou em

processos distintos.

7. Finalidade: a determinação do regime de cumprimento será feita pelo resultado da soma ou unificação das penas, observada, quando for o caso, a detração ou remição.

8. Sistema de penas: excetuando os casos de concursos formal e continuado, que podem ser reconhecidos em sede de execução penal, com a consequente unificação das penas aplicadas, nas demais situações de concurso de penas ocorrerá a simples soma para fins de cumprimento (art. 66, III, a, da LEP).

9. Concurso formal ou ideal: o agente pratica dois ou mais crimes (da mesma natureza ou não), mediante uma só conduta, sendo-lhe aplicada a mais grave das penas cabíveis. Se as penas forem iguais, aplica-se somente uma delas. Em ambos os casos, a pena será aumentada de um sexto (1/6) até a metade (1/2).

10. Crime continuado: o agente, mediante mais de uma conduta, comete mais de um crime da mesma espécie (diz respeito ao tempo, ao lugar, à maneira de execução e a outras características que façam presumir a continuidade delitiva). Será aplicada a pena de um só dos crimes se as penas forem idênticas. Se as penas forem diversas, será aplicada a mais grave. Em qualquer caso, a pena será aumentada de um sexto (1/6) a um terço (1/3).

O crime continuado específico exige, além dos requisitos do crime continuado previstos no caput do art. 70, os seguintes: (a) crime doloso; (b) vítimas diferentes; (c) violência ou grave ameaça à pessoa, nos termos do art. 71, parágrafo único, do CPP.

11. Limite da pena de prisão (CP, art. 75): o limite de pena de prisão é aplicado ao tempo de cumprimento de pena, não podendo servir de base para o cálculo de outros benefícios, como livramento condicional (Súmula 715 do STF).

MODELO DE PEDIDO DE UNIFICAÇÃO DE PENAS

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA ___ VARA DAS EXECUÇÕES CRIMINAIS DA COMARCA _____ (ESTADUAL)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ FEDERAL DA ___ VARA DAS EXECUÇÕES CRIMINAIS DA SEÇÃO JUDICIÁRIA DE _____ (FEDERAL)

(10 linhas)

_____ (nome), já qualificado nos autos do processo-crime em epígrafe, vem, por seu advogado infra-assinado, à presença de Vossa Excelência, com fundamento nos artigos 66, inciso III, a, combinado com o artigo 111, ambos da Lei de Execução Penal, requerer a UNIFICAÇÃO DAS PENAS, pelos motivos de fato e de direito a seguir aduzidos:

(2 linhas)

DOS FATOS

* Narrar os acontecimentos, sem inventar dados ou copiar o problema.

(2 linhas)

DO DIREITO

* Demonstrar os requisitos para a concessão da unificação das penas.

a) Continuidade delitiva: crimes da mesma espécie e semelhantes nas condições de tempo, lugar, maneira de

execução e outras circunstâncias.

b) Total da pena exceder o limite máximo previsto no CP.

c) Concurso formal ideal: mesma ação ou omissão, pratica dois ou mais crimes, da mesma espécie ou não.

(2 linhas)

DO PEDIDO

Diante do exposto, requer, após a oitiva do Ministério Público, o reconhecimento do _____ (cabimento do pedido – concurso formal ou crime continuado ou limite de prisão) e a concessão da Unificação de Penas, na forma do artigo _____, como medida de inteira justiça!

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

10 Pedido de extinção de punibilidade

1. Previsão legal: art. 66, inciso II, da LEP.

2. Legitimidade ativa: condenado ou seu representante legal ou seu cônjuge, parente ou descendente.

3. Requisito no processamento: oitiva do Ministério Público.

4. Indeferimento: cabe agravo em execução.

5. Causas extintivas de punibilidade: estão concentradas no art. 107, mas trata-se de rol não taxativo, de forma que existem outras causas previstas em legislação especial e na parte especial do Código Penal.

6. Análise do art. 107: das causas extintivas de punibilidade arroladas neste, as que podem ocorrer após o trânsito em julgado são:

a) morte do agente: causa incomunicável que extingue todos os efeitos da sentença condenatória e comprovada por certidão de óbito;

b) abolitio criminis: lei penal posterior que deixa de considerar criminoso determinado comportamento;

c) prescrição da pretensão executória: extingue a pena principal, em face da inércia do Estado;

d) anistia, graça e indulto: renúncia do Estado ao direito de punir.

Itens	Anistia	Graça/Indulto
Conceito	Esquecimento jurídico do ilícito.	Atinge a punibilidade.

Momento	Antes ou após o trânsito em julgado.	Após o trânsito em julgado.
Competência	Congresso Nacional (art. 48, VIII, da CF).	Presidente da República (art. 84, XII, da CF).
Efeitos	Penais principais e secundários.	Extinção da punibilidade.
Natureza	Lei penal de efeito retroativo.	Decreto presidencial.
Revogação	Após concedida não pode ser revogada.	Quando for comutação da pena ou indulto condicionado.
Objeto	Atinge fatos.	Atinge pessoas.

7. Defensoria Pública: incumbe requerer a declaração de extinção da punibilidade, nos termos do art. 81-B, I, c, da LEP.

8. Estrutura da peça prática

a) Endereçamento: juiz da execução (federal ou estadual), nos termos do art. 66, inciso II, da LEP.

b) Preâmbulo: (a) nome e qualificação do requerente (não precisa qualificar, pois não é peça inicial); (b) capacidade postulatória; (c) fundamento legal; (d) nome da peça; (e) frase final.

c) Dos fatos: narrar a infração penal praticada, sem inventar dados, e o andamento processual até o momento do pedido de extinção da punibilidade.

d) Do direito: comprovar a ocorrência da causa extintiva de punibilidade.

e) Do pedido: decretação da extinção da punibilidade.

f) Parte final: termos em que, pede deferimento; data e indicação da OAB.

g) Terminologia: (1) verbo do pedido: requerer; (2) interessado no pedido: requerente.

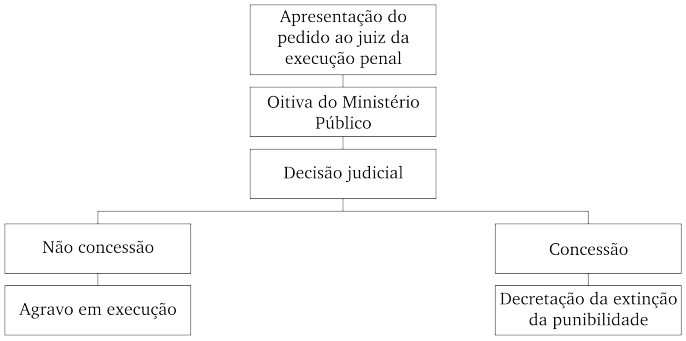

MODELO DE PEDIDO DE EXTINÇÃO DA PUNIBILIDADE

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA ___ VARA DAS EXECUÇÕES CRIMINAIS DA COMARCA _____ (ESTADUAL)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ FEDERAL DA ___ VARA DAS EXECUÇÕES CRIMINAIS DA SEÇÃO JUDICIÁRIA DE _____ (FEDERAL)

(10 linhas)

_____ (nome), já qualificado nos autos do processo-crime em epígrafe, vem, por seu advogado infra-assinado, à presença de Vossa Excelência, com fundamento no artigo 66, II, da Lei de Execução Penal combinado com o artigo 107, inciso _____, do CÓDIGO PENAL, requerer a EXTINÇÃO DA PUNIBILIDADE, pelos motivos de fato e de direito a seguir aduzidos:

(2 linhas)

DOS FATOS

* Narrar os acontecimentos, sem inventar dados ou copiar o problema.

(2 linhas)

DO DIREITO

* Demonstrar a ocorrência da causa extintiva de punibilidade.

(2 linhas)

EXEMPLO

* No caso em tela, ocorreu _____ (mencionar a causa), nos termos do artigo _____ (fundamento legal e constitucional), implicando a renúncia do Estado em punir o autor do delito.

O que existe, no caso, é o desaparecimento da pretensão punitiva do Estado, acarretando a impossibilidade jurídica de impor a pena ao agente (se for abolitio criminis, ressaltar a extinção da pena e do próprio crime).

(2 linhas)

DO PEDIDO

Diante do exposto, requer, após parecer do digno representante do Ministério Público, a decretação da EXTINÇÃO DA PUNIBILIDADE, como medida de inteira justiça.

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

11 Pedido de comutação de pena

1. Competência: é concedido pelo Presidente da República, nos termos do art. 84, inciso XII, da CF, com audiência, se necessário, dos órgãos instituídos em lei.

2. Forma: a comutação da pena é concedida por decreto e o juiz da execução a ajustará aos termos do decreto.

3. Parecer: incumbe ao Conselho Penitenciário emitir parecer comutação de pena, nos termos do art. 70, inciso I, da Lei n. 7.210/84.

4. Defensoria Pública: cabe à defensoria requerer a comutação de pena, quando velar pela regular

execução da pena e da medida de segurança, oficiando, no processo executivo e nos incidentes da execução, para a defesa dos necessitados em todos os graus e instâncias, de forma individual e coletiva.

5. Decisão concessiva: a decisão será sempre motivada e precedida de manifestação do Ministério Público e do defensor.

6. Natureza da sentença concessiva: declaratória.

7. Direito subjetivo: não cabe ao magistrado criar pressupostos não previstos no decreto presidencial, para que não ocorra violação do princípio da legalidade. De fato, preenchidos os requisitos estabelecidos no decreto presidencial, não há como impedir ou condicionar a concessão da comutação da pena ao sentenciado sob nenhum outro fundamento, tendo a sentença natureza meramente declaratória.

8. Falta grave do condenado: não tem o condão de interromper a contagem do prazo para a concessão do benefício da comutação da pena, por ausência de previsão legal, salvo se houver expressa previsão no Decreto Presidencial que concede o benefício. Cabe ressaltar que a prática de falta grave pelo apenado não constituirá, por si só, motivo apto a justificar a negativa de concessão do benefício pelo juízo da execução (Informativos 527/529 do STJ). De acordo com a Súmula 535 do STJ a prática de falta grave não interrompe prazo para fins de indulto.

9. Negativa da comutação: é discricionariedade conferida ao Presidente da República.

10. Requisitos: os requisitos necessários à comutação da pena são de natureza objetiva. É exigido além do lapso temporal, o mérito. Dessa forma, requisito de natureza subjetiva só será exigido se houver previsão expressa no decreto presidencial. Não pode o Judiciário, interpretando extensivamente a norma, exigir outros requisitos além dos previstos no decreto presidencial de concessão do benefício da comutação de penas.

11. Periodicidade do decreto presidencial: anual

12. Finalidade do benefício: reduzir a pena

13. Estrutura da peça prática

a) Endereçamento: juiz da execução (federal ou estadual), nos termos do art. 66, inciso VI, da LEP.

b) Preâmbulo: (a) nome e qualificação do requerente (não precisa qualificar, pois não é peça inicial); (b) capacidade postulatória; (c) fundamento legal; (d) nome da peça; (e) frase final.

c) Dos fatos: narrar a infração penal praticada, sem inventar dados, e o andamento processual até o momento do decreto de comutação.

d) Do direito: comprovar a presença dos requisitos previstos no decreto presidencial para a concessão da comutação da pena.

e) Do pedido: concessão da comutação da pena.

f) Parte final: termos em que, pede deferimento; data e indicação da OAB.

g) Terminologia: (1) verbo do pedido: requerer; (2) interessado no pedido: requerente.

MODELO DE PEDIDO DE COMUTAÇÃO DA PENA

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA ___ VARA DAS EXECUÇÕES CRIMINAIS DA COMARCA _____ (ESTADUAL)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ FEDERAL DA ___ VARA DAS EXECUÇÕES CRIMINAIS DA SEÇÃO JUDICIÁRIA DE _____ (FEDERAL)

(10 linhas)

_____ (nome), já qualificado nos autos do processo-crime em epígrafe, vem, por seu advogado infra-assinado, à presença de Vossa Excelência, com fundamento no artigo 84, XII, da Constituição Federal combinado com o artigo 66, inciso VI, da Lei de Execução Penal, requerer a COMUTAÇÃO DA PENA, pelos motivos de fato e de direito a seguir aduzidos:

(2 linhas)

DOS FATOS

* Narrar os acontecimentos, sem inventar dados ou copiar o problema.

(2 linhas)

DO DIREITO

* Demonstrar a presença dos requisitos do decreto presidencial. Fere o princípio da legalidade fundamentar a vedação da comutação da pena em requisitos não previstos no decreto presidencial, pois os pressupostos para a concessão do benefício são da competência privativa do Presidente da República.

(2 linhas)

DO PEDIDO

Diante do exposto, requer, após parecer do digno representante do Ministério Público e oitiva do Conselho Penitenciário, a concessão da COMUTAÇÃO DA PENA, nos termos do art. 84, inciso XII, da Constituição Federal, combinado com o art. 66, inciso VI, da LEP, como medida de inteira justiça.

(2 linhas)

Termos em que pede deferimento.

(2 linhas)

Cidade, ____ de _____ de ____.

(2 linhas)

_____OAB – sob n. ____

ANEXO – roteiro de questões práticas por temas

Itens	Localização	Verbo	Recorrente	Recorrido
Carta testemunhável	639 e ss do CPP.	Requerer a extração.	Testemunhante.	Testemunhado.
Embargos de declaração	382/619 do CPP.	Opor.	Embargante.	Embargado.
Ei/N Embargos	609, parágrafo			

infringentes e de nulidade	único, do CPP.	Opor.	Embargante.	Embargado.
Apelação	593 do CPP.	Interpor.	Apelante.	Apelado.
RESE	581 do CPP.	Interpor.	Recorrente.	Recorrido.
ROC	105, II, a, da CF.	Interpor.	Recorrente.	Recorrido.
Recurso especial	105, III, da CF.	Interpor.	Recorrente.	Recorrido.
Recurso extraordinário	102, III, da CF.	Interpor.	Recorrente.	Recorrido.
Agravo de instrumento	1.015 e ss do CPC.	Interpor.	Agravante.	Agravado.
Agravo regimental	Regimento interno.	Interpor.	Agravante.	Agravado.

RANKING DE PEÇAS NA 2ª FASE

Itens	Habeas corpus	Apelação	RESE	Agravo em execução	Revisão criminal
Fundamento	5º, LXVIII, da CF e 647 e ss do CPP.	593 do CPP e 82 da L 9.099/95.	581 do CPP.	66 e 197 ambos da LEP.	621 do CPP.
Denegação	Em 1ª instância: RESE. Em 2ª instância: ROC.	R ESE.	Carta testemunhável.	Carta testemunhável.	Recurso inominado.
N. peças	Uma.	Duas.	Duas.	Duas.	Uma.
Termos	Paciente. Autoridade coatora.	Apelante. Apelado.	Recorrente. Recorrido.	Agravante. Agravado.	—
Verbo	Impetrar.	Interpor.	Interpor.	Interpor.	Apresentar.
Cabimento	Ameaça ou constrangimento ilegal, na	Sentença definitiva ou com força	Decisões do art. 581 e	Decisão do Juiz da Execução	Trânsito em julgado de sentença condenatória

	liberdade de locomoção.	de definitiva.	incisos do CPP.	Penal.	ou absolutória imprópria.
Pedido genérico	Concessão da ordem.	Provimento.	Provimento para tornar sem efeito a decisão impugnada.	Provimento para tornar sem efeito a decisão impugnada.	Acolhimento do pedido revisional.

TABELA DE ESTUDOS

Itens	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábac
Penal Geral	– aplicação da lei penal	– crime	– imputabilidade penal	– concurso de pessoas	– penas e medidas de segurança	– exti punibi
Processual Penal Geral	– aplicação da lei – princípios – inquérito e ação	– jurisdição e competência – atos processuais	– questões e processos – incidentes – sujeitos processuais	– prisão – liberdade provisória	– sentença – coisa julgada – recursos criminais	– e penal – identif crimin – p da tester e réus – colabo
Penal Especial	– pessoa – patrimônio	– propriedade imaterial – sentimento religioso – respeito aos mortos – paz pública	– dignidade sexual – família	– incolumidade pública	– fé pública	– admin públic
Leis Penais e Processuais Penais	– abuso de autoridade – tortura –	– violência doméstica – desarmamento – trânsito	– crime organizado – meio ambiente – interceptação telefônica	– idosos – falência – ECA – eleitoral	– preconceito – deficientes – contravenções – parcelamento	– con – tribu – e popul – licit

	hediondos	– Jecrim	– lavagem de dinheiro		do solo urbano	contra

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

Direito Penal

1 História do Direito Penal. 2 Criminologia. 3 Política Criminal. 4 Princípios penais e constitucionais. 5 Interpretação e integração da lei penal. 5.1 Analogia. 6 Norma penal. 6.1 Classificação e espécie das infrações penais. 6.2 Concurso aparente de normas. 7 Aplicação da Lei Penal. 7.1 Lei Penal no Tempo. 7.2 Lei Penal no Espaço. 8 Teoria Geral do Delito. 8.1 Conduta. 8.2 Relação de Causalidade. 8.2.1 Teoria da imputação objetiva. 8.3 Tipo penal doloso. 8.4 Tipo penal culposo. 8.5 Tipicidade. 8.6 Antijuridicidade. 8.7 Culpabilidade. 8.8 Condições objetivas de punibilidade e escusas absolutórias. 8.9 Consumação e tentativa. 8.10 Desistência Voluntária. 8.11 Arrependimento eficaz. 8.12 Arrependimento posterior. 8.13 Crime impossível. 9 Erro. 9.1 Erro de tipo. 9.2 Erro de proibição. 9.3 Erro de tipo permissivo. 10 Concurso de Pessoas. 11 Penas e seus critérios de aplicação. 12 Origens e Finalidades da pena. 12.1 Teorias da pena. 12.2 Espécies de penas. 12.3 Aplicação da pena. 12.4 Concurso de crimes. 12.5 Suspensão condicional da pena. 13 Efeitos da condenação. 14 Reabilitação. 15 Medidas de segurança. 15.1 Execução das medidas de segurança. 16 Causas Extintivas de Punibilidade. 17 Ação Penal. 18 Crimes em espécie. 19 Execução Penal. 19.1 Lei 7.210/84. 19.2 Livramento condicional. 19.3 Progressão e regressão de regime. 19.4 Remição. 19.5 Detração. 19.6 Incidentes de execução. 20 Legislação Penal Extravagante. 20.1 Leis Penais Especiais.

Direito Processual Penal

1 Princípios constitucionais e processuais penais. 2 Sistemas processuais

penais. 3 Aplicação da lei processual penal. 3.1 Interpretação e integração da lei processual penal. 4 Imunidades processuais penais. 5 Inquérito Policial. 6 Ação Penal. 6.1 Denúncia, Queixa-crime e representação. 6.2 Espécies de ação penal. 7 Ação Civil ex delicto. 8 Jurisdição e Competência. 8.1 Foro por prerrogativa de função. 9 Questões e Processos Incidentes. 10 Direito Probatório. 11 Do Juiz, do Ministério Público, do Acusado e Defensor, dos Assistentes e Auxiliares da Justiça. 12 Atos de comunicação no processo – Das citações e intimações. 13 Atos judiciais – Despacho, decisão e sentença. 14 Da Prisão e demais Medidas Cautelares. 15 Liberdade Provisória. 16 Dos Processos em espécie. 17 Procedimentos do CPP. 18 Procedimentos especiais na legislação extravagante. 19 Nulidades. 20 Recursos. 21 Ações Autônomas de Impugnação. 22 Disposições gerais do Código de Processo Penal. 23 Procedimentos de execução penal. 24 Graça, anistia e indulto. 25 Legislação Processual Penal Extravagante.

1 FRAGOSO, Heleno Cláudio. Lições de direito penal. Rio de Janeiro: Forense, 1990. p. 370.

2 NUCCI, Guilherme. Código Penal comentado. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2003. p. 329.

3 BITENCOURT, Cezar Roberto. Código Penal comentado. São Paulo: Saraiva, 2002. p. 286-287.

4 MORAES, Alexandre de; SMANIO, Gianpaolo Poggio. Legislação penal especial. São Paulo: Atlas, 2002. p. 192.

5 MIRABETE, Julio Fabbrini. Execução penal. São Paulo: Atlas, 1995. p. 320-321.

6 MESQUITA JÚNIOR, Sidio Rosa de. Manual de execução penal. São Paulo: Atlas, 2002. p. 282.

7 NOGUEIRA, Paulo Lúcio. Comentários à Lei de Execução Penal. São Paulo: Saraiva, 1996. p. 201.

8 MIRABETE, Julio Fabbrini. Execução penal. São Paulo: Atlas, 1997. p. 292.

9 MIRABETE, Julio Fabbrini. Execução penal. São Paulo: Atlas, 2002. p. 416.

10 MARCÃO, Renato Flávio. Lei de Execução Penal anotada. São Paulo: Saraiva, 2001. p. 500.

11 NUCCI, Guilherme de Souza. Código Penal comentado. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2003. p. 367.

12 CAPEZ, Fernando. Execução penal. São Paulo: Damásio de Jesus, 2004. p. 162.

13 MORAES, Alexandre; SMANIO, Gianpaolo Poggio. Legislação penal especial. São Paulo: Atlas, 2002. p. 177.

14 MIRABETE, Julio Fabbrini. Execução penal. São Paulo: Atlas, 2002. p. 273-274.

15 NUCCI, Guilherme de Souza. Código Penal comentado. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2003. p. 54.

ANEXO DE QUESTÕES PRÁTICAS

Temas de Direito Processual Penal

TEMAS DIVERSOS DO PROCESSO PENAL	NÚMERO DO EXAME DA OAB
Valor probatório da delação premiada	XIX
Citação	XIX
Nulidade processual	XIX – XVIII – XIV – IV
Tribunal do Júri	XVIII – XIV – IV
Suspensão condicional do processo	XX – XVII – V
Prova	XXI – XVII – IV
Prisão	XXII – XX – XVII – XVI – XV – VI
Ação penal	XVII – XVI – V – IV
Assistente de acusação	XVII – IV
Competência	XXII – XXI – XVII – XVI – XIV – XIII – XII – X – IX – IV
Exceção	XVII
Resposta à acusação	XVII – VI
Reformatio in pejus	XVI – XI
Reformatio in pejus indireta	XIV
Liberdade provisória	XVI
Habeas corpus	XV – VI – V
Princípios do processo penal	XV – IX – VIII – IV
Absolvição sumária	XI – IX – VIII

Sentença	XXI – VIII
Questões e processos incidentes	XXII
Inquérito policial	XX
RECURSOS CRIMINAIS	NÚMERO DO EXAME DA OAB
Apelação	XIX – XVII – V – IV
Agravo em execução	XIX – XV – XIV – XII – XI
Embargos infringentes	XVIII
Recurso ordinário	XIV
Recurso especial	XI
Recurso em sentido estrito	IX

Temas de Direito Penal

TEMA DO DIREITO PENAL – PARTE GERAL	NÚMERO DO EXAME DA OAB
Teoria da imputação objetiva	XIX
Comunicabilidade de circunstâncias	XIX
Cumprimento de pena	XXI – XX – XIX – XVI – XIV – XIII – XI
Prescrição	XVIII – XV – VIII – V
Continuidade delitiva	XVIII
Extinção da punibilidade	XVIII – XVI – XV – VIII – V
Aplicação da lei penal no tempo	XVIII – XVI – XIV
Desclassificação de conduta	XVII
Imputabilidade penal	XVII

Individualização da pena	XVI
Concurso de crimes	XXII – XVI – X
Iter criminis	XIII
Medida de segurança	XII
Desistência voluntária/arrependimento eficaz	XX – IX – XII
Tentativa	XXII – XII
Crime impossível	IX – XII
Tipicidade	XI
Sursis	XI
Crime omissivo	X
Concurso de pessoas	IX – X – VI
Erro	XXII – X – VI – V
Livramento condicional	X
Dolo/culpa	X – VI
Conflito aparente de normas	VII
Antijuridicidade	VI
TEMA DO DIREITO PENAL – PARTE ESPECIAL	NÚMERO DO EXAME DA OAB
Crime contra administração pública	XIX – XIII – IX – VIII
Crimes contra o patrimônio	XXI – XX – XVIII – XVII – XVI – XV – XIV – XIII – XII – XI – VIII – VI – V – IV
Crimes contra paz pública	XVIII – XIV – VI
Crimes contra liberdade sexual	XVI – V

Crimes contra liberdade individual	XVII
Crimes contra pessoa	XXI – XII – IX – X – VII
Crime contra honra	XX – XVI – V
Crimes contra fé pública	VIII

Temas de Legislação Especial

LEGISLAÇÃO PENAL ESPECIAL	NÚMERO DO EXAME DA OAB
Lei n. 12.850/2013	XIX
Lei n. 11.343/2006	XXII – XVIII – XVI – XIII – X – VII
Lei n. 11.340/2006	XVII – IV
Lei n. 8.037/90	XV – VIII – VII
Lei de Execução Penal	XV – XI – X
Lei n. 9.099/95	VI
Lei n. 7.492/86	V
Lei n. 7.716/89	XX
Lei n. 10.826/2003	XXI
Lei n. 9.296/96	XXII

www.
BRASIL CONCURSOS.com

LÍNGUA PORTUGUESA

ESTUDE COM NOSSO MATERIAL
E GANHE O CARIMBO PARA UM
MELHOR FUTURO PROFISSIONAL .
APROVADO

ÍNDICE

Noções de fonética 9
Separação silábica 9
Classificação de palavras quanto à acentuação 9
Classificação das palavras quanto à pronúncia, grafia e significado 10
Classificação dos ditongos (encontros vocálicos) 11
Encontros consonantais 11
Translineação 12
Pontuação 13
Substantivo 15
Classificação 15
Coletivos 16
Número 17
Formação do plural nos substantivos compostos 18
Gênero 19
Grau 19
Adjetivo 20
Plural dos adjetivos 20
Flexão do adjetivo 21
Grau do adjetivo 21
Locução Adjetiva 22
Advérbio 23
CLASSIFICAÇÃO DO ADVÉRBIO 23
Advérbio interrogativo 23
Locução adverbial 24
Pronome 24
Emprego dos Pronomes Pessoais 25
Pronome Possessivo 26
Pronome demonstrativo 27
Pronome Indefinido 28
Pronome interrogativo 28
Numerais 29

Preposição 32
Contração das preposições com artigos 32
Contração das preposições com pronomes 32
Locuções prepositivas 33
Conjunções e locuções conjuncionais coordenativas 34
Interjeições 35
Locuções interjetivas 36
Verbo 37
Estrutura das Formas Verbais 37
Formas Rizotônicas e Arrizotônicas 38
Classificação dos Verbos 39
Conjugação dos Verbos Auxiliares 43
Modos Verbais 50
Formas Nominais 50
Tempos Verbais 52
Formação dos Tempos Simples 54
Tempos Compostos 55
Locuções Verbais 57
Vozes do Verbo 58
Desinências 60
Desinências Verbais 60
Vogal Temática 61
Tema 61
Vogais e Consoantes de Ligação 61
Predicado verbal 62
Verbo intransitivo 62
Verbo transitivo 62
Objeto direto 63
Objeto indireto 63
Frases 63
Tipos de frases 63
Formas de frase 64
Período e oração 65

Elementos essenciais da oração 65
Orações coordenadas 66
Orações subordinadas 67
Derivação 67
Composição 68
Crase 69
Emprego da crase 70
Não se utiliza crase 70
Casos especiais do uso da crase 71
Emprego de certas palavras 71
Por que, Porquê, Porque, Por que 71
Mau , Mal 72
Mas, Mais 72
Onde e Aonde 72
Este, esse 73
Exercícios Gramaticais 73
BIBLIOGRAFIA 214

Nova regra ortográfica

Candidatos a vagas em concursos públicos devem começar a estudar desde já as mudanças previstas na reforma ortográfica de 2009. Até 31 de dezembro de 2012, o país terá um período de transição, no qual valerão tanto a ortografia atual quanto as novas regras.O acordo ortográfico unifica a escrita nos oito países que falam português: Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Timor Leste, Brasil e Portugal. E, apesar de a incorporação das mudanças pelos livros escolares ser obrigatória a partir de 2010, editoras prevêem lançamento de livros com as novas regras já em 2009.

Veja as regras atuais e o que vai mudar na Língua Portuguesa:

Alfabeto

Nova Regra

O alfabeto será formado por 26 letras

Como é

As letras “k”, “w” e “y” não são consideradas integrantes do alfabeto

Como será

Essas letras serão usadas em unidades de medida, nomes próprios, palavras estrangeiras e outras palavras em geral. Exemplos: km, kg, watt, playground, William, Kafka, kafkiano.

Trema

Nova regra

Não existirá mais o trema na língua portuguesa. Será mantido apenas em casos de nomes estrangeiros. Exemplo: Müller, mülleriano.

Como é

Agüentar, conseqüência, cinqüenta, freqüência, tranqüilo, lingüiça, bilíngüe.

Como será

Aguentar, consequência, cinquenta, frequência, tranquilo, linguiça, bilíngue.

Acentuação – ditongos "ei" e "oi"

Nova regra

Os ditongos abertos "ei" e "oi" não serão mais acentuados em palavras paroxítonas

Como é

Assembléia, platéia, idéia, colméia, boléia, Coréia, bóia, paranóia, jibóia, apóio, heróico, paranóico

Como será

Assembleia, plateia, ideia, colmeia, boleia, Coreia, boia, paranoia, jiboia, apoio, heroico, paranoico.

Obs: Nos ditongos abertos de palavras oxítonas terminadas em éi, éu e ói e monossílabas o acento continua: herói, constrói, dói, anéis, papéis, troféu, céu, chapéu.

Acentuação – “i” e “u” formando hiato

Nova regra

Não se acentuarão mais "i" e "u" tônicos formando hiato quando vierem depois de ditongo

Como é

baiúca, boiúna, feiúra, feiúme, bocaiúva

Como será

baiuca, boiuna, feiura, feiume, bocaiuva

Obs 1: Se a palavra for oxítona e o “i” ou “u” estiverem em posição final o acento permanece: tuiuiú, Piauí.

Obs 2: Nos demais “i” e “u” tônicos, formando hiato, o acento continua. Exemplo: saúde, saída, gaúcho.

Hiato

Nova regra

Os hiatos "oo" e "ee" não serão mais acentuados

Como é

enjôo, vôo, perdôo, abençôo, povôo, crêem, dêem, lêem, vêem, relêem

Como será

enjoo, voo, perdoo, abençoo, povoo, creem, deem, leem, veem, releem

Palavras homônimas

Nova regra

Não existirá mais o acento diferencial em palavras homônimas (grafia igual, som e sentido diferentes)

Como é

Pára/para, péla/pela, pêlo/pelo, pêra/pera, pólo/polo

Como será

para, pela, pelo, pera, polo

Obs 1: O acento diferencial ainda permanece no verbo poder (pôde, quando usado no passado) e no verbo pôr (para diferenciar da preposição por).

Obs 2: É facultativo o uso do acento circunflexo para diferenciar as palavras forma/fôrma. Em alguns casos, o uso do acento deixa a frase mais clara. Exemplo: Qual é a forma da fôrma do bolo?

Hífen – "r" e "s"

Nova regra

O hífen não será mais utilizado em prefixos terminados em vogal seguida de palavras iniciadas com "r" ou "s". Nesse caso, essas letras deverão ser duplicadas.

Como é

ante-sala, auto-retrato, anti-social, anti-rugas, arqui-rival, auto-regulamentação, auto-sugestão, contra-senso, contra-regra, contra-senha, extra-regimento, infra-som, ultra-sonografia, semi-real, supra-renal.

Como será

antessala, autorretrato, antissocial, antirrugas, arquirrival, autorregulamentação, autossugestão, contrassenso, contrarregra, contrassenha, extrarregimento, infrassom, ultrassonografia, semirreal, suprarrenal.

Hífen – mesma vogal

Nova Regra

O hífen será utilizado quando o prefixo terminar com uma vogal e a segunda palavra começar com a mesma vogal.

Como é

antiibérico, antiinflamatório, antiinflacionário, antiimperialista, arquiinimigo, arquiirmandade, microondas, microônibus.

Como será

anti-ibérico, anti-inflamatório, anti-inflacionário, anti-imperialista, arqui-inimigo, arqui-irmandade, micro-ondas, micro-ônibus.

Hífen – vogais diferentes

Nova regra

O hífen não será utilizado quando o prefixo terminar em vogal diferente da que inicia a segunda palavra.

Como é

auto-afirmação, auto-ajuda, auto-aprendizagem, auto-escola, auto-estrada, auto-instrução, co-autor, contra-exemplo, contra-indicação, contra-ordem, extra-escolar, extra-oficial, infra-estrutura, intra-ocular, intra-uterino, neo-expressionista, neo-imperialista, semi-aberto, semi-árido, semi-automático

Como será

autoafirmação, autoajuda, autoaprendizagem, autoescola, autoestrada, autoinstrução, coautor, contraexemplo, contraindicação, contraordem, extraescolar, extraoficial, infraestrutura, intraocular, intrauterino, neoexpressionista, neoimperialista, semiaberto, semiárido, semiautomático.

Obs: A regra não se encaixa quando a palavra seguinte iniciar por h: anti-herói, anti-higiênico, extra-humano, semi-herbáceo.

Noções de fonética

Separação silábica

	Número de sílabas	Exemplos
Monossílabas	1	a, é, eu, há, teu, sim, quais
Dissílabas	2	a-í, me-sa, u-va, ma-nhã, ru-a, qual-quer
Trissílabas	3	a-ba-no, or-gu-lhar, ar-tis-ta, fu-ra-cão
Polissílabas	mais de 3	so-bre-tu-do, an-ti-ga-men-te, in-com-pre-en-sí-vel

Classificação de palavras quanto à acentuação

	Acento Tónico	Exemplos
Oxítonas ou agudas	na última sílaba	avô, colibri, boné, Benjamim, fuzil, alçapão

Paroxítonas ou graves	na penúltima sílaba	ave, automóvel, caneta, tristonho, porteiro, asteróide
Proparoxítonas ou esdrúxulas	na antepenúltima sílaba	ábaco, exército, fábrica, tónico, óptimo, túmulo

Classificação das palavras quanto à pronúncia, grafia e significado

	Definição	Exemplos
Homófonas	Mesma pronúncia, grafia e significado diferentes	à, há acento (sinal), assento (banco) hera (planta), era (época) cela (prisão), sela (cavalo)
Homógrafas	Mesma grafia, pronúncia e significado diferentes	este, Este (ponto cardeal) pregar (pregos), pregar (discurso) doméstica, domestica cópia, copia
Homónimas	Mesma pronúncia e grafia, significados diferentes	amo (senhor), amo (verbo amar) canto (ângulo), canto (verbo cantar) são (saudável), são (verbo ser)
Parónimas	Grafia e pronúncia parecidas, significados	comprimento, cumprimento arrolhar, arrulhar

	diferentes	eminente, iminente despensa, dispensa

Ditongo: Combinação de uma vogal e de uma semivogal (**i** e **u**) que se pronuncia numa só emissão de voz.

Hiato: Encontro de duas vogais. Ex: rainha, saiam, país.

Classificação dos ditongos (encontros vocálicos)

Crescentes	**Decrescentes**
A semivogal antecede a vogal: perícia, espécie, fastio, vácuo, ténue, água	A vogal antecede a semivogal: pai, feito, varapau, réu, biscoito, muito
Orais	**Nasais**
O som sai só pela boca: saia, farnéis, fugiu, boi, uivar	O som sai pela boca e fossas nasais: mãe, cãimbra, vem, mão, comeram
Abertas	**Fechadas**
au: mau éu: ilhéu ói: dói	eu: seu oi: foi õe: põe

Encontros consonantais

Encontro consonantal	**Exemplos**

bl	bloco
br	branco, rubro
cl	claro, tecla
cr	cravo, acre
dr	dragão, vidro
fl	flor, ruflar
fr	francês, refrão
gr	grande, regra
tl	atlas
vr	palavra

Translineação

Regra geral: as palavras são separadas de acordo com a sua divisão silábica.

Não se separam	Exemplos	Separam-se	Exemplos
as vogais que formam ditongos	mui-to ca-dei-ra he-rói-co	as vogais que formam hiato e os ditongos consecutivos	fe-é-ri-co ra-i-nha sai-am, ru-iu
os grupos **ia**, **ie**, **io**, **oa**, **ua**, **ue**, **uo**	fú-ria sé-rie vá-rios té-nue	as consoantes seguidas que pertencem a sílabas diferentes	ab-di-car ac-tu-a-ção ins-tru-tor

os grupos de consoantes consecutivas formados por **b**, **c**, **d**, **f**, **g**, **p**, **t**, **v** seguidos de **l** ou **r** (excepto o prefixo **sub**)	a-bri-go pro-cla-mar em-pre-go pa-la-vró-rio a-dro	os pares de consoantes iguais (**cç**, **rr**, **ss**) e as letras dos dígrafos **sc**, **sç**, **xc**	ac-cio-nar ter-ra mas-sa des-ça ex-ce-len-te
os grupos **pn**, **mn**, **ps** quando iniciam sílaba	pneu-mo-nia psí-qui-co mne-mó-ni-ca	Obs.: em palavras com hífen, quando este coincide no final da linha, é repetido na linha seguinte	vice-/-almirante deita-/-te
os dígrafos **ch**, **lh**, **nh**	ba-cha-rel ma-lha-do ma-nhã		
os grupos **gu** e **qu**	al-guém e-qua-dor		

Pontuação

os sinais de pontuação são empregados para orientar o leitor, substituindo, na escrita, a melodia e a entonação que damos às frases quando falamos. Na língua portuguesa, há os seguintes sinais de pontuação:

Sinal	Utilização
Ponto (.)	usa-se no final do período, indicando que o sentido está completo e nas abreviaturas (Dr., Exa., Sr.); marca uma

	pausa absoluta
Vírgula (,)	marca uma pequena pausa. É usada para separar: o aposto; o vocativo; o atributo; os elementos de um sintagma não ligados pelas conjunções **e**, **ou**, **nem**; as coordenadas assindéticas não ligadas por conjunções; as orações relativas; as orações intercaladas; as orações subordinadas e as adversativas introduzidas por **mas**, **contudo**, **todavia** e **porém**.
Ponto e vírgula (;)	sinal intermédio entre o ponto e a vírgula que indica que a frase não está finalizada. Usa-se: em frases constituídas por várias orações, algumas das quais já contêm uma ou mais vírgulas; para separar frases subordinadas dependentes de uma subordinante; como substituição da vírgula na separação da oração coordenada adversativa da oração principal.
Dois pontos (:)	marcam uma pausa e anunciam: uma citação; uma fala; uma enumeração; um esclarecimento; uma síntese
Ponto de interrogação (?)	usa-se no final de uma frase interrogativa directa e indica uma pergunta
Ponto de exclamação (!)	usa-se no final de qualquer frase que exprime sentimentos, emoções, dor, ironia e surpresa
Reticências (...)	marcam uma interrupção na frase indicando que o sentido da oração ficou incompleto
Aspas ("...")	usam-se para delimitar citações; para referir títulos de obras; para realçar uma palavra ou expressão

Parênteses (...)	marcam uma observação ou informação acessória intercalada no texto
Parágrafo (§)	Constitui cada uma das secções de frases de um escrito; começa por letra maiúscula, um pouco além do ponto em que começam as outras linhas.
Travessão (-)	marca o início e o fim das falas, no diálogo para distinguir cada um dos interlocutores; as orações intercaladas; as sínteses no final de um texto. Substitui os parênteses.

Substantivo

É a palavra variável que serve para dar nome às pessoas, àsquantidades, aos sentimentos, aos objetos, aos lugares e a todos os seres, sejam reais ou imaginários.

O substantivo pode vir precedida de artigo.

Era-lhe familiar o canto matinal e **o amanhecer**.

↓

O artigo, amanhecer precedida de artigo é classificada como substantivo.

Classificação

Primitivos	Derivados
Criam outras palavras.	São criados a partir de outras palavras.
Ex.: terra, casa	Ex.: terreiro, aterrar; casebre, casinha

Simples	Compostos
Formados por apenas um radical.	Formados por mais de um radical.
Ex.: cabra, tempo	Ex.: cabra-cega, passatempo

Comuns	Próprios
Qualquer ser da espécie.	Um ser específico da espécie.
Ex.: rua, praça, mulher	Ex.: rua Rio de Janeiro, praça Duque de Caxias, Isabela

Os substantivos próprios serão sempre escritos com inicial maiúscula.

Concretos	Abstratos
Nomeiam objetos, lugares, pessoas, animais...Podem ser visualizados.	Nomeiam ações, estados, sentimentos, qualidades...Dependem de outros seres para existir. Não é possível visualizá-los
Ex.: Carmem, mesa, urso	Ex.:alegria, tristeza

Quando quero visualizar alegria posso desenhar um sorriso, por exemplo, mas não a alegria.

Coletivos

Os substantivos coletivos transmitem a noção de plural, embora sejam grafados no singular. Nomeiam um agrupamento de seres da mesma espécie.

Abaixo lista de alguns coletivos:

Alcatéia	De lobos
Álbum	De fotografias
Antologia	De trechos literários
Assembléia	De parlamentares, associados
Baixela	De objetos de mesa

Banca	De examinadores
Bandeira	De garimpeiros
Bando	De aves
Cacho	De uvas
Cancioneiro	De poemas, canções
Concílio	De bispos
Corja	De ladrões
Elenco	De artistas
Enxoval	De roupas
Feixe	De lenha
Flora	De vegetais
Girândola	De fogos de artifício
Junta	De examinadores, médicos, bois
Legião	De demônios, soldados, anjos
Malta	De desordeiros
Nuvem	De insetos
Panapaná	De borboletas
Pinacoteca	De pinturas
Plantel	De atletas, animais de raça
Repertório	De peças teatrais, anedotas, músicas
Revoada	De pássaros
Romanceiro	De poesias populares
Súcia	De pessoas desonestas
Vocabulário	De palavras

Número

Formação do plural nos substantivos simples

Regra geral: o plural é formado pelo acréscimo da desinência -s.

Ex.: mapa/mapas, degrau/degraus

Terminados em -ão: plural em -ões, -ães ou ãos.

Ex.: questão/questões, capitão/capitães, irmão/irmãos

Terminados em -r, -z: acréscimo de -es.

Ex.: bar/bares, raiz/raízes

Terminados em -s: acréscimo de -es quando forem oxítonos; invariáveis quando não forem oxítonos.

Ex.: país/países, lápis/lápis

Terminados em -l: substitui-se o -l por -is.

Ex.: anel/anéis, álcool/álcoois

Exceções: mal/males, cônsul/cônsules

Terminados em -m: trocam -m por -ns.

Ex.: atum/atuns, álbum/álbuns

Terminados em -x: são invariáveis.

Ex.: látex/látex, xerox/xerox

Terminados em -zito, -zinho: pluraliza-se a palavra primitiva sem o -s e a terminação.

Ex.: balão + zinho = balõe(s) + zinhos/ balõezinhos

Formação do plural nos substantivos compostos

- Flexionam-se os substantivos, adjetivos, numerais e pronomes sem preposição entre eles.

  Ex.: primeiro (numeral) - ministro (substantivo)/ primeiros-ministros
- Não se flexionam os verbos, advérbios e demais palavras invariáveis.

  Ex.: vira(verbo) - lata(substantivo)/ vira-latas
- Elementos ligados por preposição: só o primeiro elemento é flexionado.

  Ex.: mula-sem-cabeça/ mulas-sem-cabeça
- Palavras repetidas ou onomatopaicas: só o segundo elemento é flexionado.

  Ex.: pingue-pongue/ pingue-pongues, reco-reco/ reco-recos

- Quando o segundo elemento limita ou determina o primeiro: só o primeiro elemento é flexionado.
  Ex.: caneta-tinteiro/canetas-tinteiro, peixe-boi/ peixes-boi

Gênero

Quanto ao gênero, os substantivos podem ser:

Biformes: possuem duas formas, uma para o feminino e outra para o masculino.
Ex.: gato/gata, cabra/bode

Uniformes: possuem apenas uma forma para os dois gêneros.
Os substantivos uniformes se subdividem em:

- Epicenos*:* uma só forma para os dois gêneros, a distinção é feita pelas palavras macho e fêmea.
  Ex.: formiga macho/formiga fêmea, cobra macho/cobra fêmea

- Comuns de dois gêneros: uma só forma para os dois gêneros, a distinção é feita pelo determinante (artigo, pronome, adjetivo...).
  Ex.: a pianista/ o pianista, belo colega/ bela colega

- Sobrecomuns*:* uma só forma para os dois gêneros, não é possível fazer a distinção pelos determinantes. A distinção pode ser feita pela expressão: do sexo masculino/ do sexo feminino.
  Ex.: a pessoa, a criatura, a criança, o cônjuge

Grau

É a possibilidade de indicar o tamanho do ser que nomeia.

Os substantivos podem estar em três graus:

- normal
- aumentativo

- diminutivo

As variações de grau podem ser feitas de duas formas:

Analítica: Acréscimo de um adjetivo: casa pequena/grande, pé pequeno/grande

Sintética: Acréscimo de um sufixo: casinha-casebre/, pezinho/pezão

Alguns sufixos utilizados na formação do grau sintético:

Grau diminutivo	Grau aumentativo
-inho, -zinho, -ebre, -im, -acho, -ejo, -eta, -ote...	-ona, -ázio, -aça, -az, -arra...
Ex.: amorzinho, riacho, lugarejo	Ex.: bocarra, copázio, mulherona

Adjetivo

É a palavra variável que dá característica, qualidade ao substantivo.

Candidatos **experientes**.

Plural dos adjetivos

O adjetivo toma a forma singular ou plural do substantivo que qualifica.

Terminação (regra geral)	Plural	Exemplos
vogal e ditongo	acrescenta-se -**s**	tristes, maus
consoante	acrescenta-se -**es**	felizes, elementares
Terminação (particularidades)	**Plural**	**Exemplos**

-ão	muda para **-ãos**, **-ães** ou **-ões**	sãos, glutões
-m	muda para **-ns**	jovens, bons
-al, -ol, -ul	muda para **-ais**, **-ois**, **-uis**	ovais, azuis
-el	muda para **-éis**, **-óis**	moscatéis, fiéis, espanhóis
-il tónico	muda o **-l** em **-s**	febris, infantis
-il átono	muda para **-eis**	fúteis, férteis
-ás, -ês, -is	acrescenta **-es**	portugueses
-s, -x	não muda	simples
Adjetivos compostos	**Plural**	**Exemplos**
por justaposição	só o último elemento toma a forma do plural (exceptua-se surdo-mudo que toma a forma surdos-mudos)	agro-pecuárias, hispano-americanos, médico-cirúrgicos, luso-americanas
referentes a cores quando o segundo elemento é um substantivo	não mudam	verde-esmeralda, amarelo-canário, verde-azeitona

Flexão do adjetivo

- singular ou plural
- masculino ou feminino (gênero)

Grau do adjetivo

- normal ou positivo

Caio é caridoso.

- Comparativo
  - Superioridade:Sandra é **mais esperta** que Flávia.
  - Inferioridade: Sandra é **menos esperta** que Flávia.
  - Igualdade: Sandra é **tão esperta** quanto Flávia.

- Superlativo –

Absoluto
- Sintético: Sandra é **espertíssima**.
- Analítico: Sandra é **muito esperta**.

Relativo
- Superioridade: Sandra é a mais esperta do grupo.
- Inferioridade: Sandra é a menos esperta do grupo.

Locução Adjetiva

É o grupo de duas ou mais palavras (com valor de adjetivo) que caracteriza o substantivo. A locução adjetiva é formada de preposição ou contração .

Cadernos **do pacote.** Veio **do pacote**.

(subst.) **(locução adjetiva)** (não há locução adjetiva porque não caracteriza O substantivo.)

Advérbio

É a palavra invariável que modifica o verbo, acrescentando-lhe circunstâncias de tempo, modo,lugar, intensidade...

CLASSIFICAÇÃO DO ADVÉRBIO

Lugar	Aqui, lá, ali,atrás, perto, longe, etc.
Dúvida	Possivelmente, talvez, porventura, etc.
Negação	Não, absolutamente
Tempo	Hoje, amanhã, breve, logo, cedo, etc.
Intensidade	Pouco, muito, todo, mais, menos, etc.
Afirmação	Sim, certamente, realmente, etc.
Modo	Assim, bem, apenas, depressa, etc.

Advérbio interrogativo

Onde, quando, como, por que são advérbios interrogativos, empregados em frases interrogativas diretas e indiretas, expressando circunstânciasde lugar,modo, etc.

ADVÉRBIO INTERROGATIVO		
De tempo	Interrogativa Direta	Interrogativa Indireta
De modo	Quando você chegará?	Diga-me quando você vai chegar.

Como será comprado a pá?	Perguntaram como será comprada essa pá.
Onde fica a loja?	Mostre-nos onde fica a loja.
Por que Cláudia saiu?	Ninguém sabia por que Cláudia havia saído.

Locução adverbial

São duas ou mais palavras que exercem função de advérbio, exprimindo também circunstâncias de modo, causa, lugar, etc. Alguns exemplos:

- De causa: Morreu de fome.
- De meio: Andou de carro.
- De instrumento: Cortou-se com a tesoura.
- Companhia: Foi ao centro com a prima.
- De condição: Sem aplicação, não chegarás.

Pronome

Pronome de tratamento	Abreviatura Singular	Abreviatura Plural	Usado para
Você	v.	vv.	Tratamento íntimo
Senhor,senhora	Sr., Srª.	Srs., Sr.ªs	Tratamento respeitoso
Vossa Senhoria	V.Sª.	V.S.ªs	Pessoas de cerimônia textos

Vossa Excelência	V.Exª.	V.Ex.ªs	Altas autoridades governo
Vossa Eminência	V.Emª	V.Em.ªs	Cardeais
Vossa Alteza	V.A.	VV.AA.	Príncipes
Vossa Santidade	V.S.	Sem Plural	O Papa
Vossa Reverendíssima	V.Rev.ma	V.Rev.mas	Sacerdotes
Vossa Magnificência	V.Magª.	V.Mag.as	Reitores
Vossa Magestade	V.M.	VV.MM.	Reis e Rainhas

Emprego dos Pronomes Pessoais

Os pronomes oblíquios o, a, os, as podem sofrer alterações. Assim :

- Após verbos terminados em r, s, z, os pronomes o, a, os, as, adquirem as formas lo, la, los, lãs e os verbos perdem as letras finais r, s, z.

Eu quero **pedir o almoço**.

Eu quero **pedi-lo.**

- Após verbos terminados em m, ao, õe, circunstância em que adquirem as formas no, na, nos, nas.

Pediram **a força.**

Pediram**-na.**

- Na função de complemento, usam-se os pronomes oblíquos na linguagem formal.

Chamei**-o.**

- Após a preposição para, usam-se os pronomes retos eu, tu, ele, nós vós, eles antes de verbo no infinitivo.

Antonio mandou o ofício **para eu pesquisar**.

- O pronome conosco deve ser usado na forma contraída.

Compre **conosco**.

Pronome Possessivo

É aquele que indica posse de alguma coisa por parte de uma das pessoas do discurso.

PRONOME POSSESSIVO

Indica coisa que pertence à:	Masculino Singular	Feminino Singular	Masculino Plural	Feminino Plural
1ª pessoa (eu) (nós)	meu nosso	minha nossa	meus nossos	minhas nossas

2ª pessoa (tu) (vós)	teu vosso	tua vossa	teus vossos	tuas vossas
3ª pessoa (ele) (eles)	seu (dele) seu (dele)	sua (dela) sua (dela)	seus (deles) seus (deles)	suas (delas) suas (delas)

Pronome demonstrativo

É aquele que indica a posição dos seres em relação às pessoas do discurso.

PRONOME DEMONSTRATIVO

Posição quanto à	Masculino singular	Feminino singular	Masculino plural	Feminino plural	Invariáveis
1ª pessoa (a que fala)	Este	Esta	Estes	Estas	Isto
2ª pessoa (com quem se fala)	Esse	Essa	Esses	Essas	Isso
3ª pessoa (de quem se fala)	Aquele	Aquela	Aqueles	Aquelas	Aquilo

- Também são pronomes demonstrativos as palavras:
  Mesmo, mesma, mesmos, mesmas, indicando ênfase

Nós **mesmos** nada sabemos sobre vocês.

Pronome Indefinido

É aquele que indica de modo vago a terceira pessoa do discurso.

- Variáveis: algum, nenhum, muito,pouco, bastante, todo, certo, etc.
- Invariáveis: tudo, alguém, cada, nada, outrem,etc.

Mostrei **certas** coisas. (pronome adjetivo indefinido)

Pronome Relativo- é aquele que substitui um nome já mencionado (antecedente) com o qual se relaciona.

- Variável: o qual, a qual, os quais, as quais, cujo, cuja, cujos, cujas
- Invariável: que, quem, onde

O móvel que vendi é bom. (o qual vendi)

Pronome interrogativo

que?, quem?, qual?, onde?

- Que: substitui nomes de pessoas, objetos, animais, coisas. Pode ser trocado, na frase, por o qual, a qual, os quais, as quais.
- Quem: refere-se apenas a pessoas e vem sempre precedido de preposição.
- O qual, a qual, os quais,as quais: podem ser empregados no lugar de que, quem.
- Onde: refere-se a um antecedente que indica lugar.

Numerais

Números (árabes)	Números (romanos)	Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fraccionários	Colectivos
1	I	um	primeiro			
2	II	dois	segundo	duplo ou dobro	meio ou metade	duo, dueto
3	III	três	terceiro	triplo ou tríplice	terço	trio
4	IV	quatro	quarto	quádruplo	quarto	quarteto
5	V	cinco	quinto	quíntuplo	quinto	quinteto
6	VI	seis	sexto	sêxtuplo	sexto	sexteto
7	VII	sete	sétimo	séptuplo	sétimo	
8	VIII	oito	oitavo	óctuplo	oitavo	
9	IX	nove	nono	nónuplo	nono	novena
10	X	dez	décimo	décuplo	décimo	dezena, década
11	XI	onze	undécimo ou	undécuplo	undécimo ou	

			décimo primeiro		onze avos	
12	XII	doze	duodécimo ou décimo segundo	duodécuplo	duodécimo ou doze avos	dúzia
13	XIII	treze	décimo terceiro		treze avos, etc.	
14	XIV	catorze	décimo quarto			
15	XV	quinze	décimo quinto			
16	XVI	dezesseis	décimo sexto			
17	XVII	dezessete	décimo sétimo			
18	XVIII	dezoito	décimo oitavo			
19	XIX	dezenove	décimo nono			
20	XX	vinte	vigésimo		vinte avos	
21	XXI	vinte e um	vigésimo primeiro		vinte e um avos	
30	XXX	trinta	trigésimo		trinta avos, etc.	
40	XL	quarenta	quadragésimo			
50	L	cinquenta	quinquagésimo			
60	LX	sessenta	sexagésimo			
70	LXX	setenta	septuagésimo			
80	LXXX	oitenta	octogésimo			
90	XC	noventa	nonagésimo			

100	C	cem	centésimo	cêntuplo	cem avos	centena, cento
200	CC	duzentos	ducentésimo		duzentos avos	
300	CCC	trezentos	tricentésimo		trezentos avos	
400	CD	quatrocentos	quadrigentésimo			
500	D	quinhentos	quingentésimo			
600	DC	seiscentos	seiscentésimo			
700	DCC	setecentos	septigentésimo			
800	DCCC	oitocentos	octigentésimo			
900	CM	novecentos	nongentésimo			
1000	M	mil	milésimo		mil avos	milhar
10 000	X (1)	dez mil	dez milésimos		dez mil avos	
100 000	C (1)	cem mil	cem milésimos		cem mil avos	
1 000 000	M (1)	um milhão	milionésimo		milionésimo	
1 000 000 000	M (2)	mil milhões				
1 000 000 000 000		um bilião	bilionésimo		bilionésimo	

(1) As letras têm um traço por cima

(2) As letras têm dois traços por cima.

Preposição

é a palavra invariável que liga dois termos, estabelecendo relação entre eles. As principais preposições são:

Contração das preposições com artigos

Preposições	Artigos definidos				Artigos indefinidos			
	o	a	os	as	um	uma	uns	umas
a	ao	à	aos	às	-	-	-	-
de	do	da	dos	das	dum	duma	duns	dumas
em	no	na	nos	nas	num	numa	nuns	numas
por	pelo	pela	pelos	pelas	-	-	-	-

Contração das preposições com pronomes

Preposições	Pronomes (1)			
	este	**esta**	**estes**	**estas**
a	-	-	-	-
de	deste	desta	destes	destas
em	neste	nesta	nestes	nestas
por	-	-	-	-

(1) Dá-se a contração de preposições em outros pronomes: esse(s), essa(s), aquele(s), aquela(s), isto, aquilo, ele(s), ela(s).

- Preposição simples ou essenciais: a, ante, após, contra, de, desde, para sem, sob

Cheguei da rua.

- Preposição acidental: palavras de outras classes, funcionando, em certas circunstâncias, como preposição.

Tenho que sair.

Locuções prepositivas

Grupo de palavras que funcionam como preposição. Terminam sempre por uma preposição simples.

Algumas locuções prepositivas muito usadas: à frente de, à espera de, a fim de .

Foi à procura de um remédio.

abaixo de	apesar de	em baixo de	para baixo de
acerca de	a respeito de	em cima de	para cima de
acima de	atrás de	em frente a	para com
a despeito de	através de	em frente de	perto de
adiante de	de acordo com	em lugar de	por baixo de
a fim de	debaixo de	em redor de	por causa de
além de	de cima de	em torno de	por cima de
antes de	defronte de	em vez de	por detrás de
ao lado de	dentro de	graças a	por diante de
ao redor de	depois de	junto a	por entre
a par de	diante de	perto de	por trás de

Conjunções e locuções conjuncionais coordenativas

Subclasse	Conjunções	Locuções
Copulativas (indicam adição)	e também nem que [1]	não só ... mas também não só ... como também tanto ... como
Adversativas (indicam oposição)	mas porém todavia contudo que [2] entretanto	no entanto não obstante apesar disso ainda assim mesmo assim de outra sorte ao passo que
Disjuntivas (indicam alternativa)	ou	ou ... ou ora ... ora já ... já quer ... quer seja ... seja seja ... ou nem ... nem
Conclusivas (ligam uma oração que exprime conclusão ou consequência a uma anterior)	logo pois portanto	por consequência por conseguinte pelo que

Explicativas (ligam duas orações, a segunda das quais justifica o conteúdo da primeira)	pois que porquanto porque	

(1) **Que** é conjunção copulativa quando equivale a **e**. Bate que bate.

(2) **Que** é conjunção adversativa quando equivale a **mas**. O trabalho deves fazê-lo tu que (mas) não eu.

Interjeições

Vocábulos frase excluídos das classes de palavras.

Sentimento/Emoção	Principais interjeições
alegria	Ah! Oh!
animação, encorajamento	Avante! Coragem! Eia! Força! Vamos!
aplauso	Bem! Bis! Bravo! Viva!
cansaço	Ah! Uf!
chamamento (invocação)	Alô! Ó! Olá! Psiu! Pst! Eh!
descontentamento	Mau!
desejo	Oh! Oxalá!
dor	Ai! Ui!

encorajamento (para fazer levantar)	Upa! Arriba!
espanto, surpresa	Ah! Chi! Ih! Oh! Puxa!
impaciência, irritação	Hum! Hem! Apre! Irra!
indignação	Apre! Irra!
medo	Ui!
silêncio	Caluda! Psiu! Silêncio!
surpresa	Ah! Ih! Oh!
suspensão	Alto! Basta!

Locuções interjetivas

Sentimento	Principais locuções interjectivas
aflição, dor	Ai de mim! Pobre de mim! Valha-me Deus! Ai Jesus! Credo!
desejo	Deus queira! Se Deus quiser!
impaciência, irritação	Ora bolas! Raios o partam!
pedido de socorro	Aqui del-rei! Socorro! Ó da guarda!
reconhecimento	Bem haja!

suspensão	Alto aí! Alto lá!
saudação	Adeus! bom dia! Boa noite!

Verbo

É a classe de palavras que se flexiona em pessoa, número, tempo, modo e voz. Pode indicar, entre outros processos:

ação (correr);

estado (ficar);

fenômeno (chover);

ocorrência (nascer);

desejo (querer).

O que caracteriza o verbo são as suas flexões, e não os seus possíveis significados. Observe que palavras como corrida, chuva e nascimento têm conteúdo muito próximo ao de alguns verbos mencionados acima; não apresentam, porém, todas as possibilidades de flexão que esses verbos possuem.

Estrutura das Formas Verbais

Do ponto de vista estrutural, uma forma verbal pode apresentar os seguintes elementos:

a) Radical: É a parte invariável, que expressa o significado essencial do verbo.

Por exemplo:

fal-ei; fal-ava; fal-am. (radical fal-)

b) Tema: É o radical seguido da vogal temática que indica a conjugação a que pertence o verbo.

fala-r

São três as conjugações:

1ª - Vogal Temática - A - (falar)

2ª - Vogal Temática - E - (vender)

3ª - Vogal Temática - I - (partir)

c) Desinência modo-temporal: É o elemento que designa o tempo e o modo do verbo.

falávamos (indica o pretérito imperfeito do indicativo.)

falasse (indica o pretérito imperfeito do subjuntivo.)

d) Desinência número-pesssoal: É o elemento que designa a pessoa do discurso (1ª, 2ª ou 3ª) e o número (singular ou plural).

falamos (indica a 1ª pessoa do plural.)

falavam (indica a 3ª pessoa do plural.)

Observação: O verbo pôr, assim como seus derivados (compor, repor, depor, etc.), pertencem à 2ª conjugação, pois a forma arcaica do verbo pôr era poer. A vogal "e", apesar de haver desaparecido do infinitivo, revela-se em algumas formas do verbo: põe, pões, põem, etc.

Formas Rizotônicas e Arrizotônicas

Ao combinarmos os conhecimentos sobre a estrutura dos verbos com o conceito de acentuação tônica, percebemos com facilidade que nas formas **rizotônicas**, o acento tônico cai

no radical do verbo: o**pi**no, a**pren**dam, **nu**tro, por exemplo. Nas formas **arrizotônicas**, o acento tônico não cai no radical, mas sim na terminação verbal: opin**e**i, aprende**rão**, nutri**rí**amos.

Classificação dos Verbos

Classificam-se em:

a) Regulares: São aqueles que possuem as desinências normais de sua conjugação e cuja flexão não provoca alterações no radical.

canto cantei cantarei cantava cantasse

b) Irregulares: São aqueles cuja flexão provoca alterações no radical ou nas desinências.

faço fiz farei fizesse

c) Defectivos: São aqueles que não apresentam conjugação completa. Classificam-se em impessoais, unipessoais e pessoais.

Impessoais: São os verbos que não têm sujeito. Normalmente, são usados na terceira pessoa do singular. Os principais verbos impessoais são:

a) haver, quando sinônimo de existir, acontecer, realizar-se ou fazer (em orações temporais).

Havia poucos ingressos à venda. (Havia = Existiam)
Houve duas guerras mundiais. (Houve = Aconteceram)
Haverá reuniões aqui. (Haverá = Realizar-se-ão)
Deixei de fumar há muitos anos. (há = faz)

b) fazer, ser e estar (quando indicam tempo)

Faz invernos rigorosos no Sul do Brasil.
Era primavera quando a conheci.
Estava frio naquele dia.

c) Todos os verbos que indicam fenômenos da natureza são impessoais: chover, ventar, nevar, gear, trovejar, amanhecer, escurecer, etc. Quando, porém, se constrói, "Amanheci mal-

humorado", usa-se o verbo "amanhecer" em sentido figurado. Qualquer verbo impessoal, empregado em sentido figurado, deixa de ser impessoal para ser pessoal.

Amanheci mal-humorado. (Sujeito desinencial: eu)
Choveram candidatos ao cargo. (Sujeito: candidatos)
Fiz quinze anos ontem. (Sujeito desinencial: eu)

d) São impessoais, ainda:

1. o verbo passar (seguido de preposição), indicando tempo. Ex.: Já passa das seis.
2. os verbos bastar e chegar, seguidos da preposição de, indicando suficiência. Ex.: Basta de tolices. Chega de blasfêmias.
3. os verbos estar e ficar em orações tais como Está bem, Está muito bem assim, Não fica bem, Fica mal, sem referência a sujeito expresso anteriormente. Podemos, ainda, nesse caso, classificar o sujeito como hipotético, tornando-se, tais verbos, então, pessoais.
4. o verbo deu + para da língua popular, equivalente de "ser possível". Por exemplo:

Não deu para chegar mais cedo.
Dá para me arrumar uns trocados?

Unipessoais: São aqueles que, tendo sujeito, se conjugam apenas nas terceiras pessoas, do singular e do plural.

A fruta amadureceu.

As frutas amadureceram.

Obs.: os verbos unipessoais podem ser usados como verbos pessoais na linguagem figurada:

Teu irmão amadureceu bastante.

Entre os unipessoais estão os verbos que significam vozes de animais; eis alguns:

bramar: tigre

bramir: crocodilo

cacarejar: galinha

coaxar: sapo

cricrilar: grilo

Os principais verbos unipessoais são:

1. cumprir, importar, convir, doer, aprazer, parecer, ser (preciso, necessário, etc.).

Cumpre trabalharmos bastante. (Sujeito: trabalharmos bastante.)
Parece que vai chover. (Sujeito: que vai chover.)
É preciso que chova. (Sujeito: que chova.)

2. fazer e ir, em orações que dão idéia de tempo, seguidos da conjunção que.

Faz dez anos que deixei de fumar. (Sueito: que deixei de fumar.)
Vai para (ou Vai em ou Vai por) por dez anos que não vejo Cláudia. (Sujeito: que não vejo Cláudia)

Obs.: Todos os sujeitos apontados são oracionais.

Pessoais: Não apresentam algumas flexões por motivos morfológicos ou eufônicos.

verbo falir

Este verbo teria como formas do presente do indicativo falo, fales, fale, idênticas às do verbo falar - o que provavelmente causaria problemas de interpretação em certos contextos.

verbo computar

Este verbo teria como formas do presente do indicativo computo, computas, computa - formas de sonoridade considerada ofensiva por alguns ouvidos gramaticais. Essas razões muitas vezes não impedem o uso efetivo de formas verbais repudiadas por alguns gramáticos: exemplo disso é o próprio verbo computar, que, com o desenvolvimento e a popularização da informática, tem sido conjugado em todos os tempos, modos e pessoas.

d) Abundantes: São aqueles que possuem mais de uma forma com o mesmo valor. Geralmente, esse fenômeno costuma ocorrer no particípio, em que, além das formas regulares terminadas em -ado ou -ido, surgem as chamadas formas curtas (particípio irregular).

INFINITIVO	PARTICÍPIO REGULAR	PARTICÍPIO IRREGULAR
Anexar	Anexado	Anexo
Dispersar	Dispersado	Disperso
Eleger	Elegido	Eleito
Envolver	Envolvido	Envolto
Imprimir	Imprimido	Impresso
Matar	Matado	Morto
Morrer	Morrido	Morto
Pegar	Pegado	Pego
Soltar	Soltado	Solto

e) Anômalos: São aqueles que incluem mais de um radical em sua conjugação.

Ir	Pôr	Ser	Saber
vou	ponho	sou	sei
vais	pus	és	sabes
ides	pôs	fui	soube
fui	punha	foste	saiba
foste		seja	

São aqueles que entram na formação dos tempos compostos e das locuções verbais. O verbo principal, quando acompanhado de verbo auxiliar, é expresso numa das formas nominais: infinitivo, gerúndio ou particípio.

Vou espantar as moscas.

(verbo auxiliar) (verbo principal no infinitivo)

Está chegando a hora do debate.

(verbo auxiliar) (verbo principal no gerúndio)

Os noivos foram cumprimentados por todos os presentes.

(verbo auxiliar) (verbo principal no particípio)

Obs.: Os verbos auxiliares mais usados são: ser, estar, ter e have

Conjugação dos Verbos Auxiliares

SER - Modo Indicativo

Presente	Pretérito Perfeito	Pretérito Imperfeito	Pretérito Mais Que Perfeito	Futuro do Presente	Futuro do Pretérito
sou	fui	era	fora	serei	seria
és	foste	eras	foras	serás	serias
é	foi	era	fora	será	seria
somos	fomos	eramos	fôramos	seremos	seríamos
sois	fostes	éreis	fôreis	sereis	seríeis
são	foram	eram	foram	serão	seriam

SER - Modo Subjuntivo

Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro
que eu seja	se eu fosse	quando eu for
que tu sejas	se tu fosses	quando tu fores

que ele seja	se ele fosse	quando ele for
que nós sejamos	se nós fôssemos	quando nós formos
que vós sejais	se vós fôsseis	quando vós fordes
que eles sejam	se eles fossem	quando eles forem

SER - Modo Imperativo

Afirmativo	Negativo
sê tu	não sejas tu
seja você	não seja você
sejamos nós	não sejamos nós
sede vós	não sejais vós
sejam vocês	não sejam vocês

SER - Formas Nominais

Infinitivo Impessoal	Infinitivo Pessoal	Gerúndio	Particípio
ser	ser eu	sendo	sido
	seres tu		
	ser ele		
	sermos nós		
	serdes vós		
	serem eles		

ESTAR - Modo Indicativo

Presente	Pretérito Perfeito	Pretérito Imperfeito	Pretérito Mais Que Perfeito	Futuro do Presente	Futuro do Pretérito
estou	estive	estava	estivera	estarei	estaria
estás	estiveste	estavas	estiveras	esterás	estarias
está	esteve	estava	estivera	estará	estaria
estamos	estivemos	estávamos	estivéramos	estaremos	estaríamos
estais	estivestes	estáveis	estivéreis	estareis	estaríeis
estão	estiveram	estavam	estiveram	estarão	estariam

ESTAR - Modo Subjuntivo e Imperativo

Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro	Afirmativo	Negativo
esteja	estivesse	estiver		
estejas	estivesses	estiveres	está	estejas
esteja	esvivesse	estiver	esteja	esteja
estejamos	estivéssemos	estivermos	estejamos	estejamos
estejais	estivésseis	estiverdes	estai	estejais
estejam	estivessem	estiverem	estejam	estejam

ESTAR - Formas Nominais

Infinitivo Impessoal	Infinitivo Pessoal	Gerúndio	Particípio

estar	estar	estando	estado
	estares		
	estar		
	estarmos		
	estardes		
	estarem		

HAVER - Modo Indicativo

Presente	Pretérito Perfeito	Pretérito Imperfeito	Pretérito Mais Que Perfeito	Futuro do Presente	Futuro do Pretérito
hei	houve	havia	houvera	haverei	haveria
hás	houveste	havias	houveras	haverás	haverias
há	houve	havia	houvera	haverá	haveria
havemos	houvemos	havíamos	houvéramos	haveremos	haveríamos
haveis	houvestes	havíeis	houvéreis	havereis	haveríeis
hão	houveram	haviam	houveram	haverão	haveriam

HAVER - Modo Subjuntivo e Imperativo

Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro	Afirmativo	Negativo
haja	houvesse	houver		
hajas	houvesses	houveres	há	hajas

haja	houvesse	houver	haja	haja
hajamos	houvéssemos	houvermos	hajamos	hajamos
hajais	houvésseis	houverdes	havei	hajais
hajam	houvessesm	houverem	hajam	hajam

HAVER - Formas Nominais

Infinitivo Impessoal	Infinitivo Pessoal	Gerúndio	Particípio
haver	haver	havendo	havido
	haveres		
	haver		
	havermos		
	haverdes		
	haverem		

TER - Modo Indicativo

Presente	Pretérito Perfeito	Pretérito Imperfeito	Pretérito Mais Que Perfeito	Futuro do Presente	Futuro do Pretérito
tenho	tive	tinha	tivera	terei	teria
tens	tiveste	tinhas	tiveras	terá	teria
tem	teve	tinha	tivera	terá	teria
temos	tivemos	tínhamos	tivéramos	teremos	teríamos

tendes	tivestes	tínheis	tivéreis	tereis	teríeis
têm	tiveram	tinham	tiveram	terão	teriam

TER - Modo Subjuntivo e Imperativo

Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro	Afirmativo	Negativo
tenha	tivesse	tiver		
tenhas	tivesses	tiveres	tem	tenhas
tenha	tivesse	tiver	tenha	tenha
tenhamos	tivéssemos	tivermos	tenhamos	tenhamos
tenhais	tivésseis	tiverdes	tende	
tenham	tivessesem	tiverem	tenham	tenham

g) Pronominais

São aqueles verbos que se conjugam com os pronomes oblíquos átonos me, te, se, nos, vos, se, na mesma pessoa do sujeito, expressando reflexibilidade (pronominais acidentais) ou apenas reforçando a idéia já implícita no próprio sentido do verbo (reflexivos essenciais). Veja:

1. Essenciais: são aqueles que sempre se conjugam com os pronomes oblíquos me, te, se, nos, vos, se. São poucos: abster-se, ater-se, apiedar-se, atrever-se, dignar-se, arrepender-se, etc. Nos verbos pronominais essenciais a reflexibilidade já está implícita no radical do verbo.

Arrependi-me de ter estado lá.

A idéia é de que a pessoa representada pelo sujeito (eu) tem um sentimento (arrependimento) que recai sobre ela mesma, pois não recebe ação transitiva nenhuma vinda do verbo; o

pronome oblíquo átono é apenas uma partícula integrante do verbo, já que, pelo uso, sempre é conjugada com o verbo. Diz-se que o pronome apenas serve de reforço da idéia reflexiva expressa pelo radical do próprio verbo.

Veja uma conjugação pronominal essencial (verbo e respectivos pronomes):

Eu me arrependo
Tu te arrependes
Ele se arrepende
Nós nos arrependemos
Vós vos arrependeis
Eles se arrependem

2. Acidentais: São aqueles verbos transitivos diretos em que a ação exercida pelo sujeito recai sobre o objeto representado por pronome oblíquo da mesma pessoa do sujeito; assim, o sujeito faz uma ação que recai sobre ele mesmo. Em geral, os verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos podem ser conjugados com os pronomes mencionados, formando o que se chama voz reflexiva.

Maria se penteava.

A reflexibilidade se diz acidental, pois a ação reflexiva pode ser exercida também sobre outra pessoa.

Maria penteou-me.

Obervações:

1- Por fazerem parte integrante do verbo, os pronomes oblíquos átonos dos verbos pronominais não possuem função sintática.

2- Há verbos que também são acompanhados de pronomes oblíquos átonos, mas que não são essencialmente pronominais, são os verbos reflexivos. Nos verbos reflexivos, os pronomes, apesar de se encontrarem na pessoa idêntica à do sujeito, exercem funções sintáticas.

Eu me feri. ----- Eu (sujeito)-1ª pessoa do singular
me (objeto direto) - 1ª pessoa do singular

Modos Verbais

Dá-se o nome de modo às várias formas assumidas pelo verbo na expressão de um fato. Em Português, existem três modos:

Indicativo - indica uma certeza, uma realidade. Por exemplo: Eu sempre estudo.
Subjuntivo - indica uma dúvida, uma possibilidade. Por exemplo: Talvez eu estude amanhã.
Imperativo - indica uma ordem, um pedido. Por exemplo: Estuda agora, menino.

Formas Nominais

Além desses três modos, o verbo apresenta ainda formas que podem exercer funções de nomes (substantivo, adjetivo, advérbio), sendo por isso denominadas formas nominais. Observe:

a) Infinitivo Impessoal: Exprime a significação do verbo de modo vago e indefinido, podendo ter valor e função de substantivo.

Viver é lutar. (= vida é luta)

É indispensável combater a corrupção. (= combate à)

O infinitivo impessoal pode apresentar-se no presente (forma simples) ou no passado (forma composta).

É preciso ler este livro.
Era preciso ter lido este livro.

b) Infinitivo Pessoal: É o infinitivo relacionado às três pessoas do discurso. Na 1ª e 3ª pessoas do singular, não apresenta desinências, assumindo a mesma forma do impessoal; nas demais, flexiona-se da seguinte maneira:

2ª pessoa do singular: Radical + ES	Ex.: teres(tu)
1ª pessoa do plural: Radical + MOS	Ex.: termos (nós)
2ª pessoa do plural: Radical + DES	Ex.: terdes (vós)
3ª pessoa do plural: Radical + EM	Ex.: terem (eles)

Foste elogiado por teres alcançado uma boa colocação.

c) Gerúndio: O gerúndio pode funcionar como adjetivo ou advérbio.

Saindo de casa, encontrei alguns amigos. (função de advérbio)

Nas ruas, havia crianças vendendo doces. (função adjetivo)

Na forma simples, o gerúndio expressa uma ação em curso; na forma composta, uma ação concluída.

Trabalhando, aprenderás o valor do dinheiro.

Tendo trabalhado, aprendeu o valor do dinheiro.

d) Particípio: Quando não é empregado na formação dos tempos compostos, o particípio indica geralmente o resultado de uma ação terminada, flexionando-se em gênero, número e grau.

Terminados os exames, os candidatos saíram.

Quando o particípio exprime somente estado, sem nenhuma relação temporal, assume verdadeiramente a função de adjetivo (adjetivo verbal).

Ela foi a aluna escolhida para representar a escola

Tempos Verbais

Tomando-se como referência o momento em que se fala, a ação expressa pelo verbo pode ocorrer em diversos tempos. Veja:

1. Tempos do Indicativo

Presente - Expressa um fato atual.

Eu estudo neste colégio.

Pretérito Imperfeito - Expressa um fato ocorrido num momento anterior ao atual mas que não foi completamente terminado.

Ele estudava as lições quando foi interrompido.

Ele estudou as lições ontem à noite.

Pretérito Perfeito (simples) - Expressa um fato ocorrido num momento anterior ao atual e que foi totalmente terminado.

Ele estudou as lições ontem à noite.

Pretérito Perfeito (composto) - Expressa um fato que teve início no passado e que pode se prolongar até o momento atual.

Tenho estudado muito para os exames.

Pretérito-Mais-Que-Perfeito - Expressa um fato ocorrido antes de outro fato já terminado.

Ele já tinha estudado as lições quando os amigos chegaram. (forma composta)

Ele já estudara as lições quando os amigos chegaram. (forma simples)

Futuro do Presente (simples) - Enuncia um fato que deve ocorrer num tempo vindouro com relação ao momento atual.

Ele estudará as lições amanhã.

Futuro do Presente (composto) - Enuncia um fato que deve ocorrer posteriormente a um momento atual mas já terminado antes de outro fato futuro.

Antes de bater o sinal, os alunos já terão terminado o teste.

Futuro do Pretérito (simples) - Enuncia um fato que pode ocorrer posteriormente a um determinado fato passado.

Se eu tivesse dinheiro, viajaria nas férias.

Futuro do Pretérito (composto) - Enuncia um fato que poderia ter ocorrido posteriormente a um determinado fato passado.

Se eu tivesse ganho esse dinheiro, teria viajado nas férias.

2. Tempos do Subjuntivo

Presente - Enuncia um fato que pode ocorrer no momento atual.

É conveniente que estudes para o exame.

Pretérito Imperfeito - Expressa um fato passado mas posterior a outro já ocorrido.

Eu esperava que ele vencesse o jogo.

Obs.: O pretérito imperfeito é também usado nas construções em que se expressa a idéia de condição ou desejo.

Se ele viesse ao clube, participaria do campeonato.

Pretérito Perfeito (composto) - Expressa um fato totalmente terminado num momento passado.

Embora tenha estudado bastante, não passou no teste.

Pretérito Mais-Que-Perfeito (composto) - Expressa um fato ocorrido antes de outro fato já terminado.

Embora o teste já tivesse começado, alguns alunos puderam entrar na sala de exames.

Futuro do Presente (simples) - Enuncia um fato que pode ocorrer num momento futuro em relação ao atual.

Quando ele vier à loja, levará as encomendas.

Obs.: O futuro do presente é também usado em frases que indicam possibilidade ou desejo.

Se ele vier à loja, levará as encomendas.

Futuro do Presente (composto) - Enuncia um fato posterior ao momento atual mas já terminado antes de outro fato futuro.

Quando ele tiver saído do hospital, nós o visitaremos.

Formação dos Tempos Simples

Quanto à formação dos tempos simples, estes dividem-se em primitivos e derivados.

Primitivos:
presente do indicativo
pretérito perfeito do indicativo
infinitivo impessoal

Derivados do Presente do Indicativo:
Presente do subjuntivo
Imperativo afirmativo
Imperativo negativo

Derivados do Pretérito Perfeito do Indicativo:
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo
Pretérito imperfeito do subjuntivo
Futuro do subjuntivo

Derivados do Infinitivo Impessoal:
Futuro do presente do indicativo
Futuro do pretérito do indicativo
Imperfeito do indicativo

Gerúndio

Particípio

Tempos Compostos

São formados por locuções verbais que têm como auxiliares os verbos ter e haver e como principal, qualquer verbo no particípio. São eles:

Pretérito Perfeito Composto do Indicativo:

É a formação de locução verbal com o auxiliar ter ou haver no Presente do Indicativo e o principal no particípio, indicando fato que tem ocorrido com freqüência ultimamente.

Eu tenho estudado demais ultimamente.

Pretérito Perfeito Composto do Subjuntivo:

É a formação de locução verbal com o auxiliar ter ou haver no Presente do Subjuntivo e o principal no particípio, indicando desejo de que algo já tenha ocorrido.

Espero que você tenha estudado o suficiente, para conseguir a aprovação.

Pretérito Mais-que-perfeito Composto do Indicativo:

É a formação de locução verbal com o auxiliar ter ou haver no Pretérito Imperfeito do Indicativo e o principal no particípio, tendo o mesmo valor que o Pretérito Mais-que-perfeito do Indicativo simples.

Eu já tinha estudado no Maxi, quando conheci Magali.

Pretérito Mais-que-perfeito Composto do Subjuntivo:

É a formação de locução verbal com o auxiliar ter ou haver no Pretérito Imperfeito do Subjuntivo e o principal no particípio, tendo o mesmo valor que o Pretérito Imperfeito do Subjuntivo simples.

Eu teria estudado no Maxi, se não me tivesse mudado de cidade.

Obs.: Perceba que todas as frases remetem a ação obrigatoriamente para o passado. A frase Se eu estudasse, aprenderia é completamente diferente de Se eu tivesse estudado, teria aprendido.

Futuro do Presente Composto do Indicativo:

É a formação de locução verbal com o auxiliar ter ou haver no Futuro do Presente simples do Indicativo e o principal no particípio, tendo o mesmo valor que o Futuro do Presente simples do Indicativo.

Amanhã, quando o dia amanhecer, eu já terei partido.

Futuro do Pretérito Composto do Indicativo:

É a formação de locução verbal com o auxiliar ter ou haver no Futuro do Pretérito simples do Indicativo e o principal no particípio, tendo o mesmo valor que o Futuro do Pretérito simples do Indicativo.

Eu teria estudado no Maxi, se não me tivesse mudado de cidade.

Futuro Composto do Subjuntivo:

É a formação de locução verbal com o auxiliar ter ou haver no Futuro do Subjuntivo simples e o principal no particípio, tendo o mesmo valor que o Futuro do Subjuntivo simples.

Quando você tiver terminado sua série de exercícios, eu caminharei 6 Km.

Quando você chegar à minha casa, telefonarei a Manuel.

Quando você chegar à minha casa, já terei telefonado a Manuel.

Perceba que o significado é totalmente diferente em ambas as frases apresentadas. No primeiro caso, esperarei "você" praticar a sua ação para, depois, praticar a minha; no segundo, primeiro praticarei a minha. Por isso o uso do advébio "já".

Assim, observe que o mesmo ocorre nas frases a seguir::

Quando você tiver terminado o trabalho, telefonarei a Manuel.

Quando você tiver terminado o trabalho, já terei telefonado a Manuel.

Infinitivo Pessoal Composto:

É a formação de locução verbal com o auxiliar ter ou haver no Infinitivo Pessoal simples e o principal no particípio, indicando ação passada em relação ao momento da fala.

Para você ter comprado esse carro, necessitou de muito dinheiro.

Locuções Verbais

Outro tipo de conjugação composta - também chamada conjugação perifrástica - são as locuções verbais, constituídas de verbos auxiliares mais gerúndio ou infinitivo. São conjuntos de verbos que, numa frase, desempanham papel equivalente ao de um verbo único. Nessas locuções, o último verbo, chamado principal, surge sempre numa de suas formas nominais; as flexões de tempo, modo, número e pessoa ocorrem nos verbos auxiliares. Observe os exemplos:

Estou lendo o jornal.

Marta veio correndo: o noivo acabara de chegar.

Ninguém poderá sair antes do término da sessão.

A língua portuguesa apresenta uma grande variedade dessas locuções, conseguindo exprimir por meio delas os mais variados matizes de significado. Ser (estar, em algumas construções) é usado nas locuções verbais que exprimem a voz passiva analítica do verbo. Poder e dever são auxiliares que exprimem a potencialidade ou a necessidade de que determinado processo se realize ou não. Veja:

Pode ocorrer algo inesperado durante a festa.

Deve ocorrer algo inesperado durante a festa.

Outro auxiliar importante é querer, que exprime vontade, desejo.

Quero ver você hoje.

Também são largamente usados como auxiliares: começar a, deixar de, voltar a, continuar a, pôr-se a, ir, vir e estar, todos ligados à noção de aspecto verbal.

Vozes do Verbo

Dá-se o nome de voz à forma assumida pelo verbo para indicar se o sujeito gramatical é agente ou paciente da ação. São três as vozes verbais:

a) Ativa: Quando o sujeito é agente, isto é, pratica a ação expressa pelo verbo.

Ele	fez	o trabalho.
sujeito agente	ação	objeto (paciente)

b) Passiva: Quando o sujeito é paciente, recebendo a ação expressa pelo verbo.

O trabalho	foi feito	por ele.
sujeito paciente	ação	agente da passiva

c) Reflexiva: Quando o sujeito é ao mesmo tempo agente e paciente, isto é, pratica e recebe a ação.

O menino feriu-se.

Obs.: Não confundir o emprego reflexivo do verbo com a noção de reciprocidade.

Os lutadores feriram-se. (um ao outro)

Formação da Voz Passiva

A voz passiva pode ser formada por dois processos: analítico e sintético.

1- Voz Passiva Analítica

Constrói-se da seguinte maneira: Verbo SER + particípio do verbo principal.

A escola será pintada.
O trabalho é feito por ele.

Obs. : O agente da passiva geralmente é acompanhado da preposição por, mas pode ocorrer a construção com a preposição de.

A casa ficou cercada de soldados.

- Pode acontecer ainda que o agente da passiva não esteja explícito na frase.

A exposição será aberta amanhã.

- A variação temporal é indicada pelo verbo auxiliar (SER), pois o particípio é invariável. Observe a transformação das frases seguintes:

a) Ele fez o trabalho. (pretérito perfeito do indicativo)

O trabalho foi feito por ele. (pretérito perfeito do indicativo)

b) Ele faz o trabalho. (presente do indicativo)

O trabalho é feito por ele. (presente do indicativo)

c) Ele fará o trabalho. (futuro do presente)

O trabalho será feito por ele. (futuro do presente)

- Nas frases com locuções verbais, o verbo SER assume o mesmo tempo e modo do verbo principal da voz ativa. Observe a transformação da frase seguinte:

O vento ia levando as folhas. (gerúndio)
As folhas iam sendo levadas pelo vento. (gerúndio)

Obs.: É menos freqüente a construção da voz passiva analítica com outros verbos que podem eventualmente funcionar como auxiliares.

A moça ficou marcada pela doença.

2- Voz Passiva Sintética

A voz passiva sintética ou pronominal constrói-se com o verbo na 3ª pessoa, seguido do pronome apassivador SE.

Abriram-se as inscrições para o concurso.
Destruiu-se o velho prédio da escola.

Obs.: O agente não costuma vir expresso na voz passiva sintética

Desinências

Desinências são os elementos terminais indicativos das flexões das palavras. Existem dois tipos:

Desinências Nominais: Indicam as flexões de gênero (masculino e feminino) e de número (singular e plural) dos nomes.

alun-o aluno-s

alun-a aluna-s

Observação: Só podemos falar em desinências nominais de gêneros e de números em palavras que admitem tais flexões, como nos exemplos acima. Em palavras como mesa, tribo, telefonema, por exemplo, não temos desinência nominal de gênero. Já em pires, lápis, ônibus não temos desinência nominal de número.

Desinências Verbais

Indicam as flexões de número e pessoa e de modo e tempo dos verbos.

compr-o compra-s compra-mos compra-is compra-m

compra-va compra-va-s

A desinência "-o", presente em "am-o", é uma desinência número-pessoal, pois indica que o verbo está na primeira pessoa do singular; "-va", de "ama-va", é desinência modo-temporal: caracteriza uma forma verbal do pretérito imperfeito do indicativo, na 1ª conjugação.

Vogal Temática

É a vogal que se junta ao radical, preparando-o para receber as desinências. Nos verbos, distinguem-se três vogais temáticas:

A: Caracteriza os verbos da 1ª conjugação.

buscar, buscavas, etc.

E: Caracteriza os verbos da 2ª conjugação:

romper, rompemos, etc.

I: Caracteriza os verbos da 3ª conjugação.

proibir, proibirá, etc.

Tema

É o grupo formado pelo radical mais vogal temática. Nos verbos citados acima, os temas são:

busca-, rompe-, proibi-

Vogais e Consoantes de Ligação

As vogais e consoantes de ligação são morfemas que surgem por motivos eufônicos, ou seja, para facilitar ou mesmo possibilitar a pronúncia de uma determinada palavra.

parisiense (paris= radical, ense=sufixo, vogal de ligação=i)

Outros exemplos: gas-ô-metro, alv-i-negro, tecn-o-cracia, pau-l-ada, cafe-t-eira, cha-l-eira, inset-i-cida, pe-z-inho, pobr-e-tão, etc.

Predicado verbal

É o que tem por núcleo um verbo ou locução verbal,exprimindo, geralmente, ação, posse, fenômeno da natureza. O verbo que constitui o elemento principal do predicado verbal pode ser intransitivo ou verbo transitivo.

Verbo intransitivo

Não exige a presença de um objeto, ou seja, um substantivo ou um pronome substantivo ou um pronome substantivo para completar o sentido da frase.

Maria saiu. → Maria : sujeito simples

→ Saiu:predicado verbal

Verbo intrasitivo

Verbo transitivo

Exige a presença de um objeto ou seja, um substantivo ou um pronome substantivo ou um pronome substantivo para completar o sentido da frase.

Carlos tem uma carreta. → Cristina: sujeito simples

→ Tem: predicado verbal

Verbo transitivo

Uma carreta: objeto

OBS: O verbo transitivo pode ser: transitivo direto (exige complemento)

Transitivo indireto (exige complemento ligado ao

verbo por preposição)

transitivo direto e indireto (exige dois objetos: um sem

preposição e um com preposição)

Eu li o romance. (verbo transitivo direto)

Eles acreditam em fantasma. (verbo transitivo indireto)

O rapaz emprestou estes livros a um colega. (verbo transitivo direto e indireto)

Objeto direto

É o termo que completa o sentido de um verbo transitivo direto sem a presença obrigatória de preposição.

As plantas purificam o ar.

Objeto indireto

É o termo que completa o sentido de um verbo transitivo indireto e vem ligado a ele por meio de preposição.

Assisti ao jogo.

Frases

Tipos de frases

Consoante a mensagem a transmitir numa comunicação emissor-receptor:

Frase declarativa ou enunciativa	frase que informa sobre um acontecimento ou situação	Antes de sair verifiquei se estava tudo em ordem.
Frase interrogativa	frase que formula uma	O que me querias dizer?

	interrogação, direta ou indireta	(direta) Perguntei-lhe o que é que ele me queria dizer. (indireta)
Frase imperativa	frase que formula uma ordem, um pedido, um conselho, uma exortação, uma hipótese	Começa a trabalhar! Compre-me este livro! Vai, antes que seja tarde!
Frase exclamativa	frase que exprime sentimentos e emoções - espanto, admiração, alegria, amor, ódio, indignação, etc.	Detesto esta comida! Oh, que maravilha de criança! Que belo presente! Que horror de guerra

Formas de frase

Frase afirmativa	frase que exprime uma afirmação	O homem é um animal racional.
Frase negativa	frase que exprime um negação	O cão não é um animal racional.
Frase ativa	frase na qual o sujeito pratica a ação	O Tiago comeu o gelado inteiro.
Frase passiva	frase na qual o sujeito sofre a ação	O gelado inteiro foi comido pelo Tiago.

Período e oração

Período	
Frase organizada em oração ou orações	
Período simples	**Período composto**
formado por uma só oração (chamada absoluta): Ofereci-lhe ontem um CD-ROM.	formado por duas ou mais orações: O CD-ROM que lhe ofereci foi comprado há já uma semana, quando fui às compras com os meus pais.

Oração	
Cada um dos componentes maiores do período, formado por uma palavra ou conjunto de palavras com que se faz uma afirmação.	
Núcleos da oração	
Grupo do sujeito	**Grupo do predicado**
A minha tia Joana	escreveu-me ontem uma carta.

Elementos essenciais da oração

	Constituição	Exemplos

Sujeito (ser sobre o qual se faz uma afirmação)	um só núcleo: **sujeito simples**	**Eu** fui à praia. **O Pedro** almoçou cedo.
	mais do que um núcleo: **sujeito composto**	**Tu e eu** temos os mesmos gostos. **A manteiga e o iogurte** são produtos lácteos.
Predicado (tudo aquilo que se afirma sobre o sujeito)	constituído por uma forma verbal: **predicado verbal**	**Vi** um óptimo filme. Os cães **ladraram**.
	constituído por um verbo de ligação e por um predicativo do sujeito: **predicado nominal**	Ele **é muito egoísta**. A minha irmã **esteve cá**. **Fiquei muito satisfeito** com a minha nota.

Orações coordenadas

Estão ligadas por uma conjunção ou locução coordenativa e mantêm uma certa autonomia.

	Função	**Exemplos**
Copulativas	expressam ligação ou adição de afirmações	Levantou-se **e saiu**. Saltaram, **pularam, fizeram trinta por uma linha**.
Adversativas	estabelecem uma oposição ao que foi afirmado na oração anterior	Eu gostava de ajudar, **mas não sei como**. Ela é inteligente, **porém, falta-lhe humor**.
Disjuntivas	estabelecem uma	**Ou** vai **ou racha**!

	alternância ou alternativa em relação à oração anterior	**Ora** chove, **ora faz sol**. Vai sair, **quer queira, quer não**.
Conclusivas	indicam uma conclusão a partir do conteúdo da primeira oração	Penso, **logo existo**. É o mais rápido, **portanto, vai à frente**.
Explicativas	explicam ou justificam o conteúdo da primeira oração	Acende uma luz, **que não se vê nada**. O cão estacou, **pois ouviu um assobio**.

Coordenadas Sindéticas - as orações estão ligadas por conjunções coordenativas mas as conjunções podem, no entanto, ser omitidas - orações coordenadas assindéticas - (falam, batem palmas).

Orações subordinadas

Substantivas	Adjectivas	Adverbiais
Completivas: integrantes interrogativas indirectas infinitivas	Relativas: explicativas restritivas	temporais causais comparativas condicionais finais concessivas consecutivas

Derivação

	Formação	Exemplos

Derivação prefixal	prefixo + palavra primitiva	a + pôr = apor semi + círculo = semicírculo tri + ângulo = triângulo contra + pôr = contrapor ex + pôr = expor im + pôr = impor per + correr = percorrer
Derivação sufixal	palavra primitiva + sufixo	casa + arão = casarão chuva + oso = chuvoso calma + mente = calmamente casa + inha = casinha casa + eiro = caseiro
Derivação parassintética	prefixo + palavra primitiva + sufixo	a + funil + ar = afunilar en + gaiola + ar = engaiolar a + manh(ã) + ecer = amanhecer
Derivação regressiva	A palavra primitiva reduz-se ao formar a palavra derivada	abalar > abalo errar > erro cortar > corte debater > debate recuar > recuo
Derivação imprópria	Mudança gramatical nas palavras sem alteração da forma	Porto - porto (vinho) pereira - Pereira (árvore) (apelido)

Composição

Junção de duas ou mais palavras formando uma com significado próprio

	Formação	Exemplos
Justaposição	união de duas ou mais palavras conservando cada uma o seu acento próprio e ortografia (em regra, ligadas por hífen)	amor-perfeito, pé-de-cabra, segunda-feira chapéu-de-chuva pára-quedas passatempo saca-rolhas
Aglutinação	união de duas ou mais palavras que se subordinam a um único acento tónico (o da segunda) e sofrem alterações ortográficas	aguardente (água + ardente) embora (em + boa + hora) fidalgo (filho + de + algo) Monsanto (monte + santo)

Crase

É a contração da preposição **a** com artigo feminino **a (as**) e com os pronomes demonstrativos **aquela(s), aquele (s), aquilo**.

Modo prático para a verificação da crase:

- Nome comum- troque o feminino pelo masculino. Se aparecer **ao** antes do masculino ocorrerá crase .
- Nome próprio – troque a preposição **a** por **de**, usando o verbo voltar.

  Fui à Bolívia **(voltei da)** Fui a Brasília **(voltei de)**

- Pronome demonstrativo – troque pelo demonstrativo este, esta ou isto. Se antes destes ocorrer a preposição a, haverá crase.

  Dirijo-me àquele andar do edifício. (**a** este)

Comprei aquele apartamento do edifício. (este)

Emprego da crase

- Antes dos numerais que indicam horas. Se a hora estiver indeterminada não se usa crase:

  Chegou à uma hora.

  Chegou a uma hora qualquer.

- Antes de locuções formadas de palavras femininas

  À noite à direita

- Quando a palavra moda ou maneira estiver subentendida na frase

  Escrever à Castelo Branco. (a moda Castelo Branco)

Não se utiliza crase

- Antes de verbos

  Estava disposta a colaborar.

- Antes de palavras masculinas

  Andar a cavalo.

- Antes de pronomes pessoais , tratamento

  Referiu-se a ela . Peço a Vossa Senhoria.

- Antes de palavras de sentido indefinido

  Foi a uma feira qualquer.

- Nas expressões com palavras repetidas

Cara a cara

- Antes de numerais em que a preposição a significa até

  De 1997 a 1998 .

- Quando a preposição anteceder um nome plural

  Ir a festas estranhas.

  OBS: Fica facultativo o uso de crase antes de pronomes possessivos femininos (quando o mesmo não for pronome substantivo).

  Irei a (à) **minha** fazenda e você à **sua**. (minha – pronome possessivo adjetivo)

  (sua – pronome possessivo substantivo)

Casos especiais do uso da crase

- Palavra casa – sem qualificativo no sentido de lar (sem crase)
- Palavra terra – no sentido de chão, lugar (com crase)
- Palavra distância – quando indeterminada (sem crase)

Emprego de certas palavras

Por que, Porquê, Porque, Por que

- Por que - no início ou meio de frases interrogativas.

  Por que tem que ser assim?

- Por quê – no final de frase.

  Ela não chegou, por quê?

- Porque – nas respostas.

Porque eu estava doente, eu não vim.

- Porquê – equivale a motivo, razão.

  Todos entenderam o porquê da situação.

Mau , Mal:

- Mau diferente de Bom

  Que mau gosto! Que bom gosto!

- Mal diferente de Bem

  José comeu mal. José comeu bem.

Mas, Mais:

- Mas referente a porém, entretanto (conjunção)

  Ele comeu mas não gostou.

- Mais contrário de menos advérbio de intensidade, pronome indefinido

  Clarisse correu mais que Angela .

Onde e Aonde:

- Onde: usado quando o verbo não indica movimento e não exige a preposição **a .**

A loja onde pegaram a roupa . (pegaram em...)

- Aonde : usado quando o verbo indica movimento e exige a preposição **a.**

Leve isso aonde eu quero. (leve a)

Este, esse:

- Usa-se este quando o objeto ou a pessoa se encontra junto da pessoa que fala.

Antonio, **este** relatório é seu. (o relatório está na mão do falante)

- Usa-se **esse** quando o objeto está com a pessoa a quem o falante se dirige.

Antonio, esse relatório é seu. (o relatório está com outra pessoa)

Obs: isto ou isso seguem o emprego de este ou esse.

Exercícios Gramaticais

EXERCÍCIOS MÓDULO 1

01) ***EFOMM*** - Assinale o período cujo predicado é nominal:

a) Vi-o doente.

b) Encontrei-o muito doente.

c) Vi o doente.

d) O aluno foi chamado ao quadro.

e) O jogador, após a falta, virou bicho.

02) ***AMAN*** - As granadas, explodindo entre os restolhos secos do matagal, incendiavam-nos; ouviam-se lá dentro, de envolta com o crepitar de queimadas sem labaredas, extintas nos brilhos da manhã claríssima, brados de cólera e de dor; (...)

O sujeito de "ouviam-se", é:

a) “brados de cólera e de dor”.

b) indeterminado.

c) “o crepitar de queimadas”.

d) “brilhos da manhã claríssima”.

e) “os sertanejos”, oculto.

03) ***Escola Naval*** - Ocorre predicado verbo-nominal em:

a) A tua resposta não é verdadeira.

b) O cão vadio virou a lata de lixo.

c) Viraram moda os jogos eletrônicos.

d) Todos permaneçam em seus lugares.

e) Pensativo e triste vinha o rapaz.

04) ***ENCE*** - Marque a opção que não apresenta sujeito indeterminado:

a) Precisa-se de funcionários competentes.

b) Come-se bem neste restaurante.

c) Morre-se de tuberculose ainda hoje.

d) Deixaram a luz do pátio acesa.

e) Vendem-se pianos reformados.

05) ***ENCE*** - Assinale a alternativa em que o sujeito é inexistente:

a) Nesta terra, faz muito calor.

b) Divulgaram-se notícias assustadoras.

c) Necessita-se de roupas e mantimentos.

d) Caminhamos sob um sol ardente.

e) Alguém é responsável por tamanha desordem.

06) ***ENCE*** - Indique a alternativa em que o predicado é verbo-nominal:

a) O soldado foi encontrado morto.

b) Aquele homem tornou-se milionário.

c) Hoje é dia 20 de novembro.

d) Alguns jogadores estão contundidos.

e) Os alunos parecem desinteressados.

07) ***UNIRIO*** - Assinale o item em que a(s) palavra(s) sublinhada(s) exerce(m) a mesma função sintática

do **que**, na oração: "(...) o pombo **que** chegava caminhando pelo beiral mais alto (...)"

a) A pombinha, que era branca **sem exagero**, arrulhava.

b) Na inelutável necessidade do amor, pombo e pomba marcaram **um encontro galante**.

c) Como custa a passar **um quarto de hora** para uma noiva.

d) A tarde era tão **bonita** - disse o pombo gravemente.

e) Mas na **paisagem do céu** voavam só velozes andorinhas garotas.

08) ***CESGRANRIO*** - Assinale a opção em que o termo grifado **não** funciona como sujeito:

a) "Se diminuiu a pobreza absoluta (...), persistiu **a pobreza estrutural**.";

b) "Como retirar do orçamento doméstico **uma parcela** para comprar livros...?";

c) Só nos últimos cinqüenta anos se desenvolveu **o nosso parque manufatureiro**";

d) "sendo o **produto editorial** de custo elevado, restaria às massas populares exercitar a leitura";

e) "restaria às massas populares **exercitar a leitura**".

09) ***UNIRIO*** - Na oração "A pomba distinguiu **indignada** o pombo", a palavra sublinhada exerce a função sintática de:

a) adjunto adverbial de modo;

b) predicativo do objeto direto;

c) predicativo do sujeito;

d) adjunto adnominal;

e) sujeito.

10) ***UNIRIO*** - Assinale a **única** oração de Predicado Verbo-nominal:

a) nos últimos tempos ia baixando, baixando, baixando;

b) Todas as outras são casadas.

c) D. Tonica tinha fé em sua madrinha,

d) O coração, meio desenganado, agitou-se outra vez

e) Entende-se bem que D. Tonica observasse a contemplação dos dois.

11) ***UNIRIO*** - Assinale o item em que o predicado é do mesmo tipo do que se tem em "Irônica, perguntou a pomba".

a) "(...) contemplando acima do campanário todas as possibilidades da rosa-dos- ventos".

b) Perdeste a noção do tempo?

c) Era bem de manhãzinha.

d) Como custa a passar um quarto de hora para uma noiva.

e) "(...) quando distinguiu, indignada, o pombo (...)".

12) ***AMAN*** (1) Minha dúvida, meu problema, Sr. Diretor, consiste na desconfiança de que sou, tenho sido a vida inteira um sonegador do Imposto de Renda. Involuntário, inconsciente, mas de qualquer forma sonegador. Posso alegar em minha defesa muita coisa: a legislação, embora profusa e até florestal,

é omissa ou não explicita; os itens das diferentes cédulas não prevêem o caso; o órgão fiscalizador jamais cogitou disso; todo mundo está nas mesmas condições que eu, e ninguém se acusa ou reclama contra si mesmo. Contudo, não me conformo, e venho expor-lhe lealmente as minhas rendas ocultas.

(2) A lei manda cobrar imposto a quem tenha renda líquida superior a determinada importância; parece claro que só se tributam rendimentos em dinheiro. A seguir, entretanto, a mesma lei declara: "São também contribuintes as pessoas físicas que perceberem rendimentos de bens de que tenham posse, como se lhes pertencessem." E aqui me vejo enquadrado e faltoso. Tenho a posse de inúmeros bens que não me pertencem e que desfruto copiosamente. Eles me rendem o sustento, e nunca fiz constar de minha declaração tais rendimentos.

(3) Estes os meus verdadeiros rendimentos, senhor; salários e dividendos não computados na declaração. Agora estou confortado porque confessei; invente depressa uma rubrica para incluir esses lucros e taxe-me sem piedade. Multe, se for o caso; pagarei feliz. Atenciosas saudações.

(*Carlos Drumond de Andrade*)

Assinale a opção em que se determina incorretamente o sujeito do verbo sublinhado.

a) (...) que **perceberem** rendimentos de bens (...) (Par. 2) - que.

b) (...) que só se **tributam** rendimentos em dinheiro. (Par. 2) - sujeito indeterminado.

c) (...) como se lhes **pertencessem** (Par 2) - bens.

d) (...); **invente** depressa uma rubrica (...) (Par. 3) - senhor.

e) Contudo, não me **conformo**, (...) (Par. 1) - eu.

3 13) ***UNIRIO*** - Assinale o item em que a palavra **que** exerce a mesma função sintática que a encontrada em "Como custa a passar um quarto de hora para uma noiva **que** espera o noivo no mais alto beiral."

a) A pombinha, que era branca sem exagero, arrulhava.

b) A pomba esperava que o pombo chegasse.

c) A verdade é que o pombo não tinha desculpa para o atraso.

d) A tarde era tão bonita que o pombo resolveu caminhar.

e) Era bom que o pombo chegasse cedo à Candelária.

14) ***UFRRJ*** - No período "No que tange ao câncer, ainda não chegaram a conclusões definitivas."

a) o sujeito é composto, já que se trata de vários pesquisadores;

b) o sujeito é indeterminado;

c) não há sujeito;

d) o sujeito é simples;

e) o verbo passou a ser impessoal.

15) ***UNIRIO*** - Assinale a função sintática exercida pela palavra sublinhada na oração:

"O canto do galo índio solou cheio, **melodioso**, dentro da noite clara."

a) adjunto adnominal;

b) predicativo do sujeito;

c) predicativo do objeto;

d) adjunto adverbial;

e) objeto direto.

16) ***UNIRIO*** - Assinale a oração cujo predicado é do mesmo tipo do da oração:

"O canto do galo índio solou cheio (...)"

a) O galo velho olhou de novo o céu.

b) Amanhã seriam os comentários na rodinha do sura antipático.

c) João Fanhoso ficou esperando a resposta.

d) E quase perde a paciência.

e) A voz ainda saía bonita.

17) ***EFOMM*** - Em que opção o verbo **andar** pode ser classificado como de ligação:

a) Li uma excelente crítica sobre alguns livros que **andam** por aí.

b) **Anda** triste há bastante tempo.

c) O processo **andou** mais depressa do que se esperava.

d) "(...) por outros países **andei**."

e) Aquele senhor, de tão velho, não **anda** mais**.**

18) ***PUC*** - Na expressão "faz calor", o verbo está empregado impessoalmente. Assinale a opção em que o verbo sublinhado também está empregado impessoalmente:

a) A chuva **caiu** a noite inteira, sem parar.

b) **Existe** muita polêmica sobre o assunto.

c) Não entrou porque **havia esquecido** a chave em casa.

d) **Deve haver** muita gente na praia hoje.

e) **Choveram** perguntas de todos os lados do auditório.

19) ***AMAN*** - Em apenas uma das opções, a expressão ou palavra sublinhada desempenha a função de sujeito da oração:

a) "no **limo** que se esfiapa das pedras do fundo"

b) "E **todos**, de olhos fechados, ficam vivendo na cabeça coisas mais fundas"

c) "Carece de ficar aí **a vida inteira** (...)?

d) "supõe talvez **uma raça de capim de luxo**"

e) "depois da passagem, por metros, há **um alagadiço perene**"

20) ***UNIRIO*** - Relacione as duas colunas, tendo em vista a função da palavra **se**:

1) Entende-**se** bem, que D. Tonica observasse a contemplação dos dois ( ) objeto direto

2) O coração agitou-**se** outra vez ( ) pronome apassivador

3) Podia ser que **se** amassem (...) ( ) parte integrante do verbo

a) 1 - 2 - 3;

b) 3 - 2 - 1;

c) 2 - 1 - 2;

d) 1 - 3 - 2;

e) 2 - 3 - 1.

21) ***Colégio Pedro II - Magistério*** - Em "Aceita-se aterro, "Você se feriu" e "Necessita-se de ajuda", o **se** é respectivamente:

a) índice de indeterminação, objeto direto, partícula apassivadora;

b) partícula apassivadora, objeto direto, índice de indeterminação;

c) partícula de realce, partícula apassivadora, índice de indeterminação;

d) objeto direto, partícula apassivadora, índice de indeterminação;

e) objeto indireto, partícula apassivadora, índice de indeterminação.

22) ***Magistério Estadual*** - Em frase como: "Assassinaram o patrulheiro os homens que viajavam na moto", o mecanismo gramatical responsável pela identificação do sujeito de **assassinaram** é:

a) a concordância do verbo;

b) a ordem dos termos na frase;

c) o fato de o verbo em questão só poder referir-se a seres animados;

d) o fato de ser o sujeito, por definição, um termo não-preposicionado;

e) a existência, na frase, de oração que funciona como adjunto adnominal de **homens**.

23) ***TRE - RJ*** - Dos termos sublinhados nas seguintes passagens do texto, aquele que **não** funciona como sujeito é:

a) "feneceu muito antes que na Europa Latina **o molde feudal**."

b) "o **que** nos leva ora à solução elegante e proveitosa (para os juristas) da mudança da Constituição"

c) "é possível **configurar-se**, **então**, **a existência de dolo ou crime praticado por pequena minoria social**."

d) "Resta saber **se não há uma terceira explicação**, **em termos de atitudes religiosas**."

e) "o belo arrazoado aquiniano de ser **o juro** ilegítimo"

24) ***Simonsen*** - Em "Ninguém diria que já é mãe **de três crianças maravilhosas**." O sujeito da primeira oração e o termo sublinhado são respectivamente:

a) simples e adjunto adnominal;

b) indeterminado e adjunto adnominal;

c) oração sem sujeito e complemento nominal;

d) indeterminado e complemento nominal.

25) ***TTN*** - Observe as duas orações abaixo:

I) Os fiscais ficaram preocupados com o alto índice de sonegação fiscal.

II) Houve uma sensível queda na arrecadação do ICM em alguns Estados.

Quanto ao predicado, elas classificam-se, respectivamente, como:

a) nominal e verbo-nominal;

b) verbo-nominal e verbal;

c) nominal e verbal;

d) verbal e verbo-nominal;

e) verbal e nominal.

26) ***UNIRIO*** - Assinale a alternativa onde o pronome relativo **que não** desempenha a função de sujeito:

a) lá vem um bilhete que resgata os perdidos

b) (...) para mostrar bem a elegância do corpo e a cintura fina que tinha

c) (...) era uma contemplação que eliminava o resto da sala

d) "Ei-la que redobra esforços."

e) notou, porém, que os de Sofia era menos freqüentes e menos demorados, fenômeno que lhe pareceu explicável (...)

27) ***UNIRIO*** - Assinale a oração que tem predicado nominal:

a) João Fanhoso abriu os olhos pesados de preguiça.

b) O fim seria a cegueira.

c) A luz vinha do lado do abacateiro grande.

d) O galo velho olhou de novo o céu.

e) João-de-Barro despertara com o canto do galo índio.

28) ***Contador do Município - RJ*** - O sujeito do verbo **bastar** em "basta que sejas usadas" é:

a) que sejas usadas;

b) usadas;

c) inexistente;

d) tu;

e) indeterminado.

29) ***BANESPA*** - Cortou a **árvore** a machado.

a) substantivo - sujeito;

b) substantivo - objeto indireto;

c) adjetivo - sujeito;

d) adjetivo - objeto direto;

e) substantivo - objeto direto.

30) ***Auxiliar de Cartório*** - Das seguinte transformações de passagens do texto, aquela em que o pronome relativo **que** passa de objeto direto a **sujeito** é:

a) "E eu vou ao encontro do **que** me espera."

E eu vou ao encontro do **que** sempre esperei.

b) "Não posso perder um minuto do tempo **que** faz minha vida."

Não posso perder um minuto do tempo com **que** é feita minha vida.

c) "Amar os outros é a única salvação individual **que** conheço"

Amar os outros é a única salvação individual **que** é conhecida

d) "Essa capacidade (...) é o **que** eu chamo de viver e escrever."

Essa capacidade (...) é o **que** chamam de viver e escrever.

e) "Escrever é alguma coisa extremamente forte mas **que** pode me trair e me abandonar"

Escrever é alguma coisa extremamente forte mas **que** posso trair e abandonar.

31) ***Técnico de Controle Externo*** - Identifique a opção em que o termo sublinhado tem a função sintática de sujeito da oração.

a) Não haverá, sob hipótese alguma, **vista de prova**.

b) O candidato que se recusar a prestar **qualquer das provas** ficará automaticamente eliminado.

c) A classificação no processo seletivo não assegura ao candidato **o direito de ingresso automático**.

d) Caberá **recurso contra o resultado**.

32) ***Técnico de Controle Externo*** - Assinale a opção em que há **erro**

de identificação da função do termo

sublinhado, indicada entre parênteses.

a) Seguem-**se** instruções relativas ao assunto. (objeto direto)

b) Necessita-**se** de maiores informações sobre o assunto. (índice de indeterminação do sujeito)

c) As provas realizar-**se**-ão em local e data a serem divulgados oportunamente. (partícula

apassivadora)

d) O implicado deixou-**se** argüir pelo encarregado do inquérito naquele mesmo dia. (sujeito)

33) ***F.E.C.Álvares Penteado*** - Assinale a frase na qual o **se** não é pronome apassivador e nem índice de

indeterminação do sujeito.

a) Estudou-se este assunto.

b) Ela se suicidou ontem.

6 c) Falou-se muito sobre aquela festa.

d) Aos inimigos não se estima.

e) Fizeram-se reformas na casa.

34) ***Banco Central*** - "Tudo cura o **tempo**". A função sintática da expressão sublinhada é:

a) sujeito;

b) adjunto adnominal;

c) adjunto adverbial de tempo;

d) objeto direto;

e) predicativo.

35) ***BANESPA*** - Assinale a alternativa em que o sujeito é inexistente:

a) Precisa-se de empregados.

b) Chamaram-no às pressas.

c) Precisamos permanecer atentos.

d) Vai fazer dois anos que ele partiu.

e) Chegaram notícias do exterior.

EXERCÍCIOS MÓDULO 2

01) ***EMM*** - Há predicado verbo-nominal em:

a) Ela descansava em casa.

b) Todos cumpriram o juramento.

c) Ele vinha preocupado.

d) Ele está abatido.

e) Ela marchava alegremente.

02) ***EMM*** - Em "Sacou **da arma**", a função sintática do termo sublinhado é:

a) objeto direto preposicionado;

b) objeto indireto;

c) adjunto adverbial de meio;

d) objeto direto;

e) complemento nominal.

03) ***Colégio Naval*** - "(...) o guri curioso **que** eu era (...)"

O termo sublinhado, na passagem acima, apresenta a função sintática de:

a) sujeito;

b) objeto direto;

c) pronome relativo;

d) predicativo do sujeito;

e) adjunto adverbial de intensidade.

04) ***EPCAR*** - Em relação à palavra "**se**", utilize a chave a seguir para classificá-la corretamente e aponte a resposta encontrada.

1) Pronome Apassivador

2) Objeto Indireto

3) Objeto Direto

4) Conjunção subordinativa condicional

5) Conjunção subordinativa integrante

6) Índice de indeterminação do Sujeito

( ) Os bandidos deram-se as costas e atiraram.

( ) Só trabalho se me pagarem bem.

( ) Nesta rua dorme-se tranqüilo.

7 ( ) Nada se fez para encontrá-lo.

( ) As irmãs se abraçaram felizes.

( ) Veja, por favor, se ela já chegou.

a) 2 - 4 - 1 - 5 - 6 - 3;

b) 3 - 4 - 6 - 1 - 2 - 5;

c) 2 - 4 - 6 - 1 - 3 - 5;

d) 3 - 2 - 6 - 4 - 5 - 1;

e) 6 - 2 - 4 - 5 - 1 - 3.

05) ***ESPCEX*** - Quantos são os objetos diretos dos três períodos juntos?

a) “Rubião esqueceu a sala, esqueceu a mulher, esqueceu até a si.”

b) Não devias consentir em tais loucuras nem comer do mesmo pão.

c) Faleceu João, a quem muito estimávamos.

Resposta: a) _____ b) _____ c) _____

06) ***ESPCEX*** - Assinale as afirmações verdadeiras sobre a oração “Precisa-se de muitos operários especializados.”

1 Oração sem sujeito.

2 Oração de sujeito indeterminado.

4 Oração absoluta.

8 Oração de verbo intransitivo direto.

16 O **se** é pronome apassivador.

32 O **se** é índice de indeterminação do sujeito.

64 O predicado da oração é verbal.

Na frente de cada linha existe um número (dentro de um círculo).

Some os números correspondente às linhas nas quais você assinalou afirmações verdadeiras.

Resposta: _____

07) ***Colégio Naval*** - Assinale a oração que não possui sujeito:

a) A noite caiu repentinamente sobre a cidade.

b) Nesse mês, vai fazer um ano da sua partida.

c) Choveram tomates sobre o orador.

d) O dia amanheceu bastante límpido.

e) Não havia existido ninguém com tantas qualidades.

08) ***Escola Naval*** - Observe a seguinte frase atribuída a José de Alencar: "Ficaram-**lhe** as mãos ensangüentadas." - A palavra grifada terá a seguinte função sintática:

a) objeto indireto;

b) complemento nominal;

c) predicativo do sujeito;

d) predicativo do objeto direto;

e) adjunto adnominal.

09) ***Colégio Naval*** - Perdoai esta logomaquia; o estilo ressente-se da exaltação da minha alma. Achei um homem. Se aquele cínico Diógenes pode ouvir, do lugar onde está, as vozes cá de cima, deve cobrir-se de vergonha e tristeza; achei um homem.

Em "(...) deve cobrir-se de vergonha", podemos afirmar que o sujeito:

a) É "**aquele cínico Diógenes**" (simples)

b) É indeterminado;

c) É "**vergonha tristeza**" (composto e posposto ao verbo);

d) Trata-se de uma oração sem sujeito;

e) Está na oração principal do período.

10) ***EMM*** - Na oração "Ele **se** julga **feliz**", a função sintática dos termos sublinhados é:

a) Objeto direto - adjunto adverbial de modo.

b) Objeto indireto - objeto direto.

c) Pronome reflexivo - predicativo.

d) Objeto direto - predicativo.

e) Sem função - objeto direto.

11) ***EMM*** - A única oração com sujeito simples é:

a) Existem algumas dúvidas.

b) Compraram-se livros e cadernos.

c) Precisa-se de ajuda.

d) Faz muito frio.

e) Há alguns problemas.

12) ***Colégio Naval*** - Assinale a opção em que o termo grifado seja **objeto direto interno** ou cognato:

a) "(...) sonhei **coisas** (...)"

b) "(...) apenas ia vivendo devagar **a vida lenta dos mares do Brasil**"

c) "(...) pois ainda há **um Brasil bom** (...)"

d) '(...) **que** poderia trocar por roscas amanteigadas (...)"

e) "(...) é capaz de haver **mulher** também (...)"

13) ***ITA*** "Foi solto no gramado **e** a tela fina de arame é escarmento ao rei dos animais. Não mais **que**

um caco de leão (...)"

"(...) sobre o focinho contei nove ou dez moscas, **que** ele não tinha ânimo de espantar."

"Um dos presentes explica **que** o bicho tem as pernas entrevadas, (...)"

"Um de nós protesta **que** deviam servir-lhe a carne em pedacinhos."

Dos conectivos grifados nos fragmentos acima, somente um acumula em si os papéis de ligar orações e

desempenhar uma função sintática (núcleo) na estrutura da oração introduzida.

Assinale a opção que o contiver:

a) "(...) e a tela fina de arame é escarmento ao rei dos animais."

b) “(...) não mais que um caco de leão.”

c) “(...) que ele não tinha ânimo de espantar.”

d) “(...) que o bicho tem as pernas entrevadas,”

e) “(...) que deviam servir-lhe a carne em pedacinhos.”

14) ***ESPCEX*** - No período:

“A alma do carpinteiro não pode ser **mais bruta** que **a madeira**.” As funções dos termos grifados são, pela ordem:

a) predicativo do sujeito - sujeito;

b) predicativo do sujeito - objeto direto;

c) adjunto adverbial - sujeito;

d) objeto direto - predicativo do sujeito.

15) ***EPCAR*** - O termo sublinhado exerce a função de objeto indireto, **exceto** em:

a) Lembrei-**lhe** a data de aniversário de sua mãe.

b) Perdi a cabeça durante a discussão e dei-**lhe** na cara.

c) Devido a problemas de saúde, proibiram-**lhe** que fumasse.

d) Incumbiram-**lhe** que entregasse a encomenda.

e) Com certeza, pagou-**lhe** com bastante atraso.

16) ***ESPCEX*** - Na oração: “**De que**, **mulher**, você ainda tem **dúvida**?”, As funções dos termos grifados são, pela ordem:

a) complemento nominal - aposto - objeto direto;

b) objeto indireto - sujeito - objeto direto;

c) objeto indireto - vocativo - predicativo do sujeito;

d) complemento nominal - vocativo - objeto direto.

17) ***Magistério Estadual – RJ*** "a valer tanto quanto a primeira natureza que, no indivíduo, em não mais havendo, não se sabe **como ora seria**" "e isso parece claramente espelhar-se na forma **por que**, **na modernidade**, **a linguagem oficial se vem alterando**"

As orações subordinadas em destaque exercem, respectivamente, as funções sintáticas de:

a) sujeito / adjunto adnominal;

b) sujeito / adjunto adverbial de causa;

c) objeto direto / adjunto adverbial de causa;

d) adjunto adverbial de modo / adjunto adnominal;

e) adjunto adverbial de modo / adjunto adverbial de causa.

18) ***ESPCEX*** - Uma oração de predicado verbo-nominal está exemplificada em:

a) Nesta casa, só se aceitam pessoas educadas.

b) Os viajantes chegaram cedo ao destino.

c) Estava irritado com as brincadeiras.

d) Compareceram todos atrasados à reunião.

19) ***ESPCEX*** - "(...) Se algum dia fosse poeta e quisesse compor um poema nacional, pediria a Deus que me fizesse esquecer por um momento as minhas idéias de homem civilizado. Filho da Natureza embrenhar-me-ia por essas matas seculares; contemplaria as maravilhas de Deus; veria o sol erguer-se no mar de ouro... Ouviria o murmúrio das ondas e o eco profundo e solene das florestas. E, se tudo isto não me inspirasse uma poesia nova, quebraria a minha pena com desespero, mas não a mancharia numa poesia menos digna do meu belo e nobre país."

(ALENCAR, José de. *Crítica à Confederação dos Tamoios*. Rio de Janeiro, Aguillar, 1965*)*

Assinale o termo que **não** representa a mesma função sintática dos demais.

a) "me"

b) “o sol” Solução:

c) “tudo isso”

d) “poeta”

20) ***ESFAO*** - “A idéia da decadência do livro e da palavra impressa formou-**se** em grande parte em conseqüência do êxito da imagem e dos meios de comunicação que **se** servem da imagem: o cinema, a televisão, a publicidade, os sistemas de sinalização, etc.” A partícula **se** é, respectivamente:

1) partícula apassivadora - objeto indireto reflexivo;

2) objeto direto reflexivo - sujeito;

3) partícula apassivadora - objeto direto reflexivo;

4) objeto indireto reflexivo - índice de indeterminação do sujeito;

5) índice de indeterminação do sujeito - partícula apassivadora.

21) ***AFA*** - Este é o longo discurso **que se vai pronunciar na Ordem dos Economistas**.

Na oração sublinhada analisam-se a voz, o sujeito, o agente e o paciente, respectivamente como:

a) reflexiva, que, que, que;

b) ativa, indeterminado, indeterminado, que;

c) passiva sintética, que, indeterminado, que;

d) passiva sintética, indeterminado, indeterminado, que.

22) ***AFA*** - “Que me conste, ainda ninguém relatou o seu próprio delírio; faça-o eu, e a ciência mo agradecerá. Se o leitor não é dado à contemplação destes fenômenos mentais, pode saltar o capítulo; vá direto à narração.” *(Machado de Assis. Memórias Póstumas de Brás Cubas)*

A declaração verdadeira a respeito dos elementos do texto está na alternativa:

a) Em “é dado”, a voz passiva e o agente, indeterminado.

b) Em “mo”, o “o” é pronome pessoal oblíquo com função de objeto direto.

c) O vocábulo “direto” assumiria a forma feminina, se o referente fosse “leitora”.

d) Em “é dado”, o verbo “ser” é de ligação, e “dado” é um adjetivo com função de predicativo.

23) ***AFA*** Gigante pela própria natureza.

És belo, és forte, impávido colosso,

E o teu futuro espelha essa grandeza.

Deitado eternamente em berço esplêndido,

Ao som do mar e à luz do céu profundo,

Fulguras, ó Brasil, florão da América,

Iluminado ao sol do Novo Mundo!

- Brasil de amor eterno seja símbolo

O lábaro que ostentas estrelado,

E diga o verde-louro dessa flâmula

- Paz no futuro e glória no passado!

Os sujeitos de **espelha** (3ª), **fulguras** (6ª) e **seja** (9ª) são, respectivamente:

a) grandeza, tu, lábaro;

b) futuro, Brasil, Brasil;

c) Brasil, indeterminado, você;

d) futuro, florão da América, Brasil.

24) ***Universidade Gama Filho*** - Qual a expressão grifada que **não** funciona como sujeito:

a) “Estaria **Arnaldo** naquele instante dilacerado pelos estrepes (...)?”;

b) “estrepes sobre que talvez o arremessara **a queda desastrada**”;

c) “Flor invocara a intercessão daquele que para ela **tudo** podia na terra”;

d) “Digo-lhe eu, Arnaldo Louredo **que** nunca menti a homem”;

e) “o movimento de generosa simpatia e fraternidade que despertara em sua alma **a tristeza do boi vencido**”.

25) ***EFOMM*** - Estabeleça correspondência da coluna direita com a esquerda e, em seguida, assinale a opção **correta** quanto à palavra **se**:

1) Come-se bem naquele restaurante ( )

pronome apassivador

2) Foi-se embora ( )

indeterminação do sujeito

3) Ele não se deu descanso ( )

partícula expletiva

4) Levantou-se e saiu ( )

objeto direto

5) Cumpra-se o regulamento. ( )

objeto indireto

a) 5 - 1 - 4 - 3 - 2;

b) 2 - 5 - 4 - 3 - 1;

c) 3 - 2 - 1 - 5 - 4;

d) 5 - 1 - 2 - 4 - 3;

e) 4 - 5 - 3 - 2 - 1.

26) ***Magistério - RJ*** - Faz-se erroneamente a classificação sintática do pronome relativo, na opção:

a) “Mas eu não sei o que sou (...)” (predicativo)

b) “O abismo que há entre o espírito e o coração.” (objeto direto)

c) “O caderno que você desejava que eu trouxesse é caro.” (objeto direto)

d) “O peão acabara de selar o cavalo, que puxara para fora da ramada.” (objeto direto)

e) “Esclareceu que adiava a aquisição de uma chaleira de que andava muito necessitado” (objeto indireto)

27) ***Magistério - RJ*** - “criadas que se dão pressa em responder às visitas que a senhora saiu”

A alternativa em que o **se** tem o mesmo valor sintático do exemplo acima é:

a) “tema que se propôs elucidar”

b) “Vêem-se ombros frágeis, quase de vidro”

c) “desde que nelas não seja obrigado a se sentar”

d) “O taberneiro se arrependeu de sua falta de sagacidade”

e) “O céu estava azul, a paisagem estendia-se imensa e tranqüila”

28) ***Magistério - RJ*** - Há objeto direto e indireto na opção:

a) “Há de no-la contar logo”

b) “mas não me satisfazem os informes da História”

c) “Nenhum de nós se importaria muito com a verdade”

d) “A mocidade precisa transviar-se de alguma maneira”

e) “Até os colegas perdiam a paciência com as suas dúvidas.

29) ***Catanduva*** - “O medíocre se deu ares de campeão.” O pronome **se**, nesta oração, é:

a) pronome apassivador;

b) expletivo;

c) pronome indeterminador do sujeito;

d) objeto direto;

e) objeto indireto.

30) ***PUC*** - Assinale a opção na qual o pronome relativo **que** não exerce a função de objeto direto:

a) "Aquele boi **que** ele tinha ao arção da sela"

b) "era o prazer **que** D. Flor ia ter vendo o valente barbatão marcado com o seu ferro"

c) "era finalmente a satisfação do velho capitão-mor, **que** se encheria de orgulho"

d) "o movimento de generosa simpatia e fraternidade **que** despertara em sua alma a tristeza do boi vencido"

e) "Apeou-se e tirou um ferro de marca, da maleta de couro, **que** trazia à garupa"

31) ***EFOMM*** - Assinale a opção em que a expressão grifada tem a função de complemento nominal:

a) A curiosidade **do homem** incentiva-o à pesquisa.

b) O receio **de errar** dificulta o aprendizado das línguas.

c) O respeito ao próximo é dever **de todos**.

d) A cidade de Paris merece ser conhecida **por todos**.

e) O coitado **do velho** mendigava pela cidade.

32) ***ESPCEX*** - Assinale a alternativa que contém **erro** de análise sintática.

a) Em "A mãe adorava aos filhos", a expressão "aos filhos" é objeto indireto.

b) A frase "compram-se casas" está na voz passiva.

c) Na oração "Tolos, já não os há", "os" é objeto direto pleonástico.

d) Em "Correr é bom para a saúde", "bom" é predicativo do sujeito.

Resposta: _____

33) ***AMAN*** - "O bom funcionário não soube resolvê-la, ninguém na repartição o soube."

Quanto aos pronomes deste período, para sermos exatos e completos, devemos afirmar que:

a) todos estão empregados como objetos diretos;

b) um é objeto direto; outro, indireto, ambos oblíquos;

c) um é sujeito; os outros, objetos diretos;

d) um é sujeito; o outro, objeto direto;

e) os três são objetos diretos dos verbos **saber** e **resolver**.

34) ***BANESPA*** - Assinale a alternativa em que o termo grifado é complemento nominal:

a) A enchente alagou **a cidade**.

b) Precisamos de mais **informações**.

c) A resposta **ao aluno** não foi convincente.

d) O professor não quis responder **ao aluno**.

e) Muitos caminhos foram abertos **pelos bandeirantes**.

35) ***FASP*** - "Uma lagartixa passou correndo à sua frente e sumiu-se por entre as macegas." A palavra **se** é:

a) pronome reflexivo e objeto direto;

b) pronome reflexivo recíproco e objeto direto;

c) partícula de realce - sem função sintática;

d) pronome pessoal oblíquo e objeto direto.

EXERCÍCIOS MÓDULO 3

Proceda à divisão dos períodos abaixo em orações, ainda sem classificá-las.

01) “O estranho sorriso que se percebia na sua boca era sinal de que ele ainda não se corrigira daquela vez.”

(Viriato Correia)

02) “Um desses amigos, quando eu voltei graduado, deu-me os parabéns, acentuando a sua convicção com esta frase definitiva: - O teu casamento é um dogma.”

(Machado de Assis)

03) “Vendo-lhe, ao contrário, um sorriso, achou que era o da inocência, e falou de outra cousa.”

(Machado de Assis)

04) “Foi bom que tu as visses para que saibas que o homem que chorar por ti bem mais merecia que o outro que te despreza.”

(Camilo Castelo Branco)

05) “Sermos privados de ouvir algo, que por impróprio se tornava mais apetecido, não nos aborrecia tanto quanto esse antipático processo de nos expelir da roda.”

(Ciro dos Anjos)

06) “Já dizem os cortesãos, com insultante sarcasmo, que a soberba mãe dos Gracos, depois de assistir corajosa à violência brutal, estendeu os pulsos às cordas de seda da hipocrisia.”

(Herculano)

07) “Porém, como quer que o pai lhe falecesse, e a mãe contrariasse a projetada formatura, em razão de ficar muito sozinha no casarão de Caçarelos, como bom filho, renunciou à carreira das letras.”

08) “Houve um tempo em que minha janela se abria para um terreiro, onde uma vasta mangueira alargava sua copa redonda.”

26 *(Cecília Meireles)*

09) “Então o urso avançou para Nicole, e a carregou, como queria a menina.”

(Dinah Silveira de Queirós)

10) "O Barão de Itambi, que havia chegado da batalha extenuado, o que não traduzia velhice, e sim desalento, fez o filho sentar a seu lado e conversou com ele como se estivesse diante de um adulto."

11) ***AMAN*** - Tudo palpita em redor de nós, e é como um dever de amor aplicarmos o ouvido, a vista, o coração a essa infinidade de formas naturais ou artificiais que encerram seu segredo, suas memórias, suas silenciosas experiências. A rosa que se despede de si mesma, o espelho onde pousa o nosso rosto, a fronha por onde se desenham os sonhos de quem dorme, tudo, tudo é um mundo com passado, presente, futuro, pelo qual transitamos atentos ou distraídos. Mundo delicado, que não se impõe com violência: que aceita a nossa frivolidade ou o nosso respeito; que espera que o descubramos, sem se anunciar nem pretender prevalecer; que pode ficar para sempre ignorado, sem que por isso deixe de existir; que não faz da sua presença um anúncio exigente "Estou aqui! estou aqui!". Mas, concentrado em sua essência, só se revela quando os nosso sentidos estão aptos para o descobrirem. E que em silêncio nos oferece sua múltipla companhia, generosa e invisível.

O 2º período do texto acima contém:

a) cinco orações, sendo uma principal, três coordenadas e uma subordinada;

b) cinco orações, sendo três coordenadas e duas subordinadas;

c) seis orações, sendo uma principal e cinco subordinadas;

d) seis orações, sendo quatro coordenadas e duas subordinadas;

e) sete orações, sendo uma principal, quatro coordenadas e duas subordinadas.

12) ***AMAN*** - "Às vezes relutava em aquiescer às suas exigências, vendo-a engordar, incessantemente."

O período acima transcrito, no tocante à sua estrutura, apresenta-se:

a) composto por coordenação, contendo duas orações;

b) composto por subordinação, contendo três orações;

c) misto, contendo três orações;

d) composto por coordenação, contendo quatro orações;

e) composto por subordinação, contendo quatro orações.

13) ***UNIRIO*** - Assinale o item em que há uma oração absoluta.

a) Tardo mas ardo.

b) Pois, às quatro azul em ponto a pomba pontualíssima pousava pensativamente no beiral.

c) O pombo disse que a tarde era tão bonita (...)

d) Como custa a passar um quarto de hora para uma noiva que espera o noivo no mais alto beiral.

e) Pombo e pomba marcaram um encontro galante quando voavam e revoavam no azul do Rio de Janeiro.

14) ***AMAN*** - Com relação ao início do último parágrafo:

"Porque **é** montado na mulinha, nas tardes frias de maio, quando o gordura cobre os campos com o colorido das sementes, e o gado gordo e luzidio se prepara para entrar no inverno – **que** eu quero ver passar o tal avião (...)"

A única afirmação correta é:

a) **é** constitui o predicado da oração principal;

b) **que** é conjunção integrante;

c) **que** é pronome relativo;

d) **que** é pronome indefinido;

e) **é que** são dispensáveis, gramaticalmente.

15) ***UNIRIO*** - Assinale o período onde há uma oração coordenada.

a) Às quatro em ponto me casarei contigo no mais alto beiral.

b) Tardo mas ardo.

c) A pombinha, que era branca sem exagero, arrulhava.

d) Tá - assentiu com alegria e pudor a pomba.

e) Como se humilha em revolta a noiva branca.

16) ***UNIRIO*** - Assinale o item em que há uma oração absoluta:

a) A luz vinha do lado do abacateiro grande, o da porta do paiol.

b) A voz saía bonita, forte, alcançava longe.

c) Custou, mas se ajeitou no outro poleiro mais alto, de visão melhor.

d) Muitas eram as galinhas do Fanhoso e todas dormiam ali, ao lado dele.

e) Levantou-se e veio até a porta.

17) ***UNIRIO*** - Assinale o item em que se encontra uma oração que tem a mesma classificação da última oração do seguinte período:

"Os olhos minaram água, a cãibra sacudiu-lhe os músculos do pescoço, mas bateu as asas com energia (...)"

a) "Levantou-se e veio até à porta olhar o céu."

b) "João Fanhoso ficou esperando a resposta, porém tudo continuou quieto (...)"

c) "E foi ver se repegava no sono."

d) "Passou pela ameixeira alta do paiol, atravessou os curais, o mangueiro (...)"

e) "Não era a primeira vez que sucedia aquilo (...)"

18) ***ESFAO*** - Sabe o que eu descobri? Que certas mulheres usam o palavrão como o adolescente dos meus tempos: quase sempre na hora errada. Marque a opção incorreta: No texto de *Artur da Távola*, há:

a) frases nominais;

b) dois períodos compostos por subordinação;

c) um verbo oculto por elipse e outro, por zeugma;

d) apenas verbos transitivos;

e) oração subentendida.

19) ***Colégio Naval***

Era uma vez um Aleijadinho,

não tinha dedo, não tinha mão,

raiva e cinzel, lá isso tinha,

era uma vez um Aleijadinho,

era uma vez muitas igrejas

com muitos paraísos e muitos infernos,

era uma vez São João, Ouro Preto,

Mariana, Sabará, Congonhas,

era uma vez muitas cidades

e o Aleijadinho era uma vez.

(*Brejo das Almas*, RJ, J. Aguillar, Ed. 1967, pág. 87/88).

Observe os versos: "não tinha dedo, não tinha mão,/raiva e cinzel, lá isso tinha."

Entre os dois versos acima (mais exatamente, entre as palavras "mão" e "raiva"), que formam um período composto de orações coordenadas assindéticas, podemos notar a ausência de um conectivo de valor:

a) aditivo;

b) adversativo;

c) alternativo;

d) explicativo;

e) conclusivo.

20) ***EPCAR*** - Observe: “Aconteceu então que o céu se tornara tão escuro, que não nos animamos a sair porque receamos que desabasse forte temporal, que tudo alagasse de sorte que, quando tentássemos o regresso, não nos seria possível.”

Quanto à classificação, está correto o que se diz no item:

a) composto por coordenação e subordinação de sete orações;

b) encerra duas orações coordenadas e quatro subordinadas;

c) possui uma oração principal e cinco subordinadas;

d) composto por subordinação de oito orações;

e) composto por subordinação de sete orações.

21) ***ITA*** - “Se coordenação é um processo de encadeamento de valores sintáticos idênticos, é justo admitir que quaisquer elementos da frase (período simples ou composto) coordenados entre si devem - em princípio pelo menos - apresentar a mesma estrutura gramatical (formas paralelas).”

Em qual das frases abaixo ocorre paralelismo sintático?

a) Não saí de casa por estar chovendo e porque era ponto facultativo.

b) Ao romper da aurora e quando os pássaros começam a cantar, a natureza se mostra mais aprazível.

c) O dia, nublado ou cinzento, deixava-nos nostálgicos e ansiosos.

d) Não deveríamos julgar um candidato pelo fato de ele ser advogado, fazendeiro ou qualquer outra ocupação.

e) As frases são difíceis de entender, não por serem longas mas são obscuras.

22) ***EPCAR*** - “Luís Garcia era um homem de escassa cultura, sobretudo irregular; mas tinha os dons naturais e a longa solidão dera-lhe o hábito de refletir.

No texto, percebem-se:

a) uma oração principal e duas coordenadas;

b) duas orações coordenadas e uma subordinada;

c) três orações coordenadas;

d) quatro orações coordenadas;

e) uma oração principal, uma subordinada e duas coordenadas.

23) ***EPCAR*** - Todos os períodos são compostos por subordinação, **exceto**:

a) Não se preocupe, que logo a trarei.

b) Dei-lhe sinal que saísse logo.

c) Todos sabem que o homem é mortal.

d) Ele afirmou que não a vira.

e) É tão feio que assusta.

24) ***EPCAR***

Quando uma nuvem nômade destila

gotas, roçando a crista azul da serra,

umas brincam na relva, outras tranqüilas,

serenamente entranham-se na terra.

A estrofe encerra um período composto por:

a) subordinação e coordenação de quatro orações;

b) subordinação de três orações;

c) coordenação e subordinação de cinco orações;

d) subordinação de duas orações;

e) coordenação e subordinação de três orações.

25) ***ESPCEX*** - No período “Não discutimos as várias propostas, **nem Analisamos quaisquer soluções**, **pois não tivemos tempo para isso**.”, as orações grifadas são, respectivamente:

a) coordenada assindética e coordenada sindética adversativa;

b) coordenada assindética e coordenada sindética alternativa;

c) coordenada sindética aditiva e coordenada sindética conclusiva;

d) coordenada sindética aditiva e coordenada sindética explicativa.

26) ***ESPCEX*** - Considere as assertivas:

I) “Deixa-me recordar-te um ato que fez o teu heroísmo, e a minha desgraça irremediável” é

período composto por coordenação e subordinação.

II) “Tive, há pouco, um instante de alegria, quando via a boca de uma pistola apontada ao peito” é

período composto por coordenação.

III) “Deus ouvir-te-ia, filha, e eu mais cedo teria vindo ajoelhar a teus pés, agradecendo-te a minha

redenção.” é período composto por coordenação.

IV) “Amaral estava gravemente ferido.” é período simples.

Observa-se que o(s) período(s) está(estão) corretamente classificado(s):

a) somente na afirmação IV;

b) somente nas afirmações I e IV;

c) somente nas afirmações III e IV;

d) em todas as afirmações.

27) ***Universidade Gama Filho*** - Assinale o período em que ocorrem orações coordenadas e subordinadas:

a) “Agora Fabiano era vaqueiro, e ninguém o tiraria dali.”

b) “Aparecera como um bicho, entocara-se como um bicho, mas criara raízes, estava plantado.”

c) “Quase nunca vinha à fazenda, só botava os pés nela para achar tudo ruim.”

d) “A desgraça estava em caminho, talvez andasse perto.”

e) “Mas um dia sairia da toca, andaria com a cabeça levantada, seria homem.”

28) ***EPCAR***

Chora de manso e no íntimo... Procura

Curtir sem queixa o mal que te crucia:

O mundo é sem piedade e até riria

Da tua inconsolável amargura.

A estrofe encerra:

a) três orações independentes e uma subordinada;

b) cinco orações, sendo uma subordinada;

c) três orações coordenadas e duas subordinadas;

d) uma oração principal, três coordenadas e duas subordinadas;

e) seis orações, sendo uma principal, quatro coordenadas e uma subordinada.

29) ***EPCAR*** - Na mesma estrofe e em seqüência, as expressões **de manso**, **o mal**, **que** e **inconsolável** desempenham, respectivamente, a função de:

a) adjunto adverbial de causa, objeto direto, pronome relativo, adjunto adnominal;

b) adjunto adverbial de modo, objeto direto, sujeito, adjunto adnominal;

c) objeto indireto, sujeito, conjunção integrante, adjunto adnominal;

d) adjunto adverbial de intensidade, objeto direto, pronome relativo, adjunto adnominal;

e) adjunto adverbial de modo, sujeito, conjunção integrante, adjunto adnominal.

30) O ouro fulvo do ocaso as velhas casas cobre;

Sangram, em laivos de ouro, as minas, que a ambição

Na torturada entranha abriu da terra nobre;

E cada cicatriz brilha como um brasão.

(Vila Rica, Olavo Bilac)

A estrofe encerra.

a) quatro orações, sendo uma subordinada;

b) cinco orações, sendo duas subordinadas;

c) três orações, havendo uma subordinada;

d) quatro orações, havendo duas subordinadas;

e) cinco orações, sendo apenas uma subordinada.

31) ***Colégio Naval*** - No período: "O frio da Noite Santa era tão áspero **que** entrei na manjedoura para me aquecer.", o vocábulo sublinhado traduz valor:

a) causal;

b) concessivo;

c) consecutivo;

d) temporal;

e) conformativo.

Observe:

"Entre as poucas pessoas que, iludindo o consentimento da polícia, tinham conseguido ocultar-se em diversos sítios de observação, murmurava-se que não devia tardar o embarque do ex-Imperador."

32) ***EPCAR*** - O período supra é composto:

a) por subordinação e coordenação de quatro orações;

b) por subordinação e coordenação de cinco orações;

c) por subordinação de três orações;

d) por subordinação de quatro orações;

e) por subordinação de cinco orações.

33) ***Simonsen - RJ*** - A tal ponto chega a antonímia **que atrapalha a vida das pessoas**. A oração sublinhada é:

a) adverbial causal;

b) substantiva objetiva direta;

c) adjetiva restritiva;

d) adverbial consecutiva.

34) ***Colégio Naval*** - "O mascate não podia afrouxar a marcha: todo o sertão tinha encontro marcado com ele."

O período acima denota, respectivamente, as idéias de:

a) explicação e conseqüência;

b) concessão e causa;

c) causa e conseqüência;

d) causa e concessão;

e) conseqüência e causa.

35) ***FUVEST*** - "Anteontem aconteceu o que era inevitável, mas que nos encantou como se fosse inesperado: meu pé de milho floresceu."

(Rubem Braga)

A oração a que pertence o verbo **encantar** é introduzida pela conjunção **mas**, que a torna coordenada;

por outro lado, o pronome relativo **que** faz dela uma subordinada. Como você pode esclarecer essa dualidade?

_____

_____

_____

EXERCÍCIOS MÓDULO 4

01) ***EFOMM*** Assinale a opção em que se **errou** no emprego da forma verbal sublinhada:

a) Enquanto **pulo** meus sapatos, desentupa você a pia da cozinha.

b) Não **denigras** a reputação alheia.

c) Reflete bem, não **minta**; assim nós acreditaremos sempre em ti.

d) Meus pais sempre **proveram** nossa casa de tudo, dando-nos conforto.

e) Jamais **intervirei** em questões familiares.

02) ***UERJ*** - Preencha as lacunas da 1ª parte de acordo com a 2ª (no tocante ao emprego de pronomes relativos) e assinale na 3ª a letra que convém como solução:

a) O dom _____ em sonho eu me referia.

b) Um livro _____ autor nunca vi alusão.

c) Fust foi o amigo _____ Gutemberg se abrira sobre o pesadelo.

d) Eram volantes as folhas _____ aplicávamos...

31 e) A vozeira infernal _____ apregoava as folhas volantes.

f) Eram asas iguais _____ Virgílio atribuíra à deusa Fama.

2ª parte

1) que

2) cujo

3) com quem

4) a que

5) a cujo

6) às que

3ª parte

a) 1 - 2 - 3 - 4 - 1 - 6;

b) 1 - 4 - 1 - 6 - 4 - 4;

c) 4 - 5 - 3 - 4 - 1 - 6;

d) 4 - 2 - 1 - 1 - 4 - 4;

e) 1 - 5 - 3 - 6 - 1 - 6.

03) ***EPCAR*** - **Não** está em consonância com a gramática:

a) Havia muitos espectadores descontentes com a cena a que assistiam.

b) Vossa Excelência e alguns convidados seguireis primeiro.

c) Não permitais que falem mal de vossos filhos.

d) Nem uma, nem outra diligência se pode fazer.

e) Mais de um coração de guerreiro batia apressado.

04) ***ESPCEX*** - Nas orações:

“A noite **chegou** fria. “ e “Não **confie** nele.”, os verbos, quanto à predicação, são, respectivamente:

a) intransitivo / transitivo direto;

b) intransitivo / transitivo indireto;

c) de ligação / transitivo indireto;

d) transitivo direto / intransitivo.

05) ***CESGRANRIO*** - Assinale a opção em que o pronome **lhe** está empregado com valor possessivo:

a) “Queria contar-lhe; mas para quê?”;

b) “essa menina, a quem envolvia na aversão que votava ao Barão e a quanto lhe pertencia.”;

c) “Por isso o nome do pai lhe viera aos lábios.”;

d) “O abalo que sofreu Mário... espancou de seu espírito a visão, para mostrar-lhe a realidade.”;

e) “Que lhe importa a canoa nem o canoeiro...?”.

06) ***CESGRANRIO*** - “O ideal seria **que** esse congresso tivesse se desdobrado por todas as capitais do país, por todas as cidades, **que** tivesse merecido mais atenção da televisão e tivesse sacudido a consciência dos brasileiros do Oiapoque ao Chuí, mostrando àqueles **que** não podem ler jornais nem freqüentar as discussões universitárias o que foi um dos períodos mais tenebrosos da história do Ocidente.”

Assinale a classificação **correta** das palavras sublinhadas, respectivamente:

a) pronome relativo / conjunção integrante / conjunção integrante;

b) pronome relativo / conjunção integrante / conjunção consecutiva;

c) conjunção integrante / conjunção integrante / pronome relativo;

d) conjunção integrante / conjunção consecutiva / conjunção comparativa;

e) conjunção consecutiva / pronome relativo / pronome relativo.

07) ***ESPCEX*** - “Ao preencher um envelope não deve-se esquecer de por, alem do nome e endereço do destinatário, o número do CEP. Isso evitará que a carta se perca ou que seja entregue com atrazo.”

Notam-se aqui algumas **incorreções de linguagem**. Assinale, entre as alternativas abaixo, aquela(s) que apresenta(m) **tipos de incorreção** encontrados no trecho acima e na quantidade indicada:

a) colocação de pronome átono - 1;

b) colocação de pronome átono - 1; ortografia - 3;

c) ortografia - 2; acentuação gráfica - 1;

d) colocação de pronome átono - 1; conjugação verbal - 2;

e) acentuação gráfica - 2; vírgula - 1; ortografia - 1.

As questões seguintes, da 8 à 12, inclusive, constituem-se de exemplos transcritos de notícia publicadas em jornais e/ou revistas. Observando **cuidadosamente** as alternativas apresentadas, preencher, quando necessário, os círculos em branco, com o código da alternativa conveniente:

A exemplo com erro de grafia e/ou acentuação gráfica de palavras;

B exemplo com erro de emprego de "a", "à" ou "há";

C exemplo com erro no emprego de concordância (nominal e/ou verbal);

D exemplo com erro no emprego de regência verbal.

Observação:

Quando você considerar que a frase está correta, não apresentando nenhum dos tipos de erros codificados, não faça qualquer assinalação dentro do círculo que a precede.

08) ***ESPCEX***

○ "Seu país receberia, com satisfação, os esforços de mediação argelinos para por fim à guerra, mas só se forem atendidas as condições iranianas."

○ "Efetivos da Guarda Civil e da Guarda Republicana intervieram imediatamente, afastando as pessoas que se aglomeravam no local."

○ "Segundo o contra-almirante Swartztrauber, dos EUA, os países interamericanos enfrentam perigo da subversão gerada pela miséria."

○ "No final da próxima semana, deverão estar concluídas a colocação de guias e sarjetas do canteiro central, passando-se, em seguida, para a pavimentação."

09) ***ESPCEX***

○ "Segundo fontes da Embraer, já existem mais de cem solicitações de interessados na compra do "Brasília."

○ Esse festival de baixo nível precisa ter um fim, mesmo porque tomou conta de todas as nossas emissoras, sem excessão."

○ "O maior problema em relação as casas noturnas é o barulho, principalmente para aquelas situadas próximas a hospitais."

○ "As tropas iraquianas rechaçaram os invasores numa série de contra-ataques, e as forças iranianas se encontram, agora, paralisadas numa estreita faixa de quatro quilômetros de terreno pantanoso."

10) ***ESPCEX***

○ "Segundo relato enviado à Comissão Estadual de Defesa Civil, com sede em Florianópolis, o temporal, com ventos de 75 a 100 quilômetros por hora, ocorreu a uma hora da madrugada e

causou prejuízos de 12 a 15 milhões de cruzeiros ao município."

○ "Regularização de reformas ilegais causam problemas."

○ "Desde que Graham Bell inventou o telefone, há mais de um século, o aparelho sempre esteve preso a um fio."

○ "Vereadores preferem trabalhar dobrado que congelar salários."

11) ***ESPCEX***

○ "Já não conseguem ter muito gosto pela vida, o mal humor é constante."

○ "Para o tradicional desfile do Dia Sete, além da participação militar e escolar, está sendo programado uma parte cívica."

○ "O pagamento dos três mil homens encarregados da varrição e coleta de lixo será efetuado, obedecendo o cronograma da empresa."

○ "O presidente panamenho, Aristides Royo, renunciou ontem ao cargo que ocupava há quatro anos."

12) ***ESPCEX***

○ "Porém a maioria dos poloneses sustenta que agora nem sequer pode comprar as reduzidas

porções de carne permitidas.”

○

“Não existe separação sem dor, porque ela é uma perda, e as perdas dóem mesmo.”

○ “Os bondes elétricos postos em circulação eram precariamente iluminados. Como à distância suas designações não eram facilmente percebidas, a Light passou a equipá-los com faróis de várias cores.”

○

“Esses mesmos dados fornecidos pela Fundação Getúlio Vargas revela, no caso dos preços por atacado, que os gêneros alimentícios vêm mostrando as maiores variações.”

13) ***ESPCEX*** - Identifique, entre as alternativas abaixo, aquela(s) que se apresenta(m) totalmente correta(s) quanto aos seguintes aspectos.

a) **Colocação Pronominal**

Aquilo aborreceu-me demais.

Nunca contar-lhe-ia tudo o que sei.

Não os querendo mais aqui, mandei-os embora.

Como é que os encontrou?

b) **Emprego da Crase**

Chegamos à fazenda à uma da tarde e logo saímos a cavalo, dirigindo-nos a Americana (cidade do Estado de São Paulo), onde ficamos, a tarde inteira, à espera do resto do pessoal. Completamos o percurso, de ponta à ponta, em duas horas.

c) **Ortografia**

berinjela, analisar, jibóia, estupidez, através, talvez, rixa, chuchu, pesquisa, compreensão,

aprendiz, aspereza, princesa, ansioso, ficha, misto, hipnotizar, rodízio, ressuscitar,

espontaneidade, extensão, estender.

d) **Emprego dos verbos haver**, **dar**, **fazer e parecer**

As crianças parece gostarem do filme.

Já tinha havido muitas brigas na família.

Dava dez horas o relógio da sala.

Já tinha feito dois anos que ele não ia à casa da irmã.

14) ***ITA*** - Cada uma das questões propostas apresenta três frases, que podem ser corretas ou incorretas.

Verifique quais que apresentam, ou não, infração de regras gramaticais e, observando cuidadosamente

o número de cada questão, assinale

a) se todas forem corretas;

b) se for correta somente a frase 1;

c) se for correta somente a frase 2;

d) se for correta somente a frase 3;

e) se estiverem corretas as frases 2 e 3.

1) Antecipei o meu regresso por motivos que não interessam expor agora.

2) Ali, onde raream os pequenos animais, deviam existir matas, de onde já haviam desaparecido as

onças.

3) Esforço-me por que se conheçam e remedeiem os erros.

( ) a ( ) b ( ) c ( ) d ( ) e

15) ***ITA***

1) Notavam-se-lhe no gesto alguns ressentimentos.

2) Que diria o pai se lhe confessassem que não lhe socorreu o filho, embora o pudessem?

3) Por negar a verdade, não tenho o direito de vos espancar

( ) a ( ) b ( ) c ( ) d ( ) e

Instruções.

As questões de números 16 a 20 se referem, respectivamente, a concordância nominal, concordância verbal, crase, regência e colocação do pronome átono. Para responder a elas, utilize o código abaixo.

a) se I e II estivem corretas;

b) se I e III estiverem corretas;

c) se II e III estiverem corretas;

d) se todas estiverem corretas;

e) se todas estiverem erradas.

16) ***EPCAR***

I) É necessário cautela com os aduladores.

II) Ela mesmo estava certa da decisão tomada.

III) Os conhecidos Barcelos e Sousa foram os primeiros moradores daquela zona.

( ) a ( ) b ( ) c ( ) d ( ) e

17) ***EPCAR***

I) Fazem três anos que não o vejo.

II) Deu seis horas no relógio da Matriz.

III) Um pai ou o filho assumirão a presidência da empresa.

( ) a ( ) b ( ) c ( ) d ( ) e

18) ***EPCAR***

I) O texto faz alusão à Roma dos césares.

II) Refiro-me a características dos jovens.

III) Bateu à porta com muita insistência.

( ) a ( ) b ( ) c ( ) d ( ) e

19) ***EPCAR***

I) Prometo obedecê-lo de hoje em diante.

II) Custo a crer que sejas tão mentiroso.

III) O título que aspiras é cobiçado por muitos.

( ) a ( ) b ( ) c ( ) d ( ) e

20) ***EPCAR***

I) Jamais nos têm preocupado.

II) Quero dizer-lhe a verdade.

III) Tinha arrastado-me sobre a grama.

( ) a ( ) b ( ) c ( ) d ( ) e

21) ***AFA*** - Assinale a alternativa em que as duas frases estão gramaticalmente corretas:

a) I- Chegou o rádio e o dicionário que encomendamos

II- É tempo de ele mudar de vida.

b) I- Os abaixo-assinados aguardam decisão de Vossa Senhoria.

II- A sociedade lusa-brasileira defende sua unidade lingüística.

c) I- O indivíduo mau criado porta-se mal em sociedade.

II- Deve haver outra soluções, pois entre eu e tu nada mais existe.

d) I- Se tivéssemos pensado melhor, daríamos-lhe a resposta correta.

II- Entre mim e ti nada mais existe, pois já fazem alguns anos que tudo terminou.

22) ***EPCAR*** - Levando em conta a correção, concisão, ritmo e eufonia, aponte a melhor transformação destas duas orações básicas (1) **o guarda viu isto** + (2) **ele caiu**.

a) O guarda viu-lhe cair.

b) O guarda viu que ele caiu.

c) O guarda viu isto: que ele caiu.

d) O guarda viu ele cair.

e) O guarda viu-o cair.

23) ***ITA*** - Cada uma das questões propostas apresenta três frases, que podem ser corretas ou incorretas. Verifique quais que apresentam, ou não, infração de regras gramaticais e, observando cuidadosamente o número de cada questão, assinale:

a) se todas forem corretas;

b) se for correta somente a frase 1;

c) se for correta somente a frase 2;

d) se for correta somente a frase 3;

e) se estiverem corretas as frases 2 e 3.

1) Os cumprimentos e as felicitações sinceras, bem como o elevado respeito e admiração, caracterizam a amizade e o amor verdadeiros.

2) Ela não o compreendia, mas admirava-o, queria-lhe muito bem e obedecia a ele cegamente.

3) Vimos informar-te que enviaremos, daqui a uma semana, as mercadorias por ti solicitadas.

( ) a ( ) b ( ) c ( ) d ( ) e

24) ***ITA***

1) Estais contentes com ver de novo rios, céu e florestas brasileiras?

2) Anexo ao vosso pedido, remeto-vos as cópias apenas dos capítulos primeiro e segundo, pois os demais, mau impressos, estão meio ilegíveis.

3) Comete-se, amiúde, crimes de leso-patrimônio.

( ) a ( ) b ( ) c ( ) d ( ) e

Nas questões de nº 25 a 28, indique a opção que contém qualquer deslize gramatical.

25) ***EPCAR***

Ainda não assisti **ao filme**

(A) que você me indicou; aliás, não vou ao cinema **há** (B) alguns meses.

Ontem, como tive de assistir **meu pai** (C), que está **enfêrmo** (D), também não pude ir. **Sem erro** (E).

( ) a ( ) b ( ) c ( ) d ( ) e

26) ***EPCAR***

Lembrou-me (A) agora **aquele compromisso**(B): obediência **a**(C) determinadas diretrizes que visam **à** (D) recuperação dos viciados. **Sem erro** (E).

( ) a ( ) b ( ) c ( ) d ( ) e

27) ***EPCAR***

Vimos por esta informar-**lhe** (A) de que já enviamos as mercadorias solicitadas e que na **seção** (B) de almoxarifado **precisam-se** (C) funcionários, considerando a opinião do diretor, a **quem** (D) já informamos o novo plano de trabalho. **Sem erro** (E).

( ) a ( ) b ( ) c ( ) d ( ) e

28) ***EPCAR***

O secretário advertiu **o** (A) presidente **da** (B) possibilidade de incidir **em** (C) erro, se **pôr** (D) em prática esse tipo de comunicação. **Sem erro** (E).

( ) a ( ) b ( ) c ( ) d ( ) e

29) ***AFA*** - O texto que não apresenta defeito algum quanto às normas gramaticais da expressão culta é:

a) Terminado as férias, prestou exame para Engenharia e, quando ia pagar a tacha para a reserva de vaga, foi convocado para Exame Médico na Escola Naval.

b) Antes de os exames terminarem, procurem informar-se das datas em que se tornarão públicas as médias e os nomes dos convocados para os Exames de Sanidade Física.

c) A Polícia Militar chegou à praça pouco depois que o comício se iniciara e começaram a atirar para o alto e a lançar bombas de gaz lacrimogênio contra a multidão.

d) Sábado próximo, haverá um casamento que não posso deixar de comparecer: a moça cujos pais foram nossos vizinhos na casa que moramos antes, trouxe o convite e insistiu que comparecêssemos todos.

30) ***AFA*** - O texto que não transgride as normas de expressão culta encontra-se na alternativa:

a) Deixe ele vir falar comigo, que lhe mostro a maneira como deveria ter-se aproximado do guarda e pedido-lhe informações sobre o local da Prova.

b) Pensa algum de vocês que poderão esmorecer-me? Enquanto tiver ânimo, saúde e idade, não me frustarei com a concorrência maciça e pertinaz que me fazem esse grupo de mais de dois mil candidatos.

c) A parte que mais gostei na peça foi aquela que o rapaz pede à moça para ser sua companheira de travessia da floresta, e ela, conversando com ele, mostra-lhe que exitar ante o perigo não é próprio de quem se diz corajoso.

d) A poucos dias das provas, o senhor não imagina quão inseguro fico dos meus conhecimentos de

Gramática, embora, sem falsa modéstia, possa declarar que, nos testes de Português, no Cursinho, sempre tenho obtido a nota máxima em todos.

31) ***AFA*** - A redação que obedece às normas gramaticais da expressão culta é a da alternativa:

a) São inúmeros os nosso deveres com o líder, que podemos resumi-los na palavra disciplina, da qual é bom que cada um aprenda o seu significado para apreciar-lhe melhor o seu valor.

b) Como não foi estipulado a data de entrega dos diplomas aos formandos, alguns de nós tivemos de escrever à Comissão de Concurso afim de protelarmos a remessa dos documentos de Conclusão de Curso.

c) A idéia de Pátria nasce das relações sentimentais que o homem estabelece com as paisagens física e humana que o cercam; Pátria é o país em que ele nasce e a cujas tradições se prende pelo sangue dos antepassados.

d) A atitude de respeito, acatamento e obediência às ordens dos superiores devem governar todas as tuas ações na vida militar de tal forma que, em momento algum, suspeite que outro objetivo tenha as ordens recebidas senão o do benefício comum entre chefes e subordinados.

32) ***AFA***

"Esta é a estória. Ia um menino, com os tios, passar dias no lugar onde se construía a grande cidade.

A tia e o tio tomavam conta dele. Respondiam-lhe a todas as perguntas.

Ali fabricava-se o grande chão do aeroporto - transitavam no extenso as compressoras, caçambas e cilindros.

(...) o homem obrigara os outros ao ponto donde seriam menos vistos, enquanto barrava-lhes qualquer fuga (...)"

No trecho extraído da obra *Primeiras Estórias* de *João Guimarães Rosa*, há desvios gramaticais no que diz respeito à:

a) acentuação;

b) regência verbal;

c) concordância verbal;

d) colocação pronominal.

33) ***AFA*** - A redação que não transgride as normas de expressão culta encontra-se na alternativa:

a) Estão havendo menas oportunidades para se conseguir posições condizentes com nossa formação intelectual. É preciso analisar mais racional, mais bem e mais objetivamente as causas dessa situação.

b) A tentativa de implantação da cultura européia em extenso território, dotado de condições naturais, se não adversas, largamente estranhas à sua tradição milenar, é, nas origens da sociedade brasileira, o fato dominante e mais rico em conseqüências.

c) Ao escrever em prosa sobre o brasileiro operário, Carlos Drumond de Andrade revela aspectos importantes de sua personalidade. Algumas de suas características são a sensibilidade, a honradez e o amor à terra. Acerca do trabalhador braçal assim expressou-se o poeta, na longínqua cidade mineira: é um forte!

d) Confrontado com outros países americanos, o Brasil apresenta traços e qualidades que, não só lhe tornam distinto mas credor de mais fundadas esperanças. A mistura nas mesmas veias de glóbulos europeus, africanos e autóctones, deu resultados felizes. A ela se devem atribuir talvez o quase feminino, sutil e agudo sentido psicológico que caracterizam o brasileiro.

34) ***ITA*** - Cada uma das questões propostas apresenta três frases, que podem ser corretas ou incorretas. Verifique quais que apresentam, ou não, infração de regras gramaticais e, observando cuidadosamente o número de cada questão, assinale:

a) se todas forem corretas;

b) se for correta somente a frase 1;

c) se for correta somente a frase 2;

d) se for correta somente a frase 3;

e) se estiverem corretas as frases 2 e 3.

1) As falsas lisonjas, que vos ofuscam, preferi as críticas sensatas, que vos orientam.

2) Dissuadiu o amigo de desobedecer às ordens, informando-o que a não obediência custar-lhe-ia desligamento.

3) Apesar de a polícia ter intervido, a jovem reaveu apenas a metade do que a ladra lhe roubara.

( ) a ( ) b ( ) c ( ) d ( ) e

35) ***ITA***

1) Menos as que chegarem meio atrasadas, a entrada será franqueada apenas às mulheres.

2) Àquela hora, à sombra da bela paineira, lembrei-me do nosso primeiro encontro, há dez anos, a vinte de abril.

3) Daqui à fria Curitiba são seiscentos quilômetros. Portanto, só chegaremos a uma da tarde.

( ) a ( ) b ( ) c ( ) d ( ) e

EXERCÍCIOS MÓDULO 5

01) ***ESPCEX*** - No período: "... no fundo eu não estava triste com a viagem de meu pai, era a primeira vez **que ele ia ficar longe de nós por algum tempo** ...", a oração sublinhada é:

a) subordinada substantiva predicativa;

b) subordinada adjetiva restritiva;

c) subordinada adverbial de lugar;

d) subordinada substantiva subjetiva.

02) ***ESFAO*** - Somando os números correspondentes às orações corretas quanto à classificação das mesmas, você encontrará a resposta da questão.

"Garantiram-me que, depois de preenchido o formulário, que me enviaram pelo correio na segundafeira sem falta e pagar a minha taxa de inscrição, eu seria atendido em menos de quarenta e oito horas."

(F. Sabino)

(02) 1º oração: principal;

(08) 2º oração: subordinada substantiva objetiva direta;

(14) 3º oração: subordinada substantiva objetiva direta;

(20) 4º oração: subordinada adjetiva restritiva;

(26) 5º oração: coordenada sindética aditiva em relação à 3º e subordinada adverbial temporal em relação à 1ª.

a) 24

b) 36

c) 48

d) 56

e) 70

03) ***AFA*** - Em que alternativa, a oração subordinada **não** é da mesma natureza da que existe em "Quero que vocês escrevam uma composição"?

a) "E anunciou que não nos faria cantar."

b) "Esperava um irmão que vinha buscá-la."

c) “Vamos fazer de conta que estamos na aula de Português.”

d) “Circulava a história de que ela dormia no sótão do colégio.”

04) ***EFOMM*** - Assinale o par de orações grifadas cuja classificação está trocada:

a) Vi **onde ela estuda**. (subordinada substantiva objetiva direta)

É sabido **onde ela estuda**. (subordinada substantiva subjetiva)

b) Não chores, **porque amanhã será um novo dia**. (coordenada sindética explicativa)

Não chores **porque erraste o problema**. (subordinada adverbial causal)

c) Descobriu-se **por quem o carro foi consertado**. (subordinada adjetiva restritiva)

Descobriu-se a pessoa **por quem o carro foi consertado**. (subordinada substantiva subjetiva)

d) “**Quando você foi embora**,

Fez-se noite em meu viver (...)” (subordinada adverbial temporal)

Perguntei ao professor **quando faríamos a prova**. (subordinada substantiva objetiva direta)

e) “Estêvão ficou ainda algum tempo encostado à cerca na esperança **de que ela olhasse** (...)”

(subordinada substantiva completiva nominal)

“A ambição e o egoísmo se opõem **a que a paz reine sobre a Terra**.” (subordinada substantiva

objetiva indireta)

05) ***Colégio Naval***

Vamos até a Matriz de Antônio Dias

onde repousa, pó sem esperança, pó sem lembrança, o Aleijadinho.

Vamos subindo em procissão a lenta ladeira.

Padres e anjos, santos e bispos nos acompanham

e tornam mais rica, tornam mais grave a romaria de assombração.

Mas já não há fantasmas no dia claro,

tudo é tão simples,

tudo tão nu,

as cores e cheiros do presente são tão fortes e tão urgentes

que nem se percebem catingas e **rouges**, boduns e ouros do século 18.

(O vôo sobre as igrejas, Carlos Drumond de Andrade*)*

O "que" do verso 10 apresenta o valor semântico de:

a) explicação;

b) condição;

c) conformidade;

d) conseqüência;

e) lugar.

06) ***Colégio Naval*** - No trecho: "Todos diziam que ela era orgulhosa, mas afinal descobri que não", a última oração se classifica como:

a) coordenada sindética adversativa;

39 b) principal;

c) subordinada substantiva objetiva direta;

d) subordinada adverbial comparativa;

e) subordinada substantiva subjetiva.

07) ***AFA***

Se o penhor dessa igualdade

Conseguimos conquistar com braço forte,

Em teu seio, ó Liberdade,

Desafia o nosso peito a própria morte!

- Mas, se ergues da justiça a clava forte,

Verás que um filho teu não foge à luta,

Nem teme, quem te adora, a própria morte,

As orações “Desafia o nosso peito a própria morte”, “que um filho teu não foge à luta” e “quem te adora” classificam-se, respectivamente, como:

a) principal, subordinada substantiva subjetiva, subordinada adjetiva restritiva;

b) principal, subordinada adverbial temporal, subordinada substantiva objetiva direta;

c) principal, subordinada substantiva objetiva direta, subordinada substantiva subjetiva;

d) coordenada assindética, subordinada substantiva objetiva direta, subordinada substantiva apositiva.

08) ***EPCAR*** - Marque a alternativa que contém oração subordinada substantiva completiva nominal.

a) “Como fazem os pelintras de hoje para não molhar os pés nos dias de chuva?”

b) “Veio-me a desagradável impressão de que todo mundo reparava nas minhas galochas.”

c) “Um dia as galochas me serão úteis, quando eu for suficientemente velho para merecê-las.”

d) “No restaurante, onde entrei arrastando os cascos como um dromedário, resolvime ver livre das galochas.”

e) “No centro da cidade um sol radioso varava as nuvens e caía sobre a rua, enchendo tudo de luz, fazendo evaporar as últimas poças de água que ainda pudessem justificar minhas galochas.”

09) ***EFOMM*** - Assinale o único exemplo em que **não** ocorre oração subordinada substantiva subjetiva:

a) “Cansativo que seja, urge atravessarmos o campo que banha o Rio Negro antes de anoitecer.”

b) “Todo escritor que surge reage contra os mais velhos, mesmo que o não perceba, e ainda que os admire.”

c) “Dormiram naquilo, tinham-se acostumado, mas seria mais agradável dormirem numa cama de

lastro de couro."

d) "É preciso que o pecador reconheça ao menos isto: que a Moral católica está certa e é irrepreensível."

e) "Sobre a multiplicidade informe e confusa dos bens da matéria é mister que paire a força ordenadora do espírito."

10) ***Colégio Naval*** - Somos uma pequena parte do elo, o miolo de envoltórios descomunais que desconhecemos, arrogantes embora, na suposição de que é conosco que Deus se preocupa.

A última oração do texto deve ser classificada como subordinada:

a) adverbial concessiva;

b) substantiva completiva nominal;

c) adjetiva restritiva;

d) substantiva predicativa;

e) substantiva subjetiva.

11) ***ESFAO*** - Em "Dentro dela se abrigava a multidão de bárbaros e de estranhos ali recebidos com brandura e carinho" e "Tudo o que era natureza tinha o aspecto sinistro, trágico, desolador (...)", temos, respectivamente:

a) uma oração com sujeito simples; / duas orações com sujeito representado por pronomes (respectivamente, demonstrativo e relativo);

b) duas orações, uma com sujeito claro, outra, oculto; / duas orações, tendo a primeira o sujeito simples representado por pronome relativo, a segunda, por um substantivo;

c) uma oração com sujeito composto cujos núcleos são **bárbaros** e **estranhos**; / duas orações, estando a subordinada com sujeito oculto;

d) uma oração com sujeito simples; / uma oração com sujeito representado por pronome indefinido;

e) uma oração com sujeito pronominal; / uma oração com sujeito oracional.

12) ***EFOMM*** - "Não sei **de onde te conheço**."

A classificação correta da oração grifada está na opção:

a) substantiva predicativa;

b) adjetiva restritiva;

c) substantiva subjetiva;

d) substantiva objetiva indireta;

e) substantiva objetiva direta.

13) ***EPCAR***

Quando uma nuvem nômade destila

gotas, roçando a crista azul da serra,

umas brincam na relva, outras tranqüilas,

serenamente entranham-se na terra.

E a gente fala da gotinha que erra

de folha em folha e, trêmula, cintila,

mas nem se lembra da que o solo encerra,

de que ficou no coração da argila!

Quanta gente, que zomba do desgosto

mudo, da angústia que não molha o rosto

e que não tomba, em gotas, pelo chão

havia de chorar, se adivinhasse

que há lágrimas que correm pela face

e outras que rolam pelo coração!

(Guilherme de Almeida)

Entre as alternativas abaixo, a única correta é:

a) não há oração adverbial no texto em apreço;

b) há menos de quatro orações adjetivas no soneto;

c) há oração substantiva sem sujeito;

d) na oração "que há lágrimas", o **que** não é integrante;

e) não há pronome demonstrativo no referido texto.

14) ***CESGRANRIO*** - "Hoje, a dependência operacional está reduzida, **uma vez que o Brasil adquiriu auto-suficiência na produção de bens como papel-imprensa**

(...)" A oração grifada no período

acima tem valor:

a) condicional;

b) conclusivo;

c) concessivo;

d) conformativo;

e) causal.

15) ***Colégio Naval***

"No entanto parece que os freqüentadores deste cinema

Estão perfeitamente deslembrados de que terão de morrer

- Porque em toda sala escura há um grande ritmo de esquecimento e equilíbrio."

A última oração do poema tem valor:

a) subordinativo, revelando uma idéia de causa;

b) coordenativo, traduzindo uma idéia de explicação;

c) subordinativo, denotando conclusão;

d) coordenativo, traduzindo uma idéia de tempo;

e) subordinativo, revelando uma idéia de conseqüência.

16) ***UNIRIO*** - Assinale o item em que há uma oração adjetiva.

a) Perdão, por Deus, perdão - respondeu o pombo.

b) A pombinha, que era branca sem exagero, arrulhava, humilhada e ofendida com o atraso.

c) Perdeste a noção do tempo?

d) A tarde era tão bonita que eu tinha de vir andando.

e) O pombo caminhava pelo beiral mais alto, do outro lado. Um pouco além, gritavam as gaivotas.

17) ***Colégio Naval***

Nada sei, afinal, da tua aparência no tempo, a não ser o que me contavam em casa, desde menino: que eras ruivo como eu, que vieste em vinte e quatro, com os primeiros colonos, e abandonaste logo a tua pobre lavoura, encravada nos matos de Sapucaia, para alistar-te entre os Farroupilhas.

Pudesse eu, armado de vidência, acompanhar-te o passo, Maria Klinger; ver claramente vistas as tuas andanças de colona; como venceste as veredas e picadas; como tomaste o caminho que ia dar nos arredores da cidade; como paraste, cansada, à sombra das árvores, ou foste pedir, na tua língua de trapos, um pouco de água para a tua sede (...)

Assinale o único item que **não** apresenta uma oração subordinada substantiva objetiva direta.

a) "(...) a não ser o que me contavam em casa (...)"

b) "(...) que eras ruivo como eu."

c) "(...) e abandonaste logo a tua pobre lavoura (...)"

d) "(...) como venceste as veredas e picadas (...)"

e) "(...) ou foste pedir (...) um pouco de água para a tua sede"

18) ***PUC*** - "É preciso (I) **levar tudo isso em conta** (II) **quando se analisa o** (III) **que está ocorrendo em nossos dias**."

A classificação das orações subordinadas sublinhadas é, respectivamente:

I II III

a) adjetiva adverbial substantiva;

b) substantiva adjetiva substantiva;

c) adverbial substantiva adjetiva;

d) substantiva adverbial adjetiva;

e) adverbial adverbial substantiva.

19) ***ESPCEX*** - Marque a alternativa que indica a correta classificação das orações sublinhadas, segundo a ordem em que estas aparecem nas frases abaixo:

1) Robertinho, **com ser inteligente**, não foi aprovado no concurso.

2) Não é permitido **transitar por esta rua**.

3) Chocou-nos o seu modo áspero de falar, embora não tivesse o propósito **de ofender a pessoa alguma**.

a) subordinada substantiva apositiva, subordinada substantiva completiva nominal, subordinada adjetiva;

b) subordinada adverbial conformativa, subordinada substantiva predicativa, subordinada completiva nominal;

c) subordinada adverbial concessiva, subordinada substantiva subjetiva, subordinada substantiva completiva nominal;

d) subordinada substantiva apositiva, subordinada substantiva subjetiva, subordinada adjetiva.

Resposta: _____

20) ***Colégio Naval*** - No período: "Quando o rei Herodes mandou decapitar crianças, eu o levei na fuga para o Egito", as orações classificam-se, respectivamente:

a) subordinada adverbial temporal / subordinada substantiva objetiva direta / principal;

b) subordinada adverbial temporal / principal;

c) principal / substantiva objetiva direta / coordenada assindética;

d) coordenada sindética conclusiva / coordenada assindética;

e) subordinada adverbial proporcional / principal.

21) ***UNIRIO*** - Em "Entende-se bem que D. Tonica observasse a contemplação dos dois". à oração

principal segue-se uma oração subordinada:

a) substantiva subjetiva;

b) substantiva objetiva direta;

c) adjetiva restritiva;

d) adverbial causal;

e) adverbial concessiva.

22) ***ESFAO*** - Que oração subordinada substantiva em destaque é completiva nominal:

1) desejo que um dia me restitua uma parte de sua estima.

2) habituei-me a considerar a riqueza primeira força.

3) pensando que os poderia refazer mais tarde.

4) e os exemplos ensinavam-me que o casamento era meio legítimo.

5) o casamento era meio legítimo de adquiri-la.

23) ***EFOMM*** - Marque a classificação correta das orações destacadas no período: "**Ao analisar o desempenho da economia brasileira**, os empresários afirmaram **que a produção e o lucro eram**

Bastante razoáveis."

a) subordinada adverbial temporal - subordinada substantiva objetiva direta;

b) principal - subordinada substantiva completiva nominal;

c) subordinada adverbial temporal - subordinada adjetiva restritiva;

d) principal - subordinada adverbial final;

e) subordinada adverbial condicional - subordinada substantiva subjetiva.

24) ***Colégio Naval*** - Marque a alternativa em que a oração destacada **não** se encontra corretamente classificada.

a) "Parece **que eu não acreditava na história**" - oração subordinada substantiva subjetiva;

b) "(...) torcíamos **para ele subir mais**" - oração subordinada adverbial final;

c) "Lembro-me (...) desse jardim q**ue não existe mais**." - oração subordinada adjetiva restritiva;

d) "Lá fora, uma galinha cacareja, **como antigamente**." - oração subordinada adverbial comparativa;

e) "Diziam **que São Pedro estava arrastando os móveis**" - oração subordinada substantiva subjetiva.

25) ***UNIRIO*** - No período "Ah, arrulhou de repente a pomba, quando distinguiu, indignada, o pombo que chegava (...)", as duas orações subordinadas são respectivamente:

a) adjetiva e adverbial temporal;

b) substantiva predicativa e adjetiva;

c) adverbial temporal e adverbial temporal;

d) adverbial temporal e adverbial consecutiva;

e) adverbial temporal e adjetiva.

26) ***EFOMM*** - Assinale a opção em que uma oração subordinada **destoa** das demais:

a) Nunca souberam como ele morreu.

b) É proibido falar ao motorista.

c) Diz-se que amor com amor se paga.

d) Nunca se sabe quando ele fala sério.

e) Importa apenas que os dois se respeitem.

27) ***UFRRJ*** - "Tal era a fúria dos ventos, que as copas das árvores beijavam o chão." Neste período, a oração subordinada é adverbial:

a) concessiva;

b) condicional;

c) consecutiva;

d) proporcional;

e) final.

28) ***EFOMM*** - "Depois que o velho morresse, não teria mais graça saltar o muro para roubar fruta na sua horta."**As duas últimas** orações do período são, respectivamente:

a) subordinada substantiva subjetiva / subordinada substantiva completiva nominal;

b) subordinada substantiva objetiva direta / subordinada adverbial final;

c) subordinada substantiva objetiva indireta / subordinada substantiva completiva nominal;

d) subordinada substantiva subjetiva / subordinada adverbial final;

e) subordinada substantiva predicativa / subordinada completiva nominal.

29) ***CESGRANRIO*** - Assinale a classificação **correta** da oração sublinhada:

"Caíra no fim do pátio, debaixo de um juazeiro, **depois tomara conta da casa deserta**."

a) subordinada adverbial temporal;

b) subordinada adverbial proporcional;

c) subordinada adverbial consecutiva;

d) coordenada sindética conclusiva;

e) coordenada assindética.

30) ***Colégio Naval*** - No período: "E era uma tal multidão de astros a tremeluzir **que**, juro, às vezes, tinha a impressão de ouvir o burburinho infantil de suas vozes.", o vocábulo sublinhado introduz uma oração:

a) subordinada adjetiva explicativa;

b) subordinada adverbial causal;

c) subordinada substantiva objetiva direta;

d) subordinada adverbial consecutiva;

e) subordinada adverbial concessiva.

31) ***PUC*** - "**quando eu quiser** sei **onde achá-lo**" As orações sublinhadas são classificadas, respectivamente, como:

I II

a) adverbial adjetiva;

b) adverbial adverbial;

c) adverbial substantiva;

d) adjetiva substantiva;

e) principal adverbial.

32) ***EFOMM*** - Todas as orações estão analisadas corretamente, **exceto**:

a) Sem que me ajudasses, nada poderia fazer. (sub. adverbial condicional)

b) Os empregados estavam esgotados de modo que se retiraram imediatamente. (sub. adverbial

consecutiva)

c) Admira-me que não tenhas podido chegar a tempo. (sub. substantiva subjetiva)

d) "Plante, que o João garante." (coordenada sindética explicativa)

e) Fazia um calor de fritar ovos no chão. (sub. substantiva completiva nominal)

33) ***ESFAO*** - Marque a opção correta:

Comparando-se as duas falas de Esopo:

1º "Com a língua se ensina, se persuade ... se afirma."

2º "É a língua que mente, que esconde ... que corrompe."

Verifica-se na estruturação a seguinte característica:

a) apenas períodos compostos por subordinação;

b) na primeira, um período composto por coordenação; na segunda, um período composto por subordinação;

c) orações sem sujeitos, pois todos os verbos são impessoais;

d) identidade sintática, mas oposição semântica;

e) semelhança semântica, sintática e morfológica.

34) ***Colégio Naval***

"Sai, afastando-me dos grupos, e fingido ler os epitáfios. E, aliás, gosto dos epitáfios; eles são, entre a gente civilizada, uma expressão daquele pio e secreto egoísmo que induz o homem a arrancar à morte um farrapo ao menos da sombra que passou. Daí vem, talvez, a tristeza inconsolável dos que sabem os seus mortos na vala comum; parece-lhes que a podridão anônima os alcança a eles mesmos."

(Quincas Borba - M. de Assis)

"(...) que a podridão anônima os alcança a eles mesmos."

uma oração:

a) adjetiva restritiva;

b) adjetiva explicativa;

c) adverbial condicional;

d) substantiva subjetiva;

e) substantiva objetiva direta.

35) ***UNIRIO*** - "(...) fi-la construir de propósito, levado de um desejo tão particular **que** me vexa imprimilo, mas vá lá."O vocábulo sublinhado introduz oração que denota:

a) tempo;

b) causa;

c) condição;

d) comparação;

e) conseqüência.

EXERCÍCIOS MÓDULO 6

01) ***Colégio Naval*** - Não chego a ver as tuas feições, meu bisavô, apenas uma luz de presença; e, às vezes, de tanto fitar na escuridão do passado olhos indagadores, não sei que humana projeção da tua sombra anima as trevas.

A oração "(...) de tanto fitar na escuridão do passado olhos indagadores (...)" classifica-se como:

a) coordenada sindética explicativa;

b) subordinada adverbial temporal, reduzida de infinitivo;

c) subordinada adverbial concessiva, reduzida de infinitivo;

d) reduzida de infinitivo, subordinada adverbial consecutiva;

e) reduzida de infinitivo, subordinada adverbial causal.

02) ***ESPCEX*** - "(...) Se algum dia fosse poeta e quisesse compor um poema nacional, pediria a Deus que

me fizesse esquecer por um momento as minhas idéias de homem civilizado. Filho da Natureza

embrenhar-me-ia por essas matas seculares; contemplaria as maravilhas de Deus; veria o sol erguer-se no mar de ouro (...) Ouviria o murmúrio das ondas e o eco profundo e solene das florestas. E, se tudo isto não me inspirasse uma poesia nova, quebraria a minha pena com desespero, mas não a mancharia numa poesia menos digna do meu belo e nobre país."

(ALENCAR, José de. *Crítica à Confederação dos Tamoios*. Rio de Janeiro, Aguillar, 1965)

O primeiro período do texto apresenta:

a) três orações subordinadas adverbiais condicionais, coordenadas entre si;

b) duas orações subordinadas substantivas objetivas diretas;

c) duas orações reduzidas de infinitivo;

d) mais de uma oração exclusivamente principal.

Resposta: _____

03) ***ESPCEX*** - Sobre a sintaxe oracional do texto da questão anterior, as afirmações estão corretas **exceto**:

a) o segundo período do texto é composto por coordenação;

b) a oração do verbo **quebrar** "quebraria" é principal;

c) a oração introduzida pela conjunção "mas" é assindética;

d) a oração do verbo **inspirar** ("inspirasse") é subordinada adverbial condicional.

04) ***EPCAR*** - A oração sublinhada está corretamente classificada, **exceto** em:

a) "**Se Madalena me via assim**, com certeza me achava extraordinariamente feio."

(oração subordinada adverbial condicional)

b) "Levanto-me, procuro uma vela, **que a luz vai apagar-se**."(oração coordenada sindética adversativa)

c) "De longe em longe sento-me fatigado **e escrevo uma linha**." (oração coordenada sindética aditiva)

d) "E falando assim, compreendo **que perco o tempo**." (oração subordinada substantiva objetiva direta)

e) "Foi este modo de vida **que me inutilizou**." (oração subordinada substantiva predicativa)

05) ***PUC*** - Assinale o período que **não** apresenta uma oração reduzida de infinitivo:

a) Além de conhecerem dezenas de cientistas importantes, (...) os brasileiros acham que os cientistas são mais úteis ao país que (...)

b) (...) que 40% dos brasileiros se declaram interessados em oferecer sugestões para uma nova política científica (...)

c) Não fosse para prestar contas àqueles que, em última instância, possibilitam os esforços realizados a nível governamental neste setor, (...)

d) Afinal, nossa sociedade não deveria conviver - (...) - com o fato de 50% da população urbana, classificadas nas faixas D e E, desconhecer que já é possível a ida do homem à lua.

e) Enquanto a quase totalidade das pessoas de maior poder aquisitivo já incorporou a ida do homem à lua (...)

06) ***PUC*** - "Um breve exame do ambiente cultural brasileiro nos conduz à suspeita da existência de uma redoma pós-moderna envolvendo o olhar nacional."

A oração "envolvendo o olhar nacional" pode ser substituída, sem alteração fundamental do seu sentido, por

a) embora envolva o olhar nacional;

b) para envolver o olhar nacional;

c) porque envolve o olhar nacional;

d) quando envolve o olhar nacional;

e) que envolve o olhar nacional.

07) ***AFA*** - Na série de sentenças, existe um gerúndio com função adverbial. Assinale-o

a) "(...) as vacas pastando sob um céu muito azul."

b) “terminei a composição e fiquei muito quieto, aguardando.”

c) “Todos podiam ver as lágrimas correndo-lhe pelo rosto.”

d) “(...) generais cegos, todos oprimindo cruelmente o povo.”

08) ***ESPCEX*** - Com relação ao período “O mais que podíamos fazer era o que fazíamos: saber que éramos amigos”, está **inteiramente**

correta a análise feita em:

a) “O mais que podíamos fazer” - oração principal;

b) “que podíamos fazer” - oração subordinada adverbial, comparativa;

c) “que fazíamos” - oração subordinada adjetiva, restritiva;

d) “que éramos amigos” - oração subordinada adjetiva, explicativa.

Resposta: _____

Instruções para as questões 9 e 10.

Para que os enunciados soltos, apresentados nas questões 9 e 10, se reduzam a um só período, algumas adaptações são necessárias. Assinale a opção em que encontramos a frase que estilística e gramaticalmente expressa, com a necessária clareza, ênfase e correção, a indicação dada nos parênteses ou, quando não formulada, sugerida pelo próprio enunciado.

09) ***ITA***

I) Muitas instituições de ensino superior apenas exacerbar a tradição de clientelismo da cultura brasileira.

Oração principal.

II) Diz estar comprometidas com a qualidade de formação.

Oração subordinada concessiva de “I”.

III) Credenciar inúmeros diplomados.

Explicação ou causa de “I”.

IV) Estes diplomados certamente obter lugar no mercado de trabalho.

Oração subordinada adjetiva.

V) Ter bons “cartuxos”.

Explicação ou causa de “IV”.

a) Apesar de dizerem estar comprometidas com a qualidade da formação, muitas instituições de ensino superior apenas exacerbam a tradição de clientelismo da cultura brasileira, pois inúmeros diplomados que são credenciados obtêm lugar no mercado de trabalho devido aos bons “cartuxos” que os mesmos têm.

b) Por credenciar inúmeros diplomados, que certamente obtêm lugar no mercado de trabalho, pois têm bons “cartuxos”, muitas instituições de ensino superior, conquanto diz estarem comprometidas com a qualidade de formação, apenas exacerbam a tradição de clientelismo da cultura brasileira.

c) Mesmo que digam estar comprometidas com a qualidade da formação, muitas instituições de ensino superior credenciam inúmeros diplomados que, por terem bons “cartuxos”, certamente obterão lugar no mercado de trabalho; por isso, elas apenas exacerbam a tradição de clientelismo da cultura brasileira.

d) Não estando comprometidas com a qualidade da formação e credenciando inúmeros diplomados que obtêm lugar no mercado de trabalho, visto que têm bons “cartuxos”, muitas instituições de ensino superior apenas exacerbam a tradição de clientelismo da cultura brasileira.

e) Muitas instituições de ensino superior, embora digam estar comprometidas com a qualidade da formação, apenas exacerbam a tradição de clientelismo da cultura brasileira, visto que credenciam inúmeros diplomados que, por terem bons “cartuxos”, certamente obtêm lugar no mercado de trabalho.

10) ***ITA***

I) Nas sociedades primitivas parecer haver sujeitos.

Oração principal.

II) Esses sujeitos manter-se impermeáveis.

Conseqüência de “III”.

III) A força de caráter desses sujeitos é muito forte.

IV) Qualquer injunção alienígena.

Complemento nominal do predicativo de “II”.

a) Nas sociedades primitivas parece haverem sujeitos cuja força de caráter é muito forte, pois estes se mantêm impermeáveis à qualquer injunção alienígena.

b) Nas sociedades primitivas parece haver sujeitos que sua força de caráter, sendo muito forte, os mantém impermeáveis a qualquer injunção alienígena.

c) Nas sociedades primitivas parecem haver sujeitos com força de caráter tão forte a ponto deles manterem-se impermeáveis a qualquer injunção alienígena.

d) Nas sociedades primitivas parece haver sujeitos cuja força de caráter é tão forte, que eles se mantêm impermeáveis a qualquer injunção alienígena.

e) Nas sociedades primitivas parece haver sujeitos com força de caráter muito forte; sem qualquer injunção alienígena, mantêm-se impermeáveis.

11) ***Colégio Naval*** - Com relação ao período “Então vinham todos dormir em casa” podemos afirmar que:

a) a 2ª oração é subordinada adverbial final reduzida de infinitivo;

b) o período é simples e a oração, absoluta;

c) a 1ª oração é coordenada assindética e a 2ª é sindética aditiva;

d) o pronome todos intercala as duas orações, sendo sujeito de ambos os verbos;

e) a 1ª oração é coordenada sindética conclusiva e a 2ª, coordenada assindética.

12) ***UFRRJ*** - No período: “Importa muito terminarem a obra a que se dedicam desde o ano passado”, a oração reduzida é:

a) substantiva objetiva direta;

b) substantiva completivo-nominal;

c) substantiva subjetiva;

d) substantiva predicativa;

e) substantiva objetiva indireta.

13) ***ESFAO*** - “(...) pensando que os poderia refazer mais tarde.” Reduzindo para infinitivo a segunda oração, ter-se-ia:

1) (...) pensando poder refazê-los mais tarde.

2) (...) podendo refazer mais tarde.

3) pensando de poder refazer mais tarde.

4) pensando em poder refazer-lhes mais tarde.

5) pensando podido refazer os recursos mais tarde.

14) ***ESFAO*** - “Habituei-me a considerar a riqueza como a primeira força viva da experiência.” - sobre o período, assinale a afirmação totalmente correta:

1) o sujeito da 1ª oração não é do mesmo tipo da 2ª;

2) o predicativo da 2ª oração poderia igualmente ser introduzido pela palavra **por** (preposição);

3) a segunda oração é objetiva direta da 1ª e reduzida de infinitivo;

4) o predicado de ambas as orações é idêntico;

5) **força viva** é um predicativo do sujeito na 2ª oração.

15) ***ESFAO*** - “De saída, há a constatação de que as coisas não andam bem - a ponto de autoridades do

governo começarem a se sentir inquietas."

Temos, respectivamente:

1) uma oração com sujeito simples, oração subordinada objetiva direta, oração reduzida de infinitivo;

2) oração sem sujeito, oração subordinada substantiva completiva nominal, predicativo do sujeito;

3) verbo transitivo direto, verbo nominal, verbo transitivo direto;

4) um período composto por subordinação e coordenação, uma oração com sujeito indeterminado;

5) uma oração sem sujeito, uma oração com sujeito simples e outra com sujeito indeterminado.

16) ***AFA*** "**Se a sociedade não pode igualar os que a natureza criou desiguais, pode reagir sobre as desigualdades nativas, pela educação, atividade e perseverança**."

(Rui Barbosa - Oração aos moços)

As três orações sublinhadas classificam-se, respectivamente, como:

a) oração subordinada adverbial causal, oração subordinada adjetiva restritiva, oração principal;

b) oração subordinada adverbial condicional, oração subordinada adverbial causal, oração principal;

c) oração subordinada substantiva objetiva direta, oração subordinada adjetiva explicativa, oração coordenada assindética;

d) oração subordinada adverbial condicional, oração subordinada adjetiva restritiva, oração reduzida infinitiva assindética.

17) ***UFRRJ*** - No período "Entre eu falar e vocês ouvirem vão pelo menos dois minutos."

a) os dois pronomes pessoais exercem a função de sujeito;

b) o período tem apenas uma oração, porque os dois verbos estão no infinitivo e formam a oração reduzida;

c) os verbos "ouvir" e "falar" estão no futuro do subjuntivo;

d) o período só tem uma preposição: logo, não pode ter duas orações;

e) “ouvirem” e “falar” estão no futuro do subjuntivo; logo, o período não pode ter oração principal.

18) ***EFOMM*** - Assinale o único exemplo com oração subordinada adverbial temporal:

a) “Tanto que os dois guerreiros tocaram as margens do rio, ouviram o latir do cão (...)”

b) “(...) me sacudiu fora da sela, com tal desastre, que o pé esquerdo me ficou preso no estribo.”

c) “(...) forcejava por obter-lhe a benevolência (...)”

d) “Não tendo rezado, não se achava com direito à ceia, pois ele, com ser ateu, não deixava de ser honesto.”

e) “Tratando-se de mero latido de advertência, sem ódio nem convicção, o cão não se apressava, nem latia mais alto.”

19) ***ESPCEX*** - Examine o período apresentado, analisando-o sintaticamente.

“Poucos dias depois, soube que o bandido, com aquele punhal, matara o marido de uma senhora, e depois a senhora a quem amava sem ventura.”

Com relação aos aspectos sintáticos observados, assinale a afirmativa **inteiramente** válida:

a) Ocorrem duas orações subordinadas adjetivas.

b) Ocorrem quatro adjuntos adverbiais, indicando todos uma mesma circunstância.

c) O termo “a quem” funciona como objeto direto, em uma oração cujo sujeito está subentendido (oculto).

d) O termo “o bandido” funciona como sujeito da oração principal do período.

20) ***EFOMM*** - Assinale o item que há uma oração **indevidamente** classificada:

a) “Eles diziam onde as pessoas deveriam guardar o dinheiro.”

(Subordinada substantiva objetiva direta)

b) “Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar

diferente método."

(Subordinada adverbial concessiva)

c) "Ó macio Tejo ancestral e mudo.

Pequena verdade onde o céu se reflete."

(Subordinada adjetiva restritiva)

d) "Ainda não se sabe de quem será o prêmio."

(Subordinada substantiva objetiva indireta)

e) "Tudo está amanhecendo com tanta força que eu também amanheço de remotas aflições (...)"

(Subordinada adverbial consecutiva)

21) ***ESPCEX*** - Assinale a única alternativa em que as orações sublinhadas no texto abaixo estão

classificadas corretamente:

"Agora, se imaginais que o alienista ficou radiante **ao ver sair o último hóspede da Casa Verde**, mostrais com isso **que ainda não conheceis o nosso homem**."

a) subordinada substantiva completiva nominal - subordinada substantiva objetiva direta;

b) subordinada adverbial temporal - subordinada substantiva objetiva direta;

c) subordinada substantiva objetiva indireta - subordinada adjetiva;

d) subordinada adverbial temporal - subordinada substantiva objetiva indireta.

Resposta: _____

22) ***AFA*** - A idéia de causa está expressa na oração subordinada da alternativa:

a) Tão logo aquelas cabecinhas se encheram de vagas esperanças, as lágrimas do rosto se

evaporaram.

b) As lágrimas do rosto se evaporaram, para aquelas cabecinhas serem rapidamente enchidas de vagas esperanças.

c) Tão rapidamente se encheram aquelas cabecinhas de vagas esperanças, que se evaporaram do rosto as lágrimas.

d) Uma vez que aquelas cabecinhas se encheram de vagas esperanças, as lágrimas dos olhos rapidamente se evaporaram.

23) ***EFOMM***

"(...) E a gente, numa rede maranhense,

Ao som dum jazz bem blue,

Balancearemos no calor da noite,

Sonhando com o sertão" (...) *(Mário de Andrade)* A oração subordinada - "Sonhando com o sertão" se caracteriza por indicar:

a) causa;

b) condição;

c) simultaneidade;

d) concessão;

e) comparação.

24) ***EPCAR***

Quando uma nuvem nômade destila

gotas, roçando a crista azul da serra,

umas brincam na relva, outras tranqüilas,

serenamente entranham-se na terra.

E a gente fala da gotinha que erra

de folha em folha e, trêmula, cintila,

mas nem se lembra da que o solo encerra,

da que ficou no coração da argila!

A oração cujo núcleo verbal é **encerra** classifica-se em:

a) substantiva objetiva direta;

b) substantiva objetiva indireta;

c) coordenada adversativa;

d) adjetiva;

e) adverbial.

25) ***EFOMM*** - Assinale o período em que haja uma oração de infinitivo com valor concessivo:

a) Nas outras línguas, para não sairmos do campo românico, também há verbos defectivos.

b) Vou já daqui recomendá-lo.

c) Comprazia-me em palestrar com o Prof. Jesus.

d) Por ignorarem os verbos, não repararam as irregularidades.

e) O professor queria a cadeira sem ser especialista no assunto.

26) ***ESFAO*** - "É duro ter de admitir tudo isso, mas é o que sinto, o que sou."

Assinale a alternativa falsa:

1) O período pode ser classificado como composto por coordenação e subordinação.

2) O período possui oração reduzida subordinada substantiva subjetiva.

3) Há oração com sujeito indeterminado.

4) Há oração com o predicativo representado por pronome substantivo demonstrativo.

5) Os pronomes substantivos relativos funcionam como objeto direto.

27) ***Colégio Naval*** - Observe o período retirado do texto e marque a única opção **correta**:

"(...) e, quando cede lugar a uma dama bonita, acha que adquiriu com isso direito de ser louca e imediatamente amado pela mesma."

a) a 4ª oração é objetiva indireta reduzida de infinitivo;

b) o conectivo **que** é um pronome relativo e introduz uma oração adjetiva;

c) a 2ª oração é subordinada substantiva objetiva direta;

d) a 1ª oração é coordenada sindética em relação à anterior, e principal em relação à seguinte;

e) há uma oração subordinada substantiva predicativa.

28) ***EFOMM*** - Marque o item em que aparece uma oração cuja função sintática se distingue das demais:

a) Não se sabe ainda se ele chegou a tempo.

b) Não atira pedra no telhado do vizinho quem tem telhado de vidro.

c) Lembre que dias melhores virão.

d) Eles parece que, involuntariamente, chegaram atrasados.

e) Preocupa-me que o nosso time não tenha tido boas atuações no campeonato passado.

29) ***Colégio Naval*** - No período: "A Senhora Halssy tem oitenta anos e alega não lhe ser possível mais viver em comum com o marido." temos, respectivamente:

a) uma oração coordenada e três subordinadas;

b) duas orações coordenadas e duas subordinadas;

c) uma oração coordenada assindética, uma coordenada e principal, e duas subordinadas substantivas;

d) duas orações coordenadas e duas subordinadas substantivas objetivas diretas;

e) duas orações coordenadas e duas subordinadas substantivas subjetivas.

30) ***ESPCEX*** - Se a oração reduzida "Há sombras vagueando na noite." for desenvolvida, passará a ser:

a) “Há sombras que vagueiam na noite.”

b) “Quando há sombras na noite, elas vagueiam.”

c) “Se houver sombras na noite, elas deverão vaguear.”

d) “Há sombras, porque vagueiam na noite.”

31) ***EFOMM*** - No período “Comprei móveis e diversos objetos que estou a utilizar, outros que ainda hoje não utilizo, porque não sei para que servem”, temos um exemplo de oração subordinada:

a) adverbial consecutiva;

b) adverbial final;

c) adjetiva explicativa;

d) substantiva predicativa;

e) substantiva objetiva direta.

32) ***Colégio Naval*** - No período “**O Vivaldo gabava-se de conhecer peixes**, **filho que era de pescador**.”,

a oração subordinada adverbial traduz:

a) conseqüência;

b) concessão;

c) modo;

d) fim;

e) causa.

33) ***ESPCEX*** - No período “**Temendo conseqüências mais drásticas**, suspenderam a obra.”, a oração

sublinhada é:

a) subordinada adverbial consecutiva, reduzida de gerúndio;

b) subordinada adverbial causal, reduzida de gerúndio;

c) subordinada adverbial temporal, reduzida de gerúndio;

d) subordinada substantiva subjetiva, reduzida de particípio.

34) ***EFOMM*** - Dentre as orações subordinadas sublinhadas, a única classificada **erradamente** está na opção:

a) **Uma vez que te regeneraste**, estás perdoado. (subord. causal)

b) **Chegado que foi**, caiu de cama. (subord. temporal)

c) Não continuare **sem que me pague**. (subord. conformativa)

d) Insisti **porque viesses**. (subord. causal)

e) É melhor prevenir **que remediar**. (subord. comparativa)

35) ***Colégio Naval*** - "Vinha não sei de onde o murmúrio de um córrego tranqüilo, (...)"

A oração subordinada do fragmento acima deve ser classificada como:

a) adjetiva restritiva;

b) adverbial locativa;

c) substantiva subjetiva;

d) adverbial concessiva;

e) substantiva objetiva direta.

EXERCÍCIOS MÓDULO 7

01) ***ESFAO***

"Era uma vez um homem **que** estava pescando, Maria. Até que apanhou um peixinho! Mas o peixinho era tão pequenininho e inocente, e tinha um azulado tão indescritível **nas** escamas, **que** o homem ficou com pena. E retirou cuidadosamente o anzol e pincelou com iodo a garganta do coitadinho. Depois

guardou-**o** no bolso traseiro da calça para que o animalzinho sarasse, no quintal. E desde então ficaram inseparáveis." *(Mário Quintana)*

Com relação ao texto, assinale, respectivamente, a opção em que as palavras sublinhadas estão classificadas corretamente.

1) conjunção subordinativa integrante, preposição, pronome relativo, artigo definido;

2) conjunção coordenativa explicativa, combinação da preposição em + artigo definido as, conjunção subordinativa integrante, pronome pessoal do caso oblíquo;

3) pronome relativo, combinação da preposição em + artigo definido as, pronome relativo, pronome demonstrativo;

4) pronome relativo, contração da preposição em + artigo definido as, conjunção coordenativa explicativa, pronome demonstrativo;

5) pronome relativo, contração da preposição em + artigo definido as, conjunção subordinativa consecutiva, pronome pessoal do caso oblíquo.

02) ***EFOMM*** - Na frase: "Visitei o sítio da amiga de Paula, **o qual** muito me encantou", usou-se **o qual** em vez de **que**:

a) por uma questão de estilo;

b) pois só o qual é conectivo;

c) pois a segunda oração é adjetiva;

d) para evitar-se ambigüidade;

e) pois ali só caberia um pronome relativo.

03) ***FMU - SP*** - Assinale a **única** alternativa em que haja erro no emprego dos pronomes:

a) Vossa Excelência e seus convidados.

b) Mandou-me embora mais cedo.

c) Vou estar consigo amanhã.

d) Vós e vossa família estais convidado para a festa.

e) Deixei-o encarregado da turma.

04) ***Escola Naval*** - Assinale o item que apresenta um erro de concordância nominal ou verbal:

a) Tinha ele extraordinária força e talento para tal atividade.

b) Tudo eram cogitações; nada, era verdadeiro.

c) Seria preciso que houvessem muitas pessoas interessadas no pedido.

d) Vós, eu e os outros somos uns privilegiados neste momento.

e) Participarei de uma reunião-monstro na próxima semana.

Examine, com atenção, as quatro frases de cada questão. Elas estão numeradas. Coloque nos parênteses, após as mesmas, as letras **C** ou **E** conforme se considere **certas** ou **erradas**. Em seguida, marque a seqüência encontrada:

05) ***EPCAR***

1) Faz quinze anos que fui a Lisboa. ( )

2) Espero que entre eu e tu, haja boas recordações. ( )

3) Neste recinto não cabe duas mil pessoas. ( )

4) Confiem em mim, pois lhe quero muito bem. ( )

a) E - C - E - C;

b) C - E - E - C;

c) C - C - E - E;

d) E - E - E - C;

e) E - C - C - C.

06) ***EPCAR***

1) Se queres vencer na vida, luta e tem confiança em Deus. ( )

2) Não sei se fizestes o que te recomendei há vários dias. ( )

3) Perdeu-se vários documentos e estou receoso de que não sejam encontrados. ( )

4) Dir-vos-ei algumas verdades, mas espero que não vos aborreçais por isso. ( )

a) E - C - C - C;

b) C - E - E - E;

c) C - C - E - E;

d) E - E - C - C;

e) C - E - E - C.

07) ***EPCAR***

1) Passou o dia e a noite, mas a promessa de vires aqui não se realizou. ( )

2) Deverão existir muitas falhas no relatório. ( )

3) Eu mesmo transmitirei o recado, disse a jovem. ( )

4) Deve haver muitos erros na carta. ( )

a) E - C - C - E;

b) C - E - C - E;

c) C - C - E - C;

d) E - C - E - E;

e) C - C - E - E.

08) ***EPCAR***

1) Os policiais interviram no conflito e levaram os perturbadores da ordem à presença do delegado. ()

2) Nem tudo são desenganos na velhice. ( )

3) Eles repuseram a quantia de que demos falta, de maneiras que lhe perdoamos. ( )

4) A poucos instantes, aqui viemos mas não lhe vimos. ( )

a) C - C - C - C;

b) E - C - E - E;

c) E - E - E - E;

d) E - C - C - C;

e) E - E - E - C.

09) ***EPCAR***

1) Envio-lhe, anexos, os planos que V. Sª pediu há dias. ( )

2) Rogamos a Vossa Excelência se digne aceitar o convite para assistir ao desfile de 7 de Setembro. ()

3) Se virdes que a porta está aberta, mesmo assim, não entreis sem que vos convidem. ( )

4) Depois de muito esforço, reavi isto que está em minhas mãos. ( )

a) C - C - C - E;

b) E - E - E - C;

c) E - C - C - C;

d) C - C - E - E;

e) C - E - C - E.

10) ***EPCAR***

1) Parece que não constou da ata os numerosos pareceres a respeito. ( )

2) Deram-me o livro para mim comentar. ( )

3) Chegara o momento de os candidatos iniciarem a prova. ( )

4) Espero que adivinhes o que estou para dizer-te há muito tempo. ( )

a) E - E - C - C;

b) C - C - E - E;

c) E - C - E - C;

d) C - E - C - E;

e) E - E - E - E.

11) ***ESPCEX*** - Dos períodos transcritos abaixo, é **composto** por **coordenação e subordinação**:

a) "Chegamos a um ponto de amizade que não podíamos mais guardar um pensamento: um telefonava logo ao outro, marcando encontro imediato."

b) "Depois da conversa, sentíamo-nos tão contentes como se nos tivéssemos presenteado a nós mesmos."

c) "Este estado de comunicação contínua chegou a tal exaltação que, no dia em que nada tínhamos a nos confiar, procurávamos com alguma aflição um assunto."

d) "É verdade que houve uma pausa no curso das coisas, uma trégua que nos deu mais esperanças do que em realidade caberia."

Resposta: _____

12) ***EFOMM*** - Marque a afirmação **falsa**:

a) o plural de **cidadão** é **cidadãos**;

b) o feminino de **sultão** é **sultana**;

c) tanto se pode dizer **projetis** como **projéteis**, pois ambos os plurais são corretos;

d) o superlativo absoluto sintético de **sério** é **seríssimo** e o de **sábio**, **sapientíssimo**;

e) todos estes aumentativos são corretos: **manzorra** (de mão) e **naviarra** (de navio).

13) ***ESPCEX*** - Existe um número dentro de um círculo, antes de cada período.

Some os números correspondentes aos períodos que estejam **corretos** quanto à **colocação de pronomes Pessoais oblíquos átonos**. A resposta será a soma encontrada.

1 “No espaço, onde se travou a batalha dos anjos, rondam audaciosamente os filhos dos homens.”

2 Marcelo, dirigindo-se para a sala, caiu.

4 Nessa época já havia, com toda delicadeza, dado-me satisfações devidas.

8 Dar-me-ias razão, se eu te contasse tudo.

16 Muito se aprende com a experiência.

32 Embora conserve-se calado, nunca apresenta-se aborrecido na repartição.

Resposta: _____

14) ***Escola Naval*** - “Vê-los, tocá-los é como estar na presença da pessoa que os possuiu (...)”

Conjugados na segunda pessoa do plural do imperativo afirmativo, os verbos que aparecem no trecho acima assumiriam as seguintes formas, respectivamente:

a) vide - toquei - estai - possui.;

b) vede - tocai - estai - possuí;

c) vê - tocai - está - possui;

d) vede - tocais - estejais - possuí;

e) vejai - toqueis - estejai - possuais.

“Aconteceu então que o céu se tornara tão escuro, que não nos animamos a sair porque receamos que desabasse forte temporal, que tudo alagasse de sorte que, quando tentássemos o regresso, não nos seria possível.”

15) ***EPCAR*** - O referido período **não** encerra:

a) oração adverbial consecutiva;

b) oração subordinada adjetiva;

c) oração substantiva subjetiva;

d) oração objetiva direta;

e) verbo na voz passiva.

16) ***EPCAR*** - Com relação à segunda oração, está **incorreto** o item:

a) não é adjetiva;

b) é substantiva;

c) possui predicativo;

d) não possui adjunto adverbial de intensidade;

e) não contém adjunto adverbial de modo.

17) ***EFOMM*** - "Oh! se vos queixais de solidão humana, prestai atenção, em redor de vós, a essa prestigiosa presença, a essa copiosa linguagem de que tudo transborda, e que conversará convosco interminavelmente."

Com base no texto, assinale o **erro** na série de classificações abaixo:

a) SE (**se** vos queixais): conjunção subordinativa;

b) TUDO: pronome substantivo indefinido;

c) EM REDOR DE: locução adverbial;

d) A (**a** essa prestigiosa presença): preposição;

e) QUE (e **que** conversará): pronome relativo.

18) ***ESPCEX*** - Considere o emprego dos verbos "haver" e "existir" nas seguintes frases, transcritas no texto "Orientação do Lazer":

"Há colégios que organizam a assistência, um dia por semana (...)"

"O clube deve existir enquanto satisfaz a uma necessidade (...)"

Em seguida, verifique os exemplos apresentados abaixo, em que se encontra um número , na frente de cada frase. Some os números correspondentes às frases que estejam **corretas**

quanto ao **emprego** de “haver” e/ou “existir”.

A solução da questão será a soma encontrada.

1 Hão de haver melhores oportunidades para todos.

2 Havia meses que não me escrevia.

4 É preciso existir condições de segurança no trabalho.

8 É bem provável que hajam surgido imprevistos.

16 Haverá de existir pessoas interessadas na compra do terreno.

32 Haja as dificuldades que houver, pode contar comigo.

Resposta: _____

19) ***Colégio Naval***

O candeeiro era a lanterna mágica,

que me fazia na parede branca

o homem grande que eu queria ser

e de que sou uma sombra, apenas sombra.

No verso: “ e de **que** sou sombra, apenas sombra”, o vocábulo grifado funciona sintaticamente como:

a) sujeito;

b) objeto direto;

c) predicativo;

d) adjunto adnominal;

e) adjunto adverbial.

2

0) ***ESFAO*** - Classifique os termos em destaque, assinalando as opções corretas.

I) Pedro enxugou-**se** com muita pressa. (objeto direto)

II) Irei **contigo**. (adjunto adverbial de companhia)

III) Acabou de chegar o dinheiro de **que** tinham necessidade. (complemento nominal)

IV) Temes a **tudo**. (objeto indireto)

V) Vivei **vida longa**. (adjunto adverbial de intensidade)

1) I, III, V;

2) II, IV, V;

3) I, II, III;

4) III, IV, V;

5) I, III, IV.

21) ***ESPCEX*** - A única oração sem sujeito é:

a) "Havia tempo suficiente para as comemorações."

b) "Faltavam três dias para o batismo."

c) "A caverna anoitecia aos poucos."

d) "Fizeram-se observações descabidas sobre o caso."

22) ***EPCAR*** - Mas a neve que se fixa no alto dos montes inacessíveis permanece **imaculada**. Em vão a asa dos ventos se fadiga a açoitá-la, em vão o sol tenta derretê-la.

a) adjunto adverbial de tempo;

b) adjunto adnominal;

c) adjunto adverbial de modo;

d) objeto direto;

e) predicativo do sujeito.

23) ***EPCAR*** - "**Como ontem estivesse chovendo**, tive a infeliz idéia, **ao sair à rua**, **de calçar um velho Par de galochas**."

No período acima, as orações grifadas são, respectivamente:

a) adverbial causal, adverbial temporal e substantiva completiva nominal;

b) adverbial comparativa, adverbial temporal e substantiva objetiva direta;

c) adverbial causal, adverbial condicional e substantiva objetiva indireta;

d) adverbial consecutiva, adverbial temporal e substantiva completiva nominal;

e) adverbial comparativa; adverbial condicional e substantiva completiva nominal.

24) ***EPCAR*** - Transpondo-se para a voz passiva a oração "O médico examinará os pacientes ainda hoje",

obtêm-se a forma verbal:

a) terão sido examinados;

b) foram examinados;

c) serão examinados;

d) são examinados;

e) seriam examinados.

25) ***EFOMM*** - Assinale o item em que, de acordo com a norma culta, ocorre **erro**:

a) A moça cuja a elegância foi elogiada estuda Medicina.

b) Com nós que somos discretos isto não acontece.

c) Entre mim e ti há uma grande amizade.

d) Ela conversava com nós todos.

e) Aquela senhora carregava consigo um livro de poesias.

26) ***ITA*** - Assinalar a alternativa que seja gramaticalmente correta ou estilisticamente aceita.

a) Ao meu ver, só existe duas coisas para ela: estudar e piano.

b) A meu ver, só existe duas coisas para ela: estudar e piano.

c) Ao meu ver, só existem duas coisas para ela: estudar e tocar piano.

d) A meu ver, só existem duas coisas para ela: estudar e tocar piano.

e) N.D.A.

27) ***AFA*** - Às Forças Armadas compete, na forma da lei, atribuir serviço alternativo aos que, em tempo de paz, após alistados, alegarem imperativo de consciência, entendendo- se como tal o decorrente de

crença religiosa e de convicção filosófica ou política, para se eximirem de atividades de caráter

essencialmente militar.

As orações cujos predicados têm por núcleo as formas verbais **compete**, **atribuir** e **alegarem**

(Art. 143 § 1º) classificam-se, respectivamente, como:

a) coordenada assindética, coordenada assindética, coordenada assindética;

b) principal, reduzida infinitiva subjetiva, subordinada adjetiva restritiva;

c) principal, reduzida infinitiva objetiva direta, reduzida infinitiva adjetiva;

d) subordinada substantiva objetiva indireta, reduzida infinitiva, objetiva direta, reduzida adverbial

temporal.

28) ***Operador de Raios X - RJ*** - "os que choram **quando são felizes**" - A oração subordinada que tem o

mesmo valor circunstancial da sublinhada acima é:

a) ao serem felizes;

b) por serem felizes;

c) para serem felizes;

d) apesar de serem felizes;

e) a ponto de serem felizes.

29) ***AFA*** - "Nestor bateu a porta, andou pelo Surrão, gritou algumas ordens e regressou à cidade."

Em relação a esse período, é correto dizer que o mesmo apresenta:

a) apenas orações hierarquizadas, à exceção da primeira que é a principal;

b) apenas orações encadeadas, sendo a última delas assindética;

c) uma oração principal, uma oração hierarquizada e duas orações encadeadas;

d) apenas orações encadeadas, sendo a última delas sindética.

30) ***Colégio Naval*** - Assinale a alternativa em que a **norma culta não** admite a troca de posição do pronome oblíquo.

a) "Um dia de tristeza me faltou o velho." **Um dia de tristeza faltou-me o velho**

b) "E falta lhe confesso que ainda hoje faz." **E falta confesso-lhe que ainda hojefaz**.

c) "Um craque da pelota ao me tornar rapaz." **Um craque da pelota ao tornar-me rapaz**.

d) "E assim crescendo eu fui me criando sozinho." **E assim crescendo eu fui criando-me sozinho**.

e) "Eu temo se um dia me machuca o verso." **Eu temo se um dia machuca-me o verso**.

31) ***EFOMM*** - Em que frase o pronome pessoal **me não** exerce a função sintática de objeto indireto?

a) Ele me ofereceu dois ingressos para o teatro.

b) Não me perdoas essa falha.

c) Não me assiste o direito de contestar.

d) Viram-me ontem os alunos na festa da Luciana.

e) Pediram-me algumas informações a seu respeito.

32) ***EPCAR*** - Está certa a classificação de cada oração abaixo sublinhada, **menos** a do exemplo:

a) Não te queixes, **que há criaturas mais infelizes** (coordenada explicativa);

b) É importante **que acreditemos no Brasil** (substantiva subjetiva)

c) Verifique **se tudo está em ordem** (substantiva objetiva direta)

d) Não sei **se eles chegarão a tempo** (adverbial condicional)

e) Estava ansioso **por que voltasses** (substantiva completiva nominal)

33) ***Colégio Pedro II - Magistério*** - Assinale a opção em que o verbo não admite voz passiva:

a) Nem ele entende a nós, nem nós a ele;

b) Ele venceu aos inimigos;

c) A Abel matou Caim;

d) Ela precisava de ajuda;

e) O carpinteiro fez a mesa.

34) ***ITA*** - Dadas as sentenças:

1) Seria-nos mui conveniente receber tal orientação.

2) Em hipótese alguma enganaria-te.

3) Você é a pessoa que delatou-me.

Constatamos que está (estão) correta(s):

a) apenas a sentença nº 1;

b) apenas a sentença nº 2;

c) apenas a sentença nº 3;

d) todas as sentenças;

e) N.D.A.

35) ***EPCAR*** - O exemplo de passiva pronominal está na alternativa:

a) A linda jovem riu-se com vontade.

b) A disciplina de que se queixa é importante.

c) Brincava-se a valer.

d) Ele se propusera realizar um encontro de estudantes.

e) E ouviu-se ao longe o sussurro de uma prece.

EXERCÍCIOS MÓDULO 8

01) ***AFTN - ESAF*** - Assinale a seqüência de sinais de pontuação que preenche corretamente os espaços numerados no texto.

É através da dinâmica institucional 1 que se fabrica 2 quase sempre 3 o delinqüente juvenil. A instituição 4 ao invés de recuperar 5 perverte 6 ao invés de reintegrar e ressocializar 7 exclui e marginaliza 8 ao invés de proteger 9 estigmatiza."

(Vicente Faleiros)

1 2 3 4 5 6 7 8 9

a)

, , , ; , ; ,

b)

, , , , ; , ; ,

c)

, , : ; : ; :

d)

, , ; ,

e)

, , , - - , , ; ,

02) ***AFTN - ESAF*** - Indique o trecho que apresenta **erro** quanto ao emprego dos sinais de pontuação.

a) “Interferências demagógicas de governos, levaram o Sistema Brasileiro de Habitação à falência em que hoje se encontra.”

(Folha de São Paulo, 05/10/89, p. A-4)

b) “Mas a disputa pelos direitos do livro - a ser editado no Brasil, evidentemente, pela Marco Zero, da qual Márcio de Souza é diretor - apenas começou.”

(LEIA, agosto/89, p.14)

c) “O convite veio de Jofre Rodrigues, sócio principal da produtora J. N. Filmes. Assim que a notícia foi divulgada na Europa, editoras alemãs, francesas e americanas começaram a assediar o agente literário Thomas Colchic, que responde pelo escritor brasileiro na França.”

(LEIA, agosto/89, p. 14)

d) “Ao lado da disputa pelos direitos de filmagem da vida do líder seringueiro Chico Mendes, armase uma outra briga: o alvo, agora, é o argumento do filme, que será escrito pelo romancista amazonense Márcio de Souza.”

(LEIA, agosto/89, p.14)

e) “O bom humor voltou à vida de Arraes depois do encontro com Brizola na semana passada. Exatamente o que conversaram os dois políticos ninguém sabe.”

(Folha de São Paulo, 05/10/89, p. A-4)

03) ***AFTN - ESAF*** - Indique o período em que as vírgulas **não** isolam oração subordinada adjetiva.

a) Entre a história romanciada, que teve nova voga entre 1920 e 1940, situa-se parte da obra do escritor.

b) Dentre os numerosos dialetos regionais usados no Sul da França, não há nenhum que, desde o início da Idade Média, tenha adquirido importância decisiva como língua literária.

c) No fim do século XI constituiu-se uma língua de civilização, cujo berço é a França Meridional, hoje denominada “provençal clássico”.

58 d) Os comediantes italianos, que vinham com freqüência a Paris, representavam a comédia improvisada em torno de um esquema prévio: a “commedia dell’arte”.

e) Como conseqüência de tudo isso os gramáticos, que eram senhores absolutos da língua, impunham arbitrariamente regras cerebrinas.

04) ***TTN - ESAF*** - Assinale o item que apresenta a pontuação correta.

a) A hospitalidade tem dois aspectos: um, geral, que se refere à convivência em sociedade e se confunde com o cerimonial e a etiqueta de cada povo; o outro, específico, que estabelece relações especiais entre anfitriões e convidados.

b) Baseadas no código de honra do deserto, as relações de hospitalidade árabe, dão ao hóspede direitos exorbitantes.

c) Os poetas árabes, que tanto contaram as virtudes do perfeito anfitrião não dizem quase nada, a respeito dos hóspedes.

d) Aquele que recebe a hospitalidade é ao mesmo tempo, um amir, um prisioneiro, e um poeta dizem os beduínos.

e) A hospitalidade no entanto, não é medida pela abundância da comida, mas é particularmente, apreciada quando se pratica apesar dos meios limitados.

(Trechos da Revista Correio da Unesco, com adaptações)

05) ***TTN - ESAF*** - Marque o texto onde ocorre **erro** de pontuação.

a) Os estabelecimentos fundados por portugueses, lá pelos anos de 1618, começavam no Pará, quase sob o Equador, e terminavam em Cananéia, além do trópico.

b) Entre uma e outra capitania havia longos espaços desertos, de dezenas de léguas de extensão. A população de língua européia, cabia folgadamente em cinco algarismos.

c) A camada ínfima da população era formada por escravos, filhos da terra, africanos ou seus

descendentes.

d) Os filhos da terra eram menos numerosos pela pouca densidade originária da população indígena, pelos grandes êxodos que os afastaram da costa, pelas constantes epidemias que os dizimaram, pelos embaraços, nem sempre inúteis, opostos ao seu escravizamento.

Acima desta população, sem terra e sem liberdade, seguiam-se os portugueses de nascimento ou origem, sem terra, porém livres: feitores, mestres-de-açúcar, oficiais mecânicos, vivendo dos seus salários ou do feitio de obras encomendadas.

(Capistrano de Abreu, com adaptações)

06) ***TFC - ESAF*** - Assinale a opção cujo período apresenta pontuação correta.

a) O Vice-Presidente da República, além de outras atribuições que lhe forem conferidas por lei complementar, auxiliará o Presidente sempre que, por ele convocado, para missões especiais.

b) O Vice-Presidente da República, além de outras atribuições, que lhe forem conferidas, por lei complementar, auxiliará o Presidente sempre que por ele convocado para missões especiais.

c) O Vice-Presidente da República, além de outras atribuições que lhe forem conferidas, por lei complementar auxiliará o Presidente, sempre que por ele convocado para missões especiais.

d) O Vice-Presidente da República, além de outras atribuições, que lhe forem conferidas por lei complementar, auxiliará o Presidente sempre que, por ele convocado, para missões especiais.

e) O Vice-Presidente da República, além de outras atribuições que lhe forem conferidas por lei complementar, auxiliará o Presidente, sempre que por ele convocado para missões especiais.

07) ***TFC - ESAF*** - Assinale o período corretamente pontuado.

a) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis, que, num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.

b) Os carros modernos, são feitos com chapas bastante flexíveis que, num efeito sanfona, amortecem

os choques nos acidentes.

c) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis, que num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.

d) Os carros modernos são feitos, com chapas bastante flexíveis, que, num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.

e) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis que num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.

08) ***TRT - ESAF*** - Assinale a opção em que a supressão da(s) vírgula(s) **não** altera o sentido da frase.

a) As crianças, com as caras lambuzadas, divertiram-se à beça.

b) Todos os dias, ele sai, tranqüilamente, de casa.

c) O trabalho foi feito, conforme você pediu.

d) Os funcionários, que querem sair cedo, vão iniciar logo seu trabalho.

e) Os filhos do seu João, que foram criados com a avó, formaram-se em Engenharia.

Nos textos das questões de números 9 e 10, os números entre parênteses indicam lugares de possíveis vírgulas. Indique o único esquema que **não** preenche corretamente a pontuação do trecho.

09) ***TRT - ESAF - Vitória (ES)*** - "Cada vez que um país se industrializa (1) em moldes capitalistas (2) forma-se uma classe operária. Os países que passaram por esta transformação (3) no século passado ou (4) o mais tardar (5) nas primeiras décadas do atual (6) são os que (7) no presente (8) são considerados plenamente desenvolvidos."

(Paul Singer)

a) 1 - 2 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8;

b) 2 - 3 - 6;

c) 1 - 4 - 5 - 6 - 7;

d) 2 - 4 - 5 - 7 - 8;

e) 2 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8

10) ***TRT - ESAF - Vitória (ES)*** - "O que acontece (1) entre nós (2) é que (3) às vezes (4) a Constituição diz uma coisa (5) e o governante faz outra. O exemplo típico disso (6) são os dois decretos do governo Sarney (7) alocando garimpeiros em área indígena."

(Aristides Junqueira)

a) 3 - 4 - 5;

b) 3 - 4;

c) 1 - 2 - 3 - 4;

d) 2 - 4 - 6 - 7;

e) 1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 7.

11) ***Técnico de Controle Externo - Tribunal de Contas - RJ*** - Em cada alternativa abaixo citam-se trechos do texto, promovendo-se modificações na pontuação original. A alternativa cuja modificação implica **erro** gramatical é:

a) Tenho um amigo chamado Zig que, até pouco tempo, só usava três e lhe bastavam.

b) (...) temos de nos conscientizar de que o jornalista é a sentinela - não o aventureiro - do idioma.

c) Embora signifique: "voltar atrás" ou "converter-se" - é sistematicamente usado no lugar de "acabar", "eliminar", "neutralizar".

d) Mas desconfio que pessoas com razoável grau de instrução estejam lendo jornais como quem lê um livro em inglês sem ter fluência na língua: dá para pegar o sentido, mas com uma porção de buracos e sem prazer algum.

12) ***Assistente Técnico de Plenário - Tribunal de Contas - RJ***- Em cada alternativa abaixo, reproduz-se um trecho do texto com inclusão de uma ou mais vírgulas não utilizadas no original. A alternativa em

que se usa a vírgula corretamente é:

a) (...) um dos nossos bons constitucionalistas, retratou com suma clareza e singeleza (...)

b) Essa afirmativa, se completa noutra passagem (...)

c) Onde o presidencialismo se mostra pois, irremediavelmente vulnerável (...)

d) Defronta-se o sistema, porém, com um processo lento e complicado (...)

13) ***Auxiliar de Controle Externo - Tribunal de Contas - RJ*** - Dos trechos abaixo, aquele em que se introduziu uma ou mais vírgulas **indevidamente** é:

a) (...) tudo o que podia ter sido, e não foi (...)

b) Porque a vontade, mesmo, era a de me abraçar com ele (...)

c) Faz, hoje, nove anos que Clodoaldo Pereira da Silva Moraes (...)

d) Eu tirava um prazer extraordinário dessas incursões, ao seu quarto quente de sono (...)

14) ***SUNAB*** - Marque as alternativas em que as vírgulas separam vocativos.

1) Entendam, nobres deputados, que o momento é de conciliação.

2) Querida mamãe, vimos abraçá-la em seu dia.

3) Jerônimo, "O Herói do Sertão", não era bandido.

4) O céu, a Terra, os homens e toda a natureza celebram a sua vitória.

Agora, marque a frase correta, de acordo com as frases acima.

a) a 1ª e 2ª;

b) a 1ª, 2ª e 3ª;

c) a 1ª e 4ª;

d) a 2ª, 3ª e 4ª.

15) ***IBGE*** - Assinale a seqüência correta dos sinais de pontuação que devem preencher as lacunas da frase

abaixo.

São três os motivos para adiar a comemoração _____ dificuldade de contactar os participantes

_____ principalmente por ser época de férias _____ falta de local adequado ao tipo de

evento e insuficiência de recursos financeiros.

a) dois pontos, vírgula, ponto e vírgula;

b) dois pontos, ponto e vírgula, vírgula;

c) vírgula, ponto e vírgula, vírgula;

d) ponto e vírgula, vírgula, ponto e vírgula;

e) ponto e vírgula, vírgula, vírgula.

16) ***Universidade Federal de Alagoas*** - Os períodos abaixo apresentam diferenças de pontuação. Assinale

a letra que corresponde ao período de pontuação correta.

a) Um homem do povo queria subir ao palanque para discursar, mas foi impedido por agentes de

segurança.

b) Um homem do povo, queria subir ao palanque, para discursar; mas, foi impedido por agentes de

segurança.

c) Um homem, do povo, queria subir ao palanque para discursar mas, foi impedido, por agentes, de

segurança.

d) Um homem do povo, queria subir, ao palanque; para discursar mas foi impedido por agentes de

segurança.

e) Um homem, do povo queria subir ao palanque, para discursar; mas, foi impedido, por agentes de

segurança.

17) ***BANERJ*** - Alterou-se a pontuação de passagens do texto, inserindo-se a vírgula que vem sublinhada.

A alternativa em que a inserção da vírgula **não** contraria a norma culta da língua é:

a) Ela termina por afetar nosso próprio caráter, afastando-nos assim do ideal de nos tornarmos cada

vez mais**,** seres éticos e morais.

b) É necessário**,** que se acredite em alguma coisa.

c) Devemos ver no abandono e vilipêndio desses valores**,** uma ameaça grave a nossa sobrevivência.

d) E, portanto, seus defeitos são nosso defeitos, por mais que isto nos cause desalento**,**

ou mesmo

vergonha.

e) Os privilégios e interesses ilegítimos**,**

estão tão arraigados, misturados como argamassa no

sistema, que não vejo força capaz de derrubá-los.

18) ***Auxiliar de Cartório - RJ*** - Das seguintes alterações da pontuação antes ou depois da conjunção **e**, a

que **contraria** as normas vigentes na língua padrão é:

a) "Cada livro meu é uma estréia penosa e feliz."

Cada livro meu é uma estréia penosa e... feliz.

b) "Uma das vocações era escrever. E não sei por que, foi esta que eu segui."

Uma das vocações era escrever, e - não sei por que - foi esta que eu segui.

c) "Nasci para amar os outros, nasci para escrever, e nasci para criar meus filhos."

Nasci para amar os outros, nasci para escrever e nasci para criar meus filhos.

d) "É como se o mundo estivesse à minha espera. E eu vou ao encontro do que me espera."

É como se o mundo estivesse à minha espera; e eu vou ao encontro do que me espera.

61 e) "posso um dia sentir que já escrevi o que é o meu lote neste mundo e que eu devo aprender

também a parar."

posso um dia sentir que já escrevi o que é o meu lote neste mundo e, que eu devo aprender

também a parar.

19) ***BANESPA*** - Assinale a alternativa em que a pontuação do período é incorreta:

a) Só te peço isto: que não demores.

b) A raposa, que é matreira, enganou o corvo.

c) Mal ele entrou, todos se retiraram.

d) A cartomante fez uma só previsão; que ele ainda seria feliz.

e) Pensei que não mais virias.

20) ***Digitador - Tribunal de Contas - RJ*** - Alterou-se a pontuação de passagens do texto, inserindo-se a vírgula que vem sublinhada. A alternativa em que a inserção da vírgula **contraria** a norma culta da língua é:

a) Há muitas pessoas que pegam no volante**,** sem ter habilitação.

b) sei que**,**

sobretudo no trânsito, fora o que se vê a olho nu, nada existe que mereça fé em matéria de estatística ou de laudo técnico.

c) estamos de tal maneira habituados com esse espetáculo de horrores**,**

que já temos embotada a

nossa sensibilidade.

d) O primeiro desastre de carro no Rio**,** ocorreu em 1906.

e) Mal sabia que na verdade o automóvel viria a ser em nossos dias, e no Rio de Janeiro, uma poderosa arma**,** capaz de promover sucessivos genocídios.

21) ***CEDAE - RJ*** - "Emprega-se a vírgula para separar em geral adjunto adverbiais que precedem o verbo e as orações adverbiais que vêm antes da sua principal." *(Evanildo Bechara. Moderna Gramática Portuguesa. Cia Editora Nacional, 6. ed.)*

Dentre os trechos abaixo, aquele que **não** segue a regra referida é:

a) um dia, a neve surpreendeu-me na montanha

b) o frio fez-me pensar em neve, e eu também amo a neve

c) quando ouço dizer que o frio vai chegar, uma alegria se expande no meu peito

d) de repente, as centelhas de neve começaram a luzir como vagalumes de prata

e) dentro das casas, concentrava-se um palpitante calor humano: as pessoas pareciam mais amigas

22) ***Banco do Brasil*** - Pontuação correta:

a) A citação é antiga; "Trabalhar para progredir"

b) Leia dois autores, pelo menos; Machado, e Aluísio, por exemplo.

c) Sempre aconselhou aos mais novos; lutar pela vida.

d) Primeira regra do jogo; respeitar o adversário.

e) Amado e Osman, escritores brasileiros; Camilo, português.

23) ***Secretaria de Saúde - Operador de Raio X - RJ*** - Das alterações processadas nos versos abaixo,

aquela em que é **inaceitável** o uso das vírgulas na língua padrão é:

a) "os que riem em face do perigo"

os que, em face do perigo, riem

b) "os que choram quando são felizes"

os que, quando são felizes, choram

c) "admiro os que amam e morrem de amor"

admiro os que amam e, de amor, morrem

d) "admiro, amo e admiro os que sonham por mim"

e) admiro, amo e admiro os que, por mim, sonham

e) "noite horrenda, na qual a poesia não tem sentido"

noite horrenda, na qual, não tem sentido, a poesia

24) ***Técnico de Controle Externo - Tribunal de Contas - RJ*** - Das seguintes alterações processadas na pontuação de passagens do texto, aquela em que há substancial modificação de sentido é:

62 a) "Sou preguiçoso por temperamento, e tão preguiçoso que se fosse preciso trabalhar para viver, acho que me deixaria morrer de fome"

Sou preguiçoso por temperamento, e tão preguiçoso que, se fosse preciso trabalhar para viver, acho que me deixaria morrer de fome

b) "Acusações injustas. Lusitanos e espanhóis, particularmente os galegos, trabalham como uns mouros."

Acusações injustas: lusitanos e espanhóis, particularmente os galegos, trabalham como uns mouros.

c) "Nas reduções jesuíticas, onde o trabalho deixava de ser escravo, a preguiça deles inexistia."

Nas reduções jesuíticas onde o trabalho deixava de ser escravo, a preguiça deles inexistia.

d) "Sofriam com a adaptação ao Novo Mundo. Porém, sabendo que construíam sua propriedade, labutavam com gana."

Sofriam com a adaptação ao Novo Mundo; porém, sabendo que construíam sua propriedade, labutavam com gana.

e) "Daí se generalizar a lenda de que o zé-povinho (hoje promovido a povão, mas sempre na mesma) não gosta de trabalhar."

Daí se generalizar a lenda de que o zé-povinho - hoje promovido a povão, mas sempre na mesma - não gosta de trabalhar.

25) ***Tribunal Regional Eleitoral - RJ*** - Das seguintes alterações processadas na pontuação de passagens do texto, aquela em que há **erro** é:

a) O **jeito** não é uma instituição legal nem ilegal: é “paralegal”.

b) Estes se governam por relações voluntarísticas; aqueles, por fórmulas impositivas.

c) O que nos leva ora à solução elegante e proveitosa - para os juristas - da mudança da Constituição, ora a interregnos deselegantes de ditaduras inconstitucionais.

d) A curto prazo, entretanto, pode gerar intolerável tensão institucional, que, não fora a válvula de escape do **jeito**, arriscaria perturbar o funcionamento da sociedade.

e) Mas, forçoso é reconhecer, que há raízes sociológicas mais profundas.

26) ***Banco do Brasil*** - Pontuação - opção correta:

a) Bem lhe avisei, que ele não viria.

b) Eu não irei, hoje a tua casa.

c) Dois dias, é pouco tempo.

d) A mim, ninguém jamais ajudou.

e) Meu conselho, é que vás.

27) ***TTN*** - Das redações abaixo, assinale a que **não** está pontuada corretamente:

a) Os candidatos, em fila, aguardavam ansiosos o resultado do concurso.

b) Em fila, os candidatos aguardavam, ansiosos, o resultado do concurso.

c) Ansiosos, os candidatos aguardavam, em fila, o resultado do concurso.

d) Os candidatos ansiosos aguardavam o resultado do concurso, em fila.

e) Os candidatos, aguardavam ansiosos, em fila, o resultado do concurso.

28) ***BANESPA*** - A alternativa que apresenta pontuação **incorreta** é:

a) Os passantes chegam, olham, perguntam e prosseguem.

b) Olha, José, não precisa mais voltar hoje.

c) A História, diz Cícero, é a mestra da vida.

d) Jorge Amado, um dos autores brasileiros mais conhecidos mundialmente publicou mais um livro.

e) Casa de ferreiro, espeto de pau.

29) ***CESGRANRIO*** - Assinale a opção em que o emprego da vírgula serve para separar termos que exercem a mesma função na frase:

a) A partir do momento em que essa linguagem especial serve ao grupo como elemento de autoafirmação, ou verdadeira realização pessoal, de marca original.

b) Essa oposição ao uso provoca, de imediato, duas reações diversas na comunidade.

c) O aparecimento da gíria, como um fenômeno de grupo restrito, é uma decorrência dessa dinâmica social e lingüística.

d) Caracterizada como um vocábulo especial, a gíria surge como um signo de grupo.

e) Nesse momento, torna-se difícil precisar o que é de fato vocábulo gírio ou vocábulo popular.

30) ***CESGRANRIO*** - Assinale a opção em que a supressão das vírgulas alteraria o sentido do enunciado:

a) Os países menos desenvolvidos vêm buscando, ultimamente, soluções para seus problemas no acervo cultural dos países avançados.

b) Nossos pesquisadores, que se encontram comprometidos com as culturas dos países avançados, acabam se tornando menos criativos.

c) Torna-se, portanto, imperativa uma revisão do modelo presente de processos de desenvolvimento tecnológico.

d) A atividade científica, nos países desenvolvidos, é tão natural quanto qualquer outra atividade econômica.

e) Por duas razões diferentes podem surgir, da interação de uma comunidade com outra, mecanismos de dependência.

31) ***CESGRANRIO*** - Assinale a opção em que a vírgula está empregada para separar dois termos que possuem a mesma função na frase:

a) “Minhas senhoras, seu Mendonça pintou o diabo enquanto viveu.”

b) “Respeitei o engenho do Dr. Magalhães, juiz.”

c) “E fui mostrar ao ilustre hóspede a serraria, o descaroçador e o estábulo.”

d) “Depois da morte do Mendonça, derrubei a cerca...”

e) “Não obstante essa propaganda, as dificuldades surgiram.”

32) ***AMAN*** - Numa das opções, o emprego das vírgulas é facultativo:

a) “Vam’bora, lerdeza!”

b) “Carece de ficar aí a vida inteira, feito estaca de dentro d’água, feito esteio de moinho?!...”

c) “Vamos, Canindé!...”

d) “Oi, seu mocinho, tu agora mesmo cai de nariz na lama!”

e) “Então, ele abaixa as mãozinhas juntas, e bebe.”

33) ***EFOMM*** - A alternativa com pontuação **correta** é:

a) Tenha cuidado, ao parafrasear o que ouvir. Nossa capacidade de retenção é variável e muitas vezes inconscientemente, deturpamos o que ouvimos.

b) Tenha cuidado ao parafrasear o que ouvir: nossa capacidade de retenção é variável e, muitas vezes, inconscientemente, deturpamos o que ouvimos.

c) Tenha cuidado, ao parafrasear o que ouvir! Nossa capacidade de retenção é variável e muitas vezes inconscientemente, deturpamos o que ouvimos.

d) Tenha cuidado ao parafrasear o que ouvir, nossa capacidade de retenção, é variável e - muitas vezes inconscientemente, deturpamos o que ouvimos.

e) Tenha cuidado, ao parafrasear o que ouvir. Nossa capacidade de retenção é variável - e muitas vezes inconscientemente - deturpamos o que ouvimos.

34) ***Escola Naval*** - A justificativa do emprego da(s) vírgula(s) está errada em:

a) "Sem recurso à magia, transportamo-nos (...)"

(separa um adjunto adverbial de certa extensão)

b) "Foi uma tarde dessas, no Arquivo-Museu de Literatura, (...)"

(separam um adjunto adverbial intercalado)

c) "(...) mas o que me tocou, mesmo (...)"

(separa orações)

d) "Os tinteiros, os óculos, o velho mata-borrão dos escritores do começo do século, medalhas, o chapéu majestoso de membro da Academia Brasileira de Letras, tudo (...)"

(separam termos da mesma função sintática)

e) "a copiosa coleção de cartas de escritores ao editor José Olympio, oferecida pelo destinatário"

(separa uma oração subordinada adjetiva explicativa)

35) ***EFOMM*** - Na oração: "Pássaro e lesma, o homem oscila entre o desejo de voar e se arrastar," a vírgula foi empregada:

a) para separar aposto;

b) para indicar a elipse de um termo;

c) para separa vocativo;

d) por tratar-se de antíteses;

e) para separar uma oração de valor restritivo.

EXERCÍCIOS MÓDULO 9

01) ***EPCAR*** - "Bem-aventurado, pensei eu comigo, aquele em que os afagos de uma tarde serena de primavera no silêncio da solidão produzem o torpor dos membros."*(Herculano)*

No período em apreço, usaram-se as vírgulas para separar:

a) uma oração pleonástica;

b) uma oração coordenada assindética;

c) um adjunto deslocado;

d) elementos paralelos;

e) uma oração intercalada.

02) ***EFOMM*** - A opção em que está correto o emprego do ponto-e-vírgula é:

a) Solteiro; foi um menino turbulento; casado, era um moço alegre; viúvo, tornara-se uma pessoa de semblante sombrio.

b) Solteiro; foi um menino turbulento, casado; era um moço alegre, viúvo; tornara-se uma pessoa de semblante sombrio.

c) Solteiro, foi um menino; turbulento, casado; era um moço alegre viúvo, tornara-se uma pessoa de semblante sombrio.

d) Solteiro foi um menino turbulento, casado era um moço alegre, viúvo; tornara-se uma pessoa de semblante sombrio.

e) Solteiro, foi um menino turbulento, casado; um moço alegre, viúvo; tornara-se uma pessoa de semblante sombrio.

03) ***EFOMM*** - É **inaceitável** a pontuação na alternativa:

a) 1 cm., 2 cm., 1 m., 2 m., 1 g., 2 g., 1 kg., 1 h 20., 2 h 20 m 30 s.

b) De boa árvore, bons frutos.

c) Terminada a palestra, procure-nos.

d) Não chore, que será pior.

e) Eram dois - eu os vi pessoalmente - os assaltantes.

04) ***EFOMM*** - Assinale a alternativa em que o período está **corretamente** pontuado:

a) Uns trabalhavam, esforçavam-se, exauriam-se; outros gozavam, não pensavam no futuro.

b) "E agora José?"

c) Cauteloso que era, nunca revelava realmente, suas idéias.

d) Afirmavam, insistentes; era o reparo moral, que queriam, e não o dinheiro.

e) Com as graças de Deus, vou indo caríssima Rosália.

Nas questões de números 5 e 6, marque a alternativa corretamente pontuada.

05) ***EPCAR***

a) "O caminho da verdade é único e simples o da falsidade, vário e infinito."

b) "O caminho da verdade é único, e simples o da falsidade, vário e infinito."

c) "O caminho da verdade, é único e simples; o da falsidade, vário e infinito."

d) "O caminho da verdade é único e simples; o da falsidade, vário e infinito."

e) "O caminho da verdade, é único e simples, o da falsidade, vário, e infinito."

06) ***EPCAR***

a) "Aprendi, desde bem cedo, a compreender e a perdoar. De vez em quando por muito compreender perdoar se torna difícil, porém sempre tenho arranjado um jeitinho."

b) “Aprendi, desde bem cedo, a compreender e a perdoar. De vez em quando, por muito compreender, perdoar se torna difícil, porém sempre tenho arranjado um jeitinho.”

c) “Aprendi desde bem cedo, a compreender e a perdoar, de vez em quando por muito compreender; perdoar se torna difícil, porém sempre tenho arranjado um jeitinho.”

d) “Aprendi desde bem cedo a compreender e a perdoar; de vez em quando por muito compreender perdoar se torna difícil porém, sempre tenho arranjado um jeitinho.”

e) “Aprendi, desde bem cedo, a compreender e a perdoar. De vez em quando por muito compreender perdoar se torna difícil porém, sempre tenho arranjado um jeitinho.”

07) ***EFOMM*** - Assinale a única alternativa que apresenta pontuação **não** justificável:

a) Eu, sou valente, disse o fanfarrão.

b) Todos os meus amigos sabem disso, meu caro!

c) Todos os meus amigos sabem, disso estou certo!

d) A caridade, que é virtude cristã, agrada mais a Deus que aos homens.

e) Fui lá, ainda ontem, e procurei-o.

08) ***AMAN*** - “Para meu desapontamento, nasceu um ser raquítico e feio, pesando um quilo.”

As vírgulas, na frase acima transcrita, foram utilizadas, respectivamente para:

a) isolar o aposto e separar uma oração subordinada da principal;

b) marcar o início de uma oração intercalada e separar orações coordenadas assindéticas;

c) marcar o deslocamento do adjunto adverbial e separar uma oração adjetiva explicativa da principal;

d) isolar o objeto pleonástico e indicar a elipse da conjunção;

e) separar uma oração subordinada anteposta à principal e separar uma oração subordinada posposta à principal.

09) ***Escola Naval*** - Cada número está no lugar de um sinal de pontuação. Marque a seqüência que apresenta a pontuação correta, respectivamente:

"Desde que parti (1) duas coisas não me saem da cabeça (2) uma era o pedido de casamento que recebi (3) a outra (4) a maneira como tal atitude foi tomada (5)"

a) ; , : , ?

b) , . ; : .

c) : ; , : !

d) , ; , , .

e) , : ; , .

10) ***AMAN*** - "Éramos alunos, e rapidamente se estabeleceu intimidade entre nós."

No trecho acima, a vírgula tem a função de separar:

a) duas orações coordenadas assindéticas;

b) o adjunto adverbial intercalado;

c) duas orações coordenadas sindéticas adversativas;

d) duas orações coordenadas que possuem sujeitos diferentes;

e) duas orações coordenadas justapostas.

11) ***EFOMM*** - Ocorre pontuação **inaceitável** em:

a) Colega, ainda que mal pergunte, que negócio é esse?

b) Se queres distrair-te, ouve cantores franceses.

c) Pedro era entre todos os empregados, o mais fiel.

d) Perdôo-te; espero, porém, que não reincidas no erro.

e) Não creia naqueles que não acreditam em ninguém.

12) ***Escola de Medicina e Cirurgia - RJ*** - Assinale o exemplo em que a vírgula foi usada para denotar uma pausa de valorização expressiva entre o sujeito e o verbo:

a) Tudo ali era estável, seguro. *(Graciliano Ramos)*;

b) Pois eu, vou-me. *(M. Campos Pereira)*;

c) Saiba o senhor, o de-Janeiro é de águas claras. *(Guimarães Rosa)*;

d) Se o negócio não se arranja, eu estouro! *(M. Antônio de Almeida)*;

e) O tempo, que não existe, é geralmente o que mais nos atormenta ou nos recreia. *(M. de Maricá)*.

13) ***ESPCEX*** - Leia o texto abaixo e coloque as vírgulas necessárias.

1 "A "Tribuna da Bahia" diário de Salvador chegou a publicar um editorial

2 "Gabriela alho e óleo" onde classificava de "patética macaqueação de sota-

4 que nortista" o linguajar da novela.

8 A influência da novela na vida da cidade vai contudo muito além das discus-

16 sões em torno do sotaque. Na verdade desde 1959 quando uma revista carioca

32 revelou a existência real das personagens do livro de Jorge Amado Ilhéus

64 tem vivido à sombra de Gabriela. Agora com a novela a cidade passou a se descobrir"

Na frente de cada linha existe um número (dentro de um círculo).

Some os números correspondentes às linhas nas quais você colocou uma ou mais vírgulas.

A resposta será a soma encontrada.

Resposta: _____

14) ***ESPCEX*** - Dando continuidade ao seu raciocínio sobre o emprego dos sinais de pontuação, leia cada

uma das frases apresentadas abaixo. Some os números correspondentes às frases que estiverem

corretas quanto ao emprego dos **sinais de pontuação**.

A resposta da questão será a **soma** encontrada.

1 Aristóteles dizia a seus discípulos: “Meus amigos, não há amigos.”

2 Como está linda, a manhã!

4 Como te chamas? - perguntou-me João meu novo vizinho.

8 A hora - disse o homem -, é esta.

16 Volte, Raul; e, até fevereiro, teremos dela, certamente, uma resposta definitiva.

32 Não queria que a irmã viajasse, pois Carlos, seu cunhado, estava enfrentado dificuldades.

Resposta: _____

15) ***ESPCEX*** - Leia o texto abaixo, colocando as vírgulas necessárias.

1 “Transformadas em bandejas e “souvenirs” elas são o deslumbramento dos

2 turistas. Espetadas por trás de vitrines fazem o deleite dos coleciona-

4 dores. Por estes e outros motivos as borboletas são cada vez mais procura-

8 das. Mas a imagem bucólica do caçador tradicional com sua rede e seu cha-

16 péu de explorador foi substituída por uma perseguição em escada industrial

32 na base de sofisticada aparelhagem. Esse extermínio indiscriminado é con-

64 denado por zoólogos.”

Na frente de cada linha existe um número (dentro de um círculo).

Some os números correspondentes às linhas nas quais você colocou uma ou mais vírgulas.

67 A resposta da questão será a soma encontrada.

Resposta: _____

16) ***Universidade Federal do Pará*** - A vírgula é usada antecedendo um aposto em:

a) "A população está crescendo 90 milhões de pessoas por ano, o que significa que a cada 16 meses o mundo cresce em população."

b) "Em 1988, os Estados Unidos e o Canadá (...)"

c) "Imagine se a gente passar a se alimentar só de arroz, e de repente, (...)"

d) "Temos que salvá-lo, pois o planeta está numa CTI."

e) "Porque a gente pode comer carne, arroz (...)"

17) ***Universidade Federal do Pará*** - No trecho: "Vi um jaguar e pensei: será muito difícil viver no planeta se meus filhos não puderem ver um jaguar.", a pontuação usada demonstra que os dois pontos servem para anunciar uma:

a) citação;

b) enumeração;

c) concessão;

d) complementação;

e) exemplificação.

18) ***UFRRJ*** - Marco Túlio Cícero, tão famoso quanto Demóstenes na área da retórica, sempre dizia:

Prefiro a virtude do medíocre ao talento do velhaco.

Neste período está faltando um sinal de pontuação:

a) vírgula;

b) ponto e vírgula;

c) ponto de exclamação;

d) aspas;

e) reticência.

19) ***AFA*** - A vírgula é usada obrigatoriamente para isolar o aposto, ou qualquer elemento de valor meramente explicativo. Em qual das alternativas a colocação da vírgula obedece a esse princípio?

a) "Inventava conversas, dizia-se leal, trazia presentes."

b) "(...) erguendo os olhos do trabalho em que se aplicava, um mancal de madeira para o moinho, viu Nestor de pé sobre o talude (...)"

c) "Pense nisso, rapaz, reflita nisso."

d) "Como de outras vezes, olhava para a garganta de Bernardo."

20) ***Escola Naval*** - Assinale a frase que apresenta **erro** de pontuação:

a) Meu filho, não tenha medo da vida.

b) São palavras de Deus: "Crescei e multiplicai-vos!"

c) Gosto de teatro, ela de cinema.

d) Não sabemos por que você está apressado.

e) Disse o mestre:

- De hoje em diante, nunca mais deverão errar esta questão.

21) ***CESGRANRIO*** - Assinale a opção em que a explicação para o emprego das vírgulas está **errada**:

a) "Zilda, a dona da casa, arrumara a mesa desde cedo."

(isolam o aposto)

b) "E, para adiantar o expediente, vestir a aniversariante logo depois do almoço."

(destacam a oração adverbial)

c) "Tratava-se de uma velha grande, magra, imponente e morena."

(separam predicativos)

d) "O ponche foi servido, Zilda suava, nenhuma cunhada ajudava propriamente."

(separam orações coordenadas assindéticas)

e) “e de costas para a aniversariante, que não podia comer frituras, eles riam inquietos.”

(isolam a oração adjetiva explicativa)

22) ***Escola Naval*** - Assinale o item que apresenta erro de pontuação:

a) A casa creio que já está alugada.

b) O Papa, que mora em Roma, tem visitado vários países.

c) Eu diria que as árvores pensam.

d) Eu sabia, mas não podia falar.

e) Sabedor, nunca o fui.

23) ***ESPCEX*** - Justifica-se o emprego da vírgula assinalada na seguinte passagem:

a) “já lá vão muitas páginas, falei das simetrias (...)”

b) “(...) falei das simetrias, que há na vida.”

c) “Há duas diferenças. A primeira, é que nela o mal é puro e confessado reumatismo.”

d) “(...) nela o mal é puro, e confessado reumatismo.”

24) ***UNIRIO*** - No trecho “D. Tonica tinha fé em sua madrinha, Nossa Senhora da Conceição, e investiu a fortaleza com muita arte e valor.” - o emprego das vírgulas justifica-se porque a expressão que elas limitam é:

a) um apêndice do sujeito da oração;

b) indicadora de uma negação;

c) predicativo do objeto indireto;

d) aposto de **madrinha**;

e) sujeito da oração anterior.

25) ***UFRRJ*** - No período, “A fé, que é a mola do crente, sustenta e impulsiona a máquina do mundo”, a oração “que é a mola do crente” está entre vírgulas, porque:

a) eqüivale a um aposto;

b) está em ordem indireta;

c) o autor quis destacar o conceito de crença;

d) é uma oração adverbial;

e) é uma oração substantiva completiva.

26) ***ITA*** - Qual das seqüências abaixo jamais admitirá, de acordo com as nossas gramáticas, o emprego de duas vírgulas?

a) O irmão meu que estava doente não chegou na hora.

b) Mesmo que tu chegues atrasado José não deixes de trazer as revistas que te emprestei sábado último.

c) A mulher se divide em quatro partes cabeça tronco membros e espelho.

d) Jamais lhe poderei dizer que isto se passou na casa de uma das mais tradicionais famílias da região os Mesquitas.

e) A muito custo após algumas horas disseram que não haviam chegado os impressos para formalizar a petição.

27) ***EPCAR*** - “Ao homem, deu-lhe Deus a sensibilidade para amar o bem.”

Empregou-se a vírgula para:

a) pôr em destaque uma expressão;

b) separar uma expressão na ordem inversa;

c) realçar um objeto indireto pleonástico;

d) separar um aposto;

e) dar ênfase a uma circunstância.

28) ***ITA*** - Assinale a opção cujos sinais, indicados entre parêntese, **não permitem** pontuação correta para as frases abaixo:

a) Se a felicidade é proporcional à renda é irrespondível a causa das máquinas se não a questão toda precisa ser examinada. (2 vírgulas e 1 ponto-e-vírgula)

b) "O mau médico encarece a enfermidade e não lhe dá remédio o mau conselheiro exagera os inconvenientes e não dá meio com que os melhorar." (3 vírgulas e 1 ponto-e-vírgula)

c) "O beijo das mulheres sérias é frio faz a gente espirrar o das mulheres ardentes gasta-nos os lábios... e o dinheiro." (1 dois pontos e 1 ponto-e-vírgula)

69 d) Chamava-se Isolina a amiga que a consolava Piedade. (1 vírgula e 1 ponto-e-vírgula)

e) "Depois dos pais que recebem o nosso primeiro grito o solo pátrio recebe os nossos primeiros passos é um duplo receber que é duplo dar." (3 vírgulas e 1 dois pontos)

29) ***Colégio Naval***

(1) Ilustre e altiva raça lusitana,

Criadora e tenaz, modesta e sóbria,

Sempre disposta estás a olhar de frente

O destino por mais amargo e duro!

(5) Raça oriunda de Luso, esse pastor

Filho de Baco e rei da última Tule,

Raça contida em terra tão pequena,

E que no incerto mar mundos colheste.

A contemplar o Atlântico deserto,

(10) Vives sempre a rever, verdes caminhos,

Por onde os teus varões se assinalaram.

(Soneto a Portugal, Augusto Frederico Schmidt)

De acordo com a **norma gramatical**, o uso da primeira vírgula, no verso 10:

a) está correto, pois isola um vocativo;

b) está incorreto, pois não se separa objeto direto que segue imediatamente ao seu verbo transitivo;

c) é indispensável por motivo de ênfase;

d) se justifica pela anteposição do adjetivo, na expressão **verdes caminhos**;

e) está incorreto por separar sujeito e predicativo.

30) ***EPCAR*** - Assinale a alternativa que pontua correta e ordenadamente o texto que segue.

Paulo não gosta de estudar ao contrário só pensa em divertir-se saindo seguidamente seu irmão

contudo é preocupado com o futuro não deixando de estudar jamais.

a) , , , ; , , ,

b) , , ; , , ;

c) , , ; , , , , ,

d) , , , , ,

e) , , ; , , ; ,

31) ***EFOMM*** - Assinale o único exemplo em que ocorreu **erro** quanto à pontuação:

a) Os termos essenciais e integrantes da oração ligam-se uns com os outros sem pausa; não podem,

assim, ser separados por vírgula.

b) Emprega-se o ponto, pois, fundamentalmente, para indicar o término de uma oração declarativa,

seja ela absoluta, seja a derradeira de um período composto.

c) As orações subordinadas adjetivas restritivas, indispensáveis ao sentido da frase, ligam-se a um

substantivo (ou pronome) antecedente sem pausa, razão por que dele não se separam, na escrita,

por vírgula.

d) Para se saber onde deve colocar os sinais de pontuação, habitue-se a ouvir a melodia da frase que escreve e quando hesitar, leia a frase em voz alta: as pausas que será obrigado a observar e as mudanças de entonação lhe indicarão, geralmente, a escolha e o lugar dos sinais, que nela terá de introduzir.

e) Não se deve abusar dos sinais de pontuação. Escritores há que empregam vírgulas em demasia, com o que travam o enunciado, prejudicando o seu ritmo natural e, às vezes, tornando-o obscuro.

32) ***ITA*** - Assinale a alternativa cujos sinais, indicados entre parênteses, não permitem uma pontuação correta:

a) Uns trabalham esforçam-se cansam-se outros folgam dormem descuidam-se e não pensam no futuro. (4 vírgulas e 1 ponto-e-vírgula)

b) A sua volta tudo lhe parece chorar as árvores o capim os insetos. (3 vírgulas e dois pontos)

c) Campinas Santos Guarulhos são cidades do Estado de São Paulo Caxias Canoas Uruguaiana do Rio Grande do Sul. (5 vírgulas e 1 ponto-e-vírgula)

d) Prometeu-nos quando dele precisássemos que embora suas atividades fossem múltiplas jamais deixaria de atender-nos. (3 vírgulas)

e) A metade de 247 mais 36 são 159,5. (2 vírgulas)

33) ***ITA*** - A seqüência "Solteiro foi um menino turbulento casado era moço alegre viúvo tornara-se macambúzio." Ficará, quanto à pontuação, correta e mais facilmente inteligível **se empregarmos**:

a) três vírgulas e dois pontos-e-vírgula;

b) quatro vírgulas e dois parênteses;

c) duas vírgulas e dois pontos-e-vírgula;

d) um ponto final, um ponto-e-vírgula e dois pontos;

e) três vírgulas e um ponto-e-vírgula.

34) ***ITA*** - Assinalar a alternativa em que a **pontuação** esteja correta:

a) Ele não virá hoje; não contem, portanto, com ele.

b) O Reitor daquela famosa universidade italiana, chegará aqui amanhã.

c) São José dos Campos 15 de março, de 1985.

d) Quero que, assine o contrato.

e) Qualquer bebida que, contenha álcool, não deve ser tomada por você.

35) ***ITA*** - Assinale a alternativa **incorreta** quanto às normas da pontuação:

a) Usa-se a vírgula no interior da oração para separar elementos que exercem a mesma função sintática.

b) O ponto-e-vírgula denota em geral uma pausa suspensiva, suficiente para indicar que o período está concluído.

c) As conjunções conclusivas, quando pospostas a um dos termos da oração, podem vir entre vírgulas.

d) Usa-se o ponto-e-vírgula para separar orações de um período, das quais um dos seus termos já esteja subdividido por vírgula.

e) Usa-se a vírgula para separar as orações subordinadas adverbiais, principalmente quando antepostas à principal.

EXERCÍCIOS MÓDULO 10

01) ***Colégio Naval*** - Assinale a alternativa **falsa**

em relação à classificação sintática do período "O que é

feio se esconde".

a) 0 = sujeito da 1ª oração;

b) Que = sujeito da 2ª oração;

c) Feio = predicativo da 1ª oração;

d) Se = partícula apassivadora;

e) A primeira oração está na voz passiva.

02) ***Escola Naval*** - A alternativa onde a crase poderia ser omitida é:

a) Todos, à uma, deram a resposta.

b) Vou até à cidade fazer um pagamento.

c) Fomos à Terra Santa para pagar uma promessa.

d) À corrupção a justiça vencerá.

e) Encontraram-se à saída do cinema.

03) ***ESPCEX*** - Assinale as formas **incorretas** dos verbos nestas frases.

1 Eles intervêem sempre na hora errada.

2 Todos aqui riem das idéias dele.

71 4 Constitue infração perturbar a tranqüilidade alheia.

8 Ela possue material escolar de excelente qualidade.

16 Tenho um tio que cria muito em bruxarias.

32 Meus pais previram esta situação.

64 As crianças geralmente têem medo do escuro.

Na frente de cada linha existe um número. Some os números correspondentes às linhas nas quais você encontrou formas incorretas dos verbos.

A resposta da questão será a soma encontrada.

Resposta: _____

04) ***CESGRANRIO*** - Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da frase abaixo:

Dialeto social popular não se confunde com linguagem especial, pois _____ , ao contrário

_____ , é de uso restrito e pode funcionar como signo de grupo.

a) esse / daquela;

b) essa / desse;

c) aquele / dessa;

d) esta / daquele;

e) este / desta.

05) ***PUC - RS*** - Aquelas eram ordens _____.

a) que não se obedecia;

b) a que não se obedecia;

c) à que não se obedecia;

d) a que não se obedeciam;

e) que não se obedeciam.

06) ***Magistério do Município - Niterói*** - Os dois pontos ocorrentes em: ”Só tinha um problema: ele não podia achar nada” servem para anunciar:

a) uma citação;

b) uma síntese;

c) um esclarecimento;

d) uma conseqüência;

e) um contraste.

07) ***EPCAR*** - Está mal flexionado o adjetivo na opção:

a) olhos azul-turquesa;

b) projéteis ultra-rápidos;

c) lenços azul-marinhos;

d) pára-quedas amarelo-palha;

e) relações luso-brasileiras.

08) ***AMAN*** - São apresentadas abaixo variações em torno do fragmento "(...) que a sua magreza e palidez fossem (...)". Apenas uma delas não fere as normas de concordância verbal. Indique-a:

a) (...) que a sua magreza e palidez fosse (...)

b) (...) que a sua magreza e sofrimentos fosse (...)

c) (...) que fosse a sua magreza e palidez (...)

d) (...) que a sua fraqueza e debilidade fosse (...)

e) (...) que a sua magreza e feições fosse (...)

09) ***ESPCEX*** - Observe a colocação pronominal nas seguintes frases: "A resposta a essa questão por enquanto só pode ser esboçada usando-**se** algumas referências estatísticas." e "(...) pois já **se** provou que a hipertensão é uma moléstia generalizada." A partir dessa observação, leia cada uma das frases apresentadas abaixo. Some os números correspondentes às frases que estiverem **corretas** quanto à **colocação pronominal**. A resposta da questão será a **soma** encontrada.

1 Quanto mais fala-se mais agrava-se a situação.

2 Enquanto deixar-nos de lado, nada conseguirá de útil.

4 Tudo me faz triste nesta casa, onde, roubando-se, o mérito é maior.

8 Nada apurou-se, ou quase nada, sobre o caso do alfaiate.

16 Alguém o viu chegando, e logo procurou avisar-me.

32 Tudo estará pronto até a noite, se ajudar-me.

Resposta: _____

10) ***UFES*** - A frase que **não** diz exatamente o mesmo que as outras quatro é:

a) Diz-se que o rapaz foi ferido.

b) É dito que o rapaz se feriu.

c) Dizem que o rapaz foi ferido.

d) É dito que feriram o rapaz.

e) Dizem que feriram o rapaz.

11) ***ESPCEX*** - No período "Digo que tens receio de que ele morra.", as orações subordinadas, são,

respectivamente:

a) subjetiva e objetiva direta;

b) objetiva indireta e objetiva direta;

c) adjetiva restritiva e adjetiva explicativa;

d) objetiva direta e completiva nominal.

12) ***Escola Naval*** - "**Do encontro de duas células** forma-se **um óvulo** e **esse óvulo** evolui (...)"

Assinale a alternativa que apresenta a função sintática dos termos sublinhados, respectivamente.

a) adjunto adverbial, objeto direto e sujeito pleonástico;

b) adjunto adverbial, sujeito e sujeito;

c) agente da passiva, sujeito e sujeito;

d) adjunto adverbial, objeto direto e objeto direto pleonástico;

e) adjunto adverbial, agente da passiva e sujeito.

13) ***PUC - RJ*** - No texto, observam-se ocorrências de **à**, com acento grave, indicando o fenômeno da crase. Assinale a única opção cuja lacuna deve ser preenchida por **à**:

a) Levo uma hora de minha casa ____ praia.

b) A farmácia fica daqui ____ cem metros.

c) De hoje ____ duas semanas estaremos de férias.

d) O comércio não funcionará de sábado ____ segunda-feira.

e) Os formulários devem ser preenchidos ____ tinta.

14) ***EFOMM*** - Assinale a frase **incorreta** quanto à correlação dos tempos verbais:

a) Se vires teu amigo, avisa-o da prova de Português.

b) Você evitaria esse desastre, se dirigir com mais cuidado.

c) Eu direi a verdade, mesmo que me ameacem.

d) Quando tivermos lido este livro, dar-te-emos nossa opinião.

e) Se eles tivessem estudado, seriam aprovados.

15) ***CESGRANRIO*** - Assinale a opção em que o vocábulo gíria está empregado com valor adjetivo:

a) “o aparecimento da gíria, como um fenômeno de grupo”;

b) “a gíria surge como um signo de grupo”;

c) “seja a gíria dos marginais ou da polícia”;

d) “a linguagem gíria servirá como elemento identificador”;

e) “assumindo a forma de uma gíria comum”.

16) ***PUC - RS*** - Substituindo os verbos em maiúsculo no período "Ele ACOMPANHOU a sessão na qual o juiz PERDOOU aos culpados: o inquérito que se REALIZOU nada apurou." pelos verbos PRESIDIR,

ABSOLVER e PROCEDER, tem-se como resultado a construção.

a) Ele presidiu a sessão na qual o juiz absolveu aos culpados: o inquérito que se procedeu nada

apurou.

b) Ele presidiu à sessão na qual o juiz absolveu aos culpados: o inquérito que se procedeu nada

apurou.

c) Ele presidiu a sessão na qual o juiz absolveu os culpados: o inquérito a que se procedeu nada

apurou.

d) Ele presidiu à sessão na qual o juiz absolveu aos culpados: o inquérito à que se procedeu nada

apurou.

e) Ele presidiu à sessão na qual o juiz absolveu os culpados: o inquérito à que se procedeu nada

apurou.

17) ***ESFAO*** - No trecho: "Para os tradicionalistas, aqueles que têm olhos e não vêem, os deuses se acham nos sacrários, nas capelas e nos livros sagrados de reza e devoção", as vírgulas separam,

respectivamente:

a) aposto e termos em seqüência;

b) aposto e vocativo;

c) vocativo e aposto;

d) orações coordenadas e advérbios;

e) aposto e orações coordenadas.

18) ***UNIRIO*** - Assinale a expressão cujo plural obedece à mesma formação que segue "vozinha

esganiçada":

a) balãozinho vermelho;

b) pastelzinho delicioso;

c) juizinho fraco;

d) leãozinho dourado;

e) limãozinho maduro.

19) ***ESPCEX*** - Na frente de cada frase, existe um número dentro de um círculo.

Some os números correspondentes às frases em que você preencheria as lacunas usando o verbo indicado no **plural**. A resposta da questão será a soma encontrada.

1 Não _____ lágrimas que o pudessem comover. (haver)

2 Qual de nós _____ pelo ocorrido? (ser responsabilizado)

4 Mais de um jornal _____ o fato. (noticiar)

8 É nesse período que se _____ chuvas torrenciais. (dar)

16 Como me _____ o peito os sofrimentos dos doentes. (oprimir)

32 _____-se de técnicos (Necessitar)

64 Depois do espetáculo, _____ prolongados aplausos. (ouvir-se)

Resposta: _____

20) ***ESFAO*** - Assinale a opção em que há a colocação correta do pronome, em relação à norma culta da língua:

1) "Não somente vi-me ameaçado da pobreza (...)"

2) "Tudo isto abateu-me."

3) "(...) como achei-me o causador (...)"

4) "(...) não surgisse uma situação que aterrou-me."

5) "(...) uma palavra do que então lhe dissesse."

21) ***EPCAR*** - A seqüência que completa corretamente a frase - “Preciso de ti, _____ cá e

_____-me; não _____ de atender-me” - é:

a) venha, ajude, deixe;

b) vem, ajuda, deixes;

c) venhas, ajude, deixeis;

d) vinde, ajudai, deixeis;

e) vem, ajude, deixe.

22) ***EPCAR*** - Observe:

“Passou-lhe na mente a conjetura de que era amado daquela doce criatura.”

Com relação ao período supra, são corretas as opções abaixo, **exceto** a de letra:

a) período composto por subordinação de duas orações;

b) lhe - adjunto adnominal;

c) “a conjetura” - sujeito da oração principal;

d) “de que era amado daquela doce criatura” - oração adjetiva;

e) “daquela doce criatura” - agente da passiva.

23) ***CESGRANRIO*** - Em “foi bom **que não casasse**”, a oração grifada funciona como sujeito da anterior. Assinale a opção em que a oração grifada **não** exerce tal função:

a) Estava decidido **que ele viria**.

b) Parece certo **ser ele o diretor**.

c) Convém **que não nos retardemos**.

d) Seria bom **se viesses amanhã**.

e) Não me venham dizer **que não sabiam a verdade**.

24) ***AFA*** - Assinale o período que contém oração adverbial reduzida de gerúndio:

a) “Na sexta-feira, estando no barracão, Nestor Benício veio procurá-lo.”

b) “(...) Bernardo sentiu como um peso, um bicho crescendo no estômago (...)

c) “(...) viu Nestor de pé sobre o talude do pátio, fitando-o (...)

d) “Nestor fitava-o exultante: (...)”

25) ***Escola Naval*** - Assinale o item em que se errou no emprego da forma verbal:

a) Venha cá: quero falar contigo.

b) Apanha o papel, dobra-o e entrega-mo.

c) Ama os teus inimigos.

d) Receia ofender os teus amigos verdadeiros e sinceros.

e) Fuja dos medíocres.

26) ***Magistério - RJ*** - A frase que **não** é aceita pela norma culta da língua, quanto à colocação do pronome átono, é:

a) Veio-me fazer visitas.

b) Veio fazer-me visitas.

c) Tenho ensinado-lhe a servir.

d) Acabou dizendo-me sérias verdades.

e) Fez um poema em que crer-se-ia arrebatado o poeta.

27) ***ESPCEX*** - Examine as seguintes frases, quanto à **concordância verbal**:

Gemiam o vento e o mar. Nos grandes centros urbanos, vê-se pessoas de todas as nacionalidades.

Examine as afirmativas abaixo.

1 Frase correta, pois o verbo está concordando com o sujeito simples, na 3ª pessoa (do singular ou do plural).

2 Frase correta, pois o verbo é impessoal (oração sem sujeito).

4 Frase incorreta, pois a concordância deveria ter sido feita no singular.

8 Frase correta, pois o verbo está concordando com o sujeito composto, na 3ª pessoa do plural.

16 Frase incorreta, pois a concordância deveria ter sido feita no plural.

32 Frase incorreta, pois o verbo deveria estar concordando com o sujeito composto, na 3ª pessoa do plural.

Some os **números** correspondente à afirmativa correta.

A resposta será a soma dos dois números que você colocou à esquerda das frases.

Resposta: _____

28) ***ITA*** - Assinale a alternativa em que nem todas as palavras estão corretamente flexionadas:

a) fogões-a-gás, os pisa-mansinho, lobisomens;

b) tenentes-coronéis, quintas-feiras, sempre-vivas;

c) abaixo-assinados, altares-mor, capitães-aviadores;

d) os bem-me-queres, amores-perfeitos, quero-queros;

e) olhos castanho-claros, gravatas amarelo-abóbora, técnicas sino-luso-afro-brasileiras.

29) ***EPCAR*** - Assinale a alternativa que pontua correta e ordenadamente o texto que segue:

“Umas dão-lhe flores que lhe encantam a vista perfumam o ar e lhe servem de adorno outras com suas folhas e raízes fornecem-lhe preciosos medicamentos ou madeira para construção dos móveis e das casas As que nada produzem também são úteis porque purificam o ar fertilizam o solo e encantam

nossa alma."

(Brant Horta)

a) , ; . : , ;

b) , : ; . , ,

c) , , , . ; ,

d) , ; , , . , ,

e) , , . , . , ;

30) ***ETAM*** - Aponte a única frase correta.

a) Prefiro mais Português do que Matemática.

b) Prefiro Português do que Matemática.

c) Prefiro Português a Matemática.

d) Prefiro muito mais Português do que Matemática.

e) Prefiro antes Português do que Matemática.

31) ***Escola Naval*** - Assinale o item que apresenta **erro** quanto ao emprego do pronome pessoal:

a) Sempre fostes estudioso, por isto o escolhemos orador da turma.

b) Não fique preocupado; nós o ajudaremos.

c) Nunca houve discórdia entre mim e ti.

d) Trouxeram este livro para eu ler.

e) Ao pobre, não lhe devo; ao rico, não lhe peço.

32) ***EFOMM*** - Para completar a frase abaixo, escolha, entre as alternativas indicadas, a que lhe parecer correta: _____ os sócios; daí _____ a falência da firma.

a) Desavieram-se / proviu.

b) Desavieram-se / proveu.

c) Desaviram-se / proveio.

d) Desaviram-se / proveu.

e) Desavieram-se / proveio.

33) ***UNIRIO*** - Assinale o item cujas lacunas devem ser preenchidas com as seqüências à - às - a.

a) O pombo, _____ muita gente, era visto _____ duas horas _____ passar pelo mercado.

b) As gaivotas _____ pombinha dirigiam-se _____ claras, comentando _____ impontualidade do pombo.

c) Todos _____ espera do noivo, e _____ esperanças da noiva _____ cada instante se renovavam.

d) Dedicavam _____ pomba _____ gaivotas toda _____ solidariedade.

e) Pensava-se que _____ uma da tarde _____ atenções _____ festividade iam começar.

34) ***Escola Naval*** - Assinale o item no qual a palavra "que" não apresenta função sintática dentro da oração:

a) "(...) parece **que** até banho de cachoeira ainda existe (...)";

b) "Houve um tempo em **que** sonhei coisas (...)";

c) "(...) uma certa mulher **que** ainda seja assim (...)";

d) "(...) levando alarém **que** poderia trocar por roscas amanteigadas (...)";

e) "(...) tem dias **que** dá vontade de beber jenipapina."

35) ***AMAN*** - "Tudo é vivo e tudo fala, em redor de nós, embora com vida e voz que não são humanas, mas **que** podemos aprender a escutar, porque muitas vezes essa"

No trecho acima transcrito, o vocábulo sublinhado exerce a função sintática de:

a) sujeito de podemos aprender;

b) sujeito de escutar;

c) objeto direto de podemos aprender;

d) objeto direto de escutar;

e) objeto indireto de podemos aprender.

G A B A R I T O

MÓDULO 1

001) E	002) A	003) E	004) E	005) A
006) A	007) C	008) B	009) B	010) B
011) E	012) B	013) A	014) B	015) B
016) E	017) B	018) D	019) B	020) C
021) B	022) A	023) D	024) A	025) C
026) B	027) B	028) A	029) A	030) C
031) D	032) A	033) B	034) A	035) D

MÓDULO 2

001) C	002) A	003) D	004) C	005) 3 - 1 - 2
006) 102 (2+4+32+64)	007) B	008) E	009) A	010) D
011) A	012) B	013) C	014) A	015) B
016) A	017) A	018) D	019) D	020) B
021) C	022) D	023) A	024) C	025) D
026) E	027) A	028) A	029) E	030) C
031) B	032) A	033) C	034) C	035) C

MÓDULO 3

001) *	002) *	003) *	004) *	005) *
006) *	007) *	008) *	009) *	010) *
011) C	012) C	013) B	014) E	015) [illegible]
016) A	017) B	018) A	019) B	020) [illegible]
021) A	022) E	023) A	024) A	025) D
026) B	027) C	028) B	029) B	030) B
031) C	032) D	033) D	034) E	035) A **

A

*5Gabarito Questões 01 a 10:

1) [(1)"O estranho sorriso [(2)que se percebia na sua boca] (1) era sinal] [(3)de que ele ainda não se corrigira daquela vez."]
(Viriato Correia)

2) [(1)"Um desses amigos, [(2)quando eu voltei graduado,] (1)deu-me os parabéns,] [(3)acentuando a sua convicção com esta frase definitiva:] - [(4)O teu casamento é um dogma."]
(Machado de Assis)

3) [(1)"Vendo-lhe, ao contrário, um sorriso,] [(2)achou] [(3)que era o da inocência,] [(4)e falou de outra cousa."]
(Machado de Assis)

4) [(1)"Foi bom] [(2)que tu as visses] [(3)para que saibas] [(4)que o homem [(5)que chorar por ti] (4)bem mais merecia] [(6)que o outro] [(7)que te despreza."]
(Camilo Castelo Branco)

5) [(1)"Sermos privados de ouvir algo], [(2)que por impróprio se tornava mais apetecido,] [(3)não nos aborrecia tanto] [(4)quanto esse antipático processo] [(5)de nos expelir da roda."]
(Ciro dos Anjos)

6) [(1)"Já dizem os cortesãos, com insultante sarcasmo,] [(2)que a soberba mãe dos Gracos, [(3)depois de assistir corajosa à violência brutal,] (2)estendeu os pulsos às cordas de seda da hipocrisia."]
(Herculano)

7) [(1)"Porém, [(2)como quer que o pai lhe falecesse,] [(3)e a mãe contrariasse a projetada formatura,] [(4)em razão de ficar muito sozinha no casarão de Caçarelos,] (1)como bom filho,] [(5)renunciou à carreira das letras."]

8) [(1)"Houve um tempo] [(2)em que minha janela se abria para um terreiro,] [(3)onde uma vasta mangueira alargava sua copa redonda."]
(Cecília Meireles)

9) [(1)"Então o urso avançou para Nicole], [(2)e a carregou,] [(3)como queria a menina."]
(Dinah Silveira de Queirós)

10) [(1)"O Barão de Itambi, [(2)que havia chegado da batalha extenuado, o] [(3)que não traduzia velhice,] [(4)e sim desalento,] (1)fez] [(5)o filho sentar a seu lado] [(6)e conversou com ele] [(7)como] [(8)se estivesse diante de um adulto."]

A oração a que pertence o verbo **encantar é corrdenada em relação à anterior e 5subordinada à primeira oração do período.

MÓDULO 4

001) C	002) C	003) B	004) B	005) C
006) C	007) A - E	008) A-X-X-C	009) X-A-B-X	010) B-C-X-D
011) A-C-D-X	012) X-A-B-C-	013) C - D	014) D	015) B
016) B	017) E	018) D	019) E	020) A
021) A	022) E	023) A	024) B	025) D
026) E	027) A	028) D	029) B	030) D
031) C	032) D	033) B	034) C	035) C

MÓDULO 5

EXERCÍCIOS DE AULA Nº 21

001) D	002) D	003) B	004) C	005) D
006) C	007) C	008) B	009) B	010) B
011) A	012) E	013) C	014) E	015) A
016) B	017) A	018) D	019) C	020) A
021) A	022) 5	023) A	024) E	025) E
026) A	027) C	028) D	029) E	030) D
031) C	032) E	033) B	034) D	035) E

MÓDULO 6

EXERCÍCIOS DE AULA Nº 22

001) E	002) B	003) C	004) E *	005) E
006) E	007) B	008) C	009) E	010) B
011) B	012) C	013) 1	014) A	015) 2
016) A	017) A	018) A	019) C	020) D
021) B	022) D	023) C	024) D	025) E
026) 5	027) D	028) C	029) C	030) A
031) E	032) E	033) B	034) D	035) E

* Questão com outra resposta: alternativa B

MÓDULO 7

TESTE DE REVISÃO Nº 11

001) 5	002) D	003) C	004) C	005) B
006) E	007) C	008) B	009) A	010) A
011) A	012) D	013) 27 (1+2+8+16)	014) B	015) E
016) D	017) C	018) 42 (2+8+32)	019) D	020) 3
021) A	022) E	023) A	024) C	025) A
026) D	027) B	028) A	029) D	030) E
031) D	032) D	033) D	034) E	035) E

MÓDULO 8

001) B	002) A	003) B	004) A	005) B
006) E	007) A	008) B	009) C	010) D
011) A	012) D	013) D	014) A	015) A
016) A	017) D	018) E	019) D	020) D
021) B	022) E	023) E	024) C	025) E
026) D	027) E	028) D	029) A	030) B
031) C	032) E	033) B	034) C	035) A

MÓDULO 9

001) E	002) B	003) A	004) A	005) D
006) B	007) A	008) C	009) E	010) D
011) C	012) B	013) 123 (1+2+4+8+16+32+64)	014) 33 (1+32)	015) 31 (1+2+4+8+16)
016) A	017) D	018) D	019) B	020) C
021) C	022) A	023) A	024) D	025) A
026) D	027) C	028) B	029) D	030) B
031) D	032) E	033) A	034) A	035) B

MÓDULO 10

001) C	002) B	003) 77 (1+4+8+64)	004) D	005) B
006) C	007) C	008) C	009) 20 (4+16)	010) B
011) D	012) B	013) A	014) B	015) D
016) C	017) A	018) C	019) 88 (8+16+64)	020) 5
021) B	022) D	023) E	024) A	025) A
026) C	027) 24 (8+16)	028) C	029) D	030) C
031) A	032) E	033) B	034) A	035) C

BIBLIOGRAFIA

AZEREDO, José Carlos de. Escrevendo pela nova ortografia. 1. ed. Rio de Janeiro: Publifolha, 2008

BELLARD, Hugo. Guia Prático de Conjugação de Verbos. São Paulo: Cultrix,1980

CEGALLA, Domingos Paschoal. Novíssima gramática da língua portuguesa. 29.ed.São Paulo:Nacional, 1985

CIPRO, Neto Pasquale. Gramática da Língua Portuguesa. ed. Scipione, 2007

GIACOMOZZI, Gilio. Estudos de gramática. São Paulo: FTD, 1999

LUFT, Celso Pedro. Novo guia ortográfico. 14. ed. Porto Alegre/Rio de Janeiro: Globo, 1983.

Marcos Bagno

PORTUGUÊS OU BRASILEIRO?

um convite à pesquisa

π parábola

Editor: *Marcos Marcionilo*

Capa e Projeto Gráfico: *Andréia Custódio*

Conselho Editorial: *Ana Stahl Zilles [Unisinos]*
Carlos Alberto Faraco [UFPR]
Egon de Oliveira Rangel [PUCSP]
Gilvan Müller de Oliveira [UFSC, Ipol]
Henrique Monteagudo [Universidade de Santiago de Compostela]
Kanavillil Rajagopalan [Unicamp]
Marcos Araújo Bagno [UnB]
Maria Marta Pereira Scherre [UFRJ, UnB]
Rachel Gazolla de Andrade [PUC-SP]
Salma Tannus Muchail [PUC-SP]
Stella Maris Bortoni-Ricardo [UnB]

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B134p.
4ª ed.

Bagno, Marcos, 1961
Português ou brasileiro? : um convite à pesquisa /Marcos Bagno — 4ª ed. — São Paulo : Parábola Editorial, 2004 184 p.
(Lingua[gem] ; v.1)

Inclui bibliografia
ISBN 978-85-88456-01-3

1. Língua portuguesa — estudo e ensino — Brasil. 2. Língua portuguesa — Gramática. I. Título. II. Série.

04-0395 CDD 469.798
CDU 811.134.3 (81)

Direitos reservados à
PARÁBOLA EDITORIAL
Rua Sussuarana, 216 - Ipiranga
04281-070 São Paulo, SP
pabx: [11] 5061-9262 | fax: [11] 5061-8075
home page: www.parabolaeditorial.com.br
e-mail: parabola@parabolaeditorial.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão por escrito da Parábola Editorial Ltda.

ISBN: 978-85-88456-01-3 (antigo 85-88456-01-x)

7ª edição - janeiro de 2009

© do texto: Marcos Bagno
© da edição: Parábola Editorial, São Paulo, maio de 2001

ÍNDICE

INTRODUÇÃO: SEM BANDEIRA OU FINGIMENTO: Começando 9

1. NÃO PÕE CORDA NO MEU BLOCO: Da Gramática Tradicional da Antigüidade à ciência lingüística moderna 15
   1.1 Gramática Tradicional: origem, características, problemas 15
   1.2 Da Gramática Tradicional à Lingüística: da doutrina à ciência 23
   1.3 Dando voz à língua falada: até que enfim! 24
   1.4 A noção folclórica de "erro" 25
   1.5 Erro de ortografia não é erro de português! 28
   1.6 Sintaxe, semântica e pragmática 32
   1.7 Entre o molde e o vestido pronto: os problemas da norma 38
   1.8 Sociolingüística: a língua e quem fala 41
   1.9 Água corrente *versus* água parada: história da norma-padrão clássica do português 44
   1.10 O projeto NURC 52
   1.11 Por que pesquisar? 55
   1.12 Afinal, o que ensinar na escola? 58
   1.13 Gramática: sim ou não? 61
   1.14 Prescritivismo às avessas? 67

2. PRIMEIRO O FUBÁ, DEPOIS O DENDÊ: Corpus e metodologia 69
   2.1 Começando a pesquisar: a seleção do *corpus* 69
   2.2 O *corpus* de língua culta falada 69
   2.3 O *corpus* de língua escrita 71
   2.4 O que vamos pesquisar?
   2.5 Como pesquisar? Alguns passos importantes 74
   2.6 Como estão organizados os capítulos 76
   2.7 Por que não em grupo? 80

3. CORES QUE EU NÃO SEI O NOME...: As estratégias de relativização 81
   3.1 As três estratégias 83
   3.2 O desaparecimento de cujo 84

3.3 A idade de cada uma 86
3.4 Relativa copiadora: *análise* contra *síntese* 86
3.5 Relativa cortadora: uma questão de atitude 89
3.6 A vitória da cortadora 92
3.7 Pesquisando as estratégias de relativização 95

4. EU CONSOLO ELE, ELE ME CONSOLA: As estratégias de pronominalização 99
4.1 As três estratégias 100
4.2 A morte dos pronomes oblíquos de 3ª pessoa 102
4.3 O caso do ELE como objeto direto 103
4.4 Novamente uma questão de atitude 106

5. DEIXA EU DIZER QUE TE AMO: Os pronomes sujeito-objeto 109
5.1 O sujeito acusativo 110
5.2 Sujeito acusativo ou objeto direto nominativo? 111
5.3 Por que o pronome reto? 112
5.4 Resultados da pesquisa de Bagno (2000) 113
5.5 Bastar, faltar & custar 116
5.6 Conclusão 120

6. EM QUE SE VAI TROCANDO AS PERNAS: As orações pseudopassivas sintéticas 123
6.1 Falsas e verdadeiras 124
6.2 Equívoco, ilogismo, incoerência 125
6.3 O que se faz? O que se é? 127
6.4 O truque que não funciona 128
6.5 Uma regra amarga que nem jiló 130
6.6 O SE cada vez mais sujeito 131
6.7 Resultados da pesquisa de Bagno (2000) 134

7. QUANDO CHEGAR EM AMERICANA, NÃO SEI O QUE VAI SER: Regências dos verbos IR e CHEGAR com sentido de direção 139
7.1 Desde o latim clássico 141
7.2 As regências do verbo IR 142
7.3 Regências do verbo CHEGAR 144
7.4 Uma preposição em desuso 145
7.5 Onde ou aonde? Tanto faz! 146
7.6 Onde não é só lugar 150

8. QUE SACUDA E ARREBENTE O CORDÃO DE ISOLAMENTO: Concluindo... mas só para começar... 157
8.1 Por um ensino crítico da norma-padrão 157
8.2 Diferenças entre a língua falada culta e a língua escrita culta 160
8.3 Diglossia: o problema lingüístico do Brasil 163
8.4 Português do Brasil e português de Portugal: duas línguas 167
8.5 Outros fenômenos a pesquisar 177

BIBLIOGRAFIA 179

Introdução

SEM BANDEIRA OU FINGIMENTO[1]

Começando...

Ensinar português ou estudar o brasileiro?

Estas são, para mim, as duas opções que o professor brasileiro tem à sua frente hoje, no limiar do século XXI e do III milênio.

Ensinar português significa, na prática pedagógica tradicional, inculcar um conjunto quase interminável de prescrições sintáticas consideradas "corretas", impor uma série de pronúncias artificiais que não correspondem a nenhuma variedade lingüística real, cobrar o conhecimento (ou, melhor, a memorização mecânica e estéril, a decoreba inútil) de uma nomenclatura falha e incoerente, junto com definições contraditórias e incompletas. Ao mesmo tempo, *ensinar português* é tentar convencer o aluno de que todas as formas de uso da língua — fonéticas, morfológicas, sintáticas, semânticas, lexicais — divergentes daquelas apresentadas na gramática normativa constituem *erros,* são "língua de índio", são "fala estropiada", ou simplesmente *não são português.*

Ensinar português, sob essa ótica, é transmitir — consciente ou inconscientemente — uma ideologia lingüística que prega a incompetência da grande maioria dos brasileiros em falar "a língua de Camões", que acusa todos eles de contribuírem desastrosamente para a "ruína do idioma". Uma ideologia que menospreza as identidades individuais (afinal, *falar* errado é o mesmo que *ser* errado) e esmaga a auto-estima dos cidadãos. Uma ideologia que provoca na gente uma profunda *auto-aversão,* um

[1] "Plataforma", João Bosco e Aldir Blanc.

sentimento de desgosto por nosso próprio modo de falar, de pensar e, mais uma vez, de *ser*.

Ensinar português é querer provar que a língua boa, certa e bonita vive do outro lado do Atlântico, a milhares de quilômetros daqui, falada pelos habitantes de um paraíso lingüístico chamado Portugal: dez milhões de pessoas que, ao contrário dos 170 milhões de brasileiros, falam "tudo certinho", não cometem "mistura de tratamento" e nunca, mas nunca de núncaras jamais mesmo, começam uma frase com pronome oblíquo...

Ensinar português é, então, firmar, afirmar, confirmar todo o folclore, toda a superstição que gira em torno dos fatos lingüísticos na nossa cultura: "português é muito difícil", "brasileiro não sabe português", falamos uma língua "emprestada" que não respeitamos e que, ao contrário, "abastardamos" o tempo todo. É a perpetuação injusta e injustificável de um conjunto de mitos sem fundamento.

◆◆◆

A outra opção, que pretende ser menos dogmática, mais criteriosa e, principalmente, mais democrática, é *estudar o brasileiro*.

Estudar o brasileiro é ter uma visão mais sintonizada com o pensamento científico contemporâneo. É admitir que a Gramática Tradicional, depois de 2.300 anos de soberania, é uma página virada da História, representa uma etapa — já concluída — da evolução do conhecimento humano sobre o fenômeno da linguagem. Que foi uma contribuição importante, mas que é preciso ir além dela, avançar, criar conhecimento novo.

Estudar o brasileiro é não se contentar com o que vem pronto, é não querer reproduzir sem crítica uma doutrina transmitida intacta durante séculos a fio. É buscar construir seu próprio conhecimento, é contrastar os resultados da pesquisa com os postulados tradicionais. É reconhecer a diferença entre o que *é* e o que alguns poucos acham que *deveria ser*.

Estudar o brasileiro é dar voz à língua falada e escrita *aqui*, neste país chamado Brasil, 92 vezes maior que Portugal, habitado por uma população quase 17 vezes mais numerosa. É perceber que todas as línguas mudam, que toda língua é um grande corpo em movimento, em formação e transformação, nunca definitivamente pronto.

Estudar o brasileiro é reconhecer que a linguagem é um vasto campo de interesse *científico*. Que para ingressar nele é preciso se munir de teorias consistentes, de métodos de investigação criteriosos, de técnicas de avaliação minuciosas. É admitir que, sendo a língua um bem coletivo, pertencente a todos que a falam, qualquer falante comum pode dar sua opinião e exprimir suas idéias a respeito, mas que só o especialista bem

equipado e bem treinado pode emitir pareceres consistentemente fundamentados, pode oferecer respostas coerentes nascidas da reflexão cuidadosa e da investigação aprofundada. É saber que, como toda *ciência*, também para a ciência da linguagem a simples intuição do leigo e as noções preconcebidas dos curiosos, por mais bem-intencionados que sejam, não servem como instrumentos confiáveis para navegar no oceano vasto e fundo da linguagem.

Estudar o brasileiro é assumir o papel do especialista, do cientista, do investigador em tempo integral, ocupado e preocupado em levar adiante seu conhecimento e em contribuir para o conhecimento dos outros.

◆◆◆

Como fica fácil deduzir, a pergunta que abre esta Introdução poderia também ser formulada do seguinte modo: *ensinar gramática ou estudar a língua?*

Porque esta tem sido a confusão que se perpetua na cultura ocidental há muitos e muitos séculos: a confusão entre *gramática* e *língua*, que são duas coisas totalmente diferentes. As pessoas sempre foram levadas a acreditar, ingenuamente, que era preciso conhecer detalhadamente a nomenclatura gramatical para poder fazer um bom uso dos recursos da língua. Ora, desde quando saber o nome das coisas é garantia de fazer o melhor uso delas? Desde quando saber o nome de todas as peças de uma máquina significa, automaticamente, saber operar essa máquina?

Assim, reformulada a pergunta-título, me vejo na obrigação de reproduzir aqui dois pequenos trechos de um pronunciamento incisivo e contundente da professora Irandé Antunes[2] — de quem tive o privilégio de ser aluno — sobre os equívocos tradicionais que circulam em torno das palavras *gramática* e *língua*:

> Falar ou escrever não é *apenas* uma *questão* de gramática, de morfologia ou de sintaxe, não é apenas uma questão de executar, certo ou errado, determinados padrões lingüísticos. Não é tampouco formar frases, nem sequer juntá-las, por mais bem formadas que elas estejam.
>
> Falar ou escrever é ativar sentidos e representações já sedimentados que sejam relevantes num determinado modelo de realidade e para um fim específico; é, antes de tudo, agir, atuar socialmente; é, nas mais diferentes oportunidades, realizar atos convencionalmente definidos, tipificados pelos grupos sociais, atos normalizados, estabilizados em gêneros, com feição própria e definida. É uma forma a mais de, tipicamente, externar intenções, de praticar ações, de intervir socialmente, de "fazer", afinal.

---

[2] "No meio do caminho tinha um equívoco: gramática, tudo ou nada" – texto apresentado durante o III ELFE – Encontro Nacional de Língua Falada e Escrita, realizado na Universidade Federal de Alagoas, Maceió, de 12 a 16 de abril de 1999. Este texto está disponível na íntegra no site www.marcosbagno.com.br.

> Desse modo, a gramática, se é necessária, se é imprescindível, se é constituinte da linguagem, não chega, no entanto, a ser suficiente, a bastar, a preencher todos os requisitos para a atuação verbal adequada. [...]
>
> Que se chegue a uma escola em que o estudo da língua não se reduza a um conteúdo insípido e inócuo, destituído de sentido social e de relevância comunicativa. Que o estudo da língua possa significar o acesso à expressão, à compreensão e à explicitação de como as pessoas se comportam quando pretendem comunicar-se de forma mais eficaz e obter êxito nas interações e nas intervenções que empreendem. Para que o acesso à palavra possa resultar numa forma de acesso das pessoas ao mundo e recobre, assim, um sentido humanizador, o que, *nesse vasto mundo, não é rima, mas pode ser uma solução.*

Como é fácil perceber, a concepção de língua que se propõe aqui é muito parecida com a "Plataforma" do samba de João Bosco e Aldir Blanc, que usei como epígrafe deste livro. Assim como eles reivindicam "um bloco que derrube esse coreto", também podemos construir uma noção de língua que derrube a fortaleza da Gramática Tradicional, espécie de prisão da Bastilha, onde a língua idealizada ficou presa nos últimos dois milênios e meio, protegida e defendida — por incrível que pareça — da ação de seus próprios falantes nativos!

Podemos nos transformar em "passistas à vontade, que não dancem o minueto", isto é, em falantes que possam usar os recursos da língua de todas as maneiras possíveis, inclusive para "dançar o minueto", para seguir as regras padronizadas tradicionais, se for do nosso agrado e interesse.

Um uso amplo da língua "que balance e que bagunce o desfile e o julgamento", que obedeça as regras do momento, da interação, do ato verbal, que crie suas próprias regras de acordo com suas necessidades de expressão e comunicação, e não que se submeta de antemão às expectativas prévias dos juízes, que nem estão sambando na avenida, mas vigiando do alto os passistas para ver se estão dançando "certo".

Uma noção de língua "que aumente o movimento", que faça circular as idéias, que permita ao maior número possível de falantes se expressar, se comunicar, interagir e criar a sociedade. Uma noção de língua, enfim, "que sacuda e arrebente o cordão de isolamento", o fosso que sempre separou a pequena elite dos que "sabem a língua" da imensa maioria condenada à mudez e ao silêncio, sob pretexto de "falar tudo errado".

◆◆◆

Este livro pretende ser um conjunto de sugestões práticas — acompanhadas de reflexões teóricas baseadas nas investigações lingüísticas mais recentes — para que o professor transforme suas aulas em atividades de *pesquisa*, empreendidas junto com seus alunos. Durante a redação, tive sempre em mente alunos do ensino médio.

Esta seleção do público-alvo se deve à minha crença de que somente a partir dessa fase da vida escolar é que se deve introduzir o estudante na reflexão sobre os fenômenos da linguagem. Acredito sinceramente que, uma vez alfabetizada, a criança deve, nos sete ou oito anos seguintes, praticar única e exclusivamente duas atividades, no que diz respeito à língua: *leitura e produção de textos.*

Somente depois desse período de exercitação da leitura e da escrita é que poderemos pensar em levar nossos alunos à prática da *reflexão lingüística.* Mas atenção! Não estou falando das aulas tradicionais de gramática, de classificação fria e monótona de palavras e de funções de palavras, de memorização ridícula de regras impraticáveis e exceções abstrusas, da conjugação em bloco de verbos em todas as pessoas, tempos e modos. Me refiro à verdadeira *reflexão,* ao ato de debruçar-se sobre um fato lingüístico e tentar desvendar seu mecanismo, deduzir o funcionamento da linguagem em seu estreito vínculo com o pensamento e com a interação social, com o *fazer social,* como bem salientou Irandé Antunes.

Todo falante nativo de uma língua tem o direito de se expressar em sua língua materna, oralmente ou por escrito. E este direito se torna um *dever* quando se trata de um falante plenamente escolarizado, um *falante culto,* que tem como campo de atuação profissional a educação de outros concidadãos. É mais do que justo esperar que alguém que se diz professor(a) de língua seja também uma pessoa interessada em tudo o que diz respeito à língua, à linguagem, à leitura, às letras em geral. Só pode se chamar de *professor* quem também for *leitor, redator e pesquisador.* Será que temos o direito de *dizer aos outros o que fazer* sem, ao mesmo tempo, *fazer o que dizemos*?

◆◆◆

Este livro quer servir de apoio a quem estiver disposto a *estudar o brasileiro,* a levar o aluno (e a nós mesmos, afinal!) a refletir sobre a língua que ele fala (que nós falamos), a conhecer melhor esta língua, a língua que constitui parte essencial de sua identidade como sujeito social, a língua que ele usa para se comunicar consigo mesmo e com os outros e para conhecer o mundo.

Tenho consciência de que algumas pessoas poderão encontrar, pelos motivos mais diversos, muita dificuldade para empreender *junto com seus alunos* as pesquisas aqui sugeridas.

Se, por alguma razão, você não puder *aplicar* na prática as idéias aqui propostas, espero que pelo menos a leitura deste livro sirva para despertar seu interesse pela investigação dos fenômenos lingüísticos, para provocar em você uma visão crítica das práticas pedagógicas tradicionais no que

diz respeito ao ensino de língua. Esta simples *mudança de atitude* já representa um passo enorme, e me darei por muito satisfeito se pelo menos para isso o livro tiver podido colaborar.

Se você, como eu e muitos outros estudiosos da língua, optou por *estudar o brasileiro*, espero que encontre aqui algumas respostas para suas dúvidas e, principalmente, muitas perguntas mais, muitas dúvidas mais para que possamos, juntos, sugerir hipóteses, traçar teorias, elaborar projetos e descobrir cada vez mais motivos para continuar a pesquisar!

Este livro contou com a leitura amiga, mas também severa e rigorosa, dos lingüistas Manoel Luiz Gonçalves Corrêa, professor do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo (USP), e Rodolfo Ilari, professor do Departamento de Lingüística da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), que muito contribuíram com suas críticas e observações. Deixo aqui expressos meus agradecimentos mais sinceros aos dois. O resultado final, porém, como sempre costumo dizer, é de minha inteira (ir)responsabilidade!

MARCOS BAGNO
www.marcosbagno.com.br

1

NÃO PÕE CORDA NO MEU BLOCO[1]

Da Gramática Tradicional da Antiguidade à ciência lingüística moderna

1.1 Gramática Tradicional: origem, características, problemas

Durante mais de dois mil anos, os estudos dedicados à linguagem se concentraram exclusivamente na língua *literária*, nas opções de uso feitas pelos grandes escritores do passado, aqueles que são chamados de "os clássicos da língua". Essa tradição começou por volta do século III a.C., na cidade de Alexandria, no Egito, que nesse tempo era um importante centro de cultura grega. Os estudiosos da grande literatura clássica da Grécia estavam muito preocupados em preservar na maior "pureza" possível a língua grega, que naquela época já estava muito diferente da língua usada pelos maiores poetas e escritores do passado, entre os quais o mais importante era Homero, o autor da *Ilíada* e da *Odisséia* (poemas tão antigos que até hoje não se sabe se realmente foram escritos por Homero ou se este é apenas um nome mítico para designar um grupo de autores anônimos).

Para alcançar seu objetivo, aqueles estudiosos, chamados *filólogos*, resolveram descrever as regras gramaticais empregadas pelos grandes autores clássicos para que elas servissem de modelo para todos os que, a partir de então, quisessem escrever obras literárias em grego. Foi assim que nasceu a *gramática*, palavra grega que significa exatamente "a arte de escrever". Esse campo de estudo, voltado apenas para os usos literários dos grandes autores do passado, recebe hoje o nome de Gramática Tradicional (GT, para os íntimos).

Segundo o lingüista inglês John Lyons (1968: 9), a abordagem dos fenômenos lingüísticos proposta pelos gramáticos alexandrinos incorreu no que

[1] "Plataforma", de João Bosco e Aldir Blanc.

Uma *régua* serve para medir o que está *reto* e para *corrigir* o que não está *correto*[2]. Foi por isso que, durante mais de dois mil anos, se cristalizou na mentalidade comum a idéia de que *o que não está na gramática não é correto, é errado* e deve ser *corrigido*. Não é assim até hoje?

Desse modo — retomando as palavras de João Bosco e Aldir Blanc —, a GT se transformou na *corda* usada para separar os *blocos* dos falantes da língua, delimitando espaços, impondo um único *minueto*, uma corda para *organizar o carnaval* da língua.

Este tem sido o principal problema do uso da Gramática Tradicional durante os últimos vinte e três séculos: criada para servir de *régua/regra* para a língua escrita literária, ela passou a ser usada para medir e *regular/regrar* todo e qualquer uso lingüístico. É fácil ver o absurdo que isso representa: não se pode usar um único modelo de sapato para calçar toda a população de um país. É preciso, ao contrário, fazer sapatos que caibam confortavelmente no pé das diferentes pessoas. Assim como o sapatinho de cristal de Cinderela, a Gramática Tradicional só cabe no pé de alguns poucos escritores, daqueles que, por opção estética, querem seguir à risca os preceitos tradicionais de uso da língua. Mas os defensores da GT até hoje querem que esse sapatinho de cristal caiba no pé de cada um de nós: se não couber, a gente que corte um pedaço do calcanhar ou a ponta dos dedos para forçar o pé a entrar. Parece (e é) absurdo, mas é assim que a doutrina gramatical vem sendo aplicada desde o século III a.C.!

Como se não bastasse seu caráter eminentemente *aristocrático, elitista* (de cristal!), a GT também tem sérios problemas internos. Suas regras, suas definições, seus conceitos muitas vezes são incoerentes, paradoxais, confusos e até contraditórios. Tudo isso faz com que ela seja um instrumento defeituoso até mesmo para explicar a língua escrita literária.

No caso da língua portuguesa, e das outras línguas européias, o que aconteceu foi uma tentativa de descrever essas línguas usando as definições e os conceitos aplicados, na Antiguidade clássica, ao grego e ao latim. Quando, durante o Renascimento (séculos XIV-XV), começaram a ser escritas as primeiras gramáticas das chamadas línguas "vulgares", essas obras tentaram encontrar, nas línguas vivas da época, as mesmas categorias gramaticais descritas pelos respeitados gramáticos da Grécia e de Roma. Assim,

---

[2] Da mesa raiz latina *rec-/reg-* provém toda uma família de palavras: *rectum* ("reto"), *regula* ("regra", "régua"), *regulare* ("regular", "regrar"), *regere* ("reger", "governar"), *correctum* ("correto"), *directum* ("direto", "direito"), sem esquecer, é claro, o *rex* ("rei") e a *regina* ("rainha"). O "reto" e o "direito" eram, então, o que o "rei" usava e impunha. Não é à toa que até hoje na Inglaterra o inglês considerado modelo é o "inglês da Rainha" (*Queen's English*). É a milenar tentativa de impor a visão de mundo e os hábitos das classes dominantes a todo o resto da população, desprezando as muitas outras formas de cultura presentes no país, consideradas "inferiores", "rudes" ou "imperfeitas".

em vez de tentarem analisar cuidadosamente a língua a ser estudada para, com base nessa análise, descrever suas características próprias e peculiares, os gramáticos renascentistas tentaram "vestir" as línguas nacionais com as mesmas "roupas" do latim e do grego. Quiseram, a todo custo, que as línguas se encaixassem no modelo gramatical pronto, herdado da Antiguidade clássica. Agiram, então, ao contrário do alfaiate sensato, que primeiro tira as medidas do freguês para só depois cortar e costurar a roupa! As gramáticas renascentistas insistem em encontrar, nas línguas nacionais, as mesmas classes de palavras, os mesmos tempos verbais, as mesmas funções sintáticas que existiam no latim clássico.

Essa atitude — compreensível para a época, mas hoje considerada totalmente anticientífica — também prevaleceu no momento em que alguns europeus tentaram escrever as gramáticas das línguas indígenas dos povos americanos. Queriam que elas tivessem os mesmos casos gramaticais, os mesmos tipos de pronomes (pessoais, possessivos, demonstrativos etc.), os mesmos tempos verbais do latim e das línguas européias... Essa atitude, em certa medida, prevalece até hoje no Brasil: nossas gramáticas normativas tentam analisar o *português do Brasil* com o mesmo aparato teórico-descritivo usado para analisar o *português de Portugal*, sem se dar conta de que a língua falada aqui já apresenta muitas e profundas diferenças em relação à língua de lá, o que exige a elaboração de outra gramática, a *gramática do português brasileiro*.

Qual o problema de aplicar as noções gramaticais do grego e do latim clássicos às línguas modernas, como o português? Se você parar para pensar um pouco nos nomes que a GT dá aos fenômenos da língua, é bem capaz de se surpreender com o quanto eles podem ser inadequados. Pense, por exemplo, na diferença que as gramáticas normativas fazem entre *artigo definido* e *indefinido*. Veja como uma gramática de moldes tradicionais publicada recentemente (Cipro & Infante, 1997: 240) conceitua cada um desses dois tipos de artigo:

> O *artigo indefinido* indica seres quaisquer dentro de uma mesma espécie; seu sentido é genérico. Assume as formas *um, uma; uns; umas*.
> O *artigo definido* indica seres determinados dentro de uma espécie; seu sentido é particularizante. Assume as formas *o, a; os, as*.

Onde está o problema com esses conceitos? Não é assim mesmo que acontece na língua? Sim, mas nem sempre! Observe os enunciados abaixo:

(1) *O* homem é mortal.
(2) *A* mulher tem sido discriminada desde que o mundo é mundo.
(3) Dizem que *o* brasileiro em geral tem ouvido musical.
(4) *Os* carros são os maiores responsáveis pela poluição do ar.

Se, como dizem os autores da gramática citada, o artigo definido tem "sentido particularizante", qual o homem particular que é mortal? Ora,

todos os homens são mortais. Qual a mulher específica que tem sido discriminada desde sempre? Nenhuma, mas sim *todas* as mulheres... Se o artigo definido tem sentido particularizante, como é possível dizer que o brasileiro *em geral* tem ouvido musical? Quais as marcas e modelos de carro *específicos* que poluem o ar? Não são todos os carros? É muito interessante ver que, nos exemplos acima, o artigo *definido* equivale a "todo, todos" que, na nomenclatura tradicional, são classificados como pronomes *indefinidos*, quando na verdade o artigo definido e o pronome indefinido TODO agem como um quantificador, o mais geral de todos, o quantificador universal.

Começou a perceber os "furos" da GT? Quer mais exemplos? Vamos lá. Consultando outra gramática bem conhecida (Cegalla, 1990: 153), encontramos a seguinte definição de *pronomes possessivos*:

> Os pronomes possessivos referem-se às pessoas do discurso, atribuindo-lhes a posse de alguma coisa.

Será mesmo assim? Observe o enunciado abaixo:

(5) Volta logo, querida! *Tua* ausência me faz sofrer muito!
(6) Chegou a *nossa* vez de exigir respeito.
(7) Dá pra você sair da *minha* frente, por favor?
(8) Indiquei o *meu* jardineiro para o *meu* chefe.

Alguém pode ter a "posse" de uma ausência? Alguém pode ter a "posse" de uma vez? Alguém pode ter a "posse" da frente? É possível ter a "posse" de um jardineiro e de um chefe? Veja a diferença de relação que existe entre alguém dizer "*meu* jardineiro" e "*meu* chefe". Perceba a *distinção social* que eu estabeleço automaticamente ao me referir a um jardineiro como *meu* (*eu* pago o salário dele, ele faz o que *eu* mando) e ao me referir a um outro homem como *meu* chefe (*ele* me dá ordens, *ele* controla o meu trabalho). No entanto, usei o mesmo possessivo *meu* para indicar as duas relações... Percebemos então que é muito mais rico o uso dos possessivos, que não se limitam ao tradicional "atribuir posse de algo a alguém", mas servem para *estabelecer relações* variadas entre as pessoas do discurso e os nomes que os possessivos qualificam (aliás, chamar os possessivos de "pronomes" é totalmente descabido: em todos os exemplos acima eles são, de fato, *adjetivos*!)[3].

Todas as gramáticas normativas também dizem que *sujeito* e *predicado* são os termos *essenciais* da oração (Cegalla, 1990: 273, por exemplo). Ora, *essencial* é aquilo que tem a ver com o próprio *ser* de alguma coisa: essencial é aquilo que faz uma coisa ser o que ela é. (O adjetivo *essencial* deriva do verbo latino *esse*, "ser".) Se *sujeito* e *predicado* são termos *essenciais* da

[3] Na sua *Gramática de usos do português* (2000), a profa. Maria Helena Moura Neves faz um estudo amplo e detalhado dos possessivos, dedicando a eles 17 páginas (471-489), e esmiuçando todas as relações que essas palavrinhas podem estabelecer além da tradicional "idéia de posse".

oração, não pode haver oração se não houver sujeito e predicado. No entanto, as mesmas gramáticas que falam em termos *essenciais* admitem que existem "orações sem sujeito" (Cegalla, 1990: 275), como "Choveu muito ontem"... Ora, se não têm sujeito, não *poderiam ser* orações, dentro da doutrina que vê o sujeito como termo essencial.

Também é muito comum encontrar, como definição de *pronome*, a afirmação: "pronome é a palavra que substitui o nome". No dicionário *Aurélio* a gente encontra: "palavra que substitui o substantivo". Essa definição tradicional se apóia na etimologia mesma da palavra: *pro* ("no lugar de") + *nome*. No entanto, basta um exemplo para pôr em dúvida essa definição:

(9) *O Excelentíssimo Senhor Embaixador do Grão-Ducado da Pomerânia, Barão Johann Gehrhardt von Hohenzollern*, fez ontem um discurso na associação dos empresários desta Capital. *Ele* disse que seu país tem muito interesse em intensificar as relações econômicas com os brasileiros.

O *ele* que aparece assinalado está "no lugar" de que "nome"? Evidentemente, não está no lugar de nome nenhum: ele, de fato, se reporta a todo um *sintagma*, que começa em "O Excelentíssimo" e vai até "Hohenzollern". O pronome *ele*, no exemplo acima, tem uma função *anafórica*, ele *faz referência* a algo já dado anteriormente, e não está simplesmente "substituindo um nome". Além disso, nem sempre o pronome é uma "palavra": como veremos nos Capítulos 4, 5 e 6, existem também pronomes *nulos*, "buracos" que o falante deixa vazios para serem preenchidos pelo ouvinte, como em "Comprei o livro que você me indicou, mas ainda não li $_{\emptyset}$" (o símbolo $_{\emptyset}$ representa um lugar deixado vazio).

Pense também nas classificações rígidas das palavras que se faz tradicionalmente, classificações que se preocupam em colocar as palavras dentro de compartimentos separados, bem definidos, sem levar em conta o *papel* que elas exercem em enunciados autênticos. Eu só posso dizer se uma palavra é "substantivo", "adjetivo" ou "advérbio" depois de analisar as múltiplas funções que ela exerce dentro do enunciado e as diversas relações que ela estabelece com o resto do texto. Nos exercícios convencionais de análise morfológica, porém, isso não é levado em conta, como se uma determinada palavra só pudesse pertencer sempre e inequivocamente a uma mesma classe. Ora, os substantivos podem muito bem atuar como adjetivos: "filme *cabeça*", "papo *aranha*", "funcionário *fantasma*", "países *irmãos*", "situação *limite*", "ambiente *família*", "uma *senhora* casa", "um jeito *criança* de ser", "um sabor bem *Brasil*" e assim por diante. De igual modo, os adjetivos podem funcionar como advérbios: "falar *grosso*", "cantar *bonito*", "bater *duro*", "escrever *claro*", "pensar *positivo*", "jogar *limpo*", "eu fiz *só* o que me pediram", "ela é *bastante* simpática", "agir *igual* a alguém", "*independente* da sua opinião, vou fazer o que penso", "gosto de trabalhar *direito*", "você entra *primeiro*" e por aí vai. E praticamente todas as palavras da língua podem ser substantivos:

(10) Trate de aproveitar o *melhor* da vida.
(11) Esta arquitetura tenta conciliar o *velho* e o *novo*, o *sagrado* e o *profano*.
(12) O *azul* não me cai bem.
(13) Há sempre muita tensão entre o *eu* e o *outro*.
(14) Vê se pára com esse *entra e sai*, menino.
(15) Você está sempre querendo saber os *comos* e os *porquês* de tudo.
(16) "O *quereres* e o *estares* sempre a fim do que em mim é de mim tão desigual" (Caetano Veloso).
(17) Não tem *mas* nem meio *mas*: faça o que mandei já!
(18) "Quero apossar-me do *é* da coisa" (Clarice Lispector).
(19) Ninguém se importa com meus *ais*.

Se levarmos esta crítica à Gramática Tradicional mais adiante, vamos encontrar a cada momento uma incongruência, uma incoerência, uma contradição nos termos usados para definir e conceituar os fenômenos lingüísticos. Muitos estudiosos têm se dedicado ao estudo desses problemas da Gramática Tradicional. Você lerá com muito proveito os livros de Perini (1985, 1997), de Hauy (1994) e de Mattos e Silva (1994), entre muitos outros.

De tudo isso se conclui que a Gramática Tradicional não tem bases *científicas* consistentes. Seus preceitos são o resultado de um processo bastante perverso: a transformação em dogmas, em "verdades" definitivas, de um conjunto de especulações filosóficas ("especulação" aqui não tem sentido pejorativo, é um termo tradicional em filosofia). De fato, as classificações, a terminologia, os conceitos e definições da GT foram, em sua origem, propostas de teorização dos fenômenos da linguagem, nunca foram hipóteses científicas postas à prova em experimentações empíricas (que é o que caracteriza toda ciência). Os autores da grande maioria dos compêndios gramaticais normativos não submetem, até hoje, as noções tradicionais a crítica, limitando-se a repetir — inalterados — os conceitos usados pelos gramáticos das gerações anteriores.

Nem por isso vamos descartar totalmente e para sempre a Gramática Tradicional. Afinal, ela condensa a atividade intelectual de muitas gerações de estudiosos que tentaram investigar o funcionamento da linguagem humana (ainda que parcialmente, pois só usaram como material de análise a língua literária). O que é preciso, sim, é deixar de ver a Gramática Tradicional como uma doutrina "sagrada" e "infalível" para que os estudos gramaticais possam voltar ao seu lugar de origem: o da investigação do fenômeno da linguagem, o da tentativa de compreender a relação entre língua e pensamento, o do exame das relações que as pessoas estabelecem entre si por meio da linguagem, etc. Em suma, empreender o estudo da gramática das línguas dentro de uma perspectiva científica, de acordo com os conceitos modernos de ciência. Para isso, temos de parar definitivamente de usar e abusar da GT como se nela estivesse contida a verdade absoluta e incontestável a respeito da língua, como se ela fosse um conjunto de leis intrinsecamente boas e justas, como se desobedecer tais

leis fosse um "crime" contra a língua. Essa tem sido, infelizmente, a atitude tradicional, anticientífica, e às vezes até irracional, dos que se apegam com unhas e dentes à GT, como se ela fosse a única tábua de salvação possível no meio do aparente "caos" da língua de todos os dias.

1.2 Da Gramática Tradicional à Lingüística: da doutrina à ciência

Se a Gramática Tradicional se constituiu numa doutrina, sendo portanto uma tentativa não-científica de explicar os fenômenos da língua, como é possível explicá-los cientificamente? Existe uma *ciência* da linguagem?

Sim, existe, e esta ciência se chama LINGÜÍSTICA. Hoje em dia, chamamos de Lingüística todos os estudos contemporâneos e antigos sobre a linguagem, incluindo aí a Gramática Tradicional. Mas, de maneira mais restrita e precisa, é costume datar o nascimento da Lingüística moderna no ano de 1916, quando foi publicado, em francês, o livro *Curso de Lingüística Geral*, do suíço Ferdinand de Saussure (1857-1913). O livro foi publicado três anos depois da morte de Saussure por dois de seus alunos, Charles Bally e Albert Sèchehaye, que reuniram as anotações que tomaram durante as aulas. (Mas é sempre prudente não imaginar que a Lingüística surgiu assim, com data marcada, como fruto do trabalho individual de um único pensador: na realidade, as bases da moderna ciência da linguagem já tinham sido lançadas durante o século XIX pelo trabalho investigativo de muitos pesquisadores, sobretudo dos que se ocupavam com os estudos de comparação entre as diferentes línguas, estudos aos quais se dedicava o próprio Sausurre.)

Com a publicação daquele livro, o estudo das línguas humanas nunca mais seria o mesmo. A importância dessa publicação foi tão grande que outros cientistas começaram a aplicar os mesmos critérios e métodos de Saussure em suas próprias áreas de conhecimento, fazendo nascer uma das mais importantes escolas científicas do século XX, o *estruturalismo*. O estruturalismo influenciou grandemente, além da Lingüística, também a Antropologia, a Psicanálise, a Psicologia, a Filosofia etc.

Ao longo do século XX, muitas outras escolas de estudos lingüísticos foram se desenvolvendo, produzindo uma quantidade enorme de pesquisa, revelando aspectos até então nunca explorados do funcionamento das línguas e mostrando definitivamente a inadequação e as limitações das análises tradicionais (mas sempre reconhecendo seu pioneirismo). Com tudo isso, além dos campos tradicionais de estudo das línguas — a fonética, a morfologia, a sintaxe, a semântica — surgiram outros campos de estudo, constituindo quase ciências distintas, de tão vastos e diferentes os

seus objetivos e seus métodos de trabalho. É assim que hoje podemos analisar os fenômenos lingüísticos à luz da Psicolingüística, da Sociolingüística, da Análise do Discurso, da Análise da Conversação, da Lingüística Textual, da Semântica Argumentativa, da Pragmática etc.

1.3 Dando voz à língua falada: até que enfim!

Tudo isso causou uma verdadeira revolução no estudo da língua. Uma das principais inovações introduzidas pela Lingüística foi, precisamente, atribuir à *língua falada* a importância que sempre lhe tinha sido negada durante o longo império da Gramática Tradicional. A língua falada é que é a verdadeira língua natural, a língua que cada pessoa aprende com sua mãe, seu pai, seus irmãos, sua tribo, seus grupos sociais etc. Ela é que é a língua viva, em constante ebulição, em constante transformação. A língua falada é um tesouro onde é possível encontrar coisas muito antigas, conservadas ao longo dos séculos, e também muitas inovações, resultantes das transformações inevitáveis por que passa tudo o que é humano — e nada mais humano do que a língua...

A língua escrita, evidentemente, tem um papel tremendo na história da humanidade e não vai ser desprezada pela Lingüística, como algumas pessoas costumam temer. Mas ela será sempre secundária, pois é assim desde o início da aventura do ser humano sobre este planeta: a escrita tem somente 10.000 anos, enquanto a espécie humana vem falando há pelo menos um milhão de anos! Além disso, como já lembrei, muitas pessoas não têm conhecimento da escrita, e nem por isso a língua delas deixa de ser um material valiosíssimo para a compreensão das regras de funcionamento da linguagem humana. Por outro lado, a língua escrita conserva o patrimônio científico, cultural, intelectual de um povo, transmitindo-o de uma geração para a outra — desprezar a escrita seria quase um suicídio científico!

Hoje não é mais possível desconsiderar todos os progressos científicos da Lingüística e continuar ensinando de acordo com os preceitos e preconceitos da milenar Gramática Tradicional, que se tornou apenas um dos muitos campos de investigação dos lingüistas. A velha divisão entre "certo" e "errado" tem de ser guardada nos arquivos da História, junto com as concepções astronômicas que afirmavam que a Terra é plana e ocupa o centro do universo, e com as crenças da Biologia arcaica de que as moscas nascem da carne podre... Foram passos dados na evolução do saber do homem, que já progrediu muito de lá para cá e não pode nem quer ficar parado no tempo. Além disso, os velhos conceitos de "certo" e "errado" refletem esquemas sociais de autoritarismo e intolerância que não são mais admissíveis nos dias de hoje. Achar que uma determinada forma

lingüística é mais "certa" que outra é a mesma coisa que achar que os homens são mais inteligentes que as mulheres, que os homossexuais são "doentes", ou que os brancos merecem mandar nos negros...

Infelizmente, porém, a Gramática Tradicional ainda é muito forte e influente. Afinal, diante de uma respeitável senhora de 2.300 anos, que teve tempo mais que de sobra para se impor e conquistar muitos títulos de nobreza, a Lingüística, que ainda não completou um século de vida, pode parecer uma ciência-bebê. O vigor dos preceitos e preconceitos tradicionais a respeito da língua pode ser verificado, por exemplo, no fato de, a todo momento, os meios de comunicação divulgarem os avanços feitos por todas as demais ciências e *nunca* mencionarem os progressos das ciências da linguagem. Muito pelo contrário: os meios de comunicação, nos dias de hoje, só dão espaço aos porta-vozes do que há de mais arcaico, obsoleto e retrógrado em termos de concepção de língua.

Já escrevi muito sobre a falta de fundamento científico de todos os mitos que compõem o grande *preconceito lingüístico* que existe no Brasil (Bagno 1997, 1999, 2000), que se baseia nos postulados aristocráticos da Gramática Tradicional. Aqui só posso lamentar mais uma vez que ele ainda exista.

Felizmente, numa oportuna mudança de postura, os órgãos oficiais responsáveis pela educação no Brasil já se deram conta da necessidade de mudar os conceitos de língua vigentes nas nossas escolas e na nossa cultura. Nos *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCN), por exemplo, publicados pelo Ministério da Educação, a gente encontra uma visão dos fenômenos lingüísticos muito mais esclarecida do que a divulgada pelos meios de comunicação. Nos PCN de Língua Portuguesa (5ª à 8ª séries, 1998: 29) podemos ler, por exemplo:

> A imagem de uma língua única, mais próxima da modalidade escrita da linguagem, subjacente às prescrições normativas da gramática escolar, dos manuais e mesmo dos programas de difusão da mídia sobre 'o que se deve e o que não se deve falar e escrever', não se sustenta na análise empírica dos usos da língua.

1.4 A noção folclórica de "erro"

A principal (e pior) conseqüência do *elitismo* e do *caráter não-científico* da Gramática Tradicional foi o surgimento da noção folclórica de "erro". Como já vimos, tudo o que não estivesse de acordo com a régua da GT, tudo o que escapasse de seu sapatinho de cristal, era considerado "errado", "feio", "estropiado", "deselegante" etc. O grande problema com essa noção ultrapassada é que, como os estudos lingüísticos modernos têm revelado, simplesmente *não existe erro* em língua. Existem, sim, formas de

uso da língua *diferentes* daquelas que são impostas pela tradição gramatical. No entanto, essas formas *diferentes*, quando analisadas com critério, revelam-se perfeitamente lógicas e coerentes.

Quando se trata de língua, só se pode qualificar de *erro* aquilo que comprometa *a comunicação entre os interlocutores*. Se uma pessoa disser *os menino tudo veio*, ninguém, por mais preconceituoso e tradicionalista que seja, vai poder alegar que "não entendeu" o que aquela pessoa quis dizer. Uma análise lingüística rigorosa vai demonstrar com toda clareza e com argumentos mais do que convincentes que a construção *os menino tudo veio* tem regras gramaticais próprias, segue uma sintaxe que *difere* daquela (única) que está registrada nas gramáticas normativas. Além disso, em outras línguas, construções desse tipo são consideradas perfeitamente "certas" e "bonitas", o que prova que elas não são uma invenção de brasileiros "ignorantes".

As gramáticas tradicionais simplesmente fizeram uma *escolha* e decidiram abrigar em suas páginas somente algumas poucas regras dentro do universo variadíssimo de regras gramaticais que existem, por exemplo, na língua portuguesa falada no Brasil. Todas as que ficaram de fora também têm sua razão de ser. Na língua, nada é por acaso: tudo tem uma explicação. Ninguém fala "errado" porque é burro ou preguiçoso: *as pessoas falam diferente porque empregam regras gramaticais diferentes.*

Compare os dois enunciados abaixo:

(20) O Brasil é um país que ele precisa resolver seus problemas de injustiça social.
(21) *O Brasil é que ele precisa resolver um país de injustiça social seus problemas.

Pela ótica da Gramática Tradicional, (20) e (21) estão igualmente "errados" (embora a GT não aborde construções como [21]). Entretanto, (20) tem uma perfeita explicação lingüística, baseada no fenômeno que se chama *perda de casos sintáticos*, na qual a palavra QUE deixou de ser um pronome relativo para se transformar numa simples conjunção, num elo de ligação entre duas sentenças. Na construção considerada "certa" pela GT, o QUE funciona como sujeito da segunda sentença ("precisa resolver seus problemas"), por isso não é preciso usar o pronome-sujeito ELE. Em construções do tipo (20), o falante do português do Brasil simplesmente "reclassificou" a palavra QUE, analisada não mais como um pronome relativo, mas como uma conjunção (como era o caso, por sinal, em latim: o português do Brasil, assim, depois de dar uma volta quase completa, voltou a ficar mais perto de suas origens latinas do que as regras da gramática normativa!).

Pela ótica da lingüística, (21) está "errada" e justamente por estar "errada" é que construções desse tipo praticamente *nunca ocorrem* na fala de nenhum brasileiro, mesmo de criancinhas que começam a aprender a

falar, mesmo de adultos cem por cento analfabetos. Uma construção como (21) não faz sentido, não transmite mensagem nenhuma, perturba a comunicação. Por isso, em Lingüística, ela é classificada de *agramatical*, nenhum falante a aceita, porque ela não corresponde à gramática intuitiva que cada pessoa traz dentro de seu cérebro. Quando aparece uma construção desse tipo, a gente usa um asterisco (*) para deixar claro que se trata de um enunciado *agramatical, inaceitável*. Por isso, podemos dizer que poderiam existir "erros" na língua, só que ninguém os comete (ou ninguém comete eles, você escolhe!).

Outra coisa importantíssima é saber que os supostos "erros" são sempre *sistemáticos*. O que quer dizer isso? Quer dizer que, justamente por terem uma motivação lingüística perfeitamente demonstrável, esses "erros" seguem uma lógica, são *regulares*, isto é, constituem de fato *regras gramaticais*. Ninguém "erra" porque quer ou porque é "burro": a pessoa simplesmente obedece regras gramaticais próprias da variedade de língua que é a dela. Assim, os falantes brasileiros de origem rural ou sem escolaridade que pronunciam *broco, pranta, ingrês* (palavras que os falantes cultos pronunciam *bloco, planta, inglês*) realizam esta pronúncia *sistematicamente*, isto é, sempre que tiverem de produzir essas palavras eles vão pronunciá-las com um [r] no lugar do [l] da pronúncia urbana culta. Eles não vão pronunciar uma vez *bloco* e na outra vez *broco*: na gramática da língua deles simplesmente não existe encontro consonantal com [l].

Um dos significados do verbo ERRAR é "perambular, ir de um lado para o outro, vagar sem destino" — exatamente o oposto do que tradicionalmente se entende por "erro"! Os falantes que aparentemente "desrespeitam" as regras da gramática normativa não usam a língua de modo "vago", "impreciso", "sem destino": muito pelo contrário, eles obedecem *sempre* as regras de sua gramática, de modo mais rigoroso até do que os falantes escolarizados... Quando se fala em "erro", a impressão que fica é a de que a pessoa "erra" por preguiça ou por falta de inteligência, como se ela escolhesse errar, como se ela soubesse o "certo" mas, por teimosia ou ignorância, insistisse em falar "errado". Não é nada disso! Essa é uma visão extremamente preconceituosa e desinformada dos fenômenos da linguagem.

Quando um tradicionalista usa a expressão "erro comum", ele está deixando claro que não se trata de *erro* coisa nenhuma! Se fosse erro não seria comum: se milhões de pessoas usam a forma Y onde a gramática normativa cobra uma forma X, é porque elas estão seguindo uma *regra* que pertence a uma *outra gramática*! É importante ter isso sempre em mente para nos livrarmos do preconceito muito antigo e arraigado de que a língua falada (e principalmente a língua falada pelas pessoas sem instrução) é anárquica, incoerente, desconexa, ilógica etc. Mentira pura! A língua falada é perfeitamente organizada, sistemática e regular.

1.5 Erro de ortografia não é erro de português!

Outra conseqüência negativa do apego exclusivo da GT à língua escrita é a importância exagerada concedida aos chamados *erros de ortografia*. Se você reparar bem, uma grande maioria do que as pessoas em geral (e os fiscais da língua, em particular) chamam de "erro de português" são, na verdade, simples desvios da ortografia oficial.

A primeira providência para limpar esse terreno é ter em mente que a *ortografia* de uma língua, o modo de escrever, *não faz parte da gramática da língua*[4]. Como já foi dito aqui, milhões de pessoas passam a vida inteira no total desconhecimento das formas escritas de sua língua, apesar de falarem ela perfeitamente, empregando sem dificuldades as regras gramaticais dela. A ortografia foi um *artifício* inventado pelos seres humanos para poder registrar por mais tempo as coisas que eram ditas. A ortografia oficial, em todos os países, é uma decisão *política*, é uma lei, um decreto assinado pelos que tomam as decisões em nível nacional. Por isso, ela pode ser modificada ao longo do tempo, segundo critérios racionais e mais ou menos científicos, ou segundo critérios sentimentais, políticos e religiosos.

A língua turca, por exemplo, usou durante séculos o sistema de escrita do árabe. Embora o turco pertença a uma família lingüística (a família uralo-altaica) totalmente diferente da do árabe (a família semítica), usava-se na Turquia a escrita árabe por motivos religiosos: os turcos em sua maioria são muçulmanos, e a língua árabe clássica é a língua sagrada dos muçulmanos (como foi o latim para os católicos romanos até a década de 1960). Esse mesmo motivo explica por que o persa (a língua do Irã e uma das línguas do Afeganistão) se escreve com o alfabeto árabe, embora seja um idioma de outra família lingüística (a família indo-européia, à qual pertence o português). Em 1928, porém, a Turquia foi varrida por um grande movimento político que quis ocidentalizar o país, modernizá-lo, aproximá-lo mais de seus vizinhos europeus. Por isso, desde 1929, a língua turca se escreve com o alfabeto latino, o mesmo que usamos em português e na maioria das línguas européias. Mas as estruturas da língua, suas regras gramaticais permaneceram as mesmas.

Uma alteração ortográfica provocada por razões políticas aconteceu durante a II Guerra Mundial. Em alemão, os substantivos comuns são sempre escritos com letra inicial maiúscula, e não somente os nomes

---

[4] Por isso, não se pode falar de "reforma da língua" nem, muito menos, de "uniformização da língua" quando aparecem propostas de reforma da *ortografia*, como a que pretende uniformizar a forma escrita das palavras da língua portuguesa em todos os países onde ela é idioma oficial. É impossível uniformizar uma língua porque toda língua é, por natureza, heterogênea, múltipla e variável. A ortografia, porém, como uma convenção artificialmente estabelecida, está sujeita à ação direta dos que têm poder de legislar sobre ela.

próprios como na maioria das línguas ocidentais. Essa convenção foi instituída por Lutero (1483-1546), o pai do protestantismo, na sua tradução da Bíblia, que é considerada o maior monumento literário da língua alemã clássica. Ora, as línguas escandinavas — dinamarquês, norueguês e sueco — são parentes próximas do alemão. Quando os países escandinavos adotaram a religião protestante, também adotaram o costume alemão de escrever todos os substantivos com inicial maiúscula. Assim foi durante séculos. No entanto, durante a II Guerra Mundial, os países escandinavos foram invadidos e ocupados pelos nazistas, em sua aventura insana de conquistar o mundo. O ressentimento pelas humilhações sofridas durante esses anos de ocupação fez com que essas línguas abandonassem o uso das iniciais maiúsculas nos substantivos comuns, para marcar uma diferença em relação ao alemão. Veja só como um detalhe aparentemente insignificante, escrever "a Água" ou "a água", pode ter uma razão histórica séria.

Um último exemplo muito significativo. Para a maioria dos lingüistas, a língua falada na Sérvia e a língua falada na Croácia são uma língua só, e por isso nos livros ela é chamada de servo-croata. No entanto, por questões de inflamado nacionalismo (que levou ao desmoronamento da Iugoslávia e à terrível guerra civil que se prolonga até hoje), os sérvios dizem que falam "sérvio" e os croatas dizem que falam "croata". Por complicadas razões históricas, estes dois povos, que têm uma origem étnica comum, acabaram se separando quando ocuparam (no século VI) áreas do Império Romano, que algum tempo antes (ano de 395) tinha sido divido em duas partes: o império do Ocidente e o império do Oriente. A linha de demarcação passava exatamente sobre o território onde se estabeleceu aquele antigo povo eslavo, ficando os croatas no lado ocidental e os sérvios, no lado oriental. Por isso, os croatas foram evangelizados por catequistas enviados por Roma: adotaram a religião católica romana e o alfabeto latino. Por isso, também, os sérvios foram cristianizados por missionários enviados por Constantinopla: adotaram o catolicismo ortodoxo bizantino e a escrita cirílica (também usada por russos e búlgaros e criada com base no alfabeto grego). Quem vê coisas escritas em "sérvio" e coisas escritas em "croata" pode julgar que são duas línguas diferentes, por causa dos sistemas ortográficos diferentes. Mas ouvindo essas mesmas coisas pronunciadas, percebe-se que se trata, de fato, de uma mesma língua!

Ao contrário da língua, que é *natural*, a ortografia é *artificial*. Imagine se um governante maluco decidir reformar a língua toda: "A partir de hoje o que antes se chamava *árvore* vai se chamar *dendro*; os pronomes *eu*, *você* e *ele* vão ser substituídos por *zi*, *gã* e *xu*..." Não haveria a menor chance de dar certo[5]. No entanto, já houve decretos nos países de língua

[5] Por isso também é que não tem o menor cabimento querer regular por meio de lei o uso de palavras de origem estrangeira, como pretende o projeto do deputado federal Aldo Rebelo (PC do B/SP). A adoção de vocábulos de outras línguas é fenômeno universal, inerente à própria natureza da linguagem humana.

portuguesa em que se tornava lei substituir todo PH por F, todo Y por I, todo TH por T e assim por diante. A alteração da ortografia não provoca alteração nas estruturas gramaticais da língua. Por isso, conseguimos entender um texto escrito com sistemas ortográficos antigos — onde podem aparecer, por exemplo, CHIMICA, PHYSICA, MATHEMATICA, PHILOSOPHIA, PHARMACIA HOMOEPATHICA, EGREJA, EGYPTO, SCENOGRAPHIA... — porque a *gramática* da língua não foi alterada.

Sabendo disso, é importante um professor estar sempre consciente de que o aluno que comete desvios de ortografia não está cometendo "erros de português". O aprendizado da ortografia exige exercício, memorização, treinamento — é uma competência que tem que ser *aprendida*, ao contrário de outras competências que são *adquiridas* naturalmente. Falar sua língua materna é uma competência do mesmo tipo de respirar, andar, chorar, espirrar, dormir... São capacidades que qualquer ser humano normal tem. Por isso, nós as exercemos automaticamente e com excelentes resultados. Escrever de acordo com a ortografia oficial é uma competência do mesmo tipo de dirigir um carro, tocar piano, dançar balé clássico, operar um computador: ninguém nasce sabendo isso, é preciso aprender, treinar, exercitar-se.

Uma vez uma professora de geografia me contou o seguinte caso. Aplicando uma prova escrita, ela tinha preparado a seguinte questão: "Como se chama a região mais profunda dos oceanos?" Um aluno escreveu ABSAL. Outro, ABIÇAL. Outro, ABISSAU. Outro, HABISSAL. Horrorizada, a professora riscou de caneta vermelha essas respostas, considerando todas elas erradas. Eu então perguntei a ela: "E como se chama a região mais profunda dos oceanos?" Ela respondeu: "Região abissal". Voltei a perguntar: "Como é que eu posso ter certeza que você sabe como se *escreve* essa palavra, se eu estou apenas ouvindo você *falar*? Se você tivesse feito uma prova oral com seus alunos e eles tivessem respondido exatamente como você me respondeu agora, como você ia saber de que modo eles *escreveriam* a palavra?"

Tive então de convencer minha colega de que os alunos tinham respondido *certo* à questão da prova, já que eles *sabiam* o que ela tinha ensinado e tinham a informação correta sobre as regiões abissais. O que eles ainda não sabiam era, simplesmente, a grafia oficial da palavra ABISSAL. A atitude mais adequada, mais democrática, seria minha colega considerar certas as respostas e chamar a atenção dos alunos para o modo oficial de escrever a palavra. Não saber escrever ABISSAL não quer dizer que eles não soubessem *o que significa* a palavra ABISSAL. Afinal, até metade do século XX essa palavra se escrevia ABYSSAL, com Y, e ai de quem quisesse escrever com I!

Pense bem. Quando você pergunta o nome de uma mulher e ela responde "Cristina", você não pode adivinhar, apenas pelo que *ouve*, se o

nome dela se escreve CHRISTINA, CHRISTYNA, KRYSTYNA, KHRISTINNA etc. — embora a grafia *oficial* do nome seja CRISTINA.

Por causa disso tudo é que volto a insistir: saber uma língua (saber a *gramática* de uma língua) não tem nada a ver com saber a ortografia dessa língua. São dois saberes diferentes, um é *natural*, o outro é *artificial*. Um é *adquirido* espontaneamente, o outro é *aprendido* à custa de treinamento e memorização consciente. Existem pessoas que aprendem a falar uma ou mais línguas diferentes da sua língua materna e são incapazes de escrever uma única letra em todas essas línguas. Isso acontece freqüentemente com imigrantes que vão viver em terras estranhas e são obrigados, pelas circunstâncias de sua vida, a aprender a língua do país que os recebe. Lembre-se, por exemplo, dos imigrantes japoneses, alemães, italianos etc., que vieram para o Brasil: muitos deles eram gente pobre, camponeses ou operários sem escolaridade formal, mas que, aqui chegando, tiveram de aprender a *falar* português, mesmo desconhecendo totalmente a forma escrita da língua (e às vezes até a de sua própria língua materna).

O peso da tradição gramatical, no entanto, leva muita gente a confundir *saber a língua* com *saber a ortografia* oficial da língua. Por isso, antes de sair pintando de vermelho uma redação ou qualquer texto produzido por um aluno, é sempre melhor ler com atenção, procurar captar as intenções do texto, as idéias que ele quer comunicar, os conhecimentos de mundo que ele pode transmitir, para só depois, numa *segunda* etapa, aplicar as regras da ortografia oficial para adequar o texto a elas. Além disso, procure ver também os *acertos*: o número de acertos é sempre muito maior do que o número de "erros". Coloque esses dois números na balança e pese bem as coisas antes de atribuir uma nota negativa.

A ortografia é sempre muito conservadora. Ela resiste bravamente às mudanças que vão acontecendo na língua. Por isso, muitas línguas apresentam uma forma escrita tremendamente distante da forma falada. Há línguas que sofrem mudanças de ortografia com maior freqüência que outras. O português, por exemplo, sofreu duas mudanças no século XX e andam prometendo uma terceira para breve. Já o inglês se escreve do mesmo modo desde o século XVI. O francês também se mantém praticamente com a mesma ortografia desde o século XVI-XVII. Observe a diferença de comportamento, ao longo do tempo, na língua falada e na língua escrita, da palavra francesa escrita ROI ("rei"):

SÉCULO	ESCRITA	PRONÚNCIA
X	ROI	"roi"
XV	ROI	"ruê"
XX	ROI	"ruá"

Imagine, por exemplo, a palavra francesa que se escreve BEAUCOUP ("muito") e que se pronuncia "bocu": são oito letras para representar quatro sons, exatamente o dobro! Não parece um tremendo gasto de tinta? Em português essa distância é menor, mas é sempre inevitável existir um abismo entre a forma escrita oficial de uma palavra (que é *única*) e as incontáveis maneiras de pronunciar essa mesma palavra. Pense numa palavra ou frase qualquer e procure imaginar como ela seria pronunciada por um paulista, por um carioca, por um gaúcho e por um pernambucano. Cada um falaria de um jeito, mas na hora de escrever teria de usar a representação ortográfica oficial.

1.6 Sintaxe, semântica e pragmática

Outra coisa que a Lingüística moderna sente falta na Gramática Tradicional é de um alcance maior para as regras que ela tenta descrever. Nos trabalhos gramaticais tradicionais, nunca se avança além da frase. Todas as regras, todos os preceitos da GT ficam restritos à frase: o ponto final de uma frase (ou de um enunciado escrito, melhor dizendo) é o ponto final de alcance das explicações gramaticais. Lembre-se dos exercícios de análise sintática e você entenderá o que estou querendo dizer.

Ora, ninguém fala por frases. Toda vez que alguém abre a boca para falar (ou se põe a escrever) está produzindo um *texto*, por menor que seja essa produção. Um simples grito como "Fogo!", "Socorro!", "Cruzes!" é um *texto*. Isso já elimina, de saída, aquela velha confusão que as gramáticas criam na cabeça da gente ao tentarem definir os conceitos de *frase*, *oração* e *período*. (Para evitar esse problema terminológico, muitos lingüistas preferem usar o termo *enunciado*, e é o que faremos neste livro.)

Além disso, esse *texto* não apareceu de repente, não saiu do nada nem caiu do céu: ele foi produzido por alguém, por um ser humano dotado da faculdade de linguagem, por um *falante*. As atitudes de cada falante em relação àquilo que ele fala nunca fizeram parte dos estudos gramaticais tradicionais. E mesmo o estudo do *significado* dos textos produzidos pelos falantes nunca foi muito amplo na GT, sempre foi uma coisa marginal e pouco sistemática.

Os estudos tradicionais da linguagem sempre praticaram um *isolamento* da língua, sempre separaram ela de tudo o que estava em cima, embaixo, em volta, dentro e fora dela, como se a língua fosse uma coisa em si, um universo fechado, independente de suas *condições de produção*. Esses estudos tinham preocupações quase exclusivas com a *forma* das palavras na frase e com a organização delas dentro da frase. Assim, a GT sempre se concentrou muito na *morfologia*, que é o estudo da forma, e na *sintaxe*, que é o estudo do arranjo das palavras na frase. Onde está o problema dessa concentração? Vamos ver.

Imagine que um biólogo, explorando uma parte até então desconhecida de uma floresta, encontra um animal qualquer, vamos supor um tipo de roedor (como o preá, a paca, a cotia, a capivara). Encantado com sua descoberta, ele captura alguns exemplares do animal descoberto e leva eles para seu laboratório na cidade. Lá, fica observando os bichinhos dia e noite, durante meses, tomando nota de tudo o que eles fazem: horários de sono e de atividade, tipo de alimentação preferido, relacionamento de uns com os outros, processos de acasalamento e criação dos filhotes, e assim por diante.

É claro que o nosso biólogo vai descobrir um montão de coisas sobre a nova espécie, vai adquirir bastante conhecimento a respeito dela. No entanto, ao *isolar* os bichinhos, ao retirá-los de seu ambiente natural, ele também vai perder um mundo de informações, vai deixar de saber uma quantidade ainda maior de coisas: como essa espécie se relaciona com as outras de seu hábitat? Como ela reage diante das mudanças atmosféricas: chuva, calor, frio, vento etc.? Como ela disputa com outras espécies o alimento disponível no ambiente? Como obtém o alimento? Esses animais permanecem sempre no mesmo local ou migram? Se migram, quando e por quê? Para onde vão? Quais são seus inimigos naturais? Como se encaixam na cadeia alimentar de seu nicho ecológico? Enfim, uma infinidade de perguntas que somente a observação do verdadeiro comportamento diário da espécie em seu ambiente natural pode responder.

O mesmo acontece com a língua. Se a gente pega uma frase (nem é o texto todo!) e se limita a dissecá-la, a cortá-la em pedacinhos e a dar nomes a esses pedacinhos, vamos aprender muito sobre ela, mas também deixaremos de aprender outras tantas coisas, talvez mais numerosas e interessantes. Quem usou essa frase? Quem a pronunciou ou escreveu? Só esse *quem*, para ser respondido, exigiria uma série de informações: nacionalidade do falante, origem geográfica, sexo, faixa etária, etnia, nível de escolaridade, nível de renda econômica etc. Em seguida, podemos perguntar: a que coisas do mundo real se *refere* o texto produzido? Quais foram as intenções do falante ao usar precisamente aquelas palavras, naquele *arranjo* e não em outro? Que efeitos ele quis produzir em seus interlocutores? De que modo essa frase está articulada com todo o resto do texto de que ela faz parte?

Para distinguir bem todos esses aspectos interessantes na investigação lingüística, é possível dividi-los em três grandes áreas: a SINTAXE, a SEMÂNTICA e a PRAGMÁTICA.

A *sintaxe* é o estudo da relação que as palavras (ou os signos lingüísticos, melhor dizendo) mantêm entre si. Quando nos referimos a *sintaxe* estamos, na verdade, abordando sempre os fenômenos referentes à *morfossintaxe*, que é a relação das unidades significativas (radical e

desinências) que compõem as palavras. Aqui a palavra-chave é mesmo *sintagma*, ou seja, qualquer combinação de elementos lingüísticos que estabeleça entre eles uma relação significativa.

A *semântica* é o estudo da relação que os signos lingüísticos mantêm com as coisas que eles designam, com as coisas do mundo real às quais eles se referem.

A *pragmática* é o estudo da relação que os usuários da língua mantêm com os signos lingüísticos e com os demais falantes.

Para dar uma idéia de como essas três áreas de estudo se articulam o tempo todo umas com as outras, vou dar um exemplo que já se tornou clássico na Lingüística[6]. Como você sabe, as abelhas usam uma espécie de dança para informar às outras abelhas da colméia sobre alguma fonte de pólen ou néctar que foi encontrada. Pois bem:

- a dança concretamente realizada — a seqüência dos movimentos e os tipos de movimento — formam a *sintaxe* da mensagem;
- o conteúdo referencial dessa mensagem — a informação sobre a direção da fonte de alimento, a distância em que ela se encontra etc. — é a *semântica* da mensagem;
- o modo como a dança funciona, enquanto um aspecto do comportamento das abelhas — como um meio de convocar as demais abelhas para irem explorar aquela fonte de alimento — tem a ver com a *pragmática* da mensagem.

Passando agora à linguagem humana, vamos imaginar que eu estou dando uma palestra e que chegou o momento em que quero exibir algumas transparências usando um retroprojetor. As luzes da sala estão todas acesas, mas eu preciso de menos claridade para que as transparências fiquem nítidas. Me viro então para uma pessoa que está perto dos interruptores e digo: "As luzes, por favor". A pessoa pressiona os interruptores e a sala fica escura. Depois que acabo de projetar minhas transparências, me viro para a mesma pessoa e digo: "As luzes, por favor". Ela então novamente pressiona os interruptores e a sala volta a ficar clara.

Veja só que coisa interessante: usando as mesmas palavras, pronunciadas do mesmo modo, arranjadas na mesma seqüência no enunciado, eu consegui obter dois efeitos completamente diferentes, aliás, opostos: *escurecer* a sala e *iluminar* a sala. No plano da *sintaxe*, da organização das palavras no enunciado, não houve nenhuma mudança. Como é possível então que a pessoa tenha entendido perfeitamente o que eu estava que-

---

[6] Exemplo extraído do capítulo "Language, Meaning and Context", escrito por Geoffrey Leech e Jenny Thomas para a obra coletiva organizada por N. E. Collinge, *An Encyclopaedia of Language* (Londres, Routledge, 1990, p. 174).

rendo dizer com "As luzes, por favor" cada vez que pronunciei essas palavras? Ela percebeu minha intenção porque levou em conta o *contexto de enunciação*: ela viu que eu estava com transparências na mão, que tinha acendido o retroprojetor e que precisava de escuro para projetar. Na segunda vez, percebeu que eu já tinha terminado com as transparências e queria voltar a falar com todos olhando bem para mim.

Desse modo, podemos dizer que o enunciado "As luzes, por favor", na sua primeira ocorrência, *significou* APAGAR, e que na segunda ocorrência *significou* ACENDER. Essa foi a *semântica* dos enunciados. A *pragmática* deles esteve no efeito que provoquei no meu interlocutor: usando quatro palavrinhas simples, consegui levar uma pessoa a fazer exatamente o que eu desejava, a cumprir minha intenção.

A Gramática Tradicional, ao deter sua investigação na *sintaxe*, deixa de fora todo um universo de coisas interessantíssimas. Vamos ver, por exemplo, estes enunciados:

(22) Eu prometo que pagarei essa dívida antes de maio.
(23) Ele promete que pagará essa dívida antes de maio.

Vamos fazer a *análise sintática* de (22) e de (23). Trata-se de um período composto por duas orações: a oração principal, com um sujeito (expresso por um pronome), e um verbo; a oração subordinada (objetiva direta), que também tem um verbo transitivo, cujo objeto direto é "essa dívida", e por fim um adjunto adverbial de tempo. Não há nenhuma diferença sintática entre (22) e (23). As diferenças se reduzem à forma do pronome-sujeito (EU, ELE) e das terminações verbais (PROMET-O, PROMET-E; PAGAR-EI, PAGAR-Á). São diferenças morfossintáticas, portanto.

Mas se prosseguirmos nosso exame e passarmos a fazer uma análise *semântica* e *pragmática*, vamos descobrir que existem, sim, diferenças entre (22) e (23). Quando uma pessoa diz *eu prometo*, ela não está apenas *dizendo* que promete, ela está também *fazendo uma promessa*, assumindo um compromisso, empenhando seu próprio nome: aqui, portanto, *dizer é fazer*. Quando uma pessoa, porém, diz *ele promete*, ela mesma não está prometendo nada, não está assumindo nenhum compromisso, está apenas relatando um fato, falando da promessa feita por uma outra pessoa, que pode nem estar presente naquele momento de enunciação.

Viu só como a nossa visão da língua muda e se torna bem mais complexa e rica quando passamos a considerá-la de mais de um ponto de vista? A visão tradicional é linear, plana ("chata") e unidimensional:

Já a consideração conjunta de SINTAXE-SEMÂNTICA-PRAGMÁTICA permite uma visão articulada, tridimensional dos enunciados lingüísticos:

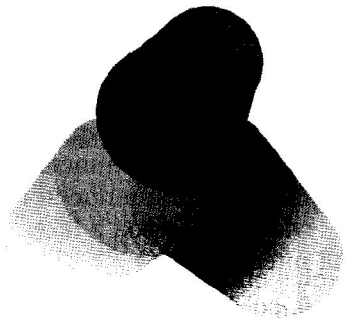

Lá atrás, quando critiquei a definição tradicional de *possessivo*, usei o seguinte exemplo:

(8) Indiquei o *meu* jardineiro para o *meu* chefe.

Se analisarmos sintaticamente os sintagmas *meu jardineiro* e *meu chefe*, não encontraremos diferença, não é? São sintagmas formados por um possessivo masculino singular e um substantivo comum masculino singular. No entanto, como já enfatizei antes, existe uma diferença enorme de *significado* e de *intenção-efeitos* quando alguém chama um jardineiro de "meu" e um chefe de "meu". O que significa o MEU no sintagma *meu jardineiro*? Significa que eu ocupo, na hierarquia social, uma posição superior em relação ao jardineiro. Quando chamo o jardineiro de *meu*, minha intenção é deixar bem clara uma série de coisas: que na minha casa tem jardim, que posso me dar o luxo de pagar a alguém para cuidar dele, que esse alguém é uma pessoa que depende de mim para sobreviver. Quando chamo o chefe de *meu*, são outras as relações que ficam claras: que não sou dono do meu próprio negócio, que dependo de um salário para viver, que existe alguém na hierarquia do trabalho que está acima de mim. Todas essas informações são transmitidas pela articulação entre o "possessivo" MEU (que estabelece as relações *sintático-pragmáticas*) e o *significado* dos substantivos JARDINEIRO e CHEFE.

Levar em conta esses três critérios de análise — o sintático, o semântico e o pragmático — é indispensável na hora de examinarmos qualquer fato da língua. Por exemplo: muitas vezes um enunciado sintaticamente igual pode ter uma semântica e uma pragmática completamente diferentes se for pronunciado por um brasileiro e se for pronunciado por um português. Embora a língua aparentemente seja a mesma na *forma* e na *organização* das palavras, o uso dessas palavras pode ter *significados* e

efeitos diferentes aqui no Brasil e lá em Portugal. Por isso, podem surgir mal-entendidos na comunicação: um dos falantes pode usar as palavras com uma determinada intenção em mente e o outro entendê-las com outro significado e com outra intenção.

Um amigo meu, brasileiro, entrou numa loja em Lisboa e perguntou ao vendedor: "Tem filme para máquina fotográfica?" O vendedor, muito gentil, respondeu: "Ter, temos, mas não há". Meu amigo ficou confuso, e não é para menos. Ele não sabia que os portugueses não usam o verbo TER com o sentido impessoal de HAVER, como nós brasileiros fazemos (e como eles, portugueses, faziam na Idade Média). Assim, o vendedor entendeu a pergunta como: "[*Vocês*] têm filme para máquina fotográfica?" Por isso respondeu: "Ter, temos [*normalmente*], mas [*agora, neste momento*] não há [*filme na loja para vender*]".

Outra amiga brasileira, em Portugal, entrou num supermercado procurando canela em pó. Diante da prateleira onde deveria estar a canela, viu que o lugar estava vazio. Ela se dirigiu então a uma funcionária do supermercado e perguntou: "Não tem mais canela?" E a funcionária: "Precisa de mais? A que temos não lhe basta?" É que os portugueses não usam a sintaxe NÃO + VERBO + MAIS para indicar que alguma coisa já acabou: eles usam a sintaxe JÁ + NÃO + VERBO. Se minha amiga tivesse perguntado: "Já não há canela?", provavelmente a funcionária daria outra resposta. Mas a sintaxe usada por minha amiga levou a moça portuguesa a interpretar a pergunta dentro da *semântica* usual do português falado lá, onde MAIS se refere sempre a quantidade: "Você não tem uma quantidade maior de canela do que a que está exposta na prateleira?" Daí a reação dela.

Por isso, também, é preciso tomar muito cuidado com o uso do rótulo tradicional de *erro*. Um suposto erro sintático pode muitas vezes ser provocado por uma intenção do falante de deixar mais claro o significado que tem em mente. Esses aspectos pragmáticos são muito importantes no momento de estudarmos, entre outras coisas, as transformações que a língua sofre ao longo do tempo.

Todos os gramáticos tradicionalistas cobram, por exemplo, que a gente use uma preposição A depois do verbo ASSISTIR. A imensa e retumbante maioria dos brasileiros, porém, deixa essa preposição de lado e diz, com toda tranqüilidade: *assisti o filme, assisti uma briga, assisti o jogo, assisti um curso.* O que provocou essa mudança sintática? Certamente, uma mudança no *significado* de ASSISTIR. Originalmente, em latim, ASSISTIR significava "estar junto a" alguma coisa, "comparecer a" algum lugar. Esse significado original, no entanto, se perdeu e o verbo passou a ser interpretado com o sentido de "presenciar", "ver", "observar", "freqüentar": *assisti [vi] o filme; assisti [presenciei] uma briga; assisti [observei] o jogo; assisti [freqüentei] um curso.* Por isso, para deixar clara essa sua relação *direta* com o objeto do ato de presenciar/ver/observar/freqüentar, os falantes passaram a usar o verbo ASSISTIR sem a pre-

posição A. E contra essa mudança não há gramático que possa fazer nada: ela corresponde às novas necessidades de expressão dos falantes, ela obedece as regras intuitivas de sua gramática materna.

Como veremos ao longo deste livro, a articulação *sintaxe-semântica-pragmática* é uma ferramenta indispensável para compreendermos os fenômenos da língua de modo mais completo e criterioso.

1.7 Entre o molde e o vestido pronto: os problemas da norma

Se existe, nos estudos da língua, uma palavra que se presta a confusão e ambigüidades, essa palavra é NORMA. Cada teórico tem um conceito próprio de norma, que muitas vezes não coincide com o de outros pesquisadores. Além disso, os tradicionalistas aplicam o rótulo de "norma" a alguma coisa que, longe de ser um *conceito* científico, é, na verdade, um *preconceito*. Para eles, "norma culta" ou simplesmente "a norma" é aquele conjunto de regras que a gramática tradicional teima em fazer a gente obedecer, embora muitas delas já não satisfaçam às necessidades de expressão de muita gente. O que os gramáticos tradicionalistas chamam de "norma culta" é o uso escrito, formal, literário da língua, isto é, *um tipo de norma.*

O grande problema, como já vimos, é querer aplicar esse tipo único de norma, que é adequado para umas poucas finalidades bem determinadas, a toda e qualquer manifestação lingüística. Ou seja, é querer que a gente use um sapatinho de cristal o tempo todo, para ir na praia, no supermercado, no cinema, no estádio de futebol, na reunião de trabalho, no casamento do melhor amigo, no bar com a turma etc. Não dá.

Veja, por exemplo, como dois gramáticos dos mais respeitados (e respeitáveis), o brasileiro Celso Cunha e o português Lindley Cintra, definem o objeto de trabalho de sua *Nova gramática do português contemporâneo* (1985: xiv):

> Trata-se de uma tentativa de descrição do português atual na sua forma culta, isto é, da língua como a têm utilizado os escritores portugueses, brasileiros e africanos do Romantismo para cá [...]

Esses autores, na linha dos estudos gramaticais tradicionais, desde o século III a.C., continuam associando *língua culta* com *linguagem literária.* A gramática deles, portanto, só deveria, teoricamente, ser consultada por quem quisesse escrever um texto *literário.* No entanto, as regras que ela descreve e prescreve supostamente valem para todas as demais formas de uso da língua.

Dentro dessa mesma corrente tradicionalista se encontra Pasquale Cipro Neto com seu programa de televisão (e site da Internet e CD-ROM) chamado *Nossa língua portuguesa.* Nos textos dos programas a gente en-

contra uma coleção de termos e expressões que são usados indiscriminadamente, como se fossem todos sinônimos: "padrão formal", "texto formal", "linguagem formal", "uso culto", "padrão culto", "língua culta", "norma culta" etc. Em nenhum momento o autor se preocupa em explicar o que entende com os substantivos *uso, língua, padrão* e *norma,* nem com os adjetivos *culto* e *formal* — conceitos importantíssimos para a ciência lingüística.

Para os lingüistas, porém, NORMA CULTA é o conjunto de usos lingüísticos dos *falantes cultos* de um país, de uma região ou de uma cidade. Para estabelecer esse conceito, mais científico, de norma culta, os lingüistas precisaram, antes, definir o que entendem por *falante culto.* E o resultado das investigações levou à seguinte definição de *falante culto*: indivíduo com grau de *escolaridade superior completa,* nascido e criado em zona *urbana*[7]. Com esses dois critérios, *educação superior* e *ambiente urbano,* tem sido possível empreender muitas pequisas lingüísticas importantes no Brasil. A língua falada por essas pessoas é que constitui, para os estudiosos brasileiros da língua, o que se pode chamar de *norma culta.*

A *norma culta,* portanto, numa concepção mais criteriosa, é uma língua que *existe,* que pode ser coletada empiricamente, analisada, estudada, descrita, da mesma forma como um biólogo pode coletar, analisar, estudar, descrever uma espécie vegetal ou animal, ou como um geólogo pode fazer com um tipo de rocha ou mineral. Além disso, esta norma culta não coincide necessariamente com a linguagem usada nos textos literários.

O que os tradicionalistas chamam de "norma culta" eu prefiro chamar de NORMA-PADRÃO. Como o próprio nome já indica, não é uma língua, mas sim um *modelo* de língua, um *ideal* de língua, um *padrão* de comportamento lingüístico que, supostamente, deveria ser seguido por todos os falantes do idioma toda vez que vão usar a língua para falar ou escrever. E essa *norma-padrão,* como foi mostrado, se baseia quase exclusivamente no uso feito pelos grandes escritores em sua aventura estética de criação de uma linguagem literária pessoal e intransferível.

É por isso que existe uma distância enorme entre a *norma culta,* isto é, entre a língua *real,* empregada de fato pelos falantes cultos, e a *norma-*

---

[7] É bom deixar bem claro aqui que o conceito de *falante culto,* tal como definido neste livro, pertence ao vocabulário técnico da Sociolingüística e não deve ser confundido com o uso mais amplo e corriqueiro dos adjetivos *culto* e *inculto.* (Para um sociolingüísta, aliás, não existe falante *inculto,* uma vez que todo cidadão está inevitavelmente inserido na cultura de sua comunidade, seja ela rural ou urbana). É um conceito operacional, que tenta estabelecer critérios os mais objetivos possíveis para empreender pesquisas empíricas. Evidentemente, existem inúmeras pessoas que não têm formação universitária e nem por isso deixam de ser muito cultas, no sentido mais corrente do termo: alguns de nossos maiores escritores, por exemplo, não cursaram universidade. Os termos técnicos sempre procuram restringir ao máximo o campo de significação de uma palavra: para os médicos, por exemplo, uma *parturiente idosa* é qualquer mulher grávida com mais de 28 anos!

padrão, o modelo de língua *ideal* que os gramáticos tradicionalistas tentam impor. E é essa distância que fez nascer, na sociedade brasileira, uma série de mitos que prejudicam profundamente o ensino de língua: "português é muito difícil", "brasileiro não sabe português", "só os portugueses conhecem a língua certa", "eu não sei português" e assim por diante.

Tudo isso cria o que eu chamo de *baixa auto-estima lingüística*: os brasileiros em geral têm vergonha ou medo de falar e de escrever em situações um pouquinho mais formais porque acreditam que a língua que eles realmente conhecem não "serve" para essas situações... E não estou falando somente dos brasileiros analfabetos ou semi-analfabetos (que, infelizmente, constituem uma parte substancial da nossa população). Estou me referindo também aos *falantes cultos*, com escolaridade superior completa.

Para explicar essa distância, os tradicionalistas culpam a escola. Dizem que os professores não têm boa formação, que os alunos são preguiçosos, que os métodos de ensino são um fracasso, que a língua é difícil, que a introdução das noções da Lingüística bagunçou tudo... Mas esse é um discurso muito antigo, que pode ser encontrado em declarações quase com as mesmas palavras, feitas há duzentos, trezentos anos atrás. Na verdade, o nascimento da Gramática Tradicional coincidiu com o nascimento deste abismo: as escolhas feitas pelos primeiros gramáticos é que criaram essa distância larga e funda entre a língua ideal ou um *ideal de língua* (a língua como determinadas pessoas acham que ela *deve ser*) e a língua *real* (a língua como ela *é*).

O objetivo deste livro é convidar você, professor/professora, a investigar, junto com seus alunos, esse problema que eu costumo chamar de "esquizofrenia lingüística", essa "dupla personalidade" que se esconde por trás do rótulo *língua portuguesa*. No senso comum, na mentalidade das pessoas em geral, *língua portuguesa* ou *português* é aquele ideal de pureza e perfeição, que só meia dúzia de poetas e romancistas, seres iluminados, quase míticos, abençoados pelas musas, conseguiram atingir. Por isso é alguma coisa "muito difícil" e que "eu não sei". Na visão do pesquisador, porém, *língua portuguesa* ou *português*, ou melhor, *a norma culta do português do Brasil*, é a língua realmente falada pelas pessoas cultas: uma língua que merece ser estudada, descrita em detalhes e mais bem conhecida para se tornar, se for o caso, a base para o estabelecimento daquilo que se ensinará na escola. E não é demais insistir, para deixar as noções bem claras: essa *norma culta* é diferente da *norma-padrão* imposta pela tradição gramatical.

Por causa de todos esses problemas é que, nos meus trabalhos, prefiro não falar de *norma culta*. Para o ideal de língua pregado pelos tradicionalistas, reservo o nome de *norma-padrão*. Para a língua realmente empregada pelos brasileiros cultos, uso a expressão *variedades cultas* (sempre no plural). Acredito que assim fica melhor e mais fácil, além de evitar mal-entendidos. De um lado, coloco a *norma-padrão*, que não existe

concretamente, que não é falada nem escrita por ninguém em sua integralidade: é só um conjunto de regras, de preceitos, que servem de modelo. Do outro lado, coloco as *variedades cultas* da língua, que existem de verdade, que são faladas pelas pessoas cultas do Brasil.

Vamos pegar uma revista de moda feminina. Lá a gente vai encontrar a fotografia de um vestido deslumbrante, usado por uma modelo ainda mais deslumbrante: alta, magra, de olhos verdes, pele perfeita e cabelos de deusa. Na mesma revista você encontra o molde do vestido. Ora, é impossível produzir um molde que corresponda a todas as mulheres que poderiam usar aquele vestido. Para criar um molde, imagina-se um padrão de mulher, com base em algumas suposições (e em alguns preconceitos também). Se eu sou um costureiro e minha freguesa é baixinha e gordinha, por exemplo, não adianta eu querer seguir o molde à risca: ela nunca vai caber no vestido da revista. Por isso, o primeiro passo na produção de um vestido é tirar as medidas da pessoa que vai usá-lo. Pode-se até seguir um modelo, mas fatalmente ele terá de sofrer adaptações aqui e ali para ter um bom caimento, para ficar bem na pessoa que encomendou a roupa.

Pois a norma-padrão é exatamente isso: um molde. Ela não é um vestido pronto e acabado, é apenas uma série de linhas, traços e medidas que, seguidos à risca, podem fazer surgir um vestido. Mas será sempre *um* vestido, um único, e não vai caber em todo mundo.

As *variedades cultas*, por outro lado, são vestidos prontos, que já existem. Você entra na loja, escolhe aquele que melhor lhe convém, prova, compra e leva.

Estamos falando, portanto, da diferença que existe entre a *alta costura* — um único modelo, feito por um grande estilista para uma única cliente, sob encomenda — e o *prêt-à-porter* ("pronto para vestir"). São pouquíssimas as pessoas que podem se dar ao luxo de encomendar um modelo a um grande estilista. Também são pouquíssimos os usuários da língua capazes de se apoderar da norma-padrão para transformá-la em matéria-prima de criação estética, para produzir obras-primas da literatura. A imensa maioria das pessoas compra roupas já prontas, assim como a imensa maioria das pessoas usa a língua para finalidades práticas de comunicação diária que nada têm que ver com a criação estética.

1.8 Sociolingüística: a língua e quem fala

Repare que proponho marcar uma diferença entre *norma-padrão*, no singular, e *variedades cultas*, no plural. Isso porque toda língua, qualquer língua, em qualquer momento histórico, em qualquer lugar do mundo, nunca é uma coisa compacta, monolítica, uniforme. A principal característica das línguas humanas é sua *heterogeneidade*.

Se empreendermos uma grande viagem pelo Brasil, de Norte a Sul e de Leste a Oeste, recolhendo os modos de falar das pessoas de todas as regiões, de todos os estados, das principais cidades, da zona rural etc., vamos perceber que existem diferenças nesses modos de falar, diferenças que podem ser fonéticas, sintáticas, morfológicas, lexicais, semânticas, pragmáticas... Há muita semelhança, também, mas são as diferenças que chamam mais a atenção e que permitem classificar esses variados modos de falar. Quando você consegue identificar os traços característicos de um determinado modo de falar a língua, você pode chamá-lo de *variedade*.

Se você, em vez de sair viajando pelo país, decidir estudar os modos de falar das pessoas de um mesmo lugar — uma grande cidade, por exemplo —, vai notar também que a *variedade* falada nesse lugar apresenta diferenças que correspondem às diferenças que existem entre as pessoas: grau de escolaridade, situação socioeconômica, faixa etária, origem geográfica, etnia, sexo etc. Levando em conta esses dados, o pesquisador descobre, por exemplo, que o modo de falar de um paulistano de 40 anos de idade com escolaridade superior completa apresenta certas características lingüísticas que diferem do modo de falar de uma paulistana de 18 anos que só cursou até a 4ª série do nível fundamental.

Sendo assim, também os modos de falar dos brasileiros *cultos* vão apresentar diferenças entre si. Um brasileiro culto nascido e criado no Recife, por exemplo, não vai falar exatamente igual a um brasileiro culto nascido e criado em Porto Alegre. Se, além dessa diferença geográfica, levarmos em conta também a diferença de faixa etária, mais características distintivas vamos encontrar. É por isso que prefiro falar de *variedades cultas* do português do Brasil, sempre no plural. Evidentemente, essas variedades cultas apresentam muitos traços comuns: afinal, são faladas por pessoas que percorreram todo o trajeto da educação formal, do ensino institucionalizado que, bem ou mal, apresenta alguns traços homogeneizadores, sobretudo quando a gente se lembra que nessa educação formal a norma-padrão conservadora exerce um poder simbólico muito grande. Os falantes cultos, por terem sido expostos à norma-padrão por muito tempo, procuram, em determinadas situações, se aproximar desse ideal.

Mesmo assim, também existem características próprias das variedades cultas de cada lugar. Além das diferenças fonéticas, que são as mais óbvias (o que chamamos de *sotaque*), também existem diferenças nos demais níveis da língua. Nas variedades cultas do Recife e de Salvador, por exemplo, é usual o emprego do imperativo com a forma verbal correspondente à terceira pessoa: "venha cá", "olhe só", "traga isso", "fale comigo". Já nas variedades cultas do Rio e de São Paulo, é mais comum o emprego da forma correspondente à segunda pessoa: "vem cá", "olha só", "traz isso", "fala comigo". Curiosamente, a coisa se inverte no uso dos pronomes-

sujeito: no Recife é muito freqüente o uso do TU, que levaria (na norma-padrão) ao emprego das formas verbais imperativas de segunda pessoa, enquanto no Rio e em São Paulo é muito mais usado o VOCÊ, que levaria (na norma-padrão) ao uso das formas verbais imperativas de terceira pessoa. Já é um pequeno exemplo da distância que existe entre o que realmente se fala e o que a gramática tradicional cobra da gente.

O estudo das relações que existem entre todos aqueles fatores usados para classificar um falante (idade, sexo, escolaridade, origem geográfica etc.) e o modo como ele fala (a *variedade* lingüística dele) pertence ao campo científico da Sociolingüística. A Sociolingüística, com este nome e com sua configuração teórica e metodológica atual, surgiu na década de 1960 nos Estados Unidos graças sobretudo aos trabalhos de William Labov. A Sociolingüística veio mostrar que toda língua *muda* e *varia*, isto é, muda com o tempo e varia no espaço, além de variar também de acordo com a situação social do falante.

Depois da chegada da Sociolingüística, ficou difícil aceitar declarações genéricas do tipo: "Em português tal coisa se diz assim". O sociolingüista na mesma hora vai querer saber: mas que português é esse? Falado no Brasil, em Portugal ou em Angola? Falado em que região, por que falantes, de que idade, de que nível de escolaridade etc.?

Para um tratamento científico dos fatos da língua, agora, é preciso levar tudo aquilo em conta. A Sociolingüística acentuou ainda mais a inadequação das gramáticas normativas tradicionais, que sempre trataram da língua como se ela fosse uma coisa só, um bloco compacto e uniforme, imóvel e imutável. Por isso, fica muito difícil, hoje em dia, aceitar como verdade absoluta as coisas que vêm escritas em livros que se chamam apenas *Gramática da língua portuguesa*. Esses livros não especificam a *variedade* de língua portuguesa com que estão trabalhando, e tentam impor suas explicações e suas regras para todas as muitas e muitas variedades da língua.

Compare agora, por exemplo, o título *Gramática da língua portuguesa* com o título deste outro livro: *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo* (vol. IV, Estudos: Urbano & Preti, 1990). O título já deixa claro que se trata da língua *falada* (então a escrita não será abordada), *culta* (as variedades dos falantes não-escolarizados ou com escolaridade abaixo da superior não serão abordadas), da *cidade* (as variedades da zona rural não serão abordadas) de *São Paulo* (e não de Cuiabá, Curitiba ou Manaus). Ao contrário das gramáticas normativas, que tentam abranger todo o universo da língua (e por isso são tão falhas), os estudos sociolingüísticos delimitam bem seu campo de investigação, o que lhes permite fazer descrições mais detalhadas e mais completas das variedades escolhidas.

Compare também o número de autores das gramáticas normativas tradicionais (quase sempre um só, raramente dois), com a quantidade de

colaboradores de uma obra de descrição e análise gramatical feita segundo critérios e métodos científicos mais rigorosos. Pegue o primeiro dos sete volumes da *Gramática do português falado* (Castilho, 1990), por exemplo: são 24 autores que se dedicam ao estudo de apenas quatro aspectos sintáticos referentes à ordem das palavras no português brasileiro falado urbano culto... Fica evidente que uma única pessoa, por mais trabalhadeira e bem informada que seja, já não dá conta de investigar, descrever e analisar sozinha todos os fenômenos da língua portuguesa, em todas as suas variedades, de todos os países.

O trabalho que estou convidando você a fazer comigo, neste livro, se baseia, portanto, nos pressupostos teóricos e metodológicos da Sociolingüística. Vamos tentar descobrir como os *falantes cultos* do Brasil falam e escrevem. Vamos investigar, portanto, as *variedades cultas* escritas e faladas.

1.9 Água corrente *versus* água parada: história da norma-padrão clássica do português

Depois que o navegador português Vasco da Gama descobriu (em 1497) o caminho marítimo para as Índias, o mundo nunca mais seria o mesmo — o mundo em geral e, mais particularmente, o mundo da língua portuguesa. A viagem de Vasco da Gama deu início à expansão marítima de Portugal, à formação do vasto império colonial português, o primeiro da Idade Moderna.

Assim, aquele pequeno país situado no extremo ocidental da Europa se viu, em pouco tempo, alçado à condição de potência mundial. É difícil imaginar as conseqüências dos descobrimentos para a vida dos portugueses, tantas foram elas. A entrada no país dos lucros obtidos pela exploração de riquezas fabulosas — ouro, prata, especiarias, escravos etc. — deve ter tido um impacto tremendo na sociedade portuguesa, ou melhor, na pequena parcela dessa sociedade que tinha acesso àqueles lucros (o povo mesmo, mantido à margem desse enriquecimento, continuou muito pobre).

Até essa época, nas (poucas) escolas, nos seminários e nas universidades, a única língua que era considerada digna de estudo sério e intensivo era o *latim* — e isso não só em Portugal, mas também na maioria dos países europeus. As línguas nacionais, as línguas faladas pelos diferentes povos europeus, eram deixadas à solta, sem rédeas, entregues às suas próprias transformações e evoluções. Já tinha literatura produzida nessas línguas, mas era ainda muito pouca, e as obras consideradas mais importantes, as científicas, teológicas, filosóficas, eram escritas exclusivamente em latim. Até mesmo a Bíblia só podia ser lida em latim, e houve um

período em que as pessoas que ousaram traduzi-la para línguas nacionais foram perseguidas, torturadas e mortas: assim aconteceu, por exemplo, com o tradutor inglês William Tyndale, que foi estrangulado e depois queimado na fogueira pelas autoridades católicas em 1536. Nessa época chegou a existir até mesmo o contrabando de Bíblias traduzidas ilegalmente. Foi necessária toda a grande revolução de idéias e costumes lançada pelo protestantismo para que as primeiras traduções se impusessem e o texto sagrado ficasse ao alcance dos leitores comuns. A primeira versão da Bíblia em português foi feita por um protestante, João Ferreira de Almeida, e só foi publicada em 1719!

Como se vê, da mesma maneira como a Igreja quis, durante séculos, controlar e regular as crenças religiosas íntimas e pessoais de cada cidadão — condenando à tortura e à fogueira quem discordasse desse controle —, assim também a Gramática Tradicional foi usada para regular, controlar, fiscalizar, corrigir o uso íntimo e pessoal da língua por parte dos indivíduos. Alguns filósofos, cientistas e escritores que tiveram o trágico destino de morrer queimados foram os italianos Girolamo Savonarola (1498) e Giordano Bruno (1600), o dramaturgo brasileiro Antônio José da Silva, o Judeu (1753), para não falar de outros milhares de judeus ou suspeitos de "judaísmo", de supostas "bruxas", de simpatizantes do protestantismo e do Iluminismo, de homossexuais e assim por diante. (É interessante notar que a palavra usada para definir as crenças que não correspondiam à doutrina oficial da Igreja é *heresia*, que em grego significa simplesmente "escolha". Hoje, uma das principais reivindicações dos defensores dos direitos humanos é precisamente a *liberdade de escolha*, a liberdade de consciência. O que vale para a religião deveria valer também, e muito mais, para a língua. Por isso, querer seguir à risca os preceitos das gramáticas normativas, hoje, no século XXI, é o mesmo que querer que as pessoas só leiam a Bíblia em latim!)

Mas as coisas estavam para mudar. O final da Idade Média e início da Idade Moderna (marcado simbolicamente pelo ano de 1453, quando Constantinopla é tomada pelos turcos) assiste o surgimento e a afirmação dos Estados nacionais europeus, mais organizados em torno de um poder central forte, em substituição à antiga ordem feudal, caracterizada pela fragmentação territorial e do poder. A porta de acesso da Europa às riquezas do Oriente — Constantinopla — foi definitivamente fechada, e era preciso descobrir outros caminhos para aquelas riquezas. Coube aos portugueses a façanha dessa descoberta.

Todo esse processo (do qual também participaram os espanhóis) não só abriu novos caminhos para o Oriente conhecido, mas ampliou de modo inesperado os horizontes da humanidade com o descobrimento de partes inteiras do planeta até então ignoradas pelos europeus: a porção meridional da África, a América, a Oceania...

Na mentalidade das pessoas cultas da época, foi se formando a seguinte idéia: um povo capaz de tamanha proeza certamente deve possuir uma língua à altura de seu poder de conquista — se não possuir, é preciso inventá-la. Os navegadores e marinheiros que descobriram aqueles admiráveis mundos novos não sabiam latim, a língua da religião, da ciência e da filosofia: falavam a língua de seu país e nem por isso deixaram de expandir — com suas descobertas — as fronteiras da religião, da ciência e da filosofia de seu tempo.

Surgiu assim, nesse período (conhecido na história da cultura ocidental como Renascimento), a atitude de valorização das línguas nacionais, que passaram a ser consideradas, elas também, tão boas para as altas aventuras intelectuais quanto o velho e venerado latim. A relação entre descobertas marítimas e elaboração das primeiras gramáticas fica nítida nesta coincidência de datas: no mesmo ano de 1492, em que Colombo descobriu a América, foi publicada a primeira gramática da língua espanhola, de autoria de Antonio de Nebrija.

Nebrija assume sem rodeios a relação entre *gramática* e *conquista colonial*, sendo suas as famosas palavras: "a língua sempre foi companheira do império". Para ele, o objetivo da gramática normativa é fazer com que a língua "possa permanecer num mesmo estado e durar por todo o tempo futuro". Assim, é função do gramático "preservar o uso de ser corrompido pela ignorância" e para isso "o uso dos sábios deve sempre prevalecer". Toda essa ideologia imperialista associada à gramática normativa perdura, mais ou menos diluída, até hoje na atitude prescritivista e purista dos atuais autoproclamados "defensores" da língua, mesmo depois do desaparecimento dos grandes impérios coloniais e, principalmente, depois que a ciência lingüística provou e comprovou que nenhuma língua pode "permanecer num mesmo estado e durar por todo o tempo futuro"...

As primeiras gramáticas da língua portuguesa foram escritas pouco depois dos grandes descobrimentos pioneiros. São elas:

- 1536: *Gramática da linguagem portuguesa*, de Fernão de Oliveira;
- 1540: *Gramática da língua portuguesa*, de João de Barros;
- 1574: *Regras que ensinam a maneira de escrever e a ortografia da língua portuguesa*, de Pero de Magalhães de Gândavo;
- 1576: *Ortografia e origem da língua portuguesa*, de Duarte Nunes de Leão.

No caso da língua portuguesa, também podemos detectar uma conexão entre *gramática e império*: o mesmo João de Barros que escreveu uma gramática em 1540 foi também o primeiro donatário da capitania hereditária de Pernambuco, além de ser autor de uma vasta obra de história da expansão marítima portuguesa. É considerado um dos grandes clássicos da língua.

O trabalho dos gramáticos renascentistas visava, portanto, criar um modelo de língua que servisse como mais um dos muitos instrumentos de dominação sobre as novas terras (e populações) conquistadas. A gramática de Nebrija é bem explícita e fala da necessidade de ensinar a língua aos "bárbaros"... Outro instrumento de dominação intelectual e espiritual, como bem sabemos, foi a religião. Para os conquistadores europeus, de fato, língua e religião deviam ser impostas a ferro e fogo aos povos "bárbaros" para que se submetessem mais facilmente aos seus "amos" mais "civilizados".

Nesse trabalho de elaboração das gramáticas, foi inevitável fazer uma *seleção*. As línguas nacionais da Europa apresentavam uma grande *dialetação regional*, isto é, tinham muitas variedades diferentes, que ofereciam uma multiplicidade de regras para preencher as diversas funções gramaticais. Em vez de ser encarada como uma riqueza, essa multiplicidade era vista como prejudicial à unidade do império. Por isso, foi necessário escolher apenas algumas regras, *aquelas que mais se aproximassem do latim clássico* (cuja gramática serviu de modelo para as obras gramaticais da época). Não é por outro motivo que muitos historiadores da Lingüística classificam esse período como o da *relatinização* das gramáticas das línguas nacionais.

De fato, todos os gramáticos desse período fizeram questão de afirmar o estreito parentesco entre português e latim, para justificar seu interesse em estudar a língua nacional — interesse que até então era visto com estranheza nos meios acadêmicos. O português Duarte Nunes de Leão chegou mesmo a escrever em sua *Origem da língua portuguesa* (1606):

> E por a muita semelhança que a nossa língua tem com ella [a latina] e que he a maior que nenhua língua tem com outra, & tal que em muitas palavras & períodos podemos fallar, que sejão juntamente latinos & portugueses.

Para ele, a semelhança entre latim e português era tamanha que muitos enunciados, usando as mesmas palavras, podiam pertencer tanto a uma língua quanto à outra...

Data, portanto, dessa fase histórica a elaboração do que hoje podemos chamar de *norma-padrão clássica* da língua portuguesa. Quando os gramáticos normativistas atuais buscam na linguagem literária as justificativas para suas imposições, é nos escritores que viveram do século XVI para cá que eles vão buscar os exemplos que abonam suas prescrições. Tudo o que se escreveu antes daquela época recebe o rótulo de *português arcaico*.

O que representou esse processo de *seleção* de regras gramaticais e de *criação de um modelo* de língua? Representou um *corte*, uma *interrupção* artificial do fluxo natural da língua, um *desvio* de seu curso e uma *imobilização* de sua dinâmica. Vamos imaginar que a língua portuguesa é um rio, que se formou como um defluente (isto é, um braço) de outro rio, que é o latim:

pessoa, escolha baseada na tentativa de reproduzir, em português, o quadro de pronomes pessoais que existia em latim, pronomes distribuídos segundo casos gramaticais, com formas especiais para cada função sintática (sujeito, objeto direto, objeto indireto etc.).

A resposta (24.b), no entanto, representa um uso muito antigo na língua, um uso que está amplamente documentado na literatura produzida em português antes do Renascimento. Essa antiguidade do uso do pronome ELE como objeto direto é que explica por que até hoje nós nos servimos dele com tanta freqüência, apesar de todo o policiamento da escola. Não há represa gramatical capaz de barrar uma regra que tem mais de mil anos de existência! A atitude dos gramáticos tradicionalistas e dos autores de livros didáticos, que se limitam a condenar o uso das formas ELE, ELA, ELES, ELAS como se esse uso fosse um erro sem cabimento e sem razão de ser, é uma atitude que poderíamos chamar de desonesta, uma vez que eles *omitem um dado histórico muito importante*, uma explicação com base na história da língua, deixando que as pessoas que usam essas formas condenadas se sintam "burras" ou "ignorantes", quando na verdade estão simplesmente levando adiante um uso profundamente enraizado na vida do idioma.

Já a resposta (24.c) representa uma inovação recente, característica do português do Brasil, sendo a estratégia de pronominalização mais amplamente usada por todos os brasileiros, de todas as regiões do país, de todos os níveis de escolaridade. Veremos isso no Capítulo 4, dedicado ao tema.

Tudo isso demonstra claramente que a norma-padrão é uma camisa-de-força, uma tentativa de controlar, de coibir, de domesticar os usos da língua. De um lado, ela não nos deixa empregar regras gramaticais antiqüíssimas da língua; de outro, ela não nos deixa usar regras gramaticais inovadoras, nascidas das necessidades atuais de expressão dos falantes. Ela quer nos forçar a abandonar nossa herança lingüística ancestral e, ao mesmo tempo, recusa nossa criatividade, nosso poder de inovação.

Essas são as causas que me fazem batalhar por uma *reforma da norma-padrão*, por uma atualização de suas regras, para diminuir o enorme abismo que existe entre a nossa língua materna, aquela que atende plenamente aos nossos anseios de expressão e comunicação, e o padrão de língua, o modelo que a tradição tenta nos impor a ferro e fogo. Para empreender essa reforma, porém, é preciso conhecer profundamente a realidade lingüística, e somente a *pesquisa* nos dará esse conhecimento.

Finalmente, não podemos deixar de lembrar que todo empreendimento intelectual e científico está profundamente relacionado com a *mentalidade* dominante no período e com as *estruturas sociais* em vigor na época. A Gramática Tradicional da Antiguidade clássica e a normatização das línguas européias durante o Renascimento têm vínculos muito fortes

com as *concepções e crenças* de seus empreendedores e com as *formas de organização social* dessas fases da história ocidental. Como já mencionei, a mentalidade e as formas sociais da Grécia clássica e também do Renascimento se baseavam em princípios *autoritários, centralizadores e aristocráticos*, inspirados na *seleção* de uns poucos "nobres" e na *exclusão* da imensa maioria das pessoas. Basta lembrar que nesses dois períodos históricos existiam *escravos* (e ninguém achava isso "anormal") e que as mulheres eram consideradas "naturalmente" (e até "cientificamente") inferiores.

Os *padrões* estabelecidos pelos gramáticos gregos e latinos e pelos gramáticos renascentistas (inspirados nos gregos e latinos) foram modelos muito elitizados, que deviam servir de norma de conduta lingüística para os poucos que tinham acesso à educação e à cultura letrada. O português João de Barros é bem explícito ao escrever que a língua "boa" é a língua dos "barões doutos". Isso já exclui de saída todas as mulheres ("barão" é forma antiga de "varão", isto é, "homem") — portanto, metade da população! — e todos os iletrados. Como só os aristocratas tinham acesso à educação, podemos entender "barões" aqui ao mesmo tempo como "homens" e como "nobres".

Querer cobrar, hoje em dia, a observância dos mesmos padrões lingüísticos do passado é querer preservar, ao mesmo tempo, *idéias, mentalidades e estruturas sociais* do passado. Assim como, no curso do tempo, tem se falado da Família, da Pátria, da Lei, da Fé etc. como entidades sacrossantas, como valores perenes e imutáveis, também a Língua (com inicial maiúscula e tudo!) foi elevada a essa categoria, devendo, portanto, ser "preservada" em sua "pureza", "defendida" dos ataques dos "barbarismos", "conservada" como um "patrimônio" que não pode sofrer "ruína" e "corrupção".

Não é por acaso que, ao longo do tempo, foi se criando a idéia de que "saber gramática" era um "valor moral" ou um "dever cívico" e que a pessoa que sabia "se expressar bem" era, quase automaticamente, uma pessoa boa, idônea, de caráter limpo, amante de seu país, cumpridora de seus deveres, respeitosa das instituições etc. Essa associação moralista entre "a Língua" e valores cívicos se encontra, por exemplo, nesta passagem de Rui Barbosa (1849-1923): "Uma raça cujo espírito não defende o seu solo e *o seu idioma* entrega a alma ao estrangeiro, antes de ser por ele absorvida". Também a escritora Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) declarou: "O primeiro *dever do cidadão* é *falar bem a língua materna*, e não pregar-lhe remendos". E o mais célebre defensor da gramática-tradicional-mais-normativa-impossível, Napoleão Mendes de Almeida (1911-1998), citava um autor de gramática (ele mesmo, na verdade!) que escreveu: "A língua é a mais viva expressão da *nacionalidade*. Saber escrever a própria língua faz parte dos *deveres cívicos*". Esse mesmo Napoleão também escreveu: "Esse é o ponto a que vemos chegado nosso idioma: confissão de incapacidade profissional, demonstração de *falta de brio cívico*, mouquice de

autoridade de ensino". Para ele "o zelo do idioma" deveria ser "parte da educação cívica". Também são dele as seguintes palavras bombásticas:

> "O Brasil é país de idioma sem gramática" — será afirmação válida para daqui a algumas décadas. Até que esse dia chegue continuemos a fingir que falamos uma língua culta, sem influência de promiscuidades regionais nem tribais, artísticas nem raciais, sem a perniciosa interferência de professores relapsos nem de acadêmicos derrotistas, sem criações gráficas exóticas para designar produtos de indústria ou para indicar tribos de índios, sem deformações sintáticas introduzidas, sob o pretexto da cadência musical, por levianos ou ignorantes [...][8].

O absurdo dessa afirmação está, logo de saída, no fato de que não existe idioma sem gramática, nem gramática sem idioma: são termos que possuem uma mútua implicação semântica, isto é, um só faz sentido na relação que mantém com o outro. Mas declarações como essas, preconceituosas e anticientíficas, não faltam em toda a obra de Napoleão Mendes de Almeida. Não é por outro motivo que ele se tornou, na história dos estudos lingüísticos brasileiros, uma figura quase folclórica, um arquétipo do gramático intolerante, conservador e autoritário.

1.10 O Projeto NURC

Nesta nossa investigação, não estaremos redescobrindo o fogo nem reinventando a roda. Na verdade, vamos seguir por trilhas já bem abertas e demarcadas por estudiosos que passaram por lá antes de nós. Assim fica bem mais fácil, não é? O que vamos tentar fazer, na verdade, é aplicar um pouco do que foi descoberto por eles na nossa prática diária de ensino-estudo da língua.

Quem são esses estudiosos e o que foi que fizeram? Estou me referindo aqui ao projeto NURC. Esta é uma sigla que todos os professores de língua portuguesa do Brasil têm o dever profissional de conhecer. O projeto NURC é tão importante que eu me arrisco mesmo a dizer que podemos separar os estudos da língua portuguesa do Brasil com uma linha divisória bem nítida: antes do NURC e depois do NURC.

---

[8] As afirmações de Rui Barbosa e Júlia Lopes de Almeida se encontram citadas no conhecido *Dicionário de questões vernáculas*, de Napoleão Mendes de Almeida, um livro que dá mostras, em toda a sua extensão, mas principalmente nos verbetes LÍNGUA BRASILEIRA, LÍNGUA NACIONAL, LÍNGUA PORTUGUESA e VERNÁCULO, do profundo desprezo do autor por toda a investigação científica séria já existente em sua época (ele morreu em 1998), pela produção literária moderna e contemporânea, além de uma postura francamente preconceituosa contra tudo o que proviesse das camadas desfavorecidas da população, quer se tratasse de língua, literatura oral, arte ou folclore. É espantoso que ele seja citado com tanto louvor no projeto de lei do deputado federal Aldo Rebelo, que pretende reprimir o uso de palavras de origem estrangeira no Brasil. O espanto, na verdade, diminui quando se sabe que esse projeto é um amontoado de equívocos, uma coleção de noções mais do que ultrapassadas sobre o que é língua, totalmente contrárias às concepções da ciência lingüística e da pedagogia moderna de línguas. É por isso que os lingüistas brasileiros quase unanimemente reagiram de modo negativo ao projeto.

A sigla NURC significa: *norma urbana culta*. Estamos, aqui, portanto, dentro do conceito de *norma culta* que é empregado pelos lingüistas (e não pelos defensores do tradicionalismo gramatical). Trata-se de um projeto de documentação e pesquisa que começou a ser executado no final da década de 1960 em cinco cidades brasileiras: Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. Essas cidades foram escolhidas porque, naquela época, eram as que atendiam aos dois critérios de seleção estabelecidos pelo projeto: a idade (mais de 100 anos de fundação) e a população (mais de um milhão de habitantes). Os objetivos do projeto NURC eram (e são) os seguintes:

1. Dispor de material sistematicamente levantado que possibilite o estudo da modalidade oral culta da língua portuguesa em seus aspectos fonético, fonológico, morfossintático, sintático, lexical e estilístico;
2. Ajustar o ensino da língua portuguesa, em todos os seus graus, a uma realidade lingüística concreta, evitando a imposição indiscriminada de uma só norma histórico-literária, por meio de um tratamento menos prescritivo e mais ajustado às diferenças lingüísticas e culturais do país;
3. Superar o empirismo na aprendizagem e ensino da língua-padrão pelo estabelecimento de uma norma culta real;
4. Basear o ensino em princípios metodológicos apoiados em dados lingüísticos cientificamente estabelecidos;
5. Conhecer as normas tradicionais que estão vivas e quais as superadas, a fim de não sobrecarregar o ensino com fatos lingüísticos inoperantes;
6. Corrigir distorções do esquema tradicional da educação, entravado por uma orientação acadêmica e beletrista.

Esses objetivos foram definidos no documento da VI Reunião Nacional do NURC, em Porto Alegre, em 1973. Para mim, pessoalmente, são muito mais do que objetivos de um projeto científico: são um *manifesto político* que dirige nossa luta para conseguirmos ensinar a língua portuguesa do Brasil de uma maneira mais democrática, não preconceituosa e mais realista.

Desde que foi iniciado, o projeto NURC já deu frutos importantíssimos. A primeira etapa foi a coleta, por meio de gravação em fita magnética, da língua falada pelos brasileiros cultos das cinco cidades. Essa coleta foi feita com base numa seleção extremamente criteriosa dos informantes e por meio de entrevistas cientificamente elaboradas, chamadas *inquéritos*. Foram criados três tipos de inquérito: o diálogo do informante com o documentador (DID), o diálogo entre dois informantes (D2) e a elocução formal (EF). No DID, deixa-se o informante falar à vontade sobre um tema proposto, e o entrevistador só intervém quando julga necessário, para estimular o entrevistado a falar mais por meio de perguntas curtas ou mudanças de assunto. No D2, duas pessoas dialogam entre si sobre algum tema proposto pelo entrevistador, que fica quietinho ouvindo, interferindo muito pouco na condução da conversa. Na EF, grava-se algum tipo de fala mais formal: uma aula de nível superior, uma palestra ou conferência, que exige, da parte de quem fala, outras estratégias de conversação diferentes das empregadas nos diálogos, mais informais.

Depois de feitas as gravações (que, somadas, chegam a quase 1.500 horas de língua falada), passou-se à etapa da transcrição das entrevistas, feita segundo uma metodologia também previamente discutida e definida.

Uma vez compilado, este grande acervo de língua falada se tornou um material riquíssimo para os estudiosos. Cada um dos cinco núcleos do projeto NURC já publicou pelo menos um volume com transcrições dos inquéritos (veja a relação na bibliografia deste livro). Desde então, já foram empreendidos incontáveis estudos com base nesse acervo: artigos científicos, dissertações de mestrado, teses de doutorado, livros, projetos pedagógicos e assim por diante.

Mais recentemente, um grupo formado por dezenas de lingüistas brasileiros, que atuam em universidades diversas, decidiu empreender, com base no acervo do NURC, um trabalho de investigação que passou a constituir um novo projeto: a *Gramática do português falado* (já falei dela mais acima). Coordenado por Ataliba de Castilho (talvez o nome mais importante nos estudos do português do Brasil hoje em dia), este grupo já publicou sete livros volumosos com estudos científicos guiados por diversas abordagens teóricas (veja a relação na bibliografia deste livro). Além do NURC, existem atualmente no Brasil diversos outros projetos de documentação e análise da língua viva, conduzidos por vários grupos de pesquisadores em diferentes regiões do país. Podemos citar, por exemplo, o VARLINE — Variação Lingüística no Nordeste, que reúne sob essa sigla vários projetos sediados em diferentes centros de estudo da região Nordeste. Existe também o VARSUL — Variação Lingüística na Região Sul, que empreende a coleta e o estudo da língua falada no Paraná, em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul. Também em Minas Gerais, sob a coordenação de Jânia Ramos, está em andamento um projeto de estudo da língua falada em Belo Horizonte. Esses projetos, diferentemente do NURC, têm um objetivo mais amplo e não se limitam à coleta e ao estudo somente do falar urbano das camadas cultas da população[9]. É o caso também do projeto CENSO, na cidade do Rio de Janeiro, que investiga a língua falada pelas pessoas com escolaridade fundamental e média naquela região metropolitana.

Esta minha proposta de aplicar os resultados do projeto NURC ao ensino de língua é uma tentativa de trazer esses resultados do meio *acadêmico, teórico, científico*, para o ambiente *educacional, prático, escolar*. Somente assim, acredito, poderemos cumprir os objetivos do NURC de criar bases mais sólidas, não "adivinhativas", não preconceituosas, mais científicas para o ensino da língua portuguesa *do* Brasil *no* Brasil.

---

[9] Se você tiver acesso à Internet e tiver interesse em conhecer melhor esses projetos, sugiro que use os mecanismos de busca da rede mundial de computadores e tente localizar o VARSUL e o VARLINE (é possível também obter informações nos sites das Universidades Federais do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, e da Universidade Federal de Alagoas). Para o projeto mineiro, consulte o site da Universidade Federal de Minas Gerais.

Diante da enorme produção científica proporcionada pelo projeto NURC fica difícil (aliás, impossível) aceitar essa onda de gramatiquice que invadiu a mídia brasileira de uns anos para cá, com pessoas totalmente desvinculadas do meio científico, sem nenhuma preparação lingüística adequada, tentando nos dizer o que é "certo" e "errado". São pessoas que pertencem à pré-história da Lingüística brasileira, que ainda não cruzaram a linha divisória do antes e do depois do NURC.

Vou dar só um exemplo. Um dos produtos de maior sucesso da atual onda de tradicionalismo gramatiqueiro são os manuais de redação e estilo das grandes empresas jornalísticas. Muita gente, inclusive professores de português, passou a recorrer a esses manuais na ilusão de que são substitutos mais "modernos" e "práticos" das gramáticas normativas convencionais, consideradas um tanto complicadas e confusas. Se examinarmos o mais popular deles, porém, o *Manual de redação e estilo* do jornal *O Estado de S. Paulo*, veremos a distância que separa suas prescrições categóricas daquelas que encontramos nas gramáticas escritas por filólogos profissionais, conscientes das transformações por que passa a língua. Compare-se, por exemplo, o que diziam Cunha & Cintra, em 1985, acerca da aglutinação de preposição com artigo definido (como em "o fato *do* homem ser mortal", em vez de "o fato *de o* homem ser mortal"), com a explicação oferecida pelo *Manual* do *Estadão*, em 1998:

> CUNHA & CINTRA (p. 203): "Quando a preposição que antecede o artigo está relacionada com o verbo, e não com o substantivo que o artigo introduz, é aconselhável que os dois elementos fiquem separados, embora não faltem exemplos de sua aglutinação na prática dos melhores escritores".
>
> MANUAL DO ESTADÃO (p. 85): "**De a, de o, de ele, de aquele.** Não se faz a contração da preposição com o artigo quando este é parte do sujeito, nem da preposição com o pronome se ele funciona como sujeito ou o determina. Assim, eis os exemplos corretos: *Apesar de o* (e não *do*) *presidente ter dito a verdade, ninguém acreditou nele.* [...] ***Observação:*** Há gramáticos que aceitam essa contração; o **Estado**, porém, segue a norma da língua.

O que, para os gramáticos, é "aconselhável", para o jornalista é "não se faz". O conselho dado pelos gramáticos é seguido de uma concessão: "*embora* não faltem exemplos na prática dos melhores escritores". Para o jornalista, porém, só existem "exemplos corretos". Surpreende, acima de tudo, a referência do *Manual* a uma nebulosa e vaga "norma da língua", não definida, que seria mais "correta" ainda do que a norma-padrão descrita e prescrita pelos gramáticos profissionais... Como se vê, o autor do *Manual* (o jornalista Eduardo Martins) ainda se baseia em idéias da pré-história da Lingüística brasileira.

1.11 Por que pesquisar?

A forma tradicional de ensino da língua, no Brasil, tem se baseado em duas operações fundamentais: *repetir* e *reproduzir*. Ensinar português, no

Brasil, sempre foi REPETIR a velha doutrina gramatical conservadora e, junto com ela, REPRODUZIR todos os mitos e preconceitos que a GT ajudou a cristalizar nas concepções de língua e de "erro" que fazem parte do senso comum. Essa atitude marcadamente autoritária e anticientífica não tem mais cabimento no atual estágio da evolução dos conhecimentos nem nas concepções contemporâneas de direitos humanos.

Esse ensino repetitivo e reprodutor só consegue atingir um objetivo: aprofundar o abismo entre a língua real e o padrão ideal, diminuir a já baixa auto-estima lingüística dos brasileiros.

O resultado disso, não só no ensino da língua, mas em todas as áreas da prática pedagógica, é a criação de uma escola quadrada e cinzenta:

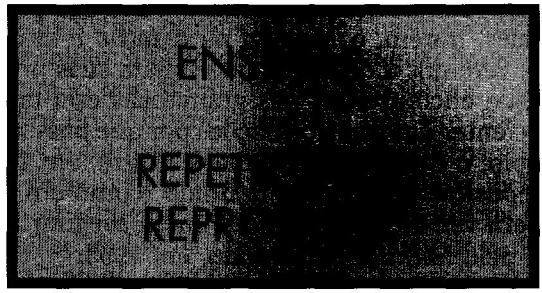

Durante muito tempo, existiu na mentalidade da maioria das pessoas a ilusão de que a escola poderia ensinar tudo. Imagine só: transmitir *todo* o conhecimento acumulado durante milhares de anos pela humanidade em poucos anos de escola, com poucas horas de aula por dia. É mesmo uma ilusão. Mas tem muita gente que ainda acredita nela.

O que acontece é que hoje, em pleno século XXI, nós estamos numa situação que, num certo sentido, se parece com a situação dos homens das cavernas, nossos ancestrais primitivos. O homem das cavernas não tinha conhecimento dos objetos e dos fenômenos que rodeavam ele: o que é o fogo? O que é a chuva? Como é possível o sol ir embora e voltar no dia seguinte? Para onde ele foi? Por que a lua está cada vez de uma forma diferente no céu? Por que existe noite e dia? Que são aqueles pontinhos brilhantes no céu da noite? Por que a mulher engravida? Como se formou esse novo ser humano? Por que não se pode respirar debaixo d'água? Por que os peixes podem? Como as aves voam? E assim por diante. A situação do homem primitivo era de constante espanto, de interminável surpresa.

E hoje? Como estamos? Numa situação bem parecida. Estamos rodeados de objetos e não temos muita noção de como eles funcionam. Além de todas as perguntas que o homem primitivo fazia e para as quais ainda não temos as respostas completas, outras novas apareceram. Nós, urbanos de classe média, não dominamos totalmente nem mesmo o conhecimento do nosso próprio ambiente doméstico. Como funciona o forno de

microondas? Como é possível passar uma mensagem por fax e ela sair tal e qual no outro lado do mundo? Como opera o telefone celular? E as imagens via satélite? Como é que o computador adivinha o que estou tentando fazer e me dá respostas antes que eu faça perguntas? Como pode caber uma enciclopédia de 40 volumes num único CD-ROM? Como é que o caixa do supermercado adivinha o preço das mercadorias se não existem mais etiquetas? Como é que algumas portas se abrem sozinhas quando a gente se aproxima delas? Muitas vezes nós até temos as explicações, sabemos por quê, mas não entendemos precisamente *como*... A porta automática se abre porque ela tem uma célula fotoelétrica que capta o movimento das pessoas e envia uma mensagem que comanda a abertura do sistema. Sim, mas como isso acontece? Como isso é possível?

Imaginem agora quantos outros tantos milhões de coisas nós não conhecemos, sem falar de outras tantas que nem sabemos que existem. Todos os dias os biólogos encontram uma espécie nova de planta ou animal. Os arqueólogos fazem descobertas que podem de uma hora para outra revolucionar tudo o que se sabia da história de um povo. Quando estamos na praia num dia claro de verão e olhamos para o alto e só vemos o azul do céu e o branco das nuvens, não imaginamos que por ali estão passando, naquele exato momento, ondas de rádio, de televisão, de satélite, de telefonia, de radar, raios ultravioletas, raios infravermelhos, ondas magnéticas, gritos de animais que nossos ouvidos não conseguem captar, tudo ao mesmo tempo, de uma vez só...

Assim, me parece que a função principal da escola, além de transmitir alguns conhecimentos básicos, instrumentais, é ajudar o estudante a produzir seu próprio conhecimento. A escola tem que fazer o que eu chamo de troca de sílabas. Com essa troca de sílabas pode ser que a escola deixe de ser quadrada, fechada dentro de si mesma, e fechada para o mundo, e se torne dinâmica, uma rede de circulação do saber, saber que circula dentro dela mesma e que também se projeta para fora, gerando frutos que podem ser úteis a toda a sociedade.

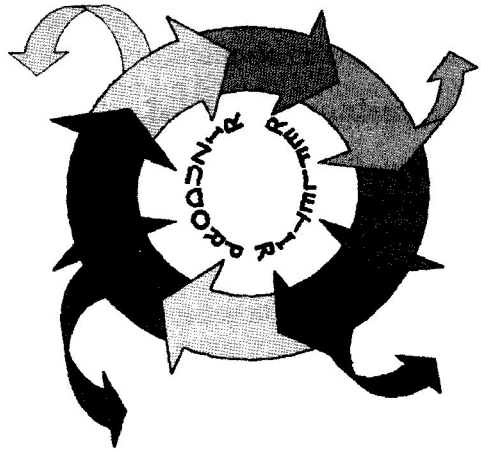

São duas trocas, uma no plano da teoria, outra no plano da prática. No campo teórico, a escola tradicionalmente tem se limitado a REPETIR uma série de supostas verdades acumuladas ao longo do tempo nas diferentes ciências e áreas de conhecimento. Sabemos que não dá mais para fazer isso. A escola repetidora, a escola-papagaio, não funciona mais. E a prova disso está no desinteresse que muitas vezes os alunos demonstram em relação ao que têm a aprender. Lá fora tem tanta coisa mais vibrante, mais interessante, mais legal... A sílaba a ser trocada aqui é esta: em vez de RE-*PE*-TIR a escola deve levar o aluno a RE-*FLE*-TIR sobre as informações que está recebendo aqui dentro e lá fora. Parar de aceitar passivamente o pacote de verdades tradicionais e passar a *refletir* sobre elas, a questioná-las, a criticá-las, a duvidar inclusive, se for o caso, de sua veracidade. Assim teremos base também para descartar as noções tradicionais e substituí-las por novas informações, mais próximas do real.

No campo da prática, está na hora de *apagar* uma sílaba. Em vez de REPRODUZIR um conjunto de idéias prontas, de dogmas e preconceitos sem reflexão sobre eles, a escola deve colaborar para que o aluno possa PRODUZIR o seu próprio conhecimento. E como é que isso é possível? Com uma única ferramenta: a *pesquisa*. É investigando, explorando, pesquisando a realidade dos fatos que nós podemos construir, produzir nosso próprio conhecimento, descobrir o verdadeiro funcionamento das coisas, que muitas vezes poderá ser diferente daquilo que a tradição nos ensinou.

No campo de estudo que nos interessa mais de perto, o da língua, a pesquisa nos permite conhecer melhor a distância entre a *norma-padrão* pregada pela tradição gramatical e as *variedades cultas* (e também as outras, *não-cultas*) realmente empregadas pelos falantes brasileiros de português. Com base nos dados coletados, poderemos *refletir* sobre essas diferenças, tentar encontrar explicações científicas para elas e, assim, *produzir* o nosso próprio conhecimento gramatical, que poderá entrar em sério conflito com a tradição normativa.

1.12 Afinal, o que ensinar na escola?

Depois de tudo o que ficou dito até agora, como responder a pergunta (invariavelmente presente na fala dos professores de língua): qual o objeto de ensino nas aulas de português? O que devemos ensinar a nossos alunos em sala de aula?

Uma resposta concisa e rápida seria: devemos ensinar a *norma-padrão*. Já que só se pode *ensinar* algo que o aluno ainda não conhece, cabe à escola ensinar a *norma-padrão*, que não é língua materna de ninguém, que nem sequer é língua, nem dialeto, nem variedade, como enfatizei

acima. Ensinar o padrão se justificaria pelo fato dele ter valores que não podem ser negados — em sua estreita associação com a escrita, ele é o repositório dos conhecimentos acumulados ao longo da história. Esses conhecimentos, assim armazenados, constituiriam a cultura mais valorizada e prestigiada, de que todos os falantes devem se apoderar para se integrar de pleno direito na produção/condução/transformação da sociedade de que fazem parte.

Mas ensinar a norma-padrão é algo que independe das aulas de gramática tradicionais, da decoreba de nomenclatura técnica, da memorização de conceitos incompletos ou facilmente desmentíveis ("substantivo é a palavra que dá nome aos seres", "o pronome substitui o nome" etc.), do aprendizado inútil de coisas totalmente irrelevantes. Para ser um bom usuário dos recursos da língua, o aluno tem de ser posto em contato permanente e intenso com textos falados e escritos de onde ele possa depreender esses recursos. É uma inutilidade (e uma crueldade) desperdiçar milhares de horas de aula para ensinar coisas que os alunos já sabem usar, simplesmente para que eles aprendam os nomes que a GT dá a essas coisas. Basta a gente ver, por exemplo, com que eficiência todo e qualquer falante de português — incluindo as criancinhas em idade pré-escolar e os adultos totalmente analfabetos — usa os possessivos. Para que, então, gastar tempo e juízo tentando ensinar que "os possessivos servem para indicar X, Y e Z" e "podem assumir as formas A, B e C" e assim por diante?

Também não quer dizer simplesmente levar o aluno a conhecer todas as regras padronizadas, a familiarizar-se com elas, para saber aplicá-las com precisão e adequação. É muito mais que isso. Sou a favor de um *ensino crítico* da norma-padrão. E para empreender essa crítica, é necessário despejar sobre o pano de fundo homogêneo da norma-padrão clássica a heterogeneidade da língua realmente usada. Para isso, a escola deve dar espaço ao *maior número possível de manifestações lingüísticas*, concretizadas no maior número possível de *gêneros* textuais e de *variedades* de língua: rurais, urbanas, orais, escritas, formais, informais, cultas, não-cultas etc. Assim como Mattos e Silva (1995: 37), também proponho "uma pedagogia voltada para o *todo* da língua e não para algumas de suas formas".

Proponho desdobrar dentro da escola o painel multifacetado, complexo e rico da realidade lingüística brasileira, em vez de oferecer como único modelo a ser imitado o dos clássicos da literatura. A escola, insisto, tem de se abrir a todos os *gêneros* em que se pode concretizar o uso da língua.

Esse ensino crítico obriga necessariamente a um *questionamento da legimitidade da norma-padrão*, a uma abordagem dos processos históricos, sociais e políticos que levaram à constituição do cânon lingüístico. No plano estritamente lingüístico, implica mostrar, cientificamente, de que

modo a norma-padrão é uma tentativa de conservação de formas lingüísticas ultrapassadas, que não são nem melhores, nem mais bonitas, nem mais lógicas que as formas presentes nas variedades reais, mas apenas consagradas pelo uso de segmentos privilegiados da sociedade — não é por acaso que a norma-padrão na Inglaterra se chama *Queen's English*, o "inglês da Rainha"...

Como se pode ver, não queremos defender o reconhecimento da heterogeneidade lingüística apenas para impor, ao fim e ao cabo, a norma-padrão. Essa atitude, como bem analisam Soares (1986) e Mattos e Silva (1995), representa uma *violência simbólica*, uma vez que "o respeito à diferença é apenas um caminho para a assimilação à sociedade dominante e, portanto, para a reprodução dessa sociedade" (Mattos e Silva, 1995: 13).

Sou a favor do ensino da norma-padrão para que os alunos oriundos das camadas sociais desfavorecidas (ou seja, a imensa maioria da população brasileira) possa ter como lutar com as mesmas armas dos alunos provindos das camadas privilegiadas. Minha proposta de ensino aproxima-se, assim, da de Magda Soares (1986: 78), quando ela diz:

> Um ensino de língua materna comprometido com a luta contra as desigualdades sociais e econômicas reconhece, no quadro dessas relações entre a escola e a sociedade, o direito que têm as camadas populares de apropriar-se do dialeto de prestígio, e fixa-se como objetivo levar os alunos pertencentes a essas camadas a dominá-lo, *não para que se adaptem às exigências de uma sociedade que divide e discrimina, mas para que adquiram um instrumento fundamental para a participação política e a luta contra as desigualdades sociais*. Um ensino de língua materna que pretenda caminhar na direção desse objetivo tem de partir da compreensão das condições sociais e econômicas que explicam o prestígio atribuído a uma variedade lingüística em detrimento de outras, tem de levar o aluno a perceber o lugar que ocupa o seu dialeto na estrutura de relações sociais, econômicas e lingüísticas, e a compreender as razões por que esse dialeto é socialmente estigmatizado; tem de apresentar as razões para levar o aluno a aprender um dialeto que não é o do seu grupo social e propor-lhe um bidialetalismo não para sua adaptação, mas para a transformação de suas condições de marginalidade. [grifos meus]

Não acredito, portanto, na validade de uma "norma pedagógica", nem sequer, aliás, na possibilidade de estabelecê-la. Em que se basearia? No uso exclusivo dos "clássicos", postura elitista e antidemocrática, como querem as gramáticas normativas? Na língua dos jornais? Mas os jornais não têm uma linguagem única: neles também impera uma grande variação de gêneros e de opções sintáticas. Na língua dos falantes cultos? Mas as variedades cultas urbanas apresentam diferenças entre si. Nas palavras de Mattos e Silva (1995: 53): "Não se pode mais falar no Brasil do 'dialeto da escola'..."

Para fazer esse ensino crítico da norma-padrão é preciso ter um conhecimento bem fundado da realidade lingüística brasileira. E é isso que este livro pretende começar a pôr em prática. E nessa tarefa é indispensá-

vel a participação de todos os envolvidos: pesquisadores acadêmicos, professores de ensino fundamental e médio, alunos e quem mais quiser entrar nesse mutirão.

1.13 Gramática: sim ou não?

É interessante ver como o ensino de outras disciplinas faz uma abordagem sempre crítica dos saberes do passado, mostrando de que maneira a evolução do conhecimento e da ciência levou o ser humano a abandonar velhas crenças e superstições. Em livros didáticos de Biologia, Física, Química, História, Geografia etc., é comum a gente encontrar afirmações do tipo: "Durante muito tempo se acreditou que [...], mas os avanços da pesquisa e da tecnologia revelaram que [...]". Quem não se lembra de algum professor contando a história de Copérnico, Galileu, Newton ou Darwin? Isso só não acontece nas aulas de língua! Os termos e conceitos da Gramática Tradicional — estabelecidos há mais de 2.000 anos! — continuam a ser repassados praticamente intactos de uma geração de alunos para outra, como se desde aquela época remota não tivesse acontecido nada na ciência da linguagem. O ensino tradicional opera assim uma imobilização do tempo, um apagamento das condições sociais e históricas que permitiram o surgimento e a permanência da Gramática Tradicional.

Por que eu e outros tantos pesquisadores combatemos o ensino acrítico da Gramática Tradicional? A resposta a essa pergunta já foi muito bem formulada por Geraldi (1996: 133), que escreveu:

> [...] as classes gramaticais lhe são apresentadas [ao aluno] a partir de definições, sem que os critérios de classificação sejam explicitados e sem que os objetivos da própria classificação sejam considerados. Aprende nomes de classes, definições, faz exercícios, mas não consegue entender a razão de tais classificações. Obviamente, a teoria gramatical tradicional que embasa os estudos escolares não tem critérios muito precisos — ora os critérios são morfológicos, ora semânticos, ora sintáticos. Além disso, toda classificação responde a algum objetivo teórico (em língua não há classes naturais e aquelas que construímos respondem a alguma necessidade do estudo teórico que as produziu), e este objetivo nunca é explicitado no ensino da gramática (a classificação parece ter um valor em si).

Eu gostaria de chamar a atenção, no trecho acima, para as seguintes palavras: *"Toda classificação responde a algum objetivo teórico (em língua não há classes naturais e aquelas que construímos respondem a alguma necessidade do estudo teórico que as produziu)"*. Ora, toda ciência precisa de teorias, de modos de ver as coisas, de classificar os objetos e os fenômenos. No entanto, ao contrário do que muita gente ainda pensa, a ciência não é uma atividade neutra e imparcial, não é uma descrição fiel e transparente da realidade e da natureza. O olhar que lançamos sobre uma coisa afeta profundamente a compreensão que temos dessa mesma coisa,

e esse olhar é afetado sempre e inevitavelmente pelas nossas crenças prévias, nossas convicções, nossos preconceitos.

Um exemplo interessantíssimo: pouco depois do aperfeiçoamento do microscópio (desenvolvido pelo holandês Antoon van Leeuwenhoek no século XVII), um outro holandês, Harstoeker, observando um pouco de esperma humano no aparelho recém-inventado, afirmou (em 1694) que cada espermatozóide era, na verdade, um ser humano (macho ou fêmea) em miniatura, encolhido em posição fetal sob uma fina película líquida. De onde vinha essa ilusão de ótica? Muito simples: a mulher sempre foi (e em muitas culturas ainda é) vista como um ser inferior ao homem — preconceito que já existia na Antiguidade clássica e ficou ainda mais forte com a implantação do cristianismo no Ocidente, herdeiro das idéias misóginas do judaísmo, que responsabilizam a mulher pela introdução do mal no mundo (o mito de Eva): os homens judeus têm até uma oração especial em que agradecem: "Obrigado, Senhor, por eu não ter nascido mulher".

Dentro dessa mentalidade profundamente misógina, era impossível imaginar que a mulher tivesse a mesma importância que o homem no processo da reprodução. A crença mais difundida era a de que o homem fornecia todo o *programa* (todo o código genético, diríamos hoje em dia), enquanto a mulher servia apenas como um recipiente, uma espécie de chocadeira para o desenvolvimento do novo ser humano. A coisa vem mesmo de muito longe, e as palavras revelam isso: o grego *sperma* e o latim *semen* significam, ambos, "semente", porque se acreditava que o homem tinha a *semente* da vida e que a mulher era simplesmente o solo, a terra, em que essa semente brotaria. Por isso, imbuído dessas crenças milenares, Harstoeker pôde jurar que tinha visto, dentro dos espermatozóides, minúsculos seres humanos, prontinhos e acabados, esperando apenas um bom terreno para serem plantados... Pela mesma razão, mas em sentido contrário, um outro estudioso holandês, Regnier De Graaf, foi violentamente atacado e censurado ao propor (em 1672) a "absurda" tese de que as mulheres produziam, dentro de seus corpos, ovos para serem fecundados pelo esperma masculino![10] Isso daria a elas um papel muito importante na reprodução, uma contribuição fundamental incompatível com sua natureza "inferior".

O mesmo se pode ver no que diz respeito à Gramática Tradicional. Quando suas doutrinas foram elaboradas, no século III a.C., a preocupação dos filólogos era criar um instrumental teórico capaz de descrever e

[10] Essas e outras histórias podem ser lidas no delicioso livro de Jean-Pierre Lentin, *Penso, logo me engano*, publicado pela Ed. Ática em 1996 e que tive o prazer de traduzir. O autor mostra como a ciência se construiu, ao longo dos séculos, por meio de enganos, embustes, equívocos, mentiras, má-fé e distorções da verdade...

preservar na maior "pureza" possível a linguagem literária empregada pelos grandes poetas e prosadores do passado. Esse objetivo revela, logo de saída, uma concepção aristocrática da linguagem que divide os modos de falar em "puros" e "impuros", concepção que a ciência lingüística moderna rejeita inteiramente, além de deixar à mostra uma crença (infundada) na existência de limites rígidos entre a língua falada (supostamente caótica e aberta às "impurezas") e a língua escrita (que poderia ser "regulada"/"regrada" e mantida ao abrigo das "interferências" da fala). Por isso, eles simplesmente *deixaram de ver* uma série de fenômenos característicos da linguagem humana, porque esses fenômenos não interessavam aos seus objetivos.

Mais tarde, alguns desses fenômenos, quando tiveram a honra de ser incluídos nas gramáticas normativo-prescritivas, acabaram recebendo o nome de "vícios de linguagem". Ora, a moderna investigação lingüística, que se interessa pelo máximo possível de fenômenos da linguagem, tem mostrado a importância de muitos desses supostos "vícios" na manutenção da coesão e da coerência do texto, sobretudo quando se trata de conversação: o anacoluto, a repetição, a hipérbole, o pleonasmo, por exemplo, têm uma clara função na organização e na produção textual, na construção e manutenção da interação verbal, função que pode ser analisada e interpretada com um aparato científico consistente.

Como diz Geraldi, não existem classes "naturais" na língua, e todas as classificações que fazemos são frutos das nossas opções teóricas, daquilo que escolhemos ver (e do que escolhemos também *não ver*), opções que por sua vez refletem muito de nossas crenças e opiniões. A história da ciência está repleta de episódios famosos em que as pessoas — mesmo diante de provas concretas que elas podiam ver com os próprios olhos e tocar com as próprias mãos — continuavam a negar a existência de determinados objetos e fenômenos simplesmente porque toda uma tradição de crenças e superstições afirmava que a verdade era outra. No caso da língua, essa postura de negar a realidade dos fatos é muito freqüente: basta a gente observar o discurso daqueles que dizem "tal coisa *não existe* em português" ou "isso *não é* português" diante de palavras, alterações de significado ou construções sintáticas que não aparecem nos dicionários ou nas gramáticas normativas. Numa clara inversão do processo histórico, essas pessoas acreditam que o dicionário e a gramática surgiram primeiro, e só depois é que, com base nesses livros, as pessoas puderam aprender a falar. Se essa superstição tivesse algum fundamento, os povos que não conhecem a escrita deveriam ser todos mudos, já que não têm livros de gramática nem dicionários... Conheço até pessoas que acreditam, ingenuamente, que podem aprender a falar, escrever, ler e entender uma língua estrangeira decorando uma gramática e consultando um dicionário![11]

---

[11] Não é à-toa que em francês os livros com as fórmulas secretas das bruxas são chamados (desde o século XIII) de *grimoire*, enquanto em inglês a palavra *gramarye* (da mesma época)

Ferdinand de Saussure, que já encontramos mais acima, dizia que numa ciência humana como a Lingüística *é o ponto de vista que cria o objeto*. Ou seja: a maneira como encaramos uma coisa cria a realidade dessa coisa para nós. E você sabe como se diz "ponto de vista" em grego? *Theoría*. Exatamente: uma *teoria* é um ponto de vista, um modo (e um lugar) de encarar, um jeito de observar alguma coisa. Por isso, teorias diferentes apresentam, às vezes, um mesmo objeto de modos diferentes (aliás, não apresentam, mas sim *representam*). Dizer, por exemplo, se o governo de um determinado país é uma "democracia" ou uma "ditadura" depende do ponto de vista do observador, de suas concepções políticas, de suas teorias sociológicas. Dizer se uma determinada variedade lingüística é uma "língua" plena, uma "norma" ou um "dialeto da língua X" depende da teoria que está por trás dos conceitos de *língua, norma* e *dialeto* utilizados para a classificação.

Assim, no que diz respeito ao ensino de gramática, é impossível a gente fugir da seguinte pergunta (feita com base no que Geraldi escreveu): *qual o objetivo teórico da nossa classificação dos fenômenos da língua?* Que ponto de vista queremos apresentar aos nossos alunos quando tentamos ensinar gramática a eles? Que concepção de língua está por trás da teoria que vamos apresentar a eles? Em que lugar nos colocamos ao descrever a língua do modo X ou Y? Em que lugar queremos que as pessoas cheguem se seguirem nossa teoria, nosso ponto de vista?

Ensinar a Gramática Tradicional — tal como cristalizada nas gramáticas normativas e em boa parte dos livros didáticos disponíveis no mercado editorial — transmitindo sem análise crítica as classificações e definições (como se elas tivessem, na expressão de Geraldi, "um valor em si"), é um ato de desonestidade intelectual — por mais duras que essas palavras possam parecer — ou no mínimo de ingenuidade teórica — igualmente imperdoável para quem tem a responsabilidade de educar. Afinal, todo professor de português na ativa hoje, em pleno III milênio, teve algum contato, ainda que superficial e fragmentado, com a ciência lingüística, com a crítica dos métodos tradicionais, com a crítica da GT. É ampla e farta a bibliografia disponível sobre essas questões, bibliografia que não pára de crescer. Os Parâmetros Curriculares Nacionais com novas concepções pedagógicas e lingüísticas são distribuídos gratuitamente, aos milhões de exemplares, pelo Ministério da Educação. Como já foi dito aqui, a Gramática Tradicional é um patrimônio cultural do Ocidente, que deve-

---

significa "ciência oculta, magia". São duas palavras derivadas do francês *grammaire*, "gramática". É um claro indício de que, na imaginação popular, o conhecimento da gramática é alguma coisa estranha, misteriosa e oculta, inacessível ao comum dos mortais, reservada para uns poucos iniciados (que, ao que parece, podem se servir desse conhecimento para fins nem sempre benévolos...).

mos estudar e conhecer, mas que devemos também criticar, reconhecendo seu caráter não-científico, seus equívocos teóricos, suas concepções arcaicas de língua e de linguagem (baseadas, por sua vez, em concepções arcaicas do homem, da sociedade, do mundo e do universo). Passar adiante essa doutrina é o mesmo que passar adiante a crença na contribuição "menor" da mulher na concepção da vida nova.

Por outro lado, é muito complicado também substituir a doutrina tradicional por alguma teoria mais recente. Qual das muitas escolas teóricas da Lingüística vamos escolher para guiar nosso trabalho em sala de aula? O estruturalismo saussuriano, a glossemática de Hjelmslev, a tagmêmica de Pike, o gerativismo de Chomsky, o funcionalismo do Círculo Lingüístico de Praga, a teoria das valências de Tesnière (para citar apenas algumas das escolas mais conhecidas)? Todas essas tendências teóricas representaram avanços na compreensão dos fenômenos da língua e da linguagem, mas nenhuma delas, é claro, dá conta da totalidade desses fenômenos. Além disso, aquelas que ainda têm seguidores estão constantemente passando por revisões, por reformulações, sem falar das dissidências e das deserções!

Toda ciência digna deste nome é um saber em construção, uma obra nunca terminada, um trabalho constante e ininterrupto. Ao contrário da Gramática Tradicional, que acabou se constituindo numa coleção de *dogmas*, isto é, uma coleção de conceitos que são considerados verdades absolutas e indiscutíveis, a Lingüística, como toda ciência, não pára de questionar suas próprias idéias, não pára de reformular suas teorias. Como disse o filósofo Karl Popper (1902-1994), o progresso do conhecimento humano não se faz acrescentando novas certezas a um volume de certezas já existentes, mas substituindo constantemente as teorias existentes por teorias melhores. Popper também afirmava que é impossível provar, de uma vez e para sempre, a verdade de qualquer teoria científica, ou colocar toda a ciência em fundações definitivamente seguras. Por mais contraditório que possa parecer, ele também dizia que uma afirmação só pode ser chamada de científica se puder ser negada, isto é, se puder ser posta à prova.

Assim, diante desse impasse — não ensinar a Gramática Tradicional (porque não-científica) nem ensinar as teorias mais recentes (porque sempre inconclusas e provisórias) — o que nos resta a fazer em sala de aula? Como já afirmei na Introdução, o que nos *resta* a fazer não é nenhum *resto*, mas simplesmente *tudo* e *só* o que temos de fazer: desenvolver a prática da leitura e da escrita, da releitura e da reescrita, da re-releitura e da re-reescrita, sem a necessidade de decorar nomenclaturas (sejam elas as tradicionais ou as de alguma teoria moderna) nem de empreender exercícios mal formulados e incongruentes de análise e descrição mecânica dos fatos gramaticais, exercícios baseados em definições imprecisas e em métodos mais do que questionáveis (para não falar dos "truques" e "macetes" que não têm fundamentação metodológica nenhuma!).

Se alguém acha importante ou interessante apresentar aqueles termos e conceitos tradicionais a seus alunos, para que eles conheçam um pouco da história da ciência lingüística, também é importantíssimo e mais do que interessantíssimo apresentá-los *seguidos de uma crítica*: "Durante muito tempo, definiu-se *substantivo* como 'a palavra que designa os seres em geral', mas essa definição apresenta problemas. O que significa a palavra 'ser' nessa definição? Todo mundo sabe que *banho, ausência, ar* e *morte* são substantivos, mas será possível dizer que são 'seres' também?" Se for assim, não me oponho à apresentação das noções tradicionais, para que sirvam de ponto de partida para uma reflexão mais funda sobre a língua e a linguagem, sobre a constituição de teorias, sobre a constituição sempre parcial e incompleta do conhecimento humano etc. Mas se for simplesmente para continuar a repassá-las sem crítica, como se fossem verdades absolutas e incontestáveis, e, pior, para que isso se constitua no objeto principal e primordial do ensino de língua, então, sinceramente, prefiro gritar (junto com os alunos!): "Gramática? Tô fora!"

É importante também que as pessoas não confundam essa rejeição da Gramática Tradicional *na sala de aula, na prática pedagógica dos ensinos fundamental e médio*, com uma recusa do estudo da tradição gramatical nos cursos superiores de Letras. Ora, é fundamental e indispensável que o estudante de Letras, o futuro professor de língua, conheça profundamente essa tradição gramatical, bem como as teorias lingüísticas que vêm se desenvolvendo em épocas mais recentes. Afinal, o professor de língua tem de ser um lingüista, um pesquisador, um profissional do seu campo de interesse, um especialista na sua área de atuação (para não se tornar mais um dos papagaios da mídia, que só fazem repetir, sem questionar, o prescritivismo mais conservador). Mas esse conhecimento científico fundo e profundo não tem de ser transmitido tal e qual aos alunos das escolas primárias e secundárias. Esse tem sido o grande equívoco do ensino tradicional. O objetivo do ensino de língua deve ser estimular a expressão das experiências dos diferentes sujeitos, permitir que eles assumam sua palavra, que se tornem sujeitos de seu discurso — não é formar professores de português nem romancistas e poetas, como o ensino tradicional de língua parece que vem tentando fazer nos últimos séculos, sem nenhum sucesso, aliás, porque é muito difícil (trans)formar uma pessoa naquilo que ela não quer ser!

Enfim, não dá para ficar de braços cruzados, queixando-se das dificuldades de ensinar, à espera de que um único autor se encarregue do trabalho todo e produza um livro didático com todas as respostas prontas... Por isso este nosso livro tem como subtítulo: *um convite à pesquisa*. Que é também um convite à *produção de material didático por parte do professor*, em companhia de seus colegas e de seus alunos. Espero since-

ramente que você aceite esse convite, arregace as mangas e se disponha a pôr a mão na massa...

1.14 Prescritivismo às avessas?

Uma coisa, porém, deve ficar muito clara antes de começarmos nossa pesquisa. O fato de existirem regras gramaticais mais usadas pelos brasileiros cultos do que as regras prescritas pela tradição gramatical não nos autoriza a querer implantar um *prescritivismo às avessas*[12]. O que quer dizer isso? Quer dizer que não devemos acusar de "retrógradas", "reacionárias" ou "preconceituosas" as pessoas que preferirem continuar usando as regras tradicionais. O uso dessas regras mais conservadoras tem que ser encarado como uma *opção* dentre as várias que o falante pode fazer no momento de falar-escrever. É muito fácil fazer uma lista de motivos mais do que aceitáveis para justificar o uso das regras tradicionais.

Temos de reivindicar, isso sim, o direito pleno e democrático de *também* podermos usar as regras não admitidas nas gramáticas normativas, mas já plenamente documentadas na fala e até na escrita da maioria dos brasileiros cultos.

Este aviso é importante para que a gente não caia na tentação de exercer o preconceito ao contrário: estigmatizar ou ridicularizar as pessoas que, pelas mais diversas razões, optarem por continuar usando as regras sintáticas tradicionais. Vamos deixar elas falarem e escreverem como bem quiserem, mas, ao mesmo tempo, vamos exigir que elas também nos concedam a mesma liberdade de escolha.

---

[12] Agradeço aqui à professora Clara Dornelles, que chamou minha atenção para o perigo de uma atitude preconceituosa contra as regras tradicionais.

DE ONDE VÊM AS REGRAS GRAMATICAIS TRADICIONAIS[13]

FUNDAMENTAÇÃO DA REGRA TRADICIONAL	EXEMPLO DE REGRA PRESCRITIVA	EXPLICAÇÃO LINGÜÍSTICA (DESCRITIVA)
LATIM E GREGO CLÁSSICOS A imutabilidade destas línguas (em suas formas literárias, depois que deixaram de ser faladas), o grande prestígio que desfrutaram na educação européia e o brilho incontestável da literatura clássica antiga levaram-nas a serem adotadas como modelos de excelência lingüística pelos gramáticos de outras línguas. No caso do português brasileiro, existe também o peso da comparação com o português de Portugal, considerado, no senso comum, mais "certo" por ser a "língua-mãe" da nossa.	Deve se falar e escrever *prefiro X a Y*, porque em latim o prefixo *prae-*, que entra na formação do verbo *preferir*, já indica "mais do que", "de preferência a", sendo portanto redundante a construção "prefiro mais X do que Y".	Os falantes de português não identificam no prefixo *pré-* a noção de "mais do que" ou "de preferência a", mas apenas a idéia de "anterioridade" *(pré-escola, pré-história, preparar, preceder, predispor...)*, por isso sentem necessidade de uma construção comparativa, equivalente a "gostar mais de X do que de Y". Outras línguas da família românica, como o francês e o italiano, em suas normas-padrão, admitem sem problemas a construção comparativa: *Je préfère plutôt X que Y; Preferisco piuttosto X che Y.*
A ESCRITA LITERÁRIA A escrita é mais conservadora, muda mais lentamente que a fala e permite revisão e correção, sobretudo quando se trata de obra literária. Por isso, existe a cobrança de que as pessoas falem como se estivessem escrevendo, e escrevam evitando "interferências" da fala na escrita.	É preciso falar e escrever *há muita gente nesta sala*, e não "tem muita gente nesta sala", porque esta segunda construção não aparece na língua escrita literária clássica.	*Há muita gente nesta sala* é comum na escrita e nos estilos mais monitorados de fala, mas *tem muita gente* é mais aceitável na fala informal e até mesmo, hoje em dia, em muitos gêneros de texto escrito. Além disso, não existem "interferências" da fala na escrita, nem existe uma língua escrita "pura". Essa é uma visão dicotômica, ultrapassada, das relações entre língua falada e língua escrita, em que a fala sempre foi considerada "caótica" e "sem regras" e, por isso, avaliada negativamente.
LÓGICA Muita gente acha que o uso da língua deve ser avaliado na medida em que segue os princípios da lógica. Desse ponto de vista, a matemática é o uso ideal da língua.	Não se deve falar nem escrever "eu irei viajar" porque *irei* já é o verbo *ir* conjugado no futuro, devendo se dizer, portanto, *eu vou viajar* ou *eu viajarei* para exprimir idéia de ação futura.	O verbo *ir* no futuro, quando empregado diante de um infinitivo, se comporta como uma simples partícula indicadora do modo e do aspecto futuro, tendo se esvaziado de seu significado primitivo. O falante, ao empregar *eu irei viajar*, em vez de *eu vou viajar*, pode querer enfatizar o fato de que se trata de uma ação *futura*, e por isso prefere usar o auxiliar *ir* com as desinências verbais do futuro. Pode ser também uma estratégia de esquiva, da parte de alguém que acha (por força de algum preconceito gramatical) que *eu vou viajar* não é "bom português" e que, por outro lado, acha "pedante" dizer *eu viajarei*. De fato, o futuro simples do indicativo *(viajarei)* é muito pouco usado no português falado no Brasil, restringindo-se cada vez mais à língua escrita mais monitorada. A forma *eu irei viajar* só aparece na produção lingüística de falantes cultos, o que reforça a hipótese da estratégia de esquiva.

2

PRIMEIRO O FUBÁ, DEPOIS O DENDÊ[1]

CORPUS E METODOLOGIA

2.1 Começando a pesquisar: a seleção do *corpus*

Depois das observações históricas e teóricas (indispensáveis) do capítulo anterior, podemos falar agora um pouco do que vai ser a nossa *prática*. Para qualquer investigação do tipo que queremos fazer aqui, é preciso, antes de tudo, definir um *corpus*. Essa palavrinha latina (que no plural é *corpora*) significa o que parece mesmo: "corpo", isto é, um conjunto de coisas, um corpo de dados. O *corpus* é aquele material que você delimita para em seguida estudar. Afinal, é absolutamente impossível uma única pessoa estudar todos os fenômenos da língua portuguesa do Brasil, em todas as suas variedades, na fala e na escrita. É preciso *definir* o objeto de estudo, *delimitar* com precisão o que se vai investigar.

A tarefa de compilar o *corpus* de língua falada e escrita terá de ser empreendida por nós, professores, no início do ano letivo ou um pouco antes. Seria muito bom que este *corpus* fosse o resultado de um trabalho que envolvesse todos os professores de português da escola e — melhor ainda — também os professores de outras disciplinas. Acredito sinceramente que seria uma excelente oportunidade para empreendermos um trabalho *transdisciplinar*.

2.2 O *corpus* de língua culta falada

Como expliquei no Capítulo 1, os diferentes núcleos regionais do Projeto NURC já publicaram livros que contêm transcrições bem-feitas de

[1] "Vatapá", de Dorival Caymmi.

amostras da língua falada por brasileiros cultos[2]. Cada um desses núcleos está sediado nos departamentos de Letras das Universidades Federais de Pernambuco, da Bahia, do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul, e no prédio de Letras da Universidade de São Paulo. Caso você tenha dificuldade em adquirir na sua cidade os livros do NURC citados na bibliografia, pode tentar entrar em contato com essas universidades. Se tiver acesso à Internet, fica mais fácil ainda.

Seria interessante que você se familiarizasse com o material do NURC para poder fazer, antes do início das atividades, uma pré-seleção dos inquéritos que vão compor o seu *corpus* de pesquisa. Me parece sempre recomendável que neste *corpus* apareçam inquéritos de todas as cidades que compõem o NURC, para que seja possível conhecer a realidade lingüística de maneira mais abrangente.

O material gravado do projeto NURC da cidade de São Paulo foi duplicado em Campinas e está disponível no centro de documentação mantido pelo IEL (Instituto de Estudos da Linguagem), da Unicamp. É o CEDAE (Centro de Documentação Cultural "Alexandre Eulálio"), que pode ser acessado via Internet (*www.unicamp.br/iel/cedae/*) ou pela Caixa Postal 6045, Campinas, SP. No CEDAE a gente leva uma fita cassete virgem e recebe outra fita com a gravação do material que for de nosso interesse, sem precisar pagar nada (o que é sempre uma enorme vantagem!). Neste mesmo CEDAE existe outro acervo de língua falada culta muito interessante, constituído pelas fitas do programa de rádio *Certas Palavras*, transmitido entre 1981 e 1994 para as cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Campinas. São 300 horas de entrevistas e bate-papos com artistas, políticos, intelectuais, escritores etc., que constituem um bom *corpus* de língua falada urbana culta mais recente que o do NURC.

Outra fonte muito boa para coletar material falado de língua culta é a televisão. Muitas emissoras apresentam programas de entrevistas, e alguns deles (como o do Jô Soares, por exemplo) se tornaram um enorme sucesso de público. É interessante gravar certo número de entrevistas para, em seguida, fazer uma seleção das que são mais adequadas ao nosso trabalho de pesquisa. Antes de mais nada, temos de ter em mente que estamos investigando a língua dos *falantes cultos*, por isso é importante sabermos de antemão se aquela pessoa entrevistada se enquadra nessa classificação (ou seja: tem curso superior completo?).

Existem programas também, como o *Roda Viva*, da TV Cultura de São Paulo, que convidam uma pessoa importante (artista, político, intelectual, cientista, escritor etc.) para ser entrevistada por um grupo de outras pessoas, em geral jornalistas ou especialistas da área de atuação do convida-

[2] As referências desses livros se encontram em destaque na Bibliografia deste nosso livro.

do. Trata-se, então, de uma fonte muito boa para colhermos material de língua falada culta. Temos ali, ao mesmo tempo, vários falantes cultos debatendo assuntos interessantes. E, para facilitar ainda mais nossa vida, a TV Cultura vende fitas gravadas com essas entrevistas, o que já nos poupa do trabalho de ficar gravando em casa[3].

Uma entrevista do *Roda Viva* dura quase duas horas. Esse tempo de fala, passado para o papel, já dá para encher um montão de páginas! Por isso, não é preciso coletar muitas entrevistas. Uma ou duas me parecem mais que suficientes.

Depois de selecionarmos as entrevistas que nos interessam, vamos transcrevê-las, isto é, vamos dar a elas uma forma escrita. Lembre-se que você tem de fazer uma *transcrição* o mais fiel possível do que foi falado. Cuidado para não querer "corrigir" aquilo que você, por força da tradição gramatical, considera "erros de português". Afinal, são justamente esses supostos "erros" que nos interessam aqui. Se você os eliminar na transcrição, vai eliminar simplesmente o objeto da nossa pesquisa!

Para um estudo do processo de transcrição, sugiro a leitura do capítulo 5 do livro de Jânia Ramos, *O espaço da oralidade em sala de aula*, que faz um exame muito bom da questão.

2.3 O *corpus* de língua escrita

Como não queremos cair no velho preconceito tradicional de considerar "escrita culta" a linguagem literária, vamos compor o nosso *corpus* com material jornalístico, que é de muito fácil acesso.

No momento de selecionar os textos de jornais e revistas, poderemos escolher notícias e matérias que também possam ser usadas como material de pesquisa para as outras disciplinas, como temas de reflexão e discussão em sala de aula, como sugestões de leitura para nossos alunos.

Vou lançar aqui algumas sugestões para a formação deste *corpus*. Você, professor/professora, é quem realmente saberá decidir o que melhor convém ao tipo de classe com que vai trabalhar.

Me parece que o mais recomendável seria a gente se concentrar em *notícias*. Podemos investigar as seções dos jornais que trazem notícias e reportagens sobre acontecimentos recentes no Brasil, no Estado e, principalmente, na nossa cidade. Fazendo isso, estaremos trazendo para dentro da escola temas e assuntos que podem despertar o interesse dos alunos, graças à sua atualidade. Busque uma ou outra reportagem que, de antemão, você sabe que pode suscitar alguma polêmica.

---

[3] As fitas de vídeo podem ser compradas pelo site www.videocultura.com.

O gênero *notícia* tem uma vantagem sobre os demais gêneros textuais que existem numa edição de jornal (e são muitos esses gêneros!). O redator da notícia, geralmente, não tem muito tempo de revisar e corrigir seu texto: o que aconteceu hoje tem de ser posto por escrito hoje para ser impresso hoje para sair na edição de amanhã! O redator da notícia corre contra o relógio: tem de escrever seu texto antes do horário de fechamento do jornal[4].

Qual a vantagem disso? Ao correr contra o relógio, o redator muitas vezes esquece de se policiar, põe de lado as imposições da norma-padrão e deixa escapar sua gramática intuitiva, brasileira, com regras que já caracterizam a nossa língua culta. Como é justamente esta *gramática brasileira* que nos interessa, já verifiquei (em pesquisas anteriores) que ela tem mais chance de aparecer nas notícias. Outros tipos de textos jornalísticos (por exemplo, editoriais, críticas de cinema, livro, música etc.) podem levar mais tempo para ser escritos e o autor tem chance de reescrever, revisar, corrigir.

Que jornais escolher? Em geral, toda grande cidade tem pelo menos dois jornais que disputam a preferência dos leitores. No Rio de Janeiro, por exemplo, temos *O Globo* e o *Jornal do Brasil*. Em Brasília, o *Correio Braziliense* (com z mesmo!) e o *Jornal de Brasília*. Em São Paulo, é tradicional a disputa entre *A Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*. Acho interessante coletar material de mais de um jornal até mesmo para tentar investigar como cada um aborda a mesma notícia. Mas atenção! Vamos usar aqueles que são chamados os "grandes" jornais, que contam com o respeito geral dos leitores cultos do lugar. Nada de usar os tablóides populares que sobrevivem à custa de escândalos, fofocas e crimes medonhos, por favor...

Quanto às revistas, sugiro que a gente procure as grandes matérias de capa, que contam em geral com a colaboração de vários redatores. Temos, é claro, que ter sempre em mente o tipo de aluno que vai ler esses textos e buscar material adequado a cada série. Revistas como *Veja*, *IstoÉ* e *Época* podem fazer parte do nosso *corpus*. Outro tipo de revista que podemos usar são as que se dedicam à divulgação científica como *Superinteressante*, *Galileu*, *Ciência Hoje das Crianças*. Nelas podemos encontrar uma quantidade enorme de coisas que (já comprovei isso em diversas ocasiões) despertam muito a curiosidade das crianças. Um dado interessante sobre as revistas (em comparação com os jornais) é o da periodicidade: as revistas (semanais ou mensais) levam mais tempo para ser produzidas do que os jornais (diários), o que pode permitir uma preparação mais demorada, com maior número de revisões e reelaborações dos textos.

Um lembrete importantíssimo: é preciso anotar com cuidado e precisão a *origem* de cada notícia, de cada texto, de cada reportagem. Pode-

---

[4] É muito importante levar em conta que um texto jornalístico, além de seu redator, também passa pelo crivo de um editor e de um ou mais revisores. O texto estampado no jornal é o resultado, portanto, de um trabalho de elaboração e reelaboração que inclui mais de uma pessoa.

mos recortar a página de jornal/revista e colar numa folha de papel branco, anotando a fonte: JORNAL X, DIA YY/YY/YYYY, PÁGINA Z.

De que tamanho será este *corpus* de língua escrita? Acredito que, para o que nos interessa aqui (e para termos uma quantidade de texto escrito mais ou menos semelhante à de texto falado), seria bom conseguirmos formar uma apostila com mais ou menos 50 páginas de papel tamanho ofício preenchidas (num só lado) com recortes de jornal-revista.

Para facilitar nosso trabalho daqui para a frente (e para economizar espaço e tinta no livro!), vamos usar duas siglas para nos referir aos dois *corpora* que serão nosso material de pesquisa:

CLF — *corpus* de língua falada
CLE — *corpus* de língua escrita

2.4 O que vamos pesquisar?

Eu já fiz esta pesquisa, exatamente nos moldes como estou propondo ela aqui. Afinal, seria muita irresponsabilidade minha usar meus leitores como cobaias!

O interessante é que agora você pode usar os resultados da minha pesquisa prévia como um parâmetro, como uma base de comparação. Isso ocorre com muita freqüência na pesquisa científica: reproduzir a investigação feita por outro pesquisador para ver se os resultados se repetem ou não. Repetindo-se os resultados, obtém-se mais uma confirmação e mais uma base de apoio para as hipóteses lançadas. Havendo diferenças nos resultados, pode se tentar descobrir os fatores que as causaram. Como se vê, as duas situações são boas para o progresso científico.

Para fazermos esse teste de comprovação, vamos investigar os mesmos fenômenos gramaticais que investiguei na minha pesquisa. Assim, você poderá comparar os resultados que obteve com os que eu obtive. Depois, vou sugerir mais alguns temas para a pesquisa, que poderá ser feita sempre com base nos mesmos *corpora*.

Os cinco fenômenos gramaticais que estudaremos, portanto, são:

1) estratégias de relativização;
2) estratégias de pronominalização do objeto direto de 3ª pessoa;
3) pronomes sujeito-objeto;
4) pseudopassiva sintética;
5) regências dos verbos *ir* e *chegar* com sentido diretivo.

Não se espante com as palavras que aparecem nos itens acima. São fenômenos que você, professor(a) de português, conhece muito bem, só que com outros nomes, os da nomenclatura tradicional (ou oficial). Como eu discordo em muitos pontos dessa nomenclatura (e muitos lingüistas

também), prefiro chamar esses fenômenos de um modo diferente, mais adequado para o trabalho que vamos empreender. Vamos discutir essa nomenclatura nos momentos oportunos.

Cada um desses itens será objeto de um capítulo inteiro. Como você verá, na análise dos fenômenos, vou recorrer a duas estratégias principais: a comparação do português com outras línguas (principalmente as da mesma família, as românicas) e a investigação de estágios antigos do português. Já apliquei esse método quando escrevi meu livro *A língua de Eulália*. A diferença é que naquele livro eu tratei das características da língua falada pelos brasileiros não-cultos, aqueles aspectos que causam maior rejeição por parte dos falantes urbanos escolarizados (por exemplo, a pronúncia "grobo" para o que se escreve GLOBO; a pronúncia "têia" para o que se escreve TELHA, entre vários outros fenômenos). Aqui, porém, vamos usar esse método para investigar a língua dos falantes *cultos* do português do Brasil.

O recurso às outras línguas serve para mostrar que muitas das coisas que nós falamos e que os tradicionalistas condenam como "erros", frutos da "escola ruim" ou da "ignorância" dos brasileiros, ocorrem também em outras línguas, o que mostra que existem razões lingüísticas perfeitamente razoáveis, plausíveis, para explicar os fenômenos.

O estudo das fases antigas da língua portuguesa, com apoio dos textos arcaicos, serve para mostrar que muitas das características da língua dos brasileiros (cultos, inclusive) existem na língua desde sempre, não sendo, portanto, "erros" cometidos por um povo que "não sabe" sua língua ou que está "arruinando" ela. (O uso de ELA como objeto direto, como acabo de empregar, e como já vimos mais atrás, é um desses fenômenos que têm mais de mil anos na língua!).

Espero que, com este trabalho, você se apaixone pela pesquisa em língua portuguesa e nunca mais queira deixá-la de lado!

2.5 Como pesquisar? Alguns passos importantes

Quando estamos pesquisando para fazer, por exemplo, uma monografia de graduação, uma dissertação de mestrado ou uma tese de doutorado, podemos contar com a ajuda de um(a) orientador(a), uma pessoa mais experiente que pode tirar dúvidas, dar sugestões teóricas e práticas, aconselhar algumas mudanças de rumo etc. Na pesquisa que estou te convidando a fazer, porém, *você* será o(a) orientador(a) de seus alunos. É a *você* que eles vão recorrer quando tiverem problemas para resolver. Por isso, nesta seção, vou te dar algumas dicas que, acredito, podem ajudar você a se preparar melhor para cumprir essa função — importantíssima — de orientador(a) de pesquisa.

Não basta pedir aos alunos que façam a pesquisa: é fundamental que *você também faça tudo* o que eles vão fazer. Assim, você ficará sabendo o que eles podem encontrar, identificará os pontos em que pode haver mais dificuldade, reconhecerá a viabilidade ou inviabilidade do projeto. Desse modo, será mais fácil para você. Afinal, para *guiar*, para *orientar* alguém, é preciso que este guia conheça bem o caminho.

Andei pensando em alguns passos que me parecem importantes você dar antes de jogar os alunos no mar da pesquisa. No momento de colocar os alunos para pesquisar, você deverá repetir estes passos com eles. É fácil deduzir o que estou fazendo, não é? Estou te dando dicas de orientação que, depois, você deverá dar também aos alunos. Se, ao longo do trabalho, você sentir falta de alguma coisa que eu tenha deixado escapar, por favor, não deixe de me comunicar! Ao contrário dos tradicionalistas gramatiqueiros, eu não acredito ser o dono da verdade sobre nada, e aceito com a maior alegria a colaboração de qualquer pessoa, na forma de sugestões, críticas, conselhos...

Outro ponto importantíssimo: *a riqueza da pesquisa está na própria pesquisa*, no processo da investigação, na exploração do material, na aplicação das teorias, no levantamento das hipóteses. Ninguém deve iniciar uma pesquisa querendo que ela dê os resultados X e Y. É a pesquisa em si, o *processo* mesmo da investigação que é importante, e nem sempre apenas o *produto* do trabalho. Uma pesquisa é muito mais rica se, em vez de umas poucas respostas, ela nos propuser novas questões, novos problemas, novos estímulos para pesquisar mais. Não podemos encarar a pesquisa de modo mecânico e burocrático. Alguns professores acreditam que a pesquisa é só uma "maneira diferente" de conseguir os mesmos resultados dos métodos tradicionais. Essa é uma idéia equivocada que tem de ser abandonada! Todo pesquisador tem de estar pronto para se surpreender, para se deparar com coisas nunca suspeitadas. O bom da pesquisa é justamente o seu caráter um tanto imprevisível. É comum a gente começar uma pesquisa prevendo alguns resultados, imaginando o que vai encontrar no caminho, e levar o maior susto! Muitas vezes, o pesquisador se vê obrigado a refazer todo o seu projeto, a abandonar as primeiras hipóteses e até a começar de novo seu trabalho exatamente porque, no processo da investigação, descobriu coisas mais interessantes do que as que tinha primeiramente imaginado.

Por isso, todo e qualquer resultado de uma pesquisa tem de ser valorizado. Se os resultados servirem para criar polêmica, não vamos fugir da discussão: vamos enfrentá-la. As coisas encontradas e as coisas não encontradas, as previsões confirmadas e as previsões não confirmadas, as descobertas não previstas, as falhas ocorridas ao longo do processo — tudo serve para alguma coisa, com tudo isso sempre teremos algo novo para aprender.

2.5.1 Estudo da tradição gramatical

Se o que estamos querendo fazer é conhecer a *realidade* das variedades cultas do português do Brasil para fazer um contraste entre ela e o *ideal* de língua estampado nas gramáticas normativas tradicionais, é indispensável conhecermos a fundo a doutrina tradicional para podermos identificar suas falhas.

Assim, para cada um dos fatos sintáticos que vamos pesquisar, aconselho que você faça uma boa revisão, consultando *pelo menos três* gramáticas normativas. Não convém ficar restrito à visão de um só autor, porque é comum haver divergências de interpretação dos fatos gramaticais entre um autor e outro. Consultando pelo menos três, podemos fazer um levantamento dos *pontos de concordância* que constituem a tradição da doutrina a respeito daquele item particular.

Muita atenção, porém, na hora de escolher as fontes de consulta! Temos que recorrer a obras escritas por gramáticos competentes, por filólogos que dominam o latim, o grego, as outras línguas românicas, que conhecem profundamente a norma-padrão clássica, o patrimônio literário da língua etc. São intelectuais com quem podemos aprender muita coisa, mesmo reconhecendo nossas profundas divergências em relação às suas concepções tradicionais. Estou me referindo a nomes importantes como Celso Cunha, Rocha Lima, Evanildo Bechara, Domingos Paschoal Cegalla, Celso Pedro Luft...

Nada de consultar programas de televisão e de rádio, colunas de jornal e de revista, CD-ROM, livros com títulos como "500.000 erros de português que você deve evitar", consultórios gramaticais por telefone (existem, sim!), *sites* da Internet, manuais de redação de empresas jornalísticas, "minigramáticas"... Toda essa mercadoria gramatiqueira que existe hoje à disposição do consumidor deve ser examinada com um olhar crítico bem severo. O mercado descobriu que a norma-padrão tradicional e ultrapassada é um produto de boa vendagem (por causa principalmente da baixa auto-estima lingüística que ela mesma cria na mentalidade das pessoas...). Para atender à demanda e para se ajustar à rapidez e superficialidade dos meios de comunicação, esses *comandos paragramaticais* (como eu chamo) fazem um enxugamento drástico das gramáticas normativas, reduzindo capítulos inteiros de discussão filológica séria a meia dúzia de fórmulas do tipo "diga X, não diga Y".

Muitos dos responsáveis por esses *comandos paragramaticais* nem sequer são professores de português: são jornalistas, advogados, médicos, escritores, gente sem nenhuma preparação científica especializada para tratar dos assuntos que abordam. Outros, embora formados em Letras, não levaram essa formação adiante: não se especializaram em nenhuma das muitas áreas da investigação lingüística, não pertencem a nenhum grupo de pesquisa científica, não acompanham os desdobramentos teóri-

cos e práticos da Lingüística. Pertencem à pré-história da lingüística brasileira, ao período antes-do-NURC. Apenas descobriram fórmulas eficazes de transformar a Gramática Tradicional num *fast-food* atraente mas insosso, que não alimenta nada, apenas ilude o paladar!

2.5.2 Lendo os corpora. Fichando e identificando as ocorrências

Depois de refrescar a memória sobre a doutrina tradicional dos fenômenos que vão ser estudados, você pode passar a ler os *corpora* para colher os dados. Esta leitura tem de ser extremamente cuidadosa, com lápis na mão para ir assinalando cada ocorrência. É mais do que recomendável (é quase obrigatório), fazer uma segunda leitura e até, se possível, uma terceira: tem sempre alguma coisinha que escapa da gente.

Depois das leituras, é importante fazer fichas onde você e sua equipe recolherão as ocorrências. Se houver um computador à sua disposição, melhor ainda: pode se abrir um arquivo para esse fichamento, sem precisar recorrer às tradicionais fichinhas de papel-cartão. Lembre-se sempre de fazer copiar não apenas a ocorrência do fato sintático pesquisado, mas um trecho suficiente do *corpus* que dê idéia do *contexto geral* da ocorrência. Se você está pesquisando, por exemplo, os possessivos, não deve anotar simplesmente: "meu pai", mas sim: "Perguntei ao meu pai se ele queria ir comigo no cinema". Assim, teremos mais elementos para a análise dos fenômenos.

Procure criar códigos de identificação da fonte de onde foi recolhida a ocorrência. É indispensável citar, por exemplo, o nome do documentário de TV, a emissora e a data de exibição. As notícias de jornal devem trazer também o nome do jornal, a data de publicação e a página.

Como os dois *corpora* são extensos e como é importante que todos os alunos participem da coleta de dados, você pode dividir cada *corpus* em partes menores para fazer uma melhor distribuição das tarefas. Tudo vai depender de como você costuma trabalhar com seus alunos, da quantidade deles em sala de aula e dos critérios que ficarem definidos para a formação dos grupos. Se for o caso, você pode até encarregar dois grupos diferentes da coleta de dados no mesmo CLE e no mesmo CLF, para comparar os resultados. Como eu já disse, tudo o que acontecer durante a pesquisa será bem-vindo: se houver coincidência nos resultados, ótimo; se não houver, ótimo também: será uma oportunidade de investigar por que os números não coincidiram.

2.6 Como estão organizados os capítulos

Os Capítulos 3 a 7 são aqueles em que vamos estudar detalhadamente os cinco fenômenos sintáticos que serão o alvo das nossas reflexões *teó-*

ricas e também o objeto da pesquisa *prática* que você e seus alunos vão empreender[5]. O Capítulo 8 é uma conclusão geral do livro.

Cada um desses cinco capítulos se abre com a apresentação de quatro *fichas* que tentam servir de orientação prática para o início das atividades. Vamos ver para que elas servem:

O QUE VAMOS PESQUISAR

Aqui você encontra bem definido e delimitado o objeto da pesquisa a ser feita, isto é, o nome do fato sintático que vai ser estudado e analisado. Para facilitar a busca, ofereço algumas DICAS práticas para o pesquisador seguir durante a coleta dos dados.

ESTUDO DA TRADIÇÃO GRAMATICAL

Como sugeri um pouco mais acima, é importante refrescar a memória em relação às regras gramaticais que vamos examinar. Para isso, aconselho a leitura atenta de pelo menos três gramáticas normativas de autoria de filólogos conceituados. Escolhi três delas, entre as mais conhecidas e utilizadas no Brasil, que são:

- BECHARA, E. (1999): *Moderna gramática portuguesa*. 37ª edição, Rio de Janeiro, YHL.
- CUNHA, C. & CINTRA, L. F. L. (1985): *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- ROCHA LIMA, C. H. (1989): *Gramática normativa da língua portuguesa*. 30ª edição, Rio de Janeiro, José Olympio.

Nesta ficha, em cada capítulo, dou a indicação das páginas correspondentes às seções específicas em que cada gramática aborda o assunto que nos interessa. Como este tipo de livro costuma ser reimpresso sem alterações, é muito provável que, mesmo que você consulte uma edição mais recente, a paginação não sofra diferença, sobretudo no que diz respeito às gramáticas de Cunha & Cintra e Rocha Lima, visto que seus autores já não vivem.

Sobre a gramática de Bechara, autor que continua em plena atividade intelectual (foi eleito para a Academia Brasileira de Letras no ano 2000), convém dizer algumas palavrinhas especiais. A edição de 1999 de sua gramática é, na verdade, uma transformação completa, funda e radical, da obra que vem sendo reeditada desde 1961. Esta nova versão representa um notável esforço do autor no sentido de incorporar ao seu trabalho novas teorias lingüísticas, visões bem mais atualizadas dos fenômenos da linguagem. Por isso, sua leitura exige maior atenção e concentração, pois são textos que apresentam explicações mais sofistica-

[5] Como título de cada capítulo, escolhi um verso de música popular que sirva de ilustração para o fato sintático estudado. Com isso quero mostrar que os compositores brasileiros estão sabendo usar com muita criatividade as regras sintáticas da nossa língua. Estou agindo, portanto, exatamente ao contrário de algumas pessoas que se servem da nossa música popular para condenar (em geral no rádio e na televisão) os "erros" cometidos pelos nossos letristas.

das e detalhadas que as outras obras do gênero, que costumam apresentar as coisas de maneira mais esquemática e sem grandes discussões teóricas[6].

TESTE DE ACEITABILIDADE

"Vamos fazer uma eleição?" Nesta ficha, procuro incentivar você a examinar, junto com seus alunos, aquilo que podemos chamar de *gramática intuitiva* do falante brasileiro. Para cada um dos fenômenos sintáticos, vamos mostrar, lado a lado, a única alternativa aceita pela tradição gramatical e as regras que já caracterizam o português culto do Brasil. Diante delas, os alunos terão de votar naquela construção que considerarem mais normal, mais natural, mais parecida com o modo de falar deles e de seus familiares. Terminada a votação, o professor e a turma passam à contagem dos votos e à tabulação dos resultados. Mais adiante, quando a pesquisa com os *corpora* escolhidos tiver terminado, será possível comparar a *intuição* dos alunos — na qualidade de falantes nativos da língua, portanto, falantes plenamente competentes no uso da gramática de sua língua materna — com os usos encontrados no universo da língua falada no Brasil.

CRIANDO TABELAS

Para termos uma visão comparativa dos fenômenos que estamos estudando, é sempre interessante *tabelar* os dados. Digamos que você coletou todas as ocorrências de *estratégias de pronominalização de objeto direto de 3ª pessoa* de seus *corpora* e já fichou elas direitinho. Como mostrei um pouco mais atrás, existem no português do Brasil *três* modos de substituir um objeto direto de terceira pessoa (e não apenas um, como dizem as gramáticas normativas e os comandos paragramaticais). Esses três modos (que eu chamo de *estratégias de pronominalização*), como vimos mais acima, são os seguintes:

a. pronome oblíquo (ex.: "Viu o Pedro? — Não *o* vi não").
b. pronome reto (ex.: "Viu o Pedro? — Não vi *ele* não").
c. objeto nulo (ex.: "Viu o Pedro? — Não vi $_{\emptyset}$ não").

Investigando essas três estratégias na minha pesquisa, eu encontrei os seguintes resultados no *corpus* de língua culta falada:

a. pronome oblíquo: 3
b. pronome reto: 18
c. objeto nulo: 479

Para ter uma visão bem organizada do fenômeno, coloquei esses resultados numa tabela, assim:

---

[6] Convém ressaltar, no entanto, que, apesar de todo o esforço de atualização terminológica e conceitual, a obra de Bechara, em sua fundamentação teórica, continua apegada à tradição normativo-prescritiva, isto é, o autor não inclui no que chama de "língua exemplar" diversas regras sintáticas que já caracterizam a língua do Brasil, inclusive em suas variedades cultas, insistindo em usar a literatura como fonte de exemplos para o uso "correto" da língua. Além disso, em diversas ocasiões em que tem se pronunciado, em conferências ou artigos, Bechara vem expressando idéias muito conservadoras, para não dizer francamente reacionárias, acerca do que é língua "boa" e língua "ruim" e sobretudo acerca de quem fala essas "línguas". A esse respeito, ver as críticas feitas a Bechara em Britto (1997: 31-48) e Bagno (2000: 295-297).

TABELA 1

ESTRATÉGIAS DE PRONOMINALIZAÇÃO DE OBJETO DIRETO DE 3ª PESSOA NO *CORPUS* DE LÍNGUA FALADA CULTA DO BRASIL

TIPO	QTD.	%
PRON. OBLÍQUO	3	0,6
PRON. RETO	18	3,6
OBJETO NULO	479	95,8
TOTAL	**500**	**100,0**

Esta tabela permite uma visão de *síntese* do fenômeno e facilita a análise dos resultados. No caso estudado, por exemplo, ela deixa muito bem claro que os pronomes oblíquos (O, A, OS, AS) praticamente desapareceram da língua falada pelos brasileiros cultos; que os pronomes retos (ELE, ELA, ELES, ELAS) são bem menos usados do que pensam os "defensores da língua", e que o objeto nulo é o grande vencedor da preferência nacional (embora as gramáticas nunca falem dele!).

Diante desse quadro, podemos reconstruir todo o nosso conhecimento gramatical, corrigir as falhas das gramáticas tradicionais e dar um rumo diferente às nossas práticas pedagógicas. E é isso que quero dizer quando afirmo que a pesquisa permite PRODUZIR conhecimento novo, livrando-nos de ficar apenas *repetindo*, sem crítica e sem análise, uma série de mitos e preconceitos.

2.7 Por que não em grupo?

Todos esses passos no processo da pesquisa terão resultados muito mais interessantes se forem empreendidos por um grupo de pessoas e não por um pesquisador isolado. Nas escolas, em geral, existe uma coordenação para cada área, para que os professores avancem mais ou menos sincronizados e sintonizados dentro da programação prevista para a disciplina. É altamente recomendável que esse mesmo tipo de coordenação seja usado nesse processo de pesquisa. Quando muitas pessoas se debruçam sobre o mesmo material, os frutos dessa investigação fatalmente são mais numerosos e mais suculentos.

A coleta dos dados, o fichamento das ocorrências, o tabelamento dos resultados — tudo isso pode ser empreendido em equipe. Também a pesquisa bibliográfica nas gramáticas normativas será muito mais rica se for realizada por todos os professores de português, discutindo suas idéias, dando suas contribuições, lançando hipóteses etc.

Lembre-se sempre: *todo professor de português é um lingüista* (querendo ou não...), e só pode ser chamado de lingüista aquele que estiver engajado em algum *projeto de pesquisa*. É a pesquisa que nos permitirá rebater as críticas infundadas dos *comandos paragramaticais* que nos acusam de não saber ensinar "a língua de Camões", de "nivelar por baixo" e coisas assim. Diante deles, e de posse dos dados da nossa pesquisa, podemos perguntar: eu tenho esses dados colhidos numa pesquisa criteriosa da língua real, e o senhor tem o quê, além de seus dogmas e preconceitos tradicionais?

3

CORES QUE EU NÃO SEI O NOME...[1]

As estratégias de relativização

O QUE VAMOS PESQUISAR

Neste capítulo, o alvo de nossa investigação vão ser as ORAÇÕES RELATIVAS. Vamos nos deter somente nas orações relativas em que aparece um VERBO QUE REGE PREPOSIÇÃO.

DICAS

Primeiro, preste atenção, no *corpus*, em todos os QUE e QUAL/QUAIS que aparecerem. Em seguida, veja se são PRONOMES RELATIVOS. Observe também a ocorrência de alguns verbos que, pela regra tradicional, deveriam estar acompanhados da preposição que eles regem. Os mais freqüentes são:

- CHEGAR [A / DE]
- DISPOR [DE]
- FALAR [DE / COM / A]
- GOSTAR [DE] — o mais freqüente de todos!
- MORAR [EM / COM]
- NECESSITAR [DE]
- PARTICIPAR [DE / EM].
- PRECISAR [DE]
- REFERIR-SE [A]

No *corpus* de língua escrita, anote as ocorrências do pronome CUJO para compará-las com o *corpus* de língua falada, onde provavelmente esse pronome não vai aparecer ou vai aparecer muito pouco.

ESTUDO DA TRADIÇÃO GRAMATICAL

Nas gramáticas normativas, leia os capítulos referentes aos PRONOMES RELATIVOS (FORMAS E FUNÇÕES) e às ORAÇÕES ADJETIVAS:

---

[1] "Eu ando pelo mundo prestando atenção / em cores que eu não sei o nome. / Cores de Almodóvar, / cores de Frida Kahlo, cores" ("Esquadros", Adriana Calcanhoto).

- Bechara (1999: 199-202 e 486-493)
- Cunha & Cintra (1985: 333-342)
- Rocha Lima (1989: 103-104 e 239-246)

VAMOS FAZER UMA ELEIÇÃO?

Distribua entre os alunos pequenas cédulas contendo os três enunciados (A) (B) e (C) abaixo. Depois, pergunte a eles (e peça que assinalem) qual (ou quais) dessas construções eles consideram mais *normal* para eles, mais *fácil* de ser entendida e mais *freqüente* no modo de falar deles e de seus familiares:

(A) Este é um filme de que eu gosto muito.
(B) Este é um filme que eu gosto muito dele.
(C) Este é um filme que eu gosto muito.

Recolha as cédulas para a contagem dos votos. Com a ajuda dos alunos, prepare uma tabelinha assim:

ENUNCIADO	Nº DE VOTOS	% DO TOTAL
A	....	....
B	....	....
C	....	....
TOTAL	....	100,0

Guarde esta tabela para, mais adiante, comparar os resultados dela com os que vão ser obtidos na coleta de dados do CLF e do CLE. Isso permitirá que você faça comparações entre as opções sintáticas preferidas por seus alunos e as mais usadas pelos falantes cultos brasileiros. Lembre-se sempre, porém, que são *comparações* e não *avaliações*, ou seja: você vai examinar os fatos lingüísticos e não atribuir *juízos de valor* ao modo como seus alunos falam.

CRIANDO TABELAS

Depois de recolher todas as ocorrências que lhe interessam no CLF e no CLE, você deve distribuir os dados em tabelas para facilitar o estudo dos fenômenos. Para este capítulo, podem ser criadas tabelas assim (a abreviatura qtd. indica a *quantidade* de ocorrências do fenômeno pesquisado):

TABELA 1: ORAÇÕES RELATIVAS NO CLF

TIPO	QTD.	%
RELATIVAS-PADRÃO	....	....
RELATIVAS COPIADORAS	....	....
RELATIVAS CORTADORAS	....	....
TOTAL	....	100,0

TABELA 2: ORAÇÕES RELATIVAS NO CLE

TIPO	QTD.	%
RELATIVAS-PADRÃO	....	....
RELATIVAS COPIADORAS	....	....
RELATIVAS CORTADORAS	....	....
TOTAL	....	**100,0**

TABELA 3: PRONOMES RELATIVOS ENCONTRADOS NO CLF

PRONOME	QTD.	%
QUE	....	....
QUEM	....	....
O/A QUAL - OS/AS QUAIS	....	....
CUJO/A — CUJOS/AS	....	....
TOTAL	....	**100,0**

TABELA 4: PRONOMES RELATIVOS ENCONTRADOS NO CLE

PRONOME	QTD.	%
QUE	....	....
QUEM	....	....
O/A QUAL - OS/AS QUAIS	....	....
CUJO/A — CUJOS/AS	....	....
TOTAL	....	**100,0**

◆◆◆

Não vamos abordar aqui todos os aspectos envolvidos no emprego dos pronomes relativos. Isso seria assunto para uma discussão muito longa, que não é nosso objetivo aqui. O foco de nosso interesse, nesta pesquisa, será o emprego de pronomes relativos quando empregados com verbos que regem *preposição*.

A revisão das gramáticas deve ter nos mostrado que os pronomes relativos podem exercer diversas funções sintáticas: sujeito, objeto direto, objeto indireto, adjunto adnominal, complemento nominal etc. Dessas funções, as que nos interessam são aquelas em que há a probabilidade de uso de *preposições*. São elas: objeto indireto, adjunto adnominal, complemento nominal, adjunto adverbial. Vamos ficar com essas quatro, que já dão muito pano para manga!

3.1 As três estratégias

Quando se trata de usar a combinação PREPOSIÇÃO + PRONOME RELATIVO, OS falantes do português do Brasil têm à sua disposição três estratégias diferentes. Aqui vão elas:

(1.a) Esse é um filme *de que* eu gosto muito.
(1.b) Esse é um filme *que* eu gosto muito *dele*.
(1.c) Esse é um filme $_{\emptyset}$ *que* eu gosto muito.

A estratégia (1.a) é a única aceita pela tradição gramatical. Por isso, vamos chamá-la de *relativa padrão*.

A estratégia (1.b), rejeitada pela gramática normativa, é chamada pelos lingüistas de *relativa copiadora*. Tem esse nome porque, nela, há uma repetição, por meio de um "pronome-cópia" (ELE), do elemento que deveria ser substituído pelo pronome relativo, aquilo que nas gramáticas recebe o nome de ANTECEDENTE. No nosso exemplo, esse antecedente é FILME. Na estratégia (1.b) FILME é (aparentemente) substituído duas vezes, na segunda oração: pelo pronome QUE e pelo contração de DE + ELE.

A estratégia (1.c), também rejeitada pela gramática normativa, é chamada pelos lingüistas de *relativa cortadora*. Recebe esse nome porque a preposição que o verbo rege é "cortada", ou seja, é apagada na segunda oração. Por isso é comum indicar com o símbolo de vazio ($_{\emptyset}$) o lugar deixado vago pela preposição.

Temos aqui, portanto, três estratégias de relativização diferentes no que diz respeito a verbos seguidos de preposição.

Como é que os falantes cultos brasileiros se comportam diante dessas três possibilidades de construção de orações com pronome relativo? Na minha pesquisa no *corpus* de língua falada, encontrei os resultados que aparecem, mais adiante, na Tabela 3.1. Essa tabela deixa muito bem claro que, na língua falada pelos brasileiros cultos, a estratégia de relativização *cortadora* é, de longe, a preferida. A *padrão* aparece em segundo lugar e a *copiadora* é a de menor ocorrência.

3.2 O desaparecimento de CUJO

Em muitas das ocorrências de estratégia *copiadora* de minha pesquisa a preposição que o verbo regia era DE. Foram construções como a do exemplo abaixo:

(2) tem uma [planta] feito um coqueiro *que eu não sei o nome dela* é ver:de não não dá flores... (REC – DID 156: 222)[2]

[2] No uso que faço dos inquéritos do projeto NURC, utilizo as seguintes abreviaturas para as cidades: REC – Recife, SSA – Salvador, RIO – Rio de Janeiro, SAO – São Paulo e POA – Porto Alegre. A sigla DID significa "diálogo do informante com o documentador" e a sigla D2, "diálogo entre dois informantes". O número depois da sigla é o do inquérito, conforme numeração estabelecida pelos pesquisadores engajados no projeto. O número depois dos dois pontos representa a linha do texto da transcrição, conforme feita por esses mesmos pesquisadores.

Como deveria ficar essa construção de acordo com as gramáticas normativas? Mais ou menos assim:

(2.a) tem uma planta feito um coqueiro *cujo* nome eu não sei.

Assim fica mais fácil explicar o aparecimento das relativas copiadoras. Elas surgem, muitas vezes, para preencher o lugar deixado vago, no português do Brasil, pelo pronome CUJO, que está cada vez mais raro na nossa língua falada. Na minha pesquisa, por exemplo, esse pronome não apareceu nenhuma vez, umazinha só que fosse, no meu CLF. O pronome CUJO vem desaparecendo da língua falada dos brasileiros de todas as classes sociais e de todos os níveis de escolaridade, e isso quase nos autoriza a dizer que ele não faz parte da gramática da nossa língua materna. Ele sobrevive (a muito custo, porém) em determinados gêneros de texto escrito, ou (bem mais raro) na fala extremamente monitorada.

O processo de obsolescência do CUJO não é recente. Em fases antigas da língua, ele exercia outras funções, que foram desaparecendo com o tempo. Ele servia de pronome interrogativo, como neste exemplo do Padre Vieira: "*Cuja* é esta caveira?" (= "De quem é esta caveira?"). Também podia ser empregado em construções sem antecedente expresso como: "Dar o seu a *cujo* é" (= "Dar a alguém o que é seu"). Existia até um ditado medieval que dizia: "Bem sabe o gato a *cujas* barbas lambe", isto é, "Bem sabe o gato *de quem* lambe as barbas", no sentido de que alguém só acaricia ou só adula uma pessoa bem conhecida, de quem se pode esperar que retribua o carinho ou a adulação. Um exemplo de sabor arcaico num autor da fase moderna da língua, José de Alencar: "Ele recebeu com o batismo o nome do santo, *cujo* era o dia". Mais estranho ainda, para o falante moderno, é o uso do CUJO sem um conseqüente expresso, como neste exemplo de Gil Vicente: "A dama *cujo* nasci" (= "de quem nasci"). Todas essas perdas de função do CUJO são bons exemplos do processo ininterrupto de *análise substituindo síntese*, que detectamos não só no português, mas nas línguas românicas em geral, e que explicam o atual estado moribundo do CUJO na língua falada no Brasil. (A respeito da vitória da *análise* sobre a *síntese*, ver o item 3.4 mais adiante.)

O lingüista Sírio Possenti (2000: 37) cita um exemplo interessante do que ele chama de "falecimento do CUJO". É um texto, extraído do caderno especial sobre o vestibular do jornal *Folha de S. Paulo*, assinado por Paulo César Bacelar Pinheiro:

❍ "Responda primeiro às questões das quais tem certeza da resposta, desse modo você está utilizando bem o tempo disponível..."

Ora, de acordo com as prescrições tradicionais, seria muito mais "certo" (ou no mínimo mais "adequado"), escrever:

❍ "Responda primeiro às questões de CUJA resposta você tem certeza..."

Pessoalmente, ao contrário de Possenti, acredito que é necessário continuar ensinando o uso do pronome CUJO na escola, porque ele ainda tem função na língua escrita mais monitorada. Esse ensino, no entanto, tem de ser feito por professores conscientes do estado atual do CUJO no português brasileiro, conscientes do processo histórico envolvido e dos campos de aplicação cada vez menores reservados a esse pronome, em rápido processo de extinção na língua falada.

3.3 A idade de cada uma

No que diz respeito à presença delas na língua, cada uma dessas três estratégias de relativização corresponde a um período diferente na história do português.

A relativa padrão, evidentemente, corresponde ao período de formação da norma-padrão clássica do português, conforme estudamos no Capítulo 1.

A relativa copiadora é a estratégia mais antiga das três. Os estudiosos da história da língua nos informam que, muito antes da formação das línguas românicas, a variedade de latim que deu origem a elas, o chamado *latim vulgar*, já apresentava orações relativas com pronome-cópia. (Ver, por exemplo, Ilari, 1999: 113).

Já a relativa cortadora é um fenômeno bem mais recente, como nos explica Fernando Tarallo (1983; 1985), que realizou a pesquisa mais ampla e profunda sobre as estratégias de relativização já feita até hoje.

Consultando estudos sociolingüísticos sobre outras línguas da família românica, é possível descobrir que as mesmas estratégias de relativização não-padrão estão presentes, por exemplo, nas variedades não-cultas do francês da França e nas variedades cultas do francês falado na província do Quebec (Canadá). Isso nos indica que estamos diante de tendências naturais das línguas da família, que agora estão vindo à tona com maior intensidade. Não se trata, portanto, de invenção de brasileiro ignorante nem de conseqüência negativa da incompetência dos professores de português do Brasil (até porque estes mesmos fenômenos estão presentes também nas variedades cultas do português de Portugal!).

3.4 Relativa copiadora: *análise* contra *síntese*

É possível oferecer uma hipótese científica para explicar a relativa copiadora, sem recorrer aos chavões preconceituosos do certo e do errado? Claro que sim! É o que vamos fazer agora.

As orações relativas[3] em sua forma padrão representam um fenômeno de *síntese*. Numa construção como

(3) São Paulo é uma cidade rica QUE tem graves problemas sociais,

estão combinadas, reunidas, *sintetizadas*, duas informações diferentes: (a) "São Paulo é uma cidade rica", e (b) "essa cidade tem graves problemas sociais".

Ao realizar essa síntese, a palavra QUE se encarrega de dois serviços ao mesmo tempo: faz o papel de uma CONJUNÇÃO (elemento de ligação entre duas orações) e exerce a função sintática de SUJEITO do verbo TEM.

Ora, o português, como todas as línguas românicas, é uma língua essencialmente *analítica*. Ao contrário do latim (e também do grego, do russo e de outras línguas), que tinha um sistema de declinações que permitiam construções extremamente sintéticas, as línguas românicas abandonaram essas declinações e substituíram elas por processos *analíticos* de construção sintática. Um enunciado do latim clássico como *Dedi librum Petri Paulo* é traduzido em português por "Dei o livro *de* Pedro *a* Paulo", com duas preposições que o sistema de declinação do latim dispensava (além de pedir um artigo definido, inexistente em latim). Isso também permitia que esse mesmo enunciado fosse construído com seus elementos em qualquer ordem, sem alteração do significado: *Librum Petri Paulo dedi; Paulo Petri librum dedi; Petri dedi librum Paulo* etc., o que é impossível nas línguas românicas em seus estágios atuais.

Esse caráter marcadamente *analítico* do português faz com que as orações relativas (produto de uma *síntese*) constituam um "corpo estranho" na língua, um resquício do sistema de declinação do latim clássico. Para eliminar essa estranheza, os falantes recorrem a um processo de análise. A palavra de origem grega ANÁLISE significa "quebra", e é exatamente isso que acontece nessas construções: a palavra QUE é "quebrada", dividida em funções. De uma delas, da função de sujeito, o QUE fica "dispensado", e sobra para ele apenas a função de CONJUNÇÃO. Daí resultam construções muitíssimo comuns na língua falada do Brasil:

(3.a) São Paulo é uma cidade rica QUE ***ela*** tem graves problemas sociais.

Em (3.a) já não temos uma típica construção por subordinação, mas sim uma construção por coordenação, onde o QUE funciona como conjunção, como elo de ligação entre duas orações independentes. A função de sujeito passa a ser exercida por um pronome pessoal, no caso ELA, que recupera "uma cidade rica". Se substituirmos, por exemplo, o QUE pela conjunção coordenativa adversativa MAS veremos que as duas palavrinhas estão ocupando o mesmo lugar e exercendo a mesma função (mas com *semântica* e *pragmática* diferentes!):

[3] A nomenclatura gramatical oficial fala de "orações adjetivas", mas já existe uma ampla literatura lingüística sobre o tema na qual se prefere usar a designação de "orações relativas".

(3.b) São Paulo é uma cidade rica MAS ela tem graves problemas sociais.

Quando entram em jogo as preposições, essa estranheza fica ainda mais acentuada. As preposições ocupam lugares bem delimitados na sintaxe do português: como o próprio nome indica, elas se *posicionam* sempre *antes* (pré-) do termo que estão regendo. Nas orações relativas padrão, no entanto, as preposições são *deslocadas* para um lugar que elas normalmente não ocupam na imensa maioria das suas demais ocorrências na língua. Vamos ver:

(4) Essa é uma rua DE que nunca ouvi falar.

Ora, consultando a gramática de Cunha & Cintra (1985: 542), encontramos a seguinte explicação:

> Chamam-se PREPOSIÇÕES as palavras invariáveis que relacionam dois termos de uma oração, de tal modo que o sentido do primeiro (ANTECEDENTE) é explicado ou completado pelo segundo (CONSEQÜENTE). Assim:

ANTECEDENTE	PREPOSIÇÃO	CONSEQÜENTE
Vou	a	Roma
Chegaram	a	tempo
Todos saíram	de	casa
Chorava	de	dor
Estive	com	Pedro
Concordo	com	você

O que acontece com as orações relativas-padrão, portanto, é uma drástica alteração dessa ordem ANTECEDENTE-PREPOSIÇÃO-CONSEQÜENTE. Vamos identificar esses termos no nosso exemplo (a seta indica o *deslocamento* sofrido pela preposição).

(4) Essa é uma rua *de* *que* nunca ouvi *falar*.

PREP. CONSEQ. ANTECED.

Diante dessa violenta alteração da sintaxe habitual de sua língua, o falante, respeitando a tendência analítica do idioma, trata de recolocar as coisas em seus lugares mais naturais, e o resultado é:

(4.a) Essa é uma rua que nunca ouvi *falar* *dela*.

ANTECED. PREP. CONSEQ.

Em português uma preposição não pode vir desacompanhada de um conseqüente[4], por isso uma construção como **Essa é uma rua que nunca*

[4] Em inglês, por exemplo, é possível deixar uma preposição sozinha, sem um conseqüente, o que permite até terminar uma frase com uma preposição, coisa que em português não podemos fazer. Por exemplo: "Esta é a casa *em que* eu morei" pode ser traduzido em inglês por "This is the house I lived *in*".

ouvi falar de seria agramatical, inaceitável para um falante nativo da língua. Para resolver isso, a função do conseqüente é preenchida por um pronome-cópia, no caso ELA, que recupera o RUA da primeira oração. Novamente, o QUE perde sua função sintática de objeto indireto, conservando apenas seu papel de elemento de ligação entre as duas orações.

É esse fenômeno que explica a seguinte construção, que encontrei numa reportagem da revista *IstoÉ* (13/09/1999) sobre um show da cantora Gal Costa:

(5) Gal atualiza 23 clássicos tirados com primor de uma produção de cerca de duas centenas e meia de canções em interpretações irretocáveis, mas *que* — como sempre — alguns enxergam *nelas* exibições de virtuosismo.

Pelas regras da norma-padrão, o autor deveria ter usado "mas EM QUE/NAS QUAIS alguns enxergam exibições de virtuosismo". Deixando se levar, porém, pela sua intuição de falante nativo, ele preferiu recorrer a uma estrutura analítica, seguindo à risca uma regra perfeitamente explicável, uma opção sintática legítima que está à sua disposição no repertório de regras gramaticais de sua língua.

3.5 Relativa cortadora: uma questão de atitude

Está explicada, portanto, a origem das relativas *copiadoras*. Mas e as *cortadoras*, tão freqüentes na língua dos brasileiros cultos? De onde elas vieram?

Os estudos de Tarallo que citei acima revelaram que as relativas cortadoras representam uma opção dos falantes cultos para se esquivar de dois problemas: (1) parecer "pernóstico" ou "pedante" demais ao usar a relativa padrão, e (2) parecer "ignorante" ou "pouco instruído" ao usar a relativa copiadora (que, por ser muito antiga, vem sofrendo o ataque da gramática normativa há séculos...).

Estamos lidando aqui, portanto, com questões de *atitudes* dos falantes em relação a regras específicas da língua. Para os falantes cultos, a relativa padrão é pouco aceita porque parece ser "certa demais", ao passo que a relativa copiadora, identificada (sem razão, porém) com os falantes menos instruídos, é menos aceita porque parece "errada demais". Assim, para manter uma posição eqüidistante entre esses dois extremos, o brasileiro culto opta por empregar a relativa cortadora. Isso explica por que ela apareceu em 74% das construções relativas em minha pesquisa.

Além disso, podemos oferecer também uma explicação de natureza sintática. A ocorrência tão freqüente da *sintaxe* da relativa cortadora é possível porque o ouvinte ou leitor é capaz de reconhecer a preposição que foi apagada (*apagamento* é mesmo o termo técnico usado em Lingüística nestes casos). Como veremos nos próximos capítulos, o portu-

guês do Brasil é uma língua que faz amplo uso das *categorias vazias* e da *elipse*, porque o falante conta sempre com a capacidade que seu interlocutor tem de reconhecer corretamente o elemento que foi apagado, graças ao contexto verbal e não-verbal do enunciado. De onde vem essa capacidade de reconhecimento? Da *semântica* do enunciado, do significado que ele tem. Vamos retomar nosso exemplo (1.c):

(1.c) Esse é um filme que eu gosto muito.

Todo falante de português brasileiro (de qualquer região, classe social ou grau de escolaridade) sabe que "quem gosta GOSTA DE alguma coisa". Não há outra possibilidade de construção do verbo GOSTAR a não ser com a preposição DE. É possível até dizer que o verbo GOSTAR não existe, o que existe é o verbo GOSTAR-DE. Essa característica do verbo GOSTAR é que permite, ao mesmo tempo, (1) apagar a preposição, (2) evitar o deslocamento drástico da preposição imposto pela construção relativa padrão, sem que ninguém deixe de entender o que se está dizendo, e (3) escapar da construção copiadora, considerada menos aceitável pelos falantes cultos. Três objetivos alcançados plenamente com o simples apagamento da preposição.

Os tradicionalistas costumam argumentar que "se quem gosta GOSTA DE", a preposição precisa ser conservada sempre que se usar o verbo GOSTAR. O que eles deixam de perceber é que, no verbo GOSTAR-DE, a preposição vem sempre *depois* do verbo e *antes* do elemento que ela rege (o conseqüente). O grupo natural na língua é mesmo GOSTAR-DE-*x* (e nisso os tradicionalistas têm razão), mas não é DE-QUE-GOSTAR, como exige a relativa-padrão, violentando a ordem usual da sintaxe portuguesa.

Alguns até alegam que ninguém diz "eu gosto $_{\emptyset}$ cinema", "Pedro gosta $_{\emptyset}$ ler", "nós gostamos $_{\emptyset}$ chocolate", por isso ninguém também poderia dizer "o filme $_{\emptyset}$ que eu gosto"... Só que todo mundo diz! E quando alguém fala assim conosco, nós sabemos perfeitamente bem o que a pessoa está querendo dizer: não há nenhum distúrbio *pragmático*, nenhum problema de comunicação.

No CD-ROM *Nossa Língua Portuguesa*, Pasquale Cipro Neto ironiza o enunciado "o copo que eu bebi", dizendo: "As pessoas bebem copos, sabia disso?" Ora, a *semântica* do verbo BEBER exige que ele tenha como *objeto direto* alguma coisa em *estado líquido* (água, leite, xarope, vinho...), algo que COPO está muito longe de ser. Por isso, ninguém no Brasil, nenhum dos mais de 170 milhões de brasileiros, vai pensar que em "o copo que eu bebi" o substantivo COPO é o objeto direto do verbo BEBER. É essa *restrição semântica* do verbo que permite a ocorrência da *sintaxe* cortadora e a obtenção dos efeitos *pragmáticos* visados pelo falante. Além disso, o contexto verbal e não-verbal dos enunciados permite que o falante-ouvinte interprete adequadamente os lugares deixados vazios pelo processo de apagamento, não havendo nenhum "risco de ambigüidade", com o qual os tradicionalistas tentam nos ameaçar. Quando alguma ambigüidade surge,

o falante — principal interessado em se fazer entender — trata logo de afastá-la, reelaborando o que disse, oferecendo novas pistas para a interpretação que ele deseja ver obtida por parte de seu interlocutor.

Ao longo do ano 2000, uma das empresas de telefonia de São Paulo fez uma campanha promocional que dizia o seguinte:

> 10% de desconto de verdade,
> automático na sua conta,
> para as 3 cidades que você mais liga a cada mês.

Na minha opinião, agiu com esperteza o departamento publicitário da empresa ao escolher a relativa cortadora, mesmo correndo o risco de ser repreendido pelos gramatiqueiros de plantão. Afinal, se usasse a forma prescrita pela norma-padrão ("para as 3 cidades *para as quais* você mais liga"), substituindo uma única palavra (QUE) por três outras, o enunciado perderia seu impacto comunicativo, tornando-se arrastado, pesado. Haveria também um choque com o PARA já presente anteriormente. Se usasse, por outro lado, a relativa copiadora ("para as 3 cidades que você mais liga *para elas* a cada mês"), haveria o mesmo risco de tornar o enunciado pesado e, sobretudo, ele teria um aspecto de "erro de português" muito mais grave na percepção dos falantes cultos.

O jornal carioca *O Globo* anunciou uma coleção de livros sobre criação de filhos, de 0 aos 20 anos de idade, usando o seguinte *slogan*:

DA FASE QUE ELES NÃO DEIXAM VOCÊ DORMIR À FASE QUE ELES TIRAM SEU SONO.

Também no comercial televisionado de um novo lançamento da General Motors, o carro Celta, a gente pôde ouvir o locutor dizer:

CELTA. UM CARRO QUE VOCÊ ESCOLHE ATÉ O JEITO DE COMPRAR.

No tempo que morei em Pernambuco, um político muito famoso de lá estava tentando reconquistar, mais de vinte anos depois, o governo do Estado, de onde tinha sido expulso pelo golpe militar que instaurou a ditadura em 1964. O *slogan* de sua campanha se valeu desse fato histórico e dizia assim:

ELE VAI VOLTAR PELA PORTA QUE SAIU

Imagine o quanto esse *slogan* perderia de seu apelo emocional se fosse construído segundo as regras da gramática normativa:

ELE VAI VOLTAR PELA PORTA POR QUE SAIU
ELE VAI VOLTAR PELA PORTA PELA QUAL SAIU

A primeira "tradução" correria um grave risco de simplesmente não ser compreendida de acordo com as intenções de seu formulador, ou ain-

da de ser entendida como "vai voltar pela porta *porque* saiu". A segunda prejudicaria o impacto do *slogan*. A verdade é que o político conseguiu se reeleger. O *slogan* de sua campanha, pelo visto, teve uma ótima articulação sintático-semântico-pragmática!

Algum fiscal do normativismo poderia argumentar que o *slogan* estava "errado" porque, tal como foi formulado, sua sintaxe indicaria que "a porta saiu", como se o QUE tivesse a função de sujeito do verbo SAIR. Seria um argumento (mais uma vez) baseado exclusivamente num enfoque tradicional da sintaxe, deixando de lado os outros dois importantíssimos critérios de análise dos enunciados lingüísticos: o semântico e o pragmático. O verbo SAIR tem um significado que o impede de ser praticado por um sujeito PORTA. É mais um exemplo de *restrição semântica*: o significado de SAIR restringe o tipo de sujeito que pode praticar a ação expressa pelo verbo. Por isso, nenhum falante nativo de português vai analisar aquele *slogan* imaginando uma porta viva, com pés que lhe permitam sair de algum lugar... Desse modo, a interpretação sintática proposta pela doutrina tradicional é substituída por outra interpretação sintática, baseada precisamente nessa restrição semântica e na capacidade de interpretação das categorias vazias:

(I) ANÁLISE SINTÁTICA TRADICIONAL:

*Ele vai voltar pela *porta que* saiu

O QUE = pronome (retomada de PORTA) = sujeito de SAIU

Esta análise interpreta o enunciado como agramatical (inaceitável), porque *portas* não podem *sair* (restrição semântica).

(II) REANÁLISE SINTÁTICA:

Ele vai voltar pela porta que $_{\emptyset}$ saiu

O $_{\emptyset}$ = pronome nulo (retomada de ELE) = sujeito de SAIU

Esta análise interpreta o enunciado como gramatical (aceitável), baseando-se na interpretação das categorias vazias por parte do falante-ouvinte da língua.

As intenções dos formuladores do *slogan* tiveram êxito, provocando nos leitores o efeito esperado pelos criadores da campanha. Os publicitários, pelo visto, sabem mais de sintaxe, semântica e pragmática do que muito gramático ranzinza que anda por aí...

3.6 A vitória da cortadora

A relativa cortadora veio para ficar. Mesmo na língua escrita mais monitorada que, em geral, observa com mais freqüência as prescrições da

norma-padrão, esse tipo de estratégia de relativização já dá mostras de sua força. Consultando, por exemplo, todas as edições do jornal *Folha de S. Paulo*[5] entre os anos de 1994 e 1998, encontrei 56 ocorrências do verbo GOSTAR (somente na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo) em enunciados onde a gramática normativa exigiria uma preposição DE antes do QUE. Alguns exemplos:

(6) "Nova Bossa Nova", a volta tardia, flagra Marcos Valle correto, embora não brilhante como no passado. Aqui ele precisa, além de fazer *o que gosta*, agradar aos ânimos anglófilos que, afinal, permitiram a ressurreição de quem nunca havia morrido. (08/12/1999, p. 4-5)

(7) Parece que as cúpulas de Globo, SBT e Record decretaram o fim do telespectador seletivo, aquele que deseja ligar a TV em certos horários e ver os programas *que gosta*, sem surpresas desagradáveis. (08/11/1998, "TV Folha", p. 2)

(8) É quase impossível dizer o que é normal e o que não é na vida sexual: na intimidade cada um faz o que quer e o *que gosta*. (12/10/1998, p. 7-2)

Já a construção DE QUE GOSTA, considerada a única "certa" pela tradição gramatical, só ocorreu, no mesmo período, no mesmo jornal, 17 vezes, numa freqüência mais de 3 vezes menor que a verificada na construção considerada "errada".

Ainda na *Folha de S. Paulo*, mais recentemente, encontrei um texto do escritor Marcelo Rubens Paiva em que se lia:

(9) [...] um mundo que o Brasil despreza, tranca e, se pudesse, jogava a chave fora. (30/11/1999, Ilustrada, p. 5)

Um único QUE seguido de duas orações ("despreza, tranca"), que têm em "mundo" seu objeto direto comum, e de uma terceira ("jogava a chave fora") onde "mundo" seria o complemento de "chave": "jogava a chave [do mundo] fora".

Na mesma época, na revista *IstoÉ* (nº 1566, 6/10/1999, p. 21), encontrei:

(10) Gislene Soares é comerciante em São Paulo (tem uma loja de peças, acessórios e motos). Como outros negociantes, convive com mendigos, bêbados e moradores de rua (gente *que* a vida levou tudo, o equilíbrio psíquico também).

Mais recentemente ainda (22/01/2000), li na *Folha de S. Paulo* (caderno "Ilustrada", p. 7):

(11 E é nesse momento final que a obra de Sieber resolve ir até o fim no desrespeito, coisa *que* Smith não teve coragem.

Nesse exemplo, o apagamento atinge não somente a preposição (DE, no caso), mas também todo um sintagma: "coisa que Smith não teve coragem DE FAZER".

---

[5] Ao longo deste livro, vou me servir muito da *Folha de S. Paulo* como fonte de exemplos de língua escrita culta. Não é que eu tenha especial predileção por esse jornal, mas é que a *Folha* lançou um CD-ROM contendo os textos completos de todas as edições de 1994 a 1998. É o sonho de todo pesquisador! Quando quero investigar a ocorrência de algum fato sintático, basta eu pedir ao programa de busca, e ele mesmo me oferece em poucos minutos todas as ocorrências em cinco anos de jornal! Assim fica muito mais fácil do que gastar a vista lendo durante horas a fio...

No número de março de 2001 da revista *Galileu* apareceu a seguinte construção (p. 14):

(12) Até agora, o templo cristão mais antigo *que* se tinha notícia ficava também na Jordânia, perto do Golfo de Aqaba, e datava do ano 300 d.C. [...]

Também na literatura a relativa cortadora aparece como possibilidade de recurso estilístico, apoiada na capacidade de interpretação adequada das elipses por parte dos leitores/ouvintes do português brasileiro. Na obra daquele que é um dos nossos melhores prosadores contemporâneos, Luís Fernando Veríssimo, são muitos os exemplos desse tipo de construção sintática. Aqui vão alguns, extraídos do livro *Comédias da vida privada* (Veríssimo, 2000):

(13) "Eu cheguei em casa com os mesmos sapatos $_{\emptyset}$ que saí" (p. 34)
(14) "Ele perguntou por parentes $_{\emptyset}$ que ela não se lembrava" (p. 77)
(15) "Pensando bem, eu ainda não vi a tal aparelhagem de som $_{\emptyset}$ que você falou na sua carta" (p. 262)
(16) "A conversa já passara por todas as etapas $_{\emptyset}$ que normalmente passa uma conversa de bar" (p. 269)
(17) "O Cadarço... Não era ele *que* a mãe teve um problema?" (p. 275)
(18) "$_{\emptyset}$ Tudo que o Mafra dizia o Tarol duvidada" (p. 275)

São provas mais do que eloqüentes de que a norma culta já é outra no que diz respeito a esses fatos sintáticos. Só falta mesmo essa modificação ser reconhecida e aceita pelas instâncias "oficiais" e "oficiosas" da gramática normativa. Veríssimo, aliás, é o escritor que, hoje em dia, melhor representa as possibilidades de uso, na literatura, das regras gramaticais que caracterizam o português culto brasileiro. Infelizmente, porém, os professores não se dão conta de que essas regras não são "erros", e continuam reprovando o uso delas por parte de seus alunos. Basta ver a correção das redações do vestibular: se algum candidato reproduzir, na íntegra, uma crônica do Veríssimo com todas as suas construções "erradas", certamente será reprovado. Quem, no entanto, teria coragem de dizer que Luís Fernando Veríssimo "escreve mal" ou "não sabe português"? Somente aqueles que, como diz o próprio escritor, se preocupam mais com "gramática" do que com "talento".

Alguns professores tentam justificar seu modo de corrigir os alunos alegando que o escritor tem "licença" para transgredir a norma e que só pode fazer isso porque "conhece muito bem a língua culta". Essa é uma alegação que supervaloriza o escritor e, ao mesmo tempo, superdesvaloriza o falante comum da língua, como se entre os dois tivesse um abismo intransponível. Ao mesmo tempo, deixa à mostra uma atitude muito contraditória: o ensino tradicional sempre disse que os grandes escritores devem servir de modelo para o uso "correto" da língua; no entanto, quando um escritor usa recursos da língua considerados "errados", os falantes comuns não têm o direito de imitá-lo!

É que a tradição gramatical se baseia numa concepção idealizada de uma escrita "pura", que tem de deixar de fora toda suposta "interferência

da fala na escrita". Quando essa suposta "interferência" aparece na obra do escritor, ela é considerada como uma "estilização", fruto da "licença poética". Esses argumentos tradicionais não têm fundamento, sobretudo porque se baseiam, como vimos no Capítulo 1, num preconceito muito grande contra a língua falada, como se ela fosse caótica, confusa, sem regras etc. É preciso abandonar esse preconceito milenar e reconhecer, definitivamente, que a língua falada e a língua escrita vivem entrelaçadas, estão muito mais próximas uma da outra e mantêm relações muito mais íntimas entre si do que admite a velha Gramática Tradicional, que sempre teve horror dessa promiscuidade e vem tentando — em vão — separar o joio (fala) do trigo (escrita), como se fala e escrita não pudessem se misturar, a exemplo do azeite e da água. Só que, na realidade, a química é bem diferente, e essa suposta "mistura", além de inevitável, é muitíssimo saudável!

3.7 Pesquisando as estratégias de relativização

Agora que conhecemos um pouco melhor os fenômenos que vamos estudar, já podemos começar nosso trabalho de pesquisa. Vamos investigar no CLF e no CLE as três estratégias de relativização que nos interessam. Os procedimentos de coleta, fichamento e tabelamento já foram explicados no Capítulo 2.

Conforme prometi (ou "ameacei"?), aqui seguem os resultados que eu obtive na minha pesquisa. Como você verá, distribuí esses resultados em diversos tipos de tabela, e sugiro que você faça o mesmo em seu trabalho com os alunos. A distribuição das ocorrências em tabelas que exibem tipos diferentes de informação é uma tática muito boa para termos uma visão mais completa e abrangente dos fenômenos estudados.

Vou explicar cada uma para você compreender melhor as informações que tentei agrupar nelas.

ESTRATÉGIAS DE RELATIVIZAÇÃO – RESULTADOS DA PESQUISA DE BAGNO (2000)

TABELA 3.1
ESTRATÉGIAS DE RELATIVIZAÇÃO NO CLF

TIPO	QTD.	%
+PADRÃO	26	20,5
–PADRÃO	101	79,5
TOTAL	**127**	**100,0**

Na Tabela 1 distribuí as ocorrências das estratégias de relativização em dois grandes grupos: as [+padrão] e as [–padrão], que incluem as copiadoras e as cortadoras.

TABELA 3.2

TIPOS DE ESTRATÉGIAS DE RELATIVIZAÇÃO [–PADRÃO] NO CLF

TIPO DE ESTRATÉGIA	QTD.	%
COPIADORA	6	5,6
CORTADORA	95	94,4
TOTAL	**101**	**100,0**

Na Tabela 2, distribuí as ocorrências [–padrão] de acordo com os dois tipos de estratégia de relativização que são condenados pela tradição gramatical.

TABELA 3.3

FORMAS PRONOMINAIS ENCONTRADAS NO CLF

PRONOME RELATIVO	QTD.	%
EM QUE	16	61,5
PREP + O/A QUAL	8	30,7
DE QUE	1	3,8
COM QUEM	1	3,8
TOTAL	**26**	**100,0**

A Tabela 3 volta a tratar das ocorrências [+padrão]. Nela eu procurei mostrar as preposições e os pronomes relativos que apareceram durante minha pesquisa no *corpus* de língua falada. Examinando essa tabela, a gente verifica uma alta ocorrência do grupo EM + QUE, usado principalmente para fazer referências a tempo e lugar ("o dia em que", "a escola em que"). Parece que esse tipo de referência favorece o uso da relativa padrão. A tabela nos mostra também que o pronome CUJO vem deixando de ser usado pelos falantes cultos do português brasileiro.

TABELA 3.4

PREPOSIÇÕES APAGADAS NAS RELATIVAS CORTADORAS DO CLF

PREPOSIÇÃO	APAGAMENTOS	%
EM	39	42,3
DE	32	34,7
A	11	11,9
COM	09	9,7
SOBRE	01	1,0
TOTAL	95	100,0

A Tabela 4 examina as ocorrências das relativas cortadoras (as mais freqüentes no *corpus*) e faz o levantamento das preposições que foram "cortadas" pelos falantes. É curioso ver, por exemplo, que embora o grupo EM + QUE seja a forma padrão mais freqüente, também foi mais freqüente o apaga-

mento da preposição EM. Em segundo lugar, entre as mais apagadas, está a preposição DE. Dos 32 apagamentos de DE, 14 se referem ao verbo GOSTAR. Ficou provado que os falantes cultos simplesmente *nunca* empregam a forma padrão DE + QUE quando o verbo presente na segunda oração é GOSTAR. Como já mostrei mais acima, até mesmo na língua escrita nos bons jornais essa tendência cortadora com o verbo GOSTAR está ganhando terreno.

TABELA 3.5

ESTRATÉGIAS DE RELATIVIZAÇÃO NO CLE

TIPO DE ESTRATÉGIA	QTD.	%
+ PADRÃO	72	96
- PADRÃO	3	4
TOTAL	**75**	**100,0**

Com a Tabela 5, passamos a examinar as estratégias de relativização presentes no *corpus* de língua escrita. Veja a grande diferença que existe entre essa tabela e a Tabela 1. As estratégias de relativização [+padrão] ainda são muito respeitadas pelo tipo de língua escrita que escolhemos para constituir o nosso *corpus*.

TABELA 3.6

FORMAS PRONOMINAIS ENCONTRADAS NO CLE, OCORRÊNCIAS [+PADRÃO]

PRONOME RELATIVO	QTD.	%
PREP + QUE	32	44,4
PREP + O/A QUAL ETC	23	31,9
CUJO/CUJA ETC.	17	23,6
TOTAL	**72**	**100,0**

A Tabela 6 exibe os tipos de pronomes relativos que apareceram no CLE. Ao contrário da língua falada, a língua escrita culta emprega bastante o pronome CUJO.

Procure agora comparar os resultados da minha pesquisa com os resultados da pesquisa que você e seus colaboradores fizeram. Se quiser me escrever contando, vou ficar muito contente!

4

EU CONSOLO ELE, ELE ME CONSOLA[1]

AS ESTRATÉGIAS DE PRONOMINALIZAÇÃO

O QUE VAMOS PESQUISAR

Neste capítulo, o alvo de nossa investigação vão ser as formas de retomada dos OBJETOS DIRETOS DE 3ª PESSOA.

DICAS

Primeiro, preste atenção em todos os O/A/OS/AS e ELE/ELA/ELES/ELAS que encontrar. Em seguida, veja se foram usados pelo falante para substituir objetos diretos. Para não deixar escapar os **OBJETOS NULOS**, procure assinalar os **VERBOS TRANSITIVOS DIRETOS**, ou seja, aqueles que pedem um complemento direto, para ver se estão acompanhados de um pronome ou não.

No *corpus* de língua escrita, assinale também as formas -LO/-LA/-LOS/-LAS e -NO/-NA/-NOS/-NAS. Atenção para não confundir o -NOS de 3ª pessoa do plural com o NOS pronome oblíquo de 1ª pessoa do plural ("Ele passou por nós e fingiu que não *nos* viu").

ESTUDO DA TRADIÇÃO GRAMATICAL

Nas gramáticas normativas, leia os capítulos referentes aos **PRONOMES PESSOAIS (RETOS E OBLÍQUOS)** e aos **OBJETOS DIRETOS**:

- Bechara (1999: 164; 173-176 e 416)
- Cunha & Cintra (1985: 269-272 e 289-294)
- Rocha Lima (1989: 98-100 e 212)

---

[1] "O meu guri", Chico Buarque.

VAMOS FAZER UMA ELEIÇÃO?

Distribua entre os alunos pequenas cédulas contendo os três enunciados (A) (B) e (C) abaixo. Depois, pergunte a eles (e peça que assinalem) qual (ou quais) dessas construções eles consideram mais *normal* mais *fácil* de ser entendida e mais *freqüente* no modo de falar deles e de seus familiares:

(A) Conheço o Pedro, mas tem muito tempo que não vejo ele.
(B) Conheço o Pedro, mas tem muito tempo que não vejo.
(C) Conheço o Pedro, mas tem muito tempo que não o vejo.

Recolha as cédulas para a contagem dos votos. Com a ajuda dos alunos, prepare uma tabelinha assim:

ENUNCIADO	Nº DE VOTOS	% DO TOTAL
A	....	....
B	....	....
C	....	....
TOTAL	....	100,0

Guarde esta tabela para, mais adiante, comparar os resultados dela com os que vão ser obtidos na coleta de dados do CLE e do CLF. Isso permitirá que você faça comparações entre as opções sintáticas preferidas por seus alunos e as mais usadas pelos falantes cultos brasileiros. Lembre-se sempre, porém, que são *comparações* e não *avaliações*, ou seja: você vai examinar os fatos lingüísticos e não atribuir *juízos de valor* ao modo como seus alunos falam.

CRIANDO TABELAS

Depois de recolher todas as ocorrências que lhe interessam no CLF e no CLE, você pode distribuir os dados em tabelas para facilitar o estudo dos fenômenos. Para este capítulo, podem ser criadas tabelas assim:

TABELA 1: RETOMADA DE OBJETO DIRETO DE 3ª PESSOA NO CLF

TIPO	QTD.	%
O/ A/ OS/ AS	....	....
ELE/ ELA/ ELES/ ELAS	....	....
OBJETOS NULOS	....	....
TOTAL	....	**100,0**

TABELA 2: RETOMADA DE OBJETO DIRETO DE 3ª PESSOA NO CLE

TIPO	QTD.	%
O/ A/ OS/ AS	....	....
ELE/ ELA/ ELES/ ELAS	....	....
OBJETOS NULOS	....	....
TOTAL	....	**100,0**

◆◆◆

Com este nome complicado — que em muitos estudos lingüísticos também pode aparecer como *retomada anafórica de objeto direto* — estou apenas me referindo aos recursos que o português do Brasil pode empregar na hora de retomar um objeto direto de 3ª pessoa por meio de um pronome.

Assim como existem três estratégias de relativização, conforme vimos no Capítulo 3, também existem três estratégias de pronominalização. Pode parecer coincidência, mas não é: os estudos de Tarallo (1983) provaram que existe mesmo uma correlação entre os dois fenômenos (estratégias de relativização e de pronominalização), mas não vamos explorar esse terreno aqui, apesar de ser um estudo fascinante.

4.1 As três estratégias

Já mencionei essas três estratégias no Capítulo 1. Vou retomar aqui os exemplos que dei lá:

(1) Você viu o Pedro hoje?
(1.a) Hoje não, eu *o* vi ontem.
(1.b) Hoje não, eu vi *ele* ontem.
(1.c) Hoje não, eu vi $_{\emptyset}$ ontem.

Exatamente como no caso das relativas, temos aqui uma estratégia padrão (1.a), que se vale dos chamados *pronomes oblíquos* e que é a única considerada correta pela tradição gramatical.

Em (1.b) temos a retomada do objeto direto por um *pronome reto*, veementemente condenada por todos os normativistas.

Em (1.c) aparece a estratégia do *objeto nulo*.

Alguém pode perguntar: "Ora, se é nulo, por que simplesmente não dizer que não é objeto nenhum? Por que estudar algo que não existe?" Porque, em Lingüística, as chamadas *categorias vazias* são muito importantes para a melhor compreensão do funcionamento da língua.

O verbo VER, nos enunciados acima, é um verbo TRANSITIVO, por isso o complemento dele deve estar presente de algum modo. E em (1.c) ele realmente está — presente na forma de um lugar vazio, que, mesmo vazio, é sempre um lugar, daí o motivo de merecer ser estudado.

Uma prova da desatenção da tradição gramatical no que diz respeito às categorias vazias é que o objeto nulo simplesmente não aparece em nenhuma gramática normativa nos capítulos dedicados aos pronomes oblíquos ou à análise sintática dos objetos, embora seja a estratégia de pronominalização mais amplamente empregada pelos falantes cultos do português do Brasil, como veremos mais adiante.

No que diz respeito à datação de cada uma das estratégias, vemos repetir-se o que foi visto acerca das orações relativas. A opção-padrão, com pronomes oblíquos, foi fixada pela norma clássica da língua. O uso do pronome ELE com função de objeto direto é atestado na língua há muitos séculos, aparecendo em obras literárias (isso mesmo: texto escrito!) do período arcaico do português. O objeto nulo surge em fase mais recente da língua.

Antes de prosseguir, pare e pense um pouco na sua própria produção lingüística. Quais dessas estratégias de retomada anafórica você emprega mais freqüentemente no seu dia-a-dia? Seja sincero(a), por favor, não minta para você mesmo(a). O que estou tentando enfatizar é que o uso dos pronomes oblíquos está cada vez mais restrito a determinados gêneros de texto escrito ou a manifestações de língua falada extremamente monitoradas.

4.2 A morte dos pronomes oblíquos de 3ª pessoa

Se há alguma coisa que podemos afirmar, sem medo de errar, a respeito do português do Brasil é que nesta língua os pronomes oblíquos de 3ª pessoa estão, senão totalmente mortos, pelo menos moribundos, tendo os últimos estertores. Só conhecem esses pronomes (mas nem por isso usam) as pessoas que freqüentaram a escola e que, ali, entraram em contato (direta ou indiretamente) com os quadros pronominais da língua literária clássica e, por causa desse contato, sofrem pressão da norma-padrão conservadora.

A prova mais eloqüente dessa extinção é que esses pronomes oblíquos átonos (também chamados de *clíticos de 3ª pessoa*) simplesmente *nunca* aparecem na fala das crianças que ainda não freqüentam a escola, nem na fala dos adultos analfabetos ou semi-analfabetos. Nesses dois grupos de cidadãos, que não sofrem o policiamento gramatical da escola, é que podemos encontrar as regras gramaticais que realmente estão em vigor, que fazem parte da *língua materna* da maioria da população. Se as crianças em idade pré-escolar não usam os clíticos, é porque não aprenderam com seus pais e demais familiares a usar esses pronomes (ainda que esses pais e familiares possam ser classificados como falantes cultos, porque mesmo na fala dos brasileiros cultos a ocorrência desses clíticos é raríssima, como toda uma bibliografia baseada em pesquisas de campo tem demonstrado fartamente!).

Apesar disso, esses fósseis lingüísticos ocupam um lugar destacado no ensino de português, bastando lembrar as intermináveis e incompreensíveis regras de "colocação de pronomes" que tanta discussão e debate vêm provocando na filologia brasileira há mais de um século! Quem nunca ouviu falar da descabelada "teoria da atração", segundo a qual determinadas classes de palavras (conjunções, advérbios etc.) "atraem" os pronomes oblíquos, como se elas fossem ímãs capazes de arrastar os pobres

clíticos para junto de si?! Ninguém jamais conseguiu provar que a lei da gravidade também funciona na gramática. E o que dizer das alterações morfológicas desses clíticos que podem se transformar em *-no* ou *-lo* dependendo da consoante que vier antes deles ("vê-lo", "qui-la", "têm-na" etc.) — não seria muito mais simples deixar os oblíquos sempre *antes do verbo do qual são o objeto*, que é mesmo a tendência natural da fonética brasileira, como muitos estudos já comprovaram?

Será mesmo necessário dispender tanto tempo e esforço para memorizar regras de uso de recursos gramaticais que quase não são mais usados? E por que a colocação dos oblíquos é tão importante assim? Qual a diferença de interpretação que pode existir entre "ninguém o viu" e "ninguém viu-o"? Por que uma dessas colocações é "certa" e a outra é "errada" se ambas as construções nos permitem entender perfeitamente o que o falante-escrevente quis comunicar? Fica fácil entender por que até mesmo as pessoas com escolaridade superior completa continuam a repetir que "não sabem português" ou que "português é muito difícil"...

O desaparecimento dos clíticos de 3ª pessoa entre nós pode ser explicado por um estudo pormenorizado das características fonético-fonológicas do português do Brasil, entre outros fenômenos, que não vamos abordar aqui. Estudos muito bons sobre tudo isso aparecem em Galves & Abaurre (no volume IV da *Gramática do português falado*) e Galves (1998). Uma abordagem completa das três estratégias se encontra em Duarte (1989).

4.3 O caso do ELE como objeto direto

Como já mencionei, o uso do pronome ELE (e flexões) como objeto direto é muito antigo na língua portuguesa. Podemos encontrar exemplos desse uso em textos literários arcaicos como os seguintes, colhidos da obra do historiador Fernão Lopes (século XIV) pelo filólogo Silveira Bueno (1955):

- "El-rei, sabendo isto, houve mui grande pezar, e deitou-o logo fora de sua mercê, e degradou *elle* e os filhos a dez leguas de onde que elle fosse".
- "Deu os bens d'alguns aaquelles que lh'os pediam, os quaes se houveram por mui agravados, dizendo que culpava *êlles*, porque se davam tão azinha, não se podendo mais defender, aos inimigos".
- "Rogando-lhe elRei por suas cartas ao cardeal, que absolvesse *elle* e seu reino d'algum caso d'excomunhão ou interdicto".
- "Os cardeaes, outrossim, privaram *elle* d'algum direito, se o no papado tinha".
- "Traziam quatro honrados senhores um panno d'ouro tendido em haste, que cobria *elle* e o cavalo".

Apesar de proibido pela norma-padrão clássica literária, que foi fixada, como vimos, nos séculos seguintes a Fernão Lopes, esse uso do pronome ELE permaneceu vivo na língua portuguesa trazida para o Brasil e até

hoje existe nela, forte e vigoroso. Diante desse vigor é que o filólogo Silveira Bueno escrevia, em 1955 (210-211):

> Proíbe-se, no português clássico e moderno, que se empreguem as formas retas dos pronomes pessoais em função complementar, como objeto direto, mormente não preposicionado. Tal proibição que é dogma da gramática e do ensino oficial tanto em Portugal como no Brasil, encontra numerosas exceções no português arcaico e, em nossa pátria, é de todo transgredida na língua familiar e viva da sociedade. De tal modo está entranhado tal uso em nossos hábitos lingüísticos que, embora formados por escolas até superiores, exercendo carreiras liberais onde o exercício intelectual é contínuo, ainda assim, empregamos as formas retas objetivamente. No Brasil, pelo menos, somente o esforço da escola e o policiamento contínuo da gramática conseguem diminuir os casos desse emprego, mormente quando se trata de documento escrito. Parece-nos, portanto, que seja emprego radicalmente português, que esteja no cunho mesmo do idioma, espontaneidade que a força inegável da instrução tem dominado com dificuldade.

Esse texto, escrito há quase meio século, mostra que é realmente inútil tentar proibir um uso que está presente na língua há quase um milênio!

Como poderíamos explicar o uso de um pronome reto (isto é, *sujeito*) onde deveria aparecer um pronome oblíquo (isto é, *objeto*)? Um pequeno exame da história da língua, desde suas raízes latinas, pode ajudar.

Na língua latina clássica não existiam pronomes-sujeitos nem pronomes-objetos diretos para a 3ª pessoa. Existia o *ego* (sujeito), de onde vem o nosso EU, e o *me* (objeto direto); existia o *tu*, que herdamos tal e qual para sujeito, e o *te* (objeto direto). Havia também os seus respectivos plurais: *nos* e *vos*. Para a 3ª pessoa, porém, não havia nada: bastava a forma do verbo para indicá-la. Aliás, mesmo os pronomes *ego, tu, nos, vos* eram pouco empregados, já que a desinência do verbo permitia a omissão do pronome-sujeito.

Na formação do latim vulgar, do qual depois surgiriam as línguas românicas, sentiu-se a necessidade de preencher os vazios do quadro dos pronomes pessoais no tocante à 3ª pessoa. Para esse preenchimento, foram usados os pronomes demonstrativos *ille, illa, illud* (este último para o gênero neutro, que depois desapareceu), que originalmente equivaliam a AQUELE, AQUELA, AQUILO. É fácil reconhecer em *ille* e *illa* os antepassados dos nossos ELE e ELA (sobretudo se lembrarmos que até meados do século XX esses pronomes eram escritos ÊLLE e ELLA). Curiosamente, desses mesmos pronomes demonstrativos latinos saíram os artigos definidos e os pronomes oblíquos átonos de 3ª pessoa do português (O, A, OS, AS), depois de uma série de transformações fonéticas e morfológicas. De fato, os artigos (que também não existiam em latim) são demonstrativos que ficaram muito fracos, perderam seu valor dêitico[2] até funcionarem como simples determinantes.

---

[2] Dêitico: relativo à dêixis, isto é, à faculdade que a linguagem tem de designar demonstrando e não conceituando.

Na análise do lingüista brasileiro Mattoso Camara Jr. (1972), esses pronomes demonstrativos, mesmo depois de incorporados ao quadro dos pronomes pessoais do caso reto, não se integraram completamente em sua classe nova, tendo conservado em boa parte sua função *demonstrativa*, que tinham desde suas origens no latim. É esse resquício de caráter demonstrativo dos pronomes ELE, ELA, ELES, ELAS que permite que eles exerçam todas as funções sintáticas, exatamente como os outros demonstrativos da língua:

SUJEITO	OBJETO DIRETO	OBJETO INDIRETO
Este serve.	Quero *este*.	Dei o livro para *este*.
Ele serve.	Quero *ele*.	Dei o livro para *ele*.

O que é curioso em toda essa história é que os normativistas, quando querem justificar suas proibições e condenações, muitas vezes recorrem às origens da língua, às fontes latinas, em busca de apoio para suas afirmações. Por exemplo, quando eles cobram que a gente sempre use uma preposição A depois do verbo ASSISTIR, dizem que tem de ser assim porque *em latim* o verbo ASSISTIR era transitivo indireto. Quando querem proibir os 170 milhões de brasileiros de dizer "Eu prefiro mais X do que Y", alegam que *em latim* o prefixo *prae-*, presente no verbo PREFERIR, já indicava "mais que", "de preferência a", por isso aquela construção está "errada".

Ora, se assim é, por que não podemos então usar o pronome ELE como objeto direto se o pronome *latino* do qual ele se origina podia exercer essa função sintática?

Um aspecto bastante interessante revelado pelos pesquisadores é que os falantes cultos brasileiros usam o pronome ELE como objeto direto principalmente quando esse objeto tem o traço semântico [+animado], isto é, quando se trata de um ser vivo, sobretudo humano. Na minha própria pesquisa, dos 18 empregos de ELE como objeto direto que encontrei, 13 ocorrências apresentaram esse traço semântico. Alguns exemplos:

(2) "às vezes quando é *cavalo* de competição tem que botar *ele* para saltar aquelas... coisinhas" (REC - DID 150: 151)

(3) "por exemplo... o que fizeram com o *Reich* você conhece *ele* Wilhelm Reich que foi:: pre::so nos Estados Unidos e tal..." (SAO - D2 343: 1636)

(4) "atender os *clientes* éh:: ora mostrando os equipamentos ora fazendo demonstração... eh ora levando *eles* na nossa filial" (SAO - D2 62: 110)

O uso do pronome ELE como objeto já se verifica até mesmo em textos literários. Só para exemplificar, aqui vai uma ocorrência na obra *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, sem dúvida um dos nomes mais importantes da ficção brasileira do século XX:

(5) "Se sei quase tudo de Macabéa é que já peguei uma vez de relance o olhar de uma nordestina amarelada. Esse relance me deu *ela* de corpo inteiro".

Imagine se Clarice tivesse escrito: "Esse relance *ma* deu de corpo inteiro", que esquisito que ia ficar!

Luís Fernando Veríssimo (2000) também não se acanha de escrever, em bom português brasileiro:

(6) "No caso, 'mulher' é eufemismo. Ela é mais do que isto. Se Deus fosse mandar uma amostra do seu trabalho para concurso, mandaria *ela*" (p. 126).
(7) "Ela não conseguia pronunciar o 'ão', chamava *ele* de Paulon" (p. 292).
(8) "Uma vez ela tinha arrastado *ele* para a praia" (p. 297).
(9) "Sol é das coisas mais perigosas que existem. Deixa *ele* lá e eu aqui" (p. 297).
(10) "Na praia era ela que puxava *ele* para dançar" (p. 298).

É interessante notar que em quase todos os exemplos literários acima o uso do *ele* como objeto direto também se relaciona com o traço semântico [+humano], como encontramos no *corpus* de língua falada culta.

Também em textos jornalísticos já podemos encontrar esse uso, apesar de condenado como "erro" pelos manuais de redação dos nossos principais jornais:

(11) "Vendido por US$ 4 milhões para o Valencia, o atacante Viola apresenta-se com a camisa do time no estádio da equipe, na Espanha (foto). O time espanhol quer que o jogador inicie treinos já no próximo dia 25. Mas o Corinthians quer *ele* no Brasil até 10 de agosto, para as finais do Paulista no caso de classificação da equipe" (*FSP*, 5/7/1995, p. 4-4).
(12) "Fleury aposta na popularidade do senador eleito Romeu Tuma (PL) para engordar sua candidatura. Quer *ele* como vice em sua chapa e até já reservou uma sala para Tuma no escritório político que montou em São Paulo" (*FSP*, 15/1/1995, p. 1-15).
(13) "No final da reunião, o governador mudou seu discurso reticente sobre a proposta e praticamente admitiu concorrer a um novo mandato. Disse que um embate com o ex-prefeito Paulo Maluf deixa *ele* 'estimulado' a aceitar uma nova disputa pelo governo" (*FSP*, 2/9/1997, p. 1-10).
(14) "Carmen foi uma inocente brasileira altamente criativa triturada pela indústria do show business americano, que pegou *ela* linda, nova e devolveu num caixão, inchada de injeção, de pílula para ficar esperta" (*FSP*, 14/2/1998, p. 4-4).

Como é fácil ver, o uso do pronome ELE (e flexões) como objeto não prejudica em nada a compreensão do texto, não torna o texto pesado, não atrapalha em nada. Por que então condenar um recurso tão antigo e tão vivo na língua?

Repare, no exemplo (14) o uso de duas estratégias não-padrão: o pronome reto ("pegou ela") e o objeto nulo ("e devolveu $_{\emptyset}$ num caixão").

4.4 Novamente uma questão de atitude

Tal como no caso das orações relativas, também aqui podemos explicar a distribuição desigual das estratégias de pronominalização por meio do exame das atitudes dos falantes cultos. O uso dos clíticos (como no

caso da relativa-padrão) é considerado "certo demais", "pedante" etc. Em seu estudo de 1989, Duarte registra que os falantes cultos, diante de enunciados construídos com os pronomes oblíquos, reagiram dizendo: "Pode estar certo, mas ninguém fala assim!" O uso do pronome ELE, por sua vez, como no caso da relativa copiadora, é associado (sem razão, porém) às variedades lingüísticas de falantes com baixa escolaridade, por isso os falantes cultos tentam evitá-lo (mas nem sempre conseguem). Já o objeto nulo (como a relativa cortadora) recebe a ampla preferência dos falantes cultos, que usam esse recurso como um modo de evitar o "certo demais" e o suposto "errado demais".

Essa preferência dos falantes cultos pelo pronome nulo se apóia, mais uma vez (tal como no caso da relativa cortadora), na capacidade que temos de interpretar adequadamente as categorias vazias da língua, com base nas estruturas sintáticas constitutivas da nossa gramática e de interpretar, também, o contexto verbal e não-verbal dos enunciados.

Na pesquisa que fiz, essas atitudes ficaram muito bem refletidas no número de ocorrências de cada tipo de estratégia de pronominalização:

TABELA 4.1

RETOMADA ANAFÓRICA DE OBJETO DIRETO DE 3ª PESSOA NO CLF (BAGNO 2000)

TIPO	QTD.	%
CLÍTICO	3	0,6
PRON. ELE	18	3,6
OBJETO NULO	479	95,8
TOTAL	**500**	**100,0**

Os números confirmam, portanto, o que dissemos acima:

(1) os clíticos de 3ª pessoa praticamente desapareceram da língua falada no Brasil, culta inclusive;

(2) o pronome ELE com função de objeto é usado sobretudo quando se trata de um objeto com traço semântico [+animado]; e

(3) o objeto nulo é a estratégia de pronominalização mais amplamente usada pelos falantes cultos brasileiros.

Vamos ver alguns exemplos desse uso tão majoritário do objeto nulo:

(15) "então... antigamente... se eu quisesse calcular uma ponte... eu calculava $_{\emptyset}$... dava $_{\emptyset}$ para um desenhista... ele desenhava $_{\emptyset}$... agora num escritório... não é assim né? então... depende do arquiteto que vai lançar... a arquitetura da obra... aí eu calculo $_{\emptyset}$... o desenhista... desenha $_{\emptyset}$... mas eu calculei $_{\emptyset}$:... não foi sozinho... eu processei metade... dos cálculos... utilizei o pessoal da computação" (SAO - D2 343: 904-911)

(16) "e a gente faz uma comida que a titia chama de jardineira... com couvinha mineira... faz couvinha mineira... junta $_{\emptyset}$ com... aquela couvinha bem partidinha... ba/ faz $_{\emptyset}$ na... na frigideira... depois põe $_{\emptyset}$ por cima da carne e põe

os legumes em cima... a gente usa muito esse tipo de comida aqui em casa... por exemplo chuchu também ela refoga... faz ø com ovo... sabe... e aí a gente come ø com a carne..." (RIO — DID 328: 415-419)

Na mesma pesquisa, examinando o *corpus* de língua escrita, encontrei os seguintes resultados:

TABELA 4.3

RETOMADA ANAFÓRICA DO OBJETO DIRETO DE 3ª PESSOA NO CLE (BAGNO 2000)

TIPO	QTD.	%
CLÍTICO	50	58,1
PRON. ELE	1	1,1
OBJETO NULO	35	40,1
TOTAL	86	100,0

Mais uma vez, verifica-se o caráter conservador da língua escrita culta, como já tínhamos visto no caso das orações relativas.

Faça agora sua própria pesquisa e compare seus resultados com os dessas duas tabelas. Na conclusão do livro vamos discutir as implicações de tudo isso para o ensino.

5

DEIXA EU DIZER QUE TE AMO[1]

Os pronomes sujeito-objeto

O QUE VAMOS PESQUISAR

O alvo de nossa investigação agora vão ser os PRONOMES SUJEITO-OBJETO, conforme estão definidos e explicados neste capítulo.

DICAS

Primeiro, preste atenção nos verbos MANDAR, FAZER, SENTIR, DEIXAR, OUVIR, VER, ESCUTAR, ESPERAR, PEGAR que aparecerem no *corpus*. Em seguida, verifique se estão seguidos de um INFINITIVO ou de um GERÚNDIO e qual o tipo de pronome (reto ou oblíquo) que aparece na função de sujeito do 1° verbo e objeto do 2°.

ESTUDO DA TRADIÇÃO GRAMATICAL

Nas gramáticas normativas, leia os capítulos referentes aos PRONOMES PESSOAIS (RETOS E OBLÍQUOS) e às funções que eles podem exercer.

- Bechara (1999: 431-434)
- Cunha & Cintra (1985: 293-294)
- Rocha Lima (1989: 285-286)

VAMOS FAZER UMA ELEIÇÃO?

Distribua entre os alunos pequenas cédulas contendo os enunciados (A) e (B) abaixo. Depois, pergunte a eles (e peça que assinalem) qual (ou quais) dessas construções eles consideram mais *normal* para eles, mais *fácil* de ser entendida e mais *freqüente* no modo de falar deles e de seus familiares:

---

[1] "Amor I love you", Carlinhos Brown / Marisa Monte.

(A) Deixa eu contar o que aconteceu hoje comigo.
(B) Deixa-me contar o que aconteceu hoje comigo.

Recolha as cédulas para a contagem dos votos. Com a ajuda dos alunos, prepare uma tabelinha assim:

ENUNCIADO	Nº DE VOTOS	% DO TOTAL
A	....	....
B	....	....
TOTAL	....	100,0

Guarde esta tabela para, mais adiante, comparar os resultados dela com os que vão ser obtidos na coleta de dados do CLF e do CLE. Isso permitirá que você faça comparações entre as opções sintáticas preferidas por seus alunos e as mais usadas pelos falantes cultos brasileiros. Lembre-se sempre, porém, que são *comparações* e não *avaliações*, ou seja: você vai examinar os fatos lingüísticos e não atribuir *juízos de valor* ao modo como seus alunos falam.

CRIANDO TABELAS

Depois de recolher todas as ocorrências que lhe interessam no CLF e no CLE, você deve distribuir os dados em tabelas para facilitar o estudo dos fenômenos. Para este capítulo, podem ser criadas tabelas assim:

TABELA 1: PRONOMES SUJEITO-OBJETO NO CLF

TIPO	QTD.	%
PRONOME RETO	....	....
PRONOME OBLÍQUO	....	....
TOTAL	....	100,0

TABELA 2: PRONOMES SUJEITO-OBJETO NO CLE

TIPO	QTD.	%
PRONOME RETO	....	....
PRONOME OBLÍQUO	....	....
TOTAL	....	100,0

◆◆◆

5.1 O sujeito acusativo

Proponho chamar de *pronome sujeito-objeto* (PSO) um fenômeno sintático que, na Gramática Tradicional, recebe o nome de *sujeito acusativo*. Na verdade, *sujeito acusativo* é uma terminologia antiga, tirada da gramática latina, e que não se encontra em gramáticas normativas de hoje. Vamos ver do que se trata.

Quem estuda latim aprende que, nesta língua, as formas que as palavras assumem para exercer as funções sintáticas são chamadas de *casos*.

Assim, por exemplo, a palavra que exerce a função de *sujeito* está no caso *nominativo*; de objeto direto, no caso *acusativo*; de objeto indireto, no caso *dativo*, e assim por diante. Em cada um desses *casos*, a palavra assume uma forma diferente, tem uma terminação diferente, que indica sua função sintática. Um exemplo clássico é o da palavra "lobo" em latim: LUP*us* (sujeito, caso nominativo); LUP*um* (objeto direto, acusativo); LUP*o* (objeto indireto, dativo) etc.

Se o nominativo é o caso do sujeito, como é possível falar de "sujeito acusativo", isto é, "sujeito com forma de objeto"? Fica fácil se examinarmos o enunciado abaixo:

(1) Deixa-*me* dizer o que penso disso.

Neste exemplo, o pronome ME exerce duas funções ao mesmo tempo: ele é *objeto direto (acusativo)* do primeiro verbo ("deixa") e *sujeito (nominativo)* do segundo verbo ("dizer"). Por isso, na tradição gramatical, ele é chamado de SUJEITO ACUSATIVO.

Esse fenômeno ocorre, segundo a GT, com os verbos MANDAR, FAZER, SENTIR, DEIXAR, OUVIR e VER seguidos de infinitivo — podemos incluir aqui também o verbo ESPERAR, embora os dicionários de regência e as gramáticas normativas não mencionem o fato de já ser muito comum usá-lo seguido de infinitivo: "*Espera eu terminar* de falar antes de brigar comigo". Com o verbo ASSISTIR é a mesma coisa: "Eu estava *assistindo ele jogar*". Além disso, também ocorre quando esses verbos (e outros, como PEGAR, ACHAR, ENCONTRAR, PILHAR) são seguidos de um gerúndio: "Você deixou eles *falando* sozinho"; "Peguei ela *fumando* de novo"; "Encontrei eles *chorando* num canto"...

5.2 Sujeito acusativo ou objeto direto nominativo?

Como sempre gosto de contar com a intuição gramatical dos falantes nativos da língua, quero fazer a você uma pergunta: qual das duas construções abaixo você usa mais freqüentemente?

(1.a) Deixa-*me* dizer o que penso disso.
(1.b) Deixa *eu* dizer o que penso disso.

Se respondeu (1.b), parabéns: você está seguindo a prática da grande maioria dos falantes do português brasileiro, cultos inclusive. De fato, quando se trata dos verbos que citei mais acima seguidos de infinitivo (ou gerúndio), os falantes brasileiros (de todas as regiões, de todos os níveis de escolaridade) usam quase invariavelmente os *pronomes retos* para exercer as duas funções sintáticas: objeto direto do primeiro verbo e sujeito do segundo.

Ora, se o pronome reto equivale ao caso nominativo do latim, o caso do sujeito, então em (1.b) temos um "objeto direto nominativo" e não

mais um "sujeito acusativo"... Seria inadequado usar a classificação tradicional de *sujeito acusativo* para tratar da língua falada no Brasil, uma vez que nela os pronomes aparecem quase sempre no caso reto. No entanto, como em determinados gêneros de texto escrito ainda se conserva o pronome oblíquo em construções desse tipo, não podemos simplesmente dizer que no Brasil nunca se usa o *sujeito acusativo*. Para evitar essa confusão terminológica é que proponho chamar os pronomes que exercem essas duas funções de *pronomes sujeito-objeto* ou PSO, por ser uma designação que abarca as duas morfologias possíveis.

O grupo DEIXA + EU é tão freqüente na fala brasileira que suas três sílabas sofreram uma *contração* e se reduziram a uma só, pronunciada "xô". É por isso que "deixa eu ver" na nossa fala espontânea se diz "xovê". Temos até aquela brincadeira de dizer "se chovê, molha"...

5.3 Por que o pronome reto?

Como estamos tentando abandonar a noção folclórica de "erro" e substituí-la por explicações científicas dos fenômenos lingüísticos, vamos investigar as razões que levaram o português do Brasil a preferir usar o pronome-sujeito (reto) onde a norma-padrão conservadora cobra um pronome-objeto (oblíquo).

O que se evidencia aqui é a tendência cada vez mais acentuada do português do Brasil a *explicitar* o sujeito e a *apagar* o objeto direto, como provam abundantemente as investigações de Tarallo (*in* Roberts & Kato, 1993: 35-68) e de Duarte (*in* Roberts & Kato, 1993: 107-128), bem como as análises de Galves (1998). Para esses e outros lingüistas, essa é uma das principais marcas diferenciadoras do português de Portugal e do português do Brasil.

Como vimos no capítulo anterior, o objeto direto nulo já se tornou a estratégia de pronominalização preferida do brasileiro. Ao mesmo tempo, estamos cada vez mais sentindo a necessidade de explicitar foneticamente o sujeito. Já os portugueses agem ao contrário: usam muito os clíticos para representar o objeto direto e apagam o sujeito, já explicitado pela desinência do verbo.

Podemos, assim, imaginar uma situação em que alguém faz o seguinte comentário a um brasileiro e a um português:

(2) Acabo de ver o Pedro na sala do diretor.

E obtém as seguintes réplicas:

(2.a) BRASILEIRO: — *Eu* também vi. (SUJEITO EXPLÍCITO, OBJETO APAGADO)
(2.b) PORTUGUÊS: — Também *o* vi. (SUJEITO APAGADO, OBJETO EXPLÍCITO)

Estudando esse fenômeno em textos escritos entre os anos de 1725 e 1982, Tarallo pôde montar o seguinte gráfico:

FIGURA 5.1

EVOLUÇÃO DO USO PRONOMINAL EM SUJEITOS E OBJETOS DIRETOS NO PORTUGUÊS DO BRASIL ENTRE 1725 E 1982

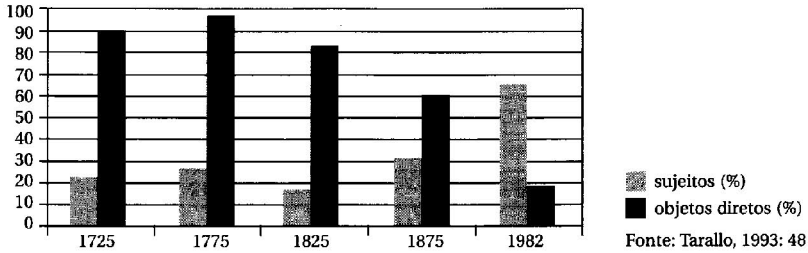

Fonte: Tarallo, 1993: 48

A evolução da retenção pronominal revela uma inversão perfeita na proporção de sujeitos nulos e objetos diretos nulos, inversão que fica ainda mais evidente se transposta para um gráfico de curvas como o da Figura 5.2 abaixo:

FIGURA 5.2

EVOLUÇÃO DO USO PRONOMINAL EM SUJEITOS E OBJETOS DIRETOS NO PORTUGUÊS DO BRASIL ENTRE 1725 E 1982

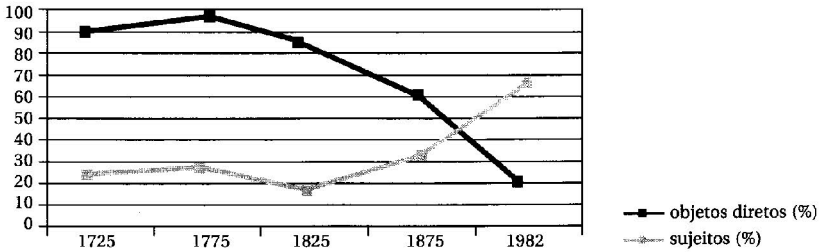

É provavelmente essa tendência cada vez mais acentuada ao apagamento do objeto direto e à explicitação do sujeito que explica a ocorrência quase exclusiva, na língua falada no Brasil, de construções com os pronomes do caso reto (nominativo) no lugar do caso oblíquo (acusativo) preconizado pela norma-padrão.

Temos aqui, novamente, duas regras morfossintáticas em concorrência no português do Brasil. A primeira delas, com o pronome oblíquo, considerada a regra "certa" pelas gramáticas normativas, data do período de *relatinização* do português em sua fase clássica, ao passo que a segunda regra, característica do português brasileiro, é uma inovação sintática resultante das transformações sofridas pela língua em nosso país.

5.4 Resultados da pesquisa de Bagno (2000)

Depois que você empreender sua pesquisa, poderá comparar os resultados obtidos com os da minha investigação. Examinando a ocorrência

dos pronomes sujeito-objeto no *corpus* de língua falada que selecionei para meu trabalho, pude montar a seguinte tabela:

TABELA 5.1

OCORRÊNCIAS DE PSO NO *CORPUS* DE LÍNGUA FALADA

TIPO	QTD.	%
+PADRÃO	0	0
−PADRÃO	10	100
TOTAL	**10**	**100**

A tabela mostra que no *corpus* de língua falada foram encontradas 10 ocorrências de PSO, todas elas com pronomes morfologicamente retos, portanto [-padrão]. Ocorreram somente três pronomes (o número de ocorrências vem indicado entre parênteses):

- EU (4)
- ELE (3)
- ELES (3)

Os verbos que provocaram o aparecimento dos PSO foram quatro:

- DEIXAR (7)
- VER (1)
- MANDAR (1)
- FAZER (1)

Das 7 ocorrências do verbo DEIXAR, 4 tiveram como objeto o pronome EU, todas no modo imperativo:

(3) "agora *deixa eu ver*... OUtros bichos..." (REC - DID 150: 56)
(4 "*deixa eu ver* outros pedaços que eu gosto..." (REC - DID 150: 257)
(5) "ah estou depressivo... *deixa eu tomar* umas bolinhas..." (SAO - D2 343: 1342)
(6) "de praia? *deixa eu ver*... agora estou muito sozinha lá na praia..." (POA - DID 45: 251)

As demais ocorrências de PSO foram:

(7) "eu não *vi eles comendo* não..." (REC - DID 150: 56)
(8) "aí dei os temperos todos da gali:nha... e *mandei ele botar* no fo:go..." (REC - DID 150: 318)
(9) "então os homens ainda estão num esquema bem bolado... que não foram eles que criaram mas... *deixa eles irem* para a frente..." (SAO - D2 343: 1423)
(10) "um exemplo de um mecanismo que teria que se repetir que vão tentar *deixar ele se repetir*" (SP - D2 343: 1265)
(11) "quer dizer digamos você cercaria uma população de lemingues num vale e não *deixaria eles saírem*..." (SP - D2 343: 1653)
(12) "o pessoal tocava o cavalo à toda e *fazia ele subir* com todo mundo em cima..." (POA - DID 45: 508)

Já no *corpus* de língua escrita selecionado para a pesquisa os resultados foram os seguintes:

TABELA 5.2
OCORRÊNCIAS DE PSO NO *CORPUS* DE LÍNGUA ESCRITA

TIPO	QTD.	%
+PADRÃO	98	70,0
−PADRÃO	42	30,0
TOTAL	**10**	**100,0**

Boa parte das construções [-padrão] (85,7%) ocorreram em transcrições de língua falada, isto é, em entrevistas, depoimentos ou trechos citados entre aspas para indicar a tentativa de reproduzir o discurso de alguém. Isso deixa bem claro que, para os redatores dos textos jornalísticos escolhidos para análise, as formas de PSO [–padrão] caracterizam a língua falada no Brasil. Mesmo assim, ocorreram alguns usos interessantes dessas construções em textos que não eram transcrições de língua falada. Aqui vão alguns exemplos:

(13) Fica horas controlando a bola com os dois pés sem *deixar ela cair* no chão (*FSP*, 8/3/1997, p. 3-10)
(14) Vergonha do seu pênis? Fale isso bem baixo e não *deixe ele ficar sabendo* desse sentimento que você tem em relação a ele (*FSP*, 17/7/1997, p. 6-2)
(15) *Deixe eu me explicar* (*FSP*, 10/11/1997, p. 6-7).

Ampliando o *corpus* escrito da minha pesquisa, encontrei ainda mais exemplos:

(16) O rompimento do relacionamento com Laura, a sexta das mais importantes, *faz ele rever* todas as outras cinco e tentar descobrir por que, como ele diz, 'nada dá certo' e ele parece parado no tempo (*FSP*, 18/12/96, p. 4-3)
(17) Agora, o que *faz ele ser* uma questão eleitoral, e não eleitoreira, é o fato de ter um candidato contra o plano (*FSP*, 2/8/94, p. 1-6)
(18) Osiris Lopes não quer mais saber de posar para fotos fumando. Diz que o resultado *faz ele ficar* parecendo o dragão da inflação (*FSP*, 15/1/94, p. 5-2).
(19) O livro narra os conflitos de uma mãe superprotetora que encontrou drogas e cartas de amor homossexual no quarto do filho e que, mais tarde, *viu ele sendo* tratado como um gênio precoce [...] (*FSP*, 20/8/97, p. 4-7).
(20) O jogador Válber [...] disse que jogou a bola no rosto do adversário e *mandou ele engoli-la* (*FSP*, 15/12/97, p. 4-4).
(21) Silva ameaçou Sousa de morte e *mandou ele correr* (*FSP*, 25/9/97).

Fica fácil ver, portanto, que os PSO em sua forma não-padrão estão ganhando cada vez mais espaço na língua portuguesa do Brasil, inclusive em suas variedades escritas mais monitoradas. Nas variedades faladas já é possível dizer que o uso dos PSO do caso reto é a única regra em vigor atualmente. Em textos literários também é possível encontrar um uso amplo desse recurso sintático. Recorrendo novamente a Luís Fernando Veríssimo (2000), encontramos:

(22) "Ela o abraçou de novo, emocionada. Fez *ele* jurar uma coisa" (p. 10).
(23) "Ao se afastar, você ainda ouve, satisfeito, *ele* dizer 'Grande Edgar'" (p. 83).

(24) "Mas não diz mais nada. Nem quando ela faz *ele* se sentar numa poltrona que certamente não é a favorita dele" (p. 182).

5.5 Bastar, faltar & custar

O mesmo fenômeno de preferência pelos pronomes retos em detrimento dos oblíquos pode ser verificado com outros verbos, desta vez com verbos que pedem um objeto *indireto*. São os verbos BASTAR, FALTAR e CUSTAR.

Aqui não podemos mais falar de *pronomes sujeito-objeto* porque, ao contrário dos casos estudados acima, onde um só pronome exerce duas funções sintáticas, o que acontece com BASTAR, FALTAR e CUSTAR é uma mudança completa e radical da regra sintática. A semelhança entre os dois grupos de verbos está no fato desta mudança privilegiar, mais uma vez, a forma e a função de *sujeito*. Vamos estudar os dois primeiros, que têm comportamento semelhante, para a seguir tratar do interessante verbo CUSTAR.

5.5.1 Bastar e Faltar

Observe os seguintes enunciados:

(22.a) Basta-*me* entrar num barco para ficar enjoado.
(22.b) Basta *eu* entrar num barco para ficar enjoado.
(23.a) Falta *ao senhor* preencher mais este formulário.
(23.b) Falta *o senhor* preencher mais este formulário.

Segundo a tradição normativa, somente os exemplos (22.a) e (23.a) acima estão "corretos". O argumento tradicional se baseia na seguinte "lógica":

ALGUMA COISA (= SUJEITO) BASTA A ALGUÉM (= OBJETO INDIRETO)

Assim, no exemplo (22.a) a análise sintática tradicional seria a seguinte:

(22.a) Basta-*me* [= a mim] *entrar num barco...*

objeto indireto — sujeito

Aqui, como se vê, temos uma construção em que ENTRAR NUM BARCO é o *sujeito* da oração. Por isso, o infinitivo é chamado de *forma nominal* do verbo, pois ele pode exercer as mesmas funções sintáticas de um *nome*, isto é, de um substantivo (sujeito, objeto, adjunto etc.).

O mesmo tipo de argumento "lógico" é aplicado pela gramática normativa para justificar a necessidade de um objeto indireto para o verbo FALTAR:

ALGUMA COISA (= sujeito)	FALTA A ALGUÉM (= objeto indireto)	
preencher o formulário	falta	ao senhor

Ora, você já deve ter percebido que os enunciados considerados "errados" pela tradição gramatical soam muito mais naturais e espontâneos no português do Brasil. Eu só falo e escrevo assim, e aposto que você também. De fato, construções como (22.b) e (23.b) há muito tempo se impuseram na nossa língua e já podem ser encontradas fartamente, não só na língua falada, mas também em textos escritos mais monitorados, em obras literárias de autores consagrados, nos melhores jornais e revistas. É uma raridade, hoje em dia, encontrar as construções tradicionais, como (22.a) e (23.a). No entanto, infelizmente, a regra ultrapassada continua a ser a única admitida pelos compêndios gramaticais e até mesmo (pasme!) pelos manuais de redação das grandes empresas jornalísticas (inutilmente, já que os redatores cada vez mais, como temos visto, preferem obedecer a gramática de sua língua materna).

Como explicar a mudança? De que modo um objeto indireto se transformou em sujeito?

Estamos aqui diante de um fenômeno sintático que os lingüistas chamam de *reanálise*. O falante deixa de classificar (intuitivamente) os termos da oração do modo antigo e passa a classificá-los de um modo novo, ou seja, faz uma *nova análise sintática* (daí o termo *re-análise*).

Assim, o lugar que a tradição gramatical preenche com um objeto indireto é preenchido, na reanálise intuitiva dos falantes, por um sujeito. Os verbos BASTAR e FALTAR passam a ser usados como *verbos impessoais*[2], isto é, como se chama na Lingüística moderna, verbos de *sujeito zero*, do mesmo tipo de AMANHECER, ENTARDECER, NEVAR, VENTAR, CHOVER, GEAR etc. Com a reanálise, o que temos é o seguinte:

BASTAR/FALTAR (= impessoal)	SUJEITO	INFINITIVO
basta	eu	entrar
falta	o senhor	preencher

Com a nova análise sintática, o BASTA e o FALTA seguidos de infinitivo são interpretados como "é bastante", "é suficiente", "é só", "é preciso apenas" etc., ou seja, como expressões impessoais:

(22.c) [Basta] / [é só] eu entrar num barco para ficar enjoado.
(23.c) [Falta] / [é preciso ainda] o senhor preencher este formulário.

Na escrita culta contemporânea, estas regras sintáticas estão mais do que consagradas. Num texto da filósofa Marilena Chaui, encontrei o seguinte uso do verbo BASTAR:

(24) "Se acompanharmos as exposições de Marx em *A ideologia alemã*, diremos que *basta os homens tomarem* consciência imediata do aparecer social para que surja

[2] Alguns estudiosos propõem também a nomenclatura "verbo unipessoal", isto é, verbos que só podem ser conjugados na 3ª pessoa.

a ideologia, desde que a divisão social do trabalho tenha operado a separação entre trabalhadores manuais e intelectuais, ou entre trabalhadores e pensadores"[3].

Tem de ser muito atrevido e autoritário o gramático que ousar corrigir uma das pensadoras mais importantes da atualidade, alegando que ela não escreve em "norma culta" ou que seu texto não é "formal"...

Na prática dos jornalistas também é fácil encontrar exemplos, basta eu citar os seguintes, da *Folha de S. Paulo*:

(25) "*Bastou ele* deitar na cama e dois minutos depois já está roncando" (26/6/1994, *Revista da Folha*, p. 4).
(26) "Mas *bastou ele* aparecer na tela para a platéia começar a gritar em sinal de reconhecimento" (27/1/1998, p. 4-8).
(27) "Mas *basta ele* parar um pouco e pensar para descobrir que a melhor fase de sua carreira pode estar começando agora" (10/6/1998, p. 3-14).

O que foi dito acima do verbo BASTAR também se aplica ao verbo RESTAR. Segundo as normas tradicionais, usa-se este verbo assim:

(28) Já terminei a pesquisa, resta-*me* tabelar os dados.

= a mim
obj. indireto

No entanto, tal como aconteceu com BASTAR e FALTAR, o lugar do objeto indireto passou a ser preenchido por um sujeito:

(29) Já terminei a pesquisa, resta *eu* tabelar os dados.

sujeito

Resta só eu lembrar que o verbo RESTAR, em construções desse tipo, aparece com freqüência muito menor do que BASTAR e FALTAR.

5.5.2 Custar

Vamos examinar os seguintes enunciados:

(30.a) *Custa-me crer* que Gabriel fez isso.
(30.b) *Eu custo a crer* que Gabriel fez isso.

Novamente, temos em (30.a) a única forma considerada "certa" pela tradição gramatical, baseada, mais uma vez, num argumento supostamente lógico:

ALGUMA COISA (= sujeito)	CUSTA	A ALGUÉM (= objeto indireto)
crer	custa	me (= a mim)

O falante brasileiro, porém, efetuou mais uma reanálise sintática, que resultou no seguinte:

[3] *Cultura & Democracia*, 7ª ed., 1997, S. Paulo, Ed. Cortez, p. 15.

SUJEITO	CUSTAR	A + INFINITIVO (= objeto indireto)
eu	custo	a crer

Assim, o verbo CUSTAR, que nesse tipo de construção só podia ser conjugado na 3ª pessoa do singular, passou a ser conjugado em todas as pessoas, em concordância com o sujeito:

(31) *Maria custou* a admitir que estava enganada.
(32) *Nós custamos* muito a encontrar a saída.
(33) Na escola, *eu custava* a entender certas regras gramaticais porque elas não faziam sentido para mim.

Ocorreu com o verbo CUSTAR, no português do Brasil, o que já havia ocorrido com outros verbos como TARDAR, DEMORAR, LEVAR [TEMPO], quando exprimem a lentidão decorrente de alguma dificuldade. Para conferir maior *afetividade* à expressão, os falantes passaram a conjugar esses verbos de um modo mais *pessoal*:

(34) tardou
demorou
levou tempo
custou muito
→ para eu aceitar que a língua muda e varia

(34a) eu tardei
eu demorei
eu levei tempo
eu custei muito
→ a aceitar que a língua muda e varia

É interessante mencionar que o mesmo fenômeno acontece com o verbo FALTAR, que estudamos um pouco mais acima. Ele também ocorre com muita freqüência conjugado em todas as pessoas verbais. Assim, o enunciado abaixo:

(35) *Faltava-lhes conseguir* o livro indicado

tem mais chance de ocorrer, na fala dos brasileiros cultos, como

(36.a) *Faltava eles conseguirem* o livro indicado.
(37.b) *Eles faltavam conseguir* o livro indicado.

Essa construção pessoal do verbo FALTAR, tão generalizada na língua falada no Brasil, também já aparece na literatura moderna e contemporânea. Ela parece ser favorecida pela presença do advérbio SÓ, como nos exemplos abaixo[4]:

(38) "[os casadinhos] só *faltavam* deitar num banco de jardim e ali mesmo, na vista de todos, chegar às últimas conseqüências" (Jorge Amado).
(39) "Os elegantes ... só *faltavam* dizer-lhe com o olhar irônico que ele não tinha direito àquilo, que largasse o capote" (Aníbal Machado).
(40) "Em vez disso, só *faltei* dizer o meu nome" (Manuel Bandeira).

[4] A maioria dos exemplos literários que cito neste livro se acham na obra de Barbadinho (1997).

Exemplos tirados da *Folha de S. Paulo*:

(41) Ele só *faltou* citar nominalmente o empresário Carlos Jereissati... (20/11/1998, p. 1-5)
(42) Eu só *faltei* me ajoelhar... (11/8/1997, p. 1-11)
(43) Só *faltamos* suplicar para que ele não voltasse a trabalhar, mas não adiantou (25/4/1995, p. 3-5).

Tudo isso parece comprovar a nossa tese de que no português do Brasil existe a tendência cada vez mais acentuada de *explicitar o sujeito*, de tornar claro o *agente*, mesmo que isso signifique transformar em sujeito o que antigamente era objeto direto (*vi-o chegar* > *vi ele chegar*) ou indireto (*custa-lhes crer* > *eles custam a crer*). No caso do verbo FALTAR, como vimos, aconteceram três etapas nessa transformação: *só me faltou ajoelhar* > *só faltou eu me ajoelhar* > *eu só faltei me ajoelhar*.

É interessante notar, por fim, que esses três verbos se encontram, atualmente, em fases distintas de sua evolução lingüística, cada um deles numa etapa diferente deste processo que leva o sujeito (ou objeto) da oração subordinada a assumir o papel de sujeito da oração principal.

5.6 Conclusão

Como sempre acontece, a pesquisa e a reflexão sobre os dados nos revelam coisas muito mais interessantes do que a velha divisão entre o "certo" e o "errado" que, infelizmente, ainda vigora na mentalidade dos tradicionalistas. Construções como "eu custo a crer" aparecem nas obras de escritores brasileiros desde o Romantismo, e o *Dicionário de regência verbal* de Celso Pedro Luft dá exemplos deste uso (que ele chama de "inovação sintática brasileira") tirados de obras de escritores mais do que consagrados:

(44) "Seixas custou a conter-se" (José de Alencar)
(45) "... as moças custavam a se separar" (Clarice Lispector)
(46) "Renato custou a acordar" (Carlos Drummond de Andrade)
(47) "Custas a vir e, quando vens, não te demoras" (Cecília Meireles)
(48) "O Dia dos Pais também nasceu nos Estados Unidos, mas custou a aparecer devido ao puritanismo que, sabidamente, influenciou a história americana durante anos" (Luís Fernando Veríssimo)

Se lembrarmos que José de Alencar morreu em 1877, fica claro que essa "inovação" não é tão "nova" assim e que, de fato, já constitui uma regra da gramática da nossa língua. Se quisermos recorrer, como venho sugerindo, à linguagem jornalística como material de pesquisa, nela também veremos o uso freqüente e abundante da construção. Alguns exemplos, sempre da *Folha de S. Paulo*:

(49) Quem foi ao show de Maria Bethânia, anteontem à noite, depois de assistir o sóbrio concerto de João Gilberto, *custou a crer* que estivesse na mesma cidade (22/6/1998, 5-10).

(50) O técnico colombiano, Hernán Darío Gómez, [...] *custou a admitir* a superioridade rival (16/6/1998, p. 4-14).
(51) O nome Kubitschek era complicado de pronunciar, *custou a ser assimilado* pela fonética eleitoral (21/11/1997, p. 4-3).

O mesmo Luft, em seu livro *Língua e Liberdade* (1985: 17), ao analisar o fenômeno, diz: "O uso brasileiro consagrou um novo princípio, uma nova regra". O mesmo autor já tinha escrito antes, na mesma página:

> A língua toda: semântica, léxico, morfologia, fonologia e fonética — tudo é questão de USO. *Vale o que a comunidade dos falantes tacitamente (raro explicitamente) determina que vale.* A língua é *autodeterminada* pelos seus usuários. [...] Só o costume pode determinar o que é certo e errado, não o veredito de gramáticos, eminentes que sejam.

O mesmo reconhecimento da implantação definitiva do uso brasileiro se encontra no dicionário *Aurélio* e nas obras de outros gramáticos eminentes, como Rocha Lima (1989: 395) e Cegalla (1990: 414). Este último diz que são "formas estas ainda não sancionadas pelos gramáticos, embora já apadrinhadas pelos escritores modernos". Ainda bem que, como diz Luft, a língua não depende dos gramáticos para se auto-regular, embora alguns deles custem a aceitar esta verdade...

É lamentável, portanto, que obras bem mais recentes continuem a desprezar os fatos palpáveis e continuem condenando o que milhões de brasileiros falam e escrevem há quase duzentos anos! É o caso do dicionário *Michaelis* (1998) que considera a forma "eu custo a crer" simplesmente "inadmissível". Ou da *Gramática da língua portuguesa*, de Cipro & Infante (1997: 522), onde se lê:

> Na língua culta, essas construções em que **custar** apresenta sujeito indicativo de pessoa são rejeitadas.

Os autores faltaram explicar que "língua culta" é essa, afinal, se nossos maiores escritores (que sempre foram tomados de modelo para o "bom português") e os falantes brasileiros classificados de cultos segundo critérios científicos *não rejeitam de modo nenhum* essas construções, muito pelo contrário. O que os brasileiros cultos rejeitam, isto sim, são regras gramaticais que não fazem sentido, que não exprimem adequadamente o que se quer dizer, que soam estranhas, e acabam se tornando, na verdade, regras *agramaticais*...

6

EM QUE SE VAI TROCANDO AS PERNAS[1]

As orações pseudopassivas sintéticas

O QUE VAMOS PESQUISAR

O alvo de nossa investigação agora vão ser as orações pseudopassivas sintéticas, conforme estão definidas e explicadas neste capítulo.

DICAS

Primeiro, preste atenção nas ocorrências da partícula se que aparecerem no *corpus*. Em seguida, verifique a função sintática que ela exerce: *objeto* em construções reflexivas ("Pedro *se* queimou no fogão") ou *sujeito* indeterminado ("Aqui *se* vive feliz" / "Aqui *se* vende produtos importados").

ESTUDO DA TRADIÇÃO GRAMATICAL

Nas gramáticas normativas, leia os capítulos referentes ao pronome se e à voz passiva.

- Bechara (1999: 223 e 563)
- Cunha & Cintra (1985: 297-300 e 373)
- Rocha Lima (1989: 286)

VAMOS FAZER UMA ELEIÇÃO?

Distribua entre os alunos pequenas cédulas contendo os enunciados (A) e (B) abaixo. Depois, pergunte a eles (e peça que assinalem) qual (ou quais) dessas construções eles consideram mais *normal* para eles, mais *fácil* de ser entendida e mais *freqüente* no modo de falar deles e de seus familiares:

---

[1] "Que sonho é esse de que se não sai / E em que se vai trocando as pernas / E se cai e se levanta noutro sonho?" ("Sonhos sonhos são", Chico Buarque).

(A) Já não se faz mais filmes como antigamente.
(B) Já não se fazem mais filmes como antigamente.

Recolha as cédulas para a contagem dos votos. Com a ajuda dos alunos, prepare uma tabelinha assim:

ENUNCIADO	Nº DE VOTOS	% DO TOTAL
A	....	....
B	....	....
TOTAL	....	100,0

Guarde esta tabela para, mais adiante, comparar os resultados dela com os que vão ser obtidos na coleta de dados do CLF e do CLE. Isso permitirá que você faça comparações entre as opções sintáticas preferidas por seus alunos e as mais usadas pelos falantes cultos brasileiros. Lembre-se sempre, porém, que são *comparações* e não *avaliações*, ou seja: você vai examinar os fatos lingüísticos e não atribuir *juízos de valor* ao modo como seus alunos falam.

CRIANDO TABELAS

Depois de recolher todas as ocorrências que lhe interessam no CLF e no CLE, é bom distribuir os dados em tabelas para facilitar o estudo dos fenômenos. Para este capítulo, podem ser criadas tabelas assim:

TABELA 1:

PSEUDOPASSIVA SINTÉTICA NO CLF

TIPO	QTD.	%
SE + VERBO NO PLURAL	....	....
SE + VERBO NO SINGULAR	....	....
TOTAL	....	100,0

TABELA 2:

PSEUDOPASSIVA SINTÉTICA NO CLE

TIPO	QTD.	%
SE + VERBO NO PLURAL	....	....
SE + VERBO NO SINGULAR	....	....
TOTAL	....	100,0

◆◆◆

6.1 Falsas e verdadeiras

Como é fácil ver pelo subtítulo mesmo deste capítulo, tenho uma posição teórica muito bem definida a respeito daquilo que a tradição gramatical chama de orações "passivas sintéticas" ou "passivas pronominais". Na minha opinião, elas simplesmente *não existem*, são um verdadeiro

mito. Por isso, para deixar bem clara essa posição, utilizo o prefixo *pseudo-* ("falso" em grego) para falar desse tipo de oração. Só considero *passivas*, no português do Brasil, as orações formadas pelo verbo SER (e, mais raramente, outros verbos: ESTAR, FICAR, VIR etc.) seguido de um particípio passado, ou seja, aquilo que as gramáticas normativas chamam de "passivas analíticas":

(1) A velha casa *foi demolida* e em seu lugar *foi erguido* um edifício moderno.
(2) É triste saber que o ensino da norma-padrão clássica *vem acompanhado* quase sempre de um forte preconceito contra as variedades de menor prestígio social.
(3) *Fica proibido* o uso de câmaras fotográficas no interior do museu.

Já tratei desse fato sintático em outros trabalhos (Bagno, 1997, 1999 e 2000). Tentarei resumir aqui as justificativas que apresentei para negar a existência das "passivas sintéticas".

6.2 Equívoco, ilogismo, incoerência

Talvez seja difícil encontrar melhor exemplo das incongruências e inconsistências da doutrina gramatical tradicional do que o caso da pseudopassiva "sintética" ou pseudopassiva "pronominal". Trata-se, como diz Monteiro (1991: 153), "de mais um equívoco, e dos maiores, de nossa tradição gramatical". Neste ponto específico da doutrina gramatical normativa fica perfeitamente claro que

> a maioria das definições dos fatos gramaticais da sintaxe portuguesa é falsa, no sentido de que não só contrariam princípios fundamentais do conceito de definição como também certos princípios lógicos do pensamento, além de estabelecerem completa inadequação entre a teoria e a prática [Hauy, 1994: 7]

Quase cem anos nos separam da primeira edição das *Dificuldades da língua portuguesa*, de Said Ali, publicada em 1908. Nesta obra, enriquecida em 1919 com seis novos capítulos, o grande filólogo empreende uma análise "límpida, lapidar e legítima", como avalia Monteiro (1991: 148), do problema de classificação da partícula SE nas orações chamadas "passivas sintéticas" ou "passivas pronominais", decidindo-se, em nome do bom-senso, por atribuir a ela uma incontestável função de *sujeito*.

Atribuir ao SE a função de *sujeito* é possível, segundo Said Ali, "se fizermos abstração da gramática e, procedendo unicamente à análise psicológica, considerarmos que os termos psicológicos só têm que ver com as idéias que as palavras atualmente simbolizam" (1919: 147). Hoje, no lugar de "gramática", escreveríamos *sintaxe*, e no lugar de "análise psicológica", escreveríamos *análise semântica*. E é precisamente nesses dois aspectos, o sintático e o semântico, que se encontra a incoerência da doutrina normativa tradicional, além de seu total menosprezo pelos aspectos *pragmáticos* do fenômeno.

6.3 O que SE faz? O que SE é?

Enquanto Said Ali tenta *reunir* os critérios sintático e semântico para estudar o problema, os gramáticos prescritivistas não se dão conta de que *separam* os dois critérios no momento de classificar a partícula SE.

Vamos examinar os dois enunciados seguintes:

(4.a) Lá em casa se lê muito.
(4.b) Lá em casa se lê muito jornal.

Dizem os gramáticos que em (4.a) o SE indica "indeterminação do sujeito", ao passo que em (4.b) o SE é uma "partícula apassivadora", sendo JORNAL o "sujeito" da oração. Ora, no primeiro caso, usa-se um critério *semântico*, pois o SE é interpretado como referente a alguém que não queremos especificar ou determinar. Já na interpretação de (4.b), usa-se um critério *sintático*, baseado sobretudo na *história* das línguas, alegando-se muitas vezes que *em latim* (!!!) o pronome SE não podia ser sujeito de oração. Mas desde quando falamos latim no Brasil? Trata-se de um evidente paradoxo, de duas explicações diferentes para o mesmo fenômeno lingüístico. A única diferença verdadeira entre os dois enunciados é que em (4.a) o verbo é *intransitivo*, ao passo que em (4.b) ele é *transitivo direto*. Nas duas o SE funciona como *sujeito indeterminado*, e em (4.b) temos JORNAL como o objeto direto de LER.

O aspecto semântico sistematicamente desprezado pelos normativistas é que, em todas as orações deste tipo, os verbos presentes são sempre verbos que só podem ser praticados por um sujeito com traço semântico [+humano]. O que quer dizer isso? Quer dizer que somente seres humanos podem *ler jornal* assim como em *aluga-se salas*, *joga-se búzios*, *vende-se ovos*, *avia-se receitas*, *amola-se facas* etc., todos os verbos exigem (além de um óbvio *objeto direto*) um sujeito [+humano]. E é essa poderosa evidência semântica que leva os falantes a manter o verbo no singular, fazendo ele concordar com o sujeito indeterminado, indicado no enunciado pelo clítico SE.

Todos os estudos científicos empreendidos em torno deste tema, de Said Ali até hoje, têm se empenhado em demonstrar a urgente necessidade de interpretar o SE nestas orações como um recurso de que a língua dispõe para indicar a *indeterminação do sujeito*. A nomenclatura que ainda usa conceitos como "SE apassivador", "passiva sintética" e "passiva pronominal" é inteiramente descabida.

Diante das irrefutáveis evidências lógicas, é de admirar a resistência empedernida de normativistas e comandos paragramaticais, que teimam em impor uma concordância ilógica.

Em trabalho posterior, Said Ali volta a tratar da questão, resumindo-a novamente com clareza:

> Vimos também que nas proposições do tipo *Vendem-se casas* é *latente a noção de um agente humano* [...]. A interpretação semântica é, pois, a mesma. A circunstância de em *Vendem-se casas* se dizer, como realmente se diz em linguagem culta[2], o verbo no plural, fazendo-o concordar com o substantivo que se segue, é um dos ***ilogismos gramaticais***, em que se continua a manter a forma demandada pelo sentido originário sem atender a ***que este sentido se acha alterado. A incoerência salta aos olhos***, não somente quando se comparam as construções do verbo transitivo com as de verbo intransitivo, mas ainda quando se cotejam duas frases com o mesmo verbo transitivo, redigidas uma com o substantivo no plural precedido da preposição *a*, a outra com o substantivo sem preposição: *Adora-se aos deuses* e *Adoram-se os deuses*. [Said Ali, 1964: 270; grifos do autor, negritos meus]

A obrigação de conjugar o verbo no plural quando acompanhado do pronome SE vem sendo desrespeitada também na língua escrita mais elaborada. Comentando a poesia de Manoel de Barros, a escritora Marilene Felinto escreveu (*FSP*, 29/4/2000, p. 5-12):

> (5) Inaugurar linguagens, dar concretude de imagem (de coisa) ao incorpóreo, preencher com isso *as faltas* todas que *se sente* neste mundo — porque "tem mais presença em mim o que me falta" —, reside nisso o gênio da poesia de Manoel de Barros [...]

Ninguém poderá dizer que se trata de um uso "estropiado" por parte de um falante "pouco instruído"[3]. Afinal, o mesmo uso também se encontra neste texto de Carlos Heitor Cony, romancista aclamado (eleito em 2000 para a Academia Brasileira de Letras, que é uma entidade intrinsecamente conservadora e tradicionalista):

> (6) Num debate entre gente mais culta que eu, reclamei do primarismo com *que se rotula os outros*. Um dos rótulos mais gastos no mercado é aquele que divide o clero entre progressistas e conservadores. (*FSP*, 18/9/1999, p. 1-2)

Muito antes deles, no entanto, já se encontrava usos semelhantes na pena de um escritor considerado o exemplo mais perfeito de uma prosa extremamente requintada, elaboradíssima, repleta de vocábulos raros e de preciosismos retóricos: Euclides da Cunha. Isso mesmo, lá em *Os Sertões* (1902) podemos ler:

---

[2] A situação da "linguagem culta" hoje, no século XXI, já é bem diferente da descrita por Said Ali em sua obra, escrita na década de 1920: como veremos mais adiante, os falantes cultos já dão ampla preferência ao verbo no singular.

[3] Infelizmente, num texto anterior (*FSP*, 4/1/2000) a mesma Marilene Felinto, comparando o português do Brasil e o de Portugal, emitiu a seguinte opinião, totalmente absurda e desprovida de fundamento científico: "Basta pensar que a língua brasileira é outra. Uma pequena mostra de erros de redação coletados na imprensa revela que o português aqui transformou-se num vernáculo sem lógica nem regras." Ora, e se o texto que ela mesma escreveu sobre o poeta Manoel de Barros fosse julgado com esses mesmos critérios preconceituosos? Essa afirmação é absurda porque não existe língua "sem lógica nem regras". Se não tem regras, não é língua...

(7) Salta-se do trem; *transpõe-se poucas centenas* de metros entre casas deprimidas [...]

Se eles podem escrever assim, por que nossos alunos são obrigados a acreditar numa regra que já provou não passar de uma ilusão gramatical? Por que tantos corretores de provas de vestibular e de exames de nível médio continuam cobrando o respeito a uma regra que não faz sentido? Por que os revisores das editoras insistem em consertar construções que não estão erradas?

Por outro lado, a dificuldade de lidar com uma regra ilógica acaba levando algumas pessoas (que têm bom domínio da linguagem escrita culta) a incorrer em equívocos, na tentativa de "acertar demais". O jornalista Gilberto Dimenstein, por exemplo, analisando os resultados de uma pesquisa sobre a mentalidade dos jovens brasileiros de hoje, escreveu:

(8) *Não *se falam* em revoluções sociais, utopias, mas, embora desejem uma sociedade fraternal, a aposta é no individualismo. (*FSP*, 28/11/1999, p. C-8).

E num documento oficial do Ministério da Educação ("Programa Nacional do Livro Didático: histórico e perspectivas", janeiro de 2000, p. 31) encontrei:

(9) *Embora não *se disponham* de séries históricas de dados, verifica-se, ao longo dos anos 90, que o setor editorial brasileiro possui uma relação de forte dependência do subsetor de livros didáticos e que este, por sua vez, é dependente das compras efetuadas pelo PNLD.

Os autores dos dois textos acima se deixaram levar pela suposta necessidade de "concordância", sem atentar para o fato de que estavam empregando verbos transitivos indiretos, seguidos de preposição! São exemplos interessantes do que pode resultar do policiamento excessivo daqueles que querem, a todo custo, seguir à risca uma gramática normativa que prescreve regras desprovidas da mais simples lógica... gramatical!

6.4 O truque que não funciona

Não tem nada mais antipedagógico e didaticamente reprovável do que tentar ensinar alguma coisa recorrendo a "truques", "macetes" e decorebas, em vez de apresentar ao aluno (com clareza e coerência) a natureza do fenômeno a ser analisado. Essa, porém, tem sido a tática empregada há décadas e décadas pelos que tentam perpetuar a todo custo a crença na existência das "passivas sintéticas" no português do Brasil. Estou falando aqui, é claro, da bolorenta mania de dizer que *Vendem-se casas* é "equivalente" a *Casas são vendidas* e que, *por essa razão*, o verbo deve ser conjugado no plural. Mas que razão é essa, afinal? Razão nenhuma: somente o apego à tradição e o medo de tentar ver as coisas de um outro ponto de vista! Aliás, por falar em razão, Said Ali, no início do século XX, já

escrevia: achar que *Aluga-se esta casa* é "equivalente" a *Esta casa é alugada* só pode levar a gente a duvidar da sanidade mental (foi a expressão que ele usou!) de quem acredita nisso...

O velho "truque" ou "macete" recomendado para alguém "acertar" no momento de construir frases com a partícula SE tem como resultado, muitas vezes, enunciados escalafobéticos, estrambóticos ou com alta improbabilidade de ocorrência (quando não francamente agramaticais), a exemplo de *Futebol não é discutido, política não é discutida, religião não é discutida*, que aparece no CD-ROM *Nossa Língua Portuguesa*. Quem é que fala assim? São enunciados artificiais, forçados, que nada têm de espontâneos. Imagine-se uma pergunta tão banal como: *Quantos minutos se leva daqui até lá de carro?*, "corrigida" para *Quantos minutos se levam daqui até lá de carro*, oferecendo-se como justificativa para a "correção" a equivalência com: **Quantos minutos são levados daqui até lá de carro?*

No número da excelente revista *Ciência Hoje* de maio de 2000 veio um cartaz contendo fatos importantes da ciência brasileira nos últimos 500 anos. Lá, no ano de 1964, podemos ler:

(13) Após o golpe militar, centenas de professores *são demitidos* ou *se demitem* de universidades brasileiras. Nos anos seguintes, muitos cientistas, estudantes e professores *seriam levados* a deixar o país.

Ora, se a tradição gramatical diz que existe "equivalência" entre a passiva "sintética" e a passiva "analítica", podemos alegar que o texto da revista também poderia ter sido escrito assim: "Após o golpe militar, centenas de professores *são demitidos* ou *são demitidos* de universidades brasileiras". Ou assim: "Após o golpe militar, centenas de professores *se demitem* ou *se demitem* de universidades brasileiras". É claro que seriam enunciados sem nenhum sentido, assim como não tem sentido nenhum falar da tal "equivalência". Imaginemos também, ainda com base no texto da revista, a substituição da passiva analítica — "seriam levados a deixar o país" — por sua "equivalente" "sintética": "Nos anos seguintes, muitos cientistas, estudantes e professores *se levariam* a deixar o país". Faz sentido para você? Para mim não faz nenhum...

A falácia da equivalência ficou evidente, na investigação que empreendi, no exame do *corpus* de língua falada, nas ocorrências em que os falantes usaram os dois tipos de construção, mantendo sempre o verbo no singular quando acompanhado do SE:

(14) "agora hoje como tenho filha médica mé/ e: genro médico e tive irmão médico e marido médico e tudo isso... abolimos e que *essas plantas todas são usadas* em remédios já *se encontra* nos remédios né?..." (RED - DID 156: 137)

(15) "só os mais gritantes é que *são... pu/ publicados* em jornal et cétera e *se controla* mas os pequenos não..." (SAO - D2 343: 145)

Disso se pode depreender claramente que, para o falante culto brasileiro, não existe "equivalência" entre as duas formas de construção, que são duas maneiras distintas (do ponto de vista sintático, semântico e pragmático) de se marcar a indeterminação do sujeito.

6.5 Uma regra amarga que nem jiló

O uso do pronome SE como marca dessa indeterminação do sujeito fica também bastante claro em situações onde o SE é usado para estabelecer uma *coesão textual*, num encadeamento sintático em que se vai acumulando as formas pronominais usadas para marcar a indeterminação. Um exemplo muito bom disso a gente encontra na linda canção "Qui nem jiló", letra de Humberto Teixeira e música de Luís Gonzaga:

Qui nem jiló

Se *a gente* lembra só por lembrar
O amor que *a gente* um dia perdeu
Saudade inté qui assim é bom
Pro *cabra* se convencer
Que é feliz sem saber
Pois não sofreu

Porém se *a gente* vive a sonhar
Com alguém que *se* deseja rever
Saudade entonce aí é ruim
Eu tiro isso por mim
Que vivo doido a sofrer

Ai quem me dera voltar
Pros braços do meu xodó
Saudade assim faz doer
E amarga qui nem jiló
Mas ninguém pode dizer
Que me viu triste a chorar
Saudade o meu remédio é cantar
Saudade o meu remédio é cantar

Nas duas primeiras estrofes, a indeterminação do sujeito (que visa atribuir aquelas atitudes e sentimentos a todas as pessoas em geral) está bem marcada pelo uso encadeado de *a gente / o cabra / se*. Ora, pela análise sintática tradicional, no verso "Com alguém que *se* deseja rever" o sujeito da oração seria "alguém". Essa análise rompe totalmente a coerência do texto, uma vez que está claríssimo no poema que aquele SE exerce

a mesma função sintático-semântico-pragmática de A GENTE e de O CABRA dos versos anteriores. Portanto, na análise que estamos propondo aqui (e que me parece a única possível) o SE tem de ser interpretado como *sujeito* do verbo REVER, pois do contrário o verso simplesmente não faria o menor sentido! Afinal, o que significa dizer que "a gente vive a sonhar com alguém (=sujeito) que se (= reflexivo) deseja rever"? Por que vamos ter saudade de uma pessoa que se deseja rever a si mesma (num espelho? Alguém que sofre de um profundo narcisismo?)?. Não é perfeitamente óbvio que "a gente vive a sonhar com alguém (= objeto) que se (= a gente, sujeito) deseja rever"?

Outra canção, "Sonhos sonhos são", de Chico Buarque (do CD *As Cidades*), começa com os seguintes versos:

> Em Macau, Maputo, Meca, Bogotá
> Que sonho é esse de que não *se* sai
> E em que *se* vai trocando as pernas
> E *se* cai e *se* levanta noutro sonho

Pelas regras da gramática normativa, o terceiro verso *deveria* ser: "E em que se *vão* trocando as pernas". Ora, essa suposta "correção" tornaria essa estrofe completamente ilógica, uma vez que romperia o encadeamento de verbos praticados por um mesmo sujeito indeterminado, indicado pelo pronome SE. O sujeito de "vai trocando as pernas" é o mesmo SE sujeito de SAIR, CAIR e LEVANTAR. Conjugar o verbo no plural ("se vão trocando as pernas") impediria completamente essa interpretação, pois faria de "ir trocando" um verbo reflexivo "praticado" por PERNAS.

Espero que esses poucos exemplos, e toda a discussão anterior, mostrem a necessidade urgente de abandonar a análise tradicional das orações em que aparecem verbo transitivo direto e pronome SE em favor de uma análise nova que leve em conta todos os fenômenos lingüísticos em ação neste tipo de enunciado.

6.6 O SE cada vez mais sujeito

Uma outra prova muito eloqüente da reanálise sintática que o pronome SE vem sofrendo no português do Brasil — reanálise que nos obriga a incluir o SE entre os pronomes que podem exercer a função de sujeito — se encontra num uso que, de tão freqüente, não é mais percebido como erro por ninguém, nem pelos falantes cultos quando escrevem textos extremamente monitorados. Estou falando do uso do SE entre uma preposição e um infinitivo. Embora os defensores do tradicionalismo normativista que invadiram a mídia contemporânea insistam em condenar esse uso como "erro", ele já está definitivamente incorporado às regras sintáticas da

nossa língua. Vejamos o que diz a respeito, por exemplo, Pasquale Cipro Neto numa de suas colunas da *Folha de S. Paulo* (28/05/1998, p. 3-2):

> Um texto publicitário, publicado em vários jornais e revistas, anuncia a novidade: "O charme de se morar bem". Esse pessoal da propaganda de vez em quando abusa.
> Já tratei aqui de parte do problema do emprego do "se" com verbo no infinitivo. Em geral, é rococó inútil. Basta dizer "O charme de morar bem". A frase sobrevive sem o "se". Sinal mais do que claro de que o "se" é inútil.
> O infinitivo — chamado de impessoal — já contém, exatamente por ser impessoal, a marca da generalização, da indefinição do agente.
> Quando se diz "O charme de morar bem", não se determina o agente de morar, ou seja, não se diz quem mora. O verbo se refere às pessoas em geral. Por que acrescentar o "se", que também é uma marca da indefinição do agente?
> [...] Isso já começa a aparecer também no texto impresso, o que — até os lingüistas defensores do vale-tudo hão de concordar — é duro de engolir.
> Por falar em "duro de engolir", é duro de engolir, e não "duro de se engolir". Apesar da estrutura ativa, a frase tem valor passivo. "Duro de engolir" equivale a "duro de ser engolido". É o caso da famosa expressão "Osso duro de roer", equivalente a "Osso duro de ser roído". Por favor, fulmine o "se" nessas expressões. [...] Abaixo o "se" inútil!

Vamos passar ao largo do preconceito do autor contra os lingüistas (que em outras ocasiões ele já chamou de "deslumbrados", "ociosos" e "idiotas"), para nos concentrarmos na questão sintática que ele aborda. Dizer que "a frase sobrevive sem o SE" é tentar forçar a realidade das coisas: se ela sobrevivesse sem o pronome, ele não estaria sendo usado tão fartamente na língua falada e escrita (culta!) do Brasil. Sinal mais do que claro de que o SE é muitíssimo útil! Mais uma vez, temos aqui um exemplo do procedimento não-científico tradicional: em vez de passar dos fatos da realidade para a análise da realidade, ele tenta, ao contrário, forçar os fatos a caber dentro de suas análises pré-fabricadas, consideradas justas e perfeitas desde que foram elaboradas.

Como vimos nos capítulos anteriores, o português brasileiro está se transformando numa língua em que a explicitação do sujeito se torna cada vez mais exigida, num processo que caminha (ao que tudo indica) rumo à *obrigatoriedade* dessa presença. Cada vez mais os verbos aparecem acompanhados de seu sujeito, seja ele um nome ou um pronome.

Assim, na sintaxe brasileira, aumenta progressivamente a tendência a não se deixar nenhum verbo sozinho, desacompanhado de seu sujeito, mesmo quando esse verbo é um infinitivo tradicionalmente classificado de *impessoal*. Portanto, ao contrário do que pensa Cipro Neto, o SE dos exemplos que ele dá, longe de ser um "rococó inútil", é um elemento que está se tornando *essencial* para as orações do português brasileiro.

Outro equívoco da análise apresentada pelo colunista (e que é, insisto, a mera repetição da doutrina gramatical tradicional, sem nenhuma tentativa de interpretação nova dos fenômenos) está na atribuição de valor

passivo a enunciados que o falante analisa intuitivamente como *ativos*. Quando a maioria dos brasileiros cultos falam e escrevem *Lugar bom de se morar*, eles não analisam o enunciado como *Lugar bom de ser morado* (até porque esse enunciado não faz o menor sentido!), mas sim como *Lugar bom de alguém/a gente morar*. Exatamente como no caso das pseudopassivas sintéticas, a alegação de uma suposta equivalência entre as construções não serve como justificativa para reprovar um uso que já é majoritário nas variedades cultas brasileiras.

Para desespero de Pasquale Cipro Neto, foi lançado em 2001 um livro chamado *Comédias para se ler na escola*, uma antologia de crônicas de Luís Fernando Veríssimo, organizada pela escritora Ana Maria Machado, reconhecida (inclusive internacionalmente) como um dos nomes mais importantes da nossa literatura infanto-juvenil.

Os exemplos desse uso na melhor literatura, na produção acadêmica e científica, em traduções de boa qualidade aparecem quase a cada página. Vou dar somente dois, que encontrei em livros de Clarice Lispector:

(16) "Quando ficou forte era *de se esperar* que fugisse imediatamente mas demorou a ir em busca do próprio destino [...]" (*Água viva*).

(17) "Esqueci de dizer que era realmente *de se espantar* que para corpo quase murcho de Macabéa tão vasto fosse o seu sopro de vida quase ilimitado [...]" (*A hora da estrela*).

Recorrendo ao tipo de *corpus* de língua escrita culta que venho propondo para nossa pesquisa, encontrei, no CD-ROM da *Folha de S. Paulo* com o texto integral das edições dos anos de 1994 a 1998, uma quantidade enorme de construções desse tipo. A combinação COMO ERA DE SE + INFINITIVO, por exemplo, apareceu nada menos do que 155 vezes, a imensa maioria delas com o verbo ESPERAR, o que indica que "como era de se esperar" já virou uma fórmula fixa, uma locução adverbial[4]:

(18) *Como era de se prever*, um dia de Natal meio vazio, em que a programação de "Marte Ataca!" (HBO, 22h), de Tim Burton, entra como exceção, ou acaso (24/12/1998, p. 5-4).

(19) Os bancos, *como era de se esperar*, chiaram contra qualquer hipótese de serem forçados a manter linhas ou comprar bônus do Brasil (13/11/1998, p. 1-12).

(20) *Como era de se esperar*, as exigências quanto à qualificação são muito maiores do que as feitas para quem vai trabalhar no serviço de atendimento telefônico a clientes (26/7/1998, p. 3).

Já a combinação FÁCIL DE SE + INFINITIVO também se mostrou bastante freqüente, com mais de 50 ocorrências:

(21) O escândalo, hoje em dia, não está *fácil de se conseguir*, e o desbunde é muito insuficiente (14/7/1996, caderno "Mais!", p. 8).

---

[4] Foram ao todo 146 ocorrências de "como era de *se* esperar" contra 60 ocorrências de "como era de esperar". A grande diferença dos totais revela a dianteira que a construção inovadora está tendo em relação à construção tradicional.

(22) Esta manobra, como é *fácil de se imaginar*, envolveu o conforto de famílias e profissionais de diversos níveis [...] (20/5/1996, p. 3-9).
(23) Mas muitos vêem o boxe, particularmente a categoria dos pesos pesados, como um meio *fácil de se ganhar* dinheiro (8/8/1997, p. 3-12).

Outras ocorrências do suposto "rococó inútil":

(24) Era um apito *bom de se ouvir*, debaixo dos lençóis, e quanto mais distante se ouvia aquele trinado maior era o espaço protegido dos fantasmas e ladrões da noite (27/1/1996, p. 1-2).
(25) O certo é que futebol é *bonito de se ver*. E *bom de se ler* quando os textos envolvem o leitor com os ingredientes que cercam o futebol (7/1/1996, p. 1-6).
(26) Resumindo, não há surpresas, mas o disco é *bom de se ouvir* (10/1/1994, p. 5-8).
(27) Ainda bem que está no passado. Passado triste, *duro de se recordar* (8/8/1994, p. 1-2).

Convém alertar que o exemplo (24) acima é de autoria do mesmo Carlos Heitor Cony, jornalista e escritor, que já encontramos no exemplo (6) deste capítulo. Nesse exemplo, o SE pode ser interpretado como "um apito bom de se [= a gente] ouvir". Nesse mesmo texto, como nas canções que vimos antes, o SE é usado como sujeito indeterminado em perfeita coesão com o resto do texto: "E quanto mais distante SE [= a gente] ouvia aquele trinado"... Como é fácil de se perceber, o convite de Cipro Neto para que todos "fulminem o SE inútil" não foi atendido nem sequer pelos que escrevem no jornal onde ele, desde 1989, é "consultor de português" (seja isso lá o que for!).

Criticando a postura dos normativistas empedernidos, Sírio Possenti escreve: "Os guardiães da língua [...] imaginam que tudo aquilo de que não gostam ou for novo — o que vier antes — é necessariamente ruim. Se eles não gostam, deve ser interessante. Se acham que não serve para nada, alguma serventia deve ter"[5]. De fato, a experiência tem mostrado aos pesquisadores que os acessos de rabugem dos normativistas de plantão são sempre ótimas pistas para se estudar fenômenos lingüísticos muito interessantes e reveladores da gramática que governa o português do Brasil.

6.7 Resultados da pesquisa de Bagno (2000)

Na análise do *corpus* de língua falada registrou-se 24 ocorrências de pseudopassivas sintéticas, assim distribuídas:

TABELA 6.1

PSEUDOPASSIVAS SINTÉTICAS NO CLF

TIPO	QTD.	%
+PADRÃO	18	75,0
−PADRÃO	6	25,0
TOTAL	**24**	**100,0**

[5] Ver o artigo "Vou estar +ndo", no site www.marcosbagno.com.br.

Exemplos de ocorrências [+padrão]:

(28) "e essas mesmas fases eles ... tanto citei agora pouco no no no teatro essas mesmas fases *se verificam* no cinema" (SAO - D2 62: 1451)
(29) "Normalmente *se perdem* dois fins de semana..." (RIO - D2 158: 257)
(30) "eu vejo assim pontes enormes que:: *se gastam*... fábulas para construí-la..." (SAO - D2 343: 588)

Exemplo de ocorrências [–padrão]:

(31) "Ai eu adoro acho ovo assim:... incrível... e *as coisas que se faz* com o ovo também..." (REC - DID 150: 340)
(32) "então *constrói-se muitos prédios* ali e aí depois muda..." (SAO - D2 343: 81)
(33) "atualmente pensa-se em quantidade... *abre-se faculdades* à vontade" (SP - D2 62: 497)

Também foram muito escassas as ocorrências de pseudopassivas "sintéticas" no *corpus* de língua escrita: 8 no total, das quais 6 [+padrão] e 2 [–padrão]. Ambas as ocorrências [–padrão] estão localizadas em transcrições de língua falada:

(34) "O Judiciário está internando de maneira desmedida, é preciso que *se aplique mais as medidas* de meio aberto", reclama. (*O Estado de S. Paulo*, 25/08/1999)[6]
(35) "A idéia principal é incentivar a prática de esporte ao mesmo tempo que *se tira estes jovens* das ruas. Mas também *podem se formar bons atletas* aqui" — diz Marder, que já conta com apoio da empresa Girando Sol na manutenção do aluguel do prédio. (*Zero Hora*, 26/08/1999)

Nunca se sabe até que ponto uma transcrição de depoimento ou entrevista foi ou não "revista" e "corrigida" no momento da redação de uma matéria jornalística. Ressalvado isso, é interessante observar, em (35), um verbo no singular ("se *tira* estes jovens") e outro no plural ("*podem* se formar bons atletas"), a indicar que o entrevistado (ou o redator?) analisou (talvez) *estes jovens* como objeto direto de *se tira*, enquanto entendeu que em *podem se formar bons atletas* havia um verbo reflexivo.

Ampliando mais recentemente o *corpus* de língua escrita, encontrei mais exemplos de ocorrências [–padrão]:

(36) Entremeado de exemplares do "novo samba", o disco cresce mesmo é nos gomos de velha guarda, com sambas raros, *dos* que *já não se faz* hoje em dia (*FSP*, 25/9/97, p. 3-9).
(37) Hoje em dia, não *se vê mais homens* riscando fósforos no traseiro das calças. (*FSP*, 6/7/95, p. 5-8).
(38) Era um concretismo envenenado, pervertido pela expressividade do gesto, por cortes irregulares, como *os que se vê* nas fotos das ondas e dos esquiadores subtraídos da neve (*FSP*, 3/5/98, p. 5-10).
(39) Por trás de placas do estilo "Proibida a entrada de qualquer tipo", e de um muro de madeira e pedra, está instalado um dos *maiores silêncios que já se ouviu* (*FSP*, 4/11/97, p. 4-8)

---

[6] Em minha pesquisa, recorri às versões *on-line* de alguns jornais, por isso, não sendo possível dar a paginação convencional do jornal impresso, limito-me a registrar a data da edição.

(40) "Como você me encontrou aqui, quem mostrou para você meus livros?", são *as perguntas que se ouve* quando se pede para conversar sobre sua obra (*FSP*, 29/10/96, p. 4-3).

A escassez de pseudopassivas sintéticas no CLE talvez possa também ser explicada pela preferência, no *corpus*, por outras estratégias de indeterminação do sujeito. Examinando-se, por exemplo, o material do jornal *O Estado de S. Paulo* recolhido na Internet para o trabalho, encontra-se 12 ocorrências de SE indeterminador (incluídas, é claro, as pseudopassivas "sintéticas") contra 84 passivas verdadeiras (ou "passivas analíticas", segundo a nomenclatura tradicional) em que não se enuncia o agente, num uso 7 vezes mais intenso. Isso pode demonstrar uma clara preferência dos autores dos textos pelos efeitos de maior clareza e rapidez de processamento da construção com o verbo *ser* (ou, mais raramente, *estar* e *ficar*) seguido de *particípio passado*.

Quanto a isso, seria proveitoso testar as atitudes dos falantes cultos diante das pseudopassivas "sintéticas". É provável que reagissem a elas do mesmo modo como reagiram às relativas-padrão e aos clíticos-padrão nos testes aplicados por Tarallo (1983), Duarte (1989) e outros: "Pode estar certo, mas ninguém fala assim!"

A esse respeito, é interessante ver que os próprios defensores do tradicionalismo gramatical reconhecem a estranheza da concordância do objeto com o verbo, como se vê no índice do CD-ROM *Nossa Língua Portuguesa*. Quando se clica no item "Concordância do Verbo 2 — quando associado à palavra *se*" surge o seguinte texto:

> Gosto e concordância não se discutem. Quando o verbo está associado à palavra "se", é preciso cuidado com a concordância. *Você pode até não gostar do modo como a frase soa.* Mas não pode discutir a concordância. [grifo meu]

Entra em jogo aqui, mais uma vez, o argumento de autoridade, único sustentáculo dos tradicionalistas, que recusam os argumentos científicos. Contrariamente, porém, ao que se lê no índice do CD-ROM, o falante nativo *pode discutir*, sim, e até recusar a imposição de uma regra que entra em choque com sua intuição gramatical.

Esse tipo de argumentação autoritária difere radicalmente da atitude investigativa do lingüista pesquisador, e mesmo do gramático profissional, que procura explicar racionalmente as transformações que se vai detectando na língua. Podemos contrastar, assim, o que diz Cipro Neto em seu CD-ROM com as observações propostas por Bechara na mais recente edição de sua gramática (1999: 177-178). Depois de um detalhado estudo sobre o pronome SE nas construções reflexivas, Bechara lista as funções sintáticas que esse pronome pode exercer (p. 177):

1) Objeto direto: Ele se feriu./ Eles se cumprimentaram.
2) Objeto indireto: Ela se arroga essa liberdade.
3) Complemento relativo: Eles se gostam.

4) Índice de indeterminação do sujeito: Vive-se bem./ Lê-se pouco entre nós. Precisa-se de empregados./ É-se feliz.

A seguir, ele oferece as seguintes observações (p. 178):

> Pelos exemplos acima, o *se* como índice de indeterminação de sujeito — primitivamente exclusivo em combinação com verbos não acompanhados de objeto direto —. estendeu seu papel aos transitivos diretos (onde a interpretação passiva passa a ter uma interpretação impessoal: *Vendem-se casas* = 'alguém tem casa para vender') e de ligação *(É-se feliz)*. A passagem deste emprego da passiva à indeterminação levou o falante a não mais fazer concordância, pois o que era sujeito passou a ser entendido como objeto direto, função que não leva a exigir o acordo do verbo:
>
> *Vendem-se casas* (= 'casas são vendidas') *Vendem-se casas* (= 'alguém tem casa para vender') *Vende-se casas.*

Segundo a análise de Bechara, portanto, ocorreu uma transformação lingüística, ou aquilo que alguns pesquisadores chamam de *reanálise sintática*. É um esforço de interpretação científica do fenômeno, é o reconhecimento de um dado de realidade que não pode ser omitido de um capítulo sobre o pronome SE e suas funções, sobretudo quando os usos não-normativos surgem cada vez mais abundantemente na produção falada e escrita dos brasileiros, inclusive dos classificados de cultos, sem falar na prática dos melhores escritores (que fundamentam, por sinal, a própria noção de "língua exemplar" utilizada por Bechara em sua gramática). Como eu já disse, é uma atitude totalmente diferente da dos defensores do tradicionalismo gramatical mais estrito e estreito, que simplesmente omitem esse dado da realidade ou, quando o mencionam, é para condená-lo duramente como "erro" dos mais cabeludos...

A opção dos jornalistas de esquivar-se do uso do SE indeterminador talvez possa ser explicada por estas palavras de Camara Jr. (1977: 90):

> Os gramáticos e professores de linguagem propendem para a primeira solução [insistir intransigentemente no que a norma prescreve, mesmo quando o seu ditame já está evidentemente quase obsoleto]. Ora, como o fim da linguagem é a comunicação das idéias, o seu emprego deve subordinar-se à *eficiência da comunicação. O nosso objetivo deve ser, antes de tudo, não causar estranheza. A atitude intransigente pode não só provocá-la, mas até dar uma sensação de anomalia, que raia pelo ridículo, quando não prejudica a própria inteligibilidade.* [grifos meus]

Provavelmente, é para preservar a inteligibilidade de seu texto e para não correr o risco de produzir enunciados que raiam pelo ridículo que os redatores das notícias evitam a pseudopassiva sintética e optam pelas outras estratégias de indeterminação do sujeito que a língua oferece.

O autoritarismo do texto do CD-ROM *Nossa Língua Portuguesa* ("você *não pode* discutir") é um bom exemplo da atitude de recusa da análise científica séria, assumida pelos tradicionalistas e assim descrita por Sírio Possenti (2001: 13):

> Essas avaliações, feitas supostamente de algum patamar elevado, depõem muito mais sobre a ignorância de quem as faz do que sobre a suposta deficiência dos produtores dos fatos lingüísticos comentados.

7

QUANDO CHEGAR EM AMERICANA, NÃO SEI O QUE VAI SER[1]

REGÊNCIAS DOS VERBOS IR E CHEGAR COM SENTIDO DE DIREÇÃO

O QUE VAMOS PESQUISAR

Neste capítulo, nosso interesse vai se concentrar nas regências dos verbos IR e CHEGAR com sentido de *direção*.

DICAS

Primeiro, preste atenção nas ocorrências dos verbos IR e CHEGAR no *corpus*. Em seguida, verifique se são usados com sentido de direção e quais as preposições que estão associadas a eles. Elimine, portanto, as ocorrências de IR como auxiliar ("Já vou andando" / "Amanhã ele vai viajar") e de CHEGAR com sentido de *procedência* ("Ele chegou ontem *de* Salvador").

ESTUDO DA TRADIÇÃO GRAMATICAL

Nas gramáticas normativas, leia os capítulos referentes às preposições A, EM, PARA e à REGÊNCIA VERBAL.

- Bechara (1999: 306-311; 315-316 e 317)
- Cunha & Cintra (1985: 549-551; 556-557; 559)
- Rocha Lima (1989: 322-335; 343-346; 347-348)

VAMOS FAZER UMA ELEIÇÃO?

Distribua entre os alunos pequenas cédulas contendo os enunciados (A) e (B) abaixo. Depois, pergunte a eles (e peça que assinalem) qual (ou quais) dessas

[1] "Nu com a minha música", Caetano Veloso.

construções eles consideram mais *normal* para eles, mais *fácil* de ser entendida e mais *freqüente* no modo de falar deles e de seus familiares:

(A) Você quer ir ao cinema comigo?
(B) Você quer ir no cinema comigo?

Recolha as cédulas para a contagem dos votos. Com a ajuda dos alunos, prepare uma tabelinha assim:

ENUNCIADO	Nº DE VOTOS	% DO TOTAL
A	....	....
B	....	....
TOTAL	....	100,0

Guarde esta tabela para, mais adiante, comparar os resultados dela com os que vão ser obtidos na coleta de dados do CLF e do CLE. Isso permitirá que você faça comparações entre as opções sintáticas preferidas por seus alunos e as mais usadas pelos falantes cultos brasileiros. Lembre-se sempre, porém, que são *comparações* e não *avaliações*, ou seja: você vai examinar os fatos lingüísticos e não atribuir *juízos de valor* ao modo como seus alunos falam.

CRIANDO TABELAS

Depois de recolher todas as ocorrências que lhe interessam no CLF e no CLE, procure distribuir os dados em tabelas para facilitar o estudo dos fenômenos. Para este capítulo, podem ser criadas tabelas assim:

TABELA 1: REGÊNCIA DO VERBO IR COM SENTIDO DIRETIVO NO CLF

PREPOSIÇÃO	QTD.	%
A	....	....
EM	....	....
PARA	....	....
TOTAL	....	100,0

TABELA 2: REGÊNCIA DO VERBO IR COM SENTIDO DIRETIVO NO CLE

PREPOSIÇÃO	QTD.	%
A	....	....
EM	....	....
PARA	....	....
TOTAL	....	100,0

TABELA 3: REGÊNCIA DO VERBO CHEGAR COM SENTIDO DIRETIVO NO CLF

PREPOSIÇÃO	QTD.	%
A	....	....
EM	....	....
TOTAL	....	100,0

TABELA 4: REGÊNCIA DO VERBO CHEGAR COM SENTIDO DIRETIVO NO CLF

PREPOSIÇÃO	QTD.	%
A	....	....
EM	....	....
TOTAL	....	100,0

◆◆◆

Não é mesmo curioso? Por mais que as gramáticas normativas, os dicionários tradicionais de regência verbal e o ensino conservador tentem nos convencer de que é errado usar a preposição EM com verbos com idéia de direção (IR e CHEGAR, por exemplo), nós continuamos teimando em "errar" e em usar essa preposição para reger esses verbos. Por que será?

7.1 Desde o latim clássico

A resposta é simples: usamos a preposição EM para reger verbos de movimento porque o português é uma língua derivada do latim e em latim a preposição IN (de onde veio o nosso EM) era usada com essa mesma finalidade. Na verdade, havia em latim uma concorrência entre duas preposições: AD (que deu o nosso A) e IN. Não havia uma separação rígida entre as funções das duas, e ambas podiam indicar tanto o *repouso, a localização* quanto o *movimento, a direção*. Essa dupla possibilidade de uso permaneceu em outras línguas da família, inclusive em suas normas-padrão, como o francês e o italiano. Em francês, por exemplo, temos:

- *Je vais à Paris* ("Vou a Paris") *à* = movimento
- *J'habite à Paris* ("Moro em Paris") *à* = localização
- *Je vais en France* ("Vou à França") *en* = movimento
- *J'habite en France* ("Moro na França") *en* = localização

Em francês, a distinção fica por conta de se tratar de um nome de cidade (quando se usa *à*) ou nome feminino de país (quando se usa *en*). No entanto, se o nome do país, mesmo masculino, começar por vogal ou H mudo, usa-se também *en* (*J'habite en Uruguay*, "Moro no Uruguai").

No período de constituição da norma-padrão clássica literária do português, houve uma tentativa de delimitar de forma mais rígida o uso dessas duas preposições. Tentou se reservar a preposição A para indicar ***movi-***

mento, direção, destino, enquanto a preposição EM ficaria reservada para indicar *repouso, situação, localização*. Eu digo que se *tentou* porque mesmo em autores do período chamado *clássico* (a partir do século XVI) ainda se verifica a flutuação no uso das duas preposições. Vejamos, por exemplo, essa oscilação numa mesma obra do historiador João de Barros (1497-1570), a *Crônica do imperador Clarimundo*:

- "... era vindo *nesta* terra"
- "... depois que Carfel, e Arquilo forão *na* pousada com todalas cousas..."
- "... levarão-no todos aquelles Senhores *à* pousada."
- "O Emperador mandou a hum Cavalleiro que fizesse levar o corpo de Forbotão *à* Igreja de Santa Sophia".

Também no maior poema épico da língua portuguesa, *Os Lusíadas* (1580), de Camões, encontramos o uso de EM com sentido de movimento:

- "*Nalgum* porto seguro de verdade / *conduzir*-nos, já agora, determina" (II, 32)
- "Triste ventura e negro fado os *chama* / *n*este terreno meu [...]" (V, 46)
- "Os cabelos da barba e os que *descem* / da cabeça *n*os ombros [...]" (VI, 17)

Além disso, como vimos no Capítulo 1, a língua trazida para as colônias portuguesas não foi a norma literária relatinizada, que só uma ínfima parcela escolarizada da população conhecia e utilizava, mas sim a língua falada pelo povo, na qual as formas arcaicas não tinham sofrido alteração e continuavam a ser usadas. Assim se explica o fato de até hoje a imensa maioria da população brasileira usar a preposição EM com os verbos IR, CHEGAR, VIR e outros com idéia de movimento. O vigor desse uso antiqüíssimo (desde o latim!) não pôde, na fase clássica, nem pode, hoje, ser detido por nenhum trabalho de normatização. Para que então lutar contra ele?

7.2 As regências do verbo IR

O caso do verbo IR é particularmente interessante porque, com sentido de direção, ele pode reger três preposições: EM, A e PARA. O uso de EM é condenado pelas gramáticas normativas, que só aceitam A e PARA, cada uma delas com empregos bem delimitados. Como se sabe, a tradição gramatical diz que a preposição A deve ser usada com o verbo IR para indicar uma ida temporária, passageira, uma permanência breve em algum lugar. Já a preposição PARA deve ser usada para indicar uma permanência maior ou até mesmo definitiva. Segundo essas regras tradicionais, portanto, existe muita diferença entre os dois enunciados abaixo:

(1) Amanhã vou *a* São Paulo.
(2) Amanhã vou *para* São Paulo.

Podemos representar essa (suposta) diferença dizendo que a preposição A indica [–permanência] e a preposição PARA indica [+permanência].

Diante disso, podemos montar uma matriz de regências do verbo IR, com base nas prescrições tradicionais:

QUADRO 7.1

MATRIZ DE REGÊNCIAS [+PADRÃO] E [–PADRÃO] DO VERBO IR DIRETIVO

TIPO	PREPOSIÇÃO	TRAÇO SEMÂNTICO
+ PADRÃO	A	[–PERMANÊNCIA]
	PARA	[+PERMANÊNCIA]
– PADRÃO	A	[+PERMANÊNCIA]
	PARA	[–PERMANÊNCIA]
	EM	[–PERMANÊNCIA]
	EM	[+PERMANÊNCIA]

Decidi aplicar essa matriz ao *corpus* de língua falada que usei como material para minha pesquisa e obtive os seguintes resultados:

TABELA 7.1

OCORRÊNCIAS DO VERBO IR COM SENTIDO DIRETIVO NO CLF

TIPO	PREPOSIÇÃO	TRAÇO SEMÂNTICO	QTD.	%
+PADRÃO	A	[–PERMANÊNCIA]	24	57,1
	PARA	[+PERMANÊNCIA]	15	42,9
		SUBTOTAL	39	35,4
–PADRÃO	A	[+PERMANÊNCIA]	4	5,6
	PARA	[–PERMANÊNCIA]	44	38,9
	EM	[–PERMANÊNCIA]	23	20,3
	EM	[+PERMANÊNCIA]	0	0
		SUBTOTAL	71	64,5
		TOTAL	110	100,0

Logo de saída, percebe-se que os falantes cultos dão ampla preferência aos usos considerados "errados" pela tradição gramatical. Ao contrário do que prescreve essa tradição, os falantes cultos usam a preposição EM para reger verbos de movimento (com uso restrito para indicar [–permanência]), como também usam PARA quando se trata de indicar [–permanência].

Os números da tabela acima revelam, portanto, que:

a) na expressão de [–permanência] existe uma concorrência entre A, PARA e EM, com marcada preferência pelo uso de PARA;
b) na expressão de [+permanência] só se usa a preposição PARA.

Ao contrário também do que dizem as gramáticas normativas, é indiferente o uso das três preposições quando se trata de indicar [–permanência]. Aliás, é comum encontrarmos o emprego de mais de uma preposição numa mesma unidade discursiva, como mostram os seguintes exemplos:

(3) "eu fico encantada de *ir a* uma casa... de flores ou *num*... mercado..." (REC - DID 156: 455)

(4) "o programa pode começar com um simples cinema... um teatro... *vai-se a* uma boate ( ) não... faz-se algum tipo de programa qualquer... ou então *vai pra* um bar..." (RIO — D2 158: 905-908)

No *corpus* de língua escrita que usei, os resultados foram os seguintes:

TABELA 7.2

REGÊNCIAS [+PADRÃO] E [–PADRÃO] DOS VERBOS IR NO CLE

VERBO	TIPO	QTD	%
IR	+PADRÃO	17	94,4
	–PADRÃO	1	5,6
	TOTAL	18	100,0

No caso do *corpus* de língua escrita, houve uma observância quase total das regras prescritas pela gramática normativa, inclusive no que diz respeito aos traços de [+permanência] e [–permanência].

7.3 Regências do verbo CHEGAR

O verbo CHEGAR, com idéia de destino, tem uma situação mais simples que a do verbo IR. Existem apenas duas preposições usadas, A (+padrão) e EM (–padrão).

Em relação à regência do verbo CHEGAR com idéia de destino, foram as seguintes as ocorrências registradas na minha pesquisa:

TABELA 7.3

REGÊNCIA DO VERBO CHEGAR DIRETIVO NO CLF

PREPOSIÇÃO	TIPO	QTD	%
A	+PADRÃO	4	20
EM	–PADRÃO	16	80
	TOTAL	20	100

Percebe-se claramente a predominância do uso [–padrão], apesar de toda a condenação dos prescritivistas.

No *corpus* de língua escrita, a situação foi a seguinte:

TABELA 7.4

REGÊNCIAS DO VERBO CHEGAR NO CLE

VERBO	TIPO	QTD	%
CHEGAR	+PADRÃO	18	81,8
	–PADRÃO	4	18,2
	TOTAL	22	100,0

7.4 Uma preposição em desuso

Se ampliarmos nossa investigação para outros tipos de verbo, e não nos restringirmos somente aos que indicam direção/movimento/destino, vamos verificar também no português do Brasil um crescente declínio do uso da preposição A.

Com sentido locativo estático (repouso, situação, imobilidade), dá-se preferência à preposição EM, o que cria pares como *estar à/na janela, falar ao/no telefone, sentar-se à/na mesa* (apesar da campanha prescritivista de tentar indicar diferenças de significado), *bater à/na porta, fazer algo ao/no computador, deitar-se ao/no chão, viver à/na sombra de alguém* etc., sendo que a construção com A limita-se cada vez mais à escrita mais monitorada.

Com sentido de destino, os pares se formam com A/PARA: *dei o livro ao/para o Pedro, telefonei à/para a Maria, emprestei o carro a/para João* etc. Aqui também as formas com A ficam em geral mais restritas à língua escrita e/ou falada mais ou menos cuidada — ou então a variedades bem localizadas do português do Brasil, como a de certas áreas do Nordeste, onde mesmo na fala de pessoas sem escolaridade ainda é muito empregada a preposição A em construções como essas.

Esse declínio do uso de A e sua reserva às manifestações mais monitoradas fazem que a preposição seja considerada uma opção "elegante", gerando construções como *televisão a cores, entrega a domicílio* e o famoso *a nível de*, tão estigmatizadas pelos gramatiqueiros de plantão, que não percebem que já se trata, aqui, de frases-feitas, de locuções que, de tão amplamente usadas, muito dificilmente serão substituídas pelas formas que só eles, gramatiqueiros, acham que são as "certas".

Esse mesmo declínio pode talvez explicar as dificuldades de muitos brasileiros alfabetizados no uso do acento indicador de crase (o "A craseado"). Uma hipótese para explicar esse uso cada vez menos freqüente da preposição seria o fato de haver outros itens gramaticais na língua com a mesma realização fonética: o verbo HÁ e o artigo feminino A (coincidência também ortográfica). Para eliminar as eventuais dificuldades causadas pela existência de três itens gramaticais com igual pronúncia, o português do Brasil preserva o artigo A (de freqüência muito alta), substitui o verbo HÁ por TEM (uso registrado também no português arcaico), e troca a preposição A por EM ou PARA, conforme o verbo.

No caso da preposição, pode se considerar seu desuso também como um recurso para se esquivar do uso de À, em que a fonética brasileira não dispõe (como a portuguesa) de duas vogais centrais distintas, uma mais aberta (quando tônica ou resultante de crase, representada pelo símbolo fonético [a]) e outra mais fechada (quando átona, representada pelo símbolo fonético

[α]). De fato, os portugueses pronunciam de modo diferente *viajei a Coimbra* e *viajei à Galiza*, o que lhes permite distribuir mais facilmente a preposição simples e a preposição combinada com o artigo (o "À craseado").

Haveria, pois, na fala brasileira, risco de ambigüidade num enunciado como: *Recomendei a professora à escola*, que poderia ser interpretada como: *Recomendei à professora a escola*. Por isso, é muito maior a probabilidade de ocorrência de: *Recomendei a professora para a escola*, ou *Recomendei para a professora a escola*.

7.5 Onde ou aonde? Tanto faz!

Conforme eu disse no Capítulo 1, existe hoje em dia uma onda de gramatiquice que está tentando tornar a norma-padrão tradicional ainda mais rígida do que já é. Um exemplo claro disso é a (suposta) necessidade de distinção entre ONDE e AONDE que todos os comandos paragramaticais tentam impor (sem sucesso, é bom avisar...). Como esses dois advérbios/pronomes relativos têm ligação com os verbos de movimento, vamos nos deter um pouco examinando eles aqui.

Por mais que os manuais de redação dos grandes jornais, os programas de televisão, as colunas de jornal e revista e todas as demais manifestações tradicionalistas da multimídia (os *comandos paragramaticais*, como eu chamo) insistam que existe diferença entre essas duas palavrinhas, ninguém no Brasil parece sentir necessidade de explicitar essa diferença. Aliás, essa indiferença é antiga, e mesmo entre grandes escritores brasileiros e portugueses do passado, os chamados clássicos da língua, ela pode ser verificada. É o que explicam, por exemplo, Cunha & Cintra em sua gramática (1985: 342-343):

> Embora a ponderável razão de maior clareza idiomática justifique o contraste que a disciplina gramatical procura estabelecer, na língua culta contemporânea, entre ONDE (= o lugar em que) e AONDE (= o lugar a que), cumpre ressaltar que esta distinção, praticamente anulada na linguagem coloquial, já não era rigorosa nos clássicos.

Em seguida, citam exemplos de escritores brasileiros e portugueses. Desprezando, porém, as observações que constam inclusive de gramáticas normativas respeitadas, como a dos autores citados, os comandos paragramaticais insistem em cobrar uma distinção nítida entre ONDE e AONDE, demonstrando que se apegam a um conservadorismo gramatical ainda mais rigoroso que a das próprias gramáticas normativas!

Como poderíamos explicar esse descaso dos falantes em geral (cultos inclusive, escritores clássicos inclusive) por aquilo que os gramáticos citados chamam de "ponderável razão de maior clareza idiomática"? Além do declínio, já examinado, do uso da preposição A, podemos lançar a hipótese de que o verbo IR tem uma carga semântica de [movimento na direção

de] tão forte que nas interrogações e nas orações relativas a preposição pode muito bem ser dispensada.

A hipótese se comprova, novamente, por meio da comparação com outras línguas da família românica. De fato, o francês e o italiano não apresentam um par correspondente a ONDE/AONDE e exprimem tanto a direção quanto a localização com uma única palavra:

- FRANCÊS: *Où* tu vas? *Où* tu es?
- ITALIANO: *Dove* vai? *Dove* sei?
- PORTUGUÊS DO BRASIL: *Onde/aonde* você vai? *Onde/aonde* você está?

No que diz respeito ao espanhol, o *Diccionario gramatical y de dudas del idioma* (1985: 239) explica que, quando se trata de movimento ou de repouso, também é indiferente o uso, como interrogativo, de DÓNDE e de ADÓNDE:

> Así, preguntamos indistintamente: "¿*Dónde* vas?" y "¿*Adónde* vas?"; "¿*dónde* estás?" y "¿*adónde* estás?".

Fora do contexto românico, podemos citar o caso do inglês, em que WHERE é usado indistintamente para direção ou localização, conforme explica o *Random House Webster's Unabridged Dictionary* (versão 2.0 em CD-ROM, 1996):

> where *adv.*
> 1. in or at what place?: Where is he? Where do you live?
> 2. in what position or circumstances?: Where do you stand on this question? [...]
> 4. to what place, point, or end? whither?: *Where are you going?*
>
> [onde/aonde *adv.*
> 1. em que lugar?: Onde/aonde está ele? Onde/aonde você mora?
> 2. em que posição ou circunstâncias?: Onde/aonde você se coloca nessa questão? [...]
> 4. Para que lugar, ponto ou fim? Para onde?: *Onde/aonde você está indo?*]

Curiosamente, o mesmo dicionário explica que o uso de preposições para diferenciar localização (AT) e direção (TO) é desnecessário:

> —**Usage.** WHERE ... AT (*Where was he at?*) and WHERE ... TO (*Where is this leading to?*) are often criticized as redundant because neither AT nor TO adds anything to the meaning of WHERE, and sentences like the preceding ones are perfectly clear and standard without the final AT or TO. This criticism does not apply to WHERE ... FROM, which is fully standard: *Where does the money come from?*The constructions WHERE ... AT and WHERE ... TO occur in the speech of educated people but are rare in formal speech and edited writing.
>
> [**Uso.** WHERE ... AT (*Where was he at? "Onde ele estava?"*) e WHERE ... TO (*Where is this leading to? "Aonde isto está levando?"*) são freqüentemente criticados como redundantes porque nem AT nem TO acrescentam nada ao significado de WHERE, e frases como as acima são perfeitamente claras e padrão sem o AT ou TO finais. Esta crítica não se aplica a WHERE ... FROM, que é perfeitamente padrão: *Where does the money come from? "De onde vem o dinheiro?"* As construções WHERE ... AT e WHERE ... TO ocorrem na fala de pessoas cultas, mas são raras na fala formal e na escrita monitorada.]

Como se vê, a "ponderável razão de maior clareza idiomática" atribuída por Cunha & Cintra à distinção entre ONDE e AONDE não tem abrigo em

inglês, língua em que, exatamente ao contrário, se acredita que o uso de uma preposição distintiva "não acrescenta nada ao significado" do advérbio, uma vez que o significado do advérbio está condicionado ao significado do verbo. Creio que o mesmo se dá no português do Brasil.

Por outro lado, em português e nas demais línguas românicas (tal como em inglês, conforme salienta o citado dicionário), o emprego de uma preposição para indicar a *origem* do movimento é uma necessidade sentida por todos os falantes. De fato, se um falante brasileiro, de qualquer variedade lingüística, omitisse a preposição DE em enunciados como *De ONDE você está vindo?*, seu interlocutor perceberia de imediato a agramaticalidade da construção (**Onde você está vindo?*). O verbo CHEGAR, que pode indicar tanto o *destino* quanto a *origem* do movimento, é um claro exemplo de necessidade de distinção:

- *ONDE você quer chegar com isso?* DESTINO: –preposição
- *De ONDE você está chegando?* ORIGEM: +preposição

Tudo isso revela, mais uma vez, a falta de percepção das implicações semânticas e pragmáticas das estruturas lingüísticas por parte dos comandos paragramaticais. Se houvesse, de fato, uma necessidade de maior clareza idiomática no uso de ONDE/AONDE, os falantes da língua, que são os primeiros e maiores interessados em se fazer entender com *clareza*, praticariam essa distinção. Assim, o A de AONDE é interpretado, de fato, como uma simples prótese, do mesmo tipo presente nas variantes lexicais *avoar, assoprar, assentar, abaixar, alembrar, alevantar, apois, aquando* etc. O emprego de AONDE na poesia e nas composições musicais pode se prender às necessidades de métrica. Na fala espontânea, AONDE, com sua vogal aberta, tem muitas vezes emprego afetivo, sobretudo enfático.

O uso indiferente de ONDE por AONDE e vice-versa pode ser documentado em muitos séculos de história literária. O dicionário *Aurélio*, no verbete AONDE, dá uma excelente síntese desse fenômeno:

> O uso dos melhores autores [...] desde um Azurara, da fase arcaica da língua, até um José Régio ou um Miguel Torga, dos nossos dias, não distingue ONDE de AONDE. Clássico dos mais reputados, Rebelo da Silva usa AONDE por ONDE cerca de 40 vezes nos seus *Contos e Lendas*; uma delas (só para exemplificar), na pág. 20: "o cemitério aonde dormem os que nos amaram." Por vezes ocorre o emprego simultâneo de um e outro advérbio com a mesma significação: "Nise? Nise? onde estás? aonde? aonde?" (Cláudio Manuel da Costa, Obras Poéticas, I, p. 109); "Mas aonde te vais agora, / Onde vais, esposo meu?" (Machado de Assis, Poesias Completas, p. 207). Note-se, na abonação machadiana, que a métrica não se oporia à repetição do AONDE.

A língua escrita culta que escolhemos investigar aqui, a dos textos jornalísticos, também dá mostras da absoluta indiferença do falante brasileiro em distinguir ONDE de AONDE, o que caracterizaria um uso [–padrão]. Consultando o CD-ROM *Folha 99*, procurei ver o número de ocorrências de cada uma dessas palavras. Obtive o seguinte resultado:

ONDE	85.915
AONDE	672

A diferença é mesmo gigantesca! Ora, sabendo que os verbos com sentido de movimento (IR, VIR, CHEGAR, LEVAR, TRAZER...) estão entre os mais empregados na língua, podemos levantar a hipótese de que esses verbos ocorrem muito mais associados a ONDE do que a AONDE. Para o mais comum desses verbos, IR, encontrei os seguintes números:

ONDE IR[2]	54
AONDE IR	33

Para comprovar de modo ainda mais eloqüente a hipótese de que o uso de ONDE com verbos de movimento é mais intenso que o de AONDE, pesquisei no mesmo CD-ROM *Folha 99* todas as ocorrências de "onde chegou"[3] e de "aonde chegou" entre os anos de 1994 e 1998. O resultado foi o seguinte:

ONDE CHEGOU	178
AONDE CHEGOU	31

Vejamos exemplos de ONDE associado ao verbo CHEGAR, para o qual os tradicionalistas empedernidos exigem uma preposição A, exemplos aonde os redatores do texto, no entanto, não sentiram falta nenhuma dela:

(5) "Para *chegar onde chegou*, Starr avançou a passos lentos" (*FSP*, 14/12/1998, p. 8A12).
(6) "a marca é o mais antigo produto do gênero a ser industrializado no país, *onde chegou* em 1938" (*FSP*, 1/12/1998, p. Especial-8).
(7) "Ele embarcou terça-feira à noite para Madri, *onde chegou* no inicio da tarde do dia seguinte" (*FSP*, 9/10/1998, p. 1-4).

Também não foi difícil encontrar exemplos de AONDE com sentido de localização-situação (e não de movimento-direção, como querem os tradicionalistas):

(8) "Sim, mas *aonde encontrar* esse adversário ideal? Na cidade vizinha!" (*FSP*, 20/8/1994, p. 4-6).
(9) "É inadmissível que se fale em concorrência *aonde existe* monopólio natural" (*FSP*, 30/4/1995, p. 2-4).
(10) "*Aonde está* a Embratur que qualifica estas empresas?" (*FSP*, 8/1/1996, p. 3-2).

Portanto, podemos afirmar sem medo que *não existe distinção semântica entre* onde *e* aonde *em português*. Nem no Brasil, nem em Portugal. Nem na língua escrita, nem na língua falada. Por isso, não tem argumento filológico nenhum o professor que cobrar de seu aluno uma supos-

---

[2] Eliminei as ocorrência de "onde ir" antecedidas da preposição PARA: "Ele não sabia para onde ir".

[3] Eliminei as ocorrências em que depois do verbo CHEGOU aparecia a preposição A seguida de um infinitivo, como em: "João morou numa aldeia indígena, onde chegou a comer carne de cobra e de tatu". São construções em que não existe a idéia de movimento.

ta regra que nunca foi seguida nem mesmo pelos maiores clássicos da língua. Se Camões, o Padre Antônio Vieira, Machado de Assis, Manuel Bandeira e Clarice Lispector não se importaram em marcar a diferença, se nenhum falante culto faz essa distinção em sua produção oral e escrita, por que somente o meu aluno será obrigado a fazê-la? Essa cobrança, que infelizmente se encontra em todos os *comandos paragramaticais*, é tremendamente injusta, além de absolutamente injustificável.

7.6 Onde não é só lugar

Outra idéia que precisa definitivamente ser abandonada é a de que a palavra ONDE só serve para indicar "lugar concreto, espaço físico", como tenta impor (inutilmente) uma longa tradição normativista. Numa atitude típica de um tradicionalismo de costas voltadas para os estudos lingüísticos mais criteriosos, Cipro & Infante (1997: 436) assim se pronunciam:

> Há uma forte tendência, na língua portuguesa atual, em usar *onde* como relativo universal, um verdadeiro cola-tudo. Esse uso curiosamente tende a ocorrer quando um falante de desempenho lingüístico pouco eficiente procura "falar difícil".

Temos aí, em tão poucas linhas, pelo menos três inverdades. Primeira: o uso de ONDE com diversos valores sintáticos e semânticos não é uma "forte tendência na língua portuguesa atual": é um uso devidamente registrado na língua desde suas fases mais remotas, quando surgem os primeiros registros escritos do idioma, até os dias de hoje — o que dá, no mínimo, uns mil anos...

Segunda: ONDE não é usado como "relativo universal, um verdadeiro cola-tudo" — existem regras para o uso do ONDE, só que, por serem regras que não têm abrigo na norma-padrão clássica, nenhum autor de gramática normativa se dá o trabalho de descrevê-las e registrá-las.

Terceira: o uso de ONDE para se referir a outras coisas além de "espaço físico" não ocorre na produção verbal de falantes "de desempenho lingüístico pouco eficiente". A menos que os autores da gramática citada assim considerem, por exemplo, o poeta Luís de Camões:

(11) Aqueles sós direi, que aventuraram
Por seu Deus, por seu Rei, a amada vida,
Onde, perdendo-a, em fama a dilataram
Tão bem de suas obras merecida
(*Os Lusíadas*, VII, 87)

(12) Este que vês é Luso, *donde* a fama
O nosso reino Lusitânia chama
(*Os Lusíadas*, VIII,2)

É possível supor que, no primeiro exemplo camoniano, *ONDE* tenha valor conclusivo ("por isso") e, no segundo, *DONDE* indique posse ("por cuja

fama") (se não quisermos, por outro lado, interpretá-los como dois latinismos, em que o *ONDE* recupera o *UNDE* latino, que significava "lugar de procedência, origem").

Também será estranho dizer que outro poeta, desta vez contemporâneo nosso, Affonso Romano de Sant'Anna, tenha um "desempenho lingüístico pouco eficiente", ele que escreveu:

(13) 1. Aqui jaz um século
onde houve duas ou três guerras
mundiais e milhares
de outras pequenas
e igualmente bestiais.
2. Aqui jaz um século
onde se acreditou
que estar à esquerda
ou à direita
eram questões centrais. [...]
("Epitáfio para o século XX").

Mais interessante ainda é ver que entre esses falantes que supostamente teriam um "desempenho lingüístico pouco eficiente" se encontram nada mais nada menos do que renomados filólogos, gramáticos e lingüistas, das mais diversas épocas, tanto brasileiros quanto portugueses, que usaram *ONDE* sem referência a "lugar concreto, espaço físico":

(14) Este tipo de defeito costuma ocorrer com mais freqüência nas *narrativas* **onde,** depois de relatar uma seqüência de episódios, chegam a conclusões precipitadas, que não estão contidas necessariamente nos dados apresentados. (Platão & Fiorin, 1992)

(15) ...nem por isso deixamos de apresentar à consideração dos eruditos valiosas *provas* de actividade intelectual (poesia, romance, historia, obras religiosas, morais e didacticas), por **onde** pode apreciar-se o nosso genio etnico em alguns dos seus aspectos, e a evolução da nossa língoa, e d'onde consta que tambem tomámos parte no movimento civilizador europeu. (J. Leite de Vasconcellos, 1922)

(16) No Português moderno, *quem* só se pode referir a pessoa, não assim no *antigo,* ***onde*** era empregado também com referência a coisa. (Ismael de Lima Coutinho, 1968)

(17) Contrastando com *erros* do tipo — "se ele passa-se", temos "despencousse" — "o capim encontrasse com as árvores, "Vesse que é uma bela fazenda" — **onde** a partícula *se* é integrada na forma verbal como verdadeira flexão. (J. Mattoso Câmara Jr., 1972)

(18) Cada, como substantivo (v.g.: os sabonetes custam 2 tostões cada), é imitação viciosa do *francês,* **onde** as pessoas que fallam menos correctamente dizem *chaque* en vez de *chacun.* (Epifânio da Silva Dias, 1918)

(19) A competição entre forças puramente externas, por outro lado, é privilegiadamente observada no *campo da terminologia,* **onde** a denominação icônica de um objeto, por exemplo, pode não sofrer pressão tanto da sua funcionalidade como da sua forma, ou ainda de outras de suas características (M. H. Moura Neves, 1997: 111).

(20) Pelos exemplos acima, o *se* como índice de indeterminação de sujeito — primitivamente exclusivo em combinação com verbos não acompanhados de objeto

direto —, estendeu seu papel aos *transitivos diretos* (onde a interpretação passiva passa a ter uma interpretação impessoal: *Vendem-se casas* = 'alguém tem casa para vender') e de ligação *(É-se feliz)*. (Bechara, 1999: 178).

Encontrei os exemplos (14)—(18) no trabalho de Kersch (1996), que é um estudo muito pormenorizado do uso da palavra ONDE no português do Brasil. A autora deixa bem claro que existe, da parte dos gramáticos prescritivistas, uma tentativa (inútil) de impor limites artificiais para o uso de ONDE (e também de AONDE e DONDE), sem levar em consideração que esta palavra, desde que começou a ser usada na língua portuguesa, sempre teve uma abrangência sintático-semântico-pragmática muito mais ampla do que a visão normativista estrita (e estreita) vem tentando mostrar. E mais curiosamente ainda, a autora mostra (nos exemplos que transcrevi acima) de que modo os próprios gramáticos deixam de respeitar as regras que eles mesmos tentam impor, isto é, usar ONDE somente para se referir a "lugar concreto, espaço físico".

Kersch prova, com base num grande volume de exemplos — orais e escritos, brasileiros e portugueses, arcaicos, modernos e contemporâneos —, que a palavra ONDE pode ser empregada para se referir a muito mais coisas do que ao simples "espaço físico" das gramáticas normativas: espaço nocional, tempo, posse, coisa, evento... O ONDE exerce também uma importante *função discursiva* como elemento de *coesão seqüencial*, exprimindo noções e relações como *conclusão, coordenação e subordinação de idéias, explicação, condição* etc.

Na famosa carta de Pero Vaz de Caminha, escrita em 1500, é possível encontrar até um ONDE com referência a um ser humano, com o sentido de "por quem":

(21) ... trouueos logo ja de noute ao capitam *omde* foram rrecebidos com muito prazer e festa (fol. 2v, l. 2-4)
("... trouxe-os logo já de noite ao capitão, *onde* [= "por quem" ou "na presença de quem"] foram recebidos com muito prazer e festa").

Se compararmos o ONDE português, na sua riqueza de significados e empregos, que vimos acima, com as palavras aparentadas de outras línguas da família românica, vamos descobrir, mais uma vez, que nossos usos "errados" correspondem a tendências naturais dessas línguas, tendências que podem ser plausivelmente explicadas quando a gente recorre a hipóteses consistentes e a teorias científicas, em vez de recorrer a dogmas e prescrições autoritárias.

Em italiano, por exemplo, a palavra ONDE, assim mesmo, igualzinha à nossa, significou, num primeiro momento, "lugar de procedência, lugar de origem" — primeiro significado, aliás, também do ONDE em português (para indicar situação, presença ou repouso, o português arcaico usava U, às vezes também escrito HU). Aos poucos, no entanto, o ONDE italiano foi

ganhando novos sentidos e assumindo novas funções: "de quem, de que fonte"; "causa ou conseqüência"; "do qual, a partir do qual, para o qual, com o qual, pelo qual"; "a fim de que, para que"; "de modo que, por isso". Todos esses significados estão bem documentados nos dicionários e nas gramáticas italianas.

Ainda em italiano, o *DOVE*, outra palavra que corresponde aos usos e empregos do nosso *ONDE*, além de indicar na maior parte dos casos o lugar de situação ou de direção (indiferentemente), também pode ser usado com o sentido hipotético-condicional de "na eventualidade de, se acaso" ou com o sentido adversativo de "embora, apesar de", sentidos que nada têm a ver com "lugar".

Em francês moderno, o *OÙ* se refere tanto a *lugar* (situação ou movimento) quanto a *tempo*. Em usos literários, arcaicos e "correntes" (conforme a classificação dos dicionários e das gramáticas francesas), é comum o uso de *OÙ* no lugar de outras preposições. O francês costuma dizer, por exemplo: *"Au prix* où *est le beurre"*, que traduzido literalmente seria: "O preço *onde* está a manteiga". Só que os dicionaristas e gramáticos franceses se limitam a registrar esses empregos, presentes inclusive na prática dos maiores escritores da língua, sem condená-los como "desempenho pouco eficiente".

Os lingüistas que investigam as transformações sintático-semântico-pragmáticas das palavras chegaram à conclusão de que essas transformações — designadas com o nome de *gramaticalização* — seguem um percurso muito semelhante em todas as línguas, percurso que pode ser representado pela seqüência: PESSOA > OBJETO > ESPAÇO > TEMPO > PROCESSO > QUALIDADE. Nessas transformações, as palavras vão mudando lentamente de classe gramatical, daí o nome *gramaticalização.*

Aquela seqüência demonstra claramente que o significado das palavras tende sempre para um grau cada vez maior de *abstração*: o estudo histórico da língua mostra que uma enorme quantidade de palavras, muitas das quais usadas hoje com sentido exclusivamente abstrato, tiveram em sua origem um uso exclusivamente concreto. O verbo *pensar*, por exemplo, significou primeiramente, em latim (*pensare*), "suspender um objeto" ou "pesar alguma coisa", sentidos bem concretos[4]. Muitas palavras usadas hoje para expressar sentimentos, sensações ou estados de espírito têm sua origem em fatos concretos, como doenças ou estados físicos alterados — é o caso de *raiva, cólera, melancolia, agonia, prurido.* A palavra *escrúpulo* deriva do latim *scrupulu-*, "pedra pequena", assim como *escândalo* vem do grego *skándalon*, "obstáculo, pedra em que se tropeça". E a palavra *pessoa* vem do latim *persona-*, "máscara usado no teatro".

---

[4] Para um estudo mais detalhado da gramaticalização, sugiro Neves (1997: 113-143).

Examinando a seqüência PESSOA > OBJETO > ESPAÇO > TEMPO > PROCESSO > QUALIDADE percebemos que, de fato, ela é muito produtiva nos fenômenos de gramaticalização. Como exemplo, basta pensar nas partes do corpo humano (= PESSOA) que passaram a designar OBJETOS inanimados (*cabeça* de alfinete, *dente* da engrenagem, *boca* do canhão, *pé* da mesa), para daí designar localizações ESPACIAIS (*pé* da serra, *boca* do rio, *olho* d'água, *braço* de mar), chegando à indicação de TEMPO (*boca* da noite), de PROCESSO (fazer algo com um *pé nas costas*, tocar de *ouvido*, saber de *cor* [= coração]) e de QUALIDADE (filme *cabeça*, música *bunda*, comportamento *escroto*). Na seqüência ESPAÇO > TEMPO é só lembrar que a própria palavra *espaço* pode ser usada para indicar um período de tempo: "Tudo isso se passou no *espaço* de duas horas".

Se aplicarmos esta interpretação dos fenômenos de gramaticalização à palavra *ONDE*, será fácil perceber que a noção de "lugar definido, espaço físico concreto" vem se diluindo gradativamente até a dissolução total na abstração, onde a palavra é empregada sem nenhuma referência a lugar. É o que a gente percebe na série de exemplos a seguir, todos publicados no jornal *Folha de S. Paulo* e somente no mês de dezembro de 1998 (os termos grifados representam o *antecedente* a que se refere o *ONDE* na continuação do texto):

(22) Haveria porém um redutor na lei estabelecendo que, para os *casos onde* a nova alíquota gerar valores diferentes [...], a diferença deve ser desconsiderada no ato do pagamento (p. 3-4, 30/12/1998).

(23) A alternativa oposta a essa noção de cidadania é o velho *patriotismo prussiano, onde* o dever militar [...] orienta as relações do indivíduo com seu país (p. 4-5, 30/12/1998).

(24) Surdez central. É mais comum na *velhice* (*onde* é considerada natural) ou após traumas acústicos (p. 4-9, 28/12/1998).

(25) Seria melhor entender antes em que medida esse "baixo nível" exprime a adesão em escala inédita de um país pobre e de formação inacabada *aos padrões de entretenimento norte-americanos, onde* a cultura vale o quanto rende (*Tv Folha*, p. 2, 27/12/98).

(26) O foco da desestatização foi a concorrência. Na *telefonia celular, onde* esta já chegou, a revolução é inequívoca (p. 2-2, 25/12/1998).

(27) Estamos diante de um realismo que leva adiante *a experiência do americano John Cassavetes*, digamos, *onde* tudo parece se criar diante de nossos olhos [...] (p. 4-8, 25/12/1998).

(28) Em geral, tal lavagem é facilitada quando reina uma *economia informal, onde* os aparelhos estatais são extremamente sensíveis à corrupção [...] (p. 2-2, 20/12/1998).

(29) Algumas dessas "moças de sorte" duram mais tempo em evidência; a maioria, porém, sucumbe à lógica autofágica do negócio e volta ao *anonimato* de *onde* emergiu (*Tv Folha*, p. 2, 20/12/1998).

(30) Além da perda do *emprego, onde* ganhava líquidos R$ 11 por dia, Paulo viveu, nos últimos dias na usina, uma tragédia familiar [...] (p. 1-16, 27/12/1998).

(31) Resolve-se arrumando "bicos" que possam gerar rendimento em dólares, atuando em alguma atividade ligada ao *turismo, onde* o dinheiro americano circula mais [...] (p. 1-22, 27/12/1998).

(32) Isso seria esquecer que Baudelaire, estopim da guerra dos artistas contra os fotógrafos, foi também quem forjou o conceito de uma "pintura da vida moderna", *terreno conceitual onde* a fotografia encontrou sua legitimidade de arte absolutamente autônoma (p. 5-3, 13/12/1998).

(33) Uma das surpresas foi descobrir essa busca da variação até entre *animais onde* o sexo é monopolizado por uma minoria, como entre os insetos sociais (formigas e abelhas), entre os quais o sexo fica basicamente por conta da rainha e de alguns machos especializados (p. 5-6, 13/12/1998).

(34) No mesmo ano de 1995, em que foi publicada na Holanda a edição original deste livro, saiu nos EUA um novo livro de Dennett sobre a teoria da evolução, chamado "Darwin's Dangerous Idea" ("A Perigosa Idéia de Darwin", Ed. Rocco). Essa idéia "perigosa" é a própria idéia de uma *evolução onde* tudo acontece, não por puro acaso, mas, como reza o título de outra obra fundamental, por "Acaso e Necessidade" (Jacques Monod) (p. Especial-2, 12/12/1998).

(35) É por isso que o estado de natureza não se sustenta por si mesmo, tornando necessário o aparecimento de um *poder comum*, enfim, de um *governo* que possa fazer as funções do juiz, *onde* a lei seja clara para todos e quem a executa também receba a autoridade da sociedade para o exercício da sua função, que deve primar pela imparcialidade (p. Especial-7, 12/12/1998).

(36) O projeto proíbe a exportação do plasma, *componente do sangue onde* estão concentrados os elementos de defesa do organismo humano (p. 3-4, 11/12/1998).

(37) Pelo menos em quatro *campos onde* o Estado pouco avançou — desenvolvimento regional, saúde, educação e segurança —, há experiências relevantes em outras unidades da Federação que poderiam ser aproveitadas (p. 2-3, 8/12/1998).

(38) O banqueiro Lázaro Brandão saiu da toca, em *noite onde* não faltaram quilates [...] (p. 4-2, 19/12/1998).

(39) O fato de não ter fechado ainda seu quadro de ministros é decorrência do *momento, onde* tudo passa pelo crivo pessoal (p. 5-2, 17/12/1998).

(40) O negociador trabalhista das empresas de autopeças, Drausio Rangel, afirma que o ano de 98 foi marcado por um novo *ciclo de negociações coletivas, onde* prevaleceu a barganha (p. 2-7, 13/12/1998).

Analisando os fenômenos da gramaticalização, Neves (1997: 137) informa que, segundo alguns autores, "elementos *espaciais*, além de poder passar à expressão de *tempo*" também podem "passar à *organização do universo do discurso*" (grifos meus). Um pouco antes, no mesmo livro, a autora tinha escrito:

> A motivação para a gramaticalização, por outro lado, está tanto nas *necessidades comunicativas não satisfeitas pelas formas existentes*, como na existência de *conteúdos cognitivos para os quais não existem designações lingüísticas adequadas*, devendo observar-se, ainda, que novas formas gramaticais podem desenvolver-se a despeito da existência de estruturas velhas funcionalmente equivalentes (grifos meus).

Essas observações explicam muito bem os exemplos acima, em que o *ONDE* tem empregos que a tradição gramatical condena como "erros".

Não vamos cair na tentação, portanto, de considerar os usos não-locativos de *ONDE* como um "abuso", um "vício" ou um "desempenho lingüístico pouco eficiente" — acusação, aliás, que não faz nenhum sentido quando se verifica que muitos dos exemplos (22)—(40) foram extraí-

dos de artigos e ensaios escritos por economistas, filósofos, críticos de arte, cientistas das mais diversas áreas, escritores, juristas etc., textos bem elaborados, claros, coesos e coerentes, que demonstram plena competência lingüística de seus autores no exercício da escrita culta, além de excelente domínio de seus campos de atuação profissional e intelectual. Em vez disso, é muito mais sadio e honesto investigar a fundo os fenômenos lingüísticos e interpretá-los com base em teorias consistentes e não-dogmáticas. Esta é uma prática muito mais produtiva e enriquecedora do que a estéril tentativa de condenar e tentar suprimir usos que já fazem parte da história da língua desde suas origens, além de serem constitutivos da natureza mesma da linguagem humana.

8

QUE SACUDA E ARREBENTE O CORDÃO DE ISOLAMENTO[1]

CONCLUINDO... MAS SÓ PARA RECOMEÇAR...

8.1 Por um ensino crítico da norma-padrão

Como já disse antes e não me canso de repetir, não há barragem nem represa nem repressão capaz de impedir o fluxo da língua, seu avanço, suas modificações de trajeto, seus transbordamentos. Enquanto houver gente falando uma determinada língua, ela sofrerá variação, modificações, transformações, mudanças.

No caso dos fatos sintáticos estudados aqui, sou da opinião de que devemos apresentar aos nossos alunos *todas* as opções que a língua oferece, explicar o funcionamento dessas regras, os processos gramaticais que ocorrem em cada uma e os produtos que deles resultam. Devemos também ter a honestidade de explicar o *valor social* atribuído pelos falantes cultos a cada uma dessas estratégias.

A função do professor, no caso dos fatos estudados aqui, é ensinar as regras da norma-padrão, já que elas *não fazem parte da língua materna* de seus alunos, não pertencem à gramática do português do Brasil. Essas construções padronizadas estão restritas, nos dias de hoje, a *variedades específicas de língua escrita* e, ainda assim, como os exemplos dos capítulos anteriores mostram, mesmo nessas variedades o padrão está se modificando. As regras prescritas pela gramática normativa *ainda* ocorrem com maior freqüência nos textos literários (mas não em todos), em obras científicas, em textos que usam fórmulas mais ou menos consagradas (os jurídicos, por exemplo) etc. Por isso, é preciso ensiná-las aos alunos, para

[1] "Plataforma", de João Bosco e Aldir Blanc.

que eles *se apoderem de ferramentas lingüísticas que não conhecem e que gozam de prestígio em determinadas camadas da sociedade, em determinadas ocasiões de uso da língua, justamente as consideradas de maior prestígio, além de serem também fórmulas com que algumas pessoas procuram exercer poder sobre as outras, como fica evidente no caso da burocracia.*

Atenção, porém, muita atenção! O ensino dessas formas padronizadas conservadoras *não pode vir acompanhado da atitude tradicional da escola de negar todo e qualquer valor às regras não-padrão*, de despejar uma enorme carga de preconceito contra as opções sintáticas mais antigas ou mais inovadoras da língua, acusando elas de serem "feias", "erradas", "estropiadas" etc. Vamos *acrescentar, aumentar* a bagagem lingüística de nossos alunos, e não suprimir o que eles já sabem, as regras gramaticais que já dominam e que respondem às suas necessidades de comunicação, expressão e interação. Vamos respeitar os direitos lingüísticos deles, vamos preservar sua auto-estima lingüística (e a nossa também!). Acredito que é nosso dever — e está em nosso poder — fazer um ensino *crítico* da norma-padrão, uma apresentação do caráter muitas vezes *repressor, antiquado e ideológico* desse conjunto de regras cristalizadas.

Se, numa redação, por exemplo, encontrarmos relativas copiadoras ou cortadoras (e será inevitável que elas apareçam!), vamos ter a honestidade e o bom-senso de reconhecer que a norma-padrão tradicional oferece apenas *uma* das muitas possibilidades de combinação dos recursos existentes no sistema da língua. Essa opção única não é, lingüisticamente, nem mais bonita, nem mais lógica, nem mais certa do que as outras: é apenas resultado de um processo histórico de seleção (e portanto, também, de *omissão*). Ela representa, até, em alguns aspectos, um empobrecimento, uma redução dos recursos gramaticais à disposição do falante.

É mais do que justo que o professor explique, como fizemos no Capítulo 3, o funcionamento de cada uma das estratégias de relativização, que mostre as regras gramaticais que governam cada uma delas. Isso, já de saída, deixará claro que as opções alternativas à regra-padrão tradicional não são caóticas nem confusas nem incoerentes: muito pelo contrário, obedecem regras tão lógicas e consistentes quanto as que governam a opção-padrão e por isso podem ser explicadas cientificamente.

Se jornalistas, publicitários e outros profissionais (inclusive os escritores, considerados por muito tempo como os modelos a serem imitados no uso da língua) já estão empregando sem medo e sem susto as regras não-padrão, por que nossos alunos não podem usá-las também? Por que somente eles têm de obedecer as regras da gramática normativa, que já mostram sinais de obsolescência e caduquice? Este é um questionamento que eles têm o direito de fazer, e que nós temos o dever de estar prontos para enfrentar.

Muita gente costuma me responder: "Porque vai cair no vestibular". Ora, isso não pode ser resposta de gente séria. Por quê? Basta dar uma rápida olhada nas estatísticas educacionais de 1999 fornecidas pelo próprio Ministério da Educação[2]:

NÍVEL DE ENSINO	TOTAL DE MATRÍCULAS
Básico	36.059.742
Médio	7.767.091
Superior	2.377.715

Somando-se ensino básico e ensino médio (e lembrando que o sistema educacional brasileiro deixa de atender a mais de 50% da população que deveria freqüentar o nível médio, (uma das taxas de desatenção mais escandalosas de todo o mundo!), temos quase 44 milhões de alunos contra menos de 2,4 milhões de estudantes universitários. Fica óbvio então que o ensino de língua (e de tudo mais) na escola não pode estar unicamente orientado, *durante onze anos*, para as necessidades de uma parcela reduzidíssima do alunado total (5%!) que um-dia-talvez-quem-sabe vai fazer o vestibular.

Além disso, se o vestibular de muitas faculdades continua cobrando em suas provas o conhecimento estéril de uma nomenclatura técnica (por sinal, confusa e muitas vezes incoerente) ou a capacidade de reconhecer "erros" que lingüisticamente não existem, não somos nós que devemos nos adaptar ao vestibular: *é o vestibular que está com problemas*, que precisa ser reformulado, reestruturado e até substituído por outras formas de seleção (a melhor das opções, na minha opinião)!

Podemos, por exemplo, ao encontrar orações relativas não-padrão na produção escrita de nossos alunos, oferecer a eles a opção de "traduzir" seus enunciados na norma-padrão, para que eles se conscientizem da existência dessas regras. A consciência gera responsabilidade. E é ao usuário da língua, ao falante/escrevente bom conhecedor das opções oferecidas pelo idioma, que caberá fazer a *sua* escolha, eleger as *suas* opções, mesmo que elas sejam menos aceitáveis por parte de membros de outras camadas sociais diferentes da dele. O que não podemos é negar a ele o conhecimento de *todas* as opções possíveis.

Também não podemos forçá-lo a querer usar as regras padronizadas simplesmente porque *nós* acreditamos que assim ele se enquadrará melhor na sociedade. E se ele não quiser se enquadrar? E se ele considerar que esta sociedade injusta, excludente e discriminadora não merece o esforço do enquadramento? E se ele quiser, justamente, mostrar a sua

[2] Dados colhidos na Internet: www.mec.gov.br (referentes ao Censo Educacional de 1999).

diferença, marcar seu distanciamento em relação ao que os grupos dominantes da sociedade consideram o "melhor" ou o "mais aceitável"? E se quiser usar a língua como *instrumento de crítica e contestação* do modelo social vigente?[3] Temos o direito de fazer escolhas no lugar de outras pessoas? É claro que não. O autoritarismo e a imposição de modelos prontos de pensamento não têm mais lugar nos dias de hoje, ou pelo menos não deveriam ter. Por outro lado, como educadores, temos o dever de expor serenamente os riscos, as vantagens e as desvantagens inerentes ao uso da regra gramatical X ou Y.

Ensinar assim é, certamente, mais difícil do que distribuir rótulos de "certo" e de "errado" para a produção lingüística de nossos alunos (e para muitas outras coisas também: o modo de vestir, o jeito de se comportar, os gostos musicais, as orientações sexuais, o corte de cabelo, as gírias etc.). Mas é muito mais justo e democrático. Não teria sido maravilhoso se nós mesmos tivéssemos sido educados com essa liberdade?

É importante também ter a consciência de que "saber gramática" não implica necessariamente em "falar bem" ou "escrever corretamente". Isso é só mais um dos muitos mitos que compõem o preconceito lingüístico tão vigoroso na nossa sociedade. Se o conhecimento da gramática normativa garantisse o "escrever bem", todos os professores de língua seriam excelentes escritores, prosadores criativos... Isso não acontece, não é? Os gramáticos, então, seriam os maiores artistas da língua! Ora, sabemos que não é bem assim. Aliás, muito pelo contrário: a maioria dos gramáticos escreve num estilo rebuscado, empolado, pouco ágil, usando recursos retóricos antiquados, justamente porque se apegam demais à tradição.

8.2 Diferenças entre a língua falada culta e a língua escrita culta

As diferenças entre o *corpus* de língua falada e o *corpus* de língua escrita chamaram minha atenção ao término da minha pesquisa. Para ter uma idéia mais clara delas, resolvi colocá-las numa tabela comparativa. O resultado que obtive foi o seguinte:

[3] É o que fazem, precisamente, os compositores brasileiros de *rap*, em sua maioria jovens oriundos das periferias pobres e degradadas das nossas grandes cidades. Como seria possível, para eles, retratar com realismo as duras condições em que vivem se não usassem a variedade de língua que é própria de suas comunidades e de suas faixas etárias? A recusa, da parte deles, de usar o português considerado "bonito" e "correto" faz parte, exatamente, de seu projeto de denúncia da violência social a que estão submetidos no tipo de sociedade que é a nossa.

TABELA 8.1

TOTAL DE OCORRÊNCIAS [+PADRÃO] E [–PADRÃO] NO CLF E NO CLE

CORPUS	FATO SINTÁTICO	+PADRÃO	%	–PADRÃO	%	TOTAL
LÍNGUA FALADA	ESTRAT . DE RELATIVIZAÇÃO	26		101		
	RETOM. ANAF. OB. DIR. 3ª PES.	3		497		
	PRONOMES SUJEITO-OBJETO	0		10		
	PSEUDOPASSIVA SINTÉTICA	6		18		
	REGÊNCIA DE IR E CHEGAR	45		87		
	QUANTIDADE	80	10,1	713	89,9	793
	ESTRAT . DE RELATIVIZAÇÃO	72		3		
	RETOM. ANAF. OB. DIR. 3ª PES.	50		36		
	PRONOMES SUJEITO-OBJETO	1		0		
	PSEUDOPASSIVA SINTÉTICA	6		2		
	REGÊNCIA DE IR E CHEGAR	35		5		

Para efeito comparativo, se dispusermos as porcentagens da tabela acima num gráfico, obteremos a seguinte visualização:

FIGURA 8.1

OCORRÊNCIAS [+PADRÃO] E [–PADRÃO] NO CLF E NO CLE

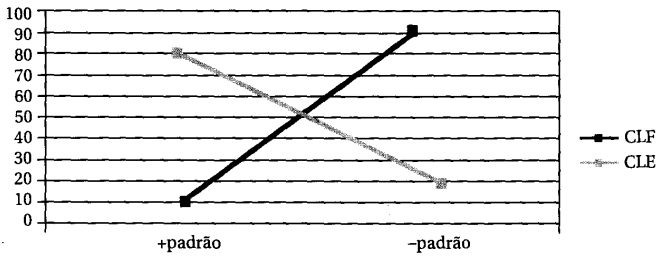

No CLF ocorreram 8,9 usos [–padrão] para cada uso [+padrão], ao passo que no CLE a relação foi de 0,2 uso [–padrão] para cada uso [+padrão]. O que se deduz desses números é que as prescrições da norma-padrão *francamente minoritárias na língua falada culta* são obedecidas mais rigorosamente pela língua escrita, ou melhor, pelo tipo de língua escrita utilizado na investigação.

Isso não significa, como querem nos convencer os tradicionalistas, que a língua falada não tem regras, é relaxada, não tem compromisso com a gramática ou qualquer outra afirmação preconceituosa e anticientífica desse gênero. Significa, sim, que muitas das regras cristalizadas na norma-padrão *não fazem parte da gramática do português falado no Brasil,* nem mesmo pelos falantes plenamente escolarizados, com grau de esco-

laridade superior, e *sobrevivem apenas na língua escrita*, mais especificamente nas *variedades de letramento* e nos *gêneros de texto* em que um grau cada vez maior de monitoramento corresponde a um grau cada vez maior de conservadorismo gramatical, por força da *tradição grafocêntrica* da instituição escolar, isto é, a tradição de achar que só a *língua escrita mais monitorada* merece ser estudada.

Como já vimos no Capítulo 1, o que acontece é que a escrita culta é sempre mais conservadora, está sempre bastante atrasada em relação às transformações gramaticais que vão acontecendo na língua. Não existe língua falada que não tenha regras, que não tenha uma lógica de funcionamento sintático-semântico-pragmático, que não tenha gramática, enfim.

Por causa da mudança lingüística, que é sempre mais rápida na língua falada, o brasileiro culto — ao *falar* — dá franca preferência às regras não-padrão, porque elas representam ou o que há de mais antigo ou o que há de mais inovador na língua: as regras mais antigas já provaram sua funcionalidade, por isso se mantêm vivas; as regras mais inovadoras respondem mais eficazmente a necessidades expressivas e comunicativas atuais.

Por causa do caráter conservador da escrita-padrão, o brasileiro culto — ao *escrever* determinados gêneros de textos — observa com mais freqüência as prescrições da gramática normativa. Por isso, temos de ensinar essas prescrições aos nossos alunos, já que elas não pertencem à gramática de nossa língua materna, sendo de uso exclusivo de um gênero de escrita.

Por que eu digo *um gênero* e não simplesmente *da* modalidade escrita? Porque assim como existem *múltiplas variedades de língua falada*, também existem *múltiplas variedades* de língua escrita. Uma carta pessoal, por exemplo, é um *gênero* de texto escrito muito diferente de uma reportagem publicada numa grande revista. As mensagens trocadas eletronicamente via Internet são outro gênero de modalidade escrita, que também apresenta muitas variações de acordo com o destinatário, o remetente, o conteúdo etc. Numa carta ou num correio eletrônico íntimo, numa sala de bate-papo virtual e em outras condições de uso da escrita, é mais do que provável que as pessoas utilizem as relativas cortadoras e copiadoras, por exemplo. Assim, ao ensinar as relativas-padrão aos alunos, devemos deixar bem claro para eles que essas formas gramaticais têm um uso específico, uso que está se restringindo cada vez mais (vimos que até as grandes revistas, os grandes jornais, as agências publicitárias já estão usando a relativa cortadora).

O uso das regras-padrão — regras gramaticais quase "estrangeiras" para o aluno — vai exigir, da parte dele, muita atenção e cuidado no momento de sua produção lingüística *escrita* destinada a um determinado público, contendo determinado gênero de conteúdo, a ser veiculado

em determinado meio de comunicação. As regras-padrão não são, portanto, a única possibilidade de uso — são o tipo de construção que se espera encontrar em determinado tipo de texto. É essa visão *distributiva* dos recursos da língua que falta ao ensino tradicional, que quer impor uma única forma para toda e qualquer situação de uso da língua. Vamos liberar, portanto, nossos alunos para que usem à vontade as regras gramaticais que bem quiserem: é um *direito* lingüístico deles. Mas vamos também chamar a atenção deles para os usos padronizados, vamos ensinar esses usos a eles, para que um dia, se assim lhes parecer adequado, possam empregar conscientemente essas formas-padrão — é o nosso *dever*.

8.3 Diglossia: o problema lingüístico do Brasil

Parece nome de dinossauro, mas não tem nada a ver. A palavra *diglossia* vem do grego e significa "duas línguas". Empregamos esse termo, em Lingüística, para designar uma situação em que duas línguas são usadas ao mesmo tempo por uma mesma comunidade de falantes, sendo que uma delas em geral tem um *status* sociocultural mais prestigioso que a outra.

Um exemplo típico é o do Paraguai. Praticamente todos os paraguaios são bilíngües: além do espanhol, que é a língua oficial, falam também o guarani, língua do povo indígena mais importante do país. No entanto, os usos de cada uma das línguas são bem determinados: enquanto o guarani é usado em casa, para as relações familiares e comunitárias, para interações informais etc., o espanhol é a língua das instituições oficiais, dos órgãos do governo, da educação formal etc.

No caso do Brasil, temos uma situação de diglossia bastante peculiar. Embora não tenhamos duas "línguas" diferentes, como no caso do Paraguai, existe uma distribuição bastante desigual dos usos atribuídos às variedades mais padronizadas e dos atribuídos às variedades menos padronizadas ou francamente não-padrão. As pessoas que têm acesso à norma-padrão — inegavelmente conservadora e inspirada na língua de Portugal — têm como língua materna uma variedade lingüística que apresenta *sempre e inevitavelmente* pontos de atrito com essa norma-padrão. Como ficou claro nos estudos que fizemos aqui, até mesmo os falantes cultos empregam formas gramaticais que se distanciam das regras vigentes no ensino normativista tradicional.

Quando se trata dos falantes pouco escolarizados ou totalmente analfabetos, o abismo entre a norma-padrão e a língua realmente falada fica ainda maior. É por isso que costumo dizer que no Brasil se desenrola um verdadeiro *drama lingüístico*. Embora se diga que aqui "todo mundo fala português", existem "portugueses" que valem mais do que outros...

A diglossia fica bastante clara na relação entre língua escrita e língua falada. A norma-padrão, como já vimos, sempre esteve muito associada à *língua escrita literária clássica*, a um conjunto de regras gramaticais fixadas a partir do século XVI. A incapacidade dessa norma-padrão clássica conservadora (principalmente por se inspirar na *língua escrita em Portugal*) de atender às necessidades de expressão, comunicação e interação dos brasileiros é a grande responsável pela inegável diglossia que existe entre nós. Falamos o português do Brasil, com suas múltiplas variedades, mas não reconhecemos valor à nossa língua materna, consideramos ela inferior à língua dos portugueses. Por isso na hora de escrever tentamos (nem sempre com sucesso, como foi visto aqui) obedecer regras que não têm correspondência em nossa gramática intuitiva, de *falantes nativos* do português do Brasil.

Essa situação é muito parecida com a que existiu durante muitos séculos na Europa ocidental. Como vimos no Capítulo 1, mesmo depois de passados mais de mil anos da queda do Império romano, somente o latim era considerado — na Europa pré-renascentista — uma língua digna de ser estudada nas universidades e mosteiros, e era a única língua em que se podia escrever trabalhos filosóficos e científicos, para não falar das leis muito duras que proibiam a tradução da Bíblia em línguas nacionais. Tomás de Aquino (1225-1274), por exemplo, um dos maiores teólogos e filósofos de todos os tempos, era italiano, mas só escreveu em latim. Também escreveram em latim o filósofo inglês Tomás Morus (1478-1535), o holandês Erasmo de Roterdã (1469-1536), o francês René Descartes (1596-1650), o holandês de origem judeu-portuguesa Baruch de Spinoza (1632-1677) e até mesmo o grande cientista inglês Isaac Newton (1642-1727), em época bem posterior. E veja que todos eles escreveram num período em que já tinham sido produzidas algumas das obras literárias mais importantes da história ocidental, todas elas em línguas nacionais: em italiano, a *Divina Comédia*, de Dante (1265-1321); em português, *Os Lusíadas*, de Camões (1524-1580); em espanhol o *Dom Quixote*, de Cervantes (1547-1616); em inglês, o teatro e a poesia de Shakespeare (1564-1616)...

Não acho exagero comparar esse quadro histórico europeu medieval e pré-protestante com o que acontece hoje no Brasil em relação à única língua considerada digna de ensino e de ser usada como veículo de transmissão do "alto conhecimento": a norma-padrão clássica *portuguesa*. Da mesma forma, como mencionei no Capítulo 1, a tentativa de descrever *o português do Brasil* com o aparato conceitual usado para estudar a gramática do *português de Portugal* é que torna as gramáticas normativas até hoje (inclusive as produzidas por gramáticos *brasileiros*!) inadequadas para tratar da nossa realidade lingüística.

Esse drama lingüístico do Brasil vem sendo descrito e denunciado há muito tempo por escritores, gramáticos, filólogos e lingüistas. Já em 1921, por exemplo, o historiador e filólogo João Ribeiro escrevia:

> A nossa gramática não pode ser inteiramente a mesma dos portugueses. As diferenciações regionais reclamam estilo e método diversos. A verdade é que, corrigindo-nos, estamos de fato a mutilar idéias e sentimentos que nos são pessoais. Já não é a língua que apuramos, é o nosso espírito que sujeitamos a servilismo inexplicável. Falar diferentemente não é falar errado. A fisionomia dos filhos não é a aberração teratológica da fisionomia paterna. Na linguagem como na natureza, não há igualdades absolutas; não há, pois, expressões diferentes que não correspondam também a idéias ou a sentimentos diferentes. Trocar um vocábulo, uma inflexão nossa por outra de Coimbra é alterar o valor de ambos a preço de uniformidades artificiosas e enganadoras. (1921: 8-9)

Outro grande nome da pesquisa lingüística brasileira, Mário Marroquim, autor de *A língua do Nordeste*, afirmava em 1931:

> Já algumas formas sintáticas dialetais firmaram-se de tal forma na linguagem de todas as classes, que estão entrando na literatura. São erros, olhados à luz das regras gramaticais. Estão certas, porém, dentro da realidade lingüística. Representam a forma e o encadeamento necessário e lógico das palavras para exprimir idéias. E as idéias têm uma força de expansão interior impossível de ser contida por diques gramaticais, quando estes impedem a sua marcha normal para a clareza e para a sua justa expressão.
> É uma violência inútil ajeitar-se uma idéia a um molde inadequado que a comprime, que a machuca, que a deforma, somente porque esse molde assentava bem a essa idéia há 100 anos passados.
> É martírio para a mocidade que aprende e humilhação para o mestre inteligente que ensina, esse bilingüismo dentro de um só idioma — essa unidade exterior, de superfície, de duas línguas que se repelem, a língua que falamos e a língua que escrevemos. [...]
> Nós, no Brasil, presos à gramática "portuguesa", somos vítimas de uma desintegração dolorosa de nós mesmos. [...]
> A língua brasileira, já ninguém discute isso, diverge da portuguesa; é esta, entretanto, que a escola continua a ensinar ao brasileiro. (1931: 169-171)

Passados tantos anos desde a publicação destas palavras sensatas, é quase espantoso que ainda se divulgue com tanto alarde na imprensa e nos demais meios de comunicação uma ideologia lingüística conservadora e retrógrada, que deprecia os usos lingüísticos caracteristicamente brasileiros como se fossem verdadeiros aleijões gramaticais.

Na mesma linha de argumentação de Marroquim, o lingüista Mario Perini, em *Sofrendo a gramática* (1997: 31-38), fala da distância entre o "português" (a norma-padrão, escrita) e o "vernáculo" (a língua falada pelos brasileiros):

> O português e o vernáculo são, é claro, línguas muito parecidas. Mas não são em absoluto idênticas. Ninguém nunca tentou fazer uma avaliação abrangente de suas diferenças; mas eu suspeito que são tão diferentes quanto o português e o espanhol, ou quanto o dinamarquês e o norueguês. Isto é, poderiam ser consideradas línguas distintas, se ambas fossem línguas de civilização e oficialmente reconhecidas.
> Mas sendo as coisas como são, tendemos a pensar que o vernáculo é simplesmente uma forma errada de falar português. Só que, para que o vernáculo fosse "errado", teria de existir também uma forma "certa" de falar; mas no Brasil não se fala, nem se pode falar português. [...]

> Agora, uma observação: o vernáculo é a língua materna de mais de cento e cinqüenta milhões de pessoas, que o utilizam constantemente e não conhecem outra língua. Mas não se escreve a não ser em ocasiões particulares, não aparece na grande imprensa e não tem grande tradição literária; além disso, não é reconhecido como língua oficial. [...]
> Continuamos a escrever em português e a considerar o vernáculo uma maneira errada de falar. Pessoalmente, não tenho grandes objeções quanto a se escrever português; mas acho importante que se entenda que ele é (pelo menos no Brasil) apenas uma língua escrita. Nossa língua materna não é o português, é o vernáculo brasileiro — isso não é um *slogan*, nem uma posição política; é o simples reconhecimento de um fato.

É essa distância entre o que a tradição gramatical e o ensino conservador chamam de "português" — um conjunto de regras voltadas essencialmente para determinados usos *escritos* da língua — e a língua que os brasileiros realmente falam (e escrevem em situações em que não estão sob o olhar policialesco da tradição e da escola), é essa *esquizofrenia lingüística*, esse dilema que temos de enfrentar diariamente — é tudo isso que constitui o tipo especial de *diglossia* que temos no Brasil.

Especial porque, na maioria dos contextos sociais em que existe bilingüismo, como no Paraguai, os falantes dominam as duas línguas em contato, sabendo reconhecer as instâncias de uso de cada uma. Mas aqui no Brasil não é assim. Uma reduzida parcela da população tem acesso ao "português", isto é, à norma-padrão, enquanto a maioria da nossa população só dispõe de seu vernáculo materno. Ao contrário, então, do Paraguai, temos aqui, sim, uma situação de *diglossia*, mas não temos *bilingüismo*. E isso por causa da situação de tremenda injustiça social que caracteriza a sociedade brasileira. Como me escreveu Stella Maris Bortoni-Ricardo, um dos nomes mais importantes da Sociolingüística brasileira,

> Em sociedades mais democráticas, como as dos países escandinavos, a língua-padrão está associada ao contexto de uso. Qualquer cidadão, apresentando-se-lhe o contexto adequado ao emprego da variedade supra-regional, faz uso dela, pois dispõe dos recursos lingüísticos necessários para implementá-la. No Brasil, a língua-padrão é determinada, só secundariamente, pelo contexto. Sua distribuição é, em princípio, associada a classe social. As classes que têm acesso à cultura de letramento, por meio de uma escolarização eficiente, têm o apanágio das formas prestigiosas de falar. À grande massa de brasileiros é sonegada uma boa escolarização e, conseqüentemente, o acesso aos recursos lingüísticos que permitem ao falante transitar, com segurança, de um estilo menos monitorado aos mais monitorados, de acordo com as exigências da situação social. Nessas circunstâncias, muitos brasileiros são silenciados, porque se sentem inseguros no uso de sua própria língua materna!

Também Mary Kato, autora de importantes trabalhos sobre as questões da escrita na escola, enfatiza que

> a língua dos textos escolares, para as camadas que vêm de pais iletrados, pode parecer tão estranha quanto a de um texto do século XVIII para o lingüista iniciando-se em estudos diacrônicos. O Brasil apresenta assim um caso extremo de "diglossia" entre a fala do aluno que entra para a escola e o padrão de escrita que ele deve adquirir. (1993: 20)

Convém ressaltar, porém, que essa diglossia não existe apenas entre a fala do aluno originário de uma classe social desprestigiada e a língua da escola: também existe uma enorme distância, como se viu aqui, entre a língua falada pelos brasileiros cultos e o "português" que a escola tenta ensinar.

O lingüista Dante Lucchesi (1994: 18), analisando a situação da língua dos brasileiros, faz a seguinte pergunta, realmente intrigante: *"Por que falantes que foram expostos por mais de quinze anos a um determinado padrão normativo não refletem esse padrão no seu comportamento lingüístico usual?"* Poderíamos responder com uma afirmação de outra importante pesquisadora brasileira, Maria Marta Scherre (*apud* M. B. Silva, 1994: 77), para quem a variação lingüística *"está de tal modo internalizada na mente de qualquer falante do português do Brasil que mesmo na escrita cuidada ela se evidencia e brota"*.

Outro nome importante da Lingüística brasileira, Rosa Virgínia Mattos e Silva, depois de fazer uma avaliação das discrepâncias entre as regras prescritas pela norma-padrão e os usos reais verificados na língua falada pelos brasileiros cultos, faz a seguinte reivindicação:

> Que venha a convergir, no possível, o que se fala com o que se lê! (1995: 88)

8.4 Português do Brasil e português de Portugal: duas línguas

Mais recentemente ainda, a revista *Superinteressante* publicou uma matéria sobre a língua portuguesa falada no Brasil ("Falamos a língua de Cabral?", abril de 2000, pp. 46-49). Num caso raro na imprensa (que em geral só dá espaço para as manifestações do conservadorismo gramatiqueiro que deploram a "decadência" e a "ruína" da língua), a revista entrevistou lingüistas que trabalham em diversas regiões do país, todos empenhados em projetos de pesquisa científica que visam descrever o português falado no Brasil. Com base em diferentes suportes teóricos, todos eles são unânimes em afirmar que no Brasil, definitivamente, se fala uma língua diferente da falada em Portugal. O lingüista indiano Kanavillil Rajagopalan, que trabalha há muitos anos no Brasil, diz que o "português" e o "brasileiro" têm mais diferenças entre si do que o hindi (falado na Índia) e o urdu (falado no Paquistão), que no entanto são reconhecidos politicamente como línguas diferentes. É quase o mesmo que Perini dizia, mais acima, sobre as diferenças entre o dinamarquês e o norueguês, diferenças que são bem menores dos que as existentes entre o "português" (a norma-padrão) e o "vernáculo" (a língua materna dos brasileiros).

Nessa mesma reportagem, a única voz discordante — como era de se esperar — veio do gramático Evanildo Bechara, para quem "não há nada no português brasileiro que não exista em Portugal". Mais uma vez, detec-

tamos o apego exclusivo ao uso *escrito literário* da língua obscurecendo a análise dos fatos. É difícil acreditar que ele tenha dito isso, quando sabemos que já no nível mais elementar da língua, o da fonética, existem sons e combinações de sons no português de Portugal que os brasileiros desconhecem completamente, e vice-versa. Se passarmos para a sintaxe, a semântica e a pragmática, então, veremos que o abismo é ainda maior. Além disso, ainda que admitamos que tudo o que existe no português brasileiro também existe no de Portugal, isso não impede que haja diferenças profundas nos *usos* e nas *interpretações dos usos* que brasileiros e portugueses fazem dos recursos lingüísticos de que dispõem.

(Recentemente, assisti um programa de televisão do canal MTV em que se entrevistava jovens portugueses e os depoimentos deles eram reproduzidos em legendas, para que os espectadores brasileiros pudessem entender o que diziam. E no primeiro dia útil do ano 2001, fui ver no cinema o belo filme *Capitães de Abril*, dirigido e estrelado pela atriz portuguesa Maria de Medeiros, e para minha grande surpresa — e alegria — o filme não só era legendado, como também tinha sido traduzido para o português brasileiro: todos os *tu* foram devidamente traduzidos por *você*, as construções imperativas do tipo "espera-me" foram substituídas por "me espera", e as expressões idiomáticas portuguesas foram traduzidas por expressões idiomáticas brasileiras: "Queres que te dê uma boléia?" apareceu na legenda como "Você quer que eu te dê uma carona?" Agiram muito bem os distribuidores ao fazer isso, porque, do contrário, o público brasileiro perderia grande parte do conteúdo dos diálogos do filme, que se tornaria mais uma vítima da barreira lingüística que impede a divulgação, no Brasil, do ótimo cinema feito em Portugal.)

Costumo dizer que LÍNGUA é um *substantivo coletivo*: com esta palavra única nós designamos, por comodidade, um conjunto de "coisas". Essas "coisas", como foi discutido no Capítulo 1, são as *variedades sociolingüísticas*. Podemos, assim, definir LÍNGUA como *um feixe de variedades*. Para que uma variedade particular possa ser considerada como pertencente a uma determinada LÍNGUA, é preciso que ela tenha mais semelhanças do que diferenças em relação às demais variedades daquela língua. Quando as diferenças pesam mais que as semelhanças, talvez se trate já de outra língua. O português e o espanhol, por exemplo, têm muitas semelhanças entre si — alguns estrangeiros desavisados chegam mesmo a imaginar que os falantes das duas línguas se entendem perfeitamente. No entanto, nós, falantes do português brasileiro, sabemos muito bem que as diferenças pesam muito e que a compreensão mútua não é assim tão fácil.

E como ficam, nesse caso, o português do Brasil e o português de Portugal? Me parece que já chegamos num ponto das trajetórias desses dois conjuntos de variedades, passados quinhentos anos, em que as diferen-

ças começam a suplantar as semelhanças. Boa parte da tradição filológica sempre negou essas diferenças porque se apoiava exclusivamente, para suas análises, em material escrito, sobretudo na produção literária, fazendo comparações entre os romancistas, poetas e dramaturgos dos dois países. Aí, sim, fica fácil achar mais semelhanças do que diferenças. Se partirmos, no entanto, para o estudo das variedades *faladas*, e se levarmos em conta também os problemas de natureza *pragmática*, as diferenças entre português do Brasil e português de Portugal se acentuarão muito. Um interessante estudo sobre essas diferenças se encontra no trabalho de Galves (1998).

Como vimos no Capítulo 1, um mesmo enunciado pode ter *interpretações* diferentes no Brasil e em Portugal. De fato, há construções perfeitamente normais no português do Brasil que soariam agramaticais (inaceitáveis ou incompreensíveis mesmo) para o falante do português de Portugal. Por exemplo:

(1) Eu vim de táxi porque meu carro está consertando: ele quebrou a barra de direção.
(2) Como faz para o suflê não murchar?

Em (1) temos um fenômeno muito interessante chamado *ergatividade*. Nas construções ergativas, o sujeito do verbo é na verdade o objeto da ação praticada. Quando nós, brasileiros, dizemos, com a maior naturalidade deste mundo, "o carro está consertando", estamos colocando o *carro* como sujeito (função gramatical que corresponde tipicamente ao agente), quando de fato ele é o paciente: alguém está consertando o carro. O mesmo se aplica a "ele quebrou a barra de direção": alguma coisa quebrou a barra de direção, ou a barra de direção *se* quebrou. O português de Portugal não conhece esse tipo de construção ergativa e um falante daquela língua consideraria o enunciado (1) truncado, esquisito ou totalmente agramatical. Para nós, no entanto, não tem nada de estranho dizer "o pneu furou", "a calça rasgou", "o vaso quebrou" e assim por diante.

Já em (2) temos um outro tipo de construção muito interessante, em que o verbo sozinho, na terceira pessoal do singular, basta para indicar a *indeterminação do sujeito*. É um caso muito curioso, sobretudo quando sabemos que, no português do Brasil, a presença explícita do sujeito está se tornando quase obrigatória. Em Portugal seria preciso usar o pronome *se*: "Como *se* faz para o suflê não murchar?" No Brasil, não precisamos disso, e dizemos, felizes e satisfeitos:

(3) Aqui vende umas coisas lindas!
(4) Onde guarda as compras, mãe?
(5) Quando pode ir lá retirar a encomenda?
(6) Aqui no Rio usa muito esse tipo de roupa mais leve.
(7) Nessa papelaria não tira fotocópia.

Esse tipo de construção mostra claramente de que modo a gramática da língua vai se modificando, se alterando, se transformando. No caso do

não-uso do SE nos exemplos acima podemos ver que houve uma inversão perfeita das regras de uso desse pronome na marcação da indeterminação do sujeito, quando comparamos esses casos com os que vimos no Capítulo 6 (item 6.8) ao tratar de enunciados do tipo "Coisa fácil de *se* fazer". Onde a norma-padrão cobra um SE ("Como *se* faz para o suflê não murchar?"), os brasileiros não o empregam; onde ela diz que o SE é um "rococó inútil" ("O charme de morar bem"), os brasileiros fazem absoluta questão de empregá-lo...

Outro dia, enquanto eu assistia um filme estrangeiro, apareceu nas legendas o seguinte diálogo:

(8) — Pai, posso ir na praia com o John?
— Pode.
— O Peter pode ir com a gente?
— Ele eu não posso deixar, porque está de castigo.

A última resposta do pai, "ele eu não posso deixar", é simplesmente impossível de ocorrer na fala de um português, porque na gramática da língua de Portugal o pronome ELE não é usado como objeto direto. Para transformar esse enunciado numa construção "correta" de acordo com a norma-padrão que ainda vigora no Brasil (a portuguesa!), seria preciso fazer uma série de contorções e malabarismos sintáticos que simplesmente destruiriam a naturalidade, a coloquialidade da fala da personagem. Agiu muito bem o tradutor ao traduzi-la para o português do Brasil, língua materna dos espectadores do filme.

Outra diferença muito importante entre as duas línguas está nas formas de tratamento. Em Portugal, a forma mais comum de tratamento entre as pessoas muito íntimas é TU, com as formas verbais que constam das gramáticas normativas clássicas. A forma VOCÊ é usada para se dirigir a alguém com quem não se tem grande intimidade, sendo um tratamento intermediário entre o TU, muito íntimo, e O SENHOR/A SENHORA, muito formal. No Brasil, como bem sabemos, a forma VOCÊ (e suas variantes OCÊ e CÊ) é a mais amplamente utilizada no tratamento menos formal possível, uma vez que o TU nos dias de hoje está restrito a regiões específicas do país, sendo que em algumas delas (como o Rio Grande do Sul, por exemplo) as formas verbais não correspondem às da gramática clássica ("tu quer", "tu foi", "tu gosta"). É, portanto, uma diferença muito importante do ponto de vista da *pragmática*, que revela também interessantes fenômenos *culturais*.

Ainda na questão do VOCÊ, agora do ponto de vista *sintático*, no português de Portugal este pronome só pode exercer a função de sujeito. Nas demais funções sintáticas, a coisa fica mais ou menos assim:

BRASIL	PORTUGAL
Vi *você* ontem na rua *ou* *Te* vi ontem na rua.	Vi-*o/a* na rua *ou* Vi *a si* ontem na rua.
Gosto muito *de você.*	Gosto muito *de si.*
Eu só penso *em você.*	Eu só penso *em si.*
Quero falar *com você.*	Quero falar *consigo.*

Ora, como bem sabemos, no português do Brasil o pronome SI é usado exclusivamente para a 3ª pessoa e sempre com sentido *reflexivo*: "Ele só pensa em *si* mesmo". Mais uma vez, como vimos ao longo deste livro, os aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos se entrecruzam e se tornam praticamente indissociáveis. Além disso, o pronome VOCÊ, na fala dos portugueses, é quase sempre omitido, ao contrário do que fazemos no Brasil, onde a produção fonética dos pronomes-sujeitos (como vimos no Capítulo 5) está se tornando quase obrigatória. No que diz respeito aos possessivos, enquanto nós usamos, em relação a VOCÊ, as formas SEU/SUA, TEU/TUA ou DE VOCÊ/DE VOCÊS, os portugueses empregam as formas VOSSO/VOSSA, que, pela gramática normativa clássica, só poderiam ser empregadas em relação ao pronome VÓS (que, no entanto, já desapareceu tanto da língua dos portugueses quanto da nossa).

Esses são só alguns exemplos das muitas diferenças que existem entre as duas línguas.

O que cria a ilusão de que lá e cá se fala *uma mesma* língua é o fato das duas línguas compartilharem morfologia semelhante e terem um vocabulário (um léxico) comum (embora as palavras nem sempre tenham o mesmo significado em cada um dos países). Mas já vimos que, para conhecer a fundo um enunciado, é preciso ir além da morfologia e do léxico, é preciso se embrenhar no campo da semântica e da pragmática. Os *usos* que os brasileiros e os portugueses fazem de seus recursos sintáticos e lexicais são muito diferentes, bem como são diferentes as *intenções* que comandam esses usos. Também existem enormes diferenças no campo da *prosódia*, no *ritmo* da fala, na *entonação* dos enunciados, todo um conjunto de regras de uso dos recursos fônicos.

Chegou então a hora da gente completar um dos desenhos do Capítulo 1, aquele que mostra o latim como um rio e as línguas românicas como braços que partem do rio principal. No meu modo de ver as coisas, já é possível considerar o português do Brasil como uma língua românica de *status* igual ao do francês, do italiano, do espanhol etc. E de onde vamos puxar o braço do rio chamado português brasileiro? Evidentemente, esse braço nasce no ano de 1500, quando os portugueses chegaram por aqui. Como toda língua não pára de se transformar, no exato momento em que Cabral e seus marinheiros puseram o pé em nossas terras, a língua

aqui começou seu processo de variação e mudança, que continuou ao longo de 500 anos até chegar no estágio em que se encontra hoje:

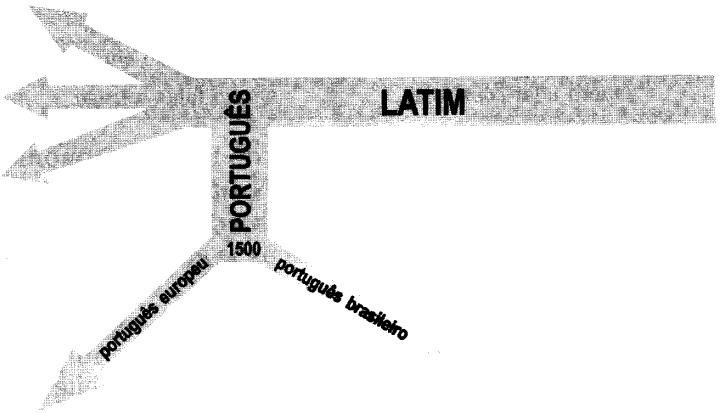

Durante algum tempo, alguns estudiosos, para defender a existência da "língua brasileira", argumentaram que, do mesmo modo como o português tinha saído do latim, o português brasileiro saiu do português europeu. Não é assim que vejo a coisa. Para mim, tanto o português europeu quanto o português brasileiro em suas formas atuais representam *duas derivas diferentes* que partem do mesmo ponto: o português falado em Portugal até 1500. Uma visão tradicional dos fatos históricos é que faz a gente imaginar que em Portugal o português permaneceu sempre o mesmo, "inalterado" e "puro" esse tempo todo e que nós, das colônias, é que saímos "corrompendo" e "arruinando" uma língua que não é "nossa", mas apenas "emprestada".

Não é nada disso... Nenhuma língua, enquanto tiver gente falando ela, pode resistir às mudanças que ocorrem em suas estruturas com o tempo. Assim, passados 500 anos, tanto a língua de cá quanto a língua de lá se modificaram, cada uma delas numa direção, exibindo diferenças nessas mudanças, fazendo opções diferentes, escolhas diferentes. E a tendência, como indica o desenho, é à diferenciação sempre maior com o decorrer do tempo. Por isso, quando leio coisas como "o português é uma das línguas mais faladas no mundo", só posso achar que é uma piada. Afinal, não é o "português", assim sem mais nem menos, que é uma das línguas mais faladas do mundo: é o *português do Brasil, língua materna* de mais de 170 milhões de pessoas, que ocupa um lugar de destaque no cenário mundial das línguas. O português de Portugal tem pouco mais de 9 milhões de falantes nativos (população menor que a da cidade de São Paulo!), restritos a um território muito pequeno, no extremo ocidental da Europa. Além disso, nas ex-colônias portuguesas da África, o português é somente uma *língua oficial*, isto é, a língua da administração pública, a

língua do governo, uma língua que tem de ser *aprendida* nas (pouquíssimas) escolas, e não a língua materna dos habitantes, que falam realmente muitas dezenas de línguas locais diferentes. Na Ásia a situação é ainda mais desfavorável ao português: em Macau só se fala chinês, enquanto em Timor Leste apenas 20 por cento dos 800 mil habitantes conseguem se expressar (com dificuldade) na língua do antigo colonizador, o que dá um total de 160.000 pessoas, população menor que a do bairro da Lapa, onde eu moro, em São Paulo...

Acredito que o reconhecimento das diferenças entre o português brasileiro e o português europeu, que a convicção de que são duas línguas diferentes — ainda que muito aparentadas (fato que também tem suas vantagens, é claro) — permitirá criar, no Brasil, um ambiente lingüístico muito mais respirável, tornando o ensino de língua mais democrático e realista, deixando para trás o peso da carga colonial, que é tão forte na nossa cultura. O simples exame dos cinco fatos sintáticos estudados neste livro mostra a distância que existe entre a fala dos brasileiros cultos e a norma-padrão tradicional, inspirada no português literário europeu.

Tenho um amigo uruguaio que mora no Brasil há muito tempo e fala um português brasileiro ótimo. Sua família veio para São Paulo quando ele ainda era pequeno. Curioso como toda criança e disposto a se integrar rapidamente à vida de seu novo país, meu amigo tratou logo de aprender a língua que ouvia nas ruas, nas lojas, no rádio e na televisão. Aprendeu tão bem que a família se servia dele como intérprete. Passado algum tempo, o pai do meu amigo resolveu contratar uma professora de português para os filhos, para que aprendessem melhor e mais depressa a língua do Brasil. Poucas aulas depois, as crianças procuraram o pai para se queixar da professora: ela estava tentando ensinar-lhes uma língua esquisita, que eles não tinham ouvido ninguém falar desde que tinham chegado em São Paulo... Quando ele me contou esse caso, eu decifrei na hora o mistério: a professora, obviamente, estava tentando ensinar "português", quando meu amigo e seu irmão já conheciam muito bem o "brasileiro". Ela decerto queria que eles dissessem "dêmo", "a moça cujo pai é médico", "fui à praia" quando eles já sabiam que no Brasil o que se diz é "Me dá ele", "a moça que o pai dela é médico", "fui na praia" etc. Aqueles meninos sabiam que seriam alvo de zombaria se chegassem falando aquelas coisas junto de seus amigos brasileiros...

Mais recentemente, outro amigo meu, um jovem português que vive no Brasil há alguns anos, me ofereceu outro depoimento revelador. Interessado em estudar numa universidade brasileira, ele se matriculou num cursinho pré-vestibular. Para seu grande espanto, descobriu que na escola brasileira o que se chama de "português" são aulas de gramática da língua falada... em Portugal! E ele me disse o seguinte: "É espantoso que todos os brasileiros falem uma língua e que, na escola, sejam obrigados a estudar

outra! A gramática que a escola tenta ensinar aos brasileiros corresponde à língua que nós, portugueses, falamos em Portugal, mas não à língua do Brasil! Agora começo a entender por que os brasileiros todos dizem que português é muito difícil! Só pode ser! Afinal, eles têm de estudar uma língua que não é a deles! O português que se ensina na escola para os brasileiros é uma língua tão estrangeira quanto o espanhol ou o italiano para um português em Portugal!"

Entre o final do século XIX e o começo do XX, teve muita discussão a respeito da existência ou não de uma "língua brasileira". Muito se escreveu e se debateu sobre esse assunto. No terreno literário, ficaram famosas as defesas do nosso vernáculo feitas por José de Alencar e Mário de Andrade. Existe, no entanto, uma grande diferença entre a postura de Alencar e Mário, em sua defesa pela língua do brasileiro, e a atitude daqueles que hoje empreendem esta mesma defesa. Naquela época ainda não existia, ou só existia incipientemente, esta ciência que hoje se chama Lingüística. O que movia o autor de *Iracema* e o autor de *Macunaíma* era sobretudo o nacionalismo, a busca de uma identidade nacional brasileira, o reconhecimento da existência de uma entidade que podia ser chamada de *povo brasileiro*, com suas próprias características culturais, raciais, mítico-religiosas, artesanais, musicais, folclóricas, lingüísticas, que o diferenciavam drasticamente dos outros povos do mundo, a começar do povo português. A língua entrava aí, nesse projeto romântico-modernista, como um dos muitos elementos constitutivos da identidade do brasileiro.

O projeto romântico-modernista da língua brasileira tinha uma base sobretudo filosófica, inspirada na noção de "visão do mundo", aquilo que se chama em alemão de *Weltanschauung*. Visões de mundo diferentes implicam, inevitavelmente, visões e usos diferentes da língua. Se duas pessoas, dois indivíduos, podem ter (e têm) visões de mundo diferentes, o que dizer de dois povos inteiros, separados por milhares de quilômetros de distância, com história diferente, geografia diferente, demografia, composição étnica, meio ambiente, fauna, flora, culinária, mitos, clima, tudo diferente?

O Brasil é um país gigantesco, 92 vezes maior que Portugal e com uma população 15 vezes mais numerosa: não cabe na imaginação tudo o que pode acontecer num território tão amplo, no meio de tanta gente. Portugal, por sua vez, é uma nação muito antiga, com uma história milenar, que remonta a muitos séculos antes de Cristo — tão antiga que suas origens só se conservam na bruma dos relatos míticos. Como querer dar o mesmo nome à língua falada aqui e lá, sobretudo depois de transcorrido meio milênio do primeiro contato?

Hoje, no entanto, quando entramos no século XXI, a luta pelo reconhecimento da existência de uma língua caracteristicamente brasileira se apóia

em outras bases, que são bases *científicas* consistentes, derivadas de pesquisas que recolhem e analisam a língua viva, a língua realmente usada pelos brasileiros; de descrições criteriosas dessa língua, com toda a sua rica heterogeneidade; de análises de suas múltiplas variedades regionais, sociais, etárias etc. Hoje existe uma ciência da linguagem, perfeitamente constituída como disciplina autônoma, com métodos próprios, com seus modelos de análise, com suas teorias, seus procedimentos de coleta de dados etc.

Com base nesse acervo já grande acumulado pela ciência lingüística brasileira é que podemos reivindicar uma *revisão e reforma da norma-padrão*, uma transformação daquilo que vai ser ensinado na escola, uma independência maior em relação à norma-padrão portuguesa. Não se pode mais perder tanto tempo na infrutífera tentativa de ensinar um grande conjunto de inutilidades, cobrar de nossos alunos que saibam reconhecer e usar regras que não condizem mais com a realidade lingüística do Brasil. É mais do que imperioso, premente, urgentíssimo aceitar — inclusive na escrita mais formal — como boas e certas as construções gramaticais que vivem na língua materna dos brasileiros e que eles empregam diariamente milhões de vezes de norte a sul do país.

Não vamos querer, no entanto, simplesmente substituir uma norma-padrão por outra. Ao contrário do que muita gente imagina, a língua não é uma coisa pronta e acabada, que está bem guardada em algum lugar imaginário, sendo possível preservá-la intacta e "pura" durante os séculos... Nada disso: a língua é sempre um *processo*, um fazer contínuo e ininterrupto, um *trabalho* empreendido pelos falantes cada vez que se vêem numa situação de produção verbal e de interação lingüística. Daí a necessidade de empreender a pesquisa, para termos uma boa imagem deste processo no momento em que estamos investigando ele. Será uma fotografia, e as fotografias, como a gente bem sabe, valem por um certo período de tempo, mas depois se tornam um simples documento de uma fase da vida de uma pessoa, de um lugar, de um animal etc. Com a língua é a mesma coisa, embora essas mudanças aconteçam mais lentamente e as fotografias lingüísticas possam servir de material de estudo por um bom tempo.

Para se começar a tratar a *esquizofrenia diglóssica* que existe no Brasil é preciso reconhecer a validade das regras gramaticais não-padrão, elevando-se assim a auto-estima lingüística dos brasileiros, fazendo com que valorizem seu vernáculo, sua língua materna.

Admitir a diferença entre as línguas do Brasil e de Portugal é admitir, como normalmente se admite, a *diferença entre as culturas*. Ninguém jamais ousaria dizer que a cultura brasileira e a cultura portuguesa são a "mesma". Se reconhecermos que toda cultura está estreitamente relacionada com a *ecologia* — solo, clima, topografia, hidrografia etc. — e tam-

bém com os fatores *etnográficos* — a composição étnica da população —, será imperioso abandonar a noção da "mesma língua", reconhecendo a *familiaridade*, mas nunca a *identidade* lingüística entre Brasil e Portugal. Investigações recentes de geneticistas brasileiros provaram que "a esmagadora maioria das linhagens paternas da população branca do país veio da Europa, mas que, surpreendentemente, 60% das linhagens maternas são ameríndias ou africanas"[4]. Se a ecologia é outra, se a composição étnica é outra, se a *cultura* é outra, por que somente a língua seria a mesma? Como é que povos tão diferentes, com história e geografia tão distintas, com composição étnica tão díspar, movendo-se em ambientes absolutamente diversos, sujeitos a sistemas políticos e econômicos diferentes, dentro de estruturas sociais nada parecidas, poderiam falar uma mesma língua, se todos esses fatores influenciam nas exigências comunicativas e nas necessidades expressivas de cada pessoa e de cada comunidade?

Não é preciso adotar um outro nome para a nossa língua, como já foi proposto em tempos passados, quando se falou da "língua brasileira". O nome *português brasileiro* já dá conta de mostrar as diferenças. O importante é *reconhecer* essas diferenças, deixar de considerar que elas são "erros", e sim admitir que se trata de *regras gramaticais* características da língua falada aqui. Reconhecer a existência de um português *brasileiro* é importante, sobretudo, para que a gente comece a ver e ouvir a nossa língua com os nossos próprios olhos e ouvidos, com olhos e ouvidos de brasileiros, e não mais pelo filtro da gramática portuguesa de Portugal, como tem sido feito há séculos. É não querer ocupar um lugar que não é nosso: o lugar do colonizador, para quem tudo o que é diferente de si mesmo merece o rótulo de "primitivo", "exótico", "bárbaro", "selvagem" etc.

Dizer que a língua falada no Brasil é somente "português" implica um esquecimento sério e perigoso: o esquecimento de que tem muita coisa nesta língua que é caracteristicamente nossa, de que esta língua é parte integrante da nossa identidade nacional, construída a duras penas, com o extermínio de centenas de nações indígenas, com o monstruoso massacre físico e espiritual de milhões de negros africanos trazidos para cá como escravos, e com todas as lutas que o povo brasileiro enfrentou e continua enfrentando para se constituir como nação.

Por outro lado, dizer que nossa língua é simplesmente o "brasileiro" significa também operar outros esquecimentos, outros silenciamentos: o esquecimento do nosso passado colonial, que não pode ser apagado porque é história, e a história não é passado: é presente, premente, insistente. Somos um país nascido de um processo colonial, com tudo o que isso significa.

---

[4] Revista *Ciência Hoje*, vol. 27, nº 159, abril de 2000, p. 16, "Retrato molecular do brasileiro".

Estamos numa etapa intermediária na história da nossa língua. Quinhentos anos atrás, ela podia ser chamada simplesmente de *português*. Hoje, ela pode e deve ser chamada de *português brasileiro*. Daqui a mais quinhentos anos, ela sem dúvida só poderá ser chamada de *brasileiro*. Até lá, temos de lutar para que o peso da colonização sobre nossa sociedade não seja tão grande quanto é ainda hoje.

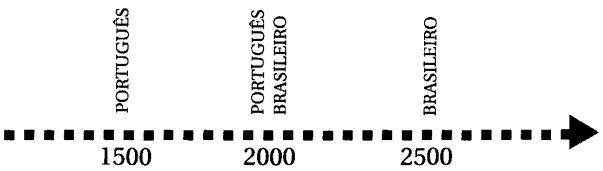

8.5 Outros fenômenos a pesquisar

Neste livro, nos limitamos apenas a cinco fatos sintáticos (que abordo mais detalhadamente em Bagno, 2000), mas seria interessante levar esse trabalho adiante, investigando outros fenômenos lingüísticos que deixariam ainda mais clara a distância entre a língua dos brasileiros cultos e a norma-padrão ainda em vigor. Também é possível, e muito desejável, que se pesquise também variedades empregadas por falantes menos cultos ou não-cultos, para conhecermos mais realistamente as diferenças e semelhanças entre elas e as variedades cultas.

Deixo aqui para você algumas sugestões de futuras pesquisas. Se quiser aumentar a lista, não se acanhe, por favor:

1. DEMONSTRATIVOS: a gramática normativa diz que existe diferença no uso de ESTE e ESSE. Será mesmo? Intuitivamente, a gente sabe que na língua falada quase só se usa ESSE e suas flexões. Que tal levantar hipóteses para a anulação da diferença e depois testar essas (ou estas?) hipóteses na análise de um *corpus* de língua viva falada e escrita?

2. REGÊNCIAS VERBAIS: alguns verbos como ASSISTIR (com a idéia de "ver, presenciar"), VISAR e IMPLICAR já são amplamente usados pelos brasileiros cultos com regências diferentes das prescritas pela tradição normativista. Não seria interessante examinar a freqüência dessas regências diferentes?

3. TER/HAVER: pode parecer inacreditável, mas até hoje, 80 anos depois da publicação do poema "No meio do caminho" de Carlos Drummond de Andrade, ainda existe uma campanha prescritivista contra o uso do verbo TER com sentido de "existir". Vamos ver se o verbo HAVER ainda é usado com esse sentido na língua culta do Brasil?

4. TEMPOS VERBAIS: há tempos verbais que só aparecem na língua escrita mais monitorada, como o futuro simples ("eu cantarei"), o mais-

que-perfeito simples ("eu cantara") e o futuro do pretérito ("eu cantaria"). Seria interessante ver a distribuição desses tempos verbais e dos que os substituem quando eles não são empregados.

5. Uma diferença muito nítida entre o português do Brasil e o português de Portugal é a colocação dos pronomes oblíquos. Há mais de cem anos que se fala disso e muito já se escreveu a respeito. Você poderia investigar dois aspectos interessantes desse fenômeno:
(1) com verbos no imperativo, em que a norma-padrão tradicional só aceita a forma "Mostra-me o caminho" e condena "Me mostra o caminho";
(2) com verbos compostos, em que a norma-padrão tradicional condena o uso dos pronomes oblíquos junto dos particípios passados, como em "Eu não tinha ainda *me acostumado* com aquela idéia" ou "Ele tinha se cortado e, pior, *se ferido* num acidente anterior". Para a gramática normativa, os pronomes oblíquos só podem aparecer junto dos auxiliares. Essas construções, porém, já aparecem até mesmo em textos escritos muito formais e monitorados, como em ensaios acadêmicos, editoriais da imprensa, para não falar da literatura.

Sem dúvida, durante o trabalho, você, seus colegas e seus alunos vão encontrar muitas outras coisas interessantes para pesquisar. Não se esqueçam de me contar o que descobriram! Boa sorte!

contato: www.marcosbagno.com.br

BIBLIOGRAFIA

NOTA: Os títulos assinalados com (*) são indicações de leitura para quem desejar prosseguir o estudo das questões lingüísticas e pedagógicas examinadas neste trabalho.

ALI, Manuel Said (1919): *Difficuldades da lingua portugueza.* 2ª ed., revista e augmentada, Rio de Janeiro, Typ. Besnard Frères.

ALMEIDA, Napoleão M. (1994): *Dicionário de questões vernáculas.* 4ª ed., São Paulo, LCTE.

*BAGNO, Marcos (1997): *A língua de Eulália. Novela sociolingüística.* São Paulo, Contexto. (Em 2000 saiu uma nova edição, com dois capítulos inéditos).

*——— (1998): *Pesquisa na escola: o que é, como se faz.* São Paulo, Loyola.

*——— (1999): *Preconceito lingüístico: o que é, como se faz.* São Paulo, Loyola.

*——— (2000): *Dramática da língua portuguesa: tradição gramatical, mídia & exclusão social.* São Paulo, Loyola.

BARBADINHO NETO, Raimundo (1977): *Sobre a norma literária do Modernismo.* Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico.

BATISTA, Antônio A. G. (1997): *Aula de português. Discurso e saberes escolares.* São Paulo, Martins Fontes.

BECHARA, Evanildo (1986): *Ensino da gramática. Opressão? Liberdade?* 2ª ed., São Paulo, Ática.

——— (1999): *Moderna gramática portuguesa.* 38ª ed., Rio de Janeiro, YHL.

*BORTONI-RICARDO, Stella M. (1984): "Problemas de intercomunicação dialetal". *Tempo Brasileiro* 78/79: 9-32.

——— (1985): *The urbanization of rural dialect speakers.* Cambridge, Cambridge University Press.

——— (1997): "A análise do Português brasileiro em três *continua* : o *continuum* rural-urbano, o *continuum* de oralidade-letramento e o *continuum* de monitoração estilística". Congresso Substandard e Mudança no Português do Brasil. Berlim, outubro de 1997.

——— (1999): "Variação lingüística e atividades de letramento em sala de aula", *in* KLEIMAN, A. (org.) (1999).

*BOURDIEU, Pierre (1996): *A economia das trocas lingüísticas.* São Paulo, EDUSP.

*BRITTO, Luiz Percival L. (1997): *A sombra do caos — ensino de língua x tradição gramatical.* Campinas, Mercado de Letras/ALB.

CAMARA Jr., Joaquim Mattoso (1972): *Dispersos.* Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas.

——— (1977): *Para o estudo da fonêmica portuguesa.* 2ª ed., Rio de Janeiro, Padrão.

*CASTILHO, Ataliba T. (1998): *A língua falada no ensino de português.* São Paulo, Contexto.

CEGALLA, Domingos P. (1990): *Novíssima gramática da língua portuguesa.* 33ª ed., São Paulo, Cia. Editora Nacional.

*CHAUI, Marilena (1998): *O que é ideologia.* 38ª ed., São Paulo, Brasiliense [1ª edição: 1980].
*——— (2000): *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária.* São Paulo, Fundação Perseu Abramo.
CIPRO Neto, P. & INFANTE, U. (1997): *Gramática da língua portuguesa.* São Paulo, Scipione.
*CUNHA, Celso (1964): *Uma política do idioma.* Rio de Janeiro, Livraria São José.
*——— (1985): *A questão da norma culta brasileira.* Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.
CUNHA, C. & CINTRA, L. F. L. (1985): *Nova gramática do português contemporâneo.* Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
Diccionario gramatical y de dudas del idioma (1985). Barcelona, Editorial Ramón Sopena.
*DIONÍSIO, A. P. & BEZERRA, M. A. (org.) (2001): *O livro didático de português: múltiplos olhares.* Rio de Janeiro, Lucerna.
*DUARTE, Mª Eugênia L. (1989): "Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil", *in:* TARALLO, F. (org.) (1989).
*FREIRE, Paulo (2000): *Pedagogia do oprimido.* 28ª ed., São Paulo, Paz e Terra (1ª ed.: 1970).
*GALVES, Charlotte (1998): "A gramática do português brasileiro". *Língua e Instrumentos Lingüísticos,* 1: 79-96.
*GERALDI, João W. (1996): *Linguagem e ensino. Exercícios de militância e divulgação.* Campinas, Mercado de Letras/ALB.
*——— (org.) (1999): *O texto na sala de aula.* 2ª ed., São Paulo, Ática.
*GNERRE, Maurizzio (1985): *Linguagem, escrita e poder.* São Paulo, Martins Fontes.
HAUY, Amini B. (1994): *Da necessidade de uma gramática-padrão da língua portuguesa.* 4ª ed., São Paulo, Ática.
HOUAISS, Antônio (1985): *O português no Brasil.* Rio de Janeiro, UNIBRADE.
*ILARI, Rodolfo (1985): *A lingüística e o ensino da língua portuguesa.* São Paulo, Martins Fontes.
*KERSCH, Dorotea F. (1996): *A palavra onde no português do Brasil.* Dissertação de Mestrado. Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mimeo.
*KLEIMAN, Angela B. (org.) (1999): *Os significados do letramento.* 1ª reimpr., Campinas, Mercado de Letras.
*LEMLE, Miriam (1978): "Heterogeneidade dialetal: um apelo à pesquisa". *Tempo Brasileiro,* 53/54: 60-94.
Línguas e instrumentos lingüísticos 1 (1998): Campinas, Pontes.
LUCCHESI, Dante (1994): "Variação e norma: elementos para uma caracterização sociolingüística do português do Brasil", *Revista Internacional de Língua Portuguesa,* 12: 17-28.
LYONS, John (1968): *Introduction to Theoretical Linguistics.* Cambridge, Cambridge University Press.
* LUFT, C. P. (1985): *Língua e Liberdade.* São Paulo, Ática.
——— (1992): *Dicionário prático de regência verbal.* São Paulo, Ática.
*MARCUSCHI, L. A. (2001): *Da fala para a escrita: atividades de retextualização.* São Paulo, Cortez.
*MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (1991): "Diversidade lingüística e ensino de português: proposições comentadas". *Revista Internacional de Língua Portuguesa,* 1: 28-36.
*——— (1994): *Tradição gramatical e gramática tradicional.* 2ª ed., São Paulo, Contexto.
*——— (1995): *Contradições no ensino de português.* São Paulo, Contexto/Salvador, EDUFBA.
MARROQUIM, Mário (1931): *A língua do Nordeste.* São Paulo, Companhia Editora Nacional.
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO (1998): *Parâmetros Curriculares Nacionais. Língua Portuguesa.*
MOLINER, María (1988): *Diccionario de uso del español* (2 vols.). Madrid, Gredos.
MONTEIRO, José L. (1991): *Os pronomes pessoais no português do Brasil.* Tese de Doutoramento. Programas de Pós-graduação da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, mimeo.

*NEVES, Maria Helena M. (1990): *Gramática na escola.* São Paulo, Contexto.
——— (1997): *A gramática funcional.* São Paulo, Martins Fontes.
*——— (2000): *Gramática de usos do português.* São Paulo, Unesp.
*NOSELLA, M. L. C. D. (1981): *As belas mentiras. A ideologia subjacente aos livros didáticos.* São Paulo, Moraes.
NUNES, Jairo (1990): *O famigerado se: uma análise sincrônica e diacrônica das construções com se apassivador e indeterminador.* Dissertação de Mestrado. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, mimeo.
*PERINI, Mário A. (1985): *Para uma nova gramática do português.* 2ª ed., São Paulo, Ática.
——— (1996): *Gramática descritiva do português.* 2ª ed., São Paulo, Ática.
*——— (1997): *Sofrendo a gramática.* São Paulo, Ática.
* POSSENTI, Sírio (1997): *Por que (não) ensinar gramática na escola.* Campinas, Mercado de Letras.
*——— (2000): *Mal comportadas línguas.* Curitiba, Criar.
——— (2001): "Apresentação" do livro *Introdução à Lingüística,* organizado por F. Mussalim e A. C. Bentes, São Paulo, Cortez.
*RAMOS, Jânia M. (1997): *O espaço da oralidade na sala de aula.* São Paulo, Martins Fontes.
RIBEIRO, João (1921): *A língua nacional.* São Paulo, Companhia Editora Nacional.
ROBERTS, I. & KATO, M. (orgs.) (1993): *Português brasileiro. Uma viagem diacrônica.* Campinas, UNICAMP.
*SILVA, F. L. & MOURA, H. M. M (org.) (2000): *O direito à fala: a questão do preconceito lingüístico.* Florianópolis, Insular.
*SILVA, Giselle M. O. & SCHERRE, Mª M. P. (orgs.) (1996): *Padrões sociolingüísticos.* Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.
SILVA, Myrian B. (1993): *Leitura, ortografia e fonologia.* 2ª ed., São Paulo, Ática.
*——— (1994): "A escola, a gramática e a norma", *Revista Internacional de Língua Portuguesa,* 12: 75-81.
SILVEIRA BUENO, Francisco da (1955): *A formação histórica da língua portuguesa.* Rio de Janeiro, Acadêmica.
*SOARES, Magda (1993): *Linguagem e escola. Uma perspectiva social.* 10ª ed., São Paulo, Ática.
*——— (1999): *Letramento: um tema em três gêneros.* Belo Horizonte, Autêntica/CEALE.
TARALLO, Fernando (1983): *Relativization strategies in Brazilian Portuguese.* Philadelphia, University of Pennsylvania, PhD Dissertation, mimeo.
*——— (1985): *A pesquisa sociolingüística.* São Paulo, Ática.
*——— (org.) (1989): *Fotografias sociolingüísticas.* Campinas, Pontes/UNICAMP.
——— (1990): *Tempos lingüísticos. Itinerário histórico da língua portuguesa.* São Paulo, Ática.
*——— (1993): "Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX", *in:* ROBERTS & KATO (1993).
VERÍSSIMO, L. F. (2000): *Comédias da vida privada.* 34ª ed., Porto Alegre, L&PM.

O Bibliografia do Projeto NURC

Recife:

A linguagem falada culta na cidade do Recife. Vol. I: Diálogos entre informante e documentador (org. de M. P. M. Sá et alii). Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 1996.

Salvador:

A linguagem falada culta na cidade do Salvador. Vol. I: Diálogos entre informante e documentador (org. de J. Mota e V. Rollemberg). Salvador, Universidade Federal da Bahia, 1994.

Rio de Janeiro:

A linguagem falada culta na cidade do Rio de Janeiro. Vol. I: Elocuções formais (org. D. Callou). Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro/FJB, 1992.

A linguagem falada culta na cidade do Rio de Janeiro. Vol. II: Diálogos entre informante e documentador (org. D. Callou e C. R. Lopes). Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro/CAPES, 1993.
A linguagem falada culta na cidade do Rio de Janeiro. Vol. III: Diálogos entre dois informantes (org. D. Callou e C. R. Lopes). Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro/CAPES, 1994.

São Paulo:
A linguagem falada culta na cidade de São Paulo. Vol. I: Elocuções formais (org. A. Castilho e D. Preti). São Paulo, T. A. Queiroz/FAPESP, 1987.
A linguagem falada culta na cidade de São Paulo. Vol. II: Diálogos entre dois informantes (org. A. Castilho e D. Preti). São Paulo, T. A. Queiroz/FAPESP, 1988.
A linguagem falada culta na cidade de São Paulo. Vol. III: Diálogos entre informante e documentador (org. D. Preti e H. Urbano). São Paulo, T. A. Queiroz/FAPESP, 1989.
A linguagem falada culta na cidade de São Paulo. Vol. IV: Estudos (org. D. Preti e H. Urbano). São Paulo, T. A. Queiroz/FAPESP, 1990.

Porto Alegre:
A linguagem falada culta na cidade de Porto Alegre. Vol. I: Diálogos entre informante e documentador (org. J. G. Hilgert). Porto Alegre, Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1997.

O Bibliografia do Projeto da Gramática do Português Falado
Gramática do português falado. Vol. I (org.: A. Castilho). Campinas, Editora da Unicamp, 1990.
Gramática do português falado. Vol. II (org.: R. Ilari). Campinas, Editora da Unicamp, 1990.
Gramática do português falado. Vol. III (org.: A. Castilho). Campinas, Editora da Unicamp, 1993.
Gramática do português falado. Vol. IV (org.: A. Castilho e M. Basílio). Campinas, Editora da Unicamp, 1996.
Gramática do português falado. Vol. V (org.: M. Kato). Campinas, Editora da Unicamp, 1996.
Gramática do português falado. Vol. VI (org.: I. Koch). Campinas, Editora da Unicamp, 1996.
Gramática do português falado. Vol. VII (org.: M. H. M. Neves). Campinas, Editora da Unicamp, 2000.

3ª EDIÇÃO

AGNALDO MARTINO

PORTUGUÊS

GRAMÁTICA ▪ INTERPRETAÇÃO DE TEXTO
REDAÇÃO OFICIAL ▪ REDAÇÃO DISCURSIVA

ESQUEMATIZADO®

COORDENADOR
PEDRO LENZA

100 ANOS
Saraiva

ISBN 978-85-02-21376-0

Martino, Agnaldo
Português esquematizado®: gramática, interpretação de texto, redação oficial, redação discursiva / Agnaldo Martino. – 3. ed. rev. – São Paulo: Saraiva, 2014. – (Coleção esquematizado®)
Bibliografia.
1. Direito - Brasil - Linguagem 2. Português - Concursos I. Título.
CDU-340.113.1: 806.90(079)

Índice para catálogo sistemático:

1. Português : Concursos na área jurídica : Linguagem jurídica : Direito
340.113.1:806.90(79)

Diretor editorial Luiz Roberto Curia
Gerente editorial Thaís de Camargo Rodrigues
Assistente editorial Sirlene Miranda de Sales
Produtora editorial Clarissa Boraschi Maria
Produtor multimídia William Paiva
Arte e diagramação e revisão Know-how Editorial
Serviços editoriais Camila Artioli Loureiro, Guilherme Henrique Martins Salvador, Kelli Priscila Pinto e Surane Vellenich
Capa Aero Comunicação
Produção gráfica Marli Rampim
Produção eletrônica Know-how Editorial

Data de fechamento da edição: 27-11-2013

Dúvidas?

Acesse www.editorasaraiva.com.br/direito

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Saraiva. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei n. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do

Código Penal.

HISTÓRICO DA OBRA

- **1.ª edição:** jan./2012; 2ª tir., fev./2012; 3ª tir., mar./2012; 4ª tir., jun./2012; 5ª tir., set./2012
- **2.ª edição:** jan./2013
- **3.ª edição:** jan./2014

Dedico este livro aos meus caros alunos — que, com suas indagações, me ajudaram a aprimorar conhecimentos para tentar oferecer sempre o melhor de mim.

AGRADECIMENTO

Sou grato à Atanagildetina, ao Childerico, à Radegondes, à Pascoalina, ao Asdrúbal, à Âni — personagens que me acompanham há muito tempo em minha jornada pelo magistério, e me ajudam a deixar nos meus “aluninhos” um pouco do amor que sinto pela Língua Portuguesa.

METODOLOGIA ESQUEMATIZADO®

Durante o ano de 1999, pensando, naquele primeiro momento, nos alunos que prestariam o exame da OAB, resolvemos criar uma **metodologia** de estudo que tivesse linguagem "fácil" e, ao mesmo tempo, oferecesse o conteúdo necessário à preparação para provas e concursos.

O trabalho foi batizado como ***Direito constitucional esquematizado®***. Em nosso sentir, surgia ali uma metodologia **pioneira**, idealizada com base em nossa experiência no magistério e buscando, sempre, otimizar a preparação dos alunos.

A metodologia se materializou nos seguintes "pilares":

- **esquematizado®:** a parte teórica é apresentada de forma objetiva, dividida em vários itens e subitens e em parágrafos curtos. Essa estrutura revolucionária rapidamente ganhou a preferência dos concurseiros;
- **superatualizado:** doutrina e legislação em sintonia com as grandes tendências da atualidade e na linha dos concursos públicos de todo o País;
- **linguagem clara:** a exposição fácil e direta, a leitura dinâmica e estimulante trazem a sensação de que o autor está "conversando" com o leitor;
- **palavras-chave *(keywords)*:** os destaques na cor azul possibilitam a leitura "panorâmica" da página, facilitando a fixação dos principais conceitos. O realce colorido recai sobre os termos que o leitor certamente grifaria com a sua caneta marca-texto;
- **recursos gráficos:** esquemas, tabelas e gráficos favorecem a assimilação e a memorização dos principais temas;
- **questões resolvidas:** ao final de cada capítulo, o assunto é ilustrado com questões de concursos ou elaboradas pelos próprios autores, o que permite conhecer as matérias mais cobradas e também checar o aprendizado.

Depois de muitos anos de **aprimoramento**, o trabalho passou a atingir tanto os candidatos ao **Exame de Ordem** quanto todos aqueles que enfrentam os concursos em geral, sejam das **áreas jurídica** ou **não jurídica**, de **nível superior** ou mesmo os de **nível**

médio, assim como os **alunos de graduação** e demais **profissionais**.

Ada Pellegrini Grinover, sem dúvida, anteviu, naquele tempo, a evolução do *Esquematizado*®. Segundo a Professora escreveu em 1999, "a obra destina-se, declaradamente, aos candidatos às provas de concursos públicos e aos alunos de graduação, e, por isso mesmo, após cada capítulo, o autor insere questões para aplicação da parte teórica. Mas será útil também aos operadores do direito mais experientes, como fonte de consulta rápida e imediata, por oferecer grande número de informações buscadas em diversos autores, apontando as posições predominantes na doutrina, sem eximir-se de criticar algumas delas e de trazer sua própria contribuição. Da leitura amena surge um livro 'fácil', sem ser reducionista, mas que revela, ao contrário, um grande poder de síntese, difícil de encontrar mesmo em obras de autores mais maduros, sobretudo no campo do direito".

Atendendo ao apelo de "concurseiros" de todo o País, sempre com o apoio incondicional da Editora Saraiva, convidamos professores das principais matérias exigidas nos concursos públicos das *áreas jurídica* e *não jurídica* para compor a **Coleção Esquematizado®**. **Roberto Caparroz** colaborou conosco na coordenação das obras voltadas às matérias não jurídicas.

Metodologia pioneira, vitoriosa, consagrada, testada e aprovada. **Professores** com larga experiência na área dos concursos públicos. Estrutura, apoio, profissionalismo e *know-how* da **Editora Saraiva**. Sem dúvida, ingredientes indispensáveis para o sucesso da nossa empreitada!

Para a **Língua Portuguesa**, tivemos a honra de contar com o precioso trabalho de **Agnaldo Martino**, que soube, com maestria, aplicar a **metodologia "esquematizado®"** à sua vasta e reconhecida experiência profissional.

Agnaldo é licenciado em Letras (Português, Inglês e Literatura), mestre e doutorando em Língua Portuguesa pela PUCSP e festejado professor de Gramática, Interpretação de Texto, Redação Oficial e Redação Discursiva, tendo começado a lecionar em 1987.

Trata-se de professor completo, ovacionado por seus alunos e com muita experiência em cursos regulares (fundamental e médio), pré-vestibulares e preparatórios para concursos públicos.

Agnaldo já foi professor da Rede Pública Estadual de São Paulo, do Colégio Benjamin Constant e da Escola Morumbi, bem como de cursos preparatórios para concursos e vestibulares: Prima, Complexo Educacional Damásio de Jesus, Marcato, Central de Concursos, Meta, Formação, Qualidade, UniEquipe, Solução, entre outros.

Atualmente, leciona na Universidade Anhanguera/Rede LFG, via satélite, para várias cidades do País.

Não temos dúvida de que este livro contribuirá para "encurtar" o caminho do ilustre e "guerreiro" concurseiro na busca do "sonho dourado"!

Esperamos que a **Coleção Esquematizado®** cumpra o seu papel. Em constante parceria, estamos juntos e aguardamos suas críticas e sugestões.

Sucesso a todos!

Pedro Lenza
Mestre e Doutor pela USP
E-mail: pedrolenza@terra.com.br
Twitter: https://twitter.com/pedrolenza
Instagram: http://instagram.com/pedrolenza
Facebook: https://www.facebook.com/pedrolenza
Vídeos: https://www.youtube.com/pedrolenzaoficial
Saraiva: http://www.editorasaraiva.com.br/esquematizado

APRESENTAÇÃO

Todos os anos, milhões de pessoas, com os mais variados perfis e histórias de vida, resolvem ingressar no mundo dos concursos públicos. Trata-se de um movimento contínuo, crescente, inesgotável e tipicamente brasileiro.

Portanto, se a ideia já passou pela sua cabeça, saiba que você não está sozinho. A constatação serve, a um só tempo, tanto como estímulo para os estudos quanto para que possamos compreender o calibre do desafio que aguarda os candidatos.

Quais os motivos para esse fenômeno, que só faz crescer?

A resposta mais simples e direta reside no fato de que o **Estado**, para a nossa realidade, é um **excelente empregador**. Se compararmos a remuneração da iniciativa privada com a de carreiras públicas equivalentes, em termos de exigências e atividades, na maioria dos casos, o valor percebido pelos servidores será igual ou superior. Some-se a isso a **estabilidade**, o **regime diferenciado de previdência** e a possibilidade de **ascensão funcional** e teremos a perfeita equação para a verdadeira legião de "concurseiros" que existe no Brasil.

Como vencer o desafio dos concursos, se a concorrência é tão grande?

Ao contrário do que muita gente imagina, a dificuldade certamente não é quantitativa, pois o número de concorrentes, na prática, pouco importa. Todos os grandes concursos oferecem vagas suficientes, capazes de premiar os candidatos que conseguirem obter médias elevadas. O **fator determinante para o sucesso** é de natureza **qualitativa** e exige o domínio de duas metodologias: **saber estudar** e **resolver questões**.

Há muitos anos digo aos alunos que o segredo dos concursos não é simplesmente estudar mais (muito embora os vencedores estudem bastante), mas, principalmente, **estudar melhor**.

E o que significa isso? Estudar melhor implica escolher uma fonte de referência segura, completa e atualizada para cada matéria, absorvê-la ao máximo e, depois, verificar o aprendizado por meio de questões.

Costumo ponderar que, se um candidato ler dois autores sobre o mesmo tema, provavelmente "elevará ao quadrado" suas dúvidas, pois não saberá como enfrentar, nas provas, as divergências de pensamento que, apesar de comuns e salutares no meio

acadêmico, devem ser evitadas a todo custo nos concursos.

Essa é uma das propostas da presente **Coleção Esquematizado®**. Quando o amigo Pedro Lenza me convidou para ajudá-lo na coordenação das obras voltadas para as matérias não jurídicas, imediatamente vislumbrei a possibilidade de oferecer aos alunos das mais diversas carreiras a mesma **metodologia**, testada e aprovada no consagrado *Direito Constitucional Esquematizado®*.

Sabemos que a grande dificuldade dos concursos de ampla concorrência, abertos a candidatos de qualquer formação, reside na quantidade e variedade de matérias, de tal sorte que não seria exagero afirmar que ninguém conhece, *a priori*, todos os temas que serão exigidos, ao contrário das carreiras jurídicas, nas quais os alunos efetivamente travaram conhecimento com as disciplinas durante a faculdade.

Ninguém faz "faculdade para concursos", até porque, na prática, ela não existe. Os candidatos provêm de áreas diferentes e acumularam conhecimento em temas que normalmente não são objeto de questões. É comum o relato de candidatos iniciantes que tiveram pior desempenho justamente nas matérias que conheciam a partir da experiência profissional.

Os **concursos não jurídicos** exigem **preparação específica**, na qual os candidatos normalmente "iniciam do zero" seus estudos.

A metodologia empregada na **Coleção Esquematizado®** permite que o leitor, de qualquer nível, tenha acesso à mais **completa** e **atualizada teoria**, exposta em linguagem **clara, acessível** e **voltada para concursos**, acrescida de **questões** especialmente selecionadas e comentadas em detalhes.

O projeto, apesar de audacioso, se sustenta pela **qualidade dos autores**, todos com larga experiência na preparação de candidatos para as diferentes provas e bancas examinadoras. As matérias são abordadas de forma teórico-prática, com farta utilização de exemplos e gráficos, que influem positivamente na fixação dos conteúdos.

A abordagem dos temas busca esgotar os assuntos, sem, no entanto, se perder em digressões ou posições isoladas, com o objetivo de oferecer ao candidato uma **solução integrada**, naquilo que os norte-americanos chamam de *one stop shop*.

Com a estrutura e o suporte proporcionados pela **Editora Saraiva**, acreditamos que as obras serão extremamente úteis, inclusive para os alunos dos cursos de graduação.

Lembre-se de que o sucesso no mundo dos concursos não decorre do "se", mas, sim, do "quando".

Boa sorte e felicidade a todos!

Roberto Caparroz
roberto@caparroz.com

NOTA DO AUTOR À 3ª EDIÇÃO

Chegamos à terceira edição do **Português Esquematizado®**. Desde o lançamento da obra, procuramos sempre atender às expectativas daqueles que desejavam um livro prático e completo para o estudo da Língua Portuguesa, por isso aceitamos as sugestões dos leitores, para melhorar o texto e corrigir os erros de digitação das edições anteriores. Agradeço a todos que contribuíram para que chegássemos até aqui.

Ao escrever este livro, foi minha intenção dar ao estudante de **Língua Portuguesa** um volume completo, com tudo de que necessita para realizar uma prova de **concurso público ou vestibular**, porém de estilo simples e direto. Seguindo os parâmetros da **Coleção Esquematizado®**, o texto se apresenta de forma clara e objetiva, com destaque para aquilo que o leitor deve guardar na memória para um ótimo desempenho nas provas.

A obra discorre sobre os quatro grandes temas presentes nos concursos de vários níveis e nos vestibulares: **Gramática, Interpretação de Texto, Redação Oficial e Redação Discursiva**. Dessa maneira, ao estudar por este livro, o candidato tem diante de si todo o arsenal para treinar a Língua Portuguesa. É também um **instrumento auxiliar** para os que se preparam para o **Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM)**, pois trabalha com os aspectos linguísticos imprescindíveis para um bom desempenho no quesito "Linguagem, Códigos e suas Tecnologias".

A **Redação Discursiva**, além das informações técnicas a respeito do processo de produção do texto, discorre sobre as suas qualidades (e os defeitos que se devem evitar!) e traz ainda uma **técnica prática** que permite, com treino e dedicação, atingir um excelente resultado.

A divisão da obra foi pensada para facilitar a pesquisa e a leitura. Basta verificar o programa de Português da prova para a qual deseja preparar-se e, em seguida, localizar esses assuntos no livro. Assim, você tem uma obra que contempla o conteúdo de concursos e vestibulares, com o benefício de estudar aquilo que lhe é necessário para aquela prova específica.

Como todo livro da **Coleção Esquematizado®**, este também apresenta as **ideias**

principais destacadas, esquemas gráficos e quadros com curiosidades, tudo para tornar o aprendizado mais ágil e agradável. Além disso, traz também muitos exercícios, para fixar todo o conteúdo.

Muito do aprendizado dos fatos da língua vem da prática — e não apenas da leitura da teoria —, por isso este volume privilegia as **questões**. Ao final de cada unidade, há exercícios com **respostas comentadas** para a fixação dos conceitos, tanto gramaticais quanto de interpretação de texto ou redação oficial. Há também uma unidade dedicada especificamente a questões, com grupos de dez questões cada um, com os assuntos mais cobrados em provas. Assim, paulatinamente, o leitor poderá testar seus conhecimentos, para continuar ampliando o seu nível de domínio linguístico. Essas questões foram retiradas de provas das mais conceituadas bancas examinadoras de todo o País, tais como **Cesgranrio, Cespe-UnB, Cetro, Consulplan, ESAF, FCC, FGV, FUNRIO, NCE-UFRJ, Vunesp**, entre outras. Algumas questões foram publicadas exatamente como apareceram nas provas, outras foram adaptadas, atualizadas, recicladas ou alteradas para a publicação neste livro.

Nesta segunda edição, optei por não fazer mudanças na estrutura da obra, uma vez que ela segue, ortodoxamente, a estrutura consagrada da **Coleção Esquematizado®**. Optei, também, por não fazer quaisquer acréscimos ao texto. Tal decisão baseia-se no fato de o livro ter sido muito bem aceito pelo seu público-alvo, cujos comentários, nos vários meios — redes sociais, cursinhos, escolas etc. —, dão-nos a certeza de que ainda não há necessidade de atualização.

Agradeço aos muitos leitores que fizeram do meu trabalho um sucesso editorial, e também a todos aqueles que, com sua leitura crítica, perceberam algum problema com o texto ou com a digitação e, gentilmente, enviaram a este autor suas sugestões de melhoria para um e outro parágrafo, assim como o apontamento dos deslizes de digitação ou revisão.

Devo **agradecimento especial aos nossos coordenadores, Pedro Lenza e Roberto Caparroz**, que confiaram no meu trabalho, permitindo-me fazer parte desta já prestigiada Coleção.

Sou **grato, ainda, a toda a equipe editorial da Saraiva**, por todo o apoio dispensado à realização deste livro.

Bom estudo!

Agnaldo Martino
agnaldomartino@gmail.com

1 FONOLOGIA

1.1. Fonema

1.2. Fonemas Vocálicos
- 1.2.1. Vogais
- 1.2.2. Semivogais

1.3. Fonemas Consonantais

1.4. Encontros Vocálicos
- 1.4.1. Ditongo
  - 1.4.1.1. Crescente
  - 1.4.1.2. Decrescente
  - 1.4.1.3. Oral
  - 1.4.1.4. Nasal
- 1.4.2. Tritongo
  - 1.4.2.1. Oral
  - 1.4.2.2. Nasal
- 1.4.3. Hiato

1.5. Encontros Consonantais
- 1.5.1. Encontros consonantais perfeitos
- 1.5.2. Encontros consonantais imperfeitos

1.6. Dígrafo

1.7. Sílaba

1.8. Tonicidade

1.9. Formas Variantes

1.10. Divisão Silábica

1.10.1. Separam-se
1.10.2. Não se separam
1.10.3. Outras dicas

1.11. Questões

2 ORTOGRAFIA

2.1. Dificuldades Ortográficas
2.1.1. Uso do “S”
2.1.2. Uso do “Z”
2.1.3. Uso do “H”
2.1.4. Uso do “X”
2.1.5. Uso do “CH”
2.1.6. Uso do “SS”
2.1.7. Uso do “Ç”
2.1.8. Uso do “G”
2.1.9. Uso do “J”
2.1.10. Uso do “I”
2.1.11. Uso do “E”
2.1.12. Uso do “SC”

2.2. Formas Variantes

2.3. Palavras que não admitem forma variante

2.4. Emprego do hífen
2.4.1. Hífen com prefixos e pseudoprefixos
2.4.2. Hífen com sufixos
2.4.3. Hífen em locuções

2.5. Acentuação Gráfica
2.5.1. Regras gerais
2.5.1.1. Monossílabas tônicas
2.5.1.2. Oxítonas
2.5.1.3. Paroxítonas
2.5.1.4. Proparoxítonas
2.5.2. Regras especiais
2.5.2.1. Ditongos abertos
2.5.2.2. I e U tônicos

2.5.2.3. Acento diferencial nos verbos ter e vir (e seus derivados)
2.5.2.4. Outros acentos diferenciais
2.5.3. Formas variantes de som aberto ou fechado

2.6. Uso do PORQUÊ
2.6.1. Por que / por quê
2.6.1.1. Preposição + pronome interrogativo
2.6.1.2. Preposição + pronome relativo
2.6.2. Porque
2.6.3. Porquê

2.7. Questões

3 MORFOLOGIA

3.1. Estrutura e Formação de Palavras
3.1.1. Estrutura das palavras
3.1.1.1. Radical (ou morfema lexical)
3.1.1.2. Desinência (ou morfema flexional)
3.1.1.3. Vogal temática
3.1.1.4. Tema
3.1.1.5. Afixos
3.1.1.6. Vogal e consoante de ligação
3.1.2. Formação das palavras
3.1.2.1. Derivação
3.1.2.1.1. Prefixal (ou prefixação)
3.1.2.1.2. Sufixal (ou sufixação)
3.1.2.1.3. Prefixal-sufixal (ou prefixação-sufixação)
3.1.2.1.4. Parassintética (ou parassíntese)
3.1.2.1.5. Regressiva
3.1.2.1.6. Imprópria
3.1.2.2. Composição
3.1.2.2.1. Justaposição
3.1.2.2.2. Aglutinação
3.1.2.3. Hibridismo
3.1.2.4. Onomatopeia
3.1.2.5. Abreviação
3.1.2.6. Sigla

3.1.3. Radicais e prefixos gregos e latinos
3.1.3.1. Radicais gregos
3.1.3.2. Radicais latinos
3.1.3.3. Prefixos gregos
3.1.3.4. Prefixos latinos

3.2. Classes de Palavras

3.3. CLASSES NOMINAIS VARIÁVEIS
3.3.1. Substantivo
3.3.1.1. Classificação dos substantivos
3.3.1.1.1. Próprio ou comum
3.3.1.1.2. Simples ou composto
3.3.1.1.3. Concreto ou abstrato
3.3.1.1.4. Primitivo ou derivado
3.3.1.1.5. Coletivo
3.3.1.2. Flexão de gênero
3.3.1.2.1. Biformes
3.3.1.2.2. Uniformes
3.3.1.2.2.1. Epicenos
3.3.1.2.2.2. Sobrecomuns
3.3.1.2.2.3. Comuns de dois gêneros
3.3.1.2.3. Formação do feminino
3.3.1.2.4. Particularidades do gênero
3.3.1.3. Flexão de número
3.3.1.3.1. Formação do plural dos substantivos simples
3.3.1.3.2. Plural dos diminutivos
3.3.1.3.3. Particularidades do número dos substantivos simples
3.3.1.3.4. Formação do plural dos substantivos compostos
3.3.1.3.5. Particularidades do número dos substantivos compostos
3.3.1.4. Flexão de grau
3.3.1.4.1. Normal
3.3.1.4.2. Aumentativo
3.3.1.4.3. Diminutivo
3.3.2. Adjetivo
3.3.2.1. Classificação dos adjetivos
3.3.2.1.1. Uniforme

3.3.2.1.2. Biforme
3.3.2.1.3. Simples
3.3.2.1.4. Composto
3.3.2.2. Adjetivo pátrio
3.3.2.3. Locução adjetiva
3.3.2.4. Flexão de gênero
3.3.2.4.1. Adjetivos simples
3.3.2.4.2. Adjetivos compostos
3.3.2.5. Flexão de número
3.3.2.5.1. Adjetivos simples
3.3.2.5.2. Adjetivos compostos
3.3.2.6. Flexão de grau
3.3.2.6.1. Grau comparativo
3.3.2.6.1.1. De igualdade
3.3.2.6.1.2. De superioridade
3.3.2.6.1.3. De inferioridade
3.3.2.6.2. Grau superlativo
3.3.2.6.2.1. Relativo
3.3.2.6.2.2. Absoluto
3.3.3. Artigo
3.3.3.1. Artigos definidos (o, a, os, as)
3.3.3.2. Artigos indefinidos (um, uma, uns, umas)
3.3.3.3. Particularidades do artigo
3.3.4. Numeral
3.3.4.1. Flexão dos numerais
3.3.4.2. Emprego dos numerais
3.3.4.3. Leitura dos numerais
3.3.5. Pronome
3.3.5.1. Pronomes pessoais
3.3.5.1.1. Caso reto
3.3.5.1.2. Caso oblíquo
3.3.5.1.3. Pronomes de tratamento
3.3.5.1.3.1. Emprego dos pronomes de tratamento
3.3.5.2. Pronomes demonstrativos
3.3.5.3. Pronomes relativos
3.3.5.4. Pronomes interrogativos

3.3.5.5. Pronomes indefinidos
3.3.5.6. Pronomes possessivos

3.4. CLASSE VERBAL
3.4.1. Classificação dos verbos
3.4.1.1. Regulares
3.4.1.2. Irregulares
3.4.1.3. Anômalos
3.4.1.4. Defectivos
3.4.1.5. Abundantes
3.4.1.6. Auxiliares
3.4.1.6.1. Locução verbal
3.4.1.7. Unipessoais
3.4.1.8. Pronominais
3.4.2. Flexão dos verbos
3.4.2.1. Pessoa
3.4.2.2. Número
3.4.2.3. Modo
3.4.2.3.1. Indicativo
3.4.2.3.2. Subjuntivo
3.4.2.3.3. Imperativo
3.4.2.4. Tempo
3.4.2.4.1. Pretérito
3.4.2.4.2. Presente
3.4.2.4.3. Futuro
3.4.2.5. Voz
3.4.2.5.1. Voz ativa
3.4.2.5.2. Voz passiva
3.4.2.5.2.1. Analítica
3.4.2.5.2.2. Sintética
3.4.2.5.3. Voz reflexiva
3.4.3. Formação dos tempos verbais
3.4.3.1. Derivação
3.4.3.1.1. Derivados da 1a pessoa do singular do presente do indicativo
3.4.3.1.1.1. Presente do subjuntivo
3.4.3.1.1.2. Imperativo negativo
3.4.3.1.1.3. Imperativo afirmativo

3.4.3.1.2. Derivados da 3a pessoa do plural do pretérito do indicativo
3.4.3.1.2.1. Pretérito mais-que-perfeito do indicativo
3.4.3.1.2.2. Futuro do subjuntivo
3.4.3.1.2.3. Pretérito imperfeito do subjuntivo
3.4.3.1.3. Derivados do infinitivo impessoal
3.4.3.1.3.1. Futuro do presente do indicativo
3.4.3.1.3.2. Futuro do pretérito do indicativo
3.4.3.1.3.3. Pretérito imperfeito do indicativo
3.4.3.1.3.4. Infinitivo pessoal
3.4.3.1.3.5. Gerúndio
3.4.3.1.3.6. Particípio
3.4.3.2. Tempos compostos
3.4.3.2.1. Formados a partir do presente (indicativo / subjuntivo)
3.4.3.2.2. Formados a partir do pretérito imperfeito (indicativo / subjuntivo)
3.4.3.2.3. Formado a partir do futuro do presente do indicativo
3.4.3.2.4. Formado a partir do futuro do pretérito do indicativo
3.4.3.2.5. Formado a partir do futuro do subjuntivo
3.4.4. Formas nominais
3.4.4.1. Infinitivo
3.4.4.2. Particípio
3.4.4.3. Gerúndio
3.4.5. Emprego dos tempos verbais
3.4.5.1. Presente
3.4.5.2. Pretérito perfeito
3.4.5.3. Pretérito imperfeito
3.4.5.4. Pretérito mais-que-perfeito
3.4.5.5. Futuro do presente
3.4.5.6. Futuro do pretérito
3.4.5.7. Infinitivo pessoal
3.4.5.8. Infinitivo impessoal
3.4.6. Verbos da primeira conjugação que merecem destaque
3.4.7. Verbos da segunda conjugação que merecem destaque
3.4.8. Verbos da terceira conjugação que merecem destaque
3.4.9. Verbos defectivos que merecem destaque

3.5. CLASSES NOMINAIS INVARIÁVEIS
3.5.1. Advérbio

3.5.1.1. Locuções adverbiais
3.5.1.2. Advérbios interrogativos
3.5.1.3. Grau do advérbio
3.5.1.3.1. Grau comparativo
3.5.1.3.2. Grau superlativo
3.5.2. Preposição
3.5.2.1. Classificação da preposição
3.5.2.1.1. Essenciais
3.5.2.1.2. Acidentais
3.5.2.2. Locução prepositiva
3.5.2.3. Combinação, contração e crase
3.5.2.3.1. Combinação
3.5.2.3.2. Contração
3.5.2.3.3. Crase
3.5.3. Conjunção
3.5.3.1. Conjunções coordenativas
3.5.3.1.1. Aditivas
3.5.3.1.2. Adversativas
3.5.3.1.3. Alternativas
3.5.3.1.4. Conclusivas
3.5.3.1.5. Explicativas
3.5.3.2. Conjunções subordinativas
3.5.3.2.1. Integrantes
3.5.3.2.2. Adverbiais
3.5.3.2.2.1. Causais
3.5.3.2.2.2. Comparativas
3.5.3.2.2.3. Concessivas
3.5.3.2.2.4. Condicionais
3.5.3.2.2.5. Conformativas
3.5.3.2.2.6. Consecutivas
3.5.3.2.2.7. Finais
3.5.3.2.2.8. Proporcionais
3.5.3.2.2.9. Temporais
3.5.4. Interjeição
3.5.4.1. Locuções interjetivas

3.6. Questões

4 SINTAXE

4.1. Frase, Oração e Período

4.1.1. Frase

4.1.2. Oração

4.1.3. Período

4.2. Sintaxe da Oração

4.2.1. Termos essenciais da oração

4.2.1.1. Sujeito

4.2.1.1.1. Sujeito determinado

4.2.1.1.2. Sujeito indeterminado

4.2.1.1.3. Sujeito oracional

4.2.1.2. Oração sem sujeito

4.2.1.3. Predicado

4.2.1.3.1. Verbo de ligação

4.2.1.3.2. Verbo nocional

4.2.1.3.2.1. Verbo intransitivo

4.2.1.3.2.2. Verbo transitivo

4.2.1.3.3. Predicativos

4.2.1.3.3.1. Predicativo do sujeito

4.2.1.3.3.2. Predicativo do objeto

4.2.1.3.4. Classificação do predicado

4.2.1.3.4.1. Predicado nominal

4.2.1.3.4.2. Predicado verbal

4.2.1.3.4.3. Predicado verbo-nominal

4.2.2. Termos integrantes da oração

4.2.2.1. Objeto direto

4.2.2.1.1. Objeto direto preposicionado

4.2.2.1.2. Objeto direto pleonástico

4.2.2.1.3. Objeto direto interno

4.2.2.2. Objeto indireto

4.2.2.2.1. Objeto indireto pleonástico

4.2.2.3. Complemento nominal

4.2.2.4. Agente da passiva

4.2.3. Termos acessórios da oração

4.2.3.1. Adjunto adnominal

4.2.3.2. Adjunto adverbial
4.2.3.3. Aposto
4.2.4. Vocativo

4.3. Sintaxe do Período
4.3.1. Período composto por coordenação
4.3.1.1. Orações coordenadas assindéticas
4.3.1.2. Orações coordenadas sindéticas
4.3.1.2.1. Oração coordenada sindética aditiva
4.3.1.2.2. Oração coordenada sindética adversativa
4.3.1.2.3. Oração coordenada sindética alternativa
4.3.1.2.4. Oração coordenada sindética conclusiva
4.3.1.2.5. Oração coordenada sindética explicativa
4.3.2. Período composto por subordinação
4.3.2.1. Oração principal
4.3.2.2. Oração subordinada
4.3.2.2.1. Oração subordinada substantiva
4.3.2.2.1.1. Oração subordinada substantiva subjetiva
4.3.2.2.1.2. Oração subordinada substantiva objetiva direta
4.3.2.2.1.3. Oração subordinada substantiva objetiva indireta
4.3.2.2.1.4. Oração subordinada substantiva completiva nominal
4.3.2.2.1.5. Oração subordinada substantiva predicativa
4.3.2.2.1.6. Oração subordinada substantiva apositiva
4.3.2.2.2. Oração subordinada adjetiva
4.3.2.2.2.1. Oração subordinada adjetiva explicativa
4.3.2.2.2.2. Oração subordinada adjetiva restritiva
4.3.2.2.3. Oração subordinada adverbial
4.3.2.2.3.1. Oração subordinada adverbial causal
4.3.2.2.3.2. Oração subordinada adverbial comparativa
4.3.2.2.3.3. Oração subordinada adverbial concessiva
4.3.2.2.3.4. Oração subordinada adverbial condicional
4.3.2.2.3.5. Oração subordinada adverbial conformativa
4.3.2.2.3.6. Oração subordinada adverbial consecutiva
4.3.2.2.3.7. Oração subordinada adverbial final
4.3.2.2.3.8. Oração subordinada adverbial proporcional
4.3.2.2.3.9. Oração subordinada adverbial temporal
4.3.2.3. Orações reduzidas

4.3.2.3.1. Oração reduzida de infinitivo
4.3.2.3.2. Oração reduzida de gerúndio
4.3.2.3.3. Oração reduzida de particípio

4.4. Regência
4.4.1. Regência nominal
4.4.2. Regência verbal
4.4.3. Particularidades da regência
4.4.3.1. Um único complemento para dois ou mais verbos
4.4.3.2. Regência com pronome interrogativo
4.4.3.3. Regência com pronome relativo
4.4.3.4. Regência com pronome pessoal do caso oblíquo átono
4.4.3.5. Verbos que pedem dois complementos
4.4.4. Sujeito e regência

4.5. Crase
4.5.1. Crase com pronome demonstrativo
4.5.2. Crase com artigo

4.6. CONCORDÂNCIA
4.6.1. Concordância nominal
4.6.1.1. Particularidades da concordância do adjetivo
4.6.1.1.1. Dois ou mais substantivos determinados por um adjetivo
4.6.1.1.2. Um substantivo determinado por dois ou mais adjetivos
4.6.1.1.3. Substantivo usado como adjetivo
4.6.1.1.4. Adjetivos compostos
4.6.1.2. Casos especiais de concordância nominal
4.6.1.2.1. Muito, bastante, meio, todo, mesmo
4.6.1.2.2. Anexo, só, junto, incluso, excluso, próprio, quite, obrigado
4.6.1.2.3. O mais/menos (adjetivo) possível
4.6.1.2.4. Menos, alerta, pseudo
4.6.1.2.5. Silepse de gênero
4.6.1.2.6. Tal qual
4.6.1.2.7. Um e outro / nem um nem outro + substantivo
4.6.1.2.8. Um e outro / nem um nem outro + substantivo + adjetivo
4.6.1.2.9. Particípio + substantivo
4.6.1.2.10. Verbo ser + predicativo do sujeito
4.6.1.2.11. Plural de modéstia: nós + verbo + adjetivo

4.6.2. Concordância verbal
4.6.2.1. Concordância do sujeito simples
4.6.2.1.1. Particularidades da concordância do sujeito simples
4.6.2.1.2. Silepse de pessoa
4.6.2.1.3. Silepse de número
4.6.2.2. Concordância do sujeito composto
4.6.2.2.1. Particularidades da concordância do sujeito composto
4.6.2.3. Concordância do sujeito indeterminado
4.6.2.4. Concordância da oração sem sujeito
4.6.2.5. Casos especiais de concordância verbal
4.6.2.6. Concordância do verbo ser
4.6.2.6.1. Verbo ser impessoal

4.7. Colocação Pronominal
4.7.1. Próclise
4.7.2. Mesóclise
4.7.3. Ênclise
4.7.4. Caso especial
4.7.5. Com locuções verbais

4.8. Questões

5 PONTUAÇÃO

5.1. Vírgula

5.2. Ponto e vírgula

5.3. Dois-pontos

5.4. Ponto-final

5.5. Ponto de interrogação

5.6. Ponto de exclamação

5.7. Reticências

5.8. Parênteses

5.9. Travessão

5.10. Aspas

5.11. Questões

6 SEMÂNTICA

6.1. Sinônimo

6.2. Antônimo

6.3. Homônimos

6.4. Parônimos

6.5. Polissemia

6.6. Denotação e Conotação

6.7. Questões

7 ESTILÍSTICA

7.1. Figuras de Linguagem ou Estilo

7.1.1. Figuras de som

7.1.1.1. Aliteração

7.1.1.2. Onomatopeia

7.1.2. Figuras de construção ou de sintaxe

7.1.2.1. Anacoluto

7.1.2.2. Anáfora

7.1.2.3. Apóstrofe

7.1.2.4. Assíndeto

7.1.2.5. Elipse

7.1.2.6. Hipérbato

7.1.2.7. Pleonasmo

7.1.2.8. Polissíndeto

7.1.2.9. Silepse

7.1.2.9.1. Silepse de pessoa

7.1.2.9.2. Silepse de gênero

7.1.2.9.3. Silepse de número

7.1.2.10. Zeugma

7.1.3. Figuras de pensamento

7.1.3.1. Antítese

7.1.3.2. Antonomásia

7.1.3.3. Catacrese

7.1.3.4. Comparação
7.1.3.5. Gradação
7.1.3.6. Eufemismo
7.1.3.7. Hipérbole
7.1.3.8. Ironia
7.1.3.9. Metáfora
7.1.3.10. Metonímia
7.1.3.10.1. O autor pela obra
7.1.3.10.2. O continente pelo conteúdo
7.1.3.10.3. A causa pelo efeito, e vice-versa
7.1.3.10.4. O lugar pelo produto feito no lugar
7.1.3.10.5. A parte pelo todo
7.1.3.10.6. A matéria pelo objeto
7.1.3.10.7. A marca pelo produto
7.1.3.10.8. O concreto pelo abstrato, e vice-versa
7.1.3.10.9. O indivíduo pela espécie
7.1.3.10.10. O instrumento pela ideia que ele representa
7.1.3.11. Prosopopeia
7.1.3.12. Sinestesia

7.2. Vícios de Linguagem
7.2.1. Barbarismo
7.2.2. Solecismo
7.2.3. Ambiguidade ou anfibologia
7.2.4. Cacófato
7.2.5. Pleonasmo vicioso
7.2.6. Neologismo
7.2.7. Eco
7.2.8. Arcaísmo

7.3. Questões

8 INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

8.1. NOÇÃO DE TEXTO
8.1.1. Texto literário e texto não literário
8.1.2. Níveis de linguagem
8.1.3. Funções da linguagem

8.1.3.1. Função referencial (ou denotativa)
8.1.3.2. Função emotiva (ou expressiva)
8.1.3.3. Função conativa (ou apelativa)
8.1.3.4. Função metalinguística
8.1.3.5. Função fática
8.1.3.6. Função poética

8.2. TIPOLOGIA TEXTUAL
8.2.1. Descrição
8.2.2. Narração
8.2.2.1. Foco narrativo
8.2.2.2. Tipos de discurso
8.2.3. Dissertação

8.3. Compreensão e Interpretação
8.3.1. Interpretação subjetiva
8.3.2. Interpretação objetiva
8.3.2.1. Vocabulário
8.3.2.1.1. Palavras-chave
8.3.2.1.2. Ideias-chave
8.3.2.2. Gramática
8.3.2.3. Raciocínio lógico verbal

8.4. Coesão e Coerência
8.4.1. Coesão
8.4.1.1. Coesão referencial
8.4.1.1.1. Substituição
8.4.1.1.2. Reiteração
8.4.1.2. Coesão recorrencial
8.4.1.2.1. Recorrência de termos
8.4.1.2.2. Paralelismo
8.4.1.2.3. Paráfrase
8.4.1.2.4. Recursos fonológicos, segmentais ou suprassegmentais
8.4.1.3. Coesão sequencial “stricto sensu”
8.4.1.3.1. Sequenciação temporal
8.4.1.3.2. Sequenciação por conexão
8.4.2. Coerência
8.4.2.1. Coerência semântica

8.4.2.2. Coerência sintática
8.4.2.3. Coerência estilística
8.4.2.4. Coerência pragmática
8.4.2.5. Itens produtores de coerência
8.4.2.5.1. Inferências
8.4.2.5.2. Fatores pragmáticos
8.4.2.5.3. Situacionalidade
8.4.2.5.4. Intencionalidade e aceitabilidade
8.4.2.5.5. Informatividade
8.4.2.5.6. Focalização
8.4.2.5.7. Intertextualidade
8.4.2.5.8. Relevância

8.5. Paráfrase, Resumo e Síntese
8.5.1. Paráfrase
8.5.2. Resumo
8.5.3. Síntese

8.6. Inferência

8.7. Questões

9 REDAÇÃO OFICIAL

9.1. Correspondência

9.2. Correspondência Oficial

9.3. Características da Redação Oficial
9.3.1. Impessoalidade
9.3.2. Correção gramatical
9.3.3. Formalidade e padronização
9.3.3.1. Pronomes de tratamento
9.3.3.1.1. Emprego dos pronomes de tratamento
9.3.3.1.1.1. Vossa Excelência
9.3.3.1.1.2. Vossa Senhoria
9.3.3.1.1.3. Vossa Magnificência
9.3.3.1.1.4. Vossa Santidade
9.3.3.1.1.5. Vossa Eminência ou Vossa Eminência Reverendíssima
9.3.3.1.1.6. Vossa Excelência Reverendíssima

9.3.3.1.1.7. Vossa Reverendíssima ou Vossa Senhoria Reverendíssima
9.3.3.1.1.8. Vossa Reverência
9.3.4. Concisão e clareza

9.4. Manual de redação da Presidência da República

9.5. Instrução Normativa n. 4/92

9.6. O Padrão Ofício
9.6.1. Partes do documento no padrão ofício
9.6.2. Tipo do documento
9.6.3. Local e data
9.6.4. Destinatário
9.6.5. Assunto
9.6.6. Texto
9.6.7. Fecho
9.6.8. Identificação do signatário

9.7. Forma de diagramação

9.8. Comunicações oficiais
9.8.1. Apostila
9.8.2. Ata
9.8.3. Aviso
9.8.4. Certidão
9.8.5. Circular
9.8.6. Contrato
9.8.7. Convênio
9.8.8. Correio eletrônico
9.8.9. Declaração
9.8.10. Decreto
9.8.10.1. Decretos regulamentares
9.8.10.2. Decretos individuais ou coletivos
9.8.11. Edital
9.8.12. Exposição de motivos
9.8.13. Fax
9.8.14. Informação
9.8.15. Instrução e instrução normativa
9.8.16. Memorando

9.8.17. Mensagem
9.8.18. Ofício
9.8.19. Ordem de serviço
9.8.20. Parecer
9.8.21. Requerimento
9.8.22. Portaria
9.8.23. Relatório
9.8.24. Resolução
9.8.25. Telegrama

9.9. Questões

10 REDAÇÃO DISCURSIVA

10.1. Qualidades Fundamentais do Texto

10.2. Tipologia Textual

10.3. Figuras e Temas

10.4. Dissertação Objetiva
10.4.1. Argumentação
10.4.1.1. Argumento baseado na estrutura da realidade
10.4.1.2. Argumento baseado no consenso
10.4.1.3. Argumento baseado em fatos
10.4.1.4. Argumento lógico
10.4.2. Defeitos da argumentação
10.4.2.1. Tautologia
10.4.2.2. Noção semiformalizada
10.4.2.3. Noção confusa
10.4.2.4. Generalização
10.4.2.5. Erro pelo exemplo ou ilustração
10.4.2.6. Erro pela conclusão
10.4.3. Discurso dissertativo de caráter científico

10.5. Progressão Discursiva

10.6. Dicas para se Escrever Bem

10.7. Técnica de Redação

10.8. Temas de Atualidades

10.9. Temas Técnicos

10.10. Estudo de Casos

11 PROVAS SIMULADAS

Prova Simulada 1

Prova Simulada 2

Prova Simulada 3

Prova Simulada 4

Prova Simulada 5

Prova Simulada 6

Prova Simulada 7

Prova Simulada 8

Prova Simulada 9

Prova Simulada 10

Prova Simulada 11

Prova Simulada 12

Prova Simulada 13

Prova Simulada 14

Prova Simulada 15

Prova Simulada 16

Prova Simulada 17

Prova Simulada 18

Prova Simulada 19

Prova Simulada 20

Prova Simulada 21

Prova Simulada 22

Prova Simulada 23

Prova Simulada 24

Prova Simulada 25

Prova Simulada 26

Prova Simulada 27

Prova Simulada 28

Prova Simulada 29

Prova Simulada 30

Prova Simulada 31

Prova Simulada 32

Prova Simulada 33

Prova Simulada 34

Prova Simulada 35

Referências

1

FONOLOGIA

A fonética e a fonologia estudam o aspecto físico-fisiológico, isto é, o aspecto fônico. A fonética se ocupa do aspecto acústico e fisiológico dos sons reais e concretos dos atos linguísticos: sua produção, articulação e variedades. Já para a fonologia, a unidade básica não é o som, mas o fonema, visto como unidade acústica que desempenha função linguística distintiva de unidades linguísticas superiores dotadas de significado.

Evanildo Bechara

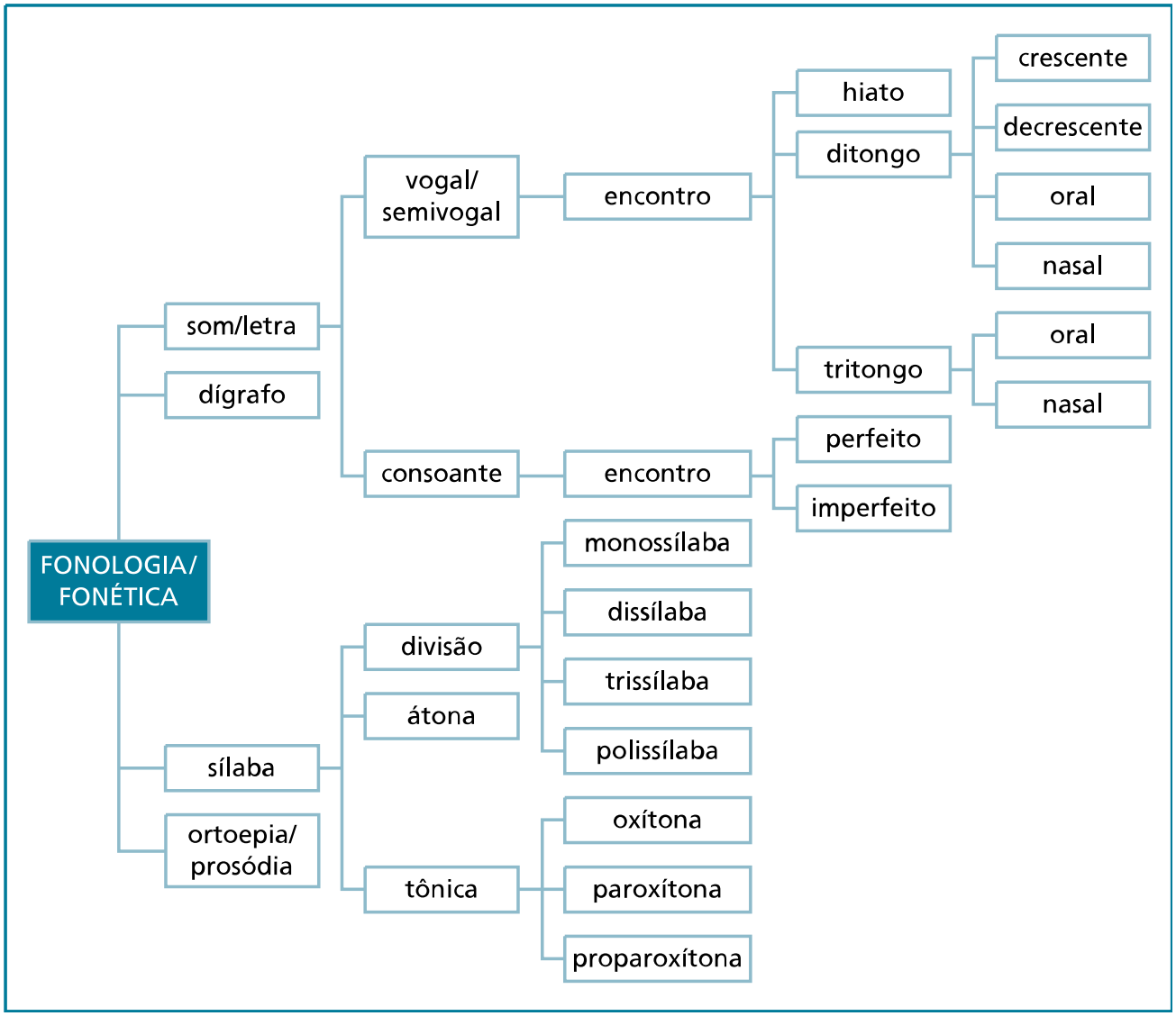

Fonologia é a parte da gramática que trata dos **sons produzidos pelo ser humano para a comunicação**, em relação a determinada língua.

Curiosidade: O estudo dos sons, de forma geral — sem levar em conta a região geográfica ou a cultura a que se aplica —, recebe o nome de FONÉTICA.

1.1. FONEMA

Os **fonemas** são os **elementos sonoros** mais simples da língua, capazes de estabelecer **distinção entre duas palavras**. Como em: *sua* e *tua*. Note que a distinção entre uma e outra palavra são os fonemas /se/ e /te/.

Curiosidade: Graficamente expressamos os fonemas entre barras: /me/; /ce/; /ve/.

Não podemos confundir letras com fonemas, pois **letra** é a **representação gráfica** de um som.

M — letra eme > som /me/.
J — letra jota > som /je/.
H — letra agá > não existe som para essa letra.

Nem sempre ao número de letras corresponde o mesmo número de fonemas. Veja:

CALHA

5 letras: c, a, l, h, a.

4 fonemas: /ke/, /a/, /lhe/, /a/.

TÁXI

4 letras: t, a, x, i.

5 fonemas: /te/, /a/, /ke/, /se/, /i/.

Os fonemas se dividem em dois grupos:

- **Fonemas vocálicos:** representam as **vogais**.
- **Fonemas consonantais:** representam as **consoantes**.

1.2. FONEMAS VOCÁLICOS

Chamamos **fonemas vocálicos** os sons resultantes da emissão de **ar que passa livremente pela cavidade bucal**. São eles: A, E, I, O, U. Dividem-se em dois grupos:

1.2.1. Vogais

São a **base da sílaba** em Língua Portuguesa. Há **apenas uma vogal em cada sílaba:** sa-pa-to; ca-fé; u-si-na.

1.2.2. Semivogais

São **fracas** em relação à vogal. As letras *I* e *U*, quando acompanham outra vogal numa mesma sílaba, são as semivogais. As letras *E* e *O* também serão semivogais quando forem átonas, acompanhando outra vogal. Veja:

cá-r**ie**

/i/ é semivogal

/e/ é vogal

t**ou**-ro

/o/ é vogal

/u/ é semivogal

m**ãe**

/a/ é vogal

/e/ é semivogal

p**ão**

/a/ é vogal

/o/ é semivogal

1.3. FONEMAS CONSONANTAIS

Chamamos de **fonemas consonantais** os **ruídos** ocasionados pela obstrução da passagem de ar pelo aparelho fonador (língua, dentes, lábios etc.). São: B, C, D, F, G, H, J, K, L, M, N, P, Q, R, S, T, V, W, X, Y, Z.

1.4. ENCONTROS VOCÁLICOS

É a **união de dois ou mais fonemas vocálicos** em uma única sílaba. São eles: o ditongo, o tritongo e o hiato.

1.4.1. Ditongo

Ocorre quando juntamos **dois sons** vocálicos numa única sílaba: ca-**iu**; v**iu**; t**ou**-ro; den-t**ais**.

Os ditongos são classificados de acordo com a sua formação e a sua pronúncia.

De acordo com a **formação**, o ditongo pode ser:

1.4.1.1. Crescente

Começa com semivogal e termina com vogal: cár**ie**, histór**ia**, tên**ue**.

1.4.1.2. Decrescente

Começa com vogal e termina com semivogal: t**ou**ro, dent**ai**s, p**ei**xe.

De acordo com a **pronúncia**, o ditongo pode ser:

1.4.1.3. Oral

Quando o som sai completamente pela boca: tên**ue**, dent**ai**s.

1.4.1.4. Nasal

Quando o som sai pelo nariz: p**ão**, m**ãe**, tamb**ém**, cantar**am**.

Curiosidade: *AM* e *EM*, em final de palavras, representam ditongos decrescentes nasais. Perceba que os sons que ouvimos são: /tã-b**ei**/ e /cã-ta-r**au**/.

1.4.2. Tritongo

Ocorre quando juntamos **três sons** vocálicos numa única sílaba: ig**uai**s; q**uão**.

O tritongo se classifica, quanto à **pronúncia**, como:

1.4.2.1. Oral

Quando o som sai apenas pela boca: ig**uai**s.

1.4.2.2. Nasal

Quando o som sai pela nariz: q**uã**o.

1.4.3. Hiato

Ocorre quando colocamos, simultaneamente, em uma palavra **duas vogais**, que pertencem a **sílabas diferentes:** s**a**-**í**-da; c**o**-**o**-pe-rar; g**a**-**ú**-cho.

1.5. ENCONTROS CONSONANTAIS

É o encontro de **sons consonantais simultâneos** dentro da palavra. Podem ser classificados de acordo com o modo como se apresentam.

1.5.1. Encontros consonantais perfeitos

Sons consonantais que pertencem à **mesma sílaba:** **pr**o-**bl**e-ma; **ps**i-co-lo-gi-a; pe-**dr**a.

1.5.2. Encontros consonantais imperfeitos

Sons consonantais que pertencem a **sílabas diferentes:** di**g-n**o; pe**r-f**ei-to; a**r-t**i**s-t**a.

Curiosidade: Repare que nos encontros consonantais, apesar de as consoantes aparecerem lado a lado, cada uma conserva o seu som próprio, característico.

pro-ble-ma = /pe/ + /re/ + /o/ + /be/ + /le/ + /e/ + /me/ + /a/

af-ta = /a/ + /fe/ + /te/ + /a/

1.6. DÍGRAFO

Ocorre quando **duas letras** representam um **único som:**

CH — chá
LH — telha
NH — ninho
GU — foguete
QU — quilo
RR — carro
SS — assado
SC — descer
SÇ — desço
XC — exceto
XS — exsudar
AM — tampa
EM — tempo
IM — tímpano
OM — tombo
UM — tumba
AN — anta
EN — entortar
IN — interno
ON — onda
UN — untar

Curiosidade: Os grupos *GU* e *QU*, quando trazem o *U* pronunciado, não representam dígrafos, pois nesse caso *G* e *Q* têm um som e *U* tem outro: a**gu**entar; sa**gu**i; tran**qu**ilo; a**qu**oso.

1.7. SÍLABA

É a **junção de fonemas** numa única emissão de ar. Cada vez que se expele o ar do pulmão passando pelo aparelho fonador (boca ou boca e nariz), temos uma sílaba.

A base da sílaba em Língua Portuguesa é sempre uma vogal; portanto, **não existe-sílaba sem vogal**.

De acordo com o número de sílabas, a palavra será classificada como:

- *Monossílaba* — **uma** única sílaba: chá, pé, me, lhe.
- *Dissílaba* — **duas** sílabas: café, sofá, onça, digno.
- *Trissílaba* — **três** sílabas: copinho, socorro, agora, adrede.
- *Polissílaba* — **quatro ou mais** sílabas: limonada, chocolatezinho, Atanagildetina, desoxirribonucleico.

1.8. TONICIDADE

As sílabas de uma palavra podem ser fortes ou fracas.

As sílabas **fortes** são chamadas de **TÔNICA**, e as sílabas **fracas** são chamadas de **ÁTONAS**.

paralelepípedo: *pí* é a sílaba tônica, as outras são átonas.

sapato: *pa* é a sílaba tônica, as outras são átonas.

Curiosidade: Em cada palavra, há apenas uma sílaba forte; todas as outras serão fracas.

As palavras monossílabas, por possuírem apenas uma sílaba, devem ser chamadas de tônicas ou átonas:

- *Monossílaba tônica* — possui sentido próprio quando está só: chá, pá, mês.
- *Monossílaba átona* — não possui sentido próprio quando está só: com, em, lhe.

Palavras com duas ou mais sílabas são classificadas de acordo com a posição que a sílaba tônica ocupa dentro da palavra:

- *Oxítona* — é a palavra cuja última sílaba é forte: café, maracujá, ananás.
- *Paroxítona* — é a palavra cuja penúltima sílaba é forte: sapato, educado, revólver.
- *Proparoxítona* — é a palavra cuja antepenúltima sílaba é forte: lâmpada, metafísica, pássaro.

1.9. FORMAS VARIANTES

Algumas palavras podem ter **pronúncia variável**. Veja:

acróbata ou acrobata
alópata ou alopata
ambrósia ou ambrosia
autópsia ou autopsia
Bálcãs ou Balcãs
biópsia ou biopsia
biótipo ou biotipo

boêmia ou boemia
crisântemo ou crisantemo
Dário ou Dario
dúplex ou duplex
Gândavo ou Gandavo
geodésia ou geodesia
hieróglifo ou hieroglifo
homília ou homilia
Madagáscar ou Madagascar
necrópsia ou necropsia
nefelíbata ou nefelibata
Oceânia ou Oceania
ortoépia ou ortoepia
projétil ou projetil
réptil ou reptil
sóror ou soror
tríplex ou triplex
xérox ou xerox
zângão ou zangão

Há palavras em que a letra *U* do grupo *QU* pode ou não ser pronunciada: antiquíssimo; equidade; equivalente; equivaler; liquidação; liquidar; liquidificador; líquido; retorquir.

Curiosidade: Ortoépia é a parte da gramática que trata da correta pronúncia das palavras. Quando cometemos um engano de pronúncia, surge a prosódia.

ru**bri**ca — sílaba tônica = bri.

O erro prosódico comum é pronunciar a sílaba **ru** como forte.

ínterim — sílaba tônica = ín.

O erro prosódico comum é pronunciar a sílaba **rim** como forte.

São **oxítonas:** cateter; Cister; harém; Gibraltar; masseter; mister (necessário); Nobel; novel; recém; sutil; ureter.

São **paroxítonas:** acórdão; alcácer; algaravia; âmbar; acerdiago; avaro; aziago; azimute; barbaria; batavo; boêmia; cânon; caracteres; cartomancia; cenobita; ciclope; clímax; decano; edito (lei); efebo; epifania; erudito; exegese; filantropo; flébil; ibero; impio (cruel); ímpio (sem fé); índex; látex; libido; maquinaria; misantropo; necropsia; nenúfar; omicro; opimo; pudico; Quéops; quiromancia; recorde; têxtil; tétum; tulipa.

São **proparoxítonas:** acônito; aeródromo; aerólito; ágape; álacre; álcool; alcíone; alcoólatra; álibi; alvíssaras; âmago; amálgama; anátema; andrógino; anódino; antífona; ápode; aríete; arquétipo; autóctone; ávido; azáfama; barbárie; bávaro; bímano; écloga; édito (ordem judicial); êmbolo; ímprobo; ínterim; leucócito; monólito; protótipo; revérbero; úmbrico; zênite.

Palavras com /**é**/ — som **aberto:** badejo; blefe; cedro; cervo; besta (arma); incesto; medievo; obsoleto.

Palavras com /**ê**/ — som **fechado:** adrede; besta (animal de carga); cerda; destro; escaravelho; extra; fechar (e suas flexões: fecho, fechas, fecha, feche, feches etc.); magneto; quibebe; reses.

Palavras com /**ó**/ — som **aberto:** amorfo; canoro; coldre; dolo; inodoro; molho (feixe); sinagoga; tropo.

Palavras com /**ô**/ — som **fechado:** alcova; alforje; algoz; boda; bodas; choldra; desporto; foro (jurisdição); transbordo.

1.10. DIVISÃO SILÁBICA

A **divisão** da palavra em sílabas é feita pela **soletração**. Basta pronunciar com calma a palavra para sabermos quantas sílabas ela contém.

Há algumas regras que facilitam a separação de sílabas:

1.10.1. Separam-se

a) *hiato:* sa-í-da, ba-la-ús-tre;

b) *encontro consonantal imperfeito:* dig-no, ca-rac-te-rís-ti-ca;

c) *dígrafos RR, SS, SC, SÇ, XC, XS:* car-ro, as-sa-do, des-cer, des-ço, ex-ce-ção, ex-su-dar.

1.10.2. Não se separam

a) *ditongo:* cá-rie, á-gua;

b) *tritongo:* i-guais, quão;

c) *encontro consonantal perfeito:* pro-va, clas-se;

d) *dígrafos CH, LH, NH, GU, QU, AM, EM, IM, OM, UM, AN, EN, IN, ON, UN:* cha-lei-ra, te-lha, vi-nho, guer-ra, que-ro, âm-bar, Em-bu, im-pa-la, om-bro, um-bi-go, can-to, ven-to, tin-ta, ton-to, tun-dra.

1.10.3. Outras dicas

a) Qualquer consoante solta dentro da palavra, que não forme sílaba com vogal posterior, pertencerá sempre à sílaba anterior: tungs-tê-nio; e-clip-se; e-gíp-cio; felds-pa-to.

b) *prefixo + vogal* — formam sílaba normalmente: tran-sa-tlân-ti-co; su-ben-ten-der.

c) *prefixo + consoante* — isola-se o prefixo e depois separam-se as sílabas restantes: sub-li-nhar; ab-rup-to; trans-por-te.

1.11. QUESTÕES

1. (UFRJ) Nesta relação, as sílabas tônicas estão destacadas. Uma delas, porém, está destacada incorretamente. Assinale-a.

a) inteRIM.

b) puDIco.
c) ruBRIca.
d) graTUIto.
e) inauDIto.

Resposta: “a”. A sílaba tônica é ÍN-, ínterim.

2. (FAU-Santos) Nas palavras *enquanto, queimar, folhas, hábil* e *grossa*, constatamos qual sequência de letras e fonemas?

a) 8-7, 7-6, 6-5, 5-4, 6-5.
b) 7-6, 6-6, 5-5, 5-5, 5-5.
c) 8-5, 7-5, 6-4, 5-4, 5-4.
d) 8-6, 7-6, 6-5, 5-4, 6-5.
e) 8-5, 7-6, 6-5, 5-5, 5-5.

Resposta: “d”. Enquanto = 8 letras e 6 fonemas; queimar = 7 letras e 6 fonemas; folhas = 6 letras e 5 fonemas; hábil = 5 letras e 4 fonemas; grossa = 6 letras e 5 fonemas.

3. (Escola Naval-RJ) Nas palavras *anjinho, carrocinhas, nossa* e *recolhendo*, podemos detectar oralmente a seguinte quantidade de fonemas, respectivamente:

a) três, quatro, dois, quatro.
b) cinco, nove, quatro, oito.
c) seis, dez, cinco, nove.
d) três, seis, dois, cinco.
e) sete, onze, cinco, dez.

Resposta: “b”. Anjinho = 5 fonemas; carrocinhas = 9 fonemas; nossa = 4 fonemas; recolhendo = 8 fonemas.

4. (UFSC) Assinale a alternativa em que a palavra não tem suas sílabas corretamente separadas.

a) in-te-lec-ção.
b) cons-ci-ên-cia.
c) oc-ci-pi-tal.
d) psi-co-lo-gia.
e) ca-a-tin-ga.

Resposta: “d”. A separação correta é psi-co-lo-gi-a.

5. (PUC-MG) Assinale o vocábulo que contém cinco letras e quatro fonemas.

a) estou.
b) adeus.
c) livro.
d) volto.
e) daqui.

Resposta: “e”. Daqui = 4 fonemas; todas as outras têm cinco fonemas cada uma.

6. (ITA-SP) A sequência de palavras cujas sílabas estão separadas corretamente é:

a) a-dje-ti-va-ção, im-per-do-á-veis, bo-ia-dei-ro.
b) in-ter-ve-io, tec-no-lo-gi-a, sub-li-nhar.

c) in-tu-i-to, co-ro-i-nha, pers-pec-ti-va.
d) co-ro-lá-rio, subs-tan-ti-vo, bis-a-vó.
e) flui-do, at-mos-fe-ra, in-ter-vei-o.

Resposta: “e”. Corrigindo as erradas: a) ad-je-ti-va-ção, boi-a-dei-ro; b) in-ter-vei-o, c) in-tui-to; d) bi-sa-vó.

7. (UFRJ) As sílabas das palavras *psicossocial* e *traído* estão corretamente separadas em:

a) psi-cos-so-ci-al, tra-í-do.
b) psi-cos-so-cial, tra-í-do.
c) psi-co-sso-ci-al, traí-do.
d) psi-co-sso-ci-al, tra-í-do.
e) psico-sso-ci-al, traí-do.

Resposta: “a”: psi-cos-so-ci-al, tra-í-do.

8. (FGV) Assinale a melhor resposta. Em *papagaio* temos:

a) um ditongo.
b) um trissílabo.
c) um proparoxítono.
d) um tritongo.
e) um dígrafo.

Resposta: “a”. Pa-pa-gai-o apresenta um ditongo (gai).

9. (UFPI) Têm a mesma classificação, quanto ao acento tônico, as palavras:

a) alivia, vizinho, insônia, chão.
b) risquei, fósforo, tijolo, porque.
c) zombaria, devagarinho, companhia.
d) fôlego, estrela, tamborete.

Resposta: “c”. Veja a sílaba tônica de cada uma delas: zom-ba-RI-a, de-va-ga-RI-nho, com-pa-NHI-a. São todas paroxítonas.

10. (UEPG-PR) Assinale a sequência em que todas as palavras estão partidas corretamente.

a) trans-a-tlân-ti-co, fi-el, sub-ro-gar.
b) bis-a-vô, du-e-lo, fo-ga-réu.
c) sub-lin-gual, bis-ne-to, de-ses-pe-rar.
d) des-li-gar, sub-ju-gar, sub-es-cre-ver.
e) cis-an-di-no, es-pé-cie, a-teu.

Resposta: “c”. Corrigindo as erradas: a) tran-sa-tlân-tico; b) bi-sa-vô; d) su-bes-cre-ver; e) ci-san-di-no.

11. (FGV) Assinale a alternativa em que a sílaba tônica está corretamente destacada.

a) mis-TER, de-CA-no, a-VA-ro, cir-CUI-to.
b) RU-bri-ca, a-zi-A-go, I-be-ro, MIS-ter.
c) NO-bel, LÁ-tex, I-be-ro, fi-lan-TRO-po.

d) ru-BRI-ca, lá-TEX, A-va-ro, DE-ca-no.
e) DE-ca-no, Ê-xo-do, ru-BRI-ca, u-re-TER.

Resposta: “a”. Mister é oxítona; decano, avaro e circuito são paroxítonas.

12. (ITA-SP) Dadas as palavras: 1) TUN-GSTÊ-NIO, 2) BIS-A-VÔ e 3) DU-E-LO, constatamos que a separação de sílabas está correta:

a) apenas na palavra 1.
b) apenas na palavra 2.
c) apenas na palavra 3.
d) em todas as palavras.
e) em nenhuma delas.

Resposta: “c”. Apenas du-e-lo está com a separação correta. Corrigindo as outras: tungs-tê-nio; bi-sa-vô.

2

ORTOGRAFIA

Ortografia
Datação: 1540
cf. João de Barros. Grammatica da Lingua Portuguesa.
Olyssipone. Lodouicum Rotorigiu Typographum.
[Publicação póstuma, tendo o autor falecido em 1540]
substantivo feminino
conjunto de regras estabelecidas pela gramática normativa que ensina a grafia correta das palavras, o uso de sinais gráficos que destacam vogais tônicas, abertas ou fechadas, processos fonológicos como a crase, os sinais de pontuação esclarecedores de funções sintáticas da língua e motivados por tais funções etc.

Dicionário Houaiss

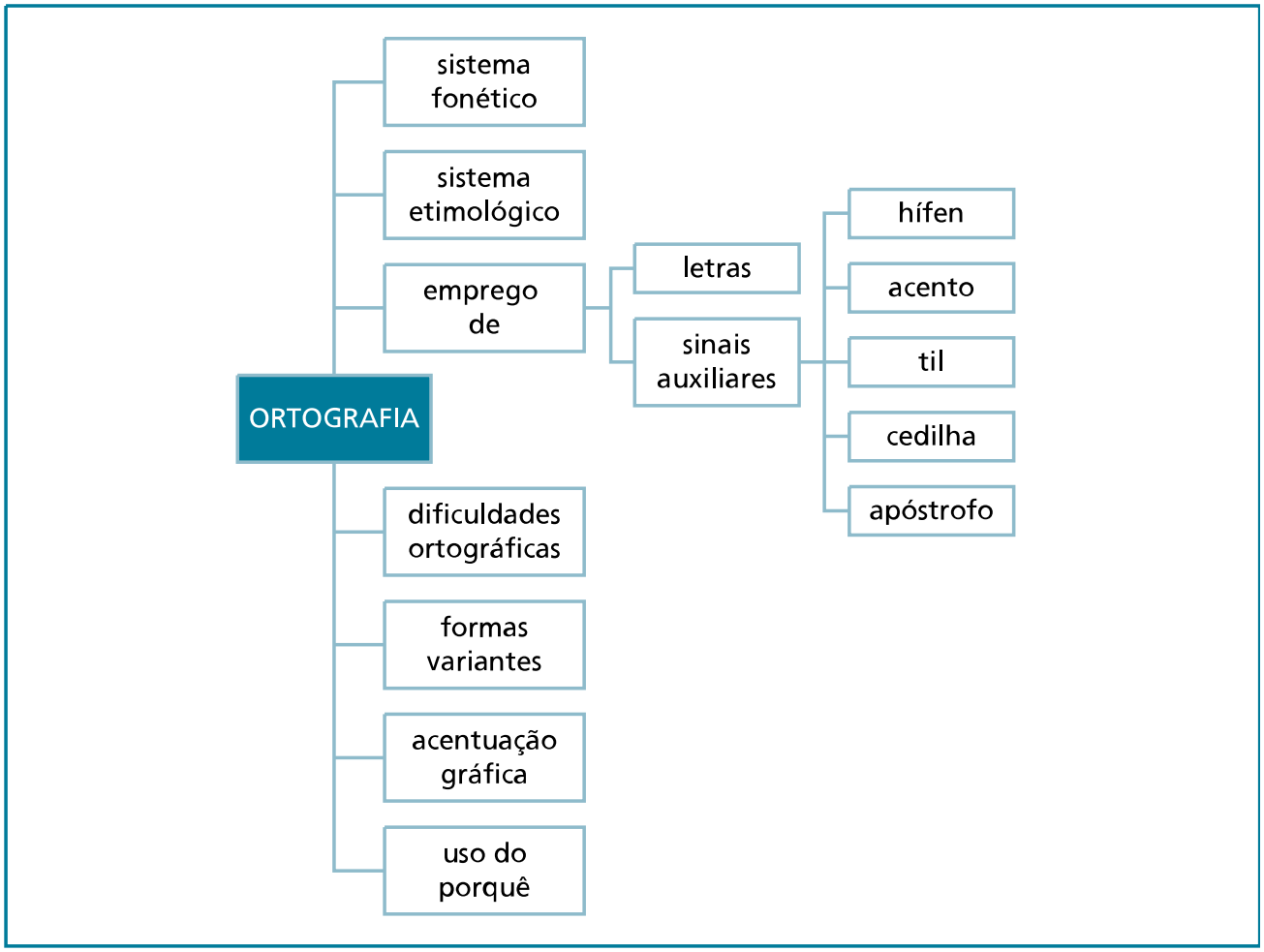

A **grafia** de uma palavra pode ter caráter **fonético**, que leva em conta a pronúncia; ou **etimológico**, que leva em conta a sua origem.

Hoje, **no Brasil**, utilizam-se **os dois processos juntamente:** o fonético ou de pronúncia e o etimológico ou histórico.

Curiosidade: O **sistema fonético** (ou *sônico*) consiste na **exata e fiel figuração dos sons**, escrevendo as palavras tal qual se pronunciam, excluindo da representação gráfica qualquer letra que não tenha valor prosódico e acrescentando outras para que se represente a exata pronúncia: *escrito, Cristo, pronto, omem, oje, ressonar, pressentir, filarmônico, inalar*.

O **sistema etimológico** representa as palavras **de acordo com a grafia de origem**, reproduzindo todas as letras do étimo, embora não sejam pronunciadas: *phthisica, sancto, mactar, auctor, poncto, catechismo, exgotto, practicar*.[1]

Nossa ortografia é orientada pelo **Formulário Ortográfico**, aprovado pela Academia Brasileira de Letras, na sessão de **12 de agosto de 1943**, simplificado pela Lei n. 5.765, de **18 de dezembro de 1971**, e atualizado pelo Decreto n. 6.583, de **29 de setembro de 2008**.

Ortografia vem do grego "orthós" = **direito** + "gráphein" = **escrever**.

Os sons da fala são representados por **sinais gráficos**, chamados **letras**, e além delas

usamos outros **sinais**, chamados **auxiliares**.

São eles:

a) *Hífen (-)* — usado para **ligar elementos de palavras compostas**, para ligar pronomes enclíticos aos verbos e para **indicar a translineação textual** (divisão silábica em final de linha): super-homem, ajudou-me, questiona-mento.

b) *Til (~)* — usado para **marcar a nasalização de um som vocálico:** irmã.

c) *Cedilha (ç)* — coloca-se sob o *c*, antes das vogais *a*, *o* e *u*: açaí, castiço, açúcar.

d) *Apóstrofo (')* — **marca a supressão de um som:** copo d'água, minh'alma.

e) *Acentos gráficos:*

- agudo (´) — representa um **som aberto:** sofá.
- circunflexo (^) — representa um **som fechado:** você.
- grave (`) — representa a **fusão de vogais idênticas** (crase): àquele.

Curiosidade: Esses sinais são também chamados de ***notações léxicas***.

Algumas regras existem para escrever esta ou aquela palavra, porém **os problemas gráficos só se resolvem com leitura**. Se você é um leitor eficiente, escreverá bem, pois terá a lembrança daquilo que leu.

Vejamos a seguir algumas dificuldades ortográficas.

2.1. DIFICULDADES ORTOGRÁFICAS

2.1.1. Uso do "S"

a) depois de **ditongos:** coisa, faisão, mausoléu, maisena, lousa.

b) em **nomes próprios** com som de /z/: Neusa, Brasil, Sousa, Teresa.

c) no **sufixo -oso** (cheio de): cheiroso, manhoso, dengoso, gasosa.

d) nos **derivados** do verbo **querer:** quis, quisesse.

e) nos **derivados** do verbo **pôr:** pus, pusesse.

f) no **sufixo -ense, formador de adjetivo:** canadense, paranaense, palmeirense.

g) no **sufixo -isa**, indicando **profissão** ou **ocupação feminina:** papisa, profetisa, poetisa.

h) nos **sufixos -ês/-esa**, indicando **origem**, **nacionalidade** ou **posição social:** calabrês, milanês, português, norueguês, japonês, marquês, camponês, calabresa, milanesa, portuguesa, norueguesa, japonesa, marquesa, camponesa.

i) nas palavras **derivadas** de outras que possuam *S* no radical: casa = casinha, casebre, casarão, casario; atrás = atrasado, atraso; paralisia = paralisante, paralisar, paralisação; análise = analisar, analisado.

j) nos **derivados de verbos** que tragam o **encontro consonantal -nd:** pretende = pretensão; suspender = suspensão; expandir = expansão.

2.1.2. Uso do "Z"

a) nas palavras derivadas de primitiva com *Z*: cruz = cruzamento, juiz = ajuizar, deslize = deslizar.

b) nos **sufixos -ez/-eza**, formadores de **substantivos abstratos** a partir de adjetivos: altivo = altivez; mesquinho = mesquinhez; macio = maciez; belo = beleza; magro = magreza.

c) no **sufixo -izar**, formador de **verbos:** hospital = hospitalizar; canal = canalizar; social = socializar; útil = utilizar; catequese = catequizar.

Curiosidade: Quando usamos apenas **-r** ou **-ar** para formar um verbo, aproveitamos o que já existe na palavra primitiva: pesquisa = pesquisa**r**, análise = analis**ar**, deslize = desliz**ar**.

d) nos **verbos** terminados em **-uzir** e seus derivados: conduzir, conduziu, conduzo; deduzir, deduzo, deduzi; produzir, produzo, produziste.

e) no **sufixo -zinho**, formador de **diminutivo:** cãozinho, pezinho, paizinho, mãezinha, pobrezinha.

Curiosidade: Se acrescentarmos apenas **-inho**, aproveitamos a letra da palavra primitiva: casinha, vasinho, piresinho, lapisinho, juizinho, raizinha.

2.1.3. Uso do "H"

a) o H inicial deve ser usado quando a **etimologia** o justifique: hábil, harpa, hiato, hóspede, húmus, herbívoro, hélice.

Curiosidade: Escreve-se com H o topônimo BAHIA, quando se aplica ao Estado.

b) o H deve ser **eliminado** do interior das palavras, se elas formarem um **composto** ou **derivado sem hífen**: desabitado, desidratar, desonra, inábil, inumano, reaver.

Curiosidade: Nos compostos ou derivados com hífen, o H permanece: anti-higiênico, pré-histórico, super-homem.

c) no final de **interjeições**: ah! oh! ih!

2.1.4. Uso do "X"

a) normalmente após **ditongo**: caixa, peixe, faixa, trouxa.

Curiosidade: Caucho e seus derivados (recauchutar, recauchutagem) são escritos com CH.

b) normalmente após a **sílaba inicial en-:** enxaqueca, enxada, enxoval, enxurrada.

Curiosidade: Usaremos CH depois da sílaba inicial **en-** caso ela seja derivada de uma com CH:
de cheio = encher, enchimento, enchente
de charco = encharcado
de chumaço = enchumaçado

de chiqueiro = enchiqueirar

c) depois da **sílaba inicial me-:** mexer, mexilhão, mexerica.

Curiosidade: Mecha e seus derivados são com CH.

2.1.5. Uso do "CH"

Não há regras para o emprego do dígrafo CH.

2.1.6. Uso do "SS"

Emprega-se nas seguintes **relações:**

a) ced — cess: ceder — cessão, conceder — concessão — concessionário.

b) gred — gress: agredir — agressão, regredir — regressão.

c) prim — press: imprimir — impressão, oprimir — opressão.

d) tir — ssão: discutir — discussão, permitir — permissão.

2.1.7. Uso do "Ç"

a) nas palavras de **origem árabe**, **tupi** ou **africana:** açafrão, açúcar, muçulmano, araçá, Paiçandu, miçanga, caçula.

b) após **ditongo:** louça, feição, traição.

c) na **relação** ter — tenção: abster — abstenção, reter — retenção.

2.1.8. Uso do "G"

a) nas palavras **terminadas em -ágio, -égio, -ígio, -ógio, -úgio:** pedágio, colégio, litígio, relógio, refúgio.

b) nas **palavras femininas** terminadas em **-gem:** garagem, viagem, escalagem, vagem.

Curiosidade: Pajem e lambujem são exceções à regra.

2.1.9. Uso do "J"

a) na **terminação -aje:** ultraje, traje, laje.

b) nas **formas verbais** terminadas em **-jar** e seus derivados: arranjar, arranjem; viajar, viajem; despejar, despejem.

c) em palavras de **origem tupi:** jiboia, pajé, jenipapo.

d) nas **palavras derivadas** de outras que se escrevem com J: ajeitar (de jeito), laranjeira (de laranja).

2.1.10. Uso do "I"

a) no **prefixo anti-**, que indica oposição: antibiótico, antiaéreo.

b) nos **verbos** terminados em **-air, -oer** e **-uir** e seus derivados: sair — sais, sai; cair — cais, cai; moer — móis, mói; roer — róis, rói; possuir — possuis, possui; retribuir — retribuis, retribui.

2.1.11. Uso do "E"

a) nas **formas verbais** terminadas em **-oar** e **-uar** e seus derivados: perdoar — perdoes, perdoe; coar — coes, coe; continuar — continues, continue; efetuar — efetues, efetue.

b) no **prefixo -ante**, que expressa anterioridade: anteontem, antepasto, antevéspera.

2.1.12. Uso do "SC"

Não há regras para o uso de SC; sua presença é inteiramente etimológica.

2.2. FORMAS VARIANTES

Algumas palavras admitem, sem alteração de significado, formas variantes:

abaixar ou baixar
abdome ou abdômen
afeminado ou efeminado
ajuntar ou juntar
aluguel ou aluguer
aritmética ou arimética
arrebitar ou rebitar
arremedar ou remedar
assoalho ou soalho
assobiar ou assoviar
assoprar ou soprar
aterrissar ou aterrizar ou aterrar
avoar ou voar
azálea ou azaleia
bêbado ou bêbedo
bebadouro ou bebedouro
bilhão ou bilião
bílis ou bile
biscoito ou biscouto
bravo ou brabo
bujão ou botijão
cãibra ou câimbra
carroçaria ou carroceria
catorze ou quatorze
catucar ou cutucar
chipanzé ou chimpanzé
clina ou crina
cociente ou quociente
coisa ou cousa

cota ou quota
cotidiano ou quotidiano
cotizar ou quotizar
covarde ou cobarde
cuspe ou cuspo
degelar ou desgelar
dependurar ou pendurar
desenxavido ou desenxabido
dourado ou doirado
elucubração ou lucubração
empanturrar ou empaturrar
engambelar ou engabelar
enlambuzar ou lambuzar
entoação ou entonação
entretenimento ou entretimento
enumerar ou numerar
espuma ou escuma
estalar ou estralar
exorcizar ou exorcismar
flauta ou frauta
flecha ou frecha
fleuma ou flegma
flocos ou frocos
gengibirra ou jinjibirra
geringonça ou gerigonça
gorila ou gorilha
hemorróidas ou hemorróides
impingem ou impigem
imundícia, imundície ou imundice
infarto, enfarte ou enfarto
intrincado ou intricado
laje ou lajem
lantejoula ou lentejoula
leste ou este
limpar ou alimpar
lisonjear ou lisonjar
louça ou loiça
louro ou loiro

maltrapilho ou maltrapido
maquiagem ou maquilagem
maquiar ou maquilar
marimbondo ou maribondo
melancólico ou merencório
menosprezo ou menospreço
mobiliar, mobilhar ou mobilar
mozarela ou muçarela
neblina ou nebrina
nenê ou neném
parêntese ou parêntesis
percentagem ou porcentagem
peroba ou perova
pitoresco, pinturesco ou pintoresco
plancha ou prancha
pólen ou polem
presépio ou presepe
protocolar ou protocolizar
quadriênio ou quatriênio
radioatividade ou radiatividade
rastro ou rasto
registro ou registo
relampadar, relampadear, relampadejar, relampaguear, relampaguejar, relampar,-relampear, relampejar, relamprar
remoinho ou redemoinho
ridiculizar ou ridicularizar
salobra ou salobre
seção ou secção
selvageria ou selvajaria
sobressalente ou sobresselente
surripiar ou surrupiar
taberna ou taverna
taramela ou tramela
televisar ou televisionar
terraplenagem ou terraplanagem
terremoto ou terramoto
tesoura ou tesoira
tesouro ou tesoiro

toicinho ou toucinho
transladar ou trasladar
transpassar ou traspassar ou trespassar
transvestir ou travestir
treinar ou trenar
tríade ou tríada
trilhão ou trilião
vargem ou varge
várzea ou várgea
vassoura ou bassoura
verruga ou berruga
vespa ou bespa
volibol ou voleibol

2.3. PALAVRAS QUE NÃO ADMITEM FORMA VARIANTE

Tome cuidado com a grafia de certas palavras e expressões que costumam causar dúvida, porém só se escrevem de **uma forma:**

beneficência
beneficente
cabeleireiro
chuchu
de repente
disenteria
empecilho
exceção
êxito
hesitar
jiló
manteigueira
mendigo
meritíssimo
misto
mortadela
prazerosamente
privilégio
salsicha
sobrancelhas

Curiosidade: Veja em Semântica a lista de alguns homônimos e parônimos notáveis, para não se confundir com a grafia de certas palavras e expressões.

2.4. EMPREGO DO HÍFEN

O uso do hífen é meramente **convencional**. Algumas regras esclarecem poucos problemas, mas muitos serão resolvidos apenas com a consulta ao dicionário. Ainda assim alguns gramáticos divergem em determinados casos.

Observe o que diz o Formulário Ortográfico da Língua Portuguesa: "Só se ligam por hífen os elementos das palavras compostas em que se mantém a noção de composição, isto é, os elementos das palavras compostas que mantêm a sua independência fonética, conservando cada um a sua própria acentuação, porém formando o conjunto perfeita unidade de sentido".

Exemplos: couve-flor, grão-duque etc.

Veja, em linhas gerais, o uso desse sinal:

a) para ligar as partes de **adjetivo composto:** verde-claro, azul-marinho, luso-brasileiro.

b) para ligar os **pronomes mesoclíticos ou enclíticos:** amá-lo-ei, far-me-á, dê-me, compraram-na.

c) para **separar as sílabas** de uma palavra, inclusive na **translineação** (mudança de linha): a-ba-ca-xi, se-pa-ra-do.

2.4.1. Hífen com prefixos e pseudoprefixos

ante-, anti-, circum-, co-, contra-, des-, entre-, extra-, hiper-, in-, infra-, inter-, intra-, sobre-, sub-, super-, supra-, ultra-, aero-, agro-, arqui-, auto-, bio-, eletro-, geo-, hidro-, inter-, macro-, maxi-, micro-, mini-, multi-, neo-, pan-, pluri-, pre-, pro-, proto-, pseudo-, re-, retro-, semi-, tele- etc.

Emprega-se o hífen nos seguintes casos:

a) **Antes de h:** anti-higiênico, circum-hospitalar, contra-harmônico, extra-humano, sub-hepático, super-homem, ultra-hiperbólico; arqui-hipérbole, eletro-higrômetro, geo-história, neo-helênico, pan-helenismo, semi-hospitalar.

Curiosidades:

1: Não se usa, no entanto, o hífen em formações que contêm em geral os prefixos ***des-*** e ***in-*** e nas quais o segundo elemento perdeu o ***h*** inicial: *desumano, inábil, inumano.*

2: Nas formações com os prefixos ***circum-*** e ***pan-***, também se emprega o hífen quando o segundo elemento começa por ***voga***l, h, m, n**:** *circum-escolar, circum-hospitalar, circum-murado, circum-navegação; pan-africano, pan-harmônico, pan-mágico, pan-negritude.*

Atenção:

Nos casos em que o prefixo "circum-" anteceder uma sílaba que obriga ao uso do "n" (pois só se usa "m" antes de "b" e "p"), deve-se modificar a grafia do prefixo: circunlunar.

Do mesmo modo, quando o prefixo "pan-" anteceder uma sílaba começada em "b" ou

"p", a regra de que antes de "b" e "p" usa-se "m" obriga a modificar a grafia do prefixo: pambrasileiro, pamprocessual.

b) Nas formações em que o prefixo/pseudoprefixo **termina** na **mesma letra com que se inicia o segundo elemento:** anti-ibérico, contra-almirante, infra-axilar, supra-auricular; arqui-irmandade, auto-observação, eletro-ótica, micro-onda, semi-interno; ad-digital; hiper-requintado; sub-barrocal; sub-base;

Curiosidade: Nas formações com o prefixo ***co-, pre-, pro-, re-***, estes se aglutinam em geral com o segundo elemento mesmo quando iniciado por e ou o: *coobrigação, coocupante, coordenar, cooperação, cooperar, preeminente, preeleito, preenchido, proativo, reedição, reeleição.*

c) Nas formações com os prefixos além-, aquém-, bem-, ex-, pós-, pré-, pró-, recém-, sem-, sota-/soto-, vice-/vizo-: *além-Atlântico, aquém-Pirineus, bem-criado, bem-vindo, ex-almirante, ex-diretor, ex-hospedeira, ex-presidente, ex-primeiro-ministro, ex-rei*, *pós-graduação, pós-tônico*, *pré-escolar, pré-natal*, *pró-africano, pró-europeu*, *recém-eleito, sem-cerimônia, sem-vergonha, sota-piloto, soto-mestre, vice-presidente, vice-reitor.*

Curiosidade: Em muitos compostos, o advérbio ***bem-*** aparece aglutinado ao segundo elemento: benfazejo, benfeito, benquerença, benfazer, benquerer.

d) Nas formações com o prefixo mal-, emprega-se hífen quando o segundo elemento começa por vogal, h ou l: mal-afortunado, mal-entendido, mal-humorado, mal-informado, mal-limpo.

e) Nas formações com prefixos ab-, ob-, sob-, sub-, ad-, cujo elemento seguinte se inicia por r: ab-rupto, ob-rogar, sob-roda, sub-reitor, ad-renal, ad-referendar.

2.4.2. Hífen com sufixos

Nas formações por sufixação, apenas se emprega o hífen nos vocábulos terminados por sufixos de **origem tupi-guarani** que representam formas adjetivas, como -açu, -guaçu e -mirim, quando o primeiro elemento acaba em vogal acentuada graficamente ou quando a pronúncia exige a distinção gráfica dos dois elementos: *amoré-guaçu, anajá-mirim, andá-açu, capim-açu, Ceará-Mirim*.

2.4.3. Hífen em locuções

Nas **locuções de qualquer tipo**, sejam elas substantivas, adjetivas, pronominais, adverbiais, prepositivas ou conjuncionais, **não se emprega, em geral, o hífen**. Sirvam, pois, de exemplo as seguintes locuções:

a) *Substantivas:* cão de guarda, fim de semana, sala de jantar.

b) *Adjetivas:* cor de açafrão, cor de café com leite, cor de vinho.

c) *Pronominais:* cada um, ele próprio, nós mesmos, quem quer que seja.

d) *Adverbiais:* à parte, à vontade, depois de amanhã, em cima, por isso.

e) *Prepositivas:* abaixo de, acerca de, acima de, a fim de, a par de, à parte de, apesar de, debaixo de, enquanto, por baixo de, por cima de, quanto a.

f) *Conjuncionais:* a fim de que, ao passo que, contanto que, logo que, por conseguinte, visto que.

Curiosidade: Algumas exceções já consagradas pelo uso: água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao deus-dará, à queima-roupa.

2.5. ACENTUAÇÃO GRÁFICA

Os **acentos** gráficos **marcam a sílaba tônica:**

- *grave* — para indicar crase.
- *agudo* — para som aberto: café, cipó.
- *circunflexo* — para som fechado: você, complô.

O **sinal** gráfico **modifica o som** de qualquer sílaba:

- *til (~)* — nasalizador de vogais: romã, maçã, ímã, órfão.

Curiosidade: O til substitui o acento gráfico quando os dois recaem sobre a mesma sílaba: irmã, romãs.

2.5.1. Regras gerais

2.5.1.1. Monossílabas tônicas

Recebem acento as **terminadas** em **-a(s), -e(s), -o(s):**

pá, já, má, lá, trás, más, chás
pé, fé, Sé, mês, três, rés
pó, só, dó, cós, sós, nós
Então:
mar, sol, paz, si, li, vi, nu, cru
me, lhe, mas (conjunção), ti

2.5.1.2. Oxítonas

Recebem acento as **terminadas** em **-a(s), -e(s), -o(s), -em, -ens:**

sofá, maracujá, Paraná, ananás, marajás, atrás
Pelé, café, você, freguês, holandês, viés
complô, cipó, trenó, retrós, compôs, avós
amém, também, armazém
parabéns, reféns, armazéns
Então:
pomar, anzol, jornal, maciez
saci, caqui, anu, urubu

2.5.1.3. Paroxítonas

Recebem acento as **terminadas** em **-l, -i(s), -n, -u(s), -r, -x, -ã(s), -ão(s), -um, -uns, -ps, -ditongo:** fácil, útil, júri, táxi, lápis, tênis, hífen, pólen, elétron, nêutron, meinácu, vírus, Vênus, revólver, mártir, tórax, látex, ímã, ímãs, órfã, órfãs, sótão, órgão, órfãos, álbum, médium, fóruns, pódiuns, fórceps, bíceps, água, história, série, pônei, pôneis, tênues.

Curiosidades:

a) Palavras terminadas em **-n**, no plural:

-ons: com acento — elétrons, nêutrons.

-ens: sem acento — hifens, polens.

b) Prefixos paroxítonos terminados em **-i** ou **-r** não são acentuados: anti, multi, super, hiper.

c) É facultativo assinalar com acento agudo as formas verbais de pretérito perfeito do indicativo, para as distinguir das correspondentes formas do presente do indicativo (*amamos, louvamos*), já que o timbre da vogal tônica é aberto naquele caso em certas variantes do português: amámos, louvámos.

2.5.1.4. Proparoxítonas

Todas são acentuadas: lânguido, física, trópico, álibi, hábitat, déficit, lápide.

2.5.2. Regras especiais

2.5.2.1. Ditongos abertos

São acentuados os **ditongos abertos éi, éu, ói** em palavras **monossílabas** e **oxítonas:** méis, coronéis, céu, chapéu, mói, herói.

Então: ideia, tramoia.

2.5.2.2. I e U tônicos

I e **U tônicos** recebem acento se cumprirem as seguintes determinações:

a) devem ser **precedidos de vogais que não sejam eles próprios nem ditongos**;

b) devem estar **sozinhos na sílaba (ou com o** -s**)**;

c) **não** devem ser **seguidos de -nh**.

saída, juízes, saúde, viúva, caíste, saístes, balaústre.

Então: Raul, ruim, ainda, sair, juiz, rainha, xiita, paracuuba, cauila, baiuca.

Curiosidade: Se **i** ou **u** tônicos estiverem precedidos de ditongo, mas estiverem em palavra oxítona, o acento permanece: tuiuiú, Piauí.

2.5.2.3. Acento diferencial nos verbos ter e vir (e seus derivados)

Recebe acento diferencial a **3ª pessoa do plural do presente do indicativo:**

eles **têm**, eles **vêm**, eles **retêm**, eles **intervêm**.

Curiosidade: A 3ª pessoa do singular desses verbos segue a regra geral de acentuação:

ele tem, ele vem (monossílabas tônicas terminadas em "m" – não há regra para se acentuar).
ele retém, ele intervém (oxítonas terminadas em "em" recebem acento gráfico).

2.5.2.4. Outros acentos diferenciais

pôr (verbo) — para distinguir de *por (preposição)*.
pôde (verbo poder no passado) — para distinguir de *pode (verbo poder no presente)*.
fôrma ou forma (utensílio) — acento **facultativo**.

Curiosidade: Em Portugal, existe outro acento diferencial, que não se usa no Brasil:
dêmos (presente do subjuntivo) — acento facultativo — para distinguir de *demos (pretérito perfeito do indicativo)*.

2.5.3. Formas variantes de som aberto ou fechado

Os falantes da língua portuguesa no Brasil pronunciam algumas palavras com timbre fechado, enquanto em Portugal se pronunciam as mesmas palavras com timbre aberto. Vejamos alguns exemplos: anatômico — anatómico; Antônio — António; prêmio — prémio; telefônico — telefónico etc.

2.6. USO DO PORQUÊ

2.6.1. Por que / por quê

2.6.1.1. Preposição + pronome interrogativo

Em frases interrogativas (diretas ou indiretas):
Por que não veio?
Gostaria de saber por que lutamos.
Ela não veio por quê?

Curiosidade: A palavra **que** em final de frase recebe acento circunflexo:
Você precisa de quê?
Ela sabe o quê!

2.6.1.2. Preposição + pronome relativo

Equivale a **pelo qual** (e suas variações).
Ela é a mulher por que me apaixonei.
Não conheço as pessoas por que espero.

2.6.2. Porque

conjunção
Equivale a **pois**.
Eu não fui à escola porque estava doente.
Venha depressa, porque sua presença é indispensável.

2.6.3. Porquê

substantivo

Vem sempre acompanhado de uma palavra que o caracteriza (artigo, pronome ou numeral).

Qual o porquê da sua revolta?

Este porquê não me convenceu.

Deve haver um porquê para ele se atrasar tanto.

2.7. QUESTÕES

1. (FCC) Assinale a opção em que a palavra em destaque está empregada incorretamente.

a) Durma cedo, *senão* acordará tarde amanhã.
b) *Mal* chegou a chover, o barraco deslizou.
c) Disse que *há* cinco anos, ganhou na loteria.
d) Estava *mau* informado, por isso equivocou-se.
e) De hoje *a* dois meses, pedirei um novo empréstimo.

Resposta: "d". Mal informado. Mal = advérbio — liga-se a adjetivo. Mau = adjetivo — liga-se a substantivo.

2. (Vunesp) Eles _____ ajudar e _____ as _____ no arquivo.

a) quiseram, puzeram, fixas.
b) quizeram, puseram, fixas.
c) quiseram, puzeram, fichas.
d) quiseram, puseram, fichas.
e) quizeram, puseram, fichas.

Resposta: "d". O verbos querer e pôr, em todas as suas conjugações, são grafados com s — quiseram e puseram.

3. (Esaf) Identifique o item destacado que contém erro de natureza ortográfica ou gramatical ou de impropriedade vocabular, e marque a letra correspondente.

Se bem que a Lei Suprema remeta ***à (A)*** lei ordinária ***estabelecer (B)*** as condições de capacidade para o exercício de profissões, nada impede, muito ao contrário recomenda, que o comando constitucional seja ***elastecido (C)*** no sentido de conferir ao profissional meios necessários ao exercício, atribuindo garantias, vantagens, certos direitos, prerrogativas e ***previlégios (D)*** não discriminatórios, como privacidade ou exclusividade ou ***gozo (E)*** de situações ou "status" especiais.

a) A
b) B
c) C
d) D
e) E

Resposta: "d". A grafia correta é privilégio, com i.

4. (FGV) Na última _____ de cinema, havia somente _____.

a) sessão, cinquenta espectadores privilegiados.
b) seção, cinqüenta expectadores privilegiados.
c) sessão, cinqüenta espectadores privilegiados.
d) sessão, cincoenta expectadores previlegiados.
e) cessão, cinqüenta espectadores previlegiados.

Resposta: “a”. Seção = departamento, divisão. Sessão = reunião. Cessão = doação. Assim, sessão de cinema (reunião). Cinquenta é a única grafia possível, já que não há mais trema em língua portuguesa. Espectadores são aqueles que presenciam algo, que assistem a algo. Expectadores são aqueles que esperam, estão na expectativa. Privilegiados sempre com i.

5. (FGV) Já que foram _____ pelo tribunal do júri, exigirão a _____ das _____.
a) discriminados, descriminação, despesas.
b) descriminados, descriminação, despesas.
c) discriminados, discriminação, despezas.
d) descriminados, discriminação, despesas.

Resposta: “d”. Descriminados — inocentados. Discriminação — detalhamento. Despesas — sempre com s.

6. (FCC) Era _____ do _____ ter atitudes _____.
a) praxe, estrangeiro, extravagantes.
b) prache, estrangeiro, estravagantes.
c) praxe, extrangeiro, estravagantes.
d) prache, extrangeiro, extravagantes.

Resposta: “a”. Praxe, estrangeiro, extravagantes: não existem variações para essas palavras.

7. Suas respostas _____ e atitudes _____ acabaram _____ desconfiança entre os colegas.
a) ambígüas, vacilantes, suscitando.
b) ambíguas, vascilantes, sucitando.
c) ambíguas, vacilantes, suscitando.
d) ambígüas, vacilantes, sucitando.
e) ambíguas, vascilantes, suscitando.

Resposta: “c”. Ambíguas, vacilantes, suscitando: não existem variações para essas palavras.

8. (FCC) Marque a opção que contém palavra grafada com erro.
a) Suscitando o debate político, é possível ressuscitar velhas teses.
b) A possibilidade de ascenção social mobilisa as pessoas.
c) O pedido de demissão deve ser precedido de justificativa abalizada.
d) No momento de decisão, muitos hesitam na ânsia por acertar.
e) Desejos de ostentação perturbam o clima pacífico da reunião.

Resposta: “b”. Há dois erros: a palavra “ascensão” deve ser escrita com s na última sílaba; a palavra “mobiliza” deve ser escrita com z, pois é formada pelo adjetivo “móvel” + o sufixo “izar” formador de verbo.

9. (FCC) Indique a opção correta quanto à ortografia.

a) Fica a concretisação deste ato condicionada ao cumprimento das disposições legais.
b) As decisões deverão obedecer à contumaz consulta a todos os membros do grupo.
c) Se a comissão quizer reunir-se, deverá efetuar a convocação com uma antecedência de oito dias.
d) Adotem-se novas medidas envez das anteriores.

Resposta: "b". Vejamos os erros: a) concretização; c) quiser; d) em vez.

10. (Esaf) Marque o texto que contém erro de grafia.

a) Os olhos ansiosos da Europa voltam-se para a Alemanha. Nunca houve tantas incertezas em relação ao destino da economia mais importante do velho continente.
b) Os vizinhos estão inquietos porque seu futuro é atado ao que acontece na Alemanha.
c) Os europeus acusam o Banco Central alemão de manter os juros demasiadamente altos, e de ter assim arrastado a Europa para a recessão.
d) Com a desaceleração da economia europeia e o desemprego em elevação, o imigrante, aquele sujeito de pele escura que vem do Terceiro Mundo, ou do Sul, como se diz agora, passa a ser o culpado de tudo.
e) Muitos europeus dizem que *a barca está cheia* e alguns neonasistas alemães levam ao extremo a metáfora em voga nos anos 30.

Resposta: "e". Neonazistas se escreve com z.

11. (Esaf) Em relação ao texto, assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

Não ***constitue (1)*** surpresa a verificação de que os municípios com maior índice de anulação de votos têm pontos comuns. Um deles: a taxa de analfabetismo duas ou três vezes superior ***à do (2)*** resto do país. Outro: a localização em zonas de baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) — indicador que mede renda, longevidade e instrução. São localidades pobres ***cujo (3)*** destino, se não houver revolução de 180 graus na forma de encarar a educação, ***as (4)*** condena a ***se (5)*** afastar cada vez mais dos progressos da civilização.

(Correio Braziliense, 17.10.2006)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

Resposta: "a". Constitui — os verbos terminados em UIR se conjugam com i na 3a pessoa do singular.

12. (Esaf) Em relação ao texto abaixo, assinale a opção em que a reescrita do trecho está incorreta para o contexto.

Quanto à sua natureza jurídica, no Brasil, o orçamento público é apenas autorizativo. Isso quer dizer que o gestor somente pode realizar a despesa pública ***se essa estiver (1)*** prevista na lei orçamentária, ***mas a mera previsão no orçamento não vincula a execução da despesa (2)***. Ou seja, ***o fato de a despesa estar prevista na Lei Orçamentária (3)*** não obriga o governante a realizá-la. ***Se o governo fez (4)*** a devida previsão de despesa para a construção de rodovias, poderá levar a efeito sua intenção, tendo em vista a existência da dotação respectiva. Não está, entretanto, obrigado a proceder à empreitada, podendo desistir da obra,

caso julgue oportuno e conveniente (5).

(<http://www.lrf.com.br>)

a) 1 — caso esteja ela.
b) 2 — mas a execução da despesa não está vinculada à mera previsão no orçamento.
c) 3 — o fato de a Lei Orçamentária prever a despeza.
d) 4 — Caso tenha sido feita pelo governo.
e) 5 — se julgar oportuno e conveniente.

Resposta: "c". A palavra "despesa" se escreve com s.

13. (Esaf) Em relação ao texto abaixo, assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia.

O Sistema Integrado de Administração Financeira do Governo Federal — SIAFI representou ***tão grande (1)*** avanço para a contabilidade pública da União ***que (2)*** é hoje reconhecido no mundo inteiro e recomendado inclusive pelo Fundo Monetário Internacional. Sua performance ***transcendeu (3)*** de tal forma as fronteiras brasileiras e despertou a atenção no cenário nacional e internacional, que vários países, além de alguns organismos internacionais, ***tem (4)*** enviado delegações à Secretaria do Tesouro Nacional, com o propósito de ***absorver (5)*** tecnologia para a implantação de sistemas similares.

(James Giacomoni, *Orçamento Público*)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

Resposta: "d". "Têm" deve receber acento circunflexo, para concordar no plural com o sujeito "vários países".

14. Os trechos abaixo constituem sequencialmente um texto. Assinale a opção em que o trecho apresenta erro gramatical.

a) A grande depressão mundial, particularmente desencadeada pela quebra da Bolsa de Valores de Nova York (1929), impeliu os Governos a aportar recursos na economia, garantindo investimentos em infraestrutura para atenuar as frequentes crises dos mercados.
b) Tais medidas, embora favorecessem os sistemas econômicos, resgataram a figura do déficit público.
c) As crises individuais dos países, aliadas à insuficiente capacidade de investimentos do setor governamental, revitalizaram as abordagens iniciais do equilíbrio orçamentário, fazendo com que o Estado retoma-se as suas antigas funções, o que o leva a militar com compromissos de saúde financeira de longo prazo.
d) As medidas necessárias à adoção deste princípio vão além da manutenção das despesas dentro dos limites da receita.
e) Os gestores públicos deverão assumir posturas estratégicas adequadas ao perfil estrutural da comunidade que administram, não cedendo às pressões para atendimento às necessidades de uns poucos.

(James Giacomoni, *Orçamento Público*)

Resposta: “c”. “... fazendo com que o Estado retomasse...” — o verbo retomar está empregado no pretérito imperfeito do subjuntivo, portanto não há hífen nem pronome oblíquo.

15. Os trechos abaixo constituem sequencialmente um texto. Assinale a opção gramaticalmente incorreta.

a) Duas pesquisas mostram que as políticas sociais e de combate à fome, implementadas pelo Governo Federal, começam a apresentar resultados concretos na melhoria das condições de vida do povo brasileiro.
b) Um estudo da Fundação Getúlio Vargas, entitulado “Miséria em Queda”, baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE, confirmou que a miséria no Brasil caiu em 2004, e atingiu o nível mais baixo desde 1992.
c) O número de pessoas que estão abaixo da linha da pobreza passou de 27,26% da população, em 2003, para 25,08%, em 2004. Em 1992 esse percentual era de 35,87%.
d) É considerado abaixo da linha da pobreza quem pertence a uma família com renda inferior a R$ 115,00 mensais, valor considerado o mínimo para garantir a alimentação de uma família.
e) O estudo da FGV mostrou que o índice de miséria no Brasil caiu 8% de 2003 para 2004, deixando o país com a menor proporção de miseráveis desde 1992.

(Em Questão, n. 379 — Brasília, 30 de novembro de 2005)

Resposta: “b”. Intitular é a forma correta, com i.

16. (NCE) Todas as palavras estão corretamente grafadas na frase:

a) Não deve ser substimada a ascensão dos índices que estão acusando a um desprestígio das privatizações.
b) É insofismável a conclusão a que se chega, quando se compulsam os dados fornecidos por essas criteriosas pesquizas.
c) Não há primasia absoluta dos entusiastas da economia de mercado sobre os que sempre a ela se opuseram.
d) Os chamados regimes de exceção, autoritários na raíz, sempre deixaram um espólio de saudosismo em parte da população.
e) Nos tópicos concernentes à economia, registra-se uma grande ambivalência nas tendências de avaliação das privatizações.

Resposta: “e”. Vejamos os erros: a) subestimada; b) pesquisas; c) primazia; d) raiz, sem acento.

17. Está correta a grafia de todas as palavras em:

a) A reivindicada exumação da vítima sequer foi analisada pelo magistrado.
b) Sem maiores preâmbulos, pôs-se a vosciferar injúrias contra o indefeso escrivão.
c) Obsecado pelo cumprimento das leis, é incapaz de considerar a falibilidade da justiça.
d) A neglijência na aplicação da lei ocorre em relação aos privilegiados de sempre.
e) A impunidade dos ricos é insultuosa diante da rigidez consernente aos pobres.

Resposta: “a”. Vejamos os erros: b) vociferar; c) obcecado; d) negligência; e) concernente.

18. Indique a alternativa correta:

a) O ladrão foi apanhado em flagrante.
b) Ponto é a intercessão de duas linhas.

c) As despesas de mudança serão vultuosas.
d) Assistimos a um violenta coalizão de caminhões.
e) O artigo incerto na Revista das Ciências foi lido por todos nós.

Resposta: “a”. Vejamos os erros: b) interseção; c) vultosas; d) colisão; e) inserto.

19. Assinale a única alternativa que apresenta erro no emprego do porquê.

a) Por que insistes no assunto?
b) O carpinteiro não fez o serviço porque faltou madeira.
c) Não revelou porque não quis contribuir.
d) Ele tentou explicar o porquê da briga.
e) Ele recusou a indicação não sei por quê.

Resposta: “c”. Não revelou por que não quis contribuir. — Por (preposição) + que (pronome interrogativo).

20. Considerando o uso apropriado do termo sublinhado, identifique em que sentença do diálogo abaixo há um erro de grafia:

a) Por que você não entregou o trabalho ao professor?
b) Você quer mesmo saber o porquê?
c) Claro. A verdade é o princípio por que me oriento.
d) Pois, acredite, eu não sei porque fiz isso.
e) Você está mentindo. Por quê?

Resposta: “d”. ... não sei por que fiz isso. — Por (preposição) + que (pronome interrogativo).

21. (Vunesp) Assinale a alternativa que preenche adequadamente as lacunas:

— _____ me julgas indiferente?

— _____ tenho meu ponto de vista.

— E não o revelas _____?

— Nem sei o _____.

a) Por que, Porque, por que, por quê
b) Por que, Porque, por quê, porquê
c) Porque, Por que, porque, por quê
d) Por quê, Porque, por que, porquê
e) Porque, Porque, por quê, por quê

Resposta: “b”. Por que me julgas indiferente? — Por (preposição) + que (pronome interrogativo); Porque tenho meu ponto de vista. — Porque (conjunção); E não o revelas por quê? — Por (preposição) + quê (pronome interrogativo em final de frase, com acento); Nem sei o porquê. — Porquê (substantivo).

22. Assinale a frase gramaticalmente correta:

a) Não sei por que discutimos.
b) Ele não veio por que estava doente.
c) Mas porque não veio ontem?
d) Não respondi porquê não sabia.
e) Eis o porque da minha viagem.

Resposta: “a”. Por que = por (preposição) + que (pronome interrogativo). Corrigindo as erradas: b) porque (conjunção); c) por que = por (preposição) + que (pronome interrogativo); d) porque (conjunção); e) porquê (substantivo).

23. A grafia está incorreta em:

a) Pelé é uma exceção entre os ministros.
b) A pretenção maior do novo ministro é levar a prática esportiva ao país inteiro.
c) É preciso analisar com cuidado os planos do Governo.
d) Nosso time jogou muito mal.
e) Ele não quis trazer a pasta.

Resposta: “b”. Pretensão, com s.

24. (Fuvest) Nas frases que seguem, indique a única que apresenta a expressão incorreta, levando em conta o emprego do hífen:

a) Aqueles frágeis recém-nascidos bebiam o ar com aflição.
b) Nunca mais hei-de-dizer os meus segredos.
c) Era tão sem ternura aquele afago, que ele saiu mal-humorado.
d) Havia uma super-relação entre aquela região deserta e esta cidade enorme.
e) Este silêncio imperturbável, amá-lo-emos como uma alegria que não deixa de ser triste.

Resposta: “b”. “Hei de dizer” é uma locução verbal, e as locuções verbais não usam hífen.

25. Assinale o item em que há palavra incorretamente grafada:

a) Trouxeram-me um ramalhete de flores fragrantes.
b) A justiça infligiu a pena merecida aos desordeiros.
c) Promoveram uma festa beneficiente para a creche.
d) Devemos ser fiéis ao cumprimento do dever.
e) A cessão de terras compete ao Estado.

Resposta: “c”. “Beneficente” é a grafia correta.

26. A frase em que os homônimos ou parônimos em destaque estão com significação invertida é:

a) Era iminente a queda do eminente deputado.
b) A justiça infringe uma pena a quem inflige a lei.
c) Vultosa quantia foi gasta para curar sua vultuosa face.
d) O mandado de segurança impediu a cassação do mandato.
e) O nosso censo depende exclusivamente do senso de responsabilidade do IBGE.

Resposta: “b”. A justiça inflige (aplica) uma pena a quem infringe (desobedece) a lei.

27. Indique a alternativa em que *não* há erro de grafia:

a) Porque chegou atrazado perdeu grande parte do explêndido espetáculo.
b) Pediu-lhe que ascendesse a luz, pois a claridade não era impecilho a seu repouso.
c) Ele não é uma exceção, também é muito ambicioso.
d) Quizera eu que todas as espécies animais estivessem livres de extinção.
e) Não poderia advinhar que sua música viesse a ter tanto hêsito.

Resposta: “c”. Corrigindo os erros: a) atrasado, esplêndido; b) acendesse, empecilho; d) quisera; e) adivinhar, êxito.

28. Indique o segmento totalmente correto quanto à grafia:

a) Há intensão de se alcançar um consenso para evitar as divergências entre os parlamentares.
b) É preciso cessarem as disensões para se obter a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases na Educação.
c) Um aquário pode ser tido como um ecossistema, no qual os escrementos dos peixes, depois de decompostos, fornecerão elementos essenciais à vida das plantas.
d) O Sol é o responsável pela emissão de luz, indispensável para a fotossíntese, processo pelo qual as plantas produzem o alimento orgânico primário, assim como praticamente todo o oxigênio na atmosfera.
e) Pesquizas recentes têm atribuído a choques meteóricos a súbita extinção dos dinossauros da face da Terra.

Resposta: "d". Corrigindo os erros: a) intenção; b) dissensões; c) excrementos; e) pesquisas.

29. Uma grafia está incorreta em:

a) O deputado defendeu a descriminação da maconha.
b) Sua ascensão à presidência da firma surpreendeu a todos.
c) Todos o julgavam, com razão, demasiadamente pretencioso.
d) Os deputados não queriam acabar com os próprios privilégios.
e) A disputa entre os cônjuges só poderia ser resolvida nos tribunais.

Resposta: "c". Pretensioso.

30. Por diversas vezes _____ em prosseguir as investigações. Só conseguiu _____ a situação com a colaboração de seus assessores.

As lacunas do período dado ficam corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) hesitou — amenizar
b) hesitou — amenisar
c) hezitou — amenizar
d) exitou — amenizar
e) exitou — amenisar

Resposta: "a". Hesitou (do verbo hesitar); amenizar (ameno + izar).

31. Assinale o item que apresenta erro de grafia:

a) Na cultura oriental, fica desonrado para sempre quem inflinge as regras da hospitalidade.
b) Não conseguindo adivinhar o resultado a que chegariam, sentiu-se frustrado.
c) A digressão ocorreu por excesso de fatos ilustrativos em seu discurso.
d) Sentimentos indescritíveis, porventura, seriam rememorados durante a sessão de julgamento.
e) Ao contrário de outros, trazia consigo autoconhecimento e autoafirmação.

Resposta: "a". ... quem infringe as regras... Infringir = desrespeitar.

32. Observando a grafia das palavras abaixo, assinale a alternativa que apresenta erro:

a) Aquele hereje sempre põe empecilho porque é muito pretencioso.
b) Uma falsa meiguice encobria-lhe a rigidez e a falta de compreensão.
c) A obsessão é prejudicial ao discernimento.

d) A hombridade de caráter eleva o homem.
e) Eles quiseram fazer concessão para não ridicularizar o estrangeiro.

Resposta: “a”. Herege, pretensioso.

33. Assinale a única alternativa em que há erro.

a) Em breve compreenderás porque tanta luta por um motivo tão simples.
b) Não compareci à reunião porque estava viajando.
c) Se o Brasil precisa do trabalho de todos é porque precisamos de um nacionalismo produtivo.
d) Ainda não se descobriu o porquê de tantos desentendimentos.
e) Choveu durante a noite, porque as ruas estão molhadas.

Resposta: “a”. ... compreenderás por que tanta luta... — Por (preposição) + que (pronome interrogativo).

34. Assinale a alternativa que apresenta erro quanto ao emprego do *porquê*:

a) Não sei por que as cousas ocultam tanto mistério.
b) Os poetas traduzem o sentido das cousas sem dizer por quê.
c) Eis o motivo porque os meus sentidos aprenderam sozinhos: as cousas têm existência.
d) Por que os filósofos pensam que as cousas sejam o que parecem ser?
e) Os homens indagam o porquê das estranhezas das cousas.

Resposta: “c”. Eis o motivo por que os meus... — Por (preposição) + que (pronome relativo).

35. (FCC) Há erro de grafia na frase:

a) A pretensão do subchefe era a de que a expansão da microinformática se concretizasse.
b) A discussão, proposta pelo vice-reitor, talvez torne viável a instalação dos computadores no próximo quinquênio.
c) O anteprojeto, elaborado pelo prefeito, contém um item referente à concessão de verbas federais aos municípios.
d) Os empresários, anciosos de ouvir o vice-líder do partido, sintetizaram a agenda.
e) A espontaneidade do superintendente diluiu os empecilhos, e os prefeitos tiveram o privilégio de assinar o convênio.

Resposta: “d”. Ansiosos.

36. Assinale a alternativa em que fica evidente o erro de acentuação gráfica.

a) Aquele que conhece os seus defeitos está muito próximo de corrigí-los.
b) A virtude é comunicável, porém o vício é contagioso.
c) Saúde e inteligência, eis duas bênçãos desta vida.
d) A história glorifica os heróis, a vida santifica os mártires.
e) Lembre-se de que você é pó e ao pó voltará.

Resposta: “a”. Nas palavras unidas por hífen cada parte tem acentuação independente. Então, “corrigi” é oxítona terminada em i, não há regra para acentuar.

37. Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas das frases abaixo.

1. Cada qual faz como melhor lhe _____ .
2. O que _____ estes frascos?

3. Neste momento os teóricos _____ os conceitos.

4. Eles _____ a casa do necessário.

a) convém, contêm, reveem, proveem.
b) convém, contém, reveem, provêm.
c) convêm, contêm, revêm, provêem.
d) convém, contém, revêem, provêem.
e) convêm, contêm, reveem, provêm.

Resposta: "a". Os verbos TER e VIR (e seus derivados) continuam com os acentos diferenciais na terceira pessoa do plural do presente do indicativo. Os verbos VER, LER, CRER — na terceira pessoa do plural do presente do indicativo — e o verbo DAR — na terceira pessoa do plural do presente do subjuntivo —, e todos os seus derivados, dobram o "ee", mas não recebem mais acento de acordo com a última reforma ortográfica.

38. Indique a única alternativa em que nenhuma palavra deve ser acentuada graficamente.

a) lapis, canoa, abacaxi, jovens.
b) ruim, sozinho, aquele, traiu.
c) saudade, onix, grau, orquidea.
d) voo, legua, assim, tenis.

Resposta: "b". Vejamos os acentos das outras opções: a) lápis; c) ônix, orquídea; d) légua, tênis.

39. (FCC) A frase em que todas as palavras estão corretas quanto à acentuação gráfica é:

a) Apaziguemos os ânimos intranqüilos.
b) A freqüência dos alunos em sala de aula é indispensável a uma boa avaliação.
c) A contigüidade de suas atitudes retilíneas conduzi-lo-á ao objetivo proposto.
d) Cinquenta delinquentes destruíram o armazém.

Resposta: "d". A última reforma ortográfica extinguiu o trema da língua portuguesa.

40. Dadas as palavras

1. apóiam

2. baínha

3. abençôo

Constatamos que está (estão) incorretamente grafada(s)

a) apenas a palavra nº 1.
b) apenas a palavra nº 2.
c) apenas a palavra nº 3.
d) todas as palavras.
e) n.d.a.

Resposta: "d". Apoiam — o ditongo aberto "oi" só recebe acento em palavras monossílabas ou oxítonas. Bainha — "i" tônico seguido de "nh" não recebe acento gráfico. Abençoo — a última reforma ortográfica eliminou o acento circunflexo do duplo "oo".

41. Uma mesma regra de acentuação abrange o seguinte conjunto.

a) atacá-lo, sofás, possuí.
b) falência, Antônio, repórter.
c) ruído, baú, saí, saída.
d) afáveis, lápis, miosótis.
e) heróis, indóceis, amáveis.

Resposta: “c”. Ruído, baú, saí, saída — todos seguem a regra do “i” e do “u” tônicos, formadores de hiato.

42. (FGV) Marque o único vocábulo acentuado corretamente.

a) pára (verbo).
b) pêlo (cabelo).
c) pôr (verbo).
d) ítem.
e) feiúra.

Resposta: “c”. Pôr (verbo) conserva o acento diferencial. Para (verbo) e pelo (cabelo) perderam os seus acentos diferenciais com a última reforma ortográfica. Feiura também perde o acento de acordo com essa mesma reforma. Item é paroxítona terminada em “m”, portanto não há regra para acentuá-la.

43. (FGV) Assinale o vocábulo que perde o acento gráfico no plural.

a) próton.
b) móvel.
c) fóssil.
d) cônsul.
e) caráter.

Resposta: “e”. O plural de caráter é caracteres (a sílaba tônica se desloca para “TE”).

44. Qual das alternativas abaixo apresenta todas as palavras corretamente acentuadas?

a) púdico, rúbrica, ínterim, ávaro.
b) púdico, rúbrica, interim, ávaro.
c) púdico, rúbrica, ínterim, avaro.
d) pudico, rubrica, ínterim, avaro.
e) pudico, rubrica, interim, ávaro.

Resposta: “d”. Vejamos a correta identificação das sílabas tônicas: puDIco, ruBRIca, ÍNterim e aVAro.

45. Assinale a frase incorreta quanto à acentuação gráfica.

a) A funcionária remeterá os formulários até o início do próximo mês.
b) Ninguém poderia prever que a catástrofe traria tamanho ônus ao país.
c) Este voo está atrasado; os senhores tem que embarcar pela ponte aérea e fazer conexão no Rio para Florianópolis.
d) O pronunciamento feito pelo diretor na assembleia revestia-se de caráter inadiável.
e) Segundo o regulamento em vigor, o órgão competente tomará as providências cabíveis.

Resposta: “c”. Faltou acento circunflexo no verbo “ter” para concordar com o sujeito plural: ...

os senhores têm...

46. Devem ser acentuadas todas as palavras da opção:

a) taxi, hifen, gas.
b) ritmo, amor, lapis.
c) chines, ruim, jovem.
d) juriti, gratis, traz.
e) açucar, abacaxi, molestia.

Resposta: “a”. Táxi, hífen e gás.

47. (FGV) As silabadas, ou erros de prosódia, são frequentes no uso da língua. Indique a alternativa onde não ocorre silabada alguma.

a) Eis aí um prototipo de rúbrica de um homem vaidoso.
b) Para mim a humanidade se divide em duas metades: a dos filântropos e a dos misantropos.
c) Os arquétipos de iberos são mais pudicos do que se pensa.
d) Nesse interim chegou o médico com a contagem de leucócitos e o resultado da cultura de lêvedos.
e) Ávaro de informações, segui todas as pegadas do éfebo.

Resposta: “c”. Corrigindo as palavras erradas: a) protótipo, rubrica; b) filantropos; d) ínterim; e) avaro, efebo.

48. Assinale o trecho que apresenta erro de acentuação gráfica.

a) As diferenças de ótica entre os díspares movimentos que reivindicavam um mesmo amor à natureza se enraízam para além das firulas das discussões político-partidárias.
b) No âmago do famoso santuário, erguido sob égide dos conquistadores, repousam enormes caixas cilíndricas de orações em forma de mantras, onde o novel da fé se purifica.
c) O alvo da diatribe, o fenômeno de reprovação escolar, é uma tolice inaceitável, mesmo em um paradígma de educação deficitária em relação aos menos favorecidos.
d) Assustada por antigas endemias rurais, a, até então, álacre sociedade brasileira tem, enfim, consciência do horror que será pôr seus filhos em um mundo tão inóspito.
e) Inequivocamente, estudos sociológicos mostram que para ser eficaz, o chicote, anátema da sociedade colonial, não precisava bater sobre as costas de todos os escravos.

Resposta: “c”. Paradígma — a grafia correta é “paradigma”.

49. A ausência do sinal gráfico de acentuação cria outro sentido para a palavra:

a) trânsito.
b) características.
c) inevitável.
d) infrutíferas.
e) anônimas.

Resposta: “a”. Trânsito (substantivo) — transito (verbo transitar na primeira pessoa do singular do presente do indicativo).

50. Assinale a opção cuja palavra em destaque não deve ser acentuada:

a) Todo ensino deveria ser *gratuito*.
b) Não *ves* que eu não tenho tempo?

c) É difícil lidar com pessoas sem *carater*.
d) Saberias dizer o *conteudo* da carta?
e) *Veranopolis* é uma cidade que não para de crescer.

Resposta: “a”. Gratuito.

51. À luz de seu magnífico _____do sol, _____ parece uma cidade _____ .
a) por, Paranavaí, tranquila
b) por, Paranavai, tranquila
c) por, Paranavai, tranqüila
d) pôr, Paranavaí, tranqüila
e) pôr, Paranavaí, tranquila

Resposta: “e”. Pôr, Paranavaí e tranquila — o trema não existe mais em língua portuguesa.

52. Em todas as alternativas as palavras foram acentuadas corretamente, *exceto* em:
a) Eles têm muita coisa a dizer.
b) Estude os dois primeiros ítens do programa.
c) Afinal, o que contém este embrulho?
d) Foi agradável ouvir aquele orador.
e) Por favor, deem-lhe uma nova chance.

Resposta: “b”. Itens — paroxítona terminada em “-ens” — não recebe acento.

53. Aqueles que _____ do interior, _____ a cidade grande como o mundo que lhes _____ .
a) vêem — vêm — convêm
b) vêm — veem — convém
c) veem — vêm — convem
d) vêem — vêem — convém
e) vêm — vem — convem

Resposta: “b”. Vir e seus derivados continuam com o acento diferencial. Ver e seus derivados continuam dobrando o “ee” no plural, mas não recebem mais o acento circunflexo, de acordo com a última reforma ortográfica.

1 ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da Língua Portuguesa*. 35. ed. São Paulo: Saraiva, 1988, p. 68-69.

3

MORFOLOGIA

Morfologia
(gr. morphê = figura + logia = estudo) é a parte que estuda
a palavra em si, quer no elemento material, isto é, quanto à forma,
quer no elemento imaterial, ou seja, quanto à ideia que ela encerra.

Napoleão Mendes de Almeida

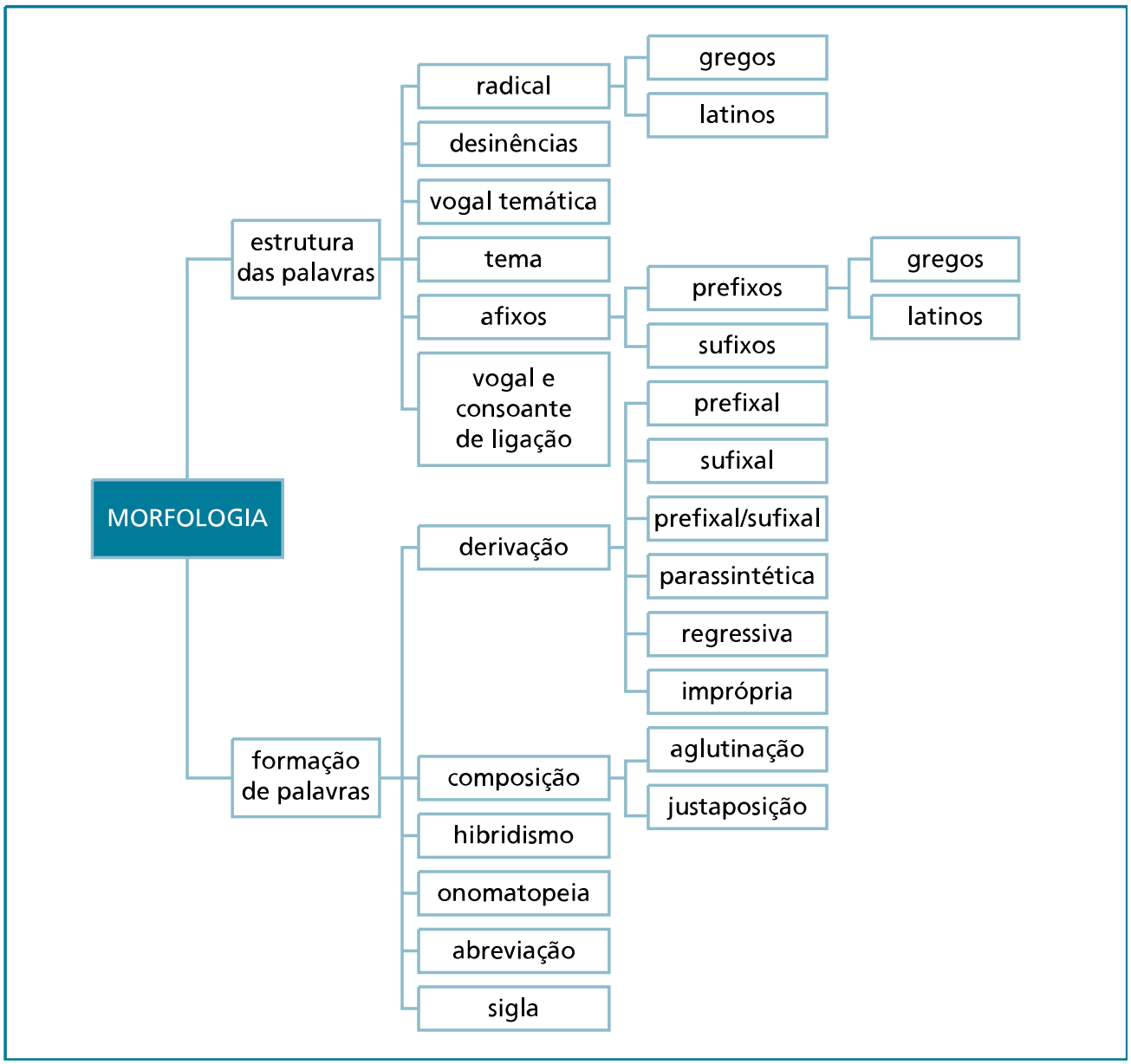

3.1. ESTRUTURA E FORMAÇÃO DE PALAVRAS

3.1.1. Estrutura das palavras

A **palavra**, ao contrário do que muitos pensam, **não é a menor unidade portadora de significado** dentro da língua. Ela própria é formada de vários elementos também dotados de valor significativo. A essas **formas portadoras de significado damos o nome de morfemas ou elementos mórficos**.

Tomemos como exemplo a palavra *alunas*. Ela é constituída de três morfemas:

alun = morfema que é **base do significado**

a = morfema que indica o **gênero feminino**

s = morfema que indica o **número plural**

Assim, de acordo com a função na palavra, os morfemas são classificados em:

3.1.1.1. Radical (ou morfema lexical)

É o elemento que **contém a significação básica** da palavra: **livr**o, **livr**aria, **livr**eira.

3.1.1.2. Desinência (ou morfema flexional)

São **elementos terminais** do vocábulo. Servem para marcar:

a) **gênero** e **número** nos nomes (**desinências nominais**);

b) **pessoa/número** e **tempo/modo** nos verbos (**desinências verbais**):

- meninas = menin (radical) + a (desinência nominal de gênero feminino) + s (desinência nominal de número plural)
- amávamos = amá (radical) + va (desinência verbal modo-temporal) + mos (desinência verbal número-pessoal)

3.1.1.3. Vogal temática

É o elemento que, **nos verbos**, serve **para indicar a conjugação**. São três:

a — para verbos de 1ª conjugação: fal+A=r

e — para verbos de 2ª conjugação: varr+E+r

i — para verbos de 3ª conjugação: part+I+r

Curiosidade: O verbo **pôr** e seus derivados (compor, repor, impor etc.) incluem-se na 2ª conjugação, pois a sua forma original em português é **poer**.

A vogal temática também pode aparecer nos nomes. Neste caso, sua função é a de preparar o radical para receber as desinências.

mares = mar (radical) + e (vogal temática) + s (desinência nominal de número plural)

3.1.1.4. Tema

É o radical acrescido da vogal temática.

bebemos = beb (radical) + e (vogal temática) + mos (desinência verbal número-pessoal)

bebe = tema

3.1.1.5. Afixos

Elementos de **significação secundária** que aparecem agregados ao radical.

Podem ser:

- *Prefixo* — morfemas que **se antepõem ao radical: re**luz, **ex**por.
- *Sufixo* — morfemas que **se pospõem ao radical:** moral**ista**, leal**dade**.

3.1.1.6. Vogal e consoante de ligação

São elementos que, desprovidos de significação, são **usados entre um morfema e outro** para facilitar a pronúncia.

gas**ô**metro = gás + metro — **o** é vogal de ligação

chaleira = chá + eira — **l** é consoante de ligação

3.1.2. Formação das palavras

Para **criar palavras novas** em português, existem, principalmente, **cinco processos** diferentes.

3.1.2.1. Derivação

Forma palavras pelo **acréscimo de afixos**. A derivação se divide em:

3.1.2.1.1. Prefixal (ou prefixação)

Pela **colocação de prefixos: re**ler, **in**feliz, **ultra**violeta, **super**-homem.

3.1.2.1.2. Sufixal (ou sufixação)

Pela **colocação de sufixos:** boi**ada**, canal**izar**, feliz**mente**, art**ista**.

3.1.2.1.3. Prefixal-sufixal (ou prefixação-sufixação)

Pela colocação de **prefixo e sufixo** numa só palavra: **des**leal**dade**, **in**feliz**mente**, **des**lig**ado**.

3.1.2.1.4. Parassintética (ou parassíntese)

Pela **colocação simultânea de prefixo e sufixo** numa mesma palavra: **en**tard**ecer, en**trist**ecer, des**alm**ado, e**mud**ecer**.

Curiosidade: A diferença entre a derivação prefixal-sufixal e a derivação parassintética está no fato de que na primeira podemos tirar o prefixo ou o sufixo e a palavra continua

existindo; na segunda, se tirarmos o prefixo ou o sufixo, o que sobra não existe em língua portuguesa:
desleal**dade** = desleal, lealdade — derivação prefixal-sufixal
entard**ecer** = *entarde, *tardecer — essas palavras não existem — derivação parassintética.

3.1.2.1.5. Regressiva

Pela **redução** de uma palavra primitiva: sarampo (de sarampão), pesca (de pescar), barraco (de barracão), boteco (de botequim).

Curiosidade: Quando a palavra original a ser reduzida é um verbo, recebe o nome de derivação regressiva deverbal: pesca (de pescar)

3.1.2.1.6. Imprópria

Pela **mudança de classe gramatical** da palavra: o jantar (substantivo formado pelo uso do verbo jantar), o belo (substantivo formado pelo uso do adjetivo belo).

3.1.2.2. Composição

Forma palavras pela ligação de **dois ou mais radicais**. A composição se divide em:

3.1.2.2.1. Justaposição

Quando os radicais **se unem sem alterações:** passatempo, girassol, guarda-comida, pé de moleque.

3.1.2.2.2. Aglutinação

Quando na união dos radicais **há alteração** de, pelo menos, um deles: fidalgo (filho + de + alguém), embora (em + boa + hora), planalto (plano + alto).

3.1.2.3. Hibridismo

Forma palavras pela **união de elementos de línguas diferentes:** automóvel (auto — grego + móvel — latim), abreugrafia (abreu — português + grafia — grego), monocultura (mono — grego + cultura — latim), burocracia (bureau — francês + cracia — grego).

3.1.2.4. Onomatopeia

Forma palavras pela **reprodução aproximada de sons ou ruídos** e vozes de animais: tique-taque; pingue-pongue; miar; zunir; mugir.

3.1.2.5. Abreviação

Forma palavras pela **redução de um vocábulo** até o limite que não cause dano à sua compreensão: moto (por motocicleta), pneu (por pneumático), foto (por fotografia), Itaquá (por Itaquaquecetuba), pornô (por pornografia), quilo (por quilograma).

Curiosidade: Não confunda *abreviação* com *abreviatura*.

Abreviatura é a redução na grafia (somente na grafia, nunca na pronúncia) de determinadas palavras, limitando-as à letra ou letras iniciais e/ou finais:

abreviatura = abr., abrev.
academia = acad.
acadêmico = Acad., Acadêm.
acórdão = ac.
advocacia = adv., advoc.
aguarda deferimento = A.D.
alqueire(s) = alq.
altitude = alt., altit.
alvará = alv.
anno Christi, no ano de Cristo, na era cristã = A.C.
ante meridiem (antes do meio-dia) = a.m.
antes de Cristo = a.C.
ao ano = a/a, a.a.
ao mês = a/m
ao(s) cuidado(s) de = a/c, A/C

apartamento = ap., apart.
apêndice = ap., apênd.
advogado = Adv.º, Advo.
almirante = Alm.
arcebispo = Arc.º, Arco.
arquitetura = arq., arquit.
arroba(s) = A., arr.
artigo, artigos = art., arts.
associação = assoc.
atenciosamente = at.te, (atte.)
atestado, à atenção de = at.
autor, autores = A., AA.
capítulo, capítulos = cap., caps.
cheque = ch.
circular = circ.
citação, citado(s) = cit.
código = cód.
coleção, coleções; coluna, colunas = col., cols.
com, cada, conta = c/
companhia = C.ia, Cia.
compare = cp.
conforme = cfe., cfm., conf.
confronte, confira, confere = cf., cfr.
conselho = cons.
conta corrente, com cópia(s), combinado com = c/c
decreto = dec.
departamento, departamentos = dep., deps.
depois de Cristo = d.C., D.C.
desconto(s) = desc.
dicionário = dic.
diploma = dipl.
documento, documentos = doc., docs.
dúzia(s) = dz.
edição = ed.
edifício = ed., edif.
editor, editores = E., EE.
educação = ed., educ.
elemento(s) = el.

em mão(s) = E.M.
endereço = end.
endereço telegráfico = end. tel.
espera deferimento = E.D.
et alii, (e outros, em citações) = et al.
et cetera (latim = e outras coisas, e os outros, e assim por diante) = etc.
exemplar(es), exemplo(s) = ex., exs.
fascículo = fasc.
figura = fg., fig.
folha; folhas = f., fl., fol., ff., fs., fols.
gênero(s) = gên.
grosa, grosas = gr., grs.
habitantes = hab.
Honoris causa (por honra, honorariamente) = h.c.
Ibidem (no mesmo lugar) = ib., ibid.
id est (isto é) = i.e.
idem (o mesmo, do mesmo autor) = id.
índice = índ.
inferior = inf.
informação = inf., inform.
isto é = i.é.
jurídico = jur.
légua, léguas = lég., légs.
limitada (comercialmente) = Lt.da, Ltda.
livro = l., liv., lº, lo.
logaritmo = log., logar.
medicina = med.
medicina legal = med. leg.
médico = méd.
médico-veterinário = méd.-vet.
memorando = mem., memo., memor.
mês, meses = m.
meu(s), minhas(s) = m/
município, municípios = M., MM., mun.
nota da editora = N. da E.
nota da redação = N. da R.
nota do autor = N. do A.
nota do editor = N. do E.

numeral = num.
número (gramaticalmente, isto é, número gramatical = singular, plural) = núm.
número(s) = n.
obra(s) = ob.
observação = obs.
ofício, oficial = of.
opere citato (na obra citada), *opus citatum* (obra citada) = *op. cit*.
organização = org., organiz.
pagamento = pg.to, pgto.
página(s) = p., pp., pág., págs.
pago (adjetivo), pagou = pg.
palavra(s) = pal.
para, por, próximo (comercialmente) = p., p/
parecer = par.
peça(s) = pç.
pede deferimento = P.D.
pede justiça = P.J.
peso bruto = P.B.
peso líquido = P.L.
polegada(s) = pol.
por exemplo = p. ex.
por ordem = P.O.
por procuração; próximo passo = p.p.
porque = pq.
portaria = port.
post meridiem (depois do meio-dia); *post mortem* (depois da morte) = p.m.
post scriptum (depois de escrito, pós-escrito) = p.s.
problema(s) = probl.
processo, procuração = proc.
próximo futuro = p.f.
quilate(s) = ql.
receita = rec.
referência, referente = ref.
registro = rg., reg.
relatório = rel., relat.
remetente = rem.te, Remte.
reprovado (classificação escolar); réu (em linguagem forense) = R.
residência = res.

revista = rev.
rubrica = rubr.
salvo erro ou emissão = S.E.O.
salvo melhor juízo = S.M.J., s.m.j.
São, Sul = S.
scilicet (a saber, quer dizer) = sc.
seção = seç.
secretaria, secretário, secretária = sec., secr.
século, séculos = séc., sécs.
seguinte, seguintes = seg., segs., ss.
sem data = s.d., s/d
semana(s), semelhante(s), semestre(s) = sem.
seminário = sem., semin.
série = ser.
sine die (sem dia marcado, sem data marcada) = s.d.
sociedade (comercialmente) = soc.
Sociedade Anônima = S.A.
sucursal = suc.
também = tb.
telefone, telegrama = tel.
termo, termos = t., tt.
tesoureiro = tes.
testamento = testº, testo.
testemunha = test.
título(s) = tít.
tomo, tomos = t., ts., tt.
tratado, tratamento = trat.
trimestral = trim., trimest., trimestr.
trimestre(s) = trim.
unidade, uniforme = un.
universidade = univ., univers.
usado, usada = us.
uso externo = u.e.
valor(es) = val.
veja, *vide* = v.
verbi gratia (por exemplo) = v.g.
volume, volumes = vol., vols.

Títulos e formas de tratamento

Bacharel, bacharela(s), bacharéis = B.el, Bel., B.ela, Bela., B.éis, Béis., B.elas, Belas.
Bispo = B.po, Bpo.
Capitão = Cap.
Cardeal = Card.
Comandante = Com., Com.te, Comte.
Comendador = Com., Comend., Com.or, Comor.
Cônego = Côn.º, Côno.
Conselheiro = Cons., Consel., Conselh., Cons.º, Conso.
Contra-almirante = C.-alm.
Coronel = C.el, Cel.
Deputado = Dep.
Desembargador, desembargadora = Des., Des.ª, Desa.
Diácono = Diác.
Digníssimo = DD.
Digno, Dom = D.
Dona = D.ª, Da.
Doutor(a), doutores, doutoras = D.r, Dr., D.rs, Drs., D.ra, Dra., D.ras, Dras.
Editor, editores = E., EE.
Embaixador extraordinário e plenipotenciário = E.E.P.
Eminência = Em.ª, Ema.
Eminentíssimo = Em.mo, Emmo.
Enfermeiro(a) = Enf., Enf.ª, Enfa.
Engenheiro(a) = Eng., Eng.º, Engo.
Enviado extraordinário e ministro plenipotenciário = E.E.M.P.
Estado-Maior = E.M., E.-M.
Excelência = Ex.ª, Exa.
Excelentíssimo(a) = Ex.mo, Exmo., Ex.ma, Exma.
General = Gen., G.al, Gal.
Ilustríssimo(a) = Il.mo, Ilmo., Il.ma, Ilma.
Major = Maj.
Major-brigadeiro = Maj.-brig.
Marechal = Mar., M.al, Mal.
Médico = Méd.
Meritíssimo = MM.
Mestre, mestra = Me, Me., Mª, Ma.
Monsenhor = Mons.
Mui(to) Digno = M.D.
Nosso(a) Senhor(a) = N.S., N.Sª, N.Sa.

Padre = P., P.e, Pe.
Pároco = Pár.º, Paro.
Pastor = Pr.
Philosophiae Doctor (latim = doutor de/em filosofia) = Ph.D.
Prefeito = Pref.
Presbítero = Presb.º, Presbo.
Presidente = Pres., Presid.
Procurador = Proc.
Professor(es), professora(s) = Prof., Profs., Prof.ª, Profa., Prof.as, Profas.
Promotor = Prom.
Rei = R.
Reverendíssimo(a) = Rev.mo, Revmo., Rev.ma, Revma.
Reverendo = Rev., Rev.do, Revdo., Rev.º, Revo.
Reverendo Padre = R.P.
Sacerdote = Sac.
Santa = S., S.ta, Sta.
Santíssimo = SS.
Santo = S., S.to, Sto.
Santo Padre = S.P.
São, Santo, Santa = S.
Sargento = Sarg.
Sargento-ajudante = Sarg.-aj.te, Sarg.-ajte.
Secretário(a) = Sec., Secr.
Senador = Sen.
Senhor(es), Senhora(s) = S.r, Sr., S.rs, Srs., S.ra, Sra., S.ras, Sras.
Senhorita(s) = Sr.ta, Srta., Sr.tas, Srtas.
Sênior = S.or, Sor.
Sóror = Sór., S.or, Sor.
Sua Alteza = S.A.
Sua Alteza Real = S.A.R.
Sua Eminência = S.Em.ª, S.Ema.
Sua Excelência = S.Ex.ª, S.Exa.
Sua Excelência Reverendíssima = S.Ex.ª Rev.ma, S. Exa. Revma.
Sua Majestade = S.M.
Sua Reverência = S. Rev.ª, S.Reva.
Sua Reverendíssima = S.Rev.ma, S. Revma.
Sua Santidade = S.S.
Sua Senhoria = S.Sª, S.Sa.

Tenente = Ten., T.te, Tte.
Tenente-coronel = Ten.-c.el, Ten.-cel., t.te-c.el, Tte.-cel.
Testemunha = Test.
Vereador = Ver.
Vice-almirante = V.-alm.
Vigário = Vig., Vig.º, Vigo.
Visconde = V.de, Vde.
Viscondessa = V.dessa, Vdessa.
Você = V., v.
Vossa Alteza = V.A.
Vossa(s) Eminência(s) = V.Em.ª, V.Ema., V.Em.as, V.Emas.
Vossa(s) Excelência(s) Reverendíssima(s) = V.Ex.ª Rev. ma, V. Exa. Revma., V.Ex. as Rev.mas, V. Exas. Revmas.
Vossa(s) Excelência(s) = V.Ex.ª, V.Exa., V.Ex.as, V.Exas.
Vossa(s) Magnificência(s) Revendíssima, Vossas Reverendíssimas = V. Ver. ma, V. Revma., V.Rev.mas, V. Revmas.
Vossa(s) Reverência(s) = V.Rev.ª, V.Reva., V. Rev.as, V.Revas.
Vossa(s) Senhoria(s) = V.S.ª, V.Sa., V.S.as, V.Sas.

Nomes dos meses
janeiro = jan.
fevereiro = fev.
março = mar.
abril = abr.
maio = maio (de acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT))
maio = mai. (de acordo com a Academia Brasileira de Letras)
junho = jun.
julho = jul.
agosto = ago.
setembro = set.
outubro = out.
novembro = nov.
dezembro = dez.

Vias e lugares públicos

Alameda = Al.

Avenida = Av.

Beco = B.

Calçada = Cal., Calç.

Distrito = D., Dt.

Estrada = Est.

Galeria = Gal.

Jardim = Jd.

Largo = L., Lg.

Praça = P., Pç.

Parada = Pda.

Parque = Pq., Prq.

Praia = Pr.

Rua = R.

Rodoviária = Rdv.

Rodovia = Rod.

Retorno = Rtn.

Trevo = Trv.

Travessa = T., Tv.

Via = V.

Viaduto = Vd.

3.1.2.6. Sigla

É a redução das locuções substantivas às **letras ou sílabas iniciais:** IBGE — Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, MASP — Museu de Arte de São Paulo, Sudene — Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste.

3.1.3. Radicais e prefixos gregos e latinos

3.1.3.1. Radicais gregos

AEROS (ar): aeronáutica
ACROS (alto): acrofobia
AGOGOS (conduzir): demagogo
ALGIA (dor): nevralgia
ANTROPOS (homem): antropologia
ARQUIA (governo): monarquia
AUTOS (si mesmo): autobiografia
BIBLION (livro): biblioteca
BIOS (vida): biosfera

CACO (mau): cacofonia
CALI (belo): caligrafia
CEFALO (cabeça): acéfalo
COSMO (mundo): cosmopolita
CLOROS (verde): clorofila
CRONOS (tempo): cronologia
CROMOS (cor): cromoterapia
DACTILOS (dedo): datilografia
DEMOS (povo): democracia
DERMA (pele): epiderme
DOXA (opinião): ortodoxo
DROMO (lugar para corridas): hipódromo
EDRA (lado): poliedro
FAGO (comer): antropófago
FILOS (amigo): filósofo
FOBIA (medo): claustrofobia
FONOS (som, voz): telefone
GAMIA (casamento): polígamo
GEO (terra): geografia
GLOTA (língua): poliglota
GRAFO (escrever, descrever): geografia
HÉLIOS (sol): heliocêntrico
HIDRO (água): hidrografia
HIPO (cavalo) hipopótamo
ICONOS (imagem): iconoclasta
LOGO (discurso): monólogo
MEGALOS (grande): megalópole
MICRO (pequeno): micróbio
MIS (ódio): misantropo
MORFE (forma): morfologia
NEOS (novo): neologismo
ODOS (caminho): método
PIROS (fogo): pirosfera
POLIS (cidade) metrópole
PSEUDO (falso): pseudônimo
PSIQUE (alma): psicologia
POTAMO (rio): hipopótamo
SACARO (açúcar): sacarose

SOFOS (sábio): filósofo
TELE (longe): televisão
TEOS (deus): teologia
TOPOS (lugar): topônimo
XENO (estrangeiro): xenofobia
ZOO (animal): zoologia

3.1.3.2. Radicais latinos

AGRI (campo): agrícola
ARBORI (árvore): arborizar
AVI (ave): avícola
BIS (duas vezes): bisavô
CAPITI (cabeça): decapitar
CIDA (que mata): homicida
COLA (que cultiva ou habita): vinícola
CRUCI (cruz): crucificar
CULTURA (cultivar): apicultura
CURVI (curvo): curvilíneo
EQUI (igual): equidade
FERO (que contém ou produz): mamífero
FICO (que produz): benéfico
FIDE (fé): fidelidade
FRATER (irmão): fraternidade
FUGO (que foge): centrífugo
IGNI (fogo): ignição
LOCO (lugar): localizar
LUDO (jogo): ludoterapia
MATER (mãe): maternidade
MULTI (muito): multinacional
ONI (todo): onisciente
PARO (que produz): ovíparo
PATER (pai): paternidade
PEDE (pé): pedestre
PISCI (peixe): piscicultura
PLURI (vários): pluricelular
PLUVI (chuva): pluvial
PUER (criança): puericultura
QUADRI (quatro): quadrilátero
RÁDIO (raio): radiografia

RETI (reto): retilíneo
SAPO (sabão): saponáceo
SEMI (metade): semicírculo
SESQUI (um e meio): sesquicentenário
SILVA (floresta): silvícola
SONO (que soa): uníssono
TRI (três): tricolor
UMBRA (sombra): penumbra
UNI (um): uníssono
VERMI (verme): verminose
VOMO (que expele): ignívomo
VORO (que come): carnívoro

3.1.3.3. Prefixos gregos

A/AN (negação): anônimo
ANA (inversão): anagrama
ANFI (duplo): anfíbio
ANTI (contrário): antiaéreo
ARCE, ARQUI (posição superior): arcebispo, arquiduque
DIS (dificuldade): disenteria
DI (dois): dissílabo
ENDO (para dentro): endoscopia
EPI (em cima de): epicentro
EU (bem, bom): eufonia
HEMI (metade): hemisfério
HIPER (excesso): hipertensão
HIPO (inferior, deficiente): hipoderme
META (para além): metamorfose
PARA (proximidade): parágrafo
PERI (em torno de): período

3.1.3.4. Prefixos latinos

ABS/AB (afastamento): abjurar
AD (aproximação): adjunto
AMBI (duplicidade): ambidestro
ANTE (anterior): antedatar
CIRCUM (movimento em torno): circunferência
CIS (posição anterior): cisandino
EX (movimento para fora, anterioridade): exportar, ex-ministro

IN/IM (negação): invertebrado
INTRA (movimento para dentro): intravenoso
INTER/ENTRE (entre, reciprocidade): intervir, entrelinhas
JUSTA (ao lado de): justaposição
PENE (quase): penúltimo
PER (através de): percorrer
POS (posterior): pospor
SOBRE/SUPRA (posição superior): supracitado, sobreloja
TRANS (através, além): transatlântico
VICE/VIS (no lugar de): vice-reitor

3.2. CLASSES DE PALAVRAS

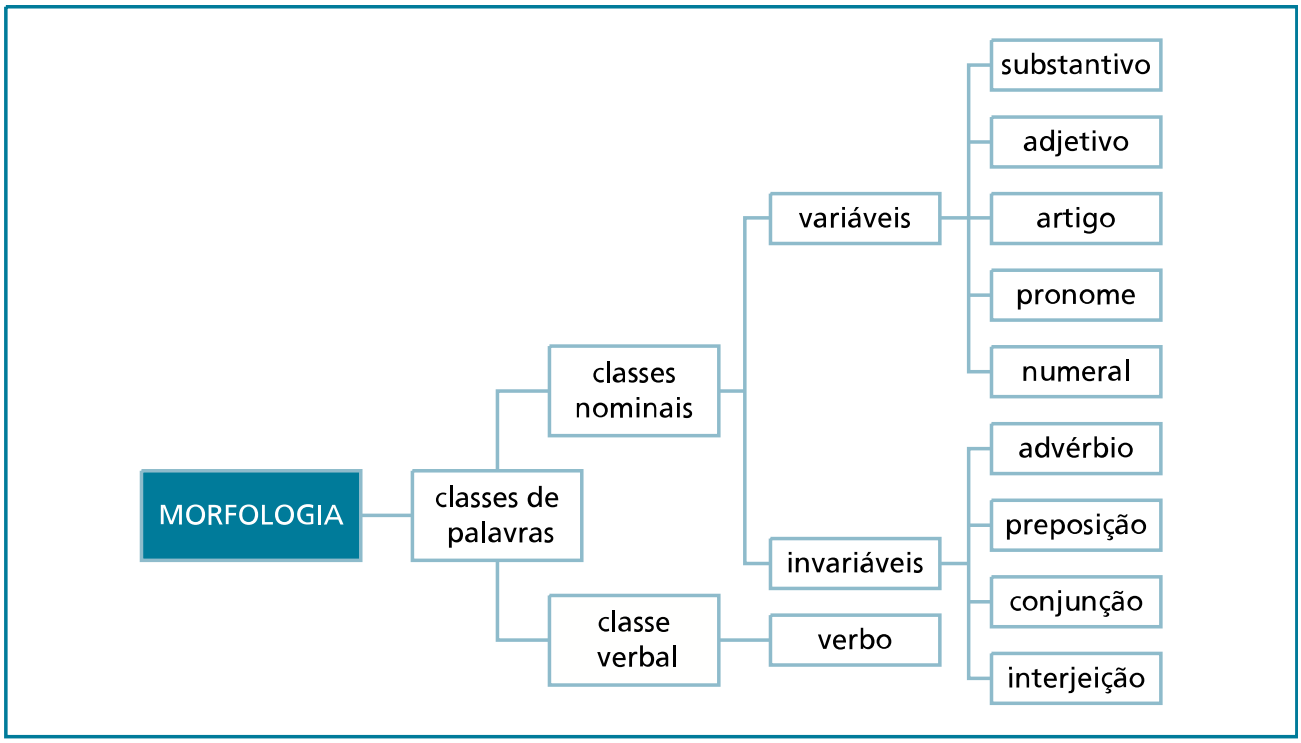

Todas as palavras da língua portuguesa podem ser colocadas em **dez classes diferentes**, de acordo com sua classificação gramatical. A isso damos o nome de *classes de palavras*.

São dez as classes de palavras em Língua Portuguesa:

- substantivo verbo
- adjetivo advérbio
- artigo preposição
- numeral conjunção
- pronome interjeição

Essas **classes** podem ser divididas em **nominais** ou **verbais** e **variáveis** ou **invariáveis:**

- *Classes nominais* — substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome, advérbio, preposição, conjunção e interjeição.
- *Classe verbal* — verbo.
- *Variáveis* — substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome e verbo.
- *Invariáveis* — advérbio, preposição, conjunção e interjeição.

Curiosidade: A mesma palavra pode ser colocada em mais de uma classe, de acordo com o modo como é usada.

Eu quero jantar em sua casa hoje. (jantar — verbo)
O jantar que você fez estava delicioso. (jantar — subst.)
Eu quero um vestido amarelo. (amarelo — adj.)
Eu gosto muito do amarelo. (amarelo — subst.)

3.3. CLASSES NOMINAIS VARIÁVEIS

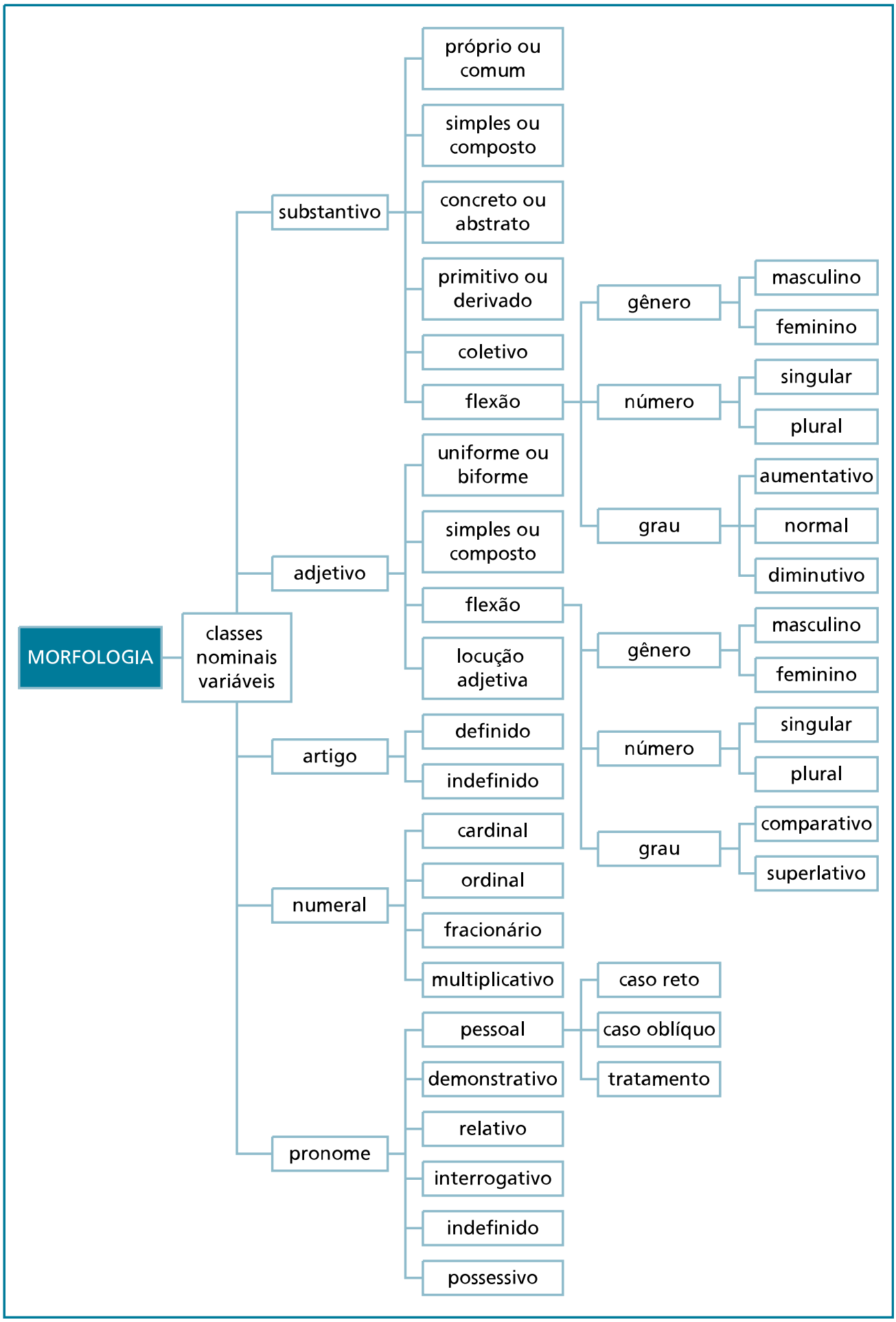
MORFOLOGIA
classes nominais variáveis
substantivo
próprio ou comum
simples ou composto
concreto ou abstrato
primitivo ou derivado
coletivo
flexão
gênero
masculino
feminino
número
singular
plural
grau
aumentativo
normal
diminutivo
adjetivo
uniforme ou biforme
simples ou composto
flexão
gênero
masculino
feminino
número
singular
plural
grau
comparativo
superlativo
locução adjetiva
artigo
definido
indefinido
numeral
cardinal
ordinal
fracionário
multiplicativo
pronome
pessoal
caso reto
caso oblíquo
tratamento
demonstrativo
relativo
interrogativo
indefinido
possessivo

3.3.1. Substantivo

É a palavra que **dá nome aos seres**.

3.3.1.1. Classificação dos substantivos

Os substantivos podem ser classificados como:

3.3.1.1.1. Próprio ou comum

- *próprio* — refere-se a **um determinado ser** da espécie: Europa.
- *comum* — nomeia **todos os seres ou todas as coisas de uma mesma espécie:** menino.

3.3.1.1.2. Simples ou composto

- *simples* — é formado por **um só radical:** roupa.
- *composto* — é formado por **dois ou mais radicais:** guarda-roupa.

3.3.1.1.3. Concreto ou abstrato

- *concreto* — **não depende de outro** ser para ter existência: escola.
- *abstrato* — **depende de outro** ser para ter existência: tristeza.

Curiosidade: O substantivo concreto nomeia os seres.
O substantivo abstrato nomeia as ações dos seres, as qualidades dos seres e os sentimentos dos seres: homem — ser (concreto); trabalho — ação praticada pelo ser (abstrato); beleza — qualidade do ser (abstrato); amor — sentimento do ser (abstrato).
O substantivo DEUS é sempre classificado como concreto.

3.3.1.1.4. Primitivo ou derivado

- *primitivo* — **não se origina de outra palavra:** abacate.
- *derivado* — **tem origem em outra palavra:** abacateiro.

3.3.1.1.5. Coletivo

Dá ideia de **conjunto, reunião, coleção:** alcateia.
Alguns substantivos coletivos:
alcateia (de lobos)
arquipélago (de ilha)
assembleia (de parlamentares, de membros de associações de companhias etc.)
banca (de examinadores)
banda (de músicos)
bando (de aves, de ciganos, de malfeitores etc.)
cabido (de cônegos)
cacho (de bananas, de uvas etc.)
cáfila (de camelos)
cambada (de caranguejos, de chaves, de malandros etc.)

cancioneiro (conjunto de canções, de poesias líricas)
caravana (de viajantes, de peregrinos, de estudantes etc.)
cardume (de peixes)
choldra (de assassinos, de malandros, de malfeitores)
chusma (de gente, de pessoas)
concílio (de bispos)
conclave (de cardeais para eleição do Papa)
congregação (de professores, de religiosos)
congresso (conjunto de deputados e senadores, reunião de especialistas em determinado ramo do saber)
consistório (de cardeais, sob a presidência do Papa)
constelação (de estrelas)
corja (de vadios, de tratantes, de velhacos, de ladrões)
coro (de anjos, de cantores)
elenco (de atores)
esquadra (de navios de guerra)
esquadrilha (de aviões)
falange (de soldados, de anjos)
fato (de cabras)
feixe (de lenha, de capim)
frota (de navios mercantes, de ônibus)
horda (de povos selvagens nômades, de desordeiros, de aventureiros, de bandidos, de invasores)
junta (de bois, de médicos, de credores, de examinadores)
legião (de soldados, de demônios etc.)
magote (de pessoas, de coisas)
malta (de desordeiros)
manada (de bois, de búfalos, de elefantes)
matilha (de cães de caça)
matula (de vadios, de desordeiros)
molho (de chaves, de verdura)
multidão (de pessoas)
ninhada (de pintos)
quadrilha (de ladrões, de bandidos)
ramalhete (de flores)
récua (de bestas de carga, de cavalgaduras)
rebanho (de ovelhas)
repertório (de peças teatrais)
réstia (de cebolas, de alhos)

roda (de pessoas)
romanceiro (conjunto de poesias narrativas)
sínodo (de párocos)
súcia (de velhacos, de desonestos)
talha (de lenha)
tropa (de muares)
turma (de estudantes, de trabalhadores)
vara (de porcos)

3.3.1.2. Flexão de gênero

Quanto ao gênero, os substantivos podem ser classificados em:

3.3.1.2.1. Biformes

Quando **mudamos as desinências** para formarmos o feminino: conde — condessa, moço — moça, poeta — poetisa.

Curiosidade: Quando usamos palavra com radical totalmente diferente para formar o feminino, chamamos de *heterônimo*: bode — cabra, cavaleiro — amazona.

3.3.1.2.2. Uniformes

Quando **usamos uma mesma palavra** para designar tanto o masculino quanto o feminino. Subdividem-se em:

3.3.1.2.2.1. Epicenos

Designam **animais e alguns vegetais:** o sabiá (macho e fêmea), a cobra (macho e fêmea), o jacaré (macho e fêmea), o mamão (macho e fêmea).

3.3.1.2.2.2. Sobrecomuns

Designam **pessoas**, sempre com **o mesmo gênero:** a criança (do sexo masculino ou do sexo feminino), o carrasco (do sexo masculino ou do sexo feminino).

3.3.1.2.2.3. Comuns de dois gêneros

Designam **pessoas**, com **mudança de gênero:** o dentista — a dentista, o viajante — a viajante, o artista — a artista, o jornalista — a jornalista.

3.3.1.2.3. Formação do feminino

a) **trocando-se -o/-e** do masculino por **-a:** aluna, menina, giganta, hóspeda.

b) **acrescentando-se -a** ao final dos masculinos terminados em **-l,** -r**,** -s**,** -z**:** fiscala, oradora, deusa, juíza.

c) com **as terminações -esa, -essa, -isa, -eira, -triz:** consulesa, condessa, papisa, arrumadeira, embaixatriz.

d) masculinos terminados em **-ão** fazem o feminino em **-ã, -ao** e **-ona:** anã, patroa,

foliona.

e) **outras formas:** rapaz — rapariga, herói — heroína, grou — grua, avô — avó, réu — ré.

■ *3.3.1.2.4. Particularidades do gênero*

Há várias particularidades, quanto ao gênero dos substantivos, que devem ser observadas.

a) algumas palavras para as quais **a gramática não fixa um gênero:** o diabete / a diabete, o personagem / a personagem, o pijama / a pijama.

b) algumas palavras **mudam de sentido** quando mudam de gênero: o cisma (a separação) / a cisma (desconfiança), o cabeça (o líder) / a cabeça (parte do corpo), o capital (dinheiro) / a capital (cidade), o moral (ânimo) / a moral (ética, bons costumes).

c) atenção para estas:

■ **são masculinos:** o ágape, o anátema, o aneurisma, o champanha, o dó, o eclipse, o gengibre, o guaraná, o plasma.

■ **são femininos:** a alface, a apendicite, a cataplasma, a comichão, a omoplata, a ordenança, a rês, a sentinela.

■ *3.3.1.3. Flexão de número*

Quanto ao **número**, os substantivos podem ser:

■ *singular* — um ser ou um grupo de seres: ave, bando.

■ *plural* — mais de um ser ou grupo de seres: aves, bandos.

Para colocarmos os **substantivos no plural**, devemos separá-los em **simples** e **compostos**.

■ *3.3.1.3.1. Formação do plural dos substantivos simples*

a) terminados em **-ão:**

anciãos, mãos, órfãos, cidadãos
anões, espiões, botões, limões
pães, capitães, alemães, cães

Curiosidade: Alguns admitem duas ou três formas: corrimãos, corrimões; sacristãos, sacristães; anciãos, anciães, anciões; vilãos, vilães, vilões.

b) terminados em **-s:**

■ **monossílabos** e **oxítonos** recebem **-es:** gás — gases; mês — meses; freguês — fregueses; país — países.

■ **paroxítonos** e **proparoxítonos** ficam **invariáveis:** o lápis — os lápis; o ônibus — os ônibus.

c) terminados em **-r** ou **-z** recebem **-es:** mulheres, oradores, trabalhadores, cruzes, juízes, arrozes.

d) terminados em **-m** trocam por **-ns:** garagens, armazéns, homens, álbuns.
e) terminados em **-al, -el, -ol, -ul** trocam o **-l** por **-is:** jornais, papéis, faróis, pauis.
f) terminados em **-il:**

- **oxítonas** trocam o **-l** por **-s:** funis, barris.
- **paroxítonas** trocam o **-il** por **-eis:** fósseis, répteis, projéteis.

Curiosidade:
mal = males
cônsul = cônsules
mel = meles ou méis

g) terminados em **-x** ficam **invariáveis:** os tórax, os sílex, as fênix, as xérox
h) terminados em **-n:**

- acrescenta-se **-es:** hífenes, abdômenes, gérmenes, líquenes.
- acrescenta-se **-s:** hifens, abdomens, germens, elétrons, prótons.

3.3.1.3.2. Plural dos diminutivos

Terminados em **-zinho** ou **-zito** fazem da seguinte forma:
fogãozinho = fogõe(s) + zinho + s > fogõezinhos
raizinha = raíze(s) + zinha + s > raizezinhas
cãozito = cãe(s) + zito + s > cãezitos
barrilzinho = barri(s) + zinho + s > barrizinhos

3.3.1.3.3. Particularidades do número dos substantivos simples

a) **alguns** substantivos são **usados apenas no plural:** anais, alvíssaras, arredores, cãs, condolências, férias, núpcias.

b) alguns substantivos tomam **significados diferentes** quando **no singular ou plural:** bem (virtude) / bens (propriedades), costa (litoral) / costas (dorso), liberdade (livre de escolha) / liberdades (regalias, intimidades), vencimento (fim de prazo) / vencimentos (salário).

3.3.1.3.4. Formação do plural dos substantivos compostos

Compostos **sem hífen** variam **como os substantivos simples:** aguardente — aguardentes; girassol — girassóis; vaivém — vaivéns.

Quanto aos compostos **com hífen, observa-se a classe gramatical de cada um** dos termos formadores do composto; se ela for variável, vai para o plural; caso contrário, continuará da mesma forma.

Vão para o **plural: substantivos, adjetivos, pronomes** e **numerais**.

Ficam **invariáveis: verbos, advérbios, interjeições** e **prefixos**.

Veja como flexioná-los:
abelha-mestra > abelhas-mestras = abelha (subst.) / mestra (subst.)

amor-perfeito > amores-perfeitos = amor (subst.) / perfeito (adj.)
padre-nosso > padres-nossos = padre (subst.) / nosso (pron.)
quinta-feira > quintas-feiras = quinta (num.) / feira (subst.)
guarda-roupa > guarda-roupas = guarda (verbo) / roupa (subst.)
sempre-viva > sempre-vivas = sempre (adv.) / viva (adj.)
ave-maria > ave-marias = ave (interj.) / Maria (subst.)
vice-presidente > vice-presidentes = vice (pref.) / presidente (subst.)

3.3.1.3.5. Particularidades do número dos substantivos compostos

Varia apenas o primeiro elemento quando:

a) ligados por preposição: pés de moleque, mulas sem cabeça.

b) compostos formados por *substantivo + adjetivo* em que o segundo determina o primeiro: navios-escola, mangas-rosa.

Varia apenas o segundo elemento quando formados por palavras repetidas: quero-queros, corre-corres, tico-ticos, ruge-ruges.

Curiosidade: Se as palavras repetidas forem verbos, ambas podem variar: corres-corres, ruges-ruges.

Substantivos compostos formados com adjetivos reduzidos:

a) adjetivos reduzidos **como prefixos** são **invariáveis:** bel-prazeres, grão-duques.

b) adjetivos reduzidos **como sufixos** são variáveis: altares-mores, capitães-mores.

Caso especiais: os arco-íris / os terras-nova.

3.3.1.4. Flexão de grau

O grau dos substantivos exprime uma "**variação**" no **tamanho** do ser, podendo também dar-lhe um **sentido desprezível** ou **afetivo:** bocarra, velhota, gatão, velhinha. Temos os graus:

3.3.1.4.1. Normal

Boca, velha, gato, pedra, corpo.

3.3.1.4.2. Aumentativo

Boca grande ou bocarra, gato enorme ou gatão.

3.3.1.4.3. Diminutivo

Boca pequena ou boquinha, pedra minúscula ou pedrinha.

Há dois processos para se obter os graus aumentativo e diminutivo:

- *Analítico:* juntando à forma normal um adjetivo que indique aumento ou diminuição: obra gigantesca, obra mínima, menino grande, menino pequeno.
- *Sintético:* anexando à forma normal sufixos denotadores de aumento ou redução: bocarra (aumentativo sintético); pedregulho (aumentativo sintético); estatueta (diminutivo

sintético); pedrisco (diminutivo sintético).

São muitos os **sufixos** indicadores **de grau:**

aumentativo:

-*aça:* barca — barcaça
-*ão:* cachorro — cachorrão
-*arra:* boca — bocarra
-*az:* prato — pratarraz
-*ázio:* copo — copázio
-*ona:* mulher — mulherona
-*uça:* dente — dentuça

diminutivo:

-*acho:* rio — riacho
-*ebre:* casa — casebre
-*ejo:* lugar — lugarejo
-*eta:* sala — saleta
-*inho:* livro — livrinho
-*isco:* chuva — chuvisco
-*ulo:* globo — glóbulo

3.3.2. Adjetivo

Toda palavra que **caracteriza o substantivo**, indicando-lhe **um estado**, **aspecto** ou **modo de ser**, recebe o nome de *adjetivo*.

3.3.2.1. Classificação dos adjetivos

Quanto à flexão, o adjetivo pode ser:

3.3.2.1.1. Uniforme

Possui uma **única forma para os dois gêneros:** feliz, alegre.

3.3.2.1.2. Biforme

Possui **formas distintas para cada gênero:** bom / boa; mau / má; bonito / bonita.

Quanto à formação, o adjetivo pode ser:

3.3.2.1.3. Simples

Constituído de **um único radical:** vermelho, social, claro, escuro, financeiro.

3.3.2.1.4. Composto

Constituído de **dois ou mais radicais:** vermelho-claro; sociofinanceiro; verde-escuro.

3.3.2.2. Adjetivo pátrio

É aquele que se refere a **continentes, países, cidades, regiões:** europeu, inglês,

londrino, calabrês.

Curiosidade: Exemplos para estados e cidades brasileiros:
Acre: acreano, acriano
Alagoas: alagoano
Amapá: amapaense
Aracaju: aracajuano, aracajuense
Amazonas: amazonense
Belém: belenense
Belo Horizonte: belo-horizontino
Boa Vista: boa-vistense
Brasília: brasiliense
Cabo Frio: cabo-friense
Campinas: campineiro
Campinas do Sul (RS); Campina Grande (PA); Campinas do Piauí (PI): campinense
Curitiba: curitibano
Espírito Santo: espírito-santense ou capixaba
Fernando de Noronha: noronhense
Florianópolis: florianopolitano
Fortaleza: fortalezense
Goiânia: goianiense
João Pessoa: pessoense
Macapá: macapaense
Maceió: maceioense
Manaus: manauense, manauara
Maranhão: maranhense
Marajó: marajoara
Mato Grosso: mato-grossense
Mato Grosso do Sul: mato-grossense-do-sul
Natal: natalense ou papa-jerimum
Pará: paraense
Porto Alegre: porto-alegrense
Porto Velho: porto-velhense
Ribeirão Preto: ribeirão-pretense, ribeirão-pretano, ribeiro-pretano, ribeiropretano
Rio de Janeiro (estado): fluminense
Rio de Janeiro (cidade): carioca
Rio Branco: rio-branquense
Rio Grande do Norte: rio-grandense-do-norte, norte-rio-grandense, potiguar
Rio Grande do Sul: rio-grandense-do-sul, sul-rio-grandense, gaúcho

Rondônia: rondoniano, rondoniense
Roraima: roraimense
Salvador: salvadorense ou soteropolitano

3.3.2.3. Locução adjetiva

É a expressão formada de **preposição mais substantivo ou advérbio**, com valor de adjetivo.

dia *de chuva* — dia chuvoso
atitudes *de anjo* — atitudes angelicais
luz *do sol* — luz solar
estrela *da tarde* — estrela vespertina
ar *do campo* — ar campestre

Curiosidade: Algumas locuções adjetivas:

de abdômen — abdominal

de abelha — apícula

de açúcar — sacarino

de águia — aquilino

da alma — anímico

de aluno — discente

de arcebispo — arquiepiscopal

de baço — esplênico

de bispo — episcopal

de boca — bucal, oral

de bronze — brônzeo, êneo

de cabeça — cefálico

de cabelo — capilar

de cabra — caprino

de campo — rural, campesino

de cavalo — equino, hípico

de chumbo — plúmbeo

de chuva — pluvial

de cidade — citadino, urbano

de cinza — cinéreo

de cobra — viperino, ofídico
de cobre — cúprico
de coração — cardíaco, cordial
de criança — pueril, infantil
de dedo — digital
de dinheiro — pecuniário
de esposos — esponsal
de estômago — estomacal, gástrico
de estrela — estelar
de fábrica — fabril
de farinha — farináceo
de fígado — hepático
de fogo — ígneo
de garganta — gutural
de gato — felino
de gelo — glacial
de guerra — bélico
de idade — etário
de ilha — insular
de inverno — hibernal
de irmão — fraternal
de lago — lacustre
de leão — leonino
de lebre — leporino
de leite — lácteo
de lobo — lupino
de mãe — maternal, materno
de marfim — ebúrneo, ebóreo
de memória — mnemônico
de mestre — magistral

de moeda — monetário, numismático
de monge — monacal, monástico
de morte — mortífero, letal
de nádegas — glúteo
de nariz — nasal
de neve — níveo
de norte — setentrional, boreal
de núcleo — nucleico
de olho — ocular, ótico, oftálmico
de orelha — auricular
de ouro — áureo
de outono — outonal
de ouvido — ótico
de ovelha — ovino
de paixão — passional
de pântano — palustre
de pedra — pétreo
de peixe — písceo
de pele — epidérmico, cutâneo
de pescoço — cervical
de porco — suíno
de prata — argênteo
de predador — predatório
de professor — docente
de prosa — prosaico
de proteína — proteico
de pus — purulento
dos quadris — ciático
de rato — murino
de rim — renal

de rio — fluvial

de rocha — rupestre

de selo — filatélico

de selva — silvestre

de sonho — onírico

de sul — meridional, austral

da terra — telúrico

de terremoto — sísmico

de touro — taurino

de umbigo — umbilical

de velho — senil

de vento — eólio, eólico

de verão — estival

de vidro — vítreo

de vontade — volitivo

3.3.2.4. Flexão de gênero

3.3.2.4.1. Adjetivos simples

Sua flexão de gênero é **igual à dos substantivos simples**.
homem bom / mulher boa
rapaz trabalhador / moça trabalhadeira

3.3.2.4.2. Adjetivos compostos

Varia apenas o último elemento.
hospital médico-cirúrgico / clínica médico-cirúrgica
sapato amarelo-claro / blusa amarelo-clara
homem luso-brasileiro / mulher luso-brasileira

Curiosidade: Surdo-mudo é o único adjetivo composto da Língua Portuguesa em que ambos os elementos variam, tanto em gênero quanto em número: surdo-mudo, surda-muda, surdos-mudos, surdas-mudas.

3.3.2.5. Flexão de número

3.3.2.5.1. Adjetivos simples

Sua flexão de número é **igual à dos substantivos simples**.

homem bom / homens bons
rapaz trabalhador / rapazes trabalhadores

Curiosidade: Qualquer substantivo usado como adjetivo fica invariável:

homem monstro / homens monstro

mulher monstro / mulheres monstro

vestidos laranja

ternos cinza

camisas abacate

carros residência

3.3.2.5.2. Adjetivos compostos

Varia **apenas o último elemento**.
hospital médico-cirúrgico / hospitais médico-cirúrgicos
blusa amarelo-clara / blusas amarelo-claras
posição sócio-político-econômica / posições sócio-político-econômicas

Curiosidade: Se o último elemento do composto for um substantivo, fica invariável.
blusa verde-garrafa / blusas verde-garrafa
tecido amarelo-ouro / tecidos amarelo-ouro
sapato marrom-café / sapatos marrom-café

São invariáveis: azul-marinho / azul-celeste / cor de ...

3.3.2.6. Flexão de grau

São dois os graus de adjetivo:

- *Comparativo*, compara **dois seres diferentes**.
- *Superlativo*, compara qualidades de **um único ser**.

3.3.2.6.1. Grau comparativo

3.3.2.6.1.1. De igualdade

A qualidade aparece na **mesma intensidade** para ambos os seres que se comparam: João é tão alto quanto José.

3.3.2.6.1.2. De superioridade

A qualidade aparece **mais intensificada no primeiro elemento** de comparação: João é mais alto que (ou do que) José.

3.3.2.6.1.3. De inferioridade

A qualidade aparece **menos intensificada no primeiro elemento** de comparação: João

é menos alto que (ou do que) José.

Curiosidade: Veja o grau comparativo de superioridade com os adjetivos:
bom
mau / ruim
grande
pequeno
Temos duas formas para usá-los:
a) *analítica:* mais bom, mais mau, mais grande, mais pequeno
b) *sintética:* melhor, pior, maior, menor
Comparativo de superioridade analítico: usado quando se comparam duas qualidades de um único ser.
Minha casa é mais grande que confortável.
João é mais bom que ruim.
Comparativo de superioridade sintético: usado quando se compara uma qualidade entre dois seres diferentes:
Minha casa é maior que a sua.
João é melhor que José.
Atenção: A forma "mais pequeno" é sempre correta! Você pode usá-la sempre:
Meu carro é mais pequeno que grande.
Meu carro é mais pequeno que o seu.
A casa do Pedro é mais pequena que grande.
A casa do Pedro é mais pequena que a casa do José.

3.3.2.6.2. Grau superlativo

3.3.2.6.2.1. Relativo

Qualidade de **um ser em relação a um conjunto** de seres.

- *De superioridade:* João é o mais alto da turma.
- *De inferioridade:* João é o menos alto da turma.

3.3.2.6.2.2. Absoluto

Qualidade de **um único ser, absolutamente**.
a) *Analítico:* quando a alteração do grau é feita **por meio de alguma palavra que modifique o adjetivo:**
João é muito alto.
Minha casa é bastante confortável.
b) *Sintético:* **quando acrescentamos sufixos** para marcar o grau:
João é altíssimo.
Minha casa é confortabilíssima.

O superlativo absoluto sintético é formado pelo acréscimo dos sufixos: **-íssimo; -imo; -rimo**.

Na **língua coloquial**, usamos sempre **-íssimo:** belíssimo, amiguíssimo, agudíssimo.Na **língua culta**, devemos acrescentar os sufixos **-íssimo, -rimo** ou **-imo** às formas eruditas dos adjetivos:

amicus + íssimo = amicíssimo
pauper + rimo = paupérrimo
humili + imo = humílimo

Alguns superlativos absolutos eruditos:

amargo: amaríssimo
célebre: celebérrimo
cruel: crudelíssimo
doce: dulcíssimo
frágil: fragílimo
frio: frigidíssimo
geral: generalíssimo
humilde: humílimo
incrível: incredibilíssimo
livre: libérrimo
magro: macérrimo ou magérrimo
negro: nigérrimo
nobre: nobilíssimo
pio: pientíssimo
preguiçoso: pigérrimo
sábio: sapientíssimo
soberbo: superbíssimo
tétrico: tetérrimo
velho: vetérrimo
veloz: velocíssimo
visível: visibilíssimo
voraz: voracíssimo

3.3.3. Artigo

É a palavra variável em gênero e número que **define ou indefine o substantivo**.

3.3.3.1. Artigos definidos (o, a, os, as)

O jornal comentou a notícia.

3.3.3.2. Artigos indefinidos (um, uma, uns, umas)

Um jornal comentou uma notícia.

3.3.3.3. Particularidades do artigo

a) **Substantivar** qualquer palavra:

O "não" é uma palavra que expressa negação. — "não" vira substantivo.

Quem ama o feio, bonito lhe parece. — "feio" vira substantivo.

b) **Evidenciar** o **gênero** e o **número** dos substantivos:

O dó (masculino)

A coleta (feminino)

O lápis (singular)

Os lápis (plural)

c) **Revelar quantidade aproximada** quando usado o indefinido diante de numerais:

Uns dez quilos

Umas trezentas pessoas

d) **Combinar-se com preposições:**

No = em + o

Das = de + as

À = a + a

Numa = em + uma

3.3.4. Numeral

É a palavra que dá ideia de **quantidade** (um, dois, três...), **sequência** (primeiro, segundo, terceiro...), **multiplicação** (dobro, triplo...) e **divisão** (metade, um terço, três quartos...).

ALGARISMOS	CARDINAIS	ORDINAIS	MULTIPLICATIVOS	FRACIONÁRIOS	COLETIVOS
1	um	primeiro			
2	dois	segundo	duplo, dobro	meio, metade	duo, dueto
3	três	terceiro	triplo, tríplice	terço	trio
4	quatro	quarto	quádruplo	quarto	quarteto
5	cinco	quinto	quíntuplo	quinto	quinteto
6	seis	sexto	sêxtuplo	sexto	sexteto
7	sete	sétimo	séptuplo	sétimo	
8	oito	oitavo	óctuplo	oitavo	
9	nove	nono	nónuplo	nono	novena
10	dez	décimo	décuplo	décimo	dezena, década
11	onze	undécimo, décimo primeiro	undécuplo	undécimo, onze avos	
12	doze	duodécimo, décimo segundo	duodécuplo	duodécimo, doze avos	dúzia
13	treze	décimo terceiro		treze avos etc.	
14	catorze, quatorze	décimo quarto			
15	quinze	décimo quinto			
16	dezesseis	décimo sexto			
17	dezessete	décimo sétimo			
18	dezoito	décimo oitavo			
19	dezenove	décimo nono			
20	vinte	vigésimo		vinte avos	
21	vinte e um	vigésimo primeiro		vinte e um avos	
30	trinta	trigésimo		trinta avos	
40	quarenta	quadragésimo			
50	cinquenta	quinquagésimo			
60	sessenta	sexagésimo			
70	setenta	septuagésimo			
80	oitenta	octogésimo			
90	noventa	nonagésimo			
100	cem	centésimo	cêntuplo	cem avos	centena, cento
200	duzentos	ducentésimo		duzentos avos	
300	trezentos	tricentésimo		trezentos avos	
400	quatrocentos	quadrigentésimo			
500	quinhentos	quingentésimo			
600	seiscentos	seiscentésimo			
700	setecentos	septingentésimo			
800	oitocentos	octingentésimo			
900	novecentos	nongentésimo			
1.000	mil	milésimo		mil avos	milhar
10.000	dez mil	dez milésimos		dez mil avos	
100.000	cem mil	cem milésimos		cem mil avos	
1.000.000	um milhão	milionésimo		milionésimo	
1.000.000.000	um bilhão	bilhonésimo		bilhonésimo	
1.000.000.000.000	um trilhão	trilhonésimo		trilhonésimo	

3.3.4.1. Flexão dos numerais

Alguns numerais são variáveis em gênero e número, outros apenas em gênero ou apenas em número.

a) **gênero e número:** primeiro, primeira / primeiros, primeiras;

b) **apenas gênero:** um / uma, dois / duas, trezentos / trezentas, ambos / ambas;

c) **apenas número:** um terço / dois terços, um quinto / cinco quintos.

3.3.4.2. Emprego dos numerais

a) na indicação de **soberanos, papas, séculos e partes de obras**, usa-se o ordinal até dez e, daí em diante, o cardinal; no **texto legislativo**, usa-se o ordinal até nove e, daí em diante, o cardinal:

Henrique VIII (oitavo) Século X (décimo) Artigo 9º (nono)
João XXIII (vinte e três) Século XI (onze) § 10 (parágrafo dez)

Curiosidade: Se o numeral vier anteposto ao substantivo, usamos o ordinal:
XX Salão do Automóvel = Vigésimo Salão do Automóvel
Se o numeral vier posposto ao substantivo, usamos o cardinal:
casa 2 = casa dois
página 23 = página vinte e três

b) na indicação do **primeiro dia do mês**, usamos o numeral **ordinal**; para os **outros dias**, o numeral **cardinal:**

primeiro de abril três de abril treze de julho
dois de abril primeiro de julho trinta e um de julho

3.3.4.3. Leitura dos numerais

a) **numeral cardinal:** coloca-se a conjunção "e" entre as centenas e dezenas e também entre a dezena e a unidade:

6.069.523 = seis milhões sessenta e nove mil quinhentos e vinte e três

b) **numeral ordinal**

- **inferior a 2.000º**, lê-se normalmente como ordinal:

1.856º = milésimo octingentésimo quinquagésimo sexto

- **superior a 2.000º**, lê-se o primeiro como cardinal e os outros como ordinais:

2.056º = dois milésimos quinquagésimo sexto
5.232º = cinco milésimos ducentésimo trigésimo segundo

Curiosidade: Se for **número redondo:**
2.000º = segundo milésimo
5.000º = quinto milésimo
10.000º = décimo milésimo

3.3.5. Pronome

Classe de palavras que **acompanha ou substitui o substantivo** e que dá indicações sobre aquilo que este expressa, limitando ou concretizando o seu significado. Concorda em gênero e número com o substantivo a que se refere.

Meu pai chegou. — *meu:* **pronome adjetivo**, pois acompanha um substantivo.
Ele chegou. — *ele:* **pronome substantivo**, pois substitui um substantivo.

3.3.5.1. Pronomes pessoais

Classe de palavras que **representa** no discurso **as três pessoas gramaticais**, indicando, por isso, *quem fala, com quem se fala* e *de quem se fala*.

NÚMERO	PESSOA	CASO RETO	CASO OBLÍQUO	
			ÁTONO	TÔNICO
Singular	1ª pessoa	eu	me	mim, comigo
	2ª pessoa	tu	te	ti, contigo
	3ª pessoa	ele(a)	se, o, a, lhe	si, consigo *preposição* + ele(a)
Plural	1ª pessoa	nós	nos	conosco, *preposição* + nós
	2ª pessoa	vós	vos	convosco, *preposição* + vós
	3ª pessoa	eles(as)	se, os, as, lhes	si, consigo, *preposição* + eles(as)

3.3.5.1.1. Caso reto

São do **caso reto** os pronomes que nas orações **desempenham a função de sujeito** ou **predicativo do sujeito**.

3.3.5.1.2. Caso oblíquo

São do **caso oblíquo** os pronomes que nas orações desempenham funções de **complemento verbal** ou **complemento nominal**. As formas dos pronomes pessoais do caso oblíquo variam de acordo com a tonicidade com que são pronunciados, dividindo-se em átonos e tônicos.

Curiosidade: Os pronomes oblíquos átonos só podem aparecer ao lado do verbo (próclise, mesóclise ou ênclise):
Jamais me abandonará.
Abandonar-me-á?
Abandonou-me.
Os pronomes oblíquos tônicos podem aparecer em qualquer lugar da frase:
Para mim estudar Português é fácil.
Estudar Português para mim é fácil.
Estudar Português é para mim fácil.
Estudar Português é fácil para mim.

3.3.5.1.3. Pronomes de tratamento

São usados no **trato formal**, quando não deve haver intimidade.

Os pronomes de tratamento apresentam certas **peculiaridades quanto à concordância** verbal, nominal e pronominal. **Embora se refiram à** segunda pessoa gramatical (à pessoa com quem se fala, ou a quem se dirige a comunicação), **levam a concordância para a** terceira pessoa.

Curiosidade: O verbo concorda com o substantivo que integra a locução como seu

núcleo sintático: Vossa *Senhoria nomeará* o substituto.

Vossa *Excelência conhece* o assunto.

Da mesma forma, os pronomes possessivos referidos a pronomes de tratamento são sempre os da terceira pessoa:

Vossa *Senhoria* nomeará *seu* substituto.

Vossa *Excelência* levará *consigo* o documento.

Quanto aos adjetivos referidos a esses pronomes, o gênero gramatical deve coincidir com o sexo da pessoa a que se refere, e não com o substantivo que compõe a locução. Assim, nosso interlocutor,

a) se for homem, o correto é "*Vossa Excelência está atarefado*", "*Vossa Senhoria deve estar satisfeito*".

b) se for mulher, o correto é "*Vossa Excelência está atarefada*", "*Vossa Senhoria deve estar satisfeita*".

3.3.5.1.3.1. Emprego dos pronomes de tratamento

a) *Vossa Excelência (V.Ex a),* para as seguintes autoridades: Presidente da República; Vice-Presidente da República; Ministros de Estado; Governadores (e Vice) de Estado e do Distrito Federal; Oficiais-Generais das Forças Armadas; Embaixadores; Secretários-Executivos de Ministérios e demais ocupantes de cargos de natureza especial; Secretários de Estado dos Governos Estaduais; Prefeitos Municipais; Deputados Federais e Senadores; Ministro do Tribunal de Contas da União; Deputados Estaduais e Distritais; Conselheiros dos Tribunais de Contas Estaduais; Presidentes das Câmaras Legislativas Municipais; Ministros dos Tribunais Superiores; Membros de Tribunais; Juízes; Auditores da Justiça Militar.

b) *Vossa Senhoria (V.Sa)* é empregado para as demais autoridades e para particulares.

c) *Vossa Magnificência (V.Mag a)* é empregado, por força da tradição, em comunicações dirigidas a reitores de universidade.

d) *Vossa Santidade (V.S.)*, em comunicações dirigidas ao Papa.

e) *Vossa Eminência (V.Em a)* ou *Vossa Eminência Reverendíssima (V.Em aRevma)*, em comunicações aos Cardeais.

f) *Vossa Excelência Reverendíssima (V.ExaRevma)* é usado em comunicações dirigidas a Arcebispos e Bispos.

g) *Vossa Reverendíssima (V.Rev ma)* ou *Vossa Senhoria Reverendíssima (V.S aRevma)* para Monsenhores, Cônegos e superiores religiosos.

h) *Vossa Reverência (V.Reva)* é empregado para sacerdotes, clérigos e demais religiosos.

i) *Vossa Alteza (V.A.)* é empregado para arqueduques, duques e príncipes.

j) *Vossa Majestade (V.M.)* é empregado para reis e imperadores.

Curiosidade: As formas dadas até agora são usadas para falar diretamente com a

pessoa.

Quando queremos falar delas (e não com elas), trocamos VOSSA por SUA:

Sua Excelência (S.Exª)

Sua Senhoria (S.Sª)

3.3.5.2. Pronomes demonstrativos

Classe de palavras que, substituindo ou acompanhando os nomes, **indica a posição** dos seres e das coisas **no espaço** e **no tempo** em relação às pessoas gramaticais.

	VARIÁVEIS	INVARIÁVEIS
1ª pessoa	este(s), esta(s)	isto
2ª pessoa	esse(s), essa(s)	isso
3ª pessoa	aquele(s), aquela(s)	aquilo

Também aparecem como pronomes demonstrativos:

a) *mesmo(s), mesma(s):* Estas são as mesmas roupas que eu usei ontem.

b) *próprio(s), própria(s):* Os próprios meninos fizeram o brinquedo.

c) *semelhante(s):* Não diga semelhante coisa!

d) *tal/tais:* Ele não pode viver com tal preocupação.

e) *o(s), a(s):* quando equivalem a isto, aquilo, aquele(s), aquela(s): São muitos os que faltaram à aula hoje. Eu quero a da direita.

3.3.5.3. Pronomes relativos

Classe de palavras que **estabelece uma relação entre uma palavra antecedente** que representa **e aquilo que a seu respeito se vai dizer** na oração que introduz, ou que estabelece uma relação entre um nome que determina e um antecedente.

VARIÁVEIS	INVARIÁVEIS
o qual, a qual, os quais, as quais cujo, cuja, cujos, cujas quanto, quanta, quantos, quantas	que quem onde

a) *Qual* — vem sempre **precedido de artigo:** o qual, a qual, os quais, as quais.

b) *Cujo* — expressa **posse** e **concorda sempre em gênero e número com o substantivo que o sucede:**

Esta senhora, *cujo* nome desconheço, tem uma reclamação a fazer.

Este é o rio Douro *cujas* águas banham a cidade do Porto.

c) *Quanto* — tem por **antecedentes** os **pronomes indefinidos** todo(a, os, as) e tanto(a, os, as), embora estes estejam omitidos (subentendidos):

Emprestei-te quanto dinheiro tinha (antecedente subentendido: tanto).

d) *Quem* — refere-se a pessoas e, funcionando como complemento, vem **sempre precedido de preposição:**

Atanagildetina é a mulher a quem eu amo.

e) *Onde* — refere-se sempre a uma **localidade:**

Esta é a casa onde nasci.

3.3.5.4. Pronomes interrogativos

Classe de palavras que, substituindo ou acompanhando os nomes, é empregada para formular uma **pergunta direta ou indireta**.

VARIÁVEIS	INVARIÁVEIS
quanto, quanta, quantos, quantas qual, quais	que quem onde

a) *Quanto* — pode referir-se a pessoas ou a coisas. Enquanto interrogativo, usa-se em concordância com o substantivo:

Quantos irmãos tens?

Quero saber quantos irmãos você tem.

b) *Qual* — pode referir-se a pessoas ou a coisas. Usa-se geralmente como determinante, embora nem sempre junto ao substantivo:

Qual foi o filme que viste ontem?

Gostaria de saber qual foi o filme que viste ontem.

c) *Que* — é determinante quando é equivalente a "que espécie de", podendo referir-se a pessoas ou a coisas:

Que livro você está lendo?

Quero saber que livro você está lendo.

Mas que mulher é esta?

Gostaria de saber que mulher é esta.

3.3.5.5. Pronomes indefinidos

Classe de palavras que designa ou determina a 3ª pessoa gramatical (seres ou coisas) de **modo vago e impreciso**.

VARIÁVEIS	INVARIÁVEIS
algum, alguns, alguma, algumas bastante, bastantes certo, certos, certa, certas diverso, diversos, diversa, diversas muito, muitos, muita, muitas nenhum, nenhuns, nenhuma, nenhumas outro, outros, outra, outras pouco, poucos, pouca, poucas qual, quais qualquer, quaisquer tanto, tantos, tanta, tantas todo, todos, toda, todas um, uns, uma, umas vário, vários, vária, várias	algo alguém cada demais mais menos outrem nada tudo

3.3.5.6. Pronomes possessivos

Classe de palavras que **exprime a posse** em relação às três pessoas gramaticais.

singular	1ª pessoa	meu, meus, minha, minhas
	2ª pessoa	teu, teus, tua, tuas
	3ª pessoa	seu, seus, sua, suas dele, deles, dela, delas
plural	1ª pessoa	nosso, nossos, nossa, nossas
	2ª pessoa	vosso, vossos, vossa, vossas
	3ª pessoa	seu, seus, sua, suas dele, deles, dela, delas

3.4. CLASSE VERBAL

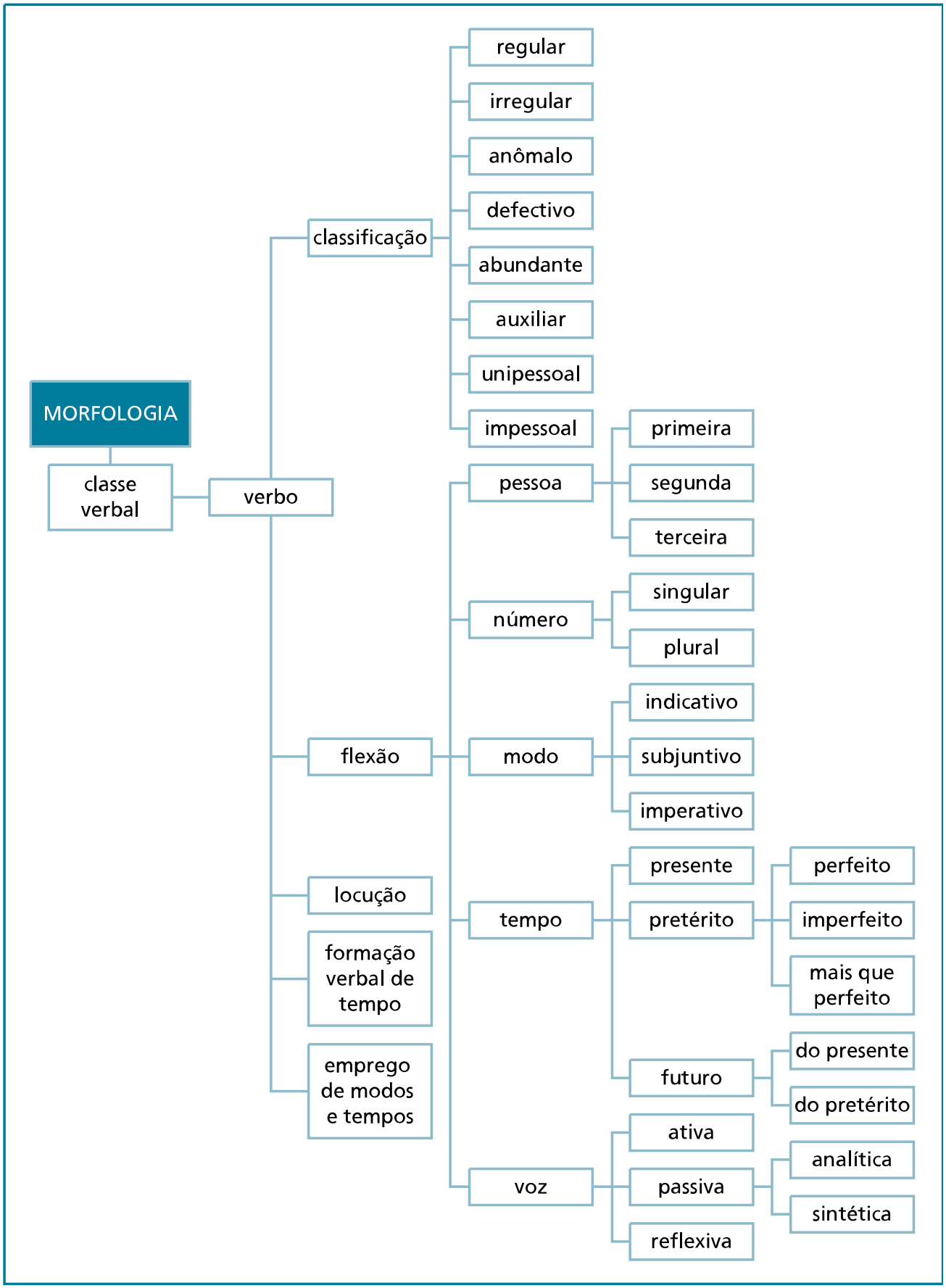

Verbo é a classe de palavra que designa um **estado**, uma **ação** ou um **fenômeno natural**.

Ana **é** feliz. (estado)

Ana **comeu** mamão. (ação)

Neva todo inverno no país de Ana. (fenômeno natural)

A **conjugação** verbal é feita **por meio das desinências**.

Exemplo: Na forma verbal *viéssemos*, temos a 1a pessoa do plural do pretérito imperfeito do subjuntivo, pois:

- **-sse** é desinência modo-temporal (pretérito imperfeito do subjuntivo)
- **-mos** é desinência número-pessoal (1a pessoa do plural)

As *desinências número-pessoais* são **fixas para todos os verbos, em qualquer modo ou tempo**. Elas informam se um verbo está na 1ª, 2ª ou 3ª pessoa e se o verbo está no singular ou no plural.

São elas:

PESSOAS		DESINÊNCIAS
1ª pessoa do singular	eu	Ø
2ª pessoa do singular	tu	S
3ª pessoa do singular	ele	Ø
1ª pessoa do plural	nós	MOS
2ª pessoa do plural	vós	IS
3ª pessoa do plural	eles	M

Curiosidade: O símbolo **Ø** informa que para essas pessoas não existe desinência, portanto nada acrescentaremos à forma verbal.

3.4.1. Classificação dos verbos

3.4.1.1. Regulares

São os que **seguem o modelo** de sua conjugação.

Para saber se um verbo é **regular**, basta conjugá-lo no **presente do indicativo** e no **pretérito perfeito do indicativo**. Se não houver mudanças no radical ou nas desinências nesses dois tempos, não haverá em nenhum outro.

PRESENTE DO INDICATIVO		PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO	
radical	desinências	radical	desinências
ESTUD	O	ESTUD	EI
ESTUD	AS	ESTUD	ASTE
ESTUD	A	ESTUD	OU
ESTUD	AMOS	ESTUD	AMOS
ESTUD	AIS	ESTUD	ASTES
ESTUD	AM	ESTUD	ARAM

Curiosidade: *Formas rizotônicas e arrizotônicas:*

a) Formas **rizotônicas** são aquelas que apresentam o **acento tônico** no **radical** do verbo. 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular (eu, tu, ele) e 3ª pessoa do plural (eles) são formas rizotônicas: **Am**o, **am**as, **am**a, **am**am.

b) Formas **arrizotônicas** são aquelas que apresentam o **acento tônico** na **desinência**.

1ª e 2ª pessoas do plural (nós e vós) são formas arrizotônicas: Am**amos**, am**ais**.

3.4.1.2. Irregulares

São aqueles cujo **radical e/ou terminações se alteram**, não seguindo o modelo de sua conjugação. Vejamos os verbos a seguir:

PRESENTE DO INDICATIVO		PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO	
radical	desinências	radical	desinências
D	OU	D	EI
D	ÁS	D	ESTE
D	Á	D	EU
D	AMOS	D	EMOS
D	AIS	D	ESTES
D	ÃO	D	ERAM

Houve alteração nas desinências, na conjugação do verbo "dar".

A irregularidade pode também ocorrer no **radical**, como no caso do verbo "ouvir", na 1a pessoa do presente do indicativo — eu **ouç**o:

PRESENTE DO INDICATIVO		PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO	
radical	desinências	radical	desinências
OUÇ	O	OUV	I
OUV	ES	OUV	ISTE
OUV	E	OUV	IU
OUV	IMOS	OUV	IMOS
OUV	IS	OUV	ISTES
OUV	EM	OUV	IRAM

3.4.1.3. Anômalos

São aqueles que **sofrem profundas modificações:**

ser: sou, fui, era...

ir: vou, fui, irei...

3.4.1.4. Defectivos

São aqueles que **não se conjugam em todas as formas:** é o caso dos verbos "abolir" e "reaver".

PRESENTE DO INDICATIVO			
eu	Ø	eu	Ø
tu	aboles	tu	Ø
ele	abole	ele	Ø
nós	abolimos	nós	reavemos
vós	abolis	vós	reaveis
eles	abolem	eles	Ø

3.4.1.5. Abundantes

São aqueles que apresentam **mais de uma forma com o mesmo valor**.

haver: vós **haveis** ou heis

construir: tu construis ou constrói

A abundância acontece, principalmente, no particípio.

O particípio regular é terminado em -do, o particípio irregular não possui forma fixa de terminação:

aceitar: aceitado / aceito
concluir: concluído / concluso
imprimir: imprimido / impresso
vagar: vagado / vago

Curiosidade: Lista de alguns verbos e seus duplos particípios (regular + irregular):

acender: acendido / aceso

afligir: afligido / aflito

agradecer: agradecido / grato

assentar: assentado / assente

atender: atendido / atento

benzer: benzido / bento

cativar: cativado / cativo

cegar: cegado / cego

cobrir: cobrido / coberto

completar: completado / completo

confundir: confundido / confuso

convencer: convencido / convicto

corromper: corrompido / corrupto

defender: defendido / defeso

descalçar: descalçado / descalço

dispersar: dispersado / disperso

dissolver: dissolvido / dissoluto

eleger: elegido / eleito

empregar: empregado / empregue

encarregar: encarregado / encarregue

entregar: entregado / entregue

envolver: envolvido / envolto

enxugar: enxugado / enxuto

erigir: erigido / ereto
expressar: expressado / expresso
expulsar: expulsado / expulso
extinguir: extinguido / extinto
fartar: fartado / farto
findar: findado / findo
fixar: fixado / fixo
frigir: frigido / frito
ganhar: ganhado / ganho
imergir: imergido / imerso
incluir: incluído / incluso
inserir: inserido / inserto
isentar: isentado / isento
juntar: juntado / junto
libertar: libertado / liberto
limpar: limpado / limpo
matar: matado / morto
morrer: morrido / morto
omitir: omitido / omisso
pagar: pagado / pago
prender: prendido / preso
repelir: repelido / repulso
revolver: revolvido / revolto
romper: rompido / roto
salvar: salvado / salvo
secar: secado / seco
situar: situado / sito
soltar: soltado / solto
submergir: submergido / submerso
sujeitar: sujeitado / sujeito

surpreender: surpreendido / surpreso

surgir: surgido / surto

suspeitar: suspeitado / suspeito

suspender: suspendido / suspenso

tingir: tingido / tinto

torcer: torcido / torto

3.4.1.6. Auxiliares

São aqueles que, **desprovidos de sentido próprio** (parcial ou totalmente), **juntam-se a outros verbos**, formando o que chamamos de *locução verbal*.

Os verbos auxiliares mais frequentes são: ser, estar, ter, haver, andar, deixar, tornar, poder, ir, começar, dever, acabar, querer, precisar e pretender.

3.4.1.6.1. Locução verbal

É a **união** de um **verbo auxiliar** com um **verbo em forma nominal** (infinitivo, gerúndio ou particípio). A função do verbo auxiliar é expandir a significação do principal.

Preciso sair agora. — **preciso** é verbo auxiliar, **sair** é verbo principal.

Estou cantando bem? — **estou** é verbo auxiliar, **cantando** é verbo principal.

Tenho falado muito! — **tenho** é verbo auxiliar, **falado** é verbo principal.

Nas locuções verbais, o verbo **auxiliar** está **sempre conjugado**, e o verbo **principal** (aquele que dá sentido à locução) deve ficar no infinitivo **(-r)**, **gerúndio (-ndo)** ou **particípio (-do/?):**

- *infinitivo:* Eu vou falar.
- *gerúndio:* Eu estou falando.
- *particípio:* Eu tenho falado.

Curiosidades:

1. A locução formada de infinitivo pode ter preposição entre o auxiliar e o principal:

O bebê começou **a** falar hoje.

João está **para** chegar.

2. Nas locuções verbais formadas de particípio, devemos optar pelo regular ou irregular, de acordo com a seguinte regra:

a) Com auxiliares **TER** ou **HAVER**: usamos o **particípio regular (-do):**

Eu **tenho pagado** minhas contas em dia.

Ele **havia acendido** a vela.

b) Com outros auxiliares: usamos o **particípio irregular (?):**

A conta **foi paga**.

A vela **está acesa**.

3. Quando o particípio possui uma única forma, não temos por que optar:
fazer — **feito:**
Eu **tenho feito** o trabalho sozinho.
O trabalho **foi feito** por mim.
vender — **vendido:**
Eu **tenho vendido** muitas roupas.
Estas roupas já **foram vendidas**.

3.4.1.7. Unipessoais

São aqueles que aparecem **apenas na 3ª pessoa do singular ou do plural**.

a) verbos que exprimem as vozes dos animais: latir (late, latem), miar (mia, miam) etc.

b) outros verbos que expressam ideias que não se atribuem a seres humanos: soar (soava, soavam), acontecer (aconteceu, aconteceram) etc.

3.4.1.8. Pronominais

São aqueles que **se conjugam com pronomes oblíquos**.

Dividem-se em dois grupos:

- *essencialmente pronominais* — só existem com pronomes: suicidar-se, queixar-se, arrepender-se etc.
- *acidentalmente pronominais* — podem ser usados com ou sem pronomes: lembrar-se (ou lembrar), esquecer-se (ou esquecer), enganar (ou enganar-se) etc.

3.4.2. Flexão dos verbos

3.4.2.1. Pessoa

Refere-se às **pessoas do discurso:**

- *1*a *pessoa* — **quem fala** (emissor): canto, cantamos.
- *2*a *pessoa* — **quem ouve** (receptor): cantas, cantais.
- *3*a *pessoa* — **de quem se fala** (mensagem): canta, cantam.

3.4.2.2. Número

Refere-se às flexões de **singular** e **plural:**

- *Singular* — refere-se a apenas **uma pessoa**: canto, cantas, canta.
- *Plural* — refere-se a **duas ou mais pessoas**: cantamos, cantais, cantam.

3.4.2.3. Modo

Refere-se à **maneira como anunciamos** um estado, uma ação ou um fenômeno natural. São três os modos verbais:

3.4.2.3.1. Indicativo

Expressa **certeza**.

Vós cantastes bem ontem.
Eu canto para afugentar a tristeza.
Nós cantaremos juntos aquela canção.

3.4.2.3.2. Subjuntivo

Expressa **dúvida ou hipótese**.
Se nós cantássemos, o tempo passaria mais rapidamente.
Todos pedem que eu cante.
Quando vós cantardes, ficaremos felizes.

3.4.2.3.3. Imperativo

Expressa **ordem**, **pedido** ou **súplica**.
Não cante.
Por favor, cantem para nós.
Pelo amor de Deus, não cante essa música outra vez.

3.4.2.4. Tempo

Situa a ideia expressa pelo verbo dentro de **determinado momento:**

3.4.2.4.1. Pretérito

Enuncia um fato **anterior** em relação **ao momento em que se fala**. Eu cantara. Eu cantei. Eu cantava. Se eu cantasse...

3.4.2.4.2. Presente

Enuncia um fato que **ocorre no momento em que se fala**. Eu canto. Que eu cante...

3.4.2.4.3. Futuro

Enuncia um fato **posterior** em relação **ao momento em que se fala**. Eu cantarei. Quando eu cantar...

3.4.2.5. Voz

Indica se o **sujeito** está **praticando** ou **sofrendo** a ação expressa pelo verbo (ou se ambos ao mesmo tempo). São três:

3.4.2.5.1. Voz ativa

Ocorre quando o **sujeito pratica a ação** verbal, é o agente, executa a ação expressa pelo verbo.
Âni comeu a deliciosa maçã.
Eles saíram.
O macaco comeu a fruta.
Maria colheu a rosa.

3.4.2.5.2. Voz passiva

Ocorre quando o **sujeito sofre a ação** verbal, é o paciente, receptor da ação expressa pelo verbo.

A deliciosa maçã foi comida pela Âni.

Comeu-se a deliciosa maçã.

Há dois tipos de voz passiva:

3.4.2.5.2.1. Analítica

Constitui-se da **locução verbal** formada pelo verbo auxiliar + verbo principal no particípio. Os auxiliares empregados são **SER** ou **IR**.

A fruta foi comida pelo macaco.

A rosa será colhida por Maria.

O santo ia carregado pelos fiéis.

O trio iria seguido pela multidão.

Curiosidade: Na voz passiva analítica, aquele que pratica a ação é chamado *AGENTE DA PASSIVA* (no caso dos exemplos acima, temos, então, **pelo macaco, pela Maria, pelos fiéis** e **pela multidão** como agentes da passiva).

3.4.2.5.2.2. Sintética

Constitui-se do verbo principal na 3a pessoa (singular ou plural concordando com o sujeito) + **partícula apassivadora SE**.

Comeu-se a banana.

Comeram-se as bananas.

Colheu-se a rosa.

Colheram-se as rosas.

Curiosidade:

a) Neste tipo de voz passiva, não aparece o agente da passiva.

b) O **SE** também pode ser chamado de *pronome apassivador*.

3.4.2.5.3. Voz reflexiva

Ocorre quando o **sujeito**, ao mesmo tempo, **pratica e sofre a ação** verbal, é agente e paciente, executa e recebe a ação expressa pelo verbo.

Âni cortou-se com a faca.

O macaco feriu-se.

Maria cortou-se.

Eu, ontem, olhei-me no espelho.

Curiosidade: Quando o sujeito é plural, temos a voz reflexiva recíproca:

As meninas pentearam-se.

Âni e Ina cortaram-se com a faca.

3.4.3. Formação dos tempos verbais

Quanto à formação, classificamos os tempos como **primitivos** e **derivados**:

PRIMITIVOS	DERIVADOS
Presente do indicativo 1a pessoa do singular 2as pessoas (singular e plural)	— Presente do subjuntivo — Imperativo negativo — 2as pessoas (singular e plural) do imperativo afirmativo
Pretérito perfeito do indicativo 3a pessoa do plural	— Pretérito mais-que-perfeito do indicativo — Pretérito imperfeito do subjuntivo — Futuro do subjuntivo
Infinitivo impessoal	— Futuro do presente do indicativo — Futuro do pretérito do indicativo — Pretérito imperfeito do indicativo — Infinitivo pessoal

3.4.3.1. Derivação

As formas verbais **primitivas dão origem** aos tempos verbais derivados, de acordo com o item anterior.

3.4.3.1.1. Derivados da 1a pessoa do singular do presente do indicativo

1a conjugação (terminados em AR) — eu **cant o**
2a conjugação (terminados em ER) — eu **vend o**
3a conjugação (terminados em IR) — eu **part o**

3.4.3.1.1.1. Presente do subjuntivo

1a conjugação troca o **-O** por **-E**.
2a e 3a conjugações trocam o **-O** por **-A**.
Acrescentando, a seguir, as desinências número-pessoais.

cant	e Ø	vend	a Ø	part	a Ø
cant	e s	vend	a s	part	a s
cant	e Ø	vend	a Ø	part	a Ø
cant	e mos	vend	a mos	part	a mos
cant	e is	vend	a is	part	a is
cant	e m	vend	a m	part	a m

Curiosidade: O verbo pôr pertence à 2ª conjugação, pois surgiu na Língua Portuguesa como POER.
Veja a etimologia:
ponere > poere > poer > poor > pôr

3.4.3.1.1.2. Imperativo negativo

Idêntico ao presente do subjuntivo. Basta acrescentar a negação.

não	cant	e s	tu	não	vend	a s	tu	não	part	a s	tu
não	cant	e	você	não	vend	a	você	não	part	a	você
não	cant	e mos	nós	não	vend	a mos	nós	não	part	a mos	nós
não	cant	e is	vós	não	vend	a is	vós	não	part	a is	vós
não	cant	e m	vocês	não	vend	a m	vocês	não	part	a m	vocês

3.4.3.1.1.3. Imperativo afirmativo

As segundas pessoas (tu e vós) obtêm-se das segundas pessoas do presente do indicativo sem a letra "**S**".

As demais pessoas são idênticas ao presente do subjuntivo.

cant	a	tu	vend	e	tu	part	e	tu
cant	e	você	vend	a	você	part	a	você
cant	emos	nós	vend	amos	nós	part	amos	nós
cant	ai	vós	vend	ei	vós	part	i	vós
cant	em	vocês	vend	am	vocês	part	am	vocês

Curiosidade: No imperativo, não existe a 1ª pessoa do singular (eu).

3.4.3.1.2. Derivados da 3a pessoa do plural do pretérito do indicativo

1a conjugação (terminados em AR) — eles **canta ram**
2a conjugação (terminados em ER) — eles **vende ram**
3a conjugação (terminados em IR) — eles **parti ram**

3.4.3.1.2.1. Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

Tira-se a letra **M**, acrescentando-se as desinências número-pessoais.

canta ra	Ø	vende ra	Ø	parti ra	Ø
canta ra	s	vende ra	s	parti ra	s
canta ra	Ø	vende ra	Ø	parti ra	Ø
cantá ra	mos	vendê ra	mos	partí ra	mos
cantá re	is	vendê re	is	partí re	is
canta ra	m	vende ra	m	parti ra	m

Curiosidade: Nesse tempo, **todos os verbos** trocam **A** por **E** na 2ª pessoa do plural (vós) por apresentarem problema com a pronúncia.

3.4.3.1.2.2. Futuro do subjuntivo

Tiram-se as letras **AM**, acrescentando-se as desinências número-pessoais.

canta r	Ø	vende r	Ø	parti r	Ø
canta r	es	vende r	es	parti r	es
canta r	Ø	vende r	Ø	parti r	Ø
canta r	mos	vende r	mos	parti r	mos
canta r	des	vende r	des	parti r	des
canta r	em	vende r	em	parti r	em

Curiosidade: Nesse tempo, por uma questão de pronúncia, fizemos algumas adaptações às desinências número-pessoais para que elas se liguem perfeitamente aos verbos. Essas adaptações servirão **para todos os verbos** da Língua Portuguesa, nesse tempo.

3.4.3.1.2.3. Pretérito imperfeito do subjuntivo

Tiram-se as letras **RAM**, acrescentam-se a desinência modo-temporal **-SSE-** e as desinências número-pessoais.

canta	sse	Ø	vende	sse	Ø	parti	sse	Ø
canta	sse	s	vende	sse	s	parti	sse	s
canta	sse	Ø	vende	sse	Ø	parti	sse	Ø
cantá	sse	mos	vendê	sse	mos	partí	sse	mos
cantá	sse	is	vendê	sse	is	partí	sse	is
canta	sse	m	vende	sse	m	parti	sse	m

3.4.3.1.3. Derivados do infinitivo impessoal

3.4.3.1.3.1. Futuro do presente do indicativo

Acrescentam-se as desinências número-pessoais: **-ei, -ás, -á, -emos, -eis, -ão**.

cantar	ei	vender	ei	partir	ei
cantar	ás	vender	ás	partir	ás
cantar	á	vender	á	partir	á
cantar	emos	vender	emos	partir	emos
cantar	eis	vender	eis	partir	eis
cantar	ão	vender	ão	partir	ão

3.4.3.1.3.2. Futuro do pretérito do indicativo

Acrescentam-se as desinências número-pessoais: **-ia, -ias, -ia, -íamos, -íeis, -iam**.

cantar	ia	vender	ia	partir	ia
cantar	ias	vender	ias	partir	ias
cantar	ia	vender	ia	partir	ia
cantar	íamos	vender	íamos	partir	íamos
cantar	íeis	vender	íeis	partir	íeis
cantar	iam	vender	iam	partir	iam

Curiosidade: Os verbos *dizer, fazer* e *trazer* fazem o futuro do presente e o futuro do pretérito da seguinte forma:

dizer — **direi** — **diria**

fazer — **farei** — **faria**

trazer — **trarei** — **traria**

3.4.3.1.3.3. Pretérito imperfeito do indicativo

a) para verbos da **1**a **conjugação**, acrescenta-se ao **TEMA** a desinência modo-temporal **-VA**, mais as desinências número-pessoais.

b) para os verbos da **2**a **e 3**a **conjugações**, acrescenta-se ao **RADICAL** a desinência modo-temporal **-IA**, mais as desinências número-pessoais.

canta	va	Ø	vend	ia	Ø	part	ia	Ø
canta	va	s	vend	ia	s	part	ia	s
canta	va	Ø	vend	ia	Ø	part	ia	Ø
cantá	va	mos	vend	ía	mos	part	ía	mos
cantá	ve	is	vend	íe	is	part	íe	is
canta	va	m	vend	ia	m	part	ia	m

Curiosidade: Nesse tempo, **todos o verbos** trocam **A** por **E** na 2ª pessoa do plural (vós) por apresentarem problema com a pronúncia.

3.4.3.1.3.4. Infinitivo pessoal

Acrescentam-se, simplesmente, as desinências número-pessoais.

cantar	Ø	vender	Ø	partir	Ø
cantar	es	vender	es	partir	es
cantar	Ø	vender	Ø	partir	Ø
cantar	mos	vender	mos	partir	mos
cantar	des	vender	des	partir	des
cantar	em	vender	em	partir	em

Curiosidade: As adaptações são necessárias aqui, da mesma forma que utilizamos no futuro do subjuntivo.

3.4.3.1.3.5. Gerúndio

Formado pelo acréscimo da desinência **-ndo** ao tema verbal.
cantar — tema: canta + ndo = cantando
vender — tema: vende + ndo = vendendo
partir — tema: parti + ndo = partindo

3.4.3.1.3.6. Particípio

Formado pelo acréscimo das desinências -ado / ido ao radical do verbo.
cantar — radical: cant + ado = cantado
vender — radical: vend + ido = vendido
partir — radical: part + ido = partido

Curiosidade: Alguns verbos apresentam particípio irregular:
Ver = visto
Imprimir = impresso
Leia sobre isso no item 3.4.1.5. Abundantes, deste Capítulo

3.4.3.2. Tempos compostos

Os tempos compostos são formados pelos auxiliares **TER** ou **HAVER** seguidos do verbo principal no particípio.

3.4.3.2.1. Formados a partir do presente (indicativo / subjuntivo)

a) Pretérito perfeito do indicativo composto: tenho amado, tenho vendido, tenho partido.

b) Pretérito perfeito do subjuntivo composto: tenha amado, tenha vendido, tenha partido.

3.4.3.2.2. Formados a partir do pretérito imperfeito (indicativo / subjuntivo)

a) Pretérito mais-que-perfeito do indicativo composto: tinha amado, tinha vendido, tinha partido.

b) Pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo composto: tivesse amado, tivesse vendido,

tivesse partido.

3.4.3.2.3. Formado a partir do futuro do presente do indicativo

Futuro do presente do indicativo composto: terei amado, terei vendido, terei partido.

3.4.3.2.4. Formado a partir do futuro do pretérito do indicativo

Futuro do pretérito do indicativo composto: teria amado, teria vendido, teria partido.

3.4.3.2.5. Formado a partir do futuro do subjuntivo

Futuro do subjuntivo composto: tiver amado, tiver vendido, tiver partido.

3.4.4. Formas nominais

Recebem este nome porque **assumem valor de nomes** da língua.

3.4.4.1. Infinitivo

Tem valor de **substantivo:** Amar é bom.

3.4.4.2. Particípio

Tem valor de **adjetivo:** A ave era morta.

3.4.4.3. Gerúndio

Tem valor de **advérbio:** Amanhecendo, partiremos.
As formas nominais são usadas, geralmente, em locuções verbais.
Quero amar.
Tenho amado.
Estou amando.

3.4.5. Emprego dos tempos verbais

3.4.5.1. Presente

a) exprime um fato que ocorre no momento em que se fala:
Vejo a lua no céu.
b) exprime um axioma, uma verdade científica:
A Terra é redonda.
Por um ponto passam infinitas retas.
c) exprime uma ação habitual:
Não como nada aos domingos.
d) dá atualidade a fatos ocorridos no passado:
Há 40 anos, a televisão chega ao Brasil.
e) exprime um fato futuro muito próximo, quando se tem certeza de sua realização:
Amanhã faço a lição.

3.4.5.2. Pretérito perfeito

Exprime um fato passado concluído, em relação ao momento em que se fala:
Ontem eu fiz a lição.

3.4.5.3. Pretérito imperfeito

a) exprime um fato passado não concluído, em relação ao momento em que se fala: Eu sempre cantava no chuveiro.

b) exprime a ideia de duração: Quando eu era criança, eu jogava futebol de botão.

c) exprime a ideia de simultaneidade: Enquanto ela lia Machado de Assis, eu preparava o jantar.

3.4.5.4. Pretérito mais-que-perfeito

Exprime um fato passado concluído, em relação a outro fato passado: Quando Pedro chegou a casa, eu já *chegara*.

Curiosidade: Na linguagem contemporânea, prefere-se usar o pretérito mais-que-perfeito composto.
Quando Pedro chegou a casa eu já *tinha chegado*.

3.4.5.5. Futuro do presente

Exprime um fato posterior, em relação ao momento em que se fala.
Hoje estou aqui, amanhã *estarei* na Europa.

3.4.5.6. Futuro do pretérito

a) exprime um fato posterior, em relação a um fato passado:
Ontem você garantiu que o dinheiro *estaria* aqui hoje.

b) exprime uma incerteza:
Seriam dez ou doze horas quando ele chegou?

c) usa-se no lugar do presente do indicativo ou do imperativo quando se faz um pedido:
Você me faria um favor?
Gostaria de falar com você.

3.4.5.7. Infinitivo pessoal

Usa-se quando tem sujeito próprio: O remédio é *ficarmos* em casa.

3.4.5.8. Infinitivo impessoal

a) usa-se quando não estiver se referindo a nenhum sujeito: É preciso *viajar*.

b) emprega-se em uma locução verbal: Nós podemos *ir* ao cinema hoje.

c) funciona como complemento de algum nome (virá sempre preposicionado): Nós estamos aptos para *trabalhar*.

3.4.6. Verbos da primeira conjugação que merecem destaque

a) **AGUAR**

Presente do indicativo: águo, águas, água, aguamos, aguais, águam

Presente do subjuntivo: ague, águes, ague, aguemos, agueis, águem

Imperativo afirmativo: água (tu), ague (você), aguemos (nós), aguai (vós), águem (vocês)

Imperativo negativo: não águes (tu), não ague (você), não aguemos (nós), não agueis (vós), não águem (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 1ª conjugação. Conjugam-se como **aguar:** enxaguar, desaguar e minguar.

b) **APAZIGUAR**

Presente do indicativo: apaziguo, apaziguas, apazigua, apaziguamos, apaziguais, apaziguam

Presente do subjuntivo: apazigue, apazigues, apazigue, apaziguemos, apazigueis, apaziguem

Imperativo afirmativo: apazigua (tu), apazigue (você), apaziguemos (nós), apaziguai (vós), apaziguem (vocês)

Imperativo negativo: não apazigues (tu), não apazigue (você), não apaziguemos (nós), não apazigueis (vós), não apaziguem (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 1ª conjugação. Conjuga-se como **apaziguar:** averiguar.

c) **DAR**

Indicativo

Presente: dou, dás, dá, damos, dais, dão

Pretérito imperfeito: dava, davas, dava, dávamos, dáveis, davam

Pretérito perfeito: dei, deste, deu, demos, destes, deram

Pretérito mais-que-perfeito: dera, deras, dera, déramos, déreis, deram

Futuro do presente: darei, darás, dará, daremos, dareis, darão

Futuro do pretérito: daria, darias, daria, daríamos, daríeis, dariam

Subjuntivo

Presente: dê, dês, dê, demos, deis, deem

Pretérito imperfeito: desse, desses, desse, déssemos, désseis, dessem

Futuro: der, deres, der, dermos, derdes, derem

Imperativo

Afirmativo: dá (tu), dê (você), demos (nós), daí (vós), deem (vocês)

Negativo: não dês (tu), não dê (você), não demos (nós), não deis (vós), não deem (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: dar

Infinitivo pessoal: dar, dares, dar, darmos, dardes, darem

Gerúndio: dando
Particípio: dado

d) **PASSEAR**

Indicativo

Presente: passeio, passeias, passeia, passeamos, passeais, passeiam
Pretérito imperfeito: passeava, passeavas, passeava, passeávamos, passeáveis, passeavam
Pretérito perfeito: passeei, passeaste, passeou, passeamos, passeastes, passearam
Pretérito mais-que-perfeito: passeara, passearas, passeara, passeáramos, passeáreis, passearam
Futuro do presente: passearei, passearás, passeará, passearemos, passeareis, passearão
Futuro do pretérito: passearia, passearias, passearia, passearíamos, passearíeis, passeariam

Subjuntivo

Presente: passeie, passeies, passeie, passeemos, passeeis, passeiem
Pretérito imperfeito: passeasse, passeasses, passeasse, passeássemos, passeásseis, passeassem
Futuro: passear, passeares, passear, passearmos, passeardes, passearem

Imperativo

Afirmativo: passeia (tu), passeie (você), passeemos (nós), passeai (vós), passeiem (vocês)
Negativo: não passeies (tu), não passeie (você), não passeemos (nós), não passeeis (vós), não passeiem (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: passear
Infinitivo pessoal: passear, passeares, passear, passearmos, passeardes, passearem
Gerúndio: passeando
Particípio: passeado

Curiosidade: O verbo **passear** serve de modelo a todos os verbos terminados em **-ear**, tais como: balear, barbear, basear, bobear, branquear, bronzear, cear, chatear, delinear, encadear, folhear, frear, golpear, homenagear, manusear, massagear, nortear, recear etc.

e) **ODIAR**

Indicativo

Presente: odeio, odeias, odeia, odiamos, odiais, odeiam
Pretérito imperfeito: odiava, odiavas, odiava, odiávamos, odiáveis, odiavam
Pretérito perfeito: odiei, odiaste, odiou, odiamos, odiastes, odiaram
Pretérito mais-que-perfeito: odiara, odiaras, odiara, odiáramos, odiáreis, odiaram

Futuro do presente: odiarei, odiarás, odiará, odiaremos, odiareis, odiarão
Futuro do pretérito: odiaria, odiarias, odiaria, odiaríamos, odiaríeis, odiariam

Subjuntivo

Presente: odeie, odeies, odeie, odiemos, odieis, odeiem
Pretérito imperfeito: odiasse, odiasses, odiasse, odiássemos, odiásseis, odiassem
Futuro: odiar, odiares, odiar, odiarmos, odiardes, odiarem

Imperativo

Afirmativo: odeia (tu), odeie (você), odiemos (nós), odiai (vós), odeiem (você)
Negativo: não odeies (tu), não odeie (você), não odiemos (nós), não odieis (vós), não odeiem (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: odiar
Infinitivo pessoal: odiar, odiares, odiar, odiarmos, odiardes, odiarem
Gerúndio: odiando
Particípio: odiado

Curiosidade: Seguem esse modelo os verbos **mediar, intermediar, ansiar, remediar** e **incendiar**.

Os demais verbos terminados em **-iar** são regulares.

3.4.7. Verbos da segunda conjugação que merecem destaque

a) **APRAZER**

Indicativo

Presente: aprazo, aprazes, apraz, aprazemos, aprazeis, aprazem
Pretérito imperfeito: aprazia, aprazias, aprazia, aprazíamos, aprazíeis, apraziam
Pretérito perfeito: aprouve, aprouveste, aprouve, aprouvemos, aprouvestes, aprouveram
Pretérito mais-que-perfeito: aprouvera, aprouveras, aprouvera, aprouvéramos, aprouvéreis, aprouveram
Futuro do presente: aprazerei, aprazerás, aprazerá, aprazeremos, aprazereis, aprazerão
Futuro do pretérito: aprazeria, aprazerias, aprazeria, aprazeríamos, aprazeríeis, aprazeriam

Subjuntivo

Presente: apraza, aprazas, apraza, aprazamos, aprazais, aprazam
Pretérito imperfeito: aprouvesse, aprouvesses, aprouvesse, aprouvéssemos, aprouvésseis, aprouvessem
Futuro: aprouver, aprouveres, aprouver, aprouvermos, aprouverdes, aprouverem

Imperativo

Afirmativo: apraz / apraze (tu), apraza (você), aprazamos (nós), aprazei (vós), aprazam (vocês)

Negativo: não aprazas (tu), não apraza (você), não aprazamos (nós), não aprazais (vós), não aprazam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: aprazer

Infinitivo pessoal: aprazer, aprazeres, aprazer, aprazermos, aprazerdes, aprazerem

Gerúndio: aprazendo

Particípio: aprazido

b) **CABER**

Indicativo

Presente: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem

Pretérito imperfeito: cabia, cabias, cabia, cabíamos, cabíeis, cabiam

Pretérito perfeito: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam

Pretérito mais-que-perfeito: coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam

Futuro do presente: caberei, caberás, caberá, caberemos, cabereis, caberão

Futuro do pretérito: caberia, caberias, caberia, caberíamos, caberíeis, caberiam

Subjuntivo

Presente: caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam

Pretérito imperfeito: coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem

Futuro: couber, couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem

Imperativo

Não é usado no imperativo.

Formas nominais

Infinitivo impessoal: caber

Infinitivo pessoal: caber, caberes, caber, cabermos, caberdes, caberem

Gerúndio: cabendo

Particípio: cabido

c) **DIZER**

Indicativo

Presente: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem

Pretérito imperfeito: dizia, dizias, dizia, dizíamos, dizíeis, diziam

Pretérito perfeito: disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram

Pretérito mais-que-perfeito: dissera, disseras, dissera, disséramos, disséreis, disseram

Futuro do presente: direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão

Futuro do pretérito: diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam

Subjuntivo

Presente: diga, digas, diga, digamos, digais, digam

Pretérito imperfeito: dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem
Futuro: disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem

Imperativo

Afirmativo: diz / dize (tu), diga (você), digamos (nós), dizei (vós), digam (vocês)
Negativo: não digas (tu), não diga (você), não digamos (nós), não digais (vós), não digam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: dizer
Infinitivo pessoal: dizer, dizeres, dizer, dizermos, dizerdes, dizerem
Gerúndio: dizendo
Particípio: dito

d) **FAZER**

Indicativo

Presente: faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem
Pretérito imperfeito: fazia, fazias, fazia, fazíamos, fazíeis, faziam
Pretérito perfeito: fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram
Pretérito mais-que-perfeito: fizera, fizeras, fizera, fizéramos, fizéreis, fizeram
Futuro do presente: farei, farás, fará, faremos, fareis, farão
Futuro do pretérito: faria, farias, faria, faríamos, faríeis, fariam

Subjuntivo

Presente: faça, faças, faça, façamos, façais, façam
Pretérito imperfeito: fizesse, fizesses, fizesse, fizéssemos, fizésseis, fizessem
Futuro: fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem

Imperativo

Afirmativo: faz / faze (tu), faça (você), façamos (nós), fazei (vós), façam (vocês),
Negativo: não faças (tu), não faça (você), não façamos (nós), não façais (vós), não façam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: fazer
Infinitivo pessoal: fazer, fazerdes, fazer, fazermos, fazerdes, fazerem
Gerúndio: fazendo
Particípio: feito

e) **LER**

Presente do indicativo: leio, lês, lê, lemos, ledes, leem
Presente do subjuntivo: leia, leias, leia, leiamos, leiais, leiam
Imperativo afirmativo: lê (tu), leia (você), leiamos (nós), lede (vós), leiam (vocês)
Imperativo negativo: não leias (tu), não leia (você), não leiamos (nós), não leiais (vós), não leiam (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 2ª conjugação.

Conjugam-se como o verbo **ler:** crer, descrer, reler etc.

f) **PODER**

Indicativo

Presente: posso, podes, pode, podemos, podeis, podem

Pretérito imperfeito: podia, podias, podia, podíamos, podíeis, podiam

Pretérito perfeito: pude, pudeste, pôde, pudemos, pudestes, puderam

Pretérito mais-que-perfeito: pudera, puderas, pudera, pudéramos, pudéreis, puderam

Futuro do presente: poderei, poderás, poderá, poderemos, podereis, poderão

Futuro do pretérito: poderia, poderias, poderia, poderíamos, poderíeis, poderiam

Subjuntivo

Presente: possa, possas, possa, possamos, possais, possam

Pretérito imperfeito: pudesse, pudesses, pudesse, pudéssemos, pudésseis, pudessem

Futuro: puder, puderes, puder, pudermos, puderdes, puderem

Imperativo

Não é usado no imperativo.

Formas nominais

Infinitivo impessoal: poder

Infinitivo pessoal: poder, poderes, poder, podermos, poderdes, poderem

Gerúndio: podendo

Particípio: podido

g) **PÔR**

Indicativo

Presente: ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem

Pretérito imperfeito: punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham

Pretérito perfeito: pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram

Pretérito mais-que-perfeito: pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram

Futuro do presente: porei, porás, porá, poremos, poreis, porão

Futuro do pretérito: poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poriam

Subjuntivo

Presente: ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham

Pretérito imperfeito: pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, pusésseis, pusessem

Futuro: puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem

Imperativo

Afirmativo: põe (tu), ponha (você), ponhamos (nós), ponde (vós), ponham (vocês)

Negativo: não ponhas (tu), não ponha (você), não ponhamos (nós), não ponhais (vós), não ponham (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: pôr

Infinitivo pessoal: pôr, pores, pôr, pormos, pordes, porem
Gerúndio: pondo
Particípio: posto
h) **PROVER**
Presente do indicativo: provejo, provês, provê, provemos, provedes, proveem
Presente do subjuntivo: proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam
Imperativo afirmativo: provê (tu), proveja (você), provejamos (nós), provede (vós), provejam (vocês)
Imperativo negativo: não provejas (tu), não proveja (você), não provejamos (nós), não provejais (vós), não provejam (vocês)
Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 2ª conjugação.
i) **QUERER**
Indicativo
Presente: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem
Pretérito imperfeito: queria, querias, queria, queríamos, queríeis, queriam
Pretérito perfeito: quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram
Pretérito mais-que-perfeito: quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram
Futuro do presente: quererei, quererás, quererá, quereremos, querereis, quererão
Futuro do pretérito: quereria, quererias, quereria, quereríamos, quereríeis, quereriam
Subjuntivo
Presente: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram
Pretérito imperfeito: quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem
Futuro: quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem
Imperativo
Afirmativo: quere / quer (tu), queira (você), queiramos (nós), querei (vós), queiram (vocês)
Negativo: não queiras (tu), não queira (você), não queiramos (nós), não queirais (vós), não queiram (vocês)
Formas nominais
Infinitivo impessoal: querer
Infinitivo pessoal: querer, quereres, querer, querermos, quererdes, quererem
Gerúndio: querendo
Particípio: querido
j) **REQUERER**
Presente do indicativo: requeiro, requeres, requer ou requere, requeremos, requereis, requerem
Presente do subjuntivo: requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram
Imperativo afirmativo: requer ou requere (tu), requeira (você), requeiramos (nos),

requerei (vós), requeiram (vocês)

Imperativo negativo: não requeiras (tu), não requeira (você), não requeiramos (nós), não requeirais (vós), não requeiram (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 2ª conjugação.

k) **SABER**

Indicativo

Presente: sei, sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem

Pretérito imperfeito: sabia, sabias, sabia, sabíamos, sabíeis, sabiam

Pretérito perfeito: soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, souberam

Pretérito mais-que-perfeito: soubera, souberas, soubera, soubéramos, soubéreis, souberam

Futuro do presente: saberei, saberás, saberá, saberemos, sabereis, saberão

Futuro do pretérito: saberia, saberias, saberia, saberíamos, saberíeis, saberiam

Subjuntivo

Presente: saiba, saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam

Pretérito imperfeito: soubesse, soubesses, soubesse, soubéssemos, soubésseis, soubessem

Futuro: souber, souberes, souber, soubermos, souberdes, souberem

Imperativo

Afirmativo: sabe (tu), saiba (você), saibamos (nós), sabei (vós), saibam (vocês)

Negativo: não saibas (tu), não saiba (você), não saibamos (nós), não saibais (vós), não saibam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: saber

Infinitivo pessoal: saber, saberes, saber, sabermos, saberdes, saberem

Gerúndio: sabendo

Particípio: sabido

l) **TRAZER**

Indicativo

Presente: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem

Pretérito imperfeito: trazia, trazias, trazia, trazíamos, trazíeis, traziam

Pretérito perfeito: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram

Pretérito mais-que-perfeito: trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram

Futuro do presente: trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão

Futuro do pretérito: traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam

Subjuntivo

Presente: traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam

Pretérito imperfeito: trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis,

trouxessem

Futuro: trouxer, trouxeres, trouxer, trouxermos, trouxerdes, trouxerem

Imperativo

Afirmativo: traz / traze (tu), traga (você), tragamos (nós), trazei (vós), tragam (vocês)

Negativo: não tragas (tu), não traga (você), não tragamos (nós), não tragais (vós), não tragam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: trazer

Infinitivo pessoal: trazer, trazeres, trazer, trazermos, trazerdes, trazerem

Gerúndio: trazendo

Particípio: trazido

m) **VER**

Indicativo

Presente: vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem

Pretérito imperfeito: via, vias, via, víamos, víeis, viam

Pretérito perfeito: vi, viste, viu, vimos, vistes, viram

Pretérito mais-que-perfeito: vira, viras, vira, víramos, víreis, viram

Futuro do presente: verei, verás, verá, veremos, vereis, verão

Futuro do pretérito: veria, verias, veria, veríamos, veríeis, veriam

Subjuntivo

Presente: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam

Pretérito imperfeito: visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem

Futuro: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem

Imperativo

Afirmativo: vê (tu), veja (você), vejamos (nós), vede (vós), vejam (vocês)

Negativo: não vejas (tu), não veja (você), não vejamos (nós), não vejais (vós), não vejam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: ver

Infinitivo pessoal: ver, veres, ver, vermos, verdes, verem

Gerúndio: vendo

Particípio: visto

n) **VALER**

Presente do indicativo: valho, vales, vale, valemos, valeis, valem

Presente do subjuntivo: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham

Imperativo afirmativo: vale (tu), valha (você), valhamos (nós), valei (vós), valham (vocês)

Imperativo negativo: não valhas (tu), não valha (você), não valhamos (nós), não valhais (vós), não valham (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 2ª conjugação.

3.4.8. Verbos da terceira conjugação que merecem destaque

a) **POSSUIR**

Indicativo

Presente: possuo, possuis, possui, possuímos, possuís, possuem

Pretérito imperfeito: possuía, possuías, possuía, possuíamos, possuíeis, possuíam

Pretérito perfeito: possuí, possuíste, possuiu, possuímos, possuístes, possuíram

Pretérito mais-que-perfeito: possuíra, possuíras, possuíra, possuíramos, possuíreis, possuíram

Futuro do presente: possuirei, possuirás, possuirá, possuiremos, possuireis, possuirão

Futuro do pretérito: possuiria, possuirias, possuiria, possuiríamos, possuiríeis, possuiriam

Subjuntivo

Presente: possua, possuas, possua, possuamos, possuais, possuam

Pretérito imperfeito: possuísse, possuísses, possuísse, possuíssemos, possuísseis, possuíssem

Futuro: possuir, possuíres, possuir, possuirmos, possuirdes, possuírem

Imperativo

Afirmativo: possui (tu), possua (você), possuamos (nós), possuí (vós), possuam (vocês)

Negativo: não possuas (tu), não possua (você), não possuamos (nós), não possuais (vós), não possuam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: possuir

Infinitivo pessoal: possuir, possuíres, possuir, possuirmos, possuirdes, possuírem

Gerúndio: possuindo

Particípio: possuído

Curiosidade: O verbo **possuir** serve de modelo a todos os verbos terminados em **-uir**, tais como: distribuir, retribuir, contribuir, diminuir, concluir etc.

b) **AGREDIR**

Presente do indicativo: agrido, agrides, agride, agredimos, agredis, agridem

Presente do subjuntivo: agrida, agridas, agrida, agridamos, agridais, agridam

Imperativo afirmativo: agride (tu), agrida (você), agridamos (nós), agredi (vós), agridam (vocês)

Imperativo negativo: não agridas (tu), não agrida (você), não agridamos (nós), não agridais (vós), não agridam (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 3ª conjugação. Conjugam-se como agredir: denegrir, desprevenir, prevenir, progredir, regredir,

transgredir etc.

c) DIVERGIR

Presente do indicativo: divirjo, diverges, diverge, divergimos, divergis, divergem

Presente do subjuntivo: divirja, divirjas, divirja, divirjamos, divirjais, divirjam

Imperativo afirmativo: diverge (tu), divirja (você), divirjamos (nós), divergi (vós), divirjam (vocês)

Imperativo negativo: não divirjas (tu), não divirja (você), não divirjamos (nós), não divirjais (vós), não divirjam (vocês)

Curiosidade: Segue esse modelo o verbo convergir. Os verbos emergir, imergir e submergir seguem esse modelo com as seguintes ressalvas:

1) a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo é *emerjo, imerjo e submerjo;*

2) apresentam duplo particípio: *emergido e emerso, imergido e imerso, submergido e submerso.*

d) **FERIR**

Presente do indicativo: firo, feres, fere, ferimos, feris, ferem

Presente do subjuntivo: fira, firas, fira, firamos, firais, firam

Imperativo afirmativo: fere (tu), fira (você), firamos (nós), feri (vós), firam (vocês)

Imperativo negativo: não firas (tu), não fira (você), não firamos (nós), não firais (vós), não firam (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 3ª conjugação. Conjugam-se como o verbo ferir: aderir, competir, conferir, desferir, digerir, diferir, inferir, ingerir, inserir, interferir, preferir, referir, refletir, repelir, revestir, ressentir, sentir, sugerir, vestir etc.

e) IR

Indicativo

Presente: vou, vais, vai, vamos, ides, vão

Pretérito imperfeito: ia, ias, ia, íamos, íeis, iam

Pretérito perfeito: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram

Pretérito mais-que-perfeito: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram

Futuro do presente: irei, irás, irá, iremos, ireis, irão

Futuro do pretérito: iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam

Subjuntivo

Presente: vá, vás, vá, vamos, vades, vão

Pretérito imperfeito: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem

Futuro: for, fores, for, formos, fordes, forem

Imperativo

Afirmativo: vai (tu), vá (você), vamos (nós), ide (vós), vão (vocês)

Negativo: não vás (tu), não vá (você), não vamos (nós), não vades (vós), não vão

(vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: ir

Infinitivo pessoal: ir, ires, ir, irmos, irdes, irem

Gerúndio: indo

Particípio: ido

f) MEDIR

Presente do indicativo: meço, medes, mede, medimos, medis, medem

Presente do subjuntivo: meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam

Imperativo afirmativo: mede (tu), meça (você), meçamos (nós), medi (vós), meçam (vocês)

Imperativo negativo: não meças (tu), não meça (você), não meçamos (nós), não meçais (vós), não meçam (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 3ª conjugação. Conjugam-se como medir: ouvir e pedir.

g) PRODUZIR

Presente do indicativo: produzo, produzes, produz, produzimos, produzis, produzem

Os demais tempos seguem o modelo dos verbos regulares da 3ª conjugação. O verbo Produzir serve de modelo aos verbos terminados em -uzir, tais como: conduzir, deduzir, induzir, introduzir, reproduzir, seduzir, traduzir etc.

Curiosidade: Os verbos terminados em -uzir não têm a desinência ***E*** da 3ª pessoa do singular do presente do indicativo.

ele produz

ele conduz

ele introduz

h) **SAIR**

Indicativo

Presente: saio, sais, sai, saímos, saís, saem

Pretérito imperfeito: saía, saías, saía, saíamos, saíeis, saíam

Pretérito perfeito: saí, saíste, saiu, saímos, saístes, saíram

Pretérito mais-que-perfeito: saíra, saíras, saíra, saíramos, saíreis, saíram

Futuro do presente: sairei, sairás, sairá, sairemos, saireis, sairão

Futuro do pretérito: sairia, sairias, sairia, sairíamos, sairíeis, sairiam

Subjuntivo

Presente: saia, saias, saia, saiamos, saiais, saiam

Pretérito imperfeito: saísse, saísses, saísse, saíssemos, saísseis, saíssem

Futuro: sair, saíres, sair, sairmos, sairdes, saírem

Imperativo

Afirmativo: sai (tu), saia (você), saiamos (nós), saí (vós), saiam (vocês)

Negativo: não saias (tu), não saia (você), não saiamos (nós), não saiais (vós), não saiam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: sair

Infinitivo pessoal: sair, sairdes, sair, sairmos, sairdes, saírem

Gerúndio: saindo

Particípio: saído

Curiosidade: O verbo sair serve de modelo aos verbos terminados em **-air**, tais como: atrair, abstrair, cair, contrair, distrair, extrair, sobressair, subtrair etc.

i) SEGUIR

Presente do indicativo: sigo, segues, segue, seguimos, seguis, seguem

Presente do subjuntivo: siga, sigas, siga, sigamos, sigais, sigam

Imperativo afirmativo: segue (tu), siga (você), sigamos (nós), segui (vós), sigam (vocês)

Imperativo negativo: não sigas (tu), não sigas (você), não sigamos (nós), não sigais (vós), não sigam (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 3ª conjugação.

Conjugam-se como seguir: conseguir, prosseguir, perseguir etc.

j) SUBIR

Presente do indicativo: subo, sobes, sobe, subimos, subis, sobem

Presente do subjuntivo: suba, subas, suba, subamos, subais, subam

Imperativo afirmativo: sobe (tu), suba (você), subamos (nós), subi (vós), subam (vocês)

Imperativo negativo: não subas (tu), não suba (você), não subamos (nós), não subais (vós), não subam (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos de 3ª conjugação.

Conjugam-se como subir: acudir, bulir, cuspir, consumir, escapulir, sacudir, sumir etc.

k) VIR

Indicativo

Presente do indicativo: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm

Pretérito imperfeito: vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham

Pretérito perfeito: vim, viste, veio, viemos, viestes, vieram

Pretérito mais-que-perfeito: viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram

Futuro do presente: virei, virás, virá, viremos, vireis, virão

Futuro do pretérito: viria, virias, viria, viríamos, viríeis, viriam

Subjuntivo

Presente: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham
Pretérito imperfeito: viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem
Futuro: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem
Imperativo
Afirmativo: vem (tu), venha (você), venhamos (nós), vinde (vós), venham (vocês)
Negativo: não venhas (tu), não venha (você), não venhamos (nós), não venhais (vós), não venham (vocês)
Formas nominais
Infinitivo impessoal: vir
Infinitivo pessoal: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem
Gerúndio: vindo
Particípio: vindo

3.4.9. Verbos defectivos que merecem destaque

a) COLORIR
Presente do indicativo: (tu) colores, (ele) colore, (nós) colorimos, (vós) coloris, (eles) colorem
Presente do subjuntivo: Não é usado no presente do subjuntivo.
Imperativo afirmativo: colore (tu), colori (vós)
Imperativo negativo: Não é usado no imperativo negativo.
Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 3ª conjugação.
Conjugam-se como colorir: abolir, aturdir, banir, brandir, carpir, demolir, exaurir, jungir e ungir.
O verbo exaurir tem duplo particípio: exaurido e exausto.
b) FALIR
Presente do indicativo: (nós) falimos, (vós) falis
Presente do subjuntivo: Não é usado no presente do subjuntivo.
Imperativo afirmativo: fali (vós)
Imperativo negativo: Não é usado no imperativo negativo.
Nos demais tempos, é um verbo regular da 3ª conjugação. Conjugam-se como falir: combalir, comedir-se, foragir-se, remir e puir.
c) PRECAVER
Indicativo
Presente: (nós) precavemos, (vós) precaveis
Pretérito imperfeito: precavia, previas, precavia, precavíamos, precavíeis, precaviam
Pretérito perfeito: precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram
Pretérito mais-que-perfeito: precavera, precaveras, precavera, precavêramos, precavêreis, precaveram
Futuro do presente: precaverei, precaverás, precaverá, precaveremos, precavereis,

precaverão

Futuro do pretérito: precaveria, precaverias, precaveria, precaveríamos, precaveríeis, precaveriam

Subjuntivo

Presente: Não é usado no presente do subjuntivo.

Pretérito imperfeito: precavesse, precavesses, precavesse, precavêssemos, precavêsseis, precavessem

Futuro: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem

Imperativo

Afirmativo: precavei (vós)

Negativo: Não é usado no imperativo negativo.

Formas nominais

Infinitivo impessoal: precaver

Infinitivo pessoal: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem

Gerúndio: precavendo

Particípio: precavido

d) REAVER

Indicativo

Presente: (nós) reavemos, (vós) reaveis

Pretérito imperfeito: reavia, reavias, reavia, reavíamos, reavíeis, reaviam

Pretérito perfeito: reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram

Pretérito mais-que-perfeito: reouvera, reouveras, reouvera, reouvéramos, reouvéreis, reouveram

Futuro do presente: reaverei, reaverás, reaverá, reaveremos, reavereis, reaverão

Futuro do pretérito: reaveria, reaverias, reaveria, reaveríamos, reaveríeis, reaveriam

Subjuntivo

Presente: Não é usado no presente do subjuntivo.

Pretérito imperfeito: reouvesse, reouvesses, reouvesse, reouvéssemos, reouvésseis, reouvessem

Futuro: reouver, reouveres, reouver, reouvermos, reouverdes, reouverem

Imperativo

Afirmativo: reavei (vós)

Negativo: Não é usado no imperativo negativo.

Formas nominais

Infinitivo impessoal: reaver

Infinitivo pessoal: reaver, reaveres, reaver, reavermos, reaverdes, reaverem

Gerúndio: reavendo

Particípio: reavido

3.5. CLASSES NOMINAIS INVARIÁVEIS

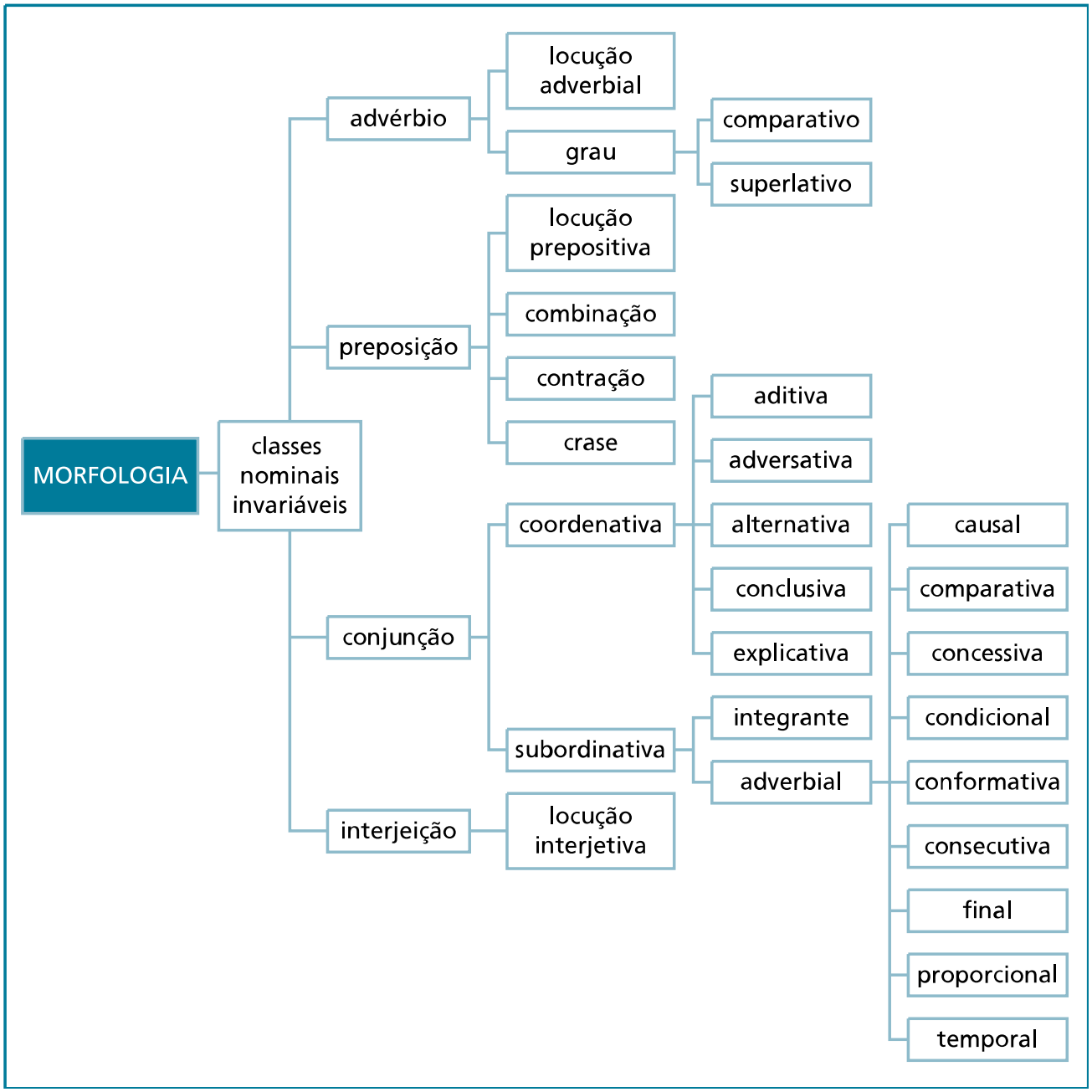

3.5.1. Advérbio

Palavra invariável que funciona como **modificador** de um **verbo**, um **adjetivo** ou outro **advérbio**.

Conforme a circunstância que expressam, os advérbios classificam-se em:

- de *afirmação*: sim, certamente, efetivamente, realmente etc.
- de *dúvida*: talvez, provavelmente, possivelmente, quiçá etc.
- de *intensidade*: muito, demais, bastante, pouco, menos, tão etc.
- de *lugar*: aqui, ali, aí, cá, atrás, perto, abaixo, acima, dentro, fora, além, adiante etc.
- de *tempo*: agora, já, jamais, ainda, sempre, nunca, cedo, tarde etc.
- de *modo*: assim, mal, bem, devagar, depressa e grande parte dos vocábulos

terminados em **-mente:** alegremente, calmamente, afobadamente etc.

- de *negação*: não, tampouco etc.

3.5.1.1. Locuções adverbiais

Uma locução adverbial é um **conjunto de uma ou mais palavras** que desempenham a **função de um advérbio**.

Geralmente, é formada por: **preposição** + **substantivo/adjetivo/advérbio**.

a) preposição + substantivo: na verdade

b) preposição + adjetivo: de novo

c) preposição + advérbio: por aqui

- *modo:* às pressas, à vontade, à vista, em silêncio, de cor, ao acaso etc.
- *tempo:* à noite, de manhã, à tarde, em breve, de vez em quando etc.
- *lugar:* ao lado, de longe, por ali, à direita, de cima etc.
- *afirmação:* com certeza, sem dúvida etc.
- *negação:* de modo nenhum, de forma alguma etc.
- *quantidade/intensidade:* de pouco, de todo etc.

3.5.1.2. Advérbios interrogativos

As palavras *onde, como, quando*, usadas **em frases interrogativas** (diretas ou indiretas), são chamadas *advérbios interrogativos*.

- **Onde** expressa circunstâncias de lugar.

Onde você mora?

Quero saber onde você mora.

- Como expressa circunstância de modo (*de que maneira*).

Como se chega à casa de José?

Não sei como ele fez isso.

- Quando expressa circunstância de tempo.

Quando você volta?

3.5.1.3. Grau do advérbio

Os advérbios são considerados palavras invariáveis, pois não sofrem flexão de gênero e de número. No entanto, **alguns advérbios sofrem flexão de grau como os adjetivos**.

3.5.1.3.1. Grau comparativo

- *De igualdade* — na formação do comparativo de igualdade, utilizamos o *tão* antes do advérbio e o *como* ou *quanto* depois: Os alunos chegaram tão cedo quanto os professores.
- *De superioridade* — na formação do comparativo de superioridade, utilizamos o *mais* antes do advérbio e o *que* ou *do que* depois: Os alunos chegaram mais cedo do que os professores.

■ *De inferioridade* — na formação do comparativo de inferioridade, utilizamos o *menos* antes do advérbio e o *que* ou *do que* depois: Os alunos chegaram menos cedo do que os professores.

■ *3.5.1.3.2. Grau superlativo*

O grau superlativo dos advérbios pode ser analítico ou sintético.

■ *Analítico* — é formado com auxílio de um advérbio de intensidade: Cheguei *muito cedo* à escola ontem.

■ *Sintético* — é formado pelo acréscimo do sufixo ao advérbio: Cheguei *cedíssimo* à escola ontem.as

Curiosidade: Os advérbios *bem* e *mal* admitem as formas de comparativo de superioridade sintéticas, *melhor* e *pior*, respectivamente.

■ 3.5.2. Preposição

É a palavra invariável que **liga duas outras palavras**, estabelecendo **relações de sentido ou de dependência**.

A *loja* **de** *José* fica na Vila Mariana.

A preposição de relaciona *José* e *loja*, indicando uma relação de posse.

A preposição estabelece relações distintas entre as palavras. Vejamos algumas:

Autoria — pintura de Matisse;
Lugar — vou ficar em casa;
Tempo — viajaremos pela manhã;
Modo — voltou às pressas;
Causa — morrer de fome;
Assunto — falamos sobre economia;
Fim ou finalidade — enfeitamos a casa para o aniversário;
Instrumento — cortou o mato com a foice;
Companhia — viajei com o meu filho;
Meio — viajaremos de carro;
Matéria — comprei um anel de prata;
Posse — o carro de Radegondes;
Oposição — votaram contra o projeto;
Conteúdo — copo com água;
Origem — somos de Recife;
Destino — vou para a Europa.

■ *3.5.2.1. Classificação da preposição*

Podemos classificar as preposições de duas formas:

■ *3.5.2.1.1. Essenciais*

São palavras que funcionam só como preposição:
a, ante, após, até
com, contra
de, desde
em, entre
para, per, perante, por
sem, sob, sobre
trás

3.5.2.1.2. Acidentais

São palavras de outras classes gramaticais, que em certas ocasiões **funcionam como preposição:** conforme, consoante, segundo, durante, mediante, como, salvo, fora, que etc.

3.5.2.2. Locução prepositiva

É um **conjunto de duas ou mais palavras** fazendo a ligação entre dois termos.
abaixo de
acima de
acerca de
a fim de
além de
apesar de
antes de
depois de
ao invés de
diante de
em face de
em vez de
graças a
junto a
junto com
junto de
defronte de
através de
de encontro
em frente de
em frente a
sob pena de
a respeito de

ao encontro de

3.5.2.3. Combinação, contração e crase

As preposições a, de, em e por, quando unidas a certas palavras, **formam um só vocábulo**.

3.5.2.3.1. Combinação

A preposição **não sofre mudança**.

a) A + artigos definidos masculinos:

Eles foram ao cinema.

As meninas voltaram aos seus quartos.

b) A + ONDE (advérbio interrogativo/pronome relativo):

Aonde você foi?

Sempre quis conhecer a cidade aonde você foi nas férias passadas.

3.5.2.3.2. Contração

A preposição sofre alguma mudança.

a) *DE + artigos:*

De + o(s) — do(s)

De + a(s) — da(s)

De + um — dum

De + uns — duns

De + uma — duma

De + umas — dumas

b) *DE + pronomes pessoais:*

De + ele(s) — dele(s)

De + ela(s) — dela(s)

c) *DE + pronomes demonstrativos:*

De + este(s) — deste(s)

De + esta(s) — desta(s)

De + esse(s) — desse(s)

De + essa(s) — dessa(s)

De + aquele(s) — daquele(s)

De + aquela(s) — daquela(s)

De + isto — disto

De + isso — disso

De + aquilo — daquilo

d) *DE + pronomes indefinidos:*

De + outro — doutro(s)

De + outra — doutra(s)

e) *DE + advérbios:*
De + aqui — daqui
De + aí — daí
De + ali — dali
f) *EM + artigos:*
Em + o(s) — no(s)
Em + a(s) — na(s)
Em + um — num
Em + uma — numa
Em + uns — nuns
Em + umas — numas
g) *EM + pronomes demonstrativos:*
Em + este(s) — neste(s)
Em + esta(s) — nesta(s)
Em + esse(s) — nesse(s)
Em + aquele(s) — naquele(s)
Em + aquela(s) — naquela(s)
Em + isto — nisto
Em + isso — nisso
Em + aquilo — naquilo
h) *EM + pronomes indefinidos:*
Em + algum — nalgum
Em + alguns — nalguns
i) *EM + pronomes pessoais:*
Em + ele(s) — nele(s)
Em + ela(s) — nela(s)
j) *POR + artigos:*
Por + o(s) — pelo(s)
Por + a(s) — pela(s)

3.5.2.3.3. Crase

A fusão de vogais idênticas:
a) *A + artigos definidos femininos:*
A + a(s) — à(s)
b) *A + pronomes demonstrativos:*
A + a(s) — à(s)
A + aquele(s) — àquele(s)
A + aquela(s) — àquela(s)
A + aquilo — àquilo

3.5.3. Conjunção

É a palavra invariável que **liga duas orações** entre si, ou que, dentro da mesma oração, **liga dois termos entre si independentes**.

3.5.3.1. Conjunções coordenativas

Conjunções coordenativas são as que ligam **duas orações** ou dois termos (dentro da mesma oração), sendo que ambos os elementos ligados permanecem **independentes** entre si.

As conjunções coordenativas subdividem-se em:

3.5.3.1.1. Aditivas

Ligam pensamentos **similares** ou **equivalentes**.

Principais conjunções: e, nem, (não só)... mas também, (não somente)... senão ainda etc.:

Radegondes não veio nem ligou.

3.5.3.1.2. Adversativas

Ligam pensamentos que **contrastam** entre si.

Principais conjunções: mas, porém, todavia, contudo, entretanto, não obstante etc.:

Ela saiu, mas voltará logo.

3.5.3.1.3. Alternativas

Ligam pensamentos que **se excluem** ou **se alternam**.

Principais conjunções: ou, ou... ou, ora... ora, já... já, quer... quer etc.:

Você lavará a louça, ou limpará o quarto.

3.5.3.1.4. Conclusivas

Ligam duas orações, sendo que a segunda encerra a **conclusão** ou **dedução** de um raciocínio.

Principais conjunções: logo, portanto, por conseguinte, por consequência, pois (após o verbo da oração) etc.:

Ela estuda bastante, logo terá boas notas.

3.5.3.1.5. Explicativas

Que ligam duas orações, sendo que a segunda se apresenta **justificando a anterior**.

Principais conjunções: pois, porque, que, porquanto etc.:

Ela não irá à festa, porque haverá prova no mesmo dia.

3.5.3.2. Conjunções subordinativas

Conjunções subordinativas são as que **ligam duas orações**, sendo que a segunda é sujeito, complemento ou adjunto da primeira. **A primeira é oração principal da**

segunda, e esta é subordinada à primeira. As conjunções subordinativas subdividem-se em integrantes e adverbiais.

3.5.3.2.1. Integrantes

São as que ligam duas orações, sendo que **a segunda é sujeito ou complemento da primeira**.

Principais conjunções: que, se.

É necessário que ela se case.

Eu não sei se o rapaz fará o trabalho.

3.5.3.2.2. Adverbiais

São as que **ligam duas orações**, sendo que **a segunda é adjunto adverbial da primeira**, ou seja, a segunda expressa circunstância de finalidade, modo, comparação, proporção, tempo, condição, concessão, causa ou consequência.

As conjunções subordinativas adverbiais subdividem-se em:

3.5.3.2.2.1. Causais

Ligam duas orações, sendo que a segunda contém a **causa**, e a primeira, o efeito.

Principais conjunções: porque, visto que, porquanto, já que, como etc.:

Ela saiu mais cedo, já que não havia mais trabalho a fazer.

3.5.3.2.2.2. Comparativas

Ligam duas orações, sendo que a segunda contém o segundo termo de uma **comparação**.

Principais conjunções: como, (tal)... tal, (menos)... do que, (mais)... do que, (tal)... qual etc.:

As meninas eram lindas como anjos.

3.5.3.2.2.3. Concessivas

Ligam duas orações, sendo que a segunda contém um fato que não impede a realização da ideia expressa na oração principal, embora seja contrário àquela ideia (uma **exceção**).

Principais conjunções: embora, ainda que, mesmo que, conquanto, posto que, se bem que, por mais que, por menos que, suposto que etc.:

Ela está sorrindo, embora se sinta triste.

3.5.3.2.2.4. Condicionais

Ligam duas orações, sendo que a segunda expressa uma hipótese ou **condição**.

Principais conjunções: se, caso, salvo se, desde que, a menos que, sem que, contanto que etc.:

Ela ficará feliz, se você for visitá-la.

3.5.3.2.2.5. Conformativas

Ligam duas orações, sendo que a segunda expressa circunstância de **conformidade** ou **modo**.

Principais conjunções: como, segundo, conforme etc.:

Tudo aconteceu segundo havia previsto a cartomante.

3.5.3.2.2.6. Consecutivas

Ligam duas orações, sendo que a segunda diz a **consequência** de uma intensidade expressa na primeira.

Principais conjunções: (tão)... que, (tal)... que, (tamanho)... que, (tanto)... que etc.:

Ela estudou tanto que foi a primeira colocada no concurso.

3.5.3.2.2.7. Finais

Ligam duas orações, sendo que a segunda expressa circunstância de **finalidade**.

Principais conjunções: para que, a fim de que, que, porque:

Ela estudou, a fim de passar no concurso.

3.5.3.2.2.8. Proporcionais

Ligam duas orações, sendo que a segunda expressa fato que decorre **ao mesmo tempo** que outro, em relação de **proporção**.

Principais conjunções: à medida que, à proporção que, (quanto mais)... tanto mais, (tanto menos)... quanto mais etc.:

À medida que os convidados chegavam, o baile ficava mais animado.

3.5.3.2.2.9. Temporais

Ligam duas orações, sendo que a segunda expressa circunstância de **tempo**.

Principais conjunções: quando, enquanto, apenas, mal, logo que, depois que, antes que, até que, que etc.:

Ela sorriu, quando me viu.

3.5.4. Interjeição

Palavra invariável que exprime **emoções e sensações**.

Alegria: Ah! Oh!

Animação, encorajamento: Avante! Coragem! Eia! Força! Vamos! Sus!

Aplauso: Bem! Bis! Bravo! Viva!

Cansaço: Ah! Uf!

Chamamento (invocação): Alô! Ó! Olá! Psiu! Pst! Eh!

Descontentamento: Mau!

Desejo: Oh! Oxalá! Tomara!

Dor: Ai! Ui!

Encorajamento: Upa! Arriba!

Espanto, surpresa: Ah! Chi! Ih! Oh! Puxa!

Impaciência, irritação: Hum! Hem! Are! Irra!
Indignação: Are! Irra!
Medo: Ui!
Pedido de socorro: Socorro!
Saudação: Adeus! Oi! Olá!
Silêncio: Psiu! Silêncio!
Surpresa: Ah! Ih! Oh!
Suspensão: Alto! Basta!

3.5.4.1. Locuções interjetivas

Junção de **duas ou mais palavras** com valor de interjeição:
Aflição, dor: Ai de mim! Pobre de mim! Valha-me Deus! Ai, Jesus! Credo!
Desejo: Deus queira! Se Deus quiser!
Impaciência, irritação: Ora bolas! Raios o partam!
Reconhecimento: Bem haja!
Suspensão: Alto aí! Alto lá!
Saudação: Adeus! Bom dia! Boa noite!

3.6. QUESTÕES

1. O termo em destaque é um adjetivo desempenhando a função de um nome em:
a) "O *coitado* está se queixando dela com toda a razão."
b) "É uma palavra *assustadora*."
c) "Num joguinho aceita-se até o cheque *frio*."
d) "Ele é meu braço *direito*, doutor."
e) "Entre ter um caso e um casinho a diferença, às vezes, é a tragédia *passional*."

Resposta: "a". O artigo "o" substantiva o adjetivo "coitado".

2. Assinale a alternativa errada quanto ao superlativo erudito.
a) amargo: amaríssimo; cruel: crudelíssimo
b) pobre: paupérrimo; livre: libérrimo
c) negro: negríssimo; doce: dulcíssimo
d) sagrado: sacratíssimo; feroz: ferocíssimo
e) magro: macérrimo; nobre: nobilíssimo

Resposta: "c". O superlativo absoluto sintético erudito de "negro" é "nigérrimo".

3. Indique a alternativa em que não é atribuída ideia de superlativo ao adjetivo.
a) É uma ideia agradabilíssima.
b) Era um rapaz alto, alto, alto.
c) Saí de lá hipersatisfeito.
d) Almocei tremendamente bem.
e) É uma moça assustadoramente alta.

Resposta: "d". Almocei tremendamente bem. Não há adjetivo nessa frase. O advérbio

“tremendamente” está modificando do advérbio “bem”.

4. Assinale a frase em que o adjetivo está no grau superlativo relativo de superioridade:

a) Estes operários são capacíssimos.
b) O quarto estava escuro como a noite!
c) Não sou menos digno que meus pais.
d) Aquela mulher é podre de rica!
e) Você foi o amigo mais sincero que eu tive.

Resposta: “e”. O superlativo relativo de superioridade fala da superioridade de um ser em relação ao conjunto a que pertence: “o amigo mais sincero (de todos os amigos)”.

5. Assinale o item em que houve erro na flexão do nome composto.

a) As touceiras verde-amarelas enfeitavam a campina.
b) Os guarda-roupas são de boa madeira.
c) Na fazenda, havia muitos tatu-bolas.
d) No jogo de contra-ataque, vence a melhor equipe física.
e) Os livros ibero-americanos são de fácil importação.

Resposta: “c”. A forma correta é “tatus-bola” ou “tatus-bolas”.

6. O plural de “terno azul-claro” e “terno verde-mar” é:

a) ternos azuis-claros; ternos verdes-mares
b) ternos azuis-claros; ternos verde-mares
c) ternos azul-claro; ternos verde-mar
d) ternos azul-claros; ternos verde-mar
e) ternos azuis-claros; ternos verde-mar

Resposta: “d”. No adjetivo composto, apenas o último termo varia: ternos azul-claros; mas, se o último for um substantivo usado como adjetivo, o composto fica invariável: ternos verde-mar.

7. Há exemplo de adjetivo substantivado em:

a) “É de sonho e de pó”
b) “Minha mãe, solidão”
c) “O meu pai foi peão”
d) “Só queria mostrar”
e) “O destino de um só”

Resposta: “e”. O destino de um *só*. — só = sozinho, antecedido de artigo indefinido (um) vira substantivo.

8. Aponte a alternativa incorreta quanto à correspondência entre a locução e o adjetivo.

a) glacial (de gelo); ósseo (de osso)
b) fraternal (de irmão); argênteo (de prata)
c) farináceo (de farinha); pétreo (de pedra)
d) viperino (de vespa); ocular (de olho)
e) ebúrneo (de marfim); insípida (sem sabor)

Resposta: “d”. Viperino — relativo a víboras, serpentes.

9. Talvez seja bom que o proprietário do *imóvel* possa desconfiar de que ele não seja

tão *imóvel* assim. — As palavras destacadas são, respectivamente,

a) substantivo e substantivo
b) substantivo e adjetivo
c) adjetivo e verbo
d) advérbio e adjetivo
e) adjetivo e advérbio

Resposta: “b”. O primeiro veio antecedido de artigo (do imóvel), por isso funciona como substantivo; já o segundo indica uma qualidade, ou seja, é um adjetivo.

10. O item em que a locução adjetiva não corresponde ao adjetivo dado é:

a) hibernal: de inverno
b) filatélico: de folha
c) discente: de aluno
d) docente: de professor
e) onírico: de sonho

Resposta: “b”. Filatélico — relativo a selos.

11. Assinale a opção em que todos os adjetivos não se flexionam em gênero.

a) delgado, móbil, forte
b) oval, preto, simples
c) feroz, exterior, enorme
d) brilhante, agradável, esbelto
e) imóvel, curto, superior

Resposta: “c”. Todos são comuns de dois gêneros, ou seja, servem para o masculino e para o feminino.

12. Procure e assinale a única alternativa em que há erro no emprego do artigo.

a) Nem todas opiniões são valiosas.
b) Disse-me que conhece todo o Brasil.
c) Leu todos os dez romances do escritor.
d) Andou por todo o país.
e) Todas as cinco, menos uma, estão corretas.

Resposta: “a”. O pronome “todas” no plural deve ser usado com artigo quando o que vem depois dele é um substantivo: todas as opiniões.

13. Marque a alternativa do advérbio de intensidade.

a) Se eu tiver que ajudar-te, alegrar-me-ei.
b) Que importa a opinião deles?
c) O professor resolveu o que pediram.
d) Que feliz serei eu, se vieres.
e) Esperamos que os dias melhorem.

Resposta: “d”. Que feliz — a palavra “que” intensifica o adjetivo “feliz”, por isso “que” é um advérbio de intensidade.

14. O adjetivo está empregado na função de advérbio em:

a) Acesa a luz, viu claro os gestos furtivos do animal.

b) A lamparina tornou claros os degraus da escada.
c) Reservou para o céu um azul bem claro.
d) Subitamente, um claro ofuscou-lhe a vista.
e) Não gostava de cores muito claras.

Resposta: “a”. “viu claro os gestos” — a palavra “claro” está modificando o verbo “ver”, por isso funciona como advérbio (é um adjetivo usado como advérbio) = Viu claramente os gestos.

15. As relações expressas pelas preposições estão corretas na sequência:

I. Saí com ela.
II. Ficaram sem um tostão.
III. Esconderam o lápis de Maria.
IV. Ela prefere viajar de navio.
V. Estudou para passar.

a) companhia, falta, posse, meio, fim
b) falta, companhia, posse, meio, fim
c) companhia, falta, posse, fim, meio
d) companhia, posse, falta, meio, fim
e) companhia, falta, meio, posse, fim

Resposta: “a”. Com = companhia, sem = falta, de (Maria) = posse, de (navio) = meio, para = fim.

16. A frase em que o advérbio expressa simultaneamente ideias de tempo e negação é:

a) Falei ontem com os embaixadores.
b) Não me pergunte as razões da minha atitude.
c) Eles sempre chegam atrasados.
d) Jamais acreditei que você viesse.
e) Agora seremos felizes.

Resposta: “d”. “Jamais” pode indicar negação ou tempo.

17. “Fui até *a* porta. Abri-*a* e vi *os* que estavam esperando *o* ônibus.” As palavras destacadas são, pela ordem:

a) artigo, preposição, pronome átono, artigo
b) preposição, pronome átono, artigo, preposição
c) preposição, pronome oblíquo, artigo, pronome demonstrativo
d) artigo, pronome átono, pronome demonstrativo, artigo

Resposta: “d”. A porta = artigo, abri-a = pronome oblíquo átono, vi os que = pronome demonstrativo, o ônibus = artigo.

18. Embora todas as conjunções sejam aditivas, uma oração apresenta ideia de adversidade.

a) Não achou os documentos e nem as fotocópias.
b) Queria estar atento à palestra e o sono chegou.
c) Não só aprecio Medicina como também Odontologia.
d) Escutei o réu e lhe dei razão.
e) Não só escutei o réu mas também lhe dei razão.

Resposta: “b”. Queria estar atento à palestra, E o sono chegou. A conjunção E liga orações de sentidos opostos, por isso apresenta ideia de adversidade.

19. Assinale a alternativa em que a palavra *como* assume o valor de conjunção subordinativa conformativa.

a) Como ele mesmo afirmou, viveu sempre tropeçando nos embrulhos da vida.
b) Como não tivesse condições necessárias para competir, participou, com muita insegurança, das atividades esportivas.
c) As frustrações caminham rápido como as tempestades das matas devastadoras.
d) Indaguei-lhe apreensiva como papai tinha assumido aquela continua postura de contemplação.
e) Como as leis eram taxativas naquele vilarejo, todos os moradores tentavam um meio de obediência às normas morais.

Resposta: “a”. Como ele mesmo afirmou = conforme ele mesmo afirmou = segundo ele mesmo afirmou. Nas outras opções: b) como = causa; c) como = comparação; d) como = interrogação; e) como = causa.

20. A opção em que há um advérbio exprimindo circunstância de tempo é:

a) Possivelmente viajarei para São Paulo.
b) Maria tinha aproximadamente 15 anos.
c) As tarefas foram executadas concomitantemente.
d) Os resultados chegaram demasiadamente atrasados.

Resposta: “c”. Concomitantemente = ao mesmo tempo.

21. Indique o item em que os numerais estão corretamente empregados.

a) Ao papa Paulo Seis sucedeu João Paulo Primeiro.
b) Após o parágrafo nono, virá o parágrafo décimo.
c) Depois do capítulo sexto, li o capítulo décimo primeiro.
d) Antes do artigo dez vem o artigo nono.
e) O artigo vigésimo segundo foi revogado.

Resposta: “d”. Vejamos a correção dos erros: a) Paulo Sexto, b) parágrafo dez, c) capítulo onze, e) artigo vinte e dois.

22. Os ordinais referentes aos números 80, 300, 700 e 90 são, respectivamente:

a) octagésimo, trecentésimo, septingentésimo, nongentésimo
b) octogésimo, tricentésimo, septingentésimo, nonagésimo
c) octingentésimo, tricentésimo, septuagésimo, nonagésimo
d) octogésimo, tricentésimo, septuagésimo, nongentésimo

Resposta: “b”. 80 = octogésimo, 300 = tricentésimo (ou trecentásimo), 700 = septingentésimo, 90 = nonagésimo.

23. O candidato achava importante conhecer as _____ da cidade, mas só as visitava acompanhado de seus _____ .

a) feiras-livres, guarda-costas.
b) feiras-livre, guarda-costas.
c) feira-livres, guardas-costas.

d) feiras-livres, guardas-costas.
e) feira-livres, guarda-costas.

Resposta: “a”. feiras-livres = feiras (substantivo) + livres (adjetivo), guarda-costas = guarda (verbo) + costas (substantivo que deve ser usado sempre no plural, para indicar a parte posterior).

24. Às _____ saem os _____ que orientam os _____ sobre o assunto.

a) terça-feiras, jornalzinhos, cidadões.
b) terças-feiras, jornalsinhos, cidadãos.
c) terça-feiras, jornaisinhos, cidadãos.
d) terças-feiras, jornaizinhos, cidadões.
e) terças-feiras, jornaizinhos, cidadãos.

Resposta: “e”. Terças-feiras, jornaizinhos, cidadãos.

25. Os esportistas _____ vestiam blusões _____ .

a) campo-grandenses, verdes-escuros.
b) campos-grandenses, verdes-escuro.
c) campos-grandense, verde-escuros.
d) campo-grandenses, verde-escuros.
e) campos-grandense, verdes-escuros.

Resposta: “d”. Nos adjetivos compostos, apenas o último termo varia: campo-grandenses, verde-escuros.

26. Esses _____ deverão ser divulgados pelos _____ em suas respectivas seções.

a) decreto-lei, vice-diretores.
b) decretos-lei, vices-diretores.
c) decretos-leis, vice-diretores.
d) decretos-leis, vices-diretores.
e) decreto-leis, vice-diretores.

Resposta: “c”. Decretos-lei ou decretos-leis, vice-diretores.

27. A expansão _____ dos países em desenvolvimento depende de todo um complexo de medidas _____

a) econômico-financeira, sociopolíticas.
b) econômico-financeira, sócias-políticas.
c) econômica-financeira, sócio-políticas.
d) econômica-financeira, sócios-políticos.
e) econômico-financeira, sócios-políticas.

Resposta: “a”. Nos adjetivos compostos, apenas o último termo varia: econômico-financeira, sociopolíticas.

28. Só há substantivos femininos na opção:

a) omoplata, cal, alface, ordenança, apendicite.
b) grama (medida), ordenança, cal, sentinela, telefonema.
c) dó, cal, alface, moral (ânimo), lança-perfume.
d) faringe, ordenança, champanha, aguardente, cal.

e) champanha, aguardente, dinamite, dó, guaraná.

Resposta: “a”. A omoplata, a cal, a alface, a ordenança, a apendicite.

29. A sentença em que há um substantivo com o plural contrário à norma gramatical é:

a) Entre os povos notam-se caracteres diversos.
b) Os jacarés são reptis perigosos.
c) ... e na infância, eram aqueles corres-corres e ganha-perde.
d) Encomendem-se mais dez caneta-tinteiros.

Resposta: “d”. A forma correta pode ser “canetas-tinteiro” ou canetas-tinteiros”.

30. Observe as orações:

1. O *carregador* surdo-mudo olhou-nos com curiosidade e esboçou um sorriso.
2. Soube que o *festival* luso-brasileiro fora um sucesso.
3. Na *toalha* branco-marfim, a mancha de vinho espalhou-se rapidamente.
4. No cofre havia algumas medalhas de ouro amarradas a uma *fita* verde-clara.

Passando-se as palavras destacadas para o plural, a flexão dos adjetivos compostos será, respectivamente:

a) surdo-mudo, luso-brasileiros, branco-marfim, verdes-claras.
b) surdos-mudos, luso-brasileiros, branco-marfim, verde-claras.
c) surdos-mudo, luso-brasileiros, brancas-marfim, verde-claras.
d) surdo-mudos, luso-brasileiros, branco-marfins, verde-clara.
e) surdos-mudos, luso-brasileiros, branco-marfim, verdes-claras.

Resposta: “b”. No adjetivo composto, apenas o último termo varia: luso-brasileiros, verde-claras; mas, se o último for um substantivo usado como adjetivo, o composto fica invariável: branco-marfim. O adjetivo composto surdos-mudos é uma exceção à regra, pois ambos variam.

31. Era para _____ falar _____ ontem, mas não _____ encontrei em parte alguma.

a) mim, consigo, o.
b) eu, com ele, lhe.
c) mim, consigo, lhe.
d) mim, contigo, te.
e) eu, com ele, o.

Resposta: “e”. Eu — pronome pessoal do caso reto funciona como sujeito do verbo. Com ele / consigo — referência à terceira pessoa do discurso. O — pronome pessoal do caso oblíquo funciona como complemento do verbo.

32. Este é encargo para _____ assumir sozinho, sem que se repartam as responsabilidades entre _____

a) mim, eu e tu.
b) mim, mim e tu.
c) mim, mim e ti.
d) eu, eu e ti.
e) eu, mim e ti.

Resposta: “e”. Eu — pronome pessoal do caso reto funciona como sujeito do verbo. Mim e ti — pronomes pessoais do caso oblíquo funcionam como complementos da frase.

33. Indique o item que foge ao padrão formal, por se ter empregado *mim* em lugar de *eu*.

a) Este livro é para mim ler.
b) Todos vieram até mim.
c) Perante mim ninguém falou.
d) Entre mim e você não há problema.

Resposta: “a”. Mim — pronome pessoal do caso oblíquo não pode ser usado como sujeito. Corrija-se para: Este livro é para eu ler.

34. Assinale o item em que há erro quanto ao emprego dos pronomes *se, si* ou *consigo*.

a) Feriu-se, quando brincava com o revólver e o virou para si.
b) Ele só cuida de si.
c) Quando V.Sa. vier, traga consigo a informação pedida.
d) Ele se arroga o direito de vetar tais artigos.
e) Espera um momento, pois tenho de falar consigo.

*Resposta: “*e”. O sujeito do verbo “Espera” é de segunda pessoa do singular (Tu = Espera tu), por isso a concordância da frase deve ficar sempre na segunda pessoa do singular. Devemos usar o pronome “contigo”.

35. Se V.Sa. me _____ gostaria de apresentar a _____ auxiliares algumas sugestões sobre o problema que tanto _____ preocupa.

a) permite, vossos, vos.
b) permitis, seus, lhe.
c) permite, vossos, lhe.
d) permite, seus, o.
e) permitis, vossos, vos.

Resposta: “d”. Os pronomes de tratamento sempre concordam em terceira pessoa: Se V.Sa. me permite, gostaria de apresentar a seus auxiliares algumas sugestões sobre o problema que tanto o preocupa.

36. V.Sa. _____ que _____ compete defender _____ ideais.

a) sabe, lhe, seus.
b) sabe, vos, seus.
c) sabeis, lhe, vossos.
d) sabeis, vos, vossos.
e) sabe, vos, vossos.

Resposta: “a”. Os pronomes de tratamento sempre concordam em terceira pessoa: V.Sa. sabe que lhe compete defender seus ideais.

37. Julgando que dessas medidas talvez _____ alguma escassez de material, ele _____ logo o almoxarifado de tudo que _____ obter.

a) advisse, proviu, poude.
b) adviesse, proveu, pôde.

c) advisse, proveu, pôde.
d) adviesse, proveu, poude.
e) adviesse, proviu, poude.

Resposta: “b”. Advir — derivado de VIR, conjuga-se da mesma forma que VIR: adviesse. Prover não é derivado de VER, por isso se conjuga de forma diferente deste: proveu. Atenção: no presente do indicativo e do subjuntivo, prover se conjuga da mesma forma que VER: vejo-provejo, veja-proveja etc.

38. O item em que está errada a conjugação do verbo *ansiar* é

a) anseies.
b) anseiemos.
c) anseias.
d) anseiem.

Resposta: “b”. Os verbos Mediar, Intermediar, Ansiar, Remediar, Incendiar e Odiar trocam “i” por “ei” apenas nas formas rizotônicas do presente do indicativo e do subjuntivo. E as formas rizotônicas são eu, tu, ele e eles. Nós e vós são sempre arrizotônicos.

39. Quando _____ a eles o que os outros _____, entenderão por que _____, ontem, no debate.

a) dissermos, supuseram, intervimos.
b) dissermos, suporam, interviemos.
c) dissermos, supuseram, interviemos.
d) dizermos, supuseram, interviemos.
e) dizermos, suporam, intevimos.

Resposta: “c”. Dissermos — futuro do subjuntivo. Supuseram — pretérito mais-que-perfeito do indicativo, derivado de PÔR. Interviemos — pretérito perfeito do indicativo, derivado de VIR.

40. Quando você o _____, qualquer que _____ o dia, _____-lhe esta carta.

a) vir, seje, entregue.
b) vir, seje, entrega.
c) ver, seje, entregue.
d) vir, seja, entregue.
e) ver, seja, entrega.

Resposta: “d”. Vir — futuro do subjuntivo do verbo VER. Seja — presente do subjuntivo do verbo SER. Entregue — imperativo afirmativo com referência a “você”, por isso concordância na terceira pessoa.

41. Escolha a alternativa que preencha corretamente as lacunas da frase abaixo.

O policial _____ entre os litigantes, razão pela qual _____ promoção e _____ que teria uma bela carreira.

a) interviu, obteu, previu.
b) interviu, obteve, preveu.
c) interveio, obteu, preveu.
d) interveio, obteve, previu.
e) interviu, obteve, previu.

Resposta: “d”. Interveio — derivado de VIR. Obteve — derivado de TER. Previu — derivado de VER. Todos eles conjugados no pretérito perfeito do indicativo.

42. Assinale a alternativa que apresenta incorreção na forma verbal.

a) Observa-se que muitos boatos provêm de algumas pessoas insensatas.
b) Se você quiser reaver os objetos roubados, tome as providências com urgência.
c) Prevendo novos aumentos de preços, muitos consumidores proveram suas casas.
d) O Ministro da Fazenda previu as despesas com o funcionalismo público, em 1989.
e) No jogo de domingo, quando o juiz interviu numa cobrança de falta, foi inábil.

Resposta: “e”. Intervir é derivado de VIR, por isso se conjuga da mesma forma que este: No jogo de domingo, quando o juiz INTERVEIO numa cobrança de falta, foi inábil.

43. Assinale a opção em que a conjugação do verbo HAVER desrespeita a norma culta.

a) Eles sabiam que deviam haver punições para os que violassem as regras.
b) Mesmo assim, os adultos houveram por bem recomendar cautela a todos.
c) Dessa maneira, não haveria arrependimentos nem lamentos mais tarde.
d) Naquela situação de tensão, os garotos se houveram com muita discrição e elegância.
e) Todos eles já haviam vivido situações de tensão semelhantes anteriormente.

Resposta: “a”. O verbo HAVER, expressando existência/acontecimento, é impessoal, por isso deve ser conjugado apenas na terceira pessoa do singular. Quando ele aparece numa locução verbal, como principal, o seu auxiliar também se torna impessoal: Eles sabiam que DEVIA HAVER punições para os que violassem as regras.

44. Ele verificou que o Imposto de Renda _____ na fonte o equivalente aos lucros _____ da venda de duas casas, os quais _____ uma alta soma.

a) retera, provindos, perfizeram.
b) retera, providos, perfazeram.
c) retivera, provistos, perfizeram.
d) retivera, provindos, perfizeram.
e) retivera, providos, perfazeram.

Resposta: “d”. Retivera — derivado de TER. Provindos — derivado de VIR: o gerúndio e o particípio desse verbo se fazem da mesma forma (vindo). Perfizeram — derivado de FAZER.

45. Convém que não nos _____ muito nesses _____ e sim naqueles mais difíceis de _____.

a) demoremos, ítens, explicarem.
b) demoramos, ítens, explicarmos.
c) demoremos, itens, explicar.
d) demoramos, itens, explicar-se.

Resposta: “c”. Demoremos — presente do subjuntivo. Itens — não tem acento. Explicar não é reflexivo nessa frase.

46. Quando vocês _____ que tudo parece difícil, será inútil perderem a calma: só se a _____ é que poderão resolver os problemas.

a) verem, reouverem.
b) verem, rehaverem.

c) virem, reouverem.
d) virem, rehouverem.
e) virem, reaverem.

Resposta: “c”. Ambos os verbos devem ser empregados no futuro do subjuntivo: virem, reouverem.

47. Eu os _____: os fiscais sempre _____ em casos de irregularidade.
a) advirto, intervém.
b) adverto, intervêm.
c) advirto, interveem.
d) adverto, intervém.
e) advirto, intervêm.

Resposta: “e”. Advertir e intervir — ambos no presente do indicativo: advirto, intervêm.

48. Ontem ele não _____ terminar o relatório porque se _____ na conversa com os colegas.
a) pode, entreteve.
b) poude, entreteu.
c) pôude, entreteve.
d) pôde, entreteu.
e) pôde, entreteve.

Resposta: “e”. O verbo PODER: no presente do indicativo se conjuga “pode” — sem acento; no pretérito perfeito do indicativo se conjuga “pôde” — com acento. Esse é um dos acentos direrenciais que permaneceram após a reforma ortográfica.

49. Em *Se tivesse havido maior produção, outra seria a situação atual da empresa*, a forma *tivesse havido* traduz:
a) uma dúvida.
b) ação vagamente situada no passado.
c) ação anterior a outra passada.
d) relação de uma ação presente com outra passada.

Resposta: “a”. Tivesse havido — é modo subjuntivo, que expressa dúvida, hipótese.

50. Transpondo para a voz passiva a frase *Ele tinha estabelecido o roteiro de fiscalização do dia*, obtém-se a forma verbal:
a) tivera estabelecido.
b) foi estabelecido.
c) estava estabelecendo.
d) tinha sido estabelecido.
e) estava sendo estabelecido.

Resposta: “d”. A forma verbal de voz ativa é “tinha estabelecido”. Para fazer a voz passiva, devemos acrescentar o verbo SER e fazer a concordância com o novo sujeito, agora paciente (“o roteiro”). Assim, teremos: O roteiro da fiscalização do dia TINHA SIDO ESTABELECIDO por ele.

51. Transpondo para a voz passiva a frase *A comissão deverá apurar as*

***irregularidades*, obtém-se a forma verbal:**

a) serão apuradas.
b) deverão ser apuradas.
c) irá apurar.
d) irão ser apuradas.

Resposta: “b”. A forma verbal de voz ativa é “deverá apurar”. Para fazer a voz passiva, devemos acrescentar o verbo SER e fazer a concordância com o novo sujeito, agora paciente (“as irregularidades”). Assim, teremos: As irregularidades DEVERÃO SER APURADAS pela comissão.

52. Assinale a alternativa que está na voz passiva pronominal.

a) O rapaz foi morto pelo marginal.
b) Precisa-se de profissionais responsáveis.
c) As meninas pentearam-se diante do espelho.
d) Consertaram-se sapatos.

Resposta: “d”. Voz passiva pronominal é o mesmo que voz passiva sintética, ou seja, com o uso do pronome apassivador “se”.

53. Assinale a alternativa em que a flexão do verbo está correta.

a) O motorista freou o carro bruscamente.
b) Os alunos foleiam o livro recomendado.
c) Nós não receiamos a luta.
d) Nós passeiamos muito durante as férias.

Resposta: “a”. Vejamos a correção das outras opções: b) folheiam, c) receamos, d) passeamos.

54. Assinale a correta:

a) Cala-te e ouça!
b) Cala-te e ouve!
c) Cale-se e ouve!
d) Cale-te e ouve!
e) Cala-se e ouça!

Resposta: “b”. Os dois verbos devem ter a concordância na mesma pessoa gramatical: ambos com “tu”, ou ambos com “você” — Tu: Cala-te e ouve. Você: Cale-se e ouça.

55. Assinale a alternativa que indica a circunstância expressa pela oração subordinada adverbial do período apresentado.

Enquanto aguardávamos, líamos revistas.

a) causa.
b) modo.
c) tempo.
d) finalidade.

Resposta: “c”. Enquanto = tempo.

56. Assinale a alternativa que indica a circunstância expressa pela oração subordinada

adverbial do período apresentado.

Fui à escola, embora estivesse doente.
a) condição.
b) concessão.
c) finalidade.
d) tempo.

Resposta: “b”. Embora = concessão.

57. Assinale a alternativa que indica a circunstância expressa pela oração subordinada adverbial do período apresentado.

Se você a conhecesse, não a condenaria.
a) modo.
b) tempo.
c) causa.
d) condição.

*Resposta: “*d”. Se = condição.

4

SINTAXE

SIN.TA.XE
[ss ou cs]
Gram. sf.
1. Conjunto de regras que determinam a ordem e as relações das palavras na frase
2. Essa ordem e as relações das palavras na frase
3. Estudo da estrutura gramatical das frases
4. Conjunto de regras sintáticas que caracterizam uma época, escola, autor etc.:
A obra aborda a sintaxe do modernismo.
5. P.ext. Fig. Livro que apresenta essa parte da gramática
6. Conjunto de regras que ordenam qualquer tipo de linguagem:
Estudava a sintaxe da linguagem computacional.
[F.: Do lat. syntaxis, deriv. do gr. sýntaxis.]

Caldas Aulete

4.1. FRASE, ORAÇÃO E PERÍODO

4.1.1. Frase

É todo enunciado que tem **sentido completo**. A frase pode ou não ter verbo. Quando não tem, denomina-se FRASE NOMINAL.

"Eta, vida besta, meu Deus." (Carlos Drummond de Andrade)

Fogo!

Embora as frases nominais não tenham verbo, conseguem comunicar ideias completas, pois pressupõem a presença de verbos ocultos subentendidos. Equivalem a:

Meu Deus, como essa vida é besta.

Está pegando fogo!

4.1.2. Oração

É todo enunciado que **contenha verbo:**

Todos querem...

Não sei, não.

"Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis." (Machado de Assis)

4.1.3. Período

É todo enunciado que possui verbo (oração) e sentido completo (frase), ou seja, é uma frase com verbo, ou uma oração com sentido completo.

Pode ter uma ou mais orações. Deve terminar por ponto-final, ponto de interrogação, ponto de exclamação ou por reticências.

Se tem uma só oração, é período simples; duas ou mais orações, período composto:

- *Período simples:* "O sertanejo é antes de tudo um forte." (Euclides da Cunha)
- *Período composto:* Chegou de mansinho, bateu, entrou e sentou-se calado.

4.2. SINTAXE DA ORAÇÃO

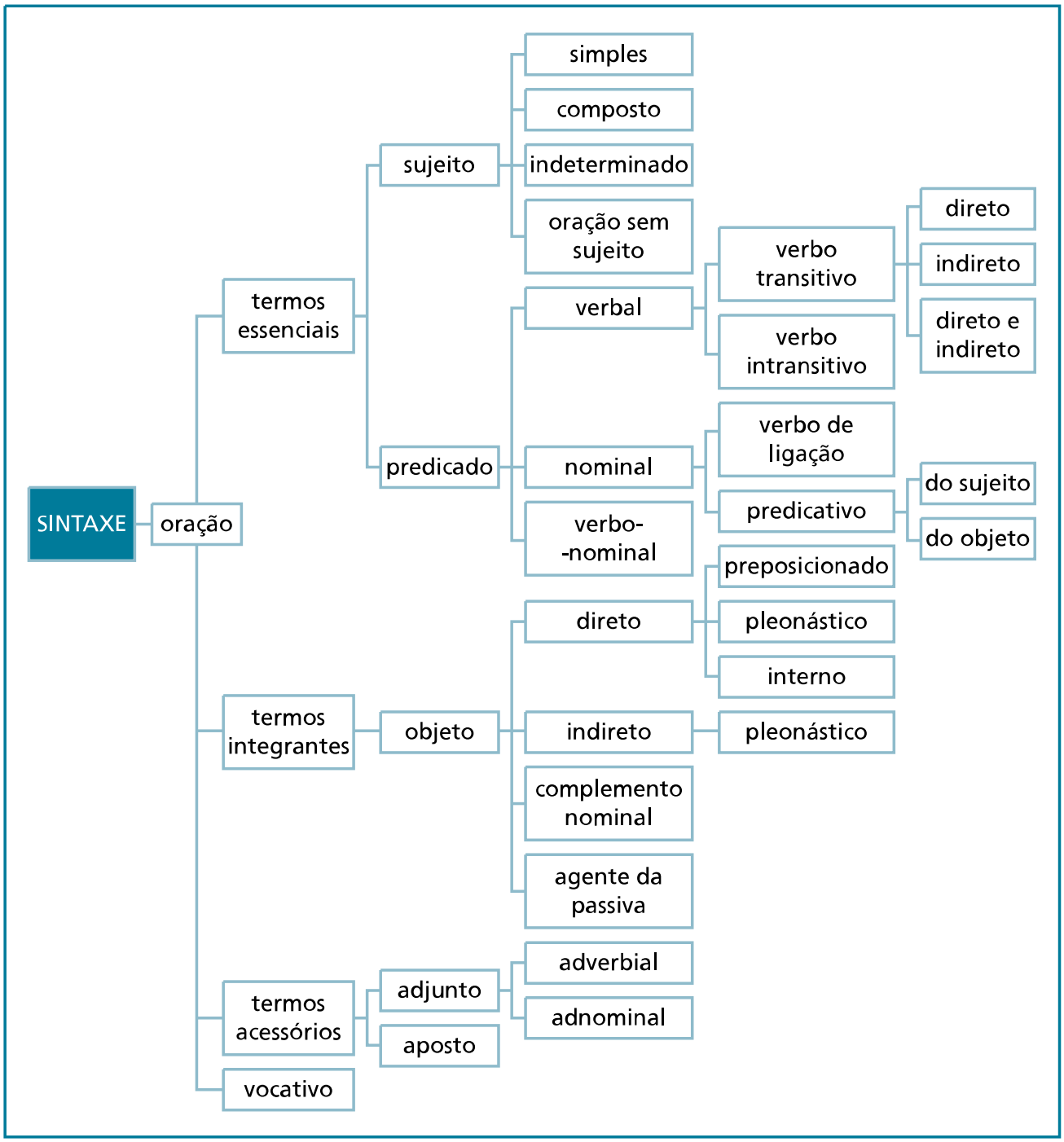

4.2.1. Termos essenciais da oração

Observe a oração abaixo:

Os acionistas pareciam bastante apreensivos.

Nela podemos identificar dois conjuntos:

- o ser de quem se afirma algo, chamado de **sujeito:** os acionistas;
- aquilo que se diz do ser, que é o **predicado:** pareciam bastante apreensivos.

O sujeito e o predicado são chamados de termos essenciais da oração.

Curiosidade: Apesar de ser um "termo essencial", há frases em Língua Portuguesa em que não há sujeito.

4.2.1.1. Sujeito

Aquele, ou aquilo, **a respeito do qual se transmite uma informação**.

De acordo com o modo como aparece na frase, pode ser classificado como **determinado** ou **indeterminado**.

4.2.1.1.1. Sujeito determinado

Ocorre **quando se pode determinar** o elemento ao qual o predicado se refere:

Os operários cruzaram os braços logo cedo.

Os operários = sujeito determinado, pois podemos identificar o termo ao qual se atribui o ato de cruzar os braços.

Passamos férias maravilhosas.

O sujeito (termo sobre o qual se projeta a ação de passar) está implícito na desinência verbal "Passamos". Temos então sujeito determinado ou desinencial.

O sujeito determinado pode ser **simples** ou **composto:**

- *Sujeito simples* — aquele que apresenta apenas **um núcleo:**

Muitos funcionários das repartições públicas de São Paulo estão afastados.

As minhas duas belas primas do interior chegaram.

Alguém comeu o meu pudim!

Quem chegou?

"Saí, afastando-me dos grupos e fingindo ler os epitáfios." (Machado de Assis)

Vieste aqui para estudar.

Quando o núcleo **está expresso na frase**, chamamo-lo de *sujeito simples claro*.

Quando o núcleo **não está expresso na frase**, chamamo-lo de *sujeito simples oculto*, ou *desinencial*, ou *não expresso*, ou *implícito*, ou *elíptico*.

Curiosidade: A Nomenclatura Gramatical Brasileira não reconhece o sujeito oculto ou elíptico; para a NGB, será determinado apenas.

■ *Sujeito composto* — aquele que apresenta **dois ou mais núcleos:**

Eu e ela chegamos a um acordo.

A presidenta e seus ministros participaram das comemorações do Dia da Independência.

■ *4.2.1.1.2. Sujeito indeterminado*

Surge quando existe um elemento sobre o qual se declara algo, mas **não se pode identificar tal elemento**; é aquele que, embora existindo, não se quis ou não se pôde representar na oração.

Chegaram bem tarde hoje. — não se sabe "quem chegaram".

Há duas maneiras de tornar o sujeito indeterminado:

a) *com verbos na 3ª pessoa do plural,* sem sujeito expresso (ou que não haja referência a nenhum ser anteriormente expresso):

Roubaram meu anel.

Destruíram dois orelhões em pleno centro da cidade.

Curiosidade: Quando o contexto permite definir o agente da ação, teremos um sujeito simples oculto:

Umas pessoas malvadas estiveram aqui e roubaram o meu anel.

Aqueles vândalos presos ontem destruíram dois orelhões em pleno centro da cidade.

b) *com verbos na 3ª pessoa do singular,* seguido da partícula **SE — índice de indeterminação do sujeito:**

Vive-se bem nesta cidade.

Fala-se em guerras.

Trata-se de questões tributárias.

Precisa-se de serventes de pedreiro.

■ *4.2.1.1.3. Sujeito oracional*

Surge quando **o sujeito** de uma oração **é** toda **uma outra oração**.

É bom que todos compareçam.

1ª oração: É bom.

2ª oração (sujeito): que todos compareçam.

O que é bom? sujeito = que todos compareçam.

Curiosidade: Na análise sintática, esta oração que funciona como sujeito é classificada como **oração subordinada substantiva subjetiva**.

■ *4.2.1.2. Oração sem sujeito*

Não há um elemento ao qual se atribui o predicado. Ocorre nos seguintes casos:

a) com os verbos que indicam **fenômeno da natureza:**

Choveu muito pouco no verão passado.

Trovejou durante horas seguidas.
Nas cidades do sul, neva no inverno.
b) com o verbo **haver** indicando "existência" ou "acontecimento":
Na festa havia muitas pessoas.
Há anos surgiu no teatro brasileiro uma nova estrela.
No carnaval, haverá bailes em todos os clubes.
Havia, naquela casa, muitos quartos vazios.
c) com os verbos **ser** e **estar**, indicando **tempo:**
Já são dez horas.
São 13 de julho.
Amanhã será dia 15.
Hoje está frio.
Como está tarde!
d) com o verbo **fazer** indicando **tempo** ou **fenômeno da natureza:**
Faz duas horas que ele saiu.
Fará, no próximo domingo, vinte anos que a conheci.
No verão, faz muito calor na serra gaúcha.
Fará dias frios no próximo mês.
e) com os verbos **bastar** e **chegar** seguidos da preposição **de:**
Chega de conversa mole.
Basta de reclamações.

Curiosidades:
1) Em todos os casos acima, os verbos não têm sujeito; são chamados, então, de **verbos impessoais**. Devem ficar sempre na 3ª pessoa do singular.
Exceção é o verbo **ser**, que merecerá tratamento especial na concordância verbal.
2) Os verbos que indicam fenômeno da natureza, empregados metaforicamente, admitem sujeito:
Sua negativa anuviou minha alegria.
Choveram bombas sobre a cidadezinha serrana.

4.2.1.3. Predicado

É **a informação que se transmite** a respeito de algo ou alguém.

No processo da comunicação, as palavras que formam uma frase estão agrupadas em dois eixos: o sujeito e o predicado. Como vimos, pode haver frase sem sujeito. Nunca, porém, existirá uma frase sem predicado.

Antes de classificarmos os predicados, vamos primeiro definir os verbos, como eles aparecem na formação do predicado, e também os predicativos (do sujeito e do objeto).

4.2.1.3.1. Verbo de ligação

É aquele que **liga o sujeito ao seu predicativo** (termo que expressa um estado ou qualidade). A função do verbo de ligação é apenas "ligar" o predicativo ao sujeito. Pode ser eliminado sem causar prejuízo ao sentido da frase:

Os alunos **estavam** alegres.

Os alunos **ficaram** alegres.

Os alunos **continuavam** alegres.

Curiosidades:

1) Normalmente são verbos de ligação: ser, estar, ficar, continuar, parecer, permanecer e tornar-se.

2) Estes verbos são de ligação somente quando acompanhados de um predicativo do sujeito. Caso não haja um predicativo para o sujeito, eles serão chamados de intransitivos.

Os alunos estavam no pátio.

Note que agora não há mais predicativo do sujeito. Não há, então, verbo de ligação; **estavam** é verbo intransitivo, e **no pátio** é adjunto adverbial.

Vejamos outros exemplos:

Âni está aqui.

Atanagildetina ficou em casa.

Quero saber onde Childerico está.

4.2.1.3.2. Verbo nocional

É aquele verbo que **expressa ideia de ação**. Nesse caso, o verbo não é apenas um elo, mas o termo que encerra o sentido da frase.

O verbo nocional subdivide-se em:

4.2.1.3.2.1. Verbo intransitivo

É aquele que **tem o sentido completo**, isto é, não precisa de complementos.

Todos *chegaram*.

O assaltante baleado *morreu*.

O assaltante baleado *morreu* no hospital.

Os alunos *estavam* no pátio.

Alguns alunos *escrevem* bem.

4.2.1.3.2.2. Verbo transitivo

É aquele que **tem sentido incompleto**, ou seja, o verbo precisa de complemento.

O verbo transitivo, por sua vez, subdivide-se em:

- *Verbo transitivo direto:* exige um *objeto direto* **(complemento sem preposição):**

As chuvas transtornam as cidades grandes.

Todos os alunos fizeram as redações solicitadas.

Pegue-a, José.
Deixe-me!

■ *Verbo transitivo indireto:* exige um *objeto indireto* **(complemento com preposição):**

Todos nós precisamos de descanso.
Os alunos devem confiar em seus professores.
Simpatizamos com o novo diretor.
Obedeçam-me!

■ *Verbo transitivo direto e indireto:* exige **dois** objetos, um *direto* e outro *indireto*:

Ontem emprestei meu carro ao vizinho.
Confiei meu carro ao meu irmão.
Radegondes disse a verdade à sua mãe.
Entregou-me o caderno.
Avisei-o de que a prova fora adiada.

Curiosidades:

1) Ao classificarmos um verbo, temos de fazê-lo dentro do texto. É o contexto que vai indicar a sua classificação.

Ela já escreve bem. (verbo intransitivo)
Ela escreveu dois poemas. (verbo transitivo direto)
Ela me escreveu ontem. (verbo transitivo indireto)
Ela ainda não me escreveu uma linha sequer. (verbo transitivo direto e indireto)
Ela permanecia calada. (verbo de ligação)
Ela permanecia na sala. (verbo intransitivo)

2) Existem verbos intransitivos (não têm objeto) que aparecem sempre com adjunto adverbial:

Ninguém entrou no carro. (verbo intransitivo + adjunto adverbial de lugar "no carro")
Cheguei tarde. (verbo intransitivo + adjunto adverbial de tempo "tarde")
Irei ao cinema. (verbo intransitivo + adjunto adverbial de lugar "ao cinema")
Voltaram para as suas casas. (verbo intransitivo + adjunto adverbial de lugar "para as suas casas")

■ *4.2.1.3.3. Predicativos*

São termos que **expressam um estado ou qualidade**.

■ *4.2.1.3.3.1. Predicativo do sujeito*

Indica uma **qualidade ou estado para o sujeito** colocado **dentro do predicado**.

É obrigatório após um verbo de ligação e, eventualmente, pode aparecer após verbos intransitivos e transitivos:

a) com *verbos de ligação*:

Os alunos são estudiosos.
Teu pai virou poeta.
Os jogadores acabaram cansados.
b) com *verbos intransitivos*:
O trem chegou atrasado.
Os meninos chegaram famintos.
Todos saíram alegres do parque.
c) com *verbos transitivos diretos*:
Meu primo foi nomeado diretor.
O paciente recebeu tranquilo a notícia.
A mulher deixou o apartamento apressada.
d) com *verbos transitivos indiretos*:
Os torcedores assistiram nervosos à decisão.
Os delegados procederam cautelosos ao inquérito.
Todos respondiam estáticos ao general.

4.2.1.3.3.2. Predicativo do objeto

Termo que expressa **um estado ou uma qualidade do objeto** atribuído a ele pelo sujeito:

Eles nomearam meu primo *diretor*.
O povo elegeu-o *senador*.
Nós o chamamos *sábio*.
Nós lhe chamamos *de sábio*.

Curiosidade: Não podemos confundir o predicativo do objeto com um adjunto adnominal.

O predicativo do objeto é uma qualidade atribuída ao objeto pelo sujeito da frase, ou seja, para que haja predicativo do objeto é preciso que o sujeito "pense" algo a respeito do objeto. Caso contrário, teremos apenas um adjunto adnominal — que será visto mais adiante.

O menino achou a bicicleta bonita. — "bonita" é predicativo do objeto, pois tal qualidade foi atribuída ao objeto "a bicicleta" pelo sujeito "o menino".

O menino ganhou uma bicicleta bonita. — "bonita" é adjunto adnominal, pois tal qualidade não apresenta relação alguma com o sujeito da frase.

O presente deixou a criança animada. — "animada" é predicativo do objeto, pois tal qualidade foi atribuída ao objeto "a criança" pelo sujeito "o presente".

O pai segurou a criança animada. — "animada" é adjunto adnominal, pois tal qualidade não apresenta relação alguma com o sujeito da frase.

4.2.1.3.4. Classificação do predicado

4.2.1.3.4.1. Predicado nominal

Aquele que apresenta como **núcleo o termo que indica o estado ou qualidade do sujeito** (predicativo do sujeito). O **verbo** será sempre **de ligação**.

Estrutura do predicado nominal:

Sujeito + verbo de ligação + predicativo do sujeito:

Estes operários são trabalhadores.

Seu avô está bastante velho.

Os pães parecem estragados.

As crianças continuam adormecidas.

4.2.1.3.4.2. Predicado verbal

Expressa a ideia de ação. Tem como **núcleo um verbo nocional**. Nesse caso, o verbo é importante; ele é que encerra o sentido da frase.

Estrutura do predicado verbal:

a) Sujeito + verbo intransitivo:

As aves voam no céu.

Chegamos cedo ao cinema.

Os bons tempos voltaram.

b) Sujeito + verbo transitivo direto + objeto direto:

Alguns animais comem plantas.

Todos os alunos fizeram a lição.

Compramos as passagens no cartão.

c) Sujeito + verbo transitivo indireto + objeto indireto:

As plantas precisam de sol.

Os professores simpatizaram com o novo aluno.

Todos confiam em mim.

d) Sujeito + verbo transitivo direto e indireto + objeto direto + objeto indireto:

O rapaz informou a hora ao transeunte.

Avisaram-me sobre o acidente.

Entregaram-no para a polícia.

e) Oração sem sujeito com verbo intransitivo ou transitivo:

Choveu muito ontem.

Nevou em várias cidades do sul.

Faz dias frios aqui.

Havia muitos carros lindos no Salão do Automóvel de 2011, em São Paulo.

Haverá comemorações pelo aniversário da cidade.

4.2.1.3.4.3. Predicado verbo-nominal

É o predicado, composto de um **verbo nocional, mais um predicativo** (do sujeito ou

do objeto). Terá **dois núcleos:** um será o verbo nocional e o outro será o predicativo.

Estrutura do predicado verbo-nominal:

a) Sujeito + verbo intransitivo + predicativo do sujeito:

Os alunos chegaram atrasados.

Todos saíram apressados.

b) Sujeito + verbo transitivo direto + objeto direto + predicativo do sujeito:

As meninas comeram o bolo alegres.

As mulheres deixaram o hospital felizes.

c) Sujeito + verbo transitivo indireto + objeto indireto + predicativo do sujeito:

As meninas se referiram ao pai felizes.

Os alunos obedeciam ao professor alegres.

d) Sujeito + verbo transitivo direto + objeto direto + predicativo do objeto:

O presente deixou as crianças felizes.

O professor tornou o exercício simples.

4.2.2. Termos integrantes da oração

Chamamos termos integrantes os termos que **completam o sentido de um verbo ou de um nome**. Eles são: *objeto direto, objeto indireto, complemento nominal* e *agente da passiva*.

4.2.2.1. Objeto direto

Completa o sentido de um verbo transitivo direto, ou seja, vem **diretamente ligado ao verbo**, sem o auxílio de preposição.

Marta comeu *o bolo*.

Oferecemos *um prêmio* ao vencedor.

Houve *uma grande festa*.

Pedro olhou-*se* no espelho.

Ana convidou-*me* para a festa.

4.2.2.1.1. Objeto direto preposicionado

É uma subclassificação do objeto direto e surge quando o verbo é transitivo direto, mas **o complemento aparece antecedido de uma preposição** (que pode ser tirada sem prejuízo do sentido original do verbo), pois a preposição aparece **apenas para maior clareza**, melhor harmonia ou para dar ênfase à expressão:

Judas traiu *a Cristo*.

As bruxas beberam *de suas porções*.

Comeram *do nosso bolo*.

Nos exemplos dados, as preposições podem ser eliminadas e os verbos continuam com os mesmos sentidos.

Claro está também que o objeto direto preposicionado serve para dar uma variação ao

entendimento total da frase:

Beber algo é diferente de *beber de algo*, pois, na primeira, temos a ideia do todo e, na segunda, a ideia da parte de um todo.

Algumas vezes o emprego da preposição antes do objeto direto é obrigatório. Veja quais são os casos:

a) antes dos pronomes oblíquos tônicos, ligados a verbos transitivos diretos:

Viu *a mim* no mercado.

O salva-vidas observou *a nós* na piscina.

b) com o pronome relativo "quem", funcionando como complemento na frase:

Chegou o João, *a quem* não esperávamos.

Ela é a mulher *a quem* eu amo.

c) Para evitar dúvida no entendimento da frase:

Venceram *aos japoneses* os canadenses.

Enganou *ao aluno* o professor.

4.2.2.1.2. Objeto direto pleonástico

É usado para **enfatizar uma ideia contida no objeto direto com a repetição dele próprio**. Para bem utilizá-lo, devemos colocá-lo no início da frase, depois repeti-lo por meio de pronome oblíquo — ao qual daremos o nome de objeto direto pleonástico, pois pleonasmo é aquilo que se repete.

As rosas, dei-*as* para Maria.

O bolo, nós não *o* comemos.

Lucro, desejam-*no* sempre!

4.2.2.1.3. Objeto direto interno

Surge quando **utilizamos um verbo intransitivo como transitivo direto, e seu complemento é da mesma família semântica** do verbo:

Viver *uma vida fácil*.

Sonhou *um sonho alegre*.

Ria *um riso forçado*.

Chovia *uma chuva fina*.

Chorará *um choro amargo!*

4.2.2.2. Objeto indireto

Completa o sentido do verbo transitivo indireto, ou seja, vem **indiretamente ligado ao verbo com** o auxílio de **preposições**.

Paguei *ao médico*.

Deparamos *com um estranho*.

Não consinto *nisso*.

Rogo-*lhe* perdão.

4.2.2.2.1. Objeto indireto pleonástico

Da mesma forma já vista no objeto direto pleonástico, podemos repetir também o objeto indireto dentro da frase, **para reforçar a ideia** que se pretende seja transmitida.

A mim, o que *me* deu foi pena.

A Paulo, bastou-*lhe* isso.

A ti, ó rosa perfumada, entrego-*te* o mundo.

4.2.2.3. Complemento nominal

É o termo que **completa o sentido de um nome** que por si só não dá a ideia que queremos transmitir.

Por *nome* entendemos o *substantivo*, o *adjetivo* e o *advérbio*.

O complemento nominal é **sempre introduzido por** uma **preposição**.

O respeito *às leis* é obrigatório.

Temos fé *em Deus*.

O sol é útil *ao homem*.

A testemunha falou favoravelmente *ao réu*.

4.2.2.4. Agente da passiva

É o **complemento de um verbo na voz passiva analítica**. É o agente que pratica uma ação indicada por um verbo na voz passiva.

O agente da passiva vem **sempre introduzido por preposição**, geralmente pela preposição POR — e suas combinações: PELO, PELA, PELOS, PELAS. Mas também podemos usar a preposição DE — e suas combinações — em algumas frases.

A cidade foi cercada *por soldados*.

O rei era aclamado *pela multidão*.

A floresta era povoada *de selvagens*.

4.2.3. Termos acessórios da oração

Chamamos de termos acessórios aqueles que **podem ser retirados da frase sem prejuízo para o sentido global**. São eles: *adjunto adnominal, adjunto adverbial* e *aposto*.

4.2.3.1. Adjunto adnominal

É o termo que **determina ou caracteriza um substantivo**. Pode ser:

a) um artigo:

O carro nos pertence.

b) um adjetivo:

O *bom* aluno estuda sempre.

c) uma locução adjetiva:

O amor *da mãe* é eterno.

d) um numeral:
Duas meninas saíram por aqui.
e) um pronome:
Um dia comprarei *aquela* casa.

Curiosidades:
1) O adjunto adnominal constituído por um *adjetivo* pode ser confundido com o predicativo do sujeito ou do objeto.
Perceba as seguintes diferenças:
a) o adjunto adnominal é uma característica intrínseca do ser a que se liga, e vem sempre dentro do mesmo termo do seu referente:
A *bela* Ana saiu.
Adj. adn. — o adjetivo *bela* refere-se ao termo *Ana*, e ambos estão dentro do termo sujeito.
João viu a *bela* Ana na feira.
Adj. adn. — o adjetivo *bela* refere-se ao termo *Ana*, e ambos estão dentro do termo predicado.
b) o predicativo do sujeito é uma qualidade para o sujeito dentro do predicado:
Ana saiu *bela*.
Pred. do suj. — o adjetivo *bela*, que está dentro do predicado, refere-se ao termo *Ana*, que é sujeito.
c) o predicativo do objeto é uma qualidade para o objeto direto atribuída a esse pelo sujeito da frase:
João achou a Ana *bela*.
Pred. do obj. — o adjetivo *bela*, que está ligado ao termo *Ana* (objeto direto), é uma qualidade a ela atribuída pelo sujeito.
2) Quando o adjunto adnominal é expresso por meio de locuções adjetivas, podemos confundi-lo com o complemento nominal.
Observe os casos abaixo:
amor de mãe = adjunto adnominal
amor à mãe = complemento nominal
Vejamos, então, como fazer a diferença entre um e outro.
Quando a locução adjetiva vem ligada a um adjetivo ou a um advérbio, só pode ser um complemento nominal:
João foi favorável *ao acusado*. — complemento nominal, pois se liga ao adjetivo *favorável*.
João discursou favoravelmente *ao projeto*. — complemento nominal, pois se liga ao advérbio *favoravelmente*.
Quando a locução adjetiva vem ligada ao substantivo, pode ter sentidos diferentes:
a) sentido ativo: mostra quem pratica o ato expresso pelo substantivo, então a locução

adjetiva recebe o nome de ADJUNTO ADNOMINAL:

A crítica *do técnico* foi dura. — adjunto adnominal, pois o técnico é quem fez a crítica, sentido ativo.

b) sentido passivo: mostra quem sofre o ato expresso pelo substantivo, então a locução adjetiva recebe o nome de COMPLEMENTO NOMINAL:

A crítica *ao técnico* foi dura. — complemento nominal, pois o técnico recebeu a crítica, sentido passivo.

Observe outros exemplos:

Complemento nominal — sentido passivo:

relato *à mãe*

apta *à maternidade*

Adjunto adnominal — sentido ativo:

relato *de mãe*

aptidão *de mãe*

4.2.3.2. Adjunto adverbial

É o termo que indica **uma circunstância** (de tempo, causa, modo, lugar etc.) **modificando o sentido de um verbo, de um advérbio ou de um adjetivo**. Ele pode aparecer com ou sem preposição.

O adjunto adverbial não completa o sentido do termo a que se liga, apenas modifica o seu sentido.

Dormi *em paz*. — modifica o verbo.

Acordei *bastante* cedo. — modifica o advérbio.

Ela é *muito* bonita. — modifica o adjetivo.

O adjunto adverbial, quando modifica o adjetivo ou advérbio, recebe o nome de **adjunto adverbial de intensidade**, por intensificar a ideia expressa por eles.

Ao modificar o verbo, o adjunto adverbial classifica-se de acordo com a ideia expressa, porém essa classificação não é dada pela nomenclatura gramatical brasileira, e sim apenas sugerida pelos gramáticos.

Curiosidade: Veja a seguir algumas possibilidades:

Pedro foi, *sim*. — adj. adv. de afirmação

Ele falou *do medo*. — adj. adv. de assunto

Maria fez tudo *por amor*. — adj. adv. de causa

Maria passeava *com a mãe*. — adj. adv. de companhia

Estudei muito *apesar do calor*. — adj. adv. de concessão

Farão *com o meu auxílio*. — adj. adv. de condição

Preencheu *conforme as instruções*. — adj. adv. de conformidade

Talvez a encontre amanhã. — adj. adv. de dúvida

Estava *a cinco metros*. — adj. adv. de distância

Estudaremos *sem João*. — adj. adv. de exclusão
Viemos *para as lições*. — adj. adv. de finalidade
Ela brincou *muito*. — adj. adv. de intensidade
A casa foi feita *de madeira*. — adj. adv. de material
Os meninos foram *à Bahia*. — adj. adv. de lugar
Ela cortou-se *com a faca*. — adj. adv. de instrumento
Não tinha medo. — adj. adv. de negação
Fizeram tudo *contra a greve*. — adj. adv. de oposição
Vim *de uma família simples*. — adj. adv. de origem
O saco pesa *cinco quilos*. — adj. adv. de peso
O carro custou *vinte mil reais*. — adj. adv. de preço

4.2.3.3. Aposto

É o termo que **explica, esclarece, discrimina ou identifica um outro termo** da oração.

Geralmente aparece **entre vírgulas**, mas pode também aparecer **após dois-pontos, entre travessões ou** até **sem essas pausas**, porém sempre estará explicando um outro termo qualquer:

Pelé, *rei do futebol*, é meu amigo.
João, *o motorista*, esteve aqui.
Só quero uma coisa: *sorvete*.
Após algum tempo — *cinco ou seis minutos* — ele voltou.
O Padre *César* está começando a missa.
Código universal, a música une os povos.

4.2.4. Vocativo

Usado como **chamamento**, é o termo que serve para atrair a atenção do interlocutor para aquilo que se vai dizer.

Pode aparecer no começo, no meio ou no final da oração, mas não faz parte nem do sujeito nem do predicado. É um termo isolado, portanto não se classifica nem como termo integrante nem como termo acessório:

Brasileiros e brasileiras, façamos tudo pela Pátria.
Ontem pela manhã, *Marcos*, vi você na feira.
Vocês por aqui, *meninos*?!

4.3. SINTAXE DO PERÍODO

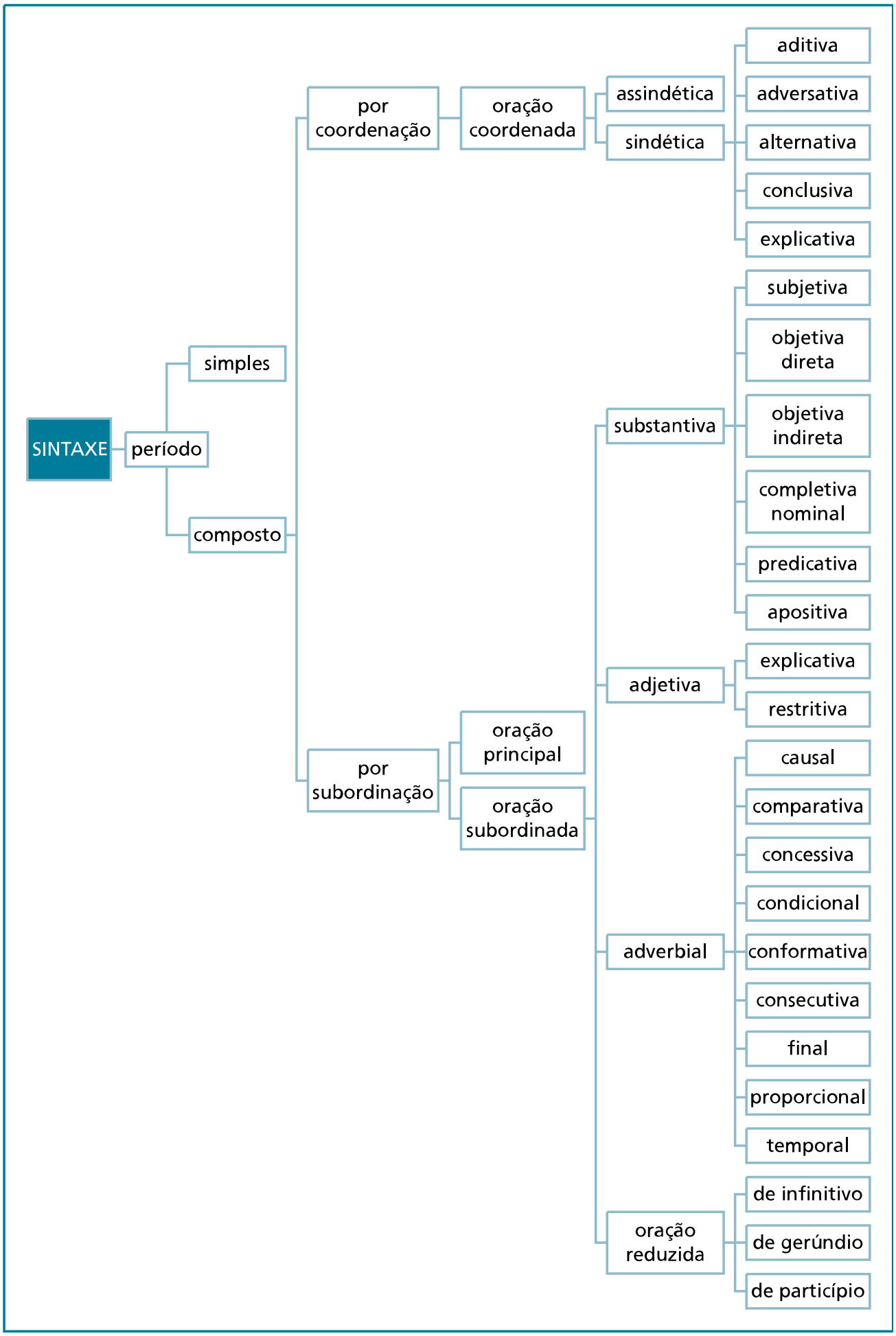
SINTAXE
período
simples
composto
por coordenação
oração coordenada
assindética
sindética
aditiva
adversativa
alternativa
conclusiva
explicativa
por subordinação
oração principal
oração subordinada
substantiva
subjetiva
objetiva direta
objetiva indireta
completiva nominal
predicativa
apositiva
adjetiva
explicativa
restritiva
adverbial
causal
comparativa
concessiva
condicional
conformativa
consecutiva
final
proporcional
temporal
oração reduzida
de infinitivo
de gerúndio
de particípio

Período simples é o agrupamento de palavras em torno de **um verbo**, com sentido completo:

Ana está doente.

Eu e meus irmãos compraremos roupas novas amanhã.

Todos os dias eu espero o jornal na porta.

Período composto é o **agrupamento de orações** finalizadas por um único ponto:

Ana saiu, mas voltará logo.

Eu espero que você seja feliz.

Todos vimos os homens que colhiam algodão no campo.

Enquanto todos estiverem falando, eu não poderei explicar a matéria que preparei para hoje.

O período composto se constitui de duas maneiras diferentes: **por coordenação** e **por subordinação**.

4.3.1. Período composto por coordenação

É o período que apresenta **orações de sintaxe independente**. Suas orações são coordenadas, pois ligam-se pelo sentido ou através de uma **conjunção coordenativa**.

4.3.1.1. Orações coordenadas assindéticas

São aquelas que se ligam a outras apenas pelo sentido, **sem o auxílio de conjunções** coordenativas:

Saia, deixe-me em paz!

Seu pai esteve aqui, deixou um abraço para você.

4.3.1.2. Orações coordenadas sindéticas

São aquelas que, além de se ligarem pelo sentido, ligam-se também **com o auxílio de conjunção** coordenativa.

Fale a verdade, *ou não mais conversarei com você*.

Não li o livro, *mas farei a prova assim mesmo*.

As orações coordenadas sindéticas, por terem conjunções, são **reclassificadas de acordo com o sentido expresso pela conjunção**.

4.3.1.2.1. Oração coordenada sindética aditiva

São as orações que expressam **ideias similares ou equivalentes**, e por isso dão ideia de **soma, adição**.

Principais conjunções aditivas: e, nem, não só... mas também, não apenas... mais ainda, senão ainda, como também etc.

Ana caiu *e quebrou a perna*.

Ela não foi ao mercado *nem foi à feira*.

4.3.1.2.2. Oração coordenada sindética adversativa

Expressa um pensamento que se opõe ao anterior, dá ideia de **contrariedade** e, por isso, **adversidade**.

Principais conjunções adversativas: mas, porém, todavia, contudo, entretanto, senão, no entanto, ao passo que, não obstante etc.:

Trata a todos com respeito, *mas não com intimidade.*

Irei com você, *porém prefiro ficar em casa.*

4.3.1.2.3. Oração coordenada sindética alternativa

Expressa ideias que se excluem ou que se alternam, daí transmitir a noção de **escolha, alternância**.

Principais conjunções alternativas: ou, ou... ou, ora, quer... quer, seja... seja, já... já etc.:

Vá para casa agora, *ou tomará chuva.*

Ora chorava, ora sorria.

4.3.1.2.4. Oração coordenada sindética conclusiva

Mostra a **dedução** ou **conclusão** de um raciocínio.

Principais conjunções conclusivas: assim, logo, portanto, por isso, por conseguinte, por consequência, pois (posposto ao verbo da oração) etc.:

Penso, *logo existo.*

Você não terminou a lição; *não irá, pois, brincar.*

4.3.1.2.5. Oração coordenada sindética explicativa

Aquela que **se apresenta justificando a oração anterior**, ou seja, reforça a ideia através de uma explicação.

Principais conjunções explicativas: que, porquanto, porque, pois (anteposto ao verbo da oração) etc.:

Choveu à noite, *porque o chão está molhado.*

A noite está quente, *pois é verão.*

4.3.2. Período composto por subordinação

É o período em que as orações mantêm uma **relação de dependência** entre elas.

Essa **dependência** é **sintática e semântica**. Sintática porque uma desempenha uma função em relação à outra; semântica porque o sentido de uma se completa com o sentido da outra:

As meninas queriam que o rapaz as levasse ao cinema.

O filme que elas queriam ver não agradava ao rapaz.

Embora o rapaz tivesse outros planos, levou as garotas ao cinema.

Nos exemplos dados, em cada período, uma oração depende da outra para ter sentido ou para estar sintaticamente completa.

4.3.2.1. Oração principal

É aquela que **não exerce função sintática** no período e **vem sempre acompanhada de uma outra oração que lhe completa o sentido**, ou **que atribui uma característica a um de seus substantivos**, ou ainda **indica-lhe uma circunstância**.

A oração principal não apresenta conjunção ou pronome relativo:

É necessário que se case.

O homem que fuma *vive pouco*.

Sopram os ventos, quando amanhece.

4.3.2.2. Oração subordinada

É aquela que se **liga à outra por meio de conjunção integrante**, **conjunção subordinativa** ou **pronome relativo**. A **oração subordinada** sempre **dependerá da principal** para ser entendida.

A oração subordinada:

a) **completa o sentido** da oração principal: Eu peço *que desistas*.

b) **caracteriza o ser** da oração principal: Deus, *que é Pai*, ajuda-nos.

c) **indica uma circunstância** para a oração principal: Saímos, *quando escureceu*.

As orações subordinadas são classificadas de acordo com a função que desempenham em relação à oração principal:

a) Quando exerce as **funções próprias do substantivo**, recebe o nome de **oração subordinada substantiva**.

As funções do substantivo são: sujeito, objeto direto e indireto, complemento nominal, predicativo do sujeito e aposto.

b) Quando exerce a **função própria do adjetivo**, recebe o nome de **oração subordinada adjetiva**.

A função do adjetivo é: adjunto adnominal.

c) Quando exerce a **função própria do advérbio**, recebe o nome de **oração subordinada adverbial**.

A função do advérbio é: adjunto adverbial.

4.3.2.2.1. Oração subordinada substantiva

A oração subordinada recebe o nome de oração subordinada substantiva quando sua função é **completar o sentido da oração principal**. Damos a ela o nome SUBSTANTIVA, porque pode ser substituída, trocada por um substantivo. É sempre **iniciada por uma conjunção integrante**.

As principais conjunções integrantes são QUE e SE:

É necessário que se case.

Nesse exemplo, a oração *que se case* está completando o sentido da principal, e pode ser trocada pelo substantivo *casamento*: É necessário *seu casamento*.

Veja outros exemplos:

Eu quero *que você saia*. (Eu quero *sua saída*.)

Ninguém sabe *se ela virá*. (Ninguém sabe *da sua vinda*.)

Todos desejamos uma só coisa: *que você seja feliz*. (Todos desejamos uma só coisa: *sua felicidade*.)

Quando a oração subordinada completa o sentido da oração principal, ela desempenha determinada função em relação a esta. Assim:

É necessário *que se case*. = *Seu casamento* é necessário.

Então: a oração subordinada funciona como sujeito da oração principal.

Eu quero *que você saia*. = Eu quero *sua saída*.

Então: a oração subordinada funciona como objeto direto da oração principal.

Todos desejamos uma só coisa: *que você seja feliz*. = Todos desejamos uma só coisa: *sua felicidade*.

Então: a oração subordinada funciona como aposto da oração principal.

De acordo com a função que exerce em relação à principal, podemos classificar a oração subordinada substantiva. Para isso, basta sabermos o que falta na oração principal. Veja:

4.3.2.2.1.1. Oração subordinada substantiva subjetiva

É assim classificada quando exerce a **função de** sujeito em relação à oração principal:

Espera-se *que as meninas tragam as tortas*.

É necessário *que ela estude matemática*.

4.3.2.2.1.2. Oração subordinada substantiva objetiva direta

Recebe esse nome a oração que exerce a **função de** objeto direto em relação à oração principal:

Maria esperou *que o marido voltasse*.

Ignoramos *se eles se salvaram*.

4.3.2.2.1.3. Oração subordinada substantiva objetiva indireta

Damos à oração essa denominação, pois exerce a **função de** objeto indireto em relação à oração principal. Vem sempre introduzida por preposição, e essa preposição estará ligada ao verbo da oração principal:

Nós necessitamos *de que nos ajudem*.

Gosto *de que me beije*.

4.3.2.2.1.4. Oração subordinada substantiva completiva nominal

Assim é chamada quando exerce a **função de** complemento nominal em relação à oração principal. Vem sempre introduzida por preposição, e essa preposição estará ligada a um nome da oração principal:

Eu sou favorável *a que o prendam*.

Nós temos necessidade *de que nos ajudem*.

4.3.2.2.1.5. Oração subordinada substantiva predicativa

Quando exerce a **função de** predicativo do sujeito em relação à oração principal. Vem sempre ao lado de um verbo de ligação da oração principal:

Seu receio era *que chovesse.*

O necessário agora é *que você se cure.*

4.3.2.2.1.6. Oração subordinada substantiva apositiva

Quando exerce a **função de** aposto em relação à oração principal. Geralmente aparece após dois-pontos:

Só desejo uma coisa: *que seja feliz.*

Confesso uma verdade: *(que) eu sou puro.*

4.3.2.2.2. Oração subordinada adjetiva

A função da oração subordinada adjetiva é **caracterizar um ser da oração principal**, que já possui sentido completo. É a função própria do adjetivo, ou seja, adjunto adnominal.

A oração subordinada adjetiva pode caracterizar o ser da oração principal de duas maneiras diferentes: **explicando** ou **restringindo** o seu sentido.

A oração subordinada adjetiva é **iniciada por um pronome relativo**.

O homem *que fuma* vive pouco — nesse exemplo temos uma restrição, pois não é todo homem que vive pouco, apenas aquele que fuma.

O gelo, *que é frio*, conserva o alimento — nesse outro exemplo temos uma explicação, pois ser frio é característica própria do gelo.

Assim podemos reclassificar a oração subordinada adjetiva:

4.3.2.2.2.1. Oração subordinada adjetiva explicativa

Quando **explica o sentido de um ser da oração principal**. A oração subordinada-adjetiva deve ser **sempre isolada por vírgulas, travessões ou parênteses**.

O homem, *que é racional,* às vezes age sem pensar.

Deus — *que é nosso pai* — nos salvará.

A lâmpada *(que ilumina)* é uma grande invenção.

4.3.2.2.2.2. Oração subordinada adjetiva restritiva

Quando **restringe, particulariza o sentido do ser da oração principal:**

Vi homens *que colhiam algodão.*

Comi as frutas *que estavam maduras.*

4.3.2.2.3. Oração subordinada adverbial

A oração subordinada adverbial é aquela que **indica uma circunstância para a oração principal**. Ela desempenha as funções próprias de um advérbio, ou seja, de um adjunto adverbial. Sempre **iniciada por conjunção subordinativa adverbial**, é essa

conjunção que indicará a circunstância que a oração toda expressa; e, de acordo com essa circunstância, reclassificaremos a oração subordinada adverbial.

4.3.2.2.3.1. Oração subordinada adverbial causal

Expressa **causa, motivo, razão**.

Principais conjunções causais: porque, visto que, já que, uma vez que, posto que, como, na medida em que etc.:

Você veio *porque quis.*

Como ele estava armado, ninguém ousou reagir.

4.3.2.2.3.2. Oração subordinada adverbial comparativa

Expressa uma **comparação**.

Principais conjunções comparativas: (do) que, tal... qual, tão... como, tanto... quanto, como etc.:

Voltou a casa *como quem vai à prisão.*

A luz é mais veloz *do que o som.*

Curiosidade: A oração subordinada adverbial comparativa pode ter um verbo subentendido. Isso acontece quando o verbo da oração principal é o mesmo da oração subordinada:

A luz é mais veloz *do que o som* (é veloz).

4.3.2.2.3.3. Oração subordinada adverbial concessiva

Expressa um fato que se admite em **exceção** à ideia expressa pela oração principal.

Principais conjunções concessivas: embora, ainda que, se bem que, apesar de etc.:

Nada seria resolvido, *ainda que eu falasse.*

Irei à festa, *embora não esteja disposto.*

4.3.2.2.3.4. Oração subordinada adverbial condicional

Expressa uma hipótese, uma **condição**.

Principais conjunções condicionais: salvo se, caso, exceto se, sem que, a menos que etc.:

Se chover, não sairei de casa.

Não deixe de estudar, *a menos que você já saiba tudo.*

4.3.2.2.3.5. Oração subordinada adverbial conformativa

Expressa **conformidade**, acordo entre um fato e outro.

Principais conjunções conformativas: conforme, segundo, como, consoante etc.:

O homem age *conforme pensa.*

A história se repete, *consoante opinam alguns.*

4.3.2.2.3.6. Oração subordinada adverbial consecutiva

Expressa uma **consequência**, um resultado, um efeito.
Principais conjunções consecutivas: tanto que, tão que, que etc.:
Gritou tanto, *que acordou os vizinhos.*
Ó Deus, onde estás, *que não respondes?*

■ *4.3.2.2.3.7. Oração subordinada adverbial final*

Expressa **finalidade**, objetivo.
Principais conjunções finais: a fim de, para que, porque, que etc.:
Saí, *a fim de que evitássemos brigar.*
Veio à escola *para que estudasse.*

■ *4.3.2.2.3.8. Oração subordinada adverbial proporcional*

Expressa **proporcionalidade**.
Principais conjunções proporcionais: à medida que, na medida em que, à proporção que, à maneira que, ao passo que etc.:
Aumentava a pressão *ao passo que a esquadra se aproximava.*
O dia clareia *à medida que o sol surge.*

■ *4.3.2.2.3.9. Oração subordinada adverbial temporal*

Expressa ideia de **tempo**.
Principais conjunções temporais: quando, enquanto, apenas, mal, logo que, assim que, depois que, agora que etc.:
Mal chegamos, ela foi saindo.
O que fará, *agora que está em férias?*

■ *4.3.2.3. Orações reduzidas*

São as orações subordinadas que se apresentam **sem conjunção ou sem pronome relativo**, e **com o verbo numa das formas nominais:**

- *infinitivo* (pessoal ou impessoal) — AMAR.
- *gerúndio* — AMANDO.
- *particípio* — AMADO.

Quando a oração se apresenta da forma que estávamos vendo até agora, dizemos que ela é uma ORAÇÃO DESENVOLVIDA. Se tirarmos a conjunção inicial e colocarmos o verbo em forma nominal, transformaremos a oração desenvolvida em ORAÇÃO REDUZIDA.

■ *4.3.2.3.1. Oração reduzida de infinitivo*

Oração reduzida de infinitivo surge quando **tiramos a conjunção e colocamos o verbo no infinitivo**. Aqui podemos ter as orações subordinadas substantivas e as orações subordinadas adverbiais:

É necessário *casar-se.*

Todos temos necessidade *de nos amarem.*

Ao fazer a lição, aprenderá um pouco mais.

Ela comprou o carro *para chegar mais cedo ao trabalho.*

4.3.2.3.2. Oração reduzida de gerúndio

Oração reduzida de gerúndio aparece quando **tiramos a conjunção ou pronome relativo e colocamos o verbo no gerúndio**. Aqui podemos ter as orações subordinadas adjetivas e as orações subordinadas adverbiais:

Percebi a aluna *colando na prova.*

Pedindo com jeito, ela fará o serviço para nós.

4.3.2.3.3. Oração reduzida de particípio

Oração reduzida de particípio aparece quando **tiramos a conjunção ou pronome relativo e colocamos o verbo no particípio**. Aqui podemos ter as orações subordinadas adjetivas e as orações subordinadas adverbiais:

Há saudade *nunca esquecida.*

Partido o bolo, vários convidados se retiraram.

Curiosidade: As orações subordinadas substantivas só podem ser reduzidas de infinitivo.

As orações subordinadas adjetivas podem ser reduzidas de gerúndio e particípio.

As orações subordinadas adverbiais podem ser reduzidas de infinitivo, gerúndio e particípio.

4.4. REGÊNCIA

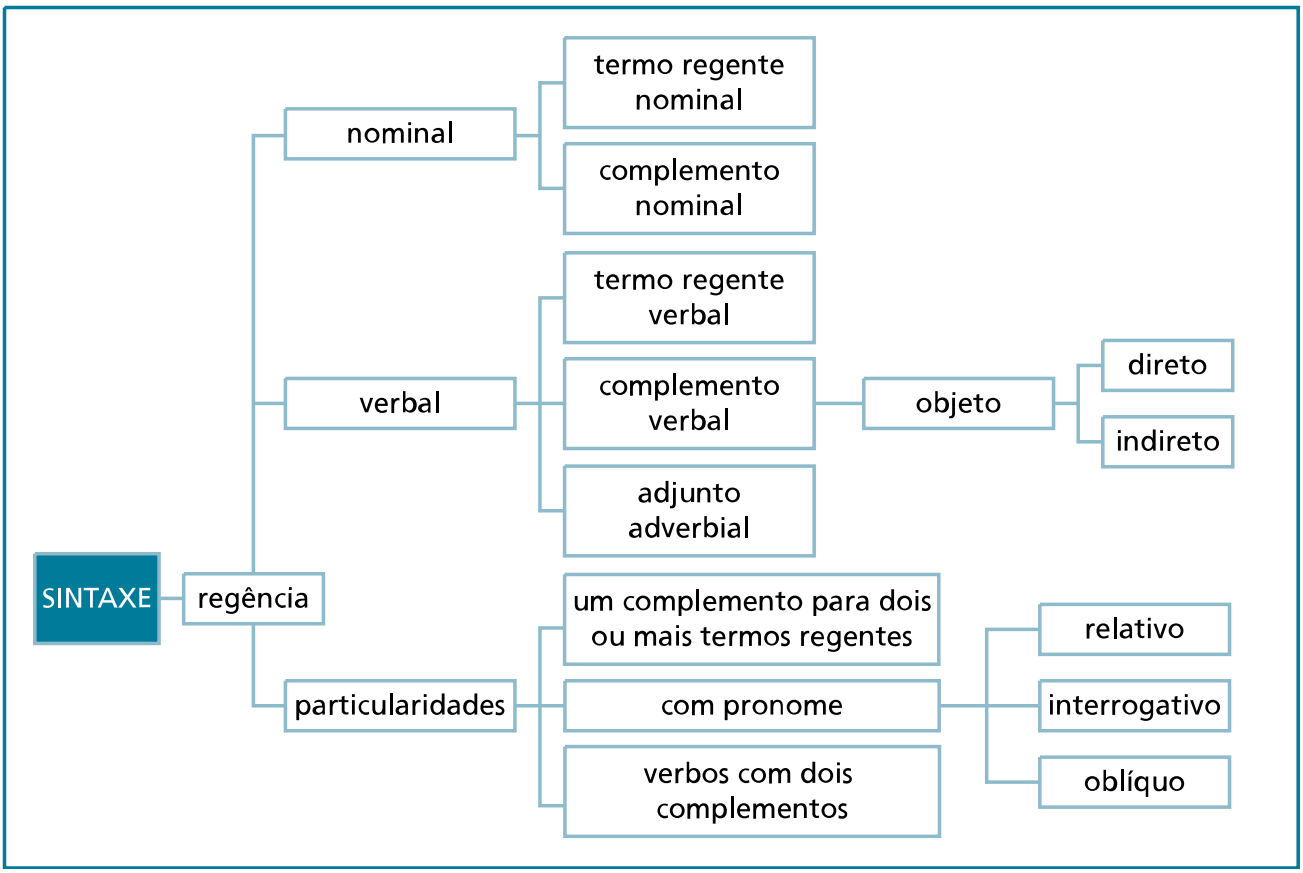

A regência trata das **relações de dependência que as palavras mantêm entre si**. É o modo pelo qual um termo rege outro que lhe completa o sentido.

Temos:

- *Termo regente:* aquele que **pede um complemento**.
- *Termo regido:* aquele que **completa o sentido de outro**.

O homem está apto para o trabalho — o nome **apto** não possui sentido completo, precisa de um complemento; o termo **para o trabalho** aparece completando o sentido do nome **apto**.

Assistimos ao filme — o verbo **assistimos** não tem sentido completo, ele necessita de um outro termo que lhe dê completude; o termo **ao filme** está completando o sentido do verbo **assistir**.

Os termos **apto** e **assistimos** são os regentes, pois exigem complemento; já os termos **para o trabalho** e **ao filme** são os regidos, pois funcionam como complemento.

A regência divide-se em:

- *Regência nominal* — quando o termo regente é um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio):

O homem está apto para o trabalho.

- *Regência verbal* — quando o termo regente é um verbo:

Assistimos ao filme.

Os complementos colocados na frase receberão nomes específicos:

■ *Complemento nominal*, quando completa o sentido de um nome e vem sempre introduzido por preposição.

■ *Complemento verbal*, quando completa o sentido do verbo e pode ser ou não introduzido por preposição; nesse caso teremos de renomeá-lo como:

■ *Objeto direto:* é complemento diretamente ligado ao verbo, sem o auxílio de preposição.

■ *Objeto indireto:* é o complemento indiretamente ligado ao verbo, com o auxílio de uma preposição.

■ 4.4.1. Regência nominal

É o fato de **um nome não ter sentido completo** e exigir **outro que lhe complete o sentido**. Não há regras para o uso ou não de determinada preposição com o nome. Alguns deles admitem mais de uma regência. A escolha de uma ou outra preposição deve ser feita com base na clareza, na eufonia e também deve adequar-se às diferentes formas de pensamento.

Curiosidade: Lista de alguns nomes e suas preposições mais frequentes:

aberto a, para
aborrecido a, com, de, por
abrigado a
abundante de, em
adequado a
afável com, para com
aflito com, por
agradável a
alérgico a
alheio a, de
aliado a, com
alusão a
amoroso com, para com
ansioso de, por
antipatia a, contra, por
apto a, para atenção a
atencioso com, para com
aversão a, para, por
avesso a
ávido de, por
certeza de
certo de
compaixão de, para com, por

compatível com
comum a, de, em, entre, para
conforme a, com
consulta a
constituído com, de, por
contente com, de, em, por
contíguo a
convicção de
cruel com, para, para com
curioso de, por
desgostoso com, de
desprezo a, de, por
devoção a, para com, por
devoto a, de
domiciliado a, em
dúvida acerca de, de, em, sobre
empenho de, em, por
fácil a, de, para
falho de, em
favorável a
feliz com, de, em, por
fértil de, em
hábil em
habituado a, com
horror a
hostil a, para com
impróprio para
imune a, de
incansável em
incapaz de, para
inclinado a
invasão de
junto a, com, de
lento em
morador em
ódio a, contra, de, para com, por
orgulhoso de, com
peculiar a

precedido a, com, de
preferível a
pródigo de, em
próximo a, de
residente em
respeito a, com, de, para com, por
simpatia a, para com, por
situado a, em, entre
suspeito a, de
último a, de, em
união a, com, entre
útil a, para
vizinho a, com, de

4.4.2. Regência verbal

Nesse tipo de regência, é o **verbo que pede um complemento que pode ou não ligar-se através de preposição**. A escolha da preposição adequada depende da significação do verbo. Devemos observar as possibilidades de utilização de uma ou outra preposição.

a) Existem verbos que admitem mais de uma regência sem mudar seu significado:
Cumpriremos o nosso dever.
Cumpriremos com o nosso dever.
José não tarda a chegar.
José não tarda em chegar.
Esforcei-me por não contrariá-la.
Esforcei-me para não contrariá-la.

b) Existem verbos que mudam seu significado quando se altera a regência:
Aspirei o aroma das flores.
(aspirar = sorver, respirar)
Aspirei a um bom cargo.
(aspirar = desejar, almejar, objetivar)
Olhe para ele.
(olhar = fixar o olhar)
Olhe por ele.
(olhar = cuidar)

Lista de alguns verbos e suas regências:

Veremos aqui alguns verbos e suas regências, cujas particularidades seguirão o seguinte esquema:

VERBO

■ (sentido na frase) — sua transitividade (VI, VTD, VTI, VTDI) — preposição exigida
exemplo
Assim:

CONFIAR

■ (acreditar) — VTI — preposição EM:
Confio em meus pais.
■ (entregar) — VTDI — sem preposição + preposição A:
Confio meu carro ao meu filho.

ASPIRAR

■ (sorver) — VTD — sem preposição:
Aspiro o perfume das flores.
Todos aspiramos a fumaça tóxica das fábricas de nossa cidade.
■ (desejar) — VTI — preposição A:
Aspiro a uma boa posição.
Ele sempre aspirou à vaga de Auditor-Fiscal.

ABDICAR

■ (renunciar) — VI — sem complemento:
Ela abdicou em 1990.
■ (renunciar) — VTD — sem preposição:
Ele abdicou a coroa.
Ele abdicou o direito de votar.
■ (renunciar) — VTI — preposição DE:
Ele abdicou da coroa.
Ele abdicou do direito de votar.

AGRADAR

■ (satisfazer, contentar) — VTI — preposição A:
A peça não agradou ao público.
Agradaria muito ao pai se o filho estudasse mais.
■ (acariciar, ser agradável) — VTD — sem preposição:
João procurou agradar o filho.
As pessoas gentis sempre procuram agradar os outros.

AGRADECER

■ (ser grato) — VTDI — sem preposição + preposição A:
João agradeceu o presente a José.
Agradecemos ao mestre a dedicação com que nos ajudou.

ASSISTIR

■ (ver, presenciar) — VTI — preposição A:
Ele assistiu ao espetáculo.

Sempre assisto às novelas.
■ (ser de direito, caber, pertencer) — VTI — preposição A:
Férias é um direito que assiste a todos.
Tal direito assiste aos alunos.
■ (morar) — VI — preposição EM (adjunto adverbial de lugar):
Eles assistem em São Paulo.
Assistem todos em área de risco.
■ (ajudar, auxiliar) — VTD — sem preposição:
O médico assiste o paciente.
O departamento jurídico assistiu a Comissão de Direitos Humanos.

ATENDER

■ (receber, responder) — VTD — sem preposição:
O diretor atenderá os alunos.
Deus atende nossas preces.
■ (dar atenção) — VTI — preposição A:
Vou atender ao que me pede.
O bom aluno atende ao professor.

AVISAR

■ (informar) — VTDI — sem preposição + preposições A, DE ou SOBRE:
Avise o ocorrido a João.
Avisei João do ocorrido.
Avisei João sobre o ocorrido.

Curiosidade: Esse verbo pode ter a "pessoa" como Objeto Direto e a "coisa" como Objeto Indireto — ou vice-versa. Se você puser preposição na "coisa", use DE ou SOBRE, e, se você puser preposição na pessoa, use A.

CERTIFICAR

Ver o verbo *avisar*.

CHAMAR

■ (convocar, denominar, cognominar) — VTD — sem preposição:
O gerente chamou os funcionários para a reunião.
Na hora de aflição, o filho chama a mãe.

Curiosidade: Apesar de a regência dada acima ser a mais frequente, o verbo **chamar** admite várias construções como corretas:
Chamei Pedro.
Chamei a Pedro.
Chamei Pedro de herói.
Chamei a Pedro de herói.
Chamei por Pedro.

Na hora de aflição, o filho chama pela mãe.

CHEGAR

■ (vir de) — VI — preposição A (adjunto adverbial de lugar):
Cheguei a casa.
Cheguei ao colégio.
Chegaremos à escola um pouco atrasados.
■ (vir por meio de) — VI — preposição EM (adjunto adverbial de meio):
Cheguei em um ônibus fretado.
Cheguei no trem das onze.

COMUNICAR

■ (avisar) — VTDI — sem preposição + preposição A:
Comuniquei o fato a Pedro.
Comunicamos a todos que a prova será adiada.

Curiosidade: Para o verbo **comunicar**, teremos sempre a seguinte construção:
"coisa" — sem preposição + "pessoa" — com a preposição A.
Comuniquei o fato a Pedro.
Apesar de ser sinônimo do verbo **avisar**, o verbo **comunicar** não pode fazer a troca de preposição entre complementos como faz aquele:
Avisei o fato a Pedro.
ou
Avisei Pedro do (sobre o) fato.

CUSTAR

■ (ser difícil) — VTI — preposição A:
Custa-me entender a lição.
Fazer o trabalho custará a todos.

Curiosidade: Na linguagem do dia a dia, costuma-se empregar esse verbo de forma incorreta. Veja a seguinte construção: Eu custei a entender — ERRADA.
Nela percebemos o pronome **eu** como sujeito e o verbo no infinitivo **a entender** como objeto indireto. Isso é incorreto, pois o difícil foi **entender**, e tal coisa foi difícil para alguém, no caso **para mim**.
A frase correta é: Custou-me entender.

DESOBEDECER

■ (desacatar) — VTI — preposição A:
Os filhos desobedecem aos pais.
Sempre que desobedecem à lei, devem ser punidos.

ESQUECER

■ (sem pronome reflexivo) — VTD — sem preposição:

Esqueci o caderno.
Não esqueça os sapatos na sala.
■ (com pronome reflexivo) — VTI — preposição DE:
Esqueci-me do caderno.
Não se esqueça dos sapatos na sala.

Curiosidades:
a) Repare que o verbo **esquecer** pode ser usado com ou sem **pronome reflexivo**. Se estiver com pronome reflexivo, ele estará também com preposição DE. Se ele não estiver com pronome reflexivo, ele estará sem preposição.
b) Tome cuidado, pois algumas vezes ele aparece com pronome, mas esse não é reflexivo. Observe o seguinte exemplo:
Esqueceram-me os fatos.
Esta é uma construção comumente usada, na qual o sujeito é determinado e o pronome **me** representa o objeto indireto, logo **os fatos** é o sujeito.
Esqueceu-me a data do seu aniversário.

IMPLICAR
■ (ser chato com) — VTI — preposição COM:
Ana sempre implica com todos.
Implicava comigo, sempre que eu chegava tarde.
■ (envolver-se) — VTI — preposição EM:
Ana implicou-se em casos de vandalismo.
■ (acarretar) — VTD — sem preposição:
Sua atitude implica demissão.
Desobedecer à lei implica receber punição.
■ (acarretar) — VTI — preposição EM:
Sua atitude implica em demissão.
Desobedecer à lei implica em receber punição.

Curiosidade: Hodiernamente, o verbo **implicar**, no sentido de **acarretar**, pode ser usado das duas maneiras mencionadas acima.

INFORMAR
Ver o verbo *avisar*.

INVESTIR
■ (empossar) — VTDI — sem preposição + preposição EM:
João foi investido em cargo público.
Vamos investir os aprovados na carreira militar.
■ (empregar dinheiro) — VTDI — sem preposição + preposição EM:
João investiu todo o seu dinheiro em ações.
O pai investiu no filho suas esperanças.

■ (atacar) — VTD — sem preposição:
A onda investe a praia.
■ (atacar) — VTI — preposição COM ou CONTRA:
A onda investe contra a praia.
Pedro investiu com os árabes.
Pedro investiu contra os árabes.

IR

■ (ir e voltar) — VI — preposição A (adjunto adverbial de lugar):
Fui ao colégio.
Ontem pela manhã, fui ao zoológico.
Vá à praia, para caminhar um pouco.
■ (ir e ficar) — VI — preposição PARA (adjunto adverbial de lugar):
Vou para o Rio de Janeiro.
Não quero mais morar na cidade, vou para a praia.

LEMBRAR

■ (lembrar "algo" "a alguém") — VTDI — sem preposição + preposição A:
Lembrei o fato ao menino.
Lembrou ao pai que era dia de receber a mesada.

Curiosidade: O verbo **lembrar** também pode ter as mesmas regências do verbo **esquecer:**
Lembrei o fato.
Lembrei-me do fato.
Lembram-me tais palavras.
Não me lembra o ocorrido.

MORAR

■ (residir) — VI — preposição EM (adjunto adverbial de lugar):
Eu moro na Rua do Lago.

NAMORAR

■ ("ficar") — VTD — sem preposição:
Eu namoro o Pedro e João namora a Maria.
Estou namorando aquela menina.

Curiosidade: Não se deve usar o verbo **namorar** com a preposição **com**, como muito frequentemente se ouve.
São erradas as construções:
Eu namorei com ele durante dois anos.
Quer namorar comigo?
Com qual menina você namora?
O correto é:

Eu namorei-o durante dois anos.
Quer namorar-me?
Qual menina você namora?

NOTIFICAR
Ver o verbo *avisar*.

OBEDECER
Ver o verbo *desobedecer*.

PAGAR
■ (pagar "coisa") — VTD — sem preposição:
Eu paguei a dívida.
Paguei o débito.
■ (pagar "pessoa") — VTI — preposição A:
Eu paguei ao médico.
Paguei ao açougueiro.

Curiosidades:
1) É possível colocarmos os dois complementos numa mesma frase, então o verbo **pagar** deve ser classificado como VTDI:
Paguei a conta ao açougueiro.
2) Às vezes usamos um substantivo que representa "coisa" no lugar de "pessoa":
Paguei ao hospital. ("hospital" no lugar de "médico").
Paguei ao açougue. ("açougue" no lugar de "açougueiro").

PERDOAR
Ver o verbo *pagar*.

PISAR
■ (pôr os pés em) — VTD — sem preposição:
O artista pisou o palco com vontade!
Não pise a grama.
■ (pôr os pés em) — VTI — preposição EM:
O artista pisou no palco com vontade!
Não pise na grama.

Curiosidade: Antigamente, apenas a primeira construção era admitida como correta; hoje, ambas o são.

PREFERIR
■ (gostar mais) — VTD — sem preposição:
Prefiro água.
Todos preferem Português!
■ (desejar algo em detrimento de outra coisa) — VTDI — sem preposição + preposição

A:
Prefiro água a café.
Todos preferem Português a Matemática.

Curiosidade: Muitos usam as seguintes construções:
Prefiro mais tomar uma cerveja. (Errada!)
Prefiro água do que café. (Errada!)
Prefiro antes água a refrigerante. (Errada!)
O verbo **preferir** significa **gostar mais**, portanto não se usa ao lado dele outras expressões superlativas, como MAIS, ANTES, MUITO etc.!
Veja também que a expressão **do que** não é uma preposição, então seu uso como tal é absurdo!

PREVENIR
Ver o verbo *avisar*.

PROCEDER
■ (ter fundamento) — VI — sem complemento:
Tal comentário não procede.
Esse argumento não procede.
■ (originar-se) — VI — preposição DE (adjunto adverbial de lugar):
Eu procedo do Paraná.
Eles procedem de uma região fria.
■ (iniciar, realizar) — VTI — preposição A:
Eles procederam a uma rápida leitura da ata da reunião passada.
O delegado procedeu ao inquérito.
Após a chegada do réu, o juiz procedeu ao julgamento.

PUXAR
■ (arrastar) — VTD — sem preposição:
Ele puxou a cadeira e sentou-se.
Não puxe a porta.
■ (ser parecido) — VTI — preposição A:
Ele puxou ao pai.

QUERER
■ (desejar) — VTD — sem preposição:
Eu quero o sorvete de morango.
A mulher quer um filho.
■ (estimar, amar) — VTI — preposição A:
Eu quero a meus primos.
A mãe quer ao filho.

RESIDIR

Ver o verbo *morar*.

RESPONDER

■ (dar a resposta) — VTD — sem preposição:
Todos responderam a verdade.
A noiva respondeu um sonoro "sim".
■ (dar resposta a) — VTI — preposição A:
Responda aos testes sobre Geografia.
Responda somente às questões mais simples primeiramente.

Curiosidade: Podemos também classificá-lo como VTDI:
Respondi a João que não fiz a lição.

SIMPATIZAR

■ (gostar) — VTI — preposição COM:
Eu simpatizei com o novo professor.
Ela não simpatizou comigo!

Curiosidade: Este verbo não é pronominal; portanto, está errada a construção:
Eu não me simpatizei com ele.
O correto é:
Eu não simpatizei com ele.

VISAR

■ (mirar) — VTD — sem preposição:
O atirador visou o alvo.
■ (vistar) — VTD — sem preposição:
Ele visou o documento.
■ (desejar, almejar) — VTI — preposição A:
Ele visa a um bom salário.
Visávamos à garantia de uma boa classificação no concurso.
Este acordo visa a garantir um bom relacionamento entre as nações.

Curiosidade: Se o complemento do verbo **visar** (no sentido de "desejar") for outro verbo, a preposição pode ser suprimida:
Este acordo visa a garantir um bom relacionamento entre as nações.
Este acordo visa garantir um bom relacionamento entre as nações.
Visando a receber um bom salário, ele se inscreveu para aquele cargo.
Visando receber um bom salário, ele se inscreveu para aquele cargo.

■ 4.4.3. Particularidades da regência

A estrutura oracional da Língua Portuguesa **permite que se altere a posição dos termos dentro da frase e também autoriza a utilização de um ou outro termo para que se evite a redundância**, a repetição.

Quando utilizamos esses processos facultados pela língua, devemos ter o cuidado de não trocar a regência dos termos (o que é muito comum nas conversas do dia a dia).

Veja este exemplo:

O que você mais gosta em mim? (ERRADO)

Essa frase está errada!

O pronome interrogativo QUE está no lugar do complemento do verbo **gostar**.

O verbo gostar pede a preposição **DE** antes do seu complemento; portanto, deve aparecer essa preposição antes do pronome interrogativo QUE.

A frase correta é:

Do que você mais gosta em mim?

Esse foi apenas um exemplo; vejamos agora os vários fatos notáveis dentro da regência.

4.4.3.1. Um único complemento para dois ou mais verbos

Comi e saboreei a fruta.

O objeto direto **a fruta** se liga tanto ao verbo **comer** quanto ao verbo **saborear**, e a frase está correta.

Comi e gostei da fruta. (ERRADO)

Perceba que o objeto indireto **da fruta** se liga tanto ao verbo **comer** quanto ao verbo **gostar**, e a frase está errada!

No primeiro exemplo, tanto o verbo **comer** quanto o verbo **saborear** são verbos transitivos diretos, ou seja, têm a mesma regência.

REGRA: **verbos de regências idênticas podem ter complemento único comum**.

Observe agora os verbos do segundo exemplo: **comer** é VTD, **gostar** é VTI, ou seja, são verbos de regências diferentes.

REGRA: **verbos de regências diferentes pedem complementos distintos**.

A correção será: Comi a fruta e gostei dela.

Leia estes outros exemplos:

Entrei e sai da sala. (Errado!)

Entrei na sala e dela sai.

Li e refleti sobre o texto. (Errado!)

Li o texto e refleti sobre ele.

Amo e obedeço meu pai. (Errado!)

Amo meu pai e obedeço-lhe.

Ana gosta e confia em Raí. (Errado!)

Ana gosta de Raí e confia nele.

4.4.3.2. Regência com pronome interrogativo

Que, qual, quem, quanto e onde são pronomes interrogativos.

Há dois modelos de frase interrogativa:

■ **direta:** quando a frase **termina em ponto de interrogação**.

Que horas são agora?

■ **indireta:** quando a frase **termina em ponto-final**, mas dá ideia de pergunta.

Gostaria de saber que horas são.

O s **pronomes interrogativos substituem os complementos verbais ou nominais**, portanto estão sujeitos à regência como qualquer outro termo nessa função.

REGRA: se **o pronome interrogativo é usado com um verbo ou nome que peça preposição, essa preposição deve ser colocada antes desse pronome interrogativo**.

Qual perfume você falou? (errado!)

De qual perfume você falou?

Veja outros exemplos incorretos do dia a dia e suas correções:

O que o senhor, ao concorrer a uma vaga, aspira? (errado!)

A que o senhor, ao concorrer a uma vaga, aspira?

Que filme você assistiu ontem? (errado!)

A que filme você assistiu ontem?

Quanto você precisa para ir à feira? (errado!)

De quanto você precisa para ir à feira?

Onde você foi ontem? (errado!)

Aonde você foi ontem?

■ *4.4.3.3. Regência com pronome relativo*

Que, qual, quem, onde e cujo são **pronomes relativos — substituem termo mencionado** anteriormente. Veja:

Ela é a mulher. + Eu amo a mulher. = Ela é a mulher *que* eu amo.

a) QUE — substitui nomes de **pessoas, animais e coisas:**

Ana é a secretária que eu contratei.

Cachorro é o animal que eu lhe darei.

Comprei a camisa que você me pediu.

b) QUAL — substitui nomes de **pessoas, animais e coisas**. Esse pronome **sempre** é usado **com artigo** antecedente (o qual, a qual, os quais, as quais):

Ana é a secretária da qual eu te falei.

Cachorro é o animal do qual gosto.

Comprei as camisas das quais você falou.

c) Quem — substitui nomes de **pessoas**:

Todos são pessoas em quem confio.

d) Onde — substitui nomes de **localidades** (lugar):

Aquela é a casa onde moro.

Visitei a cidade onde nasci.

e) Cujo — substitui nomes de **pessoas, animais e coisas** desde **que expressem** ideia de

posse. Esse pronome sempre concorda com o substantivo posterior a ele. Não pode haver **artigo** entre o pronome **cujo** e o **substantivo** com o qual ele concorda:

Esta é a fazenda cujo pasto secou.

Conheço o homem cujas filhas estão na tevê.

Curiosidades:

1) Depois do pronome **cujo** só pode aparecer **substantivo**.

Estão erradas as frases:

Ela é a mulher cuja ninguém conhece.

Ela é a mulher cuja não devemos desobedecer.

Ela é a mulher cuja jamais deixarei de amar.

Ela é a mulher cuja ela odeia.

2) Pode aparecer um **adjetivo** antes do substantivo:

Esta é a fazenda cujo enorme pasto secou.

Conheço o homem cujas belas filhas estão na tevê.

Os pronomes relativos substituem termos que podem funcionar como complementos verbais (objeto direto, objeto indireto) ou como complementos nominais. Sendo assim, eles acatarão a qualquer particularidade regencial dos complementos que substituem.

REGRA: se o **pronome relativo é usado com verbo ou nome que peça preposição, essa preposição deve ser colocada antes do pronome relativo**.

Eu não conheço a marca de margarina que você gosta. (errado)

Não conheço a marca de margarina de que você gosta.

Repare: o verbo **gostar** pede a preposição **DE**, que aparece antes do pronome relativo, pois este é o seu complemento.

4.4.3.4. Regência com pronome pessoal do caso oblíquo átono

a) *Pronome oblíquo como objetos diretos e indiretos*

Os complementos verbais podem ser substituídos por pronomes pessoais do caso oblíquo.

Os **pronomes serão classificados como objeto direto ou objeto indireto, de acordo com a regência do verbo a que se ligam**. Assim:

Ela me procurou.

ME — objeto direto, pois o verbo *procurar* pede um complemento sem preposição.

Ela me obedeceu.

ME — objeto indireto, pois o verbo *obedecer* pede um complemento com preposição.

Os pronomes O, OS, A, AS, LHE, LHES têm usos específicos, por se referirem todos à 3ª pessoa. Veja:

O, A, OS, AS — são **sempre objeto direto**, ou seja, só podem substituir complementos verbais sem preposição.

Comi as frutas. = Comi-as.

Observei o paciente. = Observei-o.
Não vi as meninas hoje. = Não as vi hoje.
LHE, LHES — são **sempre objeto indireto**, ou seja, só podem substituir complementos verbais com preposição.
Ela obedece aos pais. = Ela lhes obedece.
Nós agradecemos a Pedro o jantar. = Nós lhe agradecemos o jantar.
Mandei flores para a Radegondes. = Mandei-lhe flores.

Curiosidade: LHE/LHES só substituem objetos indiretos iniciados pelas preposições **A** ou **PARA**.
Gosto da Maria.
Gosto-lhe. (errado!)
Gosto dela.
Simpatizei com o novo professor.
Simpatizei-lhe. (errado!)
Simpatizei com ele.
Eu acreditei na simpática garota do balcão de informações.
Eu acreditei-lhe. (errado!)
Eu acreditei nela.

Atenção: *Os verbos*
ASSISTIR (no sentido de *ver*)
ASPIRAR (no sentido de *desejar*)
VISAR (no sentido de *desejar*)
OBEDECER (quando se refere a uma *coisa*)
não admitem o **LHE/LHES** como complemento.
Assisti ao filme. — Assisti a ele.
Aspirei ao cargo. — Aspirei a ele.
Visei ao cargo. — Visei a ele.
Obedeci à lei. — Obedeci a ela.
Há uma **construção clássica** na Língua Portuguesa que permite a substituição de dois complementos verbais diferentes ao mesmo tempo:
Eu entreguei o presente ao menino.
o presente — objeto direto = o
ao menino — objeto indireto = lhe
Eu lho entreguei. (lhe + o)
Ela trouxe água para mim.
água — objeto direto = a
para mim — objeto indireto = me
Ela trouxe-ma. (me + a)

Dou os cadernos para ti.
os cadernos — objeto direto = os
para ti — objeto indireto = te
Dou-tos. (te + os)
b) *Pronome oblíquo como complemento nominal*
Os **pronomes oblíquos átonos podem ser usados como complementos nominais**. Para tanto, basta que nós os coloquemos como substitutos de termos preposicionados que se ligam a nomes.
Seu conselho foi útil para o menino.
Seu conselho foi-lhe útil.
O termo *para o menino* completa o sentido do nome *útil*, portanto é um complemento nominal e, se o pronome *lhe* o substitui, terá a mesma classificação.
O passeio ser-nos-á agradável. (O passeio será agradável para nós.)
c) *Pronome oblíquo como adjunto adnominal*
Os **pronomes oblíquos podem funcionar como pronomes possessivos**; nesse caso não representam complementos (nem verbais nem nominais); serão — portanto — adjuntos adnominais.
Pisou-me o pé e não pediu desculpa.
(pisou o meu pé) — me (indicando posse) é adjunto adnominal.
O bandido levou-nos o carro.
(levou o nosso carro) — nos (indicando posse) é adjunto adnominal.
O sol queimava-lhe a pele.
(o sol queimava a pele dele / a sua pele) — lhe (indicando posse) é adjunto adnominal.

4.4.3.5. Verbos que pedem dois complementos

Os **verbos que pedem dois complementos (VTDI) devem sempre apresentar um complemento sem preposição e outro com preposição**. Caso isso não aconteça, a frase estará incorreta.
O pai autorizou aos filhos a irem ao cinema. (errado)
O pai autorizou os filhos a irem ao cinema.
os filhos — objeto direto
a irem ao cinema — objeto indireto
OU
O pai autorizou aos filhos irem ao cinema.
aos filhos — objeto indireto
irem ao cinema — objeto direto
Informei-os que sairia mais cedo. (errado)
Informei-os de que sairia mais cedo.
os — objeto direto

de que sairia mais cedo — objeto indireto
OU
Informei-lhes que sairia mais cedo.
lhes — objeto indireto
que sairia mais cedo — objeto direto

4.4.4. Sujeito e regência

O **sujeito**, em Língua Portuguesa, **jamais poderá estar preposicionado**!
Já era hora dela chegar. (errado!)
Já era hora de ela chegar.
Perceba que o pronome *ela* é sujeito do verbo *chegar*; se unimos a preposição **DE** ao pronome, teremos um sujeito preposicionado, daí o erro.
Ela saiu apesar do pai pedir que não saísse. (errado!)
Ela saiu apesar de o pai pedir que não saísse.
Antes da dor bater, tome logo uma aspirina. (errado!)
Antes de a dor bater, tome logo uma aspirina.

4.5. CRASE

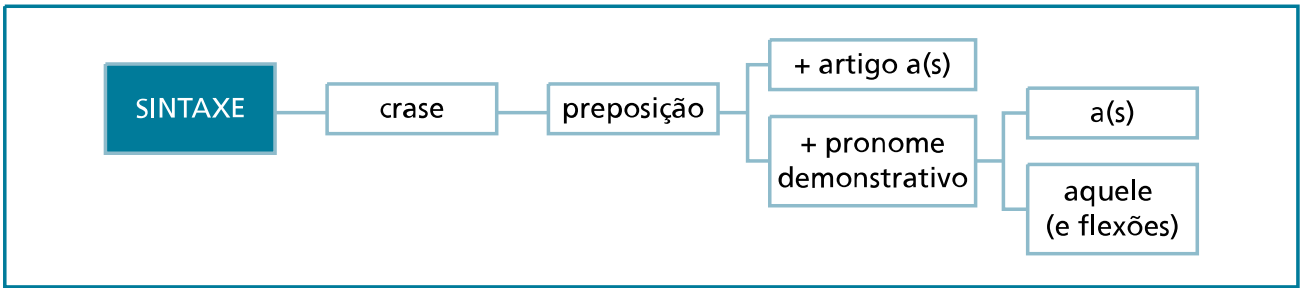

É a **fusão de vogais idênticas**, marcada pelo **acento grave** (`).
Em Língua Portuguesa fundimos a vogal **A**, que pode ser preposição, artigo, ou o **A** inicial do pronome demonstrativo **aquele** — e suas variações.
Veja:
Eu fui à farmácia.
Nessa frase temos a preposição **A** exigida pelo verbo **ir** e, também, o artigo **A** do nome *farmácia*.
Refiro-me à que está de azul.
Nessa frase temos a preposição **A** exigida pelo verbo **referir-se** e, também, o pronome demonstrativo **A**, que está no lugar de um substantivo feminino.
Assisti àquele filme.
Nessa frase temos a preposição **a** exigida pelo verbo **assistir** e, também, o **a** inicial do pronome demonstrativo *aquele*.

Curiosidade: Não confunda **a** (artigo), **a** (preposição) e **a** (pronome demonstrativo).

Artigo a(s): Usado antes de substantivo feminino e diante de alguns pronomes, concordando em número (singular e plural).

a menina

a rua

a felicidade

a saudade

as casas

as ações

as tristezas

as belezas

a senhora

a outra

as mesmas (garotas)

as senhoritas

Preposição a: Diante de outras palavras que não admitam artigo ou com as quais não concorde, indicando subordinação entre os termos.

a partir

a começar

a garantir

a falar

a João

a Pedro

a ela

a todas

a cavalo

a pé

a você

a mulheres

a pessoas

a outras

Pronome demonstrativo a(s): Quando substitui um substantivo feminino.

Conheço *a* que está de azul. — Conheço *a garota* que está de azul.

Vi *a* de cabelos loiros na feira ontem. — Vi *a mulher* de cabelos loiros na feira ontem.

4.5.1. Crase com pronome demonstrativo

A crase **com o pronome demonstrativo a(s) depende apenas da regência**.

Veja:

Comi a que estava madura. — Comi a (fruta) que estava madura.

Sem crase, pois o verbo comer não exige preposição.

Assim sendo, o **a** da primeira frase é apenas o pronome demonstrativo.

Refiro-me à de cabelos loiros. — Refiro-me à (garota) de cabelos loiros.

Com crase, pois o verbo **referir-se** exige a preposição **a**.

Assim sendo, o **a** da primeira frase é, ao mesmo tempo, preposição e pronome demonstrativo.

Sua casa é igual à do Pedro. — Sua casa é igual à (casa) do Pedro.

Com crase, pois o nome **igual** exige a preposição **a**.

Sendo assim, o **a** da primeira frase é, ao mesmo tempo, preposição e pronome demonstrativo.

Conheço **a** dos olhos azuis.

Comprei **a** que você recomendou.

Entreguei **à** do guichê 1 todos os papéis solicitados.

Confiei **à** que sorriu para mim o meu amor eterno.

A crase **com o pronome demonstrativo aquele (e suas flexões) depende apenas da regência**.

Veja:

Comi aquela fruta que você trouxe.

Sem crase, pois o verbo **comer** não exige preposição.

Assim sendo, o **a** inicial do pronome é apenas o **a** inicial do pronome demonstrativo.

Refiro-me àquele rapaz de cabelos loiros.

Com crase, pois o verbo **referir-se** exige a preposição **a**.

Assim sendo, o **a** inicial do pronome é, ao mesmo tempo, preposição **a** e **a** inicial do pronome demonstrativo.

Seus cães são iguais àqueles que vi ontem no veterinário.

Com crase, pois o nome **igual** exige a preposição **a**.

Sendo assim, o **a** inicial do pronome é, ao mesmo tempo, preposição e pronome demonstrativo.

Conheço *aquela* mulher dos olhos azuis.

Comprei *aquele* carro que você recomendou.

Entreguei *àquele* funcionário do guichê 1 todos os papéis solicitados.
Confiei *àquela* linda menina o meu amor eterno.

4.5.2. Crase com artigo

Da mesma forma que nos casos anteriores, **a regência é fator fundamental para o reconhecimento da crase**.

Basicamente, basta observar se há um termo solicitando preposição e outro que admita artigo, ligados entre si.

Veja.

Eu obedeço a meu pai. — **A** = preposição (exigida pelo verbo **obedecer**), antes de nome masculino.

Eu amo a mamãe. — **A** = artigo, diante de palavra feminina, e o verbo **amar** não pede preposição.

Nas duas frases não há acento grave, pois não há fusão. Em cada uma delas o **A** desempenha apenas uma função.

Se juntarmos a parte da primeira frase que pede preposição com a parte da segunda que admite artigo, teremos:

Eu obedeço à mamãe. — **A** = preposição (exigida pelo verbo **obedecer**) + **a** = artigo, diante de substantivo feminino.

Esse preceito deve nortear todo o estudo da crase.

Curiosidade: Nunca se esqueça de observar — antes de qualquer outra coisa — se há verbo ou nome exigindo preposição.

Regras que facilitam a observação:

a) Com nomes próprios de **localidades**:

Colocar o nome da localidade depois das expressões:

VIM DA _____.

VIM DE _____.

Se você utilizou **VIM DE**, é porque o nome da localidade não admite artigo, logo **não admite crase**.

Se você utilizou **VIM DA**, é porque o nome da localidade admite artigo, logo **admite crase**.

Para ficar mais fácil:

VIM DA, CRASE HÁ!

VIM DE, CRASE PRA QUÊ?!

Viagem à Lua.

Chegaremos à Áustria em poucos minutos.

Viajaremos a Roma.

Voltarei a Campinas.

Curiosidades:

a) As localidades África, Ásia, Europa, Espanha, Holanda, França e Inglaterra recebem ou não artigo; assim sendo, recebem ou não crase:

Vou a África. ou Vou à África.

Cheguei a Europa. ou Cheguei à Europa.

b) Se o nome da localidade estiver determinado de alguma maneira, haverá crase obrigatória.

Viajaremos à Roma antiga.

Voltarei à Campinas de Carlos Gomes.

Vou à África das muitas civilizações.

b) Com as palavras **CASA, TERRA** e **DISTÂNCIA** (adjuntos adverbiais):

sem determinante, sem crase:

Cheguei a casa.

Voltei a terra.

Olhei tudo a distância.

com determinante, com crase:

Cheguei à casa querida.

Voltei à terra natal.

Olhei tudo à distância de 10 metros.

c) Com **nomes próprios femininos**, a **crase** é **facultativa:**

Refiro-me a Maria.

Refiro-me à Maria.

Mas: **se houver determinante**, a crase será **obrigatória:**

Refiro-me à Maria da farmácia.

d) Diante de **pronomes:**

com pronome que **admite artigo feminino**, há crase:

Refiro-me à senhora.

Falei à mesma garota de ontem.

com pronome que **não admite artigo feminino**, não há crase:

Refiro-me a Vossa Senhoria.

Falei a todas as garotas.

Entreguei a ela o pacote.

com **pronome possessivo**, o **uso do artigo é facultativo:**

Refiro-me a sua irmã. (a = preposição)

Refiro-me à sua irmã. (à = preposição + artigo)

Falei a sua secretária. (a = preposição)

Falei à sua secretária. (à = preposição + artigo)

e) **Haverá crase** nas **locuções femininas:**

adverbiais (de **modo** ou **tempo**):
à vontade, à toa, às pressas, às escuras, à disposição, à francesa, à milanesa
à tarde, à noite, às 12 horas, à meia-noite
prepositiv**as:**
à espera de, à procura de, à margem de, às expensas de, à cata de
conjuncion**ais:**
à medida que, à maneira que, à proporção que
f) Após a palavra ATÉ, a **crase é facultativa**, desde que haja a preposição a na frase:
Fomos até à farmácia.
Fomos até a farmácia.
Mas:
Conheço até a mãe do Asdrúbal.
g) Não há crase:
antes de **nomes masculinos:**
Refiro-me a José.
Andei a cavalo.

Curiosidade: Se for nome próprio e ocultar as expressões "à moda de" ou "ao estilo de", haverá crase obrigatória:
Escrevo à Eça de Queirós.
Comi bacalhau à Gomes de Sá.

com nomes de **personagens históricas ou mitológicas:**
Refiro-me a Joana D´Arc.
Eles prestavam homenagem a Afrodite.
antes de verbos:
Eles começaram a aprender inglês.
entre **palavras repetidas:**
Cara a cara.
Gota a gota.

4.6. CONCORDÂNCIA

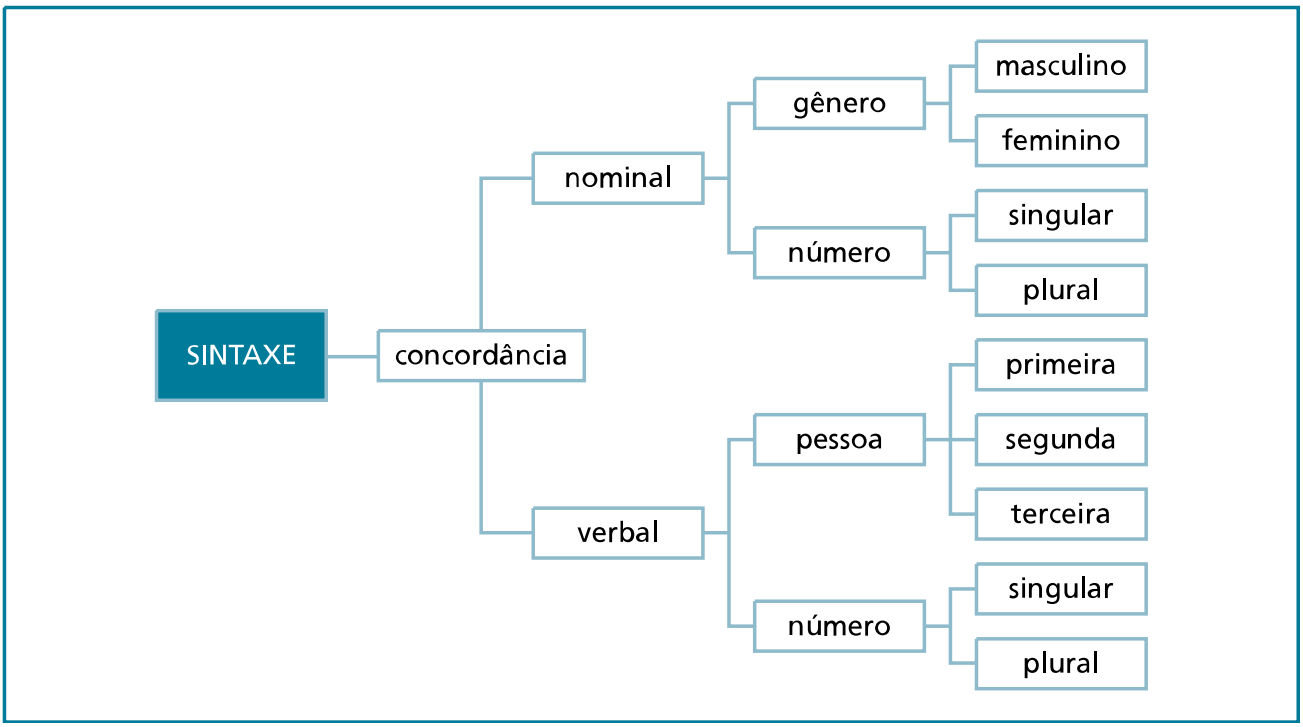

A concordância é o processo sintático segundo o qual certas **palavras se combinam**. Essa combinação formal se chama **flexão**, e se dá quanto a **gênero e número** — nos nomes — e **pessoa e número** — nos verbos. Daí a divisão: concordância nominal e concordância verbal.

4.6.1. Concordância nominal

É chamada de concordância nominal **a relação de combinação que se estabelece entre: substantivos e adjetivos, artigos, pronomes e numerais**.

Os nomes se flexionam em gênero (masculino e feminino) e número (singular e plural).

Os **termos determinantes** da oração (artigo, pronome, numeral e adjetivo) sempre **acompanham um nome** (substantivo ou pronome substantivo). Assim, os determinantes terão **as mesmas características de gênero e número** que os substantivos e pronomes substantivos.

A concordância entre os determinantes e os nomes é obrigatória em nossa língua.

Veja:

As minhas duas belas primas chegaram.

Note que a base da concordância nominal é o substantivo "primas".

O artigo (as), o pronome (minhas), o numeral (duas) e o adjetivo (belas) variam em gênero e número para concordar com o substantivo (primas).

4.6.1.1. Particularidades da concordância do adjetivo

4.6.1.1.1. Dois ou mais substantivos determinados por um adjetivo

a) *Adjetivo posposto*

Quando o adjetivo posposto **se refere a dois ou mais substantivos, concorda com o último ou vai facultativamente para o plural**, no masculino, se pelo menos um deles for masculino; ou para o plural no feminino, se todos eles forem femininos.

Homem e mulher bela / homem e mulher belos
Mulher e homem belo / mulher e homem belos
Ternura e amor humano / ternura e amor humanos
Amor e ternura humana / amor e ternura humanos
Sala e cozinha ampla / sala e cozinha amplas

b) *Adjetivo anteposto*

Quando o adjetivo anteposto se refere a dois ou mais substantivos, **concorda com o mais próximo**.

Belo homem e mulher
Bela mulher e homem
Humana ternura e amor
Humano amor e ternura
Ampla sala e cozinha

Curiosidades:

a) Com nomes próprios, a concordância sempre será no plural:
Famosos Childerico e Pascoalina
Pascoalina e Childerico famosos

b) Com palavras que expressam oposição, a concordância sempre será no plural:
Eternos amor e ódio
Amor e ódio eternos

c) Com palavras que expressam parentesco, pode-se também fazer a concordância do adjetivo anteposto com o conjunto no plural:
pai e mãe simpática
pai e mãe simpáticos
simpático pai e mãe
simpáticos pai e mãe

4.6.1.1.2. Um substantivo determinado por dois ou mais adjetivos

Quando dois ou mais adjetivos se referem a um substantivo, temos duas opções:

a) *Substantivo no singular* — coloca-se **artigo nos adjetivos**, a partir do segundo:
Estudo a língua inglesa, a portuguesa e a alemã.
Ele detém o poder material e o espiritual.

b) *Substantivo no plural* — **basta acrescentar os adjetivos:**
Estudo as línguas inglesa, portuguesa e alemã.
Ele detém os poderes material e espiritual.

4.6.1.1.3. Substantivo usado como adjetivo

Se a palavra que funciona como adjetivo for originalmente um substantivo, **ficará invariável:**

Ele comprou ternos cinza e camisas rosa.
Ele ouviu falar dos homens-bomba.
Na infância, assistia na tevê a série sobre a família-monstro.

4.6.1.1.4. Adjetivos compostos

Quando houver adjetivo composto, **apenas o último termo do composto concordará** com o substantivo a que se refere; os demais termos ficarão no masculino/singular:

Encontrei várias mulheres luso-franco-brasileiras.
Não li as crônicas sócio-político-econômico-financeiras.

Curiosidade: Se o último termo do composto for um substantivo usado como adjetivo, o composto ficará invariável:

Comprei uma camisa verde-musgo.
Ele adora móveis branco-marfim.

Azul-marinho e azul-celeste são adjetivos invariáveis:

Tenho várias camisas azul-marinho.
Tenho várias camisas azul-celeste.

Surdo-mudo é exceção à regra, pois ambos variam em gênero e número:

Encontrei o menino surdo-mudo.
Encontrei a menina surda-muda.
Encontrei os meninos surdos-mudos.
Encontrei as meninas surdas-mudas.

4.6.1.2. Casos especiais de concordância nominal

4.6.1.2.1. Muito, bastante, meio, todo, mesmo

a) **quando modificarem um substantivo, concordarão** com ele, por serem pronomes adjetivos ou numerais.

b) **quando modificarem um verbo, um adjetivo ou um advérbio, ficarão invariáveis**, por serem advérbios.

Bastantes funcionários ficaram bastante satisfeitos com a empresa.
Há provas bastantes de sua culpa.
Elas saíram bastante apressadas.
As meninas estão bastante nervosas.
Elas comeram muitas jacas.
Elas comeram muito.
Elas são muito gulosas.

Elas passaram muito mal.
Elas beberam meias garrafas de vinho.
As garotas estão meio tristes.
Elas chegaram a casa meio tarde.
Todas as meninas voltaram molhadas.
As meninas voltaram todo molhadas.
As meninas mesmas farão o bolo.
As meninas farão mesmo o bolo?

4.6.1.2.2. Anexo, só, junto, incluso, excluso, próprio, quite, obrigado

São adjetivos e **concordam com o substantivo** a que se referem.
Anexas, seguem as fotos solicitadas.
Em anexo, seguem as fotos solicitadas.
Estou enviando anexos ao pacote os documentos do divórcio.
Estou enviando em anexo ao pacote os documentos do divórcio.
Âni está só com José na sala.
Âni está a sós com José na sala.
Âni e José estão sós na sala.
Âni e José estão a sós na sala.
Âni e Ina continuam juntas.
Âni e Ina continuam junto aos carros.
Âni e Ina continuam junto com a mãe.
Âni e Ina continuam junto dos pais.
As cópias estão inclusas na taxa de registro do imóvel.
Os atletas foram exclusos do campeonato.
Os rapazes arrumaram as próprias camas.
Eu estou quite com o banco.
Nós estamos quites com o banco.
A menina disse "Obrigada".
Os meninos disseram "Muito obrigados".

Curiosidade: Em anexo, a sós, junto a, junto com, junto de são locuções invariáveis:
As cópias seguem em anexo aos documentos.
Mandei as fotos em anexo à carta.
Radegondes ficou a sós em casa.
As meninas continuam junto aos carros.
As meninas continuam junto com a mãe.
As meninas continuam junto dos pais.

4.6.1.2.3. O mais/menos (adjetivo) possível

Existem as seguintes possibilidades de concordância:

a) o artigo (o/a) que inicia a expressão, assim como a palavra "possível", **deve concordar em gênero e número** com a palavra a que se refere:

Quero dez pães os mais claros possíveis.

Comprei doze rosas as mais abertas possíveis.

Quero duas respostas as menos ambíguas possíveis.

b) a expressão "o mais/menos ... possível" deve se manter no masculino singular, independentemente da palavra a que se liga:

Quero dez pães claros o mais possível.

Comprei doze rosas o mais abertas possível.

Quero duas respostas o menos ambíguas possível.

4.6.1.2.4. Menos, alerta, pseudo

São **palavras invariáveis**.

Os escoteiros devem estar sempre alerta.

Houve menos reclamações dessa vez.

As pseudopedagogas foram desmascaradas.

4.6.1.2.5. Silepse de gênero

Concordância irregular, também chamada de concordância **ideológica**; é a que se faz não com o termo escrito, mas com a ideia que ele expressa:

São Paulo é linda.

A gente está cansado.

4.6.1.2.6. Tal qual

Tal concorda com o substantivo anterior; qual concorda com o substantivo posterior:

O filho é tal quais os pais.

Os filhos são tais qual o pai.

Curiosidade: Se o termo referencial for um verbo, **tal/qual** ficam invariáveis:

Eles estudam tal qual foram as recomendações do professor.

4.6.1.2.7. Um e outro / nem um nem outro + substantivo

Quando as expressões "um e outro" ou "nem um nem outro" são seguidas de um substantivo, este **ficará no singular:**

Um e outro aspecto.

Nem um nem outro argumento.

De um e outro lado.

4.6.1.2.8. Um e outro / nem um nem outro + substantivo + adjetivo

Quando as expressões "um e outro" ou "nem um nem outro" são seguidas de um

substantivo e um adjetivo, o **substantivo** ficará no **singular** e o **adjetivo** irá para o **plural:**

Um e outro aspecto importantes.

Nem num nem outro argumento mentirosos.

4.6.1.2.9. Particípio + substantivo

O particípio, por funcionar como um adjetivo, **concorda com o substantivo** a que se refere:

Feitas as contas.

Vistas as condições.

Dadas as chuvas.

Restabelecidos os pagamentos.

Postos os pingos nos is.

Salvas as crianças.

4.6.1.2.10. Verbo ser + predicativo do sujeito

Quando o sujeito for tomado em sua **generalidade**, sem qualquer determinante, o verbo **ser** e o **adjetivo** que o acompanha **ficarão no masculino/singular**. Se o **sujeito vier determinado** por **artigo, numeral** ou **pronome**, a **concordância** do verbo **ser** e do **adjetivo** será **regular**, ou seja, concordarão com o sujeito em número, gênero e pessoa:

Caminhada é bom para a saúde.

Esta caminhada é boa para a saúde.

É proibido entrada.

É proibida a entrada.

Tardes felizes é necessário.

Algumas tardes felizes são necessárias.

Pimenta é bom.

Sua pimenta é boa.

4.6.1.2.11. Plural de modéstia: nós + verbo + adjetivo

Quando um **adjetivo** modifica o pronome "nós" utilizado no lugar de "eu" (plural de modéstia), ele **fica no singular:**

Nós fomos acolhido muito bem. (Eu fui acolhido muito bem.)

Nós seremos breve em nossa apresentação. (Eu serei breve em minha apresentação.)

4.6.2. Concordância verbal

É chamada de concordância verbal **a relação de combinação que se estabelece entre o sujeito e o verbo**.

O verbo se flexiona em pessoa (1a, 2a e 3a) e número (singular e plural) para fazer a concordância com o sujeito:

Tu saíste pela manhã, eu saí à tarde.
Vós sois meus amigos.
A menina e o menino saíram.

4.6.2.1. Concordância do sujeito simples

Sujeito simples é aquele que possui apenas um núcleo, então o verbo concordará em pessoa e número com esse núcleo:

O **chefe** da seção **pediu** maior assiduidade.
A **violência deve** ser combatida por todos.
Os **servidores** públicos do Ministério da Fazenda **discordaram** da proposta.

4.6.2.1.1. Particularidades da concordância do sujeito simples

a) Sujeito simples constituído de substantivo coletivo + determinante: verbo **concorda com o coletivo ou com o determinante:**

O bando voou.
O bando de aves voou.
O bando de aves voaram.
A multidão invadiu o palco depois da apresentação.
A multidão de fãs invadiu o palco depois da apresentação.
A multidão de fãs invadiram o palco depois da apresentação.

b) Sujeito simples constituído de expressão quantitativa + determinante: verbo **concorda com a expressão quantitativa ou com o determinante:**

A maioria das pessoas viajou para o sul do país.
A maioria das pessoas viajaram para o sul do país.
A maior parte dos alunos faltou.
A maior parte dos alunos faltaram.
1% dos aposentados não compareceu ao INSS.
1% dos aposentados não compareceram ao INSS.
10% da população apresentaram a declaração de Imposto de Renda.
10% da população apresentou a declaração de Imposto de Renda.
Um terço dos bens desapareceu.
Um terço dos bens desapareceram.

c) Sujeito simples constituído de nome próprio no plural: **sem artigo** — verbo no **singular**; com artigo — verbo **concorda com o artigo:**

Alpes fica na Europa.
Os Alpes ficam na Europa.
Estados Unidos domina o mundo.
Os Estados Unidos dominam o mundo.
Amazonas é um grande rio.

O Amazonas é um grande rio.

Curiosidade: Se o artigo é parte do nome próprio, podemos usar o verbo no singular ou no plural:
"Os Lusíadas" conta a história do povo português.
"Os Lusíadas" contam a história do povo português.
"Os Miseráveis" mostra o sofrimento do povo.
"Os Miseráveis" mostram o sofrimento do povo.

d) Sujeito simples constituído de pronome indefinido plural + pronomes pessoais nós ou vós: o verbo **pode concordar com o pronome indefinido ou com o pronome pessoal:**
Alguns de nós farão o trabalho.
Alguns de nós faremos o trabalho.
Quais de vós serão os premiados?
Quais de vós sereis os premiados?
Muitos de nós participarão das competições.
Muitos de nós participaremos das competições.
Quantos de vós irão aos Estados Unidos?
Quantos de vós ireis aos Estados Unidos?

Curiosidade: Se o indefinido estiver no singular, a concordância será feita obrigatoriamente no singular:
Algum de nós fará o trabalho.
Qual de vós será o premiado?

e) Sujeito simples constituído de pronome relativo QUE: o verbo **concorda com o referente** do pronome relativo:
Fui eu que escrevi a carta.
Fostes vós que escrevestes a carta.
Não serão os meninos que farão esse trabalho.
f) Sujeito simples constituído de pronome relativo QUEM: o verbo **concorda com o referente** do pronome relativo, **ou com o próprio pronome relativo** (3a pessoa do singular):
Fui eu quem escrevi a carta.
Fui eu quem escreveu a carta.
Fostes vós quem escrevestes a carta.
Fostes vós quem escreveu a carta.
Não serão os meninos quem farão esse trabalho.
Não serão os meninos quem fará esse trabalho.
g) Sujeito simples constituído da expressão um dos que / uma das que: verbo no **singular ou no plural, facultativamente:**

João foi um dos alunos que faltou à prova.
João foi um dos alunos que faltaram à prova.
Radegondes é uma das que ficou de castigo.
Radegondes é uma das que ficaram de castigo.
A urgência de obter resultados concretos foi um dos fatores que influenciou a decisão do presidente.
A urgência de obter resultados concretos foi um dos fatores que influenciaram a decisão do presidente.

■ *4.6.2.1.2. Silepse de pessoa*

É possível, em língua portuguesa, usar o **sujeito na 3a pessoa do plural e o verbo na 1a pessoa do plural**. Isso é a concordância ideológica, ou irregular (silepse):
Os culpados seremos punidos.
Os alunos estudiosos fomos aprovados no concurso.
Todos somos a pátria.

■ *4.6.2.1.3. Silepse de número*

Com as **expressões quantitativas distantes do verbo**, podemos concordar esse verbo com a ideia de plural transmitida pela expressão quantitativa:
Esperavam por ajuda — sem comida, sem água, sem abrigo — a multidão desabrigada pela chuva.
A maioria chegou cedo, com as cestas cheias de guloseimas, espalharam tudo sobre lindas toalhas e foram brincar, aproveitando a deliciosa manhã primaveril.

■ *4.6.2.2. Concordância do sujeito composto*

Sujeito composto é aquele que possui dois ou mais núcleos, então o verbo concordará em pessoa e número com esses núcleos:
A *menina* e o *menino saíram*.
As *joias* e os *dólares desapareceram*.
Iremos ao mercado *vocês* e *eu*.

■ *4.6.2.2.1. Particularidades da concordância do sujeito composto*

a) Sujeito composto constituído de pessoas gramaticais diferentes: o verbo vai para o **plural e para a pessoa que tiver a primazia**, nesta ordem: 1a pessoa tem prioridade sobre 2a e 3a; 2a e 3a são equivalentes.
Pascoalina e eu fomos ao mercado.
Tu e eu viajaremos para o sul do país.
Ele e eu não fizemos a prova.
Ele, tu e eu seremos amigos para sempre.
Tu e ele sereis amigos para sempre.

Tu e ele serão amigos para sempre.

b) Sujeito composto posposto ao verbo: o verbo fica **no plural**, concordando com o conjunto, ou concorda **com o núcleo que estiver mais próximo:**

Chegaram o presidente e seus ministros.

Chegou o presidente e seus ministros.

Na semana passada, estivemos aqui tu e eu.

Na semana passada, estiveste aqui tu e eu.

Todas as manhãs, aparecem aqui no meu quintal um sabiá e alguns pombos.

Todas as manhãs, aparece aqui no meu quintal um sabiá e alguns pombos.

Curiosidade: Se o núcleo mais próximo estiver no plural, o verbo ficará obrigatoriamente no plural.

Todas as manhãs, aparecem aqui no meu quintal alguns pombos e um sabiá.

c) Sujeito composto constituído de termos sinônimos ou quase sinônimos: quando os sinônimos formam um todo indivisível, ou simplesmente se reforçam, a **concordância é facultativa no singular ou no plural:**

A sociedade, o povo se une para construir uma nação mais justa.

A sociedade, o povo se unem para construir uma nação mais justa.

Amor e paixão move o mundo.

Amor e paixão movem o mundo.

d) Sujeito composto constituído de **termos em gradação:** o verbo vai para o **plural ou concorda com o núcleo mais próximo:**

Um mês, um ano, uma década de ditadura não calou a voz do povo.

Um mês, um ano, uma década de ditadura não calaram a voz do povo.

Despertador, banho e café ajuda a acordar!

Despertador, banho e café ajudam a acordar!

e) Sujeito composto resumido por pronome: o verbo concorda **com o pronome resumitivo:**

Desvios, fraudes, roubos, tudo acontecia naquela cidade.

Jocasta, Pascoalina, Radegondes, Asdrúbal, ninguém foi à festa.

Jocasta, Pascoalina, Radegondes, Asdrúbal, todos foram à festa.

f) Sujeito composto constituído de termos ligados por COM: a concordância se faz **com o primeiro núcleo ou no plural**.

O pai com a mãe saiu.

O pai com a mãe saíram.

O diretor com todos os atores resolveu cortar algumas cenas do filme.

O diretor com todos os atores resolveram cortar algumas cenas do filme.

Curiosidade: Se o termo iniciado por **COM** vier entre vírgulas, funcionará apenas como **adjunto adverbial**, não mais sendo parte do sujeito:

O pai, com a mãe, saiu.
O diretor, com todos os atores, resolveu cortar algumas cenas do filme.

g) Sujeito composto constituído por termos ligados por OU:

■ a **ação verbal se refere a todos** os núcleos do sujeito — verbo no **plural:**
Laranja ou mamão fazem bem para a saúde.
Maria ou Ana serão eleitas vereadoras.

■ a **ação verbal se aplica a apenas um dos termos** do sujeito composto (indicação de exclusão) — verbo no **singular**.
Laranja ou mamão será a fruta do lanche da tarde.
Maria ou Ana casará com José.

■ **OU** introduz uma retificação — o verbo **concorda com o termo retificador:**
O ladrão ou os ladrões não deixaram vestígios.
Os pais ou o pai não concordou com a atitude do filho.

■ os termos ligados por OU são **sinônimos** — verbo no **singular:**
A Linguística ou Glotologia é uma ciência recente.

h) sujeito composto constituído por expressões correlacionadas — não só ... mas também, não só ... como, tanto ... quanto etc.: o verbo **concorda no plural ou com o primeiro núcleo:**
Não só a mãe mas também o pai compareceram à reunião escolar.
Não só a mãe mas também o pai compareceu à reunião escolar.
Não só o trabalho como o lazer engrandecem a pessoa.
Não só o trabalho como o lazer engrandece a pessoa.
Tanto o carro quanto a moto ficam na garagem do prédio.
Tanto o carro quanto a moto fica na garagem do prédio.

i) Sujeito composto constituído das expressões "um ou outro", "nem um nem outro": o verbo deve ficar **no singular:**
Um ou outro aluno fará a prova.
Nem um nem outro aluno fará a prova.
Um ou outro receberá uma medalha de "honra ao mérito".
Nem um nem outro sofrerá discriminação.

j) Sujeito composto constituído da expressão "um e outro": o verbo pode facultativamente concordar **no singular ou no plural:**
Um e outro decreto trata da mesma questão jurídica.
Um e outro decreto tratam da mesma questão jurídica.
Uma e outra aluna compareceu ao evento.
Uma e outra aluna compareceram ao evento.

■ *4.6.2.3. Concordância do sujeito indeterminado*

Sujeito indeterminado é aquele que não se conhece, sabe-se que existe um praticante da ação verbal, mas não se consegue definir quem ou o quê. Há duas maneiras de se construir uma frase com sujeito indeterminado:

a) com verbo na 3a pessoa do plural, sem sujeito expresso:

Roubaram o meu carneiro.

Atiraram uma pedra na minha janela.

Curiosidade: Se o contexto permite conhecer o sujeito, deixa de ser indeterminado e passa a sujeito simples oculto.

Uns homens maus estiveram aqui e roubaram o meu carneiro — o termo "uns homens maus", que é sujeito do primeiro verbo, é também a referência de sujeito oculto para o verbo "roubaram".

Os meninos da rua de baixo vieram aqui e atiraram uma pedra na minha janela — o termo "os meninos da rua de baixo", que é sujeito do primeiro verbo, é também a referência de sujeito oculto para o verbo "atiraram".

b) verbo na 3a pessoa do singular + SE — índice de indeterminação do sujeito:

Precisa-se de moças.

Acredita-se em marcianos.

Curiosidade: Não podemos confundir **SE — índice de indeterminação do sujeito** com **SE — pronome apassivador**.

Se — pronome apassivador: forma frase em voz passiva. O verbo deve concordar com o sujeito que, nesse caso, está sempre expresso, e representa o sofredor da ação verbal, ou seja, equivale ao objeto direto da frase em voz ativa. Sempre estará ao lado de um **verbo transitivo direto:**

Conserta-se geladeira.

Consertam-se geladeiras.

Elaborou-se um plano emergencial para socorrer a cidade alagada.

Elaboraram-se vários planos emergenciais para socorrer a cidade alagada.

Come-se carne brasileira aqui.

Comem-se carnes brasileiras aqui.

Vende-se casa.

Vendem-se casas.

Aluga-se sala.

Alugam-se salas.

Faz-se carreto.

Fazem-se carretos.

Se — índice de indeterminação do sujeito: aparece sempre ao lado de um **verbo intransitivo** ou de um **verbo transitivo indireto**.

Acredita-se em todas as suas falas.

Come-se bem aqui.
Trata-se de assuntos estranhos nesses programas de auditório.
Assiste-se a bons filmes neste canal.
Necessita-se de muitos donativos para socorrer a cidade alagada.

4.6.2.4. Concordância da oração sem sujeito

Oração sem sujeito é aquela que trata de fenômenos que independem da participação/ação de qualquer ser. Como não há sujeito, o verbo da frase deve ficar sempre na **3ª pessoa do singular**. Os verbos dessas orações são chamados de **verbos impessoais**.

A oração sem sujeito ocorre nos seguintes casos:

a) com verbos que expressam fenômenos naturais:

Nevou em várias cidades do sul do país.
Relampejou muitas vezes seguidas.
Choveu durante quarenta dias.

b) com os verbos ESTAR e FAZER indicando tempo meteorológico ou cronológico:

Está muito calor hoje.
Está tarde!
Faz dias frios aqui!
Fará noites quentes no próximo verão.
Ontem fez vinte dias que não o vejo.
Faz muitos anos que estive aqui.
Amanhã fará dez anos que nos conhecemos.

c) com o verbo HAVER expressando existência ou acontecimento:

Havia muitos conhecidos na festa de ontem.
Haverá aqui amanhã vários carros para revisão mecânica.
Há duzentos alunos no pátio esperando a visita do presidente do clube.
Houve comemorações pelos 456 anos da cidade.
Nunca mais haverá festas tão grandiosas quanto esta!
Há brigas no "Gigantão Dance" todo sábado...

Curiosidade: Os verbos impessoais podem constituir locução verbal. Nesse caso, colocados como principais em locução verbal, transferem sua impessoalidade para o verbo auxiliar:

Deve nevar em várias cidades do sul do país.
Poderá relampaguear muitas vezes seguidas.
Vai chover durante quarenta dias.
Deve estar muito calor hoje.
Deve estar tarde!
Vai fazer dias frios aqui!

Poderá fazer noites quentes no próximo verão.
Ontem deve ter feito vinte dias que não o vejo.
Deve fazer muitos anos que estive aqui.
Amanhã vai fazer dez anos que nos conhecemos.
Podia haver muitos conhecidos na festa de ontem.
Deverá haver aqui amanhã vários carros para revisão mecânica.
Há de haver duzentos alunos no pátio esperando a visita do presidente do clube.
Vai haver comemorações pelos 456 anos da cidade.
Nunca mais deverá haver festas tão grandiosas quanto esta!
Pode haver brigas no "Gigantão Dance" todo sábado...

4.6.2.5. Casos especiais de concordância verbal

a) Verbo parecer + infinitivo:

O verbo **parecer** é o único verbo auxiliar da língua portuguesa que **pode transferir para o principal a** flexão de número. Assim:

As meninas parecem sorrir para mim.
As meninas parece sorrirem para mim.
As estrelas parecerão brilhar mais, se você vier me visitar esta noite.
As estrelas parecerá brilharem mais, se você vier me visitar esta noite.
No outono, as árvores parecem ficar tristes.
No outono, as árvores parece ficarem tristes.
No outono, as árvores parece que ficam tristes.

Curiosidade: Apenas a flexão de número se transfere para o principal, pois as flexões de pessoa, modo, tempo e voz continuam no auxiliar.

As estrelas parecerão brilhar...
As estrelas parecerá brilharem...
As estrelas pareciam brilhar...
As estrelas parecia brilharem...
Se as estrelas parecessem brilhar...
Se as estrelas parecesse brilharem...

b) Com os verbos **dar**, **bater** e **soar**:

Podem concordar com o praticante da ação ou, na ausência deste, **com as expressões de tempo** da frase, que passam a ser o sujeito dos verbos:

A torre da igreja deu três horas.
Na torre da igreja, deram três horas.
O relógio bateu cinco horas.
No relógio, bateram cinco horas.
O sino soou seis horas.

No sino, soaram seis horas.

c) Com a expressão haja vista:

A palavra vista **é invariável**. O verbo **haver pode sofrer variação** de acordo com:

- expressão **não seguida de preposição**, o verbo **haver pode variar** ou não:

Haja vista o caso.

Hajam vista os casos.

- expressão **seguida de preposição**, o verbo **haver** não **varia:**

Haja vista ao caso.

Haja vista aos casos.

Curiosidade: A forma **haja visto** (ou **hajam visto**) é tempo composto do verbo **ver**. Assim, as expressões **haja visto** e **hajam visto** significam **tenha visto** e **tenham visto:**

Espero que o pai haja visto o que o filho fez = Espero que o pai tenha visto o que o filho fez.

Tomara que os senadores hajam visto os casos de quebra de decoro parlamentar = Tomara que os senadores tenham visto os casos de quebra de decoro parlamentar.

d) Com sujeito oracional:

O verbo que tem como sujeito uma oração fica na 3a pessoa do singular:

Espera-se que as meninas tragam as tortas.

Aos alunos cabe resolver as questões.

Curiosidade: Se houver um adjetivo se referindo ao sujeito oracional, ele deve ficar no singular masculino:

É necessário que as meninas tragam as tortas.

Seria bom que os alunos resolvessem as questões em casa.

4.6.2.6. Concordância do verbo ser

A concordância do verbo **ser** segue a regra geral nas maioria dos casos, mas existem casos em que ele concorda com o predicativo ou com outras expressões da frase.

O verbo ser concorda com o predicativo do sujeito:

a) quando o sujeito é um nome singular e o predicativo um nome plu**ral:**

Minha preocupação são as crianças.

O problema da apresentação foram as conversas paralelas.

b) quando o sujeito é um pronome demonstrativo (tudo, isso, isto, aquilo) e o predicativo um nome plu**ral:**

Tudo são flores.

Isso foram gastos inúteis.

Isto são as possibilidades concretas de solucionar o problema.

Aquilo são animais invertebrados.

Curiosidade: Também é possível a concordância com o sujeito:
Tudo é flores.
Isso foi gastos inúteis.
Isto é as possibilidades concretas de solucionar o problema.
Aquilo é animais invertebrados.

c) quando o predicativo é um pronome pesso**al:**
Naquele ano, o assessor da direção fui eu.
O atleta és tu.
O ganhador do prêmio seremos nós.
d) quando o predicativo é um nome que se refere a pessoa**s:**
As alegrias da casa é a criança.
As esperanças do clube é o atleta recém-contratado.

4.6.2.6.1. Verbo ser impessoal

O verbo ser pode ser impessoal; nesse caso, haverá concordância especial.
a) na expressão de distância, concorda com o adjunto adverbial de distância:
Daqui à praia são 100 quilômetros.
Daqui à praia é um quilômetro.
Do Planalto ao Congresso são duzentos metros.
b) na expressão de tempo, concorda com o núcleo do adjunto adverbial de tempo:
É dia 13 de julho.
São 13 de julho.
É uma hora.
É bem mais de uma hora.
São duas horas.

Curiosidade: Com os adjuntos adverbiais do tipo **anteontem, ontem, hoje, amanhã** etc., o verbo ser pode ficar no singular, ou concordar com o numeral da expressão de tempo:
Hoje é 13 de julho.
Hoje são 13 de julho.

c) as expressões de pes**o, m**edida ou quantidade são invariáveis:
Quinze quilos de arroz é pouco.
Cinco metros de tecido é muito.
Trezentas pessoas é suficiente para a produção na fábrica.

Curiosidade: Não expressando peso, medida ou quantidade, tais expressões passam a ser variáveis, e o que era advérbio vira adjetivo:
Os quilos de arroz estocados são poucos.
Os metros de tecido comprados são muitos.

As pessoas presentes são suficientes para a produção na fábrica.

d) a partícula expl**etiva,** ou de realc**e, É** QUE é invariável:
Eu é que fiz o bolo.
Nós é que fizemos o bolo.

4.7. COLOCAÇÃO PRONOMINAL

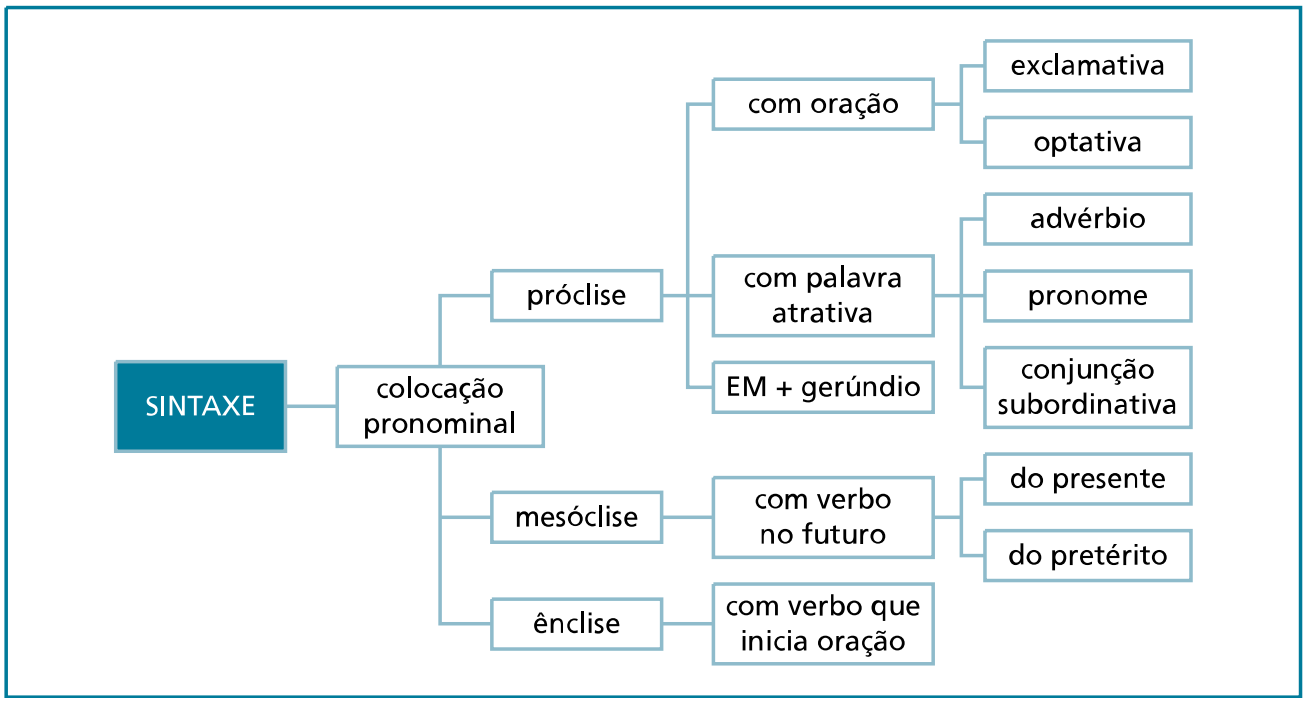

Trata da colocação dos **pronomes clíticos:** me, te, se, o(s), a(s), lhe(s), nos, vos.
São três as posições que assumem:

- **antes** do verbo — *próclise*: Não me abandone.
- **no meio** do verbo — *mesóclise*: Receber-vos-emos para o jantar, amanhã.
- **depois** do verbo — *ênclise*: Entregou-nos os presentes.

4.7.1. Próclise

Usa-se:
a) Nas **orações negativas** (sem pausa entre a palavra de negação e o verbo):
Não me abandone.
Nunca me deixe só.
Ninguém me viu aqui.
Nada me fará mudar de ideia.
Não veio nem me telefonou.
b) Nas **orações exclamativas:**
Macacos me mordam!
c) Nas **orações optativas:**

Deus nos ajude!

d) Nas **orações interrogativas** iniciadas por **pronomes** ou **advérbios interrogativos:**

Quem me chamou?

Onde me viste?

e) Nas **orações subordinadas:**

Quando me viu, sorriu para mim.

Ela virá, se a convidarmos.

f) Com **advérbios** ou **pronomes indefinidos** (sem pausa entre eles e o verbo):

Aqui se aprende Português. (mas: Aqui, aprende-se Português.)

Aquilo nos agrada.

g) Com a preposição **EM** + verbo no **gerúndio:**

Em se comentando o caso, seja discreto.

4.7.2. Mesóclise

Usa-se com verbos no **futuro do presente** ou **futuro do pretérito:**

Devolver-me-á o livro amanhã.

Deixar-te-ia sozinha se você pedisse...

4.7.3. Ênclise

Usa-se:

a) Com verbos no **infinitivo:** Viver é adaptar-se.

b) Com verbos que **iniciam oração:** Mostrou-me o livro, retirou-se calado, deixando-me só na sala.

Curiosidade: Nas orações intercaladas, o pronome pode aparecer também antes do verbo:

Tão lindos, disse-me a mulher, são os teus olhos.

Tão lindos, me disse a mulher, são os teus olhos.

4.7.4. Caso especial

Com verbo no **INFINITIVO, precedido de preposição** ou palavra negativa, usa-se próclise ou ênclise:

Estou aqui para te servir.

Estou aqui para servir-te.

Meu desejo era não o incomodar.

Meu desejo era não incomodá-lo.

4.7.5. Com locuções verbais

a) *Auxiliar + infinitivo:*

Ênclise no infinitivo: O diretor quer ver-te agora.

Ênclise no auxiliar: O diretor quer-te ver agora.

Curiosidade: Com ênclise no auxiliar, o hífen é facultativo.
O diretor quer te ver agora.

próclise no auxiliar: O diretor te quer ver agora.
b) *Auxiliar + gerúndio:*
ênclise no gerúndio: Os alunos foram retirando-se.
ênclise no auxiliar: Os alunos foram-se retirando.
próclise no auxiliar: Os alunos se foram retirando.
c) *Auxiliar + particípio:*
ênclise no auxiliar: As meninas tinham-se arrumado.
próclise ao auxiliar: As meninas se tinham arrumado.

4.8. QUESTÕES

1. Considere o trecho abaixo:

— Eu queria saber é quem está no aparelho.

— Ah, sim. No aparelho não está ninguém.

— Como não está, se você está me respondendo?

— Eu estou fora do aparelho. Dentro do aparelho não cabe ninguém.

— Engraçadinho! Então, quem está ao aparelho?

— Agora melhorou. Estou eu, para servi-lo?

(Carlos Drummond de Andrade)

Marque o par de verbos com problema de regência idêntico ao do texto:
a) Meditar num assunto — meditar sobre um assunto.
b) Sentar à mesa — sentar na mesa.
c) Estar em casa — estar na casa.
d) Assistir o doente — assistir ao doente.
e) Chamar o padre — chamar pelo padre.

Resposta: "b". O verbo "estar" com a preposição "a" indica proximidade — estar ao telefone (perto dele). O verbo "estar" com a preposição "em" indica conteúdo — estar no telefone (dentro dele). O único verbo que apresenta esse mesmo problema é "sentar" — sentar à mesa (perto dela), sentar na mesa (sobre ela).

2. Assinale a oração que apresenta regência nominal incorreta.
a) O tabagismo é prejudicial à saúde.
b) Está inclinado em aceitar o convite.
c) Sempre foi muito tolerante com o irmão.
d) É lamentável sentir desprezo por alguém.
e) Em referência ao assunto, prefiro nada dizer.

Resposta: "b". O nome "inclinado" pede a preposição "a": Estava inclinado a aceitar o convite.

3. Quanto à regência verbal, escreva (1) nas orações corretas e (2) nas incorretas.

( ) Logo que chegou, eu o ajudei como pude.

( ) Preferia remar do que voar de asa-delta.

( ) Naquela época, eu não visava o cargo de diretor.

( ) Sem esperar, deparei com ela bem perto de mim.

( ) Nós tivemos a impressão que tudo era imaginação.

A sequência correta dos números é:
a) 1, 1, 1, 2, 2.
b) 2, 2, 2, 1, 1.
c) 2, 1, 1, 2, 1.
d) 1, 2, 2, 1, 2.
e) 1, 2, 1, 2, 1.

Resposta: "d". Vamos corrigir as erradas: Preferia remar a voar de asa-delta — o verbo "preferir" exige a preposição "a". Naquela época, não visava ao cargo de diretor — o verbo "visar" (no sentido de desejar) exige a preposição "a". Nós tivemos a impressão de que tudo era imaginação — o nome "impressão" exige a preposição "de".

4. Assinale a afirmativa em que há erro de regência verbal.
a) Este documento visa o estabelecimento de normas para avaliação dos técnicos.
b) O estabelecimento dessas normas implicou demorado estudo das atribuições e tarefas dos técnicos.
c) O Setor Jurídico assistiu a Comissão que estudou o assunto.
d) Este documento constitui o resultado de minuciosa análise do assunto.

Resposta: "a". O verbo "visar" no sentido de desejar exige a preposição "a": Este documento visa ao estabelecimento de normas para a avaliação dos técnicos.

5. A frase em que a regência verbal não corresponde à norma culta ou padrão é:
a) Tais medidas visam combater a inflação.
b) Não esqueça os regulamentos da empresa.
c) Todos devem assistir à posse do novo diretor.
d) É necessário obedecer as cláusulas do contrato.

Resposta: "d". O verbo "obedecer" exige a preposição "a", por isso deve aparecer o acento grave em "às cláusulas do contrato".

6. Indique a alternativa correta:
a) Preferia brincar do que trabalhar.
b) Preferia mais brincar a trabalhar.
c) Preferia brincar a trabalhar.
d) Preferia brincar à trabalhar.
e) Preferia mais brincar que trabalhar.

Resposta: "c". O verbo "preferir" exige a preposição "a": Preferia brincar a trabalhar.

7. Assinale a alternativa incorreta quanto à regência verbal.
a) Aspiro ao cargo de Diretor.
b) Assisti à corrida.
c) Chamei-o ao meu gabinete.

d) Assistimos os doentes.
e) Aspirei ao ar da montanha.

Resposta: “e”. O verbo “aspirar” no sentido de inalar, respirar exige um complemento sem preposição: Aspirei o ar da montanha.

8. Vejamos as seguintes frases

I. Aspiro o ar da manhã.

II. Aspiro a este cargo.

III. Prefiro isto àquilo.

IV. Custa-me crer nos políticos.

Quanto à correção gramatical, podemos dizer que
a) Só a primeira está errada.
b) Apenas a primeira está certa.
c) Somente a segunda está errada.
d) Todas estão erradas.
e) Todas estão certas.

Resposta: “e”. O verbo “aspirar” no sentido de inalar e respirar exige um complemento sem preposição: Aspirei o ar da manhã; no sentido de querer e desejar pede um complemento com a preposição “a”: Aspirei a este cargo. O verbo “preferir” exige a preposição “a”: Preferia isto àquilo — como o complemento que recebe a preposição é o pronome demonstrativo “aquilo”,- usamos o acento grave para expressar a crase da preposição “a” + o “a” inicial de “aquilo”. O verbo “custar” no sentido de ser difícil tem como sujeito “aquilo que é difícil”, geralmente um verbo no infinitivo; para quem a coisa é difícil funciona como objeto indireto: Custa-me crer nos políticos.

9. Assinale a alternativa em que há erro de regência verbal.
a) O estudante esforçava-se pela liberdade.
b) O fiscal obedecia às ordens do inspetor.
c) O rapaz prefere pagar a multa a perder o rádio.
d) O diretor procedeu à abertura da sessão.
e) A secretária aspirava um cargo importante.

Resposta: “e”. O verbo “aspirar” no sentido de desejar e querer pede a preposição “a”: A secretária aspirava a um cargo importante.

10. Assinale a opção em que a regência do verbo proceder contraria a norma culta da língua.
a) O juiz procedeu ao julgamento.
b) Não procede este argumento.
c) Procedo um inquérito.
d) Procedia de uma boa família.
e) Procede-se cautelosamente em tais situações.

Resposta: “c”. O verbo “proceder” no sentido de iniciar e realizar pede um complemento com a preposição “a”: Procedo a um inquérito.

11. Eis o secretário _____ eficiência e honradez eu lhe falei.

a) cujo.
b) de cuja.
c) cujas.
d) cujo a.
e) de cujos a.

Resposta: “b”. A frase indica a ideia de posse entre o “secretário” e a “eficiência e honradez”, por isso devemos usar o pronome relativo “cuja”, que será antecedido da preposição “de” por exigência do verbo “falar” que aparece depois do pronome relativo.

12. Minhas objeções _____ acordo são concernentes _____ modo _____ ele dirige a firma.

a) do, do, pelo qual.
b) ao, do, de que.
c) ao, ao, como.
d) do, ao, de que.
e) ao, do, de como.

Resposta: “c”. Regência nominal: objeções “a”, concernentes “a”, modo “como”.

13. Imbuído _____ preconceitos, com tendência _____ intolerância, era impermeável _____ qualquer influência.

a) com, pela, contra.
b) por, a, a.
c) de, à, a.
d) com, para, à.
e) de, pela, ante.

Resposta: “c”. Regência nominal: Imbuído “de”, tendência “a”, impermeável “a”.

14. Não encontrei a revista _____ você se referiu, razão _____ não a comprei.

a) que, porque.
b) a que, por que.
c) à que, por quê.
d) a que, porque.

Resposta: “b”. Nas duas lacunas emprega-se o pronome relativo “que”. Na primeira lacuna temos a regência do verbo “referir-se” (a que você se referiu); na segunda lacuna temos a regência do verbo “comprar” + o nome “razão” (razão por que não a comprei).

15. Única frase com regência verbal incorreta.

a) Trata-se do ideal a que me referi.
b) As leis que carecemos são outras.
c) Encerrou-se o inquérito a que se procedeu.
d) São justas as punições de que se queixam?
e) Empenhemo-nos em produzir mais.

Resposta: “b”. As leis de que carecemos são outras. — o verbo “carecer” exige a preposição “de”, que deve ser colocada antes do pronome relativo.

16. Sendo o carnaval uma das festas _____ mais gosto, achei preferível ir ao baile _____ viajar para a fazenda.

a) que, à.
b) que, do que.
c) das quais, que.
d) de que, a.
e) de que, do que.

Resposta: “d”. Regência do verbo “gostar” e do nome “preferível”: Sendo o carnaval uma das festas de que mais gosto, achei preferível ir ao baile a viajar para a fazenda.

17. Posso informar _____ senhores _____ ninguém, na reunião, ousou aludir _____ tão delicado assunto.

a) aos, de que, o.
b) aos, de que, ao.
c) aos, que, à.
d) os, que, à
e) os, de que, a.

Resposta: “e”. O verbo “informar” admite duas construções: “informar algo a alguém” ou “informar alguém de/sobre algo”. Então podemos dizer: Informamos aos senhores que ninguém... ou; Informamos os senhores de que ninguém... — ambas são corretas. O que resolve a questão é a última lacuna: o verbo “aludir” exige a preposição “a”, e o termo “tão delicado assunto” não pode ser precedido de artigo “a”, por isso não há crase — ninguém ousou aludir a tão delicado assunto.

18. Sua anuência _____ solicitação não impediu que fizesse ressalvas quanto _____ mérito de certos itens _____ discordava.

a) à, ao, de que.
b) na, ao, que.
c) à, o, com que.
d) da, o, de que.
e) na, ao, com que.

Resposta: “a”. O nome “anuência” pede a preposição “a”; o nome “solicitação” é feminino, por isso admite o artigo “a”; assim: anuência à solicitação. O nome “quanto” pede a preposição “a”; o nome “mérito” é masculino, por isso admite o artigo “o”; assim: quanto ao mérito. O verbo “discordar” pede a preposição “de”, que deve ser colocada antes do pronome relativo; assim: itens de que discordava.

19. Era um rapaz aparentemente igual _____ outros, mas tinha um senso de responsabilidade _____ poucos poderiam orgulhar-se.

a) aos, de que.
b) os, que.
c) aos, que.
d) os, de que.
e) aos, a que.

Resposta: “a”. O nome “igual” exige a preposição “a”; o pronome “outros” admite o artigo “o”;

então: igual aos outros. O verbo “orgulhar-se” exige a preposição “de”, que deve ser colocada antes do pronome relativo; então: senso de responsabilidade de que poucos poderiam orgulhar-se.

20. Ele jamais _____ que o ajudariam na profissão e _____ exemplo lhe serviu de estímulo.

a) esqueceu daqueles, cujo o.
b) se esqueceu daqueles, que o.
c) se esqueceu aqueles, de que o.
d) esqueceu aqueles, os quais.
e) esqueceu aqueles, cujo.

Resposta: “e”. O verbo “esquecer” pode ser usado com ou sem pronome reflexivo, e isso provoca mudança na regência: “esquecer” — sem pronome reflexivo — pede complemento sem preposição: esqueceu aqueles; “esquecer-se” — com pronome reflexivo — pede complemento com a preposição “de”: esqueceu-se daqueles. Ambas as construções são corretas. O que resolve essa questão é a última lacuna: há ideia de posse na frase, então devemos usar o pronome relativo “cujo” (e não devemos esquecer que o pronome “cujo” não pode ter artigo depois dele).

21. Sou coerente: a causa _____ tenho lutado vai _____ meus mais legítimos anseios e ideais.

a) por que, de encontro com os.
b) que, de encontro aos.
c) por que, ao encontro dos.
d) que, ao encontro de.
e) porque, de encontro aos.

Resposta: “c”. O verbo “lutar” nessa frase pede a preposição “por”: a causa por que tenho lutado. “Ao encontro de” expressa harmonia, que é o sentido da frase. As expressões “de encontro a” e “de encontro com” indicam oposição.

22. Os recursos _____ dispõe a prefeitura dessa cidade não são suficientes para torná-la apta _____ empreender todas as melhorias _____ a população local exige.

a) de que, à, que.
b) que, de, de que.
c) a que, à, de que.
d) que, de que, que.
e) de que, a, que.

Resposta: “e”. Os recursos de que dispõe... — o verbo “dispor” exige a preposição “de”, que deve ser colocada antes do pronome relativo. Apta a empreender... — o nome “apta” exige a preposição “a”, sem crase, pois o que vem depois é o verbo “empreender” (e verbo não admite artigo). Melhoria que a população exige — o verbo “exigir” pede um complemento sem preposição, por isso usamos apenas o pronome relativo “que”, sem preposição.

23. Identifique a alternativa correta.

a) Felizes os países cujos os cidadãos são patriotas.
b) Preciso de dinheiro, sem o cujo não poderei pagar minhas dívidas.

c) Herdou uma fazenda, cuja fazenda lhe permitiria viver sem trabalhar.
d) Comprei gêneros sem os cujos não poderei sobreviver.
e) É um policial em cuja honestidade se pode confiar.

Resposta: “e”. O pronome relativo “cujo” sempre indica posse, sempre terá um substantivo depois dele — com o qual sempre concorda. Outra coisa: nunca haverá artigo depois de “cujo”. Ele também está sujeito à regência do verbo ou nome que aparece depois dele. Por isso: É um policial em cuja honestidade se pode confiar.

24. Assinale a opção que completa corretamente a lacuna da frase abaixo.

O tema _____ discorre o autor do texto é valiosa contribuição para um melhor conhecimento da história do nosso país.
a) o qual.
b) cujo.
c) do qual.
d) em que.
e) sobre que.

Resposta: “e”. O verbo “discorrer” exige a preposição “sobre”, que deve ser colocada antes do pronome relativo: O tema sobre que discorre o autor...

25. Preencha convenientemente as lacunas das frases seguintes, indicando o conjunto obtido.

I. A planta _____ frutos são venenosos foi derrubada.

II. O estado _____ capital nasci é este.

III. O escritor _____ obra falei morreu ontem.

IV. Este é o livro _____ páginas sempre me referi.

V. Este é o homem _____ causa lutei.
a) em cuja, cuja, de cuja, a cuja, por cuja.
b) cujos, em cuja, de cuja, cujas, por cujas.
c) cujos, em cuja, de cuja, a cujas, por cuja.
d) cujos, cuja, cuja, a cujas, por cujas.
e) cuja, em cuja, cuja, cujas, cuja.

Resposta: “c”. O pronome relativo “cujo” sempre indica posse, sempre terá um substantivo depois dele — com o qual sempre concorda. Outra coisa: nunca haverá artigo depois de “cujo”. Ele também está sujeito à regência do verbo ou nome que aparece depois dele. Por isso: I. A planta cujos frutos são venenosos... II. O estado em cuja capital nasci... III. O escritor de cuja obra falei... IV. Este é o livro a cujas páginas sempre me referi. V. Este é o homem por cuja causa lutei.

26. A cartomante _____ me referi, e _____ previsão restituiu a paz a Camilo, saiu-se bem.

a) que, de que.
b) a que, cuja.
c) de que, em cuja.
d) à que, por cuja.

Resposta: “b”. O verbo “referir-se” pede a preposição “a”, que deve ser colocada antes do pronome relativo: A cartomante a que me referi... Na segunda lacuna temos a ideia de posse, por isso devemos empregar o pronome relativo “cujo”, concordando com o nome “previsão”: cuja previsão.

27. Quanto a amigos, prefiro João _____ Paulo, _____ quem sinto _____ simpatia.

a) a, por, menos.
b) do que, por, menos.
c) do que, com, menas.
d) do que, por, menas.
e) do que, para menos.

Resposta: “a”. O verbo “preferir” exige a preposição “a”: prefiro João a Paulo. O nome “simpatia” exige a preposição “por” que deve ser colocada antes do pronome relativo: por quem sinto menos simpatia. “menos” é palavra invariável.

28. Mostrou-se admirado _____ não ver o amigo _____ ia apresentar protestos _____ estima.

a) de, a quem, de.
b) de, que, na.
c) por, à quem, de.
d) por, à quem, na.
e) por, quem, de.

Resposta: “a”. O nome “admirado” aceita as preposições “de” e “por”. O verbo “apresentar” pede a preposição “a”. O nome “protestos” exige a preposição “de”. Então: Mostrou-se admirado de não ver o amigo a quem ia apresentar protestos de estima.

29. Onde há erro de regência verbal?

a) Esqueceram-lhe os compromissos assumidos.
b) Nós lhe lembramos o compromisso assumido.
c) Eu esqueci os compromissos assumidos.
d) Não me lembram tais palavras.
e) Lembro-me que tais eram as suas palavras.

Resposta: “e”. O verbo “lembrar” pode ser usado com ou sem pronome reflexivo, e isso provoca mudança na regência: “lembrar” — sem pronome reflexivo — pede complemento sem preposição: lembrou aqueles; “lembrar-se” — com pronome reflexivo — pede complemento com a preposição “de”: Lembro que tais eram...; ou Lembro-me de que tais eram...

30. Assinale a alternativa incorreta quanto ao emprego da preposição.

a) Tratava-se de um fanático de cujas convicções todos lutavam.
b) Era ele o empresário sob cujo patrocínio correram as eleições.
c) Língua extinta é aquela de cuja existência não possuímos provas.
d) Estes são os amigos dos quais nunca nos haveremos de esquecer.

Resposta: “a”. O verbo “lutar” admite várias preposições distintas, dependendo daquilo que se deseja expressar: lutar com — parceria; lutar contra — oposição; lutar para — finalidade; lutar por — objetivo. Nessa frase, o verbo “lutar”, por força do contexto, exige a preposição

“contra”: Tratava-se de um fanático contra cujas convicções todos lutavam.

31. Marque o texto que contém erro.

a) Assino esta revista especializada há muitos anos, mas este mês ela chamou a minha atenção de modo especial, e vocês vão logo entender por quê.
b) A decisão final sobre os reajustes das prestações do SFH sairá ainda este mês. Persistem algumas dúvidas porque a indexação voltou só para a parcela do salário até três mínimos.
c) Conforme informação da Caixa Econômica Federal, os mutuários desejam saber porque aqueles que têm data-base em setembro e repasse em sessenta dias terão, em novembro, correção mais elevada.
d) Muitos desconhecem também os motivos por que se aplicarão a todos os mutuários com contratos de equivalência salarial plena as antecipações bimestrais e quadrimestrais pelo INPC.
e) Por que se aplica o índice da poupança de setembro/90 a agosto/91 mais 3% de ganho real, descontando as antecipações?

Resposta: “c”. “... desejam saber por que aqueles...” — nessa frase, temos a preposição “por” + o pronome interrogativo “que”; são duas palavras, por isso se escrevem separadamente.

32. Assinale o item que apresenta erro de regência.

a) Não podemos fingir que não existe entre nós uma cultura de sonegação. Os motivos alegados para justificá-la são os mais variados.
b) Outros alegam, diante dos altos impostos, de que, se pagarem tudo corretamente, no final das contas não lhes restará nada.
c) Existe quem justifique a sonegação com a desculpa de que é inútil ficar pagando tributos a governos incompetentes, que usam mal o dinheiro do contribuinte.
d) Uns dizem que não pagam porque não têm com que pagar. Outros sonegam apenas porque são gananciosos.
e) E não são poucos os que não pagam com a justificativa de que ninguém contribui; por que só eles vão ser tolos de pagar direito?

Resposta: “b”. Há uma preposição a mais: o verbo “alegar” exige um complemento sem preposição: Outros alegam, diante dos altos impostos, que, se pagarem...

33. Assinale a alternativa incorreta quanto à regência:

a) Creio que os trabalhadores estão muito conscientes de suas obrigações para com a pátria.
b) O filme a que me refiro aborda corajosamente a problemática dos direitos humanos.
c) Esta nova adaptação teatral do grande romance não está agradando ao público, eu, porém, prefiro esta àquela.
d) O trabalho inovador de Gláuber Rocha que lhe falei chama-se Deus e o Diabo na Terra do Sol.
e) José crê que a classe operária está em condições de desempenhar um papel importante na condução dos problemas nacionais.

Resposta: “d”. Faltou a preposição “de” exigida pelo verbo “falar”: O trabalho inovador de Gláuber Rocha de que lhe falei...

34. A mãe não _____ bem, nem _____ bem; isso talvez explique o seu _____ humor.

a) o queria, lhe tratava, mau.

b) o queria, o tratava, mau.
c) lhe queria, lhe tratava, mau.
d) lhe queria, o tratava, mau.
e) lhe queria, o tratava, mal.

Resposta: “d”. “Querer” no sentido de estimar pede um complemento com a preposição “a”, ou seja, um objeto indireto — os objetos indiretos iniciados por “a” ou “para” são representados pelo pronome oblíquo “lhe(s)”. O verbo “tratar” no sentido de cuidar pede um complemento sem preposição, ou seja, um objeto direto — os objetos diretos são sempre representados pelos pronomes oblíquos “o(s)” e “a(s)”. Mau — adjetivo, acompanha um substantivo; mal — substantivo, advérbio ou conjunção. Então: A mãe não lhe queria bem, nem o tratava bem; isso talvez explique o seu mau humor.

35. Como não _____ vi, chamei o contínuo e mandei-_____, então, _____

a) lhe, ele, procurar você.
b) o, o, procurá-lo.
c) lhe, o, procurá-lo.
d) o, ele, procurar-lhe.
e) lhe, lhe, procurar-lhe.

Resposta: “b”. Como não o (objeto direto do verbo ver) vi, chamei o contínuo e mandei-o (objeto direto do verbo mandar), então, procurá-lo (objeto direto do verbo procurar).

36. Obedeça-_____, estime-_____ e _____ sempre que precisar.

a) os, os, recorra a eles.
b) lhes, os, recorra a eles.
c) lhes, lhes, recorra-lhes.
d) os, lhes, recorra-lhes.
e) os, lhes, recorra a eles.

Resposta: “b”. Obedeça-lhes (objeto indireto do verbo obedecer), estime-os (objeto direto do verbo estimar) e recorra a eles (objeto indireto do verbo recorrer, que não aceita o pronome “lhe(s)” como complemento) sempre que precisar.

37. Assinale a opção em que houve erro ao se substituir a expressão em destaque pelo pronome oblíquo.

a) ... e faziam pinturas incríveis: e faziam-nas.
b) ... onde as pessoas deveriam guardar seu dinheiro: onde as pessoas deveriam guardá-lo.
c) Teci cobertor com canto de passarinho: Teci-o com canto de passarinho.
d) Dei poderes aos meus filhos: Dei-lhes poderes.
e) Visitei minhas irmãs: Visitei-lhes.

Resposta: “e”. “Visitar” pede complemento sem preposição, ou seja, objeto direto, por isso devemos usar ao lado dele os pronomes oblíquos “o(s)”, “a(s)”: Visitei minhas irmãs: visitei-as.

38. Observe a regência verbal e assinale a opção falsa.

a) Avisaram-no que chegaríamos logo.
b) Informei-lhe a nota obtida.
c) Os motoristas irresponsáveis, em geral, não obedecem aos sinais de trânsito.

d) Há bastante tempo que assistimos em São Paulo.
e) Muita gordura não implica saúde.

Resposta: “a”. O verbo “avisar” admite duas construções: “avisar algo a alguém” ou “avisar alguém de/sobre algo”. Então, podemos dizer: Avisaram-no de que chegaríamos logo; ou Avisaram-lhe que chegaríamos logo. Da maneira que aparece na questão, há dois objetos indiretos: -no / que chegaríamos logo — isso é errado.

39. Assinale a frase em que a regência não está correta.

a) Notificá-lo-emos de que o perdoamos.
b) Informaram-lhe que o carro fora consertado.
c) Não desobedeçais a vossos mestres.
d) Cientifico-os de que estamos muito ocupados.
e) Quando o encontrei, fiquei muito emocionado.

Resposta: “a”. O verbo “perdoar” pode ter um complemento “coisa”, nesse caso um objeto direto; também pode ter um complemento “pessoa”, nesse caso um objeto indireto: Perdoei o pecado. Perdoei ao pecador. Não devemos esquecer que “o(s)”, “a(s)” são objetos diretos e “lhe(s)” são objetos indiretos. Na frase em questão o verbo “perdoar” se refere a uma pessoa, por isso devemos empregar ao lado dele o pronome “lhe”: Notificá-lo-emos de que LHE perdoamos.

40. Opção que preenche corretamente as lacunas:

O gerente dirigiu-se _____ sua sala e pôs-se _____ falar _____ todas as pessoas convocadas.

a) à, à, a.
b) a, à, à.
c) à, a, a.
d) a, a, à.
e) à, a, à.

Resposta: “c”. O verbo “dirigir-se” exige a preposição “a”, o pronome possessivo “sua” pode ser usado com ou sem preposição; então com ou sem crase. “Pôr-se” pede a preposição “a”, mas o verbo “falar”, que vem depois, não aceita artigo; sem crase. “Falar” pede a preposição “a”, mas o pronome indefinido “todas” não aceita artigo; sem crase.

41. Preencha as lacunas da frase abaixo e assinale a alternativa correta.

Comunicamos _____ V.Sa. que encaminhamos _____ petição anexa _____ Divisão de Fiscalização que está apta _____ prestar _____ informações solicitadas.

a) a, a, à, a, as.
b) à, a, à, a, às.
c) a, à, a, à, as.
d) à, à, a, à, às.
e) à, a, à, à, as.

Resposta: “a”. Comunicamos a V.Sa. — o verbo pede preposição, mas o pronome de tratamento não aceita artigo — sem crase. Encaminhamos a petição anexa à Divisão de Fiscalização — o verbo pede dois complementos: um objeto direto sem preposição (a petição) e um objeto indireto com a preposição “a” (à Divisão de Fiscalização). Apta a prestar — antes

de verbo o “a” é apenas preposição, sem crase. Prestar as informações — o verbo pede complemento sem preposição (objeto direto), assim “as” antes de “informações” é apenas artigo.

42. Identifique a opção correta quanto ao emprego do acento grave indicativo de crase.

a) As inscrições realizar-se-ão de 4 à 11 de outubro.
b) As mercadorias foram repassadas à preço de mercado.
c) A medida atende à todas as reivindicações feitas à partir de 1985.
d) De todas as empresas, só houve concessão de subsídios à João Mello da Almeida Ltda.

Resposta: “d”. “João Mello da Almeida Ltda.” é o nome da empresa, por isso se subentende uma palavra feminina. Corrigindo as outras: a) de 4 a 11, b) a preço de mercado, c) atende a todas (...) a partir de 1985.

43. Indique a alternativa cujos elementos completam corretamente as lacunas abaixo.

Asseguro _____ você que compete _____ ela, em relação _____ esta situação, tomar as providências necessárias.

a) à, a, à.
b) à, a, a.
c) a, à, à.
d) a, a, a.
e) a, a, à.

Resposta: “d”. Os verbos “assegurar” e “competir” e o nome “relação” exigem a preposição “a”. Os pronomes “você”, “ela” e “esta” não admitem artigo. Por isso não há crase alguma.

44. Camilo muda tanto de opinião que daqui _____ pouco vai negar o que disse _____ vinte dias.

a) a, à.
b) à, há.
c) a, há.
d) há, a.

Resposta: “c”. A (preposição) — para expressar tempo futuro. Há (verbo) — para expressar tempo passado.

45. Já estavam _____ poucos metros da clareira, _____ qual foram ter por um atalho aberto _____ foice.

a) à, à, a.
b) a, à, a.
c) a, a, à.
d) à, a, à.
e) à, à, à.

Resposta: “b”. A (preposição) — para expressar distância — a poucos metros. O pronome relativo “qual” sempre virá precedido de artigo, como na frase se refere a “clareira”, usará o artigo feminino singular: “a qual”; esse pronome relativo está sujeito à regência do verbo que vem depois (“foram”), que pede a preposição “a”, que deve ser colocada antes do pronome relativo, por isso: à qual foram ter. Atalho aberto a foice — “a foice” é um adjunto adverbial de

instrumento, sem crase; só haverá crase no adjunto adverbial de instrumento quando houver ambiguidade, duplo sentido.

46. _____ noite, todos os operários voltaram _____ fábrica e só deixaram o serviço _____ uma hora da manhã.

a) Há, à, à.
b) A, a, a.
c) À, à, à.
d) À, a, há.
e) A, à, a.

Resposta: "c". À noite — locução adverbial feminina de tempo — crase obrigatória. Voltaram à fábrica — "voltar" pede a preposição "a" e "fábrica" aceita o artigo "a", por isso com crase. À uma hora da manhã — locução adverbial feminina de tempo — crase obrigatória.

47. Não sei _____ quem devo dirigir-me: se _____ funcionária desta seção, ou _____ da seção de protocolo.

a) a, a, a.
b) a, à, a.
c) a, à, à.
d) à, a, à.
e) à, à, à.

Resposta: "c". A regência, nas três lacunas, é a do verbo "dirigir-se", que pede a preposição "a". Na primeira lacuna, "quem" não admite artigo — sem crase. Na segunda lacuna, "funcionária" admite artigo — com crase. Na terceira lacuna, o "a" é pronome demonstrativo, que substitui no contexto a palavra "funcionária" — com crase.

48. Assinale a opção em que o uso da crase está incorreto.

a) Os processos serão encaminhados à diretoria assim que os pareceres tenham sido submetidos à apreciação do chefe.
b) Solicito à eminente Diretora a autorização a que tenho direito para participar do congresso.
c) Exigiremos a presença das testemunhas durante a sessão de julgamento com vistas à garantir a justiça.
d) Voltaremos a discutir as questões que se referem às conquistas sociais já asseguradas às mulheres trabalhadoras.
e) O Ministro chegará às dezoito horas, abrirá a sessão e procederá à leitura dos pareceres.

Resposta: "c". Antes de verbo nunca haverá crase: a garantir.

49. Assinale o item em que o uso do sinal indicativo de crase é proibido.

a) Ele não se limitou à consulta, verdadeiramente interessante.
b) À ela não cabe fingir, desaparecer, pois nada fez que a estigmatize.
c) Athenaíde prefere recolher-se à casa da mãe, onde pode despegar-se de sua dor.
d) A conversa com o pai trouxe à Laura a lembrança de outra passagem.
e) Pôs-se à porta, como guarda de uma princesa imaginária.

Resposta: "b". O pronome pessoal "ela" não admite artigo, por isso sem crase.

50. Até _____ poucos dias, os preços desses produtos estavam sujeitos _____

grandes oscilações no mercado.

a) à, a.
b) a, à.
c) há, a.
d) à, à.
e) há, à.

Resposta: “c”. Até há poucos dias — tempo passado. “Sujeitos” pede a preposição “a”; “grandes oscilações”, apesar de feminino, está no plural. “A” singular antes de palavra plural é somente preposição, por isso sem crase.

51. _____ dois dias da prova, cedeu _____ um impulso irracional de fugir _____ ela.

a) há, à, a.
b) a, à, a.
c) há, à, à.
d) à, a, à.
e) a, a, a.

Resposta: “e”. A dois dias da prova — expressão de tempo futuro —, “A” apenas preposição. “Ceder” e “fugir” pedem a preposição “a”, mas “um impulso” e “ela” não admitem artigo, por isso sem crase.

52. Na minha visita _____ Bahia, _____ dois meses, percorri _____ pé toda a parte central de Salvador, _____ fim de apreciar _____ beleza da cidade, que nada fica _____ dever _____ maioria dos grandes centros comerciais do país e, daqui _____ pouco, será um dos maiores.

a) a, a, à, à, à, a, a, há.
b) à, a, a, a, à, à, a, há.
c) à, há, a, a, a, a, à, a.
d) a, há, à, a, a, a, a, há.
e) a, a, a, à, a, a, a, à.

Resposta: “c”. Visita à Bahia — preposição + artigo, com crase. Há dois meses — expressão de tempo passado. A pé — locução adverbial de modo masculina, sem crase. A fim de — locução prepositiva masculina, sem crase. Apreciar a beleza — apenas artigo, sem crase. Fica a dever — apenas preposição, pois antes de verbo não há artigo, nem crase. Dever à maioria — preposição + artigo, com crase. Daqui a pouco — expressão de tempo futuro — somente preposição, sem crase.

53. Assinale a alternativa correta quanto ao emprego do acento indicativo de crase.

a) Os turistas pegaram às malas.
b) Fomos à cidade e assistimos às festas.
c) Refiro-me à aquele fato.
d) Estavam frente à frente.

Resposta: “b”. Corrigindo as erradas: a) pegamos as malas — o verbo não pede preposição; c) Refiro-me àquele fato — a crase deve ocorrer com o “a” inicial do pronome demonstrativo “aquele”; d) frente a frente — não há crase entre palavras repetidas.

54. A ociosidade rebaixa _____ criatura humana, tornando-_____ inútil _____ sociedade.

a) a, a, a.
b) à, a, a.
c) a, a, à.
d) à, a, à.

Resposta: “c”. A ociosidade rebaixa a criatura humana — apenas artigo, pois o verbo não pede preposição. Tornando-a — pronome oblíquo, funcionando como objeto direto do verbo. Inútil à sociedade — preposição do nome “inútil” + artigo do nome “sociedade”.

55. Opção que completa corretamente a frase:

Daqui _____ dois dias retornarei _____ Belém.

a) há, a.
b) à, à.
c) à, a.
d) há, à.
e) a, a.

Resposta: “e”. Daqui a dois dias — tempo futuro —, retornarei a Belém — preposição.

56. O exemplo em que a crase está corretamente empregada é:

a) Dia à dia registram-se graves infrações.
b) De repartição à repartição chegavam as novas instruções.
c) Esta é a circular à que se refere a portaria em questão.
d) Muitos ficavam horas e horas à espera de novas informações.

Resposta: “d”. Corrigindo as erradas: a) Dia a dia — não há crase entre palavras repetidas; b) De repartição a repartição — não há crase entre palavras repetidas; c) Esta é a circular a que se refere — o “a” antes do pronome relativo “que” é apenas preposição exigida pelo verbo “referir-se”.

57. Explique _____ pessoa em questão que o prédio do Tribunal fica _____ meio caminho da praça _____ que ele se dirige.

a) a, à, a.
b) à, a, à.
c) à, a, a.
d) a, à, à.
e) à, à, à.

Resposta: “c”. Explique à pessoa em questão — preposição + artigo. Fica a meio caminho — expressão de distância. Da praça a que ele se dirige — o “a” antes do pronome relativo “que” é apenas preposição exigida pelo verbo “dirigir-se”.

58. Já _____ tempos venho dizendo que essas medidas têm sido nefastas não só _____ uma determinada categoria profissional, como também _____ toda a sociedade.

a) à, a, a.
b) há, a, a.
c) há, a, à.

d) há, à, a.
e) à, à, à.

Resposta: “b”. Já há tempos — expressão de tempo passado. Nefastas não só a uma determinada categoria — antes de artigo indefinido (“uma”) nunca há crase. Como também a toda a sociedade — o pronome indefinido “toda” não admite artigo.

59. Forma incorreta.

a) Partirei daqui, à uma hora.
b) O teste visa à verificar a qualidade do produto.
c) Ele vive à margem da comunidade.
d) n.d.a.

Resposta: “b”. Antes de verbo não há crase.

60. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas da seguinte frase:

Um homem condenado _____ ignorância é alguém _____ quem foi roubada uma parte do seu direito _____ vida.

a) à, a, à.
b) a, à, a.
c) à, a, a.
d) a, à, à.
e) a, a, à.

Resposta: “a”. Condenado à ignorância — preposição + artigo. A quem foi roubada uma parte — “a” preposição exigida pela locução “foi roubada” (roubar algo “a” alguém — ou “de” alguém). Direito à vida — preposição + artigo.

61. Preencha corretamente as lacunas, seguindo a ordem fraseológica.

_____ três semanas, cheguei _____ Lisboa; daqui _____ três dias farei uma excursão _____ França; depois farei uma visita _____ ruínas da Itália; de lá regressarei _____ São Paulo.

a) há, à, há, a, as, à.
b) a, a, a, a, às, a.
c) há, a, a, à, às, a.
d) há, a, há, à, às, a.
e) a, à, há, a, as, à.

Resposta: “c”. Há três semanas — tempo passado. Cheguei a Lisboa — Lisboa não admite artigo. Daqui a três dias — tempo futuro. Excursão à França ou excursão a França — França pode ser usado com ou sem artigo. Visita às ruínas — preposição + artigo. Regressarei a São Paulo — São Paulo não admite artigo.

62. Postou-se _____ porta do prédio, _____ espera de uma pessoa _____ quem pudesse entregar a pasta de documentos.

a) a, a, a.
b) à, à, a.
c) à, a, à.
d) a, a, à.

e) à, à, à.

Resposta: “b”. Postou-se à porta do prédio, à espera de — à porta de, à espera de: locuções prepositivas femininas — crase obrigatória. A quem — antes de “quem” nunca haverá crase, pois é um pronome que não admite artigo.

63. Mesmo _____ contragosto, aderiu _____ resoluções dos colegas e dispôs-se _____ dar-lhes apoio.

a) à, à, a.
b) a, à, à.
c) à, a, à.
d) a, à, a.
e) a, a, a.

Resposta: “e”. A contragosto — locução adverbial de modo masculina, sem crase. Aderiu a resoluções — “a” singular diante de palavra plural é sempre preposição. Disposto a dar-lhe — antes de verbo nunca há crase.

64. Escolha a opção incorreta quanto ao emprego do acento grave indicador de crase.

a) À conclusão do parecer, acrescentem-se as sugestões da Comissão.
b) À decisão do Diretor, atribuam-se as medidas acima descritas.
c) À proposta da Comissão, admita-se como melhor solução do problema.
d) À aplicação da medida, antecipe-se a análise dos fatos.

Resposta: “c”. O verbo “admitir” não pede preposição, por isso o “a”, que aparece antes de “proposta”, é apenas artigo.

65. Daqui _____ vinte quilômetros, o viajante encontrará, logo _____ entrada do grande bosque, uma estátua que _____ séculos foi erigida em homenagem _____ deusa da floresta.

a) a, à, há, à.
b) há, a, à, a.
c) à, há, à, à.
d) a, à, à, à.
e) há, a, há, a.

Resposta: “a”. Daqui a vinte quilômetros — expressão de distância. À entrada do — locução prepositiva feminina, crase obrigatória. Que há séculos — expressão de tempo passado. Homenagem à deusa — preposição + artigo.

66. Assinale a alternativa onde a crase foi empregada corretamente.

a) Não se esqueça de chegar à casa cedo.
b) Prefira isto àquilo, já que ao se fazer o bem não se olha à quem.
c) Já que pagaste àquelas dívidas?
d) Chegaram até à região marcada e daí avançaram até à praia.

Resposta: “d”. Corrigindo as erradas: a) Chegar a casa — sem crase, pois “casa” não está determinada; b) não se olha a quem — antes de “quem” nunca há crase; c) pagaste aquelas dívidas — o verbo “pagar”, quando se refere a coisas, tem complemento sem preposição.

67. Os que assistiram _____ peça chegaram _____ aplaudi-la de pé, postando-se

_____ poucos metros do palco.

a) à, à, há.
b) à, a, a.
c) a, a, a.
d) à, a, há.
e) a, à, a.

Resposta: “b”. Assistiram à peça — preposição + artigo. Chegaram a aplaudi-la — antes de verbo nunca há crase. Postando-se a poucos metros — expressão de distância.

68. Estou _____ espera de uma certa pessoa, _____ quem poderei pedir informações _____ respeito desse processo.

a) à, à, a.
b) a, à, à.
c) à, a, a.
d) à, a, à.
e) a, a, à.

Resposta: “c”. À espera de — locução prepositiva feminina, crase obrigatória. A quem — antes de “quem” nunca haverá crase. A respeito de — locução prepositiva masculina, sem crase.

69. Foi _____ mais de um século que, numa reunião de escritores, se propôs a maldição do cientista que reduzira o arco-íris _____ simples matéria: era uma ameaça _____ poesia.

a) a, a, à.
b) há, à, a.
c) há, à, à.
d) a, a, a.
e) há, a, à.

Resposta: “e”. Foi há mais de um século — expressão de tempo passado. Reduzira o arco-íris a simples matéria — “simples matéria” é expressão indeterminada, por isso não pode ser antecedida de artigo definido; o “a” que aparece é apenas a preposição exigida pelo verbo “reduzir”. Ameaça à poesia — preposição + artigo.

70. O progresso chegou inesperadamente _____ subúrbio. Daqui _____ poucos anos, nenhum dos seus moradores se lembrará mais das casinhas que, _____ tão pouco tempo, marcavam a paisagem familiar.

a) aquele, a, a.
b) àquele, à, há.
c) àquele, à, à.
d) àquele, a, há.
e) aquele, à, há.

Resposta: “d”. O progresso chegou inesperadamente àquele subúrbio — preposição do verbo “chegar” + pronome demonstrativo “aquele”. Daqui a pouco — expressão de tempo futuro. Que há tão pouco tempo — expressão de tempo passado.

71. Refiro-me _____ atitudes de adultos que, na verdade, levam as moças _____ rebeldia insensata e _____ uma fuga insensata.

a) às, à, a.
b) as, à, à.
c) às, à, à.
d) as, à, a.
e) às, a, à.

Resposta: "a". Refiro-me às atitudes — preposição + artigo. Levam as moças à rebeldia — preposição (do verbo "levar") + artigo. E a uma fuga — antes de artigo indefinido ("uma") nunca há crase.

72. Assinale a frase gramaticalmente correta.

a) O papa caminha à passo firme.
b) Dirigiu-se ao tribunal disposto à falar ao juiz.
c) Chegou à noite, precisamente as dez horas.
d) Esta é a casa à qual me referi ontem às pressas.
e) Ora aspirava a isto, ora aquilo, ora à nada.

Resposta: "d". Corrigindo as erradas: a) a passo firme — locução adverbial de modo masculina, sem crase; b) a falar — antes de verbo nunca há crase; c) às dez horas — locução adverbial de tempo feminina, com crase; e) ora aspirava a isto, ora àquilo, ora a nada — o verbo "aspirar", no sentido de desejar, pede a preposição "a". "Isto" e "nada" não admitem artigo, por isso não há crase. "Aquilo" se funde com a preposição "a" do verbo, portanto há crase.

73. Opção incorreta quanto à concordância nominal:

a) O bilhete e as cartas estavam anexos ao processo.
b) Vão anexos os documentos.
c) Seguem anexo as cópias.
d) Os documentos devem ser enviados anexos à carta.
e) Remetemos anexas as provas.

Resposta: "c". Anexo é adjetivo, deve concordar com o substantivo a que se refere: Seguem anexas as cópias. Ou se pode usar a locução invariável "em anexo": Seguem em anexo as cópias.

74. O exemplo em que há um erro de concordância nominal é:

a) Quanto à nota fiscal n. 233, sabes a razão por que se extraviaram as vias segunda e terceira.
b) Dormia tranquilo, porque estava quite com seus credores.
c) Estejam alertas na luta contra os que lesam o fisco.
d) Aprovado, enfim, o dia e a hora da realização do concurso.

Resposta: "c". Alerta é advérbio, por isso invariável: Estejam alerta na luta contra os que lesam o fisco.

75. Há concordância inadequada em:

a) conflito e guerras crônicas.

b) conflito e guerra crônicos.
c) guerras e conflito crônicas.
d) guerras e conflito crônico.
e) guerras e conflito crônicos.

Resposta: “c”. Quando usamos um adjetivo posposto a dois ou mais substantivo, ele deve concordar com o conjunto no plural, ou com o substantivo que estiver mais próximo: guerra e conflito crônico ou crônicos.

76. Assinale a alternativa correta quanto à concordância nominal ou verbal.
a) Os Alpes é a maior cordilheira da Europa.
b) “Eu mesma vou aplicar a prova”, disse a diretora.
c) Compramos dois mil trezentos e cinquenta flâmulas.
d) As casas eram meias subterrâneas.

Resposta: “b”. Corrigindo as erradas: a) Os Alpes são; c) ... duas mil trezentas e cinquenta flâmulas; d) ... meio subterrâneas.

77. É _____ prudência na interpretação dos resultados, _____ seguem _____ algumas normas.
a) necessária, porisso, inclusas.
b) necessário, por isso, inclusa.
c) necessária, porisso, incluso.
d) necessário, por isso, inclusas.

Resposta: “d”. É necessário prudência — o substantivo é tomado de forma genérica. Por isso — sempre separado. Inclusas algumas normas.

78. Já _____ umas dez horas da manhã quando se _____ as portas da repartição.
a) deviam serem, abriram.
b) deviam ser, abriram.
c) devia ser, abriram.
d) deviam serem, abriu.
e) devia ser, abriu.

Resposta: “b”. Já deviam ser umas dez horas — na expressão de tempo, o verbo ser, e seus auxiliares, concorda com o numeral. Quando se abriram as portas — “se” é pronome apassivador, “portas” é o sujeito, por isso verbo no plural.

79. Assim que _____ quatro horas no relógio da igreja, mais de um aluno _____ .
a) bateu, saiu.
b) bateram, saíram.
c) bateu, saíram.
d) bateram, saiu.

Resposta: “d”. O verbo bater concorda com o numeral, pois não há outra possibilidade de sujeito. Mais de um — pede verbo no singular.

80. Todos _____, Senhor Diretor, que Vossa Senhoria _____ bastante _____.
a) creem, será, compreensivo.
b) crêem, sereis, compreensiva.

c) crêm, sereis, compreensiva.
d) crêem, será, compreensivo.

Resposta: “a”. Todos creem — não há mais acento no duplo “ee” dos verbos. V.Sa. pede concordância em 3a pessoa do singular; no masculino pois é o “diretor”.

81. Qual de nós _____ de falsas informações.

a) deverá avisar-lhe de que se tratam.
b) deveremos avisar-lhe de que se trata.
c) deverá avisá-lo de que se trata.
d) deveremos avisá-lo de que se tratam.

Resposta: “c”. Qual de nós deverá avisar — com o pronome interrogativo no singular a concordância se faz obrigatoriamente com esse interrogativo. Deverá avisá-lo de que se trata de falsas informações — “se” é índice de indeterminação do sujeito, por isso “tratar” fica na 3a pessoa do singular.

82. Quanto _____ interferências _____, melhor _____.

a) menas, existirem, serão.
b) menas, existirem, será.
c) menas, existir, será.
d) menos, existir, serão.
e) menos, existirem, será.

Resposta: “e”. Menos é sempre invariável. Existir sempre tem sujeito, aqui nessa frase é o substantivo “interferências”. Melhor será — tem como sujeito a oração anterior, e com sujeito oracional o verbo fica na 3a pessoa do singular.

83. _____ fraudes e acredito que sempre _____.

a) Houve, hão de existir.
b) Houveram, hão de existir.
c) Houve, há de existir.
d) Houveram, há de existir.

Resposta: “a”. Houve fraudes — o verbo haver expressando acontecimento ou existência é impessoal, por isso fica na 3a pessoa do singular. Hão de existir (fraudes) — o verbo existir sempre tem sujeito, nesse caso o sujeito é “fraudes”; como ele foi usado numa locução verbal, o seu auxiliar deve concordar com o sujeito.

84. Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da seguinte frase:

Correrias, atrasos, hospedagens, nada _____ os turistas _____ dos passeios.

a) faz, desistir.
b) fazem, desistirem.
c) faz, desistirem.
d) deve fazer, desistir.
e) devem fazer, desistirem.

Resposta: “c”. Sujeito composto resumido por pronome pede verbo concordando com o pronome resumitivo: ... nada faz. Os turistas desistirem — o sujeito de “desistir” é “os turistas”, por isso verbo no plural.

85. Indique a opção incorreta.

a) Receba Vossa Excelência os cumprimentos de seus subordinados.
b) Sua Excelência, o Ministro da Justiça, chegou acompanhado de outras autoridades.
c) Reiteramos nosso apreço a V. Senhoria e vossos subordinados.
d) Solicitamos a Sua Senhoria que encaminhasse suas sugestões por escrito para que pudéssemos tomar as providências necessárias.

Resposta: "c". Pronome de tratamento concorda em 3a pessoa: V. Senhoria e seus subordinados.

86. Sem educação, não _____ existir _____ conscientes.

a) podem, cidadãos.
b) pode, cidadãos.
c) podem, cidadões.
d) pode, cidadães.

Resposta: "a". Não podem existir cidadãos conscientes — o sujeito da frase é "cidadãos", por isso verbo no plural.

87. Assinale a alternativa que não apresenta concordância verbal condizente com as normas do português padrão.

a) O exército foi ao sítio de Canudos — no alto sertão baiano, a 400 km de Salvador — há quase cem anos, para caçar o maior de todos os subversivos do começo da República, líder de um movimento armado que provocou 20 mil mortes.
b) Fazem 100 anos que Antônio Conselheiro, acossado pelas forças políticas da Bahia, encerrou sua longa peregrinação pelo sertão e instalou-se no povoado de Canudos, às margens do rio Vasa-Barris, de onde jamais sairia.
c) Começou a escrever-se, aí, um dos capítulos mais amargos e sangrentos da história do Brasil.
d) A Guerra dos Canudos, ocorrida entre 1896 a 1897, é apontada por historiadores como o grande genocídio da história do país.
e) Foram necessárias quatro expedições do governo federal para acabar com o arraial — tido como foco de sediciosos monarquistas.

Resposta: "b". Faz 100 anos — o verbo "fazer" expressando tempo cronológico é impessoal, por isso deve ser usado na 3a pessoa do singular, obrigatoriamente.

88. Indique o único segmento que apresenta concordância verbal condizente com as normas do português padrão.

a) O funcionamento dos dois hemisférios cerebrais são necessários tanto para as atividades artísticas como para as científicas.
b) As diferentes divisões e subdivisões a que se submetem a área de ciências humanas provocam uma indesejável pulverização de domínios do conhecimento.
c) Normalmente, a aplicação de métodos quantitativos e exatos acabam por distorcer as linhas do raciocínio em ciências humanas.
d) Uma das premissas básicas do conjunto das assunções teóricas e epistemológicas do trabalho que ora vem a lume é a concepção da arte como uma entre as muitas formas por meio das quais o conhecimento humano se expressa.

e) Não existem fórmulas precisas ou exatas para se avaliar uma obra de arte, não existe um padrão de medida ou quantificação, tampouco podem haver modelos rígidos preestabelecidos.

Resposta: “d”. Corrigindo as erradas: a) O funcionamento ... é necessário; b) ... que se submete a área; c) ... a aplicação ... acaba; e) ... tampouco pode haver modelos — “pode haver” locução verbal com o principal impessoal.

89. É _____ a colaboração de todos, _____ lá _____ as dificuldades.

a) necessário, seja, qual for.
b) necessária, sejam, quais forem.
c) necessário, sejam, quais forem.
d) necessária, seja, quais forem.

Resposta: “b”. É necessária a colaboração — o substantivo veio determinado por artigo, por isso a concordância é obrigatória. Sejam lá quais forem as dificuldades — “dificuldades” é o sujeito de ambos os verbos, por isso devem estar no plural.

90. Assinale, entre os pares a seguir, o único que desrespeita as regras de concordância da norma culta.

a) No Brasil, na década de 60, o educador Paulo Freire foi as vozes das massas analfabetas a clamar por mudanças.
No Brasil, na década de 60, o educador Paulo Freire foram as vozes das massas analfabetas a clamar por mudanças.
b) A maior parte das preocupações educacionais gravita em torno dos limites entre a formação do trabalhador e a formação do cidadão.
A maior parte das preocupações educacionais gravitam em torno dos limites entre a formação do trabalhador e a formação do cidadão.
c) Quais entre nós passamos incólumes pelas rápidas transformações sociais desta “aldeia global”?
Quais entre nós passaram incólumes pelas rápidas transformações sociais desta “aldeia global”?
d) Desde os acidentes de Ímola, a maior parte dos pilotos insiste na reformulação das regras da Fórmula 1.
Desde os acidentes de Ímola, a maior parte dos pilotos insistem na reformulação das regras da Fórmula 1.
e) Não só um país de terceiro mundo como também uma potência capitalista luta hoje contra graves problemas econômicos.
Não só um país de terceiro mundo como também uma potência capitalista lutam hoje contra graves problemas econômicos.

Resposta: “a”. O verbo ser concorda com o nome que se refere a pessoas, obrigatoriamente: Paulo Freire foi as vozes.

91. Assinale o único exemplo em que ocorre erro no emprego do pronome.

a) Quando ele ordenava, todos o atendiam.
b) Já houve desentendimentos entre ti e mim?
c) Sempre lhe desobedeceu, embora lhe quisesse muito, porque não suportava que ninguém o

orientasse.
d) Aquele carro não era para mim, comprá-lo com que dinheiro?
e) Vossas Excelências deverão comparecer com vossas famílias.

Resposta: “e”. Pronome de tratamento concorda em 3a pessoa: Vossas Excelências deverão comparecer com suas famílias.

92. Concordância verbal. Incorreta:
a) V.Exa. é generoso.
b) Mais de um jornal comentou o jogo.
c) Elaborou-se ótimos planos.
d) Eu e minha família fomos ao mercado.
e) Os Estados Unidos situam-se na América do Norte.

Resposta: “c”. Elaboraram-se ótimos planos — “ótimos planos” é o sujeito plural, por isso verbo no plural; “se” é pronome apassivador.

93. Concordância verbal. Correta:
a) Foi aí que todos entramos na sala.
b) As pessoas se esquecem de mandarem mensagens aos amigos.
c) Cada um dos alunos receberam seus cadernos.
d) Três mil reais são pouco pelo serviço.
e) Não me consta tais informações.

Resposta: “a”. “Todos entramos” representa silepse de pessoa, uma concordância ideológica.

94. Há erro de concordância em:
a) A turma ficou meio triste com a despedida da professora.
b) Nesta casa, há exemplos bastantes de bons profissionais.
c) Faz-se necessária a compreensão de todos vocês.
d) Dada a intensidade da chuva, o arroio transbordou.
e) Estou enviando, anexa, a esta carta, seu cartão de cliente preferencial.

Resposta: “e”. “Anexo” é adjetivo, por isso deve concordar com o substantivo a que se refere: Estou enviando, anexo, a esta carta, seu cartão de cliente preferencial. Outra possibilidade é empregar a locução invariável “em anexo”: Estou enviando, em anexo, a esta carta, seu cartão de cliente preferencial.

95. A colocação pronominal está correta em:
a) Não queira-me mal, pois quero-lhe muito bem.
b) Me conte tudo o que se passou com você.
c) Mariquinha tinha casado-se no sábado.
d) Faria-me um grande favor não me procurando mais.
e) Não posso dizer-lhe que a amo, julgar-me-ia um tolo.

Resposta: “e”. Corrigindo as erradas: a) Não me queira mal — “não” é palavra atrativa, próclise; b) Conte-me — não se inicia frase com pronome oblíquo, ênclise; c) Mariquinha tinha se casado — particípio nunca carrega pronome, por isso ênclise no auxiliar; d) Far-me-ia — com verbo no futuro emprega-se a mesóclise.

96. Assinale a alternativa incorreta.

a) Tratando-se de você, ele concordará!
b) O deixei na biblioteca.
c) Ele pediu permissão para falar-lhe.
d) Vou levar-te ao museu.
e) Cumprimentou a todos, retirando-se em seguida.

Resposta: “b”. “Deixei-o na biblioteca.” é a forma correta, pois não se inicia oração com pronome oblíquo.

97. Assinale a opção em que a próclise do pronome oblíquo é facultativa, segundo a norma culta.

a) Ninguém o convenceu a falar.
b) Quem me levará até a sala de vídeo?
c) É comum este amigo nos socorrer nas dificuldades.
d) Deus o abençoe, meu filho!
e) Se se empenhou na leitura, será recompensado.

Resposta: “c”. Com verbo no infinitivo podemos usar próclise ou ênclise: É comum este amigo nos socorrer...; ou É comum este amigo socorrer-nos...

98. Pronome mal colocado.

a) Lá, disseram-me que entrasse logo.
b) Aqui me disseram que saísse.
c) Posso ir, se me convidarem.
d) Irei, se quiserem-me.
e) Estou pronto. Chamem-me.

Resposta: “d”. “Se” é conjunção subordinativa, por isso atrai o pronome para antes do verbo. A forma correta é: “Irei, se me quiserem.”

99. Assinale a frase em que a colocação do pronome oblíquo átono não obedece às normas do português padrão.

a) Essas vitórias pouco importam; alcançaram-nas os que tinham mais dinheiro.
b) Estamos nos sentindo desolados: temos prevenido-o várias vezes e ele não escuta.
c) Ele me evitava constantemente!... Ter-lhe-iam falado a meu respeito?
d) Entregaram-me a encomenda ontem, resta agora a vocês oferecerem-na ao chefe.
e) O Presidente cumprimentou o Vice dizendo: — Fostes incumbido de difícil missão, mas cumpriste-la com denodo e eficiência.

Resposta: “b”. Particípio nunca carrega pronome. A forma correta é “... temo-lo prevenido...”.

100. Colocação errada do pronome átono.

a) Ao ver-nos, cumprimentam-nos.
b) Se me não falha a memória...
c) Se a memória não me falha...
d) Chegou-se a mim, me cumprimentando cordialmente.
e) O livro está com você, entregue-mo.

Resposta: “d”. Não se começa oração com pronome oblíquo: Chegou-se a mim, cumprimentando-me cordialmente”.

101. É inaceitável em relação à norma culta:

a) Pode-se considerar a Semana de Arte Moderna...
b) Poderia-se considerar a Semana de Arte moderna...
c) Pode se considerar a Semana de Arte Moderna...
d) Pode considerar-se a Semana de Arte Moderna...
e) Poderia considerar-se a Semana de Arte Moderna...

Resposta: “b”. Com verbo no futuro, usamos mesóclise: “Poder-se-ia considerar...”.

102. Observe os períodos abaixo e assinale a única alternativa errada quanto ao emprego do pronome oblíquo.

a) Em se tratando de um caso urgente, nada o retinha em casa.
b) Vendo-a entrar, Marcos partiu.
c) Direi-lhe tudo que quiser.
d) Quando me visitas?
e) Há pessoas que nos querem bem.

Resposta: “c”. Com verbo no futuro, usamos mesóclise: “Dir-lhe-ei...”.

103. Assinale a alternativa em que a colocação pronominal não corresponde ao que preceitua a gramática.

a) Há muitas estrelas que nos atraem a atenção.
b) Jamais dar-te-ia tantas explicações, se não fosse pessoa de tanto merecimento.
c) A este compete, em se tratando do corpo da Pátria, revigorá-lo com o sangue do trabalho.
d) Não o realizaria, entretanto, se a árvore não se mantivesse verde sob a neve.
e) n.d.a.

Resposta: “b”. “Jamais” é palavra atrativa, por isso devemos empregar a próclise: Jamais te daria...

104. Assinale a alternativa em que o pronome pessoal oblíquo poderia ser colocado em duas outras posições.

a) Agora, conte-me a verdade.
b) Eles queriam-me enganar.
c) Não te prejudicarei nunca.
d) Os amigos tinham-se retirado.
e) Creio que ele não te dará explicações.

Resposta: “b”. Eles me queriam enganar — posso considerar o pronome pessoal (“eles”) uma palavra atrativa, ou não. Eles queriam enganar-me — com locução verbal o pronome pode ficar depois do infinitivo.

105. Assinale a opção em que há colocação correta do pronome, em relação à norma culta da língua.

a) Não somente vi-me ameaçado da pobreza...
b) Tudo isto abateu-me...
c) ... como achei-me o causador,...
d) ... não surgisse uma situação que aterrou-me.
e) ... uma palavra do que então me dissesse.

Resposta: “e”. Corrigindo as erradas: a) Não somente me vi; b) Tudo isto me abateu; c) ... como me achei; d) que me aterrou.

106. Assinale a opção em que a próclise atende às recomendações da norma culta.

a) Continua nos enriquecendo.
b) Está se tornando.
c) Parecem se reduzir.
d) Devendo se enriquecer.
e) Oportunidades que se oferecem.

Resposta: “e”. Nessa opção temos uma palavra atrativa (“que” — pronome relativo), por isso a próclise é obrigatória.

107. Assinale a opção em que a próclise do pronome oblíquo se é optativa.

a) A partir do momento em que se tornou capital da colônia.
b) Uma enorme parcela da população ativa não se integrava na disciplina do mercado.
c) E os poucos que se envolviam...
d) E as eleições se faziam à base do porrete e da navalha.
e) É fácil concluir que se tratava de uma cidade.

Resposta: “d”. Em todas as opções existe uma palavra atrativa, exceto na opção “d”. Isso faz com que possamos empregar próclise ou ênclise, facultativamente: “as eleições se faziam” ou “as eleições faziam-se”.

5

PONTUAÇÃO

A nossa pontuação — a pontuação em língua portuguesa —
obedece a critérios sintáticos, e não prosódicos.
Sempre é importante lembrar isso a todos aqueles que escrevem,
para que se previnam contra bisonhas vírgulas de ouvido.
Ensinam as gramáticas que cada vírgula corresponde
a uma pausa mas que nem a toda pausa corresponde uma vírgula.

Celso Pedro Luft

A pontuação **auxilia** a leitura e a compreensão de discursos escritos.

Os sinais de pontuação, ligados à estrutura sintática, têm as seguintes finalidades:

a) assinalar as **pausas** e as **inflexões da voz** (entoação) na leitura;

b) **separar** palavras, expressões e orações que, segundo o autor, devem merecer destaque;

c) **esclarecer o sentido** da frase, eliminando ambiguidades.

Os sinais de pontuação marcam três tipos diferentes de pausas:

a) pausas que indicam que a **frase ainda não acabou:**

vírgula [,]
travessão [—]
parênteses [()]
ponto e vírgula [;]
dois-pontos [:]

b) pausas que indicam **final de período:**

ponto-final [.]

c) pausas que indicam **intenção ou emoção:**

ponto de interrogação [?]
ponto de exclamação [!]
reticências [...]

5.1. VÍRGULA

A vírgula serve para marcar as **separações** de sentido entre termos vizinhos, as **inversões** e as **intercalações**, quer na oração, quer no período, ou seja: separa termos dentro da oração ou orações dentro do período.

O uso da vírgula é mais uma **questão de estilo**, pois vai ao encontro da intenção do autor da frase.

A seguir, indicam-se alguns casos principais de emprego da vírgula:

a) para separar o **aposto explicativo:**

João, meu vizinho, bateu com o carro.

Todos gostamos de arroz e feijão, alimentos indispensáveis na mesa do brasileiro.

b) para separar o **vocativo:**

Mãe, eu estou com fome.

"Dizei-me Vós, Senhor Deus, se eu deliro ou se é verdade tanto horror perante os céus." (Castro Alves)

c) para separar os **termos de mesma função:**

Comprei arroz, feijão, carne, alface e chuchu.

Machado de Assis, Castro Alves e Ruy Barbosa são escritores brasileiros.

d) para assinalar a **inversão dos adjuntos adverbiais** (facultativa):

Na semana passada, o diretor conversou comigo.

Aos treze dias do mês de julho de mil novecentos e sessenta e seis, nascia Childerico.

e) para marcar a **supressão de um verbo:**

Uma flor, essa menina!

Que terrível, a espera por José...

f) a vírgula também é empregada para indicar a *ocultação* de verbo já escrito anteriormente **(zeugma)** ou outro termo **(elipse):**

O decreto regulamenta os casos gerais; a portaria, os particulares. — a vírgula indica o *zeugma* do verbo *regulamenta*.

Às vezes procura assistência; outras, toma a iniciativa. — a vírgula indica a *elipse* da palavra *vezes*.

g) para separar o **nome do lugar**, nas datas:

São Paulo, 21 de novembro de 2004.

Alvorada do Sul, 13 de julho de 1965.

h) nos **complementos verbais deslocados** para o começo da frase, repetidos por pronome enfático:

A rosa, entreguei-a para a menina.

A mim, nada mais me resta!

i) para isolar **expressões explicativas, corretivas, escusativas, continuativas, conclusivas**, tais como:

por exemplo, além disso, isto é, a saber, aliás, digo, minto, ou melhor, ou antes, outrossim, demais, então, com efeito etc.

A menina, aliás, estava linda!

Não se deve, por exemplo, colocar vírgula entre sujeito e verbo.

Todos querem o melhor, isto é, as coisas boas da vida.

j) para isolar **orações ou termos intercalados** (aqui se usam também, no lugar das vírgulas, travessões ou parênteses):

A casa, disse Asdrúbal, precisa de reforma.

A casa — disse Asdrúbal — precisa de reforma.

A casa (disse Asdrúbal) precisa de reforma.

Atanagildetina, ontem, estava linda.

Atanagildetina — ontem — estava linda.

Atanagildetina (ontem) estava linda.

k) para separar **orações paralelas justapostas**, isto é, não ligadas por conjunção:

Chegou a Brasília, visitou o Ministério das Relações Exteriores, levou seus documentos ao Palácio do Buriti, voltou ao Ministério e marcou a entrevista.

Abriu a geladeira, pegou a garrafa d'água, encheu um copo até a borda e deixou-o cheio sobre a mesa.

l) para separar as orações **coordenadas assindéticas:**

Maria foi à feira, José foi ao mercado, Pedro preparou o almoço.

Radegondes estudava Português, Childerico jogava cartas, Asdrúbal lia história em quadrinho.

m) para separar as orações **coordenadas ligadas por conjunções:**

Maria foi ao mercado, mas não comprou leite.

Os meninos estavam no pátio, pois não havia aula naquele momento.

Pascoalina estuda bastante, logo terá um bom desempenho na prova.

Curiosidade: As orações coordenadas sindéticas aditivas, ainda que sejam iniciadas pela conjunção **e**, podem ser separadas por vírgula quando proferidas com pausa:

Radegondes não trouxe o livro que prometera, e eu fiquei triste por isso.

Todos olhavam para o menino que gritava, e não entendiam a razão daquele escarcéu!

n) para separar as **conjunções coordenativas intercaladas ou pospostas ao verbo** da oração a que pertencem:

Dedicava-se ao trabalho com afinco; não obtinha, *contudo*, resultados.

O ano foi difícil; não me queixo, *porém*.

Era mister, *pois*, levar o projeto às últimas consequências.

Todos queriam macarrão; Âni desejava, *porém*, arroz.

o) para separar as **orações subordinadas adjetivas explicativas:**

O homem, que pensa, é um ser racional.

Roberto Carlos, que foi eleito "rei" em nosso país, foi homenageado no carnaval carioca.

Curiosidade: Os orações subordinadas adjetivas restritivas podem ter uma vírgula no fim, sobretudo quando forem longas. Essa pontuação é correta, mesmo que separe o sujeito expandido do seu verbo.

O homem que carrega nos braços o seu filho adormecido, é o Asdrúbal.

O autor do livro que virou um conhecido filme estrelado por um famoso ator brasileiro, morreu ontem.

p) para separar as **orações subordinadas adverbiais**, principalmente quando antepostas à principal:

Ela fazia a lição, enquanto a mãe costurava.

A menina ficará muito feliz, se você lhe der aquela boneca.

Enquanto a mãe costurava, Pascoalina fazia a lição.

Quando todos se recolheram aos seus aposentos, a dona da pensão pôde relaxar um pouco.

q) para separar as **orações reduzidas:**

Somente casando com Asdrúbal, você será feliz.

Ao sair, apague a luz.

Terminada a missa, todos foram para as suas casas.

5.2. PONTO E VÍRGULA

O ponto e vírgula, em princípio, **separa estruturas coordenadas** já portadoras de vírgulas internas. É também usado **em lugar da vírgula para dar ênfase** ao que se quer dizer. Exemplos:

Sem virtude, perece a democracia; o que mantém o governo despótico é o medo.

A borboleta voava; os pássaros cantavam; a vida seguia tranquila.

Em 1908, vovô nasceu; em 1950, nasceu papai.

As leis, em qualquer caso, não podem ser infringidas; mesmo em caso de dúvida, portanto, elas devem ser respeitadas.

Art. 15. É vedada a cassação de direitos políticos, cuja perda ou suspensão só se dará nos casos de:

I — cancelamento da naturalização por sentença transitada em julgado;

II — incapacidade civil absoluta;

III — condenação criminal transitada em julgado, enquanto durarem seus efeitos;

IV — recusa de cumprir obrigação a todos imposta ou prestação alternativa, nos termos do art. 5º, VIII;

V — improbidade administrativa, nos termos do art. 37, § 4º.

5.3. DOIS-PONTOS

Emprega-se este sinal de pontuação:

a) antes de uma **citação:**

Rui Barbosa afirmou: "Esta minha a que chamam prolixidade, bem fora estaria de merecer os desprezilhos que nesse vocábulo me torcem o nariz."

Quem foi que disse: "Há mais coisas entre o céu e a terra do que supõe nossa vã filosofia."?

b) para indicar **enumeração:**

Fui à feira e comprei: uva, maçã, melancia, jaca.

Gosto de todo tipo de arte: música, cinema, teatro.

c) antes de **aposto discriminativo:**

A sala possuía belos móveis: sofá de couro, mesa de mogno, abajures de pergaminho, cadeiras de veludo.

Ela gostava de cores fortes: vermelho, laranja, marrom.

d) antes de **explicação** ou esclarecimento:

Todos os seres são belos: um inseto é belo, um elefante é belo.

Só quero uma coisa na vida: ser feliz!

e) depois de **verbo** dicendi (dizer, perguntar, responder, falar etc.):

Maria disse: — A língua portuguesa é muito fácil!

O rapaz, asperamente, retrucou: — Não fui eu!

5.4. PONTO-FINAL

Usa-se:

a) no **final do período**, indicando que o sentido está completo:

A menina comeu a maçã.

A terra é azul.

Ela sempre espera que eu traga as maçãs caramelizadas de que tanto gosta.

b) nas **abreviaturas:** Dr.; Sr.; pág.

5.5. PONTO DE INTERROGAÇÃO

O ponto de interrogação, como se depreende de seu nome, é utilizado para marcar o **final de uma frase interrogativa direta:**

Até quando aguardaremos uma solução para o caso?

Qual será o sucessor do Secretário?

Cur**iosidade:** Não cabe ponto de interrogação em estruturas interrogativas indiretas, nem em títulos interrogativos:

Quero saber onde a senhorita esteve até esta hora.

O que é linguagem oficial

Por que a inflação não baixa

Como vencer a crise

5.6. PONTO DE EXCLAMAÇÃO

O ponto de exclamação é utilizado:

a) depois de qualquer palavra ou frase, na qual se indique **espanto, surpresa, entusiasmo, susto, cólera, piedade, súplica:**

Tenha pena de mim!

Coitado sou eu!

Ai!

Nossa!

b) nas **interjeições:**

Ah!

Vixe!

Puxa!

c) nos **vocativos intensivos:**

Senhor Deus dos desgraçados! Protegei-me.

Colombo! Veja isso...

5.7. RETICÊNCIAS

Usam-se:

a) para indicar **supressão de um trecho** nas citações:

"... a generosidade de quem no-la doou." (Rui Barbosa)

"Saí, afastando-me dos grupos..." (Machado de Assis)

b) para indicar **interrupção da frase:**

Ela estava... Não, não posso dizer isso.

A vida... Sei lá... Não sei o que dizer sobre a vida.

c) para indicar **hesitação:**

Acho que eram... 12h... não sei ao certo, disse Jocasta.

Quero uns dez... ou doze pães.

d) para **deixar algo subentendido** no final da frase:

Deixa o seu coração dizer a verdade...

Ela sabe que eu quero...

5.8. PARÊNTESES

Os parênteses são empregados nas **orações ou expressões intercaladas**.

O Estado de Direito (Constituição Federal, art. 1º) define-se pela submissão de todas as relações ao Direito.

Curiosidade: Quando a frase inteira se encontra dentro dos parênteses, o ponto-final vem antes do último parêntese:

O decreto regulamenta os casos gerais; a portaria, os particulares. **(Nesta frase, a vírgula indica o zeugma do verbo *regulamenta*.)**

5.9. TRAVESSÃO

O travessão é empregado nos seguintes casos:

a) **substitui** parênteses, vírgulas, dois-pontos:

O controle inflacionário — meta prioritária do Governo — será ainda mais rigoroso.

As restrições ao livre mercado — especialmente o de produtos tecnologicamente avançados — podem ser muito prejudiciais para a sociedade.

b) indica a **introdução de enunciados** no diálogo:

Indagado pela comissão de inquérito sobre a procedência de suas declarações, o funcionário respondeu: — Nada tenho a declarar a esse respeito.

c) indica a **substituição de um termo**, para evitar repetições:

O verbo *fazer* — *vide* sintaxe do verbo —, no sentido de tempo transcorrido, é utilizado sempre na 3a pessoa do singular: *faz dois anos que isso aconteceu*.

d) **dá ênfase** a determinada palavra ou pensamento que segue:

Não há outro meio de resolver o problema — promova-se o funcionário.

Ele reiterou suas ideias e convicções — energicamente.

5.10. ASPAS

As aspas têm os seguintes empregos:

a) usam-se antes e depois de uma **citação textual:**

A Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988, no parágrafo único de seu art. 1º, afirma: "Todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente".

b) dão **destaque** a nomes de publicações, obras de arte, intitulativos, apelidos etc.:

O artigo sobre o processo de desregulamentação foi publicado no "Jornal do Brasil".

A Secretaria da Cultura está organizando uma apresentação das "Bachianas", de Villa Lobos.

c) destacam **termos estrangeiros:**

O processo da "détente" teve início com a Crise dos Mísseis em Cuba, em 1962.

"Mutatis mutandis", o novo projeto é idêntico ao anteriormente apresentado.

d) nas **citações de textos legais**, as **alíneas** devem estar entre aspas:

O tema é tratado na alínea "a" do art. 146 da Constituição.

5.11. QUESTÕES

1. Assinale a alternativa correspondente ao período de pontuação correta:

a) Na espessura do bosque, estava o leito da irara ausente.
b) Na espessura, do bosque; estava o leito, da irara ausente.
c) Na espessura do bosque; estava o leito, da irara, ausente.
d) Na espessura, do bosque estava o leito da irara ausente.
e) Na espessura, do bosque estava, o leito da irara ausente.

Resposta: "a". O único lugar em que se pode pôr uma vírgula é entre o adjunto adverbial e o restante da frase.

2. Assinale o item em que há erro no tocante à pontuação:

a) — D. Sara, a senhora é nossa benfeitora.
b) Mulheres pobres, lavando roupa.
c) Peixadas, galinha de cabidela, tudo me recordava D. Sara.
d) Bandeira, só, enfrentava a orfandade.
e) Couto meu melhor amigo antecedeu-me na Academia.

Resposta: "e". A expressão "meu melhor amigo" é um aposto, deve aparecer entre vírgulas.

3. Escolha a alternativa em que o texto é apresentado com a pontuação mais adequada:

a) Depois que há algumas gerações o arsênico, deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou: e — quanto ... o número de ratos.
b) Depois que há algumas gerações o arsênico, deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou: e quanto! o número de ratos.
c) Depois que, há algumas gerações, o arsênico deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou — e quanto! — o número de ratos.
d) Depois que há algumas gerações o arsênico deixou de ser vendido em farmácias — não diminuíram os casos de suicídio, ou envenenamento criminoso, mas aumentou; e quanto — o número de ratos.
e) Depois que, há algumas gerações o arsênico deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou; e quanto, o número de ratos!

Resposta: "c". Vejamos o erro das outras opções: a) a vírgula depois de "arsênico" separa o sujeito do verbo; b) a vírgula depois de "arsênico" separa o sujeito do verbo; d) o ponto e vírgula depois de "aumentou" não deve existir; e) a vírgula de "Depois que" separa a conjunção integrante da oração que ela introduz.

4. A opção em que está correto o emprego do ponto e vírgula é:

a) Solteiro, foi um menino turbulento; casado, era um moço alegre; viúvo, tornara-se um macambúzio.
b) Solteiro; foi um menino turbulento, casado; era um moço alegre, viúvo; tornara-se um macambúzio.
c) Solteiro, foi um menino; turbulento, casado; era um moço alegre viúvo, tornara-se um macambúzio.
d) Solteiro foi um menino turbulento, casado era um moço alegre, viúvo; tornara-se um macambúzio.
e) Solteiro, foi um menino turbulento, casado; era um moço alegre, viúvo; tornara-se um macambúzio.

Resposta: "a". O ponto e vírgula deve ser usado para separar as orações dentro do período. Na opção "a" temos três orações.

5. Assinale a alternativa em que a pontuação está correta.

a) Embora esteja ameaçada pela poluição, aquela praia recebe durante o veraneio, muitos

turistas.
b) Por muitos séculos, o homem usou imprudentemente seu ambiente natural, ocasionando desequilíbrio ecológico.
c) A guerra flagelo terrível, tem sido uma constante, em todos os tempo da humanidade.
d) As recentes conquistas nucleares, alteram de modo profundo, as relações internacionais.
e) Jovem, para entender a vida, comece por estudar, o homem.

Resposta: “b”. Vejamos os erros: a) a vírgula depois de “veraneio” separa o verbo do seu complemento; c) “flagelo terrível” é aposto e deve ficar entre vírgulas; d) a vírgula depois de “nucleares” separa o sujeito do verbo; e) a vírgula após “estudar” separa o verbo do seu complemento.

6. Assinale a única alternativa que apresenta pontuação não justificável:
a) Eu, sou valente, disse o fanfarrão.
b) Todos, os meus amigos, sabem disso, meu velho!
c) Todos os meus amigos sabem, disso estou certo!
d) A caridade, que é virtude cristã, agrada mais aos pobres que aos ricos.
e) Fui lá, ainda ontem, e procurei-o.

Resposta: “a”. A vírgula depois de “Eu” separa o sujeito do verbo.

7. Marco Júlio Cícero, tão famoso quanto Demóstenes na área da retórica, sempre dizia: Prefiro a virtude do medíocre ao talento do velhaco.

Neste período está faltando um sinal de pontuação:
a) vírgula.
b) ponto e vírgula.
c) ponto de exclamação.
d) aspas.
e) reticências.

Resposta: “d”. A citação deve aparecer sempre entre aspas.

8. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta:
a) Deu uma, última entrevista ocasião, em que pôde expor melhor suas intenções.
b) Deu uma última entrevista, ocasião em que pôde expor melhor suas intenções.
c) Deu uma última entrevista, ocasião em que, pôde expor melhor, suas intenções.
d) Deu uma última, entrevista, ocasião em que pôde, expor melhor suas intenções.
e) Deu uma última entrevista ocasião em que, pôde expor melhor, suas intenções.

Resposta: “b”. Há duas orações no período, e devem ser separadas por vírgula. Nas outras opções a vírgula separa termos que não podem ser separados.

9. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta.
a) Não, não esgotemos, todo hoje, inclusive porque este assunto, deve ser discutido bem devagar.
b) Naquele dia — uma sexta-feira como outra qualquer — receberia a todos em sua casa: não era festa, apenas um jantarzinho íntimo.
c) Calçados os sapatos, buscou a bolsa e falando muito; saiu correndo, não sem dizer, um adeus apressado.

d) Nem as meninas, nem os rapazes ninguém conseguia — com bons modos convencê-lo, a sair sem briga.
e) Ela, em pé esperava atenta: ele, na cadeira de balanço olhava para o retrato, de Mozart em cima do piano.

Resposta: “b”. Vejamos os erros: a) a vírgula após “assunto” separa o sujeito do verbo; c) o termo “falando muito” se liga a “saiu correndo”, por isso não deve haver ponto e vírgula entre eles; d) faltou vírgula depois de “rapazes”; e) a vírgula depois de “Ela” separa o sujeito do verbo.

10. Assinale a alternativa que corresponde ao período de pontuação correta.

a) Quando um juiz, sentencia, ouvindo somente uma das partes, a sentença, poderá ser justa, mas o juiz não o é de maneira nenhuma.
b) Quando um juiz sentencia, ouvindo somente uma, das partes, a sentença poderá ser justa, mas o juiz não o é de maneira nenhuma.
c) Quando um juiz, sentencia ouvindo somente, uma das partes, a sentença poderá ser justa mas, o juiz não o é de maneira nenhuma.
d) Quando um juiz sentencia, ouvindo somente uma das partes, a sentença poderá ser justa mas, o juiz não o é, de maneira nenhuma.
e) Quando um juiz sentencia, ouvindo somente uma das partes, a sentença poderá ser justa, mas o juiz não o é de maneira nenhuma.

Resposta: “e”. Vejamos os erros: a) a vírgula após “juiz” separa o sujeito do verbo; b) a vírgula depois de “uma” separa termos que não podem ser separados — umas das partes —; c) a vírgula após “juiz” separa o sujeito do verbo; d) a vírgula colocada depois de “mas” deveria aparecer antes dele.

11. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta.

a) Apurados, os votos considerados válidos para o cálculo divide-se o número deles pelo número de vagas, que já conhecemos.
b) Apurados os votos, considerados válidos para o cálculo divide-se o número, deles pelo número de vagas que já conhecemos.
c) Apurados os votos considerados, válidos para o cálculo divide-se, o número deles pelo número de vagas, que já conhecemos.
d) Apurados os votos considerados válidos, para o cálculo divide-se o número deles pelo número de vagas que já conhecemos.
e) Apurados os votos considerados válidos para o cálculo, divide-se o número deles pelo número de vagas que já conhecemos.

Resposta: “e”. A vírgula não deve interferir na concatenação do período. Apenas na opção “e” ela foi bem empregada, nas outras sempre interfere entre um regente e seus regidos.

12. Cada um dos períodos seguintes foi pontuado de uma forma diferente. Leia-os todos e assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta:

a) A questão, porém, não é de pão, é de manteiga.
b) A questão porém, não é de pão é de manteiga.
c) A questão, porém, não é de pão é de manteiga.
d) A questão porém não: é de pão, é de manteiga.

e) A questão, porém não é de pão, é de manteiga.

Resposta: “a”. A conjunção “porém” está deslocada, por isso deve ser colocada entre vírgulas — seu local ideal é o início da oração a que pertence. A vírgula após “pão” separa as duas orações.

13. Aponte a alternativa pontuada corretamente:

a) Para mim ser é admirar-me de estar sendo.
b) Para mim, ser é admirar-me de estar sendo.
c) Para mim ser, é admirar-me de estar sendo.
d) Para mim ser é admirar-me de, estar sendo.
e) Para mim ser, é admirar-me de estar, sendo.

Resposta: “b”. O termo “Para mim”, deslocado para o início da frase, foi separado por vírgula. O restante constitui uma oração em ordem direta e, por isso, não deve receber vírgula.

14. Assinale a opção em que a vírgula está empregada para separar dois termos que possuem a mesma função na frase:

a) “Minhas senhoras, seu Mendonça pintou diabo enquanto viveu.”
b) “Respeitei o engenho do Dr. Magalhães, juiz.”
c) “E fui mostrar ao ilustre hóspede a serraria, o descaroçador e o estábulo.”
d) “Depois da morte do Mendonça, derrubei a cerca...”
e) “Não obstante essa propaganda, as dificuldades surgiram.”

Resposta: “c”. “A serraria, o descaroçador e o estábulo.” — são objetos diretos do verbo mostrar.

15. Assinale a alternativa que contenha emprego *incorreto* da vírgula:

a) Arrumou as malas, saiu, lançou-se na vida.
b) Os visados éramos nós, e eles foram violentamente torturados.
c) Eu contesto, a justiça que mata.
d) Preciso ouvir, disse o velho ao menino, a causa desse ressentimento.
e) O período consta de dez orações, porque esse é o número exato de verbos.

Resposta: “c”. A vírgula separa o verbo do seu complemento.

16. Em: “A menina, conforme as ordens recebidas, estudou”:

a) há erro na colocação das vírgulas.
b) a primeira vírgula deve ser omitida.
c) a segunda vírgula deve ser omitida.
d) a forma de colocação das vírgulas está correta.

Resposta: “d”. “Conforme as ordens recebidas” é um termo intercalado, por isso deve ser colocado entre vírgulas.

17. Assinale a alternativa em que o texto está corretamente pontuado:

a) Bem te dizia eu, que não iriam a bons resultados as tuas paixões.
b) Bem te dizia eu que, não iriam a bons resultados as tuas paixões.
c) Bem te dizia eu que não iriam a bons resultados, as tuas paixões.
d) Bem te dizia eu que não iriam a bons resultados as tuas paixões.
e) Bem te dizia eu que não iriam, a bons resultados as tuas paixões.

Resposta: “d”. A frase está em ordem direta: um termo completa o sentido do outro numa concatenação perfeita, por isso não há vírgula ou outros sinais de pausa.

18. Marque o período que apresenta erro de pontuação.

a) Por um mau patriotismo, sentimento funesto a toda a história, que necessariamente vicia, e também por vaidade de erudição, presumiram os nossos historiadores literários avultar e valorizar o seu assunto, ou o seu próprio conhecimento dele, com fartos róis de autores e obras, acompanhadas de elogios desmarcados e impertinentes qualificativos.
b) Não obstante o pregão patriótico, tais nomes e obras continuaram desconhecidos, eles e elas não lidos.
c) Igualmente não desejo continuar a fazer da história da nossa literatura um cemitério, enchendo-a de autores de todo mortos, alguns ao nascer.
d) Não quero cair no mesmo engano e supor que a crítica ou a história literária, têm faculdades para dar vida e mérito ao que de si não tem.
e) No período colonial, haverá esta forçosamente de ocupar-se de sujeitos e obras de escasso ou até nenhum valor literário, como são quase todas as dessa época.

Resposta: “d”. O termo “a crítica ou a história literária” funciona como sujeito de “têm”, por isso não pode haver vírgula entre eles.

19. Assinale o texto onde os sinais de pontuação não foram adequadamente empregados.

a) A Educação de Adultos, tal como tem sido formulada — principalmente nos países subdesenvolvidos —, não objetiva necessariamente ser um programa aberto e de ofertas educacionais crescentemente expandidas e diversificadas para toda a população considerada cronologicamente adulta.
b) Esta leitura, porém, diz pouco.
c) E ao exprimir-se essa insuficiência, coloca-se a questão da necessidade de uma reflexão mais ampla sobre seu significado, ou seja, compreender o que está por trás dessa aparente simplicidade do sentido, exclusivamente etário.
d) A Educação de Adultos, apreendida como uma categoria educacional genérica que tem a marca etária como seu traço identificatório é uma primeira leitura, que pode ser produzida a partir de sua nomenclatura.
e) O seu modo de operar — atendimento preferencial àquelas camadas sociais historicamente marginalizadas dos benefícios sociais, econômicos e culturais de sua sociedade — determina formas de intervenção educacional.

Resposta: “d”. “A Educação de Adultos” ... “é uma primeira leitura”... — aqui temos sujeito e predicado. O termo colocado entre eles representa um termo intercalado, que deve ser usado entre vírgulas. Então falta uma vírgula depois de “identificatório”.

20. Indique o trecho que apresenta pontuação incorreta.

a) É improvável que o caminho da mudança no Brasil seja aberto com explosões sociais. A energia que pode ser usada agora para fazer um futuro diferente está, aparentemente, em outras fontes de transformação.
b) É preciso observar que há mudança no Brasil. Ela não corre, mas anda. Não corre, mas ocorre.

c) Seus sinais estão, por exemplo, no melhoramento das cidades em plena crise da administração federal, no basta à corrupção, no movimento pela ética na política, na emergência de movimentos em favor da mulher, da criança ou da ecologia, no antirracismo.
d) São antídotos contra a cultura autoritária que sempre ditou a receita do desastre social. Eles estão na confluência de duas tendências.
e) Parte da elite, não quer viver no *apartheid* sul-africano e, cada vez mais, os pobres querem sua cota de cidadania.

Resposta: "e". A vírgula separa o sujeito do verbo: "Parte da elite não quer viver...".

21. Indique o trecho que apresenta erro quanto ao emprego de sinais de pontuação.

a) "Interferências demagógicas de governos levaram o Sistema Brasileiro da Habilitação à falência em que hoje se encontra". (*Folha de S.Paulo*, 05.10.1989, p. A4)
b) "Mas a disputa pelos direitos do livro — a ser editado no Brasil, evidentemente, pela Marco Zero, da qual Márcio de Souza é diretor — apenas começou." (*Leia*, agosto/1989, p. 14)
c) "O convite veio de Jofre Rodrigues, sócio principal da produtora J.N. Filmes. Assim que a notícia foi divulgada na Europa, editoras alemãs, francesas e americanas começaram a assediar o agente literário Thomas Colchie, que responde pelo escritor brasileiro na França". (*Leia*, agosto/1989, p. 14)
d) "Ao lado da disputa pelos direitos de filmagem da vida do líder seringueiro Chico Mendes, arma-se uma outra briga: o alvo, agora, é o argumento do filme, que será escrito pelo romancista amazonense Márcio de Souza." (*Leia*, agosto/1989, p. 14)
e) "O bom humor, voltou à vida de Arraes depois do encontro com Brizola na semana passada. Exatamente o que conversaram os dois políticos ninguém sabe." (*Folha de S.Paulo*,- 05.10.1989, p. 4)

Resposta: "e". A vírgula separa o sujeito do verbo: "O bom humor voltou...".

22. Os sinais de pontuação estão corretamente empregados em:

a) A dupla tributação — acima referida — é injustificada, por pelo menos, dois motivos, que passamos a expor, de forma sucinta.
b) A dupla tributação acima referida, é injustificada por, pelo menos, dois motivos, que passamos a expor de forma sucinta.
c) A dupla tributação, acima referida é injustificada, por pelo menos dois motivos, que passamos a expor de forma sucinta.
d) A dupla tributação — acima referida — é injustificada por, pelo menos, dois motivos que passaremos a expor, de forma sucinta.
e) A dupla tributação referida acima é injustificada, pelos dois motivos, que passo a expor de forma sucinta.

Resposta: "d". Os termos "acima referida", "pelo menos" e "de forma sucinta" são adjuntos adverbiais que podem ser separados por vírgulas. Nas outras opções incorre-se sempre no erro de separar sujeito do verbo, verbo do complemento e termo regente do complemento nominal.

23. Indique o fragmento que apresenta *erro* de pontuação.

a) A campanha presidencial de 1960, nos Estados Unidos, é apontada pela mudança do sistema de comunicação, como inovadora.

b) Até então, a conquista do voto se dava no confronto direto entre o candidato e o eleitor.
c) A década de 1930 viu o aparecimento, na política, do rádio.
d) Dez anos antes, apenas 11% das famílias tinham televisão; em 1960, o número se elevou para 88%.
e) A revolução ocorreu, radical e devastadora, na campanha de 1968.

Resposta: "a". O termo "pela mudança do sistema de comunicação" é um termo intercalado, deve ter uma vírgula antes e outra depois dele. Faltou a vírgula antes dele.

24. Das relações abaixo, assinale a que *não* está pontuada corretamente:

a) Os candidatos, em fila, aguardavam ansiosos o resultado do concurso.
b) Em fila, os candidatos aguardavam, ansiosos, o resultado do concurso.
c) Ansiosos, os candidatos aguardavam, em fila, o resultado do concurso.
d) Os candidatos ansiosos aguardavam o resultado do concurso, em fila.
e) Os candidatos, aguardavam ansiosos, em fila, o resultado do concurso.

Resposta: "e". A vírgula separa o sujeito do verbo: "Os candidatos aguardavam...".

25. Indique o trecho em que algum sinal de pontuação não foi corretamente empregado.

a) Sócrates tem consigo, a seu lado, o que, primeiro, antes de outros, ele mesmo chamou o seu demônio.
b) E, assim, nos seus momentos de hesitação e incertezas, era "a voz divina" (expressão sua) que lhe falava, onde foi achar novamente a segurança.
c) Frequentemente, ó paradoxo! a voz o aconselhava a abstenção e não a ação.
d) E Nietzsche: Nessa natureza anormal, a sabedoria instintiva só se manifesta quando é para opor-se ao conhecimento consciente.
e) Se, em todos os homens produtivos o instinto, é uma força afirmativa e criadora, e a consciência crítica e negativa, em Sócrates, o instinto é crítico e a consequência uma afirmação.

Resposta: "e". A vírgula separa o sujeito do verbo: "... o instinto é uma força...".

26. Assinale o período que apresenta pontuação *incorreta*:

a) Nesta segunda-feira, quando o interventor designado pela Reitoria — Othon de Souza, diretor da Faculdade de Tecnologia — iniciar seu trabalho, começarão a aparecer, no próprio Departamento de Ciências, as origens da crise.
b) Cerca de mil aposentados e pensionistas, segundo o advogado Milton Peixoto, deverão ingressar na Justiça, esta semana, para salvaguardar direitos adquiridos.
c) A liquidação extrajudicial era uma das poucas medidas disponíveis aos ministros econômicos que solucionaria o rombo do grupo financeiro.
d) Quantos dentre vós, que ontem mesmo abandonastes o Partido do Governo, continuareis a receber hoje as benesses do poder?
e) O fato, porém é que poucos e raros dentre nós estarão integrando o reduzido grupo de intelectuais do Palácio do Planalto.

Resposta: "e". O local ideal da conjunção é o início da oração a que pertence; quando ela está deslocada, ou seja, deixa de figurar no início da oração a que pertence, deve ser isolada por vírgulas: "O fato, porém, é que...".

27. Assinale a opção em que trecho do texto apresenta erro de pontuação.

a) A PNAD, realizada pelo IBGE, revelou que a renda das famílias parou de cair em 2004, interrompendo uma trajetória de queda que acontecia desde 1997, e que houve diminuição do grau de concentração da renda do trabalho.

b) Enquanto a metade da população ocupada, que recebe os menores rendimentos, teve, ganho real de 3,2%, a outra metade, que tem rendimentos maiores, teve perda de 0,6%.

c) Os resultados da PNAD revelaram, também, que o Brasil melhorou em itens como número de Trabalhadores ocupados, participação das mulheres no mercado de trabalho, indicadores da área de educação e melhoria das condições de vida.

d) O assessor especial da Presidência da República, José Graziano, avaliou que esses números comprovam que o país está mudando. "Esses resultados revertem uma máxima histórica no nosso país de que os ricos ficavam cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres".

e) Graziano ressalta que a PNAD é a mais completa pesquisa anual sobre as condições de vida da população, mostra um retrato do país, e, em 2004, ela também foi estendida para as áreas rurais dos estados de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá, alcançando a cobertura completa do território nacional.

(*Em Questão*, n. 379 — Brasília, 30.11.2005)

Resposta: "b". A vírgula separa o verbo do seu complemento: "... teve ganho real...".

28. Assinale a opção que contém erro de pontuação.

a) É expediente rotineiro na hierarquia do crime organizado armar o braço de crianças e adolescentes para matar pessoas. Utilizar menores em empreitadas criminosas tem constituído regra no mundo do crime.

b) Não sofrendo de nenhum transtorno cognitivo sério, jovens de 16 anos são suficientemente capazes de entender postulados simples como "matar alguém é crime", sendo igualmente aptos a compreender que se praticarem tal ação serão punidos com a prisão.

c) A inimputabilidade penal de crianças e adolescentes contribui não só para convertê-los em sicários do crime organizado, mas também funciona — o que é mais grave — como exortação para que novos grupos venham sentar praça na delinquência.

d) A lei estaria mais sintonizada, com os anseios da sociedade se homicidas, ou autores de latrocínio entre 16 e 18 anos de idade fossem avaliados por comissões de especialistas para lhes ser imputada a devida medida socioeducativa.

e) A vida e a intangibilidade física das pessoas são os bens mais valiosos protegidos pela ordem jurídica. Logo, não devem ceder tal primazia a outro pressuposto de direito.

(Baseado em Josemar Dantas, A lei penal e adolescentes, *Correio Braziliense*, D & J, 17.11.2003)

Resposta: "d". A vírgula separa o termo regente nominal do seu complemento nominal: "A lei estaria mais sintonizada com os anseios...".

29. Assinale a letra que apresenta erro de pontuação de acordo com as normas do português padrão.

a) Há 30 anos, por exemplo, a Irlanda era um país pobre, com elevado índice de analfabetismo e população pouco educada: figurava entre os últimos na Europa. Entre os países que apresentaram bons resultados, pelo menos três estavam em situação parecida

com a brasileira há três décadas. Não tivemos a mesma história porque preferimos outras prioridades.

b) Ao analisarmos a vergonha de estarmos entre os piores países do mundo em educação, esquecemo-nos de analisar aqueles que estão entre os primeiros.

c) Desde então, a Irlanda investiu, contínua e prioritariamente na educação de seu povo. O resultado está no mesmo relatório que envergonhou o Brasil: a Irlanda é hoje um dos países com a melhor educação, entre todos os países do mundo.

d) No lugar de mais infraestrutura econômica e desperdício em prédios públicos, a decisão foi a de que o país concentraria seus investimentos, ao longo das décadas seguintes, independentemente de resultados eleitorais, em três objetivos: saúde de qualidade e gratuita para todos, educação de excelência para todos e ciência e tecnologia de ponta.

e) Quando surgiu a possibilidade de ingresso na Comunidade Econômica Europeia, em 1973, os três partidos políticos irlandeses da época reuniram um grupo de pessoas, escolhidas entre personalidades nacionais e dirigentes políticos, para responder a uma pergunta: o que fazer para a Irlanda se transformar num país desenvolvido, voltado para o futuro?

(Cristovam Buarque)

Resposta: “c”. A vírgula separa o verbo do seu complemento. Podemos corrigir de duas maneiras: retirando a vírgula que lá está ou acrescentando outra para isolar os adjuntos adverbiais. Assim: “a Irlanda investiu contínua e prioritariamente na educação de seu povo” ou “a Irlanda investiu, contínua e prioritariamente, na educação de seu povo”.

30. Os segmentos transcritos abaixo são partes sequenciadas de um texto. Aponte o segmento inteiramente correto quanto à organização sintática, emprego dos sinais de pontuação e propriedade no uso dos vocábulos.

a) Ética dos políticos soa, para a maioria de nossos concidadãos, como um oxímoro. Seria uma ética com desconto, deficitária, complacente, ante à verdadeira ética: a da vida privada.

b) Esse é um fenômeno brasileiro (em nosso país, as virtudes são privadas, e os vícios, públicos), de Terceiro Mundo (idem) e, cada vez mais, mundial (ibidem). Vivemos a descrença na ágora, no espaço público.

c) Ao político depreciado, chama-se maquiavélico. No meio milênio que se passou desde “O Príncipe”, Maquiavel simbolizou o político sem escrúpulos na expressão, que não é dele, segundo o qual os fins justificariam os meios.

d) Numa leitura “moderna” de Maquiavel, podem-se discernir uma ética com vistas a resultados de outra que respeita os valores. A primeira seria uma ética da responsabilidade; a segunda de princípios. Políticos consideram os resultados prováveis de suas ações. Cientistas estimam os valores.

e) Por extensão, passou-se a transferir o que se aplicam aos cientistas para os homens privados em geral: as exigências de respeito a valores incondicionais valem mais a indivíduos privados do que a homens públicos, do qual é axioma a famosa frase de Mandeville: “Vícios privados, benefícios públicos”.

(Renato Janine Ribeiro, *Folha de S.Paulo*, 17.07.2005, com modificações)

Resposta: “b”. Vejamos os erros: a) crase: “ante a verdadeira ética”; c) concordância nominal: “na expressão, que não é dele, segundo a qual”; d) concordância verbal: “pode-se discernir

uma ética"; e) concordância verbal: "o que se aplica aos cientistas".

31. Os trechos abaixo constituem um texto. Assinale a opção que apresenta erro de pontuação.

a) As dívidas contraídas na imigração eram pagas com juros de 6% ao ano, não podendo o colono deixar de cumprir o contrato antes de saldá-las integralmente, além de ter de comunicar o contratante com seis meses de antecedência.

b) O não cumprimento do contrato gerava multa para o colono. Outras cláusulas apareciam nos regulamentos das colônias, tais como as que impunham um controle disciplinar rigoroso, com aplicação de penas severas aos infratores.

c) As experiências iniciais do trabalho livre do colono foram marcadas por inúmeros conflitos, desentendimentos, greves, denúncias de cobranças de taxas abusivas pelo importador, rebeldia contra controle moral e disciplinar severo imposto nas colônias.

d) Esses fatos redundaram na acusação de Portugal ao Brasil da prática de escravidão disfarçada. O descumprimento do contrato pelo colono, por exemplo, poderia representar, além da rescisão, a multa e a pena de prisão de oito dias a três meses.

e) Contudo, para os fazendeiros, o clima era, de insegurança generalizada no cumprimento dos contratos, o que reclamaria uma regulamentação jurídica mais eficiente do que a então vigente.

(Sidnei Machado — <http://calvados.c3sl>)

Resposta: "e". O erro está na vírgula após "era", que não deve existir. A frase correta é "o clima era de insegurança generalizada".

32. Os trechos abaixo constituem um texto. Assinale o segmento que apresenta erro de pontuação.

a) A questão não é se a arte e seu autor devem participar da discussão pública de seu tempo, comprometer-se ou não com a "realidade": impossível quase, evitar uma coisa e outra.

b) A questão é como fazer isso. A ética da arte não está no seu grau de compromisso com a realidade, com a objetividade (recorde-se Nelson Rodrigues e sua luta contra os "idiotas da objetividade" que o queriam encurralar) ou com o coletivo. Também não está no contrário disso.

c) A ética da arte (romance, cinema, teatro) não está tampouco, como já se quis, na informação ou no saber que propaga. A ética da arte depende de seu compromisso com a existência, que é singular (não, com a realidade, que é geral), e do jogo que arma com o que há de desconhecido nessa existência.

d) Expor o desconhecido não significa afirmar ou divulgar um saber — que na arte é quase sempre o já sabido. Em arte, o saber gira, como máquina solteira, ao redor de certezas e ideias feitas.

e) Já o jogo com o desconhecido, e sua eventual anulação ou superação, faz-se na arte ao redor da incerteza e, na arte contemporânea, da complexidade — quase nunca isenta de perplexidade.

(Adaptado de Teixeira Coelho)

Resposta: "a". O termo "quase" é um adjunto adverbial colocado no meio da frase; nesse caso vem isolado por vírgulas — uma antes e outra depois: "impossível, quase, evitar".

33. Assinale o segmento inteiramente correto quanto ao emprego dos sinais de pontuação. (Tome os segmentos como partes consecutivas de um texto)

a) Vários autores acreditam que o romance, *Frankenstein*, de Mary Shelley foi decisivo para o estabelecimento de uma visão negativa da ciência; mostrou pela primeira vez, a imagem do cientista tomado pela paixão e pela loucura, "criando" um monstro que foge ao seu controle e ameaça a sociedade. Surgia o "cientista louco" e a ciência como um instrumento perigoso e incontrolável.

b) Segundo Wolpert, "foi Mary Shelley quem criou o monstro de *Frankenstein* não foi a ciência; mas sua imagem é tão poderosa, que alimentou medos sobre a engenharia genética que dificilmente serão removidos". Não se poderia imaginar que aquela alegoria seria tão nefasta para os cientistas.

c) O livro de Mary Shelley, é considerado o primeiro livro de ficção científica, mas o tratamento dado à figura dos cientistas, nas obras de ficção científica que o sucederam, não melhora a imagem do cientista. Num estudo em que se pediu que crianças, adolescentes e adultos definissem um cientista, por meio de desenho, a imagem que apareceu não foi positiva.

d) A visão estereotipada do cientista — cara de louco, olhos esbugalhados, cabelos desgrenhados é difundida em diversos meios de comunicação muito poderosos (cinema, quadrinhos, desenhos animados, televisão); isso, em nada contribui para facilitar o entendimento do que seja ciência.

e) Daí tive a ideia de montar um projeto de pesquisa! Se artistas convivessem com o cientista no laboratório, se vissem os experimentos e a carga emocional que despertam no pesquisador, se conversassem diariamente sobre seus trabalhos... Será que a ciência seria interpretada e mostrada de outra forma?

(Diucênio Rangel, *O diálogo entre ciência e arte*, com adaptações)

Resposta: "e". Vejamos alguns erros: a) "de Mary Shelley" deveria estar entre vírgulas; b) depois de "Frankenstein" deveria haver uma vírgula, pois se inicia em seguida outra oração; c) A vírgula depois de "Mary Shelley" separa o sujeito do verbo; d) faltou o travessão que fecha o termo interferente: "cientista — cara de louco, olhos esbugalhados, cabelos desgrenhados — é difundida".

34. No texto abaixo foram substituídos sinais de pontuação por números. Assinale a sequência de sinais de pontuação que devem ser inseridos nos espaços indicados para que o texto se torne coerente e gramaticalmente correto. Desconsidere a necessidade de transformar letras minúsculas em maiúsculas.

Os seres humanos sofrem sempre conflitos de interesse com os ressentimentos, facções, coalizões e instáveis alianças que os acompanham (1) no entanto, o que mais interessa nesses fenômenos conflituosos não é o quanto eles nos separam, mas quão frequentemente eles são neutralizados, perdoados e desculpados. Nos seres humanos (2) com seu extraordinário dom narrativo, uma das principais formas de manutenção da paz é o dom humano de apresentar (3) dramatizar e explicar as circunstâncias atenuantes em torno de violações que ameaçam introduzir conflito na habitualidade da vida (4) o objetivo de tal narrativa não é reconciliar, não é legitimar, nem mesmo desculpar, mas antes (5) explicar.

(Jerome Bruner. *Atos de significação*, com adaptações)

1 2 3 4 5

a) ; , . : ,
b) ; - ; . ;
c) . ; - ; :
d) . . ; ; :
e) . , , . ,

Resposta: “e”. O (1) encerra um período, por isso ponto-final. O (2) isola o adjunto adverbial “Nos seres humanos”, por isso vírgula. O (3) separa termos de uma enumeração, por isso vírgula. O (4) encerra um período, por isso ponto-final. O (5) indica que o verbo ser está oculto, ou seja, zeugma, por isso vírgula.

35. Do fragmento a seguir, propositadamente, foram retirados os sinais de pontuação. Atentamente, faça a pontuação devida e, em seguida, assinale a opção *correta*.

O mercado está recebendo um bando de neófitos que são sérios candidatos a sofrer uma carnificina disse o americano Jim Rogers um dos gurus do mundo dos investimentos.

a) — O mercado está recebendo um bando de neófitos, que são sérios candidatos, a sofrer uma carnificina, disse Jim Rogers, um dos gurus do mundo dos investimentos.
b) “O mercado está recebendo um bando de neófitos, que são sérios candidatos a sofrer uma carnificina” — disse o americano Jim Rogers um dos gurus, do mundo dos investimentos.
c) O mercado, está recebendo um bando de neófitos que são sérios candidatos, a sofrer uma carnificina — disse o americano Jim Rogers, um dos gurus do mundo dos investimentos.
d) O mercado está recebendo um bando de neófitos, que são sérios candidatos, a sofrer uma carnificina, disse o americano Jim Rogers, um dos gurus, do mundo dos investimentos.
e) “O mercado está recebendo um bando de neófitos que são sérios candidatos a sofrer uma carnificina”, disse o americano Jim Rogers, um dos gurus do mundo dos investimentos.

Resposta: “e”. Como se trata de uma citação, o fala do americano deve ser colocada entre aspas. Quanto às vírgulas, a primeira separa as orações e a segunda separa o aposto.

36. Seja o seguinte período:

Em 2006, o índice Shanghai Composite, da Bolsa de Valores de Shanghai, na região sudoeste do país, subiu 130%.

(*Época,* 12.02.2007)

Pode-se reescrever o mesmo período, sem alterar-lhe o sentido, usando-se outra forma de pontuação e mantendo-se a correção gramatical, conforme se fez em:

a) O índice Shanghai Composite, da Bolsa de Valores de Shanghai, na região sudoeste do país, em 2006, subiu 130%.
b) Na região, sudoeste do país, o índice Shanghai Composite da Bolsa de Valores em Shanghai, subiu 130%, em 2006.
c) Subiu 130%, o índice Shanghai Composite da Bolsa de Valores, de Shanghai, na região sudoeste do país, em 2006.
d) O índice Shanghai Composite da Bolsa de Valores, de Shanghai, subiu, 130%, na região sudoeste do país.
e) Em 2006, subiu 130% o índice, Shanghai Composite, da Bolsa de Valores, de Shanghai, na região, sudoeste do país.

Resposta: “a”. Nas outras opções há sempre o problema de separar por vírgula o sujeito do

verbo, ou o verbo do complemento, ou ainda o termo regente do complemento nominal.

37. Em relação à ausência de vírgulas, está inteiramente correta e clara a redação da frase do seguinte período:

a) Se é verdade que só 18% concordam com a chamada "saída autoritária" também é verdade que só 40% aceitam bem as privatizações.
b) Quando a democracia não funciona bem que aqui e ali passem a se manifestar os que conservam saudades dos regimes autoritários não é raro.
c) O autor se refere ao Brasil de 1989 porquanto o autor está-nos lembrando que àquela época a maioria dos eleitores fez Presidente um candidato classificado como aventureiro.
d) Seria interessante saber em que "certas circunstâncias" um governo autoritário ofereceria vantagens em relação a um governo democrático.
e) Assim como boa parte dos brasileiros também o autor do texto julga que a nossa democracia poderia funcionar de uma maneira melhor.

Resposta: "d". Como a frase está em ordem direta, não se deve colocar vírgula alguma.

38. Atente para as seguintes frases:

I. Toda vez que vou ao teatro interativo, fico aterrorizado.

II. Não gosto muito dos atores, que costumam ser extravagantes.

III. Fiquei na última fila, para evitar maiores ameaças.

A supressão da vírgula altera o sentido somente do que está em

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) II e III.

Resposta: "b". As orações introduzidas por pronomes relativos podem ser explicativas (com vírgula) ou restritivas (sem vírgula). Assim sendo a retirada da vírgula na oração II muda o sentido de explicação para restrição. Nas outras opções as vírgulas separam adjuntos adverbiais, que podem ou não ser isolados por vírgula e o sentido continua o mesmo.

39. Considere os seguintes casos:

I. Os homens, que ignoram os direitos da mulher, passarão a acatá-los. Os homens que ignoram os direitos da mulher passarão a acatá-los.

II. Somente, agora o Código Civil brasileiro incorporou as mudanças ocorridas. Somente agora o Código Civil brasileiro incorporou as mudanças ocorridas.

III. O valor de um código, estabelecido por convenção, deve ser comprovado na prática. O valor de um código estabelecido por convenção deve ser comprovado na prática.

A alteração na pontuação provoca alteração de sentido em

a) I, somente.
b) I e II, somente.
c) I e III, somente.
d) II e III, somente.
e) I, II e III.

Resposta: “e”. Na oração I: muda-se de explicação para restrição. Na oração II: “Somente” com vírgula significa que se dirá apenas uma coisa; “Somente” sem vírgula está modificando “agora”. Na oração III: com vírgula temos uma explicação, sem vírgula temos uma restrição.

Texto para a questão 40:

A exclusão da cidadania é mais uma exclusão que o brasileiro paga pela má qualidade da escola. Sem um ensino básico de excelência, perdem-se não só sucessivas batalhas, (1) mas a guerra. Os pais desempenham o papel que lhes cabe. (2) Mandam os filhos para a escola. As crianças assistem às aulas, (3) fazem as tarefas exigidas, mas não aprendem. Algumas chegam à 5ª série analfabetas. (4) Não leem nem escrevem. Outras, (5) analfabetas funcionais. Leem, mas são incapazes de entender o texto. Escrevem, mas não conseguem redigir um bilhete simples.

(*Correio Braziliense,* 17.10.2006)

40. Em relação ao texto acima, assinale o comentário incorreto a respeito dos sinais de pontuação.

a) 1 — a vírgula justifica-se para separar oração de natureza explicativa.
b) 2 — o ponto-final pode ser substituído por sinal de dois-pontos, com mudança de maiúscula para minúscula em “Mandam”.
c) 3 — a vírgula justifica-se para isolar elementos de mesma classe gramatical componentes de uma enumeração.
d) 4 — o ponto-final pode ser substituído por vírgula, com mudança de maiúscula para minúscula em “Não”.
e) 5 — a vírgula justifica-se para marcar a elipse de expressão antecedente: “chegam à 5ª série”.

Resposta: “a”. A vírgula se justifica por separar uma oração de natureza *adversativa*.

Texto para a questão 41:

Memórias do cárcere, (1) na versão cinematográfica, (1) explora mais desenvoltamente a linguagem artística e as possibilidades que estão ao alcance do cinema de fragmentar a realidade para, (2) em seguida, (2) recompor o concreto nos diversos níveis em que ele aparece na percepção, (3) na cabeça e na história dos homens. Quem ama o livro por ele mesmo não vai recuperá-lo no filme. Quem ama as várias verdades que Graciliano Ramos enfrentou com hombridade e coragem irá ver no filme uma engenhosa e íntegra transposição do livro. Seria pouco dizer que ambos se completam. Nelson Pereira dos Santos explora a técnica cinematográfica como Graciliano Ramos, a técnica literária, (4) ou seja, (4) como recurso de descoberta da verdade, (5) arma de denúncia intelectual e instrumento de luta política.

(Florestan Fernandes)

41. Assinale a opção que apresenta justificativa correta para o emprego das vírgulas no texto acima.

a) 1 — isolam aposto explicativo.
b) 2 — isolam termos de mesma função sintática.
c) 3 — isola adjunto adverbial deslocado.

d) 4 — isolam expressão retificativa ou explicativa.
e) 5 — isola aposto explicativo.

Resposta: “d”. Vejamos os erros: a) 1 — separa adjunto adverbial; b) 2 — separa adjunto adverbial; c) 3 — separa termos de uma enumeração; e) 5 — separa termos de uma enumeração.

42. Assinale a opção em que o emprego dos sinais de pontuação está correto.

a) Motoristas e montadoras de automóveis, não terão que desembolsar mais recursos com a mudança para o biodiesel, pois esse combustível não exige nenhuma alteração nos motores dos veículos.
b) A Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), assegurou a garantia dos motores dos veículos que utilizarem o biodiesel misturado ao diesel na proporção de 2%, como foi autorizado.
c) Além disso, o combustível renovável poderá ser usado, em substituição ao óleo diesel em usinas termelétricas, na geração de energia elétrica em comunidades de difícil acesso, como é o caso de diversas localidades na região Norte.
d) Para autorizar o uso do biodiesel no mercado nacional, o governo, editou um conjunto de atos legais que tratam dos percentuais de mistura do biodiesel ao diesel, da forma de utilização e do regime tributário.
e) Tal regime, considera a diferenciação das alíquotas com base na região de plantio, nas oleaginosas e na categoria de produção (agronegócio e agricultura familiar). O governo cria também o Selo Combustível Social e isenta a cobrança do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI).

(Adaptado de *Em Questão*, n. 261 — Brasília, 08.12.2004)

Resposta: “c”. Vejamos os erros: a) a vírgula após “automóveis” separa o sujeito do verbo; b) a vírgula após “(Anfavea)” separa o sujeito do verbo; d) a vírgula após “governo” separa o sujeito do verbo; e) a vírgula após “regime” separa o sujeito do verbo.

43. Assinale a opção que apresenta erro de pontuação.

a) A evolução da arquitetura se caracteriza pelas suas obras mais importantes, aquelas que, especulando na técnica, se fizeram diferentes e inovadoras.
b) E, quando dela nos ocupamos, vale a pena voltar ao passado e sentir como a ideia da obra de arte se integrava nas razões utilitárias da arquitetura, fazendo-a mais rica, mais bela, com suas colunatas, seus ornamentos, pinturas, esculturas.
c) Com o advento do concreto armado, a arquitetura se modificou inteiramente. As paredes, que antes sustentavam os edifícios, passaram a simples material de vedação, surgindo a estrutura independente, a fachada de vidro.
d) A curva, a curva generosa que os antigos tanto procuravam com seus arcos, cúpulas, *voûtes* e abóbadas espetaculares assumiu uma nova e surpreendente dimensão e, com ela, os requintes da técnica: o protendido, as cascas, os grandes espaços livres e os balanços extraordinários.
e) Uma arquitetura mais livre e vazada se oferecia a todos os arquitetos que quisessem inovar e se aventurar por novos caminhos.

(Adaptado de Oscar Niemeyer)

Resposta: “d”. Faltou uma vírgula depois de “procuravam”. O termo “... com seus arcos, cúpulas...” é complemento da primeira palavra “curva” que aparece. Assim: A curva*, a curva generosa que os antigos tanto procuravam,* com seus arcos...

44. Assinale a opção em que há erro de pontuação.

a) Entre março de 2004 e fevereiro de 2005, as exportações brasileiras ultrapassaram a marca dos US$ 100 bilhões, um recorde histórico para o país.

b) A meta do Governo Federal, alcançada com quase dois anos de antecedência mostra o vigor das vendas do país para o mercado externo.

c) Exportação em alta significa favorecer o desenvolvimento do país e, portanto, a geração de emprego de renda. Para o sucesso desse trabalho, as microempresas contam com o apoio do Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) e da APEXBrasil (Agência de Promoção de Exportações do Brasil) na capacitação de funcionários e na consultoria técnica.

d) O aumento nas exportações é um dos fatores principais para o saldo positivo referente à criação de postos de trabalho no Brasil. Em 2004, foram 1,5 milhão de novas vagas com carteira assinada, e essa tendência permanece este ano.

e) Em janeiro, foram criadas 115.972 vagas formais, melhor resultado para o período desde 1992. Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população ocupada em janeiro deste ano em seis regiões metropolitanas cresceu 4,1% em relação ao mesmo período de 2004.

Resposta: “b”. “A meta do Governo Federal” é o sujeito de “mostra”, então o termo entre eles deve aparecer entre vírgulas. Faltou uma vírgula depois de “antecedência”.

45. Assinale a opção em que se deve colocar duas vírgulas obrigatoriamente para que o período se torne correto.

a) Outra iniciativa do governo no sentido de atingir os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio foi a criação de um grupo técnico coordenado pela Casa Civil para monitorar o desempenho do Brasil.

b) Uma das funções do grupo é a elaboração do Relatório de Acompanhamento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio no Brasil com a situação nacional diante das 18 metas e dos 48 indicadores.

c) Uma das metas é reduzir pela metade entre 1990 e 2015 a proporção da população com renda inferior a US$ 1 *per capita* por dia.

d) Conforme o relatório preparado pelo Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA) o Brasil tinha em 1990 8,8% da população abaixo dessa renda *per capita*.

e) Dez anos depois esse percentual chegou a 4,7%. No País porém ainda existem cerca de oito milhões de pessoas que vivem com menos de US$ 1 por dia.

(Trechos adaptados de *Em Questão*, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 390, Brasília, 6 de janeiro de 2006)

Resposta: “e”. As duas vírgulas obrigatórias ocorrem com a conjunção “porém”, que está deslocada e por isso deve ser isolada por vírgulas: “No País, porém, ainda...”.

6

SEMÂNTICA

sem(a), semato- elem. comp., do gr. sema- atos "sinal, marca, significação", que se documenta em vocs. formados no próprio grego, como semiótica, e em muitos outros introduzidos na linguagem científica internacional, a partir do séc. XIX.
(...)
semÂNT.ICA XX. Do fr. sémantique, voc. introduzido por Bréal, em 1883, na linguagem internacional da linguística.

Antonio Geraldo da Cunha

6.1. SINÔNIMO

Palavra que tem com outra uma **semelhança de significação** que permite que uma seja escolhida pela outra em alguns contextos, sem alterar a significação literal da sentença.

alegre — feliz
diminuto — pequeno
falar — dizer
branco — alvo

6.2. ANTÔNIMO

Unidade significativa da língua (morfema, palavra, locução, frase) cujo **sentido é contrário** ou incompatível com o de outra.

in- / ex-
grande / pequeno
bonito / feio

6.3. HOMÔNIMOS

Vocábulos que possuem o **mesmo som** e/ou a **mesma grafia**, mas com sentidos díspares. Eles se dividem em:

- **homográficos** — mesma grafia:

sede (lugar)
sede (vontade de beber)

almoço (substantivo)
almoço (1a pessoa do presente do indicativo do verbo almoçar)
selo (substantivo)
selo (1a pessoa do presente do indicativo do verbo selar)

- **homofônicos** — mesmo som:

buxo (arbusto)
bucho (estômago)
Cassar (tornar nulo ou sem efeito, suspender, invalidar)
Caçar (perseguir, procurar, apanhar — geralmente animais)
Ascender (subir, elevar-se)
Acender (atear fogo, inflamar)

Curiosidade: Alguns homônimos são, ao mesmo tempo, **homofônicos e homográficos**, por isso recebem o nome de **homônimos perfeitos:**
são (santo)
são (sadio)
são (3a pessoa do plural do presente do indicativo do verbo ser)
manga (fruta)
manga (parte da roupa)
como (conjunção)
como (1a pessoa do singular do presente do indicativo do verbo comer)
sonho (substantivo)
sonho (1a pessoa do singular do presente do indicativo do verbo sonhar)

6.4. PARÔNIMOS

Vocábulos que possuem **som ou grafia parecidos**, mas com sentidos díspares.
flagrante (no ato) — fragrante (que tem cheiro)
iminente (prestes a ocorrer) — eminente (excelente)
infligir (aplicar) — infringir (violar)
Lista de alguns homônimos e parônimos notáveis:
Absolver: inocentar, relevar da culpa imputada.
Absorver: embeber em si, esgotar.
Acender: atear (fogo), inflamar.
Ascender: subir, elevar-se.
Acento: sinal gráfico.
Assento: banco, cadeira.
Acerca de: sobre, a respeito de.
A cerca de: a uma distância aproximada de.
Há cerca de: faz aproximadamente (tanto tempo).

Acidente: acontecimento casual; desastre.
Incidente: episódio; que incide, que ocorre.
Adotar: escolher, preferir; assumir; pôr em prática.
Dotar: dar em doação, beneficiar.
Afim: que apresenta afinidade, semelhança, relação (de parentesco).
A fim de: para, com a finalidade de, com o fito de.
Alto: de grande extensão vertical; elevado, grande.
Auto: ato público, registro escrito de um ato, peça processual.
Aleatório: casual, fortuito, acidental.
Alheatório: que alheia, alienante, que desvia ou perturba.
Amoral: desprovido de moral, sem senso de moral.
Imoral: contrário à moral, aos bons costumes, devasso, indecente.
Ante (preposição): diante de, perante.
Ante- (prefixo): expressa anterioridade.
Anti- (prefixo): expressa contrariedade; contra.
Ao encontro de: para junto de; favorável a.
De encontro a: contra; em prejuízo de.
Ao invés de: ao contrário de.
Em vez de: em lugar de.
A par: informado, ao corrente, ciente.
Ao par: de acordo com a convenção legal.
Aparte: interrupção, comentário à margem.
À parte: em separado, isoladamente, de lado.
Apreçar: avaliar, pôr preço.
Apressar: dar pressa a, acelerar.
Área: superfície delimitada, região.
Ária: canto, melodia.
Aresto: acórdão, caso jurídico julgado.
Arresto: apreensão judicial, embargo.
Arrochar: apertar com arrocho, apertar muito.
Arroxar ou *arroxear, roxear*: tornar roxo.
Ás: exímio em sua atividade; carta do baralho.
Az (p. us.): esquadrão, ala do exército.
Atuar: agir, pôr em ação; pressionar.
Autuar: lavrar um auto; processar.
Auferir: obter, receber.
Aferir: avaliar, cotejar, medir, conferir.
Augurar: prognosticar, prever, auspiciar.

Agourar: pressagiar, predizer (geralmente no mau sentido).
Avocar: atribuir-se, chamar.
Evocar: lembrar, invocar.
Invocar: pedir (a ajuda de); chamar; proferir.
Caçar: perseguir, procurar, apanhar (geralmente animais).
Cassar: tornar nulo ou sem efeito, suspender, invalidar.
Carear: atrair, ganhar, granjear.
Cariar: criar cárie.
Carrear: conduzir em carro, carregar.
Censo: alistamento, recenseamento, contagem.
Senso: entendimento, juízo, tino.
Cerrar: fechar, encerrar, unir, juntar.
Serrar: cortar com serra, separar, dividir.
Cessão: ato de ceder.
Seção: setor, subdivisão de um todo, repartição, divisão.
Sessão: espaço de tempo que dura uma reunião, um congresso; reunião; espaço de tempo durante o qual se realiza uma tarefa.
Cheque: ordem de pagamento à vista.
Xeque: dirigente árabe; lance de xadrez; (fig.) perigo (*pôr em xeque*).
Cível: relativo à jurisdição dos tribunais civis.
Civil: relativo ao cidadão; cortês, polido (daí *civilidade*); não militar, nem eclesiástico.
Colidir: trombar, chocar; contrariar.
Coligir: colecionar, reunir, juntar.
Comprimento: medida, tamanho, extensão, altura.
Cumprimento: ato de cumprir, execução completa; saudação.
Concelho: circunscrição administrativa ou município (em Portugal).
Conselho: aviso, parecer, órgão colegiado.
Concerto: acerto, combinação, composição, harmonização.
Conserto: reparo, remendo, restauração.
Conje(c)tura: suspeita, hipótese, opinião.
Conjuntura: acontecimento, situação, ocasião, circunstância.
Contravenção: transgressão ou infração a normas estabelecidas.
Contraversão: versão contrária, inversão.
Coser: costurar, ligar, unir.
Cozer: cozinhar, preparar.
Costear: navegar junto à costa, contornar.
Custear: pagar o custo de, prover, subsidiar.
Custar: valer, necessitar, ser penoso.

Deferir: consentir, atender, despachar favoravelmente, conceder.
Diferir: ser diferente, discordar; adiar, retardar, dilatar.
Degradar: deteriorar, desgastar, diminuir, rebaixar.
Degredar: impor pena de degredo, desterrar, banir.
Delatar (delação): denunciar, revelar crime ou delito, acusar.
Dilatar (dilação): alargar, estender; adiar, diferir.
Derrogar: revogar parcialmente (uma lei), anular.
Derrocar: destruir, arrasar, desmoronar.
Descrição: ato de descrever, representação, definição.
Discrição: discernimento, reserva, prudência, recato.
Descriminar: absolver de crime, tirar a culpa de.
Discriminar: diferençar, separar, discernir.
Despensa: local em que se guardam mantimentos, depósito de provisões.
Dispensa: licença ou permissão para deixar de fazer algo a que se estava obrigado; demissão.
Despercebido: que não se notou, para o que não se atentou.
Desapercebido: desprevenido, desacautelado.
Dessecar: secar bem, enxugar, tornar seco.
Dissecar: analisar minuciosamente, dividir anatomicamente.
Destratar: insultar, maltratar com palavras.
Distratar: desfazer um trato, anular.
Distensão: ato ou efeito de distender, torção violenta dos ligamentos de uma articulação.
Distinção: elegância, nobreza, boa educação.
Dissensão: desavença, diferença de opiniões ou interesses.
Elidir: suprimir, eliminar.
Ilidir: contestar, refutar, desmentir.
Emenda: correção de falta ou defeito, regeneração, remendo.
Ementa: apontamento, súmula de decisão judicial ou do objeto de uma lei.
Emergir: vir à tona, manifestar-se.
Imergir: mergulhar, afundar (submergir), entrar.
Emigrar: deixar o país para residir em outro.
Imigrar: entrar em país estrangeiro para nele viver.
Eminente (eminência): alto, elevado, sublime.
Iminente (iminência): que está prestes a acontecer, pendente, próximo.
Emitir (emissão): produzir, expedir, publicar.
Imitir (imissão): fazer entrar, introduzir, investir.
Empoçar: reter em poço ou poça, formar poça.
Empossar: dar posse a, tomar posse, apoderar-se.

Encrostar: criar crosta.
Incrustar: cobrir de crosta, adornar, revestir, prender-se, arraigar-se.
Entender: compreender, perceber, deduzir.
Intender (p. us.): exercer vigilância, superintender.
Enumerar: numerar, enunciar, narrar, arrolar.
Inúmero: inumerável, sem conta, sem número.
Espectador: aquele que assiste a qualquer ato ou espetáculo, testemunha.
Expectador: que tem expectativa, que espera.
Esperto: inteligente, vivo, ativo.
Experto: perito, especialista.
Espiar: espreitar, observar secretamente, olhar.
Expiar: cumprir pena, pagar, purgar.
Estada: ato de estar, permanência de pessoas.
Estadia: prazo para carga e descarga de navio ancorado em porto, ou de qualquer veículo.
Estância: lugar onde se está, morada, recinto.
Instância: solicitação, pedido, rogo; foro, jurisdição, juízo.
Estrato: cada camada das rochas estratificadas.
Extrato: coisa que se extraiu de outra; pagamento, resumo, cópia; perfume.
Flagrante: ardente, acalorado; diz-se do ato que a pessoa é surpreendida a praticar (flagrante delito).
Fragrante: que tem fragrância ou perfume; cheiroso.
Florescente: que floresce, próspero, viçoso.
Fluorescente: que tem a propriedade da fluorescência.
Folhar: produzir folhas, ornar com folhagem, revestir lâminas.
Folhear: percorrer as folhas de um livro, compulsar, consultar.
Incerto: não certo, indeterminado, duvidoso, variável.
Inserto: introduzido, incluído, inserido.
Incipiente: iniciante, principiante.
Insipiente: ignorante, insensato.
Incontinente: imoderado, que não se contém, descontrolado.
Incontinenti: imediatamente, sem demora, logo, sem interrupção.
Induzir: causar, sugerir, aconselhar, levar a.
Aduzir: expor, apresentar.
Inflação: ato ou efeito de inflar; emissão exagerada de moeda, aumento persistente de preços.
Infração: ato ou efeito de infringir ou violar uma norma.
Infligir: cominar, aplicar (pena, castigo, repreensão, derrota).

Infringir: transgredir, violar, desrespeitar (lei, regulamento etc.).

Inquerir: apertar (a carga de animais), encilhar.

Inquirir: procurar informações sobre, indagar, investigar, interrogar.

Intercessão: ato de interceder.

Interse(c)ção: ação de se(c)cionar, cortar; ponto em que se encontram duas linhas ou superfícies.

Inter- (prefixo): entre; preposição latina usada em locuções: *inter alia* (entre outros), *inter pares* (entre iguais).

Intra- (prefixo): interior, dentro de.

Mandado: garantia constitucional para proteger direito individual líquido e certo; ato de mandar; ordem escrita expedida por autoridade judicial ou administrativa.

Mandato: autorização que alguém confere a outrem para praticar atos em seu nome; procuração; delegação.

Mandante: que manda; aquele que outorga um mandato.

Mandatário: aquele que recebe um mandato, executor de mandato, representante, procurador.

Mandatório: obrigatório.

Obcecação: ato ou efeito de obcecar, teimosia, cegueira.

Obsessão: impertinência, perseguição, ideia fixa.

Paço: palácio real ou imperial; a corte.

Passo: ato de avançar ou recuar um pé para andar; caminho, etapa.

Pleito: questão em juízo, demanda, litígio, discussão.

Preito: sujeição, respeito, homenagem.

Preceder: ir ou estar adiante de, anteceder, adiantar-se.

Proceder: originar-se, derivar, provir; levar a efeito, executar.

Preeminente: que ocupa lugar elevado, nobre, distinto.

Proeminente: alto, saliente, que se alteia acima do que o circunda.

Preposição: ato de prepor, preferência; palavra invariável que liga constituintes da frase.

Proposição: ato de propor, proposta; máxima, sentença; afirmativa, asserção.

Presar: capturar, agarrar, apresar.

Prezar: respeitar, estimar muito, acatar.

Prescrever: fixar limites, ordenar de modo explícito, determinar; ficar sem efeito, anular-se.

Proscrever: abolir, extinguir, proibir, terminar; desterrar.

Prever: ver antecipadamente, profetizar; calcular.

Prover: providenciar, dotar, abastecer, nomear para cargo.

Provir: originar-se, proceder; resultar.

Prolatar: proferir sentença, promulgar.

Protelar: adiar, prorrogar.
Ratificar: validar, confirmar, comprovar.
Retificar: corrigir, emendar, alterar.
Recrear: proporcionar recreio, divertir, alegrar.
Recriar: criar de novo.
Reincidir: tornar a incidir, recair, repetir.
Rescindir: dissolver, invalidar, romper, desfazer.
Remição: ato de remir, resgate, quitação.
Remissão: ato de remitir, intermissão, intervalo; perdão, expiação.
Repressão: ato de reprimir, contenção, impedimento, proibição.
Repreensão: ato de repreender, enérgica admoestação, censura, advertência.
Ruço: grisalho, desbotado.
Russo: referente à Rússia, nascido naquele país; língua falada na Rússia.
Sanção: confirmação, aprovação; pena imposta pela lei ou por contrato para punir sua infração.
Sansão: nome de personagem bíblico; certo tipo de guindaste.
Sedento: que tem sede; sequioso.
Cedente: que cede, que dá.
Sobrescritar: endereçar, destinar, dirigir.
Subscritar: assinar, subscrever.
Sortir: variar, combinar, misturar.
Surtir: causar, originar, produzir (efeito).
Subentender: perceber o que não estava claramente exposto; supor.
Subintender: exercer função de subintendente, dirigir.
Subtender: estender por baixo.
Sustar: interromper, suspender; parar.
Suster: sustentar, manter; fazer parar, deter.
Tacha: pequeno prego; mancha, defeito, pecha.
Taxa: espécie de tributo, tarifa.
Tachar: censurar, qualificar, apelidar.
Taxar: fixar a taxa de; regular, regrar.
Tapar: fechar, cobrir, abafar.
Tampar: pôr tampa em.
Tenção: intenção, plano.
Tensão: estado de tenso, rigidez; diferencial elétrico.
Tráfego: trânsito de veículos, percurso, transporte.
Tráfico: negócio ilícito, comércio, negociação.
Trás: atrás, detrás, em seguida, após (cf. em locuções: *de trás, por trás*).

Traz: 3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo *trazer*.
Vestiário: guarda-roupa; local em que se trocam roupas.
Vestuário: as roupas que se vestem, traje.
Vultoso: de grande vulto, volumoso.
Vultuoso: atacado de vultuosidade (congestão da face).

■ 6.5. POLISSEMIA

É a **multiplicidade de sentidos** que uma palavra pode apresentar, dependendo do contexto em que está inserida.

O menino quebrou o *braço*.
O *braço* da cadeira é macio.
Península é um *braço* de terra que avança no mar.

■ 6.6. DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO

As palavras dentro de um contexto podem assumir **vários sentidos**. Elas podem aparecer em seu sentido real, ou em sentidos figurados.

■ **denotação:** palavra utilizada em **sentido real:**
Atanagildetina plantou uma rosa.
— a palavra **rosa** representa a flor (sentido real).
João não pode deixar essa carta fora do baralho, senão o jogo ficará prejudicado.

■ **conotação:** palavra utilizada em **sentido figurado:**
Atanagildetina é uma rosa.
— a palavra **rosa** assume diversos significados, que dependem da imagem que o leitor faz da rosa: macia, perfumada, cheirosa, delicada etc.
João é carta fora do baralho.

■ 6.7. QUESTÕES

1. Indique o item em que o antônimo da palavra ou expressão em destaque está corretamente apontado.
a) duradouro sucesso — efêmero
b) fama em ascendência — excelsa
c) elegante região — carente
d) sala lotada — habitada

Resposta: "a". Efêmero significa "ligeiro, rápido, fugaz", ou seja, contrário de duradouro.

2. A palavra tráfico não deve ser confundida com tráfego, seu parônimo. Em que item a seguir o par de vocábulos é exemplo de homonímia e não de paronímia?
a) estrato / extrato
b) flagrante / fragrante
c) eminente / iminente
d) inflação / infração

e) cavaleiro / cavalheiro

Resposta: “a”. Estrato e extrato possuem o mesmo som = homônimos.

3. Assinale a opção correta, considerando que à direita de cada palavra há um sinônimo.

a) emergir = vir à tona; imergir = mergulhar
b) emigrar = entrar (no país); imigrar = sair (do país)
c) delatar = expandir; dilatar = denunciar
d) deferir = diferenciar; diferir = conceder
e) dispensa = cômodo; despensa = desobrigação

Resposta: “a”. Em todas as outras opções, os sentidos estão trocados.

4. Indique a letra na qual as palavras completam, corretamente, os espaços das frases abaixo.

Quem possui deficiência auditiva não consegue _____ os sons com nitidez.

Hoje são muitos os governos que passaram a combater o _____ de entorpecentes com rigor.

O diretor do presídio _____ pesado castigo aos prisioneiros revoltosos.

a) discriminar — tráfico — infligiu
b) discriminar — tráfico — infringiu
c) descriminar — tráfego — infringiu
d) descriminar — tráfego — infligiu
e) descriminar — tráfico — infringiu

Resposta: “a”. Discriminar = distinguir, tráfico = comércio, infligiu = aplicou.

5. No _____ do violoncelista _____ havia muitas pessoas, pois era uma _____ beneficente.

a) conserto — eminente — sessão
b) concerto — iminente — seção
c) conserto — iminente — seção
d) concerto — eminente — sessão

Resposta: “d”. Conserto = reparo, concerto = harmonização, eminente = excelente, iminente = prestes a acontecer, sessão = reunião, seção = divisão.

6. Os atuais simuladores de voo militares estão em condições não apenas de exibir uma imagem “realista” da paisagem sobrevoada, mas também de confrontá-la com a _____ obtida dos radares.

O termo que preenche adequadamente a lacuna no texto é:

a) iconologia.
b) iconoclastia.
c) iconografia.
d) iconofilia.
e) iconolatria.

Resposta: “c”. O radical “icono-” se refere a uma imagem, porém seu sentido se amplia ao juntar-se a outros radicais: -logia = estudo, -clastia = pensamento, -grafia = descrição, -filia =

amor, -latria = adoração. O sentido que melhor se aplica é “iconografia”, ou seja, a descrição das imagens feitas por radar.

Texto para a questão 7.

Quando saí de casa, o velho José Paulino me disse:

Não vá perder o seu tempo. Estude, que não se arrepende.

Eu não sabia nada. Levava para o colégio um corpo sacudido pelas paixões de homem feito e uma alma mais velha do que o meu corpo. Aquele Sérgio, de Raul Pompeia, entrava no internato de cabelos grandes e com uma alma de anjo cheirando a virgindade. Eu não: era sabendo de tudo, era adiantado nos anos, que ia atravessar as portas do meu colégio.

Menino perdido, menino de engenho.

(José Lins do Rego, *Menino de Engenho*, São Paulo: Moderna, 1983)

7. No texto, o verbo cheirar tem significado de:

a) agradar.
b) parecer.
c) enfeitiçar.
d) indagar.
e) bisbilhotar.

Resposta: “b”. “... uma alma de anjo cheirando a virgindade.” é o mesmo que dizer uma alma que parecia virgem.

8. Em todas as alternativas, a mudança proposta para o período em destaque alterou o seu sentido, EXCETO em:

a) Ele levantou lentamente os olhos para ver o céu. / Ele levantou os olhos para ver o céu lentamente.
b) Devo encontrá-lo apenas no shopping. / Devo apenas encontrá-lo no shopping.
c) O meu pedido foi só que ele estivesse aqui no horário marcado. / O meu pedido foi que ele estivesse aqui só no horário marcado.
d) Ele disse que necessariamente conseguiria resultados para a pesquisa. / Ele disse que conseguiria necessariamente resultados para a pesquisa.
e) Carmen gosta de pensar muito antes de agir. / Carmen gosta muito de pensar antes de agir.

Resposta: “d”. Na opção a) mudamos de “levantar lentamente”, para “ver lentamente”; na opção b) mudamos de “ele só pode ser encontrado no shopping” para “eu não tenho mais nada a fazer a não ser encontrá-lo no shopping”; na opção c) mudamos de “eu fiz apenas um pedido: que ele estivesse aqui no horário marcado” para “ele deve estar aqui apenas no horário marcado e não em outro horário qualquer”; na opção e) mudamos de “Carmen pensa dez vezes... depois age” para “Carmen gosta bastante de pensar... e age”.

Texto para a questão 9.

As crônicas da vila de Itaguaí dizem que em tempos remotos vivera ali um certo médico, o Dr. Simão Bacamarte, filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas. Estudara em Coimbra e Pádua.

Aos trinta e quatro anos regressou ao Brasil, não podendo el-rei alcançar dele que ficasse em Coimbra, regendo a universidade, ou em Lisboa, expedindo os negócios da monarquia.

— A ciência, disse ele a Sua Majestade, é o meu emprego único; Itaguaí é o meu universo.

Dito isto, meteu-se em Itaguaí, e entregou-se de corpo e alma ao estudo da ciência, alternando as curas com as leituras, e demonstrando os teoremas com cataplasmas.

Aos quarenta anos casou com D. Evarista da Costa e Mascarenhas, senhora de vinte e cinco anos, viúva de um juiz de fora, e não bonita nem simpática. Um dos tios dele, caçador de pacas perante o Eterno, e não menos franco, admirou-se de semelhante escolha e disse-lho. Simão Bacamarte explicou-lhe que D. Evarista reunia condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem, digeria com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso, e excelente vista; estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, sãos e inteligentes. Se além dessas prendas, — únicas dignas da preocupação de um sábio, — D. Evarista era mal composta de feições, longe de lastimá-lo, agradecia-o a Deus, porquanto não corria o risco de preterir os interesses da ciência na contemplação exclusiva, miúda e vulgar da consorte.

D. Evarista mentiu às esperanças do Dr. Bacamarte, não lhe deu filhos robustos nem mofinos. A índole natural da ciência é a longanimidade; o nosso médico esperou três anos, depois quatro, depois cinco. Ao cabo desse tempo fez um estudo profundo da matéria, releu todos os escritores árabes e outros, que trouxera para Itaguaí, enviou consultas às universidades italianas e alemãs, e acabou por aconselhar à mulher um regime alimentício especial. A ilustre dama, nutrida exclusivamente com a bela carne de porco de Itaguaí, não atendeu às admoestações do esposo; e à sua resistência, — explicável mas inqualificável, — devemos a total extinção da dinastia dos Bacamartes.

Mas a ciência tem o inefável dom de curar todas as mágoas; o nosso médico mergulhou inteiramente no estudo e na prática da medicina. Foi então que um dos recantos desta lhe chamou especialmente a atenção, — o recanto psíquico, o exame da patologia cerebral. Não havia na colônia, e ainda no reino, uma só autoridade em semelhante matéria, mal explorada, ou quase inexplorada. Simão Bacamarte compreendeu que a ciência lusitana, e particularmente a brasileira, podia cobrir-se de “louros imarcescíveis”, — expressão usada por ele mesmo, mas em um arroubo de intimidade doméstica; exteriormente era modesto, segundo convém aos sabedores.

(Machado de Assis. *O alienista,* São Paulo: Ática, 1982, p. 9-10)

9. Leia os seguintes trechos do texto:

“… estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, sãos e inteligentes.”

“Se além dessas prendas, (...) D. Evarista era mal composta de feições, longe de lastimá-lo, agradecia-o a Deus, porquanto não corria o risco de preterir os interesses da ciência na contemplação exclusiva, miúda e vulgar da consorte.”

Sem alteração das relações de sentido originais, as palavras destacadas podem ser substituídas, respectivamente, por

a) portanto — visto que
b) entretanto — portanto
c) então — se bem que
d) por isso — não obstante

e) todavia — sendo que

Resposta: “a”. “Estava assim apta” — a palavra “assim” indica uma ideia de conclusão, por isso usamos no seu lugar a palavra “portanto” (conjunção coordenativa conclusiva); “porquanto” é uma conjunção que indica causa ou explicação. Assim sendo, teremos uma ideia conclusiva, na primeira, e uma ideia causal/explicativa, na segunda. Essa sequência aparece apenas na opção a).

10. No fragmento:

Nada mais cruel do que a cronicidade de certas formas de tuberculose.

Os termos destacados expressam uma comparação. Esta ideia também está presente em

a) Vendo os doentes na janela, a mulher do riso desdentado deu adeus como na véspera.
b) Os doentes do Sanatorinho portavam-se como desejava o Simão, intimidando-se.
c) Como a fulana nada prometera, Simão desesperava-se com a enfermidade.
d) Simão não sabia como suportar o desejo incoercível que lhe despertara a estranha criatura.
e) “Mas o Simão era um assassino. Como ele próprio dizia, sem ódio, quase com ternura, ‘matei um’.”

Resposta: “a”. “Como na véspera” é o mesmo que dizer: “da mesma maneira que na véspera”, ou seja, há uma comparação entre a ação atual e a anterior. Nas outras opções a palavra “como” expressa ideias diferentes. Vejamos: b) como = conforme (indica conformidade); c) como = uma vez que (indica causa); d) como = modo (introduz um complemento para a oração anterior, indicando um modo); e) como = modo (indica a sua maneira de dizer).

11. Assinale a alternativa em que a mudança de posição do termo destacado não implique a possibilidade de mudança de sentido do enunciado.

a) Belo Horizonte já foi uma linda cidade. / Belo Horizonte já foi uma cidade linda.
b) Filho meu não irá para o exército. / Meu filho não irá para o exército.
c) Meu carro novo é maior. / Meu novo carro é maior.
d) Por algum dinheiro ele seria capaz de vender a casa. / Por dinheiro algum ele seria capaz de vender a casa.
e) Com uma simples dose do medicamento ficou curada. / Com uma dose simples do medicamento ficou curada.

Resposta: “a”. Linda cidade = cidade linda. Vejamos a mudança de sentido nas outras opções: b) filho meu = qualquer um dos meus filhos / meu filho = apenas aquele filho; c) meu carro novo = tenho um carro e ele é recém-comprado / meu novo carro = tenho mais um carro e ele foi o último que eu comprei; d) por algum dinheiro = não importa quanto, desde que haja um pouco sequer de dinheiro, a casa será vendida / por dinheiro algum = não importa se pouco ou muito dinheiro, a casa não seria vendida; e) com uma simples dose do medicamento = com apenas uma dose do medicamento / com uma dose simples do medicamento = com uma dose pequena do medicamento.

Texto para a questão 12.

O “brasil” com b minúsculo é apenas um objeto sem vida, autoconsciência ou pulsação interior, pedaço de coisa que morre e não tem a menor condição de se reproduzir como sistema; como, aliás, queriam alguns teóricos sociais do século XIX, que viam na terra — um pedaço perdido de Portugal e da Europa — um conjunto doentio e condenado de raças que,

misturando-se ao sabor de uma natureza exuberante e de um clima tropical, estariam fadadas à degeneração e à morte biológica, psicológica e social. Mas o Brasil com B maiúsculo é algo muito mais complexo. É país, cultura, local geográfico, fronteira e território reconhecidos internacionalmente, e também casa, pedaço de chão calçado com o calor de nossos corpos, lar, memória e consciência de um lugar com o qual se tem uma ligação especial, única, totalmente sagrada. É igualmente um tempo singular cujos eventos são exclusivamente seus, e também temporalidade que pode ser acelerada na festa do carnaval; que pode ser detida na morte e na memória e que pode ser trazida de volta na boa recordação da saudade. Tempo e temporalidade de ritmos localizados e, assim, insubstituíveis. Sociedade onde pessoas seguem certos valores e julgam as ações humanas dentro de um padrão somente seu. Não se trata mais de algo inerte, mas de uma entidade viva, cheia de autorreflexão e consciência: algo que se soma e se alarga para o futuro e para o passado, num movimento próprio que se chama História. Aqui, o Brasil é um ser parte conhecido e parte misterioso, como um grande e poderoso espírito. Como um Deus que está em todos os lugares e em nenhum, mas que também precisa dos homens para que possa se saber superior e onipotente. Onde quer que haja um brasileiro adulto, existe com ele o Brasil e, no entanto — tal como acontece com as divindades — será preciso produzir e provocar a sua manifestação para que se possa sentir sua concretude e seu poder. Caso contrário, sua presença é tão inefável como a do ar que se respira e dela não se teria consciência a não ser pela comparação, pelo contraste e pela percepção de algumas de suas manifestações mais contundentes.

(DAMATTA, Roberto. *O que faz o brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1986, p. 11-12)

12. Assinale a opção que não apresenta relações de comparação que estejam linguisticamente marcadas por conectivos comparativos:

a) “Como um Deus que está em todos os lugares e em nenhum, mas que também precisa dos homens para que possa se saber superior e onipotente.”
b) “É igualmente um tempo singular cujos eventos são exclusivamente seus, e também temporalidade que pode ser acelerada na festa do carnaval.”
c) “Aqui, o Brasil é um ser parte conhecido e parte misterioso, como um grande e poderoso espírito.”
d) “Onde quer que haja um brasileiro adulto, existe com ele o Brasil e, no entanto — tal como acontece com as divindades — será preciso produzir e provocar a sua manifestação para que se possa sentir sua concretude e seu poder.”
e) “Caso contrário, sua presença é tão inefável como a do ar que se respira e dela não se teria consciência a não ser pela comparação, pelo contraste e pela percepção de algumas de suas manifestações mais contundentes.”

Resposta: “b”. A comparação se dá pelo sentido geral da frase e não por alguma expressão comparativa. Já nas outras opções sempre há um elemento comparativo. Vejamos: a) Como Deus... (como = conectivo comparativo); c) ... como um grande e poderoso espírito. (como = conectivo comparativo); d) ... tal como acontece com as divindades... (tal como = conectivo comparativo); e) ... é tão inefável como a do ar... (como = conectivo comparativo).

Texto para a questão 13.

Esparadrapo

Há palavras que parecem exatamente o que querem dizer. “Esparadrapo”, por exemplo. Quem

quebrou a cara fica mesmo com cara de esparadrapo. No entanto, há outras, aliás de nobre sentido, que parecem estar insinuando outra coisa. Por exemplo, “incunábulo”*.

(QUINTANA, Mário. *Da preguiça como método de trabalho.* Rio de Janeiro, Globo, 1987. p. 83)

**Incunábulo: [do lat. Incunabulu; berço]. Adj. 1- Diz-se do livro impresso até o ano de 1500. / S.m. 2- Começo, origem.*

13. A locução “No entanto” tem importante papel na estrutura do texto. Sua função resume-se em

a) ligar duas orações que querem dizer exatamente a mesma coisa.
b) separar acontecimentos que se sucedem cronologicamente.
c) ligar duas observações contrárias acerca do mesmo assunto.
d) apresentar uma alternativa para a primeira ideia expressa.
e) introduzir uma conclusão após os argumentos apresentados.

Resposta: “c”. No entanto — conjunção coordenativa adversativa — liga duas ideias contrárias.

14. Marque a sentença que apresenta falha de significado, por confusão vocabular:

a) O perigo era iminente.
b) O tráfico de veículos de grande porte pelo túnel é proibido.
c) Foi ratificada a data de chegada do nosso convidado.
d) A discrição de José tem-lhe sido muito útil.
e) Se você agir desta maneira, estará infringindo as normas da casa.

Resposta: “b”. Cuidado com os parônimos — palavras parecidas com significados distintos. Tráfico = comércio (ou comércio ilícito); tráfego = fluxo de veículos.

15. Assinale a opção em que a mudança na ordem dos termos altera substancialmente o conteúdo semântico do enunciado:

a) Algum valor deve ser atribuído a este tipo de trabalho.
A este tipo de trabalho, valor algum deve ser atribuído.
b) São duas estas condições especiais.
Estas condições especiais são duas.
c) Qualidades que são pelos seus próprios pares reconhecidas.
Qualidades que são reconhecidas pelos seus próprios pares.
d) É isto que permite ao cientista adquirir prestígio social.
Isto é que permite ao cientista adquirir prestígio social.
e) Esta qualidade intelectual pode traduzir-se em produtos.
Pode esta qualidade intelectual traduzir-se em produtos.

Resposta: “a”. A ordem das palavras pode alterar o sentido da frase: “algum valor” — existe valor, pois o pronome “algum” que antecede o substantivo “valor” tem caráter afirmativo; “valor algum” — não existe valor, pois o pronome “algum” que sucede “valor” tem caráter negativo.

16. Assinale a única opção em que aparece uma palavra que não é antônima das demais, considerando-se o primeiro termo da série.

a) Sossego: agitação, preocupação.
b) Notório: desconhecido, ignoto.

c) Negligente: aplicado, diligente.
d) Livre: preso, medroso.
e) Meritório: indigno, desprezível.

Resposta: “d”. “Medroso” não é o contrário de “livre”.

17. Assinale a opção em que os dois enunciados não têm basicamente o mesmo significado:

a) “o oceano do povo se encapela” / encapela-se o oceano do povo.
b) “ruge o clarim tremendo da batalha” / ruge o tremendo clarim da batalha.
c) “águia — talvez as asas te espedacem” / talvez as asas da águia te espedacem.
d) “que a mão dos séculos no futuro talha...” / que no futuro a mão dos séculos talha.
e) “levanta a Deus do cativeiro o grito!” / levanta a Deus o grito do cativeiro.

Resposta: “c”. Na primeira frase o sujeito referência de “espedacem” é a própria “águia”; na segunda frase “as asas da águia” praticam a ação de “espedaçar” um outro ser.

18. No enunciado — “Nesse caso, por não se preservar na comunidade dependendo da correlação natural entre soluções e habilidades disponíveis, surgirão deformações...” —, a preposição grifada pode ser substituída, sem alteração fundamental de sentido, por:

a) apesar de.
b) a fim de.
c) a despeito de.
d) em virtude de.
e) depois de.

Resposta: “d”. A preposição “por” nessa frase indica causa, anterioridade, por isso ser sinônimo de “em virtude de”, que também expressa causa, anterioridade.

19. Assinale a opção em que o verbo contar é empregado com o mesmo sentido que apresenta em — “Ainda não se podiam contar.”

a) Comece a contar até dez e depois trate de correr.
b) Mesmo sem contar que somos amigos, eu lhe daria o emprego.
c) Ao morrer, Castro Alves contava menos de vinte e cinco anos.
d) Não tenho condições de contar toda a história detalhadamente.
e) Contava nunca mais tornar a vê-lo.

Resposta: “a”. O verbo “contar” na frase do enunciado expressa quantidade, o que aparece também na opção “a”. Vejamos as outras: b) contar = dizer; c) contar = ter; d) contar = narrar; e) contar = acreditar.

20. Assinale a opção em que o elemento “auto-” apresenta significação diferente da que tem em autoestima:

a) autodidata.
b) autobiografia.
c) autopeça.
d) autossugestão.
e) autossuficiente.

Resposta: “c”. Em autoestima, o prefixo “auto-” significa “a/de si próprio”, assim como em “autodidata”, “autobiografia”, “autossugestão” e “autossuficiente”. Já em “autopeça”, “auto” é a redução de “automóvel”.

21. Assinale a opção em que a preposição por exprime a mesma ideia que possui em “Falo por palavras tortas.”

a) Reze por todos nós.
b) Mandou notícias por telegrama.
c) Lutamos por um mesmo ideal.
d) Um homem prevenido vale por dois.
e) Todos o têm por sábio.

Resposta: “b”. A preposição “por” na frase do enunciado “Falo por palavras tortas.” indica meio; o mesmo acontece em “Mandou notícias por telegrama.” Vejamos as outras: a) por = finalidade; c) por = finalidade; d) por = equivalência; e) por = comparação.

22. Na frase: “O fio da ideia cresceu, engrossou e partiu-se”, ocorre processo de gradação. Não há gradação em:

a) O carro arrancou, ganhou velocidade e capotou.
b) O avião decolou, ganhou altura e caiu.
c) O balão inflou, começou a subir e apagou.
d) A inspiração surgiu, tomou conta de sua mente e frustrou-se.
e) João pegou um livro e ouviu um disco e saiu.

Resposta: “e”. A gradação é o aumento ou a diminuição de forma contínua. Na opção e) temos apenas a apresentação de ações que se sucedem.

23. A frase que se completa com a primeira forma colocada entre parênteses é:

a) Até hoje não se abriu nenhum _____ quanto ao assunto. (procedente — precedente)
b) Se enganos houve, que sejam prontamente _____ . (ratificados — retificados)
c) Os bombeiros andavam às voltas com o _____ perigo. (eminente — iminente)
d) As rosas deixaram uma suave _____ no ar. (flagrância — fragrância)
e) A atitude do aluno _____ o regulamento. (infringiu — inflingiu)

Resposta: “e”. Para resolver essa questão devemos consultar a lista dos parônimos. As lacunas das opções “a”, “b”, “c” e “d” se preenchem com a segunda palavra dos parênteses. A lacuna da opção “e” se preenche com a primeira palavra dos parênteses.

24. Assinale a opção em que não se verifica correspondência de sentido entre a expressão destacada e o advérbio.

a) “Talhei de avanço, em minha história” — posteriormente.
b) “Não sei contar direito”. — corretamente.
c) “Mas ele quer saber tudo diverso”. — diferentemente.
d) “Miúdo e miúdo, caso o senhor quiser, dou descrição”. — pormenorizadamente.
e) “Mas principal quero contar é o que eu não sei ser”. — fundamentalmente.

Resposta: “a”. “De avanço” significa “adiante, para a frente”, “posteriormente” quer dizer “depois, mais tarde”.

25. Assinale a opção em que a troca da expressão destacada pela que está entre

parênteses altera sensivelmente o sentido do enunciado:

a) Andou de rota batida uma meia hora. (cerca de)
b) Que o velho José Paulino fizera. (tinha feito)
c) Não vou para o bando dele por causa da minha mãe. (devido a)
d) Era como uma camarinha no meio da noite. (que nem)
e) Era um mar de leite por cima das coisas. (sob as)

Resposta: "e". Sob = embaixo. Sobre = em cima, por cima.

26. Assinale a opção em que o vocábulo mais equivale a "outra vez" ou "de novo".

a) No outro dia não voltou mais para trabalhar para aquele homem.
b) Desceu mais, não queria que o vissem assim como estava.
c) E quanto mais andava mais tinha vontade.
d) Quis correr para que não o visse, mas não o fez, chegou-se mais para perto.
e) Não era um pobre seleiro de beira de estrada, era mais que um oficial, de bagaceira de engenho.

Resposta: "a". Note que apenas na opção "a" o vocábulo "mais" indica "repetição". Em todas as outras opções "mais" expressa "acréscimo".

27. Assinale a opção em que a mudança na ordem dos termos altera sensivelmente o sentido do enunciado:

a) A luz da lua ainda não clareava o escuro da cajazeira. / A luz da lua não clareava ainda o escuro da cajazeira.
b) No outro dia não voltou mais para trabalhar. / No outro dia não mais voltou para trabalhar.
c) Mas estou aqui a mando do Capitão Antonio Silvino. / Mas aqui estou a mando do Capitão Antonio Silvino.
d) Não queria que o vissem assim como estava. / Não queria assim que o vissem como estava.
e) Não deixaria de fazer o que fazia agora por preço nenhum. / Não deixaria de fazer o que fazia agora por nenhum preço.

Resposta: "d". Não queria que o vissem assim como estava. — nessa frase a palavra "assim" indica modo. Não queria assim que o vissem como estava. — nessa frase a palavra "assim" indica conclusão.

28. A frase que tem sentido duplo é:

a) O guarda ouviu o barulho da janela.
b) O barulho da janela, ouviu-o o guarda.
c) O guarda ouviu o barulho que era da janela.
d) Foi o barulho da janela que o guarda ouviu.
e) O barulho da janela foi ouvido pelo guarda.

Resposta: "a". O guarda estava à janela e ouviu o barulho, ou o guarda ouviu o barulho produzido pela janela.

29. Assinale o único exemplo cuja lacuna deve ser preenchida com a primeira alternativa da série dada nos parênteses:

a) Estou aqui _____ de ajudar os flagelados das enchentes. (afim / a fim)
b) A bandeira está _____ . (arreada / arriada)

c) Serão punidos os que _____ o regulamento. (inflingirem / infringirem)
d) São sempre valiosos os _____ dos mais velhos. (concelhos / conselhos)
e) Moro _____ cem metros da praça principal. (a cerca de / acerca de)

Resposta: “e”. Veja a lista dos parônimos para resolver essa questão.

7

ESTILÍSTICA

Disciplina linguística que estuda a expressão em seu sentido mais estrito de EXPRESSIVIDADE da linguagem, isto é, a sua capacidade de emocionar e sugestionar.

J. Mattoso Camara Jr.

A estilística **visa ao lado estético emocional da atividade linguística**, em oposição ao aspecto intelectivo e científico. Ela trata do estilo, dos diversos processos expressivos próprios para despertar o sentimento estético. Esses processos resumem-se no que chamamos **figuras de linguagem**.

Ela também **cuida da boa organização do texto**, **evitando problemas** com a ortografia, a concordância, a regência e outros aspectos gramaticais. Esses problemas resumem-se no que chamamos **vícios de linguagem**.

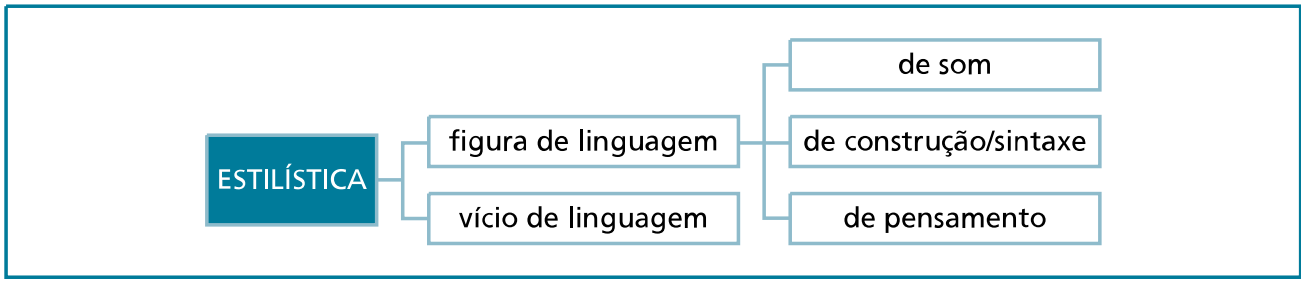

7.1. FIGURAS DE LINGUAGEM OU ESTILO

São a forma de utilizar as palavras em **sentido conotativo, figurado, com o objetivo de ser mais expressivo**.

As figuras de linguagem se dividem em três grupos:

- *figuras de som:* destacam **o som das palavras** — são elas: aliteração e onomatopeia.
- *figuras de construção ou de sintaxe:* trabalham **a construção da frase** — são elas: anacoluto, anáfora, apóstrofe, assíndeto, elipse, hipérbato, pleonasmo, polissíndeto, silepse e zeugma.
- *figuras de pensamento:* trabalham as palavras do ponto de vista de **seus significados**

— são elas: antítese, antonomásia, catacrese, comparação, eufemismo, gradação, hipérbole, ironia, metáfora, metonímia, prosopopeia e sinestesia.

7.1.1. Figuras de som

7.1.1.1. Aliteração

É a **repetição** proposital de um **som consonantal** numa sequência linguística. O efeito serve para reforçar a ideia que se deseja transmitir:

O rato roeu a roupa real do rei de Roma.

"Um marquês de monóculo fazia montinhos de monossílabos." (Marina Colassanti)

"Chove chuva chovendo
Que a cidade do meu bem
Está-se toda lavando." (Oswald de Andrade)

Curiosidade: A repetição de uma mesma vogal numa frase recebe o nome de *Assonância*.

"E bamboleando em ronda
dançam bandos tontos e bambos
de pirilampos." (Guilherme de Almeida)

7.1.1.2. Onomatopeia

É o uso de palavras que **imitam sons ou ruídos:**

O *tic-tac* do meu coração está forte.

O cavalo ia pelo caminho fazendo *pocotó*.

"Lá vem o vaqueiro pelos atalhos,
tangendo as reses para os currais.
Blem... blem... blem... cantam os chocalhos
dos tristes bodes patriarcais.
E os guizos finos das ovelhas ternas
Dlin... dlin... dlin...
E o sino da igreja velha:
Bão... bão... bão..." (Ascenio Ferreira)

7.1.2. Figuras de construção ou de sintaxe

7.1.2.1. Anacoluto

Representa a **quebra da estrutura sintática** de uma frase, ruptura da ordem lógica, ficando termos isolados; caracteriza também estado de confusão mental. É o mesmo que frase quebrada:

Mulheres, impossível viver sem elas!

A infância, recordo-me dos dias de criança com saudade.

Deixe-me pensar... Será que... Não, não... É...

7.1.2.2. Anáfora

Também chamada de *Repetição*. É, justamente, a **repetição de palavras ou expressões** na frase:

Ela trabalha, ela estuda, ela é mãe, ela é pai, ela é tudo!

"Depois, o areal extenso...
Depois, o oceano de pó...
Depois no horizonte imenso
Desertos, desertos só..." (Castro Alves)

Curiosidades: Existem algumas variações para essa repetição.

a) *diácope:* repetição de uma palavra com a intercalação de outra, ou outras.

Maria, a dedicada Maria, a sábia e generosa Maria...

b) *epístrofe:* repetição de uma palavra no final do período.

O homem é Deus. A vida é Deus. O universo é Deus.

c) *epizeuxe:* repetição seguida de uma palavra.

Raios, raios, raios triplos!

É gol, gol, gol, gol!

7.1.2.3. Apóstrofe

É a **invocação ou interpelação do ouvinte ou leitor** a seres reais ou imaginários, presentes ou ausentes:

"Senhor Deus dos desgraçados, dizei-me Vós, Senhor Deus
Se eu deliro ou se é verdade tanto horror perante os céus." (Castro Alves)

"Afasta de mim esse cálice, pai!" (Chico Buarque e Milton Nascimento)

7.1.2.4. Assíndeto

É a **ausência de conjunções** entre palavras da frase ou orações do período. A intenção é indicar a lentidão no ritmo da frase. As orações aparecem justapostas ou separadas por vírgulas:

Nasci, cresci, morri.

Solange é linda, meiga, sorridente, simpática.

"Foi apanhar gravetos, trouxe dos chiqueiros das cabras uma braçada de madeira meio roída pelo cupim, arrancou touceiras de macambira, arrumou tudo para a fogueira." (Graciliano Ramos)

7.1.2.5. Elipse

É a **omissão de palavras ou orações** que ficam subentendidas:

Childerico é teimoso como eu. — *como eu sou teimoso.*

Somos felizes aqui. — *nós.*

Solicitei a todos que respondessem com sinceridade. — *à pergunta que eu fizera*.

7.1.2.6. Hipérbato

Inversão sintática dos termos da orações, ou das orações no período:
De barata, Âni tem medo.
"Ouviram do Ipiranga às margens plácidas
De um povo heroico o brado retumbante." (Osório Duque Estrada)

7.1.2.7. Pleonasmo

Repetição de uma ideia com objetivo de realce:
A rosa, entreguei-a ao meu amor.
Olhei Maria com olhos sonhadores.

Curiosidade: O pleonasmo pode também representar um *vício de linguagem* quando, em vez de reforçar poeticamente uma frase, deixa-a repetitiva, redundante. Nesse caso chama-se *pleonasmo vicioso*:
Subir para cima.
Descer para baixo.

7.1.2.8. Polissíndeto

Repetição de uma conjunção nas orações ou nos termos coordenados. A intenção é acelerar o ritmo da frase:
Estudou e casou e trabalhou e separou-se...
Ele não faz nada: nem chora, nem ri, nem dá uma palavra, nem gesticula!

7.1.2.9. Silepse

Também chamada de *concordância irregular* ou *ideológica*, representa a **combinação das palavras, não com a forma, mas com a ideia**.

7.1.2.9.1. Silepse de pessoa

Os brasileiros somos alegres.
Todos queríamos uma vida melhor.

7.1.2.9.2. Silepse de gênero

São Paulo é linda.
Vossa Senhoria parece preocupado.

7.1.2.9.3. Silepse de número

A maioria chegou cedo, brincaram o dia todo.
A multidão agitada gritava contra os dirigentes, lançavam tomates contra eles.

7.1.2.10. Zeugma

Omissão, marcada por vírgula, **de um verbo** mencionado anteriormente:
Âni comeu banana; João, melão.
As garotas estudavam matemática e os rapazes, português.

7.1.3. Figuras de pensamento

7.1.3.1. Antítese

Consiste na **aproximação de ideias, palavras ou expressões de sentidos opostos**.
Quando os tiranos caem, os povos se levantam.
Pedro não é bom nem mau, apenas justo.
Quem quer a paz deve se preparar para a guerra.

Curiosidade: *Paradoxo* ou *oxímoro* — são variações da antítese; consistem na aproximação de ideias opostas em apenas uma figura.
"Estou cego e vejo, arranco os olhos e vejo." (Carlos Drummond de Andrade)
"É um contentamento descontente." (Camões)

7.1.3.2. Antonomásia

É a **substituição de um nome próprio por uma qualidade ou característica** que o distinga. É o mesmo que apelido, alcunha, cognome.
Beijo do gordo. — gordo = Jô Soares.
O poeta dos escravos emociona a todos. — poeta dos escravos = Castro Alves.
O pai da aviação não queria ver seu invento usado para o mal. — pai da aviação = Santos Dumont.

Curiosidade: Quando essa figura se refere a outros seres que não pessoas, recebe o nome de *perífrase*.
A cidade luz é linda. — cidade luz = Paris.
Moro na terra da garoa. — terra da garoa = São Paulo.
Os portadores do mal de lázaro já foram muito discriminados. — mal de lázaro = hanseníase.

7.1.3.3. Catacrese

Metáfora tão usada que perdeu seu valor de figura e tornou-se cotidiana, não representando mais um desvio. Isso ocorre pela inexistência de palavras mais apropriadas para nomear o que se deseja. A catacrese surge da semelhança da forma ou da função de seres, fatos ou coisas:
céu da boca
pé da cadeira
perna da mesa
dente de alho

7.1.3.4. Comparação

Aproximação de dois elementos realçando as suas semelhanças, usando-se — para isso — elementos comparativos: *como, feito, tal qual, que nem* etc.:

Aquela menina é delicada como uma flor.
Ela é alta que nem um poste!
Tal qual o pai, ele tornou-se professor.
Ela estava paralisada como uma estátua.

7.1.3.5. Gradação

É o **encadeamento de palavras ou ideias com efeito cumulativo:**

Esperarei por ela quanto for preciso: um dia, uma semana, um mês, um ano...
O pai olhava aquilo com tristeza, a mãe chorava, as crianças estavam aos prantos.

7.1.3.6. Eufemismo

É a **atenuação de algum fato ou expressão** (com o objetivo de amenizar alguma verdade triste, chocante ou desagradável):

Ele foi desta para melhor.
Você faltou com a verdade.
Falta-lhe inteligência para entender isso!

7.1.3.7. Hipérbole

É o **exagero** proposital **de uma ideia**, com objetivo expressivo:

Estou morrendo de fome.
Já falei mais de mil vezes para você não deixar os sapatos na sala!
Ela chorou rios de lágrimas.

7.1.3.8. Ironia

Forma intencional de **dizer o contrário da ideia que se deseja apresentar:**

Que belo presente de aniversário esses pés de pato!
As suas notas estão ótimas: zero em matemática, zero em português!
A excelente Agripina era mestra em fazer maldades.

7.1.3.9. Metáfora

Apresenta **uma palavra utilizada em sentido figurado**, uma palavra utilizada fora de sua acepção real, em virtude de uma semelhança subentendida:

Aquela criança é uma flor.
Esse menino é um trator.
"Iracema, a virgem dos lábios de mel." (José de Alencar)

Curiosidade: O desenvolvimento de uma metáfora chama-se *Alegoria*. Vejamos os seguintes exemplos:

A partir da metáfora "A palavra de Deus é semente" conta-se, no Novo Testamento (Lucas: VIII, 5-11), uma história sobre a *semente*, mas essa história na verdade se refere à *palavra de Deus*. Trata-se de *alegoria* ou *parábola*, porque a história desenvolve-se em relação ao termo metafórico, mas na verdade diz respeito ao termo próprio.

Conta-se uma história sobre uma certa *gorduchinha* que dá e leva muitas e boas; mas a *gorduchinha* é a *bola* e toda a história se refere a um *jogo de futebol*.

7.1.3.10. Metonímia

Também chamada de *sinédoque*, consiste no uso de **uma palavra no lugar de outra** que tem **com** ela alguma **proximidade de sentido**.

A metonímia pode ocorrer quando usamos:

7.1.3.10.1. O autor pela obra

Nas horas vagas, leio Machado de Assis.

Vamos assistir a um delicioso Spielberg.

7.1.3.10.2. O continente pelo conteúdo

Conseguiria comer toda a marmita.

O vinho era delicioso, tomei duas taças.

7.1.3.10.3. A causa pelo efeito, e vice-versa

A falta de trabalho é a causa da desnutrição naquela comunidade.

Nossos cabelos brancos inspiram confiança.

7.1.3.10.4. O lugar pelo produto feito no lugar

O Porto é o vinho mais vendido naquela loja.

Após o jantar ele fumava um Havana.

7.1.3.10.5. A parte pelo todo

Chegaram as pernas mais lindas da cidade.

Vamos precisar de muitos braços para realizar o trabalho.

7.1.3.10.6. A matéria pelo objeto

A porcelana chinesa é belíssima.

O jogador recebe o couro e chuta para o gol.

7.1.3.10.7. A marca pelo produto

Gostaria de um pacote de bombril, por favor.

Você comprou a gilete que eu pedira?

7.1.3.10.8. O concreto pelo abstrato, e vice-versa

Carlos é uma pessoa de bom coração.
O Brasil ficou sob o jugo da coroa portuguesa por muitos anos.

7.1.3.10.9. O indivíduo pela espécie

O futebol brasileiro ressente a falta de novos pelés.
Ele estuda para se tornar um grande Einstein.

7.1.3.10.10. O instrumento pela ideia que ele representa

João é um bom garfo.
Senna é reconhecido como o melhor volante da Fórmula 1.

7.1.3.11. Prosopopeia

Também chamada de *personificação*, é a **atribuição de características humanas a seres não humanos, inanimados, imaginários ou irracionais:**

O carro morreu.
O meu cãozinho sorri para mim quando chego a minha casa.
As paredes têm ouvidos.

7.1.3.12. Sinestesia

Mistura de sensações (audição, visão, tato, olfato e paladar) em uma única expressão.

Aquele choro amargo e frio me espantava.
Jocasta tinha uma voz doce e macia.
Aquela pele delicada, suave e brilhante da garota me encantava.

7.2. VÍCIOS DE LINGUAGEM

Os vícios de linguagem **são defeitos**, problemas que surgem no emprego da língua. Eles se classificam de acordo com a parte da gramática que ferem com os erros.

7.2.1. Barbarismo

Grafia ou pronúncia de uma palavra em desacordo com a norma culta:

- *grafia:* previlégio (por privilégio); ítens (por itens); excessão (por exceção).
- *pronúncia:* RUbrica (por ruBRIca); PUdico (por puDIco); MISter (por misTER); gratuIto (por graTUIto).

7.2.2. Solecismo

Desvio da norma em relação à sintaxe — regência, concordância, colocação:

Fazem dois anos que não nos vemos. (por Faz dois anos.)
João é o sentinela do quartel. (por João é a sentinela.)
Eu simpatizo por você. (por Eu simpatizo com você.)
Vamos no cinema. (por Vamos ao cinema.)
Não deixe-me aqui. (por Não me deixe aqui.)

Deixe eu ver. (por Deixe-me ver.)

7.2.3. Ambiguidade ou anfibologia

Emprego de **frases ou expressões com duplo sentido**.

O menino viu o incêndio da escola — O menino viu a escola incendiada, ou estava na escola vendo um incêndio ao longe?

José disse a Pedro que encontrara seu pai na feira — Pai de quem, do Pedro ou do José?

7.2.4. Cacófato

Uso ruim de sons, produzido pela junção de palavras:

Beijou na boca dela. (surge o som "cadela")

Eu vi ela. (surge o som "viela")

Eu amo ela. (surge o som "moela")

Não tenho pretensão acerca dela. (surge o som "ser cadela")

7.2.5. Pleonasmo vicioso

Repetição desnecessária de palavras ou expressões:

Subir pra cima.

Quero ver isso com os meus olhos.

7.2.6. Neologismo

Criação desnecessária de palavras novas:

Seu bolo não está tão gostoso, mas está comível — "comível" não existe na língua portuguesa, temos para esse sentido a palavra "comestível".

7.2.7. Eco

Repetição de um som numa sequência de palavras:

O tenente ficou contente quando soube da nova iminente patente.

7.2.8. Arcaísmo

Utilização de **palavras que já caíram em desuso:**

Vossa mercê pode me ajudar?

João não quer continuar casado com Maria, por isso pedirá o desquite.

7.3. QUESTÕES

1. "Sois Anjo, que me tenta, e não me guarda." Temos aqui uma figura de linguagem, típica do Barroco:

a) antítese
b) pleonasmo
c) eclipse
d) hipérbole

Resposta: “a”. Antítese, pois há uma ideia de oposição: anjo deve guardar, e não tentar.

2. Observe a letra destacada nos versos: “O vento voa / a noite toda se atordoa.” — Na constante que se repete, você vê:

a) aliteração
b) assonância
c) eco
d) rima
e) onomatopeia

Resposta: “a”. Aliteração, repetição de um som.

3. Aponte a alternativa que contenha a mesma figura de pensamento existente no período: “Acenando para a fonte, o riacho despediu-se triste e partiu para a longa viagem de volta.”

a) O médico visualizou, por alguns segundos, a cara magra do doente, antes que a última paixão se calasse.
b) Os arbustos dançavam abraçados com os pinheiros a suave valsa do crepúsculo.
c) Contemplando aquela terna fisionomia, afastou-se com um sorriso pálido e irônico.
d) Só o silêncio tem sido meu companheiro neste período amargo de intensa solidão.
e) A mesquinhez de tua atitude é poço profundo, cavado no íntimo de teu espírito.

Resposta: “b”. “O riacho despediu-se” — prosopopeia. “Os arbustos dançavam” — prosopopeia.

4. Assinale, na estrofe, de Manuel Bandeira, abaixo, a figura correta:

“Vi uma estrela tão alta,

Vi uma estrela tão fria!

Vi uma estrela luzindo,

Na minha vida vazia.”

a) assíndeto
b) pleonasmo
c) anacoluto
d) anáfora
e) silepse

Resposta: “d”. Anáfora, repetição de um som no início de cada verso.

5. Nos versos abaixo, há um recurso estilístico reconhecido no domínio das figuras, identifique-o:

“A luz dos intervalos de matar o tempo

de anunciar a eternidade

de estourar o momento dos cardíacos

de expulsar os loucos

de aproximar os rejeitados

de providenciar novas experiências

de costurar encontros.”
a) assíndeto
b) hipérbato
c) polissíndeto
d) anáfora
e) anacoluto

Resposta: “d”. Anáfora, repetição de um som no início de cada verso.

6. Os adultos possuem poder de decisão; os jovens, incertezas e conflitos.

Na segunda oração do período acima, ocorreu a omissão do verbo possuir, modificando a estrutura sintática da frase. Tal desvio constitui uma figura de construção, reconhecida como:
a) zeugma
b) assíndeto
c) elipse
d) hipérbato
e) pleonasmo

Resposta: “a”. Zeugma, ocultação de um verbo já escrito na frase.

7. Na expressão: “a natureza parece estar chorando”, do ponto de vista estilístico, temos:
a) antítese
b) polissíndeto
c) ironia
d) personificação
e) eufemismo

Resposta: “d”. Personificação ou prosopopeia, atribuir características animadas ou humanas a seres inanimados ou não humanos.

8. Identifique a figura empregada nos versos de Augusto dos Anjos destacados:

“No tempo de meu Pai, sob estes galhos,

Como uma vela fúnebre de cera,

Chorei milhões de vezes com a canseira

De inexorabilíssimos trabalhos!”
a) antítese
b) anacoluto
c) hipérbole
d) lítotes
e) paragoge

Resposta: “c”. Hipérbole, exagero.

9. Identifique a figura empregada no verso de Manuel Bandeira em destaque:

“Quando a indesejada das gentes chegar

(Não sei se dura ou caroável),

Talvez eu tenha medo.

Talvez sorria e diga:

— Alô, iniludível!”

a) clímax
b) eufemismo
c) sínquese
d) catacrese
e) pleonasmo

Resposta: “b”. Eufemismo, uma maneira suave de dizer algo ruim.

10. Qual figura de linguagem existe em: “vento ou ventania varrendo”?

a) metonímia
b) aliteração
c) anacoluto
d) catacrese
e) hipérbole

Resposta: “b”. Aliteração, repetição de um som.

11. O fenômeno fonético de valor estilístico que ocorre na expressão: “mulheres magras, morenas”, denomina-se:

a) eco
b) colisão
c) hiato
d) cacófato
e) aliteração

Resposta: “e”. Aliteração, repetição de um som.

12. Se não fosse muito esquisito comparar cidades com mulheres, eu diria que o Recife tem o físico, a psicologia, a graça arisca e seca, reservada e difícil de certas mulheres magras, morenas e tímidas. Por que não reparam que há cidades que são o contrário disso? Cidades gordas, namoradeiras, gozadoras? O Rio, por exemplo, Belém do Pará, São Luís do Maranhão são cidades gordas. A Bahia é gordíssima. São Paulo é enxuta. Mas Fortaleza e Recife são magras.

O conjunto de atributos predicados às cidades referidas constitui um exemplo de:

a) ironia
b) eufemismo
c) paradoxo
d) prosopopeia
e) metonímia

Resposta: “d”. Prosopopeia, atribuir características animadas ou humanas a seres inanimados ou não humanos.

13. Assinale a alternativa que indica o nome da figura relacionada às construções: “Olha o Tejo a sorrir-me”, “o rouxinol suspira”:

a) metonímia
b) personificação

c) onomatopeia
d) símile
e) sinédoque

Resposta: “b”. Personificação, atribuir características animadas ou humanas a seres inanimados ou não humanos.

14. Aponte a figura: “Naquela terrível luta, muitos adormeceram para sempre”.

a) antítese
b) eufemismo
c) anacoluto
d) prosopopeia
e) pleonasmo

Resposta: “b”. Eufemismo, uma maneira suave de dizer algo ruim.

15. Assinale a figura da frase seguinte: “Em poucos segundos avistávamos a maravilhosa Rio de Janeiro”.

a) metáfora
b) silepse de pessoa
c) silepse de gênero
d) silepse de número
e) sinédoque

Resposta: “c”. Silepse de gênero, pois o nome Rio de Janeiro é masculino, e o adjetivo “maravilhosa” foi usado no feminino.

16. Em: “Ele lê Machado de Assis”, há:

a) catacrese
b) perífrase
c) metonímia
d) anacoluto
e) inversão

Resposta: “c”. Metonímia.

17. Os excedentes ou rejeitados pela vida nunca têm acesso a nada e sobram na mesa dos pais e foram desmamados cedo e nasceram sem que ninguém os chamasse e passaram a constituir formas de imperfeição. — Nesse segmento, aparece uma figura de construção, reconhecida como:

a) pleonasmo
b) polissíndeto
c) assíndeto
d) anacoluto
e) aliteração

Resposta: “b”. Polissíndeto, a repetição da conjunção.

18. Para se preservarem a lógica e a boa redação, é preciso corrigir a construção da seguinte frase:

a) O autor parece preocupado com a baixa porcentagem de aceitação do regime democrático,

embora saiba que apenas 18% acolheriam bem um regime autoritário.

b) Posto que não hajam meia democracia ou meio autoritarismo, fica-se perplexo diante dessas duas alternativas.

c) Há exemplo histórico de que o caminho trilhado pelo político aventureiro não é o que melhor convém a um país que se queira democrático.

d) Não é todo mundo que vê com bons olhos as privatizações das companhias estatais; de fato, apenas 40% manifestaram-se favoravelmente a tais iniciativas.

e) É possível que os aventureiros estejam otimistas diante da falta de alternativas, pois é nessas situações que se abrem para eles largas avenidas.

Resposta: "b". Há dois problemas: a) solecismo (concordância do verbo haver); b) incoerência — não se pode ficar perplexo diante de algo que não existe.

19. Está clara e correta a redação da seguinte frase:

a) No artigo de "The Economist", revista cujo último número está nas bancas, resumem-se e comentam-se dados fornecidos pela pesquisa do "Latinobarômetro", do Chile.

b) A concordância com que só 40% se posiciona em vista dos benefícios das privatizações das estatais revelam que ainda são minorias.

c) Ao se abrir largas avenidas para os autoritários oportunistas, eles saberão como aproveitar essa vantagem para ocupar-lhes em seu próprio proveito.

d) Tanto quanto a forma de governo como quanto a economia, os países latinos-americanos vêm demonstrando uma grande perplexidade em ter que optarem.

e) O sinal de alarme que fala o "The Economist" diz respeito à possibilidade que se esteja abrindo caminho para qualquer um aventureiro.

Resposta: "a".

8

INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

O texto consiste (...) em qualquer passagem falada ou escrita que forma um todo significativo independente de sua extensão. Trata-se, pois, de um contínuo comunicativo contextual caracterizado pelos princípios de textualidade: contextualização, coesão, coerência, intencionalidade, informatividade, aceitabilidade, situacionalidade, e intertextualidade.

Leonor Lopes Fávero

8.1. NOÇÃO DE TEXTO

Antes de qualquer observação a respeito da compreensão de textos, faz-se necessária a conceituação de **texto**, pois **não é qualquer aglomerado de frases que se pode chamar assim**. É preciso verificar a viabilidade de um enunciado ser ou não um texto. De modo geral, chamamos de texto toda unidade de produção de linguagem situada, acabada e autossuficiente (do ponto de vista da ação ou da comunicação).

O texto é constituído de vários componentes estilísticos, esquemáticos, retóricos, não se limitando, assim, a componentes simplesmente gramaticais, ou seja, **consiste na formação de um todo significativo** que independe de sua extensão, pois trata-se de uma unidade de sentido, de um conteúdo comunicativo contextual que se caracteriza por um conjunto de relações responsáveis pela sua construção.

O texto é um tecido verbal estruturado de tal forma que as ideias formam um todo coeso, uno, coerente. São sequências de signos verbais ordenados sistematicamente, de modo a manifestar um único direcionamento. A manifestação de um único direcionamento, ou a noção de unidade no texto, também é destacada por Padre Antônio Vieira — *Sermão da Sexagésima*:[1]

> "O sermão há de ser duma só cor, há de ter um só objeto, um só assunto, uma só matéria. Há de tomar o pregador uma só matéria, há de defini-la para que se conheça, há de dividi-la para que se distinga, há de prová-la com a Escritura, há de declará-la com a razão, há de confirmá-la com o exemplo, há de ampliá-la com as causas, com os efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências que se hão de seguir, com os inconvenientes que se devem evitar, há de responder às dúvidas, há de satisfazer as dificuldades, há de impugnar e refutar com toda a força da eloquência os argumentos

contrários, e depois disso há de colher, há de apertar, há de concluir, há de persuadir, há de acabar. Isto é sermão, isto é pregar, e o que não é isto, é falar de mais alto. Não nego nem quero dizer que o sermão não haja de ter variedade de discursos, mas esses devem nascer todos da mesma matéria, e continuar e acabar nela."

Para que um texto seja constituído, ou para que se chegue a uma compreensão, é necessário trabalhar, principalmente, as relações de conexão cognitiva e as relações coesivas.

- o *saber partilhado*, que é a **informação antiga** — pode aparecer na introdução, ou estar subentendida no contexto —, em que o produtor do texto estabelece um acordo com o leitor (os interlocutores), para, em seguida, expor informações novas;
- a *informação nova*, que se caracteriza como uma necessidade para a existência do texto, veiculando uma **informação que não é do conhecimento do leitor**, ou que não o é da forma como será exposta, o que implica matizes novos e, consequentemente, uma nova maneira de ver os fatos;
- as *provas*, que são **fundamentos das afirmações expostas**. Se o leitor duvidar de suas asserções, poderá recorrer a outras obras indicadas pelo escritor para chegar às mesmas conclusões que ele.

O texto pode ser uma palavra ou uma obra completa, que se produz no interior de um processo interlocutivo. Um texto oral de conversação durante uma refeição, por exemplo, tem características muito distintas das de um texto oral produzido num debate, numa reunião ou assembleia, numa cerimônia religiosa, pois ambos respondem a interesses diversos que resultam da atividade de sujeitos envolvidos em relações diferentes — ainda que sejam os mesmos sujeitos. Esses sujeitos submetem-se a regras diferentes, resultantes de práticas históricas diferentes.

Em se tratando de textos escritos, o convívio com eles faz com que o leitor adquira a capacidade de apreender tanto suas formas quanto seus conteúdos. Isso ocorre porque suas formas e seus conteúdos não podem ser vistos como fatores separados. Supõe-se, dessa prática, uma atitude produtiva em que o leitor sai modificado por aderir aos pontos de vista com que compreende o mundo ou por modificar seus pontos de vista em face do diálogo mantido por meio do texto com seu *autor*.

O texto escrito proporciona ao indivíduo a faculdade de materializar significados e intenções de um dos interagentes a distância, em que a base textual sobre a qual ele se apoia é inerente a um processo de elaboração. É nisso que reside a complexidade do ato de leitura, pois a compreensão de um texto escrito envolve a compreensão de frases e sentenças, de argumentos, de provas formais e informais, de objetivos, de intenções, muitas vezes de ações e de motivações, isto é, abrange muitas das possíveis dimensões do ato de compreender, se pensarmos que a **compreensão verbal inclui desde a compreensão de uma charada até a compreensão de uma obra de arte**.

A clareza de um texto escrito é condicionada pelas possibilidades de interpretação que

ele apresenta, uma vez que o produtor do texto deve conhecer o idioma e suas regras gramaticais para deixar claros seus objetivos, ou ideias, que deseja transmitir.

Um texto é mais ou menos eficaz dependendo da competência de quem o produz, ou da interação de autor-leitor, ou emissor-receptor. O texto exige determinadas habilidades do produtor, como conhecimento do código, das normas gramaticais que regem a combinação dos signos.

A noção de texto, que pode ser aplicada tanto para as manifestações orais como para as escritas, ressalta que nesses processos tal ocorrência se dá como uma forma de elaboração de uma rede de significados com vistas a informar, explicar, discordar, convencer, aconselhar, ordenar. Então, ao escrever, o indivíduo manifesta o desejo de se comunicar, buscando ser entendido, e deseja estabelecer contratos verbais com o leitor. Para atingir essa finalidade o autor deixa marcas em seus textos para que possam ser seguidas pelo leitor. Assim, formular não significa simplesmente deixar ao interlocutor a "tarefa" de compreensão, mas, sim, deixar, através de traços, marcas para que o texto possa ser compreendido. As palavras ou frases articuladas produzem significações que são dotadas de intencionalidade, ganhando sentido pela interferência dos destinatários, criando as unidades textuais.

Para tornar concreto um ato de compreensão, **é necessário que o leitor reúna determinadas condições:** possua a competência correspondente às mensagens do texto e do discurso; domine traços de referência de conteúdos; busque no texto a mensagem pretendida pelo autor; utilize estratégias e habilidades adequadas ao exercício de compreensão/interpretação.

8.1.1. Texto literário e texto não literário

O **texto literário** tem uma **dimensão estética**, multissignificativa e dinâmica, que possibilita a criação de muitas e novas relações de sentido. Com o predomínio da **função poética da linguagem**, é um meio importante de reflexão sobre a realidade, envolvendo um processo de recriação dessa realidade.

A produção de um texto literário envolve:

a) a *valorização da forma:* o uso literário da língua caracteriza-se por **um cuidado especial com a forma**, visando à exploração de recursos que o sistema linguístico oferece, nos planos fônico, prosódico, léxico, morfossintático e semântico. Não é o tema, mas, sim, a maneira como ele é explorado formalmente que vai caracterizar um texto como literário. Assim, não há temas específicos de textos literários, nem temas inadequados a esse tipo de texto.

b) a *reflexão sobre o real:* em lugar de apenas informar sobre o real, ou de produzi-lo, **a expressão literária é utilizada principalmente como um meio de refletir e recriar a realidade**, reordenando-a. Isso dá ao texto literário um caráter ficcional, ou seja, o texto literário interpreta aspectos da realidade efetiva, de maneira indireta, recriando o real num plano imaginário. Refletindo a experiência cultural de um povo, o texto literário contribui

para a definição e para o fortalecimento da identidade nacional. Por isso, num país como o Brasil, onde as características culturais precisam ainda ser revitalizadas e valorizadas, as artes desempenham um papel muito importante.

c) a *reconstrução da linguagem:* no texto literário, o uso estético da linguagem pressupõe **criar novas relações entre as palavras**, combinando-as de maneira inusitada, singular, revelando assim novas formas de ver o mundo.

d) a *multissignificação:* no texto literário, faz-se igualmente um amplo **uso de metáforas e metonímias**, com o objetivo de despertar no leitor o prazer estético. Isto é o que define seu caráter plurissignificativo.

O açúcar[2]
Ferreira Gullar

O branco açúcar que adoçará meu café
nesta manhã de Ipanema
não foi produzido por mim
nem surgiu dentro do açucareiro por milagre.

Vejo-o puro
e afável ao paladar
como beijo de moça, água
na pele, flor
que se dissolve na boca. Mas este açúcar
não foi feito por mim.

Este açúcar veio
da mercearia da esquina e tampouco o fez o Oliveira, dono da mercearia.
Este açúcar veio
de uma usina de açúcar em Pernambuco
ou no Estado do Rio
e tampouco o fez o dono da usina.

Este açúcar era cana
e veio dos canaviais extensos
que não nascem por acaso
no regaço do vale.

Em lugares distantes, onde não há hospital
nem escola,
homens que não sabem ler e morrem de fome
aos 27 anos
plantaram e colheram a cana
que viraria açúcar.

Em usinas escuras,
homens de vida amarga
e dura
produziram este açúcar
branco e puro
com que adoço meu café esta manhã em Ipanema.

No **texto não literário**, as relações são mais restritas, tendo em vista a necessidade de **uma informação mais objetiva e direta no processo de documentação da realidade**, com predomínio da **função referencial** da linguagem, e na interação entre os indivíduos, com predomínio de outras funções.

A cana-de-açúcar[3]
J. W. Vesentini

Originária da Ásia, a cana-de-açúcar foi introduzida no Brasil pelos colonizadores portugueses no século XVI. A região que durante séculos foi a grande produtora de cana-de-açúcar no Brasil é a Zona da Mata nordestina, onde os férteis solos de massapé, além da menor distância em relação ao mercado europeu, propiciaram condições favoráveis a esse cultivo. Atualmente, o maior produtor nacional de cana-de-açúcar é São Paulo, seguido de Pernambuco, Alagoas, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Além de produzir o açúcar, que em parte é exportado e em parte abastece o mercado interno, a cana serve também para a produção de álcool, importante nos dias atuais como fonte de energia e de bebidas. A imensa expansão dos canaviais no Brasil, especialmente em São Paulo, está ligada ao uso do álcool como combustível.

O texto literário "O açúcar", de Ferreira Gullar, parte de uma palavra do domínio comum — açúcar — e vai ampliando seu potencial significativo, explorando recursos formais para estabelecer um paralelo entre o açúcar — branco, doce, puro — e a vida do trabalhador que o produz — dura, amarga, triste. No texto não literário "A cana-de-açúcar", de J. W. Vesentini, o autor apenas informa o leitor sobre a origem da cana-de-açúcar, os lugares onde é produzida, como teve início seu cultivo no Brasil etc.

Do blog *CC — Comportamento e cultura*[4]
Blog do Professor Hélder Gusso

Diferença entre um doutor e uma pessoa sem estudo
Essa é velha, mas é boa! Veja o que diferencia uma pessoa com doutorado e uma pessoa com outros níveis de estudo. Parece que quanto mais precisa é a linguagem maior a possibilidade de atuar sobre o fenômeno e menor a capacidade de se comunicar com clareza com outras pessoas…

Quando se tem doutorado
O dissacarídeo de fórmula C12H22O11, obtido através da fervura e da evaporação de H2O do líquido resultante da prensagem do caule da gramínea *Saccharus officinarum*,

(Linneu, 1758) isento de qualquer outro tipo de processamento suplementar que elimine suas impurezas, quando apresentado sob a forma geométrica de sólidos de reduzidas dimensões e arestas retilíneas, configurando pirâmides truncadas de base oblonga e pequena altura, uma vez submetido a um toque no órgão do paladar de quem se disponha a um teste organoléptico, impressiona favoravelmente as papilas gustativas, sugerindo impressão sensorial equivalente à provocada pelo mesmo dissacarídeo em estado bruto, que ocorre no líquido nutritivo da alta viscosidade, produzindo nos órgãos especiais existentes na Apismellifera. (Linneu, 1758) No entanto, é possível comprovar experimentalmente que esse dissacarídeo, no estado físico-químico descrito e apresentado sob aquela forma geométrica, apresenta considerável resistência a modificar apreciavelmente suas dimensões quando submetido a tensões mecânicas de compressão ao longo do seu eixo em consequência da pequena capacidade de deformação que lhe é peculiar.

Quando se tem mestrado

A sacarose extraída da cana-de-açúcar, que ainda não tenha passado pelo processo de purificação e refino, apresentando-se sob a forma de pequenos sólidos tronco-piramidais de base retangular, impressiona agradavelmente o paladar, lembrando a sensação provocada pela mesma sacarose produzida pelas abelhas em um peculiar líquido espesso e nutritivo. Entretanto, não altera suas dimensões lineares ou suas proporções quando submetida a uma tensão axial em consequência da aplicação de compressões equivalentes e opostas.

Quando se tem graduação

O açúcar, quando ainda não submetido à refinação e, apresentando-se em blocos sólidos de pequenas dimensões e forma tronco-piramidal, tem sabor deleitável da secreção alimentar das abelhas; todavia não muda suas proporções quando sujeito à compressão.

Quando se tem ensino médio

Açúcar não refinado, sob a forma de pequenos blocos, tem o sabor agradável do mel, porém não muda de forma quando pressionado.

Quando se tem ensino fundamental

Açúcar mascavo em tijolinhos tem o sabor adocicado, mas não é macio ou flexível.

Quando não se tem estudo

Rapadura é doce, mas não é mole, não!

8.1.2. Níveis de linguagem

O s **níveis de linguagem** representam as **diferentes maneiras de uma pessoa se expressar**. Numa mesma língua, aparecem usos diferentes, dependendo do meio em que vive/convive.

a) *nível padrão* **(culto** ou **formal):** é a **língua oficial**, usada sobretudo na escrita; nela

predomina a observação de todas as regras gramaticais.

Eu assisti ao filme.

Eu não o vi ontem.

Cheguei a casa bem cedo.

b) *nível coloquial* **(popular, informal):** é a **língua do dia a dia**, usada sobretudo na fala; nela as regras gramaticais são mais frouxas.

Eu assisti o filme.

Eu não vi ele ontem.

Cheguei em casa bem cedo.

Além desses dois níveis, podemos também citar outros usos:

c) *regionalismo:* é a língua utilizada em determinadas regiões, com suas **peculiaridades semânticas**, tais como a fala do gaúcho, a fala do caipira; menino, garoto, moleque, piá, guri (nomes que se utilizam para designar a criança do sexo masculino, dependendo da região do país).

d) *gíria* (linguagem **grupal**): é a língua com **características próprias para cada grupo social**, tais como: *punks*, *emos*, presidiários, *patricinhas* etc.

Papo de malandro[5]

Na década de 50, o malandro carioca "Zé da Ilha" prestou o seguinte depoimento à polícia:

"Seu doutor, o patuá é o seguinte:

Depois de um gelo da coitadinha resolvi esquinar e caçar uma outra cabrocha que preparasse a marmita e amarrotasse o meu linho no sabão.

Quando bordejava pelas vias, abasteci a caveira e troquei por centavos um embrulhador.

Quando então vi as novas do embrulhador, plantado como um poste bem na quebrada da rua, veio uma paraquedas se abrindo, eu dei a dica, ela bolou, eu fiz a pista, colei; solei, ela aí bronqueou, eu chutei, bronqueou mas foi na despista, porque, muito vivaldina, tinha se adernado e visto que o cargueiro estava lhe comboiando.

Morando na jogada, o Zezinho aqui ficou ao largo e viu quando o cargueiro jogou a amarração dando a maior sugesta na recortada. Manobrei e procurei engrupir o pagante, mas, sem esperar, recebi um cataplum no pé do ouvido.

Aí dei-lhe um bico com o pisante na altura da dobradiça, uma muqueada nos mordedores e taquei-lhe os dois pés na caixa de mudança pondo-o por terra.

Ele se coçou, sacou a máquina e queimou duas espoletas.

Papai, muito esperto, virou pulga e fez a dunquerque, pois o vermelho não combina com a cor do meu linho.

Uns e outros me disseram que o sueco era tira e que iria me fechar o paletó.

Não tenho vocação pra presunto e corri.

Peguei uma borracha grande e saltei no fim do carretel, bem no vazio da Lapa,

precisamente às 15 para a cor-de-rosa.
Como desde a matina não tinha engolido a gordura, o roque do meu pandeiro estava sugerindo sarro.
Entrei no china-pau e pedi um boi a mossoró com confete de casamento e uma barriguda bem morta.
Engoli a gororoba e como o meu era nenhum, pedi ao caixa pra botar na pendura que depois eu iria esquentar aquela fria.
Ia pirar quando o sueco apareceu. Dizendo que eu era produto do Mangue, foi direto ao médico-legal para me esculachar.
Eu sou preto mas não sou Gato Félix, me queimei e puxei a solingen.
Fiz uma avenida na epiderme do moço. Ele virou logo América.
Aproveitei a confusa para me pirar, mas um dedo-duro me apontou aos xifópagos e por isto estou aqui."

Vocabulário:
patuá: forma giriática para substituir "o negócio", "a questão", "o problema"
gelo: desprezo
esquinar: ficar parado em esquinas, à espera de algo
amarrotasse o meu linho no sabão: lavasse a minha roupa
bordejava pelas vias: andava pelas ruas
abasteci a caveira: tomei uma bebida — uma cachaça
troquei por centavos um embrulhador: comprei um jornal
na quebrada da rua: na esquina
veio uma paraquedas se abrindo: veio uma mulher demonstrando interesse pelo malandro
eu dei a dica: o malandro dirigiu um gracejo à mulher
ela bolou: a mulher foi receptiva à lisonja do malandro
eu fiz a pista: acompanhei-a
solei: conversei com a mulher
vivaldina: viva, esperta, inteligente
o cargueiro estava lhe comboiando: o namorado a estava acompanhando
morando na jogada: compreendendo a situação
o cargueiro jogou a amarração: o namorado se aproximou dela
dei-lhe um bico com o pisante na altura da dobradiça: dei-lhe um pontapé no joelho
uma muqueada nos mordedores: forma de muque — um soco nos dentes
taquei-lhe os dois pés na caixa de mudança: saltei-lhe com os dois pés sobre o peito
ele se coçou, sacou a máquina e queimou duas espoletas: sacou o revólver e fez dois disparos
papai: forma de o malandro referir-se a si mesmo

virou pulga: deu um salto
fez a dunquerque: evadiu-se, fugiu (alusão à famosa retirada de Dunquerque, na Segunda Guerra Mundial)
vermelho não combina com a cor do meu linho: referia-se ao vermelho do sangue
tira: policial, detetive, investigador
fechar o paletó: matar
não tenho vocação pra presunto: referia-se ao seu apego à vida
borracha grande: ônibus
no fim do carretel: no fim da linha, no ponto final
bem no vazio da Lapa: no Largo da Lapa
às 15 para a cor-de-rosa: às 17 horas e 45 minutos
o roque do meu pandeiro: o ruído do meu estômago
china-pau: "china" — pequenos restaurantes chineses que serviam pratos a preços populares, na época, muito comuns no Rio de Janeiro
boi a mossoró com confete de casamento: bife a cavalo com arroz
e uma barriguda bem morta: cerveja bem gelada
como o meu era nenhum: como não tinha dinheiro
depois eu iria esquentar aquela fria: pagaria a despesa mais tarde
produto do Mangue: eufemismo, pois o Mangue era um dos prostíbulos do Rio de Janeiro
me queimei e puxei a solingen: irritei-me e saquei a navalha — a marca do instrumento Solingen passou a sinônimo de navalha
fiz uma avenida na epiderme do moço: fiz um corte na sua pele
ele virou logo América: ficou vermelho como sangue — América Futebol Clube, cujo uniforme se compõe de camisas vermelhas
xifópagos: policiais do Rio de Janeiro que sempre andam em duplas — também chamados Cosme e Damião

e) *jargão* **(linguagem técnica):** é a língua culta padrão que utiliza palavras e expressões próprias **para determinados setores profissionais:** a linguagem do direito, a linguagem da medicina, a linguagem da engenharia etc.

"Do direito" [6]

De acordo com o art. 150, I, da CF/88, é vedado aos entes tributantes, entre eles os Municípios, aumentar tributo sem lei que o estabeleça.

A corroborar o exposto acima, impende destacar a dicção dos parágrafos 1º e 2º, do artigo 97, do CTN, que destacam a necessidade de lei para atualização em bases de cálculo de impostos, com índices acima da correção monetária do período.

(...)

Com efeito, fica demonstrado, à saciedade, que a majoração da base de cálculo do

IPTU, ou seja, a atualização do valor venal do imóvel acima da correção monetária oficial, mediante Decreto do Poder Executivo, viola frontalmente o princípio da legalidade, consagrado no art. 150, I, da CF/88, combinado com o art. 97 parágrafos 1º e 2º, do CTN.

As diferentes maneiras de contar a mesma história...[7]

Se a história da Chapeuzinho Vermelho fosse verdadeira, como ela seria veiculada pela imprensa brasileira?

Jornal Nacional

William Bonner — Boa noite. Uma menina chegou a ser devorada por um lobo na noite de ontem…

Fátima Bernardes — …mas a atuação de um caçador evitou a tragédia. Veja na reportagem de Glória Maria.

Glória Maria — …Que gracinha, gente! Vocês não vão acreditar, mas essa menina linda aqui foi retirada viva da barriga de um lobo.

Cidade Alerta

Onde é que a gente vai parar, cadê as autoridades? Cadê as autoridades? A menina ia pra casa da vovozinha a pé! Não tem transporte público! Não tem transporte público! E foi devorada viva... Um lobo, um lobo safado. Põe na tela, primo! Põe a cara desse marginal no ar, porque eu falo mesmo, não tenho medo de lobo, não tenho medo de lobo, não! Presta bastante atenção, gente, essa história é impressionante! Não saia daí: daqui a pouco eu volto nesse caso.

Superpop

Geeente! Eu tô aqui com a ex-mulher do lenhador e ela diz que ele é alcoólatra, agressivo e que não paga pensão aos filhos há mais de um ano. Abafa o caso!

Globo Repórter

Tara? Fetiche? Violência? O que leva alguém a comer, na mesma noite, uma idosa e uma adolescente? O Globo Repórter conversou com psicólogos, antropólogos e com os amigos e parentes do Lobo em busca da resposta. Vamos viajar pela mente do psicopata. E uma revelação: casos semelhantes acontecem dentro dos próprios lares das vítimas, que silenciam por medo. Hoje, no Globo Repórter...

Discovery Channel

Vamos determinar se é possível uma pessoa ser engolida viva e sobreviver.

Revista Veja

Lula sabia das intenções do Lobo.

Revista Cláudia

Como chegar à casa da vovozinha sem se deixar enganar pelos lobos no caminho.

Revista Nova

Dez maneiras de levar um lobo à loucura na cama!

Revista IstoÉ
Gravações revelam que lobo foi assessor de político influente.

Revista Playboy
(Ensaio fotográfico com Chapeuzinho no mês seguinte)
Veja o que só o lobo viu.

Revista Vip
As 100 mais sexys — Desvendamos a adolescente mais gostosa do Brasil!

Revista G Magazine
(Ensaio com o lenhador)
O lenhador mostra o machado.

Revista Caras
Na banheira de hidromassagem, Chapeuzinho fala a CARAS: "Até ser devorada, eu não dava valor pra muitas coisas na vida. Hoje, sou outra pessoa."

Revista Superinteressante
Lobo Mau: mito ou verdade?

Revista Contigo!
Lenhador e Chapeuzinho flagrados em clima romântico em jantar no Rio.

Folha de S.Paulo
Lobo que devorou menina era do MST.

O Estado de São Paulo
Lobo que devorou menina seria filiado ao PT.

O Globo
Petrobras apoia ONG do lenhador ligado ao PT, que matou um lobo para salvar menor de idade carente.

O Povo / Agora
Sangue e tragédia na casa da vovó.

O Dia
Lenhador desempregado tem dia de herói.

Extra / Diário de S.Paulo
Promoção do mês: junte 20 selos, mais R$ 19,90 e troque por uma capa vermelha igual à da Chapeuzinho!

Lance!
Lenhador passou o rodo e mandou lobo pedófilo pro saco!

Capricho

Teste: Seu par ideal é lobo ou lenhador?

8.1.3. Funções da linguagem

Existem alguns **fatores básicos** para que se estabeleça a comunicação, são eles:

- *Emissor:* quem emite a mensagem.
- *Receptor:* quem recebe a mensagem.
- *Mensagem:* a informação transmitida.
- *Referente:* a situação com que se relaciona a mensagem.
- *Canal:* meio de comunicação utilizado para envio da mensagem.
- *Código:* sistema de sinais utilizado para o envio da mensagem.

Apesar de todos esses fatores serem necessários na transmissão de uma ideia, uma mensagem, sempre há a predominância de um sobre outro, ou seja, a predominância de determinada **função da linguagem**.

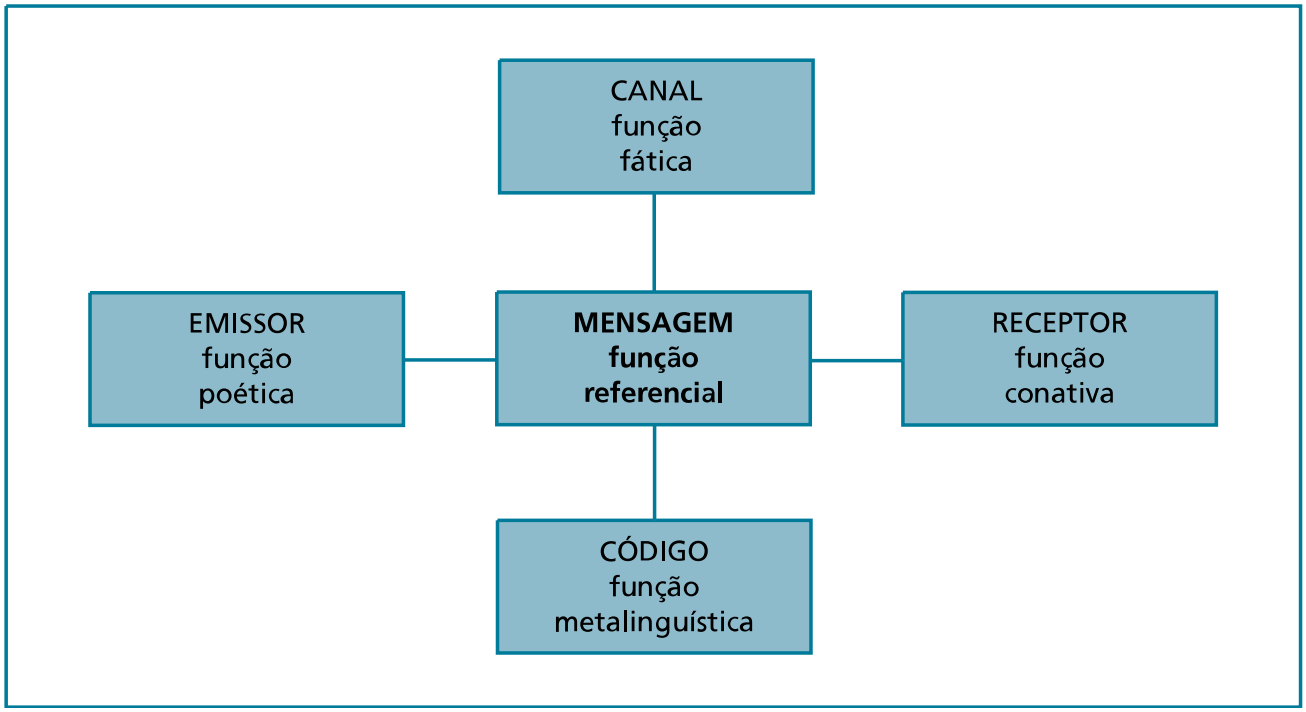

8.1.3.1. Função referencial (ou denotativa)

Transmite uma **informação objetiva**, expõe dados da realidade de modo objetivo, não faz comentários, nem avaliação. Geralmente, o texto apresenta-se na terceira pessoa do singular ou plural, pois transmite impessoalidade. A linguagem é denotativa, ou seja, não há possibilidade de outras interpretações além da que está exposta. Em textos científicos, jornalísticos, técnicos, didáticos ou em correspondências comerciais, essa função é a predominante.

Desmatamento da Amazônia é "o menor dos menores", diz ministra[8]
Camila Campanerut — Do UOL Notícias — Em Brasília — 31.08.2010 — 14h06

O índice de desmatamento da Amazônia registrou redução de 42% em julho de 2010 comparado a junho deste ano, informou nesta terça-feira (31) o Ministério do Meio Ambiente. Este é o menor índice já registrado pelo sistema Deter do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE). O levantamento é realizado desde maio de 2004 com dados de satélite.

No acumulado de 12 meses, a taxa sofreu redução de 48%, ao comparar o período de agosto de 2009 a julho de 2010 e agosto de 2008 a julho de 2009. A ministra do Meio Ambiente, Izabella Teixeira, comemorou o balanço, o qual chamou de o "menor dos menores" com relação às áreas desmatadas da região.

Mas os números do desmatamento ainda são altos: em julho deste ano, o Deter observou 485 km² desmatados, contra 836 no mesmo mês do ano passado. No ano, são 2.293 km² de corte raso vistos pelo sistema do INPE, contra 4.372 km² em 2009.

O ministério destacou que a elevação da presença de nuvens registradas pelas imagens de satélite (de 29% ante 23% de um ano para outro), que poderiam atrapalhar a leitura de dados, não foi o suficiente para mascarar os dados.

O Amazonas registrou um aumento de 8% no desmatamento de agosto de 2009 a julho de 2010, enquanto os demais Estados da região, com exceção do Amapá, apresentaram queda no desmatamento.

Onze municípios amazonenses são responsáveis por 90% do desmatamento do Estado. São eles Apuí, Lábrea, Manicoré, Novo Aripuanã, Canutama, Boca do Acre, Maués, Autazes, Careiro, Humaitá e Pauini.

8.1.3.2. Função emotiva (ou expressiva)

O objetivo do emissor é transmitir **suas emoções e anseios**. A realidade é transmitida sob o ponto de vista do emissor, a mensagem é subjetiva e centrada no emissor e, portanto, apresenta-se na primeira pessoa. A pontuação (ponto de exclamação, interrogação e reticências) é uma característica da função emotiva, pois transmite a subjetividade da mensagem e reforça a entonação emotiva. Essa função é comum em poemas ou narrativas de teor dramático ou romântico.

Motivo[9]
Cecília Meireles

Eu canto porque o instante existe
e a minha vida está completa.
Não sou alegre nem sou triste:
sou poeta.

Irmão das coisas fugidias,
não sinto gozo nem tormento.
Atravesso noites e dias
no vento.

Se desmorono ou se edifico,
se permaneço ou me desfaço,
— não sei, não sei. Não sei se fico
ou passo.

Sei que canto. E a canção é tudo.
Tem sangue eterno a asa ritmada.
E um dia sei que estarei mudo:
— mais nada.

8.1.3.3. Função conativa (ou apelativa)

O objetivo é influenciar, **convencer o receptor de alguma coisa** por meio de uma ordem (uso de vocativos), sugestão, convite ou apelo (daí o nome da função). Os verbos costumam estar no imperativo (Compre! Faça!) ou conjugados na 2ª ou 3ª pessoa (Você não pode perder! Ele vai melhorar seu desempenho!). Esse tipo de função é muito comum em textos publicitários, em discursos políticos ou de autoridade.

Oração aos moços[10]
Rui Barbosa

Eia, senhores! Mocidade viril! Inteligência brasileira! Nobre nação explorada! Brasil de ontem e amanhã! Dai-nos o de hoje, que nos falta.

Mãos à obra da reivindicação de nossa perdida autonomia; mãos à obra da nossa reconstituição interior; mãos à obra de reconciliarmos a vida nacional com as instituições nacionais; mãos à obra de substituir pela verdade o simulacro político da nossa existência entre as nações. Trabalhai por essa que há de ser a salvação nossa. Mas não buscando salvadores. Ainda vos podereis salvar a vós mesmos. Não é sonho, meus amigos: bem sinto eu, nas pulsações do sangue, essa ressurreição ansiada. Oxalá não se me fechem os olhos, antes de lhe ver os primeiros indícios no horizonte. Assim o queira Deus.

8.1.3.4. Função metalinguística

Essa função refere-se à metalinguagem, que ocorre quando **o emissor explica um código usando o próprio código**. Quando um poema fala da própria ação de se fazer um poema, por exemplo.

Para fazer um poema dadaísta[11]
Tristan Tzara

Pegue um jornal
Pegue a tesoura.
Escolha no jornal um artigo do tamanho que você deseja dar a seu poema.
Recorte o artigo.
Recorte em seguida com atenção algumas palavras que formam esse artigo e meta-as

num saco.
Agite suavemente.
Tire em seguida cada pedaço um após o outro.
Copie conscienciosamente na ordem em que elas são tiradas do saco.
O poema se parecerá com você.
E ei-lo um escritor infinitamente original e de uma sensibilidade graciosa, ainda que incompreendido do público.

O nascimento da crônica[12]
Machado de Assis

Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! Que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjeturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se um suspiro a Petrópolis, e *La glace est rompue*; está começada a crônica.
Mas, leitor amigo, esse meio é mais velho ainda do que as crônicas, que apenas datam de Esdras. Antes de Esdras, antes de Moisés, antes de Abraão, Isaque e Jacó, antes mesmo de Noé, houve calor e crônicas. No paraíso é provável, é certo que o calor era mediano, e não é prova do contrário o fato de Adão andar nu. Adão andava nu por duas razões, uma capital e outra provincial. A primeira é que não havia alfaiates, não havia sequer casimiras; a segunda é que, ainda havendo-os, Adão andava baldo ao naipe. Digo que esta razão é provincial, porque as nossas províncias estão nas circunstâncias do primeiro homem.
Quando a fatal curiosidade de Eva fez-lhes perder o paraíso, cessou, com essa degradação, a vantagem de uma temperatura igual e agradável. Nasceu o calor e o inverno; vieram as neves, os tufões, as secas, todo o cortejo de males, distribuídos pelos doze meses do ano.
Não posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica; mas há toda a probabilidade de crer que foi coetânea das primeiras duas vizinhas. Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta, para debicar os sucessos do dia. Provavelmente começaram a lastimar-se do calor. Uma dizia que não pudera comer ao jantar, outra que tinha a camisa mais ensopando que as ervas que comera. Passar das ervas às plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias do dito morador, e ao resto, era a coisa mais fácil, natural e possível do mundo. Eis a origem da crônica.
Que eu, sabedor ou conjeturador de tão alta prosápia, queira repetir o meio de que lançaram mãos as duas avós do cronista, é realmente cometer uma trivialidade; e contudo, leitor, seria difícil falar desta quinzena sem dar à canícula o lugar de honra que lhe compete. Seria; mas eu dispensarei esse meio quase tão velho como o mundo,

para somente dizer que a verdade mais incontestável que achei debaixo do sol é que ninguém se deve queixar, porque cada pessoa é sempre mais feliz do que outra.
Não afirmo sem prova.
Fui há dias a um cemitério, a um enterro, logo de manhã, num dia ardente como todos os diabos e suas respectivas habitações. Em volta de mim ouvia o estribilho geral: que calor! Que sol! É de rachar passarinho! É de fazer um homem doido!
Íamos em carros! Apeamo-nos à porta do cemitério e caminhamos um longo pedaço. O sol das onze horas batia de chapa em todos nós; mas sem tirarmos os chapéus, abríamos os de sol e seguíamos a suar até o lugar onde devia verificar-se o enterramento. Naquele lugar esbarramos com seis ou oito homens ocupados em abrir covas: estavam de cabeça descoberta, a erguer e fazer cair a enxada. Nós enterramos o morto, voltamos nos carros, dar às nossas casas ou repartições. E eles? Lá os achamos, lá os deixamos, ao sol, de cabeça descoberta, a trabalhar com a enxada. Se o sol nos fazia mal, que não faria àqueles pobres-diabos, durante todas as horas quentes do dia?

8.1.3.5. Função fática

O objetivo dessa função é estabelecer uma relação com o emissor, um contato para **verificar se a mensagem está sendo transmitida ou para dilatar a conversa**.
Quando estamos em um diálogo, por exemplo, e dizemos ao nosso receptor "Está entendendo?", estamos utilizando este tipo de função; ou quando atendemos o celular e dizemos "Oi" ou "Alô".

A hora da estrela[13]
Clarice Lispector

As poucas conversas entre os namorados versavam sobre farinha, carne de sol, carne-seca, rapadura, melado. Pois esse era o passado de ambos e eles esqueciam o amargor da infância porque esta, já que passou, é sempre acredoce e dá até nostalgia. Pareciam por demais irmãos, coisa que — só agora estou percebendo — não dá pra casar. Mas eu não sei se eles sabiam disso. Casariam ou não? Ainda não sei, só sei que eram de algum modo inocentes e pouca sombra faziam no chão.
Não, menti, agora vi tudo: ele não era inocente coisa alguma, apesar de ser uma vítima geral do mundo. Tinha, descobri agora, dentro de si, a dura semente do mal, gostava de se vingar, este era o seu grande prazer e o que lhe dava força de vida. Mais vida do que ela que não tinha anjo de guarda.
Enfim o que fosse acontecer, aconteceria. E por enquanto nada acontecia, os dois não sabiam inventar acontecimentos. Sentavam-se no que é de graça: banco de praça pública. E ali acomodados, nada os distinguia do resto do nada. Para a grande glória de Deus.
Ele: — Pois é.
Ela: — Pois é o quê?

Ele: — Eu só disse “pois é”!
Ela: — Mas “pois é” o quê?
Ele: — Melhor mudar de conversa porque você não me entende.
Ela: — Entender o quê?
Ele: — Santa Virgem Macabéa, vamos mudar de assunto e já!
Ela: — Falar então de quê?
Ele: — Por exemplo, de você.
Ela: — Eu?!
Ele: — Por que esse espanto? Você não é gente? Gente fala de gente.
Ela: — Desculpe mas não acho que sou muito gente.
Ele: — Mas todo mundo é gente, meu Deus!
Ela: — É que não me habituei.
Ele: — Não se habituou com quê?
Ela: — Ah, não sei explicar.
Ele: — E então?
Ela: — Então o quê?
Ele: — Olhe, eu vou embora porque você é impossível!
Ela: — É que só sei ser impossível, não sei mais nada. Que é que faço para conseguir ser possível?
Ele: — Pare de falar porque você só diz besteira! Diga o que é do teu agrado.
Ela: — Acho que não sei dizer.
Ele: — Não sabe o quê?
Ela: — Hein?
Ele: — Olhe, estou até suspirando de agonia. Vamos não falar em nada, está bem?
Ela: — Sim, está bem, como você quiser.
Ele: — É, você não tem solução. Quanto a mim, de tanto me chamarem, eu virei eu. No sertão da Paraíba não há quem não saiba quem é Olímpico. E um dia o mundo todo vai saber de mim.
Ela: — É?
Ele: — Pois se eu estou dizendo! Você não acredita?
Ela: — Acredito sim, acredito, acredito, não quero lhe ofender.
Em pequena ela vira uma casa pintada de rosa e branco com um quintal onde havia um poço com cacimba e tudo. Era bom olhar para dentro. Então seu ideal se transformara nisso: em vir a ter um poço só para ela. Mas não sabia como fazer e então perguntou a Olímpico:
Ela: — Você sabe se a gente pode comprar um buraco?

8.1.3.6. Função poética

O objetivo do emissor é expressar seus sentimentos por meio de textos que podem

ser enfatizados por meio das formas das palavras, da sonoridade, do ritmo, além de elaborar novas possibilidades de combinações dos signos linguísticos. É presente em textos literários, publicitários e em letras de música.

Poética[14]
José Paulo Paes

conciso? com siso
prolixo? pro lixo

Epitáfio para um banqueiro[15]
José Paulo Paes

negócio
ego
ócio
cio
o

8.2. TIPOLOGIA TEXTUAL

Um fato importante no processo de produção de texto, que **desvenda a intenção do autor**, é a escolha do modo de organização do seu texto: descrição, narração ou dissertação. Não que um texto não possa ser composto pelos três, mas sempre haverá a preponderância de um ou de outro, dependendo da finalidade a que se destina.

8.2.1. Descrição

"Bem diferente era o tio cônego. Esse tinha uma austeridade e pureza; tais dotes, contudo, não realçavam um espírito superior, apenas compensavam um espírito medíocre. Não era um homem que visse a parte substancial da igreja; via o lado externo, a hierarquia, as preeminências, as circunflexões. Vinha antes da sacristia que do altar. Uma lacuna no ritual excitava-o mais do que uma infração dos mandamentos. Agora, a tantos anos de distância, não estou certo se ele poderia atinar facilmente com um trecho de Tertuliano, ou expor, sem titubear, a história do símbolo de Nicéa; mas ninguém, nas festas cantadas, sabia melhor o número e caso das cortesias que se deviam ao oficiante. Cônego foi a única ambição de sua vida; e dizia de coração que era a maior dignidade a que podia aspirar. Piedoso, severo nos costumes, minucioso na observância das regras, frouxo, acanhado, subalterno, possuía algumas virtudes, em que era exemplar, mas carecia absolutamente da força de as incutir, de as impor aos outros."

(Machado de Assis)[16]

Quando **evidenciamos algo de seres, objetos, ambientes e paisagens, estamos fazendo um retrato verbal daquilo que se quer mostrar, estamos fazendo uma**

descrição.

Ela pode ser objetiva ou subjetiva.

A **descrição objetiva busca a precisão informativa**, ou seja, diz exatamente aquilo que todos percebem. Ao dizer que Atanagildetina é loira, tem 1,70 m, pesa 60 kg, cabelos longos e olhos verdes, estamos fazendo a descrição objetiva, que também pode ser chamada de sensorial — aquela para a qual utilizamos os cinco sentidos (visão, audição, olfato, paladar e tato).

A **descrição subjetiva procura mostrar aquilo que pensamos acerca do objeto descrito**; ela é, portanto, pessoal. Quando dizemos que Atanagildetina é descontraída, amigável, tolerante e inteligente, estamos fazendo a descrição subjetiva, que também pode ser chamada de extrassensorial — aquela para a qual utilizamos algo além dos cinco sentidos.

Numa descrição poética isso tudo pode se misturar. Posso dizer que Atanagildetina tem uma voz maviosa, doce e quente; nesse caso há uma mistura de descrição sensorial e extrassensorial.

A descrição é regida pelos seguintes princípios:

a) focaliza estados e não transformações;

b) seu discurso é figurativo;

c) os tempos verbais nela privilegiados são o presente e o pretérito imperfeito;

d) seus elementos não mantêm uma relação de causalidade e, por isso, podem ser permutados sem afetar a compreensão do texto.

8.2.2. Narração

> "Gabriela ia andando, aquela canção ela escutara em menina. Parou a escutar, a ver a roda rodar. Antes da morte do pai e da mãe, antes de ir para a casa dos tios. Que beleza os pés pequeninos no chão a dançar! Seus pés reclamavam, queriam dançar. Resistir não podia, brinquedo de roda adorava brincar. Arrancou os sapatos, largou na calçada, correu pros meninos. De um lado Tuísca, de outro lado Rosinha. Rodando na praça, a cantar e a dançar."
>
> (Jorge Amado)[17]

A **narração apresenta fatos vividos por personagens**, numa sequência temporal. Quando narramos, contamos uma história, na qual se destacam os seguintes elementos: *personagens* (são os participantes do fato), *espaço* (é o lugar onde acontecem os fatos), *tempo* (é a época em que os fatos ocorrem), *enredo* (é o encadeamento de fatos). Além desses elementos, pode aparecer também — mas não necessariamente — o *desfecho* (a consequência do desenrolar dos fatos).

A narração é regida pelos seguintes princípios:

a) focaliza transformações que se pressupõem umas às outras;

b) seu discurso é figurativo;

c) os tempos verbais fundamentais da narrativa são os perfectivos;

d) os acontecimentos narrados mantêm uma relação de anterioridade e posterioridade e essa relação não pode ser alterada sem que se afete a compreensão do texto.

■ *8.2.2.1. Foco narrativo*

O foco narrativo representa o **enfoque escolhido pelo autor para narrar** uma história. Essa história pode ser contada por um personagem que vivencia o fato ou por alguém que não participa dele, e será chamado de *narrador*.

Há, então, dois tipos de narrador:

■ **narrador-personagem**, ou de 1a pessoa: aquele que participa da história.

"Olhei para ele; estava mais pálido. Então lembrou-me outra vez que queria pedir-me alguma coisa, e perguntei-lhe o que era. Raimundo estremeceu de novo, e, rápido, disse-me que esperasse um pouco; era coisa particular."
(Machado de Assis)[18]

■ **narrador-observador**, ou de 3a pessoa: aquele que não participa da história.

"Depois do almoço, Leôncio montou a cavalo, percorreu as roças e cafezais, coisa que bem raras vezes fazia, e ao descambar do Sol voltou para casa, jantou com o maior sossego e apetite, e depois foi para o salão, onde, repoltreando-se em macio e fresco sofá, pôs-se a fumar tranquilamente o seu havana."
(Bernardo Guimarães)[19]

■ *8.2.2.2. Tipos de discurso*

Discurso é a **maneira como os personagens se expressam** dentro do texto narrativo.

São três as formas de se apresentar a fala dos personagens:

■ *direto:* as **falas dos personagens são apresentadas diretamente** ao leitor, sem a interferência do narrador.

"— Tu não entendeste Peri, senhora; Peri te pediu que o deixasse na vida em que nasceu, porque precisa desta vida para servir-te.
— Como?... Não te entendo!
— Peri, selvagem, é o primeiro dos teus; só tem uma lei, uma religião, é sua senhora; Peri, cristão, será o último dos teus; será um escravo, e não poderá defender-te.
— Um escravo!... Não! Será um amigo. Eu te juro! Exclamou a menina com vivacidade."
(José de Alencar)[20]

■ *discurso indireto:* **o narrador da história é que diz o que os personagens estão falando**, ou seja, indiretamente os personagens conversam.

"O tísico do nº 7 há dias esperava o momento de morrer, estendido na cama, os olhos cravados no ar, a boca muito aberta, porque já lhe ia faltando o fôlego.

Não tossia; apenas, de quando em quando, o esforço convulsivo para arrevassar os pulmões desfeitos sacudia-lhe o corpo e arrancava-lhe da garganta uma ronqueira lúgubre, que lembrava o arrulhar ominoso dos pombos.
(...)
O médico recomendara que lhe dessem todo o ar possível e lhe fizessem beber de espaço a espaço uma porção do calmante que receitara. Uma lamparina de azeite fazia tremer a sua miserável chama e cuspia óleo quente. Havia um cheiro enjoativo de moléstia e desasseio."

(Aluísio Azevedo)[21]

■ *discurso indireto livre:* é uma mistura dos dois tipos anteriores, pelo qual **o personagem fala por si próprio sem marcação alguma disso**, ou seja, a fala do personagem se mistura à narrativa.

"Lóri estava suavemente espantada. Então isso era a felicidade. De início se sentiu vazia. Depois seus olhos ficaram úmidos: era felicidade, mas como sou mortal, como o amor pelo mundo transcende. O amor pela vida mortal a assassinava docemente, aos poucos. E o que eu faço? Que faço da felicidade? Que faço dessa paz estranha e aguda, que já está começando a me doer como uma angústia, como um grande silêncio de espaços? A quem dou minha felicidade, que já está começando a me rasgar um pouco e me assusta. Não, não quero ser feliz. Prefiro a mediocridade. Ah, milhares de pessoas não têm coragem de pelo menos prolongar-se um pouco mais nessa coisa desconhecida que é sentir-se feliz e preferem a mediocridade. Ela se despediu de Ulisses quase correndo: ele era o perigo."
(Clarice Lispector)[22]

■ 8.2.3. Dissertação

"Qualquer estudo histórico, mesmo um assunto bastante delimitado, pressupõe um recorte do passado, feito pelo historiador, a partir de suas concepções e da interpretação de dados que conseguiu reunir. A própria seleção de dados tem muito a ver com as concepções do pesquisador. Esse pressuposto revela-se por inteiro quando se trata de dar conta de uma sequência histórica de quase quinhentos anos, em algumas centenas de páginas. Por isso mesmo, o que o leitor tem em mão não é *a* História do Brasil — tarefa pretensiosa e aliás impossível —, mas *uma* História do Brasil, narrada e interpretada sinteticamente na ótica de quem a escreveu."
(Boris Fausto)[23]

A **dissertação é a exposição de uma ideia**, a defesa de um ponto de vista, um questionamento sobre algum assunto, a análise de um tema. Apresenta sempre uma argumentação comprovando um ponto de vista.

As características da dissertação são:

a) opera com transformações explícitas ou implícitas;

b) seu discurso é temático;

c) nela o tempo verbal mais usado é o presente atemporal;

d) suas asserções mantêm entre si relações lógicas do tipo causa, consequência, condição etc.

Cada um desses três tipos distintos de texto tem uma função diferente.

Os textos figurativos representam o mundo, criam um simulacro da realidade. Essa é a função básica da narração e da descrição. Aquela relata as mudanças de situação de seres particulares, numa determinada progressão temporal, o que significa que mostra o mundo em mudança, que apresenta o dinamismo das transformações. Esta retrata o ser num dado momento, fora do dinamismo da mudança, faz ver propriedades e aspectos simultâneos de um ser particular (uma noite de luar, um engarrafamento, uma paisagem, uma pessoa etc.).

O texto dissertativo é temático. Por conseguinte, explica, classifica, analisa, avalia os seres concretos. A referência ao mundo é feita por intermédio de conceitos amplos, modelos genéricos, muitas vezes abstraídos do tempo e do espaço. Ao apresentar as transformações de estado não se importa com as relações de anterioridade e de posterioridade, mas fundamentalmente com as relações de causalidade, implicação etc.

As mudanças são, pois, tratadas de maneira diferente na narração e na dissertação. Aquela visa a relatar as mudanças; esta, a explicar e interpretar as transformações relatadas. Por ser mais abstrato, o texto dissertativo debruça-se sobre a explicação de dados concretos. Incorpora a referência a fatos particulares (narrações e descrições), mas apenas para ilustrar afirmações gerais, para argumentar a favor ou contra uma determinada tese. O discurso científico, o filósofo, o político são dominantemente dissertativos.

Muitas vezes se pensa que o ponto de vista do produtor do texto (enunciador) se manifesta apenas na dissertação. Não é verdade. Em todos os tipos de texto, o enunciador manifesta sua visão. A diferença está no modo como se faz isso. Sendo a dissertação um texto temático, o enunciador expõe, de maneira explícita, sua perspectiva sobre um dado assunto.

Na descrição, o enunciador apresenta sua visão pelos aspectos selecionados para mostrar e pelos termos escolhidos para retratar.

Na narração, contrapõem-se percursos figurativos, para revelar o ponto de vista do enunciador.

Não podemos esquecer-nos de que, sob a camada figurativa de um texto, há temas. Por conseguinte, com a organização figurativa, o enunciador manifesta pontos de vista sobre o que narra ou descreve.

■ 8.3. COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO

Compreensão e interpretação de texto são coisas distintas, enquanto aquela **é apenas a**

apreensão das informações contidas no texto, esta é a análise que cada leitor — com sua experiência — faz a respeito das informações contidas no texto.

Vejamos um exemplo de "interpretação" que fizemos no ensino fundamental:

A velha contrabandista[24]

Stanislaw Ponte Preta

Diz que era uma velhinha que sabia andar de lambreta. Todo dia ela passava pela fronteira montada na lambreta, com um bruto saco atrás da lambreta. O pessoal da Alfândega — tudo malandro velho — começou a desconfiar da velhinha.

Um dia, quando ela vinha na lambreta com o saco atrás, o fiscal da Alfândega mandou ela parar. A velhinha parou e então o fiscal perguntou assim pra ela:

— Escuta aqui, vovozinha, a senhora passa por aqui todo dia, com esse saco aí atrás. Que diabo a senhora leva nesse saco?

A velhinha sorriu com os poucos dentes que lhe restavam e mais os outros, que ela adquirira no odontólogo e respondeu:

— É areia!

Aí quem sorriu foi o fiscal. Achou que não era areia nenhuma e mandou a velhinha saltar da lambreta para examinar o saco. A velhinha saltou, o fiscal esvaziou o saco e dentro só tinha areia. Muito encabulado, ordenou à velhinha que fosse em frente. Ela montou na lambreta e foi embora, com o saco de areia atrás.

Mas o fiscal ficou desconfiado ainda. Talvez a velhinha passasse um dia com areia e no outro com muamba, dentro daquele maldito saco. No dia seguinte, quando ela passou na lambreta com o saco atrás, o fiscal mandou parar outra vez. Perguntou o que é que ela levava no saco e ela respondeu que era areia, uai! O fiscal examinou e era mesmo. Durante um mês seguido o fiscal interceptou a velhinha e, todas as vezes, o que ela levava no saco era areia.

Diz que foi aí que o fiscal se chateou:

— Olha, vovozinha, eu sou fiscal de alfândega com 40 anos de serviço. Manjo essa coisa de contrabando pra burro. Ninguém me tira da cabeça que a senhora é contrabandista.

— Mas no saco só tem areia! — insistiu a velhinha. E já ia tocar a lambreta, quando o fiscal propôs:

— Eu prometo à senhora que deixo a senhora passar. Não dou parte, não apreendo, não conto nada a ninguém, mas a senhora vai me dizer: qual é o contrabando que a senhora está passando por aqui todos os dias?

— O senhor promete que não "espaia"? — quis saber a velhinha.

— Juro — respondeu o fiscal.

— É lambreta.

Questionário

1. O que a velhinha carregava dentro do saco, para despistar o fiscal?
2. O que o autor quis dizer com a expressão "tudo malandro velho"?
3. Leia novamente o 4º parágrafo do texto e responda: quando o narrador citou os dentes que "ela adquirira no odontólogo", a que tipo de dentes ele se referia?
4. Explique com suas palavras qual foi o truque da velhinha para enganar o fiscal.
5. Quando a velhinha decidiu contar a verdade?
6. Qual é a grande surpresa para o fiscal?
7. Numere corretamente as frases abaixo, observando a ordem dos acontecimentos.
( ) O fiscal verificou que só havia areia dentro do saco.
( ) O pessoal da alfândega começou a desconfiar da velhinha.
( ) Diante da promessa do fiscal, ela lhe contou a verdade: era contrabando de lambretas.
( ) Todo dia, a velhinha passava pela fronteira montada numa lambreta, com um saco no bagageiro.
( ) Mas, desconfiado, o fiscal passou a revistar a velhinha todos os dias.
( ) Durante um mês, o fiscal interceptou a velhinha e, todas as vezes, o que ela levava no saco era areia.
( ) Então, ele prometeu que não contaria nada a ninguém, mas pediu à velhinha que lhe dissesse qual era o contrabando que fazia.
8. Agora com suas palavras diga o que você pensa a respeito da atitude da velhinha no texto.

Para responder às questões de números 1 a 7, basta retornar ao texto e retirar de lá a informação necessária à resposta. Já a questão de número 8 pede que o leitor dê a sua opinião a respeito daquilo que leu. As questões de 1 a 7 trabalham a compreensão do texto. A questão 8 trabalha a interpretação.

Interpretar é, então, **utilizar a experiência de leitor para entender as mensagens deixadas no texto pelo autor.**

Partindo desse ponto de vista, podemos pensar que um texto aceita qualquer interpretação, mas na verdade o texto está aberto a várias leituras, porém não está aberto a qualquer leitura. A diferença está em que o texto aceita apenas as leituras que nele já aparecem inscritas como possibilidades de leitura, pois o autor, ao produzir seu texto, deixa nele algumas marcas. Assim, as várias leituras não se fazem a partir da vontade do leitor, mas dessas marcas significativas presentes no texto.

A interpretação do texto está diretamente relacionada à maneira como se percebem as marcas linguísticas, dando a ele muitas possibilidades de leitura — e não todas.

Assim podemos distinguir dois tipos de interpretação: a subjetiva e a objetiva.

8.3.1. Interpretação subjetiva

Nesse tipo de interpretação interessa apenas o conhecimento prévio que o leitor possui,

sua experiência, a sua visão de mundo. **As informações contidas no texto são apenas um ponto de partida para suas divagações**.[25]

8.3.2. Interpretação objetiva

É a interpretação que leva em conta as marcas significativas contidas no texto. Essas marcas são muitas e variadas, dependendo do tipo de texto e da "intenção" do autor. Porém, podemos sistematizar a observação de algumas que estão presentes em todas as produções: vocabulário, gramática e raciocínio lógico verbal.

8.3.2.1. Vocabulário

Ao produzir um texto o autor utiliza palavras que podem ter significados múltiplos, então **cabe ao leitor encontrar o significado que melhor se encaixa naquele contexto**. Para isso devemos pensar em conotação e denotação:

a) *conotação:* a palavra utilizada em sentido figurado;

b) *denotação:* a palavra utilizada em sentido real.

Para se chegar à interpretação objetiva devemos buscar sempre a denotação.

Vejamos um exemplo: "Navegar é preciso, viver não é preciso."

No século I a.C., os romanos viviam ativamente o seu processo de expansão econômica e territorial. Roma se tornava um império de grandes dimensões e a necessidade de desbravar os mares se colocava como imperativo para o seu fortalecimento. Por volta de 70 a.C., o General Pompeu foi incumbido da missão de transportar o trigo das províncias para a cidade de Roma, que passava por uma grave crise de abastecimento causada por uma rebelião de escravos. Os riscos de navegação eram grandes, em virtude das limitações tecnológicas e dos ataques de piratas, que aconteciam com frequência. Os marinheiros, então, viviam um grave dilema: salvar a cidade de Roma da crise de abastecimento, ou fugir dos riscos da viagem, mantendo-se seguros na cidade de Sicília. Foi então que, de acordo com o historiador Plutarco, o general Pompeu proferiu essa lendária frase, motivando os seus marinheiros.

Tempos depois, essa frase foi utilizada como lema da Liga Hanseática e também da Escola de Sagres.

Alguns poetas a utilizaram em seus escritos: Camões, Fernando Pessoa, Caetano Veloso. Até Ulisses Guimarães a utilizou, no seu célebre discurso pelas eleições diretas.

A interpretação objetiva ou subjetiva passa pelo vocabulário, pois o adjetivo "preciso" presente nesse texto pode ser interpretado de duas maneiras:

a) *preciso* = necessário: nesse caso, temos uma interpretação subjetiva, pois cada leitor entenderá as ideias de "navegar" e "viver" como melhor lhe convier;

b) *preciso* = exato: nesse caso, temos uma interpretação objetiva, pois a única possibilidade de leitura é a de que *navegar é algo exato, navegar tem precisão; viver não é exato, não tem precisão.*

É preciso saber reconhecer no texto os pontos principais, que nos ajudam a decodificar

a mensagem. Para isso podemos nos fixar nas palavras-chave ou ideias-chave.

■ *8.3.2.1.1. Palavras-chave*

Palavras mais importantes de cada parágrafo, em torno das quais outras se organizam, criando uma ligação para produzirem sentido. As *palavras-chave* aparecem, muitas vezes, ao longo do texto de diversas formas: repetidas, modificadas ou retomadas por sinônimos. As *palavras-chave* **formam o alicerce do texto**, são a base de sua sustentação, levam o leitor ao entendimento da totalidade do texto, dando condições para reconstruí-lo.

- atenção especial para verbos e substantivos;
- o título (se houver) é uma boa dica de *palavra-chave*.

Observe o texto de Bertrand Russel, "Minha Vida",[26] a fim de compreender a forma como ele está construído:

> "Três paixões, simples mas irresistivelmente fortes, governaram minha vida: o desejo imenso do amor, a procura do conhecimento e a insuportável compaixão pelo sofrimento da humanidade. Essas paixões, como os fortes ventos, levaram-me de um lado para outro, em caminhos caprichosos, para além de um profundo oceano de angústias, chegando à beira do verdadeiro desespero.
>
> Primeiro busquei o amor, que traz o êxtase — êxtase tão grande que sacrificaria o resto de minha vida por umas poucas horas dessa alegria. Procurei-o, também, porque abranda a solidão — aquela terrível solidão em que uma consciência horrorizada observa, da margem do mundo, o insondável e frio abismo sem vida. Procurei-o, finalmente, porque na união do amor vi, em mística miniatura, a visão prefigurada do paraíso que santos e poetas imaginaram. Isso foi o que procurei e, embora pudesse parecer bom demais para a vida humana, foi o que encontrei.
>
> Com igual paixão busquei o conhecimento. Desejei compreender os corações dos homens. Desejei saber por que as estrelas brilham. E tentei apreender a força pitagórica pela qual o número se mantém acima do fluxo. Um pouco disso, não muito, encontrei.
>
> Amor e conhecimento, até onde foram possíveis, conduziram-me aos caminhos do paraíso. Mas a compaixão sempre me trouxe de volta à Terra. Ecos de gritos de dor reverberam em meu coração. Crianças famintas, vítimas torturadas por opressores, velhos desprotegidos — odiosa carga para seus filhos — e o mundo inteiro de solidão, pobreza e dor transformaram em arremedo o que a vida humana poderia ser. Anseio ardentemente aliviar o mal, mas não posso, e também sofro.
>
> Isso foi a minha vida. Achei-a digna de ser vivida e vivê-la-ia de novo com a maior alegria se a oportunidade me fosse oferecida."

O texto é constituído de cinco parágrafos que se encadeiam de forma coerente. Vejamos as palavras-chave de cada parágrafo.

- 1º parágrafo — *vida / paixões*

- 2º parágrafo — *amor*
- 3º parágrafo — *conhecimento*
- 4º parágrafo — *compaixão*
- 5º parágrafo — *vida*

8.3.2.1.2. Ideias-chave

A partir das palavras-chave, pode-se chegar à *ideia-chave* de cada parágrafo, ou seja, o assunto principal de cada parágrafo, de forma sintetizada. E, a partir da síntese de cada parágrafo, chega-se à ideia central do texto.

Observe o texto:

> "Existem duas formas de operação marginal: a que toma a classificação genérica de economia informal, correspondente a mais de 50% do Produto Interno Bruto (PIB), e a representada pelos trabalhadores admitidos sem carteira assinada. Ambas são portadoras de efeitos econômicos e sociais catastróficos.
>
> A atividade econômica exercida ao largo dos registros oficiais frustra a arrecadação de receitas tributárias nunca inferiores a R$ 50 bilhões ao ano. A perda de receita fiscal de tal porte torna precários os programas governamentais para atendimento à demanda por saúde, educação, habitação, assistência previdenciária e segurança pública.
>
> Quanto aos trabalhadores sem anotação em carteira, formam um colossal conjunto de excluídos. Estão à margem dos benefícios sociais garantidos pelos direitos de cidadania, entre os quais vale citar o acesso à aposentadoria, ao seguro-desemprego e às indenizações reparadoras pela despedida sem justa causa. De outro lado, não recolhem a contribuição previdenciária, mas exercem fortes pressões sobre os serviços públicos de assistência médico-hospitalar.
>
> A reforma tributária poderá converter a expressões toleráveis a economia informal. A redução fiscal incidente sobre as micro e pequenas empresas provocará, com certeza, a regularização de grande parte das unidades produtivas em ação clandestina. E a adoção de uma política consistente para permitir o aumento do emprego e da renda trará de volta ao mercado formal os milhões de empregados sem carteira assinada. É preciso entender que o esforço em favor da inserção da economia no sistema mundial não pode pagar tributo ao desemprego e à marginalização social de milhões de pessoas."
>
> (*Correio Braziliense,* 13 de julho de 1997)

1º parágrafo: economia informal; trabalhadores admitidos sem carteira assinada; efeitos econômicos e sociais catastróficos.

Ideia-chave: Economia informal e trabalhadores admitidos sem carteira assinada trazem prejuízos econômicos e sociais.

2º parágrafo: atividade econômica exercida ao largo dos registros oficiais; perda de receita fiscal; precários os programas governamentais.

Ideia-chave: A perda de receitas tributárias causada pela economia informal prejudica

os programas sociais do governo.

3º parágrafo: trabalhadores sem anotação em carteira; à margem dos benefícios sociais.

Ideia-chave: Trabalhadores admitidos sem carteira assinada causam prejuízos econômicos por não recolherem contribuição previdenciária e sofrem os efeitos sociais por não terem seus direitos assegurados.

4º parágrafo: reforma tributária; redução fiscal incidente sobre as micro e pequenas empresas; política consistente para permitir o aumento do emprego e da renda.

Ideia-chave: A reforma tributária poderá minimizar os efeitos da economia informal e uma política consistente para aumento do emprego e da renda pode provocar a formalização de contratos legais para milhões de empregados.

Ideia central do texto: A economia informal tem efeitos econômicos e sociais prejudiciais ao indivíduo e ao sistema, mas ações políticas, como a reforma tributária, poderão estimular a regularização de empresas, beneficiando, também, os trabalhadores.

8.3.2.2. Gramática

A observação das **relações sintáticas** e dos **usos gramaticais** de palavras dentro do texto também **revela aspectos da interpretação**.

Na frase "Levou ao cinema os pais o filho.", sabemos que o sujeito do verbo é "o filho", pois o verbo estando no singular terá um sujeito singular.

Na frase "Enganou ao aluno o professor.", sabemos que o sujeito do verbo é "o professor", pois o outro termo ("ao aluno") aparece preposicionado e por isso não pode ser o sujeito.

Na frase: "Maria, João ama.", sabemos que o sujeito do verbo é "João", sabemos que Maria João não é um nome composto, isso tudo por causa da vírgula.

8.3.2.3. Raciocínio lógico verbal

Pela observação das **relações lógicas** estabelecidas entre as palavras do texto, podemos chegar a **conclusões objetivas**.

No texto: "Radegondes foi ao Teatro Municipal de São Paulo assistir à apresentação da Orquestra Sinfônica do Estado, regida pelo maestro Asdrúbal de Sousa. Ficou encantada com a apresentação e afirmou 'Este maestro é bárbaro!'" — note que a palavra "bárbaro" assume o sentido de "muito bom" ou "excelente", pois é o que se pode interpretar a partir das relações que esta palavra mantém com as outras.

O sentido original de "bárbaro", porém, é outro: "cruel", "rude", "selvagem" ou "desumano", como se percebe na frase: "Asdrúbal estava muito nervoso, agiu com impaciência, gritando como um bárbaro".

8.4. COESÃO E COERÊNCIA

A **coesão** e a **coerência** são dois **princípios fundamentais na construção da textualidade**.

A textualidade consiste no conjunto de características que fazem com que um texto seja assim concebido e não como um conjunto de palavras, frases ou sequência de frases.

A **coesão** é uma decorrência da própria continuidade exigida pelo texto, a qual, por sua vez, é exigência da *unidade* que dá *coerência* ao texto.

E a **coerência** é uma propriedade que tem a ver com as possibilidades de o texto funcionar como uma *peça comunicativa* — **unidade** —, como um meio de interação verbal.

Seguindo esses raciocínios, uma e outra serão vistas separadamente.

8.4.1. Coesão

Um texto não pode ser entendido apenas como um emaranhado de frases isoladas. Faz-se necessário considerar que existem **elementos linguísticos cuja função principal é a de estabelecer relações textuais**, que são chamadas de *recursos de coesão textual*.

Esses elementos linguísticos aparecem como auxiliadores na tessitura do texto, originando, assim, o fenômeno da coesão textual.

Ocorre a coesão textual quando a interpretação de **algum elemento no discurso é dependente da de outro**. Um elemento pressupõe o outro, no sentido de que não pode ser efetivamente decodificado a não ser por recurso ao outro.

A coesão é uma relação semântica entre um elemento do texto e algum outro elemento que seja de extrema relevância para que se estabeleça a sua interpretação. A coesão, por estabelecer *relações de sentido*, diz respeito ao conjunto de recursos semânticos por meio dos quais uma sentença se liga à que veio anteriormente, aos recursos semânticos mobilizados, proporcionando, assim, a criação do texto.

A coesão diz respeito à maneira como as palavras e as frases que compõem um texto — os chamados componentes da superfície textual — encontram-se conectadas entre si numa sequência linear, por meio de dependências de ordem gramatical.

Estudar a manifestação da língua do ponto de vista da coesão de suas designações, significados e estruturas linguísticas é focalizar o **texto** e utilizar estratégias de análise fechadas. Essas estratégias de análise fechadas são utilizadas para estudar as unidades da comunicação, palavra ou frase, do ponto de vista de sua natureza linguística: designação, significado e estrutura. Possibilitam observação e descrição do emprego dessas unidades segundo as regras próprias do sistema da língua, sem recorrer a fenômenos estranhos a esse sistema.

Os elementos de coesão são aqueles que dão conta da estruturação da sequência superficial do texto, eles não são meramente sintáticos, mas há uma espécie de semântica da sintaxe textual, isto é, os princípios formais de uma língua permitem estabelecer relações de sentido entre os elementos linguísticos do texto.

As relações coesivas compreendidas como relações semânticas textuais são formalizadas pela língua num sistema que engloba três níveis: o semântico (significado), o léxico-gramatical (formal) e o fonológico-ortográfico (expressão).

Ao fazer uso de elementos coesivos, o texto adquire um toque especial de legibilidade, o que explicita os tipos de relações estabelecidas entre os elementos linguísticos que o compõem.

A coesão pode ser dividida em três tipos: *referencial*, *recorrencial* e *sequencial "stricto sensu"*.[27]

8.4.1.1. Coesão referencial

A **coesão referencial** é entendida como o primeiro grau de abstração que o leitor faz. Por meio da substituição e da reiteração, o leitor **recupera informações dadas** no texto:

8.4.1.1.1. Substituição

Ocorre quando um componente linguístico é retomado (anáfora) ou precedido (catáfora) por uma *proforma*.[28]

a) *proforma pronominal:*

"A figura é poética, mas não é a da heroína do romance."[29]

"... entrei para abraçar o meu antigo companheiro de estudos, que me recebeu alvoroçado e admirado.
Depois da primeira expansão, apresentou-me ele à sua família, composta de mulher e uma filhinha, esta retrato daquela, e aquela retrato dos anjos."[30]

b) *proforma verbal:*

"Soares não desanimou o major. Disse que era natural acabar sua existência na política, e chegou a dizer que algumas vezes sonhara com uma cadeira no parlamento.
— Pois eu verei se te posso arranjar isto — respondeu o tio. — O que é preciso é que estudes a ciência da política, a história do nosso parlamento e do nosso governo; e principalmente que continues a ser o que és hoje: um rapaz sério.
Se bem o dizia o major, melhor o fazia Soares, que desde então meteu-se com os livros e lia com afinco as discussões das Câmaras."[31]

c) *proforma adverbial:*

"[A D. LUÍSA P..., EM JUIZ DE FORA]
À MESMA
Corte, 10 de janeiro
Isto é apenas um bilhetinho. Dou-lhe notícia de que vamos ter aqui uma representação familiar, como fazíamos no colégio. O dr. Alberto foi encarregado de escrever a comédia; afiançam-me que há de sair boa. Representa comigo a Carlota. Os homens são o primo Abreu, o Juca e o dr. Rodrigues. Ah! se você cá estivesse.
RAQUEL."[32]

d) *proforma numeral:*

"— Alves!

— Moreira!
Soltados esses dois gritos, os dois indivíduos, a quem pertenciam aqueles nomes, trocaram um formidável abraço, com palmadas nas costas, a despeito de se passar a cena na rua do Ouvidor, às duas horas da tarde. Abraçados e palmejados os dois amigos (eram evidentemente amigos) tornaram a exclamar:
— Ora o Alves!
— Ora o Moreira!
(...)
Ambos eles iam contentes e palreiros. Regulavam pela mesma idade, trinta a trinta e três anos; eram igualmente magros, não muito, e quase de igual altura."[33]

8.4.1.1.2. Reiteração

Ocorre com a repetição de expressões no texto; faz-se por:
a) repetição do mesmo item lexical:

A menina chora muito, essa *menina* é chata.
"Matias sorriu manso e discreto, como devem sorrir os eclesiásticos e os diplomatas."[34]

b) sinônimos:

O homem estava nervoso com o atraso da esposa, era um *senhor* pontual.
"Decorreram algumas semanas. Uma noite, eram nove horas, estava em casa, quando ouviu rumor de vozes na escada; desceu logo do sótão, onde morava, ao primeiro andar, onde vivia um empregado do arsenal de guerra. Era este, que alguns homens conduziam, escada acima, ensanguentado. O preto que o servia, acudiu a abrir a porta; o homem gemia, as vozes eram confusas, a luz pouca. Deposto o ferido na cama, Garcia disse que era preciso chamar um médico."[35]

c) hiperônimos/hipônimos:

As *construções* antigas me agradam, visitei ontem um lindo *apartamento* de 1910.

O *Fusca* sempre me agradou, é um *carro* de que gosto muito.

"A previsão do Diabo verificou-se. Todas as virtudes cuja capa de veludo acabava em franja de algodão, uma vez puxadas pela franja, deitavam a capa às urtigas e vinham alistar-se na igreja nova. Atrás foram chegando as outras, e o tempo abençoou a instituição. A igreja fundara-se; a doutrina propagava-se; não havia uma região do globo que não a conhecesse, uma língua que não a traduzisse, uma raça que não a amasse. O Diabo alçou brados de triunfo."[36]

d) expressões nominais definidas:

Castro Alves dá nome a uma praça na Bahia, pois foi lá que *o poeta dos escravos* nasceu.

"Uma célebre Leontina Caveau, que se dizia viúva de um tal príncipe Alexis, súdito do tzar, foi ontem recolhida à prisão: A bela dama (era bela!) não contente de iludir alguns moços incautos, alapardou-se com todas as joias de uma sua vizinha, mlle. B... A roubada queixou-se a tempo de impedir a fuga da pretendida princesa."[37]

e) nomes genéricos:

Há uma *pessoa* esperando por você na recepção, disse que é seu irmão.

"Não me admira, dizia um poeta antigo, que um homem case uma vez; admira-me que, depois de viúvo, torne a casar."[38]

"Era um dia de procissão de Corpus Christi, que a igreja do Sacramento preparara com certo luxo. A rua do Sacramento, a do Hospício, o largo do Rocio estavam mais ou menos cheios de povo que aguardava o préstito religioso. Na janela de uma casa do Rocio, atulhada de gente como todas as janelas daquela rua, havia três moças, duas das quais pareciam irmãs, não só pela semelhança das feições, mais ainda pela identidade dos vestidos."[39]

8.4.1.2. Coesão recorrencial

Na **coesão recorrencial** há sempre uma **progressão**, **uma informação** nova **que se articula com a** velha. A informação nova é *aquela que se acredita conhecida ou porque está fisicamente no contexto ou porque já foi mencionada no discurso.*

A coesão recorrencial constitui-se por:

8.4.1.2.1. Recorrência de termos

É a repetição enfática de termos:

"Irene preta
Irene boa
Irene sempre de bom humor."[40]

"Z — Você está enganado. O Xavier? Esse Xavier há de ser outro. O Xavier nababo! Mas o Xavier que ali vai nunca teve mais de duzentos mil-réis mensais, é um homem poupado, sóbrio, deita-se com as galinhas, acorda com os galos, e não escreve cartas a namoradas, porque não as tem. Se alguma expede aos amigos é pelo correio. Não é mendigo, nunca foi nababo."[41]

8.4.1.2.2. Paralelismo

Ocorre quando diferentes conteúdos utilizam as mesmas estruturas:

"Eia eletricidade, nervos doentes da Matéria

Eia telegrafia sem fios, simpatia metálica do Inconsciente!"[42]

"Na manhã de um sábado, 25 de abril, andava tudo em alvoroço em casa de José Lemos. Preparava-se o aparelho de jantar dos dias de festa, lavavam-se as escadas e os

corredores, enchiam-se os leitões e os perus para serem assados no forno da padaria defronte; tudo era movimento; alguma coisa grande ia acontecer."[43]

8.4.1.2.3. Paráfrase

É o procedimento em que se restabelece a ideia de um texto em outro, é uma atividade de reformulação de um texto-fonte num texto-derivado, portanto, um enunciado que reformula um anterior e com o qual mantém uma relação de equivalência semântica; sempre se remete a um texto anterior, para reafirmá-lo ou esclarecê-lo, criando, portanto, uma relação de intertextualidade.

"Hamlet observa a Horácio que há mais cousas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia. Era a mesma explicação que dava a bela Rita ao moço Camilo, numa sexta-feira de Novembro de 1869, quando este ria dela, por ter ido na véspera consultar uma cartomante; a diferença é que o fazia por outras palavras."[44]

8.4.1.2.4. Recursos fonológicos, segmentais ou suprassegmentais

Ocorre pela observação do ritmo da frase com suas entonações e silêncios e da motivação sonora como aliterações, ecos, assonâncias etc.:

Se você fizer isso, então...

O rato roeu a roupa real do rei de Roma.

"Comunicada a notícia ao comendador, não tardou que este se apresentasse em casa do dr. Matos, onde pouco depois chegou Camilo. O mísero rapaz trazia escrita no rosto a dor de haver escapado à morte trágica que procurara; pelo menos assim o disse muitas vezes em caminho ao pai de Isabel.

— Mas a causa dessa resolução? — perguntou-lhe o doutor.
— A causa... — balbuciou Camilo que espreitava a pergunta — não ouso confessá-la...
— É vergonhosa? — perguntou o velho com um sorriso benévolo.
— Oh! não!...
— Mas que causa é?
— Perdoa-me, se eu lha disser?
— Por que não?
— Não, não ouso... — disse resolutamente Camilo."[45]

8.4.1.3. Coesão sequencial "stricto sensu"

A **coesão sequencial** stricto sensu constitui o meio pelo qual **o texto progride sem haver retomada** (recorrência) de itens. Ela se dá por:

8.4.1.3.1. Sequenciação temporal

Indica o **tempo "real" em que as coisas acontecem**. Pode ser por ordenação linear, por expressões sequenciais, por partículas temporais ou por correlação dos tempos

verbais.

Levantou cedo, tomou banho e saiu.
Primeiro vi a moto, depois o ônibus.
Irei ao teatro logo à noite.
Ordenei que arrumassem a casa.
"Bebeu o resto do elixir do pajé. No dia seguinte morreu."[46]

"Três causas diversas podem aconselhar o uso dos óculos. A primeira de todas é a debilidade do órgão visual, causa legítima, menos comum do que parece e mais vulgar do que deveria ser. Vê-se hoje um rapaz entrando na puberdade e já adornado com um par de óculos, não por gosto, senão por necessidade. A natureza conspira para estabelecer o reinado dos míopes.
Outra causa do uso destes auxílios da vista é a moda, o capricho, ou, como diz Rodrigues Lobo, a galantaria. O menos escritor exprime-se deste modo: 'Assim é que até os óculos, que se inventaram para remediar defeitos da natureza, vi eu já alguns trazer por galantaria'. Efetivamente quem quiser passar por verdadeiro homem de tom deve trazer, não direi óculos fixos que é só próprio dos sábios e estadistas, mas estas famosas lunetas-pênseis, que são úteis, cômodas e graciosas, dão bom aspecto, fascinam as mulheres, servem para casos difíceis e duram muito.
Da terceira causa quem nos dá notícia é nem mais nem menos o gravíssimo Montesquieu. Diz ele: 'Os óculos fazem ver demonstrativamente que o homem que os traz é consumado nas ciências, por modo que um nariz ornado com eles deve ser tido sem contestação por nariz de um sábio'. Conclui-se disto que a natureza é uma causa secundária dos estragos da vista e que o desejo de parecer ou de brilhar produz o maior número dos casos em que é necessária a arte do Reis."[47]

8.4.1.3.2. Sequenciação por conexão

É a sequência que se **faz por meio de operadores do tipo lógico** (disjunção, condicionalidade, causalidade, mediação, complementação, restrição ou delimitação), **operadores do discurso** (conjunção, disjunção, contrajunção, explicação ou justificação) **e pausas** (na escrita, os sinais de pontuação — vírgula, ponto e vírgula, ponto-final etc.).

"— Se eu não fosse àquele baile não conhecia esta mulher, não andava agora com estes cuidados, e tinha conjurado uma desgraça ou uma felicidade, porque ambas as coisas podem nascer deste encontro fortuito. Que será? Eis-me na dúvida de Hamlet. Devo ir à casa dela? A cortesia pede que vá. Devo ir; mas irei encouraçado contra tudo. É preciso romper com estas ideias, e continuar a vida tranquila que tenho tido."[48]

Deve-se ressaltar que o uso adequado de elementos coesivos facilita a compreensão do texto. A coesão ajuda a estabelecer a coerência na percepção dos sentidos do texto. O sentido a transmitir, ou a mensagem, é definido, delimitado, organizado por meio das palavras; e o sentido das palavras, por seu turno, determina-se em relação ao contexto.

A coesão vai sendo construída e se evidencia pelo emprego de diferentes procedimentos, tanto no campo do léxico como no da gramática. Ela se realiza nas relações entre elementos sucessivos, tais como: artigos, pronomes adjetivos, adjetivos em relação aos substantivos; formas verbais em relação aos sujeitos; tempos verbais nas relações espaço-temporais constitutivas do texto etc., na organização de períodos, de parágrafos, das partes do todo, como formadoras de uma cadeia de sentido capaz de apresentar e desenvolver um tema ou as unidades de um texto. Construída com os elementos gramaticais e lexicais, confere unidade formal ao texto.

Ao assinalar a conexão entre as diferentes partes do texto, tendo em vista a ordem em que aparecem, a coesão é sintática e gramatical, e *também* semântica, pois, em muitos casos, os mecanismos coesivos se baseiam numa relação entre os significados de elementos da superfície do texto.

O texto constitui-se não apenas de uma sequência de palavras ou de frases. A sucessão forma uma cadeia que vai muito além da simples sequencialidade: há um entrelaçamento significativo que aproxima as partes formadoras do texto. Os elementos linguísticos que estabelecem a conectividade e a retomada, e garantem a coesão, são os *referentes textuais*. Cada um desses referentes estabelece relações de sentido e significado tanto com os elementos que o antecedem como com os que o sucedem, construindo uma cadeia textual significativa, a *referenciação*.

Os referentes são construtos culturais, representações constantemente alimentadas pelas atividades linguísticas. E sob tal pensamento, seria então mais adequado falar de *referenciação*, de modo a ressaltar a ideia de processo que caracteriza o ato de referir.

A referenciação se define por uma visão da *referência* de modo geral e, em especial da anáfora, como representação de uma entidade construída no discurso e pelo discurso, de acordo com alguns elementos textuais e outros compartilhados pelos participantes da comunicação (pressupostos).

Há dois tipos de referência: *endofórica* e *exofórica*. A primeira se dá quando o objeto designado é localizado no contexto linguístico; a segunda acontece quando esse objeto é localizado na situação extralinguística.

Quanto à referência endofórica, as expressões anafóricas têm, com efeito, propriedades diferentes, e não sofrem as mesmas restrições conforme sejam ou não controladas sintaticamente por seu antecedente (para o caso, evidentemente, de haver um). Quando tal controle existe, a interpretação do anafórico tem a inferência de uma interpretação sintática; senão ela é dependente de fatores contextuais e pragmáticos.

Anáfora *fiel*: sempre que um referente anteriormente introduzido no texto é retomado por meio de um sintagma nominal definido ou demonstrativo, cujo nome nuclear é aquele mesmo por meio do qual foi introduzido *(uma casa... a/esta casa...)*.

Anáfora *infiel*: sempre que o nome da forma de retomada é diferente daquela da forma introduzida (trata-se, mais frequentemente, de um sinônimo ou de um hiperônimo) ou quando lhe é acrescentada uma determinação qualquer *(uma casa... a habitação)*.

Já para a referência exofórica, existe a expressão *dêixis textual*, que designa comumente o emprego de expressões indiciais como *mais acima, abaixo, no próximo capítulo, aqui* etc. com o objetivo de se referir aos segmentos, aos lugares ou aos momentos do próprio texto em que estas expressões são utilizadas.

Há ainda a *dêixis de memória*:

Nós tomamos um trago no bar com gente fumando. *Essa fumaça*, *esse cheiro de álcool*.

Um sintagma nominal demonstrativo pode referir-se na ausência de qualquer designação antecedente de seu referente e sem que este esteja presente na situação enunciativa.

Os dêiticos são elementos que não significam, apenas indicam, remetem aos componentes da situação comunicativa. Já os componentes concentram em si a significação. Remetem a um momento ou lugar da enunciação. Eles exercem, por excelência, a função de progressão textual, dada sua característica.

Os pronomes pessoais e as desinências verbais indicam os participantes do ato do discurso. Os pronomes demonstrativos, certas locuções prepositivas e adverbiais, bem como os advérbios de tempo, referenciam o momento da enunciação, podendo indicar *simultaneidade*, *anterioridade* ou *posterioridade*. Assim: *este*, *agora*, *hoje*, *neste momento* (presente); *ultimamente*, *recentemente*, *ontem*, *há alguns dias*, *antes de* (pretérito); *de agora em diante*, *no próximo ano*, *depois de* (futuro).

A evolução referencial se dá com base numa complexa relação entre linguagem, mundo e pensamento estabelecida centralmente no discurso.

Alguns recursos de coesão

a) *Epítetos* — palavra ou frase que qualifica pessoa ou coisa:

Glauber Rocha fez filmes memoráveis. Pena que o *cineasta mais famoso do cinema brasileiro* tenha morrido tão cedo.

b) *Nominalizações* — emprego de um substantivo que remete a um verbo enunciado anteriormente (pode também ocorrer o contrário: um verbo retomar um substantivo já enunciado):

Eles foram *testemunhar* sobre o caso. O juiz disse, porém, que tal *testemunho* não era válido por serem parentes do assassino.

Ele não suportou a *desfeita* diante de seu próprio filho. *Desfeitear* um homem de bem não era coisa para se deixar passar em branco.

c) *Palavras ou expressões sinônimas ou quase sinônimas:*

Os *quadros* de Van Gogh não tinham nenhum valor em sua época. Houve *telas* que serviram até de porta de galinheiro.

d) *Repetição de uma palavra:*

"A *propaganda,* seja ela comercial ou ideológica, está sempre ligada aos objetivos e aos interesses da classe dominante. Essa ligação, no entanto, é ocultada por uma inversão: *a*

propaganda sempre mostra que quem sai ganhando com o consumo de tal ou qual produto ou ideia não é o dono da empresa, nem os representantes do sistema, mas, sim, o consumidor. Assim, *a propaganda* é mais um veículo de ideologia dominante."[49]

e) *Um termo-síntese:*

O país é cheio de entraves burocráticos. É preciso preencher um sem-número de papéis. Depois, pagar uma infinidade de taxas. Todas essas *limitações* acabam prejudicando o importador. (a palavra limitações sintetiza o que foi dito antes)

f) *Pronomes:*

Vitaminas fazem bem à saúde. Mas não devemos tomá-*las* ao acaso.

O colégio é um dos melhores da cidade. *Seus* dirigentes se preocupam muito com a educação integral.

Aquele político deve ter um discurso muito convincente. *Ele* já foi eleito seis vezes.

Há uma grande diferença entre Paulo e Maurício. *Este* guarda rancor de todos, enquanto *aquele* tende a perdoar.

g) *Numerais:*

Não se pode dizer que toda a turma esteja mal preparada. *Um terço* pelo menos parece estar dominando o assunto.

Recebemos dois telegramas. O *primeiro* confirmava a sua chegada; o *segundo* dizia justamente o contrário.

h) *Advérbios pronominais (aqui, ali, lá, aí):*

Não podíamos deixar de ir ao *Louvre*. *Lá* está a obra-prima de Leonardo da Vinci: a "Monalisa".

i) *Elipse:*

"A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blablablá e a prática, ativismo." — e a prática *ir virando* ativismo.[50]

j) *Repetição do nome próprio (ou parte dele):*

Lygia Fagundes Telles é uma das principais escritoras brasileiras da atualidade. *Lygia* é autora de "Antes do baile verde", um dos melhores livros de contos de nossa literatura.

k) *Metonímia* — processo de substituição de uma palavra por outra, fundamentada numa relação de contiguidade semântica:

Santos Dumont chamou a atenção de toda *Paris*. O *Sena* curvou-se diante de sua invenção.

l) *Associação* — uma palavra retoma outra porque mantém com ela, em determinado contexto, vínculos precisos de significação:

São Paulo é sempre vítima das *enchentes* de verão. Os *alagamentos* prejudicam o trânsito, provocando engarrafamentos de até 200 quilômetros.

Sempre se aplica o princípio da coesão ao se conectarem as formas e os padrões

presentes nos textos, para que eles façam sentido. Ao fazerem sentido, ao se conectarem os significados, move-se para além da coesão de formas e padrões e aplica-se o princípio da *coerência*.

8.4.2. Coerência

A **coerência** é o modo pelo qual os componentes do universo textual, ou seja, **os conceitos e relações subentendidos ao texto** de superfície **são mutuamente acessíveis e relevantes entre si**.

Responsável por constituir os sentidos do texto, a coerência não é apresentada, pois, como meros traços dos textos, mas, sim, como o resultado de uma complexa rede de fatores de ordem linguística, cognitiva e interacional. Assim, a simples justaposição de situações em um texto pode ativar operações que criam relações de coerência.

A coerência faz com que o texto adquira sentido para os usuários da língua, e este sentido, evidentemente, deve ser do todo, pois a coerência é global.

Então, para que haja coerência, é necessário também que haja a possibilidade de estabelecer no texto alguma forma de unidade ou relação entre seus elementos. Essa relação é entendida como um princípio de interpretabilidade, ligada à inteligibilidade do texto numa situação de comunicação e à capacidade que o receptor tem para calcular o sentido desse texto.

A coerência é a qualidade inerente aos textos pela qual os falantes passam a reconhecê-los como bem formados. Ela pode ser entendida como um princípio de interpretabilidade, dependente da capacidade dos usuários em reconhecer o sentido do texto pelo qual estão interagindo; a coerência caracteriza-se como o nível de conexão conceitual e estruturação do sentido, manifestado, em grande parte, macrotextualmente.

Assim, a coerência contrapõe-se à coesão (se dá no nível microestrutural, ou seja, na superfície do texto).

Como o texto contém mais do que o sentido da superfície, devem-se levar em conta as experiências cotidianas, as atitudes e as intenções — todos eles fatores não linguísticos.

A coerência opera com dois níveis de aquisição de conhecimento:

- conhecimento declarativo: é o das frases, das proposições do texto; evidencia-se pelas relações do tipo lógico (generalização, especificação, causalidade etc.).
- conhecimento procedimental: é o conhecimento culturalmente determinado e construído por meio de experiências; está armazenado na memória episódica de cada leitor/ouvinte.

Esses conhecimentos responsáveis pela coerência (isto é, a produção de sentido) se organizam em estruturas cognitivas: conceitos, modelos cognitivos globais e superestruturas. Veja-se uma a uma.

a) conceitos: são os conhecimentos armazenados na memória semântica e na memória episódica.

b) modelos cognitivos globais: são os conhecimentos prévios armazenados na memória e intensamente utilizados; subdividem-se em:

- *frames* (conhecimento comum, primário): são conjuntos de conhecimentos armazenados na memória debaixo de um certo "rótulo", não havendo nenhum tipo de ordenação entre eles; por exemplo, *Carnaval* (confete, serpentina, desfile, escola de samba, fantasia, baile, mulatas etc.).
- esquemas (conhecimento organizado sequencialmente, fixos, determinados): são conjuntos de conhecimentos armazenados em uma sequência temporal ou causal; por exemplo, como pôr um aparelho em funcionamento, um dia na vida de um cidadão comum.
- planos (modelos de comportamento deliberados, com um objetivo): são conjuntos de conhecimentos sobre como agir para atingir um objetivo; por exemplo, como vencer uma partida de xadrez.
- *scripts* (modelos de comportamento estereotipados, com uma rotina preestabelecida): são conjuntos de conhecimentos sobre modos de agir altamente estereotipados em dada cultura, inclusive em termos de linguagem; por exemplo, rituais religiosos (batismo, missa, casamento), as fórmulas de cortesia, as praxes jurídicas.
- cenários (representa o contexto em que o texto está inserido).[51]

c) superestruturas: a forma global do texto, que define a sua organização e as relações hierárquicas entre as suas partes.

O **conhecimento prévio é a base de sustentação da coerência**, pois pode-se dizer com segurança que sem o engajamento do conhecimento prévio do leitor não haverá compreensão. Ele é uma junção de *conhecimento linguístico* (aquele que faz com que o indivíduo se comunique em seu idioma), *conhecimento textual* (reconhecimento do texto quanto à estrutura) e *conhecimento de mundo* (adquirido formal ou informalmente, é o que as pessoas sabem do mundo).

Para o estabelecimento da coerência, o conhecimento de mundo desempenha um papel não menos importante e decisivo, pois é necessário que o texto fale de coisas que façam parte dos conhecimentos do leitor; caso contrário, não haverá condições de se calcular o seu sentido e ele parecerá destituído de coerência. É o que aconteceria a muitos leitores ao se defrontarem, por exemplo, com o Tratado da Teoria da Relatividade, de Albert Einstein.

Adquire-se esse conhecimento de mundo com as experiências vividas, com o passar do tempo, por estar-se constantemente em contato com os fatos.

A coerência tem a ver com boa formação em termos da interlocução, determinando não somente a possibilidade de estabelecer o sentido do texto, mas também qual sentido se deve estabelecer no texto, de modo frequente.

A coerência pode ser dividida em:

- *local:* refere-se a partes do texto, a frases ou a sequências de frases dentro do texto;

- *global:* diz respeito ao texto em sua totalidade.

8.4.2.1. Coerência semântica

Refere-se à **relação entre significados** dos elementos das frases em sequência num texto (local), ou entre os elementos do texto como um todo (global). O respeito ou desrespeito às relações de sentido entre os significados dos termos também tem a ver com coerência semântica.

8.4.2.2. Coerência sintática

Refere-se aos **meios sintáticos** para expressar a coerência semântica como, por exemplo, os conectivos, o uso de pronomes, de sintagmas nominais definidos e indefinidos etc. A coerência sintática, então, nada mais é do que um aspecto da coesão que pode ter a finalidade de auxiliar no estabelecimento da coerência.

8.4.2.3. Coerência estilística

Refere-se àquela pela qual o usuário deveria usar em seu texto **elementos linguísticos**, tais como: léxico, tipos de estruturas, frases etc., pertencentes ou constitutivos do mesmo estilo ou registro linguístico. Seria o caso, por exemplo, de o uso de gírias em textos acadêmicos, sobretudo orais (as conferências), ser normalmente precedido de ressalvas, como: *"se me permitem o termo"*, ou *"para usar uma expressão popular que bem expressa isso"* etc., ou de o uso de palavras "reprováveis" em conversas "polidas" ser normalmente precedido de um *"com o perdão da palavra"*.

8.4.2.4. Coerência pragmática

O texto é visto como uma **sequência de atos de fala**. São relacionados de modo que, para a sequência de atos ser percebida como apropriada, os atos de fala que a constituem satisfaçam as mesmas condições presentes em uma dada situação comunicativa.

A coerência contribui para a constituição e existência de um texto ao fazer com que uma sequência linguística qualquer seja vista como um conjunto. Porque é a relação entre vários fatores, tais como: morfemas, palavras, expressões, frases, parágrafos, capítulos etc. que estabelece a coerência, o que permite construí-la e percebê-la na recepção, como constituindo uma unidade significativa global. É a coerência, portanto, que dá *textura* ou *textualidade* à sequência linguística, entendendo-se por *textura* ou *textualidade* aquilo que converte uma sequência linguística em texto.

Não existe o texto incoerente em si. Ele pode ser incoerente, sim, mas "em" determinada e "para" determinada situação comunicativa, lembrando que a coerência está no processo que coloca texto e usuários em relação numa situação.

Para que se possa estabelecer a coerência de um texto, é preciso que haja correspondência ao menos parcial entre os conhecimentos nele ativados e o conhecimento de mundo do leitor; caso contrário, não haverá condições de construir o *mundo textual*, dentro do qual as palavras e as expressões do texto ganham sentido.

A coerência, então, constrói-se na interação entre o texto e seus usuários, numa situação comunicativa concreta, pois não é apenas um traço ou uma propriedade do texto em si.

8.4.2.5. Itens produtores de coerência

Há, além de tudo que já se disse, muitos outros itens funcionando como produtores de coerência:

8.4.2.5.1. Inferências

Para que se possa compreender integralmente um texto, há necessidade de se fazer uma série de inferências, que nada mais são do que operações pelas quais, utilizando seu conhecimento de mundo, o leitor de um texto estabelece **uma relação não explícita entre dois elementos** (normalmente frases ou trechos) deste texto que ele busca compreender e interpretar.

8.4.2.5.2. Fatores pragmáticos

São aqueles que **"ancoram" o texto em uma situação comunicativa determinada** e podem ser de dois tipos: os *contextualizadores* propriamente ditos e os *perspectivos* ou *prospectivos*. Entre os primeiros estão a data, o local, a assinatura, elementos gráficos, timbre etc., que ajudam a situar o texto e, portanto, a estabelecer-lhe a coerência; entre os segundos estão aqueles que trazem expectativas sobre o conteúdo e a forma do texto: título, autor, início do texto.

8.4.2.5.3. Situacionalidade

Age em duas direções: **da** situação para o texto, que se deverá determinar em que medida **a situação comunicativa interfere na produção/recepção** e, portanto, no estabelecimento da coerência; e do texto para a situação, em que **o produtor passa a recriar o mundo** dependendo de seus objetivos, interesses, propósitos, crenças, convicções etc. No primeiro caso (da situação para o texto), faz-se necessário, ao construir um texto, verificar o que é adequado àquela situação específica: variedade dialetal, tratamento a ser dado ao tema, grau de formalidade etc. No segundo caso (do texto para a situação), o mundo criado pelo texto não é uma cópia fiel do mundo real, mas o mundo tal como é visto pelo produtor, partindo de uma determinada perspectiva, tal como de acordo com determinadas intenções. Isso explica o fato de que sempre que duas ou mais pessoas descrevem um objeto, ou uma situação, nunca o fazem da mesma forma, logo os referentes textuais *não são idênticos* aos do mundo real, mas reconstruídos no interior do texto. Por sua vez, o receptor passa a interpretar o texto de acordo com a sua ótica, os seus propósitos e as suas convicções, pois há uma *mediação* entre o mundo textual e o mundo real, e vice-versa. É importante que haja uma adequação do texto na situação comunicativa, pois um texto que é coerente em uma dada situação pode não ser em outra.

8.4.2.5.4. Intencionalidade e aceitabilidade

A *intencionalidade* refere-se ao modo como **os emissores usam textos para perseguir e realizar suas intenções**, produzindo, para tanto, textos adequados à obtenção dos efeitos desejados, haja vista que o produtor tem determinados propósitos, que vão desde a simples intenção de manter ou estabelecer o contato com o receptor até a de levá-lo a agir ou comportar-se de determinada maneira ou a partilhar de suas opiniões.

A intencionalidade tem uma estreita relação com o que se tem chamado de *argumentatividade*: manifestando-se no texto por meio de uma série de marcas ou pistas, tais como: tempos verbais, operadores e conectores argumentativos (até, mesmo, aliás, ao contrário, mas, embora, enfim etc.), os modalizadores (certamente, possivelmente, indubitavelmente, aparentemente etc.), a argumentatividade concederá ao receptor a capacidade de construir a sua leitura, entre aquelas que o texto permite, pela maneira como se encontra linguisticamente estruturado.

A *aceitabilidade* constitui a contrapartida da intencionalidade.

8.4.2.5.5. Informatividade

Abrange o **grau de previsibilidade da informação contida no texto**. Depende de o texto ser *mais* ou *menos* informativo. Isso quer dizer que, se o texto contiver apenas informação redundante ou previsível, seu grau de informatividade será baixo. Por outro lado, ocorrerá um maior grau de informatividade se contiver informação não previsível, além da informação esperada ou previsível. E, por último, se toda a informação de um texto for imprevisível ou inesperada, terá um grau máximo de informatividade, podendo, à primeira vista, parecer incoerente por exigir do receptor um grande esforço de decodificação.

8.4.2.5.6. Focalização

É concentração do produtor e do receptor em apenas uma parte do seu conhecimento e com a perspectiva da qual são vistos os componentes do mundo contido no texto. O produtor fornece ao receptor pistas sobre o que está focalizando, ao passo que o receptor terá de recorrer a conhecimentos partilhados e crenças sobre o que está focalizando, para poder entender o texto (e as palavras que o compõem) de modo adequado.

8.4.2.5.7. Intertextualidade

Para o processamento cognitivo (produção/recepção) de um texto, é preciso recorrer ao **conhecimento prévio de outros textos**. A intertextualidade pode ser de *forma* ou de *conteúdo*: a *intertextualidade de forma* surge quando o produtor de um texto repete trechos, expressões ou enunciados de outros textos, ou então o estilo de determinado autor ou de determinados tipos de discurso; a *intertextualidade de conteúdo*, muito constante, surge quando os textos de uma mesma área de conhecimento, de uma mesma época, de uma mesma cultura etc. dialogam, necessariamente, uns com os outros.

Exemplos de intertextualidade de conteúdo são as matérias jornalísticas de um mesmo dia, quer do mesmo jornal, quer de jornais diferentes, quer, ainda, de revistas semanais, noticiários de rádio e TV, que dialogam entre si, ao tratarem de um fato em destaque.

8.4.2.5.8. Relevância

Para que um texto seja relevante, é preciso que o **conjunto de enunciados** que o compõe seja **relevante para um mesmo tópico discursivo** subjacente, isto é, que os enunciados sejam interpretáveis como falando sobre um mesmo tema.

8.5. PARÁFRASE, RESUMO E SÍNTESE

8.5.1. Paráfrase

É o **procedimento em que se restabelece a ideia de um texto em outro**. A paráfrase é uma atividade de reformulação pela qual se restaura bem ou mal, na totalidade ou em partes, fielmente ou não, o conteúdo de um texto-fonte num texto-derivado.

A paráfrase é, portanto, um enunciado que reformula um anterior e com o qual mantém uma relação de equivalência semântica.

A paráfrase sempre se remete a um texto anterior, para reafirmá-lo ou esclarecê-lo, criando, portanto, uma relação de intertextualidade.

Na paráfrase sempre se conservam as ideias do texto original. O que se incluem são comentários, ideias e impressões de quem faz a paráfrase. Parafrasear, então, é contar, com outras palavras, as ideias de um texto. Para isso, deve-se fazer uma leitura atenta e, em seguida, reafirmar o tema central do texto apresentado.

Camões escreveu um soneto em que parafraseia parte da história bíblica de Jacó e Raquel.

Vejamos o texto original e, em seguida, o soneto de Camões.

Gênesis — Capítulo 30[52]

1 Então pôs-se Jacó a caminho e chegou à terra dos filhos do Oriente.

2 E olhando, viu ali um poço no campo, e três rebanhos de ovelhas deitadas junto dele; pois desse poço se dava de beber aos rebanhos; e havia uma grande pedra sobre a boca do poço.

3 Ajuntavam-se ali todos os rebanhos; os pastores removiam a pedra da boca do poço, davam de beber às ovelhas e tornavam a pôr a pedra no seu lugar sobre a boca do poço.

4 Perguntou-lhes Jacó: Meus irmãos, donde sois? Responderam eles: Somos de Harã.

5 Perguntou-lhes mais: Conheceis a Labão, filho de Naor? Responderam: Conhecemos.

6 Perguntou-lhes ainda: Vai ele bem? Responderam: Vai bem; e eis ali Raquel, sua filha, que vem chegando com as ovelhas.

7 Disse ele: Eis que ainda vai alto o dia; não é hora de se ajuntar o gado; dai de beber às ovelhas, e ide apascentá-las.

8 Responderam: Não podemos, até que todos os rebanhos se ajuntem, e seja removida a pedra da boca do poço; assim é que damos de beber às ovelhas.
9 Enquanto Jacó ainda lhes falava, chegou Raquel com as ovelhas de seu pai; porquanto era ela quem as apascentava.
10 Quando Jacó viu a Raquel, filha de Labão, irmão de sua mãe, e as ovelhas de Labão, irmão de sua mãe, chegou-se, revolveu a pedra da boca do poço e deu de beber às ovelhas de Labão, irmão de sua mãe.
11 Então Jacó beijou a Raquel e, levantando a voz, chorou.
12 E Jacó anunciou a Raquel que ele era irmão de seu pai, e que era filho de Rebeca. Raquel, pois, foi correndo para anunciá-lo a seu pai.
13 Quando Labão ouviu essas novas de Jacó, filho de sua irmã, correu-lhe ao encontro, abraçou-o, beijou-o e o levou à sua casa. E Jacó relatou a Labão todas essas coisas.
14 Disse-lhe Labão: Verdadeiramente tu és meu osso e minha carne. E Jacó ficou com ele um mês inteiro.
15 Depois perguntou Labão a Jacó: Por seres meu irmão hás de servir-me de graça? Declara-me, qual será o teu salário?
16 Ora, Labão tinha duas filhas; o nome da mais velha era Lia, e o da mais moça Raquel.
17 Lia tinha os olhos enfermos, enquanto Raquel era formosa de porte e de semblante.
18 Jacó, porquanto amava a Raquel, disse: Sete anos te servirei para ter a Raquel, tua filha mais moça.
19 Respondeu Labão: Melhor é que eu a dê a ti do que a outro; fica comigo.
20 Assim serviu Jacó sete anos por causa de Raquel; e estes lhe pareciam como poucos dias, pelo muito que a amava.
21 Então Jacó disse a Labão: Dá-me minha mulher, porque o tempo já está cumprido; para que eu a tome por mulher.
22 Reuniu, pois, Labão todos os homens do lugar, e fez um banquete.
23 À tarde tomou a Lia, sua filha e a trouxe a Jacó, que esteve com ela.
24 E Labão deu sua serva Zilpa por serva a Lia, sua filha.
25 Quando amanheceu, eis que era Lia; pelo que perguntou Jacó a Labão: Que é isto que me fizeste? Porventura não te servi em troca de Raquel? Por que, então, me enganaste?
26 Respondeu Labão: Não se faz assim em nossa terra; não se dá a menor antes da primogênita.
27 Cumpre a semana desta; então te daremos também a outra, pelo trabalho de outros sete anos que ainda me servirás.
28 Assim fez Jacó, e cumpriu a semana de Lia; depois Labão lhe deu por mulher sua filha Raquel.
29 E Labão deu sua serva Bila por serva a Raquel, sua filha.

30 Então Jacó esteve também com Raquel; e amou a Raquel muito mais do que a Lia; e serviu com Labão ainda outros sete anos.
31 Viu, pois, o Senhor que Lia era desprezada e tornou-lhe fecunda a madre; Raquel, porém, era estéril.
32 E Lia concebeu e deu à luz um filho, a quem chamou Rúben; pois disse: Porque o Senhor atendeu à minha aflição; agora me amará meu marido.
33 Concebeu outra vez, e deu à luz um filho; e disse: Porquanto o Senhor ouviu que eu era desprezada, deu-me também este. E lhe chamou Simeão.
34 Concebeu ainda outra vez e deu à luz um filho e disse: Agora esta vez se unirá meu marido a mim, porque três filhos lhe tenho dado. Portanto lhe chamou Levi.
35 De novo concebeu e deu à luz um filho; e disse: Esta vez louvarei ao Senhor. Por isso lhe chamou Judá. E cessou de ter filhos.

Sete anos de pastor Jacob servia[53]
Camões

Sete anos de pastor Jacob servia
Labão, pai de Raquel, serrana bela;
Mas não servia ao pai, servia a ela,
E a ela só por prêmio pretendia.

Os dias, na esperança de um só dia,
Passava, contentando-se com vê-la;
Porém o pai, usando de cautela,
Em lugar de Raquel lhe dava Lia.

Vendo o triste pastor que com enganos
Lhe fora assim negada a sua pastora,
Como se a não tivera merecida;

Começa de servir outros sete anos,
Dizendo: — Mais servira, se não fora
Para tão longo amor tão curta a vida.

Na paráfrase de Camões, notamos que ele reconta uma parte do texto original.

8.5.2. Resumo

Resumo é uma **condensação fiel das ideias ou dos fatos contidos no texto**. Resumir um texto significa reduzi-lo ao seu esqueleto essencial sem perder de vista três elementos:

a) cada uma das partes essenciais do texto;
b) a progressão em que elas se sucedem;
c) a correlação que o texto estabelece entre cada uma dessas partes.

O resumo é, então, uma redução do texto original, procurando captar suas ideias essenciais, na progressão e no encadeamento em que aparecem no texto.

Para elaborar um bom resumo, é necessário compreender antes o conteúdo global do texto. Não é possível ir resumindo à medida que se vai fazendo a primeira leitura.

Resumir é apresentar, com as próprias palavras, os pontos relevantes de um texto. Quem resume deve exprimir, em estilo objetivo, os elementos essenciais do texto. Por isso não cabem, num resumo, comentários ou julgamentos ao que está sendo condensado. Muitas pessoas julgam que resumir é reproduzir frases ou partes de frases do texto original, construindo uma espécie de "colagem". *Essa "colagem" de fragmentos do texto original não é um resumo.*

É evidente que o grau de dificuldade para resumir um texto depende basicamente de dois fatores:

a) da complexidade do próprio texto (seu vocabulário, sua estruturação sintático-semântica, suas relações lógicas, o tipo de assunto tratado etc.);

b) da competência do leitor (seu grau de amadurecimento intelectual, o repertório de informações que possui, a familiaridade com os temas explorados).

Procedimentos para a elaboração de um resumo:

- Leitura silenciosa: ler uma vez o texto do começo ao fim. Já vimos que um texto não é um aglomerado de frases: sem ter noção do conjunto, é mais difícil entender o significado preciso de cada uma das partes. Essa primeira leitura deve ser feita com a preocupação de responder genericamente à seguinte pergunta: *do que trata o texto?*

- Segunda leitura (sempre necessária) com interrupções, para compreender melhor o significado de palavras difíceis (se preciso, recorra ao dicionário) e para captar o sentido de frases mais complexas (longas, com inversões, com elementos ocultos). Nessa leitura, deve-se ter a preocupação sobretudo de compreender bem o sentido das palavras relacionais, responsáveis pelo estabelecimento das conexões (assim, isto, isso, aquilo, aqui, lá, daí, seu, sua, ele, ela etc.).

- Terceiro momento: fazer uma segmentação do texto em blocos de ideias que tenham alguma unidade de significação. Ao resumir um texto pequeno, pode-se adotar como primeiro critério de segmentação a divisão em parágrafos. Pode ser que se encontre uma segmentação mais ajustada que a dos parágrafos, mas, como início de trabalho, o parágrafo pode ser um bom indicador. Quando se trata de um texto maior (o capítulo de um livro, por exemplo) é conveniente adotar um critério de segmentação mais funcional, o que vai depender de cada texto (as oposições entre os personagens, as oposições de espaço, de tempo). Em seguida, com palavras abstratas e mais abrangentes, tenta-se resumir a ideia ou as ideias centrais de cada fragmento.

- Redação final: com suas palavras, criar o resumo — procurando não só condensar os segmentos, mas encadeá-los na progressão em que se sucedem no texto e estabelecer as relações entre eles.

Observe o resumo do texto de Bertrand Russell[54] (abaixo), feito por Fiorin e Savioli.

"Na verdade, por que desejamos, quase todos nós, aumentar nossa renda? À primeira

vista, pode parecer que desejamos bens materiais. Mas, na verdade, os desejamos principalmente para impressionar o próximo. Quando um homem muda-se para uma casa maior num bairro melhor, reflete que gente de 'mais classe' visitará sua esposa, e que alguns pobretões deixarão de frequentar seu lar. Quando manda o filho a um bom colégio ou a uma universidade cara, consola-se das pesadas mensalidades e taxas pensando nas distinções sociais que tais escolas conferem a pais e filhos. Em toda cidade grande, seja na América ou na Europa, casas iguaizinhas a outras são mais caras num bairro que noutro, simplesmente porque o bairro é mais chique. Uma das nossas paixões mais potentes é o desejo de ser admirado e respeitado. No pé em que estão as coisas, a admiração e o respeito são conferidos aos que parecem ricos. Esta é a razão principal de as pessoas quererem ser ricas. Efetivamente, os bens adquiridos pelo dinheiro desempenham papel secundário. Vejamos, por exemplo, um milionário, que não consegue distinguir um quadro de outro, mas adquiriu uma galeria de antigos mestres com auxílio de peritos. O único prazer que lhe dão os quadros é pensar que se sabe quanto pagou por eles; pessoalmente, ele gozaria mais, pelo sentimento, se comprasse cromos de Natal, dos mais piegas, que, porém, não lhe satisfazem tanto a vaidade.

Tudo isso pode ser diferente, e o tem sido em muitas sociedades. Em épocas aristocráticas, os homens eram admirados pelo nascimento. Em alguns círculos de Paris, os homens são admirados pelo seu talento artístico ou literário, por estranho que pareça. Numa universidade teuta é possível que um homem seja admirado pelo seu saber. Na índia, os santos são admirados; na China, os sábios. O estudo dessas sociedades divergentes demonstra a correção de nossa análise, pois em todas encontramos grande percentagem de homens indiferentes ao dinheiro, contanto que tenham o suficiente para se sustentar, mas que desejam ardentemente a posse dos méritos pelos quais, no seu meio, se conquista o mérito."

Resumo do texto

I. Ideia geral do texto: Busca da admiração e do respeito, uma das fortes paixões do homem.

II. Segmentação do texto: Critério: tipo de objeto a ser adquirido.

1º parágrafo: aquisição dos bens materiais;

2º parágrafo: aquisição daquilo que é valorizado em cada época ou em cada sociedade.

III. Resumo das ideias de cada parte

a) busca da riqueza em nossa sociedade é busca do respeito e da admiração dos outros, porque isso é conferido a quem parece rico;

b) busca do que cada sociedade valoriza é busca da admiração e do respeito dos outros.

IV. Redação final

O homem cobiça a riqueza não para usufruir dos bens materiais que ela possibilita, mas para alcançar admiração e prestígio, uma das mais fortes paixões do homem.

Assim como nossa sociedade persegue a riqueza porque ela confere prestígio, outras perseguem outros indicadores de prestígio: o nascimento, o talento artístico, o saber, a santidade.[55]

Outro resumo

Texto n. 1 — Pesquisa Variacionista e Ensino: Discutindo o Preconceito Linguístico[56]

"Todos nós sabemos que, direta ou indiretamente, um dos maiores problemas do ensino de língua portuguesa passa pela questão do preconceito linguístico. Na maior parte das vezes, o ensino de gramática é feito de forma rígida, como se tudo fosse inerentemente errado. O ensino normativo tem o objetivo explícito de banir da(s) língua(s) formas ditas empobrecedoras, formas ditas desviantes, formas consideradas indignas de serem usadas por homens de bem. E, na perseguição deste objetivo (no sentido mais literal do termo), muitas vezes, e com frequência, banem-se da escola não as formas linguísticas consideradas indesejáveis, mas as pessoas que as produzem, porque estas formas são normalmente aquelas produzidas em maior quantidade pelas pessoas de classe social sem prestígio. As pessoas de classe prestigiada também produzem as formas consideradas indesejáveis, só, às vezes, em menor quantidade.

Em nome da boa língua, pratica-se a injustiça social, humilhando o ser humano por meio da não aceitação de um de seus bens culturais mais divinos: o domínio inconsciente e pleno de um sistema de comunicação próprio da comunidade ao seu redor. E mais do que isto: a escola e a sociedade da qual a escola é reflexo fazem associações sem qualquer respaldo linguístico objetivo entre domínio de determinadas formas linguísticas e elegância e deselegância; entre domínio de determinadas formas linguísticas e competência ou incompetência; entre domínio de determinadas formas linguísticas e inteligência e burrice (...).

Com que direito visões preconceituosas podem ser reforçadas? As questões que envolvem a linguagem não são simplesmente linguísticas; são, acima de tudo, ideológicas.

E a Sociolinguística produz fatos para colocar lenha na fogueira deste debate e particularmente no debate público sobre o preconceito linguístico, corroborado tacitamente pela maior parte dos membros de uma comunidade linguística. Sabe-se bem que, infelizmente, língua é também instrumento de poder; língua é também instrumento de dominação; língua é também instrumento de opressão. Ainda não vi, e gostaria de ver um dia (a utopia faz parte da vida), a língua ser usada como um real instrumento de libertação. (...)

Então, os resultados da pesquisa sociolinguística podem ser usados para a discussão do preconceito linguístico, apresentando fatos inquestionáveis, que evidenciam que as pessoas não estão simplesmente 'nocauteando a concordância', 'tropeçando' ou cometendo 'gafes', mas, sim, deixando seu vernáculo emergir numa situação de fala em que muitos não admitem que ela possa emergir. [William] Labov bem coloca que,

quando estamos completamente envolvidos com o conteúdo linguístico da nossa fala, deixamos de nos policiar e deixamos o vernáculo emergir, vernáculo este que muitas vezes não coincide com as formas codificadas e, ao longo do tempo, sentidas como as únicas formas legítimas por grande parte dos usuários da língua.

(...)

Relembro, todavia, que também não deveríamos perder de vista a possibilidade de podermos contribuir para a codificação de uma norma mais realística, mais interessante, que contemplasse valores diversos, que refletisse um pouco mais a nossa identidade linguística e que restituísse aos alunos o prazer de 'estudar português', dando vez à pluralidade de normas (...).

Finalizando, considero que, com os resultados que temos em mão, não temos o direito de nos omitir diante das situações concretas de preconceito linguístico. Mais do que isto: temos o dever de nos manifestar. É o exercício da cidadania!!! Transcrevo a seguir uma parte de minha primeira carta enviada ao *Correio Braziliense*, que reflete bem a minha visão a respeito do preconceito linguístico e de suas implicações perversas.

Para mim, igual ou pior do que o preconceito de religião, raça, cor, sexo, classe social (entre outros) é o preconceito linguístico, porque ele é sutil e, por razões históricas, corroborado pela maior parte da sociedade como algo natural. O preconceito cria a falsa ideia de que há uma língua melhor do que outra, de que há um dialeto melhor do que outro. Pior do que isto, cria também a falsa ideia de que quem domina as formas de prestígio é mais inteligente, mais capaz. (...)

Confundir discurso político com a língua de um povo é pensar esta língua como algo pequeno demais. E confundir forma de falar com competência ou com inteligência significa ver a língua apenas como instrumento de poder e de dominação, não como um poderoso instrumento de comunicação.

A língua de qualquer povo, em qualquer época, é um instrumento extremamente poderoso porque presta a múltiplas funções: transmitir mensagens objetivas, organizar o pensamento, expressar os desejos e as emoções, convencer os outros, estabelecer contatos (...) e até mudar o estado das coisas, ou seja, até 'realizar atos'. Mas este precioso instrumento também pode servir a instintos nada nobres: pode servir para oprimir, para discriminar, para enganar, para mentir, e até (infelizmente) para alijar o ser humano do meio produtivo."

Exemplo de resumo[57]

(texto original, sem correção)

Maria Marta Pereira Scherre, no texto "Pesquisa Variacionista e Ensino: Discutindo o Preconceito linguístico" (Pesquisa e Ensino da Língua: contribuições sociolinguística, UFRJ/CNPq. Rio de Janeiro. 1996), faz uma reflexão acerca do que entende como "preconceito linguístico": a imposição, nas escolas, da chamada norma culta como forma de manutenção do "status quo" é um dos mais aviltantes meios de preconceito

social, vez que expressões linguísticas consideradas inaceitáveis — e quem as produz — são relegadas a uma casta inferior.

Essa imposição é feita de maneira sutil no intuito de esconder sua ferocidade: a "boa língua" vai sendo instalada lenta, mas constantemente, sufocando "desvios" até que dois blocos sejam compostos: o primeiro, formado por aqueles que apreenderam as minúcias da regra, usando-as a seu favor; o segundo, pelos que não se enquadraram, cujo destino é servir ao primeiro.

Segundo a visão sociolínguista, está-se perdendo a perspectiva da finalidade da língua, a comunicação, em primazia da forma como essa comunicação é feita, como se fazer a concordância fosse mais importante do que saber com o que se está concordando.

A autora conclui não pelo fim das regras, mas que elas sejam feitas considerando-se a riqueza, a pluralidade dos falares, tornando o seu estudo interessante justamente por refletir essa gama de variações linguísticas. De outra forma, a língua nada mais será senão um instrumento (letal) de dominação, deixando a comunicação num plano insignificante.

8.5.3. Síntese

A síntese de texto é um tipo de arranjo especial: **consiste em reproduzir, em poucas palavras, o que o autor expressou amplamente**. Assim, devem ser aproveitadas apenas as ideias principais, deixando-se de lado tudo o que desempenha papel secundário.

A síntese **trabalha basicamente com as palavras-chave ou ideias-chave**[58] do texto.

Vejamos um texto:

> O abolicionismo, que logrou pôr fim à escravidão nas Antilhas Britânicas, teve peso ponderável na política antinegreira dos governos britânicos durante a primeira metade do século passado. Mas tiveram peso também os interesses capitalistas, comerciais e industriais, que desejavam expandir o mercado ultramarino de produtos industriais e viam na inevitável miséria do trabalhador escravo um obstáculo para este desiderato.[59]

E suas (possíveis) sínteses:

- *Síntese esquemática* — representada por um esquema linguístico, ou mapa mental:

Abolicionismo + interesses capitalistas = fim da escravidão.

- *Síntese frásica* — representada por um período completo:

Abolicionismo e interesses capitalistas juntam-se para colocar fim à escravidão.

8.6. INFERÊNCIA

A compreensão total de um texto está vinculada à necessidade de que sejam realizadas inferências: **operações mentais por meio das quais, empregando o conhecimento prévio de que dispomos, estabelecemos alguns vínculos implícitos entre as frases ou trechos do texto** que procuramos interpretar.

A inferência também pode ser chamada de **depreensão, dedução ou conclusão**.

As palavras podem ter caráter polissêmico, mas — no texto — só podem assumir sentidos autorizados pelo contexto. E para chegar a esses sentidos autorizados o leitor utiliza-se do raciocínio lógico verbal.

Raciocínios são operações mentais que caminham do mais conhecido para o menos conhecido, partem de pressupostos e chegam a uma conclusão. São operações discursivas, por transitar de uma ideia para outra, passando por intermediários e exigindo o uso da palavra; encadeiam logicamente juízos e deles tiram uma conclusão. O raciocínio concretiza-se no argumento, formalizando-se no silogismo.

O silogismo, segundo o *aristotelismo*, é um raciocínio dedutivo formalmente estruturado a partir de duas proposições (chamadas premissas), das quais se obtém — por inferência — necessariamente uma terceira, que será chamada de conclusão. Tem-se, então, um silogismo no seguinte raciocínio:

Todas as aves têm penas.

O pinguim é uma ave.

Logo: o pinguim tem penas.

Os textos autorizam algumas inferências a partir de informações neles contidas, que — quando articuladas entre si — revelam conclusões coerentes implícitas em marcas textuais.

A estrutura linguística do texto fornece *todas* as informações necessárias para que se compreenda um conteúdo pressuposto. A interpretação se faz captando essas informações e ligando-as de maneira lógica a fim de se obter sentido.

■ 8.7. QUESTÕES

Texto para a questão 1.

(...) em volta das bicas era um zunzum crescente; uma aglomeração tumultuosa de machos e fêmeas. Uns após outros, lavavam a cara, incomodamente, debaixo do fio de água que escorria da altura de uns cinco palmos. O chão inundava-se. As mulheres precisavam já prender as saias entre as coxas para não as molhar, via-se-lhes a tostada nudez dos braços e do pescoço que elas despiam suspendendo o cabelo todo para o alto do casco; os homens, esses não se preocupavam em não molhar o pelo, ao contrário metiam a cabeça bem debaixo da água e esfregavam com força as ventas e as barbas, fossando e fungando contra as palmas das mãos. As portas das latrinas não descansavam, era um abrir e fechar de cada instante, um entrar e sair sem tréguas. Não se demoravam lá dentro e vinham ainda amarrando as calças ou saias; as crianças não se davam ao trabalho de lá ir, despachavam-se ali mesmo, no capinzal dos fundos, por detrás da estalagem ou no recanto das hortas.

(Aluísio Azevedo, *O Cortiço*)

1. O fragmento acima pode ser considerado:

a) narrativo, pois ocorre entre seus enunciados uma progressão temporal de modo que um pode ser considerado anterior ao outro.

b) um típico fragmento dissertativo em que se observam muitos argumentos.
c) descritivo, pois não ocorre entre os enunciados uma progressão temporal: um enunciado não pode ser considerado anterior ao outro.
d) descritivo, pois os argumentos apresentados são objetivos e subjetivos.

Resposta: "c". O texto apresenta as características da descrição: ausência de progressão temporal e verbos no pretérito imperfeito; não há mudança de estado.

Texto para a questão 2.

Filosofia dos Epitáfios

Saí, afastando-me dos grupos e fingindo ler os epitáfios. E, aliás, gosto dos epitáfios; eles são, entre a gente civilizada, uma expressão daquele pio e secreto egoísmo que induz o homem a arrancar à morte um farrapo ao menos da sombra que passou. Daí vem, talvez, a tristeza inconsolável dos que sabem os seus mortos na vala comum; parece-lhes que a podridão anônima os alcança a eles mesmos.

(Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*)

2. Do ponto de vista da composição, é correto afirmar que o capítulo "Filosofia dos Epitáfios"

a) é predominantemente dissertativo, servindo os dados do enredo do ambiente como fundo para a digressão.
b) é predominantemente descritivo, com a suspensão do curso da história dando lugar à construção do cenário.
c) equilibra em harmonia narração e descrição, à medida que faz avançar a história e cria o cenário de sua ambientação.
d) é predominantemente narrativo, visto que o narrador evoca os acontecimentos que marcaram sua saída.

Resposta: "a". O texto começa com uma frase narrativa, para logo em seguida mudar para a dissertação: verbo no presente, progressão temática, apresentação e discussão de uma ideia.

Leia o texto abaixo para responder à questão 3.

É universalmente aceito o fato de que sai mais cara a reparação das perdas por acidentes de trabalho que o investimento em sua prevenção. Mas, então, por que eles ocorrem com tanta frequência?

Falta, evidentemente, fiscalização. Constatar tal fato exige apenas o trabalho de observar obras de engenharia civil, ao longo de qualquer trajeto por ônibus ou por carro na cidade. E quem poderia suprir as deficiências da fiscalização oficial — os sindicatos patronais ou de empregados — não o faz; se não for por um conformismo cruel, a tomar por fatalidade o que é perfeitamente possível de prevenir, terá sido por nosso baixo nível de organização e escasso interesse pela filiação a entidades de classe, ou por desvio dessas de seus interesses primordiais.

Falta também a educação básica, prévia a qualquer treinamento: com a baixíssima escolaridade do trabalhador brasileiro, não há compreensão suficiente da necessidade e benefício dos equipamentos de segurança, assim como da mais simples mensagem ou de um manual de instruções.

E há, enfim, o fenômeno recente da terceirização, que pode estar funcionando às avessas, ao propiciar o surgimento e a multiplicação de empresas fantasmas de serviços, que contratam a primeira mão de obra disponível, em vez de selecionar e de oferecer mão de obra especializada.

(*O Estado de S.Paulo*, 22.02.1998, adaptado)

3. Assinale a opção que apresenta as palavras-chave do texto.

a) aceitação universal — constatação — benefício — escolaridade
b) investimento em prevenção — deficiências — entidades — equipamentos
c) falta de fiscalização — organização — benefício — mão de obra
d) prevenção de acidentes — fiscalização — educação — terceirização
e) crescimento — conformismo — treinamento — empresas

Resposta: "d". Veja a frase síntese de cada parágrafo, nelas estão contidas as palavras-chave: 1º parágrafo: "É universalmente... investimento em sua prevenção."; 2º parágrafo: "Falta, evidentemente, fiscalização."; 3º parágrafo: "Falta também a educação básica,"; 4º parágrafo: "E há, enfim, o fenômeno recente da terceirização,".

4. As propostas abaixo dão seguimento coerente e lógico ao trecho citado, *exceto* uma delas. Aponte-a:

Provavelmente devido à proximidade com os perigos e a morte, os marinheiros dos séculos XV e XVI eram muito religiosos. Praticavam um tipo de religião popular em que os conhecimentos teológicos eram mínimos e as superstições muitas.

(Janaína Amado, com cortes e adaptações)

a) Entre essas, figuravam o medo de zarpar numa sexta-feira e o de olhar fixamente para o mar à meia-noite.
b) Cristóvão Colombo, talvez o mais religioso entre todos os navegantes, costumava antepor a cada coisa que faria os dizeres: "Em nome da Santíssima Trindade farei isto".
c) Apesar disso, os instrumentos náuticos representaram progressos para a navegação oceânica, facilitando a tarefa de pilotos e aumentando a segurança e confiabilidade das rotas e viagens.
d) Nos navios, que não raro transportavam padres, promoviam-se rezas coletivas várias vezes ao dia e, nos fins de semana, serviços religiosos especiais.
e) Constituíam expressão de religiosidade dos marinheiros constantes promessas aos santos, individuais ou coletivas.

Resposta: "c". O texto trata da religião ligada às superstições, por isso para darmos continuidade a ele precisamos continuar a tratar desses dois assuntos. O item c fala da segurança das viagens, o que contraria a ideia do texto.

5. Numere o conjunto de sentenças de acordo com o primeiro, de modo que cada par forme uma sequência coesa e lógica. Identifique, em seguida, a letra da sequência numérica correta *(Baseado em Délio Maranhão).*

(1) Cumpre, inicialmente, distinguir a higiene do trabalho da segurança do trabalho.

(2) Na evolução por que passou a teoria do risco profissional, abandonou-se o trabalho profissional como ponto de referência para colocar-se, em seu lugar, a atividade

empresarial.

(3) Há que se fazer a distinção entre acidentes do trabalho e doença do trabalho.

(4) O Direito do Trabalho reconhece a importância da função da mulher no lar.

(5) Motivos de ordem biológica, moral, social e econômica encontram-se na base da regulamentação legal do trabalho do menor.

( ) A culminação desse processo evolutivo encontra-se no conceito de risco social e na ideia correlata de responsabilidade social.

( ) Daí as restrições da jornada normal e ao trabalho noturno.

( ) A necessidade de trabalhar não deve prejudicar o normal desenvolvimento de seu organismo.

( ) Enquanto esta é inerente a determinados ramos de atividade, os primeiros são aqueles que ocorrem pelo exercício do trabalho, provocando lesão corporal.

( ) Constitui aquela o conjunto de princípios e regras destinados a preservar a saúde do trabalhador.

A sequência numérica correta é:

a) 1, 3, 4, 5, 2
b) 3, 2, 1, 5, 4
c) 2, 5, 3, 1, 4
d) 5, 1, 4, 3, 2
e) 2, 4, 5, 3, 1

Resposta: "e". O que resolve essa questão é a observação das palavras-chave encontradas nos seguimentos numerados: 1) higiene e segurança — que se liga a "Constitui aquela o conjunto..."; 2) evolução da teoria do risco profissional — que se liga a "A culminação desse processo evolutivo..."; 3) acidentes e doença do trabalho — que se liga a "Enquanto esta é inerente..."; 4) função da mulher, que se liga a "Daí a restrição..."; 5) trabalho do menor, que se liga a "A necessidade de trabalhar...".

6. Indique a ordenação dos fragmentos abaixo que produz um texto coeso e coerente:

1. O homem trabalha de acordo com seus conhecimentos.

2. Mas tem vezes que ele pensa em realizar uma obra e vem o destino e a transforma em outra diferente.

3. Mudou a política e a obra, ainda inacabada, foi aproveitada para outra finalidade.

4. O bocado não é para quem o faz, mas sim para quem o logra.

5. Veja o caso da construção do Instituto de Tecnologia da Universidade de Brasília.

6. Realiza muitos trabalhos importantes e, às vezes, com a sua capacidade, deixa um marco para sempre, no qual fica o seu nome.

a) 4 — 5 — 6 — 2 — 3 — 1
b) 1 — 2 — 3 — 4 — 5 — 6
c) 5 — 6 — 1 — 3 — 2 — 4
d) 1 — 6 — 2 — 5 — 3 — 4
e) 4 — 1 — 5 — 2 — 6 — 3

Resposta: “d”. Aqui podemos encontrar pares de frases: 1 e 6 são pares, depois vem a adversidade dada pelo item 2; na sequência utiliza-se um exemplo: 5-3; e se encerra com um ditado popular, ou seja “a moral da história”: 4 — “O bocado não é para quem o faz, mas sim para quem o logra.”

7. Para que o texto abaixo apresente coesão, coerência de ideias e progressão temática, é necessária a inserção de dois dos trechos nomeados a seguir como (A), (B) e (C) nos espaços [*] e [**].

Metade dos postos de trabalho com carteira assinada já é preenchida por profissionais que têm, no mínimo, o ensino médio. Para os cargos mais altos, as exigências estão aumentando.

[*]

Os trabalhadores permanecem em emprego menos qualificado durante o período em que estão estudando e, depois de formados, sentem-se preparados para tentar um posto mais elevado.

Essa nova leva de trabalhadores já é conhecida como a “geração do canudo”. Educar a força de trabalho constitui um dos maiores desafios de qualquer país e era uma grande trava ao desenvolvimento do Brasil.

[**]

A compensação pode ser confirmada nos contracheques. Em valores reais, o salário dos executivos triplicou nas últimas décadas.

(*Veja Especial*, maio de 2002, com adaptações)

A) Tanto que a qualificação para as funções de alta gerência e de diretoria requer dezessete anos de estudo, dois a mais do que era requisitado dos diretores de empresas brasileiras no passado.

B) Por isso, com o desenvolvimento da economia, que vai diferençar as pessoas, seja os operários controlando máquinas pesadas, seja os altos executivos dirigindo multinacionais, é o investimento na prática que neutraliza as lacunas da graduação.

C) Nos anos 80, a mão de obra tinha, em média, três anos de estudo. Atualmente os trabalhadores brasileiros estudam cerca de cinco anos. Continuam entre os menos instruídos e os menos produtivos do mundo, mas a curva de educação é ascendente.

Deve-se inserir, respectivamente, em [*] e [**]:

a) A e B
b) A e C
c) B e C
d) B e A
e) C e B

Resposta: “b”. Note-se que o texto trata de trabalho e educação: a educação melhorando a qualidade do trabalho; assim podemos logo descartar a letra B, que diz ser o “investimento na prática” mais importante que a graduação — isso contraria a ideia central do texto dado. Se olharmos as opções a serem assinaladas, a única que não traz o item B é “b”.

8. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os e

assinale, entre as opções abaixo, a sequência que recompõe o texto, com coesão e coerência.

( ) Por esse sistema, chamado de Emissão de Cupom Fiscal (ECF), o cliente recebe a nota fiscal imediatamente e, ao mesmo tempo, o aparelho mantém em seus arquivos os valores das compras, que são informados posteriormente aos órgãos responsáveis pela arrecadação nos estados.

( ) Além disso, reduz a burocracia que existe atualmente para que os estados tenham acesso a essas informações. Os dados serão mantidos em meio eletrônico pelas administrações estaduais e compartilhados com a Receita Federal em uma rede interna.

( ) Por determinação das secretarias de Fazenda dos estados, lojas de todo o país estão instalando máquinas que já emitem o boleto do cartão em uma fatura com efeito de nota fiscal.

( ) Para a fiscalização da Receita, a vantagem será contar com mais subsídios para fazer o cruzamento de dados das empresas e dos contribuintes. O Fisco terá acesso às informações declaradas pelos contribuintes, pelas administradoras de cartão e pelo comércio no Imposto de Renda.

( ) Essa modernização do sistema de arrecadação do ICMS estadual reduz ainda a antiga preocupação com a emissão de notas fiscais falsas por parte das empresas, porque a mesma nota que está sendo emitida para o cliente já tem valor fiscal.

(Adaptado de Sistema eletrônico para facilitar a arrecadação,

Vivian Oswald, *O Globo*, 29.07.2002)

a) 1, 4, 5, 3, 2
b) 2, 5, 4, 3, 1
c) 2, 4, 1, 5, 3
d) 3, 5, 4, 2, 1
e) 5, 1, 4, 2, 3

Resposta: "c". De todos os fragmentos dados, o único que não apresenta elemento coesivo de retomada é o terceiro fragmento, por isso ele é o único que pode iniciar o texto: ( ) Por esse sistema... ( ) Além disso,... (1) Por determinação das secretarias... ( ) Para a fiscalização da Receita,... ( ) Essa modernização...

9. Indique a ordem em que os períodos devem-se organizar no texto, de modo a preservar-lhe a coesão e coerência.

1. Neste momento grave, em que símbolos nacionais são manipulados por um governo em descrédito, cabe sim zelar para que sejam respeitados; isso não pode, no entanto, servir de pretexto para restringir manifestações artísticas e de pensamento.

2. No Festival de Gramado (RS), a Procuradoria da República proibiu a execução do hino nacional na trilha sonora de um filme com cenas de sexo. Em são José do Rio Preto (SP), a PM obrigou a retirada de bandeira com tarja negra de uma sacada.

3. Dois episódios recentes vieram alertar para o risco de preocupações legítimas com o respeito a símbolos nacionais acabarem deturpadas em restrição à liberdade de expressão.

4. É discutível, desde logo, que tenha havido ofensa substantiva ao hino ou à bandeira. Muito mais importante, porém, é assinalar que tais medidas implicam limites ao direito de expressão protegido pela Constituição.

5. Nos EUA, por exemplo, mesmo o ato de queimar a bandeira foi considerado pela Suprema Corte uma manifestação amparada pela Lei Maior.

(*Folha de S.Paulo*, 24.08.1992)

a) 3, 2, 5, 1, 4.
b) 2, 4, 3, 5, 1.
c) 2, 4, 5, 1, 3.
d) 1, 5, 3, 2, 4.
e) 3, 2, 4, 5, 1.

Resposta: "e". Vejamos os elementos coesivos de cada item numerado: 1) Neste momento grave... — isso representa o fechamento da ideia; 2) No Festival de Gramado... — é exemplo para "Dois episódios..."; 3) Dois episódios recentes... — há a apresentação de um dado com a antecipação de que se darão dois exemplos; 4) É discutível... — comenta os acontecimentos com o hino e a bandeira; 5) Nos EUA,... — compara com os acontecimentos ocorridos no Brasil.

10. Numere os períodos na ordem em que formem um texto coeso e coerente, e marque o item correspondente.

( ) Essa mudança é trazida pela nova Medida Provisória (MP) do Cadastro Informativo de Créditos não Quitados (Cadin).

( ) Esse esforço se traduz na modificação de um dispositivo legal que torna mais atraente às empresas a desistência de algumas ações judiciais que são, na verdade, casos considerados perdidos.

( ) O que a Fazenda Nacional quer com essa nova redação é transformar em caixa os valores depositados em juízo pelas empresas nas batalhas judiciais que já tiveram decisão desfavorável ao contribuinte em julgamento no Supremo Tribunal Federal.

( ) De acordo com a nova redação do artigo 32 dessa Medida Provisória, a Fazenda Nacional abre mão de seus honorários (10% a 15% sobre os valores envolvidos nas ações perdidas) caso as empresas desistam de algumas brigas tributárias contra a União.

( ) A Fazenda Nacional está investindo em mais uma arma para reduzir o volume de ações tributárias na Justiça.

(*Gazeta Mercantil*, 17.07.1997, com adaptações)

a) 5, 3, 1, 2, 4
b) 2, 4, 3, 1, 5
c) 5, 2, 3, 1, 4
d) 3, 2, 5, 4, 1
e) 4, 1, 5, 3, 2

Resposta: "d". Note que o único trecho que não traz elemento coesivo de retomada é o último: ( ) Essa mudança...; ( ) ... essa nova redação...; ( ) ... dessa Medida Provisória...; (1) A

Fazenda Nacional está investindo em mais uma arma para reduzir o volume de ações tributárias na Justiça.

11. Assinale o item que tem a ordem correta para a formação de um parágrafo coeso e coerente.

1. Inicialmente estão as de caráter assistencial e previdenciário, no sentido amplo de ambos abrangendo os domínios da saúde, da educação, da habitação popular e do transporte.

2. Tal intervenção deverá se fazer sem nenhum preconceito, tanto no que tange às formas superficiais ou socialmente responsáveis de contestação de qualquer atuação produtiva do Estado, como ao revés, no que tange aos mitos de que a ampliação da ação produtiva do Estado implica sempre a elevação da taxa de bem-estar e da equidade social.

3. E, em seguida, as de caráter empregatício, assegurando, através do Serviço Nacional, emprego aos que não logrem sua absorção pelo mercado de trabalho.

4. A intervenção direta do setor público abrange uma ampla gama de demandas e atividades. No fundamental, essas atividades são de duas ordens.

5. Além dessas formas de atuação há também a intervenção direta do Estado na atividade produtiva, inclusive agrária, para suprir e corrigir deficiências do setor privado.

(Hélio Jaguaribe)

a) 5-2-3-4-1
b) 4-1-3-5-2
c) 1-3-5-2-4
d) 3-5-2-1-4
e) 2-4-1-3-5

Resposta: "b". Vejamos os elementos coesivos de retomada: 1) ... as de caráter...; 2) Tal intervenção...; 3) E, em seguida,...; 4) A intervenção direta do setor público abrange uma ampla gama de demandas e atividades. No fundamental, essas atividades são de duas ordens; 5) Além dessas formas... — o único item que não traz elemento coesivo de retomada é o item 4, por isso ele deve iniciar o texto.

12. Indique a ordem em que as questões devem se organizar no texto, de modo a preservar-lhe a coesão e coerência.

1. O País não é um velho senhor desencantado com a vida que trata de acomodar-se.

2. O Brasil tem memória curta.

3. É mais como um desses milhões de jovens malnascidos cujo único dote é um ego dominante e predador, que o impele para a frente e para cima, impedindo que a miséria onde nasceu e cresceu lhe sirva de freio.

4. "Não lembro", responde, "faz muito tempo".

5. Lembra o personagem de Humphrey Bogart em Casablanca, quando lhe perguntaram o que fizera na noite anterior.

6. Mas esta memória curta, de que políticos e jornalistas reclamam tanto, não é, como no caso de Bogart, uma tentativa de esquecer os lances mais penosos de seu passado, um

conjunto de desilusões e perdas que leva ao cinismo e à indiferença.

(José Onofre)

a) 1, 2, 6, 5, 4, 3
b) 2, 5, 4, 6, 3, 1
c) 2, 6, 1, 3, 5, 4
d) 1, 5, 4, 6, 3, 2
e) 2, 5, 4, 1, 6, 3

*Resposta: "*b". 1) O País... — para usar a palavra País com letra maiúscula no meio do texto substituindo o nome próprio do país, eu preciso anteriormente ter citado o nome próprio do país, então esse item não inicia o texto; 2) Brasil tem memória curta. — essa é uma afirmação que pressupõe uma explicação, ou seja, algo posterior que lhe elucide o sentido, por isso pode iniciar o texto; 3) É mais como... — note que o verbo inicial apresenta sujeito oculto, assim sendo não poderia iniciar um texto, pois ficaria sem referente; 4) Não lembro, responde,... — "responde" necessita obrigatoriamente de uma pergunta, que está no item "5) Lembra o personagem...", então 5 vem antes de 4; 6) Mas esta memória curta (...) não é como no caso de Bogart... — esse item deve aparecer depois de "2" e antes de "5-4", pois utiliza o termo "Bogart" com certa intimidade, isto é, o personagem já fora apresentado (item 5 — Humphrey Bogart, em Casablanca).

13. Assinale a ordem em que os fragmentos a seguir devem ser dispostos para se obter um texto com coesão, coerência e correta progressão de ideias.

1. Não apenas os manuais de história, mas todas as práticas educativas da escola são transmitidas a partir de uma visão etnocêntrica.
2. O sistema escolar brasileiro ignora a multiplicidade de etnias que habita o País.
3. A escola brasileira é branca não porque a maioria dos negros está fora dela.
4. Deve-se incluir na justificação da evasão escolar a violência com que se agride a dimensão étnica dos alunos negros.
5. Estes, se querem permanecer na escola branca, têm de afastar de si marcas culturais e históricas.
6. É branca porque existe a partir de um ponto de vista branco.

a) 1, 3, 6, 5, 2, 4.
b) 1, 2, 3, 6, 5, 4.
c) 4, 5, 2, 1, 6, 3.
d) 2, 1, 3, 5, 4, 6.
e) 2, 1, 3, 6, 4, 5.

Resposta: "e". Nessa questão há várias possibilidades de "início" para o texto, porém podemos resolvê-la observando os pares lógicos de frases, e fazendo "eliminações" pelo gabarito: 3-6 são pares lógicos, não podem ser separados; 4-5 são pares lógicos, não podem ser separados. A única opção do gabarito em que se veem as sequências 3-6 e 4-5 é a opção "e" (Veja que *poderíamos* montar o texto com 3-6 depois 4-5, ou 4-5 depois 3-6).

14. Assinale a ordem em que os fragmentos abaixo devem ser dispostos para se obter um texto com coesão, coerência e correta progressão de ideias.

1. Cada vez mais surgem grupos de pessoas e entidades interessadas em recolher alimentos e distribuí-los aos 32 milhões de brasileiros que passam fome.

2. É o que demonstra a Campanha contra a Fome, lançada e incentivada pelo sociólogo Herbert de Souza.

3. Consideradas as coisas sob outro prisma, constata-se que os brasileiros não estão entregues ao imobilismo e à apatia.

4. Na visão dominante, o Brasil, por todos os seus problemas, é considerado um país inviável.

5. Agir contra a miséria é uma atitude nobre e generosa, que demonstra quanto o cidadão pode e quer fazer para melhorar a situação do Brasil.

a) 5, 2, 1, 3, 4.
b) 5, 1, 3, 2, 4.
c) 1, 2, 5, 4, 3.
d) 4, 2, 1, 3, 5.
e) 4, 3, 2, 1, 5.

Resposta: "e". Notem-se as ligações lógicas: 4+3; 1+5; 4,3+2 etc.

15. Na Idade Média, ao contrário da festa oficial, o carnaval era o triunfo de uma espécie de liberação temporária da verdade dominante do regime vigente, da abolição provisória de todas as relações hierárquicas, privilégios e tabus.

(M. Bakhtin, ***A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*****,**

São Paulo, Hucitec Brasília, Ed. da UnB, 1987)

Indique o item em que as festas oficiais da Idade Média são caracterizadas de acordo com o que se depreende do texto acima.

a) Nessas festas, elaboravam-se formas especiais de comunicação, francas e irrestritas, impregnadas de uma simbologia da alegre relatividade das verdades e autoridades no poder.
b) Essas festas tinham por finalidade a consagração da desigualdade; nelas, as distinções hierárquicas destacavam-se intencionalmente.
c) Eram autênticas festas do tempo futuro, das alternâncias e renovações.
d) Essas festas opunham-se a toda perpetuação, a toda regulamentação e aperfeiçoamento, apontavam para um ideal utópico.
e) Contrastando com a excepcional segmentação em estados e corporações da vida diária, essas festividades sustavam a aplicação dos códigos correntes de etiqueta e comportamento.

Resposta: "b". O texto trata do carnaval na Idade Média e afirma que "ao contrário da festa oficial" ele era a liberação de hierarquias, privilégios e tabus. O enunciado pede que assinalemos uma opção que trate das FESTAS OFICIAIS. Se o texto afirma "ao contrário da festa oficial, o carnaval era o triunfo de uma liberação...", podemos depreender que a "festa oficial prezava por "hierarquias, privilégios e tabus".

16. Marque o item que *não* está de acordo com as ideias do texto.

Cientistas de diversos países decidiram abraçar, em 1990, um projeto ambicioso: identificar todo o código genético contido nas células humanas (cerca de três bilhões de caracteres). O objetivo principal de tal iniciativa é compreender melhor o funcionamento da vida, e, consequentemente, a forma mais eficaz de curar as doenças que nos ameaçam. Como é esse código que define como somos, desde a cor dos cabelos até o tamanho dos pés, o trabalho com amostras genéticas colhidas em várias partes do mundo está ajudando também a entender as diferenças entre as etnias humanas. Chamado de Projeto Genoma Humano, desde o seu início ele não parou de produzir novidades científicas. A mais importante delas é a confirmação de que o homem surgiu realmente na África e se espalhou pelo resto do planeta. A pesquisa contribuiu também para derrubar velhas teorias sobre a superioridade racial e está provando que o racismo não tem nenhuma base científica. É mais uma construção social e cultural. O que percebemos como diferenças raciais são apenas adaptações biológicas às condições geográficas. Originalmente o ser humano é um só.

(*IstoÉ*, 15.01.1997)

a) O Projeto Genoma Humano tem como objetivo primordial reconhecer as diferenças entre as várias raças do mundo.
b) O ser humano tem uma estrutura única independente de etnia e as diferenças raciais provêm da necessidade de adaptação às condições geográficas.
c) O código genético determina as características de cada ser humano, e conhecer esse código levará os cientistas a controlarem doenças.
d) As amostras para a pesquisa do Projeto Genoma Humano estão sendo colhidas em diversas partes do mundo.
e) O racismo não tem fundamento científico; é um fenômeno que se forma apoiado em estruturas sociais e culturais.

Resposta: “a”. O texto afirma que o conceito de “raça” não existe, por isso não podemos afirmar que “a) O Projeto Genoma Humano tem como objetivo primordial reconhecer as diferenças entre as várias raças do mundo”.

17. A alternativa que substitui, correta e respectivamente, as conjunções ou locuções grifadas nos períodos abaixo é:

I. Visto que pretende deixar-nos, preparamos uma festa de despedida.

II. Terá sucesso, contanto que tenha amigos influentes.

III. Casaram-se e viveram felizes, tudo como estava escrito nas estrelas.

IV. Foi transferido, portanto não nos veremos com muita frequência.

a) porque, mesmo que, segundo, ainda que.
b) como, desde que, conforme, logo.
c) quando, caso, segundo, tão logo.
d) salvo se, a menos que, conforme, pois.
e) pois, mesmo que, segundo, entretanto.

Resposta: “b”. Para resolver essa questão devemos conhecer as conjunções para saber quais delas podem ser classificadas da mesma maneira, ou seja, reconhecer cada grupo: I — visto que = causal; II — contanto que = condicional; III — como = conformativa; IV — portanto = conclusiva. A mesma sequência está em b) como (causal), desde que (condicional), conforme

(conformativa), logo (conclusiva). Estude as conjunções, elas são muito importantes para se perceber as relações sintáticas entre as ideias do texto.

18. Assinale a alternativa em que o pronome relativo "onde" obedece aos princípios da língua culta escrita.

a) Os fonemas de uma língua costumam ser representados por uma série de sinais gráficos denominados letras, onde o conjunto delas forma a palavra.
b) Todos ficam aflitos no momento da apuração, onde será conhecida a escola campeã.
c) Foi discutida a pequena carga horária de aulas de Cálculo e Física, onde todos concordaram e desejam mais aulas.
d) Não se pode ferir um direito constitucional onde visa a garantir a educação pública e gratuita para todos.
e) Não se descobriu o esconderijo onde os sequestradores o deixaram durante esses meses todos.

Resposta: "e". O pronome "onde" só pode indicar "lugar".

19. Nos períodos abaixo, as orações sublinhadas estabelecem relações sintáticas e de sentido com outras orações.

I. Eles compunham uma grande coleção, que foi se dispersando à medida que seus filhos se casavam, levando cada qual um lote de herança. (PROPORCIONALIDADE)

II. Mal se sentou na cadeira presidencial, Itamar Franco passou a ver conspirações. (MODO)

III. Nunca foi professor da UnB, mas por ela se aposentou. (CONTRARIEDADE)

IV. Mesmo que tenham sido só esses dois, (...) já não se configuraria a roubalheira (...)? (CONCESSÃO)

A classificação dessas relações está correta somente nos períodos

a) I, II e III
b) II e IV
c) I e III
d) II, III e IV
e) I, III e IV

Resposta: "e". Mal — conjunção temporal: Mal se sentou = logo que se sentou, assim que se sentou. Em língua portuguesa não existem conjunções de "modo".

20. Assinale a única conjunção *incorreta* para completar a lacuna do texto.

A partir do ofício enviado pelo fisco, começou-se a levantar informações sobre a sonegação de imposto de renda no mundo do esporte no Brasil. "O futebol já é o quarto maior mercado de capitais do mundo", diz Ives Gandra Martins, advogado tributarista e conselheiro do São Paulo Futebol Clube, _____ só agora a Receita começa a prestar atenção nos jogadores. Em outros países não é assim. Nos Estados Unidos, ano passado, a contribuição fiscal do astro do basquete Michael Jordan chegou a 20,8 milhões de dólares.

(*Exame*, 27.08.1997)

a) todavia
b) conquanto

c) entretanto
d) não obstante
e) no entanto

Resposta: “b”. Conquanto é conjunção concessiva; todas as outras são adversativas: todavia, entretanto, não obstante e no entanto. Assim, a única que não pode ocupar o espaço do texto é a única que não pertence ao grupo das adversativas.

21. Escreva diante de cada texto, adaptado de Aliomar Baleeiro, o número do operador lógico abaixo que preenche corretamente a lacuna:

( ) É característica da taxa a especialização do serviço em proveito direto ou por ato do contribuinte, _____, na aplicação do imposto, não se procura apurar se há qualquer interesse, direto ou indireto, por parte de quem o paga.

( ) Em 1896, Amaro Cavalcânti ponderava a palavra “taxa”, sem embargo de ser igualmente usada como sinônimo geral de impostos, não devia ser assim entendida ou empregada; _____, na sua acepção própria, designa o gênero de contribuição que os indivíduos pagam por um serviço diretamente recebido.

( ) O pagamento das taxas é facultativo; é, por assim dizer, o preço do serviço obtido e _____ em que cada um o exige ou dele tira proveito.

( ) As taxas se devem revestir sempre do caráter de contraprestação inerente a essa espécie de tributos. Ao adotar-se interpretação outra, malograr-se-ão todas as cautelas da Constituição, que estabeleceu e quer uma rígida discriminação de competência, _____, prevendo a reedição de velhos abusos fiscais mascarados com o nome de taxas, preceituou proibição inequívoca.

( ) As despesas de administração da justiça poderiam ser pagas convenientemente por uma contribuição particular, _____ que a ocasião o exigisse.

( ) Enquanto pelas taxas, o indivíduo procura obter um serviço que lhe é útil pessoalmente, o Estado, _____, procura, pelo imposto, os meios de satisfazer as despesas necessárias da administração.

( ) Os clássicos, assim como os contemporâneos, não divergem sobre a noção básica de taxa, _____ se separem acerca de outros pontos acessórios.

(1) embora
(2) ao passo que
(3) à medida
(4) tanto assim que
(5) na medida
(6) visto como
(7) ao contrário

A sequência numérica correta é:
a) 6, 5, 1, 3, 4, 7, 2
b) 2, 5, 6, 7, 4, 3, 1
c) 1, 7, 5, 4, 2, 3, 6

d) 1, 3, 2, 6, 5, 7, 4
e) 2, 6, 5, 4, 3, 7, 1

Resposta: “e”. O que resolve essa questão é o conhecimento sobre o uso das conjunções: (3) à medida; (5) na medida. Essas locuções conjuntivas só podem se completar da seguinte maneira: à medida QUE, na medida EM QUE. Perceba que o terceiro trecho tem lacuna seguida de EM QUE, e o quinto trecho tem lacuna seguida de QUE. Assim sendo, só podem ser colocadas nesta sequência: (X) (X) (5) (X) (3) (X) (X).

As questões 22 e 23 referem-se ao texto que segue.

A insistência das secretarias estaduais de Fazenda em cobrar 25% de ICMS dos provedores de acesso à Internet deve acabar na Justiça. A paz atual entre os dois lados é apenas para celebrar o fim do ano. Os provedores argumentam que não têm de pagar o imposto porque não são, por lei, considerados empresas de telecomunicação, mas apenas prestadores de serviços. Com o caixa quebrado, os Estados permanecem irredutíveis. O Ministério da Ciência e Tecnologia alertou formalmente ao ministro da Fazenda, Pedro Malan, que a imposição da cobrança será repassada para o consumidor e pode prejudicar o avanço da Internet no Brasil. Hoje, pagam-se em média 40 reais para se ligar à rede.

(*Veja*, 08.01.1997, p. 17)

22. Infere-se do texto que

a) as empresas caracterizadas como prestadoras de serviço estão isentas do ICMS.
b) todas as pessoas que desejam ligar-se à Internet devem pagar 40 reais de ICMS.
c) os provedores de acesso à Internet estão processando os consumidores que não pagam o ICMS.
d) os Estados precisam cobrar mais impostos dos provedores para não serem punidos pelo Ministério da Ciência e Tecnologia.
e) o desenvolvimento da Internet no Brasil está sendo prejudicado pela cobrança do ICMS.

Resposta: “a”. Inferir é fazer uma dedução a partir de informações contidas no texto. O texto afirma: “Os provedores argumentam que não têm de pagar o imposto porque não são, por lei, considerados empresas de telecomunicação, mas apenas prestadores de serviços.”, ou seja: as empresas caracterizadas como prestadoras de serviço estão isentas do ICMS.

23. A conjunção *mas* destacada no texto estabelece entre as orações uma relação de

a) tempo
b) adição
c) consequência
d) causa
e) oposição

Resposta: “e”. Mas — conjunção coordenativa adversativa (oposição).

24. Os princípios da coerência e da coesão não foram violados em:

a) O Santos foi o time que fez a melhor campanha do campeonato. Teria, no entanto, que ser o campeão este ano.
b) Apesar da Sabesp estar tratando a água da Represa de Guarapiranga, portanto o gosto da água nas regiões sul e oeste da cidade melhorou.

c) Mesmo que os deputados que deponham na CPI e ajudem a elucidar os episódios obscuros do caso dos precatórios, a confiança na instituição não foi abalada.
d) O ministro reafirmou que é preciso manter a todo custo o plano de estabilização econômica, sob pena de termos a volta da inflação.
e) Antes de fazer ilações irresponsáveis acerca das medidas econômicas, deve-se procurar conhecer as razões que, por isso as motivaram.

Resposta: "d". Vamos corrigir as incorretas: a) O Santos foi o time que fez a melhor campanha do campeonato. Teria, portanto, que ser o campeão este ano. b) A Sabesb está tratando a água da Represa de Guarapiranga, portanto o gosto da água nas regiões sul e oeste da cidade melhorou. c) Mesmo que os deputados deponham na CPI e ajudem a elucidar os episódios obscuros do caso dos precatórios, a confiança na instituição já foi abalada. e) Antes de fazer ilações irresponsáveis acerca das medidas econômicas, deve-se procurar conhecer as razões que as motivaram.

25. Assinale a opção que mantém o mesmo sentido do trecho sublinhado a seguir:

Uma das grandes dificuldades operacionais encontradas em planos de estabilização é o conflito entre perdedores e ganhadores. Às vezes reais, outras fictícios, estes conflitos geram confrontos e polêmicas que, com frequência, podem pressionar os formuladores da política de estabilização a tomar decisões erradas e, com isto, comprometer o sucesso das estratégias anti-inflacionárias.

(*Folha de S.Paulo*, 07.05.1994)

a) Estes conflitos, reais ou fictícios, geram confrontos e polêmicas que, frequentemente, podem pressionar os formuladores da política de estabilização a tomar decisões erradas, sem, com isso, comprometer o sucesso das estratégias anti-inflacionárias.
b) O sucesso das estratégias anti-inflacionárias pode ficar comprometido se, pressionados por conflitos, reais ou fictícios, os formuladores da política de estabilização tomarem decisões erradas.
c) Os conflitos, às vezes reais, outras fictícios, que podem pressionar os formuladores da política de estabilização a confrontos e polêmicas, comprometem o sucesso das anti-inflacionárias.
d) O sucesso das estratégias anti-inflacionárias pode ficar comprometido se os formuladores da política de estabilização, pressionados por confrontos e polêmicas decorrentes de conflitos, tomarem decisões erradas.
e) Os formuladores da política de estabilização podem tomar decisões erradas se os conflitos, gerados por confrontos e polêmicas os pressionarem; o sucesso das estratégias anti-inflacionárias fica, com isto comprometido.

Resposta: "d". A sequência correta é: conflitos > confrontos e polêmicas > formuladores > decisões erradas > comprometer o sucesso das estratégias. A opção a) nega o comprometimento; a opção b) não cita os confrontos e polêmicas; a opção c), além de inverter a ordem dos fatos, não cita as decisões erradas; a opção e) inverte a ordem dizendo que os confrontos e polêmicas geram conflitos (no texto os conflitos é que geram confrontos e polêmicas).

26. Marque a opção que não constitui paráfrase do segmento abaixo:

O abolicionismo, que logrou pôr fim à escravidão nas Antilhas Britânicas, teve peso ponderável na política antinegreira dos governos britânicos durante a primeira metade do século passado. Mas tiveram peso também os interesses capitalistas, comerciais e industriais, que desejavam expandir o mercado ultramarino, de produtos industriais e viam na inevitável miséria do trabalhador escravo um obstáculo para este desiderato.

(Paul Singer, *A formação da classe operária*, São Paulo, Atual, 1988, p. 44)

a) Na primeira metade do século passado, a despeito da forte pressão do mercado ultramarino em criar consumidores potenciais para seus produtos industriais, foi o movimento abolicionista o motor que pôs cobro à miséria do trabalhador escravo.
b) A política antinegreira da Grã-Bretanha na primeira metade do século passado foi fortemente influenciada não só pelo ideário abolicionista como também pela pressão das necessidades comerciais e industriais emergentes.
c) Os interesses capitalistas que buscavam ampliar o mercado para seus produtos industriais tiveram peso considerável na formulação da política antinegreira inglesa, mas teve-o também a consciência liberal antiescravista.
d) Teve peso considerável na política antinegreira britânica o abolicionismo. Mas as forças de mercado tiveram também peso, pois precisavam dispor de consumidores para seus produtos.
e) Ocorreu uma combinação de idealismo e interesses materiais, na primeira metade do século XIX, na formulação da política britânica de oposição à escravidão negreira.

Resposta: “a”. Paráfrase é dizer a mesma coisa com outras palavras. O texto afirma que o abolicionismo e os interesses capitalistas, juntos, colocaram fim à escravidão. A opção a) nega a participação dos interesses capitalistas quando diz “a despeito da forte pressão dos mercados ultramarinos”.

27. A linguagem do texto é predominantemente denotativa, empregando-se as palavras em sentido próprio, na alternativa:

a) Editores, escritores, professores e alunos têm opiniões divididas. A maioria, no entanto, concorda: o acordo é inoportuno e, não raro, contraditório.
b) O brasileiro gosta muito de ignorar as próprias virtudes e exaltar as próprias deficiências, numa inversão do chamado ufanismo. Sim, amigos, somos uns Narcisos às avessas, que cospem na própria imagem.
c) Poluído por denúncias de corrupção, (...) Luiz Antonio de Medeiros é considerado fósforo riscado.
d) Incumbidos de animar a explosão hormonal da juventude uberabense, Zezé Di Camargo e Luciano levaram 30 mil reais por sua apresentação.
e) Levou o nome de “fúria legiferante” o período entre 1964 e 1967, que cimentou com profusão de leis o edifício institucional da nova ordem econômica.

Resposta: “a”. Apenas a letra a) apresenta linguagem denotativa.

28. Assinale o item incorreto em relação ao texto.

Não faz muito tempo assim, um deputado-cartola disse para quem quisesse ouvir que quando vendeu um craque para o La Coruña, da Espanha, ele teve um trabalhão para depositar numa conta na Suíça parte do dinheiro devido ao jogador, como havia sido combinado. Comunicou o

fato a telespectadores de uma mesa-redonda com a mesma tranquilidade com que sonegou a informação à Receita. Quem tem dinheiro, poder, notoriedade ou um bom advogado não costuma passar por grandes apertos. No retrato da nossa pátria-mãe tão distraída, jogadores de futebol são os adventícios que chegam aos andares de cima da torre social, como recompensa por um talento excepcional, o que convenhamos, é mérito raro. Mas isso não lhes confere isenções fiscais.

Se o Leão ficar arisco para repentinos sinais exteriores de riqueza, vai empanturrar-se de banquetes fora dos gramados.

(Flávio Pinheiro, *Veja*, 27 de agosto de 1997, com adaptações)

a) A expressão "andares de cima da torre social" está sendo utilizada em sentido figurado ou metafórico.
b) Uma paráfrase correta para o último período do texto seria: "Se a Receita Federal fiscalizar rigorosamente aqueles que mostram sinais de enriquecimento súbito, vai aumentar sua arrecadação em outras áreas que não apenas o futebol".
c) A palavra "adventícios" significa, no texto, "perseverantes, obstinados, místicos."
d) O uso do "se" em "Se o Leão ficar arisco" estabelece uma relação sintática de condição.
e) O uso do "se" em "empanturrar-se" tem função reflexiva.

Resposta: "c". "Adventícios" significa 1. que veio de outro lugar, que não é natural do lugar em que está ou vive; ESTRANGEIRO; FORASTEIRO 2. Que acontece casualmente, sem ser esperado; IMPREVISTO 3. Que ocorre ou está fora do lugar ou da época habituais.

29. Indique o único segmento que serve como argumento contrário à defesa da manutenção do ensino superior gratuito no Brasil.

a) Há um princípio de justiça social segundo o qual o pagamento por bens e serviços deve ser feito desigualmente, conforme as desigualdades de ganho.
b) A Europa considera investimento a formação de quadros de nível superior.
c) Nos EUA, a maior parte do orçamento das melhores universidades é composta por doações, convênios com empresas ou órgãos federais, fundos privados, cursos de atualização profissional.
d) Nos EUA, o montante arrecadado pelas universidades de seus estudantes, a título de taxas escolares, não chega ao percentual de 20% de seu orçamento global.
e) No Brasil, país com renda *per capita* de aproximadamente US$ 2 mil, uma taxa escolar de US$ 13 mil/ano por aluno, conforme estimativa do Banco Mundial, é quantia astronômica.

Resposta: "a". Aquilo que é contrário à gratuidade só pode ser pago. Assim sendo, a única opção que fala em "pagamento" é a opção a) Há um princípio de justiça social segundo o qual o pagamento por bens e serviços deve ser feito desigualmente, conforme as desigualdades de ganho.

30. Indique o único item que serve como argumento favorável à defesa da legalização da pena de morte no Brasil.

a) A incapacidade de um ser humano julgar o outro com a isenção de ânimo.
b) O sistema carcerário encontra-se privado das condições necessárias capazes de promover a reabilitação para a plena convivência social.
c) A irreparabilidade do erro jurídico.

d) O sensacionalismo da mídia ao expor o sentimento dos familiares e amigos do réu diante da consumação da pena.
e) Os estados americanos que legalizaram a pena de morte apresentaram um recrudescimento no número de crimes violentos.

Resposta: "b". A opção b) afirma que se não há como recuperar o melhor é eliminar. É uma visão objetiva, apesar de parecer antiética.

31. A revista *Veja* (27.09.1989, p. 5) entrevistou um endocrinologista e sobre ele afirmou:

"... acostumou-se a tratar todo tipo de moléstia metabólica, desde disfunções hormonais até o diabetes, sem jamais ter perfilado entre aqueles que consideram um grama um peso na consciência".

Marque a declaração desse médico que segue a mesma direção argumentativa do texto sublinhado.

a) "Mas a culpa da manipulação também é do próprio obeso, que quer resolver seus problemas através de fórmulas instantâneas."
b) "O gordo é explorado por uma indústria que reúne médicos, indústrias farmacêuticas, institutos de beleza e autores de livros sobre dietas."
c) "Os carboidratos têm a vantagem de ser uma alternativa mais saudável na dieta que as gorduras e as proteínas".
d) "A neurose das dietas está transformando em pecado o prazer de comer uma refeição saborosa".
e) "Essa história de ter de comer em determinados horários quando se faz dieta é bastante questionável. Teoricamente, o ideal é que a pessoa coma várias vezes ao dia".

Resposta: "d". "sem jamais ter perfilado entre aqueles que consideram um grama um peso na consciência." — peso na consciência = pecado. Assim: A neurose das dietas está transformando em *pecado* o prazer de comer uma refeição saborosa.

Leia o seguinte texto para responder às questões de número 32 a 34.

A natureza sempre foi a grande inspiradora da nossa poesia. Desde Bento Teixeira Pinto, no alvorecer da nacionalidade, até os árcades, no século XVII, os românticos, os parnasianos e os simbolistas, no século XIX, aos poetas contemporâneos, não é difícil perceber essa influência predominante. Não possuímos, como os gregos antigos, os latinos e os franceses da Idade Média, o calor, a imaginação atrevida, a grandiloquência e o sopro heroico imprescindível à musa épica. Preferimos à epopeia cantada a epopeia realizada. Quem, até agora, cantou a conquista da floresta amazônica pelo cearense, a imensidade silenciosa dos sertões, as lutas contra os usurpadores estrangeiros, o episódio formidável das bandeiras? Bilac, por exemplo, no Caçador de Esmeraldas, tão formoso e comovido, deu-nos apenas um fragmento da aventura sem par dos bandeirantes. Seu poemeto admirável não traduz inteiramente nem as condições mesológicas do cenário, nem a totalidade da ação moral dos homens que empreenderam o milagre do desbravamento do solo brasileiro.

É certo que, aos seus versos sobram sentimento e paixão, mas falta-lhes justamente a visão panorâmica, a largueza cíclica exigida pelo motivo. Bilac apreciou apenas uma face do heroísmo: a tenacidade ambiciosa. Viu unicamente um aspecto do ambiente: o pitoresco, a

fantasia graciosa e delicada do meio físico. Sua poesia mostra-se aí principalmente descritiva. À semelhança de Bilac, todos os nossos poetas épicos desde Santa Rita Durão e Basílio da Gama até Magalhães e Porto Alegre, foram, sobretudo, descritivos. O Caramuru e o Uraguai revelam, antes do mais, o propósito de pintar, ou simplesmente enumerar as excelências da nossa terra, a sua exuberância, a sua opulência, a sua formosura. As batalhas, os recontros, os episódios gloriosos que ali são narrados, têm a natureza rápida, a instantaneidade passageira das guerrilhas, das emboscadas súbitas, dos assaltos inopinados. Vê-se que o interesse primordial dos autores estava mais na pura representação das coisas que nos estudos dos caracteres. O heroísmo desaparecia ante a maravilha dos painéis pintados. As florestas, as cachoeiras, os rios e as montanhas dominavam com as suas mil vozes misteriosas e as suas massas brutais a frágil criatura humana. Eis porque, até hoje, não temos propriamente um poema épico, senão alguns cantos heroicos, repassados de um sopro contínuo de lirismo, muito peculiar à nossa psique, e onde está, realmente, a nossa verdadeira índole poética.

(Ronald de Carvalho. In: *O Espelho de Ariel*, p. 227-228)

32. As seguintes teses são apresentadas no texto, exceto:

a) A literatura greco-romana e a literatura francesa medieval caracterizam-se pela presença de poesia épica.
b) A reação às invasões estrangeiras não é tema frequente na poesia nacional.
c) Os feitos heroicos brasileiros não estão devidamente registrados em obras literárias.
d) A descrição de belezas naturais é privilegiada na literatura brasileira.
e) Na descrição literária dos episódios históricos de heroísmo e bravura predomina a análise dos sentimentos humanos.

Resposta: “e”. O texto afirma que na descrição literária dos episódios de heroísmo e bravura prevalece a natureza. “Vê-se que o interesse primordial dos autores estava mais na pura representação das coisas que nos estudos dos caracteres.”

33. Se substituirmos a palavra destacada pela palavra entre parênteses não alteramos o sentido dos enunciados exceto em:

a) Seu poemeto admirável não traduz inteiramente nem as condições mesológicas do cenário, nem a totalidade da ação moral dos homens (ecológicas).
b) As batalhas, os recontros, os episódios gloriosos que ali são narrados, têm a natureza rápida (reencontros).
c) Quem até agora cantou o episódio formidável das bandeiras? (magnífico).
d) As batalhas têm a natureza rápida, a instantaneidade passageira das guerrilhas, das emboscadas súbitas, dos assaltos inopinados (imprevistos).
e) Desde Bento Teixeira Pinto, no alvorecer da nacionalidade, até os poetas contemporâneos percebe-se essa influência (albor).

Resposta: “b”. Recontros são brigas, disputas, batalhas, guerras.

34. As palavras que compõem cada um dos pares estão relacionadas entre si morfológica ou semanticamente, exceto no caso de:

a) índole — indolência.
b) ação — ativo.

c) paixão — passional.
d) amazônica — hileia.
e) primordial — primeiro.

Resposta: “a”. Índole = moral; indolência = preguiça.

35. Marque o item que apresenta uma ilustração confirmatória da tese postulada no seguinte texto:

Pode-se afirmar que a distribuição injusta de bens culturais, principalmente das formas valorizadas de falar, é paralela à distribuição iníqua de bens materiais e de oportunidades.

(S. M. Bortoni)

a) Prova disso são os modernos “shopping centers”, cujo espaço foi arquitetonicamente projetado para permitir a convivência harmoniosa da empregada e da “madame”, do porteiro e do ministro, enfim, de ricos e pobres.
b) Temos na diversidade dos programas de televisão um exemplo de que diferença outrora marcante entre cultura de elite e cultura popular hoje está reduzida a uma mera questão de grau.
c) A iniquidade na distribuição de bens culturais no Brasil encontra demonstração inequívoca na oposição que ainda hodiernamente se faz entre casa-grande e senzala.
d) Demonstra este fato o esforço que fazem dirigentes políticos e sindicais provenientes das camadas baixas da sociedade para dominar a variedade padrão da língua portuguesa.
e) Os chamados “meninos de rua”, menores abandonados e meninas prostituídas testemunham, no Brasil da modernidade, a falência das elites em dividir o bolo da economia.

Resposta: “d”. O texto trata “principalmente das formas valorizadas de falar”, assim, a única ilustração possível é a opção d) Demonstra este fato o esforço que fazem dirigentes políticos e sindicais provenientes das camadas baixas da sociedade para dominar a *variedade padrão da língua portuguesa*. Ainda: a opção c) não serve como resposta, pois representa uma paráfrase do texto e não uma ilustração como solicitado no enunciado da questão.

36. Indique a alternativa que interpreta corretamente o trecho transcrito abaixo:

... esta minha a que chamam prolixidade, bem fora estaria de merecer os desprezilhos, que nesse vocábulo me torcem o nariz. A mais copiosa das orações não é, ainda assim, difusa, quando o assunto não comportara menos dilatado tratamento. Não haverá prolixidade, em não havendo sobejidão; e o discurso não entra a cair no vício de sobejo senão quando excede a medida à matéria do seu tema. Só principia a superabundância, onde se começa a descobrir a superfluidade.

(Ruy Barbosa)

a) No trecho, Ruy Barbosa rebate as críticas dos que lhe impõem a pecha de orador sobejo em superficialidade.
b) Ruy Barbosa desdenha dos vocábulos desprezíveis por fazerem eles o discurso cair no vício de sobejo.
c) A caracterização de um discurso prolixo, para Ruy, deve considerar a largueza do assunto a ser tratado.
d) Depreende-se do trecho que a medida da prolixidade é inversamente proporcional à medida da sobejidão.

e) O conceito de prolixidade, em Ruy Barbosa, incorpora as noções de complexidade temática e seletiva do auditório.

Resposta: “c”. Vejamos o erro das outras opções: a) fala em superficialidade, e o texto trata da superfluidade; b) extrapola a ideia do texto, pois Ruy Barbosa não desdenha dos vocábulos; d) a medida da prolixidade não é inversamente e sim diretamente proporcional à medida da sobejidão; e) o texto não diz nada a respeito do ouvinte, ou seja, “seletiva do auditório”.

37. Marque a única sequência que, ao completar o trecho abaixo, atenda às exigências de coerência, adequação semântica e formulação de argumentos.

O uso que se faz das madeiras nobres é outra prova de insensatez, agravando o desmatamento indiscriminado, em si mesmo uma aberração. Ocorre que, na ânsia de promover o aumento da nossa receita cambial,

a) os empresários do setor madeireiro alinham-se aos ecologistas contra a extinção das madeiras nobres.
b) deixa-se de exportar essa madeira, para usá-la na indústria de marcenaria nacional.
c) dificulta-se a exportação justamente para os países que mais remuneram essa madeira.
d) a indústria tem preferido desenvolver os projetos que exigem grande consumo de madeiras nobres.
e) facilita-se a exportação dessa madeira, em toras, o que é desvantajoso financeiramente, em relação à madeira elaborada.

Resposta: “e”. O texto afirma o “aumento da receita cambial”, ou seja, um aumento na exportação. A única opção que trata de aumento na exportação é a opção e).

Leia o texto abaixo para responder às questões 38 e 39.

Um dos mais respeitados colégios particulares da cidade de São Paulo está fechando suas portas por causa da briga crônica entre pais de alunos e donos de escolas em torno das mensalidades escolares.

(*Veja*, 27.09.1989, p. 114)

38. Assinale a alternativa que contém uma consequência do fato relatado.

a) Duas escolas se prontificaram a admitir os alunos da escola extinta. Uma delas está contratando boa parte de seu corpo docente.
b) A interferência do governo na fixação dos índices de reajuste das mensalidades escolares é consequência do “lobby” bem-sucedido dos proprietários de escolas privadas junto ao MEC.
c) O triste desfecho desse fato é emblemático da situação da educação brasileira.
d) Dois meses depois que o governo federal liberou os preços das mensalidades escolares, a Justiça de São Paulo decidiu que os reajustes voltam a ser controlados, não podendo exceder os índices mensais de inflação.
e) O Sindicato dos Professores de São Paulo realizou um levantamento segundo o qual esta é a escola que melhor remunera os professores.

Resposta: “a”. Uma consequência é uma posterioridade em relação ao fato narrado. Assim sendo, devemos pensar em algo que “possa ter acontecido” depois do fechamento da escola. Ora, se a escola fechou (escola extinta), os alunos devem ir para outra escola, e os professores serão contratados por outra escola. Lembre-se de que ao trabalharmos “que

consequência", devemos ampliar o texto, acrescentar uma informação, mas um acréscimo lógico em relação ao texto dado.

39. Assinale o trecho que constitui uma premissa do fato relatado.

a) As escolas que pagam salários baixos a seus professores e funcionários são as que mais dão lucros.

b) Para manter a qualidade do ensino requerida pela sociedade, as escolas privadas estão incrementando convênios com empresas e indústrias.

c) O ensino privado custa caro e tende a ficar mais caro com as necessidades tecnológicas impostas a cada dia pela moderna educação.

d) No vácuo criado pela ausência do Estado no ensino secundário proliferaram as escolas privadas.

e) Como decorrência do crescimento populacional urbano, existe hoje, nas grandes metrópoles, um grande déficit de salas de aula.

Resposta: "c". Premissa representa uma anterioridade em relação ao fato narrado. Assim sendo, devemos pensar em algo que "possa ter acontecido" antes do fechamento da escola. Ora, se os pais brigaram por causa da mensalidade é porque estava muito elevada.

40. Indique o item em que o par de sentenças NÃO apresenta o mesmo sentido.

a) O despreparo do aluno, principalmente na parte de emissão de mensagens escritas, fez com que as autoridades educacionais decretassem a inclusão da redação no vestibular.

As autoridades educacionais instituíram nos exames vestibulares a prova de redação devido à falta de preparo do aluno mormente no tocante à produção escrita.

b) Quem diz cópia pensa nalgum original, que tem a precedência, está noutra parte, e do qual a primeira é o reflexo inferior.

Falar em cópia implica tomar algo como primeiro, que antecede, que está alhures, cujo original é o reflexo inferior.

c) As estórias "abertas", isto é, incompletas ou com um final a escolher, têm a forma do problema fantástico: a partir de certos dados, decide-se sobre sua combinação resolutiva.

As estórias que não apresentam o fechamento de um fim explícito, ou que trazem várias possibilidades de finalização, têm a forma do problema fantástico, no qual se chega à resolução pela combinação de certos dados.

d) Inventar estórias com os brinquedos é quase natural, é uma coisa que vem por si nas brincadeiras com as crianças: a estória não é senão um prolongamento, um desenvolvimento, uma alegre explosão do brinquedo.

Quando brincam, é comum, quase natural, as crianças inventarem estórias com os brinquedos — a estória passa a ser uma extensão, um prolongamento, um alegre transbordar do brinquedo.

Resposta: "b". O erro está em dizer que o "original é o reflexo inferior".

Leia o seguinte texto para responder às questões 41 e 42.

Com a exaltação de D. João III ao trono de Portugal se tornou claro o decréscimo dos rendimentos provindos do Brasil. Os primeiros contratos para o aproveitamento exclusivo de certos gêneros, depois a navegação facultada a quem satisfizesse a determinados direitos, finalmente as feitorias para guardar mercadorias ultramarinas ou recolher as da terra

adquiridas pelos feitores no intervalo de uma a outra viagem, deram vantagem ao reinado anterior só na falta de concorrentes estrangeiros. A concorrência surgiu agora por força do pau-brasil.

Ao contrário da generalidade de nossos vegetais, salteadamente distribuídos, o pau-brasil avultava em matos mais ou menos grossos, da Paraíba ao Rio Real, no Cabo Frio e em suas cercanias, à beira-mar ou logo adiante, permitindo fornecimentos fartos de matéria já conhecida e empregada em várias indústrias europeias, e transporte cômodo para os portos de embarque.

Quase simultaneamente foram tais paragens reconhecidas pelos portugueses e pelos franceses. Estes, de espírito mais aberto, inteligência mais ágil, gênio mais alegre, trato mais agradável, aprenderam a língua, acataram, alguns até adotaram, os costumes, captaram as simpatias dos indígenas, isto é, dos produtores, e pouco a pouco foram preponderando. Ao escambo da madeira vermelha juntaram outros. A nau La Pélerine levava uma carga de mais de sessenta mil ducados em pau-brasil, algodão, pimenta, papagaios, peles e óleos medicinais quando foi tomada em frente a Málaga.

O comércio francês violava os privilégios conferidos por muitas bulas, e reconhecidos pelo pacto de Tordesilhas; minava os alicerces da singular política colonial portuguesa, ufana de transformar Lisboa em escala forçada, feira universal e única, desdenhosa do destino ulterior das drogas, confiado a nações subalternas. Livres de transbordos e alcavalas chegavam os produtos mais baratos aos consumidores imediatos.

(Capistrano de Abreu, capítulos de *História Colonial*)

41. As seguintes teses estão baseadas no texto, exceto:

a) A política portuguesa de exploração da colônia anterior ao reinado de D. João III tornou-se ineficiente diante da concorrência estrangeira.
b) O comércio francês, por não reduzir-se apenas ao pau-brasil, resultava em aumento do preço das mercadorias, conforme comprovou a apreensão da nau La Pélerine.
c) As áreas produtoras de pau-brasil não distavam muito da costa.
d) Os franceses, não obstante seu melhor entrosamento com os indígenas, não se anteciparam aos portugueses na identificação de áreas produtoras de pau-brasil.
e) A Portugal não interessava o destino das mercadorias depois de chegadas a Lisboa.

Resposta: “b”. Em momento algum o texto afirma que a apreensão da nau La Pélerine indicava aumento de preço das mercadorias. O texto apenas cita as mercadorias na nau e seu valor de mercado.

42. Se substituirmos a palavra destacada pela palavra entre parênteses não alteramos o sentido dos enunciados, exceto em:

a) Com a exaltação de D. João III ao trono de Portugal se tornou claro o decréscimo nos rendimentos provindos do Brasil (entronização).
b) A navegação facultada a quem satisfizesse a determinados direitos deu vantagens ao reinado anterior (permitida).
c) O pau-brasil avultava em matos mais ou menos grossos (sobressaía).
d) Livres de transbordos e alcavalas chegavam os produtos mais baratos aos consumidores imediatos (impostos).

e) O comércio francês violava os privilégios conferidos por muitas bulas e reconhecidos pelo pacto de Tordesilhas (infringia).

Resposta: “d”. Transbordo é a transferência de carga ou passageiro de um veículo para outro; baldeação.

43. Assinale o item que apresenta argumento enfraquecedor da tese seguinte.

É preciso reconhecer que o imperialismo representou sem dúvida um grande estímulo para a vida econômica do País. Entrosando-a num sistema internacional altamente desenvolvido, como é o do capitalismo contemporâneo, realizou necessariamente nela muitos dos seus progressos.

(Caio Prado Júnior)

a) O aparelhamento moderno de base com que contaria a economia brasileira até vésperas da II Grande Guerra foi quase todo ele fruto do capital financeiro internacional.
b) A contribuição internacional veio no sentido de dotar o País de estradas de ferro, portos modernos, serviços urbanos, grandes indústrias, que não teria sido possível instalar apenas com os recursos nacionais.
c) A inversão de capital estrangeiro provoca alívio momentâneo sem aumentar a capacidade real do País para cobrir débitos e cumprir obrigações decorrentes do afluxo de recursos internacionais.
d) Com a contribuição material vieram o espírito de iniciativa, os padrões de qualidade, o exemplo e a técnica de países altamente desenvolvidos.
e) O ritmo acelerado da vida econômica brasileira, que está, qualitativamente, próximo ao nível do mundo moderno, é, em grande parte, reflexo da ação imperialista.

Resposta: “c”. O texto fala bem do imperialismo. Já a opção c) diz que o País recebe muito capital estrangeiro, mas não tem como pagar, e isso é ruim. Assim sendo, enfraquece a tese de que o imperialismo foi bom para o País.

44. Identifique a letra que contém a introdução apropriada para integrar o trecho abaixo.

Mesmo tão diminutas, são as responsáveis pelas reações químicas que ocorrem nos seres vivos, dos vegetais e micro-organismos ao homem. São as enzimas.

a) Elas medem pouco menos de um milésimo de milímetro e estão presentes, aos milhares, em todas as células.
b) Uma enzima é uma molécula de proteína, formada por uma sequência de aminoácidos.
c) Não se tem notícia de outro ingrediente envolvido em tantos processos industriais e de tão grande potencial para novas aplicações.
d) Elas só foram descobertas no século passado. Até então, a transformação química de substâncias orgânicas que resultava em bebidas e pão, por exemplo, era mal compreendida.
e) Cada célula possui milhares de moléculas de enzimas, cada uma exercendo sua função catalisadora sobre uma substância específica chamada de substrato.

Resposta: “a”. O texto faz uma concessão (abre uma exceção) em relação ao tamanho das enzimas. A única opção que trata do tamanho das enzimas é a opção a).

45. Marque, entre as opções propostas, aquela que não contém, ainda que

parcialmente, as mesmas ideias expressas no trecho abaixo:

A reificação do escravo produzia-se objetiva e subjetivamente. Por um lado, tornava-se uma peça cuja necessidade social era criada e regulada pelo mecanismo econômico de produção. Por outro lado, o escravo autorrepresentava-se e era representado pelos homens livres como um ser incapaz de ação autonômica.

(Fernando Henrique Cardoso)

a) Do ponto de vista jurídico é óbvio que, no sul como no resto do país, o escravo era uma coisa, sujeita ao poder e à propriedade de outrem...
b) ... o escravo não encontra a condição de pessoa humana objetivada no respeito e nas expectativas formadas em torno de si pelos homens livres, pelos senhores.
c) A liberdade desejada e impossível apresentava-se pois como mera necessidade subjetiva de afirmação, que não encontrava condições para realizar-se concretamente.
d) ... o escravo se apresentava, enquanto ser humano tornado coisa, como alguém que, embora fosse capaz de empreender ações com "sentido", pois eram ações humanas, exprimia, na própria consciência e nos atos que praticava, orientações e significações sociais impostas pelos senhores.
e) ... a consciência do escravo apenas registrava e espelhava, passivamente, os significados sociais que lhe eram impostos.

Resposta: "c". A ideia geral do texto é a de que o escravo era uma coisa, tanto pela visão dos outros quanto por sua própria visão. a), b), d) e e) falam disso. A opção c) trata de liberdade, ou seja, nada a ver com o texto.

46. Leia com atenção o segmento abaixo para responder à questão.

As relações dos cidadãos com os dirigentes se pautaram, ao longo dos séculos, pelo assistencialismo e a subserviência. Os indivíduos nunca participaram de nada. E isso faz com que nosso espírito de mobilização seja mínimo e o de organização, caótico. Mais difícil mesmo que reunir as pessoas é conseguir ordenar, sistematizar a sua participação. A verborragia dissipa a capacidade de ação. E é crítica a nossa capacidade crítica; não fomos formados para a análise desapaixonada de fatos ou situações; por isso mesmo, nossas opiniões são tão fluidas e nossas posições tão personalistas.

(Brasil: meio milênio, de Roberto B. Piscitelli. In: *Humanidade*, n. 15.87/88)

Marque o item que não completa corretamente a sentença abaixo, de acordo com o que se depreende do trecho lido.

A dificuldade de arregimentação e de organização participativa dos cidadãos deve-se ao fato de,

a) nas reuniões, as pessoas falarem muitas coisas sem relevância para o que se está discutindo.
b) ao longo dos séculos, o povo ter sido excluído das decisões dos dirigentes.
c) no momento da ação, à vontade dos indivíduos sobrepor-se o interesse coletivo.
d) historicamente, a classe dirigente ter-se colocado como provedora dos seus subordinados.
e) a eles, faltar a capacidade de análise crítica e objetiva.

Resposta: "c". O problema é gramatical: ao colocar a preposição em "à vontade dos indivíduos", altera-se a sequência apresentada pelo texto. Para que estivesse de acordo com

o texto deveria ser assim expressa a frase: “no momento da ação, a vontade dos indivíduos sobrepõe-se ao interesse coletivo.” Note-se que a preposição A agora antecede o termo “interesse coletivo”, assim ficando de acordo com o texto.

Leia o seguinte texto adaptado da *Folha de S.Paulo*, de 24.04.1994, para responder às questões 47 e 48.

A arte brasileira dos anos 60 começa com um movimento aparentemente conservador, a volta à figura depois do domínio dos abstratos na década de 50. Mas estava ali a senha para uma revolução. A pop arte não incorpora só os símbolos do consumo, tirados das propagandas, dos quadrinhos e das placas de trânsito. Tenta incorporar os objetos do mundo. E o mundo não se reduz a quadros, esculturas e gravuras — suportes tradicionais da arte.

47. Assinale o trecho que corresponde a uma conclusão coerente com a ideia central do texto.

a) Além disso, a reação à arte abstrata busca pintar imagens do inconsciente.
b) Assim, a arte brasileira dos anos 60 termina com a instalação da “Tropicália”.
c) Dessa maneira, participação é a palavra-chave para se entender a pop arte.
d) Enfim, a revolução da linguagem artística dessa década não é nem conservadora nem inovadora.
e) Começa, a partir daí, uma explosão de nova linguagem das artes.

Resposta: “e”. O texto fala de novas maneiras de se fazer/expor arte, ou seja, novas linguagens.

48. Entre as seguintes afirmações de causa e consequência, assinale a única que não corresponde às ideias do texto.

a) A arte brasileira dos anos 60 começa com um movimento aparentemente conservador porque volta à figura depois do domínio dos abstratos.
b) A pop arte faz uso de símbolos do consumo, tirados das propagandas, dos quadrinhos e das placas de trânsito, porque tenta incorporar os objetos do mundo.
c) Na arte brasileira que dominou os anos 60 estava a senha para uma revolução porque os objetos do mundo passaram a ser encarados como objetos de arte.
d) A arte brasileira dos anos 60 não é um movimento conservador porque a volta à figura foi a senha para uma revolução na linguagem artística.
e) O mundo não se reduz a quadros, esculturas e gravuras porque o movimento dos anos 60, a pop arte, os utiliza como suporte tradicional.

Resposta: “e”. Essa opção contraria o texto, faltou uma negativa: a pop arte NÃO os utiliza como suporte tradicional.

49. Leia o trecho abaixo e responda à questão.

A história da mulher no Brasil, tal como a das mulheres em vários outros países, ainda está por ser escrita. Os estudiosos têm dado muito pouca atenção à mulher nas diversas regiões do mundo, o que inclui a América Latina. Os estudos disponíveis sobre a mulher brasileira são quase todos meros registros de impressões, mais do que de fatos, autos de fé quanto à natureza das mulheres ou rápidas biografias de brasileiras notáveis, mais reveladoras sobre os preconceitos e a orientação dos autores do que sobre as mulheres propriamente ditas. As mudanças ocorridas no século XX reforçam a necessidade de uma perspectiva e de uma

compreensão históricas do papel, da condição e das atividades da mulher no Brasil.

(June Hahner)

Assinale a afirmação correta em relação ao texto lido.

a) A necessidade de uma perspectiva e de uma compreensão históricas do papel, da condição e das atividades da mulher reforçam as mudanças ocorridas no século XX.
b) O século XX dará à mulher o lugar de destaque que ela merece, não só à mulher brasileira, mas também às mulheres de outras partes do mundo.
c) Quanto à inexistência de um estudo histórico sobre seu papel na sociedade, a mulher brasileira assemelha-se à de várias partes do mundo.
d) Excetuando-se as rápidas biografias de brasileiras famosas, as demais obras sobre a mulher no Brasil estão impregnadas de juízos prévios que as tornam de discutível valor.
e) As próprias modificações de nosso século reforçam a necessidade de que se escreva uma verdadeira história da mulher no Brasil, eliminando-se o vácuo existente nesse campo e fazendo com que o país, nesse aspecto, supere todos os estudos que os outros povos já fizeram.

Resposta: "c". De acordo com o texto não há no Brasil e em nenhuma outra parte do mundo um estudo histórico do papel da mulher na sociedade.

50. Leia o trecho abaixo para responder a esta questão.

O mais difícil Osíris conseguiu. Acordou uma parte da sociedade para o desmanche de um argumento segundo o qual é razoável que uma pessoa sonegue impostos, visto que o governo é um mau administrador. Se essa lorota fosse sincera, as pessoas doariam o dinheiro sonegado para as obras de Madre Teresa de Calcutá. Como o embolsam, felizmente apareceu um servidor público correndo-lhes atrás.

(*Veja*, 26.01.1994, p. 81)

O entendimento correto para o fato conseguido pelo Secretário da Receita Federal, Osíris Lopes Filho, é:

a) Despertou um segmento da sociedade para a desmontagem da lorota de que a sonegação de impostos é prática consentânea à má administração governamental dos recursos oriundos do contribuinte.
b) Convenceu grande parcela dos brasileiros acerca da razoabilidade da sonegação de impostos, desde que esses valores fossem doados a obras de caridade reconhecidamente filantrópicas, como as de Madre Teresa de Calcutá.
c) Fez com que parte significativa dos sonegadores acordasse para a veracidade da lorota de que a sonegação pode ser corolária da má aplicação dos recursos públicos, visto ser o governo um mau administrador.
d) Alertou grande parte da sociedade para a ilação falaciosa segundo o qual o perdão da dívida está em relação diretamente proporcional às doações a obras filantrópicas.
e) Mudou a visão da sociedade brasileira para referendar o silogismo da permissividade da sonegação, desde que condicionada à doação do montante sonegado para as obras de Madre Teresa de Calcutá.

Resposta: "a". O texto diz que as pessoas sonegam porque não querem pagar mesmo, pois, se o problema fosse a má administração dos recursos oriundos dos contribuintes, essas pessoas doariam tal valor para instituições de caridade.

Texto para as questões 51 e 52.

Um desafio cotidiano

Recentemente me pediram para discutir os desafios políticos que o Brasil tem pela frente. Minha primeira dúvida foi se eles seriam diferentes dos de ontem. Os problemas talvez sejam os mesmos, o país é que mudou e reúne hoje mais condições para enfrentá-los que no passado. A síntese de minhas conclusões é que precisamos prosseguir no processo de democratização do país.

Kant dizia que a busca do conhecimento não tem fim. Na prática, democracia, como um ponto-final que uma vez atingido nos deixa satisfeitos e por isso decretamos o fim da política, não existe. Existe é democratização, o avanço rumo a um regime cada vez mais inclusivo, mais representativo, mais justo e mais legítimo. E quais as condições objetivas para tornar sustentável esse movimento de democratização crescente?

Embora exista forte correlação entre desenvolvimento e democracia, as condições gerais para sua sustentação vão além dela. O grau de legitimidade histórica, de mobilidade social, o tipo de conflitos existentes na sociedade, a capacidade institucional para incorporar gradualmente as forças emergentes e o desempenho efetivo dos governos são elementos cruciais na sustentação da democratização no longo prazo.

Nossa democracia emergente não tem legitimidade histórica. Esse requisito nos falta e só o alcançaremos no decorrer do processo de aprofundamento da democracia, que também é de legitimação dela.

Uma parte importante desse processo tem a ver com as relações rotineiras entre o poder público e os cidadãos. Qualquer flagrante da rotina desse relacionamento arrisca capturar cenas explícitas de desrespeito a pequenas ou grandes tiranias. As regras dessa relação não estão claras. Não existem mecanismos acessíveis de reclamação e desagravo.

(Sérgio Abranches, *Veja,* 23.08.2000, com adaptações)

51. Com relação às ideias do texto, julgue cada um dos seguintes itens como certo ou errado.

a) O autor considera que o modelo de democracia do Brasil não resolverá os problemas políticos do país.
b) Um regime democrático caracteriza-se pela existência de um processo contínuo de busca pela legitimidade, justiça, representatividade e inclusão.
c) Democracia é uma das condições de sustentação do desenvolvimento, mas não a única.
d) Enquanto não houver mecanismos acessíveis de reclamação e desagravo, as relações entre poder público e cidadãos não serão regidas por meio de regras claras.
e) De acordo com o desenvolvimento da argumentação, o pedido estabelecido no primeiro período do texto, e que deu origem ao ensaio, não pode ser atendido, razão pela qual o texto não é conclusivo.

Resposta: Alternativa “a”, errada: o autor diz: “A síntese das minhas conclusões é que precisamos prosseguir no processo de democratização.” Isto quer dizer que ele acredita no modelo atual; se ele não acreditasse nisso, ele teria usado outro verbo no lugar de “prosseguir”, algo como mudar, alterar, rever, trocar. Alternativas “b”, “c” e “d”, certas. Alternativa “e”, errada: o pedido foi atendido sim, o texto é conclusivo sim, pois o autor afirma:

“A síntese das minhas conclusões é que precisamos prosseguir no processo de democratização.”

52. Julgue cada um dos itens a seguir como certo ou errado, a respeito das relações de sentido estabelecidas no texto.

a) A decretação do “fim da política” traria, como consequência, a satisfação dos praticantes da democracia — representantes e representados.
b) A ideia de “democracia” está para um produto acabado assim como “democratização” está para um processo.
c) Relações entre poder público e cidadãos incluem-se no processo de aprofundamento e legitimação da democracia.
d) Cenas explícitas de desrespeito aos cidadãos têm como causa imediata a emergência de nossa democracia histórica.
e) Não havendo busca do conhecimento como sustentação histórica, não há democracia e, consequentemente, não há política.

Resposta: Alternativa “a”, errada: o texto diz justamente o contrário: a satisfação dos praticantes da democracia traria como consequência a decretação do fim da política. Alternativas “b” e “c”, certas. Alternativa “d”, errada: a causa das cenas explícitas de desrespeito aos cidadãos é a ausência de regras claras e mecanismos de reclamação e desagravo. Alternativa “e”, errada: não é a busca do conhecimento que dá sustentação histórica, o que dá sustentação histórica é o passar do tempo. Por isso o autor afirma que nossa democracia é recente, ou seja, não tem sustentação histórica.

Texto para as questões 53 e 54.

A Revolução Industrial provocou a dissociação entre dois pensamentos: o científico e tecnológico e o humanista. A partir do século XIX, a liberdade do homem começa a ser identificada com a eficiência em dominar e transformar a natureza em bens e serviços. O conceito de liberdade começa a ser sinônimo de consumo. Perde importância a prática das artes e consolidam-se a ciência e a tecnologia. Relega-se a preocupação ética. A procura da liberdade social se faz sem considerar-se sua distribuição. A militância política passa a ser tolerada, mas como opção pessoal de cada um.

Essa ruptura teve o importante papel de contribuir para a revolução do conhecimento científico e tecnológico. A sociedade humana se transformou, com a eficiência técnica e a consequente redução do tempo social necessário à produção dos bens de sobrevivência.

O privilégio da eficiência na dominação da natureza gerou, contudo, as distorções hoje conhecidas: em vez de usar o tempo livre para a prática da liberdade, o homem reorganizou seu projeto e refez seu objetivo no sentido de ampliar o consumo. O avanço técnico e científico, de instrumento da liberdade, adquiriu autonomia e passou a determinar uma estrutura social opressiva, que servisse ao avanço técnico e científico. A liberdade identificou-se com a ideia de consumo. Os meios de produção, que surgiram no avanço técnico, visam ampliar o nível dos meios de produção.

Graças a essa especialização e priorização, foi possível obter-se o elevado nível do potencial de liberdade que o final do século XX oferece à humanidade. O sistema capitalista permitiu que o homem atingisse as vésperas da liberdade em relação ao trabalho alienado, às doenças

e à escassez. Mas não consegue permitir que o potencial criado pela ciência e tecnologia seja usado com a eficiência desejada.

(Cristovam Buarque, *Na fronteira do futuro.* Brasília: UnB, 1989, p. 13, com adaptações)

53. Julgue os itens abaixo como certos ou errados, relativos às ideias do texto.

a) O conceito de "liberdade" é tomado como sinônimo de consumo e de eficiência no domínio e na transformação da natureza em bens e serviços.
b) O autor sugere que o sistema capitalista apresenta a seguinte correlação: quanto mais tempo livre, mais consumo, mais lazer e menos opressão.
c) Depreende-se do primeiro parágrafo que a ética foi abolida a partir do século XIX.
d) No segundo parágrafo, a expressão "Essa ruptura" retoma e resume a ideia central do parágrafo anterior.
e) O emprego da expressão "as vésperas da liberdade" sugere que a humanidade ainda não atingiu a liberdade desejada.

Resposta: Alternativa "a", certa. Alternativa "b", errada: quanto mais consumo, menos lazer e mais opressão. Alternativa "c", errada: o texto afirma que a ética foi relegada e não abolida, são coisas diferentes. Alternativas "d" e "e", certas.

54. Quanto à organização do texto, julgue os itens a seguir como certos ou errados.

a) A argumentação do texto estrutura-se em três eixos principais: ciência e tecnologia, busca da liberdade e militância política.
b) A tese para esse texto argumentativo pode assim ser resumida: nem todo "potencial de liberdade" gera liberdade com a eficiência desejada.
c) Para organizar o texto, predominantemente argumentativo, o autor recorre a ilustrações temáticas e trechos descritivos sobre condições das sociedades.
d) A ideia de melhor aproveitamento do tempo como resultado da eficiência técnica é um argumento utilizado para provar a necessidade de lazer e descanso dos homens.
e) O fragmento a seguir, caso fosse utilizado como continuidade do texto, manteria a coerência da argumentação: Existe, assim, uma ambiguidade entre a ampliação dos horizontes da liberdade e os resultados, de fato, alcançados pelo homem.

Resposta: Alternativa "a", errada: o texto não trata de militância política. Alternativa "b", certa. Alternativa "c", errada: não há trechos descritivos. Alternativa "d", errada: a ideia de melhor aproveitamento do tempo é um argumento utilizado para provar a necessidade de produzir e consumir mais. Alternativa "e", certa.

Leia o texto a seguir para responder à questão 55.

Um aspecto crucial para o bom funcionamento do sistema tributário é a importância estratégica da administração tributária. A efetividade e a eficácia do sistema tributário dependem da administração tributária, que desempenha um papel, fundamental e imprescindível, de instrumento de garantia da aplicação efetiva da legislação. Grande parte dos problemas do sistema brasileiro não poderá ser resolvida exclusivamente no plano da legislação. Há uma relação importante entre a fragilidade dos órgãos da administração e determinadas deficiências do sistema tributário nacional. Com uma administração tributária desprovida de recursos materiais e humanos, numa economia complexa e de proporções continentais como a brasileira, o sistema tributário, por mais concebido que possa ser sob o ponto de vista da

legislação, deixará fatalmente a desejar em termos de qualidade, eficácia e justiça fiscal.

(<www.unafisco.org.br>)

55. Julgue as assertivas abaixo como certas ou erradas:

I. Portanto, é fundamental o fortalecimento da máquina fiscal, que torna a administração tributária mais efetiva.

II. Diante dessa evidência, hoje há um consenso quanto ao prescindível papel que desempenha o fortalecimento da administração tributária como efetivo instrumento de garantia da eficácia de todo o Sistema Tributário.

III. Para que a administração tributária seja fortalecida e efetiva são também fundamentais o cumprimento voluntário das obrigações tributárias e a percepção do risco de sonegar por parte do contribuinte.

IV. Embora a máquina fiscal não se mostre capaz de recuperar as obrigações tributárias descumpridas, então resta comprometida a eficácia de todo o sistema.

V. Em última análise, é uma fiscalização fortalecida que vai definir o limite da efetividade da administração tributária, e, por consequência, do Sistema Tributário.

A quantidade de itens corretos é

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

Resposta: “c”. Os itens corretos são I, II e V.

56. Assinale a opção que está de acordo com as ideias do texto.

O principal problema brasileiro, que consiste na retomada da confiança para possibilitar o crescimento, só terá solução possível a partir do momento em que houver um quadro favorável a uma redução substancial dos juros básicos da economia. Para isso, as reformas tributária e previdenciária são pré-condições estratégicas.

A tributária é fundamental para desonerar a indústria e elevar o poder aquisitivo dos salários, proporcionando escala e competitividade que ajudarão na substituição das importações e no crescimento consistente dos saldos positivos na balança comercial.

A previdenciária é imperiosa para construir um sistema autossustentável de seguridade social, que concomitantemente invista um grande volume de poupança em projetos produtivos de longo prazo.

(Emerson Kapaz, Para reverter o pessimismo. *Folha de S.Paulo*, 31.07.2002)

a) Os juros básicos da economia, se reduzidos, impulsionariam as reformas tributária e previdenciária.
b) Um sistema autossustentável de seguridade social traria as condições para que o crescimento permita a redução dos juros.
c) A retomada da confiança para possibilitar o crescimento contribui para promover a elevação dos salários.
d) Com a desoneração da indústria e com a elevação dos salários, há condições estratégicas para a reforma tributária e para investimentos em projetos produtivos de longo prazo.

e) As reformas tributária e previdenciária são o passo prévio para favorecer a redução dos juros básicos da economia, e, consequentemente, a retomada da confiança para que haja crescimento.

Resposta: “e”. Essa opção traz todas as informações contidas no texto.

57. De acordo com as ideias do texto, julgue os itens abaixo para marcar, a seguir, a opção correta.

A produção, a socialização, o consumo e as práticas culturais incidem sobre usos diferenciais do espaço e espelham os ritmos desiguais que caracterizam não só as relações entre as classes, mas a dinâmica das gerações e dos grupos de idade, as relações entre os gêneros, os ciclos de vida no trabalho e no lazer. Enfim, conjunto intenso de relações que projetam em um só presente diversas temporalidades, a cidade pode se tornar, também, a expressão de conflitos multifacetados, capazes de oferecer novas possibilidades de apropriação do tecido urbano.

(Marília P. Sposito, *A sociabilidade juvenil e a rua:* novos conflitos e ação coletiva na cidade, com adaptações)

I. As relações entre as classes, a dinâmica das gerações e dos grupos de idade caracterizam-se por ritmos desiguais espelhados nos usos diferenciais do espaço.
II. A produção, a socialização, o consumo e as práticas culturais relacionam-se com os ciclos de vida no trabalho e no lazer tentando preservar as formas homogêneas dos espaços em que se distribuem.
III. O espaço urbano expressa conflitos multifacetados e abriga um conjunto intenso de relações, que, embora diferenciadas, projetam a influência de diversas temporalidades em um tempo presente.

a) Todos os itens estão corretos.
b) Apenas I e II estão corretos.
c) Apenas I e III estão corretos.
d) Apenas II e III estão corretos.
e) Nenhum item está correto.

Resposta: “c”. O item II está errado, pois o texto não trata de formas homogêneas e sim de “ritmos desiguais”.

Leia o texto a seguir para responder à questão 58.

No passado, para garantir o sucesso de um filho ou de uma filha, bastava conseguir que eles tirassem um diploma de curso superior. Uma vez formados, seriam automaticamente chamados de “doutor” e teriam um salário de classe média para o resto da vida. De uns anos para cá, essa fórmula não funciona mais. Quem pretende garantir o futuro dos filhos, além do curso superior, terá de lhes arrumar um capital inicial. Esse capital deverá ser suficiente para o investimento que gerará um emprego para seu filho.

Todo emprego requer investimentos prévios, algo óbvio mas esquecido por nossos políticos e governantes.

(Stephen Kanitz, *Veja*, 05.06.2002, com adaptações)

58. Marque a opção que não dá continuidade coerente ao texto.

a) Criar um emprego não é somente oferecer um salário e colocar o indivíduo para trabalhar. Muito antes de contratar um porteiro, é necessário construir uma guarita para alojá-lo.
b) Alguns dirão chocados: a que ponto chegamos, ter de comprar o próprio emprego! Mas no fundo sempre foi assim. Todos nós precisamos de um capital inicial para começar a trabalhar.
c) Se não forem os pais a investir no próprio filho, quem será? Quem comprará as máquinas, os equipamentos, o escritório, os computadores para que ele possa começar a trabalhar?
d) Americanos ganham oito vezes mais que brasileiros não porque trabalham oito vezes mais, mas porque investem muito mais em estoque, máquinas e equipamentos, aumentando brutalmente a produtividade de seus filhos.
e) Fica evidente que todos os investimentos prévios no combate à miséria devem propor um programa integrado de políticas sociais. Várias propostas apontam as fontes de recursos que, em geral, representam redirecionamentos de outros pagamentos.

Resposta: "e". O texto tem como ideia central "o investimento no emprego". A opção e) fala em investimento no combate à miséria.

O trecho abaixo serve de base às questões 59 e 60.

Questão velha, polêmica e controvertida, que constitui obstáculo à ação das autoridades administrativo-tributárias, mas que sempre viva e exacerbadamente atual, é a do "sigilo bancário", pois frente ao crédito tributário e ao Fisco, aquele como um bem público relevante e indisponível e este na busca de cumprir os objetivos a que se destina de aferir a real capacidade contributiva, arrecadar tributos, promover a igualdade e a justiça fiscal, colocam-se a preservação e a garantia dos direitos fundamentais invioláveis de privacidade e intimidade inerentes às pessoas dos contribuintes.

(Mary Elbe G. Q. Maia. A inexistência de sigilo bancário frente ao poder-dever

de investigação das autoridades fiscais, *Tributação em Revista*, julho/setembro de 1999)

59. Assinale a opção que dá continuidade ao trecho, preservando a coerência, a coesão e a progressão das ideias.

a) No seu âmago, o que exsurge é a discussão acerca dos interesses públicos frente aos interesses privados e qual deles deverá prevalecer.
b) No cerne da questão, desponta a dicotomia entre um sistema fortemente estatal e o poder fiscalizador da sociedade organizada.
c) Em suma: trata-se de questionar até que ponto a quebra do sigilo bancário vai contribuir para revelar elisão fiscal e evasão de divisas.
d) Torna-se, assim, fundamental discutir sob o manto da ética a questão da inexistência de sigilo bancário em estados democráticos de direito.
e) A despeito disso, não basta conceder às autoridades fiscais o poder-dever de investigação, se não se lhes faculta o direito fundamental inviolável de privacidade.

Resposta: "a". O texto coloca de um lado o crédito tributário e o Fisco, de outro o direito de privacidade dos contribuintes, então "o que exsurge é a discussão acerca dos interesses públicos frente aos interesses privados e qual deles deverá prevalecer."

60. Assinale a proposição nuclear do texto, aquela que contém a ideia-síntese em torno da qual se desenvolve sintática e semanticamente o parágrafo.

a) Questão velha, polêmica e controvertida é a do sigilo bancário frente ao crédito tributário e ao Fisco.
b) Frente ao crédito tributário e ao Fisco, coloca-se a questão do sigilo bancário como um obstáculo à ação das autoridades administrativo-tributárias.
c) Por ser um bem público relevante e indisponível, o crédito tributário deve preservar e garantir o direito de privacidade do contribuinte.
d) A preservação dos direitos fundamentais de privacidade dos contribuintes frente ao crédito tributário e ao Fisco deve ser colocada na discussão da questão do sigilo bancário.
e) Na tarefa de cumprir os objetivos de aferir a capacidade contributiva, arrecadar tributos e promover a igualdade e a justiça fiscal, o Fisco deve preservar e garantir a questão do sigilo bancário dos contribuintes.

Resposta: "d". Vejamos a ideia principal do texto, destacada a seguir: Questão velha, polêmica e controvertida, que constitui obstáculo à ação das autoridades administrativo-tributárias, mas que sempre viva e exacerbadamente atual, é a do "sigilo bancário", pois frente ao crédito tributário e ao Fisco, aquele como um bem público relevante e indisponível e este na busca de cumprir os objetivos a que se destina de aferir a real capacidade contributiva, arrecadar tributos, promover a igualdade e a justiça fiscal, colocam-se a preservação e a garantia dos direitos fundamentais invioláveis de privacidade e intimidade inerentes às pessoas dos contribuintes.

Leia o texto abaixo para responder à questão 61.

Em artigo publicado na década de noventa, o professor Paul Krugman explicava que todos aqueles países que falavam inglês haviam tido um desempenho econômico acima da média de seus vizinhos e que o inglês estava se tornando rapidamente a língua franca dos negócios, do turismo e da internet. Assim, os processos de fusão de empresas, tão comuns naquele tempo, só teriam sucesso se utilizassem o inglês como língua de integração das corporações.

Essa visão nos preocupou quando resolvemos integrar todas as áreas de consultoria espalhadas pela América Latina em uma única divisão de consultoria. Mas ficou uma pergunta no ar: "que língua oficial adotar"? O espanhol ou o português acirraria a rivalidade que já era bastante grande no campo dos esportes. Adotar o inglês teria a vantagem da neutralidade e da facilidade de interação com nossos colegas de outras regiões, mas com perda significativa na agilidade da comunicação e no andamento das reuniões. Foi adotada então uma postura única: haveria três línguas oficiais. Essa pequena sutileza significava, na verdade, que todos eram obrigados a entender as três línguas, mas poderiam se expressar no idioma em que se sentissem mais à vontade. Hoje, cinco anos depois, sentimos que essa decisão foi fundamental para o nosso processo de integração, e a lição aprendida é que muitas vezes a criatividade local pode ser mais efetiva que verdades importadas.

(José Luiz Rossi, *Integração cultural na América Latina,* CLASSE ESPECIAL, 89/2001, com adaptações)

61. Marque a opção em que, de acordo com as ideias do texto, existe uma relação de condição do tipo

Se X então Y
a) X = falássemos inglês

Y = teríamos desempenho econômico acima da média
b) X = adotássemos inglês como língua oficial
Y = agilizaríamos a comunicação
c) X = empregássemos espanhol ou português
Y = exacerbaríamos a rivalidade
d) X = houvesse três línguas oficiais
Y = teríamos facilidade de interação com outras regiões
e) X = entendêssemos as três línguas
Y = deveríamos nos expressar nas três

Resposta: "c". Se empregássemos inglês ou espanhol exacerbaríamos a rivalidade que segundo o texto "já era bastante grande no campo dos esportes."

62. Indique o período capaz de preencher o espaço assinalado por (...) com clareza, correção gramatical, além de respeitar a coerência de ideias e obedecer à direção argumentativa do segmento transcrito.

(...) Isso exatamente porque esse binômio, fundamental para o crescimento intelectual e social do indivíduo, tem hoje a sua concepção teórica ampliada do ponto de vista dos cientistas sociais e analistas de recursos humanos, ao reconhecerem acertadamente que, além da conquista pessoal, a saúde e a educação representam um investimento certo também no desenvolvimento coletivo.

(Lourdes Maria Frazão de Moraes, *Correio Braziliense,* 08.08.2002)

a) Um sistema de saúde, para ser adequado ao atendimento de saúde da população necessitada, não pode prescindir da educação do povo assistido, tão somente.
b) Educação e saúde são valores que não mais podem ser compreendidos, na generalidade, como bens de consumo pessoal, apenas.
c) Segurança no trabalho e informação acerca das doenças e riscos a que podem submetê-lo as condições de trabalho — aí está o binômio que garante a higidez do trabalhador.
d) Investir em educação e saúde traz uma taxa de retorno cientificamente comprovada. A ignorância e a doença andam juntas: são companheiras inseparáveis na marcha fúnebre para o caos.
e) A assistência à saúde assegurada pelo Estado e a cobertura dos seguros de saúde privados são os dois termos do binômio que sustenta o desenvolvimento individual e coletivo.

Resposta: "b". O trecho dado afirma: "Isso exatamente porque esse binômio," — o binômio mencionado aparece em b) Educação e saúde são...

63. Assinale a opção que não constitui uma inferência das ideias do trecho abaixo.

Na tentativa de explicar a ocorrência de fome nos países subdesenvolvidos, surge, após a Segunda Guerra Mundial, a teoria demográfica neomalthusiana, logo perfilhada pelos países desenvolvidos e pelas elites dos países subdesenvolvidos. Segundo essa teoria, uma população jovem numerosa, resultante das elevadas taxas de natalidade verificadas em quase todos os países subdesenvolvidos, exige grandes investimentos sociais em educação e saúde. Com isso, diminuem os investimentos produtivos nos setores agrícola e industrial, o que impede o pleno desenvolvimento das atividades econômicas e, portanto, da melhoria das condições de vida da população. Ainda segundo os neomalthusianos, quanto maior o número

de habitantes de um país, menor a renda *per capita* e a disponibilidade de capital a ser distribuído pelos agentes econômicos.

(Eustáquio de Sene e João Carlos Moreira, *Geografia geral e do Brasil*: espaço geográfico e globalização, São Paulo: Scipione, 1998, pp. 338/9, com adaptações)

a) O crescimento populacional é o responsável pela ocorrência da miséria.
b) Em consequência das elevadas taxas de natalidade, os países subdesenvolvidos veem-se impedidos de alcançar o pleno desenvolvimento das atividades econômicas.
c) Sem programas efetivos de controle de natalidade acessíveis às camadas mais pobres, toda política de redistribuição de renda tenderá ao fracasso.
d) Uma população numerosa condena muitos jovens a engrossar o enorme contingente de mão de obra desqualificada que ingressa anualmente no mercado de trabalho.
e) À medida que as famílias obtêm condições condignas de vida, tendem a diminuir o número de filhos para não comprometerem o acesso de seus dependentes aos sistemas públicos de educação e saúde.

Resposta: "e". O texto todo trata de fatos pessimistas, de coisas ruins. Nota-se que as quatro primeiras opções (a, b, c, d) continuam a tratar de coisas ruins. A opção e) trata de coisa boa: e) À medida que as famílias obtêm condições condignas de vida, tendem a diminuir o número de filhos para não comprometerem o acesso de seus dependentes aos sistemas de educação e saúde. Então, a única que não pode continuar o texto é a que trata de coisas boas.

64. Num determinado ponto do discurso de posse como Arcebispo de Olinda e Recife, Dom Hélder Câmara faz um raciocínio baseado em quatro proposições. Ordene tais proposições, obedecendo ao esquema:

1. proposição genérica;
2. proposição acidental;
3. proposição resolutiva;
4. proposição consecutiva.

I. A melhor maneira de combater o erro é libertar as parcelas de verdade prisioneiras dentro dele.
II. Quando o erro perde a verdade que nele se esconde, deixa de ter poder de sedução e consistência interior.
III. Deus fez a inteligência voltada para a verdade.
IV. Quando a inteligência adere ao erro é seduzida pela alma de verdade que existe dentro de todo erro.

A ordenação correta é:
a) I, II, IV, III
b) I, IV, II, III
c) III, IV, I, II
d) III, II, I, IV
e) II, III, I, IV

Resposta: "c". Proposição genérica: "Deus fez a inteligência voltada para a verdade."; Proposição acidental: "Quando a inteligência adere ao erro é seduzida pela alma de verdade que existe dentro de todo erro."; Proposição resolutiva: "A melhor maneira de combater o erro é libertar as parcelas de verdade prisioneiras dentro dele."; Proposição consecutiva: "Quando

o erro perde a verdade que nele se esconde, deixa de ter poder de sedução e consistência interior.”

O texto abaixo serve de base para as questões 65 e 66.

A época da independência fervilha de figuras representativas, em cujas atitudes o ideário político do momento se reflete. Figuras cujos perfis se recortam sobre um fundo um tanto confuso: novidades emancipacionistas, remanescências coloniais, antagonismos de tendências que puxavam a vida brasileira para posições diferentes. Época sem dúvida tumultuosa, ocupada por várias transições superpostas: a da dependência para a independência, a do agrarismo para os modos urbanos, a do quase silêncio para o falatório — um falatório crescente —, a dos particularismos para a consciência nacional. Agora, estabelecida a existência oficial de um Brasil declarado estado autônomo, a liquidação dos obstáculos restantes caberia a esses homens.

(Nelson Nogueira Saldanha, *História das ideias políticas no Brasil*, p. 97)

65. Na mesma linha de raciocínio do autor, várias transições se superpõem à época da independência, exceto uma. Aponte-a.

a) do rural para o urbano
b) do individualismo para o coletivo
c) do desimpedimento para os obstáculos
d) do atrelamento para a emancipação
e) da dependência para a autonomia

Resposta: “c”. O texto afirma o contrário: dos obstáculos para os desimpedimentos.

66. Indique a paráfrase correta do primeiro período do texto.

a) A época da independência fervilha de figuras representativas, e em suas atitudes se reflete o ideário político do momento.
b) A época da independência fervilha de figuras representativas, nas quais atitudes o ideário político do momento se reflete.
c) À época da independência, fervilham figuras representativas, nas atitudes das quais o ideário político do momento se reflete.
d) À época da independência fervilha de figuras representativas, cujas atitudes refletem o ideário político do momento.
e) A época da independência fervilha de figuras representativas, em cujas atitudes delas se reflete o ideário político do momento.

Resposta: “a”. O problema das outras opções está na gramática. Note-se o erro de cada uma delas: b) nas quais atitudes; c) À época; d) À época; e) em cujas atitudes delas.

O texto abaixo serve de base para a questão 67.

A reforma tributária não pode ser realizada, na verdade, para livrar o orçamento da sangria dos juros exorbitantes, embora enfeitada com os argumentos apelativos, tanto da simplificação fiscal para todo o empresariado quanto do milagre fiscal da multiplicação dos empregos para os mais despossuídos.

Trata-se do contrário. Os de baixo vão, de fato, pagar mais e não há garantia nenhuma da boa teoria econômica de que o emprego possa crescer sem o planejamento de um projeto nacional

digno do nome, que defina e articule todas as potencialidades existentes para tanto.

(Fátima Gondim Farias, Reforma Tributária, em *Tributação em revista,*

abril/junho de 1999, com adaptações)

67. Em relação às ideias do texto, assinale a opção incorreta.

a) Os argumentos arrolados para justificar a vinculação da reforma tributária ao pagamento de juros não se sustentam, aos olhos da autora.
b) O atrelamento da reforma tributária à sangria dos juros é, para a autora, uma argumentação apelativa engendrada pelos empresários e desempregados.
c) A reforma tributária vai onerar os pequenos e microempresários, sobre os quais vai recair o encargo de pagar mais imposto.
d) Pela boa teoria econômica não é possível engendrar o milagre da multiplicação de empregos para os desempregados, sem o respaldo de uma política nacional de emprego.
e) Imputar à reforma tributária o propósito de livrar o orçamento da sangria de juros escorchantes, para a autora, não desonera as empresas nem gera mais empregos.

Resposta: "b". Ao citar os desempregados a opção b) torna-se incorreta.

68. Preencha os espaços do trecho, de forma a resultar um texto que preserve a coerência de ideias e da direção argumentativa.

Nenhuma reforma tributária será _____, _____ para os mesmos de sempre, enquanto cerca de metade da arrecadação fiscal _____ circuito do gasto público social e produtivo para consumar a delícia usurária da ciranda financeira global.

(Fátima Gondim Farias, Reforma Tributária, em *Tributação em revista*, abril/junho de 1999)

a) improdutiva — tirante — estiver afastando-se do
b) boa — exceto — for desviada do
c) eficaz — se dirigida — estiver centrada no
d) justa — inclusive — continuar concentrada no
e) distributiva — se acumula — ficar confinada ao

Resposta: "b". As palavras que completam corretamente a lacuna são: 1a lacuna — boa, eficaz, justa, distributiva; 2a lacuna — tirante, exceto; 3a lacuna — estiver afastando-se do, for desviada do. A opção b) é a única que traz palavras adequadas para as três lacunas.

69. Marque o item que completa o trecho de forma correta, coesa e coerente. (*IstoÉ* — 04.05.1994)

Às vésperas de comemorar os 106 anos de Abolição da Escravatura, o Brasil volta ao banco dos réus por permitir que milhares de pessoas trabalhem em regime escravagista. Há denúncias de escravidão por dívidas em trabalho nas carvoeiras de Minas Gerais e nos seringais e garimpos da Amazônia. Embora se trate de uma denúncia que certamente comprometerá um pouco mais a imagem do Brasil,

a) entretanto, vem acompanhada de um livro assinado pelo jornalista Alison Sutton, lançado em Genebra.
b) que associe ainda o tráfico de mulheres e meninas para a prostituição nestas regiões.
c) a existência desses, e de centenas de outros focos de escravidão em todo o país, já é do conhecimento do governo há vários anos.

d) evidenciando que a abolição da escravatura ainda não pode ser comemorada, conforme os movimentos negros insistem propalar.
e) esse emaranhado de empreiteiras imobilizando mais de dez mil pessoas nas senzalas do carvão.

Resposta: "c". Como o último período do texto traz uma oração concessiva (Embora se trate de uma denúncia que certamente comprometerá um pouco mais a imagem do Brasil), temos de continuar com uma afirmação categórica a respeito de um fato "ruim".

70. A respeito da posição do narrador no romance *Os miseráveis*, de Victor Hugo, diz Vargas Llosa:

Aí está ele legislando, tronando, autoritário, impudico, seguro de que exerce sobre o leitor o mesmo domínio absoluto que tem sobre suas personagens, convencido de que quem o ouve — o lê — acredita nele piamente...

Aponte a afirmativa incorreta que se faz acerca do trecho acima.
a) Vargas Llosa atribui ao narrador de *Os miseráveis* o poder de comandar o destino das personagens que criou para figurar no romance.
b) Vargas Llosa assegura que o leitor de *Os miseráveis* não vai poder se libertar da dominação que sobre ele exerce o narrador do livro.
c) Entende-se, pelo trecho, que V. Llosa está operando com a distinção autor/narrador.
d) Para V. Llosa, a maneira de constituição do narrador em *Os miseráveis* se assemelha ao desempenho de funções sociais de mando e poder.
e) Pode-se inferir do trecho que há relação entre a forma com que o narrador se põe numa narrativa e a forma com que os leitores o leem.

Resposta: "c". Em nenhum momento do texto se faz distinção entre autor e narrador.

71. Indique a opção que completa com coerência e coesão o trecho abaixo (extraído do Manifesto dos "Pioneiros da Educação Nova").

"Na hierarquia dos problemas nacionais, nenhum sobreleva em importância e gravidade ao da educação. Nem mesmo os de caráter econômico lhe podem disputar a primazia nos planos de reconstrução nacional. Pois, se a evolução orgânica do sistema cultural de um país depende de suas condições econômicas,
a) é impossível desenvolver as forças econômicas ou de produção sem o preparo intensivo das forças culturais."
b) são elas as reais condutoras do processo histórico de arregimentação das forças de renovação nacional."
c) o entrelaçamento das reformas econômicas e educacionais constitui fato de somenos relevância para o soerguimento da cultura nacional."
d) às quais se associam os projetos de reorganização do sistema educacional com vista à renovação cultural da sociedade brasileira."
e) subordina-se o problema pedagógico à questão maior da filosofia da educação e dos fins a que devem se propor as escolas em todos os níveis de ensino."

Resposta: "a". O último período do texto faz um raciocínio lógico condicional entre "sistema cultural" e "condições econômicas", por isso devemos continuar tratando disso. A única opção que trata de "cultura" e "economia" é a opção a).

72. Leia o seguinte texto e responda à questão a seguir.

A autoridade de que se reveste o Estado para impor sacrifícios à coletividade é uma decorrência da capacidade que revela no atendimento das necessidades e anseios dos membros que compõem o organismo social.

O fundamento do direito de tributar, por exemplo, repousa no princípio de que a produção dos serviços e bens públicos é o processo econômico que garante a máxima satisfação social com o mínimo de sacrifício para os contribuintes.

Infere-se do texto:

a) A capacidade que o Estado revela no atendimento das necessidades dos cidadãos decorre da autoridade que ele tem para impor sacrifícios.
b) O Estado só tem o direito de tributar quando os contribuintes acatam voluntariamente a tributação.
c) Os tributos dos contribuintes são decorrência inevitável da imposição da coletividade sobre a máquina governamental.
d) A tributação imposta pelo Estado aos contribuintes deve reverter, com vantagens, em benefício destes.
e) A produção de serviços e bens públicos é um direito do Estado, assim como usufruir desses serviços e bens é um dever do contribuinte.

Resposta: "d". Inferir é o mesmo que depreender, deduzir, concluir. A única conclusão de acordo com o texto está em d).

Leia o texto abaixo para responder à questão 73.

Em *Os Sertões*, Euclides da Cunha descreve com realismo "cinematográfico" e grandeza trágica o momento em que dois países irreconciliáveis se confrontam: o Brasil racional, urbano e republicano do litoral, aspirante à modernidade, e o Brasil arcaico, agrário, ágrafo, místico e profundo do sertão, saudoso da monarquia.

O escritor argentino Jorge Luis Borges considerava *Os Sertões* um dos grandes épicos da literatura universal. Inspirado no livro de Euclides, o peruano Mario Vargas Llhosa recriou a epopeia no romance *A guerra do fim do mundo*.

Para a literatura brasileira, a influência do livro é inestimável, tendo marcado não só os estudos históricos e sociológicos, como a melhor ficção regionalista, de Graciliano Ramos a Guimarães Rosa.

(*Folha de S.Paulo*, 23.06.1996, D 14, adaptado)

73. Em relação às ideias do texto, julgue cada um dos itens que se seguem como certo ou errado.

a) O texto informa que o livro *Os Sertões* serviu de inspiração para obras cinematográficas.
b) Na época da Guerra de Canudos, aspirava à modernidade a parte republicana do Brasil, ou seja, as metrópoles situadas mais ao litoral.
c) O Brasil rural, analfabeto e místico do sertão, tinha saudade da monarquia e se opunha à parte republicana.
d) Graciliano Ramos e Guimarães Rosa influenciaram com sua marca regional o livro *Os Sertões*, de Euclides da Cunha.
e) Na caracterização de *Os Sertões*, segundo Euclides da Cunha, "realismo" está para

“grandeza”, assim como “cinematográfico” está para “trágica”.

Resposta: Alternativa “a”, errada: Euclides da Cunha é que faz descrições “cinematográficas”. Alternativa “b” e “c”, certas. Alternativa “d”, errada: o jogo de palavras pode fazer com que confundamos as coisas. O texto afirma: “tendo marcado não só os estudos históricos e sociológicos, como a melhor ficção regionalista, de Graciliano Ramos a Guimarães Rosa.” — e não o contrário como está em d. Alternativa “e”, errada: não faz sentido dizer que “cinematográfico” está para “trágica”.

Leia o texto que se segue para responder à questão 74.

É comum e procedente o comentário de que a justiça e o povo estão separados por um grande abismo, o que torna praticamente impossível ao cidadão leigo, mesmo aquele com grau de instrução superior à média do País, compreender os assuntos inerentes ao Judiciário.

Uma das razões que contribuem para esse triste distanciamento — que se confunde com seus próprios efeitos e, por isso, engendra um círculo vicioso — reside na falta de cultura jurídica do povo brasileiro. Falta de cultura jurídica não no sentido de que as pessoas leigas não têm o desejável tirocínio para entender os meandros, o tecnicismo e os termos próprios do Direito, o que realmente não têm. Refiro-me ao fato de que o brasileiro não tem o costume de interessar-se por assuntos relativos à função judiciária do Estado.

(Rogério Schietti Machado Cruz, Direito e Justiça,
Correio Braziliense, 23.06.1996, p. 2, adaptado)

74. Com relação às ideias do texto, julgue cada um dos itens que se seguem como certo ou errado.

a) Mesmo os cidadãos com formação específica em Direito têm dificuldade de compreender os assuntos relativos ao judiciário.
b) A falta de cultura jurídica do povo brasileiro é razão, e também efeito, do distanciamento entre a justiça e o cidadão.
c) Os leigos não têm experiência prática suficiente para entender os procedimentos, o tecnicismo e os termos próprios dos trâmites judiciários.
d) É lamentável que o brasileiro não desenvolva o costume de se interessar pelos assuntos referentes à função judiciária do Estado.
e) O judiciário cria, voluntariamente, um círculo vicioso entre as pessoas leigas e os meandros do tecnicismo.

Resposta: Alternativa “a”, errada: o texto fala do cidadão leigo com formação superior e não especificamente do formado em Direito. Alternativas “b”, “c” e “d”, certas. Alternativa “e”, errada: não é o judiciário que cria o círculo vicioso e sim a “falta de cultura jurídica” das pessoas leigas.

Leia o texto que se segue para responder à questão 75.

Desde 1985, a Argentina e o Brasil vêm-se esforçando muito para reduzir as rivalidades nacionalistas e promover a convergência econômica, esforços esses que produziram um aumento no comércio bilateral entre os dois países nos últimos cinco anos.

Entretanto, a região é considerada por muitos observadores estrangeiros como sendo ainda economicamente atrasada, amarrada por políticas intervencionistas, pela hiperinflação, pela

crise de débito e pelo protecionismo. As reputações são notoriamente lentas para se adaptarem a novas realidades. Gestos arrojados e inequívocos são as únicas formas certas de mudá-las.

(Klaus Schwab, *Folha de S.Paulo*, 23.06.1996, p. 2-2)

75. Em relação às ideias do texto, julgue cada um dos itens que se seguem como certo ou errado.

a) O comércio bilateral entre a Argentina e o Brasil já era muito intenso antes de 1985.
b) As rivalidades nacionalistas facilitaram as relações comerciais entre o Brasil e a Argentina.
c) Políticas de convergência caracterizavam, antes de 1985, as relações econômicas entre Argentina e Brasil.
d) Para mudar a reputação junto aos observadores estrangeiros, os países que têm uma imagem desfavorável precisam tomar atitudes ousadas, corajosas, objetivas e claras.
e) A crise de débito, a hiperinflação, o protecionismo e as políticas intervencionistas prejudicam a imagem econômica da América do Sul no exterior.

Resposta: Alternativa “a”, errada: o texto afirma que desde 1985 esses países vêm se esforçando para reduzir as rivalidades, então não se pode dizer que antes disso o comércio entre eles já era muito intenso. Alternativa “b”, errada: as rivalidades dificultaram e não facilitaram as relações comerciais entre o Brasil e a Argentina. Alternativa “c”, errada: não foram antes de 1985 e sim a partir de 1985. Alternativas “d” e “e”, certas.

76. Escolha o enunciado que contradiz informação do texto abaixo.

Na última terça-feira, fiscais da Receita Federal fizeram uma blitz no Porto de Santos com resultados surpreendentes. Eles apreenderam 122 contêineres com uma carga de 1500 toneladas de mercadoria importada de maneira fraudulenta. Num deles, mochilas chinesas, dessas que a criançada usa na escola, por um preço declarado de 70 centavos de dólar a dúzia — ou 5 centavos a unidade, o que é um valor impraticável mesmo na China. Em outro, que deveria carregar “peças diversas” segundo o documento de importação, acharam uma perua van. No total, os produtos confiscados valem 41 milhões de reais. Essa foi a maior apreensão feita pela Receita Federal em sua história e aponta para um problema que está crescendo à sombra da abertura comercial. Na gíria dos fiscais, ele se chama “importabando”. Nessa operação, o importador malandro declara à Receita um valor muito menor do que realmente pagou por aquilo que está trazendo. O objetivo é recolher menos impostos e concorrer em posição de vantagem com o comerciante que importou de maneira legal.

Não há um cálculo oficial sobre o volume de contrabando, ou de importações com documentação fraudada, que está ingressando no país, mas apenas uma estimativa feita pela Confederação Nacional de Comércio. Ela calcula que, no ano passado, produtos no valor de 15 bilhões de dólares foram importados irregularmente, causando uma perda fiscal de 4 bilhões.

(Roger Ferreira e Leonel Rocha, *Veja*, 21.01.1998, adaptado)

a) Uma parte do problema se deve à falta de fiscais.
b) O aumento e a diversificação das importações são fatores inibidores das fraudes de subfaturamento.
c) A Receita e a Polícia Federal abriram guerra contra a nova fórmula de contrabando.

d) A corrupção é endêmica nos sistemas aduaneiros, e não só no Brasil.
e) Quem perde dinheiro e clientes com a importação fraudulenta é o fabricante brasileiro e o importador que não se desvia da lei.

Resposta: “b”. De acordo com o texto, o aumento das importações e sua diversidade são fatores que aumentam as possibilidades de fraude e subfaturamento.

77. Marque o texto que *não* constitui sequência lógica do texto inicial.

O Brasil, no mundo globalizado, é uma das filiais preferidas da lavanderia internacional de dinheiro sujo, aquele obtido com o comércio ilegal de drogas e armamentos, corrupção, terrorismo, sequestro e outros meios.

a) Atualmente todos esses órgãos estão impedidos de trocar informações entre si devido à lei de sigilo bancário.
b) Não se sabe exatamente o montante de dinheiro legalizado no país, mas é certo que não é pouco.
c) O volume de dinheiro do tráfico de drogas e armas é tão grande que pode causar danos sociais e ameaçar a segurança nacional.
d) Uma boa parte dos supostos US$ 500 bilhões movimentados anualmente pelo crime organizado no mundo emerge na “Lavanderia Brasil” como dinheiro limpo.
e) Para o governo brasileiro, a “Lavanderia Brasil” só poderá ser atacada com eficiência, nove anos depois da adesão do país ao Tratado de Viena, que combate o tráfico de drogas.

(Baseado em *IstoÉ Dinheiro*, 14.01.1998)

Resposta: “a”. Não há, no texto, referencial para o termo “todos esses órgãos” citado na opção a).

78. Marque o período que não constitui sequência lógica e coesa do texto abaixo.

As estatísticas de acidentes de trabalho no Brasil assustam e envergonham. Nos últimos 25 anos, dos 27 milhões de brasileiros acidentados no desempenho de suas atividades profissionais, 107 mil morreram. Atualmente, das 1.080 ocorrências diárias, quinze resultam em morte, cifra superior à verificada no trânsito.

Apesar das reduções registradas nos últimos anos, o número de desastres ainda é elevado e nos confere o 140º lugar no *ranking* mundial. Em 1997, esse triste quadro custou ao País US$ 5,8 bilhões, dos quais 85% (US$ 5,015 bilhões) foram pagos pelas empresas. A situação, portanto, é grave.

A Confederação Nacional da Indústria (CNI) resolveu, por isso, repetir este ano a Campanha de Prevenção de Acidentes no Trabalho, de 1997, a fim de conscientizar os profissionais dos riscos a que estão sujeitos quando não levam em conta cuidados essenciais na execução das tarefas ou dispensam equipamentos que os protegeriam e lhes salvariam a vida.

Dos acidentes, além dos lamentáveis casos fatais, resultam, anualmente, milhares de incapacitações permanentes para o exercício de atividades laborais, com prejuízos econômicos irreparáveis para os indivíduos, as empresas e o País.

(*Correio Braziliense*, 22.07.1998, adaptado)

a) São números inaceitáveis neste final de milênio para um país que tem pressa de ingressar no Primeiro Mundo.

b) O Brasil precisa, com urgência, reverter essas estatísticas.
c) É imprescindível que se elaborem medidas propiciatórias a uma parceria efetiva entre o sistema econômico e as instituições do governo capazes de baixar o número de acidentes a níveis civilizados.
d) A desinformação de ambos contribui para manter altas as cifras das ocorrências de lesões e morte no trabalho.
e) Não há como ignorar, ainda, que, apesar da campanha, estima-se que ocorrerão cerca de 300 mil desastres laborais nos próximos doze meses.

Resposta: "d". Não há, no texto, referencial para o termo "de ambos" citado na opção d).

Leia o texto seguinte para responder à questão 79.

A Lei 9.677, de 2 de julho de 1998, alterou dispositivos do Código Penal, redefinindo os crimes contra a saúde pública. Todos sabemos que essa nova lei derivou da "descoberta" de falsificação e adulteração de medicamentos com requintes de desumanidade. Em alguns casos, venderam-se remédios para a cura ou o controle de doenças gravíssimas, como o câncer, causando, com toda razão, a revolta e a indignação da sociedade e dos consumidores e, o que é pior, a morte de um ainda incerto número de pessoas, lesadas pela avidez e engodo dos responsáveis por tal prática nefasta.

A esses últimos não há como deixar de aplicar os rigores do Direito Penal (ainda que falido), pois quem, ciente de sua conduta, falsifica um remédio para tão grave doença ou o vende a um necessitado consumidor é, na verdade, um homicida, e com similar severidade penal deve ser tratado.

Porém, o que o legislador deixou de fazer — como de costume — foi distinguir situações absolutamente distintas, preferindo, ao contrário, colocar dentro de uma vala comum condutas que apenas no verbo se assemelham.

(Rogério Schietti Machado Cruz, Direito e Justiça, *Correio Braziliense,* 10.08.1998)

79. O texto permite afirmar que o autor

a) acredita que o procedimento legal de alteração do Código Penal, referido no texto, não condiz com a prática tradicional e costumeira dos legisladores.
b) considera a referida alteração dos dispositivos do Código Penal imperfeita, pois iguala e torna equivalentes perante a lei condutas distintas.
c) considera que a prática de falsificação e adulteração de medicamentos distancia-se do crime de homicídio, por ser motivada apenas pela avidez econômica.
d) reconhece que o Direito Penal é satisfatório em seu texto e em sua aplicação para coibir e apenar crimes contra a saúde, prescindindo de alterações.
e) está ciente de que a falsificação e adulteração de medicamentos chegou ao conhecimento do poder público após a alteração do Código Penal.

Resposta: "b". A única inferência possível para o texto é a de que o autor considera a alteração dos dispositivos do Código Penal imperfeita, uma vez que torna iguais as condutas distintas.

80. Marque o item que não liga de maneira coesa e gramaticalmente correta os dois segmentos seguintes do texto:

O relatório das atividades anuais do Tribunal Superior do Trabalho deve constituir objeto de análise pelos integrantes da Justiça do Trabalho, do Congresso Nacional e do Poder Executivo Federal, _____ estimularia a busca de respostas para indagações de relevante interesse socioeconômico.

(Baseado em Almir Pazzianotto Pinto)

a) pois, sintetizando a crise que afeta as relações de trabalho,
b) porquanto, sintetizando a crise que afeta as relações de trabalho,
c) pelo qual, sintetizando a crise que afeta as relações de trabalho,
d) uma vez que, ao apresentar síntese da crise que afeta as relações de trabalho,
e) dado que, ao sintetizar a crise que afeta as relações de trabalho,

Resposta: "c". A frase iniciada na lacuna deve ser uma explicação ou um causa para a oração anterior. Assim deve ser iniciada por uma conjunção explicativa (pois, porquanto) ou causal (uma vez que, dado que). Na opção c), aparece um pronome relativo antecedido de preposição (pelo qual); não há referência antecedente para ele, por isso essa opção não pode ser inserida no texto.

81. Numere os fragmentos, ordenando-os de modo a constituírem um texto coeso e coerente. Assinale, em seguida, a sequência numérica correta.

( ) E logo em seguida prevê e recomenda "políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos".

( ) A Constituição de 1988, que o Governo insiste mais em reformar do que em executar, é expressa na defesa do povo.

( ) No artigo 196, declara que "a saúde é direito de todos e dever do Estado".

( ) Logo, esse tipo de organização de serviços vincula a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios entre si para ação integrada e eficiente.

( ) Se a União tem maior poder de comando e de recursos, fica, por isso mesmo, investida de mais responsabilidade na adoção das providências oportunas.

( ) Em garantia do resguardo desse direito coletivo, o artigo 198 estipula que as ações e serviços públicos de saúde integram uma rede regionalizada e hierarquizada, constituindo um "sistema único".

(Josaphat Marinho, *Correio Braziliense,* 25.08.1998)

a) 1, 3, 5, 4, 2, 6
b) 3, 1, 2, 5, 6, 4
c) 2, 4, 1, 3, 5, 6
d) 4, 2, 6, 1, 3, 5
e) 5, 6, 3, 2, 4, 1

Resposta: "b". Vejamos os elementos coesivos existentes nos segmentos dados:

(?) E logo em seguida,... — esse trecho não pode iniciar o texto, pois afirma "logo em seguida".

(1) A Constituição de 1988, que o Governo insiste mais em reformar do que em executar, é expressa na defesa do povo. — esse trecho pode iniciar o texto, pois traz uma afirmação categórica, sem elemento coesivo de retomada.

(?) No artigo 196, declara que... — esse trecho não pode iniciar o texto, pois traz um sujeito oculto que depende de uma informação antecedente: “declara”.

(?) Se a União tem maior poder... — esse trecho traz uma afirmação vaga que depende de um contato anterior com o texto para que se firme como coerente. Assim, não pode iniciar o texto.

(?) Em garantia do resguardo desse direito coletivo,... — esse trecho não pode iniciar o texto, pois necessita de um referente (anterior) para o termo “desse direito coletivo”.

Dito isso, a única sequência possível, coloca o segundo segmento como inicial do texto: ? 1 ? ? ?.

Texto para as questões 82 e 83.

Polícia

É uma função do Estado que se concretiza em uma instituição de administração positiva e visa pôr em ação as limitações que a lei impõe à liberdade dos indivíduos e dos grupos, para salvaguarda e manutenção da ordem pública, em suas várias manifestações: da segurança das pessoas à segurança da propriedade, da tranquilidade dos agregados humanos à proteção de qualquer outro bem tutelado com disposições penais. Esta definição de Polícia não abrange o sentido que o termo teve no decorrer dos séculos: derivando de um primeiro significado diretamente etimológico de conjunto das instituições necessárias ao funcionamento e à conservação da Cidade-Estado, o termo indicou, na Idade Média, a boa ordem da sociedade civil, da competência das autoridades políticas do Estado, em contraposição à boa ordem moral, do cuidado exclusivo da autoridade religiosa. Na Idade Moderna, seu significado chegou a compreender toda a atividade da administração pública. Este termo voltou a ter um significado mais restrito, quando, no início do século XIX, passou a identificar-se com a atividade tendente a assegurar a defesa da comunidade dos perigos internos. Tais perigos estavam representados nas ações e situações contrárias à ordem pública e à segurança pública. A defesa da ordem pública se exprimia na repressão de todas aquelas manifestações que pudessem desembocar em uma mudança das relações político-econômicas entre as classes sociais, enquanto a segurança pública compreendia a salvaguarda da integridade física da população, nos bens e nas pessoas, contra os inimigos naturais e sociais. Estas duas atividades da polícia são apenas parcialmente distinguíveis do ponto de vista político: na sociedade atual, caracterizada por uma evidente diferenciação de classes, a defesa dos bens da população, que poderia parecer uma atividade destinada à proteção de todo o agregado humano, se reduz à tutela das classes possuidoras de bens que precisam de defesa; quanto à defesa da ordem pública, ela se resume também na defesa de grupos ou classes particulares. A orientação classista da atividade de polícia consentiu, além disso, que normas claramente destinadas à salvaguarda da integridade física da população contra inimigos naturais tenham sido utilizadas com fins repressivos: pensemos, por exemplo, nas normas sobre a funcionalidade dos locais destinados a espetáculos públicos (cinemas, teatros, estádios etc.) e no uso que deles se fez em tempos e países diversos para impedir manifestações ou reuniões antigovernamentais. É nesse sentido que se confirma a definição de Polícia acima apresentada, já que a defesa da segurança pública é, na realidade, uma atividade orientada a consolidar a ordem pública e, consequentemente, o estado das relações de força entre classes e grupos sociais.

(Norberto Bobbio et al. *Dicionário de Política.* Brasília,

Editora da UnB, p. 944-945, 1995, com adaptações)

82. Um dicionário especializado, obra de consulta necessária quando se quer aprofundar os conhecimentos acerca de um assunto, caracteriza-se, primordialmente, por apresentar as informações em linguagem clara, objetiva, sequencialmente coerente e em ordem direta. Considerando a tipologia textual do verbete acima, julgue cada um dos itens que se seguem como certo ou errado.

a) A estrutura do parágrafo acima é de natureza dissertativa, sendo a linguagem predominantemente denotativa.

b) Apesar de estar transcrito em um único bloco formal, o verbete admite uma subdivisão em partes menores, segundo as ideias expostas, conforme indicação a seguir: introdução — apresentação do assunto: definição do termo; desenvolvimento — evolução do sentido do termo, em um enfoque histórico-crítico; conclusão — retomada do tópico inicial: a concepção de polícia.

c) O verbete apresenta uma conceituação atual, de base política, e mostra uma definição etimológica, sem que ocorra qualquer exemplificação nessa parte do texto.

d) No desenvolvimento do significado do termo, em meio a outras abordagens, aparece o confronto entre as esferas de atuação de duas instituições sociais responsáveis pela ordem pública: o Estado e a Igreja.

e) Ao comentarem as duas fundamentais atividades da polícia, os autores do verbete inserem-se no texto, apresentam abonações e expressam julgamentos valorativos quanto aos fatos observados, sem violarem as normas aconselhadas a essa tipologia textual.

Resposta: Alternativa “a”, certa: o texto é temático e não figurativo, por isso dissertativo. No texto dissertativo há o predomínio da linguagem denotativa, real. Alternativa “b”, certa: a divisão apresentada corresponde à clássica partição da dissertação objetiva em introdução (apresentação do tema), desenvolvimento (argumentação sobre o tema) e conclusão (retomada do tema). Alternativa “c”, errada: o texto apresenta uma conceituação histórica e apresenta sim exemplificação, pois isso é um dos recursos argumentativos empregados nas dissertações. Alternativa “d”, certa: em certo ponto do texto, há uma explicação a respeito da atuação do Estado e também da atuação da Igreja. Alternativa “e”, certa: na dissertação objetiva, prevalece a impessoalidade, assim as opiniões devem ser expressas sem conotações subjetivas, persuadindo o leitor acerca das ideias apresentadas. Uma maneira de se fazer isso é usar a 1a pessoa do plural: “pensemos, por exemplo, nas normas”.

83. Para se compreender a abrangência de um verbete, é necessária uma leitura atenta, observando os aspectos que são abordados na explicitação do termo. Evidenciando a leitura compreensiva do texto, quanto à atuação da polícia ao longo dos tempos, julgue cada um dos itens que se seguem como certo ou errado.

a) O texto atribui à atuação policial grande parte da responsabilidade pela diferenciação das classes, na sociedade atual.

b) Ocorrido a partir do século XIX, o gerenciamento das atividades de polícia pelos detentores do poder estatal é o responsável pelos desvios dos objetivos originais da instituição policial, principalmente nas ações antipopulares, historicamente constantes, em várias comunidades do mundo.

c) No texto, fica explícito que não apenas as “classes possuidoras de bens” necessitam da

intervenção policial, quanto à defesa de seus bens, mas todas as camadas da população.

d) Há uma crítica desabonatória à atuação da polícia na sociedade contemporânea, conforme esta é caracterizada no texto, no que tange à ordem pública: “ela se resume também na defesa de grupos ou classes particulares”.

e) A utilização, com fins repressivos, das normas “destinadas à salvaguarda da integridade física da população” é consequência direta da introdução do espírito sindicalista entre os membros da corporação.

Resposta: Alternativa “a”, errada: em nenhum momento o texto afirma ser a polícia a responsável pelas diferenciações atuais das classes. Alternativa “b”, errada: esse trecho extrapola a ideia contida no texto ao afirmar que as ações antipopulares são “historicamente constantes, em várias comunidades do mundo”. Alternativas “c” e “d”, certas. Alternativa “e”, errada: há aqui outra extrapolação, pois o texto não menciona a “introdução do espírito sindicalista entre os membros da corporação”.

Leia o texto seguinte para responder à questão 84.

O saber produzido pelo iluminismo não conduzia à emancipação e sim à técnica e ciência moderna que mantêm com seu objeto uma relação ditatorial. Se Kant ainda podia acreditar que a razão humana permitiria emancipar os homens de seus entraves, auxiliando-os a dominar e controlar a natureza externa e interna, temos de reconhecer hoje que essa razão iluminista foi abortada. A razão que hoje se manifesta na ciência e na técnica é uma razão instrumental, repressiva. Enquanto o mito original se transformava em Iluminismo, a natureza se convertia em cega objetividade. Inicialmente a razão instrumental da ciência e técnica positivista tinha sido parte integrante da razão iluminista, mas no decorrer do tempo ela se autonomizou, voltando-se inclusive contra as suas tendências emancipatórias.

(B. Freitag, *A teoria crítica ontem e hoje*, p. 35, com adaptações)

84. Marque o item que dá continuidade às ideias do texto, de forma coesa e coerente.

a) Por isso, a razão iluminista logrou seu intento ao assumir que os homens, sujeitos da história, dependem apenas de sua coragem e competência para dirigir o próprio destino.

b) A convicção partilhada pelos que acreditam no mito original de que, ao fazer uso da razão, o homem está preparado para iluminar a ciência e a técnica, fortaleceu-se no embate objetivo com o real.

c) Desta forma, a razão converteu-se em uma razão alienada que se desviou do seu objetivo emancipatório original, transformando-se em seu contrário: a razão instrumental, o controle totalitário da natureza e a dominação repressiva.

d) Nesse sentido, o sujeito abstrato da história, o iluminismo em todo seu apogeu, passou a acreditar em uma outra forma de razão emancipatória: aquela que converte a natureza externa em interna.

e) É, assim, pela razão instrumental proposta pelo iluminismo que a ciência e a técnica convertem-se em instrumento emancipatório do homem para, não só domesticar a natureza, mas também servir de libertação moral.

Resposta: “c”. Esta opção representa uma retomada à frase síntese do parágrafo (“O saber produzido pelo iluminismo não conduzia à emancipação e sim à técnica e ciência moderna que mantêm com seu objeto uma relação ditatorial.”), por isso pode ser colocada ao final dele, como uma conclusão. Note-se que em todas as outras há problema com a concatenação de

ideias entre o que se diz no texto e o que se afirma em cada uma delas.

85. Indique a afirmação que *não* está de acordo com as ideias do seguinte trecho do texto:

Se Kant ainda podia acreditar que a razão humana permitiria emancipar os homens de seus entraves, auxiliando-os a dominar e controlar a natureza externa e interna, temos que reconhecer hoje que essa razão iluminista foi abortada.

a) A razão iluminista, embora tenha sido adotada por Kant, fracassou.
b) A razão humana, sob a perspectiva iluminista, permitiria que os homens se emancipassem de seus entraves.
c) Kant acreditava em um determinado valor da razão humana.
d) Reconhecemos o fracasso da razão iluminista porque Kant desacreditou da emancipação dos homens.
e) Quando os homens se emancipam de seus entraves podem dominar e controlar a natureza externa e interna, segundo a razão iluminista.

Resposta: "d". Essa opção contraria o texto ao afirmar que "Kant desacreditou da emancipação dos homens."

86. Assinale o item que *não* preenche a lacuna do texto com coesão e coerência.

Os historiadores dizem que a troca de e-mails, o download de fotos dos amigos ou as reservas para as férias feitas pelo computador talvez sejam divertidos, _____ a Internet não pode ser comparada a inovações como a invenção da imprensa, o motor a vapor ou a eletricidade.

(Adaptado de *Negócios Exame*, p. 94)

a) contudo
b) no entanto
c) entretanto
d) todavia
e) porquanto

Resposta: "e". Porquanto é conjunção explicativa. Contudo, no entanto, entretanto e todavia são conjunções adversativas. Ora, se quatro são sinônimas entre si, a única "diferente" é a única que não pode ser inserida no trecho.

87. Indique a sequência que preenche corretamente as lacunas.

A Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco) estima que há 880 milhões de analfabetos adultos e 115 milhões de jovens em idade escolar fora da escola, entre a população mundial. A Unesco, _____, não divulgou os números para cada país pesquisado. Em setembro do ano passado, o Ministério da Educação divulgou os dados mais recentes sobre o Brasil, _____ 14,7% da população entre 14 e 49 anos de idade continua analfabeta. Houve uma grande redução do problema, _____, há 20 anos, mais de 30% da população naquela faixa etária não sabia ler e escrever.

O Ministério relacionou a queda dos índices de analfabetismo com o aumento da escolaridade: em 1980, apenas 49% das crianças entre 7 e 14 anos estavam na escola, percentual que subiu para 96% no ano passado. O Brasil reduziu pela metade o percentual de analfabetos na

população, _____ dobrou o número de crianças em idade escolar nas salas de aula. Esse avanço é relevante, _____ a simples alfabetização já não é mais suficiente para a conquista de emprego num mercado de trabalho competitivo.

(*O Estado de S. Paulo*, Notas e Informações, 22.04.2000, p. A3)

a) porém, onde, pois, porque, contudo
b) entretanto, apesar de, já que, por que, mas
c) apesar de, entretanto, pois, por que, mas
d) no entanto, onde, apesar de, já que, por que
e) pois, porque, apesar de, já que, entretanto

Resposta: "a". Para resolver essa questão devemos observar as relações existentes entres as orações dos períodos do texto, para assim decidirmos sobre uma ou outra conjunção ou pronome. A segunda lacuna ajuda muito a resolver a questão: note-se que precisamos de uma palavra que retome a ideia "Brasil" — uma localidade. As opções a) e d) trazem o pronome relativo "onde" — que se refere a uma localidade. Assim eliminamos as outras três. Na terceira lacuna precisamos de uma expressão explicativa ("pois") que aparece na letra a); e com isso resolvemos a questão.

88. Julgue se os itens seguintes apresentam relações de sentido que correspondem à estrutura semântica dada pela fórmula genérica abaixo, em que X é uma estrutura linguística que expressa condição ou concessão, e Y é uma estrutura linguística afirmativa.

X, não Y.

a) Apesar da proteção da justiça e do Estado, não parece que a resolução dos conflitos se desvie do âmbito privado.
b) Embora a nossa concepção de violência tenha sido ampliada, não é possível afirmar que nossa sensibilidade e tolerância em relação a ela estejam igualmente distribuídas.
c) Se alguns autores propõem que estamos vivendo um movimento de pacificação progressiva da vida em sociedade, não estão afirmando que esse processo seja fácil.
d) Não devemos pensar na pacificação da sociedade de forma isolada, mas sim dentro de um conceito mais geral das transformações econômicas que afetam o mundo.
e) Violência, direitos, justiça e o papel do Estado, se analisados como problemas fundamentais, estão dentro do quadro das transformações ocorridas, não só econômicas como também políticas.

Resposta: O enunciado é bastante claro: a primeira frase (X) deve se condicional ou concessiva, e a segunda frase (Y) deve ser afirmativa. E, "a pegadinha", entre elas deve aparecer a palavra "Não" (X, não Y):

a) Apesar da... (concessiva) + NÃO + parece que... (afirmativa) — atende à solicitação do enunciado.

b) Embora... (concessiva) + NÃO + é possível... (afirmativa) — atende à solicitação do enunciado.

c) Se... (condicional) + NÃO + estão afirmando (afirmativa) — atende à solicitação do enunciado.

d) Não devemos pensar... (não é condicional nem concessiva) — já está em desacordo com a

solicitação do enunciado.

e) Violência, direitos, justiça... (não é condicional nem concessiva) — já está em desacordo com a solicitação do enunciado.

Textos para a questão 89.

Fragmento A

O processo de ampliação dos direitos e de pacificação social não é neutro, nem é o caminho natural de evolução em todas as sociedades. Em geral, é fruto de um processo político, resultado de muitos conflitos e negociações. Nele se confrontam, nos diferentes períodos históricos e nas diferentes sociedades, grupos diversos — alguns mais representativos da maioria dos membros de uma sociedade, outros menos —, defendendo suas ideias e seus interesses a respeito de como organizar a sociedade.

(Andréa Buoro et al. *Violência urbana* — dilemas e desafios.

São Paulo: Atual, 1999, p. 17, com adaptações)

Fragmento B

IstoÉ — Estamos às portas da Terceira Guerra Mundial?

Clóvis Brigagão — Acho que uma nova guerra se estabeleceu, que é um confronto entre grupos terroristas e o Estado. Não é uma guerra clássica, não é uma guerra de guerrilha ou de longa duração, mas um confronto de ataques tópicos, uma espécie de acupuntura. Enquanto os poderosos americanos são visíveis, os inimigos são invisíveis, utilizam ataques de surpresa que põem o sistema internacional e a convivência humana em perigo. Isso já existe no Oriente Médio, onde Israel enfrenta os palestinos. Não é Estado contra Estado, mas Estado contra o terrorismo. Esse modelo de conflito se tornou um novo fator de desequilíbrio mundial. Pode inclusive estabelecer uma nova espiral armamentista não convencional.

(*IstoÉ,* n. 1.668, 19.09.2001, p. 10, com adaptações)

89. Julgue os itens abaixo, com o auxílio dos dois fragmentos do texto.

a) Da leitura dos dois fragmentos, infere-se que guerras e conflitos não respeitam fronteiras estatais.

b) O fragmento A mostra que muitos avanços sociais causam conflitos, e mesmo guerras.

Resposta: Alternativa “a”, errada: os fragmentos não falam de guerras entre nações, mas de outro tipo de guerra. Alternativa “b”, certa.

Texto para a questão 90.

Uma ideia muito difundida atualmente é a associação da violência à pobreza. Justificando ou acusando, acredita-se que são as pessoas mais pobres que praticam os crimes, elas são os suspeitos em potencial. Tal associação revela a concepção de criminalidade e os mecanismos de criminalização presentes na nossa sociedade. É esse o assunto que vamos discutir agora.

Na verdade, a associação entre pobreza, violência e criminalidade já existe há algum tempo na história, pois decorre de uma das primeiras consequências do desenvolvimento do capitalismo nas sociedades ocidentais modernas: expulsão do campo de milhares de pessoas sem trabalho, que migraram para as cidades. Rapidamente, o modo de vida urbano passou a ser associado ao perigo, às epidemias, à promiscuidade, à agressão e à criminalidade.

(Andréa Buoro et al. *Violência urbana* — dilemas e desafios. São Paulo: Atual, 1999, p. 22)

90. Julgue os itens abaixo, com respeito às relações de causa e consequência presentes no texto.

a) A expulsão de pessoas do campo é uma decorrência da violência e da criminalidade que o capitalismo produz.

b) A associação entre a pobreza e a criminalidade tem como consequência o capitalismo nas sociedades modernas.

c) A migração para as cidades grandes é consequência da violência e da criminalidade no campo.

d) O fato de milhares de pessoas terem sido expulsas do campo sem trabalho é uma decorrência do desenvolvimento do capitalismo em sociedades do ocidente.

e) Em consequência da migração de pessoas sem trabalho do campo para a cidade, o perigo, as epidemias, a promiscuidade, a agressão e a criminalidade foram associados à vida urbana.

f) No primeiro período do texto, a expressão "da violência à pobreza" pode ser substituída, sem prejuízo para a coerência do texto e para a correção gramatical, por qualquer uma das seguintes construções: da violência com a pobreza; de violência com pobreza; entre a violência e a pobreza; entre violência e pobreza.

Resposta: Alternativa "a", errada: a ideia é justamente o contrário, pois a violência e a criminalidade decorrem da expulsão de pessoas do campo. Alternativa "b", errada: não há no texto nada que prove que a pobreza e a criminalidade sejam decorrentes do capitalismo. Alternativa "c", errada: essa opção afirma a mesma coisa que a opção a); então novamente o contrário — a violência e a criminalidade é que decorrem da migração para a cidade. Alternativas "d", "e" e "f", certas.

Texto para a questão 91.

Pode parecer exagero, mas 2001 será o ano que não vai acabar. Daqui a muitas décadas, os livros vão registrar o dia 11 de setembro como uma das páginas mais importantes da história da civilização. Não apenas pelas mortes, pelo espetacular ataque usando uma arma inusitada, mas, principalmente, pelo fato de Osama Bin Laden ter provocado a ira do Império. O ato terrorista contra as torres gêmeas não foi apenas insano. Ele provocou um retrocesso nas liberdades civis, implantou o medo em escala planetária, levou ao acirramento da convivência possível no Oriente Médio, fortaleceu a extrema direita belicista. Muitos outros fatos aconteceram em 2001, mas nada, nem de longe, será um marco para a humanidade como os aviões se chocando, ao vivo pela televisão, com o símbolo da pujança americana.

(*IstoÉ*, n. 1.682, 26.12.2001, p. 33, com adaptações)

91. Com o auxílio do texto, julgue os itens seguintes.

a) Depreende-se do texto que o "11 de setembro" está relacionado aos inusitados atos terroristas contra os EUA, quando aeronaves sequestradas atingiram alvos significativos — em termos estratégicos, de defesa e das finanças — do poder norte-americano.

b) A palavra "acirramento", no sentido que lhe foi dado pelo texto, significa recrudescimento.

Resposta: Alternativas "a" e "b", certas.

Texto para as questões 92 e 93.

Inflação em baixa com queda do dólar

A queda do dólar desde o final de outubro de 2001 já fez a dívida pública recuar 2,4 pontos percentuais do PIB, calcula o economista Odair Abate, do Lloyds TSB. Considerando a cotação da moeda americana de ontem, abaixo da média do ano, a dívida pública cairia abaixo de 54% do PIB, patamar em que o governo pretendia estabilizá-la. No fechamento de outubro, o dólar valia R$ 2,78. Ontem, estava em R$ 2,33. Foi a menor cotação desde o fim de junho, abaixo da média do ano, que foi de R$ 2,349.

O efeito positivo sobre a dívida pública e sobre a inflação, aparentemente, tem sido o motivo de o Banco Central do Brasil (BACEN) deixar o fluxo de recursos derrubar a cotação sem nenhuma interferência. Ontem, continuou a venda dos US$ 50 milhões diários, assim como a rolagem de papéis cambiais.

A primeira prévia do IGP-M de dezembro confirmou o impacto positivo sobre a inflação, com índice de 0,16%, bem abaixo dos 0,78% do primeiro decêndio de novembro. Para Abate, o índice ficou abaixo do esperado, observando que o Índice de Preços no Atacado (IPA) registrou deflação de 0,7%. Curiosamente, a pesquisa de expectativas do BACEN mostrou piora nas previsões de inflação. “Observando as previsões dos Top 5 — instituições com maior porcentagem de acerto das previsões de acordo com o BACEN —, as expectativas de inflação para 2002 caem ou ficam estáveis”, destacou Abate.

Alguns analistas acreditam que, além dos efeitos positivos sobre contas públicas e preços, outra razão para que o BACEN esteja longe de iniciativas para conter a queda do dólar — e até contribuindo para sua queda — seja a criação de uma “reserva anticrise”, uma folga que pode ser consumida se a Argentina desembocar mesmo em uma moratória e provocar nervosismo no mercado.

A consequência negativa deve ser o efeito sobre a balança comercial, ainda não muito bem dimensionado pelo mercado. Por enquanto, os bancos mantêm a expectativa de saldo positivo em torno de US$ 4,5 bilhões em 2002, mas devem reduzir suas previsões se o dólar continuar a cair. A média das previsões colhidas pelo BACEN nesta semana subiu de US$ 4,75 bilhões para US$ 4,8 bilhões. “É cedo para dizer se esse nível de câmbio é sustentável. O mais provável, dado o déficit em conta corrente, é que a taxa volte para níveis de R$ 2,50”, afirma Marcelo Audi, da Merrill Lynch. O Lloyds ainda não revisou a expectativa de superávit da balança comercial para o próximo ano, porque a taxa está mudando muito rapidamente. “Vamos esperar mais um pouco antes de mudar as previsões”. A rapidez da queda de câmbio provocou desde outubro sucessivas revisões nas previsões dos bancos. A desvalorização do real no ano, que já chegou a superar 42%, ontem estava em 19%.

(Tatiana Bautzer. Disponível em: <http://www.valor.com.br/valoreconomico/materia>.

Acesso em: 11 dez. 2001, com adaptações)

92. Considerando as informações do texto, julgue os itens subsequentes.

a) Os efeitos da desvalorização do dólar ante o real encarecem os produtos brasileiros no exterior, podendo provocar consequências negativas sobre a balança comercial.

b) Como o câmbio denota uma relação de valor entre os preços dos produtos nacionais e os internacionais, a apreciação do real deverá elevar os índices de inflação nos próximos

meses.

c) A redução do percentual expresso pela relação entre a dívida pública e o produto interno bruto é vista como um sinal negativo pelos investidores externos, uma vez que demonstra menor capacidade de captação por parte do Brasil.

d) Devido ao caráter temporal estabelecido, analisando-se a evolução da cotação do dólar ao longo de 2001, o texto entrelaça aspectos narrativos, expositivos e argumentativos.

e) O uso do futuro do pretérito no segundo período do primeiro parágrafo reforça uma ideia de possibilidade.

Resposta: Alternativa “a”, certa. Alternativa “b”, errada: pois o texto não fala da relação entre preços de produtos nacionais e preços de produtos internacionais. Alternativa “c”, errada: a redução é vista pelos investidores com cautela e não como sinal negativo. Alternativas “d” e “e”, certas.

93. Considerando o texto, julgue os seguintes itens.

a) A criação, pelo BACEN, de uma reserva de dólares, para o caso de a “Argentina desembocar mesmo em uma moratória”, configurou-se como uma medida precipitada, uma vez que, apesar das dificuldades políticas e financeiras enfrentadas, a Argentina tem honrado seus compromissos com os credores internacionais.

b) O segundo período do segundo parágrafo do texto fica corretamente reescrito da seguinte forma: A rolagem de papéis cambiais continuou ontem, assim como a venda dos cinquenta milhões de dólares diários.

c) No último período do terceiro parágrafo do texto, a autora faz a sua previsão para a inflação em 2002: queda ou estabilidade.

d) Segundo o último parágrafo do texto, a média das previsões colhidas pelo BACEN de US$ 4,8 bilhões já representa uma consequência negativa da subida do dólar sobre a balança comercial.

Resposta: Alternativa “a”, errada: essa opção afirma que o BACEN criou uma reserva, mas o texto diz apenas “seja a criação de uma ‘reserva’ anticrise”, isso é, no texto há apenas a hipótese de se criar a reserva, não que ela já esteja criada. Alternativa “b”, certa. Alternativa “c”, errada: a previsão não é da autora do texto e sim da autoridade que ela cita, por isso o trecho aparece entre aspas. Alternativa “d”, errada: pois o teto afirma que “É cedo para dizer se esse nível de câmbio é sustentável.”

Texto para as questões 94 e 95.

A normalização e a codificação da norma

Seria inadequado, aqui, discutir conceitos como os de língua, sistema, norma, subnorma, subsistema, dialetos. Mas devemos ater-nos ao fato de que os indivíduos falantes e escreventes no geral automatizam o sistema relativamente cedo (pelos treze-quinze anos), vale dizer, não têm consciência de seu uso e não entendem o seu não uso. Mas a norma, que emerge dos usos do sistema no que eles tenham de mais frequente, em se tratando de uma língua culta, quer dizer, com tradição-transmissão escrita, de tal modo que nos seus escritos passados o passado esteja presente no presente, a norma culta pede estudo do passado para poder estar presente e ser usada no presente. Assim, pois, não parece que se deve lutar contra a norma comum culta de uma língua comum de cultura. Haveria, apenas, que contrarregrar o que há realmente como normal para o âmbito do português como um todo; o

que há realmente como normal para cada variedade nacional do português (duas das quais, neste momento da história, perfeitamente caracterizáveis, a norma nacional portuguesa, a norma nacional brasileira). Porque, de fato, os impedimentos, na linguagem oficial, para que se possa atingir essa norma destituída de cerebrinices e bizantinices são de vária natureza:

I. a normalização oferecida pelas nossas gramáticas correntes tem vergonha de encampar como realidades cultas normais uma quantidade de práticas e pragmáticas linguageiras universalizadas entre nós, fatos esses cuja não observância constitui um ato de força permanente do escritor oficial ou usuário da linguagem oficial contra si mesmo;

II. a normalização oferecida pelas nossas gramáticas, ademais de suas cerebrinices ou bizantinices, é uma normalização "culta", isto é, que encerra passado no presente, encerrando assim mais de uma potencialidade "regular"; seu aprendizado não é nem pode ser espontâneo (como o da língua falada no nível do vernáculo — a que é aprendida em casa e de uso em casa para os fins de casa), impondo-se seu estudo atento e cuidado por longos anos e a manutenção do conquistado por mais longos anos, já então como que espontâneo "de segunda natureza", a valer tanto quanto a primeira natureza que, no indivíduo, em não mais havendo, não se sabe como ora seria: o adquirido como segunda natureza pode funcionar — e na imensa maioria dos casos funciona — como "espontâneo" por ter sido (vá lá o termo) automatizado;

III. a normalização oferecida, mesmo despojada de cerebrinices, não está tendo ensino institucionalizado à altura das necessidades sociais — e isso parece claramente espelhar-se na forma porque, na modernidade, a linguagem oficial se vem alterando, perdendo a clareza das articulações mesmo convencionais ou tradicionais, obscurecendo-se no uso aparentemente personalizado da pontuação, vacilando na ortografia, fazendo-se difusa na semântica, não sabendo evitar as ambiguidades — e quanto mais se poderia dizer.

Na verdade, esses aspectos são passíveis de correção em âmbito nacional, desde que a sociedade, através do Estado ou de comissionados pelo Estado, gere instrumentos consabidos — vocabulários ortográficos, onomásticos, terminológicos, dicionário de autoridades para o cerne do léxico oficial [50 mil palavras — das 400 mil averbáveis (de fato averbadas no *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*, da Academia Brasileira de Letras) —, com o máximo de conexões possíveis, sinonímicas, antonímicas, paronímicas, ideológico-analógicas, etc. etc. etc.], uma gramática explícita quanto às inovações ou manutenções brasileiras universalizadas em nível culto e — sobretudo, sobretudo — um magistério qualificado em sua formação e não degradado no exercício de sua profissão, graças ao que os alunos pudessem, durante dez-catorze anos, ter duas horas, em cada um de cinco dias úteis da semana, de estudo, leitura, redação que transformassem a angústia presente, de uma assimilação mecânica, em convívio criativo com a língua — essa marca de humanidade e humanização que é a própria língua.

(Antonio Houaiss)

94. De acordo com o texto, várias condições são necessárias para se atingir o português como língua de cultura. O que constitui real impedimento para a consecução da norma culta do português é:

a) o reconhecimento de variantes nacionais da língua portuguesa.
b) a intensificação qualitativa e quantitativa do ensino da norma culta.

c) o abandono de regras cerebrinas e bizantinas no ensino da língua oficial.
d) a aceitação de variantes, desde que normais, na depreensão da norma culta.
e) a valorização dos falares regionais das duas principais nações de língua portuguesa.

Resposta: “e”. O autor afirma, no 1º parágrafo: “o que há como realmente normal para cada variedade nacional do português (duas das quais, neste momento da história, perfeitamente caracterizáveis, a norma nacional portuguesa, a norma nacional brasileira).”Ou seja, isso não constitui impedimento. O impedimento é justamente a valorização dos falares regionais “internos” dessas duas principais nações de língua portuguesa.

95. No tocante ao aprendizado da língua portuguesa, a afirmação que está em *desacordo* com o texto é:

a) O aprendizado do português falado, como língua transmitida, deve ser espontâneo.
b) O estudo da norma culta e a sua manutenção devem ser feitos ao longo de muitos anos.
c) O estudo da gramática, visando à aquisição da norma culta, deve ter prioridade sobre o estudo de outros aspectos da língua.
d) A linguagem oficial vem se apresentando, ultimamente, com muitas deficiências, uma vez que o ensino institucionalizado da língua não tem estado à altura das necessidades sociais.
e) As deficiências da linguagem oficial são passíveis de correção, mesmo no âmbito nacional, mediante instrumentos adequados, tais como vocabulários específicos, uma gramática modernizada do uso culto e sobretudo um magistério qualificado.

Resposta: “c”. O autor afirma ser importante o aprendizado da norma culta, mas que isso não “deve lutar contra a norma comum culta de uma língua comum de cultura.” Isso quer dizer que há possibilidade de se aceitar aquilo que há de comum na cultura popular.

As questões 96 a 98 referem-se ao texto abaixo.

É fato sabido há séculos que o desenvolvimento econômico está intimamente ligado ao crescimento da produtividade. O nó da questão são os fatores que determinam o aumento da produtividade. Há até duas décadas, a discussão se concentrava em apenas quatro pontos: estoque de capital físico por trabalhador; conhecimento tecnológico; grau de adestramento da mão de obra; e economias de escala. Nos últimos anos, vários outros fatores vêm-se associando à determinação da produtividade: o funcionamento do sistema de preços; a estabilidade da moeda; a estabilidade das regras econômicas; o nível de educação geral e moral da população; o sistema tributário; o funcionamento do mercado de capitais; a capacidade de competição internacional; e a cultura da empresa.

A razão para esse aprofundamento do conceito de produtividade resulta de uma observação simples segundo a qual, numa sociedade marcada pela extensa divisão do trabalho, a produtividade não pode ser medida apenas pelo ângulo do fabricante, disposto a obter o produto com o mínimo possível de recursos. Ela precisa ser vista também pela ótica do consumidor, que deve desejar esse produto. Ou seja, as produtividades setoriais precisam ser coordenadas para que se convertam em produtividade global. Isso obriga a sociedade a destacar de sua força de trabalho um elenco de fiscais de produtividade. Não lhes cabe produzir nada, a não ser obrigar os outros a produzir. Assim, conseguir essa fiscalização com o mínimo de fiscais é essencial para a determinação da produtividade.

(Mário Henrique Simonsen)

96. O título que melhor se adequaria ao texto é:

a) Produtividade é o que importa.
b) Economia do susto.
c) Inventário da década perdida.
d) Tecnologia força o liberalismo.
e) Liberar o comércio exige coragem.

Resposta: “a”. “Produtividade é o que importa.” — Percebe-se isso lendo a frase síntese do primeiro parágrafo: “É fato sabido há séculos que o desenvolvimento econômico está intimamente ligado ao crescimento da produtividade.”

97. De acordo com o ponto de vista defendido no texto, os quatro fatores que há 20 anos determinavam o crescimento da produtividade ligavam-se

a) às necessidades pouco sofisticadas de consumo do público.
b) às expectativas de obtenção de lucro do fabricante.
c) a um desejo do consumidor: a compra de novas tecnologias.
d) à presença crescente de fiscais nas empresas.
e) ao maior impulso no desenvolvimento econômico.

Resposta: “b”. Comprova-se essa afirmação pelo segundo parágrafo: “... a produtividade não pode ser medida apenas pelo ângulo do fabricante, disposto a obter o produto com o mínimo possível de recursos.”

98. Segundo o que se afirma no texto, o surgimento dos fiscais

a) é uma necessidade, dada a extrema insegurança econômica dos tempos modernos.
b) liga-se ao advento de uma economia que visa à obtenção de lucros cada vez maiores.
c) é uma imposição do atual sistema tributário brasileiro às empresas.
d) relaciona-se à introdução de uma nova filosofia empresarial: a maior divisão do trabalho.
e) resulta da necessidade de coordenar a produtividade setorial para que gere a produtividade global.

Resposta: “e”. Os fiscais surgem não para produzir, mas para “obrigar os outros a produzir.” Isto que dizer que o surgimento dos fiscais “e) resulta da necessidade de coordenar a produtividade setorial para que se gere a produtividade global.”

Leia o texto abaixo para responder às questões de número 99 a 101.

O carnaval de Jandira

Ela irá ao carnaval. É indispensável que vá; que passe três dias dentro da indumentária abafada, e que, apesar de já não ser criança, obrigue sua corpulência às evoluções e às marchas forçadas que seriam capazes de derrear um fuzileiro naval. Mas irá; tem de ir; não pode deixar de ir.

Ora, eu não creio que seja simplesmente a atração do folguedo, como dizem, que incita a sisuda Jandira a trocar, durante três dias, a caçarola pelo pandeiro. Seus motivos são mais profundos. Em primeiro lugar, devemos considerar o justo sentimento de direito à extravagância, que no ambiente acanhado da cozinha não encontra oportunidades e espectadores. Todos nós temos um pouco de poeta, de doido e de palhaço. Ora, Jandira vestida de cossaco realizará uma síntese dessas três vocações universais, o que não deixa de ser um apreciável resultado.

Mas o motivo principal, creio eu, é de outra ordem. Jandira, como todos nós, precisa achar apoio exterior para se livrar de suas angústias metafísicas. Precisa fugir do nada. Precisa sentir que existe. E para isto não há nada melhor do que a gente se inserir no coletivo, num conjunto que nos escore, num grupo que nos engrosse a espessura do ser.

Indo ao carnaval, Jandira estará solidamente inserida. Os outros pandeiros, as outras fantasias virão reforçar a casca, a crosta de sua personalidade. Não indo, ainda que folguem as pernas, ela se sentiria excomungada; e até pior, desencarnada. Ora, ninguém quer ser fantasma; logo, é preciso inserir-se na grande sinfonia dos corpos. Andar, dançar, fazer em suma o que todo mundo faz.

Além disso, cumpre notar que Jandira, como o viajante de que fala Pascal, que só viaja para capitalizar assunto, quer também conquistar o direito de dizer que foi, que andou, que dançou.

O importante, na vida, é estar presente; e depois é ter o direito de explorar essa simultaneidade e essa concomitância do corpo. O homem precisa mais de assunto do que de pão. E como as mais irrespiráveis abstrações têm sempre raiz no que se vê e no que se ouve, é preciso de tempos em tempos ir esfregar o eu-dormente nas boas coisas que acontecem, para evitar as câimbras da alma.

Um incêndio é uma calamidade; mas ter visto um incêndio é uma satisfação. O Homem-que-viu-o-incêndio é um homem que desfruta um prestígio acalentador, embora efêmero. Hão de ouvi-lo. Nas rodas em que os outros estiverem discutindo a lamentável combustão, o homem-que-viu-o-incêndio fala de cadeira para um inferiorizado auditório que apenas soube da notícia, ou viu a fotografia, e que não tem outras alternativas além das conjecturas ou das ideias universais sobre bombeiros e edifícios em chamas. Ele não: inserido no fato, ele saboreia o concreto, o prêmio tirado na loteria dos acontecimentos.

É por esses motivos transcendentais, creio eu, que a minha austera cozinheira está costurando sua blusa de cossaco com o mesmo sorriso das noivas.

(Gustavo Corção, *Lições de Abismo*)

99. A frase que melhor se aplica, ao mesmo tempo, aos três tipos focalizados no texto é:

a) Para não ser fantasma, a gente precisa inserir-se na grande sinfonia dos corpos.
b) Todos nós temos um pouco de poeta, de doido e de palhaço.
c) O importante na vida é estar presente, para depois ter o direito de explorar essa presença.
d) O homem só viaja porque precisa capitalizar assunto para suas conversas.
e) Um incêndio é uma calamidade; mas ter visto um incêndio é uma satisfação.

Resposta: “c”. De acordo com o texto, é preciso estar presente, pois assim se fala da “coisa” com mais autoridade.

100. Ter visto um incêndio é uma satisfação porque o homem-que-viu-o-incêndio:

a) sente-o como uma manifestação do belo.
b) considera-o uma calamidade.
c) goza de um prestígio permanente.
d) fala de cadeira.
e) satisfaz seus instintos de crueldade.

Resposta: “d”. “Fala de cadeira”, é o que confirma justamente a questão anterior: estar presente é importante para que você possa se tornar uma autoridade naquilo que diz.

101. Para evitar as câimbras da alma, o homem tem necessidade:

a) de estar presente.
b) de ler Pascal.
c) de fazer abstrações.
d) de manter o eu-dormente.
e) de evitar a agitação da vida.

Resposta: “a”. O texto gira em torno justamente “de estar presente”, ser participativo, não deixar simplesmente a vida acontecer.

102. Leia os fragmentos abaixo:

1. Então é preciso comprar-lhe mais alguns livros? O que V.Sa. vir que...

2. Essas conjeturas, porém, não ofereciam solução que o satisfizesse, e, muito razoavelmente, acabou o homem por se decidir a esperá-lo do entretenimento que não podia tardar.

3. Finalmente achou-se de todo só e pôs-se de mãos nos bolsos, a passear no adro. No entretanto ia fazendo as suas conjeturas sobre os motivos que levariam o reitor a mandá-lo esperar e sobre a natureza da conversação que ia ter com ele.

4. Está à vontade, José, está à vontade. Ora ... nós temos que falar a respeito do teu pequeno.

5. De fato não tardou. O reitor saiu finalmente da sacristia, e dirigiu-se imediatamente para José das Dornas, que se descobriu ao avistá-lo.

Colocando os parágrafos acima numa ordem adequada, de tal forma que o texto fique coerente, teremos:

a) 3 — 5 — 2 — 4 — 1
b) 2 — 5 — 4 — 3 — 1
c) 3 — 2 — 5 — 4 — 1
d) 5 — 4 — 1 — 3 — 2
e) 5 — 4 — 2 — 1 — 3

Resposta: “c”. Para resolver essa questão devemos observar as ligações lógicas entre as frases que compõem o texto, ou seja, os conectivos, os operadores lógicos, os elementos coesivos, para assim percebermos a coerência. Vejamos as ligações: 3. Finalmente achou-se de todo só e pôs-se de mãos nos bolsos, a passear no adro. No entretanto ia fazendo as suas conjeturas sobre os motivos que levariam o reitor a mandá-lo esperar e sobre a natureza da conversação que ia ter com ele. 2. Essas conjeturas, porém, não ofereciam solução que o satisfizesse, e, muito razoavelmente, acabou o homem por se decidir a esperá-lo do entretenimento que não podia tardar. 5. De fato não tardou. O reitor saiu finalmente da sacristia, e dirigiu-se imediatamente para José das Dornas, que se descobriu ao avistá-lo. 4. Está à vontade, José, está à vontade. Ora ... nós temos que falar a respeito do teu pequeno. 1. Então é preciso comprar-lhe mais alguns livros? O que V.Sa. vir que... As expressões marcadas em negrito revelam a progressão textual.

Leia o texto abaixo para responder à questão 103.

A rigor, se cometêssemos para com a publicidade o ingênuo extremismo de acreditar plenamente no seu discurso, teríamos à nossa frente a mais desvairada das utopias. A sua eficiência, elevada ao absoluto, consistiria em fazer com que o consumidor, ao consumir um produto, incorporasse à sua percepção sensorial um deleite sublime, um estado nirvânico, um gozo celestial.

A se ressalvar e a se ressaltar, porém, a defasagem entre a promessa publicitária e o real preenchimento proporcionado pelos bens de consumo, conclui-se tristemente que o saldo é bastante negativo: a felicidade prometida é muito fugaz e o retorno ao abismo da lacuna primordial — da consciência da finitude — é ainda maior, uma vez que a busca do sublime esteve exacerbada por estímulos fantasiosos. Cada vez que o paraíso é prometido, representa-se (ritualiza-se) o drama do retorno. Cada vez que esse retorno é frustrado, dramatiza-se, outra vez, o mito da queda. A promessa de preenchimento dá lugar ao vazio. Existência e angústia retornam à sua condição de paralelismo. Compreende-se então o quanto a retórica publicitária é irreal, sublimadora. E uma leitura literalizante desse discurso delirante, coloca-se de imediato lidando com a elaboração profundamente onírica. Literalmente, a publicidade é uma fábrica de sonho.

(Luís Martins)

103. Todas as deduções abaixo são possíveis, exceto:

a) Interpretar literalmente o discurso publicitário é uma atitude ingênua.
b) A publicidade elabora um cenário onírico para os objetos da sociedade industrial.
c) O discurso publicitário é formulado com mensagens que se sustentam no princípio do prazer.
d) A felicidade prometida nas propagandas dá ao homem a consciência de sua finitude.
e) Está incorporado à publicidade o componente mítico de retorno ao paraíso.

Resposta: “d”. O texto afirma que, pela propaganda, o homem é o todo-poderoso, ou seja, um ser infinito, e não como afirma a opção d) “... consciência da sua finitude.”

Leia o texto e responda à questão 104.

O caboclo mal-encarado que encontrei um dia em casa do Mendonça também se acabou em desgraça. Uma limpeza. Essa gente quase nunca morre direito. Uns são levados pela cobra, outros pela cachaça, outros matam-se.

Na pedreira também perdi um. A alavanca soltou-se da pedra, bateu-lhe no peito, e foi a conta. Deixou viúva e órfãos miúdos. Sumiram-se: um dos meninos caiu no fogo, as lombrigas comeram o segundo, o último teve angina e a mulher enforcou-se.

(Graciliano Ramos)

104. Em referência ao texto lido, podemos afirmar apenas que:

a) se acabou, limpeza, são levados e sumiram-se são expressões que, no texto, se associam à ideia de morte.
b) a expressão quase nunca morre direito reforça a ideia de morte natural.
c) a expressão bateu-lhe no peito tem o mesmo sentido de “Ele bateu no próprio peito”.
d) no texto cobra e lombrigas são palavras sinônimas.

e) no segundo parágrafo relata-se o que aconteceu ao caboclo mal-encarado, citado no primeiro parágrafo, e à sua família.

Resposta: “a”. Notemos que todas as expressões retiradas do texto têm, sim, ligação com a ideia de morte: “se acabou”, “limpeza”, são levados” e “sumiram-se”. Vejamos o erro das outras: b) “quase nunca morre direito” é uma ideia de morte antinatural; c) no texto, “a alavanca soltou-se da pedra, bateu-lhe no peito”, ou seja, não foi ele que bateu no próprio peito; d) “cobra” e “lombrigas” não são sinônimas; e) no segundo parágrafo fala-se de uma outra pessoa, que tem o mesmo fim trágico do “caboclo mal-encarado” do primeiro parágrafo.

Leia o texto abaixo para responder à questão 105.

Nada mais curioso, por exemplo, do que a definição que ele dava da fraude. Chamava-lhe o braço esquerdo do homem; o braço direito era a força; e concluía: muitos homens são canhotos, eis tudo. Ora, ele não exigia que todos fossem canhotos, não era um exclusivista. Que uns fossem canhotos, outros destros; aceitava a todos, menos os que não fossem nada. A demonstração, porém, mais rigorosa e profunda, foi a da venalidade. Um casuísta do tempo chegou a confessar que era um monumento de lógica. A venalidade, disse o Diabo, era o exercício de um direito superior a todos os direitos. Se tu podes vender a tua casa, o teu boi, o teu sapato, o teu chapéu, coisas que são tuas por razão jurídica e legal, mas que, em todo caso, estão fora de ti, como é que não podes vender a tua opinião, o teu voto, a tua palavra, a tua fé, coisas que são mais do que tuas, porque são a tua própria consciência, isto é, tu mesmo? Negá-lo é cair no absurdo e no contraditório. Pois não há mulheres que vendem os cabelos? Não pode um homem vender uma parte do seu sangue para transfundi-lo a outro homem anêmico? E o sangue e os cabelos, partes físicas, terão privilégio que se nega ao caráter, à porção moral do homem? Demonstrando assim o princípio, o Diabo não se demorou em expor as vantagens de ordem temporal ou pecuniária; depois mostrou ainda que, à vista do preconceito social, conviria dissimular o exercício de um direito tão legítimo, o que era exercer ao mesmo tempo a venalidade e a hipocrisia, isto é, merecer duplicadamente.

(Machado de Assis)

105. De acordo com o texto, pode-se afirmar que:

a) A sociedade revela sua hipocrisia ao marginalizar e punir aqueles que exercem direitos superiores e legítimos.
b) Um casuísta da época sancionou o conteúdo moral da doutrina, com base nas tautologias e verdades axiomáticas que o compunham.
c) O Diabo prega que o cidadão arbitre praticar aleivosia, considerando-a um direito legítimo e superior não acolhido pela sociedade.
d) A fraude depende de uma habilidade superior do indivíduo tal como acontece com canhotos, que compõem uma minoria.
e) O valor intrínseco da virtude é compatível com a retribuição pecuniária, desde que os princípios jurídicos superem os econômicos.

Resposta: “c”. “Aleivosia” é, segundo o dicionário Houaiss, “1. traição ou crime cometido com falsas demonstrações de amizade; perfídia, deslealdade. 2. qualidade de quem engana, atraiçoa; dolo, fraude. 3. acusação fundamentada numa mentira (ger. feita por acinte); injúria, calúnia”. É justamente disso que fala o texto: desse direito que todo cidadão tem, considerado pelo Diabo como legítimo e superior, mas que a sociedade repudia.

Leia o texto seguinte para responder às questões 106 e 107.

O sistema de Seguridade Social, misturando previdência, saúde e assistência social, foi criado na Constituição de 1988. As ambições eram escandinavas e os recursos, moçambicanos. Nossa Previdência, que é pública e compulsória, não satisfaz nenhum dos objetivos de um bom sistema: assegurar aposentadorias decentes, transferir recursos para os mais pobres e acumular poupanças para alavancagem do desenvolvimento.

As aposentadorias são miseráveis para a vasta maioria. E excessivas, mesmo pelos padrões de países ricos, para um grupelho privilegiado. Há uma "solidariedade invertida", pois que a poupança dos pobres, vertida numa vala comum, é saqueada para financiar aposentadorias precoces e especiais de grupos politicamente mobilizados. Não há acumulação de poupança investível, pois que tudo é consumido em gastos correntes com os aposentados. É um sistema de repartição simples, sem reservas e sem capitalização.

São frequentes no Brasil as brigas com a lógica econômica, de que foram exemplos os monopólios e a pretensão de autonomia tecnológica na informática. No caso do INSS, a briga é com o cálculo atuarial. Fatores vários — como o envelhecimento rápido da população, a proliferação de aposentadorias precoces especiais e múltiplas, o crescimento da economia informal, a redução do número de contribuintes por beneficiário — prenunciam um desastre atuarial com data marcada. Em seu formato atual, o sistema é antidemocrático, antissocial e antidesenvolvimentista. Antidemocrático, porque priva o cidadão do direito de escolher o administrador de sua poupança, pois as contribuições são compulsoriamente entregues ao INSS. A contribuição vira imposto. É também antissocial, porque afluindo para a vala comum do INSS as contribuições ficam sujeitas à predação de grupos politicamente mobilizados, que auferem benefícios desproporcionais. Na moderna literatura previdenciária, já se começa a reconhecer que o clássico "welfare state" das democracias ocidentais se torna cada vez mais uma conspiração da classe média e das burocracias estatais contra os estratos mais pobres da população, menos vocais e politicamente desorganizados. Nosso sistema é também antidesenvolvimentista, porque as contribuições dos ativos são gastas para financiar gastos correntes de aposentadorias, sem alavancagem de investimentos, através de cadernetas. A única solução para evitar os predadores políticos é o abandono do sistema de repartição em favor do sistema de capitalização individual previdenciária. Nesse sistema, o benefício é sempre o valor capitalizado das contribuições, eliminando-se o incentivo à busca de aposentadorias precoces e especiais.

(Roberto Campos, *Veja,* 18.02.1998, adaptado)

106. Indique o segmento que representa sequência lógica e coesa do texto.

a) Cabe somente ao governo a função de supervisionar e fiscalizar os administradores privados da poupança previdenciária.
b) A função da previdência não é complementar a renda daqueles que, ao fim da vida laboral, não alcançaram um mínimo vital garantido por lei.
c) Estes, ou permitem opção entre previdência pública e privada, ou confinam a previdência pública a um teto modesto.
d) Isso requer uma mudança fundamental da filosofia previdenciária.
e) Daí se conclui que o Brasil é um país atrasado e tímido em suas reformas.

Resposta: "d". Se verificarmos a ideia contida no primeiro parágrafo do texto, perceberemos

que há um problema quanto à maneira como encaramos a Previdência: 1º parágrafo: "O sistema de Seguridade Social, misturando previdência, saúde e assistência social, foi criado na Constituição de 1988. As ambições eram escandinavas e os recursos, moçambicanos. Nossa Previdência, que é pública e compulsória, não satisfaz nenhum dos objetivos de um bom sistema: assegurar aposentadorias decentes, transferir recursos para os mais pobres e acumular poupanças para alavancagem do desenvolvimento." No decorrer do texto o autor justifica tudo isso que foi dito no parágrafo de introdução. Por isso é natural que na "conclusão" (parágrafo final do texto), seja proposta uma maneira de solucionar esses problemas, e que se chegue a ideia de que "Isso requer uma mudança fundamental da filosofia previdenciária."

107. Indique o período que contém a tese central do texto.

a) O sistema de seguridade social é ineficaz porque mistura previdência, saúde e assistência social.
b) A solução para o atual sistema de previdência — antidemocrático, antissocial e antidesenvolvimentista — é a adoção da capitalização individual.
c) A previdência básica deve passar a ser responsabilidade do indivíduo, cabendo ao estado apenas a fiscalização das instituições de seguro privado.
d) O sistema de repartição, embora atenda bem alguns estratos sociais, tem defeitos genéticos.
e) As aposentadorias no Brasil são irrisórias para uma grande maioria e excessivas para uma minoria privilegiada

Resposta: "b". O autor trata dos problemas e propõe soluções, então as "soluções" são a tese central do texto: "A solução para o atual sistema de previdência (...) é a adoção da capitalização individual."

108. Numere os fragmentos de modo que formem um texto coeso e coerente, em seguida, assinale a opção correspondente.

( ) Tal euforia foi alimentada pela expansão imoderada do crédito e, naturalmente, estava amparada em expectativas privadas excessivamente otimistas a respeito da evolução dos ganhos de capital e dos fluxos de rendimentos que decorreriam dos novos empreendimentos.

( ) O Fundo Monetário Internacional está sob fogo cerrado.

( ) Só agora os sábios entenderam que a degringolada foi resultado de sobrevalorização de ativos (incluídos os investimentos em capacidade produtiva).

( ) Tais increpações são até justificadas, mas não há qualquer sinal de que os acusadores tivessem sugerido, ainda que remotamente, a possibilidade do colapso.

( ) Muitos economistas de prestígio, como Jeffrey Sachs, vêm criticando duramente a incapacidade da instituição de se antecipar e prevenir o episódio asiático.

(Baseado em texto de Luiz Gonzaga Beluzzo, *Carta Capital*, 18.02.1998)

a) 2, 3, 5, 4, 1
b) 3, 4, 2, 1, 5
c) 5, 1, 4, 3, 2
d) 4, 1, 3, 5, 2

e) 3, 4, 2, 5, 1

Resposta: “c”. Devemos verificar as ligações lógicas: (1) O Fundo Monetário Internacional está sob fogo cerrado. — esse trecho representa a frase síntese do texto: uma afirmação clara e objetiva; (2) Muitos economistas de prestígio, como Jeffrey Sachs, vêm criticando duramente a incapacidade da instituição de se antecipar e prevenir o episódio asiático. — a expressão “vêm criticando” está diretamente ligada ao termo “fogo cerrado” do período anterior; (3) Tais increpações são até justificadas, mas não há qualquer sinal de que os acusadores tivessem sugerido, ainda que remotamente, a possibilidade do colapso. — “increpações” são as críticas citadas no período antecedente; (4) Só agora os sábios entenderam que a degringolada foi resultado de sobrevalorização de ativos (incluídos os investimentos em capacidade produtiva). — representa uma mudança no pensamento expresso anteriormente; (5) Tal euforia foi alimentada pela expansão imoderada do crédito e, naturalmente, estava amparada em expectativas privadas excessivamente otimistas a respeito da evolução dos ganhos de capital e dos fluxos de rendimentos que decorreriam dos novos empreendimentos. — “Tal euforia” retoma a ideia de “degringolagem”.

109. Numere os fragmentos de modo que formem um texto coeso e coerente, em seguida, assinale a opção correspondente.

( ) Não obstante, é ali que a velocidade espantosa das conquistas tecnológicas dispensa em maior grau a mobilização de novos recursos humanos para aumentar a produtividade das empresas.

( ) A causa fundamental está nas migrações de grupos étnicos em processo de dizimação em seus países e de milhões de pessoas tangidas pela fome.

( ) Nos Estados Unidos, por exemplo, a mão de obra fora do mercado de trabalho tem a mesma dimensão estatística dos últimos cinco anos.

( ) As elevadas estatísticas de desemprego no Brasil não podem ser justificadas com o argumento de que se trata de fenômeno mundial.

( ) Na Europa, onde há dezoito milhões de trabalhadores atirados à ociosidade forçada, o desemprego não resulta apenas da substituição do homem pela máquina.

(Josemar Dantas, *Direito & Justiça*, 23.02.1998)

a) 4, 1, 2, 5, 3
b) 5, 3, 1, 2, 4
c) 1, 2, 3, 5, 4
d) 3, 5, 2, 1, 4
e) 2, 3, 5, 4, 1

Resposta: “d”. Destacamos, a seguir, os elementos coesivos: *(*1) As elevadas estatísticas de desemprego no Brasil não podem ser justificadas com o argumento de que se trata de fenômeno mundial. (2) Nos Estados Unidos, por exemplo, a mão de obra fora do mercado de trabalho tem a mesma dimensão estatística dos últimos cinco anos. (3) Não obstante, é ali que a velocidade espantosa das conquistas tecnológicas dispensa em maior grau a mobilização de novos recursos humanos para aumentar a produtividade das empresas. (4) Na Europa, onde há dezoito milhões de trabalhadores atirados à ociosidade forçada, o desemprego não resulta apenas da substituição do homem pela máquina. (5) A causa fundamental está nas migrações

de grupos étnicos em processo de dizimação em seus países e de milhões de pessoas tangidas pela fome.

110. Dentre as alternativas que seguem, extraídas de diversas fontes, existe uma que, do ponto de vista da coerência, funciona como argumento contrário ao que se diz no texto abaixo. Assinale-a:

Se o Brasil quer efetivamente ingressar no Primeiro Mundo, não basta combater a inflação, coibir os cartéis e abrir a economia ao exterior. É preciso, antes de tudo, investir em educação, treinando os recursos humanos necessários para operar a nova era industrial, e valorizar a mão de obra nacional.

(Mário Henrique Simonsen, *Exame*, abril 1997, p. 13-14)

a) Cresce, a olhos vistos, o número de empresas que decidiram investir mais na escolaridade de seus funcionários.
b) Um funcionário com mais preparo intelectual entende melhor os processos de trabalho e resolve problemas inesperados com mais facilidade.
c) Dados o gigantismo do país e os problemas sociais daí decorrentes, é natural que investimentos na área de educação fiquem relegados a um segundo plano.
d) As melhores universidades brasileiras nada ficam a dever às de países com economia compatível ou mesmo às da França e Espanha.
e) Com a modernização, muitas atividades desaparecerão. Um funcionário com boa formação escolar terá mais chances de reciclar-se e ser aproveitado em outras funções.

Resposta: “c”. O texto afirma que é preciso investir em “educação” para que seja possível ao País ingressar no Primeiro Mundo. A opção c) afirma justamente o contrário: “c) (...) é natural que investimentos na área de educação fiquem relegados a um segundo plano.”

As questões 111 e 112 referem-se ao texto que segue.

Por alguma razão obscura tornou-se moda no Brasil considerar que a utilização correta do português é algo secundário, desimportante. (...)

“Durante bom tempo a prática de escrever bem andou ligada à ideia de cultura inútil, que não era fundamental para a produtividade”, diz Carlos Faccina, diretor de RH e assuntos institucionais da Nestlé. “De uns sete ou oito anos para cá, quando as empresas passaram a dar mais ênfase à comunicação como um todo, ficou visível o total despreparo dos executivos para redigir um texto.”

(...)

A dificuldade dos profissionais em se expressar por escrito não sai de graça. Uma das consequências dentro da empresa é que a comunicação tem de ser cada vez mais falada. O que se faz quando uns não sabem escrever e outros não vão conseguir entender? Convoca-se uma reunião. Ou melhor, mais uma reunião. O que acontece quando se recebe uma carta, memorando ou relatório importantes, porém confusos? Na melhor das hipóteses quem recebeu é obrigado a dar um (no mínimo) telefonema a quem mandou a correspondência para esclarecer as dúvidas. Ou seja, há uma perda enorme de tempo, recursos e energia, pela falta de gente capacitada para exprimir pensamentos e informações de forma ordenada numa folha de papel.

(Maria Amália Bernardi, *Exame*, 23.04.1997, p. 122)

111. “Durante bom tempo a prática de escrever bem andou ligada à ideia de cultura inútil, que não era fundamental para a produtividade”, diz Carlos Faccina, diretor de RH e assuntos institucionais da Nestlé.

A frase acima se caracteriza como
a) um argumento contrário à tese postulada no parágrafo inicial.
b) um argumento de autoridade sobre a tese inicialmente proposta.
c) uma síntese do argumento a ser desenvolvido no terceiro parágrafo.
d) a conclusão sobre o argumento proposto no parágrafo inicial.
e) um argumento fundado na desigualdade hierárquica.

Resposta: “b”. Argumento é a comprovação de uma ideia apresentada. A fala de autoridade é a citação de uma pessoa, ou obra, ou publicação que tenha afirmado a mesma coisa — essa pessoa, ou obra, ou publicação deve, então, ser reconhecida para que tal afirmação tenha peso. A isso damos o nome de “argumento de autoridade”. Nota-se que o trecho destacado para essa questão é a fala de Carlos Faccina, diretor de RH e assuntos institucionais da Nestlé, ou seja, ele tem autoridade para falar acerca do assunto discutido no texto.

112. Conclui-se que a consequência mais grave criada pelo “despreparo dos executivos para redigir um texto” é
a) o acúmulo de reuniões sobre assuntos institucionais.
b) o congestionamento das linhas telefônicas.
c) o prejuízo da produtividade.
d) a proliferação de conversas pelos corredores.
e) a descrença nas chefias.

Resposta: “c”. “A dificuldade dos profissionais em se expressar por escrito não sai de graça.”, ou seja, há prejuízo para a produtividade.

Leia o texto abaixo para responder às questões 113 e 114.

Ao começar esta crônica, sinto que qualquer assunto, fora o futebol, já nasce morto. Portanto falaremos do escrete, que é, neste momento, a obsessão de 90 milhões. Hoje jogaremos com o Uruguai a semifinal da Copa. E vejam, vejam as janelas, e vejam as caras.

Sempre digo que no ser humano tudo é cara, e o resto, paisagem. Comecemos pela cara. Não sei se vocês repararam que o escrete mudou-se até fisicamente. Um dia puxei um amigo: “— Vem ver como o povo é triste”. Levei-o para a esquina de Ouvidor com Avenida. E ficamos olhando os que passavam. A multidão tem algo de fluvial no seu lerdo escoamento. Ficamos ali uns quinze, vinte minutos. E constatamos o óbvio, isto é, que todos tinham a cara amarrada.- Mas desde a primeira vitória brasileira no México, começou, de brasileiro para brasileiro, uma euforia nunca vista.

Já contei o caso do meu amigo rico. Tão brasileiro como o chafariz da Praça da Bandeira. E, como não sai de Paris, perguntei-lhe: “— Você é ou não é brasileiro?”. Respondeu: “— Sou brasileiro quando o escrete ganha.” Um outro só cumprimenta o Pão de Açúcar quando o escrete ganha. Os lorpas, os pascácios, os bovinos imaginam: “— O escrete é futebol”.

Meu Deus, não sejamos cegos. O escrete tem outras dimensões vitais decisivas. (...) Portanto (e aqui vai o óbvio) o escrete realiza o brasileiro e o compensa de velhas humilhações jamais cicatrizadas.

Mas voltemos ao jogo com o Uruguai. Não vamos pensar em facilidades, e repito: — a facilidade derrota um Napoleão. A "Celeste" será difícil e vamos desejar que seja difícil. Por isso mesmo o escrete terá de ser mais Brasil. Não posso olhar sem uma compassiva ironia os que negam qualquer relação entre o escrete e a pátria. Semanas atrás o António do Passo teria dito: "— Não vamos misturar o escrete com o nome, a bandeira e o hino da pátria."

O que salvou o nosso Passo foi a ingenuidade. Pois o escrete não é outra coisa senão a pátria. Se não é a pátria, que fazem as bandeiras, sim as bandeiras, que pendem das janelas? Ou será o querido Passo menos patriota do que as janelas? E o hino? Por que tocam o hino diante do escrete perfilado? E ainda mais: por que o escrete está vestido de verde e amarelo?

Acredite o Passo que a pátria é muito, ou, melhor dizendo, é tudo. No princípio do século, uma caixa de fósforos brasileiros ganhou prêmio na Exposição de Paris. Não sei se merecia ou se o prêmio lhe foi dado de mão beijada. O Brasil tremeu. E linda foi a recepção. A caixa de fósforos desfilou pela Avenida em carruagem aberta, atirando beijos com as duas mãos. O que eu queria dizer é que, naquele momento, a pátria assumia exatamente a forma de uma caixa de fósforos. (...)

A sensação que todos temos é de que a batalha de hoje é uma finalíssima. Antes, porém, de falar no jogo, eu convidaria vocês para olhar as ruas. As caras amarradas já desapareceram. E, nas esquinas, como todo mundo se torna íntimo de todo mundo! Como as pessoas se entendem melhor e como um simples bom-dia vem saturado de amor. E dois desconhecidos se tratam como súbitos amigos de infância. Por outro lado, a bondade nasce no brasileiro como uma irradiação de profundezas.

Um turista que por aqui passasse e visse as caras iluminadas, e os botecos em flor, e as esquinas em sonho, haveria de perguntar: "— O que é que há como Brasil?" Não há nada, ou por outra: há o escrete.

(Nélson Rodrigues. *O Globo*, 19.06.1970)

113. Todas as alternativas abaixo interpretam corretamente o texto, exceto:

a) O autor da crônica explicita a ideia de que o futebol agrada ao povo comum e informa, ao falar do seu amigo rico, que agrada também a pessoas de outras classes, da mesma forma.

b) Malgrado expressões particulares que identificam o estilo do autor, podemos afirmar que ao escrever: *Os lorpas, os pascácios, os bovinos imaginam: "— o escrete é futebol."* o cronista está sendo ofensivo.

c) O evento anunciado pelo autor como assunto de sua crônica é a partida semifinal da Copa do México de 1970, entre Brasil e Uruguai.

d) O jornalista, ao perguntar a si mesmo "... que fazem as bandeiras, sim, as bandeiras, que pendem das janelas? (...) E o hino? Por que tocam o hino diante do escrete perfilado? E ainda mais: por que o escrete está vestido de verde e amarelo?" Está tentando esclarecer uma dúvida levantada por António Passo ao dizer: "— Não vamos misturar o escrete com o nome da pátria."

e) Nélson Rodrigues, durante toda sua crônica emite ideias personalistas, que podem ser ou não coniventes com as de quem o lê. Tendo em vista o que seu texto nos transmite, podemos afirmar que ele cria em que a paixão pelo futebol redimisse o brasileiro de seus pesares.

Resposta: “d”. O autor utiliza esse trecho: “... que fazem as bandeiras (...) está vestido de verde e amarelo?” para dizer que António Passo está errado, e não para esclarecer (explicar) o que ele dissera com a frase “— Não vamos misturar o escrete com o nome da pátria.”

114. Nélson Rodrigues diz que seria melhor o jogo contra o Uruguai ser difícil, pois “a facilidade derrota até um Napoleão”. Com qual destas frases (todas de outras crônicas do autor) esse argumento se identifica?

a) Nós sabemos que o martírio é que dá a um jogo, seja ele um clássico ou uma pelada, um charme desesperador.
b) Nós sabemos que a história de um império influi nas boas ou más ações de seus súditos.
c) Eis a caridade que nos faz o escrete: dá ao roto, ao esfarrapado, uma sensação de onipotência.
d) Ou expulsamos de nós a alma da derrota ou nem vale a pena competir mais.
e) É difícil acreditar que tenham homenageado aquela caixa de fósforos premiada...

Resposta: “a”. O autor, na crônica dada, afirma que “a facilidade derrota até um Napoleão”, isso quer dizer que o melhor é serem as coisas difíceis (como assim afirma ao escrever “vamos desejar que seja difícil.”). A opção a) tem esse mesmo teor: trata do “martírio”: “Nós sabemos que o martírio é que dá a um jogo, seja ele um clássico ou uma pelada, um charme desesperador.”

115. Indique o fragmento que dá sequência ao trecho abaixo, respeitadas a coesão e coerência das ideias nele contidas.

Neste final de século, assiste-se à configuração de uma nova demarcação do curso do pensamento. As categorias com que se tem pensado a realidade foram e estão sendo postas em questão. Os modelos de pensamento que até então davam conta do mundo

a) continuam a explicar a relação do homem moderno com seu mundo biopsíquico e social.
b) reafirmam-se com a força da tradição filosófica ocidental.
c) foram ratificadas como paradigmas explicativos da realidade atual.
d) parecem não mais apropriados para se apreender a realidade dos novos tempos.
e) superaram os parâmetros da racionalidade pós-moderna dos tempos atuais.

Resposta: “d”. O texto se inicia afirmando que está ocorrendo uma mudança no modo de pensar o mundo, em seguida fala da maneira como vínhamos pensando o mundo, então é lógico dizer que “os modelos de pensamento que até então davam conta do mundo” “parecem não mais apropriados para se apreender a realidade dos novos tempos”.

116. Indique o trecho que constitui paráfrase das ideias essenciais do segmento transcrito abaixo:

Os europeus do século XVI, cuja vida continuava pautada na religião e nas normas da Igreja, não haviam de todo abandonado as antigas prescrições teológicas que condenavam os lucros advindos de empréstimos a juro, por serem uma forma estéril de riqueza.

(Adalberto Marson)

a) Nem todos os europeus do século XVI, cuja vida permanecia adstrita às normas religiosas da Igreja, haviam abandonado as antigas determinações teológicas de condenação aos lucros obtidos pelos agiotas, por serem uma forma espúria de gerar riqueza.
b) Por terem abandonado as antigas restrições teológicas que condenavam os lucros

provenientes de juros de empréstimos, consideradas uma forma improdutiva de riqueza, os europeus do século XVI continuavam a pautar sua vida na religião e nas normas da Igreja.

c) Seguindo as normas religiosas e cristãs, os europeus de seiscentos não haviam abandonado completamente os antigos preceitos teológicos de obtenção de riqueza através da forma estéril de empréstimos a juros.

d) Obter riqueza por meio da usura era prática condenada pelas antigas prescrições teológicas, cuja religião e normas da Igreja os europeus do século XVI não haviam de todo abandonado.

e) Continuando a manter sua vida pautada na religião e nas normas da Igreja, os europeus quinhentistas respeitavam as antigas determinações teológicas segundo as quais os lucros obtidos a partir de empréstimos a juro mereciam condenação, por constituírem uma forma improlífera de riqueza.

Resposta: "e". A paráfrase constitui um texto paralelo ao original, mantendo todas as suas ideias, porém utilizando-se de vocabulário e estrutura sintática distinta.

117. Indique a opção que completa com coerência e coesão o trecho abaixo.

Se a sociedade estabelece proibições é porque ali o desejo procura se infiltrar. Não é necessário proibir que as pessoas comam pedras, porque ninguém o deseja. Só se proíbe o desejado. Assim, pode haver leis proibindo o incesto, o furto, a exibição da nudez, os atos sexuais em público, a crueldade para com crianças e animais, o assassinato, o homossexualismo e lesbianismo, a ofensa a poderes constituídos. É que tais desejos são muito fortes.

(Rubem Alves, *O que é religião*, Editora Brasiliense, 1984)

a) A ânsia por mais repressão e censura, será, assim, inevitável e cada vez maior, à medida em que as sociedades tornam-se mais complexas.

b) O aparato de repressão e censura será tanto mais forte quanto mais intensa for a tentação de transgredir a ordem estabelecida pela sociedade.

c) A necessidade de interdição resultará da sensação de estarem surgindo, a cada dia, mais e melhores prazeres, aos quais o homem tentará impor freios.

d) E se o são, necessariamente trarão consigo a imediata compreensão de que só leis amenas poderão fazê-los alcançáveis aos homens.

e) Desta forma, tudo aquilo que for indispensável à sua maior fruição aflorará do inconsciente, deixando-nos capazes de sermos, finalmente, felizes.

Resposta: "b". O texto afirma que só é preciso estabelecer proibições porque há desejo. Não se proíbe algo que não se deseja. Então devemos continuar nessa linha de raciocínio, para que possamos continuar o texto com coerência. A mesma ideia aparece na opção b): "o aparato de repressão e censura será tanto mais forte quanto mais intensa for a *tentação* de transgredir a ordem estabelecida pela sociedade."

118. Assinale a ordem em que os fragmentos a seguir devem ser dispostos para se obter um texto com coesão, coerência e correta progressão de ideias.

1. Não podia imaginar que numa fração de segundos golpearia a bola ainda com o corpo no ar e a lançaria por cima de si mesmo para fora da área.

2. Foi um movimento bonito, ousado, uma espécie de coice plástico que levantou o

estádio inglês. Milhares de pessoas aplaudiram de pé.

3. A bola foi chutada de fora da área. Higuita estava no centro do gol. Ele poderia simplesmente levantar as mãos e agarrar a bola.

4. Esse salto maluco de Higuita me encheu de alegria. A bola já estava quase na linha do gol e o corpo de Higuita estava estirado para a frente.

5. Em vez disso, Higuita se jogou para a frente, num nível mais baixo que a bola, deixou que ela passasse e a rebateu com os dois pés juntos, quase na linha do gol.

(Fernando Gabeira, com adaptações)

a) 2 — 4 — 1 — 5 — 3
b) 3 — 2 — 4 — 1 — 5
c) 3 — 5 — 2 — 4 — 1
d) 3 — 4 — 2 — 5 — 1
e) 4 — 5 — 1 — 3 — 2

Resposta: "c". Destacam-se a seguir os elementos coesivos que garantem a unidade do texto: 3. A bola foi chutada de fora da área. Higuita estava no centro do gol. Ele poderia simplesmente levantar as mãos e agarrar a bola. 5. Em vez disso, Higuita se jogou para a frente, num nível mais baixo que a bola, deixou que ela passasse e a rebateu com os dois pés juntos, quase na linha do gol. 2. Foi um movimento bonito, ousado, uma espécie de coice plástico que levantou o estádio inglês. Milhares de pessoas aplaudiram de pé. 4. Esse salto maluco de Higuita me encheu de alegria. A bola já estava quase na linha do gol e o corpo de Higuita estava estirado para a frente. 1. Não podia imaginar que numa fração de segundos golpearia a bola ainda com o corpo no ar e a lançaria por cima de si mesmo para fora da área.

Leia o texto abaixo para responder às questões de 119 a 121.

O paradoxo da linguagem

Por que as ambiguidades da linguagem são ineliminíveis? Os linguistas se empenham, incansavelmente, em formular com precisão as leis que regem os fenômenos linguísticos. Os gramáticos se esforçam para definir as regras e delimitar o espaço das exceções. Mais cedo ou mais tarde, entretanto, acabam sendo forçados a reconhecer que a vida da linguagem, na sua riqueza aparentemente caótica, desborda de todas as explicações e ultrapassa as fronteiras dos campos em que se pretende analisá-la.

Ao que tudo indica, as ambiguidades do que pode ser dito são uma consequência necessária da inesgotabilidade do real, da irredutibilidade do real ao saber. Como o movimento da realidade é infinito, o movimento do discurso sobre ela jamais poderá construir uma ordem "acabada", uma totalidade "fechada", um sistema definitivo, completamente feito em si mesmo (etimologicamente: perfeito).

A linguagem, mesmo sofrendo uma codificação permanente, preserva sempre uma dimensão rebelde, que escapa a todas as codificações. Nela, reconhecemos a realidade constituída e nos defrontamos com a realidade que estamos inventando (e que ainda não foi inventada). Nela, cada um pode apreender o mundo que já foi criado e pode antever o mundo possível das criações que ainda não aconteceram.

De fato, a linguagem nos ensina a reconhecer e apreciar o charme do inacabado.

Essa, aliás, é uma das razões pelas quais a linguagem exerce um antigo fascínio sobre os seres humanos. Ela não é só o meio pelo qual nos comunicamos e nos expressamos: é também, decisivamente, um elemento constitutivo do que somos. É uma revelação de como somos, de como podemos nos tornar.

Somos o que fizeram de nós, mas somos igualmente — e com força crescente — o que fazemos daquilo que fizeram de nós. Somos o que assimilamos do passado e o que pretendemos para o futuro. E tudo isso aparece, de maneira radical, na nossa linguagem.

(...)

(Leandro Konder, *O Globo*, 29.03.1998, com cortes)

119. Marque a *única* afirmativa verdadeira.

a) É impossível conter a riqueza caótica da linguagem nos limites restritos das ciências que, mais detidamente, empenham-se por estudá-la: a linguística e a gramática.
b) Do embate de dois fatores, um, finito, qual seja o cotidiano que nos cerca, outro, infinito, representado pela linguagem que manipulamos, resultam as ambiguidades da linguagem.
c) Através da linguagem estamos aptos a entender o mundo circundante, bem como podemos pressupor um hipotético mundo ainda não inventado.
d) Ser o meio através do qual nos comunicamos e pelo qual expressamos nossas emoções constitui a única causa do grande fascínio que a linguagem vem exercendo sobre os homens.
e) A linguagem, por tentar acompanhar o movimento ininterrupto da realidade que pretende expressar, virá, um dia, a ser um sistema fechado, um conjunto de normas imutáveis.

Resposta: "c". Opção a) extrapolação: em momento algum o texto diz que "é impossível conter a riqueza caótica da linguagem", o que o texto afirma é que os gramáticos tentam definir regras e que depois acabam por reconhecer que as regras não são fixas; além disso esse trecho fala de "linguística", outra extrapolação em relação ao texto. Opção b): de acordo com o texto, as ambiguidades são "consequência necessária da inesgotabilidade do real, da irredutibilidade do real ao saber." e não do embate entre finito e infinito. Opção d): o fascínio de que o texto fala é o "charme do inacabado". Opção e): essa afirmação contraria o texto, pois o texto afirma que a linguagem será sempre mutável.

120. Indique a alternativa em que a substituição de vocábulos ou expressões empregadas no texto não manteve o sentido da mensagem original.

a) "Os linguistas se empenham, incansavelmente, em formular com precisão as leis que regem os fenômenos linguísticos." (primeiro parágrafo) / Os linguistas se empenham, diligentemente, em formular com precisão as leis que regem os fenômenos linguísticos.
b) "... acabam sendo forçados a reconhecer que a vida da linguagem, na sua riqueza aparentemente caótica, desborda de todas as explicações..." (primeiro parágrafo) / ... acabam sendo forçados a reconhecer que a vida da linguagem, na sua riqueza aparentemente caótica, excede todas as explicações...
c) "Nela, reconhecemos a realidade constituída e nos defrontamos com a realidade que estamos inventando (e que ainda não foi inventada)." (terceiro parágrafo) / Nela, reconhecemos a realidade constituída e deparamos com a realidade que estamos inventando (e que ainda não foi inventada).
d) "Essa, aliás, é uma das razões pelas quais a linguagem exerce um antigo fascínio sobre os

seres humanos.” (quinto parágrafo) / Essa, aliás, é uma das razões pelas quais a linguagem faz sentir um antigo encantamento sobre os seres humanos.

e) “E tudo isso aparece, de maneira radical, na nossa linguagem.” (sexto parágrafo) / E tudo isso surge, inflexivelmente, na nossa linguagem.

Resposta: “a”. Incansavelmente não é sinônimo de diligentemente. Diligentemente significa atenciosamente, zelosamente, cuidadosamente. Todas as outras opções apresentam sinônimos.

121. Indique o item em que o valor semântico das orações assinaladas *não* está devidamente apontado.

a) “Os gramáticos se esforçam para definir as regras e delimitar o espaço das exceções.” — finalidade.

b) “Como o movimento da realidade é infinito, o movimento do discurso sobre ela jamais poderá construir uma ordem ‘acabada’...” — causalidade.

c) “A linguagem, mesmo sofrendo uma codificação permanente, preserva sempre uma dimensão rebelde...” — concessão.

d) “Essa, aliás, é uma das razões pelas quais a linguagem exerce um antigo fascínio sobre os seres humanos” — proporcionalidade.

e) “Os gramáticos se esforçam para definir as regras e delimitar o espaço das exceções.” — finalidade.

Resposta: “d”. Esta é uma questão que se resolve pela observação das conjunções de outros conectivos dentro do período. Na opção a), temos uma oração reduzida de infinitivo introduzida pela preposição “para” — isso atribui a ela uma ideia de finalidade. Da mesma forma aparece a opção e), em que há duas orações reduzidas de infinitivo ligadas pela conjunção aditiva “e” [para definir as regras E delimitar o espaço das exceções.] A “pegadinha” estava em destacar apenas a segunda oração. Na opção b), temos uma conjunção causal “como”. Na opção c), temos a oração reduzida de gerúndio com ideia concessiva (mesmo sofrendo). Na opção d), a oração introduzida por pronome relativo tem valor adjetivo. Assim sendo, não expressa proporcionalidade.

122. Numere os períodos de modo a compor um texto coeso e coerente e, depois, escolha a sequência correta.

( ) Lá, complementou seu programa de ação anunciando medidas enérgicas contra o Movimento dos Sem-Terra e os assaltos das massas esfomeadas aos armazéns.

( ) Fernando Henrique, como novo monarca, voou até o Ceará, onde visitou rapidamente a zona menos chocante da “seca verde”, bem perto de Fortaleza.

( ) Foi preciso que a televisão transmitisse ao vivo o espetáculo da fome dos flagelados nordestinos, alimentando-se de sopa de cacto, para despertar as consciências urbanas entorpecidas pela festança do consumismo.

( ) “Eu tenho experiência de seca”, afirmou.

( ) Logo depois deu um pulo a Ipirá, numa região da Bahia classificada como de “seca light”.

(Moacir Werneck de Castro, *Jornal do Brasil*, 12.05.1998, adaptado)

a) 4, 5, 1, 2, 3
b) 5, 1, 2, 4, 3
c) 4, 1, 5, 3, 2
d) 5, 2, 1, 3, 4
e) 3, 5, 1, 2, 4

Resposta: “d”. Vejamos as ligações: (1) Foi preciso que a televisão transmitisse ao vivo o espetáculo da fome dos flagelados nordestinos, alimentando-se de sopa de cacto, para despertar as consciências urbanas entorpecidas pela festança do consumismo. (2) Fernando Henrique, como novo monarca, voou até o Ceará, onde visitou rapidamente a zona menos chocante da “seca verde”, bem perto de Fortaleza. (3) “Eu tenho experiência de seca”, afirmou. (4) Logo depois deu um pulo a Ipirá, numa região da Bahia classificada como de “seca light”. (5) Lá, complementou seu programa de ação anunciando medidas enérgicas contra o Movimento dos Sem-Terra e os assaltos das massas esfomeadas aos armazéns.

Leia o seguinte texto para responder à questão 123.

A entrada dos anos 2000 tem trazido a reversão das expectativas de que haveria a inauguração de tempos de fraternidade, harmonia e entendimento da humanidade. Os resultados das cúpulas mundiais alimentaram esperanças que novos tempos trariam novas perspectivas referentes a qualidade de vida e relacionamento humano em todos os níveis.

Contudo, o movimento que se observa em nível mundial sinaliza perdas que ainda não podemos avaliar. O recrudescimento do conservadorismo e de práticas autoritárias, efetivadas à sombra do medo, tem representado fonte de frustração dos ideais historicamente buscados.

(Roseli Fishmann, *Correio Braziliense*. 26.08.2002, com adaptações)

123. Se cada período sintático do texto for representado, respectivamente, pelas letras X, Y, W e Z, as relações semânticas que se estabelecem no trecho correspondem às ideias expressas pelos seguintes conectivos:

a) X e Y mas W e Z.
b) X porque Y porém W logo Z.
c) X mas Y e W porque Z.
d) Não só X mas também Y porque W e Z.
e) Tanto X como Y e W embora Z.

Resposta: “a”. Esta questão exige que nós percebamos as relações de sentido entre os períodos do texto. As relações que se estabelecem são: X e Y, mas W e Z: entre o primeiro e o segundo períodos há uma relação de soma, adição; assim como acontece entre o terceiro e o quarto períodos, por isso utilizamos a conjunção “e” entre esses períodos (X e Y / W e Z). O primeiro e o segundo períodos constituem o primeiro parágrafo; e o terceiro e o quarto períodos constituem o segundo parágrafo; há uma relação de oposição entre esses parágrafos, por isso usamos a conjunção adversativa “mas”. Temos então a seguinte relação: (X) *A entrada dos anos 2000 tem trazido a reversão das expectativas de que haveria a inauguração de tempos de fraternidade, harmonia e entendimento da humanidade*. E (Y) *Os resultados das cúpulas mundiais alimentaram esperanças que novos tempos trariam novas perspectivas referentes a qualidade de vida e relacionamento humano em todos os níveis*. MAS (W) *Contudo, o movimento que se observa em nível mundial sinaliza perdas que ainda*

não podemos avaliar. E (Z) *O recrudescimento do conservadorismo e de práticas autoritárias, efetivadas à sombra do medo, tem representado fonte de frustração dos ideais historicamente buscados*.

124. Considerando as ideias do texto, assinale as inferências como verdadeiras (V) ou Falsas (F) e marque a correta opção em seguida

Li que a espécie humana é um sucesso sem precedentes. Nenhuma outra com uma proporção parecida de peso e volume se iguala à nossa em termos de sobrevivência e proliferação. E tudo se deve à agricultura. Como controlamos a produção do nosso próprio alimento, somos a primeira espécie na história do planeta a poder viver fora de seu ecossistema de nascença. Isso nos deu mobilidade e a sociabilidade que nos salvaram do processo de seleção, que limitou outros bichos de tamanho equivalente. É por isso que não temos mudado muito, mas também não nos extinguimos.

(Luiz Fernando Veríssimo, Recursos humanos. In: *O desafio ético,*

org. de Ari Roitman, com adaptações)

( ) Mede-se o sucesso pela capacidade de sobrevivência e proliferação.

( ) Se a espécie humana tivesse outro peso e volume não teria sobrevivido.

( ) Viver fora do ecossistema de nascença depende da capacidade de criar o próprio alimento.

( ) O processo de seleção das espécies é que limita a mobilidade e a sociabilidade.

( ) A história da espécie humana poderia ser outra se não houvesse agricultura.

( ) Poucas mudanças trazem como consequência a não extinção da espécie.

A sequência correta é:

a) V, V, V, F, F, V
b) V, F, F, V, V, F
c) F, F, V, V, F, V
d) F, V, F, V, V, F
e) V, F, V, F, V, F

Resposta: "e". (V) Mede-se o sucesso pela capacidade de sobrevivência e proliferação. — *a espécie humana é um sucesso, justamente, por sua sobrevivência e proliferação.* (F) Se a espécie humana tivesse outro peso e volume não teria sobrevivido. — *O texto não afirma isso, essa opção representa uma extrapolação.* (V) Viver fora do ecossistema de nascença depende da capacidade de criar o próprio alimento. — *o texto diz que nós, espécie humana, só conseguimos viver fora do nosso ecossistema de nascença porque produzimos o nosso próprio alimento.* (F) O processo de seleção das espécies é que limita a mobilidade e a sociabilidade. — *O texto não afirma isso, o que ele afirma é "a mobilidade e a sociabilidade ... nos salvaram do processo de seleção", daí não se pode concluir que o oposto seja verdadeiro.* (V) A história da espécie humana poderia ser outra se não houvesse agricultura. — *Se não fosse a agricultura, não teríamos a mobilidade e sociabilidade que nos salvaram do processo de seleção, ou seja, nossa história seria outra.* (F) Poucas mudanças trazem como consequência a não extinção da espécie. — *Novamente extrapolação, pois o texto diz que a espécie humana não mudou muito mas não se extinguiu, daí dizer que "se não há mudança, então haverá extinção" é interpretar além daquilo que o texto permite.*

A questão 125 está baseada no seguinte texto:

Época — Na economia globalizada, expectativa, confiança e credibilidade são moedas de grande valor. Do pequeno poupador interno ao grande investidor externo, tudo é questão de acreditar. Como fazer crescer a economia num país com escândalos de corrupção e falta de credibilidade nas instituições públicas?

Langoni — O novo governo terá de dar um choque de credibilidade. Escolher pessoas competentes e confiáveis. E não adiar medidas imprescindíveis. Eu apontaria três principais: reforma tributária que estimule a poupança, novo ambiente para crescimento das exportações e o Banco Central independente. Só o crescimento contínuo gera empregos e aumento real da renda. Com 5%, 6% ao ano por dez anos, duplicamos a renda *per capita*. E daí combater a pobreza fica mais fácil.

(Entrevista com Carlos Langoni. *Revista Época*. 26.08.2002, p. 17)

125. Indique a única opção abaixo cujo conteúdo *vai de encontro* às ideias contidas na entrevista.

a) A estrutura de impostos do Brasil, embora arraste multidões para a informalidade, precisa continuar.
b) Precisamos dar ao comércio exterior um novo *status* e poder político para traçar estratégias.
c) Na economia globalizada, o Brasil precisa ter acesso aos megamercados mundiais para fazer a economia crescer.
d) Hoje a carga tributária do Brasil é de 36% do PIB, índice de país desenvolvido, mas os serviços sociais são de Terceiro Mundo.
e) A informalidade é um mundo de baixa produtividade, só capaz de competir em preços por deixar de pagar as contas.

Resposta: "a". A "pegadinha" está na expressão VAI DE ENCONTRO. Essa expressão indica uma ideia contrária, oposta. Assim, a única ideia que se opõe ao texto está na opção a): A estrutura de impostos do Brasil, embora arraste multidões para a informalidade, precisa continuar. — Note que na resposta de Langoni há a seguinte informação: "Eu apontaria três principais: ***reforma*** tributária que estimule a poupança, novo ambiente para o crescimento das exportações e o Banco Central independente." A expressão "reforma" mostra mudança, assim, não podemos dizer que "A estrutura de imposto do Brasil (...) precisa continuar."

126. Analise as paráfrases propostas para o período abaixo e assinale a opção em que se preservam as relações semânticas e a correção gramatical.

Não denunciamos com eficácia o desemprego e o desleixo com que tratamos metade da população urbana brasileira que vive em condições subumanas.

(João Sayad. Crime e Castigo, *Revista Classe*, n. 87, 2002, com adaptações)

a) Não denunciamos com eficácia o desemprego e o desleixo que metade da população urbana é, por nós, tratada e que vive em condições subumanas.
b) Tratamos com o desemprego e o desleixo metade da população urbana brasileira vivendo em condições subumanas; não a denunciamos com eficácia.
c) Não somos eficazes ao denunciar nem o desemprego nem o desleixo com que tratamos metade da população urbana brasileira que vive em condições subumanas.

d) Metade da população urbana brasileira que vive em condições subumanas não é denunciada com eficácia quanto ao desemprego e o desleixo em que a tratamos.
e) Não denunciamos metade da população urbana brasileira — que vive em condições subumanas — devido à nossa ineficácia e o desleixo que tratamos o desemprego.

Resposta: "c". A questão exige uma paráfrase gramaticalmente correta. A única opção que satisfaz ao enunciado é a opção c).

127. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os e assinale a opção que apresenta a sequência que organiza o texto de forma coesa e coerente.

( ) Por isso, foi apresentado à Mesa da Câmara o Projeto de Lei 6680/02, que obriga o chefe do Executivo a encaminhar anualmente ao Congresso Nacional, como parte integrante da Prestação de Contas de que trata a Constituição, o mapa da exclusão social brasileira.

( ) O projeto já está na comissão de Seguridade Social e Família, onde o relator apresentará seu parecer no retorno dos trabalhos parlamentares, após as eleições. Depois será votado conclusivamente pela comissão de Desenvolvimento urbano e Interior, pela comissão de Constituição, Justiça e Redação.

( ) Tal proposta é classificada pelo seu autor como Lei de Responsabilidade Fiscal — que impõe ao Governo determinadas medidas visando atingir metas financeiras.

( ) Para comprovar essa responsabilidade social, o mapa deverá fazer um diagnóstico da exclusão por região e estados, com base nos indicadores sociais referentes à expectativa de vida, renda, desemprego, educação, saúde, saneamento básico, habitação, população em situação de risco nas ruas, reforma agrária e segurança.

( ) O principal problema que o País enfrenta na hora de definir um planejamento estratégico de combate à exclusão social é falta de informações e estatísticas oficiais sobre a nossa realidade social.

( ) Os dados de cada item serão comparados com os do ano anterior, a fim de avaliar a ação do governo em cada área.

(Adaptado de Agência Câmara)

a) 1º, 3º, 5º, 2º, 4º, 6º
b) 2º, 1º, 4º, 5º, 6º, 3º
c) 2º, 6º, 3º, 4º, 1º, 5º
d) 3º, 4º, 1º, 6º, 2º, 5º
e) 6º, 3º, 4º, 5º, 1º, 2º

Resposta: "c". *Destaquemos, como das outras vezes, os elos entre os enunciados:* (1º) O principal problema que o País enfrenta na hora de definir um planejamento estratégico de combate à exclusão social é falta de informações e estatísticas oficiais sobre a nossa realidade social. — período que representa a frase síntese do texto, ou seja, frase inicial, o parágrafo em que está contida a ideia básica, que será discutida adiante. (2º) ***Por isso***, foi apresentado à Mesa da Câmara o ***Projeto de Lei*** 6680/02, que obriga o chefe do Executivo a encaminhar anualmente ao Congresso Nacional, como parte integrante da Prestação de

Contas de que trata a Constituição, o mapa da exclusão social brasileira. (3º) ***Tal proposta*** é classificada pelo seu autor ***como Lei de Responsabilidade Fiscal*** — que impõe ao Governo determinadas medidas visando atingir metas financeiras. (4º) Para comprovar ***essa responsabilidade social***, o mapa deverá fazer um diagnóstico da exclusão por região e estados, com base nos ***indicadores sociais*** referentes à expectativa de ***vida, renda, desemprego, educação, saúde, saneamento básico, habitação, população em situação de risco nas ruas, reforma agrária e segurança***. (5º) ***Os dados de cada item*** serão comparados com os do ano anterior, a fim de avaliar a ação do governo em cada área. (6º) ***O projeto já está na comissão*** de Seguridade Social e Família, onde o relator apresentará seu parecer no retorno dos trabalhos parlamentares, após as eleições. Depois ***será votado*** conclusivamente pela comissão de Desenvolvimento urbano e Interior, pela comissão de Constituição, Justiça e Redação.

Leia o texto abaixo para responder à questão 128.

Índio quer voltar a ser índio

Depois da gripe, tribos indígenas costumam assimilar da cultura urbana as roupas, o apego ao dinheiro e hábitos alimentares não exatamente saudáveis. Com o tempo, submergem outros elementos característicos, como crenças, idioma e até formas de organização social. Em boa parte dos casos, resta, passados alguns anos, uma comunidade pobre, mal assistida, marginalizada, sem identidade e por vezes dispersa. Muitos desses grupos estão descobrindo agora que é mais negócio retomar o comportamento de índios. Desde o fim dos anos 80, além de uma constituição que deu a comunidades indígenas até participação na exploração de recursos naturais, surgiram centenas de ONGs para dar assistência material a tribos, a Funai passou a ter uma ação mais evidente na defesa dos grupos culturalmente preservados e o governo avançou muito na demarcação das terras. Mas esses benefícios só existem para índios que sejam reconhecidos como índios.

(*Veja,* 17.09.2003, com adaptações)

128. Analise as seguintes possibilidades de continuidade para o texto.

I. Por isso, existem grupos que estão mesmo fazendo cursos para recuperar tradições e hábitos silvícolas e, só no Nordeste, o número de grupos que se declaram indígenas passou de 16 para 47.

II. Com isso, entre os potiguaras, que deixaram de falar o tupi há mais de 300 anos, 1500 crianças estão agora estudando a língua dos antepassados — e uma porção de adultos também.

III. Assim, comprova-se que, para certas etnias, o caso é de mera encenação para fins de sobrevivência. De dia, elas se vestem de índio para vender artesanato; de noite vão tomar cerveja e acompanhar a novela, vestidos.

IV. No entanto, há quem veja alguns exageros nessa volta às etnias; principalmente quando é o caso de uma busca do retorno à forma mais pura do índio brasileiro.

Constituem uma continuidade coerente e gramaticalmente correta para o texto:

a) apenas I, II e IV

b) apenas I, III e IV

c) apenas II e III
d) apenas II, III e IV
e) todos os itens

Resposta: “a”. A opção III está incorreta. Como o texto termina com a seguinte frase: “Mas esses benefícios só existem para índios que sejam reconhecidos como índios.”, não se pode dizer que “Assim, comprova-se que, para certas etnias, o caso é de mera encenação para fins de sobrevivência. De dia, elas se vestem de índios para vender artesanato; de noite, vão tomar cerveja e acompanhar a novela, vestidos.”, pois as pessoas que se comportam assim não são, verdadeiramente, reconhecidas como índios. Essa frase contraria o texto.

Para responder às questões 129 a 131 leia o texto abaixo.

Dinheiro é a maior invenção dos últimos 700 anos.

Com ele, você pode comprar qualquer coisa, ir para qualquer lugar, consolar o aleijado que bate no vidro do carro no sinal fechado, mostrar quanto você ama a mulher amada ou comprar uma hora de amor. É o passaporte da liberdade. Com dinheiro, você pode xingar o ditador da época e sair correndo para o exílio, ou financiar todos os candidatos a presidente e comparecer aos jantares de campanhas de todos.

Nos tempos que estamos vivendo, dinheiro é como Deus na Idade Média — o sentido único e todos os sentidos das coisas. O que não produz nem é dinheiro, não existe, é falso, postiço.

Os sábios da igreja de antigamente são os economistas de hoje em dia. Dividem-se em dois grupos — os idólatras, para quem dinheiro é o pedacinho de papel, a imagem do sagrado, o santinho. Para eles, o valor do dinheiro depende da quantidade de papéis em circulação. Para os iconoclastas, dinheiro é a base das relações sociais do mundo capitalista, a rede que organiza a sociedade. É um conceito, um crédito, um débito.

Como os sacerdotes de antigamente, economistas têm a missão de explicar o inexplicável — como o dinheiro é tudo e nada ao mesmo tempo, por que falta dinheiro se dinheiro é papel impresso, ou se a quantidade de santinhos muda o tamanho do milagre.

(João Sayad, *Cidade de Deus,* Classe Revista de Bordo da TAM, n. 95, com adaptações)

129. Assinale como verdadeiras (V) ou falsas (F) as seguintes inferências para o texto. A seguir, assinale a opção correta.

( ) Os sábios da Igreja de antigamente são identificados aos idólatras; os economistas de hoje em dia, aos iconoclastas.

( ) Hoje em dia, o dinheiro representa um deus, porque remete ao sentido de todas as coisas.

( ) Considerar dinheiro como um pedacinho de papel retira dele o valor sagrado com que é reverenciado nos dias de hoje.

( ) O valor do dinheiro para os iconoclastas está ligado ao simbólico, ao conceito, como crédito ou débito.

( ) É “inexplicável” dizer que dinheiro é tudo e nada ao mesmo tempo porque se trata de uma realidade paradoxal.

a) V, V, F, V, F

b) V, F, V, F, F
c) F, V, F, V, V
d) F, V, V, V, F
e) F, F, V, F, V

Resposta: “c”. Inferência é uma dedução a que se pode chegar com base em informações contidas no texto. Para que uma inferência seja correta, e não considerada uma extrapolação, é preciso encontrar no texto algo que a comprove: uma expressão, uma frase, uma ideia que garanta tal dedução. Assim, a primeira e a terceira frases são falsas: “(F) Os sábios da Igreja de antigamente são identificados aos idólatras; os economistas de hoje em dia, aos iconoclastas. (F) Considerar dinheiro um pedacinho de papel retira dele o valor sagrado com que é referenciado nos dias de hoje.”, pois não há no texto comprovação para essa comparação (sábios/idólatras, economistas/iconoclastas) nem para essa dedução (considerar o dinheiro como um pedacinho de papel retira dele o valor de sagrado com que é referenciado nos dias de hoje).

130. Assinale a relação lógica em desacordo com a argumentação do segundo parágrafo do texto.

a) O que não é dinheiro é falso.
b) Não existe o que não produz dinheiro.
c) Não existe o que é postiço.
d) O que não é falso produz dinheiro.
e) É postiço o que não produz dinheiro.

Resposta: “d”. As frases dadas na questão representam raciocínios lógicos a partir das informações contidas no texto. A única dedução incorreta está em dizer que “o que não é falso produz dinheiro.”

131. Algumas conjunções e pronomes do texto, apesar de iniciarem orações afirmativas, têm também valor interrogativo. Assinale, nas opções abaixo, aquela a que, textualmente, é *impossível* associar esse valor interrogativo.

a) “*quanto* você ama a mulher amada”.
b) “*para quem* dinheiro é o pedacinho de papel”.
c) “*como* o dinheiro é tudo”.
d) “*por que* falta dinheiro”.
e) “*se* a quantidade de santinhos muda o tamanho do milagre”.

Resposta: “b”. A questão trabalha com a interrogativa indireta — aquela que, apesar de se apresentar como uma oração declarativa (terminada em ponto-final), pressupõe uma resposta. Assim, temos as seguintes ideias: *a) Quanto você ama a mulher amada?; c) Como o dinheiro é tudo?; d) Por que falta dinheiro?; e) A quantidade de santinhos muda o tamanho do milagre?*. A única opção que, no texto, não representa uma frase interrogativa é a opção b), pois expressa uma finalidade, uma explicação, uma resposta — não uma pergunta.

132. Foi publicado na seção Painel do Leitor, da *Folha de S.Paulo* (15.11.2003), o seguinte trecho de correspondência enviada ao jornal por um leitor:

Revoltante o editorial “Maioridade Penal”. Quer dizer que este jornal, que tanto apregoa a democracia, ignora a opinião de 89% da população a favor da redução da maioridade penal e

quer impor-nos a visão de “meia dúzia” de intelectuais? É essa a ideia de democracia que o jornal que tanto admiro apregoa?

Aponte a única dedução correta extraída do trecho lido.

a) O editorial a que se refere o missivista deve ter refutado a tese da imputabilidade penal para menores de 18 anos.
b) O corpo editorial da *Folha de S.Paulo* é composto por um grupo reduzido de representantes da elite nacional que se acha no direito de impor sua opinião.
c) O missivista está revoltado com a *Folha de S.Paulo* por ela ter descumprido o compromisso público com seus leitores de veicular apenas a verdade dos fatos.
d) Discordando da visão exposta no referido editorial, o missivista se alia aos 89% da população que manifestou adesão à tese da redução da maioridade penal.
e) O missivista questiona a democracia da informação apregoada pela *Folha de S.Paulo*, pois só um dos lados da questão — o da manutenção da maioridade penal — foi combatido no editorial.

Resposta: “d”. Todas as outras opções são extrapolação em relação ao que se afirma no texto.

133. Assinale o título sugerido para o texto que corresponde à sua ideia principal.

Vale lembrar que nos governos Vargas e JK e nos governos do ciclo militar, apesar da preponderância do estatismo, as empresas ocuparam posição central. Vargas governou com os empresários ao seu lado. Dificilmente dava um passo importante sem antes ouvir a Confederação Nacional da Indústria. Juscelino fez do capital privado um trunfo. Basta citar o caso emblemático da produção automobilística que fez a imprensa mundial comparar São Paulo a uma nova Detroit. Os militares criaram sistemas híbridos, a exemplo da petroquímica, associando o Estado e iniciativa privada. A iniciativa privada foi o pulmão do desenvolvimento na época do estatismo e terá ainda maior relevância na economia contemporânea. Um modelo de desenvolvimento que não leve esta evidente nuança em consideração é como se fosse um dinossauro, muito bom para as primeiras eras geológicas e muito distante da era atual.

(Emerson Kapaz, Dedos cruzados, *Revista Política Democrática*, n. 6, p. 41)

a) Os governos Vargas e JK & os governos militares.
b) A iniciativa privada no desenvolvimento econômico.
c) O papel da Confederação Nacional da Indústria no governo JK.
d) Os sistemas híbridos dos governos militares.
e) O estatismo de Vargas a JK.

Resposta: “b”. Comprova-se isso pela frase síntese, e mais ainda pela seguinte conclusão: “A iniciativa privada foi o pulmão do desenvolvimento na época do estatismo e terá ainda relevância na economia contemporânea.”

Leia o texto para responder à questão 134.

Um dos motivos principais pelos quais a temática das identidades é tão frequentemente focalizada tanto na mídia assim como na universidade são as mudanças culturais, sociais, econômicas, políticas e tecnológicas que estão atravessando o mundo e que são experenciadas, em maior ou menor escala, em comunidades locais específicas. Como indica Fridman (2000, p. 11), “se a modernidade alterou a face do mundo com suas conquistas

materiais, tecnológicas, científicas e culturais, algo de abrangência semelhante ocorreu nas últimas décadas, fazendo surgir novos estilos, costumes de vida e formas de organização social". Há nas práticas sociais cotidianas que vivemos um questionamento constante de modos de viver a vida social que têm afetado a compreensão da classe social, do gênero, da sexualidade, da idade, da raça, da nacionalidade etc., em resumo, de quem somos na vida social contemporânea. É inegável que a possibilidade de vermos a multiplicidade da vida humana em um mundo globalizado, que as telas do computador e de outros meios de comunicação possibilitam, tem colaborado em tal questionamento ao vermos de perto como vivemos em um mundo multicultural e que essa multiculturalidade, para qual muitas vezes torcíamos/torcemos os narizes, está em nossa própria vida local, atravessando os limites nacionais: os grupos gays, feministas, de rastafáris, de hip-hop, de trabalhadores rurais sem-terra etc.

(Luiz Paulo da Moita Lopes, *Discursos de identidades*, p. 15)

134. Das seguintes relações de causa (primeira informação) e consequência (segunda informação), assinale a única que *não* é possível interferir a partir do texto.

a) mudanças culturais e sociais — focalização da temática das identidades.
b) modernidade no mundo — novas formas de organização social.
c) acesso à multiculturalidade — acesso às telas do computador.
d) questionamento dos modos de viver — alteração na compreensão da sexualidade.
e) novas conquistas tecnológicas e culturais — novos estilos e costumes de vida.

Resposta: "c". A relação de causa e consequência nesta opção está invertida: o acesso às telas dos computadores é a causa e o acesso à multiculturalidade é a consequência.

Leia o texto abaixo para responder à questão 135.

Com a tramitação das reformas constitucionais no Congresso, estamos prestes a inscrever em nossa Carta Magna disposições como limite salarial de integrantes dos poderes e dos serviços públicos estaduais, assunto que dificilmente se discutirá no Legislativo de qualquer outra federação, monárquica ou republicana, presidencialista ou parlamentarista, e que pouco provavelmente se encontrará em outra Constituição. A indagação cabível, a meu ver, é como e por que chegamos a tanto.

O cerne desse desafio, que julgo não respondido, pode ser resumido num simples raciocínio: o sistema federativo, por oposição a uma forma unitária do Estado, nada mais é do que distribuir espacialmente o poder. A origem e o fundamento da divisão espacial do poder, representados pela federação, devem ser procurados entre aqueles que criaram o primeiro regime federativo do mundo. O modelo confederativo, como se sabe, já era conhecido historicamente e foi adotado nos artigos de confederação que precederam e viabilizaram a luta pela independência das 13 colônias da América do Norte. O que marca a singularidade do novo sistema é exatamente a diferença entre as confederações anteriores e a alternativa criada pelos convencionais da Filadélfia.

Equilibrar poderes, distribuir competências e responsabilidades rigorosamente simétricas em uma nação tão profundamente assimétrica, mais do que um desafio de engenharia política, ainda é uma incógnita indecifrada, que, como a esfinge, ameaça-nos devorar.

(Marco Maciel, Pacto federativo, *Folha de S.Paulo*, 14.09.2003, com adaptações)

135. Marque F (falso) ou V (verdadeiro) para inferências a partir do texto.

( ) As reformas constitucionais reforçam a distribuição espacial do poder.

( ) Um estado que adota uma forma unitária não distribui espacialmente o poder.

( ) Confederações são Estados que adotam, constitucionalmente, o regime federativo a partir da independência dos Estados Unidos.

( ) Nossa Carta Magna será a primeira, ou uma das primeiras, a dispor sobre limite salarial de integrantes dos poderes mas não sobre o dos serviços estaduais.

A sequência correta é:

a) V, V, F, V
b) V, V, F, F
c) F, V, V, V
d) V, F, F, F
e) F, F, V, F

Resposta: "b". As duas primeiras afirmações são verdadeiras e as duas últimas, falsas. Veja os porquês das duas últimas serem falsas: o texto afirma que "O modelo confederativo, como se sabe, já era conhecido historicamente e foi adotado nos artigos de confederação que precederam e viabilizaram a luta pela independência das 13 colônias da América do Norte", então não se pode dizer que "(F) Confederações são Estados que adotam, constitucionalmente, o regime federativo a partir da independência dos Estados Unidos."; o texto começa dizendo que *"Com a tramitação das reformas constitucionais no Congresso, estamos prestes a inscrever em nossa Carta Magna disposições como limite salarial de integrantes dos poderes e dos serviços públicos estaduais, assunto que dificilmente se discutirá no Legislativo de qualquer outra federação, monárquica ou republicana, presidencialista ou parlamentarista, e que pouco provavelmente se encontrará em outra Constituição. A indagação cabível, a meu ver, é como e por que chegamos a tanto"*, o que não quer dizer que "(F) Nossa Carta Magna será a primeira, ou umas das primeiras, a dispor sobre limite salarial de integrantes dos poderes mas não sobre o dos serviços estaduais".

Leia o texto abaixo para responder às questões 136 e 137.

Seja nos mitos de criação seja na cosmologia de hoje, há uma busca no sentido do mundo, um esforço de compreensão da natureza e do universo. As representações do espírito humano, num caso e noutro, constituem variações sobre o mesmo tema: penetrar no âmago da realidade.

Não é segredo algum descobrir que a busca de sentido para o cosmos se engata com a procura de sentido para a existência da família humana. Para além das concepções científicas e das diversidades culturais, o porquê da nossa vida, de sua origem e do seu destino, acompanha passo a passo nossa evolução histórica. A ocupação do planeta, a organização da convivialidade, a compatibilização dos contrários, presentes em toda a parte, e a eterna busca de valores transcendentes estão no mesmo séquito que acompanha a observação do mundo natural, nas descobertas de nexo entre causa e efeito, nos postulados científicos e nas aplicações técnicas.

(José de Ávila Aguiar Coimbra, *Fronteiras da ética*, São Paulo: Senac, 2002, p. 20)

136. Assinale a opção que está de acordo com a ideia central do texto.

a) A cosmologia é uma ciência exata que dispersa valores humanísticos e procura apenas relações de causa e efeito.
b) Os mitos, como exclusivas representações do espírito humano, configuram o caminho por excelência para a busca por valores transcendentes.
c) As concepções científicas e a diversidade cultural são obstáculos que invalidam uma visão hegemônica do mundo natural.
d) O porquê da vida humana, sua origem e seu destino são indagações subjacentes tanto aos mitos quanto às investigações de caráter científico.
e) Nos postulados científicos e nas aplicações técnicas, as descobertas de nexo entre causa e efeito negligenciam as leis da cosmologia.

Resposta: "d". O texto apresenta a seguinte introdução: "Seja nos mitos de criação seja na cosmologia de hoje, há uma busca no sentido do mundo, um esforço de compreensão da natureza e do universo." É o mesmo que se afirma em "d) O porquê da vida humana, sua origem e seu destino são indagações subjacentes tanto aos mitos quanto às investigações de caráter científico."

137. Assinale a opção em *desacordo* com as ideias do texto.

Não mais se conta com um eixo filosófico ou religioso sobre o qual girem as ciências, as técnicas e até mesmo a organização social. Como adverte Edgar Morin, a ciência também produz a ignorância, uma vez que as especializações caminham para fora dos grandes contextos reais, das realidades complexas. Paradoxalmente, cada avanço unidirecional dos conhecimentos científicos produz mais desorientação e perplexidade na esfera das ações a implementar, para as quais se pressupõe acerto e segurança. Vivemos em uma nebulosa, que não é via láctea deslocando-se no espaço cósmico e explicável pela astronomia, mas em uma nebulosa provocada pela falta de contornos definidos para o saber, para a razão e, na prática, para as decisões fundamentais. Afinal, o que significa tudo isso para a felicidade das pessoas e o destino último da sociedade?

(José de Ávila Aguiar Coimbra, *Fronteiras da ética*, São Paulo: Senac, 2002, p. 27)

a) O eixo filosófico ou religioso sobre o qual giravam as ciências, as técnicas e até mesmo a organização social não está mais disponível.
b) Como as especializações se desviam dos grandes contextos reais e das realidades complexas, a ciência também produz ignorância.
c) Se o avanço dos conhecimentos é unidirecional, produz-se desorientação e perplexidade nas ações para as quais acerto e segurança são pressupostos.
d) A falta de contornos definidos para o saber é provocada pela razão e pelas decisões fundamentais da prática.
e) A nuvem de matéria interestelar em que vivemos, que se desloca no espaço cósmico, é explicável pela astronomia.

Resposta: "d". Em momento algum do texto percebemos que "a falta de contornos definidos para o saber é provocada pela razão e pelas decisões fundamentais da prática."

138. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e, em seguida, assinale a sequência correspondente.

( ) As operações de compra de imóveis pelas *off shores* também estão sendo

monitoradas pela Receita. Os dados serão comparados com as declarações de Imposto de Renda dos residentes no Brasil e até com o cadastro de imóveis das prefeituras.

( ) Sem identificação dos donos, cujos nomes são mantidos em sigilo pela legislação dos países onde estão registradas, muitas dessas empresas fazem negócios no Brasil, como a participação em empreendimentos comerciais ou industriais, compra e aluguel de imóveis.

( ) Além de não saber quem são os proprietários dessas *off shores*, pois não há mecanismos legais que permitem acesso aos verdadeiros donos, o governo também não tem conhecimento da origem desse dinheiro aplicado no País, sem o recolhimento dos impostos devidos.

( ) A Receita Federal está fechando o cerco contra as empresas estrangeiras sediadas em paraísos fiscais que atuam no Brasil, conhecidas como *off shores*.

( ) Para reduzir essa evasão fiscal, a Receita está identificando as pessoas físicas que alugam imóveis de luxo pertencentes a pessoas jurídicas ou mesmo fiscais que atuam em paraísos fiscais. Toda remessa de aluguel é tributada.

(Adaptado de Ana D'Angelo, Andréa Cordeiro e Vicente Nunes,

Correio Braziliense, 08.09.2003)

a) 1º, 2º, 4º, 3º, 5º
b) 2º, 3º, 5º, 4º, 1º
c) 5º, 2º, 3º, 1º, 4º
d) 1º, 5º, 4º, 3º, 2º
e) 3º, 2º, 1º, 5º, 4º

Resposta: "c". Podemos notar pela leitura dos fragmentos que o único que não apresenta elemento coesivo de retomada é o penúltimo segmento. Assim sendo, é o único que pode iniciar o texto: 5º, 2º, 3º, 1º, 4º.

139. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e, em seguida, assinale a sequência correspondente.

( ) Em geral, esta firma é constituída apenas para atuar como subsidiária da estrangeira, intermediando seus negócios. Caso a empresa compre imóvel no Brasil, tem que haver registro, tem que existir um responsável, com CPF, o que permite o controle.

( ) O investidor estrangeiro entra no Brasil via Bolsa de Valores, fundos de investimentos ou como sócio de uma empresa brasileira.

( ) O secretário da Receita admite, no entanto, que não há mecanismos para controlar a atuação de brasileiros que mandam dinheiro ilícito para os paraísos fiscais e o repatriam por meio de negócios realizados em nome das *off shores*.

( ) E também a contabilidade da empresa, em tais países, não precisa ser auditada. Os donos dos recursos podem movimentar dinheiro ou constituir empresas por vários meios que omitem seus nomes, como o sistema de ações ao portador.

( ) Esses países conhecidos como paraísos fiscais têm como principais atrativos a

legislação tributária branda, com direito até a isenção de impostos, e garantia de sigilo bancário, comercial e societário.

(Adaptado de Ana D'Angelo, Andréa Cordeiro e Vicente Nunes,

Correio Braziliense, 08.09.2003)

a) 1º, 2º, 4º, 3º, 5º
b) 2º, 1º, 3º, 5º, 4º
c) 3º, 2º, 1º, 5º, 4º
d) 1º, 5º, 4º, 3º, 2º
e) 5º, 2º, 3º, 1º, 4º

Resposta: "b". Fazemos aqui a mesma análise da questão anterior. Podemos notar pela leitura dos fragmentos que o único que não apresenta elemento coesivo de retomada é o segundo segmento. Assim sendo, é o único que pode iniciar o texto: 2º, 1º, 3º, 5º, 4º.

As questões de números 140 a 147 referem-se ao texto que segue.

A sociedade humana, tal como se acha organizada, não é una, nem uniforme e nem está, em seu conjunto, no mesmo estágio de desenvolvimento.

Nela coexistem, pois, diferentes comunidades, estabelecidas e organizadas de conformidade com objetivos e interesses específicos. Tais comunidades (nacionais, regionais, municipais, por exemplo) relacionam-se necessariamente umas com as outras, direta ou indiretamente. Conforme o caso, intercambiam produtos, ideias, cultura, arte, costumes, tecnologia, conhecimentos e experiências diversas, além do que não existe, compõe e constitui a sociedade humana e a natureza.

No plano internacional, esse intercâmbio permanente e incessante ocorre num quadro extremamente variado, composto de especializações, singularidades e discrepante e injusto grau de desenvolvimento. Essas diversidades, aliás ligadas à necessidade de troca e obtenção de determinados produtos, constituem a causa da ocorrência e intensificação do relacionamento intercomunitário. Pelas mesmas razões (e também por outras que ora não vêm a pelo) implicam a prevalência ou quando não o domínio puro e simples de umas comunidades sobre outras, obliterando-lhes, parcial e às vezes totalmente, os espaços de e para um desenvolvimento autonômico e independente.

(Guido Bilarinho, *Revista Dimensão*, ano V, n. 9, p. 3-4)

140. O texto

a) enfatiza o cultivo das ações propulsoras do desenvolvimento autonômico e independente.
b) aponta as desvantagens decorrentes de um grau injusto de desenvolvimento das comunidades.
c) critica o processo organizacional deficitário das comunidades em geral.
d) tece considerações sobre a maneira como se organiza a sociedade humana.
e) condena os meios modernos de supremacia no relacionamento intercomunitário.

Resposta: "d". Nunca podemos perder de vista que o texto se estrutura a partir de uma ideia central que deve ser apresentada no parágrafo de introdução, ou frase síntese. Nesse texto a frase síntese é: "A sociedade humana, tal como se acha organizada, não é una, nem uniforme e nem está, em seu conjunto, no mesmo estágio de desenvolvimento." Daí podermos afirmar

que o texto “d) tece considerações sobre a maneira como se organiza a sociedade humana”.

141. O texto

a) atribui ao intercâmbio permanente a fonte de progresso das comunidades.
b) acentua a exploração econômico-financeira como canal de dominação.
c) afirma a inexistência de igualdade nas comunidades da sociedade humana.
d) condiciona o relacionamento intercomunitário à mudança de organização da sociedade.
e) associa o intercâmbio permanente ao injusto grau de desenvolvimento social.

Resposta: “d”. O texto fala dos diferentes graus de desenvolvimento, o que aparece na opção d). As outras opções extrapolam as ideias apresentadas no texto. Vejamos a informação falsa: a) fonte de progresso; b) acentua a exploração; c) afirma a inexistência de igualdade; e) injusto grau de desenvolvimento.

142. De acordo com o texto, as diferentes comunidades na sociedade humana

a) ajustam-se às peculiaridades da natureza.
b) permutam benefícios de natureza diversa.
c) repudiam o relacionamento intercomunitário.
d) manifestam-se no mesmo nível de desenvolvimento.
e) caracterizam-se por traços homogêneos.

Resposta: “b”. As diferenças são benéficas pois permitem intercâmbios, ou seja, “permutam benefícios de natureza diversa”.

143. Entre o primeiro e o segundo parágrafos do texto, há uma relação de

a) concessão.
b) condição.
c) adição.
d) finalidade.
e) causa e consequência.

Resposta: “e”. Causa e consequência. Note que o primeiro parágrafo diz que as sociedades não são iguais (causa) e por isso intercambiam ideias, cultura, arte...” (consequência).

144. A substituição da expressão destacada em “... implicam a prevalência ou *quando não* o domínio de umas comunidades sobre outras...” mantém o sentido original em:

a) senão.
b) aliás.
c) ainda.
d) também.
e) assim.

Resposta: “a”. A expressão “quando não” equivale semântica e sintaticamente, no texto, a “senão”.

145. Na relação entre o vocabulário e os efeitos de sentido do texto, os termos (do 3º parágrafo) discrepante, prevalência, obliterar estão correta e respectivamente substituídos por

a) diferente — predominância — esquecer.
b) atenuante — preferência — encurtar.

c) dissonante — predominância — oferecer.
d) díspar — supremacia — extinguir.
e) intenso — preferência — invalidar.

Resposta: “d”. Discrepante = diferente, dissonante, diferente; prevalência = predominância, supremacia; obliterar = extinguir, invalidar. Assim a única opção com a sequência possível é d) díspar, supremacia, extinguir.

146. A substituição da expressão sublinhada em ... relacionam-se necessariamente *umas com as outras*... mantém o sentido original em:

a) as outras.
b) para com as outras.
c) pelas outras.
d) das outras.
e) às outras.

Resposta: “e”. Questão gramatical, pois se observa o uso de preposição e artigo, sendo que a preposição vem regida pelo verbo antecedente “relacionam-se”, que pode ter as preposições “com” e “a”, indiferentemente: relacionam-se umas COM as outras, ou relacionam-se umas Às outras.

147. Em ... os espaços *para* um desenvolvimento..., a ligação da preposição com o termo desenvolvimento traduz ideia de

a) finalidade.
b) qualidade.
c) proximidade.
d) limitação.
e) quantidade.

Resposta: “a”. A preposição “para”, nessa frase, indica finalidade.

Texto para as questões de 148 e 149.

O homem, como ser histórico, é o construtor da sociedade e o responsável pelo rumo que ela venha a tomar.

Tornamo-nos seres humanos na dialética mesma da hominização, ao produzirmos e transformarmos coletivamente a cultura e nos construirmos como sujeitos.

A nossa cultura atual, eivada de violências físicas e simbólicas, tem levado os seres humanos à massificação, à desumanização e à autodestruição. Fazendo frente a essa crise, a Cultura da Paz surge como uma proposta da ONU que tem por objetivo conscientizar a todos — governos e sociedades civis — para que se unam em busca da superação da falência do nosso paradigma atual, conclamando para a construção de um novo modelo substitutivo, assentado em ações, valores e princípios calcados em uma nova ética social, no respeito à diversidade cultural e na diminuição das desigualdades e injustiças.

(Editorial. *Revista da Faculdade de Educação do Estado da Bahia,*

ano 10, n. 14, jan./jun. 2001, com adaptações)

Julgue os itens 148 e 149, acerca do texto acima.

148. O aposto “como ser histórico” esclarece ou justifica as razões das características de homem que o período sintático apresenta a seguir.

Resposta: Certo.

149. A ideia de hipótese que o emprego de “venha” confere ao texto pode ser alternativamente expressa por *porventura vem*, sem prejuízo da argumentatividade e da correção gramatical do texto.

Resposta: Errado: o uso de “vem” (presente do indicativo) torna o texto gramaticalmente incorreto, já que a ideia é de hipótese.

Texto para as questões de 150 a 152.

A polêmica sobre o porte de armas pela população não tem consenso nem mesmo dentro da esfera jurídica, na qual há vários entendimentos como: “o cidadão tem direito a reagir em legítima defesa e não pode ter cerceado seu acesso aos instrumentos de defesa”, ou “a utilização da força é direito exclusivo do Estado” ou “o armamento da população mostra que o Estado é incapaz de garantir a segurança pública”. Independente de quão caloroso seja o debate, as estatísticas estão corretas: mais armas potencializam a ocorrência de crimes, sobretudo em um ambiente em que essas sejam obtidas por meios clandestinos. A partir daí, qualquer fato corriqueiro pode tornar-se letal. O porte de arma pelo cidadão pode dar uma falsa sensação de segurança, mas na realidade é o caminho mais curto para o registro de assaltos com morte de seu portador.

(Disponível em: <http://www.serasa.com.br/guiacontraviolencia>.
Acesso em: 28 set. 2004, com adaptações)

A respeito do texto, julgue os itens a seguir.

150. A retirada da expressão “nem mesmo” preservaria a coerência e a correção gramatical do texto, mas enfraqueceria o argumento que mostra a fragilidade do consenso.

Resposta: Certo.

151. O emprego das aspas indica vozes que representariam opiniões paradigmáticas a respeito do porte de armas.

Resposta: Certo.

152. De acordo com o desenvolvimento das ideias no texto, o advérbio “daí”, no último parágrafo, marca o momento do debate.

Resposta: Errado: o advérbio “daí” marca uma conclusão para o que foi dito anteriormente.

Considerando o texto abaixo, julgue o seguinte item 153.

O que importa para os proponentes do desarmamento da população é o sentimento de estar “fazendo algo” para acabar com a violência, mesmo que o tal “algo” seja absolutamente inócuo.

Desarmar a população só pode trazer dois resultados. O mais imediato é a continuação e até o recrudescimento da violência, já que bandidos vão contar com a certeza de que ninguém terá como reagir. O resultado mais remoto — mas nem por isso desprezível — é deixar a

população indefesa frente a aventuras políticas.

Quem duvida, procure a seção de História da biblioteca mais próxima.

(Paulo Leite. *Desarmamento e liberdade.*

Disponível em: <http://www.diegocasagrande.com.br>, com adaptações)

153. A argumentação do texto leva a inferir que aquilo que se encontrará na "seção de História da biblioteca mais próxima" serão razões políticas a favor do desarmamento da população.

Resposta: Errado: o que se encontra na "seção de História da biblioteca mais próxima" são relatos de violência contra o povo *desarmado*.

Para responder às questões de 154 a 158, considere o texto abaixo.

A expressão "indústria da cultura" foi provavelmente utilizada pela primeira vez no livro Dialética do Iluminismo, que Horkheimer e eu publicamos em Amsterdan, em 1947. Nas versões iniciais, falava-se de "cultura de massas".

Substituímos esta expressão por "indústria da cultura", a fim de excluir, logo de início, a interpretação que convém aos advogados daquela, ou seja, que se trataria de qualquer coisa como uma cultura que surge espontaneamente das próprias massas, a forma contemporânea da arte popular.

A indústria da cultura encontra-se nos antípodas de tal concepção. Ela reorganiza o que há muito se tornou um hábito, dotando-o de uma nova qualidade. Em todos os setores, os produtos são fabricados mais ou menos segundo um plano, talhados para o consumo de massas e, em larga medida, determinando eles próprios esse consumo. Os setores individuais assemelham-se quanto à estrutura ou, pelo menos, articulam-se entre si. Integram-se no sistema de forma ordenada e praticamente sem falhas, processo que fica a dever tanto aos recursos atuais da tecnologia como à concentração econômica e administrativa. A indústria da cultura é a integração propositada de seus consumidores, a partir de cima. Ela impõe igualmente a junção do domínio específico da arte maior e o da arte menor, domínios que estiveram separados durante séculos.

Junção que é desvantajosa para ambos. A seriedade da arte maior perece na especulação sobre os efeitos que produz: a coação civilizacional destrói, por seu turno, o elemento de resistência rebelde que era inerente à arte menor quando o controle de sociedade não era ainda total.

Se bem que a especulação da indústria da cultura acerca do estado de consciência ou inconsciência dos milhões de pessoas a quem se dirige seja um fato incontestável, as massas não representam uma realidade primária, mas constituem-se antes como objeto secundário e calculado, um apêndice da engrenagem. O cliente não é rei, como a indústria da cultura gostaria de fazer crer; não é o seu sujeito, mas sim o objeto.

(Adaptado de ADORNO, Theodor W. Breves considerações acerca da indústria da cultura.

In: *Sobre a indústria da cultura.* Coimbra: Ângelus Novus, 2003, p. 97-98)

154. Nas linhas iniciais do texto:

a) O livro de Horkheimer foi citado como comprovação da ideia cabalmente estabelecida de

que a expressão “indústria da cultura” é inovadora.

b) É apresentado de maneira assertiva o fato de que outros autores que antecederam a ***Dialética*** faziam uso da expressão “cultura de massas”, opondo-a a “indústria da cultura”.

c) A palavra que introduz o segmento “se trataria de qualquer coisa (...) da arte popular”, tem como antecedente o pronome *daquela.*

d) O cotejo estabelecido pela palavra “como” esclarece a distinção entre “cultura de massas” e “forma contemporânea da arte popular”, tal como proposta pelos defensores da primeira expressão.

e) Está expressa a ideia de que a substituição feita pelos autores não se deu pela revisão da natureza do fenômeno designado, mas para não favorecer certo tipo de leitura do fato.

Resposta: “e”. O texto afirma “Substituímos esta expressão por ‘indústria da cultura’, a fim de excluir, logo de início, a interpretação que convém aos advogados daquela, ou seja, que se trataria de qualquer coisa como uma cultura que surge espontaneamente das próprias massas, a forma contemporânea da arte popular.” Isso significa dizer que substituíram a expressão “e) ... para não favorecer certo tipo de leitura do fato”.

155. A frase *A indústria da cultura encontra-se nos antípodas de tal concepção*, no contexto, deve ser entendida da seguinte maneira:

a) O modo como a indústria cultural se estrutura na contemporaneidade opõe-se diametralmente ao modo espontâneo como as massas se expressavam anteriormente.

b) A concepção de que a cultura de massas é qualquer coisa que implique a manifestação de arte reverte o sentido que se dava à expressão, sendo-lhe acrescentada a qualidade de “popular”.

c) O modo como o autor do texto compreende a indústria da cultura é incompatível com o entendimento de que ela se constitui de manifestações espontâneas das massas.

d) A interpretação que o autor do texto propõe como correta para a expressão “indústria da cultura” contrapõe-se à ideia de que existe uma forma contemporânea de arte popular.

e) “Cultura de massas” e “forma contemporânea da arte” são manifestações que, embora em extremidades opostas, não apresentam a contradição que o autor vê na aproximação dos termos “indústria” e “da cultura”.

Resposta: “c”. A resolução se dá pelo entendimento da palavra “antípodas”, que significa “contrários, opostos”. Então “O modo como o autor do texto compreende a indústria da cultura é *incompatível* com o entendimento de que ela se constitui de manifestações espontâneas das massas.”

156. Integram-se no sistema de forma ordenada e praticamente sem falhas, *processo que fica a dever tanto aos recursos atuais da tecnologia como à concentração econômica e administrativa.* A indústria da cultura é a integração propositada de seus consumidores, a partir de cima. Ela impõe igualmente a junção do domínio específico da arte maior e o da arte menor, domínios que estiveram separados durante séculos. Junção que é desvantajosa para ambos. A seriedade da arte maior perece na especulação sobre os efeitos que produz: a coação civilizacional destrói, por seu turno, o elemento de resistência rebelde que era inerente à arte menor quando o controle da sociedade não era ainda total.

Considerando o fragmento acima, e o contexto, assinale a *única* afirmação INCORRETA.

a) Uma possível redação para o segmento grifado, totalmente adequada à norma da gramática prescritiva, seria: “processo que fica em débito quer com a concentração econômica e administrativa”.
b) A expressão “a partir de cima” associada a “fabricados mais ou menos segundo um plano” contribui para a construção do sentido de que a indústria cultural não contempla a espontaneidade das massas.
c) O segmento *na especulação sobre os efeitos que produz* expressa noção de processo.
d) No fragmento está pressuposto que, em tempos de indústria cultural, o controle da sociedade é completo.
e) No fragmento, está subtendida a ideia de que, sob certas condições, a resistência rebelde é elemento intrínseco à arte menor.

Resposta: “e”. Todas as ideias apresentadas nas assertivas estão no texto, exceto a de que “a resistência, sob certas condições a rebeldia é elemento intrínseco à arte menor”.

157. Se bem que a especulação da indústria da cultura acerca do estado de consciência ou inconsciência dos milhões de pessoas a quem se dirige seja um fato incontestável, as massas não representam uma realidade primária, mas constituem-se antes como objeto secundário e calculado, um apêndice da engrenagem.

No período acima transcrito,
a) *se bem que* equivale a “tanto que”.
b) se houvesse uma vírgula depois de *se bem que*, não haveria prejuízo da norma padrão.
c) *se bem que* poderia ser trocado por “embora”, sem que fossem feitas adaptações no restante da frase.
d) a palavra *como* tem idêntica natureza e função de *como* encontrado na frase: “Como as ciências modernas evoluem rapidamente hoje em dia!”.
e) se a palavra *antes* fosse deslocada, a nova sequência “mas constituem-se como objeto secundário e calculado, antes, um apêndice da engrenagem” preservaria o sentido original.

Resposta: “c”. A troca seria possível, sem necessidade de adaptação do restante da frase: Embora a especulação da indústria da cultura acerca do estado de consciência ou inconsciência dos milhões de pessoas a que se dirige seja um fato incontestável, as massas não representam uma realidade primária, mas constituem-se antes como objeto secundário e calculado, um apêndice da engrenagem.

158. O cliente não é rei, *como* a indústria da cultura gostaria de fazer crer; *não é* seu sujeito, mas sim o objeto.

Levando em conta o contexto, considere as afirmações que seguem sobre o autor e seus procedimentos na frase acima.

I. Fazendo uso de linguagem conotativa, expressa sua opinião acerca do lugar que o cliente verdadeiramente ocupa no contexto da indústria cultural.

II. Recorrendo a frase hipotética, explicita, pelo deslocamento da posição do cliente, o que lhe parece ser a relação entre “aquilo que é” e “aquilo que se deseja fazer parecer que é”.

III. Estabelecendo uma comparação — articulada pelos elementos grifados na frase acima — evidencia que o cliente não constitui preocupação da indústria cultural, embora

esta indústria tente criar a ilusão de que a produção é ditada pela expectativa das massas.
É correto o que se afirma em:
a) I, apenas.
b) I e II, apenas.
c) II e III, apenas.
d) II, apenas.
e) I, II e III.

Resposta: “b”. A afirmação que se faz em “III” está errada, pois a palavra “como” empregada no texto tem valor “conformativo” e não “comparativo”.

Leia o texto abaixo para responder às questões 159 a 162.

De modo geral, o século XVIII assistiu à passagem do sistema do mecenato, pelo qual o artista era financiado por um produtor opulento — secular ou eclesiástico — ao sistema de produção para o mercado. Sem dúvida, essa passagem foi gradual, e o mecenato não se extinguiu de todo. Giambattista Tiepolo passou a vida a serviço de protetores, como príncipe-bispo da Francônia e o rei da Espanha. Handel foi protegido pelos reis de Hanover.

Mas pouco a pouco surgiu um novo personagem — o artista que vivia do seu trabalho e era remunerado por sua própria clientela. O livro podia ser vendido, e bem vendido.

Dryden recebeu em 1697 a soma de 1400 libras por sua tradução de Virgílio. Pope enriqueceu com sua próprias obras e com a tradução da *Ilíada* e da *Odisseia*. Lessage ganhou a vida com seus romances e seu teatro. Surgiu o autor profissional. “Ser autor”, diz o *Almanach des auteurs*, de 1755, “hoje é uma profissão, como ser militar, eclesiástico ou financista.”

Essa independência é assegurada pelo favor do público, às vezes tão caprichoso como os antigos mecenas, mas outorgando aos autores um grau de liberdade que seria impensável no passado.

A independência não se limitava às letras. Um pintor como Reynolds enriqueceu com seus retratos, pelos quais cobrava preços astronômicos. A liberdade proporcionada pelo sucesso comercial não impedia os artistas de trabalharem para os grandes, mas permitia estabelecer com eles uma relação de altivez e até de arrogância.

Contratado pela corte da Rússia para executar uma estátua de Pedro, O Grande, o escultor Falconet recusou os vários projetos que lhe haviam sido submetidos a título de sugestão e teve o gesto magnífico de não aceitar a remuneração de 400 mil libras que lhe foi proposta: soberbo de desdém, exigiu receber exatamente a metade da quantia.

(Adaptado de Sérgio Paulo Rouanet, Ilustração e modernidade.

In: *Mal-estar na modernidade* (ensaios). São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 138)

159. A alternativa que apresenta o resumo mais adequado do texto é:

a) De modo geral, no século XVIII ocorreu a passagem lenta e permanente de sistemas de produção artística, sem que o mecenato se extinguisse (artistas como Handel continuaram a ser protegidos); quando surgiu a profissão de autor — como militar, por exemplo —, o público, mesmo exigente, deu-lhe liberdade, e o sucesso o fez ser arrogante até com os poderosos, de quem cobravam preços astronômicos.
b) De modo geral, no século XVIII se deu, de maneira progressiva, o abandono do sistema de

mecenato pelo de produção para o mercado, dando origem à profissão de autor; o sucesso de vendas permitia liberdade antes desconhecida, que propiciava ao artista não só poder trabalhar inclusive com os poderosos, mas também assumir, na relação com eles, até atitudes arrogantes.

c) De uma forma abrangente, pode-se dizer que o século XVIII foi o que permitiu que o produtor secular ou eclesiástico deixasse ao artista a liberdade de produzir para o mercado; muitos enriqueceram, como Dryden e Pope, outros continuaram a ser protegidos; autores e pintores eram livres para cobrar o que quisessem, e muitos, pelo sucesso, passaram a ser arrogantes até com os poderosos.

d) De certa forma, o século XVIII viu nascer nova profissão, a do artista, oriunda do abandono pelos mecenas e da produção para o mercado; o autor, por exemplo, se tivesse traduzido ou produzido obras importantes (caso de Dryden ou Pope), podia ser independente, chegando até a ser prepotente com os poderosos quando queriam um trabalho seu.

e) De certa forma, o século XVIII conheceu o processo de passagem de atividade artística de um polo a outro: do mecenato ao mercado; sem dúvida, lentamente, mas viu-se o aparecimento do novo personagem, o artista que vendia sua produção, e que podia ser mais livre; mesmo muito rigoroso, o público podia pagar bem, até enriquecendo o artista (caso de Reynolds) e tornando-o mais arrogante com os poderosos.

Resposta: "b". Um resumo deve trazer todas as ideias contidas no texto, deixando de lado os exemplos, os adjetivos e as circunstâncias, ou seja, deve-se trabalhar com o essencial. Vejamos como isso aparece na opção b): De modo geral, no século XVIII se deu, de maneira progressiva, o abandono do sistema de mecenato pelo de produção para o mercado, dando origem à profissão de autor (1º e 2º parágrafos); o sucesso de vendas permitia liberdade antes desconhecida, que propiciava ao artista não só poder trabalhar inclusive com os poderosos, mas também assumir, na relação com eles, até atitudes arrogantes (3º e 4º parágrafos). Note que o último parágrafo não precisa entrar no resumo, por tratar-se apenas de uma ilustração para o que foi explicitado anteriormente (a arrogância do autor).

160. A frase que, no contexto, constitui um argumento de confirmação é:

a) Sem dúvida, essa passagem foi gradual e o mecenato não se extinguiu de todo.
b) Mas pouco a pouco surgiu um novo personagem — o artista que vivia do seu trabalho...
c) A independência não se limitava às letras.
d) Essa independência é assegurada pelo favor do público...
e) "Ser autor", diz o *Almanach des auteurs*, de 1755, "é hoje uma profissão, como ser militar, eclesiástico ou financista".

Resposta: "e". Argumento é a comprovação de uma ideia, e um dos recursos argumentativos é a "fala de autoridade"; como acontece na opção "e) 'Ser autor', diz *Almanach des auteurs*, de 1755, 'é hoje uma profissão, como ser militar, eclesiástico ou financista'."

161. Contratado pela corte da Rússia para executar uma estátua de Pedro, o Grande, o escultor Falconet recusou os vários projetos que lhe haviam sido submetidos a título de sugestão e teve o gesto magnífico de não aceitar a remuneração de 400 mil libras que lhe foi proposta: soberbo de desdém, exigiu receber exatamente a metade da quantia.

Com relação ao fragmento acima transcrito, é correto afirmar:

a) Os dois-pontos anunciam um esclarecimento acerca de algo anteriormente enunciado.

b) Contratado pela corte da Rússia expressa, no contexto, noção da causa.
c) Haviam sido submetidos indica ação ocorrida simultaneamente à ação citada anteriormente, realizada pelo escultor — recusou.
d) A título de sugestão equivale a "porque ele pedira sugestão".
e) De natureza predominantemente narrativa, o excerto é objetivo, não apresentando marca alguma de subjetividade do autor.

Resposta: "a". Os dois-pontos podem introduzir um diálogo, uma citação, uma enumeração ou, como no fragmento destacado, uma explicação. Vejamos o que está errado nas outras opções: b) não é noção de "causa" e sim de finalidade; c) "haviam sido submetidos" expressa uma ação anterior a outra já passada, ou seja, é a noção de pretérito mais-que-perfeito; d) não é "porque" — que indica explicação —, pois a ideia é de conformidade; e) O texto é dissertativo, pois discute uma ideia: a passagem do sistema de mecenato para o sistema de produção de mercado; apresenta marcas de subjetividade, tais como: "Sem dúvida", "e bem vendido", "o gesto magnífico".

162. É correto afirmar que, no texto,

a) bem, em O livro podia ser vendido, e bem vendido, intensifica o ganho auferido com a venda.
b) pelo qual, em pelo qual o artista era financiado por um produtor opulento, pode ser substituído por "porque", sem que sejam afetados o sentido original e a norma padrão.
c) a frase Essa independência é assegurada pelo favor do público manteria o sentido original se fosse transposta para a voz ativa assim: O favor do público tinha assegurado essa independência.
d) o segmento grifado, em Reynolds enriqueceu com seus retratos, pelos quais cobrava preços astronômicos, pode ser substituído, sem que seja afetada a norma padrão, por "cujos os preços eram astronômicos".
e) até, em permitia estabelecer com eles uma relação de altivez e até de arrogância, indica que numa escalada ascendente, *arrogância* ocupa o menor grau.

Resposta: "a". Vejamos o erro das outras opções: b) "pelo qual" poderia ser substituído por "por que" — separado —, pois representa uma preposição e um pronome; c) na transformação de voz, devemos preservar o tempo verbal, assim não podemos mudar "é assegurada" — presente — por "tinha assegurado" — passado; d) depois do pronome "cujos" não pode aparecer artigo; e) "arrogância" ocupa maior grau, pois é o que vem depois do "até".

A propósito do texto abaixo, julgue as questões 163 e 164 como certas ou erradas.

O Mercado Comum do Sul (MERCOSUL) ganha uma sede oficial para funcionamento do Tribunal Permanente de Revisão do bloco, que vai funcionar como última instância no julgamento das pendências comerciais entre os países-membros. Melhorar o mecanismo de solução de controvérsias é um dos requisitos para o fortalecimento do MERCOSUL, *vide* as últimas divergências entre Brasil e Argentina. As decisões do tribunal terão força de lei. Sua sede será Assunção, no Paraguai.

Até agora, quando os países-membros divergiam sobre assuntos comerciais, era acionado o Tribunal Arbitral. Quem estivesse insatisfeito com o resultado do julgamento, no entanto, tinha de apelar a outras instâncias internacionais, como a Organização Mundial do Comércio (OMC).

(Gisele Teixeira, MERCOSUL ganha tribunal permanente,

Jornal do Brasil, ago. 2004, com adaptações)

163. A expressão “bloco” retoma, sem necessidade de repetição da mesma palavra, a ideia de “MERCOSUL”.

Resposta: Certa.

164. Infere-se das informações do texto que um dos pontos frágeis do funcionamento do MERCOSUL está no mecanismo de solução de controvérsias entre os países que o compõem.

Resposta: Certa.

Em relação ao texto abaixo, julgue os itens de número 165 a 167 como certos ou errados.

A análise que a sociedade costuma fazer da violência urbana é fundamentada em fatores emocionais, quase sempre gerados por um crime chocante, pela falta de segurança nas ruas do bairro, por preconceito social ou por discriminação. As conclusões dos estudos científicos não são levadas em conta na definição de políticas públicas. *Como reflexo dessa atitude*, o tratamento da violência evoluiu pouco no decorrer do século XX, ao contrário do que ocorreu com o tratamento das infecções, do câncer ou da AIDS. Nos últimos anos, entretanto, estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais precisos para avaliar a influência dos fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos *associados às raízes* sociais da violência *urbana*: pobreza, impunidade, acesso a armamento, narcotráfico, intolerância social, ruptura de laços familiares, imigração, corrupção de autoridades ou descrédito na justiça.

(Drauzio Varella. Disponível em: <http://www.drauziovarella.com.br>, com adaptações)

165. As informações do texto indicam que, além da consideração de “fatores emocionais” que geram violência, as políticas públicas voltadas para a segurança dos cidadãos baseiam-se frequentemente nas “conclusões dos estudos científicos” que focalizam esse tema.

Resposta: Errado. O texto afirma que houve uma evolução no tratamento das doenças por causa das conclusões dos estudos científicos, e faz uma crítica, justamente, ao fato de o tratamento da violência ter evoluído pouco, por falta de estudos científicos.

166. A expressão “Como reflexo dessa atitude” introduz uma ideia que é uma *consequência* em relação à informação antecedente. Portanto poderia, sem prejuízo da correção e do sentido do texto, ser substituída pela palavra Consequentemente.

Resposta: Certo.

167. É correto inferir no texto que houve evolução no tratamento de certas doenças porque estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais exatos para avaliar seus fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes da violência.

Resposta: Errado. A evolução no tratamento das doenças se deu pelos resultados dos estudos científicos e não pelos “fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes da violência.” Houve uma mistura de informações contidas no texto.

Os dois textos que seguem (A e B) são referência para as questões de 168 a 173.

Texto A:

Diversos municípios brasileiros, especialmente aqueles que se urbanizaram de forma muito rápida, não oferecem à população espaços públicos para a prática de atividades culturais, esportivas e de lazer. A ausência desses espaços limita a criação e fortalecimento de redes de relações sociais. Em um tecido social esgarçado, a violência *é cada vez* maior, ameaçando a vida e enclausurando ainda mais as pessoas nos espaços domésticos.

(Disponível em: <http://www.polis.org.br>, com adaptações)

Considerando o texto A, julgue os seguintes itens como certos ou errados.

168. A expressão "tecido social esgarçado" está empregada em sentido figurado e representa a ideia de que as estruturas sociais estão *fortalecidas* em suas instituições oficiais.

Resposta: Errado. O adjetivo "esgarçado" expressa a ideia de coisa fraca, destruída, que se desfaz — o contrário de "fortalecidas".

169. A inserção da palavra consequentemente, entre vírgulas, antes de "cada vez" torna explícita a relação entre ideias desse período e aquelas apresentadas anteriormente no texto.

Resposta: Certo.

170. A expressão "ainda mais" reforça a ideia implícita de que há dois motivos para o enclausuramento das pessoas: falta de espaços públicos que favoreçam as relações sociais com atividades culturais, esportivas e de lazer e o aumento da ameaça de violência.

Resposta: Certo.

Texto B:

Entre os primatas, o aumento da densidade populacional não conduz necessariamente à violência desenfreada. Diante da redução do espaço físico, criamos leis mais fortes para controlar os impulsos individuais e impedir a barbárie. Tal estratégia de sobrevivência tem lógica evolucionista: descendemos de ancestrais que tiveram sucesso na defesa da integridade de seus grupos; os incapazes de fazê-lo não deixaram descendentes. Definitivamente, não somos como os ratos.

(Drauzio Varella. Disponível em: <http://www.drauziovarella.com.br>, com adaptações)

Acerca dos textos A e B, julgue cada um dos itens a seguir como certo ou errado.

171. Tanto no texto A como no B a questão do espaço físico como um dos fatores intervenientes no processo de intensificação da violência é vista sob o prisma da densidade populacional excessiva.

Resposta: Errado. No texto B se afirma que "o aumento da densidade populacional não conduz necessariamente à violência." Essa ideia aparece apenas no texto A.

172. Como a escolha de estruturas gramaticais pode evidenciar informações

pressupostas e significações implícitas, no texto B o emprego da forma verbal em primeira pessoa — "criamos" — autoriza a inferência de que os seres humanos pertencem à ordem dos primatas.

Resposta: Certo.

173. Por funcionar como um recurso coesivo de substituição de ideias já apresentadas, no texto B, a expressão "Tal estratégia de sobrevivência" retoma o termo antecedente "violência desenfreada".

Resposta: Errado. "Tal estratégia de sobrevivência" retoma o termo antecedente "criamos leis mais fortes para controlar os impulsos individuais e impedir a barbárie."

Com base no texto abaixo, julgue os itens de 174 a 178.

O valor da vida é de tal magnitude que, até mesmo nos momentos mais graves, quando tudo parece perdido dadas as condições mais excepcionais e precárias — como nos conflitos internacionais, na hora em que o direito da força se instala negando o próprio Direito, e quando tudo é paradoxal e inconcebível —, ainda assim a intuição humana tenta protegê-lo contra a insânia coletiva, criando regras que impeçam a prática de crueldades inúteis.

Quando a paz passa a ser apenas um instante entre dois tumultos, o homem tenta encontrar nos céus do amanhã uma aurora de salvação. A ciência, de forma desesperada, convoca os cientistas a se debruçarem sobre as mesas de seus laboratórios, na procura de meios salvadores da vida. Nas salas de conversação internacionais, mesmo entre intrigas e astúcias, os líderes do mundo inteiro tentam se reencontrar com a mais irrecusável de suas normas: o respeito pela vida humana.

Assim, no âmago de todos os valores, está o mais indeclinável de todos eles: a vida humana. Sem ela, não existe a base de sua identidade. Mesmo diante da proletária tragédia de cada homem e de cada mulher, quase naufragados na luta desesperada pela sobrevivência do dia a dia, ninguém abre mão do seu direito de viver. Essa consciência é que faz a vida mais que um bem: um valor.

A partir dessa concepção, hoje, mais ainda, a vida passa a ser respeitada e protegida não só como um bem afetivo ou patrimonial, mas pelo valor ético de que ela se reveste. Não se constitui apenas de um meio de continuidade biológica, mas de uma qualidade e de uma dignidade que faz com que cada um realize seu destino de criatura humana.

(Disponível em: <www.dhnet.org.br>. Acesso em: ago. 2004, com adaptações)

174. O texto estrutura-se de forma argumentativa em torno de uma ideia fundamental e constante: *a vida humana como um bem indeclinável.*

Resposta: Certo.

175. O primeiro parágrafo discorre acerca da valorização da existência e da necessidade de proteção da vida contra a insânia coletiva, por intermédio de normas de convivência que impeçam a prática de crueldades inúteis, principalmente em épocas de graves conflitos internacionais, quando o direito da força contrapõe-se à força do Direito e quando a situação se apresenta paradoxal e inconcebível.

Resposta: Certo.

176. No segundo parágrafo, estão presentes as ideias de que *a paz é ilusória*, não passando de um instante apenas de trégua entre dois tumultos, e de que, *para mantê-la, os cientistas se desdobram à procura de fórmulas* salvadoras da humanidade e os líderes mundiais se encontram para preservar o *respeito recíproco*.

Resposta: Errado. O texto afirma que a paz se torna "um instante entre dois tumultos", mas não afirma que ela seja ilusória; quando escrevemos "para mantê-la, os cientistas...", esse "-la" se refere à "paz", quando o texto afirma que os cientistas se desdobram para manter a "vida"; quando escrevemos "os líderes mundiais se encontram para preservar o respeito recíproco", esse respeito acontece entre eles próprios, mas o texto afirma que eles se encontram pelo "respeito à vida".

177. No penúltimo parágrafo, encontra-se uma redundância: a afirmação de que o soberano dos valores é *a vida humana, sem a qual não existe a pessoa humana*, sequer a sua identidade.

Resposta: Certo.

178. O comprometimento ético para com a humanidade é defendido no último parágrafo do texto, que discorre *acerca da vida não só como um meio de continuidade biológica, mas como a responsável pelo destino da criatura humana.*

Resposta: Errado. O texto é claro: "a vida passa a ser respeitada e protegida não só como um bem afetivo ou patrimonial, mas pelo valor ético de que ela se reveste". É isso que defende o último parágrafo.

Texto para os itens 179 e 180.

Os novos sherlocks

Dividida basicamente em dois campos, criminalística e medicina legal, a área de perícia nunca esteve tão na moda. Seus especialistas volta e meia estão no noticiário, levados pela profusão de casos que requerem algum tipo de tecnologia na investigação. Também viraram heróis de seriados policiais campeões de audiência. Nos EUA, maior produtor de programas desse tipo, o sucesso é tão grande que o horário nobre, chamado de *prime time*, ganhou o apelido de *crime time*. Seis das dez séries de maior audiência na TV norte-americana fazem parte desse filão.

Pena que a vida de perito não seja tão fácil e glamourosa como se vê na TV. Nem todos utilizam aquelas lanternas com raios ultravioleta para rastrear fluidos do corpo humano nem as canetas com raio laser que traçam a trajetória da bala. "Com o avanço tecnológico, as provas técnicas vêm ampliando seu espaço no direito brasileiro, principalmente na área criminal", declara o presidente da OAB/SP, mas, antes disso, já havia peritos que recorriam às mais diversas ciências para tentar solucionar um crime.

Na divisão da polícia brasileira, o pontapé inicial da investigação é dado pelo perito, sem a companhia de legistas, como ocorre nos seriados norte-americanos. Cabe a ele examinar o local do crime, fazer o exame externo na vítima, coletar qualquer tipo de vestígio, inclusive impressões digitais, pegadas e objetos do cenário, e levar as evidências para análise nos laboratórios forenses.

(Pedro Azevedo, *Folha Imagem*, ago. 2004, com adaptações)

A respeito do texto acima, julgue os itens 179 e 180.

179. De acordo com o presidente da OAB/SP, *as provas técnicas têm sido ampliadas*, principalmente na área criminal, com o avanço tecnológico no espaço do direito brasileiro.

Resposta: Errado. De acordo com o texto, “as provas técnicas não têm sido ampliadas”, e sim “vêm ampliando o seu espaço no direito brasileiro” — são ideias bem diferentes.

180. Está explícita no último parágrafo do texto a seguinte relação de causa e consequência: o perito examina o local do crime, faz o exame externo da vítima e coleta qualquer tipo de vestígio porque precisa levar as evidências para análise nos laboratórios forenses.

Resposta: Errado. Antes de tudo, “o perito examina o local do crime, faz o exame externo da vítima e coleta qualquer tipo de vestígio”, em seguida leva “as evidências para a análise nos laboratórios forenses.” Levar as evidências para a análise não é causa, é posterioridade.

11 VIEIRA, Padre Antônio. Sermão da Sexagésima. In: *Os sermões*. São Paulo: Difel, 1968, v. VI.
2 GULLAR, Ferreira. *Toda poesia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
3 VESENTINI, J. W. *Brasil, sociedade e espaço*. São Paulo: Ática, 1992.
4 Disponível em: <http://sasico.com.br/psico/?p=902>. Acesso em: 19 set. 2010.
5 QUADROS, Jânio. *Curso prático de língua portuguesa e sua literatura*. São Paulo: Formar, 1966.
6 SABBAG, Eduardo de Moraes. *Redação forense e elementos de gramática*. 4. ed. São Paulo: RT, 2011.
7 Este texto circula pela internet, sem autor definido.
8 Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/2010/08/31/desmatamento-da-amazonia-e-o-menor-dos-menores-diz-ministra.jhtm>. Acesso em: 6 abr. 2011.
9 MEIRELES, Cecília. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
10 BARBOSA, Rui. *Oração aos moços*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1999.
11 Disponível em: <http://www.mundoeducacao.com.br/literatura/dadaismo.htm>. Acesso em: 6 abr. 2011.
12 ASSIS, Machado de. Histórias de quinze dias, 1º/11/1877. In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. v. 4.
13 LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1977.
14 PAES, José Paulo. *Poesia completa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
15 *Idem, ibidem*.
16 ASSIS, Machado de. Memórias póstumas de Brás Cubas. In: *Obras completas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. v. I.
17 AMADO, Jorge. *Gabriela, cravo e canela*. 44. ed. Rio de Janeiro: Record, 1984.
18 ASSIS, Machado de. Conto de escola. In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. v. II.
19 GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*. 17. ed. São Paulo: Ática, 1991.
20 ALENCAR, José de. *O guarani*. 16. ed. São Paulo: Ática, 1991.
21 AZEVEDO, Aluísio. *Casa de pensão*. 7. ed. São Paulo: Ática, 1992.
22 LISPECTOR, Clarice. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* . 17. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.
23 FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 13. ed. São Paulo: EDUSP, 2010.
24 PONTE PRETA, Stanislaw. A velha contrabandista. In: *Gol de padre*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003 (Col. Para Gostar de Ler — v. 23).
25 Numa prova de concurso público, não podemos utilizar esse modelo de interpretação, pois, se assim o fizéssemos, teríamos infinitas possibilidades de resposta para cada questão da prova.
26 RUSSEL, Bertrand. *Revista Mensal de Cultura, Enciclopédia Bloch*, n. 53, set. 1971.
27 Essa divisão nos é dada por Leonor Lopes Fávero.
28 Elemento gramatical representante de uma categoria como, por exemplo, o nome; caracteriza-se por baixa densidade sêmica: traz as marcas do que substitui (FÁVERO, 2005, p. 19).
29 ASSIS, Machado. *Obras completas em quatro volumes*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008, p. 11. v. II.
30 *Ibidem*, p. 751.
31 *Ibidem*, p. 33.
32 *Ibidem*, p. 228.
33 *Ibidem*, p. 1.371.

34 *Ibidem*, p. 529.
35 *Ibidem*, p. 477.
36 *Ibidem*, p. 351.
37 *Ibidem*, p. 175.
38 *Ibidem*, p. 882.
39 *Ibidem*, p. 915.
40 BANDEIRA, M. 1958. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Aguilar, p. 218. v. 1.
41 *Ibidem*, p. 307.
42 PESSOA, F. 1960. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Aguilar, p. 360-1.
43 *Ibidem*, p. 175.
44 *Ibidem*, p. 447.
45 *Ibidem*, p. 171.
46 *Ibidem*, p. 1.081.
47 *Ibidem*, p. 1.241.
48 *Ibidem*, p. 51.
49 ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando:* introdução à filosofia. São Paulo: Moderna, 1993, p. 50.
50 FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia:* saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
51 Fávero (2005, p. 75-77) resume todos esses conceitos na ideia de *frames*, pois para ela "O *frame* parece ser a noção mais abrangente, tornando-se mais produtivo considerá-lo o modelo cognitivo mais global e o que possui capacidade de abarcar os demais".
52 GARMUS, Ludovico (Coord.). *Bíblia sagrada*. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.
53 CAMÕES, Luís de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1963, p. 298.
54 RUSSELL, Bertrand. Ensaios céticos. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1957, p. 67-68. In: FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. *Para entender o texto:* leitura e redação. 11. ed. São Paulo: Ática, 1995.
55 FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. *Para entender o texto:* leitura e redação. 11. ed. São Paulo: Ática, 1995.
56 SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Pesquisa & ensino da língua:* contribuições da sociolinguística. UFRJ/CNPq. Rio de Janeiro, 1996.
57 Exemplo retirado da Prova para a Carreira Diplomática/Instituto Rio Branco — realizada pelo Cespe-UnB, em 2000. Resumo feito pela candidata Márcia Nazaré Souza Chaves (nota: 38 pontos — do total de 40 pontos). In: SAVIOLI, Francisco; FIORIN, José Luiz. *Manual do candidato — Português*. 2. ed. Brasília: FUNAG, 2001.
58 Esses conceitos já foram dados anteriormente.
59 SINGER, Paul. *A formação da classe operária*. São Paulo: Atual, 1988, p. 44.

9

REDAÇÃO OFICIAL

CAPÍTULO VII
DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA
Seção I
DISPOSIÇÕES GERAIS
Art. 37. A administração pública direta e indireta de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios obedecerá aos princípios de legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência (...).

Constituição Federal

9.1. CORRESPONDÊNCIA

Correspondência é qualquer forma de **comunicação escrita entre duas** pessoas ou entidades. Isso inclui um simples bilhete informal, despreocupado e íntimo, até o ofício com suas formalidades e seu tom grave.

São inúmeros os tipos de correspondência, mas podemos citar três como os mais importantes: **oficial, comercial** e **particular**.

Nos concursos públicos, temos questões referentes à correspondência oficial.

9.2. CORRESPONDÊNCIA OFICIAL

Muito frequente **entre órgãos públicos e entre pessoas/empresas e órgãos públicos**, a correspondência oficial tem um aspecto para o qual poucos atentam: ela inclui textos que têm caráter documental e jurídico mesmo que tramitem apenas entre pessoas. É o caso da declaração, da ata, do atestado, do parecer etc.

Existem as mais variadas divisões sobre os tipos de correspondência oficial, que podem ser vistas em vários livros que tratam do assunto. Uma divisão didática é:

- abaixo-assinado;
- acórdão;
- alvará;
- ato;
- auto;

- boletim;
- certificado;
- citação;
- **comunicação:** apostila, ata, aviso, certidão, circular, contrato, convênio, declaração, decreto, edital, exposição de motivos, instrução, lei, memorando, mensagem, ofício, ordem de serviço ou instrução, parecer, petição, portaria, relatório, requerimento, resolução, telegrama;
- consulta;
- convenção;
- decisão;
- diploma;
- ementa;
- estatuto;
- fórmula;
- guia;
- indicação;
- manifesto;
- memorial;
- moção;
- norma;
- notificação;
- procuração;
- proposição;
- protocolo;
- provisão;
- recomendação;
- registro;
- requisição;
- termo.

9.3. CARACTERÍSTICAS DA REDAÇÃO OFICIAL

Impessoalidade, uso de **padrão culto da linguagem, clareza, concisão, formalidade** e **padronização:** essas são as características de toda redação oficial. Elas estão no art. 37 da Constituição Federal.

A administração pública direta, indireta ou fundacional, de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos municípios, obedecerá aos princípios de legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência.

É inconcebível que uma comunicação oficial não possa ser entendida por qualquer cidadão; assim sendo, a publicidade citada na Constituição implica necessariamente

clareza e concisão.

Outro aspecto importante é a interpretação do texto oficial. Ela deve ser sempre **impessoal e uniforme**, para que possa ser única; isso pressupõe o uso de certo nível de linguagem: o padrão culto.

A uniformidade da redação oficial é imprescindível, pois há sempre um único emissor (o Serviço Público) e dois possíveis receptores (o próprio Serviço Público ou os cidadãos).

Isso não quer dizer que a redação oficial deva ser árida e infensa à evolução da língua. A sua finalidade básica — comunicar com impessoalidade e máxima clareza — impõe certos parâmetros ao uso que se faz da língua, de maneira diversa daquele da literatura, do texto jornalístico, da correspondência particular etc.

9.3.1. Impessoalidade

A comunicação se efetiva pela presença de três pessoas:[1]

a) alguém que comunique — emissor;

b) algo a ser comunicado — mensagem;

c) alguém que receba essa comunicação — receptor.

Na redação oficial, o emissor é sempre o Serviço Público (este ou aquele Ministério, Secretaria, Departamento, Divisão, Serviço, Seção).

A mensagem é sempre algum assunto relativo às atribuições do órgão que comunica.

O receptor dessa comunicação ou é o público, o conjunto dos cidadãos, ou outro órgão público, do Executivo, do Legislativo ou do Judiciário.

A **impessoalidade** que deve ser característica da redação oficial decorre:

a) da ausência de impressões individuais de quem comunica: obtém-se, assim, uma desejável padronização, que permite que comunicações elaboradas em diferentes setores da Administração guardem entre si certa uniformidade;

b) da impessoalidade de quem recebe a comunicação: ela pode ser dirigida a um cidadão, sempre concebido como *público*, ou a outro órgão público — em um e outro casos temos um destinatário concebido de forma homogênea e impessoal;

c) do caráter impessoal do próprio assunto tratado: o tema das comunicações oficiais se restringe a questões que dizem respeito ao interesse público.

Na redação oficial não há lugar para impressões pessoais, ela deve ser isenta da interferência da individualidade de quem a elabora.

9.3.2. Correção gramatical

Deve-se empregar **linguagem padrão** nos expedientes oficiais, cuja finalidade primeira é a de informar com clareza e objetividade.

A necessidade de empregar essa determinada linguagem nos atos e expedientes oficiais decorre do caráter público desses atos e comunicações e de sua finalidade.

Os atos oficiais, entendidos como atos de caráter normativo, estabelecem regras para a

conduta dos cidadãos e regulam o funcionamento dos órgãos públicos. Isso é alcançado se, em sua elaboração, for empregada linguagem adequada. O mesmo se dá com os expedientes oficiais, cuja finalidade precípua é a de informar com clareza e objetividade.

Nos textos oficiais, por seu caráter impessoal, por sua finalidade de informar com o máximo de clareza e concisão, deve-se usar o padrão culto da língua. Há consenso de que o padrão culto é aquele em que se observam as regras da gramática formal e em que se emprega vocabulário comum ao conjunto dos usuários do idioma. É importante ressaltar que a obrigatoriedade do uso do padrão culto na redação oficial decorre do fato de que ele está acima das diferenças lexicais, morfológicas ou sintáticas regionais, dos modismos vocabulares, das idiossincrasias linguísticas, permitindo, por essa razão, que se atinja a pretendida compreensão por todos os cidadãos.

As gírias, os regionalismos vocabulares, os jargões técnicos ou qualquer outro tipo de linguagem de um grupo específico são proibidos, pois as comunicações que partem dos órgãos públicos devem ser compreendidas por todo e qualquer cidadão brasileiro. Não há dúvida de que qualquer texto que apresente tais linguagens terá sua compreensão dificultada.

A língua escrita compreende diferentes níveis, de acordo com o uso que dela se faça. Não podemos nos esquecer de que o texto oficial deve ser claro e objetivo e, por seu caráter impessoal, por sua finalidade de informar com o máximo de clareza e concisão, requer o uso do padrão culto da língua.

O padrão culto é aquele em que:

a) se observam as regras da gramática formal;

b) se emprega um vocabulário comum ao conjunto dos usuários do idioma.

Ressalte-se ainda que o *jargão burocrático*, como todo jargão, deve ser evitado, pois terá sempre sua compreensão limitada.

9.3.3. Formalidade e padronização

As comunicações oficiais **devem ser sempre formais:** são necessárias certas formalidades de tratamento. Isso diz respeito:

a) ao correto emprego do pronome de tratamento para uma autoridade de certo nível;

b) à polidez;

c) à civilidade no próprio enfoque dado ao assunto do qual cuida a comunicação.

A formalidade de tratamento vincula-se à ideia de a administração federal ser una, portanto as comunicações devem seguir um determinado padrão.

A clareza gráfica (impressão), o uso de papéis uniformes para o texto definitivo e a correta diagramação do texto são indispensáveis para a padronização.

9.3.3.1. Pronomes de tratamento

O uso de pronomes de tratamento é a **forma respeitosa** de nos dirigirmos às autoridades civis, militares e eclesiásticas.

Os pronomes de tratamento apresentam certas peculiaridades quanto à concordância verbal, nominal e pronominal:

a) **referem-se à** segunda pessoa **gramatical** (à pessoa com quem se fala, ou a quem se dirige a comunicação);

b) **concordam com a** terceira pessoa (aquele de quem se fala).

Assim sendo, os pronomes possessivos referidos a pronomes de tratamento são sempre os da terceira pessoa: "Vossa *Senhoria* levará *seu* secretário" (e não "*vosso*").

Os adjetivos que se referem a esses pronomes concordam com o sexo da pessoa a quem se dirigem, e não com o substantivo que compõe a locução. Assim, se nosso interlocutor for homem, o correto é "*Vossa Excelência está preocupado*", "*Vossa Senhoria será eleito*"; se for mulher, "*Vossa Excelência está preocupada", "Vossa Senhoria será eleita*".

9.3.3.1.1. Emprego dos pronomes de tratamento

9.3.3.1.1.1. Vossa Excelência

Em comunicações dirigidas às seguintes autoridades:

a) **do Poder Executivo:** Presidente da República; Vice-Presidente da República; Ministros de Estado; Governadores (e Vice) de Estado e do Distrito Federal; Oficiais-Generais das Forças Armadas; Embaixadores; Secretários-Executivos de Ministérios e demais ocupantes de cargos de natureza especial; Secretários de Estado dos Governos Estaduais; Prefeitos Municipais.

b) **do Poder Legislativo:** Deputados Federais e Senadores; Ministro do Tribunal de Contas da União; Deputados Estaduais e Distritais; Conselheiros dos Tribunais de Contas Estaduais; Presidentes das Câmaras Legislativas Municipais.

c) **do Poder Judiciário:** Ministros dos Tribunais Superiores; Membros de Tribunais; Juízes; Auditores da Justiça Militar.

Todas as autoridades serão tratadas com o vocativo Senhor**, seguido do cargo respectivo:** Senhor Senador; Senhor Juiz; Senhor Ministro; Senhor Governador.

Porém, **o vocativo a ser empregado em comunicações dirigidas aos Chefes de Poder é** Excelentíssimo Senhor**, seguido do cargo respectivo:** Excelentíssimo Senhor Presidente da República; Excelentíssimo Senhor Presidente do Congresso Nacional; Excelentíssimo Senhor Presidente do Supremo Tribunal Federal.

No envelope, o endereçamento das comunicações dirigidas às autoridades tratadas por *Vossa Excelência* obedecerá à seguinte forma:

A Sua Excelência o Senhor
Fulano de Tal
Ministro de Estado da Justiça
70064-900 — Brasília-DF

A Sua Excelência o Senhor

Senador Fulano de Tal
Senado Federal
70165-900 — Brasília-DF

A Sua Excelência o Senhor
Fulano de Tal
Juiz de Direito da 10ª Vara Cível
Rua XYZ, nº 567
01219-012 — São Paulo-SP

Fica abolido o uso do tratamento digníssimo **(DD) às autoridades arroladas acima.** A dignidade é pressuposto para que se ocupe qualquer cargo público, sendo desnecessária sua repetida evocação.

9.3.3.1.1.2. Vossa Senhoria

É empregado para as demais autoridades e para particulares. O vocativo adequado é *Senhor* seguido do cargo do destinatário: Senhor Chefe da Divisão de Serviços Gerais.

No envelope, deve constar do endereçamento:

Ao Senhor
Fulano de Tal
Rua Dom Juan de Marco, nº 386
05591-010 — São Paulo-SP

Como se depreende do exemplo acima, fica dispensado o emprego do superlativo *ilustríssimo* para as autoridades que recebem o tratamento de *Vossa Senhoria* e para particulares. É suficiente o uso do pronome de tratamento *Senhor*.

Acrescente-se que *doutor* não é forma de tratamento, e sim título acadêmico. Seu emprego deve ser restrito a comunicações dirigidas a pessoas que tenham tal grau por terem concluído curso universitário de doutorado. Nos demais casos, o tratamento *Senhor* confere a desejada formalidade às comunicações.

9.3.3.1.1.3. Vossa Magnificência

Empregada, por força da tradição, em comunicações dirigidas a reitores de universidade. Corresponde-lhe o vocativo *Magnífico Reitor*.

9.3.3.1.1.4. Vossa Santidade

Em comunicações dirigidas ao Papa. O vocativo correspondente é *Santíssimo Padre*.

9.3.3.1.1.5. Vossa Eminência ou Vossa Eminência Reverendíssima

Em comunicações aos Cardeais. Corresponde-lhe o vocativo *Eminentíssimo Senhor Cardeal* ou *Eminentíssimo e Reverendíssimo Senhor Cardeal*.

9.3.3.1.1.6. Vossa Excelência Reverendíssima

É usado em comunicações dirigidas a Arcebispos e Bispos.

9.3.3.1.1.7. Vossa Reverendíssima ou Vossa Senhoria Reverendíssima

Para Monsenhores, Cônegos e superiores religiosos.

9.3.3.1.1.8. Vossa Reverência

É empregado para sacerdotes, clérigos e demais religiosos.

9.3.4. Concisão e clareza

Uma das qualidades de um texto é a concisão. Conciso é o texto que consegue transmitir um máximo de informações com um mínimo de palavras.

Existe um **princípio de** economia linguística, e a concisão atende a esse princípio. Não se deve de forma alguma entendê-la como *economia de pensamento*. Trata-se exclusivamente de cortar palavras inúteis, redundâncias, passagens que nada acrescentem ao que já foi dito.

A clareza deve ser a qualidade básica de todo texto oficial. Pode-se definir como claro aquele texto que possibilita imediata compreensão pelo leitor. Ela depende estritamente das demais características da redação oficial.

Para que haja clareza é necessário:

a) a impessoalidade;

b) o uso do padrão culto de linguagem;

c) a formalidade e a padronização;

d) a concisão.

9.4. MANUAL DE REDAÇÃO DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

Em 1991, criou-se uma comissão para simplificar, uniformizar e atualizar as normas da redação dos atos e comunicações oficiais, pois eram utilizados os mesmos critérios desde 1937. A obra, denominada **Manual de Redação da Presidência da República**, dividiu-se em duas partes: a primeira trata das comunicações oficiais, a segunda cuida dos atos normativos no âmbito Executivo. Os responsáveis pelas duas partes foram, respectivamente, o diplomata Nestor Forster Jr. e o então Ministro Gilmar Mendes.

Em 2002, uma revisão adequou o manual aos avanços da informática. É nessa edição revisada de 2002 que se baseiam os comentários aqui feitos.

9.5. INSTRUÇÃO NORMATIVA N. 4/92

O *Diário Oficial da União* publicou, em 9 de março de 1992, o Decreto n. 468, de 6 de março de 1992, em que o Presidente estabeleceu regras para a redação de atos normativos do Poder Executivo. No mesmo dia, a Secretaria de Administração Federal baixou a Instrução Normativa n. 4, tornando obrigatória, nos órgãos da administração federal, a observação das modalidades de comunicação oficial, constantes no **Manual de Redação da Presidência da República**.

Eis, a seguir, as instruções a serem observadas.

9.6. O PADRÃO OFÍCIO

Há três tipos de expedientes que se diferenciam antes pela finalidade do que pela forma: **o** ofício**, o** aviso **e o** memorando. Com o fito de uniformizá-los, pode-se adotar uma diagramação única que siga o que chamamos de *padrão ofício*.

9.6.1. Partes do documento no padrão ofício

O *aviso*, o *ofício* e o *memorando* devem conter as seguintes partes: **tipo do documento, local, data, destinatário, assunto, texto, fecho, assinatura e identificação do signatário**. Vejamos uma a uma.

9.6.2. Tipo do documento

Identificação do tipo do documento — que pode ser abreviado —, número do documento, seguido da sigla do órgão que o expede:

Aviso 987/SRF
Mem. 987/INSS
Of. 987/SSP-SP

9.6.3. Local e data

Local e data, por extenso, com alinhamento à direita:

São João da Boa Vista, 13 de julho de 2007.

9.6.4. Destinatário

Nome e cargo da pessoa a quem é dirigida a comunicação. No caso do ofício, deve ser incluso também o *endereço*.

9.6.5. Assunto

Resumo do teor do documento.

Assunto: *Produtividade do órgão em 2002*.
Assunto: *Necessidade de aquisição de novos computadores*.

9.6.6. Texto

O expediente deve conter a seguinte estrutura:

a) introdução, que se confunde com o parágrafo de abertura, na qual é apresentado o assunto que motiva a comunicação. Evite o uso das formas: "*Tenho a honra de*", "*Tenho o prazer de*", "*Cumpre-me informar que*"; empregue a forma direta;

b) desenvolvimento, no qual o assunto é detalhado; se o texto contiver mais de uma ideia sobre o assunto, elas devem ser tratadas em parágrafos distintos, o que confere maior clareza à exposição;

c) conclusão, em que é reafirmada ou simplesmente reapresentada a posição

recomendada sobre o assunto.

Os parágrafos do texto devem ser numerados, exceto nos casos em que estes estejam organizados em itens ou títulos e subtítulos.

Nos casos em que for de mero encaminhamento de documentos, a estrutura é a seguinte:

a) introdução: deve iniciar com referência ao expediente que solicitou o encaminhamento. Se a remessa do documento não tiver sido solicitada, deve iniciar com a informação do motivo da comunicação, que é *encaminhar*, indicando a seguir os dados completos do documento encaminhado (tipo, data, origem ou signatário e assunto de que trata) e a razão pela qual está sendo encaminhado, segundo a fórmula:

> "*Em resposta ao Aviso n. 12, de 1º de fevereiro de 1991, encaminho, anexa, cópia do Ofício n. 34, de 3 de abril de 1990, do Departamento Geral de Administração, que trata da requisição do servidor Fulano de Tal*."

ou

> "*Encaminho, para exame e pronunciamento, a anexa cópia do telegrama n. 12, de 1º de fevereiro de 1991, do Presidente da Confederação Nacional de Agricultura, a respeito de projeto de modernização de técnicas agrícolas na região Nordeste*."

Observação: Se o autor da comunicação desejar fazer algum comentário a respeito do documento que encaminha, poderá acrescentar parágrafos de *desenvolvimento*.

9.6.7. Fecho

O fecho das comunicações oficiais possui, além da finalidade óbvia de arrematar o texto, a de saudar o destinatário. Os modelos para fecho que vinham sendo utilizados foram regulados pela Portaria n. 1 do Ministério da Justiça, de 1937, que estabelecia quinze padrões. Na intenção de simplificá-los e uniformizá-los, a Instrução Normativa n. 4 estabelece o emprego de somente dois fechos diferentes para todas as modalidades de comunicação oficial:

a) **Respeitosamente**, para autoridades superiores;

b) **Atenciosamente**, para autoridades de mesma hierarquia ou subordinadas.

9.6.8. Identificação do signatário

Excluídas as comunicações assinadas pelo Presidente da República, todas as demais comunicações oficiais devem trazer o nome e o cargo da autoridade que as expede, abaixo do local de sua assinatura. A forma da identificação deve ser a seguinte:

(espaço para assinatura)
Nome
Cargo

9.7. FORMA DE DIAGRAMAÇÃO

Os documentos devem obedecer à seguinte forma de apresentação:

a) deve ser utilizada fonte do tipo *Times New Roman* de corpo 12 no texto em geral, 11 nas citações e 10 nas notas de rodapé;

b) para símbolos não existentes na fonte *Times New Roman,* poder-se-á utilizar as fontes *Symbol* e *Wingdings*;

c) é obrigatório constar, a partir da segunda página, o número da página;

d) o início de cada parágrafo do texto deve ter 2,5 cm de distância da margem esquerda;

e) o campo destinado à margem lateral esquerda terá, no mínimo, 3 cm de largura, no caso de juntada ou anexação em processo;

f) o campo destinado à margem lateral direita terá 1,5 cm;

g) deve ser utilizado espaçamento simples entre as linhas;

h) não deve haver abuso no uso de negrito, itálico, sublinhado, letras maiúsculas, sombreado, sombra, relevo, bordas ou qualquer outra formatação que afete a elegância e a sobriedade do documento;

i) a impressão dos textos deve ser feita na cor preta em papel branco. A impressão colorida deve ser usada apenas para gráficos e ilustrações;

j) todos os tipos de documentos do *padrão ofício* devem ser impressos em papel de tamanho *A4*, ou seja, 29,7 x 21,0 cm;

l) dentro do possível, todos os documentos elaborados devem ter o arquivo de texto preservado (Arquivo (de computador): Armazenamento) para consulta posterior ou aproveitamento de trechos para casos análogos;

m) para facilitar a localização, os nomes dos arquivos devem ser formados da seguinte maneira: *tipo do documento + número do documento + palavras-chave do conteúdo:*

Ex.: "Of. N. 123 — relatório produtividade ano 2005".

9.8. COMUNICAÇÕES OFICIAIS

Veremos agora as particularidades de cada uma das modalidades das comunicações oficiais.

9.8.1. Apostila

Apostila é o **aditamento a um ato administrativo anterior, para fins de retificação ou atualização**. Apostilar é o mesmo que *anotar à margem*, *emendar*, *corrigir*. É a complementação de um ato. Trata-se de ato aditivo, confirmatório de alterações de honras, direitos, regalias ou vantagens, exarado em documento oficial, com a finalidade de atualizá-lo. A apostila tem por objeto a correção de dados constantes em atos administrativos anteriores ou o registro de alterações na vida funcional de um servidor, tais como promoções, lotação em outro setor, majoração de vencimentos, aposentadoria, reversão à atividade, entre outros.

Geralmente, a apostila é feita no verso do documento a que se refere. Pode, no entanto, caso não haja mais espaço para o registro de novas alterações, ser feita em folha separada

(com timbre oficial), que será anexada ao documento principal. É lavrada como um termo e publicada em órgão oficial.

Partes:

a) título: denominação do documento;

b) texto: desenvolvimento do assunto;

c) data: às vezes precedida da sigla do órgão;

d) assinatura;

e) identificação do signatário: nome e cargo ou função da autoridade.

Modelo de Apostila

APOSTILA

A Diretora do _____, no uso de suas atribuições, tendo em vista o que consta do Processo n. _____, declara, em retificação à Portaria n. _____, que a designação de Assistente Administrativo, classe F, da Secretaria de _____, a _____ [NOME DO FUNCIONÁRIO] _____, é para o período de _____ de _____ de _____ a _____ de _____ de _____, e não como constou na referida Portaria.

[SIGLA DO ÓRGÃO], em _____ de _____ de _____.

[ASSINATURA]

[NOME]

[CARGO]

9.8.2. Ata

Ata é o **documento em que se registram, de forma exata e metódica, as ocorrências, resoluções e decisões das assembleias, reuniões ou sessões realizadas por comissões, conselhos, congregações, corporações ou outras entidades semelhantes**.

É documento de valor jurídico. Por essa razão, deve ser redigida de tal maneira que não se possa modificá-la posteriormente. Geralmente é lançada em livros próprios, devidamente autenticados, cujas páginas são rubricadas por quem redigiu os termos de abertura e de encerramento, o que lhes dá cunho oficial. Há os que substituem os livros por folhas soltas, sistema que, embora ofereça algumas vantagens de caráter prático, tem, por outro lado, sérios inconvenientes, tais como a facilidade de extravio e de acréscimos ou modificações posteriores, com objetivos fraudulentos.

Na ata não se fazem parágrafos ou alíneas; escreve-se tudo seguidamente para evitar que nos espaços em branco se façam acréscimos. Existem, no entanto, tipos de ata que, por se referirem a atos rotineiros e de procedimento padronizado, são lançados em formulários a serem preenchidos. Mesmo nesses tipos de ata é conveniente, com a finalidade de prevenir qualquer fraude, preencher os eventuais espaços em branco com pontos ou outros sinais convencionais.

Não se admitem rasuras. Para ressalvar erro constatado durante a redação, usa-se a

palavra “digo”, depois da qual se repete a palavra ou expressão anterior ao mesmo erro.

Ex.: *Aos dezesseis dias do mês de maio, digo, do mês de setembro de mil novecentos e noventa e nove, reuniu-se o...*

Quando se constata erro ou omissão após a redação, usa-se a expressão “em tempo”, que é colocada após o escrito, seguindo-se a emenda ou acréscimo.

Ex.: *Em tempo: Na linha onde se lê abono, leia-se abandono.*

Em caso de contestações ou emendas ao texto apresentado, a ata só poderá ser assinada depois de aprovadas as correções. Assinam a ata, geralmente, todas as pessoas presentes à reunião. Às vezes, ela é assinada somente pelas pessoas que presidiram a sessão (presidente e secretário) e/ou outros, e seu conteúdo é dado à publicidade, para conhecimento dos interessados ou para fins de legalização.

As partes de uma ata variam segundo a natureza das reuniões. As mais importantes e que mais frequentemente aparecem, além do título e das assinaturas, são as seguintes:

a) dia, mês, ano e hora da reunião (por extenso);

b) local da reunião;

c) pessoas presentes, devidamente qualificadas (conselheiros, professores, delegados etc.);

d) presidente e secretário dos trabalhos;

e) ordem do dia (discussões, votações, deliberações etc.);

f) fecho.

Modelo de Ata

COMISSÃO ESPECIAL DE INQUÉRITO

Ata da Reunião da Comissão _____ das irregularidades existentes no _____.

Aos _____ dias do mês de _____ de _____, às dez horas e trinta minutos, no Plenário _____, do Edifício _____, no Estado de São Paulo, realizou-se a oitava Reunião da Comissão Especial de Inquérito constituída com a finalidade de proceder a um levantamento das condições e irregularidades existentes no Sistema _____, sob a Presidência do(a) _____, em que estiveram presentes os(as) Senhores(as) _____, _____ e _____. Havendo número regimental, o(a) Senhor(a) Presidente declarou abertos os trabalhos. Concedida a palavra inicialmente ao Doutor _____, este fez uma explanação sobre o sistema _____, suas falhas e problemas, e sobre a busca de soluções. Nada mais havendo a tratar, _____ agradeceu a presença de todos e declarou encerrada a reunião, da qual eu, _____, Secretário da Comissão, lavrei a presente ata, que vai assinada pelo Senhor Presidente, por mim e pelos presentes.

[ASSINATURA(S)]

9.8.3. Aviso

O aviso é **expedido exclusivamente por Ministros de Estado, Secretário-Geral da Presidência da República, Consultor-Geral da República, Chefe do Estado-Maior**

das Forças Armadas, Chefe do Gabinete Militar da Presidência da República e pelos Secretários da Presidência da República, para autoridades de mesma hierarquia. Tem como finalidade o tratamento de assuntos oficiais pelos órgãos da Administração Pública entre si.

Quanto à sua forma, o *aviso* segue o modelo do *padrão ofício*, com acréscimo do *vocativo*, que invoca o destinatário, seguido de vírgula.

Exemplos:

Excelentíssimo Senhor Presidente da República,

Senhora Ministra,

Senhor Chefe de Gabinete,

Modelo de Aviso

Aviso n. 35/SSP-PR

Brasília, 17 de fevereiro de 2000.

A Sua Excelência o Senhor

[NOME E CARGO]

Assunto: Seminário sobre uso de energia no setor público.

Senhor Ministro,

Convido Vossa Excelência a participar da sessão de abertura do *Primeiro Seminário Regional sobre o Uso Eficiente de Energia no Setor Público*, a ser realizado em 5 de março próximo, às 9 horas, no auditório da Escola Nacional de Administração Pública — ENAP, localizada no Setor de Áreas Isoladas Sul, nesta capital.

O Seminário mencionado inclui-se nas atividades do *Programa Nacional das Comissões Internas de Conservação de Energia em Órgãos Públicos*, instituído pelo Decreto n. 99.656, de 26 de outubro de 1990.

Atenciosamente,

[NOME DO SIGNATÁRIO]

[CARGO DO SIGNATÁRIO]

9.8.4. Certidão

Trata-se de **documento revestido de formalidades legais, fornecido por autoridade competente, a pedido do interessado, solicitado ou requisitado** ex officio **por autoridade administrativa ou judicial e destinado a fazer certa a existência de registro em livro, processo ou documento qualquer em poder do expedidor, referente a determinado ato ou fato, ou dar forma à inexistência de tal registro**.

Como um documento público, a certidão pode servir de prova de ato jurídico. As certidões negativas da Fazenda Nacional, Estadual ou Municipal, em casos de escritura de transferência de imóveis, exoneram o imóvel e isentam o adquirente de qualquer responsabilidade.

As certidões podem ser de inteiro teor ou resumidas, contanto que exprimam fielmente

o que contém o original de onde foram extraídas. Quando a certidão consiste em transcrição *verbum ad verbum*, isto é, integral, também recebe o nome de *traslado*. É escrita em linhas corridas, sem emendas ou rasuras.

Quaisquer espaços em branco devem ser preenchidos com pontos ou outros sinais convencionais.

Partes:

a) título: nome do documento, muitas vezes já impresso em papel próprio;

b) preâmbulo: alusão ao ato que determinou a expedição do documento. Também, quando for o caso, será mencionado o documento ou livro de onde a certidão está sendo extraída;

c) texto: teor do que se certifica; transcrição do documento original ou descrição do que foi encontrado;

d) fecho: termo de encerramento e assinatura dos funcionários que intervieram no ato (quem lavrou e quem conferiu);

e) local e data (da expedição do ato);

f) visto da autoridade que autorizou a lavratura da certidão: representa o ato de aprovação e reconhecimento da autoridade, a fim de que a certidão produza os efeitos legais desejados.

Modelo de Certidão

CERTIDÃO

CERTIFICO, a pedido verbal da parte interessada e à vista dos registros existentes na Seção de Pessoal, que a Senhora _____ ocupa, atualmente, o cargo de Chefe de Secretaria PJ-1, do Quadro de Pessoal da Secretaria _____, do Setor Administrativo, para o qual foi nomeada pelo Ato n. _____, de dois de agosto de mil novecentos e setenta e dois, tendo tomado posse e entrado em exercício na mesma data, ficando lotada na _____ desta Capital. CERTIFICO, ainda, que as atribuições inerentes ao referido cargo se acham enumeradas no artigo _____ da Consolidação das Leis do Trabalho. CERTIFICO, finalmente, que a Senhora _____ foi efetivada no cargo de Chefe de Secretaria PJ-1, desde a data de sua nomeação (dois de agosto de mil novecentos e setenta e dois) até a data em que é expedida a presente certidão. Do que, para constar, eu, _____, Auxiliar Administrativo, nível 7A, extraí a presente certidão, aos seis dias do mês de outubro de dois mil e três, a qual vai devidamente conferida e assinada pelo Senhor _____, Chefe da Seção de Pessoal, e visada pelo Senhor _____, Diretor da Divisão Administrativa da Secretaria _____.

Visto:

[ASSINATURA] [ASSINATURA]

[NOME] [NOME]

[CARGO] [CARGO]

9.8.5. Circular

Circular é toda comunicação reproduzida em cópias, de igual teor, e expedida a diferentes pessoas, órgãos ou entidades. Especificamente, como documento, é **mensagem endereçada simultaneamente a diversos destinatários, para transmitir avisos, ordens ou instruções**.

Modelo de Circular

CIRCULAR N. _____, _____ DE _____ DE _____

Senhor Secretário,

Comunico a Vossa Excelência que, por determinação do Senhor Governador do Estado de São Paulo, no dia 28 do mês em pauta, dia do Servidor Público, o expediente será normal nas repartições públicas do Estado. Porém, será considerado ponto facultativo o dia 1º de novembro, segunda-feira. A medida não abrangerá serviços que, por sua natureza, não admitem paralisação.

Atenciosamente,

[ASSINATURA]

[NOME]

[CARGO]

Ao senhor

[NOME]

[CARGO]

Nesta Capital

9.8.6. Contrato

Contrato é o **acordo de vontades que tem por fim criar, modificar ou extinguir direitos e obrigações**. Os contratos celebrados compreendem, quanto ao regime jurídico, duas modalidades:

a) os contratos de direito privado, como a compra e venda, a doação, o comodato, regidos pelo Código Civil, parcialmente derrogados por normas publicistas;

b) os contratos administrativos, dentre os quais se incluem:

- os tipicamente administrativos, sem paralelo no direito privado e inteiramente regidos pelo direito público, como a concessão de serviços, de obras e de uso de bem público;
- os que têm paralelo no direito privado, mas também são regidos pelo direito público, como o mandato, o empréstimo, o depósito, a empreitada.

Contrato administrativo é todo aquele que a Administração Pública firma com o particular ou outra entidade administrativa, para a realização de serviço, execução de obra ou obtenção de qualquer outra prestação de interesse público nas condições estabelecidas pela própria administração.

A expressão “contrato administrativo” é utilizada para indicar vínculo jurídico entre a administração pública e um particular visando à realização de determinada prestação. Esse tipo de contrato é precedido de licitação, para a qual a administração pública deverá,

formalmente, estabelecer as suas necessidades e os encargos que assumirá.

Esses contratos devem estabelecer com clareza e precisão as condições para a sua execução expressas em cláusulas que definam os direitos, obrigações e responsabilidades das partes, em conformidade com os termos do instrumento convocatório (o edital de licitação) e da proposta a que se vinculam.

Os contratos para os quais a legislação permita dispensa ou inexigibilidade de licitação deve atender aos termos do ato que os autorizou e da respectiva proposta.

A formalização é a materialização do contrato administrativo, o qual deve estar vinculado ao instrumento convocatório e às cláusulas necessárias estabelecidas na Lei de Licitações e Contratos.

As cláusulas necessárias em todo contrato estabelecem:

I — o objeto e seus elementos característicos;

II — o regime de execução ou a forma de fornecimento;

III — o preço e as condições de pagamento, os critérios, a data-base e a periodicidade do ajustamento de preços, os critérios de atualização monetária entre a data do adimplemento (pagamento em dia) das obrigações e a do efetivo pagamento;

IV — os prazos de início de etapas de execução, de conclusão, de entrega, de observação e de recebimento definitivo, conforme o caso;

V — o crédito pelo qual correrá a despesa, com a indicação da classificação funcional programática e da categoria econômica;

VI — as garantias oferecidas para assegurar sua plena execução quando exigidas;

VII — os direitos e as responsabilidades das partes, as penalidades cabíveis e os valores das multas;

VIII — os casos de rescisão;

IX — o reconhecimento dos direitos da Administração, em casos de rescisão administrativa;

X — as condições de importação, a data e a taxa de câmbio para conversão, quando for o caso;

XI — a vinculação ao edital de licitação ou ao termo que a dispensou ou a inexigiu ao convite e à proposta do licitante vencedor;

XII — a legislação aplicável à execução do contrato e especialmente aos casos omissos;

XIII — a obrigação do contratado de manter, durante toda a execução do contrato, em compatibilidade com as obrigações por ele assumidas, todas as condições de habilitação e qualificação exigidas em uma licitação.

Modelo de Contrato

TERMO DE CONTRATO

Termo de Contrato celebrado entre o Departamento _____ e a Empresa _____ para a aquisição de bens e contratação de serviços pela Administração Pública Estadual.

Aos _____ dias do mês de março de dois mil e quatro, no gabinete do Diretor do _____/ SIGLA, compareceu perante o senhor (Nome), Diretor, o representante da Empresa _____, o qual declarou que assina o presente termo de contrato, mediante as seguintes cláusulas:

Cláusula Primeira — O objeto do presente Contrato corresponde a:

I — fornecimento de material de _____;

II — acompanhamento das necessidades ____.

Cláusula Segunda — A Empresa se obriga a ____:

I — fornecer ___;

II — esclarecer ___.

Cláusula Terceira — Para assinatura do Contrato, a Contratada deverá:

I — depositar no Banco ___;

II — como garantia de execução ___.

Cláusula Quarta — Fica eleito o foro da cidade de São Paulo, Estado de São Paulo, para dirimir quaisquer controvérsias originadas do presente Contrato.

E, por estarem assim justos e contratados, firmam o presente instrumento em três vias de igual teor, na presença de duas testemunhas.

São Paulo, _____ de _____ de _____.

[ASSINATURA]

[NOME]

[CARGO]

Testemunhas:

Assinatura: _____

Assinatura: _____

9.8.7. Convênio

Convênios administrativos são **acordos firmados por entidades públicas de qualquer espécie, ou entre estas e organizações particulares, para a realização de objetivos de interesse comum dos partícipes**.

Convênio é acordo, mas não é contrato. No contrato, as partes têm interesses diversos e opostos; no convênio, os partícipes têm interesses comuns e coincidentes. Em outras palavras, no contrato há sempre duas partes (podendo ter mais de dois signatários), uma que pretende o objeto do ajuste (a obra, o serviço etc.), outra que pretende a contraprestação correspondente (o preço ou qualquer outra vantagem), diversamente do que ocorre no convênio, em que não há partes, mas unicamente partícipes com as mesmas pretensões.

Por essa razão, no convênio, a posição jurídica dos signatários é uma só, idêntica para todos, podendo haver apenas diversificação na cooperação de cada um, segundo suas possibilidades, para a consecução do objetivo comum, desejado por todos.

O convênio manter-se-á como simples pacto de cooperação, mas irá dispor de uma pessoa jurídica que lhe dará execução, exercendo direitos e contraindo obrigações em nome próprio e oferecendo as garantias peculiares de uma empresa.

A organização dos convênios não tem forma própria, mas sempre se fez com autorização legislativa e recursos financeiros para atendimento dos encargos assumidos no termo de cooperação. A execução dos convênios tem ficado, comumente, a cargo de uma das entidades participantes ou de comissão diretora.

O convênio deve conter o prazo de duração, podendo ser prorrogado quantas vezes se fizerem necessárias ao objetivo final.

O convênio pode ser extinto a qualquer momento pela vontade dos partícipes. Acertada a extinção, lavra-se o termo de extinção ou de rescisão.

A Lei Federal n. 8.666/93 é aplicada aos convênios, acordos, ajustes e outros instrumentos congêneres celebrados por órgãos e entidades da Administração Pública.

A celebração de convênio, acordo ou ajuste pelos órgãos ou entidades da Administração Pública depende de prévia aprovação de competente Plano de Trabalho, também chamado de Plano de Aplicação, proposto pela organização interessada, o qual deverá conter, no mínimo, as seguintes informações:

a) identificação do objeto a ser executado;

b) metas a serem atingidas;

c) etapas ou fases de execução;

d) plano de aplicação dos recursos financeiros;

e) cronograma de desembolso;

f) previsão de início e fim da execução do objeto, bem como da conclusão das etapas ou fases programadas. Se o ajuste compreender obra ou serviço de engenharia, comprovação de que os recursos próprios para complementar a execução do objeto estão devidamente assegurados, salvo se o custo total do empreendimento recair sobre a entidade ou órgão descentralizador.

Após a assinatura do convênio, dá-se a publicidade necessária, e a entidade ou o órgão repassador dará ciência dele à Assembleia Legislativa ou à Câmara Municipal respectiva.

As parcelas do convênio serão liberadas em estrita conformidade com o plano de aplicação aprovado e podem ficar retidas até o saneamento das impropriedades, como, por exemplo:

a) não comprovação de boa e regular aplicação da parcela anteriormente recebida;

b) desvio de finalidade na aplicação dos recursos, atrasos não justificados no cumprimento das etapas ou fases programadas ou ainda inadimplemento do executor com relação a outras cláusulas conveniais básicas;

c) quando o executor deixar de adotar as medidas saneadoras apontadas pelo partícipe repassador dos recursos ou por integrantes do respectivo sistema de controle interno.

Modelo de Convênio

TERMO DE CONVÊNIO

Termo de Convênio que entre si estabelecem o Departamento — [SIGLA] e a Secretaria _____, para uma ação conjunta na área de Gestão de Documentos.

O Departamento _____, representado neste ato pela sua Diretora, [NOME], de um lado, de outro lado a Secretaria Estadual _____, representada pelo seu Secretário, [NOME], firmam o presente Convênio, mediante adoção das Cláusulas seguintes:

Cláusula Primeira — A Secretaria Estadual de _____ transferirá ao [SIGLA] recursos financeiros no valor de R$ [ESCREVER POR EXTENSO], como parcela inicial, para elaboração do projeto de Treinamento Profissional nas Escolas _____.

Parágrafo único. A complementação de recursos será efetuada com dotações previstas para o ano _____.

Cláusula Segunda — Os encargos previstos na Cláusula anterior correrão por conta do _____.

Cláusula Terceira — Os recursos financeiros serão aplicados de acordo _____.

Cláusula Quarta — ____.

Cláusula Quinta — A dotação do Projeto, anteriormente relacionado, acha-se empenhada no _____ com as seguintes características:

Elemento: 4.1.2.0 Nota de Empenho n. ____, de ____ de ____ de _____.

Cláusula Sexta — O presente Termo terá vigência até _____ de _____ de _____, podendo ser prorrogado após aprovação orçamentária.

E, por estarem de pleno acordo com as Cláusulas e condições anteriores, firmam o presente, perante as testemunhas a seguir.

São Paulo, _____ de _____ de _____.

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]
[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]
Testemunhas:
Assinatura: _____
Assinatura: _____

9.8.8. Correio eletrônico

O correio eletrônico (e-mail), por seu baixo custo e celeridade, transformou-se na principal forma de comunicação para transmissão de documentos.

Um dos atrativos da comunicação por correio eletrônico é a sua flexibilidade. Assim, não interessa definir uma forma rígida para a sua estrutura. Entretanto, deve-se evitar o uso de linguagem incompatível com uma comunicação oficial.

O campo *assunto* do formulário de correio eletrônico "mensagem" deve ser preenchido de modo a facilitar a organização documental, tanto do destinatário quanto do remetente. Para os arquivos de textos, a serem anexados à mensagem, deve ser utilizado, preferencialmente, o formato *Rich Text* (*arquivo>salvar como>tipo de arquivo>formato rich text*). A mensagem que encaminha algum arquivo deve trazer informações mínimas sobre seu conteúdo. "Arquivo (de computador): Envio pela Internet."

Sempre que disponível, deve-se utilizar o recurso de *confirmação de leitura*. Caso não seja disponível, deve constar da mensagem pedido de confirmação de recebimento.

Nos termos da legislação em vigor, para que a mensagem de correio eletrônico tenha *valor documental* e para que possa ser aceita como documento original, é necessário existir *certificação digital* que ateste a identidade do remetente, na forma estabelecida em lei.

9.8.9. Declaração

Significa a **afirmação da existência de um fato; existência ou não de um direito**. Tanto pode ser manifestada por escrito como por meio de viva voz. Quando for por escrito, a declaração é conhecida como documento. Entretanto, quando a declaração provém de alguma autoridade, recebe várias denominações, conforme o caso; por exemplo: aviso, edital, instrução, despacho, decisão, ofício, portaria, sentença. Ainda, segundo as circunstâncias e a finalidade da declaração, ela toma várias outras denominações, como, por exemplo: declaração de direito, de vontade, de ausência, de crédito, de guerra, de falência, de interdição, de nascimento, de óbito, de renda, de princípios etc.

Pode-se iniciar uma declaração assim:

Declaro, para fins de prova junto ao órgão...
Declaro, para os devidos fins, que...
Declaro, a pedido verbal de...
Modelo de Declaração
DECLARAÇÃO
DECLARAMOS, para os devidos fins, que _____ submeteu-se às provas do Concurso Vestibular Unificado de _____, realizado por esta Comissão, nos dias _____ de _____, das _____ às _____ horas.
Sete Palmos, _____ de _____ de _____.
[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]

9.8.10. Decreto

Decretos, em sentido próprio e restrito, são **atos administrativos da competência exclusiva dos chefes do Executivo, destinados a prover situações gerais ou**

individuais, abstratamente previstas de modo expresso, explícito ou implícito pela legislação.

Os decretos executivos têm por objeto:

a) pôr em execução uma disposição legal;

b) estabelecer medidas gerais para cumprimento da lei;

c) providenciar sobre matéria de ordem funcional;

d) resolver sobre interesse da Administração;

e) decidir sobre algum interesse de ordem privada que se prenda ao da Administração;

f) criar, modificar, limitar ou ampliar uma situação jurídica;

g) organizar, reformar ou extinguir serviços públicos dentro da competência do Poder Executivo.

Os decretos executivos costumam ser divididos em dois tipos:

9.8.10.1. Decretos regulamentares

São aqueles que visam "explicar a lei e facilitar a sua execução, aclarando seus mandamentos e orientando a sua aplicação".[2] Expressam regras jurídicas gerais e abstratas, de caráter impessoal. Sempre são numerados.

9.8.10.2. Decretos individuais ou coletivos

São os relativos a situações funcionais, podendo abranger um (decreto individual) ou mais (decreto coletivo) servidores. Não são, geralmente, numerados. São compostos das seguintes partes:

a) numeração (epígrafe): denominação, número e data de expedição do decreto. Os decretos referentes a situações funcionais (que, em determinadas administrações estaduais, substituem-se por atos) não são, geralmente, numerados;

b) ementa ou rubrica: resumo da matéria do decreto. É digitada em espaço simples, a partir do meio em direção à margem direita do papel. Não costuma aparecer nos decretos de ordem funcional;

c) título ou preâmbulo: parte preliminar de uma lei, decreto ou diploma na qual o soberano anuncia a sua promulgação; denominação completa, em caracteres maiúsculos, da autoridade executiva que expede o ato. É representado por fórmulas convencionais de introdução;

d) fundamentação: citação do dispositivo legal em que se apoia a decisão, seguida da palavra "decreta". Em decretos de ordem funcional, a forma "decreta" é substituída por "resolve", seguida do verbo que indica especificamente a matéria do ato: tornar sem efeito, designar, declarar etc. Em muitos decretos numerados, após a citação do dispositivo legal em que se fundamenta o decreto, aparecem os considerandos. Trata-se de considerações cuja finalidade é justificar a expedição do ato respectivo;

e) texto (ou contexto): é a parte essencial do ato e tem o artigo como a unidade básica para apresentação, divisão ou agrupamento dos assuntos. Quanto à numeração,

consagrou-se a práxis, hoje positivada pela Lei Complementar n. 95, de 26 de fevereiro de 1998, de até o artigo nono (art. 9º) se adotar a numeração ordinal. A partir do de número 10, empregam-se os algarismos arábicos correspondentes, seguidos de ponto-final (art. 10.). Os artigos serão designados pela abreviatura "*Art.*" sem traço antes do início do texto. Os textos dos artigos serão iniciados com letra maiúscula e encerrados com ponto-final, exceto quando tiverem incisos, caso em que serão encerrados por dois-pontos.

Os artigos podem desdobrar-se em *parágrafos* ou *incisos,* estes em *alíneas ou letras,* que serão desdobradas em *itens ou números.*

Os *parágrafos*, representados pelo sinal gráfico (§§), constituem a imediata divisão de um artigo, ou, como anotado por Arthur Marinho, "(...) *parágrafo* sempre foi, numa lei, disposição secundária de um artigo em que se explica ou modifica a disposição principal". Também, no parágrafo, consagrou-se a prática da numeração ordinal até o nono (§ 9º) e cardinal a partir do parágrafo dez (§ 10). No caso de haver apenas um parágrafo, adota-se a grafia *Parágrafo único* (e não *§ único*). Os textos dos parágrafos serão iniciados com letra maiúscula e encerrados com ponto-final.

Os incisos são utilizados como elementos discriminativos do artigo se o assunto nele tratado não puder ser condensado no próprio artigo ou se não se mostrar adequado a constituir parágrafo. Os incisos são indicados por algarismos romanos e as alíneas por letras.

As alíneas ou letras constituem desdobramentos dos incisos e dos parágrafos. A alínea ou letra será grafada em minúscula e seguida de parêntese: *a*) ; *b*) ; *c*) etc. O desdobramento das alíneas (itens) faz-se com números cardinais, seguidos do ponto: 1.; 2. etc.

Artigos Agrupados = Seções
Seções Agrupadas = Capítulos
Capítulos Agrupados = Títulos
Títulos Agrupados = Livros
Livros Agrupados = Partes
Partes se dividirão em Geral e Especial;
f) local e data: o fecho também é constituído de formas consagradas.
Exemplos:

Palácio do Governo em São Paulo, _____ de _____ de _____.
Prefeitura Municipal de São Paulo, em _____ de _____ de _____.
São Paulo, _____ de _____, de _____, _____ da Independência e _____ da República;

g) assinatura do Chefe do Governo e referenda de um ou mais Secretários de Estado.
Modelo de Decreto
DECRETO N. _____, DE _____ DE _____ DE _____
Norteia os editais e minutas dos contratos de licitação.

O GOVERNADOR DO ESTADO DE SÃO PAULO, no uso das atribuições que lhe confere o art. 87, itens V e VI, da Constituição Estadual, e tendo em vista o disposto na Lei Estadual n. 7.465, de 5 de junho de 1977,

DECRETA:

Art. 1º Deve fazer parte integrante dos editais e das minutas de contratos, de toda e qualquer licitação, a exigência de prestação de garantia para a contratação de empresa prestadora de serviço.

Art. 2º O contratado, na assinatura do documento em pauta, optará por uma das três modalidades previstas no § 1º, do art. 56, da Lei Federal n. 8.666, de 21 de junho de 1993.

Art. 3º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 4º Revogam-se as disposições em contrário.

São Paulo, _____ de _____ de _____, _____ da Independência e _____ da República.

[ASSINATURA]
[NOME]
Governador do Estado de São Paulo
[ASSINATURA]
[NOME]
Secretário de Estado da Administração e da Previdência
[ASSINATURA]
[NOME]
Secretário de Estado da Educação
[ASSINATURA]
[NOME]
Procurador-Geral do Estado

9.8.11. Edital

Edital é o **ato escrito oficial, contendo aviso, determinação, ou citação, mandado publicar, por autoridade competente, no órgão oficial ou outros órgãos de imprensa, ou, ainda, afixado em lugares públicos, onde seja facilmente lido por todos**.

São objeto de editais concorrências administrativas para aquisição, alienação ou recuperação de material, aberturas de concursos para provimento de cargos públicos, intimações, notificações, convocações e demais avisos que, por sua natureza, devam ter ampla divulgação, conforme a legislação vigente.

Partes:

a) título: denominação do ato, muitas vezes seguido do seu número de ordem e data de expedição. Outras vezes, o título é completado com a espécie de edital de que se trata: de citação, de anulação etc. Não sendo colocada junto ao título, a data aparece após o texto;

b) ementa: resumo do assunto do edital. Não é parte obrigatória e aparece, principalmente, em editais de concorrência pública e tomada de preço. Oferece a vantagem de propiciar o conhecimento prévio e sucinto do que é exposto em seguida;

c) texto: desenvolvimento do assunto. Havendo vários parágrafos, convém numerá-los com algarismos arábicos, de preferência, e, se necessário, desdobrá-los em itens e alíneas. Não se numera o primeiro parágrafo;

d) assinatura: nome da autoridade competente, indicando-se seu cargo ou função.

Os editais de licitação deverão seguir a Lei Federal n. 8.666, de 21 de junho de 1993, atualizada pela Lei Federal n. 8.883, de 8 de junho de 1994. É necessário que se tenha conhecimento da referida lei para a elaboração do Instrumento Convocatório.

Modelo de Edital

SECRETARIA DE ESTADO DA _____

DEPARTAMENTO DE _____

Seção de Recrutamento e Seleção

EDITAL DE INSCRIÇÃO N. _____

CONCURSO PÚBLICO DE TÍTULOS E PROVAS PARA PROVIMENTO DE _____

O DIRETOR-GERAL DA _____ torna público que, pelo prazo de 60 (sessenta) dias corridos contados da publicação deste Edital no *Diário Oficial do Estado*, serão recebidas as inscrições ao CONCURSO PÚBLICO DE _____ nos Departamentos e Áreas discriminados no anexo deste Edital, com as vagas respectivas.

São Paulo, _____ de _____ de _____

[ASSINATURA]

[NOME]

[CARGO]

9.8.12. Exposição de motivos

Exposição de motivos é o nome que se dá ao **preâmbulo** ou aos **considerandos que antecedem os textos dos projetos de lei, com o objetivo de mostrar suas vantagens**. É uma justificativa às medidas propostas. É documento em que se justifica a necessidade de se tomar alguma providência.

Os documentos ou quaisquer outros expedientes que devam ser decididos pelo Presidente da República ou Vice-presidente, Governador de Estado ou Prefeito Municipal devem ter despachos acompanhados da exposição de motivos para:

a) informar sobre determinado assunto;

b) propor alguma medida; ou

c) submeter à consideração do destinatário projeto de ato normativo.

Nos casos em que o assunto tratado envolva mais de uma Pasta ou Secretaria, a exposição de motivos deverá ser assinada por todos os envolvidos.

Partes:

a) resumo do texto;

b) síntese das alegações, argumentos ou fundamentos oferecidos;

c) apreciação do assunto, razões e esclarecimentos que o ilustrem;

d) transcrição da legislação citada;

e) parecer conclusivo.

Forma e estrutura:

Formalmente, a exposição de motivos tem a apresentação do *padrão ofício*. O anexo que acompanha a exposição de motivos que proponha alguma medida ou apresente projeto de ato normativo segue o modelo descrito adiante.

A *exposição de motivos*, de acordo com sua finalidade, apresenta duas formas básicas de estrutura: uma para aquela que tenha caráter exclusivamente informativo e outra para a que proponha alguma medida ou submeta projeto de ato normativo.

No primeiro caso, o da exposição de motivos que simplesmente leva algum assunto de caráter informativo, sua estrutura segue o modelo do *padrão ofício*. Já a exposição de motivos que submeta à consideração do Presidente da República, Governador ou Prefeito Municipal a sugestão de alguma medida a ser adotada ou a que lhe apresente projeto de ato normativo, embora siga também a estrutura do *padrão ofício*, além de outros comentários julgados pertinentes por seu autor, deve, obrigatoriamente, apontar:

a) na *introdução*: o problema que está reclamando a adoção da medida ou do ato normativo proposto;

b) no *desenvolvimento*: o porquê de ser aquela medida ou aquele ato normativo o ideal para se solucionar o problema e eventuais alternativas existentes para equacioná-lo;

c) na *conclusão:* novamente, qual medida deve ser tomada, ou qual ato normativo deve ser editado para solucionar o problema.

Deve, ainda, trazer apenso o formulário de anexo à exposição de motivos, devidamente preenchido, de acordo com o seguinte modelo previsto no Anexo II do Decreto Federal n. 4.176, de 28 de março de 2002:

1. Título:

Anexo à Exposição de Motivos do (indicar nome do órgão emitente) n. _____, de _____ de _____.

2. Síntese do problema ou da situação que reclama providências.

3. Soluções e providências contidas no ato normativo ou na medida proposta.

4. Alternativas existentes às medidas propostas.

Mencionar:

— se há outro projeto do Executivo sobre a matéria;

— se há projetos sobre a matéria no Legislativo; outras possibilidades de resolução do problema.

5. Custos.

Mencionar:

— se a despesa decorrente da medida está prevista na lei orçamentária anual; se não, quais as alternativas para custeá-la;

— se é o caso de solicitar-se abertura de crédito extraordinário, especial ou suplementar; valor a ser despendido em moeda corrente.

6. Razões que justificam a urgência (a ser preenchido somente se o ato proposto for medida provisória ou projeto de lei que deva tramitar em regime de urgência).

Mencionar:

— se o problema configura calamidade pública;

— por que é indispensável a vigência imediata;

— se se trata de problema cuja causa ou agravamento não tenham sido previstos;

— se se trata de desenvolvimento extraordinário de situação já prevista.

7. Impacto sobre o meio ambiente (sempre que o ato ou medida proposta possa vir a tê-lo).

8. Alterações propostas: texto atual e proposto.

9. Síntese do parecer do órgão jurídico:

Com base em avaliação do ato normativo ou das medidas propostas, a falta ou insuficiência das informações prestadas nas questões levantadas podem acarretar, a critério da chefia para Assuntos Jurídicos da Casa Civil, a devolução do projeto do ato normativo para que se complete o exame ou se reformule a proposta.

O preenchimento obrigatório do anexo para as exposições de motivos que proponham a adoção de alguma medida ou a edição de ato normativo tem como finalidade:

a) permitir a adequada reflexão sobre o problema que se busca resolver;

b) avaliar as diversas causas do problema e dos efeitos que pode ter a adoção da medida ou a edição do ato, em conformidade com *as questões que devem ser analisadas na elaboração de proposições normativas no âmbito do Poder Executivo*;

c) conferir perfeita transparência aos atos propostos.

Dessa forma, ao atender às *questões que devem ser analisadas na elaboração de atos normativos no âmbito do Poder Executivo*, o texto da exposição de motivos e seus anexos se complementam e formam um todo coeso: no anexo, encontramos uma avaliação profunda de toda a situação que está reclamando a adoção de certas providências ou a edição de um ato normativo; o problema a ser enfrentado e suas causas; a solução que se propõe, seus efeitos e seus custos; e as alternativas existentes. O texto da exposição de motivos fica, assim, reservado à demonstração da necessidade da providência proposta: por que deve ser adotada e como resolverá o problema.

Nos casos em que o ato proposto for questão de pessoal (nomeação, promoção, ascensão, transferência, readaptação, reversão, aproveitamento, reintegração, recondução, remoção, exoneração, demissão, dispensa, disponibilidade, aposentadoria), **não** é necessário o encaminhamento do formulário de *anexo à exposição de motivos*.

Observe que:

- a síntese do parecer do órgão de assessoramento jurídico **não** dispensa o encaminhamento do parecer completo;
- o tamanho dos campos do *anexo à exposição de motivos* pode ser alterado de acordo com a maior ou menor extensão dos comentários a serem ali incluídos.

Modelo de Exposição de Motivos

EM n. 23495/2000-MIP

Brasília, 30 de maio de 2000.

Excelentíssimo Senhor Presidente da República,

O Presidente George Bush anunciou, no último dia 13, significativa mudança da posição norte-americana nas negociações que se realizam — na Conferência do Desarmamento, em Genebra — de uma convenção multilateral de proscrição total das armas químicas. Ao renunciar à manutenção de cerca de dois por cento de seu arsenal químico até a adesão à convenção de todos os países em condições de produzir armas químicas, os Estados Unidos reaproximaram sua postura da maioria dos quarenta países participantes do processo negociador, inclusive o Brasil, abrindo possibilidades concretas de que o tratado venha a ser concluído e assinado em prazo de cerca de um ano. (...)

Respeitosamente,

[NOME]

[CARGO]

9.8.13. Fax

O fax (forma abreviada já consagrada de *fac-simile*) é uma forma de comunicação que está sendo menos usada devido ao desenvolvimento da internet. É utilizado para a transmissão de mensagens urgentes e para o envio antecipado de documentos, de cujo conhecimento há premência, quando não há condições de envio do documento por meio eletrônico. Quando necessário o original, ele segue posteriormente pela via e na forma de praxe.

Se necessário o arquivamento, deve-se fazê-lo com cópia xerox do fax e não com o próprio fax, cujo papel, em certos modelos, se deteriora rapidamente.

Os documentos enviados por fax mantêm a forma e a estrutura que lhes são inerentes.

É conveniente o envio, com o documento principal, de *folha de rosto*, isto é, de pequeno formulário com os dados de identificação da mensagem a ser enviada, conforme exemplo a seguir:

[Órgão Expedidor]

[setor do órgão expedidor]

[endereço do órgão expedidor]

Destinatário:

Número do fax de destino: Data: ___ /___ /_____

Remetente:
Telefone para contato:
Fax/correio eletrônico:
Número de páginas: esta +
Número do documento:
Observações:

9.8.14. Informação

Em linguagem administrativa, a informação **tem o sentido de parecer, em que o funcionário escreve acerca de certo fato ou pedido, prestando os esclarecimentos necessários para que a autoridade dê seu despacho ou solução**. Deve ser concisa e indicar a solução proposta. É ato de servidor subalterno incumbido de estudar qualquer documento para que o chefe possa deliberar sobre o caso. No Direito Penal, equivale à sindicância ou investigação; no Direito Comercial e, principalmente, no Direito Falimentar, também significa sindicância.

9.8.15. Instrução e instrução normativa

Na linguagem jurídica, a instrução normativa é **utilizada para indicar a soma de atos e diligências que podem ou devem ser praticados no processo, de modo que se esclareçam fatos ou questões objeto da demanda ou do litígio**. Representa, assim, a reunião de provas que determinam a procedência ou não dos fatos alegados.

Portanto, instrução equivale a elucidação, esclarecimento. Em outro sentido, principalmente empregado no plural, significa ordem emanada de uma pessoa e dirigida a outras; nela se determinam as regras de procedimento ou a execução de certos atos ou serviços. É assim no campo do Direito Administrativo, em que a autoridade determina a maneira de se organizar a repartição ou o departamento e como se executam os serviços. As instruções podem surgir como avisos, circulares, ementas, portarias ou provisões. Instrução é, ainda, explicação ou esclarecimento dado para uso especial. Apontamento, regimento, explicação que se dá a uma pessoa encarregada de algum negócio ou de alguma empresa. É o conjunto de formalidades e informações necessárias para elucidar uma causa e colocá-la em estado de ser julgada. Administrativamente, é um instrumento que orienta a execução de leis ou decretos. A instrução fixa normas para a execução de outros atos ou disciplina a execução de serviços.

Modelo de Instrução Normativa

DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ARQUIVO PÚBLICO DE SÃO PAULO

INSTRUÇÃO NORMATIVA N. ____, DE ____ DE ____ DE ____.

Estabelece os procedimentos para entrada de acervos arquivísticos no Departamento Estadual de Arquivo Público de São Paulo.

O DIRETOR DO DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ARQUIVO, usando da atribuição que lhe confere o item V do art. 27 do Regimento Interno aprovado pelo

Governador do Estado de São Paulo, através da Portaria Governamental n. _____, de _____ de _____ de _____,

RESOLVE:

1. Estabelecer na forma dos Anexos 1 a 4 os procedimentos a serem observados quando da transferência ou do recolhimento de acervos arquivísticos para o Arquivo Público.

2. Esta Instrução Normativa entra em vigor na data de sua publicação, aplicando-se aos fatos ocorridos a partir de _____ de _____ de _____.

[ASSINATURA]

[NOME]

[CARGO]

9.8.16. Memorando

A Instrução Normativa n. 4, de 6 de março de 1992, do Governo Federal, esclarece: "O memorando é uma **modalidade de comunicação entre unidades administrativas de um mesmo órgão, que podem estar hierarquicamente em mesmo nível ou em nível diferente. Trata-se, portanto, de uma forma de comunicação eminentemente interna**".

Pode ter caráter meramente administrativo ou ser empregado para a exposição de projetos, ideias, diretrizes etc., a serem adotados por determinado setor do serviço público. Suas características principais são a agilidade, a concisão e a clareza. A tramitação do memorando em qualquer órgão deve pautar-se pela rapidez e pela simplicidade de procedimentos burocráticos. Para evitar desnecessário aumento do número de comunicações, os despachos devem ser dados no próprio memorando e, no caso de falta de espaço, em folha de continuação. Esse procedimento permite formar uma espécie de processo simplificado, assegurando maior transparência à tomada de decisões e o histórico do andamento da matéria tratada no memorando.

Quanto à sua forma, o *memorando* segue o modelo do *Padrão Ofício*, com a diferença de que o seu destinatário deve ser mencionado pelo cargo que ocupa.

Exemplos:

Ao Senhor Chefe do Departamento de Administração:

Ao Senhor Subchefe para Assuntos Jurídicos:

Modelo de Memorando

Mem. 119/DJ Em 21 de maio de 2000.

Ao Sr. Chefe do Departamento de Administração

Assunto: Administração. Instalação de microcomputadores

1. Nos termos do Plano Geral de informatização, solicito a Vossa Senhoria verificar a possibilidade de que sejam instalados três microcomputadores neste Departamento.

2. Sem descer a maiores detalhes técnicos, acrescento, apenas, que o ideal seria que o

equipamento fosse dotado de disco rígido e de monitor padrão EGA. Quanto a programas, haveria necessidade de dois tipos: um processador de textos e um gerenciador de banco de dados.

3. O treinamento de pessoal para operação dos micros poderia ficar a cargo da Seção de Treinamento do Departamento de Modernização, cuja chefia já manifestou seu acordo a respeito.

4. Devo mencionar, por fim, que a informatização dos trabalhos deste Departamento ensejará racional distribuição de tarefas entre os servidores e, sobretudo, uma melhoria na qualidade dos serviços prestados.

Atenciosamente,

[ASSINATURA]

[NOME]

[CARGO]

9.8.17. Mensagem

É o instrumento de **comunicação oficial entre os Chefes dos Poderes enviada pelo Chefe do Poder Executivo ao Poder Legislativo para informar sobre atos da Administração Pública**. Através desse instrumento, o Poder Executivo propõe medidas sobre a Administração, expõe os planos de governo na abertura da sessão legislativa, submete à Câmara matérias que dependem da deliberação de suas Casas, apresenta vetos, faz e agradece as comunicações de tudo quanto seja de interesse dos poderes públicos.

A Constituição Federal, as Constituições dos Estados e as Leis Orgânicas dos Municípios preveem diversos casos em que caberá ao Chefe do Poder Executivo dirigir-se ao Poder Legislativo através de mensagem. A mensagem e a minuta da lei devem ser encaminhadas pelo Órgão responsável à Assessoria Técnica Legislativa, a quem caberá a redação final.

Modelo de Mensagem

Mensagem n. 298

Excelentíssimo Senhor Presidente do Senado Federal,

Comunico a Vossa Excelência o recebimento das Mensagens SM n. 106 a 110, de 1991, nas quais informo a promulgação dos Decretos Legislativos n. 93 a 97, de 1991, relativos à exploração de serviços de radiodifusão.

Brasília, 1º de abril de 2000.

9.8.18. Ofício

Ofício e *aviso* são modalidades de comunicação oficial praticamente idênticas. A única diferença entre eles é que o aviso é expedido exclusivamente por Ministros de Estado, Secretário-Geral da Presidência da República, Consultor-Geral da República, Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, Chefe do Gabinete Militar da Presidência da República e pelos Secretários da Presidência da República, para autoridades de mesma

hierarquia, ao passo que o **ofício é expedido para e pelas demais autoridades. Tem como finalidade o tratamento de assuntos oficiais pelos órgãos da Administração Pública entre si e também com particulares.**

Quanto à sua forma, o *ofício* segue o modelo do *padrão ofício*, com acréscimo do *vocativo*, que invoca o destinatário, seguido de vírgula.

Exemplos:

Excelentíssimo Senhor Presidente da República,
Senhora Ministra,
Senhor Chefe de Gabinete,

Devem constar do cabeçalho ou do rodapé do *ofício* as seguintes informações do remetente:

- nome do órgão ou setor;
- endereço postal;
- telefone e endereço de correio eletrônico.

Modelo de Ofício
[REMETENTE: NOME DO ÓRGÃO OU SETOR,
ENDEREÇO POSTAL, TELEFONE E ENDEREÇO DE CORREIO ELETRÔNICO]
Ofício n. 435/2000 — SG-PR Brasília, 30 de abril de 2000.
A Sua Excelência o Senhor
Deputado [NOME]
Câmara dos Deputados
70160-900 — Brasília — DF
Assunto: Demarcação de terras indígenas
Senhor Deputado,

1. Em complemento às observações transmitidas pelo telegrama n. 154, de 24 de abril último, informo Vossa Excelência de que as medidas mencionadas em sua carta n. 6.708, dirigida ao Senhor Presidente da República, estão amparadas pelo procedimento administrativo de demarcação de terras indígenas instituído pelo Decreto n. 22, de 4 de fevereiro de 1991 (cópia anexa).

2. Em sua comunicação, Vossa Excelência ressalva a necessidade de que — na definição e demarcação das terras indígenas — fossem levadas em consideração as características socioeconômicas regionais.

3. Nos termos do Decreto n. 22, a demarcação de terras indígenas deverá ser precedida de estudos e levantamentos técnicos que atendam ao disposto no art. 231, § 1º, da Constituição Federal. Os estudos deverão incluir os aspectos etno-históricos, sociológicos, cartográficos e fundiários. O exame deste último aspecto deverá ser feito conjuntamente com o órgão federal ou estadual competente.

4. Os órgãos públicos federais, estaduais e municipais deverão encaminhar as

informações que julgarem pertinentes sobre a área em estudo. É igualmente assegurada a manifestação de entidades representativas da sociedade civil.

5. Como Vossa Excelência pode verificar, o procedimento estabelecido assegura que a decisão a ser baixada pelo Ministro de Estado da Justiça sobre os limites e a demarcação de terras indígenas seja informada de todos os elementos necessários, inclusive daqueles assinalados em sua carta, com a necessária transparência e agilidade.

Atenciosamente,
[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]

9.8.19. Ordem de serviço

É **instrução dada a um servidor ou a um órgão administrativo**. Encerra orientações a serem tomadas pela chefia para a execução de serviços ou o desempenho de encargos. É o documento, o ato pelo qual se determinam providências a serem cumpridas por órgãos subordinados.

Instrução de serviço: é o ato pelo qual se fixam normas para a execução de outros atos ou se disciplina a execução de serviços.

Orientação de serviço: é o ato pelo qual se estabelecem normas administrativas no âmbito de setores subordinados.

Quando o administrador deseja que alguém o substitua nos encargos, sem direito a qualquer remuneração extra, faz uso da ordem de serviço. Já a portaria assegura direitos de remuneração. A ordem de serviço é um ato interno de um órgão cuja finalidade é regular procedimentos em geral.

Embora se trate de documento com estrutura variável, às vezes semelhante à portaria, apresenta, normalmente, as seguintes partes:

a) título: identificação, número e data de expedição do ato. Às vezes, a data é colocada após o texto, antes da assinatura da autoridade;

b) texto: desenvolvimento do assunto. Pode conter vários parágrafos, numerados por algarismos cardinais e desdobráveis, se necessário, em alíneas. Não se numera o primeiro parágrafo;

c) assinatura: nome da autoridade e indicação do cargo que ocupa ou função que exerce.

Modelo de Ordem de Serviço

ORDEM DE SERVIÇO N. _____ — [SIGLA DO ÓRGÃO]

O SECRETÁRIO DE ESTADO DA _____, no uso de suas atribuições, em aditamento à Ordem de Serviço n. _____, de _____ de _____ de _____, desta Secretaria, determina que terão expediente externo também na parte da manhã, no horário das 8h às 11h, os seguintes órgãos do Tesouro do Estado, sediados na Capital:

a) *Subordinados à Coordenadoria-Geral do* [SIGLA]:

Divisão de Fiscalização da _____ [SIGLA];
Divisão de Fiscalização do _____ [SIGLA];
Divisão do Recenseamento e Programação Fiscais [SIGLA].
b) *Subordinados à Inspetoria-Geral da Fazenda:*
Exatoria Estadual de São Paulo.
São Paulo, _____ de _____ de _____ .
[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]

9.8.20. Parecer

Na Administração Pública, o parecer, geralmente, é **parte integrante de um processo, para o qual aponta solução favorável ou desfavorável, precedida da necessária justificativa, com base em dispositivos legais, jurisprudência e informações**. É um ato de procedimento administrativo que indica e fundamenta a solução que deve ser aplicada ao caso. O parecer pode ser:

a) **administrativo:** refere-se a caso burocrático;

b) **científico ou técnico:** relaciona-se com matéria específica. Ex.: o parecer dos auditores.

Partes:

a) número do processo respectivo, ao alto, no centro do papel;

b) título: parecer, seguido do número de ordem, dia, mês e ano;

c) ementa: resumo do assunto do parecer. A ementa deve ser sintética. É digitada em espaço simples, a dois espaços do título;

d) texto: introdução (histórico); esclarecimentos (análise do fato); e conclusão clara e objetiva do assunto;

e) fecho: o local e/ou a denominação do órgão (este, geralmente, em forma de sigla); a data; e a assinatura: nome e cargo ou função de quem emite o parecer.

Modelo de Parecer
PROCESSO N. _____
PARECER N. _____
Lei n. _____ — _____ Interpretação. Os Conselhos Federal e Regional dos Técnicos de Administração constituem uma única autarquia. O acervo decorrente da atuação da Junta Executiva e suas representantes administrativas se transfere ao Conselho Federal.

1. A Lei n. _____, de _____ de _____ de _____, dispõe sobre o exercício da profissão de _____, para promover as medidas _____. Essa Junta extinguir-se-ia com a _____, que lhe absorveria o acervo.

2. Com efeito, pelo Decreto n. _____, de _____ de _____ de _____, criou-se a citada Junta Executiva, que _____, na área de sua jurisdição.

3. Criados os Conselhos, suscitaram-se dúvidas sobre _____. Compreende o Conselho Federal, ou _____, dos respectivos Conselhos Regionais.

4. A clareza do texto legal, "data venia", não permite discussão. Os Conselhos foram _____ em seu conjunto uma autarquia.

5. Por igual, para promover os atos preparados à implantação do sistema, a lei determinou se _____, ou seja, o que deve ser absorvido pelo Conselho Federal.

Assim sendo, não há como possa a arrecadação das Juntas Administrativas em referência transferir-se aos Conselhos Regionais. A tanto, não permite a lei.

São Paulo, _____ de _____ de _____.

[ASSINATURA]

[NOME]

[CARGO DO SIGNATÁRIO]

9.8.21. Requerimento

É o instrumento que **serve para solicitar algo** a uma autoridade do serviço público, pois o requerimento é a solicitação **sob o amparo da lei, mesmo que suposto**.

O requerimento deve ser escrito sempre em 3ª pessoa e não aceita fechos que não os seus. Tais como:

Nestes termos, aguarda deferimento.

Nestes termos, espera deferimento.

Nestes termos, pede deferimento.

Observação: a **petição** é um instrumento muito parecido com o requerimento, a diferença está em que a petição **é o pedido, sem certeza legal ou sem segurança quanto ao despacho favorável**.

Quando concorrem **duas ou mais pessoas, então teremos: abaixo-assinado (requerimento coletivo) e memorial (petição coletiva)**.

Modelo de Requerimento

Senhor Diretor da Escola Técnica de Comércio:

[NOME], aluna regularmente matriculada no terceiro semestre da Habilitação desta Escola, requer certidão de vida escolar relativa aos primeiro e segundo semestres do referido curso.

Nestes termos, pede deferimento.

São Paulo, _____ de _____ de _____.

[ASSINATURA]

9.8.22. Portaria

Trata-se de um **documento oficial emanado de uma autoridade, por meio do qual transmite aos subordinados ordens de serviço de sua competência**.

Partes:

a) numeração: número e data de expedição;

b) título: denominação da autoridade que expede o ato, em geral já impresso no modelo próprio;

c) fundamentação: citação da legislação básica, seguida da palavra RESOLVE;

d) texto;

e) assinatura: nome da autoridade competente, sem indicação de cargo, pois já vem impresso no alto da página.

Modelo de Portaria

PORTARIA N. _____, _____ de _____ de _____

O DIRETOR-GERAL DA _____, no uso das atribuições que lhe confere o art. _____, Decreto n. _____, de _____, de _____ de _____, e considerando o que consta do Processo CP _____, resolve:

Art. 1º Aprovar o Projeto de Assistência Pré-Escolar/Auxílio-Creche para os servidores do Colégio _____.

Art. 2º O atendimento pré-escolar alcançará as crianças da faixa etária de _____ meses a _____ anos e far-se-á, conforme a idade dos atendidos, através de creches, maternais e jardins de infância.

Art. 3º Fica estabelecida a modalidade de atendimento pré-escolar através do reembolso de despesas aos beneficiários, conforme previsto no art. _____, inc. _____, do Decreto n. _____, de _____ de _____ de _____.

Art. 4º A Diretoria-Geral baixará normas e instruções necessárias à execução do Projeto.

Art. 5º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

[ASSINATURA]

[NOME]

[CARGO]

9.8.23. Relatório

Relatório é uma **descrição de fatos passados, analisados com o objetivo de orientar o servidor interessado ou o superior imediato, para determinada ação**. Relatório, do ponto de vista da administração pública, é um documento oficial no qual uma autoridade expõe a atividade de uma repartição, ou presta contas de seus atos a uma autoridade de nível superior.

O relatório não é um ofício desenvolvido. Ele é **exposição ou narração de atividades ou fatos, com a discriminação de todos os seus aspectos ou elementos**.

Existem muitos tipos de relatórios, classificáveis sob vários pontos de vista. O exposto a seguir refere-se apenas àqueles relatórios menos complexos ou mais informais que um servidor produz com o objetivo de prestar contas de tarefas ou encargos de que foi incumbido.

Partes:

a) título: denominação do documento (relatório);

b) invocação: tratamento e cargo ou função da autoridade a quem é dirigido, seguidos, preferencialmente, de dois-pontos;

c) texto: exposição do assunto. O texto do relatório deve obedecer à seguinte sequência:

- *introdução*: referência à disposição legal ou à ordem superior que motivou ou determinou a apresentação do relatório e breve menção ao assunto ou objeto. A introdução serve para dizer por que o relatório foi feito e indicar os problemas ou fatos examinados;
- *análise*: apreciação do assunto, com informações e esclarecimentos que se façam necessários à sua perfeita compreensão. A análise deve ser honesta, objetiva e imparcial. O relator deve apenas registrar os fatos de que tenha conhecimento direto, ou através de fontes seguras, abstendo-se de divagações ou apreciações de natureza subjetiva sobre fatos desconhecidos ou pouco conhecidos. Quando se fizer necessário, o relatório poderá ser acompanhado de tabelas, gráficos, fotografias e outros elementos que possam contribuir para o perfeito esclarecimento dos fatos e sua melhor compreensão por parte da autoridade a quem se destina o documento. Esses elementos podem ser colocados no corpo do relatório ou, se muito extensos, reunidos a ele em forma de anexo;
- *conclusão*: determinados os fatos e feita sua apreciação, chega o momento de se tirarem as conclusões, deduzidas logicamente da argumentação que as precede. Não podem ir além da análise feita, o que as tornaria insubsistentes e, por isso mesmo, despidas de qualquer valor;
- *sugestões ou recomendações*: muitas vezes, além de tirar conclusões, o relator também apresenta sugestões ou recomendações sobre medidas a serem tomadas, em decorrência do que constatou e concluiu. Essas sugestões ou recomendações devem ser precisas, práticas e concretas, devendo relacionar-se com a análise anteriormente feita.

Os diversos parágrafos do texto, com exceção do primeiro, podem ser numerados (com algarismos arábicos) e, se necessário, divididos em alíneas. É recomendável a numeração dos parágrafos, principalmente em relatórios mais extensos, pois, além de dar maior destaque às diferentes partes do texto, facilita as eventuais referências que a elas se queira fazer;

d) fecho: fórmula de cortesia. Trata-se de parte dispensável;

e) local e data: Ex.: São Paulo, _____ de _____ de _____;

f) assinatura: nome e cargo ou função da(s) autoridade(s) ou servidor(es) que apresenta(m) o relatório.

Modelo de Relatório

RELATÓRIO

Senhor Diretor,

Conforme determinação, relatamos a Vossa Senhoria os acontecimentos ocorridos no dia _____ de _____ último, nesta repartição.

1. Encontrávamo-nos em atividades funcionais, quando entrou na repartição o senhor _____, residente nesta cidade, o qual solicitou informações sobre _____.

2. Não estando esta repartição em condições de atender à consulta solicitada, comunicamos _____.

3. Não se conformando com a resposta, o referido senhor passou a nos agredir com palavras de baixo calão e _____.

4. Como continuasse a nos provocar, telefonamos para _____.

5. Ainda ouvimos quando o cidadão dizia que iria comunicar à Imprensa _____.

6. Procuramos, durante os acontecimentos, manter a atitude compatível com nosso cargo, porém _____.

7. Dessa forma, embora desconhecendo as acusações feitas contra nós, _____.

Sendo esta a nossa informação.

São Paulo, _____ de _____ de _____

[ASSINATURA]

[NOME]

[CARGO]

9.8.24. Resolução

Resolução, no Poder Executivo, é o ato de autoridade competente de um órgão de deliberação coletiva para estabelecer normas regulamentares. A estrutura da resolução é idêntica à da portaria.

Resolução e Portaria são formas de que se revestem os atos, gerais ou individuais, emanados de autoridades outras que não o Chefe do Executivo.

Resolução é deliberação ou determinação. Indica, assim, **o ato pelo qual a autoridade pública ou o poder público toma uma decisão, impõe uma ordem ou estabelece uma medida**. Em regra, as resoluções dizem respeito a questões de ordem administrativa ou regulamentar.

Há uma distinção, sob o aspecto formal, entre os atos normativos do Poder Executivo que são de competência privativa:

a) do Governador, o Decreto;

b) dos Secretários de Estado, a Resolução;

c) de órgãos colegiados, a Deliberação;

d) de outras autoridades, inclusive dirigentes de autarquias, a Portaria.

De acordo com essa norma, a diferença entre os vários tipos de atos está apenas na autoridade de que emanam, podendo uns e outros terem conteúdo individual (punição, concessão de férias, dispensa) ou geral, neste último caso contendo normas emanadas em matérias de competência de cada uma das referidas autoridades.

Partes:

a) numeração (classificação): número do ato e data de expedição;

b) título: denominação completa (em caracteres maiúsculos, de preferência) da autoridade que expede o ato.

Ex.: Resolução n. _____, de _____ de _____ de _____;

c) ementa;

d) fundamentação: citação da legislação básica em que a autoridade apoia sua decisão, seguida da palavra *resolve*. Às vezes a citação de dispositivos legais é substituída pela expressão "no uso de suas atribuições", ou similar. É preferível citar explicitamente a legislação que fundamenta o ato, o que lhe dá maior autoridade e facilita a eventual análise ou constatação da validade e alcance da decisão nele contida. A palavra *resolve* pode ser colocada logo após a fundamentação, ou em linha separada (com entrada de parágrafo e em caracteres maiúsculos), ou, ainda, imediatamente antes e na mesma linha do texto. Embora as três formas sejam encontradas e válidas, a segunda é a mais estética e destaca as partes fundamentais do ato (fundamentação e texto). Em certas portarias aparecem, entre a fundamentação e a palavra *resolve*, os *considerandos*, que se destinam a justificar a decisão tomada;

e) texto: desenvolvimento do assunto. Há portarias mais extensas, cujo texto é dividido em vários artigos ou parágrafos, devidamente numerados e subdivididos, quando necessário, em itens e alíneas;

f) assinatura: nome da autoridade que expede o ato. É dispensável a indicação do cargo, pois esse já aparece, em destaque, no título (O SECRETÁRIO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO, _____). Porém, em caso de assinatura por substituto, essa situação deverá ser indicada.

Modelo de Resolução

RESOLUÇÃO N. _____, DE _____ DE _____ DE _____

Regulamenta os procedimentos de classificação de licitantes nas concorrências para registro de preços e as negociações registradas.

O SECRETÁRIO DE ESTADO DA _____, no uso da delegação de competência conferida pela Lei n. _____, de _____ de _____ de _____ e considerando o artigo 12 do Decreto n. _____ de _____ de _____ de _____; considerando o artigo 48, parágrafo 3º, da Lei n. _____; considerando a redação da Lei n. _____, de _____ de _____ de _____; considerando a necessidade de regulamentar os procedimentos de classificação de licitantes nas concorrências para registro de preços e as negociações registradas,

RESOLVE:

Art. 1º Serão convocados para firmar a Ata de Registro de Preços todos os proponentes que concordarem com o fornecimento do bem ou a prestação de serviços ao preço do primeiro colocado, mantidas a ordem de classificação dos preços cotados e as mesmas

condições editalícias.

Art. 2º O controle dos preços registrados será exercido com base na dinâmica do mercado, podendo caracterizar redução ou elevação de seus valores.

§ 1º A Administração poderá convocar os licitantes classificados após a assinatura da Ata de Registro de Preços, para negociar a redução e manter a cotação em qualidade e especificações indicadas na proposta, em decorrência da redução dos preços de mercado.

§ 2º O licitante poderá desonerar-se do compromisso ajustado quando, a critério da Administração, comprovar o desequilíbrio econômico-financeiro, motivo de força maior ou caso fortuito, através das seguintes exigências:

I — comprovação feita por meio de documentos, como:

a) lista de preços do fabricante;

b) nota fiscal de aquisição da matéria-prima e do transporte da mercadoria referente à época da elaboração da proposta;

c) pedido de desoneração do compromisso.

II — reconhecendo o desequilíbrio econômico-financeiro, a Administração formalmente desonerará o licitante em relação ao item;

III — a Administração, simultaneamente ou após a desoneração, poderá:

a) requerer aos licitantes que foram classificados na concorrência para o SRP com o respectivo item, a apresentação de nova proposta julgando-a de acordo com a planilha de custos e pesquisa de mercado;

b) promover nova licitação para o item.

§ 3º As alterações decorrentes serão publicadas na Imprensa Oficial.

Art. 3º O preço registrado poderá ainda ser cancelado pela Administração mediante solicitação formal do licitante que comprovar, na forma do artigo anterior, que está impossibilitado de cumprir as exigências da concorrência que deu origem ao registro de preços, ressalvadas as aquisições efetivadas até a data da decisão.

Parágrafo único. Ocorrendo a hipótese desse artigo, se a solicitação for efetuada antes da emissão da ordem de compra ou serviço e respectiva nota de empenho pela Administração, ficará o licitante desonerado da aplicação de penalidades.

[ASSINATURA]

[NOME]

[CARGO DO SIGNATÁRIO]

9.8.25. Telegrama

Mensagem telegráfica empregada em casos urgentes. A linguagem, que chega ao máximo da concisão, deve limitar-se ao estritamente necessário, omitindo-se todas as expressões, palavras ou partículas desnecessárias, sem, contudo, prejudicar a clareza do texto.

Para que se atinja esse objetivo, usam-se os seguintes recursos:

a) aglutinação de expressões: VOSSENHORIA (Vossa Senhoria); VINTEDOIS (vinte e dois);

b) abreviação de palavras e expressões: SDS (saudações); ASDS (atenciosas saudações);

c) omissão de palavras desnecessárias à compreensão do texto: MATRICULAS ENCERRAM DIA TREZE CORRENTE (As matrículas encerram no dia treze do corrente);

d) supressão dos hífens nas palavras justapostas de uso corrente e nas formas verbais com pronomes oblíquos: DECRETOLEI (decreto-lei); INSCREVIME (inscrevi-me).

A linguagem telegráfica apresenta:

a) texto conciso, claro e objetivo;

b) preferência por formas simples a compostas: comprara e não havia comprado;

c) supressão de expressão de cortesia;

d) eliminação de rasuras, anulações, acréscimos ou outras alterações;

e) não se permite a translineação, ou seja, a divisão de palavras no fim da linha;

f) o telegrama deve ser grafado em letras maiúsculas, deixando-se dois espaços entre cada palavra;

g) supressão dos hífens nos termos compostos e em expressões com pronomes oblíquos;

h) dispensam-se os acentos gráficos;

i) omitem-se as palavras desnecessárias;

j) os números inteiros são escritos em algarismos arábicos: 200, 1950;

k) se os números, em virtude de importância substancial, forem grafados por extenso, deverão ser aglutinados: CENTO VINTESEIS; DEZESSEISMIL; QUARENTASEIS;

l) para as datas pode ser usado o seguinte recurso:

2610998 — 26 de outubro de 1998

2610997 — 26 de outubro de 1997

Observações:

a) Sinais de pontuação. Os sinais de pontuação básicos, tais como ponto (.), vírgula (,) e ponto e vírgula (;), são registrados pelo telégrafo. Porém, quando o telégrafo não os registrar, será necessário o uso das abreviaturas convencionais:

SOLICITO SEU COMPARECIMENTO URGENTE ESTA SECRETARIA EXPEDIENTE TARDE TRATAR ASSUNTO SUA LICENÇA PREMIO PT

b) Atualmente, não há necessidade de se utilizar a forma telegráfica tradicional, em razão de os Correios permitirem um texto de até 130 palavras com taxa única.

9.9. QUESTÕES

(Cespe-UnB) Leia o texto abaixo para julgar os itens de 1 a 5:

A subchefia de assuntos jurídicos desse ministério submeteu ao magnífico procurador-geral da república, Dr. Aristóteles Sócrates Platão, consulta sobre sua opinião pessoal a respeito de

matéria controversa que versa sobre os limites entre os direitos dos cidadões e a esfera do poder público, no sentido de tornar clara, explícita e incontroversa a questão levantada pela prestigiosa comissão que investiga o recebimento de um excelente automóvel zero quilômetro da marca Mercedez Benz pelo senhor chefe dos serviços gerais do nosso ministério para que seje investigado a fundo se o episódio pode ser considerado inflação do código de ética recentemente promulgado pelo poder executivo.

De acordo com o *Manual de Redação da Presidência da República*, a redação oficial deve caracterizar-se por impessoalidade, uso de padrão culto da linguagem, clareza, concisão, formalidade e uniformidade. Em face dessa caracterização e do fragmento de texto oficial acima, julgue os itens que se seguem.

1. Exceto pelo emprego de períodos sintáticos longos, o fragmento respeita as normas de concisão e objetividade recomendadas pelo *Manual de Redação da Presidência da República.*

Resposta: Errado. O trecho não respeita as normas de concisão e objetividade.

2. No fragmento, para que a característica de clareza seja observada, deve não apenas ser reformulado o nível sintático como também deve haver mais precisão na organização das ideias.

Resposta: Certo.

3. Embora os níveis gráfico e lexical estejam corretos, o texto desrespeita as regras do padrão culto da linguagem no nível sintático.

Resposta: Errado. Os níveis gráficos (seje) e lexicais (inflação) não estão corretos.

4. O texto não obedece às características de formalidade e de impessoalidade que devem nortear toda correspondência oficial para que esta adquira uniformidade.

Resposta: Certo.

5. As formas de tratamento empregadas no texto revelam um caráter de respeitosa formalidade e estão de acordo com as recomendações para textos oficiais.

Resposta: Errado. O vocativo “magnífico” deve ser empregado apenas para reitores de universidades. O Procurador-Geral da República recebe o vocativo “Senhor”.

(Cespe-UnB) Nos itens seguintes, julgue se são obedecidas as exigências da norma culta da escrita, e se são pertinentes as associações entre o tipo de documento oficial, grafado em negrito, e o fragmento de texto que o segue.

6. *Relatório* — Os consultores constataram que algumas das condutas expressas no novo Código de Ética proposto para o funcionalismo público já são previstas na Lei de Improbidade.

Resposta: Certo.

7. *Ata* — Ao final da reunião ficou decidido que os quatrocentos ocupantes de cargos importantes no Governo Federal, nomeados pelo Presidente da República, ficarão sujeitos à punições administrativas, podendo mesmo perder o cargo, caso desobedeça

ao Código de Ética.

Resposta: Errado. Há problemas com a gramática — crase e concordância: Ao final da reunião ficou decidido que os quatrocentos ocupantes de cargos importantes no Governo Federal, nomeados pelo Presidente da República, ficarão sujeitos a punições administrativas, podendo mesmo perder o cargo, caso desobedeçam ao Código de Ética.

8. *Ofício* — Vimos informar a Vossas Senhorias que está em tramitação no Congresso Nacional projeto de lei de Código de Ética com novas regras que obrigam o ocupante de cargo de confiança a apresentar sua declaração de bens também à Comissão de Ética Pública.

Resposta: Certo.

9. *Ata* — Durante o debate, evidenciou-se o concenso de que a autoridade pública não poderá receber qualquer remuneração de fonte privada, nem mesmo ter hospedagem paga por empresa que presta serviço ao Governo.

Resposta: Errado. A palavra “consenso” se escreve com “s”.

10. *Atestado* — Ao analisar a proposta, observaram que é necessário explicar que fica proibido ao servidor público receber brindes de valor superior a R$ 100,00 e que diretor de autarquia que se utilizar de jatinho de empreiteira expõe a processo judicial.

Resposta: Errado. O texto apresentado é de um relatório e não de um atestado. Além disso, há também problema gramatical: “diretor de autarquia que se utilizar de jatinho de empreiteira expõe-SE a processo judicial.”

(Cespe-UnB) Considerando o texto abaixo, julgue o item 11.

A criação do Sistema Brasileiro de Inteligência (SISBIN) e a consolidação da Agência Brasileira de Inteligência (ABIN) permitem ao Estado brasileiro institucionalizar a atividade de Inteligência, mediante uma ação coordenadora do fluxo de informações necessárias às decisões de governo, no que diz respeito ao aproveitamento de oportunidades, aos antagonismos e às ameaças, reais ou potenciais, relativos aos mais altos interesses da sociedade e do país. Todo o trabalho de reformulação da atividade vem sendo balizado, também, por enfoques doutrinários condizentes com o processo atual de globalização, em que as barreiras fronteiriças são fluidas, sugerindo cautelas para garantir a preservação dos interesses da sociedade e do Estado brasileiros, de forma a salvaguardar a soberania, a integridade e a harmonia social do país.

(Internet: <http://www.abin.gov.br/abin/historico.jsp>, com adaptações)

11. O emprego da estrutura “vem sendo balizado”, em que não há agente explícito, constitui um recurso de impessoalização do texto adequado à redação de documentos e correspondências oficiais.

Resposta: Certo.

(Cespe-UnB) Texto para o item 12.

Segurança do Medo

A síndrome de Nova Iorque, 11 de setembro, projetou-se sobre Atenas, agosto, sexta-feira,

13, data da abertura dos 28ºs Jogos Olímpicos. De tal forma que os gastos de 1,2 bilhão de euros (cerca de R$ 4,8 bilhões) são a maior quantia já investida em segurança na história da competição. O dinheiro foi aplicado em um poderoso esquema para evitar ataques terroristas, como ocorreu nos Jogos de Munique, em 1972, quando palestinos da organização Setembro Negro invadiram a Vila Olímpica e mataram dois atletas israelenses. Do esquema grego, montado em colaboração com sete países — Estados Unidos da América (EUA), Austrália, Alemanha, Inglaterra, Israel, Espanha e Canadá —, faz parte o sistema de navegação por satélite da Agência Espacial Europeia. Da terra, ar e água, 70 mil policiais, bombeiros, guarda costeira e mergulhadores da Marinha vão zelar pela segurança. Até a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) emprestará sua experiência militar no combate ao terrorismo.

(*Correio Brasiliense, 07*.08.2004, "Guia das Olimpíadas", p. 3, com adaptações)

12. No primeiro parágrafo, o emprego das expressões "Nada menos que" e "e muito" é adequado ao texto jornalístico, mas não o seria caso esse parágrafo compusesse um texto de comunicação oficial, como um relatório, por exemplo.

Resposta: Certo.

(Cespe-UnB) Texto para o item 13.

A polêmica sobre o porte de armas pela população não tem consenso nem mesmo dentro da esfera jurídica, na qual há vários entendimentos como: "o cidadão tem direito a reagir em legítima defesa e não pode ter cerceado seu acesso aos instrumentos de defesa", ou "a utilização da força é direito exclusivo do Estado" ou "o armamento da população mostra que o Estado é incapaz de garantir a segurança pública". Independente de quão caloroso seja o debate, as estatísticas estão corretas: mais armas potencializam a ocorrência de crimes, sobretudo em um ambiente em que essas sejam obtidas por meios clandestinos. A partir daí, qualquer fato corriqueiro pode tornar-se letal. O porte de arma pelo cidadão pode dar uma falsa sensação de segurança, mas na realidade é o caminho mais curto para os registros de assaltos com morte de seu portador.

(Internet. <http://www.serasa.com.br/guiacontraviolencia>,

acesso em: 28.09.2004, com adaptações)

13. Pelo tema, impessoalidade e clareza, o texto poderia constituir parte de um documento oficial — como, por exemplo, um relatório ou um parecer — mas o emprego das aspas lhe confere uma coloquialidade que o torna inadequado às normas da redação oficial.

Resposta: Errado. O erro aqui está no fato de se afirmar que as aspas tornam o texto inadequado às normas da redação oficial.

(Cespe-UnB) Com base no que prescrevem os manuais de redação de comunicações oficiais e as gramáticas normativas, julgue os próximos itens de 14 a 23.

14. O denominado padrão ofício foi estabelecido para que se uniformizasse, em diagramação única, a redação da exposição de motivos, do aviso e do ofício, instrumentos de comunicação oficial que diferem antes pela finalidade do que pela forma.

Resposta: Certo.

15. Na parte do ofício denominada desenvolvimento, mesmo que se deseje transmitir mais de uma ideia, elas devem ser expressas em um só parágrafo.

Resposta: Errado. O desenvolvimento de todo documento oficial deve seguir as normas de redação da boa estrutura textual da língua portuguesa, e por isso cada ideia deve ser expressa num parágrafo diferente.

16. O memorando, tal como o ofício e a exposição de motivos, é um expediente de comunicação oficial eminentemente interno, ou seja, a comunicação se estabelece entre unidades administrativas de um mesmo órgão público.

Resposta: Errado. O ofício e a exposição de motivos não são comunicações internas, apenas o memorando é a comunicação interna, ou seja, a comunicação que se estabelece entre as unidades administrativas de um mesmo órgão público.

17. Visando-se à eficiência no entendimento da comunicação oficial, deve ser adotado o uso do padrão culto da língua, o que não se confunde com o emprego do jargão burocrático, o qual deve ser evitado.

Resposta: Certo. Cuidado: o uso de jargão burocrático é considerado um problema para a redação oficial. Assim como o próprio termo "jargão" já informa — jargão = gíria. Qualquer jargão deve ser evitado.

18. O seguinte trecho é exemplo de escrita que não atende à recomendação de clareza do texto da comunicação oficial: "A necessidade emergente se caracteriza por uma correta correlação entre estrutura e superestrutura no interesse da população, vitalizando, em uma ótica preventiva, a transparência de cada ato decisional".

Resposta: Certo. Note que se faz um texto com palavras bonitas, mas a frase é vazia de significado. Não se sabe o que ela pretende informar.

19. Sem que se considere a diagramação característica de cada expediente oficial, atende às prescrições gramaticais e às de redação de comunicação oficial o seguinte trecho:

Senhora Juíza,

Por considerarmos que Vossa Excelência deva estar preocupada com os desdobramentos que a imprensa conferiu à sentença proferida por V.Exa. em 16 de abril de 2006, encaminhamos anexa a cópia do ofício remetido por este órgão ao Senado Federal.

Resposta: Certo.

20. Com relação à forma, no expediente de comunicação oficial *exposição de motivos*, que, geralmente, vem abreviado "EM n. ...", não deve constar, além do vocativo, nenhuma expressão que designe o destinatário de tal comunicação.

Resposta: Certo. Nas comunicações oficiais usamos apenas o vocativo seguido do cargo que a pessoa ocupa, nunca utilizamos o nome próprio do destinatário.

21. Na comunicação oficial, o termo "doutor" deve ser usado como tratamento genérico dispensado a autoridades, não restrito, portanto, a pessoas que tenham tal grau em

razão de conclusão de doutorado.

Resposta: Errado. Atenção: “doutor” é nível de graduação, e não pronome de tratamento, portanto utilizamos o termo “doutor” antecedendo apenas nomes próprios de pessoas que cursaram doutorado. Repetindo: “doutor” não é forma de tratamento.

22. Caso, no fecho de uma comunicação oficial, tenha sido corretamente empregado o advérbio “Atenciosamente”, infere-se que o remetente ocupa cargo de hierarquia inferior à do cargo do destinatário do expediente.

Resposta: Errado. O fecho “Atenciosamente” é utilizado por remetentes que tenham a mesma hierarquia do destinatário, ou superior a ele. Se o remetente está numa hierarquia inferior à do destinatário deve empregar “Respeitosamente”.

23. Verifica-se transgressão à norma gramatical no seguinte trecho de expediente oficial: “Está sendo encaminhado a V.Sª a cópia do telegrama n. 24, de 1º de fevereiro de 2006, remetido ao interessado por este departamento.”

Resposta: Certo. A transgressão gramatical se dá no nível da concordância: “Está sendo ENCAMINHADA a V.Sª A CÓPIA do telegrama n. 24, de 1º de fevereiro de 2006, remetido ao interessado por este departamento.”

(Cespe-UnB) Texto para o item 24.

Os jovens brasileiros têm fé em seu potencial de mudar o mundo. Nada menos que 58% acreditam, e muito, nesse ideal — é o que mostra uma pesquisa recém-concluída com 3.500 pessoas de 15 a 24 anos de idade em 198 cidades.

O que se pode afirmar com certeza é que se está diante de uma geração que trocou a utopia pelo pragmatismo. Os jovens não são mais arrebatados por grandes questões de ordem, na linha capitalismo *versus* comunismo ou rebeldia *versus* caretice. De olho no futuro, estão mais interessados naquilo que pode afetar sua felicidade de forma concreta. Não à toa, acham que educação é muito importante. E preocupam-se com os fatores que podem ameaçar seus sonhos: a violência, da qual são as maiores vítimas, e o desemprego, capaz de minar a conquista da autonomia.

O fantasma que mais assusta é mesmo a violência. O problema atinge principalmente os garotos. Embora as camadas de menor poder aquisitivo sejam mais afetadas pelos efeitos da violência, é claro que os jovens das classes A e B também não estão livres dessa ameaça. Na ânsia de dar um basta à situação, a maioria deles defende medidas como a redução da idade penal para menos de 18 anos e a proibição da venda de armas.

Veja Especial Jovens, jun. 2004, p. 13-14 (com adaptações)

Julgue o item que se segue, a respeito do texto acima.

24. No primeiro parágrafo, o emprego das expressões “Nada menos que” e “e muito” é adequado ao texto jornalístico, mas não o seria caso esse parágrafo compusesse um texto de comunicação oficial, como um relatório, por exemplo.

Resposta: Certo. Essas expressões ferem o princípio da impessoalidade.

(Cespe-UnB) Nos itens 25 a 27, são apresentados trechos de correspondências oficiais.

Julgue-os no que se refere à correção gramatical e à adequação da linguagem.

25. Encaminho, para apreciação de V.Exª, o projeto anexo, que, visando ao fortalecimento da organização social, política e econômica das famílias que sobrevivem da agricultura familiar e do agroextrativismo, pode contribuir para a redução das desigualdades sociais e econômicas nas áreas dos babaçuais, no estado do Tocantins.

Resposta: Certo.

26. Tenho a satisfação de me dirigir a Vossa Senhoria para solicitar-lhe a gentileza de autorizar seja posto à disposição desta Secretaria dois computadores, necessários para a execução das tarefas administrativas de recebimento e acompanhamento de processos.

Resposta: Errado. Esse trecho peca nos aspectos impessoalidade e concisão. Vejamos, em destaque, os exageros: Tenho a satisfação de me dirigir a Vossa Senhoria para solicitar-lhe a gentileza de autorizar seja posto à disposição desta Secretaria dois computadores, necessários para a execução das tarefas administrativas de recebimento e acompanhamento de processos.

27. Aguardamos o pronunciamento de V.Sª acerca da proposta que vos foi apresentada, para que possamos encaminhá-la, com a maior brevidade possível, as instâncias superiores, que a aguardam para as devidas considerações.

Resposta: Errado. Erro na concordância do pronome de tratamento (refere-se à 2a pessoa, mas concorda em 3a pessoa), no emprego do acento grave indicativo de crase e no quesito concisão. Assim, devemos corrigir o trecho para: Aguardamos o pronunciamento de V.Sª acerca da proposta que lhe foi apresentada, para que possamos encaminhá-la às instâncias superiores.

(Cespe-UnB) Texto para os itens 28 e 29.

(...)

Considerando que as alegações apresentadas pelos responsáveis às fls. 5 e 6 não se comprovaram suficientes para justificar as atitudes discriminatórias denunciadas, e com fundamento nos artigos 2.º. e 3.º. da Lei n.º XX/1992, manifesta-se esta comissão no sentido de que:

a) seja notificada a Secretaria de Esportes, objeto desta auditoria, para as providências elencadas às fls. 2 e 3 deste documento;

b) sejam aplicadas, aos responsáveis, as penas previstas nos artigos 6, 7 e 8 da Lei YYY/89.

Em 17 de julho de 2005

(assinatura)

Fulano de Tal

(cargo)

A respeito do texto acima e dos requisitos de redação oficial, julgue os itens 28 e 29.

28. O trecho representa a parte final de um documento informativo, como aviso, ofício ou memorando.

Resposta: Errado. Esse é o final de um parecer.

29. Considerando que abaixo da assinatura está discriminado o nome completo do responsável pelo documento, é opcional a indicação do cargo.

Resposta: Errado. De acordo com o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*, a identificação do signatário se faz com nome e cargo.

(Cespe-UnB) Em cada um dos itens de 30 a 32, é apresentada uma situação hipotética, seguida de uma afirmativa a ser julgada, acerca de redação de correspondências oficiais.

30. A chefe do departamento de pessoal de uma autarquia pública quer redigir documento para solicitar reparo de maquinário de informática utilizado no setor de atendimento ao público. Nessa situação, a chefe deve encaminhar ao setor competente requerimento formal, feito em seu próprio nome, na terceira pessoa do discurso, para não ferir o princípio da impessoalidade, que rege o serviço público.

Resposta: Errado. O requerimento é o expediente utilizado para solicitar um direito amparado por lei, não para pedir reparo de maquinário.

31. Mário, analista de meio ambiente e de recursos hídricos do IEMA, precisa encaminhar à direção do instituto parecer técnico sobre o impacto ambiental de determinada obra estadual. Nessa situação, Mário pode redigir o documento de modo informal, sem se preocupar com a linguagem padrão, visto que, no serviço público, a exigência de formalidade na redação de documentos restringe-se às correspondências externas.

Resposta: Errado. O parecer é uma forma de comunicação oficial, por isso deve seguir as normas estabelecidas pelo *Manual de Redação da Presidência da República*.

32. A diretora-presidente do IEMA recebeu ofício de solicitação iniciado da seguinte forma:

Ofício n. 28/MEFP

Vitória, 9 de setembro de 2007.

Estimada Vossa Excelência,

Como é do vosso conhecimento, a construção da via estrutural (...)

Nesse documento, é inadequado o emprego, no vocativo, de adjetivo e de pronome de tratamento e, na parte introdutória, há erro de concordância pronominal.

Resposta: Certo. O vocativo deve ser apenas “Senhor(a) + cargo”, jamais empregaremos qualquer adjetivação — a não ser no caso dos chefes de poderes, que recebem o termo “Excelentíssimo Senhor(a) + cargo”. Além disso, a concordância do pronome deve ser feita em 3a pessoa: “Como é do SEU conhecimento...”.

(Cespe-UnB) Texto para os itens 33 e 34.

Poderíamos definir o amazonismo como um conjunto de ideias e de discursos, produzidos pelo imaginário ocidental sobre a Amazônia e as populações nativas, destinado a viabilizar interesses políticos e econômicos. Como espaço imaginado pelo Ocidente, o amazonismo

partilha muitas características com o orientalismo. Todavia, enquanto Said nos apresenta um Oriente construído de maneira negativa por um Ocidente hegemônico, o amazonismo constitui um campo ambíguo, catalisador de imagens e de discursos contraditórios, que podem ser mobilizados para servir a interesses muito divergentes.

Primeiras testemunhas da Amazônia e de seus habitantes, Carvajal (1542) e Acuña (1641) elaboraram relatos em que combinaram o fantástico e o exótico e edificaram as bases do amazonismo: mito das amazonas, inferno verde, eldorado, seres canibais e nobre selvagem. A Amazônia e seus primeiros habitantes concentraram e continuam concentrando sentimentos e fantasias ocidentais. Símbolo de riqueza e miséria, de medo e esperanças, de sonhos e pesadelos, de futuro e passado, de inferno e paraíso. A alteridade é o espelho invertido do ocidente e é manipulada conforme os interesses em jogo. Essas imagens contraditórias acompanharam e informaram a conquista da América e o encontro com as populações indígenas. Além de legitimarem a ocupação e a exploração econômica, os mitos também serviram para sustentar os interesses políticos e ideológicos da Europa.

José Pimenta, <http://www.ambienteacreano.blogspot.com> (com adaptações)

Considerando o texto acima, julgue os itens 33 e 34.

33. Pelo emprego de expressões coloquiais, pela informalidade, pelas escolhas lexicais e sintáticas, a linguagem do texto é inadequada para documentos oficiais.

Resposta: Errado. O texto é adequado, sim, a um documento oficial, pois não apresenta expressões coloquiais, não é informal e as escolhas lexicais e sintáticas estão de acordo com a norma culta. O texto apresentado poderia ser parte de um relatório, por exemplo.

34. O emprego do plural em “Poderíamos” (primeira linha) é suficiente para se considerar o texto subjetivo e pessoal, em oposição a um texto impessoal, neutro, objetivo.

Resposta: Errado. O uso da primeira pessoa do plural em “Poderíamos” não é indicação de pessoalidade, pelo contrário, é uma forma preconizada pela boa redação para dar ao texto impessoalidade.

(Cespe-UnB) Texto para os itens 35 e 36.

O 29 de julho de 2007 será lembrado como o dia em que os iraquianos usaram suas armas para comemorar. Após mais de quatro anos vivendo em meio ao caos sob a malsucedida ocupação norte-americana, eles tiveram finalmente um dia de alegria. Em todos os cantos do Iraque, a população festejou a histórica vitória de sua seleção na final da Copa da Ásia de futebol — com receita brasileira do técnico Jorvan Vieira, que comemorou como “do Brasil” a vitória por 1 a 0 sobre a Arábia Saudita, comandada por Hélio dos Anjos, outro brasileiro.

Correio Braziliense, 30.07.2007, p. 18 (com adaptações)

A respeito das ideias e das estruturas do texto acima e também considerando aspectos da geopolítica do mundo nos dias atuais, julgue os itens 35 e 36.

35. O emprego do artigo determinando a expressão “29 de julho de 2007” (primeira linha) desrespeita as regras gramaticais da norma culta a ser usada em documentos oficiais; por isso, se a informação da primeira linha do texto for usada em um

documento oficial, o artigo deve ser omitido.

Resposta: Certo. O emprego de artigo, substantivando a data, imprime ao texto certa subjetividade. E a redação de documentos oficiais rejeita isso.

36. Se a data constante do texto fosse usada para integrar uma ata, deveria ser assim escrita: O vinte e nove de julho de dois mil e sete.

Resposta: Errado. Na ata utilizamos: “Aos vinte e nove de julho de dois mil e sete” ou “Aos vinte e nove dias do mês de julho do ano de dois mil e sete”.

(Cespe-UnB) Texto para o item 37.

No contexto da importância que a questão agrária tem assumido no Brasil, é fundamental articulá-la com outras questões e movimentos sociais. Trata-se de uma questão nacional, como poucas que atualmente têm mobilizado o país e seus vários setores sociais, políticos e econômicos. Tornar-se uma questão nacional tem sido um desafio para a questão racial no Brasil. É fundamental incluir no debate sobre a questão agrária no Brasil a questão étnica, especialmente as experiências do cativeiro — com os quilombos/mocambos e formas de protesto de ocupação de terra — e aquelas do período pós-emancipação, com as comunidades remanescentes. A recuperação da história dos quilombos é importante capítulo das lutas em torno do acesso à terra — face importante da luta pela cidadania — no Brasil.

Flávio dos Santos Gomes. Sonhando com a terra, construindo a cidadania.

In: Jaime Pinsky (Org.). *História da cidadania*, p. 463

Quanto ao emprego das estruturas linguísticas e às ideias do texto acima, julgue o item 37.

37. Se o texto fosse utilizado como parte de um relatório, os duplos travessões deveriam ser eliminados para que fossem respeitadas as exigências de formalidade de documentos oficiais.

Resposta: Errado. O travessão é um sinal de pontuação da norma culta e, portanto, de acordo com as exigências de formalidade da redação oficial.

(Cespe-UnB) Texto para o item 38.

A polêmica sobre o porte de armas pela população não tem consenso nem mesmo dentro da esfera jurídica, na qual há vários entendimentos como: “o cidadão tem direito a reagir em legítima defesa e não pode ter cerceado seu acesso aos instrumentos de defesa”, ou “a utilização da força é direito exclusivo do Estado” ou “o armamento da população mostra que o Estado é incapaz de garantir a segurança pública”. Independente de quão caloroso seja o debate, as estatísticas estão corretas: mais armas potencializam a ocorrência de crimes, sobretudo em um ambiente em que essas sejam obtidas por meios clandestinos. A partir daí, qualquer fato corriqueiro pode tornar-se letal. O porte de arma pelo cidadão pode dar uma falsa sensação de segurança, mas na realidade é o caminho mais curto para os registros de assaltos com morte de seu portador.

(Internet: <http://www.serasa.com.br/guiacontraviolencia>.

Acesso em: 28.09.2004, com adaptações)

A respeito do texto, julgue o item a seguir.

38. Pelo tema impessoalidade e clareza, o texto poderia constituir parte de um documento oficial – como, por exemplo, um relatório ou um parecer –, mas o emprego da expressão "A partir daí" no penúltimo período confere coloquialidade ao texto, tornando-o inadequado às normas de redação oficial.

Resposta: Errado. A expressão "A partir daí" não indica coloquialidade, por isso pode, sim, ser empregada em um relatório ou parecer.

(Cespe-UnB) Texto para os itens 39 e 40.

O mundo do trabalho tem mudado numa velocidade vertiginosa e, se os empregos diminuem, isso não quer dizer que o trabalho também.

Só que ele está mudando de cara. Como também está mudando o perfil de quem acaba de sair da universidade, da mesma forma que as exigências da sociedade e — por que não? — do mercado, cada vez mais globalizado e competitivo.

Tudo indica que mais de 70% do trabalho no futuro vão requerer a combinação de uma sólida educação geral com conhecimentos específicos; um coquetel capaz de fornecer às pessoas compreensão dos processos, capacidade de transferir conhecimentos, prontidão para antecipar e resolver problemas, condições para aprender continuamente, conhecimento de línguas, habilidade para tratar com pessoas e trabalhar em equipe.

Revista do Provão, n. 4, 1999, p. 13 (com adaptações)

A partir do texto acima, julgue os itens 39 e 40.

39. A interpretação coerente das ideias do texto permite associar "ele" (2º parágrafo) tanto com "trabalho" (1º parágrafo) quanto com "mundo do trabalho" (1º parágrafo). Ambiguidades assim devem ser evitadas na redação de textos oficiais.

Resposta: Certo.

40. Respeitaria as regras de pontuação e de redação de documentos oficiais a inserção da expressão "por que não?" (2º parágrafo) no corpo de um ofício, tanto entre vírgulas quanto entre parênteses.

Resposta: Errado. A expressão "por que não?" é marca de subjetividade, por isso não pode aparecer no corpo de um ofício.

(Cespe-UnB) Texto para o item 41.

O cenário econômico otimista levou os empresários brasileiros a aumentarem a formalização do mercado de trabalho nos últimos cinco anos. As contratações com carteira assinada cresceram 19,5% entre 2003 e 2007, enquanto a geração de emprego seguiu ritmo mais lento e aumentou 11,9%, segundo estudo comparativo divulgado pelo IBGE.

Correio Braziliense, 25.01.2008 (com adaptações)

Considerando o texto acima, julgue o item abaixo:

41. Haveria coerência com as ideias do texto e respeitaria as normas de redação de documentos oficiais se o texto apresentado fosse incluído como parágrafo inicial em

um ofício complementado pelo parágrafo final e o fecho apresentados a seguir.

(...)

Solicita-se, portanto, a divulgação desses dados junto aos órgãos competentes.

Atenciosamente,

(assinatura)

Pedro Santos

Secretário do Conselho

Resposta: Certo.

(Cespe-UnB) Texto para o item 42.

Os trabalhadores cada vez mais precisam assumir novos papéis para atender às exigências das empresas. Muitos países já estão revendo seus conceitos comerciais e os profissionais familiarizados com políticas e práticas sociais terão cada vez mais destaque no mercado de trabalho. Gente boa em inclusão social é o que se quer.

Trocando em miúdos, o desenvolvimento econômico e social de um país depende do compromisso ético de empresas e governos.

Escola, jan./fev. 2004 (com adaptações)

A respeito das estruturas linguísticas do texto acima e dos sentidos por ele produzidos, julgue o item seguinte.

42. O texto, como está redigido, respeita as normas de clareza, objetividade, correção gramatical e formalidade da redação de documentos oficiais, e, por isso, poderia corretamente ser incluído em textos de ofícios ou relatórios.

Resposta: Errado. Na redação oficial não se permite o uso de expressões coloquiais, como “Trocando em miúdos”.

(Cespe-UnB) Texto para o item 43.

Andar pela região do Alto Xingu, no nordeste de Mato Grosso, é mais que turismo. Beira uma experiência antropológica. A troca de conhecimento com os índios é, sem dúvida, enriquecedora. Além da convivência na aldeia — o ponto principal da viagem — os passeios de barco e canoa pelo rio Von den Steinen são um deslumbramento. A mata preservada contrasta com o espelho formado na água, produzindo uma paisagem belíssima. À noite, o céu se abre limpo e estrelado. É um convite à contemplação da natureza. Caminhar em trilhas pela floresta também faz parte do programa. Chegar a esse paraíso não é das missões mais fáceis, o que garante parte de sua preservação. Pelo caminho, pode-se comprovar uma das tragédias da região: uma enorme quantidade de carretas carregando madeira nobre retirada da floresta. E as clareiras deixadas por elas nas matas.

Época, 09.05.2005 (com adaptações)

Julgue o seguinte item a respeito da organização das ideias e das estruturas linguísticas no texto.

43. Embora a substituição da forma indeterminada “pode-se” por *podemos* respeite a

organização e a argumentação textual, se o período sintático fizesse parte de um documento oficial, tal substituição não seria permitida em respeito aos padrões da norma culta em redação oficial.

Resposta: Errado. Não há problema em utilizar o verbo na 1a pessoa do plural em um texto oficial.

(Cespe-UnB) Texto para o item 44.

Mais vale ser amado que temido, ou temido que amado?

O melhor consistiria em ser amado e temido, mas isso é difícil. Então, é mais seguro ser temido. Por quê? Há várias razões para isso. Em primeiro lugar, os homens são geralmente "ingratos, inconstantes, dissimulados, trêmulos em face dos perigos e ávidos de lucro; enquanto lhes fazeis bem, são dedicados; oferecem-vos o sangue, os bens, a vida, os filhos, enquanto o perigo se apresenta remotamente, mas quando este se aproxima, bem depressa se esquivam". Ai do príncipe que confiasse exclusivamente em todas as amizades pagas em prodigalidades, "em breve estaria perdido"! Além disso, os homens receiam muito menos ofender aquele que se faz amar do que aquele que se faz temer. O vínculo do amor, rompem-no ao sabor do próprio interesse, ao passo que o temor sustenta-se por um medo do castigo, que jamais os abandona. Enfim, não depende do príncipe ser amado, os homens "amam a seu bel-prazer"; mas dele depende ser temido, os homens "temem conforme quer o príncipe". Ora, um príncipe prudente deve basear-se não no que depende de outrem, mas no que depende de si mesmo.

Ser temido, aliás, em nada significa ser odiado; o ódio dos súditos — como seu desprezo — é grave; nele não se deve incorrer. Porque todas as fortalezas que o príncipe odiado possuir contra os súbitos não o salvarão de suas conjurações.

Jean-Jacques Chevalier. O príncipe. In: *As grandes obras políticas de Maquiavel a nossos dias.* Tradução de Lydia Cristina. 7. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1995, p. 37-38 (com adaptações)

Referente às ideias e às estruturas linguísticas do texto acima, julgue o item a seguir.

44. A forma verbal "fazeis" e o pronome pessoal "vos" (ambos no 1º parágrafo) são, correta e adequadamente, empregados, na redação oficial, em concordância com a forma de tratamento Vossa Excelência, em situações de alta formalidade em que se deseje demonstrar respeito a uma autoridade.

Resposta: Errado. O pronome de tratamento concorda em 3a pessoa.

(Cespe-UnB) Texto para os itens 45 e 46.

Substantivo ***versus*** adjetivo

Além das denúncias de tráfico de influência, lavagem de dólares, prevaricação, sonegação de impostos, nepotismo, fisiologismo, clientelismo político, outro tema que se encontra no centro das discussões éticas e políticas no país é o papel da imprensa.

Acusam, do lado de lá, a imprensa, entre outras coisas, de sensacionalista, injusta, partidária, tendenciosa, integrante do ficcional sindicato do golpe ou daqueles segmentos interessados em destruir as instituições, como a presidência da República.

Para melhor avaliar hoje o que ocorre nessa relação entre imprensa e governo, os jornalistas,

cientistas políticos, sociólogos e historiadores de amanhã terão mais isenção e muito o que pesquisar. Hoje, estamos todos envolvidos como profissionais, como cidadãos.

O senso profissional do jornalista mistura-se com sentimentos difusos de patriotismo, ódio, raiva, impotência, esperança, descrença. O momento apresenta um quadro rico em detalhes carregados de tensão. O conflito manifesta uma temática, mediante a qual se tenta conquistar a opinião pública.

Os acusados, alvos de denúncias substantivas, partem para o contra-ataque, na tentativa de atingir seus acusadores com frases adjetivas. De preferência, desabonadoras. A Tática não é nova. Quando Nero procurou alguém para responsabilizar pelo incêndio de Roma, não titubeou. Escolheu os cristãos, vistos pelo imperador e sua corte como inimigos políticos. Para preservar a instituição romana e a si próprio, Nero transferiu sua loucura para o suposto ato dos cristãos.

Sempre se pode colher na história entre dominados e dominadores, governantes e súditos, situação e oposição, instituição pública governamental e imprensa, entre outras divisões maniqueístas, condutas assemelhadas. Na defensiva, quem tem o poder procura, diante de acusações substantivas, desqualificar os inimigos com adjetivos.

Na revelação da divergência, do conflito e da ira pela palavra, procura-se esconder o que mais se manifesta na realidade do discurso: a verdade. Aí, a imprensa apresenta-se como veículo mais eficaz para distribuir as informações e as interpretações factuais. Sem os jornais independentes, há o discurso político surdo. Uma contradição que nega a essência e a natureza política, ou seja, o caráter público.

Com erros, até grandes, é a imprensa o canal mais eficiente para revelar as verdades que se escondem em tantos discursos, cenas de TV, papéis burocráticos, atos simbolicamente autoritários e totalitários. A imprensa, ao contrário do discurso político, em que predomina a locução adjetiva, tem por fundamento a revelação substantiva do cotidiano.

Marcel Cheida. In: *Folha de S.Paulo*, 26.07.1992 (com adaptações)

Com base nos princípios de redação e correspondência oficiais, julgue os itens a seguir, relativos ao texto.

45. O quinto parágrafo, da forma como se encontra no texto, grafada entre aspas e indicando a autoria, porém sem a indicação de parágrafo, comporta a transcrição para o corpo de uma ata.

Resposta: Certo. A ata é a narrativa de uma reunião ou assembleia. O parágrafo citado poderia sim fazer parte de uma ata. Outra coisa, na ata não há marcação de parágrafo — como dito na assertiva: Marcel Cheida disse: “Os acusados, alvos de denúncias substantivas, partem para o contra-ataque, na tentativa de atingir seus acusadores com frases adjetivas. De preferência, desabonadoras. A Tática não é nova. Quando Nero procurou alguém para responsabilizar pelo incêndio de Roma, não titubeou. Escolheu os cristãos, vistos pelo imperador e sua corte como inimigos políticos. Para preservar a instituição romana e a si próprio, Nero transferiu sua loucura para o suposto ato dos cristãos.”

46. O texto, citando a fonte de onde foi retirado, fará parte de um relatório técnico, desde que transcrito em folha padrão ofício.

Resposta: Errado. O relatório é um texto narrativo. O texto apresentado é dissertativo.

(Cespe-UnB) Texto para o item 47.

A contemporaneidade vai urdindo novas situações que demandam por novas opções éticas e pela consignação de novos direitos. A produção apresenta sua clara dimensão fáustica, a se usar a expressão de Marshall Bermann. Quanto mais ela avança, mais ela destrói, em um processo entropisante assustador. As distâncias sociais entre os países desenvolvidos e subdesenvolvidos aumentam de modo devastador, não somente a partir de seus indicadores econômicos, como também por sua produção de saber, o que faz alguns autores vislumbrarem uma terceira fase do capitalismo traduzida pela produção de *know-how.* Ao mesmo tempo, o ser humano chegou à sofisticação de poder se suicidar enquanto espécie zoológica pelas armas que ele próprio produz e, cada vez menos, controla. Os anos 30 voltam sinistros com a reaparição agressiva dos racismos. As distâncias sociais nos países subdesenvolvidos são assustadoras, uma vez que uma ínfima minoria detém parcela significativa dos bens.

Roberto de Aguiar. Ética e direitos humanos. In: *Desafios éticos.*

Brasília: Conselho Federal de Medicina, p. 65 (com adaptações)

A partir do texto acima, julgue o item subsequente.

47. Se o texto fizesse parte de um documento oficial, como relatório ou parecer, a expressão "processo entropisante" deveria ser substituída para atender ao quesito de clareza e objetividade; além disso, a segunda ocorrência do pronome "ela" deveria ser suprimida para que se respeitasse a formalidade.

Resposta: Errado. Não há problema com o uso da expressão "processo entropisante", ou com a segunda ocorrência do pronome "ela".

(Cespe-UnB) Texto para o item 48.

Em uma iniciativa inédita, dez grandes corporações assinaram um compromisso com o Fórum Econômico Mundial para divulgar regularmente o volume de suas emissões de gases poluentes. Com isso, elas se antecipam aos governos que ainda estão aguardando a entrada em vigor do protocolo de Kyoto. Pelo acordo, denominado Registro Mundial de Gases que Causam o Efeito Estufa, as multinacionais passam a informar o seu grau de poluição do meio ambiente, atendendo a expectativas de acionistas, que cobram mais transparência sobre o tema. Juntas, essas empresas são responsáveis pela emissão de 800 milhões de toneladas de dióxido de carbono por ano, o que representa cerca de 5% das emissões mundiais.

O Globo, 23.01.2004, p. 30 (com adaptações)

A partir do texto acima e considerando aspectos marcantes da questão ambiental no mundo contemporâneo, julgue o item seguinte.

48. Para tornar o texto mais formal e adequado a uma redação oficial, mantendo a correção gramatical e as relações semânticas, deve-se reescrever o trecho "passam a informar o seu grau" da seguinte forma: *passam a informar-lhe o grau*.

Resposta: Errado. O pronome "lhe" usado com o verbo "informar" desempenha a função de objeto indireto, alterando assim as relações semânticas do texto (no texto, temos o adjunto adnominal "seu" — foi uma tentativa de confundir o candidato com o uso de "lhe" como adjunto

adverbial e adjunto adnominal).

(Cespe-UnB) Texto para o item 49.

A EMBRAPA virou símbolo de excelência na administração pública. Em mais uma década, terá sido a responsável pela melhoria do padrão nutricional dos brasileiros, por meio de um programa para a produção de alimentos mais saudáveis. Os componentes de nossa dieta básica — arroz, feijão, milho, soja — estão sendo pesquisados para que adquiram teores mais elevados de vitaminas, proteínas e aminoácidos. Do projeto, há poucos anos surgiu a cenoura com mais procaroteno (que ajuda no combate à cegueira), já incorporada ao mercado. A presidente interina da EMBRAPA, Marisa Barbosa, acentua que outros resultados positivos serão alcançados nos próximos anos. Com isso, o índice de subnutrição e doenças dela resultantes serão gradativamente reduzidos. Alimentos denominados funcionais, proteicamente enriquecidos, estão sendo pesquisados para transformação genética. A EMBRAPA tem 2.220 pesquisadores, sendo 1.100 com doutorado.

Jornal do Brasil (Informe JB), 15.03.2004, p. A6 (com adaptações)

Tendo em vista o texto acima e o tema nele focalizado, julgue o item seguinte.

49. Para que o início do texto seja adequado à linguagem formal exigida por documentos oficiais, deve-se substituir "virou" por tornou, a fim de se preservar a correção gramatical e as relações semânticas do texto.

Resposta: Errado. Se trocarmos o verbo "virou" por "tornou" precisaremos acrescentar o pronome reflexivo "se": A EMBRAPA tornou-se símbolo de excelência na administração pública.

Veja também propostas que solicitam ao candidato redigir o texto oficial.

(FCC) Proposta 1:

Considere as informações abaixo:

O Presidente da Comissão de Defesa do Consumidor, Deputado Federal XYZ dos Reis, convocou reunião para as 15:00 h do dia 04/06/07. Na data aprazada, contou com a presença dos Deputados Federais A, B, C, D e E, para tratar de questões referentes ao combate à pirataria.

Assuntos abordados:

1) avaliação de resultados de medidas em andamento;

2) criação de campanha educativa;

3) apoio à tramitação de alterações legislativas relacionadas à apreensão de produtos pirateados.

A reunião foi encerrada duas horas e quinze minutos após o início, com impasse surgido na discussão. O Presidente determinou nova reunião, às 16:00 h do próximo dia 14/06, e convocação do Diretor da Fundação ICL — Instituto do Cidadão Legal, especialista no assunto, para esclarecimentos necessários. O Técnico Legislativo-Assistente Administrativo do apoio legislativo, Senhor MNO dos Santos, foi designado para elaborar o registro dos fatos.

Redija o documento apropriado, criando uma situação compatível com o desenvolvimento da

reunião, a partir dos dados apresentados. A redação deverá obedecer ao limite máximo de 30 linhas e respeitar o disposto no *Manual de Redação da Presidência da República*.

(FCC) Proposta 2:

Atenção: O relatório sobre a situação abaixo descrita deverá ter a extensão mínima de 20 linhas e máxima de 30 linhas.

Há, no setor em que você atua, cinco computadores ligados à rede, nos quais estão instalados programas e sistemas relacionados à rotina do Tribunal.

Considerando que esses aparelhos estão apresentando problemas de manutenção, pela qual você é o responsável, elabore um relatório, que será encaminhado à sua chefia imediata, a respeito dos serviços necessários, apontando:

a) situação geral;

b) problemas encontrados;

c) providências a serem tomadas;

d) responsabilidades.

1 No discurso, o termo “pessoa” se refere a qualquer elemento da comunicação, seja pessoa mesmo ou não.

2 MEIRELLES, Hely Lopes. *Direito administrativo brasileiro*. 27. ed. São Paulo: Malheiros, 2002.

10

REDAÇÃO DISCURSIVA

Aprender a escrever não é só aprender a pensar, como se tem dito e redito;
mas também — e principalmente — aprender a dizer bem o que foi pensado.
E isto pode ensinar-se — mas ainda assim com renúncia a qualquer dogmatismo
e sem a camisa de força de fórmulas e receitas fabricadas, que antes inibem,
cerceiam e até anulam a livre afirmação da personalidade do estudante.
Mais propriamente sugerir, estimular, apontar caminhos — numa palavra: guiar.

Rocha Lima

Raimundo Barbadinho Neto

Antes de qualquer comentário sobre o texto em si, faremos algumas considerações a respeito de *como* escrever o seu texto, pois muitos candidatos ficam em dúvida quanto a isso, e se perguntam:

Devo colocar título na minha redação?

Que tipo de letra devo usar?

Posso pular linha entre um parágrafo e outro?

Se eu cometer um erro, como faço para corrigi-lo?

Posso escrever na margem da folha, se a quantidade de linhas for insuficiente para o meu texto?

Preciso marcar os parágrafos?

Posso começar/encerrar a minha escrita em qualquer ponto da linha ou devo encostar nas margens esquerda e direita?

Se a palavra não couber inteira na linha, o que eu faço?

Vamos, então, responder a todas essas perguntas.

■ Devo colocar título na minha redação?

a) A maioria das bancas não menciona nada a respeito de título na redação. Então, não se deve colocar título em redação de concurso. O título é um exercício de criatividade, e a prova para concurso prevê técnica: o examinador deseja apenas saber se o candidato é capaz de expor uma ideia de maneira clara, objetiva e concisa. Por isso, não coloque título. Na linha 1 da folha de texto definitivo você já começa com o seu parágrafo de

introdução.

b) Algumas bancas pedem, expressamente no caderno de prova, que se dê um título à redação. Neste caso, ele deve ser colocado na primeira linha, com a primeira letra maiúscula e o restante em minúsculas, como uma outra frase qualquer. E deve ser iniciado na marcação de parágrafo, como outra frase qualquer (não tente centralizar!). Não deve ser sublinhado, nem escrito com um traço mais forte (uma tentativa de se fazer um negrito manuscrito!). Evite títulos longos, utilize apenas uma linha para ele. E já na linha 2 você começa o seu parágrafo de introdução — ou seja, não se pula uma linha entre o título e o texto.

Lembre: você só dará um título à sua redação se houver um comando específico no caderno de prova solicitando isso!

■ Que tipo de letra devo usar?

Escreva sempre com letra legível. Você pode usar qualquer tipo de letra — cursiva, de imprensa, de forma, bastão etc. —, pode até misturar os tipos de letras, não há problema, desde que as palavras estejam legíveis.

■ Posso pular linha entre um parágrafo e outro?

Não se pulam linhas em redações de concursos.

■ Se eu cometer um erro, como faço para corrigi-lo?

Se você, ao passar a limpo, cometeu um erro, escreveu uma palavra a mais, um acento a mais, um sinal de pontuação a mais, basta passar um traço simples sobre eles, e o examinador já entende como item cancelado. Não tente passar dois ou mais traços, apenas um traço sobre o erro. E na sequência coloque a forma correta. Assim: "A caza casa amarela é linda."

■ Posso escrever na margem da folha, se a quantidade de linhas for insuficiente para o meu texto?

Você só pode utilizar o número de linhas determinado pela banca examinadora. Sempre observando a quantidade mínima e máxima.

Caso você escreva menos que a quantidade mínima solicitada, o examinador tirará dos seus pontos totais obtidos um ponto para cada linha faltante para se atingir o mínimo. Por exemplo: a banca pede no mínimo 20 e no máximo 30 linhas; você escreveu apenas 18 linhas — faltam duas linhas para chegar à quantidade mínima. Você perderá então dois pontos (ou a quantidade estipulada em edital) do total de nota obtida na correção do seu texto.

Caso você escreva mais que a quantidade máxima solicitada, o examinador não lerá isso. Geralmente a folha de prova vem com as linhas numeradas. E, se você ultrapassou esse número, pode se considerar eliminado do concurso, pois incorreu nos erros de: a) escrever texto em lugar indevido; b) não concluir a redação (pois o examinador não leu o excedente).

■ Preciso marcar os parágrafos?

Os parágrafos devem sempre ser marcados. Geralmente, iniciamos o parágrafo a dois centímetros da margem. Todos os parágrafos devem estar no mesmo alinhamento.

■ Posso começar/encerrar a minha escrita em qualquer ponto da linha ou devo encostar nas margens esquerda e direita?

Em Língua Portuguesa, utilizamos os parágrafos justificados, ou seja, as palavras devem encostar na margem esquerda e na margem direita.

■ Se a palavra não couber inteira na linha, o que eu faço?

Para justificar o parágrafo na margem esquerda, é necessário algumas vezes fazer a divisão da palavra na translineação (passagem para a linha de baixo). Se houver espaço, podemos fazer isso com hífen; se não houver espaço para o hífen, sublinhamos a última sílaba daquela linha (assim: *transli- neação* ou *transli neação*).

■ 10.1. QUALIDADES FUNDAMENTAIS DO TEXTO

Entre as **qualidades** que qualquer texto deve possuir estão **a clareza, a concisão e a correção**, às quais se reduzem, de certo modo, todas as demais.

A importância da **clareza** decorre da própria finalidade maior da linguagem: propiciar ao homem a comunicação de seus pensamentos. **Quanto mais nitidamente alguém souber transmitir o que pensa, mais eficiente será a sua linguagem.**

A **concisão** é a **qualidade que nos ensina a prezar a economia verbal**, sem prejuízo da mais completa e perfeita eficácia da comunicação do pensamento. Ela contribui muito para a clareza. Porém, se nos preocupamos exageradamente com ela, corremos o risco de beirar o laconismo — que conduz à obscuridade e à imprecisão.

Dentro da diversidade de usos própria de toda língua — diversidade decorrente de fatores individuais, sociais, temporais ou geográficos —, não pode deixar de haver um padrão de linguagem que sirva de instrumento geral de comunicação: a **norma culta**, com a sua **correção** gramatical.

Curiosidade: Veja, no texto abaixo, se você consegue saber de que o autor trata.

Foi a abadessa[1]

Carlos Heitor Cony

Ninguém sabe como foi mas todos concordam que foi a abadessa. O preboste mandou instaurar um inquérito e o condestável ordenou que os arautos percorressem os caminhos anunciando que fora a abadessa. E o povo tremeu, ouvindo que fora a abadessa. Grandes flagelos, grandes angústias e penas desabariam sobre a cabeça do rei e do povo. Nada se podia fazer: a abadessa já havia feito. O arcipreste suspeitou do outro lado da notícia e baixou a bula cobrindo de opróbrio os verdugos que levassem a abadessa ao catafalco. Mas o esmoler-mor contestou o condestável e exigiu que em nome da fé e do rei a verdade fosse feita. Contestado, o condestável mobilizou seus arqueiros e concitou

o capelão a distribuir pão aos filhos do povo e aos camponeses famintos que se

levantaram contra a abadessa e contra a coisa que ela havia feito. Mais complicada ficou a situação quando o preboste envenenou o arcediago e o arcipreste caiu fulminado quando soube que a abadessa fugira em cima de um corcel de crinas ao vento. Os camponeses então resolveram voltar para suas terras, pois não valia a pena matar ou morrer por causa da coisa que a abadessa tinha ou não tinha feito. Ante a iminência do saque às cidades, o esmoler-mor ordenou que se queimassem as feiticeiras e numa só noite foram devoradas pelo fogo nada menos de 567 feiticeiras de diversos e criminosos feitios e malefícios. Os arautos percorreram novamente as cidades famintas e os campos devastados distribuindo hinos de louvor ao rei e à paz que voltava ao reino depois que a abadessa fizera a coisa. E estavam as coisas nesse pé — inclusive a coisa que a abadessa havia feito — quando, alta noite, surgiu no palácio, vinda dos campos, a assombrosa notícia de que não fora a abadessa que fizera a coisa pois coisa nenhuma havia sido feita. Reza a lenda que a abadessa, depois de muito cavalgar no seu corcel de crinas ao vento, em sabendo que não havia feito a coisa, resolveu fazê-la.

Carlos Heitor Cony é um dos maiores cronistas brasileiros; seu texto não tem clareza, mas isso é intencional! É um ótimo texto justamente por isso, por ter a ambiguidade como intenção.

Numa prova de redação isso seria reprovável.

Um bom trabalho de pesquisa será verificar o jornal da época em que a crônica foi publicada e tentar descobrir o fato que deu origem ao texto.

10.2. TIPOLOGIA TEXTUAL

Já vimos na interpretação de texto que as tipologias textuais são: descrição, narração e dissertação.

Sabemos que a descrição e a narração são textos figurativos e a dissertação representa o texto temático. **As provas de concurso, geralmente, trabalham com a dissertação.** Isso porque a intenção do examinador é saber se o candidato é capaz de organizar suas ideias em torno de temas apresentados.

É importante que, ao escrever um texto, não nos percamos nas tipologias.

Para relembrar, vejamos o quadro a seguir:

DESCRIÇÃO	NARRAÇÃO	DISSERTAÇÃO
É o retrato verbal, aquilo que vemos ou sentimos. Pode ser: a) objetiva: A casa é amarela. b) subjetiva: A casa é linda.	É o relato de um acontecimento, em que há personagens atuando em determinado tempo e espaço.	É a exposição de ideias, opiniões, pontos de vista, fundamentados em argumentos e raciocínios baseados em nossa experiência de mundo, nossas leituras, nossas abstrações. Divide-se em introdução, desenvolvimento e conclusão.
Dificilmente se encontram textos exclusivamente descritivos. O que ocorre, na maioria das vezes, é aparecerem trechos descritivos inseridos na narração ou na dissertação. Às vezes, um fragmento pode apresentar características próprias de cada uma das tipologias; será um texto misto em que predominará uma delas, não invalidando a existência das outras.		

Reveja na "Interpretação de texto" a explanação completa sobre esse assunto.

10.3. FIGURAS E TEMAS

Como já afirmamos e reafirmamos, a descrição e a narração são textos figurativos, ou seja, trabalham com a concretude; já a dissertação é um texto temático, trabalha com ideias, com abstrações.

Muitas vezes, a partir de um texto figurativo (descrição ou narração) temos de criar um texto temático (dissertação). Para isso precisamos transformar figuras em temas.

As figuras são as partes "concretas" do texto; já os temas são as partes abstratas dele.

Um exercício de reflexão faz com que cheguemos a temas a partir de figuras.

Por exemplo, pensemos no objeto "giz". Para que serve o giz? Para escrever na lousa. Onde, geralmente, encontramos a lousa? Na escola. O que se faz, na escola, com giz e lousa? Geralmente, o professor escreve na lousa com o giz aquilo que o aluno deve saber: o assunto a ser estudado, aprendido. Então, que abstração podemos fazer disso? Giz > lousa > assunto > conhecimento. Assim, podemos dizer que a figura "giz" nos remete ao tema "conhecimento" — giz, concreto; conhecimento, abstrato.

As histórias infantis estão cheias dessas simbologias: na história de Chapeuzinho Vermelho, o Lobo Mau representa o perigo; na história de Cinderela, a madrasta representa a maldade; e daí por diante.

Vejamos um texto infanto-juvenil de Ruth Rocha.

O homem e a galinha[2]

Era uma vez um homem que tinha uma galinha.

Era uma galinha como as outras.

Um dia a galinha botou um ovo de ouro.

O homem ficou contente. Chamou a mulher:

— Olha o ovo que a galinha botou.

A mulher ficou contente:

— Vamos ficar ricos!

E a mulher começou a tratar bem da galinha.

Todos os dias a mulher dava mingau para a galinha.

Dava pão de ló, dava até sorvete.
E todos os dias a galinha botava um ovo de ouro.
Vai que o marido disse:
— Pra que esse luxo com a galinha?
Nunca vi galinha comer pão de ló... Muito menos sorvete!
Então a mulher falou:
— É, mas esta é diferente. Ela bota ovos de ouro!
O marido não quis conversa:
— Acaba com isso, mulher. Galinha come é farelo.
Aí a mulher disse:
— E se ela não botar mais ovos de ouro?
— Bota sim! — o marido respondeu.
A mulher todos os dias dava farelo à galinha.
E todos os dias a galinha botava um ovo de ouro.
Vai que o marido disse:
— Farelo está muito caro, mulher, um dinheirão! A galinha pode muito bem comer milho.
— E se ela não botar mais ovos de ouro?
— Bota sim! — o marido respondeu.
Aí a mulher começou a dar milho pra galinha.
E todos os dias a galinha botava um ovo de ouro.
Vai que o marido disse:
— Pra que esse luxo de dar milho pra galinha? Ela que cate o de-comer no quintal!
— E se ela não botar mais ovos de ouro? — a mulher perguntou.
— Bota sim! — o marido falou.
E a mulher soltou a galinha no quintal.
Ela catava sozinha a comida dela.
Todos os dias a galinha botava um ovo de ouro.
Um dia a galinha encontrou o portão aberto.
Foi embora e não voltou mais.
Dizem, eu não sei, que ela agora está numa boa casa onde tratam dela a pão de ló.

Temos as seguintes figuras: homem, mulher, galinha, ovos de ouro, mingau, pão de ló, sorvete, farelo, milho, de-comer no quintal, portão aberto.

Podemos começar a abstração pensando que a galinha trabalha produzindo os ovos de ouro para o homem e a mulher, recebendo em troca um pagamento — que pouco a pouco vai diminuindo —, até o dia em que encontra novas oportunidades e os deixa.

Se transferirmos isso para as relações humanas, podemos ter: o patrão ganancioso, o trabalhador e o fruto do seu trabalho, o salário.

Como a produção é sempre a mesma, e o salário fica cada vez menor, o patrão acumula cada vez mais riqueza. Podemos, então, chegar à ideia de "exploração".

Note-se que, a partir de figuras, chegamos ao tema. Se fosse o texto motivador de uma prova dissertativa, teríamos de escrever sobre "exploração".

10.4. DISSERTAÇÃO OBJETIVA

A apresentação de uma ideia pode ser feita de duas maneiras: subjetiva ou objetivamente.

Quando simplesmente expomos nossas ideias sem intenção alguma, estamos trabalhando com a subjetividade.

Quando expomos nossas ideias com a intenção de convencer o outro a respeito delas, com a intenção de persuadir o outro, estamos trabalhando com a objetividade.

A **dissertação objetiva é aquela que** leva o leitor a aceitar as ideias de quem a escreve, ou seja, aquela que **convence, prova, persuade**. Para isso, então, é necessário que se empreguem alguns recursos argumentativos.

10.4.1. Argumentação

Argumentar é fornecer razões para que se aceite aquilo que se está dizendo, para que se aceite a tese proposta, o posicionamento assumido frente a um tema. **Argumentar é persuadir, levar o outro a aderir ao que se diz.**

Argumentação, de acordo com a etimologia da palavra *argumento*, vem do latim *argumentum*, palavra formada com o tema *argu-* (como em *arguto, argúcia, argênteo*), e significa "fazer brilhar", "fazer cintilar". Argumento é, então, tudo aquilo que ressalta, faz brilhar, faz cintilar uma ideia; é o procedimento linguístico utilizado com o intuito de se fazer aceitar o que está sendo dito, persuadir, levar a crer.

A argumentação pode estar **baseada na estrutura da realidade, no consenso, em fatos ou no raciocínio lógico**. Vejamos passo a passo cada um desses aspectos.

10.4.1.1. Argumento baseado na estrutura da realidade

Nesse tipo de argumentação usamos as **relações de causa e efeito ou de pessoa e ato**.

Se afirmamos que "estudar com afinco, com dedicação" faz com que "sejamos aprovados no concurso", estamos trabalhando com causa e efeito. Se dizemos: "Investir na boa educação e bem-estar do menor hoje é formar cidadãos de bem para o futuro." — utilizamos um argumento baseado na estrutura da realidade (causa e efeito).

Já na relação de pessoa e ato, está em foco a reputação do indivíduo em dado domínio. O prestígio de uma pessoa serve de base para o argumento de autoridade.

O argumento de autoridade é a citação dos pontos de vista de um autor reconhecido (pode ser também uma revista, um jornal etc.) em determinado campo da experiência como meio de prova em favor de uma tese.

Isso acontece quando escrevemos: "O tratamento da Aids no Brasil é referência para

todos os outros países, conforme afirmou o Dr. Drauzio Varella."; ou, então, "O ministro teve um enriquecimento muito elevado nos últimos quatro anos, de acordo com matéria publicada no jornal *Folha de S.Paulo*".

10.4.1.2. Argumento baseado no consenso

É aquele aceito por todos por representar **verdade universal, um axioma**. Quando dizemos que a Terra é azul, estamos trabalhando com um fato. Ao afirmarmos que a menor distância entre dois pontos é a reta, trabalhamos com um fato.

Criança que estuda tem um futuro promissor — isso é um fato.

Agora, não podemos cair no equívoco dos lugares-comuns: o crime não compensa, o brasileiro é preguiçoso, os políticos não prestam. Isso é um erro.

10.4.1.3. Argumento baseado em fatos

É o argumento apoiado em **elementos da realidade**. Se dizemos apenas "João é bom motorista", não há força em nossa fala, mas se dizemos "João é bom motorista. Nesses 25 anos de caminhoneiro, nunca sofreu ou causou um acidente.", esse dado da realidade comprova a tese de que "João é bom motorista".

Podemos ainda trabalhar com o **exemplo (do particular para o geral)** ou com a **ilustração (do geral para o particular):**

"Na semana passada, vários secretários da administração pública municipal foram presos, por corrupção passiva. Existe corrupção em nossa cidade." — exemplo: partimos de um caso particular para elaborarmos uma tese geral.

"Os nossos jogadores de futebol, assim que começam a se destacar aqui em nosso país, logo são vendidos para times internacionais. É o que aconteceu com Ronaldo Fenômeno, que passou a maior parte de sua carreira no exterior." — ilustração: partimos de um fato genérico para um caso particular.

10.4.1.4. Argumento lógico

É o argumento que utiliza a estrutura dos **raciocínios lógicos formais**, baseia-se em relações nem sempre verdadeiras — por isso alguns estudiosos classificam esse argumento de *quase lógico*.

Podemos exemplificar de maneira bem simples:

"Se todas as aves têm penas, e o pinguim é uma ave; logo, o pinguim tem penas."

"Se a Constituição garante que todos são iguais perante a lei, meu cliente não pode sofrer tal discriminação."

Ou, de maneira mais sutil, "Mulher de amigo meu é homem".

"Os amigos dos meus amigos são meus amigos."

"Há excelentes atrizes no Brasil, mas Fernanda Montenegro é Fernanda Montenegro."

Incluem-se aqui os ***prós e contras*:** que trabalham com **argumentos aplicáveis ou não aplicáveis à comprovação de uma tese**, por exemplo: "O aborto pode dar à mulher o

direito de decidir se deseja ou não ser mãe naquele momento, mas trará a ela uma série de problemas com os quais deverá conviver pelo restante de sua vida, e não se trata apenas de problemas somáticos, serão problemas psicológicos, talvez, mais nefastos que os de saúde".

Curiosidade: Eis uma aula de redação dada pelo Padre Antonio Vieira.
Sermão da Sexagésima[3]
O sermão há de ser duma só cor, há de ter um só objeto, um só assunto, uma só matéria. Há de tomar o pregador uma só matéria, há de defini-la para que se conheça, há de dividi-la para que se distinga, há de prová-la com a Escritura, há de declará-la com a razão, há de confirmá-la com o exemplo, há de amplificá-la com as causas, com os efeitos, com

as circunstâncias, com as conveniências que se hão de seguir, com os inconvenientes que se devem evitar, há de responder às dúvidas, há de satisfazer às dificuldades, há de impugnar e refutar com toda a força da eloquência os argumentos contrários, e depois disso há de colher, há de apertar, há de concluir, há de persuadir, há de acabar. Isto é sermão, isto é pregar, e o que não é isto é falar de mais alto. Não nego nem quero dizer que o sermão não haja de ter variedade de discursos, mas esses hão de nascer todos da mesma matéria, e continuar e acabar nela.

Note que Pe. Vieira trata de alguns recursos argumentativos:
a) fala de autoridade:
"há de prová-la com a Escritura"
b) raciocínio lógico:
"há de declará-la com a razão"
c) exemplificação:
"há de confirmá-la com o exemplo"
d) prós e contras:
"há de amplificá-la com as causas, com os efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências que se hão de seguir, com os inconvenientes que se devem evitar".

10.4.2. Defeitos da argumentação

Ao produzirmos o texto, devemos tomar cuidado para não incorrer em alguns erros comuns. Alguns deles são:

10.4.2.1. Tautologia

É a **repetição** (desnecessária) de uma ideia, a redundância:
"Fumar faz mal à saúde, porque prejudica o organismo."
"O homem, que pensa, é racional, e assim age de acordo com sua consciência."

10.4.2.2. Noção semiformalizada

Consiste no emprego de palavras, expressões, **conceitos que se usam de maneira equivocada:**

"Se apareceram ciganos no seu bairro, cuidado! Eles podem roubar sua casa e raptar seus filhos." — há uma noção de que os ciganos são pessoas más, que roubam e raptam crianças.

"Essa terra é terra de ninguém, uma bagunça só, sem lei, sem ordem: isso é anarquia!" — há uma noção equivocada sobre "anarquia".

10.4.2.3. Noção confusa

É o uso de **palavra com extensão de sentido muito ampla**, dando margem a interpretações diversas. Vejamos o exemplo encontrado em Platão & Fiorin:[4]

"— Reagan, em defesa da *liberdade* dos povos latino-americanos, solicita ao Congresso americano verbas para apoiar os movimentos contrários ao governo da Nicarágua.

— Daniel Ortega, presidente da Nicarágua, em nome da *liberdade* dos povos latino-americanos, solicita, na ONU, sanções contra os Estados Unidos pelo apoio que vêm dando aos movimentos contrários ao governo revolucionário."

A palavra "liberdade" tem um vasto campo de sentido, por isso a noção confusa nos exemplos dados. Para evitar isso precisamos delimitar o sentido do termo que queremos empregar: "Liberdade, do ponto de vista...".

10.4.2.4. Generalização

É o emprego das **totalidades indeterminadas:**

"Todo político é corrupto."

"No Brasil a população é muito feliz."

"Não existe pessoa que não se preocupe com o futuro."

Para evitar isso devemos empregar as expressões partitivas: "Alguns políticos são corruptos"; "Boa parte da população brasileira é feliz"; "A maioria das pessoas se preocupa com o futuro".

10.4.2.5. Erro pelo exemplo ou ilustração

É o **uso indevido**, por descuido ou desconhecimento, **de exemplos e ilustrações**.

"Metade da população brasileira vive com menos de um salário mínimo" — esse dado não corresponde à realidade. Antes de usarmos um exemplo ou ilustração, precisamos saber de sua veracidade.

"Há vários exemplos, na história recente do Brasil, de luta pela liberdade; Tiradentes é um deles" — se o texto foi escrito no século 18 é um bom exemplo, mas se foi escrito no século 21, peca pelo uso do adjetivo "recente".

10.4.2.6. Erro pela conclusão

Esse erro surge quando, ao construirmos um raciocínio lógico, empregamos **premissas falsas**.

"Todas as aves voam. A galinha é uma ave. Logo: a galinha voa." — está errado, pois "galinha" não voa. O problema está na premissa "Todas as aves voam." Nem todas as aves voam; existem aves que não voam.

10.4.3. Discurso dissertativo de caráter científico

A dissertação objetiva requer que se utilize o **nível formal da linguagem**.[5] **Para atingirmos esse nível, devemos deixar de lado alguns itens (mesmo considerados corretos pela gramática normativa) e utilizar outros.**

Vejamos o que não se pode usar e quais os recursos empregados para suprir essas ausências.

NÃO SE USAM:	USAM-SE:
1a pessoa do singular: Acredito ser a pena de morte... / Na minha opinião, a pena de morte é...	1a pessoa do plural: Acreditamos ser a pena de morte... / Na nossa opinião, a pena de morte é... sujeito indeterminado: Acreditam ser a pena de morte... / Acredita-se que a pena de morte é... sujeito paciente: A pena de morte é vista... oração sem sujeito: Há a pena de morte como...
conotação/gíria — sentido figurado (metáforas, ironias etc.)	denotação — palavras empregadas em seu sentido real

10.5. PROGRESSÃO DISCURSIVA

Um **bom texto** deve obedecer a duas regras básicas: **apresentar continuidade semântica** e **ter progressão de ideias**. Isso pode parecer paradoxal, mas não o é. A continuidade semântica é obtida pela unidade temática, e a progressão, pelo acréscimo de informação nova.

Essa continuidade temática foi vista na Interpretação de Texto, é a coerência. É ela que mantém a unidade e dá conta da produção de sentido do texto, é ela que faz um texto ser um texto. Porém, como dissemos no capítulo sobre Interpretação, não se pode repetir ideias, não se pode repetir segmentos de mesmo significado. Cada segmento deve somar uma informação nova à informação dada. Por isso o texto é a organização de partes distintas que produzem um conjunto uniforme.

Vejamos alguns exemplos:

> "Estou começando a me sentir vazia, desesperançosa e oca. O vazio me invade e sinto um tremendo vazio dentro de mim."[6]

> "Cada recessão tem um custo violentíssimo permanente, que dura para sempre, para a sociedade."[7]

Esses são textos circulares — tautológicos —, em que se repetem as ideias. Não devemos construir um texto assim.

Vejamos agora, para efeito de comparação, um bom texto de José de Alencar.

"A tarde ia morrendo.

O sol declinava no horizonte e deitava-se sobre as grandes florestas, que iluminava com os seus últimos raios.

A luz frouxa e suave do ocaso, deslizando pela verde alcatifa, enrolava-se como ondas de ouro e de púrpura sobre a folhagem das árvores.

Os espinheiros silvestres desatavam as flores alvas e delicadas; e o ouricuri abria suas palmas mais novas, para receber no seu cálice o orvalho da noite. Os animais retardados procuravam a pousada, enquanto a juriti, chamando a companheira, soltava os arrulhos doces e saudosos com que se despede do dia.

Um concerto de notas graves saudava o pôr do sol e confundia-se com o rumor da cascata, que parecia quebrar a aspereza de sua queda e ceder à doce influência da tarde.

Era a Ave-Maria."[8]

Note-se que cada frase acrescenta uma informação nova à descrição do cair da tarde. Isso é um bom texto.

Para que não fique dúvidas a respeito da progressão textual, releia os itens "Coesão" e "Coerência" em "Interpretação de Texto".

10.6. DICAS PARA SE ESCREVER BEM

A internet é hoje uma ferramenta de pesquisa imprescindível, porém devemos tomar cuidado com aquilo que encontramos, pois nem sempre a fonte é confiável. Nas páginas virtuais encontramos de tudo um pouco, algumas coisas muito boas e algumas coisas muito ruins, por isso é sempre necessário usar o bom senso na hora de citar algo retirado desse meio.

Numa dessas pesquisas, deparei-me com algumas dicas para se escrever bem. Tentei localizar o autor dessas dicas, mas sem resultado. Percebi que muitas pessoas divulgaram tais dicas, sem mencionar a fonte. Como são muito eficientes, eu as utilizo aqui também. São elas:

- Vc. deve evitar ao máx. abrev. etc.
- Desnecessário faz-se empregar estilo de escrita demasiadamente rebuscado, segundo deve ser do conhecimento inexorável dos copidesques. Tal prática advém de esmero excessivo que beira o exibicionismo narcisístico.
- Anule aliterações altamente abusivas.
- "não se esqueça das maiúsculas", como já dizia dona loreta, minha professora lá no colégio alexandre de gusmão, no ipiranga.
- Evite lugares-comuns assim como o diabo foge da cruz.
- Estrangeirismos estão *out*; palavras de origem portuguesa estão *in*.
- Chute o balde no emprego de gíria, mesmo que sejam maneiras, tá ligado?
- Palavras de baixo calão podem transformar seu texto numa merda.
- Nunca generalize: generalizar, em todas as situações, sempre é um erro.

- Evite repetir a mesma palavra, pois essa palavra vai ficar uma palavra repetitiva. A repetição da palavra vai fazer com que a palavra repetida desqualifique o texto no qual a palavra se encontra repetida.
- Não abuse nas citações. Como costuma dizer meu amigo: "Quem cita os outros não tem ideias próprias".
- Frases incompletas podem causar...
- Não seja redundante, não é preciso dizer a mesma coisa de formas diferentes; isto é, basta mencionar cada argumento uma só vez. Em outras palavras, não fique repetindo a mesma ideia.
- Seja mais ou menos específico.
- Frases com apenas uma palavra? Jamais!
- Use a pontuação corretamente o ponto e a vírgula especialmente será que ninguém sabe mais usar o sinal de interrogação
- Quem precisa de perguntas retóricas?
- Conforme recomenda a A.G.O.P, nunca use siglas desconhecidas.
- Exagerar é cem bilhões de vezes pior do que a moderação.
- Evite mesóclises. Repita comigo: "mesóclises: evitá-las-ei!"
- Analogias na escrita são tão úteis quanto chifres numa galinha.
- Não abuse das exclamações! Nunca! Seu texto fica horrível!
- Evite frases exageradamente longas, pois estas dificultam a compreensão da ideia contida nelas, e, concomitantemente, por conterem mais de uma ideia central, o que nem sempre torna o seu conteúdo acessível, forçando, desta forma, o pobre leitor a separá-las em seus componentes diversos, de forma a torná-las compreensíveis, o que não deveria ser, afinal de contas, parte do processo da leitura, hábito que devemos estimular através do uso de frases mais curtas.
- Cuidado com hortografia, para não estrupar a língüa portuguêza.
- Seja incisivo e coerente, ou não.

10.7. TÉCNICA DE REDAÇÃO

Para se escrever um bom texto é preciso planejamento.

Seguem abaixo dez passos para a produção de um bom texto.

- 1º passo:

Definir o tema e o posicionamento perante ele.

Algumas provas de redação nos apresentam os textos motivadores e o tema específico que se deve seguir. Outras provas dão-nos apenas o texto motivador. Nesse caso, para se chegar ao tema, devemos perceber a ideia central do texto. Depois disso, assumir um posicionamento diante dele. Não é possível escrever sobre algo sem tomar um partido, uma linha de raciocínio e sem definir um ponto de chegada. Isso tudo deve ser feito antes de começar a escrever, para que o texto não se torne vago.

■ 2º passo:

Relacionar, em forma de tópicos, todos os assuntos ligados ao tema.

É o que costumamos chamar de "brainstorming". Agora que já se tem o tema definido, devem-se anotar todas as ideias relacionadas ao tema, sem nenhuma preocupação, sem nenhuma censura, sem nenhum desenvolvimento, pois assim você estará ampliando seu contato com o tema. Faça isso em forma de tópicos, de forma breve, sem se estender no desenvolvimento da ideia, apenas para assegurar-se de que haja assunto para o seu texto.

■ 3º passo:

Cortar alguns assuntos da relação preparada no passo anterior.

Agora é o momento da reflexão, da censura, do bom senso. Neste passo, você deve reler um a um os assuntos elencados e verificar se eles podem ou não fazer parte do seu texto. Seja criterioso, verifique se aquele item merece ser utilizado ou desprezado. Uma maneira de chegar a essa decisão é perguntar a você mesmo sobre cada item: Eu sei falar disso? Isso é relevante para o meu tema? Isso é de fácil desenvolvimento, ou despenderei muito tempo para tentar explanar tal assunto? Isso vai ao encontro do meu posicionamento? Isso pode contrariar o meu posicionamento? Isso, apesar de estar ligado ao tema, pode causar alguma divagação dentro do meu texto? Isso é importante, ou representa uma ideia secundária? Ao utilizar isso eu me mantenho dentro do tema, ou crio um viés para o texto? Ao responder a essas perguntas com consciência e segurança, você cortará muitos itens e deixará muitos outros; deixará justamente os mais relevantes para o seu texto.

■ 4º passo:

Agrupar os assuntos que se relacionam em blocos de ideias.

Até aqui você fez uma coleta aleatória de ideias e definiu as que devem ou não fazer parte do seu texto. Chegou a hora de começar a ordená-las. O primeiro nível de organização é juntar as ideias que se correlacionam, pois se você escreve o seu texto as utilizando na sequência em que as relacionou corre o risco de repetir uma ou outra ideia em parágrafos diferentes; e isso não deve acontecer — cada parágrafo deve trazer um assunto, que não pode ser apresentado em outro. Aqui sua redação já começa a tomar forma. Releia os itens que você "deixou" na sua redação, algum deles se relaciona com outro? Um traz o mesmo teor ideológico de outro ou outros? Isso faz com que você organize os itens listados em blocos, e cada bloco então representa um parágrafo.

■ 5º passo:

Organizar os blocos de assuntos numa sequência lógico-progressiva.

É preciso dar ao seu texto uma progressão, para isso você deve dar uma sequência lógica aos parágrafos do seu texto, ou seja, uma sequência lógica aos blocos resultantes do 4o passo. Você deve trabalhar com as ideias de causa e consequência, anterioridade e posterioridade — veja o que vem antes e o que pode ser consequência. Fazendo isso, você não corre o risco de se perder na escrita do seu texto, pois ele se desenvolverá de

maneira linear, o que é bom para qualquer redação. Nesse passo, você já tem pronto todo o desenvolvimento de sua redação, de forma sintética, mas pronto e organizado.

- 6º passo:

Criar o parágrafo de introdução.

No 1o passo se pensou apenas no tema e no posicionamento, porém, ainda não se redigiu propriamente o parágrafo de introdução. O momento de fazer isso é agora, pois você já tem consciência de tudo que estará no seu texto, assim fica mais fácil criar a introdução. Lembre-se de que ela deve ser clara, concisa e objetiva, e deve apresentar o seu posicionamento. Não se perca em divagações, não tente provar nenhuma ideia nesse parágrafo, pois isso você faz no desenvolvimento.

- 7º passo:

Escrever os parágrafos de desenvolvimento.

Todas as ideias que você utilizará no seu texto já estão relacionadas, selecionadas, agrupadas e sequencializadas; resta agora transformar aqueles "blocos" do 5o passo em frases, orações, períodos. A partir da ideia predefinida, acrescente verbos, adjetivos, advérbios, ou seja, dê materialidade à sua ideia, transforme-a em períodos — simples ou compostos.

- 8º passo:

Escrever a conclusão.

Seu texto já está pronto, falta apenas finalizá-lo. A melhor maneira de fazer isso é retornar ao tema e reafirmar seu posicionamento frente a ele. Para isso basta que se faça uma paráfrase do parágrafo de introdução. Você deve escrever as mesmas coisas da introdução, com outras palavras, sem mais nem menos. É assim que se faz uma boa conclusão.

- 9º passo:

Revisão.

Você preparou um rascunho e, durante o fluxo de ideias, não se preocupou muito com alguns aspectos formais do texto. Chegou a hora de verificar isso: faça uma revisão gramatical quanto a: ortografia, acentuação, pontuação, concordância, regência, crase, colocação pronominal. Verifique também a organização das frases, evitando assim ambiguidades. Observe se não há repetição de palavras e outros vícios como rimas, ecos, aliterações. Tudo isso se faz nesse momento de releitura do texto pronto.

- 10º passo:

Passar a limpo.

Seu texto está pronto, deve ser passado para a folha a ser entregue ao examinador. Lembre-se de que a estética é um fator importante: faça a marcação adequada dos parágrafos, respeite as margens esquerda e direita (justificadas), utilize letra legível e evite rasuras.

Vejamos isso tudo na prática. Vamos produzir uma redação como as solicitadas por várias bancas examinadoras.

Proposta de Redação

Escreva um texto dissertativo sobre a ideia apresentada no texto abaixo.

A identidade da mulher e do homem na sociedade atual [9]
Maria Anunciação Souza (com adaptações)

Por muitos e muitos anos, homens e mulheres tinham papéis muito bem definidos, e que eram encarados quase que como destinos inevitáveis. Era o homem quem decidia com quem iria se casar, quantos filhos teria, onde a família iria morar e tantas outras decisões estabelecidas ao homem, pelas tradições culturais da sociedade. Ele era o "cabeça" do casal, o "chefe" da família, o "mantenedor" das necessidades dos filhos e da mulher, tendo sob sua responsabilidade a manutenção de um abrigo, dando proteção e alimento.

Tudo era decidido pelo homem e para o homem. E assim, o homem era ensinado, desde a tenra idade, a ser forte, autoconfiante, dedicado ao trabalho, ensinado a viver uma relação de dominador no ambiente (com a submissão da mulher), a ter sob domínio rígido os seus sentimentos pessoais, a "possuir" a mulher como objeto exclusivo, somente ele ter prazer nas relações sexuais, ou até ter outras mulheres. No trabalho e na sociedade, o homem era valorizado pelo sucesso que obtinha, pelo poder sobre as pessoas e coisas, em especial pela quantidade que obtinha de dinheiro e bens materiais, pela competição que fazia com outros. E com essa escala de valores incutida nele, o homem acreditava que seu valor pessoal se media pelo sucesso profissional, pelo dinheiro e pelo seu desempenho sexual.

A mulher nem sempre desempenhou as mesmas funções do homem na sociedade. O máximo que se permitia à mulher era ser professora ou somente exercer o papel de dona de casa, mãe e esposa. Dessa forma, ela vivia em função do homem, por isso era pouco valorizada. Era inferiorizada, não tinha voz na família e nem na sociedade e, por séculos, foi impedida de ter uma profissão, de votar e ser votada, de escolher o marido etc.

Se em outras épocas, ela ficava circunscrita às paredes de sua casa, hoje a mulher "abandonou" o lar e foi para o mercado de trabalho objetivando compor a renda familiar.

Quando se criou a necessidade de a mulher enfrentar o mercado de trabalho, ela aos poucos conquistou seu espaço. Hoje a mulher exerce várias funções. Além de dona de casa, mãe e esposa, ela tem sua profissão. Assim sendo, atualmente a mulher exerce todas as funções que antes eram executadas pelo homem, conquistando seu espaço. Está à frente das grandes pesquisas tecnológicas e científicas mundiais mostrando sua capacidade.

Sabe-se que a mulher exerce dupla função. Se ela é capaz de exercer tudo que o homem

executava, cabe ao homem deixar de lado o preconceito e ajudá-la nas tarefas diárias.

A realidade atual está colocando desafios para muitos homens que ainda não estão conscientes dos novos papéis que a sociedade moderna está a lhes atribuir, para que modifiquem sua atuação como homem: um homem que, com a mulher (em qualquer situação, seja de casal, profissional ou social), estabeleça uma relação de igualdade e de respeito e não mais como agia antes — com atitudes de poder, de mando e de dominação.

Os desafios estão aí na sociedade atual, para a mudança dos papéis do homem e da mulher. Mas, é necessário que ambos acordem para essa necessidade de quebra de paradigmas, que experimentem novas formas de comportamento.

Lembre-se de que aquilo que faremos a seguir é um exemplo de utilização da técnica. Portanto, as conclusões a que chegarmos serão *possibilidades* apenas; cada pessoa pode ter uma opinião diferente a respeito do mesmo fato.

■ 1º passo:

Definir o tema e o posicionamento frente a ele.

As imagens/figuras que aparecem no nosso texto motivador são:

— homem
— mulher
— papel social masculino
— papel social feminino
— transformações sociais
— desafios da sociedade atual
— adaptação da mulher à nova realidade
— adaptação do homem à nova realidade
— convivência harmoniosa

A partir dessas imagens/figuras podemos fazer abstrações: o homem deixa de ser o todo-poderoso; a mulher passa a ter voz na sociedade; é necessário que ambos se adaptem a essa nova constituição social.

Chegamos ao tema: *As transformações nos papéis sociais feminino e masculino*.

Agora, devemos estabelecer um posicionamento: se o texto de Maria Anunciação Souza fala de *mudanças e afirma que devemos nos adaptar a elas para que a vida seja harmoniosa*, o melhor a fazer é seguir essa direção argumentativa — para evitar polêmica.[10] Então vamos falar das "transformações nos papéis sociais feminino e masculino" de forma positiva, reafirmando a necessidade de adaptação e convivência harmônica entre os sexos.

■ 2º passo:

Relacionar, em forma de tópicos, todos os assuntos ligados ao tema.

Tudo que vier à memória será anotado. Vamos lá:

— mulher no mercado de trabalho
— aumento no número de divórcios
— dupla jornada da mulher
— educação dos filhos
— homem em profissões femininas
— machismo
— feminismo
— mulher em profissões masculinas
— mulher na política
— mulher ajudando na renda familiar
— mulher na universidade
— homem metrossexual
— novas formas de constituição das famílias
— mulher provedora do lar
— diferenças salariais entre homem e mulher
— assédio sexual
— a mulher com direito ao voto
— sociedade capitalista
— divisão de tarefas domésticas
— eletrodomésticos que facilitam a vida em casa
— Lei Maria da Penha
— homem submisso
— direitos adquiridos pela mulher

Cremos ter feito uma boa lista, por isso vamos ao próximo passo.

■ 3º passo:

Cortar alguns assuntos da relação preparada no passo anterior.

Agora sejamos criteriosos para eliminar aqueles itens sobre os quais não queremos/podemos falar.

— mulher no mercado de trabalho
— aumento no número de divórcios
— dupla jornada da mulher
— educação dos filhos
— homem em profissões femininas
— machismo
— feminismo
— mulher em profissões masculinas
— mulher na política

— mulher ajudando na renda familiar
— mulher na universidade
— homem metrossexual
— novas formas de constituição das famílias
— mulher provedora do lar
— diferenças salariais entre homem e mulher
— assédio sexual
— a mulher com direito ao voto
— sociedade capitalista
— divisão de tarefas domésticas
— eletrodomésticos que facilitam a vida em casa
— Lei Maria da Penha
— homem submisso
— direitos adquiridos pela mulher

■ 4º passo:

Agrupar os assuntos que se relacionam em blocos de ideias.

Vejamos os itens que restaram, e o que se junta a que:

— mulher no mercado de trabalho
— dupla jornada da mulher
— educação dos filhos
— homem em profissões femininas
— mulher em profissões masculinas
— mulher ajudando na renda familiar
— mulher na universidade
— mulher provedora do lar
— diferenças salariais entre homem e mulher
— divisão de tarefas domésticas
— direitos adquiridos pela mulher

Relendo os itens acima, percebamos alguns núcleos informativos. Um núcleo evidente é o núcleo "casa", pois temos: "educação dos filhos", "divisão de tarefas" etc. Outro núcleo é o do "trabalho": "mulher no mercado de trabalho" etc. Outro núcleo e o dos "direitos", pois temos "direitos adquiridos pelas mulheres".

Façamos, então, o seguinte agrupamento:

— dupla jornada da mulher / educação dos filhos / divisão de tarefas domésticas / mulher provedora do lar

— homem em profissões femininas / mulher em profissões masculinas / mulher no mercado de trabalho / mulher ajudando na renda familiar / diferenças salariais entre homem e mulher

— mulher na universidade / direitos adquiridos pela mulher

Não se esqueça de que isso é um exemplo, outras possibilidades existem.

■ 5º passo:

Organizar os blocos de assuntos numa sequência lógico-progressiva.

Vejamos o que é causa e o que é consequência.

a) A mulher primeiro divide as tarefas domésticas com o homem, depois vai para o mercado de trabalho, depois conquista os seus direitos?

b) A mulher primeiro conquista os seus direitos, depois divide as tarefas domésticas com o homem, depois vai para o mercado de trabalho?

c) A mulher primeiro vai para o mercado de trabalho, depois conquista os seus direitos, depois divide as tarefas domésticas com o homem?

Vamos optar por:

— Primeiro a mulher vai para o mercado de trabalho.
— Em seguida começa a dividir as tarefas domésticas com os homens.
— E por fim conquista seus plenos direitos.

Então nossa organização será:

— homem em profissões femininas / mulher em profissões masculinas / mulher no mercado de trabalho / mulher ajudando na renda familiar / diferenças salariais entre homem e mulher

— dupla jornada da mulher / educação dos filhos / divisão de tarefas domésticas / mulher provedora do lar

— mulher na universidade / direitos adquiridos pela mulher

Agora é necessário organizar os blocos internamente:

— a) mulher no mercado de trabalho / b) mulher ajudando na renda familiar / mulher em profissões masculinas / c) homem em profissões femininas / d) diferenças salariais entre homem e mulher

— a) dupla jornada da mulher / b) divisão de tarefas domésticas / c) educação dos filhos / d) mulher provedora do lar

— a) mulher na universidade / b) direitos adquiridos pela mulher

■ 6º passo:

Criar o parágrafo de introdução.

A sociedade passa por transformação que se reflete no comportamento do homem e da mulher. É necessário que ambos se adaptem à nova organização social para garantir uma convivência harmoniosa.

■ 7º passo:

Escrever os parágrafos de desenvolvimento.

Houve um tempo em que o homem trabalhava na rua e a mulher cuidava da casa. Hoje isso está mudando. A mulher, cada vez mais, se posiciona no mercado de trabalho, ou para alcançar a sua independência financeira ou para ajudar na renda familiar, pois nem sempre é possível satisfazer as novas necessidades da vida moderna com o salário de apenas uma pessoa em casa — no caso, o marido. Vemos muitas mulheres assumindo profissões antes dominadas exclusivamente por homens — Maria Anunciação Souza, em artigo publicado no *site* webartigos.com, afirma: "Se em outras épocas, ela ficava circunscrita às paredes de sua casa, hoje a mulher 'abandonou' o lar e foi para o mercado de trabalho objetivando compor a renda familiar". Há também homens desempenhando funções que antes eram exclusivas das mulheres. Apesar dessa boa relação no mercado de trabalho, a mulher ainda sofre discriminação salarial. Algumas mulheres desempenhando a mesma função que um homem chegam a receber salário até 30% menor. Isso tende a mudar, pois estamos caminhando para a igualdade.

Como a mulher sempre foi a "dona de casa", ela ainda sofre — muitas vezes — com a dupla jornada, pois além de dar expediente no trabalho ainda tem os afazeres domésticos. Muitos homens conscientes hoje já dividem com as mulheres as tarefas domésticas, criando assim uma relação mais justa. Atualmente, não só a mulher cuida dos filhos como também o homem — no passado a mulher cuidava da educação e o homem da provisão financeira —; algumas mulheres até assumem sozinhas a provisão do lar, conquistando, assim, independência financeira.

Com essa luta diária e essa vontade de assumir um lugar diferente na sociedade, as mulheres se empenharam em aumentar seu grau de instrução. Hoje, no Brasil, o número de universitárias é maior que o de universitários, de acordo com dados do Censo do IBGE de 2010. Isso mostra que elas têm lutado por direitos e conquistado muitos deles. Exemplo disso é a criação da Lei Maria da Penha. A Constituição Federal de 1988 garante isso: direitos iguais entre os sexos.

■ 8º passo:

Escrever a conclusão.

Para que vivam em harmonia, é preciso que homem e mulher aceitem as mudanças do mundo moderno e comportem-se de acordo com essa nova realidade.

■ 9º passo:

Revisão.

■ 10º passo:

Passar a limpo.

Eis a redação pronta, ou melhor, uma possível redação pronta.

A sociedade passa por transformação que se reflete no comportamento do homem e da mulher. É necessário que ambos se adaptem à nova organização social para garantir uma convivência harmoniosa.

Houve um tempo em que o homem trabalhava na rua e a mulher cuidava da casa. Hoje isso está mudando. A mulher, cada vez mais, se posiciona no mercado de trabalho, ou para alcançar a sua independência financeira ou para ajudar na renda familiar, pois nem sempre é possível satisfazer as novas necessidades da vida moderna com o salário de apenas uma pessoa em casa — no caso, o do marido. Vemos muitas mulheres assumindo profissões antes dominadas exclusivamente por homens — Maria Anunciação Souza, em artigo publicado no *site* webartigos.com, afirma: "Se em outras épocas, ela ficava circunscrita às paredes de sua casa, hoje a mulher 'abandonou' o lar e foi para o mercado de trabalho objetivando compor a renda familiar". Há também homens desempenhando funções que antes eram exclusivas das mulheres. Apesar dessa boa relação no mercado de trabalho, a mulher ainda sofre discriminação salarial. Algumas mulheres desempenhando a mesma função que um homem chegam a receber salário até 30% menor. Isso tende a mudar, pois estamos caminhando para a igualdade.

Como a mulher sempre foi a "dona de casa", ela ainda sofre — muitas vezes — com a dupla jornada, pois além de dar expediente no trabalho ainda tem os afazeres domésticos. Muitos homens conscientes hoje já dividem com as mulheres as tarefas domésticas, criando assim uma relação mais justa. Atualmente, não só a mulher cuida dos filhos como também o homem — no passado a mulher cuidava da educação e o homem da provisão financeira —; algumas mulheres até assumem sozinhas a provisão do lar, conquistando, assim, independência financeira.

Com essa luta diária e essa vontade de assumir um lugar diferente na sociedade, as mulheres se empenharam em aumentar seu grau de instrução. Hoje, no Brasil, o número de universitárias é maior que o de universitários, de acordo com dados do Censo do IBGE de 2010. Isso mostra que elas têm lutado por direitos e conquistado muitos deles. Exemplo disso é a criação da Lei Maria da Penha. A Constituição Federal de 1988 garante isso: direitos iguais entre os sexos.

Para que vivam em harmonia, é preciso que homem e mulher aceitem as mudanças do mundo moderno e comportem-se de acordo com essa nova realidade.

10.8. TEMAS DE ATUALIDADES

A maioria das provas de redação exige do candidato conhecimento de atualidades, para que possa desenvolver o seu texto. Para isso, é preciso estar inteirado constantemente sobre economia, política, cultura, entre outros assuntos.

Quando se fala em atualidades, pensa-se nos últimos seis meses que antecedem a data da prova, e a maneira mais eficiente de se chegar a isso é a leitura de jornais e revistas, mas também temos como meios disponíveis a televisão, o rádio, a internet e até mesmo a conversa com amigos.

Mantenha-se informado das coisas do mundo e você fará uma boa prova.

Vejamos algumas provas, para termos uma ideia da diversidade de assuntos cobrados em provas discursivas.

■ FCC — Administrador — fev./2010

1. Atente para o seguinte texto:

Afirmam alguns, com frequência, que os efeitos das secas prolongadas constituem um flagelo da natureza; mas outros afirmam que esses efeitos ocorrem em razão de omissões humanas. A lógica manda concluir que se o homem é capaz de alterar tragicamente o clima da Terra, tornando-a inabitável, será também capaz de fazer o contrário, influindo nele em benefício da vida. O fato é que já não há mais tempo para hesitação: precisamos decidir agora se confiamos o futuro da humanidade a um destino supostamente natural ou se iniciamos a construção histórica desse futuro.

2. Escreva uma dissertação expondo, de modo claro e coerente, seu ponto de vista a respeito das ideias contidas no texto.

3. Sua dissertação deverá ter no mínimo 20 e no máximo 30 linhas.

■ FCC — TRF 1a R. — Analista Judiciário — Administrativo — mar./2011

Atenção: Deverão ser rigorosamente observados os limites mínimo de 20 (vinte) linhas e máximo de 30 (trinta) linhas, sob pena de perda de pontos a serem atribuídos à Redação.

Para os destinos de uma sociedade, é indiferente conceber a máquina como um engenho a serviço do homem, ou o homem como um apêndice da máquina?

Redija uma dissertação em que você, apresentando argumentos claros e consistentes, defenda seu ponto de vista sobre a questão acima proposta.

■ FCC — TRT 4a R. — Técnico Judiciário — fev./2011

Atenção: Deverão ser rigorosamente observados os limites mínimo de 20 (vinte) linhas e máximo de 30 (trinta) linhas, sob pena de perda de pontos a serem atribuídos à Redação.

Considere a situação abaixo descrita:

Alguns funcionários de uma empresa combinam almoçar juntos. Sentam-se à mesa do restaurante, fazem seus pedidos e cada um tira seu celular do bolso ou da bolsa. Conversando ao celular, fazem sua rápida refeição, pagam estendendo o cartão ao garçom e lado a lado, ainda ao celular, retornam à empresa.

Essa situação pode ser vista, ou não, como emblemática da vida contemporânea.

Redija um texto dissertativo acerca dessa questão.

■ FCC — TRT 4a R. — Analista Judiciário — fev./2011

Atenção: Deverão ser rigorosamente observados os limites mínimo de 20 (vinte) linhas e máximo de 30 (trinta) linhas, sob pena de perda de pontos a serem atribuídos à Redação.

Cientistas sociais dos EUA chegaram a algumas conclusões sobre como as pessoas reagem em situações de catástrofes e emergências naquele país. A primeira delas é que,

ao contrário do que sugere o senso comum, vítimas costumam reagir com racionalidade aos acontecimentos. Pânico contagiante, fuga em massa, saques, ainda que possam ocorrer de forma esporádica, constituem o que autores como Enrico Quarantelli e Henry Fisher chamam de "mitologia do desastre". Emergências, dizem, tendem a despertar o altruísmo das pessoas, não o lobo que existe dentro de cada um de nós.
(Adaptado de Hélio Schwartsman. *Folha de S.Paulo*.
Opinião. Sábado, 15 de janeiro de 2011, p. 2)

Redija uma dissertação acerca do papel da mídia na criação e perpetuação de mitos. Utilize argumentos que revelem coerência e espírito crítico no tratamento do tema.

■ FCC — TRE/SE — Analista Judiciário — Área Judiciária — nov./2008

1. Leia com atenção os dois textos seguintes:

Texto I

O aquecimento global — essa terrível ameaça que, segundo alguns, paira sobre o nosso planeta — é contestado por grupos de cientistas, que acham que o problema não é assim tão devastador. Esses grupos aconselham que se gaste dinheiro em investimentos que visem à eliminação da fome e à cura da Aids.
(Adaptado de Fernando Gabeira. *Folha de S.Paulo,* 24.02.2007)

Texto II

Seja qual for a extensão dos males que nossa civilização já causou ao planeta, o certo é que precisamos repensar o próprio conceito de civilização. As evidências do aquecimento global já fazem se sentir. Não seria a primeira (mas talvez venha a ser a mais grave) das catástrofes geradas pelo ser humano.
(Valdomiro Tosti, inédito)

2. Escreva uma dissertação, na qual você deverá expor seu ponto de vista acerca do tema comum a esses dois textos.

3. Sua dissertação deverá ter no mínimo 20 e no máximo 30 linhas, considerando-se letra de tamanho regular.

■ FCC — TCEAM — Assistente de Controle Externo — maio/2008

As manifestações culturais — com suas diversidades em cada uma das regiões brasileiras — podem constituir-se em instrumento de transformação social.

Redija um texto dissertativo em que seja discutida a afirmação acima. Defenda sua opinião com argumentos pertinentes.

A redação deverá ter a extensão mínima de 20 linhas e a máxima de 30.

■ FCC — TRT 15a R. — Analista Judiciário — Área Judiciária

Atenção: A redação deverá ter a extensão mínima de 20 linhas e a máxima de 30 linhas.

O direito à informação é um dos sustentáculos do mundo democrático. Sem esse direito, ou usufruindo-o de modo apenas relativo, não temos como compreender e

julgar situações, pessoas e decisões que, de algum modo, têm influência em nossa vida. Não se entende, portanto, que haja quem defenda restrições à liberdade de imprensa. A liberdade dos meios de comunicação não lhes pertence: é a liberdade de todos nós.

Com base no que diz o texto acima, redija uma dissertação na qual se discuta, de modo claro e coerente, com argumentos, a afirmação seguinte: "Os órgãos de imprensa apenas espelham a realidade".

■ NCE — Agência Nacional de Transportes Terrestres

É bastante comum a discussão sobre a existência de pedágio nas estradas; o governo apresenta suas razões, as empresas privadas responsáveis defendem a cobrança e o usuário reclama contra ela. Afinal, quem tem razão?

Apresente você sua visão do fato, levando em conta os vários argumentos envolvidos, num texto argumentativo de aproximadamente **20 linhas**. Tenha cuidado com a clareza, a seleção qualitativa de seus argumentos, a estruturação global do texto e a correção de linguagem.

■ Cespe-UnB — ANS/MS — Especialista em Regulação de Saúde Suplementar — Especialidade: Direito

Nesta prova — que vale dez pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois *não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos.*

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **30 linhas** será desconsiderado.

Na folha de *texto definitivo*, identifique-se apenas na capa, pois não *será avaliado* texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

IstoÉ — Por que é tão difícil cuidar da saúde?

Drauzio Varella — Somos ótimos planejadores a curto prazo. Mas e pensar como estará o corpo daqui a cinco anos? Nós não sabemos fazer isso porque não foi essencial para a nossa sobrevivência. A humanidade tem cinco milhões de anos. O que adiantava pensar dali a cinco anos? O cara tinha de pensar no almoço dele. As preocupações eram imediatas.

IstoÉ, 02.03.2005 (com adaptações)

Crianças indígenas estão morrendo menos. Segundo a Fundação Nacional da Saúde (FUNASA), em 1999, de cada mil crianças nascidas, 112 morriam antes de completar um ano. Hoje, a média nacional é de 46 óbitos para cada mil nascimentos. Investimentos em unidades de saúde, em saneamento básico e em ações como a distribuição de medicamentos nas aldeias estão ajudando a reduzir esse índice.

IstoÉ, 02.03.2005 (com adaptações)

O virologista francês Luc Montaignier é um homem gentil, do tipo conciliador. Na

carreira, porém, pula de polêmica em polêmica. Recentemente, voltou à arena: publicou um artigo no jornal *Le Monde* em que afirma estar convencido, apesar da falta de evidências definitivas, de que a poluição, os alimentos industrializados e os produtos químicos são, sim, prováveis causadores de doenças crônicas como o câncer.
Veja, 23.02.2005 (com adaptações)

Saiu nos jornais: finalmente a Justiça brasileira concedeu a um rapaz o direito de receber uma indenização do Estado de São Paulo por ter sido equivocadamente submetido a um tratamento de choque em um hospital psiquiátrico, tendo ficado com graves sequelas.
André Petry. O país do desamparo. *Veja*, 16.02.2005 (com adaptações)

O programa de imunização brasileiro é considerado um dos melhores do mundo. Com um investimento modesto em relação ao benefício apresentado, o país erradicou a poliomielite e a varíola e diminuiu drasticamente os casos de difteria e rubéola. Além das 11 vacinas encontradas na rede pública, existem outras que, por motivos econômicos, são distribuídas gratuitamente apenas a pacientes com necessidades especiais. Doenças como catapora, meningite ou pneumonia, por exemplo, podem ser evitadas com imunizações encontradas em clínicas particulares.
Época, 28.03.2005 (com adaptações)

Considerando que os textos acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo-argumentativo desenvolvendo o seguinte tema: "Saúde: uma questão individual e (ou) coletiva".

■ Cespe-UnB — DPF/DGP — Concurso Público Nacional — Escrivão de Polícia Federal

Nesta prova — que vale cinco pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **30 linhas** será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois **não será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Este momento que atravessamos, marcado por antagonismos étnicos, econômicos e socioculturais, transforma-se em um desafio para todos os cidadãos que desejam uma sociedade mais justa e igual. Fazem-se necessárias, mais do que nunca, discussões e reflexões em busca de saídas para as grandes questões sociais humanas.
A construção da paz. Ano 10, n. 14, jan./jun. 2001, <http://www.uneb.br/educacao/resumorevista> (com adaptações)

100 questões

Excelente a última reportagem especial ("100 questões para entender o mundo", 23 de junho). Ficou muito bem registrado que os desafios superados pela comunidade mundial nas últimas décadas ensinam que é, sim, possível vencermos o drama da desigualdade, promover a tolerância e associar prosperidade com justiça, desde que todas as nações se reconheçam como partícipes soberanos e legítimos dessa nova conjuntura.

Hugo Lins Coelho, Recife: *Veja,* Cartas, 30.06.2004 (com adaptações)

Pesquisa ouviu 3.500 jovens de 15 a 24 anos de idade em todos os estados brasileiros. Leia abaixo alguns dos aspectos que compõem o retrato da juventude do país.

Qual o problema que mais o preocupa atualmente?

Violência/criminalidade — 27%
Desemprego/futuro profissional — 26%
Drogas — 8%
Educação — 6%
Família — 6%
Saúde — 6%
Crise financeira — 5%

Pensando em uma sociedade ideal, qual desses valores seria o mais importante?

Temor a Deus — 17%
Respeito ao meio ambiente — 12%
Igualdade de oportunidades — 12%
Religiosidade — 10%
Respeito a diferenças — 8%
Solidariedade — 8%
Justiça social — 7%

IstoÉ, 05.05.2004 (com adaptações)

Considerando que a humanidade dos humanos reside no fato de serem racionais, dotados de vontade livre, de capacidade para a comunicação e para a vida em sociedade, de capacidade para interagir com a natureza e com o tempo, nossa cultura e sociedade nos definem como sujeitos do conhecimento e da ação, localizando a violência em tudo que reduz um sujeito à condição de objeto.

Do ponto de vista ético, somos pessoas e não podemos ser tratados como coisa. A ética é normativa exatamente por isso: visa impor limites e controles ao risco permanente da violência.

Marilena Chauí. *Convite à filosofia.* São Paulo: Ática, 1995, p. 337 (com adaptações)

Considerando que as ideias apresentadas nos fragmentos de textos acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do tema

seguinte e utilizando, necessariamente, o recurso da exemplificação.

"A sociedade não é o retrato apenas de seus governantes, é o retrato de seus cidadãos, em destaque, de suas elites. É o nosso retrato, do Brasil todo, de todos nós."
Sérgio Abranches

■ Cespe-UnB — DPF/DGP — Concurso Público Nacional — Delegado de Polícia Federal

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local.

Texto I

A onda de violência que vivemos hoje deve-se a incontáveis motivos. Um deles parece-me especialmente virulento: o desinvestimento cultural na ideia do "próximo".

Substituímos a prática de reflexão ética pelo treinamento nos cálculos econômicos; brindamos alegremente o "enterro" das utopias socialistas; reduzimos virtude e excelência pessoais a sucesso midiático; transformamos nossas universidades em máquinas de produção padronizada de diplomas e teses; multiplicamos nossos "pátios dos milagres", esgotos a céu aberto, analfabetos, delinquentes e, por fim, aderimos à lei do mercado com a volúpia de quem aperta a corda do próprio pescoço, na pressa de encurtar o inelutável fim.

Voltamos as costas ao mundo e construímos barricadas em torno do idealizado valor de nossa intimidade. Fizemos de nossas vidas claustros sem virtudes; encolhemos nossos sonhos para que coubessem em nossas ínfimas singularidades interiores; vasculhamos nossos corpos, sexos e sentimentos com a obsessão de quem vive um transe narcísico e, enfim, aqui estamos nós, prisioneiros de cartões de crédito, carreiras de cocaína e da dolorosa consciência de que nenhuma fantasia sexual ou romântica pode saciar a voracidade com que desejamos ser felizes. Sozinhos em nossa descrença, suplicamos proteção a economistas, policiais, especuladores e investidores estrangeiros, como se algum deles pudesse restituir a esperança no "próximo" que a lógica da mercadoria devorou.

Jurandir Freire Costa. *Folha de S.Paulo*, 22.09.1996 (com adaptações)

Texto II

Inesgotável, o repertório do tráfico para roubar-nos a dignidade revive as granadas. Três delas ganharam a rua no curto intervalo de cinco dias, atiradas com a naturalidade de estalinho junino. Não explodiram por sorte, inabilidade ou velhice. Mas detonaram em nossas barbas o deboche repetido com a métrica cotidiana da violência: é guerra. Uma de suas raízes alimenta-se da disseminação de armas de fogo entre os traficantes, ferida aberta à sombra de varizes socioeconômicas, cuja cicatrização agoniza no mofo de desencontros e desinteresses políticos. Como o natimorto dueto entre os governos estadual e federal para reaver armamento militar em favelas do Rio: muita encenação,

nenhuma palha movida.

Doutor em combate, não precisa sê-lo para ver: urge desarmar o adversário. (Um adversário aparelhado até os dentes, cujo desplante avança como formiga no açúcar.) Caminho que exige a orquestração entre força e inteligência, prevenção e ataque — regidos pela convergência de esforços políticos, indispensável para se vencer uma guerra.

Editorial. *Jornal do Brasil*, 16.09.2004 (com adaptações)

Redija um texto dissertativo a respeito da violência, estabelecendo relações entre as ideias expressas nos textos I e II acima.

■ Cespe-UnB — DPF/DGP — Concurso Público Regional — Agente de Polícia Federal

Nesta prova — que vale cinco pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Inúmeras são as dificuldades e os desafios que caracterizam o exercício pleno e satisfatório das importantes atribuições da Polícia Federal, tendo em vista a dimensão continental do território brasileiro, as especificidades e diversidades regionais, bem como as disponibilidades de efetivo humano e infraestrutura.

A atuação do Departamento de Polícia Federal (DPF) requer plena sintonia entre seus setores internos, principalmente no que diz respeito à agilidade de informações e à comunicação instantânea, de modo que não se prejudique o chamado princípio da oportunidade, especialmente na repressão a modalidades diversas do crime organizado e em situações emergenciais.

Pode-se afirmar que, nos pontos de entrada e saída de bens e de pessoas no Brasil, são exercitadas as atribuições constitucionais do DPF, no que se refere a infrações penais em detrimento de bens, serviços e interesses da União, infrações com repercussão interestadual ou internacional, tráfico ilícito de entorpecentes e drogas afins, contrabando e descaminho de órgãos humanos ou bens artísticos de valor histórico, entre outras situações que podem significar perigo para a população brasileira.

Disponível em: <http://www1.jus.com.br/doutrina/texto>.

Acesso em: ago. 2004 (com adaptações)

Considerando que as ideias do texto acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo (máximo 25 linhas), posicionando-se acerca do seguinte tema: “A

importância da atuação da polícia federal brasileira na preservação do direito à vida".

■ Cespe-UnB — DPF/DGP — Concurso Público Regional — Escrivão de Polícia Federal

Nesta prova — que vale cinco pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Depois de cuidadoso tratamento estatístico, os autores de uma pesquisa em Nova Iorque verificaram que, independentemente dos fatores de risco (a renda familiar, a possível existência de desinteresse paterno pela sorte dos filhos, os níveis de violência na comunidade em que viviam, a escolaridade dos pais e a presença de transtornos psiquiátricos nas crianças), o número de horas que um adolescente com idade média de 14 anos fica diante da televisão, por si só, está significativamente associado à prática de assaltos e à participação em brigas com vítimas e em crimes de morte mais tarde, quando atinge a faixa etária dos 16 aos 22 anos.

Internet: <http://www.drauziovarella.com.br> (com adaptações)

Na revista *Science*, Craig Anderson, da Universidade de Iowa, responsabiliza a imprensa por apresentar até hoje como controverso um debate que deveria ter sido encerrado anos atrás. Segundo o especialista, esse comportamento é comparável ao mantido por décadas diante da discussão sobre as relações entre o cigarro e o câncer de pulmão, quando a comunidade científica estava cansada de saber e de alertar a população para isso. Seis das mais respeitadas associações médicas norte-americanas (entre as quais as de pediatria, psiquiatria, psicologia e a influente American Medical Association) publicaram, em 2001, um relatório com a seguinte conclusão sobre o assunto: "Os dados apontam de forma impressionante para uma conexão causal entre a violência na mídia e o comportamento agressivo de certas crianças".

Idem. Ibidem.

Os valores transmitidos pelo sistema educacional seriam, na visão de Pinheiro Guimarães, os "da produção material e da maximização do consumo individual do ser humano como unidade de trabalho e não como cidadão político-solidário, digno de uma vida espiritual superior". Ele vê essa "vida espiritual superior" prejudicada pelos "programas degradantes e idiotizantes de televisão", atividade que consome, segundo sua conta, mais de 80% do tempo livre do cidadão comum. "Esse tempo foi capturado

pela televisão, que os estados e os governos têm tratado como uma atividade econômica normal e não como um veículo com influência extraordinária sobre a sociedade e seu imaginário".

Merval Pereira. O imaginário social. In: *O Globo*, 07.08.2004 (com adaptações)

Considerando que as ideias apresentadas nos textos acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do tema seguinte: "A influência da televisão no imaginário social".

■ Cespe-UnB — DPF/DGP — Concurso Público Regional — Delegado de Polícia Federal

Nesta prova — que vale cinco pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

As portas foram abertas e as invasões, os roubos e as agressões diminuíram. Pelo menos em educação, essa afirmação não soa contraditória. Números do governo do estado de São Paulo mostram que um programa que permite a utilização das escolas aos fins de semana pela comunidade fez cair os índices de violência.

As mais significativas reduções foram registradas nos meses de janeiro e fevereiro, período das férias escolares. Este ano, mesmo nessa época, havia atividades nos fins de semana em escolas estaduais. A diminuição nos casos de violência foi de 56% e de 33%, em cada mês. "Uma escola com pouco diálogo com a comunidade vira um símbolo de dominação. As depredações e invasões muitas vezes são motivadas por essa rejeição", diz a educadora da Universidade de São Paulo, Sílvia Colello.

Internet: <http://www.jcsol.com.br> (com adaptações)

Os aterradores números da violência no Rio entre 1983 e 1994, em pesquisa do ISER, são apontados como sendo resultantes de diversos fatores, tais como as perdas econômicas da década de 80, o agravamento das diferenças sociais no ambiente urbano (com a expansão das favelas), a crise dos serviços públicos e o início do aumento da população jovem que forma, justamente, o grupo mais exposto aos riscos da violência.

No entanto, houve uma queda de 35% nos últimos 6 anos. A partir da segunda metade dos anos noventa, a taxa de homicídios por 100.000 habitantes declina ininterruptamente.

A pesquisa aponta, entre os fatores importantes que contribuíram na diminuição dessa

taxa: o surgimento de movimentos sociais proativos, de grande escala, como a Campanha contra a Fome e o Viva Rio, que mobilizaram a cidade para o enfrentamento dos seus problemas; a multiplicação de projetos sociais nos bairros pobres, por ações governamentais e não governamentais, sobretudo para crianças e jovens, na área educacional; e a organização das comunidades por meio de associações de moradores, ONGs, entidades religiosas, beneficentes, culturais e recreativas.

Internet: <http://www.fgvsp.br> (com adaptações)

Considerando que as ideias apresentadas nos textos acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do tema a seguir: "O fortalecimento das redes de relações sociais como forma de redução da violência urbana".

■ Cespe-UnB — ABIN — Concurso Público — Analista de Informações

Nesta prova — que vale cinco pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

O sistema de inteligência artificial criado por brasileiros para o Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU) — chamado de Olimpo — foi selecionado em um universo de 762 outros trabalhos, de todas as partes do mundo, pelo comitê científico da 5.a Conferência Internacional de Sistemas de Informação de Empresas.

A metodologia empregada chama-se Pesquisa Contextual Estruturada e usa um sistema de extração de informação de textos combinado com a técnica de inteligência artificial conhecida como raciocínio baseado em casos (RBC). Permite fazer buscas rápidas em textos de documentos com base no conhecimento e não apenas em palavras-chave.

Isso quer dizer que, mesmo que o documento não contenha a palavra digitada na pergunta feita pelo usuário, a busca será feita, com base no conceito contido naquela palavra ou em ideias semelhantes a ela.

De acordo com Hugo Hoeschl, coordenador do trabalho, "é estratégico o Brasil ser detentor de uma tecnologia tão forte, com denso reconhecimento internacional, desenvolvida especialmente para ser aplicada em segurança". Por sua rapidez e precisão, o sistema de busca "é importante para todos os organismos da ONU e fornecerá significativos benefícios para a solução de conflitos internacionais".

Liana John. Internet: <http://www.estadao.com.br/ciencia/noticias/2003/jan/07/79.htm> (com adaptações)

A origem remota da Atividade de Inteligência no Brasil, outrora denominada Atividade de Informações, ocorreu com o advento do Conselho de Defesa Nacional, mediante o Decreto n. 17.999, de 29 de novembro de 1927. Esse Conselho, constituído pelo presidente da República e pelos ministros de Estado, tinha por destinação, entre outras, a tarefa de "coordenar a produção de conhecimentos sobre questões de ordem financeira, econômica, bélica e moral referentes à defesa da Pátria". Como fica claro na missão, interessava ao governo a produção de informações com finalidade precípua de defender a Pátria, isto é, informações vinculadas a interesses estratégicos de segurança do Estado.

Internet: <http://www.abin.gov.br/abin/historico.jsp>

Considerando que as ideias apresentadas nos textos acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do seguinte tema: "A informação como fator estratégico de segurança".

■ Cespe-UnB — DPF/DGP — Concurso Público — Papiloscopista Policial Federal

Nesta prova — que vale cinco pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Segundo o professor Sérgio Hadad, da PUC-SP, "não há exemplo na história da humanidade em que o analfabetismo tenha sido superado sem uma política pública de qualidade".

Salvatore Santagada. *Zero Hora*, 20.03.1999

Vivemos atualmente sob o impacto de profundas transformações socioculturais. A revolução informacional e outras inovações tecnológicas vêm permitindo conquistas notáveis na área do conhecimento. Nunca um número tão grande de informações esteve tão disponível, as ferramentas auxiliares da inteligência humana, tão aperfeiçoadas, enfim, nunca houve tão intenso borbulhar do saber. Resta, portanto, indagarmo-nos: o que fazer com tudo isso?

Como lidar com tanta informação sem se perder em excessos e novos equívocos? Como agregar conhecimento humano e encontrar uma nova síntese civilizacional que aponte novas diretrizes para um mundo que se torna cada vez mais complexo e se interroga como superar o turbilhão de dificuldades existentes em quase todos os setores da vida social no panorama global?

Precisamos rever nossas concepções pedagógicas, procurando ultrapassar os comodismos que nos limitam ao saber estéril. A informação que não é atualizada, avaliada e utilizada para transformar e aprimorar a sociedade é informação inútil. O ensino, portanto, deve estar ancorado na realidade, motivando alunos e professores a encontrarem novas formas de vida social, que não perpetuem injustiças e opressões.

Valmor Bolan. *Jornal VS*, abril 1999

Tomando como motivadores o texto inicial da prova objetiva de Conhecimentos Básicos e os excertos acima, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca das vantagens de utilização da tecnologia na educação, em um contexto sociocultural em que é elevado o número de analfabetos.

■ Cespe-UnB — CREA/DF — Advogado

Nesta prova — que vale dez pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Cultura da abundância, o mal das águas

Os recursos hídricos tornaram-se cada vez mais escassos nos últimos 20, 30 anos, derrubando os mitos de que a água é abundante no planeta e é um recurso renovável. Com o crescimento da população e a intensa urbanização, tais recursos ficaram escassos em quantidade e qualidade, mais difíceis e complexos de se obter e conservar, e mais caros para distribuir, prover e ampliar.

Ainda não há números que retratem um quadro nacional da qualidade das águas. Os padrões e critérios variam por região, o que se soma a outra dificuldade no dimensionamento deste quadro: identificar os maiores poluidores, qual é o quinhão de responsabilidade das diferentes fontes de degradação. Outro complicador é o significativo impacto na natureza da chamada "poluição difusa", também de difícil identificação. Trata-se dos detritos e sucatas do chão das cidades, dos pavimentos, erosões, lixo de rua, óleo de avenidas e rodovias, tudo que é carreado do chão pelas chuvas, diretamente para os rios, com potencial poluidor significativo e crescente.

Época. "Informe publicitário", 30.06.2003, p. 73 (com adaptações)

Considerando que as ideias apresentadas no texto acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do seguinte tema: "Água, substância decisiva para a manutenção da vida".

■ Cespe-UnB — MRE/IRBr/CNPq — Programa de Ação Afirmativa — Bolsas-Prêmio de Vocação para a Diplomacia

Em cada parte da prova discursiva — cada uma delas valendo **quinze** pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Leia os textos a seguir.

> Quando o cidadão descobre que ele é o princípio do que existe e pode existir com sua participação, começa a surgir a democracia. Cidadania e democracia andam de mãos dadas e não existem separadas. Cidadania não é individualismo, mas afirmação de cada um em sua relação de solidariedade com os outros. Cidadania e democracia estão baseadas em princípios éticos e têm o infinito como limite. Não existe limite para a solidariedade, a liberdade, a igualdade, a participação e a diversidade. A democracia é uma obra inesgotável.
>
> Herbert de Souza. Democracia e cidadania. In: Carla Rodrigues (Org.). Democracia: cinco princípios e um fim. São Paulo: Moderna, 1996, p. 66 (com adaptações)

> Não tem como você estereotipar alguém como negro só por causa da cor. No fundo, todo brasileiro é meio negro.
>
> Flávio Martins, 19 anos, aluno de Letras, UnB. Correio Braziliense, 10.06.2003

> A rigor, mesmo as vozes contrárias à política de cotas admitem que a situação é injusta e precisa ser revertida, mas não à custa do direito dos outros ou do princípio da igualdade e da isonomia dos brasileiros, independentemente de credo político, religioso ou raça.
>
> Revista do Livro Universitário, março/abril 2003 (com adaptações)

Considerando que as ideias apresentadas nos textos acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do seguinte tema: "Identidade étnica e construção da cidadania".

■ Cespe-UnB — PCRR — Nível Superior — Delegado de Polícia Civil

Nesta prova — que vale dez pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Muitas constituições foram criadas de modo a fazer com que as pessoas acreditassem que todas as leis estabelecidas atendiam a desejos expressos pelo povo. Mas a verdade é que não só nos países autocráticos, como naqueles supostamente mais livres, as leis não foram feitas para atender a vontade da maioria, mas sim a vontade daqueles que detêm o poder. Portanto, elas serão sempre, e em toda parte, aquelas que mais vantagens possam trazer à classe dominante e aos poderosos. Em toda parte e sempre, as leis são impostas utilizando os inúmeros meios capazes de fazer que algumas pessoas se submetam à vontade de outras. E nisso há violência: exigir que determinadas regras sejam cumpridas e obrigar determinadas pessoas a cumpri-las.

Não é a violência simples, que alguns homens usam contra seus semelhantes em momentos de paixão; é uma violência organizada, usada por aqueles que têm o poder nas mãos para fazer que os outros obedeçam à sua vontade.

Assim, a essência da legislação está no fato de que aqueles que controlam a violência organizada dispõem de poderes para forçar os outros a obedecê-los, fazendo aquilo que eles querem que seja feito.

Leon Tolstoi. A violência das leis. In: *A escravidão de nosso tempo*. (com adaptações)

O desejo de colocar em prática um programa que combata a fome e a miséria é uma unanimidade que vem de longe. O que se discute atualmente é como torná-lo eficiente o bastante para que não seja apenas mais um projeto de boas intenções, com resultados passageiros.

Afonso Capelas Jr. O desafio número um. In: *Revista do Livro Universitário*, dez. 2002 (com adaptações)

O direito humano à alimentação é o direito que todo indivíduo tem de obter uma alimentação adequada, em quantidade e qualidade.

Elisabetta Recine. É preciso identificar os famintos. In: *UnB Revista*, jan./mar. 2003, p. 63

Mais perigosa que a força bruta é aquela que brota da indiferença da sociedade ante as violações dos direitos da pessoa humana.

Martin Luther King

Considerando que as ideias apresentadas nos textos das provas objetivas e nos fragmentos acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do seguinte tema: “Combate à fome: questão de direito e de justiça”.

■ Cespe-UnB — MJ/DPF/ANP/DRS — Agente de Polícia Federal

Na prova a seguir, que vale **cinco** pontos, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**. Utilize, no mínimo, **trinta** e, no máximo, **sessenta** linhas. Qualquer prova com extensão aquém da mínima de **trinta** linhas **efetivamente escritas** será apenada e qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **sessenta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

A sociedade organizada segundo os parâmetros do dinheiro e do trabalho, ao mesmo tempo que cria a figura do trabalhador, cria também a figura do vagabundo, do delinquente, do trabalhador que não deu certo e que frequentemente "esbarra" na lei, do criminoso em potencial. Essas são as pessoas que estarão mais sujeitas à perseguição e à punição.

Andréa Buoro et al. *Violência urbana* — dilemas e desafios. São Paulo: Atual, 1999, p. 27

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

(...)

III — ninguém será submetido a tortura nem a tratamento desumano ou degradante;

Constituição da República Federativa do Brasil, 1988

Considerando que as ideias apresentadas acima e nos textos da prova objetiva têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do seguinte tema: "O combate à violência deve ser feito com imparcialidade e respeito ao ser humano".

■ Cespe-UnB — DPF/DGP — Agente de Polícia Federal

Nesta prova — que vale cinco pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Pedindo uma pizza em 2009

Telefonista: — Pizza Hot, boa noite!

Cliente: — Boa noite, quero encomendar pizzas...

Telefonista: — Pode me dar o seu NIDN?

Cliente: — Sim, o meu número de identificação nacional é 6102-1993-8456-54632107.

Telefonista: — Obrigada, Sr. Lacerda. Seu endereço é Av. Paes de Barros, 1988 ap. 52 B e o número de seu telefone é 5494-2366, certo? O telefone do seu escritório da Lincoln Seguros é o 5745-2302 e o seu celular é 9266-2566.

Cliente: — Como você conseguiu essas informações todas?

Telefonista: — Nós estamos ligados em rede ao Grande Sistema Central.

Cliente: — Ah, sim, é verdade! Eu queria encomendar duas pizzas, uma quatro queijos e outra calabresa...

Telefonista: — Talvez não seja uma boa ideia...

Cliente: — O quê?

Telefonista: — Consta na sua ficha médica que o Sr. sofre de hipertensão e tem a taxa de colesterol muito alta. Além disso, o seu seguro de vida proíbe categoricamente escolhas perigosas para a sua saúde.

Cliente: — É, você tem razão! O que você sugere?

Telefonista: — Por que que o Sr. não experimenta a nossa pizza Superlight, com tofu e rabanetes? O Sr. vai adorar!

Cliente: — Como é que você sabe que vou adorar?

Telefonista: — O Sr. consultou o site "Recettes Gourmandes au Soja" da Biblioteca Municipal, dia 15 de janeiro, às 14:27h, onde permaneceu ligado à rede durante 39 minutos. Daí a minha sugestão...

Cliente: — OK, está bem! Mande-me duas pizzas tamanho-família!

Telefonista: — É a escolha certa para o Sr., sua esposa e seus 4 filhos, pode ter certeza.

Cliente: — Quanto é?

Telefonista: — São R$ 49,99.

Cliente: — Você quer o número do meu cartão de crédito?

Telefonista: — Lamento, mas o Sr. vai ter que pagar em dinheiro. O limite do seu cartão de crédito já foi ultrapassado.

Cliente: — Tudo bem, eu posso ir ao Multibanco sacar dinheiro antes que chegue a pizza.

Telefonista: — Duvido que consiga, o Sr. está com o saldo negativo no banco.

Cliente: — Meta-se com a sua vida! Mande-me as pizzas que eu arranjo o dinheiro. Quando é que entregam?

Telefonista: — Estamos um pouco atrasados, serão entregues em 45 minutos. Se o Sr. estiver com muita pressa pode vir buscá-las, se bem que transportar duas pizzas na moto não é aconselhável, além de ser perigoso...

Cliente: — Mas que história é essa, como é que você sabe que eu vou de moto?

Telefonista: — Peço desculpas, mas reparei aqui que o Sr. não pagou as últimas prestações do carro e ele foi penhorado. Mas a sua moto está paga, e então pensei que fosse utilizá-la.

Cliente: — @#%/§@&?#>§/%#!!!!!!!!!!!!!

Telefonista: — Gostaria de pedir ao Sr. para não me insultar... não se esqueça de que o Sr. já foi condenado em julho de 2006 por desacato em público a um Agente Regional.

Cliente: — (Silêncio)

Telefonista: — Mais alguma coisa?

Cliente: — Não, é só isso... não, espere... não se esqueça dos 2 litros de Coca-Cola que constam na promoção.

Telefonista: — Senhor, o regulamento da nossa promoção, conforme citado no artigo 3095423/12, nos proíbe de vender bebidas com açúcar a pessoas diabéticas...

Cliente: — Aaaaaaaahhhhhhhh!!!!!!!!!!! Vou me atirar pela janela!!!

Telefonista: — E machucar o joelho? O Sr. mora no andar térreo!

Luis Fernando Veríssimo

Considerando que o texto acima tem caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se a respeito do tema a seguir: "O avanço da tecnologia da informação e o respeito à privacidade do indivíduo".

■ Cespe-UnB — IRBr — 2ª Fase — Terceiro Secretário da Carreira de Diplomata

Na prova a seguir, faça o que se pede, usando, caso julgue necessário, as páginas correspondentes do caderno de rascunho. Em seguida, transcreva os textos para as respectivas folhas do **CADERNO DE TEXTOS DEFINITIVOS**, nos locais apropriados, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**. Respeite os limites mínimos e máximos de palavras estabelecidos.

ATENÇÃO! Nas **folhas do caderno de textos definitivos**, identifique-se apenas na capa, pois **não serão avaliados** os textos que tenham qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Leia os textos I, II e III abaixo.

Texto I

Divagação sobre as ilhas

Carlos Drummond de Andrade

Quando me acontecer alguma pecúnia, passante de um milhão de cruzeiros, compro uma ilha; não muito longe do litoral, que o litoral faz falta; nem tão perto, também, que de lá possa eu aspirar a fumaça e a graxa do porto. Minha ilha (e só de a imaginar já me considero seu habitante) ficará no justo ponto de latitude e longitude que, pondo-me a coberto dos ventos, sereias e pestes, nem me afaste demasiado dos homens nem me obrigue a praticá-los diuturnamente. Porque esta é a ciência e, direi, a arte do bem

viver; uma fuga relativa, e uma não muito estouvada confraternização.

De há muito sonho esta ilha, se é que não a sonhei sempre. Se é que a não sonhamos sempre, inclusive os mais agudos participantes. Objetais-me: "Como podemos amar as ilhas, se buscamos o centro mesmo da ação?" Engajados, vosso engajamento é a vossa ilha, dissimulada e transportável. Por onde fordes, ela irá convosco. Significa a evasão daquilo para que toda alma necessariamente tende, ou seja, a gratuidade dos gestos naturais, o cultivo das formas espontâneas, o gosto de ser um com os bichos, as espécies vegetais, os fenômenos atmosféricos. Substitui, sem anular. Que miragens vê o iluminado no fundo de sua iluminação?... Supõe-se político, e é um visionário. Abomina o espírito de fantasia, sendo dos que mais o possuem. Nessa ilha tão irreal, ao cabo, como as da literatura, ele constrói a sua cidade de ouro, e nela reside por efeito da imaginação, administra-a, e até mesmo a tiraniza. Seu mito vale o da liberdade nas ilhas. E, contentor do mundo burguês, que outra coisa faz senão aplicar a técnica do sonho, com que os sensíveis dentre os burgueses que se acomodam à realidade, elidindo-a?

A ilha que traço agora a lápis neste papel é materialmente uma ilha, e orgulha-se de sê-lo. Pode ser abordada. Não pode ser convertida em continente. Emerge do pélago com a graça de uma flor criada para produzir-se sobre a água. Marca assim o seu isolamento, e como não tem bocas de fogo nem expedientes astuciosos para rechaçar o estrangeiro, sucede que este isolamento não é inumano. Inumano seria desejar, aqui, dos morros litorâneos, um cataclismo que sovertesse tão amena, repousante, discreta e digna forma natural, inventada para as necessidades de ser no momento exato em que se farta de seus espelhos, amigos como inimigos.

E por que nos seduz a ilha? As composições de sombra e luz, o esmalte da relva, a cristalinidade dos regatos — tudo isso existe fora das ilhas, não é privilégio dela. A mesma solidão existe, com diferentes pressões, nos mais diversos locais, inclusive os de população densa, em terra firme e longa. Resta ainda o argumento da felicidade — "aqui eu não sou feliz", declara o poeta, para enaltecer, pelo contraste, a sua Pasárgada: mas será que se procura realmente nas ilhas uma ocasião de ser feliz, ou um modo de sê-lo? E só se alcançaria tal mercê, de índole extremamente subjetiva, no regaço de uma ilha, e não igualmente em terra comum?

Quando penso em comprar uma ilha, nenhuma dessas excelências me seduz mais que as outras, nem todas juntas constituem a razão de meu desejo. Sou pouco afeiçoado à natureza, que em mim se reduz quase que a uma paisagem moral, íntima, em dois ou três tons, só que latejante em todas as partículas. A solidão, carrego-a no bolso, e nunca me faltou menos do que quando, por obrigações de ofício, me debruçava incessantemente sobre a vida dos outros. E felicidade não é em rigor o que eu procuro. Não. Procuro uma ilha, como já procurei uma noiva.

A ilha me satisfaz por ser uma porção curta de terra (falo de ilhas individuais, não me tentam aventuras marajoaras), um resumo prático, substantivo, dos estirões deste vasto

mundo, sem os inconvenientes dele, e com a vantagem de ser quase ficção sem deixar de constituir uma realidade. A casa de campo é diferente. A continuidade do solo torna-a um pobre complemento dessas propriedades individuais ou coletivas, públicas ou particulares, em que todo o desgosto, toda a execrabilidade, toda a mesquinhez da coisa possuída, taxada, fiscalizada, trafegada, beneficiada, herdada, conspurcada, se nos apresenta antes que a vista repare em qualquer de seus eventuais encantos. A casa junto ao mar, que já foi razoável delícia, passou a ser um pecado, depois que se desinventou a relação entre homem, paisagem e moradia. Tudo forma uma cidade só, torpe e triste, mais triste talvez que torpe. O progresso técnico teve isto de retrógrado: esqueceu-se completamente do fim a que se propusera, ou devia ter-se proposto. Acabou com qualquer veleidade de amar a vida, que ele tornou muito confortável, mas invisível. Fez-se numa escala de massas, esquecendo-se do indivíduo, e nenhuma central elétrica de milhões de kW será capaz de produzir aquilo de que precisamente cada um de nós carece na cidade excessivamente iluminada: uma certa penumbra. O progresso nos dá tanta coisa, que não nos sobra nada nem para pedir nem para desejar nem para jogar fora. Tudo é inútil e atravancador. A ilha sugere uma negação disto.

A ilha deve ser o *quantum satis* selvagem, sem bichos superiores à força e ao medo do homem. Mas precisa ter bichos, principalmente os de plumagem gloriosa, com alguns exemplares mais meigos. As cores do cinema enjoam-nos do colorido, e só uma cura de autenticidade nos reconciliará com os nossos olhos doentes. Já que não há mais vestidos de cores puras e naturais (de que má pintura moderna se vestem as mulheres do nosso tempo?), peçamos a araras e periquitos, e a algum suave pássaro de colo mimoso, que nos propiciem as sensações delicadas de uma vista voluptuosa, minudente e repousada.

Para esta ilha sóbria não se levará bíblia nem se carregarão discos. Algum amigo que saiba contar histórias está naturalmente convidado. Bem como alguma amiga de voz doce ou quente, que não abuse muito dessa prenda. Haverá pedras à mão — cascalho miúdo — que se possa lançar ao céu, a título de advertência, quando demasiada arte puser em perigo o ruminar bucólico da ilha. Não vejo inconveniente na entrada subreptícia de jornais. Servem para embrulho, e nas costas do noticiário político ou esportivo há sempre um anúncio de filme em *reprise*, invocativo, ou qualquer vaga menção a algum vago evento que, por obscuro mecanismo, desperte em nós fundas e gratas emoções retrospectivas. Nossa vida interior tende à inércia. E bem-vinda é a provocação que lhe avive a sensibilidade, impelindo-a aos devaneios que formam uma crônica particular do homem, passada muitas vezes dentro dele, somente, mas compensando em variedade ou em profundeza o medíocre da vida social.

Serão admitidos poetas? Em que número? Se foram proscritos das repúblicas ideais e das outras, pareceria cruel bani-los também da ilha de recreio. Contudo, devem comportar-se como se poetas não fossem: pondo de lado os tiques profissionais, o tecnicismo, a excessiva preocupação literária, o misto de esteticismo e frialdade que

costuma necrosar os artistas. Sejam homens razoáveis, carentes, humildes, inclinados à pesca e à corrida a pé, saibam fazer alguma coisa simples para o estômago, no fogão improvisado. Não levem para a ilha os problemas de hegemonia e ciúme.

*

Por aí se observa que a ilha mais paradisíaca pede regulamentação e que os perigos da convivência urbana estão presentes. Tanto melhor, porque não se quer uma ilha perfeita, senão um modesto território banhado de água por todos os lados e onde não seja obrigatório salvar o mundo.

A ideia de fuga tem sido alvo de crítica severa e indiscriminada nos últimos anos, como se fosse ignominioso, por exemplo, fugir de um perigo, de um sofrimento, de uma caceteação. Como se devesse o homem consumir-se numa fogueira perene, sem carinho para com as partes cândidas ou pueris dele mesmo, que cumpre preservar principalmente em vista de uma possível felicidade coletivista no futuro. Se se trata de harmonizar o homem com o mundo, não se vê porque essa harmonia só será obtida através do extermínio generalizado e da autopunição dos melhores. Pois afinal, o que se recomenda aos homens é apenas isto: "Sejam infelizes, aborreçam o mais possível aos seus semelhantes, recusem-se a qualquer comiseração, façam do ódio um motor político. Assim atingirão o amor." Obtida a esse preço a cidade futura, nela já não haveria o que amar.

Chega-se a um ponto em que convém fugir menos da malignidade dos homens do que da sua bondade incandescente. Por bondade abstrata nos tornamos atrozes. E o pensamento de salvar o mundo é dos que acarretam as mais copiosas — e inúteis — carnificinas.

Estas reflexões descosidas procuram apenas recordar que há motivos para ir às ilhas, quando menos para não participar de crimes e equívocos mentais generalizados. São motivos éticos, tão respeitáveis quanto os que impelem à ação o temperamento sôfrego. A ilha é meditação despojada, renúncia ao desejo de influir e de atrair. Por ser muitas vezes uma desilusão, paga-se relativamente caro. Mas todo o peso dos ataques desfechados contra o pequeno Robinson moderno, que se alongou das rixas miúdas, significa tão somente que ele tinha razão em não contribuir para agravá-las. Em geral, não se pedem companheiros, mas cúmplices. E este é o risco da convivência ideológica. Por outro lado, há um certo gosto em pensar sozinho. É ato individual, como nascer e morrer.

A ilha é, afinal de contas, o refúgio último da liberdade, que em toda parte se busca destruir. Amemos a ilha.

Passeios na ilha: subúrbios da calma. In: *Obra completa*, p. 625-628.

Texto II

Post-scriptum *sobre as sociedades de controle*

Gilles Delleuze

Foucault situou as *sociedades disciplinares* nos séculos XVIII e XIX; atingem seu apogeu no início do século XX. Elas procedem à organização dos grandes meios de confinamento. O indivíduo não cessa de passar de um espaço fechado a outro, cada um com suas leis: primeiro a família, depois a escola ("você não está mais na sua família"), depois a caserna ("você não está mais na escola"), depois a fábrica, de vez em quando o hospital, eventualmente a prisão, que é o meio de confinamento por excelência. É a prisão que serve de modelo analógico: a heroína de *Europa 51* pode exclamar, ao ver operários, "pensei estar vendo condenados...". Foucault analisou muito bem o projeto ideal dos meios de confinamento, visível especialmente na fábrica: concentrar; distribuir no espaço; ordenar no tempo; compor no espaço-tempo uma força produtiva cujo efeito deve ser superior à soma das forças elementares. Mas o que Foucault também sabia era da brevidade deste modelo: ele sucedia às *sociedades de soberania* cujo objetivo e funções eram completamente diferentes (açambarcar, mais do que organizar a produção, decidir sobre a morte mais do que gerir a vida); a transição foi feita progressivamente, e Napoleão parece ter operado a grande conversão de uma sociedade na outra. Mas as disciplinas, por sua vez, também conheceriam uma crise, em favor de novas forças que se instalavam lentamente e que se precipitariam depois da Segunda Guerra mundial: sociedades disciplinares é o que não éramos mais, o que deixávamos de ser.

Encontramo-nos numa crise generalizada de todos os meios de confinamento, prisão, hospital, fábrica, escola, família. A família é um "interior", em crise como qualquer outro interior, escolar, profissional etc. Os ministros competentes não param de anunciar reformas supostamente necessárias. Reformar a escola, reformar a indústria, o hospital, o exército, a prisão; mas todos sabem que estas instituições estão condenadas, num prazo mais ou menos longo. Trata-se apenas de gerir sua agonia e ocupar as pessoas, até a instalação das novas forças que se anunciam. São as *sociedades de controle* que estão substituindo as sociedades disciplinares. "Controle" é o nome que Burroughs propõe para designar o novo monstro, e que Foucault reconhece como nosso futuro próximo. Paul Virilio também analisa sem parar as formas ultrarrápidas de controle ao ar livre, que substituem as antigas disciplinas que operavam na duração de um sistema fechado. Não cabe invocar produções farmacêuticas extraordinárias, formações nucleares, manipulações genéticas, ainda que elas sejam destinadas a intervir no novo processo. Não se deve perguntar qual é o regime mais duro, ou o mais tolerável, pois é em cada um deles que se enfrentam as liberações e as sujeições. Por exemplo, na crise do hospital como meio de confinamento, a setorização, os hospitais-dia, o atendimento em domicílio puderam marcar de início novas liberdades, mas também passaram a integrar mecanismos de controle que rivalizam com os mais duros confinamentos. Não cabe temer ou esperar, mas buscar novas armas.

II. Lógica

Os diferentes internatos ou meios de confinamento pelos quais passa o indivíduo são

variáveis independentes: supõe-se que a cada vez ele recomece do zero, e a linguagem comum a todos esses meios existe, mas é *analógica*. Ao passo que os diferentes modos de controle, os controlados, são variações inseparáveis, formando um sistema de geometria variável cuja linguagem é *numérica* (o que não quer dizer necessariamente binária). Os confinamentos são *moldes*, distintas moldagens, mas os controles são uma *modulação*, como uma moldagem autodeformante que mudasse continuamente, a cada instante, ou como uma peneira cujas malhas mudassem de um ponto a outro. (...)

Nas sociedades de disciplina não se parava de recomeçar (da escola à caserna, da caserna à fábrica), enquanto nas sociedades de controle nunca se termina nada, a empresa, a formação, o serviço sendo os estados metaestáveis e coexistentes da mesma modulação, como que de um deformador universal. Kafka, que já se instalava no cruzamento dos dois tipos de sociedade, descreveu em *O processo* as formas jurídicas mais temíveis: a *quitação aparente* das sociedades disciplinares (entre dois confinamentos), a *moratória ilimitada* das sociedades de controle (em variação contínua) são dois modos de vida jurídicos muito diferentes, e se nosso direito, ele mesmo em crise, hesita entre ambos, é porque saímos de um para entrar no outro. As sociedades disciplinares têm dois polos: a assinatura que indica o *indivíduo*, e o número de matrícula que indica sua posição numa *massa*. É que as disciplinas nunca viram incompatibilidade entre os dois, e é ao mesmo tempo que o poder é massificante e individuante, isto é, constitui num corpo único aqueles sobre os quais se exerce, e molda a individualidade de cada membro do corpo (Foucault via a origem desse duplo cuidado no poder pastoral do sacerdote — o rebanho e cada um dos animais —, mas o poder civil, por sua vez, iria converter-se em "pastor" laico por outros meios). Nas sociedades de controle, ao contrário, o essencial não é mais uma assinatura nem um número, mas uma cifra, ao passo que as sociedades disciplinares são reguladas por *palavras de ordem* (tanto do ponto de vista da integração quanto da resistência). A linguagem numérica do controle é feita de cifras, que marcam o acesso à informação, ou a rejeição. Não se está diante do par massa-indivíduo. Os indivíduos tornaram-se "*dividuais*", divisíveis, e as massas tornaram-se amostras, dados, mercados ou "*bancos*". É o dinheiro que talvez melhor exprima a distinção entre as duas sociedades, visto que a disciplina sempre se referiu a moedas cunhadas em ouro — este servia de medida-padrão —, ao passo que o controle remete a trocas flutuantes, modulações que fazem intervir como cifra uma percentagem de diferentes amostras de moeda. A velha toupeira monetária é o animal dos meios de confinamento, mas a serpente o é das sociedades de controle. Passamos de um animal a outro, da toupeira à serpente, no regime em que vivemos, mas também na nossa maneira de viver e nas nossas relações com outrem. O homem da disciplina era um produtor descontínuo de energia, mas o homem do controle é antes ondulatório, funcionando em órbita, num feixe contínuo. Por toda parte o *surf* já substituiu os antigos *esportes*.

L'Autre Journal, n. 1, maio/1990. In: *Conversações*, p. 219-226.

Texto III

[Do livre-arbítrio]

Fernando Pessoa

A ideia do LIVRE-ARBÍTRIO, na minha opinião, tem o seu princípio na aplicação ao mundo moral da ideia primitiva e natural de *liberdade física*. Esta aplicação, esta analogia é inconsciente; e é também falsa. É, repito, um daqueles erros inconscientes que nós cometemos; um daqueles falsos raciocínios nos quais tantas vezes e tão naturalmente caímos. Schopenhauer mostrou que a primitiva noção de liberdade é a "ausência de obstáculos", uma noção puramente física. E na nossa concepção humana de liberdade a noção persiste. Ninguém toma um idiota, ou louco por responsável. Por quê? Porque ele concebe uma coisa no cérebro como um obstáculo a um verdadeiro juízo.

A ideia de liberdade é uma ideia puramente metafísica.

A ideia primária é a ideia de responsabilidade que é somente a aplicação da ideia de causa, pela referência de um efeito à sua Causa. "Uma pessoa bate-me; eu bato àquela em defesa." A primeira atingiu a segunda e matou-a. Eu vi tudo. Essa pessoa é a Causa da morte da outra. Tudo isto é inteiramente verdade.

Assim se vê que a ideia de livre-arbítrio não é de modo algum primitiva; essa responsabilidade, fundada numa legítima mas ignorante aplicação do princípio de Causalidade, é a ideia realmente primitiva. Ao princípio o homem não é consciente senão da liberdade física. Ao princípio não há um tal estado metafísico da mente. A ideia de liberdade apareceu pela razão, é metafísica, portanto, sujeita a erro.

A opinião popular, pelo que vimos, põe o elemento real de liberdade moral no juízo, na consideração, no poder de percepção, para distinguir o bem do mal, para os discutir mentalmente. Mas esta afirmação é falsa. A concepção popular é esta: esse *juízo* é o que considera uma coisa, decidindo se ela é boa ou má. Na opinião popular, é esta faculdade que nos diz que uma coisa é boa ou má; é, pensa-se, o elemento do bem em nós. O povo pensa que, se eu noto que uma ação é má e não obstante eu a pratico, eu sou réu do mal.

A ideia de liberdade moral não é de modo nenhum primitiva, nem mesmo de hoje, na mente popular, ou hipoteticamente, em qualquer mente culta que ignore inteiramente a questão. É uma ideia adquirida pela razão, uma ideia filosófica. Primitivamente não há nem senso moral de liberdade nem um senso de determinismo. É inútil pensar que um selvagem tenha um senso de liberdade moral.

O homem é um animal perfeito e o único senso primitivo neste caso é o senso de liberdade física. "Eu posso fazer o que quero." Disto não há dúvida, evidentemente. Até agora eu não estou prisioneiro, nem paralítico, nem ligado por qualquer obstáculo físico, eu sou *livre*: posso fazer o que quero. "Mas posso eu querer o que quero e não querer nada mais?" Eis aqui a grande questão. Ora, esta inconsciência primitiva, para

que lado pende mais: para o livre-arbítrio ou para o determinismo?

[Manuscrito 1906?] Ideias filosóficas. In: *Obras em prosa*, p. 536-537 (com adaptações)

Parte I — Redação

Valendo-se da leitura dos textos I, II e III, disserte sobre o tema suscitado por Rui Barbosa no seguinte trecho:

> A presunção de liberdade, com efeito, não é apenas um direito natural na acepção mais ou menos arbitrária ligada a esse vocábulo pela escola metafísica que procura o ideal do direito numa concepção abstrata da natureza humana, mas no sentido histórico. Ela é a expressão de uma necessidade orgânica das relações do homem com o homem entre as sociedades iniciadas na civilização.

Extensão: de 400 a 500 palavras (valor: setenta pontos).

Parte II — Resumo

Resuma o conceito de "liberdade" formulado exclusivamente nos textos I, II e III. Extensão: de 200 a 250 palavras (valor: trinta pontos).

10.9. TEMAS TÉCNICOS

Algumas redações cobram temas técnicos, ou seja, o tema para a redação é um dos assuntos constantes no conteúdo programático da prova objetiva, para um cargo específico.

Vejamos abaixo alguns exemplos. Note que o tema da redação tem a ver com o cargo em si, ou seja, com os conhecimentos técnicos que o cargo exige.

- FCC — Advogado — Nossa Caixa — fev./2011

1. Sua redação deve ter no mínimo 20 e no máximo 30 linhas, considerando-se letra de tamanho regular.

2. Discorra fundamentadamente sobre o conceito, a natureza jurídica e a finalidade da ação monitória.

- Cespe-UnB — Assistente CNPq — 2011

Faça o que se pede a seguir, usando o espaço para rascunho indicado no presente caderno. Em seguida, transcreva o texto para a FOLHA DE TEXTO DEFINITIVO DA PROVA DISCURSIVA, no local apropriado, pois não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de linhas disponibilizadas será desconsiderado.

Na folha de texto definitivo, identifique-se apenas no cabeçalho da primeira página, pois não será avaliado texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Nas organizações, a criação de um programa de gestão de documentos tem, entre

outras, a finalidade de estabelecer procedimentos para o controle do fluxo de documentos que são produzidos e recebidos. A distribuição aos diversos setores da organização, o registro e o controle da tramitação desses documentos constituem atividades, hoje, sob a responsabilidade de uma unidade específica, chamada protocolo ou protocolo e arquivo, comunicação administrativa, documentação e comunicação administrativa, entre outras denominações.

Considerando o fragmento de texto acima, que tem caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo sobre as atividades de protocolo nas organizações, abordando, necessariamente, os seguintes aspectos:

— entrada e saída de documentos;

— registro de documentos;

— tramitação de documentos.

■ FCC — TRT 14a R. — Analista Judiciário — Especialidade Tecnologia da Informação — abr./2011

Atenção: A Prova Discursiva — Redação deverá ter extensão mínima de 20 e máxima de 30 linhas.

1. Defina a UML e o polimorfismo.

2. Relacione:

a. os componentes básicos principais utilizados nos diagramas de caso de uso e de sequência.

b. os compartimentos principais utilizados na representação de uma classe.

3. Descreva o principal objetivo das camadas de transporte, de enlace e de rede do modelo de referência OSI.

■ Tribunal Regional Eleitoral — Santa Catarina

A democracia contemporânea é representativa, em substituição à democracia direta criada nos tempos da Grécia clássica, sendo marcada pelo direito de votar e ser votado.

O sistema eleitoral brasileiro, tendo adotado a representação proporcional em seu antigo Código Eleitoral, mantém atualmente disciplinamento de coligações em conformidade com a Lei n. 9.504/97, que trata das eleições.

Discorra sobre a abrangência das coligações nas eleições, não somente admitidas para as eleições obedientes ao princípio proporcional, mas também previstas atualmente na legislação eleitoral, e, ainda, esclareça sobre a denominada "verticalização das eleições", conforme é reconhecida pelo egrégio Tribunal Superior Eleitoral.

■ Cespe-UnB — IBAMA — Regulação, Controle, Fiscalização, Licenciamento e Auditoria Ambiental

Nesta prova — que vale dez pontos, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados**

fragmentos de textos escritos em locais indevidos.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Foi realizado o estudo de impacto ambiental da construção de uma pequena central hidrelétrica (PCH) em uma bacia hidrográfica de região do cerrado, com diferentes alternativas de localização de barragens em meio à rede de drenagem da bacia. Nessa bacia hidrográfica, verificam-se diversas formas de uso e ocupação da terra, manchas de vegetação nativa distribuídas em isolados espaciais e grande concentração de áreas de preservação permanente.

Como o estudo deveria considerar múltiplos impactos, entre os técnicos contratados para compor a equipe e trabalho, um deles enfocaria um único aspecto: conservação da biodiversidade terrestre. A tarefa desse técnico era explicar como tal estudo deveria ser conduzido para avaliar o impacto das diversas alternativas de execução do empreendimento sobre a conservação da biodiversidade terrestre e apresentar um resultado conclusivo para a tomada de decisão, considerando que a barragem e a consequente formação de reservatório, mesmo nas PCHs, representam uma fragmentação do hábitat.

Foram admitidas três possibilidades de localização da PCH e duas alternativas de quotas para o nível máximo do reservatório para cada localização da PCH. Como referência de impacto, foi considerada uma espécie de mamífero de ambiente arbóreo com deslocamento severamente limitado em cursos d'água largos e ambientes antrópicos e limitado parcialmente em área de campo sujo.

Considerando essa situação hipotética, redija um texto dissertativo em que constem, em ordem sequencial, as etapas do trabalho a ser realizado pelo técnico, a execução por geoprocessamento e breve justificativa técnica, de forma a apontar um resultado conclusivo para a tomada de decisão para a situação descrita acima.

■ 10.10. ESTUDO DE CASOS

O estudo de casos é um tipo de exercício de redação em que **o candidato resolve um problema proposto**, geralmente em no máximo vinte linhas.

A resposta **deve seguir todos os preceitos vistos até aqui para a dissertação:** introdução, desenvolvimento e conclusão, porém — como se trata de resposta a um problema proposto — deve-se fazer isso **tudo em um único parágrafo**.

A resposta terá, então: uma frase síntese (introdução), em que se apresenta o problema; frase de desenvolvimento, em que se resolve o problema; e uma frase conclusiva.

Vejamos isso em alguns textos:

Texto I

Gente bem qualificada é um ativo com importância cada vez mais óbvia. Nestes primeiros anos do novo milênio, passados os solavancos provocados pelas reestruturações, fusões, aquisições, trocas de mão de obra por tecnologias e com a estrada pavimentada pelas crescentes exportações de produtos nacionais — alimentos, bebidas, couro, têxteis, sucos, calçados e vestuário —, a indústria brasileira de bens de consumo busca avidamente capitais humanos de alta qualidade para suas necessidades presentes e futuras. As empresas mais conscientes de que tais carências podem afetar bastante a sustentação do crescimento acelerado do setor têm bastante claro que a gestão do capital humano, numa perspectiva temporal de longo prazo, é tão crítica para o êxito empresarial quanto dispor de fundos a custo competitivo, tecnologia avançada e clientes satisfeitos. Gente bem qualificada e motivada é um ativo cuja importância é cada vez mais óbvia para os que investem na indústria de bens de consumo e fator decisivo para se obter níveis de desempenho diferenciados.[11]

Texto II

A população sertaneja é e será monarquista por muito tempo, porque no estádio inferior da evolução social em que se acha, falece-lhe a precisa capacidade mental para compreender e aceitar a substituição do representante concreto do poder pela abstração que ele encarna, pela lei. Ela carece instintivamente de um rei, de um chefe, de um homem que a dirija, que a conduza e, por muito tempo ainda, o Presidente da República, os presidentes dos estados, os chefes políticos locais serão o seu rei, como, na sua inferioridade religiosa, o sacerdote e as imagens continuam a ser os seus deuses. Serão monarquistas como são fetichistas, menos por ignorância do que por um desenvolvimento intelectual, ético e religioso, insuficiente ou incompleto.[12]

Texto III

Li que a espécie humana é um sucesso sem precedentes. Nenhuma outra com uma proporção parecida de peso e volume se iguala à nossa em termos de sobrevivência e proliferação. E tudo se deve à agricultura. Como controlamos a produção do nosso próprio alimento, somos a primeira espécie na história do planeta a poder viver fora de seu ecossistema de nascença. Isso nos deu mobilidade e a sociabilidade que nos salvaram do processo de seleção, que limitou outros bichos de tamanho equivalente. É por isso que não temos mudado muito, mas não nos extinguimos.[13]

Esses trechos poderiam ser separados em três parágrafos: introdução, desenvolvimento e conclusão. Vejamos como ficam:

Texto I — reescrito

Gente bem qualificada é um ativo com importância cada vez mais óbvia.

Nestes primeiros anos do novo milênio, passados os solavancos provocados pelas reestruturações, fusões, aquisições, trocas de mão de obra por tecnologias e com a estrada pavimentada pelas crescentes exportações de produtos nacionais — alimentos, bebidas, couro, têxteis, sucos, calçados e vestuário —, a indústria brasileira de bens de

consumo busca avidamente capitais humanos de alta qualidade para suas necessidades presentes e futuras. As empresas mais conscientes de que tais carências podem afetar bastante a sustentação do crescimento acelerado do setor têm bastante claro que a gestão do capital humano, numa perspectiva temporal de longo prazo, é tão crítica para o êxito empresarial quanto dispor de fundos a custo competitivo, tecnologia avançada e clientes satisfeitos.

Gente bem qualificada e motivada é um ativo cuja importância é cada vez mais óbvia para os que investem na indústria de bens de consumo e fator decisivo para se obter níveis de desempenho diferenciados.

Texto II — reescrito

A população sertaneja é e será monarquista por muito tempo.

No estádio inferior da evolução social em que se acha, falece-lhe a precisa capacidade mental para compreender e aceitar a substituição do representante concreto do poder pela abstração que ele encarna, pela lei. Ela carece instintivamente de um rei, de um chefe, de um homem que a dirija, que a conduza e, por muito tempo ainda, o Presidente da República, os presidentes dos estados, os chefes políticos locais serão o seu rei, como, na sua inferioridade religiosa, o sacerdote e as imagens continuam a ser os seus deuses.

Serão monarquistas como são fetichistas, menos por ignorância do que por um desenvolvimento intelectual, ético e religioso, insuficiente ou incompleto.

Texto III — reescrito

Li que a espécie humana é um sucesso sem precedentes.

Nenhuma outra com uma proporção parecida de peso e volume se iguala à nossa em termos de sobrevivência e proliferação. E tudo se deve à agricultura. Como controlamos a produção do nosso próprio alimento, somos a primeira espécie na história do planeta a poder viver fora de seu ecossistema de nascença. Isso nos deu mobilidade e a sociabilidade que nos salvaram do processo de seleção, que limitou outros bichos de tamanho equivalente.

É por isso que não temos mudado muito, mas não nos extinguimos.

Curiosidade: Outra informação importante: mesmo que se faça uma pergunta que deva ser respondida, você deve dar a resposta organizando um parágrafo dissertativo, como acabamos de ver. Não comece a sua resposta com os tradicionais “Sim, porque...” ou “Não, porque...”.

Se a questão do estudo de caso for “O homem é sempre um ser racional?”, você jamais escreverá: “Sim, porque ele...” ou “Não, às vezes ele...”. Sua resposta deve ser: “O homem é sempre um ser racional, pois...” ou “O homem nem sempre é um ser racional, pois...”.

Vejamos agora alguns exemplos de provas em que se cobrou o estudo de casos.

■ Tribunal Regional Eleitoral — Santa Catarina

Através de ações de liderança, a ata administrativa pode estabelecer as condições necessárias para que os colaboradores sintam-se à vontade e possibilitar a concretização de um sistema de gestão de qualidade.

Escreva uma redação, utilizando o mínimo de 10 (dez) e o máximo de 20 (vinte) linhas na folha de respostas da prova discursiva, a respeito dos princípios de gestão da qualidade que podem ser empregados por parte da alta administração para a melhoria contínua do serviço eleitoral.

■ Fundação ESAG — Tribunal Regional Eleitoral — Espírito Santo

1. O artigo 37, da Constituição Federal, estabelece princípios de direito administrativo que devem ser obedecidos pela administração pública direta e indireta de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios. O artigo 2o, da Lei 9.784, de 29 de janeiro de 1999, que regula o processo administrativo no âmbito da Administração Pública Federal, especifica os princípios de direito administrativo que devem ser obedecidos pela Administração Pública. Escreva um texto, em forma de redação, utilizando-se de 10 (dez) a 15 (quinze) linhas da **folha de respostas da prova discursiva**, iniciando na linha 1 (um), citando cada um dos princípios estabelecidos por estes artigos 37, da Constituição Federal, e 2o, da Lei 9.784/1999, e dando os respectivos conceitos.

2. A respeito das emendas que o poder legislativo pode inserir no projeto de lei da lei orçamentária, descreva, em forma de redação, utilizando-se de 10 (dez) a 15 (quinze) linhas da **folha de respostas da prova discursiva**, iniciando na linha 16 (dezesseis), os prazos e condições estabelecidos pela Constituição Federal para que as mesmas possam ser consideradas normais.

■ Fundação ESAG — Tribunal Regional Eleitoral do Paraná — Analista Judiciário — Área Administrativa — 2004

1. O eleitor que deixar de votar nas eleições e não se justificar perante a Justiça Eleitoral incorrerá em multa imposta pelo Juiz Eleitoral.

— Qual o prazo para o eleitor justificar a sua ausência?

— Cite restrições impostas por lei ao eleitor que não votou, não se justificou devidamente ou não recolheu a respectiva multa imposta pela Justiça Eleitoral.

Escreva um texto, em forma de redação, utilizando-se de 10 (dez) a 15 (quinze) linhas da **folha de respostas da prova discursiva**, iniciando na linha 1 (um), respondendo ao questionamento acima.

2. A respeito dos estágios de despesa orçamentária, legalmente exigidos, têm-se o empenho, a liquidação e o pagamento. Escreva, em forma de redação, utilizando-se de 10 (dez) a 15 (quinze) linhas da **folha de respostas da prova discursiva**, iniciando na linha 16 (dezesseis), a respeito de cada um deles e da sequência a respeitar quando se trata de realizar uma despesa orçamentária.

1 CONY, Carlos Heitor. *Folha de S.Paulo.* São Paulo, 17 de abril de 1994.

2 ROCHA, Ruth. *Enquanto o mundo pega fogo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

3 VIEIRA, Pe. Antonio. *Os sermões.* São Paulo: Difel, 1968. VI, p. 99.

4 SAVIOLI, Francisco Platão; FIORIN, José Luiz. *Para entender o texto* — leitura e redação. 6. ed. São Paulo: Ática, 1998.

5 Releia no capítulo sobre "Interpretação de Texto" os Níveis de Linguagem.

6 ROCCO, Maria Thereza Fraga. *Crise na linguagem:* redação no vestibular. São Paulo: Mestre Jou, 1981.

7 BIONDI, Aloysio. *Shopping News*, 25.05.1995.

8 ALENCAR, José de. *O Guarani*. 20. ed. São Paulo: Ática, 1996.

9 SOUZA, Maria Anunciação. Disponível em: <http://www.webartigos.com/articles/29575/A-Identidade-da-Mulher-e-do-Homem-na-Sociedade-Atual-/pagina1.html#ixzz1PBHTvD6k>. Publicado em: 7 dez. 2009. Acesso em: 13 jul. 2011.

10 Você pode assumir qualquer posicionamento, até mesmo contrariando o argumento do texto motivador, mas é muito mais fácil seguir o direcionamento dado por ele.

11 RAMIREZ, Francisco Ropero. *Gazeta Mercantil*, 22.06.2005.

12 NINA RODRIGUES, Raimundo. *As coletividades anormais*. São Paulo: Nacional, 1939.

13 VERÍSSIMO, Luis Fernando. Recursos Humanos. In: Roitmam, Ari (Org.). *O desafio ético*. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

11

PROVAS SIMULADAS

A conclusão é o momento de atar as pontas, não as duas pontas da vida, restaurando na velhice a adolescência, como queria Dom Casmurro, mas as intenções e o produto, mostrando como neste estão aquelas.
José Luiz Fiorin

Para um bom desempenho em provas, é fundamental não somente estudar a teoria, mas treinar o que se estudou com exercícios.

Após cada parte deste livro você encontrou questões, com respostas comentadas que ajudaram na fixação dos conceitos, tanto da gramática quanto da interpretação de texto, redação oficial e redação discursiva. Depois desse trabalho de fixação, é importante testar os conhecimentos acumulados.

Pensando nisso, preparamos 35 provas simuladas, envolvendo todos os assuntos apresentados na obra. Elas representam o estilo das principais empresas preparadoras de exames, tais como: Cesgranrio, Cespe-UnB, Cetro Consulplan, Esaf, FCC, FGV, NCE-UFRJ, Vunesp, entre outras.

Essas provas simuladas apresentam, cada uma, dez questões sobre vários assuntos, para que você possa ter uma ideia clara e inequívoca de como é uma prova moderna de Língua Portuguesa.

Elas devem ser resolvidas paulatinamente, para que você observe a sua crescente melhoria no desempenho das resoluções: resolva uma prova simulada, volte à teoria, revise o conteúdo, refaça os exercícios e, em seguida, resolva outra prova simulada. Esse trabalho de revisão é que fará com que o seu desempenho de estudante melhore dia a dia.

Durante todo o livro, as respostas das questões foram colocadas logo após cada uma delas, pois assim facilitamos o trabalho de fixação de conceitos. Como o intuito destas provas simuladas é testar o seu conhecimento, o gabarito das questões é colocado ao final de cada prova, para que assim você possa dedicar um tempo à resolução e, depois disso, conferir acertos e erros.

Lembre-se de que não basta conferir o gabarito. Para que aumente o seu número de acertos a cada prova, é preciso que, ao errar uma questão, você volte à teoria, revise conceitos e refaça exercícios.

Então, bom treino.

Prova Simulada 1

Leia o texto abaixo para responder à questão 1.

Duas pesquisas mostram que as políticas sociais e de combate à fome implementadas pelo governo federal começam a apresentar resultados concretos na melhoria das condições de vida do povo brasileiro. Um estudo da Fundação Getulio Vargas (FGV), intitulado "Miséria em Queda", baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), do IBGE, confirmou que a miséria no Brasil caiu em 2004, e atingiu o nível mais baixo desde 1992. O número de pessoas que estão abaixo da linha da pobreza passou de 27,26% da população, em 2003, para 25,08%, em 2004. Em 1992, esse percentual era de 35,87%. É considerado abaixo da linha da pobreza quem pertence a uma família com renda inferior a R$ 115 mensais, valor considerado o mínimo para garantir a alimentação de uma família. O estudo da FGV mostrou que o índice de miséria no Brasil caiu 8%, de 2003 para 2004, deixando o país com a menor proporção de miseráveis desde 1992.

1. Assinale a opção que não constitui continuação coesa e coerente para o texto acima.

a) A cobertura destes dois programas alcança os bolsões de pobreza das zonas mais distantes dos grandes centros, reduzindo bastante a miséria no país.

b) O coordenador do estudo da FGV atribuiu a queda da pobreza ao crescimento econômico do país e listou fatores como estabilidade da inflação, reajuste do salário mínimo, recuperação do mercado de trabalho, aumento da geração de empregos formais e, ainda, o aumento da presença do Estado na economia, com uma maior transferência de renda para a sociedade.

c) O aumento da taxa de escolarização da população tem sido fundamental para a redução da desigualdade entre ricos e pobres.

d) Há uma nova geração de programas sociais que está fazendo a sociedade brasileira enxergar que é preciso dar mais a quem tem menos e entre os exemplos estão o programa Bolsa Família e o programa de aposentadoria rural.

e) A redução da taxa de pobreza foi fortemente influenciada pela queda na distância entre os ricos e pobres no Brasil, registrada em três anos consecutivos. Somente em 2004, a desigualdade caiu duas vezes mais do que no ano anterior.

(Adaptado de *Em Questão*, n. 379 — Brasília, 30 de novembro de 2005)

Leia o texto abaixo para responder à questão 2.

Haverá (1) incentivo para o aprimoramento da tecnologia nacional de produção do combustível biodiesel. Para o desenvolvimento de pesquisas e processos de produção foi destinado (2) R$ 16 milhões do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT). Parte (3) desses recursos está sendo aplicada (4) na formação da Rede Brasileira de Tecnologia de Biodiesel (RBTB), formada por universidades e instituições de pesquisa de 23 estados, e no reforço de infraestrutura laboratorial (5) para monitorar a qualidade do biodiesel.

(Adaptado de *Em Questão*, n. 261 — Brasília, 08 de dezembro de 2004)

2. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

a) 1

b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

Leia o texto abaixo para responder às questões 3 e 4.

As pesquisas desenvolvidas nos vários centros nacionais e internacionais, tanto em animais quanto em seres humanos, têm demonstrado que o tratamento regenerativo com células-tronco está deixando de ser uma utopia, podendo tornar-se importante recurso para o tratamento de diversas doenças. As pesquisas mostram que essas células têm potencial capaz de reparar as alterações determinadas pelas doenças que provocam perda ou diminuição da capacidade funcional de determinados órgãos do nosso corpo. Assim, especula-se que os transplantes de células-tronco possam vir a beneficiar doenças do coração, doenças neurovegetativas, degeneração celular ligada ao envelhecimento e a tratar certas formas de câncer, como as leucemias.

(*O Globo*, 11.03.2006. José Barbosa Filho e Roberto Benchimol Barbosa)

3. Assinale a opção correta em relação às formas verbais do texto.

a) "têm" (1o período) está no plural para concordar com "seres humanos".
b) "está deixando de ser" (1o período) concorda com "células-tronco".
c) "provocam" (2o período) está no plural para concordar com "pesquisas" (2o período).
d) "especula-se" (3o período) apresenta sujeito implícito.
e) "a tratar" (3o período) forma locução verbal com "possam vir" (3o período).

4. Assinale a opção que está de acordo com as ideias do texto.

a) O tratamento com células-tronco já se tornou importante recurso para o tratamento de doenças.
b) As células-tronco provocam diminuição da capacidade funcional de determinados órgãos.
c) O tratamento com células-tronco pode vir a tornar-se recurso para reparar os danos à saúde causados por diversas doenças.
d) Os transplantes de células-tronco já beneficiam doenças do coração e doenças neurovegetativas.
e) As células-tronco já tratam, principalmente, certas formas de câncer, como as leucemias.

Leia o texto abaixo para responder à questão 5.

Há (1) os que defendem um governo universal; essa seria, de acordo com certos teóricos, a única forma de eliminar as guerras, de construir uma paz durável, se não (2) eterna. Outros teóricos apontam a impossibilidade de governo universal sobre (3) uma História construída nos fundamentos da desigualdade. A paz só pode ser obtida entre sociedades iguais, e as sociedades nunca serão (4) iguais. Se houver a provável igualdade econômica, sempre haverá a desigualdade cultural, e, por fim, os deuses tão pouco (5) são iguais.

(Adaptado de Mauro Santayana, *Jornal do Brasil*, 11.03.2006)

5. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical, no texto acima.

a) 1
b) 2

c) 3
d) 4
e) 5

Leia o texto abaixo para responder à questão 6.

Para incentivar a fabricação do biodiesel, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) vai financiar até 90% dos itens passíveis de apoio para projetos com o Selo Combustível Social e até 80% para os demais projetos. Os recursos serão destinados a todas as fases de produção, como a agrícola, a fabricação do óleo bruto, o armazenamento e a aquisição de máquinas. A partir do próximo ano, estarão à disposição R$ 100 milhões para linhas de financiamento pelo Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) para o cultivo da matéria-prima do combustível renovável. Estima-se que 250 mil famílias de agricultores familiares e assentados da reforma agrária participam da produção de oleaginosas para atender o mercado de B2.

6. Assinale a substituição necessária para que o texto acima fique gramaticalmente correto.

a) “vai financiar” por financiará
b) “serão destinados” por destinar-se-ão
c) “estarão” por vão estar
d) “para o cultivo da” por para que se cultive
e) “participam” por participem

7. Assinale a opção que preenche respectiva e corretamente as lacunas do texto.

O século XXI desponta com a atenção da comunidade científica voltada (1) pesquisas que visam aprimorar os conhecimentos sobre a biologia celular. A aplicação racional (2) conhecimentos possibilitará o surgimento de uma nova modalidade de tratamento de doenças: a terapêutica celular regenerativa, (3) base será o emprego das chamadas células-tronco. (4) sua capacidade regenerativa, estas células se apresentam como potencialmente habilitadas para restituir o estado funcional de órgãos doentes (5) forem implantadas.

(*O Globo,* 11.03.2006. José Barbosa Filho e Roberto Benchimol Barbosa)

a) para as / desses / cuja / Em face de / em que
b) a / dos / que a / Face à / nos quais
c) às / de / tais qual / Diante de / no que
d) nas / de / com a / À frente de / em quais
e) perante as / dos / da qual / Diante à / em cujos

Leia o texto abaixo para responder à questão 8.

O Brasil é sócio fundador do FMI desde 1944 e o pagamento antecipado da dívida não vai alterar o bom relacionamento entre essa instituição e o País. Além das relações normais previstas no Artigo IV do Estatuto do Fundo para todos os países-membros, _____ que deverão ter impacto importante em outros países-membros, notadamente no que concerne ao Projeto Piloto de Investimento e à implementação do Manual de Contas Públicas. Além disso, o Brasil dará prosseguimento ao diálogo que vem mantendo com o Fundo sobre a conveniência de desenvolver mecanismos que fortaleçam a arquitetura financeira mundial e

amenizem os impactos de choques sobre a conta de capital das economias abertas.

(Adaptado de *Em Questão*, n. 387 — Brasília, 26 de dezembro de 2005)

8. Assinale a opção que completa o texto acima com coesão e coerência.

a) alguns dos projetos conjuntos
b) o Brasil continuará desenvolvendo projetos conjuntos
c) determinados projetos conjuntos
d) o desenvolvimento de determinados projetos conjuntos
e) o Brasil e o desenvolvimento conjunto de projetos

9. Assinale a opção em que há erro.

a) A crise de 2002 reduziu significativamente o fluxo de recursos externos no Brasil e elevou bastante o risco-país, indicador de confiança do investidor estrangeiro num determinado país.
b) Em 2003, houve um ajuste fiscal mais firme para controlar a inflação, a expansão do crédito doméstico e o aumento da demanda externa por produtos brasileiros, fato que permitiu a retomada do crescimento da economia em 2004.
c) As políticas de ajuste ainda permitiram a diminuição de dívida líquida do setor público de 57,2% do PIB, no final de 2003, para 51,8%, no fim do ano passado.
d) Para continuar a crescer de forma sustentável é necessário recuperar os investimentos e ampliar a capacidade de atrairem recursos estrangeiros.
e) Para enfrentar esses desafios, são necessários os esforços para equilibrar as contas da Previdência Social, reduzir o Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), implementar a nova Política Industrial, Tecnológica e de Comércio Exterior e aprovar a lei das Parcerias Público-Privadas.

(Adaptado de *Em Questão*, n. 355 — Brasília, 12 de setembro de 2005)

10. Assinale a opção em que o emprego dos sinais de pontuação está correto.

a) Motoristas e montadoras de automóveis, não terão que desembolsar mais recursos com a mudança para o biodiesel, pois esse combustível não exige nenhuma alteração nos motores dos veículos.
b) A Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), assegurou a garantia dos motores dos veículos que utilizarem o biodiesel misturado ao diesel na proporção de 2%, como foi autorizado.
c) Além disso, o combustível renovável poderá ser usado, em substituição ao óleo diesel em usinas termelétricas, na geração de energia elétrica em comunidades de difícil acesso, como é o caso de diversas localidades na região Norte.
d) Para autorizar o uso do biodiesel no mercado nacional, o governo, editou um conjunto de atos legais que tratam dos percentuais de mistura do biodiesel ao diesel, da forma de utilização e do regime tributário.
e) Tal regime, considera a diferenciação das alíquotas com base na região de plantio, nas oleaginosas e na categoria de produção (agronegócio e agricultura familiar). O governo cria também o Selo Combustível Social e isenta a cobrança do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI).

(Adaptado de *Em Questão*, n. 261 — Brasília, 08 de dezembro de 2004)

Gabarito da Prova Simulada 1

1-a, 2-b, 3-e, 4-c, 5-e, 6-e, 7-a, 8-b, 9-d, 10-c.

Prova Simulada 2

Atenção: As questões de números 1 a 6 referem-se ao texto que segue.

Propósitos e liberdade

Desde que nascemos e a nossa vida começou, não há mais nenhum ponto zero possível. Não há como começar do nada. Talvez seja isso que torna tão difícil cumprir propósitos de Ano-Novo. E, a bem da verdade, o que dificulta realizar qualquer novo propósito, em qualquer tempo.

O passado é como argila que nos molda e a que estamos presos, embora chamados imperiosamente pelo futuro. Não escapamos do tempo, não escapamos da nossa história. Somos pressionados pela realidade e pelos desejos. Como pode o ser humano ser livre se ele está inexoravelmente premido por seus anseios e amarrado ao enredo de sua vida? Para muitos filósofos, é nesse conflito que está o problema da nossa liberdade.

Alguns tentam resolver esse dilema afirmando que a liberdade é a nossa capacidade de escolher, a que chamam livre-arbítrio. Liberdade se traduziria por ponderar e eleger entre o que quero e o que não quero ou entre o bem e o mal, por exemplo. Liberdade seria, portanto, sinônimo de decisão.

Prefiro a interpretação de outros pensadores, que nos dizem que somos livres quando agimos. E agir é iniciar uma nova cadeia de acontecimentos, por mais atrelados que estejamos a uma ordem anterior. Liberdade é, então, começar o improvável e o impensável. É sobrepujar hábitos, crenças, determinações, medos, preconceitos. Ser livre é tomar a iniciativa de principiar novas possibilidades. Desamarrar. Abrir novos tempos.

Nossa história e nosso passado não são nem cargas indesejadas, nem determinações absolutas. Sem eles, não teríamos de onde sair, nem para onde nos projetar. Sem passado e sem história, quem seríamos? Mas não é porque não pudemos (fazer, falar, mudar, enfrentar...) que jamais poderemos. Nossa capacidade de dar um novo início para as mesmas coisas e situações é nosso poder original e está na raiz da nossa condição humana. É ela que dá à vida uma direção e um destino. Somos livres quando, ao agir, recomeçamos.

Nossos gestos e palavras, mesmo inconscientes e involuntários, sempre destinam nossas vidas para algum lugar. A função dos propósitos é transformar esse agir, que cria destinos, numa ação consciente e voluntária. Sua tarefa é a de romper com a casualidade aparente da vida e apagar a impressão de que uma mão dirige nossa existência.

Os propósitos nos devolvem a autoria da vida.

(Dulce Critelli, *Folha de S.Paulo*, 24.01.2008)

1. A autora defende a tese de que afirmamos nossa liberdade quando

a) formulamos propósitos que nos libertam plenamente de nossas memórias e das experiências vividas.

b) formulamos a intenção de agir para provar nossa capacidade de dominar e exercer o nosso livre-arbítrio.

c) passamos a agir com a determinação de abrir caminhos que representem novas possibilidades.
d) condicionamos nossas ações à personalidade que viemos constituindo e cristalizando ao longo da vida.
e) orientamos nossa ação pela escolha de valores definidos previamente como imperativos morais.

2. Considere as seguintes afirmações:

I. Ao sustentar que *Não há como começar do nada*, a autora deixa implícito que somos fatalmente conduzidos para um destino já traçado.

II. O conflito que, para muitos filósofos, se traduz como *problema da nossa liberdade* é o que se estabelece entre as amarras do passado e o anseio de ser livre.

III. O fracasso em iniciativas passadas não deve impedir que as retomemos, pois é essa insistência que atesta nossa liberdade.

Em relação ao texto, está correto SOMENTE o que se afirma em
a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) II e III.

3. Ao dar ênfase ao caráter consciente e voluntário dos nossos propósitos, a autora coloca-se contra
a) a subordinação nossa à força dos acasos.
b) a tentação de sobrepujarmos fortes determinações.
c) a nossa tendência para retomar antigas iniciativas.
d) o caprichoso hábito de nunca voltarmos atrás.
e) a possibilidade de nos valermos do livre-arbítrio.

4. Numa outra redação de um segmento do 5º parágrafo do texto, estará correta e coerente com o sentido original a seguinte construção:

Sem nossa história e nosso passado, não teríamos
a) de onde prover, nem aonde nos inclinarmos.
b) por onde começar, nem espaço para nos expandirmos.
c) aonde começar, nem aonde alcançarmos projeção.
d) por onde provermos, nem lugar aonde nos fixarmos.
e) onde dar início, nem aonde progredirmos.

5. É a liberdade que dá à vida uma direção.

O termo em destaque na frase acima exerce a mesma função sintática do termo sublinhado em:
a) Sem passado e sem história, poderíamos ser *livres*?
b) Liberdade seria, a meu ver, um sinônimo *de decisão.*
c) Somos livres *a cada vez que*, agindo, recomeçamos.
d) Liberdade seria, pois, começar *o improvável.*

e) *A liberdade* nos liberta, o passado é argila que nos molda.

6. Assinale a opção incorreta em relação ao trecho abaixo:

Prefiro a interpretação de outros pensadores, que nos dizem que somos livres quando agimos. E agir é iniciar uma nova cadeia de acontecimentos, por mais atrelados que estejamos a uma ordem anterior. Liberdade é, então, começar o improvável e o impensável. É sobrepujar hábitos, crenças, determinações, medos, preconceitos. Ser livre é tomar a iniciativa de principiar novas possibilidades. Desamarrar. Abrir novos tempos.

a) O verbo preferir, na primeira oração, tem a mesma classificação sintática que o verbo assistir na frase: "Nem sempre assistem com atenção os médicos o seu paciente".
b) o primeiro "que" do trecho introduz uma oração explicativa.
c) o segundo "que" do trecho introduz uma oração restritiva.
d) podemos substituir o ponto-final após agimos (1º período) por vírgula, sem prejuízo sintático ou semântico para o texto.
e) todas as palavras do trecho estão corretamente acentuadas.

7. Em relação ao texto, assinale a opção correta.

É preciso que sejam adotadas medidas indispensáveis para dar continuidade ao crescimento, entre elas os investimentos necessários à nossa infraestrutura (energia elétrica, portos, rodovias e ferrovias), a melhoria no nível da educação, aprovação das reformas tributária, sindical, previdenciária e trabalhista e a desburocratização dos serviços públicos. Sem isso, estaremos condenados à costumeira gangorra de sempre, com números bons num ano e ruins no outro, eternos dependentes dos humores da economia mundial.

Ao contrário do que previam os pessimistas, no final do século passado, o processo de globalização está favorecendo o comércio exterior de países como o Brasil, que tem ainda muitas áreas inaproveitadas para expansão da lavoura.

(*Jornal do Commercio* (PE), 12.01.2008)

a) A substituição dos parênteses por travessões prejudicaria a correção gramatical do período.
b) O sinal indicativo de crase em "à costumeira" justifica-se pela regência de "estaremos".
c) A expressão "costumeira gangorra" está sendo empregada em sentido denotativo.
d) O emprego da primeira pessoa do plural em "nossa" e "estaremos" indica que o autor fala em nome de um departamento do governo.
e) A vírgula após "Brasil" justifica-se por ser a oração subsequente subordinada adjetiva explicativa.

8. Assinale a opção em que o trecho do Valor Econômico (15.01.2008 — com adaptações) apresenta erro gramatical.

a) Várias lições foram aprendidas com o apagão de 2001 e não há dúvida de que a situação em que o País se encontra para prevenir e enfrentar a eventual repetição de cortes forçados de energia são muito melhores que as de sete anos atrás.
b) Há pelo menos dois anos o abastecimento de gás natural deixou de ser confiável, e não será pela proximidade de escassez de energia que o problema mudará de natureza.
c) A questão da necessidade de medidas de economia de energia, sejam elas quais forem — inclusive a que deveria ser item permanente de todos os governos, todos os anos: a

racionalização do uso —, passou a ser encarada pelo governo como um desafio.

d) O modelo energético atual privilegiou a garantia de fornecimento da energia e a modicidade tarifária para novos empreendimentos. Tem pontos fortes e fracos, como todos os modelos. Ele é estadista e centralizador, sem que, por isso, esteja condenado à ineficiência.

e) Ao contrário, a previsibilidade de todo o sistema é hoje maior, embora isto tampouco seja uma garantia de que as necessidades do futuro serão atendidas por medidas adequadas no presente. Se o planejamento for seguido à risca, a situação da oferta do gás tem condições de melhorar em 2008.

9. Assinale o trecho do texto adaptado do Jornal do Commercio (PE), de 12.01.2008, que apresenta erro de regência.

a) Depois de um longo período em que apresentou taxas de crescimento econômico que não iam além dos 3%, o Brasil fecha o ano de 2007 com uma expansão de 5,3%, certamente a maior taxa registrada na última década.

b) Os dados ainda não são definitivos, mas tudo sugere que serão confirmados. A entidade responsável pelo estudo foi a conhecida Comissão Econômica para a América Latina (Cepal).

c) Não há dúvida de que os números são bons, num momento em que atingimos um bom superávit em conta corrente, em que se revela queda no desemprego e até se anuncia a ampliação de nossas reservas monetárias, além da descoberta de novas fontes de petróleo.

d) Mesmo assim, olhando-se para os vizinhos de continente, percebe-se que nossa performance é inferior a que foi atribuída à Argentina (8,6%) e a alguns outros países com participação menor no conjunto dos bens produzidos pela América Latina.

e) Nem é preciso olhar os exemplos da China, Índia e Rússia, com crescimento acima desses patamares. Ao conjunto inteiro da América Latina, o organismo internacional está atribuindo um crescimento médio, em 2007, de 5,6%, um pouco maior do que o do Brasil.

10. Assinale a opção em que o trecho foi transcrito com erro de pontuação.

a) Ao longo dos últimos anos, na reforma do Judiciário, o Congresso municiou o Supremo com ferramentas novas para imprimir maior eficácia ao sistema. A corte, entretanto, as vem utilizando com certa timidez.

b) A mais poderosa dessas armas é o efeito vinculante. Trata-se de dispositivo que permite ao Supremo editar súmulas fixando jurisprudência que deve obrigatoriamente ser seguida pelas instâncias inferiores da Justiça e pela administração pública.

c) Criado em 2004 e regulamentado dois anos depois, o mecanismo só foi utilizado em três ocasiões, nenhuma delas envolvendo conteúdo muito controverso.

d) Caminho semelhante segue o princípio da repercussão geral, que possibilita ao STF, recusar recursos extraordinários e agravos em ações com baixa relevância social, no entendimento da maioria dos ministros.

e) Associadas, a edição de novas súmulas vinculantes e a exclusão das matérias sem repercussão geral teriam o condão de livrar o Judiciário de milhares de processos repetitivos, cujo desfecho já é conhecido de antemão.

(*Folha de S.Paulo,* 02.02.2008)

1-c, 2-e, 3-a, 4-b, 5-d, 6-c, 7-e, 8-a, 9-d, 10-d.

Prova Simulada 3

Texto para as questões de 1 a 5

O conceito de verdade tem sido abordado e compreendido de diferentes formas por diversos pensadores e por diversas escolas filosóficas. Os filósofos gregos começaram a buscar a verdade em relação ou oposição à falsidade, ilusão, aparência. De acordo com essa concepção, a verdade estaria inscrita na essência, sendo idêntica à realidade e acessível apenas ao pensamento, e vedada aos sentidos. Assim, um elemento necessário à verdade era a "visão inteligível"; em outras palavras, o ato de revelar, o próprio desvelamento.

Já para os romanos, a verdade era Veritas, a veracidade. O conceito era sempre aplicado, isto é, remetia a uma história vivida que pudesse ou não ser comprovada. Essa concepção de verdade subordinava-a, portanto, à possibilidade de uma verificação. A formulação do problema do "critério de verdade" ocupou os adeptos da gnosiologia, aqueles que se dedicavam ao estudo das relações do pensamento, e de seu enunciado, sua forma de tradução na comunicação humana com o objeto ou fato real, em que se buscava uma relação de correspondência. Para a lógica, o interesse circunscrevia-se na correção e(ou) coerência semântica do discurso, da enunciação, descartando a reflexão sobre o mundo objetivo.

Para o filósofo Heidegger, as verdades são respostas que o homem dá ao mundo. Ressalte-se a utilização do termo no plural, quando o conceito de verdade perde o critério do absoluto e(ou) do indivisível. Portanto, não haveria mais uma verdade filosófica, mas várias verdades. Esse sentido mais pluralista também é defendido por Foucault, para quem o significado de verdade seria o de expressão de determinada época, cada qual com sua verdade e seu discurso.

(Iluska Coutinho. *O conceito de verdade e sua utilização no jornalismo* —
Disponível em: <www.metodista.br/unesco/gcsb>, com adaptações)

1. Assinale a opção correspondente à frase do texto que representa a síntese de suas ideias.

a) "O conceito de verdade tem sido abordado e compreendido de diferentes formas por diversos pensadores e por diversas escolas filosóficas."
b) "Os filósofos gregos começaram a buscar a verdade em relação ou oposição à falsidade, ilusão, aparência."
c) "Assim, um elemento necessário à verdade era a 'visão inteligível'; em outras palavras, o ato de revelar, o próprio desvelamento."
d) "A formulação do problema do 'critério de verdade' ocupou os adeptos da gnosiologia".

2. No texto, um fato ou estado considerado em sua realidade está expresso pelo verbo destacado em

a) "a verdade *estaria* inscrita" (1o parágrafo).
b) "o interesse *circunscrevia*-se" (2o parágrafo).
c) "não *haveria* mais uma verdade filosófica" (3o parágrafo).
d) "o significado de verdade *seria* o de expressão" (3o parágrafo).

3. A respeito do texto, julgue os itens seguintes, e assinale uma das opções.

I. Tanto para os gregos como para os lógicos, a verdade constituía uma reflexão, acessível aos sentidos, não ilusória sobre o mundo.

II. Em latim, o conceito de verdade estava associado à experiência e dependia de verificação.

III. Para filósofos mais modernos, a verdade relaciona homem e mundo e varia nas diferentes épocas e discursos.

a) Apenas o item I está certo.
b) Apenas o item III está certo.
c) Apenas os itens I e II estão certos.
d) Apenas os itens II e III estão certos.

4. Assinale a opção correta a respeito do emprego da crase nas estruturas linguísticas do texto.

a) No segundo período do texto, mantêm-se as relações semânticas, bem como a correção gramatical, ao se inserir à antes de "ilusão" e antes de "aparência".
b) No 1º parágrafo, tanto o uso da crase em "à realidade" como da contração em "ao pensamento" justificam-se pelas relações de regência de "idêntica".
c) No 2º parágrafo, preservam-se as relações de regência de "remetia", bem como a correção gramatical do texto, ao se inserir um sinal indicativo de crase em "a uma história".
d) A retirada do sinal indicativo de crase em "à possibilidade" (2º parágrafo) provocaria erro gramatical e incoerência nas ideias do texto, por transformar objeto indireto em objeto direto na oração.

5. Assinale a opção incorreta a respeito da função textual das estruturas linguísticas do texto.

a) 1º parágrafo — No encadeamento dos argumentos do texto, a expressão "essa concepção" remete à ideia anterior, de "verdade em relação ou oposição à falsidade, ilusão, aparência".
b) 1º parágrafo — A expressão "em outras palavras" tem a função de introduzir uma explicação ou um esclarecimento sobre como o conceito de "visão inteligível" deve ser compreendido.
c) 2º parágrafo — O desenvolvimento das ideias do texto mostra que a expressão "gnosiologia" deve ser interpretada como sinônimo de "critério de verdade".
d) 3º parágrafo — Na organização da coesão textual, as duas ocorrências do vocábulo "mais" associam as ideias das orações em que ocorrem às dos parágrafos anteriores, mas sua omissão não prejudicaria a correção ou a coerência textuais.

Texto para as questões de 6 a 8.

A ciência moderna teve de lutar com um inimigo poderoso: os monopólios de interpretação, fossem eles a religião, o estado, a família ou o partido. Foi uma luta travada com enorme êxito e cujos resultados positivos vão ser indispensáveis para criar um conhecimento emancipatório pós-moderno. O fim dos monopólios de interpretação é um bem absoluto da humanidade.

No entanto, como a ciência moderna colonizou as outras formas de racionalidade, destruindo, assim, o equilíbrio dinâmico entre regulação e emancipação, em detrimento desta, o êxito da luta contra os monopólios de interpretação acabou por dar lugar a um novo inimigo, tão temível quanto o anterior, e que a ciência moderna não podia senão ignorar: a renúncia à

interpretação, paradigmaticamente patente no utopismo automático da tecnologia e também na ideologia e na prática consumistas.

(Boaventura de Sousa Santos. *A crítica da razão indolente*. São Paulo: Cortez, 2007, p. 95, com adaptações)

6. Depreende-se da argumentação do texto que

a) a criação de um conhecimento pós-moderno apoia-se na utopia da ideologia e da prática consumista.
b) tanto uma interpretação monopolizada quanto a falta de interpretação são prejudiciais à humanidade.
c) tanto a ciência moderna quanto outras formas de racionalidade prejudicaram a luta contra os monopólios de interpretação.
d) o fim dos monopólios de interpretação teve como uma de suas consequências o enfraquecimento da religião, do Estado, da família e dos partidos.

7. Assinale a opção correspondente à proposta de substituição para o texto que provoca erro ou incoerência textual.

a) *fosse* em lugar de “fossem eles” (1o parágrafo)
b) *seus* em lugar de “cujos” (1o parágrafo)
c) *Acabarem os monopólios de interpretação* em lugar de “O fim dos monopólios de interpretação” (1o parágrafo)
d) *deixar de* em lugar de “senão” (2o parágrafo)

8. No desenvolvimento das ideias do texto, introduz-se uma ideia de causa com o uso

a) de “para” em “para criar um conhecimento emancipatório pós-moderno”.
b) de “como” em “como a ciência moderna colonizou as outras formas de racionalidade”.
c) de “destruindo” em “destruindo, assim, o equilíbrio dinâmico entre regulação e emancipação”.
d) do sinal de dois-pontos depois de “ignorar” em “e que a ciência moderna não podia senão ignorar: a renúncia à interpretação”.

Texto para as questões 9 e 10.

Por muitos anos, pensávamos compreender o que era interpretado, o que era uma interpretação; inquietávamo-nos, eventualmente, a propósito de uma dificuldade em particular, ocorrida no trabalho de interpretação. Nada mais. Atualmente, não temos certeza, já não estamos tão certos. O conflito de ideologias fez com que indagássemos sobre o que quer dizer uma interpretação e duvidássemos sobre o que estávamos fazendo ou teríamos de fazer.

Em vez desse tratamento que era dado à questão da interpretação, a Teoria Crítica ou o Criticismo insiste em trabalhar com as palavras que estão inscritas em determinada página.

(Célio Garcia. Graças à letra “soft”, a estrutura “hard” dura.

In: Hugo Mari et al. (Org.). *Estruturalismo, memória e repercussões.*

Belo Horizonte: UFMG/Diadorim, p. 192, com adaptações)

9. Assinale a opção incorreta a respeito do uso dos sinais de pontuação no texto.

a) Na conexão de ideias, a conjunção e desempenharia a mesma função da vírgula depois de

"interpretado" (1o período) e poderia substituí-la sem prejudicar a correção do texto.

b) A substituição das duas vírgulas que demarcam a explicação "a propósito de uma dificuldade em particular" (1o período) pelo duplo travessão preservaria a correção gramatical e a coerência textual.

c) Respeita-se a relação entre as ideias do texto e mantém-se sua correção gramatical com a substituição do ponto depois de "certos" (2o período) pelo sinal de dois-pontos, fazendo os necessários ajustes na inicial maiúscula.

d) No 1o período do 2o parágrafo, a inserção de uma vírgula depois de "tratamento" preservaria a correção do texto, mas deixaria de marcar o caráter restritivo da oração iniciada por "que era".

10. Preserva-se a correção gramatical e a coerência das ideias do texto

a) ao se deslocar o pronome átono em "inquietávamo-nos" (1o período) para antes do verbo, escrevendo *nos inquietava*.

b) ao se inserir *que tenha sido* antes de "ocorrida" (1o período).

c) ao se substituir "fez com que indagássemos" (3o período) por *fez-nos indagarem*.

d) ao se retirar "que era" (2o parágrafo).

Gabarito da Prova Simulada 3

1-a, 2-b, 3-d, 4-a, 5-c, 6-b, 7-d, 8-b, 9-b, 10-d.

Prova Simulada 4

Leia o texto abaixo para responder às questões 1 e 2.

Uma das condições principais da pós-modernidade é o fato de ninguém poder ou dever discuti-la como condição histórico-geográfica. Com efeito, nunca é fácil elaborar uma avaliação crítica de uma situação avassaladoramente presente. Os termos do debate, da descrição e da representação são, com frequência, tão circunscritos que parece não haver como escapar de interpretações que não sejam autorreferenciais. É convencional nestes dias, por exemplo, descartar toda sugestão de que a "economia" (como quer que se entenda essa palavra vaga) possa ser determinante da vida cultural, mesmo "em última instância". O estranho na produção cultural pós-moderna é o ponto até o qual a mera procura de lucros é determinante em primeira instância.

(David Harvey, *Condição pós-moderna*, p. 301, com adaptações)

1. Assinale a relação lógica que não se depreende do texto.

a) Ser uma situação presente é causa de não se poder discutir a pós-modernidade.

b) Elaborar uma avaliação crítica implica debater, descrever e representar.

c) Se há produção cultural, há a busca de lucros.

d) Se a pós-modernidade fosse uma condição histórico-geográfica, a economia seria determinante na vida cultural.

e) Interpretações autorreferenciais são frequentes como resultado de avaliações críticas de uma situação presente.

2. Avalie as seguintes afirmações a respeito das estruturas linguísticas do texto (em destaque) para assinalar a opção correta.

I. O singular do verbo da primeira oração do texto deve-se à expressão "Uma das"; se,

em seu lugar, fossem empregados termos que mantivessem o sujeito no plural, por exemplo, Entre as, o verbo deveria ser flexionado necessariamente no plural.

II. A opção pelo verbo "parece", iniciando a oração, exige o emprego de uma forma impessoal de verbo no seu desenvolvimento; daí o uso de singular em "não haver como escapar".

III. O emprego da preposição de é obrigatório antes da conjunção integrante "que", pois aí se inicia uma oração subordinada que completa a ideia de "sugestão".

IV. A palavra "mesmo", empregada com valor adverbial de ainda que, sugere que o autor antecipa uma rejeição ao argumento que explicita na oração anterior.

A quantidade de itens corretos é

a) 0.
b) 1.
c) 2.
d) 3.
e) 4.

3. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

Para incentivar o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio no Brasil, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva lançou o Prêmio ODM BRASIL. A iniciativa do governo federal em conjunto com o Movimento Nacional pela Cidadania e Solidariedade e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) vai selecionar e dar visibilidade (1) experiências em todo o país que estão contribuindo para o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), como (2) erradicação da extrema pobreza e (3) redução da mortalidade infantil. Os ODM fazem parte de um compromisso assumido, perante (4) Organização das Nações Unidas, por 189 países de cumprir (5) 18 metas sociais até o ano de 2015.

(*Em Questão*, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 390 — Brasília, 06 de janeiro de 2006)

a) a, à, à, a, às.
b) as, a, a, à, as.
c) às, à, a, à, às.
d) a, a, a, a, as.
e) as, a, a, à, às.

4. As opções trazem propostas de continuidade ao trecho abaixo, diferentemente redigidas. Assinale a que contém erro de regência e/ou de concordância.

Como ninguém quer falar em aumento de impostos, todos se aferram à expressão mágica: reforma tributária. O tema evoca um país moderno, com distribuição mais justa dos valores arrecadados.

(Gustavo Krieger, Agenda necessária e agenda possível, *Correio Braziliense*, 07.01.2008, p. 4)

a) Bonito na retórica. Quando o assunto chega à mesa de discussões, o clima muda. O governo federal não quer dividir seu caixa. Estados e Municípios sempre querem mais

dinheiro.

b) É bonito até chegar à mesa de discussões. Aí ninguém quer perder. Ao contrário: todos lutam para aumentar sua fatia do bolo.

c) Tudo vai bem até o assunto chegar à mesa de discussões. União, Estados e Municípios se digladiam para não perderem nenhuma partezinha do que arrecadam. O que querem mesmo é ganhar mais.

d) Todos concordam até se sentarem na mesa de discussões, quando se inicia os mais acalorados debates. Ninguém quer perder. Estados e Municípios buscam aumentar seu quinhão na nova divisão do dinheiro arrecadado.

e) Falar em reforma tributária é bonito. O xis da questão é botá-la no papel, quando os interesses da União, Estados e Municípios se chocam na busca de uma fatia maior do bolo para cada um.

Leia o texto abaixo para, em seguida, responder à questão 5.

O ser humano não pode ser definido em relação a ele mesmo, porque não é um sujeito isolado, vive em relação com as coisas, com os outros e com o mundo, mesmo antes de pensar e de falar. Esta presença não é somente observável como também um fato vivido, isto é, quer dizer que o ser humano se manifesta no ser a cada instante. Nessa responsabilidade, inclui, às vezes, o eu e, às vezes, o outro, num equilíbrio que se faz de uma parte entre poder cuidar de si mesmo e, de outra, poder cuidar dos demais. Através dessa construção coletiva, os homens fazem e criam sua história e, nessa construção-criação, o cuidado torna-se um processo, não apenas um ato. Ato este que envolve o cuidar de si e do outro, mais o cuidado como possibilidade de continuidade da espécie, gozar a vida com qualidade e com liberdade.

(Adaptado de Carlos Altemir Schmitt, *O cuidado e a responsabilidade:* reflexão sobre a ética estabelecida no mundo do consumo desmedido, disponível em: <www.crescer.org>)

5. Assinale a proposta de paráfrase para fragmentos do texto que respeita a correção gramatical e a coerência da argumentação.

a) Primeiro período sintático:

Por não ser um sujeito isolado, não se pode definir o ser humano em relação à ele mesmo. Daí decorre que, mesmo antes de pensar e de falar, ele vive em relação com as coisas, com os outros e com o mundo.

b) Segundo período sintático:

O ser humano instantaneamente manifesta-se no ser; o que significa que esta presença observável é também um vívido fato.

c) Terceiro período sintático:

O equilíbrio se dá entre poder cuidar de si mesmo, de um lado, e poder cuidar dos demais, de outro, e tal responsabilidade, às vezes, inclui tanto o eu quanto o outro.

d) Quarto período sintático:

Na construção-criação de sua estória — por meio dessa construção coletiva — o ato extrapola o processo no cuidado de fazer e criar estória.

e) Quinto período sintático:

O cuidado como possibilidade de dar continuidade na espécie, e também de gozar a vida com qualidade, usufruíndo da liberdade agrega o ato de cuidar de si e do outro.

6. Assinale o trecho que constitui uma síntese adequada ao texto.

A tradição dominante em nossa historiografia conduziu os melhores espíritos a uma espécie de "história oficial" singularmente desprendida de intenções interpretativas e, em particular, muito sujeita a converter os atos declarados e as aspirações ideais conscientes dos agentes históricos em realidade histórica última, tão irredutível quão verdadeira em si mesma. A reação a esse padrão deficiente e deformado de descrição histórica é recente e ainda não conseguiu criar uma perspectiva de interpretação histórica livre de etnocentrismos, criticamente objetiva e aberta a certas categorias analíticas fundamentais. Por isso, aí reina uma confusão conceitual e metodológica prejudicial a qualquer tentativa de investigação macrossociológica.

(Florestan Fernandes, A revolução burguesa no Brasil. In: *Intérpretes do Brasil*, v. 3, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, p. 1.509)

a) Os melhores espíritos, sem intenções interpretativas, convertem as aspirações ideais em realidade histórica irredutível. A reação à descrição histórica não conseguiu livrar-se de etnocentrismos nem do prejuízo a qualquer investigação macrossociológica.
b) A tradição em nossa historiografia preferiu adotar a "história oficial" como realidade histórica. A reação a essa descrição equivocada é recente e ainda não conseguiu criar uma perspectiva mais objetiva, livre de etnocentrismos e teoricamente aberta. Por isso, predomina aí confusão conceitual e metodológica que prejudica a investigação macrossociológica.
c) A historiografia tradicional conduziu as descrições históricas a uma verdade irredutível. Esse padrão deficiente e deformado é recente e ainda não mudou a perspectiva das categorias analíticas. Assim, a confusão conceitual e metodológica tenta uma investigação macrossociológica.
d) A tradição historiográfica desprendeu-se de intenções interpretativas e converteu os agentes históricos em verdade irredutível. A reação é recente e ainda não se livrou do etnocentrismo e criou uma perspectiva mais aberta. O predomínio da conceituação na metodologia atrapalha a investigação macrossociológica.
e) Há uma "história oficial" desprendida de intenções interpretativas, sujeita a converter os agentes históricos em realidade histórica última. A reação é recente, mais objetiva, aberta a certas categorias analíticas. Essas conceituações metodológicas predominam e tentam uma investigação macrossociológica.

7. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e assinale a opção correta.

( ) Seu existencialismo, assentado no postulado filosófico de que "a existência precede a essência", naturalmente era de compreensão restrita.

( ) Sartre foi do existencialismo ao maoísmo e arrastou, com ele, as mentes mais agudas e os corações mais sensíveis.

( ) Pôs-se assim, ele, o grande libertário, a serviço de um dos grandes tiranos do século XX.

( ) Entretanto, o filósofo entregou-se ao maoísmo na última etapa da vida. Coerente, sempre, em viver cada opção doutrinária, foi vender na rua jornal afinado com o novo credo.

( ) Mas, pela rama, dava para entender que, se a vida era absurda, melhor era curti-la, e

assim todo mundo queria ser existencialista.

(Roberto Pompeu de Toledo, *Revista Veja*, 06.04.2005, p. 142)

a) 5º, 1º, 2º, 3º, 4º
b) 4º, 3º, 5º, 1º, 2º
c) 1º, 5º, 3º, 2º, 4º
d) 3º, 4º, 2º, 5º, 1º
e) 2º, 1º, 5º, 4º, 3º

8. Julgue se os trechos do texto abaixo estão gramaticalmente corretos e responda ao que se pede:

I. Todos os modelos, em maior ou menor grau fracassaram. O socialismo, ao em vez de oferecer o paraíso, criou um inferno sob a forma de estados totalitários, baseados na repressão policial e na ação da polícia política.

II. O capitalismo, longe de criar oportunidades iguais para que todos os indivíduos pudessem competir entre si, criou mecanismos cruéis de concentração de riqueza nas mãos de poucos, expulsando da esfera do consumo milhões de seres humanos famintos e miseráveis.

III. Os modelos intermediários criaram algumas "ilhas de prosperidade" (como os países escandinavos), possíveis por circunstâncias muito específicas de sua história e cultura, mas não conseguiram oferecer uma alternativa séria a países grandes e pobres como o Brasil.

(José Arbex e Cláudio Júlio Tognoli, *Mundo pós-moderno*, São Paulo: Scipione, p. 17)

Estão corretos
a) I e II.
b) II e III.
c) I e III.
d) I, II e III.
e) apenas o II.

9. Assinale a opção que preenche as lacunas do texto de forma gramaticalmente correta e coerente.

O saldo da balança comercial (exportações menos importações) brasileira de 2005 alcançou US$ 44,76 bilhões, valor (1) registrado na história do país. O resultado positivo, 33% maior que o atingido em 2004, (2) ao desempenho expressivo das exportações e importações. As vendas externas tiveram incremento (3) US$ 24 bilhões no ano passado e fecharam 2005 com US$ 118,3 bilhões. Já as importações totalizaram US$ 73,545 bilhões no ano passado. Os resultados recordes mostram (4), apesar da valorização do real frente ao dólar, a corrente de comércio do país (exportações mais importações) não (5) de crescer com a diversificação de pauta exportadora, aumento do número de países que compram os produtos brasileiros e o crescimento da participação de estados com pouca tradição nas vendas externas.

(*Em Questão*, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral
da Presidência da República, n. 390 — Brasília, 06 de janeiro de 2006)

a) não / se devem / demais de / -lhe / deixa
b) nunca antes / devem-se / mais que / -se / pára
c) nunca / deve-se / superior a / que / para
d) não / deveu-se / de mais / de cujo / cessa
e) nem / devia-se / maior que / qual / termina

Leia o seguinte texto para responder à questão 10.

As normas jurídicas embasadas nos valores éticos e que traduzem os procedimentos e as vivências mais fortes e consolidados da coletividade tendem a ter a adesão espontânea da maioria das pessoas que nelas se sentem representadas. É o sentimento de identidade nacional, de pátria, sem o qual a coesão social se esgarça e abre as portas para o caminho do individualismo, do salve-se quem puder, da corrupção, da violência. A consolidação desse sentimento pressupõe, além das leis, uma ação constante, coordenada pelo Estado, com a participação da sociedade, dos organismos intermediários e das famílias, num processo de educação cívica, nacional, patriótica.

(Adaptado de Patrus Ananias, Civilização pelo Estado, *Correio Braziliense*, 09.01.2005)

10. Considere tanto a correção gramatical quanto a coerência textual para julgar como falsas (F) ou verdadeiras (V) as seguintes possibilidades de continuidade para o texto:

( ) Apesar das nossas diferenças e divergências, todos os compatriotas de boa vontade somos irmãos no sonho e no trabalho de construir uma nação à altura dos nossos melhores sentimentos.

( ) Por isso, a fragilidade da condição humana revela que a história da humanidade é sempre a história das pessoas inseridas na comunidade política: na hegemonia de nações economicamente mais consolidadas.

( ) Se, por um lado, egoísmo e instinto natural buscam ao rompimento das relações de coesão nacional e reforçar o individualismo, por outro nossos valores éticos consolidados almejam construir uma nação democrática e justa.

( ) Quando se evidenciou a incapacidade do sistema de globalização planejar em uma perspectiva mais ampla e elevada dos vínculos humanos e os conflitos sociais buscou-se um outro sucedâneo para o Estado.

A sequência obtida é
a) V — F — F — F.
b) V — F — V — F.
c) V — V — F — F.
d) F — F — V — F.
e) F — V — V — F.

Gabarito da Prova Simulada 4

1-d, 2-b, 3-d, 4-d, 5-c, 6-b, 7-e, 8-b, 9-c, 10-a.

Prova Simulada 5

As questões de números 1 a 10 referem-se ao texto que segue.

Práticas e convenções

Os direitos e deveres estabelecem-se primeiro na prática, depois por convenção. O senso do que é justo, do que é socialmente desejável, mesmo do que é moral, firma-se em valores culturais, cujo acatamento coletivo muitas vezes demanda as prescrições de um código. Ocorre que a legitimidade desse código pode vir a se tornar mera e vazia convenção, quando seus postulados já não refletem a evolução dos fatos da cultura. As revisões dos dispositivos da lei fazem-se, por vezes, com tal atraso, que apenas retiram de um texto caduco aquilo que as pessoas há muito removeram de suas práticas sociais.

As recentes alterações no Código Civil brasileiro, elogiáveis em tantos aspectos, estão longe de representar algum avanço mais profundo, refletindo, apenas hoje, valores que, na prática social, firmaram-se há décadas. No que diz respeito ao papel da mulher na modernidade, essas alterações não fazem mais que formalizar (quase diria: envergonhadamente) direitos conquistados ao longo das lutas feministas, desde que a mulher tomou para si a tarefa que lhe cabia: demarcar com clareza e soberania o território de sua atuação, território que há muito é seu, não por convenção, mas pela ação cotidiana que se fez histórica.

(Diógenes Torquato, inédito)

1. Segundo o texto, as práticas sociais e o estabelecimento dos textos legais

a) ocorrem, simultaneamente, com influências recíprocas.
b) constituem, respectivamente, o plano das convenções e o plano da vida cultural.
c) ocorrem, simultaneamente, sem influência de um em outro.
d) constituem, respectivamente, o plano da vida cultural e o plano das convenções.
e) constituem, respectivamente, o plano dos valores ideais e o plano dos valores históricos.

2. Considere as seguintes afirmações:

I. As recentes alterações no Código Civil brasileiro, no que diz respeito ao papel da mulher na sociedade moderna, revelam-se anacrônicas, ignorando direitos há muito firmados na prática.

II. As lutas feministas constituem um claro exemplo de que, antes de se sistematizarem num texto legal, os valores e os direitos se afirmam na prática das ações sociais.

III. A legitimidade de um código legal depende de que este se apresente sem nenhum defeito formal, constituindo-se plenamente numa clara convenção.

Em relação ao texto está correto SOMENTE o que se afirma em

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) II e III.

3. Para preencher de modo correto a lacuna da frase, o verbo indicado entre parênteses deverá adotar uma forma do plural em:

a) As normas que num código legal se _____ (estipular) devem acompanhar a prática das ações sociais.
b) As recentes alterações que _____ (haver) no Código Civil brasileiro são elogiáveis em muitos aspectos.

c) Não nos _____ (dizer) respeito definir o que é ou não é legítimo, se não distinguimos entre o que é e o que não é um fato social.
d) Se dos postulados dos códigos _____ (nascer) todo direito, a justiça humana seria uma simples convenção.
e) Ao longo das lutas feministas tanta coisa se _____ (conquistar) que muitos dispositivos legais se tornaram imediatamente obsoletos.

4. Os tempos verbais estão adequadamente articulados na frase:
a) As mulheres muito lutariam para que possam ter seus direitos respeitados.
b) Esses valores se instituíram na prática, e só muito depois houveram sido formalizados.
c) Firma-se o senso do que é justo à proporção que passassem os anos.
d) São de se elogiar as alterações apresentadas pelo Código que recentemente se lançou.
e) Coube às mulheres lutar para que sejam reconhecidos os direitos que lhes negássemos.

5. A expressão de cujo preenche corretamente a lacuna da frase:
a) É um processo de luta _____ sucesso muitas se empenham.
b) As novidades do novo Código Civil, _____ muito se falou, são um tanto tímidas.
c) As lutas feministas, _____ sucesso ninguém mais duvida, travaram-se ao longo de muitas décadas.
d) A grande tarefa do legislador, _____ esforço devemos reconhecer, é acompanhar a evolução dos fatos da cultura.
e) As práticas sociais, _____ valor nenhum outro deveria se sobrepor, são por vezes ignoradas.

6. É preciso corrigir a redação da seguinte frase:
a) Li o novo código e, no fundamental, nada tenho a lhe opor.
b) É louvável, reconheça-se, a coragem com que as feministas pioneiras se lançaram à luta.
c) Os povos primitivos orientam-se por uma tradição de valores mais precisos e mais permanentes que os nossos.
d) Há sempre quem discuta as leis; mais difícil é haver quem discuta os valores já estabelecidos na prática social.
e) Se contra fatos não há argumentos, esta é uma afirmação autoritária, na qual não se deve recorrer.

7. Está inteiramente clara e correta a redação da frase:
a) É na constância da prática que os valores culturais se retificam, confirmando-se assim como valores onde sua legitimidade torna-se indiscutível.
b) Embora elogiáveis sobre muitos aspectos, as alterações do novo código não obtivera mais do que buscar acompanhar fatos há muito consolidados.
c) O autor do texto ao tratar de práticas e convenções está referindo às ações nas quais cujos seus valores nem sempre são imediatamente acompanhados pela legislação vigorosa.
d) A demarcação de um campo de direitos não prescinde de muita luta, tal como pode observar quem venha acompanhando o processo das batalhas feministas.
e) Não obstante haja quem o discorde, muitos acreditam que o que é justo decorre do texto legal, não se passando o mesmo com a prática das ações.

8. A necessidade ou não do sinal de crase está inteiramente observada na frase:

a) Deve-se à luta das feministas o respeito aos direitos que cabem também às outras parcelas de injustiçados que integram a nossa sociedade.
b) Encontra-se a disposição dos interessados a nova edição do Código Civil, à qual, aliás, já se fizeram objeções à torto e à direito.
c) À vista do que dispõe o novo código, não caberá à ninguém a condição "natural" de cabeça de casal, à qual, até então, se reservava para o homem.
d) Pode ser que à curto prazo o novo código esteja obsoleto em vários pontos, à exemplo do que ocorreu com o antigo.
e) Não se impute à uma mulher a culpa de não ter lutado por seus direitos; todas as pressões sociais sempre a conduziram àquela "virtuosa" resignação.

9. A única frase corretamente construída é:

a) Espero que Vossa Excelência aprecieis o novo código.
b) Se o senhor preferir, aguardarei que termines a leitura integral do código.
c) Se passares os olhos pela nova redação, poderá ver que são pequenas as alterações.
d) Conserva contigo esse exemplar do novo código; não vá perdê-lo, por favor.
e) Se Vossa Senhoria não fizer objeção, levo-lhe ainda hoje a nova redação do código.

10. Considere os seguintes casos:

I. Os homens, que ignoram os direitos da mulher, passarão a acatá-los. Os homens que ignoram os direitos da mulher passarão a acatá-los.

II. Somente, agora o Código Civil brasileiro incorporou as mudanças ocorridas. Somente agora o Código Civil brasileiro incorporou as mudanças ocorridas.

III. O valor de um código, estabelecido por convenção, deve ser comprovado na prática. O valor de um código estabelecido por convenção deve ser comprovado na prática.

A alteração na pontuação provoca alteração de sentido em

a) I, somente.
b) I e II, somente.
c) I e III, somente.
d) II e III, somente.
e) I, II e III.

Gabarito da Prova Simulada 5

1-d, 2-b, 3-a, 4-d, 5-c, 6-e, 7-d, 8-a, 9-e, 10-e.

Prova Simulada 6

1. Assinale a opção incorreta quanto aos sentidos veiculados no trecho abaixo.

Ser cidadão é entrar em um nó de relações. É simples: ao pedir nota fiscal, evita-se a sonegação e aumenta-se a arrecadação pública que, em tese, permite ao governo investir em rodovias, hospitais, escolas, segurança etc. Quando se recusa a propina ao guarda, moraliza-se o aparato policial.

Cidadania supõe consciência de responsabilidade cívica. Nada mais anticidadania do que essa lógica de que não vale a pena chover no molhado. Vale. Experimente recorrer à defesa do

consumidor, escrever para jornais e autoridades. Querem os políticos corruptos que passemos a eles cheque em branco para continuar a tratar a coisa pública como negócio privado. E fazemos isso ao torcer o nariz para a política, com aquela cara de nojo.

(Frei Betto, Educar para a cidadania, *Caros Amigos*, maio 2008)

a) O autor emprega a expressão metafórica “chover no molhado” no sentido de “duplicar o esforço” para se conseguir algo.
b) Seguindo as ideias do autor, constitui atitude cidadã reivindicar dos políticos em quem votamos o cumprimento de suas promessas de campanha.
c) A expressão “entrar em um nó de relações”, no contexto em que aparece, refere-se ao desencadeamento das diversas ações que provoca um simples pedido de nota fiscal.
d) Segundo as ideias do texto, passar um “cheque em branco” aos políticos corruptos é não agir com responsabilidade cívica.
e) Na lógica do autor, não saber o nome do político em quem se votou nas últimas eleições é uma atitude anticidadã.

2. Assinale a asserção correta em relação aos sentidos e expressões linguísticas do trecho.

Derrotada sistematicamente nos tribunais superiores, a Advocacia-Geral da União (AGU) resolveu editar um pacote com oito súmulas, reconhecendo direitos dos servidores públicos federais. O gesto põe fim a pendências jurídicas que se arrastavam havia décadas e serve de alento para quem ainda busca reaver ou manter benefícios funcionais. Com as súmulas, os advogados públicos ficam automaticamente desobrigados a contestar decisões desfavoráveis. (...) Esclarece a AGU: “O servidor sabia que se entrasse na Justiça ganharia, mas a União, por dever, mesmo sabendo que perderia, tinha de recorrer. As oito medidas acabam com isso”. Entre as súmulas está a que reconhece o direito de pagamento do auxílio-alimentação retroativo ao servidor em férias ou licença entre outubro de 1996 e dezembro de 2001.

(Luciano Pires, *Correio Braziliense*, 20.09.2008, p. 23, com adaptações)

a) O particípio “Derrotada” e o gerúndio “reconhecendo” (ambos no 1o período) constam no texto com sujeito oculto.
b) No lugar do sintagma “O gesto” (2o período) poderia ser empregado, sem prejuízo da coerência textual, qualquer dos sintagmas Este ato, Tal medida, O feito.
c) O segmento “que se arrastavam havia décadas” (2o período) é resumido, sem incorreção gramatical, da seguinte maneira: de haviam décadas.
d) Reescreve-se, mantendo-se a correção gramatical e a coerência textual, o período “para quem ainda busca reaver ou manter benefícios funcionais” (2o período) do seguinte modo: para que se reavenham ou mantenham benefícios funcionais.
e) Substitui-se, com correção gramatical e sem alteração de sentido, o segmento “ficam automaticamente desobrigados a contestar decisões desfavoráveis” (3o período) por: não ficam automaticamente obrigados a ratificar decisões favoráveis.

3. De acordo com o texto, assinale a opção correta.

Valor: O sr. espera uma piora da crise financeira global?

Fernando Cardim: O que estamos assistindo agora no mercado financeiro dos EUA é altamente preocupante. Em menos de duas semanas, após o governo Bush injetar US$ 200

bilhões nas duas casas hipotecárias, quebra o Lehman Brothers, quarto maior banco de investimento local, e é vendido, preventivamente, em apenas dois dias, o Merrill Lynch, banco de investimento independente. E a maior seguradora do mundo, a AIG, está ameaçada. Isso abre uma frente nova na crise. As seguradoras são grandes fornecedoras de CDS para os bancos comerciais. O CDS é um derivativo de crédito que serve como seguro. Quando os bancos fazem empréstimos e os tomadores não pagam eles recorrem às seguradoras para recuperar os valores dos empréstimos. Uma quebradeira nas seguradoras pode significar que a segurança do sistema bancário está sem proteção, os bancos estão nus.

(*Valor Econômico*, 18.09.2008)

a) A expressão "estamos assistindo" indica que o entrevistado fala em nome exclusivamente dos representantes do Governo.
b) As vírgulas após "Brothers" e após "local" justificam-se por isolar aposto explicativo.
c) O pronome "eles", em "eles recorrem às seguradoras", é elemento coesivo que se refere ao antecedente "tomadores".
d) O sinal indicativo de crase em "às seguradoras" justifica-se pela regência de "fazem" (em "fazem empréstimos e os tomadores não pagam eles recorrem às seguradoras") e pela presença de artigo definido feminino plural.
e) A expressão "estão nus" está sendo empregada em sentido denotativo ou literal.

4. Com base no texto, assinale a opção correta.

No caso do Brasil, o potencial de contaminação das expectativas de crescimento pela crise externa concentra-se em três ameaças: a economia real ser atingida por forte contenção de liquidez, o que diminuirá a oferta de capital para manter os investimentos, o consumo interno sofrer abalos com a perda acelerada do preço das *commodities*, o que tenderá a reduzir o lucro dos exportadores, e a volta do déficit em conta corrente, com pressão sobre o câmbio e reflexos na inflação.

O momento é oportuno para o Brasil encontrar medidas que amenizem os efeitos de uma eventual tempestade internacional. As preocupações não são infundadas. O risco de escassez de crédito externo para as empresas brasileiras é um exemplo. Acertadamente, o governo já estuda meios para compensar uma eventual paralisia do crédito internacional, por meio de fontes internas, como empréstimos do BNDES.

(*Jornal do Brasil*, 18.09.2008, Editorial)

a) O emprego da aglutinação da preposição com artigo definido feminino em "pela crise" justifica-se pela regência de "crescimento" (1º período do 1º parágrafo).
b) A substituição de "concentra-se" (1º período do 1º parágrafo) por está concentrado prejudica a correção gramatical do período.
c) A redação O momento é oportuno para que o Brasil encontre medidas (1º período do 2º parágrafo) prejudica a correção gramatical do período.
d) Estaria gramaticalmente correta e de acordo com as informações originais do texto a redação: As preocupações têm fundamento (2º período do 2º parágrafo).
e) As palavras "risco" (3º período do 2º parágrafo) e "eventual" (3º período do 2º parágrafo) reforçam a ideia de que haverá paralisia de crédito internacional.

5. Assinale a opção em que o termo destacado está gramaticalmente correto.

O Brasil vem gradativamente progredindo no que diz respeito à (1) administrar o bem público. No século passado, estava arraigado à (2) comportamentos administrativos viciosos, aos quais (3) priorizavam os interesses do administrador e de quem mais lhe conveniesse (4), ficando de lado a real finalidade do serviço público, que é servir o (5) público.

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

6. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

Passaram-se (1) anos até que a América do Sul pudesse livrar-se (2) das ditaduras que dominaram o continente, sobretudo na segunda metade do século 20. O custo foi alto, com opressão e mortes. Por isso, faz sentido o apoio que nove presidentes de países do bloco, reunidos em Santiago do Chile, na primeira cúpula da União de Nações Sul-Americanas (Unasul), deram ao (3) governo Evo Morales, legitimamente eleito e confirmado em um referendo (4) popular realizado há pouco tempo. Tirando os exageros anti-imperialistas do coronel Hugo Chávez — que procura enxergar nos levantes bolivianos o dedo da política externa americana como forma de capturar a crise para a própria agenda e, com isso, livrar-se do isolamento — os mandatários souberam manter o tom de diálogo que utilizou (5) para a transição em seus países na hora de apoiar o colega andino.

(Adaptado de *O Globo*, 17.09.2008, Editorial)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

7. Assinale o trecho inteiramente correto quanto à sintaxe de construção do período, morfossintaxe, adequação vocabular, pontuação, clareza e concisão.

a) O internauta, hoje, passou de receptivo para um usuário ativo. Passou-se, então, a criar os seus próprios conteúdos em vez de apenas buscar informações. Com isso, as redes sociais vêm crescendo cada vez mais a cada dia que se passa.
b) É necessário que se saiba o que os internautas vêm dizendo sobre as empresas nas redes virtuais, para que possa traçar estratégias para reverter quadros críticos e saber se os consumidores estão insatisfeitos com suas compras.
c) Nas grandes empresas, os consultores de tecnologia da informação (TI) vêm exercendo uma função cada vez mais estratégica, para o que se exige conhecimento técnico dos processos de negócio dos clientes e capacidade de formulação de soluções tecnológicas para os problemas detectados.
d) O consultor de TI não deve mais atuar sozinho dentro das organizações; é necessário que ele sempre esteja informado do que acontece dentro da organização na qual trabalha. Ele deve atuar juntamente com outros setores para que possa, cada vez mais, conhecer os processos de negócio de seus clientes para que juntos possam achar uma solução na qual atenda às reais necessidades.

e) O consultor de TI tem o papel de mostrar para o cliente quais são as opções de TI que o cliente pode ter e de que forma a tecnologia pode ajudá-lo a melhorar o seu negócio, ao mesmo tempo no qual se poderá auxiliá-lo informando metodologias que poderiam ser utilizadas para que possa organizar e melhorar os seus processos internos.

8. Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do jornal Valor Econômico, 16 de setembro de 2008. Assinale a opção em que há erro gramatical.

a) A recente convulsão social na Bolívia mostra que é insuficiente para o Brasil criar planos de contingência para lidar com a renintente instabilidade política do vizinho.

b) A imaturidade da democracia boliviana, que, na semana passada, parece ter repetido mais uma vez a tradição de flertar com o abismo e recuar ligeiramente em seguida, mostra a necessidade de alternativas ao principal fornecedor de gás natural para a economia brasileira.

c) É de se perguntar se não é hora de criar rapidamente uma estratégia para anular por completo o eventual impacto, na economia brasileira, de um estancamento no fluxo do gasoduto Brasil-Bolívia.

d) Desde a nacionalização dos hidrocarbonetos, feita de maneira agressiva e propagandística pelo governo Evo Morales em 2006, a Petrobras adotou providências para minimizar a dependência do gás boliviano.

e) Iniciou a construção de instalações para conversão de gás natural liquefeito (GNL), arquivou os planos de ampliação do gasoduto Brasil-Bolívia, reduziu os investimentos em território boliviano ao necessário para manter o fornecimento atual e pôs em prática seus planos para aumentar a extração de gás da Bacia de Santos.

9. Aponte o trecho com pontuação correta.

a) Se o Estado estabeleceu o incentivo à prorrogação da licença-maternidade às trabalhadoras de empresas privadas, deve, bem antes, dar-lhes o exemplo e admitir, desde já, a obrigação para si. Aliás, porque públicos também são os fundos que financiam a política de incentivo, realizados mediante renúncia fiscal, é incongruente pensar que, de um lado, o poder público possa incentivar as empresas, com fundos públicos, e, de outro, não se submeta ao objeto incentivado, arcando-o com os mesmos fundos.

b) Se o Estado, estabeleceu o incentivo à prorrogação da licença-maternidade às trabalhadoras de empresas privadas, deve, bem antes, dar-lhes o exemplo e admitir, desde já, a obrigação para si, aliás porque públicos também são os fundos que financiam a política de incentivo, realizados mediante renúncia fiscal, é incongruente pensar que, de um lado, o poder público possa incentivar as empresas, com fundos públicos, e, de outro, não se submeta ao objeto incentivado, arcando-o com os mesmos fundos.

c) Se, o Estado estabeleceu o incentivo à prorrogação da licença-maternidade às trabalhadoras de empresas privadas deve, bem antes, dar-lhes o exemplo e admitir, desde já, a obrigação para si; aliás, porque públicos também são os fundos que financiam a política de incentivo realizados mediante renúncia fiscal, é incongruente pensar que, de um lado, o poder público possa incentivar as empresas, com fundos públicos, e, de outro, não se submeta ao objeto incentivado, arcando-o com os mesmos fundos.

d) Se o Estado estabeleceu o incentivo à prorrogação da licença-maternidade às trabalhadoras de empresas privadas, deve, bem antes, dar-lhes o exemplo e admitir desde já a obrigação para si. Aliás, porque públicos também são os fundos, que financiam a

política de incentivo, realizados mediante renúncia fiscal, é incongruente pensar, que de um lado, o poder público possa incentivar as empresas, com fundos públicos, e, de outro, não se submeta ao objeto incentivado, arcando-o com os mesmos fundos.

e) Se o Estado estabeleceu o incentivo à prorrogação da licença-maternidade às trabalhadoras de empresas privadas, deve, bem antes, dar-lhes o exemplo e admitir, desde já, a obrigação para si, aliás porque, públicos também são os fundos que financiam a política de incentivo, realizados mediante renúncia fiscal; é incongruente pensar, que de um lado o poder público possa incentivar as empresas com fundos públicos e, de outro, não se submeta ao objeto incentivado, arcando-o com os mesmos fundos.

(Jean P. Ruzzarin, Direito & Justiça, *Correio Braziliense*, 29.09.2008, com adaptações)

10. As opções trazem propostas de continuidade ao trecho abaixo, diferentemente redigidas. Assinale a que contém erro de regência e/ou de concordância.

Como ninguém quer falar em aumento de impostos, todos se aferram à expressão mágica: reforma tributária. O tema evoca um país moderno, com distribuição mais justa dos valores arrecadados.

(Gustavo Krieger, Agenda necessária e agenda possível, *Correio Braziliense*, 07.01.2008, p. 4)

a) Bonito na retórica. Quando o assunto chega à mesa de discussões, o clima muda. O governo federal não quer dividir seu caixa. Estados e Municípios sempre querem mais dinheiro.

b) É bonito até chegar à mesa de discussões. Aí ninguém quer perder. Ao contrário: todos lutam para aumentar sua fatia do bolo.

c) Tudo vai bem até o assunto chegar à mesa de discussões. União, Estados e Municípios se degladiam para não perderem nenhuma partezinha do que arrecadam. O que querem mesmo é ganhar mais.

d) Todos concordam até se sentarem à mesa de discussões, quando se iniciam os mais acalorados debates. Ninguém quer perder. Estados e Municípios buscam aumentar seu quinhão na nova divisão do dinheiro arrecadado.

e) Falar em reforma tributária é bonito. O xis da questão é botá-la no papel, quando os interesses da União, Estados e Municípios se chocam na busca de uma fatia maior do bolo para cada um.

Gabarito da Prova Simulada 6

1-a, 2-b, 3-b, 4-d, 5-e, 6-e, 7-c, 8-a, 9-a, 10-c.

Prova Simulada 7

Leia o texto abaixo para responder à questão 1.

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio, realizada pelo IBGE, revelou que a renda das famílias parou de cair em 2004, interrompendo uma trajetória de queda que acontecia desde 1997, e que houve diminuição do grau de concentração da renda do trabalho. Enquanto a metade da população ocupada que recebe os menores rendimentos teve ganho real de 3,2%, a outra metade, que tem rendimentos maiores, teve perda de 0,6%. Os resultados da PNAD revelaram, também, que o Brasil melhorou em itens como número de trabalhadores ocupados,

participação das mulheres no mercado de trabalho, indicadores da área de educação e melhoria das condições de vida.

1. Assinale a opção que não constitui continuação coesa e coerente para o texto acima.

a) Para o secretário de Avaliação e Gestão da Informação do Ministério do Desenvolvimento Social, o resultado da pesquisa revela muito mais do que um aumento de renda: "A desigualdade no Brasil não se alterava desde 88. A população mais pobre do Brasil está ganhando mais se comparada à população mais rica, ou seja, a riqueza no Brasil está se desconcentrando. Essa é a melhor notícia. O Brasil está redistribuindo melhor a sua riqueza."

b) Entretanto, as ações na área de educação, saúde e transferência de dinheiro, por exemplo, foram responsáveis pelo resultado.

c) A expectativa é que, no próximo ano, a diminuição da miséria no País seja ainda maior por causa das ações voltadas para os indígenas e quilombolas.

d) O assessor especial da Presidência da República, José Graziano, avaliou que esses números comprovam que o País está mudando. "Esses resultados revertem uma máxima histórica no nosso país de que os ricos ficavam cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres."

e) A PNAD é a mais completa pesquisa anual sobre as condições de vida da população, mostra um retrato do país e, em 2004, foi estendida para as áreas rurais dos estados de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá, alcançando a cobertura completa do território nacional.

(Adaptado de *Em Questão*, n. 379 — Brasília, 30 de novembro de 2005)

2. O secretário de Biodiversidade e Florestas do Ministério do Meio Ambiente destacou que, desde 2003, na Amazônia, o Governo Federal elevou em 27% a área sobre (1) proteção da União. Até o momento, mais de 85 mil quilômetros quadrados foram destinados para novas reservas de proteção integral e de uso (2) sustentável, implementadas em zonas de conflito e de expansão da fronteira agrícola. Com as novas unidades de conservação criadas (3), a área protegida na Amazônia chega a 390 mil quilômetros quadrados, apenas em reservas federais, o que (4) equivale à soma das áreas da Itália e de Portugal aproximadamente. Também houve a homologação de 93 mil quilômetros quadrados de áreas indígenas e a criação de 3,76 mil quilômetros quadrados de Assentamentos Sustentáveis, onde (5) a produção agrícola ocorre em harmonia com o uso sustentável da floresta.

(Adaptado de *Em Questão,* n. 381 — Brasília, 07 de dezembro de 2005)

Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

3. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

Durante o ano passado, o montante destinado pelo Banco do Brasil (1) concessão de crédito

atingiu R$ 101,8 bilhões, um crescimento de 14,9% em relação (2) 2004. Esse resultado consolidou (3) posição do banco de líder na concessão de crédito no país com 15,3% de participação no mercado. Os recursos destinados pelo BB (4) empréstimos beneficiam pessoas físicas e micro e pequenas empresas, favorecem o financiamento do agronegócio e da produção dos agricultores familiares, bem como (5) exportações brasileiras e outras atividades produtivas que promovem o desenvolvimento regional.

(Adaptado de *Em Questão,* n. 409 — Brasília, 13 de março de 2006)

a) a, a, à, a, às
b) à, à, a, a, às
c) a, a, à, à, as
d) à, a, a, a, as
e) à, à, à, a, as

Leia o texto abaixo para responder à questão 4.

O governo federal tem estabelecido ações para promover as exportações brasileiras. A primeira delas foi desburocratizar o procedimento de exportação, reduzindo a documentação exigida, eliminando autorizações prévias e consolidando em um único documento todas as normas relativas à exportação.

(Adaptado de *Em Questão,* n. 288 — Brasília, 04 de março de 2005)

4. Assinale a substituição que prejudica a correção gramatical no texto acima.

a) “tem estabelecido” por vem estabelecendo
b) “desburocratizar o” por a desburocratização do
c) “reduzindo a” por que reduziu a
d) “eliminando autorizações prévias e consolidando” por pela eliminação de autorizações prévias e pela consolidação
e) “relativas à” por que têm relação com a

5. Assinale a opção que preenche respectiva e corretamente as lacunas do texto a seguir.

Ninguém pode opor-se às virtudes de São Paulo, (1) as do trabalho e da iniciativa empresarial, na vitoriosa aliança (2) imigrantes que trouxeram a técnica e algum capital e brasileiros de todo o país, (3) constituíram seu grande exército de operários. Mas só a federação garante o país contra as seduções de hegemonia e previne os despotismos, que, (4) serem manhosos, não deixam de ser tirânicos. Em sua viagem aos Estados Unidos, bem depois de Tocqueville, Lord Acton identifica, (5) poder dos estados, a grande força moderadora do governo central e a maior garantia da aplicação dos princípios democráticos.

(Adaptado de Mauro Santayana, *Jornal do Brasil*, 10.03.2006)

a) como / com os / cujo / ao / ao
b) entre elas / entre os /que / por / no
c) tais como / pelos / os quais / de / em
d) haja vista / sobre os / os que / além de / do
e) seja / dos / no que / com / com

Leia o texto abaixo para responder às questões 6 e 7.

O Brasil tem potencial para se transformar em um dos maiores produtores de biodiesel do mundo e um grande exportador. Os Estados Unidos e alguns países da Europa já são consumidores do biodiesel. A União Europeia definiu como meta que, até 2005, 2% dos combustíveis utilizados devem ser renováveis e, em 2010, esse valor deverá ser de 5,75%. Como o continente não tem área de cultivo suficiente nem capacidade industrial instalada para atingir esses patamares, surgem as oportunidades de exportação do combustível pelo Brasil. O biodiesel ainda vai contribuir para melhorar a qualidade do ar nas grandes cidades pela redução do uso de combustíveis derivados de petróleo. O uso de fontes energéticas renováveis e que não poluam o meio ambiente faz parte do Mecanismo de Desenvolvimento Limpo (MDL), uma das diretrizes do Protocolo de Quioto.

(Adaptado de *Em Questão*, n. 261 — Brasília, 08 de dezembro de 2004)

6. Assinale a opção incorreta em relação ao texto.

a) A substituição de “se transformar” por ser transformado mantém a correção gramatical do período.
b) A redação Foi definido como meta pela União Europeia que... mantém a correção gramatical do período.
c) Entre o período iniciado por “Como o continente...” e o período anterior, subentende-se uma relação que pode ser representada por Entretanto.
d) Ao se substituir “pela” pela estrutura por meio da prejudica-se a correção gramatical do período.
e) A inserção de que é antes de “uma das diretrizes” mantém a coesão e a coerência do período.

7. Assinale a opção que não está de acordo com as informações do texto.

a) O fato de o biodiesel poluir o meio ambiente é um fator que diminui as chances de exportação brasileira.
b) O fato de os Estados Unidos e parte da Europa já serem consumidores de biodiesel favorece as exportações brasileiras.
c) A meta definida pela União Europeia quanto à utilização de combustíveis renováveis é favorável às exportações brasileiras.
d) O fato de o continente europeu não contar com área de cultivo suficiente nem capacidade industrial de produção de combustíveis nos níveis requeridos favorece as exportações brasileiras.
e) As exportações brasileiras são favorecidas pelas diretrizes do Protocolo de Quioto que propugnam pelo uso de fontes energéticas renováveis.

(Adaptado de *Em Questão*, n. 261 — Brasília, 08 de dezembro de 2004)

8. Os trechos abaixo constituem um texto. Assinale a opção que apresenta erro gramatical.

a) O problema do Brasil é, desde a primeira assembleia constituinte, de 1823, o da descentralização do poder. O absolutismo de Pedro I levou à resistência das jornadas de abril de 1831 e à abdicação do imperador.
b) Com o Ato Adicional, de 1834, tentou-se amenizar o domínio de São Paulo e da cidade do Rio de Janeiro sobre o Império, o que foi contido pela regulamentação de Araújo Lima. A inteligência arguta de Tavares Bastos denunciou os abusos da centralização em 1860, e o

Manifesto Republicano, dez anos depois, inicia-se com a reivindicação federalista.

c) Nunca é demais repetir que durante três décadas seguidas, a partir de 1817, em Pernambuco, até 1848, na mesma Província, brasileiros de todas as regiões foram compelidos a lutar pela autonomia provincial — e essa necessidade o obrigou a retomar as armas, no período republicano, na Revolução Federalista do Rio Grande do Sul, em 1893.

d) A rebelião gaúcha foi derrotada pelas tropas federais enviadas por Floriano, apesar da bravura de seus combatentes e da força doutrinária de Gaspar da Silveira Martins. A questão federalista voltou, em seguida, ao fermentar a Guerra do Condestado, iniciada entre Paraná e Santa Catarina.

e) Essa guerra converteu-se em um dos mais importantes conflitos sociais do Brasil, entre 1911 e 1916, contribuiu para as rebeliões militares dos anos 20 e desembocou na Revolução de 30 — esta claramente contra os interesses hegemônicos de São Paulo.

(Adaptado de Mauro Santayana, *Jornal do Brasil*, 10.03.2006)

9. Assinale a opção gramaticalmente correta.

a) O paranoico militante não têm nenhuma consciência de seu desejo de ser Deus. Ele simplesmente está fundido — e confundido — com esse desejo, sob forma de sua realização concreta e imediata.

b) O paranoico não tem desejo de ser Napoleão, ele os é, com as extravagantes consequências de praxe.

c) Seja como for, qualquer um de nós, na posse, no uso e no gozo da ordem da linguagem, pode criar um mundo à imagem e semelhança das mais desvairadas ambições e fantasias.

d) A representação significa, de uma parte, minha possibilidade racional e consciente de operar sobre o mundo, à partir de uma avaliação que o reverencie em sua concretude e realidade.

e) Mas, de outra parte, ela é também a minha possibilidade mais radical de alienação e de extravio. Posso, através dela dar as costas ao real, desfigurá-lo, desrespeitá-lo, traí-lo, negá-lo.

(Adaptado de Hélio Pellegrino)

10. Assinale a opção que apresenta erro de regência.

a) A evolução da arquitetura se caracteriza pelas suas obras mais importantes, aquelas que, especulando na técnica, se fizeram diferentes e inovadoras.

b) E, quando dela nos ocupamos, vale a pena voltar ao passado e sentir como a ideia da obra de arte se integrava nas razões utilitárias da arquitetura, fazendo-a mais rica, mais bela, com suas colunatas, seus ornamentos, pinturas, esculturas.

c) Com o advento do concreto armado, a arquitetura se modificou inteiramente. As paredes, que antes sustentavam os edifícios, passaram a simples material de vedação, surgindo a estrutura independente, a fachada de vidro.

d) A curva, a curva generosa a que os antigos tanto procuravam com seus arcos, cúpulas, *voûtes* e abóbadas espetaculares assumiu uma nova e surpreendente dimensão e, com ela, os requintes da técnica: o protendido, as cascas, os grandes espaços livres e os balanços extraordinários.

e) Uma arquitetura mais livre e vazada se oferecia a todos os arquitetos que quisessem inovar e se aventurar por novos caminhos.

(Adaptado de Oscar Niemeyer)

Gabarito da Prova Simulada 7

1-b, 2-a, 3-d, 4-d, 5-b, 6-d, 7-a, 8-c, 9-c, 10-d.

Prova Simulada 8

1. Em artigo publicado no Correio Braziliense (20.09.2008), Emir Sader refuta a pregação de campanha de um candidato a vereador no Rio de Janeiro, o qual defende que "o IPTU arrecadado em seu bairro tem que ser aplicado no seu bairro". Reconhecendo que o sistema tributário brasileiro comete injustiças ao isentar dos ricos e cobrar da imensa massa da população que vive do trabalho, Emir Sader afirma ser "fundamental combater o egoísmo tributário — este sim, populista, demagógico — de tantas campanhas eleitorais".

Aponte a asserção que não serve de argumento favorável nem de sustentação à crítica e às ponderações de Emir Sader.

a) O tema tributário — quem paga, quem recebe, de quem o Estado arrecada, a quem deve beneficiar — tem profundo viés de classe: nem sempre os recursos são direcionados para as políticas públicas que beneficiam os mais necessitados.

b) Pouco importam ao candidato populista e demagógico as necessidades do conjunto da cidade, mesmo sabendo que a cidade tem subúrbios, favelas e bairros da periferia, onde vive majoritariamente a população hipossuficiente.

c) A questão tributária se presta à exploração demagógica do egoísmo. Sai na frente o candidato que prega menos impostos, não importando se podem faltar professores nas escolas públicas ou médicos nos hospitais públicos.

d) Pregar que cada bairro utilize os recursos no próprio bairro significa que os ricos financiarão os ricos; e os pobres, que constituem a maioria da população, terão de se arranjar com o pouco que seus bairros arrecadarem.

e) Devido ao montante de suas dívidas para com o Estado, devem merecer o benefício da isenção e de outras formas de não pagamento de impostos os bancos, as grandes empresas e os ricos.

2. Assinale o segmento inteiramente correto quanto à morfossintaxe, concordância, regência e coerência textual.

a) O esgotamento do modelo de administração burocrática, que primava excessivamente pelo respeito as normas e procedimentos internos do setor público, tolhia a criatividade e a autonomia dos profissionais encarregados de ações que melhor atendesse as demandas da sociedade.

b) Devido ao esgotamento do modelo de administração burocrática, que primava excessivamente pelo respeito as normas e procedimentos internos do setor público, inibiam-se a criatividade e a autonomia dos profissionais encarregados de ações que melhor atendesse as demandas da sociedade.

c) O esgotamento do modelo de administração burocrática, que primava excessivamente pelo respeito às normas e procedimentos internos do setor público, obstavam-se a criatividade e a autonomia dos profissionais encarregados de ações que melhor atendessem às demandas da sociedade.

d) Com o esgotamento do modelo de administração burocrática, que se regia excessivamente pelo respeito às normas e procedimentos internos do setor público, fomentou-se a criatividade e a autonomia dos profissionais encarregados de ações que melhor atendessem as demandas da sociedade.
e) Após o esgotamento do modelo de administração burocrática que oprimia excessivamente pelo respeito às normas e procedimentos internos do setor público, impedia a criatividade e a autonomia dos profissionais encarregados de ações que melhor atendessem às demandas da sociedade.

3. Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial do Jornal do Brasil, 18.09.2008. Assinale a opção em que há erro gramatical.

a) A elevação dos termômetros da crise nos mercados financeiros — que emite sinais perturbadores de que será longa e ruidosa — tem encontrado lenitivos consideráveis na economia brasileira.
b) Essa constatação, no entanto, não aplaca as exigências impostas ao país: é preciso encontrar mecanismos sólidos de redução dos habituais riscos de contaminação.
c) De que a saúde da economia brasileira vai bem só as mentes insensatas discordarão. É incontestável que o Brasil exibe hoje índices de vulnerabilidade bem mais baixos do que os que apresentava à alguns anos.
d) As perspectivas são positivas e os indicadores econômicos são favoráveis para a expansão econômica contínua e segura.
e) Tanto é que a taxa de investimento no segundo trimestre deste ano registrou crescimento de 5,4% em relação ao trimestre anterior, permitindo expansão de 1,4% do PIB entre os dois períodos.

4. Assinale a opção que constitui continuação coesa e coerente para o texto abaixo.

Faz vinte anos que foi promulgada a Constituição de 1988, chamada “cidadã” pelo então presidente da Assembleia Nacional Constituinte, Ulysses Guimarães. Pode haver algum exagero nesse epíteto. Mas hoje está claro que a Constituição de 1988 promoveu um avanço no conceito de cidadania. “Ela contribuiu para sua popularização”, diz o historiador José Murilo de Carvalho, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). “E introduziu instrumentos legais importantes de afirmação democrática”. Ao mesmo tempo, a Constituição ficou incompleta.

a) Por isso, em 1988, a Constituição trouxe inovações que hoje parecem triviais. Durante mais de 150 anos, os analfabetos — maioria ou um número expressivo da população — estiveram excluídos da vida política.
b) Até hoje, sofre um aperfeiçoamento contínuo que leva muitos a considerá-la uma “colcha de retalhos” em eterna reforma, descolada da realidade de uma economia moderna.
c) Pois a Constituição garantiu a eles o direito ao voto, assim como aos menores entre 16 e 18 anos. Também concedeu a todo cidadão o direito de saber todas as informações que o governo guarda sobre ele, um recurso conhecido como *habeas data*.
d) Para atendê-los, depois da Constituição, foram elaborados nos anos seguintes um novo Código Civil, o Código de Defesa do Consumidor, o Estatuto da Criança e do Adolescente e o Estatuto do Idoso.
e) Tanto é que o racismo passou a ser considerado crime inafiançável. Há ainda um capítulo

inovador sobre meio ambiente e uma legislação sobre a questão indígena que, se não evita conflitos pontuais, pelo menos protege a minoria.

(Leandro Loyola, *Revista Época*, 17.09.2008)

5. Os trechos a seguir constituem um texto adaptado do Editorial do Jornal do Brasil, 15.09.2008, que estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e assinale a opção correspondente.

( ) O resultado desse levantamento aponta para uma elevação da temperatura e para a redução das chuvas em parte da Floresta Amazônica, o que poderia transformar, nas próximas décadas, a maior e mais importante reserva de biodiversidade mundial num imenso semiárido.

( ) Estudo apresentado em Belém pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) revela dados alarmantes sobre a devastação em dois Estados da Federação: o Pará e o Maranhão, que, somados, correspondem a 18% do território brasileiro e a 30% da Amazônia Legal.

( ) Explicando melhor esse resultado: o documento mostra que o clima da região se tornará cada vez mais quente e seco, com reduções de chuva que podem ficar entre 2 e 4 milímetros por dia, no período de 2071-2100, quando comparado com o atual clima da região.

( ) Se no plano interno o país conseguir reverter o cenário dramático antecipado pelos relatórios, alcançar um relativo grau de crescimento sustentável e mantiver a política de incentivo aos biocombustíveis, o país terá um enorme *handicap* na hora de cobrar das nações mais ricas, historicamente as maiores responsáveis pela poluição global, mas também as mais reticentes quanto à aceitação de metas de redução de gases poluentes, o uso racional dos recursos naturais.

( ) A temperatura deve aumentar em toda a região leste do Pará até o Nordeste, chegando a até 7 graus nas regiões do leste da Amazônia e no norte do Maranhão (levando-se em consideração um cenário mais pessimista, com alta concentração de gases do efeito estufa) ou a até 4 graus acima do atual, em condições mais otimistas.

a) 2, 3, 1, 5, 4
b) 4, 3, 2, 1, 5
c) 4, 5, 3, 2, 1
d) 2, 1, 3, 5, 4
e) 4, 1, 2, 3, 5

6. Assinale o trecho inteiramente correto quanto à morfossintaxe e à pontuação.

a) Hoje em dia a população é participativa. Ela é quem decide onde o orçamento-participativo deve ser aplicado, e o melhor o cidadão cobra, busca o resultado, quer saber onde foi empregado os seus tributos.
b) Administrar visando resultados é bom para todos, o país ganha, os servidores estão mais satisfeitos porque sabe que o serviço que ele está prestando é de qualidade, servindo de motivação para que esse servidor busque cada vez mais a capacitação.

c) Entendo que a velocidade que as mudanças vêm ocorrendo, tanto no campo econômico, político, social que se processa de maneira muito rápida, ou os novos gerentes acompanham todo esse mecanismo de desenvolvimento ou tendem a desaparecerem.
d) Hoje se depara com o processo da globalização, com isso consequentemente se exige melhores gestores e mais aperfeiçoamento das ações gerenciais, novos padrões de comportamento, estabelecimento de novas técnicas, aperfeiçoamento constante e manter dentro da competitividade e modernidade desejadas.
e) Ademais de dominar os conhecimentos técnicos de sua área de atuação, um bom gestor deve saber exercer a liderança com flexibilidade; ter habilidade para solucionar conflitos; mostrar aptidão para trabalhar em equipe; ter desenvolvidas a sensibilidade e a intuição; mas, acima de tudo, pautar suas ações sob o manto da ética e da justiça social.

7. Assinale a opção correta em relação à classificação do "se".

Embora a recuperação da confiança tenha sido modesta em setembro, é possível que a tendência positiva se (1) acentue no final do ano, se (2) a queda do juro básico se (3) transferir para o crédito ao consumo e se (4) os salários reais continuarem a se (5) recuperar devido à contenção da inflação, que eleva o poder aquisitivo.

(*O Estado de S. Paulo*, 04.10.2005, Editorial)

a) 1 — conjunção condicional
b) 2 — pronome reflexivo
c) 3 — índice de indeterminação do sujeito
d) 4 — conjunção condicional
e) 5 — palavra expletiva ou de realce

Leia o texto abaixo para responder à questão 8.

Em março de 2005, o acordo com o FMI não foi renovado, resultado do sucesso do ajuste na economia promovido pelo governo federal nesses dois anos, que, entre outras coisas, permitiu a queda da relação dívida pública/PIB por dois anos seguidos, ao mesmo tempo em que a distribuição de renda melhorava e se criavam 100.000 empregos formais por mês. Com a economia continuando a se fortalecer nos meses seguintes (mais exportações, menos inflação), a decisão de quitar integralmente a dívida com o Fundo de forma antecipada pôde ser tomada com toda a segurança, trazendo benefícios para a melhora da imagem do país e a diminuição do custo de captação da dívida pública.

(Adaptado de *Em Questão*, n. 387 — Brasília, 26 de dezembro de 2005)

8. Assinale a opção que não completa o período abaixo de acordo com as ideias do texto acima.

Foi possível dispensar a renovação do acordo com o FMI em decorrência de
a) sucesso do reajuste na economia promovido pelo governo federal.
b) queda da dívida pública/PIB por dois anos seguidos.
c) melhoria da distribuição de renda e criação de 100.000 empregos por mês.
d) fortalecimento da economia — mais exportações e menos inflação.
e) melhora da imagem do país no exterior.

Leia o texto abaixo para responder à questão 9.

Ninguém melhor do que Voltaire definiu a real essência da democracia quando escreveu: “Posso não concordar com uma só palavra do que dizes, mas defenderei até à morte o teu direito de dizê-las”. Ter ideias e comportamentos políticos ou sociais diversos de outros indivíduos não significa, necessariamente, transformá-los em inimigos ferrenhos. Afinal, o que se combate são as ideias do outro e não sua pessoa.

(Adaptado de Alfredo Ruy Barbosa, *Jornal do Brasil*, 11.03.2006)

9. Em relação ao texto acima, assinale a opção incorreta.

a) A eliminação do termo “do” depois de “melhor” mantém a correção gramatical do período.
b) O emprego de segunda pessoa em “teu” concorda com o emprego de “dizes”.
c) Em “transformá-los”, a forma pronominal “-los” retoma a ideia explicitada em “outros indivíduos”.
d) Em “o que se combate”, o termo “o” pode, sem prejuízo gramatical para o período, ser substituído pelo pronome aquilo.
e) A substituição de “se combate” por era combatido mantém a correção gramatical e as informações originais do período.

Leia o texto abaixo para responder à questão 10.

Memórias do cárcere, na versão cinematográfica, (1) explora mais desenvoltamente a linguagem artística e as possibilidades que estão ao alcance do cinema de fragmentar a realidade para, em seguida, recompor o concreto nos diversos níveis em que ele aparece na percepção, na cabeça e na história dos homens. Quem ama o livro por ele mesmo não vai recuperá-lo no filme. Quem ama as várias verdades (2) que Graciliano Ramos enfrentou com hombridade e coragem irá ver (3) no filme uma engenhosa e íntegra transposição do livro. Seria pouco dizer que completam-se (4) ambos. Nelson Pereira dos Santos explora a técnica cinematográfica como Graciliano Ramos, a técnica literária, ou seja, (5) como recurso de descoberta da verdade, arma de denúncia intelectual e instrumento de luta política.

(Florestan Fernandes)

10. Assinale a opção em que o segmento destacado apresenta erro gramatical.

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

Gabarito da Prova Simulada 8

1-e, 2-d, 3-c, 4-b, 5-d, 6-e, 7-d, 8-e, 9-e, 10-d.

Prova Simulada 9

1. Assinale a opção que não preenche corretamente a lacuna do texto.

Outra medida que promove a pequena e média empresa brasileira é a instalação pela Agência de Promoção de Exportações do Brasil — APEX de um centro de distribuição de produtos nacionais, em Miami, Estados Unidos. O centro tem espaço para armazenagem de produtos, um *showroom* e um escritório comercial e administrativo. As empresas podem ficar instaladas

por um período de 12 a 18 meses para a consolidação de seus produtos no mercado, _____ a ideia é reduzir a distância entre as empresas e seus clientes estrangeiros. O próximo centro será instalado na Alemanha no segundo semestre deste ano.

(Adaptado de *Em Questão,* n. 288 — Brasília, 04 de março de 2005)

a) uma vez que
b) porquanto
c) pois
d) conquanto
e) já que

2. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto a seguir.

A carteira de crédito do Banco do Brasil destinada ao agronegócio atingiu R$ 35,7 bilhões em 2005 — crescimento de 18,9% em relação ao ano anterior. (1) mostra que o banco manteve a parceria com o setor atingido no ano passado pela perda de produção (2) longos períodos de seca, (3) baixa cotação no preço das *commodities* (produtos agropecuários e minérios cotados internacionalmente, como soja e suco de laranja) e pela valorização do real (4) dólar. O banco ainda prorrogou dívidas do setor no valor de R$ 2,7 bilhões. Para os agricultores familiares o BB liberou R$ 4,3 bilhões ano passado pelo Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf). (5) programa do governo federal financia o custeio e o investimento de atividades produtivas de pequenos agricultores em todo o país.

(Adaptado de *Em Questão*, n. 409 — Brasília, 13 de março de 2006)

a) Esse incremento / em decorrência de / pela / em relação ao / Esse
b) Essa ampliação / por causa de / à frente / o / Tal
c) Tal aumento / em consequência de / na / diante do / Cujo
d) Esse crescimento / já que houve / da / em frente o / Um
e) Tal incremento / uma vez que houve / de / diante o / O

3. Assinale a opção que apresenta erro gramatical.

a) Ao longo dos séculos, a política tem sido considerada, pelos economistas e pelos militares, fator de perturbação da paz e da ordem.
b) Nos governos, e isso tem sido vezo histórico, os economistas pregam a austeridade, combatem a solidariedade para com os mais pobres, defendem a ideia de que o êxito é destinado aos mais dotados, pela natureza e pela posição social.
c) Mas se um governo universal, com o consentimento de todos os seres humanos, parecem utópicos, o governo imperial é experiência histórica repetida e sofrida.
d) Impérios, sempre os houve; da mesma forma que houve rebeliões dos dominados. Quase sempre, a humanidade conseguiu impedir um império que fosse universal.
e) Houve sempre duas potências maiores, em cada tempo, que disputaram a hegemonia, e isso permitiu às nações suportarem, fosse pela esperança, fosse pela mútua contenção, a submissão permanente e completa a um ou outro centro do poder.

(Adaptado de Mauro Santayana, *Jornal do Brasil*, 11.03.2006)

4. Assinale a opção em que há emprego indevido de palavra.

a) O desmatamento nos nove estados da Amazônia Brasileira caiu 31% no período 2004/2005, passando de 27.200 km2 para 18.900 km2.

b) A redução na derrubada da floresta foi anunciada pelo Ministério do Meio Ambiente, com base em levantamentos realizados por satélite sob a orientação do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe).
c) A última queda no índice havia ocorrido entre 1996-1997, onde o volume de floresta abatida caiu 27%.
d) Os dados apontam queda acentuada do desmate nas áreas próximas à rodovia Cuiabá-Santarém (BR-163), onde houve maior intervenção do Governo Federal por meio do Plano de Ação para Prevenção e Controle do Desmatamento na Amazônia, do qual participam 13 ministérios.
e) Os números também indicam leve crescimento do desmatamento apenas no sudeste do Pará e no sul do Amazonas. É a primeira vez, em 17 anos de monitoramento da Amazônia, que os dados sobre desmatamento são apresentados no mesmo ano em que são levantados.

(Adaptado de *Em Questão,* n. 381 — Brasília, 07 de dezembro de 2005)

5. O Governo Federal autorizou o uso comercial do biodiesel. Feito à base de (1) mamona, soja, dendê, girassol (oleaginosas), o novo combustível poderá ter 2% adicionados ao diesel de petróleo para o uso em (2) veículos automotivos. Essa mistura é chamada de B2. Com o biodiesel o setor de energia no Brasil inicia uma nova fase. O uso do novo combustível trará (3) ganhos sociais, econômicos e ambientais para o país, ao privilegiar (4) a participação da agricultura familiar, geraria (5) emprego e renda no campo, ao permitir a redução das importações de diesel de petróleo e ao melhorar a qualidade do ar nos grandes centros urbanos.

(Adaptado de *Em Questão*, n. 261 — Brasília, 08 de dezembro de 2004)

Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.
a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

Leia o texto abaixo para responder à questão 6.

As vantagens sociais do biodiesel dizem respeito à geração de emprego e renda no campo e na indústria nacional. O cultivo da mamona, dendê, girassol, soja e de outras oleaginosas vão gerar emprego e renda, especialmente para os agricultores familiares. O governo federal está apostando no crescimento gradual da nova cadeia de combustível à partir do incentivo à inclusão social de agricultores familiares e assentados da reforma agrária, principalmente no Norte e Nordeste. O biodiesel produzido com base na mamona e no dendê fornecidos por agricultores familiares das regiões Norte, Nordeste e do semiárido terá 100% de redução do PIS/COFINS. Os demais agricultores familiares de todo o país terão diminuição percentual de 89,6%. Outro ganho é a redução das importações de diesel. Hoje, o Brasil importa 10% desse combustível. O uso do biodiesel possibilitará ao Brasil uma economia anual de aproximadamente US$ 160 milhões (R$ 432 milhões) na importação do diesel.

(Adaptado de *Em Questão*, n. 261 — Brasília, 08 de dezembro de 2004)

6. Para que o texto acima fique gramaticalmente correto é necessário substituir

a) “dizem respeito à” por se referem à.
b) “à partir do” por por meio do.
c) “à inclusão” por a inclusão.
d) “terá” por vai ter.
e) “possibilitará” por vai possibilitar.

7. Assinale a opção em que há erro de pontuação.

a) Entre março de 2004 e fevereiro de 2005, as exportações brasileiras ultrapassaram a marca dos US$ 100 bilhões, um recorde histórico para o país.
b) A meta do Governo Federal, alcançada com quase dois anos de antecedência mostra o vigor das vendas do país para o mercado externo.
c) Exportação em alta significa favorecer o desenvolvimento do país e, portanto, a geração de emprego, de renda. Para o sucesso desse trabalho, as microempresas contam com o apoio do Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) e da APEX-Brasil (Agência de Promoção de Exportações do Brasil) na capacitação de funcionários e na consultoria técnica.
d) O aumento nas exportações é um dos fatores principais para o saldo positivo referente à criação de postos de trabalho no Brasil. Em 2004, foram 1,5 milhão de novas vagas com carteira assinada, e essa tendência permanece este ano.
e) Em janeiro, foram criadas 115.972 vagas formais, melhor resultado para o período desde 1992. Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população ocupada em janeiro deste ano em seis regiões metropolitanas cresceu 4,1% em relação ao mesmo período de 2004.

(Adaptado de *Em Questão,* n. 288 — Brasília, 04 de março de 2005)

Para responder às questões de 8 a 10, leia o texto abaixo, escrito por José Sergio Gabrielli de Azevedo, Presidente da Petrobras; trata-se do texto de apresentação do Código de Ética do Sistema Petrobras, disponível no site oficial da Liquigás.

O Sistema Petrobras vem a público apresentar seu Código de Ética. A presente versão é resultado de uma ampla revisão, realizada num processo participativo e representativo, que envolveu empregados e empregadas das diversas Unidades do Sistema, em todas as regiões do País, em seminários de formação e em participações por meio eletrônico.

O objetivo deste Código de Ética é definir com clareza os princípios éticos que norteiam as ações do Sistema Petrobras e os compromissos de conduta do Sistema, tanto da parte institucional como da parte dos seus empregados e empregadas, explicitando o sentido ético de sua Missão, Visão e Plano Estratégico.

Expressando a busca de coerência entre o discurso e a prática, este Código de Ética apresenta-se também como um compromisso público do Sistema Petrobras de fazer valer estes princípios em práticas concretas cotidianas.

Assim sendo, o Sistema Petrobras posiciona-se ao lado das melhores práticas de empresas do setor no mercado internacional, que se empenham pelo desenvolvimento sustentável e comprometem-se em fazer dos empreendimentos econômicos iniciativas que também promovam o desenvolvimento ambiental, social, cultural e ético das sociedades. Este

compromisso ético levou a Petrobras a conquistar, em setembro de 2006, o direito de compor o Índice Mundial Dow Jones de Sustentabilidade, usado como parâmetro para análise dos investidores sócio e ambientalmente responsáveis. Nesse mesmo sentido, pode ser considerado também uma continuidade da adesão que, em outubro de 2003, a Petrobras fez com relação aos Princípios do Pacto Global da ONU.

Estou certo de que a apresentação pública deste Código de Ética e seu cumprimento contribuirão para fortalecer uma nova cultura empresarial, voltada para o desenvolvimento sustentável, com responsabilidade social e ambiental, no Brasil e nos países onde o Sistema Petrobras atua.

8. Assinale a alternativa que contenha afirmações coerentes com as apresentadas no texto de José Sergio Gabrielli de Azevedo.

a) Dentre outros aspectos, o Código de Ética da Petrobras se destaca porque, desde sua primeira versão, foi formulado com a participação de seus colaboradores, por meio de um processo participativo e representativo.

b) Empresas como a Petrobras acreditam que práticas associadas ao desenvolvimento sustentável e iniciativas que promovem o desenvolvimento ambiental, social, cultural e ético das sociedades precedem os interesses meramente econômicos e a obtenção de lucros.

c) Por meio do Código de Ética do Sistema Petrobras, aspira-se à coerência entre discurso e prática; o documento é um compromisso público do Sistema Petrobras, por mais que revele a vontade da corporação em fazer valer estes princípios em práticas concretas cotidianas.

d) O direito de compor o Índice Mundial Dow Jones de Sustentabilidade e a adesão da Petrobras, em outubro de 2003, aos Princípios do Pacto Global da ONU são indicadores claros de seu compromisso com valores como a responsabilidade social e ambiental.

e) A publicação da mais nova versão do Código de Ética do Sistema Petrobras faz que a empresa seja líder no que diz respeito às melhores práticas de empresas do setor no mercado internacional.

9. Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é correto afirmar que

a) a oração “A presente versão é resultado de uma ampla revisão”, do primeiro parágrafo, pode ser reescrita, preservando-se o sentido do texto original, sem que ocorra erro gramatical, da seguinte maneira: “A presente versão é resultado de ampla revisão”.

b) no trecho “realizada num processo participativo e representativo, que envolveu empregados e empregadas das diversas Unidades do Sistema”, do primeiro parágrafo, o pronome destacado refere-se ao aposto que o antecede.

c) no trecho “O objetivo deste Código de Ética é definir com clareza os princípios éticos”, do segundo parágrafo, o termo destacado, segundo a gramática normativa, deveria ser substituído por “desse”.

d) o trecho “definir com clareza os princípios éticos que norteiam as ações do Sistema Petrobras”, do segundo parágrafo, pode ser reescrito, preservando-se o sentido do texto original, sem que ocorra erro gramatical, da seguinte maneira: “definir com clareza os princípios éticos, que norteiam as ações do Sistema Petrobras”.

e) o trecho “tanto da parte institucional como da parte dos seus empregados e empregadas”, do segundo parágrafo, sofrerá alteração de sentido se for reescrito da seguinte maneira:

"tanto da parte institucional como da parte de seus empregados e empregadas".

10. Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é correto afirmar que

a) a oração "Expressando a busca de coerência entre o discurso e a prática", que abre o terceiro parágrafo, pode ser reescrita, preservando-se o sentido do texto original, sem que ocorra erro gramatical, da seguinte maneira: "Conquanto expresse a busca de coerência entre o discurso e a prática".

b) na oração "Expressando a busca de coerência entre o discurso e a prática", que abre o terceiro parágrafo, se a palavra destacada for substituída por "por", haverá intensificação da ideia de empenho ou esforço no ato de buscar.

c) no terceiro parágrafo, as palavras "coerência", "prática", "Código", "Ética", "também" e "princípios" foram acentuadas de acordo com a mesma regra.

d) a oração "fazer valer estes princípios em práticas concretas cotidianas", do terceiro parágrafo, não pode ser reescrita da seguinte maneira, de acordo com as regras da gramática normativa: "fazer estes princípios valerem em práticas concretas cotidianas".

e) se quisermos, na frase "fazer valer estes princípios em práticas concretas cotidianas", do terceiro parágrafo, substituir o termo destacado por pronome, utilizaremos, obrigatoriamente, um pronome pessoal do caso reto, já que o termo exerce a função de sujeito da segunda oração.

Gabarito da Prova Simulada 9

1-d, 2-a, 3-c, 4-c, 5-e, 6-b, 7-b, 8-d, 9-a, 10-b.

Prova Simulada 10

1. Em relação às ideias do texto, assinale a opção correta.

Um tema objeto de alguns painéis no recém-encerrado Fórum Econômico Mundial foi a desigualdade na distribuição de renda no mundo globalizado, mesmo durante o processo em que milhões de pessoas saíram da pobreza na última década nas diversas partes do mundo emergente, da China à Rússia e à América Latina. Muito além dos aspectos puramente econômicos, o tema foi tratado como uma questão política, assim como cultural e mesmo "emocional", já que a percepção de distribuição injusta seria mais importante do que uma medida puramente econômica. Se não for atacada, a questão da pobreza pode se transformar, segundo alguns especialistas, em uma crise mundial. Como exemplo, foi lembrado que a previsão é que a população do globo vai ser de 12 bilhões por volta de 2100 e, se nada for feito, cerca de metade pode estar na pobreza, o que seria "insustentável".

A melhora social propiciada pelo crescimento econômico generalizado, se por um lado demonstra as vantagens da economia globalizada, por outro estimula o aumento do consumo por populações que estavam fora desse circuito, o que traz problemas na cadeia de distribuição de alimentos, e estimula o justo desejo por maior participação nos frutos do desenvolvimento, exacerbando a percepção da injustiça na distribuição de renda, tanto entre países quanto entre cidadãos.

(Merval Pereira, *O Globo*, 31.01.2008)

a) O Fórum Econômico Mundial ignora a desigualdade na distribuição de renda no mundo globalizado.

b) Na última década, uma parcela insignificante da população mundial saiu da linha de pobreza.
c) A inserção de parcela antes excluída das vantagens do desenvolvimento promove problemas na cadeia de distribuição de alimentos.
d) O desejo de maior participação nos frutos do desenvolvimento atenua a injustiça na distribuição da renda.
e) As vantagens da economia globalizada são disfarçadas pela melhora social propiciada pelo crescimento econômico.

2. Se havia alguma dúvida sobre a forte desaceleração no ritmo de atividade da economia americana, os mais recentes pronunciamentos das autoridades monetárias — entre as quais o próprio presidente do Federal Reserve, Ben Bernanke — e dados estatísticos deixaram claro que é preciso ficar muito atento para o comportamento dos mercados nos Estados Unidos este ano. Um dos alertas foi a baixa geração de empregos em dezembro. As autoridades estão preocupadas com o risco de recessão e isso já se reflete nos programas dos pré-candidatos dos partidos Republicano e Democrata à Casa Branca.

(*O Globo*, 15.01.2008, Editorial)

Subentende-se das ideias e informações do texto que
a) não há mais crença na desaceleração da economia americana.
b) a baixa geração de emprego em dezembro reforça a ideia da desaceleração da economia americana.
c) os dados estatísticos reforçam a ideia da aceleração da economia americana.
d) os políticos não se preocupam com a situação recessiva da economia americana.
e) as autoridades não deixam dúvidas de que será forte, este ano, o ritmo de atividade da economia americana.

3. Assinale a opção que não constitui continuação coesa, coerente e gramaticalmente correta para o texto abaixo.

O combate à fome e à pobreza foi adotado pelo governo federal, a partir de 2003, como política de governo. Dentro dessa política, por exemplo, foi criado o Programa Bolsa Família, que beneficia mais da metade das famílias pobres do país. O programa é de responsabilidade do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, que tem hoje o maior orçamento já investido no Brasil para combater a fome e promover o desenvolvimento Social — R$ 17 bilhões.

(*Em Questão,* Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 390 — Brasília, 06 de janeiro de 2006)

a) Há atualmente programas de distribuição de renda em 100% do território nacional, proporcionando o acesso à alimentação e movimentando a economia local.
b) Uma ação importante, feita em parceria com a Articulação no Semiárido (ASA), é o Programa de Construção de Cisternas. Foram 50.248 cisternas construídas na região do semiárido com investimentos diretos do governo federal no valor de R$ 72 milhões entre junho de 2003 e março de 2005.
c) Outra meta é a garantia de que até 2015 todas as crianças terminem um ciclo completo de ensino. Nesse caso, de acordo com o relatório, o Brasil caminha para a universalização do ensino fundamental. Em 2002, 93,8% das crianças de 7 a 14 anos frequentavam a escola

de 1ª a 8ª série.

d) Mas o grande problema do País ainda é a qualidade de ensino e o alto índice de analfabetos. Dados do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb), de 2001, mostram que 59% dos alunos da 4ª série não desenvolveram habilidades elementares de leitura.

e) Além das ações governamentais, para o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio é necessário o estabelecimento de parcerias. Nesse sentido o governo brasileiro tem buscado o apoio da iniciativa privada e de organizações da sociedade civil, bem como tem estabelecido parcerias com outras nações que também firmaram o mesmo pacto para o alcance das metas sociais.

4. Assinale a opção em que há erro.

a) O saldo da balança comercial (exportações menos importações) brasileira de 2005 alcançou US$ 44,76 bilhões, valor nunca registrado na história do país.

b) O resultado positivo, 33% maior que o atingido em 2004, deve-se ao desempenho expressivo das exportações e importações.

c) As vendas externas tiveram incremento superior à US$ 24 bilhões no ano passado e fecharam 2005 com US$ 118,3 bilhões.

d) Já as importações totalizaram US$ 73,545 bilhões no ano passado.

e) Os resultados recordes mostram que apesar da valorização do real frente ao dólar, a corrente de comércio do país (exportações mais importações) não para de crescer com a diversificação de pauta exportadora, aumento do número de países que compram os produtos brasileiros e o crescimento da participação de estados com pouca tradição nas vendas externas.

(*Em Questão*, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 390 — Brasília, 06 de janeiro de 2006)

5. Assinale a opção que reproduz corretamente as ideias contidas no trecho abaixo.

Estudo feito por cientistas dinamarqueses revelou que pessoas que bebem moderadamente e são fisicamente ativas têm menor risco de morte por doenças cardiovasculares do que aquelas que não bebem e são inativas. Esta é a primeira pesquisa a avaliar a influência combinada de atividades físicas e de ingestão regular de álcool.

a) Indivíduos que não bebem nem se exercitam têm risco menor de apresentar doenças cardiovasculares do que os bebedores moderados fisicamente ativos.

b) A ingestão moderada de álcool combinada com atividades físicas mostrou-se mais eficaz para a saúde do coração do que a abstenção alcoólica somada à inatividade.

c) Manter-se fisicamente ativo e beber moderadamente causam mais riscos na redução de risco de doenças do coração do que abster-se de álcool mas frequentar academias de ginástica.

d) Estudo dinamarquês revelou que a combinação de álcool, independentemente da quantidade ingerida, com exercitação física causa menos risco à saúde do que a não ingestão somada à inatividade.

e) Combinar atividade física com álcool apresenta maior perigo para a saúde do coração do que a exercitação moderada somada à abstenção alcoólica.

6. Assinale a opção em que o trecho do Valor Econômico (15.01.2008 — com

adaptações) apresenta erro gramatical.

a) Várias lições foram aprendidas com o apagão de 2001 e não há dúvida de que a situação em que o País se encontra para prevenir e enfrentar a eventual repetição de cortes forçados de energia são muito melhores que as de sete anos atrás.

b) Há pelo menos dois anos o abastecimento de gás natural deixou de ser confiável, e não será pela proximidade de escassez de energia que o problema mudará de natureza.

c) A questão da necessidade de medidas de economia de energia, sejam elas quais forem — inclusive a que deveria ser item permanente de todos os governos, todos os anos: a racionalização do uso —, passou a ser encarada pelo governo como um desafio.

d) O modelo energético atual privilegiou a garantia de fornecimento da energia e a modicidade tarifária para novos empreendimentos. Tem pontos fortes e fracos, como todos os modelos. Ele é estatista e centralizador, sem que, por isso, esteja condenado à ineficiência.

e) Ao contrário, a previsibilidade de todo o sistema é hoje maior, embora isto tampouco seja uma garantia de que as necessidades do futuro serão atendidas por medidas adequadas no presente. Se o planejamento for seguido à risca, a situação da oferta do gás tem condições de melhorar em 2008.

7. Assinale o trecho do texto adaptado do Jornal do Commercio (PE), de 12.01.2008, que apresenta erro de regência.

a) Depois de um longo período em que apresentou taxas de crescimento econômico que não iam além dos 3%, o Brasil fecha o ano de 2007 com uma expansão de 5,3%, certamente a maior taxa registrada na última década.

b) Os dados ainda não são definitivos, mas tudo sugere que serão confirmados. A entidade responsável pelo estudo foi a conhecida Comissão Econômica para a América Latina (Cepal).

c) Não há dúvida de que os números são bons, num momento em que atingimos um bom superávit em conta corrente, em que se revela queda no desemprego e até se anuncia a ampliação de nossas reservas monetárias, além da descoberta de novas fontes de petróleo.

d) Mesmo assim, olhando-se para os vizinhos de continente, percebe-se que nossa performance é inferior a que foi atribuída a Argentina (8,6%) e a alguns outros países com participação menor no conjunto dos bens produzidos pela América Latina.

e) Nem é preciso olhar os exemplos da China, Índia e Rússia, com crescimento acima desses patamares. Ao conjunto inteiro da América Latina, o organismo internacional está atribuindo um crescimento médio, em 2007, de 5,6%, um pouco maior do que o do Brasil.

8. Assinale a opção correta a respeito dos sentidos e dos elementos linguísticos do texto abaixo.

Estamos nos deparando com uma cantilena a nos cobrar sobre o voto consciente. Quanto aos candidatos, todos são bons até que nos provem o contrário. Há muitos interesses em jogo, é preciso que saibamos distingui-los. Na campanha, alguém nos falou que iria votar a favor ou contra a CPMF? Da mesma forma, alguém nos disse que iria votar a favor da cobrança de contribuição ao aposentado? É um cheque em branco que nós damos aos partidos, que durante quatro anos irão manobrar os votos de suas bancadas, que nem sempre são favoráveis ao povo que os elegeu. O povo funciona como massa de manobra, e as tribunas no

parlamento como um palanque político eleitoral. Na verdade, o que menos interessa é o povo.

(Antonio Pereira, Londrina (PR), Sr. Redator, *Correio Braziliense*, 30.12.2007, p. 14)

a) O autor do texto é um missivista insatisfeito com o redator do *Correio Braziliense*.
b) Estão incluídas na cantilena a que se refere o Sr. Antonio Pereira as mensagens eletrônicas enviadas pelo povo aos parlamentares pedindo-lhes para votarem contra a prorrogação da CPMF.
c) Está no mesmo tempo e modo verbal de "saibamos" a forma: adiremos, do verbo aderir.
d) O adjetivo "favoráveis" em "que nem sempre são favoráveis ao povo que os elegeu" refere-se ao termo "votos".
e) Ocorre elipse do verbo "funcionar" no trecho "... e as tribunas no parlamento...", que é entendido assim: ... e as tribunas funcionam no parlamento...

9. Assinale a opção que reescreve as expressões destacadas no trecho abaixo com vocabulário e morfossintaxe condizentes com a norma escrita formal da Língua Portuguesa.

Em sua última reunião, o Conselho Deliberativo da UNACON colocou em pauta as condições de trabalho de analistas e técnicos em todas as regiões do Brasil. (1) Depois de ouvir o que atrapalhava o seu trabalho, o Conselho deliberou encaminhar à CGU um relato dessas dificuldades, com sugestões (2) para ficar mais fácil as operações de controle e finanças nos Estados.

a) (1) Ao ouvir os tropeços que trazia óbices no seu trabalho,
(2) para deixar mais efetivo
b) (1) Ao ter ciência das dificuldades que se interpunham no decorrer das atividades,
(2) para tornar mais viáveis
c) (1) Depois de saber que obstáculos pelos quais passavam em seu trabalho,
(2) de como desobstaculizar
d) (1) Assim que tomaram conhecimento de tudo o que impedia a realização do trabalho,
(2) corretivas a efetivar
e) (1) Cientificando-se dos entraves em prol do bom desempenho de suas atividades,
(2) evitáveis desses entraves para

10. Assinale a opção em que o trecho foi transcrito com erro de pontuação.

a) Ao longo dos últimos anos, na reforma do Judiciário, o Congresso municiou o Supremo com ferramentas novas para imprimir maior eficácia ao sistema. A corte, entretanto, as vem utilizando com certa timidez.
b) A mais poderosa dessas armas é o efeito vinculante. Trata-se de dispositivo que permite ao Supremo editar súmulas fixando jurisprudência que deve obrigatoriamente ser seguida pelas instâncias inferiores da Justiça e pela administração pública.
c) Criado em 2004 e regulamentado dois anos depois, o mecanismo só foi utilizado em três ocasiões, nenhuma delas envolvendo conteúdo muito controverso.
d) Caminho semelhante segue o princípio da repercussão geral, que possibilita ao STF, recusar recursos extraordinários e agravos em ações com baixa relevância social, no entendimento da maioria dos ministros.
e) Associadas, a edição de novas súmulas vinculantes e a exclusão das matérias sem repercussão geral teriam o condão de livrar o Judiciário de milhares de processos

repetitivos, cujo desfecho já é conhecido de antemão.

(*Folha de S.Paulo*, 02.02.2008)

Gabarito da Prova Simulada 10

1-c, 2-b, 3-d, 4-c, 5-b, 6-a, 7-d, 8-e, 9-b, 10-d.

Prova Simulada 11

1. Assinale a asserção errada quanto aos sentidos e aos elementos linguísticos do trecho abaixo.

Quando se achava que o Brasil já tinha visto tudo o que poderia ver em matéria de impostos, aconteceu algo jamais ocorrido antes neste país: um imposto que existia deixou de existir. Impostos, como é bem sabido, podem mudar de nome, podem aumentar ou diminuir (em geral, aumentam), podem passar de uma esfera a outra dentro da administração pública, mas uma vez criados ficam aí para sempre. Eis que, justo às vésperas do Natal, o governo não consegue obter do Senado os votos de que precisava para manter viva a CPMF, "contribuição" que era obrigatória e que, sob o disfarce de "provisória", vinha tirando uma lasca de cada cheque emitido no país desde o remoto ano de 1996.

(J. R. Guzzo. O fim de uma mentira, *Exame*, 31.12.2007, p. 66)

a) A extinção de um imposto no Brasil é apresentada no texto como algo surpreendente, como um fato inusitado.
b) O emprego da expressão "como é bem sabido", no contexto em que está, dá a entender que a informação que vem a seguir não deve ser novidade para o leitor.
c) A oração "ficam aí para sempre" é substituível por: nunca deixam de existir, sem prejuízo do sentido original do texto.
d) O adjetivo "remoto" aplicado ao ano de 1996 favorece o entendimento de que o autor considera muito longo o tempo em que vigorou a CPMF.
e) O emprego das aspas em "contribuição" reforça o sentido de que a CPMF era essencial para a melhoria da saúde pública no Brasil.

2. Assinale a opção que completa, com correção gramatical, o espaço do texto abaixo.

O êxodo de jogadores de futebol brasileiros para o exterior é uma tendência difícil de ser revertida a curto prazo. O que se observa é ainda mais calamitoso. Eles estão partindo para qualquer timezinho do exterior cada vez mais cedo, cada vez mais novos, sejam bons ou não. Se os clubes _____ tantos atletas para pequenos times da Europa ou de outros continentes.

a) fossem mais bem administrados, não irão
b) fossem melhor administrados, não vão
c) forem mais bem administrados, não iriam
d) fossem mais bem administrados, não iriam
e) forem melhor administrados, não irão

3. Assinale a opção em que o trecho do texto adaptado do Valor Econômico, 11.01.2008, apresenta erro gramatical.

a) O resultado conjunto de estouro da bolha imobiliária e de uma bolha de crédito construída por empréstimos surpreendentemente generosos e amplos está sendo o corte da capacidade de endividamento do consumidor americano.

b) Recessão ou crescimento muito baixo — a economia americana parece condenada nos próximos trimestres a esta sina. À medida que se aprofundam a crise no mercado imobiliário residencial, seus efeitos se espalham por toda a economia.
c) Um dos grandes problemas é que os EUA acostumaram-se a essa via para crescer, deixando atrás de si um grande déficit no comércio e outro buraco nas contas públicas, ambos hoje cadentes.
d) A acentuada perda de fôlego da economia americana coloca desafios consideráveis para as autoridades monetárias. A arma tradicional da redução dos juros é agora de duvidosa eficácia e não pode ser usada livremente.
e) A desordem criada pelos grandes bancos no mercado de crédito teve como consequência perdas bilionárias em seus balanços. Ao que parece, há ainda muitos papéis invendáveis dentro das grandes instituições — mas fora dos balanços.

4. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

As perspectivas para o mercado agrícola continuam boas. Os preços internacionais estão (1) nível alto, (2) devem manter-se ao longo deste ano, em razão de fatores (3) o bom desempenho das economias dos países em desenvolvimento, o uso de matérias-primas agrícolas (4) produção de combustíveis e a redução da oferta de alguns produtos (5) problemas climáticos.

a) em um / em que / tais como / afim da / sob
b) em / a que / seja / na / causadores de
c) no / onde / tais / com a / sem
d) num / no qual / como / para a / por causa de
e) a / por que / com / em uma / por

5. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

Para incentivar o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio no Brasil, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva lançou o Prêmio ODM BRASIL. A iniciativa do governo federal em conjunto com o Movimento Nacional pela Cidadania e Solidariedade e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) vai selecionar e dar visibilidade (1) experiências em todo o país que estão contribuindo para o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), como (2) erradicação da extrema pobreza e (3) redução da mortalidade infantil. Os ODM fazem parte de um compromisso assumido, perante (4) Organização das Nações Unidas, por 189 países de cumprir (5) 18 metas sociais até o ano de 2015.

(*Em Questão*, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 390 — Brasília, 06 de janeiro de 2006)

a) a, à, à, a, às.
b) as, a, a, à, as.
c) às, à, a, à, às.
d) a, a, a, a, as.
e) as, a, a, à, às.

6. Assinale a opção em que o trecho foi transcrito com correção gramatical.

a) Mesmo com toda a turbulência nos mercados financeiros internacionais, os prognósticos

para a economia brasileira, em 2008 apontam para o crescimento.

b) Talvez não chegue ao patamar de 2007, pela necessidade de se conterem um pouco a demanda interna para evitar que a inflação derivada dos alimentos contamine outros preços.

c) Há dez anos, a situação seria totalmente diferente. O que mudou? Em primeiro lugar, o próprio perfil da economia mundial. Nações classificadas na categoria de emergentes conseguiram, de lá para cá melhorar significativamente o quadro de seus balanços de pagamento.

d) Mas a grande maioria dos analistas econômicos não acredita que o Brasil possa estar entre os países mais atingidos por uma crise financeira externa.

e) Aumentaram exportações, reduziram dívidas em valores absolutos ou relativos, ampliou as reservas cambiais, e se transformaram também em mercados relevantes dentro do comércio mundial.

(*O Globo*, 29.01.2008)

7. Assinale a opção que completa as lacunas do trecho abaixo, respeitando os princípios de coerência, correção gramatical e adequação vocabular.

O servidor envolvido na prática de (1) disciplinares, objeto de processo administrativo, (2) a respeito dos depoimentos das testemunhas, (3) o inquérito jungir-se ao princípio do contraditório.

(Disponível em: <http://www.cgu.gov.br/Publicacoes/RevistaCGU>.
Acesso em: 11 jan. 2008)

a) transgressões / tem de contrariar-se / em caráter de
b) infrações / há de ser notificado / em consequência de
c) inflações / deve tomar conhecimento / em virtude de
d) ilícitos / há que cientificar / em razão de
e) violações / tem de prevenir / em decorrência de

8. Assinale a asserção incorreta a respeito da organização das ideias do texto, seus sentidos e elementos linguísticos.

Seriam os furtos inconhos da espécie humana? Isso mesmo que deu para entender: inconhos, frutos que nascem pegados a outros. O trocadilho furtos/frutos saiu-me sem querer. Peço desculpas e repito a pergunta: nasceria o furto inconho, acoplado, pegado à espécie humana? Sim, porque as coisas que vemos aí, das mais humildes funções aos mais altos escalões, sugerem que o furto seja tão necessário quanto o oxigênio para a sobrevivência de nossa espécie.

(Eduardo Almeida Reis, Furtos inconhos, *Correio Braziliense*, 10.01.2008, p. 6)

a) Ao explicar o significado de “inconhos”, o autor está acionando a função metalinguística da linguagem.

b) Iniciar texto com pergunta, como acontece nesse texto, é um recurso estilístico que desobriga o autor de responder, deixando ao leitor o processamento mental da resposta.

c) Ocorre também trocadilho em: Na vida tudo passa, até uva passa.

d) Há segmentos no texto em que o autor se dirige diretamente ao leitor.

e) Ocorre comparação de igualdade no texto.

9. Abaixo estão recomendações para evitar o estresse. Assinale a opção na qual os

verbos estão conjugados, corretamente, na terceira pessoa do singular.

a) Saboreie a vida, dai mais valor a suas experiências.
b) Para e medite. Põe uma uva-passa na boca. Note textura, cheiro e sabor.
c) Invista em prazeres: ouça música, leia, dê-se o direito de não fazer nada.
d) Fique atenta à respiração. Inspira e expira lentamente.
e) Aprende a dizer não. Peça ajuda sempre que necessário.

(Cristina Nabuco, Para desacelerar, *Cláudia*, junho 2007, p. 227)

10. Assinale a opção em que o trecho do Editorial de O Estado de S. Paulo (14.01.2008 — com adaptações) foi transcrito com erro gramatical.

a) Estudos preliminares indicam que o setor de agronegócios alcançou, no ano passado, um saldo superior a US$ 50 bilhões em seu comércio exterior, sendo mais uma vez o grande responsável pelo bom desempenho da balança comercial do País.
b) Segundo a consultoria Tendências, com exportações de US$ 61 bilhões e importações de US$ 8,7 bilhões, o superávit do agronegócio brasileiro ficou em US$ 52,3 bilhões, bem superior ao saldo de toda a balança comercial, que ficou em US$ 40,04 bilhões.
c) É muito provável que também em 2008 o agronegócio tenha papel decisivo no desempenho da balança comercial brasileira, embora as empresas de consultoria já identifique alguns fatores que podem afetar o crescimento de suas exportações.
d) Entre 1994 e 2004, o agronegócio registrou continuamente saldos comerciais maiores do que o total da balança brasileira. A série foi interrompida em 2005 e 2006, quando seu superávit representou de 85% a 90% do superávit total.
e) Os bons preços dos principais produtos agroindustriais exportados pelo Brasil em 2007 devem manter-se em 2008, embora não sejam esperadas muitas altas expressivas.

Gabarito da Prova Simulada 11

1-e, 2-d, 3-b, 4-d, 5-d, 6-d, 7-b, 8-b, 9-c, 10-c.

Prova Simulada 12

Texto para as questões de 1 a 5.

Podemos distinguir dois tipos de processos imaginativos: o que parte da palavra para chegar à imagem visual e o que parte da imagem visual para chegar à expressão verbal. Com relação à arte literária, perguntemo-nos: como se forma o imaginário de uma época em que a literatura, já não mais se referindo a uma autoridade ou tradição que seria sua origem ou seu fim, visa antes à novidade, à originalidade, à invenção? Parece-me que, nessa situação, a questão da prioridade da imagem visual ou da expressão verbal (que é mais ou menos como o problema do ovo e da galinha) se inclina decididamente para a imagem visual. Entretanto, que futuro estará reservado à imaginação individual nessa que se convencionou chamar “a civilização da imagem”? O poder de evocar imagens *in absentia* continuará a desenvolver-se em uma humanidade cada vez mais inundada pelo dilúvio das imagens pré-fabricadas?

Antigamente, a memória visiva do indivíduo estava limitada ao patrimônio de suas experiências diretas e a reduzido repertório de imagens refletidas pela cultura; a possibilidade de dar forma a mitos pessoais nascia do modo pelo qual os fragmentos dessa memória se combinavam entre si em abordagens inesperadas e sugestivas. Hoje, somos bombardeados por uma quantidade de imagens tal, que não conseguimos mais distinguir a experiência direta daquilo

que vimos há poucos segundos na televisão.

Estamos correndo o perigo de perder uma faculdade humana fundamental: a capacidade de pôr em foco visões de olhos fechados, de fazer brotar cores e formas de um alinhamento de caracteres alfabéticos negros sobre uma página branca, de "pensar" por imagens. Penso em uma possível pedagogia da imaginação que nos habitue a controlar a própria visão interior sem sufocá-la e sem, por outro lado, deixá-la cair em confuso e passageiro fantasiar, mas permitindo que as imagens se cristalizem em forma bem definida, memorável, autossuficiente.

Seja como for, todas as "realidades" e as "fantasias" só podem tomar forma por meio da escrita, na qual exterioridade e interioridade, mundo e ego, experiência e fantasia aparecem compostos pela mesma matéria verbal; as visões polimorfas obtidas através dos olhos e da alma encontram-se contidas nas linhas uniformes de caracteres minúsculos ou maiúsculos, de pontos, de vírgulas, de parênteses; páginas inteiras de sinais alinhados, encostados uns nos outros como grãos de areia, representando o espetáculo variegado do mundo em uma superfície sempre igual e sempre diversa, como as dunas impelidas pelo vento do deserto.

(Ítalo Calvino. *Seis propostas para o próximo milênio*. Visibilidade. Tradução de Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, com adaptações)

1. De acordo com o desenvolvimento das ideias do texto, é correto afirmar que

a) a literatura atual contribui para a formação do imaginário dos indivíduos ao reportar-se fundamentalmente às tradições das quais se originou.

b) os segmentos "O poder de evocar imagens *in absentia*" e "a capacidade de (...) 'pensar' por imagens" são definições que o autor apresenta para uma única faculdade humana fundamental.

c) não havia, em épocas passadas, novidade nem criatividade na imaginação dos indivíduos, pois a memória visual destes era limitada às experiências diretas de cada um deles e ao mundo figurativo transmitido pela cultura.

d) o que se vê hoje na televisão passou a ser uma experiência direta do indivíduo com os acontecimentos, em contraposição ao grande número de imagens que fazem parte do cotidiano das pessoas.

e) o autor chega à conclusão de que a imagem predomina na atualidade e que, por isso, ela é o ponto de partida para a escrita.

2. No primeiro parágrafo, é apresentado o seguinte comentário entre parênteses: "que é mais ou menos como o problema do ovo e da galinha". Com esse comentário, o autor

a) imprime ao texto um tom misterioso, o que justifica o emprego de parênteses.

b) enfatiza sua hesitação ao comparar as discussões, o que se evidencia no emprego da expressão "mais ou menos".

c) compara a questão abordada no texto com outra estabelecida como tipicamente polêmica, ou seja, aquela acerca da qual é muito difícil se chegar a uma resposta consensual.

d) imprime relevância à inclinação da imaginação individual para a imagem na chamada "civilização da imagem".

e) antecipa que não apresentará opinião a respeito da questão que menciona, por ser controvertida.

3. Acerca da estruturação dos parágrafos e dos períodos do texto, assinale a opção

incorreta.

a) Um dos parágrafos é iniciado por um verbo no modo subjuntivo.
b) O primeiro período do segundo parágrafo contém um verbo na voz reflexiva recíproca.
c) No terceiro parágrafo, é apresentada uma proposta para se evitar o perigo anunciado no início desse parágrafo.
d) No último parágrafo, compõem-se enumerações por meio do emprego da vírgula e do ponto e vírgula.
e) Todos os parágrafos apresentam linguagem formal e todas as palavras do texto foram empregadas em seu sentido denotativo.

4. Assinale a opção em que a substituição da(s) palavra(s) sublinhada(s) pela(s) palavra(s) apresentada(s) entre parênteses não provocaria erro gramatical ou alteração nos sentidos do texto.

a) "o que parte da palavra para chegar à imagem visual e o que parte da imagem visual para chegar à expressão verbal" (aquele / aquele)
b) "Hoje, somos bombardeados por uma quantidade de imagens tal, que não conseguimos mais distinguir a experiência direta daquilo que vimos há poucos segundos na televisão" (porque)
c) "Penso em uma possível pedagogia da imaginação que nos habitue a controlar a própria visão interior sem sufocá-la" (mesma)
d) "todas as 'realidades' e as 'fantasias' só podem tomar forma por meio da escrita" (perante)
e) "encostados uns nos outros como grãos de areia" (por exemplo)

5. Assinale a opção em que, na alteração feita em trecho do texto, verifica-se o correto emprego do acento indicativo de crase.

a) A literatura já não mais se refere à autoridades ou tradições que seriam sua origem ou seu fim.
b) O poder de provocar imagens *in absentia* continuará a se desenvolver, à priori, em uma humanidade cada vez mais inundada pelo dilúvio das imagens pré-fabricadas?
c) A memória visiva do indivíduo estava limitada ao patrimônio de suas experiências diretas e à imagens refletidas pela cultura.
d) Penso em uma possível pedagogia da imaginação que nos controle à própria visão interior sem sufocá-la.
e) Seja como for, às realidades e às fantasias somam-se as leituras por meio da escrita.

6. Assinale a opção que apresenta um período escrito com correção gramatical.

a) Há, portanto, um conjunto grande de ocupações que cresceu e permaneceu à margem de um sistema de proteção legal, o que permite que empresas mantenham relações de trabalho informais com os profissionais que lhes prestam serviços.
b) Contudo, essas tendências verificadas na última década do século passado, representaram um retrocesso nas relações de trabalho, haja visto a prevalência de redução de custo nas metas traçadas pelas grandes empresas.
c) Vislumbra-se, todavia, um movimento crescente das empresas rumo as relações de trabalho ilegais, porquanto ainda informais, dado que a CLT, já obsoleta, apenas abriga os trabalhadores submetidos ao regime formal de trabalho.
d) Logo, é possível prever que, consoante o atual dinamismo da economia brasileira, a

legislação trabalhista, à partir deste momento, pode ser reformada, de maneira a incluir a proteção aos trabalhadores não assalariados.

e) Enfim, entendo que nunca assistiu-se no Brasil, afora o regime escravocrata, a relações de trabalho tão selvagens, quanto as representadas pela terceirização dos serviços, tendência que, gradativamente, impõe-se como predominante.

7. Assinale a opção que está de acordo com as regras de concordância nominal e verbal.

a) Apesar das campanhas governamentais em favor da legalidade das relações de trabalho, existe, ainda, no Brasil, muitos trabalhadores que, mesmo sendo assalariados, não tem carteira de trabalho, ou seja, se submetem a formas ilegais de trabalho.

b) Conforme análises de especialistas da área do trabalho, verificam-se, nas relações trabalhistas brasileiras, várias distorções que se originaram na ausência de legislação específica para determinadas ocupações no mundo do trabalho.

c) Fazem bem mais de 50 anos que foi promulgado, após muitas reivindicações dos trabalhadores, a CLT, mas ainda se observa, no Brasil, que muitas empresas resistem a cumprir seus deveres como empregadores de trabalhadores assalariados.

d) Os que defendem os direitos dos trabalhadores afirmam que devem haver, em nosso país, leis que disponham sobre as novas formas de trabalho autônomo e coíbam o estabelecimento de relações informais de trabalho por aqueles que detém poder de oferecer empregos.

e) Grande parte dos grandes empresários relutou em considerar ilegal ou informal, apesar das evidências em contrário, as relações de trabalho que eles mantêm com os chamados novos autônomos.

Atenção: As questões de números 8 a 10 baseiam-se no texto a seguir.

Por “imaginário” entendemos um conjunto de imagens visuais e verbais gerado por uma sociedade (ou parcela desta) na sua relação consigo mesma, com outros grupos humanos e com o universo em geral. Todo imaginário é, portanto, coletivo, não podendo ser confundido com imaginação, atividade psíquica individual. Tampouco se pode reduzir o imaginário à somatória de imaginações. Obviamente estas também se manifestam em quadros históricos, pois, mesmo ao imaginar, cada indivíduo não deixa de ser membro de uma sociedade e de seus valores objetivos e subjetivos. Porém, por englobar o denominador comum das imaginações, o imaginário as supera, interfere nos mecanismos da realidade palpável (política, econômica, social, cultural) que alimenta a própria imaginação.

Mais precisamente, o imaginário faz a intermediação entre a realidade psíquica profunda da sociedade (aquilo que os historiadores às vezes chamam de mentalidade) e a realidade material externa. Desta, o imaginário leva para a primeira os elementos que na longa duração histórica podem transformá-la; daquela, leva para a segunda as formas possíveis de leitura da sociedade sobre ela mesma. Neste trânsito circular, os instintos, os sentimentos, as sensações, traduzidos culturalmente, adaptam-se à realidade objetiva, e assim formulados são reprocessados pela realidade psíquica. Resultante do entrecruzamento de um ritmo histórico muito lento (mentalidade), com outro bem mais ágil (cultura), o imaginário estabelece pontes entre tempos diferentes. A modalidade do imaginário que foca sua atenção em um passado indefinido para explicar o presente é o que chamamos mito. Aquela que projeta no futuro as

experiências históricas do grupo — concretas e idealizadas, passadas e presentes — é ideologia. A terceira modalidade, que parte do presente na tentativa de antecipar ou preparar um futuro, que é recuperação de um passado idealizado, é utopia.

Naturalmente os limites entre essas formas de imaginário são movediços. Tais formas jamais existiriam historicamente em estado puro, e com frequência cada uma delas acaba por assumir as funções das outras. Diante disso, muitas vezes é preferível utilizar a denominação genérica — imaginário — às particulares (mito, ideologia, utopia), que encobrem recortes conceituais problemáticos. O importante é que toda sociedade é, ao mesmo tempo, produtora e produto de seus imaginários. Logo, a verdadeira história, aquela que considera o homem na sua complexidade e totalidade, encontra-se na articulação entre a realidade vivida externamente e a realidade vivida oniricamente.

(Hilário Franco Júnior. *Cocanha.* A história de um país imaginário.

São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 16-17)

8. No fragmento citado, Franco Júnior

a) alude à transformação das noções de *mito*, *ideologia* e *utopia*, destacando o paulatino processo de baralhamento por que elas passam no campo dos estudos históricos.
b) aponta os movimentos relevantes no processo de emergência do conceito contemporâneo de *imaginário*, realçando sua especificidade em face de conceitos mais genéricos.
c) concebe as questões terminológicas como secundárias em sua área de estudo, pois os conceitos com que nela se opera são movediços e impedem qualquer tentativa de especificação vocabular.
d) estabelece fronteiras e intersecções entre palavras do vocabulário corrente, deslocando-as para um específico quadro de reflexões — o da história.
e) propõe que sempre se observem as divergências assinaladas pelos termos *mito*, *ideologia* e *utopia*, a fim de preservar o rigor com que a história deve abordar a complexidade do homem.

9. De acordo com o texto,

a) as atividades psíquicas individuais estão desvinculadas do *imaginário*, na medida em que elas são o lugar de plena independência do sujeito, o autônomo domínio de vivências oníricas pessoais.
b) a *realidade palpável*, em suas diferentes manifestações, existe apenas em função do processo de interferência recíproca que se verifica entre *imaginário* e *imaginação*.
c) a realidade externa ao indivíduo é combustível das atividades psíquicas, e estas, por sua vez, colaboram para a conformação dos conjuntos de imagens compartilhados pelos diferentes grupos.
d) o termo *imaginário* é impreciso, pois não permite estabelecer hierarquias entre a realidade por ele nomeada e os outros modos de ordenação onírica do mundo, como aquele que recebe o rótulo de *mito*.
e) a verdadeira história leva em conta, mais do que os fatos objetivos, livres da interferência do imaginário, a dimensão dos sonhos individuais e coletivos que constituem a essência do ser humano.

10. No segundo parágrafo, o autor

a) defende que o imaginário, ao coordenar durações históricas longas e breves, costura, na dimensão onírica, cronologias que, na realidade palpável, seriam independentes.
b) retifica as informações contidas na abertura do texto, pois se dá conta da inadequação de tudo o que afirmou até ali.
c) estabelece uma tipologia para a realidade, ao cindi-la em universo psicológico interior e condições físicas de existência do indivíduo.
d) propõe que *instintos*, *sentimentos* e *sensações* sejam manifestações culturais, isto é, ocorrências adaptáveis à realidade psíquica e não à objetiva.
e) afirma que o trânsito entre a mente humana e a realidade, propiciado pelo imaginário, impede que se distingam as características de uma e outra.

Gabarito da Prova Simulada 12

1-b, 2-c, 3-e, 4-a, 5-e, 6-a, 7-b, 8-d, 9-c, 10-a.

Prova Simulada 13

1. Conforme as ideias do texto, assinale a opção correta.

O industrial brasileiro entrou em 2008 otimista, prevendo um bom nível de atividade para o primeiro semestre, segundo a sondagem recém-divulgada pela Confederação Nacional da Indústria (CNI).

A pesquisa foi realizada em 22 Estados, com executivos de 1.394 empresas, entre os dias 2 e 22 de janeiro. Este último detalhe é especialmente importante: a expectativa dos entrevistados, aparentemente, não foi afetada pelo noticiário sobre a crise internacional e sobre o risco de uma recessão nos Estados Unidos. A grande aposta, segundo o levantamento, é no dinamismo do mercado interno, porque há pessimismo quanto à evolução das exportações — mas essa avaliação já foi encontrada na edição anterior da sondagem, no trimestre anterior.

A boa disposição do empresariado foi confirmada pelos últimos números da Fiesp, distribuídos na quarta-feira, um dia depois de a CNI divulgar sua sondagem. No ano passado, o nível de atividade da indústria paulista foi 6,1% superior ao de 2006 e o dinamismo conservou-se até o último mês. Em dezembro, o nível de atividade ficou 7% acima do registrado um ano antes.

(*O Estado de S. Paulo,* 31.01.2008)

a) A crise internacional e o risco de recessão nos Estados Unidos afetaram a expectativa positiva do industrial brasileiro.
b) Desde o trimestre anterior à sondagem, os industriais já estavam otimistas em relação às exportações.
c) Os números divulgados pela Fiesp estão em desacordo com a sondagem divulgada pela CNI.
d) O nível de atividade da indústria paulista em 2007 não confirma o otimismo demonstrado pelos industriais para 2008.
e) Os entrevistados apostam no dinamismo do mercado interno e desacreditam na evolução das exportações.

2. Conforme as ideias do texto, assinale a opção correta.

O crescimento econômico, por si só, não tem sido suficiente para melhorar as condições no mundo do trabalho, nem mesmo para conter o aumento do número de desempregados (em

2006, o total de desempregados no mundo era de 187 milhões; no ano passado, apesar do crescimento de 5,2% da economia mundial, o total subiu para 189,9 milhões de pessoas). Daí, segundo a OIT, a necessidade de os governos agirem para assegurar que o progresso econômico se transforme num fator de inclusão social e não de aumento das desigualdades, como ocorre em muitos países. Na avaliação da OIT, a crise atual é diferente das anteriores. Esta surgiu no mundo industrializado e, ao contrário do que aconteceu com as crises da década passada, não afetou de maneira notável os demais países — pelo menos até agora. Não há, porém, nenhuma segurança de que esse quadro se manterá. A questão, diz a OIT, é como o mercado de trabalho em todo o mundo reagirá à redução da atividade econômica. "Este será o ano das incertezas", resumiu o Diretor-Geral da OIT.

(*O Estado de S. Paulo,* 29.01.2008)

a) O crescimento econômico melhora as condições no mundo do trabalho e contém o aumento do número de desempregados.
b) O crescimento de 5,2% da economia mundial assegurou a diminuição do número de desempregados.
c) O mercado de trabalho em todo o mundo reagirá de forma positiva à redução da atividade econômica nos países industrializados.
d) A atual crise que surgiu nos países industrializados afetou severamente outros países.
e) Em muitos países, o progresso econômico tem-se tornado um fator de aumento das desigualdades sociais.

3. De acordo com as ideias do texto, assinale a opção correta.

O rápido crescimento da economia mundial nos últimos anos gerou milhões de empregos, mas nem assim foi possível evitar o aumento do número de desempregados, porque a quantidade de vagas abertas não foi suficiente para abrigar todos os que chegaram ao mercado de trabalho no período. O que acontecerá ao longo de 2008, quando o desempenho econômico em todo o mundo deve ser pior do que o dos anos anteriores, ainda que não aconteça a recessão nos Estados Unidos? O resultado, de acordo com pesquisa que a Organização Internacional do Trabalho (OIT) acaba de divulgar, pode ser o acréscimo de 5 milhões de pessoas ao contingente de desempregados em todo o mundo.

O informe anual da OIT *Tendências Mundiais do Emprego* faz uma avaliação prudente do quadro econômico atual. Mesmo o aumento do número de desempregados que projeta para este ano não chega a ser estatisticamente relevante. No ano passado, cerca de 3 bilhões de pessoas estavam empregadas em todo o mundo. Os desempregados, de acordo com a OIT, representavam 6% da força de trabalho total. Se em 2008 o número de desempregados aumentar em 5 milhões, o índice subirá para 6,1%, variação muito pequena.

Mas a questão não é meramente estatística. O desemprego já atinge quase 200 milhões de pessoas e suas famílias. Além disso, a falta de emprego não é o único problema que afeta os trabalhadores e suas famílias no mundo inteiro. Boa parte dos que integram o grupo dos empregados vive em situação muito difícil.

(*O Estado de S. Paulo*, 29.01.2008)

a) O problema do desemprego foi resolvido pelo rápido crescimento da economia mundial nos últimos anos.
b) Se houver um acréscimo de 5 milhões de desempregados, o índice mundial de desemprego

ficará em torno de 6,1% da força de trabalho total.

c) A Organização Internacional do Trabalho prevê que o contingente de desempregados no mundo chegue a 5 milhões de pessoas.

d) A situação dos trabalhadores empregados é em geral muito satisfatória.

e) A quantidade de vagas abertas foi suficiente para abrigar todos os que chegavam ao mercado de trabalho.

4. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto, adaptado de O Estado de S. Paulo, 05.02.2008.

Os resultados do trabalho de fiscalização da Receita Federal no ano passado impressionam. Por práticas de "evasão fiscal" — (1) sonegação de impostos, apuração indevida de impostos e contribuições a serem recolhidas, erros e omissões nas declarações do Imposto de Renda, entre outras —, a Receita autuou no ano passado 522 mil contribuintes, (2) pessoas jurídicas e físicas, 42% (3) número de autuações emitidas em 2006. Mais notável ainda é o aumento do valor das autuações. Elas totalizaram R$ 108 bilhões, 80% mais do que o total do ano anterior. O combate rigoroso (4) sonegação de qualquer tipo é dever da Receita e uma demonstração de respeito (5) contribuintes que cumprem rigorosamente suas obrigações com o Fisco. O uso de mecanismos mais eficazes nesse trabalho reduz substancialmente a margem para a sonegação e para outros atos considerados ilícitos pela Receita e pela Justiça, (6) resulta em aumentos de arrecadação que, pelo menos em tese, poderiam abrir o caminho para a redução do peso dos impostos, taxas e contribuições sobre as finanças dos contribuintes honestos.

a) como; entre; mais do que o; à; aos; e.

b) sejam; sejam; maior que; contra a; com os; porém.

c) tais como; as; do; da; pelos; entretanto.

d) seja; ou; mais que o; a; para com; mas.

e) por exemplo; de; pelo; pela; nos; porque.

5. Assinale a opção em que o trecho do texto de O Globo, 31.01.2008, foi transcrito com erro gramatical.

a) A acumulação de superávits primários nas contas públicas, uma política que teve início no último trimestre de 1998, depois do abalo causado na economia brasileira por uma crise financeira que teve seu estopim na Rússia, vem dando frutos nos últimos anos, com redução do déficit e da dívida da União, estados, municípios e companhias estatais em relação ao PIB.

b) Em 2008, segundo dados do Banco Central, a dívida líquida do setor público recuou para o equivalente a 42,8% do Produto Interno Bruto, o mais baixo percentual apurado desde 1999. E o déficit total do setor público, no valor total de R$ 58 bilhões, caiu para 2,27% do PIB.

c) Com a redução de suas necessidades de financiamento, o setor público pode renovar mais facilmente seu endividamento, e, nesse caso, o mercado tende a aceitar o pagamento de taxas de rentabilidade mais baixas para os títulos do Tesouro.

d) Para 2008, o Banco Central projeta nova queda na dívida líquida, e queda também do déficit, que encolheria para 1,2% do PIB. Mantendo essa tendência, ao fim de 2009 ou no decorrer de 2010, o déficit desapareceria, equilibrando-se as contas públicas e estancando-se completamente o crescimento da dívida.

e) A diminuição da dívida como proporção do PIB, assim como do déficit público total, significa que o Estado passou a avançar menos sobre os recursos disponíveis para financiar o setor privado. Isso viabiliza a ampliação dos investimentos, que pode ser financiado pelo aumento da poupança interna.

6. Assinale o trecho do texto, adaptado de O Estado de S. Paulo, 06.02.2008, que apresenta erro gramatical.

a) Turistas estrangeiros gastaram no Brasil, conforme os registros do Banco Central, o valor recorde de US$ 4,953 bilhões no ano passado, 14,7% mais do que em 2006.
b) Não se estranhe, pois, que o déficit na conta do turismo tenha mais que dobrado, passando de US$ 1,448 bilhão para US$ 3,258 bilhões.
c) Ainda assim, o balanço cambial do turismo piorou, pois as despesas de brasileiros no exterior aumentaram 42% entre 2006 e 2007, passando de US$ 5,764 bilhões para US$ 8,211 bilhões.
d) Real valorizado e aumento do emprego e da renda são fatores que estimularam as viagens dos brasileiros ao exterior, ao contrário do que ocorreu com os turistas que vem ao Brasil, que pagaram suas despesas com dólares desvalorizados.
e) O que não se justifica é o fato de o Brasil ocupar um modestíssimo 59º lugar entre os 124 países pesquisados pelo Fórum Econômico Mundial, de Davos, no ano passado. E que o setor de turismo tenha um peso tão pequeno na atividade econômica do País, da ordem de 2,8% do PIB, ante cerca de 11% em Portugal e na Espanha.

7. Os trechos a seguir constituem um texto adaptado de Zero Hora (RS), 11.02.2008. Assinale a opção que apresenta erro gramatical.

a) Os mundos cultural, econômico, financeiro e até rural giram em torno do que ocorre nessas concentrações que, pelo menos desde a Idade Média, foram adquirindo feição própria e mostrando problemas específicos.
b) A concentração mundial das populações nas cidades, fenômeno historicamente recente, torna essas aglomerações o centro nervoso das sociedades. A problemática das cidades concentra a própria problemática da sociedade.
c) As cidades são o cenário cada vez mais exclusivo em que, pelo desejo de progresso das sociedades, se realiza os direitos e se concretiza a ambição democrática e republicana de tratar a todos igualmente.
d) Questões como a educação, o trabalho, o lazer, o convívio, a assistência social, a produção ambiental, o transporte, entre muitíssimas outras, têm nas cidades suas expressões mais agudas. Desenvolvimento sustentável é uma expressão que faz sentido para os planejadores das cidades de hoje e de amanhã.
e) Para metrópoles europeias ou norte-americanas, essa expressão pode significar uma preocupação fundamental na preservação do ambiente, ao passo que para os demais continentes ela tem um sentido social inevitável, voltado para a necessidade de superação de gargalos sociais e para a conquista de patamares mínimos de dignidade.

8. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

O Brasil encerrou o ano de 2007 com (1) resultados animadores. O País conseguiu gerar mais de (2) 1,6 milhão de postos de trabalho. Acerca de (3) 42% foram empregados com carteira de trabalho assinada no setor privado. O desemprego nas regiões metropolitanas ficou em

torno de (4) 9,5%, ante (5) 10% em 2006. Os rendimentos médios subiram cerca de 3% em termos reais. Em quatro anos o aumento foi de quase 8%.

(*José Pastore, O Estado de S. Paulo,* 05.02.2008)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

9. A norma culta da Língua Portuguesa está plenamente respeitada em:

a) Ao divulgar os resultados, eles cometeram um grande deslise: deixaram de dar os créditos e agradecerem aos historiadores que acessoraram na busca dos dados contextuais da pesquisa.
b) A ideia de diferençar ideologia de utopia, estabelecendo que uma e outra promovem conjunções específicas das instâncias temporais, é o principal mérito do texto.
c) Visto as circunstâncias em que os termos devem ser compreendidos, precavejam-se empregando o mais abrangente.
d) Muitos não interviram na discussão por acreditar que dela não se tiraria resultados proveitosos para a atuação prática na área de historiografia.
e) Aquelas discussões filosóficas nos entreteram por horas a fio, ainda que não tivessem haver com nossas pesquisas específicas.

10. O texto está clara e corretamente redigido em:

a) O imaginário é inseparável do homem e lhe segue em todos os seus atos; é o instrumento graças o qual o indivíduo modela o seu pensamento, seus sentimentos, emoções, esforços e vontades, o instrumento onde ele influencia e é influenciado, a base última e mais profunda da sociedade.
b) Antes de o primeiro despertar de nossa conciência, o imaginário já ressoava, a volta de nós, pronto para envolver os primeiros germes frágeis de nosso pensamento e a nos acompanhar inseparavelmente através do nosso existir. Ele está conosco desde às mais humildes ocupações da vida cotidiana até aos momentos mais sublimes.
c) Sem dúvida, acredita-se, quando trata-se da técnica interna de comparação de imaginários, estar lidando-se com o mesmo, mas isso é ilusão. Não é o próprio imaginário, mas seus *disiecta membra*, as imaginações, que impedem apreender a totalidade transcendental que é o primeiro.
d) O imaginário não poderia ser descrito como simples sistema de imagens, posto que a finalidade que o atribuímos, por suposição, faz dele, antes de mais nada, um sistema de representação, que diferencia, conforme a estrutura interna, dos demais.
e) Percebe-se que o imaginário deve ser analisado de um modo particular em cada uma das comunidades consideradas, o que só se pode compreender da seguinte forma: ele é ordenado, articulado, formado de modos diferentes segundo as diferenças culturais.

Gabarito da Prova Simulada 13

1-e, 2-e, 3-b, 4-a, 5-e, 6-d, 7-c, 8-c, 9-b, 10-e.

Prova Simulada 14

1. Assinale a substituição necessária para tornar o texto gramaticalmente correto.

A defesa do ambiente é um daqueles temas que, no discurso, todos apoiam. Mas basta colocar, de um lado, a chance de auferir lucros e, de outro, a preservação das florestas, para se verificar o quão frágil é o compromisso com esta última. Esse fenômeno se dá em praticamente todos os níveis, desde o mau fiscal do Ibama que fecha os olhos para crimes ambientais em troca de propina até o grande agricultor que não hesita em torcer as normas jurídicas para extrair delas a interpretação que o permita desflorestar a maior área possível.

(Adaptado de *Folha de S.Paulo*, 21.06.2005, Editorial)

a) apoiam > apóiam
b) auferir > obter
c) quão > quanto
d) mau > mal
e) o > lhe

2. Assinale a opção incorreta em relação às estruturas do texto.

É natural que cada grupo procure fazer valer os seus interesses. O problema do desmatamento é que ele é a expressão de uma visão predatória e de curto prazo que vai de encontro à lei e ao interesse geral da nação. É fundamental, portanto, encontrar fórmulas sustentáveis que aliem desenvolvimento e preservação dos recursos naturais do país.

(*Folha de S.Paulo,* 21.06.2005, Editorial)

a) O emprego do subjuntivo em “procure” justifica-se por expressar uma possibilidade de ação.
b) O pronome “ele” retoma a ideia de “desmatamento”.
c) A expressão “vai de encontro à” equivale semanticamente a vai ao encontro da.
d) A conjunção “portanto” pode iniciar corretamente o período, com ajustes nas maiúsculas e minúsculas e na colocação das vírgulas.
e) A substituição de “encontrar” por que sejam encontradas mantém a correção gramatical do período.

3. O trecho abaixo contém erros no que respeita ao emprego da norma gramatical padrão. Para saná-los, foram propostas seis alterações. Analise-as e responda ao que se pede.

Nas últimas décadas, a intensificação das pesquisas de opinião e a ampliação da divulgação, pelos meios de comunicação (dos quais merece destaque a televisão, em particular), do que acontece no cenário econômico serviu para mostrar que “as expectativas” dos indivíduos interveem nos resultados das medidas econômicas. Se o trabalhador crê que a economia vai crescer, ele procura um emprego com vantagens superiores às do seu emprego anterior. Do mesmo modo, se o empresário acredita no crescimento futuro, faz investimentos para ampliar seu negócio.

Alterações propostas:

I. Nas linhas 3 e 4, substituir “dos quais” por: dentre os quais.
II. Na linha 6, conjugar o verbo “servir” na 3ª pessoa do plural.
III. Inserir uma vírgula após o sintagma “cenário econômico” (linhas 5 e 6).
IV. Passar o verbo “ir” para o presente do subjuntivo (linha 9).

V. Substituir a forma verbal “interveem” por: interferem (linha 7).

VI. Na linha 11, substituir a combinação “às do” por: as de.

As alterações que efetivamente contribuem para eliminar erros gramaticais do trecho são:

a) I, II, IV, V e VI
b) II e V
c) II, IV, V e VI
d) I, III, IV e VI
e) III, IV e V

4. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e indique a sequência correta.

( ) Por exemplo: os regimes de câmbio, hoje, são diferenciados, e as moedas de cada país-membro têm trajetórias, às vezes, muito distintas uma das outras, causando desequilíbrios que afetam a competitividade das empresas.

( ) Como superar essa dificuldade? No futuro, os bancos centrais do Mercosul precisarão promover ação mais coordenada. Sistemas tributários terão de ser ajustados. E os mercados de crédito não poderão limitar-se às fronteiras nacionais.

( ) Como instrumento de integração econômica do Cone Sul, ainda há um longo caminho a percorrer pelo Mercosul, até porque os países-membros têm de concluir processos de ajustes internos que lhes permitam, mais adiante, ter políticas articuladas.

( ) São avanços que exigem tempo e amadurecimento político. Pelos passos já dados, o Mercosul está predestinado a avançar, e não voltar atrás.

( ) Dessa forma, no lugar de complementaridade do sistema produtivo, capaz de proporcionar ganhos de escala para a conquista de terceiros mercados, a competição se acirra dentro do próprio bloco, gerando atritos.

(*O Globo*, 22.06.2005, Editorial)

a) 2º, 4º, 1º, 5º, 3º
b) 3º, 2º, 1º, 5º, 4º
c) 4º, 3º, 2º, 1º, 5º
d) 3º, 2º, 1º, 4º, 5º
e) 5º, 1º, 3º, 4º, 2º

5. Assinale a opção gramaticalmente incorreta.

a) As pesquisas costumam colocar a mídia, os bancos e as igrejas entre as instituições que teriam mais credibilidade, enquanto os governos, os parlamentos e os partidos estariam entre os mais mal avaliados.
b) Os teóricos da nova tendência buscam apoiar-se nas pesquisas para fortalecer suas teses.
c) Alegam que a política é dominada por questões de curto prazo e de caráter eleitoral, enquanto o Banco Central encara questões de longo prazo, de maior profundidade, que exigem capacidade técnica de decisão.
d) As taxas de juros, as políticas monetárias, a questão da inflação estariam entre as matérias que deveriam ser definidas em nível técnico.
e) O mesmo aconteceria com temas como os do meio ambiente, da previdência, da saúde, da

educação, que deveriam estar submetidos à especialistas.

(Adaptado de Emir Sader, *Jornal do Brasil*, 19.06.2005)

6. Assinale a opção em que ambas as propostas apresentadas completam as lacunas do trecho abaixo com correção gramatical, coesão e coerência textuais.

Enquanto houver falta de força de trabalho, (a), os novos direitos conquistados se efetivam para a quase totalidade dos assalariados. Mas a situação muda completamente (b) e (c). Nessas fases da conjuntura, a competição pelos poucos empregos disponíveis faz com que (d), o que só podem fazer trabalhando como "informais". É o que estamos assistindo hoje no Brasil: (e), um número ainda maior trabalha sem registro e sem os direitos consignados na CLT.

(Paul Singer, *Folha de S.Paulo*, 30.04.2005)

a) 1. que caracteriza períodos de intenso crescimento econômico
2. que distingue-se a economia em ritmo de aceleração
b) 1. quando a economia estagna
2. nos períodos em que a economia para de crescer
c) 1. grande número de trabalhadores é atingido pelo desemprego
2. grande número de trabalhadores são atingidos pela falta de emprego
d) 1. os trabalhadores sujeitem a renunciar aos direitos obtidos em lei
2. os trabalhadores se disponham a abrir mão de seus direitos legais
e) 1. ademais de muitos trabalhadores estejam desempregados
2. além de muitos trabalhadores estarem desempregados

7. Assinale a opção que apresenta a ideia principal do trecho abaixo.

Gente bem qualificada é um ativo com importância cada vez mais óbvia. Nestes primeiros anos do novo milênio, passados os solavancos provocados pelas reestruturações, fusões, aquisições, trocas de mão de obra por tecnologias e com a estrada pavimentada pelas crescentes exportações de produtos nacionais — alimentos, bebidas, couros, têxteis, sucos, calçados e vestuário —, a indústria brasileira de bens de consumo busca avidamente capitais humanos de alta qualidade para suas necessidades presentes e futuras. As empresas mais conscientes de que tais carências podem afetar a sustentação do crescimento acelerado do setor têm bastante claro que a gestão do capital humano, numa perspectiva temporal de longo prazo, é tão crítica para o êxito empresarial quanto dispor de fundos a custos competitivos, tecnologia avançada e clientes satisfeitos. Gente bem qualificada e motivada é um ativo cuja importância é cada vez mais óbvia para os que investem na indústria de bens de consumo e fator decisivo para se obter níveis de desempenho diferenciados.

(Francisco I. Ropero Ramirez, *Gazeta Mercantil,* 22.06.2005)

a) No novo milênio, já passaram os solavancos provocados pelas reestruturações, fusões e aquisições.
b) No início deste milênio, houve troca de mão de obra por tecnologias, fator decisivo para a sustentação do crescimento das empresas.
c) As exportações de produtos nacionais — alimentos, bebidas, couros, têxteis, sucos, calçados e vestuário — estão em franco crescimento.
d) No mundo empresarial, é importante dispor de fundos a custos competitivos, tecnologia

avançada e clientes satisfeitos.

e) Gente bem qualificada e motivada, ativo cuja importância é óbvia, é fator decisivo para que sejam obtidos níveis de desempenho diferenciados.

8. Assinale a opção gramaticalmente correta.

a) O capital humano precisa ter as capacitações necessárias para competir, liderar e cumprir as expectativas de um mercado, hoje cada vez mais exigente. Naturalmente, as empresas líderes do setor, já perceberam isso, e alguns conhecem suas prioridades para a gestão de pessoas num mercado em disputa globalizada.

b) Ao que tudo indica, pelo ritmo de investimento, aquelas empresas que tardarem em dar-se conta disso ficará irremediavelmente para trás.

c) A ênfase em capital humano pode ser explicada, em parte, pela acelerada geração de novas tecnologias e de conhecimentos e pelas transformações vividas pela indústria de bens de consumo em todo o mundo.

d) A administração de tais conhecimentos em contínuo desenvolvimento é e continuará a ser importante diferencial competitivo. A indústria de bens de consumo, assim como outros setores altamente competitivos, já superou a muito tempo o foco nos processos e nas transações.

e) Hoje o setor se caracteriza, sim, por processos industriais complexos, alto investimento em pesquisa e desenvolvimento, mas é sobretudo em suas estratégias mercadológicas e de distribuição que se encontra os avanços mais notáveis.

(Adaptado de Francisco I. Ropero Ramirez, *Gazeta Mercantil,* 22.06.2005)

9. Assinale a versão do texto que apresenta truncamento sintático.

a) Só uma reforma política com a participação da população, baseada em princípios éticos e democráticos, poderá atender as reais necessidades da sociedade. O estabelecimento da lista partidária fechada, o financiamento público e o fortalecimento dos partidos, a discussão do pacto federativo e da representação dos Estados no Congresso Nacional e a reforma do Estado são pontos importantes para a reforma política de que necessitamos.

b) Só uma reforma política, baseada em princípios éticos e democráticos, com a participação da população, poderá atender às reais necessidades da sociedade. Entre os pontos importantes para a reforma política de que necessitamos, estão o estabelecimento da lista partidária fechada, o financiamento público e o fortalecimento dos partidos, a discussão do pacto federativo e da representação dos Estados no Congresso Nacional e a reforma do Estado.

c) Só poderá atender as reais necessidades da sociedade uma reforma política com a participação da população, baseada em princípios éticos e democráticos. São pontos importantes para a reforma política de que necessitamos: o estabelecimento da lista partidária fechada, o financiamento público e o fortalecimento dos partidos, a discussão do pacto federativo e da representação dos Estados no Congresso Nacional e a reforma do Estado.

d) O estabelecimento da lista partidária fechada, o financiamento público e o fortalecimento dos partidos, a discussão do pacto federativo e da representação dos Estados no Congresso Nacional e a reforma do Estado são pontos importantes para a reforma política de que necessitamos. Só uma reforma política com a participação da população, baseada

em princípios éticos e democráticos, poderá atender às reais necessidades da sociedade.

e) Só uma reforma política com a participação da população, poderá atender às reais necessidades da sociedade, baseada em princípios éticos e democráticos. Alguns pontos importantes para a reforma política de que necessitamos quais sejam: o estabelecimento da lista partidária fechada, o financiamento público e o fortalecimento dos partidos, a discussão do pacto federativo e da representação dos Estados no Congresso Nacional e a reforma do Estado.

(Adaptado de cardeal Dom Geraldo Majella Agnelo, *Folha de S.Paulo*, 21.06.2005)

10. Os segmentos transcritos abaixo são partes sequenciadas de um texto. Aponte o segmento inteiramente correto quanto à organização sintática, emprego dos sinais de pontuação e propriedade no uso dos vocábulos.

a) Ética dos políticos soa, para a maioria de nossos concidadãos, como um oxímoro. Seria uma ética com desconto, deficitária, complacente, ante à verdadeira ética: a da vida privada.

b) Esse é um fenômeno brasileiro (em nosso país, as virtudes são privadas, e os vícios, públicos), de Terceiro Mundo (idem) e, cada vez mais, mundial (ibidem). Vivemos a descrença na ágora, no espaço público.

c) Ao político depreciado, chama-se maquiavélico. No meio milênio que se passou desde "O Príncipe", Maquiavel simbolizou o político sem escrúpulos na expressão, que não é dele, segundo o qual os fins justificariam os meios.

d) Numa leitura "moderna" de Maquiavel, podem-se discernir uma ética com vistas a resultados de outra que respeita os valores. A primeira seria uma ética da responsabilidade; a segunda de princípios. Políticos consideram os resultados prováveis de suas ações. Cientistas estimam os valores.

e) Por extensão, passou-se a transferir o que se aplicam aos cientistas para os homens privados em geral: as exigências de respeito a valores incondicionais valem mais a indivíduos privados do que a homens públicos, do qual é axioma a famosa frase de Mandeville: "Vícios privados, benefícios públicos".

(Renato Janine Ribeiro, *Folha de S.Paulo,* 17.07.2005, com modificações)

Gabarito da Prova Simulada 14

1-e, 2-c, 3-b, 4-a, 5-e, 6-c, 7-e, 8-c, 9-e, 10-b.

Prova Simulada 15

1. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

O princípio que nortea (1) o Mercosul é muito simples: a união faz a força. Separados, os países desta região do planeta certamente teriam (2) hoje menos voz e poder de barganha nas negociações multilaterais que vêm (3) definindo as regras do comércio internacional. E, sem objetivo comum, continuariam (4) nutrindo rivalidades regionais sem sentido. Como acordo de livre comércio, o Mercosul é um sucesso, pois (5) gerou intercâmbio considerável entre os países membros e os associados.

(*O Globo*, 22.06.2005, Editorial, com adaptação)

a) 1

b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

2. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia.

Diante da atual mediocridade da representação política, é necessária (1) a participação e a organização da sociedade, operando uma profunda mudança em nossa cultura política. Quanto maior (2) o individualismo, mais frágeis são os governos. As regras formais constitucionais não são suficientes para freiar (3) os vícios exacerbados (4) pelo poder. As organizações da sociedade devem ter o poder de vigiar e cobrar prestação de contas. Por isso, em vez de desacreditar da política, devemos agir em corresponsabilidade, com coragem, lucidez e discernimento (5) num grande mutirão para abrir caminho para um país democrático, justo, desenvolvido e pacífico.

(Adaptado de cardeal Dom Geraldo Majella Agnelo, *Folha de S.Paulo*, 21.06.2005)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

3. Assinale a opção que não constitui continuação coesa, coerente e gramaticalmente correta para o texto abaixo.

A oportunidade e a ameaça encontram-se no mesmo ponto: o imperativo de fazer da causa verde tema central, não periférico, de nossa estratégia de desenvolvimento. Para isso, um futuro governo brasileiro deve comprometer-se com a promoção de todo o espectro de biotecnologias, desde as energéticas até as medicinais. Na fidelidade a esse compromisso, deve

a) recorrer, sem dogma, tanto à iniciativa privada quanto ao empreendimento público, assegurando neste critério de concorrência econômica, gestão profissional, autonomia decisória (com participação das populações diretamente atingidas) e experimentalismo institucional e técnico.
b) promover o que convém em todas as áreas da economia depende da multiplicação de elos diretos entre os setores mais avançados e os mais atrasados de nossa produção e de nossa força de trabalho, cada um desses elos como uma fonte ao mesmo tempo de empregos novos e de ganhos de produtividade nos empregos existentes.
c) começar a comercializar os produtos dessas iniciativas, em todo o mundo, não sob o controle de multinacionais, mas sob nosso controle, como resultados e recursos de um modelo de industrialização e de desenvolvimento que interessará a muitos.
d) desenvolver a Amazônia não como parque ou como cenário de uma atividade agropastoril ou extrativa predatória e autodestrutiva, mas como grande laboratório coletivo desse experimento nacional.
e) organizar a proteção do ambiente em todo o país, fora dos parques nacionais, para não ficar no regime binário: parque ou vale-tudo. E deve transformar esse encontro do brasileiro com a natureza brasileira em palco privilegiado do aprofundamento de nossa democracia,

mostrando como se podem conjugar perícia técnica, realismo econômico e participação social.

(Adaptado de Roberto Mangabeira Unger, *Folha de S.Paulo*, 21.06.2005)

4. Aponte a opção que finaliza com correção gramatical o trecho abaixo.

O desenvolvimento científico e tecnológico tem, de fato, uma coerência imanente fundamental. O seu temido desvirtuamento decorre sempre de fatores acidentais, alheios portanto à sua lógica intrínseca e fatal que, levada às últimas consequências, é sempre a favor e não contra o homem, porquanto não somente somos parte integrante do processo, mas o seu remate. Se a televisão, por exemplo, pode revelar-se aborrecida ou nociva, _____.

(Lúcio Costa, *O novo humanismo científico e tecnológico*)

a) não é que o deve ser necessariamente, mas porque o critério do seu emprego a torna assim.
b) não é que deva sê-lo necessariamente, mas por que o critério do seu emprego a torna assim.
c) não é porque seja-o necessariamente, mas por que o critério do seu emprego torna-a assim.
d) não é que a deve ser necessariamente, mas porque o critério do seu emprego torna-a assim.
e) não é que deve sê-la necessariamente, mas por que o critério do seu emprego torna-a assim.

5. Assinale o parágrafo gramaticalmente correto e dotado de organização sintática irrepreensível, a constar de um relatório elaborado no âmbito da Administração Pública, que visa justificar o aumento nas despesas com horas extras verificado em determinada Secretaria.

a) Em consequência da necessidade de disponibilização de tempo para os trabalhos preparativos da participação de nossa instituição na Mostra de Publicações Oficiais, a ser realizada em setembro, no Rio, o que gerou um natural acúmulo de trabalho nas atividades da competência de cada Serviço desta Secretaria de Administração de Pessoal, o Diretor de Pessoal ampliou a jornada diária de trabalho, por mais duas horas, para realizarem serviço extraordinário nos dias não úteis desse mês.
b) A necessidade de dispor de mais tempo para os trabalhos relativos a participação de nossa instituição na Mostra de Publicações Oficiais, que será realizada em setembro, no Rio, além do trabalho rotineiro desta Secretaria, nossos servidores tiveram de enfrentar acúmulo de trabalho nas atividades que competem a cada Serviço, o que os levou a ampliar a jornada diária de trabalho por mais duas horas, contabilizadas como hora extra.
c) Em contrapartida aos trabalhos relativos a participação de nossa instituição na Mostra de Publicações Oficiais, em setembro próximo, no Rio de Janeiro, que gerou um previsível acúmulo de trabalho nas atividades de competência de cada Serviço desta Secretaria de Administração de Pessoal, o Diretor de Pessoal autorizou a ampliação da jornada diária de trabalho, por mais duas horas, e a convocação de mais servidores para a realização de serviço extraordinário nos dias não úteis.
d) Consciente da necessidade de os servidores desta Secretaria de Administração de Pessoal despenderem tempo adicional voltado para os preparativos da participação de nossa

instituição na Mostra de Publicações Oficiais, a ser realizada em setembro, no Rio, o Diretor de Pessoal autorizou a ampliação da jornada diária de trabalho, nos dias úteis de agosto, por mais duas horas, bem como convocou servidores da Secretaria para realizarem serviço extraordinário nos dias não úteis desse mês.

e) Tendo em vista o acúmulo de trabalho gerado nesta Secretaria devido à participação de nossa instituição na Mostra de Publicações Oficiais, a ser realizada em setembro, no Rio, o que fez sobrepor às atividades de competência de cada Serviço da Secretaria de Administração de Pessoal, o Diretor de Pessoal houve por bem ampliar a jornada diária de trabalho, por mais duas horas, e autorizar a realização de horas extras nos dias não úteis do mês findo.

6. Assinale a opção que está de acordo com as ideias do texto abaixo.

Infelizmente, há muitas pessoas que ingressam na política para facilitar seus negócios, defender interesses escusos ou mesmo obter imunidade parlamentar para encobrir delitos e crimes. Com meios suficientes para financiar as despesas da campanha eleitoral, essas pessoas, muitas vezes, conseguem êxito e não se submetem ao controle da disciplina partidária. Essas são as figuras que dão à política a conotação de atividade indigna, senão imoral. Dois outros fatores abrem campo para a corrupção: a facilidade para a criação de novos partidos e o excessivo número de cargos em comissão. A pulverização de partidos leva a recorrer-se à troca de votos por concessões e favorecimentos nem sempre de interesse coletivo. Já os quase 30 mil cargos preenchidos por nomeação política pouco contribuem para a coordenação das políticas públicas do governo, porque se tornam moeda de troca para a aglutinação partidária e a formação da base de apoio. Nosso atual sistema presidencial, de fato, foi concebido para atender aos anseios dos donos do poder e não para viabilizar políticas de bem-estar social. Urge, pois, uma reforma política radical conforme as exigências éticas de uma democracia, que inclui, além da representatividade política, o atendimento das demandas sociais e econômicas do povo.

(Cardeal Dom Geraldo Majella Agnelo, *Folha de S.Paulo*, 21.06.2005)

a) Os cargos em comissão são preenchidos por nomeação, o que favorece a aglutinação partidária e a formação da base de apoio.

b) A pulverização de partidos permite a representação popular mais ampla e o atendimento aos interesses coletivos.

c) Há três fatores que favorecem a corrupção: pessoas que ingressam na política com interesses pessoais escusos, facilidade de criação de partidos e excessivo número de cargos em comissão.

d) O atual sistema presidencial foi idealizado para viabilizar políticas de bem-estar social e não para atender aos anseios dos donos do poder.

e) Uma reforma política radical deve ser postergada para que obedeça às exigências éticas de uma democracia.

7. Assinale a opção que apresenta trecho do texto com erro gramatical.

a) Mais do que nunca, a indústria do seguro precisa desenvolver produtos que busquem essencialmente a eficácia.

b) É preciso que os segurados tenham convicção de que tomaram a medida certa ao decidirem pelo seguro e estejam permanentemente confiantes de que, quando precisarem,

terão suas necessidades atendidas.

c) Para isso, é necessário que a comunicação seja cada vez melhor, aprimorando constantemente a relação de confiança que deve existir entre as partes.

d) Também os compradores de seguros, os segurados, precisam entender o seguro na sua essência para fazer uso, de maneira correta e na medida certa, do serviço que contratou, não esperando nem mais nem menos do que têm direito.

e) Em síntese, as relações entre segurados, seguradoras e todos os que operam o segmento precisam ser cada vez mais positivas, transparentes, éticas em todos os sentidos, voltadas para o aperfeiçoamento dessa extraordinária instituição chamada seguro.

(Adaptado de Mauro César Batista, *Gazeta Mercantil,* 22.06.2005)

8. Assinale o segmento construído com organização sintática escorreita.

a) Note-se, em primeiro lugar, que todas as abordagens a respeito da questão penitenciária em nosso país giram em torno, exclusivamente, dos efeitos do crime. Encara-se o delito como fato irreversível, perante os quais só nos resta atuar após a sua ocorrência.

b) Há uma propagação persistente, diria até obstinada, da ideologia da repressão como o instrumento único de combate ao crime. Entendam-se como repressão os mecanismos retributivos utilizados face o cometimento do delito.

c) A cultura repressiva vem acompanhada da divulgação, pelos meios que mais atingem a massa — filmes e novelas —, da violência como único meio de reação às frustrações e decepções a que o mundo nos oferece.

d) É verdade que Estado e sociedade pouco fazem para dar à prisão um sentido utilitário e construtivo. Investem no encarceramento, mas desatendem as necessidades e exigências do sistema em relação à ressocialização do egresso.

e) Assiste-se a um paradoxo. O cidadão exige punição, quer soluções para a questão penitenciária, mas afasta-se dos presos e dos egressos, sequer admite a construção de presídios em sua cidade. Falta-lhes a coragem de passar da exclusão discriminatória para a ação inclusiva.

(Antônio Cláudio Mariz de Oliveira, *Folha de S.Paulo*, 06.06.2005, com modificações)

9. Assinale a opção em que o trecho de um relatório da CGU está transcrito com pontuação, grafia e morfossintaxe corretas.

a) Apesar das justificativas apresentadas pela recorrente, os argumentos não foram o bastante para elidir a questão, em razão da qual, mantemos o posicionamento no sentido de que a parceria de trabalho trata-se de Contrato, e não, de Convênio.

b) Apesar das justificativas apresentadas pela recorrente, os argumentos não foram suficientes para elidir a questão, em razão do que mantemos o posicionamento segundo o qual a parceria de trabalho deu-se na forma de Contrato, e não de Convênio.

c) Apesar das justificativas apresentadas pela recorrente, os argumentos não foram satisfatórios para ilidir a questão, em cuja razão, mantemos o posicionamento no sentido de que a parceria de trabalho se tratou de Contrato, e, não, de Convênio.

d) Apesar das justificativas exposadas pela recorrente, os argumentos foram insanáveis para extinguir a questão, em cuja razão houvemos por bem manter o posicionamento segundo o qual a parceria se trata de Contrato, e não de Convênio.

e) Apesar das justificativas oferecidas pela recorrente, os argumentos não foram convincentes

os suficientes a ponto de ilidir a questão, e, em razão disso, decidimos manter o posicionamento no sentido de que a parceria ocorreu sob a forma de Contrato, e, não, de Convênio.

(Adaptado de <http://www.cgu.gov.br/Contas/2005/relatorio.pdf>. Acesso em 11 jan. 2008)

10. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e assinale a sequência correta.

( ) Mas esse mercado ainda é pequeno, quando comparado com as necessidades financeiras das empresas brasileiras, e seu desempenho e sua expansão estão condicionados a diferentes fatores, alguns dos quais externos, como a confiança dos investidores internacionais no futuro da economia do país.

( ) O plano tem, como metas principais, a melhora da fiscalização, a educação do investidor, a redução dos custos de registro das operações, o aumento da concorrência no mercado de capitais e a modernização da própria CVM.

( ) A Comissão de Valores Mobiliários (CVM), encarregada de assegurar o funcionamento eficiente e regular do mercado de ações, aprovou, pela primeira vez desde que foi criada há 28 anos, um plano que, a ser posto em prática até 2007, revela-se importante por seu ineditismo e por suas diretrizes.

( ) Um tal mercado acionário eficiente, que negocie um volume crescente de papéis, atraia mais investidores e ofereça às empresas uma fonte de obtenção de capitais menos onerosa do que os financiamentos bancários, contribuiria para acelerar o crescimento econômico.

(Editorial, *O Estado de S. Paulo*, 19.06.2005)

a) 4º, 2º, 1º, 3º
b) 3º, 2º, 1º, 4º
c) 1º, 4º, 3º, 2º
d) 3º, 1º, 2º, 4º
e) 4º, 3º, 1º, 2º

Gabarito da Prova Simulada 15

1-a, 2-c, 3-b, 4-a, 5-d, 6-c, 7-d, 8-d, 9-b, 10-a.

Prova Simulada 16

Leia o texto abaixo, extraído do livro A cabeça do brasileiro, de Alberto Carlos Almeida, para responder às questões 1 e 2.

Existe destino e grande parte dele está nas mãos de Deus. Somente a família é confiável. Se o governo não faz a parte dele, então não há por que fazer a sua parte. Essas frases expressam fatalismo, uma visão familista e falta de espírito público. Características que já foram identificadas por cientistas sociais como atributos marcantes nas sociedades mediterrâneas e ibéricas.

No caso do Brasil, apesar da mistura de raças, o país é, com certeza, uma invenção portuguesa. E, como tal, herdou o fatalismo religioso de origem católica, a noção de

importância da família nas relações sociais e a ideia de que o espaço público não é de ninguém. Essas concepções também povoam nossas interpretações sobre a sociedade.

Há grande contraste com a matriz social anglo-saxã de origem protestante. A predestinação calvinista fez com que povos como o norte-americano agissem no mundo por meio do trabalho. Nos países anglo-saxões, o indivíduo tudo pode, principalmente quando em associação com outros indivíduos. Sua extrema mobilidade geográfica só é possível porque os laços familiares, quando comparados a outras relações de confiança, não são demasiado fortes. Nesses países, a palavra *community* tem um significado bem diferente da nossa "comunidade", muitas vezes eufemismo para favela ou área de moradias populares. *Community*, para os anglo-saxões, é um espaço sobre o qual todos têm responsabilidade.

Tais noções, que podem ser atribuídas ao molde religioso — católico *versus* protestante —, podem também ser associadas ao esforço educacional. Nesse sentido, os anglo-saxões empreenderam uma das maiores mobilizações sociorreligiosas de que se tem notícia. Segundo versões massificadas da teologia protestante, a ignorância é obra do demônio, é prima-irmã de Satanás.

Em sociedades pouco escolarizadas, ao contrário, é onde se encontram mais frequentemente fatalistas avessos à noção republicana de espaço público. É o que acontece no Brasil, onde essa é a visão dominante entre a população: simplesmente 1/3 dos adultos acredita que Deus decide o destino dos homens, sem espaço para a mão humana.

Esse contingente, somado aos 28% que acham que, apesar do destino estar nas mãos de Deus, o homem tem uma pequena capacidade de modificá-lo, resulta que 60% da população acreditam que grande parte do que acontece com os homens está fora de seu controle. No extremo oposto, apenas 14% da população adulta brasileira acreditam que não há nenhum desígnio além da capacidade humana de definir sua própria vida.

(Alberto Carlos Almeida. *A cabeça do brasileiro*, Rio de Janeiro: Record, 2007)

1. A respeito do fragmento do texto de Alberto Carlos Almeida, é afirmação correta, tanto em relação ao texto quanto em relação à gramática, que

a) o fatalismo, a visão familista e a falta de espírito público são características inerentes ao povo brasileiro que, apesar de gerarem alguns problemas, como a falta de responsabilidade de nossa população pelo espaço coletivo, não pode ser mudado.

b) a matriz social anglo-saxã, de origem protestante, e a predestinação calvinista foram fundamentais para que os povos anglo-saxões, especialmente os norte-americanos, valorizasse o trabalho e rejeitasse os laços familiares, o que lhe deu mobilidade geográfica notável.

c) a comparação entre sociedades mediterrâneas e ibéricas, de um lado, e anglo-saxãs, de outro, revela que há a seguinte correlação entre valorização da educação e fatalismo: quanto maior a importância da educação na sociedade, menor será o número de indivíduos fatalistas.

d) a comparação entre sociedades mediterrâneas e ibéricas, de um lado, e anglo-saxãs, de outro, é fundamental para a compreenção do texto, cuja finalidade é persuadir o leitor de que é preciso fugir às raízes mediterrâneas e ibéricas para que o Brasil modernize.

e) a função da comparação entre sociedades mediterrâneas e ibéricas, de um lado, e anglo-saxãs, de outro, é apenas valorizar traços culturais autenticamente brasileiros. Em outras

palavras, o autor adimira a matriz cultural nacional, apesar de ver nela algumas consequências nefastas.

2. Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é correto afirmar que

a) no trecho "É o que acontece no Brasil, onde essa é a visão dominante entre a população", do quinto parágrafo, as palavras destacadas têm a mesma função sintática e pertencem à mesma classe gramatical.
b) no trecho "simplesmente 1/3 dos adultos acredita que Deus decide o destino dos homens", do quinto parágrafo, o verbo destacado é transitivo direto.
c) o primeiro verbo do texto, por expressar existência, não tem sujeito, caracterizando, assim, uma oração sem sujeito.
d) o início do primeiro período do sexto parágrafo pode ser redigido da seguinte maneira, preservando-se o sentido do texto original e respeitando as regras gramaticais: "A soma desse contingente aos 28% que acham que — apesar de o destino estar nas mãos de Deus — o homem tem uma pequena capacidade de modificá-lo resulta que...".
e) nos trechos "60% da população acreditam" e "apenas 14% da população adulta brasileira acreditam", é proibida a flexão das formas verbais destacadas no singular.

Para responder às questões 3 e 4, leia o primeiro parágrafo do romance Budapeste, de Chico Buarque.

Devia ser proibido debochar de quem se aventura em língua estrangeira. Certa manhã, ao deixar o metrô por engano numa estação azul igual à dela, com um nome semelhante à estação da casa dela, telefonei da rua e disse: aí estou chegando quase. Desconfiei na mesma hora que tinha falado besteira, porque a professora me pediu para repetir a sentença. Aí estou chegando quase... havia provavelmente algum problema com a palavra quase. Só que, em vez de apontar o erro, ela me fez repeti-lo, repeti-lo, repeti-lo, depois caiu numa gargalhada que me levou a bater o fone. Ao me ver à sua porta teve novo acesso, e quanto mais prendia o riso na boca, mais se sacudia de rir com o corpo inteiro. Disse enfim ter entendido que eu chegaria pouco a pouco, primeiro o nariz, depois uma orelha, depois um joelho, e a piada nem tinha essa graça toda. Tanto é verdade que Kriska ficou meio triste e, sem saber pedir desculpas, roçou com a ponta dos dedos meus lábios trêmulos. Hoje porém posso dizer que falo o húngaro com perfeição, ou quase. Quando de noite começo a murmurar sozinho, a suspeita de um ligeiríssimo sotaque aqui e ali muito me aflige. Nos ambientes que frequento, onde discorro em voz alta sobre temas nacionais, emprego verbos raros e corrijo pessoas cultas, um súbito acento estranho seria desastroso. Para tirar a cisma, só posso recorrer a Kriska, que tampouco é muito confiável; a fim de me segurar ali comendo em sua mão, como talvez deseje, sempre me negará a última migalha. Ainda assim, volta e meia lhe pergunto em segredo: perdi o sotaque? Tinhosa, ela responde: pouco a pouco, primeiro o nariz, depois uma orelha... E morre de rir, depois se arrepende, passa as mãos no meu pescoço e por aí vai.

(Chico Buarque, *Budapeste*, São Paulo: Companhia das Letras, 2003)

3. Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é correto afirmar que

a) nas orações "ao deixar o metrô por engano numa estação azul igual à dela, com um nome

semelhante à estação da casa dela" e "porque a professora me pediu para repetir a sentença", os termos destacados não se referem à mesma personagem.

b) na oração "ao deixar o metrô por engano numa estação azul igual à dela", o uso do acento grave no termo destacado se deve à fusão de preposição regida por verbo com um artigo definido.

c) a leitura do texto permite inferir que a frase "aí estou chegando quase" foi proferida, durante conversa telefônica, pelo narrador e em língua portuguesa, o que causou estranheza à professora.

d) para a tradição gramatical, a regência do verbo "pedir", na frase "porque a professora me pediu para repetir a sentença" é viciosa.

e) nas duas ocorrências nas frases "a professora me pediu para repetir a sentença" e "Ao me ver à sua porta teve novo acesso", o pronome destacado exerce a mesma função sintática.

4. Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é incorreto afirmar que

a) na frase "Hoje porém posso dizer que falo o húngaro com perfeição", é obrigatório que a conjunção destacada seja isolada por vírgulas, para que a frase se torne gramaticalmente correta.

b) na frase "Nos ambientes que frequento", o pronome relativo destacado poderia ser substituído, sem prejuízo para a gramática do texto, por "quais".

c) a frase "roçou com a ponta dos dedos meus lábios trêmulos" estará adequada gramaticalmente, se for reescrita da seguinte maneira: "roçou-me os lábios trêmulos com a ponta dos dedos".

d) as frases "comendo em sua mão" e "sempre me negará a última migalha" podem ser entendidas, respectivamente, como "dependendo das lições dela" e "sempre me negará uma explicação definitiva".

e) no trecho "sempre me negará a última migalha. Ainda assim, volta e meia lhe pergunto", os pronomes destacados exercem a mesma função sintática.

5. Analise as propostas de correção gramatical para o trecho de relatório abaixo e, a seguir, assinale a única opção que, em vez de corrigir, introduz erro ao trecho.

Procedemos o exame dos atos de gestão da unidade XX, ocorridos no período de 1º de janeiro a 31 de dezembro de 2005, por seleção de itens, em atendimento à legislação federal aplicável as diversas áreas e atividades examinados, com verificação, quanto à legitimidade dos documentos e dos atos de gestão que deu origem ao atual processo.

(Disponível em: <http://www.cgu.gov.br/Contas/2005/relatorio.pdf>, com alterações)

a) Acrescentar preposição ao verbo "Procedemos", escrevendo-o assim: Procedemos ao.

b) Reescrever o trecho da linha 3 com acento grave no "as". Assim: aplicável às diversas áreas.

c) Acentuar graficamente a palavra "itens", escrevendo-a assim: ítens.

d) Flexionar o adjetivo "examinados" no feminino. Assim: examinadas.

e) Passar para o plural o verbo "deu", reescrevendo-o assim: deram:

6. Cada um dos itens abaixo contém trechos adaptados de textos publicados no site oficial da Liquigás. Em todos eles, exceto em um, foi introduzido pelo menos um erro

gramatical. Assinale a alternativa que respeita as regras da gramática normativa tradicional.

a) O projeto Efluente Zero é uma das iniciativas estratégicas da Gerência Geral de Saúde, Meio Ambiente e Segurança (GGSMS), e tem, como finalidade eliminar o descarte no ambiente dos efluentes gerados nas atividades dos Centros Operativos da Liquigás.

b) A implantação de sistemas de tratamento capazes de gerar água com a qualidade requerida para reúso no próprio processo produtivo é o princípio desse projeto inovador, cuja importância para o meio ambiente é indiscutível.

c) O reaproveitamento da água tratada nos processos internos e a ausência de descarte no ambiente traz dois grandes benefícios no aspecto ambiental: contribui para a prevenção da poluição e para a redução da captação de água, preservando os recursos naturais.

d) A primeira fase do projeto consistiu da definição das diretrizes e da implantação de dois pilotos em Natal e Cascavel. Com a conclusão desses dois pilotos e a comprovação do bom funcionamento do sistema, GGSMS iniciou a elaboração de um projeto capaz de subsidiar à implantação nos demais Centros Operativos.

e) O projeto Efluente Zero, consolida a posição da Liquigás como uma empresa socialmente e ambientalmente responsável, agregando a preservação ambiental à melhoria da eficiência operacional da Companhia.

7. Assinale a opção em que o trecho retirado da Folha de S.Paulo (15.01.2008 — com adaptações) apresenta erro no emprego da vírgula.

a) A inflação oficial, medida pelo IPCA, registrou alta de 4,46% em 2007, bastante próxima ao centro da meta, que é de 4,5%.

b) A elevação dos preços foi puxada pelos alimentos, que ficaram 10,79% mais caros.

c) A alimentação contribuiu com cerca de metade do índice.

d) Os analistas econômicos projetam uma taxa de inflação de 4,29% para 2008, segundo o boletim “Focus”. Permaneceria, assim, abaixo do centro da meta.

e) Essa alta reflete uma demanda doméstica e mundial aquecida por problemas na oferta de alguns produtos e, o uso crescente de áreas de lavouras para a produção de combustível.

8. O texto abaixo é adaptado de O Estado de S.Paulo, 12.01.2008. Assinale o trecho que apresenta erro gramatical.

a) Embora tenham registrado o expressivo crescimento de 49,2% em 2007, as vendas de máquinas agrícolas, no total de 38,3 mil unidades, ainda ficaram abaixo do recorde registrado em 2004, de cerca de 43 mil unidades.

b) A Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), que reúne também os fabricantes de máquinas agrícolas, acredita que, na próxima safra, a atividade no campo se manterá intensa, com aumento da área plantada e da produção de grãos.

c) Prevê que, neste ano, as vendas crescerão cerca de 15% em relação às de 2007, resultado muito bom. As novas estimativas do governo para a próxima safra justificam a previsão dos fabricantes.

d) Se ela se confirmar, as vendas do setor alcançarão, e provavelmente superaram, os níveis de 2002 e 2004, o período de melhor desempenho do setor em toda a história, e ao qual se seguiu uma abrupta queda, parcialmente revertida no ano passado.

e) Os fabricantes de máquinas agrícolas confessam-se surpreendidos com os resultados de 2007. Esperavam o crescimento das vendas, mas como disse o vice-presidente da Anfavea

para a área de máquinas agrícolas, Milton Rego, “o que surpreendeu foi o vigor da recuperação”.

9. Assinale a opção inteiramente correta quanto à grafia, pontuação e morfossintaxe.

a) O cerceiamento de defesa, por ser um fato, não se presume; porém, deve ser demonstrado, diante do contexto do processo disciplinar.

b) O cerceiamento de defesa — por ser um fato, não se presume —; porém, tem de ser demonstrado, face ao contexto do processo disciplinar.

c) O cerceiamento de defesa, por ser um fato, não se presume. Porém, há que ser demonstrado, em face do contexto do processo disciplinar.

d) O cerceamento de defesa (por ser um fato) não se presume, porém, carece de ser demonstrado, face ao contexto do processo disciplinar.

e) O cerceamento de defesa, por ser um fato, não se presume. Porém, há de ser demonstrado, em face do contexto do processo disciplinar.

(Disponível em: <http://www.cgu.gov.br/Publicações/RevistaCGU>. Acesso em: 11 jan. 2008)

10. Marque a opção corretamente pontuada.

a) Febre amarela: a culpa é do macaco. Dizem uns: não, a culpa não é do macaco, dizem outros. E as vacinas? Sempre em quantidade insuficiente.

b) Febre amarela? A culpa é do macaco, dizem uns; não, a culpa não é do macaco, dizem outros; e as vacinas? Sempre em quantidade insuficiente.

c) Febre amarela! A culpa é do macaco, dizem uns. Não a culpa, não é do macaco, dizem outros — e as vacinas, sempre em quantidade insuficiente.

d) Febre amarela... A culpa é do macaco? Dizem, uns não: a culpa não é do macaco. Dizem, outros: e as vacinas, sempre, em quantidade insuficiente.

e) Febre amarela — a culpa é do macaco — dizem uns. Não a culpa não é do macaco. Dizem outros: e as vacinas... sempre em quantidade insuficiente!

Gabarito da Prova Simulada 16

1-c, 2-d, 3-d, 4-b, 5-c, 6-b, 7-e, 8-d, 9-e, 10-b.

Prova Simulada 17

1. Assinale o segmento do texto retirado de O Globo, 06.02.2008, transcrito corretamente, sem erro gramatical.

a) Nas seis maiores regiões metropolitanas, o índice apurado pelo IBGE caíram para a faixa de 7% em dezembro, o mais baixo da série estatística iniciada em 2002, com a adoção de uma nova metodologia. Na Grande São Paulo, segundo a Fundação Seade, a parcela de trabalhadores sem emprego formal caiu para 14% (índice que chegou a ultrapassar 19% há poucos anos).

b) Mesmo com um aumento significativo da população economicamente ativa — ou seja, pessoas que havia desistido de procurar emprego voltaram ao mercado de trabalho — da ordem de 2%, houve redução dos índices de desemprego.

c) Depois de vários anos com baixo crescimento e insuficiente geração de empregos, a economia brasileira conseguiu, em 2007, expandir-se em ritmo próximo à média mundial. E o resultado foi ainda mais animador porque a criação de empregos bateu recorde, com mais de 1,6 milhão de contratações com carteira assinada.

d) Os salários não aumentaram em igual proporção, pois o mercado ainda estava na fase de absorção de mão de obra. Ainda assim, os rendimentos dos trabalhadores praticamente encostou nos valores de 1995, período áureo do Plano Real.
e) Tudo indica que esse processo de recuperação continuará se a economia brasileira conseguir sustentar taxas anuais de crescimento acima de 4%, e isso dependerá de ajustes macro e microeconômicos. E deixar o mercado funcionar são o melhor caminho para que esses ajustes se concretizem.

2. Assinale a opção que constitui continuação coesa e coerente para o trecho do texto retirado do Jornal do Brasil, 28.01.2008.

O Brasil tem na China um de seus maiores e mais estratégicos parceiros comerciais no planeta. Não por acaso, ambas as nações se alinham entre os quatro países emergentes abrigados sob a sigla Bric (os outros são a Rússia e a Índia). As compras e vendas de ambos os lados saltaram de US$ 1,54 bilhão em 1999 para mais de US$ 23 bilhões no ano passado.
a) Os brasileiros exportam minério de ferro e soja aos bilhões. Vendem também aviões fabricados pela Embraer, café, torneiras elétricas, cachaça, calçados, algodão. Importam máquinas industriais. Também adquirem toalhas e brinquedos produzidos por chineses, e negociados aqui com a etiqueta de marcas brasileiras.
b) E os encargos sociais que elevam até o dobro o custo de cada funcionário brasileiro. Está certo que deixou de citar o fato de os empregados chineses arcarem com uma carga horária humilhante e terem pouco ou nenhum direito trabalhista.
c) O fato, contudo, é que os quase 60 tributos — entre taxas, impostos e contribuições — cobrados no Brasil desestimulam o investimento. E não é de hoje que o país cobra a modernização das leis do trabalho.
d) Ao responder por que é mais barato fabricar na China e comercializar aqui (tática já adotada por empresas brasileiras e centenas de outras no mundo) cita, em primeiro lugar, a carga tributária — a brasileira corresponde a 36% do Produto Interno Bruto; a chinesa, a 17,5%.
e) As reformas tributária e trabalhista estão na pauta brasileira há anos. A primeira, volta à agenda política este ano, no embalo do fim da Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira e da urgência de o governo abrir uma frente para recriar a CPMF via Congresso.

3. Assinale a opção incorreta em relação às ideias do texto.

Com a passagem da manufatura para a indústria, a produtividade do trabalho humano deu um grande salto, provocando uma larga dispensa de mão de obra. Legiões de trabalhadores desempregados alargavam o mar dos excluídos. Para muitos deles, a máquina passou a ser vista como a grande inimiga. E surgiram explosivas campanhas de quebra-máquinas. Até que as ideias se ajustaram na campanha internacional pela jornada de oito horas de trabalho, como uma forma de estabelecer um novo equilíbrio entre a produtividade-hora e a jornada diária de trabalho, atenuando os rigores da exploração capitalista. Com altos e baixos e à custa de sangue e mortes, a chamada “semana inglesa”, com as 48 horas semanais, terminou se impondo em todo o mundo.

Na década de 70 as centrais sindicais europeias, ante os novos patamares de produtividade do trabalho, acompanhadas das ondas de demissão, levantaram a bandeira da jornada de 35 horas semanais, sob o lema de “trabalhar menos para trabalharem todos”. Na década de 80 a

reivindicação foi assimilada. E no Brasil, a Constituição de 1988 acompanhou a tendência, consagrando a jornada de 44 horas semanais. Daquela época até agora, a produtividade continuou avançando com a telemática, a bioengenharia, a robótica, a informática e as novas formas de organização e gerenciamento da força de trabalho. E as demissões continuaram se alargando em todo o mundo, ampliando os contingentes do chamado exército industrial de reserva.

(Marcelo Mário de Melo, *Jornal do Commercio* (PE), 31.01.2008)

a) Os ajustes para manter a semana de trabalho em torno de 44 horas garantiram o decréscimo das demissões e o pleno emprego no mundo ocidental.
b) A chamada "semana inglesa", com jornada de 48 horas semanais, foi uma conquista dos trabalhadores alcançada com muita luta.
c) Para assegurar emprego para mais trabalhadores, as centrais sindicais europeias, a partir da década de 70, defenderam a jornada semanal de 35 horas.
d) A Constituição brasileira de 1988, acompanhando a tendência mundial, consagrou a jornada semanal de trabalho de 44 horas.
e) O advento da máquina na indústria provocou uma grande onda de desemprego, pois a produtividade do trabalho aumentou exigindo menos mão de obra.

4. Assinale a opção que constitui continuação coesa e coerente para o trecho retirado do Correio Braziliense, 06.02.2008.

Com 2 milhões de quilômetros quadrados, o cerrado é insurgência fitogeográfica do tipo savana de incalculável biodiversidade vegetal e animal estendida sobre nove estados do Brasil: São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Distrito Federal, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Bahia, Maranhão e Piauí. Há tempos se encontra ameaçado pelo avanço de monoculturas (soja a mais visível), pecuária extensiva, desmatamento, queimadas, carvoaria e outras formas de predação.

Agora, relatório do Projeto de Conservação e Utilização Sustentável da Diversidade Biológica Brasileira (Probio) revela dado alarmante sobre a depredação no espaço geográfico do Distrito Federal.

a) Assim mesmo porque as atividades agressivas ainda não avançaram sobre terrenos mais acidentados (morros) e as últimas áreas de preservação.
b) Nesse período de tempo, as causas que levam à destruição da paisagem típica, a explosão demográfica figura como a principal. De fato, previsto para acolher contingente estimado em 500 mil pessoas, o DF conta hoje com 2,4 milhões de moradores.
c) Põem em risco o regime de chuvas, a normalidade das variações de temperatura e o abastecimento de água.
d) Nada menos de 362 mil hectares da cobertura floral da área já foram removidos. Em outros termos: apenas 37% da vegetação original permanecem intocados.
e) Entre essas consequências da violência ao sensível equilíbrio ecológico nos tratos de transição entre a mata e o campo — função do cerrado —, a impermeabilização dos solos e o desaparecimento de insurgências hídricas são as mais funestas.

5. Assinale a justificativa para os sinais de pontuação que está incorreta.

Uma conjuntura contraditória cria hoje desafios para a política econômica: de um lado, a crise bancária americana, que está-se transformando em recessão e terá efeitos negativos sobre a

economia brasileira; de outro, o aquecimento da economia brasileira, que levou a um pequeno aumento da inflação. Diante dessas evidências, a ortodoxia e o mercado financeiro têm uma resposta única: aumentar a taxa de juros, acompanhando a curva dos juros no mercado futuro.

Mas estão paralisados porque sabem que a recessão americana implicará redução de investimentos e de atividade econômica no Brasil e porque o presidente Lula, uma vez que o risco de os empresários começarem a segurar seus investimentos é real, recomenda a seus auxiliares econômicos que monitorem com cuidado a economia brasileira para evitar surpresas.

(Luiz Carlos Bresser-Pereira*, Folha de S.Paulo,* 28.01.2008)

O emprego de vírgula após

a) "americana" justifica-se porque a oração subsequente é adjetiva explicativa.
b) "juros" justifica-se porque a oração subsequente é reduzida de gerúndio.
c) "evidências" justifica-se porque isola adjunto adverbial anteposto à oração principal.
d) "brasileira" justifica-se por isolar a oração subsequente, que é adjetiva restritiva.
e) "Lula" e após "real" justifica-se porque a oração isolada é subordinada adverbial causal intercalada.

6. Assinale a opção em que o trecho adaptado de O Estado de S. Paulo, 26.01.2008, foi transcrito de forma gramaticalmente correta.

a) O setor que mais empregou foi o de serviços, onde foram abertas 587,1 mil vagas (crescimento de 5,29% em relação a 2006). A maioria desses postos foram criadas no comércio, administração de imóveis e serviços técnico-profissionais (249,3 mil, com aumento de 8,91% sobre 2006), bem como nos serviços de alojamento, alimentação e manutenção (170,2 mil, + 4,13%).
b) Esse crescimento recorde, foi consequência da aceleração do ritmo de desenvolvimento de todos os setores da atividade econômica, em todas as regiões do País, e da formalização do emprego.
c) O emprego com carteira assinada cresceu 5,85% em 2007, com a criação de 1,617 milhão de postos de trabalho formais, segundo o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) do Ministério do Trabalho.
d) Isso se deve, em grande parte, ao aquecimento das atividades de construção civil, onde a remuneração é inferior a média dos salários pagos no setor de serviços, mas que têm repercussão em uma grande variedade de atividades.
e) O segundo maior gerador líquido de vagas formais foi o comércio propriamente dito, com 405 mil postos formais. O crescimento de 6,56% em relação a 2006 foram obtidos, em parte, graças à formalização de empregos preexistentes, o que trouxe inegáveis vantagens para empregados que passaram a ter direito a assistência médica, férias, 13º salário, recolhimento previdenciário e Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS).

7. Assinale a opção que dá continuidade ao trecho transcrito abaixo, respeitadas a coerência entre as ideias e a morfossintaxe da norma escrita padrão.

Os homens públicos brasileiros aceitam, com naturalidade, a permanência na vida brasileira de coisas injustas, como os impostos que comem quase 40% de tudo o que o Brasil produz _____.

a) de cuja parte significativa se destina a oferecer serviços à população mais necessitada.
b) em favor dos quais se disponibiliza a população serviços de qualidade inferior.

c) e em troca dos quais se oferecem serviços de qualidade infame.
d) por via do aumento de impostos já existente ou da criação de novos.
e) na má gestão dos recursos públicos.

(Com base em J. R. Guzzo, O fim de uma mentira, *Exame*, 31.12.2007, p. 67)

8. Os trechos abaixo constituem um texto (Leandro Konder, Jornal do Brasil, 12.01.2008), mas estão desordenados. Ordene-os, indique a ordem dentro dos parênteses e assinale a opção que corresponde à ordem correta.

( ) Para sublinhar sua decisão de uma recusa radical daquilo que acontecia no mundo germânico, modificou seu nome do alemão Karpfen para o francês Carpeaux.

( ) Sua vida tinha se tornado impossível na Áustria que Hitler tinha anexado à Alemanha.

( ) Em agosto de 1939, Carpeaux chegou ao Brasil fugindo da Holanda, em companhia de sua mulher, dona Helena.

( ) Carpeaux, de fato, era católico e tinha aspectos conservadores em seu pensamento. Mas a acusação era grotesca, pois o homem tinha vindo para cá, fugindo do nazismo.

( ) Um grupo de jovens de esquerda, percebendo que Carpeaux, em seus artigos, criticava o marxismo-leninismo, acusou-o de ser um simpatizante do nazismo.

a) 3, 2, 1, 5, 4
b) 5, 4, 2, 1, 3
c) 4, 3, 2, 1, 5
d) 1, 5, 3, 2, 4
e) 4, 3, 1, 2, 5

9. Assinale a opção que não serve de título para o trecho abaixo por reproduzir erradamente informação aí contida.

Por trás dos números recordes de geração de emprego formal no governo Lula, o mercado de trabalho com carteira assinada avança em ocupações de baixa escolaridade e salários menores, enquanto, em nome da globalização e dos ganhos de produtividade das empresas, posições mais bem remuneradas nas áreas de supervisão e gerência tendem à atrofia.

(Julianna Sofia, *Folha de S.Paulo*, 06.01.2008, B1)

a) Baixa qualificação puxa alta do emprego
b) Criação de vagas se deu em ocupações que exigem menos qualificação
c) Aumento de remuneração atinge as posições de trabalho globalizado
d) Crescimento atual do emprego favorece mão de obra de baixa escolaridade
e) Acanham-se no atual quadro de trabalho as funções de gerência e supervisão

10. Em relação ao texto, assinale a opção correta.

Preocupados com o mau desempenho recente das exportações do Brasil para os Estados Unidos, exportadores e especialistas em comércio exterior preveem um período de maiores dificuldades para os próximos meses. O desaquecimento da economia americana é a causa mais óbvia que apontam de um menor crescimento das compras no Brasil. O favoritismo do Partido Democrata também é citado por alguns exportadores como um fator que pode

dificultar as exportações brasileiras, pois os democratas são considerados mais conservadores do que seus rivais republicanos em matéria de comércio exterior — o que, ressalve-se, nem sempre foi comprovado na prática. Qualquer que seja o efeito prático desses fatores sobre as exportações brasileiras para o mercado americano, o governo brasileiro pouco ou nada poderá fazer para contê-los.

(*O Estado de S. Paulo*, 13.01.2008, Editorial)

a) A forma verbal "preveem" está no plural para concordar com "Estados Unidos".
b) A forma verbal "apontam" está no plural para concordar com "próximos meses".
c) O termo "pois" pode, sem prejuízo para a correção gramatical, ser substituído por porque, porquanto ou conquanto.
d) Em "do que seus rivais" a eliminação de "do" prejudica a correção gramatical do período.
e) Em "contê-los", "-los" retoma o antecedente "fatores".

Gabarito da Prova Simulada 17

1-c, 2-a, 3-a, 4-d, 5-d, 6-c, 7-c, 8-a, 9-c, 10-e.

Prova Simulada 18

Texto para as questões de 1 a 5

Formalidade bate recorde

Dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) divulgados ontem pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) apontam para a criação de 554 mil postos de trabalho com carteira assinada no primeiro trimestre deste ano, o que representa recorde histórico para esse período. A série de dados do CAGED tem início em 1992. Contra os três primeiros meses de 2007, quando foram criadas 399 mil vagas (recorde anterior), segundo informações do MTE, o crescimento no número de empregos formais criados foi de 38,7%. "Esse primeiro trimestre, como dizem meus filhos, bombou", afirmou o ministro do Trabalho a jornalistas. Para o ano de 2008 fechado, o ministro manteve a previsão de criação de 1,8 milhão de postos de trabalho com carteira assinada. "Vai ser novo recorde, apesar da taxa de juros", disse ele em referência à decisão do Comitê de Política Monetária (COPOM) do Banco Central de elevar os juros de 11,25% para 11,75% ao ano. Em 2007, recorde para um ano fechado, foram criados 1,61 milhão de empregos formais.

Segundo o ministro, a demanda interna permanece "muito aquecida". "Esse aumento de 0,5 ponto percentual na taxa de juros, até chegar ao consumidor, demora. Quem compra fogão, geladeira e carro a prazo vai perceber um aumento real de juros maior do que 0,5 ponto percentual. Pode haver uma diminuição na escalada de compra de bens duráveis", disse ele. Para o ministro do Trabalho, a decisão do COPOM de subir os juros neste mês, e nos subsequentes, conforme projeção do mercado financeiro, pode impactar um pouco a criação de empregos formais mais para o final de 2008. "Esses próximos três meses vão continuar sendo muito fortes na criação de empregos com carteira assinada", avaliou ele.

O ministro do Trabalho classificou a decisão do COPOM de subir os juros de "precipitada". "É um erro imaginar que há inflação no Brasil. Temos alguns produtos subindo de preços, como o trigo e outros produtos, por causa das chuvas, ou falta de chuvas. Os preços dos bens duráveis (fogões, geladeiras e carros, por exemplo, que são impactados pela decisão dos juros) não estão aumentando", disse ele a jornalistas. O ministro avaliou, entretanto, que o

impacto maior se dará nas operações de comércio exterior. Isso porque a decisão sobre juros tende a trazer mais recursos para o Brasil e, com isso, pressionar para baixo o dólar. Dólar baixo, por sua vez, estimula importações e torna as vendas ao exterior mais caras. Por conta principalmente do dólar baixo, a balança comercial teve queda de 67% no superávit (exportações menos importações) no primeiro trimestre deste ano. A criação de empregos formais no primeiro trimestre deste ano cresceu em quase todos os setores da economia. No caso da indústria de transformação, por exemplo, foram criadas 146 mil vagas nos três primeiros meses deste ano, contra 110 mil em igual período de 2007.

(*Tribuna do Brasil,* 11.04.2008. Disponível em: <http://www.tribunadobrasil.com.br>, com adaptações)

1. De acordo com o texto,

a) já foram criados 1,8 milhão de empregos com carteira assinada no primeiro trimestre de 2008.
b) a elevação da taxa de juros poderá influenciar negativamente a criação de novos empregos, segundo o ministro do Trabalho.
c) os preços dos eletrodomésticos e dos automóveis vão ter um aumento real de 0,5 por cento em 2008.
d) a demanda interna aquecida provocará uma diminuição de compra de bens duráveis pelos consumidores.
e) a indústria de transformação foi o setor da economia que mais cresceu em 2007.

2. Assinale a opção que contém uma informação correta a respeito da estrutura do texto.

a) O texto representa a transcrição completa da entrevista feita por jornalistas ao ministro do Trabalho.
b) Observam-se, claramente, no texto, argumentos em favor do aumento da criação de postos de trabalho nas indústrias de bens duráveis.
c) A intercalação entre os dados a respeito do crescimento da oferta de empregos e as opiniões do ministro do Trabalho sobre esse tema caracteriza a estrutura do texto.
d) O texto é introduzido por meio de uma narração, em que são apresentados o personagem (ministro) e o tempo da narrativa (o primeiro trimestre de 2008).
e) No segundo parágrafo, é desenvolvido o seguinte tópico frasal: “Dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (...) recorde histórico para esse período”.

3. Com referência às ideias e às estruturas do texto, assinale a opção correta.

a) De acordo com a argumentação textual, verifica-se que os dados do CAGED são produzidos pelo COPOM.
b) A palavra “Formalidade”, no título do texto, remete aos postos de trabalho em que é efetuado registro na carteira de trabalho dos empregados.
c) Na frase que se inicia por “A série” (linha 4), a substituição da forma verbal no presente pela forma correspondente no pretérito perfeito alteraria o sentido do texto.
d) De acordo com a ortografia oficial, a palavra “recorde” admite a grafia alternativa record, que deve ser lida como palavra proparoxítona, a exemplo do que ocorre nos textos de muitos telejornais.
e) Na linha 13, a expressão “demanda interna” refere-se ao aumento de postos de trabalho de

que trata o primeiro parágrafo do texto.

4. As conjunções destacadas nos trechos a seguir estão associadas a uma determinada interpretação. Assinale a opção que apresenta trecho do texto seguido de interpretação correta da conjunção destacada.

a) “quando foram criadas 399 mil vagas” — proporcionalidade.
b) “como dizem meus filhos” — comparação.
c) “É um erro imaginar que há inflação no Brasil” — consequência.
d) “O ministro avaliou, entretanto, que o impacto maior” — oposição.
e) “Isso porque a decisão sobre juros tende a trazer mais recursos para o Brasil” — conclusão.

5. O texto apresenta uma oração na voz passiva no trecho:

a) “A série de dados do CAGED tem início em 1992”.
b) “... o crescimento no número de empregos formais criados foi de 38,7%”.
c) “Pode haver uma diminuição na escalada de compra de bens duráveis”.
d) “Os preços dos bens duráveis (...) não estão aumentando”.
e) “No caso da indústria de transformação, por exemplo, foram criadas 146 mil vagas”.

Texto para as questões de 6 a 8.

A raça humana

Gilberto Gil

A raça humana é
Uma semana
Do trabalho de Deus.
A raça humana é a ferida acesa
Uma beleza, uma podridão
O fogo eterno e a morte
A morte e a ressurreição.
A raça humana é o cristal de lágrima
Da lavra da solidão
Da mina, cujo mapa
Traz na palma da mão.
A raça humana risca, rabisca, pinta
A tinta, a lápis, carvão ou giz
O rosto da saudade
Que traz do Gênesis
Dessa semana santa
Entre parênteses
Desse divino oásis
Da grande apoteose

Da perfeição divina

Na grande síntese.

A raça humana é

Uma semana

Do trabalho de Deus.

6. No texto, que é a letra de uma canção, o verbo ser encontra-se no presente do indicativo porque o autor pretende:

a) marcar fatos que ocorrerão em um futuro próximo.
b) expressar ações habituais dos seres humanos que ainda não foram concluídas.
c) dar vida a fatos ocorridos no passado, como se fossem atuais.
d) apresentar uma condição ou situação como permanente.
e) enunciar fatos que ocorrem no momento em que o texto é escrito.

7. A respeito do emprego dos pronomes relativos, assinale a opção correta.

a) É correto colocar artigo após o pronome relativo cujo (cujo o mapa, por exemplo).
b) O relativo cujo expressa lugar, motivo pelo qual aparece no texto ligado ao substantivo mapa na expressão "cujo mapa" (verso 10).
c) O pronome cujo é invariável, ou seja, não apresenta flexões de gênero e número.
d) O pronome relativo quem, assim como o relativo que, tanto pode referir-se a pessoas quanto a coisas em geral.
e) O pronome relativo que admite ser substituído por o qual e suas flexões de gênero e número.

8. Com referência à ortografia oficial e às regras de acentuação de palavras, assinale a opção incorreta.

a) Os vocábulos lágrima e Gênesis seguem a mesma regra de acentuação.
b) As palavras oásis e lápis são acentuadas pelo mesmo motivo.
c) A grafia correta do verbo correspondente a ressurreição é ressucitar.
d) Apesar de a grafia correta do verbo poetizar exigir o emprego da letra "z", o feminino de poeta é grafado com s.
e) O vocábulo traz corresponde apenas a uma das formas do verbo trazer; a forma trás é empregada na indicação de lugar (equivale a parte posterior).

9. Assinale a opção em que a frase apresenta o emprego correto do acento grave indicativo de crase.

a) Isto não interessa à ninguém.
b) Não costumamos comprar roupas à prazo.
c) O estudante se dirigiu à diretoria da escola.
d) Caminhamos devagar até à entrada do estabelecimento.
e) Essa é a instituição à que nos referimos na conversa com o presidente.

10. Julgue os fragmentos de texto apresentados nos itens abaixo quanto à concordância verbal.

I. De acordo com o respectivo estatuto, a proteção à criança e ao adolescente não constituem obrigação exclusiva da família.

II. Na redação da peça exordial, deve haver indicações precisas quanto à identificação das partes bem como do representante daquele que figurará no polo ativo da eventual ação.

III. A legislação ambiental prevê que o uso de água para o consumo humano e para a irrigação de culturas de subsistência são prioritários em situações de escassez.

IV. A administração não pode dispensar a realização do EIA, mesmo que o empreendedor se comprometa expressamente a recuperar os danos ambientais que, por ventura, venham a causar.

V. A ausência dos elementos e requisitos a que se referem o CPC pode ser suprida de ofício pelo juiz, em qualquer tempo e grau de jurisdição, enquanto não for proferida a sentença de mérito.

A quantidade de itens certos é igual a:

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

Gabarito da Prova Simulada 18

1-b, 2-c, 3-b, 4-d, 5-e, 6-d, 7-e, 8-c, 9-c, 10-a.

Prova Simulada 19

Atenção: As questões de números 1 a 10 referem-se ao texto abaixo:

Cuidado: o uso desse aparelho pode produzir violência

A revista Science publicou, em 2002, o relatório de uma pesquisa coordenada por Jeffrey Johnson, da Universidade de Colúmbia, em Nova York. O estudo mostra uma relação significativa entre o comportamento violento e o número de horas que um sujeito (adolescente ou jovem adulto) passa assistindo à TV.

Pela pesquisa de Johnson, os televisores deveriam ser comercializados com um aviso, como os maços de cigarros: cuidado, a exposição prolongada à tela desse aparelho pode produzir violência.

Estranho? Nem tanto. É bem provável que a fonte de muita violência moderna seja nossa insubordinação básica: ninguém quer ser ou continuar sendo quem é. Podemos proclamar nossa nostalgia de tempos mais resignados, mas duvido que queiramos ou possamos renunciar à divisão constante entre o que somos e o que gostaríamos de ser.

Para alimentar nossa insatisfação, inventamos a literatura e, mais tarde, o cinema. Mas a invenção mais astuciosa talvez tenha sido a televisão. Graças a ela, instalamos em nossas salas uma janela sobre o devaneio, que pode ser aberta a qualquer instante e sem esforço.

Pouco importa que fiquemos no zapping* ou que paremos para sonhar em ser policiais, gângsteres ou apenas nós mesmos (um pouco piores) no Big Brother. A TV confirma uma ideia que está sempre conosco: existe outra dimensão, e nossas quatro paredes são uma jaula. A pesquisa de Johnson constata que, à força de olhar, podemos ficar a fim de sacudir as barras

além do permitido. Faz sentido.

* zapping = uso contínuo do controle remoto.

(Contardo Calligaris, *Terra de ninguém*)

1. Em relação à pesquisa coordenada por Jeffrey Johnson, o autor do texto manifesta

a) sua inteira estranheza, uma vez que tem convicções diametralmente opostas às do pesquisador.
b) sua inteira concordância, detalhando todos os elementos da pesquisa e colando-se à argumentação dela.
c) o acolhimento da conclusão geral da pesquisa, mas não deixa de trilhar um caminho reflexivo pessoal sobre o fenômeno observado.
d) sua parcial concordância, pois julga que o pesquisador se valeu de uma argumentação bastante estranha, nem sempre coerente.
e) sua plena discordância, uma vez que não vê qualquer relação entre assistir à TV e as eventuais atitudes de violência do público televisivo.

2. Considere as afirmações abaixo.

I. Na pesquisa de Jeffrey Johnson, ficou claro que é um exagero estabelecer uma relação de causa e efeito entre a exposição prolongada a programas de TV e atitudes de violência.

II. De acordo com o autor do texto, a literatura e o cinema já estimulavam, antes do surgimento da TV, os mesmos níveis de violência social.

III. O autor do texto defende a ideia de que a mídia pode estimular ações de violência que são geradas por nossa insatisfação com nós mesmos.

É correto o que se afirma em:

a) I, II e III.
b) I e II, apenas.
c) II e III, apenas.
d) II, apenas.
e) III, apenas.

3. Preserva-se plenamente a concordância verbal na frase:

a) Caberia comercializarem-se os televisores com uma advertência expressa sobre o perigo que representa as exposições contínuas à tela de uma TV.
b) Boa parte dos atos de violência provém, de acordo com a pesquisa, das muitas horas que dedica aos programas de TV uma pessoa.
c) Seriam da responsabilidade dos programas de TV certas incitações à violência, a se crerem nas conclusões da pesquisa realizada.
d) Todo aquele que, assistindo continuamente à TV, costumam valer-se dos recursos do zapping, abrem janelas sobre o devaneio.
e) Não se atribuam tão somente à TV as atitudes de violência que se vem disseminando nos grandes centros urbanos.

4. Está correto o emprego de ambos os elementos destacados na frase:

a) A relação significativa cuja se demonstrou na pesquisa se dá entre o comportamento

violento e a audiência à TV.
b) A insubordinação básica em que se refere o autor do texto derivaria da insatisfação dos nossos recalcados desejos.
c) A invenção moderna mais astuciosa, de cujos efeitos trata o autor do texto, teria sido não a do cinema, mas a da TV.
d) O hábito do *zapping*, com cujo nos acostumamos, é um dos responsáveis pela abertura rápida de janelas sobre o nosso devaneio.
e) A conclusão de que nossa sala é uma jaula, com que chegou o autor do texto, não deixa de ser bastante provocadora e radical.

5. Está clara, coerente e correta a redação da seguinte frase:
a) Sempre haverá quem discorde de que a literatura fosse inventada de modo que, assim a supríssemos com nossas insatisfações, ou vice-versa.
b) Quanto à nostalgia de tempos mais resignados, da qual poucos se insurgem, ela costuma frequentemente ser proclamada.
c) É pela suspeita de haverem umas novas dimensões, além da que vivemos, que se chega à conclusão de não precisarmos subordinarmos os devaneios.
d) Julga o autor do texto que nos insubordinamos contra as barras de nossa jaula quando nos alimentamos de devaneios propiciados pela TV.
e) Afirma-se no texto que faz sentido concluir-se de que a pesquisa de Johnson vai de encontro às teses confirmadas por este pesquisador.

6. Está inteiramente correta a pontuação do período:
a) Primeiro, inventamos a literatura e em seguida o cinema, mas nenhum desses meios, teria alcançado influenciar-nos tanto como a TV.
b) O fato de imaginarmos que há uma dimensão além das nossas paredes é decisivo, para que reconheçamos na TV, o poder de abrir tantas janelas.
c) Por mais confortável que seja, o zapping constitui na verdade, um meio de tentar suprir com rapidez nossa fome, insaciável de imagens.
d) Queremos por vezes imaginar que somos policiais ou gângsteres, mas, preferiríamos ser nós mesmos, sentirmo-nos — por assim dizer completos.
e) O autor preocupa-se, sobretudo, com a tese de que nossa violência tem origem em nossa divisão interna, responsável maior por nossas rebeldias.

7. Jeffrey Johnson realizou uma pesquisa, e o autor do texto, ao comentar essa pesquisa, acrescentou a essa pesquisa elementos de sua convicção pessoal, que tornam essa pesquisa ainda mais instigante aos olhos do público.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos em destaque, segundo a ordem em que se apresentam, por:
a) comentá-la — acrescentou-lhe — a tornam
b) a comentar — lhe acrescentou — lhe tornam
c) comentar-lhe — acrescentou-lhe — tornam-a
d) comentá-la — acrescentou-a — tornam-na
e) a comentar — acrescentou-lhe — tornam-lhe

8. Estão adequados o emprego e a flexão de todas as formas verbais na frase:

a) Se as pesquisas bem realizadas sempre intervissem no comportamento das pessoas, o estudo ao qual se aplicou Johnson teria algum efeito sobre o público.
b) Imergem da pesquisa de Johnson alguns dados reveladores quanto à ação da TV sobre nós, mas é possível que outros fatores hajam de modo determinante sobre o nosso comportamento.
c) Quem revir as várias pesquisas sobre a relação entre TV e comportamento haverá de se deparar com resultados que talvez constituam motivo para algum alarme.
d) Jamais conveio às emissoras de TV divulgar essas pesquisas, que quase sempre as encriminam como responsáveis pela multiplicação da violência social.
e) Se as violências que provêm do hábito de assistir à TV se saneiassem por conta de alguma regulamentação governamental, seria o caso de pedir providências às autoridades.

9. O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do singular para preencher corretamente a lacuna da frase:

a) Quase ninguém, entre os que se _____ (valer) do controle remoto, resiste à tentação de passar velozmente por todos os canais de TV.
b) Se aos governantes não _____ (caber) tomar providências para regulamentar a programação de TV, a quem, então, caberá?
c) Se a ninguém _____ (preocupar) os efeitos de se ficar colado a uma tela de TV, a todos intranquiliza a onda crescente de violências.
d) Embora a cada um de nós _____ (afetar) as imagens nostálgicas de um passado íntegro, passamos, na fase adulta, a nos sentir divididos.
e) Os que não gostam de TV jamais _____ (haver) de se lamentar por terem aberto janelas sobre seus próprios devaneios.

10. É preciso corrigir a redação da seguinte frase:

a) A menos que haja outros fatores, boa parte das violências modernas adviram pela atenção excessiva consignada à TV.
b) Conquanto haja outros fatores responsáveis pela expansão da violência, a responsabilidade da TV não é pequena.
c) Ainda que não seja a única responsável, a TV está entre as causas principais das atitudes violentas que marcam nossa sociedade.
d) De programas violentos da TV costuma advir alguma inspiração para atos de violência, tais como os que se multiplicam hoje em dia.
e) Talvez fosse o caso — para se avaliar a pesquisa de Johnson — de se estudar o comportamento de comunidades que não têm acesso à TV.

Gabarito da Prova Simulada 19

1-c, 2-e, 3-b, 4-c, 5-d, 6-e, 7-a, 8-c, 9-b, 10-a.

Prova Simulada 20

Leia o texto abaixo para responder à questão 1.

De maneira simplificada, o orçamento é composto não apenas de contas e números (1), mas também (2) de expressões que descrevem os propósitos e as ações de governo (melhoria da saúde da população, redução das desigualdades regionais, promoção das exportações, desenvolvimento do ensino fundamental etc.), aos quais são alocados determinados valores

(3), considerando os insumos necessários à sua realização. Portanto, o orçamento público é o elo entre os recursos financeiros e a atividade do Estado, que busca implementar suas políticas públicas. Se (4) as receitas previstas forem arrecadadas tempestivamente, as despesas forem realizadas de acordo com o planejado, e as ações envolvidas produzirem as consequências esperadas, então, teoricamente, os propósitos consignados no orçamento serão alcançados. Assim é possível determinar até que ponto as previsões postuladas no orçamento se (5) tornam verdadeiras.

(Disponível em: <http://www.lrf.com.br>)

1. Assinale a afirmação incorreta em relação aos segmentos destacados no texto.

a) 1 — apresenta a ideia principal do texto.
b) 2 — é um locução conjuncional aditiva.
c) 3 — a preposição que antecede o pronome relativo foi corretamente empregada.
d) 4 — é uma conjunção subordinativa condicional substituível pela conjunção sinônima caso.
e) 5 — é pronome reflexivo e pode assumir, nessa frase, posição enclítica.

Leia o texto abaixo para responder à questão 2.

A implantação do Sistema Integrado de Administração Financeira do Governo Federal/SIAFI foi viabilizada a partir da criação da Secretaria do Tesouro Nacional — STN, vinculada ao Ministério da Fazenda, por meio do Decreto n. 92.452, de 10 de março de 1986, com o objetivo de promover a modernização e a integração dos sistemas de programação financeira, de execução orçamentária e de contabilidade dos órgãos e entidades públicas do Governo Federal. Para desincumbir-se de suas atribuições, recebeu competente autorização para contratar, junto ao Serviço Federal de Processamento de Dados — SERPRO, a implementação de um sistema computacional que fornecesse todas as informações necessárias, de maneira segura e rápida.

Superando dificuldades de toda ordem, a STN, em conjunto com o SERPRO, Empresa Pública prestadora de serviço na área de informática, criou as condições para que o SIAFI fosse implantado em tempo reconhecidamente curto (cerca de 6 meses), entrando em operação a partir de 01 de janeiro de 1987.

(James Giacomoni, *Orçamento Público*)

2. Em relação ao texto acima, assinale a opção incorreta.

a) A substituição de “foi viabilizada” por viabiliza-se mantém a correção gramatical e as informações originais do período.
b) O sujeito de “recebeu” está determinado no texto.
c) A substituição de “fornecesse” por viesse a fornecer mantém a correção gramatical do período.
d) O emprego de vírgula após “ordem” justifica-se por isolar oração anteposta à principal.
e) A forma verbal “criou” pode ser substituída por cria, desde que a forma verbal “fosse” também seja alterada.

3. Assinale a opção que constitui sequência gramaticalmente correta para o trecho a seguir.

Em síntese, a gestão fiscal é verificada nos seguintes princípios:

a) garantir que a aplicação de recursos seja feita com a adoção de uma margem de segurança que permita ao Ente absorver os casos fortuitos sem acrescer o volume da dívida pública.
b) garantir que as necessidades e anseios da sociedade, quanto a atuação governamental, sejam compatibilizados com a receita própria efetiva do Ente, ou seja custeamento das ações estatais com seus próprios recursos, prevenindo a ocorrência de déficits permanentes, recorrentes e crescentes.
c) gerir organizadamente a dívida, no principal e seus custos, evitando que a arrecadação seje desequilibrada com tais gastos.
d) assegurar a arrecadação efetiva de todos recursos a que o Ente tem direito, por meio da adoção de uma política tributária previsível e estável.
e) limitar os gastos continuados de modo à impedir impactos financeiros negativos no futuro, através medidas compensatórias a esses gastos.

(James Giacomoni, *Orçamento Público*)

4. Leia o texto abaixo e as afirmações que se fazem acerca dele. Em seguida responda ao que se pede:

Orçamento público é o instrumento de gestão de maior relevância e provavelmente o mais antigo da administração pública. Partindo da intenção inicial de controle, no Brasil, reveste-se (1) de formalidades legais. Passa pela análise e aprovação do Poder Legislativo, composto de representantes da sociedade. Como a proposta do orçamento é sempre do Chefe do Poder Executivo (Presidente, Governador e Prefeito), sua aprovação pelo Legislativo tem o condão de autorizar os gastos a serem feitos no ano a que se refere (2). Pelo menos em tese, é como se (3) a própria sociedade estivesse autorizando a atuação do Estado, já que as despesas só poderão ser realizadas se (4) tiverem sido fixadas no orçamento. Quanto às receitas, nada impede que seja arrecadado mais (ou menos) que o previsto. Aliás, é em função da arrecadação da receita que as despesas serão realizadas. Caso a arrecadação seja inferior ao previsto, procede-se (5) ao contingenciamento de despesas, isto é, são priorizados os gastos já autorizados no orçamento. E quando há excesso de arrecadação, novas despesas podem ser realizadas, mas é necessária sempre prévia autorização do Poder Legislativo para tanto.

(Disponível em: <http://www.lrf.com.br>)

Os pronomes em destaque classificam-se como:

1 — pronome reflexivo.

2 — parte integrante do verbo, pois é pronominal.

3 — conjunção comparativa = como se.

4 — conjunção condicional.

5 — índice de indeterminação do sujeito.

Das classificações acima, estão corretas:
a) 1, 2 e 3.
b) 2, 3 e 4.
c) 4 e 5.
d) nenhuma.
e) todas.

Leia o texto abaixo para responder à questão 5.

Quanto à sua natureza jurídica, no Brasil, o orçamento público é apenas autorizativo. Isso quer dizer que o gestor somente pode realizar a despesa pública se essa tiver (1) prevista na lei orçamentária, mas a mera previsão no orçamento não vincula a execução da despesa (2). Ou seja, o fato de a despesa estar prevista na Lei Orçamentária (3) não obriga o governante a realizá-la. Se o governo fez (4) a devida previsão de despesa para a construção de rodovias, poderá levar a efeito sua intenção, tendo em vista a existência da dotação respectiva. Não está, entretanto, obrigado a proceder à empreitada, podendo desistir da obra, caso julgue oportuno e conveniente (5).

(Disponível em: <http://www.lrf.com.br>)

5. Em relação ao texto acima, assinale a opção que está incorretamente empregada, de acordo com o contexto.

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

6. Assinale a opção que preenche respectiva e corretamente as lacunas do texto a seguir.

O orçamento público é uma lei _____, entre outros aspectos, exprime em termos financeiros a alocação dos recursos públicos. Trata-se de um instrumento de planejamento _____ espelha as decisões políticas, estabelecendo as ações prioritárias para o atendimento das demandas da sociedade, _____ escassez de recursos. Apresenta múltiplas funções — de planejamento, contábil, financeira e de controle.

(Disponível em: <http://www.lrf.com.br>)

a) cuja, o qual, diante da.
b) a qual, que, dada à.
c) em que, no qual, devido a.
d) na qual, com cujo se, com a.
e) que, que, em face da.

7. Assinale a opção em que trecho do texto apresenta erro de pontuação.

a) A PNAD (realizada pelo IBGE) revelou que a renda das famílias parou de cair em 2004 — interrompendo uma trajetória de queda que acontecia desde 1997 —, e que houve diminuição do grau de concentração da renda do trabalho.
b) Enquanto a metade da população ocupada — que recebe os menores rendimentos — teve ganho real de 3,2%, a outra metade, que tem rendimentos maiores, teve perda de 0,6%.
c) Os resultados da PNAD revelaram também que o Brasil melhorou em itens como número de trabalhadores ocupados, participação das mulheres no mercado de trabalho, indicadores da área de educação e melhoria das condições de vida.
d) Assessor especial da Presidência da República, José Graziano avaliou que esses números comprovam que o país está mudando. “Esses resultados revertem uma máxima histórica: no nosso país, os ricos ficavam cada vez mais ricos e os pobres, cada vez mais pobres”.

e) Graziano ressalta que a PNAD é a mais completa pesquisa anual sobre as condições de vida da população mostra um retrato do país, e, em 2004, ela também foi estendida para as áreas rurais dos estados de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá, alcançando a cobertura completa do território nacional.

(*Em Questão*, n. 379 — Brasília, 30 de novembro de 2005)

8. Assinale a opção em que não há problema sintático nem ortográfico.

a) A crise de 2002 reduziu significativamente o fluxo de recursos externos no Brasil e elevou bastante o risco-país, indicador de confiança do investidor extrangeiro num determinado país.

b) Em 2003, houve um ajuste fiscal mais firme para controlar a inflação, a expansão do crédito doméstico e o aumento da demanda externa por produtos brasileiros, fato que permitiu a retomada do crecimento da economia em 2004.

c) As políticas de ajuste ainda permitiram a diminuição de dívida líquida do setor público de 57,2% do PIB, no final de 2003 para 51,8%, no fim do ano passado.

d) Para continuar a crescer de forma sustentável é necessário recuperar os investimentos e ampliar a capacidade de atrair recursos estrangeiros.

e) Para enfrentar esses desafios, é necessário os esforços para equilibrar as contas da Previdência Social, reduzir o Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), implementar a nova Política Industrial, Tecnológica e de Comércio Exterior e aprovar a lei das Parcerias Público-Privadas.

(Adaptado de *Em Questão*, n. 355 — Brasília, 12 de setembro de 2005)

9. Em relação ao texto a seguir, assinale a opção que não corresponde a erro gramatical.

Não constitue (1) surpresa a verificação de que os municípios com maior índice de anulação de votos têm pontos comuns. Um deles: a taxa de analfabetismo duas ou três vezes superior à do (2) resto do país. Outro: a localização em zonas de baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) — indicador que mede renda, longevidade e instrução. São localidades pobres cujo o (3) destino, se não houver revolução de 180 graus na forma de encarar a educação, os (4) condenam (5) a se afastar cada vez mais dos progressos da civilização.

(*Correio Braziliense,* 17.10.2006)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

10. Assinale a opção que apresenta erro morfossintático ou de impropriedade vocabular.

a) A evolução da arquitetura se caracteriza pelas suas obras mais importantes, aquelas que, especulando na técnica, se fizeram diferentes e inovadoras.

b) E, quando dela nos ocupamos, vale a pena voltar ao passado e sentir como a ideia da obra de arte se integrava às razões utilitárias da arquitetura, fazendo-a mais rica, mais bela, com suas colunatas, ornamentos, pinturas, esculturas.

c) Com o advento do concreto armado, a arquitetura se modificou inteiramente. As paredes, que antes sustentavam os edifícios, passaram a simples material de vedação, surgindo a estrutura independente, a fachada de vidro.
d) A curva generosa que os antigos tanto procuravam com seus arcos, cúpulas, e abóbadas espetaculares assumiu uma nova e surpreendente dimensão e, com ela, os requintes da técnica: os grandes espaços livres e os balanços extraordinários.
e) Uma arquitetura mais livre e vazada se oferecia à todos os arquitetos que quisessem inovar e se aventurar por novos caminhos.

(Adaptado de Oscar Niemeyer)

Gabarito da Prova Simulada 20

1-d, 2-a, 3-a, 4-e, 5-a, 6-e, 7-e, 8-d, 9-b, 10-e.

Prova Simulada 21

Leia o texto abaixo para responder à questão 1.

O desenvolvimento de graus mais altos de governabilidade em um contexto de legitimidade política depende tanto da construção de uma ordem democrática estável quanto da constituição de uma série de instituições estáveis e idôneas que intermedeiem, por um lado, a opinião pública amorfa e manipulável e os interesses privados e setoriais capazes de mobilizá-la e, por outro, o Estado. Essas instituições são necessárias não somente do lado da sociedade civil, como os partidos políticos, os meios de comunicação de massa, as associações profissionais e sindicais, os grupos de interesses organizados etc., como também do lado do Estado, através da constituição de um funcionalismo público motivado e "cioso" de suas responsabilidades, de um Poder Judiciário zeloso de sua competência e independência, e assim por diante.

(Simon Schwartzman, *Bases do autoritarismo brasileiro*, Prefácio da 3ª edição revisada e ampliada, São Paulo: Campus, 1988, com adaptações)

1. Considerando os sentidos e as estruturas linguísticas do texto acima, assinale a opção correta.

a) De acordo com o texto, a governabilidade sujeita-se aos interesses privados e setoriais.
b) Depreende-se do texto que a opinião pública é manipulada tanto pelo Estado quanto por interesses particulares.
c) O autor do texto registra a importância de o Poder Judiciário ser independente.
d) Os vocábulos "mobilizá-la" e "através" são acentuados em atendimento a diferentes regras de acentuação gráfica.
e) Para o autor do texto, quanto mais se adquire legitimidade política, maior é o grau de governabilidade conquistado.

Leia o texto abaixo para responder à questão 2.

A ideia de que cada pessoa tem um caráter único e potencialidades sociais que podem ou não se realizar é alheia à cultura pré-moderna. Na Europa medieval, a linhagem, o gênero, o *status* social e outros atributos relevantes da identidade eram relativamente fixos. Eram necessárias transições entre os vários estágios da vida, mas elas eram governadas por processos institucionalizados e o papel do indivíduo neles era relativamente passivo. Em certo sentido, o

“indivíduo” não existia nas culturas tradicionais e a individualidade não era prezada. Só com o surgimento das sociedades modernas e, mais particularmente, com a diferenciação da divisão do trabalho, foi que o indivíduo separado se tornou um ponto de atenção.

(Anthony Giddens, *Modernidade e identidade*, p. 74, com adaptações)

2. Considerando o texto acima, assinale a opção que completa com correção gramatical e coerência a frase abaixo.

A individualidade só passa a ser levada em consideração
a) devido à fixidez dos atributos da identidade na cultura pré-moderna.
b) a partir da diferenciação da divisão do trabalho nas sociedades modernas.
c) porque potencialidades podem, ou não, se realizar em transições.
d) apesar do papel relativamente passivo do indivíduo na modernidade.
e) com a existência do indivíduo nas culturas tradicionais com atributos fixos.

3. Fragmentos do artigo Pela busca do desenvolvimento, de Fernando Cardim de Carvalho (Folha de S.Paulo, 18.10.2003), foram adaptados para compor os itens a seguir. Assinale a opção em que há impropriedade sintática.

a) E, nesse processo, cada lado tenta mostrar sua posição como mais forte do que realmente é, tentando convencer o oponente de sua própria fraqueza.
b) Formalmente, qualquer processo de negociação envolve questões de duas naturezas: uma, de princípios; outra, de eficiência.
c) Na prática, essas duas dimensões se confundem. Muitas vezes a busca de estratégias eficientes de negociações acabam sendo apenas um véu a cobrir a incapacidade de defender princípios.
d) Já a eficiência diz respeito aos modos de negociação, já que tal processo raramente é de modo transparente.
e) Na primeira, define-se o que se almeja obter, mas também, e principalmente, os limites do aceitável, do que se pode oferecer.

4. Os trechos abaixo constituem um texto. Assinale a opção em que não há problema morfossintático.

a) Como consultor de imagem, o jornalista Mário Rosa adverte que escândalos sempre existirão, mas hoje elementos específicos do mundo moderno acabaram por criar uma nova era.
b) “A dimensão e o seu impacto devastador transformam-se numa marca exclusiva dos nossos tempos”, ressalta o autor, que atribui ao impacto profundo do escândalo sobre políticos, empresários, marcas e até celebridades a diversas causas.
c) Segundo ele, o avanço da tecnologia tornou-se cada vez mais tênue a fronteira entre as esferas pública e privada. “A noção entre público e privado sofreu grande transformação.”
d) “Uma conversa privada a dois, é algo mais público do que um evento com centenas de pessoas.” Uma outra causa da era do escândalo é a revolução tecnológica das duas últimas décadas.
e) Uma informação é capaz de varrer o mundo em poucos segundos e alcançar uma dimensão arrazadora, principalmente quando ela está relacionada a imagem ou reputação de uma empresa ou de um líder.

(*IstoÉ*, 10.09.2003, com adaptações)

5. Assinale a opção que não apresenta redação condizente com as normas do português padrão.

a) Há 30 anos, por exemplo, a Irlanda era um país pobre, com elevado índice de analfabetismo e população pouco educada: figurava entre os últimos na Europa. Entre os países que apresentaram bons resultados, pelo menos três estavam em situação parecida com a brasileira há três décadas. Não tivemos a mesma história porque preferimos outras prioridades.

b) Ao analisarmos a vergonha de estarmos entre os piores países do mundo em educação, esquecemos-nos de analisar aqueles que estão entre os primeiros.

c) Desde então, a Irlanda investiu contínua e prioritariamente na educação de seu povo. O resultado está no mesmo relatório que envergonhou o Brasil: a Irlanda é hoje um dos países com a melhor educação, entre todos os países do mundo.

d) No lugar de mais infraestrutura econômica e desperdício em prédios públicos, a decisão foi a de que o país concentraria seus investimentos, ao longo das décadas seguintes, independentemente de resultados eleitorais, em três objetivos: saúde de qualidade e gratuita para todos, educação de excelência para todos e ciência e tecnologia de ponta.

e) Quando surgiu a possibilidade de ingresso na Comunidade Econômica Europeia, em 1973, os três partidos políticos irlandeses da época reuniram um grupo de pessoas, escolhidas entre personalidades nacionais e dirigentes políticos, para responder a uma pergunta: o que fazer para a Irlanda se transformar num país desenvolvido, voltado para o futuro?

(Cristovam Buarque)

6. O trecho abaixo apresenta segmentos destacados. Assinale a opção que corresponde a erro.

A primeira vaga da globalização, iniciada com a formação dos Estados modernos à época das grandes navegações (1), demonstra, de modo eloquente, a (2) dificuldade de se entregar, por inteiro, a um projeto de matiz mundial sem se deixar envolver, na totalidade, pela sua engrenagem, isto é, sem deixar de sofrer as consequências dela derivadas. Aqueles que, (3) no presente — ou mesmo num passado recente — adotam uma postura de cega adesão aos termos impostos pelas organizações financeiras internacionais, vêm pagando (4) um preço extremamente alto por não concederem atenção aos ensinamentos da história, e o Brasil não foge à (5) regra.

(Adaptado de Fernando Magalhães, *A globalização e as lições da história*)

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

7. Assinale a opção correta em relação à pontuação.

a) A Receita Federal iniciou auditoria nas declarações de rendimentos dos integrantes de suposta quadrilha desbaratada em operação da Polícia Federal.

b) Tal quadrilha estava sob a investigação de suspeita de enriquecimento ilícito — juízes,

advogados, agentes e delegados da Polícia Federal —.

c) Iniciada a pedido do Ministério Público, a auditoria está sendo realizada pela superintendência do Fisco, em São Paulo e não há prazo para a conclusão das investigações.

d) Com informações e documentos recolhidos pela PF, os auditores da Receita estão cruzando os rendimentos, declarados com dados da CPMF.

e) Se ficar constatado que passaram pelas contas quantias incompatíveis com a renda declarada, a Receita irá solicitar, quebra do sigilo bancário.

8. Abaixo estão dispostas partes de um texto que tem como título Trabalho escravo com apoio federal (adaptado de Globo online). Assinale a opção que apresenta erro.

a) A Organização Internacional do Trabalho (OIT) constatou, em estudo recém-concluído, que os bancos públicos ainda financiam empresas que exploram mão de obra escrava no país. O BNDES, o Banco do Brasil e o Banco da Amazônia (Basa), além de órgãos públicos como a Sudam e a Sudene, concedem créditos a empresas envolvidas com esse tipo de crime.

b) A pesquisa da OIT foi feita com base em dados de 1997 a 2002 e entrevistas com cerca de sete mil trabalhadores resgatados da condição de escravidão. O perfil das vítimas desse tipo de trabalho no país é de jovens, analfabetos e pessoas sem sequer registro civil. Mais de 80% das vítimas de trabalho escravo e degradante não têm registro civil.

c) Para a OIT, embora o problema aconteça no âmbito das relações trabalhistas, também é uma grave violação dos direitos humanos, porque envolve o cerceamento da liberdade das pessoas.

d) As condições geográficas do local em que estão submetidas (30, 40 quilômetros de distância da cidade) e a presença de guardas armados as impedem de fugir.

e) Uma das ações previstas no programa da OIT é a instalação de projetos pilotos, a partir de 2004, nos municípios aonde há mais aliciamento. A meta inicial é inserir cerca de 200 trabalhadores no mercado formal de emprego.

9. Assinale a opção que contém erro.

a) É expediente rotineiro na hierarquia do crime organizado armar o braço de crianças e adolescentes para matar pessoas. Utilizar menores em empreitadas criminosas tem constituído regra no mundo do crime.

b) Não sofrendo de nenhum transtorno cognitivo sério, jovens de 16 anos são suficientemente capazes de entender postulados simples como “matar alguém é crime”, sendo igualmente aptos a compreender que se praticarem tal ação serão punidos com a prisão.

c) A inimputabilidade penal de crianças e adolescentes contribui não só para converter-lhes em sicários do crime organizado, mas também funciona — o que é mais grave — como exortação para que novos grupos venham sentar praça na delinquência.

d) A lei estaria mais sintonizada com os anseios da sociedade se homicidas, ou autores de latrocínio entre 16 e 18 anos de idade, fossem avaliados por comissões de especialistas para lhes ser imputada a devida medida socioeducativa.

e) A vida e a intangibilidade física das pessoas são os bens mais valiosos protegidos pela ordem jurídica. Logo, não devem ceder tal primazia a outro pressuposto de direito.

(Baseado em Josemar Dantas, A lei penal e adolescentes, *Correio Braziliense*, D&J,

17.11.2003)

10. Está transcrito abaixo um trecho (com adaptações) da crônica *Meditações sobre o amor,* de Rachel de Queiroz — escritora brasileira. Leia os trechos e assinale aquele que apresenta erro de natureza gramatical.

a) Não é a todos que apresenta-se oportunidade de amar, nem encontra-se capacidade de amar em todos a quem a oportunidade apresenta-se.
b) É mister que se reúnam capacidade e oportunidade, oportunidade e pessoa.
c) Quanto ao objeto do amor, isso é somenos.
d) Todos sabem que é melhor amado aquele que menos o merece, ou aquele que nem sequer tem consciência do amor alheio por si.
e) Porque jamais os olhos ou a inteligência ajudam o coração amante, ou, se ajudam, fazem-no de modo passivo: apagando-se, deixando de enxergar e de discernir, fugindo ao exercício do seu ofício natural que é prevenir o dono contra surpresas e maus passos.

Gabarito da Prova Simulada 21

1-c, 2-b, 3-c, 4-a, 5-b, 6-c, 7-a, 8-e, 9-c, 10-a.

Prova Simulada 22

Leia o texto abaixo para responder à questão 1.

Do Painel do Leitor da *Folha de S.Paulo* de 08.01.2006 transcreve-se a seguinte mensagem:

Antônio Negri e Giuseppe Cocco foram muito precisos e felizes no artigo de 5/1 ao destacarem como o programa Bolsa Família tem contribuído para diminuir a desigualdade e o seu caráter de embrião de uma renda universal e cidadã, sobretudo ao concluírem com a sugestão de que o governo Lula deveria colocar sua própria prática na perspectiva de aceleração do processo de democratização, apontando para a incondicionalidade.

Já existe o instrumento legal para isso. É a lei 10.835, sancionada pelo presidente em 8/1/2004. Ela institui, por etapas, começando pelos mais necessitados, a critério do Poder Executivo, uma renda básica de cidadania, ou seja, o direito de todas as pessoas no Brasil, incondicionalmente, receberem uma renda para atender as suas necessidades vitais.

O Executivo definirá o seu valor levando em conta o grau de desenvolvimento do país.

(Eduardo Matarazzo Suplicy, senador — PT/SP, São Paulo, SP)

1. Assinale a opção que contém asserção falsa a respeito da compreensão das ideias do texto e das inferências permitidas por uma leitura correta.

a) O autor inicia sua mensagem tecendo um elogio a Antônio Negri e Giuseppe Cocco pelo teor do artigo escrito por eles.
b) Pelas palavras da mensagem, deduz-se que os autores concluem seu artigo recomendando ao governo Lula que se aproveite de sua prática com o programa Bolsa Família para acelerar o processo de democratização, por meio da concessão de renda universal.
c) É louvável, da perspectiva do autor da mensagem, o referido artigo ter atribuído ao programa Bolsa Família a peculiaridade de ser a semente da qual pode germinar a instituição de uma renda básica de cidadania.
d) A menção à Lei n. 10.835/2004 é uma forma de o senador Suplicy indicar o caminho legal à consecução da sugestão feita pelos autores do artigo ao governo Lula.

e) No contexto em que se encontra, entende-se que o substantivo “incondicionalidade”, que significa “adesão irrestrita”, aponta para a doação de uma renda que atenda às necessidades de todo brasileiro, independentemente de quanto custe sua sobrevivência.

2. Assinale o segmento que dá continuidade ao texto, respeitando a coerência, a coesão e a correção gramatical.

O meu segundo contato com a massa proletária de Pernambuco foi em uma assembleia, que presidi, de fundação da União Cosmopolita, nome dado ao sindicato dos trabalhadores da Pernambuco Tramways. Não obstante o entusiasmo que dominava o ambiente, observei que havia certa apreensão, se não receio da atitude que viesse a tomar a companhia contra os empregados ali reunidos, muito particularmente contra os que mais se tinham salientado como promotores da organização. Não era sem motivo que temessem qualquer ato de hostilidade porque sabiam, por experiência própria, quanto aquela empresa era autoritária e inacessível em atendê-los fosse no que fosse, _____.

a) tanto mais em permitir que se associassem para a defesa de direitos que ela jamais suportaria que pudessem ter a veleidade de os reivindicar.
b) quanto mais em anuir aquela associação na luta por direitos que ela nunca iria concedê-los.
c) com muito mais razão em aceitar que se tivessem reunido os empregados numa associação para pleitear direitos que ela jamais pensasse em conceder.
d) mormente agora, em que haviam conseguido congregar-se num sindicato para a conquista de direitos que ela teria de lhes reivindicar.
e) principalmente num caso de sublevação, em que os empregados se fortaleciam na defesa de direitos que ela nunca imaginou viesse eles lutar a favor.

(Joaquim Pimenta, *Retalhos do Passado*, Rio, 1949, p. 197, com adaptações)

3. O texto abaixo apresenta cinco segmentos destacados, identificados com letras de (a) a (e). Em cada opção, encontra-se uma reescritura do respectivo segmento sublinhado. Assinale a única reescritura que atende aos requisitos da norma padrão da língua escrita e às exigências textuais de coesão e coerência.

Pesquisas mostram que hoje a honestidade é um dos principais critérios de avaliação quando os cidadãos escolhem candidatos em eleições. Há quem diga com alguma razão que a distinção honesto/desonesto substituiu as antigas guerras ideológicas entre esquerda e direita, (a) cujas fronteiras se confundiram diante da onda de pragmatismo na política. Seja como for, é fato que existe um mercado político em torno da demanda por mais honestidade. (b) O discurso anticorrupção tomou conta dos debates não somente na época das eleições. O tema da corrupção é manejado com facilidade por integrantes de todo o espectro ideológico, da esquerda à direita. (c) Para os primeiros, a corrupção é a captura do Estado, para os últimos é sinal da deterioração moral da sociedade. Também influencia as discussões sobre políticas públicas e as finanças do Estado. (d) Diante da escassez de recursos novos e do comprometimento dos orçamentos públicos com gastos programados, a discussão na área de políticas públicas gira basicamente em torno da questão da qualidade dos gastos comprometidos. (e) Ora, a qualidade dos gastos públicos está intimamente ligada a problemas de desperdício e desvio de recursos em benefício próprio, portanto, à corrupção.

(Bruno Wilhem Speck, Porque a corrupção tornou-se uma doença,
Pensa/CB, 04.06.2005, p. 4)

a) cujos os limites ficaram tênues em virtude da maré de pragmatismo que tomou conta da política.
b) Clamar pela ética passou a ser um tópico presente na agenda do país não apenas em períodos de eleição.
c) Sendo a corrupção, para os esquerdistas, um ato de usurpação do Estado: para a direita ela é índice da decadência moral da sociedade.
d) Face a insuficiência de dinheiro novo com o contingenciamento dos orçamentos públicos com despesas vinculadas.
e) Pois, o modo como se gasta o dinheiro público, tem relação estreita com questões de gastança desenfreada e recursos direcionados para destinatários indevidos, por conseguinte, para a malversação.

4. Estão transcritos abaixo trechos do artigo O Brasil tem futuro?, de Jaime Pinsky. Assinale a opção que apresenta a paráfrase do segmento destacado que atende a estes dois requisitos: 1) mantém o sentido original e 2) constrói-se em linguagem escorreita.

a) A pergunta cabe: nosso país tem futuro? Podemos, de fato, acreditar num Brasil diferente e melhor do que temos? Ou estamos condenados a servir de lastro para as naves do progresso que insistem em não se fixar por aqui?

Ou estamos fadados a ser o peso morto que se alija das embarcações que para cá insistem em arribar, trazendo o progresso para nossos portos?

b) Trata-se de pensar se o Brasil tem chances de chegar entre os mais bem colocados no campeonato mundial de desenvolvimento, justiça social, infraestrutura, saúde e educação de qualidade para todos, estradas decentes, cidades organizadas, respeito ao cidadão e respeito do cidadão pelo coletivo.

É o caso de se cogitar se nosso país disporá das oportunidades para estar entre os países campeões de desenvolvimento...

c) Os brasileiros, quem somos, afinal? Uma turma de explorados pelo capital internacional, um povo sem vocação para o capitalismo moderno, um bando de incompetentes hipócritas, uma cambada de salafrários hipócritas, um grupo irreversível de desunidos?

Cabe perguntar sobre a identidade que no final iremos assumir.

d) Nossa inconsequência e baixo sentido de cidadania fazem com que sejamos radicais no discurso a respeito de temas sobre os quais temos pouca possibilidade de interferir, mas não passemos de comodistas com relação a situações cotidianas sobre as quais temos condições (além de direito e dever) de modificar.

... quando tratemos de assuntos cuja possibilidade de interferência a temos pouca...

e) Mudanças ocorrem não por acaso, mas como fruto de vontade forte. Uma lembrança histórica: a escravidão se manteve no Brasil até quase o final do século 19 não apenas porque assim o desejavam meia dúzia de grandes latifundiários, mas porque estava largamente espalhada pelo país.

... devido não apenas à vontade de um pequeno grupo de proprietários de terras, mas também porque se alastrara por todos lugares.

(*Correio Braziliense*, 08.01.2006, p. 17)

5. Assinale o segmento morfossintaticamente correto, sobretudo quanto ao que estabelece a norma padrão da língua escrita nos capítulos da concordância e da

regência.

a) O projeto de lei que visa melhorar a regulamentação da interceptação, da interrupção, da escuta e da gravação de comunicações telefônicas e das que lhes são equiparadas não representa, de modo algum, uma forma de censura à imprensa.

b) Como vem sendo noticiada, a captação de dados de informática têm sofrido ataques constantes de criminosos que, com avançados meios tecnológicos, tem perpetrado grampos e gravações ilícitas de conversas e comunicações de dados.

c) O projeto de lei tem não só a preocupação de punir àquele que realiza o ato ilícito mas também quem, de qualquer forma, utiliza do que é obtido com esse crime.

d) Não se punem apenas o ato de furtar ou roubar bens, mas também o receptador que, sem praticar o furto ou o roubo, se valem do bem (objeto do crime) para uso pessoal ou para obter lucro.

e) A imprensa brasileira, que tem atendido tão honradamente com os princípios de legalidade, não vai querer anuir a sedução de incentivar os grampos ilegais para utilizar o produto desse crime como matéria-prima de seu trabalho.

(Trechos adaptados de Maurício Z. de Moraes, Avanço para proteger os cidadãos, *Folha de S.Paulo*, 21.01.2006, A3)

6. Ao texto original, foram feitas alterações morfossintáticas. Assinale a opção que apresenta o único trecho que restou inteiramente correto, quanto aos ditames da norma padrão da língua escrita e às exigências textuais de coesão e coerência.

a) No crescimento do PIB, no ano de 2004, teve significativa importância a expansão do consumo interno e do investimento, e não apenas o das exportações, como em surtos de crescimento anteriores.

b) Foram responsável, internamente, por essa expansão: o consumo das famílias que cresceu 4,3% ao ano e o crescimento do investimento da ordem da mais alta taxa desde o final de 1997, bem como das exportações de bens e serviços.

c) A resposta à indagação sobre é viável sustentar taxas de crescimento do PIB real em torno dos 5% ao ano é a de um sim. Mas temos de torcer para que não ocorrem acidentes externos com fortes impactos negativos.

d) Ademais, é fundamental que se atue para elevar nossas taxas de poupança e de investimento a níveis compatíveis com a sustentação do crescimento — o que exige a criação de um ambiente favorável ao investimento e ampliação da capacidade de mobilizar poupança, especialmente a doméstica.

e) A poupança doméstica necessita de ser estimulada para assegurar um crescimento elevado e duradouro do PIB real. A poupança privada requer políticas que lhe estimulem.

(Charles C. Mueller, *UnB Revista*, ano IV, n. 11,
maio/jun./jul. 2005, com modificações)

7. A pichação é uma das expressões mais visíveis da invisibilidade humana. São mais do que rabiscos. São uma forma de estabelecer uma relação de pertencimento com a comunidade — mesmo que por meio da agressão — e, ao mesmo tempo, de dar ao autor um sentido de autoidentidade.

(Gilberto Dimenstein, *Folha de S.Paulo*, 21.01.2006)

Sobre esse trecho, são feitas quatro declarações. Analise-as e assinale, a seguir, a opção

correta em relação a elas.

I. A norma escrita culta permite também uma outra forma de concordância na expressão partitiva da primeira linha, que é: uma das expressões mais visível.

II. Nos dois períodos iniciados pela forma verbal "São", a concordância verbal se faz com o predicativo do sujeito.

III. O verbo "dar", na penúltima linha, está empregado como bitransitivo, constando da frase seus dois objetos: o direto e o indireto.

IV. Os dois verbos antecedidos de preposição: "de estabelecer..." e "de dar", coordenados entre si, estão subordinados ao mesmo termo.

A opção correta é:

a) São verdadeiras as quatro declarações.
b) São verdadeiras apenas duas declarações: II e IV.
c) Apenas III e IV são declarações verdadeiras.
d) Três declarações são verdadeiras: II, III e IV.
e) A I é a única declaração verdadeira.

8. Indique a opção que preenche com correção as lacunas numeradas no texto abaixo.

A colonização jamais correspondeu, entre nós, (1) necessidades do trabalho; correspondeu sempre, sim, (2) necessidade da produção, ou, mais realmente à necessidade das colheitas, isto é, (3) necessidades de dinheiro pronto e de dinheiro fácil, que é o que sustenta as culturas, nas regiões onde se encontram colonos. No dia em que se abrir guerra (4) ociosidade e se oferecerem garantias (5) gente do campo, afluirá para o trabalho remunerado grande parte da população, hoje mantida (6) da bondade alheia.

(Adaptado de Alberto Torres, *As fontes da vida no Brasil*, Rio de Janeiro, 1915, p. 47)

a) às, a, às, a, a, a custas da
b) às, à, as, à, a, às custas da
c) as, à, as, a, à, a custas da
d) a, a, às, à, a, a custa da
e) a, à, às, à, à, à custa da

9. A frase que está redigida totalmente em conformidade com a norma culta da Língua Portuguesa é:

a) Ao ler o abaixo-assinado, ele espantou-se pela quantidade expressiva de assinaturas que o mesmo trazia como também, pela justeza das reinvindicações que nele continha.
b) O jurista interpretou sociologicamente os fatos, ressaltando a dificuldade que as elites econômicas e políticas têm em reconhecer um mundo que não se paute pelos valores mercadológicos.
c) Há de surgir elementos que lhes permitam enxergar a mudança no sistema de tributação como forma de garantir a retenção de recursos que o município há tempos precisa para assistir adequadamente à população.
d) O fato que, realmente, ele necessitou receber cuidados especiais naquela ocasião tão trágica não justifica que lhe enxerguem agora como um dependente costumaz.
e) O que o motivou àqueles comentários desabonadores para o artigo foi o autor ter preferido as posturas empíricas do que as teóricas quando analisava a relação do passado colonial

do país às suas condições econômicas atuais.

10. A frase que respeita completamente o padrão culto da Língua é:

a) Muitos se empenharam por inocentar, por votação secreta, os colegas mergulhados nas mais inomináveis bandalheras, como a recepção de propinas para o apoio em projetos, a captação de luvas para o filiamento partidário, ou na conquista de obras e funções públicas pela via das malas cheias de dinheiro.

b) Os criminosos se utilizaram, em suas ações corruptas e corruptoras, do símbolo da justiça social, apelando para a comoção populacional face o sofrimento humano daquela gente famélica, mas, em verdade auferiram do dinheiro público que sentem falta os setores da saúde e ensino.

c) Não desejaria absolver os que encaram os cargos públicos como manancial de vantagens, privilégios e prebendas, ou como ferramenta de enriquecimento pessoal; tais cargos constituem espaço privilegiado de labor pela sociedade e de defesa dos interesses coletivos.

d) Instruiu-nos para que nos mantêssemos impassíveis diante de previsíveis manifestações de violência naquele ambiente, pois o acordo que estava em andamento ratificaria as eventuais e desnecessárias discordâncias internas que temíamos enfrentar.

e) Num tempo em que os casamentos mau-sucedidos perderam a razão de ser, por não mais se mostrar indissolúvel, causa espécie que uma pessoa pública possa ainda conspucar sua ética à partir de uma relação clandestina de adultério.

Gabarito da Prova Simulada 22

1-e, 2-a, 3-b, 4-b, 5-a, 6-d, 7-c, 8-e, 9-b, 10-c.

Prova Simulada 23

1. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

Para incentivar o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio no Brasil, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva lançou o Prêmio ODM BRASIL. A iniciativa do governo federal em conjunto com o Movimento Nacional pela Cidadania e Solidariedade e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) vai selecionar e dar visibilidade (1) experiências em todo o país que estão contribuindo para o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), como (2) erradicação da extrema pobreza e (3) redução da mortalidade infantil. Os ODM fazem parte de um compromisso assumido, perante (4) Organização das Nações Unidas, por 189 países de cumprir (5) 18 metas sociais até o ano de 2015.

(*Em Questão*, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 390 — Brasília, 06 de janeiro de 2006)

a) a, à, à, a, às
b) as, a, a, à, as
c) às, à, a, à, às
d) a, a, a, a, as
e) as, a, a, à, às

2. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

O prêmio Objetivos de Desenvolvimento do Milênio consiste em uma das estratégias adotadas pelo governo brasileiro para (1) administrações locais, empresas públicas e privadas e organizações da sociedade civil no desenvolvimento de ações, programas e projetos que (2) efetivamente para que essas metas (3) atingidas. (4) três categorias disputadas: uma para ações de governos municipais, outra para iniciativas de organizações (entre as quais (5) órgãos públicos e privados e entidades não governamentais) e a última para destaques individuais e coletivos (pessoas ou entidades públicas ou privadas).

(*Em Questão*, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 390 — Brasília, 06 de janeiro de 2006)

a) dar estímulo a, contribuem, serem, São, enquadram
b) estimulando, contribuíssem, forem, Seriam, enquadra
c) estimular, contribuam, sejam, Serão, se enquadram
d) estimularia, contribuem, são, Vão ser, enquadram-se
e) estimulasse, contribuam, serão, Seriam, enquadra-se

3. Assinale a substituição que provoca erro gramatical.

O Plano de Prevenção e Combate ao Desmatamento na Amazônia Legal, implantado pelo Governo Federal em 2003, fez cair o (1) desmatamento na região em 31% no último ano. Imagens de satélite do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) mostram que a área desmatada despencou de 27.200 km2 para 18.900 km2. A queda ocorreu nos nove estados da Amazônia Legal, sobretudo Pará, Mato Grosso e Rondônia, considerados críticos. A redução foi igualmente significativa no entorno da BR-163 (rodovia Cuiabá-Santarém), sob regime (2) severo de fiscalização. Os dados resultaram (3) da comparação do desmatamento no período de agosto de 2004 a julho de 2005 com igual período anterior. O resultado indica o acerto das (4) políticas públicas em curso e que envolvem fiscalização, ordenamento fundiário e territorial, criação de áreas protegidas (foram criados 85 km2 de unidades de conservação em áreas de conflito, homologados 93 mil km2 de terras indígenas e criados 3,76 mil km2 de projetos de assentamentos sustentáveis), além da previsão de investimentos em infraestrutura e conversão da atividade econômica na região, com vistas à substituição da (5) extração predatória pelo desenvolvimento sustentável da floresta.

(*Em Questão* n. 381, Brasília, 07 de dezembro de 2005, com adaptações)

a) 1 — provocou a queda do
b) 2 — que estão sob o regime
c) 3 — são resultantes
d) 4 — que estão certas as
e) 5 — com o objetivo de substituir a

Leia o texto abaixo para responder às questões 4 e 5.

Uma das condições principais da pós-modernidade é o fato de ninguém poder ou dever discuti-la como condição histórico-geográfica. Com efeito, nunca é fácil elaborar uma avaliação crítica de uma situação avassaladoramente presente. Os termos do debate, da descrição e da representação são, com frequência, tão circunscritos que parece não haver como escapar de interpretações que não sejam autorreferenciais. É convencional nestes dias, por exemplo, descartar toda sugestão de que a “economia” (como quer que se entenda essa palavra vaga) possa ser determinante da vida cultural, mesmo “em última instância”. O estranho na produção

cultural pós-moderna é o ponto até o qual a mera procura de lucros é determinante em primeira instância.

(David Harvey, *Condição pós-moderna*, p. 301, com adaptações)

4. Assinale a relação lógica que não se depreende do texto.

a) Ser uma situação presente é causa de não se poder discutir a pós-modernidade.
b) Elaborar uma avaliação crítica implica debater, descrever e representar.
c) Se há produção cultural, há a busca de lucros.
d) Se a pós-modernidade fosse uma condição histórico-geográfica, a economia seria determinante na vida cultural.
e) Interpretações autorreferenciais são frequentes como resultado de avaliações críticas de uma situação presente.

5. Avalie as seguintes afirmações a respeito das estruturas linguísticas do texto para assinalar a opção correta.

I. O singular do verbo da primeira oração do texto deve-se à expressão "Uma das"; se, em seu lugar, fossem empregados termos que mantivessem o sujeito no plural, como por exemplo, Entre as, o verbo deveria ser flexionado necessariamente no plural.

II. A opção pelo verbo "parece", iniciando a oração, exige o emprego de uma forma impessoal de verbo no seu desenvolvimento; daí o uso de singular em "não haver como escapar".

III. O emprego da preposição de é obrigatória antes da conjunção integrante "que", pois aí se inicia uma oração subordinada que completa a ideia de "sugestão".

IV. A palavra "mesmo", empregada com valor adverbial de ainda que, sugere que o autor antecipa uma rejeição ao argumento que explicita na oração anterior.

A quantidade de itens corretos é

a) 0
b) 1
c) 2
d) 3
e) 4

6. Os trechos seguintes foram adaptados do texto *Modernidade, identidade e a cultura de fronteira*, de Boaventura de Sousa Santos.

Assinale a opção em que o texto foi transcrito respeitando as regras gramaticais da norma de padrão culto da língua portuguesa.

a) O que há de característico na atual crise de regulação social é que ela ocorre sem perda de hegemonia da dominação capitalista. Em outras palavras: ao contrário do que sucedeu em épocas anteriores, a crise de regulação é também uma crise de emancipação, o que constitui afinal uma outra manifestação do colapso das energias emancipatórias.
b) A dificuldade em aceitar ou suportar as injustiças e as irracionalidades da sociedade capitalista dificulta, em vez de facilitar a possibilidade de pensar uma sociedade melhor que esta. Daí que fosse profunda a crise de um pensamento estratégico de emancipação.
c) Na medida em que existiu de fato, o processo de descontextualização e de universalização

das identidades e das práticas contribuiu contraditoriamente para as classes dominadas pudessem formular projetos universais e globais de emancipação.

d) Ao contrário, o novo contextualismo e particularismo tornam difíceis pensar estrategicamente a emancipação. As lutas locais e as identidades contextuais tendem a privilegiar pelo pensamento tático em detrimento do pensamento estratégico.

e) A globalização do capital ocorre simultaneamente a localização do proletariado. Por outro lado, na crise do pensamento estratégico emancipatório da modernidade mais que uma crise de princípios, é uma crise de sujeitos sociais.

Leia o seguinte texto para responder às questões 7 e 8.

As normas jurídicas embasadas nos valores éticos e que traduzem os procedimentos e as vivências mais fortes e consolidados da coletividade tendem a ter a adesão espontânea da maioria das pessoas que nelas se sentem representadas. É o sentimento de identidade nacional, de pátria, sem o qual a coesão social se esgarça e abre as portas para o caminho do individualismo, do salve-se quem puder, da corrupção, da violência. A consolidação desse sentimento pressupõe, além das leis, uma ação constante, coordenada pelo Estado, com a participação da sociedade, dos organismos intermediários e das famílias, num processo de educação cívica, nacional, patriótica.

(Adaptado de Patrus Ananias, Civilização pelo Estado, *Correio Braziliense*, 09.01.2005)

7. Considere tanto a correção gramatical quanto a coerência textual para julgar como falsas (F) ou verdadeiras (V) as seguintes possibilidades de continuidade para o texto:

( ) Apesar das nossas diferenças e divergências, todos os compatriotas de boa vontade somos irmãos no sonho e no trabalho de construir uma nação à altura dos nossos melhores sentimentos.

( ) Por isso, a fragilidade da condição humana revela que a história da humanidade é sempre a história das pessoas inseridas na comunidade política: na hegemonia de nações economicamente mais consolidadas.

( ) Se, por um lado, egoísmo e instinto natural buscam ao rompimento das relações de coesão nacional e reforçar o individualismo, por outro nossos valores éticos consolidados almejam construir uma nação democrática e justa.

( ) Quando se evidenciou a incapacidade do sistema de globalização planejar em uma perspectiva mais ampla e elevada dos vínculos humanos e os conflitos sociais buscou-se um outro sucedâneo para o Estado.

A sequência obtida é

a) V — F — F — F
b) V — F — V — F
c) V — V — F — F
d) F — F — V — F
e) F — V — V — F

8. Julgue as seguintes afirmações a respeito das relações de concordância entre os termos do texto:

I. A flexão de plural em “traduzem” justifica-se pelo plural em “valores éticos”.

II. Porque no termo “os procedimentos e as vivências” há a inclusão de nome masculino, o termo “consolidados” precisa ser flexionado no masculino.

III. O emprego do feminino plural em “nelas” justifica-se pelo feminino plural de “pessoas”.

IV. O pronome indicativo de indeterminação de sujeito em “salve-se” exige que o verbo seja flexionado no singular.

A quantidade de itens corretos é

a) 0
b) 1
c) 2
d) 3
e) 4

Leia o texto abaixo para, em seguida, responder às questões 9 e 10.

O ser (1) humano não pode ser definido em relação a ele mesmo, porque não é um sujeito isolado, vive em relação com as coisas, com os outros e com o mundo, mesmo antes de pensar (2) e de falar. Esta presença não é somente observável como também um fato vivido, isto é, quer dizer que o ser humano se manifesta no ser (3) a cada instante. Nessa responsabilidade, inclui, às vezes, o eu e, às vezes, o outro, num equilíbrio que se faz de uma parte entre poder cuidar (4) de si mesmo e, de outra, poder cuidar dos demais. Através dessa construção coletiva, os homens fazem e criam sua história e, nessa construção-criação, o cuidado torna-se um processo, não apenas um ato. Ato este que envolve o cuidar (5) de si e do outro, mais o cuidado como possibilidade de continuidade da espécie, gozar a vida com qualidade e com liberdade.

(Adaptado de Carlos Altemir Schmitt, *O cuidado e a responsabilidade*: reflexão sobre a ética estabelecida no mundo do consumo desmedido. Disponível em: <http//www.crescer.org>)

9. Assinale o termo destacado do texto que apresenta ambivalência, ou seja, para conferir coerência ao texto, tanto pode receber a interpretação de substantivação do verbo quanto a interpretação de substantivo concreto.

a) “ser” (1)
b) “pensar” (2)
c) “ser” (3)
d) “cuidar” (4)
e) “cuidar” (5)

10. Assinale a proposta de paráfrase para fragmentos do texto que respeita a correção gramatical e a coerência da argumentação.

a) Primeiro período sintático: Por não ser um sujeito isolado, não se pode definir o ser humano em relação a ele mesmo. Daí decorre que, mesmo antes de pensar e de falar, ele vive em relação com as coisas, com os outros e com o mundo.
b) Segundo período sintático: O ser humano manifesta-se instantaneamente no ser; o que significa que esta presença observável é também um vívido fato.
c) Terceiro período sintático: O equilíbrio se dá entre poder cuidar de si mesmo, de um lado, e

poder cuidar dos demais, de outro, e tal responsabilidade, às vezes, inclui tanto o eu quanto o outro.

d) Quarto período sintático: Na construção-criação de sua história — por meio dessa construção coletiva — o ato extrapola o processo no cuidado de fazer e criar história.

e) Quinto período sintático: O cuidado como possibilidade de dar continuidade na espécie, e também de gozar a vida com qualidade, usufruindo da liberdade agrega o ato de cuidar de si e do outro.

Gabarito da Prova Simulada 23

1-d, 2-c, 3-b, 4-d, 5-c, 6-a, 7-a, 8-b, 9-c, 10-c.

Prova Simulada 24

Atenção: As questões de números 1 a 10 referem-se ao texto que segue.

Macacos intelectuais

A partir de estudos realizados com primatas não humanos, publicados nos anos 60, a defesa dogmática de que a inteligência seria um dom exclusivo do Homo sapiens tornou-se insustentável. Entender a inteligência de que tanto nos orgulhamos como resultado de milhões de anos de seleção natural obedece à lógica evolutiva, visto que a evolução não cria características especiais para favorecer ou prejudicar nenhuma espécie. Como atestam os dinossauros, a natureza é madrasta impiedosa.

De onde emergiu a consciência humana?

A resposta é bem simples: da consciência dos animais.

Não há justificativa para considerá-la como propriedade exclusiva da espécie humana, respondeu Ernst Mayr, o biólogo mais influente do século passado. Aceita essa premissa, na última década, o foco da primatologia se deslocou para o estudo das características únicas dos seres humanos. Afinal, não se tem notícia de outros animais que componham sinfonias ou resolvam equações de segundo grau.

Para alguns, nossa capacidade de trocar a recompensa imediata por outra futura (sem a qual nem sequer iríamos à escola) é que nos diferencia de animais mais impulsivos. Outros argumentam que a paciência necessária para aguardar resultados mais promissores também tem raízes evolutivas, e que, em certas situações experimentais, somos mais imediatistas do que os chimpanzés. Embora chimpanzés possam dar manifestações incontestáveis de paciência para aguardar resultados de suas ações, entre eles falta uma típica característica humana: o altruísmo desinteressado. Há evidências claras da existência de comportamentos cooperativos e de altruísmo em outras espécies, mas eles estão sempre associados a interesses de reciprocidade. O verdadeiro altruísmo parece exigir níveis elevados de cognição, que envolvem a capacidade de decifrar o estado mental do outro.

(Adaptado de Drauzio Varella, *Folha de S.Paulo*)

1. No primeiro parágrafo, o autor afirma que a evolução não cria características especiais para favorecer ou prejudicar nenhuma espécie a fim de justificar

a) a lógica do processo de seleção natural.

b) a evidente primazia da inteligência humana.

c) o orgulho alimentado pelo Homo sapiens.

d) os acasos que regem a ordem evolutiva.
e) o dogmatismo de quem exalta a espécie humana.

2. Atente para as seguintes afirmações:

I. A resposta à pergunta *De onde emergiu a consciência humana?* vem em favor da hipótese de que a inteligência seria um dom exclusivo da nossa espécie.

II. O texto faz crer que não há razão para se considerar que existam atributos exclusivos dos seres humanos.

III. Uma das características próprias da espécie humana seria, para alguns, a capacidade de agir em função de objetivos não imediatos.

Em relação ao texto, está correto o que se afirma APENAS em
a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) II e III.

3. No último parágrafo, o paralelo estabelecido entre chimpanzés e homens concorre para atestar o fato de que
a) é típico da espécie humana o cooperativismo por interesse.
b) nosso altruísmo vai além de um comportamento cooperativo.
c) os homens desconhecem o interesse de reciprocidade.
d) há outros primatas capazes de níveis elevados de cognição.
e) mais de uma espécie é capaz de decifrar o estado mental do semelhante.

4. No contexto da frase "Aceita essa premissa, na última década, o foco da primatologia se deslocou para o estudo das características únicas dos seres humanos", a expressão destacada deve ser entendida como
a) consideração de uma hipótese.
b) expressão de uma consequência.
c) formulação de uma condição.
d) afirmação de fato verificado.
e) suposição a ser contraditada.

5. As normas de concordância estão plenamente observadas na frase:
a) Não se admitem que hajam nascido, em quaisquer outras espécies, seres capazes de compor sinfonias.
b) Ressalte-se, no universo dos primatas, as ações que deixam claro seus interesses numa cooperação recíproca.
c) Seguiu-se à aceitação da premissa do influente biólogo Ernst Mayr alguns deslocamentos no foco dos estudos de primatologia.
d) A troca de recompensas imediatas por outras futuras alinham-se entre as características típicas da nossa espécie.
e) Uma das peculiaridades dos verdadeiros altruístas consiste em buscarem decifrar a necessidade íntima do semelhante.

6. Está adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase:

a) Ainda que chimpanzés demonstrem algumas aptidões semelhantes às nossas, nenhuma equivalia ao desinteressado altruísmo humano.
b) Tão logo se admitiu a premissa de Ernst Mayr, deslocara-se o foco principal dos estudos de primatologia.
c) Uma vez que haja paciência para aguardar resultados promissores, o imediatismo será relegado a um segundo plano.
d) Se houvesse altruísmo em outras espécies, perde-se um forte argumento em favor do diferencial humano.
e) Caso os chimpanzés disponham de um nível elevado de cognição, não há por que considerar que não pudessem compor sinfonias.

7. Está clara, coerente e correta a redação da seguinte frase:

a) Sequer deixaríamos de frequentar à escola no caso de trocarmos a recompensa imediata por uma outra que só o futuro viesse a vislumbrar.
b) Há muitos que argumentam de que mesmo entre os chimpanzés ocorre a paciência necessária, de acordo com as raízes evolutivas.
c) Comportamentos altruístas ou mesmo desinteressados não se observa em todas as espécies, constituindo-se conforme peculiaridade humana.
d) Evidências de comportamento cooperativo notam-se em outras espécies, mas apenas os seres humanos são capazes de um autêntico altruísmo.
e) Não obstante Ernst Mayr tenha concluído de que a consciência humana emerge dos animais, o foco da primatologia estuda nossas características.

8. Entender a inteligência de que tanto nos orgulhamos como resultado de milhões de anos de seleção natural obedece à lógica evolutiva (...).

Os elementos destacados podem permanecer na frase acima caso se substitua

a) orgulhamos por ufanamos e obedece por é acreditar.
b) nos orgulhamos por demonstramos e obedece por é dar fé.
c) nos orgulhamos por lisonjeamos e obedece por acata.
d) nos orgulhamos por vangloriamos e obedece por se pauta.
e) orgulhamos por gabamos e obedece por revela adesão.

9. Está inteiramente correta a pontuação da seguinte frase:

a) A realização de estudos com primatas não humanos, tem revelado que a inteligência ao contrário do que se pensa, não é nosso dom exclusivo.
b) A conclusão é, na verdade, surpreendente: a consciência humana, longe de ser um dom sobrenatural, emerge da consciência dos animais.
c) Ernst Mayr, eminente biólogo do século passado não teve dúvida em afirmar que, a nossa consciência, é uma evolução da consciência dos animais.
d) Sejam sinfonias sejam equações de segundo grau, há operações que de tão sofisticadas, não são acessíveis à inteligência de outros animais.
e) O que caracteriza efetivamente o verdadeiro altruísmo, é o comportamento cooperativo que se adota, de modo desinteressado.

10. NÃO admite transposição para a voz passiva a construção verbal da seguinte frase:

a) A inteligência está longe de ser um dom exclusivo da espécie humana.
b) Os primatas não trocam a recompensa imediata por outra mais distante.
c) O altruísmo autêntico sempre exige níveis elevados de cognição.
d) Os chimpanzés manifestam gestos de inequívoca paciência.
e) A premissa de Ernst Mayr obteve grande acolhimento no século passado.

Gabarito da Prova Simulada 24

1-a, 2-c, 3-b, 4-d, 5-e, 6-c, 7-d, 8-e, 9-b, 10-a.

Prova Simulada 25

Atenção: As questões de números 1 a 6 referem-se ao texto que segue.

Do abuso das palavras

Quando o célebre La Rochefoucauld disse que o amor-próprio é o princípio de todas as nossas ações, como a ignorância da verdadeira significação desse termo amor-próprio levantou pessoas contra esse ilustre pensador! Tomou-se o amor-próprio como orgulho e vaidade e imaginou-se, por conseguinte, que La Rochefoucauld colocava no vício a fonte de todas as virtudes. No entanto, era fácil perceber que o amor-próprio, ou o amor de si, não era outra coisa a não ser um sentimento gravado em nós pela natureza; que esse sentimento se transformava em cada homem em vício ou virtude, segundo os gostos e as paixões que o dominavam; e que o amor-próprio, diferentemente modificado, produzia igualmente o orgulho e a modéstia.

O conhecimento dessas ideias teria preservado La Rochefoucauld da censura tão repetida de que ele via a humanidade de modo por demais pessimista; na verdade, ele a conheceu tal qual ela é. Concordo com que a visão nítida da indiferença de quase todos os homens a nosso respeito é um espetáculo desolador para a nossa vaidade, mas, enfim, é preciso tomar os homens como são: irritar-se com os efeitos de seu amor-próprio é queixar-se dos aguaceiros da primavera, dos ardores do verão, das chuvas de outono e das geadas do inverno.

(Helvétius, *Os Pensadores*)

Nota: La Rochefoucauld e Helvétius são pensadores franceses dos séculos XVII e XVIII, respectivamente.

1. De acordo com Helvétius, a afirmação de La Rochefoucauld a respeito do amor-próprio não foi compreendida porque as pessoas

a) não admitiam que alguém pudesse desenvolver esse bom sentimento.
b) não entendiam que esse sentimento era visto como um princípio natural.
c) imaginavam que o orgulho e a vaidade fossem sinônimos entre si.
d) preferiam crer que os homens não adquirem vícios ao longo da vida.
e) não aceitavam que um sentimento tão nobre implicasse a degradação.

2. Comentando a afirmação de La Rochefoucauld a respeito do amor-próprio, Helvétius lembra que esse sentimento

a) é um estigma que nos marca e nos impede de fazer escolhas morais.
b) é o responsável por todas as ações das quais acabamos por nos arrepender.
c) identifica as pessoas que demonstram alta preocupação ética em seus atos.
d) desenvolve-se em nós consoante a natureza das diferentes paixões.

e) é um efeito cultural irremovível e inevitável da vida em sociedade.

3. O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do plural para preencher de modo correto a lacuna da frase:

a) Há sempre forte oposição às ideias que ____ (propagar) um pensador implacável como La Rochefoucauld.
b) O que resulta em virtudes ou vícios humanos ____ (advir) das formas pelas quais canalizamos nossos afetos.
c) A um mais elevado comportamento moral do homem não ____ (tolher) apenas as fraquezas pessoais, mas também os impulsos da natureza.
d) Não obstante não ____ (deixar) de haver opções em nosso caminho, os ditames da nossa natureza exercem um papel fundamental a cada escolha.
e) Tantas recriminações ____ (haver) às ideias de La Rochefoucauld que Helvétius acabou se irritando com a ignorância das pessoas.

4. No contexto do segundo parágrafo, o segmento mas, enfim, é preciso tomar os homens como são pode ser substituído, sem prejuízo para o sentido e a correção, por:

a) porém, afinal de contas, é preciso tomá-los como são.
b) portanto, e por fim, é preciso os tomar como sejam.
c) no entanto, é preciso ainda tomá-los como são.
d) porém, que fazer, é preciso tomar-lhes como são.
e) no entanto, por isso, é preciso tomar-lhes como sejam.

5. Atente para as seguintes afirmações:

I. Todo homem tem amor-próprio.
II. O amor-próprio é uma marca da natureza.
III. As marcas da natureza são incontornáveis.

As afirmações acima articulam-se de modo claro, correto e coerente na frase:

a) Sendo uma marca da natureza, todo homem tem amor-próprio, incontornável como os demais.
b) Todo homem tem amor-próprio, que é uma das marcas da natureza, mesmo quando são incontornáveis.
c) Por serem incontornáveis as marcas da natureza, o mesmo ocorre com todo homem que tem amor-próprio.
d) Como marca da natureza, o amor-próprio é incontornável, tal como acontece com os homens.
e) O amor-próprio, que tem todo homem, é uma marca da natureza, incontornável como as outras.

6. O emprego e a grafia de todas as palavras estão corretos na frase:

a) É difícil haver uma recepção concensual do sentido das palavras: Helvétius surprendeu-se com o atribuído a *amor-próprio*.
b) O mal entendimento do termo *amor-próprio* concitou Helvétius a investir contra os detratores de La Rochefoucauld.
c) Mesmo o mais exitoso filósofo tem de enfrentar os empecilhos criados por pessoas sem qualquer envergadura intelectual.

d) La Rochefoucauld, celebrizado por seu verve de humor, criou máximas que transporam as fronteiras do tempo e do espaço.
e) As pessoas indignadas, que assacavam as ideias de La Rochefoucauld, justificavam o fato alegando ser o filósofo um nilista impedernido.

Atenção: As questões de números 7 a 10 referem-se ao texto que segue.

Sobre o romance Galvez, Imperador do Acre, de Márcio Souza

A paisagem pode ser luxuriante, intrincada, retorcida, mas o romancista recusa-lhe as lianas do aparato verbal. Pretende antes de tudo caricaturar as aventuras do ciclo da borracha, sem convocar adjetivos para compor estrondos estilísticos.

Nem as lendas do inferno verde, nem as lendas do celeiro mundial. O romancista Márcio Souza prefere o retrospecto irônico, que às vezes faz espocar um sarcasmo, como as rolhas de champanha francês e os foguetes anunciadores do advento do século XX nos confins do Acre. Cearenses ocuparam a região duas vezes maior que Portugal. No dizer do autor, "empurraram a fronteira com a própria miséria". E dali vem a mais fina borracha que resulta em contas bancárias na Suíça, temporadas líricas, bordéis tumultuosos, tangos e maxixes ao piano, diamantes a faiscarem no colo farto de damas pelintras.

(Hélio Pólvora, *Veja*)

7. Em seu comentário crítico, Hélio Pólvora afirma que o romance em questão desenvolve-se

a) numa linguagem inspirada na exuberância da realidade representada.
b) num estilo fielmente colado ao dos documentos históricos sobre a região.
c) na imaginação fantasiosa e crítica com a qual o autor narra sua vida.
d) numa narração marcada por humor muitas vezes ácido e caricaturesco.
e) no discurso borbulhante e retórico dos novos ricos da região.

8. Atente para as seguintes afirmações:

I . Lianas do aparato verbal e estrondos estilísticos são recursos recusados pela linguagem de Márcio Souza em seu romance.

II. Expressões como inferno verde e celeiro mundial conotam visões estereotipadas da região amazônica.

III. O verbo *espocar* é utilizado em mais de um sentido, no contexto do segundo parágrafo.

Em relação ao texto, está correto o que se afirma em

a) I, II e III.
b) I e II, apenas.
c) I e III, apenas.
d) II e III, apenas.
e) III, apenas.

9. Considerando-se o contexto, têm sentido contrastante os seguintes elementos:

a) luxuriante *e* intrincada.
b) caricaturar *e* espocar um sarcasmo.
c) temporadas líricas *e* a própria miséria.

d) bordéis tumultuosos *e* damas pelintras.
e) champanha francês *e* foguetes anunciadores.

10. A forma por que preenche corretamente a lacuna da frase:

a) Os cearenses expandiram as fronteiras _____ movidos pelas mais duras necessidades.
b) Um dos motivos _____ Hélio Pólvora se agradou desse romance é a visão original do autor.
c) Márcio Souza decidiu-se pelo humor _____ se dispôs a fazer de seu livro uma sátira histórica.
d) O livro de Márcio Souza fez sucesso pela inteligência e pelo humor, não há outro _____ .
e) Muitos se escandalizaram com o romance, mas se recusaram a dizer o _____ .

Gabarito da Prova Simulada 25

1-b, 2-d, 3-c, 4-a, 5-e, 6-c, 7-d, 8-a, 9-c, 10-b.

Prova Simulada 26

O texto abaixo serve de base para as questões 1 e 2.

O setor público não é feito apenas de filas, atrasos, burocracia, ineficiência e reclamações. A sétima edição do Prêmio de Gestão Pública, coordenado pelo Ministério do Planejamento, mostra que o serviço público federal também é capaz de oferecer serviços com qualidade de primeiro mundo. De 74 instituições públicas inscritas, 13 foram selecionadas por ter conseguido, ao longo dos anos, implantar e manter práticas e rotinas de gestão capazes de melhorar de forma crescente seus resultados, tornando-os referências nacionais. O perfil dos premiados mostra que o que está em questão não é tamanho, visibilidade ou importância estratégica, mas, sim, a capacidade de fazer com que as engrenagens da máquina funcionem de forma eficiente, constante e muito bem controlada.

(Ilhas de Excelência, *IstoÉ*, 02.03.2005, com adaptações)

1. A argumentação do texto não permite inferir que

a) A melhora de resultados é critério para uma instituição pública se tornar referência nacional.
b) A capacidade de funcionar de forma eficiente, constante e bem controlada pode resultar em serviços de qualidade.
c) A qualidade de primeiro mundo em gestão pública tem como critérios a visibilidade e a importância estratégica da instituição.
d) A qualidade de serviços do primeiro mundo constitui parâmetro para avaliação da qualidade de serviços públicos federais no Brasil.
e) A premiação considerou como qualidade a implantação e a manutenção de práticas de rotina que melhoram os resultados da gestão.

2. Assinale a opção incorreta a respeito das estruturas linguísticas do texto.

a) A retirada do advérbio “apenas” preserva a correção gramatical do texto, mas altera as relações significativas entre os argumentos.
b) A supressão do advérbio “também” preserva a correção gramatical, mas retira do texto a ideia pressuposta de que o serviço público oferece serviços que não são de qualidade.
c) A substituição da forma não flexionada de “ter” pelo infinitivo flexionado correspondente, terem, respeita as regras gramaticais e preserva a coerência textual.

d) A retirada do pronome do termo “tornando-os” preserva a correção gramatical e a coerência textual, deixando subentendido o objeto de “referências nacionais”.
e) No último período do texto, a substituição do primeiro “que” pelo sinal de dois-pontos preserva a correção gramatical e a coerência argumentativa do texto, com a vantagem de evitar uma repetição de palavra.

O texto abaixo serve de base para as questões 3 e 4.

Santo Agostinho (354-430), um dos grandes formuladores do catolicismo, uniu a teologia à filosofia. Sua contribuição para o estudo das taxas de juros, ainda que involuntária, foi tremenda. Em suas *Confissões*, o bispo de Hipona, filho de Santa Mônica, conta que, ainda adolescente, clamou a Deus que lhe concedesse a castidade e a continência e fez uma ressalva — ansiava por essa graça, mas não de imediato. Ele admitiu que receava perder a concupiscência natural da puberdade. A atitude de Santo Agostinho traduz impecavelmente a urgência do ser humano em viver o aqui e agora. Essa atitude alia-se ao desejo de adiar quanto puder a dor e arcar com as consequências do desfrute presente — sejam elas de ordem financeira ou de saúde. É justamente essa urgência que explica a predisposição das pessoas, empresas e países a pagar altas taxas de juros para usufruir o mais rápido possível seu objeto de desejo.

[Viver agora, pagar depois (fragmento).
In: Economia e Negócios*, Veja*, 30.03.2005, p. 90]

3. Assinale a opção correta com base no que se depreende do texto.

a) Na adolescência, o bispo de Hipona foi concupiscente.
b) O clamor de Santo Agostinho a Deus incluía o adiamento dos prazeres libidinosos.
c) A predisposição para o pagamento de altas taxas de juros é causa da urgência de se querer viver intensamente o momento presente.
d) A atitude tomada pelo filósofo católico, na adolescência, diferenciava-o dos demais homens e prenunciava a santificação futura.
e) O teólogo e filósofo do catolicismo contribuiu significativamente para a formulação do conceito das taxas de juros, ainda que fosse contrário à matéria.

4. Julgue as afirmações a respeito do texto como verdadeiras (V) ou falsas (F), para marcar, a seguir, a opção correta.

( ) Em virtude do paralelismo sintático, o acento grave, em “à filosofia”, poderia ser eliminado.

( ) Estaria garantida a correção gramatical do texto se o pronome possessivo que inicia o segundo período fosse substituído, nessa mesma posição, pelo pronome “cujo”, flexionado no feminino (cuja), e o ponto fosse substituído por uma vírgula.

( ) Haveria alteração do sentido original do texto se a expressão “ainda adolescente” fosse deslocada para a posição imediatamente posterior à forma verbal “conta”.

( ) Dada a relação de sentido que se estabelece no período, a conjunção “e” (em destaque no terceiro período) poderia ser substituída, mantendo-se a coerência textual, pela conjunção ”mas” precedida de vírgula.

( ) O complemento verbal “seu objeto de desejo” poderia vir precedido da preposição

“de”, atendendo-se à regência do verbo “usufruir”.

A sequência correta obtida é:

a) V, F, F, V, V
b) F, V, V, V, F
c) V, V, F, F, V
d) V, F, V, F, F
e) F, F, V, V, V

O texto abaixo serve de base para as questões 5 e 6.

Os teóricos, ao dizerem que os indivíduos são cronicamente insatisfeitos porque são consumistas, não estão constatando um fato, mas emitindo um julgamento moral, isto é, a satisfação psicológica obtida com a compra de objetos é interpretada como insatisfação, porque seria um tipo de realização emocional espúrio. Em outras palavras, supõe-se que existe uma forma mais nobre de satisfação emocional que se perderia no contato com o mundo dos artefatos, ou então, como nos autores de orientação marxista, que a insatisfação é inevitável quando o sujeito é expropriado do que ele próprio produz e coagido a comprar os objetos produzidos pelos proprietários do capital. Em suma, pode existir satisfação com os objetos de uso, mas, não, com os de troca, ou seja, com a mercadoria.

(Texto adaptado de Jurandir Freire Costa, *O vestígio e a aura*: corpo e consumismo na moral do espetáculo, p. 203)

5. Assinale a afirmativa que está de acordo com o que argumenta o autor do texto.

a) Na análise do ser humano e de sua conduta pessoal e social, deve haver mais rigor, para que não prevaleçam as crenças e os fatos sejam examinados com objetividade.
b) Aqueles que criticam as leis de mercado, como os marxistas, por exemplo, elaboram análises equivocadas a respeito dos estados psicológicos do ser humano.
c) É verdadeiro o pressuposto de que é espúria a satisfação emocional resultante da compra de objetos, mas a relação de causa e efeito entre esses dois fatos é falsa.
d) A mercadoria, vilã da satisfação plena do indivíduo, é referida por grande parte dos teóricos como a forma mais nobre de satisfação emocional.
e) Os teóricos não estariam emitindo julgamento de valor se, ao contrário do que afirmam sobre a insatisfação crônica dos indivíduos, declarassem que, apesar de insatisfeitos, os indivíduos continuam consumistas.

6. Assinale o trecho que dá continuidade ao texto de forma coerente e que atende à prescrição gramatical.

a) Não é no entanto, espúria, como julgam os teóricos, a satisfação por meio do consumo de artefatos. Trata-se a questão de afastar da análise as interferências ideológicas, com vistas à retratar com exatidão a realidade psicológica sob escopo.
b) Não há como negar que a sociedade de mercado exige que uma análise dessa natureza se baseie em outro paradigma da psicologia, conquanto a satisfação dos indivíduos esteja diretamente relacionada às determinações da sociedade dentro da qual ele se insere.
c) Como é visível, a hipótese da insatisfação vem a reboque da crítica ao universo da mercadoria. A intrusão de objetos de troca na esfera mental seria a responsável pelo bloqueio ou distorção do movimento natural das emoções. Não se pode, contudo,

fundamentar críticas a visões do mundo com base em afirmações psicológicas inexatas.

d) Ainda que a insatisfação seja inerente ao ser humano, há que se verificar porque terá ele buscado refúgio nas mercadorias para experimentar estados de plena satisfação. Enquanto que uns, preconceituosos, abominam o mercado, e nenhum deles rejeitam os prazeres e facilidades obtidos com os artefatos modernos, outros vivem insatisfeitos e excluídos do mercado.

e) Conforme se observa, a moral é capaz de obscurecer a análise dos fatos e manter a sociedade sob o manto das crenças, estas, sim, possibilidade de satisfação inquestionável, onde o indivíduo dispondo do sonho, pode criar realidades utópicas e buscar alcançá-las.

7. Assinale o trecho do texto abaixo que se apresenta gramaticalmente correto.

a) A sociedade sem exploração é, antes de tudo, uma sociedade do trabalho, uma sociedade que todos tenham garantidos o direito ao trabalho, vivam do seu trabalho. Isto significa que, de alguma forma, todos se tornem trabalhadores e ninguém viva da exploração do trabalho alheio.

b) Uma sociedade desse tipo elimina a exploração, fazendo com que ninguém possa viver do trabalho dos outros. Significa que ninguém dispõem do privilégio de possuir capital, negado a grande maioria.

c) Assim, as máquinas, instalações, matérias-primas — isto é, os meios de produção — não poderia ser propriedade privada mas, propriedade democrática do conjunto da sociedade.

d) Uma sociedade desse tipo choca-se frontalmente com o capitalismo, que se apoia estruturalmente na propriedade privada dos meios de produção, o que significa a separação entre capital e trabalho.

e) Esta separação implica que a minoria tenha acesso a capital — sob qualquer forma de dinheiro ou de empresas, industriais, agrárias, comerciais ou de outro tipo —, e a grande maioria, dispondo apenas de seus braços para sobreviver, sejam obrigados a submeter-se à exploração do capital.

(Adaptado de Emir Sader, A Exploração. In: *7 pecados do capital*. Rio de Janeiro: Record, 1999)

8. Assinale a opção em que foram plenamente respeitadas as prescrições gramaticais.

a) Em certo sentido, a cultura capitalista reduziu na prática, os princípios do liberalismo, do utilitarismo, ou do pragmatismo político-filosófico, a defesa da ganância de uns poucos, em prejuízo à justiça humanitária, defendida pelos ideais republicanos e democráticos. Nada disso porém, autoriza à depreciação mental do sujeito *comprista* dos séculos XIX e XX.

b) Do ponto de vista marxista, pode-se falar, se for o caso, de uma amoralidade na produção e da venda dos objetos, mas não no ato da compra. O próprio produtor/vendedor, ao se tornar comprador muda de posição intencional em relação à mercadoria. Ao produzir/vender, quer apenas lucrar; ao comprar, pode querer atingir objetivos outros, que não o lucro.

c) A imagem do burguês, indiferente ao bem comum e obcecado pelo consumo de objetos, é uma ideia feita, que não sobrevive ao testemunho da história. Nem o hábito de comprar mercadorias, nem a ambição da felicidade interior revelou-se contrário à experiência de realização emocional e a de propósitos éticos.

d) Em algumas análises, o que se critica é a utilização dos objetos para os propósitos de

autorrealização emocional. Os objetos, em virtude da sedução do consumo, usurpam a função dos bens simbólicos ou se prestam apenas à celebração do narcisismo. Todavia verifica-se que essa não foi a prática histórica dos compradores. Os objetos foram usados para fins de desenvolvimento emocional e também para se atingirem outros objetivos.

e) Os compradores setecentistas adquiriram avidamente livros, telas de pintar, entre outros. Esses objetos foram usados de forma, digamos, egoísta, mas serviram, igualmente, à expressão de pretensões éticas e estéticas válidas para todos. Falamos, hoje, em paroxismo consumista, considerando-o causa de desorientação pessoal e violência social. Entretanto, se for verdade que tal exarcerbação existe, sugiro, que sua origem não esteja na natureza alienante das mercadorias, mas na redefinição de nossos ideais de felicidade.

(Itens adaptados de Jurandir Freire Costa)

9. Assinale a opção em que se percebe linguagem escorreita.

a) Na nossa rotina diária, cada vez mais a informação digitalizada é predominante. Ela se apresenta durante o laser ou durante o trabalho.

b) Vivemos a era da Tecnologia da Informação e da Comunicação (TIC). O setor de TIC avança rapidamente todos dias.

c) Ficamos horas frente a tela do computador. Ora digitamos textos, ora pesquisamos informações nos milhares de sítios cada vez mais especializados e completos.

d) São prontamente obtidas informações on-line das mais importantes revistas científicas especializadas. Também o são informações dos principais jornais e revistas.

e) Começa a fazer parte da nossa vida o chamado comércio eletrônico. Ele nos permite adquirirmos os mais variados produtos com o mínimo esforço.

(Trechos adaptados de Wanderley de Souza. Tecnologia da Informação e Comunicação. *Jornal do Brasil*, 02.04.2005)

10. Assinale em que ordem os seguintes fragmentos, adaptados de Roberto de Aguiar, Ética e Direitos Humanos, em Desafios Éticos, p. 63-64, devem ser escritos de modo a compor um texto coeso e coerente.

I. Nesse quadro, alguns direitos humanos passam a ser paradigmáticos: o direito à liberdade, o direito à segurança pessoal, o direito a um julgamento justo, o direito à privacidade, à inviolabilidade do domicílio, à nacionalidade, à propriedade, à livre expressão do pensamento, entre outros.

II. Sua única missão era a de transformar o mundo por seu trabalho.

III. O homem do iluminismo era um desterrado. Ele já não tinha mais a segurança de um cosmos hierarquizado medieval, não possuía a segurança de Deus e era considerado como um átomo individual, que financiava a produção ou vendia sua força de trabalho.

IV. É a partir disso que a ciência passa a ter importância crescente, a fim de melhorar os processos produtivos, renovar a organização dos poderes e manter os trabalhadores com um mínimo de condições para produzir.

a) I, IV, II, III
b) III, I, IV, II
c) IV, II, I, III
d) II, III, IV, I

e) III, II, I, IV

Gabarito da Prova Simulada 26

1-c, 2-d, 3-a, 4-e, 5-a, 6-c, 7-d, 8-d, 9-d, 10-e.

Prova Simulada 27

Atenção: As questões de números 1 a 10 baseiam-se no texto apresentado abaixo.

O futuro do nosso petróleo

A recente confirmação da descoberta, anunciada inicialmente em 2006, de reservas expressivas de petróleo leve de boa qualidade e gás na Bacia de Santos é uma notícia auspiciosa para todos os brasileiros. A possibilidade técnica de extrair petróleo a mais de 6 mil metros de profundidade eleva o prestígio que a Petrobras já detém, com reconhecido mérito, no restrito clube das megaempresas mundiais de petróleo e energia, onde é vista como a pequena, mas muito respeitada, irmã. (...)

O Brasil tem uma grande oportunidade à frente, por dois motivos. Mais do que com dificuldades de exploração e de extração, o mundo sofre com a falta de capacidade de refino moderno, para produzir derivados com baixos teores de enxofre e aromáticos. Ao mesmo tempo, confirma-se em nosso hemisfério a cruel realidade de que as reservas de gás de Bahia Blanca, ao sul de Buenos Aires, se estão esgotando. Isso sem contar o natural aumento da demanda argentina por gás. Estas reservas têm sido, até agora, a grande fonte de suprimento de resinas termoplásticas para toda a região, sendo cerca de um terço delas destinado ao Brasil. A delimitação do Campo de Tupi e outros adjacentes na Bacia de Santos vem em ótima hora, quando estes dois fantasmas nos assombram, abrindo, ao mesmo tempo, novas oportunidades. O gás associado de Tupi, na proporção de 15% das reservas totais, é úmido e rico em etano, excelente matéria-prima para a petroquímica. Queimá-lo em usinas térmicas para gerar eletricidade ou para uso veicular seria um enorme desperdício.

Outra oportunidade reside em investimentos maciços em capacidade de refino. O mundo está sedento por gasolina e diesel especiais, mais limpos, menos poluentes. O maior foco desta demanda são os Estados Unidos, que consomem 46% de toda a gasolina do planeta, mas esta é uma tendência que se vem espalhando como fogo em palha. O Brasil ainda tem a felicidade de dispor de etanol de biomassa produzido de forma competitiva, que pode somar-se aos derivados de petróleo para gerar produtos de alto valor ambiental.

(Adaptado de Plínio Mario Nastari, *O Estado de S. Paulo,*
Economia*,* B2, 28.12.2007)

1. Queimá-lo em usinas térmicas para gerar eletricidade ou para uso veicular seria um enorme desperdício (final do 2o parágrafo).

A opinião do articulista no segmento transcrito acima se justifica pelo fato de que

a) na Argentina, além de haver aumento da demanda por petróleo, as reservas de gás encontram-se em processo de esgotamento.
b) os Estados Unidos são os maiores consumidores da gasolina produzida no planeta, tendência que ainda vem aumentando.
c) as possibilidades técnicas de extração de petróleo a mais de 6 mil metros de profundidade ampliam o prestígio mundial da Petrobras.

d) as reservas recém-descobertas na Bacia de Santos contêm gás de excelente qualidade para a indústria petroquímica.
e) o Brasil dispõe de etanol de biomassa que, somado aos derivados de petróleo, diminui a poluição do meio ambiente.

2. O Brasil tem uma grande oportunidade à frente, por dois motivos (início do 2o parágrafo).

Ocorre no contexto a retomada da afirmativa acima na frase:
a) Mais do que com dificuldades de exploração e de extração...
b) ... para produzir derivados com baixos teores de enxofre e aromáticos.
c) Estas reservas têm sido, até agora, a grande fonte de suprimento de resinas termoplásticas para toda a região...
d) Estas reservas têm sido, até agora, a grande fonte de suprimento de reservas termoplásticas...
e) A delimitação do Campo de Tupi e outros adjacentes na Bacia de Santos vem em ótima hora, quando estes dois fantasmas nos assombram...

3. Isso sem contar o natural aumento da demanda argentina por gás (2o parágrafo).

O pronome grifado substitui corretamente, considerando-se o contexto,
a) as dificuldades de exploração e extração de petróleo.
b) o esgotamento das reservas argentinas de gás.
c) a produção de derivados com baixos teores de enxofre e aromáticos.
d) a grande oportunidade comercial que o Brasil tem pela frente.
e) a exportação de gás da Argentina para o Brasil.

4. O emprego das vírgulas assinala a ocorrência de uma ressalva em:
a) ... onde é vista como a pequena, mas muito respeitada, irmã.
b) ... que a Petrobras já detém, com reconhecido mérito, no restrito clube...
c) ... de que as reservas de gás de Bahia Blanca, ao sul de Buenos Aires, se estão esgotando.
d) ... abrindo, ao mesmo tempo, novas oportunidades.
e) O gás associado de Tupi, na proporção de 15% das reservas totais, é úmido e rico em etano...

5. ... que consomem 46% de toda a gasolina do planeta... (3o parágrafo).

O mesmo tipo de complemento exigido pelo verbo grifado acima está na frase:
a) ... o mundo sofre com a falta de capacidade de refino moderno...
b) ... e outros adjacentes na Bacia de Santos vem em ótima hora...
c) Outra oportunidade reside em investimentos maciços em capacidade de refino.
d) ... mas esta é uma tendência que se vem espalhando como fogo em palha.
e) ... para gerar produtos de alto valor ambiental.

6. O mundo está sedento por gasolina e diesel especiais... (3o parágrafo).

O mesmo tipo de regência exigido pelo termo grifado acima encontra-se na expressão:
a) notícia auspiciosa para todos os brasileiros.
b) de reservas expressivas de petróleo leve de boa qualidade.
c) no restrito clube das megaempresas mundiais de petróleo e energia.

d) as reservas de gás de Bahia Blanca.
e) resinas termoplásticas para toda a região.

7. Mais do que com dificuldades de exploração e de extração, o mundo sofre com a falta de capacidade de refino moderno, para produzir derivados com baixos teores de enxofre e aromáticos (2º parágrafo).

A afirmativa acima aparece reescrita em outras palavras, com clareza e correção, sem alteração do sentido original, em:

a) São maiores as dificuldades de exploração e de extração de petróleo no mundo, além da capacidade de refino moderno, com baixos teores de enxofre e aromáticos.
b) A necessidade de refino moderno para produzir derivados com baixos teores de enxofre e aromáticos iguala as dificuldades de extração e de produção.
c) A falta de capacidade de refino moderno para a produção de derivados com baixos teores de enxofre e aromáticos supera as dificuldades de exploração e de extração do petróleo.
d) As dificuldades de exploração e de extração no mundo estão na capacidade de refino moderno, para produzir petróleo com baixos teores de enxofre e aromáticos.
e) A exploração e a extração de petróleo no mundo sofre com a falta de capacidade de refino moderno, com derivados com baixos teores de enxofre e aromáticos.

8. O termo grifado que poderia ser corretamente empregado na forma de feminino plural, sem alteração do sentido original, é:

a) A recente confirmação da descoberta, anunciada inicialmente em 2006...
b) ... é uma notícia auspiciosa para todos os brasileiros.
c) A possibilidade técnica de extrair petróleo a mais de 6 mil metros de profundidade...
d) ... sendo cerca de um terço delas destinado ao Brasil.
e) ... de dispor de etanol de biomassa produzido de forma competitiva...

9. ... de que as reservas de gás de Bahia Blanca, ao sul de Buenos Aires, se estão esgotando (2º parágrafo).

A forma verbal grifada acima pode ser corretamente substituída, sem prejuízo do sentido original, por:

a) está para esgotar.
b) vai ser esgotado.
c) estão sendo esgotadas.
d) vinham sendo esgotadas.
e) vem esgotando.

10. A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:

a) Urge que seja definido as metas de oferta de energia em quantidade suficiente e preço adequado, para impulsionar o desenvolvimento do país.
b) É imprescindível que se cumpram os acordos firmados em relação à oferta de energia e aos preços adequados, e que se atenda ao aumento da demanda.
c) Uma política fiscal aplicada sobre as ofertas de energia devem controlar o cumprimento dos contratos que se estabeleceu nesse setor.
d) Os países importadores de derivados de petróleo paga o preço estabelecido na Europa, o que gera efeitos negativos na economia.

e) Existe metas brasileiras que foram estabelecidas em relação à autossuficiência em petróleo e o momento oferece a oportunidade de cumpri-las satisfatoriamente.

Gabarito da Prova Simulada 27

1-d, 2-e, 3-b, 4-a, 5-e, 6-a, 7-c, 8-d, 9-c, 10-b.

Prova Simulada 28

Atenção: As questões de números 1 a 10 referem-se ao texto que segue.

Propósitos e liberdade

Desde que nascemos e a nossa vida começou, não há mais nenhum ponto zero possível. Não há como começar do nada. Talvez seja isso que torna tão difícil cumprir propósitos de Ano-Novo. E, a bem da verdade, o que dificulta realizar qualquer novo propósito, em qualquer tempo.

O passado é como argila que nos molda e a que estamos presos, embora chamados imperiosamente pelo futuro. Não escapamos do tempo, não escapamos da nossa história. Somos pressionados pela realidade e pelos desejos. Como pode o ser humano ser livre se ele está inexoravelmente premido por seus anseios e amarrado ao enredo de sua vida? Para muitos filósofos, é nesse conflito que está o problema da nossa liberdade.

Alguns tentam resolver esse dilema afirmando que a liberdade é a nossa capacidade de escolher, a que chamam livre-arbítrio. Liberdade se traduziria por ponderar e eleger entre o que quero e o que não quero ou entre o bem e o mal, por exemplo. Liberdade seria, portanto, sinônimo de decisão.

Prefiro a interpretação de outros pensadores, que nos dizem que somos livres quando agimos. E agir é iniciar uma nova cadeia de acontecimentos, por mais atrelados que estejamos a uma ordem anterior. Liberdade é, então, começar o improvável e o impensável. É sobrepujar hábitos, crenças, determinações, medos, preconceitos. Ser livre é tomar a iniciativa de principiar novas possibilidades. Desamarrar. Abrir novos tempos.

Nossa história e nosso passado não são nem cargas indesejadas, nem determinações absolutas. Sem eles, não teríamos de onde sair, nem para onde nos projetar. Sem passado e sem história, quem seríamos? Mas não é porque não pudemos (fazer, falar, mudar, enfrentar...) que jamais poderemos. Nossa capacidade de dar um novo início para as mesmas coisas e situações é nosso poder original e está na raiz da nossa condição humana. É ela que dá à vida uma direção e um destino. Somos livres quando, ao agir, recomeçamos.

Nossos gestos e palavras, mesmo inconscientes e involuntários, sempre destinam nossas vidas para algum lugar. A função dos propósitos é transformar esse agir, que cria destinos, numa ação consciente e voluntária. Sua tarefa é a de romper com a casualidade aparente da vida e apagar a impressão de que uma mão dirige nossa existência.

Os propósitos nos devolvem a autoria da vida.

(Dulce Critelli, *Folha de S.Paulo*, 24.01.2008)

1. A autora defende a tese de que afirmamos nossa liberdade quando

a) formulamos propósitos que nos libertam plenamente de nossas memórias e das experiências vividas.

b) formulamos a intenção de agir para provar nossa capacidade de dominar e exercer o nosso livre-arbítrio.
c) passamos a agir com a determinação de abrir caminhos que representem novas possibilidades.
d) condicionamos nossas ações à personalidade que viemos constituindo e cristalizando ao longo da vida.
e) orientamos nossa ação pela escolha de valores definidos previamente como imperativos morais.

2. Considerando-se o contexto, traduz-se corretamente o sentido de uma expressão do texto em:

a) argila que nos molda = barro a que impomos forma.
b) inexoravelmente premido = indiscutivelmente atento.
c) na raiz da nossa condição humana = nossa radical condicionalidade.
d) determinações absolutas = condicionantes irrevogáveis.
e) romper com a casualidade = desconsiderar a causa.

3. Considerando-se o contexto, na frase "É ela que dá à vida uma direção e um destino", o pronome destacado está diretamente vinculado à expressão

a) ... raiz da nossa condição humana.
b) Nossa capacidade de dar um novo início...
c) ... nossa condição humana.
d) Nossa história...
e) ... uma nova cadeia de acontecimentos...

4. A autora poderia ter optado, corretamente, pela seguinte redação da frase em que formula sua preferência:

a) Prefiro muito mais a interpretação destes pensadores do que àqueles.
b) A minha preferência é mais da interpretação destes pensadores que a daqueles.
c) À interpretação daqueles pensadores não tenho como deixar de preferir a destes.
d) Prefiro à destes, em vez da interpretação daqueles pensadores.
e) É para mim preferível, em vez da interpretação daqueles pensadores, à que defendem estes.

5. É a liberdade que dá à vida uma direção.

O termo sublinhado na frase acima exerce a mesma função sintática do termo sublinhado em:
a) Sem passado e sem história, poderíamos ser livres?
b) Liberdade seria, a meu ver, um sinônimo de decisão.
c) Somos livres a cada vez que, agindo, recomeçamos.
d) Liberdade seria, pois, começar o improvável.
e) A liberdade nos liberta, o passado é argila que nos molda.

6. Nossa história e nosso passado não são nem cargas indesejadas, nem determinações absolutas.

Mantêm-se o sentido e a correção da frase acima substituindo-se o segmento sublinhado por
a) nem tanto cargas indesejadas quanto determinações absolutas.

b) cargas indesejadas, nem ao menos determinações absolutas.
c) cargas indesejadas, assim como não são determinações absolutas.
d) nem cargas indesejadas, quando não determinações absolutas.
e) nem mesmo cargas indesejadas, quanto mais determinações absolutas.

7. Está inteiramente correta a pontuação da seguinte frase:

a) É realmente muito difícil, cumprir propósitos de Ano-Novo, pois não há como de fato alguém começar algo inteiramente do nada.
b) É realmente muito difícil: cumprir propósitos de Ano-Novo; pois não há como, de fato, alguém começar algo inteiramente do nada.
c) É, realmente, muito difícil — cumprir propósitos de Ano-Novo: pois não há como de fato, alguém começar algo inteiramente do nada.
d) É, realmente, muito difícil cumprir propósitos de Ano-Novo, pois não há como, de fato, alguém começar algo inteiramente do nada.
e) É realmente muito difícil, cumprir propósitos de Ano-Novo; pois não há como de fato alguém começar algo, inteiramente do nada.

8. A transposição para a voz passiva é possível apenas em:

a) Novos gestos incutem à nossa vida um novo sentido.
b) A liberdade aposta, sempre, em novas possibilidades.
c) Na nossa capacidade de escolha estaria a nossa liberdade.
d) A resolução desse dilema depende de uma grave decisão.
e) As ideias fatalistas conspiram contra as ações libertárias.

9. Considere as afirmações a seguir:

I. Os homens desejam ser livres.
II. Os homens prendem-se ao seu passado.
III. Desejo de liberdade e amarras do passado tornam os homens conflituosos.

Essas afirmações articulam-se com coerência, clareza e correção em:

a) Os homens tornam-se conflituosos, tendo em vista que desejam ser livres, porquanto se prendem ao seu passado.
b) Por se prenderem ao passado, assim como desejam ser livres, os homens tornam-se conflituosos.
c) Embora desejando ser livres e prendendo-se ao seu passado, os homens tornam-se conflituosos.
d) O que torna conflituosos os homens é que desejam ser livres estando presos ao seu passado.
e) Conquanto querendo ser livres, mesmo presos ao seu passado, tornam-se os homens conflituosos.

10. E, a bem da verdade, o que dificulta realizar qualquer novo propósito, em qualquer tempo.

Na frase acima, levando-se em conta o contexto do primeiro parágrafo,

a) a expressão *a* bem da verdade assume o sentido de por outro lado.
b) está elíptica a expressão Talvez seja isso.
c) novo propósito é sujeito de começar.

d) a expressão o que retoma a expressão tão difícil cumprir.
e) em qualquer tempo é complemento da forma verbal dificulta.

Gabarito da Prova Simulada 28

1-c, 2-d, 3-b, 4-c, 5-d, 6-c, 7-d, 8-a, 9-d, 10-b.

Prova Simulada 29

Atenção: As questões de números 1 a 10 referem-se ao texto que segue.

Propósitos e liberdade

Desde que nascemos e a nossa vida começou, não há mais nenhum ponto zero possível. Não há como começar do nada. Talvez seja isso que torna tão difícil cumprir propósitos de Ano-Novo. E, a bem da verdade, o que dificulta realizar qualquer novo propósito, em qualquer tempo.

O passado é como argila que nos molda e a que estamos presos, embora chamados imperiosamente pelo futuro. Não escapamos do tempo, não escapamos da nossa história. Somos pressionados pela realidade e pelos desejos. Como pode o ser humano ser livre se ele está inexoravelmente premido por seus anseios e amarrado ao enredo de sua vida? Para muitos filósofos, é nesse conflito que está o problema da nossa liberdade.

Alguns tentam resolver esse dilema afirmando que a liberdade é a nossa capacidade de escolher, a que chamam livre-arbítrio. Liberdade se traduziria por ponderar e eleger entre o que quero e o que não quero ou entre o bem e o mal, por exemplo. Liberdade seria, portanto, sinônimo de decisão.

Prefiro a interpretação de outros pensadores, que nos dizem que somos livres quando agimos. E agir é iniciar uma nova cadeia de acontecimentos, por mais atrelados que estejamos a uma ordem anterior. Liberdade é, então, começar o improvável e o impensável. É sobrepujar hábitos, crenças, determinações, medos, preconceitos. Ser livre é tomar a iniciativa de principiar novas possibilidades. Desamarrar. Abrir novos tempos.

Nossa história e nosso passado não são nem cargas indesejadas, nem determinações absolutas. Sem eles, não teríamos de onde sair, nem para onde nos projetar. Sem passado e sem história, quem seríamos? Mas não é porque não pudemos (fazer, falar, mudar, enfrentar...) que jamais poderemos. Nossa capacidade de dar um novo início para as mesmas coisas e situações é nosso poder original e está na raiz da nossa condição humana. É ela que dá à vida uma direção e um destino. Somos livres quando, ao agir, recomeçamos.

Nossos gestos e palavras, mesmo inconscientes e involuntários, sempre destinam nossas vidas para algum lugar. A função dos propósitos é transformar esse agir, que cria destinos, numa ação consciente e voluntária. Sua tarefa é a de romper com a casualidade aparente da vida e apagar a impressão de que uma mão dirige nossa existência.

Os propósitos nos devolvem a autoria da vida.

(Dulce Critelli, *Folha de S.Paulo*, 24.01.2008)

1. Considere as seguintes afirmações:

I. Ao sustentar que Não há como começar do nada, a autora deixa implícito que somos fatalmente conduzidos para um destino já traçado.

II. O conflito que, para muitos filósofos, se traduz como problema da nossa liberdade é o que se estabelece entre as amarras do passado e o anseio de ser livre.

III. O fracasso em iniciativas passadas não deve impedir que as retomemos, pois é essa insistência que atesta nossa liberdade.

Em relação ao texto, está correto SOMENTE o que se afirma em

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) II e III.

2. Ao dar ênfase ao caráter consciente e voluntário dos nossos propósitos, a autora coloca-se contra

a) a subordinação nossa à força dos acasos.
b) a tentação de sobrepujarmos fortes determinações.
c) a nossa tendência para retomar antigas iniciativas.
d) o caprichoso hábito de nunca voltarmos atrás.
e) a possibilidade de nos valermos do livre-arbítrio.

3. Estão plenamente respeitadas as normas de concordância verbal na frase:

a) É muito difícil que se cumpra os propósitos que, invariavelmente, se formula a cada início de ano.
b) Enredam-se nas tramas das próprias memórias todo aquele que não busca abrir, para si mesmo, novos tempos e novas experiências.
c) A cada vez que dá impulso a uma nova cadeia de acontecimentos, os homens se tornam autores de seu próprio destino.
d) Não deveriam caber às pessoas tomar suas próprias iniciativas, em vez de se submeterem à força do acaso?
e) Aos que não submete a força imperiosa das experiências passadas estende-se a possibilidade de abrir novos tempos.

4. Nossos gestos e palavras, mesmo inconscientes e involuntários, sempre destinam nossas vidas para algum lugar.

A palavra destacada na frase acima está empregada com função e sentido diferentes em:

a) É comum que o mesmo homem que enuncia novos propósitos logo renuncie a eles.
b) Não me submeto ao destino, mesmo quando intimidado pelos fatos.
c) Mesmo submetido a fortes pressões, ele não hesita em abrir caminhos.
d) Mesmo sabendo que não serão cumpridos, vivemos formulando novos propósitos.
e) Crê na mão que conduz o destino mesmo quem reconhece que isso leva à extrema passividade.

5. Numa outra redação de um segmento do 5o parágrafo do texto, estará correta e coerente com o sentido original a seguinte construção:

Sem nossa história e nosso passado, não teríamos

a) de onde prover, nem aonde nos inclinarmos.

b) por onde começar, nem espaço para nos expandirmos.
c) aonde começar, nem aonde alcançarmos projeção.
d) por onde provermos, nem lugar aonde nos fixarmos.
e) onde dar início, nem aonde progredirmos.

6. Ser livre é tomar a iniciativa de principiar novas possibilidades. Desamarrar. Abrir novos tempos.

No trecho acima, entende-se que Desamarrar e Abrir novos tempos exercem a mesma função sintática de
a) a iniciativa de principiar.
b) tomar a iniciativa.
c) ser livre.
d) de principiar novas possibilidades.
e) novas possibilidades.

7. Está correto o emprego de ambos os elementos destacados na frase:

a) Aquele que deseja cumprir novos propósitos não podem faltar iniciativas em que levem a alguma ação.
b) O passado, em cujo nos moldamos, é como a argila, à qual forma os bonecos se submetem.
c) A trama do destino, em que tantos atribuem o peso da fatalidade, esvaziaria qualquer iniciativa de que viéssemos a tomar.
d) A capacidade de escolher, da qual muitos identificam o livre-arbítrio, não tem a mesma relevância com que se reveste a iniciativa de uma ação.
e) Os mesmos fatos do passado a que estamos atrelados podem nos incitar a um recomeço, de que sempre temos tanta necessidade.

8. Formular propósitos? Quem apenas formula propósitos, quem atribui aos propósitos uma força mágica e não encaminha os propósitos para uma ação imediata, não recomeça nada, de fato.

Evitam-se as abusivas repetições do texto acima substituindo-se os elementos destacados, na ordem dada, por:
a) formula-os — os atribui — encaminha-lhes
b) os formula — os atribui — os encaminha
c) os formula — lhes atribui — os encaminha
d) lhes formula — lhes atribui — encaminha-os
e) formula-os — lhes atribui — lhes encaminha

9. Estão corretos o emprego e a grafia de todas as palavras em:

a) A inverossimilhança dos nossos enfáticos propósitos de Ano-Novo constitui uma prova de que, via de regra, somos uns inconsequentes.
b) Há quem formule com tanta desfaçateza seus propósitos de Ano Novo que acaba provocando em todos um mixto de irrisão e pena.
c) Não há porquê imaginar que nos baste divizar imagens do futuro para que elas venham a se tornar uma inextricável realidade.
d) O dilema que constitue nosso desejo de liberdade diante de amarras entrincadas está

diretamente associado à questão da liberdade.

e) É prazeirosa a experiência de quem formula propósitos e promove ações que vão de encontro aos mesmos.

10. O elemento sublinhado tem valor causal em:

a) Os propósitos nos devolvem a autoria da vida.
b) Liberdade seria, portanto, sinônimo de decisão.
c) Talvez seja isso que torna tão difícil cumprir propósitos de Ano-Novo.
d) Sem história e sem passado, quem seríamos?
e) Somos livres quando, ao agir, recomeçamos.

Gabarito da Prova Simulada 29

1-e, 2-a, 3-e, 4-a, 5-b, 6-b, 7-e, 8-c, 9-a, 10-e.

Prova Simulada 30

Atenção: As questões de números 1 a 10 referem-se ao texto que segue.

No coração do progresso

Há séculos a civilização ocidental vem correndo atrás de tudo o que classifica como progresso. Essa palavra mágica aplica-se tanto à invenção do aeroplano ou à descoberta do DNA como à promoção do papai no novo emprego. “Estou fazendo progressos”, diz a titia, quando enfim acerta a mão numa velha receita. Mas quero chegar logo ao ponto, e convidar o leitor a refletir sobre o sentido dessa palavra, que sempre pareceu abrir todas as portas para uma vida melhor.

Quando, muitos anos atrás, num daqueles documentários de cinema, via-se uma floresta sendo derrubada para dar lugar a algum empreendimento, ninguém tinha dúvida em dizer ou pensar: é o progresso. Uma represa monumental era progresso. Cada novo produto químico era um progresso. As coisas não mudaram tanto: continuamos a usar indiscriminadamente a palavrinha mágica. Mas não deixaram de mudar um pouco: desde que a Ecologia saiu das academias, divulgou-se, popularizou-se e tornou-se, efetivamente, um conjunto de iniciativas em favor da preservação ambiental e da melhoria das condições da vida em nosso pequenino planeta.

Para isso, foi preciso determinar muito bem o sentido de progresso. Do ponto de vista material, considera-se ganho humano apenas aquilo que concorre para equilibrar a ação transformadora do homem sobre a natureza e a integridade da vida natural. Desenvolvimento, sim, mas sustentável: o adjetivo exprime uma condição, para cercear as iniciativas predatórias. Cada novidade tecnológica há de ser investigada quanto a seus efeitos sobre o homem e o meio em que vive. Cada intervenção na natureza há de adequar-se a um planejamento que considere a qualidade e a extensão dos efeitos.

Em suma: já está ocorrendo, há algum tempo, uma avaliação ética e política de todas as formas de progresso que afetam nossa relação com o mundo e, portanto, a qualidade da nossa vida. Não é pouco, mas ainda não é suficiente. Aos cientistas, aos administradores, aos empresários, aos industriais e a todos nós — cidadãos comuns — cabe a tarefa cotidiana de zelarmos por nossas ações que inflectem sobre qualquer aspecto da qualidade de vida. A tarefa começa em nossa casa, em nossa cozinha e banheiro, em nosso quintal e jardim — e

se estende à preocupação com a rua, com o bairro, com a cidade. “Meu coração não é maior do que o mundo”, dizia o poeta. Mas um mundo que merece a atenção do nosso coração e da nossa inteligência é, certamente, melhor do que este em que estamos vivendo.

Não custa interrogar, a cada vez que alguém diz progresso, o sentido preciso — talvez oculto — da palavra mágica empregada.

(Alaor Adauto de Mello)

1. Centraliza-se, no texto, uma concepção de progresso, segundo a qual este deve ser

a) equacionado como uma forma de equilíbrio entre as atividades humanas e o respeito ao mundo natural.
b) identificado como aprimoramento tecnológico que resulte em atividade economicamente viável.
c) caracterizado como uma atividade que redunde em maiores lucros para todos os indivíduos de uma comunidade.
d) definido como um atributo da natureza que induz os homens a aproveitarem apenas o que é oferecido em sua forma natural.
e) aceito como um processo civilizatório que implique melhor distribuição de renda entre todos os agentes dos setores produtivos.

2. Considere as seguintes afirmações:

I. A banalização do uso da palavra progresso é uma consequência do fato de que a Ecologia deixou de ser um assunto acadêmico.

II. A expressão desenvolvimento sustentável pressupõe que haja formas de desenvolvimento nocivas e predatórias.

III. Entende o autor do texto que a magia da palavra progresso advém do uso consciente e responsável que a maioria das pessoas vem fazendo dela.

Em relação ao texto está correto APENAS o que se afirma em

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) II e III.

3. ... desde que a Ecologia saiu das academias, divulgou-se, popularizou-se e tornou-se, efetivamente, um conjunto de iniciativas em favor da preservação ambiental e da melhoria das condições da vida em nosso pequenino planeta.

De acordo com a afirmação acima,

a) a perda de estatuto científico da Ecologia propiciou a popularização de seus princípios e trouxe maiores benefícios para todos.
b) a melhoria nas condições de vida do nosso planeta popularizou as teses científicas defendidas no âmbito da Ecologia.
c) a Ecologia só foi reconhecida como ciência a partir do momento em que se popularizou o sentido da palavra progresso.
d) as iniciativas que redundaram na melhoria da relação entre o homem e o meio advieram da

prática de fundamentos da Ecologia.
e) as iniciativas em favor da preservação ambiental acabaram por retirar a Ecologia dos currículos acadêmicos mais elitistas e conservadores.

4. Cada intervenção na natureza há de adequar-se a um planejamento pelo qual se garanta que a qualidade da vida seja preservada.

Os tempos e os modos verbais da frase acima continuarão corretamente articulados caso se substituam as formas sublinhadas, na ordem em que surgem, por
a) houve — garantiria — é
b) haveria — garantiu — teria sido
c) haveria — garantisse — fosse
d) haverá — garantisse — e
e) havia — garantiu — é

5. A frase que NÃO admite transposição para a voz passiva é:
a) Essa palavra sempre teria aberto as portas de uma vida melhor.
b) Continuamos a usar indiscriminadamente a palavrinha mágica.
c) O adjetivo sustentável exprime uma condição para desenvolvimento.
d) Cabe aos cientistas e a todos nós zelar pela qualidade da vida.
e) Sempre se deverá avaliar o sentido preciso dessa palavra mágica.

6. As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na frase:
a) Já faz muitos séculos que se vêm atribuindo à palavra progresso algumas conotações mágicas.
b) Deve-se ao fato de usarmos muitas palavras sem conhecer seu sentido real muitos equívocos ideológicos.
c) Muitas coisas a que associamos o sentido de progresso não chega a representarem, de fato, qualquer avanço significativo.
d) Se muitas novidades tecnológicas houvesse de ser investigadas a fundo, veríamos que são irrelevantes para a melhoria da vida.
e) Começam pelas preocupações com nossa casa, com nossa rua, com nossa cidade a tarefa de zelarmos por uma boa qualidade da vida.

7. Está correto o emprego de ambas as expressões sublinhadas na frase:
a) De tudo aquilo que classificamos como progresso costumamos atribuir o sentido de um tipo de ganho ao qual não queremos abrir mão.
b) É preferível deixar intacta a mata selvagem do que destruí-la em nome de um benefício em que quase ninguém desfrutará.
c) A titia, cuja a mão enfim acertou numa velha receita, não hesitou em ver como *progresso* a operação à qual foi bem sucedida.
d) A precisão da qual se pretende identificar o sentido de uma palavra depende muito do valor de contexto a que lhe atribuímos.
e) As inovações tecnológicas de cujo benefício todos se aproveitam representam, efetivamente, o avanço a que se costuma chamar progresso.

8. A frase em que ocorre uma relação de causa e consequência é:
a) Já está ocorrendo, há algum tempo, uma avaliação ética e política de todas as formas de

progresso.
b) Viam-se florestas sendo derrubadas sem qualquer justificativa minimamente aceitável.
c) Popularizaram-se, desde que a Ecologia saiu das academias, muitas medidas em favor da preservação ambiental.
d) A tarefa começa em nosso pequeno mundo, em nossos arredores, ao contrário dos que acham que só as grandes intervenções têm sentido.
e) O último apelo do autor do texto é que avaliemos bem o sentido da palavra progresso a cada vez que a empregarmos.

9. Está clara e correta a redação da seguinte frase:

a) Caso não se determine bem o sentido da palavra progresso, pois que é usada indiscriminadamente, ainda assim se faria necessário que reflitamos sobre seu verdadeiro sentido.
b) Ao dizer o poeta que seu coração não é maior do que o mundo, devemos nos inspirar para que se estabeleça entre este e o nosso coração os compromissos que se reflitam numa vida melhor.
c) Nada é desprezível no espaço do mundo, que não mereça nossa atenção quanto ao fato de que sejamos responsáveis por sua melhoria, seja o nosso quintal, nossa rua, enfim, onde se esteja.
d) Todo desenvolvimento definido como sustentável exige, para fazer jus a esse adjetivo, cuidados especiais com o meio ambiente, para que não venham a ser nocivos seus efeitos imediatos ou futuros.
e) Tem muita ciência que, se saísse das limitações acadêmicas, acabariam por se revelarem mais úteis e mais populares, em vista da Ecologia, cujas consequências se sente mesmo no âmbito da vida prática.

10. Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:

a) Toda vez que é pronunciada, a palavra progresso, parece abrir a porta para um mundo, mágico de prosperidade garantida.
b) Por mínimas que pareçam, há providências inadiáveis, ações aparentemente irrisórias, cuja execução cotidiana é, no entanto, importantíssima.
c) O prestígio da palavra progresso, deve-se em grande parte ao modo irrefletido, com que usamos e abusamos, dessa palavrinha mágica.
d) Ainda que traga muitos benefícios, a construção de enormes represas, costuma trazer também uma série de consequências ambientais que, nem sempre, foram avaliadas.
e) Não há dúvida, de que o autor do texto aderiu a teses ambientalistas segundo as quais, o conceito de progresso está sujeito a uma permanente avaliação.

Gabarito da Prova Simulada 30

1-a, 2-b, 3-d, 4-c, 5-d, 6-a, 7-e, 8-c, 9-d, 10-b.

Prova Simulada 31

Atenção: As questões de números 1 a 8 baseiam-se no texto apresentado abaixo.

A cultura, e consequente organização social, política e econômica dominante na sociedade contemporânea, ainda é aquela que começou a nascer no século XVI, quando um conjunto de inovações tecnológicas num contexto histórico favorável contribuiu para o início do enterro do

Antigo Regime, no qual a Terra estava no centro do universo, a ordem social era imutável e a Igreja junto com o poder absolutista tinha o monopólio da informação.

A prensa de Gutenberg estava entre as inovações tecnológicas que contribuíram para a ascensão do mundo burguês. E os seus principais produtos — o livro e o jornal — foram entendidos durante muitos anos pela ordem dominante como ferramentas subversivas. Esta subversão gestou e gerou o mundo em que vivemos. Um mundo onde a iniquidade social ainda incomoda e assusta, mas no qual todas as barreiras para a geração de riqueza e de conhecimento foram derrubadas, num processo que também gerou a onda de inovação que estamos vivendo e a possibilidade de darmos o próximo salto.

Não é função da indústria pensar a educação. A missão de qualquer empresa é lutar com todas as suas forças para crescer e se perpetuar. Mesmo quando isso vai de encontro aos interesses da comunidade em que ela está inserida. Ela jamais poderá pensar com a devida isenção numa plataforma de serviços focada em educação.

Por isso mesmo, nenhum representante da indústria de tecnologia poderia ter sido pioneiro num projeto de educação fundamentado nas profundas e dramáticas mudanças que a cibernética tem trazido para as nossas vidas.

(Trecho do artigo do jornalista Rodrigo Lara Mesquita, *O Estado de S. Paulo*, A2, 04.05.2007)

1. É correto inferir do texto que seu autor,

a) como jornalista que é, questiona a importância do livro e do jornal no mundo contemporâneo, como instrumentos essenciais para a divulgação do conhecimento.
b) ao apontar a importância de algumas inovações tecnológicas do mundo moderno, reconhece a importância da cibernética para os projetos educacionais.
c) pensando em um projeto de educação eficaz, afasta qualquer possibilidade de envolvimento de empresas, a despeito do interesse que elas possam demonstrar.
d) ao reconhecer a inoperância do empresariado, especialmente na área da cibernética, ignora o impacto que essa tecnologia poderia causar em um projeto educacional.
e) como defensor do desenvolvimento tecnológico, propõe uma educação voltada especificamente para a indústria da informática, base da integração social.

2. E os seus principais produtos — o livro e o jornal — foram entendidos durante muitos anos pela ordem dominante como ferramentas subversivas (2º parágrafo).

É correto afirmar, a respeito da expressão grifada acima, que o livro e o jornal

a) eram temidos em razão da possibilidade de disseminação de conhecimentos antes reservados e restritos a uma classe privilegiada.
b) representavam o pensamento e, portanto, o modo de vida da época, com os valores de uma classe ascendente, a burguesia.
c) eram utilizados pela classe dominante para divulgarem as novidades que surgiam, no contexto histórico daquele momento.
d) deram início a uma série de inovações tecnológicas que possibilitaram o avanço social e econômico durante o século XVI.
e) foram e ainda permanecem como símbolos das desigualdades sociais, especialmente decorrentes da incapacidade de leitura no mundo contemporâneo.

3. O segmento que se encontra transcrito com outras palavras, mas com o mesmo

sentido original é:

a) num contexto histórico favorável = com todas as facilidades existentes.
b) tinha o monopólio da informação = mantinha-se bem informada.
c) onde a iniquidade social ainda incomoda e assusta = onde não se estabeleceu a igualdade social.
d) que também gerou a onda de inovação = que deu início a transformações inovadoras.
e) quando isso vai de encontro aos interesses da comunidade = quando atende aos interesses do meio social.

4. Está INCORRETA a afirmação que se faz a respeito dos parágrafos do texto:

a) O 1º parágrafo traça, de maneira rápida e sintética, um painel histórico e cultural existente numa determinada época.
b) Observa-se, especialmente no 2º parágrafo, o emprego de palavras que adquirem sentido particular, percebido no contexto em que se encontram.
c) O 3º parágrafo constitui, em síntese, um argumento que justifica a opinião que vem exposta no 4º parágrafo.
d) A articulação sintático-semântica que se estabelece entre o 3º e o 4º parágrafos é de causa e consequência.
e) No 4º parágrafo o autor defende a ideia de que a indústria se torne responsável também por projetos educacionais voltados para o desenvolvimento social.

5. A forma verbal singular que também poderia ter sido empregada corretamente no plural está destacada na frase

a) ... a ordem social era imutável...
b) ... e a Igreja junto com o poder absolutista tinha o monopólio da informação.
c) ... num processo que também gerou a onda de inovação...
d) ... quando isso vai de encontro aos interesses da comunidade...
e) ... em que ela está inserida.

6. Não é função da indústria pensar a educação (início do 3º parágrafo).

A função sintática da oração destacada acima é a mesma do termo, também grifado, na frase:

a) ... no qual a Terra estava no centro do universo...
b) ... que contribuíram para a ascensão do mundo burguês.
c) ... num processo que também gerou a onda de inovação...
d) ... e a possibilidade de darmos o próximo salto.
e) ... nenhum representante da indústria de tecnologia poderia ter sido pioneiro...

7. A concordância está inteiramente correta na frase:

a) Os efeitos do uso do computador na educação cresce exponencialmente ao se ultrapassar as fronteiras da escola, criando-se novas formas de interesse.
b) Viagens virtuais simuladas em computador torna possível às crianças sobrevoar regiões distantes do planeta e perceber o interior de uma célula em detalhes microscópicos.
c) Quando bem usados, os computadores têm contribuído de forma decisiva para despertar o interesse pela leitura, com a inclusão de imagens animadas e de recursos sonoros nos livros digitais.
d) O efeito revolucionário do uso de computadores nas salas de aula tornaram-no essenciais

em projetos de pesquisas que busca ultrapassar as fronteiras geográficas, reduzindo as distâncias.

e) Com os computadores em rede, as etapas de uma experiência de física pode ser dividida e também é possível longos debates sobre assuntos diversificados.

8. Ninguém, em sã consciência, negará o fato.

A computação e a conectividade estarão a cada dia mais presentes na educação.

Acredita-se que a tecnologia fornece novas janelas potenciais para a aprendizagem e o desenvolvimento do indivíduo.

Será necessário viabilizar projetos de inclusão digital nas escolas.

O processo de coesão entre as frases acima, articulando-as corretamente em um único período, deverá ocorrer da seguinte maneira:

a) Ninguém, em sã consciência, negará o fato onde a computação e a conectividade estarão a cada dia mais presentes na educação, à proporção que se acredita de que a tecnologia fornece novas janelas potenciais para a aprendizagem e o desenvolvimento do indivíduo, será necessário viabilizar projetos de inclusão digital nas escolas.

b) Ninguém, em sã consciência, negará o fato que a computação e a conectividade estarão a cada dia mais presentes na educação, enquanto que se acredita que a tecnologia fornece novas janelas potenciais para a aprendizagem e o desenvolvimento do indivíduo, onde será necessário viabilizar projetos de inclusão digital nas escolas.

c) Ninguém, em sã consciência, negará o fato, o qual a computação e a conectividade estarão a cada dia mais presentes na educação caso se acredita-se que a tecnologia fornece novas janelas potenciais para a aprendizagem e o desenvolvimento do indivíduo, sendo que será necessário viabilizar projetos de inclusão digital nas escolas.

d) Ninguém, em sã consciência, negará o fato de que a computação e a conectividade estarão a cada dia mais presentes na educação e, se se acredita que a tecnologia fornece novas janelas potenciais para a aprendizagem e o desenvolvimento do indivíduo, será necessário viabilizar projetos de inclusão digital nas escolas.

e) Ninguém, em sã consciência, negará o fato que a computação e a conectividade estarão a cada dia mais presentes na educação, já que se acredita-se que a tecnologia fornece novas janelas potenciais para a aprendizagem e o desenvolvimento do indivíduo, onde será necessário viabilizar projetos de inclusão digital nas escolas.

9. Para uns, o objeto final, a mira de todo esforço, o ponto de chegada assume relevância tão capital...

O verbo está flexionado no singular porque

a) houve um deslize em relação ao que dispõe a norma culta.

b) pode ocorrer concordância com o predicativo do sujeito, que está no singular.

c) se excluíram os dois termos anteriores, que apresentam sentido de oposição entre si.

d) os termos que constituem o sujeito formam uma série de expressões de sentido equivalente.

e) um só termo pode sintetizar toda a frase, embora não esteja explícito no contexto.

10. Vive dos espaços ilimitados, dos projetos vastos, dos horizontes distantes.

O mesmo tipo de exigência quanto ao complemento do verbo grifado acima está na frase:

a) ... que enxerga primeiro a dificuldade a vencer...
b) ... mede todas as possibilidades de esperdício...
c) ... que sente ânimo de praticar...
d) ... terá por imorais e detestáveis as qualidades próprias do aventureiro...
e) ... coube ao espírito do trabalho (...) papel muito limitado, quase nulo.

Gabarito da Prova Simulada 31

1-b, 2-a, 3-d, 4-e, 5-b, 6-a, 7-c, 8-d, 9-d, 10-e.

Prova Simulada 32

Atenção: As questões de números 1 a 10 referem-se ao texto seguinte.

A agressividade de todos nós

Todos temos, em algum grau, tendência para comportamentos agressivos. Se os números mostram o quanto são raras as doenças que levam à agressividade extrema, os neurocientistas apresentam uma teoria estatisticamente muito mais provável para o desencadeamento da violência em pessoas aparentemente normais. Segundo o neurologista Renato Sabbatini, da Universidade Estadual de Campinas, cerca de dois terços do aprendizado humano derivam da interação social. “O cérebro nada mais é que um processador de dados que, por meio de comparações e identificações, assimila e adapta as atitudes repetidas no meio em que vivemos”, afirma. Ou seja: uma cena vista com muita frequência, desde pequeno, leva a concluir que isso é certo, independentemente de a cena ser seu pai cometendo um delito ou sua mãe cuidando de crianças carentes.

Renato explica, no entanto, que esse arcabouço de memória é colocado em xeque cada vez que somos confrontados com uma situação nova, desconfortável ou potencialmente perigosa. “Todos nós temos a violência entre o rol de respostas disponíveis em nosso banco de dados. Faz parte do nosso instinto de autopreservação. Diante de uma ofensa acionamos uma luta entre os estímulos que nos levam à agressão e as travas que detêm esses impulsos. São travas morais, éticas, afetivas e racionais. O importante é saber qual estímulo é capaz de ativar esse comportamento”, diz. A educação moral e os valores em que acreditamos podem conter esses rompantes. A afetividade também.

A pressão do grupo social em que o indivíduo vive é outro fator importante para desempatar essa guerra interna de nervos. A necessidade de aceitação coletiva é muito mais efetiva nas decisões individuais do que imaginamos e pode, em situações-limite, predominar sobre qualquer mecanismo cerebral. Há essa necessidade primitiva, nos seres humanos, de serem aceitos pelos outros e se sentirem pertencentes a um grupo. Isso é tão essencial quanto alimentar-se, matar a sede ou dormir.

(Adaptado de Tatiana Bonumá, *Super Interessante*, edição 184, p. 589.
São Paulo: Abril, janeiro de 2003)

1. O texto justifica a nossa tendência para comportamentos agressivos com o argumento de que

a) nossas funções cerebrais desconhecem padrões ou modelos de conduta.
b) nossas decisões partem da importância absoluta que nos damos como indivíduos.
c) nossas respostas instintivas de autopreservação podem ser violentas.

d) o meio em que vivemos ensina-nos a violência mascarada pela afetividade.
e) o meio em que vivemos não tem força para conter nossos instintos primitivos.

2. Considerando-se o contexto, traduz-se corretamente o sentido de uma frase ou expressão do texto em:

a) derivam da interação social = têm precedência sobre as relações sociais
b) arcabouço da memória = estrutura das funções mnemônicas
c) potencialmente perigosa = imaginariamente hostil
d) rol de respostas disponíveis = simulação de reações possíveis
e) podem conter esses rompantes = têm como franquear tais instintos

3. Estão plenamente respeitadas as normas de concordância verbal na frase:

a) Toda cena que vemos repetir-se várias vezes, como observadores atentos e sistemáticos, podem conduzir-nos a uma espécie de aprendizado instintivo.
b) São múltiplas e variadas as respostas de que dispõem cada um dos seres humanos para os mais diferentes estímulos.
c) Não houvéssemos de considerar a pressão dos instintos e impulsos de autopreservação, talvez não nos deixássemos levar pelas reações súbitas e violentas.
d) Não houvessem respostas instintivas e violentas armazenadas em nossa memória, teríamos mais tempo para ponderar nossas decisões.
e) Aos seres humanos não competem decidir, inteira e racionalmente, acerca do tipo de resposta que devem dar a um estímulo.

4. NÃO admite transposição para a voz passiva a construção do seguinte segmento:

a) os neurocientistas apresentam uma teoria.
b) seu pai cometendo um delito.
c) podem conter esses rompantes.
d) há essa necessidade primitiva nos seres humanos.
e) acionamos uma luta.

5. Está correto o emprego da expressão sublinhada na frase:

a) São variadas as reações agressivas de que nos induzem nossos impulsos de autopreservação.
b) A necessidade de aceitação coletiva, de cuja somos bastante carentes, é uma das travas da nossa agressividade.
c) Por vezes, a agressividade com que nos permitimos é tamanha que chegamos a não nos reconhecer em nossa reação.
d) Não fossem os limites aos quais nos impõem as travas sociais, seríamos ainda mais violentos em nossas reações.
e) Nem sempre os valores com cuja força contamos podem ser decisivos para a orientação dos nossos atos.

6. Está clara e correta a redação do seguinte comentário sobre o texto:

a) Da leitura desse texto deprende-se quanto pode ser feroz a batalha entre a força dos instintos e nossa tentativa de controlar essa força que advem deles.
b) A afetividade não é um elemento inóquo, pois ela entra como um controlador à medida em que é eficaz em relação as forças que nos levam a dar vazão aos nossos instintos.

c) Segundo as considerações do neurologista, devem-se atribuir aos meios de interação social alguma parcela de responsabilidade ao controle de nossas agressões.
d) A cada momento onde nos deparamos diante de uma situação nova, nossa incapacidade de responder imediatamente traz o risco de sermos hostis aos nossos semelhantes.
e) Assusta-nos admitir que o cérebro não é mais que um processador de dados, embora dependa também dele o armazenamento das travas que detêm nossos piores impulsos.

7. A educação moral e os valores em que acreditamos podem conter esses rompantes.

Preserva-se o sentido da afirmação acima, numa outra redação correta e coerente, na frase:
a) Esses impulsos podem ser contidos pela educação moral e pelos valores a que damos fé.
b) Tais repentes podem ser preservados com a educação moral e com os valores que nós acreditamos.
c) Esses gestos bruscos podem administrar-se pela educação moral e pelos valores que nos persignamos.
d) Tais repentes podem ser estancados graças à educação moral como aos valores em que perseguimos.
e) Esses impulsos podem ser aparados mediante à educação moral e os valores em que temos crença.

8. Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:

a) Comportamentos agressivos fazem parte da nossa natureza, como também faz parte dela a criação de certos mecanismos que, aqui e ali, detêm nossos impulsos.
b) Tanto a afetividade, quanto a moral e a razão constituem aqueles controladores, que nos impedem quase sempre de chegarmos aos atos de exacerbada violência.
c) Se a violência está efetivamente, entre as respostas estocadas em nosso cérebro, o máximo que podemos fazer, não é eliminá-la, mas controlá-la.
d) Não há dúvida, de que seríamos mais violentos caso não nos regulasse a aprovação, que necessitamos reconhecer do grupo social a que pertencemos.
e) Como processador de dados, que é o cérebro, não discrimina valores pois, apenas acaba repetindo padrões de comportamento assimilados em nossa experiência.

9. Todos os verbos estão corretamente flexionados na frase:

a) Estará se enganando quem supor que contém plenamente seus piores impulsos.
b) Proveem de seu passado essa irritabilidade e essa agressividade que o caracterizam.
c) Se ele conseguir freiar seus repentes de fúria, sentir-nos-emos aliviados.
d) Todos nós conviemos em que seria aconselhável que ele detivesse sua fúria.
e) Uma vez que eles não reteram seus impulsos, notificá-los-emos judicialmente.

10. O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se obrigatoriamente numa forma do plural para preencher com correção a lacuna da frase:

a) É nas travas morais, éticas e racionais que se _____ (encontrar) o que pode deter nossos impulsos mais violentos.
b) É melhor que se _____ (admitir) nossas inclinações violentas; pior seria qualquer tentativa de camuflá-las.
c) Às pressões do grupo social _____ (responder) todo o nosso esforço para sermos aceitos.

d) Não _____ (caber) às funções cerebrais estabelecer a distinção entre o que é justo e o que é injusto.
e) Todas as vezes que se _____ (buscar) impor limite aos impulsos violentos, a resposta primeira é a de uma violência ainda maior.

Gabarito da Prova Simulada 32

1-c, 2-b, 3-c, 4-d, 5-e, 6-e, 7-a, 8-a, 9-d, 10-b.

Prova Simulada 33

Atenção: As questões de números 1 a 10 baseiam-se no texto apresentado abaixo.

Liberdade minha, liberdade tua

Uma professora do meu tempo de ensino médio, a propósito de qualquer ato de indisciplina ocorrido em suas aulas, invocava a sabedoria da frase "A liberdade de um termina onde começa a do outro". Servia-se dessa velha máxima para nos lembrar limites de comportamento. Com o passar do tempo, esqueci-me de muita coisa da História que ela nos ensinava, mas jamais dessa frase, que naquela época me soava, ao mesmo tempo, justa e antipática. Adolescentes não costumam prezar limites, e a ideia de que a nossa (isto é, a minha...) liberdade termina em algum lugar me parecia inaceitável. Mas eu também me dava conta de que poderia invocar a mesma frase para defender aguerridamente o meu espaço, quando ameaçado pelo outro, e isso a tornava bastante justa... Por vezes invocamos a universalidade de um princípio por razões inteiramente egoístas.

Confesso que continuo achando a frase algo perturbadora, provavelmente pelo pressuposto que ela encerra: o de que os espaços da liberdade individual estejam distribuídos e demarcados de forma inteiramente justa. Para dizer sem meias palavras: desconfio do postulado de que todos sejamos igualmente livres, ou de que todos dispomos dos mesmos meios para defender nossa liberdade. Ele parece traduzir muito mais a aspiração de um ideal do que as efetivas práticas sociais. O egoísmo do adolescente é um mal dessa idade ou, no fundo, subsiste como um atributo de todas?

Acredito que uma das lutas mais ingentes da civilização humana é a que se desenvolve, permanentemente, contra os impulsos do egoísmo humano. A lei da sobrevivência na selva — lei do instinto mais primitivo — tem voz forte e procura resistir aos dispositivos sociais que buscam controlá-la. Naquelas aulas de História, nossa professora, para controlar a energia desbordante dos jovens alunos, demarcava seu espaço de educadora e combatia a expansão do nosso território anárquico. Estava ministrando-nos na prática, ao lembrar os limites da liberdade, uma aula sobre o mais crucial desafio da civilização.

(Valdeci Aguirra, inédito)

1. A frase invocada nas aulas de História constitui o centro das presentes reflexões do autor do texto, que a explora, fundamentalmente, como expressão

a) da dificuldade que aflige os adolescentes, quando tentam justificar seu egoísmo alegando os mais nobres princípios.
b) da ambiguidade medular dos processos históricos, representada na indecisão entre a escolha da liberdade ou da justiça.
c) das atribulações que todo professor bem intencionado precisa enfrentar, diante de jovens

rebeldes e problemáticos.
d) dos impasses que a civilização provoca, ao pretender conciliar a fragilidade dos instintos e o sentimento da liberdade.
e) da histórica batalha que se trava entre os nossos impulsos mais primitivos e a necessária estruturação da ordem social.

2. Está clara e correta esta nova redação de uma frase do texto:
a) Com vistas ao controle de nossos ímpetos, ela se propunha debelar-se contra o nosso insipiente anarquismo.
b) Ela atribuía o sentido da velha frase ao propósito de refrear nossos atos de fraglante indisciplina.
c) Ao ouvir aquela frase, que nunca mais me esqueci, soava-me a um só tempo tão justa quanto antipática.
d) O que essa frase me causa espécie está na pressuposição de haver nela uma justa distribuição dos espaços de liberdade.
e) Afirmo, sem tergiversar: custa-me crer que disponhamos todos dos mesmos meios para preservar nossa liberdade.

3. Considerando-se o sentido geral e conclusivo do texto, o título Liberdade minha, liberdade tua tem significação equivalente à da seguinte formulação:
a) Nossas liberdades exercem-se paralelamente.
b) Minha liberdade nada tem a ver com a tua.
c) A minha e a tua liberdade devem conciliar-se.
d) A tua e a minha liberdade são essencialmente a mesma.
e) Tua liberdade acaba por eliminar a minha.

4. Atente para as afirmações abaixo.

I. No primeiro parágrafo, a última frase expressa uma verdade geral que se depreendeu da análise de uma situação particular.

II. No segundo parágrafo, a perturbação confessada pelo autor do texto advém do reconhecimento de que todos os adolescentes são egoístas.

III. No terceiro parágrafo, a lei do mais forte é invocada para explicar por que idealizamos os nossos mais primitivos instintos.

Em relação ao texto, está correto APENAS o que se afirma em
a) I.
b) II e III.
c) I e II.
d) III.
e) II.

5. Os dois casos de emprego de reticências, no primeiro parágrafo, têm em comum o fato de servirem a um enunciado
a) que conclui a lógica da argumentação em curso.
b) independente e sem consecução lógica.
c) cuja intenção é expressar uma ironia.
d) que ratifica a afirmação imediatamente anterior.

e) sem conexão lógica com a afirmação anterior.

6. Considerando-se o contexto, a alternativa em que NÃO se traduz com equivalência de sentido uma expressão do texto é:

a) resistir aos dispositivos sociais (3º parágrafo) = sublevar as imposturas da sociedade.
b) Servia-se dessa velha máxima (1º parágrafo) = recorria a esse antigo adágio.
c) para defender aguerridamente (1º parágrafo) = a fim de resguardar com denodo.
d) desconfio do postulado (2º parágrafo) = suspeito da premissa.
e) subsiste como um atributo (2º parágrafo) = remanesce como uma característica.

7. Atente para as frases abaixo.

I. Todos queremos defender nossa liberdade, tornar-lhe imune a qualquer restrição, proclamar-lhe aos quatro ventos.

II. Sim, o egoísmo é uma inclinação natural, mas acatar-lhe é curvar-se a um instinto primitivo; cumpre, a todo custo, restringi-lo a violência.

III. As palavras daquela frase ressoaram fortemente em nossa consciência arrogante, abalaram-na, retiraram-lhe o falso triunfalismo.

Está plenamente adequado o emprego de pronomes em

a) III, apenas.
b) I, II e III.
c) I e II, apenas.
d) II e III, apenas.
e) I e III, apenas.

8. No contexto, estabelecem entre si uma oposição de sentido os seguintes segmentos:

a) limites da liberdade e crucial desafio da civilização.
b) prezar limites e demarcava seu espaço.
c) aspiração de um ideal e efetivas práticas sociais.
d) energia desbordante e expansão do nosso território anárquico.
e) não costumam prezar limites e território anárquico.

9. O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se no plural para preencher corretamente a lacuna da frase:

a) Um desafio que aos homens sempre se ____ (impor), em razão dos seus impulsos egoístas, está em respeitar o espaço alheio.
b) ____ (costumar) seguir os nossos atos de indisciplina a invocação das sábias palavras daquela velha frase.
c) Entre os adolescentes não ____ (ser) de hábito respeitar os limites da liberdade individual.
d) A ninguém da classe ____ (deixar) de tocar, naquela época, seus alertas contra o nosso anarquismo.
e) Nas aulas em que ____ (caber) invocá-las, a professora repetia as palavras daquele velho ditado.

10. É preciso corrigir, por incoerente, a redação da seguinte frase:

a) A par das lições de História, a professora nos ministrava as de conduta, que acabaram por se revelar as mais duradouras.

b) A menos que se considere a realidade prática, nos ideais buscamos projetar os valores que a aperfeiçoariam.
c) Aquela frase sempre me pareceu perturbadora, conquanto tenham variado as razões para assim considerá-la.
d) Ainda que se considerem naturais certos impulsos egoístas, há que combatê-los e tentar superá-los.
e) Malgrado a tendência anárquica dos jovens, muitos se mostram receptivos à máxima que postula limites para a liberdade.

Gabarito da Prova Simulada 33

1-e, 2-e, 3-c, 4-a, 5-c, 6-a, 7-a, 8-c, 9-d, 10-b.

Prova Simulada 34

Atenção: As questões de números 1 a 6 baseiam-se no texto apresentado abaixo.

Legalidade e legitimidade

A legalidade funda-se em um forte conceito ético, que é a legitimidade. O poder que impõe a legalidade deve ser um poder legítimo. Modernamente, não se aceita mais a legalidade como conceito meramente formal. Para que a limitação à esfera individual seja válida, deve ser o poder que a impõe legítimo.

Os estados de regimes políticos autoritários possuem uma esfera de poder hipertrofiada em relação ao direito. Com isso, a legitimidade do poder torna-se questionável. As limitações impostas à liberdade, por conseguinte, não seriam éticas, legítimas e, portanto, o direito fundamental estaria sendo desrespeitado. O legalismo cego e formal pode tornar-se arma para referendar abuso de poder e restrição ilegítima às liberdades individuais. Percebe-se, então, que, a despeito de ser atualmente o direito fundamental de liberdade assegurado em documentos legais ao redor do mundo, existe uma conotação ética que lhe serve de razão última e principal.

A restrição à liberdade pela legalidade deve ser formalmente e materialmente válida: formalmente, quanto às regras preestabelecidas de formação, limites e conteúdo da lei; materialmente, quanto à legitimidade tanto das regras preestabelecidas quanto do poder que impõe as leis e que se encarrega de garantir seu cumprimento.

O conteúdo das leis é também fonte de considerações éticas. Pode uma lei ser formalmente válida e emanada de poder legítimo, e mesmo assim ser moralmente considerada inválida, enquanto limitadora do conteúdo das liberdades. Daí concluir-se que a legitimidade do poder não é suficiente para que a legalidade seja legítima; é necessário também que o conteúdo das leis seja expressão da soberania popular.

(Adaptado de Marco Aurélio Alves Adão, Procurador da República. Disponível em: <http://jus2.uol.com.dr/doutrina/texto.asp?id=19>)

1. Depreende-se da leitura do texto que a legalidade e a legitimidade
a) estabelecem entre si uma relação hipotética e meramente formal.
b) devem articular-se para estabelecer um forte conceito ético.
c) derivam de uma mesma fonte ética, razão pela qual é difícil distingui-las.
d) estabelecem entre si, na ordem dada, uma relação de causa e efeito.

e) devem articular-se de modo que a segunda embase a primeira.

2. O desenvolvimento do terceiro parágrafo se dá de modo a enfatizar

a) a subordinação do aspecto material ao aspecto formal.
b) o aspecto formalmente válido da restrição à liberdade.
c) o aspecto materialmente válido da restrição à liberdade.
d) a independência entre o aspecto formal e o material.
e) a equivalência de importância entre o aspecto formal e o material.

3. Os estados de regimes políticos autoritários possuem uma esfera de poder hipertrofiada em relação ao direito.

Na frase acima (2º parágrafo), afirma-se que

a) o autoritarismo próprio dos estados hipertrofia o poder político em face da esfera do direito.
b) a identificação de um estado autoritário se estabelece quando a hipertrofia da esfera da política implica a hipertrofia do campo do direito.
c) a esfera do direito, nos regimes políticos autoritários, resulta atrofiada em relação à do poder do estado.
d) a esfera do direito, nos regimes políticos autoritários, é parte da atrofia da esfera do poder estatal.
e) o poder abusivo do estado é a razão pela qual o direito é excluído dos regimes políticos autoritários.

4. Atente para as afirmações abaixo.

I. O legalismo, tomado em sentido estrito e puramente formal, pode vir a ser um dispositivo nocivo, inteiramente alheio aos princípios éticos.

II. É inadmissível que ocorram na esfera do direito, qualquer que seja a circunstância, restrições às liberdades individuais.

III. A legitimidade do poder é uma condição necessária e bastante para tornar o conteúdo das leis uma expressão da vontade popular.

Em relação ao texto, está correto APENAS o que se afirma em

a) II e III.
b) I e II.
c) III.
d) II.
e) I.

5. Está correta a seguinte observação sobre uma passagem do texto:

a) Em “e mesmo assim ser moralmente considerada inválida” (4º parágrafo), o elemento destacado pode ser substituído por e não obstante isso.
b) Em “Para que a limitação à esfera individual seja válida” (1º parágrafo), expressa-se a causa de uma consequência desejável.
c) Em “deve ser o poder que a impõe legítimo” (1º parágrafo), o termo destacado pode ser substituído por legitimamente.
d) Em “As limitações impostas à liberdade, por conseguinte, não seriam éticas” (2º parágrafo), a expressão destacada indica uma premissa.

e) Em “A restrição à liberdade pela legalidade deve ser formalmente e materialmente válida” (3º parágrafo), o termo destacado qualifica *liberdade*.

6. Está plenamente adequada a pontuação da frase:

a) Uma lei poderá ser, formalmente, mas não moralmente válida, no caso de vir a limitar em essência, o conteúdo da liberdade.
b) No caso de o conteúdo das leis, não expressar a soberania popular estará prejudicada a legitimidade do poder.
c) Torna-se questionável, a legitimidade do poder, quando ocorre uma hipertrofia: da esfera política em relação à do direito.
d) Não são éticas as limitações impostas à liberdade, quando, desrespeitado o direito fundamental, pela ação abusiva e autoritária do estado.
e) Pode o legalismo abstruso e formal tornar-se, eventualmente, uma arma, servindo de referendo para o abuso de poder ou para indevidas restrições.

Atenção: As questões de números 7 a 10 baseiam-se no texto apresentado abaixo.

Acerca de Montaigne

Montaigne, o influente filósofo francês do século *XVI*, foi um conservador, mas nada teve de rígido ou estreito, muito menos de dogmático. Por temperamento, foi bem o contrário de um revolucionário; certamente faltaram-lhe a fé e a energia de um homem de ação, o idealismo ardente e a vontade. Seu conservadorismo aproxima-se, sob certos aspectos, do que no século *XIX* viria a ser chamado de liberalismo.

Na concepção política de Montaigne, o indivíduo deve ser deixado livre dentro do quadro das leis, e a autoridade do Estado deve ser a mais leve possível. Para o filósofo, o melhor governo será o que menos se fizer sentir; assegurará a ordem pública sem invadir a vida privada e sem pretender orientar os espíritos. Montaigne não escolheu as instituições sob as quais viveu, mas resolveu respeitá-las, a elas obedecendo fielmente, como achava correto num bom cidadão e súdito leal. Que não lhe pedissem mais do que o exigido pelo equilíbrio da razão e pela clareza da consciência.

(Adaptado da introdução aos *Ensaios*, de Montaigne. Tradução de Sergio Milliet. São Paulo: Abril, Os Pensadores, 1972)

7. Há no primeiro parágrafo afirmações que induzem o leitor a identificar:

I. um conservador típico como alguém rígido, limitado e dogmático.
II. um revolucionário como alguém ativo, idealista, dotado de fé, energia e vontade.
III. um conservador do século XVI com um liberal do século XIX.

Completa corretamente o enunciado desta questão o que está em

a) I e III, apenas.
b) II, apenas.
c) I, II e III.
d) I e II, apenas.
e) II e III, apenas.

8. Quando o autor afirma que Montaigne foi bem o contrário de um revolucionário, está buscando destacar

a) a contribuição do pensador como um entusiasta da soberania do Estado.
b) o individualismo que norteou sua conduta e seu pensamento político.
c) o conservadorismo e o anacronismo do pensamento do filósofo.
d) a influência que o filósofo exerceu sobre as instituições da época.
e) a franca insurgência do pensador contra as tendências libertárias da época.

9. Na concepção política de Montaigne,

a) a ausência do Estado se justifica quando os ideais da vida privada são por si mesmos capazes de orientar a instância pública.
b) o governo, em sua disposição liberal, deve atuar como uma espécie de mentor ideológico da esfera individual.
c) o Estado, como instituição pública, deve adequar-se ao papel que lhe atribui a vontade soberana da população.
d) as leis que emanam do Estado devem ser respeitadas pelos cidadãos, em cuja vida privada ele evitará interferir.
e) os bons e leais cidadãos devem obediência às instituições, ainda que com sacrifício dos ditames da consciência e da racionalidade.

10. Está clara e correta a redação do seguinte comentário sobre o texto:

a) Montaigne pronuncia-se contra as restrições, quando as mesmas ocorrem na vida privada, com exigências contrárias à razão de sua consciência.
b) Como sugere o autor do texto, encontra-se em Montaigne raízes de um pensamento liberal, vindo a se constituir propriamente no século XIX.
c) Ainda quando não admitisse interferência do Estado na vida privada, de modo algo paradoxal, Montaigne obedecia lealmente a essas leis.
d) Se Montaigne não foi responsável pelas instituições vijentes, por outro lado também as acatava, como súdito bom e fiel que prezava ser.
e) O aspecto liberal do pensamento de Montaigne revela-se, sobretudo, quando defende a esfera individual e os valores da vida privada.

Gabarito da Prova Simulada 34

1-e, 2-e, 3-c, 4-e, 5-a, 6-e, 7-d, 8-b, 9-d, 10-e.

Prova Simulada 35

Atenção: As questões de números 1 a 10 baseiam-se no texto apresentado abaixo.

Sobre a efemeridade das mídias

Um congresso recente, em Veneza, dedicou-se à questão da efemeridade dos suportes de informação, desde a tábua de argila, o papiro e o pergaminho até o livro impresso e os atuais meios eletrônicos. O livro impresso, até agora, demonstrou que sobrevive bem por 500 anos, mas só quando se trata de livros feitos de papel de trapos. A partir de meados do século XIX, passou-se ao papel de polpa de madeira, e parece que este tem uma vida máxima de 70 anos (com efeito, basta consultar jornais ou livros dos anos de 1940 para ver como muitos se desfazem ao ser folheados). Há muito tempo se realizam estudos para salvar todos os livros que abarrotam nossas bibliotecas; uma das soluções mais adotadas é escanear todas as páginas e passá-las para um suporte eletrônico.

Mas aqui surge outro problema: todos os suportes para a transmissão e a conservação de informações, da foto ao filme, do disco à memória do computador, são mais perecíveis que o livro. As velhas fitas cassete com pouco tempo de uso se enrolavam todas, e saíam mascadas; as fitas de vídeo perdiam as cores e a definição com facilidade. Tivemos tempo suficiente para ver quanto podia durar um disco de vinil sem ficar riscado demais, mas não para verificar quanto dura um CD-ROM, que, saudado como a invenção que substituiria o livro, ameaça sair rapidamente do mercado, porque podemos acessar on-line os mesmos conteúdos por um custo menor. Sabemos que todos os suportes mecânicos, elétricos ou eletrônicos são rapidamente perecíveis, ou não sabemos quanto duram e provavelmente nunca chegaremos a saber. Basta um pico de tensão, um raio no jardim para desmagnetizar uma memória. Se houvesse um apagão bastante longo, não poderíamos usar nenhuma memória eletrônica.

Os suportes modernos parecem criados mais para a difusão do que para a conservação das informações. É possível que, dentro de alguns séculos, a única forma de ler notícias sobre o passado continue sendo a consulta a um velho e bom livro. Não, não sou um conservador reacionário. Gravei em disco rígido portátil de 250 *gigabytes* as maiores obras-primas da literatura universal. Mas estou feliz porque os livros continuam em minha biblioteca — uma garantia para quando os instrumentos eletrônicos entrarem em pane.

(Adaptado de Umberto Eco, UOL — Notícias, NYT, 26.04.2009)

1. É correto deduzir das afirmações do texto que

a) a confiabilidade de suportes simples pode superar a dos mais complexos.
b) a limitação da mídia eletrônica revela-se na transmissão de informações.
c) já houve tempo suficiente para se precisar a durabilidade do disco rígido.
d) a obsolescência de todos os suportes de informação tem a mesma causa.
e) os livros feitos de papel de trapo não resistem mais que cinco séculos.

2. Analisando diferentes mídias, o autor tem sua atenção voltada, sobretudo, para

a) o grau de obsolescência dos livros antigos, mormente os centenários.
b) a conservação dos livros, que se vem revelando cada vez mais precária.
c) o conservadorismo de quem rejeita os suportes modernos de informação.
d) a preservação das informações, quaisquer que sejam seus suportes.
e) a fidedignidade das informações que circulam em suportes eletrônicos.

3. Atente para as seguintes afirmações:

I. No primeiro parágrafo, afirma-se que vem sendo processada a cópia eletrônica de livros para preservar a massa de informações dos volumes que lotam nossas bibliotecas.

II. No segundo parágrafo, considera-se não apenas a efemeridade dos últimos suportes de mídia, mas também aspectos éticos envolvidos na transmissão de informações on-line.

III. No terceiro parágrafo, o autor sugere que informações impressas em livro estão mais seguras do que as que se veem processando em suportes mais avançados.

Está correto o que se afirma em

a) III, apenas.
b) II e III, apenas.
c) I, II e III.
d) I e II, apenas.

e) I e III, apenas.

4. O autor nega que seja um conservador reacionário — negativa que pode ser justificada atentando-se para o segmento

a) consulta a um velho e bom livro.
b) Gravei em disco rígido portátil.
c) mais para a difusão do que para a conservação das informações.
d) única forma de ler notícias sobre o passado.
e) os livros continuam em minha biblioteca.

5. Está adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase:

a) O autor nos lembra que as velhas fitas cassete, com o uso constante, enrolavam-se e mascavam-se, o que logo as tinha tornado obsoletas.
b) Caso fosse outro o tema do congresso realizado em Veneza, o autor, amante dos livros, provavelmente não o havia tomado para comentar.
c) Terá sido uma surpresa para muita gente inteirar-se do fato de que, antigamente, livros se confeccionarão com papel feito de trapos.
d) Talvez a ninguém ocorresse, antes de ler esse texto, que a durabilidade dos velhos livros pudesse ser reconhecidamente superior à dos novos suportes.
e) A cada vez que surge um novo suporte de informações, ter-se-ia a impressão de que ele se revelasse o mais seguro e mais duradouro.

6. Está clara e correta a redação do seguinte comentário sobre o texto:

a) Umberto Eco, reconhecido ensaísta italiano, dedica-se com frequência à analisar temas modernos, de cujo estudo muito tem colaborado.
b) Muita gente ignora o fato revelado pelo autor, no qual se informa que já houve livros cuja fabricação se valia de um resistente papel de trapos.
c) Em Veneza realizou-se o congresso aonde se discutiu a questão de que a efemeridade dos suportes de informação revela-se bastante precária.
d) Ainda há muitos livros em sebos, feitos de papel de polpa de madeira, que provaram ter resistido há mais de cem anos de impressão.
e) O autor, um intelectual italiano que já não é jovem, pôde comprovar e comparar a qualidade e a durabilidade de diversos suportes de informação.

7. As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na construção da seguinte frase:

a) Diferentemente do que ocorre com livros muito antigos, que se vêm revelando muito resistentes, os de hoje ressentem-se do uso constante.
b) Caso deixassem de haver as grandes bibliotecas de hoje, é possível que os homens do futuro não pudessem interpretar plenamente a nossa cultura.
c) Confia-se a um suporte eletrônico incontáveis informações, mas não se podem avaliar com segurança quanto tempo permanecerão disponíveis.
d) Ainda que só venha a restar da nossa época algumas boas bibliotecas, elas serão suficientes para dar notícia do que pensamos e criamos.
e) Atribuem-se a picos de tensão ou raios ocasionais a causa de muita perda de informações, que se julgavam preservadas numa memória eletrônica.

8. Na frase "Mas aqui surge outro problema", o termo em destaque exerce a mesma função sintática que o termo sublinhado em:

a) Não, não sou um conservador reacionário.
b) Tivemos tempo suficiente para ver quanto podia durar um disco de vinil...
c) ... as fitas de vídeo perdem as cores e a definição com facilidade.
d) Um congresso recente, em Veneza, dedicou-se à questão da efemeridade dos suportes de informação...
e) Sabemos que todos os suportes mecânicos, elétricos ou eletrônicos, são rapidamente perecíveis...

9 . Os suportes modernos parecem criados mais para a difusão do que para a conservação das informações. Preserva-se o sentido essencial da frase acima nesta outra correta redação:

a) Difundir, mas não conservar, eis o que se conclui acerca dos suportes modernos, criados para vincular informações.
b) Criados os suportes modernos, revelaram-se mais produtivos quanto à difusão do que para conservar as informações.
c) É na difusão, e não na conservação das informações, que os suportes modernos revelam maior eficácia.
d) Uma vez que foram criados para difundir informações, os suportes modernos tem sua conservação muito menos eficaz.
e) Embora criados para difundir e conservar as informações, os suportes modernos não revelam a mesma eficácia.

10. Verifica-se correta transposição de uma para outra voz verbal no seguinte caso:

a) os livros continuam em minha biblioteca (3º parágrafo) = os livros têm continuado em minha biblioteca.
b) podemos acessar os mesmos conteúdos = os mesmos conteúdos podem ser acessados.
c) dedicou-se à questão (1º parágrafo) = a ela foi dedicada.
d) se realizam estudos (1º parágrafo) = estudos sejam realizados.
e) Gravei (...) obras-primas (3º parágrafo) = tinham sido gravadas obras-primas.

Gabarito da Prova Simulada 35

1-a, 2-d, 3-e, 4-b, 5-d, 6-e, 7-a, 8-c, 9-c, 10-b.

Referências

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Global, 2009.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Dicionário de questões vernáculas*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1996.

————. *Gramática metódica da Língua Portuguesa*. 35. ed. São Paulo: Saraiva, 1988.

ANTUNES, Irandé. *Lutar com palavras:* coesão e coerência. São Paulo: Parábola Editorial, 2005 (Coleção Na ponta da língua, v. 13).

BASILIO, Margarida. *Teoria lexical*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2004 (Série Princípios).

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

————. *O que muda com o novo Acordo Ortográfico*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Lucerna, 2008.

————. *Gramática escolar da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

BELTRÃO, Mariúsa; BELTRÃO, Odacir. *Correspondência:* linguagem & comunicação: oficial, comercial, bancária, particular. 19. ed. São Paulo: Atlas, 1993.

BLIKSTEIN, Izidoro. *Técnicas de comunicação escrita*. 20. ed. São Paulo: Ática, 2004 (Série Princípios).

BRASIL. Presidência da República (1988). *Constituição Federal*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 13 jul. 2011.

————. *Manual de redação da Presidência da República*. 2. ed. ver. atualizada. Brasília, 2002.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos:* por um interacionismo sócio-discursivo. Tradução de Anna Rachel Machado. São Paulo: EDUC, 2003.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização & lingüística*. 9. ed. São Paulo: Scipione, 1996.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de lingüística e gramática*. 8. ed.

Petrópolis: Vozes, 1978.

CAMPEDELLI, Samira Yousseff; SOUZA, Jesus Barbosa. *Literatura, produção de textos & gramática*. São Paulo: Saraiva, 1998.

CARVALHO, Dolores; NASCIMENTO, Manoel. *Gramática histórica*. 7. ed. São Paulo: Ática, 1971.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

————. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 43. ed. São Paulo: Nacional, 2000.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português:* linguagem, gramática e redação. v. 1. 2. ed. São Paulo: Atual, 1994.

CITELLI, Adilson. *Linguagem e persuasão*. 16. ed. rev. e atual. São Paulo: Ática, 2005 (Série Princípios).

CUNHA, Antonio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática de Língua Portuguesa*. 11. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1985.

————; Cintra, Luís Filipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto. *Gramática* — fonética e fonologia, morfologia, sintaxe, estilística. 4. ed. rev. ampl. São Paulo: Ática, 1990.

FÁVERO, Leonor Lopes. Competência textual e ensino de leitura. *Anais do V Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas: Unicamp, 1985.

————. *Coesão e coerência textuais*. 10. ed. São Paulo: Ática, 2005 (Série Princípios).

————; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Lingüística textual:* introdução. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

————; ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victório Oliveira; AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. *Oralidade e escrita:* perspectiva para o ensino de língua materna. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, Reinaldo M. *Correspondência comercial e oficial*. São Paulo: Ática, 1984.

FIORIN, José Luiz. Modos de organização do discurso: a narração, a descrição e a dissertação. In: MARTINS, Ângela Maria et al. *Diário de classe v. 3*. São Paulo: FDE, 1994, p. 61-70.

————. *As astúcias da enunciação* — as categorias de pessoa, espaço e tempo. 2. ed. São Paulo: Ática, 2002.

————. *Elementos de análise do discurso*. 12. ed. São Paulo: Contexto, 2004

(Coleção Repensando a Língua Portuguesa).

————; SAVIOLI, Francisco Platão. *Para entender o texto* — leitura e redação. 6. ed. São Paulo: Ática, 1998.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 11. ed. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2004.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1985.

GERALDI, João Wanderley. *Linguagem e ensino:* exercício de militância e divulgação. Campinas: Mercado das Letras, 1996.

GUIDIN, Márcia Lígia; JENKINO, Lilian. *Verbos sob medida:* 6.500 verbos conjugados em português. São Paulo: Nova Alexandria, 2006.

GUIMARÃES, Elisa. Da conectividade textual. In: BASTOS, Neusa Barbosa (Org.). *Língua Portuguesa, uma visão em mosaico*. São Paulo: IP-PUC-SP/EDUC, 2002, p. 225-33 (Série Eventos).

HOUAISS, Antonio (Org.). *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

ILARI, Rodolfo; GERALDI, João Wanderley. *Semântica*. 10. ed. São Paulo: Ática, 2004 (Série Princípios).

KASPARY, Adalberto José. *Redação oficial:* normas e modelos. 10. ed. ver. atual. ampl. Porto Alegre: Prodil, 1993.

KLEIMAN, Ângela. *Texto e leitor:* aspectos cognitivos da leitura. 9. ed. Campinas: Pontes, 2004.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A coerência textual*. São Paulo: Contexto, 1990.

————. *A coesão textual*. 19. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

————; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Texto e coerência*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

————; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender:* os sentidos do texto. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

LEITE, Cília Coelho Pereira (Madre Olívia). Gramática de texto e sintaxe-semântica. In: LEITE, Cília Coelho Pereira; FÁVERO, Leonor Lopes; SILVEIRA, Regina Cecília Pagliuchi (Org.). *Sintaxe-semântica base para gramática de texto*. São Paulo: Cortez, 1985 (Série Gramática portuguesa na pesquisa e no ensino, v. 10).

LUFT, Celso Pedro. *A vírgula*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1998.

————. *Dicionário prático de regência nominal*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2003.

————. *Dicionário prático de regência verbal*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2003.

MAIA, João Domingues. *Literatura:* textos & técnica. São Paulo: Ática, 1996.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Lingüística de texto, o que é e como se faz*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1983 (Série Debates, v. 1).

————. O processo de referenciação na produção discursiva. In: HORA, Demerval da; CHRISTIANO, Elizabeth (Org.). *Estudos linguísticos:* realidade brasileira. João Pessoa: Ideia, 1999.

————. *Da fala para a escrita*: atividades de retextualização. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MARTINO, Agnaldo Sérgio de. *Língua Portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Central de Concursos, 2005.

————. *Interpretação de textos:* ensino superior. 2. ed. São Paulo: Central de Concursos, 2005.

————. *Interpretação de textos:* ensino médio. 2. ed. São Paulo: Central de Concursos, 2005.

————. *Interpretação de textos:* ensino fundamental. 3. ed. São Paulo: Central de Concursos, 2005.

————. *Redação oficial*. São Paulo: Central de Concursos, 2005.

————. *Coesão e coerência na interpretação de texto em provas de concursos públicos*. Tese de Mestrado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2008.

MARTINS, Dileta Silveira; ZILBERKNOP, Lúbia Scliar. *Português instrumental*. 16. ed. rev. ampl. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1994.

MEDEIROS, João Bosco. *Correspondência:* técnicas de comunicação criativa. 11. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

————. *Redação científica:* a prática de fichamentos, resumos, resenhas. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (Brasil). *COLIP — Comissão de Língua Portuguesa*. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/sesu>. Acesso em: 13 jul. 2011. [Link: Políticas e Programas.]

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA (Brasil). *Anteprojeto de simplificação e unificação da nomenclatura gramatical brasileira*. Rio de Janeiro: CADES, 1957.

————. *Nomenclatura gramatical brasileira*. Rio de Janeiro: CADES, 1958.

NÁUFEL, José. *Novo dicionário jurídico brasileiro*. 8. ed. São Paulo: Ícone, 1989.

PARANÁ. Arquivo Público. *Manual de comunicação escrita oficial do Estado do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial/DEAP, 2001.

REIS, Otelo. *Breviário da conjugação de verbos*. 38. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 43. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

————; BARBADINHO NETO, Raimundo. *Manual de redação*. 5. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1994.

SABBAG, Eduardo de Moraes. *Redação forense e elementos de gramática*. 4. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais. 2011.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Paródia, paráfrase e cia*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003 (Série Princípios).

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. Tradução de Antonio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 26. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

SILVEIRA, Regina Cecília Pugliuchi; LEITE, Cília Coelho Pereira (Madre Olívia). Relações/valores textuais. In: LEITE, Cília Coelho Pereira; FÁVERO, Leonor Lopes; SILVEIRA, Regina Cecília Pugliuchi (Org.). *Sintaxe-semântica base para gramática de texto*. São Paulo: Cortez, 1985 (Série Gramática portuguesa na pesquisa e no ensino, v. 10).

SMITH, Frank. *Leitura significativa*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 1999.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

VASCONCELOS, Joaquim Antônio. *Como redigir documentos e atos oficiais*. Belo Horizonte: Vega, 1972.

Editora Saraiva

Rua Henrique Schaumann, 270, Cerqueira César — São Paulo — SP — CEP 05413-909 – PABX: (11) 3613 3000 – SACJUR: 0800 055 7688 – De 2ª a 6ª, das 8:30 às 19:30

E-mail saraivajur@editorasaraiva.com.br

Acesse www.editorasaraiva.com.br/direito

Filiais

AMAZONAS/RONDÔNIA/RORAIMA/ACRE

Rua Costa Azevedo, 56 – Centro – Fone: (92) 3633-4227 – Fax: (92) 3633-4782 – Manaus

BAHIA/SERGIPE

Rua Agripino Dórea, 23 – Brotas – Fone: (71) 3381-5854 / 3381-5895 – Fax: (71) 3381-0959 – Salvador

BAURU (SÃO PAULO)

Rua Monsenhor Claro, 2-55/2-57 – Centro – Fone: (14) 3234-5643 – Fax: (14) 3234-7401 – Bauru

CEARÁ/PIAUÍ/MARANHÃO

Av. Filomeno Gomes, 670 – Jacarecanga – Fone: (85) 3238-2323 / 3238-1384 – Fax: (85) 3238-1331 – Fortaleza

DISTRITO FEDERAL

SIA/SUL Trecho 2 Lote 850 — Setor de Indústria e Abastecimento – Fone: (61) 3344-2920 / 3344-2951 – Fax: (61) 3344-1709 — Brasília

GOIÁS/TOCANTINS

Av. Independência, 5330 – Setor Aeroporto – Fone: (62) 3225-2882 / 3212-2806 – Fax: (62) 3224-3016 – Goiânia

MATO GROSSO DO SUL/MATO GROSSO

Rua 14 de Julho, 3148 – Centro – Fone: (67) 3382-3682 – Fax: (67) 3382-0112 – Campo Grande

MINAS GERAIS

Rua Além Paraíba, 449 – Lagoinha – Fone: (31) 3429-8300 – Fax: (31) 3429-8310 – Belo Horizonte

PARÁ/AMAPÁ

Travessa Apinagés, 186 – Batista Campos – Fone: (91) 3222-9034 / 3224-9038 – Fax: (91) 3241-0499 – Belém

PARANÁ/SANTA CATARINA

Rua Conselheiro Laurindo, 2895 – Prado Velho –Fone/Fax: (41) 3332-4894 – Curitiba

PERNAMBUCO/PARAÍBA/R. G. DO NORTE/ALAGOAS

Rua Corredor do Bispo, 185 – Boa Vista – Fone: (81) 3421-4246 – Fax: (81) 3421-4510 – Recife

RIBEIRÃO PRETO (SÃO PAULO)

Av. Francisco Junqueira, 1255 – Centro – Fone: (16) 3610-5843 – Fax: (16) 3610-8284 – Ribeirão Preto

RIO DE JANEIRO/ESPÍRITO SANTO

Rua Visconde de Santa Isabel, 113 a 119 – Vila Isabel –Fone: (21) 2577-9494 – Fax: (21) 2577-8867 / 2577-9565 – Rio de Janeiro

RIO GRANDE DO SUL

Av. A. J. Renner, 231 – Farrapos – Fone/Fax: (51) 3371-4001 / 3371-1467 / 3371-1567 –Porto Alegre

SÃO PAULO

Av. Antártica, 92 – Barra Funda – Fone: PABX (11) 3616-3666 – São Paulo

3ª EDIÇÃO

AGNALDO MARTINO

PORTUGUÊS

GRAMÁTICA ▪ INTERPRETAÇÃO DE TEXTO
REDAÇÃO OFICIAL ▪ REDAÇÃO DISCURSIVA

ESQUEMATIZADO®

COORDENADOR
PEDRO LENZA

100 ANOS
Saraiva

ISBN 978-85-02-21376-0

Martino, Agnaldo
Português esquematizado®: gramática, interpretação de texto, redação oficial, redação discursiva / Agnaldo Martino. – 3. ed. rev. – São Paulo: Saraiva, 2014. – (Coleção esquematizado®)
Bibliografia.
1. Direito - Brasil - Linguagem 2. Português - Concursos I. Título.
CDU-340.113.1: 806.90(079)

Índice para catálogo sistemático:

1. Português : Concursos na área jurídica : Linguagem jurídica : Direito
340.113.1:806.90(79)

Diretor editorial Luiz Roberto Curia
Gerente editorial Thaís de Camargo Rodrigues
Assistente editorial Sirlene Miranda de Sales
Produtora editorial Clarissa Boraschi Maria
Produtor multimídia William Paiva
Arte e diagramação e revisão Know-how Editorial
Serviços editoriais Camila Artioli Loureiro, Guilherme Henrique Martins Salvador, Kelli Priscila Pinto e Surane Vellenich
Capa Aero Comunicação
Produção gráfica Marli Rampim
Produção eletrônica Know-how Editorial

Data de fechamento da edição: 27-11-2013

Dúvidas?

Acesse www.editorasaraiva.com.br/direito

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Saraiva. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei n. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do

Código Penal.

HISTÓRICO DA OBRA

- **1.ª edição:** jan./2012; 2ª tir., fev./2012; 3ª tir., mar./2012; 4ª tir., jun./2012; 5ª tir., set./2012
- **2.ª edição:** jan./2013
- **3.ª edição:** jan./2014

Dedico este livro aos meus caros alunos — que, com suas indagações, me ajudaram a aprimorar conhecimentos para tentar oferecer sempre o melhor de mim.

AGRADECIMENTO

Sou grato à Atanagildetina, ao Childerico, à Radegondes, à Pascoalina, ao Asdrúbal, à Âni — personagens que me acompanham há muito tempo em minha jornada pelo magistério, e me ajudam a deixar nos meus “aluninhos” um pouco do amor que sinto pela Língua Portuguesa.

METODOLOGIA ESQUEMATIZADO®

Durante o ano de 1999, pensando, naquele primeiro momento, nos alunos que prestariam o exame da OAB, resolvemos criar uma **metodologia** de estudo que tivesse linguagem "fácil" e, ao mesmo tempo, oferecesse o conteúdo necessário à preparação para provas e concursos.

O trabalho foi batizado como ***Direito constitucional esquematizado®***. Em nosso sentir, surgia ali uma metodologia **pioneira**, idealizada com base em nossa experiência no magistério e buscando, sempre, otimizar a preparação dos alunos.

A metodologia se materializou nos seguintes "pilares":

- **esquematizado®:** a parte teórica é apresentada de forma objetiva, dividida em vários itens e subitens e em parágrafos curtos. Essa estrutura revolucionária rapidamente ganhou a preferência dos concurseiros;
- **superatualizado:** doutrina e legislação em sintonia com as grandes tendências da atualidade e na linha dos concursos públicos de todo o País;
- **linguagem clara:** a exposição fácil e direta, a leitura dinâmica e estimulante trazem a sensação de que o autor está "conversando" com o leitor;
- **palavras-chave *(keywords)*:** os destaques na cor azul possibilitam a leitura "panorâmica" da página, facilitando a fixação dos principais conceitos. O realce colorido recai sobre os termos que o leitor certamente grifaria com a sua caneta marca-texto;
- **recursos gráficos:** esquemas, tabelas e gráficos favorecem a assimilação e a memorização dos principais temas;
- **questões resolvidas:** ao final de cada capítulo, o assunto é ilustrado com questões de concursos ou elaboradas pelos próprios autores, o que permite conhecer as matérias mais cobradas e também checar o aprendizado.

Depois de muitos anos de **aprimoramento**, o trabalho passou a atingir tanto os candidatos ao **Exame de Ordem** quanto todos aqueles que enfrentam os concursos em geral, sejam das **áreas jurídica** ou **não jurídica**, de **nível superior** ou mesmo os de **nível**

médio, assim como os **alunos de graduação** e demais **profissionais**.

Ada Pellegrini Grinover, sem dúvida, anteviu, naquele tempo, a evolução do *Esquematizado*®. Segundo a Professora escreveu em 1999, "a obra destina-se, declaradamente, aos candidatos às provas de concursos públicos e aos alunos de graduação, e, por isso mesmo, após cada capítulo, o autor insere questões para aplicação da parte teórica. Mas será útil também aos operadores do direito mais experientes, como fonte de consulta rápida e imediata, por oferecer grande número de informações buscadas em diversos autores, apontando as posições predominantes na doutrina, sem eximir-se de criticar algumas delas e de trazer sua própria contribuição. Da leitura amena surge um livro 'fácil', sem ser reducionista, mas que revela, ao contrário, um grande poder de síntese, difícil de encontrar mesmo em obras de autores mais maduros, sobretudo no campo do direito".

Atendendo ao apelo de "concurseiros" de todo o País, sempre com o apoio incondicional da Editora Saraiva, convidamos professores das principais matérias exigidas nos concursos públicos das *áreas jurídica* e *não jurídica* para compor a **Coleção Esquematizado®**. **Roberto Caparroz** colaborou conosco na coordenação das obras voltadas às matérias não jurídicas.

Metodologia pioneira, vitoriosa, consagrada, testada e aprovada. **Professores** com larga experiência na área dos concursos públicos. Estrutura, apoio, profissionalismo e *know-how* da **Editora Saraiva**. Sem dúvida, ingredientes indispensáveis para o sucesso da nossa empreitada!

Para a **Língua Portuguesa**, tivemos a honra de contar com o precioso trabalho de **Agnaldo Martino**, que soube, com maestria, aplicar a **metodologia "esquematizado®"** à sua vasta e reconhecida experiência profissional.

Agnaldo é licenciado em Letras (Português, Inglês e Literatura), mestre e doutorando em Língua Portuguesa pela PUCSP e festejado professor de Gramática, Interpretação de Texto, Redação Oficial e Redação Discursiva, tendo começado a lecionar em 1987.

Trata-se de professor completo, ovacionado por seus alunos e com muita experiência em cursos regulares (fundamental e médio), pré-vestibulares e preparatórios para concursos públicos.

Agnaldo já foi professor da Rede Pública Estadual de São Paulo, do Colégio Benjamin Constant e da Escola Morumbi, bem como de cursos preparatórios para concursos e vestibulares: Prima, Complexo Educacional Damásio de Jesus, Marcato, Central de Concursos, Meta, Formação, Qualidade, UniEquipe, Solução, entre outros.

Atualmente, leciona na Universidade Anhanguera/Rede LFG, via satélite, para várias cidades do País.

Não temos dúvida de que este livro contribuirá para "encurtar" o caminho do ilustre e "guerreiro" concurseiro na busca do "sonho dourado"!

Esperamos que a **Coleção Esquematizado®** cumpra o seu papel. Em constante parceria, estamos juntos e aguardamos suas críticas e sugestões.

Sucesso a todos!

Pedro Lenza
Mestre e Doutor pela USP
E-mail: pedrolenza@terra.com.br
Twitter: https://twitter.com/pedrolenza
Instagram: http://instagram.com/pedrolenza
Facebook: https://www.facebook.com/pedrolenza
Vídeos: https://www.youtube.com/pedrolenzaoficial
Saraiva: http://www.editorasaraiva.com.br/esquematizado

APRESENTAÇÃO

Todos os anos, milhões de pessoas, com os mais variados perfis e histórias de vida, resolvem ingressar no mundo dos concursos públicos. Trata-se de um movimento contínuo, crescente, inesgotável e tipicamente brasileiro.

Portanto, se a ideia já passou pela sua cabeça, saiba que você não está sozinho. A constatação serve, a um só tempo, tanto como estímulo para os estudos quanto para que possamos compreender o calibre do desafio que aguarda os candidatos.

Quais os motivos para esse fenômeno, que só faz crescer?

A resposta mais simples e direta reside no fato de que o **Estado**, para a nossa realidade, é um **excelente empregador**. Se compararmos a remuneração da iniciativa privada com a de carreiras públicas equivalentes, em termos de exigências e atividades, na maioria dos casos, o valor percebido pelos servidores será igual ou superior. Some-se a isso a **estabilidade**, o **regime diferenciado de previdência** e a possibilidade de **ascensão funcional** e teremos a perfeita equação para a verdadeira legião de "concurseiros" que existe no Brasil.

Como vencer o desafio dos concursos, se a concorrência é tão grande?

Ao contrário do que muita gente imagina, a dificuldade certamente não é quantitativa, pois o número de concorrentes, na prática, pouco importa. Todos os grandes concursos oferecem vagas suficientes, capazes de premiar os candidatos que conseguirem obter médias elevadas. O **fator determinante para o sucesso** é de natureza **qualitativa** e exige o domínio de duas metodologias: **saber estudar** e **resolver questões**.

Há muitos anos digo aos alunos que o segredo dos concursos não é simplesmente estudar mais (muito embora os vencedores estudem bastante), mas, principalmente, **estudar melhor**.

E o que significa isso? Estudar melhor implica escolher uma fonte de referência segura, completa e atualizada para cada matéria, absorvê-la ao máximo e, depois, verificar o aprendizado por meio de questões.

Costumo ponderar que, se um candidato ler dois autores sobre o mesmo tema, provavelmente "elevará ao quadrado" suas dúvidas, pois não saberá como enfrentar, nas provas, as divergências de pensamento que, apesar de comuns e salutares no meio

acadêmico, devem ser evitadas a todo custo nos concursos.

Essa é uma das propostas da presente **Coleção Esquematizado®**. Quando o amigo Pedro Lenza me convidou para ajudá-lo na coordenação das obras voltadas para as matérias não jurídicas, imediatamente vislumbrei a possibilidade de oferecer aos alunos das mais diversas carreiras a mesma **metodologia**, testada e aprovada no consagrado *Direito Constitucional Esquematizado®*.

Sabemos que a grande dificuldade dos concursos de ampla concorrência, abertos a candidatos de qualquer formação, reside na quantidade e variedade de matérias, de tal sorte que não seria exagero afirmar que ninguém conhece, *a priori*, todos os temas que serão exigidos, ao contrário das carreiras jurídicas, nas quais os alunos efetivamente travaram conhecimento com as disciplinas durante a faculdade.

Ninguém faz "faculdade para concursos", até porque, na prática, ela não existe. Os candidatos provêm de áreas diferentes e acumularam conhecimento em temas que normalmente não são objeto de questões. É comum o relato de candidatos iniciantes que tiveram pior desempenho justamente nas matérias que conheciam a partir da experiência profissional.

Os **concursos não jurídicos** exigem **preparação específica**, na qual os candidatos normalmente "iniciam do zero" seus estudos.

A metodologia empregada na **Coleção Esquematizado®** permite que o leitor, de qualquer nível, tenha acesso à mais **completa** e **atualizada teoria**, exposta em linguagem **clara, acessível** e **voltada para concursos**, acrescida de **questões** especialmente selecionadas e comentadas em detalhes.

O projeto, apesar de audacioso, se sustenta pela **qualidade dos autores**, todos com larga experiência na preparação de candidatos para as diferentes provas e bancas examinadoras. As matérias são abordadas de forma teórico-prática, com farta utilização de exemplos e gráficos, que influem positivamente na fixação dos conteúdos.

A abordagem dos temas busca esgotar os assuntos, sem, no entanto, se perder em digressões ou posições isoladas, com o objetivo de oferecer ao candidato uma **solução integrada**, naquilo que os norte-americanos chamam de *one stop shop*.

Com a estrutura e o suporte proporcionados pela **Editora Saraiva**, acreditamos que as obras serão extremamente úteis, inclusive para os alunos dos cursos de graduação.

Lembre-se de que o sucesso no mundo dos concursos não decorre do "se", mas, sim, do "quando".

Boa sorte e felicidade a todos!

Roberto Caparroz
roberto@caparroz.com

NOTA DO AUTOR À 3ª EDIÇÃO

Chegamos à terceira edição do **Português Esquematizado®**. Desde o lançamento da obra, procuramos sempre atender às expectativas daqueles que desejavam um livro prático e completo para o estudo da Língua Portuguesa, por isso aceitamos as sugestões dos leitores, para melhorar o texto e corrigir os erros de digitação das edições anteriores. Agradeço a todos que contribuíram para que chegássemos até aqui.

Ao escrever este livro, foi minha intenção dar ao estudante de **Língua Portuguesa** um volume completo, com tudo de que necessita para realizar uma prova de **concurso público ou vestibular**, porém de estilo simples e direto. Seguindo os parâmetros da **Coleção Esquematizado®**, o texto se apresenta de forma clara e objetiva, com destaque para aquilo que o leitor deve guardar na memória para um ótimo desempenho nas provas.

A obra discorre sobre os quatro grandes temas presentes nos concursos de vários níveis e nos vestibulares: **Gramática, Interpretação de Texto, Redação Oficial e Redação Discursiva**. Dessa maneira, ao estudar por este livro, o candidato tem diante de si todo o arsenal para treinar a Língua Portuguesa. É também um **instrumento auxiliar** para os que se preparam para o **Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM)**, pois trabalha com os aspectos linguísticos imprescindíveis para um bom desempenho no quesito "Linguagem, Códigos e suas Tecnologias".

A **Redação Discursiva**, além das informações técnicas a respeito do processo de produção do texto, discorre sobre as suas qualidades (e os defeitos que se devem evitar!) e traz ainda uma **técnica prática** que permite, com treino e dedicação, atingir um excelente resultado.

A divisão da obra foi pensada para facilitar a pesquisa e a leitura. Basta verificar o programa de Português da prova para a qual deseja preparar-se e, em seguida, localizar esses assuntos no livro. Assim, você tem uma obra que contempla o conteúdo de concursos e vestibulares, com o benefício de estudar aquilo que lhe é necessário para aquela prova específica.

Como todo livro da **Coleção Esquematizado®**, este também apresenta as **ideias**

principais destacadas, esquemas gráficos e quadros com curiosidades, tudo para tornar o aprendizado mais ágil e agradável. Além disso, traz também muitos exercícios, para fixar todo o conteúdo.

Muito do aprendizado dos fatos da língua vem da prática — e não apenas da leitura da teoria —, por isso este volume privilegia as **questões**. Ao final de cada unidade, há exercícios com **respostas comentadas** para a fixação dos conceitos, tanto gramaticais quanto de interpretação de texto ou redação oficial. Há também uma unidade dedicada especificamente a questões, com grupos de dez questões cada um, com os assuntos mais cobrados em provas. Assim, paulatinamente, o leitor poderá testar seus conhecimentos, para continuar ampliando o seu nível de domínio linguístico. Essas questões foram retiradas de provas das mais conceituadas bancas examinadoras de todo o País, tais como **Cesgranrio, Cespe-UnB, Cetro, Consulplan, ESAF, FCC, FGV, FUNRIO, NCE-UFRJ, Vunesp**, entre outras. Algumas questões foram publicadas exatamente como apareceram nas provas, outras foram adaptadas, atualizadas, recicladas ou alteradas para a publicação neste livro.

Nesta segunda edição, optei por não fazer mudanças na estrutura da obra, uma vez que ela segue, ortodoxamente, a estrutura consagrada da **Coleção Esquematizado®**. Optei, também, por não fazer quaisquer acréscimos ao texto. Tal decisão baseia-se no fato de o livro ter sido muito bem aceito pelo seu público-alvo, cujos comentários, nos vários meios — redes sociais, cursinhos, escolas etc. —, dão-nos a certeza de que ainda não há necessidade de atualização.

Agradeço aos muitos leitores que fizeram do meu trabalho um sucesso editorial, e também a todos aqueles que, com sua leitura crítica, perceberam algum problema com o texto ou com a digitação e, gentilmente, enviaram a este autor suas sugestões de melhoria para um e outro parágrafo, assim como o apontamento dos deslizes de digitação ou revisão.

Devo **agradecimento especial aos nossos coordenadores, Pedro Lenza e Roberto Caparroz**, que confiaram no meu trabalho, permitindo-me fazer parte desta já prestigiada Coleção.

Sou **grato, ainda, a toda a equipe editorial da Saraiva**, por todo o apoio dispensado à realização deste livro.

Bom estudo!

Agnaldo Martino
agnaldomartino@gmail.com

1 FONOLOGIA

1.1. Fonema

1.2. Fonemas Vocálicos
- 1.2.1. Vogais
- 1.2.2. Semivogais

1.3. Fonemas Consonantais

1.4. Encontros Vocálicos
- 1.4.1. Ditongo
  - 1.4.1.1. Crescente
  - 1.4.1.2. Decrescente
  - 1.4.1.3. Oral
  - 1.4.1.4. Nasal
- 1.4.2. Tritongo
  - 1.4.2.1. Oral
  - 1.4.2.2. Nasal
- 1.4.3. Hiato

1.5. Encontros Consonantais
- 1.5.1. Encontros consonantais perfeitos
- 1.5.2. Encontros consonantais imperfeitos

1.6. Dígrafo

1.7. Sílaba

1.8. Tonicidade

1.9. Formas Variantes

1.10. Divisão Silábica

1.10.1. Separam-se
1.10.2. Não se separam
1.10.3. Outras dicas

1.11. Questões

2 ORTOGRAFIA

2.1. Dificuldades Ortográficas
2.1.1. Uso do “S”
2.1.2. Uso do “Z”
2.1.3. Uso do “H”
2.1.4. Uso do “X”
2.1.5. Uso do “CH”
2.1.6. Uso do “SS”
2.1.7. Uso do “Ç”
2.1.8. Uso do “G”
2.1.9. Uso do “J”
2.1.10. Uso do “I”
2.1.11. Uso do “E”
2.1.12. Uso do “SC”

2.2. Formas Variantes

2.3. Palavras que não admitem forma variante

2.4. Emprego do hífen
2.4.1. Hífen com prefixos e pseudoprefixos
2.4.2. Hífen com sufixos
2.4.3. Hífen em locuções

2.5. Acentuação Gráfica
2.5.1. Regras gerais
2.5.1.1. Monossílabas tônicas
2.5.1.2. Oxítonas
2.5.1.3. Paroxítonas
2.5.1.4. Proparoxítonas
2.5.2. Regras especiais
2.5.2.1. Ditongos abertos
2.5.2.2. I e U tônicos

2.5.2.3. Acento diferencial nos verbos ter e vir (e seus derivados)
2.5.2.4. Outros acentos diferenciais
2.5.3. Formas variantes de som aberto ou fechado

2.6. Uso do PORQUÊ
2.6.1. Por que / por quê
2.6.1.1. Preposição + pronome interrogativo
2.6.1.2. Preposição + pronome relativo
2.6.2. Porque
2.6.3. Porquê

2.7. Questões

3 MORFOLOGIA

3.1. Estrutura e Formação de Palavras
3.1.1. Estrutura das palavras
3.1.1.1. Radical (ou morfema lexical)
3.1.1.2. Desinência (ou morfema flexional)
3.1.1.3. Vogal temática
3.1.1.4. Tema
3.1.1.5. Afixos
3.1.1.6. Vogal e consoante de ligação
3.1.2. Formação das palavras
3.1.2.1. Derivação
3.1.2.1.1. Prefixal (ou prefixação)
3.1.2.1.2. Sufixal (ou sufixação)
3.1.2.1.3. Prefixal-sufixal (ou prefixação-sufixação)
3.1.2.1.4. Parassintética (ou parassíntese)
3.1.2.1.5. Regressiva
3.1.2.1.6. Imprópria
3.1.2.2. Composição
3.1.2.2.1. Justaposição
3.1.2.2.2. Aglutinação
3.1.2.3. Hibridismo
3.1.2.4. Onomatopeia
3.1.2.5. Abreviação
3.1.2.6. Sigla

3.1.3. Radicais e prefixos gregos e latinos
3.1.3.1. Radicais gregos
3.1.3.2. Radicais latinos
3.1.3.3. Prefixos gregos
3.1.3.4. Prefixos latinos

3.2. Classes de Palavras

3.3. CLASSES NOMINAIS VARIÁVEIS
3.3.1. Substantivo
3.3.1.1. Classificação dos substantivos
3.3.1.1.1. Próprio ou comum
3.3.1.1.2. Simples ou composto
3.3.1.1.3. Concreto ou abstrato
3.3.1.1.4. Primitivo ou derivado
3.3.1.1.5. Coletivo
3.3.1.2. Flexão de gênero
3.3.1.2.1. Biformes
3.3.1.2.2. Uniformes
3.3.1.2.2.1. Epicenos
3.3.1.2.2.2. Sobrecomuns
3.3.1.2.2.3. Comuns de dois gêneros
3.3.1.2.3. Formação do feminino
3.3.1.2.4. Particularidades do gênero
3.3.1.3. Flexão de número
3.3.1.3.1. Formação do plural dos substantivos simples
3.3.1.3.2. Plural dos diminutivos
3.3.1.3.3. Particularidades do número dos substantivos simples
3.3.1.3.4. Formação do plural dos substantivos compostos
3.3.1.3.5. Particularidades do número dos substantivos compostos
3.3.1.4. Flexão de grau
3.3.1.4.1. Normal
3.3.1.4.2. Aumentativo
3.3.1.4.3. Diminutivo
3.3.2. Adjetivo
3.3.2.1. Classificação dos adjetivos
3.3.2.1.1. Uniforme

3.3.2.1.2. Biforme
3.3.2.1.3. Simples
3.3.2.1.4. Composto
3.3.2.2. Adjetivo pátrio
3.3.2.3. Locução adjetiva
3.3.2.4. Flexão de gênero
3.3.2.4.1. Adjetivos simples
3.3.2.4.2. Adjetivos compostos
3.3.2.5. Flexão de número
3.3.2.5.1. Adjetivos simples
3.3.2.5.2. Adjetivos compostos
3.3.2.6. Flexão de grau
3.3.2.6.1. Grau comparativo
3.3.2.6.1.1. De igualdade
3.3.2.6.1.2. De superioridade
3.3.2.6.1.3. De inferioridade
3.3.2.6.2. Grau superlativo
3.3.2.6.2.1. Relativo
3.3.2.6.2.2. Absoluto
3.3.3. Artigo
3.3.3.1. Artigos definidos (o, a, os, as)
3.3.3.2. Artigos indefinidos (um, uma, uns, umas)
3.3.3.3. Particularidades do artigo
3.3.4. Numeral
3.3.4.1. Flexão dos numerais
3.3.4.2. Emprego dos numerais
3.3.4.3. Leitura dos numerais
3.3.5. Pronome
3.3.5.1. Pronomes pessoais
3.3.5.1.1. Caso reto
3.3.5.1.2. Caso oblíquo
3.3.5.1.3. Pronomes de tratamento
3.3.5.1.3.1. Emprego dos pronomes de tratamento
3.3.5.2. Pronomes demonstrativos
3.3.5.3. Pronomes relativos
3.3.5.4. Pronomes interrogativos

3.3.5.5. Pronomes indefinidos
3.3.5.6. Pronomes possessivos

3.4. CLASSE VERBAL
3.4.1. Classificação dos verbos
3.4.1.1. Regulares
3.4.1.2. Irregulares
3.4.1.3. Anômalos
3.4.1.4. Defectivos
3.4.1.5. Abundantes
3.4.1.6. Auxiliares
3.4.1.6.1. Locução verbal
3.4.1.7. Unipessoais
3.4.1.8. Pronominais
3.4.2. Flexão dos verbos
3.4.2.1. Pessoa
3.4.2.2. Número
3.4.2.3. Modo
3.4.2.3.1. Indicativo
3.4.2.3.2. Subjuntivo
3.4.2.3.3. Imperativo
3.4.2.4. Tempo
3.4.2.4.1. Pretérito
3.4.2.4.2. Presente
3.4.2.4.3. Futuro
3.4.2.5. Voz
3.4.2.5.1. Voz ativa
3.4.2.5.2. Voz passiva
3.4.2.5.2.1. Analítica
3.4.2.5.2.2. Sintética
3.4.2.5.3. Voz reflexiva
3.4.3. Formação dos tempos verbais
3.4.3.1. Derivação
3.4.3.1.1. Derivados da 1a pessoa do singular do presente do indicativo
3.4.3.1.1.1. Presente do subjuntivo
3.4.3.1.1.2. Imperativo negativo
3.4.3.1.1.3. Imperativo afirmativo

3.4.3.1.2. Derivados da 3a pessoa do plural do pretérito do indicativo
3.4.3.1.2.1. Pretérito mais-que-perfeito do indicativo
3.4.3.1.2.2. Futuro do subjuntivo
3.4.3.1.2.3. Pretérito imperfeito do subjuntivo
3.4.3.1.3. Derivados do infinitivo impessoal
3.4.3.1.3.1. Futuro do presente do indicativo
3.4.3.1.3.2. Futuro do pretérito do indicativo
3.4.3.1.3.3. Pretérito imperfeito do indicativo
3.4.3.1.3.4. Infinitivo pessoal
3.4.3.1.3.5. Gerúndio
3.4.3.1.3.6. Particípio
3.4.3.2. Tempos compostos
3.4.3.2.1. Formados a partir do presente (indicativo / subjuntivo)
3.4.3.2.2. Formados a partir do pretérito imperfeito (indicativo / subjuntivo)
3.4.3.2.3. Formado a partir do futuro do presente do indicativo
3.4.3.2.4. Formado a partir do futuro do pretérito do indicativo
3.4.3.2.5. Formado a partir do futuro do subjuntivo
3.4.4. Formas nominais
3.4.4.1. Infinitivo
3.4.4.2. Particípio
3.4.4.3. Gerúndio
3.4.5. Emprego dos tempos verbais
3.4.5.1. Presente
3.4.5.2. Pretérito perfeito
3.4.5.3. Pretérito imperfeito
3.4.5.4. Pretérito mais-que-perfeito
3.4.5.5. Futuro do presente
3.4.5.6. Futuro do pretérito
3.4.5.7. Infinitivo pessoal
3.4.5.8. Infinitivo impessoal
3.4.6. Verbos da primeira conjugação que merecem destaque
3.4.7. Verbos da segunda conjugação que merecem destaque
3.4.8. Verbos da terceira conjugação que merecem destaque
3.4.9. Verbos defectivos que merecem destaque

3.5. CLASSES NOMINAIS INVARIÁVEIS
3.5.1. Advérbio

3.5.1.1. Locuções adverbiais
3.5.1.2. Advérbios interrogativos
3.5.1.3. Grau do advérbio
3.5.1.3.1. Grau comparativo
3.5.1.3.2. Grau superlativo
3.5.2. Preposição
3.5.2.1. Classificação da preposição
3.5.2.1.1. Essenciais
3.5.2.1.2. Acidentais
3.5.2.2. Locução prepositiva
3.5.2.3. Combinação, contração e crase
3.5.2.3.1. Combinação
3.5.2.3.2. Contração
3.5.2.3.3. Crase
3.5.3. Conjunção
3.5.3.1. Conjunções coordenativas
3.5.3.1.1. Aditivas
3.5.3.1.2. Adversativas
3.5.3.1.3. Alternativas
3.5.3.1.4. Conclusivas
3.5.3.1.5. Explicativas
3.5.3.2. Conjunções subordinativas
3.5.3.2.1. Integrantes
3.5.3.2.2. Adverbiais
3.5.3.2.2.1. Causais
3.5.3.2.2.2. Comparativas
3.5.3.2.2.3. Concessivas
3.5.3.2.2.4. Condicionais
3.5.3.2.2.5. Conformativas
3.5.3.2.2.6. Consecutivas
3.5.3.2.2.7. Finais
3.5.3.2.2.8. Proporcionais
3.5.3.2.2.9. Temporais
3.5.4. Interjeição
3.5.4.1. Locuções interjetivas

3.6. Questões

4 SINTAXE

4.1. Frase, Oração e Período

4.1.1. Frase

4.1.2. Oração

4.1.3. Período

4.2. Sintaxe da Oração

4.2.1. Termos essenciais da oração

4.2.1.1. Sujeito

4.2.1.1.1. Sujeito determinado

4.2.1.1.2. Sujeito indeterminado

4.2.1.1.3. Sujeito oracional

4.2.1.2. Oração sem sujeito

4.2.1.3. Predicado

4.2.1.3.1. Verbo de ligação

4.2.1.3.2. Verbo nocional

4.2.1.3.2.1. Verbo intransitivo

4.2.1.3.2.2. Verbo transitivo

4.2.1.3.3. Predicativos

4.2.1.3.3.1. Predicativo do sujeito

4.2.1.3.3.2. Predicativo do objeto

4.2.1.3.4. Classificação do predicado

4.2.1.3.4.1. Predicado nominal

4.2.1.3.4.2. Predicado verbal

4.2.1.3.4.3. Predicado verbo-nominal

4.2.2. Termos integrantes da oração

4.2.2.1. Objeto direto

4.2.2.1.1. Objeto direto preposicionado

4.2.2.1.2. Objeto direto pleonástico

4.2.2.1.3. Objeto direto interno

4.2.2.2. Objeto indireto

4.2.2.2.1. Objeto indireto pleonástico

4.2.2.3. Complemento nominal

4.2.2.4. Agente da passiva

4.2.3. Termos acessórios da oração

4.2.3.1. Adjunto adnominal

4.2.3.2. Adjunto adverbial
4.2.3.3. Aposto
4.2.4. Vocativo

4.3. Sintaxe do Período
4.3.1. Período composto por coordenação
4.3.1.1. Orações coordenadas assindéticas
4.3.1.2. Orações coordenadas sindéticas
4.3.1.2.1. Oração coordenada sindética aditiva
4.3.1.2.2. Oração coordenada sindética adversativa
4.3.1.2.3. Oração coordenada sindética alternativa
4.3.1.2.4. Oração coordenada sindética conclusiva
4.3.1.2.5. Oração coordenada sindética explicativa
4.3.2. Período composto por subordinação
4.3.2.1. Oração principal
4.3.2.2. Oração subordinada
4.3.2.2.1. Oração subordinada substantiva
4.3.2.2.1.1. Oração subordinada substantiva subjetiva
4.3.2.2.1.2. Oração subordinada substantiva objetiva direta
4.3.2.2.1.3. Oração subordinada substantiva objetiva indireta
4.3.2.2.1.4. Oração subordinada substantiva completiva nominal
4.3.2.2.1.5. Oração subordinada substantiva predicativa
4.3.2.2.1.6. Oração subordinada substantiva apositiva
4.3.2.2.2. Oração subordinada adjetiva
4.3.2.2.2.1. Oração subordinada adjetiva explicativa
4.3.2.2.2.2. Oração subordinada adjetiva restritiva
4.3.2.2.3. Oração subordinada adverbial
4.3.2.2.3.1. Oração subordinada adverbial causal
4.3.2.2.3.2. Oração subordinada adverbial comparativa
4.3.2.2.3.3. Oração subordinada adverbial concessiva
4.3.2.2.3.4. Oração subordinada adverbial condicional
4.3.2.2.3.5. Oração subordinada adverbial conformativa
4.3.2.2.3.6. Oração subordinada adverbial consecutiva
4.3.2.2.3.7. Oração subordinada adverbial final
4.3.2.2.3.8. Oração subordinada adverbial proporcional
4.3.2.2.3.9. Oração subordinada adverbial temporal
4.3.2.3. Orações reduzidas

4.3.2.3.1. Oração reduzida de infinitivo
4.3.2.3.2. Oração reduzida de gerúndio
4.3.2.3.3. Oração reduzida de particípio

4.4. Regência
4.4.1. Regência nominal
4.4.2. Regência verbal
4.4.3. Particularidades da regência
4.4.3.1. Um único complemento para dois ou mais verbos
4.4.3.2. Regência com pronome interrogativo
4.4.3.3. Regência com pronome relativo
4.4.3.4. Regência com pronome pessoal do caso oblíquo átono
4.4.3.5. Verbos que pedem dois complementos
4.4.4. Sujeito e regência

4.5. Crase
4.5.1. Crase com pronome demonstrativo
4.5.2. Crase com artigo

4.6. CONCORDÂNCIA
4.6.1. Concordância nominal
4.6.1.1. Particularidades da concordância do adjetivo
4.6.1.1.1. Dois ou mais substantivos determinados por um adjetivo
4.6.1.1.2. Um substantivo determinado por dois ou mais adjetivos
4.6.1.1.3. Substantivo usado como adjetivo
4.6.1.1.4. Adjetivos compostos
4.6.1.2. Casos especiais de concordância nominal
4.6.1.2.1. Muito, bastante, meio, todo, mesmo
4.6.1.2.2. Anexo, só, junto, incluso, excluso, próprio, quite, obrigado
4.6.1.2.3. O mais/menos (adjetivo) possível
4.6.1.2.4. Menos, alerta, pseudo
4.6.1.2.5. Silepse de gênero
4.6.1.2.6. Tal qual
4.6.1.2.7. Um e outro / nem um nem outro + substantivo
4.6.1.2.8. Um e outro / nem um nem outro + substantivo + adjetivo
4.6.1.2.9. Particípio + substantivo
4.6.1.2.10. Verbo ser + predicativo do sujeito
4.6.1.2.11. Plural de modéstia: nós + verbo + adjetivo

4.6.2. Concordância verbal
4.6.2.1. Concordância do sujeito simples
4.6.2.1.1. Particularidades da concordância do sujeito simples
4.6.2.1.2. Silepse de pessoa
4.6.2.1.3. Silepse de número
4.6.2.2. Concordância do sujeito composto
4.6.2.2.1. Particularidades da concordância do sujeito composto
4.6.2.3. Concordância do sujeito indeterminado
4.6.2.4. Concordância da oração sem sujeito
4.6.2.5. Casos especiais de concordância verbal
4.6.2.6. Concordância do verbo ser
4.6.2.6.1. Verbo ser impessoal

4.7. Colocação Pronominal
4.7.1. Próclise
4.7.2. Mesóclise
4.7.3. Ênclise
4.7.4. Caso especial
4.7.5. Com locuções verbais

4.8. Questões

5 PONTUAÇÃO

5.1. Vírgula

5.2. Ponto e vírgula

5.3. Dois-pontos

5.4. Ponto-final

5.5. Ponto de interrogação

5.6. Ponto de exclamação

5.7. Reticências

5.8. Parênteses

5.9. Travessão

5.10. Aspas

5.11. Questões

6 SEMÂNTICA

6.1. Sinônimo

6.2. Antônimo

6.3. Homônimos

6.4. Parônimos

6.5. Polissemia

6.6. Denotação e Conotação

6.7. Questões

7 ESTILÍSTICA

7.1. Figuras de Linguagem ou Estilo

7.1.1. Figuras de som

7.1.1.1. Aliteração

7.1.1.2. Onomatopeia

7.1.2. Figuras de construção ou de sintaxe

7.1.2.1. Anacoluto

7.1.2.2. Anáfora

7.1.2.3. Apóstrofe

7.1.2.4. Assíndeto

7.1.2.5. Elipse

7.1.2.6. Hipérbato

7.1.2.7. Pleonasmo

7.1.2.8. Polissíndeto

7.1.2.9. Silepse

7.1.2.9.1. Silepse de pessoa

7.1.2.9.2. Silepse de gênero

7.1.2.9.3. Silepse de número

7.1.2.10. Zeugma

7.1.3. Figuras de pensamento

7.1.3.1. Antítese

7.1.3.2. Antonomásia

7.1.3.3. Catacrese

7.1.3.4. Comparação
7.1.3.5. Gradação
7.1.3.6. Eufemismo
7.1.3.7. Hipérbole
7.1.3.8. Ironia
7.1.3.9. Metáfora
7.1.3.10. Metonímia
7.1.3.10.1. O autor pela obra
7.1.3.10.2. O continente pelo conteúdo
7.1.3.10.3. A causa pelo efeito, e vice-versa
7.1.3.10.4. O lugar pelo produto feito no lugar
7.1.3.10.5. A parte pelo todo
7.1.3.10.6. A matéria pelo objeto
7.1.3.10.7. A marca pelo produto
7.1.3.10.8. O concreto pelo abstrato, e vice-versa
7.1.3.10.9. O indivíduo pela espécie
7.1.3.10.10. O instrumento pela ideia que ele representa
7.1.3.11. Prosopopeia
7.1.3.12. Sinestesia

7.2. Vícios de Linguagem
7.2.1. Barbarismo
7.2.2. Solecismo
7.2.3. Ambiguidade ou anfibologia
7.2.4. Cacófato
7.2.5. Pleonasmo vicioso
7.2.6. Neologismo
7.2.7. Eco
7.2.8. Arcaísmo

7.3. Questões

8 INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

8.1. NOÇÃO DE TEXTO
8.1.1. Texto literário e texto não literário
8.1.2. Níveis de linguagem
8.1.3. Funções da linguagem

8.1.3.1. Função referencial (ou denotativa)
8.1.3.2. Função emotiva (ou expressiva)
8.1.3.3. Função conativa (ou apelativa)
8.1.3.4. Função metalinguística
8.1.3.5. Função fática
8.1.3.6. Função poética

8.2. TIPOLOGIA TEXTUAL
8.2.1. Descrição
8.2.2. Narração
8.2.2.1. Foco narrativo
8.2.2.2. Tipos de discurso
8.2.3. Dissertação

8.3. Compreensão e Interpretação
8.3.1. Interpretação subjetiva
8.3.2. Interpretação objetiva
8.3.2.1. Vocabulário
8.3.2.1.1. Palavras-chave
8.3.2.1.2. Ideias-chave
8.3.2.2. Gramática
8.3.2.3. Raciocínio lógico verbal

8.4. Coesão e Coerência
8.4.1. Coesão
8.4.1.1. Coesão referencial
8.4.1.1.1. Substituição
8.4.1.1.2. Reiteração
8.4.1.2. Coesão recorrencial
8.4.1.2.1. Recorrência de termos
8.4.1.2.2. Paralelismo
8.4.1.2.3. Paráfrase
8.4.1.2.4. Recursos fonológicos, segmentais ou suprassegmentais
8.4.1.3. Coesão sequencial “stricto sensu”
8.4.1.3.1. Sequenciação temporal
8.4.1.3.2. Sequenciação por conexão
8.4.2. Coerência
8.4.2.1. Coerência semântica

8.4.2.2. Coerência sintática
8.4.2.3. Coerência estilística
8.4.2.4. Coerência pragmática
8.4.2.5. Itens produtores de coerência
8.4.2.5.1. Inferências
8.4.2.5.2. Fatores pragmáticos
8.4.2.5.3. Situacionalidade
8.4.2.5.4. Intencionalidade e aceitabilidade
8.4.2.5.5. Informatividade
8.4.2.5.6. Focalização
8.4.2.5.7. Intertextualidade
8.4.2.5.8. Relevância

8.5. Paráfrase, Resumo e Síntese
8.5.1. Paráfrase
8.5.2. Resumo
8.5.3. Síntese

8.6. Inferência

8.7. Questões

9 REDAÇÃO OFICIAL

9.1. Correspondência

9.2. Correspondência Oficial

9.3. Características da Redação Oficial
9.3.1. Impessoalidade
9.3.2. Correção gramatical
9.3.3. Formalidade e padronização
9.3.3.1. Pronomes de tratamento
9.3.3.1.1. Emprego dos pronomes de tratamento
9.3.3.1.1.1. Vossa Excelência
9.3.3.1.1.2. Vossa Senhoria
9.3.3.1.1.3. Vossa Magnificência
9.3.3.1.1.4. Vossa Santidade
9.3.3.1.1.5. Vossa Eminência ou Vossa Eminência Reverendíssima
9.3.3.1.1.6. Vossa Excelência Reverendíssima

9.3.3.1.1.7. Vossa Reverendíssima ou Vossa Senhoria Reverendíssima
9.3.3.1.1.8. Vossa Reverência
9.3.4. Concisão e clareza

9.4. Manual de redação da Presidência da República

9.5. Instrução Normativa n. 4/92

9.6. O Padrão Ofício
9.6.1. Partes do documento no padrão ofício
9.6.2. Tipo do documento
9.6.3. Local e data
9.6.4. Destinatário
9.6.5. Assunto
9.6.6. Texto
9.6.7. Fecho
9.6.8. Identificação do signatário

9.7. Forma de diagramação

9.8. Comunicações oficiais
9.8.1. Apostila
9.8.2. Ata
9.8.3. Aviso
9.8.4. Certidão
9.8.5. Circular
9.8.6. Contrato
9.8.7. Convênio
9.8.8. Correio eletrônico
9.8.9. Declaração
9.8.10. Decreto
9.8.10.1. Decretos regulamentares
9.8.10.2. Decretos individuais ou coletivos
9.8.11. Edital
9.8.12. Exposição de motivos
9.8.13. Fax
9.8.14. Informação
9.8.15. Instrução e instrução normativa
9.8.16. Memorando

9.8.17. Mensagem
9.8.18. Ofício
9.8.19. Ordem de serviço
9.8.20. Parecer
9.8.21. Requerimento
9.8.22. Portaria
9.8.23. Relatório
9.8.24. Resolução
9.8.25. Telegrama

9.9. Questões

10 REDAÇÃO DISCURSIVA

10.1. Qualidades Fundamentais do Texto

10.2. Tipologia Textual

10.3. Figuras e Temas

10.4. Dissertação Objetiva
10.4.1. Argumentação
10.4.1.1. Argumento baseado na estrutura da realidade
10.4.1.2. Argumento baseado no consenso
10.4.1.3. Argumento baseado em fatos
10.4.1.4. Argumento lógico
10.4.2. Defeitos da argumentação
10.4.2.1. Tautologia
10.4.2.2. Noção semiformalizada
10.4.2.3. Noção confusa
10.4.2.4. Generalização
10.4.2.5. Erro pelo exemplo ou ilustração
10.4.2.6. Erro pela conclusão
10.4.3. Discurso dissertativo de caráter científico

10.5. Progressão Discursiva

10.6. Dicas para se Escrever Bem

10.7. Técnica de Redação

10.8. Temas de Atualidades

10.9. Temas Técnicos

10.10. Estudo de Casos

11 PROVAS SIMULADAS

Prova Simulada 1

Prova Simulada 2

Prova Simulada 3

Prova Simulada 4

Prova Simulada 5

Prova Simulada 6

Prova Simulada 7

Prova Simulada 8

Prova Simulada 9

Prova Simulada 10

Prova Simulada 11

Prova Simulada 12

Prova Simulada 13

Prova Simulada 14

Prova Simulada 15

Prova Simulada 16

Prova Simulada 17

Prova Simulada 18

Prova Simulada 19

Prova Simulada 20

Prova Simulada 21

Prova Simulada 22

Prova Simulada 23

Prova Simulada 24

Prova Simulada 25

Prova Simulada 26

Prova Simulada 27

Prova Simulada 28

Prova Simulada 29

Prova Simulada 30

Prova Simulada 31

Prova Simulada 32

Prova Simulada 33

Prova Simulada 34

Prova Simulada 35

Referências

1

FONOLOGIA

A fonética e a fonologia estudam o aspecto físico-fisiológico, isto é, o aspecto fônico. A fonética se ocupa do aspecto acústico e fisiológico dos sons reais e concretos dos atos linguísticos: sua produção, articulação e variedades. Já para a fonologia, a unidade básica não é o som, mas o fonema, visto como unidade acústica que desempenha função linguística distintiva de unidades linguísticas superiores dotadas de significado.

Evanildo Bechara

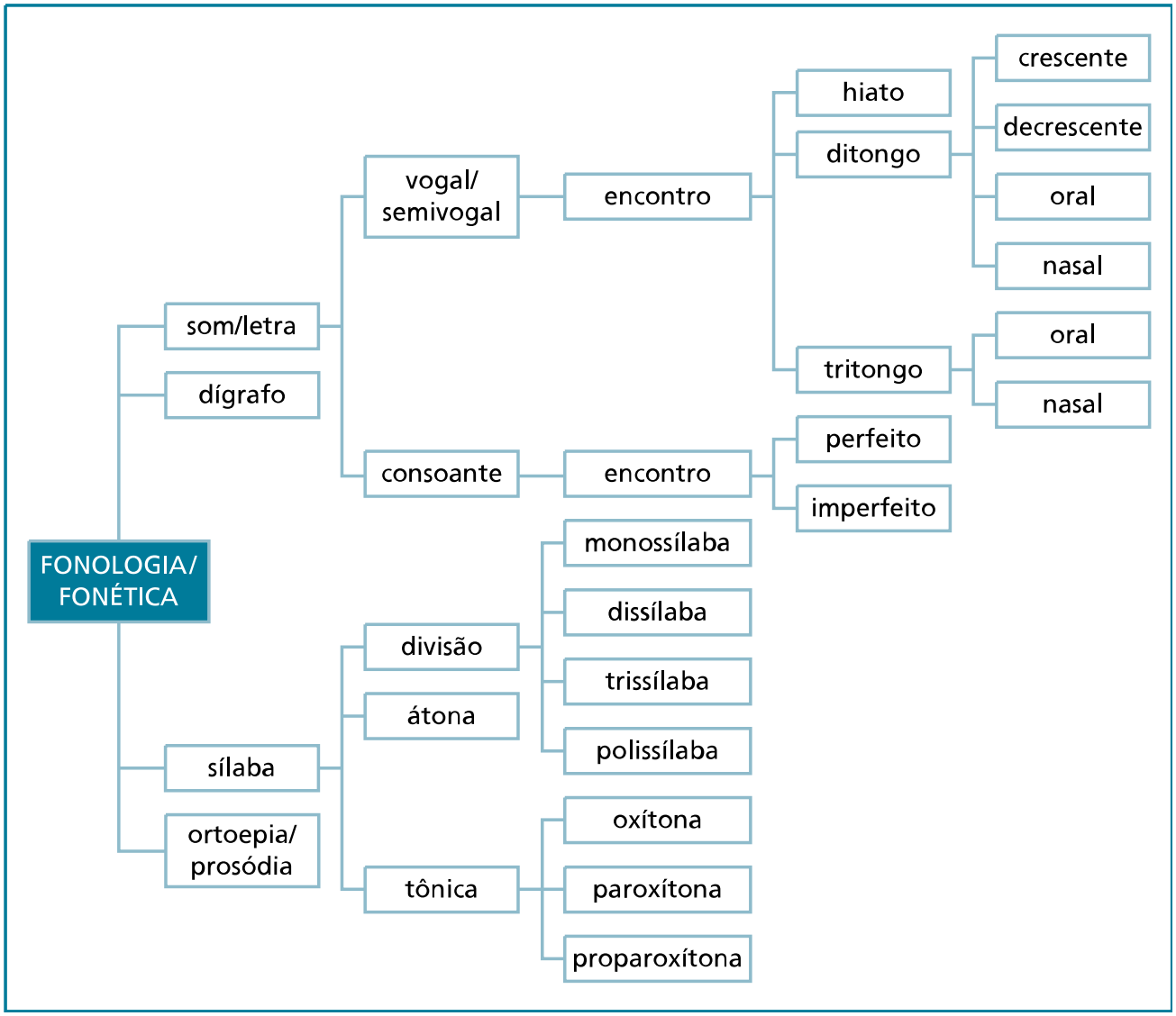

Fonologia é a parte da gramática que trata dos **sons produzidos pelo ser humano para a comunicação**, em relação a determinada língua.

Curiosidade: O estudo dos sons, de forma geral — sem levar em conta a região geográfica ou a cultura a que se aplica —, recebe o nome de FONÉTICA.

1.1. FONEMA

Os **fonemas** são os **elementos sonoros** mais simples da língua, capazes de estabelecer **distinção entre duas palavras**. Como em: *sua* e *tua*. Note que a distinção entre uma e outra palavra são os fonemas /se/ e /te/.

Curiosidade: Graficamente expressamos os fonemas entre barras: /me/; /ce/; /ve/.

Não podemos confundir letras com fonemas, pois **letra** é a **representação gráfica** de um som.

M — letra eme > som /me/.
J — letra jota > som /je/.
H — letra agá > não existe som para essa letra.

Nem sempre ao número de letras corresponde o mesmo número de fonemas. Veja:

CALHA

5 letras: c, a, l, h, a.

4 fonemas: /ke/, /a/, /lhe/, /a/.

TÁXI

4 letras: t, a, x, i.

5 fonemas: /te/, /a/, /ke/, /se/, /i/.

Os fonemas se dividem em dois grupos:

- **Fonemas vocálicos:** representam as **vogais**.
- **Fonemas consonantais:** representam as **consoantes**.

1.2. FONEMAS VOCÁLICOS

Chamamos **fonemas vocálicos** os sons resultantes da emissão de **ar que passa livremente pela cavidade bucal**. São eles: A, E, I, O, U. Dividem-se em dois grupos:

1.2.1. Vogais

São a **base da sílaba** em Língua Portuguesa. Há **apenas uma vogal em cada sílaba:** sa-pa-to; ca-fé; u-si-na.

1.2.2. Semivogais

São **fracas** em relação à vogal. As letras *I* e *U*, quando acompanham outra vogal numa mesma sílaba, são as semivogais. As letras *E* e *O* também serão semivogais quando forem átonas, acompanhando outra vogal. Veja:

cá-r**ie**

/i/ é semivogal

/e/ é vogal

t**ou**-ro

/o/ é vogal

/u/ é semivogal

m**ãe**

/a/ é vogal

/e/ é semivogal

p**ão**

/a/ é vogal

/o/ é semivogal

1.3. FONEMAS CONSONANTAIS

Chamamos de **fonemas consonantais** os **ruídos** ocasionados pela obstrução da passagem de ar pelo aparelho fonador (língua, dentes, lábios etc.). São: B, C, D, F, G, H, J, K, L, M, N, P, Q, R, S, T, V, W, X, Y, Z.

1.4. ENCONTROS VOCÁLICOS

É a **união de dois ou mais fonemas vocálicos** em uma única sílaba. São eles: o ditongo, o tritongo e o hiato.

1.4.1. Ditongo

Ocorre quando juntamos **dois sons** vocálicos numa única sílaba: ca-**iu**; v**iu**; t**ou**-ro; den-t**ais**.

Os ditongos são classificados de acordo com a sua formação e a sua pronúncia.

De acordo com a **formação**, o ditongo pode ser:

1.4.1.1. Crescente

Começa com semivogal e termina com vogal: cár**ie**, histór**ia**, tên**ue**.

1.4.1.2. Decrescente

Começa com vogal e termina com semivogal: t**ou**ro, dent**ai**s, p**ei**xe.

De acordo com a **pronúncia**, o ditongo pode ser:

1.4.1.3. Oral

Quando o som sai completamente pela boca: tên**ue**, dent**ai**s.

1.4.1.4. Nasal

Quando o som sai pelo nariz: p**ão**, m**ãe**, tamb**ém**, cantar**am**.

Curiosidade: *AM* e *EM*, em final de palavras, representam ditongos decrescentes nasais. Perceba que os sons que ouvimos são: /tã-b**ei**/ e /cã-ta-r**au**/.

1.4.2. Tritongo

Ocorre quando juntamos **três sons** vocálicos numa única sílaba: ig**uai**s; q**uão**.

O tritongo se classifica, quanto à **pronúncia**, como:

1.4.2.1. Oral

Quando o som sai apenas pela boca: ig**uai**s.

1.4.2.2. Nasal

Quando o som sai pela nariz: q**uã**o.

1.4.3. Hiato

Ocorre quando colocamos, simultaneamente, em uma palavra **duas vogais**, que pertencem a **sílabas diferentes:** s**a**-**í**-da; c**o**-**o**-pe-rar; g**a**-**ú**-cho.

1.5. ENCONTROS CONSONANTAIS

É o encontro de **sons consonantais simultâneos** dentro da palavra. Podem ser classificados de acordo com o modo como se apresentam.

1.5.1. Encontros consonantais perfeitos

Sons consonantais que pertencem à **mesma sílaba:** **pr**o-**bl**e-ma; **ps**i-co-lo-gi-a; pe-**dr**a.

1.5.2. Encontros consonantais imperfeitos

Sons consonantais que pertencem a **sílabas diferentes:** di**g-n**o; pe**r-f**ei-to; a**r-t**i**s-t**a.

Curiosidade: Repare que nos encontros consonantais, apesar de as consoantes aparecerem lado a lado, cada uma conserva o seu som próprio, característico.

pro-ble-ma = /pe/ + /re/ + /o/ + /be/ + /le/ + /e/ + /me/ + /a/

af-ta = /a/ + /fe/ + /te/ + /a/

1.6. DÍGRAFO

Ocorre quando **duas letras** representam um **único som:**

CH — chá
LH — telha
NH — ninho
GU — foguete
QU — quilo
RR — carro
SS — assado
SC — descer
SÇ — desço
XC — exceto
XS — exsudar
AM — tampa
EM — tempo
IM — tímpano
OM — tombo
UM — tumba
AN — anta
EN — entortar
IN — interno
ON — onda
UN — untar

Curiosidade: Os grupos *GU* e *QU*, quando trazem o *U* pronunciado, não representam dígrafos, pois nesse caso *G* e *Q* têm um som e *U* tem outro: a**gu**entar; sa**gu**i; tran**qu**ilo; a**qu**oso.

1.7. SÍLABA

É a **junção de fonemas** numa única emissão de ar. Cada vez que se expele o ar do pulmão passando pelo aparelho fonador (boca ou boca e nariz), temos uma sílaba.

A base da sílaba em Língua Portuguesa é sempre uma vogal; portanto, **não existe-sílaba sem vogal**.

De acordo com o número de sílabas, a palavra será classificada como:

- *Monossílaba* — **uma** única sílaba: chá, pé, me, lhe.
- *Dissílaba* — **duas** sílabas: café, sofá, onça, digno.
- *Trissílaba* — **três** sílabas: copinho, socorro, agora, adrede.
- *Polissílaba* — **quatro ou mais** sílabas: limonada, chocolatezinho, Atanagildetina, desoxirribonucleico.

1.8. TONICIDADE

As sílabas de uma palavra podem ser fortes ou fracas.

As sílabas **fortes** são chamadas de **TÔNICA**, e as sílabas **fracas** são chamadas de **ÁTONAS**.

paralelepípedo: *pí* é a sílaba tônica, as outras são átonas.

sapato: *pa* é a sílaba tônica, as outras são átonas.

Curiosidade: Em cada palavra, há apenas uma sílaba forte; todas as outras serão fracas.

As palavras monossílabas, por possuírem apenas uma sílaba, devem ser chamadas de tônicas ou átonas:

- *Monossílaba tônica* — possui sentido próprio quando está só: chá, pá, mês.
- *Monossílaba átona* — não possui sentido próprio quando está só: com, em, lhe.

Palavras com duas ou mais sílabas são classificadas de acordo com a posição que a sílaba tônica ocupa dentro da palavra:

- *Oxítona* — é a palavra cuja última sílaba é forte: café, maracujá, ananás.
- *Paroxítona* — é a palavra cuja penúltima sílaba é forte: sapato, educado, revólver.
- *Proparoxítona* — é a palavra cuja antepenúltima sílaba é forte: lâmpada, metafísica, pássaro.

1.9. FORMAS VARIANTES

Algumas palavras podem ter **pronúncia variável**. Veja:

acróbata ou acrobata
alópata ou alopata
ambrósia ou ambrosia
autópsia ou autopsia
Bálcãs ou Balcãs
biópsia ou biopsia
biótipo ou biotipo

boêmia ou boemia
crisântemo ou crisantemo
Dário ou Dario
dúplex ou duplex
Gândavo ou Gandavo
geodésia ou geodesia
hieróglifo ou hieroglifo
homília ou homilia
Madagáscar ou Madagascar
necrópsia ou necropsia
nefelíbata ou nefelibata
Oceânia ou Oceania
ortoépia ou ortoepia
projétil ou projetil
réptil ou reptil
sóror ou soror
tríplex ou triplex
xérox ou xerox
zângão ou zangão

Há palavras em que a letra *U* do grupo *QU* pode ou não ser pronunciada: antiquíssimo; equidade; equivalente; equivaler; liquidação; liquidar; liquidificador; líquido; retorquir.

Curiosidade: Ortoépia é a parte da gramática que trata da correta pronúncia das palavras. Quando cometemos um engano de pronúncia, surge a prosódia.

ru**bri**ca — sílaba tônica = bri.

O erro prosódico comum é pronunciar a sílaba **ru** como forte.

ínterim — sílaba tônica = ín.

O erro prosódico comum é pronunciar a sílaba **rim** como forte.

São **oxítonas:** cateter; Cister; harém; Gibraltar; masseter; mister (necessário); Nobel; novel; recém; sutil; ureter.

São **paroxítonas:** acórdão; alcácer; algaravia; âmbar; acerdiago; avaro; aziago; azimute; barbaria; batavo; boêmia; cânon; caracteres; cartomancia; cenobita; ciclope; clímax; decano; edito (lei); efebo; epifania; erudito; exegese; filantropo; flébil; ibero; impio (cruel); ímpio (sem fé); índex; látex; libido; maquinaria; misantropo; necropsia; nenúfar; omicro; opimo; pudico; Quéops; quiromancia; recorde; têxtil; tétum; tulipa.

São **proparoxítonas:** acônito; aeródromo; aerólito; ágape; álacre; álcool; alcíone; alcoólatra; álibi; alvíssaras; âmago; amálgama; anátema; andrógino; anódino; antífona; ápode; aríete; arquétipo; autóctone; ávido; azáfama; barbárie; bávaro; bímano; écloga; édito (ordem judicial); êmbolo; ímprobo; ínterim; leucócito; monólito; protótipo; revérbero; úmbrico; zênite.

Palavras com /**é**/ — som **aberto:** badejo; blefe; cedro; cervo; besta (arma); incesto; medievo; obsoleto.

Palavras com /**ê**/ — som **fechado:** adrede; besta (animal de carga); cerda; destro; escaravelho; extra; fechar (e suas flexões: fecho, fechas, fecha, feche, feches etc.); magneto; quibebe; reses.

Palavras com /**ó**/ — som **aberto:** amorfo; canoro; coldre; dolo; inodoro; molho (feixe); sinagoga; tropo.

Palavras com /**ô**/ — som **fechado:** alcova; alforje; algoz; boda; bodas; choldra; desporto; foro (jurisdição); transbordo.

1.10. DIVISÃO SILÁBICA

A **divisão** da palavra em sílabas é feita pela **soletração**. Basta pronunciar com calma a palavra para sabermos quantas sílabas ela contém.

Há algumas regras que facilitam a separação de sílabas:

1.10.1. Separam-se

a) *hiato:* sa-í-da, ba-la-ús-tre;

b) *encontro consonantal imperfeito:* dig-no, ca-rac-te-rís-ti-ca;

c) *dígrafos RR, SS, SC, SÇ, XC, XS:* car-ro, as-sa-do, des-cer, des-ço, ex-ce-ção, ex-su-dar.

1.10.2. Não se separam

a) *ditongo:* cá-rie, á-gua;

b) *tritongo:* i-guais, quão;

c) *encontro consonantal perfeito:* pro-va, clas-se;

d) *dígrafos CH, LH, NH, GU, QU, AM, EM, IM, OM, UM, AN, EN, IN, ON, UN:* cha-lei-ra, te-lha, vi-nho, guer-ra, que-ro, âm-bar, Em-bu, im-pa-la, om-bro, um-bi-go, can-to, ven-to, tin-ta, ton-to, tun-dra.

1.10.3. Outras dicas

a) Qualquer consoante solta dentro da palavra, que não forme sílaba com vogal posterior, pertencerá sempre à sílaba anterior: tungs-tê-nio; e-clip-se; e-gíp-cio; felds-pa-to.

b) *prefixo + vogal* — formam sílaba normalmente: tran-sa-tlân-ti-co; su-ben-ten-der.

c) *prefixo + consoante* — isola-se o prefixo e depois separam-se as sílabas restantes: sub-li-nhar; ab-rup-to; trans-por-te.

1.11. QUESTÕES

1. (UFRJ) Nesta relação, as sílabas tônicas estão destacadas. Uma delas, porém, está destacada incorretamente. Assinale-a.

a) inteRIM.

b) puDIco.
c) ruBRIca.
d) graTUIto.
e) inauDIto.

Resposta: “a”. A sílaba tônica é ÍN-, ínterim.

2. (FAU-Santos) Nas palavras *enquanto, queimar, folhas, hábil* e *grossa*, constatamos qual sequência de letras e fonemas?

a) 8-7, 7-6, 6-5, 5-4, 6-5.
b) 7-6, 6-6, 5-5, 5-5, 5-5.
c) 8-5, 7-5, 6-4, 5-4, 5-4.
d) 8-6, 7-6, 6-5, 5-4, 6-5.
e) 8-5, 7-6, 6-5, 5-5, 5-5.

Resposta: “d”. Enquanto = 8 letras e 6 fonemas; queimar = 7 letras e 6 fonemas; folhas = 6 letras e 5 fonemas; hábil = 5 letras e 4 fonemas; grossa = 6 letras e 5 fonemas.

3. (Escola Naval-RJ) Nas palavras *anjinho, carrocinhas, nossa* e *recolhendo*, podemos detectar oralmente a seguinte quantidade de fonemas, respectivamente:

a) três, quatro, dois, quatro.
b) cinco, nove, quatro, oito.
c) seis, dez, cinco, nove.
d) três, seis, dois, cinco.
e) sete, onze, cinco, dez.

Resposta: “b”. Anjinho = 5 fonemas; carrocinhas = 9 fonemas; nossa = 4 fonemas; recolhendo = 8 fonemas.

4. (UFSC) Assinale a alternativa em que a palavra não tem suas sílabas corretamente separadas.

a) in-te-lec-ção.
b) cons-ci-ên-cia.
c) oc-ci-pi-tal.
d) psi-co-lo-gia.
e) ca-a-tin-ga.

Resposta: “d”. A separação correta é psi-co-lo-gi-a.

5. (PUC-MG) Assinale o vocábulo que contém cinco letras e quatro fonemas.

a) estou.
b) adeus.
c) livro.
d) volto.
e) daqui.

Resposta: “e”. Daqui = 4 fonemas; todas as outras têm cinco fonemas cada uma.

6. (ITA-SP) A sequência de palavras cujas sílabas estão separadas corretamente é:

a) a-dje-ti-va-ção, im-per-do-á-veis, bo-ia-dei-ro.
b) in-ter-ve-io, tec-no-lo-gi-a, sub-li-nhar.

c) in-tu-i-to, co-ro-i-nha, pers-pec-ti-va.
d) co-ro-lá-rio, subs-tan-ti-vo, bis-a-vó.
e) flui-do, at-mos-fe-ra, in-ter-vei-o.

Resposta: “e”. Corrigindo as erradas: a) ad-je-ti-va-ção, boi-a-dei-ro; b) in-ter-vei-o, c) in-tui-to; d) bi-sa-vó.

7. (UFRJ) As sílabas das palavras *psicossocial* e *traído* estão corretamente separadas em:

a) psi-cos-so-ci-al, tra-í-do.
b) psi-cos-so-cial, tra-í-do.
c) psi-co-sso-ci-al, traí-do.
d) psi-co-sso-ci-al, tra-í-do.
e) psico-sso-ci-al, traí-do.

Resposta: “a”: psi-cos-so-ci-al, tra-í-do.

8. (FGV) Assinale a melhor resposta. Em *papagaio* temos:

a) um ditongo.
b) um trissílabo.
c) um proparoxítono.
d) um tritongo.
e) um dígrafo.

Resposta: “a”. Pa-pa-gai-o apresenta um ditongo (gai).

9. (UFPI) Têm a mesma classificação, quanto ao acento tônico, as palavras:

a) alivia, vizinho, insônia, chão.
b) risquei, fósforo, tijolo, porque.
c) zombaria, devagarinho, companhia.
d) fôlego, estrela, tamborete.

Resposta: “c”. Veja a sílaba tônica de cada uma delas: zom-ba-RI-a, de-va-ga-RI-nho, com-pa-NHI-a. São todas paroxítonas.

10. (UEPG-PR) Assinale a sequência em que todas as palavras estão partidas corretamente.

a) trans-a-tlân-ti-co, fi-el, sub-ro-gar.
b) bis-a-vô, du-e-lo, fo-ga-réu.
c) sub-lin-gual, bis-ne-to, de-ses-pe-rar.
d) des-li-gar, sub-ju-gar, sub-es-cre-ver.
e) cis-an-di-no, es-pé-cie, a-teu.

Resposta: “c”. Corrigindo as erradas: a) tran-sa-tlân-tico; b) bi-sa-vô; d) su-bes-cre-ver; e) ci-san-di-no.

11. (FGV) Assinale a alternativa em que a sílaba tônica está corretamente destacada.

a) mis-TER, de-CA-no, a-VA-ro, cir-CUI-to.
b) RU-bri-ca, a-zi-A-go, I-be-ro, MIS-ter.
c) NO-bel, LÁ-tex, I-be-ro, fi-lan-TRO-po.

d) ru-BRI-ca, lá-TEX, A-va-ro, DE-ca-no.
e) DE-ca-no, Ê-xo-do, ru-BRI-ca, u-re-TER.

Resposta: “a”. Mister é oxítona; decano, avaro e circuito são paroxítonas.

12. (ITA-SP) Dadas as palavras: 1) TUN-GSTÊ-NIO, 2) BIS-A-VÔ e 3) DU-E-LO, constatamos que a separação de sílabas está correta:

a) apenas na palavra 1.
b) apenas na palavra 2.
c) apenas na palavra 3.
d) em todas as palavras.
e) em nenhuma delas.

Resposta: “c”. Apenas du-e-lo está com a separação correta. Corrigindo as outras: tungs-tê-nio; bi-sa-vô.

2

ORTOGRAFIA

Ortografia
Datação: 1540
cf. João de Barros. Grammatica da Lingua Portuguesa.
Olyssipone. Lodouicum Rotorigiu Typographum.
[Publicação póstuma, tendo o autor falecido em 1540]
substantivo feminino
conjunto de regras estabelecidas pela gramática normativa que ensina a grafia correta das palavras, o uso de sinais gráficos que destacam vogais tônicas, abertas ou fechadas, processos fonológicos como a crase, os sinais de pontuação esclarecedores de funções sintáticas da língua e motivados por tais funções etc.

Dicionário Houaiss

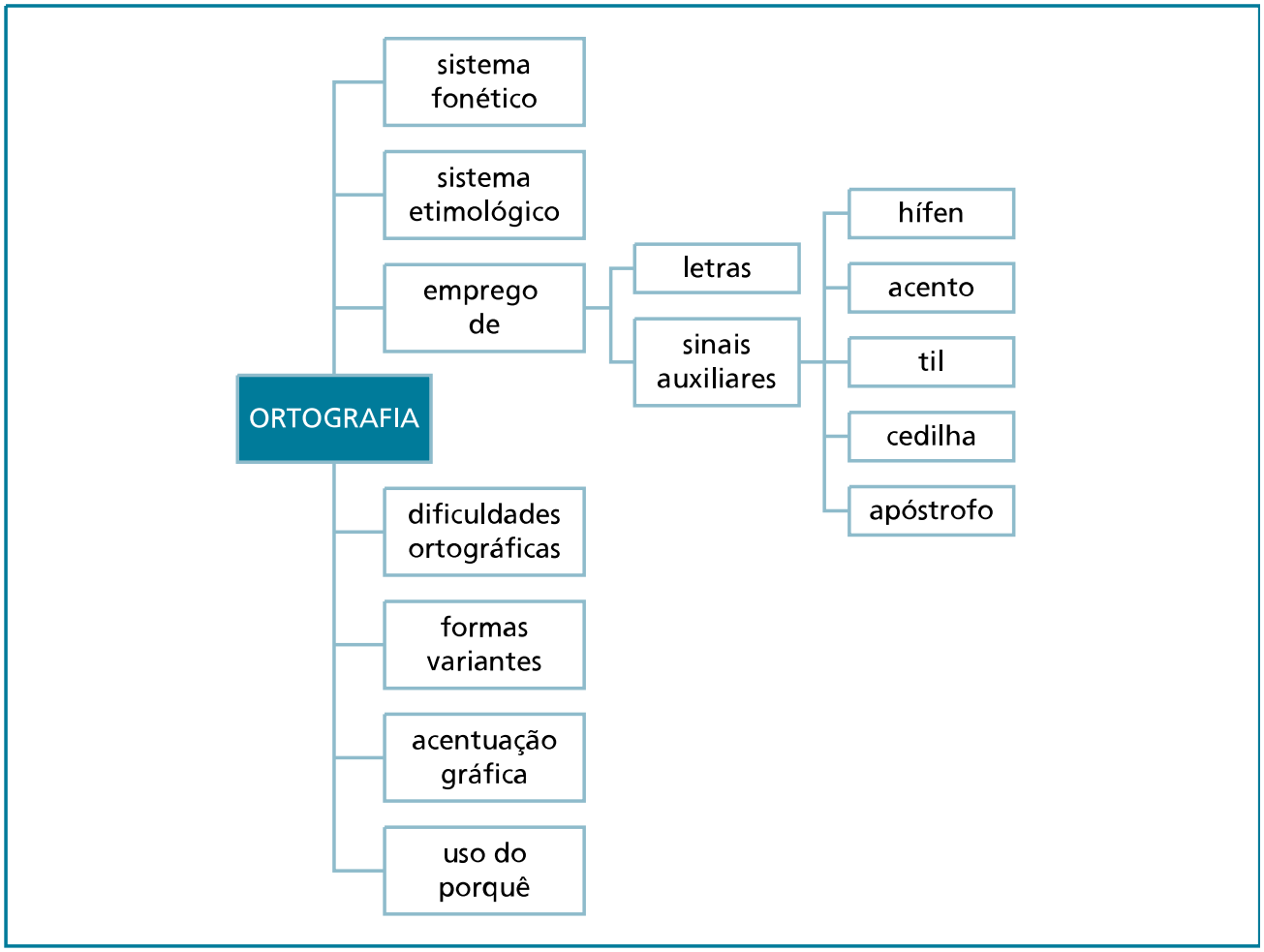

A **grafia** de uma palavra pode ter caráter **fonético**, que leva em conta a pronúncia; ou **etimológico**, que leva em conta a sua origem.

Hoje, **no Brasil**, utilizam-se **os dois processos juntamente:** o fonético ou de pronúncia e o etimológico ou histórico.

Curiosidade: O **sistema fonético** (ou *sônico*) consiste na **exata e fiel figuração dos sons**, escrevendo as palavras tal qual se pronunciam, excluindo da representação gráfica qualquer letra que não tenha valor prosódico e acrescentando outras para que se represente a exata pronúncia: *escrito, Cristo, pronto, omem, oje, ressonar, pressentir, filarmônico, inalar*.

O **sistema etimológico** representa as palavras **de acordo com a grafia de origem**, reproduzindo todas as letras do étimo, embora não sejam pronunciadas: *phthisica, sancto, mactar, auctor, poncto, catechismo, exgotto, practicar*.[1]

Nossa ortografia é orientada pelo **Formulário Ortográfico**, aprovado pela Academia Brasileira de Letras, na sessão de **12 de agosto de 1943**, simplificado pela Lei n. 5.765, de **18 de dezembro de 1971**, e atualizado pelo Decreto n. 6.583, de **29 de setembro de 2008**.

Ortografia vem do grego "orthós" = **direito** + "gráphein" = **escrever**.

Os sons da fala são representados por **sinais gráficos**, chamados **letras**, e além delas

usamos outros **sinais**, chamados **auxiliares**.

São eles:

a) *Hífen (-)* — usado para **ligar elementos de palavras compostas**, para ligar pronomes enclíticos aos verbos e para **indicar a translineação textual** (divisão silábica em final de linha): super-homem, ajudou-me, questiona-mento.

b) *Til (~)* — usado para **marcar a nasalização de um som vocálico:** irmã.

c) *Cedilha (ç)* — coloca-se sob o *c*, antes das vogais *a*, *o* e *u*: açaí, castiço, açúcar.

d) *Apóstrofo (')* — **marca a supressão de um som:** copo d'água, minh'alma.

e) *Acentos gráficos:*

- agudo (´) — representa um **som aberto:** sofá.
- circunflexo (^) — representa um **som fechado:** você.
- grave (`) — representa a **fusão de vogais idênticas** (crase): àquele.

Curiosidade: Esses sinais são também chamados de ***notações léxicas***.

Algumas regras existem para escrever esta ou aquela palavra, porém **os problemas gráficos só se resolvem com leitura**. Se você é um leitor eficiente, escreverá bem, pois terá a lembrança daquilo que leu.

Vejamos a seguir algumas dificuldades ortográficas.

2.1. DIFICULDADES ORTOGRÁFICAS

2.1.1. Uso do "S"

a) depois de **ditongos:** coisa, faisão, mausoléu, maisena, lousa.

b) em **nomes próprios** com som de /z/: Neusa, Brasil, Sousa, Teresa.

c) no **sufixo -oso** (cheio de): cheiroso, manhoso, dengoso, gasosa.

d) nos **derivados** do verbo **querer:** quis, quisesse.

e) nos **derivados** do verbo **pôr:** pus, pusesse.

f) no **sufixo -ense, formador de adjetivo:** canadense, paranaense, palmeirense.

g) no **sufixo -isa**, indicando **profissão** ou **ocupação feminina:** papisa, profetisa, poetisa.

h) nos **sufixos -ês/-esa**, indicando **origem**, **nacionalidade** ou **posição social:** calabrês, milanês, português, norueguês, japonês, marquês, camponês, calabresa, milanesa, portuguesa, norueguesa, japonesa, marquesa, camponesa.

i) nas palavras **derivadas** de outras que possuam *S* no radical: casa = casinha, casebre, casarão, casario; atrás = atrasado, atraso; paralisia = paralisante, paralisar, paralisação; análise = analisar, analisado.

j) nos **derivados de verbos** que tragam o **encontro consonantal -nd:** pretende = pretensão; suspender = suspensão; expandir = expansão.

2.1.2. Uso do "Z"

a) nas palavras derivadas de primitiva com *Z*: cruz = cruzamento, juiz = ajuizar, deslize = deslizar.

b) nos **sufixos -ez/-eza**, formadores de **substantivos abstratos** a partir de adjetivos: altivo = altivez; mesquinho = mesquinhez; macio = maciez; belo = beleza; magro = magreza.

c) no **sufixo -izar**, formador de **verbos:** hospital = hospitalizar; canal = canalizar; social = socializar; útil = utilizar; catequese = catequizar.

Curiosidade: Quando usamos apenas **-r** ou **-ar** para formar um verbo, aproveitamos o que já existe na palavra primitiva: pesquisa = pesquisa**r**, análise = analis**ar**, deslize = desliz**ar**.

d) nos **verbos** terminados em **-uzir** e seus derivados: conduzir, conduziu, conduzo; deduzir, deduzo, deduzi; produzir, produzo, produziste.

e) no **sufixo -zinho**, formador de **diminutivo:** cãozinho, pezinho, paizinho, mãezinha, pobrezinha.

Curiosidade: Se acrescentarmos apenas **-inho**, aproveitamos a letra da palavra primitiva: casinha, vasinho, piresinho, lapisinho, juizinho, raizinha.

2.1.3. Uso do "H"

a) o H inicial deve ser usado quando a **etimologia** o justifique: hábil, harpa, hiato, hóspede, húmus, herbívoro, hélice.

Curiosidade: Escreve-se com H o topônimo BAHIA, quando se aplica ao Estado.

b) o H deve ser **eliminado** do interior das palavras, se elas formarem um **composto** ou **derivado sem hífen**: desabitado, desidratar, desonra, inábil, inumano, reaver.

Curiosidade: Nos compostos ou derivados com hífen, o H permanece: anti-higiênico, pré-histórico, super-homem.

c) no final de **interjeições**: ah! oh! ih!

2.1.4. Uso do "X"

a) normalmente após **ditongo**: caixa, peixe, faixa, trouxa.

Curiosidade: Caucho e seus derivados (recauchutar, recauchutagem) são escritos com CH.

b) normalmente após a **sílaba inicial en-:** enxaqueca, enxada, enxoval, enxurrada.

Curiosidade: Usaremos CH depois da sílaba inicial **en-** caso ela seja derivada de uma com CH:
de cheio = encher, enchimento, enchente
de charco = encharcado
de chumaço = enchumaçado

de chiqueiro = enchiqueirar

c) depois da **sílaba inicial me-:** mexer, mexilhão, mexerica.

Curiosidade: Mecha e seus derivados são com CH.

2.1.5. Uso do "CH"

Não há regras para o emprego do dígrafo CH.

2.1.6. Uso do "SS"

Emprega-se nas seguintes **relações:**

a) ced — cess: ceder — cessão, conceder — concessão — concessionário.

b) gred — gress: agredir — agressão, regredir — regressão.

c) prim — press: imprimir — impressão, oprimir — opressão.

d) tir — ssão: discutir — discussão, permitir — permissão.

2.1.7. Uso do "Ç"

a) nas palavras de **origem árabe**, **tupi** ou **africana:** açafrão, açúcar, muçulmano, araçá, Paiçandu, miçanga, caçula.

b) após **ditongo:** louça, feição, traição.

c) na **relação** ter — tenção: abster — abstenção, reter — retenção.

2.1.8. Uso do "G"

a) nas palavras **terminadas em -ágio, -égio, -ígio, -ógio, -úgio:** pedágio, colégio, litígio, relógio, refúgio.

b) nas **palavras femininas** terminadas em **-gem:** garagem, viagem, escalagem, vagem.

Curiosidade: Pajem e lambujem são exceções à regra.

2.1.9. Uso do "J"

a) na **terminação -aje:** ultraje, traje, laje.

b) nas **formas verbais** terminadas em **-jar** e seus derivados: arranjar, arranjem; viajar, viajem; despejar, despejem.

c) em palavras de **origem tupi:** jiboia, pajé, jenipapo.

d) nas **palavras derivadas** de outras que se escrevem com J: ajeitar (de jeito), laranjeira (de laranja).

2.1.10. Uso do "I"

a) no **prefixo anti-**, que indica oposição: antibiótico, antiaéreo.

b) nos **verbos** terminados em **-air, -oer** e **-uir** e seus derivados: sair — sais, sai; cair — cais, cai; moer — móis, mói; roer — róis, rói; possuir — possuis, possui; retribuir — retribuis, retribui.

2.1.11. Uso do "E"

a) nas **formas verbais** terminadas em **-oar** e **-uar** e seus derivados: perdoar — perdoes, perdoe; coar — coes, coe; continuar — continues, continue; efetuar — efetues, efetue.

b) no **prefixo -ante**, que expressa anterioridade: anteontem, antepasto, antevéspera.

2.1.12. Uso do "SC"

Não há regras para o uso de SC; sua presença é inteiramente etimológica.

2.2. FORMAS VARIANTES

Algumas palavras admitem, sem alteração de significado, formas variantes:

abaixar ou baixar
abdome ou abdômen
afeminado ou efeminado
ajuntar ou juntar
aluguel ou aluguer
aritmética ou arimética
arrebitar ou rebitar
arremedar ou remedar
assoalho ou soalho
assobiar ou assoviar
assoprar ou soprar
aterrissar ou aterrizar ou aterrar
avoar ou voar
azálea ou azaleia
bêbado ou bêbedo
bebadouro ou bebedouro
bilhão ou bilião
bílis ou bile
biscoito ou biscouto
bravo ou brabo
bujão ou botijão
cãibra ou câimbra
carroçaria ou carroceria
catorze ou quatorze
catucar ou cutucar
chipanzé ou chimpanzé
clina ou crina
cociente ou quociente
coisa ou cousa

cota ou quota
cotidiano ou quotidiano
cotizar ou quotizar
covarde ou cobarde
cuspe ou cuspo
degelar ou desgelar
dependurar ou pendurar
desenxavido ou desenxabido
dourado ou doirado
elucubração ou lucubração
empanturrar ou empaturrar
engambelar ou engabelar
enlambuzar ou lambuzar
entoação ou entonação
entretenimento ou entretimento
enumerar ou numerar
espuma ou escuma
estalar ou estralar
exorcizar ou exorcismar
flauta ou frauta
flecha ou frecha
fleuma ou flegma
flocos ou frocos
gengibirra ou jinjibirra
geringonça ou gerigonça
gorila ou gorilha
hemorróidas ou hemorróides
impingem ou impigem
imundícia, imundície ou imundice
infarto, enfarte ou enfarto
intrincado ou intricado
laje ou lajem
lantejoula ou lentejoula
leste ou este
limpar ou alimpar
lisonjear ou lisonjar
louça ou loiça
louro ou loiro

maltrapilho ou maltrapido
maquiagem ou maquilagem
maquiar ou maquilar
marimbondo ou maribondo
melancólico ou merencório
menosprezo ou menospreço
mobiliar, mobilhar ou mobilar
mozarela ou muçarela
neblina ou nebrina
nenê ou neném
parêntese ou parêntesis
percentagem ou porcentagem
peroba ou perova
pitoresco, pinturesco ou pintoresco
plancha ou prancha
pólen ou polem
presépio ou presepe
protocolar ou protocolizar
quadriênio ou quatriênio
radioatividade ou radiatividade
rastro ou rasto
registro ou registo
relampadar, relampadear, relampadejar, relampaguear, relampaguejar, relampar,-relampear, relampejar, relamprar
remoinho ou redemoinho
ridiculizar ou ridicularizar
salobra ou salobre
seção ou secção
selvageria ou selvajaria
sobressalente ou sobresselente
surripiar ou surrupiar
taberna ou taverna
taramela ou tramela
televisar ou televisionar
terraplenagem ou terraplanagem
terremoto ou terramoto
tesoura ou tesoira
tesouro ou tesoiro

toicinho ou toucinho
transladar ou trasladar
transpassar ou traspassar ou trespassar
transvestir ou travestir
treinar ou trenar
tríade ou tríada
trilhão ou trilião
vargem ou varge
várzea ou várgea
vassoura ou bassoura
verruga ou berruga
vespa ou bespa
volibol ou voleibol

2.3. PALAVRAS QUE NÃO ADMITEM FORMA VARIANTE

Tome cuidado com a grafia de certas palavras e expressões que costumam causar dúvida, porém só se escrevem de **uma forma:**

beneficência
beneficente
cabeleireiro
chuchu
de repente
disenteria
empecilho
exceção
êxito
hesitar
jiló
manteigueira
mendigo
meritíssimo
misto
mortadela
prazerosamente
privilégio
salsicha
sobrancelhas

Curiosidade: Veja em Semântica a lista de alguns homônimos e parônimos notáveis, para não se confundir com a grafia de certas palavras e expressões.

2.4. EMPREGO DO HÍFEN

O uso do hífen é meramente **convencional**. Algumas regras esclarecem poucos problemas, mas muitos serão resolvidos apenas com a consulta ao dicionário. Ainda assim alguns gramáticos divergem em determinados casos.

Observe o que diz o Formulário Ortográfico da Língua Portuguesa: "Só se ligam por hífen os elementos das palavras compostas em que se mantém a noção de composição, isto é, os elementos das palavras compostas que mantêm a sua independência fonética, conservando cada um a sua própria acentuação, porém formando o conjunto perfeita unidade de sentido".

Exemplos: couve-flor, grão-duque etc.

Veja, em linhas gerais, o uso desse sinal:

a) para ligar as partes de **adjetivo composto:** verde-claro, azul-marinho, luso-brasileiro.

b) para ligar os **pronomes mesoclíticos ou enclíticos:** amá-lo-ei, far-me-á, dê-me, compraram-na.

c) para **separar as sílabas** de uma palavra, inclusive na **translineação** (mudança de linha): a-ba-ca-xi, se-pa-ra-do.

2.4.1. Hífen com prefixos e pseudoprefixos

ante-, anti-, circum-, co-, contra-, des-, entre-, extra-, hiper-, in-, infra-, inter-, intra-, sobre-, sub-, super-, supra-, ultra-, aero-, agro-, arqui-, auto-, bio-, eletro-, geo-, hidro-, inter-, macro-, maxi-, micro-, mini-, multi-, neo-, pan-, pluri-, pre-, pro-, proto-, pseudo-, re-, retro-, semi-, tele- etc.

Emprega-se o hífen nos seguintes casos:

a) **Antes de h:** anti-higiênico, circum-hospitalar, contra-harmônico, extra-humano, sub-hepático, super-homem, ultra-hiperbólico; arqui-hipérbole, eletro-higrômetro, geo-história, neo-helênico, pan-helenismo, semi-hospitalar.

Curiosidades:

1: Não se usa, no entanto, o hífen em formações que contêm em geral os prefixos ***des-*** e ***in-*** e nas quais o segundo elemento perdeu o ***h*** inicial: *desumano, inábil, inumano.*

2: Nas formações com os prefixos ***circum-*** e ***pan-***, também se emprega o hífen quando o segundo elemento começa por ***voga***l, h, m, n**:** *circum-escolar, circum-hospitalar, circum-murado, circum-navegação; pan-africano, pan-harmônico, pan-mágico, pan-negritude.*

Atenção:

Nos casos em que o prefixo "circum-" anteceder uma sílaba que obriga ao uso do "n" (pois só se usa "m" antes de "b" e "p"), deve-se modificar a grafia do prefixo: circunlunar.

Do mesmo modo, quando o prefixo "pan-" anteceder uma sílaba começada em "b" ou

"p", a regra de que antes de "b" e "p" usa-se "m" obriga a modificar a grafia do prefixo: pambrasileiro, pamprocessual.

b) Nas formações em que o prefixo/pseudoprefixo **termina** na **mesma letra com que se inicia o segundo elemento:** anti-ibérico, contra-almirante, infra-axilar, supra-auricular; arqui-irmandade, auto-observação, eletro-ótica, micro-onda, semi-interno; ad-digital; hiper-requintado; sub-barrocal; sub-base;

Curiosidade: Nas formações com o prefixo ***co-, pre-, pro-, re-***, estes se aglutinam em geral com o segundo elemento mesmo quando iniciado por e ou o: *coobrigação, coocupante, coordenar, cooperação, cooperar, preeminente, preeleito, preenchido, proativo, reedição, reeleição.*

c) Nas formações com os prefixos além-, aquém-, bem-, ex-, pós-, pré-, pró-, recém-, sem-, sota-/soto-, vice-/vizo-: *além-Atlântico, aquém-Pirineus, bem-criado, bem-vindo, ex-almirante, ex-diretor, ex-hospedeira, ex-presidente, ex-primeiro-ministro, ex-rei*, *pós-graduação, pós-tônico*, *pré-escolar, pré-natal*, *pró-africano, pró-europeu*, *recém-eleito, sem-cerimônia, sem-vergonha, sota-piloto, soto-mestre, vice-presidente, vice-reitor.*

Curiosidade: Em muitos compostos, o advérbio ***bem-*** aparece aglutinado ao segundo elemento: benfazejo, benfeito, benquerença, benfazer, benquerer.

d) Nas formações com o prefixo mal-, emprega-se hífen quando o segundo elemento começa por vogal, h ou l: mal-afortunado, mal-entendido, mal-humorado, mal-informado, mal-limpo.

e) Nas formações com prefixos ab-, ob-, sob-, sub-, ad-, cujo elemento seguinte se inicia por r: ab-rupto, ob-rogar, sob-roda, sub-reitor, ad-renal, ad-referendar.

2.4.2. Hífen com sufixos

Nas formações por sufixação, apenas se emprega o hífen nos vocábulos terminados por sufixos de **origem tupi-guarani** que representam formas adjetivas, como -açu, -guaçu e -mirim, quando o primeiro elemento acaba em vogal acentuada graficamente ou quando a pronúncia exige a distinção gráfica dos dois elementos: *amoré-guaçu, anajá-mirim, andá-açu, capim-açu, Ceará-Mirim*.

2.4.3. Hífen em locuções

Nas **locuções de qualquer tipo**, sejam elas substantivas, adjetivas, pronominais, adverbiais, prepositivas ou conjuncionais, **não se emprega, em geral, o hífen**. Sirvam, pois, de exemplo as seguintes locuções:

a) *Substantivas:* cão de guarda, fim de semana, sala de jantar.

b) *Adjetivas:* cor de açafrão, cor de café com leite, cor de vinho.

c) *Pronominais:* cada um, ele próprio, nós mesmos, quem quer que seja.

d) *Adverbiais:* à parte, à vontade, depois de amanhã, em cima, por isso.

e) *Prepositivas:* abaixo de, acerca de, acima de, a fim de, a par de, à parte de, apesar de, debaixo de, enquanto, por baixo de, por cima de, quanto a.

f) *Conjuncionais:* a fim de que, ao passo que, contanto que, logo que, por conseguinte, visto que.

Curiosidade: Algumas exceções já consagradas pelo uso: água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao deus-dará, à queima-roupa.

2.5. ACENTUAÇÃO GRÁFICA

Os **acentos** gráficos **marcam a sílaba tônica:**

- *grave* — para indicar crase.
- *agudo* — para som aberto: café, cipó.
- *circunflexo* — para som fechado: você, complô.

O **sinal** gráfico **modifica o som** de qualquer sílaba:

- *til (~)* — nasalizador de vogais: romã, maçã, ímã, órfão.

Curiosidade: O til substitui o acento gráfico quando os dois recaem sobre a mesma sílaba: irmã, romãs.

2.5.1. Regras gerais

2.5.1.1. Monossílabas tônicas

Recebem acento as **terminadas** em **-a(s), -e(s), -o(s):**

pá, já, má, lá, trás, más, chás
pé, fé, Sé, mês, três, rés
pó, só, dó, cós, sós, nós
Então:
mar, sol, paz, si, li, vi, nu, cru
me, lhe, mas (conjunção), ti

2.5.1.2. Oxítonas

Recebem acento as **terminadas** em **-a(s), -e(s), -o(s), -em, -ens:**

sofá, maracujá, Paraná, ananás, marajás, atrás
Pelé, café, você, freguês, holandês, viés
complô, cipó, trenó, retrós, compôs, avós
amém, também, armazém
parabéns, reféns, armazéns
Então:
pomar, anzol, jornal, maciez
saci, caqui, anu, urubu

2.5.1.3. Paroxítonas

Recebem acento as **terminadas** em **-l, -i(s), -n, -u(s), -r, -x, -ã(s), -ão(s), -um, -uns, -ps, -ditongo:** fácil, útil, júri, táxi, lápis, tênis, hífen, pólen, elétron, nêutron, meinácu, vírus, Vênus, revólver, mártir, tórax, látex, ímã, ímãs, órfã, órfãs, sótão, órgão, órfãos, álbum, médium, fóruns, pódiuns, fórceps, bíceps, água, história, série, pônei, pôneis, tênues.

Curiosidades:

a) Palavras terminadas em **-n**, no plural:

-ons: com acento — elétrons, nêutrons.

-ens: sem acento — hifens, polens.

b) Prefixos paroxítonos terminados em **-i** ou **-r** não são acentuados: anti, multi, super, hiper.

c) É facultativo assinalar com acento agudo as formas verbais de pretérito perfeito do indicativo, para as distinguir das correspondentes formas do presente do indicativo (*amamos, louvamos*), já que o timbre da vogal tônica é aberto naquele caso em certas variantes do português: amámos, louvámos.

2.5.1.4. Proparoxítonas

Todas são acentuadas: lânguido, física, trópico, álibi, hábitat, déficit, lápide.

2.5.2. Regras especiais

2.5.2.1. Ditongos abertos

São acentuados os **ditongos abertos éi, éu, ói** em palavras **monossílabas** e **oxítonas:** méis, coronéis, céu, chapéu, mói, herói.

Então: ideia, tramoia.

2.5.2.2. I e U tônicos

I e **U tônicos** recebem acento se cumprirem as seguintes determinações:

a) devem ser **precedidos de vogais que não sejam eles próprios nem ditongos**;

b) devem estar **sozinhos na sílaba (ou com o** -s**)**;

c) **não** devem ser **seguidos de -nh**.

saída, juízes, saúde, viúva, caíste, saístes, balaústre.

Então: Raul, ruim, ainda, sair, juiz, rainha, xiita, paracuuba, cauila, baiuca.

Curiosidade: Se **i** ou **u** tônicos estiverem precedidos de ditongo, mas estiverem em palavra oxítona, o acento permanece: tuiuiú, Piauí.

2.5.2.3. Acento diferencial nos verbos ter e vir (e seus derivados)

Recebe acento diferencial a **3ª pessoa do plural do presente do indicativo:**

eles **têm**, eles **vêm**, eles **retêm**, eles **intervêm**.

Curiosidade: A 3ª pessoa do singular desses verbos segue a regra geral de acentuação:

ele tem, ele vem (monossílabas tônicas terminadas em "m" – não há regra para se acentuar).
ele retém, ele intervém (oxítonas terminadas em "em" recebem acento gráfico).

2.5.2.4. Outros acentos diferenciais

pôr (verbo) — para distinguir de *por (preposição)*.
pôde (verbo poder no passado) — para distinguir de *pode (verbo poder no presente)*.
fôrma ou forma (utensílio) — acento **facultativo**.

Curiosidade: Em Portugal, existe outro acento diferencial, que não se usa no Brasil:
dêmos (presente do subjuntivo) — acento facultativo — para distinguir de *demos (pretérito perfeito do indicativo)*.

2.5.3. Formas variantes de som aberto ou fechado

Os falantes da língua portuguesa no Brasil pronunciam algumas palavras com timbre fechado, enquanto em Portugal se pronunciam as mesmas palavras com timbre aberto. Vejamos alguns exemplos: anatômico — anatómico; Antônio — António; prêmio — prémio; telefônico — telefónico etc.

2.6. USO DO PORQUÊ

2.6.1. Por que / por quê

2.6.1.1. Preposição + pronome interrogativo

Em frases interrogativas (diretas ou indiretas):
Por que não veio?
Gostaria de saber por que lutamos.
Ela não veio por quê?

Curiosidade: A palavra **que** em final de frase recebe acento circunflexo:
Você precisa de quê?
Ela sabe o quê!

2.6.1.2. Preposição + pronome relativo

Equivale a **pelo qual** (e suas variações).
Ela é a mulher por que me apaixonei.
Não conheço as pessoas por que espero.

2.6.2. Porque

conjunção
Equivale a **pois**.
Eu não fui à escola porque estava doente.
Venha depressa, porque sua presença é indispensável.

2.6.3. Porquê

substantivo

Vem sempre acompanhado de uma palavra que o caracteriza (artigo, pronome ou numeral).

Qual o porquê da sua revolta?

Este porquê não me convenceu.

Deve haver um porquê para ele se atrasar tanto.

2.7. QUESTÕES

1. (FCC) Assinale a opção em que a palavra em destaque está empregada incorretamente.

a) Durma cedo, *senão* acordará tarde amanhã.
b) *Mal* chegou a chover, o barraco deslizou.
c) Disse que *há* cinco anos, ganhou na loteria.
d) Estava *mau* informado, por isso equivocou-se.
e) De hoje *a* dois meses, pedirei um novo empréstimo.

Resposta: "d". Mal informado. Mal = advérbio — liga-se a adjetivo. Mau = adjetivo — liga-se a substantivo.

2. (Vunesp) Eles _____ ajudar e _____ as _____ no arquivo.

a) quiseram, puzeram, fixas.
b) quizeram, puseram, fixas.
c) quiseram, puzeram, fichas.
d) quiseram, puseram, fichas.
e) quizeram, puseram, fichas.

Resposta: "d". O verbos querer e pôr, em todas as suas conjugações, são grafados com s — quiseram e puseram.

3. (Esaf) Identifique o item destacado que contém erro de natureza ortográfica ou gramatical ou de impropriedade vocabular, e marque a letra correspondente.

Se bem que a Lei Suprema remeta ***à (A)*** lei ordinária ***estabelecer (B)*** as condições de capacidade para o exercício de profissões, nada impede, muito ao contrário recomenda, que o comando constitucional seja ***elastecido (C)*** no sentido de conferir ao profissional meios necessários ao exercício, atribuindo garantias, vantagens, certos direitos, prerrogativas e ***previlégios (D)*** não discriminatórios, como privacidade ou exclusividade ou ***gozo (E)*** de situações ou "status" especiais.

a) A
b) B
c) C
d) D
e) E

Resposta: "d". A grafia correta é privilégio, com i.

4. (FGV) Na última _____ de cinema, havia somente _____.

a) sessão, cinquenta espectadores privilegiados.
b) seção, cinqüenta expectadores privilegiados.
c) sessão, cinqüenta espectadores privilegiados.
d) sessão, cincoenta expectadores previlegiados.
e) cessão, cinqüenta espectadores previlegiados.

Resposta: “a”. Seção = departamento, divisão. Sessão = reunião. Cessão = doação. Assim, sessão de cinema (reunião). Cinquenta é a única grafia possível, já que não há mais trema em língua portuguesa. Espectadores são aqueles que presenciam algo, que assistem a algo. Expectadores são aqueles que esperam, estão na expectativa. Privilegiados sempre com i.

5. (FGV) Já que foram _____ pelo tribunal do júri, exigirão a _____ das _____.
a) discriminados, descriminação, despesas.
b) descriminados, descriminação, despesas.
c) discriminados, discriminação, despezas.
d) descriminados, discriminação, despesas.

Resposta: “d”. Descriminados — inocentados. Discriminação — detalhamento. Despesas — sempre com s.

6. (FCC) Era _____ do _____ ter atitudes _____.
a) praxe, estrangeiro, extravagantes.
b) prache, estrangeiro, estravagantes.
c) praxe, extrangeiro, estravagantes.
d) prache, extrangeiro, extravagantes.

Resposta: “a”. Praxe, estrangeiro, extravagantes: não existem variações para essas palavras.

7. Suas respostas _____ e atitudes _____ acabaram _____ desconfiança entre os colegas.
a) ambígüas, vacilantes, suscitando.
b) ambíguas, vascilantes, sucitando.
c) ambíguas, vacilantes, suscitando.
d) ambígüas, vacilantes, sucitando.
e) ambíguas, vascilantes, suscitando.

Resposta: “c”. Ambíguas, vacilantes, suscitando: não existem variações para essas palavras.

8. (FCC) Marque a opção que contém palavra grafada com erro.
a) Suscitando o debate político, é possível ressuscitar velhas teses.
b) A possibilidade de ascenção social mobilisa as pessoas.
c) O pedido de demissão deve ser precedido de justificativa abalizada.
d) No momento de decisão, muitos hesitam na ânsia por acertar.
e) Desejos de ostentação perturbam o clima pacífico da reunião.

Resposta: “b”. Há dois erros: a palavra “ascensão” deve ser escrita com s na última sílaba; a palavra “mobiliza” deve ser escrita com z, pois é formada pelo adjetivo “móvel” + o sufixo “izar” formador de verbo.

9. (FCC) Indique a opção correta quanto à ortografia.

a) Fica a concretisação deste ato condicionada ao cumprimento das disposições legais.
b) As decisões deverão obedecer à contumaz consulta a todos os membros do grupo.
c) Se a comissão quizer reunir-se, deverá efetuar a convocação com uma antecedência de oito dias.
d) Adotem-se novas medidas envez das anteriores.

Resposta: "b". Vejamos os erros: a) concretização; c) quiser; d) em vez.

10. (Esaf) Marque o texto que contém erro de grafia.

a) Os olhos ansiosos da Europa voltam-se para a Alemanha. Nunca houve tantas incertezas em relação ao destino da economia mais importante do velho continente.
b) Os vizinhos estão inquietos porque seu futuro é atado ao que acontece na Alemanha.
c) Os europeus acusam o Banco Central alemão de manter os juros demasiadamente altos, e de ter assim arrastado a Europa para a recessão.
d) Com a desaceleração da economia europeia e o desemprego em elevação, o imigrante, aquele sujeito de pele escura que vem do Terceiro Mundo, ou do Sul, como se diz agora, passa a ser o culpado de tudo.
e) Muitos europeus dizem que *a barca está cheia* e alguns neonasistas alemães levam ao extremo a metáfora em voga nos anos 30.

Resposta: "e". Neonazistas se escreve com z.

11. (Esaf) Em relação ao texto, assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

Não ***constitue (1)*** surpresa a verificação de que os municípios com maior índice de anulação de votos têm pontos comuns. Um deles: a taxa de analfabetismo duas ou três vezes superior ***à do (2)*** resto do país. Outro: a localização em zonas de baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) — indicador que mede renda, longevidade e instrução. São localidades pobres ***cujo (3)*** destino, se não houver revolução de 180 graus na forma de encarar a educação, ***as (4)*** condena a ***se (5)*** afastar cada vez mais dos progressos da civilização.

(Correio Braziliense, 17.10.2006)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

Resposta: "a". Constitui — os verbos terminados em UIR se conjugam com i na 3a pessoa do singular.

12. (Esaf) Em relação ao texto abaixo, assinale a opção em que a reescrita do trecho está incorreta para o contexto.

Quanto à sua natureza jurídica, no Brasil, o orçamento público é apenas autorizativo. Isso quer dizer que o gestor somente pode realizar a despesa pública ***se essa estiver (1)*** prevista na lei orçamentária, ***mas a mera previsão no orçamento não vincula a execução da despesa (2)***. Ou seja, ***o fato de a despesa estar prevista na Lei Orçamentária (3)*** não obriga o governante a realizá-la. ***Se o governo fez (4)*** a devida previsão de despesa para a construção de rodovias, poderá levar a efeito sua intenção, tendo em vista a existência da dotação respectiva. Não está, entretanto, obrigado a proceder à empreitada, podendo desistir da obra,

caso julgue oportuno e conveniente (5).

(<http://www.lrf.com.br>)

a) 1 — caso esteja ela.
b) 2 — mas a execução da despesa não está vinculada à mera previsão no orçamento.
c) 3 — o fato de a Lei Orçamentária prever a despeza.
d) 4 — Caso tenha sido feita pelo governo.
e) 5 — se julgar oportuno e conveniente.

Resposta: "c". A palavra "despesa" se escreve com s.

13. (Esaf) Em relação ao texto abaixo, assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia.

O Sistema Integrado de Administração Financeira do Governo Federal — SIAFI representou ***tão grande (1)*** avanço para a contabilidade pública da União ***que (2)*** é hoje reconhecido no mundo inteiro e recomendado inclusive pelo Fundo Monetário Internacional. Sua performance ***transcendeu (3)*** de tal forma as fronteiras brasileiras e despertou a atenção no cenário nacional e internacional, que vários países, além de alguns organismos internacionais, ***tem (4)*** enviado delegações à Secretaria do Tesouro Nacional, com o propósito de ***absorver (5)*** tecnologia para a implantação de sistemas similares.

(James Giacomoni, *Orçamento Público*)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

Resposta: "d". "Têm" deve receber acento circunflexo, para concordar no plural com o sujeito "vários países".

14. Os trechos abaixo constituem sequencialmente um texto. Assinale a opção em que o trecho apresenta erro gramatical.

a) A grande depressão mundial, particularmente desencadeada pela quebra da Bolsa de Valores de Nova York (1929), impeliu os Governos a aportar recursos na economia, garantindo investimentos em infraestrutura para atenuar as frequentes crises dos mercados.
b) Tais medidas, embora favorecessem os sistemas econômicos, resgataram a figura do déficit público.
c) As crises individuais dos países, aliadas à insuficiente capacidade de investimentos do setor governamental, revitalizaram as abordagens iniciais do equilíbrio orçamentário, fazendo com que o Estado retoma-se as suas antigas funções, o que o leva a militar com compromissos de saúde financeira de longo prazo.
d) As medidas necessárias à adoção deste princípio vão além da manutenção das despesas dentro dos limites da receita.
e) Os gestores públicos deverão assumir posturas estratégicas adequadas ao perfil estrutural da comunidade que administram, não cedendo às pressões para atendimento às necessidades de uns poucos.

(James Giacomoni, *Orçamento Público*)

Resposta: “c”. “... fazendo com que o Estado retomasse...” — o verbo retomar está empregado no pretérito imperfeito do subjuntivo, portanto não há hífen nem pronome oblíquo.

15. Os trechos abaixo constituem sequencialmente um texto. Assinale a opção gramaticalmente incorreta.

a) Duas pesquisas mostram que as políticas sociais e de combate à fome, implementadas pelo Governo Federal, começam a apresentar resultados concretos na melhoria das condições de vida do povo brasileiro.
b) Um estudo da Fundação Getúlio Vargas, entitulado “Miséria em Queda”, baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE, confirmou que a miséria no Brasil caiu em 2004, e atingiu o nível mais baixo desde 1992.
c) O número de pessoas que estão abaixo da linha da pobreza passou de 27,26% da população, em 2003, para 25,08%, em 2004. Em 1992 esse percentual era de 35,87%.
d) É considerado abaixo da linha da pobreza quem pertence a uma família com renda inferior a R$ 115,00 mensais, valor considerado o mínimo para garantir a alimentação de uma família.
e) O estudo da FGV mostrou que o índice de miséria no Brasil caiu 8% de 2003 para 2004, deixando o país com a menor proporção de miseráveis desde 1992.

(Em Questão, n. 379 — Brasília, 30 de novembro de 2005)

Resposta: “b”. Intitular é a forma correta, com i.

16. (NCE) Todas as palavras estão corretamente grafadas na frase:

a) Não deve ser substimada a ascensão dos índices que estão acusando a um desprestígio das privatizações.
b) É insofismável a conclusão a que se chega, quando se compulsam os dados fornecidos por essas criteriosas pesquizas.
c) Não há primasia absoluta dos entusiastas da economia de mercado sobre os que sempre a ela se opuseram.
d) Os chamados regimes de exceção, autoritários na raíz, sempre deixaram um espólio de saudosismo em parte da população.
e) Nos tópicos concernentes à economia, registra-se uma grande ambivalência nas tendências de avaliação das privatizações.

Resposta: “e”. Vejamos os erros: a) subestimada; b) pesquisas; c) primazia; d) raiz, sem acento.

17. Está correta a grafia de todas as palavras em:

a) A reivindicada exumação da vítima sequer foi analisada pelo magistrado.
b) Sem maiores preâmbulos, pôs-se a vosciferar injúrias contra o indefeso escrivão.
c) Obsecado pelo cumprimento das leis, é incapaz de considerar a falibilidade da justiça.
d) A neglijência na aplicação da lei ocorre em relação aos privilegiados de sempre.
e) A impunidade dos ricos é insultuosa diante da rigidez consernente aos pobres.

Resposta: “a”. Vejamos os erros: b) vociferar; c) obcecado; d) negligência; e) concernente.

18. Indique a alternativa correta:

a) O ladrão foi apanhado em flagrante.
b) Ponto é a intercessão de duas linhas.

c) As despesas de mudança serão vultuosas.
d) Assistimos a um violenta coalizão de caminhões.
e) O artigo incerto na Revista das Ciências foi lido por todos nós.

Resposta: “a”. Vejamos os erros: b) interseção; c) vultosas; d) colisão; e) inserto.

19. Assinale a única alternativa que apresenta erro no emprego do porquê.

a) Por que insistes no assunto?
b) O carpinteiro não fez o serviço porque faltou madeira.
c) Não revelou porque não quis contribuir.
d) Ele tentou explicar o porquê da briga.
e) Ele recusou a indicação não sei por quê.

Resposta: “c”. Não revelou por que não quis contribuir. — Por (preposição) + que (pronome interrogativo).

20. Considerando o uso apropriado do termo sublinhado, identifique em que sentença do diálogo abaixo há um erro de grafia:

a) Por que você não entregou o trabalho ao professor?
b) Você quer mesmo saber o porquê?
c) Claro. A verdade é o princípio por que me oriento.
d) Pois, acredite, eu não sei porque fiz isso.
e) Você está mentindo. Por quê?

Resposta: “d”. ... não sei por que fiz isso. — Por (preposição) + que (pronome interrogativo).

21. (Vunesp) Assinale a alternativa que preenche adequadamente as lacunas:

— _____ me julgas indiferente?

— _____ tenho meu ponto de vista.

— E não o revelas _____?

— Nem sei o _____.

a) Por que, Porque, por que, por quê
b) Por que, Porque, por quê, porquê
c) Porque, Por que, porque, por quê
d) Por quê, Porque, por que, porquê
e) Porque, Porque, por quê, por quê

Resposta: “b”. Por que me julgas indiferente? — Por (preposição) + que (pronome interrogativo); Porque tenho meu ponto de vista. — Porque (conjunção); E não o revelas por quê? — Por (preposição) + quê (pronome interrogativo em final de frase, com acento); Nem sei o porquê. — Porquê (substantivo).

22. Assinale a frase gramaticalmente correta:

a) Não sei por que discutimos.
b) Ele não veio por que estava doente.
c) Mas porque não veio ontem?
d) Não respondi porquê não sabia.
e) Eis o porque da minha viagem.

Resposta: “a”. Por que = por (preposição) + que (pronome interrogativo). Corrigindo as erradas: b) porque (conjunção); c) por que = por (preposição) + que (pronome interrogativo); d) porque (conjunção); e) porquê (substantivo).

23. A grafia está incorreta em:

a) Pelé é uma exceção entre os ministros.
b) A pretenção maior do novo ministro é levar a prática esportiva ao país inteiro.
c) É preciso analisar com cuidado os planos do Governo.
d) Nosso time jogou muito mal.
e) Ele não quis trazer a pasta.

Resposta: “b”. Pretensão, com s.

24. (Fuvest) Nas frases que seguem, indique a única que apresenta a expressão incorreta, levando em conta o emprego do hífen:

a) Aqueles frágeis recém-nascidos bebiam o ar com aflição.
b) Nunca mais hei-de-dizer os meus segredos.
c) Era tão sem ternura aquele afago, que ele saiu mal-humorado.
d) Havia uma super-relação entre aquela região deserta e esta cidade enorme.
e) Este silêncio imperturbável, amá-lo-emos como uma alegria que não deixa de ser triste.

Resposta: “b”. “Hei de dizer” é uma locução verbal, e as locuções verbais não usam hífen.

25. Assinale o item em que há palavra incorretamente grafada:

a) Trouxeram-me um ramalhete de flores fragrantes.
b) A justiça infligiu a pena merecida aos desordeiros.
c) Promoveram uma festa beneficiente para a creche.
d) Devemos ser fiéis ao cumprimento do dever.
e) A cessão de terras compete ao Estado.

Resposta: “c”. “Beneficente” é a grafia correta.

26. A frase em que os homônimos ou parônimos em destaque estão com significação invertida é:

a) Era iminente a queda do eminente deputado.
b) A justiça infringe uma pena a quem inflige a lei.
c) Vultosa quantia foi gasta para curar sua vultuosa face.
d) O mandado de segurança impediu a cassação do mandato.
e) O nosso censo depende exclusivamente do senso de responsabilidade do IBGE.

Resposta: “b”. A justiça inflige (aplica) uma pena a quem infringe (desobedece) a lei.

27. Indique a alternativa em que *não* há erro de grafia:

a) Porque chegou atrazado perdeu grande parte do explêndido espetáculo.
b) Pediu-lhe que ascendesse a luz, pois a claridade não era impecilho a seu repouso.
c) Ele não é uma exceção, também é muito ambicioso.
d) Quizera eu que todas as espécies animais estivessem livres de extinção.
e) Não poderia advinhar que sua música viesse a ter tanto hêsito.

Resposta: “c”. Corrigindo os erros: a) atrasado, esplêndido; b) acendesse, empecilho; d) quisera; e) adivinhar, êxito.

28. Indique o segmento totalmente correto quanto à grafia:

a) Há intensão de se alcançar um consenso para evitar as divergências entre os parlamentares.
b) É preciso cessarem as disensões para se obter a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases na Educação.
c) Um aquário pode ser tido como um ecossistema, no qual os escrementos dos peixes, depois de decompostos, fornecerão elementos essenciais à vida das plantas.
d) O Sol é o responsável pela emissão de luz, indispensável para a fotossíntese, processo pelo qual as plantas produzem o alimento orgânico primário, assim como praticamente todo o oxigênio na atmosfera.
e) Pesquizas recentes têm atribuído a choques meteóricos a súbita extinção dos dinossauros da face da Terra.

Resposta: "d". Corrigindo os erros: a) intenção; b) dissensões; c) excrementos; e) pesquisas.

29. Uma grafia está incorreta em:

a) O deputado defendeu a descriminação da maconha.
b) Sua ascensão à presidência da firma surpreendeu a todos.
c) Todos o julgavam, com razão, demasiadamente pretencioso.
d) Os deputados não queriam acabar com os próprios privilégios.
e) A disputa entre os cônjuges só poderia ser resolvida nos tribunais.

Resposta: "c". Pretensioso.

30. Por diversas vezes _____ em prosseguir as investigações. Só conseguiu _____ a situação com a colaboração de seus assessores.

As lacunas do período dado ficam corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) hesitou — amenizar
b) hesitou — amenisar
c) hezitou — amenizar
d) exitou — amenizar
e) exitou — amenisar

Resposta: "a". Hesitou (do verbo hesitar); amenizar (ameno + izar).

31. Assinale o item que apresenta erro de grafia:

a) Na cultura oriental, fica desonrado para sempre quem inflinge as regras da hospitalidade.
b) Não conseguindo adivinhar o resultado a que chegariam, sentiu-se frustrado.
c) A digressão ocorreu por excesso de fatos ilustrativos em seu discurso.
d) Sentimentos indescritíveis, porventura, seriam rememorados durante a sessão de julgamento.
e) Ao contrário de outros, trazia consigo autoconhecimento e autoafirmação.

Resposta: "a". ... quem infringe as regras... Infringir = desrespeitar.

32. Observando a grafia das palavras abaixo, assinale a alternativa que apresenta erro:

a) Aquele hereje sempre põe empecilho porque é muito pretencioso.
b) Uma falsa meiguice encobria-lhe a rigidez e a falta de compreensão.
c) A obsessão é prejudicial ao discernimento.

d) A hombridade de caráter eleva o homem.
e) Eles quiseram fazer concessão para não ridicularizar o estrangeiro.

Resposta: “a”. Herege, pretensioso.

33. Assinale a única alternativa em que há erro.

a) Em breve compreenderás porque tanta luta por um motivo tão simples.
b) Não compareci à reunião porque estava viajando.
c) Se o Brasil precisa do trabalho de todos é porque precisamos de um nacionalismo produtivo.
d) Ainda não se descobriu o porquê de tantos desentendimentos.
e) Choveu durante a noite, porque as ruas estão molhadas.

Resposta: “a”. ... compreenderás por que tanta luta... — Por (preposição) + que (pronome interrogativo).

34. Assinale a alternativa que apresenta erro quanto ao emprego do *porquê*:

a) Não sei por que as cousas ocultam tanto mistério.
b) Os poetas traduzem o sentido das cousas sem dizer por quê.
c) Eis o motivo porque os meus sentidos aprenderam sozinhos: as cousas têm existência.
d) Por que os filósofos pensam que as cousas sejam o que parecem ser?
e) Os homens indagam o porquê das estranhezas das cousas.

Resposta: “c”. Eis o motivo por que os meus... — Por (preposição) + que (pronome relativo).

35. (FCC) Há erro de grafia na frase:

a) A pretensão do subchefe era a de que a expansão da microinformática se concretizasse.
b) A discussão, proposta pelo vice-reitor, talvez torne viável a instalação dos computadores no próximo quinquênio.
c) O anteprojeto, elaborado pelo prefeito, contém um item referente à concessão de verbas federais aos municípios.
d) Os empresários, anciosos de ouvir o vice-líder do partido, sintetizaram a agenda.
e) A espontaneidade do superintendente diluiu os empecilhos, e os prefeitos tiveram o privilégio de assinar o convênio.

Resposta: “d”. Ansiosos.

36. Assinale a alternativa em que fica evidente o erro de acentuação gráfica.

a) Aquele que conhece os seus defeitos está muito próximo de corrigí-los.
b) A virtude é comunicável, porém o vício é contagioso.
c) Saúde e inteligência, eis duas bênçãos desta vida.
d) A história glorifica os heróis, a vida santifica os mártires.
e) Lembre-se de que você é pó e ao pó voltará.

Resposta: “a”. Nas palavras unidas por hífen cada parte tem acentuação independente. Então, “corrigi” é oxítona terminada em i, não há regra para acentuar.

37. Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas das frases abaixo.

1. Cada qual faz como melhor lhe _____ .
2. O que _____ estes frascos?

3. Neste momento os teóricos _____ os conceitos.

4. Eles _____ a casa do necessário.

a) convém, contêm, reveem, proveem.
b) convém, contém, reveem, provêm.
c) convêm, contêm, revêm, provêem.
d) convém, contém, revêem, provêem.
e) convêm, contêm, reveem, provêm.

Resposta: "a". Os verbos TER e VIR (e seus derivados) continuam com os acentos diferenciais na terceira pessoa do plural do presente do indicativo. Os verbos VER, LER, CRER — na terceira pessoa do plural do presente do indicativo — e o verbo DAR — na terceira pessoa do plural do presente do subjuntivo —, e todos os seus derivados, dobram o "ee", mas não recebem mais acento de acordo com a última reforma ortográfica.

38. Indique a única alternativa em que nenhuma palavra deve ser acentuada graficamente.

a) lapis, canoa, abacaxi, jovens.
b) ruim, sozinho, aquele, traiu.
c) saudade, onix, grau, orquidea.
d) voo, legua, assim, tenis.

Resposta: "b". Vejamos os acentos das outras opções: a) lápis; c) ônix, orquídea; d) légua, tênis.

39. (FCC) A frase em que todas as palavras estão corretas quanto à acentuação gráfica é:

a) Apaziguemos os ânimos intranqüilos.
b) A freqüência dos alunos em sala de aula é indispensável a uma boa avaliação.
c) A contigüidade de suas atitudes retilíneas conduzi-lo-á ao objetivo proposto.
d) Cinquenta delinquentes destruíram o armazém.

Resposta: "d". A última reforma ortográfica extinguiu o trema da língua portuguesa.

40. Dadas as palavras

1. apóiam

2. baínha

3. abençôo

Constatamos que está (estão) incorretamente grafada(s)

a) apenas a palavra nº 1.
b) apenas a palavra nº 2.
c) apenas a palavra nº 3.
d) todas as palavras.
e) n.d.a.

Resposta: "d". Apoiam — o ditongo aberto "oi" só recebe acento em palavras monossílabas ou oxítonas. Bainha — "i" tônico seguido de "nh" não recebe acento gráfico. Abençoo — a última reforma ortográfica eliminou o acento circunflexo do duplo "oo".

41. Uma mesma regra de acentuação abrange o seguinte conjunto.

a) atacá-lo, sofás, possuí.
b) falência, Antônio, repórter.
c) ruído, baú, saí, saída.
d) afáveis, lápis, miosótis.
e) heróis, indóceis, amáveis.

Resposta: “c”. Ruído, baú, saí, saída — todos seguem a regra do “i” e do “u” tônicos, formadores de hiato.

42. (FGV) Marque o único vocábulo acentuado corretamente.

a) pára (verbo).
b) pêlo (cabelo).
c) pôr (verbo).
d) ítem.
e) feiúra.

Resposta: “c”. Pôr (verbo) conserva o acento diferencial. Para (verbo) e pelo (cabelo) perderam os seus acentos diferenciais com a última reforma ortográfica. Feiura também perde o acento de acordo com essa mesma reforma. Item é paroxítona terminada em “m”, portanto não há regra para acentuá-la.

43. (FGV) Assinale o vocábulo que perde o acento gráfico no plural.

a) próton.
b) móvel.
c) fóssil.
d) cônsul.
e) caráter.

Resposta: “e”. O plural de caráter é caracteres (a sílaba tônica se desloca para “TE”).

44. Qual das alternativas abaixo apresenta todas as palavras corretamente acentuadas?

a) púdico, rúbrica, ínterim, ávaro.
b) púdico, rúbrica, interim, ávaro.
c) púdico, rúbrica, ínterim, avaro.
d) pudico, rubrica, ínterim, avaro.
e) pudico, rubrica, interim, ávaro.

Resposta: “d”. Vejamos a correta identificação das sílabas tônicas: puDIco, ruBRIca, ÍNterim e aVAro.

45. Assinale a frase incorreta quanto à acentuação gráfica.

a) A funcionária remeterá os formulários até o início do próximo mês.
b) Ninguém poderia prever que a catástrofe traria tamanho ônus ao país.
c) Este voo está atrasado; os senhores tem que embarcar pela ponte aérea e fazer conexão no Rio para Florianópolis.
d) O pronunciamento feito pelo diretor na assembleia revestia-se de caráter inadiável.
e) Segundo o regulamento em vigor, o órgão competente tomará as providências cabíveis.

Resposta: “c”. Faltou acento circunflexo no verbo “ter” para concordar com o sujeito plural: ...

os senhores têm...

46. Devem ser acentuadas todas as palavras da opção:

a) taxi, hifen, gas.
b) ritmo, amor, lapis.
c) chines, ruim, jovem.
d) juriti, gratis, traz.
e) açucar, abacaxi, molestia.

Resposta: “a”. Táxi, hífen e gás.

47. (FGV) As silabadas, ou erros de prosódia, são frequentes no uso da língua. Indique a alternativa onde não ocorre silabada alguma.

a) Eis aí um prototipo de rúbrica de um homem vaidoso.
b) Para mim a humanidade se divide em duas metades: a dos filântropos e a dos misantropos.
c) Os arquétipos de iberos são mais pudicos do que se pensa.
d) Nesse interim chegou o médico com a contagem de leucócitos e o resultado da cultura de lêvedos.
e) Ávaro de informações, segui todas as pegadas do éfebo.

Resposta: “c”. Corrigindo as palavras erradas: a) protótipo, rubrica; b) filantropos; d) ínterim; e) avaro, efebo.

48. Assinale o trecho que apresenta erro de acentuação gráfica.

a) As diferenças de ótica entre os díspares movimentos que reivindicavam um mesmo amor à natureza se enraízam para além das firulas das discussões político-partidárias.
b) No âmago do famoso santuário, erguido sob égide dos conquistadores, repousam enormes caixas cilíndricas de orações em forma de mantras, onde o novel da fé se purifica.
c) O alvo da diatribe, o fenômeno de reprovação escolar, é uma tolice inaceitável, mesmo em um paradígma de educação deficitária em relação aos menos favorecidos.
d) Assustada por antigas endemias rurais, a, até então, álacre sociedade brasileira tem, enfim, consciência do horror que será pôr seus filhos em um mundo tão inóspito.
e) Inequivocamente, estudos sociológicos mostram que para ser eficaz, o chicote, anátema da sociedade colonial, não precisava bater sobre as costas de todos os escravos.

Resposta: “c”. Paradígma — a grafia correta é “paradigma”.

49. A ausência do sinal gráfico de acentuação cria outro sentido para a palavra:

a) trânsito.
b) características.
c) inevitável.
d) infrutíferas.
e) anônimas.

Resposta: “a”. Trânsito (substantivo) — transito (verbo transitar na primeira pessoa do singular do presente do indicativo).

50. Assinale a opção cuja palavra em destaque não deve ser acentuada:

a) Todo ensino deveria ser *gratuito*.
b) Não *ves* que eu não tenho tempo?

c) É difícil lidar com pessoas sem *carater*.
d) Saberias dizer o *conteudo* da carta?
e) *Veranopolis* é uma cidade que não para de crescer.

Resposta: “a”. Gratuito.

51. À luz de seu magnífico _____do sol, _____ parece uma cidade _____ .
a) por, Paranavaí, tranquila
b) por, Paranavai, tranquila
c) por, Paranavai, tranqüila
d) pôr, Paranavaí, tranqüila
e) pôr, Paranavaí, tranquila

Resposta: “e”. Pôr, Paranavaí e tranquila — o trema não existe mais em língua portuguesa.

52. Em todas as alternativas as palavras foram acentuadas corretamente, *exceto* em:
a) Eles têm muita coisa a dizer.
b) Estude os dois primeiros ítens do programa.
c) Afinal, o que contém este embrulho?
d) Foi agradável ouvir aquele orador.
e) Por favor, deem-lhe uma nova chance.

Resposta: “b”. Itens — paroxítona terminada em “-ens” — não recebe acento.

53. Aqueles que _____ do interior, _____ a cidade grande como o mundo que lhes _____ .
a) vêem — vêm — convêm
b) vêm — veem — convém
c) veem — vêm — convem
d) vêem — vêem — convém
e) vêm — vem — convem

Resposta: “b”. Vir e seus derivados continuam com o acento diferencial. Ver e seus derivados continuam dobrando o “ee” no plural, mas não recebem mais o acento circunflexo, de acordo com a última reforma ortográfica.

1 ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da Língua Portuguesa*. 35. ed. São Paulo: Saraiva, 1988, p. 68-69.

3

MORFOLOGIA

Morfologia
(gr. morphê = figura + logia = estudo) é a parte que estuda
a palavra em si, quer no elemento material, isto é, quanto à forma,
quer no elemento imaterial, ou seja, quanto à ideia que ela encerra.

Napoleão Mendes de Almeida

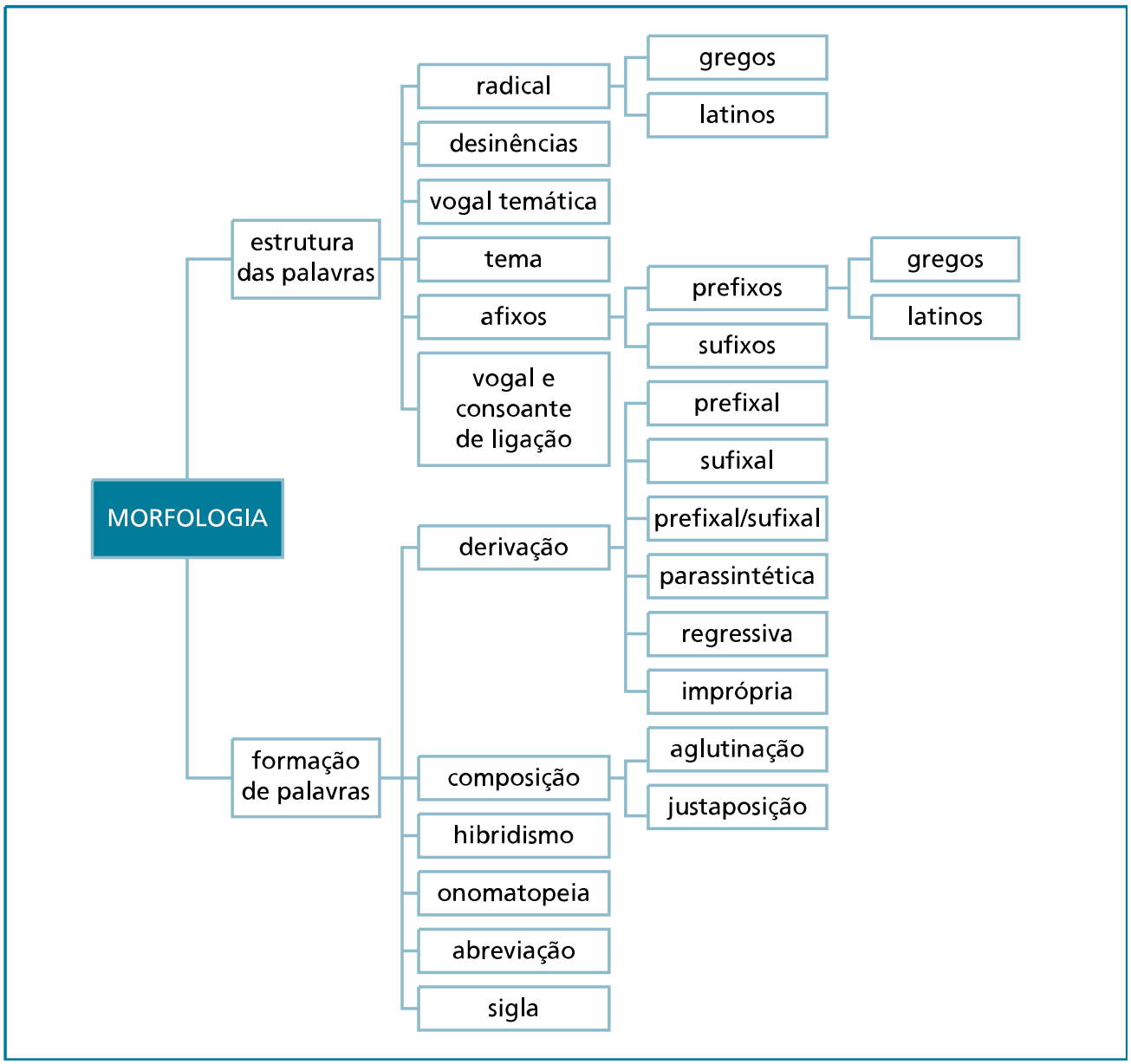

3.1. ESTRUTURA E FORMAÇÃO DE PALAVRAS

3.1.1. Estrutura das palavras

A **palavra**, ao contrário do que muitos pensam, **não é a menor unidade portadora de significado** dentro da língua. Ela própria é formada de vários elementos também dotados de valor significativo. A essas **formas portadoras de significado damos o nome de morfemas ou elementos mórficos**.

Tomemos como exemplo a palavra *alunas*. Ela é constituída de três morfemas:

alun = morfema que é **base do significado**

a = morfema que indica o **gênero feminino**

s = morfema que indica o **número plural**

Assim, de acordo com a função na palavra, os morfemas são classificados em:

3.1.1.1. Radical (ou morfema lexical)

É o elemento que **contém a significação básica** da palavra: **livr**o, **livr**aria, **livr**eira.

3.1.1.2. Desinência (ou morfema flexional)

São **elementos terminais** do vocábulo. Servem para marcar:

a) **gênero** e **número** nos nomes (**desinências nominais**);

b) **pessoa/número** e **tempo/modo** nos verbos (**desinências verbais**):

- meninas = menin (radical) + a (desinência nominal de gênero feminino) + s (desinência nominal de número plural)
- amávamos = amá (radical) + va (desinência verbal modo-temporal) + mos (desinência verbal número-pessoal)

3.1.1.3. Vogal temática

É o elemento que, **nos verbos**, serve **para indicar a conjugação**. São três:

a — para verbos de 1ª conjugação: fal+A=r

e — para verbos de 2ª conjugação: varr+E+r

i — para verbos de 3ª conjugação: part+I+r

Curiosidade: O verbo **pôr** e seus derivados (compor, repor, impor etc.) incluem-se na 2ª conjugação, pois a sua forma original em português é **poer**.

A vogal temática também pode aparecer nos nomes. Neste caso, sua função é a de preparar o radical para receber as desinências.

mares = mar (radical) + e (vogal temática) + s (desinência nominal de número plural)

3.1.1.4. Tema

É o radical acrescido da vogal temática.

bebemos = beb (radical) + e (vogal temática) + mos (desinência verbal número-pessoal)

bebe = tema

3.1.1.5. Afixos

Elementos de **significação secundária** que aparecem agregados ao radical.

Podem ser:

- *Prefixo* — morfemas que **se antepõem ao radical: re**luz, **ex**por.
- *Sufixo* — morfemas que **se pospõem ao radical:** moral**ista**, leal**dade**.

3.1.1.6. Vogal e consoante de ligação

São elementos que, desprovidos de significação, são **usados entre um morfema e outro** para facilitar a pronúncia.

gas**ô**metro = gás + metro — **o** é vogal de ligação

chaleira = chá + eira — **l** é consoante de ligação

3.1.2. Formação das palavras

Para **criar palavras novas** em português, existem, principalmente, **cinco processos** diferentes.

3.1.2.1. Derivação

Forma palavras pelo **acréscimo de afixos**. A derivação se divide em:

3.1.2.1.1. Prefixal (ou prefixação)

Pela **colocação de prefixos: re**ler, **in**feliz, **ultra**violeta, **super**-homem.

3.1.2.1.2. Sufixal (ou sufixação)

Pela **colocação de sufixos:** boi**ada**, canal**izar**, feliz**mente**, art**ista**.

3.1.2.1.3. Prefixal-sufixal (ou prefixação-sufixação)

Pela colocação de **prefixo e sufixo** numa só palavra: **des**leal**dade**, **in**feliz**mente**, **des**lig**ado**.

3.1.2.1.4. Parassintética (ou parassíntese)

Pela **colocação simultânea de prefixo e sufixo** numa mesma palavra: **en**tard**ecer, en**trist**ecer, des**alm**ado, e**mud**ecer**.

Curiosidade: A diferença entre a derivação prefixal-sufixal e a derivação parassintética está no fato de que na primeira podemos tirar o prefixo ou o sufixo e a palavra continua

existindo; na segunda, se tirarmos o prefixo ou o sufixo, o que sobra não existe em língua portuguesa:
desleal**dade** = desleal, lealdade — derivação prefixal-sufixal
entard**ecer** = *entarde, *tardecer — essas palavras não existem — derivação parassintética.

3.1.2.1.5. Regressiva

Pela **redução** de uma palavra primitiva: sarampo (de sarampão), pesca (de pescar), barraco (de barracão), boteco (de botequim).

Curiosidade: Quando a palavra original a ser reduzida é um verbo, recebe o nome de derivação regressiva deverbal: pesca (de pescar)

3.1.2.1.6. Imprópria

Pela **mudança de classe gramatical** da palavra: o jantar (substantivo formado pelo uso do verbo jantar), o belo (substantivo formado pelo uso do adjetivo belo).

3.1.2.2. Composição

Forma palavras pela ligação de **dois ou mais radicais**. A composição se divide em:

3.1.2.2.1. Justaposição

Quando os radicais **se unem sem alterações:** passatempo, girassol, guarda-comida, pé de moleque.

3.1.2.2.2. Aglutinação

Quando na união dos radicais **há alteração** de, pelo menos, um deles: fidalgo (filho + de + alguém), embora (em + boa + hora), planalto (plano + alto).

3.1.2.3. Hibridismo

Forma palavras pela **união de elementos de línguas diferentes:** automóvel (auto — grego + móvel — latim), abreugrafia (abreu — português + grafia — grego), monocultura (mono — grego + cultura — latim), burocracia (bureau — francês + cracia — grego).

3.1.2.4. Onomatopeia

Forma palavras pela **reprodução aproximada de sons ou ruídos** e vozes de animais: tique-taque; pingue-pongue; miar; zunir; mugir.

3.1.2.5. Abreviação

Forma palavras pela **redução de um vocábulo** até o limite que não cause dano à sua compreensão: moto (por motocicleta), pneu (por pneumático), foto (por fotografia), Itaquá (por Itaquaquecetuba), pornô (por pornografia), quilo (por quilograma).

Curiosidade: Não confunda *abreviação* com *abreviatura*.

Abreviatura é a redução na grafia (somente na grafia, nunca na pronúncia) de determinadas palavras, limitando-as à letra ou letras iniciais e/ou finais:

abreviatura = abr., abrev.
academia = acad.
acadêmico = Acad., Acadêm.
acórdão = ac.
advocacia = adv., advoc.
aguarda deferimento = A.D.
alqueire(s) = alq.
altitude = alt., altit.
alvará = alv.
anno Christi, no ano de Cristo, na era cristã = A.C.
ante meridiem (antes do meio-dia) = a.m.
antes de Cristo = a.C.
ao ano = a/a, a.a.
ao mês = a/m
ao(s) cuidado(s) de = a/c, A/C

apartamento = ap., apart.
apêndice = ap., apênd.
advogado = Adv.º, Advo.
almirante = Alm.
arcebispo = Arc.º, Arco.
arquitetura = arq., arquit.
arroba(s) = A., arr.
artigo, artigos = art., arts.
associação = assoc.
atenciosamente = at.te, (atte.)
atestado, à atenção de = at.
autor, autores = A., AA.
capítulo, capítulos = cap., caps.
cheque = ch.
circular = circ.
citação, citado(s) = cit.
código = cód.
coleção, coleções; coluna, colunas = col., cols.
com, cada, conta = c/
companhia = C.ia, Cia.
compare = cp.
conforme = cfe., cfm., conf.
confronte, confira, confere = cf., cfr.
conselho = cons.
conta corrente, com cópia(s), combinado com = c/c
decreto = dec.
departamento, departamentos = dep., deps.
depois de Cristo = d.C., D.C.
desconto(s) = desc.
dicionário = dic.
diploma = dipl.
documento, documentos = doc., docs.
dúzia(s) = dz.
edição = ed.
edifício = ed., edif.
editor, editores = E., EE.
educação = ed., educ.
elemento(s) = el.

em mão(s) = E.M.
endereço = end.
endereço telegráfico = end. tel.
espera deferimento = E.D.
et alii, (e outros, em citações) = et al.
et cetera (latim = e outras coisas, e os outros, e assim por diante) = etc.
exemplar(es), exemplo(s) = ex., exs.
fascículo = fasc.
figura = fg., fig.
folha; folhas = f., fl., fol., ff., fs., fols.
gênero(s) = gên.
grosa, grosas = gr., grs.
habitantes = hab.
Honoris causa (por honra, honorariamente) = h.c.
Ibidem (no mesmo lugar) = ib., ibid.
id est (isto é) = i.e.
idem (o mesmo, do mesmo autor) = id.
índice = índ.
inferior = inf.
informação = inf., inform.
isto é = i.é.
jurídico = jur.
légua, léguas = lég., légs.
limitada (comercialmente) = Lt.da, Ltda.
livro = l., liv., lº, lo.
logaritmo = log., logar.
medicina = med.
medicina legal = med. leg.
médico = méd.
médico-veterinário = méd.-vet.
memorando = mem., memo., memor.
mês, meses = m.
meu(s), minhas(s) = m/
município, municípios = M., MM., mun.
nota da editora = N. da E.
nota da redação = N. da R.
nota do autor = N. do A.
nota do editor = N. do E.

numeral = num.
número (gramaticalmente, isto é, número gramatical = singular, plural) = núm.
número(s) = n.
obra(s) = ob.
observação = obs.
ofício, oficial = of.
opere citato (na obra citada), *opus citatum* (obra citada) = *op. cit*.
organização = org., organiz.
pagamento = pg.to, pgto.
página(s) = p., pp., pág., págs.
pago (adjetivo), pagou = pg.
palavra(s) = pal.
para, por, próximo (comercialmente) = p., p/
parecer = par.
peça(s) = pç.
pede deferimento = P.D.
pede justiça = P.J.
peso bruto = P.B.
peso líquido = P.L.
polegada(s) = pol.
por exemplo = p. ex.
por ordem = P.O.
por procuração; próximo passo = p.p.
porque = pq.
portaria = port.
post meridiem (depois do meio-dia); *post mortem* (depois da morte) = p.m.
post scriptum (depois de escrito, pós-escrito) = p.s.
problema(s) = probl.
processo, procuração = proc.
próximo futuro = p.f.
quilate(s) = ql.
receita = rec.
referência, referente = ref.
registro = rg., reg.
relatório = rel., relat.
remetente = rem.te, Remte.
reprovado (classificação escolar); réu (em linguagem forense) = R.
residência = res.

revista = rev.
rubrica = rubr.
salvo erro ou emissão = S.E.O.
salvo melhor juízo = S.M.J., s.m.j.
São, Sul = S.
scilicet (a saber, quer dizer) = sc.
seção = seç.
secretaria, secretário, secretária = sec., secr.
século, séculos = séc., sécs.
seguinte, seguintes = seg., segs., ss.
sem data = s.d., s/d
semana(s), semelhante(s), semestre(s) = sem.
seminário = sem., semin.
série = ser.
sine die (sem dia marcado, sem data marcada) = s.d.
sociedade (comercialmente) = soc.
Sociedade Anônima = S.A.
sucursal = suc.
também = tb.
telefone, telegrama = tel.
termo, termos = t., tt.
tesoureiro = tes.
testamento = testº, testo.
testemunha = test.
título(s) = tít.
tomo, tomos = t., ts., tt.
tratado, tratamento = trat.
trimestral = trim., trimest., trimestr.
trimestre(s) = trim.
unidade, uniforme = un.
universidade = univ., univers.
usado, usada = us.
uso externo = u.e.
valor(es) = val.
veja, *vide* = v.
verbi gratia (por exemplo) = v.g.
volume, volumes = vol., vols.

Títulos e formas de tratamento

Bacharel, bacharela(s), bacharéis = B.el, Bel., B.ela, Bela., B.éis, Béis., B.elas, Belas.
Bispo = B.po, Bpo.
Capitão = Cap.
Cardeal = Card.
Comandante = Com., Com.te, Comte.
Comendador = Com., Comend., Com.or, Comor.
Cônego = Côn.º, Côno.
Conselheiro = Cons., Consel., Conselh., Cons.º, Conso.
Contra-almirante = C.-alm.
Coronel = C.el, Cel.
Deputado = Dep.
Desembargador, desembargadora = Des., Des.ª, Desa.
Diácono = Diác.
Digníssimo = DD.
Digno, Dom = D.
Dona = D.ª, Da.
Doutor(a), doutores, doutoras = D.r, Dr., D.rs, Drs., D.ra, Dra., D.ras, Dras.
Editor, editores = E., EE.
Embaixador extraordinário e plenipotenciário = E.E.P.
Eminência = Em.ª, Ema.
Eminentíssimo = Em.mo, Emmo.
Enfermeiro(a) = Enf., Enf.ª, Enfa.
Engenheiro(a) = Eng., Eng.º, Engo.
Enviado extraordinário e ministro plenipotenciário = E.E.M.P.
Estado-Maior = E.M., E.-M.
Excelência = Ex.ª, Exa.
Excelentíssimo(a) = Ex.mo, Exmo., Ex.ma, Exma.
General = Gen., G.al, Gal.
Ilustríssimo(a) = Il.mo, Ilmo., Il.ma, Ilma.
Major = Maj.
Major-brigadeiro = Maj.-brig.
Marechal = Mar., M.al, Mal.
Médico = Méd.
Meritíssimo = MM.
Mestre, mestra = Me, Me., Mª, Ma.
Monsenhor = Mons.
Mui(to) Digno = M.D.
Nosso(a) Senhor(a) = N.S., N.Sª, N.Sa.

Padre = P., P.e, Pe.
Pároco = Pár.º, Paro.
Pastor = Pr.
Philosophiae Doctor (latim = doutor de/em filosofia) = Ph.D.
Prefeito = Pref.
Presbítero = Presb.º, Presbo.
Presidente = Pres., Presid.
Procurador = Proc.
Professor(es), professora(s) = Prof., Profs., Prof.ª, Profa., Prof.as, Profas.
Promotor = Prom.
Rei = R.
Reverendíssimo(a) = Rev.mo, Revmo., Rev.ma, Revma.
Reverendo = Rev., Rev.do, Revdo., Rev.º, Revo.
Reverendo Padre = R.P.
Sacerdote = Sac.
Santa = S., S.ta, Sta.
Santíssimo = SS.
Santo = S., S.to, Sto.
Santo Padre = S.P.
São, Santo, Santa = S.
Sargento = Sarg.
Sargento-ajudante = Sarg.-aj.te, Sarg.-ajte.
Secretário(a) = Sec., Secr.
Senador = Sen.
Senhor(es), Senhora(s) = S.r, Sr., S.rs, Srs., S.ra, Sra., S.ras, Sras.
Senhorita(s) = Sr.ta, Srta., Sr.tas, Srtas.
Sênior = S.or, Sor.
Sóror = Sór., S.or, Sor.
Sua Alteza = S.A.
Sua Alteza Real = S.A.R.
Sua Eminência = S.Em.ª, S.Ema.
Sua Excelência = S.Ex.ª, S.Exa.
Sua Excelência Reverendíssima = S.Ex.ª Rev.ma, S. Exa. Revma.
Sua Majestade = S.M.
Sua Reverência = S. Rev.ª, S.Reva.
Sua Reverendíssima = S.Rev.ma, S. Revma.
Sua Santidade = S.S.
Sua Senhoria = S.Sª, S.Sa.

Tenente = Ten., T.te, Tte.
Tenente-coronel = Ten.-c.el, Ten.-cel., t.te-c.el, Tte.-cel.
Testemunha = Test.
Vereador = Ver.
Vice-almirante = V.-alm.
Vigário = Vig., Vig.º, Vigo.
Visconde = V.de, Vde.
Viscondessa = V.dessa, Vdessa.
Você = V., v.
Vossa Alteza = V.A.
Vossa(s) Eminência(s) = V.Em.ª, V.Ema., V.Em.as, V.Emas.
Vossa(s) Excelência(s) Reverendíssima(s) = V.Ex.ª Rev. ma, V. Exa. Revma., V.Ex. as Rev.mas, V. Exas. Revmas.
Vossa(s) Excelência(s) = V.Ex.ª, V.Exa., V.Ex.as, V.Exas.
Vossa(s) Magnificência(s) Revendíssima, Vossas Reverendíssimas = V. Ver. ma, V. Revma., V.Rev.mas, V. Revmas.
Vossa(s) Reverência(s) = V.Rev.ª, V.Reva., V. Rev.as, V.Revas.
Vossa(s) Senhoria(s) = V.S.ª, V.Sa., V.S.as, V.Sas.

Nomes dos meses
janeiro = jan.
fevereiro = fev.
março = mar.
abril = abr.
maio = maio (de acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT))
maio = mai. (de acordo com a Academia Brasileira de Letras)
junho = jun.
julho = jul.
agosto = ago.
setembro = set.
outubro = out.
novembro = nov.
dezembro = dez.

Vias e lugares públicos

Alameda = Al.

Avenida = Av.

Beco = B.

Calçada = Cal., Calç.

Distrito = D., Dt.

Estrada = Est.

Galeria = Gal.

Jardim = Jd.

Largo = L., Lg.

Praça = P., Pç.

Parada = Pda.

Parque = Pq., Prq.

Praia = Pr.

Rua = R.

Rodoviária = Rdv.

Rodovia = Rod.

Retorno = Rtn.

Trevo = Trv.

Travessa = T., Tv.

Via = V.

Viaduto = Vd.

3.1.2.6. Sigla

É a redução das locuções substantivas às **letras ou sílabas iniciais:** IBGE — Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, MASP — Museu de Arte de São Paulo, Sudene — Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste.

3.1.3. Radicais e prefixos gregos e latinos

3.1.3.1. Radicais gregos

AEROS (ar): aeronáutica
ACROS (alto): acrofobia
AGOGOS (conduzir): demagogo
ALGIA (dor): nevralgia
ANTROPOS (homem): antropologia
ARQUIA (governo): monarquia
AUTOS (si mesmo): autobiografia
BIBLION (livro): biblioteca
BIOS (vida): biosfera

CACO (mau): cacofonia
CALI (belo): caligrafia
CEFALO (cabeça): acéfalo
COSMO (mundo): cosmopolita
CLOROS (verde): clorofila
CRONOS (tempo): cronologia
CROMOS (cor): cromoterapia
DACTILOS (dedo): datilografia
DEMOS (povo): democracia
DERMA (pele): epiderme
DOXA (opinião): ortodoxo
DROMO (lugar para corridas): hipódromo
EDRA (lado): poliedro
FAGO (comer): antropófago
FILOS (amigo): filósofo
FOBIA (medo): claustrofobia
FONOS (som, voz): telefone
GAMIA (casamento): polígamo
GEO (terra): geografia
GLOTA (língua): poliglota
GRAFO (escrever, descrever): geografia
HÉLIOS (sol): heliocêntrico
HIDRO (água): hidrografia
HIPO (cavalo) hipopótamo
ICONOS (imagem): iconoclasta
LOGO (discurso): monólogo
MEGALOS (grande): megalópole
MICRO (pequeno): micróbio
MIS (ódio): misantropo
MORFE (forma): morfologia
NEOS (novo): neologismo
ODOS (caminho): método
PIROS (fogo): pirosfera
POLIS (cidade) metrópole
PSEUDO (falso): pseudônimo
PSIQUE (alma): psicologia
POTAMO (rio): hipopótamo
SACARO (açúcar): sacarose

SOFOS (sábio): filósofo
TELE (longe): televisão
TEOS (deus): teologia
TOPOS (lugar): topônimo
XENO (estrangeiro): xenofobia
ZOO (animal): zoologia

3.1.3.2. Radicais latinos

AGRI (campo): agrícola
ARBORI (árvore): arborizar
AVI (ave): avícola
BIS (duas vezes): bisavô
CAPITI (cabeça): decapitar
CIDA (que mata): homicida
COLA (que cultiva ou habita): vinícola
CRUCI (cruz): crucificar
CULTURA (cultivar): apicultura
CURVI (curvo): curvilíneo
EQUI (igual): equidade
FERO (que contém ou produz): mamífero
FICO (que produz): benéfico
FIDE (fé): fidelidade
FRATER (irmão): fraternidade
FUGO (que foge): centrífugo
IGNI (fogo): ignição
LOCO (lugar): localizar
LUDO (jogo): ludoterapia
MATER (mãe): maternidade
MULTI (muito): multinacional
ONI (todo): onisciente
PARO (que produz): ovíparo
PATER (pai): paternidade
PEDE (pé): pedestre
PISCI (peixe): piscicultura
PLURI (vários): pluricelular
PLUVI (chuva): pluvial
PUER (criança): puericultura
QUADRI (quatro): quadrilátero
RÁDIO (raio): radiografia

RETI (reto): retilíneo
SAPO (sabão): saponáceo
SEMI (metade): semicírculo
SESQUI (um e meio): sesquicentenário
SILVA (floresta): silvícola
SONO (que soa): uníssono
TRI (três): tricolor
UMBRA (sombra): penumbra
UNI (um): uníssono
VERMI (verme): verminose
VOMO (que expele): ignívomo
VORO (que come): carnívoro

3.1.3.3. Prefixos gregos

A/AN (negação): anônimo
ANA (inversão): anagrama
ANFI (duplo): anfíbio
ANTI (contrário): antiaéreo
ARCE, ARQUI (posição superior): arcebispo, arquiduque
DIS (dificuldade): disenteria
DI (dois): dissílabo
ENDO (para dentro): endoscopia
EPI (em cima de): epicentro
EU (bem, bom): eufonia
HEMI (metade): hemisfério
HIPER (excesso): hipertensão
HIPO (inferior, deficiente): hipoderme
META (para além): metamorfose
PARA (proximidade): parágrafo
PERI (em torno de): período

3.1.3.4. Prefixos latinos

ABS/AB (afastamento): abjurar
AD (aproximação): adjunto
AMBI (duplicidade): ambidestro
ANTE (anterior): antedatar
CIRCUM (movimento em torno): circunferência
CIS (posição anterior): cisandino
EX (movimento para fora, anterioridade): exportar, ex-ministro

IN/IM (negação): invertebrado
INTRA (movimento para dentro): intravenoso
INTER/ENTRE (entre, reciprocidade): intervir, entrelinhas
JUSTA (ao lado de): justaposição
PENE (quase): penúltimo
PER (através de): percorrer
POS (posterior): pospor
SOBRE/SUPRA (posição superior): supracitado, sobreloja
TRANS (através, além): transatlântico
VICE/VIS (no lugar de): vice-reitor

3.2. CLASSES DE PALAVRAS

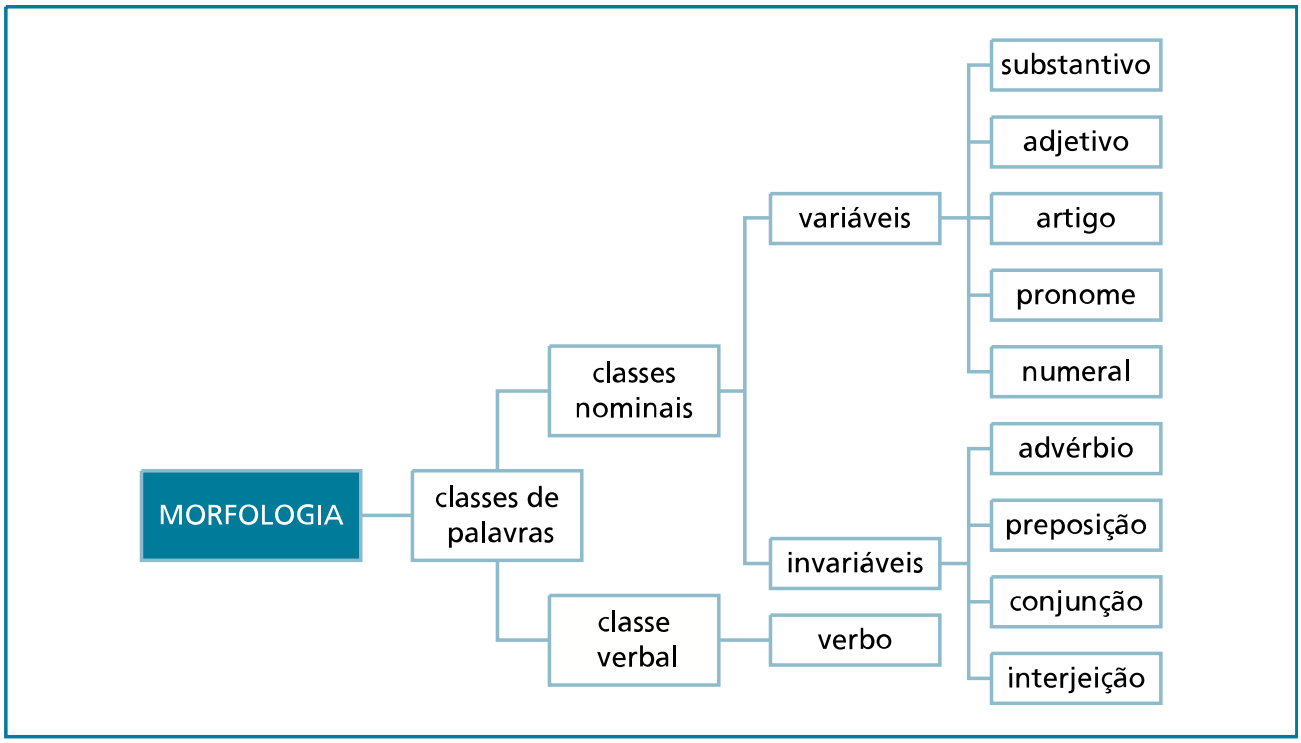

Todas as palavras da língua portuguesa podem ser colocadas em **dez classes diferentes**, de acordo com sua classificação gramatical. A isso damos o nome de *classes de palavras*.

São dez as classes de palavras em Língua Portuguesa:

- substantivo verbo
- adjetivo advérbio
- artigo preposição
- numeral conjunção
- pronome interjeição

Essas **classes** podem ser divididas em **nominais** ou **verbais** e **variáveis** ou **invariáveis:**

- *Classes nominais* — substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome, advérbio, preposição, conjunção e interjeição.
- *Classe verbal* — verbo.
- *Variáveis* — substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome e verbo.
- *Invariáveis* — advérbio, preposição, conjunção e interjeição.

Curiosidade: A mesma palavra pode ser colocada em mais de uma classe, de acordo com o modo como é usada.

Eu quero jantar em sua casa hoje. (jantar — verbo)
O jantar que você fez estava delicioso. (jantar — subst.)
Eu quero um vestido amarelo. (amarelo — adj.)
Eu gosto muito do amarelo. (amarelo — subst.)

3.3. CLASSES NOMINAIS VARIÁVEIS

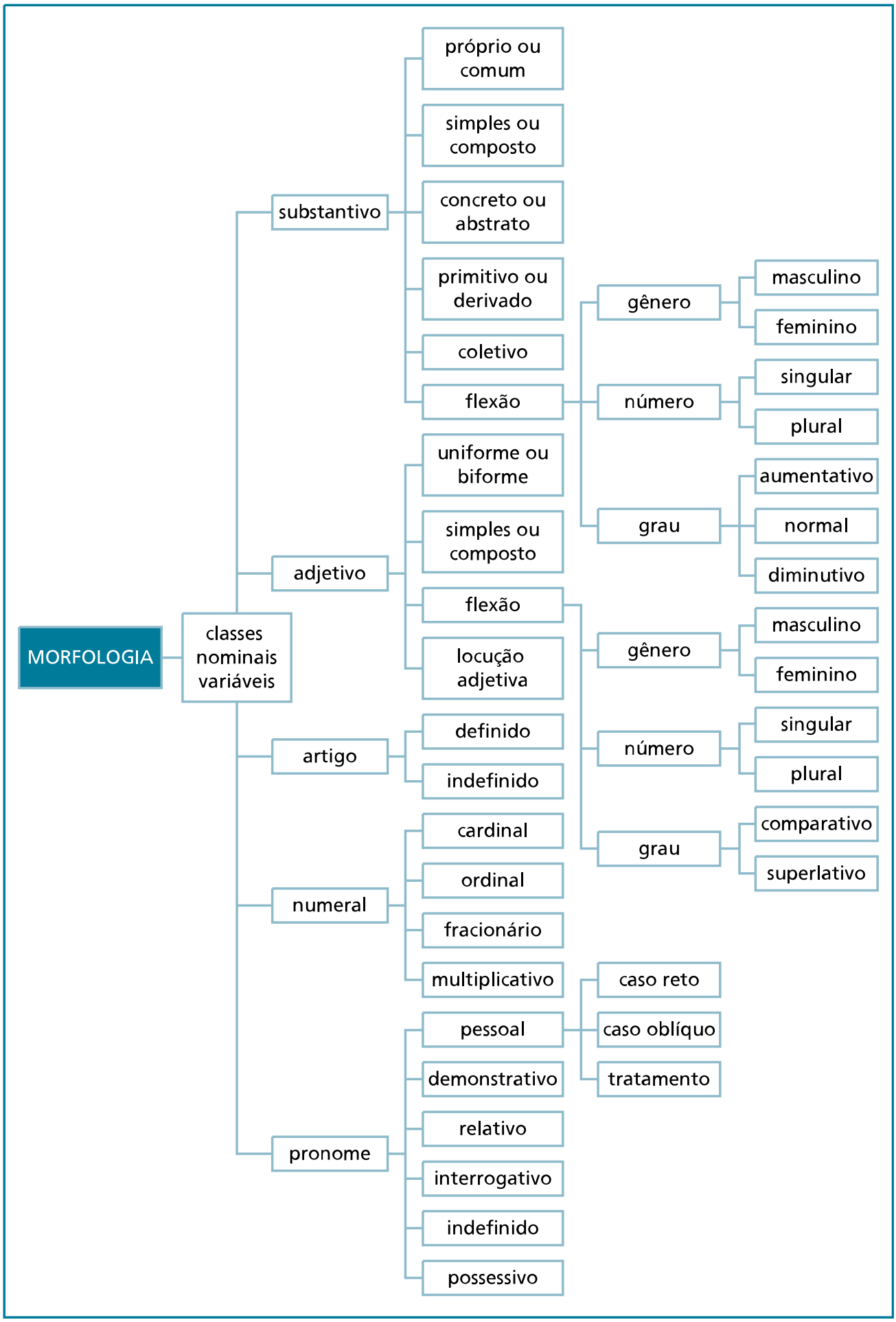
MORFOLOGIA
classes nominais variáveis
substantivo
próprio ou comum
simples ou composto
concreto ou abstrato
primitivo ou derivado
coletivo
flexão
gênero
masculino
feminino
número
singular
plural
grau
aumentativo
normal
diminutivo
adjetivo
uniforme ou biforme
simples ou composto
flexão
gênero
masculino
feminino
número
singular
plural
grau
comparativo
superlativo
locução adjetiva
artigo
definido
indefinido
numeral
cardinal
ordinal
fracionário
multiplicativo
pronome
pessoal
caso reto
caso oblíquo
tratamento
demonstrativo
relativo
interrogativo
indefinido
possessivo

3.3.1. Substantivo

É a palavra que **dá nome aos seres**.

3.3.1.1. Classificação dos substantivos

Os substantivos podem ser classificados como:

3.3.1.1.1. Próprio ou comum

- *próprio* — refere-se a **um determinado ser** da espécie: Europa.
- *comum* — nomeia **todos os seres ou todas as coisas de uma mesma espécie:** menino.

3.3.1.1.2. Simples ou composto

- *simples* — é formado por **um só radical:** roupa.
- *composto* — é formado por **dois ou mais radicais:** guarda-roupa.

3.3.1.1.3. Concreto ou abstrato

- *concreto* — **não depende de outro** ser para ter existência: escola.
- *abstrato* — **depende de outro** ser para ter existência: tristeza.

Curiosidade: O substantivo concreto nomeia os seres.
O substantivo abstrato nomeia as ações dos seres, as qualidades dos seres e os sentimentos dos seres: homem — ser (concreto); trabalho — ação praticada pelo ser (abstrato); beleza — qualidade do ser (abstrato); amor — sentimento do ser (abstrato).
O substantivo DEUS é sempre classificado como concreto.

3.3.1.1.4. Primitivo ou derivado

- *primitivo* — **não se origina de outra palavra:** abacate.
- *derivado* — **tem origem em outra palavra:** abacateiro.

3.3.1.1.5. Coletivo

Dá ideia de **conjunto, reunião, coleção:** alcateia.
Alguns substantivos coletivos:
alcateia (de lobos)
arquipélago (de ilha)
assembleia (de parlamentares, de membros de associações de companhias etc.)
banca (de examinadores)
banda (de músicos)
bando (de aves, de ciganos, de malfeitores etc.)
cabido (de cônegos)
cacho (de bananas, de uvas etc.)
cáfila (de camelos)
cambada (de caranguejos, de chaves, de malandros etc.)

cancioneiro (conjunto de canções, de poesias líricas)
caravana (de viajantes, de peregrinos, de estudantes etc.)
cardume (de peixes)
choldra (de assassinos, de malandros, de malfeitores)
chusma (de gente, de pessoas)
concílio (de bispos)
conclave (de cardeais para eleição do Papa)
congregação (de professores, de religiosos)
congresso (conjunto de deputados e senadores, reunião de especialistas em determinado ramo do saber)
consistório (de cardeais, sob a presidência do Papa)
constelação (de estrelas)
corja (de vadios, de tratantes, de velhacos, de ladrões)
coro (de anjos, de cantores)
elenco (de atores)
esquadra (de navios de guerra)
esquadrilha (de aviões)
falange (de soldados, de anjos)
fato (de cabras)
feixe (de lenha, de capim)
frota (de navios mercantes, de ônibus)
horda (de povos selvagens nômades, de desordeiros, de aventureiros, de bandidos, de invasores)
junta (de bois, de médicos, de credores, de examinadores)
legião (de soldados, de demônios etc.)
magote (de pessoas, de coisas)
malta (de desordeiros)
manada (de bois, de búfalos, de elefantes)
matilha (de cães de caça)
matula (de vadios, de desordeiros)
molho (de chaves, de verdura)
multidão (de pessoas)
ninhada (de pintos)
quadrilha (de ladrões, de bandidos)
ramalhete (de flores)
récua (de bestas de carga, de cavalgaduras)
rebanho (de ovelhas)
repertório (de peças teatrais)
réstia (de cebolas, de alhos)

roda (de pessoas)
romanceiro (conjunto de poesias narrativas)
sínodo (de párocos)
súcia (de velhacos, de desonestos)
talha (de lenha)
tropa (de muares)
turma (de estudantes, de trabalhadores)
vara (de porcos)

3.3.1.2. Flexão de gênero

Quanto ao gênero, os substantivos podem ser classificados em:

3.3.1.2.1. Biformes

Quando **mudamos as desinências** para formarmos o feminino: conde — condessa, moço — moça, poeta — poetisa.

Curiosidade: Quando usamos palavra com radical totalmente diferente para formar o feminino, chamamos de *heterônimo*: bode — cabra, cavaleiro — amazona.

3.3.1.2.2. Uniformes

Quando **usamos uma mesma palavra** para designar tanto o masculino quanto o feminino. Subdividem-se em:

3.3.1.2.2.1. Epicenos

Designam **animais e alguns vegetais:** o sabiá (macho e fêmea), a cobra (macho e fêmea), o jacaré (macho e fêmea), o mamão (macho e fêmea).

3.3.1.2.2.2. Sobrecomuns

Designam **pessoas**, sempre com **o mesmo gênero:** a criança (do sexo masculino ou do sexo feminino), o carrasco (do sexo masculino ou do sexo feminino).

3.3.1.2.2.3. Comuns de dois gêneros

Designam **pessoas**, com **mudança de gênero:** o dentista — a dentista, o viajante — a viajante, o artista — a artista, o jornalista — a jornalista.

3.3.1.2.3. Formação do feminino

a) **trocando-se -o/-e** do masculino por **-a:** aluna, menina, giganta, hóspeda.

b) **acrescentando-se -a** ao final dos masculinos terminados em **-l,** -r**,** -s**,** -z**:** fiscala, oradora, deusa, juíza.

c) com **as terminações -esa, -essa, -isa, -eira, -triz:** consulesa, condessa, papisa, arrumadeira, embaixatriz.

d) masculinos terminados em **-ão** fazem o feminino em **-ã, -ao** e **-ona:** anã, patroa,

foliona.

e) **outras formas:** rapaz — rapariga, herói — heroína, grou — grua, avô — avó, réu — ré.

■ *3.3.1.2.4. Particularidades do gênero*

Há várias particularidades, quanto ao gênero dos substantivos, que devem ser observadas.

a) algumas palavras para as quais **a gramática não fixa um gênero:** o diabete / a diabete, o personagem / a personagem, o pijama / a pijama.

b) algumas palavras **mudam de sentido** quando mudam de gênero: o cisma (a separação) / a cisma (desconfiança), o cabeça (o líder) / a cabeça (parte do corpo), o capital (dinheiro) / a capital (cidade), o moral (ânimo) / a moral (ética, bons costumes).

c) atenção para estas:

■ **são masculinos:** o ágape, o anátema, o aneurisma, o champanha, o dó, o eclipse, o gengibre, o guaraná, o plasma.

■ **são femininos:** a alface, a apendicite, a cataplasma, a comichão, a omoplata, a ordenança, a rês, a sentinela.

■ *3.3.1.3. Flexão de número*

Quanto ao **número**, os substantivos podem ser:

■ *singular* — um ser ou um grupo de seres: ave, bando.

■ *plural* — mais de um ser ou grupo de seres: aves, bandos.

Para colocarmos os **substantivos no plural**, devemos separá-los em **simples** e **compostos**.

■ *3.3.1.3.1. Formação do plural dos substantivos simples*

a) terminados em **-ão:**

anciãos, mãos, órfãos, cidadãos
anões, espiões, botões, limões
pães, capitães, alemães, cães

Curiosidade: Alguns admitem duas ou três formas: corrimãos, corrimões; sacristãos, sacristães; anciãos, anciães, anciões; vilãos, vilães, vilões.

b) terminados em **-s:**

■ **monossílabos** e **oxítonos** recebem **-es:** gás — gases; mês — meses; freguês — fregueses; país — países.

■ **paroxítonos** e **proparoxítonos** ficam **invariáveis:** o lápis — os lápis; o ônibus — os ônibus.

c) terminados em **-r** ou **-z** recebem **-es:** mulheres, oradores, trabalhadores, cruzes, juízes, arrozes.

d) terminados em **-m** trocam por **-ns:** garagens, armazéns, homens, álbuns.
e) terminados em **-al, -el, -ol, -ul** trocam o **-l** por **-is:** jornais, papéis, faróis, pauis.
f) terminados em **-il:**

- **oxítonas** trocam o **-l** por **-s:** funis, barris.
- **paroxítonas** trocam o **-il** por **-eis:** fósseis, répteis, projéteis.

Curiosidade:
mal = males
cônsul = cônsules
mel = meles ou méis

g) terminados em **-x** ficam **invariáveis:** os tórax, os sílex, as fênix, as xérox
h) terminados em **-n:**

- acrescenta-se **-es:** hífenes, abdômenes, gérmenes, líquenes.
- acrescenta-se **-s:** hifens, abdomens, germens, elétrons, prótons.

3.3.1.3.2. Plural dos diminutivos

Terminados em **-zinho** ou **-zito** fazem da seguinte forma:
fogãozinho = fogõe(s) + zinho + s > fogõezinhos
raizinha = raíze(s) + zinha + s > raizezinhas
cãozito = cãe(s) + zito + s > cãezitos
barrilzinho = barri(s) + zinho + s > barrizinhos

3.3.1.3.3. Particularidades do número dos substantivos simples

a) **alguns** substantivos são **usados apenas no plural:** anais, alvíssaras, arredores, cãs, condolências, férias, núpcias.

b) alguns substantivos tomam **significados diferentes** quando **no singular ou plural:** bem (virtude) / bens (propriedades), costa (litoral) / costas (dorso), liberdade (livre de escolha) / liberdades (regalias, intimidades), vencimento (fim de prazo) / vencimentos (salário).

3.3.1.3.4. Formação do plural dos substantivos compostos

Compostos **sem hífen** variam **como os substantivos simples:** aguardente — aguardentes; girassol — girassóis; vaivém — vaivéns.

Quanto aos compostos **com hífen, observa-se a classe gramatical de cada um** dos termos formadores do composto; se ela for variável, vai para o plural; caso contrário, continuará da mesma forma.

Vão para o **plural: substantivos, adjetivos, pronomes** e **numerais**.

Ficam **invariáveis: verbos, advérbios, interjeições** e **prefixos**.

Veja como flexioná-los:
abelha-mestra > abelhas-mestras = abelha (subst.) / mestra (subst.)

amor-perfeito > amores-perfeitos = amor (subst.) / perfeito (adj.)
padre-nosso > padres-nossos = padre (subst.) / nosso (pron.)
quinta-feira > quintas-feiras = quinta (num.) / feira (subst.)
guarda-roupa > guarda-roupas = guarda (verbo) / roupa (subst.)
sempre-viva > sempre-vivas = sempre (adv.) / viva (adj.)
ave-maria > ave-marias = ave (interj.) / Maria (subst.)
vice-presidente > vice-presidentes = vice (pref.) / presidente (subst.)

3.3.1.3.5. Particularidades do número dos substantivos compostos

Varia apenas o primeiro elemento quando:

a) ligados por preposição: pés de moleque, mulas sem cabeça.

b) compostos formados por *substantivo + adjetivo* em que o segundo determina o primeiro: navios-escola, mangas-rosa.

Varia apenas o segundo elemento quando formados por palavras repetidas: quero-queros, corre-corres, tico-ticos, ruge-ruges.

Curiosidade: Se as palavras repetidas forem verbos, ambas podem variar: corres-corres, ruges-ruges.

Substantivos compostos formados com adjetivos reduzidos:

a) adjetivos reduzidos **como prefixos** são **invariáveis:** bel-prazeres, grão-duques.

b) adjetivos reduzidos **como sufixos** são variáveis: altares-mores, capitães-mores.

Caso especiais: os arco-íris / os terras-nova.

3.3.1.4. Flexão de grau

O grau dos substantivos exprime uma "**variação**" no **tamanho** do ser, podendo também dar-lhe um **sentido desprezível** ou **afetivo:** bocarra, velhota, gatão, velhinha. Temos os graus:

3.3.1.4.1. Normal

Boca, velha, gato, pedra, corpo.

3.3.1.4.2. Aumentativo

Boca grande ou bocarra, gato enorme ou gatão.

3.3.1.4.3. Diminutivo

Boca pequena ou boquinha, pedra minúscula ou pedrinha.

Há dois processos para se obter os graus aumentativo e diminutivo:

- *Analítico:* juntando à forma normal um adjetivo que indique aumento ou diminuição: obra gigantesca, obra mínima, menino grande, menino pequeno.
- *Sintético:* anexando à forma normal sufixos denotadores de aumento ou redução: bocarra (aumentativo sintético); pedregulho (aumentativo sintético); estatueta (diminutivo

sintético); pedrisco (diminutivo sintético).

São muitos os **sufixos** indicadores **de grau:**

aumentativo:

-*aça:* barca — barcaça
-*ão:* cachorro — cachorrão
-*arra:* boca — bocarra
-*az:* prato — pratarraz
-*ázio:* copo — copázio
-*ona:* mulher — mulherona
-*uça:* dente — dentuça

diminutivo:

-*acho:* rio — riacho
-*ebre:* casa — casebre
-*ejo:* lugar — lugarejo
-*eta:* sala — saleta
-*inho:* livro — livrinho
-*isco:* chuva — chuvisco
-*ulo:* globo — glóbulo

3.3.2. Adjetivo

Toda palavra que **caracteriza o substantivo**, indicando-lhe **um estado**, **aspecto** ou **modo de ser**, recebe o nome de *adjetivo*.

3.3.2.1. Classificação dos adjetivos

Quanto à flexão, o adjetivo pode ser:

3.3.2.1.1. Uniforme

Possui uma **única forma para os dois gêneros:** feliz, alegre.

3.3.2.1.2. Biforme

Possui **formas distintas para cada gênero:** bom / boa; mau / má; bonito / bonita.

Quanto à formação, o adjetivo pode ser:

3.3.2.1.3. Simples

Constituído de **um único radical:** vermelho, social, claro, escuro, financeiro.

3.3.2.1.4. Composto

Constituído de **dois ou mais radicais:** vermelho-claro; sociofinanceiro; verde-escuro.

3.3.2.2. Adjetivo pátrio

É aquele que se refere a **continentes, países, cidades, regiões:** europeu, inglês,

londrino, calabrês.

Curiosidade: Exemplos para estados e cidades brasileiros:
Acre: acreano, acriano
Alagoas: alagoano
Amapá: amapaense
Aracaju: aracajuano, aracajuense
Amazonas: amazonense
Belém: belenense
Belo Horizonte: belo-horizontino
Boa Vista: boa-vistense
Brasília: brasiliense
Cabo Frio: cabo-friense
Campinas: campineiro
Campinas do Sul (RS); Campina Grande (PA); Campinas do Piauí (PI): campinense
Curitiba: curitibano
Espírito Santo: espírito-santense ou capixaba
Fernando de Noronha: noronhense
Florianópolis: florianopolitano
Fortaleza: fortalezense
Goiânia: goianiense
João Pessoa: pessoense
Macapá: macapaense
Maceió: maceioense
Manaus: manauense, manauara
Maranhão: maranhense
Marajó: marajoara
Mato Grosso: mato-grossense
Mato Grosso do Sul: mato-grossense-do-sul
Natal: natalense ou papa-jerimum
Pará: paraense
Porto Alegre: porto-alegrense
Porto Velho: porto-velhense
Ribeirão Preto: ribeirão-pretense, ribeirão-pretano, ribeiro-pretano, ribeiropretano
Rio de Janeiro (estado): fluminense
Rio de Janeiro (cidade): carioca
Rio Branco: rio-branquense
Rio Grande do Norte: rio-grandense-do-norte, norte-rio-grandense, potiguar
Rio Grande do Sul: rio-grandense-do-sul, sul-rio-grandense, gaúcho

Rondônia: rondoniano, rondoniense
Roraima: roraimense
Salvador: salvadorense ou soteropolitano

3.3.2.3. Locução adjetiva

É a expressão formada de **preposição mais substantivo ou advérbio**, com valor de adjetivo.

dia *de chuva* — dia chuvoso
atitudes *de anjo* — atitudes angelicais
luz *do sol* — luz solar
estrela *da tarde* — estrela vespertina
ar *do campo* — ar campestre

Curiosidade: Algumas locuções adjetivas:

de abdômen — abdominal

de abelha — apícula

de açúcar — sacarino

de águia — aquilino

da alma — anímico

de aluno — discente

de arcebispo — arquiepiscopal

de baço — esplênico

de bispo — episcopal

de boca — bucal, oral

de bronze — brônzeo, êneo

de cabeça — cefálico

de cabelo — capilar

de cabra — caprino

de campo — rural, campesino

de cavalo — equino, hípico

de chumbo — plúmbeo

de chuva — pluvial

de cidade — citadino, urbano

de cinza — cinéreo

de cobra — viperino, ofídico
de cobre — cúprico
de coração — cardíaco, cordial
de criança — pueril, infantil
de dedo — digital
de dinheiro — pecuniário
de esposos — esponsal
de estômago — estomacal, gástrico
de estrela — estelar
de fábrica — fabril
de farinha — farináceo
de fígado — hepático
de fogo — ígneo
de garganta — gutural
de gato — felino
de gelo — glacial
de guerra — bélico
de idade — etário
de ilha — insular
de inverno — hibernal
de irmão — fraternal
de lago — lacustre
de leão — leonino
de lebre — leporino
de leite — lácteo
de lobo — lupino
de mãe — maternal, materno
de marfim — ebúrneo, ebóreo
de memória — mnemônico
de mestre — magistral

de moeda — monetário, numismático
de monge — monacal, monástico
de morte — mortífero, letal
de nádegas — glúteo
de nariz — nasal
de neve — níveo
de norte — setentrional, boreal
de núcleo — nucleico
de olho — ocular, ótico, oftálmico
de orelha — auricular
de ouro — áureo
de outono — outonal
de ouvido — ótico
de ovelha — ovino
de paixão — passional
de pântano — palustre
de pedra — pétreo
de peixe — písceo
de pele — epidérmico, cutâneo
de pescoço — cervical
de porco — suíno
de prata — argênteo
de predador — predatório
de professor — docente
de prosa — prosaico
de proteína — proteico
de pus — purulento
dos quadris — ciático
de rato — murino
de rim — renal

de rio — fluvial

de rocha — rupestre

de selo — filatélico

de selva — silvestre

de sonho — onírico

de sul — meridional, austral

da terra — telúrico

de terremoto — sísmico

de touro — taurino

de umbigo — umbilical

de velho — senil

de vento — eólio, eólico

de verão — estival

de vidro — vítreo

de vontade — volitivo

3.3.2.4. Flexão de gênero

3.3.2.4.1. Adjetivos simples

Sua flexão de gênero é **igual à dos substantivos simples**.
homem bom / mulher boa
rapaz trabalhador / moça trabalhadeira

3.3.2.4.2. Adjetivos compostos

Varia apenas o último elemento.
hospital médico-cirúrgico / clínica médico-cirúrgica
sapato amarelo-claro / blusa amarelo-clara
homem luso-brasileiro / mulher luso-brasileira

Curiosidade: Surdo-mudo é o único adjetivo composto da Língua Portuguesa em que ambos os elementos variam, tanto em gênero quanto em número: surdo-mudo, surda-muda, surdos-mudos, surdas-mudas.

3.3.2.5. Flexão de número

3.3.2.5.1. Adjetivos simples

Sua flexão de número é **igual à dos substantivos simples**.

homem bom / homens bons
rapaz trabalhador / rapazes trabalhadores

Curiosidade: Qualquer substantivo usado como adjetivo fica invariável:

homem monstro / homens monstro

mulher monstro / mulheres monstro

vestidos laranja

ternos cinza

camisas abacate

carros residência

3.3.2.5.2. Adjetivos compostos

Varia **apenas o último elemento**.
hospital médico-cirúrgico / hospitais médico-cirúrgicos
blusa amarelo-clara / blusas amarelo-claras
posição sócio-político-econômica / posições sócio-político-econômicas

Curiosidade: Se o último elemento do composto for um substantivo, fica invariável.
blusa verde-garrafa / blusas verde-garrafa
tecido amarelo-ouro / tecidos amarelo-ouro
sapato marrom-café / sapatos marrom-café

São invariáveis: azul-marinho / azul-celeste / cor de ...

3.3.2.6. Flexão de grau

São dois os graus de adjetivo:

- *Comparativo*, compara **dois seres diferentes**.
- *Superlativo*, compara qualidades de **um único ser**.

3.3.2.6.1. Grau comparativo

3.3.2.6.1.1. De igualdade

A qualidade aparece na **mesma intensidade** para ambos os seres que se comparam: João é tão alto quanto José.

3.3.2.6.1.2. De superioridade

A qualidade aparece **mais intensificada no primeiro elemento** de comparação: João é mais alto que (ou do que) José.

3.3.2.6.1.3. De inferioridade

A qualidade aparece **menos intensificada no primeiro elemento** de comparação: João

é menos alto que (ou do que) José.

Curiosidade: Veja o grau comparativo de superioridade com os adjetivos:
bom
mau / ruim
grande
pequeno
Temos duas formas para usá-los:
a) *analítica:* mais bom, mais mau, mais grande, mais pequeno
b) *sintética:* melhor, pior, maior, menor
Comparativo de superioridade analítico: usado quando se comparam duas qualidades de um único ser.
Minha casa é mais grande que confortável.
João é mais bom que ruim.
Comparativo de superioridade sintético: usado quando se compara uma qualidade entre dois seres diferentes:
Minha casa é maior que a sua.
João é melhor que José.
Atenção: A forma "mais pequeno" é sempre correta! Você pode usá-la sempre:
Meu carro é mais pequeno que grande.
Meu carro é mais pequeno que o seu.
A casa do Pedro é mais pequena que grande.
A casa do Pedro é mais pequena que a casa do José.

3.3.2.6.2. Grau superlativo

3.3.2.6.2.1. Relativo

Qualidade de **um ser em relação a um conjunto** de seres.

- *De superioridade:* João é o mais alto da turma.
- *De inferioridade:* João é o menos alto da turma.

3.3.2.6.2.2. Absoluto

Qualidade de **um único ser, absolutamente**.
a) *Analítico:* quando a alteração do grau é feita **por meio de alguma palavra que modifique o adjetivo:**
João é muito alto.
Minha casa é bastante confortável.
b) *Sintético:* **quando acrescentamos sufixos** para marcar o grau:
João é altíssimo.
Minha casa é confortabilíssima.

O superlativo absoluto sintético é formado pelo acréscimo dos sufixos: **-íssimo; -imo; -rimo**.

Na **língua coloquial**, usamos sempre **-íssimo:** belíssimo, amiguíssimo, agudíssimo.Na **língua culta**, devemos acrescentar os sufixos **-íssimo, -rimo** ou **-imo** às formas eruditas dos adjetivos:

amicus + íssimo = amicíssimo
pauper + rimo = paupérrimo
humili + imo = humílimo

Alguns superlativos absolutos eruditos:

amargo: amaríssimo
célebre: celebérrimo
cruel: crudelíssimo
doce: dulcíssimo
frágil: fragílimo
frio: frigidíssimo
geral: generalíssimo
humilde: humílimo
incrível: incredibilíssimo
livre: libérrimo
magro: macérrimo ou magérrimo
negro: nigérrimo
nobre: nobilíssimo
pio: pientíssimo
preguiçoso: pigérrimo
sábio: sapientíssimo
soberbo: superbíssimo
tétrico: tetérrimo
velho: vetérrimo
veloz: velocíssimo
visível: visibilíssimo
voraz: voracíssimo

3.3.3. Artigo

É a palavra variável em gênero e número que **define ou indefine o substantivo**.

3.3.3.1. Artigos definidos (o, a, os, as)

O jornal comentou a notícia.

3.3.3.2. Artigos indefinidos (um, uma, uns, umas)

Um jornal comentou uma notícia.

3.3.3.3. Particularidades do artigo

a) **Substantivar** qualquer palavra:

O "não" é uma palavra que expressa negação. — "não" vira substantivo.

Quem ama o feio, bonito lhe parece. — "feio" vira substantivo.

b) **Evidenciar** o **gênero** e o **número** dos substantivos:

O dó (masculino)

A coleta (feminino)

O lápis (singular)

Os lápis (plural)

c) **Revelar quantidade aproximada** quando usado o indefinido diante de numerais:

Uns dez quilos

Umas trezentas pessoas

d) **Combinar-se com preposições:**

No = em + o

Das = de + as

À = a + a

Numa = em + uma

3.3.4. Numeral

É a palavra que dá ideia de **quantidade** (um, dois, três...), **sequência** (primeiro, segundo, terceiro...), **multiplicação** (dobro, triplo...) e **divisão** (metade, um terço, três quartos...).

ALGARISMOS	CARDINAIS	ORDINAIS	MULTIPLICATIVOS	FRACIONÁRIOS	COLETIVOS
1	um	primeiro			
2	dois	segundo	duplo, dobro	meio, metade	duo, dueto
3	três	terceiro	triplo, tríplice	terço	trio
4	quatro	quarto	quádruplo	quarto	quarteto
5	cinco	quinto	quíntuplo	quinto	quinteto
6	seis	sexto	sêxtuplo	sexto	sexteto
7	sete	sétimo	séptuplo	sétimo	
8	oito	oitavo	óctuplo	oitavo	
9	nove	nono	nónuplo	nono	novena
10	dez	décimo	décuplo	décimo	dezena, década
11	onze	undécimo, décimo primeiro	undécuplo	undécimo, onze avos	
12	doze	duodécimo, décimo segundo	duodécuplo	duodécimo, doze avos	dúzia
13	treze	décimo terceiro		treze avos etc.	
14	catorze, quatorze	décimo quarto			
15	quinze	décimo quinto			
16	dezesseis	décimo sexto			
17	dezessete	décimo sétimo			
18	dezoito	décimo oitavo			
19	dezenove	décimo nono			
20	vinte	vigésimo		vinte avos	
21	vinte e um	vigésimo primeiro		vinte e um avos	
30	trinta	trigésimo		trinta avos	
40	quarenta	quadragésimo			
50	cinquenta	quinquagésimo			
60	sessenta	sexagésimo			
70	setenta	septuagésimo			
80	oitenta	octogésimo			
90	noventa	nonagésimo			
100	cem	centésimo	cêntuplo	cem avos	centena, cento
200	duzentos	ducentésimo		duzentos avos	
300	trezentos	tricentésimo		trezentos avos	
400	quatrocentos	quadrigentésimo			
500	quinhentos	quingentésimo			
600	seiscentos	seiscentésimo			
700	setecentos	septingentésimo			
800	oitocentos	octingentésimo			
900	novecentos	nongentésimo			
1.000	mil	milésimo		mil avos	milhar
10.000	dez mil	dez milésimos		dez mil avos	
100.000	cem mil	cem milésimos		cem mil avos	
1.000.000	um milhão	milionésimo		milionésimo	
1.000.000.000	um bilhão	bilhonésimo		bilhonésimo	
1.000.000.000.000	um trilhão	trilhonésimo		trilhonésimo	

3.3.4.1. Flexão dos numerais

Alguns numerais são variáveis em gênero e número, outros apenas em gênero ou apenas em número.

a) **gênero e número:** primeiro, primeira / primeiros, primeiras;

b) **apenas gênero:** um / uma, dois / duas, trezentos / trezentas, ambos / ambas;

c) **apenas número:** um terço / dois terços, um quinto / cinco quintos.

3.3.4.2. Emprego dos numerais

a) na indicação de **soberanos, papas, séculos e partes de obras**, usa-se o ordinal até dez e, daí em diante, o cardinal; no **texto legislativo**, usa-se o ordinal até nove e, daí em diante, o cardinal:

Henrique VIII (oitavo) Século X (décimo) Artigo 9º (nono)
João XXIII (vinte e três) Século XI (onze) § 10 (parágrafo dez)

Curiosidade: Se o numeral vier anteposto ao substantivo, usamos o ordinal:
XX Salão do Automóvel = Vigésimo Salão do Automóvel
Se o numeral vier posposto ao substantivo, usamos o cardinal:
casa 2 = casa dois
página 23 = página vinte e três

b) na indicação do **primeiro dia do mês**, usamos o numeral **ordinal**; para os **outros dias**, o numeral **cardinal:**

primeiro de abril três de abril treze de julho
dois de abril primeiro de julho trinta e um de julho

3.3.4.3. Leitura dos numerais

a) **numeral cardinal:** coloca-se a conjunção "e" entre as centenas e dezenas e também entre a dezena e a unidade:

6.069.523 = seis milhões sessenta e nove mil quinhentos e vinte e três

b) **numeral ordinal**

- **inferior a 2.000º**, lê-se normalmente como ordinal:

1.856º = milésimo octingentésimo quinquagésimo sexto

- **superior a 2.000º**, lê-se o primeiro como cardinal e os outros como ordinais:

2.056º = dois milésimos quinquagésimo sexto
5.232º = cinco milésimos ducentésimo trigésimo segundo

Curiosidade: Se for **número redondo:**
2.000º = segundo milésimo
5.000º = quinto milésimo
10.000º = décimo milésimo

3.3.5. Pronome

Classe de palavras que **acompanha ou substitui o substantivo** e que dá indicações sobre aquilo que este expressa, limitando ou concretizando o seu significado. Concorda em gênero e número com o substantivo a que se refere.

Meu pai chegou. — *meu:* **pronome adjetivo**, pois acompanha um substantivo.
Ele chegou. — *ele:* **pronome substantivo**, pois substitui um substantivo.

3.3.5.1. Pronomes pessoais

Classe de palavras que **representa** no discurso **as três pessoas gramaticais**, indicando, por isso, *quem fala, com quem se fala* e *de quem se fala*.

NÚMERO	PESSOA	CASO RETO	CASO OBLÍQUO	
			ÁTONO	TÔNICO
Singular	1ª pessoa	eu	me	mim, comigo
	2ª pessoa	tu	te	ti, contigo
	3ª pessoa	ele(a)	se, o, a, lhe	si, consigo *preposição* + ele(a)
Plural	1ª pessoa	nós	nos	conosco, *preposição* + nós
	2ª pessoa	vós	vos	convosco, *preposição* + vós
	3ª pessoa	eles(as)	se, os, as, lhes	si, consigo, *preposição* + eles(as)

3.3.5.1.1. Caso reto

São do **caso reto** os pronomes que nas orações **desempenham a função de sujeito** ou **predicativo do sujeito**.

3.3.5.1.2. Caso oblíquo

São do **caso oblíquo** os pronomes que nas orações desempenham funções de **complemento verbal** ou **complemento nominal**. As formas dos pronomes pessoais do caso oblíquo variam de acordo com a tonicidade com que são pronunciados, dividindo-se em átonos e tônicos.

Curiosidade: Os pronomes oblíquos átonos só podem aparecer ao lado do verbo (próclise, mesóclise ou ênclise):
Jamais me abandonará.
Abandonar-me-á?
Abandonou-me.
Os pronomes oblíquos tônicos podem aparecer em qualquer lugar da frase:
Para mim estudar Português é fácil.
Estudar Português para mim é fácil.
Estudar Português é para mim fácil.
Estudar Português é fácil para mim.

3.3.5.1.3. Pronomes de tratamento

São usados no **trato formal**, quando não deve haver intimidade.

Os pronomes de tratamento apresentam certas **peculiaridades quanto à concordância** verbal, nominal e pronominal. **Embora se refiram à** segunda pessoa gramatical (à pessoa com quem se fala, ou a quem se dirige a comunicação), **levam a concordância para a** terceira pessoa.

Curiosidade: O verbo concorda com o substantivo que integra a locução como seu

núcleo sintático: Vossa *Senhoria nomeará* o substituto.

Vossa *Excelência conhece* o assunto.

Da mesma forma, os pronomes possessivos referidos a pronomes de tratamento são sempre os da terceira pessoa:

Vossa *Senhoria* nomeará *seu* substituto.

Vossa *Excelência* levará *consigo* o documento.

Quanto aos adjetivos referidos a esses pronomes, o gênero gramatical deve coincidir com o sexo da pessoa a que se refere, e não com o substantivo que compõe a locução. Assim, nosso interlocutor,

a) se for homem, o correto é "*Vossa Excelência está atarefado*", "*Vossa Senhoria deve estar satisfeito*".

b) se for mulher, o correto é "*Vossa Excelência está atarefada*", "*Vossa Senhoria deve estar satisfeita*".

3.3.5.1.3.1. Emprego dos pronomes de tratamento

a) *Vossa Excelência (V.Ex a),* para as seguintes autoridades: Presidente da República; Vice-Presidente da República; Ministros de Estado; Governadores (e Vice) de Estado e do Distrito Federal; Oficiais-Generais das Forças Armadas; Embaixadores; Secretários-Executivos de Ministérios e demais ocupantes de cargos de natureza especial; Secretários de Estado dos Governos Estaduais; Prefeitos Municipais; Deputados Federais e Senadores; Ministro do Tribunal de Contas da União; Deputados Estaduais e Distritais; Conselheiros dos Tribunais de Contas Estaduais; Presidentes das Câmaras Legislativas Municipais; Ministros dos Tribunais Superiores; Membros de Tribunais; Juízes; Auditores da Justiça Militar.

b) *Vossa Senhoria (V.Sa)* é empregado para as demais autoridades e para particulares.

c) *Vossa Magnificência (V.Mag a)* é empregado, por força da tradição, em comunicações dirigidas a reitores de universidade.

d) *Vossa Santidade (V.S.)*, em comunicações dirigidas ao Papa.

e) *Vossa Eminência (V.Em a)* ou *Vossa Eminência Reverendíssima (V.Em aRevma)*, em comunicações aos Cardeais.

f) *Vossa Excelência Reverendíssima (V.ExaRevma)* é usado em comunicações dirigidas a Arcebispos e Bispos.

g) *Vossa Reverendíssima (V.Rev ma)* ou *Vossa Senhoria Reverendíssima (V.S aRevma)* para Monsenhores, Cônegos e superiores religiosos.

h) *Vossa Reverência (V.Reva)* é empregado para sacerdotes, clérigos e demais religiosos.

i) *Vossa Alteza (V.A.)* é empregado para arqueduques, duques e príncipes.

j) *Vossa Majestade (V.M.)* é empregado para reis e imperadores.

Curiosidade: As formas dadas até agora são usadas para falar diretamente com a

pessoa.

Quando queremos falar delas (e não com elas), trocamos VOSSA por SUA:

Sua Excelência (S.Exª)

Sua Senhoria (S.Sª)

3.3.5.2. Pronomes demonstrativos

Classe de palavras que, substituindo ou acompanhando os nomes, **indica a posição** dos seres e das coisas **no espaço** e **no tempo** em relação às pessoas gramaticais.

	VARIÁVEIS	INVARIÁVEIS
1ª pessoa	este(s), esta(s)	isto
2ª pessoa	esse(s), essa(s)	isso
3ª pessoa	aquele(s), aquela(s)	aquilo

Também aparecem como pronomes demonstrativos:

a) *mesmo(s), mesma(s):* Estas são as mesmas roupas que eu usei ontem.

b) *próprio(s), própria(s):* Os próprios meninos fizeram o brinquedo.

c) *semelhante(s):* Não diga semelhante coisa!

d) *tal/tais:* Ele não pode viver com tal preocupação.

e) *o(s), a(s):* quando equivalem a isto, aquilo, aquele(s), aquela(s): São muitos os que faltaram à aula hoje. Eu quero a da direita.

3.3.5.3. Pronomes relativos

Classe de palavras que **estabelece uma relação entre uma palavra antecedente** que representa **e aquilo que a seu respeito se vai dizer** na oração que introduz, ou que estabelece uma relação entre um nome que determina e um antecedente.

VARIÁVEIS	INVARIÁVEIS
o qual, a qual, os quais, as quais cujo, cuja, cujos, cujas quanto, quanta, quantos, quantas	que quem onde

a) *Qual* — vem sempre **precedido de artigo:** o qual, a qual, os quais, as quais.

b) *Cujo* — expressa **posse** e **concorda sempre em gênero e número com o substantivo que o sucede:**

Esta senhora, *cujo* nome desconheço, tem uma reclamação a fazer.

Este é o rio Douro *cujas* águas banham a cidade do Porto.

c) *Quanto* — tem por **antecedentes** os **pronomes indefinidos** todo(a, os, as) e tanto(a, os, as), embora estes estejam omitidos (subentendidos):

Emprestei-te quanto dinheiro tinha (antecedente subentendido: tanto).

d) *Quem* — refere-se a pessoas e, funcionando como complemento, vem **sempre precedido de preposição:**

Atanagildetina é a mulher a quem eu amo.

e) *Onde* — refere-se sempre a uma **localidade:**

Esta é a casa onde nasci.

3.3.5.4. Pronomes interrogativos

Classe de palavras que, substituindo ou acompanhando os nomes, é empregada para formular uma **pergunta direta ou indireta**.

VARIÁVEIS	INVARIÁVEIS
quanto, quanta, quantos, quantas qual, quais	que quem onde

a) *Quanto* — pode referir-se a pessoas ou a coisas. Enquanto interrogativo, usa-se em concordância com o substantivo:

Quantos irmãos tens?

Quero saber quantos irmãos você tem.

b) *Qual* — pode referir-se a pessoas ou a coisas. Usa-se geralmente como determinante, embora nem sempre junto ao substantivo:

Qual foi o filme que viste ontem?

Gostaria de saber qual foi o filme que viste ontem.

c) *Que* — é determinante quando é equivalente a "que espécie de", podendo referir-se a pessoas ou a coisas:

Que livro você está lendo?

Quero saber que livro você está lendo.

Mas que mulher é esta?

Gostaria de saber que mulher é esta.

3.3.5.5. Pronomes indefinidos

Classe de palavras que designa ou determina a 3ª pessoa gramatical (seres ou coisas) de **modo vago e impreciso**.

VARIÁVEIS	INVARIÁVEIS
algum, alguns, alguma, algumas bastante, bastantes certo, certos, certa, certas diverso, diversos, diversa, diversas muito, muitos, muita, muitas nenhum, nenhuns, nenhuma, nenhumas outro, outros, outra, outras pouco, poucos, pouca, poucas qual, quais qualquer, quaisquer tanto, tantos, tanta, tantas todo, todos, toda, todas um, uns, uma, umas vário, vários, vária, várias	algo alguém cada demais mais menos outrem nada tudo

3.3.5.6. Pronomes possessivos

Classe de palavras que **exprime a posse** em relação às três pessoas gramaticais.

singular	1ª pessoa	meu, meus, minha, minhas
	2ª pessoa	teu, teus, tua, tuas
	3ª pessoa	seu, seus, sua, suas dele, deles, dela, delas
plural	1ª pessoa	nosso, nossos, nossa, nossas
	2ª pessoa	vosso, vossos, vossa, vossas
	3ª pessoa	seu, seus, sua, suas dele, deles, dela, delas

3.4. CLASSE VERBAL

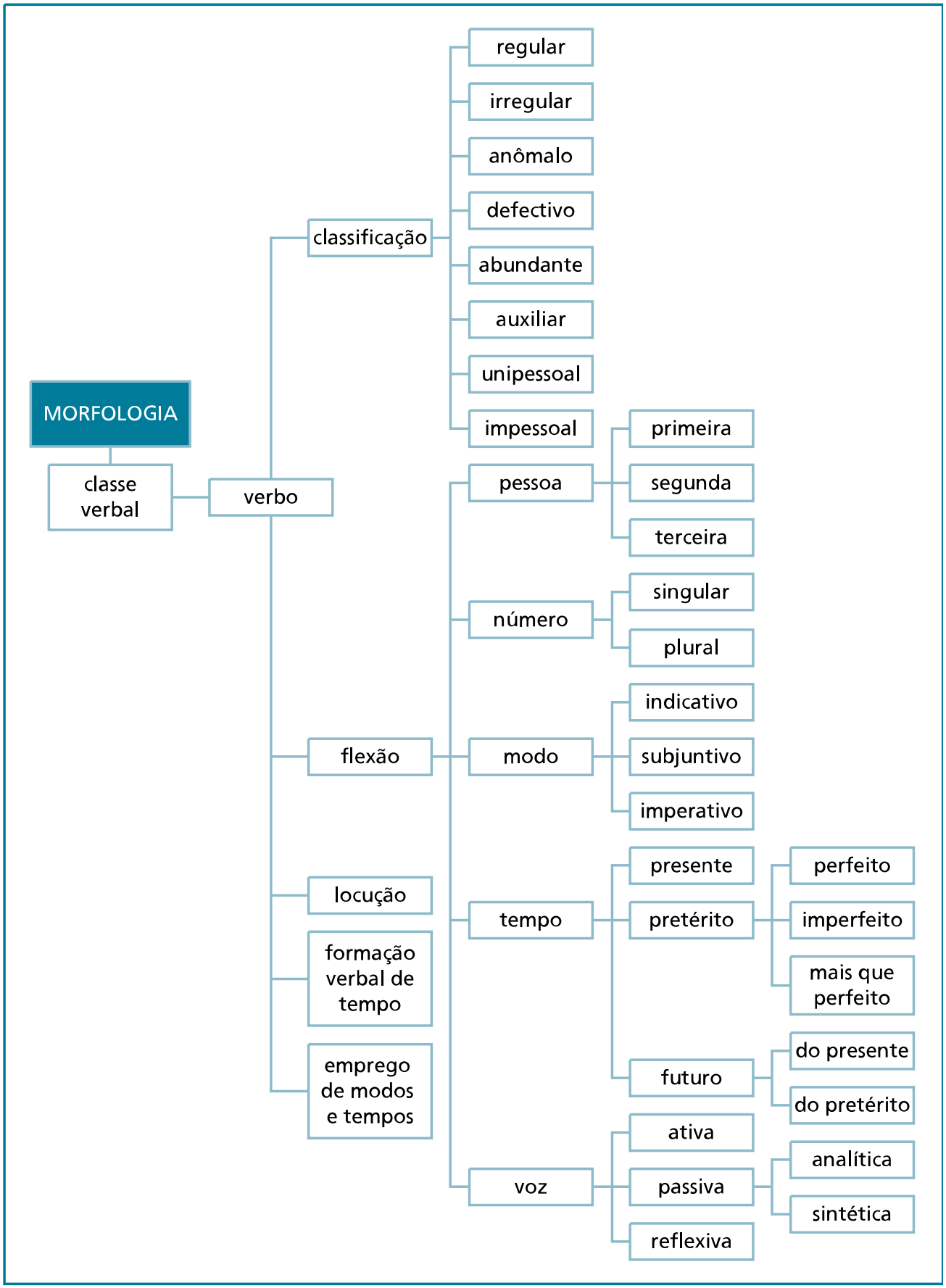

Verbo é a classe de palavra que designa um **estado**, uma **ação** ou um **fenômeno natural**.

Ana **é** feliz. (estado)

Ana **comeu** mamão. (ação)

Neva todo inverno no país de Ana. (fenômeno natural)

A **conjugação** verbal é feita **por meio das desinências**.

Exemplo: Na forma verbal *viéssemos*, temos a 1a pessoa do plural do pretérito imperfeito do subjuntivo, pois:

- **-sse** é desinência modo-temporal (pretérito imperfeito do subjuntivo)
- **-mos** é desinência número-pessoal (1a pessoa do plural)

As *desinências número-pessoais* são **fixas para todos os verbos, em qualquer modo ou tempo**. Elas informam se um verbo está na 1ª, 2ª ou 3ª pessoa e se o verbo está no singular ou no plural.

São elas:

PESSOAS		DESINÊNCIAS
1ª pessoa do singular	eu	Ø
2ª pessoa do singular	tu	S
3ª pessoa do singular	ele	Ø
1ª pessoa do plural	nós	MOS
2ª pessoa do plural	vós	IS
3ª pessoa do plural	eles	M

Curiosidade: O símbolo **Ø** informa que para essas pessoas não existe desinência, portanto nada acrescentaremos à forma verbal.

3.4.1. Classificação dos verbos

3.4.1.1. Regulares

São os que **seguem o modelo** de sua conjugação.

Para saber se um verbo é **regular**, basta conjugá-lo no **presente do indicativo** e no **pretérito perfeito do indicativo**. Se não houver mudanças no radical ou nas desinências nesses dois tempos, não haverá em nenhum outro.

PRESENTE DO INDICATIVO		PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO	
radical	desinências	radical	desinências
ESTUD	O	ESTUD	EI
ESTUD	AS	ESTUD	ASTE
ESTUD	A	ESTUD	OU
ESTUD	AMOS	ESTUD	AMOS
ESTUD	AIS	ESTUD	ASTES
ESTUD	AM	ESTUD	ARAM

Curiosidade: *Formas rizotônicas e arrizotônicas:*

a) Formas **rizotônicas** são aquelas que apresentam o **acento tônico** no **radical** do verbo. 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular (eu, tu, ele) e 3ª pessoa do plural (eles) são formas rizotônicas: **Am**o, **am**as, **am**a, **am**am.

b) Formas **arrizotônicas** são aquelas que apresentam o **acento tônico** na **desinência**.

1ª e 2ª pessoas do plural (nós e vós) são formas arrizotônicas: Am**amos**, am**ais**.

3.4.1.2. Irregulares

São aqueles cujo **radical e/ou terminações se alteram**, não seguindo o modelo de sua conjugação. Vejamos os verbos a seguir:

PRESENTE DO INDICATIVO		PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO	
radical	desinências	radical	desinências
D	OU	D	EI
D	ÁS	D	ESTE
D	Á	D	EU
D	AMOS	D	EMOS
D	AIS	D	ESTES
D	ÃO	D	ERAM

Houve alteração nas desinências, na conjugação do verbo "dar".

A irregularidade pode também ocorrer no **radical**, como no caso do verbo "ouvir", na 1a pessoa do presente do indicativo — eu **ouç**o:

PRESENTE DO INDICATIVO		PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO	
radical	desinências	radical	desinências
OUÇ	O	OUV	I
OUV	ES	OUV	ISTE
OUV	E	OUV	IU
OUV	IMOS	OUV	IMOS
OUV	IS	OUV	ISTES
OUV	EM	OUV	IRAM

3.4.1.3. Anômalos

São aqueles que **sofrem profundas modificações:**

ser: sou, fui, era...

ir: vou, fui, irei...

3.4.1.4. Defectivos

São aqueles que **não se conjugam em todas as formas:** é o caso dos verbos "abolir" e "reaver".

PRESENTE DO INDICATIVO			
eu	Ø	eu	Ø
tu	aboles	tu	Ø
ele	abole	ele	Ø
nós	abolimos	nós	reavemos
vós	abolis	vós	reaveis
eles	abolem	eles	Ø

3.4.1.5. Abundantes

São aqueles que apresentam **mais de uma forma com o mesmo valor**.

haver: vós **haveis** ou heis

construir: tu construis ou constrói

A abundância acontece, principalmente, no particípio.

O particípio regular é terminado em -do, o particípio irregular não possui forma fixa de terminação:

aceitar: aceitado / aceito
concluir: concluído / concluso
imprimir: imprimido / impresso
vagar: vagado / vago

Curiosidade: Lista de alguns verbos e seus duplos particípios (regular + irregular):

acender: acendido / aceso

afligir: afligido / aflito

agradecer: agradecido / grato

assentar: assentado / assente

atender: atendido / atento

benzer: benzido / bento

cativar: cativado / cativo

cegar: cegado / cego

cobrir: cobrido / coberto

completar: completado / completo

confundir: confundido / confuso

convencer: convencido / convicto

corromper: corrompido / corrupto

defender: defendido / defeso

descalçar: descalçado / descalço

dispersar: dispersado / disperso

dissolver: dissolvido / dissoluto

eleger: elegido / eleito

empregar: empregado / empregue

encarregar: encarregado / encarregue

entregar: entregado / entregue

envolver: envolvido / envolto

enxugar: enxugado / enxuto

erigir: erigido / ereto
expressar: expressado / expresso
expulsar: expulsado / expulso
extinguir: extinguido / extinto
fartar: fartado / farto
findar: findado / findo
fixar: fixado / fixo
frigir: frigido / frito
ganhar: ganhado / ganho
imergir: imergido / imerso
incluir: incluído / incluso
inserir: inserido / inserto
isentar: isentado / isento
juntar: juntado / junto
libertar: libertado / liberto
limpar: limpado / limpo
matar: matado / morto
morrer: morrido / morto
omitir: omitido / omisso
pagar: pagado / pago
prender: prendido / preso
repelir: repelido / repulso
revolver: revolvido / revolto
romper: rompido / roto
salvar: salvado / salvo
secar: secado / seco
situar: situado / sito
soltar: soltado / solto
submergir: submergido / submerso
sujeitar: sujeitado / sujeito

surpreender: surpreendido / surpreso

surgir: surgido / surto

suspeitar: suspeitado / suspeito

suspender: suspendido / suspenso

tingir: tingido / tinto

torcer: torcido / torto

3.4.1.6. Auxiliares

São aqueles que, **desprovidos de sentido próprio** (parcial ou totalmente), **juntam-se a outros verbos**, formando o que chamamos de *locução verbal*.

Os verbos auxiliares mais frequentes são: ser, estar, ter, haver, andar, deixar, tornar, poder, ir, começar, dever, acabar, querer, precisar e pretender.

3.4.1.6.1. Locução verbal

É a **união** de um **verbo auxiliar** com um **verbo em forma nominal** (infinitivo, gerúndio ou particípio). A função do verbo auxiliar é expandir a significação do principal.

Preciso sair agora. — **preciso** é verbo auxiliar, **sair** é verbo principal.

Estou cantando bem? — **estou** é verbo auxiliar, **cantando** é verbo principal.

Tenho falado muito! — **tenho** é verbo auxiliar, **falado** é verbo principal.

Nas locuções verbais, o verbo **auxiliar** está **sempre conjugado**, e o verbo **principal** (aquele que dá sentido à locução) deve ficar no infinitivo **(-r)**, **gerúndio (-ndo)** ou **particípio (-do/?):**

- *infinitivo:* Eu vou falar.
- *gerúndio:* Eu estou falando.
- *particípio:* Eu tenho falado.

Curiosidades:

1. A locução formada de infinitivo pode ter preposição entre o auxiliar e o principal:

O bebê começou **a** falar hoje.

João está **para** chegar.

2. Nas locuções verbais formadas de particípio, devemos optar pelo regular ou irregular, de acordo com a seguinte regra:

a) Com auxiliares **TER** ou **HAVER**: usamos o **particípio regular (-do):**

Eu **tenho pagado** minhas contas em dia.

Ele **havia acendido** a vela.

b) Com outros auxiliares: usamos o **particípio irregular (?):**

A conta **foi paga**.

A vela **está acesa**.

3. Quando o particípio possui uma única forma, não temos por que optar:
fazer — **feito:**
Eu **tenho feito** o trabalho sozinho.
O trabalho **foi feito** por mim.
vender — **vendido:**
Eu **tenho vendido** muitas roupas.
Estas roupas já **foram vendidas**.

3.4.1.7. Unipessoais

São aqueles que aparecem **apenas na 3ª pessoa do singular ou do plural**.

a) verbos que exprimem as vozes dos animais: latir (late, latem), miar (mia, miam) etc.

b) outros verbos que expressam ideias que não se atribuem a seres humanos: soar (soava, soavam), acontecer (aconteceu, aconteceram) etc.

3.4.1.8. Pronominais

São aqueles que **se conjugam com pronomes oblíquos**.

Dividem-se em dois grupos:

- *essencialmente pronominais* — só existem com pronomes: suicidar-se, queixar-se, arrepender-se etc.
- *acidentalmente pronominais* — podem ser usados com ou sem pronomes: lembrar-se (ou lembrar), esquecer-se (ou esquecer), enganar (ou enganar-se) etc.

3.4.2. Flexão dos verbos

3.4.2.1. Pessoa

Refere-se às **pessoas do discurso:**

- *1*a *pessoa* — **quem fala** (emissor): canto, cantamos.
- *2*a *pessoa* — **quem ouve** (receptor): cantas, cantais.
- *3*a *pessoa* — **de quem se fala** (mensagem): canta, cantam.

3.4.2.2. Número

Refere-se às flexões de **singular** e **plural:**

- *Singular* — refere-se a apenas **uma pessoa**: canto, cantas, canta.
- *Plural* — refere-se a **duas ou mais pessoas**: cantamos, cantais, cantam.

3.4.2.3. Modo

Refere-se à **maneira como anunciamos** um estado, uma ação ou um fenômeno natural. São três os modos verbais:

3.4.2.3.1. Indicativo

Expressa **certeza**.

Vós cantastes bem ontem.
Eu canto para afugentar a tristeza.
Nós cantaremos juntos aquela canção.

3.4.2.3.2. Subjuntivo

Expressa **dúvida ou hipótese**.
Se nós cantássemos, o tempo passaria mais rapidamente.
Todos pedem que eu cante.
Quando vós cantardes, ficaremos felizes.

3.4.2.3.3. Imperativo

Expressa **ordem**, **pedido** ou **súplica**.
Não cante.
Por favor, cantem para nós.
Pelo amor de Deus, não cante essa música outra vez.

3.4.2.4. Tempo

Situa a ideia expressa pelo verbo dentro de **determinado momento:**

3.4.2.4.1. Pretérito

Enuncia um fato **anterior** em relação **ao momento em que se fala**. Eu cantara. Eu cantei. Eu cantava. Se eu cantasse...

3.4.2.4.2. Presente

Enuncia um fato que **ocorre no momento em que se fala**. Eu canto. Que eu cante...

3.4.2.4.3. Futuro

Enuncia um fato **posterior** em relação **ao momento em que se fala**. Eu cantarei. Quando eu cantar...

3.4.2.5. Voz

Indica se o **sujeito** está **praticando** ou **sofrendo** a ação expressa pelo verbo (ou se ambos ao mesmo tempo). São três:

3.4.2.5.1. Voz ativa

Ocorre quando o **sujeito pratica a ação** verbal, é o agente, executa a ação expressa pelo verbo.
Âni comeu a deliciosa maçã.
Eles saíram.
O macaco comeu a fruta.
Maria colheu a rosa.

3.4.2.5.2. Voz passiva

Ocorre quando o **sujeito sofre a ação** verbal, é o paciente, receptor da ação expressa pelo verbo.

A deliciosa maçã foi comida pela Âni.

Comeu-se a deliciosa maçã.

Há dois tipos de voz passiva:

3.4.2.5.2.1. Analítica

Constitui-se da **locução verbal** formada pelo verbo auxiliar + verbo principal no particípio. Os auxiliares empregados são **SER** ou **IR**.

A fruta foi comida pelo macaco.

A rosa será colhida por Maria.

O santo ia carregado pelos fiéis.

O trio iria seguido pela multidão.

Curiosidade: Na voz passiva analítica, aquele que pratica a ação é chamado *AGENTE DA PASSIVA* (no caso dos exemplos acima, temos, então, **pelo macaco, pela Maria, pelos fiéis** e **pela multidão** como agentes da passiva).

3.4.2.5.2.2. Sintética

Constitui-se do verbo principal na 3a pessoa (singular ou plural concordando com o sujeito) + **partícula apassivadora SE**.

Comeu-se a banana.

Comeram-se as bananas.

Colheu-se a rosa.

Colheram-se as rosas.

Curiosidade:

a) Neste tipo de voz passiva, não aparece o agente da passiva.

b) O **SE** também pode ser chamado de *pronome apassivador*.

3.4.2.5.3. Voz reflexiva

Ocorre quando o **sujeito**, ao mesmo tempo, **pratica e sofre a ação** verbal, é agente e paciente, executa e recebe a ação expressa pelo verbo.

Âni cortou-se com a faca.

O macaco feriu-se.

Maria cortou-se.

Eu, ontem, olhei-me no espelho.

Curiosidade: Quando o sujeito é plural, temos a voz reflexiva recíproca:

As meninas pentearam-se.

Âni e Ina cortaram-se com a faca.

3.4.3. Formação dos tempos verbais

Quanto à formação, classificamos os tempos como **primitivos** e **derivados**:

PRIMITIVOS	DERIVADOS
Presente do indicativo 1a pessoa do singular 2as pessoas (singular e plural)	— Presente do subjuntivo — Imperativo negativo — 2as pessoas (singular e plural) do imperativo afirmativo
Pretérito perfeito do indicativo 3a pessoa do plural	— Pretérito mais-que-perfeito do indicativo — Pretérito imperfeito do subjuntivo — Futuro do subjuntivo
Infinitivo impessoal	— Futuro do presente do indicativo — Futuro do pretérito do indicativo — Pretérito imperfeito do indicativo — Infinitivo pessoal

3.4.3.1. Derivação

As formas verbais **primitivas dão origem** aos tempos verbais derivados, de acordo com o item anterior.

3.4.3.1.1. Derivados da 1a pessoa do singular do presente do indicativo

1a conjugação (terminados em AR) — eu **cant o**
2a conjugação (terminados em ER) — eu **vend o**
3a conjugação (terminados em IR) — eu **part o**

3.4.3.1.1.1. Presente do subjuntivo

1a conjugação troca o **-O** por **-E**.
2a e 3a conjugações trocam o **-O** por **-A**.
Acrescentando, a seguir, as desinências número-pessoais.

cant	e Ø	vend	a Ø	part	a Ø
cant	e s	vend	a s	part	a s
cant	e Ø	vend	a Ø	part	a Ø
cant	e mos	vend	a mos	part	a mos
cant	e is	vend	a is	part	a is
cant	e m	vend	a m	part	a m

Curiosidade: O verbo pôr pertence à 2ª conjugação, pois surgiu na Língua Portuguesa como POER.
Veja a etimologia:
ponere > poere > poer > poor > pôr

3.4.3.1.1.2. Imperativo negativo

Idêntico ao presente do subjuntivo. Basta acrescentar a negação.

não	cant	e s	tu	não	vend	a s	tu	não	part	a s	tu
não	cant	e	você	não	vend	a	você	não	part	a	você
não	cant	e mos	nós	não	vend	a mos	nós	não	part	a mos	nós
não	cant	e is	vós	não	vend	a is	vós	não	part	a is	vós
não	cant	e m	vocês	não	vend	a m	vocês	não	part	a m	vocês

3.4.3.1.1.3. Imperativo afirmativo

As segundas pessoas (tu e vós) obtêm-se das segundas pessoas do presente do indicativo sem a letra "**S**".

As demais pessoas são idênticas ao presente do subjuntivo.

cant	a	tu	vend	e	tu	part	e	tu
cant	e	você	vend	a	você	part	a	você
cant	emos	nós	vend	amos	nós	part	amos	nós
cant	ai	vós	vend	ei	vós	part	i	vós
cant	em	vocês	vend	am	vocês	part	am	vocês

Curiosidade: No imperativo, não existe a 1ª pessoa do singular (eu).

3.4.3.1.2. Derivados da 3a pessoa do plural do pretérito do indicativo

1a conjugação (terminados em AR) — eles **canta ram**
2a conjugação (terminados em ER) — eles **vende ram**
3a conjugação (terminados em IR) — eles **parti ram**

3.4.3.1.2.1. Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

Tira-se a letra **M**, acrescentando-se as desinências número-pessoais.

canta ra	Ø	vende ra	Ø	parti ra	Ø
canta ra	s	vende ra	s	parti ra	s
canta ra	Ø	vende ra	Ø	parti ra	Ø
cantá ra	mos	vendê ra	mos	partí ra	mos
cantá re	is	vendê re	is	partí re	is
canta ra	m	vende ra	m	parti ra	m

Curiosidade: Nesse tempo, **todos os verbos** trocam **A** por **E** na 2ª pessoa do plural (vós) por apresentarem problema com a pronúncia.

3.4.3.1.2.2. Futuro do subjuntivo

Tiram-se as letras **AM**, acrescentando-se as desinências número-pessoais.

canta r	Ø	vende r	Ø	parti r	Ø
canta r	es	vende r	es	parti r	es
canta r	Ø	vende r	Ø	parti r	Ø
canta r	mos	vende r	mos	parti r	mos
canta r	des	vende r	des	parti r	des
canta r	em	vende r	em	parti r	em

Curiosidade: Nesse tempo, por uma questão de pronúncia, fizemos algumas adaptações às desinências número-pessoais para que elas se liguem perfeitamente aos verbos. Essas adaptações servirão **para todos os verbos** da Língua Portuguesa, nesse tempo.

3.4.3.1.2.3. Pretérito imperfeito do subjuntivo

Tiram-se as letras **RAM**, acrescentam-se a desinência modo-temporal **-SSE-** e as desinências número-pessoais.

canta	sse	Ø	vende	sse	Ø	parti	sse	Ø
canta	sse	s	vende	sse	s	parti	sse	s
canta	sse	Ø	vende	sse	Ø	parti	sse	Ø
cantá	sse	mos	vendê	sse	mos	partí	sse	mos
cantá	sse	is	vendê	sse	is	partí	sse	is
canta	sse	m	vende	sse	m	parti	sse	m

3.4.3.1.3. Derivados do infinitivo impessoal

3.4.3.1.3.1. Futuro do presente do indicativo

Acrescentam-se as desinências número-pessoais: **-ei, -ás, -á, -emos, -eis, -ão**.

cantar	ei	vender	ei	partir	ei
cantar	ás	vender	ás	partir	ás
cantar	á	vender	á	partir	á
cantar	emos	vender	emos	partir	emos
cantar	eis	vender	eis	partir	eis
cantar	ão	vender	ão	partir	ão

3.4.3.1.3.2. Futuro do pretérito do indicativo

Acrescentam-se as desinências número-pessoais: **-ia, -ias, -ia, -íamos, -íeis, -iam**.

cantar	ia	vender	ia	partir	ia
cantar	ias	vender	ias	partir	ias
cantar	ia	vender	ia	partir	ia
cantar	íamos	vender	íamos	partir	íamos
cantar	íeis	vender	íeis	partir	íeis
cantar	iam	vender	iam	partir	iam

Curiosidade: Os verbos *dizer, fazer* e *trazer* fazem o futuro do presente e o futuro do pretérito da seguinte forma:

dizer — **direi** — **diria**

fazer — **farei** — **faria**

trazer — **trarei** — **traria**

3.4.3.1.3.3. Pretérito imperfeito do indicativo

a) para verbos da **1**a **conjugação**, acrescenta-se ao **TEMA** a desinência modo-temporal **-VA**, mais as desinências número-pessoais.

b) para os verbos da **2**a **e 3**a **conjugações**, acrescenta-se ao **RADICAL** a desinência modo-temporal **-IA**, mais as desinências número-pessoais.

canta	va	Ø	vend	ia	Ø	part	ia	Ø
canta	va	s	vend	ia	s	part	ia	s
canta	va	Ø	vend	ia	Ø	part	ia	Ø
cantá	va	mos	vend	ía	mos	part	ía	mos
cantá	ve	is	vend	íe	is	part	íe	is
canta	va	m	vend	ia	m	part	ia	m

Curiosidade: Nesse tempo, **todos o verbos** trocam **A** por **E** na 2ª pessoa do plural (vós) por apresentarem problema com a pronúncia.

3.4.3.1.3.4. Infinitivo pessoal

Acrescentam-se, simplesmente, as desinências número-pessoais.

cantar	Ø	vender	Ø	partir	Ø
cantar	es	vender	es	partir	es
cantar	Ø	vender	Ø	partir	Ø
cantar	mos	vender	mos	partir	mos
cantar	des	vender	des	partir	des
cantar	em	vender	em	partir	em

Curiosidade: As adaptações são necessárias aqui, da mesma forma que utilizamos no futuro do subjuntivo.

3.4.3.1.3.5. Gerúndio

Formado pelo acréscimo da desinência **-ndo** ao tema verbal.
cantar — tema: canta + ndo = cantando
vender — tema: vende + ndo = vendendo
partir — tema: parti + ndo = partindo

3.4.3.1.3.6. Particípio

Formado pelo acréscimo das desinências -ado / ido ao radical do verbo.
cantar — radical: cant + ado = cantado
vender — radical: vend + ido = vendido
partir — radical: part + ido = partido

Curiosidade: Alguns verbos apresentam particípio irregular:
Ver = visto
Imprimir = impresso
Leia sobre isso no item 3.4.1.5. Abundantes, deste Capítulo

3.4.3.2. Tempos compostos

Os tempos compostos são formados pelos auxiliares **TER** ou **HAVER** seguidos do verbo principal no particípio.

3.4.3.2.1. Formados a partir do presente (indicativo / subjuntivo)

a) Pretérito perfeito do indicativo composto: tenho amado, tenho vendido, tenho partido.

b) Pretérito perfeito do subjuntivo composto: tenha amado, tenha vendido, tenha partido.

3.4.3.2.2. Formados a partir do pretérito imperfeito (indicativo / subjuntivo)

a) Pretérito mais-que-perfeito do indicativo composto: tinha amado, tinha vendido, tinha partido.

b) Pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo composto: tivesse amado, tivesse vendido,

tivesse partido.

3.4.3.2.3. Formado a partir do futuro do presente do indicativo

Futuro do presente do indicativo composto: terei amado, terei vendido, terei partido.

3.4.3.2.4. Formado a partir do futuro do pretérito do indicativo

Futuro do pretérito do indicativo composto: teria amado, teria vendido, teria partido.

3.4.3.2.5. Formado a partir do futuro do subjuntivo

Futuro do subjuntivo composto: tiver amado, tiver vendido, tiver partido.

3.4.4. Formas nominais

Recebem este nome porque **assumem valor de nomes** da língua.

3.4.4.1. Infinitivo

Tem valor de **substantivo:** Amar é bom.

3.4.4.2. Particípio

Tem valor de **adjetivo:** A ave era morta.

3.4.4.3. Gerúndio

Tem valor de **advérbio:** Amanhecendo, partiremos.
As formas nominais são usadas, geralmente, em locuções verbais.
Quero amar.
Tenho amado.
Estou amando.

3.4.5. Emprego dos tempos verbais

3.4.5.1. Presente

a) exprime um fato que ocorre no momento em que se fala:
Vejo a lua no céu.
b) exprime um axioma, uma verdade científica:
A Terra é redonda.
Por um ponto passam infinitas retas.
c) exprime uma ação habitual:
Não como nada aos domingos.
d) dá atualidade a fatos ocorridos no passado:
Há 40 anos, a televisão chega ao Brasil.
e) exprime um fato futuro muito próximo, quando se tem certeza de sua realização:
Amanhã faço a lição.

3.4.5.2. Pretérito perfeito

Exprime um fato passado concluído, em relação ao momento em que se fala:
Ontem eu fiz a lição.

3.4.5.3. Pretérito imperfeito

a) exprime um fato passado não concluído, em relação ao momento em que se fala: Eu sempre cantava no chuveiro.

b) exprime a ideia de duração: Quando eu era criança, eu jogava futebol de botão.

c) exprime a ideia de simultaneidade: Enquanto ela lia Machado de Assis, eu preparava o jantar.

3.4.5.4. Pretérito mais-que-perfeito

Exprime um fato passado concluído, em relação a outro fato passado: Quando Pedro chegou a casa, eu já *chegara*.

Curiosidade: Na linguagem contemporânea, prefere-se usar o pretérito mais-que-perfeito composto.
Quando Pedro chegou a casa eu já *tinha chegado*.

3.4.5.5. Futuro do presente

Exprime um fato posterior, em relação ao momento em que se fala.
Hoje estou aqui, amanhã *estarei* na Europa.

3.4.5.6. Futuro do pretérito

a) exprime um fato posterior, em relação a um fato passado:
Ontem você garantiu que o dinheiro *estaria* aqui hoje.

b) exprime uma incerteza:
Seriam dez ou doze horas quando ele chegou?

c) usa-se no lugar do presente do indicativo ou do imperativo quando se faz um pedido:
Você me faria um favor?
Gostaria de falar com você.

3.4.5.7. Infinitivo pessoal

Usa-se quando tem sujeito próprio: O remédio é *ficarmos* em casa.

3.4.5.8. Infinitivo impessoal

a) usa-se quando não estiver se referindo a nenhum sujeito: É preciso *viajar*.

b) emprega-se em uma locução verbal: Nós podemos *ir* ao cinema hoje.

c) funciona como complemento de algum nome (virá sempre preposicionado): Nós estamos aptos para *trabalhar*.

3.4.6. Verbos da primeira conjugação que merecem destaque

a) **AGUAR**

Presente do indicativo: águo, águas, água, aguamos, aguais, águam

Presente do subjuntivo: ague, águes, ague, aguemos, agueis, águem

Imperativo afirmativo: água (tu), ague (você), aguemos (nós), aguai (vós), águem (vocês)

Imperativo negativo: não águes (tu), não ague (você), não aguemos (nós), não agueis (vós), não águem (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 1ª conjugação. Conjugam-se como **aguar:** enxaguar, desaguar e minguar.

b) **APAZIGUAR**

Presente do indicativo: apaziguo, apaziguas, apazigua, apaziguamos, apaziguais, apaziguam

Presente do subjuntivo: apazigue, apazigues, apazigue, apaziguemos, apazigueis, apaziguem

Imperativo afirmativo: apazigua (tu), apazigue (você), apaziguemos (nós), apaziguai (vós), apaziguem (vocês)

Imperativo negativo: não apazigues (tu), não apazigue (você), não apaziguemos (nós), não apazigueis (vós), não apaziguem (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 1ª conjugação. Conjuga-se como **apaziguar:** averiguar.

c) **DAR**

Indicativo

Presente: dou, dás, dá, damos, dais, dão

Pretérito imperfeito: dava, davas, dava, dávamos, dáveis, davam

Pretérito perfeito: dei, deste, deu, demos, destes, deram

Pretérito mais-que-perfeito: dera, deras, dera, déramos, déreis, deram

Futuro do presente: darei, darás, dará, daremos, dareis, darão

Futuro do pretérito: daria, darias, daria, daríamos, daríeis, dariam

Subjuntivo

Presente: dê, dês, dê, demos, deis, deem

Pretérito imperfeito: desse, desses, desse, déssemos, désseis, dessem

Futuro: der, deres, der, dermos, derdes, derem

Imperativo

Afirmativo: dá (tu), dê (você), demos (nós), daí (vós), deem (vocês)

Negativo: não dês (tu), não dê (você), não demos (nós), não deis (vós), não deem (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: dar

Infinitivo pessoal: dar, dares, dar, darmos, dardes, darem

Gerúndio: dando
Particípio: dado

d) **PASSEAR**

Indicativo

Presente: passeio, passeias, passeia, passeamos, passeais, passeiam
Pretérito imperfeito: passeava, passeavas, passeava, passeávamos, passeáveis, passeavam
Pretérito perfeito: passeei, passeaste, passeou, passeamos, passeastes, passearam
Pretérito mais-que-perfeito: passeara, passearas, passeara, passeáramos, passeáreis, passearam
Futuro do presente: passearei, passearás, passeará, passearemos, passeareis, passearão
Futuro do pretérito: passearia, passearias, passearia, passearíamos, passearíeis, passeariam

Subjuntivo

Presente: passeie, passeies, passeie, passeemos, passeeis, passeiem
Pretérito imperfeito: passeasse, passeasses, passeasse, passeássemos, passeásseis, passeassem
Futuro: passear, passeares, passear, passearmos, passeardes, passearem

Imperativo

Afirmativo: passeia (tu), passeie (você), passeemos (nós), passeai (vós), passeiem (vocês)
Negativo: não passeies (tu), não passeie (você), não passeemos (nós), não passeeis (vós), não passeiem (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: passear
Infinitivo pessoal: passear, passeares, passear, passearmos, passeardes, passearem
Gerúndio: passeando
Particípio: passeado

Curiosidade: O verbo **passear** serve de modelo a todos os verbos terminados em **-ear**, tais como: balear, barbear, basear, bobear, branquear, bronzear, cear, chatear, delinear, encadear, folhear, frear, golpear, homenagear, manusear, massagear, nortear, recear etc.

e) **ODIAR**

Indicativo

Presente: odeio, odeias, odeia, odiamos, odiais, odeiam
Pretérito imperfeito: odiava, odiavas, odiava, odiávamos, odiáveis, odiavam
Pretérito perfeito: odiei, odiaste, odiou, odiamos, odiastes, odiaram
Pretérito mais-que-perfeito: odiara, odiaras, odiara, odiáramos, odiáreis, odiaram

Futuro do presente: odiarei, odiarás, odiará, odiaremos, odiareis, odiarão
Futuro do pretérito: odiaria, odiarias, odiaria, odiaríamos, odiaríeis, odiariam

Subjuntivo

Presente: odeie, odeies, odeie, odiemos, odieis, odeiem
Pretérito imperfeito: odiasse, odiasses, odiasse, odiássemos, odiásseis, odiassem
Futuro: odiar, odiares, odiar, odiarmos, odiardes, odiarem

Imperativo

Afirmativo: odeia (tu), odeie (você), odiemos (nós), odiai (vós), odeiem (você)
Negativo: não odeies (tu), não odeie (você), não odiemos (nós), não odieis (vós), não odeiem (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: odiar
Infinitivo pessoal: odiar, odiares, odiar, odiarmos, odiardes, odiarem
Gerúndio: odiando
Particípio: odiado

Curiosidade: Seguem esse modelo os verbos **mediar, intermediar, ansiar, remediar** e **incendiar**.

Os demais verbos terminados em **-iar** são regulares.

3.4.7. Verbos da segunda conjugação que merecem destaque

a) **APRAZER**

Indicativo

Presente: aprazo, aprazes, apraz, aprazemos, aprazeis, aprazem
Pretérito imperfeito: aprazia, aprazias, aprazia, aprazíamos, aprazíeis, apraziam
Pretérito perfeito: aprouve, aprouveste, aprouve, aprouvemos, aprouvestes, aprouveram
Pretérito mais-que-perfeito: aprouvera, aprouveras, aprouvera, aprouvéramos, aprouvéreis, aprouveram
Futuro do presente: aprazerei, aprazerás, aprazerá, aprazeremos, aprazereis, aprazerão
Futuro do pretérito: aprazeria, aprazerias, aprazeria, aprazeríamos, aprazeríeis, aprazeriam

Subjuntivo

Presente: apraza, aprazas, apraza, aprazamos, aprazais, aprazam
Pretérito imperfeito: aprouvesse, aprouvesses, aprouvesse, aprouvéssemos, aprouvésseis, aprouvessem
Futuro: aprouver, aprouveres, aprouver, aprouvermos, aprouverdes, aprouverem

Imperativo

Afirmativo: apraz / apraze (tu), apraza (você), aprazamos (nós), aprazei (vós), aprazam (vocês)

Negativo: não aprazas (tu), não apraza (você), não aprazamos (nós), não aprazais (vós), não aprazam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: aprazer

Infinitivo pessoal: aprazer, aprazeres, aprazer, aprazermos, aprazerdes, aprazerem

Gerúndio: aprazendo

Particípio: aprazido

b) **CABER**

Indicativo

Presente: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem

Pretérito imperfeito: cabia, cabias, cabia, cabíamos, cabíeis, cabiam

Pretérito perfeito: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam

Pretérito mais-que-perfeito: coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam

Futuro do presente: caberei, caberás, caberá, caberemos, cabereis, caberão

Futuro do pretérito: caberia, caberias, caberia, caberíamos, caberíeis, caberiam

Subjuntivo

Presente: caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam

Pretérito imperfeito: coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem

Futuro: couber, couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem

Imperativo

Não é usado no imperativo.

Formas nominais

Infinitivo impessoal: caber

Infinitivo pessoal: caber, caberes, caber, cabermos, caberdes, caberem

Gerúndio: cabendo

Particípio: cabido

c) **DIZER**

Indicativo

Presente: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem

Pretérito imperfeito: dizia, dizias, dizia, dizíamos, dizíeis, diziam

Pretérito perfeito: disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram

Pretérito mais-que-perfeito: dissera, disseras, dissera, disséramos, disséreis, disseram

Futuro do presente: direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão

Futuro do pretérito: diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam

Subjuntivo

Presente: diga, digas, diga, digamos, digais, digam

Pretérito imperfeito: dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem
Futuro: disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem

Imperativo

Afirmativo: diz / dize (tu), diga (você), digamos (nós), dizei (vós), digam (vocês)
Negativo: não digas (tu), não diga (você), não digamos (nós), não digais (vós), não digam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: dizer
Infinitivo pessoal: dizer, dizeres, dizer, dizermos, dizerdes, dizerem
Gerúndio: dizendo
Particípio: dito

d) **FAZER**

Indicativo

Presente: faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem
Pretérito imperfeito: fazia, fazias, fazia, fazíamos, fazíeis, faziam
Pretérito perfeito: fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram
Pretérito mais-que-perfeito: fizera, fizeras, fizera, fizéramos, fizéreis, fizeram
Futuro do presente: farei, farás, fará, faremos, fareis, farão
Futuro do pretérito: faria, farias, faria, faríamos, faríeis, fariam

Subjuntivo

Presente: faça, faças, faça, façamos, façais, façam
Pretérito imperfeito: fizesse, fizesses, fizesse, fizéssemos, fizésseis, fizessem
Futuro: fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem

Imperativo

Afirmativo: faz / faze (tu), faça (você), façamos (nós), fazei (vós), façam (vocês),
Negativo: não faças (tu), não faça (você), não façamos (nós), não façais (vós), não façam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: fazer
Infinitivo pessoal: fazer, fazerdes, fazer, fazermos, fazerdes, fazerem
Gerúndio: fazendo
Particípio: feito

e) **LER**

Presente do indicativo: leio, lês, lê, lemos, ledes, leem
Presente do subjuntivo: leia, leias, leia, leiamos, leiais, leiam
Imperativo afirmativo: lê (tu), leia (você), leiamos (nós), lede (vós), leiam (vocês)
Imperativo negativo: não leias (tu), não leia (você), não leiamos (nós), não leiais (vós), não leiam (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 2ª conjugação.

Conjugam-se como o verbo **ler:** crer, descrer, reler etc.

f) **PODER**

Indicativo

Presente: posso, podes, pode, podemos, podeis, podem

Pretérito imperfeito: podia, podias, podia, podíamos, podíeis, podiam

Pretérito perfeito: pude, pudeste, pôde, pudemos, pudestes, puderam

Pretérito mais-que-perfeito: pudera, puderas, pudera, pudéramos, pudéreis, puderam

Futuro do presente: poderei, poderás, poderá, poderemos, podereis, poderão

Futuro do pretérito: poderia, poderias, poderia, poderíamos, poderíeis, poderiam

Subjuntivo

Presente: possa, possas, possa, possamos, possais, possam

Pretérito imperfeito: pudesse, pudesses, pudesse, pudéssemos, pudésseis, pudessem

Futuro: puder, puderes, puder, pudermos, puderdes, puderem

Imperativo

Não é usado no imperativo.

Formas nominais

Infinitivo impessoal: poder

Infinitivo pessoal: poder, poderes, poder, podermos, poderdes, poderem

Gerúndio: podendo

Particípio: podido

g) **PÔR**

Indicativo

Presente: ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem

Pretérito imperfeito: punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham

Pretérito perfeito: pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram

Pretérito mais-que-perfeito: pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram

Futuro do presente: porei, porás, porá, poremos, poreis, porão

Futuro do pretérito: poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poriam

Subjuntivo

Presente: ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham

Pretérito imperfeito: pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, pusésseis, pusessem

Futuro: puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem

Imperativo

Afirmativo: põe (tu), ponha (você), ponhamos (nós), ponde (vós), ponham (vocês)

Negativo: não ponhas (tu), não ponha (você), não ponhamos (nós), não ponhais (vós), não ponham (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: pôr

Infinitivo pessoal: pôr, pores, pôr, pormos, pordes, porem
Gerúndio: pondo
Particípio: posto
h) **PROVER**
Presente do indicativo: provejo, provês, provê, provemos, provedes, proveem
Presente do subjuntivo: proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam
Imperativo afirmativo: provê (tu), proveja (você), provejamos (nós), provede (vós), provejam (vocês)
Imperativo negativo: não provejas (tu), não proveja (você), não provejamos (nós), não provejais (vós), não provejam (vocês)
Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 2ª conjugação.
i) **QUERER**
Indicativo
Presente: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem
Pretérito imperfeito: queria, querias, queria, queríamos, queríeis, queriam
Pretérito perfeito: quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram
Pretérito mais-que-perfeito: quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram
Futuro do presente: quererei, quererás, quererá, quereremos, querereis, quererão
Futuro do pretérito: quereria, quererias, quereria, quereríamos, quereríeis, quereriam
Subjuntivo
Presente: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram
Pretérito imperfeito: quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem
Futuro: quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem
Imperativo
Afirmativo: quere / quer (tu), queira (você), queiramos (nós), querei (vós), queiram (vocês)
Negativo: não queiras (tu), não queira (você), não queiramos (nós), não queirais (vós), não queiram (vocês)
Formas nominais
Infinitivo impessoal: querer
Infinitivo pessoal: querer, quereres, querer, querermos, quererdes, quererem
Gerúndio: querendo
Particípio: querido
j) **REQUERER**
Presente do indicativo: requeiro, requeres, requer ou requere, requeremos, requereis, requerem
Presente do subjuntivo: requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram
Imperativo afirmativo: requer ou requere (tu), requeira (você), requeiramos (nos),

requerei (vós), requeiram (vocês)

Imperativo negativo: não requeiras (tu), não requeira (você), não requeiramos (nós), não requeirais (vós), não requeiram (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 2ª conjugação.

k) **SABER**

Indicativo

Presente: sei, sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem

Pretérito imperfeito: sabia, sabias, sabia, sabíamos, sabíeis, sabiam

Pretérito perfeito: soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, souberam

Pretérito mais-que-perfeito: soubera, souberas, soubera, soubéramos, soubéreis, souberam

Futuro do presente: saberei, saberás, saberá, saberemos, sabereis, saberão

Futuro do pretérito: saberia, saberias, saberia, saberíamos, saberíeis, saberiam

Subjuntivo

Presente: saiba, saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam

Pretérito imperfeito: soubesse, soubesses, soubesse, soubéssemos, soubésseis, soubessem

Futuro: souber, souberes, souber, soubermos, souberdes, souberem

Imperativo

Afirmativo: sabe (tu), saiba (você), saibamos (nós), sabei (vós), saibam (vocês)

Negativo: não saibas (tu), não saiba (você), não saibamos (nós), não saibais (vós), não saibam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: saber

Infinitivo pessoal: saber, saberes, saber, sabermos, saberdes, saberem

Gerúndio: sabendo

Particípio: sabido

l) **TRAZER**

Indicativo

Presente: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem

Pretérito imperfeito: trazia, trazias, trazia, trazíamos, trazíeis, traziam

Pretérito perfeito: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram

Pretérito mais-que-perfeito: trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram

Futuro do presente: trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão

Futuro do pretérito: traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam

Subjuntivo

Presente: traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam

Pretérito imperfeito: trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis,

trouxessem

Futuro: trouxer, trouxeres, trouxer, trouxermos, trouxerdes, trouxerem

Imperativo

Afirmativo: traz / traze (tu), traga (você), tragamos (nós), trazei (vós), tragam (vocês)

Negativo: não tragas (tu), não traga (você), não tragamos (nós), não tragais (vós), não tragam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: trazer

Infinitivo pessoal: trazer, trazeres, trazer, trazermos, trazerdes, trazerem

Gerúndio: trazendo

Particípio: trazido

m) **VER**

Indicativo

Presente: vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem

Pretérito imperfeito: via, vias, via, víamos, víeis, viam

Pretérito perfeito: vi, viste, viu, vimos, vistes, viram

Pretérito mais-que-perfeito: vira, viras, vira, víramos, víreis, viram

Futuro do presente: verei, verás, verá, veremos, vereis, verão

Futuro do pretérito: veria, verias, veria, veríamos, veríeis, veriam

Subjuntivo

Presente: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam

Pretérito imperfeito: visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem

Futuro: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem

Imperativo

Afirmativo: vê (tu), veja (você), vejamos (nós), vede (vós), vejam (vocês)

Negativo: não vejas (tu), não veja (você), não vejamos (nós), não vejais (vós), não vejam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: ver

Infinitivo pessoal: ver, veres, ver, vermos, verdes, verem

Gerúndio: vendo

Particípio: visto

n) **VALER**

Presente do indicativo: valho, vales, vale, valemos, valeis, valem

Presente do subjuntivo: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham

Imperativo afirmativo: vale (tu), valha (você), valhamos (nós), valei (vós), valham (vocês)

Imperativo negativo: não valhas (tu), não valha (você), não valhamos (nós), não valhais (vós), não valham (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 2ª conjugação.

3.4.8. Verbos da terceira conjugação que merecem destaque

a) **POSSUIR**

Indicativo

Presente: possuo, possuis, possui, possuímos, possuís, possuem

Pretérito imperfeito: possuía, possuías, possuía, possuíamos, possuíeis, possuíam

Pretérito perfeito: possuí, possuíste, possuiu, possuímos, possuístes, possuíram

Pretérito mais-que-perfeito: possuíra, possuíras, possuíra, possuíramos, possuíreis, possuíram

Futuro do presente: possuirei, possuirás, possuirá, possuiremos, possuireis, possuirão

Futuro do pretérito: possuiria, possuirias, possuiria, possuiríamos, possuiríeis, possuiriam

Subjuntivo

Presente: possua, possuas, possua, possuamos, possuais, possuam

Pretérito imperfeito: possuísse, possuísses, possuísse, possuíssemos, possuísseis, possuíssem

Futuro: possuir, possuíres, possuir, possuirmos, possuirdes, possuírem

Imperativo

Afirmativo: possui (tu), possua (você), possuamos (nós), possuí (vós), possuam (vocês)

Negativo: não possuas (tu), não possua (você), não possuamos (nós), não possuais (vós), não possuam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: possuir

Infinitivo pessoal: possuir, possuíres, possuir, possuirmos, possuirdes, possuírem

Gerúndio: possuindo

Particípio: possuído

Curiosidade: O verbo **possuir** serve de modelo a todos os verbos terminados em **-uir**, tais como: distribuir, retribuir, contribuir, diminuir, concluir etc.

b) **AGREDIR**

Presente do indicativo: agrido, agrides, agride, agredimos, agredis, agridem

Presente do subjuntivo: agrida, agridas, agrida, agridamos, agridais, agridam

Imperativo afirmativo: agride (tu), agrida (você), agridamos (nós), agredi (vós), agridam (vocês)

Imperativo negativo: não agridas (tu), não agrida (você), não agridamos (nós), não agridais (vós), não agridam (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 3ª conjugação. Conjugam-se como agredir: denegrir, desprevenir, prevenir, progredir, regredir,

transgredir etc.

c) DIVERGIR

Presente do indicativo: divirjo, diverges, diverge, divergimos, divergis, divergem

Presente do subjuntivo: divirja, divirjas, divirja, divirjamos, divirjais, divirjam

Imperativo afirmativo: diverge (tu), divirja (você), divirjamos (nós), divergi (vós), divirjam (vocês)

Imperativo negativo: não divirjas (tu), não divirja (você), não divirjamos (nós), não divirjais (vós), não divirjam (vocês)

Curiosidade: Segue esse modelo o verbo convergir. Os verbos emergir, imergir e submergir seguem esse modelo com as seguintes ressalvas:

1) a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo é *emerjo, imerjo e submerjo;*

2) apresentam duplo particípio: *emergido e emerso, imergido e imerso, submergido e submerso.*

d) **FERIR**

Presente do indicativo: firo, feres, fere, ferimos, feris, ferem

Presente do subjuntivo: fira, firas, fira, firamos, firais, firam

Imperativo afirmativo: fere (tu), fira (você), firamos (nós), feri (vós), firam (vocês)

Imperativo negativo: não firas (tu), não fira (você), não firamos (nós), não firais (vós), não firam (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 3ª conjugação. Conjugam-se como o verbo ferir: aderir, competir, conferir, desferir, digerir, diferir, inferir, ingerir, inserir, interferir, preferir, referir, refletir, repelir, revestir, ressentir, sentir, sugerir, vestir etc.

e) IR

Indicativo

Presente: vou, vais, vai, vamos, ides, vão

Pretérito imperfeito: ia, ias, ia, íamos, íeis, iam

Pretérito perfeito: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram

Pretérito mais-que-perfeito: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram

Futuro do presente: irei, irás, irá, iremos, ireis, irão

Futuro do pretérito: iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam

Subjuntivo

Presente: vá, vás, vá, vamos, vades, vão

Pretérito imperfeito: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem

Futuro: for, fores, for, formos, fordes, forem

Imperativo

Afirmativo: vai (tu), vá (você), vamos (nós), ide (vós), vão (vocês)

Negativo: não vás (tu), não vá (você), não vamos (nós), não vades (vós), não vão

(vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: ir

Infinitivo pessoal: ir, ires, ir, irmos, irdes, irem

Gerúndio: indo

Particípio: ido

f) MEDIR

Presente do indicativo: meço, medes, mede, medimos, medis, medem

Presente do subjuntivo: meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam

Imperativo afirmativo: mede (tu), meça (você), meçamos (nós), medi (vós), meçam (vocês)

Imperativo negativo: não meças (tu), não meça (você), não meçamos (nós), não meçais (vós), não meçam (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 3ª conjugação. Conjugam-se como medir: ouvir e pedir.

g) PRODUZIR

Presente do indicativo: produzo, produzes, produz, produzimos, produzis, produzem

Os demais tempos seguem o modelo dos verbos regulares da 3ª conjugação. O verbo Produzir serve de modelo aos verbos terminados em -uzir, tais como: conduzir, deduzir, induzir, introduzir, reproduzir, seduzir, traduzir etc.

Curiosidade: Os verbos terminados em -uzir não têm a desinência ***E*** da 3ª pessoa do singular do presente do indicativo.

ele produz

ele conduz

ele introduz

h) **SAIR**

Indicativo

Presente: saio, sais, sai, saímos, saís, saem

Pretérito imperfeito: saía, saías, saía, saíamos, saíeis, saíam

Pretérito perfeito: saí, saíste, saiu, saímos, saístes, saíram

Pretérito mais-que-perfeito: saíra, saíras, saíra, saíramos, saíreis, saíram

Futuro do presente: sairei, sairás, sairá, sairemos, saireis, sairão

Futuro do pretérito: sairia, sairias, sairia, sairíamos, sairíeis, sairiam

Subjuntivo

Presente: saia, saias, saia, saiamos, saiais, saiam

Pretérito imperfeito: saísse, saísses, saísse, saíssemos, saísseis, saíssem

Futuro: sair, saíres, sair, sairmos, sairdes, saírem

Imperativo

Afirmativo: sai (tu), saia (você), saiamos (nós), saí (vós), saiam (vocês)

Negativo: não saias (tu), não saia (você), não saiamos (nós), não saiais (vós), não saiam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: sair

Infinitivo pessoal: sair, sairdes, sair, sairmos, sairdes, saírem

Gerúndio: saindo

Particípio: saído

Curiosidade: O verbo sair serve de modelo aos verbos terminados em **-air**, tais como: atrair, abstrair, cair, contrair, distrair, extrair, sobressair, subtrair etc.

i) SEGUIR

Presente do indicativo: sigo, segues, segue, seguimos, seguis, seguem

Presente do subjuntivo: siga, sigas, siga, sigamos, sigais, sigam

Imperativo afirmativo: segue (tu), siga (você), sigamos (nós), segui (vós), sigam (vocês)

Imperativo negativo: não sigas (tu), não sigas (você), não sigamos (nós), não sigais (vós), não sigam (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 3ª conjugação.

Conjugam-se como seguir: conseguir, prosseguir, perseguir etc.

j) SUBIR

Presente do indicativo: subo, sobes, sobe, subimos, subis, sobem

Presente do subjuntivo: suba, subas, suba, subamos, subais, subam

Imperativo afirmativo: sobe (tu), suba (você), subamos (nós), subi (vós), subam (vocês)

Imperativo negativo: não subas (tu), não suba (você), não subamos (nós), não subais (vós), não subam (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos de 3ª conjugação.

Conjugam-se como subir: acudir, bulir, cuspir, consumir, escapulir, sacudir, sumir etc.

k) VIR

Indicativo

Presente do indicativo: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm

Pretérito imperfeito: vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham

Pretérito perfeito: vim, viste, veio, viemos, viestes, vieram

Pretérito mais-que-perfeito: viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram

Futuro do presente: virei, virás, virá, viremos, vireis, virão

Futuro do pretérito: viria, virias, viria, viríamos, viríeis, viriam

Subjuntivo

Presente: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham
Pretérito imperfeito: viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem
Futuro: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem
Imperativo
Afirmativo: vem (tu), venha (você), venhamos (nós), vinde (vós), venham (vocês)
Negativo: não venhas (tu), não venha (você), não venhamos (nós), não venhais (vós), não venham (vocês)
Formas nominais
Infinitivo impessoal: vir
Infinitivo pessoal: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem
Gerúndio: vindo
Particípio: vindo

3.4.9. Verbos defectivos que merecem destaque

a) COLORIR
Presente do indicativo: (tu) colores, (ele) colore, (nós) colorimos, (vós) coloris, (eles) colorem
Presente do subjuntivo: Não é usado no presente do subjuntivo.
Imperativo afirmativo: colore (tu), colori (vós)
Imperativo negativo: Não é usado no imperativo negativo.
Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 3ª conjugação.
Conjugam-se como colorir: abolir, aturdir, banir, brandir, carpir, demolir, exaurir, jungir e ungir.
O verbo exaurir tem duplo particípio: exaurido e exausto.
b) FALIR
Presente do indicativo: (nós) falimos, (vós) falis
Presente do subjuntivo: Não é usado no presente do subjuntivo.
Imperativo afirmativo: fali (vós)
Imperativo negativo: Não é usado no imperativo negativo.
Nos demais tempos, é um verbo regular da 3ª conjugação. Conjugam-se como falir: combalir, comedir-se, foragir-se, remir e puir.
c) PRECAVER
Indicativo
Presente: (nós) precavemos, (vós) precaveis
Pretérito imperfeito: precavia, previas, precavia, precavíamos, precavíeis, precaviam
Pretérito perfeito: precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram
Pretérito mais-que-perfeito: precavera, precaveras, precavera, precavêramos, precavêreis, precaveram
Futuro do presente: precaverei, precaverás, precaverá, precaveremos, precavereis,

precaverão

Futuro do pretérito: precaveria, precaverias, precaveria, precaveríamos, precaveríeis, precaveriam

Subjuntivo

Presente: Não é usado no presente do subjuntivo.

Pretérito imperfeito: precavesse, precavesses, precavesse, precavêssemos, precavêsseis, precavessem

Futuro: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem

Imperativo

Afirmativo: precavei (vós)

Negativo: Não é usado no imperativo negativo.

Formas nominais

Infinitivo impessoal: precaver

Infinitivo pessoal: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem

Gerúndio: precavendo

Particípio: precavido

d) REAVER

Indicativo

Presente: (nós) reavemos, (vós) reaveis

Pretérito imperfeito: reavia, reavias, reavia, reavíamos, reavíeis, reaviam

Pretérito perfeito: reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram

Pretérito mais-que-perfeito: reouvera, reouveras, reouvera, reouvéramos, reouvéreis, reouveram

Futuro do presente: reaverei, reaverás, reaverá, reaveremos, reavereis, reaverão

Futuro do pretérito: reaveria, reaverias, reaveria, reaveríamos, reaveríeis, reaveriam

Subjuntivo

Presente: Não é usado no presente do subjuntivo.

Pretérito imperfeito: reouvesse, reouvesses, reouvesse, reouvéssemos, reouvésseis, reouvessem

Futuro: reouver, reouveres, reouver, reouvermos, reouverdes, reouverem

Imperativo

Afirmativo: reavei (vós)

Negativo: Não é usado no imperativo negativo.

Formas nominais

Infinitivo impessoal: reaver

Infinitivo pessoal: reaver, reaveres, reaver, reavermos, reaverdes, reaverem

Gerúndio: reavendo

Particípio: reavido

3.5. CLASSES NOMINAIS INVARIÁVEIS

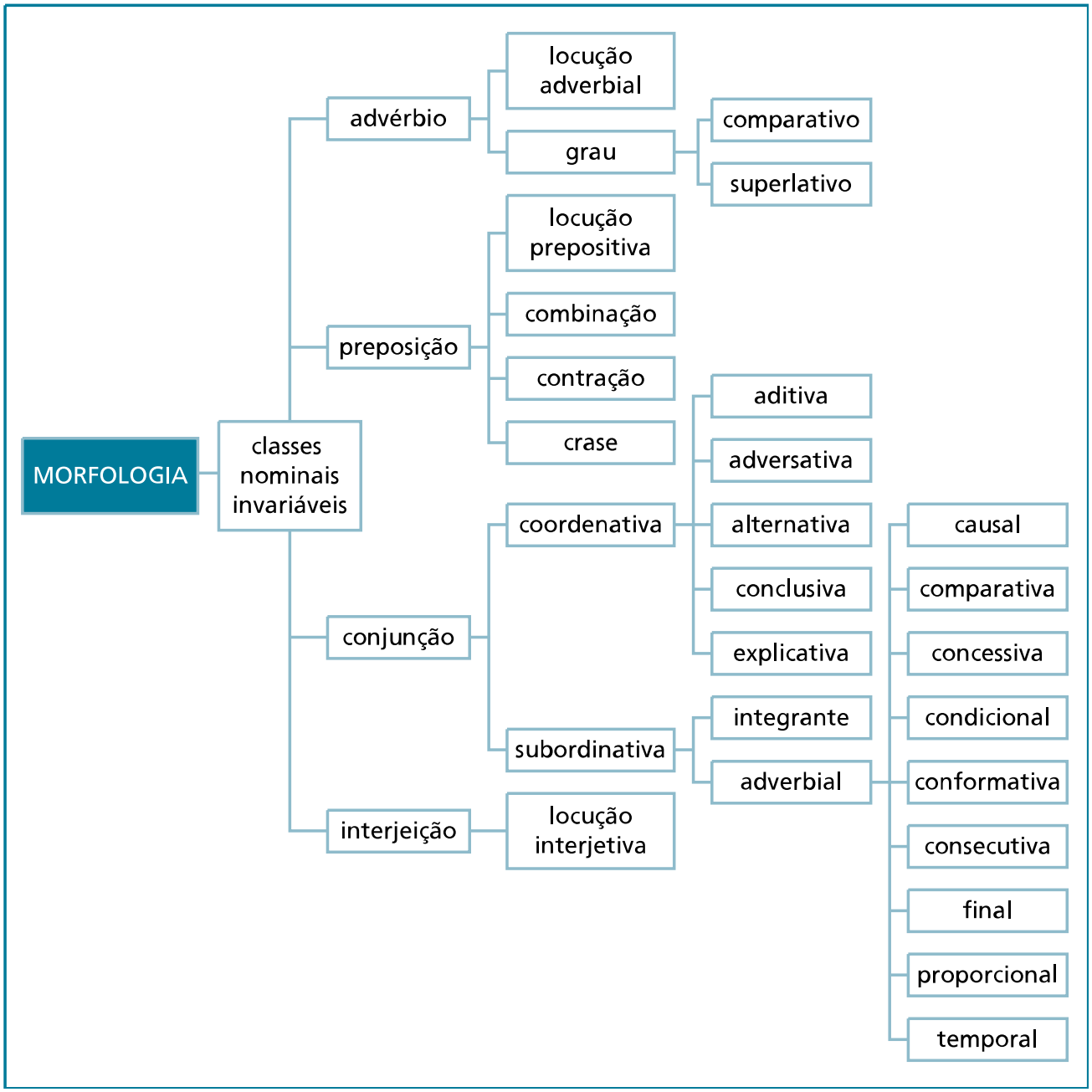

3.5.1. Advérbio

Palavra invariável que funciona como **modificador** de um **verbo**, um **adjetivo** ou outro **advérbio**.

Conforme a circunstância que expressam, os advérbios classificam-se em:

- de *afirmação*: sim, certamente, efetivamente, realmente etc.
- de *dúvida*: talvez, provavelmente, possivelmente, quiçá etc.
- de *intensidade*: muito, demais, bastante, pouco, menos, tão etc.
- de *lugar*: aqui, ali, aí, cá, atrás, perto, abaixo, acima, dentro, fora, além, adiante etc.
- de *tempo*: agora, já, jamais, ainda, sempre, nunca, cedo, tarde etc.
- de *modo*: assim, mal, bem, devagar, depressa e grande parte dos vocábulos

terminados em **-mente:** alegremente, calmamente, afobadamente etc.

- de *negação*: não, tampouco etc.

3.5.1.1. Locuções adverbiais

Uma locução adverbial é um **conjunto de uma ou mais palavras** que desempenham a **função de um advérbio**.

Geralmente, é formada por: **preposição** + **substantivo/adjetivo/advérbio**.

a) preposição + substantivo: na verdade

b) preposição + adjetivo: de novo

c) preposição + advérbio: por aqui

- *modo:* às pressas, à vontade, à vista, em silêncio, de cor, ao acaso etc.
- *tempo:* à noite, de manhã, à tarde, em breve, de vez em quando etc.
- *lugar:* ao lado, de longe, por ali, à direita, de cima etc.
- *afirmação:* com certeza, sem dúvida etc.
- *negação:* de modo nenhum, de forma alguma etc.
- *quantidade/intensidade:* de pouco, de todo etc.

3.5.1.2. Advérbios interrogativos

As palavras *onde, como, quando*, usadas **em frases interrogativas** (diretas ou indiretas), são chamadas *advérbios interrogativos*.

- **Onde** expressa circunstâncias de lugar.

Onde você mora?

Quero saber onde você mora.

- Como expressa circunstância de modo (*de que maneira*).

Como se chega à casa de José?

Não sei como ele fez isso.

- Quando expressa circunstância de tempo.

Quando você volta?

3.5.1.3. Grau do advérbio

Os advérbios são considerados palavras invariáveis, pois não sofrem flexão de gênero e de número. No entanto, **alguns advérbios sofrem flexão de grau como os adjetivos**.

3.5.1.3.1. Grau comparativo

- *De igualdade* — na formação do comparativo de igualdade, utilizamos o *tão* antes do advérbio e o *como* ou *quanto* depois: Os alunos chegaram tão cedo quanto os professores.
- *De superioridade* — na formação do comparativo de superioridade, utilizamos o *mais* antes do advérbio e o *que* ou *do que* depois: Os alunos chegaram mais cedo do que os professores.

■ *De inferioridade* — na formação do comparativo de inferioridade, utilizamos o *menos* antes do advérbio e o *que* ou *do que* depois: Os alunos chegaram menos cedo do que os professores.

■ *3.5.1.3.2. Grau superlativo*

O grau superlativo dos advérbios pode ser analítico ou sintético.

■ *Analítico* — é formado com auxílio de um advérbio de intensidade: Cheguei *muito cedo* à escola ontem.

■ *Sintético* — é formado pelo acréscimo do sufixo ao advérbio: Cheguei *cedíssimo* à escola ontem.as

Curiosidade: Os advérbios *bem* e *mal* admitem as formas de comparativo de superioridade sintéticas, *melhor* e *pior*, respectivamente.

■ 3.5.2. Preposição

É a palavra invariável que **liga duas outras palavras**, estabelecendo **relações de sentido ou de dependência**.

A *loja* **de** *José* fica na Vila Mariana.

A preposição de relaciona *José* e *loja*, indicando uma relação de posse.

A preposição estabelece relações distintas entre as palavras. Vejamos algumas:

Autoria — pintura de Matisse;
Lugar — vou ficar em casa;
Tempo — viajaremos pela manhã;
Modo — voltou às pressas;
Causa — morrer de fome;
Assunto — falamos sobre economia;
Fim ou finalidade — enfeitamos a casa para o aniversário;
Instrumento — cortou o mato com a foice;
Companhia — viajei com o meu filho;
Meio — viajaremos de carro;
Matéria — comprei um anel de prata;
Posse — o carro de Radegondes;
Oposição — votaram contra o projeto;
Conteúdo — copo com água;
Origem — somos de Recife;
Destino — vou para a Europa.

■ *3.5.2.1. Classificação da preposição*

Podemos classificar as preposições de duas formas:

■ *3.5.2.1.1. Essenciais*

São palavras que funcionam só como preposição:
a, ante, após, até
com, contra
de, desde
em, entre
para, per, perante, por
sem, sob, sobre
trás

3.5.2.1.2. Acidentais

São palavras de outras classes gramaticais, que em certas ocasiões **funcionam como preposição:** conforme, consoante, segundo, durante, mediante, como, salvo, fora, que etc.

3.5.2.2. Locução prepositiva

É um **conjunto de duas ou mais palavras** fazendo a ligação entre dois termos.
abaixo de
acima de
acerca de
a fim de
além de
apesar de
antes de
depois de
ao invés de
diante de
em face de
em vez de
graças a
junto a
junto com
junto de
defronte de
através de
de encontro
em frente de
em frente a
sob pena de
a respeito de

ao encontro de

3.5.2.3. Combinação, contração e crase

As preposições a, de, em e por, quando unidas a certas palavras, **formam um só vocábulo**.

3.5.2.3.1. Combinação

A preposição **não sofre mudança**.

a) A + artigos definidos masculinos:

Eles foram ao cinema.

As meninas voltaram aos seus quartos.

b) A + ONDE (advérbio interrogativo/pronome relativo):

Aonde você foi?

Sempre quis conhecer a cidade aonde você foi nas férias passadas.

3.5.2.3.2. Contração

A preposição sofre alguma mudança.

a) *DE + artigos:*

De + o(s) — do(s)

De + a(s) — da(s)

De + um — dum

De + uns — duns

De + uma — duma

De + umas — dumas

b) *DE + pronomes pessoais:*

De + ele(s) — dele(s)

De + ela(s) — dela(s)

c) *DE + pronomes demonstrativos:*

De + este(s) — deste(s)

De + esta(s) — desta(s)

De + esse(s) — desse(s)

De + essa(s) — dessa(s)

De + aquele(s) — daquele(s)

De + aquela(s) — daquela(s)

De + isto — disto

De + isso — disso

De + aquilo — daquilo

d) *DE + pronomes indefinidos:*

De + outro — doutro(s)

De + outra — doutra(s)

e) *DE + advérbios:*
De + aqui — daqui
De + aí — daí
De + ali — dali
f) *EM + artigos:*
Em + o(s) — no(s)
Em + a(s) — na(s)
Em + um — num
Em + uma — numa
Em + uns — nuns
Em + umas — numas
g) *EM + pronomes demonstrativos:*
Em + este(s) — neste(s)
Em + esta(s) — nesta(s)
Em + esse(s) — nesse(s)
Em + aquele(s) — naquele(s)
Em + aquela(s) — naquela(s)
Em + isto — nisto
Em + isso — nisso
Em + aquilo — naquilo
h) *EM + pronomes indefinidos:*
Em + algum — nalgum
Em + alguns — nalguns
i) *EM + pronomes pessoais:*
Em + ele(s) — nele(s)
Em + ela(s) — nela(s)
j) *POR + artigos:*
Por + o(s) — pelo(s)
Por + a(s) — pela(s)

3.5.2.3.3. Crase

A fusão de vogais idênticas:
a) *A + artigos definidos femininos:*
A + a(s) — à(s)
b) *A + pronomes demonstrativos:*
A + a(s) — à(s)
A + aquele(s) — àquele(s)
A + aquela(s) — àquela(s)
A + aquilo — àquilo

3.5.3. Conjunção

É a palavra invariável que **liga duas orações** entre si, ou que, dentro da mesma oração, **liga dois termos entre si independentes**.

3.5.3.1. Conjunções coordenativas

Conjunções coordenativas são as que ligam **duas orações** ou dois termos (dentro da mesma oração), sendo que ambos os elementos ligados permanecem **independentes** entre si.

As conjunções coordenativas subdividem-se em:

3.5.3.1.1. Aditivas

Ligam pensamentos **similares** ou **equivalentes**.

Principais conjunções: e, nem, (não só)... mas também, (não somente)... senão ainda etc.:

Radegondes não veio nem ligou.

3.5.3.1.2. Adversativas

Ligam pensamentos que **contrastam** entre si.

Principais conjunções: mas, porém, todavia, contudo, entretanto, não obstante etc.:

Ela saiu, mas voltará logo.

3.5.3.1.3. Alternativas

Ligam pensamentos que **se excluem** ou **se alternam**.

Principais conjunções: ou, ou... ou, ora... ora, já... já, quer... quer etc.:

Você lavará a louça, ou limpará o quarto.

3.5.3.1.4. Conclusivas

Ligam duas orações, sendo que a segunda encerra a **conclusão** ou **dedução** de um raciocínio.

Principais conjunções: logo, portanto, por conseguinte, por consequência, pois (após o verbo da oração) etc.:

Ela estuda bastante, logo terá boas notas.

3.5.3.1.5. Explicativas

Que ligam duas orações, sendo que a segunda se apresenta **justificando a anterior**.

Principais conjunções: pois, porque, que, porquanto etc.:

Ela não irá à festa, porque haverá prova no mesmo dia.

3.5.3.2. Conjunções subordinativas

Conjunções subordinativas são as que **ligam duas orações**, sendo que a segunda é sujeito, complemento ou adjunto da primeira. **A primeira é oração principal da**

segunda, e esta é subordinada à primeira. As conjunções subordinativas subdividem-se em integrantes e adverbiais.

3.5.3.2.1. Integrantes

São as que ligam duas orações, sendo que **a segunda é sujeito ou complemento da primeira**.

Principais conjunções: que, se.

É necessário que ela se case.

Eu não sei se o rapaz fará o trabalho.

3.5.3.2.2. Adverbiais

São as que **ligam duas orações**, sendo que **a segunda é adjunto adverbial da primeira**, ou seja, a segunda expressa circunstância de finalidade, modo, comparação, proporção, tempo, condição, concessão, causa ou consequência.

As conjunções subordinativas adverbiais subdividem-se em:

3.5.3.2.2.1. Causais

Ligam duas orações, sendo que a segunda contém a **causa**, e a primeira, o efeito.

Principais conjunções: porque, visto que, porquanto, já que, como etc.:

Ela saiu mais cedo, já que não havia mais trabalho a fazer.

3.5.3.2.2.2. Comparativas

Ligam duas orações, sendo que a segunda contém o segundo termo de uma **comparação**.

Principais conjunções: como, (tal)... tal, (menos)... do que, (mais)... do que, (tal)... qual etc.:

As meninas eram lindas como anjos.

3.5.3.2.2.3. Concessivas

Ligam duas orações, sendo que a segunda contém um fato que não impede a realização da ideia expressa na oração principal, embora seja contrário àquela ideia (uma **exceção**).

Principais conjunções: embora, ainda que, mesmo que, conquanto, posto que, se bem que, por mais que, por menos que, suposto que etc.:

Ela está sorrindo, embora se sinta triste.

3.5.3.2.2.4. Condicionais

Ligam duas orações, sendo que a segunda expressa uma hipótese ou **condição**.

Principais conjunções: se, caso, salvo se, desde que, a menos que, sem que, contanto que etc.:

Ela ficará feliz, se você for visitá-la.

3.5.3.2.2.5. Conformativas

Ligam duas orações, sendo que a segunda expressa circunstância de **conformidade** ou **modo**.

Principais conjunções: como, segundo, conforme etc.:

Tudo aconteceu segundo havia previsto a cartomante.

3.5.3.2.2.6. Consecutivas

Ligam duas orações, sendo que a segunda diz a **consequência** de uma intensidade expressa na primeira.

Principais conjunções: (tão)... que, (tal)... que, (tamanho)... que, (tanto)... que etc.:

Ela estudou tanto que foi a primeira colocada no concurso.

3.5.3.2.2.7. Finais

Ligam duas orações, sendo que a segunda expressa circunstância de **finalidade**.

Principais conjunções: para que, a fim de que, que, porque:

Ela estudou, a fim de passar no concurso.

3.5.3.2.2.8. Proporcionais

Ligam duas orações, sendo que a segunda expressa fato que decorre **ao mesmo tempo** que outro, em relação de **proporção**.

Principais conjunções: à medida que, à proporção que, (quanto mais)... tanto mais, (tanto menos)... quanto mais etc.:

À medida que os convidados chegavam, o baile ficava mais animado.

3.5.3.2.2.9. Temporais

Ligam duas orações, sendo que a segunda expressa circunstância de **tempo**.

Principais conjunções: quando, enquanto, apenas, mal, logo que, depois que, antes que, até que, que etc.:

Ela sorriu, quando me viu.

3.5.4. Interjeição

Palavra invariável que exprime **emoções e sensações**.

Alegria: Ah! Oh!

Animação, encorajamento: Avante! Coragem! Eia! Força! Vamos! Sus!

Aplauso: Bem! Bis! Bravo! Viva!

Cansaço: Ah! Uf!

Chamamento (invocação): Alô! Ó! Olá! Psiu! Pst! Eh!

Descontentamento: Mau!

Desejo: Oh! Oxalá! Tomara!

Dor: Ai! Ui!

Encorajamento: Upa! Arriba!

Espanto, surpresa: Ah! Chi! Ih! Oh! Puxa!

Impaciência, irritação: Hum! Hem! Are! Irra!
Indignação: Are! Irra!
Medo: Ui!
Pedido de socorro: Socorro!
Saudação: Adeus! Oi! Olá!
Silêncio: Psiu! Silêncio!
Surpresa: Ah! Ih! Oh!
Suspensão: Alto! Basta!

3.5.4.1. Locuções interjetivas

Junção de **duas ou mais palavras** com valor de interjeição:
Aflição, dor: Ai de mim! Pobre de mim! Valha-me Deus! Ai, Jesus! Credo!
Desejo: Deus queira! Se Deus quiser!
Impaciência, irritação: Ora bolas! Raios o partam!
Reconhecimento: Bem haja!
Suspensão: Alto aí! Alto lá!
Saudação: Adeus! Bom dia! Boa noite!

3.6. QUESTÕES

1. O termo em destaque é um adjetivo desempenhando a função de um nome em:
a) "O *coitado* está se queixando dela com toda a razão."
b) "É uma palavra *assustadora*."
c) "Num joguinho aceita-se até o cheque *frio*."
d) "Ele é meu braço *direito*, doutor."
e) "Entre ter um caso e um casinho a diferença, às vezes, é a tragédia *passional*."

Resposta: "a". O artigo "o" substantiva o adjetivo "coitado".

2. Assinale a alternativa errada quanto ao superlativo erudito.
a) amargo: amaríssimo; cruel: crudelíssimo
b) pobre: paupérrimo; livre: libérrimo
c) negro: negríssimo; doce: dulcíssimo
d) sagrado: sacratíssimo; feroz: ferocíssimo
e) magro: macérrimo; nobre: nobilíssimo

Resposta: "c". O superlativo absoluto sintético erudito de "negro" é "nigérrimo".

3. Indique a alternativa em que não é atribuída ideia de superlativo ao adjetivo.
a) É uma ideia agradabilíssima.
b) Era um rapaz alto, alto, alto.
c) Saí de lá hipersatisfeito.
d) Almocei tremendamente bem.
e) É uma moça assustadoramente alta.

Resposta: "d". Almocei tremendamente bem. Não há adjetivo nessa frase. O advérbio

“tremendamente” está modificando do advérbio “bem”.

4. Assinale a frase em que o adjetivo está no grau superlativo relativo de superioridade:

a) Estes operários são capacíssimos.
b) O quarto estava escuro como a noite!
c) Não sou menos digno que meus pais.
d) Aquela mulher é podre de rica!
e) Você foi o amigo mais sincero que eu tive.

Resposta: “e”. O superlativo relativo de superioridade fala da superioridade de um ser em relação ao conjunto a que pertence: “o amigo mais sincero (de todos os amigos)”.

5. Assinale o item em que houve erro na flexão do nome composto.

a) As touceiras verde-amarelas enfeitavam a campina.
b) Os guarda-roupas são de boa madeira.
c) Na fazenda, havia muitos tatu-bolas.
d) No jogo de contra-ataque, vence a melhor equipe física.
e) Os livros ibero-americanos são de fácil importação.

Resposta: “c”. A forma correta é “tatus-bola” ou “tatus-bolas”.

6. O plural de “terno azul-claro” e “terno verde-mar” é:

a) ternos azuis-claros; ternos verdes-mares
b) ternos azuis-claros; ternos verde-mares
c) ternos azul-claro; ternos verde-mar
d) ternos azul-claros; ternos verde-mar
e) ternos azuis-claros; ternos verde-mar

Resposta: “d”. No adjetivo composto, apenas o último termo varia: ternos azul-claros; mas, se o último for um substantivo usado como adjetivo, o composto fica invariável: ternos verde-mar.

7. Há exemplo de adjetivo substantivado em:

a) “É de sonho e de pó”
b) “Minha mãe, solidão”
c) “O meu pai foi peão”
d) “Só queria mostrar”
e) “O destino de um só”

Resposta: “e”. O destino de um *só*. — só = sozinho, antecedido de artigo indefinido (um) vira substantivo.

8. Aponte a alternativa incorreta quanto à correspondência entre a locução e o adjetivo.

a) glacial (de gelo); ósseo (de osso)
b) fraternal (de irmão); argênteo (de prata)
c) farináceo (de farinha); pétreo (de pedra)
d) viperino (de vespa); ocular (de olho)
e) ebúrneo (de marfim); insípida (sem sabor)

Resposta: “d”. Viperino — relativo a víboras, serpentes.

9. Talvez seja bom que o proprietário do *imóvel* possa desconfiar de que ele não seja

tão *imóvel* assim. — As palavras destacadas são, respectivamente,

a) substantivo e substantivo
b) substantivo e adjetivo
c) adjetivo e verbo
d) advérbio e adjetivo
e) adjetivo e advérbio

Resposta: “b”. O primeiro veio antecedido de artigo (do imóvel), por isso funciona como substantivo; já o segundo indica uma qualidade, ou seja, é um adjetivo.

10. O item em que a locução adjetiva não corresponde ao adjetivo dado é:

a) hibernal: de inverno
b) filatélico: de folha
c) discente: de aluno
d) docente: de professor
e) onírico: de sonho

Resposta: “b”. Filatélico — relativo a selos.

11. Assinale a opção em que todos os adjetivos não se flexionam em gênero.

a) delgado, móbil, forte
b) oval, preto, simples
c) feroz, exterior, enorme
d) brilhante, agradável, esbelto
e) imóvel, curto, superior

Resposta: “c”. Todos são comuns de dois gêneros, ou seja, servem para o masculino e para o feminino.

12. Procure e assinale a única alternativa em que há erro no emprego do artigo.

a) Nem todas opiniões são valiosas.
b) Disse-me que conhece todo o Brasil.
c) Leu todos os dez romances do escritor.
d) Andou por todo o país.
e) Todas as cinco, menos uma, estão corretas.

Resposta: “a”. O pronome “todas” no plural deve ser usado com artigo quando o que vem depois dele é um substantivo: todas as opiniões.

13. Marque a alternativa do advérbio de intensidade.

a) Se eu tiver que ajudar-te, alegrar-me-ei.
b) Que importa a opinião deles?
c) O professor resolveu o que pediram.
d) Que feliz serei eu, se vieres.
e) Esperamos que os dias melhorem.

Resposta: “d”. Que feliz — a palavra “que” intensifica o adjetivo “feliz”, por isso “que” é um advérbio de intensidade.

14. O adjetivo está empregado na função de advérbio em:

a) Acesa a luz, viu claro os gestos furtivos do animal.

b) A lamparina tornou claros os degraus da escada.
c) Reservou para o céu um azul bem claro.
d) Subitamente, um claro ofuscou-lhe a vista.
e) Não gostava de cores muito claras.

Resposta: “a”. “viu claro os gestos” — a palavra “claro” está modificando o verbo “ver”, por isso funciona como advérbio (é um adjetivo usado como advérbio) = Viu claramente os gestos.

15. As relações expressas pelas preposições estão corretas na sequência:

I. Saí com ela.
II. Ficaram sem um tostão.
III. Esconderam o lápis de Maria.
IV. Ela prefere viajar de navio.
V. Estudou para passar.

a) companhia, falta, posse, meio, fim
b) falta, companhia, posse, meio, fim
c) companhia, falta, posse, fim, meio
d) companhia, posse, falta, meio, fim
e) companhia, falta, meio, posse, fim

Resposta: “a”. Com = companhia, sem = falta, de (Maria) = posse, de (navio) = meio, para = fim.

16. A frase em que o advérbio expressa simultaneamente ideias de tempo e negação é:

a) Falei ontem com os embaixadores.
b) Não me pergunte as razões da minha atitude.
c) Eles sempre chegam atrasados.
d) Jamais acreditei que você viesse.
e) Agora seremos felizes.

Resposta: “d”. “Jamais” pode indicar negação ou tempo.

17. “Fui até *a* porta. Abri-*a* e vi *os* que estavam esperando *o* ônibus.” As palavras destacadas são, pela ordem:

a) artigo, preposição, pronome átono, artigo
b) preposição, pronome átono, artigo, preposição
c) preposição, pronome oblíquo, artigo, pronome demonstrativo
d) artigo, pronome átono, pronome demonstrativo, artigo

Resposta: “d”. A porta = artigo, abri-a = pronome oblíquo átono, vi os que = pronome demonstrativo, o ônibus = artigo.

18. Embora todas as conjunções sejam aditivas, uma oração apresenta ideia de adversidade.

a) Não achou os documentos e nem as fotocópias.
b) Queria estar atento à palestra e o sono chegou.
c) Não só aprecio Medicina como também Odontologia.
d) Escutei o réu e lhe dei razão.
e) Não só escutei o réu mas também lhe dei razão.

Resposta: “b”. Queria estar atento à palestra, E o sono chegou. A conjunção E liga orações de sentidos opostos, por isso apresenta ideia de adversidade.

19. Assinale a alternativa em que a palavra *como* assume o valor de conjunção subordinativa conformativa.

a) Como ele mesmo afirmou, viveu sempre tropeçando nos embrulhos da vida.
b) Como não tivesse condições necessárias para competir, participou, com muita insegurança, das atividades esportivas.
c) As frustrações caminham rápido como as tempestades das matas devastadoras.
d) Indaguei-lhe apreensiva como papai tinha assumido aquela continua postura de contemplação.
e) Como as leis eram taxativas naquele vilarejo, todos os moradores tentavam um meio de obediência às normas morais.

Resposta: “a”. Como ele mesmo afirmou = conforme ele mesmo afirmou = segundo ele mesmo afirmou. Nas outras opções: b) como = causa; c) como = comparação; d) como = interrogação; e) como = causa.

20. A opção em que há um advérbio exprimindo circunstância de tempo é:

a) Possivelmente viajarei para São Paulo.
b) Maria tinha aproximadamente 15 anos.
c) As tarefas foram executadas concomitantemente.
d) Os resultados chegaram demasiadamente atrasados.

Resposta: “c”. Concomitantemente = ao mesmo tempo.

21. Indique o item em que os numerais estão corretamente empregados.

a) Ao papa Paulo Seis sucedeu João Paulo Primeiro.
b) Após o parágrafo nono, virá o parágrafo décimo.
c) Depois do capítulo sexto, li o capítulo décimo primeiro.
d) Antes do artigo dez vem o artigo nono.
e) O artigo vigésimo segundo foi revogado.

Resposta: “d”. Vejamos a correção dos erros: a) Paulo Sexto, b) parágrafo dez, c) capítulo onze, e) artigo vinte e dois.

22. Os ordinais referentes aos números 80, 300, 700 e 90 são, respectivamente:

a) octagésimo, trecentésimo, septingentésimo, nongentésimo
b) octogésimo, tricentésimo, septingentésimo, nonagésimo
c) octingentésimo, tricentésimo, septuagésimo, nonagésimo
d) octogésimo, tricentésimo, septuagésimo, nongentésimo

Resposta: “b”. 80 = octogésimo, 300 = tricentésimo (ou trecentásimo), 700 = septingentésimo, 90 = nonagésimo.

23. O candidato achava importante conhecer as _____ da cidade, mas só as visitava acompanhado de seus _____ .

a) feiras-livres, guarda-costas.
b) feiras-livre, guarda-costas.
c) feira-livres, guardas-costas.

d) feiras-livres, guardas-costas.
e) feira-livres, guarda-costas.

Resposta: “a”. feiras-livres = feiras (substantivo) + livres (adjetivo), guarda-costas = guarda (verbo) + costas (substantivo que deve ser usado sempre no plural, para indicar a parte posterior).

24. Às _____ saem os _____ que orientam os _____ sobre o assunto.

a) terça-feiras, jornalzinhos, cidadões.
b) terças-feiras, jornalsinhos, cidadãos.
c) terça-feiras, jornaisinhos, cidadãos.
d) terças-feiras, jornaizinhos, cidadões.
e) terças-feiras, jornaizinhos, cidadãos.

Resposta: “e”. Terças-feiras, jornaizinhos, cidadãos.

25. Os esportistas _____ vestiam blusões _____ .

a) campo-grandenses, verdes-escuros.
b) campos-grandenses, verdes-escuro.
c) campos-grandense, verde-escuros.
d) campo-grandenses, verde-escuros.
e) campos-grandense, verdes-escuros.

Resposta: “d”. Nos adjetivos compostos, apenas o último termo varia: campo-grandenses, verde-escuros.

26. Esses _____ deverão ser divulgados pelos _____ em suas respectivas seções.

a) decreto-lei, vice-diretores.
b) decretos-lei, vices-diretores.
c) decretos-leis, vice-diretores.
d) decretos-leis, vices-diretores.
e) decreto-leis, vice-diretores.

Resposta: “c”. Decretos-lei ou decretos-leis, vice-diretores.

27. A expansão _____ dos países em desenvolvimento depende de todo um complexo de medidas _____

a) econômico-financeira, sociopolíticas.
b) econômico-financeira, sócias-políticas.
c) econômica-financeira, sócio-políticas.
d) econômica-financeira, sócios-políticos.
e) econômico-financeira, sócios-políticas.

Resposta: “a”. Nos adjetivos compostos, apenas o último termo varia: econômico-financeira, sociopolíticas.

28. Só há substantivos femininos na opção:

a) omoplata, cal, alface, ordenança, apendicite.
b) grama (medida), ordenança, cal, sentinela, telefonema.
c) dó, cal, alface, moral (ânimo), lança-perfume.
d) faringe, ordenança, champanha, aguardente, cal.

e) champanha, aguardente, dinamite, dó, guaraná.

Resposta: “a”. A omoplata, a cal, a alface, a ordenança, a apendicite.

29. A sentença em que há um substantivo com o plural contrário à norma gramatical é:

a) Entre os povos notam-se caracteres diversos.
b) Os jacarés são reptis perigosos.
c) ... e na infância, eram aqueles corres-corres e ganha-perde.
d) Encomendem-se mais dez caneta-tinteiros.

Resposta: “d”. A forma correta pode ser “canetas-tinteiro” ou canetas-tinteiros”.

30. Observe as orações:

1. O *carregador* surdo-mudo olhou-nos com curiosidade e esboçou um sorriso.
2. Soube que o *festival* luso-brasileiro fora um sucesso.
3. Na *toalha* branco-marfim, a mancha de vinho espalhou-se rapidamente.
4. No cofre havia algumas medalhas de ouro amarradas a uma *fita* verde-clara.

Passando-se as palavras destacadas para o plural, a flexão dos adjetivos compostos será, respectivamente:

a) surdo-mudo, luso-brasileiros, branco-marfim, verdes-claras.
b) surdos-mudos, luso-brasileiros, branco-marfim, verde-claras.
c) surdos-mudo, luso-brasileiros, brancas-marfim, verde-claras.
d) surdo-mudos, luso-brasileiros, branco-marfins, verde-clara.
e) surdos-mudos, luso-brasileiros, branco-marfim, verdes-claras.

Resposta: “b”. No adjetivo composto, apenas o último termo varia: luso-brasileiros, verde-claras; mas, se o último for um substantivo usado como adjetivo, o composto fica invariável: branco-marfim. O adjetivo composto surdos-mudos é uma exceção à regra, pois ambos variam.

31. Era para _____ falar _____ ontem, mas não _____ encontrei em parte alguma.

a) mim, consigo, o.
b) eu, com ele, lhe.
c) mim, consigo, lhe.
d) mim, contigo, te.
e) eu, com ele, o.

Resposta: “e”. Eu — pronome pessoal do caso reto funciona como sujeito do verbo. Com ele / consigo — referência à terceira pessoa do discurso. O — pronome pessoal do caso oblíquo funciona como complemento do verbo.

32. Este é encargo para _____ assumir sozinho, sem que se repartam as responsabilidades entre _____

a) mim, eu e tu.
b) mim, mim e tu.
c) mim, mim e ti.
d) eu, eu e ti.
e) eu, mim e ti.

Resposta: “e”. Eu — pronome pessoal do caso reto funciona como sujeito do verbo. Mim e ti — pronomes pessoais do caso oblíquo funcionam como complementos da frase.

33. Indique o item que foge ao padrão formal, por se ter empregado *mim* em lugar de *eu*.

a) Este livro é para mim ler.
b) Todos vieram até mim.
c) Perante mim ninguém falou.
d) Entre mim e você não há problema.

Resposta: “a”. Mim — pronome pessoal do caso oblíquo não pode ser usado como sujeito. Corrija-se para: Este livro é para eu ler.

34. Assinale o item em que há erro quanto ao emprego dos pronomes *se, si* ou *consigo*.

a) Feriu-se, quando brincava com o revólver e o virou para si.
b) Ele só cuida de si.
c) Quando V.Sa. vier, traga consigo a informação pedida.
d) Ele se arroga o direito de vetar tais artigos.
e) Espera um momento, pois tenho de falar consigo.

*Resposta: “*e”. O sujeito do verbo “Espera” é de segunda pessoa do singular (Tu = Espera tu), por isso a concordância da frase deve ficar sempre na segunda pessoa do singular. Devemos usar o pronome “contigo”.

35. Se V.Sa. me _____ gostaria de apresentar a _____ auxiliares algumas sugestões sobre o problema que tanto _____ preocupa.

a) permite, vossos, vos.
b) permitis, seus, lhe.
c) permite, vossos, lhe.
d) permite, seus, o.
e) permitis, vossos, vos.

Resposta: “d”. Os pronomes de tratamento sempre concordam em terceira pessoa: Se V.Sa. me permite, gostaria de apresentar a seus auxiliares algumas sugestões sobre o problema que tanto o preocupa.

36. V.Sa. _____ que _____ compete defender _____ ideais.

a) sabe, lhe, seus.
b) sabe, vos, seus.
c) sabeis, lhe, vossos.
d) sabeis, vos, vossos.
e) sabe, vos, vossos.

Resposta: “a”. Os pronomes de tratamento sempre concordam em terceira pessoa: V.Sa. sabe que lhe compete defender seus ideais.

37. Julgando que dessas medidas talvez _____ alguma escassez de material, ele _____ logo o almoxarifado de tudo que _____ obter.

a) advisse, proviu, poude.
b) adviesse, proveu, pôde.

c) advisse, proveu, pôde.
d) adviesse, proveu, poude.
e) adviesse, proviu, poude.

Resposta: “b”. Advir — derivado de VIR, conjuga-se da mesma forma que VIR: adviesse. Prover não é derivado de VER, por isso se conjuga de forma diferente deste: proveu. Atenção: no presente do indicativo e do subjuntivo, prover se conjuga da mesma forma que VER: vejo-provejo, veja-proveja etc.

38. O item em que está errada a conjugação do verbo *ansiar* é

a) anseies.
b) anseiemos.
c) anseias.
d) anseiem.

Resposta: “b”. Os verbos Mediar, Intermediar, Ansiar, Remediar, Incendiar e Odiar trocam “i” por “ei” apenas nas formas rizotônicas do presente do indicativo e do subjuntivo. E as formas rizotônicas são eu, tu, ele e eles. Nós e vós são sempre arrizotônicos.

39. Quando _____ a eles o que os outros _____, entenderão por que _____, ontem, no debate.

a) dissermos, supuseram, intervimos.
b) dissermos, suporam, interviemos.
c) dissermos, supuseram, interviemos.
d) dizermos, supuseram, interviemos.
e) dizermos, suporam, intevimos.

Resposta: “c”. Dissermos — futuro do subjuntivo. Supuseram — pretérito mais-que-perfeito do indicativo, derivado de PÔR. Interviemos — pretérito perfeito do indicativo, derivado de VIR.

40. Quando você o _____, qualquer que _____ o dia, _____-lhe esta carta.

a) vir, seje, entregue.
b) vir, seje, entrega.
c) ver, seje, entregue.
d) vir, seja, entregue.
e) ver, seja, entrega.

Resposta: “d”. Vir — futuro do subjuntivo do verbo VER. Seja — presente do subjuntivo do verbo SER. Entregue — imperativo afirmativo com referência a “você”, por isso concordância na terceira pessoa.

41. Escolha a alternativa que preencha corretamente as lacunas da frase abaixo.

O policial _____ entre os litigantes, razão pela qual _____ promoção e _____ que teria uma bela carreira.

a) interviu, obteu, previu.
b) interviu, obteve, preveu.
c) interveio, obteu, preveu.
d) interveio, obteve, previu.
e) interviu, obteve, previu.

Resposta: “d”. Interveio — derivado de VIR. Obteve — derivado de TER. Previu — derivado de VER. Todos eles conjugados no pretérito perfeito do indicativo.

42. Assinale a alternativa que apresenta incorreção na forma verbal.

a) Observa-se que muitos boatos provêm de algumas pessoas insensatas.
b) Se você quiser reaver os objetos roubados, tome as providências com urgência.
c) Prevendo novos aumentos de preços, muitos consumidores proveram suas casas.
d) O Ministro da Fazenda previu as despesas com o funcionalismo público, em 1989.
e) No jogo de domingo, quando o juiz interviu numa cobrança de falta, foi inábil.

Resposta: “e”. Intervir é derivado de VIR, por isso se conjuga da mesma forma que este: No jogo de domingo, quando o juiz INTERVEIO numa cobrança de falta, foi inábil.

43. Assinale a opção em que a conjugação do verbo HAVER desrespeita a norma culta.

a) Eles sabiam que deviam haver punições para os que violassem as regras.
b) Mesmo assim, os adultos houveram por bem recomendar cautela a todos.
c) Dessa maneira, não haveria arrependimentos nem lamentos mais tarde.
d) Naquela situação de tensão, os garotos se houveram com muita discrição e elegância.
e) Todos eles já haviam vivido situações de tensão semelhantes anteriormente.

Resposta: “a”. O verbo HAVER, expressando existência/acontecimento, é impessoal, por isso deve ser conjugado apenas na terceira pessoa do singular. Quando ele aparece numa locução verbal, como principal, o seu auxiliar também se torna impessoal: Eles sabiam que DEVIA HAVER punições para os que violassem as regras.

44. Ele verificou que o Imposto de Renda _____ na fonte o equivalente aos lucros _____ da venda de duas casas, os quais _____ uma alta soma.

a) retera, provindos, perfizeram.
b) retera, providos, perfazeram.
c) retivera, provistos, perfizeram.
d) retivera, provindos, perfizeram.
e) retivera, providos, perfazeram.

Resposta: “d”. Retivera — derivado de TER. Provindos — derivado de VIR: o gerúndio e o particípio desse verbo se fazem da mesma forma (vindo). Perfizeram — derivado de FAZER.

45. Convém que não nos _____ muito nesses _____ e sim naqueles mais difíceis de _____.

a) demoremos, ítens, explicarem.
b) demoramos, ítens, explicarmos.
c) demoremos, itens, explicar.
d) demoramos, itens, explicar-se.

Resposta: “c”. Demoremos — presente do subjuntivo. Itens — não tem acento. Explicar não é reflexivo nessa frase.

46. Quando vocês _____ que tudo parece difícil, será inútil perderem a calma: só se a _____ é que poderão resolver os problemas.

a) verem, reouverem.
b) verem, rehaverem.

c) virem, reouverem.
d) virem, rehouverem.
e) virem, reaverem.

Resposta: “c”. Ambos os verbos devem ser empregados no futuro do subjuntivo: virem, reouverem.

47. Eu os _____: os fiscais sempre _____ em casos de irregularidade.
a) advirto, intervém.
b) adverto, intervêm.
c) advirto, interveem.
d) adverto, intervém.
e) advirto, intervêm.

Resposta: “e”. Advertir e intervir — ambos no presente do indicativo: advirto, intervêm.

48. Ontem ele não _____ terminar o relatório porque se _____ na conversa com os colegas.
a) pode, entreteve.
b) poude, entreteu.
c) pôude, entreteve.
d) pôde, entreteu.
e) pôde, entreteve.

Resposta: “e”. O verbo PODER: no presente do indicativo se conjuga “pode” — sem acento; no pretérito perfeito do indicativo se conjuga “pôde” — com acento. Esse é um dos acentos direrenciais que permaneceram após a reforma ortográfica.

49. Em *Se tivesse havido maior produção, outra seria a situação atual da empresa*, a forma *tivesse havido* traduz:
a) uma dúvida.
b) ação vagamente situada no passado.
c) ação anterior a outra passada.
d) relação de uma ação presente com outra passada.

Resposta: “a”. Tivesse havido — é modo subjuntivo, que expressa dúvida, hipótese.

50. Transpondo para a voz passiva a frase *Ele tinha estabelecido o roteiro de fiscalização do dia*, obtém-se a forma verbal:
a) tivera estabelecido.
b) foi estabelecido.
c) estava estabelecendo.
d) tinha sido estabelecido.
e) estava sendo estabelecido.

Resposta: “d”. A forma verbal de voz ativa é “tinha estabelecido”. Para fazer a voz passiva, devemos acrescentar o verbo SER e fazer a concordância com o novo sujeito, agora paciente (“o roteiro”). Assim, teremos: O roteiro da fiscalização do dia TINHA SIDO ESTABELECIDO por ele.

51. Transpondo para a voz passiva a frase *A comissão deverá apurar as*

***irregularidades*, obtém-se a forma verbal:**

a) serão apuradas.
b) deverão ser apuradas.
c) irá apurar.
d) irão ser apuradas.

Resposta: “b”. A forma verbal de voz ativa é “deverá apurar”. Para fazer a voz passiva, devemos acrescentar o verbo SER e fazer a concordância com o novo sujeito, agora paciente (“as irregularidades”). Assim, teremos: As irregularidades DEVERÃO SER APURADAS pela comissão.

52. Assinale a alternativa que está na voz passiva pronominal.

a) O rapaz foi morto pelo marginal.
b) Precisa-se de profissionais responsáveis.
c) As meninas pentearam-se diante do espelho.
d) Consertaram-se sapatos.

Resposta: “d”. Voz passiva pronominal é o mesmo que voz passiva sintética, ou seja, com o uso do pronome apassivador “se”.

53. Assinale a alternativa em que a flexão do verbo está correta.

a) O motorista freou o carro bruscamente.
b) Os alunos foleiam o livro recomendado.
c) Nós não receiamos a luta.
d) Nós passeiamos muito durante as férias.

Resposta: “a”. Vejamos a correção das outras opções: b) folheiam, c) receamos, d) passeamos.

54. Assinale a correta:

a) Cala-te e ouça!
b) Cala-te e ouve!
c) Cale-se e ouve!
d) Cale-te e ouve!
e) Cala-se e ouça!

Resposta: “b”. Os dois verbos devem ter a concordância na mesma pessoa gramatical: ambos com “tu”, ou ambos com “você” — Tu: Cala-te e ouve. Você: Cale-se e ouça.

55. Assinale a alternativa que indica a circunstância expressa pela oração subordinada adverbial do período apresentado.

Enquanto aguardávamos, líamos revistas.

a) causa.
b) modo.
c) tempo.
d) finalidade.

Resposta: “c”. Enquanto = tempo.

56. Assinale a alternativa que indica a circunstância expressa pela oração subordinada

adverbial do período apresentado.

Fui à escola, embora estivesse doente.
a) condição.
b) concessão.
c) finalidade.
d) tempo.

Resposta: “b”. Embora = concessão.

57. Assinale a alternativa que indica a circunstância expressa pela oração subordinada adverbial do período apresentado.

Se você a conhecesse, não a condenaria.
a) modo.
b) tempo.
c) causa.
d) condição.

*Resposta: “*d”. Se = condição.

4

SINTAXE

SIN.TA.XE
[ss ou cs]
Gram. sf.
1. Conjunto de regras que determinam a ordem e as relações das palavras na frase
2. Essa ordem e as relações das palavras na frase
3. Estudo da estrutura gramatical das frases
4. Conjunto de regras sintáticas que caracterizam uma época, escola, autor etc.:
A obra aborda a sintaxe do modernismo.
5. P.ext. Fig. Livro que apresenta essa parte da gramática
6. Conjunto de regras que ordenam qualquer tipo de linguagem:
Estudava a sintaxe da linguagem computacional.
[F.: Do lat. syntaxis, deriv. do gr. sýntaxis.]

Caldas Aulete

4.1. FRASE, ORAÇÃO E PERÍODO

4.1.1. Frase

É todo enunciado que tem **sentido completo**. A frase pode ou não ter verbo. Quando não tem, denomina-se FRASE NOMINAL.

"Eta, vida besta, meu Deus." (Carlos Drummond de Andrade)

Fogo!

Embora as frases nominais não tenham verbo, conseguem comunicar ideias completas, pois pressupõem a presença de verbos ocultos subentendidos. Equivalem a:

Meu Deus, como essa vida é besta.

Está pegando fogo!

4.1.2. Oração

É todo enunciado que **contenha verbo:**

Todos querem...

Não sei, não.

"Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis." (Machado de Assis)

4.1.3. Período

É todo enunciado que possui verbo (oração) e sentido completo (frase), ou seja, é uma frase com verbo, ou uma oração com sentido completo.

Pode ter uma ou mais orações. Deve terminar por ponto-final, ponto de interrogação, ponto de exclamação ou por reticências.

Se tem uma só oração, é período simples; duas ou mais orações, período composto:

- *Período simples:* "O sertanejo é antes de tudo um forte." (Euclides da Cunha)
- *Período composto:* Chegou de mansinho, bateu, entrou e sentou-se calado.

4.2. SINTAXE DA ORAÇÃO

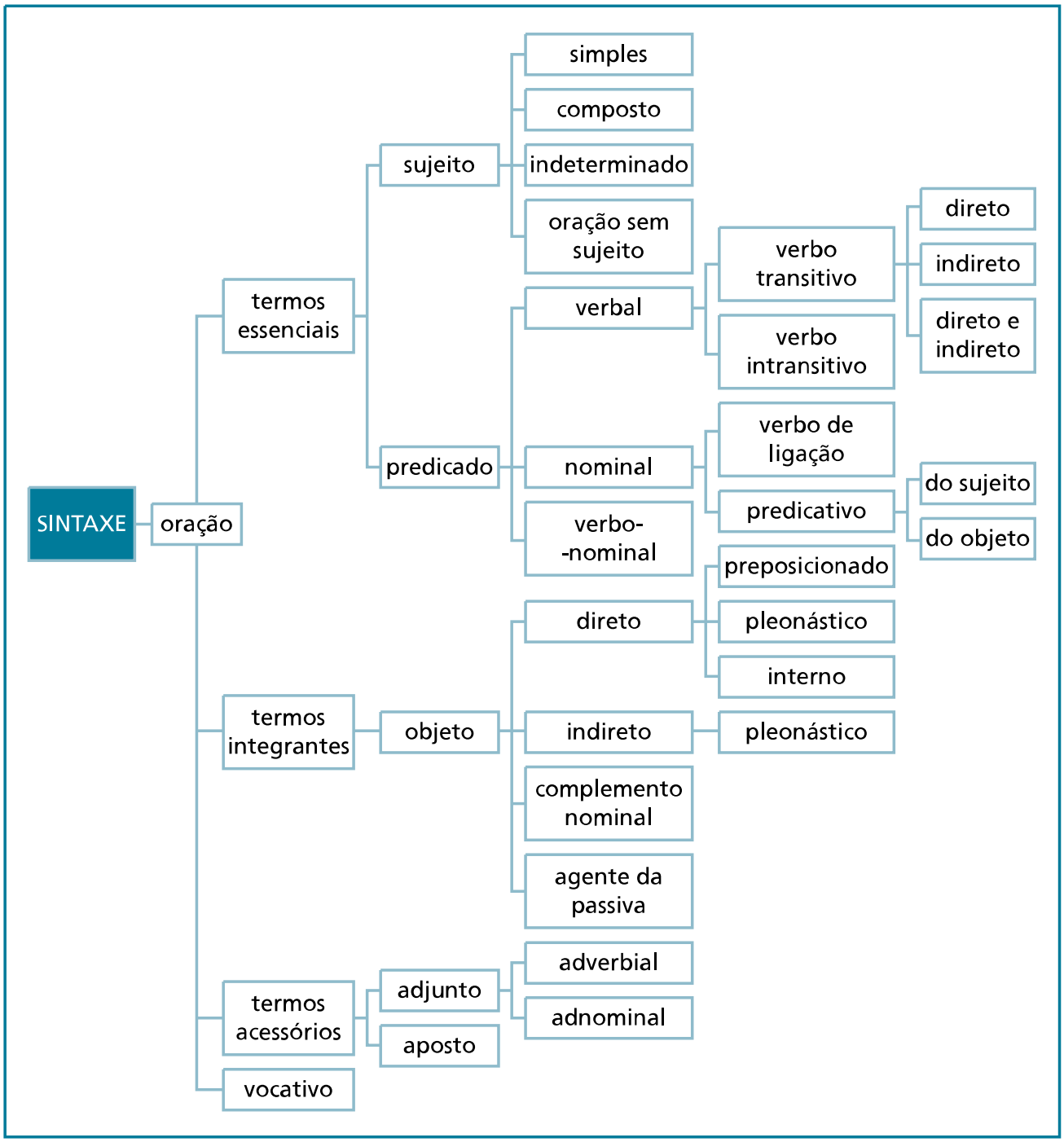

4.2.1. Termos essenciais da oração

Observe a oração abaixo:

Os acionistas pareciam bastante apreensivos.

Nela podemos identificar dois conjuntos:

- o ser de quem se afirma algo, chamado de **sujeito:** os acionistas;
- aquilo que se diz do ser, que é o **predicado:** pareciam bastante apreensivos.

O sujeito e o predicado são chamados de termos essenciais da oração.

Curiosidade: Apesar de ser um "termo essencial", há frases em Língua Portuguesa em que não há sujeito.

4.2.1.1. Sujeito

Aquele, ou aquilo, **a respeito do qual se transmite uma informação**.

De acordo com o modo como aparece na frase, pode ser classificado como **determinado** ou **indeterminado**.

4.2.1.1.1. Sujeito determinado

Ocorre **quando se pode determinar** o elemento ao qual o predicado se refere:

Os operários cruzaram os braços logo cedo.

Os operários = sujeito determinado, pois podemos identificar o termo ao qual se atribui o ato de cruzar os braços.

Passamos férias maravilhosas.

O sujeito (termo sobre o qual se projeta a ação de passar) está implícito na desinência verbal "Passamos". Temos então sujeito determinado ou desinencial.

O sujeito determinado pode ser **simples** ou **composto:**

- *Sujeito simples* — aquele que apresenta apenas **um núcleo:**

Muitos funcionários das repartições públicas de São Paulo estão afastados.

As minhas duas belas primas do interior chegaram.

Alguém comeu o meu pudim!

Quem chegou?

"Saí, afastando-me dos grupos e fingindo ler os epitáfios." (Machado de Assis)

Vieste aqui para estudar.

Quando o núcleo **está expresso na frase**, chamamo-lo de *sujeito simples claro*.

Quando o núcleo **não está expresso na frase**, chamamo-lo de *sujeito simples oculto*, ou *desinencial*, ou *não expresso*, ou *implícito*, ou *elíptico*.

Curiosidade: A Nomenclatura Gramatical Brasileira não reconhece o sujeito oculto ou elíptico; para a NGB, será determinado apenas.

■ *Sujeito composto* — aquele que apresenta **dois ou mais núcleos:**

Eu e ela chegamos a um acordo.

A presidenta e seus ministros participaram das comemorações do Dia da Independência.

■ *4.2.1.1.2. Sujeito indeterminado*

Surge quando existe um elemento sobre o qual se declara algo, mas **não se pode identificar tal elemento**; é aquele que, embora existindo, não se quis ou não se pôde representar na oração.

Chegaram bem tarde hoje. — não se sabe "quem chegaram".

Há duas maneiras de tornar o sujeito indeterminado:

a) *com verbos na 3ª pessoa do plural,* sem sujeito expresso (ou que não haja referência a nenhum ser anteriormente expresso):

Roubaram meu anel.

Destruíram dois orelhões em pleno centro da cidade.

Curiosidade: Quando o contexto permite definir o agente da ação, teremos um sujeito simples oculto:

Umas pessoas malvadas estiveram aqui e roubaram o meu anel.

Aqueles vândalos presos ontem destruíram dois orelhões em pleno centro da cidade.

b) *com verbos na 3ª pessoa do singular,* seguido da partícula **SE — índice de indeterminação do sujeito:**

Vive-se bem nesta cidade.

Fala-se em guerras.

Trata-se de questões tributárias.

Precisa-se de serventes de pedreiro.

■ *4.2.1.1.3. Sujeito oracional*

Surge quando **o sujeito** de uma oração **é** toda **uma outra oração**.

É bom que todos compareçam.

1ª oração: É bom.

2ª oração (sujeito): que todos compareçam.

O que é bom? sujeito = que todos compareçam.

Curiosidade: Na análise sintática, esta oração que funciona como sujeito é classificada como **oração subordinada substantiva subjetiva**.

■ *4.2.1.2. Oração sem sujeito*

Não há um elemento ao qual se atribui o predicado. Ocorre nos seguintes casos:

a) com os verbos que indicam **fenômeno da natureza:**

Choveu muito pouco no verão passado.

Trovejou durante horas seguidas.
Nas cidades do sul, neva no inverno.
b) com o verbo **haver** indicando "existência" ou "acontecimento":
Na festa havia muitas pessoas.
Há anos surgiu no teatro brasileiro uma nova estrela.
No carnaval, haverá bailes em todos os clubes.
Havia, naquela casa, muitos quartos vazios.
c) com os verbos **ser** e **estar**, indicando **tempo:**
Já são dez horas.
São 13 de julho.
Amanhã será dia 15.
Hoje está frio.
Como está tarde!
d) com o verbo **fazer** indicando **tempo** ou **fenômeno da natureza:**
Faz duas horas que ele saiu.
Fará, no próximo domingo, vinte anos que a conheci.
No verão, faz muito calor na serra gaúcha.
Fará dias frios no próximo mês.
e) com os verbos **bastar** e **chegar** seguidos da preposição **de:**
Chega de conversa mole.
Basta de reclamações.

Curiosidades:
1) Em todos os casos acima, os verbos não têm sujeito; são chamados, então, de **verbos impessoais**. Devem ficar sempre na 3ª pessoa do singular.
Exceção é o verbo **ser**, que merecerá tratamento especial na concordância verbal.
2) Os verbos que indicam fenômeno da natureza, empregados metaforicamente, admitem sujeito:
Sua negativa anuviou minha alegria.
Choveram bombas sobre a cidadezinha serrana.

4.2.1.3. Predicado

É **a informação que se transmite** a respeito de algo ou alguém.

No processo da comunicação, as palavras que formam uma frase estão agrupadas em dois eixos: o sujeito e o predicado. Como vimos, pode haver frase sem sujeito. Nunca, porém, existirá uma frase sem predicado.

Antes de classificarmos os predicados, vamos primeiro definir os verbos, como eles aparecem na formação do predicado, e também os predicativos (do sujeito e do objeto).

4.2.1.3.1. Verbo de ligação

É aquele que **liga o sujeito ao seu predicativo** (termo que expressa um estado ou qualidade). A função do verbo de ligação é apenas "ligar" o predicativo ao sujeito. Pode ser eliminado sem causar prejuízo ao sentido da frase:

Os alunos **estavam** alegres.

Os alunos **ficaram** alegres.

Os alunos **continuavam** alegres.

Curiosidades:

1) Normalmente são verbos de ligação: ser, estar, ficar, continuar, parecer, permanecer e tornar-se.

2) Estes verbos são de ligação somente quando acompanhados de um predicativo do sujeito. Caso não haja um predicativo para o sujeito, eles serão chamados de intransitivos.

Os alunos estavam no pátio.

Note que agora não há mais predicativo do sujeito. Não há, então, verbo de ligação; **estavam** é verbo intransitivo, e **no pátio** é adjunto adverbial.

Vejamos outros exemplos:

Âni está aqui.

Atanagildetina ficou em casa.

Quero saber onde Childerico está.

4.2.1.3.2. Verbo nocional

É aquele verbo que **expressa ideia de ação**. Nesse caso, o verbo não é apenas um elo, mas o termo que encerra o sentido da frase.

O verbo nocional subdivide-se em:

4.2.1.3.2.1. Verbo intransitivo

É aquele que **tem o sentido completo**, isto é, não precisa de complementos.

Todos *chegaram*.

O assaltante baleado *morreu*.

O assaltante baleado *morreu* no hospital.

Os alunos *estavam* no pátio.

Alguns alunos *escrevem* bem.

4.2.1.3.2.2. Verbo transitivo

É aquele que **tem sentido incompleto**, ou seja, o verbo precisa de complemento.

O verbo transitivo, por sua vez, subdivide-se em:

- *Verbo transitivo direto:* exige um *objeto direto* **(complemento sem preposição):**

As chuvas transtornam as cidades grandes.

Todos os alunos fizeram as redações solicitadas.

Pegue-a, José.
Deixe-me!

■ *Verbo transitivo indireto:* exige um *objeto indireto* **(complemento com preposição):**

Todos nós precisamos de descanso.
Os alunos devem confiar em seus professores.
Simpatizamos com o novo diretor.
Obedeçam-me!

■ *Verbo transitivo direto e indireto:* exige **dois** objetos, um *direto* e outro *indireto*:

Ontem emprestei meu carro ao vizinho.
Confiei meu carro ao meu irmão.
Radegondes disse a verdade à sua mãe.
Entregou-me o caderno.
Avisei-o de que a prova fora adiada.

Curiosidades:

1) Ao classificarmos um verbo, temos de fazê-lo dentro do texto. É o contexto que vai indicar a sua classificação.

Ela já escreve bem. (verbo intransitivo)
Ela escreveu dois poemas. (verbo transitivo direto)
Ela me escreveu ontem. (verbo transitivo indireto)
Ela ainda não me escreveu uma linha sequer. (verbo transitivo direto e indireto)
Ela permanecia calada. (verbo de ligação)
Ela permanecia na sala. (verbo intransitivo)

2) Existem verbos intransitivos (não têm objeto) que aparecem sempre com adjunto adverbial:

Ninguém entrou no carro. (verbo intransitivo + adjunto adverbial de lugar "no carro")
Cheguei tarde. (verbo intransitivo + adjunto adverbial de tempo "tarde")
Irei ao cinema. (verbo intransitivo + adjunto adverbial de lugar "ao cinema")
Voltaram para as suas casas. (verbo intransitivo + adjunto adverbial de lugar "para as suas casas")

■ *4.2.1.3.3. Predicativos*

São termos que **expressam um estado ou qualidade**.

■ *4.2.1.3.3.1. Predicativo do sujeito*

Indica uma **qualidade ou estado para o sujeito** colocado **dentro do predicado**.

É obrigatório após um verbo de ligação e, eventualmente, pode aparecer após verbos intransitivos e transitivos:

a) com *verbos de ligação*:

Os alunos são estudiosos.
Teu pai virou poeta.
Os jogadores acabaram cansados.
b) com *verbos intransitivos*:
O trem chegou atrasado.
Os meninos chegaram famintos.
Todos saíram alegres do parque.
c) com *verbos transitivos diretos*:
Meu primo foi nomeado diretor.
O paciente recebeu tranquilo a notícia.
A mulher deixou o apartamento apressada.
d) com *verbos transitivos indiretos*:
Os torcedores assistiram nervosos à decisão.
Os delegados procederam cautelosos ao inquérito.
Todos respondiam estáticos ao general.

4.2.1.3.3.2. Predicativo do objeto

Termo que expressa **um estado ou uma qualidade do objeto** atribuído a ele pelo sujeito:

Eles nomearam meu primo *diretor*.
O povo elegeu-o *senador*.
Nós o chamamos *sábio*.
Nós lhe chamamos *de sábio*.

Curiosidade: Não podemos confundir o predicativo do objeto com um adjunto adnominal.

O predicativo do objeto é uma qualidade atribuída ao objeto pelo sujeito da frase, ou seja, para que haja predicativo do objeto é preciso que o sujeito "pense" algo a respeito do objeto. Caso contrário, teremos apenas um adjunto adnominal — que será visto mais adiante.

O menino achou a bicicleta bonita. — "bonita" é predicativo do objeto, pois tal qualidade foi atribuída ao objeto "a bicicleta" pelo sujeito "o menino".

O menino ganhou uma bicicleta bonita. — "bonita" é adjunto adnominal, pois tal qualidade não apresenta relação alguma com o sujeito da frase.

O presente deixou a criança animada. — "animada" é predicativo do objeto, pois tal qualidade foi atribuída ao objeto "a criança" pelo sujeito "o presente".

O pai segurou a criança animada. — "animada" é adjunto adnominal, pois tal qualidade não apresenta relação alguma com o sujeito da frase.

4.2.1.3.4. Classificação do predicado

4.2.1.3.4.1. Predicado nominal

Aquele que apresenta como **núcleo o termo que indica o estado ou qualidade do sujeito** (predicativo do sujeito). O **verbo** será sempre **de ligação**.

Estrutura do predicado nominal:

Sujeito + verbo de ligação + predicativo do sujeito:

Estes operários são trabalhadores.

Seu avô está bastante velho.

Os pães parecem estragados.

As crianças continuam adormecidas.

4.2.1.3.4.2. Predicado verbal

Expressa a ideia de ação. Tem como **núcleo um verbo nocional**. Nesse caso, o verbo é importante; ele é que encerra o sentido da frase.

Estrutura do predicado verbal:

a) Sujeito + verbo intransitivo:

As aves voam no céu.

Chegamos cedo ao cinema.

Os bons tempos voltaram.

b) Sujeito + verbo transitivo direto + objeto direto:

Alguns animais comem plantas.

Todos os alunos fizeram a lição.

Compramos as passagens no cartão.

c) Sujeito + verbo transitivo indireto + objeto indireto:

As plantas precisam de sol.

Os professores simpatizaram com o novo aluno.

Todos confiam em mim.

d) Sujeito + verbo transitivo direto e indireto + objeto direto + objeto indireto:

O rapaz informou a hora ao transeunte.

Avisaram-me sobre o acidente.

Entregaram-no para a polícia.

e) Oração sem sujeito com verbo intransitivo ou transitivo:

Choveu muito ontem.

Nevou em várias cidades do sul.

Faz dias frios aqui.

Havia muitos carros lindos no Salão do Automóvel de 2011, em São Paulo.

Haverá comemorações pelo aniversário da cidade.

4.2.1.3.4.3. Predicado verbo-nominal

É o predicado, composto de um **verbo nocional, mais um predicativo** (do sujeito ou

do objeto). Terá **dois núcleos:** um será o verbo nocional e o outro será o predicativo.

Estrutura do predicado verbo-nominal:

a) Sujeito + verbo intransitivo + predicativo do sujeito:

Os alunos chegaram atrasados.

Todos saíram apressados.

b) Sujeito + verbo transitivo direto + objeto direto + predicativo do sujeito:

As meninas comeram o bolo alegres.

As mulheres deixaram o hospital felizes.

c) Sujeito + verbo transitivo indireto + objeto indireto + predicativo do sujeito:

As meninas se referiram ao pai felizes.

Os alunos obedeciam ao professor alegres.

d) Sujeito + verbo transitivo direto + objeto direto + predicativo do objeto:

O presente deixou as crianças felizes.

O professor tornou o exercício simples.

4.2.2. Termos integrantes da oração

Chamamos termos integrantes os termos que **completam o sentido de um verbo ou de um nome**. Eles são: *objeto direto, objeto indireto, complemento nominal* e *agente da passiva*.

4.2.2.1. Objeto direto

Completa o sentido de um verbo transitivo direto, ou seja, vem **diretamente ligado ao verbo**, sem o auxílio de preposição.

Marta comeu *o bolo*.

Oferecemos *um prêmio* ao vencedor.

Houve *uma grande festa*.

Pedro olhou-*se* no espelho.

Ana convidou-*me* para a festa.

4.2.2.1.1. Objeto direto preposicionado

É uma subclassificação do objeto direto e surge quando o verbo é transitivo direto, mas **o complemento aparece antecedido de uma preposição** (que pode ser tirada sem prejuízo do sentido original do verbo), pois a preposição aparece **apenas para maior clareza**, melhor harmonia ou para dar ênfase à expressão:

Judas traiu *a Cristo*.

As bruxas beberam *de suas porções*.

Comeram *do nosso bolo*.

Nos exemplos dados, as preposições podem ser eliminadas e os verbos continuam com os mesmos sentidos.

Claro está também que o objeto direto preposicionado serve para dar uma variação ao

entendimento total da frase:

Beber algo é diferente de *beber de algo*, pois, na primeira, temos a ideia do todo e, na segunda, a ideia da parte de um todo.

Algumas vezes o emprego da preposição antes do objeto direto é obrigatório. Veja quais são os casos:

a) antes dos pronomes oblíquos tônicos, ligados a verbos transitivos diretos:

Viu *a mim* no mercado.

O salva-vidas observou *a nós* na piscina.

b) com o pronome relativo "quem", funcionando como complemento na frase:

Chegou o João, *a quem* não esperávamos.

Ela é a mulher *a quem* eu amo.

c) Para evitar dúvida no entendimento da frase:

Venceram *aos japoneses* os canadenses.

Enganou *ao aluno* o professor.

4.2.2.1.2. Objeto direto pleonástico

É usado para **enfatizar uma ideia contida no objeto direto com a repetição dele próprio**. Para bem utilizá-lo, devemos colocá-lo no início da frase, depois repeti-lo por meio de pronome oblíquo — ao qual daremos o nome de objeto direto pleonástico, pois pleonasmo é aquilo que se repete.

As rosas, dei-*as* para Maria.

O bolo, nós não *o* comemos.

Lucro, desejam-*no* sempre!

4.2.2.1.3. Objeto direto interno

Surge quando **utilizamos um verbo intransitivo como transitivo direto, e seu complemento é da mesma família semântica** do verbo:

Viver *uma vida fácil*.

Sonhou *um sonho alegre*.

Ria *um riso forçado*.

Chovia *uma chuva fina*.

Chorará *um choro amargo!*

4.2.2.2. Objeto indireto

Completa o sentido do verbo transitivo indireto, ou seja, vem **indiretamente ligado ao verbo com** o auxílio de **preposições**.

Paguei *ao médico*.

Deparamos *com um estranho*.

Não consinto *nisso*.

Rogo-*lhe* perdão.

4.2.2.2.1. Objeto indireto pleonástico

Da mesma forma já vista no objeto direto pleonástico, podemos repetir também o objeto indireto dentro da frase, **para reforçar a ideia** que se pretende seja transmitida.

A mim, o que *me* deu foi pena.

A Paulo, bastou-*lhe* isso.

A ti, ó rosa perfumada, entrego-*te* o mundo.

4.2.2.3. Complemento nominal

É o termo que **completa o sentido de um nome** que por si só não dá a ideia que queremos transmitir.

Por *nome* entendemos o *substantivo*, o *adjetivo* e o *advérbio*.

O complemento nominal é **sempre introduzido por** uma **preposição**.

O respeito *às leis* é obrigatório.

Temos fé *em Deus*.

O sol é útil *ao homem*.

A testemunha falou favoravelmente *ao réu*.

4.2.2.4. Agente da passiva

É o **complemento de um verbo na voz passiva analítica**. É o agente que pratica uma ação indicada por um verbo na voz passiva.

O agente da passiva vem **sempre introduzido por preposição**, geralmente pela preposição POR — e suas combinações: PELO, PELA, PELOS, PELAS. Mas também podemos usar a preposição DE — e suas combinações — em algumas frases.

A cidade foi cercada *por soldados*.

O rei era aclamado *pela multidão*.

A floresta era povoada *de selvagens*.

4.2.3. Termos acessórios da oração

Chamamos de termos acessórios aqueles que **podem ser retirados da frase sem prejuízo para o sentido global**. São eles: *adjunto adnominal, adjunto adverbial* e *aposto*.

4.2.3.1. Adjunto adnominal

É o termo que **determina ou caracteriza um substantivo**. Pode ser:

a) um artigo:

O carro nos pertence.

b) um adjetivo:

O *bom* aluno estuda sempre.

c) uma locução adjetiva:

O amor *da mãe* é eterno.

d) um numeral:
Duas meninas saíram por aqui.
e) um pronome:
Um dia comprarei *aquela* casa.

Curiosidades:
1) O adjunto adnominal constituído por um *adjetivo* pode ser confundido com o predicativo do sujeito ou do objeto.
Perceba as seguintes diferenças:
a) o adjunto adnominal é uma característica intrínseca do ser a que se liga, e vem sempre dentro do mesmo termo do seu referente:
A *bela* Ana saiu.
Adj. adn. — o adjetivo *bela* refere-se ao termo *Ana*, e ambos estão dentro do termo sujeito.
João viu a *bela* Ana na feira.
Adj. adn. — o adjetivo *bela* refere-se ao termo *Ana*, e ambos estão dentro do termo predicado.
b) o predicativo do sujeito é uma qualidade para o sujeito dentro do predicado:
Ana saiu *bela*.
Pred. do suj. — o adjetivo *bela*, que está dentro do predicado, refere-se ao termo *Ana*, que é sujeito.
c) o predicativo do objeto é uma qualidade para o objeto direto atribuída a esse pelo sujeito da frase:
João achou a Ana *bela*.
Pred. do obj. — o adjetivo *bela*, que está ligado ao termo *Ana* (objeto direto), é uma qualidade a ela atribuída pelo sujeito.
2) Quando o adjunto adnominal é expresso por meio de locuções adjetivas, podemos confundi-lo com o complemento nominal.
Observe os casos abaixo:
amor de mãe = adjunto adnominal
amor à mãe = complemento nominal
Vejamos, então, como fazer a diferença entre um e outro.
Quando a locução adjetiva vem ligada a um adjetivo ou a um advérbio, só pode ser um complemento nominal:
João foi favorável *ao acusado*. — complemento nominal, pois se liga ao adjetivo *favorável*.
João discursou favoravelmente *ao projeto*. — complemento nominal, pois se liga ao advérbio *favoravelmente*.
Quando a locução adjetiva vem ligada ao substantivo, pode ter sentidos diferentes:
a) sentido ativo: mostra quem pratica o ato expresso pelo substantivo, então a locução

adjetiva recebe o nome de ADJUNTO ADNOMINAL:

A crítica *do técnico* foi dura. — adjunto adnominal, pois o técnico é quem fez a crítica, sentido ativo.

b) sentido passivo: mostra quem sofre o ato expresso pelo substantivo, então a locução adjetiva recebe o nome de COMPLEMENTO NOMINAL:

A crítica *ao técnico* foi dura. — complemento nominal, pois o técnico recebeu a crítica, sentido passivo.

Observe outros exemplos:

Complemento nominal — sentido passivo:

relato *à mãe*

apta *à maternidade*

Adjunto adnominal — sentido ativo:

relato *de mãe*

aptidão *de mãe*

4.2.3.2. Adjunto adverbial

É o termo que indica **uma circunstância** (de tempo, causa, modo, lugar etc.) **modificando o sentido de um verbo, de um advérbio ou de um adjetivo**. Ele pode aparecer com ou sem preposição.

O adjunto adverbial não completa o sentido do termo a que se liga, apenas modifica o seu sentido.

Dormi *em paz*. — modifica o verbo.

Acordei *bastante* cedo. — modifica o advérbio.

Ela é *muito* bonita. — modifica o adjetivo.

O adjunto adverbial, quando modifica o adjetivo ou advérbio, recebe o nome de **adjunto adverbial de intensidade**, por intensificar a ideia expressa por eles.

Ao modificar o verbo, o adjunto adverbial classifica-se de acordo com a ideia expressa, porém essa classificação não é dada pela nomenclatura gramatical brasileira, e sim apenas sugerida pelos gramáticos.

Curiosidade: Veja a seguir algumas possibilidades:

Pedro foi, *sim*. — adj. adv. de afirmação

Ele falou *do medo*. — adj. adv. de assunto

Maria fez tudo *por amor*. — adj. adv. de causa

Maria passeava *com a mãe*. — adj. adv. de companhia

Estudei muito *apesar do calor*. — adj. adv. de concessão

Farão *com o meu auxílio*. — adj. adv. de condição

Preencheu *conforme as instruções*. — adj. adv. de conformidade

Talvez a encontre amanhã. — adj. adv. de dúvida

Estava *a cinco metros*. — adj. adv. de distância

Estudaremos *sem João*. — adj. adv. de exclusão
Viemos *para as lições*. — adj. adv. de finalidade
Ela brincou *muito*. — adj. adv. de intensidade
A casa foi feita *de madeira*. — adj. adv. de material
Os meninos foram *à Bahia*. — adj. adv. de lugar
Ela cortou-se *com a faca*. — adj. adv. de instrumento
Não tinha medo. — adj. adv. de negação
Fizeram tudo *contra a greve*. — adj. adv. de oposição
Vim *de uma família simples*. — adj. adv. de origem
O saco pesa *cinco quilos*. — adj. adv. de peso
O carro custou *vinte mil reais*. — adj. adv. de preço

4.2.3.3. Aposto

É o termo que **explica, esclarece, discrimina ou identifica um outro termo** da oração.

Geralmente aparece **entre vírgulas**, mas pode também aparecer **após dois-pontos, entre travessões ou** até **sem essas pausas**, porém sempre estará explicando um outro termo qualquer:

Pelé, *rei do futebol*, é meu amigo.
João, *o motorista*, esteve aqui.
Só quero uma coisa: *sorvete*.
Após algum tempo — *cinco ou seis minutos* — ele voltou.
O Padre *César* está começando a missa.
Código universal, a música une os povos.

4.2.4. Vocativo

Usado como **chamamento**, é o termo que serve para atrair a atenção do interlocutor para aquilo que se vai dizer.

Pode aparecer no começo, no meio ou no final da oração, mas não faz parte nem do sujeito nem do predicado. É um termo isolado, portanto não se classifica nem como termo integrante nem como termo acessório:

Brasileiros e brasileiras, façamos tudo pela Pátria.
Ontem pela manhã, *Marcos*, vi você na feira.
Vocês por aqui, *meninos*?!

4.3. SINTAXE DO PERÍODO

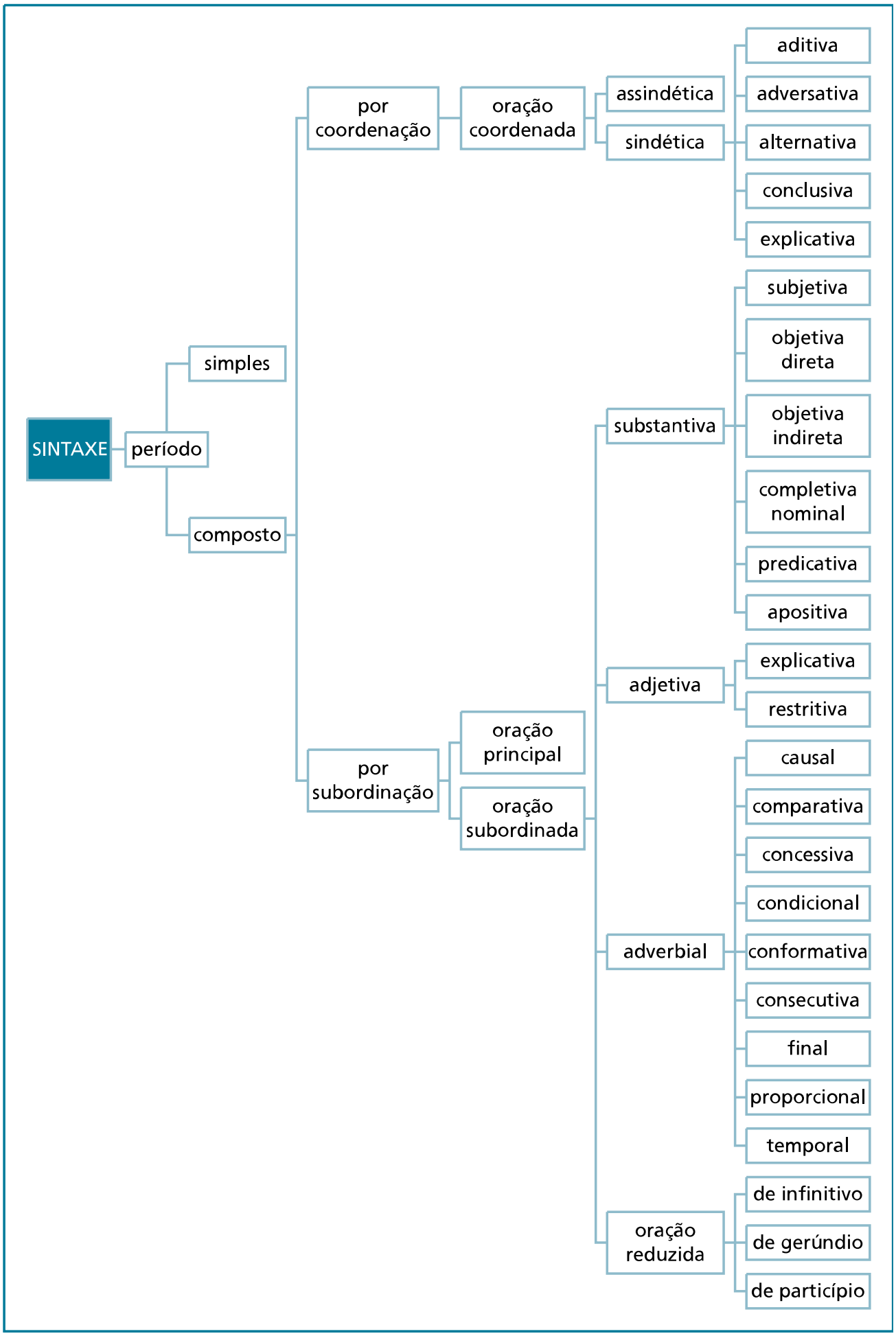
SINTAXE
período
simples
composto
por coordenação
oração coordenada
assindética
sindética
aditiva
adversativa
alternativa
conclusiva
explicativa
por subordinação
oração principal
oração subordinada
substantiva
subjetiva
objetiva direta
objetiva indireta
completiva nominal
predicativa
apositiva
adjetiva
explicativa
restritiva
adverbial
causal
comparativa
concessiva
condicional
conformativa
consecutiva
final
proporcional
temporal
oração reduzida
de infinitivo
de gerúndio
de particípio

Período simples é o agrupamento de palavras em torno de **um verbo**, com sentido completo:

Ana está doente.

Eu e meus irmãos compraremos roupas novas amanhã.

Todos os dias eu espero o jornal na porta.

Período composto é o **agrupamento de orações** finalizadas por um único ponto:

Ana saiu, mas voltará logo.

Eu espero que você seja feliz.

Todos vimos os homens que colhiam algodão no campo.

Enquanto todos estiverem falando, eu não poderei explicar a matéria que preparei para hoje.

O período composto se constitui de duas maneiras diferentes: **por coordenação** e **por subordinação**.

4.3.1. Período composto por coordenação

É o período que apresenta **orações de sintaxe independente**. Suas orações são coordenadas, pois ligam-se pelo sentido ou através de uma **conjunção coordenativa**.

4.3.1.1. Orações coordenadas assindéticas

São aquelas que se ligam a outras apenas pelo sentido, **sem o auxílio de conjunções** coordenativas:

Saia, deixe-me em paz!

Seu pai esteve aqui, deixou um abraço para você.

4.3.1.2. Orações coordenadas sindéticas

São aquelas que, além de se ligarem pelo sentido, ligam-se também **com o auxílio de conjunção** coordenativa.

Fale a verdade, *ou não mais conversarei com você*.

Não li o livro, *mas farei a prova assim mesmo*.

As orações coordenadas sindéticas, por terem conjunções, são **reclassificadas de acordo com o sentido expresso pela conjunção**.

4.3.1.2.1. Oração coordenada sindética aditiva

São as orações que expressam **ideias similares ou equivalentes**, e por isso dão ideia de **soma, adição**.

Principais conjunções aditivas: e, nem, não só... mas também, não apenas... mais ainda, senão ainda, como também etc.

Ana caiu *e quebrou a perna*.

Ela não foi ao mercado *nem foi à feira*.

4.3.1.2.2. Oração coordenada sindética adversativa

Expressa um pensamento que se opõe ao anterior, dá ideia de **contrariedade** e, por isso, **adversidade**.

Principais conjunções adversativas: mas, porém, todavia, contudo, entretanto, senão, no entanto, ao passo que, não obstante etc.:

Trata a todos com respeito, *mas não com intimidade.*

Irei com você, *porém prefiro ficar em casa.*

4.3.1.2.3. Oração coordenada sindética alternativa

Expressa ideias que se excluem ou que se alternam, daí transmitir a noção de **escolha, alternância**.

Principais conjunções alternativas: ou, ou... ou, ora, quer... quer, seja... seja, já... já etc.:

Vá para casa agora, *ou tomará chuva.*

Ora chorava, ora sorria.

4.3.1.2.4. Oração coordenada sindética conclusiva

Mostra a **dedução** ou **conclusão** de um raciocínio.

Principais conjunções conclusivas: assim, logo, portanto, por isso, por conseguinte, por consequência, pois (posposto ao verbo da oração) etc.:

Penso, *logo existo.*

Você não terminou a lição; *não irá, pois, brincar.*

4.3.1.2.5. Oração coordenada sindética explicativa

Aquela que **se apresenta justificando a oração anterior**, ou seja, reforça a ideia através de uma explicação.

Principais conjunções explicativas: que, porquanto, porque, pois (anteposto ao verbo da oração) etc.:

Choveu à noite, *porque o chão está molhado.*

A noite está quente, *pois é verão.*

4.3.2. Período composto por subordinação

É o período em que as orações mantêm uma **relação de dependência** entre elas.

Essa **dependência** é **sintática e semântica**. Sintática porque uma desempenha uma função em relação à outra; semântica porque o sentido de uma se completa com o sentido da outra:

As meninas queriam que o rapaz as levasse ao cinema.

O filme que elas queriam ver não agradava ao rapaz.

Embora o rapaz tivesse outros planos, levou as garotas ao cinema.

Nos exemplos dados, em cada período, uma oração depende da outra para ter sentido ou para estar sintaticamente completa.

4.3.2.1. Oração principal

É aquela que **não exerce função sintática** no período e **vem sempre acompanhada de uma outra oração que lhe completa o sentido**, ou **que atribui uma característica a um de seus substantivos**, ou ainda **indica-lhe uma circunstância**.

A oração principal não apresenta conjunção ou pronome relativo:

É necessário que se case.

O homem que fuma *vive pouco*.

Sopram os ventos, quando amanhece.

4.3.2.2. Oração subordinada

É aquela que se **liga à outra por meio de conjunção integrante**, **conjunção subordinativa** ou **pronome relativo**. A **oração subordinada** sempre **dependerá da principal** para ser entendida.

A oração subordinada:

a) **completa o sentido** da oração principal: Eu peço *que desistas*.

b) **caracteriza o ser** da oração principal: Deus, *que é Pai*, ajuda-nos.

c) **indica uma circunstância** para a oração principal: Saímos, *quando escureceu*.

As orações subordinadas são classificadas de acordo com a função que desempenham em relação à oração principal:

a) Quando exerce as **funções próprias do substantivo**, recebe o nome de **oração subordinada substantiva**.

As funções do substantivo são: sujeito, objeto direto e indireto, complemento nominal, predicativo do sujeito e aposto.

b) Quando exerce a **função própria do adjetivo**, recebe o nome de **oração subordinada adjetiva**.

A função do adjetivo é: adjunto adnominal.

c) Quando exerce a **função própria do advérbio**, recebe o nome de **oração subordinada adverbial**.

A função do advérbio é: adjunto adverbial.

4.3.2.2.1. Oração subordinada substantiva

A oração subordinada recebe o nome de oração subordinada substantiva quando sua função é **completar o sentido da oração principal**. Damos a ela o nome SUBSTANTIVA, porque pode ser substituída, trocada por um substantivo. É sempre **iniciada por uma conjunção integrante**.

As principais conjunções integrantes são QUE e SE:

É necessário que se case.

Nesse exemplo, a oração *que se case* está completando o sentido da principal, e pode ser trocada pelo substantivo *casamento*: É necessário *seu casamento*.

Veja outros exemplos:

Eu quero *que você saia*. (Eu quero *sua saída*.)

Ninguém sabe *se ela virá*. (Ninguém sabe *da sua vinda*.)

Todos desejamos uma só coisa: *que você seja feliz*. (Todos desejamos uma só coisa: *sua felicidade*.)

Quando a oração subordinada completa o sentido da oração principal, ela desempenha determinada função em relação a esta. Assim:

É necessário *que se case*. = *Seu casamento* é necessário.

Então: a oração subordinada funciona como sujeito da oração principal.

Eu quero *que você saia*. = Eu quero *sua saída*.

Então: a oração subordinada funciona como objeto direto da oração principal.

Todos desejamos uma só coisa: *que você seja feliz*. = Todos desejamos uma só coisa: *sua felicidade*.

Então: a oração subordinada funciona como aposto da oração principal.

De acordo com a função que exerce em relação à principal, podemos classificar a oração subordinada substantiva. Para isso, basta sabermos o que falta na oração principal. Veja:

4.3.2.2.1.1. Oração subordinada substantiva subjetiva

É assim classificada quando exerce a **função de** sujeito em relação à oração principal:

Espera-se *que as meninas tragam as tortas*.

É necessário *que ela estude matemática*.

4.3.2.2.1.2. Oração subordinada substantiva objetiva direta

Recebe esse nome a oração que exerce a **função de** objeto direto em relação à oração principal:

Maria esperou *que o marido voltasse*.

Ignoramos *se eles se salvaram*.

4.3.2.2.1.3. Oração subordinada substantiva objetiva indireta

Damos à oração essa denominação, pois exerce a **função de** objeto indireto em relação à oração principal. Vem sempre introduzida por preposição, e essa preposição estará ligada ao verbo da oração principal:

Nós necessitamos *de que nos ajudem*.

Gosto *de que me beije*.

4.3.2.2.1.4. Oração subordinada substantiva completiva nominal

Assim é chamada quando exerce a **função de** complemento nominal em relação à oração principal. Vem sempre introduzida por preposição, e essa preposição estará ligada a um nome da oração principal:

Eu sou favorável *a que o prendam*.

Nós temos necessidade *de que nos ajudem*.

4.3.2.2.1.5. Oração subordinada substantiva predicativa

Quando exerce a **função de** predicativo do sujeito em relação à oração principal. Vem sempre ao lado de um verbo de ligação da oração principal:

Seu receio era *que chovesse.*

O necessário agora é *que você se cure.*

4.3.2.2.1.6. Oração subordinada substantiva apositiva

Quando exerce a **função de** aposto em relação à oração principal. Geralmente aparece após dois-pontos:

Só desejo uma coisa: *que seja feliz.*

Confesso uma verdade: *(que) eu sou puro.*

4.3.2.2.2. Oração subordinada adjetiva

A função da oração subordinada adjetiva é **caracterizar um ser da oração principal**, que já possui sentido completo. É a função própria do adjetivo, ou seja, adjunto adnominal.

A oração subordinada adjetiva pode caracterizar o ser da oração principal de duas maneiras diferentes: **explicando** ou **restringindo** o seu sentido.

A oração subordinada adjetiva é **iniciada por um pronome relativo**.

O homem *que fuma* vive pouco — nesse exemplo temos uma restrição, pois não é todo homem que vive pouco, apenas aquele que fuma.

O gelo, *que é frio*, conserva o alimento — nesse outro exemplo temos uma explicação, pois ser frio é característica própria do gelo.

Assim podemos reclassificar a oração subordinada adjetiva:

4.3.2.2.2.1. Oração subordinada adjetiva explicativa

Quando **explica o sentido de um ser da oração principal**. A oração subordinada-adjetiva deve ser **sempre isolada por vírgulas, travessões ou parênteses**.

O homem, *que é racional,* às vezes age sem pensar.

Deus — *que é nosso pai* — nos salvará.

A lâmpada *(que ilumina)* é uma grande invenção.

4.3.2.2.2.2. Oração subordinada adjetiva restritiva

Quando **restringe, particulariza o sentido do ser da oração principal:**

Vi homens *que colhiam algodão.*

Comi as frutas *que estavam maduras.*

4.3.2.2.3. Oração subordinada adverbial

A oração subordinada adverbial é aquela que **indica uma circunstância para a oração principal**. Ela desempenha as funções próprias de um advérbio, ou seja, de um adjunto adverbial. Sempre **iniciada por conjunção subordinativa adverbial**, é essa

conjunção que indicará a circunstância que a oração toda expressa; e, de acordo com essa circunstância, reclassificaremos a oração subordinada adverbial.

4.3.2.2.3.1. Oração subordinada adverbial causal

Expressa **causa, motivo, razão**.

Principais conjunções causais: porque, visto que, já que, uma vez que, posto que, como, na medida em que etc.:

Você veio *porque quis.*

Como ele estava armado, ninguém ousou reagir.

4.3.2.2.3.2. Oração subordinada adverbial comparativa

Expressa uma **comparação**.

Principais conjunções comparativas: (do) que, tal... qual, tão... como, tanto... quanto, como etc.:

Voltou a casa *como quem vai à prisão.*

A luz é mais veloz *do que o som.*

Curiosidade: A oração subordinada adverbial comparativa pode ter um verbo subentendido. Isso acontece quando o verbo da oração principal é o mesmo da oração subordinada:

A luz é mais veloz *do que o som* (é veloz).

4.3.2.2.3.3. Oração subordinada adverbial concessiva

Expressa um fato que se admite em **exceção** à ideia expressa pela oração principal.

Principais conjunções concessivas: embora, ainda que, se bem que, apesar de etc.:

Nada seria resolvido, *ainda que eu falasse.*

Irei à festa, *embora não esteja disposto.*

4.3.2.2.3.4. Oração subordinada adverbial condicional

Expressa uma hipótese, uma **condição**.

Principais conjunções condicionais: salvo se, caso, exceto se, sem que, a menos que etc.:

Se chover, não sairei de casa.

Não deixe de estudar, *a menos que você já saiba tudo.*

4.3.2.2.3.5. Oração subordinada adverbial conformativa

Expressa **conformidade**, acordo entre um fato e outro.

Principais conjunções conformativas: conforme, segundo, como, consoante etc.:

O homem age *conforme pensa.*

A história se repete, *consoante opinam alguns.*

4.3.2.2.3.6. Oração subordinada adverbial consecutiva

Expressa uma **consequência**, um resultado, um efeito.
Principais conjunções consecutivas: tanto que, tão que, que etc.:
Gritou tanto, *que acordou os vizinhos.*
Ó Deus, onde estás, *que não respondes?*

■ *4.3.2.2.3.7. Oração subordinada adverbial final*

Expressa **finalidade**, objetivo.
Principais conjunções finais: a fim de, para que, porque, que etc.:
Saí, *a fim de que evitássemos brigar.*
Veio à escola *para que estudasse.*

■ *4.3.2.2.3.8. Oração subordinada adverbial proporcional*

Expressa **proporcionalidade**.
Principais conjunções proporcionais: à medida que, na medida em que, à proporção que, à maneira que, ao passo que etc.:
Aumentava a pressão *ao passo que a esquadra se aproximava.*
O dia clareia *à medida que o sol surge.*

■ *4.3.2.2.3.9. Oração subordinada adverbial temporal*

Expressa ideia de **tempo**.
Principais conjunções temporais: quando, enquanto, apenas, mal, logo que, assim que, depois que, agora que etc.:
Mal chegamos, ela foi saindo.
O que fará, *agora que está em férias?*

■ *4.3.2.3. Orações reduzidas*

São as orações subordinadas que se apresentam **sem conjunção ou sem pronome relativo**, e **com o verbo numa das formas nominais:**

- *infinitivo* (pessoal ou impessoal) — AMAR.
- *gerúndio* — AMANDO.
- *particípio* — AMADO.

Quando a oração se apresenta da forma que estávamos vendo até agora, dizemos que ela é uma ORAÇÃO DESENVOLVIDA. Se tirarmos a conjunção inicial e colocarmos o verbo em forma nominal, transformaremos a oração desenvolvida em ORAÇÃO REDUZIDA.

■ *4.3.2.3.1. Oração reduzida de infinitivo*

Oração reduzida de infinitivo surge quando **tiramos a conjunção e colocamos o verbo no infinitivo**. Aqui podemos ter as orações subordinadas substantivas e as orações subordinadas adverbiais:

É necessário *casar-se.*

Todos temos necessidade *de nos amarem.*

Ao fazer a lição, aprenderá um pouco mais.

Ela comprou o carro *para chegar mais cedo ao trabalho.*

4.3.2.3.2. Oração reduzida de gerúndio

Oração reduzida de gerúndio aparece quando **tiramos a conjunção ou pronome relativo e colocamos o verbo no gerúndio**. Aqui podemos ter as orações subordinadas adjetivas e as orações subordinadas adverbiais:

Percebi a aluna *colando na prova.*

Pedindo com jeito, ela fará o serviço para nós.

4.3.2.3.3. Oração reduzida de particípio

Oração reduzida de particípio aparece quando **tiramos a conjunção ou pronome relativo e colocamos o verbo no particípio**. Aqui podemos ter as orações subordinadas adjetivas e as orações subordinadas adverbiais:

Há saudade *nunca esquecida.*

Partido o bolo, vários convidados se retiraram.

Curiosidade: As orações subordinadas substantivas só podem ser reduzidas de infinitivo.

As orações subordinadas adjetivas podem ser reduzidas de gerúndio e particípio.

As orações subordinadas adverbiais podem ser reduzidas de infinitivo, gerúndio e particípio.

4.4. REGÊNCIA

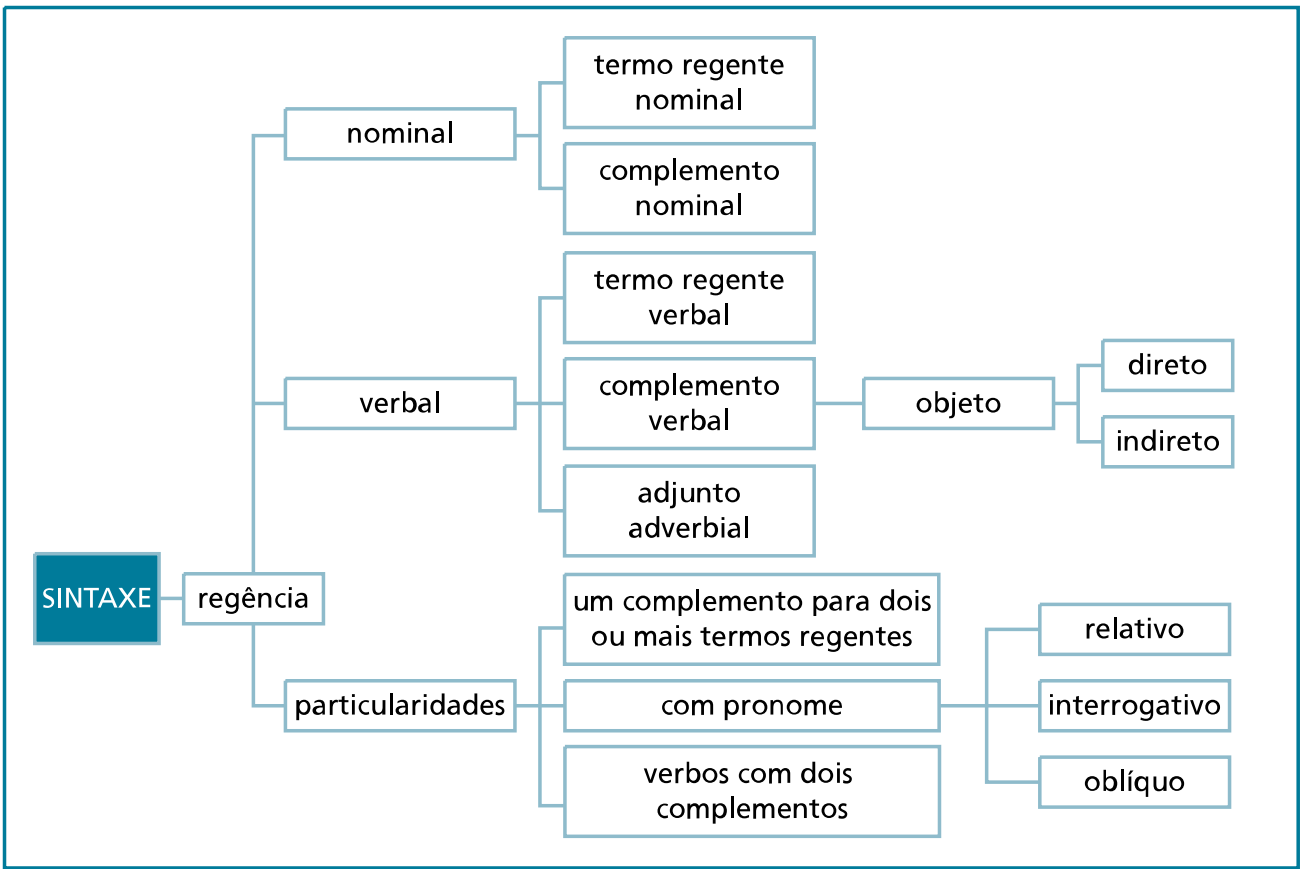

A regência trata das **relações de dependência que as palavras mantêm entre si**. É o modo pelo qual um termo rege outro que lhe completa o sentido.

Temos:

- *Termo regente:* aquele que **pede um complemento**.
- *Termo regido:* aquele que **completa o sentido de outro**.

O homem está apto para o trabalho — o nome **apto** não possui sentido completo, precisa de um complemento; o termo **para o trabalho** aparece completando o sentido do nome **apto**.

Assistimos ao filme — o verbo **assistimos** não tem sentido completo, ele necessita de um outro termo que lhe dê completude; o termo **ao filme** está completando o sentido do verbo **assistir**.

Os termos **apto** e **assistimos** são os regentes, pois exigem complemento; já os termos **para o trabalho** e **ao filme** são os regidos, pois funcionam como complemento.

A regência divide-se em:

- *Regência nominal* — quando o termo regente é um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio):

O homem está apto para o trabalho.

- *Regência verbal* — quando o termo regente é um verbo:

Assistimos ao filme.

Os complementos colocados na frase receberão nomes específicos:

■ *Complemento nominal*, quando completa o sentido de um nome e vem sempre introduzido por preposição.

■ *Complemento verbal*, quando completa o sentido do verbo e pode ser ou não introduzido por preposição; nesse caso teremos de renomeá-lo como:

■ *Objeto direto:* é complemento diretamente ligado ao verbo, sem o auxílio de preposição.

■ *Objeto indireto:* é o complemento indiretamente ligado ao verbo, com o auxílio de uma preposição.

■ 4.4.1. Regência nominal

É o fato de **um nome não ter sentido completo** e exigir **outro que lhe complete o sentido**. Não há regras para o uso ou não de determinada preposição com o nome. Alguns deles admitem mais de uma regência. A escolha de uma ou outra preposição deve ser feita com base na clareza, na eufonia e também deve adequar-se às diferentes formas de pensamento.

Curiosidade: Lista de alguns nomes e suas preposições mais frequentes:

aberto a, para
aborrecido a, com, de, por
abrigado a
abundante de, em
adequado a
afável com, para com
aflito com, por
agradável a
alérgico a
alheio a, de
aliado a, com
alusão a
amoroso com, para com
ansioso de, por
antipatia a, contra, por
apto a, para atenção a
atencioso com, para com
aversão a, para, por
avesso a
ávido de, por
certeza de
certo de
compaixão de, para com, por

compatível com
comum a, de, em, entre, para
conforme a, com
consulta a
constituído com, de, por
contente com, de, em, por
contíguo a
convicção de
cruel com, para, para com
curioso de, por
desgostoso com, de
desprezo a, de, por
devoção a, para com, por
devoto a, de
domiciliado a, em
dúvida acerca de, de, em, sobre
empenho de, em, por
fácil a, de, para
falho de, em
favorável a
feliz com, de, em, por
fértil de, em
hábil em
habituado a, com
horror a
hostil a, para com
impróprio para
imune a, de
incansável em
incapaz de, para
inclinado a
invasão de
junto a, com, de
lento em
morador em
ódio a, contra, de, para com, por
orgulhoso de, com
peculiar a

precedido a, com, de
preferível a
pródigo de, em
próximo a, de
residente em
respeito a, com, de, para com, por
simpatia a, para com, por
situado a, em, entre
suspeito a, de
último a, de, em
união a, com, entre
útil a, para
vizinho a, com, de

4.4.2. Regência verbal

Nesse tipo de regência, é o **verbo que pede um complemento que pode ou não ligar-se através de preposição**. A escolha da preposição adequada depende da significação do verbo. Devemos observar as possibilidades de utilização de uma ou outra preposição.

a) Existem verbos que admitem mais de uma regência sem mudar seu significado:
Cumpriremos o nosso dever.
Cumpriremos com o nosso dever.
José não tarda a chegar.
José não tarda em chegar.
Esforcei-me por não contrariá-la.
Esforcei-me para não contrariá-la.

b) Existem verbos que mudam seu significado quando se altera a regência:
Aspirei o aroma das flores.
(aspirar = sorver, respirar)
Aspirei a um bom cargo.
(aspirar = desejar, almejar, objetivar)
Olhe para ele.
(olhar = fixar o olhar)
Olhe por ele.
(olhar = cuidar)

Lista de alguns verbos e suas regências:

Veremos aqui alguns verbos e suas regências, cujas particularidades seguirão o seguinte esquema:

VERBO

■ (sentido na frase) — sua transitividade (VI, VTD, VTI, VTDI) — preposição exigida
exemplo
Assim:

CONFIAR

■ (acreditar) — VTI — preposição EM:
Confio em meus pais.
■ (entregar) — VTDI — sem preposição + preposição A:
Confio meu carro ao meu filho.

ASPIRAR

■ (sorver) — VTD — sem preposição:
Aspiro o perfume das flores.
Todos aspiramos a fumaça tóxica das fábricas de nossa cidade.
■ (desejar) — VTI — preposição A:
Aspiro a uma boa posição.
Ele sempre aspirou à vaga de Auditor-Fiscal.

ABDICAR

■ (renunciar) — VI — sem complemento:
Ela abdicou em 1990.
■ (renunciar) — VTD — sem preposição:
Ele abdicou a coroa.
Ele abdicou o direito de votar.
■ (renunciar) — VTI — preposição DE:
Ele abdicou da coroa.
Ele abdicou do direito de votar.

AGRADAR

■ (satisfazer, contentar) — VTI — preposição A:
A peça não agradou ao público.
Agradaria muito ao pai se o filho estudasse mais.
■ (acariciar, ser agradável) — VTD — sem preposição:
João procurou agradar o filho.
As pessoas gentis sempre procuram agradar os outros.

AGRADECER

■ (ser grato) — VTDI — sem preposição + preposição A:
João agradeceu o presente a José.
Agradecemos ao mestre a dedicação com que nos ajudou.

ASSISTIR

■ (ver, presenciar) — VTI — preposição A:
Ele assistiu ao espetáculo.

Sempre assisto às novelas.
■ (ser de direito, caber, pertencer) — VTI — preposição A:
Férias é um direito que assiste a todos.
Tal direito assiste aos alunos.
■ (morar) — VI — preposição EM (adjunto adverbial de lugar):
Eles assistem em São Paulo.
Assistem todos em área de risco.
■ (ajudar, auxiliar) — VTD — sem preposição:
O médico assiste o paciente.
O departamento jurídico assistiu a Comissão de Direitos Humanos.

ATENDER

■ (receber, responder) — VTD — sem preposição:
O diretor atenderá os alunos.
Deus atende nossas preces.
■ (dar atenção) — VTI — preposição A:
Vou atender ao que me pede.
O bom aluno atende ao professor.

AVISAR

■ (informar) — VTDI — sem preposição + preposições A, DE ou SOBRE:
Avise o ocorrido a João.
Avisei João do ocorrido.
Avisei João sobre o ocorrido.

Curiosidade: Esse verbo pode ter a "pessoa" como Objeto Direto e a "coisa" como Objeto Indireto — ou vice-versa. Se você puser preposição na "coisa", use DE ou SOBRE, e, se você puser preposição na pessoa, use A.

CERTIFICAR

Ver o verbo *avisar*.

CHAMAR

■ (convocar, denominar, cognominar) — VTD — sem preposição:
O gerente chamou os funcionários para a reunião.
Na hora de aflição, o filho chama a mãe.

Curiosidade: Apesar de a regência dada acima ser a mais frequente, o verbo **chamar** admite várias construções como corretas:
Chamei Pedro.
Chamei a Pedro.
Chamei Pedro de herói.
Chamei a Pedro de herói.
Chamei por Pedro.

Na hora de aflição, o filho chama pela mãe.

CHEGAR

■ (vir de) — VI — preposição A (adjunto adverbial de lugar):
Cheguei a casa.
Cheguei ao colégio.
Chegaremos à escola um pouco atrasados.
■ (vir por meio de) — VI — preposição EM (adjunto adverbial de meio):
Cheguei em um ônibus fretado.
Cheguei no trem das onze.

COMUNICAR

■ (avisar) — VTDI — sem preposição + preposição A:
Comuniquei o fato a Pedro.
Comunicamos a todos que a prova será adiada.

Curiosidade: Para o verbo **comunicar**, teremos sempre a seguinte construção:
"coisa" — sem preposição + "pessoa" — com a preposição A.
Comuniquei o fato a Pedro.
Apesar de ser sinônimo do verbo **avisar**, o verbo **comunicar** não pode fazer a troca de preposição entre complementos como faz aquele:
Avisei o fato a Pedro.
ou
Avisei Pedro do (sobre o) fato.

CUSTAR

■ (ser difícil) — VTI — preposição A:
Custa-me entender a lição.
Fazer o trabalho custará a todos.

Curiosidade: Na linguagem do dia a dia, costuma-se empregar esse verbo de forma incorreta. Veja a seguinte construção: Eu custei a entender — ERRADA.
Nela percebemos o pronome **eu** como sujeito e o verbo no infinitivo **a entender** como objeto indireto. Isso é incorreto, pois o difícil foi **entender**, e tal coisa foi difícil para alguém, no caso **para mim**.
A frase correta é: Custou-me entender.

DESOBEDECER

■ (desacatar) — VTI — preposição A:
Os filhos desobedecem aos pais.
Sempre que desobedecem à lei, devem ser punidos.

ESQUECER

■ (sem pronome reflexivo) — VTD — sem preposição:

Esqueci o caderno.
Não esqueça os sapatos na sala.
■ (com pronome reflexivo) — VTI — preposição DE:
Esqueci-me do caderno.
Não se esqueça dos sapatos na sala.

Curiosidades:
a) Repare que o verbo **esquecer** pode ser usado com ou sem **pronome reflexivo**. Se estiver com pronome reflexivo, ele estará também com preposição DE. Se ele não estiver com pronome reflexivo, ele estará sem preposição.
b) Tome cuidado, pois algumas vezes ele aparece com pronome, mas esse não é reflexivo. Observe o seguinte exemplo:
Esqueceram-me os fatos.
Esta é uma construção comumente usada, na qual o sujeito é determinado e o pronome **me** representa o objeto indireto, logo **os fatos** é o sujeito.
Esqueceu-me a data do seu aniversário.

IMPLICAR
■ (ser chato com) — VTI — preposição COM:
Ana sempre implica com todos.
Implicava comigo, sempre que eu chegava tarde.
■ (envolver-se) — VTI — preposição EM:
Ana implicou-se em casos de vandalismo.
■ (acarretar) — VTD — sem preposição:
Sua atitude implica demissão.
Desobedecer à lei implica receber punição.
■ (acarretar) — VTI — preposição EM:
Sua atitude implica em demissão.
Desobedecer à lei implica em receber punição.

Curiosidade: Hodiernamente, o verbo **implicar**, no sentido de **acarretar**, pode ser usado das duas maneiras mencionadas acima.

INFORMAR
Ver o verbo *avisar*.

INVESTIR
■ (empossar) — VTDI — sem preposição + preposição EM:
João foi investido em cargo público.
Vamos investir os aprovados na carreira militar.
■ (empregar dinheiro) — VTDI — sem preposição + preposição EM:
João investiu todo o seu dinheiro em ações.
O pai investiu no filho suas esperanças.

■ (atacar) — VTD — sem preposição:
A onda investe a praia.
■ (atacar) — VTI — preposição COM ou CONTRA:
A onda investe contra a praia.
Pedro investiu com os árabes.
Pedro investiu contra os árabes.

IR

■ (ir e voltar) — VI — preposição A (adjunto adverbial de lugar):
Fui ao colégio.
Ontem pela manhã, fui ao zoológico.
Vá à praia, para caminhar um pouco.
■ (ir e ficar) — VI — preposição PARA (adjunto adverbial de lugar):
Vou para o Rio de Janeiro.
Não quero mais morar na cidade, vou para a praia.

LEMBRAR

■ (lembrar "algo" "a alguém") — VTDI — sem preposição + preposição A:
Lembrei o fato ao menino.
Lembrou ao pai que era dia de receber a mesada.

Curiosidade: O verbo **lembrar** também pode ter as mesmas regências do verbo **esquecer:**
Lembrei o fato.
Lembrei-me do fato.
Lembram-me tais palavras.
Não me lembra o ocorrido.

MORAR

■ (residir) — VI — preposição EM (adjunto adverbial de lugar):
Eu moro na Rua do Lago.

NAMORAR

■ ("ficar") — VTD — sem preposição:
Eu namoro o Pedro e João namora a Maria.
Estou namorando aquela menina.

Curiosidade: Não se deve usar o verbo **namorar** com a preposição **com**, como muito frequentemente se ouve.
São erradas as construções:
Eu namorei com ele durante dois anos.
Quer namorar comigo?
Com qual menina você namora?
O correto é:

Eu namorei-o durante dois anos.
Quer namorar-me?
Qual menina você namora?

NOTIFICAR
Ver o verbo *avisar*.

OBEDECER
Ver o verbo *desobedecer*.

PAGAR
■ (pagar "coisa") — VTD — sem preposição:
Eu paguei a dívida.
Paguei o débito.
■ (pagar "pessoa") — VTI — preposição A:
Eu paguei ao médico.
Paguei ao açougueiro.

Curiosidades:
1) É possível colocarmos os dois complementos numa mesma frase, então o verbo **pagar** deve ser classificado como VTDI:
Paguei a conta ao açougueiro.
2) Às vezes usamos um substantivo que representa "coisa" no lugar de "pessoa":
Paguei ao hospital. ("hospital" no lugar de "médico").
Paguei ao açougue. ("açougue" no lugar de "açougueiro").

PERDOAR
Ver o verbo *pagar*.

PISAR
■ (pôr os pés em) — VTD — sem preposição:
O artista pisou o palco com vontade!
Não pise a grama.
■ (pôr os pés em) — VTI — preposição EM:
O artista pisou no palco com vontade!
Não pise na grama.

Curiosidade: Antigamente, apenas a primeira construção era admitida como correta; hoje, ambas o são.

PREFERIR
■ (gostar mais) — VTD — sem preposição:
Prefiro água.
Todos preferem Português!
■ (desejar algo em detrimento de outra coisa) — VTDI — sem preposição + preposição

A:
Prefiro água a café.
Todos preferem Português a Matemática.

Curiosidade: Muitos usam as seguintes construções:
Prefiro mais tomar uma cerveja. (Errada!)
Prefiro água do que café. (Errada!)
Prefiro antes água a refrigerante. (Errada!)
O verbo **preferir** significa **gostar mais**, portanto não se usa ao lado dele outras expressões superlativas, como MAIS, ANTES, MUITO etc.!
Veja também que a expressão **do que** não é uma preposição, então seu uso como tal é absurdo!

PREVENIR
Ver o verbo *avisar*.

PROCEDER
■ (ter fundamento) — VI — sem complemento:
Tal comentário não procede.
Esse argumento não procede.
■ (originar-se) — VI — preposição DE (adjunto adverbial de lugar):
Eu procedo do Paraná.
Eles procedem de uma região fria.
■ (iniciar, realizar) — VTI — preposição A:
Eles procederam a uma rápida leitura da ata da reunião passada.
O delegado procedeu ao inquérito.
Após a chegada do réu, o juiz procedeu ao julgamento.

PUXAR
■ (arrastar) — VTD — sem preposição:
Ele puxou a cadeira e sentou-se.
Não puxe a porta.
■ (ser parecido) — VTI — preposição A:
Ele puxou ao pai.

QUERER
■ (desejar) — VTD — sem preposição:
Eu quero o sorvete de morango.
A mulher quer um filho.
■ (estimar, amar) — VTI — preposição A:
Eu quero a meus primos.
A mãe quer ao filho.

RESIDIR

Ver o verbo *morar*.

RESPONDER

■ (dar a resposta) — VTD — sem preposição:
Todos responderam a verdade.
A noiva respondeu um sonoro "sim".
■ (dar resposta a) — VTI — preposição A:
Responda aos testes sobre Geografia.
Responda somente às questões mais simples primeiramente.

Curiosidade: Podemos também classificá-lo como VTDI:
Respondi a João que não fiz a lição.

SIMPATIZAR

■ (gostar) — VTI — preposição COM:
Eu simpatizei com o novo professor.
Ela não simpatizou comigo!

Curiosidade: Este verbo não é pronominal; portanto, está errada a construção:
Eu não me simpatizei com ele.
O correto é:
Eu não simpatizei com ele.

VISAR

■ (mirar) — VTD — sem preposição:
O atirador visou o alvo.
■ (vistar) — VTD — sem preposição:
Ele visou o documento.
■ (desejar, almejar) — VTI — preposição A:
Ele visa a um bom salário.
Visávamos à garantia de uma boa classificação no concurso.
Este acordo visa a garantir um bom relacionamento entre as nações.

Curiosidade: Se o complemento do verbo **visar** (no sentido de "desejar") for outro verbo, a preposição pode ser suprimida:
Este acordo visa a garantir um bom relacionamento entre as nações.
Este acordo visa garantir um bom relacionamento entre as nações.
Visando a receber um bom salário, ele se inscreveu para aquele cargo.
Visando receber um bom salário, ele se inscreveu para aquele cargo.

■ 4.4.3. Particularidades da regência

A estrutura oracional da Língua Portuguesa **permite que se altere a posição dos termos dentro da frase e também autoriza a utilização de um ou outro termo para que se evite a redundância**, a repetição.

Quando utilizamos esses processos facultados pela língua, devemos ter o cuidado de não trocar a regência dos termos (o que é muito comum nas conversas do dia a dia).

Veja este exemplo:

O que você mais gosta em mim? (ERRADO)

Essa frase está errada!

O pronome interrogativo QUE está no lugar do complemento do verbo **gostar**.

O verbo gostar pede a preposição **DE** antes do seu complemento; portanto, deve aparecer essa preposição antes do pronome interrogativo QUE.

A frase correta é:

Do que você mais gosta em mim?

Esse foi apenas um exemplo; vejamos agora os vários fatos notáveis dentro da regência.

4.4.3.1. Um único complemento para dois ou mais verbos

Comi e saboreei a fruta.

O objeto direto **a fruta** se liga tanto ao verbo **comer** quanto ao verbo **saborear**, e a frase está correta.

Comi e gostei da fruta. (ERRADO)

Perceba que o objeto indireto **da fruta** se liga tanto ao verbo **comer** quanto ao verbo **gostar**, e a frase está errada!

No primeiro exemplo, tanto o verbo **comer** quanto o verbo **saborear** são verbos transitivos diretos, ou seja, têm a mesma regência.

REGRA: **verbos de regências idênticas podem ter complemento único comum**.

Observe agora os verbos do segundo exemplo: **comer** é VTD, **gostar** é VTI, ou seja, são verbos de regências diferentes.

REGRA: **verbos de regências diferentes pedem complementos distintos**.

A correção será: Comi a fruta e gostei dela.

Leia estes outros exemplos:

Entrei e sai da sala. (Errado!)

Entrei na sala e dela sai.

Li e refleti sobre o texto. (Errado!)

Li o texto e refleti sobre ele.

Amo e obedeço meu pai. (Errado!)

Amo meu pai e obedeço-lhe.

Ana gosta e confia em Raí. (Errado!)

Ana gosta de Raí e confia nele.

4.4.3.2. Regência com pronome interrogativo

Que, qual, quem, quanto e onde são pronomes interrogativos.

Há dois modelos de frase interrogativa:

■ **direta:** quando a frase **termina em ponto de interrogação**.

Que horas são agora?

■ **indireta:** quando a frase **termina em ponto-final**, mas dá ideia de pergunta.

Gostaria de saber que horas são.

O s **pronomes interrogativos substituem os complementos verbais ou nominais**, portanto estão sujeitos à regência como qualquer outro termo nessa função.

REGRA: se **o pronome interrogativo é usado com um verbo ou nome que peça preposição, essa preposição deve ser colocada antes desse pronome interrogativo**.

Qual perfume você falou? (errado!)

De qual perfume você falou?

Veja outros exemplos incorretos do dia a dia e suas correções:

O que o senhor, ao concorrer a uma vaga, aspira? (errado!)

A que o senhor, ao concorrer a uma vaga, aspira?

Que filme você assistiu ontem? (errado!)

A que filme você assistiu ontem?

Quanto você precisa para ir à feira? (errado!)

De quanto você precisa para ir à feira?

Onde você foi ontem? (errado!)

Aonde você foi ontem?

■ *4.4.3.3. Regência com pronome relativo*

Que, qual, quem, onde e cujo são **pronomes relativos — substituem termo mencionado** anteriormente. Veja:

Ela é a mulher. + Eu amo a mulher. = Ela é a mulher *que* eu amo.

a) QUE — substitui nomes de **pessoas, animais e coisas:**

Ana é a secretária que eu contratei.

Cachorro é o animal que eu lhe darei.

Comprei a camisa que você me pediu.

b) QUAL — substitui nomes de **pessoas, animais e coisas**. Esse pronome **sempre** é usado **com artigo** antecedente (o qual, a qual, os quais, as quais):

Ana é a secretária da qual eu te falei.

Cachorro é o animal do qual gosto.

Comprei as camisas das quais você falou.

c) Quem — substitui nomes de **pessoas**:

Todos são pessoas em quem confio.

d) Onde — substitui nomes de **localidades** (lugar):

Aquela é a casa onde moro.

Visitei a cidade onde nasci.

e) Cujo — substitui nomes de **pessoas, animais e coisas** desde **que expressem** ideia de

posse. Esse pronome sempre concorda com o substantivo posterior a ele. Não pode haver **artigo** entre o pronome **cujo** e o **substantivo** com o qual ele concorda:

Esta é a fazenda cujo pasto secou.

Conheço o homem cujas filhas estão na tevê.

Curiosidades:

1) Depois do pronome **cujo** só pode aparecer **substantivo**.

Estão erradas as frases:

Ela é a mulher cuja ninguém conhece.

Ela é a mulher cuja não devemos desobedecer.

Ela é a mulher cuja jamais deixarei de amar.

Ela é a mulher cuja ela odeia.

2) Pode aparecer um **adjetivo** antes do substantivo:

Esta é a fazenda cujo enorme pasto secou.

Conheço o homem cujas belas filhas estão na tevê.

Os pronomes relativos substituem termos que podem funcionar como complementos verbais (objeto direto, objeto indireto) ou como complementos nominais. Sendo assim, eles acatarão a qualquer particularidade regencial dos complementos que substituem.

REGRA: se o **pronome relativo é usado com verbo ou nome que peça preposição, essa preposição deve ser colocada antes do pronome relativo**.

Eu não conheço a marca de margarina que você gosta. (errado)

Não conheço a marca de margarina de que você gosta.

Repare: o verbo **gostar** pede a preposição **DE**, que aparece antes do pronome relativo, pois este é o seu complemento.

4.4.3.4. Regência com pronome pessoal do caso oblíquo átono

a) *Pronome oblíquo como objetos diretos e indiretos*

Os complementos verbais podem ser substituídos por pronomes pessoais do caso oblíquo.

Os **pronomes serão classificados como objeto direto ou objeto indireto, de acordo com a regência do verbo a que se ligam**. Assim:

Ela me procurou.

ME — objeto direto, pois o verbo *procurar* pede um complemento sem preposição.

Ela me obedeceu.

ME — objeto indireto, pois o verbo *obedecer* pede um complemento com preposição.

Os pronomes O, OS, A, AS, LHE, LHES têm usos específicos, por se referirem todos à 3ª pessoa. Veja:

O, A, OS, AS — são **sempre objeto direto**, ou seja, só podem substituir complementos verbais sem preposição.

Comi as frutas. = Comi-as.

Observei o paciente. = Observei-o.
Não vi as meninas hoje. = Não as vi hoje.
LHE, LHES — são **sempre objeto indireto**, ou seja, só podem substituir complementos verbais com preposição.
Ela obedece aos pais. = Ela lhes obedece.
Nós agradecemos a Pedro o jantar. = Nós lhe agradecemos o jantar.
Mandei flores para a Radegondes. = Mandei-lhe flores.

Curiosidade: LHE/LHES só substituem objetos indiretos iniciados pelas preposições **A** ou **PARA**.
Gosto da Maria.
Gosto-lhe. (errado!)
Gosto dela.
Simpatizei com o novo professor.
Simpatizei-lhe. (errado!)
Simpatizei com ele.
Eu acreditei na simpática garota do balcão de informações.
Eu acreditei-lhe. (errado!)
Eu acreditei nela.

Atenção: *Os verbos*
ASSISTIR (no sentido de *ver*)
ASPIRAR (no sentido de *desejar*)
VISAR (no sentido de *desejar*)
OBEDECER (quando se refere a uma *coisa*)
não admitem o **LHE/LHES** como complemento.
Assisti ao filme. — Assisti a ele.
Aspirei ao cargo. — Aspirei a ele.
Visei ao cargo. — Visei a ele.
Obedeci à lei. — Obedeci a ela.
Há uma **construção clássica** na Língua Portuguesa que permite a substituição de dois complementos verbais diferentes ao mesmo tempo:
Eu entreguei o presente ao menino.
o presente — objeto direto = o
ao menino — objeto indireto = lhe
Eu lho entreguei. (lhe + o)
Ela trouxe água para mim.
água — objeto direto = a
para mim — objeto indireto = me
Ela trouxe-ma. (me + a)

Dou os cadernos para ti.
os cadernos — objeto direto = os
para ti — objeto indireto = te
Dou-tos. (te + os)
b) *Pronome oblíquo como complemento nominal*
Os **pronomes oblíquos átonos podem ser usados como complementos nominais**. Para tanto, basta que nós os coloquemos como substitutos de termos preposicionados que se ligam a nomes.
Seu conselho foi útil para o menino.
Seu conselho foi-lhe útil.
O termo *para o menino* completa o sentido do nome *útil*, portanto é um complemento nominal e, se o pronome *lhe* o substitui, terá a mesma classificação.
O passeio ser-nos-á agradável. (O passeio será agradável para nós.)
c) *Pronome oblíquo como adjunto adnominal*
Os **pronomes oblíquos podem funcionar como pronomes possessivos**; nesse caso não representam complementos (nem verbais nem nominais); serão — portanto — adjuntos adnominais.
Pisou-me o pé e não pediu desculpa.
(pisou o meu pé) — me (indicando posse) é adjunto adnominal.
O bandido levou-nos o carro.
(levou o nosso carro) — nos (indicando posse) é adjunto adnominal.
O sol queimava-lhe a pele.
(o sol queimava a pele dele / a sua pele) — lhe (indicando posse) é adjunto adnominal.

4.4.3.5. Verbos que pedem dois complementos

Os **verbos que pedem dois complementos (VTDI) devem sempre apresentar um complemento sem preposição e outro com preposição**. Caso isso não aconteça, a frase estará incorreta.
O pai autorizou aos filhos a irem ao cinema. (errado)
O pai autorizou os filhos a irem ao cinema.
os filhos — objeto direto
a irem ao cinema — objeto indireto
OU
O pai autorizou aos filhos irem ao cinema.
aos filhos — objeto indireto
irem ao cinema — objeto direto
Informei-os que sairia mais cedo. (errado)
Informei-os de que sairia mais cedo.
os — objeto direto

de que sairia mais cedo — objeto indireto
OU
Informei-lhes que sairia mais cedo.
lhes — objeto indireto
que sairia mais cedo — objeto direto

4.4.4. Sujeito e regência

O **sujeito**, em Língua Portuguesa, **jamais poderá estar preposicionado**!
Já era hora dela chegar. (errado!)
Já era hora de ela chegar.
Perceba que o pronome *ela* é sujeito do verbo *chegar*; se unimos a preposição **DE** ao pronome, teremos um sujeito preposicionado, daí o erro.
Ela saiu apesar do pai pedir que não saísse. (errado!)
Ela saiu apesar de o pai pedir que não saísse.
Antes da dor bater, tome logo uma aspirina. (errado!)
Antes de a dor bater, tome logo uma aspirina.

4.5. CRASE

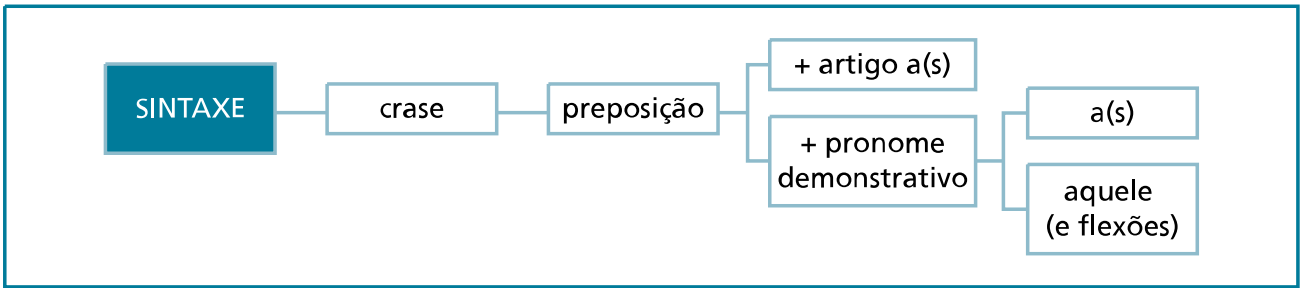

É a **fusão de vogais idênticas**, marcada pelo **acento grave** (`).
Em Língua Portuguesa fundimos a vogal **A**, que pode ser preposição, artigo, ou o **A** inicial do pronome demonstrativo **aquele** — e suas variações.
Veja:
Eu fui à farmácia.
Nessa frase temos a preposição **A** exigida pelo verbo **ir** e, também, o artigo **A** do nome *farmácia*.
Refiro-me à que está de azul.
Nessa frase temos a preposição **A** exigida pelo verbo **referir-se** e, também, o pronome demonstrativo **A**, que está no lugar de um substantivo feminino.
Assisti àquele filme.
Nessa frase temos a preposição **a** exigida pelo verbo **assistir** e, também, o **a** inicial do pronome demonstrativo *aquele*.

Curiosidade: Não confunda **a** (artigo), **a** (preposição) e **a** (pronome demonstrativo).

Artigo a(s): Usado antes de substantivo feminino e diante de alguns pronomes, concordando em número (singular e plural).

a menina

a rua

a felicidade

a saudade

as casas

as ações

as tristezas

as belezas

a senhora

a outra

as mesmas (garotas)

as senhoritas

Preposição a: Diante de outras palavras que não admitam artigo ou com as quais não concorde, indicando subordinação entre os termos.

a partir

a começar

a garantir

a falar

a João

a Pedro

a ela

a todas

a cavalo

a pé

a você

a mulheres

a pessoas

a outras

Pronome demonstrativo a(s): Quando substitui um substantivo feminino.

Conheço *a* que está de azul. — Conheço *a garota* que está de azul.

Vi *a* de cabelos loiros na feira ontem. — Vi *a mulher* de cabelos loiros na feira ontem.

4.5.1. Crase com pronome demonstrativo

A crase **com o pronome demonstrativo a(s) depende apenas da regência**.

Veja:

Comi a que estava madura. — Comi a (fruta) que estava madura.

Sem crase, pois o verbo comer não exige preposição.

Assim sendo, o **a** da primeira frase é apenas o pronome demonstrativo.

Refiro-me à de cabelos loiros. — Refiro-me à (garota) de cabelos loiros.

Com crase, pois o verbo **referir-se** exige a preposição **a**.

Assim sendo, o **a** da primeira frase é, ao mesmo tempo, preposição e pronome demonstrativo.

Sua casa é igual à do Pedro. — Sua casa é igual à (casa) do Pedro.

Com crase, pois o nome **igual** exige a preposição **a**.

Sendo assim, o **a** da primeira frase é, ao mesmo tempo, preposição e pronome demonstrativo.

Conheço **a** dos olhos azuis.

Comprei **a** que você recomendou.

Entreguei **à** do guichê 1 todos os papéis solicitados.

Confiei **à** que sorriu para mim o meu amor eterno.

A crase **com o pronome demonstrativo aquele (e suas flexões) depende apenas da regência**.

Veja:

Comi aquela fruta que você trouxe.

Sem crase, pois o verbo **comer** não exige preposição.

Assim sendo, o **a** inicial do pronome é apenas o **a** inicial do pronome demonstrativo.

Refiro-me àquele rapaz de cabelos loiros.

Com crase, pois o verbo **referir-se** exige a preposição **a**.

Assim sendo, o **a** inicial do pronome é, ao mesmo tempo, preposição **a** e **a** inicial do pronome demonstrativo.

Seus cães são iguais àqueles que vi ontem no veterinário.

Com crase, pois o nome **igual** exige a preposição **a**.

Sendo assim, o **a** inicial do pronome é, ao mesmo tempo, preposição e pronome demonstrativo.

Conheço *aquela* mulher dos olhos azuis.

Comprei *aquele* carro que você recomendou.

Entreguei *àquele* funcionário do guichê 1 todos os papéis solicitados.
Confiei *àquela* linda menina o meu amor eterno.

4.5.2. Crase com artigo

Da mesma forma que nos casos anteriores, **a regência é fator fundamental para o reconhecimento da crase**.

Basicamente, basta observar se há um termo solicitando preposição e outro que admita artigo, ligados entre si.

Veja.

Eu obedeço a meu pai. — **A** = preposição (exigida pelo verbo **obedecer**), antes de nome masculino.

Eu amo a mamãe. — **A** = artigo, diante de palavra feminina, e o verbo **amar** não pede preposição.

Nas duas frases não há acento grave, pois não há fusão. Em cada uma delas o **A** desempenha apenas uma função.

Se juntarmos a parte da primeira frase que pede preposição com a parte da segunda que admite artigo, teremos:

Eu obedeço à mamãe. — **A** = preposição (exigida pelo verbo **obedecer**) + **a** = artigo, diante de substantivo feminino.

Esse preceito deve nortear todo o estudo da crase.

Curiosidade: Nunca se esqueça de observar — antes de qualquer outra coisa — se há verbo ou nome exigindo preposição.

Regras que facilitam a observação:

a) Com nomes próprios de **localidades**:

Colocar o nome da localidade depois das expressões:

VIM DA _____.

VIM DE _____.

Se você utilizou **VIM DE**, é porque o nome da localidade não admite artigo, logo **não admite crase**.

Se você utilizou **VIM DA**, é porque o nome da localidade admite artigo, logo **admite crase**.

Para ficar mais fácil:

VIM DA, CRASE HÁ!

VIM DE, CRASE PRA QUÊ?!

Viagem à Lua.

Chegaremos à Áustria em poucos minutos.

Viajaremos a Roma.

Voltarei a Campinas.

Curiosidades:

a) As localidades África, Ásia, Europa, Espanha, Holanda, França e Inglaterra recebem ou não artigo; assim sendo, recebem ou não crase:

Vou a África. ou Vou à África.

Cheguei a Europa. ou Cheguei à Europa.

b) Se o nome da localidade estiver determinado de alguma maneira, haverá crase obrigatória.

Viajaremos à Roma antiga.

Voltarei à Campinas de Carlos Gomes.

Vou à África das muitas civilizações.

b) Com as palavras **CASA, TERRA** e **DISTÂNCIA** (adjuntos adverbiais):

sem determinante, sem crase:

Cheguei a casa.

Voltei a terra.

Olhei tudo a distância.

com determinante, com crase:

Cheguei à casa querida.

Voltei à terra natal.

Olhei tudo à distância de 10 metros.

c) Com **nomes próprios femininos**, a **crase** é **facultativa:**

Refiro-me a Maria.

Refiro-me à Maria.

Mas: **se houver determinante**, a crase será **obrigatória:**

Refiro-me à Maria da farmácia.

d) Diante de **pronomes:**

com pronome que **admite artigo feminino**, há crase:

Refiro-me à senhora.

Falei à mesma garota de ontem.

com pronome que **não admite artigo feminino**, não há crase:

Refiro-me a Vossa Senhoria.

Falei a todas as garotas.

Entreguei a ela o pacote.

com **pronome possessivo**, o **uso do artigo é facultativo:**

Refiro-me a sua irmã. (a = preposição)

Refiro-me à sua irmã. (à = preposição + artigo)

Falei a sua secretária. (a = preposição)

Falei à sua secretária. (à = preposição + artigo)

e) **Haverá crase** nas **locuções femininas:**

adverbiais (de **modo** ou **tempo**):
à vontade, à toa, às pressas, às escuras, à disposição, à francesa, à milanesa
à tarde, à noite, às 12 horas, à meia-noite
prepositiv**as:**
à espera de, à procura de, à margem de, às expensas de, à cata de
conjuncion**ais:**
à medida que, à maneira que, à proporção que
f) Após a palavra ATÉ, a **crase é facultativa**, desde que haja a preposição a na frase:
Fomos até à farmácia.
Fomos até a farmácia.
Mas:
Conheço até a mãe do Asdrúbal.
g) Não há crase:
antes de **nomes masculinos:**
Refiro-me a José.
Andei a cavalo.

Curiosidade: Se for nome próprio e ocultar as expressões "à moda de" ou "ao estilo de", haverá crase obrigatória:
Escrevo à Eça de Queirós.
Comi bacalhau à Gomes de Sá.

com nomes de **personagens históricas ou mitológicas:**
Refiro-me a Joana D´Arc.
Eles prestavam homenagem a Afrodite.
antes de verbos:
Eles começaram a aprender inglês.
entre **palavras repetidas:**
Cara a cara.
Gota a gota.

4.6. CONCORDÂNCIA

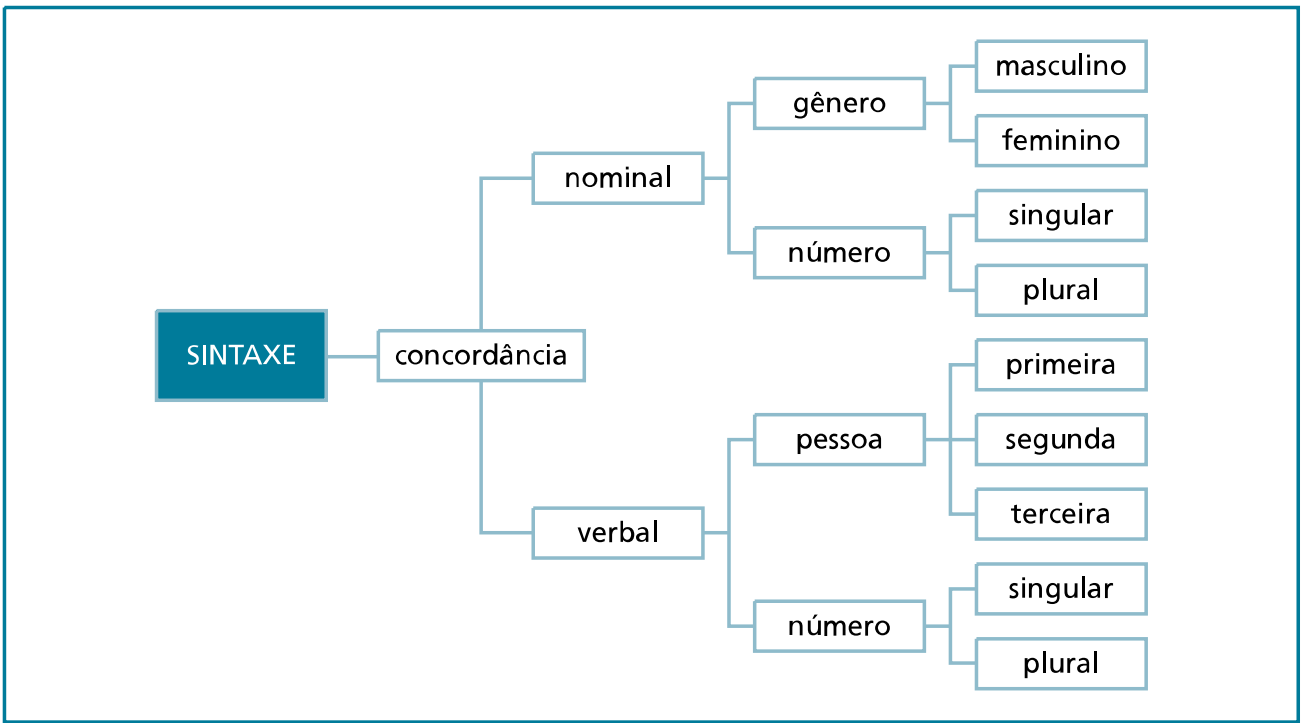

A concordância é o processo sintático segundo o qual certas **palavras se combinam**. Essa combinação formal se chama **flexão**, e se dá quanto a **gênero e número** — nos nomes — e **pessoa e número** — nos verbos. Daí a divisão: concordância nominal e concordância verbal.

4.6.1. Concordância nominal

É chamada de concordância nominal **a relação de combinação que se estabelece entre: substantivos e adjetivos, artigos, pronomes e numerais**.

Os nomes se flexionam em gênero (masculino e feminino) e número (singular e plural).

Os **termos determinantes** da oração (artigo, pronome, numeral e adjetivo) sempre **acompanham um nome** (substantivo ou pronome substantivo). Assim, os determinantes terão **as mesmas características de gênero e número** que os substantivos e pronomes substantivos.

A concordância entre os determinantes e os nomes é obrigatória em nossa língua.

Veja:

As minhas duas belas primas chegaram.

Note que a base da concordância nominal é o substantivo "primas".

O artigo (as), o pronome (minhas), o numeral (duas) e o adjetivo (belas) variam em gênero e número para concordar com o substantivo (primas).

4.6.1.1. Particularidades da concordância do adjetivo

4.6.1.1.1. Dois ou mais substantivos determinados por um adjetivo

a) *Adjetivo posposto*

Quando o adjetivo posposto **se refere a dois ou mais substantivos, concorda com o último ou vai facultativamente para o plural**, no masculino, se pelo menos um deles for masculino; ou para o plural no feminino, se todos eles forem femininos.

Homem e mulher bela / homem e mulher belos
Mulher e homem belo / mulher e homem belos
Ternura e amor humano / ternura e amor humanos
Amor e ternura humana / amor e ternura humanos
Sala e cozinha ampla / sala e cozinha amplas

b) *Adjetivo anteposto*

Quando o adjetivo anteposto se refere a dois ou mais substantivos, **concorda com o mais próximo**.

Belo homem e mulher
Bela mulher e homem
Humana ternura e amor
Humano amor e ternura
Ampla sala e cozinha

Curiosidades:

a) Com nomes próprios, a concordância sempre será no plural:
Famosos Childerico e Pascoalina
Pascoalina e Childerico famosos

b) Com palavras que expressam oposição, a concordância sempre será no plural:
Eternos amor e ódio
Amor e ódio eternos

c) Com palavras que expressam parentesco, pode-se também fazer a concordância do adjetivo anteposto com o conjunto no plural:
pai e mãe simpática
pai e mãe simpáticos
simpático pai e mãe
simpáticos pai e mãe

4.6.1.1.2. Um substantivo determinado por dois ou mais adjetivos

Quando dois ou mais adjetivos se referem a um substantivo, temos duas opções:

a) *Substantivo no singular* — coloca-se **artigo nos adjetivos**, a partir do segundo:
Estudo a língua inglesa, a portuguesa e a alemã.
Ele detém o poder material e o espiritual.

b) *Substantivo no plural* — **basta acrescentar os adjetivos:**
Estudo as línguas inglesa, portuguesa e alemã.
Ele detém os poderes material e espiritual.

4.6.1.1.3. Substantivo usado como adjetivo

Se a palavra que funciona como adjetivo for originalmente um substantivo, **ficará invariável:**

Ele comprou ternos cinza e camisas rosa.
Ele ouviu falar dos homens-bomba.
Na infância, assistia na tevê a série sobre a família-monstro.

4.6.1.1.4. Adjetivos compostos

Quando houver adjetivo composto, **apenas o último termo do composto concordará** com o substantivo a que se refere; os demais termos ficarão no masculino/singular:

Encontrei várias mulheres luso-franco-brasileiras.
Não li as crônicas sócio-político-econômico-financeiras.

Curiosidade: Se o último termo do composto for um substantivo usado como adjetivo, o composto ficará invariável:

Comprei uma camisa verde-musgo.
Ele adora móveis branco-marfim.

Azul-marinho e azul-celeste são adjetivos invariáveis:

Tenho várias camisas azul-marinho.
Tenho várias camisas azul-celeste.

Surdo-mudo é exceção à regra, pois ambos variam em gênero e número:

Encontrei o menino surdo-mudo.
Encontrei a menina surda-muda.
Encontrei os meninos surdos-mudos.
Encontrei as meninas surdas-mudas.

4.6.1.2. Casos especiais de concordância nominal

4.6.1.2.1. Muito, bastante, meio, todo, mesmo

a) **quando modificarem um substantivo, concordarão** com ele, por serem pronomes adjetivos ou numerais.

b) **quando modificarem um verbo, um adjetivo ou um advérbio, ficarão invariáveis**, por serem advérbios.

Bastantes funcionários ficaram bastante satisfeitos com a empresa.
Há provas bastantes de sua culpa.
Elas saíram bastante apressadas.
As meninas estão bastante nervosas.
Elas comeram muitas jacas.
Elas comeram muito.
Elas são muito gulosas.

Elas passaram muito mal.
Elas beberam meias garrafas de vinho.
As garotas estão meio tristes.
Elas chegaram a casa meio tarde.
Todas as meninas voltaram molhadas.
As meninas voltaram todo molhadas.
As meninas mesmas farão o bolo.
As meninas farão mesmo o bolo?

4.6.1.2.2. Anexo, só, junto, incluso, excluso, próprio, quite, obrigado

São adjetivos e **concordam com o substantivo** a que se referem.
Anexas, seguem as fotos solicitadas.
Em anexo, seguem as fotos solicitadas.
Estou enviando anexos ao pacote os documentos do divórcio.
Estou enviando em anexo ao pacote os documentos do divórcio.
Âni está só com José na sala.
Âni está a sós com José na sala.
Âni e José estão sós na sala.
Âni e José estão a sós na sala.
Âni e Ina continuam juntas.
Âni e Ina continuam junto aos carros.
Âni e Ina continuam junto com a mãe.
Âni e Ina continuam junto dos pais.
As cópias estão inclusas na taxa de registro do imóvel.
Os atletas foram exclusos do campeonato.
Os rapazes arrumaram as próprias camas.
Eu estou quite com o banco.
Nós estamos quites com o banco.
A menina disse "Obrigada".
Os meninos disseram "Muito obrigados".

Curiosidade: Em anexo, a sós, junto a, junto com, junto de são locuções invariáveis:
As cópias seguem em anexo aos documentos.
Mandei as fotos em anexo à carta.
Radegondes ficou a sós em casa.
As meninas continuam junto aos carros.
As meninas continuam junto com a mãe.
As meninas continuam junto dos pais.

4.6.1.2.3. O mais/menos (adjetivo) possível

Existem as seguintes possibilidades de concordância:

a) o artigo (o/a) que inicia a expressão, assim como a palavra "possível", **deve concordar em gênero e número** com a palavra a que se refere:

Quero dez pães os mais claros possíveis.

Comprei doze rosas as mais abertas possíveis.

Quero duas respostas as menos ambíguas possíveis.

b) a expressão "o mais/menos ... possível" deve se manter no masculino singular, independentemente da palavra a que se liga:

Quero dez pães claros o mais possível.

Comprei doze rosas o mais abertas possível.

Quero duas respostas o menos ambíguas possível.

4.6.1.2.4. Menos, alerta, pseudo

São **palavras invariáveis**.

Os escoteiros devem estar sempre alerta.

Houve menos reclamações dessa vez.

As pseudopedagogas foram desmascaradas.

4.6.1.2.5. Silepse de gênero

Concordância irregular, também chamada de concordância **ideológica**; é a que se faz não com o termo escrito, mas com a ideia que ele expressa:

São Paulo é linda.

A gente está cansado.

4.6.1.2.6. Tal qual

Tal concorda com o substantivo anterior; qual concorda com o substantivo posterior:

O filho é tal quais os pais.

Os filhos são tais qual o pai.

Curiosidade: Se o termo referencial for um verbo, **tal/qual** ficam invariáveis:

Eles estudam tal qual foram as recomendações do professor.

4.6.1.2.7. Um e outro / nem um nem outro + substantivo

Quando as expressões "um e outro" ou "nem um nem outro" são seguidas de um substantivo, este **ficará no singular:**

Um e outro aspecto.

Nem um nem outro argumento.

De um e outro lado.

4.6.1.2.8. Um e outro / nem um nem outro + substantivo + adjetivo

Quando as expressões "um e outro" ou "nem um nem outro" são seguidas de um

substantivo e um adjetivo, o **substantivo** ficará no **singular** e o **adjetivo** irá para o **plural:**

Um e outro aspecto importantes.

Nem num nem outro argumento mentirosos.

4.6.1.2.9. Particípio + substantivo

O particípio, por funcionar como um adjetivo, **concorda com o substantivo** a que se refere:

Feitas as contas.

Vistas as condições.

Dadas as chuvas.

Restabelecidos os pagamentos.

Postos os pingos nos is.

Salvas as crianças.

4.6.1.2.10. Verbo ser + predicativo do sujeito

Quando o sujeito for tomado em sua **generalidade**, sem qualquer determinante, o verbo **ser** e o **adjetivo** que o acompanha **ficarão no masculino/singular**. Se o **sujeito vier determinado** por **artigo, numeral** ou **pronome**, a **concordância** do verbo **ser** e do **adjetivo** será **regular**, ou seja, concordarão com o sujeito em número, gênero e pessoa:

Caminhada é bom para a saúde.

Esta caminhada é boa para a saúde.

É proibido entrada.

É proibida a entrada.

Tardes felizes é necessário.

Algumas tardes felizes são necessárias.

Pimenta é bom.

Sua pimenta é boa.

4.6.1.2.11. Plural de modéstia: nós + verbo + adjetivo

Quando um **adjetivo** modifica o pronome "nós" utilizado no lugar de "eu" (plural de modéstia), ele **fica no singular:**

Nós fomos acolhido muito bem. (Eu fui acolhido muito bem.)

Nós seremos breve em nossa apresentação. (Eu serei breve em minha apresentação.)

4.6.2. Concordância verbal

É chamada de concordância verbal **a relação de combinação que se estabelece entre o sujeito e o verbo**.

O verbo se flexiona em pessoa (1a, 2a e 3a) e número (singular e plural) para fazer a concordância com o sujeito:

Tu saíste pela manhã, eu saí à tarde.
Vós sois meus amigos.
A menina e o menino saíram.

4.6.2.1. Concordância do sujeito simples

Sujeito simples é aquele que possui apenas um núcleo, então o verbo concordará em pessoa e número com esse núcleo:

O **chefe** da seção **pediu** maior assiduidade.
A **violência deve** ser combatida por todos.
Os **servidores** públicos do Ministério da Fazenda **discordaram** da proposta.

4.6.2.1.1. Particularidades da concordância do sujeito simples

a) Sujeito simples constituído de substantivo coletivo + determinante: verbo **concorda com o coletivo ou com o determinante:**

O bando voou.
O bando de aves voou.
O bando de aves voaram.
A multidão invadiu o palco depois da apresentação.
A multidão de fãs invadiu o palco depois da apresentação.
A multidão de fãs invadiram o palco depois da apresentação.

b) Sujeito simples constituído de expressão quantitativa + determinante: verbo **concorda com a expressão quantitativa ou com o determinante:**

A maioria das pessoas viajou para o sul do país.
A maioria das pessoas viajaram para o sul do país.
A maior parte dos alunos faltou.
A maior parte dos alunos faltaram.
1% dos aposentados não compareceu ao INSS.
1% dos aposentados não compareceram ao INSS.
10% da população apresentaram a declaração de Imposto de Renda.
10% da população apresentou a declaração de Imposto de Renda.
Um terço dos bens desapareceu.
Um terço dos bens desapareceram.

c) Sujeito simples constituído de nome próprio no plural: **sem artigo** — verbo no **singular**; com artigo — verbo **concorda com o artigo:**

Alpes fica na Europa.
Os Alpes ficam na Europa.
Estados Unidos domina o mundo.
Os Estados Unidos dominam o mundo.
Amazonas é um grande rio.

O Amazonas é um grande rio.

Curiosidade: Se o artigo é parte do nome próprio, podemos usar o verbo no singular ou no plural:
"Os Lusíadas" conta a história do povo português.
"Os Lusíadas" contam a história do povo português.
"Os Miseráveis" mostra o sofrimento do povo.
"Os Miseráveis" mostram o sofrimento do povo.

d) Sujeito simples constituído de pronome indefinido plural + pronomes pessoais nós ou vós: o verbo **pode concordar com o pronome indefinido ou com o pronome pessoal:**
Alguns de nós farão o trabalho.
Alguns de nós faremos o trabalho.
Quais de vós serão os premiados?
Quais de vós sereis os premiados?
Muitos de nós participarão das competições.
Muitos de nós participaremos das competições.
Quantos de vós irão aos Estados Unidos?
Quantos de vós ireis aos Estados Unidos?

Curiosidade: Se o indefinido estiver no singular, a concordância será feita obrigatoriamente no singular:
Algum de nós fará o trabalho.
Qual de vós será o premiado?

e) Sujeito simples constituído de pronome relativo QUE: o verbo **concorda com o referente** do pronome relativo:
Fui eu que escrevi a carta.
Fostes vós que escrevestes a carta.
Não serão os meninos que farão esse trabalho.
f) Sujeito simples constituído de pronome relativo QUEM: o verbo **concorda com o referente** do pronome relativo, **ou com o próprio pronome relativo** (3a pessoa do singular):
Fui eu quem escrevi a carta.
Fui eu quem escreveu a carta.
Fostes vós quem escrevestes a carta.
Fostes vós quem escreveu a carta.
Não serão os meninos quem farão esse trabalho.
Não serão os meninos quem fará esse trabalho.
g) Sujeito simples constituído da expressão um dos que / uma das que: verbo no **singular ou no plural, facultativamente:**

João foi um dos alunos que faltou à prova.
João foi um dos alunos que faltaram à prova.
Radegondes é uma das que ficou de castigo.
Radegondes é uma das que ficaram de castigo.
A urgência de obter resultados concretos foi um dos fatores que influenciou a decisão do presidente.
A urgência de obter resultados concretos foi um dos fatores que influenciaram a decisão do presidente.

■ *4.6.2.1.2. Silepse de pessoa*

É possível, em língua portuguesa, usar o **sujeito na 3a pessoa do plural e o verbo na 1a pessoa do plural**. Isso é a concordância ideológica, ou irregular (silepse):
Os culpados seremos punidos.
Os alunos estudiosos fomos aprovados no concurso.
Todos somos a pátria.

■ *4.6.2.1.3. Silepse de número*

Com as **expressões quantitativas distantes do verbo**, podemos concordar esse verbo com a ideia de plural transmitida pela expressão quantitativa:
Esperavam por ajuda — sem comida, sem água, sem abrigo — a multidão desabrigada pela chuva.
A maioria chegou cedo, com as cestas cheias de guloseimas, espalharam tudo sobre lindas toalhas e foram brincar, aproveitando a deliciosa manhã primaveril.

■ *4.6.2.2. Concordância do sujeito composto*

Sujeito composto é aquele que possui dois ou mais núcleos, então o verbo concordará em pessoa e número com esses núcleos:
A *menina* e o *menino saíram*.
As *joias* e os *dólares desapareceram*.
Iremos ao mercado *vocês* e *eu*.

■ *4.6.2.2.1. Particularidades da concordância do sujeito composto*

a) Sujeito composto constituído de pessoas gramaticais diferentes: o verbo vai para o **plural e para a pessoa que tiver a primazia**, nesta ordem: 1a pessoa tem prioridade sobre 2a e 3a; 2a e 3a são equivalentes.
Pascoalina e eu fomos ao mercado.
Tu e eu viajaremos para o sul do país.
Ele e eu não fizemos a prova.
Ele, tu e eu seremos amigos para sempre.
Tu e ele sereis amigos para sempre.

Tu e ele serão amigos para sempre.

b) Sujeito composto posposto ao verbo: o verbo fica **no plural**, concordando com o conjunto, ou concorda **com o núcleo que estiver mais próximo:**

Chegaram o presidente e seus ministros.

Chegou o presidente e seus ministros.

Na semana passada, estivemos aqui tu e eu.

Na semana passada, estiveste aqui tu e eu.

Todas as manhãs, aparecem aqui no meu quintal um sabiá e alguns pombos.

Todas as manhãs, aparece aqui no meu quintal um sabiá e alguns pombos.

Curiosidade: Se o núcleo mais próximo estiver no plural, o verbo ficará obrigatoriamente no plural.

Todas as manhãs, aparecem aqui no meu quintal alguns pombos e um sabiá.

c) Sujeito composto constituído de termos sinônimos ou quase sinônimos: quando os sinônimos formam um todo indivisível, ou simplesmente se reforçam, a **concordância é facultativa no singular ou no plural:**

A sociedade, o povo se une para construir uma nação mais justa.

A sociedade, o povo se unem para construir uma nação mais justa.

Amor e paixão move o mundo.

Amor e paixão movem o mundo.

d) Sujeito composto constituído de **termos em gradação:** o verbo vai para o **plural ou concorda com o núcleo mais próximo:**

Um mês, um ano, uma década de ditadura não calou a voz do povo.

Um mês, um ano, uma década de ditadura não calaram a voz do povo.

Despertador, banho e café ajuda a acordar!

Despertador, banho e café ajudam a acordar!

e) Sujeito composto resumido por pronome: o verbo concorda **com o pronome resumitivo:**

Desvios, fraudes, roubos, tudo acontecia naquela cidade.

Jocasta, Pascoalina, Radegondes, Asdrúbal, ninguém foi à festa.

Jocasta, Pascoalina, Radegondes, Asdrúbal, todos foram à festa.

f) Sujeito composto constituído de termos ligados por COM: a concordância se faz **com o primeiro núcleo ou no plural**.

O pai com a mãe saiu.

O pai com a mãe saíram.

O diretor com todos os atores resolveu cortar algumas cenas do filme.

O diretor com todos os atores resolveram cortar algumas cenas do filme.

Curiosidade: Se o termo iniciado por **COM** vier entre vírgulas, funcionará apenas como **adjunto adverbial**, não mais sendo parte do sujeito:

O pai, com a mãe, saiu.
O diretor, com todos os atores, resolveu cortar algumas cenas do filme.

g) Sujeito composto constituído por termos ligados por OU:

■ a **ação verbal se refere a todos** os núcleos do sujeito — verbo no **plural:**
Laranja ou mamão fazem bem para a saúde.
Maria ou Ana serão eleitas vereadoras.

■ a **ação verbal se aplica a apenas um dos termos** do sujeito composto (indicação de exclusão) — verbo no **singular**.
Laranja ou mamão será a fruta do lanche da tarde.
Maria ou Ana casará com José.

■ **OU** introduz uma retificação — o verbo **concorda com o termo retificador:**
O ladrão ou os ladrões não deixaram vestígios.
Os pais ou o pai não concordou com a atitude do filho.

■ os termos ligados por OU são **sinônimos** — verbo no **singular:**
A Linguística ou Glotologia é uma ciência recente.

h) sujeito composto constituído por expressões correlacionadas — não só ... mas também, não só ... como, tanto ... quanto etc.: o verbo **concorda no plural ou com o primeiro núcleo:**
Não só a mãe mas também o pai compareceram à reunião escolar.
Não só a mãe mas também o pai compareceu à reunião escolar.
Não só o trabalho como o lazer engrandecem a pessoa.
Não só o trabalho como o lazer engrandece a pessoa.
Tanto o carro quanto a moto ficam na garagem do prédio.
Tanto o carro quanto a moto fica na garagem do prédio.

i) Sujeito composto constituído das expressões "um ou outro", "nem um nem outro": o verbo deve ficar **no singular:**
Um ou outro aluno fará a prova.
Nem um nem outro aluno fará a prova.
Um ou outro receberá uma medalha de "honra ao mérito".
Nem um nem outro sofrerá discriminação.

j) Sujeito composto constituído da expressão "um e outro": o verbo pode facultativamente concordar **no singular ou no plural:**
Um e outro decreto trata da mesma questão jurídica.
Um e outro decreto tratam da mesma questão jurídica.
Uma e outra aluna compareceu ao evento.
Uma e outra aluna compareceram ao evento.

■ *4.6.2.3. Concordância do sujeito indeterminado*

Sujeito indeterminado é aquele que não se conhece, sabe-se que existe um praticante da ação verbal, mas não se consegue definir quem ou o quê. Há duas maneiras de se construir uma frase com sujeito indeterminado:

a) com verbo na 3a pessoa do plural, sem sujeito expresso:

Roubaram o meu carneiro.

Atiraram uma pedra na minha janela.

Curiosidade: Se o contexto permite conhecer o sujeito, deixa de ser indeterminado e passa a sujeito simples oculto.

Uns homens maus estiveram aqui e roubaram o meu carneiro — o termo "uns homens maus", que é sujeito do primeiro verbo, é também a referência de sujeito oculto para o verbo "roubaram".

Os meninos da rua de baixo vieram aqui e atiraram uma pedra na minha janela — o termo "os meninos da rua de baixo", que é sujeito do primeiro verbo, é também a referência de sujeito oculto para o verbo "atiraram".

b) verbo na 3a pessoa do singular + SE — índice de indeterminação do sujeito:

Precisa-se de moças.

Acredita-se em marcianos.

Curiosidade: Não podemos confundir **SE — índice de indeterminação do sujeito** com **SE — pronome apassivador**.

Se — pronome apassivador: forma frase em voz passiva. O verbo deve concordar com o sujeito que, nesse caso, está sempre expresso, e representa o sofredor da ação verbal, ou seja, equivale ao objeto direto da frase em voz ativa. Sempre estará ao lado de um **verbo transitivo direto:**

Conserta-se geladeira.

Consertam-se geladeiras.

Elaborou-se um plano emergencial para socorrer a cidade alagada.

Elaboraram-se vários planos emergenciais para socorrer a cidade alagada.

Come-se carne brasileira aqui.

Comem-se carnes brasileiras aqui.

Vende-se casa.

Vendem-se casas.

Aluga-se sala.

Alugam-se salas.

Faz-se carreto.

Fazem-se carretos.

Se — índice de indeterminação do sujeito: aparece sempre ao lado de um **verbo intransitivo** ou de um **verbo transitivo indireto**.

Acredita-se em todas as suas falas.

Come-se bem aqui.
Trata-se de assuntos estranhos nesses programas de auditório.
Assiste-se a bons filmes neste canal.
Necessita-se de muitos donativos para socorrer a cidade alagada.

4.6.2.4. Concordância da oração sem sujeito

Oração sem sujeito é aquela que trata de fenômenos que independem da participação/ação de qualquer ser. Como não há sujeito, o verbo da frase deve ficar sempre na **3ª pessoa do singular**. Os verbos dessas orações são chamados de **verbos impessoais**.

A oração sem sujeito ocorre nos seguintes casos:

a) com verbos que expressam fenômenos naturais:

Nevou em várias cidades do sul do país.
Relampejou muitas vezes seguidas.
Choveu durante quarenta dias.

b) com os verbos ESTAR e FAZER indicando tempo meteorológico ou cronológico:

Está muito calor hoje.
Está tarde!
Faz dias frios aqui!
Fará noites quentes no próximo verão.
Ontem fez vinte dias que não o vejo.
Faz muitos anos que estive aqui.
Amanhã fará dez anos que nos conhecemos.

c) com o verbo HAVER expressando existência ou acontecimento:

Havia muitos conhecidos na festa de ontem.
Haverá aqui amanhã vários carros para revisão mecânica.
Há duzentos alunos no pátio esperando a visita do presidente do clube.
Houve comemorações pelos 456 anos da cidade.
Nunca mais haverá festas tão grandiosas quanto esta!
Há brigas no "Gigantão Dance" todo sábado...

Curiosidade: Os verbos impessoais podem constituir locução verbal. Nesse caso, colocados como principais em locução verbal, transferem sua impessoalidade para o verbo auxiliar:

Deve nevar em várias cidades do sul do país.
Poderá relampaguear muitas vezes seguidas.
Vai chover durante quarenta dias.
Deve estar muito calor hoje.
Deve estar tarde!
Vai fazer dias frios aqui!

Poderá fazer noites quentes no próximo verão.
Ontem deve ter feito vinte dias que não o vejo.
Deve fazer muitos anos que estive aqui.
Amanhã vai fazer dez anos que nos conhecemos.
Podia haver muitos conhecidos na festa de ontem.
Deverá haver aqui amanhã vários carros para revisão mecânica.
Há de haver duzentos alunos no pátio esperando a visita do presidente do clube.
Vai haver comemorações pelos 456 anos da cidade.
Nunca mais deverá haver festas tão grandiosas quanto esta!
Pode haver brigas no "Gigantão Dance" todo sábado...

4.6.2.5. Casos especiais de concordância verbal

a) Verbo parecer + infinitivo:

O verbo **parecer** é o único verbo auxiliar da língua portuguesa que **pode transferir para o principal a** flexão de número. Assim:

As meninas parecem sorrir para mim.
As meninas parece sorrirem para mim.
As estrelas parecerão brilhar mais, se você vier me visitar esta noite.
As estrelas parecerá brilharem mais, se você vier me visitar esta noite.
No outono, as árvores parecem ficar tristes.
No outono, as árvores parece ficarem tristes.
No outono, as árvores parece que ficam tristes.

Curiosidade: Apenas a flexão de número se transfere para o principal, pois as flexões de pessoa, modo, tempo e voz continuam no auxiliar.

As estrelas parecerão brilhar...
As estrelas parecerá brilharem...
As estrelas pareciam brilhar...
As estrelas parecia brilharem...
Se as estrelas parecessem brilhar...
Se as estrelas parecesse brilharem...

b) Com os verbos **dar**, **bater** e **soar**:

Podem concordar com o praticante da ação ou, na ausência deste, **com as expressões de tempo** da frase, que passam a ser o sujeito dos verbos:

A torre da igreja deu três horas.
Na torre da igreja, deram três horas.
O relógio bateu cinco horas.
No relógio, bateram cinco horas.
O sino soou seis horas.

No sino, soaram seis horas.

c) Com a expressão haja vista:

A palavra vista **é invariável**. O verbo **haver pode sofrer variação** de acordo com:

- expressão **não seguida de preposição**, o verbo **haver pode variar** ou não:

Haja vista o caso.

Hajam vista os casos.

- expressão **seguida de preposição**, o verbo **haver** não **varia:**

Haja vista ao caso.

Haja vista aos casos.

Curiosidade: A forma **haja visto** (ou **hajam visto**) é tempo composto do verbo **ver**. Assim, as expressões **haja visto** e **hajam visto** significam **tenha visto** e **tenham visto:**

Espero que o pai haja visto o que o filho fez = Espero que o pai tenha visto o que o filho fez.

Tomara que os senadores hajam visto os casos de quebra de decoro parlamentar = Tomara que os senadores tenham visto os casos de quebra de decoro parlamentar.

d) Com sujeito oracional:

O verbo que tem como sujeito uma oração fica na 3a pessoa do singular:

Espera-se que as meninas tragam as tortas.

Aos alunos cabe resolver as questões.

Curiosidade: Se houver um adjetivo se referindo ao sujeito oracional, ele deve ficar no singular masculino:

É necessário que as meninas tragam as tortas.

Seria bom que os alunos resolvessem as questões em casa.

4.6.2.6. Concordância do verbo ser

A concordância do verbo **ser** segue a regra geral nas maioria dos casos, mas existem casos em que ele concorda com o predicativo ou com outras expressões da frase.

O verbo ser concorda com o predicativo do sujeito:

a) quando o sujeito é um nome singular e o predicativo um nome plu**ral:**

Minha preocupação são as crianças.

O problema da apresentação foram as conversas paralelas.

b) quando o sujeito é um pronome demonstrativo (tudo, isso, isto, aquilo) e o predicativo um nome plu**ral:**

Tudo são flores.

Isso foram gastos inúteis.

Isto são as possibilidades concretas de solucionar o problema.

Aquilo são animais invertebrados.

Curiosidade: Também é possível a concordância com o sujeito:
Tudo é flores.
Isso foi gastos inúteis.
Isto é as possibilidades concretas de solucionar o problema.
Aquilo é animais invertebrados.

c) quando o predicativo é um pronome pesso**al:**
Naquele ano, o assessor da direção fui eu.
O atleta és tu.
O ganhador do prêmio seremos nós.
d) quando o predicativo é um nome que se refere a pessoa**s:**
As alegrias da casa é a criança.
As esperanças do clube é o atleta recém-contratado.

4.6.2.6.1. Verbo ser impessoal

O verbo ser pode ser impessoal; nesse caso, haverá concordância especial.
a) na expressão de distância, concorda com o adjunto adverbial de distância:
Daqui à praia são 100 quilômetros.
Daqui à praia é um quilômetro.
Do Planalto ao Congresso são duzentos metros.
b) na expressão de tempo, concorda com o núcleo do adjunto adverbial de tempo:
É dia 13 de julho.
São 13 de julho.
É uma hora.
É bem mais de uma hora.
São duas horas.

Curiosidade: Com os adjuntos adverbiais do tipo **anteontem, ontem, hoje, amanhã** etc., o verbo ser pode ficar no singular, ou concordar com o numeral da expressão de tempo:
Hoje é 13 de julho.
Hoje são 13 de julho.

c) as expressões de pes**o, m**edida ou quantidade são invariáveis:
Quinze quilos de arroz é pouco.
Cinco metros de tecido é muito.
Trezentas pessoas é suficiente para a produção na fábrica.

Curiosidade: Não expressando peso, medida ou quantidade, tais expressões passam a ser variáveis, e o que era advérbio vira adjetivo:
Os quilos de arroz estocados são poucos.
Os metros de tecido comprados são muitos.

As pessoas presentes são suficientes para a produção na fábrica.

d) a partícula expl**etiva,** ou de realc**e, É** QUE é invariável:
Eu é que fiz o bolo.
Nós é que fizemos o bolo.

4.7. COLOCAÇÃO PRONOMINAL

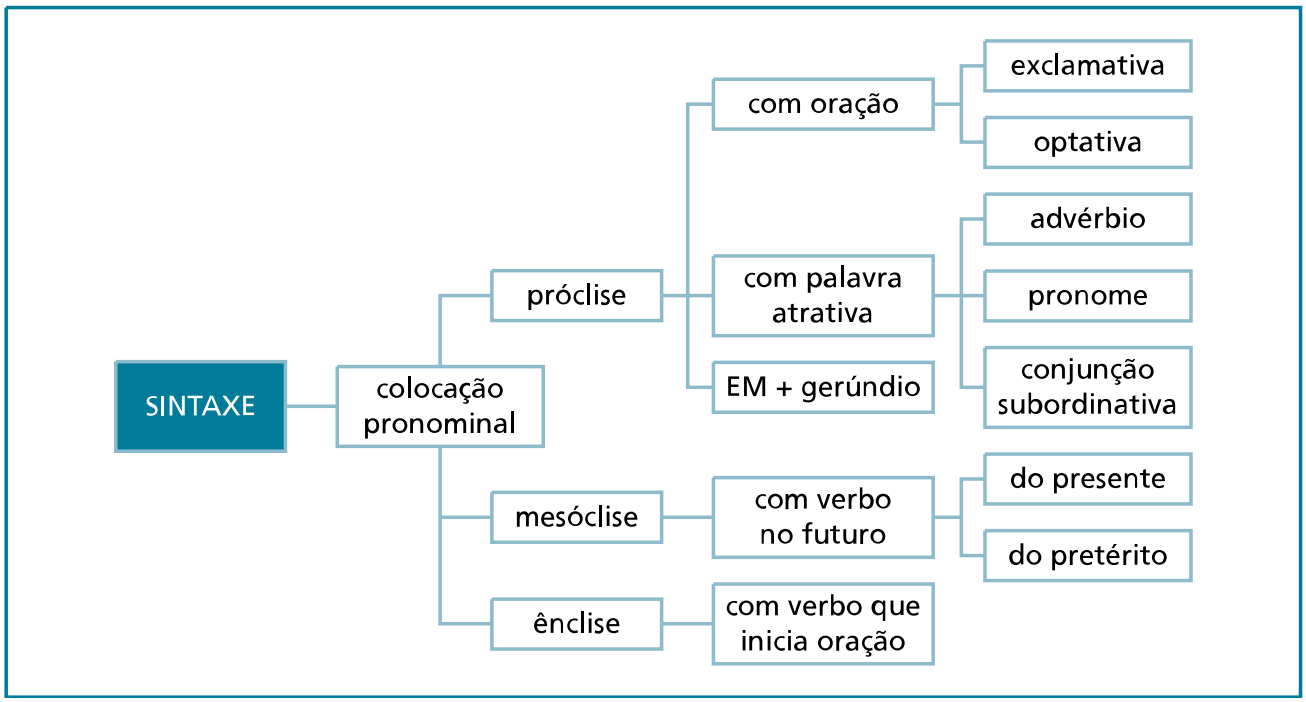

Trata da colocação dos **pronomes clíticos:** me, te, se, o(s), a(s), lhe(s), nos, vos.
São três as posições que assumem:

- **antes** do verbo — *próclise*: Não me abandone.
- **no meio** do verbo — *mesóclise*: Receber-vos-emos para o jantar, amanhã.
- **depois** do verbo — *ênclise*: Entregou-nos os presentes.

4.7.1. Próclise

Usa-se:
a) Nas **orações negativas** (sem pausa entre a palavra de negação e o verbo):
Não me abandone.
Nunca me deixe só.
Ninguém me viu aqui.
Nada me fará mudar de ideia.
Não veio nem me telefonou.
b) Nas **orações exclamativas:**
Macacos me mordam!
c) Nas **orações optativas:**

Deus nos ajude!

d) Nas **orações interrogativas** iniciadas por **pronomes** ou **advérbios interrogativos:**

Quem me chamou?

Onde me viste?

e) Nas **orações subordinadas:**

Quando me viu, sorriu para mim.

Ela virá, se a convidarmos.

f) Com **advérbios** ou **pronomes indefinidos** (sem pausa entre eles e o verbo):

Aqui se aprende Português. (mas: Aqui, aprende-se Português.)

Aquilo nos agrada.

g) Com a preposição **EM** + verbo no **gerúndio:**

Em se comentando o caso, seja discreto.

4.7.2. Mesóclise

Usa-se com verbos no **futuro do presente** ou **futuro do pretérito:**

Devolver-me-á o livro amanhã.

Deixar-te-ia sozinha se você pedisse...

4.7.3. Ênclise

Usa-se:

a) Com verbos no **infinitivo:** Viver é adaptar-se.

b) Com verbos que **iniciam oração:** Mostrou-me o livro, retirou-se calado, deixando-me só na sala.

Curiosidade: Nas orações intercaladas, o pronome pode aparecer também antes do verbo:

Tão lindos, disse-me a mulher, são os teus olhos.

Tão lindos, me disse a mulher, são os teus olhos.

4.7.4. Caso especial

Com verbo no **INFINITIVO, precedido de preposição** ou palavra negativa, usa-se próclise ou ênclise:

Estou aqui para te servir.

Estou aqui para servir-te.

Meu desejo era não o incomodar.

Meu desejo era não incomodá-lo.

4.7.5. Com locuções verbais

a) *Auxiliar + infinitivo:*

Ênclise no infinitivo: O diretor quer ver-te agora.

Ênclise no auxiliar: O diretor quer-te ver agora.

Curiosidade: Com ênclise no auxiliar, o hífen é facultativo.
O diretor quer te ver agora.

próclise no auxiliar: O diretor te quer ver agora.
b) *Auxiliar + gerúndio:*
ênclise no gerúndio: Os alunos foram retirando-se.
ênclise no auxiliar: Os alunos foram-se retirando.
próclise no auxiliar: Os alunos se foram retirando.
c) *Auxiliar + particípio:*
ênclise no auxiliar: As meninas tinham-se arrumado.
próclise ao auxiliar: As meninas se tinham arrumado.

4.8. QUESTÕES

1. Considere o trecho abaixo:

— Eu queria saber é quem está no aparelho.

— Ah, sim. No aparelho não está ninguém.

— Como não está, se você está me respondendo?

— Eu estou fora do aparelho. Dentro do aparelho não cabe ninguém.

— Engraçadinho! Então, quem está ao aparelho?

— Agora melhorou. Estou eu, para servi-lo?

(Carlos Drummond de Andrade)

Marque o par de verbos com problema de regência idêntico ao do texto:
a) Meditar num assunto — meditar sobre um assunto.
b) Sentar à mesa — sentar na mesa.
c) Estar em casa — estar na casa.
d) Assistir o doente — assistir ao doente.
e) Chamar o padre — chamar pelo padre.

Resposta: "b". O verbo "estar" com a preposição "a" indica proximidade — estar ao telefone (perto dele). O verbo "estar" com a preposição "em" indica conteúdo — estar no telefone (dentro dele). O único verbo que apresenta esse mesmo problema é "sentar" — sentar à mesa (perto dela), sentar na mesa (sobre ela).

2. Assinale a oração que apresenta regência nominal incorreta.
a) O tabagismo é prejudicial à saúde.
b) Está inclinado em aceitar o convite.
c) Sempre foi muito tolerante com o irmão.
d) É lamentável sentir desprezo por alguém.
e) Em referência ao assunto, prefiro nada dizer.

Resposta: "b". O nome "inclinado" pede a preposição "a": Estava inclinado a aceitar o convite.

3. Quanto à regência verbal, escreva (1) nas orações corretas e (2) nas incorretas.

( ) Logo que chegou, eu o ajudei como pude.

( ) Preferia remar do que voar de asa-delta.

( ) Naquela época, eu não visava o cargo de diretor.

( ) Sem esperar, deparei com ela bem perto de mim.

( ) Nós tivemos a impressão que tudo era imaginação.

A sequência correta dos números é:
a) 1, 1, 1, 2, 2.
b) 2, 2, 2, 1, 1.
c) 2, 1, 1, 2, 1.
d) 1, 2, 2, 1, 2.
e) 1, 2, 1, 2, 1.

Resposta: "d". Vamos corrigir as erradas: Preferia remar a voar de asa-delta — o verbo "preferir" exige a preposição "a". Naquela época, não visava ao cargo de diretor — o verbo "visar" (no sentido de desejar) exige a preposição "a". Nós tivemos a impressão de que tudo era imaginação — o nome "impressão" exige a preposição "de".

4. Assinale a afirmativa em que há erro de regência verbal.
a) Este documento visa o estabelecimento de normas para avaliação dos técnicos.
b) O estabelecimento dessas normas implicou demorado estudo das atribuições e tarefas dos técnicos.
c) O Setor Jurídico assistiu a Comissão que estudou o assunto.
d) Este documento constitui o resultado de minuciosa análise do assunto.

Resposta: "a". O verbo "visar" no sentido de desejar exige a preposição "a": Este documento visa ao estabelecimento de normas para a avaliação dos técnicos.

5. A frase em que a regência verbal não corresponde à norma culta ou padrão é:
a) Tais medidas visam combater a inflação.
b) Não esqueça os regulamentos da empresa.
c) Todos devem assistir à posse do novo diretor.
d) É necessário obedecer as cláusulas do contrato.

Resposta: "d". O verbo "obedecer" exige a preposição "a", por isso deve aparecer o acento grave em "às cláusulas do contrato".

6. Indique a alternativa correta:
a) Preferia brincar do que trabalhar.
b) Preferia mais brincar a trabalhar.
c) Preferia brincar a trabalhar.
d) Preferia brincar à trabalhar.
e) Preferia mais brincar que trabalhar.

Resposta: "c". O verbo "preferir" exige a preposição "a": Preferia brincar a trabalhar.

7. Assinale a alternativa incorreta quanto à regência verbal.
a) Aspiro ao cargo de Diretor.
b) Assisti à corrida.
c) Chamei-o ao meu gabinete.

d) Assistimos os doentes.
e) Aspirei ao ar da montanha.

Resposta: “e”. O verbo “aspirar” no sentido de inalar, respirar exige um complemento sem preposição: Aspirei o ar da montanha.

8. Vejamos as seguintes frases

I. Aspiro o ar da manhã.

II. Aspiro a este cargo.

III. Prefiro isto àquilo.

IV. Custa-me crer nos políticos.

Quanto à correção gramatical, podemos dizer que
a) Só a primeira está errada.
b) Apenas a primeira está certa.
c) Somente a segunda está errada.
d) Todas estão erradas.
e) Todas estão certas.

Resposta: “e”. O verbo “aspirar” no sentido de inalar e respirar exige um complemento sem preposição: Aspirei o ar da manhã; no sentido de querer e desejar pede um complemento com a preposição “a”: Aspirei a este cargo. O verbo “preferir” exige a preposição “a”: Preferia isto àquilo — como o complemento que recebe a preposição é o pronome demonstrativo “aquilo”,- usamos o acento grave para expressar a crase da preposição “a” + o “a” inicial de “aquilo”. O verbo “custar” no sentido de ser difícil tem como sujeito “aquilo que é difícil”, geralmente um verbo no infinitivo; para quem a coisa é difícil funciona como objeto indireto: Custa-me crer nos políticos.

9. Assinale a alternativa em que há erro de regência verbal.
a) O estudante esforçava-se pela liberdade.
b) O fiscal obedecia às ordens do inspetor.
c) O rapaz prefere pagar a multa a perder o rádio.
d) O diretor procedeu à abertura da sessão.
e) A secretária aspirava um cargo importante.

Resposta: “e”. O verbo “aspirar” no sentido de desejar e querer pede a preposição “a”: A secretária aspirava a um cargo importante.

10. Assinale a opção em que a regência do verbo proceder contraria a norma culta da língua.
a) O juiz procedeu ao julgamento.
b) Não procede este argumento.
c) Procedo um inquérito.
d) Procedia de uma boa família.
e) Procede-se cautelosamente em tais situações.

Resposta: “c”. O verbo “proceder” no sentido de iniciar e realizar pede um complemento com a preposição “a”: Procedo a um inquérito.

11. Eis o secretário _____ eficiência e honradez eu lhe falei.

a) cujo.
b) de cuja.
c) cujas.
d) cujo a.
e) de cujos a.

Resposta: “b”. A frase indica a ideia de posse entre o “secretário” e a “eficiência e honradez”, por isso devemos usar o pronome relativo “cuja”, que será antecedido da preposição “de” por exigência do verbo “falar” que aparece depois do pronome relativo.

12. Minhas objeções _____ acordo são concernentes _____ modo _____ ele dirige a firma.

a) do, do, pelo qual.
b) ao, do, de que.
c) ao, ao, como.
d) do, ao, de que.
e) ao, do, de como.

Resposta: “c”. Regência nominal: objeções “a”, concernentes “a”, modo “como”.

13. Imbuído _____ preconceitos, com tendência _____ intolerância, era impermeável _____ qualquer influência.

a) com, pela, contra.
b) por, a, a.
c) de, à, a.
d) com, para, à.
e) de, pela, ante.

Resposta: “c”. Regência nominal: Imbuído “de”, tendência “a”, impermeável “a”.

14. Não encontrei a revista _____ você se referiu, razão _____ não a comprei.

a) que, porque.
b) a que, por que.
c) à que, por quê.
d) a que, porque.

Resposta: “b”. Nas duas lacunas emprega-se o pronome relativo “que”. Na primeira lacuna temos a regência do verbo “referir-se” (a que você se referiu); na segunda lacuna temos a regência do verbo “comprar” + o nome “razão” (razão por que não a comprei).

15. Única frase com regência verbal incorreta.

a) Trata-se do ideal a que me referi.
b) As leis que carecemos são outras.
c) Encerrou-se o inquérito a que se procedeu.
d) São justas as punições de que se queixam?
e) Empenhemo-nos em produzir mais.

Resposta: “b”. As leis de que carecemos são outras. — o verbo “carecer” exige a preposição “de”, que deve ser colocada antes do pronome relativo.

16. Sendo o carnaval uma das festas _____ mais gosto, achei preferível ir ao baile _____ viajar para a fazenda.

a) que, à.
b) que, do que.
c) das quais, que.
d) de que, a.
e) de que, do que.

Resposta: “d”. Regência do verbo “gostar” e do nome “preferível”: Sendo o carnaval uma das festas de que mais gosto, achei preferível ir ao baile a viajar para a fazenda.

17. Posso informar _____ senhores _____ ninguém, na reunião, ousou aludir _____ tão delicado assunto.

a) aos, de que, o.
b) aos, de que, ao.
c) aos, que, à.
d) os, que, à
e) os, de que, a.

Resposta: “e”. O verbo “informar” admite duas construções: “informar algo a alguém” ou “informar alguém de/sobre algo”. Então podemos dizer: Informamos aos senhores que ninguém... ou; Informamos os senhores de que ninguém... — ambas são corretas. O que resolve a questão é a última lacuna: o verbo “aludir” exige a preposição “a”, e o termo “tão delicado assunto” não pode ser precedido de artigo “a”, por isso não há crase — ninguém ousou aludir a tão delicado assunto.

18. Sua anuência _____ solicitação não impediu que fizesse ressalvas quanto _____ mérito de certos itens _____ discordava.

a) à, ao, de que.
b) na, ao, que.
c) à, o, com que.
d) da, o, de que.
e) na, ao, com que.

Resposta: “a”. O nome “anuência” pede a preposição “a”; o nome “solicitação” é feminino, por isso admite o artigo “a”; assim: anuência à solicitação. O nome “quanto” pede a preposição “a”; o nome “mérito” é masculino, por isso admite o artigo “o”; assim: quanto ao mérito. O verbo “discordar” pede a preposição “de”, que deve ser colocada antes do pronome relativo; assim: itens de que discordava.

19. Era um rapaz aparentemente igual _____ outros, mas tinha um senso de responsabilidade _____ poucos poderiam orgulhar-se.

a) aos, de que.
b) os, que.
c) aos, que.
d) os, de que.
e) aos, a que.

Resposta: “a”. O nome “igual” exige a preposição “a”; o pronome “outros” admite o artigo “o”;

então: igual aos outros. O verbo “orgulhar-se” exige a preposição “de”, que deve ser colocada antes do pronome relativo; então: senso de responsabilidade de que poucos poderiam orgulhar-se.

20. Ele jamais _____ que o ajudariam na profissão e _____ exemplo lhe serviu de estímulo.

a) esqueceu daqueles, cujo o.
b) se esqueceu daqueles, que o.
c) se esqueceu aqueles, de que o.
d) esqueceu aqueles, os quais.
e) esqueceu aqueles, cujo.

Resposta: “e”. O verbo “esquecer” pode ser usado com ou sem pronome reflexivo, e isso provoca mudança na regência: “esquecer” — sem pronome reflexivo — pede complemento sem preposição: esqueceu aqueles; “esquecer-se” — com pronome reflexivo — pede complemento com a preposição “de”: esqueceu-se daqueles. Ambas as construções são corretas. O que resolve essa questão é a última lacuna: há ideia de posse na frase, então devemos usar o pronome relativo “cujo” (e não devemos esquecer que o pronome “cujo” não pode ter artigo depois dele).

21. Sou coerente: a causa _____ tenho lutado vai _____ meus mais legítimos anseios e ideais.

a) por que, de encontro com os.
b) que, de encontro aos.
c) por que, ao encontro dos.
d) que, ao encontro de.
e) porque, de encontro aos.

Resposta: “c”. O verbo “lutar” nessa frase pede a preposição “por”: a causa por que tenho lutado. “Ao encontro de” expressa harmonia, que é o sentido da frase. As expressões “de encontro a” e “de encontro com” indicam oposição.

22. Os recursos _____ dispõe a prefeitura dessa cidade não são suficientes para torná-la apta _____ empreender todas as melhorias _____ a população local exige.

a) de que, à, que.
b) que, de, de que.
c) a que, à, de que.
d) que, de que, que.
e) de que, a, que.

Resposta: “e”. Os recursos de que dispõe... — o verbo “dispor” exige a preposição “de”, que deve ser colocada antes do pronome relativo. Apta a empreender... — o nome “apta” exige a preposição “a”, sem crase, pois o que vem depois é o verbo “empreender” (e verbo não admite artigo). Melhoria que a população exige — o verbo “exigir” pede um complemento sem preposição, por isso usamos apenas o pronome relativo “que”, sem preposição.

23. Identifique a alternativa correta.

a) Felizes os países cujos os cidadãos são patriotas.
b) Preciso de dinheiro, sem o cujo não poderei pagar minhas dívidas.

c) Herdou uma fazenda, cuja fazenda lhe permitiria viver sem trabalhar.
d) Comprei gêneros sem os cujos não poderei sobreviver.
e) É um policial em cuja honestidade se pode confiar.

Resposta: “e”. O pronome relativo “cujo” sempre indica posse, sempre terá um substantivo depois dele — com o qual sempre concorda. Outra coisa: nunca haverá artigo depois de “cujo”. Ele também está sujeito à regência do verbo ou nome que aparece depois dele. Por isso: É um policial em cuja honestidade se pode confiar.

24. Assinale a opção que completa corretamente a lacuna da frase abaixo.

O tema _____ discorre o autor do texto é valiosa contribuição para um melhor conhecimento da história do nosso país.
a) o qual.
b) cujo.
c) do qual.
d) em que.
e) sobre que.

Resposta: “e”. O verbo “discorrer” exige a preposição “sobre”, que deve ser colocada antes do pronome relativo: O tema sobre que discorre o autor...

25. Preencha convenientemente as lacunas das frases seguintes, indicando o conjunto obtido.

I. A planta _____ frutos são venenosos foi derrubada.

II. O estado _____ capital nasci é este.

III. O escritor _____ obra falei morreu ontem.

IV. Este é o livro _____ páginas sempre me referi.

V. Este é o homem _____ causa lutei.
a) em cuja, cuja, de cuja, a cuja, por cuja.
b) cujos, em cuja, de cuja, cujas, por cujas.
c) cujos, em cuja, de cuja, a cujas, por cuja.
d) cujos, cuja, cuja, a cujas, por cujas.
e) cuja, em cuja, cuja, cujas, cuja.

Resposta: “c”. O pronome relativo “cujo” sempre indica posse, sempre terá um substantivo depois dele — com o qual sempre concorda. Outra coisa: nunca haverá artigo depois de “cujo”. Ele também está sujeito à regência do verbo ou nome que aparece depois dele. Por isso: I. A planta cujos frutos são venenosos... II. O estado em cuja capital nasci... III. O escritor de cuja obra falei... IV. Este é o livro a cujas páginas sempre me referi. V. Este é o homem por cuja causa lutei.

26. A cartomante _____ me referi, e _____ previsão restituiu a paz a Camilo, saiu-se bem.

a) que, de que.
b) a que, cuja.
c) de que, em cuja.
d) à que, por cuja.

Resposta: “b”. O verbo “referir-se” pede a preposição “a”, que deve ser colocada antes do pronome relativo: A cartomante a que me referi... Na segunda lacuna temos a ideia de posse, por isso devemos empregar o pronome relativo “cujo”, concordando com o nome “previsão”: cuja previsão.

27. Quanto a amigos, prefiro João _____ Paulo, _____ quem sinto _____ simpatia.

a) a, por, menos.
b) do que, por, menos.
c) do que, com, menas.
d) do que, por, menas.
e) do que, para menos.

Resposta: “a”. O verbo “preferir” exige a preposição “a”: prefiro João a Paulo. O nome “simpatia” exige a preposição “por” que deve ser colocada antes do pronome relativo: por quem sinto menos simpatia. “menos” é palavra invariável.

28. Mostrou-se admirado _____ não ver o amigo _____ ia apresentar protestos _____ estima.

a) de, a quem, de.
b) de, que, na.
c) por, à quem, de.
d) por, à quem, na.
e) por, quem, de.

Resposta: “a”. O nome “admirado” aceita as preposições “de” e “por”. O verbo “apresentar” pede a preposição “a”. O nome “protestos” exige a preposição “de”. Então: Mostrou-se admirado de não ver o amigo a quem ia apresentar protestos de estima.

29. Onde há erro de regência verbal?

a) Esqueceram-lhe os compromissos assumidos.
b) Nós lhe lembramos o compromisso assumido.
c) Eu esqueci os compromissos assumidos.
d) Não me lembram tais palavras.
e) Lembro-me que tais eram as suas palavras.

Resposta: “e”. O verbo “lembrar” pode ser usado com ou sem pronome reflexivo, e isso provoca mudança na regência: “lembrar” — sem pronome reflexivo — pede complemento sem preposição: lembrou aqueles; “lembrar-se” — com pronome reflexivo — pede complemento com a preposição “de”: Lembro que tais eram...; ou Lembro-me de que tais eram...

30. Assinale a alternativa incorreta quanto ao emprego da preposição.

a) Tratava-se de um fanático de cujas convicções todos lutavam.
b) Era ele o empresário sob cujo patrocínio correram as eleições.
c) Língua extinta é aquela de cuja existência não possuímos provas.
d) Estes são os amigos dos quais nunca nos haveremos de esquecer.

Resposta: “a”. O verbo “lutar” admite várias preposições distintas, dependendo daquilo que se deseja expressar: lutar com — parceria; lutar contra — oposição; lutar para — finalidade; lutar por — objetivo. Nessa frase, o verbo “lutar”, por força do contexto, exige a preposição

“contra”: Tratava-se de um fanático contra cujas convicções todos lutavam.

31. Marque o texto que contém erro.

a) Assino esta revista especializada há muitos anos, mas este mês ela chamou a minha atenção de modo especial, e vocês vão logo entender por quê.
b) A decisão final sobre os reajustes das prestações do SFH sairá ainda este mês. Persistem algumas dúvidas porque a indexação voltou só para a parcela do salário até três mínimos.
c) Conforme informação da Caixa Econômica Federal, os mutuários desejam saber porque aqueles que têm data-base em setembro e repasse em sessenta dias terão, em novembro, correção mais elevada.
d) Muitos desconhecem também os motivos por que se aplicarão a todos os mutuários com contratos de equivalência salarial plena as antecipações bimestrais e quadrimestrais pelo INPC.
e) Por que se aplica o índice da poupança de setembro/90 a agosto/91 mais 3% de ganho real, descontando as antecipações?

Resposta: “c”. “... desejam saber por que aqueles...” — nessa frase, temos a preposição “por” + o pronome interrogativo “que”; são duas palavras, por isso se escrevem separadamente.

32. Assinale o item que apresenta erro de regência.

a) Não podemos fingir que não existe entre nós uma cultura de sonegação. Os motivos alegados para justificá-la são os mais variados.
b) Outros alegam, diante dos altos impostos, de que, se pagarem tudo corretamente, no final das contas não lhes restará nada.
c) Existe quem justifique a sonegação com a desculpa de que é inútil ficar pagando tributos a governos incompetentes, que usam mal o dinheiro do contribuinte.
d) Uns dizem que não pagam porque não têm com que pagar. Outros sonegam apenas porque são gananciosos.
e) E não são poucos os que não pagam com a justificativa de que ninguém contribui; por que só eles vão ser tolos de pagar direito?

Resposta: “b”. Há uma preposição a mais: o verbo “alegar” exige um complemento sem preposição: Outros alegam, diante dos altos impostos, que, se pagarem...

33. Assinale a alternativa incorreta quanto à regência:

a) Creio que os trabalhadores estão muito conscientes de suas obrigações para com a pátria.
b) O filme a que me refiro aborda corajosamente a problemática dos direitos humanos.
c) Esta nova adaptação teatral do grande romance não está agradando ao público, eu, porém, prefiro esta àquela.
d) O trabalho inovador de Gláuber Rocha que lhe falei chama-se Deus e o Diabo na Terra do Sol.
e) José crê que a classe operária está em condições de desempenhar um papel importante na condução dos problemas nacionais.

Resposta: “d”. Faltou a preposição “de” exigida pelo verbo “falar”: O trabalho inovador de Gláuber Rocha de que lhe falei...

34. A mãe não _____ bem, nem _____ bem; isso talvez explique o seu _____ humor.

a) o queria, lhe tratava, mau.

b) o queria, o tratava, mau.
c) lhe queria, lhe tratava, mau.
d) lhe queria, o tratava, mau.
e) lhe queria, o tratava, mal.

Resposta: “d”. “Querer” no sentido de estimar pede um complemento com a preposição “a”, ou seja, um objeto indireto — os objetos indiretos iniciados por “a” ou “para” são representados pelo pronome oblíquo “lhe(s)”. O verbo “tratar” no sentido de cuidar pede um complemento sem preposição, ou seja, um objeto direto — os objetos diretos são sempre representados pelos pronomes oblíquos “o(s)” e “a(s)”. Mau — adjetivo, acompanha um substantivo; mal — substantivo, advérbio ou conjunção. Então: A mãe não lhe queria bem, nem o tratava bem; isso talvez explique o seu mau humor.

35. Como não _____ vi, chamei o contínuo e mandei-_____, então, _____

a) lhe, ele, procurar você.
b) o, o, procurá-lo.
c) lhe, o, procurá-lo.
d) o, ele, procurar-lhe.
e) lhe, lhe, procurar-lhe.

Resposta: “b”. Como não o (objeto direto do verbo ver) vi, chamei o contínuo e mandei-o (objeto direto do verbo mandar), então, procurá-lo (objeto direto do verbo procurar).

36. Obedeça-_____, estime-_____ e _____ sempre que precisar.

a) os, os, recorra a eles.
b) lhes, os, recorra a eles.
c) lhes, lhes, recorra-lhes.
d) os, lhes, recorra-lhes.
e) os, lhes, recorra a eles.

Resposta: “b”. Obedeça-lhes (objeto indireto do verbo obedecer), estime-os (objeto direto do verbo estimar) e recorra a eles (objeto indireto do verbo recorrer, que não aceita o pronome “lhe(s)” como complemento) sempre que precisar.

37. Assinale a opção em que houve erro ao se substituir a expressão em destaque pelo pronome oblíquo.

a) ... e faziam pinturas incríveis: e faziam-nas.
b) ... onde as pessoas deveriam guardar seu dinheiro: onde as pessoas deveriam guardá-lo.
c) Teci cobertor com canto de passarinho: Teci-o com canto de passarinho.
d) Dei poderes aos meus filhos: Dei-lhes poderes.
e) Visitei minhas irmãs: Visitei-lhes.

Resposta: “e”. “Visitar” pede complemento sem preposição, ou seja, objeto direto, por isso devemos usar ao lado dele os pronomes oblíquos “o(s)”, “a(s)”: Visitei minhas irmãs: visitei-as.

38. Observe a regência verbal e assinale a opção falsa.

a) Avisaram-no que chegaríamos logo.
b) Informei-lhe a nota obtida.
c) Os motoristas irresponsáveis, em geral, não obedecem aos sinais de trânsito.

d) Há bastante tempo que assistimos em São Paulo.
e) Muita gordura não implica saúde.

Resposta: “a”. O verbo “avisar” admite duas construções: “avisar algo a alguém” ou “avisar alguém de/sobre algo”. Então, podemos dizer: Avisaram-no de que chegaríamos logo; ou Avisaram-lhe que chegaríamos logo. Da maneira que aparece na questão, há dois objetos indiretos: -no / que chegaríamos logo — isso é errado.

39. Assinale a frase em que a regência não está correta.

a) Notificá-lo-emos de que o perdoamos.
b) Informaram-lhe que o carro fora consertado.
c) Não desobedeçais a vossos mestres.
d) Cientifico-os de que estamos muito ocupados.
e) Quando o encontrei, fiquei muito emocionado.

Resposta: “a”. O verbo “perdoar” pode ter um complemento “coisa”, nesse caso um objeto direto; também pode ter um complemento “pessoa”, nesse caso um objeto indireto: Perdoei o pecado. Perdoei ao pecador. Não devemos esquecer que “o(s)”, “a(s)” são objetos diretos e “lhe(s)” são objetos indiretos. Na frase em questão o verbo “perdoar” se refere a uma pessoa, por isso devemos empregar ao lado dele o pronome “lhe”: Notificá-lo-emos de que LHE perdoamos.

40. Opção que preenche corretamente as lacunas:

O gerente dirigiu-se _____ sua sala e pôs-se _____ falar _____ todas as pessoas convocadas.

a) à, à, a.
b) a, à, à.
c) à, a, a.
d) a, a, à.
e) à, a, à.

Resposta: “c”. O verbo “dirigir-se” exige a preposição “a”, o pronome possessivo “sua” pode ser usado com ou sem preposição; então com ou sem crase. “Pôr-se” pede a preposição “a”, mas o verbo “falar”, que vem depois, não aceita artigo; sem crase. “Falar” pede a preposição “a”, mas o pronome indefinido “todas” não aceita artigo; sem crase.

41. Preencha as lacunas da frase abaixo e assinale a alternativa correta.

Comunicamos _____ V.Sa. que encaminhamos _____ petição anexa _____ Divisão de Fiscalização que está apta _____ prestar _____ informações solicitadas.

a) a, a, à, a, as.
b) à, a, à, a, às.
c) a, à, a, à, as.
d) à, à, a, à, às.
e) à, a, à, à, as.

Resposta: “a”. Comunicamos a V.Sa. — o verbo pede preposição, mas o pronome de tratamento não aceita artigo — sem crase. Encaminhamos a petição anexa à Divisão de Fiscalização — o verbo pede dois complementos: um objeto direto sem preposição (a petição) e um objeto indireto com a preposição “a” (à Divisão de Fiscalização). Apta a prestar — antes

de verbo o “a” é apenas preposição, sem crase. Prestar as informações — o verbo pede complemento sem preposição (objeto direto), assim “as” antes de “informações” é apenas artigo.

42. Identifique a opção correta quanto ao emprego do acento grave indicativo de crase.

a) As inscrições realizar-se-ão de 4 à 11 de outubro.
b) As mercadorias foram repassadas à preço de mercado.
c) A medida atende à todas as reivindicações feitas à partir de 1985.
d) De todas as empresas, só houve concessão de subsídios à João Mello da Almeida Ltda.

Resposta: “d”. “João Mello da Almeida Ltda.” é o nome da empresa, por isso se subentende uma palavra feminina. Corrigindo as outras: a) de 4 a 11, b) a preço de mercado, c) atende a todas (...) a partir de 1985.

43. Indique a alternativa cujos elementos completam corretamente as lacunas abaixo.

Asseguro _____ você que compete _____ ela, em relação _____ esta situação, tomar as providências necessárias.

a) à, a, à.
b) à, a, a.
c) a, à, à.
d) a, a, a.
e) a, a, à.

Resposta: “d”. Os verbos “assegurar” e “competir” e o nome “relação” exigem a preposição “a”. Os pronomes “você”, “ela” e “esta” não admitem artigo. Por isso não há crase alguma.

44. Camilo muda tanto de opinião que daqui _____ pouco vai negar o que disse _____ vinte dias.

a) a, à.
b) à, há.
c) a, há.
d) há, a.

Resposta: “c”. A (preposição) — para expressar tempo futuro. Há (verbo) — para expressar tempo passado.

45. Já estavam _____ poucos metros da clareira, _____ qual foram ter por um atalho aberto _____ foice.

a) à, à, a.
b) a, à, a.
c) a, a, à.
d) à, a, à.
e) à, à, à.

Resposta: “b”. A (preposição) — para expressar distância — a poucos metros. O pronome relativo “qual” sempre virá precedido de artigo, como na frase se refere a “clareira”, usará o artigo feminino singular: “a qual”; esse pronome relativo está sujeito à regência do verbo que vem depois (“foram”), que pede a preposição “a”, que deve ser colocada antes do pronome relativo, por isso: à qual foram ter. Atalho aberto a foice — “a foice” é um adjunto adverbial de

instrumento, sem crase; só haverá crase no adjunto adverbial de instrumento quando houver ambiguidade, duplo sentido.

46. _____ noite, todos os operários voltaram _____ fábrica e só deixaram o serviço _____ uma hora da manhã.

a) Há, à, à.
b) A, a, a.
c) À, à, à.
d) À, a, há.
e) A, à, a.

Resposta: "c". À noite — locução adverbial feminina de tempo — crase obrigatória. Voltaram à fábrica — "voltar" pede a preposição "a" e "fábrica" aceita o artigo "a", por isso com crase. À uma hora da manhã — locução adverbial feminina de tempo — crase obrigatória.

47. Não sei _____ quem devo dirigir-me: se _____ funcionária desta seção, ou _____ da seção de protocolo.

a) a, a, a.
b) a, à, a.
c) a, à, à.
d) à, a, à.
e) à, à, à.

Resposta: "c". A regência, nas três lacunas, é a do verbo "dirigir-se", que pede a preposição "a". Na primeira lacuna, "quem" não admite artigo — sem crase. Na segunda lacuna, "funcionária" admite artigo — com crase. Na terceira lacuna, o "a" é pronome demonstrativo, que substitui no contexto a palavra "funcionária" — com crase.

48. Assinale a opção em que o uso da crase está incorreto.

a) Os processos serão encaminhados à diretoria assim que os pareceres tenham sido submetidos à apreciação do chefe.
b) Solicito à eminente Diretora a autorização a que tenho direito para participar do congresso.
c) Exigiremos a presença das testemunhas durante a sessão de julgamento com vistas à garantir a justiça.
d) Voltaremos a discutir as questões que se referem às conquistas sociais já asseguradas às mulheres trabalhadoras.
e) O Ministro chegará às dezoito horas, abrirá a sessão e procederá à leitura dos pareceres.

Resposta: "c". Antes de verbo nunca haverá crase: a garantir.

49. Assinale o item em que o uso do sinal indicativo de crase é proibido.

a) Ele não se limitou à consulta, verdadeiramente interessante.
b) À ela não cabe fingir, desaparecer, pois nada fez que a estigmatize.
c) Athenaíde prefere recolher-se à casa da mãe, onde pode despegar-se de sua dor.
d) A conversa com o pai trouxe à Laura a lembrança de outra passagem.
e) Pôs-se à porta, como guarda de uma princesa imaginária.

Resposta: "b". O pronome pessoal "ela" não admite artigo, por isso sem crase.

50. Até _____ poucos dias, os preços desses produtos estavam sujeitos _____

grandes oscilações no mercado.

a) à, a.
b) a, à.
c) há, a.
d) à, à.
e) há, à.

Resposta: “c”. Até há poucos dias — tempo passado. “Sujeitos” pede a preposição “a”; “grandes oscilações”, apesar de feminino, está no plural. “A” singular antes de palavra plural é somente preposição, por isso sem crase.

51. _____ dois dias da prova, cedeu _____ um impulso irracional de fugir _____ ela.

a) há, à, a.
b) a, à, a.
c) há, à, à.
d) à, a, à.
e) a, a, a.

Resposta: “e”. A dois dias da prova — expressão de tempo futuro —, “A” apenas preposição. “Ceder” e “fugir” pedem a preposição “a”, mas “um impulso” e “ela” não admitem artigo, por isso sem crase.

52. Na minha visita _____ Bahia, _____ dois meses, percorri _____ pé toda a parte central de Salvador, _____ fim de apreciar _____ beleza da cidade, que nada fica _____ dever _____ maioria dos grandes centros comerciais do país e, daqui _____ pouco, será um dos maiores.

a) a, a, à, à, à, a, a, há.
b) à, a, a, a, à, à, a, há.
c) à, há, a, a, a, a, à, a.
d) a, há, à, a, a, a, a, há.
e) a, a, a, à, a, a, a, à.

Resposta: “c”. Visita à Bahia — preposição + artigo, com crase. Há dois meses — expressão de tempo passado. A pé — locução adverbial de modo masculina, sem crase. A fim de — locução prepositiva masculina, sem crase. Apreciar a beleza — apenas artigo, sem crase. Fica a dever — apenas preposição, pois antes de verbo não há artigo, nem crase. Dever à maioria — preposição + artigo, com crase. Daqui a pouco — expressão de tempo futuro — somente preposição, sem crase.

53. Assinale a alternativa correta quanto ao emprego do acento indicativo de crase.

a) Os turistas pegaram às malas.
b) Fomos à cidade e assistimos às festas.
c) Refiro-me à aquele fato.
d) Estavam frente à frente.

Resposta: “b”. Corrigindo as erradas: a) pegamos as malas — o verbo não pede preposição; c) Refiro-me àquele fato — a crase deve ocorrer com o “a” inicial do pronome demonstrativo “aquele”; d) frente a frente — não há crase entre palavras repetidas.

54. A ociosidade rebaixa _____ criatura humana, tornando-_____ inútil _____ sociedade.

a) a, a, a.
b) à, a, a.
c) a, a, à.
d) à, a, à.

Resposta: “c”. A ociosidade rebaixa a criatura humana — apenas artigo, pois o verbo não pede preposição. Tornando-a — pronome oblíquo, funcionando como objeto direto do verbo. Inútil à sociedade — preposição do nome “inútil” + artigo do nome “sociedade”.

55. Opção que completa corretamente a frase:

Daqui _____ dois dias retornarei _____ Belém.

a) há, a.
b) à, à.
c) à, a.
d) há, à.
e) a, a.

Resposta: “e”. Daqui a dois dias — tempo futuro —, retornarei a Belém — preposição.

56. O exemplo em que a crase está corretamente empregada é:

a) Dia à dia registram-se graves infrações.
b) De repartição à repartição chegavam as novas instruções.
c) Esta é a circular à que se refere a portaria em questão.
d) Muitos ficavam horas e horas à espera de novas informações.

Resposta: “d”. Corrigindo as erradas: a) Dia a dia — não há crase entre palavras repetidas; b) De repartição a repartição — não há crase entre palavras repetidas; c) Esta é a circular a que se refere — o “a” antes do pronome relativo “que” é apenas preposição exigida pelo verbo “referir-se”.

57. Explique _____ pessoa em questão que o prédio do Tribunal fica _____ meio caminho da praça _____ que ele se dirige.

a) a, à, a.
b) à, a, à.
c) à, a, a.
d) a, à, à.
e) à, à, à.

Resposta: “c”. Explique à pessoa em questão — preposição + artigo. Fica a meio caminho — expressão de distância. Da praça a que ele se dirige — o “a” antes do pronome relativo “que” é apenas preposição exigida pelo verbo “dirigir-se”.

58. Já _____ tempos venho dizendo que essas medidas têm sido nefastas não só _____ uma determinada categoria profissional, como também _____ toda a sociedade.

a) à, a, a.
b) há, a, a.
c) há, a, à.

d) há, à, a.
e) à, à, à.

Resposta: “b”. Já há tempos — expressão de tempo passado. Nefastas não só a uma determinada categoria — antes de artigo indefinido (“uma”) nunca há crase. Como também a toda a sociedade — o pronome indefinido “toda” não admite artigo.

59. Forma incorreta.

a) Partirei daqui, à uma hora.
b) O teste visa à verificar a qualidade do produto.
c) Ele vive à margem da comunidade.
d) n.d.a.

Resposta: “b”. Antes de verbo não há crase.

60. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas da seguinte frase:

Um homem condenado _____ ignorância é alguém _____ quem foi roubada uma parte do seu direito _____ vida.

a) à, a, à.
b) a, à, a.
c) à, a, a.
d) a, à, à.
e) a, a, à.

Resposta: “a”. Condenado à ignorância — preposição + artigo. A quem foi roubada uma parte — “a” preposição exigida pela locução “foi roubada” (roubar algo “a” alguém — ou “de” alguém). Direito à vida — preposição + artigo.

61. Preencha corretamente as lacunas, seguindo a ordem fraseológica.

_____ três semanas, cheguei _____ Lisboa; daqui _____ três dias farei uma excursão _____ França; depois farei uma visita _____ ruínas da Itália; de lá regressarei _____ São Paulo.

a) há, à, há, a, as, à.
b) a, a, a, a, às, a.
c) há, a, a, à, às, a.
d) há, a, há, à, às, a.
e) a, à, há, a, as, à.

Resposta: “c”. Há três semanas — tempo passado. Cheguei a Lisboa — Lisboa não admite artigo. Daqui a três dias — tempo futuro. Excursão à França ou excursão a França — França pode ser usado com ou sem artigo. Visita às ruínas — preposição + artigo. Regressarei a São Paulo — São Paulo não admite artigo.

62. Postou-se _____ porta do prédio, _____ espera de uma pessoa _____ quem pudesse entregar a pasta de documentos.

a) a, a, a.
b) à, à, a.
c) à, a, à.
d) a, a, à.

e) à, à, à.

Resposta: “b”. Postou-se à porta do prédio, à espera de — à porta de, à espera de: locuções prepositivas femininas — crase obrigatória. A quem — antes de “quem” nunca haverá crase, pois é um pronome que não admite artigo.

63. Mesmo _____ contragosto, aderiu _____ resoluções dos colegas e dispôs-se _____ dar-lhes apoio.

a) à, à, a.
b) a, à, à.
c) à, a, à.
d) a, à, a.
e) a, a, a.

Resposta: “e”. A contragosto — locução adverbial de modo masculina, sem crase. Aderiu a resoluções — “a” singular diante de palavra plural é sempre preposição. Disposto a dar-lhe — antes de verbo nunca há crase.

64. Escolha a opção incorreta quanto ao emprego do acento grave indicador de crase.

a) À conclusão do parecer, acrescentem-se as sugestões da Comissão.
b) À decisão do Diretor, atribuam-se as medidas acima descritas.
c) À proposta da Comissão, admita-se como melhor solução do problema.
d) À aplicação da medida, antecipe-se a análise dos fatos.

Resposta: “c”. O verbo “admitir” não pede preposição, por isso o “a”, que aparece antes de “proposta”, é apenas artigo.

65. Daqui _____ vinte quilômetros, o viajante encontrará, logo _____ entrada do grande bosque, uma estátua que _____ séculos foi erigida em homenagem _____ deusa da floresta.

a) a, à, há, à.
b) há, a, à, a.
c) à, há, à, à.
d) a, à, à, à.
e) há, a, há, a.

Resposta: “a”. Daqui a vinte quilômetros — expressão de distância. À entrada do — locução prepositiva feminina, crase obrigatória. Que há séculos — expressão de tempo passado. Homenagem à deusa — preposição + artigo.

66. Assinale a alternativa onde a crase foi empregada corretamente.

a) Não se esqueça de chegar à casa cedo.
b) Prefira isto àquilo, já que ao se fazer o bem não se olha à quem.
c) Já que pagaste àquelas dívidas?
d) Chegaram até à região marcada e daí avançaram até à praia.

Resposta: “d”. Corrigindo as erradas: a) Chegar a casa — sem crase, pois “casa” não está determinada; b) não se olha a quem — antes de “quem” nunca há crase; c) pagaste aquelas dívidas — o verbo “pagar”, quando se refere a coisas, tem complemento sem preposição.

67. Os que assistiram _____ peça chegaram _____ aplaudi-la de pé, postando-se

_____ poucos metros do palco.

a) à, à, há.
b) à, a, a.
c) a, a, a.
d) à, a, há.
e) a, à, a.

Resposta: “b”. Assistiram à peça — preposição + artigo. Chegaram a aplaudi-la — antes de verbo nunca há crase. Postando-se a poucos metros — expressão de distância.

68. Estou _____ espera de uma certa pessoa, _____ quem poderei pedir informações _____ respeito desse processo.

a) à, à, a.
b) a, à, à.
c) à, a, a.
d) à, a, à.
e) a, a, à.

Resposta: “c”. À espera de — locução prepositiva feminina, crase obrigatória. A quem — antes de “quem” nunca haverá crase. A respeito de — locução prepositiva masculina, sem crase.

69. Foi _____ mais de um século que, numa reunião de escritores, se propôs a maldição do cientista que reduzira o arco-íris _____ simples matéria: era uma ameaça _____ poesia.

a) a, a, à.
b) há, à, a.
c) há, à, à.
d) a, a, a.
e) há, a, à.

Resposta: “e”. Foi há mais de um século — expressão de tempo passado. Reduzira o arco-íris a simples matéria — “simples matéria” é expressão indeterminada, por isso não pode ser antecedida de artigo definido; o “a” que aparece é apenas a preposição exigida pelo verbo “reduzir”. Ameaça à poesia — preposição + artigo.

70. O progresso chegou inesperadamente _____ subúrbio. Daqui _____ poucos anos, nenhum dos seus moradores se lembrará mais das casinhas que, _____ tão pouco tempo, marcavam a paisagem familiar.

a) aquele, a, a.
b) àquele, à, há.
c) àquele, à, à.
d) àquele, a, há.
e) aquele, à, há.

Resposta: “d”. O progresso chegou inesperadamente àquele subúrbio — preposição do verbo “chegar” + pronome demonstrativo “aquele”. Daqui a pouco — expressão de tempo futuro. Que há tão pouco tempo — expressão de tempo passado.

71. Refiro-me _____ atitudes de adultos que, na verdade, levam as moças _____ rebeldia insensata e _____ uma fuga insensata.

a) às, à, a.
b) as, à, à.
c) às, à, à.
d) as, à, a.
e) às, a, à.

Resposta: "a". Refiro-me às atitudes — preposição + artigo. Levam as moças à rebeldia — preposição (do verbo "levar") + artigo. E a uma fuga — antes de artigo indefinido ("uma") nunca há crase.

72. Assinale a frase gramaticalmente correta.

a) O papa caminha à passo firme.
b) Dirigiu-se ao tribunal disposto à falar ao juiz.
c) Chegou à noite, precisamente as dez horas.
d) Esta é a casa à qual me referi ontem às pressas.
e) Ora aspirava a isto, ora aquilo, ora à nada.

Resposta: "d". Corrigindo as erradas: a) a passo firme — locução adverbial de modo masculina, sem crase; b) a falar — antes de verbo nunca há crase; c) às dez horas — locução adverbial de tempo feminina, com crase; e) ora aspirava a isto, ora àquilo, ora a nada — o verbo "aspirar", no sentido de desejar, pede a preposição "a". "Isto" e "nada" não admitem artigo, por isso não há crase. "Aquilo" se funde com a preposição "a" do verbo, portanto há crase.

73. Opção incorreta quanto à concordância nominal:

a) O bilhete e as cartas estavam anexos ao processo.
b) Vão anexos os documentos.
c) Seguem anexo as cópias.
d) Os documentos devem ser enviados anexos à carta.
e) Remetemos anexas as provas.

Resposta: "c". Anexo é adjetivo, deve concordar com o substantivo a que se refere: Seguem anexas as cópias. Ou se pode usar a locução invariável "em anexo": Seguem em anexo as cópias.

74. O exemplo em que há um erro de concordância nominal é:

a) Quanto à nota fiscal n. 233, sabes a razão por que se extraviaram as vias segunda e terceira.
b) Dormia tranquilo, porque estava quite com seus credores.
c) Estejam alertas na luta contra os que lesam o fisco.
d) Aprovado, enfim, o dia e a hora da realização do concurso.

Resposta: "c". Alerta é advérbio, por isso invariável: Estejam alerta na luta contra os que lesam o fisco.

75. Há concordância inadequada em:

a) conflito e guerras crônicas.

b) conflito e guerra crônicos.
c) guerras e conflito crônicas.
d) guerras e conflito crônico.
e) guerras e conflito crônicos.

Resposta: “c”. Quando usamos um adjetivo posposto a dois ou mais substantivo, ele deve concordar com o conjunto no plural, ou com o substantivo que estiver mais próximo: guerra e conflito crônico ou crônicos.

76. Assinale a alternativa correta quanto à concordância nominal ou verbal.
a) Os Alpes é a maior cordilheira da Europa.
b) “Eu mesma vou aplicar a prova”, disse a diretora.
c) Compramos dois mil trezentos e cinquenta flâmulas.
d) As casas eram meias subterrâneas.

Resposta: “b”. Corrigindo as erradas: a) Os Alpes são; c) ... duas mil trezentas e cinquenta flâmulas; d) ... meio subterrâneas.

77. É _____ prudência na interpretação dos resultados, _____ seguem _____ algumas normas.
a) necessária, porisso, inclusas.
b) necessário, por isso, inclusa.
c) necessária, porisso, incluso.
d) necessário, por isso, inclusas.

Resposta: “d”. É necessário prudência — o substantivo é tomado de forma genérica. Por isso — sempre separado. Inclusas algumas normas.

78. Já _____ umas dez horas da manhã quando se _____ as portas da repartição.
a) deviam serem, abriram.
b) deviam ser, abriram.
c) devia ser, abriram.
d) deviam serem, abriu.
e) devia ser, abriu.

Resposta: “b”. Já deviam ser umas dez horas — na expressão de tempo, o verbo ser, e seus auxiliares, concorda com o numeral. Quando se abriram as portas — “se” é pronome apassivador, “portas” é o sujeito, por isso verbo no plural.

79. Assim que _____ quatro horas no relógio da igreja, mais de um aluno _____ .
a) bateu, saiu.
b) bateram, saíram.
c) bateu, saíram.
d) bateram, saiu.

Resposta: “d”. O verbo bater concorda com o numeral, pois não há outra possibilidade de sujeito. Mais de um — pede verbo no singular.

80. Todos _____, Senhor Diretor, que Vossa Senhoria _____ bastante _____.
a) creem, será, compreensivo.
b) crêem, sereis, compreensiva.

c) crêm, sereis, compreensiva.
d) crêem, será, compreensivo.

Resposta: “a”. Todos creem — não há mais acento no duplo “ee” dos verbos. V.Sa. pede concordância em 3a pessoa do singular; no masculino pois é o “diretor”.

81. Qual de nós _____ de falsas informações.

a) deverá avisar-lhe de que se tratam.
b) deveremos avisar-lhe de que se trata.
c) deverá avisá-lo de que se trata.
d) deveremos avisá-lo de que se tratam.

Resposta: “c”. Qual de nós deverá avisar — com o pronome interrogativo no singular a concordância se faz obrigatoriamente com esse interrogativo. Deverá avisá-lo de que se trata de falsas informações — “se” é índice de indeterminação do sujeito, por isso “tratar” fica na 3a pessoa do singular.

82. Quanto _____ interferências _____, melhor _____.

a) menas, existirem, serão.
b) menas, existirem, será.
c) menas, existir, será.
d) menos, existir, serão.
e) menos, existirem, será.

Resposta: “e”. Menos é sempre invariável. Existir sempre tem sujeito, aqui nessa frase é o substantivo “interferências”. Melhor será — tem como sujeito a oração anterior, e com sujeito oracional o verbo fica na 3a pessoa do singular.

83. _____ fraudes e acredito que sempre _____.

a) Houve, hão de existir.
b) Houveram, hão de existir.
c) Houve, há de existir.
d) Houveram, há de existir.

Resposta: “a”. Houve fraudes — o verbo haver expressando acontecimento ou existência é impessoal, por isso fica na 3a pessoa do singular. Hão de existir (fraudes) — o verbo existir sempre tem sujeito, nesse caso o sujeito é “fraudes”; como ele foi usado numa locução verbal, o seu auxiliar deve concordar com o sujeito.

84. Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da seguinte frase:

Correrias, atrasos, hospedagens, nada _____ os turistas _____ dos passeios.

a) faz, desistir.
b) fazem, desistirem.
c) faz, desistirem.
d) deve fazer, desistir.
e) devem fazer, desistirem.

Resposta: “c”. Sujeito composto resumido por pronome pede verbo concordando com o pronome resumitivo: ... nada faz. Os turistas desistirem — o sujeito de “desistir” é “os turistas”, por isso verbo no plural.

85. Indique a opção incorreta.

a) Receba Vossa Excelência os cumprimentos de seus subordinados.
b) Sua Excelência, o Ministro da Justiça, chegou acompanhado de outras autoridades.
c) Reiteramos nosso apreço a V. Senhoria e vossos subordinados.
d) Solicitamos a Sua Senhoria que encaminhasse suas sugestões por escrito para que pudéssemos tomar as providências necessárias.

Resposta: "c". Pronome de tratamento concorda em 3a pessoa: V. Senhoria e seus subordinados.

86. Sem educação, não _____ existir _____ conscientes.

a) podem, cidadãos.
b) pode, cidadãos.
c) podem, cidadões.
d) pode, cidadães.

Resposta: "a". Não podem existir cidadãos conscientes — o sujeito da frase é "cidadãos", por isso verbo no plural.

87. Assinale a alternativa que não apresenta concordância verbal condizente com as normas do português padrão.

a) O exército foi ao sítio de Canudos — no alto sertão baiano, a 400 km de Salvador — há quase cem anos, para caçar o maior de todos os subversivos do começo da República, líder de um movimento armado que provocou 20 mil mortes.
b) Fazem 100 anos que Antônio Conselheiro, acossado pelas forças políticas da Bahia, encerrou sua longa peregrinação pelo sertão e instalou-se no povoado de Canudos, às margens do rio Vasa-Barris, de onde jamais sairia.
c) Começou a escrever-se, aí, um dos capítulos mais amargos e sangrentos da história do Brasil.
d) A Guerra dos Canudos, ocorrida entre 1896 a 1897, é apontada por historiadores como o grande genocídio da história do país.
e) Foram necessárias quatro expedições do governo federal para acabar com o arraial — tido como foco de sediciosos monarquistas.

Resposta: "b". Faz 100 anos — o verbo "fazer" expressando tempo cronológico é impessoal, por isso deve ser usado na 3a pessoa do singular, obrigatoriamente.

88. Indique o único segmento que apresenta concordância verbal condizente com as normas do português padrão.

a) O funcionamento dos dois hemisférios cerebrais são necessários tanto para as atividades artísticas como para as científicas.
b) As diferentes divisões e subdivisões a que se submetem a área de ciências humanas provocam uma indesejável pulverização de domínios do conhecimento.
c) Normalmente, a aplicação de métodos quantitativos e exatos acabam por distorcer as linhas do raciocínio em ciências humanas.
d) Uma das premissas básicas do conjunto das assunções teóricas e epistemológicas do trabalho que ora vem a lume é a concepção da arte como uma entre as muitas formas por meio das quais o conhecimento humano se expressa.

e) Não existem fórmulas precisas ou exatas para se avaliar uma obra de arte, não existe um padrão de medida ou quantificação, tampouco podem haver modelos rígidos preestabelecidos.

Resposta: “d”. Corrigindo as erradas: a) O funcionamento ... é necessário; b) ... que se submete a área; c) ... a aplicação ... acaba; e) ... tampouco pode haver modelos — “pode haver” locução verbal com o principal impessoal.

89. É _____ a colaboração de todos, _____ lá _____ as dificuldades.

a) necessário, seja, qual for.
b) necessária, sejam, quais forem.
c) necessário, sejam, quais forem.
d) necessária, seja, quais forem.

Resposta: “b”. É necessária a colaboração — o substantivo veio determinado por artigo, por isso a concordância é obrigatória. Sejam lá quais forem as dificuldades — “dificuldades” é o sujeito de ambos os verbos, por isso devem estar no plural.

90. Assinale, entre os pares a seguir, o único que desrespeita as regras de concordância da norma culta.

a) No Brasil, na década de 60, o educador Paulo Freire foi as vozes das massas analfabetas a clamar por mudanças.
No Brasil, na década de 60, o educador Paulo Freire foram as vozes das massas analfabetas a clamar por mudanças.
b) A maior parte das preocupações educacionais gravita em torno dos limites entre a formação do trabalhador e a formação do cidadão.
A maior parte das preocupações educacionais gravitam em torno dos limites entre a formação do trabalhador e a formação do cidadão.
c) Quais entre nós passamos incólumes pelas rápidas transformações sociais desta “aldeia global”?
Quais entre nós passaram incólumes pelas rápidas transformações sociais desta “aldeia global”?
d) Desde os acidentes de Ímola, a maior parte dos pilotos insiste na reformulação das regras da Fórmula 1.
Desde os acidentes de Ímola, a maior parte dos pilotos insistem na reformulação das regras da Fórmula 1.
e) Não só um país de terceiro mundo como também uma potência capitalista luta hoje contra graves problemas econômicos.
Não só um país de terceiro mundo como também uma potência capitalista lutam hoje contra graves problemas econômicos.

Resposta: “a”. O verbo ser concorda com o nome que se refere a pessoas, obrigatoriamente: Paulo Freire foi as vozes.

91. Assinale o único exemplo em que ocorre erro no emprego do pronome.

a) Quando ele ordenava, todos o atendiam.
b) Já houve desentendimentos entre ti e mim?
c) Sempre lhe desobedeceu, embora lhe quisesse muito, porque não suportava que ninguém o

orientasse.
d) Aquele carro não era para mim, comprá-lo com que dinheiro?
e) Vossas Excelências deverão comparecer com vossas famílias.

Resposta: “e”. Pronome de tratamento concorda em 3a pessoa: Vossas Excelências deverão comparecer com suas famílias.

92. Concordância verbal. Incorreta:
a) V.Exa. é generoso.
b) Mais de um jornal comentou o jogo.
c) Elaborou-se ótimos planos.
d) Eu e minha família fomos ao mercado.
e) Os Estados Unidos situam-se na América do Norte.

Resposta: “c”. Elaboraram-se ótimos planos — “ótimos planos” é o sujeito plural, por isso verbo no plural; “se” é pronome apassivador.

93. Concordância verbal. Correta:
a) Foi aí que todos entramos na sala.
b) As pessoas se esquecem de mandarem mensagens aos amigos.
c) Cada um dos alunos receberam seus cadernos.
d) Três mil reais são pouco pelo serviço.
e) Não me consta tais informações.

Resposta: “a”. “Todos entramos” representa silepse de pessoa, uma concordância ideológica.

94. Há erro de concordância em:
a) A turma ficou meio triste com a despedida da professora.
b) Nesta casa, há exemplos bastantes de bons profissionais.
c) Faz-se necessária a compreensão de todos vocês.
d) Dada a intensidade da chuva, o arroio transbordou.
e) Estou enviando, anexa, a esta carta, seu cartão de cliente preferencial.

Resposta: “e”. “Anexo” é adjetivo, por isso deve concordar com o substantivo a que se refere: Estou enviando, anexo, a esta carta, seu cartão de cliente preferencial. Outra possibilidade é empregar a locução invariável “em anexo”: Estou enviando, em anexo, a esta carta, seu cartão de cliente preferencial.

95. A colocação pronominal está correta em:
a) Não queira-me mal, pois quero-lhe muito bem.
b) Me conte tudo o que se passou com você.
c) Mariquinha tinha casado-se no sábado.
d) Faria-me um grande favor não me procurando mais.
e) Não posso dizer-lhe que a amo, julgar-me-ia um tolo.

Resposta: “e”. Corrigindo as erradas: a) Não me queira mal — “não” é palavra atrativa, próclise; b) Conte-me — não se inicia frase com pronome oblíquo, ênclise; c) Mariquinha tinha se casado — particípio nunca carrega pronome, por isso ênclise no auxiliar; d) Far-me-ia — com verbo no futuro emprega-se a mesóclise.

96. Assinale a alternativa incorreta.

a) Tratando-se de você, ele concordará!
b) O deixei na biblioteca.
c) Ele pediu permissão para falar-lhe.
d) Vou levar-te ao museu.
e) Cumprimentou a todos, retirando-se em seguida.

Resposta: “b”. “Deixei-o na biblioteca.” é a forma correta, pois não se inicia oração com pronome oblíquo.

97. Assinale a opção em que a próclise do pronome oblíquo é facultativa, segundo a norma culta.

a) Ninguém o convenceu a falar.
b) Quem me levará até a sala de vídeo?
c) É comum este amigo nos socorrer nas dificuldades.
d) Deus o abençoe, meu filho!
e) Se se empenhou na leitura, será recompensado.

Resposta: “c”. Com verbo no infinitivo podemos usar próclise ou ênclise: É comum este amigo nos socorrer...; ou É comum este amigo socorrer-nos...

98. Pronome mal colocado.

a) Lá, disseram-me que entrasse logo.
b) Aqui me disseram que saísse.
c) Posso ir, se me convidarem.
d) Irei, se quiserem-me.
e) Estou pronto. Chamem-me.

Resposta: “d”. “Se” é conjunção subordinativa, por isso atrai o pronome para antes do verbo. A forma correta é: “Irei, se me quiserem.”

99. Assinale a frase em que a colocação do pronome oblíquo átono não obedece às normas do português padrão.

a) Essas vitórias pouco importam; alcançaram-nas os que tinham mais dinheiro.
b) Estamos nos sentindo desolados: temos prevenido-o várias vezes e ele não escuta.
c) Ele me evitava constantemente!... Ter-lhe-iam falado a meu respeito?
d) Entregaram-me a encomenda ontem, resta agora a vocês oferecerem-na ao chefe.
e) O Presidente cumprimentou o Vice dizendo: — Fostes incumbido de difícil missão, mas cumpriste-la com denodo e eficiência.

Resposta: “b”. Particípio nunca carrega pronome. A forma correta é “... temo-lo prevenido...”.

100. Colocação errada do pronome átono.

a) Ao ver-nos, cumprimentam-nos.
b) Se me não falha a memória...
c) Se a memória não me falha...
d) Chegou-se a mim, me cumprimentando cordialmente.
e) O livro está com você, entregue-mo.

Resposta: “d”. Não se começa oração com pronome oblíquo: Chegou-se a mim, cumprimentando-me cordialmente”.

101. É inaceitável em relação à norma culta:

a) Pode-se considerar a Semana de Arte Moderna...
b) Poderia-se considerar a Semana de Arte moderna...
c) Pode se considerar a Semana de Arte Moderna...
d) Pode considerar-se a Semana de Arte Moderna...
e) Poderia considerar-se a Semana de Arte Moderna...

Resposta: “b”. Com verbo no futuro, usamos mesóclise: “Poder-se-ia considerar...”.

102. Observe os períodos abaixo e assinale a única alternativa errada quanto ao emprego do pronome oblíquo.

a) Em se tratando de um caso urgente, nada o retinha em casa.
b) Vendo-a entrar, Marcos partiu.
c) Direi-lhe tudo que quiser.
d) Quando me visitas?
e) Há pessoas que nos querem bem.

Resposta: “c”. Com verbo no futuro, usamos mesóclise: “Dir-lhe-ei...”.

103. Assinale a alternativa em que a colocação pronominal não corresponde ao que preceitua a gramática.

a) Há muitas estrelas que nos atraem a atenção.
b) Jamais dar-te-ia tantas explicações, se não fosse pessoa de tanto merecimento.
c) A este compete, em se tratando do corpo da Pátria, revigorá-lo com o sangue do trabalho.
d) Não o realizaria, entretanto, se a árvore não se mantivesse verde sob a neve.
e) n.d.a.

Resposta: “b”. “Jamais” é palavra atrativa, por isso devemos empregar a próclise: Jamais te daria...

104. Assinale a alternativa em que o pronome pessoal oblíquo poderia ser colocado em duas outras posições.

a) Agora, conte-me a verdade.
b) Eles queriam-me enganar.
c) Não te prejudicarei nunca.
d) Os amigos tinham-se retirado.
e) Creio que ele não te dará explicações.

Resposta: “b”. Eles me queriam enganar — posso considerar o pronome pessoal (“eles”) uma palavra atrativa, ou não. Eles queriam enganar-me — com locução verbal o pronome pode ficar depois do infinitivo.

105. Assinale a opção em que há colocação correta do pronome, em relação à norma culta da língua.

a) Não somente vi-me ameaçado da pobreza...
b) Tudo isto abateu-me...
c) ... como achei-me o causador,...
d) ... não surgisse uma situação que aterrou-me.
e) ... uma palavra do que então me dissesse.

Resposta: “e”. Corrigindo as erradas: a) Não somente me vi; b) Tudo isto me abateu; c) ... como me achei; d) que me aterrou.

106. Assinale a opção em que a próclise atende às recomendações da norma culta.

a) Continua nos enriquecendo.
b) Está se tornando.
c) Parecem se reduzir.
d) Devendo se enriquecer.
e) Oportunidades que se oferecem.

Resposta: “e”. Nessa opção temos uma palavra atrativa (“que” — pronome relativo), por isso a próclise é obrigatória.

107. Assinale a opção em que a próclise do pronome oblíquo se é optativa.

a) A partir do momento em que se tornou capital da colônia.
b) Uma enorme parcela da população ativa não se integrava na disciplina do mercado.
c) E os poucos que se envolviam...
d) E as eleições se faziam à base do porrete e da navalha.
e) É fácil concluir que se tratava de uma cidade.

Resposta: “d”. Em todas as opções existe uma palavra atrativa, exceto na opção “d”. Isso faz com que possamos empregar próclise ou ênclise, facultativamente: “as eleições se faziam” ou “as eleições faziam-se”.

5

PONTUAÇÃO

A nossa pontuação — a pontuação em língua portuguesa —
obedece a critérios sintáticos, e não prosódicos.
Sempre é importante lembrar isso a todos aqueles que escrevem,
para que se previnam contra bisonhas vírgulas de ouvido.
Ensinam as gramáticas que cada vírgula corresponde
a uma pausa mas que nem a toda pausa corresponde uma vírgula.

Celso Pedro Luft

A pontuação **auxilia** a leitura e a compreensão de discursos escritos.

Os sinais de pontuação, ligados à estrutura sintática, têm as seguintes finalidades:

a) assinalar as **pausas** e as **inflexões da voz** (entoação) na leitura;

b) **separar** palavras, expressões e orações que, segundo o autor, devem merecer destaque;

c) **esclarecer o sentido** da frase, eliminando ambiguidades.

Os sinais de pontuação marcam três tipos diferentes de pausas:

a) pausas que indicam que a **frase ainda não acabou:**

vírgula [,]
travessão [—]
parênteses [()]
ponto e vírgula [;]
dois-pontos [:]

b) pausas que indicam **final de período:**

ponto-final [.]

c) pausas que indicam **intenção ou emoção:**

ponto de interrogação [?]
ponto de exclamação [!]
reticências [...]

5.1. VÍRGULA

A vírgula serve para marcar as **separações** de sentido entre termos vizinhos, as **inversões** e as **intercalações**, quer na oração, quer no período, ou seja: separa termos dentro da oração ou orações dentro do período.

O uso da vírgula é mais uma **questão de estilo**, pois vai ao encontro da intenção do autor da frase.

A seguir, indicam-se alguns casos principais de emprego da vírgula:

a) para separar o **aposto explicativo:**

João, meu vizinho, bateu com o carro.

Todos gostamos de arroz e feijão, alimentos indispensáveis na mesa do brasileiro.

b) para separar o **vocativo:**

Mãe, eu estou com fome.

"Dizei-me Vós, Senhor Deus, se eu deliro ou se é verdade tanto horror perante os céus." (Castro Alves)

c) para separar os **termos de mesma função:**

Comprei arroz, feijão, carne, alface e chuchu.

Machado de Assis, Castro Alves e Ruy Barbosa são escritores brasileiros.

d) para assinalar a **inversão dos adjuntos adverbiais** (facultativa):

Na semana passada, o diretor conversou comigo.

Aos treze dias do mês de julho de mil novecentos e sessenta e seis, nascia Childerico.

e) para marcar a **supressão de um verbo:**

Uma flor, essa menina!

Que terrível, a espera por José...

f) a vírgula também é empregada para indicar a *ocultação* de verbo já escrito anteriormente **(zeugma)** ou outro termo **(elipse):**

O decreto regulamenta os casos gerais; a portaria, os particulares. — a vírgula indica o *zeugma* do verbo *regulamenta*.

Às vezes procura assistência; outras, toma a iniciativa. — a vírgula indica a *elipse* da palavra *vezes*.

g) para separar o **nome do lugar**, nas datas:

São Paulo, 21 de novembro de 2004.

Alvorada do Sul, 13 de julho de 1965.

h) nos **complementos verbais deslocados** para o começo da frase, repetidos por pronome enfático:

A rosa, entreguei-a para a menina.

A mim, nada mais me resta!

i) para isolar **expressões explicativas, corretivas, escusativas, continuativas, conclusivas**, tais como:

por exemplo, além disso, isto é, a saber, aliás, digo, minto, ou melhor, ou antes, outrossim, demais, então, com efeito etc.

A menina, aliás, estava linda!

Não se deve, por exemplo, colocar vírgula entre sujeito e verbo.

Todos querem o melhor, isto é, as coisas boas da vida.

j) para isolar **orações ou termos intercalados** (aqui se usam também, no lugar das vírgulas, travessões ou parênteses):

A casa, disse Asdrúbal, precisa de reforma.

A casa — disse Asdrúbal — precisa de reforma.

A casa (disse Asdrúbal) precisa de reforma.

Atanagildetina, ontem, estava linda.

Atanagildetina — ontem — estava linda.

Atanagildetina (ontem) estava linda.

k) para separar **orações paralelas justapostas**, isto é, não ligadas por conjunção:

Chegou a Brasília, visitou o Ministério das Relações Exteriores, levou seus documentos ao Palácio do Buriti, voltou ao Ministério e marcou a entrevista.

Abriu a geladeira, pegou a garrafa d'água, encheu um copo até a borda e deixou-o cheio sobre a mesa.

l) para separar as orações **coordenadas assindéticas:**

Maria foi à feira, José foi ao mercado, Pedro preparou o almoço.

Radegondes estudava Português, Childerico jogava cartas, Asdrúbal lia história em quadrinho.

m) para separar as orações **coordenadas ligadas por conjunções:**

Maria foi ao mercado, mas não comprou leite.

Os meninos estavam no pátio, pois não havia aula naquele momento.

Pascoalina estuda bastante, logo terá um bom desempenho na prova.

Curiosidade: As orações coordenadas sindéticas aditivas, ainda que sejam iniciadas pela conjunção **e**, podem ser separadas por vírgula quando proferidas com pausa:

Radegondes não trouxe o livro que prometera, e eu fiquei triste por isso.

Todos olhavam para o menino que gritava, e não entendiam a razão daquele escarcéu!

n) para separar as **conjunções coordenativas intercaladas ou pospostas ao verbo** da oração a que pertencem:

Dedicava-se ao trabalho com afinco; não obtinha, *contudo*, resultados.

O ano foi difícil; não me queixo, *porém*.

Era mister, *pois*, levar o projeto às últimas consequências.

Todos queriam macarrão; Âni desejava, *porém*, arroz.

o) para separar as **orações subordinadas adjetivas explicativas:**

O homem, que pensa, é um ser racional.

Roberto Carlos, que foi eleito "rei" em nosso país, foi homenageado no carnaval carioca.

Curiosidade: Os orações subordinadas adjetivas restritivas podem ter uma vírgula no fim, sobretudo quando forem longas. Essa pontuação é correta, mesmo que separe o sujeito expandido do seu verbo.

O homem que carrega nos braços o seu filho adormecido, é o Asdrúbal.

O autor do livro que virou um conhecido filme estrelado por um famoso ator brasileiro, morreu ontem.

p) para separar as **orações subordinadas adverbiais**, principalmente quando antepostas à principal:

Ela fazia a lição, enquanto a mãe costurava.

A menina ficará muito feliz, se você lhe der aquela boneca.

Enquanto a mãe costurava, Pascoalina fazia a lição.

Quando todos se recolheram aos seus aposentos, a dona da pensão pôde relaxar um pouco.

q) para separar as **orações reduzidas:**

Somente casando com Asdrúbal, você será feliz.

Ao sair, apague a luz.

Terminada a missa, todos foram para as suas casas.

5.2. PONTO E VÍRGULA

O ponto e vírgula, em princípio, **separa estruturas coordenadas** já portadoras de vírgulas internas. É também usado **em lugar da vírgula para dar ênfase** ao que se quer dizer. Exemplos:

Sem virtude, perece a democracia; o que mantém o governo despótico é o medo.

A borboleta voava; os pássaros cantavam; a vida seguia tranquila.

Em 1908, vovô nasceu; em 1950, nasceu papai.

As leis, em qualquer caso, não podem ser infringidas; mesmo em caso de dúvida, portanto, elas devem ser respeitadas.

Art. 15. É vedada a cassação de direitos políticos, cuja perda ou suspensão só se dará nos casos de:

I — cancelamento da naturalização por sentença transitada em julgado;

II — incapacidade civil absoluta;

III — condenação criminal transitada em julgado, enquanto durarem seus efeitos;

IV — recusa de cumprir obrigação a todos imposta ou prestação alternativa, nos termos do art. 5º, VIII;

V — improbidade administrativa, nos termos do art. 37, § 4º.

5.3. DOIS-PONTOS

Emprega-se este sinal de pontuação:

a) antes de uma **citação:**

Rui Barbosa afirmou: "Esta minha a que chamam prolixidade, bem fora estaria de merecer os desprezilhos que nesse vocábulo me torcem o nariz."

Quem foi que disse: "Há mais coisas entre o céu e a terra do que supõe nossa vã filosofia."?

b) para indicar **enumeração:**

Fui à feira e comprei: uva, maçã, melancia, jaca.

Gosto de todo tipo de arte: música, cinema, teatro.

c) antes de **aposto discriminativo:**

A sala possuía belos móveis: sofá de couro, mesa de mogno, abajures de pergaminho, cadeiras de veludo.

Ela gostava de cores fortes: vermelho, laranja, marrom.

d) antes de **explicação** ou esclarecimento:

Todos os seres são belos: um inseto é belo, um elefante é belo.

Só quero uma coisa na vida: ser feliz!

e) depois de **verbo** dicendi (dizer, perguntar, responder, falar etc.):

Maria disse: — A língua portuguesa é muito fácil!

O rapaz, asperamente, retrucou: — Não fui eu!

5.4. PONTO-FINAL

Usa-se:

a) no **final do período**, indicando que o sentido está completo:

A menina comeu a maçã.

A terra é azul.

Ela sempre espera que eu traga as maçãs caramelizadas de que tanto gosta.

b) nas **abreviaturas:** Dr.; Sr.; pág.

5.5. PONTO DE INTERROGAÇÃO

O ponto de interrogação, como se depreende de seu nome, é utilizado para marcar o **final de uma frase interrogativa direta:**

Até quando aguardaremos uma solução para o caso?

Qual será o sucessor do Secretário?

Cur**iosidade:** Não cabe ponto de interrogação em estruturas interrogativas indiretas, nem em títulos interrogativos:

Quero saber onde a senhorita esteve até esta hora.

O que é linguagem oficial

Por que a inflação não baixa

Como vencer a crise

5.6. PONTO DE EXCLAMAÇÃO

O ponto de exclamação é utilizado:

a) depois de qualquer palavra ou frase, na qual se indique **espanto, surpresa, entusiasmo, susto, cólera, piedade, súplica:**

Tenha pena de mim!

Coitado sou eu!

Ai!

Nossa!

b) nas **interjeições:**

Ah!

Vixe!

Puxa!

c) nos **vocativos intensivos:**

Senhor Deus dos desgraçados! Protegei-me.

Colombo! Veja isso...

5.7. RETICÊNCIAS

Usam-se:

a) para indicar **supressão de um trecho** nas citações:

"... a generosidade de quem no-la doou." (Rui Barbosa)

"Saí, afastando-me dos grupos..." (Machado de Assis)

b) para indicar **interrupção da frase:**

Ela estava... Não, não posso dizer isso.

A vida... Sei lá... Não sei o que dizer sobre a vida.

c) para indicar **hesitação:**

Acho que eram... 12h... não sei ao certo, disse Jocasta.

Quero uns dez... ou doze pães.

d) para **deixar algo subentendido** no final da frase:

Deixa o seu coração dizer a verdade...

Ela sabe que eu quero...

5.8. PARÊNTESES

Os parênteses são empregados nas **orações ou expressões intercaladas**.

O Estado de Direito (Constituição Federal, art. 1º) define-se pela submissão de todas as relações ao Direito.

Curiosidade: Quando a frase inteira se encontra dentro dos parênteses, o ponto-final vem antes do último parêntese:

O decreto regulamenta os casos gerais; a portaria, os particulares. **(Nesta frase, a vírgula indica o zeugma do verbo *regulamenta*.)**

5.9. TRAVESSÃO

O travessão é empregado nos seguintes casos:

a) **substitui** parênteses, vírgulas, dois-pontos:

O controle inflacionário — meta prioritária do Governo — será ainda mais rigoroso.

As restrições ao livre mercado — especialmente o de produtos tecnologicamente avançados — podem ser muito prejudiciais para a sociedade.

b) indica a **introdução de enunciados** no diálogo:

Indagado pela comissão de inquérito sobre a procedência de suas declarações, o funcionário respondeu: — Nada tenho a declarar a esse respeito.

c) indica a **substituição de um termo**, para evitar repetições:

O verbo *fazer* — *vide* sintaxe do verbo —, no sentido de tempo transcorrido, é utilizado sempre na 3a pessoa do singular: *faz dois anos que isso aconteceu*.

d) **dá ênfase** a determinada palavra ou pensamento que segue:

Não há outro meio de resolver o problema — promova-se o funcionário.

Ele reiterou suas ideias e convicções — energicamente.

5.10. ASPAS

As aspas têm os seguintes empregos:

a) usam-se antes e depois de uma **citação textual:**

A Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988, no parágrafo único de seu art. 1º, afirma: "Todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente".

b) dão **destaque** a nomes de publicações, obras de arte, intitulativos, apelidos etc.:

O artigo sobre o processo de desregulamentação foi publicado no "Jornal do Brasil".

A Secretaria da Cultura está organizando uma apresentação das "Bachianas", de Villa Lobos.

c) destacam **termos estrangeiros:**

O processo da "détente" teve início com a Crise dos Mísseis em Cuba, em 1962.

"Mutatis mutandis", o novo projeto é idêntico ao anteriormente apresentado.

d) nas **citações de textos legais**, as **alíneas** devem estar entre aspas:

O tema é tratado na alínea "a" do art. 146 da Constituição.

5.11. QUESTÕES

1. Assinale a alternativa correspondente ao período de pontuação correta:

a) Na espessura do bosque, estava o leito da irara ausente.
b) Na espessura, do bosque; estava o leito, da irara ausente.
c) Na espessura do bosque; estava o leito, da irara, ausente.
d) Na espessura, do bosque estava o leito da irara ausente.
e) Na espessura, do bosque estava, o leito da irara ausente.

Resposta: "a". O único lugar em que se pode pôr uma vírgula é entre o adjunto adverbial e o restante da frase.

2. Assinale o item em que há erro no tocante à pontuação:

a) — D. Sara, a senhora é nossa benfeitora.
b) Mulheres pobres, lavando roupa.
c) Peixadas, galinha de cabidela, tudo me recordava D. Sara.
d) Bandeira, só, enfrentava a orfandade.
e) Couto meu melhor amigo antecedeu-me na Academia.

Resposta: "e". A expressão "meu melhor amigo" é um aposto, deve aparecer entre vírgulas.

3. Escolha a alternativa em que o texto é apresentado com a pontuação mais adequada:

a) Depois que há algumas gerações o arsênico, deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou: e — quanto ... o número de ratos.
b) Depois que há algumas gerações o arsênico, deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou: e quanto! o número de ratos.
c) Depois que, há algumas gerações, o arsênico deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou — e quanto! — o número de ratos.
d) Depois que há algumas gerações o arsênico deixou de ser vendido em farmácias — não diminuíram os casos de suicídio, ou envenenamento criminoso, mas aumentou; e quanto — o número de ratos.
e) Depois que, há algumas gerações o arsênico deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou; e quanto, o número de ratos!

Resposta: "c". Vejamos o erro das outras opções: a) a vírgula depois de "arsênico" separa o sujeito do verbo; b) a vírgula depois de "arsênico" separa o sujeito do verbo; d) o ponto e vírgula depois de "aumentou" não deve existir; e) a vírgula de "Depois que" separa a conjunção integrante da oração que ela introduz.

4. A opção em que está correto o emprego do ponto e vírgula é:

a) Solteiro, foi um menino turbulento; casado, era um moço alegre; viúvo, tornara-se um macambúzio.
b) Solteiro; foi um menino turbulento, casado; era um moço alegre, viúvo; tornara-se um macambúzio.
c) Solteiro, foi um menino; turbulento, casado; era um moço alegre viúvo, tornara-se um macambúzio.
d) Solteiro foi um menino turbulento, casado era um moço alegre, viúvo; tornara-se um macambúzio.
e) Solteiro, foi um menino turbulento, casado; era um moço alegre, viúvo; tornara-se um macambúzio.

Resposta: "a". O ponto e vírgula deve ser usado para separar as orações dentro do período. Na opção "a" temos três orações.

5. Assinale a alternativa em que a pontuação está correta.

a) Embora esteja ameaçada pela poluição, aquela praia recebe durante o veraneio, muitos

turistas.
b) Por muitos séculos, o homem usou imprudentemente seu ambiente natural, ocasionando desequilíbrio ecológico.
c) A guerra flagelo terrível, tem sido uma constante, em todos os tempo da humanidade.
d) As recentes conquistas nucleares, alteram de modo profundo, as relações internacionais.
e) Jovem, para entender a vida, comece por estudar, o homem.

Resposta: “b”. Vejamos os erros: a) a vírgula depois de “veraneio” separa o verbo do seu complemento; c) “flagelo terrível” é aposto e deve ficar entre vírgulas; d) a vírgula depois de “nucleares” separa o sujeito do verbo; e) a vírgula após “estudar” separa o verbo do seu complemento.

6. Assinale a única alternativa que apresenta pontuação não justificável:
a) Eu, sou valente, disse o fanfarrão.
b) Todos, os meus amigos, sabem disso, meu velho!
c) Todos os meus amigos sabem, disso estou certo!
d) A caridade, que é virtude cristã, agrada mais aos pobres que aos ricos.
e) Fui lá, ainda ontem, e procurei-o.

Resposta: “a”. A vírgula depois de “Eu” separa o sujeito do verbo.

7. Marco Júlio Cícero, tão famoso quanto Demóstenes na área da retórica, sempre dizia: Prefiro a virtude do medíocre ao talento do velhaco.

Neste período está faltando um sinal de pontuação:
a) vírgula.
b) ponto e vírgula.
c) ponto de exclamação.
d) aspas.
e) reticências.

Resposta: “d”. A citação deve aparecer sempre entre aspas.

8. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta:
a) Deu uma, última entrevista ocasião, em que pôde expor melhor suas intenções.
b) Deu uma última entrevista, ocasião em que pôde expor melhor suas intenções.
c) Deu uma última entrevista, ocasião em que, pôde expor melhor, suas intenções.
d) Deu uma última, entrevista, ocasião em que pôde, expor melhor suas intenções.
e) Deu uma última entrevista ocasião em que, pôde expor melhor, suas intenções.

Resposta: “b”. Há duas orações no período, e devem ser separadas por vírgula. Nas outras opções a vírgula separa termos que não podem ser separados.

9. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta.
a) Não, não esgotemos, todo hoje, inclusive porque este assunto, deve ser discutido bem devagar.
b) Naquele dia — uma sexta-feira como outra qualquer — receberia a todos em sua casa: não era festa, apenas um jantarzinho íntimo.
c) Calçados os sapatos, buscou a bolsa e falando muito; saiu correndo, não sem dizer, um adeus apressado.

d) Nem as meninas, nem os rapazes ninguém conseguia — com bons modos convencê-lo, a sair sem briga.
e) Ela, em pé esperava atenta: ele, na cadeira de balanço olhava para o retrato, de Mozart em cima do piano.

Resposta: “b”. Vejamos os erros: a) a vírgula após “assunto” separa o sujeito do verbo; c) o termo “falando muito” se liga a “saiu correndo”, por isso não deve haver ponto e vírgula entre eles; d) faltou vírgula depois de “rapazes”; e) a vírgula depois de “Ela” separa o sujeito do verbo.

10. Assinale a alternativa que corresponde ao período de pontuação correta.

a) Quando um juiz, sentencia, ouvindo somente uma das partes, a sentença, poderá ser justa, mas o juiz não o é de maneira nenhuma.
b) Quando um juiz sentencia, ouvindo somente uma, das partes, a sentença poderá ser justa, mas o juiz não o é de maneira nenhuma.
c) Quando um juiz, sentencia ouvindo somente, uma das partes, a sentença poderá ser justa mas, o juiz não o é de maneira nenhuma.
d) Quando um juiz sentencia, ouvindo somente uma das partes, a sentença poderá ser justa mas, o juiz não o é, de maneira nenhuma.
e) Quando um juiz sentencia, ouvindo somente uma das partes, a sentença poderá ser justa, mas o juiz não o é de maneira nenhuma.

Resposta: “e”. Vejamos os erros: a) a vírgula após “juiz” separa o sujeito do verbo; b) a vírgula depois de “uma” separa termos que não podem ser separados — umas das partes —; c) a vírgula após “juiz” separa o sujeito do verbo; d) a vírgula colocada depois de “mas” deveria aparecer antes dele.

11. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta.

a) Apurados, os votos considerados válidos para o cálculo divide-se o número deles pelo número de vagas, que já conhecemos.
b) Apurados os votos, considerados válidos para o cálculo divide-se o número, deles pelo número de vagas que já conhecemos.
c) Apurados os votos considerados, válidos para o cálculo divide-se, o número deles pelo número de vagas, que já conhecemos.
d) Apurados os votos considerados válidos, para o cálculo divide-se o número deles pelo número de vagas que já conhecemos.
e) Apurados os votos considerados válidos para o cálculo, divide-se o número deles pelo número de vagas que já conhecemos.

Resposta: “e”. A vírgula não deve interferir na concatenação do período. Apenas na opção “e” ela foi bem empregada, nas outras sempre interfere entre um regente e seus regidos.

12. Cada um dos períodos seguintes foi pontuado de uma forma diferente. Leia-os todos e assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta:

a) A questão, porém, não é de pão, é de manteiga.
b) A questão porém, não é de pão é de manteiga.
c) A questão, porém, não é de pão é de manteiga.
d) A questão porém não: é de pão, é de manteiga.

e) A questão, porém não é de pão, é de manteiga.

Resposta: “a”. A conjunção “porém” está deslocada, por isso deve ser colocada entre vírgulas — seu local ideal é o início da oração a que pertence. A vírgula após “pão” separa as duas orações.

13. Aponte a alternativa pontuada corretamente:

a) Para mim ser é admirar-me de estar sendo.
b) Para mim, ser é admirar-me de estar sendo.
c) Para mim ser, é admirar-me de estar sendo.
d) Para mim ser é admirar-me de, estar sendo.
e) Para mim ser, é admirar-me de estar, sendo.

Resposta: “b”. O termo “Para mim”, deslocado para o início da frase, foi separado por vírgula. O restante constitui uma oração em ordem direta e, por isso, não deve receber vírgula.

14. Assinale a opção em que a vírgula está empregada para separar dois termos que possuem a mesma função na frase:

a) “Minhas senhoras, seu Mendonça pintou diabo enquanto viveu.”
b) “Respeitei o engenho do Dr. Magalhães, juiz.”
c) “E fui mostrar ao ilustre hóspede a serraria, o descaroçador e o estábulo.”
d) “Depois da morte do Mendonça, derrubei a cerca...”
e) “Não obstante essa propaganda, as dificuldades surgiram.”

Resposta: “c”. “A serraria, o descaroçador e o estábulo.” — são objetos diretos do verbo mostrar.

15. Assinale a alternativa que contenha emprego *incorreto* da vírgula:

a) Arrumou as malas, saiu, lançou-se na vida.
b) Os visados éramos nós, e eles foram violentamente torturados.
c) Eu contesto, a justiça que mata.
d) Preciso ouvir, disse o velho ao menino, a causa desse ressentimento.
e) O período consta de dez orações, porque esse é o número exato de verbos.

Resposta: “c”. A vírgula separa o verbo do seu complemento.

16. Em: “A menina, conforme as ordens recebidas, estudou”:

a) há erro na colocação das vírgulas.
b) a primeira vírgula deve ser omitida.
c) a segunda vírgula deve ser omitida.
d) a forma de colocação das vírgulas está correta.

Resposta: “d”. “Conforme as ordens recebidas” é um termo intercalado, por isso deve ser colocado entre vírgulas.

17. Assinale a alternativa em que o texto está corretamente pontuado:

a) Bem te dizia eu, que não iriam a bons resultados as tuas paixões.
b) Bem te dizia eu que, não iriam a bons resultados as tuas paixões.
c) Bem te dizia eu que não iriam a bons resultados, as tuas paixões.
d) Bem te dizia eu que não iriam a bons resultados as tuas paixões.
e) Bem te dizia eu que não iriam, a bons resultados as tuas paixões.

Resposta: “d”. A frase está em ordem direta: um termo completa o sentido do outro numa concatenação perfeita, por isso não há vírgula ou outros sinais de pausa.

18. Marque o período que apresenta erro de pontuação.

a) Por um mau patriotismo, sentimento funesto a toda a história, que necessariamente vicia, e também por vaidade de erudição, presumiram os nossos historiadores literários avultar e valorizar o seu assunto, ou o seu próprio conhecimento dele, com fartos róis de autores e obras, acompanhadas de elogios desmarcados e impertinentes qualificativos.
b) Não obstante o pregão patriótico, tais nomes e obras continuaram desconhecidos, eles e elas não lidos.
c) Igualmente não desejo continuar a fazer da história da nossa literatura um cemitério, enchendo-a de autores de todo mortos, alguns ao nascer.
d) Não quero cair no mesmo engano e supor que a crítica ou a história literária, têm faculdades para dar vida e mérito ao que de si não tem.
e) No período colonial, haverá esta forçosamente de ocupar-se de sujeitos e obras de escasso ou até nenhum valor literário, como são quase todas as dessa época.

Resposta: “d”. O termo “a crítica ou a história literária” funciona como sujeito de “têm”, por isso não pode haver vírgula entre eles.

19. Assinale o texto onde os sinais de pontuação não foram adequadamente empregados.

a) A Educação de Adultos, tal como tem sido formulada — principalmente nos países subdesenvolvidos —, não objetiva necessariamente ser um programa aberto e de ofertas educacionais crescentemente expandidas e diversificadas para toda a população considerada cronologicamente adulta.
b) Esta leitura, porém, diz pouco.
c) E ao exprimir-se essa insuficiência, coloca-se a questão da necessidade de uma reflexão mais ampla sobre seu significado, ou seja, compreender o que está por trás dessa aparente simplicidade do sentido, exclusivamente etário.
d) A Educação de Adultos, apreendida como uma categoria educacional genérica que tem a marca etária como seu traço identificatório é uma primeira leitura, que pode ser produzida a partir de sua nomenclatura.
e) O seu modo de operar — atendimento preferencial àquelas camadas sociais historicamente marginalizadas dos benefícios sociais, econômicos e culturais de sua sociedade — determina formas de intervenção educacional.

Resposta: “d”. “A Educação de Adultos” ... “é uma primeira leitura”... — aqui temos sujeito e predicado. O termo colocado entre eles representa um termo intercalado, que deve ser usado entre vírgulas. Então falta uma vírgula depois de “identificatório”.

20. Indique o trecho que apresenta pontuação incorreta.

a) É improvável que o caminho da mudança no Brasil seja aberto com explosões sociais. A energia que pode ser usada agora para fazer um futuro diferente está, aparentemente, em outras fontes de transformação.
b) É preciso observar que há mudança no Brasil. Ela não corre, mas anda. Não corre, mas ocorre.

c) Seus sinais estão, por exemplo, no melhoramento das cidades em plena crise da administração federal, no basta à corrupção, no movimento pela ética na política, na emergência de movimentos em favor da mulher, da criança ou da ecologia, no antirracismo.
d) São antídotos contra a cultura autoritária que sempre ditou a receita do desastre social. Eles estão na confluência de duas tendências.
e) Parte da elite, não quer viver no *apartheid* sul-africano e, cada vez mais, os pobres querem sua cota de cidadania.

Resposta: "e". A vírgula separa o sujeito do verbo: "Parte da elite não quer viver...".

21. Indique o trecho que apresenta erro quanto ao emprego de sinais de pontuação.

a) "Interferências demagógicas de governos levaram o Sistema Brasileiro da Habilitação à falência em que hoje se encontra". (*Folha de S.Paulo*, 05.10.1989, p. A4)
b) "Mas a disputa pelos direitos do livro — a ser editado no Brasil, evidentemente, pela Marco Zero, da qual Márcio de Souza é diretor — apenas começou." (*Leia*, agosto/1989, p. 14)
c) "O convite veio de Jofre Rodrigues, sócio principal da produtora J.N. Filmes. Assim que a notícia foi divulgada na Europa, editoras alemãs, francesas e americanas começaram a assediar o agente literário Thomas Colchie, que responde pelo escritor brasileiro na França". (*Leia*, agosto/1989, p. 14)
d) "Ao lado da disputa pelos direitos de filmagem da vida do líder seringueiro Chico Mendes, arma-se uma outra briga: o alvo, agora, é o argumento do filme, que será escrito pelo romancista amazonense Márcio de Souza." (*Leia*, agosto/1989, p. 14)
e) "O bom humor, voltou à vida de Arraes depois do encontro com Brizola na semana passada. Exatamente o que conversaram os dois políticos ninguém sabe." (*Folha de S.Paulo*,- 05.10.1989, p. 4)

Resposta: "e". A vírgula separa o sujeito do verbo: "O bom humor voltou...".

22. Os sinais de pontuação estão corretamente empregados em:

a) A dupla tributação — acima referida — é injustificada, por pelo menos, dois motivos, que passamos a expor, de forma sucinta.
b) A dupla tributação acima referida, é injustificada por, pelo menos, dois motivos, que passamos a expor de forma sucinta.
c) A dupla tributação, acima referida é injustificada, por pelo menos dois motivos, que passamos a expor de forma sucinta.
d) A dupla tributação — acima referida — é injustificada por, pelo menos, dois motivos que passaremos a expor, de forma sucinta.
e) A dupla tributação referida acima é injustificada, pelos dois motivos, que passo a expor de forma sucinta.

Resposta: "d". Os termos "acima referida", "pelo menos" e "de forma sucinta" são adjuntos adverbiais que podem ser separados por vírgulas. Nas outras opções incorre-se sempre no erro de separar sujeito do verbo, verbo do complemento e termo regente do complemento nominal.

23. Indique o fragmento que apresenta *erro* de pontuação.

a) A campanha presidencial de 1960, nos Estados Unidos, é apontada pela mudança do sistema de comunicação, como inovadora.

b) Até então, a conquista do voto se dava no confronto direto entre o candidato e o eleitor.
c) A década de 1930 viu o aparecimento, na política, do rádio.
d) Dez anos antes, apenas 11% das famílias tinham televisão; em 1960, o número se elevou para 88%.
e) A revolução ocorreu, radical e devastadora, na campanha de 1968.

Resposta: "a". O termo "pela mudança do sistema de comunicação" é um termo intercalado, deve ter uma vírgula antes e outra depois dele. Faltou a vírgula antes dele.

24. Das relações abaixo, assinale a que *não* está pontuada corretamente:

a) Os candidatos, em fila, aguardavam ansiosos o resultado do concurso.
b) Em fila, os candidatos aguardavam, ansiosos, o resultado do concurso.
c) Ansiosos, os candidatos aguardavam, em fila, o resultado do concurso.
d) Os candidatos ansiosos aguardavam o resultado do concurso, em fila.
e) Os candidatos, aguardavam ansiosos, em fila, o resultado do concurso.

Resposta: "e". A vírgula separa o sujeito do verbo: "Os candidatos aguardavam...".

25. Indique o trecho em que algum sinal de pontuação não foi corretamente empregado.

a) Sócrates tem consigo, a seu lado, o que, primeiro, antes de outros, ele mesmo chamou o seu demônio.
b) E, assim, nos seus momentos de hesitação e incertezas, era "a voz divina" (expressão sua) que lhe falava, onde foi achar novamente a segurança.
c) Frequentemente, ó paradoxo! a voz o aconselhava a abstenção e não a ação.
d) E Nietzsche: Nessa natureza anormal, a sabedoria instintiva só se manifesta quando é para opor-se ao conhecimento consciente.
e) Se, em todos os homens produtivos o instinto, é uma força afirmativa e criadora, e a consciência crítica e negativa, em Sócrates, o instinto é crítico e a consequência uma afirmação.

Resposta: "e". A vírgula separa o sujeito do verbo: "... o instinto é uma força...".

26. Assinale o período que apresenta pontuação *incorreta*:

a) Nesta segunda-feira, quando o interventor designado pela Reitoria — Othon de Souza, diretor da Faculdade de Tecnologia — iniciar seu trabalho, começarão a aparecer, no próprio Departamento de Ciências, as origens da crise.
b) Cerca de mil aposentados e pensionistas, segundo o advogado Milton Peixoto, deverão ingressar na Justiça, esta semana, para salvaguardar direitos adquiridos.
c) A liquidação extrajudicial era uma das poucas medidas disponíveis aos ministros econômicos que solucionaria o rombo do grupo financeiro.
d) Quantos dentre vós, que ontem mesmo abandonastes o Partido do Governo, continuareis a receber hoje as benesses do poder?
e) O fato, porém é que poucos e raros dentre nós estarão integrando o reduzido grupo de intelectuais do Palácio do Planalto.

Resposta: "e". O local ideal da conjunção é o início da oração a que pertence; quando ela está deslocada, ou seja, deixa de figurar no início da oração a que pertence, deve ser isolada por vírgulas: "O fato, porém, é que...".

27. Assinale a opção em que trecho do texto apresenta erro de pontuação.

a) A PNAD, realizada pelo IBGE, revelou que a renda das famílias parou de cair em 2004, interrompendo uma trajetória de queda que acontecia desde 1997, e que houve diminuição do grau de concentração da renda do trabalho.

b) Enquanto a metade da população ocupada, que recebe os menores rendimentos, teve, ganho real de 3,2%, a outra metade, que tem rendimentos maiores, teve perda de 0,6%.

c) Os resultados da PNAD revelaram, também, que o Brasil melhorou em itens como número de Trabalhadores ocupados, participação das mulheres no mercado de trabalho, indicadores da área de educação e melhoria das condições de vida.

d) O assessor especial da Presidência da República, José Graziano, avaliou que esses números comprovam que o país está mudando. "Esses resultados revertem uma máxima histórica no nosso país de que os ricos ficavam cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres".

e) Graziano ressalta que a PNAD é a mais completa pesquisa anual sobre as condições de vida da população, mostra um retrato do país, e, em 2004, ela também foi estendida para as áreas rurais dos estados de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá, alcançando a cobertura completa do território nacional.

(*Em Questão*, n. 379 — Brasília, 30.11.2005)

Resposta: "b". A vírgula separa o verbo do seu complemento: "... teve ganho real...".

28. Assinale a opção que contém erro de pontuação.

a) É expediente rotineiro na hierarquia do crime organizado armar o braço de crianças e adolescentes para matar pessoas. Utilizar menores em empreitadas criminosas tem constituído regra no mundo do crime.

b) Não sofrendo de nenhum transtorno cognitivo sério, jovens de 16 anos são suficientemente capazes de entender postulados simples como "matar alguém é crime", sendo igualmente aptos a compreender que se praticarem tal ação serão punidos com a prisão.

c) A inimputabilidade penal de crianças e adolescentes contribui não só para convertê-los em sicários do crime organizado, mas também funciona — o que é mais grave — como exortação para que novos grupos venham sentar praça na delinquência.

d) A lei estaria mais sintonizada, com os anseios da sociedade se homicidas, ou autores de latrocínio entre 16 e 18 anos de idade fossem avaliados por comissões de especialistas para lhes ser imputada a devida medida socioeducativa.

e) A vida e a intangibilidade física das pessoas são os bens mais valiosos protegidos pela ordem jurídica. Logo, não devem ceder tal primazia a outro pressuposto de direito.

(Baseado em Josemar Dantas, A lei penal e adolescentes, *Correio Braziliense*, D & J, 17.11.2003)

Resposta: "d". A vírgula separa o termo regente nominal do seu complemento nominal: "A lei estaria mais sintonizada com os anseios...".

29. Assinale a letra que apresenta erro de pontuação de acordo com as normas do português padrão.

a) Há 30 anos, por exemplo, a Irlanda era um país pobre, com elevado índice de analfabetismo e população pouco educada: figurava entre os últimos na Europa. Entre os países que apresentaram bons resultados, pelo menos três estavam em situação parecida

com a brasileira há três décadas. Não tivemos a mesma história porque preferimos outras prioridades.

b) Ao analisarmos a vergonha de estarmos entre os piores países do mundo em educação, esquecemo-nos de analisar aqueles que estão entre os primeiros.

c) Desde então, a Irlanda investiu, contínua e prioritariamente na educação de seu povo. O resultado está no mesmo relatório que envergonhou o Brasil: a Irlanda é hoje um dos países com a melhor educação, entre todos os países do mundo.

d) No lugar de mais infraestrutura econômica e desperdício em prédios públicos, a decisão foi a de que o país concentraria seus investimentos, ao longo das décadas seguintes, independentemente de resultados eleitorais, em três objetivos: saúde de qualidade e gratuita para todos, educação de excelência para todos e ciência e tecnologia de ponta.

e) Quando surgiu a possibilidade de ingresso na Comunidade Econômica Europeia, em 1973, os três partidos políticos irlandeses da época reuniram um grupo de pessoas, escolhidas entre personalidades nacionais e dirigentes políticos, para responder a uma pergunta: o que fazer para a Irlanda se transformar num país desenvolvido, voltado para o futuro?

(Cristovam Buarque)

Resposta: “c”. A vírgula separa o verbo do seu complemento. Podemos corrigir de duas maneiras: retirando a vírgula que lá está ou acrescentando outra para isolar os adjuntos adverbiais. Assim: “a Irlanda investiu contínua e prioritariamente na educação de seu povo” ou “a Irlanda investiu, contínua e prioritariamente, na educação de seu povo”.

30. Os segmentos transcritos abaixo são partes sequenciadas de um texto. Aponte o segmento inteiramente correto quanto à organização sintática, emprego dos sinais de pontuação e propriedade no uso dos vocábulos.

a) Ética dos políticos soa, para a maioria de nossos concidadãos, como um oxímoro. Seria uma ética com desconto, deficitária, complacente, ante à verdadeira ética: a da vida privada.

b) Esse é um fenômeno brasileiro (em nosso país, as virtudes são privadas, e os vícios, públicos), de Terceiro Mundo (idem) e, cada vez mais, mundial (ibidem). Vivemos a descrença na ágora, no espaço público.

c) Ao político depreciado, chama-se maquiavélico. No meio milênio que se passou desde “O Príncipe”, Maquiavel simbolizou o político sem escrúpulos na expressão, que não é dele, segundo o qual os fins justificariam os meios.

d) Numa leitura “moderna” de Maquiavel, podem-se discernir uma ética com vistas a resultados de outra que respeita os valores. A primeira seria uma ética da responsabilidade; a segunda de princípios. Políticos consideram os resultados prováveis de suas ações. Cientistas estimam os valores.

e) Por extensão, passou-se a transferir o que se aplicam aos cientistas para os homens privados em geral: as exigências de respeito a valores incondicionais valem mais a indivíduos privados do que a homens públicos, do qual é axioma a famosa frase de Mandeville: “Vícios privados, benefícios públicos”.

(Renato Janine Ribeiro, *Folha de S.Paulo*, 17.07.2005, com modificações)

Resposta: “b”. Vejamos os erros: a) crase: “ante a verdadeira ética”; c) concordância nominal: “na expressão, que não é dele, segundo a qual”; d) concordância verbal: “pode-se discernir

uma ética"; e) concordância verbal: "o que se aplica aos cientistas".

31. Os trechos abaixo constituem um texto. Assinale a opção que apresenta erro de pontuação.

a) As dívidas contraídas na imigração eram pagas com juros de 6% ao ano, não podendo o colono deixar de cumprir o contrato antes de saldá-las integralmente, além de ter de comunicar o contratante com seis meses de antecedência.

b) O não cumprimento do contrato gerava multa para o colono. Outras cláusulas apareciam nos regulamentos das colônias, tais como as que impunham um controle disciplinar rigoroso, com aplicação de penas severas aos infratores.

c) As experiências iniciais do trabalho livre do colono foram marcadas por inúmeros conflitos, desentendimentos, greves, denúncias de cobranças de taxas abusivas pelo importador, rebeldia contra controle moral e disciplinar severo imposto nas colônias.

d) Esses fatos redundaram na acusação de Portugal ao Brasil da prática de escravidão disfarçada. O descumprimento do contrato pelo colono, por exemplo, poderia representar, além da rescisão, a multa e a pena de prisão de oito dias a três meses.

e) Contudo, para os fazendeiros, o clima era, de insegurança generalizada no cumprimento dos contratos, o que reclamaria uma regulamentação jurídica mais eficiente do que a então vigente.

(Sidnei Machado — <http://calvados.c3sl>)

Resposta: "e". O erro está na vírgula após "era", que não deve existir. A frase correta é "o clima era de insegurança generalizada".

32. Os trechos abaixo constituem um texto. Assinale o segmento que apresenta erro de pontuação.

a) A questão não é se a arte e seu autor devem participar da discussão pública de seu tempo, comprometer-se ou não com a "realidade": impossível quase, evitar uma coisa e outra.

b) A questão é como fazer isso. A ética da arte não está no seu grau de compromisso com a realidade, com a objetividade (recorde-se Nelson Rodrigues e sua luta contra os "idiotas da objetividade" que o queriam encurralar) ou com o coletivo. Também não está no contrário disso.

c) A ética da arte (romance, cinema, teatro) não está tampouco, como já se quis, na informação ou no saber que propaga. A ética da arte depende de seu compromisso com a existência, que é singular (não, com a realidade, que é geral), e do jogo que arma com o que há de desconhecido nessa existência.

d) Expor o desconhecido não significa afirmar ou divulgar um saber — que na arte é quase sempre o já sabido. Em arte, o saber gira, como máquina solteira, ao redor de certezas e ideias feitas.

e) Já o jogo com o desconhecido, e sua eventual anulação ou superação, faz-se na arte ao redor da incerteza e, na arte contemporânea, da complexidade — quase nunca isenta de perplexidade.

(Adaptado de Teixeira Coelho)

Resposta: "a". O termo "quase" é um adjunto adverbial colocado no meio da frase; nesse caso vem isolado por vírgulas — uma antes e outra depois: "impossível, quase, evitar".

33. Assinale o segmento inteiramente correto quanto ao emprego dos sinais de pontuação. (Tome os segmentos como partes consecutivas de um texto)

a) Vários autores acreditam que o romance, *Frankenstein*, de Mary Shelley foi decisivo para o estabelecimento de uma visão negativa da ciência; mostrou pela primeira vez, a imagem do cientista tomado pela paixão e pela loucura, "criando" um monstro que foge ao seu controle e ameaça a sociedade. Surgia o "cientista louco" e a ciência como um instrumento perigoso e incontrolável.

b) Segundo Wolpert, "foi Mary Shelley quem criou o monstro de *Frankenstein* não foi a ciência; mas sua imagem é tão poderosa, que alimentou medos sobre a engenharia genética que dificilmente serão removidos". Não se poderia imaginar que aquela alegoria seria tão nefasta para os cientistas.

c) O livro de Mary Shelley, é considerado o primeiro livro de ficção científica, mas o tratamento dado à figura dos cientistas, nas obras de ficção científica que o sucederam, não melhora a imagem do cientista. Num estudo em que se pediu que crianças, adolescentes e adultos definissem um cientista, por meio de desenho, a imagem que apareceu não foi positiva.

d) A visão estereotipada do cientista — cara de louco, olhos esbugalhados, cabelos desgrenhados é difundida em diversos meios de comunicação muito poderosos (cinema, quadrinhos, desenhos animados, televisão); isso, em nada contribui para facilitar o entendimento do que seja ciência.

e) Daí tive a ideia de montar um projeto de pesquisa! Se artistas convivessem com o cientista no laboratório, se vissem os experimentos e a carga emocional que despertam no pesquisador, se conversassem diariamente sobre seus trabalhos... Será que a ciência seria interpretada e mostrada de outra forma?

(Diucênio Rangel, *O diálogo entre ciência e arte*, com adaptações)

Resposta: "e". Vejamos alguns erros: a) "de Mary Shelley" deveria estar entre vírgulas; b) depois de "Frankenstein" deveria haver uma vírgula, pois se inicia em seguida outra oração; c) A vírgula depois de "Mary Shelley" separa o sujeito do verbo; d) faltou o travessão que fecha o termo interferente: "cientista — cara de louco, olhos esbugalhados, cabelos desgrenhados — é difundida".

34. No texto abaixo foram substituídos sinais de pontuação por números. Assinale a sequência de sinais de pontuação que devem ser inseridos nos espaços indicados para que o texto se torne coerente e gramaticalmente correto. Desconsidere a necessidade de transformar letras minúsculas em maiúsculas.

Os seres humanos sofrem sempre conflitos de interesse com os ressentimentos, facções, coalizões e instáveis alianças que os acompanham (1) no entanto, o que mais interessa nesses fenômenos conflituosos não é o quanto eles nos separam, mas quão frequentemente eles são neutralizados, perdoados e desculpados. Nos seres humanos (2) com seu extraordinário dom narrativo, uma das principais formas de manutenção da paz é o dom humano de apresentar (3) dramatizar e explicar as circunstâncias atenuantes em torno de violações que ameaçam introduzir conflito na habitualidade da vida (4) o objetivo de tal narrativa não é reconciliar, não é legitimar, nem mesmo desculpar, mas antes (5) explicar.

(Jerome Bruner. *Atos de significação*, com adaptações)

1 2 3 4 5

a) ; , . : ,
b) ; - ; . ;
c) . ; - ; :
d) . . ; ; :
e) . , , . ,

Resposta: “e”. O (1) encerra um período, por isso ponto-final. O (2) isola o adjunto adverbial “Nos seres humanos”, por isso vírgula. O (3) separa termos de uma enumeração, por isso vírgula. O (4) encerra um período, por isso ponto-final. O (5) indica que o verbo ser está oculto, ou seja, zeugma, por isso vírgula.

35. Do fragmento a seguir, propositadamente, foram retirados os sinais de pontuação. Atentamente, faça a pontuação devida e, em seguida, assinale a opção *correta*.

O mercado está recebendo um bando de neófitos que são sérios candidatos a sofrer uma carnificina disse o americano Jim Rogers um dos gurus do mundo dos investimentos.

a) — O mercado está recebendo um bando de neófitos, que são sérios candidatos, a sofrer uma carnificina, disse Jim Rogers, um dos gurus do mundo dos investimentos.
b) “O mercado está recebendo um bando de neófitos, que são sérios candidatos a sofrer uma carnificina” — disse o americano Jim Rogers um dos gurus, do mundo dos investimentos.
c) O mercado, está recebendo um bando de neófitos que são sérios candidatos, a sofrer uma carnificina — disse o americano Jim Rogers, um dos gurus do mundo dos investimentos.
d) O mercado está recebendo um bando de neófitos, que são sérios candidatos, a sofrer uma carnificina, disse o americano Jim Rogers, um dos gurus, do mundo dos investimentos.
e) “O mercado está recebendo um bando de neófitos que são sérios candidatos a sofrer uma carnificina”, disse o americano Jim Rogers, um dos gurus do mundo dos investimentos.

Resposta: “e”. Como se trata de uma citação, o fala do americano deve ser colocada entre aspas. Quanto às vírgulas, a primeira separa as orações e a segunda separa o aposto.

36. Seja o seguinte período:

Em 2006, o índice Shanghai Composite, da Bolsa de Valores de Shanghai, na região sudoeste do país, subiu 130%.

(*Época,* 12.02.2007)

Pode-se reescrever o mesmo período, sem alterar-lhe o sentido, usando-se outra forma de pontuação e mantendo-se a correção gramatical, conforme se fez em:

a) O índice Shanghai Composite, da Bolsa de Valores de Shanghai, na região sudoeste do país, em 2006, subiu 130%.
b) Na região, sudoeste do país, o índice Shanghai Composite da Bolsa de Valores em Shanghai, subiu 130%, em 2006.
c) Subiu 130%, o índice Shanghai Composite da Bolsa de Valores, de Shanghai, na região sudoeste do país, em 2006.
d) O índice Shanghai Composite da Bolsa de Valores, de Shanghai, subiu, 130%, na região sudoeste do país.
e) Em 2006, subiu 130% o índice, Shanghai Composite, da Bolsa de Valores, de Shanghai, na região, sudoeste do país.

Resposta: “a”. Nas outras opções há sempre o problema de separar por vírgula o sujeito do

verbo, ou o verbo do complemento, ou ainda o termo regente do complemento nominal.

37. Em relação à ausência de vírgulas, está inteiramente correta e clara a redação da frase do seguinte período:

a) Se é verdade que só 18% concordam com a chamada "saída autoritária" também é verdade que só 40% aceitam bem as privatizações.
b) Quando a democracia não funciona bem que aqui e ali passem a se manifestar os que conservam saudades dos regimes autoritários não é raro.
c) O autor se refere ao Brasil de 1989 porquanto o autor está-nos lembrando que àquela época a maioria dos eleitores fez Presidente um candidato classificado como aventureiro.
d) Seria interessante saber em que "certas circunstâncias" um governo autoritário ofereceria vantagens em relação a um governo democrático.
e) Assim como boa parte dos brasileiros também o autor do texto julga que a nossa democracia poderia funcionar de uma maneira melhor.

Resposta: "d". Como a frase está em ordem direta, não se deve colocar vírgula alguma.

38. Atente para as seguintes frases:

I. Toda vez que vou ao teatro interativo, fico aterrorizado.

II. Não gosto muito dos atores, que costumam ser extravagantes.

III. Fiquei na última fila, para evitar maiores ameaças.

A supressão da vírgula altera o sentido somente do que está em

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) II e III.

Resposta: "b". As orações introduzidas por pronomes relativos podem ser explicativas (com vírgula) ou restritivas (sem vírgula). Assim sendo a retirada da vírgula na oração II muda o sentido de explicação para restrição. Nas outras opções as vírgulas separam adjuntos adverbiais, que podem ou não ser isolados por vírgula e o sentido continua o mesmo.

39. Considere os seguintes casos:

I. Os homens, que ignoram os direitos da mulher, passarão a acatá-los. Os homens que ignoram os direitos da mulher passarão a acatá-los.

II. Somente, agora o Código Civil brasileiro incorporou as mudanças ocorridas. Somente agora o Código Civil brasileiro incorporou as mudanças ocorridas.

III. O valor de um código, estabelecido por convenção, deve ser comprovado na prática. O valor de um código estabelecido por convenção deve ser comprovado na prática.

A alteração na pontuação provoca alteração de sentido em

a) I, somente.
b) I e II, somente.
c) I e III, somente.
d) II e III, somente.
e) I, II e III.

Resposta: “e”. Na oração I: muda-se de explicação para restrição. Na oração II: “Somente” com vírgula significa que se dirá apenas uma coisa; “Somente” sem vírgula está modificando “agora”. Na oração III: com vírgula temos uma explicação, sem vírgula temos uma restrição.

Texto para a questão 40:

A exclusão da cidadania é mais uma exclusão que o brasileiro paga pela má qualidade da escola. Sem um ensino básico de excelência, perdem-se não só sucessivas batalhas, (1) mas a guerra. Os pais desempenham o papel que lhes cabe. (2) Mandam os filhos para a escola. As crianças assistem às aulas, (3) fazem as tarefas exigidas, mas não aprendem. Algumas chegam à 5ª série analfabetas. (4) Não leem nem escrevem. Outras, (5) analfabetas funcionais. Leem, mas são incapazes de entender o texto. Escrevem, mas não conseguem redigir um bilhete simples.

(*Correio Braziliense,* 17.10.2006)

40. Em relação ao texto acima, assinale o comentário incorreto a respeito dos sinais de pontuação.

a) 1 — a vírgula justifica-se para separar oração de natureza explicativa.
b) 2 — o ponto-final pode ser substituído por sinal de dois-pontos, com mudança de maiúscula para minúscula em “Mandam”.
c) 3 — a vírgula justifica-se para isolar elementos de mesma classe gramatical componentes de uma enumeração.
d) 4 — o ponto-final pode ser substituído por vírgula, com mudança de maiúscula para minúscula em “Não”.
e) 5 — a vírgula justifica-se para marcar a elipse de expressão antecedente: “chegam à 5ª série”.

Resposta: “a”. A vírgula se justifica por separar uma oração de natureza *adversativa*.

Texto para a questão 41:

Memórias do cárcere, (1) na versão cinematográfica, (1) explora mais desenvoltamente a linguagem artística e as possibilidades que estão ao alcance do cinema de fragmentar a realidade para, (2) em seguida, (2) recompor o concreto nos diversos níveis em que ele aparece na percepção, (3) na cabeça e na história dos homens. Quem ama o livro por ele mesmo não vai recuperá-lo no filme. Quem ama as várias verdades que Graciliano Ramos enfrentou com hombridade e coragem irá ver no filme uma engenhosa e íntegra transposição do livro. Seria pouco dizer que ambos se completam. Nelson Pereira dos Santos explora a técnica cinematográfica como Graciliano Ramos, a técnica literária, (4) ou seja, (4) como recurso de descoberta da verdade, (5) arma de denúncia intelectual e instrumento de luta política.

(Florestan Fernandes)

41. Assinale a opção que apresenta justificativa correta para o emprego das vírgulas no texto acima.

a) 1 — isolam aposto explicativo.
b) 2 — isolam termos de mesma função sintática.
c) 3 — isola adjunto adverbial deslocado.

d) 4 — isolam expressão retificativa ou explicativa.
e) 5 — isola aposto explicativo.

Resposta: “d”. Vejamos os erros: a) 1 — separa adjunto adverbial; b) 2 — separa adjunto adverbial; c) 3 — separa termos de uma enumeração; e) 5 — separa termos de uma enumeração.

42. Assinale a opção em que o emprego dos sinais de pontuação está correto.

a) Motoristas e montadoras de automóveis, não terão que desembolsar mais recursos com a mudança para o biodiesel, pois esse combustível não exige nenhuma alteração nos motores dos veículos.
b) A Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), assegurou a garantia dos motores dos veículos que utilizarem o biodiesel misturado ao diesel na proporção de 2%, como foi autorizado.
c) Além disso, o combustível renovável poderá ser usado, em substituição ao óleo diesel em usinas termelétricas, na geração de energia elétrica em comunidades de difícil acesso, como é o caso de diversas localidades na região Norte.
d) Para autorizar o uso do biodiesel no mercado nacional, o governo, editou um conjunto de atos legais que tratam dos percentuais de mistura do biodiesel ao diesel, da forma de utilização e do regime tributário.
e) Tal regime, considera a diferenciação das alíquotas com base na região de plantio, nas oleaginosas e na categoria de produção (agronegócio e agricultura familiar). O governo cria também o Selo Combustível Social e isenta a cobrança do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI).

(Adaptado de *Em Questão*, n. 261 — Brasília, 08.12.2004)

Resposta: “c”. Vejamos os erros: a) a vírgula após “automóveis” separa o sujeito do verbo; b) a vírgula após “(Anfavea)” separa o sujeito do verbo; d) a vírgula após “governo” separa o sujeito do verbo; e) a vírgula após “regime” separa o sujeito do verbo.

43. Assinale a opção que apresenta erro de pontuação.

a) A evolução da arquitetura se caracteriza pelas suas obras mais importantes, aquelas que, especulando na técnica, se fizeram diferentes e inovadoras.
b) E, quando dela nos ocupamos, vale a pena voltar ao passado e sentir como a ideia da obra de arte se integrava nas razões utilitárias da arquitetura, fazendo-a mais rica, mais bela, com suas colunatas, seus ornamentos, pinturas, esculturas.
c) Com o advento do concreto armado, a arquitetura se modificou inteiramente. As paredes, que antes sustentavam os edifícios, passaram a simples material de vedação, surgindo a estrutura independente, a fachada de vidro.
d) A curva, a curva generosa que os antigos tanto procuravam com seus arcos, cúpulas, *voûtes* e abóbadas espetaculares assumiu uma nova e surpreendente dimensão e, com ela, os requintes da técnica: o protendido, as cascas, os grandes espaços livres e os balanços extraordinários.
e) Uma arquitetura mais livre e vazada se oferecia a todos os arquitetos que quisessem inovar e se aventurar por novos caminhos.

(Adaptado de Oscar Niemeyer)

Resposta: “d”. Faltou uma vírgula depois de “procuravam”. O termo “... com seus arcos, cúpulas...” é complemento da primeira palavra “curva” que aparece. Assim: A curva*, a curva generosa que os antigos tanto procuravam,* com seus arcos...

44. Assinale a opção em que há erro de pontuação.

a) Entre março de 2004 e fevereiro de 2005, as exportações brasileiras ultrapassaram a marca dos US$ 100 bilhões, um recorde histórico para o país.

b) A meta do Governo Federal, alcançada com quase dois anos de antecedência mostra o vigor das vendas do país para o mercado externo.

c) Exportação em alta significa favorecer o desenvolvimento do país e, portanto, a geração de emprego de renda. Para o sucesso desse trabalho, as microempresas contam com o apoio do Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) e da APEXBrasil (Agência de Promoção de Exportações do Brasil) na capacitação de funcionários e na consultoria técnica.

d) O aumento nas exportações é um dos fatores principais para o saldo positivo referente à criação de postos de trabalho no Brasil. Em 2004, foram 1,5 milhão de novas vagas com carteira assinada, e essa tendência permanece este ano.

e) Em janeiro, foram criadas 115.972 vagas formais, melhor resultado para o período desde 1992. Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população ocupada em janeiro deste ano em seis regiões metropolitanas cresceu 4,1% em relação ao mesmo período de 2004.

Resposta: “b”. “A meta do Governo Federal” é o sujeito de “mostra”, então o termo entre eles deve aparecer entre vírgulas. Faltou uma vírgula depois de “antecedência”.

45. Assinale a opção em que se deve colocar duas vírgulas obrigatoriamente para que o período se torne correto.

a) Outra iniciativa do governo no sentido de atingir os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio foi a criação de um grupo técnico coordenado pela Casa Civil para monitorar o desempenho do Brasil.

b) Uma das funções do grupo é a elaboração do Relatório de Acompanhamento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio no Brasil com a situação nacional diante das 18 metas e dos 48 indicadores.

c) Uma das metas é reduzir pela metade entre 1990 e 2015 a proporção da população com renda inferior a US$ 1 *per capita* por dia.

d) Conforme o relatório preparado pelo Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA) o Brasil tinha em 1990 8,8% da população abaixo dessa renda *per capita*.

e) Dez anos depois esse percentual chegou a 4,7%. No País porém ainda existem cerca de oito milhões de pessoas que vivem com menos de US$ 1 por dia.

(Trechos adaptados de *Em Questão*, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 390, Brasília, 6 de janeiro de 2006)

Resposta: “e”. As duas vírgulas obrigatórias ocorrem com a conjunção “porém”, que está deslocada e por isso deve ser isolada por vírgulas: “No País, porém, ainda...”.

6

SEMÂNTICA

sem(a), semato- elem. comp., do gr. sema- atos "sinal, marca, significação", que se documenta em vocs. formados no próprio grego, como semiótica, e em muitos outros introduzidos na linguagem científica internacional, a partir do séc. XIX.
(...)
semÂNT.ICA XX. Do fr. sémantique, voc. introduzido por Bréal, em 1883, na linguagem internacional da linguística.

Antonio Geraldo da Cunha

6.1. SINÔNIMO

Palavra que tem com outra uma **semelhança de significação** que permite que uma seja escolhida pela outra em alguns contextos, sem alterar a significação literal da sentença.

alegre — feliz
diminuto — pequeno
falar — dizer
branco — alvo

6.2. ANTÔNIMO

Unidade significativa da língua (morfema, palavra, locução, frase) cujo **sentido é contrário** ou incompatível com o de outra.

in- / ex-
grande / pequeno
bonito / feio

6.3. HOMÔNIMOS

Vocábulos que possuem o **mesmo som** e/ou a **mesma grafia**, mas com sentidos díspares. Eles se dividem em:

- **homográficos** — mesma grafia:

sede (lugar)
sede (vontade de beber)

almoço (substantivo)
almoço (1a pessoa do presente do indicativo do verbo almoçar)
selo (substantivo)
selo (1a pessoa do presente do indicativo do verbo selar)

- **homofônicos** — mesmo som:

buxo (arbusto)
bucho (estômago)
Cassar (tornar nulo ou sem efeito, suspender, invalidar)
Caçar (perseguir, procurar, apanhar — geralmente animais)
Ascender (subir, elevar-se)
Acender (atear fogo, inflamar)

Curiosidade: Alguns homônimos são, ao mesmo tempo, **homofônicos e homográficos**, por isso recebem o nome de **homônimos perfeitos:**
são (santo)
são (sadio)
são (3a pessoa do plural do presente do indicativo do verbo ser)
manga (fruta)
manga (parte da roupa)
como (conjunção)
como (1a pessoa do singular do presente do indicativo do verbo comer)
sonho (substantivo)
sonho (1a pessoa do singular do presente do indicativo do verbo sonhar)

6.4. PARÔNIMOS

Vocábulos que possuem **som ou grafia parecidos**, mas com sentidos díspares.
flagrante (no ato) — fragrante (que tem cheiro)
iminente (prestes a ocorrer) — eminente (excelente)
infligir (aplicar) — infringir (violar)
Lista de alguns homônimos e parônimos notáveis:
Absolver: inocentar, relevar da culpa imputada.
Absorver: embeber em si, esgotar.
Acender: atear (fogo), inflamar.
Ascender: subir, elevar-se.
Acento: sinal gráfico.
Assento: banco, cadeira.
Acerca de: sobre, a respeito de.
A cerca de: a uma distância aproximada de.
Há cerca de: faz aproximadamente (tanto tempo).

Acidente: acontecimento casual; desastre.
Incidente: episódio; que incide, que ocorre.
Adotar: escolher, preferir; assumir; pôr em prática.
Dotar: dar em doação, beneficiar.
Afim: que apresenta afinidade, semelhança, relação (de parentesco).
A fim de: para, com a finalidade de, com o fito de.
Alto: de grande extensão vertical; elevado, grande.
Auto: ato público, registro escrito de um ato, peça processual.
Aleatório: casual, fortuito, acidental.
Alheatório: que alheia, alienante, que desvia ou perturba.
Amoral: desprovido de moral, sem senso de moral.
Imoral: contrário à moral, aos bons costumes, devasso, indecente.
Ante (preposição): diante de, perante.
Ante- (prefixo): expressa anterioridade.
Anti- (prefixo): expressa contrariedade; contra.
Ao encontro de: para junto de; favorável a.
De encontro a: contra; em prejuízo de.
Ao invés de: ao contrário de.
Em vez de: em lugar de.
A par: informado, ao corrente, ciente.
Ao par: de acordo com a convenção legal.
Aparte: interrupção, comentário à margem.
À parte: em separado, isoladamente, de lado.
Apreçar: avaliar, pôr preço.
Apressar: dar pressa a, acelerar.
Área: superfície delimitada, região.
Ária: canto, melodia.
Aresto: acórdão, caso jurídico julgado.
Arresto: apreensão judicial, embargo.
Arrochar: apertar com arrocho, apertar muito.
Arroxar ou *arroxear, roxear*: tornar roxo.
Ás: exímio em sua atividade; carta do baralho.
Az (p. us.): esquadrão, ala do exército.
Atuar: agir, pôr em ação; pressionar.
Autuar: lavrar um auto; processar.
Auferir: obter, receber.
Aferir: avaliar, cotejar, medir, conferir.
Augurar: prognosticar, prever, auspiciar.

Agourar: pressagiar, predizer (geralmente no mau sentido).
Avocar: atribuir-se, chamar.
Evocar: lembrar, invocar.
Invocar: pedir (a ajuda de); chamar; proferir.
Caçar: perseguir, procurar, apanhar (geralmente animais).
Cassar: tornar nulo ou sem efeito, suspender, invalidar.
Carear: atrair, ganhar, granjear.
Cariar: criar cárie.
Carrear: conduzir em carro, carregar.
Censo: alistamento, recenseamento, contagem.
Senso: entendimento, juízo, tino.
Cerrar: fechar, encerrar, unir, juntar.
Serrar: cortar com serra, separar, dividir.
Cessão: ato de ceder.
Seção: setor, subdivisão de um todo, repartição, divisão.
Sessão: espaço de tempo que dura uma reunião, um congresso; reunião; espaço de tempo durante o qual se realiza uma tarefa.
Cheque: ordem de pagamento à vista.
Xeque: dirigente árabe; lance de xadrez; (fig.) perigo (*pôr em xeque*).
Cível: relativo à jurisdição dos tribunais civis.
Civil: relativo ao cidadão; cortês, polido (daí *civilidade*); não militar, nem eclesiástico.
Colidir: trombar, chocar; contrariar.
Coligir: colecionar, reunir, juntar.
Comprimento: medida, tamanho, extensão, altura.
Cumprimento: ato de cumprir, execução completa; saudação.
Concelho: circunscrição administrativa ou município (em Portugal).
Conselho: aviso, parecer, órgão colegiado.
Concerto: acerto, combinação, composição, harmonização.
Conserto: reparo, remendo, restauração.
Conje(c)tura: suspeita, hipótese, opinião.
Conjuntura: acontecimento, situação, ocasião, circunstância.
Contravenção: transgressão ou infração a normas estabelecidas.
Contraversão: versão contrária, inversão.
Coser: costurar, ligar, unir.
Cozer: cozinhar, preparar.
Costear: navegar junto à costa, contornar.
Custear: pagar o custo de, prover, subsidiar.
Custar: valer, necessitar, ser penoso.

Deferir: consentir, atender, despachar favoravelmente, conceder.
Diferir: ser diferente, discordar; adiar, retardar, dilatar.
Degradar: deteriorar, desgastar, diminuir, rebaixar.
Degredar: impor pena de degredo, desterrar, banir.
Delatar (delação): denunciar, revelar crime ou delito, acusar.
Dilatar (dilação): alargar, estender; adiar, diferir.
Derrogar: revogar parcialmente (uma lei), anular.
Derrocar: destruir, arrasar, desmoronar.
Descrição: ato de descrever, representação, definição.
Discrição: discernimento, reserva, prudência, recato.
Descriminar: absolver de crime, tirar a culpa de.
Discriminar: diferençar, separar, discernir.
Despensa: local em que se guardam mantimentos, depósito de provisões.
Dispensa: licença ou permissão para deixar de fazer algo a que se estava obrigado; demissão.
Despercebido: que não se notou, para o que não se atentou.
Desapercebido: desprevenido, desacautelado.
Dessecar: secar bem, enxugar, tornar seco.
Dissecar: analisar minuciosamente, dividir anatomicamente.
Destratar: insultar, maltratar com palavras.
Distratar: desfazer um trato, anular.
Distensão: ato ou efeito de distender, torção violenta dos ligamentos de uma articulação.
Distinção: elegância, nobreza, boa educação.
Dissensão: desavença, diferença de opiniões ou interesses.
Elidir: suprimir, eliminar.
Ilidir: contestar, refutar, desmentir.
Emenda: correção de falta ou defeito, regeneração, remendo.
Ementa: apontamento, súmula de decisão judicial ou do objeto de uma lei.
Emergir: vir à tona, manifestar-se.
Imergir: mergulhar, afundar (submergir), entrar.
Emigrar: deixar o país para residir em outro.
Imigrar: entrar em país estrangeiro para nele viver.
Eminente (eminência): alto, elevado, sublime.
Iminente (iminência): que está prestes a acontecer, pendente, próximo.
Emitir (emissão): produzir, expedir, publicar.
Imitir (imissão): fazer entrar, introduzir, investir.
Empoçar: reter em poço ou poça, formar poça.
Empossar: dar posse a, tomar posse, apoderar-se.

Encrostar: criar crosta.
Incrustar: cobrir de crosta, adornar, revestir, prender-se, arraigar-se.
Entender: compreender, perceber, deduzir.
Intender (p. us.): exercer vigilância, superintender.
Enumerar: numerar, enunciar, narrar, arrolar.
Inúmero: inumerável, sem conta, sem número.
Espectador: aquele que assiste a qualquer ato ou espetáculo, testemunha.
Expectador: que tem expectativa, que espera.
Esperto: inteligente, vivo, ativo.
Experto: perito, especialista.
Espiar: espreitar, observar secretamente, olhar.
Expiar: cumprir pena, pagar, purgar.
Estada: ato de estar, permanência de pessoas.
Estadia: prazo para carga e descarga de navio ancorado em porto, ou de qualquer veículo.
Estância: lugar onde se está, morada, recinto.
Instância: solicitação, pedido, rogo; foro, jurisdição, juízo.
Estrato: cada camada das rochas estratificadas.
Extrato: coisa que se extraiu de outra; pagamento, resumo, cópia; perfume.
Flagrante: ardente, acalorado; diz-se do ato que a pessoa é surpreendida a praticar (flagrante delito).
Fragrante: que tem fragrância ou perfume; cheiroso.
Florescente: que floresce, próspero, viçoso.
Fluorescente: que tem a propriedade da fluorescência.
Folhar: produzir folhas, ornar com folhagem, revestir lâminas.
Folhear: percorrer as folhas de um livro, compulsar, consultar.
Incerto: não certo, indeterminado, duvidoso, variável.
Inserto: introduzido, incluído, inserido.
Incipiente: iniciante, principiante.
Insipiente: ignorante, insensato.
Incontinente: imoderado, que não se contém, descontrolado.
Incontinenti: imediatamente, sem demora, logo, sem interrupção.
Induzir: causar, sugerir, aconselhar, levar a.
Aduzir: expor, apresentar.
Inflação: ato ou efeito de inflar; emissão exagerada de moeda, aumento persistente de preços.
Infração: ato ou efeito de infringir ou violar uma norma.
Infligir: cominar, aplicar (pena, castigo, repreensão, derrota).

Infringir: transgredir, violar, desrespeitar (lei, regulamento etc.).

Inquerir: apertar (a carga de animais), encilhar.

Inquirir: procurar informações sobre, indagar, investigar, interrogar.

Intercessão: ato de interceder.

Interse(c)ção: ação de se(c)cionar, cortar; ponto em que se encontram duas linhas ou superfícies.

Inter- (prefixo): entre; preposição latina usada em locuções: *inter alia* (entre outros), *inter pares* (entre iguais).

Intra- (prefixo): interior, dentro de.

Mandado: garantia constitucional para proteger direito individual líquido e certo; ato de mandar; ordem escrita expedida por autoridade judicial ou administrativa.

Mandato: autorização que alguém confere a outrem para praticar atos em seu nome; procuração; delegação.

Mandante: que manda; aquele que outorga um mandato.

Mandatário: aquele que recebe um mandato, executor de mandato, representante, procurador.

Mandatório: obrigatório.

Obcecação: ato ou efeito de obcecar, teimosia, cegueira.

Obsessão: impertinência, perseguição, ideia fixa.

Paço: palácio real ou imperial; a corte.

Passo: ato de avançar ou recuar um pé para andar; caminho, etapa.

Pleito: questão em juízo, demanda, litígio, discussão.

Preito: sujeição, respeito, homenagem.

Preceder: ir ou estar adiante de, anteceder, adiantar-se.

Proceder: originar-se, derivar, provir; levar a efeito, executar.

Preeminente: que ocupa lugar elevado, nobre, distinto.

Proeminente: alto, saliente, que se alteia acima do que o circunda.

Preposição: ato de prepor, preferência; palavra invariável que liga constituintes da frase.

Proposição: ato de propor, proposta; máxima, sentença; afirmativa, asserção.

Presar: capturar, agarrar, apresar.

Prezar: respeitar, estimar muito, acatar.

Prescrever: fixar limites, ordenar de modo explícito, determinar; ficar sem efeito, anular-se.

Proscrever: abolir, extinguir, proibir, terminar; desterrar.

Prever: ver antecipadamente, profetizar; calcular.

Prover: providenciar, dotar, abastecer, nomear para cargo.

Provir: originar-se, proceder; resultar.

Prolatar: proferir sentença, promulgar.

Protelar: adiar, prorrogar.
Ratificar: validar, confirmar, comprovar.
Retificar: corrigir, emendar, alterar.
Recrear: proporcionar recreio, divertir, alegrar.
Recriar: criar de novo.
Reincidir: tornar a incidir, recair, repetir.
Rescindir: dissolver, invalidar, romper, desfazer.
Remição: ato de remir, resgate, quitação.
Remissão: ato de remitir, intermissão, intervalo; perdão, expiação.
Repressão: ato de reprimir, contenção, impedimento, proibição.
Repreensão: ato de repreender, enérgica admoestação, censura, advertência.
Ruço: grisalho, desbotado.
Russo: referente à Rússia, nascido naquele país; língua falada na Rússia.
Sanção: confirmação, aprovação; pena imposta pela lei ou por contrato para punir sua infração.
Sansão: nome de personagem bíblico; certo tipo de guindaste.
Sedento: que tem sede; sequioso.
Cedente: que cede, que dá.
Sobrescritar: endereçar, destinar, dirigir.
Subscritar: assinar, subscrever.
Sortir: variar, combinar, misturar.
Surtir: causar, originar, produzir (efeito).
Subentender: perceber o que não estava claramente exposto; supor.
Subintender: exercer função de subintendente, dirigir.
Subtender: estender por baixo.
Sustar: interromper, suspender; parar.
Suster: sustentar, manter; fazer parar, deter.
Tacha: pequeno prego; mancha, defeito, pecha.
Taxa: espécie de tributo, tarifa.
Tachar: censurar, qualificar, apelidar.
Taxar: fixar a taxa de; regular, regrar.
Tapar: fechar, cobrir, abafar.
Tampar: pôr tampa em.
Tenção: intenção, plano.
Tensão: estado de tenso, rigidez; diferencial elétrico.
Tráfego: trânsito de veículos, percurso, transporte.
Tráfico: negócio ilícito, comércio, negociação.
Trás: atrás, detrás, em seguida, após (cf. em locuções: *de trás, por trás*).

Traz: 3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo *trazer*.
Vestiário: guarda-roupa; local em que se trocam roupas.
Vestuário: as roupas que se vestem, traje.
Vultoso: de grande vulto, volumoso.
Vultuoso: atacado de vultuosidade (congestão da face).

■ 6.5. POLISSEMIA

É a **multiplicidade de sentidos** que uma palavra pode apresentar, dependendo do contexto em que está inserida.

O menino quebrou o *braço*.
O *braço* da cadeira é macio.
Península é um *braço* de terra que avança no mar.

■ 6.6. DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO

As palavras dentro de um contexto podem assumir **vários sentidos**. Elas podem aparecer em seu sentido real, ou em sentidos figurados.

■ **denotação:** palavra utilizada em **sentido real:**
Atanagildetina plantou uma rosa.
— a palavra **rosa** representa a flor (sentido real).
João não pode deixar essa carta fora do baralho, senão o jogo ficará prejudicado.

■ **conotação:** palavra utilizada em **sentido figurado:**
Atanagildetina é uma rosa.
— a palavra **rosa** assume diversos significados, que dependem da imagem que o leitor faz da rosa: macia, perfumada, cheirosa, delicada etc.
João é carta fora do baralho.

■ 6.7. QUESTÕES

1. Indique o item em que o antônimo da palavra ou expressão em destaque está corretamente apontado.
a) duradouro sucesso — efêmero
b) fama em ascendência — excelsa
c) elegante região — carente
d) sala lotada — habitada

Resposta: "a". Efêmero significa "ligeiro, rápido, fugaz", ou seja, contrário de duradouro.

2. A palavra tráfico não deve ser confundida com tráfego, seu parônimo. Em que item a seguir o par de vocábulos é exemplo de homonímia e não de paronímia?
a) estrato / extrato
b) flagrante / fragrante
c) eminente / iminente
d) inflação / infração

e) cavaleiro / cavalheiro

Resposta: “a”. Estrato e extrato possuem o mesmo som = homônimos.

3. Assinale a opção correta, considerando que à direita de cada palavra há um sinônimo.

a) emergir = vir à tona; imergir = mergulhar
b) emigrar = entrar (no país); imigrar = sair (do país)
c) delatar = expandir; dilatar = denunciar
d) deferir = diferenciar; diferir = conceder
e) dispensa = cômodo; despensa = desobrigação

Resposta: “a”. Em todas as outras opções, os sentidos estão trocados.

4. Indique a letra na qual as palavras completam, corretamente, os espaços das frases abaixo.

Quem possui deficiência auditiva não consegue _____ os sons com nitidez.

Hoje são muitos os governos que passaram a combater o _____ de entorpecentes com rigor.

O diretor do presídio _____ pesado castigo aos prisioneiros revoltosos.

a) discriminar — tráfico — infligiu
b) discriminar — tráfico — infringiu
c) descriminar — tráfego — infringiu
d) descriminar — tráfego — infligiu
e) descriminar — tráfico — infringiu

Resposta: “a”. Discriminar = distinguir, tráfico = comércio, infligiu = aplicou.

5. No _____ do violoncelista _____ havia muitas pessoas, pois era uma _____ beneficente.

a) conserto — eminente — sessão
b) concerto — iminente — seção
c) conserto — iminente — seção
d) concerto — eminente — sessão

Resposta: “d”. Conserto = reparo, concerto = harmonização, eminente = excelente, iminente = prestes a acontecer, sessão = reunião, seção = divisão.

6. Os atuais simuladores de voo militares estão em condições não apenas de exibir uma imagem “realista” da paisagem sobrevoada, mas também de confrontá-la com a _____ obtida dos radares.

O termo que preenche adequadamente a lacuna no texto é:

a) iconologia.
b) iconoclastia.
c) iconografia.
d) iconofilia.
e) iconolatria.

Resposta: “c”. O radical “icono-” se refere a uma imagem, porém seu sentido se amplia ao juntar-se a outros radicais: -logia = estudo, -clastia = pensamento, -grafia = descrição, -filia =

amor, -latria = adoração. O sentido que melhor se aplica é “iconografia”, ou seja, a descrição das imagens feitas por radar.

Texto para a questão 7.

Quando saí de casa, o velho José Paulino me disse:

Não vá perder o seu tempo. Estude, que não se arrepende.

Eu não sabia nada. Levava para o colégio um corpo sacudido pelas paixões de homem feito e uma alma mais velha do que o meu corpo. Aquele Sérgio, de Raul Pompeia, entrava no internato de cabelos grandes e com uma alma de anjo cheirando a virgindade. Eu não: era sabendo de tudo, era adiantado nos anos, que ia atravessar as portas do meu colégio.

Menino perdido, menino de engenho.

(José Lins do Rego, *Menino de Engenho*, São Paulo: Moderna, 1983)

7. No texto, o verbo cheirar tem significado de:

a) agradar.
b) parecer.
c) enfeitiçar.
d) indagar.
e) bisbilhotar.

Resposta: “b”. “... uma alma de anjo cheirando a virgindade.” é o mesmo que dizer uma alma que parecia virgem.

8. Em todas as alternativas, a mudança proposta para o período em destaque alterou o seu sentido, EXCETO em:

a) Ele levantou lentamente os olhos para ver o céu. / Ele levantou os olhos para ver o céu lentamente.
b) Devo encontrá-lo apenas no shopping. / Devo apenas encontrá-lo no shopping.
c) O meu pedido foi só que ele estivesse aqui no horário marcado. / O meu pedido foi que ele estivesse aqui só no horário marcado.
d) Ele disse que necessariamente conseguiria resultados para a pesquisa. / Ele disse que conseguiria necessariamente resultados para a pesquisa.
e) Carmen gosta de pensar muito antes de agir. / Carmen gosta muito de pensar antes de agir.

Resposta: “d”. Na opção a) mudamos de “levantar lentamente”, para “ver lentamente”; na opção b) mudamos de “ele só pode ser encontrado no shopping” para “eu não tenho mais nada a fazer a não ser encontrá-lo no shopping”; na opção c) mudamos de “eu fiz apenas um pedido: que ele estivesse aqui no horário marcado” para “ele deve estar aqui apenas no horário marcado e não em outro horário qualquer”; na opção e) mudamos de “Carmen pensa dez vezes... depois age” para “Carmen gosta bastante de pensar... e age”.

Texto para a questão 9.

As crônicas da vila de Itaguaí dizem que em tempos remotos vivera ali um certo médico, o Dr. Simão Bacamarte, filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas. Estudara em Coimbra e Pádua.

Aos trinta e quatro anos regressou ao Brasil, não podendo el-rei alcançar dele que ficasse em Coimbra, regendo a universidade, ou em Lisboa, expedindo os negócios da monarquia.

— A ciência, disse ele a Sua Majestade, é o meu emprego único; Itaguaí é o meu universo.

Dito isto, meteu-se em Itaguaí, e entregou-se de corpo e alma ao estudo da ciência, alternando as curas com as leituras, e demonstrando os teoremas com cataplasmas.

Aos quarenta anos casou com D. Evarista da Costa e Mascarenhas, senhora de vinte e cinco anos, viúva de um juiz de fora, e não bonita nem simpática. Um dos tios dele, caçador de pacas perante o Eterno, e não menos franco, admirou-se de semelhante escolha e disse-lho. Simão Bacamarte explicou-lhe que D. Evarista reunia condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem, digeria com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso, e excelente vista; estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, sãos e inteligentes. Se além dessas prendas, — únicas dignas da preocupação de um sábio, — D. Evarista era mal composta de feições, longe de lastimá-lo, agradecia-o a Deus, porquanto não corria o risco de preterir os interesses da ciência na contemplação exclusiva, miúda e vulgar da consorte.

D. Evarista mentiu às esperanças do Dr. Bacamarte, não lhe deu filhos robustos nem mofinos. A índole natural da ciência é a longanimidade; o nosso médico esperou três anos, depois quatro, depois cinco. Ao cabo desse tempo fez um estudo profundo da matéria, releu todos os escritores árabes e outros, que trouxera para Itaguaí, enviou consultas às universidades italianas e alemãs, e acabou por aconselhar à mulher um regime alimentício especial. A ilustre dama, nutrida exclusivamente com a bela carne de porco de Itaguaí, não atendeu às admoestações do esposo; e à sua resistência, — explicável mas inqualificável, — devemos a total extinção da dinastia dos Bacamartes.

Mas a ciência tem o inefável dom de curar todas as mágoas; o nosso médico mergulhou inteiramente no estudo e na prática da medicina. Foi então que um dos recantos desta lhe chamou especialmente a atenção, — o recanto psíquico, o exame da patologia cerebral. Não havia na colônia, e ainda no reino, uma só autoridade em semelhante matéria, mal explorada, ou quase inexplorada. Simão Bacamarte compreendeu que a ciência lusitana, e particularmente a brasileira, podia cobrir-se de “louros imarcescíveis”, — expressão usada por ele mesmo, mas em um arroubo de intimidade doméstica; exteriormente era modesto, segundo convém aos sabedores.

(Machado de Assis. *O alienista,* São Paulo: Ática, 1982, p. 9-10)

9. Leia os seguintes trechos do texto:

“… estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, sãos e inteligentes.”

“Se além dessas prendas, (...) D. Evarista era mal composta de feições, longe de lastimá-lo, agradecia-o a Deus, porquanto não corria o risco de preterir os interesses da ciência na contemplação exclusiva, miúda e vulgar da consorte.”

Sem alteração das relações de sentido originais, as palavras destacadas podem ser substituídas, respectivamente, por

a) portanto — visto que
b) entretanto — portanto
c) então — se bem que
d) por isso — não obstante

e) todavia — sendo que

Resposta: “a”. “Estava assim apta” — a palavra “assim” indica uma ideia de conclusão, por isso usamos no seu lugar a palavra “portanto” (conjunção coordenativa conclusiva); “porquanto” é uma conjunção que indica causa ou explicação. Assim sendo, teremos uma ideia conclusiva, na primeira, e uma ideia causal/explicativa, na segunda. Essa sequência aparece apenas na opção a).

10. No fragmento:

Nada mais cruel do que a cronicidade de certas formas de tuberculose.

Os termos destacados expressam uma comparação. Esta ideia também está presente em

a) Vendo os doentes na janela, a mulher do riso desdentado deu adeus como na véspera.
b) Os doentes do Sanatorinho portavam-se como desejava o Simão, intimidando-se.
c) Como a fulana nada prometera, Simão desesperava-se com a enfermidade.
d) Simão não sabia como suportar o desejo incoercível que lhe despertara a estranha criatura.
e) “Mas o Simão era um assassino. Como ele próprio dizia, sem ódio, quase com ternura, ‘matei um’.”

Resposta: “a”. “Como na véspera” é o mesmo que dizer: “da mesma maneira que na véspera”, ou seja, há uma comparação entre a ação atual e a anterior. Nas outras opções a palavra “como” expressa ideias diferentes. Vejamos: b) como = conforme (indica conformidade); c) como = uma vez que (indica causa); d) como = modo (introduz um complemento para a oração anterior, indicando um modo); e) como = modo (indica a sua maneira de dizer).

11. Assinale a alternativa em que a mudança de posição do termo destacado não implique a possibilidade de mudança de sentido do enunciado.

a) Belo Horizonte já foi uma linda cidade. / Belo Horizonte já foi uma cidade linda.
b) Filho meu não irá para o exército. / Meu filho não irá para o exército.
c) Meu carro novo é maior. / Meu novo carro é maior.
d) Por algum dinheiro ele seria capaz de vender a casa. / Por dinheiro algum ele seria capaz de vender a casa.
e) Com uma simples dose do medicamento ficou curada. / Com uma dose simples do medicamento ficou curada.

Resposta: “a”. Linda cidade = cidade linda. Vejamos a mudança de sentido nas outras opções: b) filho meu = qualquer um dos meus filhos / meu filho = apenas aquele filho; c) meu carro novo = tenho um carro e ele é recém-comprado / meu novo carro = tenho mais um carro e ele foi o último que eu comprei; d) por algum dinheiro = não importa quanto, desde que haja um pouco sequer de dinheiro, a casa será vendida / por dinheiro algum = não importa se pouco ou muito dinheiro, a casa não seria vendida; e) com uma simples dose do medicamento = com apenas uma dose do medicamento / com uma dose simples do medicamento = com uma dose pequena do medicamento.

Texto para a questão 12.

O “brasil” com b minúsculo é apenas um objeto sem vida, autoconsciência ou pulsação interior, pedaço de coisa que morre e não tem a menor condição de se reproduzir como sistema; como, aliás, queriam alguns teóricos sociais do século XIX, que viam na terra — um pedaço perdido de Portugal e da Europa — um conjunto doentio e condenado de raças que,

misturando-se ao sabor de uma natureza exuberante e de um clima tropical, estariam fadadas à degeneração e à morte biológica, psicológica e social. Mas o Brasil com B maiúsculo é algo muito mais complexo. É país, cultura, local geográfico, fronteira e território reconhecidos internacionalmente, e também casa, pedaço de chão calçado com o calor de nossos corpos, lar, memória e consciência de um lugar com o qual se tem uma ligação especial, única, totalmente sagrada. É igualmente um tempo singular cujos eventos são exclusivamente seus, e também temporalidade que pode ser acelerada na festa do carnaval; que pode ser detida na morte e na memória e que pode ser trazida de volta na boa recordação da saudade. Tempo e temporalidade de ritmos localizados e, assim, insubstituíveis. Sociedade onde pessoas seguem certos valores e julgam as ações humanas dentro de um padrão somente seu. Não se trata mais de algo inerte, mas de uma entidade viva, cheia de autorreflexão e consciência: algo que se soma e se alarga para o futuro e para o passado, num movimento próprio que se chama História. Aqui, o Brasil é um ser parte conhecido e parte misterioso, como um grande e poderoso espírito. Como um Deus que está em todos os lugares e em nenhum, mas que também precisa dos homens para que possa se saber superior e onipotente. Onde quer que haja um brasileiro adulto, existe com ele o Brasil e, no entanto — tal como acontece com as divindades — será preciso produzir e provocar a sua manifestação para que se possa sentir sua concretude e seu poder. Caso contrário, sua presença é tão inefável como a do ar que se respira e dela não se teria consciência a não ser pela comparação, pelo contraste e pela percepção de algumas de suas manifestações mais contundentes.

(DAMATTA, Roberto. *O que faz o brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1986, p. 11-12)

12. Assinale a opção que não apresenta relações de comparação que estejam linguisticamente marcadas por conectivos comparativos:

a) “Como um Deus que está em todos os lugares e em nenhum, mas que também precisa dos homens para que possa se saber superior e onipotente.”
b) “É igualmente um tempo singular cujos eventos são exclusivamente seus, e também temporalidade que pode ser acelerada na festa do carnaval.”
c) “Aqui, o Brasil é um ser parte conhecido e parte misterioso, como um grande e poderoso espírito.”
d) “Onde quer que haja um brasileiro adulto, existe com ele o Brasil e, no entanto — tal como acontece com as divindades — será preciso produzir e provocar a sua manifestação para que se possa sentir sua concretude e seu poder.”
e) “Caso contrário, sua presença é tão inefável como a do ar que se respira e dela não se teria consciência a não ser pela comparação, pelo contraste e pela percepção de algumas de suas manifestações mais contundentes.”

Resposta: “b”. A comparação se dá pelo sentido geral da frase e não por alguma expressão comparativa. Já nas outras opções sempre há um elemento comparativo. Vejamos: a) Como Deus... (como = conectivo comparativo); c) ... como um grande e poderoso espírito. (como = conectivo comparativo); d) ... tal como acontece com as divindades... (tal como = conectivo comparativo); e) ... é tão inefável como a do ar... (como = conectivo comparativo).

Texto para a questão 13.

Esparadrapo

Há palavras que parecem exatamente o que querem dizer. “Esparadrapo”, por exemplo. Quem

quebrou a cara fica mesmo com cara de esparadrapo. No entanto, há outras, aliás de nobre sentido, que parecem estar insinuando outra coisa. Por exemplo, “incunábulo”*.

(QUINTANA, Mário. *Da preguiça como método de trabalho.* Rio de Janeiro, Globo, 1987. p. 83)

**Incunábulo: [do lat. Incunabulu; berço]. Adj. 1- Diz-se do livro impresso até o ano de 1500. / S.m. 2- Começo, origem.*

13. A locução “No entanto” tem importante papel na estrutura do texto. Sua função resume-se em

a) ligar duas orações que querem dizer exatamente a mesma coisa.
b) separar acontecimentos que se sucedem cronologicamente.
c) ligar duas observações contrárias acerca do mesmo assunto.
d) apresentar uma alternativa para a primeira ideia expressa.
e) introduzir uma conclusão após os argumentos apresentados.

Resposta: “c”. No entanto — conjunção coordenativa adversativa — liga duas ideias contrárias.

14. Marque a sentença que apresenta falha de significado, por confusão vocabular:

a) O perigo era iminente.
b) O tráfico de veículos de grande porte pelo túnel é proibido.
c) Foi ratificada a data de chegada do nosso convidado.
d) A discrição de José tem-lhe sido muito útil.
e) Se você agir desta maneira, estará infringindo as normas da casa.

Resposta: “b”. Cuidado com os parônimos — palavras parecidas com significados distintos. Tráfico = comércio (ou comércio ilícito); tráfego = fluxo de veículos.

15. Assinale a opção em que a mudança na ordem dos termos altera substancialmente o conteúdo semântico do enunciado:

a) Algum valor deve ser atribuído a este tipo de trabalho.
A este tipo de trabalho, valor algum deve ser atribuído.
b) São duas estas condições especiais.
Estas condições especiais são duas.
c) Qualidades que são pelos seus próprios pares reconhecidas.
Qualidades que são reconhecidas pelos seus próprios pares.
d) É isto que permite ao cientista adquirir prestígio social.
Isto é que permite ao cientista adquirir prestígio social.
e) Esta qualidade intelectual pode traduzir-se em produtos.
Pode esta qualidade intelectual traduzir-se em produtos.

Resposta: “a”. A ordem das palavras pode alterar o sentido da frase: “algum valor” — existe valor, pois o pronome “algum” que antecede o substantivo “valor” tem caráter afirmativo; “valor algum” — não existe valor, pois o pronome “algum” que sucede “valor” tem caráter negativo.

16. Assinale a única opção em que aparece uma palavra que não é antônima das demais, considerando-se o primeiro termo da série.

a) Sossego: agitação, preocupação.
b) Notório: desconhecido, ignoto.

c) Negligente: aplicado, diligente.
d) Livre: preso, medroso.
e) Meritório: indigno, desprezível.

Resposta: “d”. “Medroso” não é o contrário de “livre”.

17. Assinale a opção em que os dois enunciados não têm basicamente o mesmo significado:

a) “o oceano do povo se encapela” / encapela-se o oceano do povo.
b) “ruge o clarim tremendo da batalha” / ruge o tremendo clarim da batalha.
c) “águia — talvez as asas te espedacem” / talvez as asas da águia te espedacem.
d) “que a mão dos séculos no futuro talha...” / que no futuro a mão dos séculos talha.
e) “levanta a Deus do cativeiro o grito!” / levanta a Deus o grito do cativeiro.

Resposta: “c”. Na primeira frase o sujeito referência de “espedacem” é a própria “águia”; na segunda frase “as asas da águia” praticam a ação de “espedaçar” um outro ser.

18. No enunciado — “Nesse caso, por não se preservar na comunidade dependendo da correlação natural entre soluções e habilidades disponíveis, surgirão deformações...” —, a preposição grifada pode ser substituída, sem alteração fundamental de sentido, por:

a) apesar de.
b) a fim de.
c) a despeito de.
d) em virtude de.
e) depois de.

Resposta: “d”. A preposição “por” nessa frase indica causa, anterioridade, por isso ser sinônimo de “em virtude de”, que também expressa causa, anterioridade.

19. Assinale a opção em que o verbo contar é empregado com o mesmo sentido que apresenta em — “Ainda não se podiam contar.”

a) Comece a contar até dez e depois trate de correr.
b) Mesmo sem contar que somos amigos, eu lhe daria o emprego.
c) Ao morrer, Castro Alves contava menos de vinte e cinco anos.
d) Não tenho condições de contar toda a história detalhadamente.
e) Contava nunca mais tornar a vê-lo.

Resposta: “a”. O verbo “contar” na frase do enunciado expressa quantidade, o que aparece também na opção “a”. Vejamos as outras: b) contar = dizer; c) contar = ter; d) contar = narrar; e) contar = acreditar.

20. Assinale a opção em que o elemento “auto-” apresenta significação diferente da que tem em autoestima:

a) autodidata.
b) autobiografia.
c) autopeça.
d) autossugestão.
e) autossuficiente.

Resposta: “c”. Em autoestima, o prefixo “auto-” significa “a/de si próprio”, assim como em “autodidata”, “autobiografia”, “autossugestão” e “autossuficiente”. Já em “autopeça”, “auto” é a redução de “automóvel”.

21. Assinale a opção em que a preposição por exprime a mesma ideia que possui em “Falo por palavras tortas.”

a) Reze por todos nós.
b) Mandou notícias por telegrama.
c) Lutamos por um mesmo ideal.
d) Um homem prevenido vale por dois.
e) Todos o têm por sábio.

Resposta: “b”. A preposição “por” na frase do enunciado “Falo por palavras tortas.” indica meio; o mesmo acontece em “Mandou notícias por telegrama.” Vejamos as outras: a) por = finalidade; c) por = finalidade; d) por = equivalência; e) por = comparação.

22. Na frase: “O fio da ideia cresceu, engrossou e partiu-se”, ocorre processo de gradação. Não há gradação em:

a) O carro arrancou, ganhou velocidade e capotou.
b) O avião decolou, ganhou altura e caiu.
c) O balão inflou, começou a subir e apagou.
d) A inspiração surgiu, tomou conta de sua mente e frustrou-se.
e) João pegou um livro e ouviu um disco e saiu.

Resposta: “e”. A gradação é o aumento ou a diminuição de forma contínua. Na opção e) temos apenas a apresentação de ações que se sucedem.

23. A frase que se completa com a primeira forma colocada entre parênteses é:

a) Até hoje não se abriu nenhum _____ quanto ao assunto. (procedente — precedente)
b) Se enganos houve, que sejam prontamente _____ . (ratificados — retificados)
c) Os bombeiros andavam às voltas com o _____ perigo. (eminente — iminente)
d) As rosas deixaram uma suave _____ no ar. (flagrância — fragrância)
e) A atitude do aluno _____ o regulamento. (infringiu — inflingiu)

Resposta: “e”. Para resolver essa questão devemos consultar a lista dos parônimos. As lacunas das opções “a”, “b”, “c” e “d” se preenchem com a segunda palavra dos parênteses. A lacuna da opção “e” se preenche com a primeira palavra dos parênteses.

24. Assinale a opção em que não se verifica correspondência de sentido entre a expressão destacada e o advérbio.

a) “Talhei de avanço, em minha história” — posteriormente.
b) “Não sei contar direito”. — corretamente.
c) “Mas ele quer saber tudo diverso”. — diferentemente.
d) “Miúdo e miúdo, caso o senhor quiser, dou descrição”. — pormenorizadamente.
e) “Mas principal quero contar é o que eu não sei ser”. — fundamentalmente.

Resposta: “a”. “De avanço” significa “adiante, para a frente”, “posteriormente” quer dizer “depois, mais tarde”.

25. Assinale a opção em que a troca da expressão destacada pela que está entre

parênteses altera sensivelmente o sentido do enunciado:

a) Andou de rota batida uma meia hora. (cerca de)
b) Que o velho José Paulino fizera. (tinha feito)
c) Não vou para o bando dele por causa da minha mãe. (devido a)
d) Era como uma camarinha no meio da noite. (que nem)
e) Era um mar de leite por cima das coisas. (sob as)

Resposta: "e". Sob = embaixo. Sobre = em cima, por cima.

26. Assinale a opção em que o vocábulo mais equivale a "outra vez" ou "de novo".

a) No outro dia não voltou mais para trabalhar para aquele homem.
b) Desceu mais, não queria que o vissem assim como estava.
c) E quanto mais andava mais tinha vontade.
d) Quis correr para que não o visse, mas não o fez, chegou-se mais para perto.
e) Não era um pobre seleiro de beira de estrada, era mais que um oficial, de bagaceira de engenho.

Resposta: "a". Note que apenas na opção "a" o vocábulo "mais" indica "repetição". Em todas as outras opções "mais" expressa "acréscimo".

27. Assinale a opção em que a mudança na ordem dos termos altera sensivelmente o sentido do enunciado:

a) A luz da lua ainda não clareava o escuro da cajazeira. / A luz da lua não clareava ainda o escuro da cajazeira.
b) No outro dia não voltou mais para trabalhar. / No outro dia não mais voltou para trabalhar.
c) Mas estou aqui a mando do Capitão Antonio Silvino. / Mas aqui estou a mando do Capitão Antonio Silvino.
d) Não queria que o vissem assim como estava. / Não queria assim que o vissem como estava.
e) Não deixaria de fazer o que fazia agora por preço nenhum. / Não deixaria de fazer o que fazia agora por nenhum preço.

Resposta: "d". Não queria que o vissem assim como estava. — nessa frase a palavra "assim" indica modo. Não queria assim que o vissem como estava. — nessa frase a palavra "assim" indica conclusão.

28. A frase que tem sentido duplo é:

a) O guarda ouviu o barulho da janela.
b) O barulho da janela, ouviu-o o guarda.
c) O guarda ouviu o barulho que era da janela.
d) Foi o barulho da janela que o guarda ouviu.
e) O barulho da janela foi ouvido pelo guarda.

Resposta: "a". O guarda estava à janela e ouviu o barulho, ou o guarda ouviu o barulho produzido pela janela.

29. Assinale o único exemplo cuja lacuna deve ser preenchida com a primeira alternativa da série dada nos parênteses:

a) Estou aqui _____ de ajudar os flagelados das enchentes. (afim / a fim)
b) A bandeira está _____ . (arreada / arriada)

c) Serão punidos os que _____ o regulamento. (inflingirem / infringirem)
d) São sempre valiosos os _____ dos mais velhos. (concelhos / conselhos)
e) Moro _____ cem metros da praça principal. (a cerca de / acerca de)

Resposta: “e”. Veja a lista dos parônimos para resolver essa questão.

7

ESTILÍSTICA

Disciplina linguística que estuda a expressão em seu sentido mais estrito de EXPRESSIVIDADE da linguagem, isto é, a sua capacidade de emocionar e sugestionar.

J. Mattoso Camara Jr.

A estilística **visa ao lado estético emocional da atividade linguística**, em oposição ao aspecto intelectivo e científico. Ela trata do estilo, dos diversos processos expressivos próprios para despertar o sentimento estético. Esses processos resumem-se no que chamamos **figuras de linguagem**.

Ela também **cuida da boa organização do texto**, **evitando problemas** com a ortografia, a concordância, a regência e outros aspectos gramaticais. Esses problemas resumem-se no que chamamos **vícios de linguagem**.

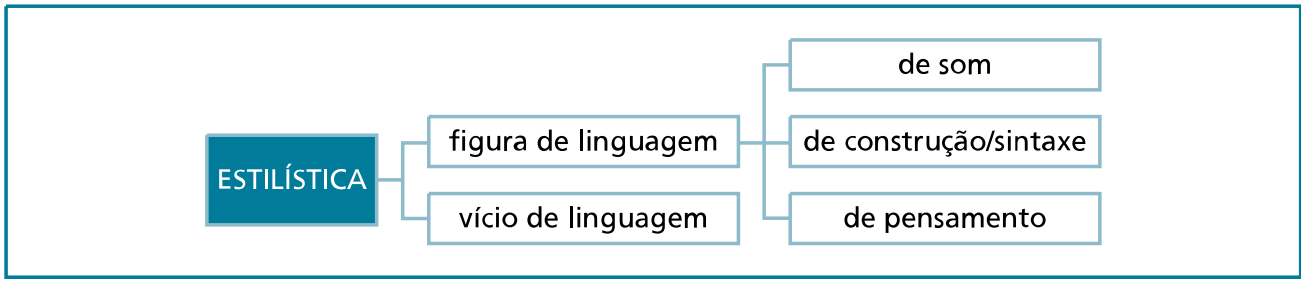

7.1. FIGURAS DE LINGUAGEM OU ESTILO

São a forma de utilizar as palavras em **sentido conotativo, figurado, com o objetivo de ser mais expressivo**.

As figuras de linguagem se dividem em três grupos:

- *figuras de som:* destacam **o som das palavras** — são elas: aliteração e onomatopeia.
- *figuras de construção ou de sintaxe:* trabalham **a construção da frase** — são elas: anacoluto, anáfora, apóstrofe, assíndeto, elipse, hipérbato, pleonasmo, polissíndeto, silepse e zeugma.
- *figuras de pensamento:* trabalham as palavras do ponto de vista de **seus significados**

— são elas: antítese, antonomásia, catacrese, comparação, eufemismo, gradação, hipérbole, ironia, metáfora, metonímia, prosopopeia e sinestesia.

7.1.1. Figuras de som

7.1.1.1. Aliteração

É a **repetição** proposital de um **som consonantal** numa sequência linguística. O efeito serve para reforçar a ideia que se deseja transmitir:

O rato roeu a roupa real do rei de Roma.

"Um marquês de monóculo fazia montinhos de monossílabos." (Marina Colassanti)

"Chove chuva chovendo
Que a cidade do meu bem
Está-se toda lavando." (Oswald de Andrade)

Curiosidade: A repetição de uma mesma vogal numa frase recebe o nome de *Assonância*.

"E bamboleando em ronda
dançam bandos tontos e bambos
de pirilampos." (Guilherme de Almeida)

7.1.1.2. Onomatopeia

É o uso de palavras que **imitam sons ou ruídos:**

O *tic-tac* do meu coração está forte.

O cavalo ia pelo caminho fazendo *pocotó*.

"Lá vem o vaqueiro pelos atalhos,
tangendo as reses para os currais.
Blem... blem... blem... cantam os chocalhos
dos tristes bodes patriarcais.
E os guizos finos das ovelhas ternas
Dlin... dlin... dlin...
E o sino da igreja velha:
Bão... bão... bão..." (Ascenio Ferreira)

7.1.2. Figuras de construção ou de sintaxe

7.1.2.1. Anacoluto

Representa a **quebra da estrutura sintática** de uma frase, ruptura da ordem lógica, ficando termos isolados; caracteriza também estado de confusão mental. É o mesmo que frase quebrada:

Mulheres, impossível viver sem elas!

A infância, recordo-me dos dias de criança com saudade.

Deixe-me pensar... Será que... Não, não... É...

7.1.2.2. Anáfora

Também chamada de *Repetição*. É, justamente, a **repetição de palavras ou expressões** na frase:

Ela trabalha, ela estuda, ela é mãe, ela é pai, ela é tudo!

"Depois, o areal extenso...
Depois, o oceano de pó...
Depois no horizonte imenso
Desertos, desertos só..." (Castro Alves)

Curiosidades: Existem algumas variações para essa repetição.

a) *diácope:* repetição de uma palavra com a intercalação de outra, ou outras.

Maria, a dedicada Maria, a sábia e generosa Maria...

b) *epístrofe:* repetição de uma palavra no final do período.

O homem é Deus. A vida é Deus. O universo é Deus.

c) *epizeuxe:* repetição seguida de uma palavra.

Raios, raios, raios triplos!

É gol, gol, gol, gol!

7.1.2.3. Apóstrofe

É a **invocação ou interpelação do ouvinte ou leitor** a seres reais ou imaginários, presentes ou ausentes:

"Senhor Deus dos desgraçados, dizei-me Vós, Senhor Deus
Se eu deliro ou se é verdade tanto horror perante os céus." (Castro Alves)

"Afasta de mim esse cálice, pai!" (Chico Buarque e Milton Nascimento)

7.1.2.4. Assíndeto

É a **ausência de conjunções** entre palavras da frase ou orações do período. A intenção é indicar a lentidão no ritmo da frase. As orações aparecem justapostas ou separadas por vírgulas:

Nasci, cresci, morri.

Solange é linda, meiga, sorridente, simpática.

"Foi apanhar gravetos, trouxe dos chiqueiros das cabras uma braçada de madeira meio roída pelo cupim, arrancou touceiras de macambira, arrumou tudo para a fogueira." (Graciliano Ramos)

7.1.2.5. Elipse

É a **omissão de palavras ou orações** que ficam subentendidas:

Childerico é teimoso como eu. — *como eu sou teimoso.*

Somos felizes aqui. — *nós.*

Solicitei a todos que respondessem com sinceridade. — *à pergunta que eu fizera*.

7.1.2.6. Hipérbato

Inversão sintática dos termos da orações, ou das orações no período:
De barata, Âni tem medo.
"Ouviram do Ipiranga às margens plácidas
De um povo heroico o brado retumbante." (Osório Duque Estrada)

7.1.2.7. Pleonasmo

Repetição de uma ideia com objetivo de realce:
A rosa, entreguei-a ao meu amor.
Olhei Maria com olhos sonhadores.

Curiosidade: O pleonasmo pode também representar um *vício de linguagem* quando, em vez de reforçar poeticamente uma frase, deixa-a repetitiva, redundante. Nesse caso chama-se *pleonasmo vicioso*:
Subir para cima.
Descer para baixo.

7.1.2.8. Polissíndeto

Repetição de uma conjunção nas orações ou nos termos coordenados. A intenção é acelerar o ritmo da frase:
Estudou e casou e trabalhou e separou-se...
Ele não faz nada: nem chora, nem ri, nem dá uma palavra, nem gesticula!

7.1.2.9. Silepse

Também chamada de *concordância irregular* ou *ideológica*, representa a **combinação das palavras, não com a forma, mas com a ideia**.

7.1.2.9.1. Silepse de pessoa

Os brasileiros somos alegres.
Todos queríamos uma vida melhor.

7.1.2.9.2. Silepse de gênero

São Paulo é linda.
Vossa Senhoria parece preocupado.

7.1.2.9.3. Silepse de número

A maioria chegou cedo, brincaram o dia todo.
A multidão agitada gritava contra os dirigentes, lançavam tomates contra eles.

7.1.2.10. Zeugma

Omissão, marcada por vírgula, **de um verbo** mencionado anteriormente:
Âni comeu banana; João, melão.
As garotas estudavam matemática e os rapazes, português.

7.1.3. Figuras de pensamento

7.1.3.1. Antítese

Consiste na **aproximação de ideias, palavras ou expressões de sentidos opostos**.
Quando os tiranos caem, os povos se levantam.
Pedro não é bom nem mau, apenas justo.
Quem quer a paz deve se preparar para a guerra.

Curiosidade: *Paradoxo* ou *oxímoro* — são variações da antítese; consistem na aproximação de ideias opostas em apenas uma figura.
"Estou cego e vejo, arranco os olhos e vejo." (Carlos Drummond de Andrade)
"É um contentamento descontente." (Camões)

7.1.3.2. Antonomásia

É a **substituição de um nome próprio por uma qualidade ou característica** que o distinga. É o mesmo que apelido, alcunha, cognome.
Beijo do gordo. — gordo = Jô Soares.
O poeta dos escravos emociona a todos. — poeta dos escravos = Castro Alves.
O pai da aviação não queria ver seu invento usado para o mal. — pai da aviação = Santos Dumont.

Curiosidade: Quando essa figura se refere a outros seres que não pessoas, recebe o nome de *perífrase*.
A cidade luz é linda. — cidade luz = Paris.
Moro na terra da garoa. — terra da garoa = São Paulo.
Os portadores do mal de lázaro já foram muito discriminados. — mal de lázaro = hanseníase.

7.1.3.3. Catacrese

Metáfora tão usada que perdeu seu valor de figura e tornou-se cotidiana, não representando mais um desvio. Isso ocorre pela inexistência de palavras mais apropriadas para nomear o que se deseja. A catacrese surge da semelhança da forma ou da função de seres, fatos ou coisas:
céu da boca
pé da cadeira
perna da mesa
dente de alho

7.1.3.4. Comparação

Aproximação de dois elementos realçando as suas semelhanças, usando-se — para isso — elementos comparativos: *como, feito, tal qual, que nem* etc.:

Aquela menina é delicada como uma flor.
Ela é alta que nem um poste!
Tal qual o pai, ele tornou-se professor.
Ela estava paralisada como uma estátua.

7.1.3.5. Gradação

É o **encadeamento de palavras ou ideias com efeito cumulativo:**

Esperarei por ela quanto for preciso: um dia, uma semana, um mês, um ano...
O pai olhava aquilo com tristeza, a mãe chorava, as crianças estavam aos prantos.

7.1.3.6. Eufemismo

É a **atenuação de algum fato ou expressão** (com o objetivo de amenizar alguma verdade triste, chocante ou desagradável):

Ele foi desta para melhor.
Você faltou com a verdade.
Falta-lhe inteligência para entender isso!

7.1.3.7. Hipérbole

É o **exagero** proposital **de uma ideia**, com objetivo expressivo:

Estou morrendo de fome.
Já falei mais de mil vezes para você não deixar os sapatos na sala!
Ela chorou rios de lágrimas.

7.1.3.8. Ironia

Forma intencional de **dizer o contrário da ideia que se deseja apresentar:**

Que belo presente de aniversário esses pés de pato!
As suas notas estão ótimas: zero em matemática, zero em português!
A excelente Agripina era mestra em fazer maldades.

7.1.3.9. Metáfora

Apresenta **uma palavra utilizada em sentido figurado**, uma palavra utilizada fora de sua acepção real, em virtude de uma semelhança subentendida:

Aquela criança é uma flor.
Esse menino é um trator.
"Iracema, a virgem dos lábios de mel." (José de Alencar)

Curiosidade: O desenvolvimento de uma metáfora chama-se *Alegoria*. Vejamos os seguintes exemplos:

A partir da metáfora "A palavra de Deus é semente" conta-se, no Novo Testamento (Lucas: VIII, 5-11), uma história sobre a *semente*, mas essa história na verdade se refere à *palavra de Deus*. Trata-se de *alegoria* ou *parábola*, porque a história desenvolve-se em relação ao termo metafórico, mas na verdade diz respeito ao termo próprio.

Conta-se uma história sobre uma certa *gorduchinha* que dá e leva muitas e boas; mas a *gorduchinha* é a *bola* e toda a história se refere a um *jogo de futebol*.

7.1.3.10. Metonímia

Também chamada de *sinédoque*, consiste no uso de **uma palavra no lugar de outra** que tem **com** ela alguma **proximidade de sentido**.

A metonímia pode ocorrer quando usamos:

7.1.3.10.1. O autor pela obra

Nas horas vagas, leio Machado de Assis.

Vamos assistir a um delicioso Spielberg.

7.1.3.10.2. O continente pelo conteúdo

Conseguiria comer toda a marmita.

O vinho era delicioso, tomei duas taças.

7.1.3.10.3. A causa pelo efeito, e vice-versa

A falta de trabalho é a causa da desnutrição naquela comunidade.

Nossos cabelos brancos inspiram confiança.

7.1.3.10.4. O lugar pelo produto feito no lugar

O Porto é o vinho mais vendido naquela loja.

Após o jantar ele fumava um Havana.

7.1.3.10.5. A parte pelo todo

Chegaram as pernas mais lindas da cidade.

Vamos precisar de muitos braços para realizar o trabalho.

7.1.3.10.6. A matéria pelo objeto

A porcelana chinesa é belíssima.

O jogador recebe o couro e chuta para o gol.

7.1.3.10.7. A marca pelo produto

Gostaria de um pacote de bombril, por favor.

Você comprou a gilete que eu pedira?

7.1.3.10.8. O concreto pelo abstrato, e vice-versa

Carlos é uma pessoa de bom coração.
O Brasil ficou sob o jugo da coroa portuguesa por muitos anos.

7.1.3.10.9. O indivíduo pela espécie

O futebol brasileiro ressente a falta de novos pelés.
Ele estuda para se tornar um grande Einstein.

7.1.3.10.10. O instrumento pela ideia que ele representa

João é um bom garfo.
Senna é reconhecido como o melhor volante da Fórmula 1.

7.1.3.11. Prosopopeia

Também chamada de *personificação*, é a **atribuição de características humanas a seres não humanos, inanimados, imaginários ou irracionais:**

O carro morreu.
O meu cãozinho sorri para mim quando chego a minha casa.
As paredes têm ouvidos.

7.1.3.12. Sinestesia

Mistura de sensações (audição, visão, tato, olfato e paladar) em uma única expressão.

Aquele choro amargo e frio me espantava.
Jocasta tinha uma voz doce e macia.
Aquela pele delicada, suave e brilhante da garota me encantava.

7.2. VÍCIOS DE LINGUAGEM

Os vícios de linguagem **são defeitos**, problemas que surgem no emprego da língua. Eles se classificam de acordo com a parte da gramática que ferem com os erros.

7.2.1. Barbarismo

Grafia ou pronúncia de uma palavra em desacordo com a norma culta:

- *grafia:* previlégio (por privilégio); ítens (por itens); excessão (por exceção).
- *pronúncia:* RUbrica (por ruBRIca); PUdico (por puDIco); MISter (por misTER); gratuIto (por graTUIto).

7.2.2. Solecismo

Desvio da norma em relação à sintaxe — regência, concordância, colocação:

Fazem dois anos que não nos vemos. (por Faz dois anos.)
João é o sentinela do quartel. (por João é a sentinela.)
Eu simpatizo por você. (por Eu simpatizo com você.)
Vamos no cinema. (por Vamos ao cinema.)
Não deixe-me aqui. (por Não me deixe aqui.)

Deixe eu ver. (por Deixe-me ver.)

7.2.3. Ambiguidade ou anfibologia

Emprego de **frases ou expressões com duplo sentido**.

O menino viu o incêndio da escola — O menino viu a escola incendiada, ou estava na escola vendo um incêndio ao longe?

José disse a Pedro que encontrara seu pai na feira — Pai de quem, do Pedro ou do José?

7.2.4. Cacófato

Uso ruim de sons, produzido pela junção de palavras:

Beijou na boca dela. (surge o som "cadela")

Eu vi ela. (surge o som "viela")

Eu amo ela. (surge o som "moela")

Não tenho pretensão acerca dela. (surge o som "ser cadela")

7.2.5. Pleonasmo vicioso

Repetição desnecessária de palavras ou expressões:

Subir pra cima.

Quero ver isso com os meus olhos.

7.2.6. Neologismo

Criação desnecessária de palavras novas:

Seu bolo não está tão gostoso, mas está comível — "comível" não existe na língua portuguesa, temos para esse sentido a palavra "comestível".

7.2.7. Eco

Repetição de um som numa sequência de palavras:

O tenente ficou contente quando soube da nova iminente patente.

7.2.8. Arcaísmo

Utilização de **palavras que já caíram em desuso:**

Vossa mercê pode me ajudar?

João não quer continuar casado com Maria, por isso pedirá o desquite.

7.3. QUESTÕES

1. "Sois Anjo, que me tenta, e não me guarda." Temos aqui uma figura de linguagem, típica do Barroco:

a) antítese
b) pleonasmo
c) eclipse
d) hipérbole

Resposta: “a”. Antítese, pois há uma ideia de oposição: anjo deve guardar, e não tentar.

2. Observe a letra destacada nos versos: “O vento voa / a noite toda se atordoa.” — Na constante que se repete, você vê:

a) aliteração
b) assonância
c) eco
d) rima
e) onomatopeia

Resposta: “a”. Aliteração, repetição de um som.

3. Aponte a alternativa que contenha a mesma figura de pensamento existente no período: “Acenando para a fonte, o riacho despediu-se triste e partiu para a longa viagem de volta.”

a) O médico visualizou, por alguns segundos, a cara magra do doente, antes que a última paixão se calasse.
b) Os arbustos dançavam abraçados com os pinheiros a suave valsa do crepúsculo.
c) Contemplando aquela terna fisionomia, afastou-se com um sorriso pálido e irônico.
d) Só o silêncio tem sido meu companheiro neste período amargo de intensa solidão.
e) A mesquinhez de tua atitude é poço profundo, cavado no íntimo de teu espírito.

Resposta: “b”. “O riacho despediu-se” — prosopopeia. “Os arbustos dançavam” — prosopopeia.

4. Assinale, na estrofe, de Manuel Bandeira, abaixo, a figura correta:

“Vi uma estrela tão alta,

Vi uma estrela tão fria!

Vi uma estrela luzindo,

Na minha vida vazia.”

a) assíndeto
b) pleonasmo
c) anacoluto
d) anáfora
e) silepse

Resposta: “d”. Anáfora, repetição de um som no início de cada verso.

5. Nos versos abaixo, há um recurso estilístico reconhecido no domínio das figuras, identifique-o:

“A luz dos intervalos de matar o tempo

de anunciar a eternidade

de estourar o momento dos cardíacos

de expulsar os loucos

de aproximar os rejeitados

de providenciar novas experiências

de costurar encontros.”
a) assíndeto
b) hipérbato
c) polissíndeto
d) anáfora
e) anacoluto

Resposta: “d”. Anáfora, repetição de um som no início de cada verso.

6. Os adultos possuem poder de decisão; os jovens, incertezas e conflitos.

Na segunda oração do período acima, ocorreu a omissão do verbo possuir, modificando a estrutura sintática da frase. Tal desvio constitui uma figura de construção, reconhecida como:
a) zeugma
b) assíndeto
c) elipse
d) hipérbato
e) pleonasmo

Resposta: “a”. Zeugma, ocultação de um verbo já escrito na frase.

7. Na expressão: “a natureza parece estar chorando”, do ponto de vista estilístico, temos:
a) antítese
b) polissíndeto
c) ironia
d) personificação
e) eufemismo

Resposta: “d”. Personificação ou prosopopeia, atribuir características animadas ou humanas a seres inanimados ou não humanos.

8. Identifique a figura empregada nos versos de Augusto dos Anjos destacados:

“No tempo de meu Pai, sob estes galhos,

Como uma vela fúnebre de cera,

Chorei milhões de vezes com a canseira

De inexorabilíssimos trabalhos!”
a) antítese
b) anacoluto
c) hipérbole
d) lítotes
e) paragoge

Resposta: “c”. Hipérbole, exagero.

9. Identifique a figura empregada no verso de Manuel Bandeira em destaque:

“Quando a indesejada das gentes chegar

(Não sei se dura ou caroável),

Talvez eu tenha medo.

Talvez sorria e diga:

— Alô, iniludível!”

a) clímax
b) eufemismo
c) sínquese
d) catacrese
e) pleonasmo

Resposta: “b”. Eufemismo, uma maneira suave de dizer algo ruim.

10. Qual figura de linguagem existe em: “vento ou ventania varrendo”?

a) metonímia
b) aliteração
c) anacoluto
d) catacrese
e) hipérbole

Resposta: “b”. Aliteração, repetição de um som.

11. O fenômeno fonético de valor estilístico que ocorre na expressão: “mulheres magras, morenas”, denomina-se:

a) eco
b) colisão
c) hiato
d) cacófato
e) aliteração

Resposta: “e”. Aliteração, repetição de um som.

12. Se não fosse muito esquisito comparar cidades com mulheres, eu diria que o Recife tem o físico, a psicologia, a graça arisca e seca, reservada e difícil de certas mulheres magras, morenas e tímidas. Por que não reparam que há cidades que são o contrário disso? Cidades gordas, namoradeiras, gozadoras? O Rio, por exemplo, Belém do Pará, São Luís do Maranhão são cidades gordas. A Bahia é gordíssima. São Paulo é enxuta. Mas Fortaleza e Recife são magras.

O conjunto de atributos predicados às cidades referidas constitui um exemplo de:

a) ironia
b) eufemismo
c) paradoxo
d) prosopopeia
e) metonímia

Resposta: “d”. Prosopopeia, atribuir características animadas ou humanas a seres inanimados ou não humanos.

13. Assinale a alternativa que indica o nome da figura relacionada às construções: “Olha o Tejo a sorrir-me”, “o rouxinol suspira”:

a) metonímia
b) personificação

c) onomatopeia
d) símile
e) sinédoque

Resposta: “b”. Personificação, atribuir características animadas ou humanas a seres inanimados ou não humanos.

14. Aponte a figura: “Naquela terrível luta, muitos adormeceram para sempre”.

a) antítese
b) eufemismo
c) anacoluto
d) prosopopeia
e) pleonasmo

Resposta: “b”. Eufemismo, uma maneira suave de dizer algo ruim.

15. Assinale a figura da frase seguinte: “Em poucos segundos avistávamos a maravilhosa Rio de Janeiro”.

a) metáfora
b) silepse de pessoa
c) silepse de gênero
d) silepse de número
e) sinédoque

Resposta: “c”. Silepse de gênero, pois o nome Rio de Janeiro é masculino, e o adjetivo “maravilhosa” foi usado no feminino.

16. Em: “Ele lê Machado de Assis”, há:

a) catacrese
b) perífrase
c) metonímia
d) anacoluto
e) inversão

Resposta: “c”. Metonímia.

17. Os excedentes ou rejeitados pela vida nunca têm acesso a nada e sobram na mesa dos pais e foram desmamados cedo e nasceram sem que ninguém os chamasse e passaram a constituir formas de imperfeição. — Nesse segmento, aparece uma figura de construção, reconhecida como:

a) pleonasmo
b) polissíndeto
c) assíndeto
d) anacoluto
e) aliteração

Resposta: “b”. Polissíndeto, a repetição da conjunção.

18. Para se preservarem a lógica e a boa redação, é preciso corrigir a construção da seguinte frase:

a) O autor parece preocupado com a baixa porcentagem de aceitação do regime democrático,

embora saiba que apenas 18% acolheriam bem um regime autoritário.

b) Posto que não hajam meia democracia ou meio autoritarismo, fica-se perplexo diante dessas duas alternativas.

c) Há exemplo histórico de que o caminho trilhado pelo político aventureiro não é o que melhor convém a um país que se queira democrático.

d) Não é todo mundo que vê com bons olhos as privatizações das companhias estatais; de fato, apenas 40% manifestaram-se favoravelmente a tais iniciativas.

e) É possível que os aventureiros estejam otimistas diante da falta de alternativas, pois é nessas situações que se abrem para eles largas avenidas.

Resposta: "b". Há dois problemas: a) solecismo (concordância do verbo haver); b) incoerência — não se pode ficar perplexo diante de algo que não existe.

19. Está clara e correta a redação da seguinte frase:

a) No artigo de "The Economist", revista cujo último número está nas bancas, resumem-se e comentam-se dados fornecidos pela pesquisa do "Latinobarômetro", do Chile.

b) A concordância com que só 40% se posiciona em vista dos benefícios das privatizações das estatais revelam que ainda são minorias.

c) Ao se abrir largas avenidas para os autoritários oportunistas, eles saberão como aproveitar essa vantagem para ocupar-lhes em seu próprio proveito.

d) Tanto quanto a forma de governo como quanto a economia, os países latinos-americanos vêm demonstrando uma grande perplexidade em ter que optarem.

e) O sinal de alarme que fala o "The Economist" diz respeito à possibilidade que se esteja abrindo caminho para qualquer um aventureiro.

Resposta: "a".

8

INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

O texto consiste (...) em qualquer passagem falada ou escrita que forma um todo significativo independente de sua extensão. Trata-se, pois, de um contínuo comunicativo contextual caracterizado pelos princípios de textualidade: contextualização, coesão, coerência, intencionalidade, informatividade, aceitabilidade, situacionalidade, e intertextualidade.

Leonor Lopes Fávero

8.1. NOÇÃO DE TEXTO

Antes de qualquer observação a respeito da compreensão de textos, faz-se necessária a conceituação de **texto**, pois **não é qualquer aglomerado de frases que se pode chamar assim**. É preciso verificar a viabilidade de um enunciado ser ou não um texto. De modo geral, chamamos de texto toda unidade de produção de linguagem situada, acabada e autossuficiente (do ponto de vista da ação ou da comunicação).

O texto é constituído de vários componentes estilísticos, esquemáticos, retóricos, não se limitando, assim, a componentes simplesmente gramaticais, ou seja, **consiste na formação de um todo significativo** que independe de sua extensão, pois trata-se de uma unidade de sentido, de um conteúdo comunicativo contextual que se caracteriza por um conjunto de relações responsáveis pela sua construção.

O texto é um tecido verbal estruturado de tal forma que as ideias formam um todo coeso, uno, coerente. São sequências de signos verbais ordenados sistematicamente, de modo a manifestar um único direcionamento. A manifestação de um único direcionamento, ou a noção de unidade no texto, também é destacada por Padre Antônio Vieira — *Sermão da Sexagésima*:[1]

> "O sermão há de ser duma só cor, há de ter um só objeto, um só assunto, uma só matéria. Há de tomar o pregador uma só matéria, há de defini-la para que se conheça, há de dividi-la para que se distinga, há de prová-la com a Escritura, há de declará-la com a razão, há de confirmá-la com o exemplo, há de ampliá-la com as causas, com os efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências que se hão de seguir, com os inconvenientes que se devem evitar, há de responder às dúvidas, há de satisfazer as dificuldades, há de impugnar e refutar com toda a força da eloquência os argumentos

contrários, e depois disso há de colher, há de apertar, há de concluir, há de persuadir, há de acabar. Isto é sermão, isto é pregar, e o que não é isto, é falar de mais alto. Não nego nem quero dizer que o sermão não haja de ter variedade de discursos, mas esses devem nascer todos da mesma matéria, e continuar e acabar nela."

Para que um texto seja constituído, ou para que se chegue a uma compreensão, é necessário trabalhar, principalmente, as relações de conexão cognitiva e as relações coesivas.

- o *saber partilhado*, que é a **informação antiga** — pode aparecer na introdução, ou estar subentendida no contexto —, em que o produtor do texto estabelece um acordo com o leitor (os interlocutores), para, em seguida, expor informações novas;
- a *informação nova*, que se caracteriza como uma necessidade para a existência do texto, veiculando uma **informação que não é do conhecimento do leitor**, ou que não o é da forma como será exposta, o que implica matizes novos e, consequentemente, uma nova maneira de ver os fatos;
- as *provas*, que são **fundamentos das afirmações expostas**. Se o leitor duvidar de suas asserções, poderá recorrer a outras obras indicadas pelo escritor para chegar às mesmas conclusões que ele.

O texto pode ser uma palavra ou uma obra completa, que se produz no interior de um processo interlocutivo. Um texto oral de conversação durante uma refeição, por exemplo, tem características muito distintas das de um texto oral produzido num debate, numa reunião ou assembleia, numa cerimônia religiosa, pois ambos respondem a interesses diversos que resultam da atividade de sujeitos envolvidos em relações diferentes — ainda que sejam os mesmos sujeitos. Esses sujeitos submetem-se a regras diferentes, resultantes de práticas históricas diferentes.

Em se tratando de textos escritos, o convívio com eles faz com que o leitor adquira a capacidade de apreender tanto suas formas quanto seus conteúdos. Isso ocorre porque suas formas e seus conteúdos não podem ser vistos como fatores separados. Supõe-se, dessa prática, uma atitude produtiva em que o leitor sai modificado por aderir aos pontos de vista com que compreende o mundo ou por modificar seus pontos de vista em face do diálogo mantido por meio do texto com seu *autor*.

O texto escrito proporciona ao indivíduo a faculdade de materializar significados e intenções de um dos interagentes a distância, em que a base textual sobre a qual ele se apoia é inerente a um processo de elaboração. É nisso que reside a complexidade do ato de leitura, pois a compreensão de um texto escrito envolve a compreensão de frases e sentenças, de argumentos, de provas formais e informais, de objetivos, de intenções, muitas vezes de ações e de motivações, isto é, abrange muitas das possíveis dimensões do ato de compreender, se pensarmos que a **compreensão verbal inclui desde a compreensão de uma charada até a compreensão de uma obra de arte**.

A clareza de um texto escrito é condicionada pelas possibilidades de interpretação que

ele apresenta, uma vez que o produtor do texto deve conhecer o idioma e suas regras gramaticais para deixar claros seus objetivos, ou ideias, que deseja transmitir.

Um texto é mais ou menos eficaz dependendo da competência de quem o produz, ou da interação de autor-leitor, ou emissor-receptor. O texto exige determinadas habilidades do produtor, como conhecimento do código, das normas gramaticais que regem a combinação dos signos.

A noção de texto, que pode ser aplicada tanto para as manifestações orais como para as escritas, ressalta que nesses processos tal ocorrência se dá como uma forma de elaboração de uma rede de significados com vistas a informar, explicar, discordar, convencer, aconselhar, ordenar. Então, ao escrever, o indivíduo manifesta o desejo de se comunicar, buscando ser entendido, e deseja estabelecer contratos verbais com o leitor. Para atingir essa finalidade o autor deixa marcas em seus textos para que possam ser seguidas pelo leitor. Assim, formular não significa simplesmente deixar ao interlocutor a "tarefa" de compreensão, mas, sim, deixar, através de traços, marcas para que o texto possa ser compreendido. As palavras ou frases articuladas produzem significações que são dotadas de intencionalidade, ganhando sentido pela interferência dos destinatários, criando as unidades textuais.

Para tornar concreto um ato de compreensão, **é necessário que o leitor reúna determinadas condições:** possua a competência correspondente às mensagens do texto e do discurso; domine traços de referência de conteúdos; busque no texto a mensagem pretendida pelo autor; utilize estratégias e habilidades adequadas ao exercício de compreensão/interpretação.

8.1.1. Texto literário e texto não literário

O **texto literário** tem uma **dimensão estética**, multissignificativa e dinâmica, que possibilita a criação de muitas e novas relações de sentido. Com o predomínio da **função poética da linguagem**, é um meio importante de reflexão sobre a realidade, envolvendo um processo de recriação dessa realidade.

A produção de um texto literário envolve:

a) a *valorização da forma:* o uso literário da língua caracteriza-se por **um cuidado especial com a forma**, visando à exploração de recursos que o sistema linguístico oferece, nos planos fônico, prosódico, léxico, morfossintático e semântico. Não é o tema, mas, sim, a maneira como ele é explorado formalmente que vai caracterizar um texto como literário. Assim, não há temas específicos de textos literários, nem temas inadequados a esse tipo de texto.

b) a *reflexão sobre o real:* em lugar de apenas informar sobre o real, ou de produzi-lo, **a expressão literária é utilizada principalmente como um meio de refletir e recriar a realidade**, reordenando-a. Isso dá ao texto literário um caráter ficcional, ou seja, o texto literário interpreta aspectos da realidade efetiva, de maneira indireta, recriando o real num plano imaginário. Refletindo a experiência cultural de um povo, o texto literário contribui

para a definição e para o fortalecimento da identidade nacional. Por isso, num país como o Brasil, onde as características culturais precisam ainda ser revitalizadas e valorizadas, as artes desempenham um papel muito importante.

c) a *reconstrução da linguagem:* no texto literário, o uso estético da linguagem pressupõe **criar novas relações entre as palavras**, combinando-as de maneira inusitada, singular, revelando assim novas formas de ver o mundo.

d) a *multissignificação:* no texto literário, faz-se igualmente um amplo **uso de metáforas e metonímias**, com o objetivo de despertar no leitor o prazer estético. Isto é o que define seu caráter plurissignificativo.

O açúcar[2]
Ferreira Gullar

O branco açúcar que adoçará meu café
nesta manhã de Ipanema
não foi produzido por mim
nem surgiu dentro do açucareiro por milagre.

Vejo-o puro
e afável ao paladar
como beijo de moça, água
na pele, flor
que se dissolve na boca. Mas este açúcar
não foi feito por mim.

Este açúcar veio
da mercearia da esquina e tampouco o fez o Oliveira, dono da mercearia.
Este açúcar veio
de uma usina de açúcar em Pernambuco
ou no Estado do Rio
e tampouco o fez o dono da usina.

Este açúcar era cana
e veio dos canaviais extensos
que não nascem por acaso
no regaço do vale.

Em lugares distantes, onde não há hospital
nem escola,
homens que não sabem ler e morrem de fome
aos 27 anos
plantaram e colheram a cana
que viraria açúcar.

Em usinas escuras,
homens de vida amarga
e dura
produziram este açúcar
branco e puro
com que adoço meu café esta manhã em Ipanema.

No **texto não literário**, as relações são mais restritas, tendo em vista a necessidade de **uma informação mais objetiva e direta no processo de documentação da realidade**, com predomínio da **função referencial** da linguagem, e na interação entre os indivíduos, com predomínio de outras funções.

A cana-de-açúcar[3]
J. W. Vesentini

Originária da Ásia, a cana-de-açúcar foi introduzida no Brasil pelos colonizadores portugueses no século XVI. A região que durante séculos foi a grande produtora de cana-de-açúcar no Brasil é a Zona da Mata nordestina, onde os férteis solos de massapé, além da menor distância em relação ao mercado europeu, propiciaram condições favoráveis a esse cultivo. Atualmente, o maior produtor nacional de cana-de-açúcar é São Paulo, seguido de Pernambuco, Alagoas, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Além de produzir o açúcar, que em parte é exportado e em parte abastece o mercado interno, a cana serve também para a produção de álcool, importante nos dias atuais como fonte de energia e de bebidas. A imensa expansão dos canaviais no Brasil, especialmente em São Paulo, está ligada ao uso do álcool como combustível.

O texto literário "O açúcar", de Ferreira Gullar, parte de uma palavra do domínio comum — açúcar — e vai ampliando seu potencial significativo, explorando recursos formais para estabelecer um paralelo entre o açúcar — branco, doce, puro — e a vida do trabalhador que o produz — dura, amarga, triste. No texto não literário "A cana-de-açúcar", de J. W. Vesentini, o autor apenas informa o leitor sobre a origem da cana-de-açúcar, os lugares onde é produzida, como teve início seu cultivo no Brasil etc.

Do blog *CC — Comportamento e cultura*[4]
Blog do Professor Hélder Gusso

Diferença entre um doutor e uma pessoa sem estudo
Essa é velha, mas é boa! Veja o que diferencia uma pessoa com doutorado e uma pessoa com outros níveis de estudo. Parece que quanto mais precisa é a linguagem maior a possibilidade de atuar sobre o fenômeno e menor a capacidade de se comunicar com clareza com outras pessoas…

Quando se tem doutorado
O dissacarídeo de fórmula C12H22O11, obtido através da fervura e da evaporação de H2O do líquido resultante da prensagem do caule da gramínea *Saccharus officinarum*,

(Linneu, 1758) isento de qualquer outro tipo de processamento suplementar que elimine suas impurezas, quando apresentado sob a forma geométrica de sólidos de reduzidas dimensões e arestas retilíneas, configurando pirâmides truncadas de base oblonga e pequena altura, uma vez submetido a um toque no órgão do paladar de quem se disponha a um teste organoléptico, impressiona favoravelmente as papilas gustativas, sugerindo impressão sensorial equivalente à provocada pelo mesmo dissacarídeo em estado bruto, que ocorre no líquido nutritivo da alta viscosidade, produzindo nos órgãos especiais existentes na Apismellifera. (Linneu, 1758) No entanto, é possível comprovar experimentalmente que esse dissacarídeo, no estado físico-químico descrito e apresentado sob aquela forma geométrica, apresenta considerável resistência a modificar apreciavelmente suas dimensões quando submetido a tensões mecânicas de compressão ao longo do seu eixo em consequência da pequena capacidade de deformação que lhe é peculiar.

Quando se tem mestrado

A sacarose extraída da cana-de-açúcar, que ainda não tenha passado pelo processo de purificação e refino, apresentando-se sob a forma de pequenos sólidos tronco-piramidais de base retangular, impressiona agradavelmente o paladar, lembrando a sensação provocada pela mesma sacarose produzida pelas abelhas em um peculiar líquido espesso e nutritivo. Entretanto, não altera suas dimensões lineares ou suas proporções quando submetida a uma tensão axial em consequência da aplicação de compressões equivalentes e opostas.

Quando se tem graduação

O açúcar, quando ainda não submetido à refinação e, apresentando-se em blocos sólidos de pequenas dimensões e forma tronco-piramidal, tem sabor deleitável da secreção alimentar das abelhas; todavia não muda suas proporções quando sujeito à compressão.

Quando se tem ensino médio

Açúcar não refinado, sob a forma de pequenos blocos, tem o sabor agradável do mel, porém não muda de forma quando pressionado.

Quando se tem ensino fundamental

Açúcar mascavo em tijolinhos tem o sabor adocicado, mas não é macio ou flexível.

Quando não se tem estudo

Rapadura é doce, mas não é mole, não!

8.1.2. Níveis de linguagem

O s **níveis de linguagem** representam as **diferentes maneiras de uma pessoa se expressar**. Numa mesma língua, aparecem usos diferentes, dependendo do meio em que vive/convive.

a) *nível padrão* **(culto** ou **formal):** é a **língua oficial**, usada sobretudo na escrita; nela

predomina a observação de todas as regras gramaticais.

Eu assisti ao filme.

Eu não o vi ontem.

Cheguei a casa bem cedo.

b) *nível coloquial* **(popular, informal):** é a **língua do dia a dia**, usada sobretudo na fala; nela as regras gramaticais são mais frouxas.

Eu assisti o filme.

Eu não vi ele ontem.

Cheguei em casa bem cedo.

Além desses dois níveis, podemos também citar outros usos:

c) *regionalismo:* é a língua utilizada em determinadas regiões, com suas **peculiaridades semânticas**, tais como a fala do gaúcho, a fala do caipira; menino, garoto, moleque, piá, guri (nomes que se utilizam para designar a criança do sexo masculino, dependendo da região do país).

d) *gíria* (linguagem **grupal**): é a língua com **características próprias para cada grupo social**, tais como: *punks*, *emos*, presidiários, *patricinhas* etc.

Papo de malandro[5]

Na década de 50, o malandro carioca "Zé da Ilha" prestou o seguinte depoimento à polícia:

"Seu doutor, o patuá é o seguinte:

Depois de um gelo da coitadinha resolvi esquinar e caçar uma outra cabrocha que preparasse a marmita e amarrotasse o meu linho no sabão.

Quando bordejava pelas vias, abasteci a caveira e troquei por centavos um embrulhador.

Quando então vi as novas do embrulhador, plantado como um poste bem na quebrada da rua, veio uma paraquedas se abrindo, eu dei a dica, ela bolou, eu fiz a pista, colei; solei, ela aí bronqueou, eu chutei, bronqueou mas foi na despista, porque, muito vivaldina, tinha se adernado e visto que o cargueiro estava lhe comboiando.

Morando na jogada, o Zezinho aqui ficou ao largo e viu quando o cargueiro jogou a amarração dando a maior sugesta na recortada. Manobrei e procurei engrupir o pagante, mas, sem esperar, recebi um cataplum no pé do ouvido.

Aí dei-lhe um bico com o pisante na altura da dobradiça, uma muqueada nos mordedores e taquei-lhe os dois pés na caixa de mudança pondo-o por terra.

Ele se coçou, sacou a máquina e queimou duas espoletas.

Papai, muito esperto, virou pulga e fez a dunquerque, pois o vermelho não combina com a cor do meu linho.

Uns e outros me disseram que o sueco era tira e que iria me fechar o paletó.

Não tenho vocação pra presunto e corri.

Peguei uma borracha grande e saltei no fim do carretel, bem no vazio da Lapa,

precisamente às 15 para a cor-de-rosa.
Como desde a matina não tinha engolido a gordura, o roque do meu pandeiro estava sugerindo sarro.
Entrei no china-pau e pedi um boi a mossoró com confete de casamento e uma barriguda bem morta.
Engoli a gororoba e como o meu era nenhum, pedi ao caixa pra botar na pendura que depois eu iria esquentar aquela fria.
Ia pirar quando o sueco apareceu. Dizendo que eu era produto do Mangue, foi direto ao médico-legal para me esculachar.
Eu sou preto mas não sou Gato Félix, me queimei e puxei a solingen.
Fiz uma avenida na epiderme do moço. Ele virou logo América.
Aproveitei a confusa para me pirar, mas um dedo-duro me apontou aos xifópagos e por isto estou aqui."

Vocabulário:
patuá: forma giriática para substituir "o negócio", "a questão", "o problema"
gelo: desprezo
esquinar: ficar parado em esquinas, à espera de algo
amarrotasse o meu linho no sabão: lavasse a minha roupa
bordejava pelas vias: andava pelas ruas
abasteci a caveira: tomei uma bebida — uma cachaça
troquei por centavos um embrulhador: comprei um jornal
na quebrada da rua: na esquina
veio uma paraquedas se abrindo: veio uma mulher demonstrando interesse pelo malandro
eu dei a dica: o malandro dirigiu um gracejo à mulher
ela bolou: a mulher foi receptiva à lisonja do malandro
eu fiz a pista: acompanhei-a
solei: conversei com a mulher
vivaldina: viva, esperta, inteligente
o cargueiro estava lhe comboiando: o namorado a estava acompanhando
morando na jogada: compreendendo a situação
o cargueiro jogou a amarração: o namorado se aproximou dela
dei-lhe um bico com o pisante na altura da dobradiça: dei-lhe um pontapé no joelho
uma muqueada nos mordedores: forma de muque — um soco nos dentes
taquei-lhe os dois pés na caixa de mudança: saltei-lhe com os dois pés sobre o peito
ele se coçou, sacou a máquina e queimou duas espoletas: sacou o revólver e fez dois disparos
papai: forma de o malandro referir-se a si mesmo

virou pulga: deu um salto
fez a dunquerque: evadiu-se, fugiu (alusão à famosa retirada de Dunquerque, na Segunda Guerra Mundial)
vermelho não combina com a cor do meu linho: referia-se ao vermelho do sangue
tira: policial, detetive, investigador
fechar o paletó: matar
não tenho vocação pra presunto: referia-se ao seu apego à vida
borracha grande: ônibus
no fim do carretel: no fim da linha, no ponto final
bem no vazio da Lapa: no Largo da Lapa
às 15 para a cor-de-rosa: às 17 horas e 45 minutos
o roque do meu pandeiro: o ruído do meu estômago
china-pau: "china" — pequenos restaurantes chineses que serviam pratos a preços populares, na época, muito comuns no Rio de Janeiro
boi a mossoró com confete de casamento: bife a cavalo com arroz
e uma barriguda bem morta: cerveja bem gelada
como o meu era nenhum: como não tinha dinheiro
depois eu iria esquentar aquela fria: pagaria a despesa mais tarde
produto do Mangue: eufemismo, pois o Mangue era um dos prostíbulos do Rio de Janeiro
me queimei e puxei a solingen: irritei-me e saquei a navalha — a marca do instrumento Solingen passou a sinônimo de navalha
fiz uma avenida na epiderme do moço: fiz um corte na sua pele
ele virou logo América: ficou vermelho como sangue — América Futebol Clube, cujo uniforme se compõe de camisas vermelhas
xifópagos: policiais do Rio de Janeiro que sempre andam em duplas — também chamados Cosme e Damião

e) *jargão* **(linguagem técnica):** é a língua culta padrão que utiliza palavras e expressões próprias **para determinados setores profissionais:** a linguagem do direito, a linguagem da medicina, a linguagem da engenharia etc.

"Do direito" [6]

De acordo com o art. 150, I, da CF/88, é vedado aos entes tributantes, entre eles os Municípios, aumentar tributo sem lei que o estabeleça.

A corroborar o exposto acima, impende destacar a dicção dos parágrafos 1º e 2º, do artigo 97, do CTN, que destacam a necessidade de lei para atualização em bases de cálculo de impostos, com índices acima da correção monetária do período.

(...)

Com efeito, fica demonstrado, à saciedade, que a majoração da base de cálculo do

IPTU, ou seja, a atualização do valor venal do imóvel acima da correção monetária oficial, mediante Decreto do Poder Executivo, viola frontalmente o princípio da legalidade, consagrado no art. 150, I, da CF/88, combinado com o art. 97 parágrafos 1º e 2º, do CTN.

As diferentes maneiras de contar a mesma história...[7]

Se a história da Chapeuzinho Vermelho fosse verdadeira, como ela seria veiculada pela imprensa brasileira?

Jornal Nacional

William Bonner — Boa noite. Uma menina chegou a ser devorada por um lobo na noite de ontem…

Fátima Bernardes — …mas a atuação de um caçador evitou a tragédia. Veja na reportagem de Glória Maria.

Glória Maria — …Que gracinha, gente! Vocês não vão acreditar, mas essa menina linda aqui foi retirada viva da barriga de um lobo.

Cidade Alerta

Onde é que a gente vai parar, cadê as autoridades? Cadê as autoridades? A menina ia pra casa da vovozinha a pé! Não tem transporte público! Não tem transporte público! E foi devorada viva... Um lobo, um lobo safado. Põe na tela, primo! Põe a cara desse marginal no ar, porque eu falo mesmo, não tenho medo de lobo, não tenho medo de lobo, não! Presta bastante atenção, gente, essa história é impressionante! Não saia daí: daqui a pouco eu volto nesse caso.

Superpop

Geeente! Eu tô aqui com a ex-mulher do lenhador e ela diz que ele é alcoólatra, agressivo e que não paga pensão aos filhos há mais de um ano. Abafa o caso!

Globo Repórter

Tara? Fetiche? Violência? O que leva alguém a comer, na mesma noite, uma idosa e uma adolescente? O Globo Repórter conversou com psicólogos, antropólogos e com os amigos e parentes do Lobo em busca da resposta. Vamos viajar pela mente do psicopata. E uma revelação: casos semelhantes acontecem dentro dos próprios lares das vítimas, que silenciam por medo. Hoje, no Globo Repórter...

Discovery Channel

Vamos determinar se é possível uma pessoa ser engolida viva e sobreviver.

Revista Veja

Lula sabia das intenções do Lobo.

Revista Cláudia

Como chegar à casa da vovozinha sem se deixar enganar pelos lobos no caminho.

Revista Nova

Dez maneiras de levar um lobo à loucura na cama!

Revista IstoÉ
Gravações revelam que lobo foi assessor de político influente.

Revista Playboy
(Ensaio fotográfico com Chapeuzinho no mês seguinte)
Veja o que só o lobo viu.

Revista Vip
As 100 mais sexys — Desvendamos a adolescente mais gostosa do Brasil!

Revista G Magazine
(Ensaio com o lenhador)
O lenhador mostra o machado.

Revista Caras
Na banheira de hidromassagem, Chapeuzinho fala a CARAS: "Até ser devorada, eu não dava valor pra muitas coisas na vida. Hoje, sou outra pessoa."

Revista Superinteressante
Lobo Mau: mito ou verdade?

Revista Contigo!
Lenhador e Chapeuzinho flagrados em clima romântico em jantar no Rio.

Folha de S.Paulo
Lobo que devorou menina era do MST.

O Estado de São Paulo
Lobo que devorou menina seria filiado ao PT.

O Globo
Petrobras apoia ONG do lenhador ligado ao PT, que matou um lobo para salvar menor de idade carente.

O Povo / Agora
Sangue e tragédia na casa da vovó.

O Dia
Lenhador desempregado tem dia de herói.

Extra / Diário de S.Paulo
Promoção do mês: junte 20 selos, mais R$ 19,90 e troque por uma capa vermelha igual à da Chapeuzinho!

Lance!
Lenhador passou o rodo e mandou lobo pedófilo pro saco!

Capricho

Teste: Seu par ideal é lobo ou lenhador?

8.1.3. Funções da linguagem

Existem alguns **fatores básicos** para que se estabeleça a comunicação, são eles:

- *Emissor:* quem emite a mensagem.
- *Receptor:* quem recebe a mensagem.
- *Mensagem:* a informação transmitida.
- *Referente:* a situação com que se relaciona a mensagem.
- *Canal:* meio de comunicação utilizado para envio da mensagem.
- *Código:* sistema de sinais utilizado para o envio da mensagem.

Apesar de todos esses fatores serem necessários na transmissão de uma ideia, uma mensagem, sempre há a predominância de um sobre outro, ou seja, a predominância de determinada **função da linguagem**.

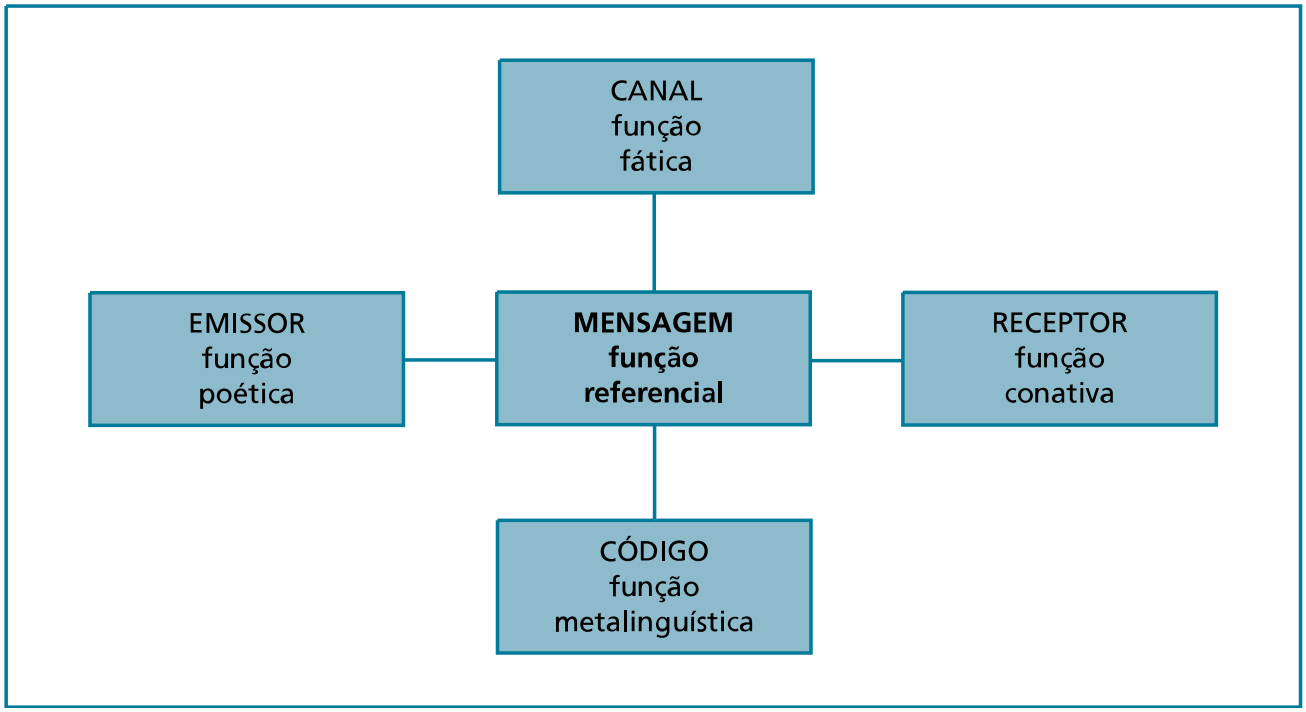

8.1.3.1. Função referencial (ou denotativa)

Transmite uma **informação objetiva**, expõe dados da realidade de modo objetivo, não faz comentários, nem avaliação. Geralmente, o texto apresenta-se na terceira pessoa do singular ou plural, pois transmite impessoalidade. A linguagem é denotativa, ou seja, não há possibilidade de outras interpretações além da que está exposta. Em textos científicos, jornalísticos, técnicos, didáticos ou em correspondências comerciais, essa função é a predominante.

Desmatamento da Amazônia é "o menor dos menores", diz ministra[8]
Camila Campanerut — Do UOL Notícias — Em Brasília — 31.08.2010 — 14h06

O índice de desmatamento da Amazônia registrou redução de 42% em julho de 2010 comparado a junho deste ano, informou nesta terça-feira (31) o Ministério do Meio Ambiente. Este é o menor índice já registrado pelo sistema Deter do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE). O levantamento é realizado desde maio de 2004 com dados de satélite.

No acumulado de 12 meses, a taxa sofreu redução de 48%, ao comparar o período de agosto de 2009 a julho de 2010 e agosto de 2008 a julho de 2009. A ministra do Meio Ambiente, Izabella Teixeira, comemorou o balanço, o qual chamou de o "menor dos menores" com relação às áreas desmatadas da região.

Mas os números do desmatamento ainda são altos: em julho deste ano, o Deter observou 485 km² desmatados, contra 836 no mesmo mês do ano passado. No ano, são 2.293 km² de corte raso vistos pelo sistema do INPE, contra 4.372 km² em 2009.

O ministério destacou que a elevação da presença de nuvens registradas pelas imagens de satélite (de 29% ante 23% de um ano para outro), que poderiam atrapalhar a leitura de dados, não foi o suficiente para mascarar os dados.

O Amazonas registrou um aumento de 8% no desmatamento de agosto de 2009 a julho de 2010, enquanto os demais Estados da região, com exceção do Amapá, apresentaram queda no desmatamento.

Onze municípios amazonenses são responsáveis por 90% do desmatamento do Estado. São eles Apuí, Lábrea, Manicoré, Novo Aripuanã, Canutama, Boca do Acre, Maués, Autazes, Careiro, Humaitá e Pauini.

8.1.3.2. Função emotiva (ou expressiva)

O objetivo do emissor é transmitir **suas emoções e anseios**. A realidade é transmitida sob o ponto de vista do emissor, a mensagem é subjetiva e centrada no emissor e, portanto, apresenta-se na primeira pessoa. A pontuação (ponto de exclamação, interrogação e reticências) é uma característica da função emotiva, pois transmite a subjetividade da mensagem e reforça a entonação emotiva. Essa função é comum em poemas ou narrativas de teor dramático ou romântico.

Motivo[9]
Cecília Meireles

Eu canto porque o instante existe
e a minha vida está completa.
Não sou alegre nem sou triste:
sou poeta.

Irmão das coisas fugidias,
não sinto gozo nem tormento.
Atravesso noites e dias
no vento.

Se desmorono ou se edifico,
se permaneço ou me desfaço,
— não sei, não sei. Não sei se fico
ou passo.

Sei que canto. E a canção é tudo.
Tem sangue eterno a asa ritmada.
E um dia sei que estarei mudo:
— mais nada.

8.1.3.3. Função conativa (ou apelativa)

O objetivo é influenciar, **convencer o receptor de alguma coisa** por meio de uma ordem (uso de vocativos), sugestão, convite ou apelo (daí o nome da função). Os verbos costumam estar no imperativo (Compre! Faça!) ou conjugados na 2ª ou 3ª pessoa (Você não pode perder! Ele vai melhorar seu desempenho!). Esse tipo de função é muito comum em textos publicitários, em discursos políticos ou de autoridade.

Oração aos moços[10]
Rui Barbosa

Eia, senhores! Mocidade viril! Inteligência brasileira! Nobre nação explorada! Brasil de ontem e amanhã! Dai-nos o de hoje, que nos falta.

Mãos à obra da reivindicação de nossa perdida autonomia; mãos à obra da nossa reconstituição interior; mãos à obra de reconciliarmos a vida nacional com as instituições nacionais; mãos à obra de substituir pela verdade o simulacro político da nossa existência entre as nações. Trabalhai por essa que há de ser a salvação nossa. Mas não buscando salvadores. Ainda vos podereis salvar a vós mesmos. Não é sonho, meus amigos: bem sinto eu, nas pulsações do sangue, essa ressurreição ansiada. Oxalá não se me fechem os olhos, antes de lhe ver os primeiros indícios no horizonte. Assim o queira Deus.

8.1.3.4. Função metalinguística

Essa função refere-se à metalinguagem, que ocorre quando **o emissor explica um código usando o próprio código**. Quando um poema fala da própria ação de se fazer um poema, por exemplo.

Para fazer um poema dadaísta[11]
Tristan Tzara

Pegue um jornal
Pegue a tesoura.
Escolha no jornal um artigo do tamanho que você deseja dar a seu poema.
Recorte o artigo.
Recorte em seguida com atenção algumas palavras que formam esse artigo e meta-as

num saco.
Agite suavemente.
Tire em seguida cada pedaço um após o outro.
Copie conscienciosamente na ordem em que elas são tiradas do saco.
O poema se parecerá com você.
E ei-lo um escritor infinitamente original e de uma sensibilidade graciosa, ainda que incompreendido do público.

O nascimento da crônica[12]
Machado de Assis

Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! Que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjeturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se um suspiro a Petrópolis, e *La glace est rompue*; está começada a crônica.
Mas, leitor amigo, esse meio é mais velho ainda do que as crônicas, que apenas datam de Esdras. Antes de Esdras, antes de Moisés, antes de Abraão, Isaque e Jacó, antes mesmo de Noé, houve calor e crônicas. No paraíso é provável, é certo que o calor era mediano, e não é prova do contrário o fato de Adão andar nu. Adão andava nu por duas razões, uma capital e outra provincial. A primeira é que não havia alfaiates, não havia sequer casimiras; a segunda é que, ainda havendo-os, Adão andava baldo ao naipe. Digo que esta razão é provincial, porque as nossas províncias estão nas circunstâncias do primeiro homem.
Quando a fatal curiosidade de Eva fez-lhes perder o paraíso, cessou, com essa degradação, a vantagem de uma temperatura igual e agradável. Nasceu o calor e o inverno; vieram as neves, os tufões, as secas, todo o cortejo de males, distribuídos pelos doze meses do ano.
Não posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica; mas há toda a probabilidade de crer que foi coetânea das primeiras duas vizinhas. Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta, para debicar os sucessos do dia. Provavelmente começaram a lastimar-se do calor. Uma dizia que não pudera comer ao jantar, outra que tinha a camisa mais ensopando que as ervas que comera. Passar das ervas às plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias do dito morador, e ao resto, era a coisa mais fácil, natural e possível do mundo. Eis a origem da crônica.
Que eu, sabedor ou conjeturador de tão alta prosápia, queira repetir o meio de que lançaram mãos as duas avós do cronista, é realmente cometer uma trivialidade; e contudo, leitor, seria difícil falar desta quinzena sem dar à canícula o lugar de honra que lhe compete. Seria; mas eu dispensarei esse meio quase tão velho como o mundo,

para somente dizer que a verdade mais incontestável que achei debaixo do sol é que ninguém se deve queixar, porque cada pessoa é sempre mais feliz do que outra.
Não afirmo sem prova.
Fui há dias a um cemitério, a um enterro, logo de manhã, num dia ardente como todos os diabos e suas respectivas habitações. Em volta de mim ouvia o estribilho geral: que calor! Que sol! É de rachar passarinho! É de fazer um homem doido!
Íamos em carros! Apeamo-nos à porta do cemitério e caminhamos um longo pedaço. O sol das onze horas batia de chapa em todos nós; mas sem tirarmos os chapéus, abríamos os de sol e seguíamos a suar até o lugar onde devia verificar-se o enterramento. Naquele lugar esbarramos com seis ou oito homens ocupados em abrir covas: estavam de cabeça descoberta, a erguer e fazer cair a enxada. Nós enterramos o morto, voltamos nos carros, dar às nossas casas ou repartições. E eles? Lá os achamos, lá os deixamos, ao sol, de cabeça descoberta, a trabalhar com a enxada. Se o sol nos fazia mal, que não faria àqueles pobres-diabos, durante todas as horas quentes do dia?

8.1.3.5. Função fática

O objetivo dessa função é estabelecer uma relação com o emissor, um contato para **verificar se a mensagem está sendo transmitida ou para dilatar a conversa**.
Quando estamos em um diálogo, por exemplo, e dizemos ao nosso receptor "Está entendendo?", estamos utilizando este tipo de função; ou quando atendemos o celular e dizemos "Oi" ou "Alô".

A hora da estrela[13]
Clarice Lispector

As poucas conversas entre os namorados versavam sobre farinha, carne de sol, carne-seca, rapadura, melado. Pois esse era o passado de ambos e eles esqueciam o amargor da infância porque esta, já que passou, é sempre acredoce e dá até nostalgia. Pareciam por demais irmãos, coisa que — só agora estou percebendo — não dá pra casar. Mas eu não sei se eles sabiam disso. Casariam ou não? Ainda não sei, só sei que eram de algum modo inocentes e pouca sombra faziam no chão.
Não, menti, agora vi tudo: ele não era inocente coisa alguma, apesar de ser uma vítima geral do mundo. Tinha, descobri agora, dentro de si, a dura semente do mal, gostava de se vingar, este era o seu grande prazer e o que lhe dava força de vida. Mais vida do que ela que não tinha anjo de guarda.
Enfim o que fosse acontecer, aconteceria. E por enquanto nada acontecia, os dois não sabiam inventar acontecimentos. Sentavam-se no que é de graça: banco de praça pública. E ali acomodados, nada os distinguia do resto do nada. Para a grande glória de Deus.
Ele: — Pois é.
Ela: — Pois é o quê?

Ele: — Eu só disse “pois é”!
Ela: — Mas “pois é” o quê?
Ele: — Melhor mudar de conversa porque você não me entende.
Ela: — Entender o quê?
Ele: — Santa Virgem Macabéa, vamos mudar de assunto e já!
Ela: — Falar então de quê?
Ele: — Por exemplo, de você.
Ela: — Eu?!
Ele: — Por que esse espanto? Você não é gente? Gente fala de gente.
Ela: — Desculpe mas não acho que sou muito gente.
Ele: — Mas todo mundo é gente, meu Deus!
Ela: — É que não me habituei.
Ele: — Não se habituou com quê?
Ela: — Ah, não sei explicar.
Ele: — E então?
Ela: — Então o quê?
Ele: — Olhe, eu vou embora porque você é impossível!
Ela: — É que só sei ser impossível, não sei mais nada. Que é que faço para conseguir ser possível?
Ele: — Pare de falar porque você só diz besteira! Diga o que é do teu agrado.
Ela: — Acho que não sei dizer.
Ele: — Não sabe o quê?
Ela: — Hein?
Ele: — Olhe, estou até suspirando de agonia. Vamos não falar em nada, está bem?
Ela: — Sim, está bem, como você quiser.
Ele: — É, você não tem solução. Quanto a mim, de tanto me chamarem, eu virei eu. No sertão da Paraíba não há quem não saiba quem é Olímpico. E um dia o mundo todo vai saber de mim.
Ela: — É?
Ele: — Pois se eu estou dizendo! Você não acredita?
Ela: — Acredito sim, acredito, acredito, não quero lhe ofender.
Em pequena ela vira uma casa pintada de rosa e branco com um quintal onde havia um poço com cacimba e tudo. Era bom olhar para dentro. Então seu ideal se transformara nisso: em vir a ter um poço só para ela. Mas não sabia como fazer e então perguntou a Olímpico:
Ela: — Você sabe se a gente pode comprar um buraco?

8.1.3.6. Função poética

O objetivo do emissor é expressar seus sentimentos por meio de textos que podem

ser enfatizados por meio das formas das palavras, da sonoridade, do ritmo, além de elaborar novas possibilidades de combinações dos signos linguísticos. É presente em textos literários, publicitários e em letras de música.

Poética[14]
José Paulo Paes

conciso? com siso
prolixo? pro lixo

Epitáfio para um banqueiro[15]
José Paulo Paes

negócio
ego
ócio
cio
o

8.2. TIPOLOGIA TEXTUAL

Um fato importante no processo de produção de texto, que **desvenda a intenção do autor**, é a escolha do modo de organização do seu texto: descrição, narração ou dissertação. Não que um texto não possa ser composto pelos três, mas sempre haverá a preponderância de um ou de outro, dependendo da finalidade a que se destina.

8.2.1. Descrição

"Bem diferente era o tio cônego. Esse tinha uma austeridade e pureza; tais dotes, contudo, não realçavam um espírito superior, apenas compensavam um espírito medíocre. Não era um homem que visse a parte substancial da igreja; via o lado externo, a hierarquia, as preeminências, as circunflexões. Vinha antes da sacristia que do altar. Uma lacuna no ritual excitava-o mais do que uma infração dos mandamentos. Agora, a tantos anos de distância, não estou certo se ele poderia atinar facilmente com um trecho de Tertuliano, ou expor, sem titubear, a história do símbolo de Nicéa; mas ninguém, nas festas cantadas, sabia melhor o número e caso das cortesias que se deviam ao oficiante. Cônego foi a única ambição de sua vida; e dizia de coração que era a maior dignidade a que podia aspirar. Piedoso, severo nos costumes, minucioso na observância das regras, frouxo, acanhado, subalterno, possuía algumas virtudes, em que era exemplar, mas carecia absolutamente da força de as incutir, de as impor aos outros."

(Machado de Assis)[16]

Quando **evidenciamos algo de seres, objetos, ambientes e paisagens, estamos fazendo um retrato verbal daquilo que se quer mostrar, estamos fazendo uma**

descrição.

Ela pode ser objetiva ou subjetiva.

A **descrição objetiva busca a precisão informativa**, ou seja, diz exatamente aquilo que todos percebem. Ao dizer que Atanagildetina é loira, tem 1,70 m, pesa 60 kg, cabelos longos e olhos verdes, estamos fazendo a descrição objetiva, que também pode ser chamada de sensorial — aquela para a qual utilizamos os cinco sentidos (visão, audição, olfato, paladar e tato).

A **descrição subjetiva procura mostrar aquilo que pensamos acerca do objeto descrito**; ela é, portanto, pessoal. Quando dizemos que Atanagildetina é descontraída, amigável, tolerante e inteligente, estamos fazendo a descrição subjetiva, que também pode ser chamada de extrassensorial — aquela para a qual utilizamos algo além dos cinco sentidos.

Numa descrição poética isso tudo pode se misturar. Posso dizer que Atanagildetina tem uma voz maviosa, doce e quente; nesse caso há uma mistura de descrição sensorial e extrassensorial.

A descrição é regida pelos seguintes princípios:

a) focaliza estados e não transformações;

b) seu discurso é figurativo;

c) os tempos verbais nela privilegiados são o presente e o pretérito imperfeito;

d) seus elementos não mantêm uma relação de causalidade e, por isso, podem ser permutados sem afetar a compreensão do texto.

8.2.2. Narração

> "Gabriela ia andando, aquela canção ela escutara em menina. Parou a escutar, a ver a roda rodar. Antes da morte do pai e da mãe, antes de ir para a casa dos tios. Que beleza os pés pequeninos no chão a dançar! Seus pés reclamavam, queriam dançar. Resistir não podia, brinquedo de roda adorava brincar. Arrancou os sapatos, largou na calçada, correu pros meninos. De um lado Tuísca, de outro lado Rosinha. Rodando na praça, a cantar e a dançar."
>
> (Jorge Amado)[17]

A **narração apresenta fatos vividos por personagens**, numa sequência temporal. Quando narramos, contamos uma história, na qual se destacam os seguintes elementos: *personagens* (são os participantes do fato), *espaço* (é o lugar onde acontecem os fatos), *tempo* (é a época em que os fatos ocorrem), *enredo* (é o encadeamento de fatos). Além desses elementos, pode aparecer também — mas não necessariamente — o *desfecho* (a consequência do desenrolar dos fatos).

A narração é regida pelos seguintes princípios:

a) focaliza transformações que se pressupõem umas às outras;

b) seu discurso é figurativo;

c) os tempos verbais fundamentais da narrativa são os perfectivos;

d) os acontecimentos narrados mantêm uma relação de anterioridade e posterioridade e essa relação não pode ser alterada sem que se afete a compreensão do texto.

■ *8.2.2.1. Foco narrativo*

O foco narrativo representa o **enfoque escolhido pelo autor para narrar** uma história. Essa história pode ser contada por um personagem que vivencia o fato ou por alguém que não participa dele, e será chamado de *narrador*.

Há, então, dois tipos de narrador:

■ **narrador-personagem**, ou de 1a pessoa: aquele que participa da história.

"Olhei para ele; estava mais pálido. Então lembrou-me outra vez que queria pedir-me alguma coisa, e perguntei-lhe o que era. Raimundo estremeceu de novo, e, rápido, disse-me que esperasse um pouco; era coisa particular."
(Machado de Assis)[18]

■ **narrador-observador**, ou de 3a pessoa: aquele que não participa da história.

"Depois do almoço, Leôncio montou a cavalo, percorreu as roças e cafezais, coisa que bem raras vezes fazia, e ao descambar do Sol voltou para casa, jantou com o maior sossego e apetite, e depois foi para o salão, onde, repoltreando-se em macio e fresco sofá, pôs-se a fumar tranquilamente o seu havana."
(Bernardo Guimarães)[19]

■ *8.2.2.2. Tipos de discurso*

Discurso é a **maneira como os personagens se expressam** dentro do texto narrativo.

São três as formas de se apresentar a fala dos personagens:

■ *direto:* as **falas dos personagens são apresentadas diretamente** ao leitor, sem a interferência do narrador.

"— Tu não entendeste Peri, senhora; Peri te pediu que o deixasse na vida em que nasceu, porque precisa desta vida para servir-te.
— Como?... Não te entendo!
— Peri, selvagem, é o primeiro dos teus; só tem uma lei, uma religião, é sua senhora; Peri, cristão, será o último dos teus; será um escravo, e não poderá defender-te.
— Um escravo!... Não! Será um amigo. Eu te juro! Exclamou a menina com vivacidade."
(José de Alencar)[20]

■ *discurso indireto:* **o narrador da história é que diz o que os personagens estão falando**, ou seja, indiretamente os personagens conversam.

"O tísico do nº 7 há dias esperava o momento de morrer, estendido na cama, os olhos cravados no ar, a boca muito aberta, porque já lhe ia faltando o fôlego.

Não tossia; apenas, de quando em quando, o esforço convulsivo para arrevassar os pulmões desfeitos sacudia-lhe o corpo e arrancava-lhe da garganta uma ronqueira lúgubre, que lembrava o arrulhar ominoso dos pombos.
(...)
O médico recomendara que lhe dessem todo o ar possível e lhe fizessem beber de espaço a espaço uma porção do calmante que receitara. Uma lamparina de azeite fazia tremer a sua miserável chama e cuspia óleo quente. Havia um cheiro enjoativo de moléstia e desasseio."

(Aluísio Azevedo)[21]

■ *discurso indireto livre:* é uma mistura dos dois tipos anteriores, pelo qual **o personagem fala por si próprio sem marcação alguma disso**, ou seja, a fala do personagem se mistura à narrativa.

"Lóri estava suavemente espantada. Então isso era a felicidade. De início se sentiu vazia. Depois seus olhos ficaram úmidos: era felicidade, mas como sou mortal, como o amor pelo mundo transcende. O amor pela vida mortal a assassinava docemente, aos poucos. E o que eu faço? Que faço da felicidade? Que faço dessa paz estranha e aguda, que já está começando a me doer como uma angústia, como um grande silêncio de espaços? A quem dou minha felicidade, que já está começando a me rasgar um pouco e me assusta. Não, não quero ser feliz. Prefiro a mediocridade. Ah, milhares de pessoas não têm coragem de pelo menos prolongar-se um pouco mais nessa coisa desconhecida que é sentir-se feliz e preferem a mediocridade. Ela se despediu de Ulisses quase correndo: ele era o perigo."
(Clarice Lispector)[22]

■ 8.2.3. Dissertação

"Qualquer estudo histórico, mesmo um assunto bastante delimitado, pressupõe um recorte do passado, feito pelo historiador, a partir de suas concepções e da interpretação de dados que conseguiu reunir. A própria seleção de dados tem muito a ver com as concepções do pesquisador. Esse pressuposto revela-se por inteiro quando se trata de dar conta de uma sequência histórica de quase quinhentos anos, em algumas centenas de páginas. Por isso mesmo, o que o leitor tem em mão não é *a* História do Brasil — tarefa pretensiosa e aliás impossível —, mas *uma* História do Brasil, narrada e interpretada sinteticamente na ótica de quem a escreveu."
(Boris Fausto)[23]

A **dissertação é a exposição de uma ideia**, a defesa de um ponto de vista, um questionamento sobre algum assunto, a análise de um tema. Apresenta sempre uma argumentação comprovando um ponto de vista.

As características da dissertação são:

a) opera com transformações explícitas ou implícitas;

b) seu discurso é temático;

c) nela o tempo verbal mais usado é o presente atemporal;

d) suas asserções mantêm entre si relações lógicas do tipo causa, consequência, condição etc.

Cada um desses três tipos distintos de texto tem uma função diferente.

Os textos figurativos representam o mundo, criam um simulacro da realidade. Essa é a função básica da narração e da descrição. Aquela relata as mudanças de situação de seres particulares, numa determinada progressão temporal, o que significa que mostra o mundo em mudança, que apresenta o dinamismo das transformações. Esta retrata o ser num dado momento, fora do dinamismo da mudança, faz ver propriedades e aspectos simultâneos de um ser particular (uma noite de luar, um engarrafamento, uma paisagem, uma pessoa etc.).

O texto dissertativo é temático. Por conseguinte, explica, classifica, analisa, avalia os seres concretos. A referência ao mundo é feita por intermédio de conceitos amplos, modelos genéricos, muitas vezes abstraídos do tempo e do espaço. Ao apresentar as transformações de estado não se importa com as relações de anterioridade e de posterioridade, mas fundamentalmente com as relações de causalidade, implicação etc.

As mudanças são, pois, tratadas de maneira diferente na narração e na dissertação. Aquela visa a relatar as mudanças; esta, a explicar e interpretar as transformações relatadas. Por ser mais abstrato, o texto dissertativo debruça-se sobre a explicação de dados concretos. Incorpora a referência a fatos particulares (narrações e descrições), mas apenas para ilustrar afirmações gerais, para argumentar a favor ou contra uma determinada tese. O discurso científico, o filósofo, o político são dominantemente dissertativos.

Muitas vezes se pensa que o ponto de vista do produtor do texto (enunciador) se manifesta apenas na dissertação. Não é verdade. Em todos os tipos de texto, o enunciador manifesta sua visão. A diferença está no modo como se faz isso. Sendo a dissertação um texto temático, o enunciador expõe, de maneira explícita, sua perspectiva sobre um dado assunto.

Na descrição, o enunciador apresenta sua visão pelos aspectos selecionados para mostrar e pelos termos escolhidos para retratar.

Na narração, contrapõem-se percursos figurativos, para revelar o ponto de vista do enunciador.

Não podemos esquecer-nos de que, sob a camada figurativa de um texto, há temas. Por conseguinte, com a organização figurativa, o enunciador manifesta pontos de vista sobre o que narra ou descreve.

■ 8.3. COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO

Compreensão e interpretação de texto são coisas distintas, enquanto aquela **é apenas a**

apreensão das informações contidas no texto, esta é a análise que cada leitor — com sua experiência — faz a respeito das informações contidas no texto.

Vejamos um exemplo de "interpretação" que fizemos no ensino fundamental:

A velha contrabandista[24]

Stanislaw Ponte Preta

Diz que era uma velhinha que sabia andar de lambreta. Todo dia ela passava pela fronteira montada na lambreta, com um bruto saco atrás da lambreta. O pessoal da Alfândega — tudo malandro velho — começou a desconfiar da velhinha.

Um dia, quando ela vinha na lambreta com o saco atrás, o fiscal da Alfândega mandou ela parar. A velhinha parou e então o fiscal perguntou assim pra ela:

— Escuta aqui, vovozinha, a senhora passa por aqui todo dia, com esse saco aí atrás. Que diabo a senhora leva nesse saco?

A velhinha sorriu com os poucos dentes que lhe restavam e mais os outros, que ela adquirira no odontólogo e respondeu:

— É areia!

Aí quem sorriu foi o fiscal. Achou que não era areia nenhuma e mandou a velhinha saltar da lambreta para examinar o saco. A velhinha saltou, o fiscal esvaziou o saco e dentro só tinha areia. Muito encabulado, ordenou à velhinha que fosse em frente. Ela montou na lambreta e foi embora, com o saco de areia atrás.

Mas o fiscal ficou desconfiado ainda. Talvez a velhinha passasse um dia com areia e no outro com muamba, dentro daquele maldito saco. No dia seguinte, quando ela passou na lambreta com o saco atrás, o fiscal mandou parar outra vez. Perguntou o que é que ela levava no saco e ela respondeu que era areia, uai! O fiscal examinou e era mesmo. Durante um mês seguido o fiscal interceptou a velhinha e, todas as vezes, o que ela levava no saco era areia.

Diz que foi aí que o fiscal se chateou:

— Olha, vovozinha, eu sou fiscal de alfândega com 40 anos de serviço. Manjo essa coisa de contrabando pra burro. Ninguém me tira da cabeça que a senhora é contrabandista.

— Mas no saco só tem areia! — insistiu a velhinha. E já ia tocar a lambreta, quando o fiscal propôs:

— Eu prometo à senhora que deixo a senhora passar. Não dou parte, não apreendo, não conto nada a ninguém, mas a senhora vai me dizer: qual é o contrabando que a senhora está passando por aqui todos os dias?

— O senhor promete que não "espaia"? — quis saber a velhinha.

— Juro — respondeu o fiscal.

— É lambreta.

Questionário

1. O que a velhinha carregava dentro do saco, para despistar o fiscal?
2. O que o autor quis dizer com a expressão "tudo malandro velho"?
3. Leia novamente o 4º parágrafo do texto e responda: quando o narrador citou os dentes que "ela adquirira no odontólogo", a que tipo de dentes ele se referia?
4. Explique com suas palavras qual foi o truque da velhinha para enganar o fiscal.
5. Quando a velhinha decidiu contar a verdade?
6. Qual é a grande surpresa para o fiscal?
7. Numere corretamente as frases abaixo, observando a ordem dos acontecimentos.
( ) O fiscal verificou que só havia areia dentro do saco.
( ) O pessoal da alfândega começou a desconfiar da velhinha.
( ) Diante da promessa do fiscal, ela lhe contou a verdade: era contrabando de lambretas.
( ) Todo dia, a velhinha passava pela fronteira montada numa lambreta, com um saco no bagageiro.
( ) Mas, desconfiado, o fiscal passou a revistar a velhinha todos os dias.
( ) Durante um mês, o fiscal interceptou a velhinha e, todas as vezes, o que ela levava no saco era areia.
( ) Então, ele prometeu que não contaria nada a ninguém, mas pediu à velhinha que lhe dissesse qual era o contrabando que fazia.
8. Agora com suas palavras diga o que você pensa a respeito da atitude da velhinha no texto.

Para responder às questões de números 1 a 7, basta retornar ao texto e retirar de lá a informação necessária à resposta. Já a questão de número 8 pede que o leitor dê a sua opinião a respeito daquilo que leu. As questões de 1 a 7 trabalham a compreensão do texto. A questão 8 trabalha a interpretação.

Interpretar é, então, **utilizar a experiência de leitor para entender as mensagens deixadas no texto pelo autor.**

Partindo desse ponto de vista, podemos pensar que um texto aceita qualquer interpretação, mas na verdade o texto está aberto a várias leituras, porém não está aberto a qualquer leitura. A diferença está em que o texto aceita apenas as leituras que nele já aparecem inscritas como possibilidades de leitura, pois o autor, ao produzir seu texto, deixa nele algumas marcas. Assim, as várias leituras não se fazem a partir da vontade do leitor, mas dessas marcas significativas presentes no texto.

A interpretação do texto está diretamente relacionada à maneira como se percebem as marcas linguísticas, dando a ele muitas possibilidades de leitura — e não todas.

Assim podemos distinguir dois tipos de interpretação: a subjetiva e a objetiva.

8.3.1. Interpretação subjetiva

Nesse tipo de interpretação interessa apenas o conhecimento prévio que o leitor possui,

sua experiência, a sua visão de mundo. **As informações contidas no texto são apenas um ponto de partida para suas divagações**.[25]

8.3.2. Interpretação objetiva

É a interpretação que leva em conta as marcas significativas contidas no texto. Essas marcas são muitas e variadas, dependendo do tipo de texto e da "intenção" do autor. Porém, podemos sistematizar a observação de algumas que estão presentes em todas as produções: vocabulário, gramática e raciocínio lógico verbal.

8.3.2.1. Vocabulário

Ao produzir um texto o autor utiliza palavras que podem ter significados múltiplos, então **cabe ao leitor encontrar o significado que melhor se encaixa naquele contexto**. Para isso devemos pensar em conotação e denotação:

a) *conotação:* a palavra utilizada em sentido figurado;

b) *denotação:* a palavra utilizada em sentido real.

Para se chegar à interpretação objetiva devemos buscar sempre a denotação.

Vejamos um exemplo: "Navegar é preciso, viver não é preciso."

No século I a.C., os romanos viviam ativamente o seu processo de expansão econômica e territorial. Roma se tornava um império de grandes dimensões e a necessidade de desbravar os mares se colocava como imperativo para o seu fortalecimento. Por volta de 70 a.C., o General Pompeu foi incumbido da missão de transportar o trigo das províncias para a cidade de Roma, que passava por uma grave crise de abastecimento causada por uma rebelião de escravos. Os riscos de navegação eram grandes, em virtude das limitações tecnológicas e dos ataques de piratas, que aconteciam com frequência. Os marinheiros, então, viviam um grave dilema: salvar a cidade de Roma da crise de abastecimento, ou fugir dos riscos da viagem, mantendo-se seguros na cidade de Sicília. Foi então que, de acordo com o historiador Plutarco, o general Pompeu proferiu essa lendária frase, motivando os seus marinheiros.

Tempos depois, essa frase foi utilizada como lema da Liga Hanseática e também da Escola de Sagres.

Alguns poetas a utilizaram em seus escritos: Camões, Fernando Pessoa, Caetano Veloso. Até Ulisses Guimarães a utilizou, no seu célebre discurso pelas eleições diretas.

A interpretação objetiva ou subjetiva passa pelo vocabulário, pois o adjetivo "preciso" presente nesse texto pode ser interpretado de duas maneiras:

a) *preciso* = necessário: nesse caso, temos uma interpretação subjetiva, pois cada leitor entenderá as ideias de "navegar" e "viver" como melhor lhe convier;

b) *preciso* = exato: nesse caso, temos uma interpretação objetiva, pois a única possibilidade de leitura é a de que *navegar é algo exato, navegar tem precisão; viver não é exato, não tem precisão.*

É preciso saber reconhecer no texto os pontos principais, que nos ajudam a decodificar

a mensagem. Para isso podemos nos fixar nas palavras-chave ou ideias-chave.

■ *8.3.2.1.1. Palavras-chave*

Palavras mais importantes de cada parágrafo, em torno das quais outras se organizam, criando uma ligação para produzirem sentido. As *palavras-chave* aparecem, muitas vezes, ao longo do texto de diversas formas: repetidas, modificadas ou retomadas por sinônimos. As *palavras-chave* **formam o alicerce do texto**, são a base de sua sustentação, levam o leitor ao entendimento da totalidade do texto, dando condições para reconstruí-lo.

- atenção especial para verbos e substantivos;
- o título (se houver) é uma boa dica de *palavra-chave*.

Observe o texto de Bertrand Russel, "Minha Vida",[26] a fim de compreender a forma como ele está construído:

> "Três paixões, simples mas irresistivelmente fortes, governaram minha vida: o desejo imenso do amor, a procura do conhecimento e a insuportável compaixão pelo sofrimento da humanidade. Essas paixões, como os fortes ventos, levaram-me de um lado para outro, em caminhos caprichosos, para além de um profundo oceano de angústias, chegando à beira do verdadeiro desespero.
>
> Primeiro busquei o amor, que traz o êxtase — êxtase tão grande que sacrificaria o resto de minha vida por umas poucas horas dessa alegria. Procurei-o, também, porque abranda a solidão — aquela terrível solidão em que uma consciência horrorizada observa, da margem do mundo, o insondável e frio abismo sem vida. Procurei-o, finalmente, porque na união do amor vi, em mística miniatura, a visão prefigurada do paraíso que santos e poetas imaginaram. Isso foi o que procurei e, embora pudesse parecer bom demais para a vida humana, foi o que encontrei.
>
> Com igual paixão busquei o conhecimento. Desejei compreender os corações dos homens. Desejei saber por que as estrelas brilham. E tentei apreender a força pitagórica pela qual o número se mantém acima do fluxo. Um pouco disso, não muito, encontrei.
>
> Amor e conhecimento, até onde foram possíveis, conduziram-me aos caminhos do paraíso. Mas a compaixão sempre me trouxe de volta à Terra. Ecos de gritos de dor reverberam em meu coração. Crianças famintas, vítimas torturadas por opressores, velhos desprotegidos — odiosa carga para seus filhos — e o mundo inteiro de solidão, pobreza e dor transformaram em arremedo o que a vida humana poderia ser. Anseio ardentemente aliviar o mal, mas não posso, e também sofro.
>
> Isso foi a minha vida. Achei-a digna de ser vivida e vivê-la-ia de novo com a maior alegria se a oportunidade me fosse oferecida."

O texto é constituído de cinco parágrafos que se encadeiam de forma coerente. Vejamos as palavras-chave de cada parágrafo.

- 1º parágrafo — *vida / paixões*

- 2º parágrafo — *amor*
- 3º parágrafo — *conhecimento*
- 4º parágrafo — *compaixão*
- 5º parágrafo — *vida*

8.3.2.1.2. Ideias-chave

A partir das palavras-chave, pode-se chegar à *ideia-chave* de cada parágrafo, ou seja, o assunto principal de cada parágrafo, de forma sintetizada. E, a partir da síntese de cada parágrafo, chega-se à ideia central do texto.

Observe o texto:

> "Existem duas formas de operação marginal: a que toma a classificação genérica de economia informal, correspondente a mais de 50% do Produto Interno Bruto (PIB), e a representada pelos trabalhadores admitidos sem carteira assinada. Ambas são portadoras de efeitos econômicos e sociais catastróficos.
>
> A atividade econômica exercida ao largo dos registros oficiais frustra a arrecadação de receitas tributárias nunca inferiores a R$ 50 bilhões ao ano. A perda de receita fiscal de tal porte torna precários os programas governamentais para atendimento à demanda por saúde, educação, habitação, assistência previdenciária e segurança pública.
>
> Quanto aos trabalhadores sem anotação em carteira, formam um colossal conjunto de excluídos. Estão à margem dos benefícios sociais garantidos pelos direitos de cidadania, entre os quais vale citar o acesso à aposentadoria, ao seguro-desemprego e às indenizações reparadoras pela despedida sem justa causa. De outro lado, não recolhem a contribuição previdenciária, mas exercem fortes pressões sobre os serviços públicos de assistência médico-hospitalar.
>
> A reforma tributária poderá converter a expressões toleráveis a economia informal. A redução fiscal incidente sobre as micro e pequenas empresas provocará, com certeza, a regularização de grande parte das unidades produtivas em ação clandestina. E a adoção de uma política consistente para permitir o aumento do emprego e da renda trará de volta ao mercado formal os milhões de empregados sem carteira assinada. É preciso entender que o esforço em favor da inserção da economia no sistema mundial não pode pagar tributo ao desemprego e à marginalização social de milhões de pessoas."
>
> (*Correio Braziliense,* 13 de julho de 1997)

1º parágrafo: economia informal; trabalhadores admitidos sem carteira assinada; efeitos econômicos e sociais catastróficos.

Ideia-chave: Economia informal e trabalhadores admitidos sem carteira assinada trazem prejuízos econômicos e sociais.

2º parágrafo: atividade econômica exercida ao largo dos registros oficiais; perda de receita fiscal; precários os programas governamentais.

Ideia-chave: A perda de receitas tributárias causada pela economia informal prejudica

os programas sociais do governo.

3º parágrafo: trabalhadores sem anotação em carteira; à margem dos benefícios sociais.

Ideia-chave: Trabalhadores admitidos sem carteira assinada causam prejuízos econômicos por não recolherem contribuição previdenciária e sofrem os efeitos sociais por não terem seus direitos assegurados.

4º parágrafo: reforma tributária; redução fiscal incidente sobre as micro e pequenas empresas; política consistente para permitir o aumento do emprego e da renda.

Ideia-chave: A reforma tributária poderá minimizar os efeitos da economia informal e uma política consistente para aumento do emprego e da renda pode provocar a formalização de contratos legais para milhões de empregados.

Ideia central do texto: A economia informal tem efeitos econômicos e sociais prejudiciais ao indivíduo e ao sistema, mas ações políticas, como a reforma tributária, poderão estimular a regularização de empresas, beneficiando, também, os trabalhadores.

8.3.2.2. Gramática

A observação das **relações sintáticas** e dos **usos gramaticais** de palavras dentro do texto também **revela aspectos da interpretação**.

Na frase "Levou ao cinema os pais o filho.", sabemos que o sujeito do verbo é "o filho", pois o verbo estando no singular terá um sujeito singular.

Na frase "Enganou ao aluno o professor.", sabemos que o sujeito do verbo é "o professor", pois o outro termo ("ao aluno") aparece preposicionado e por isso não pode ser o sujeito.

Na frase: "Maria, João ama.", sabemos que o sujeito do verbo é "João", sabemos que Maria João não é um nome composto, isso tudo por causa da vírgula.

8.3.2.3. Raciocínio lógico verbal

Pela observação das **relações lógicas** estabelecidas entre as palavras do texto, podemos chegar a **conclusões objetivas**.

No texto: "Radegondes foi ao Teatro Municipal de São Paulo assistir à apresentação da Orquestra Sinfônica do Estado, regida pelo maestro Asdrúbal de Sousa. Ficou encantada com a apresentação e afirmou 'Este maestro é bárbaro!'" — note que a palavra "bárbaro" assume o sentido de "muito bom" ou "excelente", pois é o que se pode interpretar a partir das relações que esta palavra mantém com as outras.

O sentido original de "bárbaro", porém, é outro: "cruel", "rude", "selvagem" ou "desumano", como se percebe na frase: "Asdrúbal estava muito nervoso, agiu com impaciência, gritando como um bárbaro".

8.4. COESÃO E COERÊNCIA

A **coesão** e a **coerência** são dois **princípios fundamentais na construção da textualidade**.

A textualidade consiste no conjunto de características que fazem com que um texto seja assim concebido e não como um conjunto de palavras, frases ou sequência de frases.

A **coesão** é uma decorrência da própria continuidade exigida pelo texto, a qual, por sua vez, é exigência da *unidade* que dá *coerência* ao texto.

E a **coerência** é uma propriedade que tem a ver com as possibilidades de o texto funcionar como uma *peça comunicativa* — **unidade** —, como um meio de interação verbal.

Seguindo esses raciocínios, uma e outra serão vistas separadamente.

8.4.1. Coesão

Um texto não pode ser entendido apenas como um emaranhado de frases isoladas. Faz-se necessário considerar que existem **elementos linguísticos cuja função principal é a de estabelecer relações textuais**, que são chamadas de *recursos de coesão textual*.

Esses elementos linguísticos aparecem como auxiliadores na tessitura do texto, originando, assim, o fenômeno da coesão textual.

Ocorre a coesão textual quando a interpretação de **algum elemento no discurso é dependente da de outro**. Um elemento pressupõe o outro, no sentido de que não pode ser efetivamente decodificado a não ser por recurso ao outro.

A coesão é uma relação semântica entre um elemento do texto e algum outro elemento que seja de extrema relevância para que se estabeleça a sua interpretação. A coesão, por estabelecer *relações de sentido*, diz respeito ao conjunto de recursos semânticos por meio dos quais uma sentença se liga à que veio anteriormente, aos recursos semânticos mobilizados, proporcionando, assim, a criação do texto.

A coesão diz respeito à maneira como as palavras e as frases que compõem um texto — os chamados componentes da superfície textual — encontram-se conectadas entre si numa sequência linear, por meio de dependências de ordem gramatical.

Estudar a manifestação da língua do ponto de vista da coesão de suas designações, significados e estruturas linguísticas é focalizar o **texto** e utilizar estratégias de análise fechadas. Essas estratégias de análise fechadas são utilizadas para estudar as unidades da comunicação, palavra ou frase, do ponto de vista de sua natureza linguística: designação, significado e estrutura. Possibilitam observação e descrição do emprego dessas unidades segundo as regras próprias do sistema da língua, sem recorrer a fenômenos estranhos a esse sistema.

Os elementos de coesão são aqueles que dão conta da estruturação da sequência superficial do texto, eles não são meramente sintáticos, mas há uma espécie de semântica da sintaxe textual, isto é, os princípios formais de uma língua permitem estabelecer relações de sentido entre os elementos linguísticos do texto.

As relações coesivas compreendidas como relações semânticas textuais são formalizadas pela língua num sistema que engloba três níveis: o semântico (significado), o léxico-gramatical (formal) e o fonológico-ortográfico (expressão).

Ao fazer uso de elementos coesivos, o texto adquire um toque especial de legibilidade, o que explicita os tipos de relações estabelecidas entre os elementos linguísticos que o compõem.

A coesão pode ser dividida em três tipos: *referencial*, *recorrencial* e *sequencial "stricto sensu"*.[27]

8.4.1.1. Coesão referencial

A **coesão referencial** é entendida como o primeiro grau de abstração que o leitor faz. Por meio da substituição e da reiteração, o leitor **recupera informações dadas** no texto:

8.4.1.1.1. Substituição

Ocorre quando um componente linguístico é retomado (anáfora) ou precedido (catáfora) por uma *proforma*.[28]

a) *proforma pronominal:*

"A figura é poética, mas não é a da heroína do romance."[29]

"... entrei para abraçar o meu antigo companheiro de estudos, que me recebeu alvoroçado e admirado.
Depois da primeira expansão, apresentou-me ele à sua família, composta de mulher e uma filhinha, esta retrato daquela, e aquela retrato dos anjos."[30]

b) *proforma verbal:*

"Soares não desanimou o major. Disse que era natural acabar sua existência na política, e chegou a dizer que algumas vezes sonhara com uma cadeira no parlamento.
— Pois eu verei se te posso arranjar isto — respondeu o tio. — O que é preciso é que estudes a ciência da política, a história do nosso parlamento e do nosso governo; e principalmente que continues a ser o que és hoje: um rapaz sério.
Se bem o dizia o major, melhor o fazia Soares, que desde então meteu-se com os livros e lia com afinco as discussões das Câmaras."[31]

c) *proforma adverbial:*

"[A D. LUÍSA P..., EM JUIZ DE FORA]
À MESMA
Corte, 10 de janeiro
Isto é apenas um bilhetinho. Dou-lhe notícia de que vamos ter aqui uma representação familiar, como fazíamos no colégio. O dr. Alberto foi encarregado de escrever a comédia; afiançam-me que há de sair boa. Representa comigo a Carlota. Os homens são o primo Abreu, o Juca e o dr. Rodrigues. Ah! se você cá estivesse.
RAQUEL."[32]

d) *proforma numeral:*

"— Alves!

— Moreira!
Soltados esses dois gritos, os dois indivíduos, a quem pertenciam aqueles nomes, trocaram um formidável abraço, com palmadas nas costas, a despeito de se passar a cena na rua do Ouvidor, às duas horas da tarde. Abraçados e palmejados os dois amigos (eram evidentemente amigos) tornaram a exclamar:
— Ora o Alves!
— Ora o Moreira!
(...)
Ambos eles iam contentes e palreiros. Regulavam pela mesma idade, trinta a trinta e três anos; eram igualmente magros, não muito, e quase de igual altura."[33]

8.4.1.1.2. Reiteração

Ocorre com a repetição de expressões no texto; faz-se por:
a) repetição do mesmo item lexical:

A menina chora muito, essa *menina* é chata.
"Matias sorriu manso e discreto, como devem sorrir os eclesiásticos e os diplomatas."[34]

b) sinônimos:

O homem estava nervoso com o atraso da esposa, era um *senhor* pontual.
"Decorreram algumas semanas. Uma noite, eram nove horas, estava em casa, quando ouviu rumor de vozes na escada; desceu logo do sótão, onde morava, ao primeiro andar, onde vivia um empregado do arsenal de guerra. Era este, que alguns homens conduziam, escada acima, ensanguentado. O preto que o servia, acudiu a abrir a porta; o homem gemia, as vozes eram confusas, a luz pouca. Deposto o ferido na cama, Garcia disse que era preciso chamar um médico."[35]

c) hiperônimos/hipônimos:

As *construções* antigas me agradam, visitei ontem um lindo *apartamento* de 1910.

O *Fusca* sempre me agradou, é um *carro* de que gosto muito.

"A previsão do Diabo verificou-se. Todas as virtudes cuja capa de veludo acabava em franja de algodão, uma vez puxadas pela franja, deitavam a capa às urtigas e vinham alistar-se na igreja nova. Atrás foram chegando as outras, e o tempo abençoou a instituição. A igreja fundara-se; a doutrina propagava-se; não havia uma região do globo que não a conhecesse, uma língua que não a traduzisse, uma raça que não a amasse. O Diabo alçou brados de triunfo."[36]

d) expressões nominais definidas:

Castro Alves dá nome a uma praça na Bahia, pois foi lá que *o poeta dos escravos* nasceu.

"Uma célebre Leontina Caveau, que se dizia viúva de um tal príncipe Alexis, súdito do tzar, foi ontem recolhida à prisão: A bela dama (era bela!) não contente de iludir alguns moços incautos, alapardou-se com todas as joias de uma sua vizinha, mlle. B... A roubada queixou-se a tempo de impedir a fuga da pretendida princesa."[37]

e) nomes genéricos:

Há uma *pessoa* esperando por você na recepção, disse que é seu irmão.

"Não me admira, dizia um poeta antigo, que um homem case uma vez; admira-me que, depois de viúvo, torne a casar."[38]

"Era um dia de procissão de Corpus Christi, que a igreja do Sacramento preparara com certo luxo. A rua do Sacramento, a do Hospício, o largo do Rocio estavam mais ou menos cheios de povo que aguardava o préstito religioso. Na janela de uma casa do Rocio, atulhada de gente como todas as janelas daquela rua, havia três moças, duas das quais pareciam irmãs, não só pela semelhança das feições, mais ainda pela identidade dos vestidos."[39]

8.4.1.2. Coesão recorrencial

Na **coesão recorrencial** há sempre uma **progressão**, **uma informação** nova **que se articula com a** velha. A informação nova é *aquela que se acredita conhecida ou porque está fisicamente no contexto ou porque já foi mencionada no discurso.*

A coesão recorrencial constitui-se por:

8.4.1.2.1. Recorrência de termos

É a repetição enfática de termos:

"Irene preta
Irene boa
Irene sempre de bom humor."[40]

"Z — Você está enganado. O Xavier? Esse Xavier há de ser outro. O Xavier nababo! Mas o Xavier que ali vai nunca teve mais de duzentos mil-réis mensais, é um homem poupado, sóbrio, deita-se com as galinhas, acorda com os galos, e não escreve cartas a namoradas, porque não as tem. Se alguma expede aos amigos é pelo correio. Não é mendigo, nunca foi nababo."[41]

8.4.1.2.2. Paralelismo

Ocorre quando diferentes conteúdos utilizam as mesmas estruturas:

"Eia eletricidade, nervos doentes da Matéria

Eia telegrafia sem fios, simpatia metálica do Inconsciente!"[42]

"Na manhã de um sábado, 25 de abril, andava tudo em alvoroço em casa de José Lemos. Preparava-se o aparelho de jantar dos dias de festa, lavavam-se as escadas e os

corredores, enchiam-se os leitões e os perus para serem assados no forno da padaria defronte; tudo era movimento; alguma coisa grande ia acontecer."[43]

8.4.1.2.3. Paráfrase

É o procedimento em que se restabelece a ideia de um texto em outro, é uma atividade de reformulação de um texto-fonte num texto-derivado, portanto, um enunciado que reformula um anterior e com o qual mantém uma relação de equivalência semântica; sempre se remete a um texto anterior, para reafirmá-lo ou esclarecê-lo, criando, portanto, uma relação de intertextualidade.

"Hamlet observa a Horácio que há mais cousas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia. Era a mesma explicação que dava a bela Rita ao moço Camilo, numa sexta-feira de Novembro de 1869, quando este ria dela, por ter ido na véspera consultar uma cartomante; a diferença é que o fazia por outras palavras."[44]

8.4.1.2.4. Recursos fonológicos, segmentais ou suprassegmentais

Ocorre pela observação do ritmo da frase com suas entonações e silêncios e da motivação sonora como aliterações, ecos, assonâncias etc.:

Se você fizer isso, então...

O rato roeu a roupa real do rei de Roma.

"Comunicada a notícia ao comendador, não tardou que este se apresentasse em casa do dr. Matos, onde pouco depois chegou Camilo. O mísero rapaz trazia escrita no rosto a dor de haver escapado à morte trágica que procurara; pelo menos assim o disse muitas vezes em caminho ao pai de Isabel.

— Mas a causa dessa resolução? — perguntou-lhe o doutor.
— A causa... — balbuciou Camilo que espreitava a pergunta — não ouso confessá-la...
— É vergonhosa? — perguntou o velho com um sorriso benévolo.
— Oh! não!...
— Mas que causa é?
— Perdoa-me, se eu lha disser?
— Por que não?
— Não, não ouso... — disse resolutamente Camilo."[45]

8.4.1.3. Coesão sequencial "stricto sensu"

A **coesão sequencial** stricto sensu constitui o meio pelo qual **o texto progride sem haver retomada** (recorrência) de itens. Ela se dá por:

8.4.1.3.1. Sequenciação temporal

Indica o **tempo "real" em que as coisas acontecem**. Pode ser por ordenação linear, por expressões sequenciais, por partículas temporais ou por correlação dos tempos

verbais.

Levantou cedo, tomou banho e saiu.
Primeiro vi a moto, depois o ônibus.
Irei ao teatro logo à noite.
Ordenei que arrumassem a casa.
"Bebeu o resto do elixir do pajé. No dia seguinte morreu."[46]

"Três causas diversas podem aconselhar o uso dos óculos. A primeira de todas é a debilidade do órgão visual, causa legítima, menos comum do que parece e mais vulgar do que deveria ser. Vê-se hoje um rapaz entrando na puberdade e já adornado com um par de óculos, não por gosto, senão por necessidade. A natureza conspira para estabelecer o reinado dos míopes.
Outra causa do uso destes auxílios da vista é a moda, o capricho, ou, como diz Rodrigues Lobo, a galantaria. O menos escritor exprime-se deste modo: 'Assim é que até os óculos, que se inventaram para remediar defeitos da natureza, vi eu já alguns trazer por galantaria'. Efetivamente quem quiser passar por verdadeiro homem de tom deve trazer, não direi óculos fixos que é só próprio dos sábios e estadistas, mas estas famosas lunetas-pênseis, que são úteis, cômodas e graciosas, dão bom aspecto, fascinam as mulheres, servem para casos difíceis e duram muito.
Da terceira causa quem nos dá notícia é nem mais nem menos o gravíssimo Montesquieu. Diz ele: 'Os óculos fazem ver demonstrativamente que o homem que os traz é consumado nas ciências, por modo que um nariz ornado com eles deve ser tido sem contestação por nariz de um sábio'. Conclui-se disto que a natureza é uma causa secundária dos estragos da vista e que o desejo de parecer ou de brilhar produz o maior número dos casos em que é necessária a arte do Reis."[47]

8.4.1.3.2. Sequenciação por conexão

É a sequência que se **faz por meio de operadores do tipo lógico** (disjunção, condicionalidade, causalidade, mediação, complementação, restrição ou delimitação), **operadores do discurso** (conjunção, disjunção, contrajunção, explicação ou justificação) **e pausas** (na escrita, os sinais de pontuação — vírgula, ponto e vírgula, ponto-final etc.).

"— Se eu não fosse àquele baile não conhecia esta mulher, não andava agora com estes cuidados, e tinha conjurado uma desgraça ou uma felicidade, porque ambas as coisas podem nascer deste encontro fortuito. Que será? Eis-me na dúvida de Hamlet. Devo ir à casa dela? A cortesia pede que vá. Devo ir; mas irei encouraçado contra tudo. É preciso romper com estas ideias, e continuar a vida tranquila que tenho tido."[48]

Deve-se ressaltar que o uso adequado de elementos coesivos facilita a compreensão do texto. A coesão ajuda a estabelecer a coerência na percepção dos sentidos do texto. O sentido a transmitir, ou a mensagem, é definido, delimitado, organizado por meio das palavras; e o sentido das palavras, por seu turno, determina-se em relação ao contexto.

A coesão vai sendo construída e se evidencia pelo emprego de diferentes procedimentos, tanto no campo do léxico como no da gramática. Ela se realiza nas relações entre elementos sucessivos, tais como: artigos, pronomes adjetivos, adjetivos em relação aos substantivos; formas verbais em relação aos sujeitos; tempos verbais nas relações espaço-temporais constitutivas do texto etc., na organização de períodos, de parágrafos, das partes do todo, como formadoras de uma cadeia de sentido capaz de apresentar e desenvolver um tema ou as unidades de um texto. Construída com os elementos gramaticais e lexicais, confere unidade formal ao texto.

Ao assinalar a conexão entre as diferentes partes do texto, tendo em vista a ordem em que aparecem, a coesão é sintática e gramatical, e *também* semântica, pois, em muitos casos, os mecanismos coesivos se baseiam numa relação entre os significados de elementos da superfície do texto.

O texto constitui-se não apenas de uma sequência de palavras ou de frases. A sucessão forma uma cadeia que vai muito além da simples sequencialidade: há um entrelaçamento significativo que aproxima as partes formadoras do texto. Os elementos linguísticos que estabelecem a conectividade e a retomada, e garantem a coesão, são os *referentes textuais*. Cada um desses referentes estabelece relações de sentido e significado tanto com os elementos que o antecedem como com os que o sucedem, construindo uma cadeia textual significativa, a *referenciação*.

Os referentes são construtos culturais, representações constantemente alimentadas pelas atividades linguísticas. E sob tal pensamento, seria então mais adequado falar de *referenciação*, de modo a ressaltar a ideia de processo que caracteriza o ato de referir.

A referenciação se define por uma visão da *referência* de modo geral e, em especial da anáfora, como representação de uma entidade construída no discurso e pelo discurso, de acordo com alguns elementos textuais e outros compartilhados pelos participantes da comunicação (pressupostos).

Há dois tipos de referência: *endofórica* e *exofórica*. A primeira se dá quando o objeto designado é localizado no contexto linguístico; a segunda acontece quando esse objeto é localizado na situação extralinguística.

Quanto à referência endofórica, as expressões anafóricas têm, com efeito, propriedades diferentes, e não sofrem as mesmas restrições conforme sejam ou não controladas sintaticamente por seu antecedente (para o caso, evidentemente, de haver um). Quando tal controle existe, a interpretação do anafórico tem a inferência de uma interpretação sintática; senão ela é dependente de fatores contextuais e pragmáticos.

Anáfora *fiel*: sempre que um referente anteriormente introduzido no texto é retomado por meio de um sintagma nominal definido ou demonstrativo, cujo nome nuclear é aquele mesmo por meio do qual foi introduzido *(uma casa... a/esta casa...)*.

Anáfora *infiel*: sempre que o nome da forma de retomada é diferente daquela da forma introduzida (trata-se, mais frequentemente, de um sinônimo ou de um hiperônimo) ou quando lhe é acrescentada uma determinação qualquer *(uma casa... a habitação)*.

Já para a referência exofórica, existe a expressão *dêixis textual*, que designa comumente o emprego de expressões indiciais como *mais acima, abaixo, no próximo capítulo, aqui* etc. com o objetivo de se referir aos segmentos, aos lugares ou aos momentos do próprio texto em que estas expressões são utilizadas.

Há ainda a *dêixis de memória*:

Nós tomamos um trago no bar com gente fumando. *Essa fumaça*, *esse cheiro de álcool*.

Um sintagma nominal demonstrativo pode referir-se na ausência de qualquer designação antecedente de seu referente e sem que este esteja presente na situação enunciativa.

Os dêiticos são elementos que não significam, apenas indicam, remetem aos componentes da situação comunicativa. Já os componentes concentram em si a significação. Remetem a um momento ou lugar da enunciação. Eles exercem, por excelência, a função de progressão textual, dada sua característica.

Os pronomes pessoais e as desinências verbais indicam os participantes do ato do discurso. Os pronomes demonstrativos, certas locuções prepositivas e adverbiais, bem como os advérbios de tempo, referenciam o momento da enunciação, podendo indicar *simultaneidade*, *anterioridade* ou *posterioridade*. Assim: *este*, *agora*, *hoje*, *neste momento* (presente); *ultimamente*, *recentemente*, *ontem*, *há alguns dias*, *antes de* (pretérito); *de agora em diante*, *no próximo ano*, *depois de* (futuro).

A evolução referencial se dá com base numa complexa relação entre linguagem, mundo e pensamento estabelecida centralmente no discurso.

Alguns recursos de coesão

a) *Epítetos* — palavra ou frase que qualifica pessoa ou coisa:

Glauber Rocha fez filmes memoráveis. Pena que o *cineasta mais famoso do cinema brasileiro* tenha morrido tão cedo.

b) *Nominalizações* — emprego de um substantivo que remete a um verbo enunciado anteriormente (pode também ocorrer o contrário: um verbo retomar um substantivo já enunciado):

Eles foram *testemunhar* sobre o caso. O juiz disse, porém, que tal *testemunho* não era válido por serem parentes do assassino.

Ele não suportou a *desfeita* diante de seu próprio filho. *Desfeitear* um homem de bem não era coisa para se deixar passar em branco.

c) *Palavras ou expressões sinônimas ou quase sinônimas:*

Os *quadros* de Van Gogh não tinham nenhum valor em sua época. Houve *telas* que serviram até de porta de galinheiro.

d) *Repetição de uma palavra:*

"A *propaganda,* seja ela comercial ou ideológica, está sempre ligada aos objetivos e aos interesses da classe dominante. Essa ligação, no entanto, é ocultada por uma inversão: *a*

propaganda sempre mostra que quem sai ganhando com o consumo de tal ou qual produto ou ideia não é o dono da empresa, nem os representantes do sistema, mas, sim, o consumidor. Assim, *a propaganda* é mais um veículo de ideologia dominante."[49]

e) *Um termo-síntese:*

O país é cheio de entraves burocráticos. É preciso preencher um sem-número de papéis. Depois, pagar uma infinidade de taxas. Todas essas *limitações* acabam prejudicando o importador. (a palavra limitações sintetiza o que foi dito antes)

f) *Pronomes:*

Vitaminas fazem bem à saúde. Mas não devemos tomá-*las* ao acaso.

O colégio é um dos melhores da cidade. *Seus* dirigentes se preocupam muito com a educação integral.

Aquele político deve ter um discurso muito convincente. *Ele* já foi eleito seis vezes.

Há uma grande diferença entre Paulo e Maurício. *Este* guarda rancor de todos, enquanto *aquele* tende a perdoar.

g) *Numerais:*

Não se pode dizer que toda a turma esteja mal preparada. *Um terço* pelo menos parece estar dominando o assunto.

Recebemos dois telegramas. O *primeiro* confirmava a sua chegada; o *segundo* dizia justamente o contrário.

h) *Advérbios pronominais (aqui, ali, lá, aí):*

Não podíamos deixar de ir ao *Louvre*. *Lá* está a obra-prima de Leonardo da Vinci: a "Monalisa".

i) *Elipse:*

"A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blablablá e a prática, ativismo." — e a prática *ir virando* ativismo.[50]

j) *Repetição do nome próprio (ou parte dele):*

Lygia Fagundes Telles é uma das principais escritoras brasileiras da atualidade. *Lygia* é autora de "Antes do baile verde", um dos melhores livros de contos de nossa literatura.

k) *Metonímia* — processo de substituição de uma palavra por outra, fundamentada numa relação de contiguidade semântica:

Santos Dumont chamou a atenção de toda *Paris*. O *Sena* curvou-se diante de sua invenção.

l) *Associação* — uma palavra retoma outra porque mantém com ela, em determinado contexto, vínculos precisos de significação:

São Paulo é sempre vítima das *enchentes* de verão. Os *alagamentos* prejudicam o trânsito, provocando engarrafamentos de até 200 quilômetros.

Sempre se aplica o princípio da coesão ao se conectarem as formas e os padrões

presentes nos textos, para que eles façam sentido. Ao fazerem sentido, ao se conectarem os significados, move-se para além da coesão de formas e padrões e aplica-se o princípio da *coerência*.

8.4.2. Coerência

A **coerência** é o modo pelo qual os componentes do universo textual, ou seja, **os conceitos e relações subentendidos ao texto** de superfície **são mutuamente acessíveis e relevantes entre si**.

Responsável por constituir os sentidos do texto, a coerência não é apresentada, pois, como meros traços dos textos, mas, sim, como o resultado de uma complexa rede de fatores de ordem linguística, cognitiva e interacional. Assim, a simples justaposição de situações em um texto pode ativar operações que criam relações de coerência.

A coerência faz com que o texto adquira sentido para os usuários da língua, e este sentido, evidentemente, deve ser do todo, pois a coerência é global.

Então, para que haja coerência, é necessário também que haja a possibilidade de estabelecer no texto alguma forma de unidade ou relação entre seus elementos. Essa relação é entendida como um princípio de interpretabilidade, ligada à inteligibilidade do texto numa situação de comunicação e à capacidade que o receptor tem para calcular o sentido desse texto.

A coerência é a qualidade inerente aos textos pela qual os falantes passam a reconhecê-los como bem formados. Ela pode ser entendida como um princípio de interpretabilidade, dependente da capacidade dos usuários em reconhecer o sentido do texto pelo qual estão interagindo; a coerência caracteriza-se como o nível de conexão conceitual e estruturação do sentido, manifestado, em grande parte, macrotextualmente.

Assim, a coerência contrapõe-se à coesão (se dá no nível microestrutural, ou seja, na superfície do texto).

Como o texto contém mais do que o sentido da superfície, devem-se levar em conta as experiências cotidianas, as atitudes e as intenções — todos eles fatores não linguísticos.

A coerência opera com dois níveis de aquisição de conhecimento:

- conhecimento declarativo: é o das frases, das proposições do texto; evidencia-se pelas relações do tipo lógico (generalização, especificação, causalidade etc.).
- conhecimento procedimental: é o conhecimento culturalmente determinado e construído por meio de experiências; está armazenado na memória episódica de cada leitor/ouvinte.

Esses conhecimentos responsáveis pela coerência (isto é, a produção de sentido) se organizam em estruturas cognitivas: conceitos, modelos cognitivos globais e superestruturas. Veja-se uma a uma.

a) conceitos: são os conhecimentos armazenados na memória semântica e na memória episódica.

b) modelos cognitivos globais: são os conhecimentos prévios armazenados na memória e intensamente utilizados; subdividem-se em:

- *frames* (conhecimento comum, primário): são conjuntos de conhecimentos armazenados na memória debaixo de um certo "rótulo", não havendo nenhum tipo de ordenação entre eles; por exemplo, *Carnaval* (confete, serpentina, desfile, escola de samba, fantasia, baile, mulatas etc.).
- esquemas (conhecimento organizado sequencialmente, fixos, determinados): são conjuntos de conhecimentos armazenados em uma sequência temporal ou causal; por exemplo, como pôr um aparelho em funcionamento, um dia na vida de um cidadão comum.
- planos (modelos de comportamento deliberados, com um objetivo): são conjuntos de conhecimentos sobre como agir para atingir um objetivo; por exemplo, como vencer uma partida de xadrez.
- *scripts* (modelos de comportamento estereotipados, com uma rotina preestabelecida): são conjuntos de conhecimentos sobre modos de agir altamente estereotipados em dada cultura, inclusive em termos de linguagem; por exemplo, rituais religiosos (batismo, missa, casamento), as fórmulas de cortesia, as praxes jurídicas.
- cenários (representa o contexto em que o texto está inserido).[51]

c) superestruturas: a forma global do texto, que define a sua organização e as relações hierárquicas entre as suas partes.

O **conhecimento prévio é a base de sustentação da coerência**, pois pode-se dizer com segurança que sem o engajamento do conhecimento prévio do leitor não haverá compreensão. Ele é uma junção de *conhecimento linguístico* (aquele que faz com que o indivíduo se comunique em seu idioma), *conhecimento textual* (reconhecimento do texto quanto à estrutura) e *conhecimento de mundo* (adquirido formal ou informalmente, é o que as pessoas sabem do mundo).

Para o estabelecimento da coerência, o conhecimento de mundo desempenha um papel não menos importante e decisivo, pois é necessário que o texto fale de coisas que façam parte dos conhecimentos do leitor; caso contrário, não haverá condições de se calcular o seu sentido e ele parecerá destituído de coerência. É o que aconteceria a muitos leitores ao se defrontarem, por exemplo, com o Tratado da Teoria da Relatividade, de Albert Einstein.

Adquire-se esse conhecimento de mundo com as experiências vividas, com o passar do tempo, por estar-se constantemente em contato com os fatos.

A coerência tem a ver com boa formação em termos da interlocução, determinando não somente a possibilidade de estabelecer o sentido do texto, mas também qual sentido se deve estabelecer no texto, de modo frequente.

A coerência pode ser dividida em:

- *local:* refere-se a partes do texto, a frases ou a sequências de frases dentro do texto;

- *global:* diz respeito ao texto em sua totalidade.

8.4.2.1. Coerência semântica

Refere-se à **relação entre significados** dos elementos das frases em sequência num texto (local), ou entre os elementos do texto como um todo (global). O respeito ou desrespeito às relações de sentido entre os significados dos termos também tem a ver com coerência semântica.

8.4.2.2. Coerência sintática

Refere-se aos **meios sintáticos** para expressar a coerência semântica como, por exemplo, os conectivos, o uso de pronomes, de sintagmas nominais definidos e indefinidos etc. A coerência sintática, então, nada mais é do que um aspecto da coesão que pode ter a finalidade de auxiliar no estabelecimento da coerência.

8.4.2.3. Coerência estilística

Refere-se àquela pela qual o usuário deveria usar em seu texto **elementos linguísticos**, tais como: léxico, tipos de estruturas, frases etc., pertencentes ou constitutivos do mesmo estilo ou registro linguístico. Seria o caso, por exemplo, de o uso de gírias em textos acadêmicos, sobretudo orais (as conferências), ser normalmente precedido de ressalvas, como: *"se me permitem o termo"*, ou *"para usar uma expressão popular que bem expressa isso"* etc., ou de o uso de palavras "reprováveis" em conversas "polidas" ser normalmente precedido de um *"com o perdão da palavra"*.

8.4.2.4. Coerência pragmática

O texto é visto como uma **sequência de atos de fala**. São relacionados de modo que, para a sequência de atos ser percebida como apropriada, os atos de fala que a constituem satisfaçam as mesmas condições presentes em uma dada situação comunicativa.

A coerência contribui para a constituição e existência de um texto ao fazer com que uma sequência linguística qualquer seja vista como um conjunto. Porque é a relação entre vários fatores, tais como: morfemas, palavras, expressões, frases, parágrafos, capítulos etc. que estabelece a coerência, o que permite construí-la e percebê-la na recepção, como constituindo uma unidade significativa global. É a coerência, portanto, que dá *textura* ou *textualidade* à sequência linguística, entendendo-se por *textura* ou *textualidade* aquilo que converte uma sequência linguística em texto.

Não existe o texto incoerente em si. Ele pode ser incoerente, sim, mas "em" determinada e "para" determinada situação comunicativa, lembrando que a coerência está no processo que coloca texto e usuários em relação numa situação.

Para que se possa estabelecer a coerência de um texto, é preciso que haja correspondência ao menos parcial entre os conhecimentos nele ativados e o conhecimento de mundo do leitor; caso contrário, não haverá condições de construir o *mundo textual*, dentro do qual as palavras e as expressões do texto ganham sentido.

A coerência, então, constrói-se na interação entre o texto e seus usuários, numa situação comunicativa concreta, pois não é apenas um traço ou uma propriedade do texto em si.

8.4.2.5. Itens produtores de coerência

Há, além de tudo que já se disse, muitos outros itens funcionando como produtores de coerência:

8.4.2.5.1. Inferências

Para que se possa compreender integralmente um texto, há necessidade de se fazer uma série de inferências, que nada mais são do que operações pelas quais, utilizando seu conhecimento de mundo, o leitor de um texto estabelece **uma relação não explícita entre dois elementos** (normalmente frases ou trechos) deste texto que ele busca compreender e interpretar.

8.4.2.5.2. Fatores pragmáticos

São aqueles que **"ancoram" o texto em uma situação comunicativa determinada** e podem ser de dois tipos: os *contextualizadores* propriamente ditos e os *perspectivos* ou *prospectivos*. Entre os primeiros estão a data, o local, a assinatura, elementos gráficos, timbre etc., que ajudam a situar o texto e, portanto, a estabelecer-lhe a coerência; entre os segundos estão aqueles que trazem expectativas sobre o conteúdo e a forma do texto: título, autor, início do texto.

8.4.2.5.3. Situacionalidade

Age em duas direções: **da** situação para o texto, que se deverá determinar em que medida **a situação comunicativa interfere na produção/recepção** e, portanto, no estabelecimento da coerência; e do texto para a situação, em que **o produtor passa a recriar o mundo** dependendo de seus objetivos, interesses, propósitos, crenças, convicções etc. No primeiro caso (da situação para o texto), faz-se necessário, ao construir um texto, verificar o que é adequado àquela situação específica: variedade dialetal, tratamento a ser dado ao tema, grau de formalidade etc. No segundo caso (do texto para a situação), o mundo criado pelo texto não é uma cópia fiel do mundo real, mas o mundo tal como é visto pelo produtor, partindo de uma determinada perspectiva, tal como de acordo com determinadas intenções. Isso explica o fato de que sempre que duas ou mais pessoas descrevem um objeto, ou uma situação, nunca o fazem da mesma forma, logo os referentes textuais *não são idênticos* aos do mundo real, mas reconstruídos no interior do texto. Por sua vez, o receptor passa a interpretar o texto de acordo com a sua ótica, os seus propósitos e as suas convicções, pois há uma *mediação* entre o mundo textual e o mundo real, e vice-versa. É importante que haja uma adequação do texto na situação comunicativa, pois um texto que é coerente em uma dada situação pode não ser em outra.

8.4.2.5.4. Intencionalidade e aceitabilidade

A *intencionalidade* refere-se ao modo como **os emissores usam textos para perseguir e realizar suas intenções**, produzindo, para tanto, textos adequados à obtenção dos efeitos desejados, haja vista que o produtor tem determinados propósitos, que vão desde a simples intenção de manter ou estabelecer o contato com o receptor até a de levá-lo a agir ou comportar-se de determinada maneira ou a partilhar de suas opiniões.

A intencionalidade tem uma estreita relação com o que se tem chamado de *argumentatividade*: manifestando-se no texto por meio de uma série de marcas ou pistas, tais como: tempos verbais, operadores e conectores argumentativos (até, mesmo, aliás, ao contrário, mas, embora, enfim etc.), os modalizadores (certamente, possivelmente, indubitavelmente, aparentemente etc.), a argumentatividade concederá ao receptor a capacidade de construir a sua leitura, entre aquelas que o texto permite, pela maneira como se encontra linguisticamente estruturado.

A *aceitabilidade* constitui a contrapartida da intencionalidade.

8.4.2.5.5. Informatividade

Abrange o **grau de previsibilidade da informação contida no texto**. Depende de o texto ser *mais* ou *menos* informativo. Isso quer dizer que, se o texto contiver apenas informação redundante ou previsível, seu grau de informatividade será baixo. Por outro lado, ocorrerá um maior grau de informatividade se contiver informação não previsível, além da informação esperada ou previsível. E, por último, se toda a informação de um texto for imprevisível ou inesperada, terá um grau máximo de informatividade, podendo, à primeira vista, parecer incoerente por exigir do receptor um grande esforço de decodificação.

8.4.2.5.6. Focalização

É concentração do produtor e do receptor em apenas uma parte do seu conhecimento e com a perspectiva da qual são vistos os componentes do mundo contido no texto. O produtor fornece ao receptor pistas sobre o que está focalizando, ao passo que o receptor terá de recorrer a conhecimentos partilhados e crenças sobre o que está focalizando, para poder entender o texto (e as palavras que o compõem) de modo adequado.

8.4.2.5.7. Intertextualidade

Para o processamento cognitivo (produção/recepção) de um texto, é preciso recorrer ao **conhecimento prévio de outros textos**. A intertextualidade pode ser de *forma* ou de *conteúdo*: a *intertextualidade de forma* surge quando o produtor de um texto repete trechos, expressões ou enunciados de outros textos, ou então o estilo de determinado autor ou de determinados tipos de discurso; a *intertextualidade de conteúdo*, muito constante, surge quando os textos de uma mesma área de conhecimento, de uma mesma época, de uma mesma cultura etc. dialogam, necessariamente, uns com os outros.

Exemplos de intertextualidade de conteúdo são as matérias jornalísticas de um mesmo dia, quer do mesmo jornal, quer de jornais diferentes, quer, ainda, de revistas semanais, noticiários de rádio e TV, que dialogam entre si, ao tratarem de um fato em destaque.

8.4.2.5.8. Relevância

Para que um texto seja relevante, é preciso que o **conjunto de enunciados** que o compõe seja **relevante para um mesmo tópico discursivo** subjacente, isto é, que os enunciados sejam interpretáveis como falando sobre um mesmo tema.

8.5. PARÁFRASE, RESUMO E SÍNTESE

8.5.1. Paráfrase

É o **procedimento em que se restabelece a ideia de um texto em outro**. A paráfrase é uma atividade de reformulação pela qual se restaura bem ou mal, na totalidade ou em partes, fielmente ou não, o conteúdo de um texto-fonte num texto-derivado.

A paráfrase é, portanto, um enunciado que reformula um anterior e com o qual mantém uma relação de equivalência semântica.

A paráfrase sempre se remete a um texto anterior, para reafirmá-lo ou esclarecê-lo, criando, portanto, uma relação de intertextualidade.

Na paráfrase sempre se conservam as ideias do texto original. O que se incluem são comentários, ideias e impressões de quem faz a paráfrase. Parafrasear, então, é contar, com outras palavras, as ideias de um texto. Para isso, deve-se fazer uma leitura atenta e, em seguida, reafirmar o tema central do texto apresentado.

Camões escreveu um soneto em que parafraseia parte da história bíblica de Jacó e Raquel.

Vejamos o texto original e, em seguida, o soneto de Camões.

Gênesis — Capítulo 30[52]

1 Então pôs-se Jacó a caminho e chegou à terra dos filhos do Oriente.

2 E olhando, viu ali um poço no campo, e três rebanhos de ovelhas deitadas junto dele; pois desse poço se dava de beber aos rebanhos; e havia uma grande pedra sobre a boca do poço.

3 Ajuntavam-se ali todos os rebanhos; os pastores removiam a pedra da boca do poço, davam de beber às ovelhas e tornavam a pôr a pedra no seu lugar sobre a boca do poço.

4 Perguntou-lhes Jacó: Meus irmãos, donde sois? Responderam eles: Somos de Harã.

5 Perguntou-lhes mais: Conheceis a Labão, filho de Naor? Responderam: Conhecemos.

6 Perguntou-lhes ainda: Vai ele bem? Responderam: Vai bem; e eis ali Raquel, sua filha, que vem chegando com as ovelhas.

7 Disse ele: Eis que ainda vai alto o dia; não é hora de se ajuntar o gado; dai de beber às ovelhas, e ide apascentá-las.

8 Responderam: Não podemos, até que todos os rebanhos se ajuntem, e seja removida a pedra da boca do poço; assim é que damos de beber às ovelhas.
9 Enquanto Jacó ainda lhes falava, chegou Raquel com as ovelhas de seu pai; porquanto era ela quem as apascentava.
10 Quando Jacó viu a Raquel, filha de Labão, irmão de sua mãe, e as ovelhas de Labão, irmão de sua mãe, chegou-se, revolveu a pedra da boca do poço e deu de beber às ovelhas de Labão, irmão de sua mãe.
11 Então Jacó beijou a Raquel e, levantando a voz, chorou.
12 E Jacó anunciou a Raquel que ele era irmão de seu pai, e que era filho de Rebeca. Raquel, pois, foi correndo para anunciá-lo a seu pai.
13 Quando Labão ouviu essas novas de Jacó, filho de sua irmã, correu-lhe ao encontro, abraçou-o, beijou-o e o levou à sua casa. E Jacó relatou a Labão todas essas coisas.
14 Disse-lhe Labão: Verdadeiramente tu és meu osso e minha carne. E Jacó ficou com ele um mês inteiro.
15 Depois perguntou Labão a Jacó: Por seres meu irmão hás de servir-me de graça? Declara-me, qual será o teu salário?
16 Ora, Labão tinha duas filhas; o nome da mais velha era Lia, e o da mais moça Raquel.
17 Lia tinha os olhos enfermos, enquanto Raquel era formosa de porte e de semblante.
18 Jacó, porquanto amava a Raquel, disse: Sete anos te servirei para ter a Raquel, tua filha mais moça.
19 Respondeu Labão: Melhor é que eu a dê a ti do que a outro; fica comigo.
20 Assim serviu Jacó sete anos por causa de Raquel; e estes lhe pareciam como poucos dias, pelo muito que a amava.
21 Então Jacó disse a Labão: Dá-me minha mulher, porque o tempo já está cumprido; para que eu a tome por mulher.
22 Reuniu, pois, Labão todos os homens do lugar, e fez um banquete.
23 À tarde tomou a Lia, sua filha e a trouxe a Jacó, que esteve com ela.
24 E Labão deu sua serva Zilpa por serva a Lia, sua filha.
25 Quando amanheceu, eis que era Lia; pelo que perguntou Jacó a Labão: Que é isto que me fizeste? Porventura não te servi em troca de Raquel? Por que, então, me enganaste?
26 Respondeu Labão: Não se faz assim em nossa terra; não se dá a menor antes da primogênita.
27 Cumpre a semana desta; então te daremos também a outra, pelo trabalho de outros sete anos que ainda me servirás.
28 Assim fez Jacó, e cumpriu a semana de Lia; depois Labão lhe deu por mulher sua filha Raquel.
29 E Labão deu sua serva Bila por serva a Raquel, sua filha.

30 Então Jacó esteve também com Raquel; e amou a Raquel muito mais do que a Lia; e serviu com Labão ainda outros sete anos.
31 Viu, pois, o Senhor que Lia era desprezada e tornou-lhe fecunda a madre; Raquel, porém, era estéril.
32 E Lia concebeu e deu à luz um filho, a quem chamou Rúben; pois disse: Porque o Senhor atendeu à minha aflição; agora me amará meu marido.
33 Concebeu outra vez, e deu à luz um filho; e disse: Porquanto o Senhor ouviu que eu era desprezada, deu-me também este. E lhe chamou Simeão.
34 Concebeu ainda outra vez e deu à luz um filho e disse: Agora esta vez se unirá meu marido a mim, porque três filhos lhe tenho dado. Portanto lhe chamou Levi.
35 De novo concebeu e deu à luz um filho; e disse: Esta vez louvarei ao Senhor. Por isso lhe chamou Judá. E cessou de ter filhos.

Sete anos de pastor Jacob servia[53]
Camões

Sete anos de pastor Jacob servia
Labão, pai de Raquel, serrana bela;
Mas não servia ao pai, servia a ela,
E a ela só por prêmio pretendia.

Os dias, na esperança de um só dia,
Passava, contentando-se com vê-la;
Porém o pai, usando de cautela,
Em lugar de Raquel lhe dava Lia.

Vendo o triste pastor que com enganos
Lhe fora assim negada a sua pastora,
Como se a não tivera merecida;

Começa de servir outros sete anos,
Dizendo: — Mais servira, se não fora
Para tão longo amor tão curta a vida.

Na paráfrase de Camões, notamos que ele reconta uma parte do texto original.

8.5.2. Resumo

Resumo é uma **condensação fiel das ideias ou dos fatos contidos no texto**. Resumir um texto significa reduzi-lo ao seu esqueleto essencial sem perder de vista três elementos:

a) cada uma das partes essenciais do texto;
b) a progressão em que elas se sucedem;
c) a correlação que o texto estabelece entre cada uma dessas partes.

O resumo é, então, uma redução do texto original, procurando captar suas ideias essenciais, na progressão e no encadeamento em que aparecem no texto.

Para elaborar um bom resumo, é necessário compreender antes o conteúdo global do texto. Não é possível ir resumindo à medida que se vai fazendo a primeira leitura.

Resumir é apresentar, com as próprias palavras, os pontos relevantes de um texto. Quem resume deve exprimir, em estilo objetivo, os elementos essenciais do texto. Por isso não cabem, num resumo, comentários ou julgamentos ao que está sendo condensado. Muitas pessoas julgam que resumir é reproduzir frases ou partes de frases do texto original, construindo uma espécie de "colagem". *Essa "colagem" de fragmentos do texto original não é um resumo.*

É evidente que o grau de dificuldade para resumir um texto depende basicamente de dois fatores:

a) da complexidade do próprio texto (seu vocabulário, sua estruturação sintático-semântica, suas relações lógicas, o tipo de assunto tratado etc.);

b) da competência do leitor (seu grau de amadurecimento intelectual, o repertório de informações que possui, a familiaridade com os temas explorados).

Procedimentos para a elaboração de um resumo:

- Leitura silenciosa: ler uma vez o texto do começo ao fim. Já vimos que um texto não é um aglomerado de frases: sem ter noção do conjunto, é mais difícil entender o significado preciso de cada uma das partes. Essa primeira leitura deve ser feita com a preocupação de responder genericamente à seguinte pergunta: *do que trata o texto?*

- Segunda leitura (sempre necessária) com interrupções, para compreender melhor o significado de palavras difíceis (se preciso, recorra ao dicionário) e para captar o sentido de frases mais complexas (longas, com inversões, com elementos ocultos). Nessa leitura, deve-se ter a preocupação sobretudo de compreender bem o sentido das palavras relacionais, responsáveis pelo estabelecimento das conexões (assim, isto, isso, aquilo, aqui, lá, daí, seu, sua, ele, ela etc.).

- Terceiro momento: fazer uma segmentação do texto em blocos de ideias que tenham alguma unidade de significação. Ao resumir um texto pequeno, pode-se adotar como primeiro critério de segmentação a divisão em parágrafos. Pode ser que se encontre uma segmentação mais ajustada que a dos parágrafos, mas, como início de trabalho, o parágrafo pode ser um bom indicador. Quando se trata de um texto maior (o capítulo de um livro, por exemplo) é conveniente adotar um critério de segmentação mais funcional, o que vai depender de cada texto (as oposições entre os personagens, as oposições de espaço, de tempo). Em seguida, com palavras abstratas e mais abrangentes, tenta-se resumir a ideia ou as ideias centrais de cada fragmento.

- Redação final: com suas palavras, criar o resumo — procurando não só condensar os segmentos, mas encadeá-los na progressão em que se sucedem no texto e estabelecer as relações entre eles.

Observe o resumo do texto de Bertrand Russell[54] (abaixo), feito por Fiorin e Savioli.

"Na verdade, por que desejamos, quase todos nós, aumentar nossa renda? À primeira

vista, pode parecer que desejamos bens materiais. Mas, na verdade, os desejamos principalmente para impressionar o próximo. Quando um homem muda-se para uma casa maior num bairro melhor, reflete que gente de 'mais classe' visitará sua esposa, e que alguns pobretões deixarão de frequentar seu lar. Quando manda o filho a um bom colégio ou a uma universidade cara, consola-se das pesadas mensalidades e taxas pensando nas distinções sociais que tais escolas conferem a pais e filhos. Em toda cidade grande, seja na América ou na Europa, casas iguaizinhas a outras são mais caras num bairro que noutro, simplesmente porque o bairro é mais chique. Uma das nossas paixões mais potentes é o desejo de ser admirado e respeitado. No pé em que estão as coisas, a admiração e o respeito são conferidos aos que parecem ricos. Esta é a razão principal de as pessoas quererem ser ricas. Efetivamente, os bens adquiridos pelo dinheiro desempenham papel secundário. Vejamos, por exemplo, um milionário, que não consegue distinguir um quadro de outro, mas adquiriu uma galeria de antigos mestres com auxílio de peritos. O único prazer que lhe dão os quadros é pensar que se sabe quanto pagou por eles; pessoalmente, ele gozaria mais, pelo sentimento, se comprasse cromos de Natal, dos mais piegas, que, porém, não lhe satisfazem tanto a vaidade.

Tudo isso pode ser diferente, e o tem sido em muitas sociedades. Em épocas aristocráticas, os homens eram admirados pelo nascimento. Em alguns círculos de Paris, os homens são admirados pelo seu talento artístico ou literário, por estranho que pareça. Numa universidade teuta é possível que um homem seja admirado pelo seu saber. Na índia, os santos são admirados; na China, os sábios. O estudo dessas sociedades divergentes demonstra a correção de nossa análise, pois em todas encontramos grande percentagem de homens indiferentes ao dinheiro, contanto que tenham o suficiente para se sustentar, mas que desejam ardentemente a posse dos méritos pelos quais, no seu meio, se conquista o mérito."

Resumo do texto

I. Ideia geral do texto: Busca da admiração e do respeito, uma das fortes paixões do homem.

II. Segmentação do texto: Critério: tipo de objeto a ser adquirido.

1º parágrafo: aquisição dos bens materiais;

2º parágrafo: aquisição daquilo que é valorizado em cada época ou em cada sociedade.

III. Resumo das ideias de cada parte

a) busca da riqueza em nossa sociedade é busca do respeito e da admiração dos outros, porque isso é conferido a quem parece rico;

b) busca do que cada sociedade valoriza é busca da admiração e do respeito dos outros.

IV. Redação final

O homem cobiça a riqueza não para usufruir dos bens materiais que ela possibilita, mas para alcançar admiração e prestígio, uma das mais fortes paixões do homem.

Assim como nossa sociedade persegue a riqueza porque ela confere prestígio, outras perseguem outros indicadores de prestígio: o nascimento, o talento artístico, o saber, a santidade.[55]

Outro resumo

Texto n. 1 — Pesquisa Variacionista e Ensino: Discutindo o Preconceito Linguístico[56]

"Todos nós sabemos que, direta ou indiretamente, um dos maiores problemas do ensino de língua portuguesa passa pela questão do preconceito linguístico. Na maior parte das vezes, o ensino de gramática é feito de forma rígida, como se tudo fosse inerentemente errado. O ensino normativo tem o objetivo explícito de banir da(s) língua(s) formas ditas empobrecedoras, formas ditas desviantes, formas consideradas indignas de serem usadas por homens de bem. E, na perseguição deste objetivo (no sentido mais literal do termo), muitas vezes, e com frequência, banem-se da escola não as formas linguísticas consideradas indesejáveis, mas as pessoas que as produzem, porque estas formas são normalmente aquelas produzidas em maior quantidade pelas pessoas de classe social sem prestígio. As pessoas de classe prestigiada também produzem as formas consideradas indesejáveis, só, às vezes, em menor quantidade.

Em nome da boa língua, pratica-se a injustiça social, humilhando o ser humano por meio da não aceitação de um de seus bens culturais mais divinos: o domínio inconsciente e pleno de um sistema de comunicação próprio da comunidade ao seu redor. E mais do que isto: a escola e a sociedade da qual a escola é reflexo fazem associações sem qualquer respaldo linguístico objetivo entre domínio de determinadas formas linguísticas e elegância e deselegância; entre domínio de determinadas formas linguísticas e competência ou incompetência; entre domínio de determinadas formas linguísticas e inteligência e burrice (...).

Com que direito visões preconceituosas podem ser reforçadas? As questões que envolvem a linguagem não são simplesmente linguísticas; são, acima de tudo, ideológicas.

E a Sociolinguística produz fatos para colocar lenha na fogueira deste debate e particularmente no debate público sobre o preconceito linguístico, corroborado tacitamente pela maior parte dos membros de uma comunidade linguística. Sabe-se bem que, infelizmente, língua é também instrumento de poder; língua é também instrumento de dominação; língua é também instrumento de opressão. Ainda não vi, e gostaria de ver um dia (a utopia faz parte da vida), a língua ser usada como um real instrumento de libertação. (...)

Então, os resultados da pesquisa sociolinguística podem ser usados para a discussão do preconceito linguístico, apresentando fatos inquestionáveis, que evidenciam que as pessoas não estão simplesmente 'nocauteando a concordância', 'tropeçando' ou cometendo 'gafes', mas, sim, deixando seu vernáculo emergir numa situação de fala em que muitos não admitem que ela possa emergir. [William] Labov bem coloca que,

quando estamos completamente envolvidos com o conteúdo linguístico da nossa fala, deixamos de nos policiar e deixamos o vernáculo emergir, vernáculo este que muitas vezes não coincide com as formas codificadas e, ao longo do tempo, sentidas como as únicas formas legítimas por grande parte dos usuários da língua.

(...)

Relembro, todavia, que também não deveríamos perder de vista a possibilidade de podermos contribuir para a codificação de uma norma mais realística, mais interessante, que contemplasse valores diversos, que refletisse um pouco mais a nossa identidade linguística e que restituísse aos alunos o prazer de 'estudar português', dando vez à pluralidade de normas (...).

Finalizando, considero que, com os resultados que temos em mão, não temos o direito de nos omitir diante das situações concretas de preconceito linguístico. Mais do que isto: temos o dever de nos manifestar. É o exercício da cidadania!!! Transcrevo a seguir uma parte de minha primeira carta enviada ao *Correio Braziliense*, que reflete bem a minha visão a respeito do preconceito linguístico e de suas implicações perversas.

Para mim, igual ou pior do que o preconceito de religião, raça, cor, sexo, classe social (entre outros) é o preconceito linguístico, porque ele é sutil e, por razões históricas, corroborado pela maior parte da sociedade como algo natural. O preconceito cria a falsa ideia de que há uma língua melhor do que outra, de que há um dialeto melhor do que outro. Pior do que isto, cria também a falsa ideia de que quem domina as formas de prestígio é mais inteligente, mais capaz. (...)

Confundir discurso político com a língua de um povo é pensar esta língua como algo pequeno demais. E confundir forma de falar com competência ou com inteligência significa ver a língua apenas como instrumento de poder e de dominação, não como um poderoso instrumento de comunicação.

A língua de qualquer povo, em qualquer época, é um instrumento extremamente poderoso porque presta a múltiplas funções: transmitir mensagens objetivas, organizar o pensamento, expressar os desejos e as emoções, convencer os outros, estabelecer contatos (...) e até mudar o estado das coisas, ou seja, até 'realizar atos'. Mas este precioso instrumento também pode servir a instintos nada nobres: pode servir para oprimir, para discriminar, para enganar, para mentir, e até (infelizmente) para alijar o ser humano do meio produtivo."

Exemplo de resumo[57]

(texto original, sem correção)

Maria Marta Pereira Scherre, no texto "Pesquisa Variacionista e Ensino: Discutindo o Preconceito linguístico" (Pesquisa e Ensino da Língua: contribuições sociolinguística, UFRJ/CNPq. Rio de Janeiro. 1996), faz uma reflexão acerca do que entende como "preconceito linguístico": a imposição, nas escolas, da chamada norma culta como forma de manutenção do "status quo" é um dos mais aviltantes meios de preconceito

social, vez que expressões linguísticas consideradas inaceitáveis — e quem as produz — são relegadas a uma casta inferior.

Essa imposição é feita de maneira sutil no intuito de esconder sua ferocidade: a "boa língua" vai sendo instalada lenta, mas constantemente, sufocando "desvios" até que dois blocos sejam compostos: o primeiro, formado por aqueles que apreenderam as minúcias da regra, usando-as a seu favor; o segundo, pelos que não se enquadraram, cujo destino é servir ao primeiro.

Segundo a visão sociolínguista, está-se perdendo a perspectiva da finalidade da língua, a comunicação, em primazia da forma como essa comunicação é feita, como se fazer a concordância fosse mais importante do que saber com o que se está concordando.

A autora conclui não pelo fim das regras, mas que elas sejam feitas considerando-se a riqueza, a pluralidade dos falares, tornando o seu estudo interessante justamente por refletir essa gama de variações linguísticas. De outra forma, a língua nada mais será senão um instrumento (letal) de dominação, deixando a comunicação num plano insignificante.

8.5.3. Síntese

A síntese de texto é um tipo de arranjo especial: **consiste em reproduzir, em poucas palavras, o que o autor expressou amplamente**. Assim, devem ser aproveitadas apenas as ideias principais, deixando-se de lado tudo o que desempenha papel secundário.

A síntese **trabalha basicamente com as palavras-chave ou ideias-chave**[58] do texto.

Vejamos um texto:

> O abolicionismo, que logrou pôr fim à escravidão nas Antilhas Britânicas, teve peso ponderável na política antinegreira dos governos britânicos durante a primeira metade do século passado. Mas tiveram peso também os interesses capitalistas, comerciais e industriais, que desejavam expandir o mercado ultramarino de produtos industriais e viam na inevitável miséria do trabalhador escravo um obstáculo para este desiderato.[59]

E suas (possíveis) sínteses:

- *Síntese esquemática* — representada por um esquema linguístico, ou mapa mental:

Abolicionismo + interesses capitalistas = fim da escravidão.

- *Síntese frásica* — representada por um período completo:

Abolicionismo e interesses capitalistas juntam-se para colocar fim à escravidão.

8.6. INFERÊNCIA

A compreensão total de um texto está vinculada à necessidade de que sejam realizadas inferências: **operações mentais por meio das quais, empregando o conhecimento prévio de que dispomos, estabelecemos alguns vínculos implícitos entre as frases ou trechos do texto** que procuramos interpretar.

A inferência também pode ser chamada de **depreensão, dedução ou conclusão**.

As palavras podem ter caráter polissêmico, mas — no texto — só podem assumir sentidos autorizados pelo contexto. E para chegar a esses sentidos autorizados o leitor utiliza-se do raciocínio lógico verbal.

Raciocínios são operações mentais que caminham do mais conhecido para o menos conhecido, partem de pressupostos e chegam a uma conclusão. São operações discursivas, por transitar de uma ideia para outra, passando por intermediários e exigindo o uso da palavra; encadeiam logicamente juízos e deles tiram uma conclusão. O raciocínio concretiza-se no argumento, formalizando-se no silogismo.

O silogismo, segundo o *aristotelismo*, é um raciocínio dedutivo formalmente estruturado a partir de duas proposições (chamadas premissas), das quais se obtém — por inferência — necessariamente uma terceira, que será chamada de conclusão. Tem-se, então, um silogismo no seguinte raciocínio:

Todas as aves têm penas.

O pinguim é uma ave.

Logo: o pinguim tem penas.

Os textos autorizam algumas inferências a partir de informações neles contidas, que — quando articuladas entre si — revelam conclusões coerentes implícitas em marcas textuais.

A estrutura linguística do texto fornece *todas* as informações necessárias para que se compreenda um conteúdo pressuposto. A interpretação se faz captando essas informações e ligando-as de maneira lógica a fim de se obter sentido.

■ 8.7. QUESTÕES

Texto para a questão 1.

(...) em volta das bicas era um zunzum crescente; uma aglomeração tumultuosa de machos e fêmeas. Uns após outros, lavavam a cara, incomodamente, debaixo do fio de água que escorria da altura de uns cinco palmos. O chão inundava-se. As mulheres precisavam já prender as saias entre as coxas para não as molhar, via-se-lhes a tostada nudez dos braços e do pescoço que elas despiam suspendendo o cabelo todo para o alto do casco; os homens, esses não se preocupavam em não molhar o pelo, ao contrário metiam a cabeça bem debaixo da água e esfregavam com força as ventas e as barbas, fossando e fungando contra as palmas das mãos. As portas das latrinas não descansavam, era um abrir e fechar de cada instante, um entrar e sair sem tréguas. Não se demoravam lá dentro e vinham ainda amarrando as calças ou saias; as crianças não se davam ao trabalho de lá ir, despachavam-se ali mesmo, no capinzal dos fundos, por detrás da estalagem ou no recanto das hortas.

(Aluísio Azevedo, *O Cortiço*)

1. O fragmento acima pode ser considerado:

a) narrativo, pois ocorre entre seus enunciados uma progressão temporal de modo que um pode ser considerado anterior ao outro.

b) um típico fragmento dissertativo em que se observam muitos argumentos.
c) descritivo, pois não ocorre entre os enunciados uma progressão temporal: um enunciado não pode ser considerado anterior ao outro.
d) descritivo, pois os argumentos apresentados são objetivos e subjetivos.

Resposta: "c". O texto apresenta as características da descrição: ausência de progressão temporal e verbos no pretérito imperfeito; não há mudança de estado.

Texto para a questão 2.

Filosofia dos Epitáfios

Saí, afastando-me dos grupos e fingindo ler os epitáfios. E, aliás, gosto dos epitáfios; eles são, entre a gente civilizada, uma expressão daquele pio e secreto egoísmo que induz o homem a arrancar à morte um farrapo ao menos da sombra que passou. Daí vem, talvez, a tristeza inconsolável dos que sabem os seus mortos na vala comum; parece-lhes que a podridão anônima os alcança a eles mesmos.

(Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*)

2. Do ponto de vista da composição, é correto afirmar que o capítulo "Filosofia dos Epitáfios"

a) é predominantemente dissertativo, servindo os dados do enredo do ambiente como fundo para a digressão.
b) é predominantemente descritivo, com a suspensão do curso da história dando lugar à construção do cenário.
c) equilibra em harmonia narração e descrição, à medida que faz avançar a história e cria o cenário de sua ambientação.
d) é predominantemente narrativo, visto que o narrador evoca os acontecimentos que marcaram sua saída.

Resposta: "a". O texto começa com uma frase narrativa, para logo em seguida mudar para a dissertação: verbo no presente, progressão temática, apresentação e discussão de uma ideia.

Leia o texto abaixo para responder à questão 3.

É universalmente aceito o fato de que sai mais cara a reparação das perdas por acidentes de trabalho que o investimento em sua prevenção. Mas, então, por que eles ocorrem com tanta frequência?

Falta, evidentemente, fiscalização. Constatar tal fato exige apenas o trabalho de observar obras de engenharia civil, ao longo de qualquer trajeto por ônibus ou por carro na cidade. E quem poderia suprir as deficiências da fiscalização oficial — os sindicatos patronais ou de empregados — não o faz; se não for por um conformismo cruel, a tomar por fatalidade o que é perfeitamente possível de prevenir, terá sido por nosso baixo nível de organização e escasso interesse pela filiação a entidades de classe, ou por desvio dessas de seus interesses primordiais.

Falta também a educação básica, prévia a qualquer treinamento: com a baixíssima escolaridade do trabalhador brasileiro, não há compreensão suficiente da necessidade e benefício dos equipamentos de segurança, assim como da mais simples mensagem ou de um manual de instruções.

E há, enfim, o fenômeno recente da terceirização, que pode estar funcionando às avessas, ao propiciar o surgimento e a multiplicação de empresas fantasmas de serviços, que contratam a primeira mão de obra disponível, em vez de selecionar e de oferecer mão de obra especializada.

(*O Estado de S.Paulo*, 22.02.1998, adaptado)

3. Assinale a opção que apresenta as palavras-chave do texto.

a) aceitação universal — constatação — benefício — escolaridade
b) investimento em prevenção — deficiências — entidades — equipamentos
c) falta de fiscalização — organização — benefício — mão de obra
d) prevenção de acidentes — fiscalização — educação — terceirização
e) crescimento — conformismo — treinamento — empresas

Resposta: "d". Veja a frase síntese de cada parágrafo, nelas estão contidas as palavras-chave: 1º parágrafo: "É universalmente... investimento em sua prevenção."; 2º parágrafo: "Falta, evidentemente, fiscalização."; 3º parágrafo: "Falta também a educação básica,"; 4º parágrafo: "E há, enfim, o fenômeno recente da terceirização,".

4. As propostas abaixo dão seguimento coerente e lógico ao trecho citado, *exceto* uma delas. Aponte-a:

Provavelmente devido à proximidade com os perigos e a morte, os marinheiros dos séculos XV e XVI eram muito religiosos. Praticavam um tipo de religião popular em que os conhecimentos teológicos eram mínimos e as superstições muitas.

(Janaína Amado, com cortes e adaptações)

a) Entre essas, figuravam o medo de zarpar numa sexta-feira e o de olhar fixamente para o mar à meia-noite.
b) Cristóvão Colombo, talvez o mais religioso entre todos os navegantes, costumava antepor a cada coisa que faria os dizeres: "Em nome da Santíssima Trindade farei isto".
c) Apesar disso, os instrumentos náuticos representaram progressos para a navegação oceânica, facilitando a tarefa de pilotos e aumentando a segurança e confiabilidade das rotas e viagens.
d) Nos navios, que não raro transportavam padres, promoviam-se rezas coletivas várias vezes ao dia e, nos fins de semana, serviços religiosos especiais.
e) Constituíam expressão de religiosidade dos marinheiros constantes promessas aos santos, individuais ou coletivas.

Resposta: "c". O texto trata da religião ligada às superstições, por isso para darmos continuidade a ele precisamos continuar a tratar desses dois assuntos. O item c fala da segurança das viagens, o que contraria a ideia do texto.

5. Numere o conjunto de sentenças de acordo com o primeiro, de modo que cada par forme uma sequência coesa e lógica. Identifique, em seguida, a letra da sequência numérica correta *(Baseado em Délio Maranhão).*

(1) Cumpre, inicialmente, distinguir a higiene do trabalho da segurança do trabalho.

(2) Na evolução por que passou a teoria do risco profissional, abandonou-se o trabalho profissional como ponto de referência para colocar-se, em seu lugar, a atividade

empresarial.

(3) Há que se fazer a distinção entre acidentes do trabalho e doença do trabalho.

(4) O Direito do Trabalho reconhece a importância da função da mulher no lar.

(5) Motivos de ordem biológica, moral, social e econômica encontram-se na base da regulamentação legal do trabalho do menor.

( ) A culminação desse processo evolutivo encontra-se no conceito de risco social e na ideia correlata de responsabilidade social.

( ) Daí as restrições da jornada normal e ao trabalho noturno.

( ) A necessidade de trabalhar não deve prejudicar o normal desenvolvimento de seu organismo.

( ) Enquanto esta é inerente a determinados ramos de atividade, os primeiros são aqueles que ocorrem pelo exercício do trabalho, provocando lesão corporal.

( ) Constitui aquela o conjunto de princípios e regras destinados a preservar a saúde do trabalhador.

A sequência numérica correta é:

a) 1, 3, 4, 5, 2
b) 3, 2, 1, 5, 4
c) 2, 5, 3, 1, 4
d) 5, 1, 4, 3, 2
e) 2, 4, 5, 3, 1

Resposta: "e". O que resolve essa questão é a observação das palavras-chave encontradas nos seguimentos numerados: 1) higiene e segurança — que se liga a "Constitui aquela o conjunto..."; 2) evolução da teoria do risco profissional — que se liga a "A culminação desse processo evolutivo..."; 3) acidentes e doença do trabalho — que se liga a "Enquanto esta é inerente..."; 4) função da mulher, que se liga a "Daí a restrição..."; 5) trabalho do menor, que se liga a "A necessidade de trabalhar...".

6. Indique a ordenação dos fragmentos abaixo que produz um texto coeso e coerente:

1. O homem trabalha de acordo com seus conhecimentos.

2. Mas tem vezes que ele pensa em realizar uma obra e vem o destino e a transforma em outra diferente.

3. Mudou a política e a obra, ainda inacabada, foi aproveitada para outra finalidade.

4. O bocado não é para quem o faz, mas sim para quem o logra.

5. Veja o caso da construção do Instituto de Tecnologia da Universidade de Brasília.

6. Realiza muitos trabalhos importantes e, às vezes, com a sua capacidade, deixa um marco para sempre, no qual fica o seu nome.

a) 4 — 5 — 6 — 2 — 3 — 1
b) 1 — 2 — 3 — 4 — 5 — 6
c) 5 — 6 — 1 — 3 — 2 — 4
d) 1 — 6 — 2 — 5 — 3 — 4
e) 4 — 1 — 5 — 2 — 6 — 3

Resposta: “d”. Aqui podemos encontrar pares de frases: 1 e 6 são pares, depois vem a adversidade dada pelo item 2; na sequência utiliza-se um exemplo: 5-3; e se encerra com um ditado popular, ou seja “a moral da história”: 4 — “O bocado não é para quem o faz, mas sim para quem o logra.”

7. Para que o texto abaixo apresente coesão, coerência de ideias e progressão temática, é necessária a inserção de dois dos trechos nomeados a seguir como (A), (B) e (C) nos espaços [*] e [**].

Metade dos postos de trabalho com carteira assinada já é preenchida por profissionais que têm, no mínimo, o ensino médio. Para os cargos mais altos, as exigências estão aumentando.

[*]

Os trabalhadores permanecem em emprego menos qualificado durante o período em que estão estudando e, depois de formados, sentem-se preparados para tentar um posto mais elevado.

Essa nova leva de trabalhadores já é conhecida como a “geração do canudo”. Educar a força de trabalho constitui um dos maiores desafios de qualquer país e era uma grande trava ao desenvolvimento do Brasil.

[**]

A compensação pode ser confirmada nos contracheques. Em valores reais, o salário dos executivos triplicou nas últimas décadas.

(*Veja Especial*, maio de 2002, com adaptações)

A) Tanto que a qualificação para as funções de alta gerência e de diretoria requer dezessete anos de estudo, dois a mais do que era requisitado dos diretores de empresas brasileiras no passado.

B) Por isso, com o desenvolvimento da economia, que vai diferençar as pessoas, seja os operários controlando máquinas pesadas, seja os altos executivos dirigindo multinacionais, é o investimento na prática que neutraliza as lacunas da graduação.

C) Nos anos 80, a mão de obra tinha, em média, três anos de estudo. Atualmente os trabalhadores brasileiros estudam cerca de cinco anos. Continuam entre os menos instruídos e os menos produtivos do mundo, mas a curva de educação é ascendente.

Deve-se inserir, respectivamente, em [*] e [**]:

a) A e B
b) A e C
c) B e C
d) B e A
e) C e B

Resposta: “b”. Note-se que o texto trata de trabalho e educação: a educação melhorando a qualidade do trabalho; assim podemos logo descartar a letra B, que diz ser o “investimento na prática” mais importante que a graduação — isso contraria a ideia central do texto dado. Se olharmos as opções a serem assinaladas, a única que não traz o item B é “b”.

8. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os e

assinale, entre as opções abaixo, a sequência que recompõe o texto, com coesão e coerência.

( ) Por esse sistema, chamado de Emissão de Cupom Fiscal (ECF), o cliente recebe a nota fiscal imediatamente e, ao mesmo tempo, o aparelho mantém em seus arquivos os valores das compras, que são informados posteriormente aos órgãos responsáveis pela arrecadação nos estados.

( ) Além disso, reduz a burocracia que existe atualmente para que os estados tenham acesso a essas informações. Os dados serão mantidos em meio eletrônico pelas administrações estaduais e compartilhados com a Receita Federal em uma rede interna.

( ) Por determinação das secretarias de Fazenda dos estados, lojas de todo o país estão instalando máquinas que já emitem o boleto do cartão em uma fatura com efeito de nota fiscal.

( ) Para a fiscalização da Receita, a vantagem será contar com mais subsídios para fazer o cruzamento de dados das empresas e dos contribuintes. O Fisco terá acesso às informações declaradas pelos contribuintes, pelas administradoras de cartão e pelo comércio no Imposto de Renda.

( ) Essa modernização do sistema de arrecadação do ICMS estadual reduz ainda a antiga preocupação com a emissão de notas fiscais falsas por parte das empresas, porque a mesma nota que está sendo emitida para o cliente já tem valor fiscal.

(Adaptado de Sistema eletrônico para facilitar a arrecadação,

Vivian Oswald, *O Globo*, 29.07.2002)

a) 1, 4, 5, 3, 2
b) 2, 5, 4, 3, 1
c) 2, 4, 1, 5, 3
d) 3, 5, 4, 2, 1
e) 5, 1, 4, 2, 3

Resposta: "c". De todos os fragmentos dados, o único que não apresenta elemento coesivo de retomada é o terceiro fragmento, por isso ele é o único que pode iniciar o texto: ( ) Por esse sistema... ( ) Além disso,... (1) Por determinação das secretarias... ( ) Para a fiscalização da Receita,... ( ) Essa modernização...

9. Indique a ordem em que os períodos devem-se organizar no texto, de modo a preservar-lhe a coesão e coerência.

1. Neste momento grave, em que símbolos nacionais são manipulados por um governo em descrédito, cabe sim zelar para que sejam respeitados; isso não pode, no entanto, servir de pretexto para restringir manifestações artísticas e de pensamento.

2. No Festival de Gramado (RS), a Procuradoria da República proibiu a execução do hino nacional na trilha sonora de um filme com cenas de sexo. Em são José do Rio Preto (SP), a PM obrigou a retirada de bandeira com tarja negra de uma sacada.

3. Dois episódios recentes vieram alertar para o risco de preocupações legítimas com o respeito a símbolos nacionais acabarem deturpadas em restrição à liberdade de expressão.

4. É discutível, desde logo, que tenha havido ofensa substantiva ao hino ou à bandeira. Muito mais importante, porém, é assinalar que tais medidas implicam limites ao direito de expressão protegido pela Constituição.

5. Nos EUA, por exemplo, mesmo o ato de queimar a bandeira foi considerado pela Suprema Corte uma manifestação amparada pela Lei Maior.

(*Folha de S.Paulo*, 24.08.1992)

a) 3, 2, 5, 1, 4.
b) 2, 4, 3, 5, 1.
c) 2, 4, 5, 1, 3.
d) 1, 5, 3, 2, 4.
e) 3, 2, 4, 5, 1.

Resposta: "e". Vejamos os elementos coesivos de cada item numerado: 1) Neste momento grave... — isso representa o fechamento da ideia; 2) No Festival de Gramado... — é exemplo para "Dois episódios..."; 3) Dois episódios recentes... — há a apresentação de um dado com a antecipação de que se darão dois exemplos; 4) É discutível... — comenta os acontecimentos com o hino e a bandeira; 5) Nos EUA,... — compara com os acontecimentos ocorridos no Brasil.

10. Numere os períodos na ordem em que formem um texto coeso e coerente, e marque o item correspondente.

( ) Essa mudança é trazida pela nova Medida Provisória (MP) do Cadastro Informativo de Créditos não Quitados (Cadin).

( ) Esse esforço se traduz na modificação de um dispositivo legal que torna mais atraente às empresas a desistência de algumas ações judiciais que são, na verdade, casos considerados perdidos.

( ) O que a Fazenda Nacional quer com essa nova redação é transformar em caixa os valores depositados em juízo pelas empresas nas batalhas judiciais que já tiveram decisão desfavorável ao contribuinte em julgamento no Supremo Tribunal Federal.

( ) De acordo com a nova redação do artigo 32 dessa Medida Provisória, a Fazenda Nacional abre mão de seus honorários (10% a 15% sobre os valores envolvidos nas ações perdidas) caso as empresas desistam de algumas brigas tributárias contra a União.

( ) A Fazenda Nacional está investindo em mais uma arma para reduzir o volume de ações tributárias na Justiça.

(*Gazeta Mercantil*, 17.07.1997, com adaptações)

a) 5, 3, 1, 2, 4
b) 2, 4, 3, 1, 5
c) 5, 2, 3, 1, 4
d) 3, 2, 5, 4, 1
e) 4, 1, 5, 3, 2

Resposta: "d". Note que o único trecho que não traz elemento coesivo de retomada é o último: ( ) Essa mudança...; ( ) ... essa nova redação...; ( ) ... dessa Medida Provisória...; (1) A

Fazenda Nacional está investindo em mais uma arma para reduzir o volume de ações tributárias na Justiça.

11. Assinale o item que tem a ordem correta para a formação de um parágrafo coeso e coerente.

1. Inicialmente estão as de caráter assistencial e previdenciário, no sentido amplo de ambos abrangendo os domínios da saúde, da educação, da habitação popular e do transporte.

2. Tal intervenção deverá se fazer sem nenhum preconceito, tanto no que tange às formas superficiais ou socialmente responsáveis de contestação de qualquer atuação produtiva do Estado, como ao revés, no que tange aos mitos de que a ampliação da ação produtiva do Estado implica sempre a elevação da taxa de bem-estar e da equidade social.

3. E, em seguida, as de caráter empregatício, assegurando, através do Serviço Nacional, emprego aos que não logrem sua absorção pelo mercado de trabalho.

4. A intervenção direta do setor público abrange uma ampla gama de demandas e atividades. No fundamental, essas atividades são de duas ordens.

5. Além dessas formas de atuação há também a intervenção direta do Estado na atividade produtiva, inclusive agrária, para suprir e corrigir deficiências do setor privado.

(Hélio Jaguaribe)

a) 5-2-3-4-1
b) 4-1-3-5-2
c) 1-3-5-2-4
d) 3-5-2-1-4
e) 2-4-1-3-5

Resposta: "b". Vejamos os elementos coesivos de retomada: 1) ... as de caráter...; 2) Tal intervenção...; 3) E, em seguida,...; 4) A intervenção direta do setor público abrange uma ampla gama de demandas e atividades. No fundamental, essas atividades são de duas ordens; 5) Além dessas formas... — o único item que não traz elemento coesivo de retomada é o item 4, por isso ele deve iniciar o texto.

12. Indique a ordem em que as questões devem se organizar no texto, de modo a preservar-lhe a coesão e coerência.

1. O País não é um velho senhor desencantado com a vida que trata de acomodar-se.

2. O Brasil tem memória curta.

3. É mais como um desses milhões de jovens malnascidos cujo único dote é um ego dominante e predador, que o impele para a frente e para cima, impedindo que a miséria onde nasceu e cresceu lhe sirva de freio.

4. "Não lembro", responde, "faz muito tempo".

5. Lembra o personagem de Humphrey Bogart em Casablanca, quando lhe perguntaram o que fizera na noite anterior.

6. Mas esta memória curta, de que políticos e jornalistas reclamam tanto, não é, como no caso de Bogart, uma tentativa de esquecer os lances mais penosos de seu passado, um

conjunto de desilusões e perdas que leva ao cinismo e à indiferença.

(José Onofre)

a) 1, 2, 6, 5, 4, 3
b) 2, 5, 4, 6, 3, 1
c) 2, 6, 1, 3, 5, 4
d) 1, 5, 4, 6, 3, 2
e) 2, 5, 4, 1, 6, 3

*Resposta: "*b". 1) O País... — para usar a palavra País com letra maiúscula no meio do texto substituindo o nome próprio do país, eu preciso anteriormente ter citado o nome próprio do país, então esse item não inicia o texto; 2) Brasil tem memória curta. — essa é uma afirmação que pressupõe uma explicação, ou seja, algo posterior que lhe elucide o sentido, por isso pode iniciar o texto; 3) É mais como... — note que o verbo inicial apresenta sujeito oculto, assim sendo não poderia iniciar um texto, pois ficaria sem referente; 4) Não lembro, responde,... — "responde" necessita obrigatoriamente de uma pergunta, que está no item "5) Lembra o personagem...", então 5 vem antes de 4; 6) Mas esta memória curta (...) não é como no caso de Bogart... — esse item deve aparecer depois de "2" e antes de "5-4", pois utiliza o termo "Bogart" com certa intimidade, isto é, o personagem já fora apresentado (item 5 — Humphrey Bogart, em Casablanca).

13. Assinale a ordem em que os fragmentos a seguir devem ser dispostos para se obter um texto com coesão, coerência e correta progressão de ideias.

1. Não apenas os manuais de história, mas todas as práticas educativas da escola são transmitidas a partir de uma visão etnocêntrica.
2. O sistema escolar brasileiro ignora a multiplicidade de etnias que habita o País.
3. A escola brasileira é branca não porque a maioria dos negros está fora dela.
4. Deve-se incluir na justificação da evasão escolar a violência com que se agride a dimensão étnica dos alunos negros.
5. Estes, se querem permanecer na escola branca, têm de afastar de si marcas culturais e históricas.
6. É branca porque existe a partir de um ponto de vista branco.

a) 1, 3, 6, 5, 2, 4.
b) 1, 2, 3, 6, 5, 4.
c) 4, 5, 2, 1, 6, 3.
d) 2, 1, 3, 5, 4, 6.
e) 2, 1, 3, 6, 4, 5.

Resposta: "e". Nessa questão há várias possibilidades de "início" para o texto, porém podemos resolvê-la observando os pares lógicos de frases, e fazendo "eliminações" pelo gabarito: 3-6 são pares lógicos, não podem ser separados; 4-5 são pares lógicos, não podem ser separados. A única opção do gabarito em que se veem as sequências 3-6 e 4-5 é a opção "e" (Veja que *poderíamos* montar o texto com 3-6 depois 4-5, ou 4-5 depois 3-6).

14. Assinale a ordem em que os fragmentos abaixo devem ser dispostos para se obter um texto com coesão, coerência e correta progressão de ideias.

1. Cada vez mais surgem grupos de pessoas e entidades interessadas em recolher alimentos e distribuí-los aos 32 milhões de brasileiros que passam fome.

2. É o que demonstra a Campanha contra a Fome, lançada e incentivada pelo sociólogo Herbert de Souza.

3. Consideradas as coisas sob outro prisma, constata-se que os brasileiros não estão entregues ao imobilismo e à apatia.

4. Na visão dominante, o Brasil, por todos os seus problemas, é considerado um país inviável.

5. Agir contra a miséria é uma atitude nobre e generosa, que demonstra quanto o cidadão pode e quer fazer para melhorar a situação do Brasil.

a) 5, 2, 1, 3, 4.
b) 5, 1, 3, 2, 4.
c) 1, 2, 5, 4, 3.
d) 4, 2, 1, 3, 5.
e) 4, 3, 2, 1, 5.

Resposta: "e". Notem-se as ligações lógicas: 4+3; 1+5; 4,3+2 etc.

15. Na Idade Média, ao contrário da festa oficial, o carnaval era o triunfo de uma espécie de liberação temporária da verdade dominante do regime vigente, da abolição provisória de todas as relações hierárquicas, privilégios e tabus.

(M. Bakhtin, ***A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*****,**

São Paulo, Hucitec Brasília, Ed. da UnB, 1987)

Indique o item em que as festas oficiais da Idade Média são caracterizadas de acordo com o que se depreende do texto acima.

a) Nessas festas, elaboravam-se formas especiais de comunicação, francas e irrestritas, impregnadas de uma simbologia da alegre relatividade das verdades e autoridades no poder.
b) Essas festas tinham por finalidade a consagração da desigualdade; nelas, as distinções hierárquicas destacavam-se intencionalmente.
c) Eram autênticas festas do tempo futuro, das alternâncias e renovações.
d) Essas festas opunham-se a toda perpetuação, a toda regulamentação e aperfeiçoamento, apontavam para um ideal utópico.
e) Contrastando com a excepcional segmentação em estados e corporações da vida diária, essas festividades sustavam a aplicação dos códigos correntes de etiqueta e comportamento.

Resposta: "b". O texto trata do carnaval na Idade Média e afirma que "ao contrário da festa oficial" ele era a liberação de hierarquias, privilégios e tabus. O enunciado pede que assinalemos uma opção que trate das FESTAS OFICIAIS. Se o texto afirma "ao contrário da festa oficial, o carnaval era o triunfo de uma liberação...", podemos depreender que a "festa oficial prezava por "hierarquias, privilégios e tabus".

16. Marque o item que *não* está de acordo com as ideias do texto.

Cientistas de diversos países decidiram abraçar, em 1990, um projeto ambicioso: identificar todo o código genético contido nas células humanas (cerca de três bilhões de caracteres). O objetivo principal de tal iniciativa é compreender melhor o funcionamento da vida, e, consequentemente, a forma mais eficaz de curar as doenças que nos ameaçam. Como é esse código que define como somos, desde a cor dos cabelos até o tamanho dos pés, o trabalho com amostras genéticas colhidas em várias partes do mundo está ajudando também a entender as diferenças entre as etnias humanas. Chamado de Projeto Genoma Humano, desde o seu início ele não parou de produzir novidades científicas. A mais importante delas é a confirmação de que o homem surgiu realmente na África e se espalhou pelo resto do planeta. A pesquisa contribuiu também para derrubar velhas teorias sobre a superioridade racial e está provando que o racismo não tem nenhuma base científica. É mais uma construção social e cultural. O que percebemos como diferenças raciais são apenas adaptações biológicas às condições geográficas. Originalmente o ser humano é um só.

(*IstoÉ*, 15.01.1997)

a) O Projeto Genoma Humano tem como objetivo primordial reconhecer as diferenças entre as várias raças do mundo.
b) O ser humano tem uma estrutura única independente de etnia e as diferenças raciais provêm da necessidade de adaptação às condições geográficas.
c) O código genético determina as características de cada ser humano, e conhecer esse código levará os cientistas a controlarem doenças.
d) As amostras para a pesquisa do Projeto Genoma Humano estão sendo colhidas em diversas partes do mundo.
e) O racismo não tem fundamento científico; é um fenômeno que se forma apoiado em estruturas sociais e culturais.

Resposta: “a”. O texto afirma que o conceito de “raça” não existe, por isso não podemos afirmar que “a) O Projeto Genoma Humano tem como objetivo primordial reconhecer as diferenças entre as várias raças do mundo”.

17. A alternativa que substitui, correta e respectivamente, as conjunções ou locuções grifadas nos períodos abaixo é:

I. Visto que pretende deixar-nos, preparamos uma festa de despedida.

II. Terá sucesso, contanto que tenha amigos influentes.

III. Casaram-se e viveram felizes, tudo como estava escrito nas estrelas.

IV. Foi transferido, portanto não nos veremos com muita frequência.

a) porque, mesmo que, segundo, ainda que.
b) como, desde que, conforme, logo.
c) quando, caso, segundo, tão logo.
d) salvo se, a menos que, conforme, pois.
e) pois, mesmo que, segundo, entretanto.

Resposta: “b”. Para resolver essa questão devemos conhecer as conjunções para saber quais delas podem ser classificadas da mesma maneira, ou seja, reconhecer cada grupo: I — visto que = causal; II — contanto que = condicional; III — como = conformativa; IV — portanto = conclusiva. A mesma sequência está em b) como (causal), desde que (condicional), conforme

(conformativa), logo (conclusiva). Estude as conjunções, elas são muito importantes para se perceber as relações sintáticas entre as ideias do texto.

18. Assinale a alternativa em que o pronome relativo "onde" obedece aos princípios da língua culta escrita.

a) Os fonemas de uma língua costumam ser representados por uma série de sinais gráficos denominados letras, onde o conjunto delas forma a palavra.
b) Todos ficam aflitos no momento da apuração, onde será conhecida a escola campeã.
c) Foi discutida a pequena carga horária de aulas de Cálculo e Física, onde todos concordaram e desejam mais aulas.
d) Não se pode ferir um direito constitucional onde visa a garantir a educação pública e gratuita para todos.
e) Não se descobriu o esconderijo onde os sequestradores o deixaram durante esses meses todos.

Resposta: "e". O pronome "onde" só pode indicar "lugar".

19. Nos períodos abaixo, as orações sublinhadas estabelecem relações sintáticas e de sentido com outras orações.

I. Eles compunham uma grande coleção, que foi se dispersando à medida que seus filhos se casavam, levando cada qual um lote de herança. (PROPORCIONALIDADE)

II. Mal se sentou na cadeira presidencial, Itamar Franco passou a ver conspirações. (MODO)

III. Nunca foi professor da UnB, mas por ela se aposentou. (CONTRARIEDADE)

IV. Mesmo que tenham sido só esses dois, (...) já não se configuraria a roubalheira (...)? (CONCESSÃO)

A classificação dessas relações está correta somente nos períodos

a) I, II e III
b) II e IV
c) I e III
d) II, III e IV
e) I, III e IV

Resposta: "e". Mal — conjunção temporal: Mal se sentou = logo que se sentou, assim que se sentou. Em língua portuguesa não existem conjunções de "modo".

20. Assinale a única conjunção *incorreta* para completar a lacuna do texto.

A partir do ofício enviado pelo fisco, começou-se a levantar informações sobre a sonegação de imposto de renda no mundo do esporte no Brasil. "O futebol já é o quarto maior mercado de capitais do mundo", diz Ives Gandra Martins, advogado tributarista e conselheiro do São Paulo Futebol Clube, _____ só agora a Receita começa a prestar atenção nos jogadores. Em outros países não é assim. Nos Estados Unidos, ano passado, a contribuição fiscal do astro do basquete Michael Jordan chegou a 20,8 milhões de dólares.

(*Exame*, 27.08.1997)

a) todavia
b) conquanto

c) entretanto
d) não obstante
e) no entanto

Resposta: “b”. Conquanto é conjunção concessiva; todas as outras são adversativas: todavia, entretanto, não obstante e no entanto. Assim, a única que não pode ocupar o espaço do texto é a única que não pertence ao grupo das adversativas.

21. Escreva diante de cada texto, adaptado de Aliomar Baleeiro, o número do operador lógico abaixo que preenche corretamente a lacuna:

( ) É característica da taxa a especialização do serviço em proveito direto ou por ato do contribuinte, _____, na aplicação do imposto, não se procura apurar se há qualquer interesse, direto ou indireto, por parte de quem o paga.

( ) Em 1896, Amaro Cavalcânti ponderava a palavra “taxa”, sem embargo de ser igualmente usada como sinônimo geral de impostos, não devia ser assim entendida ou empregada; _____, na sua acepção própria, designa o gênero de contribuição que os indivíduos pagam por um serviço diretamente recebido.

( ) O pagamento das taxas é facultativo; é, por assim dizer, o preço do serviço obtido e _____ em que cada um o exige ou dele tira proveito.

( ) As taxas se devem revestir sempre do caráter de contraprestação inerente a essa espécie de tributos. Ao adotar-se interpretação outra, malograr-se-ão todas as cautelas da Constituição, que estabeleceu e quer uma rígida discriminação de competência, _____, prevendo a reedição de velhos abusos fiscais mascarados com o nome de taxas, preceituou proibição inequívoca.

( ) As despesas de administração da justiça poderiam ser pagas convenientemente por uma contribuição particular, _____ que a ocasião o exigisse.

( ) Enquanto pelas taxas, o indivíduo procura obter um serviço que lhe é útil pessoalmente, o Estado, _____, procura, pelo imposto, os meios de satisfazer as despesas necessárias da administração.

( ) Os clássicos, assim como os contemporâneos, não divergem sobre a noção básica de taxa, _____ se separem acerca de outros pontos acessórios.

(1) embora
(2) ao passo que
(3) à medida
(4) tanto assim que
(5) na medida
(6) visto como
(7) ao contrário

A sequência numérica correta é:
a) 6, 5, 1, 3, 4, 7, 2
b) 2, 5, 6, 7, 4, 3, 1
c) 1, 7, 5, 4, 2, 3, 6

d) 1, 3, 2, 6, 5, 7, 4
e) 2, 6, 5, 4, 3, 7, 1

Resposta: “e”. O que resolve essa questão é o conhecimento sobre o uso das conjunções: (3) à medida; (5) na medida. Essas locuções conjuntivas só podem se completar da seguinte maneira: à medida QUE, na medida EM QUE. Perceba que o terceiro trecho tem lacuna seguida de EM QUE, e o quinto trecho tem lacuna seguida de QUE. Assim sendo, só podem ser colocadas nesta sequência: (X) (X) (5) (X) (3) (X) (X).

As questões 22 e 23 referem-se ao texto que segue.

A insistência das secretarias estaduais de Fazenda em cobrar 25% de ICMS dos provedores de acesso à Internet deve acabar na Justiça. A paz atual entre os dois lados é apenas para celebrar o fim do ano. Os provedores argumentam que não têm de pagar o imposto porque não são, por lei, considerados empresas de telecomunicação, mas apenas prestadores de serviços. Com o caixa quebrado, os Estados permanecem irredutíveis. O Ministério da Ciência e Tecnologia alertou formalmente ao ministro da Fazenda, Pedro Malan, que a imposição da cobrança será repassada para o consumidor e pode prejudicar o avanço da Internet no Brasil. Hoje, pagam-se em média 40 reais para se ligar à rede.

(*Veja*, 08.01.1997, p. 17)

22. Infere-se do texto que

a) as empresas caracterizadas como prestadoras de serviço estão isentas do ICMS.
b) todas as pessoas que desejam ligar-se à Internet devem pagar 40 reais de ICMS.
c) os provedores de acesso à Internet estão processando os consumidores que não pagam o ICMS.
d) os Estados precisam cobrar mais impostos dos provedores para não serem punidos pelo Ministério da Ciência e Tecnologia.
e) o desenvolvimento da Internet no Brasil está sendo prejudicado pela cobrança do ICMS.

Resposta: “a”. Inferir é fazer uma dedução a partir de informações contidas no texto. O texto afirma: “Os provedores argumentam que não têm de pagar o imposto porque não são, por lei, considerados empresas de telecomunicação, mas apenas prestadores de serviços.”, ou seja: as empresas caracterizadas como prestadoras de serviço estão isentas do ICMS.

23. A conjunção *mas* destacada no texto estabelece entre as orações uma relação de

a) tempo
b) adição
c) consequência
d) causa
e) oposição

Resposta: “e”. Mas — conjunção coordenativa adversativa (oposição).

24. Os princípios da coerência e da coesão não foram violados em:

a) O Santos foi o time que fez a melhor campanha do campeonato. Teria, no entanto, que ser o campeão este ano.
b) Apesar da Sabesp estar tratando a água da Represa de Guarapiranga, portanto o gosto da água nas regiões sul e oeste da cidade melhorou.

c) Mesmo que os deputados que deponham na CPI e ajudem a elucidar os episódios obscuros do caso dos precatórios, a confiança na instituição não foi abalada.
d) O ministro reafirmou que é preciso manter a todo custo o plano de estabilização econômica, sob pena de termos a volta da inflação.
e) Antes de fazer ilações irresponsáveis acerca das medidas econômicas, deve-se procurar conhecer as razões que, por isso as motivaram.

Resposta: "d". Vamos corrigir as incorretas: a) O Santos foi o time que fez a melhor campanha do campeonato. Teria, portanto, que ser o campeão este ano. b) A Sabesb está tratando a água da Represa de Guarapiranga, portanto o gosto da água nas regiões sul e oeste da cidade melhorou. c) Mesmo que os deputados deponham na CPI e ajudem a elucidar os episódios obscuros do caso dos precatórios, a confiança na instituição já foi abalada. e) Antes de fazer ilações irresponsáveis acerca das medidas econômicas, deve-se procurar conhecer as razões que as motivaram.

25. Assinale a opção que mantém o mesmo sentido do trecho sublinhado a seguir:

Uma das grandes dificuldades operacionais encontradas em planos de estabilização é o conflito entre perdedores e ganhadores. Às vezes reais, outras fictícios, estes conflitos geram confrontos e polêmicas que, com frequência, podem pressionar os formuladores da política de estabilização a tomar decisões erradas e, com isto, comprometer o sucesso das estratégias anti-inflacionárias.

(*Folha de S.Paulo*, 07.05.1994)

a) Estes conflitos, reais ou fictícios, geram confrontos e polêmicas que, frequentemente, podem pressionar os formuladores da política de estabilização a tomar decisões erradas, sem, com isso, comprometer o sucesso das estratégias anti-inflacionárias.
b) O sucesso das estratégias anti-inflacionárias pode ficar comprometido se, pressionados por conflitos, reais ou fictícios, os formuladores da política de estabilização tomarem decisões erradas.
c) Os conflitos, às vezes reais, outras fictícios, que podem pressionar os formuladores da política de estabilização a confrontos e polêmicas, comprometem o sucesso das anti-inflacionárias.
d) O sucesso das estratégias anti-inflacionárias pode ficar comprometido se os formuladores da política de estabilização, pressionados por confrontos e polêmicas decorrentes de conflitos, tomarem decisões erradas.
e) Os formuladores da política de estabilização podem tomar decisões erradas se os conflitos, gerados por confrontos e polêmicas os pressionarem; o sucesso das estratégias anti-inflacionárias fica, com isto comprometido.

Resposta: "d". A sequência correta é: conflitos > confrontos e polêmicas > formuladores > decisões erradas > comprometer o sucesso das estratégias. A opção a) nega o comprometimento; a opção b) não cita os confrontos e polêmicas; a opção c), além de inverter a ordem dos fatos, não cita as decisões erradas; a opção e) inverte a ordem dizendo que os confrontos e polêmicas geram conflitos (no texto os conflitos é que geram confrontos e polêmicas).

26. Marque a opção que não constitui paráfrase do segmento abaixo:

O abolicionismo, que logrou pôr fim à escravidão nas Antilhas Britânicas, teve peso ponderável na política antinegreira dos governos britânicos durante a primeira metade do século passado. Mas tiveram peso também os interesses capitalistas, comerciais e industriais, que desejavam expandir o mercado ultramarino, de produtos industriais e viam na inevitável miséria do trabalhador escravo um obstáculo para este desiderato.

(Paul Singer, *A formação da classe operária*, São Paulo, Atual, 1988, p. 44)

a) Na primeira metade do século passado, a despeito da forte pressão do mercado ultramarino em criar consumidores potenciais para seus produtos industriais, foi o movimento abolicionista o motor que pôs cobro à miséria do trabalhador escravo.
b) A política antinegreira da Grã-Bretanha na primeira metade do século passado foi fortemente influenciada não só pelo ideário abolicionista como também pela pressão das necessidades comerciais e industriais emergentes.
c) Os interesses capitalistas que buscavam ampliar o mercado para seus produtos industriais tiveram peso considerável na formulação da política antinegreira inglesa, mas teve-o também a consciência liberal antiescravista.
d) Teve peso considerável na política antinegreira britânica o abolicionismo. Mas as forças de mercado tiveram também peso, pois precisavam dispor de consumidores para seus produtos.
e) Ocorreu uma combinação de idealismo e interesses materiais, na primeira metade do século XIX, na formulação da política britânica de oposição à escravidão negreira.

Resposta: “a”. Paráfrase é dizer a mesma coisa com outras palavras. O texto afirma que o abolicionismo e os interesses capitalistas, juntos, colocaram fim à escravidão. A opção a) nega a participação dos interesses capitalistas quando diz “a despeito da forte pressão dos mercados ultramarinos”.

27. A linguagem do texto é predominantemente denotativa, empregando-se as palavras em sentido próprio, na alternativa:

a) Editores, escritores, professores e alunos têm opiniões divididas. A maioria, no entanto, concorda: o acordo é inoportuno e, não raro, contraditório.
b) O brasileiro gosta muito de ignorar as próprias virtudes e exaltar as próprias deficiências, numa inversão do chamado ufanismo. Sim, amigos, somos uns Narcisos às avessas, que cospem na própria imagem.
c) Poluído por denúncias de corrupção, (...) Luiz Antonio de Medeiros é considerado fósforo riscado.
d) Incumbidos de animar a explosão hormonal da juventude uberabense, Zezé Di Camargo e Luciano levaram 30 mil reais por sua apresentação.
e) Levou o nome de “fúria legiferante” o período entre 1964 e 1967, que cimentou com profusão de leis o edifício institucional da nova ordem econômica.

Resposta: “a”. Apenas a letra a) apresenta linguagem denotativa.

28. Assinale o item incorreto em relação ao texto.

Não faz muito tempo assim, um deputado-cartola disse para quem quisesse ouvir que quando vendeu um craque para o La Coruña, da Espanha, ele teve um trabalhão para depositar numa conta na Suíça parte do dinheiro devido ao jogador, como havia sido combinado. Comunicou o

fato a telespectadores de uma mesa-redonda com a mesma tranquilidade com que sonegou a informação à Receita. Quem tem dinheiro, poder, notoriedade ou um bom advogado não costuma passar por grandes apertos. No retrato da nossa pátria-mãe tão distraída, jogadores de futebol são os adventícios que chegam aos andares de cima da torre social, como recompensa por um talento excepcional, o que convenhamos, é mérito raro. Mas isso não lhes confere isenções fiscais.

Se o Leão ficar arisco para repentinos sinais exteriores de riqueza, vai empanturrar-se de banquetes fora dos gramados.

(Flávio Pinheiro, *Veja*, 27 de agosto de 1997, com adaptações)

a) A expressão "andares de cima da torre social" está sendo utilizada em sentido figurado ou metafórico.
b) Uma paráfrase correta para o último período do texto seria: "Se a Receita Federal fiscalizar rigorosamente aqueles que mostram sinais de enriquecimento súbito, vai aumentar sua arrecadação em outras áreas que não apenas o futebol".
c) A palavra "adventícios" significa, no texto, "perseverantes, obstinados, místicos."
d) O uso do "se" em "Se o Leão ficar arisco" estabelece uma relação sintática de condição.
e) O uso do "se" em "empanturrar-se" tem função reflexiva.

Resposta: "c". "Adventícios" significa 1. que veio de outro lugar, que não é natural do lugar em que está ou vive; ESTRANGEIRO; FORASTEIRO 2. Que acontece casualmente, sem ser esperado; IMPREVISTO 3. Que ocorre ou está fora do lugar ou da época habituais.

29. Indique o único segmento que serve como argumento contrário à defesa da manutenção do ensino superior gratuito no Brasil.

a) Há um princípio de justiça social segundo o qual o pagamento por bens e serviços deve ser feito desigualmente, conforme as desigualdades de ganho.
b) A Europa considera investimento a formação de quadros de nível superior.
c) Nos EUA, a maior parte do orçamento das melhores universidades é composta por doações, convênios com empresas ou órgãos federais, fundos privados, cursos de atualização profissional.
d) Nos EUA, o montante arrecadado pelas universidades de seus estudantes, a título de taxas escolares, não chega ao percentual de 20% de seu orçamento global.
e) No Brasil, país com renda *per capita* de aproximadamente US$ 2 mil, uma taxa escolar de US$ 13 mil/ano por aluno, conforme estimativa do Banco Mundial, é quantia astronômica.

Resposta: "a". Aquilo que é contrário à gratuidade só pode ser pago. Assim sendo, a única opção que fala em "pagamento" é a opção a) Há um princípio de justiça social segundo o qual o pagamento por bens e serviços deve ser feito desigualmente, conforme as desigualdades de ganho.

30. Indique o único item que serve como argumento favorável à defesa da legalização da pena de morte no Brasil.

a) A incapacidade de um ser humano julgar o outro com a isenção de ânimo.
b) O sistema carcerário encontra-se privado das condições necessárias capazes de promover a reabilitação para a plena convivência social.
c) A irreparabilidade do erro jurídico.

d) O sensacionalismo da mídia ao expor o sentimento dos familiares e amigos do réu diante da consumação da pena.
e) Os estados americanos que legalizaram a pena de morte apresentaram um recrudescimento no número de crimes violentos.

Resposta: "b". A opção b) afirma que se não há como recuperar o melhor é eliminar. É uma visão objetiva, apesar de parecer antiética.

31. A revista *Veja* (27.09.1989, p. 5) entrevistou um endocrinologista e sobre ele afirmou:

"... acostumou-se a tratar todo tipo de moléstia metabólica, desde disfunções hormonais até o diabetes, sem jamais ter perfilado entre aqueles que consideram um grama um peso na consciência".

Marque a declaração desse médico que segue a mesma direção argumentativa do texto sublinhado.

a) "Mas a culpa da manipulação também é do próprio obeso, que quer resolver seus problemas através de fórmulas instantâneas."
b) "O gordo é explorado por uma indústria que reúne médicos, indústrias farmacêuticas, institutos de beleza e autores de livros sobre dietas."
c) "Os carboidratos têm a vantagem de ser uma alternativa mais saudável na dieta que as gorduras e as proteínas".
d) "A neurose das dietas está transformando em pecado o prazer de comer uma refeição saborosa".
e) "Essa história de ter de comer em determinados horários quando se faz dieta é bastante questionável. Teoricamente, o ideal é que a pessoa coma várias vezes ao dia".

Resposta: "d". "sem jamais ter perfilado entre aqueles que consideram um grama um peso na consciência." — peso na consciência = pecado. Assim: A neurose das dietas está transformando em *pecado* o prazer de comer uma refeição saborosa.

Leia o seguinte texto para responder às questões de número 32 a 34.

A natureza sempre foi a grande inspiradora da nossa poesia. Desde Bento Teixeira Pinto, no alvorecer da nacionalidade, até os árcades, no século XVII, os românticos, os parnasianos e os simbolistas, no século XIX, aos poetas contemporâneos, não é difícil perceber essa influência predominante. Não possuímos, como os gregos antigos, os latinos e os franceses da Idade Média, o calor, a imaginação atrevida, a grandiloquência e o sopro heroico imprescindível à musa épica. Preferimos à epopeia cantada a epopeia realizada. Quem, até agora, cantou a conquista da floresta amazônica pelo cearense, a imensidade silenciosa dos sertões, as lutas contra os usurpadores estrangeiros, o episódio formidável das bandeiras? Bilac, por exemplo, no Caçador de Esmeraldas, tão formoso e comovido, deu-nos apenas um fragmento da aventura sem par dos bandeirantes. Seu poemeto admirável não traduz inteiramente nem as condições mesológicas do cenário, nem a totalidade da ação moral dos homens que empreenderam o milagre do desbravamento do solo brasileiro.

É certo que, aos seus versos sobram sentimento e paixão, mas falta-lhes justamente a visão panorâmica, a largueza cíclica exigida pelo motivo. Bilac apreciou apenas uma face do heroísmo: a tenacidade ambiciosa. Viu unicamente um aspecto do ambiente: o pitoresco, a

fantasia graciosa e delicada do meio físico. Sua poesia mostra-se aí principalmente descritiva. À semelhança de Bilac, todos os nossos poetas épicos desde Santa Rita Durão e Basílio da Gama até Magalhães e Porto Alegre, foram, sobretudo, descritivos. O Caramuru e o Uraguai revelam, antes do mais, o propósito de pintar, ou simplesmente enumerar as excelências da nossa terra, a sua exuberância, a sua opulência, a sua formosura. As batalhas, os recontros, os episódios gloriosos que ali são narrados, têm a natureza rápida, a instantaneidade passageira das guerrilhas, das emboscadas súbitas, dos assaltos inopinados. Vê-se que o interesse primordial dos autores estava mais na pura representação das coisas que nos estudos dos caracteres. O heroísmo desaparecia ante a maravilha dos painéis pintados. As florestas, as cachoeiras, os rios e as montanhas dominavam com as suas mil vozes misteriosas e as suas massas brutais a frágil criatura humana. Eis porque, até hoje, não temos propriamente um poema épico, senão alguns cantos heroicos, repassados de um sopro contínuo de lirismo, muito peculiar à nossa psique, e onde está, realmente, a nossa verdadeira índole poética.

(Ronald de Carvalho. In: *O Espelho de Ariel*, p. 227-228)

32. As seguintes teses são apresentadas no texto, exceto:

a) A literatura greco-romana e a literatura francesa medieval caracterizam-se pela presença de poesia épica.
b) A reação às invasões estrangeiras não é tema frequente na poesia nacional.
c) Os feitos heroicos brasileiros não estão devidamente registrados em obras literárias.
d) A descrição de belezas naturais é privilegiada na literatura brasileira.
e) Na descrição literária dos episódios históricos de heroísmo e bravura predomina a análise dos sentimentos humanos.

Resposta: “e”. O texto afirma que na descrição literária dos episódios de heroísmo e bravura prevalece a natureza. “Vê-se que o interesse primordial dos autores estava mais na pura representação das coisas que nos estudos dos caracteres.”

33. Se substituirmos a palavra destacada pela palavra entre parênteses não alteramos o sentido dos enunciados exceto em:

a) Seu poemeto admirável não traduz inteiramente nem as condições mesológicas do cenário, nem a totalidade da ação moral dos homens (ecológicas).
b) As batalhas, os recontros, os episódios gloriosos que ali são narrados, têm a natureza rápida (reencontros).
c) Quem até agora cantou o episódio formidável das bandeiras? (magnífico).
d) As batalhas têm a natureza rápida, a instantaneidade passageira das guerrilhas, das emboscadas súbitas, dos assaltos inopinados (imprevistos).
e) Desde Bento Teixeira Pinto, no alvorecer da nacionalidade, até os poetas contemporâneos percebe-se essa influência (albor).

Resposta: “b”. Recontros são brigas, disputas, batalhas, guerras.

34. As palavras que compõem cada um dos pares estão relacionadas entre si morfológica ou semanticamente, exceto no caso de:

a) índole — indolência.
b) ação — ativo.

c) paixão — passional.
d) amazônica — hileia.
e) primordial — primeiro.

Resposta: “a”. Índole = moral; indolência = preguiça.

35. Marque o item que apresenta uma ilustração confirmatória da tese postulada no seguinte texto:

Pode-se afirmar que a distribuição injusta de bens culturais, principalmente das formas valorizadas de falar, é paralela à distribuição iníqua de bens materiais e de oportunidades.

(S. M. Bortoni)

a) Prova disso são os modernos “shopping centers”, cujo espaço foi arquitetonicamente projetado para permitir a convivência harmoniosa da empregada e da “madame”, do porteiro e do ministro, enfim, de ricos e pobres.
b) Temos na diversidade dos programas de televisão um exemplo de que diferença outrora marcante entre cultura de elite e cultura popular hoje está reduzida a uma mera questão de grau.
c) A iniquidade na distribuição de bens culturais no Brasil encontra demonstração inequívoca na oposição que ainda hodiernamente se faz entre casa-grande e senzala.
d) Demonstra este fato o esforço que fazem dirigentes políticos e sindicais provenientes das camadas baixas da sociedade para dominar a variedade padrão da língua portuguesa.
e) Os chamados “meninos de rua”, menores abandonados e meninas prostituídas testemunham, no Brasil da modernidade, a falência das elites em dividir o bolo da economia.

Resposta: “d”. O texto trata “principalmente das formas valorizadas de falar”, assim, a única ilustração possível é a opção d) Demonstra este fato o esforço que fazem dirigentes políticos e sindicais provenientes das camadas baixas da sociedade para dominar a *variedade padrão da língua portuguesa*. Ainda: a opção c) não serve como resposta, pois representa uma paráfrase do texto e não uma ilustração como solicitado no enunciado da questão.

36. Indique a alternativa que interpreta corretamente o trecho transcrito abaixo:

... esta minha a que chamam prolixidade, bem fora estaria de merecer os desprezilhos, que nesse vocábulo me torcem o nariz. A mais copiosa das orações não é, ainda assim, difusa, quando o assunto não comportara menos dilatado tratamento. Não haverá prolixidade, em não havendo sobejidão; e o discurso não entra a cair no vício de sobejo senão quando excede a medida à matéria do seu tema. Só principia a superabundância, onde se começa a descobrir a superfluidade.

(Ruy Barbosa)

a) No trecho, Ruy Barbosa rebate as críticas dos que lhe impõem a pecha de orador sobejo em superficialidade.
b) Ruy Barbosa desdenha dos vocábulos desprezíveis por fazerem eles o discurso cair no vício de sobejo.
c) A caracterização de um discurso prolixo, para Ruy, deve considerar a largueza do assunto a ser tratado.
d) Depreende-se do trecho que a medida da prolixidade é inversamente proporcional à medida da sobejidão.

e) O conceito de prolixidade, em Ruy Barbosa, incorpora as noções de complexidade temática e seletiva do auditório.

Resposta: “c”. Vejamos o erro das outras opções: a) fala em superficialidade, e o texto trata da superfluidade; b) extrapola a ideia do texto, pois Ruy Barbosa não desdenha dos vocábulos; d) a medida da prolixidade não é inversamente e sim diretamente proporcional à medida da sobejidão; e) o texto não diz nada a respeito do ouvinte, ou seja, “seletiva do auditório”.

37. Marque a única sequência que, ao completar o trecho abaixo, atenda às exigências de coerência, adequação semântica e formulação de argumentos.

O uso que se faz das madeiras nobres é outra prova de insensatez, agravando o desmatamento indiscriminado, em si mesmo uma aberração. Ocorre que, na ânsia de promover o aumento da nossa receita cambial,

a) os empresários do setor madeireiro alinham-se aos ecologistas contra a extinção das madeiras nobres.
b) deixa-se de exportar essa madeira, para usá-la na indústria de marcenaria nacional.
c) dificulta-se a exportação justamente para os países que mais remuneram essa madeira.
d) a indústria tem preferido desenvolver os projetos que exigem grande consumo de madeiras nobres.
e) facilita-se a exportação dessa madeira, em toras, o que é desvantajoso financeiramente, em relação à madeira elaborada.

Resposta: “e”. O texto afirma o “aumento da receita cambial”, ou seja, um aumento na exportação. A única opção que trata de aumento na exportação é a opção e).

Leia o texto abaixo para responder às questões 38 e 39.

Um dos mais respeitados colégios particulares da cidade de São Paulo está fechando suas portas por causa da briga crônica entre pais de alunos e donos de escolas em torno das mensalidades escolares.

(*Veja*, 27.09.1989, p. 114)

38. Assinale a alternativa que contém uma consequência do fato relatado.

a) Duas escolas se prontificaram a admitir os alunos da escola extinta. Uma delas está contratando boa parte de seu corpo docente.
b) A interferência do governo na fixação dos índices de reajuste das mensalidades escolares é consequência do “lobby” bem-sucedido dos proprietários de escolas privadas junto ao MEC.
c) O triste desfecho desse fato é emblemático da situação da educação brasileira.
d) Dois meses depois que o governo federal liberou os preços das mensalidades escolares, a Justiça de São Paulo decidiu que os reajustes voltam a ser controlados, não podendo exceder os índices mensais de inflação.
e) O Sindicato dos Professores de São Paulo realizou um levantamento segundo o qual esta é a escola que melhor remunera os professores.

Resposta: “a”. Uma consequência é uma posterioridade em relação ao fato narrado. Assim sendo, devemos pensar em algo que “possa ter acontecido” depois do fechamento da escola. Ora, se a escola fechou (escola extinta), os alunos devem ir para outra escola, e os professores serão contratados por outra escola. Lembre-se de que ao trabalharmos “que

consequência", devemos ampliar o texto, acrescentar uma informação, mas um acréscimo lógico em relação ao texto dado.

39. Assinale o trecho que constitui uma premissa do fato relatado.

a) As escolas que pagam salários baixos a seus professores e funcionários são as que mais dão lucros.

b) Para manter a qualidade do ensino requerida pela sociedade, as escolas privadas estão incrementando convênios com empresas e indústrias.

c) O ensino privado custa caro e tende a ficar mais caro com as necessidades tecnológicas impostas a cada dia pela moderna educação.

d) No vácuo criado pela ausência do Estado no ensino secundário proliferaram as escolas privadas.

e) Como decorrência do crescimento populacional urbano, existe hoje, nas grandes metrópoles, um grande déficit de salas de aula.

Resposta: "c". Premissa representa uma anterioridade em relação ao fato narrado. Assim sendo, devemos pensar em algo que "possa ter acontecido" antes do fechamento da escola. Ora, se os pais brigaram por causa da mensalidade é porque estava muito elevada.

40. Indique o item em que o par de sentenças NÃO apresenta o mesmo sentido.

a) O despreparo do aluno, principalmente na parte de emissão de mensagens escritas, fez com que as autoridades educacionais decretassem a inclusão da redação no vestibular.

As autoridades educacionais instituíram nos exames vestibulares a prova de redação devido à falta de preparo do aluno mormente no tocante à produção escrita.

b) Quem diz cópia pensa nalgum original, que tem a precedência, está noutra parte, e do qual a primeira é o reflexo inferior.

Falar em cópia implica tomar algo como primeiro, que antecede, que está alhures, cujo original é o reflexo inferior.

c) As estórias "abertas", isto é, incompletas ou com um final a escolher, têm a forma do problema fantástico: a partir de certos dados, decide-se sobre sua combinação resolutiva.

As estórias que não apresentam o fechamento de um fim explícito, ou que trazem várias possibilidades de finalização, têm a forma do problema fantástico, no qual se chega à resolução pela combinação de certos dados.

d) Inventar estórias com os brinquedos é quase natural, é uma coisa que vem por si nas brincadeiras com as crianças: a estória não é senão um prolongamento, um desenvolvimento, uma alegre explosão do brinquedo.

Quando brincam, é comum, quase natural, as crianças inventarem estórias com os brinquedos — a estória passa a ser uma extensão, um prolongamento, um alegre transbordar do brinquedo.

Resposta: "b". O erro está em dizer que o "original é o reflexo inferior".

Leia o seguinte texto para responder às questões 41 e 42.

Com a exaltação de D. João III ao trono de Portugal se tornou claro o decréscimo dos rendimentos provindos do Brasil. Os primeiros contratos para o aproveitamento exclusivo de certos gêneros, depois a navegação facultada a quem satisfizesse a determinados direitos, finalmente as feitorias para guardar mercadorias ultramarinas ou recolher as da terra

adquiridas pelos feitores no intervalo de uma a outra viagem, deram vantagem ao reinado anterior só na falta de concorrentes estrangeiros. A concorrência surgiu agora por força do pau-brasil.

Ao contrário da generalidade de nossos vegetais, salteadamente distribuídos, o pau-brasil avultava em matos mais ou menos grossos, da Paraíba ao Rio Real, no Cabo Frio e em suas cercanias, à beira-mar ou logo adiante, permitindo fornecimentos fartos de matéria já conhecida e empregada em várias indústrias europeias, e transporte cômodo para os portos de embarque.

Quase simultaneamente foram tais paragens reconhecidas pelos portugueses e pelos franceses. Estes, de espírito mais aberto, inteligência mais ágil, gênio mais alegre, trato mais agradável, aprenderam a língua, acataram, alguns até adotaram, os costumes, captaram as simpatias dos indígenas, isto é, dos produtores, e pouco a pouco foram preponderando. Ao escambo da madeira vermelha juntaram outros. A nau La Pélerine levava uma carga de mais de sessenta mil ducados em pau-brasil, algodão, pimenta, papagaios, peles e óleos medicinais quando foi tomada em frente a Málaga.

O comércio francês violava os privilégios conferidos por muitas bulas, e reconhecidos pelo pacto de Tordesilhas; minava os alicerces da singular política colonial portuguesa, ufana de transformar Lisboa em escala forçada, feira universal e única, desdenhosa do destino ulterior das drogas, confiado a nações subalternas. Livres de transbordos e alcavalas chegavam os produtos mais baratos aos consumidores imediatos.

(Capistrano de Abreu, capítulos de *História Colonial*)

41. As seguintes teses estão baseadas no texto, exceto:

a) A política portuguesa de exploração da colônia anterior ao reinado de D. João III tornou-se ineficiente diante da concorrência estrangeira.
b) O comércio francês, por não reduzir-se apenas ao pau-brasil, resultava em aumento do preço das mercadorias, conforme comprovou a apreensão da nau La Pélerine.
c) As áreas produtoras de pau-brasil não distavam muito da costa.
d) Os franceses, não obstante seu melhor entrosamento com os indígenas, não se anteciparam aos portugueses na identificação de áreas produtoras de pau-brasil.
e) A Portugal não interessava o destino das mercadorias depois de chegadas a Lisboa.

Resposta: “b”. Em momento algum o texto afirma que a apreensão da nau La Pélerine indicava aumento de preço das mercadorias. O texto apenas cita as mercadorias na nau e seu valor de mercado.

42. Se substituirmos a palavra destacada pela palavra entre parênteses não alteramos o sentido dos enunciados, exceto em:

a) Com a exaltação de D. João III ao trono de Portugal se tornou claro o decréscimo nos rendimentos provindos do Brasil (entronização).
b) A navegação facultada a quem satisfizesse a determinados direitos deu vantagens ao reinado anterior (permitida).
c) O pau-brasil avultava em matos mais ou menos grossos (sobressaía).
d) Livres de transbordos e alcavalas chegavam os produtos mais baratos aos consumidores imediatos (impostos).

e) O comércio francês violava os privilégios conferidos por muitas bulas e reconhecidos pelo pacto de Tordesilhas (infringia).

Resposta: “d”. Transbordo é a transferência de carga ou passageiro de um veículo para outro; baldeação.

43. Assinale o item que apresenta argumento enfraquecedor da tese seguinte.

É preciso reconhecer que o imperialismo representou sem dúvida um grande estímulo para a vida econômica do País. Entrosando-a num sistema internacional altamente desenvolvido, como é o do capitalismo contemporâneo, realizou necessariamente nela muitos dos seus progressos.

(Caio Prado Júnior)

a) O aparelhamento moderno de base com que contaria a economia brasileira até vésperas da II Grande Guerra foi quase todo ele fruto do capital financeiro internacional.
b) A contribuição internacional veio no sentido de dotar o País de estradas de ferro, portos modernos, serviços urbanos, grandes indústrias, que não teria sido possível instalar apenas com os recursos nacionais.
c) A inversão de capital estrangeiro provoca alívio momentâneo sem aumentar a capacidade real do País para cobrir débitos e cumprir obrigações decorrentes do afluxo de recursos internacionais.
d) Com a contribuição material vieram o espírito de iniciativa, os padrões de qualidade, o exemplo e a técnica de países altamente desenvolvidos.
e) O ritmo acelerado da vida econômica brasileira, que está, qualitativamente, próximo ao nível do mundo moderno, é, em grande parte, reflexo da ação imperialista.

Resposta: “c”. O texto fala bem do imperialismo. Já a opção c) diz que o País recebe muito capital estrangeiro, mas não tem como pagar, e isso é ruim. Assim sendo, enfraquece a tese de que o imperialismo foi bom para o País.

44. Identifique a letra que contém a introdução apropriada para integrar o trecho abaixo.

Mesmo tão diminutas, são as responsáveis pelas reações químicas que ocorrem nos seres vivos, dos vegetais e micro-organismos ao homem. São as enzimas.

a) Elas medem pouco menos de um milésimo de milímetro e estão presentes, aos milhares, em todas as células.
b) Uma enzima é uma molécula de proteína, formada por uma sequência de aminoácidos.
c) Não se tem notícia de outro ingrediente envolvido em tantos processos industriais e de tão grande potencial para novas aplicações.
d) Elas só foram descobertas no século passado. Até então, a transformação química de substâncias orgânicas que resultava em bebidas e pão, por exemplo, era mal compreendida.
e) Cada célula possui milhares de moléculas de enzimas, cada uma exercendo sua função catalisadora sobre uma substância específica chamada de substrato.

Resposta: “a”. O texto faz uma concessão (abre uma exceção) em relação ao tamanho das enzimas. A única opção que trata do tamanho das enzimas é a opção a).

45. Marque, entre as opções propostas, aquela que não contém, ainda que

parcialmente, as mesmas ideias expressas no trecho abaixo:

A reificação do escravo produzia-se objetiva e subjetivamente. Por um lado, tornava-se uma peça cuja necessidade social era criada e regulada pelo mecanismo econômico de produção. Por outro lado, o escravo autorrepresentava-se e era representado pelos homens livres como um ser incapaz de ação autonômica.

(Fernando Henrique Cardoso)

a) Do ponto de vista jurídico é óbvio que, no sul como no resto do país, o escravo era uma coisa, sujeita ao poder e à propriedade de outrem...
b) ... o escravo não encontra a condição de pessoa humana objetivada no respeito e nas expectativas formadas em torno de si pelos homens livres, pelos senhores.
c) A liberdade desejada e impossível apresentava-se pois como mera necessidade subjetiva de afirmação, que não encontrava condições para realizar-se concretamente.
d) ... o escravo se apresentava, enquanto ser humano tornado coisa, como alguém que, embora fosse capaz de empreender ações com "sentido", pois eram ações humanas, exprimia, na própria consciência e nos atos que praticava, orientações e significações sociais impostas pelos senhores.
e) ... a consciência do escravo apenas registrava e espelhava, passivamente, os significados sociais que lhe eram impostos.

Resposta: "c". A ideia geral do texto é a de que o escravo era uma coisa, tanto pela visão dos outros quanto por sua própria visão. a), b), d) e e) falam disso. A opção c) trata de liberdade, ou seja, nada a ver com o texto.

46. Leia com atenção o segmento abaixo para responder à questão.

As relações dos cidadãos com os dirigentes se pautaram, ao longo dos séculos, pelo assistencialismo e a subserviência. Os indivíduos nunca participaram de nada. E isso faz com que nosso espírito de mobilização seja mínimo e o de organização, caótico. Mais difícil mesmo que reunir as pessoas é conseguir ordenar, sistematizar a sua participação. A verborragia dissipa a capacidade de ação. E é crítica a nossa capacidade crítica; não fomos formados para a análise desapaixonada de fatos ou situações; por isso mesmo, nossas opiniões são tão fluidas e nossas posições tão personalistas.

(Brasil: meio milênio, de Roberto B. Piscitelli. In: *Humanidade*, n. 15.87/88)

Marque o item que não completa corretamente a sentença abaixo, de acordo com o que se depreende do trecho lido.

A dificuldade de arregimentação e de organização participativa dos cidadãos deve-se ao fato de,

a) nas reuniões, as pessoas falarem muitas coisas sem relevância para o que se está discutindo.
b) ao longo dos séculos, o povo ter sido excluído das decisões dos dirigentes.
c) no momento da ação, à vontade dos indivíduos sobrepor-se o interesse coletivo.
d) historicamente, a classe dirigente ter-se colocado como provedora dos seus subordinados.
e) a eles, faltar a capacidade de análise crítica e objetiva.

Resposta: "c". O problema é gramatical: ao colocar a preposição em "à vontade dos indivíduos", altera-se a sequência apresentada pelo texto. Para que estivesse de acordo com

o texto deveria ser assim expressa a frase: “no momento da ação, a vontade dos indivíduos sobrepõe-se ao interesse coletivo.” Note-se que a preposição A agora antecede o termo “interesse coletivo”, assim ficando de acordo com o texto.

Leia o seguinte texto adaptado da *Folha de S.Paulo*, de 24.04.1994, para responder às questões 47 e 48.

A arte brasileira dos anos 60 começa com um movimento aparentemente conservador, a volta à figura depois do domínio dos abstratos na década de 50. Mas estava ali a senha para uma revolução. A pop arte não incorpora só os símbolos do consumo, tirados das propagandas, dos quadrinhos e das placas de trânsito. Tenta incorporar os objetos do mundo. E o mundo não se reduz a quadros, esculturas e gravuras — suportes tradicionais da arte.

47. Assinale o trecho que corresponde a uma conclusão coerente com a ideia central do texto.

a) Além disso, a reação à arte abstrata busca pintar imagens do inconsciente.
b) Assim, a arte brasileira dos anos 60 termina com a instalação da “Tropicália”.
c) Dessa maneira, participação é a palavra-chave para se entender a pop arte.
d) Enfim, a revolução da linguagem artística dessa década não é nem conservadora nem inovadora.
e) Começa, a partir daí, uma explosão de nova linguagem das artes.

Resposta: “e”. O texto fala de novas maneiras de se fazer/expor arte, ou seja, novas linguagens.

48. Entre as seguintes afirmações de causa e consequência, assinale a única que não corresponde às ideias do texto.

a) A arte brasileira dos anos 60 começa com um movimento aparentemente conservador porque volta à figura depois do domínio dos abstratos.
b) A pop arte faz uso de símbolos do consumo, tirados das propagandas, dos quadrinhos e das placas de trânsito, porque tenta incorporar os objetos do mundo.
c) Na arte brasileira que dominou os anos 60 estava a senha para uma revolução porque os objetos do mundo passaram a ser encarados como objetos de arte.
d) A arte brasileira dos anos 60 não é um movimento conservador porque a volta à figura foi a senha para uma revolução na linguagem artística.
e) O mundo não se reduz a quadros, esculturas e gravuras porque o movimento dos anos 60, a pop arte, os utiliza como suporte tradicional.

Resposta: “e”. Essa opção contraria o texto, faltou uma negativa: a pop arte NÃO os utiliza como suporte tradicional.

49. Leia o trecho abaixo e responda à questão.

A história da mulher no Brasil, tal como a das mulheres em vários outros países, ainda está por ser escrita. Os estudiosos têm dado muito pouca atenção à mulher nas diversas regiões do mundo, o que inclui a América Latina. Os estudos disponíveis sobre a mulher brasileira são quase todos meros registros de impressões, mais do que de fatos, autos de fé quanto à natureza das mulheres ou rápidas biografias de brasileiras notáveis, mais reveladoras sobre os preconceitos e a orientação dos autores do que sobre as mulheres propriamente ditas. As mudanças ocorridas no século XX reforçam a necessidade de uma perspectiva e de uma

compreensão históricas do papel, da condição e das atividades da mulher no Brasil.

(June Hahner)

Assinale a afirmação correta em relação ao texto lido.

a) A necessidade de uma perspectiva e de uma compreensão históricas do papel, da condição e das atividades da mulher reforçam as mudanças ocorridas no século XX.
b) O século XX dará à mulher o lugar de destaque que ela merece, não só à mulher brasileira, mas também às mulheres de outras partes do mundo.
c) Quanto à inexistência de um estudo histórico sobre seu papel na sociedade, a mulher brasileira assemelha-se à de várias partes do mundo.
d) Excetuando-se as rápidas biografias de brasileiras famosas, as demais obras sobre a mulher no Brasil estão impregnadas de juízos prévios que as tornam de discutível valor.
e) As próprias modificações de nosso século reforçam a necessidade de que se escreva uma verdadeira história da mulher no Brasil, eliminando-se o vácuo existente nesse campo e fazendo com que o país, nesse aspecto, supere todos os estudos que os outros povos já fizeram.

Resposta: "c". De acordo com o texto não há no Brasil e em nenhuma outra parte do mundo um estudo histórico do papel da mulher na sociedade.

50. Leia o trecho abaixo para responder a esta questão.

O mais difícil Osíris conseguiu. Acordou uma parte da sociedade para o desmanche de um argumento segundo o qual é razoável que uma pessoa sonegue impostos, visto que o governo é um mau administrador. Se essa lorota fosse sincera, as pessoas doariam o dinheiro sonegado para as obras de Madre Teresa de Calcutá. Como o embolsam, felizmente apareceu um servidor público correndo-lhes atrás.

(*Veja*, 26.01.1994, p. 81)

O entendimento correto para o fato conseguido pelo Secretário da Receita Federal, Osíris Lopes Filho, é:

a) Despertou um segmento da sociedade para a desmontagem da lorota de que a sonegação de impostos é prática consentânea à má administração governamental dos recursos oriundos do contribuinte.
b) Convenceu grande parcela dos brasileiros acerca da razoabilidade da sonegação de impostos, desde que esses valores fossem doados a obras de caridade reconhecidamente filantrópicas, como as de Madre Teresa de Calcutá.
c) Fez com que parte significativa dos sonegadores acordasse para a veracidade da lorota de que a sonegação pode ser corolária da má aplicação dos recursos públicos, visto ser o governo um mau administrador.
d) Alertou grande parte da sociedade para a ilação falaciosa segundo o qual o perdão da dívida está em relação diretamente proporcional às doações a obras filantrópicas.
e) Mudou a visão da sociedade brasileira para referendar o silogismo da permissividade da sonegação, desde que condicionada à doação do montante sonegado para as obras de Madre Teresa de Calcutá.

Resposta: "a". O texto diz que as pessoas sonegam porque não querem pagar mesmo, pois, se o problema fosse a má administração dos recursos oriundos dos contribuintes, essas pessoas doariam tal valor para instituições de caridade.

Texto para as questões 51 e 52.

Um desafio cotidiano

Recentemente me pediram para discutir os desafios políticos que o Brasil tem pela frente. Minha primeira dúvida foi se eles seriam diferentes dos de ontem. Os problemas talvez sejam os mesmos, o país é que mudou e reúne hoje mais condições para enfrentá-los que no passado. A síntese de minhas conclusões é que precisamos prosseguir no processo de democratização do país.

Kant dizia que a busca do conhecimento não tem fim. Na prática, democracia, como um ponto-final que uma vez atingido nos deixa satisfeitos e por isso decretamos o fim da política, não existe. Existe é democratização, o avanço rumo a um regime cada vez mais inclusivo, mais representativo, mais justo e mais legítimo. E quais as condições objetivas para tornar sustentável esse movimento de democratização crescente?

Embora exista forte correlação entre desenvolvimento e democracia, as condições gerais para sua sustentação vão além dela. O grau de legitimidade histórica, de mobilidade social, o tipo de conflitos existentes na sociedade, a capacidade institucional para incorporar gradualmente as forças emergentes e o desempenho efetivo dos governos são elementos cruciais na sustentação da democratização no longo prazo.

Nossa democracia emergente não tem legitimidade histórica. Esse requisito nos falta e só o alcançaremos no decorrer do processo de aprofundamento da democracia, que também é de legitimação dela.

Uma parte importante desse processo tem a ver com as relações rotineiras entre o poder público e os cidadãos. Qualquer flagrante da rotina desse relacionamento arrisca capturar cenas explícitas de desrespeito a pequenas ou grandes tiranias. As regras dessa relação não estão claras. Não existem mecanismos acessíveis de reclamação e desagravo.

(Sérgio Abranches, *Veja,* 23.08.2000, com adaptações)

51. Com relação às ideias do texto, julgue cada um dos seguintes itens como certo ou errado.

a) O autor considera que o modelo de democracia do Brasil não resolverá os problemas políticos do país.
b) Um regime democrático caracteriza-se pela existência de um processo contínuo de busca pela legitimidade, justiça, representatividade e inclusão.
c) Democracia é uma das condições de sustentação do desenvolvimento, mas não a única.
d) Enquanto não houver mecanismos acessíveis de reclamação e desagravo, as relações entre poder público e cidadãos não serão regidas por meio de regras claras.
e) De acordo com o desenvolvimento da argumentação, o pedido estabelecido no primeiro período do texto, e que deu origem ao ensaio, não pode ser atendido, razão pela qual o texto não é conclusivo.

Resposta: Alternativa “a”, errada: o autor diz: “A síntese das minhas conclusões é que precisamos prosseguir no processo de democratização.” Isto quer dizer que ele acredita no modelo atual; se ele não acreditasse nisso, ele teria usado outro verbo no lugar de “prosseguir”, algo como mudar, alterar, rever, trocar. Alternativas “b”, “c” e “d”, certas. Alternativa “e”, errada: o pedido foi atendido sim, o texto é conclusivo sim, pois o autor afirma:

“A síntese das minhas conclusões é que precisamos prosseguir no processo de democratização.”

52. Julgue cada um dos itens a seguir como certo ou errado, a respeito das relações de sentido estabelecidas no texto.

a) A decretação do “fim da política” traria, como consequência, a satisfação dos praticantes da democracia — representantes e representados.
b) A ideia de “democracia” está para um produto acabado assim como “democratização” está para um processo.
c) Relações entre poder público e cidadãos incluem-se no processo de aprofundamento e legitimação da democracia.
d) Cenas explícitas de desrespeito aos cidadãos têm como causa imediata a emergência de nossa democracia histórica.
e) Não havendo busca do conhecimento como sustentação histórica, não há democracia e, consequentemente, não há política.

Resposta: Alternativa “a”, errada: o texto diz justamente o contrário: a satisfação dos praticantes da democracia traria como consequência a decretação do fim da política. Alternativas “b” e “c”, certas. Alternativa “d”, errada: a causa das cenas explícitas de desrespeito aos cidadãos é a ausência de regras claras e mecanismos de reclamação e desagravo. Alternativa “e”, errada: não é a busca do conhecimento que dá sustentação histórica, o que dá sustentação histórica é o passar do tempo. Por isso o autor afirma que nossa democracia é recente, ou seja, não tem sustentação histórica.

Texto para as questões 53 e 54.

A Revolução Industrial provocou a dissociação entre dois pensamentos: o científico e tecnológico e o humanista. A partir do século XIX, a liberdade do homem começa a ser identificada com a eficiência em dominar e transformar a natureza em bens e serviços. O conceito de liberdade começa a ser sinônimo de consumo. Perde importância a prática das artes e consolidam-se a ciência e a tecnologia. Relega-se a preocupação ética. A procura da liberdade social se faz sem considerar-se sua distribuição. A militância política passa a ser tolerada, mas como opção pessoal de cada um.

Essa ruptura teve o importante papel de contribuir para a revolução do conhecimento científico e tecnológico. A sociedade humana se transformou, com a eficiência técnica e a consequente redução do tempo social necessário à produção dos bens de sobrevivência.

O privilégio da eficiência na dominação da natureza gerou, contudo, as distorções hoje conhecidas: em vez de usar o tempo livre para a prática da liberdade, o homem reorganizou seu projeto e refez seu objetivo no sentido de ampliar o consumo. O avanço técnico e científico, de instrumento da liberdade, adquiriu autonomia e passou a determinar uma estrutura social opressiva, que servisse ao avanço técnico e científico. A liberdade identificou-se com a ideia de consumo. Os meios de produção, que surgiram no avanço técnico, visam ampliar o nível dos meios de produção.

Graças a essa especialização e priorização, foi possível obter-se o elevado nível do potencial de liberdade que o final do século XX oferece à humanidade. O sistema capitalista permitiu que o homem atingisse as vésperas da liberdade em relação ao trabalho alienado, às doenças

e à escassez. Mas não consegue permitir que o potencial criado pela ciência e tecnologia seja usado com a eficiência desejada.

(Cristovam Buarque, *Na fronteira do futuro.* Brasília: UnB, 1989, p. 13, com adaptações)

53. Julgue os itens abaixo como certos ou errados, relativos às ideias do texto.

a) O conceito de "liberdade" é tomado como sinônimo de consumo e de eficiência no domínio e na transformação da natureza em bens e serviços.
b) O autor sugere que o sistema capitalista apresenta a seguinte correlação: quanto mais tempo livre, mais consumo, mais lazer e menos opressão.
c) Depreende-se do primeiro parágrafo que a ética foi abolida a partir do século XIX.
d) No segundo parágrafo, a expressão "Essa ruptura" retoma e resume a ideia central do parágrafo anterior.
e) O emprego da expressão "as vésperas da liberdade" sugere que a humanidade ainda não atingiu a liberdade desejada.

Resposta: Alternativa "a", certa. Alternativa "b", errada: quanto mais consumo, menos lazer e mais opressão. Alternativa "c", errada: o texto afirma que a ética foi relegada e não abolida, são coisas diferentes. Alternativas "d" e "e", certas.

54. Quanto à organização do texto, julgue os itens a seguir como certos ou errados.

a) A argumentação do texto estrutura-se em três eixos principais: ciência e tecnologia, busca da liberdade e militância política.
b) A tese para esse texto argumentativo pode assim ser resumida: nem todo "potencial de liberdade" gera liberdade com a eficiência desejada.
c) Para organizar o texto, predominantemente argumentativo, o autor recorre a ilustrações temáticas e trechos descritivos sobre condições das sociedades.
d) A ideia de melhor aproveitamento do tempo como resultado da eficiência técnica é um argumento utilizado para provar a necessidade de lazer e descanso dos homens.
e) O fragmento a seguir, caso fosse utilizado como continuidade do texto, manteria a coerência da argumentação: Existe, assim, uma ambiguidade entre a ampliação dos horizontes da liberdade e os resultados, de fato, alcançados pelo homem.

Resposta: Alternativa "a", errada: o texto não trata de militância política. Alternativa "b", certa. Alternativa "c", errada: não há trechos descritivos. Alternativa "d", errada: a ideia de melhor aproveitamento do tempo é um argumento utilizado para provar a necessidade de produzir e consumir mais. Alternativa "e", certa.

Leia o texto a seguir para responder à questão 55.

Um aspecto crucial para o bom funcionamento do sistema tributário é a importância estratégica da administração tributária. A efetividade e a eficácia do sistema tributário dependem da administração tributária, que desempenha um papel, fundamental e imprescindível, de instrumento de garantia da aplicação efetiva da legislação. Grande parte dos problemas do sistema brasileiro não poderá ser resolvida exclusivamente no plano da legislação. Há uma relação importante entre a fragilidade dos órgãos da administração e determinadas deficiências do sistema tributário nacional. Com uma administração tributária desprovida de recursos materiais e humanos, numa economia complexa e de proporções continentais como a brasileira, o sistema tributário, por mais concebido que possa ser sob o ponto de vista da

legislação, deixará fatalmente a desejar em termos de qualidade, eficácia e justiça fiscal.

(<www.unafisco.org.br>)

55. Julgue as assertivas abaixo como certas ou erradas:

I. Portanto, é fundamental o fortalecimento da máquina fiscal, que torna a administração tributária mais efetiva.

II. Diante dessa evidência, hoje há um consenso quanto ao prescindível papel que desempenha o fortalecimento da administração tributária como efetivo instrumento de garantia da eficácia de todo o Sistema Tributário.

III. Para que a administração tributária seja fortalecida e efetiva são também fundamentais o cumprimento voluntário das obrigações tributárias e a percepção do risco de sonegar por parte do contribuinte.

IV. Embora a máquina fiscal não se mostre capaz de recuperar as obrigações tributárias descumpridas, então resta comprometida a eficácia de todo o sistema.

V. Em última análise, é uma fiscalização fortalecida que vai definir o limite da efetividade da administração tributária, e, por consequência, do Sistema Tributário.

A quantidade de itens corretos é

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

Resposta: “c”. Os itens corretos são I, II e V.

56. Assinale a opção que está de acordo com as ideias do texto.

O principal problema brasileiro, que consiste na retomada da confiança para possibilitar o crescimento, só terá solução possível a partir do momento em que houver um quadro favorável a uma redução substancial dos juros básicos da economia. Para isso, as reformas tributária e previdenciária são pré-condições estratégicas.

A tributária é fundamental para desonerar a indústria e elevar o poder aquisitivo dos salários, proporcionando escala e competitividade que ajudarão na substituição das importações e no crescimento consistente dos saldos positivos na balança comercial.

A previdenciária é imperiosa para construir um sistema autossustentável de seguridade social, que concomitantemente invista um grande volume de poupança em projetos produtivos de longo prazo.

(Emerson Kapaz, Para reverter o pessimismo. *Folha de S.Paulo*, 31.07.2002)

a) Os juros básicos da economia, se reduzidos, impulsionariam as reformas tributária e previdenciária.
b) Um sistema autossustentável de seguridade social traria as condições para que o crescimento permita a redução dos juros.
c) A retomada da confiança para possibilitar o crescimento contribui para promover a elevação dos salários.
d) Com a desoneração da indústria e com a elevação dos salários, há condições estratégicas para a reforma tributária e para investimentos em projetos produtivos de longo prazo.

e) As reformas tributária e previdenciária são o passo prévio para favorecer a redução dos juros básicos da economia, e, consequentemente, a retomada da confiança para que haja crescimento.

Resposta: “e”. Essa opção traz todas as informações contidas no texto.

57. De acordo com as ideias do texto, julgue os itens abaixo para marcar, a seguir, a opção correta.

A produção, a socialização, o consumo e as práticas culturais incidem sobre usos diferenciais do espaço e espelham os ritmos desiguais que caracterizam não só as relações entre as classes, mas a dinâmica das gerações e dos grupos de idade, as relações entre os gêneros, os ciclos de vida no trabalho e no lazer. Enfim, conjunto intenso de relações que projetam em um só presente diversas temporalidades, a cidade pode se tornar, também, a expressão de conflitos multifacetados, capazes de oferecer novas possibilidades de apropriação do tecido urbano.

(Marília P. Sposito, *A sociabilidade juvenil e a rua:* novos conflitos e ação coletiva na cidade, com adaptações)

I. As relações entre as classes, a dinâmica das gerações e dos grupos de idade caracterizam-se por ritmos desiguais espelhados nos usos diferenciais do espaço.
II. A produção, a socialização, o consumo e as práticas culturais relacionam-se com os ciclos de vida no trabalho e no lazer tentando preservar as formas homogêneas dos espaços em que se distribuem.
III. O espaço urbano expressa conflitos multifacetados e abriga um conjunto intenso de relações, que, embora diferenciadas, projetam a influência de diversas temporalidades em um tempo presente.

a) Todos os itens estão corretos.
b) Apenas I e II estão corretos.
c) Apenas I e III estão corretos.
d) Apenas II e III estão corretos.
e) Nenhum item está correto.

Resposta: “c”. O item II está errado, pois o texto não trata de formas homogêneas e sim de “ritmos desiguais”.

Leia o texto a seguir para responder à questão 58.

No passado, para garantir o sucesso de um filho ou de uma filha, bastava conseguir que eles tirassem um diploma de curso superior. Uma vez formados, seriam automaticamente chamados de “doutor” e teriam um salário de classe média para o resto da vida. De uns anos para cá, essa fórmula não funciona mais. Quem pretende garantir o futuro dos filhos, além do curso superior, terá de lhes arrumar um capital inicial. Esse capital deverá ser suficiente para o investimento que gerará um emprego para seu filho.

Todo emprego requer investimentos prévios, algo óbvio mas esquecido por nossos políticos e governantes.

(Stephen Kanitz, *Veja*, 05.06.2002, com adaptações)

58. Marque a opção que não dá continuidade coerente ao texto.

a) Criar um emprego não é somente oferecer um salário e colocar o indivíduo para trabalhar. Muito antes de contratar um porteiro, é necessário construir uma guarita para alojá-lo.
b) Alguns dirão chocados: a que ponto chegamos, ter de comprar o próprio emprego! Mas no fundo sempre foi assim. Todos nós precisamos de um capital inicial para começar a trabalhar.
c) Se não forem os pais a investir no próprio filho, quem será? Quem comprará as máquinas, os equipamentos, o escritório, os computadores para que ele possa começar a trabalhar?
d) Americanos ganham oito vezes mais que brasileiros não porque trabalham oito vezes mais, mas porque investem muito mais em estoque, máquinas e equipamentos, aumentando brutalmente a produtividade de seus filhos.
e) Fica evidente que todos os investimentos prévios no combate à miséria devem propor um programa integrado de políticas sociais. Várias propostas apontam as fontes de recursos que, em geral, representam redirecionamentos de outros pagamentos.

Resposta: "e". O texto tem como ideia central "o investimento no emprego". A opção e) fala em investimento no combate à miséria.

O trecho abaixo serve de base às questões 59 e 60.

Questão velha, polêmica e controvertida, que constitui obstáculo à ação das autoridades administrativo-tributárias, mas que sempre viva e exacerbadamente atual, é a do "sigilo bancário", pois frente ao crédito tributário e ao Fisco, aquele como um bem público relevante e indisponível e este na busca de cumprir os objetivos a que se destina de aferir a real capacidade contributiva, arrecadar tributos, promover a igualdade e a justiça fiscal, colocam-se a preservação e a garantia dos direitos fundamentais invioláveis de privacidade e intimidade inerentes às pessoas dos contribuintes.

(Mary Elbe G. Q. Maia. A inexistência de sigilo bancário frente ao poder-dever

de investigação das autoridades fiscais, *Tributação em Revista*, julho/setembro de 1999)

59. Assinale a opção que dá continuidade ao trecho, preservando a coerência, a coesão e a progressão das ideias.

a) No seu âmago, o que exsurge é a discussão acerca dos interesses públicos frente aos interesses privados e qual deles deverá prevalecer.
b) No cerne da questão, desponta a dicotomia entre um sistema fortemente estatal e o poder fiscalizador da sociedade organizada.
c) Em suma: trata-se de questionar até que ponto a quebra do sigilo bancário vai contribuir para revelar elisão fiscal e evasão de divisas.
d) Torna-se, assim, fundamental discutir sob o manto da ética a questão da inexistência de sigilo bancário em estados democráticos de direito.
e) A despeito disso, não basta conceder às autoridades fiscais o poder-dever de investigação, se não se lhes faculta o direito fundamental inviolável de privacidade.

Resposta: "a". O texto coloca de um lado o crédito tributário e o Fisco, de outro o direito de privacidade dos contribuintes, então "o que exsurge é a discussão acerca dos interesses públicos frente aos interesses privados e qual deles deverá prevalecer."

60. Assinale a proposição nuclear do texto, aquela que contém a ideia-síntese em torno da qual se desenvolve sintática e semanticamente o parágrafo.

a) Questão velha, polêmica e controvertida é a do sigilo bancário frente ao crédito tributário e ao Fisco.
b) Frente ao crédito tributário e ao Fisco, coloca-se a questão do sigilo bancário como um obstáculo à ação das autoridades administrativo-tributárias.
c) Por ser um bem público relevante e indisponível, o crédito tributário deve preservar e garantir o direito de privacidade do contribuinte.
d) A preservação dos direitos fundamentais de privacidade dos contribuintes frente ao crédito tributário e ao Fisco deve ser colocada na discussão da questão do sigilo bancário.
e) Na tarefa de cumprir os objetivos de aferir a capacidade contributiva, arrecadar tributos e promover a igualdade e a justiça fiscal, o Fisco deve preservar e garantir a questão do sigilo bancário dos contribuintes.

Resposta: "d". Vejamos a ideia principal do texto, destacada a seguir: Questão velha, polêmica e controvertida, que constitui obstáculo à ação das autoridades administrativo-tributárias, mas que sempre viva e exacerbadamente atual, é a do "sigilo bancário", pois frente ao crédito tributário e ao Fisco, aquele como um bem público relevante e indisponível e este na busca de cumprir os objetivos a que se destina de aferir a real capacidade contributiva, arrecadar tributos, promover a igualdade e a justiça fiscal, colocam-se a preservação e a garantia dos direitos fundamentais invioláveis de privacidade e intimidade inerentes às pessoas dos contribuintes.

Leia o texto abaixo para responder à questão 61.

Em artigo publicado na década de noventa, o professor Paul Krugman explicava que todos aqueles países que falavam inglês haviam tido um desempenho econômico acima da média de seus vizinhos e que o inglês estava se tornando rapidamente a língua franca dos negócios, do turismo e da internet. Assim, os processos de fusão de empresas, tão comuns naquele tempo, só teriam sucesso se utilizassem o inglês como língua de integração das corporações.

Essa visão nos preocupou quando resolvemos integrar todas as áreas de consultoria espalhadas pela América Latina em uma única divisão de consultoria. Mas ficou uma pergunta no ar: "que língua oficial adotar"? O espanhol ou o português acirraria a rivalidade que já era bastante grande no campo dos esportes. Adotar o inglês teria a vantagem da neutralidade e da facilidade de interação com nossos colegas de outras regiões, mas com perda significativa na agilidade da comunicação e no andamento das reuniões. Foi adotada então uma postura única: haveria três línguas oficiais. Essa pequena sutileza significava, na verdade, que todos eram obrigados a entender as três línguas, mas poderiam se expressar no idioma em que se sentissem mais à vontade. Hoje, cinco anos depois, sentimos que essa decisão foi fundamental para o nosso processo de integração, e a lição aprendida é que muitas vezes a criatividade local pode ser mais efetiva que verdades importadas.

(José Luiz Rossi, *Integração cultural na América Latina,* CLASSE ESPECIAL, 89/2001, com adaptações)

61. Marque a opção em que, de acordo com as ideias do texto, existe uma relação de condição do tipo

Se X então Y
a) X = falássemos inglês

Y = teríamos desempenho econômico acima da média
b) X = adotássemos inglês como língua oficial
Y = agilizaríamos a comunicação
c) X = empregássemos espanhol ou português
Y = exacerbaríamos a rivalidade
d) X = houvesse três línguas oficiais
Y = teríamos facilidade de interação com outras regiões
e) X = entendêssemos as três línguas
Y = deveríamos nos expressar nas três

Resposta: "c". Se empregássemos inglês ou espanhol exacerbaríamos a rivalidade que segundo o texto "já era bastante grande no campo dos esportes."

62. Indique o período capaz de preencher o espaço assinalado por (...) com clareza, correção gramatical, além de respeitar a coerência de ideias e obedecer à direção argumentativa do segmento transcrito.

(...) Isso exatamente porque esse binômio, fundamental para o crescimento intelectual e social do indivíduo, tem hoje a sua concepção teórica ampliada do ponto de vista dos cientistas sociais e analistas de recursos humanos, ao reconhecerem acertadamente que, além da conquista pessoal, a saúde e a educação representam um investimento certo também no desenvolvimento coletivo.

(Lourdes Maria Frazão de Moraes, *Correio Braziliense,* 08.08.2002)

a) Um sistema de saúde, para ser adequado ao atendimento de saúde da população necessitada, não pode prescindir da educação do povo assistido, tão somente.
b) Educação e saúde são valores que não mais podem ser compreendidos, na generalidade, como bens de consumo pessoal, apenas.
c) Segurança no trabalho e informação acerca das doenças e riscos a que podem submetê-lo as condições de trabalho — aí está o binômio que garante a higidez do trabalhador.
d) Investir em educação e saúde traz uma taxa de retorno cientificamente comprovada. A ignorância e a doença andam juntas: são companheiras inseparáveis na marcha fúnebre para o caos.
e) A assistência à saúde assegurada pelo Estado e a cobertura dos seguros de saúde privados são os dois termos do binômio que sustenta o desenvolvimento individual e coletivo.

Resposta: "b". O trecho dado afirma: "Isso exatamente porque esse binômio," — o binômio mencionado aparece em b) Educação e saúde são...

63. Assinale a opção que não constitui uma inferência das ideias do trecho abaixo.

Na tentativa de explicar a ocorrência de fome nos países subdesenvolvidos, surge, após a Segunda Guerra Mundial, a teoria demográfica neomalthusiana, logo perfilhada pelos países desenvolvidos e pelas elites dos países subdesenvolvidos. Segundo essa teoria, uma população jovem numerosa, resultante das elevadas taxas de natalidade verificadas em quase todos os países subdesenvolvidos, exige grandes investimentos sociais em educação e saúde. Com isso, diminuem os investimentos produtivos nos setores agrícola e industrial, o que impede o pleno desenvolvimento das atividades econômicas e, portanto, da melhoria das condições de vida da população. Ainda segundo os neomalthusianos, quanto maior o número

de habitantes de um país, menor a renda *per capita* e a disponibilidade de capital a ser distribuído pelos agentes econômicos.

(Eustáquio de Sene e João Carlos Moreira, *Geografia geral e do Brasil*: espaço geográfico e globalização, São Paulo: Scipione, 1998, pp. 338/9, com adaptações)

a) O crescimento populacional é o responsável pela ocorrência da miséria.
b) Em consequência das elevadas taxas de natalidade, os países subdesenvolvidos veem-se impedidos de alcançar o pleno desenvolvimento das atividades econômicas.
c) Sem programas efetivos de controle de natalidade acessíveis às camadas mais pobres, toda política de redistribuição de renda tenderá ao fracasso.
d) Uma população numerosa condena muitos jovens a engrossar o enorme contingente de mão de obra desqualificada que ingressa anualmente no mercado de trabalho.
e) À medida que as famílias obtêm condições condignas de vida, tendem a diminuir o número de filhos para não comprometerem o acesso de seus dependentes aos sistemas públicos de educação e saúde.

Resposta: "e". O texto todo trata de fatos pessimistas, de coisas ruins. Nota-se que as quatro primeiras opções (a, b, c, d) continuam a tratar de coisas ruins. A opção e) trata de coisa boa: e) À medida que as famílias obtêm condições condignas de vida, tendem a diminuir o número de filhos para não comprometerem o acesso de seus dependentes aos sistemas de educação e saúde. Então, a única que não pode continuar o texto é a que trata de coisas boas.

64. Num determinado ponto do discurso de posse como Arcebispo de Olinda e Recife, Dom Hélder Câmara faz um raciocínio baseado em quatro proposições. Ordene tais proposições, obedecendo ao esquema:

1. proposição genérica;
2. proposição acidental;
3. proposição resolutiva;
4. proposição consecutiva.

I. A melhor maneira de combater o erro é libertar as parcelas de verdade prisioneiras dentro dele.
II. Quando o erro perde a verdade que nele se esconde, deixa de ter poder de sedução e consistência interior.
III. Deus fez a inteligência voltada para a verdade.
IV. Quando a inteligência adere ao erro é seduzida pela alma de verdade que existe dentro de todo erro.

A ordenação correta é:
a) I, II, IV, III
b) I, IV, II, III
c) III, IV, I, II
d) III, II, I, IV
e) II, III, I, IV

Resposta: "c". Proposição genérica: "Deus fez a inteligência voltada para a verdade."; Proposição acidental: "Quando a inteligência adere ao erro é seduzida pela alma de verdade que existe dentro de todo erro."; Proposição resolutiva: "A melhor maneira de combater o erro é libertar as parcelas de verdade prisioneiras dentro dele."; Proposição consecutiva: "Quando

o erro perde a verdade que nele se esconde, deixa de ter poder de sedução e consistência interior.”

O texto abaixo serve de base para as questões 65 e 66.

A época da independência fervilha de figuras representativas, em cujas atitudes o ideário político do momento se reflete. Figuras cujos perfis se recortam sobre um fundo um tanto confuso: novidades emancipacionistas, remanescências coloniais, antagonismos de tendências que puxavam a vida brasileira para posições diferentes. Época sem dúvida tumultuosa, ocupada por várias transições superpostas: a da dependência para a independência, a do agrarismo para os modos urbanos, a do quase silêncio para o falatório — um falatório crescente —, a dos particularismos para a consciência nacional. Agora, estabelecida a existência oficial de um Brasil declarado estado autônomo, a liquidação dos obstáculos restantes caberia a esses homens.

(Nelson Nogueira Saldanha, *História das ideias políticas no Brasil*, p. 97)

65. Na mesma linha de raciocínio do autor, várias transições se superpõem à época da independência, exceto uma. Aponte-a.

a) do rural para o urbano
b) do individualismo para o coletivo
c) do desimpedimento para os obstáculos
d) do atrelamento para a emancipação
e) da dependência para a autonomia

Resposta: “c”. O texto afirma o contrário: dos obstáculos para os desimpedimentos.

66. Indique a paráfrase correta do primeiro período do texto.

a) A época da independência fervilha de figuras representativas, e em suas atitudes se reflete o ideário político do momento.
b) A época da independência fervilha de figuras representativas, nas quais atitudes o ideário político do momento se reflete.
c) À época da independência, fervilham figuras representativas, nas atitudes das quais o ideário político do momento se reflete.
d) À época da independência fervilha de figuras representativas, cujas atitudes refletem o ideário político do momento.
e) A época da independência fervilha de figuras representativas, em cujas atitudes delas se reflete o ideário político do momento.

Resposta: “a”. O problema das outras opções está na gramática. Note-se o erro de cada uma delas: b) nas quais atitudes; c) À época; d) À época; e) em cujas atitudes delas.

O texto abaixo serve de base para a questão 67.

A reforma tributária não pode ser realizada, na verdade, para livrar o orçamento da sangria dos juros exorbitantes, embora enfeitada com os argumentos apelativos, tanto da simplificação fiscal para todo o empresariado quanto do milagre fiscal da multiplicação dos empregos para os mais despossuídos.

Trata-se do contrário. Os de baixo vão, de fato, pagar mais e não há garantia nenhuma da boa teoria econômica de que o emprego possa crescer sem o planejamento de um projeto nacional

digno do nome, que defina e articule todas as potencialidades existentes para tanto.

(Fátima Gondim Farias, Reforma Tributária, em *Tributação em revista,*

abril/junho de 1999, com adaptações)

67. Em relação às ideias do texto, assinale a opção incorreta.

a) Os argumentos arrolados para justificar a vinculação da reforma tributária ao pagamento de juros não se sustentam, aos olhos da autora.
b) O atrelamento da reforma tributária à sangria dos juros é, para a autora, uma argumentação apelativa engendrada pelos empresários e desempregados.
c) A reforma tributária vai onerar os pequenos e microempresários, sobre os quais vai recair o encargo de pagar mais imposto.
d) Pela boa teoria econômica não é possível engendrar o milagre da multiplicação de empregos para os desempregados, sem o respaldo de uma política nacional de emprego.
e) Imputar à reforma tributária o propósito de livrar o orçamento da sangria de juros escorchantes, para a autora, não desonera as empresas nem gera mais empregos.

Resposta: "b". Ao citar os desempregados a opção b) torna-se incorreta.

68. Preencha os espaços do trecho, de forma a resultar um texto que preserve a coerência de ideias e da direção argumentativa.

Nenhuma reforma tributária será _____, _____ para os mesmos de sempre, enquanto cerca de metade da arrecadação fiscal _____ circuito do gasto público social e produtivo para consumar a delícia usurária da ciranda financeira global.

(Fátima Gondim Farias, Reforma Tributária, em *Tributação em revista*, abril/junho de 1999)

a) improdutiva — tirante — estiver afastando-se do
b) boa — exceto — for desviada do
c) eficaz — se dirigida — estiver centrada no
d) justa — inclusive — continuar concentrada no
e) distributiva — se acumula — ficar confinada ao

Resposta: "b". As palavras que completam corretamente a lacuna são: 1a lacuna — boa, eficaz, justa, distributiva; 2a lacuna — tirante, exceto; 3a lacuna — estiver afastando-se do, for desviada do. A opção b) é a única que traz palavras adequadas para as três lacunas.

69. Marque o item que completa o trecho de forma correta, coesa e coerente. (*IstoÉ* — 04.05.1994)

Às vésperas de comemorar os 106 anos de Abolição da Escravatura, o Brasil volta ao banco dos réus por permitir que milhares de pessoas trabalhem em regime escravagista. Há denúncias de escravidão por dívidas em trabalho nas carvoeiras de Minas Gerais e nos seringais e garimpos da Amazônia. Embora se trate de uma denúncia que certamente comprometerá um pouco mais a imagem do Brasil,

a) entretanto, vem acompanhada de um livro assinado pelo jornalista Alison Sutton, lançado em Genebra.
b) que associe ainda o tráfico de mulheres e meninas para a prostituição nestas regiões.
c) a existência desses, e de centenas de outros focos de escravidão em todo o país, já é do conhecimento do governo há vários anos.

d) evidenciando que a abolição da escravatura ainda não pode ser comemorada, conforme os movimentos negros insistem propalar.
e) esse emaranhado de empreiteiras imobilizando mais de dez mil pessoas nas senzalas do carvão.

Resposta: "c". Como o último período do texto traz uma oração concessiva (Embora se trate de uma denúncia que certamente comprometerá um pouco mais a imagem do Brasil), temos de continuar com uma afirmação categórica a respeito de um fato "ruim".

70. A respeito da posição do narrador no romance *Os miseráveis*, de Victor Hugo, diz Vargas Llosa:

Aí está ele legislando, tronando, autoritário, impudico, seguro de que exerce sobre o leitor o mesmo domínio absoluto que tem sobre suas personagens, convencido de que quem o ouve — o lê — acredita nele piamente...

Aponte a afirmativa incorreta que se faz acerca do trecho acima.
a) Vargas Llosa atribui ao narrador de *Os miseráveis* o poder de comandar o destino das personagens que criou para figurar no romance.
b) Vargas Llosa assegura que o leitor de *Os miseráveis* não vai poder se libertar da dominação que sobre ele exerce o narrador do livro.
c) Entende-se, pelo trecho, que V. Llosa está operando com a distinção autor/narrador.
d) Para V. Llosa, a maneira de constituição do narrador em *Os miseráveis* se assemelha ao desempenho de funções sociais de mando e poder.
e) Pode-se inferir do trecho que há relação entre a forma com que o narrador se põe numa narrativa e a forma com que os leitores o leem.

Resposta: "c". Em nenhum momento do texto se faz distinção entre autor e narrador.

71. Indique a opção que completa com coerência e coesão o trecho abaixo (extraído do Manifesto dos "Pioneiros da Educação Nova").

"Na hierarquia dos problemas nacionais, nenhum sobreleva em importância e gravidade ao da educação. Nem mesmo os de caráter econômico lhe podem disputar a primazia nos planos de reconstrução nacional. Pois, se a evolução orgânica do sistema cultural de um país depende de suas condições econômicas,
a) é impossível desenvolver as forças econômicas ou de produção sem o preparo intensivo das forças culturais."
b) são elas as reais condutoras do processo histórico de arregimentação das forças de renovação nacional."
c) o entrelaçamento das reformas econômicas e educacionais constitui fato de somenos relevância para o soerguimento da cultura nacional."
d) às quais se associam os projetos de reorganização do sistema educacional com vista à renovação cultural da sociedade brasileira."
e) subordina-se o problema pedagógico à questão maior da filosofia da educação e dos fins a que devem se propor as escolas em todos os níveis de ensino."

Resposta: "a". O último período do texto faz um raciocínio lógico condicional entre "sistema cultural" e "condições econômicas", por isso devemos continuar tratando disso. A única opção que trata de "cultura" e "economia" é a opção a).

72. Leia o seguinte texto e responda à questão a seguir.

A autoridade de que se reveste o Estado para impor sacrifícios à coletividade é uma decorrência da capacidade que revela no atendimento das necessidades e anseios dos membros que compõem o organismo social.

O fundamento do direito de tributar, por exemplo, repousa no princípio de que a produção dos serviços e bens públicos é o processo econômico que garante a máxima satisfação social com o mínimo de sacrifício para os contribuintes.

Infere-se do texto:

a) A capacidade que o Estado revela no atendimento das necessidades dos cidadãos decorre da autoridade que ele tem para impor sacrifícios.
b) O Estado só tem o direito de tributar quando os contribuintes acatam voluntariamente a tributação.
c) Os tributos dos contribuintes são decorrência inevitável da imposição da coletividade sobre a máquina governamental.
d) A tributação imposta pelo Estado aos contribuintes deve reverter, com vantagens, em benefício destes.
e) A produção de serviços e bens públicos é um direito do Estado, assim como usufruir desses serviços e bens é um dever do contribuinte.

Resposta: "d". Inferir é o mesmo que depreender, deduzir, concluir. A única conclusão de acordo com o texto está em d).

Leia o texto abaixo para responder à questão 73.

Em *Os Sertões*, Euclides da Cunha descreve com realismo "cinematográfico" e grandeza trágica o momento em que dois países irreconciliáveis se confrontam: o Brasil racional, urbano e republicano do litoral, aspirante à modernidade, e o Brasil arcaico, agrário, ágrafo, místico e profundo do sertão, saudoso da monarquia.

O escritor argentino Jorge Luis Borges considerava *Os Sertões* um dos grandes épicos da literatura universal. Inspirado no livro de Euclides, o peruano Mario Vargas Llhosa recriou a epopeia no romance *A guerra do fim do mundo*.

Para a literatura brasileira, a influência do livro é inestimável, tendo marcado não só os estudos históricos e sociológicos, como a melhor ficção regionalista, de Graciliano Ramos a Guimarães Rosa.

(*Folha de S.Paulo*, 23.06.1996, D 14, adaptado)

73. Em relação às ideias do texto, julgue cada um dos itens que se seguem como certo ou errado.

a) O texto informa que o livro *Os Sertões* serviu de inspiração para obras cinematográficas.
b) Na época da Guerra de Canudos, aspirava à modernidade a parte republicana do Brasil, ou seja, as metrópoles situadas mais ao litoral.
c) O Brasil rural, analfabeto e místico do sertão, tinha saudade da monarquia e se opunha à parte republicana.
d) Graciliano Ramos e Guimarães Rosa influenciaram com sua marca regional o livro *Os Sertões*, de Euclides da Cunha.
e) Na caracterização de *Os Sertões*, segundo Euclides da Cunha, "realismo" está para

“grandeza”, assim como “cinematográfico” está para “trágica”.

Resposta: Alternativa “a”, errada: Euclides da Cunha é que faz descrições “cinematográficas”. Alternativa “b” e “c”, certas. Alternativa “d”, errada: o jogo de palavras pode fazer com que confundamos as coisas. O texto afirma: “tendo marcado não só os estudos históricos e sociológicos, como a melhor ficção regionalista, de Graciliano Ramos a Guimarães Rosa.” — e não o contrário como está em d. Alternativa “e”, errada: não faz sentido dizer que “cinematográfico” está para “trágica”.

Leia o texto que se segue para responder à questão 74.

É comum e procedente o comentário de que a justiça e o povo estão separados por um grande abismo, o que torna praticamente impossível ao cidadão leigo, mesmo aquele com grau de instrução superior à média do País, compreender os assuntos inerentes ao Judiciário.

Uma das razões que contribuem para esse triste distanciamento — que se confunde com seus próprios efeitos e, por isso, engendra um círculo vicioso — reside na falta de cultura jurídica do povo brasileiro. Falta de cultura jurídica não no sentido de que as pessoas leigas não têm o desejável tirocínio para entender os meandros, o tecnicismo e os termos próprios do Direito, o que realmente não têm. Refiro-me ao fato de que o brasileiro não tem o costume de interessar-se por assuntos relativos à função judiciária do Estado.

(Rogério Schietti Machado Cruz, Direito e Justiça,
Correio Braziliense, 23.06.1996, p. 2, adaptado)

74. Com relação às ideias do texto, julgue cada um dos itens que se seguem como certo ou errado.

a) Mesmo os cidadãos com formação específica em Direito têm dificuldade de compreender os assuntos relativos ao judiciário.
b) A falta de cultura jurídica do povo brasileiro é razão, e também efeito, do distanciamento entre a justiça e o cidadão.
c) Os leigos não têm experiência prática suficiente para entender os procedimentos, o tecnicismo e os termos próprios dos trâmites judiciários.
d) É lamentável que o brasileiro não desenvolva o costume de se interessar pelos assuntos referentes à função judiciária do Estado.
e) O judiciário cria, voluntariamente, um círculo vicioso entre as pessoas leigas e os meandros do tecnicismo.

Resposta: Alternativa “a”, errada: o texto fala do cidadão leigo com formação superior e não especificamente do formado em Direito. Alternativas “b”, “c” e “d”, certas. Alternativa “e”, errada: não é o judiciário que cria o círculo vicioso e sim a “falta de cultura jurídica” das pessoas leigas.

Leia o texto que se segue para responder à questão 75.

Desde 1985, a Argentina e o Brasil vêm-se esforçando muito para reduzir as rivalidades nacionalistas e promover a convergência econômica, esforços esses que produziram um aumento no comércio bilateral entre os dois países nos últimos cinco anos.

Entretanto, a região é considerada por muitos observadores estrangeiros como sendo ainda economicamente atrasada, amarrada por políticas intervencionistas, pela hiperinflação, pela

crise de débito e pelo protecionismo. As reputações são notoriamente lentas para se adaptarem a novas realidades. Gestos arrojados e inequívocos são as únicas formas certas de mudá-las.

(Klaus Schwab, *Folha de S.Paulo*, 23.06.1996, p. 2-2)

75. Em relação às ideias do texto, julgue cada um dos itens que se seguem como certo ou errado.

a) O comércio bilateral entre a Argentina e o Brasil já era muito intenso antes de 1985.
b) As rivalidades nacionalistas facilitaram as relações comerciais entre o Brasil e a Argentina.
c) Políticas de convergência caracterizavam, antes de 1985, as relações econômicas entre Argentina e Brasil.
d) Para mudar a reputação junto aos observadores estrangeiros, os países que têm uma imagem desfavorável precisam tomar atitudes ousadas, corajosas, objetivas e claras.
e) A crise de débito, a hiperinflação, o protecionismo e as políticas intervencionistas prejudicam a imagem econômica da América do Sul no exterior.

Resposta: Alternativa “a”, errada: o texto afirma que desde 1985 esses países vêm se esforçando para reduzir as rivalidades, então não se pode dizer que antes disso o comércio entre eles já era muito intenso. Alternativa “b”, errada: as rivalidades dificultaram e não facilitaram as relações comerciais entre o Brasil e a Argentina. Alternativa “c”, errada: não foram antes de 1985 e sim a partir de 1985. Alternativas “d” e “e”, certas.

76. Escolha o enunciado que contradiz informação do texto abaixo.

Na última terça-feira, fiscais da Receita Federal fizeram uma blitz no Porto de Santos com resultados surpreendentes. Eles apreenderam 122 contêineres com uma carga de 1500 toneladas de mercadoria importada de maneira fraudulenta. Num deles, mochilas chinesas, dessas que a criançada usa na escola, por um preço declarado de 70 centavos de dólar a dúzia — ou 5 centavos a unidade, o que é um valor impraticável mesmo na China. Em outro, que deveria carregar “peças diversas” segundo o documento de importação, acharam uma perua van. No total, os produtos confiscados valem 41 milhões de reais. Essa foi a maior apreensão feita pela Receita Federal em sua história e aponta para um problema que está crescendo à sombra da abertura comercial. Na gíria dos fiscais, ele se chama “importabando”. Nessa operação, o importador malandro declara à Receita um valor muito menor do que realmente pagou por aquilo que está trazendo. O objetivo é recolher menos impostos e concorrer em posição de vantagem com o comerciante que importou de maneira legal.

Não há um cálculo oficial sobre o volume de contrabando, ou de importações com documentação fraudada, que está ingressando no país, mas apenas uma estimativa feita pela Confederação Nacional de Comércio. Ela calcula que, no ano passado, produtos no valor de 15 bilhões de dólares foram importados irregularmente, causando uma perda fiscal de 4 bilhões.

(Roger Ferreira e Leonel Rocha, *Veja*, 21.01.1998, adaptado)

a) Uma parte do problema se deve à falta de fiscais.
b) O aumento e a diversificação das importações são fatores inibidores das fraudes de subfaturamento.
c) A Receita e a Polícia Federal abriram guerra contra a nova fórmula de contrabando.

d) A corrupção é endêmica nos sistemas aduaneiros, e não só no Brasil.
e) Quem perde dinheiro e clientes com a importação fraudulenta é o fabricante brasileiro e o importador que não se desvia da lei.

Resposta: “b”. De acordo com o texto, o aumento das importações e sua diversidade são fatores que aumentam as possibilidades de fraude e subfaturamento.

77. Marque o texto que *não* constitui sequência lógica do texto inicial.

O Brasil, no mundo globalizado, é uma das filiais preferidas da lavanderia internacional de dinheiro sujo, aquele obtido com o comércio ilegal de drogas e armamentos, corrupção, terrorismo, sequestro e outros meios.

a) Atualmente todos esses órgãos estão impedidos de trocar informações entre si devido à lei de sigilo bancário.
b) Não se sabe exatamente o montante de dinheiro legalizado no país, mas é certo que não é pouco.
c) O volume de dinheiro do tráfico de drogas e armas é tão grande que pode causar danos sociais e ameaçar a segurança nacional.
d) Uma boa parte dos supostos US$ 500 bilhões movimentados anualmente pelo crime organizado no mundo emerge na “Lavanderia Brasil” como dinheiro limpo.
e) Para o governo brasileiro, a “Lavanderia Brasil” só poderá ser atacada com eficiência, nove anos depois da adesão do país ao Tratado de Viena, que combate o tráfico de drogas.

(Baseado em *IstoÉ Dinheiro*, 14.01.1998)

Resposta: “a”. Não há, no texto, referencial para o termo “todos esses órgãos” citado na opção a).

78. Marque o período que não constitui sequência lógica e coesa do texto abaixo.

As estatísticas de acidentes de trabalho no Brasil assustam e envergonham. Nos últimos 25 anos, dos 27 milhões de brasileiros acidentados no desempenho de suas atividades profissionais, 107 mil morreram. Atualmente, das 1.080 ocorrências diárias, quinze resultam em morte, cifra superior à verificada no trânsito.

Apesar das reduções registradas nos últimos anos, o número de desastres ainda é elevado e nos confere o 140º lugar no *ranking* mundial. Em 1997, esse triste quadro custou ao País US$ 5,8 bilhões, dos quais 85% (US$ 5,015 bilhões) foram pagos pelas empresas. A situação, portanto, é grave.

A Confederação Nacional da Indústria (CNI) resolveu, por isso, repetir este ano a Campanha de Prevenção de Acidentes no Trabalho, de 1997, a fim de conscientizar os profissionais dos riscos a que estão sujeitos quando não levam em conta cuidados essenciais na execução das tarefas ou dispensam equipamentos que os protegeriam e lhes salvariam a vida.

Dos acidentes, além dos lamentáveis casos fatais, resultam, anualmente, milhares de incapacitações permanentes para o exercício de atividades laborais, com prejuízos econômicos irreparáveis para os indivíduos, as empresas e o País.

(*Correio Braziliense*, 22.07.1998, adaptado)

a) São números inaceitáveis neste final de milênio para um país que tem pressa de ingressar no Primeiro Mundo.

b) O Brasil precisa, com urgência, reverter essas estatísticas.
c) É imprescindível que se elaborem medidas propiciatórias a uma parceria efetiva entre o sistema econômico e as instituições do governo capazes de baixar o número de acidentes a níveis civilizados.
d) A desinformação de ambos contribui para manter altas as cifras das ocorrências de lesões e morte no trabalho.
e) Não há como ignorar, ainda, que, apesar da campanha, estima-se que ocorrerão cerca de 300 mil desastres laborais nos próximos doze meses.

Resposta: "d". Não há, no texto, referencial para o termo "de ambos" citado na opção d).

Leia o texto seguinte para responder à questão 79.

A Lei 9.677, de 2 de julho de 1998, alterou dispositivos do Código Penal, redefinindo os crimes contra a saúde pública. Todos sabemos que essa nova lei derivou da "descoberta" de falsificação e adulteração de medicamentos com requintes de desumanidade. Em alguns casos, venderam-se remédios para a cura ou o controle de doenças gravíssimas, como o câncer, causando, com toda razão, a revolta e a indignação da sociedade e dos consumidores e, o que é pior, a morte de um ainda incerto número de pessoas, lesadas pela avidez e engodo dos responsáveis por tal prática nefasta.

A esses últimos não há como deixar de aplicar os rigores do Direito Penal (ainda que falido), pois quem, ciente de sua conduta, falsifica um remédio para tão grave doença ou o vende a um necessitado consumidor é, na verdade, um homicida, e com similar severidade penal deve ser tratado.

Porém, o que o legislador deixou de fazer — como de costume — foi distinguir situações absolutamente distintas, preferindo, ao contrário, colocar dentro de uma vala comum condutas que apenas no verbo se assemelham.

(Rogério Schietti Machado Cruz, Direito e Justiça, *Correio Braziliense,* 10.08.1998)

79. O texto permite afirmar que o autor

a) acredita que o procedimento legal de alteração do Código Penal, referido no texto, não condiz com a prática tradicional e costumeira dos legisladores.
b) considera a referida alteração dos dispositivos do Código Penal imperfeita, pois iguala e torna equivalentes perante a lei condutas distintas.
c) considera que a prática de falsificação e adulteração de medicamentos distancia-se do crime de homicídio, por ser motivada apenas pela avidez econômica.
d) reconhece que o Direito Penal é satisfatório em seu texto e em sua aplicação para coibir e apenar crimes contra a saúde, prescindindo de alterações.
e) está ciente de que a falsificação e adulteração de medicamentos chegou ao conhecimento do poder público após a alteração do Código Penal.

Resposta: "b". A única inferência possível para o texto é a de que o autor considera a alteração dos dispositivos do Código Penal imperfeita, uma vez que torna iguais as condutas distintas.

80. Marque o item que não liga de maneira coesa e gramaticalmente correta os dois segmentos seguintes do texto:

O relatório das atividades anuais do Tribunal Superior do Trabalho deve constituir objeto de análise pelos integrantes da Justiça do Trabalho, do Congresso Nacional e do Poder Executivo Federal, _____ estimularia a busca de respostas para indagações de relevante interesse socioeconômico.

(Baseado em Almir Pazzianotto Pinto)

a) pois, sintetizando a crise que afeta as relações de trabalho,
b) porquanto, sintetizando a crise que afeta as relações de trabalho,
c) pelo qual, sintetizando a crise que afeta as relações de trabalho,
d) uma vez que, ao apresentar síntese da crise que afeta as relações de trabalho,
e) dado que, ao sintetizar a crise que afeta as relações de trabalho,

Resposta: "c". A frase iniciada na lacuna deve ser uma explicação ou um causa para a oração anterior. Assim deve ser iniciada por uma conjunção explicativa (pois, porquanto) ou causal (uma vez que, dado que). Na opção c), aparece um pronome relativo antecedido de preposição (pelo qual); não há referência antecedente para ele, por isso essa opção não pode ser inserida no texto.

81. Numere os fragmentos, ordenando-os de modo a constituírem um texto coeso e coerente. Assinale, em seguida, a sequência numérica correta.

( ) E logo em seguida prevê e recomenda "políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos".

( ) A Constituição de 1988, que o Governo insiste mais em reformar do que em executar, é expressa na defesa do povo.

( ) No artigo 196, declara que "a saúde é direito de todos e dever do Estado".

( ) Logo, esse tipo de organização de serviços vincula a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios entre si para ação integrada e eficiente.

( ) Se a União tem maior poder de comando e de recursos, fica, por isso mesmo, investida de mais responsabilidade na adoção das providências oportunas.

( ) Em garantia do resguardo desse direito coletivo, o artigo 198 estipula que as ações e serviços públicos de saúde integram uma rede regionalizada e hierarquizada, constituindo um "sistema único".

(Josaphat Marinho, *Correio Braziliense,* 25.08.1998)

a) 1, 3, 5, 4, 2, 6
b) 3, 1, 2, 5, 6, 4
c) 2, 4, 1, 3, 5, 6
d) 4, 2, 6, 1, 3, 5
e) 5, 6, 3, 2, 4, 1

Resposta: "b". Vejamos os elementos coesivos existentes nos segmentos dados:

(?) E logo em seguida,... — esse trecho não pode iniciar o texto, pois afirma "logo em seguida".

(1) A Constituição de 1988, que o Governo insiste mais em reformar do que em executar, é expressa na defesa do povo. — esse trecho pode iniciar o texto, pois traz uma afirmação categórica, sem elemento coesivo de retomada.

(?) No artigo 196, declara que... — esse trecho não pode iniciar o texto, pois traz um sujeito oculto que depende de uma informação antecedente: “declara”.

(?) Se a União tem maior poder... — esse trecho traz uma afirmação vaga que depende de um contato anterior com o texto para que se firme como coerente. Assim, não pode iniciar o texto.

(?) Em garantia do resguardo desse direito coletivo,... — esse trecho não pode iniciar o texto, pois necessita de um referente (anterior) para o termo “desse direito coletivo”.

Dito isso, a única sequência possível, coloca o segundo segmento como inicial do texto: ? 1 ? ? ?.

Texto para as questões 82 e 83.

Polícia

É uma função do Estado que se concretiza em uma instituição de administração positiva e visa pôr em ação as limitações que a lei impõe à liberdade dos indivíduos e dos grupos, para salvaguarda e manutenção da ordem pública, em suas várias manifestações: da segurança das pessoas à segurança da propriedade, da tranquilidade dos agregados humanos à proteção de qualquer outro bem tutelado com disposições penais. Esta definição de Polícia não abrange o sentido que o termo teve no decorrer dos séculos: derivando de um primeiro significado diretamente etimológico de conjunto das instituições necessárias ao funcionamento e à conservação da Cidade-Estado, o termo indicou, na Idade Média, a boa ordem da sociedade civil, da competência das autoridades políticas do Estado, em contraposição à boa ordem moral, do cuidado exclusivo da autoridade religiosa. Na Idade Moderna, seu significado chegou a compreender toda a atividade da administração pública. Este termo voltou a ter um significado mais restrito, quando, no início do século XIX, passou a identificar-se com a atividade tendente a assegurar a defesa da comunidade dos perigos internos. Tais perigos estavam representados nas ações e situações contrárias à ordem pública e à segurança pública. A defesa da ordem pública se exprimia na repressão de todas aquelas manifestações que pudessem desembocar em uma mudança das relações político-econômicas entre as classes sociais, enquanto a segurança pública compreendia a salvaguarda da integridade física da população, nos bens e nas pessoas, contra os inimigos naturais e sociais. Estas duas atividades da polícia são apenas parcialmente distinguíveis do ponto de vista político: na sociedade atual, caracterizada por uma evidente diferenciação de classes, a defesa dos bens da população, que poderia parecer uma atividade destinada à proteção de todo o agregado humano, se reduz à tutela das classes possuidoras de bens que precisam de defesa; quanto à defesa da ordem pública, ela se resume também na defesa de grupos ou classes particulares. A orientação classista da atividade de polícia consentiu, além disso, que normas claramente destinadas à salvaguarda da integridade física da população contra inimigos naturais tenham sido utilizadas com fins repressivos: pensemos, por exemplo, nas normas sobre a funcionalidade dos locais destinados a espetáculos públicos (cinemas, teatros, estádios etc.) e no uso que deles se fez em tempos e países diversos para impedir manifestações ou reuniões antigovernamentais. É nesse sentido que se confirma a definição de Polícia acima apresentada, já que a defesa da segurança pública é, na realidade, uma atividade orientada a consolidar a ordem pública e, consequentemente, o estado das relações de força entre classes e grupos sociais.

(Norberto Bobbio et al. *Dicionário de Política.* Brasília,

Editora da UnB, p. 944-945, 1995, com adaptações)

82. Um dicionário especializado, obra de consulta necessária quando se quer aprofundar os conhecimentos acerca de um assunto, caracteriza-se, primordialmente, por apresentar as informações em linguagem clara, objetiva, sequencialmente coerente e em ordem direta. Considerando a tipologia textual do verbete acima, julgue cada um dos itens que se seguem como certo ou errado.

a) A estrutura do parágrafo acima é de natureza dissertativa, sendo a linguagem predominantemente denotativa.

b) Apesar de estar transcrito em um único bloco formal, o verbete admite uma subdivisão em partes menores, segundo as ideias expostas, conforme indicação a seguir: introdução — apresentação do assunto: definição do termo; desenvolvimento — evolução do sentido do termo, em um enfoque histórico-crítico; conclusão — retomada do tópico inicial: a concepção de polícia.

c) O verbete apresenta uma conceituação atual, de base política, e mostra uma definição etimológica, sem que ocorra qualquer exemplificação nessa parte do texto.

d) No desenvolvimento do significado do termo, em meio a outras abordagens, aparece o confronto entre as esferas de atuação de duas instituições sociais responsáveis pela ordem pública: o Estado e a Igreja.

e) Ao comentarem as duas fundamentais atividades da polícia, os autores do verbete inserem-se no texto, apresentam abonações e expressam julgamentos valorativos quanto aos fatos observados, sem violarem as normas aconselhadas a essa tipologia textual.

Resposta: Alternativa “a”, certa: o texto é temático e não figurativo, por isso dissertativo. No texto dissertativo há o predomínio da linguagem denotativa, real. Alternativa “b”, certa: a divisão apresentada corresponde à clássica partição da dissertação objetiva em introdução (apresentação do tema), desenvolvimento (argumentação sobre o tema) e conclusão (retomada do tema). Alternativa “c”, errada: o texto apresenta uma conceituação histórica e apresenta sim exemplificação, pois isso é um dos recursos argumentativos empregados nas dissertações. Alternativa “d”, certa: em certo ponto do texto, há uma explicação a respeito da atuação do Estado e também da atuação da Igreja. Alternativa “e”, certa: na dissertação objetiva, prevalece a impessoalidade, assim as opiniões devem ser expressas sem conotações subjetivas, persuadindo o leitor acerca das ideias apresentadas. Uma maneira de se fazer isso é usar a 1a pessoa do plural: “pensemos, por exemplo, nas normas”.

83. Para se compreender a abrangência de um verbete, é necessária uma leitura atenta, observando os aspectos que são abordados na explicitação do termo. Evidenciando a leitura compreensiva do texto, quanto à atuação da polícia ao longo dos tempos, julgue cada um dos itens que se seguem como certo ou errado.

a) O texto atribui à atuação policial grande parte da responsabilidade pela diferenciação das classes, na sociedade atual.

b) Ocorrido a partir do século XIX, o gerenciamento das atividades de polícia pelos detentores do poder estatal é o responsável pelos desvios dos objetivos originais da instituição policial, principalmente nas ações antipopulares, historicamente constantes, em várias comunidades do mundo.

c) No texto, fica explícito que não apenas as “classes possuidoras de bens” necessitam da

intervenção policial, quanto à defesa de seus bens, mas todas as camadas da população.

d) Há uma crítica desabonatória à atuação da polícia na sociedade contemporânea, conforme esta é caracterizada no texto, no que tange à ordem pública: “ela se resume também na defesa de grupos ou classes particulares”.

e) A utilização, com fins repressivos, das normas “destinadas à salvaguarda da integridade física da população” é consequência direta da introdução do espírito sindicalista entre os membros da corporação.

Resposta: Alternativa “a”, errada: em nenhum momento o texto afirma ser a polícia a responsável pelas diferenciações atuais das classes. Alternativa “b”, errada: esse trecho extrapola a ideia contida no texto ao afirmar que as ações antipopulares são “historicamente constantes, em várias comunidades do mundo”. Alternativas “c” e “d”, certas. Alternativa “e”, errada: há aqui outra extrapolação, pois o texto não menciona a “introdução do espírito sindicalista entre os membros da corporação”.

Leia o texto seguinte para responder à questão 84.

O saber produzido pelo iluminismo não conduzia à emancipação e sim à técnica e ciência moderna que mantêm com seu objeto uma relação ditatorial. Se Kant ainda podia acreditar que a razão humana permitiria emancipar os homens de seus entraves, auxiliando-os a dominar e controlar a natureza externa e interna, temos de reconhecer hoje que essa razão iluminista foi abortada. A razão que hoje se manifesta na ciência e na técnica é uma razão instrumental, repressiva. Enquanto o mito original se transformava em Iluminismo, a natureza se convertia em cega objetividade. Inicialmente a razão instrumental da ciência e técnica positivista tinha sido parte integrante da razão iluminista, mas no decorrer do tempo ela se autonomizou, voltando-se inclusive contra as suas tendências emancipatórias.

(B. Freitag, *A teoria crítica ontem e hoje*, p. 35, com adaptações)

84. Marque o item que dá continuidade às ideias do texto, de forma coesa e coerente.

a) Por isso, a razão iluminista logrou seu intento ao assumir que os homens, sujeitos da história, dependem apenas de sua coragem e competência para dirigir o próprio destino.

b) A convicção partilhada pelos que acreditam no mito original de que, ao fazer uso da razão, o homem está preparado para iluminar a ciência e a técnica, fortaleceu-se no embate objetivo com o real.

c) Desta forma, a razão converteu-se em uma razão alienada que se desviou do seu objetivo emancipatório original, transformando-se em seu contrário: a razão instrumental, o controle totalitário da natureza e a dominação repressiva.

d) Nesse sentido, o sujeito abstrato da história, o iluminismo em todo seu apogeu, passou a acreditar em uma outra forma de razão emancipatória: aquela que converte a natureza externa em interna.

e) É, assim, pela razão instrumental proposta pelo iluminismo que a ciência e a técnica convertem-se em instrumento emancipatório do homem para, não só domesticar a natureza, mas também servir de libertação moral.

Resposta: “c”. Esta opção representa uma retomada à frase síntese do parágrafo (“O saber produzido pelo iluminismo não conduzia à emancipação e sim à técnica e ciência moderna que mantêm com seu objeto uma relação ditatorial.”), por isso pode ser colocada ao final dele, como uma conclusão. Note-se que em todas as outras há problema com a concatenação de

ideias entre o que se diz no texto e o que se afirma em cada uma delas.

85. Indique a afirmação que *não* está de acordo com as ideias do seguinte trecho do texto:

Se Kant ainda podia acreditar que a razão humana permitiria emancipar os homens de seus entraves, auxiliando-os a dominar e controlar a natureza externa e interna, temos que reconhecer hoje que essa razão iluminista foi abortada.

a) A razão iluminista, embora tenha sido adotada por Kant, fracassou.
b) A razão humana, sob a perspectiva iluminista, permitiria que os homens se emancipassem de seus entraves.
c) Kant acreditava em um determinado valor da razão humana.
d) Reconhecemos o fracasso da razão iluminista porque Kant desacreditou da emancipação dos homens.
e) Quando os homens se emancipam de seus entraves podem dominar e controlar a natureza externa e interna, segundo a razão iluminista.

Resposta: "d". Essa opção contraria o texto ao afirmar que "Kant desacreditou da emancipação dos homens."

86. Assinale o item que *não* preenche a lacuna do texto com coesão e coerência.

Os historiadores dizem que a troca de e-mails, o download de fotos dos amigos ou as reservas para as férias feitas pelo computador talvez sejam divertidos, _____ a Internet não pode ser comparada a inovações como a invenção da imprensa, o motor a vapor ou a eletricidade.

(Adaptado de *Negócios Exame*, p. 94)

a) contudo
b) no entanto
c) entretanto
d) todavia
e) porquanto

Resposta: "e". Porquanto é conjunção explicativa. Contudo, no entanto, entretanto e todavia são conjunções adversativas. Ora, se quatro são sinônimas entre si, a única "diferente" é a única que não pode ser inserida no trecho.

87. Indique a sequência que preenche corretamente as lacunas.

A Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco) estima que há 880 milhões de analfabetos adultos e 115 milhões de jovens em idade escolar fora da escola, entre a população mundial. A Unesco, _____, não divulgou os números para cada país pesquisado. Em setembro do ano passado, o Ministério da Educação divulgou os dados mais recentes sobre o Brasil, _____ 14,7% da população entre 14 e 49 anos de idade continua analfabeta. Houve uma grande redução do problema, _____, há 20 anos, mais de 30% da população naquela faixa etária não sabia ler e escrever.

O Ministério relacionou a queda dos índices de analfabetismo com o aumento da escolaridade: em 1980, apenas 49% das crianças entre 7 e 14 anos estavam na escola, percentual que subiu para 96% no ano passado. O Brasil reduziu pela metade o percentual de analfabetos na

população, _____ dobrou o número de crianças em idade escolar nas salas de aula. Esse avanço é relevante, _____ a simples alfabetização já não é mais suficiente para a conquista de emprego num mercado de trabalho competitivo.

(*O Estado de S. Paulo*, Notas e Informações, 22.04.2000, p. A3)

a) porém, onde, pois, porque, contudo
b) entretanto, apesar de, já que, por que, mas
c) apesar de, entretanto, pois, por que, mas
d) no entanto, onde, apesar de, já que, por que
e) pois, porque, apesar de, já que, entretanto

Resposta: "a". Para resolver essa questão devemos observar as relações existentes entres as orações dos períodos do texto, para assim decidirmos sobre uma ou outra conjunção ou pronome. A segunda lacuna ajuda muito a resolver a questão: note-se que precisamos de uma palavra que retome a ideia "Brasil" — uma localidade. As opções a) e d) trazem o pronome relativo "onde" — que se refere a uma localidade. Assim eliminamos as outras três. Na terceira lacuna precisamos de uma expressão explicativa ("pois") que aparece na letra a); e com isso resolvemos a questão.

88. Julgue se os itens seguintes apresentam relações de sentido que correspondem à estrutura semântica dada pela fórmula genérica abaixo, em que X é uma estrutura linguística que expressa condição ou concessão, e Y é uma estrutura linguística afirmativa.

X, não Y.

a) Apesar da proteção da justiça e do Estado, não parece que a resolução dos conflitos se desvie do âmbito privado.
b) Embora a nossa concepção de violência tenha sido ampliada, não é possível afirmar que nossa sensibilidade e tolerância em relação a ela estejam igualmente distribuídas.
c) Se alguns autores propõem que estamos vivendo um movimento de pacificação progressiva da vida em sociedade, não estão afirmando que esse processo seja fácil.
d) Não devemos pensar na pacificação da sociedade de forma isolada, mas sim dentro de um conceito mais geral das transformações econômicas que afetam o mundo.
e) Violência, direitos, justiça e o papel do Estado, se analisados como problemas fundamentais, estão dentro do quadro das transformações ocorridas, não só econômicas como também políticas.

Resposta: O enunciado é bastante claro: a primeira frase (X) deve se condicional ou concessiva, e a segunda frase (Y) deve ser afirmativa. E, "a pegadinha", entre elas deve aparecer a palavra "Não" (X, não Y):

a) Apesar da... (concessiva) + NÃO + parece que... (afirmativa) — atende à solicitação do enunciado.

b) Embora... (concessiva) + NÃO + é possível... (afirmativa) — atende à solicitação do enunciado.

c) Se... (condicional) + NÃO + estão afirmando (afirmativa) — atende à solicitação do enunciado.

d) Não devemos pensar... (não é condicional nem concessiva) — já está em desacordo com a

solicitação do enunciado.

e) Violência, direitos, justiça... (não é condicional nem concessiva) — já está em desacordo com a solicitação do enunciado.

Textos para a questão 89.

Fragmento A

O processo de ampliação dos direitos e de pacificação social não é neutro, nem é o caminho natural de evolução em todas as sociedades. Em geral, é fruto de um processo político, resultado de muitos conflitos e negociações. Nele se confrontam, nos diferentes períodos históricos e nas diferentes sociedades, grupos diversos — alguns mais representativos da maioria dos membros de uma sociedade, outros menos —, defendendo suas ideias e seus interesses a respeito de como organizar a sociedade.

(Andréa Buoro et al. *Violência urbana* — dilemas e desafios.

São Paulo: Atual, 1999, p. 17, com adaptações)

Fragmento B

IstoÉ — Estamos às portas da Terceira Guerra Mundial?

Clóvis Brigagão — Acho que uma nova guerra se estabeleceu, que é um confronto entre grupos terroristas e o Estado. Não é uma guerra clássica, não é uma guerra de guerrilha ou de longa duração, mas um confronto de ataques tópicos, uma espécie de acupuntura. Enquanto os poderosos americanos são visíveis, os inimigos são invisíveis, utilizam ataques de surpresa que põem o sistema internacional e a convivência humana em perigo. Isso já existe no Oriente Médio, onde Israel enfrenta os palestinos. Não é Estado contra Estado, mas Estado contra o terrorismo. Esse modelo de conflito se tornou um novo fator de desequilíbrio mundial. Pode inclusive estabelecer uma nova espiral armamentista não convencional.

(*IstoÉ,* n. 1.668, 19.09.2001, p. 10, com adaptações)

89. Julgue os itens abaixo, com o auxílio dos dois fragmentos do texto.

a) Da leitura dos dois fragmentos, infere-se que guerras e conflitos não respeitam fronteiras estatais.

b) O fragmento A mostra que muitos avanços sociais causam conflitos, e mesmo guerras.

Resposta: Alternativa “a”, errada: os fragmentos não falam de guerras entre nações, mas de outro tipo de guerra. Alternativa “b”, certa.

Texto para a questão 90.

Uma ideia muito difundida atualmente é a associação da violência à pobreza. Justificando ou acusando, acredita-se que são as pessoas mais pobres que praticam os crimes, elas são os suspeitos em potencial. Tal associação revela a concepção de criminalidade e os mecanismos de criminalização presentes na nossa sociedade. É esse o assunto que vamos discutir agora.

Na verdade, a associação entre pobreza, violência e criminalidade já existe há algum tempo na história, pois decorre de uma das primeiras consequências do desenvolvimento do capitalismo nas sociedades ocidentais modernas: expulsão do campo de milhares de pessoas sem trabalho, que migraram para as cidades. Rapidamente, o modo de vida urbano passou a ser associado ao perigo, às epidemias, à promiscuidade, à agressão e à criminalidade.

(Andréa Buoro et al. *Violência urbana* — dilemas e desafios. São Paulo: Atual, 1999, p. 22)

90. Julgue os itens abaixo, com respeito às relações de causa e consequência presentes no texto.

a) A expulsão de pessoas do campo é uma decorrência da violência e da criminalidade que o capitalismo produz.

b) A associação entre a pobreza e a criminalidade tem como consequência o capitalismo nas sociedades modernas.

c) A migração para as cidades grandes é consequência da violência e da criminalidade no campo.

d) O fato de milhares de pessoas terem sido expulsas do campo sem trabalho é uma decorrência do desenvolvimento do capitalismo em sociedades do ocidente.

e) Em consequência da migração de pessoas sem trabalho do campo para a cidade, o perigo, as epidemias, a promiscuidade, a agressão e a criminalidade foram associados à vida urbana.

f) No primeiro período do texto, a expressão "da violência à pobreza" pode ser substituída, sem prejuízo para a coerência do texto e para a correção gramatical, por qualquer uma das seguintes construções: da violência com a pobreza; de violência com pobreza; entre a violência e a pobreza; entre violência e pobreza.

Resposta: Alternativa "a", errada: a ideia é justamente o contrário, pois a violência e a criminalidade decorrem da expulsão de pessoas do campo. Alternativa "b", errada: não há no texto nada que prove que a pobreza e a criminalidade sejam decorrentes do capitalismo. Alternativa "c", errada: essa opção afirma a mesma coisa que a opção a); então novamente o contrário — a violência e a criminalidade é que decorrem da migração para a cidade. Alternativas "d", "e" e "f", certas.

Texto para a questão 91.

Pode parecer exagero, mas 2001 será o ano que não vai acabar. Daqui a muitas décadas, os livros vão registrar o dia 11 de setembro como uma das páginas mais importantes da história da civilização. Não apenas pelas mortes, pelo espetacular ataque usando uma arma inusitada, mas, principalmente, pelo fato de Osama Bin Laden ter provocado a ira do Império. O ato terrorista contra as torres gêmeas não foi apenas insano. Ele provocou um retrocesso nas liberdades civis, implantou o medo em escala planetária, levou ao acirramento da convivência possível no Oriente Médio, fortaleceu a extrema direita belicista. Muitos outros fatos aconteceram em 2001, mas nada, nem de longe, será um marco para a humanidade como os aviões se chocando, ao vivo pela televisão, com o símbolo da pujança americana.

(*IstoÉ*, n. 1.682, 26.12.2001, p. 33, com adaptações)

91. Com o auxílio do texto, julgue os itens seguintes.

a) Depreende-se do texto que o "11 de setembro" está relacionado aos inusitados atos terroristas contra os EUA, quando aeronaves sequestradas atingiram alvos significativos — em termos estratégicos, de defesa e das finanças — do poder norte-americano.

b) A palavra "acirramento", no sentido que lhe foi dado pelo texto, significa recrudescimento.

Resposta: Alternativas "a" e "b", certas.

Texto para as questões 92 e 93.

Inflação em baixa com queda do dólar

A queda do dólar desde o final de outubro de 2001 já fez a dívida pública recuar 2,4 pontos percentuais do PIB, calcula o economista Odair Abate, do Lloyds TSB. Considerando a cotação da moeda americana de ontem, abaixo da média do ano, a dívida pública cairia abaixo de 54% do PIB, patamar em que o governo pretendia estabilizá-la. No fechamento de outubro, o dólar valia R$ 2,78. Ontem, estava em R$ 2,33. Foi a menor cotação desde o fim de junho, abaixo da média do ano, que foi de R$ 2,349.

O efeito positivo sobre a dívida pública e sobre a inflação, aparentemente, tem sido o motivo de o Banco Central do Brasil (BACEN) deixar o fluxo de recursos derrubar a cotação sem nenhuma interferência. Ontem, continuou a venda dos US$ 50 milhões diários, assim como a rolagem de papéis cambiais.

A primeira prévia do IGP-M de dezembro confirmou o impacto positivo sobre a inflação, com índice de 0,16%, bem abaixo dos 0,78% do primeiro decêndio de novembro. Para Abate, o índice ficou abaixo do esperado, observando que o Índice de Preços no Atacado (IPA) registrou deflação de 0,7%. Curiosamente, a pesquisa de expectativas do BACEN mostrou piora nas previsões de inflação. “Observando as previsões dos Top 5 — instituições com maior porcentagem de acerto das previsões de acordo com o BACEN —, as expectativas de inflação para 2002 caem ou ficam estáveis”, destacou Abate.

Alguns analistas acreditam que, além dos efeitos positivos sobre contas públicas e preços, outra razão para que o BACEN esteja longe de iniciativas para conter a queda do dólar — e até contribuindo para sua queda — seja a criação de uma “reserva anticrise”, uma folga que pode ser consumida se a Argentina desembocar mesmo em uma moratória e provocar nervosismo no mercado.

A consequência negativa deve ser o efeito sobre a balança comercial, ainda não muito bem dimensionado pelo mercado. Por enquanto, os bancos mantêm a expectativa de saldo positivo em torno de US$ 4,5 bilhões em 2002, mas devem reduzir suas previsões se o dólar continuar a cair. A média das previsões colhidas pelo BACEN nesta semana subiu de US$ 4,75 bilhões para US$ 4,8 bilhões. “É cedo para dizer se esse nível de câmbio é sustentável. O mais provável, dado o déficit em conta corrente, é que a taxa volte para níveis de R$ 2,50”, afirma Marcelo Audi, da Merrill Lynch. O Lloyds ainda não revisou a expectativa de superávit da balança comercial para o próximo ano, porque a taxa está mudando muito rapidamente. “Vamos esperar mais um pouco antes de mudar as previsões”. A rapidez da queda de câmbio provocou desde outubro sucessivas revisões nas previsões dos bancos. A desvalorização do real no ano, que já chegou a superar 42%, ontem estava em 19%.

(Tatiana Bautzer. Disponível em: <http://www.valor.com.br/valoreconomico/materia>.

Acesso em: 11 dez. 2001, com adaptações)

92. Considerando as informações do texto, julgue os itens subsequentes.

a) Os efeitos da desvalorização do dólar ante o real encarecem os produtos brasileiros no exterior, podendo provocar consequências negativas sobre a balança comercial.

b) Como o câmbio denota uma relação de valor entre os preços dos produtos nacionais e os internacionais, a apreciação do real deverá elevar os índices de inflação nos próximos

meses.

c) A redução do percentual expresso pela relação entre a dívida pública e o produto interno bruto é vista como um sinal negativo pelos investidores externos, uma vez que demonstra menor capacidade de captação por parte do Brasil.

d) Devido ao caráter temporal estabelecido, analisando-se a evolução da cotação do dólar ao longo de 2001, o texto entrelaça aspectos narrativos, expositivos e argumentativos.

e) O uso do futuro do pretérito no segundo período do primeiro parágrafo reforça uma ideia de possibilidade.

Resposta: Alternativa “a”, certa. Alternativa “b”, errada: pois o texto não fala da relação entre preços de produtos nacionais e preços de produtos internacionais. Alternativa “c”, errada: a redução é vista pelos investidores com cautela e não como sinal negativo. Alternativas “d” e “e”, certas.

93. Considerando o texto, julgue os seguintes itens.

a) A criação, pelo BACEN, de uma reserva de dólares, para o caso de a “Argentina desembocar mesmo em uma moratória”, configurou-se como uma medida precipitada, uma vez que, apesar das dificuldades políticas e financeiras enfrentadas, a Argentina tem honrado seus compromissos com os credores internacionais.

b) O segundo período do segundo parágrafo do texto fica corretamente reescrito da seguinte forma: A rolagem de papéis cambiais continuou ontem, assim como a venda dos cinquenta milhões de dólares diários.

c) No último período do terceiro parágrafo do texto, a autora faz a sua previsão para a inflação em 2002: queda ou estabilidade.

d) Segundo o último parágrafo do texto, a média das previsões colhidas pelo BACEN de US$ 4,8 bilhões já representa uma consequência negativa da subida do dólar sobre a balança comercial.

Resposta: Alternativa “a”, errada: essa opção afirma que o BACEN criou uma reserva, mas o texto diz apenas “seja a criação de uma ‘reserva’ anticrise”, isso é, no texto há apenas a hipótese de se criar a reserva, não que ela já esteja criada. Alternativa “b”, certa. Alternativa “c”, errada: a previsão não é da autora do texto e sim da autoridade que ela cita, por isso o trecho aparece entre aspas. Alternativa “d”, errada: pois o teto afirma que “É cedo para dizer se esse nível de câmbio é sustentável.”

Texto para as questões 94 e 95.

A normalização e a codificação da norma

Seria inadequado, aqui, discutir conceitos como os de língua, sistema, norma, subnorma, subsistema, dialetos. Mas devemos ater-nos ao fato de que os indivíduos falantes e escreventes no geral automatizam o sistema relativamente cedo (pelos treze-quinze anos), vale dizer, não têm consciência de seu uso e não entendem o seu não uso. Mas a norma, que emerge dos usos do sistema no que eles tenham de mais frequente, em se tratando de uma língua culta, quer dizer, com tradição-transmissão escrita, de tal modo que nos seus escritos passados o passado esteja presente no presente, a norma culta pede estudo do passado para poder estar presente e ser usada no presente. Assim, pois, não parece que se deve lutar contra a norma comum culta de uma língua comum de cultura. Haveria, apenas, que contrarregrar o que há realmente como normal para o âmbito do português como um todo; o

que há realmente como normal para cada variedade nacional do português (duas das quais, neste momento da história, perfeitamente caracterizáveis, a norma nacional portuguesa, a norma nacional brasileira). Porque, de fato, os impedimentos, na linguagem oficial, para que se possa atingir essa norma destituída de cerebrinices e bizantinices são de vária natureza:

I. a normalização oferecida pelas nossas gramáticas correntes tem vergonha de encampar como realidades cultas normais uma quantidade de práticas e pragmáticas linguageiras universalizadas entre nós, fatos esses cuja não observância constitui um ato de força permanente do escritor oficial ou usuário da linguagem oficial contra si mesmo;

II. a normalização oferecida pelas nossas gramáticas, ademais de suas cerebrinices ou bizantinices, é uma normalização "culta", isto é, que encerra passado no presente, encerrando assim mais de uma potencialidade "regular"; seu aprendizado não é nem pode ser espontâneo (como o da língua falada no nível do vernáculo — a que é aprendida em casa e de uso em casa para os fins de casa), impondo-se seu estudo atento e cuidado por longos anos e a manutenção do conquistado por mais longos anos, já então como que espontâneo "de segunda natureza", a valer tanto quanto a primeira natureza que, no indivíduo, em não mais havendo, não se sabe como ora seria: o adquirido como segunda natureza pode funcionar — e na imensa maioria dos casos funciona — como "espontâneo" por ter sido (vá lá o termo) automatizado;

III. a normalização oferecida, mesmo despojada de cerebrinices, não está tendo ensino institucionalizado à altura das necessidades sociais — e isso parece claramente espelhar-se na forma porque, na modernidade, a linguagem oficial se vem alterando, perdendo a clareza das articulações mesmo convencionais ou tradicionais, obscurecendo-se no uso aparentemente personalizado da pontuação, vacilando na ortografia, fazendo-se difusa na semântica, não sabendo evitar as ambiguidades — e quanto mais se poderia dizer.

Na verdade, esses aspectos são passíveis de correção em âmbito nacional, desde que a sociedade, através do Estado ou de comissionados pelo Estado, gere instrumentos consabidos — vocabulários ortográficos, onomásticos, terminológicos, dicionário de autoridades para o cerne do léxico oficial [50 mil palavras — das 400 mil averbáveis (de fato averbadas no *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*, da Academia Brasileira de Letras) —, com o máximo de conexões possíveis, sinonímicas, antonímicas, paronímicas, ideológico-analógicas, etc. etc. etc.], uma gramática explícita quanto às inovações ou manutenções brasileiras universalizadas em nível culto e — sobretudo, sobretudo — um magistério qualificado em sua formação e não degradado no exercício de sua profissão, graças ao que os alunos pudessem, durante dez-catorze anos, ter duas horas, em cada um de cinco dias úteis da semana, de estudo, leitura, redação que transformassem a angústia presente, de uma assimilação mecânica, em convívio criativo com a língua — essa marca de humanidade e humanização que é a própria língua.

(Antonio Houaiss)

94. De acordo com o texto, várias condições são necessárias para se atingir o português como língua de cultura. O que constitui real impedimento para a consecução da norma culta do português é:

a) o reconhecimento de variantes nacionais da língua portuguesa.
b) a intensificação qualitativa e quantitativa do ensino da norma culta.

c) o abandono de regras cerebrinas e bizantinas no ensino da língua oficial.
d) a aceitação de variantes, desde que normais, na depreensão da norma culta.
e) a valorização dos falares regionais das duas principais nações de língua portuguesa.

Resposta: “e”. O autor afirma, no 1º parágrafo: “o que há como realmente normal para cada variedade nacional do português (duas das quais, neste momento da história, perfeitamente caracterizáveis, a norma nacional portuguesa, a norma nacional brasileira).”Ou seja, isso não constitui impedimento. O impedimento é justamente a valorização dos falares regionais “internos” dessas duas principais nações de língua portuguesa.

95. No tocante ao aprendizado da língua portuguesa, a afirmação que está em *desacordo* com o texto é:

a) O aprendizado do português falado, como língua transmitida, deve ser espontâneo.
b) O estudo da norma culta e a sua manutenção devem ser feitos ao longo de muitos anos.
c) O estudo da gramática, visando à aquisição da norma culta, deve ter prioridade sobre o estudo de outros aspectos da língua.
d) A linguagem oficial vem se apresentando, ultimamente, com muitas deficiências, uma vez que o ensino institucionalizado da língua não tem estado à altura das necessidades sociais.
e) As deficiências da linguagem oficial são passíveis de correção, mesmo no âmbito nacional, mediante instrumentos adequados, tais como vocabulários específicos, uma gramática modernizada do uso culto e sobretudo um magistério qualificado.

Resposta: “c”. O autor afirma ser importante o aprendizado da norma culta, mas que isso não “deve lutar contra a norma comum culta de uma língua comum de cultura.” Isso quer dizer que há possibilidade de se aceitar aquilo que há de comum na cultura popular.

As questões 96 a 98 referem-se ao texto abaixo.

É fato sabido há séculos que o desenvolvimento econômico está intimamente ligado ao crescimento da produtividade. O nó da questão são os fatores que determinam o aumento da produtividade. Há até duas décadas, a discussão se concentrava em apenas quatro pontos: estoque de capital físico por trabalhador; conhecimento tecnológico; grau de adestramento da mão de obra; e economias de escala. Nos últimos anos, vários outros fatores vêm-se associando à determinação da produtividade: o funcionamento do sistema de preços; a estabilidade da moeda; a estabilidade das regras econômicas; o nível de educação geral e moral da população; o sistema tributário; o funcionamento do mercado de capitais; a capacidade de competição internacional; e a cultura da empresa.

A razão para esse aprofundamento do conceito de produtividade resulta de uma observação simples segundo a qual, numa sociedade marcada pela extensa divisão do trabalho, a produtividade não pode ser medida apenas pelo ângulo do fabricante, disposto a obter o produto com o mínimo possível de recursos. Ela precisa ser vista também pela ótica do consumidor, que deve desejar esse produto. Ou seja, as produtividades setoriais precisam ser coordenadas para que se convertam em produtividade global. Isso obriga a sociedade a destacar de sua força de trabalho um elenco de fiscais de produtividade. Não lhes cabe produzir nada, a não ser obrigar os outros a produzir. Assim, conseguir essa fiscalização com o mínimo de fiscais é essencial para a determinação da produtividade.

(Mário Henrique Simonsen)

96. O título que melhor se adequaria ao texto é:

a) Produtividade é o que importa.
b) Economia do susto.
c) Inventário da década perdida.
d) Tecnologia força o liberalismo.
e) Liberar o comércio exige coragem.

Resposta: “a”. “Produtividade é o que importa.” — Percebe-se isso lendo a frase síntese do primeiro parágrafo: “É fato sabido há séculos que o desenvolvimento econômico está intimamente ligado ao crescimento da produtividade.”

97. De acordo com o ponto de vista defendido no texto, os quatro fatores que há 20 anos determinavam o crescimento da produtividade ligavam-se

a) às necessidades pouco sofisticadas de consumo do público.
b) às expectativas de obtenção de lucro do fabricante.
c) a um desejo do consumidor: a compra de novas tecnologias.
d) à presença crescente de fiscais nas empresas.
e) ao maior impulso no desenvolvimento econômico.

Resposta: “b”. Comprova-se essa afirmação pelo segundo parágrafo: “... a produtividade não pode ser medida apenas pelo ângulo do fabricante, disposto a obter o produto com o mínimo possível de recursos.”

98. Segundo o que se afirma no texto, o surgimento dos fiscais

a) é uma necessidade, dada a extrema insegurança econômica dos tempos modernos.
b) liga-se ao advento de uma economia que visa à obtenção de lucros cada vez maiores.
c) é uma imposição do atual sistema tributário brasileiro às empresas.
d) relaciona-se à introdução de uma nova filosofia empresarial: a maior divisão do trabalho.
e) resulta da necessidade de coordenar a produtividade setorial para que gere a produtividade global.

Resposta: “e”. Os fiscais surgem não para produzir, mas para “obrigar os outros a produzir.” Isto que dizer que o surgimento dos fiscais “e) resulta da necessidade de coordenar a produtividade setorial para que se gere a produtividade global.”

Leia o texto abaixo para responder às questões de número 99 a 101.

O carnaval de Jandira

Ela irá ao carnaval. É indispensável que vá; que passe três dias dentro da indumentária abafada, e que, apesar de já não ser criança, obrigue sua corpulência às evoluções e às marchas forçadas que seriam capazes de derrear um fuzileiro naval. Mas irá; tem de ir; não pode deixar de ir.

Ora, eu não creio que seja simplesmente a atração do folguedo, como dizem, que incita a sisuda Jandira a trocar, durante três dias, a caçarola pelo pandeiro. Seus motivos são mais profundos. Em primeiro lugar, devemos considerar o justo sentimento de direito à extravagância, que no ambiente acanhado da cozinha não encontra oportunidades e espectadores. Todos nós temos um pouco de poeta, de doido e de palhaço. Ora, Jandira vestida de cossaco realizará uma síntese dessas três vocações universais, o que não deixa de ser um apreciável resultado.

Mas o motivo principal, creio eu, é de outra ordem. Jandira, como todos nós, precisa achar apoio exterior para se livrar de suas angústias metafísicas. Precisa fugir do nada. Precisa sentir que existe. E para isto não há nada melhor do que a gente se inserir no coletivo, num conjunto que nos escore, num grupo que nos engrosse a espessura do ser.

Indo ao carnaval, Jandira estará solidamente inserida. Os outros pandeiros, as outras fantasias virão reforçar a casca, a crosta de sua personalidade. Não indo, ainda que folguem as pernas, ela se sentiria excomungada; e até pior, desencarnada. Ora, ninguém quer ser fantasma; logo, é preciso inserir-se na grande sinfonia dos corpos. Andar, dançar, fazer em suma o que todo mundo faz.

Além disso, cumpre notar que Jandira, como o viajante de que fala Pascal, que só viaja para capitalizar assunto, quer também conquistar o direito de dizer que foi, que andou, que dançou.

O importante, na vida, é estar presente; e depois é ter o direito de explorar essa simultaneidade e essa concomitância do corpo. O homem precisa mais de assunto do que de pão. E como as mais irrespiráveis abstrações têm sempre raiz no que se vê e no que se ouve, é preciso de tempos em tempos ir esfregar o eu-dormente nas boas coisas que acontecem, para evitar as câimbras da alma.

Um incêndio é uma calamidade; mas ter visto um incêndio é uma satisfação. O Homem-que-viu-o-incêndio é um homem que desfruta um prestígio acalentador, embora efêmero. Hão de ouvi-lo. Nas rodas em que os outros estiverem discutindo a lamentável combustão, o homem-que-viu-o-incêndio fala de cadeira para um inferiorizado auditório que apenas soube da notícia, ou viu a fotografia, e que não tem outras alternativas além das conjecturas ou das ideias universais sobre bombeiros e edifícios em chamas. Ele não: inserido no fato, ele saboreia o concreto, o prêmio tirado na loteria dos acontecimentos.

É por esses motivos transcendentais, creio eu, que a minha austera cozinheira está costurando sua blusa de cossaco com o mesmo sorriso das noivas.

(Gustavo Corção, *Lições de Abismo*)

99. A frase que melhor se aplica, ao mesmo tempo, aos três tipos focalizados no texto é:

a) Para não ser fantasma, a gente precisa inserir-se na grande sinfonia dos corpos.
b) Todos nós temos um pouco de poeta, de doido e de palhaço.
c) O importante na vida é estar presente, para depois ter o direito de explorar essa presença.
d) O homem só viaja porque precisa capitalizar assunto para suas conversas.
e) Um incêndio é uma calamidade; mas ter visto um incêndio é uma satisfação.

Resposta: “c”. De acordo com o texto, é preciso estar presente, pois assim se fala da “coisa” com mais autoridade.

100. Ter visto um incêndio é uma satisfação porque o homem-que-viu-o-incêndio:

a) sente-o como uma manifestação do belo.
b) considera-o uma calamidade.
c) goza de um prestígio permanente.
d) fala de cadeira.
e) satisfaz seus instintos de crueldade.

Resposta: “d”. “Fala de cadeira”, é o que confirma justamente a questão anterior: estar presente é importante para que você possa se tornar uma autoridade naquilo que diz.

101. Para evitar as câimbras da alma, o homem tem necessidade:

a) de estar presente.
b) de ler Pascal.
c) de fazer abstrações.
d) de manter o eu-dormente.
e) de evitar a agitação da vida.

Resposta: “a”. O texto gira em torno justamente “de estar presente”, ser participativo, não deixar simplesmente a vida acontecer.

102. Leia os fragmentos abaixo:

1. Então é preciso comprar-lhe mais alguns livros? O que V.Sa. vir que...

2. Essas conjeturas, porém, não ofereciam solução que o satisfizesse, e, muito razoavelmente, acabou o homem por se decidir a esperá-lo do entretenimento que não podia tardar.

3. Finalmente achou-se de todo só e pôs-se de mãos nos bolsos, a passear no adro. No entretanto ia fazendo as suas conjeturas sobre os motivos que levariam o reitor a mandá-lo esperar e sobre a natureza da conversação que ia ter com ele.

4. Está à vontade, José, está à vontade. Ora ... nós temos que falar a respeito do teu pequeno.

5. De fato não tardou. O reitor saiu finalmente da sacristia, e dirigiu-se imediatamente para José das Dornas, que se descobriu ao avistá-lo.

Colocando os parágrafos acima numa ordem adequada, de tal forma que o texto fique coerente, teremos:

a) 3 — 5 — 2 — 4 — 1
b) 2 — 5 — 4 — 3 — 1
c) 3 — 2 — 5 — 4 — 1
d) 5 — 4 — 1 — 3 — 2
e) 5 — 4 — 2 — 1 — 3

Resposta: “c”. Para resolver essa questão devemos observar as ligações lógicas entre as frases que compõem o texto, ou seja, os conectivos, os operadores lógicos, os elementos coesivos, para assim percebermos a coerência. Vejamos as ligações: 3. Finalmente achou-se de todo só e pôs-se de mãos nos bolsos, a passear no adro. No entretanto ia fazendo as suas conjeturas sobre os motivos que levariam o reitor a mandá-lo esperar e sobre a natureza da conversação que ia ter com ele. 2. Essas conjeturas, porém, não ofereciam solução que o satisfizesse, e, muito razoavelmente, acabou o homem por se decidir a esperá-lo do entretenimento que não podia tardar. 5. De fato não tardou. O reitor saiu finalmente da sacristia, e dirigiu-se imediatamente para José das Dornas, que se descobriu ao avistá-lo. 4. Está à vontade, José, está à vontade. Ora ... nós temos que falar a respeito do teu pequeno. 1. Então é preciso comprar-lhe mais alguns livros? O que V.Sa. vir que... As expressões marcadas em negrito revelam a progressão textual.

Leia o texto abaixo para responder à questão 103.

A rigor, se cometêssemos para com a publicidade o ingênuo extremismo de acreditar plenamente no seu discurso, teríamos à nossa frente a mais desvairada das utopias. A sua eficiência, elevada ao absoluto, consistiria em fazer com que o consumidor, ao consumir um produto, incorporasse à sua percepção sensorial um deleite sublime, um estado nirvânico, um gozo celestial.

A se ressalvar e a se ressaltar, porém, a defasagem entre a promessa publicitária e o real preenchimento proporcionado pelos bens de consumo, conclui-se tristemente que o saldo é bastante negativo: a felicidade prometida é muito fugaz e o retorno ao abismo da lacuna primordial — da consciência da finitude — é ainda maior, uma vez que a busca do sublime esteve exacerbada por estímulos fantasiosos. Cada vez que o paraíso é prometido, representa-se (ritualiza-se) o drama do retorno. Cada vez que esse retorno é frustrado, dramatiza-se, outra vez, o mito da queda. A promessa de preenchimento dá lugar ao vazio. Existência e angústia retornam à sua condição de paralelismo. Compreende-se então o quanto a retórica publicitária é irreal, sublimadora. E uma leitura literalizante desse discurso delirante, coloca-se de imediato lidando com a elaboração profundamente onírica. Literalmente, a publicidade é uma fábrica de sonho.

(Luís Martins)

103. Todas as deduções abaixo são possíveis, exceto:

a) Interpretar literalmente o discurso publicitário é uma atitude ingênua.
b) A publicidade elabora um cenário onírico para os objetos da sociedade industrial.
c) O discurso publicitário é formulado com mensagens que se sustentam no princípio do prazer.
d) A felicidade prometida nas propagandas dá ao homem a consciência de sua finitude.
e) Está incorporado à publicidade o componente mítico de retorno ao paraíso.

Resposta: “d”. O texto afirma que, pela propaganda, o homem é o todo-poderoso, ou seja, um ser infinito, e não como afirma a opção d) “... consciência da sua finitude.”

Leia o texto e responda à questão 104.

O caboclo mal-encarado que encontrei um dia em casa do Mendonça também se acabou em desgraça. Uma limpeza. Essa gente quase nunca morre direito. Uns são levados pela cobra, outros pela cachaça, outros matam-se.

Na pedreira também perdi um. A alavanca soltou-se da pedra, bateu-lhe no peito, e foi a conta. Deixou viúva e órfãos miúdos. Sumiram-se: um dos meninos caiu no fogo, as lombrigas comeram o segundo, o último teve angina e a mulher enforcou-se.

(Graciliano Ramos)

104. Em referência ao texto lido, podemos afirmar apenas que:

a) se acabou, limpeza, são levados e sumiram-se são expressões que, no texto, se associam à ideia de morte.
b) a expressão quase nunca morre direito reforça a ideia de morte natural.
c) a expressão bateu-lhe no peito tem o mesmo sentido de “Ele bateu no próprio peito”.
d) no texto cobra e lombrigas são palavras sinônimas.

e) no segundo parágrafo relata-se o que aconteceu ao caboclo mal-encarado, citado no primeiro parágrafo, e à sua família.

Resposta: “a”. Notemos que todas as expressões retiradas do texto têm, sim, ligação com a ideia de morte: “se acabou”, “limpeza”, são levados” e “sumiram-se”. Vejamos o erro das outras: b) “quase nunca morre direito” é uma ideia de morte antinatural; c) no texto, “a alavanca soltou-se da pedra, bateu-lhe no peito”, ou seja, não foi ele que bateu no próprio peito; d) “cobra” e “lombrigas” não são sinônimas; e) no segundo parágrafo fala-se de uma outra pessoa, que tem o mesmo fim trágico do “caboclo mal-encarado” do primeiro parágrafo.

Leia o texto abaixo para responder à questão 105.

Nada mais curioso, por exemplo, do que a definição que ele dava da fraude. Chamava-lhe o braço esquerdo do homem; o braço direito era a força; e concluía: muitos homens são canhotos, eis tudo. Ora, ele não exigia que todos fossem canhotos, não era um exclusivista. Que uns fossem canhotos, outros destros; aceitava a todos, menos os que não fossem nada. A demonstração, porém, mais rigorosa e profunda, foi a da venalidade. Um casuísta do tempo chegou a confessar que era um monumento de lógica. A venalidade, disse o Diabo, era o exercício de um direito superior a todos os direitos. Se tu podes vender a tua casa, o teu boi, o teu sapato, o teu chapéu, coisas que são tuas por razão jurídica e legal, mas que, em todo caso, estão fora de ti, como é que não podes vender a tua opinião, o teu voto, a tua palavra, a tua fé, coisas que são mais do que tuas, porque são a tua própria consciência, isto é, tu mesmo? Negá-lo é cair no absurdo e no contraditório. Pois não há mulheres que vendem os cabelos? Não pode um homem vender uma parte do seu sangue para transfundi-lo a outro homem anêmico? E o sangue e os cabelos, partes físicas, terão privilégio que se nega ao caráter, à porção moral do homem? Demonstrando assim o princípio, o Diabo não se demorou em expor as vantagens de ordem temporal ou pecuniária; depois mostrou ainda que, à vista do preconceito social, conviria dissimular o exercício de um direito tão legítimo, o que era exercer ao mesmo tempo a venalidade e a hipocrisia, isto é, merecer duplicadamente.

(Machado de Assis)

105. De acordo com o texto, pode-se afirmar que:

a) A sociedade revela sua hipocrisia ao marginalizar e punir aqueles que exercem direitos superiores e legítimos.
b) Um casuísta da época sancionou o conteúdo moral da doutrina, com base nas tautologias e verdades axiomáticas que o compunham.
c) O Diabo prega que o cidadão arbitre praticar aleivosia, considerando-a um direito legítimo e superior não acolhido pela sociedade.
d) A fraude depende de uma habilidade superior do indivíduo tal como acontece com canhotos, que compõem uma minoria.
e) O valor intrínseco da virtude é compatível com a retribuição pecuniária, desde que os princípios jurídicos superem os econômicos.

Resposta: “c”. “Aleivosia” é, segundo o dicionário Houaiss, “1. traição ou crime cometido com falsas demonstrações de amizade; perfídia, deslealdade. 2. qualidade de quem engana, atraiçoa; dolo, fraude. 3. acusação fundamentada numa mentira (ger. feita por acinte); injúria, calúnia”. É justamente disso que fala o texto: desse direito que todo cidadão tem, considerado pelo Diabo como legítimo e superior, mas que a sociedade repudia.

Leia o texto seguinte para responder às questões 106 e 107.

O sistema de Seguridade Social, misturando previdência, saúde e assistência social, foi criado na Constituição de 1988. As ambições eram escandinavas e os recursos, moçambicanos. Nossa Previdência, que é pública e compulsória, não satisfaz nenhum dos objetivos de um bom sistema: assegurar aposentadorias decentes, transferir recursos para os mais pobres e acumular poupanças para alavancagem do desenvolvimento.

As aposentadorias são miseráveis para a vasta maioria. E excessivas, mesmo pelos padrões de países ricos, para um grupelho privilegiado. Há uma "solidariedade invertida", pois que a poupança dos pobres, vertida numa vala comum, é saqueada para financiar aposentadorias precoces e especiais de grupos politicamente mobilizados. Não há acumulação de poupança investível, pois que tudo é consumido em gastos correntes com os aposentados. É um sistema de repartição simples, sem reservas e sem capitalização.

São frequentes no Brasil as brigas com a lógica econômica, de que foram exemplos os monopólios e a pretensão de autonomia tecnológica na informática. No caso do INSS, a briga é com o cálculo atuarial. Fatores vários — como o envelhecimento rápido da população, a proliferação de aposentadorias precoces especiais e múltiplas, o crescimento da economia informal, a redução do número de contribuintes por beneficiário — prenunciam um desastre atuarial com data marcada. Em seu formato atual, o sistema é antidemocrático, antissocial e antidesenvolvimentista. Antidemocrático, porque priva o cidadão do direito de escolher o administrador de sua poupança, pois as contribuições são compulsoriamente entregues ao INSS. A contribuição vira imposto. É também antissocial, porque afluindo para a vala comum do INSS as contribuições ficam sujeitas à predação de grupos politicamente mobilizados, que auferem benefícios desproporcionais. Na moderna literatura previdenciária, já se começa a reconhecer que o clássico "welfare state" das democracias ocidentais se torna cada vez mais uma conspiração da classe média e das burocracias estatais contra os estratos mais pobres da população, menos vocais e politicamente desorganizados. Nosso sistema é também antidesenvolvimentista, porque as contribuições dos ativos são gastas para financiar gastos correntes de aposentadorias, sem alavancagem de investimentos, através de cadernetas. A única solução para evitar os predadores políticos é o abandono do sistema de repartição em favor do sistema de capitalização individual previdenciária. Nesse sistema, o benefício é sempre o valor capitalizado das contribuições, eliminando-se o incentivo à busca de aposentadorias precoces e especiais.

(Roberto Campos, *Veja,* 18.02.1998, adaptado)

106. Indique o segmento que representa sequência lógica e coesa do texto.

a) Cabe somente ao governo a função de supervisionar e fiscalizar os administradores privados da poupança previdenciária.
b) A função da previdência não é complementar a renda daqueles que, ao fim da vida laboral, não alcançaram um mínimo vital garantido por lei.
c) Estes, ou permitem opção entre previdência pública e privada, ou confinam a previdência pública a um teto modesto.
d) Isso requer uma mudança fundamental da filosofia previdenciária.
e) Daí se conclui que o Brasil é um país atrasado e tímido em suas reformas.

Resposta: "d". Se verificarmos a ideia contida no primeiro parágrafo do texto, perceberemos

que há um problema quanto à maneira como encaramos a Previdência: 1º parágrafo: "O sistema de Seguridade Social, misturando previdência, saúde e assistência social, foi criado na Constituição de 1988. As ambições eram escandinavas e os recursos, moçambicanos. Nossa Previdência, que é pública e compulsória, não satisfaz nenhum dos objetivos de um bom sistema: assegurar aposentadorias decentes, transferir recursos para os mais pobres e acumular poupanças para alavancagem do desenvolvimento." No decorrer do texto o autor justifica tudo isso que foi dito no parágrafo de introdução. Por isso é natural que na "conclusão" (parágrafo final do texto), seja proposta uma maneira de solucionar esses problemas, e que se chegue a ideia de que "Isso requer uma mudança fundamental da filosofia previdenciária."

107. Indique o período que contém a tese central do texto.

a) O sistema de seguridade social é ineficaz porque mistura previdência, saúde e assistência social.
b) A solução para o atual sistema de previdência — antidemocrático, antissocial e antidesenvolvimentista — é a adoção da capitalização individual.
c) A previdência básica deve passar a ser responsabilidade do indivíduo, cabendo ao estado apenas a fiscalização das instituições de seguro privado.
d) O sistema de repartição, embora atenda bem alguns estratos sociais, tem defeitos genéticos.
e) As aposentadorias no Brasil são irrisórias para uma grande maioria e excessivas para uma minoria privilegiada

Resposta: "b". O autor trata dos problemas e propõe soluções, então as "soluções" são a tese central do texto: "A solução para o atual sistema de previdência (...) é a adoção da capitalização individual."

108. Numere os fragmentos de modo que formem um texto coeso e coerente, em seguida, assinale a opção correspondente.

( ) Tal euforia foi alimentada pela expansão imoderada do crédito e, naturalmente, estava amparada em expectativas privadas excessivamente otimistas a respeito da evolução dos ganhos de capital e dos fluxos de rendimentos que decorreriam dos novos empreendimentos.

( ) O Fundo Monetário Internacional está sob fogo cerrado.

( ) Só agora os sábios entenderam que a degringolada foi resultado de sobrevalorização de ativos (incluídos os investimentos em capacidade produtiva).

( ) Tais increpações são até justificadas, mas não há qualquer sinal de que os acusadores tivessem sugerido, ainda que remotamente, a possibilidade do colapso.

( ) Muitos economistas de prestígio, como Jeffrey Sachs, vêm criticando duramente a incapacidade da instituição de se antecipar e prevenir o episódio asiático.

(Baseado em texto de Luiz Gonzaga Beluzzo, *Carta Capital*, 18.02.1998)

a) 2, 3, 5, 4, 1
b) 3, 4, 2, 1, 5
c) 5, 1, 4, 3, 2
d) 4, 1, 3, 5, 2

e) 3, 4, 2, 5, 1

Resposta: “c”. Devemos verificar as ligações lógicas: (1) O Fundo Monetário Internacional está sob fogo cerrado. — esse trecho representa a frase síntese do texto: uma afirmação clara e objetiva; (2) Muitos economistas de prestígio, como Jeffrey Sachs, vêm criticando duramente a incapacidade da instituição de se antecipar e prevenir o episódio asiático. — a expressão “vêm criticando” está diretamente ligada ao termo “fogo cerrado” do período anterior; (3) Tais increpações são até justificadas, mas não há qualquer sinal de que os acusadores tivessem sugerido, ainda que remotamente, a possibilidade do colapso. — “increpações” são as críticas citadas no período antecedente; (4) Só agora os sábios entenderam que a degringolada foi resultado de sobrevalorização de ativos (incluídos os investimentos em capacidade produtiva). — representa uma mudança no pensamento expresso anteriormente; (5) Tal euforia foi alimentada pela expansão imoderada do crédito e, naturalmente, estava amparada em expectativas privadas excessivamente otimistas a respeito da evolução dos ganhos de capital e dos fluxos de rendimentos que decorreriam dos novos empreendimentos. — “Tal euforia” retoma a ideia de “degringolagem”.

109. Numere os fragmentos de modo que formem um texto coeso e coerente, em seguida, assinale a opção correspondente.

( ) Não obstante, é ali que a velocidade espantosa das conquistas tecnológicas dispensa em maior grau a mobilização de novos recursos humanos para aumentar a produtividade das empresas.

( ) A causa fundamental está nas migrações de grupos étnicos em processo de dizimação em seus países e de milhões de pessoas tangidas pela fome.

( ) Nos Estados Unidos, por exemplo, a mão de obra fora do mercado de trabalho tem a mesma dimensão estatística dos últimos cinco anos.

( ) As elevadas estatísticas de desemprego no Brasil não podem ser justificadas com o argumento de que se trata de fenômeno mundial.

( ) Na Europa, onde há dezoito milhões de trabalhadores atirados à ociosidade forçada, o desemprego não resulta apenas da substituição do homem pela máquina.

(Josemar Dantas, *Direito & Justiça*, 23.02.1998)

a) 4, 1, 2, 5, 3
b) 5, 3, 1, 2, 4
c) 1, 2, 3, 5, 4
d) 3, 5, 2, 1, 4
e) 2, 3, 5, 4, 1

Resposta: “d”. Destacamos, a seguir, os elementos coesivos: *(*1) As elevadas estatísticas de desemprego no Brasil não podem ser justificadas com o argumento de que se trata de fenômeno mundial. (2) Nos Estados Unidos, por exemplo, a mão de obra fora do mercado de trabalho tem a mesma dimensão estatística dos últimos cinco anos. (3) Não obstante, é ali que a velocidade espantosa das conquistas tecnológicas dispensa em maior grau a mobilização de novos recursos humanos para aumentar a produtividade das empresas. (4) Na Europa, onde há dezoito milhões de trabalhadores atirados à ociosidade forçada, o desemprego não resulta apenas da substituição do homem pela máquina. (5) A causa fundamental está nas migrações

de grupos étnicos em processo de dizimação em seus países e de milhões de pessoas tangidas pela fome.

110. Dentre as alternativas que seguem, extraídas de diversas fontes, existe uma que, do ponto de vista da coerência, funciona como argumento contrário ao que se diz no texto abaixo. Assinale-a:

Se o Brasil quer efetivamente ingressar no Primeiro Mundo, não basta combater a inflação, coibir os cartéis e abrir a economia ao exterior. É preciso, antes de tudo, investir em educação, treinando os recursos humanos necessários para operar a nova era industrial, e valorizar a mão de obra nacional.

(Mário Henrique Simonsen, *Exame*, abril 1997, p. 13-14)

a) Cresce, a olhos vistos, o número de empresas que decidiram investir mais na escolaridade de seus funcionários.
b) Um funcionário com mais preparo intelectual entende melhor os processos de trabalho e resolve problemas inesperados com mais facilidade.
c) Dados o gigantismo do país e os problemas sociais daí decorrentes, é natural que investimentos na área de educação fiquem relegados a um segundo plano.
d) As melhores universidades brasileiras nada ficam a dever às de países com economia compatível ou mesmo às da França e Espanha.
e) Com a modernização, muitas atividades desaparecerão. Um funcionário com boa formação escolar terá mais chances de reciclar-se e ser aproveitado em outras funções.

Resposta: “c”. O texto afirma que é preciso investir em “educação” para que seja possível ao País ingressar no Primeiro Mundo. A opção c) afirma justamente o contrário: “c) (...) é natural que investimentos na área de educação fiquem relegados a um segundo plano.”

As questões 111 e 112 referem-se ao texto que segue.

Por alguma razão obscura tornou-se moda no Brasil considerar que a utilização correta do português é algo secundário, desimportante. (...)

“Durante bom tempo a prática de escrever bem andou ligada à ideia de cultura inútil, que não era fundamental para a produtividade”, diz Carlos Faccina, diretor de RH e assuntos institucionais da Nestlé. “De uns sete ou oito anos para cá, quando as empresas passaram a dar mais ênfase à comunicação como um todo, ficou visível o total despreparo dos executivos para redigir um texto.”

(...)

A dificuldade dos profissionais em se expressar por escrito não sai de graça. Uma das consequências dentro da empresa é que a comunicação tem de ser cada vez mais falada. O que se faz quando uns não sabem escrever e outros não vão conseguir entender? Convoca-se uma reunião. Ou melhor, mais uma reunião. O que acontece quando se recebe uma carta, memorando ou relatório importantes, porém confusos? Na melhor das hipóteses quem recebeu é obrigado a dar um (no mínimo) telefonema a quem mandou a correspondência para esclarecer as dúvidas. Ou seja, há uma perda enorme de tempo, recursos e energia, pela falta de gente capacitada para exprimir pensamentos e informações de forma ordenada numa folha de papel.

(Maria Amália Bernardi, *Exame*, 23.04.1997, p. 122)

111. “Durante bom tempo a prática de escrever bem andou ligada à ideia de cultura inútil, que não era fundamental para a produtividade”, diz Carlos Faccina, diretor de RH e assuntos institucionais da Nestlé.

A frase acima se caracteriza como
a) um argumento contrário à tese postulada no parágrafo inicial.
b) um argumento de autoridade sobre a tese inicialmente proposta.
c) uma síntese do argumento a ser desenvolvido no terceiro parágrafo.
d) a conclusão sobre o argumento proposto no parágrafo inicial.
e) um argumento fundado na desigualdade hierárquica.

Resposta: “b”. Argumento é a comprovação de uma ideia apresentada. A fala de autoridade é a citação de uma pessoa, ou obra, ou publicação que tenha afirmado a mesma coisa — essa pessoa, ou obra, ou publicação deve, então, ser reconhecida para que tal afirmação tenha peso. A isso damos o nome de “argumento de autoridade”. Nota-se que o trecho destacado para essa questão é a fala de Carlos Faccina, diretor de RH e assuntos institucionais da Nestlé, ou seja, ele tem autoridade para falar acerca do assunto discutido no texto.

112. Conclui-se que a consequência mais grave criada pelo “despreparo dos executivos para redigir um texto” é
a) o acúmulo de reuniões sobre assuntos institucionais.
b) o congestionamento das linhas telefônicas.
c) o prejuízo da produtividade.
d) a proliferação de conversas pelos corredores.
e) a descrença nas chefias.

Resposta: “c”. “A dificuldade dos profissionais em se expressar por escrito não sai de graça.”, ou seja, há prejuízo para a produtividade.

Leia o texto abaixo para responder às questões 113 e 114.

Ao começar esta crônica, sinto que qualquer assunto, fora o futebol, já nasce morto. Portanto falaremos do escrete, que é, neste momento, a obsessão de 90 milhões. Hoje jogaremos com o Uruguai a semifinal da Copa. E vejam, vejam as janelas, e vejam as caras.

Sempre digo que no ser humano tudo é cara, e o resto, paisagem. Comecemos pela cara. Não sei se vocês repararam que o escrete mudou-se até fisicamente. Um dia puxei um amigo: “— Vem ver como o povo é triste”. Levei-o para a esquina de Ouvidor com Avenida. E ficamos olhando os que passavam. A multidão tem algo de fluvial no seu lerdo escoamento. Ficamos ali uns quinze, vinte minutos. E constatamos o óbvio, isto é, que todos tinham a cara amarrada.- Mas desde a primeira vitória brasileira no México, começou, de brasileiro para brasileiro, uma euforia nunca vista.

Já contei o caso do meu amigo rico. Tão brasileiro como o chafariz da Praça da Bandeira. E, como não sai de Paris, perguntei-lhe: “— Você é ou não é brasileiro?”. Respondeu: “— Sou brasileiro quando o escrete ganha.” Um outro só cumprimenta o Pão de Açúcar quando o escrete ganha. Os lorpas, os pascácios, os bovinos imaginam: “— O escrete é futebol”.

Meu Deus, não sejamos cegos. O escrete tem outras dimensões vitais decisivas. (...) Portanto (e aqui vai o óbvio) o escrete realiza o brasileiro e o compensa de velhas humilhações jamais cicatrizadas.

Mas voltemos ao jogo com o Uruguai. Não vamos pensar em facilidades, e repito: — a facilidade derrota um Napoleão. A "Celeste" será difícil e vamos desejar que seja difícil. Por isso mesmo o escrete terá de ser mais Brasil. Não posso olhar sem uma compassiva ironia os que negam qualquer relação entre o escrete e a pátria. Semanas atrás o António do Passo teria dito: "— Não vamos misturar o escrete com o nome, a bandeira e o hino da pátria."

O que salvou o nosso Passo foi a ingenuidade. Pois o escrete não é outra coisa senão a pátria. Se não é a pátria, que fazem as bandeiras, sim as bandeiras, que pendem das janelas? Ou será o querido Passo menos patriota do que as janelas? E o hino? Por que tocam o hino diante do escrete perfilado? E ainda mais: por que o escrete está vestido de verde e amarelo?

Acredite o Passo que a pátria é muito, ou, melhor dizendo, é tudo. No princípio do século, uma caixa de fósforos brasileiros ganhou prêmio na Exposição de Paris. Não sei se merecia ou se o prêmio lhe foi dado de mão beijada. O Brasil tremeu. E linda foi a recepção. A caixa de fósforos desfilou pela Avenida em carruagem aberta, atirando beijos com as duas mãos. O que eu queria dizer é que, naquele momento, a pátria assumia exatamente a forma de uma caixa de fósforos. (...)

A sensação que todos temos é de que a batalha de hoje é uma finalíssima. Antes, porém, de falar no jogo, eu convidaria vocês para olhar as ruas. As caras amarradas já desapareceram. E, nas esquinas, como todo mundo se torna íntimo de todo mundo! Como as pessoas se entendem melhor e como um simples bom-dia vem saturado de amor. E dois desconhecidos se tratam como súbitos amigos de infância. Por outro lado, a bondade nasce no brasileiro como uma irradiação de profundezas.

Um turista que por aqui passasse e visse as caras iluminadas, e os botecos em flor, e as esquinas em sonho, haveria de perguntar: "— O que é que há como Brasil?" Não há nada, ou por outra: há o escrete.

(Nélson Rodrigues. *O Globo*, 19.06.1970)

113. Todas as alternativas abaixo interpretam corretamente o texto, exceto:

a) O autor da crônica explicita a ideia de que o futebol agrada ao povo comum e informa, ao falar do seu amigo rico, que agrada também a pessoas de outras classes, da mesma forma.

b) Malgrado expressões particulares que identificam o estilo do autor, podemos afirmar que ao escrever: *Os lorpas, os pascácios, os bovinos imaginam: "— o escrete é futebol."* o cronista está sendo ofensivo.

c) O evento anunciado pelo autor como assunto de sua crônica é a partida semifinal da Copa do México de 1970, entre Brasil e Uruguai.

d) O jornalista, ao perguntar a si mesmo "... que fazem as bandeiras, sim, as bandeiras, que pendem das janelas? (...) E o hino? Por que tocam o hino diante do escrete perfilado? E ainda mais: por que o escrete está vestido de verde e amarelo?" Está tentando esclarecer uma dúvida levantada por António Passo ao dizer: "— Não vamos misturar o escrete com o nome da pátria."

e) Nélson Rodrigues, durante toda sua crônica emite ideias personalistas, que podem ser ou não coniventes com as de quem o lê. Tendo em vista o que seu texto nos transmite, podemos afirmar que ele cria em que a paixão pelo futebol redimisse o brasileiro de seus pesares.

Resposta: “d”. O autor utiliza esse trecho: “... que fazem as bandeiras (...) está vestido de verde e amarelo?” para dizer que António Passo está errado, e não para esclarecer (explicar) o que ele dissera com a frase “— Não vamos misturar o escrete com o nome da pátria.”

114. Nélson Rodrigues diz que seria melhor o jogo contra o Uruguai ser difícil, pois “a facilidade derrota até um Napoleão”. Com qual destas frases (todas de outras crônicas do autor) esse argumento se identifica?

a) Nós sabemos que o martírio é que dá a um jogo, seja ele um clássico ou uma pelada, um charme desesperador.
b) Nós sabemos que a história de um império influi nas boas ou más ações de seus súditos.
c) Eis a caridade que nos faz o escrete: dá ao roto, ao esfarrapado, uma sensação de onipotência.
d) Ou expulsamos de nós a alma da derrota ou nem vale a pena competir mais.
e) É difícil acreditar que tenham homenageado aquela caixa de fósforos premiada...

Resposta: “a”. O autor, na crônica dada, afirma que “a facilidade derrota até um Napoleão”, isso quer dizer que o melhor é serem as coisas difíceis (como assim afirma ao escrever “vamos desejar que seja difícil.”). A opção a) tem esse mesmo teor: trata do “martírio”: “Nós sabemos que o martírio é que dá a um jogo, seja ele um clássico ou uma pelada, um charme desesperador.”

115. Indique o fragmento que dá sequência ao trecho abaixo, respeitadas a coesão e coerência das ideias nele contidas.

Neste final de século, assiste-se à configuração de uma nova demarcação do curso do pensamento. As categorias com que se tem pensado a realidade foram e estão sendo postas em questão. Os modelos de pensamento que até então davam conta do mundo

a) continuam a explicar a relação do homem moderno com seu mundo biopsíquico e social.
b) reafirmam-se com a força da tradição filosófica ocidental.
c) foram ratificadas como paradigmas explicativos da realidade atual.
d) parecem não mais apropriados para se apreender a realidade dos novos tempos.
e) superaram os parâmetros da racionalidade pós-moderna dos tempos atuais.

Resposta: “d”. O texto se inicia afirmando que está ocorrendo uma mudança no modo de pensar o mundo, em seguida fala da maneira como vínhamos pensando o mundo, então é lógico dizer que “os modelos de pensamento que até então davam conta do mundo” “parecem não mais apropriados para se apreender a realidade dos novos tempos”.

116. Indique o trecho que constitui paráfrase das ideias essenciais do segmento transcrito abaixo:

Os europeus do século XVI, cuja vida continuava pautada na religião e nas normas da Igreja, não haviam de todo abandonado as antigas prescrições teológicas que condenavam os lucros advindos de empréstimos a juro, por serem uma forma estéril de riqueza.

(Adalberto Marson)

a) Nem todos os europeus do século XVI, cuja vida permanecia adstrita às normas religiosas da Igreja, haviam abandonado as antigas determinações teológicas de condenação aos lucros obtidos pelos agiotas, por serem uma forma espúria de gerar riqueza.
b) Por terem abandonado as antigas restrições teológicas que condenavam os lucros

provenientes de juros de empréstimos, consideradas uma forma improdutiva de riqueza, os europeus do século XVI continuavam a pautar sua vida na religião e nas normas da Igreja.

c) Seguindo as normas religiosas e cristãs, os europeus de seiscentos não haviam abandonado completamente os antigos preceitos teológicos de obtenção de riqueza através da forma estéril de empréstimos a juros.

d) Obter riqueza por meio da usura era prática condenada pelas antigas prescrições teológicas, cuja religião e normas da Igreja os europeus do século XVI não haviam de todo abandonado.

e) Continuando a manter sua vida pautada na religião e nas normas da Igreja, os europeus quinhentistas respeitavam as antigas determinações teológicas segundo as quais os lucros obtidos a partir de empréstimos a juro mereciam condenação, por constituírem uma forma improlífera de riqueza.

Resposta: "e". A paráfrase constitui um texto paralelo ao original, mantendo todas as suas ideias, porém utilizando-se de vocabulário e estrutura sintática distinta.

117. Indique a opção que completa com coerência e coesão o trecho abaixo.

Se a sociedade estabelece proibições é porque ali o desejo procura se infiltrar. Não é necessário proibir que as pessoas comam pedras, porque ninguém o deseja. Só se proíbe o desejado. Assim, pode haver leis proibindo o incesto, o furto, a exibição da nudez, os atos sexuais em público, a crueldade para com crianças e animais, o assassinato, o homossexualismo e lesbianismo, a ofensa a poderes constituídos. É que tais desejos são muito fortes.

(Rubem Alves, *O que é religião*, Editora Brasiliense, 1984)

a) A ânsia por mais repressão e censura, será, assim, inevitável e cada vez maior, à medida em que as sociedades tornam-se mais complexas.

b) O aparato de repressão e censura será tanto mais forte quanto mais intensa for a tentação de transgredir a ordem estabelecida pela sociedade.

c) A necessidade de interdição resultará da sensação de estarem surgindo, a cada dia, mais e melhores prazeres, aos quais o homem tentará impor freios.

d) E se o são, necessariamente trarão consigo a imediata compreensão de que só leis amenas poderão fazê-los alcançáveis aos homens.

e) Desta forma, tudo aquilo que for indispensável à sua maior fruição aflorará do inconsciente, deixando-nos capazes de sermos, finalmente, felizes.

Resposta: "b". O texto afirma que só é preciso estabelecer proibições porque há desejo. Não se proíbe algo que não se deseja. Então devemos continuar nessa linha de raciocínio, para que possamos continuar o texto com coerência. A mesma ideia aparece na opção b): "o aparato de repressão e censura será tanto mais forte quanto mais intensa for a *tentação* de transgredir a ordem estabelecida pela sociedade."

118. Assinale a ordem em que os fragmentos a seguir devem ser dispostos para se obter um texto com coesão, coerência e correta progressão de ideias.

1. Não podia imaginar que numa fração de segundos golpearia a bola ainda com o corpo no ar e a lançaria por cima de si mesmo para fora da área.

2. Foi um movimento bonito, ousado, uma espécie de coice plástico que levantou o

estádio inglês. Milhares de pessoas aplaudiram de pé.

3. A bola foi chutada de fora da área. Higuita estava no centro do gol. Ele poderia simplesmente levantar as mãos e agarrar a bola.

4. Esse salto maluco de Higuita me encheu de alegria. A bola já estava quase na linha do gol e o corpo de Higuita estava estirado para a frente.

5. Em vez disso, Higuita se jogou para a frente, num nível mais baixo que a bola, deixou que ela passasse e a rebateu com os dois pés juntos, quase na linha do gol.

(Fernando Gabeira, com adaptações)

a) 2 — 4 — 1 — 5 — 3
b) 3 — 2 — 4 — 1 — 5
c) 3 — 5 — 2 — 4 — 1
d) 3 — 4 — 2 — 5 — 1
e) 4 — 5 — 1 — 3 — 2

Resposta: "c". Destacam-se a seguir os elementos coesivos que garantem a unidade do texto: 3. A bola foi chutada de fora da área. Higuita estava no centro do gol. Ele poderia simplesmente levantar as mãos e agarrar a bola. 5. Em vez disso, Higuita se jogou para a frente, num nível mais baixo que a bola, deixou que ela passasse e a rebateu com os dois pés juntos, quase na linha do gol. 2. Foi um movimento bonito, ousado, uma espécie de coice plástico que levantou o estádio inglês. Milhares de pessoas aplaudiram de pé. 4. Esse salto maluco de Higuita me encheu de alegria. A bola já estava quase na linha do gol e o corpo de Higuita estava estirado para a frente. 1. Não podia imaginar que numa fração de segundos golpearia a bola ainda com o corpo no ar e a lançaria por cima de si mesmo para fora da área.

Leia o texto abaixo para responder às questões de 119 a 121.

O paradoxo da linguagem

Por que as ambiguidades da linguagem são ineliminíveis? Os linguistas se empenham, incansavelmente, em formular com precisão as leis que regem os fenômenos linguísticos. Os gramáticos se esforçam para definir as regras e delimitar o espaço das exceções. Mais cedo ou mais tarde, entretanto, acabam sendo forçados a reconhecer que a vida da linguagem, na sua riqueza aparentemente caótica, desborda de todas as explicações e ultrapassa as fronteiras dos campos em que se pretende analisá-la.

Ao que tudo indica, as ambiguidades do que pode ser dito são uma consequência necessária da inesgotabilidade do real, da irredutibilidade do real ao saber. Como o movimento da realidade é infinito, o movimento do discurso sobre ela jamais poderá construir uma ordem "acabada", uma totalidade "fechada", um sistema definitivo, completamente feito em si mesmo (etimologicamente: perfeito).

A linguagem, mesmo sofrendo uma codificação permanente, preserva sempre uma dimensão rebelde, que escapa a todas as codificações. Nela, reconhecemos a realidade constituída e nos defrontamos com a realidade que estamos inventando (e que ainda não foi inventada). Nela, cada um pode apreender o mundo que já foi criado e pode antever o mundo possível das criações que ainda não aconteceram.

De fato, a linguagem nos ensina a reconhecer e apreciar o charme do inacabado.

Essa, aliás, é uma das razões pelas quais a linguagem exerce um antigo fascínio sobre os seres humanos. Ela não é só o meio pelo qual nos comunicamos e nos expressamos: é também, decisivamente, um elemento constitutivo do que somos. É uma revelação de como somos, de como podemos nos tornar.

Somos o que fizeram de nós, mas somos igualmente — e com força crescente — o que fazemos daquilo que fizeram de nós. Somos o que assimilamos do passado e o que pretendemos para o futuro. E tudo isso aparece, de maneira radical, na nossa linguagem.

(...)

(Leandro Konder, *O Globo*, 29.03.1998, com cortes)

119. Marque a *única* afirmativa verdadeira.

a) É impossível conter a riqueza caótica da linguagem nos limites restritos das ciências que, mais detidamente, empenham-se por estudá-la: a linguística e a gramática.
b) Do embate de dois fatores, um, finito, qual seja o cotidiano que nos cerca, outro, infinito, representado pela linguagem que manipulamos, resultam as ambiguidades da linguagem.
c) Através da linguagem estamos aptos a entender o mundo circundante, bem como podemos pressupor um hipotético mundo ainda não inventado.
d) Ser o meio através do qual nos comunicamos e pelo qual expressamos nossas emoções constitui a única causa do grande fascínio que a linguagem vem exercendo sobre os homens.
e) A linguagem, por tentar acompanhar o movimento ininterrupto da realidade que pretende expressar, virá, um dia, a ser um sistema fechado, um conjunto de normas imutáveis.

Resposta: "c". Opção a) extrapolação: em momento algum o texto diz que "é impossível conter a riqueza caótica da linguagem", o que o texto afirma é que os gramáticos tentam definir regras e que depois acabam por reconhecer que as regras não são fixas; além disso esse trecho fala de "linguística", outra extrapolação em relação ao texto. Opção b): de acordo com o texto, as ambiguidades são "consequência necessária da inesgotabilidade do real, da irredutibilidade do real ao saber." e não do embate entre finito e infinito. Opção d): o fascínio de que o texto fala é o "charme do inacabado". Opção e): essa afirmação contraria o texto, pois o texto afirma que a linguagem será sempre mutável.

120. Indique a alternativa em que a substituição de vocábulos ou expressões empregadas no texto não manteve o sentido da mensagem original.

a) "Os linguistas se empenham, incansavelmente, em formular com precisão as leis que regem os fenômenos linguísticos." (primeiro parágrafo) / Os linguistas se empenham, diligentemente, em formular com precisão as leis que regem os fenômenos linguísticos.
b) "... acabam sendo forçados a reconhecer que a vida da linguagem, na sua riqueza aparentemente caótica, desborda de todas as explicações..." (primeiro parágrafo) / ... acabam sendo forçados a reconhecer que a vida da linguagem, na sua riqueza aparentemente caótica, excede todas as explicações...
c) "Nela, reconhecemos a realidade constituída e nos defrontamos com a realidade que estamos inventando (e que ainda não foi inventada)." (terceiro parágrafo) / Nela, reconhecemos a realidade constituída e deparamos com a realidade que estamos inventando (e que ainda não foi inventada).
d) "Essa, aliás, é uma das razões pelas quais a linguagem exerce um antigo fascínio sobre os

seres humanos.” (quinto parágrafo) / Essa, aliás, é uma das razões pelas quais a linguagem faz sentir um antigo encantamento sobre os seres humanos.

e) “E tudo isso aparece, de maneira radical, na nossa linguagem.” (sexto parágrafo) / E tudo isso surge, inflexivelmente, na nossa linguagem.

Resposta: “a”. Incansavelmente não é sinônimo de diligentemente. Diligentemente significa atenciosamente, zelosamente, cuidadosamente. Todas as outras opções apresentam sinônimos.

121. Indique o item em que o valor semântico das orações assinaladas *não* está devidamente apontado.

a) “Os gramáticos se esforçam para definir as regras e delimitar o espaço das exceções.” — finalidade.

b) “Como o movimento da realidade é infinito, o movimento do discurso sobre ela jamais poderá construir uma ordem ‘acabada’...” — causalidade.

c) “A linguagem, mesmo sofrendo uma codificação permanente, preserva sempre uma dimensão rebelde...” — concessão.

d) “Essa, aliás, é uma das razões pelas quais a linguagem exerce um antigo fascínio sobre os seres humanos” — proporcionalidade.

e) “Os gramáticos se esforçam para definir as regras e delimitar o espaço das exceções.” — finalidade.

Resposta: “d”. Esta é uma questão que se resolve pela observação das conjunções de outros conectivos dentro do período. Na opção a), temos uma oração reduzida de infinitivo introduzida pela preposição “para” — isso atribui a ela uma ideia de finalidade. Da mesma forma aparece a opção e), em que há duas orações reduzidas de infinitivo ligadas pela conjunção aditiva “e” [para definir as regras E delimitar o espaço das exceções.] A “pegadinha” estava em destacar apenas a segunda oração. Na opção b), temos uma conjunção causal “como”. Na opção c), temos a oração reduzida de gerúndio com ideia concessiva (mesmo sofrendo). Na opção d), a oração introduzida por pronome relativo tem valor adjetivo. Assim sendo, não expressa proporcionalidade.

122. Numere os períodos de modo a compor um texto coeso e coerente e, depois, escolha a sequência correta.

( ) Lá, complementou seu programa de ação anunciando medidas enérgicas contra o Movimento dos Sem-Terra e os assaltos das massas esfomeadas aos armazéns.

( ) Fernando Henrique, como novo monarca, voou até o Ceará, onde visitou rapidamente a zona menos chocante da “seca verde”, bem perto de Fortaleza.

( ) Foi preciso que a televisão transmitisse ao vivo o espetáculo da fome dos flagelados nordestinos, alimentando-se de sopa de cacto, para despertar as consciências urbanas entorpecidas pela festança do consumismo.

( ) “Eu tenho experiência de seca”, afirmou.

( ) Logo depois deu um pulo a Ipirá, numa região da Bahia classificada como de “seca light”.

(Moacir Werneck de Castro, *Jornal do Brasil*, 12.05.1998, adaptado)

a) 4, 5, 1, 2, 3
b) 5, 1, 2, 4, 3
c) 4, 1, 5, 3, 2
d) 5, 2, 1, 3, 4
e) 3, 5, 1, 2, 4

Resposta: “d”. Vejamos as ligações: (1) Foi preciso que a televisão transmitisse ao vivo o espetáculo da fome dos flagelados nordestinos, alimentando-se de sopa de cacto, para despertar as consciências urbanas entorpecidas pela festança do consumismo. (2) Fernando Henrique, como novo monarca, voou até o Ceará, onde visitou rapidamente a zona menos chocante da “seca verde”, bem perto de Fortaleza. (3) “Eu tenho experiência de seca”, afirmou. (4) Logo depois deu um pulo a Ipirá, numa região da Bahia classificada como de “seca light”. (5) Lá, complementou seu programa de ação anunciando medidas enérgicas contra o Movimento dos Sem-Terra e os assaltos das massas esfomeadas aos armazéns.

Leia o seguinte texto para responder à questão 123.

A entrada dos anos 2000 tem trazido a reversão das expectativas de que haveria a inauguração de tempos de fraternidade, harmonia e entendimento da humanidade. Os resultados das cúpulas mundiais alimentaram esperanças que novos tempos trariam novas perspectivas referentes a qualidade de vida e relacionamento humano em todos os níveis.

Contudo, o movimento que se observa em nível mundial sinaliza perdas que ainda não podemos avaliar. O recrudescimento do conservadorismo e de práticas autoritárias, efetivadas à sombra do medo, tem representado fonte de frustração dos ideais historicamente buscados.

(Roseli Fishmann, *Correio Braziliense*. 26.08.2002, com adaptações)

123. Se cada período sintático do texto for representado, respectivamente, pelas letras X, Y, W e Z, as relações semânticas que se estabelecem no trecho correspondem às ideias expressas pelos seguintes conectivos:

a) X e Y mas W e Z.
b) X porque Y porém W logo Z.
c) X mas Y e W porque Z.
d) Não só X mas também Y porque W e Z.
e) Tanto X como Y e W embora Z.

Resposta: “a”. Esta questão exige que nós percebamos as relações de sentido entre os períodos do texto. As relações que se estabelecem são: X e Y, mas W e Z: entre o primeiro e o segundo períodos há uma relação de soma, adição; assim como acontece entre o terceiro e o quarto períodos, por isso utilizamos a conjunção “e” entre esses períodos (X e Y / W e Z). O primeiro e o segundo períodos constituem o primeiro parágrafo; e o terceiro e o quarto períodos constituem o segundo parágrafo; há uma relação de oposição entre esses parágrafos, por isso usamos a conjunção adversativa “mas”. Temos então a seguinte relação: (X) *A entrada dos anos 2000 tem trazido a reversão das expectativas de que haveria a inauguração de tempos de fraternidade, harmonia e entendimento da humanidade*. E (Y) *Os resultados das cúpulas mundiais alimentaram esperanças que novos tempos trariam novas perspectivas referentes a qualidade de vida e relacionamento humano em todos os níveis*. MAS (W) *Contudo, o movimento que se observa em nível mundial sinaliza perdas que ainda*

não podemos avaliar. E (Z) *O recrudescimento do conservadorismo e de práticas autoritárias, efetivadas à sombra do medo, tem representado fonte de frustração dos ideais historicamente buscados*.

124. Considerando as ideias do texto, assinale as inferências como verdadeiras (V) ou Falsas (F) e marque a correta opção em seguida

Li que a espécie humana é um sucesso sem precedentes. Nenhuma outra com uma proporção parecida de peso e volume se iguala à nossa em termos de sobrevivência e proliferação. E tudo se deve à agricultura. Como controlamos a produção do nosso próprio alimento, somos a primeira espécie na história do planeta a poder viver fora de seu ecossistema de nascença. Isso nos deu mobilidade e a sociabilidade que nos salvaram do processo de seleção, que limitou outros bichos de tamanho equivalente. É por isso que não temos mudado muito, mas também não nos extinguimos.

(Luiz Fernando Veríssimo, Recursos humanos. In: *O desafio ético,*

org. de Ari Roitman, com adaptações)

( ) Mede-se o sucesso pela capacidade de sobrevivência e proliferação.

( ) Se a espécie humana tivesse outro peso e volume não teria sobrevivido.

( ) Viver fora do ecossistema de nascença depende da capacidade de criar o próprio alimento.

( ) O processo de seleção das espécies é que limita a mobilidade e a sociabilidade.

( ) A história da espécie humana poderia ser outra se não houvesse agricultura.

( ) Poucas mudanças trazem como consequência a não extinção da espécie.

A sequência correta é:

a) V, V, V, F, F, V
b) V, F, F, V, V, F
c) F, F, V, V, F, V
d) F, V, F, V, V, F
e) V, F, V, F, V, F

Resposta: "e". (V) Mede-se o sucesso pela capacidade de sobrevivência e proliferação. — *a espécie humana é um sucesso, justamente, por sua sobrevivência e proliferação.* (F) Se a espécie humana tivesse outro peso e volume não teria sobrevivido. — *O texto não afirma isso, essa opção representa uma extrapolação.* (V) Viver fora do ecossistema de nascença depende da capacidade de criar o próprio alimento. — *o texto diz que nós, espécie humana, só conseguimos viver fora do nosso ecossistema de nascença porque produzimos o nosso próprio alimento.* (F) O processo de seleção das espécies é que limita a mobilidade e a sociabilidade. — *O texto não afirma isso, o que ele afirma é "a mobilidade e a sociabilidade ... nos salvaram do processo de seleção", daí não se pode concluir que o oposto seja verdadeiro.* (V) A história da espécie humana poderia ser outra se não houvesse agricultura. — *Se não fosse a agricultura, não teríamos a mobilidade e sociabilidade que nos salvaram do processo de seleção, ou seja, nossa história seria outra.* (F) Poucas mudanças trazem como consequência a não extinção da espécie. — *Novamente extrapolação, pois o texto diz que a espécie humana não mudou muito mas não se extinguiu, daí dizer que "se não há mudança, então haverá extinção" é interpretar além daquilo que o texto permite.*

A questão 125 está baseada no seguinte texto:

Época — Na economia globalizada, expectativa, confiança e credibilidade são moedas de grande valor. Do pequeno poupador interno ao grande investidor externo, tudo é questão de acreditar. Como fazer crescer a economia num país com escândalos de corrupção e falta de credibilidade nas instituições públicas?

Langoni — O novo governo terá de dar um choque de credibilidade. Escolher pessoas competentes e confiáveis. E não adiar medidas imprescindíveis. Eu apontaria três principais: reforma tributária que estimule a poupança, novo ambiente para crescimento das exportações e o Banco Central independente. Só o crescimento contínuo gera empregos e aumento real da renda. Com 5%, 6% ao ano por dez anos, duplicamos a renda *per capita*. E daí combater a pobreza fica mais fácil.

(Entrevista com Carlos Langoni. *Revista Época*. 26.08.2002, p. 17)

125. Indique a única opção abaixo cujo conteúdo *vai de encontro* às ideias contidas na entrevista.

a) A estrutura de impostos do Brasil, embora arraste multidões para a informalidade, precisa continuar.
b) Precisamos dar ao comércio exterior um novo *status* e poder político para traçar estratégias.
c) Na economia globalizada, o Brasil precisa ter acesso aos megamercados mundiais para fazer a economia crescer.
d) Hoje a carga tributária do Brasil é de 36% do PIB, índice de país desenvolvido, mas os serviços sociais são de Terceiro Mundo.
e) A informalidade é um mundo de baixa produtividade, só capaz de competir em preços por deixar de pagar as contas.

Resposta: "a". A "pegadinha" está na expressão VAI DE ENCONTRO. Essa expressão indica uma ideia contrária, oposta. Assim, a única ideia que se opõe ao texto está na opção a): A estrutura de impostos do Brasil, embora arraste multidões para a informalidade, precisa continuar. — Note que na resposta de Langoni há a seguinte informação: "Eu apontaria três principais: ***reforma*** tributária que estimule a poupança, novo ambiente para o crescimento das exportações e o Banco Central independente." A expressão "reforma" mostra mudança, assim, não podemos dizer que "A estrutura de imposto do Brasil (...) precisa continuar."

126. Analise as paráfrases propostas para o período abaixo e assinale a opção em que se preservam as relações semânticas e a correção gramatical.

Não denunciamos com eficácia o desemprego e o desleixo com que tratamos metade da população urbana brasileira que vive em condições subumanas.

(João Sayad. Crime e Castigo, *Revista Classe*, n. 87, 2002, com adaptações)

a) Não denunciamos com eficácia o desemprego e o desleixo que metade da população urbana é, por nós, tratada e que vive em condições subumanas.
b) Tratamos com o desemprego e o desleixo metade da população urbana brasileira vivendo em condições subumanas; não a denunciamos com eficácia.
c) Não somos eficazes ao denunciar nem o desemprego nem o desleixo com que tratamos metade da população urbana brasileira que vive em condições subumanas.

d) Metade da população urbana brasileira que vive em condições subumanas não é denunciada com eficácia quanto ao desemprego e o desleixo em que a tratamos.
e) Não denunciamos metade da população urbana brasileira — que vive em condições subumanas — devido à nossa ineficácia e o desleixo que tratamos o desemprego.

Resposta: "c". A questão exige uma paráfrase gramaticalmente correta. A única opção que satisfaz ao enunciado é a opção c).

127. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os e assinale a opção que apresenta a sequência que organiza o texto de forma coesa e coerente.

( ) Por isso, foi apresentado à Mesa da Câmara o Projeto de Lei 6680/02, que obriga o chefe do Executivo a encaminhar anualmente ao Congresso Nacional, como parte integrante da Prestação de Contas de que trata a Constituição, o mapa da exclusão social brasileira.

( ) O projeto já está na comissão de Seguridade Social e Família, onde o relator apresentará seu parecer no retorno dos trabalhos parlamentares, após as eleições. Depois será votado conclusivamente pela comissão de Desenvolvimento urbano e Interior, pela comissão de Constituição, Justiça e Redação.

( ) Tal proposta é classificada pelo seu autor como Lei de Responsabilidade Fiscal — que impõe ao Governo determinadas medidas visando atingir metas financeiras.

( ) Para comprovar essa responsabilidade social, o mapa deverá fazer um diagnóstico da exclusão por região e estados, com base nos indicadores sociais referentes à expectativa de vida, renda, desemprego, educação, saúde, saneamento básico, habitação, população em situação de risco nas ruas, reforma agrária e segurança.

( ) O principal problema que o País enfrenta na hora de definir um planejamento estratégico de combate à exclusão social é falta de informações e estatísticas oficiais sobre a nossa realidade social.

( ) Os dados de cada item serão comparados com os do ano anterior, a fim de avaliar a ação do governo em cada área.

(Adaptado de Agência Câmara)

a) 1º, 3º, 5º, 2º, 4º, 6º
b) 2º, 1º, 4º, 5º, 6º, 3º
c) 2º, 6º, 3º, 4º, 1º, 5º
d) 3º, 4º, 1º, 6º, 2º, 5º
e) 6º, 3º, 4º, 5º, 1º, 2º

Resposta: "c". *Destaquemos, como das outras vezes, os elos entre os enunciados:* (1º) O principal problema que o País enfrenta na hora de definir um planejamento estratégico de combate à exclusão social é falta de informações e estatísticas oficiais sobre a nossa realidade social. — período que representa a frase síntese do texto, ou seja, frase inicial, o parágrafo em que está contida a ideia básica, que será discutida adiante. (2º) ***Por isso***, foi apresentado à Mesa da Câmara o ***Projeto de Lei*** 6680/02, que obriga o chefe do Executivo a encaminhar anualmente ao Congresso Nacional, como parte integrante da Prestação de

Contas de que trata a Constituição, o mapa da exclusão social brasileira. (3º) ***Tal proposta*** é classificada pelo seu autor ***como Lei de Responsabilidade Fiscal*** — que impõe ao Governo determinadas medidas visando atingir metas financeiras. (4º) Para comprovar ***essa responsabilidade social***, o mapa deverá fazer um diagnóstico da exclusão por região e estados, com base nos ***indicadores sociais*** referentes à expectativa de ***vida, renda, desemprego, educação, saúde, saneamento básico, habitação, população em situação de risco nas ruas, reforma agrária e segurança***. (5º) ***Os dados de cada item*** serão comparados com os do ano anterior, a fim de avaliar a ação do governo em cada área. (6º) ***O projeto já está na comissão*** de Seguridade Social e Família, onde o relator apresentará seu parecer no retorno dos trabalhos parlamentares, após as eleições. Depois ***será votado*** conclusivamente pela comissão de Desenvolvimento urbano e Interior, pela comissão de Constituição, Justiça e Redação.

Leia o texto abaixo para responder à questão 128.

Índio quer voltar a ser índio

Depois da gripe, tribos indígenas costumam assimilar da cultura urbana as roupas, o apego ao dinheiro e hábitos alimentares não exatamente saudáveis. Com o tempo, submergem outros elementos característicos, como crenças, idioma e até formas de organização social. Em boa parte dos casos, resta, passados alguns anos, uma comunidade pobre, mal assistida, marginalizada, sem identidade e por vezes dispersa. Muitos desses grupos estão descobrindo agora que é mais negócio retomar o comportamento de índios. Desde o fim dos anos 80, além de uma constituição que deu a comunidades indígenas até participação na exploração de recursos naturais, surgiram centenas de ONGs para dar assistência material a tribos, a Funai passou a ter uma ação mais evidente na defesa dos grupos culturalmente preservados e o governo avançou muito na demarcação das terras. Mas esses benefícios só existem para índios que sejam reconhecidos como índios.

(*Veja,* 17.09.2003, com adaptações)

128. Analise as seguintes possibilidades de continuidade para o texto.

I. Por isso, existem grupos que estão mesmo fazendo cursos para recuperar tradições e hábitos silvícolas e, só no Nordeste, o número de grupos que se declaram indígenas passou de 16 para 47.

II. Com isso, entre os potiguaras, que deixaram de falar o tupi há mais de 300 anos, 1500 crianças estão agora estudando a língua dos antepassados — e uma porção de adultos também.

III. Assim, comprova-se que, para certas etnias, o caso é de mera encenação para fins de sobrevivência. De dia, elas se vestem de índio para vender artesanato; de noite vão tomar cerveja e acompanhar a novela, vestidos.

IV. No entanto, há quem veja alguns exageros nessa volta às etnias; principalmente quando é o caso de uma busca do retorno à forma mais pura do índio brasileiro.

Constituem uma continuidade coerente e gramaticalmente correta para o texto:

a) apenas I, II e IV

b) apenas I, III e IV

c) apenas II e III
d) apenas II, III e IV
e) todos os itens

Resposta: “a”. A opção III está incorreta. Como o texto termina com a seguinte frase: “Mas esses benefícios só existem para índios que sejam reconhecidos como índios.”, não se pode dizer que “Assim, comprova-se que, para certas etnias, o caso é de mera encenação para fins de sobrevivência. De dia, elas se vestem de índios para vender artesanato; de noite, vão tomar cerveja e acompanhar a novela, vestidos.”, pois as pessoas que se comportam assim não são, verdadeiramente, reconhecidas como índios. Essa frase contraria o texto.

Para responder às questões 129 a 131 leia o texto abaixo.

Dinheiro é a maior invenção dos últimos 700 anos.

Com ele, você pode comprar qualquer coisa, ir para qualquer lugar, consolar o aleijado que bate no vidro do carro no sinal fechado, mostrar quanto você ama a mulher amada ou comprar uma hora de amor. É o passaporte da liberdade. Com dinheiro, você pode xingar o ditador da época e sair correndo para o exílio, ou financiar todos os candidatos a presidente e comparecer aos jantares de campanhas de todos.

Nos tempos que estamos vivendo, dinheiro é como Deus na Idade Média — o sentido único e todos os sentidos das coisas. O que não produz nem é dinheiro, não existe, é falso, postiço.

Os sábios da igreja de antigamente são os economistas de hoje em dia. Dividem-se em dois grupos — os idólatras, para quem dinheiro é o pedacinho de papel, a imagem do sagrado, o santinho. Para eles, o valor do dinheiro depende da quantidade de papéis em circulação. Para os iconoclastas, dinheiro é a base das relações sociais do mundo capitalista, a rede que organiza a sociedade. É um conceito, um crédito, um débito.

Como os sacerdotes de antigamente, economistas têm a missão de explicar o inexplicável — como o dinheiro é tudo e nada ao mesmo tempo, por que falta dinheiro se dinheiro é papel impresso, ou se a quantidade de santinhos muda o tamanho do milagre.

(João Sayad, *Cidade de Deus,* Classe Revista de Bordo da TAM, n. 95, com adaptações)

129. Assinale como verdadeiras (V) ou falsas (F) as seguintes inferências para o texto. A seguir, assinale a opção correta.

( ) Os sábios da Igreja de antigamente são identificados aos idólatras; os economistas de hoje em dia, aos iconoclastas.

( ) Hoje em dia, o dinheiro representa um deus, porque remete ao sentido de todas as coisas.

( ) Considerar dinheiro como um pedacinho de papel retira dele o valor sagrado com que é reverenciado nos dias de hoje.

( ) O valor do dinheiro para os iconoclastas está ligado ao simbólico, ao conceito, como crédito ou débito.

( ) É “inexplicável” dizer que dinheiro é tudo e nada ao mesmo tempo porque se trata de uma realidade paradoxal.

a) V, V, F, V, F

b) V, F, V, F, F
c) F, V, F, V, V
d) F, V, V, V, F
e) F, F, V, F, V

Resposta: “c”. Inferência é uma dedução a que se pode chegar com base em informações contidas no texto. Para que uma inferência seja correta, e não considerada uma extrapolação, é preciso encontrar no texto algo que a comprove: uma expressão, uma frase, uma ideia que garanta tal dedução. Assim, a primeira e a terceira frases são falsas: “(F) Os sábios da Igreja de antigamente são identificados aos idólatras; os economistas de hoje em dia, aos iconoclastas. (F) Considerar dinheiro um pedacinho de papel retira dele o valor sagrado com que é referenciado nos dias de hoje.”, pois não há no texto comprovação para essa comparação (sábios/idólatras, economistas/iconoclastas) nem para essa dedução (considerar o dinheiro como um pedacinho de papel retira dele o valor de sagrado com que é referenciado nos dias de hoje).

130. Assinale a relação lógica em desacordo com a argumentação do segundo parágrafo do texto.

a) O que não é dinheiro é falso.
b) Não existe o que não produz dinheiro.
c) Não existe o que é postiço.
d) O que não é falso produz dinheiro.
e) É postiço o que não produz dinheiro.

Resposta: “d”. As frases dadas na questão representam raciocínios lógicos a partir das informações contidas no texto. A única dedução incorreta está em dizer que “o que não é falso produz dinheiro.”

131. Algumas conjunções e pronomes do texto, apesar de iniciarem orações afirmativas, têm também valor interrogativo. Assinale, nas opções abaixo, aquela a que, textualmente, é *impossível* associar esse valor interrogativo.

a) “*quanto* você ama a mulher amada”.
b) “*para quem* dinheiro é o pedacinho de papel”.
c) “*como* o dinheiro é tudo”.
d) “*por que* falta dinheiro”.
e) “*se* a quantidade de santinhos muda o tamanho do milagre”.

Resposta: “b”. A questão trabalha com a interrogativa indireta — aquela que, apesar de se apresentar como uma oração declarativa (terminada em ponto-final), pressupõe uma resposta. Assim, temos as seguintes ideias: *a) Quanto você ama a mulher amada?; c) Como o dinheiro é tudo?; d) Por que falta dinheiro?; e) A quantidade de santinhos muda o tamanho do milagre?*. A única opção que, no texto, não representa uma frase interrogativa é a opção b), pois expressa uma finalidade, uma explicação, uma resposta — não uma pergunta.

132. Foi publicado na seção Painel do Leitor, da *Folha de S.Paulo* (15.11.2003), o seguinte trecho de correspondência enviada ao jornal por um leitor:

Revoltante o editorial “Maioridade Penal”. Quer dizer que este jornal, que tanto apregoa a democracia, ignora a opinião de 89% da população a favor da redução da maioridade penal e

quer impor-nos a visão de “meia dúzia” de intelectuais? É essa a ideia de democracia que o jornal que tanto admiro apregoa?

Aponte a única dedução correta extraída do trecho lido.

a) O editorial a que se refere o missivista deve ter refutado a tese da imputabilidade penal para menores de 18 anos.
b) O corpo editorial da *Folha de S.Paulo* é composto por um grupo reduzido de representantes da elite nacional que se acha no direito de impor sua opinião.
c) O missivista está revoltado com a *Folha de S.Paulo* por ela ter descumprido o compromisso público com seus leitores de veicular apenas a verdade dos fatos.
d) Discordando da visão exposta no referido editorial, o missivista se alia aos 89% da população que manifestou adesão à tese da redução da maioridade penal.
e) O missivista questiona a democracia da informação apregoada pela *Folha de S.Paulo*, pois só um dos lados da questão — o da manutenção da maioridade penal — foi combatido no editorial.

Resposta: “d”. Todas as outras opções são extrapolação em relação ao que se afirma no texto.

133. Assinale o título sugerido para o texto que corresponde à sua ideia principal.

Vale lembrar que nos governos Vargas e JK e nos governos do ciclo militar, apesar da preponderância do estatismo, as empresas ocuparam posição central. Vargas governou com os empresários ao seu lado. Dificilmente dava um passo importante sem antes ouvir a Confederação Nacional da Indústria. Juscelino fez do capital privado um trunfo. Basta citar o caso emblemático da produção automobilística que fez a imprensa mundial comparar São Paulo a uma nova Detroit. Os militares criaram sistemas híbridos, a exemplo da petroquímica, associando o Estado e iniciativa privada. A iniciativa privada foi o pulmão do desenvolvimento na época do estatismo e terá ainda maior relevância na economia contemporânea. Um modelo de desenvolvimento que não leve esta evidente nuança em consideração é como se fosse um dinossauro, muito bom para as primeiras eras geológicas e muito distante da era atual.

(Emerson Kapaz, Dedos cruzados, *Revista Política Democrática*, n. 6, p. 41)

a) Os governos Vargas e JK & os governos militares.
b) A iniciativa privada no desenvolvimento econômico.
c) O papel da Confederação Nacional da Indústria no governo JK.
d) Os sistemas híbridos dos governos militares.
e) O estatismo de Vargas a JK.

Resposta: “b”. Comprova-se isso pela frase síntese, e mais ainda pela seguinte conclusão: “A iniciativa privada foi o pulmão do desenvolvimento na época do estatismo e terá ainda relevância na economia contemporânea.”

Leia o texto para responder à questão 134.

Um dos motivos principais pelos quais a temática das identidades é tão frequentemente focalizada tanto na mídia assim como na universidade são as mudanças culturais, sociais, econômicas, políticas e tecnológicas que estão atravessando o mundo e que são experenciadas, em maior ou menor escala, em comunidades locais específicas. Como indica Fridman (2000, p. 11), “se a modernidade alterou a face do mundo com suas conquistas

materiais, tecnológicas, científicas e culturais, algo de abrangência semelhante ocorreu nas últimas décadas, fazendo surgir novos estilos, costumes de vida e formas de organização social". Há nas práticas sociais cotidianas que vivemos um questionamento constante de modos de viver a vida social que têm afetado a compreensão da classe social, do gênero, da sexualidade, da idade, da raça, da nacionalidade etc., em resumo, de quem somos na vida social contemporânea. É inegável que a possibilidade de vermos a multiplicidade da vida humana em um mundo globalizado, que as telas do computador e de outros meios de comunicação possibilitam, tem colaborado em tal questionamento ao vermos de perto como vivemos em um mundo multicultural e que essa multiculturalidade, para qual muitas vezes torcíamos/torcemos os narizes, está em nossa própria vida local, atravessando os limites nacionais: os grupos gays, feministas, de rastafáris, de hip-hop, de trabalhadores rurais sem-terra etc.

(Luiz Paulo da Moita Lopes, *Discursos de identidades*, p. 15)

134. Das seguintes relações de causa (primeira informação) e consequência (segunda informação), assinale a única que *não* é possível interferir a partir do texto.

a) mudanças culturais e sociais — focalização da temática das identidades.
b) modernidade no mundo — novas formas de organização social.
c) acesso à multiculturalidade — acesso às telas do computador.
d) questionamento dos modos de viver — alteração na compreensão da sexualidade.
e) novas conquistas tecnológicas e culturais — novos estilos e costumes de vida.

Resposta: "c". A relação de causa e consequência nesta opção está invertida: o acesso às telas dos computadores é a causa e o acesso à multiculturalidade é a consequência.

Leia o texto abaixo para responder à questão 135.

Com a tramitação das reformas constitucionais no Congresso, estamos prestes a inscrever em nossa Carta Magna disposições como limite salarial de integrantes dos poderes e dos serviços públicos estaduais, assunto que dificilmente se discutirá no Legislativo de qualquer outra federação, monárquica ou republicana, presidencialista ou parlamentarista, e que pouco provavelmente se encontrará em outra Constituição. A indagação cabível, a meu ver, é como e por que chegamos a tanto.

O cerne desse desafio, que julgo não respondido, pode ser resumido num simples raciocínio: o sistema federativo, por oposição a uma forma unitária do Estado, nada mais é do que distribuir espacialmente o poder. A origem e o fundamento da divisão espacial do poder, representados pela federação, devem ser procurados entre aqueles que criaram o primeiro regime federativo do mundo. O modelo confederativo, como se sabe, já era conhecido historicamente e foi adotado nos artigos de confederação que precederam e viabilizaram a luta pela independência das 13 colônias da América do Norte. O que marca a singularidade do novo sistema é exatamente a diferença entre as confederações anteriores e a alternativa criada pelos convencionais da Filadélfia.

Equilibrar poderes, distribuir competências e responsabilidades rigorosamente simétricas em uma nação tão profundamente assimétrica, mais do que um desafio de engenharia política, ainda é uma incógnita indecifrada, que, como a esfinge, ameaça-nos devorar.

(Marco Maciel, Pacto federativo, *Folha de S.Paulo*, 14.09.2003, com adaptações)

135. Marque F (falso) ou V (verdadeiro) para inferências a partir do texto.

( ) As reformas constitucionais reforçam a distribuição espacial do poder.

( ) Um estado que adota uma forma unitária não distribui espacialmente o poder.

( ) Confederações são Estados que adotam, constitucionalmente, o regime federativo a partir da independência dos Estados Unidos.

( ) Nossa Carta Magna será a primeira, ou uma das primeiras, a dispor sobre limite salarial de integrantes dos poderes mas não sobre o dos serviços estaduais.

A sequência correta é:

a) V, V, F, V
b) V, V, F, F
c) F, V, V, V
d) V, F, F, F
e) F, F, V, F

Resposta: "b". As duas primeiras afirmações são verdadeiras e as duas últimas, falsas. Veja os porquês das duas últimas serem falsas: o texto afirma que "O modelo confederativo, como se sabe, já era conhecido historicamente e foi adotado nos artigos de confederação que precederam e viabilizaram a luta pela independência das 13 colônias da América do Norte", então não se pode dizer que "(F) Confederações são Estados que adotam, constitucionalmente, o regime federativo a partir da independência dos Estados Unidos."; o texto começa dizendo que *"Com a tramitação das reformas constitucionais no Congresso, estamos prestes a inscrever em nossa Carta Magna disposições como limite salarial de integrantes dos poderes e dos serviços públicos estaduais, assunto que dificilmente se discutirá no Legislativo de qualquer outra federação, monárquica ou republicana, presidencialista ou parlamentarista, e que pouco provavelmente se encontrará em outra Constituição. A indagação cabível, a meu ver, é como e por que chegamos a tanto"*, o que não quer dizer que "(F) Nossa Carta Magna será a primeira, ou umas das primeiras, a dispor sobre limite salarial de integrantes dos poderes mas não sobre o dos serviços estaduais".

Leia o texto abaixo para responder às questões 136 e 137.

Seja nos mitos de criação seja na cosmologia de hoje, há uma busca no sentido do mundo, um esforço de compreensão da natureza e do universo. As representações do espírito humano, num caso e noutro, constituem variações sobre o mesmo tema: penetrar no âmago da realidade.

Não é segredo algum descobrir que a busca de sentido para o cosmos se engata com a procura de sentido para a existência da família humana. Para além das concepções científicas e das diversidades culturais, o porquê da nossa vida, de sua origem e do seu destino, acompanha passo a passo nossa evolução histórica. A ocupação do planeta, a organização da convivialidade, a compatibilização dos contrários, presentes em toda a parte, e a eterna busca de valores transcendentes estão no mesmo séquito que acompanha a observação do mundo natural, nas descobertas de nexo entre causa e efeito, nos postulados científicos e nas aplicações técnicas.

(José de Ávila Aguiar Coimbra, *Fronteiras da ética*, São Paulo: Senac, 2002, p. 20)

136. Assinale a opção que está de acordo com a ideia central do texto.

a) A cosmologia é uma ciência exata que dispersa valores humanísticos e procura apenas relações de causa e efeito.
b) Os mitos, como exclusivas representações do espírito humano, configuram o caminho por excelência para a busca por valores transcendentes.
c) As concepções científicas e a diversidade cultural são obstáculos que invalidam uma visão hegemônica do mundo natural.
d) O porquê da vida humana, sua origem e seu destino são indagações subjacentes tanto aos mitos quanto às investigações de caráter científico.
e) Nos postulados científicos e nas aplicações técnicas, as descobertas de nexo entre causa e efeito negligenciam as leis da cosmologia.

Resposta: "d". O texto apresenta a seguinte introdução: "Seja nos mitos de criação seja na cosmologia de hoje, há uma busca no sentido do mundo, um esforço de compreensão da natureza e do universo." É o mesmo que se afirma em "d) O porquê da vida humana, sua origem e seu destino são indagações subjacentes tanto aos mitos quanto às investigações de caráter científico."

137. Assinale a opção em *desacordo* com as ideias do texto.

Não mais se conta com um eixo filosófico ou religioso sobre o qual girem as ciências, as técnicas e até mesmo a organização social. Como adverte Edgar Morin, a ciência também produz a ignorância, uma vez que as especializações caminham para fora dos grandes contextos reais, das realidades complexas. Paradoxalmente, cada avanço unidirecional dos conhecimentos científicos produz mais desorientação e perplexidade na esfera das ações a implementar, para as quais se pressupõe acerto e segurança. Vivemos em uma nebulosa, que não é via láctea deslocando-se no espaço cósmico e explicável pela astronomia, mas em uma nebulosa provocada pela falta de contornos definidos para o saber, para a razão e, na prática, para as decisões fundamentais. Afinal, o que significa tudo isso para a felicidade das pessoas e o destino último da sociedade?

(José de Ávila Aguiar Coimbra, *Fronteiras da ética*, São Paulo: Senac, 2002, p. 27)

a) O eixo filosófico ou religioso sobre o qual giravam as ciências, as técnicas e até mesmo a organização social não está mais disponível.
b) Como as especializações se desviam dos grandes contextos reais e das realidades complexas, a ciência também produz ignorância.
c) Se o avanço dos conhecimentos é unidirecional, produz-se desorientação e perplexidade nas ações para as quais acerto e segurança são pressupostos.
d) A falta de contornos definidos para o saber é provocada pela razão e pelas decisões fundamentais da prática.
e) A nuvem de matéria interestelar em que vivemos, que se desloca no espaço cósmico, é explicável pela astronomia.

Resposta: "d". Em momento algum do texto percebemos que "a falta de contornos definidos para o saber é provocada pela razão e pelas decisões fundamentais da prática."

138. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e, em seguida, assinale a sequência correspondente.

( ) As operações de compra de imóveis pelas *off shores* também estão sendo

monitoradas pela Receita. Os dados serão comparados com as declarações de Imposto de Renda dos residentes no Brasil e até com o cadastro de imóveis das prefeituras.

( ) Sem identificação dos donos, cujos nomes são mantidos em sigilo pela legislação dos países onde estão registradas, muitas dessas empresas fazem negócios no Brasil, como a participação em empreendimentos comerciais ou industriais, compra e aluguel de imóveis.

( ) Além de não saber quem são os proprietários dessas *off shores*, pois não há mecanismos legais que permitem acesso aos verdadeiros donos, o governo também não tem conhecimento da origem desse dinheiro aplicado no País, sem o recolhimento dos impostos devidos.

( ) A Receita Federal está fechando o cerco contra as empresas estrangeiras sediadas em paraísos fiscais que atuam no Brasil, conhecidas como *off shores*.

( ) Para reduzir essa evasão fiscal, a Receita está identificando as pessoas físicas que alugam imóveis de luxo pertencentes a pessoas jurídicas ou mesmo fiscais que atuam em paraísos fiscais. Toda remessa de aluguel é tributada.

(Adaptado de Ana D'Angelo, Andréa Cordeiro e Vicente Nunes,

Correio Braziliense, 08.09.2003)

a) 1º, 2º, 4º, 3º, 5º
b) 2º, 3º, 5º, 4º, 1º
c) 5º, 2º, 3º, 1º, 4º
d) 1º, 5º, 4º, 3º, 2º
e) 3º, 2º, 1º, 5º, 4º

Resposta: "c". Podemos notar pela leitura dos fragmentos que o único que não apresenta elemento coesivo de retomada é o penúltimo segmento. Assim sendo, é o único que pode iniciar o texto: 5º, 2º, 3º, 1º, 4º.

139. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e, em seguida, assinale a sequência correspondente.

( ) Em geral, esta firma é constituída apenas para atuar como subsidiária da estrangeira, intermediando seus negócios. Caso a empresa compre imóvel no Brasil, tem que haver registro, tem que existir um responsável, com CPF, o que permite o controle.

( ) O investidor estrangeiro entra no Brasil via Bolsa de Valores, fundos de investimentos ou como sócio de uma empresa brasileira.

( ) O secretário da Receita admite, no entanto, que não há mecanismos para controlar a atuação de brasileiros que mandam dinheiro ilícito para os paraísos fiscais e o repatriam por meio de negócios realizados em nome das *off shores*.

( ) E também a contabilidade da empresa, em tais países, não precisa ser auditada. Os donos dos recursos podem movimentar dinheiro ou constituir empresas por vários meios que omitem seus nomes, como o sistema de ações ao portador.

( ) Esses países conhecidos como paraísos fiscais têm como principais atrativos a

legislação tributária branda, com direito até a isenção de impostos, e garantia de sigilo bancário, comercial e societário.

(Adaptado de Ana D'Angelo, Andréa Cordeiro e Vicente Nunes,

Correio Braziliense, 08.09.2003)

a) 1º, 2º, 4º, 3º, 5º
b) 2º, 1º, 3º, 5º, 4º
c) 3º, 2º, 1º, 5º, 4º
d) 1º, 5º, 4º, 3º, 2º
e) 5º, 2º, 3º, 1º, 4º

Resposta: "b". Fazemos aqui a mesma análise da questão anterior. Podemos notar pela leitura dos fragmentos que o único que não apresenta elemento coesivo de retomada é o segundo segmento. Assim sendo, é o único que pode iniciar o texto: 2º, 1º, 3º, 5º, 4º.

As questões de números 140 a 147 referem-se ao texto que segue.

A sociedade humana, tal como se acha organizada, não é una, nem uniforme e nem está, em seu conjunto, no mesmo estágio de desenvolvimento.

Nela coexistem, pois, diferentes comunidades, estabelecidas e organizadas de conformidade com objetivos e interesses específicos. Tais comunidades (nacionais, regionais, municipais, por exemplo) relacionam-se necessariamente umas com as outras, direta ou indiretamente. Conforme o caso, intercambiam produtos, ideias, cultura, arte, costumes, tecnologia, conhecimentos e experiências diversas, além do que não existe, compõe e constitui a sociedade humana e a natureza.

No plano internacional, esse intercâmbio permanente e incessante ocorre num quadro extremamente variado, composto de especializações, singularidades e discrepante e injusto grau de desenvolvimento. Essas diversidades, aliás ligadas à necessidade de troca e obtenção de determinados produtos, constituem a causa da ocorrência e intensificação do relacionamento intercomunitário. Pelas mesmas razões (e também por outras que ora não vêm a pelo) implicam a prevalência ou quando não o domínio puro e simples de umas comunidades sobre outras, obliterando-lhes, parcial e às vezes totalmente, os espaços de e para um desenvolvimento autonômico e independente.

(Guido Bilarinho, *Revista Dimensão*, ano V, n. 9, p. 3-4)

140. O texto

a) enfatiza o cultivo das ações propulsoras do desenvolvimento autonômico e independente.
b) aponta as desvantagens decorrentes de um grau injusto de desenvolvimento das comunidades.
c) critica o processo organizacional deficitário das comunidades em geral.
d) tece considerações sobre a maneira como se organiza a sociedade humana.
e) condena os meios modernos de supremacia no relacionamento intercomunitário.

Resposta: "d". Nunca podemos perder de vista que o texto se estrutura a partir de uma ideia central que deve ser apresentada no parágrafo de introdução, ou frase síntese. Nesse texto a frase síntese é: "A sociedade humana, tal como se acha organizada, não é una, nem uniforme e nem está, em seu conjunto, no mesmo estágio de desenvolvimento." Daí podermos afirmar

que o texto “d) tece considerações sobre a maneira como se organiza a sociedade humana”.

141. O texto

a) atribui ao intercâmbio permanente a fonte de progresso das comunidades.
b) acentua a exploração econômico-financeira como canal de dominação.
c) afirma a inexistência de igualdade nas comunidades da sociedade humana.
d) condiciona o relacionamento intercomunitário à mudança de organização da sociedade.
e) associa o intercâmbio permanente ao injusto grau de desenvolvimento social.

Resposta: “d”. O texto fala dos diferentes graus de desenvolvimento, o que aparece na opção d). As outras opções extrapolam as ideias apresentadas no texto. Vejamos a informação falsa: a) fonte de progresso; b) acentua a exploração; c) afirma a inexistência de igualdade; e) injusto grau de desenvolvimento.

142. De acordo com o texto, as diferentes comunidades na sociedade humana

a) ajustam-se às peculiaridades da natureza.
b) permutam benefícios de natureza diversa.
c) repudiam o relacionamento intercomunitário.
d) manifestam-se no mesmo nível de desenvolvimento.
e) caracterizam-se por traços homogêneos.

Resposta: “b”. As diferenças são benéficas pois permitem intercâmbios, ou seja, “permutam benefícios de natureza diversa”.

143. Entre o primeiro e o segundo parágrafos do texto, há uma relação de

a) concessão.
b) condição.
c) adição.
d) finalidade.
e) causa e consequência.

Resposta: “e”. Causa e consequência. Note que o primeiro parágrafo diz que as sociedades não são iguais (causa) e por isso intercambiam ideias, cultura, arte...” (consequência).

144. A substituição da expressão destacada em “... implicam a prevalência ou *quando não* o domínio de umas comunidades sobre outras...” mantém o sentido original em:

a) senão.
b) aliás.
c) ainda.
d) também.
e) assim.

Resposta: “a”. A expressão “quando não” equivale semântica e sintaticamente, no texto, a “senão”.

145. Na relação entre o vocabulário e os efeitos de sentido do texto, os termos (do 3º parágrafo) discrepante, prevalência, obliterar estão correta e respectivamente substituídos por

a) diferente — predominância — esquecer.
b) atenuante — preferência — encurtar.

c) dissonante — predominância — oferecer.
d) díspar — supremacia — extinguir.
e) intenso — preferência — invalidar.

Resposta: “d”. Discrepante = diferente, dissonante, diferente; prevalência = predominância, supremacia; obliterar = extinguir, invalidar. Assim a única opção com a sequência possível é d) díspar, supremacia, extinguir.

146. A substituição da expressão sublinhada em ... relacionam-se necessariamente *umas com as outras*... mantém o sentido original em:

a) as outras.
b) para com as outras.
c) pelas outras.
d) das outras.
e) às outras.

Resposta: “e”. Questão gramatical, pois se observa o uso de preposição e artigo, sendo que a preposição vem regida pelo verbo antecedente “relacionam-se”, que pode ter as preposições “com” e “a”, indiferentemente: relacionam-se umas COM as outras, ou relacionam-se umas Às outras.

147. Em ... os espaços *para* um desenvolvimento..., a ligação da preposição com o termo desenvolvimento traduz ideia de

a) finalidade.
b) qualidade.
c) proximidade.
d) limitação.
e) quantidade.

Resposta: “a”. A preposição “para”, nessa frase, indica finalidade.

Texto para as questões de 148 e 149.

O homem, como ser histórico, é o construtor da sociedade e o responsável pelo rumo que ela venha a tomar.

Tornamo-nos seres humanos na dialética mesma da hominização, ao produzirmos e transformarmos coletivamente a cultura e nos construirmos como sujeitos.

A nossa cultura atual, eivada de violências físicas e simbólicas, tem levado os seres humanos à massificação, à desumanização e à autodestruição. Fazendo frente a essa crise, a Cultura da Paz surge como uma proposta da ONU que tem por objetivo conscientizar a todos — governos e sociedades civis — para que se unam em busca da superação da falência do nosso paradigma atual, conclamando para a construção de um novo modelo substitutivo, assentado em ações, valores e princípios calcados em uma nova ética social, no respeito à diversidade cultural e na diminuição das desigualdades e injustiças.

(Editorial. *Revista da Faculdade de Educação do Estado da Bahia,*

ano 10, n. 14, jan./jun. 2001, com adaptações)

Julgue os itens 148 e 149, acerca do texto acima.

148. O aposto “como ser histórico” esclarece ou justifica as razões das características de homem que o período sintático apresenta a seguir.

Resposta: Certo.

149. A ideia de hipótese que o emprego de “venha” confere ao texto pode ser alternativamente expressa por *porventura vem*, sem prejuízo da argumentatividade e da correção gramatical do texto.

Resposta: Errado: o uso de “vem” (presente do indicativo) torna o texto gramaticalmente incorreto, já que a ideia é de hipótese.

Texto para as questões de 150 a 152.

A polêmica sobre o porte de armas pela população não tem consenso nem mesmo dentro da esfera jurídica, na qual há vários entendimentos como: “o cidadão tem direito a reagir em legítima defesa e não pode ter cerceado seu acesso aos instrumentos de defesa”, ou “a utilização da força é direito exclusivo do Estado” ou “o armamento da população mostra que o Estado é incapaz de garantir a segurança pública”. Independente de quão caloroso seja o debate, as estatísticas estão corretas: mais armas potencializam a ocorrência de crimes, sobretudo em um ambiente em que essas sejam obtidas por meios clandestinos. A partir daí, qualquer fato corriqueiro pode tornar-se letal. O porte de arma pelo cidadão pode dar uma falsa sensação de segurança, mas na realidade é o caminho mais curto para o registro de assaltos com morte de seu portador.

(Disponível em: <http://www.serasa.com.br/guiacontraviolencia>.
Acesso em: 28 set. 2004, com adaptações)

A respeito do texto, julgue os itens a seguir.

150. A retirada da expressão “nem mesmo” preservaria a coerência e a correção gramatical do texto, mas enfraqueceria o argumento que mostra a fragilidade do consenso.

Resposta: Certo.

151. O emprego das aspas indica vozes que representariam opiniões paradigmáticas a respeito do porte de armas.

Resposta: Certo.

152. De acordo com o desenvolvimento das ideias no texto, o advérbio “daí”, no último parágrafo, marca o momento do debate.

Resposta: Errado: o advérbio “daí” marca uma conclusão para o que foi dito anteriormente.

Considerando o texto abaixo, julgue o seguinte item 153.

O que importa para os proponentes do desarmamento da população é o sentimento de estar “fazendo algo” para acabar com a violência, mesmo que o tal “algo” seja absolutamente inócuo.

Desarmar a população só pode trazer dois resultados. O mais imediato é a continuação e até o recrudescimento da violência, já que bandidos vão contar com a certeza de que ninguém terá como reagir. O resultado mais remoto — mas nem por isso desprezível — é deixar a

população indefesa frente a aventuras políticas.

Quem duvida, procure a seção de História da biblioteca mais próxima.

(Paulo Leite. *Desarmamento e liberdade.*

Disponível em: <http://www.diegocasagrande.com.br>, com adaptações)

153. A argumentação do texto leva a inferir que aquilo que se encontrará na "seção de História da biblioteca mais próxima" serão razões políticas a favor do desarmamento da população.

Resposta: Errado: o que se encontra na "seção de História da biblioteca mais próxima" são relatos de violência contra o povo *desarmado*.

Para responder às questões de 154 a 158, considere o texto abaixo.

A expressão "indústria da cultura" foi provavelmente utilizada pela primeira vez no livro Dialética do Iluminismo, que Horkheimer e eu publicamos em Amsterdan, em 1947. Nas versões iniciais, falava-se de "cultura de massas".

Substituímos esta expressão por "indústria da cultura", a fim de excluir, logo de início, a interpretação que convém aos advogados daquela, ou seja, que se trataria de qualquer coisa como uma cultura que surge espontaneamente das próprias massas, a forma contemporânea da arte popular.

A indústria da cultura encontra-se nos antípodas de tal concepção. Ela reorganiza o que há muito se tornou um hábito, dotando-o de uma nova qualidade. Em todos os setores, os produtos são fabricados mais ou menos segundo um plano, talhados para o consumo de massas e, em larga medida, determinando eles próprios esse consumo. Os setores individuais assemelham-se quanto à estrutura ou, pelo menos, articulam-se entre si. Integram-se no sistema de forma ordenada e praticamente sem falhas, processo que fica a dever tanto aos recursos atuais da tecnologia como à concentração econômica e administrativa. A indústria da cultura é a integração propositada de seus consumidores, a partir de cima. Ela impõe igualmente a junção do domínio específico da arte maior e o da arte menor, domínios que estiveram separados durante séculos.

Junção que é desvantajosa para ambos. A seriedade da arte maior perece na especulação sobre os efeitos que produz: a coação civilizacional destrói, por seu turno, o elemento de resistência rebelde que era inerente à arte menor quando o controle de sociedade não era ainda total.

Se bem que a especulação da indústria da cultura acerca do estado de consciência ou inconsciência dos milhões de pessoas a quem se dirige seja um fato incontestável, as massas não representam uma realidade primária, mas constituem-se antes como objeto secundário e calculado, um apêndice da engrenagem. O cliente não é rei, como a indústria da cultura gostaria de fazer crer; não é o seu sujeito, mas sim o objeto.

(Adaptado de ADORNO, Theodor W. Breves considerações acerca da indústria da cultura.

In: *Sobre a indústria da cultura.* Coimbra: Ângelus Novus, 2003, p. 97-98)

154. Nas linhas iniciais do texto:

a) O livro de Horkheimer foi citado como comprovação da ideia cabalmente estabelecida de

que a expressão “indústria da cultura” é inovadora.

b) É apresentado de maneira assertiva o fato de que outros autores que antecederam a ***Dialética*** faziam uso da expressão “cultura de massas”, opondo-a a “indústria da cultura”.

c) A palavra que introduz o segmento “se trataria de qualquer coisa (...) da arte popular”, tem como antecedente o pronome *daquela.*

d) O cotejo estabelecido pela palavra “como” esclarece a distinção entre “cultura de massas” e “forma contemporânea da arte popular”, tal como proposta pelos defensores da primeira expressão.

e) Está expressa a ideia de que a substituição feita pelos autores não se deu pela revisão da natureza do fenômeno designado, mas para não favorecer certo tipo de leitura do fato.

Resposta: “e”. O texto afirma “Substituímos esta expressão por ‘indústria da cultura’, a fim de excluir, logo de início, a interpretação que convém aos advogados daquela, ou seja, que se trataria de qualquer coisa como uma cultura que surge espontaneamente das próprias massas, a forma contemporânea da arte popular.” Isso significa dizer que substituíram a expressão “e) ... para não favorecer certo tipo de leitura do fato”.

155. A frase *A indústria da cultura encontra-se nos antípodas de tal concepção*, no contexto, deve ser entendida da seguinte maneira:

a) O modo como a indústria cultural se estrutura na contemporaneidade opõe-se diametralmente ao modo espontâneo como as massas se expressavam anteriormente.

b) A concepção de que a cultura de massas é qualquer coisa que implique a manifestação de arte reverte o sentido que se dava à expressão, sendo-lhe acrescentada a qualidade de “popular”.

c) O modo como o autor do texto compreende a indústria da cultura é incompatível com o entendimento de que ela se constitui de manifestações espontâneas das massas.

d) A interpretação que o autor do texto propõe como correta para a expressão “indústria da cultura” contrapõe-se à ideia de que existe uma forma contemporânea de arte popular.

e) “Cultura de massas” e “forma contemporânea da arte” são manifestações que, embora em extremidades opostas, não apresentam a contradição que o autor vê na aproximação dos termos “indústria” e “da cultura”.

Resposta: “c”. A resolução se dá pelo entendimento da palavra “antípodas”, que significa “contrários, opostos”. Então “O modo como o autor do texto compreende a indústria da cultura é *incompatível* com o entendimento de que ela se constitui de manifestações espontâneas das massas.”

156. Integram-se no sistema de forma ordenada e praticamente sem falhas, *processo que fica a dever tanto aos recursos atuais da tecnologia como à concentração econômica e administrativa.* A indústria da cultura é a integração propositada de seus consumidores, a partir de cima. Ela impõe igualmente a junção do domínio específico da arte maior e o da arte menor, domínios que estiveram separados durante séculos. Junção que é desvantajosa para ambos. A seriedade da arte maior perece na especulação sobre os efeitos que produz: a coação civilizacional destrói, por seu turno, o elemento de resistência rebelde que era inerente à arte menor quando o controle da sociedade não era ainda total.

Considerando o fragmento acima, e o contexto, assinale a *única* afirmação INCORRETA.

a) Uma possível redação para o segmento grifado, totalmente adequada à norma da gramática prescritiva, seria: “processo que fica em débito quer com a concentração econômica e administrativa”.
b) A expressão “a partir de cima” associada a “fabricados mais ou menos segundo um plano” contribui para a construção do sentido de que a indústria cultural não contempla a espontaneidade das massas.
c) O segmento *na especulação sobre os efeitos que produz* expressa noção de processo.
d) No fragmento está pressuposto que, em tempos de indústria cultural, o controle da sociedade é completo.
e) No fragmento, está subtendida a ideia de que, sob certas condições, a resistência rebelde é elemento intrínseco à arte menor.

Resposta: “e”. Todas as ideias apresentadas nas assertivas estão no texto, exceto a de que “a resistência, sob certas condições a rebeldia é elemento intrínseco à arte menor”.

157. Se bem que a especulação da indústria da cultura acerca do estado de consciência ou inconsciência dos milhões de pessoas a quem se dirige seja um fato incontestável, as massas não representam uma realidade primária, mas constituem-se antes como objeto secundário e calculado, um apêndice da engrenagem.

No período acima transcrito,
a) *se bem que* equivale a “tanto que”.
b) se houvesse uma vírgula depois de *se bem que*, não haveria prejuízo da norma padrão.
c) *se bem que* poderia ser trocado por “embora”, sem que fossem feitas adaptações no restante da frase.
d) a palavra *como* tem idêntica natureza e função de *como* encontrado na frase: “Como as ciências modernas evoluem rapidamente hoje em dia!”.
e) se a palavra *antes* fosse deslocada, a nova sequência “mas constituem-se como objeto secundário e calculado, antes, um apêndice da engrenagem” preservaria o sentido original.

Resposta: “c”. A troca seria possível, sem necessidade de adaptação do restante da frase: Embora a especulação da indústria da cultura acerca do estado de consciência ou inconsciência dos milhões de pessoas a que se dirige seja um fato incontestável, as massas não representam uma realidade primária, mas constituem-se antes como objeto secundário e calculado, um apêndice da engrenagem.

158. O cliente não é rei, *como* a indústria da cultura gostaria de fazer crer; *não é* seu sujeito, mas sim o objeto.

Levando em conta o contexto, considere as afirmações que seguem sobre o autor e seus procedimentos na frase acima.

I. Fazendo uso de linguagem conotativa, expressa sua opinião acerca do lugar que o cliente verdadeiramente ocupa no contexto da indústria cultural.

II. Recorrendo a frase hipotética, explicita, pelo deslocamento da posição do cliente, o que lhe parece ser a relação entre “aquilo que é” e “aquilo que se deseja fazer parecer que é”.

III. Estabelecendo uma comparação — articulada pelos elementos grifados na frase acima — evidencia que o cliente não constitui preocupação da indústria cultural, embora

esta indústria tente criar a ilusão de que a produção é ditada pela expectativa das massas.
É correto o que se afirma em:
a) I, apenas.
b) I e II, apenas.
c) II e III, apenas.
d) II, apenas.
e) I, II e III.

Resposta: “b”. A afirmação que se faz em “III” está errada, pois a palavra “como” empregada no texto tem valor “conformativo” e não “comparativo”.

Leia o texto abaixo para responder às questões 159 a 162.

De modo geral, o século XVIII assistiu à passagem do sistema do mecenato, pelo qual o artista era financiado por um produtor opulento — secular ou eclesiástico — ao sistema de produção para o mercado. Sem dúvida, essa passagem foi gradual, e o mecenato não se extinguiu de todo. Giambattista Tiepolo passou a vida a serviço de protetores, como príncipe-bispo da Francônia e o rei da Espanha. Handel foi protegido pelos reis de Hanover.

Mas pouco a pouco surgiu um novo personagem — o artista que vivia do seu trabalho e era remunerado por sua própria clientela. O livro podia ser vendido, e bem vendido.

Dryden recebeu em 1697 a soma de 1400 libras por sua tradução de Virgílio. Pope enriqueceu com sua próprias obras e com a tradução da *Ilíada* e da *Odisseia*. Lessage ganhou a vida com seus romances e seu teatro. Surgiu o autor profissional. “Ser autor”, diz o *Almanach des auteurs*, de 1755, “hoje é uma profissão, como ser militar, eclesiástico ou financista.”

Essa independência é assegurada pelo favor do público, às vezes tão caprichoso como os antigos mecenas, mas outorgando aos autores um grau de liberdade que seria impensável no passado.

A independência não se limitava às letras. Um pintor como Reynolds enriqueceu com seus retratos, pelos quais cobrava preços astronômicos. A liberdade proporcionada pelo sucesso comercial não impedia os artistas de trabalharem para os grandes, mas permitia estabelecer com eles uma relação de altivez e até de arrogância.

Contratado pela corte da Rússia para executar uma estátua de Pedro, O Grande, o escultor Falconet recusou os vários projetos que lhe haviam sido submetidos a título de sugestão e teve o gesto magnífico de não aceitar a remuneração de 400 mil libras que lhe foi proposta: soberbo de desdém, exigiu receber exatamente a metade da quantia.

(Adaptado de Sérgio Paulo Rouanet, Ilustração e modernidade.

In: *Mal-estar na modernidade* (ensaios). São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 138)

159. A alternativa que apresenta o resumo mais adequado do texto é:

a) De modo geral, no século XVIII ocorreu a passagem lenta e permanente de sistemas de produção artística, sem que o mecenato se extinguisse (artistas como Handel continuaram a ser protegidos); quando surgiu a profissão de autor — como militar, por exemplo —, o público, mesmo exigente, deu-lhe liberdade, e o sucesso o fez ser arrogante até com os poderosos, de quem cobravam preços astronômicos.
b) De modo geral, no século XVIII se deu, de maneira progressiva, o abandono do sistema de

mecenato pelo de produção para o mercado, dando origem à profissão de autor; o sucesso de vendas permitia liberdade antes desconhecida, que propiciava ao artista não só poder trabalhar inclusive com os poderosos, mas também assumir, na relação com eles, até atitudes arrogantes.

c) De uma forma abrangente, pode-se dizer que o século XVIII foi o que permitiu que o produtor secular ou eclesiástico deixasse ao artista a liberdade de produzir para o mercado; muitos enriqueceram, como Dryden e Pope, outros continuaram a ser protegidos; autores e pintores eram livres para cobrar o que quisessem, e muitos, pelo sucesso, passaram a ser arrogantes até com os poderosos.

d) De certa forma, o século XVIII viu nascer nova profissão, a do artista, oriunda do abandono pelos mecenas e da produção para o mercado; o autor, por exemplo, se tivesse traduzido ou produzido obras importantes (caso de Dryden ou Pope), podia ser independente, chegando até a ser prepotente com os poderosos quando queriam um trabalho seu.

e) De certa forma, o século XVIII conheceu o processo de passagem de atividade artística de um polo a outro: do mecenato ao mercado; sem dúvida, lentamente, mas viu-se o aparecimento do novo personagem, o artista que vendia sua produção, e que podia ser mais livre; mesmo muito rigoroso, o público podia pagar bem, até enriquecendo o artista (caso de Reynolds) e tornando-o mais arrogante com os poderosos.

Resposta: "b". Um resumo deve trazer todas as ideias contidas no texto, deixando de lado os exemplos, os adjetivos e as circunstâncias, ou seja, deve-se trabalhar com o essencial. Vejamos como isso aparece na opção b): De modo geral, no século XVIII se deu, de maneira progressiva, o abandono do sistema de mecenato pelo de produção para o mercado, dando origem à profissão de autor (1º e 2º parágrafos); o sucesso de vendas permitia liberdade antes desconhecida, que propiciava ao artista não só poder trabalhar inclusive com os poderosos, mas também assumir, na relação com eles, até atitudes arrogantes (3º e 4º parágrafos). Note que o último parágrafo não precisa entrar no resumo, por tratar-se apenas de uma ilustração para o que foi explicitado anteriormente (a arrogância do autor).

160. A frase que, no contexto, constitui um argumento de confirmação é:

a) Sem dúvida, essa passagem foi gradual e o mecenato não se extinguiu de todo.
b) Mas pouco a pouco surgiu um novo personagem — o artista que vivia do seu trabalho...
c) A independência não se limitava às letras.
d) Essa independência é assegurada pelo favor do público...
e) "Ser autor", diz o *Almanach des auteurs*, de 1755, "é hoje uma profissão, como ser militar, eclesiástico ou financista".

Resposta: "e". Argumento é a comprovação de uma ideia, e um dos recursos argumentativos é a "fala de autoridade"; como acontece na opção "e) 'Ser autor', diz *Almanach des auteurs*, de 1755, 'é hoje uma profissão, como ser militar, eclesiástico ou financista'."

161. Contratado pela corte da Rússia para executar uma estátua de Pedro, o Grande, o escultor Falconet recusou os vários projetos que lhe haviam sido submetidos a título de sugestão e teve o gesto magnífico de não aceitar a remuneração de 400 mil libras que lhe foi proposta: soberbo de desdém, exigiu receber exatamente a metade da quantia.

Com relação ao fragmento acima transcrito, é correto afirmar:

a) Os dois-pontos anunciam um esclarecimento acerca de algo anteriormente enunciado.

b) Contratado pela corte da Rússia expressa, no contexto, noção da causa.
c) Haviam sido submetidos indica ação ocorrida simultaneamente à ação citada anteriormente, realizada pelo escultor — recusou.
d) A título de sugestão equivale a "porque ele pedira sugestão".
e) De natureza predominantemente narrativa, o excerto é objetivo, não apresentando marca alguma de subjetividade do autor.

Resposta: "a". Os dois-pontos podem introduzir um diálogo, uma citação, uma enumeração ou, como no fragmento destacado, uma explicação. Vejamos o que está errado nas outras opções: b) não é noção de "causa" e sim de finalidade; c) "haviam sido submetidos" expressa uma ação anterior a outra já passada, ou seja, é a noção de pretérito mais-que-perfeito; d) não é "porque" — que indica explicação —, pois a ideia é de conformidade; e) O texto é dissertativo, pois discute uma ideia: a passagem do sistema de mecenato para o sistema de produção de mercado; apresenta marcas de subjetividade, tais como: "Sem dúvida", "e bem vendido", "o gesto magnífico".

162. É correto afirmar que, no texto,

a) bem, em O livro podia ser vendido, e bem vendido, intensifica o ganho auferido com a venda.
b) pelo qual, em pelo qual o artista era financiado por um produtor opulento, pode ser substituído por "porque", sem que sejam afetados o sentido original e a norma padrão.
c) a frase Essa independência é assegurada pelo favor do público manteria o sentido original se fosse transposta para a voz ativa assim: O favor do público tinha assegurado essa independência.
d) o segmento grifado, em Reynolds enriqueceu com seus retratos, pelos quais cobrava preços astronômicos, pode ser substituído, sem que seja afetada a norma padrão, por "cujos os preços eram astronômicos".
e) até, em permitia estabelecer com eles uma relação de altivez e até de arrogância, indica que numa escalada ascendente, *arrogância* ocupa o menor grau.

Resposta: "a". Vejamos o erro das outras opções: b) "pelo qual" poderia ser substituído por "por que" — separado —, pois representa uma preposição e um pronome; c) na transformação de voz, devemos preservar o tempo verbal, assim não podemos mudar "é assegurada" — presente — por "tinha assegurado" — passado; d) depois do pronome "cujos" não pode aparecer artigo; e) "arrogância" ocupa maior grau, pois é o que vem depois do "até".

A propósito do texto abaixo, julgue as questões 163 e 164 como certas ou erradas.

O Mercado Comum do Sul (MERCOSUL) ganha uma sede oficial para funcionamento do Tribunal Permanente de Revisão do bloco, que vai funcionar como última instância no julgamento das pendências comerciais entre os países-membros. Melhorar o mecanismo de solução de controvérsias é um dos requisitos para o fortalecimento do MERCOSUL, *vide* as últimas divergências entre Brasil e Argentina. As decisões do tribunal terão força de lei. Sua sede será Assunção, no Paraguai.

Até agora, quando os países-membros divergiam sobre assuntos comerciais, era acionado o Tribunal Arbitral. Quem estivesse insatisfeito com o resultado do julgamento, no entanto, tinha de apelar a outras instâncias internacionais, como a Organização Mundial do Comércio (OMC).

(Gisele Teixeira, MERCOSUL ganha tribunal permanente,

Jornal do Brasil, ago. 2004, com adaptações)

163. A expressão “bloco” retoma, sem necessidade de repetição da mesma palavra, a ideia de “MERCOSUL”.

Resposta: Certa.

164. Infere-se das informações do texto que um dos pontos frágeis do funcionamento do MERCOSUL está no mecanismo de solução de controvérsias entre os países que o compõem.

Resposta: Certa.

Em relação ao texto abaixo, julgue os itens de número 165 a 167 como certos ou errados.

A análise que a sociedade costuma fazer da violência urbana é fundamentada em fatores emocionais, quase sempre gerados por um crime chocante, pela falta de segurança nas ruas do bairro, por preconceito social ou por discriminação. As conclusões dos estudos científicos não são levadas em conta na definição de políticas públicas. *Como reflexo dessa atitude*, o tratamento da violência evoluiu pouco no decorrer do século XX, ao contrário do que ocorreu com o tratamento das infecções, do câncer ou da AIDS. Nos últimos anos, entretanto, estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais precisos para avaliar a influência dos fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos *associados às raízes* sociais da violência *urbana*: pobreza, impunidade, acesso a armamento, narcotráfico, intolerância social, ruptura de laços familiares, imigração, corrupção de autoridades ou descrédito na justiça.

(Drauzio Varella. Disponível em: <http://www.drauziovarella.com.br>, com adaptações)

165. As informações do texto indicam que, além da consideração de “fatores emocionais” que geram violência, as políticas públicas voltadas para a segurança dos cidadãos baseiam-se frequentemente nas “conclusões dos estudos científicos” que focalizam esse tema.

Resposta: Errado. O texto afirma que houve uma evolução no tratamento das doenças por causa das conclusões dos estudos científicos, e faz uma crítica, justamente, ao fato de o tratamento da violência ter evoluído pouco, por falta de estudos científicos.

166. A expressão “Como reflexo dessa atitude” introduz uma ideia que é uma *consequência* em relação à informação antecedente. Portanto poderia, sem prejuízo da correção e do sentido do texto, ser substituída pela palavra Consequentemente.

Resposta: Certo.

167. É correto inferir no texto que houve evolução no tratamento de certas doenças porque estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais exatos para avaliar seus fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes da violência.

Resposta: Errado. A evolução no tratamento das doenças se deu pelos resultados dos estudos científicos e não pelos “fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes da violência.” Houve uma mistura de informações contidas no texto.

Os dois textos que seguem (A e B) são referência para as questões de 168 a 173.

Texto A:

Diversos municípios brasileiros, especialmente aqueles que se urbanizaram de forma muito rápida, não oferecem à população espaços públicos para a prática de atividades culturais, esportivas e de lazer. A ausência desses espaços limita a criação e fortalecimento de redes de relações sociais. Em um tecido social esgarçado, a violência *é cada vez* maior, ameaçando a vida e enclausurando ainda mais as pessoas nos espaços domésticos.

(Disponível em: <http://www.polis.org.br>, com adaptações)

Considerando o texto A, julgue os seguintes itens como certos ou errados.

168. A expressão "tecido social esgarçado" está empregada em sentido figurado e representa a ideia de que as estruturas sociais estão *fortalecidas* em suas instituições oficiais.

Resposta: Errado. O adjetivo "esgarçado" expressa a ideia de coisa fraca, destruída, que se desfaz — o contrário de "fortalecidas".

169. A inserção da palavra consequentemente, entre vírgulas, antes de "cada vez" torna explícita a relação entre ideias desse período e aquelas apresentadas anteriormente no texto.

Resposta: Certo.

170. A expressão "ainda mais" reforça a ideia implícita de que há dois motivos para o enclausuramento das pessoas: falta de espaços públicos que favoreçam as relações sociais com atividades culturais, esportivas e de lazer e o aumento da ameaça de violência.

Resposta: Certo.

Texto B:

Entre os primatas, o aumento da densidade populacional não conduz necessariamente à violência desenfreada. Diante da redução do espaço físico, criamos leis mais fortes para controlar os impulsos individuais e impedir a barbárie. Tal estratégia de sobrevivência tem lógica evolucionista: descendemos de ancestrais que tiveram sucesso na defesa da integridade de seus grupos; os incapazes de fazê-lo não deixaram descendentes. Definitivamente, não somos como os ratos.

(Drauzio Varella. Disponível em: <http://www.drauziovarella.com.br>, com adaptações)

Acerca dos textos A e B, julgue cada um dos itens a seguir como certo ou errado.

171. Tanto no texto A como no B a questão do espaço físico como um dos fatores intervenientes no processo de intensificação da violência é vista sob o prisma da densidade populacional excessiva.

Resposta: Errado. No texto B se afirma que "o aumento da densidade populacional não conduz necessariamente à violência." Essa ideia aparece apenas no texto A.

172. Como a escolha de estruturas gramaticais pode evidenciar informações

pressupostas e significações implícitas, no texto B o emprego da forma verbal em primeira pessoa — "criamos" — autoriza a inferência de que os seres humanos pertencem à ordem dos primatas.

Resposta: Certo.

173. Por funcionar como um recurso coesivo de substituição de ideias já apresentadas, no texto B, a expressão "Tal estratégia de sobrevivência" retoma o termo antecedente "violência desenfreada".

Resposta: Errado. "Tal estratégia de sobrevivência" retoma o termo antecedente "criamos leis mais fortes para controlar os impulsos individuais e impedir a barbárie."

Com base no texto abaixo, julgue os itens de 174 a 178.

O valor da vida é de tal magnitude que, até mesmo nos momentos mais graves, quando tudo parece perdido dadas as condições mais excepcionais e precárias — como nos conflitos internacionais, na hora em que o direito da força se instala negando o próprio Direito, e quando tudo é paradoxal e inconcebível —, ainda assim a intuição humana tenta protegê-lo contra a insânia coletiva, criando regras que impeçam a prática de crueldades inúteis.

Quando a paz passa a ser apenas um instante entre dois tumultos, o homem tenta encontrar nos céus do amanhã uma aurora de salvação. A ciência, de forma desesperada, convoca os cientistas a se debruçarem sobre as mesas de seus laboratórios, na procura de meios salvadores da vida. Nas salas de conversação internacionais, mesmo entre intrigas e astúcias, os líderes do mundo inteiro tentam se reencontrar com a mais irrecusável de suas normas: o respeito pela vida humana.

Assim, no âmago de todos os valores, está o mais indeclinável de todos eles: a vida humana. Sem ela, não existe a base de sua identidade. Mesmo diante da proletária tragédia de cada homem e de cada mulher, quase naufragados na luta desesperada pela sobrevivência do dia a dia, ninguém abre mão do seu direito de viver. Essa consciência é que faz a vida mais que um bem: um valor.

A partir dessa concepção, hoje, mais ainda, a vida passa a ser respeitada e protegida não só como um bem afetivo ou patrimonial, mas pelo valor ético de que ela se reveste. Não se constitui apenas de um meio de continuidade biológica, mas de uma qualidade e de uma dignidade que faz com que cada um realize seu destino de criatura humana.

(Disponível em: <www.dhnet.org.br>. Acesso em: ago. 2004, com adaptações)

174. O texto estrutura-se de forma argumentativa em torno de uma ideia fundamental e constante: *a vida humana como um bem indeclinável.*

Resposta: Certo.

175. O primeiro parágrafo discorre acerca da valorização da existência e da necessidade de proteção da vida contra a insânia coletiva, por intermédio de normas de convivência que impeçam a prática de crueldades inúteis, principalmente em épocas de graves conflitos internacionais, quando o direito da força contrapõe-se à força do Direito e quando a situação se apresenta paradoxal e inconcebível.

Resposta: Certo.

176. No segundo parágrafo, estão presentes as ideias de que *a paz é ilusória*, não passando de um instante apenas de trégua entre dois tumultos, e de que, *para mantê-la, os cientistas se desdobram à procura de fórmulas* salvadoras da humanidade e os líderes mundiais se encontram para preservar o *respeito recíproco*.

Resposta: Errado. O texto afirma que a paz se torna "um instante entre dois tumultos", mas não afirma que ela seja ilusória; quando escrevemos "para mantê-la, os cientistas...", esse "-la" se refere à "paz", quando o texto afirma que os cientistas se desdobram para manter a "vida"; quando escrevemos "os líderes mundiais se encontram para preservar o respeito recíproco", esse respeito acontece entre eles próprios, mas o texto afirma que eles se encontram pelo "respeito à vida".

177. No penúltimo parágrafo, encontra-se uma redundância: a afirmação de que o soberano dos valores é *a vida humana, sem a qual não existe a pessoa humana*, sequer a sua identidade.

Resposta: Certo.

178. O comprometimento ético para com a humanidade é defendido no último parágrafo do texto, que discorre *acerca da vida não só como um meio de continuidade biológica, mas como a responsável pelo destino da criatura humana.*

Resposta: Errado. O texto é claro: "a vida passa a ser respeitada e protegida não só como um bem afetivo ou patrimonial, mas pelo valor ético de que ela se reveste". É isso que defende o último parágrafo.

Texto para os itens 179 e 180.

Os novos sherlocks

Dividida basicamente em dois campos, criminalística e medicina legal, a área de perícia nunca esteve tão na moda. Seus especialistas volta e meia estão no noticiário, levados pela profusão de casos que requerem algum tipo de tecnologia na investigação. Também viraram heróis de seriados policiais campeões de audiência. Nos EUA, maior produtor de programas desse tipo, o sucesso é tão grande que o horário nobre, chamado de *prime time*, ganhou o apelido de *crime time*. Seis das dez séries de maior audiência na TV norte-americana fazem parte desse filão.

Pena que a vida de perito não seja tão fácil e glamourosa como se vê na TV. Nem todos utilizam aquelas lanternas com raios ultravioleta para rastrear fluidos do corpo humano nem as canetas com raio laser que traçam a trajetória da bala. "Com o avanço tecnológico, as provas técnicas vêm ampliando seu espaço no direito brasileiro, principalmente na área criminal", declara o presidente da OAB/SP, mas, antes disso, já havia peritos que recorriam às mais diversas ciências para tentar solucionar um crime.

Na divisão da polícia brasileira, o pontapé inicial da investigação é dado pelo perito, sem a companhia de legistas, como ocorre nos seriados norte-americanos. Cabe a ele examinar o local do crime, fazer o exame externo na vítima, coletar qualquer tipo de vestígio, inclusive impressões digitais, pegadas e objetos do cenário, e levar as evidências para análise nos laboratórios forenses.

(Pedro Azevedo, *Folha Imagem*, ago. 2004, com adaptações)

A respeito do texto acima, julgue os itens 179 e 180.

179. De acordo com o presidente da OAB/SP, *as provas técnicas têm sido ampliadas*, principalmente na área criminal, com o avanço tecnológico no espaço do direito brasileiro.

Resposta: Errado. De acordo com o texto, “as provas técnicas não têm sido ampliadas”, e sim “vêm ampliando o seu espaço no direito brasileiro” — são ideias bem diferentes.

180. Está explícita no último parágrafo do texto a seguinte relação de causa e consequência: o perito examina o local do crime, faz o exame externo da vítima e coleta qualquer tipo de vestígio porque precisa levar as evidências para análise nos laboratórios forenses.

Resposta: Errado. Antes de tudo, “o perito examina o local do crime, faz o exame externo da vítima e coleta qualquer tipo de vestígio”, em seguida leva “as evidências para a análise nos laboratórios forenses.” Levar as evidências para a análise não é causa, é posterioridade.

11 VIEIRA, Padre Antônio. Sermão da Sexagésima. In: *Os sermões*. São Paulo: Difel, 1968, v. VI.
2 GULLAR, Ferreira. *Toda poesia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
3 VESENTINI, J. W. *Brasil, sociedade e espaço*. São Paulo: Ática, 1992.
4 Disponível em: <http://sasico.com.br/psico/?p=902>. Acesso em: 19 set. 2010.
5 QUADROS, Jânio. *Curso prático de língua portuguesa e sua literatura*. São Paulo: Formar, 1966.
6 SABBAG, Eduardo de Moraes. *Redação forense e elementos de gramática*. 4. ed. São Paulo: RT, 2011.
7 Este texto circula pela internet, sem autor definido.
8 Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/2010/08/31/desmatamento-da-amazonia-e-o-menor-dos-menores-diz-ministra.jhtm>. Acesso em: 6 abr. 2011.
9 MEIRELES, Cecília. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
10 BARBOSA, Rui. *Oração aos moços*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1999.
11 Disponível em: <http://www.mundoeducacao.com.br/literatura/dadaismo.htm>. Acesso em: 6 abr. 2011.
12 ASSIS, Machado de. Histórias de quinze dias, 1º/11/1877. In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. v. 4.
13 LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1977.
14 PAES, José Paulo. *Poesia completa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
15 *Idem, ibidem*.
16 ASSIS, Machado de. Memórias póstumas de Brás Cubas. In: *Obras completas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. v. I.
17 AMADO, Jorge. *Gabriela, cravo e canela*. 44. ed. Rio de Janeiro: Record, 1984.
18 ASSIS, Machado de. Conto de escola. In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. v. II.
19 GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*. 17. ed. São Paulo: Ática, 1991.
20 ALENCAR, José de. *O guarani*. 16. ed. São Paulo: Ática, 1991.
21 AZEVEDO, Aluísio. *Casa de pensão*. 7. ed. São Paulo: Ática, 1992.
22 LISPECTOR, Clarice. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* . 17. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.
23 FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 13. ed. São Paulo: EDUSP, 2010.
24 PONTE PRETA, Stanislaw. A velha contrabandista. In: *Gol de padre*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003 (Col. Para Gostar de Ler — v. 23).
25 Numa prova de concurso público, não podemos utilizar esse modelo de interpretação, pois, se assim o fizéssemos, teríamos infinitas possibilidades de resposta para cada questão da prova.
26 RUSSEL, Bertrand. *Revista Mensal de Cultura, Enciclopédia Bloch*, n. 53, set. 1971.
27 Essa divisão nos é dada por Leonor Lopes Fávero.
28 Elemento gramatical representante de uma categoria como, por exemplo, o nome; caracteriza-se por baixa densidade sêmica: traz as marcas do que substitui (FÁVERO, 2005, p. 19).
29 ASSIS, Machado. *Obras completas em quatro volumes*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008, p. 11. v. II.
30 *Ibidem*, p. 751.
31 *Ibidem*, p. 33.
32 *Ibidem*, p. 228.
33 *Ibidem*, p. 1.371.

34 *Ibidem*, p. 529.
35 *Ibidem*, p. 477.
36 *Ibidem*, p. 351.
37 *Ibidem*, p. 175.
38 *Ibidem*, p. 882.
39 *Ibidem*, p. 915.
40 BANDEIRA, M. 1958. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Aguilar, p. 218. v. 1.
41 *Ibidem*, p. 307.
42 PESSOA, F. 1960. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Aguilar, p. 360-1.
43 *Ibidem*, p. 175.
44 *Ibidem*, p. 447.
45 *Ibidem*, p. 171.
46 *Ibidem*, p. 1.081.
47 *Ibidem*, p. 1.241.
48 *Ibidem*, p. 51.
49 ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando:* introdução à filosofia. São Paulo: Moderna, 1993, p. 50.
50 FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia:* saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
51 Fávero (2005, p. 75-77) resume todos esses conceitos na ideia de *frames*, pois para ela "O *frame* parece ser a noção mais abrangente, tornando-se mais produtivo considerá-lo o modelo cognitivo mais global e o que possui capacidade de abarcar os demais".
52 GARMUS, Ludovico (Coord.). *Bíblia sagrada*. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.
53 CAMÕES, Luís de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1963, p. 298.
54 RUSSELL, Bertrand. Ensaios céticos. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1957, p. 67-68. In: FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. *Para entender o texto:* leitura e redação. 11. ed. São Paulo: Ática, 1995.
55 FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. *Para entender o texto:* leitura e redação. 11. ed. São Paulo: Ática, 1995.
56 SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Pesquisa & ensino da língua:* contribuições da sociolinguística. UFRJ/CNPq. Rio de Janeiro, 1996.
57 Exemplo retirado da Prova para a Carreira Diplomática/Instituto Rio Branco — realizada pelo Cespe-UnB, em 2000. Resumo feito pela candidata Márcia Nazaré Souza Chaves (nota: 38 pontos — do total de 40 pontos). In: SAVIOLI, Francisco; FIORIN, José Luiz. *Manual do candidato — Português*. 2. ed. Brasília: FUNAG, 2001.
58 Esses conceitos já foram dados anteriormente.
59 SINGER, Paul. *A formação da classe operária*. São Paulo: Atual, 1988, p. 44.

9

REDAÇÃO OFICIAL

CAPÍTULO VII
DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA
Seção I
DISPOSIÇÕES GERAIS
Art. 37. A administração pública direta e indireta de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios obedecerá aos princípios de legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência (...).

Constituição Federal

9.1. CORRESPONDÊNCIA

Correspondência é qualquer forma de **comunicação escrita entre duas** pessoas ou entidades. Isso inclui um simples bilhete informal, despreocupado e íntimo, até o ofício com suas formalidades e seu tom grave.

São inúmeros os tipos de correspondência, mas podemos citar três como os mais importantes: **oficial, comercial** e **particular**.

Nos concursos públicos, temos questões referentes à correspondência oficial.

9.2. CORRESPONDÊNCIA OFICIAL

Muito frequente **entre órgãos públicos e entre pessoas/empresas e órgãos públicos**, a correspondência oficial tem um aspecto para o qual poucos atentam: ela inclui textos que têm caráter documental e jurídico mesmo que tramitem apenas entre pessoas. É o caso da declaração, da ata, do atestado, do parecer etc.

Existem as mais variadas divisões sobre os tipos de correspondência oficial, que podem ser vistas em vários livros que tratam do assunto. Uma divisão didática é:

- abaixo-assinado;
- acórdão;
- alvará;
- ato;
- auto;

- boletim;
- certificado;
- citação;
- **comunicação:** apostila, ata, aviso, certidão, circular, contrato, convênio, declaração, decreto, edital, exposição de motivos, instrução, lei, memorando, mensagem, ofício, ordem de serviço ou instrução, parecer, petição, portaria, relatório, requerimento, resolução, telegrama;
- consulta;
- convenção;
- decisão;
- diploma;
- ementa;
- estatuto;
- fórmula;
- guia;
- indicação;
- manifesto;
- memorial;
- moção;
- norma;
- notificação;
- procuração;
- proposição;
- protocolo;
- provisão;
- recomendação;
- registro;
- requisição;
- termo.

9.3. CARACTERÍSTICAS DA REDAÇÃO OFICIAL

Impessoalidade, uso de **padrão culto da linguagem, clareza, concisão, formalidade** e **padronização:** essas são as características de toda redação oficial. Elas estão no art. 37 da Constituição Federal.

A administração pública direta, indireta ou fundacional, de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos municípios, obedecerá aos princípios de legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência.

É inconcebível que uma comunicação oficial não possa ser entendida por qualquer cidadão; assim sendo, a publicidade citada na Constituição implica necessariamente

clareza e concisão.

Outro aspecto importante é a interpretação do texto oficial. Ela deve ser sempre **impessoal e uniforme**, para que possa ser única; isso pressupõe o uso de certo nível de linguagem: o padrão culto.

A uniformidade da redação oficial é imprescindível, pois há sempre um único emissor (o Serviço Público) e dois possíveis receptores (o próprio Serviço Público ou os cidadãos).

Isso não quer dizer que a redação oficial deva ser árida e infensa à evolução da língua. A sua finalidade básica — comunicar com impessoalidade e máxima clareza — impõe certos parâmetros ao uso que se faz da língua, de maneira diversa daquele da literatura, do texto jornalístico, da correspondência particular etc.

9.3.1. Impessoalidade

A comunicação se efetiva pela presença de três pessoas:[1]

a) alguém que comunique — emissor;

b) algo a ser comunicado — mensagem;

c) alguém que receba essa comunicação — receptor.

Na redação oficial, o emissor é sempre o Serviço Público (este ou aquele Ministério, Secretaria, Departamento, Divisão, Serviço, Seção).

A mensagem é sempre algum assunto relativo às atribuições do órgão que comunica.

O receptor dessa comunicação ou é o público, o conjunto dos cidadãos, ou outro órgão público, do Executivo, do Legislativo ou do Judiciário.

A **impessoalidade** que deve ser característica da redação oficial decorre:

a) da ausência de impressões individuais de quem comunica: obtém-se, assim, uma desejável padronização, que permite que comunicações elaboradas em diferentes setores da Administração guardem entre si certa uniformidade;

b) da impessoalidade de quem recebe a comunicação: ela pode ser dirigida a um cidadão, sempre concebido como *público*, ou a outro órgão público — em um e outro casos temos um destinatário concebido de forma homogênea e impessoal;

c) do caráter impessoal do próprio assunto tratado: o tema das comunicações oficiais se restringe a questões que dizem respeito ao interesse público.

Na redação oficial não há lugar para impressões pessoais, ela deve ser isenta da interferência da individualidade de quem a elabora.

9.3.2. Correção gramatical

Deve-se empregar **linguagem padrão** nos expedientes oficiais, cuja finalidade primeira é a de informar com clareza e objetividade.

A necessidade de empregar essa determinada linguagem nos atos e expedientes oficiais decorre do caráter público desses atos e comunicações e de sua finalidade.

Os atos oficiais, entendidos como atos de caráter normativo, estabelecem regras para a

conduta dos cidadãos e regulam o funcionamento dos órgãos públicos. Isso é alcançado se, em sua elaboração, for empregada linguagem adequada. O mesmo se dá com os expedientes oficiais, cuja finalidade precípua é a de informar com clareza e objetividade.

Nos textos oficiais, por seu caráter impessoal, por sua finalidade de informar com o máximo de clareza e concisão, deve-se usar o padrão culto da língua. Há consenso de que o padrão culto é aquele em que se observam as regras da gramática formal e em que se emprega vocabulário comum ao conjunto dos usuários do idioma. É importante ressaltar que a obrigatoriedade do uso do padrão culto na redação oficial decorre do fato de que ele está acima das diferenças lexicais, morfológicas ou sintáticas regionais, dos modismos vocabulares, das idiossincrasias linguísticas, permitindo, por essa razão, que se atinja a pretendida compreensão por todos os cidadãos.

As gírias, os regionalismos vocabulares, os jargões técnicos ou qualquer outro tipo de linguagem de um grupo específico são proibidos, pois as comunicações que partem dos órgãos públicos devem ser compreendidas por todo e qualquer cidadão brasileiro. Não há dúvida de que qualquer texto que apresente tais linguagens terá sua compreensão dificultada.

A língua escrita compreende diferentes níveis, de acordo com o uso que dela se faça. Não podemos nos esquecer de que o texto oficial deve ser claro e objetivo e, por seu caráter impessoal, por sua finalidade de informar com o máximo de clareza e concisão, requer o uso do padrão culto da língua.

O padrão culto é aquele em que:

a) se observam as regras da gramática formal;

b) se emprega um vocabulário comum ao conjunto dos usuários do idioma.

Ressalte-se ainda que o *jargão burocrático*, como todo jargão, deve ser evitado, pois terá sempre sua compreensão limitada.

9.3.3. Formalidade e padronização

As comunicações oficiais **devem ser sempre formais:** são necessárias certas formalidades de tratamento. Isso diz respeito:

a) ao correto emprego do pronome de tratamento para uma autoridade de certo nível;

b) à polidez;

c) à civilidade no próprio enfoque dado ao assunto do qual cuida a comunicação.

A formalidade de tratamento vincula-se à ideia de a administração federal ser una, portanto as comunicações devem seguir um determinado padrão.

A clareza gráfica (impressão), o uso de papéis uniformes para o texto definitivo e a correta diagramação do texto são indispensáveis para a padronização.

9.3.3.1. Pronomes de tratamento

O uso de pronomes de tratamento é a **forma respeitosa** de nos dirigirmos às autoridades civis, militares e eclesiásticas.

Os pronomes de tratamento apresentam certas peculiaridades quanto à concordância verbal, nominal e pronominal:

a) **referem-se à** segunda pessoa **gramatical** (à pessoa com quem se fala, ou a quem se dirige a comunicação);

b) **concordam com a** terceira pessoa (aquele de quem se fala).

Assim sendo, os pronomes possessivos referidos a pronomes de tratamento são sempre os da terceira pessoa: "Vossa *Senhoria* levará *seu* secretário" (e não "*vosso*").

Os adjetivos que se referem a esses pronomes concordam com o sexo da pessoa a quem se dirigem, e não com o substantivo que compõe a locução. Assim, se nosso interlocutor for homem, o correto é "*Vossa Excelência está preocupado*", "*Vossa Senhoria será eleito*"; se for mulher, "*Vossa Excelência está preocupada", "Vossa Senhoria será eleita*".

9.3.3.1.1. Emprego dos pronomes de tratamento

9.3.3.1.1.1. Vossa Excelência

Em comunicações dirigidas às seguintes autoridades:

a) **do Poder Executivo:** Presidente da República; Vice-Presidente da República; Ministros de Estado; Governadores (e Vice) de Estado e do Distrito Federal; Oficiais-Generais das Forças Armadas; Embaixadores; Secretários-Executivos de Ministérios e demais ocupantes de cargos de natureza especial; Secretários de Estado dos Governos Estaduais; Prefeitos Municipais.

b) **do Poder Legislativo:** Deputados Federais e Senadores; Ministro do Tribunal de Contas da União; Deputados Estaduais e Distritais; Conselheiros dos Tribunais de Contas Estaduais; Presidentes das Câmaras Legislativas Municipais.

c) **do Poder Judiciário:** Ministros dos Tribunais Superiores; Membros de Tribunais; Juízes; Auditores da Justiça Militar.

Todas as autoridades serão tratadas com o vocativo Senhor**, seguido do cargo respectivo:** Senhor Senador; Senhor Juiz; Senhor Ministro; Senhor Governador.

Porém, **o vocativo a ser empregado em comunicações dirigidas aos Chefes de Poder é** Excelentíssimo Senhor**, seguido do cargo respectivo:** Excelentíssimo Senhor Presidente da República; Excelentíssimo Senhor Presidente do Congresso Nacional; Excelentíssimo Senhor Presidente do Supremo Tribunal Federal.

No envelope, o endereçamento das comunicações dirigidas às autoridades tratadas por *Vossa Excelência* obedecerá à seguinte forma:

A Sua Excelência o Senhor
Fulano de Tal
Ministro de Estado da Justiça
70064-900 — Brasília-DF

A Sua Excelência o Senhor

Senador Fulano de Tal
Senado Federal
70165-900 — Brasília-DF

A Sua Excelência o Senhor
Fulano de Tal
Juiz de Direito da 10ª Vara Cível
Rua XYZ, nº 567
01219-012 — São Paulo-SP

Fica abolido o uso do tratamento digníssimo **(DD) às autoridades arroladas acima.** A dignidade é pressuposto para que se ocupe qualquer cargo público, sendo desnecessária sua repetida evocação.

9.3.3.1.1.2. Vossa Senhoria

É empregado para as demais autoridades e para particulares. O vocativo adequado é *Senhor* seguido do cargo do destinatário: Senhor Chefe da Divisão de Serviços Gerais.

No envelope, deve constar do endereçamento:

Ao Senhor
Fulano de Tal
Rua Dom Juan de Marco, nº 386
05591-010 — São Paulo-SP

Como se depreende do exemplo acima, fica dispensado o emprego do superlativo *ilustríssimo* para as autoridades que recebem o tratamento de *Vossa Senhoria* e para particulares. É suficiente o uso do pronome de tratamento *Senhor*.

Acrescente-se que *doutor* não é forma de tratamento, e sim título acadêmico. Seu emprego deve ser restrito a comunicações dirigidas a pessoas que tenham tal grau por terem concluído curso universitário de doutorado. Nos demais casos, o tratamento *Senhor* confere a desejada formalidade às comunicações.

9.3.3.1.1.3. Vossa Magnificência

Empregada, por força da tradição, em comunicações dirigidas a reitores de universidade. Corresponde-lhe o vocativo *Magnífico Reitor*.

9.3.3.1.1.4. Vossa Santidade

Em comunicações dirigidas ao Papa. O vocativo correspondente é *Santíssimo Padre*.

9.3.3.1.1.5. Vossa Eminência ou Vossa Eminência Reverendíssima

Em comunicações aos Cardeais. Corresponde-lhe o vocativo *Eminentíssimo Senhor Cardeal* ou *Eminentíssimo e Reverendíssimo Senhor Cardeal*.

9.3.3.1.1.6. Vossa Excelência Reverendíssima

É usado em comunicações dirigidas a Arcebispos e Bispos.

9.3.3.1.1.7. Vossa Reverendíssima ou Vossa Senhoria Reverendíssima

Para Monsenhores, Cônegos e superiores religiosos.

9.3.3.1.1.8. Vossa Reverência

É empregado para sacerdotes, clérigos e demais religiosos.

9.3.4. Concisão e clareza

Uma das qualidades de um texto é a concisão. Conciso é o texto que consegue transmitir um máximo de informações com um mínimo de palavras.

Existe um **princípio de** economia linguística, e a concisão atende a esse princípio. Não se deve de forma alguma entendê-la como *economia de pensamento*. Trata-se exclusivamente de cortar palavras inúteis, redundâncias, passagens que nada acrescentem ao que já foi dito.

A clareza deve ser a qualidade básica de todo texto oficial. Pode-se definir como claro aquele texto que possibilita imediata compreensão pelo leitor. Ela depende estritamente das demais características da redação oficial.

Para que haja clareza é necessário:

a) a impessoalidade;

b) o uso do padrão culto de linguagem;

c) a formalidade e a padronização;

d) a concisão.

9.4. MANUAL DE REDAÇÃO DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

Em 1991, criou-se uma comissão para simplificar, uniformizar e atualizar as normas da redação dos atos e comunicações oficiais, pois eram utilizados os mesmos critérios desde 1937. A obra, denominada **Manual de Redação da Presidência da República**, dividiu-se em duas partes: a primeira trata das comunicações oficiais, a segunda cuida dos atos normativos no âmbito Executivo. Os responsáveis pelas duas partes foram, respectivamente, o diplomata Nestor Forster Jr. e o então Ministro Gilmar Mendes.

Em 2002, uma revisão adequou o manual aos avanços da informática. É nessa edição revisada de 2002 que se baseiam os comentários aqui feitos.

9.5. INSTRUÇÃO NORMATIVA N. 4/92

O *Diário Oficial da União* publicou, em 9 de março de 1992, o Decreto n. 468, de 6 de março de 1992, em que o Presidente estabeleceu regras para a redação de atos normativos do Poder Executivo. No mesmo dia, a Secretaria de Administração Federal baixou a Instrução Normativa n. 4, tornando obrigatória, nos órgãos da administração federal, a observação das modalidades de comunicação oficial, constantes no **Manual de Redação da Presidência da República**.

Eis, a seguir, as instruções a serem observadas.

9.6. O PADRÃO OFÍCIO

Há três tipos de expedientes que se diferenciam antes pela finalidade do que pela forma: **o** ofício**, o** aviso **e o** memorando. Com o fito de uniformizá-los, pode-se adotar uma diagramação única que siga o que chamamos de *padrão ofício*.

9.6.1. Partes do documento no padrão ofício

O *aviso*, o *ofício* e o *memorando* devem conter as seguintes partes: **tipo do documento, local, data, destinatário, assunto, texto, fecho, assinatura e identificação do signatário**. Vejamos uma a uma.

9.6.2. Tipo do documento

Identificação do tipo do documento — que pode ser abreviado —, número do documento, seguido da sigla do órgão que o expede:

Aviso 987/SRF
Mem. 987/INSS
Of. 987/SSP-SP

9.6.3. Local e data

Local e data, por extenso, com alinhamento à direita:

São João da Boa Vista, 13 de julho de 2007.

9.6.4. Destinatário

Nome e cargo da pessoa a quem é dirigida a comunicação. No caso do ofício, deve ser incluso também o *endereço*.

9.6.5. Assunto

Resumo do teor do documento.

Assunto: *Produtividade do órgão em 2002*.
Assunto: *Necessidade de aquisição de novos computadores*.

9.6.6. Texto

O expediente deve conter a seguinte estrutura:

a) introdução, que se confunde com o parágrafo de abertura, na qual é apresentado o assunto que motiva a comunicação. Evite o uso das formas: "*Tenho a honra de*", "*Tenho o prazer de*", "*Cumpre-me informar que*"; empregue a forma direta;

b) desenvolvimento, no qual o assunto é detalhado; se o texto contiver mais de uma ideia sobre o assunto, elas devem ser tratadas em parágrafos distintos, o que confere maior clareza à exposição;

c) conclusão, em que é reafirmada ou simplesmente reapresentada a posição

recomendada sobre o assunto.

Os parágrafos do texto devem ser numerados, exceto nos casos em que estes estejam organizados em itens ou títulos e subtítulos.

Nos casos em que for de mero encaminhamento de documentos, a estrutura é a seguinte:

a) introdução: deve iniciar com referência ao expediente que solicitou o encaminhamento. Se a remessa do documento não tiver sido solicitada, deve iniciar com a informação do motivo da comunicação, que é *encaminhar*, indicando a seguir os dados completos do documento encaminhado (tipo, data, origem ou signatário e assunto de que trata) e a razão pela qual está sendo encaminhado, segundo a fórmula:

> "*Em resposta ao Aviso n. 12, de 1º de fevereiro de 1991, encaminho, anexa, cópia do Ofício n. 34, de 3 de abril de 1990, do Departamento Geral de Administração, que trata da requisição do servidor Fulano de Tal*."

ou

> "*Encaminho, para exame e pronunciamento, a anexa cópia do telegrama n. 12, de 1º de fevereiro de 1991, do Presidente da Confederação Nacional de Agricultura, a respeito de projeto de modernização de técnicas agrícolas na região Nordeste*."

Observação: Se o autor da comunicação desejar fazer algum comentário a respeito do documento que encaminha, poderá acrescentar parágrafos de *desenvolvimento*.

9.6.7. Fecho

O fecho das comunicações oficiais possui, além da finalidade óbvia de arrematar o texto, a de saudar o destinatário. Os modelos para fecho que vinham sendo utilizados foram regulados pela Portaria n. 1 do Ministério da Justiça, de 1937, que estabelecia quinze padrões. Na intenção de simplificá-los e uniformizá-los, a Instrução Normativa n. 4 estabelece o emprego de somente dois fechos diferentes para todas as modalidades de comunicação oficial:

a) **Respeitosamente**, para autoridades superiores;

b) **Atenciosamente**, para autoridades de mesma hierarquia ou subordinadas.

9.6.8. Identificação do signatário

Excluídas as comunicações assinadas pelo Presidente da República, todas as demais comunicações oficiais devem trazer o nome e o cargo da autoridade que as expede, abaixo do local de sua assinatura. A forma da identificação deve ser a seguinte:

(espaço para assinatura)
Nome
Cargo

9.7. FORMA DE DIAGRAMAÇÃO

Os documentos devem obedecer à seguinte forma de apresentação:

a) deve ser utilizada fonte do tipo *Times New Roman* de corpo 12 no texto em geral, 11 nas citações e 10 nas notas de rodapé;

b) para símbolos não existentes na fonte *Times New Roman,* poder-se-á utilizar as fontes *Symbol* e *Wingdings*;

c) é obrigatório constar, a partir da segunda página, o número da página;

d) o início de cada parágrafo do texto deve ter 2,5 cm de distância da margem esquerda;

e) o campo destinado à margem lateral esquerda terá, no mínimo, 3 cm de largura, no caso de juntada ou anexação em processo;

f) o campo destinado à margem lateral direita terá 1,5 cm;

g) deve ser utilizado espaçamento simples entre as linhas;

h) não deve haver abuso no uso de negrito, itálico, sublinhado, letras maiúsculas, sombreado, sombra, relevo, bordas ou qualquer outra formatação que afete a elegância e a sobriedade do documento;

i) a impressão dos textos deve ser feita na cor preta em papel branco. A impressão colorida deve ser usada apenas para gráficos e ilustrações;

j) todos os tipos de documentos do *padrão ofício* devem ser impressos em papel de tamanho *A4*, ou seja, 29,7 x 21,0 cm;

l) dentro do possível, todos os documentos elaborados devem ter o arquivo de texto preservado (Arquivo (de computador): Armazenamento) para consulta posterior ou aproveitamento de trechos para casos análogos;

m) para facilitar a localização, os nomes dos arquivos devem ser formados da seguinte maneira: *tipo do documento + número do documento + palavras-chave do conteúdo:*

Ex.: "Of. N. 123 — relatório produtividade ano 2005".

9.8. COMUNICAÇÕES OFICIAIS

Veremos agora as particularidades de cada uma das modalidades das comunicações oficiais.

9.8.1. Apostila

Apostila é o **aditamento a um ato administrativo anterior, para fins de retificação ou atualização**. Apostilar é o mesmo que *anotar à margem*, *emendar*, *corrigir*. É a complementação de um ato. Trata-se de ato aditivo, confirmatório de alterações de honras, direitos, regalias ou vantagens, exarado em documento oficial, com a finalidade de atualizá-lo. A apostila tem por objeto a correção de dados constantes em atos administrativos anteriores ou o registro de alterações na vida funcional de um servidor, tais como promoções, lotação em outro setor, majoração de vencimentos, aposentadoria, reversão à atividade, entre outros.

Geralmente, a apostila é feita no verso do documento a que se refere. Pode, no entanto, caso não haja mais espaço para o registro de novas alterações, ser feita em folha separada

(com timbre oficial), que será anexada ao documento principal. É lavrada como um termo e publicada em órgão oficial.

Partes:

a) título: denominação do documento;

b) texto: desenvolvimento do assunto;

c) data: às vezes precedida da sigla do órgão;

d) assinatura;

e) identificação do signatário: nome e cargo ou função da autoridade.

Modelo de Apostila

APOSTILA

A Diretora do _____, no uso de suas atribuições, tendo em vista o que consta do Processo n. _____, declara, em retificação à Portaria n. _____, que a designação de Assistente Administrativo, classe F, da Secretaria de _____, a _____ [NOME DO FUNCIONÁRIO] _____, é para o período de _____ de _____ de _____ a _____ de _____ de _____, e não como constou na referida Portaria.

[SIGLA DO ÓRGÃO], em _____ de _____ de _____.

[ASSINATURA]

[NOME]

[CARGO]

9.8.2. Ata

Ata é o **documento em que se registram, de forma exata e metódica, as ocorrências, resoluções e decisões das assembleias, reuniões ou sessões realizadas por comissões, conselhos, congregações, corporações ou outras entidades semelhantes**.

É documento de valor jurídico. Por essa razão, deve ser redigida de tal maneira que não se possa modificá-la posteriormente. Geralmente é lançada em livros próprios, devidamente autenticados, cujas páginas são rubricadas por quem redigiu os termos de abertura e de encerramento, o que lhes dá cunho oficial. Há os que substituem os livros por folhas soltas, sistema que, embora ofereça algumas vantagens de caráter prático, tem, por outro lado, sérios inconvenientes, tais como a facilidade de extravio e de acréscimos ou modificações posteriores, com objetivos fraudulentos.

Na ata não se fazem parágrafos ou alíneas; escreve-se tudo seguidamente para evitar que nos espaços em branco se façam acréscimos. Existem, no entanto, tipos de ata que, por se referirem a atos rotineiros e de procedimento padronizado, são lançados em formulários a serem preenchidos. Mesmo nesses tipos de ata é conveniente, com a finalidade de prevenir qualquer fraude, preencher os eventuais espaços em branco com pontos ou outros sinais convencionais.

Não se admitem rasuras. Para ressalvar erro constatado durante a redação, usa-se a

palavra “digo”, depois da qual se repete a palavra ou expressão anterior ao mesmo erro.

Ex.: *Aos dezesseis dias do mês de maio, digo, do mês de setembro de mil novecentos e noventa e nove, reuniu-se o...*

Quando se constata erro ou omissão após a redação, usa-se a expressão “em tempo”, que é colocada após o escrito, seguindo-se a emenda ou acréscimo.

Ex.: *Em tempo: Na linha onde se lê abono, leia-se abandono.*

Em caso de contestações ou emendas ao texto apresentado, a ata só poderá ser assinada depois de aprovadas as correções. Assinam a ata, geralmente, todas as pessoas presentes à reunião. Às vezes, ela é assinada somente pelas pessoas que presidiram a sessão (presidente e secretário) e/ou outros, e seu conteúdo é dado à publicidade, para conhecimento dos interessados ou para fins de legalização.

As partes de uma ata variam segundo a natureza das reuniões. As mais importantes e que mais frequentemente aparecem, além do título e das assinaturas, são as seguintes:

a) dia, mês, ano e hora da reunião (por extenso);

b) local da reunião;

c) pessoas presentes, devidamente qualificadas (conselheiros, professores, delegados etc.);

d) presidente e secretário dos trabalhos;

e) ordem do dia (discussões, votações, deliberações etc.);

f) fecho.

Modelo de Ata

COMISSÃO ESPECIAL DE INQUÉRITO

Ata da Reunião da Comissão _____ das irregularidades existentes no _____.

Aos _____ dias do mês de _____ de _____, às dez horas e trinta minutos, no Plenário _____, do Edifício _____, no Estado de São Paulo, realizou-se a oitava Reunião da Comissão Especial de Inquérito constituída com a finalidade de proceder a um levantamento das condições e irregularidades existentes no Sistema _____, sob a Presidência do(a) _____, em que estiveram presentes os(as) Senhores(as) _____, _____ e _____. Havendo número regimental, o(a) Senhor(a) Presidente declarou abertos os trabalhos. Concedida a palavra inicialmente ao Doutor _____, este fez uma explanação sobre o sistema _____, suas falhas e problemas, e sobre a busca de soluções. Nada mais havendo a tratar, _____ agradeceu a presença de todos e declarou encerrada a reunião, da qual eu, _____, Secretário da Comissão, lavrei a presente ata, que vai assinada pelo Senhor Presidente, por mim e pelos presentes.

[ASSINATURA(S)]

9.8.3. Aviso

O aviso é **expedido exclusivamente por Ministros de Estado, Secretário-Geral da Presidência da República, Consultor-Geral da República, Chefe do Estado-Maior**

das Forças Armadas, Chefe do Gabinete Militar da Presidência da República e pelos Secretários da Presidência da República, para autoridades de mesma hierarquia. Tem como finalidade o tratamento de assuntos oficiais pelos órgãos da Administração Pública entre si.

Quanto à sua forma, o *aviso* segue o modelo do *padrão ofício*, com acréscimo do *vocativo*, que invoca o destinatário, seguido de vírgula.

Exemplos:

Excelentíssimo Senhor Presidente da República,

Senhora Ministra,

Senhor Chefe de Gabinete,

Modelo de Aviso

Aviso n. 35/SSP-PR

Brasília, 17 de fevereiro de 2000.

A Sua Excelência o Senhor

[NOME E CARGO]

Assunto: Seminário sobre uso de energia no setor público.

Senhor Ministro,

Convido Vossa Excelência a participar da sessão de abertura do *Primeiro Seminário Regional sobre o Uso Eficiente de Energia no Setor Público*, a ser realizado em 5 de março próximo, às 9 horas, no auditório da Escola Nacional de Administração Pública — ENAP, localizada no Setor de Áreas Isoladas Sul, nesta capital.

O Seminário mencionado inclui-se nas atividades do *Programa Nacional das Comissões Internas de Conservação de Energia em Órgãos Públicos*, instituído pelo Decreto n. 99.656, de 26 de outubro de 1990.

Atenciosamente,

[NOME DO SIGNATÁRIO]

[CARGO DO SIGNATÁRIO]

9.8.4. Certidão

Trata-se de **documento revestido de formalidades legais, fornecido por autoridade competente, a pedido do interessado, solicitado ou requisitado** ex officio **por autoridade administrativa ou judicial e destinado a fazer certa a existência de registro em livro, processo ou documento qualquer em poder do expedidor, referente a determinado ato ou fato, ou dar forma à inexistência de tal registro**.

Como um documento público, a certidão pode servir de prova de ato jurídico. As certidões negativas da Fazenda Nacional, Estadual ou Municipal, em casos de escritura de transferência de imóveis, exoneram o imóvel e isentam o adquirente de qualquer responsabilidade.

As certidões podem ser de inteiro teor ou resumidas, contanto que exprimam fielmente

o que contém o original de onde foram extraídas. Quando a certidão consiste em transcrição *verbum ad verbum*, isto é, integral, também recebe o nome de *traslado*. É escrita em linhas corridas, sem emendas ou rasuras.

Quaisquer espaços em branco devem ser preenchidos com pontos ou outros sinais convencionais.

Partes:

a) título: nome do documento, muitas vezes já impresso em papel próprio;

b) preâmbulo: alusão ao ato que determinou a expedição do documento. Também, quando for o caso, será mencionado o documento ou livro de onde a certidão está sendo extraída;

c) texto: teor do que se certifica; transcrição do documento original ou descrição do que foi encontrado;

d) fecho: termo de encerramento e assinatura dos funcionários que intervieram no ato (quem lavrou e quem conferiu);

e) local e data (da expedição do ato);

f) visto da autoridade que autorizou a lavratura da certidão: representa o ato de aprovação e reconhecimento da autoridade, a fim de que a certidão produza os efeitos legais desejados.

Modelo de Certidão

CERTIDÃO

CERTIFICO, a pedido verbal da parte interessada e à vista dos registros existentes na Seção de Pessoal, que a Senhora _____ ocupa, atualmente, o cargo de Chefe de Secretaria PJ-1, do Quadro de Pessoal da Secretaria _____, do Setor Administrativo, para o qual foi nomeada pelo Ato n. _____, de dois de agosto de mil novecentos e setenta e dois, tendo tomado posse e entrado em exercício na mesma data, ficando lotada na _____ desta Capital. CERTIFICO, ainda, que as atribuições inerentes ao referido cargo se acham enumeradas no artigo _____ da Consolidação das Leis do Trabalho. CERTIFICO, finalmente, que a Senhora _____ foi efetivada no cargo de Chefe de Secretaria PJ-1, desde a data de sua nomeação (dois de agosto de mil novecentos e setenta e dois) até a data em que é expedida a presente certidão. Do que, para constar, eu, _____, Auxiliar Administrativo, nível 7A, extraí a presente certidão, aos seis dias do mês de outubro de dois mil e três, a qual vai devidamente conferida e assinada pelo Senhor _____, Chefe da Seção de Pessoal, e visada pelo Senhor _____, Diretor da Divisão Administrativa da Secretaria _____.

Visto:

[ASSINATURA] [ASSINATURA]

[NOME] [NOME]

[CARGO] [CARGO]

9.8.5. Circular

Circular é toda comunicação reproduzida em cópias, de igual teor, e expedida a diferentes pessoas, órgãos ou entidades. Especificamente, como documento, é **mensagem endereçada simultaneamente a diversos destinatários, para transmitir avisos, ordens ou instruções**.

Modelo de Circular

CIRCULAR N. _____, _____ DE _____ DE _____

Senhor Secretário,

Comunico a Vossa Excelência que, por determinação do Senhor Governador do Estado de São Paulo, no dia 28 do mês em pauta, dia do Servidor Público, o expediente será normal nas repartições públicas do Estado. Porém, será considerado ponto facultativo o dia 1º de novembro, segunda-feira. A medida não abrangerá serviços que, por sua natureza, não admitem paralisação.

Atenciosamente,

[ASSINATURA]

[NOME]

[CARGO]

Ao senhor

[NOME]

[CARGO]

Nesta Capital

9.8.6. Contrato

Contrato é o **acordo de vontades que tem por fim criar, modificar ou extinguir direitos e obrigações**. Os contratos celebrados compreendem, quanto ao regime jurídico, duas modalidades:

a) os contratos de direito privado, como a compra e venda, a doação, o comodato, regidos pelo Código Civil, parcialmente derrogados por normas publicistas;

b) os contratos administrativos, dentre os quais se incluem:

- os tipicamente administrativos, sem paralelo no direito privado e inteiramente regidos pelo direito público, como a concessão de serviços, de obras e de uso de bem público;
- os que têm paralelo no direito privado, mas também são regidos pelo direito público, como o mandato, o empréstimo, o depósito, a empreitada.

Contrato administrativo é todo aquele que a Administração Pública firma com o particular ou outra entidade administrativa, para a realização de serviço, execução de obra ou obtenção de qualquer outra prestação de interesse público nas condições estabelecidas pela própria administração.

A expressão “contrato administrativo” é utilizada para indicar vínculo jurídico entre a administração pública e um particular visando à realização de determinada prestação. Esse tipo de contrato é precedido de licitação, para a qual a administração pública deverá,

formalmente, estabelecer as suas necessidades e os encargos que assumirá.

Esses contratos devem estabelecer com clareza e precisão as condições para a sua execução expressas em cláusulas que definam os direitos, obrigações e responsabilidades das partes, em conformidade com os termos do instrumento convocatório (o edital de licitação) e da proposta a que se vinculam.

Os contratos para os quais a legislação permita dispensa ou inexigibilidade de licitação deve atender aos termos do ato que os autorizou e da respectiva proposta.

A formalização é a materialização do contrato administrativo, o qual deve estar vinculado ao instrumento convocatório e às cláusulas necessárias estabelecidas na Lei de Licitações e Contratos.

As cláusulas necessárias em todo contrato estabelecem:

I — o objeto e seus elementos característicos;

II — o regime de execução ou a forma de fornecimento;

III — o preço e as condições de pagamento, os critérios, a data-base e a periodicidade do ajustamento de preços, os critérios de atualização monetária entre a data do adimplemento (pagamento em dia) das obrigações e a do efetivo pagamento;

IV — os prazos de início de etapas de execução, de conclusão, de entrega, de observação e de recebimento definitivo, conforme o caso;

V — o crédito pelo qual correrá a despesa, com a indicação da classificação funcional programática e da categoria econômica;

VI — as garantias oferecidas para assegurar sua plena execução quando exigidas;

VII — os direitos e as responsabilidades das partes, as penalidades cabíveis e os valores das multas;

VIII — os casos de rescisão;

IX — o reconhecimento dos direitos da Administração, em casos de rescisão administrativa;

X — as condições de importação, a data e a taxa de câmbio para conversão, quando for o caso;

XI — a vinculação ao edital de licitação ou ao termo que a dispensou ou a inexigiu ao convite e à proposta do licitante vencedor;

XII — a legislação aplicável à execução do contrato e especialmente aos casos omissos;

XIII — a obrigação do contratado de manter, durante toda a execução do contrato, em compatibilidade com as obrigações por ele assumidas, todas as condições de habilitação e qualificação exigidas em uma licitação.

Modelo de Contrato

TERMO DE CONTRATO

Termo de Contrato celebrado entre o Departamento _____ e a Empresa _____ para a aquisição de bens e contratação de serviços pela Administração Pública Estadual.

Aos _____ dias do mês de março de dois mil e quatro, no gabinete do Diretor do _____/ SIGLA, compareceu perante o senhor (Nome), Diretor, o representante da Empresa _____, o qual declarou que assina o presente termo de contrato, mediante as seguintes cláusulas:

Cláusula Primeira — O objeto do presente Contrato corresponde a:

I — fornecimento de material de _____;

II — acompanhamento das necessidades ____.

Cláusula Segunda — A Empresa se obriga a ____:

I — fornecer ___;

II — esclarecer ___.

Cláusula Terceira — Para assinatura do Contrato, a Contratada deverá:

I — depositar no Banco ___;

II — como garantia de execução ___.

Cláusula Quarta — Fica eleito o foro da cidade de São Paulo, Estado de São Paulo, para dirimir quaisquer controvérsias originadas do presente Contrato.

E, por estarem assim justos e contratados, firmam o presente instrumento em três vias de igual teor, na presença de duas testemunhas.

São Paulo, _____ de _____ de _____.

[ASSINATURA]

[NOME]

[CARGO]

Testemunhas:

Assinatura: _____

Assinatura: _____

9.8.7. Convênio

Convênios administrativos são **acordos firmados por entidades públicas de qualquer espécie, ou entre estas e organizações particulares, para a realização de objetivos de interesse comum dos partícipes**.

Convênio é acordo, mas não é contrato. No contrato, as partes têm interesses diversos e opostos; no convênio, os partícipes têm interesses comuns e coincidentes. Em outras palavras, no contrato há sempre duas partes (podendo ter mais de dois signatários), uma que pretende o objeto do ajuste (a obra, o serviço etc.), outra que pretende a contraprestação correspondente (o preço ou qualquer outra vantagem), diversamente do que ocorre no convênio, em que não há partes, mas unicamente partícipes com as mesmas pretensões.

Por essa razão, no convênio, a posição jurídica dos signatários é uma só, idêntica para todos, podendo haver apenas diversificação na cooperação de cada um, segundo suas possibilidades, para a consecução do objetivo comum, desejado por todos.

O convênio manter-se-á como simples pacto de cooperação, mas irá dispor de uma pessoa jurídica que lhe dará execução, exercendo direitos e contraindo obrigações em nome próprio e oferecendo as garantias peculiares de uma empresa.

A organização dos convênios não tem forma própria, mas sempre se fez com autorização legislativa e recursos financeiros para atendimento dos encargos assumidos no termo de cooperação. A execução dos convênios tem ficado, comumente, a cargo de uma das entidades participantes ou de comissão diretora.

O convênio deve conter o prazo de duração, podendo ser prorrogado quantas vezes se fizerem necessárias ao objetivo final.

O convênio pode ser extinto a qualquer momento pela vontade dos partícipes. Acertada a extinção, lavra-se o termo de extinção ou de rescisão.

A Lei Federal n. 8.666/93 é aplicada aos convênios, acordos, ajustes e outros instrumentos congêneres celebrados por órgãos e entidades da Administração Pública.

A celebração de convênio, acordo ou ajuste pelos órgãos ou entidades da Administração Pública depende de prévia aprovação de competente Plano de Trabalho, também chamado de Plano de Aplicação, proposto pela organização interessada, o qual deverá conter, no mínimo, as seguintes informações:

a) identificação do objeto a ser executado;

b) metas a serem atingidas;

c) etapas ou fases de execução;

d) plano de aplicação dos recursos financeiros;

e) cronograma de desembolso;

f) previsão de início e fim da execução do objeto, bem como da conclusão das etapas ou fases programadas. Se o ajuste compreender obra ou serviço de engenharia, comprovação de que os recursos próprios para complementar a execução do objeto estão devidamente assegurados, salvo se o custo total do empreendimento recair sobre a entidade ou órgão descentralizador.

Após a assinatura do convênio, dá-se a publicidade necessária, e a entidade ou o órgão repassador dará ciência dele à Assembleia Legislativa ou à Câmara Municipal respectiva.

As parcelas do convênio serão liberadas em estrita conformidade com o plano de aplicação aprovado e podem ficar retidas até o saneamento das impropriedades, como, por exemplo:

a) não comprovação de boa e regular aplicação da parcela anteriormente recebida;

b) desvio de finalidade na aplicação dos recursos, atrasos não justificados no cumprimento das etapas ou fases programadas ou ainda inadimplemento do executor com relação a outras cláusulas conveniais básicas;

c) quando o executor deixar de adotar as medidas saneadoras apontadas pelo partícipe repassador dos recursos ou por integrantes do respectivo sistema de controle interno.

Modelo de Convênio

TERMO DE CONVÊNIO

Termo de Convênio que entre si estabelecem o Departamento — [SIGLA] e a Secretaria _____, para uma ação conjunta na área de Gestão de Documentos.

O Departamento _____, representado neste ato pela sua Diretora, [NOME], de um lado, de outro lado a Secretaria Estadual _____, representada pelo seu Secretário, [NOME], firmam o presente Convênio, mediante adoção das Cláusulas seguintes:

Cláusula Primeira — A Secretaria Estadual de _____ transferirá ao [SIGLA] recursos financeiros no valor de R$ [ESCREVER POR EXTENSO], como parcela inicial, para elaboração do projeto de Treinamento Profissional nas Escolas _____.

Parágrafo único. A complementação de recursos será efetuada com dotações previstas para o ano _____.

Cláusula Segunda — Os encargos previstos na Cláusula anterior correrão por conta do _____.

Cláusula Terceira — Os recursos financeiros serão aplicados de acordo _____.

Cláusula Quarta — ____.

Cláusula Quinta — A dotação do Projeto, anteriormente relacionado, acha-se empenhada no _____ com as seguintes características:

Elemento: 4.1.2.0 Nota de Empenho n. ____, de ____ de ____ de _____.

Cláusula Sexta — O presente Termo terá vigência até _____ de _____ de _____, podendo ser prorrogado após aprovação orçamentária.

E, por estarem de pleno acordo com as Cláusulas e condições anteriores, firmam o presente, perante as testemunhas a seguir.

São Paulo, _____ de _____ de _____.

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]
[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]
Testemunhas:
Assinatura: _____
Assinatura: _____

9.8.8. Correio eletrônico

O correio eletrônico (e-mail), por seu baixo custo e celeridade, transformou-se na principal forma de comunicação para transmissão de documentos.

Um dos atrativos da comunicação por correio eletrônico é a sua flexibilidade. Assim, não interessa definir uma forma rígida para a sua estrutura. Entretanto, deve-se evitar o uso de linguagem incompatível com uma comunicação oficial.

O campo *assunto* do formulário de correio eletrônico "mensagem" deve ser preenchido de modo a facilitar a organização documental, tanto do destinatário quanto do remetente. Para os arquivos de textos, a serem anexados à mensagem, deve ser utilizado, preferencialmente, o formato *Rich Text* (*arquivo>salvar como>tipo de arquivo>formato rich text*). A mensagem que encaminha algum arquivo deve trazer informações mínimas sobre seu conteúdo. "Arquivo (de computador): Envio pela Internet."

Sempre que disponível, deve-se utilizar o recurso de *confirmação de leitura*. Caso não seja disponível, deve constar da mensagem pedido de confirmação de recebimento.

Nos termos da legislação em vigor, para que a mensagem de correio eletrônico tenha *valor documental* e para que possa ser aceita como documento original, é necessário existir *certificação digital* que ateste a identidade do remetente, na forma estabelecida em lei.

9.8.9. Declaração

Significa a **afirmação da existência de um fato; existência ou não de um direito**. Tanto pode ser manifestada por escrito como por meio de viva voz. Quando for por escrito, a declaração é conhecida como documento. Entretanto, quando a declaração provém de alguma autoridade, recebe várias denominações, conforme o caso; por exemplo: aviso, edital, instrução, despacho, decisão, ofício, portaria, sentença. Ainda, segundo as circunstâncias e a finalidade da declaração, ela toma várias outras denominações, como, por exemplo: declaração de direito, de vontade, de ausência, de crédito, de guerra, de falência, de interdição, de nascimento, de óbito, de renda, de princípios etc.

Pode-se iniciar uma declaração assim:

Declaro, para fins de prova junto ao órgão...
Declaro, para os devidos fins, que...
Declaro, a pedido verbal de...
Modelo de Declaração
DECLARAÇÃO
DECLARAMOS, para os devidos fins, que _____ submeteu-se às provas do Concurso Vestibular Unificado de _____, realizado por esta Comissão, nos dias _____ de _____, das _____ às _____ horas.
Sete Palmos, _____ de _____ de _____.
[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]

9.8.10. Decreto

Decretos, em sentido próprio e restrito, são **atos administrativos da competência exclusiva dos chefes do Executivo, destinados a prover situações gerais ou**

individuais, abstratamente previstas de modo expresso, explícito ou implícito pela legislação.

Os decretos executivos têm por objeto:

a) pôr em execução uma disposição legal;

b) estabelecer medidas gerais para cumprimento da lei;

c) providenciar sobre matéria de ordem funcional;

d) resolver sobre interesse da Administração;

e) decidir sobre algum interesse de ordem privada que se prenda ao da Administração;

f) criar, modificar, limitar ou ampliar uma situação jurídica;

g) organizar, reformar ou extinguir serviços públicos dentro da competência do Poder Executivo.

Os decretos executivos costumam ser divididos em dois tipos:

9.8.10.1. Decretos regulamentares

São aqueles que visam "explicar a lei e facilitar a sua execução, aclarando seus mandamentos e orientando a sua aplicação".[2] Expressam regras jurídicas gerais e abstratas, de caráter impessoal. Sempre são numerados.

9.8.10.2. Decretos individuais ou coletivos

São os relativos a situações funcionais, podendo abranger um (decreto individual) ou mais (decreto coletivo) servidores. Não são, geralmente, numerados. São compostos das seguintes partes:

a) numeração (epígrafe): denominação, número e data de expedição do decreto. Os decretos referentes a situações funcionais (que, em determinadas administrações estaduais, substituem-se por atos) não são, geralmente, numerados;

b) ementa ou rubrica: resumo da matéria do decreto. É digitada em espaço simples, a partir do meio em direção à margem direita do papel. Não costuma aparecer nos decretos de ordem funcional;

c) título ou preâmbulo: parte preliminar de uma lei, decreto ou diploma na qual o soberano anuncia a sua promulgação; denominação completa, em caracteres maiúsculos, da autoridade executiva que expede o ato. É representado por fórmulas convencionais de introdução;

d) fundamentação: citação do dispositivo legal em que se apoia a decisão, seguida da palavra "decreta". Em decretos de ordem funcional, a forma "decreta" é substituída por "resolve", seguida do verbo que indica especificamente a matéria do ato: tornar sem efeito, designar, declarar etc. Em muitos decretos numerados, após a citação do dispositivo legal em que se fundamenta o decreto, aparecem os considerandos. Trata-se de considerações cuja finalidade é justificar a expedição do ato respectivo;

e) texto (ou contexto): é a parte essencial do ato e tem o artigo como a unidade básica para apresentação, divisão ou agrupamento dos assuntos. Quanto à numeração,

consagrou-se a práxis, hoje positivada pela Lei Complementar n. 95, de 26 de fevereiro de 1998, de até o artigo nono (art. 9º) se adotar a numeração ordinal. A partir do de número 10, empregam-se os algarismos arábicos correspondentes, seguidos de ponto-final (art. 10.). Os artigos serão designados pela abreviatura "*Art.*" sem traço antes do início do texto. Os textos dos artigos serão iniciados com letra maiúscula e encerrados com ponto-final, exceto quando tiverem incisos, caso em que serão encerrados por dois-pontos.

Os artigos podem desdobrar-se em *parágrafos* ou *incisos,* estes em *alíneas ou letras,* que serão desdobradas em *itens ou números.*

Os *parágrafos*, representados pelo sinal gráfico (§§), constituem a imediata divisão de um artigo, ou, como anotado por Arthur Marinho, "(...) *parágrafo* sempre foi, numa lei, disposição secundária de um artigo em que se explica ou modifica a disposição principal". Também, no parágrafo, consagrou-se a prática da numeração ordinal até o nono (§ 9º) e cardinal a partir do parágrafo dez (§ 10). No caso de haver apenas um parágrafo, adota-se a grafia *Parágrafo único* (e não *§ único*). Os textos dos parágrafos serão iniciados com letra maiúscula e encerrados com ponto-final.

Os incisos são utilizados como elementos discriminativos do artigo se o assunto nele tratado não puder ser condensado no próprio artigo ou se não se mostrar adequado a constituir parágrafo. Os incisos são indicados por algarismos romanos e as alíneas por letras.

As alíneas ou letras constituem desdobramentos dos incisos e dos parágrafos. A alínea ou letra será grafada em minúscula e seguida de parêntese: *a*) ; *b*) ; *c*) etc. O desdobramento das alíneas (itens) faz-se com números cardinais, seguidos do ponto: 1.; 2. etc.

Artigos Agrupados = Seções
Seções Agrupadas = Capítulos
Capítulos Agrupados = Títulos
Títulos Agrupados = Livros
Livros Agrupados = Partes
Partes se dividirão em Geral e Especial;
f) local e data: o fecho também é constituído de formas consagradas.
Exemplos:

Palácio do Governo em São Paulo, _____ de _____ de _____.
Prefeitura Municipal de São Paulo, em _____ de _____ de _____.
São Paulo, _____ de _____, de _____, _____ da Independência e _____ da República;

g) assinatura do Chefe do Governo e referenda de um ou mais Secretários de Estado.
Modelo de Decreto
DECRETO N. _____, DE _____ DE _____ DE _____
Norteia os editais e minutas dos contratos de licitação.

O GOVERNADOR DO ESTADO DE SÃO PAULO, no uso das atribuições que lhe confere o art. 87, itens V e VI, da Constituição Estadual, e tendo em vista o disposto na Lei Estadual n. 7.465, de 5 de junho de 1977,

DECRETA:

Art. 1º Deve fazer parte integrante dos editais e das minutas de contratos, de toda e qualquer licitação, a exigência de prestação de garantia para a contratação de empresa prestadora de serviço.

Art. 2º O contratado, na assinatura do documento em pauta, optará por uma das três modalidades previstas no § 1º, do art. 56, da Lei Federal n. 8.666, de 21 de junho de 1993.

Art. 3º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 4º Revogam-se as disposições em contrário.

São Paulo, _____ de _____ de _____, _____ da Independência e _____ da República.

[ASSINATURA]
[NOME]
Governador do Estado de São Paulo
[ASSINATURA]
[NOME]
Secretário de Estado da Administração e da Previdência
[ASSINATURA]
[NOME]
Secretário de Estado da Educação
[ASSINATURA]
[NOME]
Procurador-Geral do Estado

9.8.11. Edital

Edital é o **ato escrito oficial, contendo aviso, determinação, ou citação, mandado publicar, por autoridade competente, no órgão oficial ou outros órgãos de imprensa, ou, ainda, afixado em lugares públicos, onde seja facilmente lido por todos**.

São objeto de editais concorrências administrativas para aquisição, alienação ou recuperação de material, aberturas de concursos para provimento de cargos públicos, intimações, notificações, convocações e demais avisos que, por sua natureza, devam ter ampla divulgação, conforme a legislação vigente.

Partes:

a) título: denominação do ato, muitas vezes seguido do seu número de ordem e data de expedição. Outras vezes, o título é completado com a espécie de edital de que se trata: de citação, de anulação etc. Não sendo colocada junto ao título, a data aparece após o texto;

b) ementa: resumo do assunto do edital. Não é parte obrigatória e aparece, principalmente, em editais de concorrência pública e tomada de preço. Oferece a vantagem de propiciar o conhecimento prévio e sucinto do que é exposto em seguida;

c) texto: desenvolvimento do assunto. Havendo vários parágrafos, convém numerá-los com algarismos arábicos, de preferência, e, se necessário, desdobrá-los em itens e alíneas. Não se numera o primeiro parágrafo;

d) assinatura: nome da autoridade competente, indicando-se seu cargo ou função.

Os editais de licitação deverão seguir a Lei Federal n. 8.666, de 21 de junho de 1993, atualizada pela Lei Federal n. 8.883, de 8 de junho de 1994. É necessário que se tenha conhecimento da referida lei para a elaboração do Instrumento Convocatório.

Modelo de Edital

SECRETARIA DE ESTADO DA _____

DEPARTAMENTO DE _____

Seção de Recrutamento e Seleção

EDITAL DE INSCRIÇÃO N. _____

CONCURSO PÚBLICO DE TÍTULOS E PROVAS PARA PROVIMENTO DE _____

O DIRETOR-GERAL DA _____ torna público que, pelo prazo de 60 (sessenta) dias corridos contados da publicação deste Edital no *Diário Oficial do Estado*, serão recebidas as inscrições ao CONCURSO PÚBLICO DE _____ nos Departamentos e Áreas discriminados no anexo deste Edital, com as vagas respectivas.

São Paulo, _____ de _____ de _____

[ASSINATURA]

[NOME]

[CARGO]

9.8.12. Exposição de motivos

Exposição de motivos é o nome que se dá ao **preâmbulo** ou aos **considerandos que antecedem os textos dos projetos de lei, com o objetivo de mostrar suas vantagens**. É uma justificativa às medidas propostas. É documento em que se justifica a necessidade de se tomar alguma providência.

Os documentos ou quaisquer outros expedientes que devam ser decididos pelo Presidente da República ou Vice-presidente, Governador de Estado ou Prefeito Municipal devem ter despachos acompanhados da exposição de motivos para:

a) informar sobre determinado assunto;

b) propor alguma medida; ou

c) submeter à consideração do destinatário projeto de ato normativo.

Nos casos em que o assunto tratado envolva mais de uma Pasta ou Secretaria, a exposição de motivos deverá ser assinada por todos os envolvidos.

Partes:

a) resumo do texto;

b) síntese das alegações, argumentos ou fundamentos oferecidos;

c) apreciação do assunto, razões e esclarecimentos que o ilustrem;

d) transcrição da legislação citada;

e) parecer conclusivo.

Forma e estrutura:

Formalmente, a exposição de motivos tem a apresentação do *padrão ofício*. O anexo que acompanha a exposição de motivos que proponha alguma medida ou apresente projeto de ato normativo segue o modelo descrito adiante.

A *exposição de motivos*, de acordo com sua finalidade, apresenta duas formas básicas de estrutura: uma para aquela que tenha caráter exclusivamente informativo e outra para a que proponha alguma medida ou submeta projeto de ato normativo.

No primeiro caso, o da exposição de motivos que simplesmente leva algum assunto de caráter informativo, sua estrutura segue o modelo do *padrão ofício*. Já a exposição de motivos que submeta à consideração do Presidente da República, Governador ou Prefeito Municipal a sugestão de alguma medida a ser adotada ou a que lhe apresente projeto de ato normativo, embora siga também a estrutura do *padrão ofício*, além de outros comentários julgados pertinentes por seu autor, deve, obrigatoriamente, apontar:

a) na *introdução*: o problema que está reclamando a adoção da medida ou do ato normativo proposto;

b) no *desenvolvimento*: o porquê de ser aquela medida ou aquele ato normativo o ideal para se solucionar o problema e eventuais alternativas existentes para equacioná-lo;

c) na *conclusão:* novamente, qual medida deve ser tomada, ou qual ato normativo deve ser editado para solucionar o problema.

Deve, ainda, trazer apenso o formulário de anexo à exposição de motivos, devidamente preenchido, de acordo com o seguinte modelo previsto no Anexo II do Decreto Federal n. 4.176, de 28 de março de 2002:

1. Título:

Anexo à Exposição de Motivos do (indicar nome do órgão emitente) n. _____, de _____ de _____.

2. Síntese do problema ou da situação que reclama providências.

3. Soluções e providências contidas no ato normativo ou na medida proposta.

4. Alternativas existentes às medidas propostas.

Mencionar:

— se há outro projeto do Executivo sobre a matéria;

— se há projetos sobre a matéria no Legislativo; outras possibilidades de resolução do problema.

5. Custos.

Mencionar:

— se a despesa decorrente da medida está prevista na lei orçamentária anual; se não, quais as alternativas para custeá-la;

— se é o caso de solicitar-se abertura de crédito extraordinário, especial ou suplementar; valor a ser despendido em moeda corrente.

6. Razões que justificam a urgência (a ser preenchido somente se o ato proposto for medida provisória ou projeto de lei que deva tramitar em regime de urgência).

Mencionar:

— se o problema configura calamidade pública;

— por que é indispensável a vigência imediata;

— se se trata de problema cuja causa ou agravamento não tenham sido previstos;

— se se trata de desenvolvimento extraordinário de situação já prevista.

7. Impacto sobre o meio ambiente (sempre que o ato ou medida proposta possa vir a tê-lo).

8. Alterações propostas: texto atual e proposto.

9. Síntese do parecer do órgão jurídico:

Com base em avaliação do ato normativo ou das medidas propostas, a falta ou insuficiência das informações prestadas nas questões levantadas podem acarretar, a critério da chefia para Assuntos Jurídicos da Casa Civil, a devolução do projeto do ato normativo para que se complete o exame ou se reformule a proposta.

O preenchimento obrigatório do anexo para as exposições de motivos que proponham a adoção de alguma medida ou a edição de ato normativo tem como finalidade:

a) permitir a adequada reflexão sobre o problema que se busca resolver;

b) avaliar as diversas causas do problema e dos efeitos que pode ter a adoção da medida ou a edição do ato, em conformidade com *as questões que devem ser analisadas na elaboração de proposições normativas no âmbito do Poder Executivo*;

c) conferir perfeita transparência aos atos propostos.

Dessa forma, ao atender às *questões que devem ser analisadas na elaboração de atos normativos no âmbito do Poder Executivo*, o texto da exposição de motivos e seus anexos se complementam e formam um todo coeso: no anexo, encontramos uma avaliação profunda de toda a situação que está reclamando a adoção de certas providências ou a edição de um ato normativo; o problema a ser enfrentado e suas causas; a solução que se propõe, seus efeitos e seus custos; e as alternativas existentes. O texto da exposição de motivos fica, assim, reservado à demonstração da necessidade da providência proposta: por que deve ser adotada e como resolverá o problema.

Nos casos em que o ato proposto for questão de pessoal (nomeação, promoção, ascensão, transferência, readaptação, reversão, aproveitamento, reintegração, recondução, remoção, exoneração, demissão, dispensa, disponibilidade, aposentadoria), **não** é necessário o encaminhamento do formulário de *anexo à exposição de motivos*.

Observe que:

- a síntese do parecer do órgão de assessoramento jurídico **não** dispensa o encaminhamento do parecer completo;
- o tamanho dos campos do *anexo à exposição de motivos* pode ser alterado de acordo com a maior ou menor extensão dos comentários a serem ali incluídos.

Modelo de Exposição de Motivos

EM n. 23495/2000-MIP

Brasília, 30 de maio de 2000.

Excelentíssimo Senhor Presidente da República,

O Presidente George Bush anunciou, no último dia 13, significativa mudança da posição norte-americana nas negociações que se realizam — na Conferência do Desarmamento, em Genebra — de uma convenção multilateral de proscrição total das armas químicas. Ao renunciar à manutenção de cerca de dois por cento de seu arsenal químico até a adesão à convenção de todos os países em condições de produzir armas químicas, os Estados Unidos reaproximaram sua postura da maioria dos quarenta países participantes do processo negociador, inclusive o Brasil, abrindo possibilidades concretas de que o tratado venha a ser concluído e assinado em prazo de cerca de um ano. (...)

Respeitosamente,

[NOME]

[CARGO]

9.8.13. Fax

O fax (forma abreviada já consagrada de *fac-simile*) é uma forma de comunicação que está sendo menos usada devido ao desenvolvimento da internet. É utilizado para a transmissão de mensagens urgentes e para o envio antecipado de documentos, de cujo conhecimento há premência, quando não há condições de envio do documento por meio eletrônico. Quando necessário o original, ele segue posteriormente pela via e na forma de praxe.

Se necessário o arquivamento, deve-se fazê-lo com cópia xerox do fax e não com o próprio fax, cujo papel, em certos modelos, se deteriora rapidamente.

Os documentos enviados por fax mantêm a forma e a estrutura que lhes são inerentes.

É conveniente o envio, com o documento principal, de *folha de rosto*, isto é, de pequeno formulário com os dados de identificação da mensagem a ser enviada, conforme exemplo a seguir:

[Órgão Expedidor]

[setor do órgão expedidor]

[endereço do órgão expedidor]

Destinatário:

Número do fax de destino: Data: ___ /___ /_____

Remetente:
Telefone para contato:
Fax/correio eletrônico:
Número de páginas: esta +
Número do documento:
Observações:

9.8.14. Informação

Em linguagem administrativa, a informação **tem o sentido de parecer, em que o funcionário escreve acerca de certo fato ou pedido, prestando os esclarecimentos necessários para que a autoridade dê seu despacho ou solução**. Deve ser concisa e indicar a solução proposta. É ato de servidor subalterno incumbido de estudar qualquer documento para que o chefe possa deliberar sobre o caso. No Direito Penal, equivale à sindicância ou investigação; no Direito Comercial e, principalmente, no Direito Falimentar, também significa sindicância.

9.8.15. Instrução e instrução normativa

Na linguagem jurídica, a instrução normativa é **utilizada para indicar a soma de atos e diligências que podem ou devem ser praticados no processo, de modo que se esclareçam fatos ou questões objeto da demanda ou do litígio**. Representa, assim, a reunião de provas que determinam a procedência ou não dos fatos alegados.

Portanto, instrução equivale a elucidação, esclarecimento. Em outro sentido, principalmente empregado no plural, significa ordem emanada de uma pessoa e dirigida a outras; nela se determinam as regras de procedimento ou a execução de certos atos ou serviços. É assim no campo do Direito Administrativo, em que a autoridade determina a maneira de se organizar a repartição ou o departamento e como se executam os serviços. As instruções podem surgir como avisos, circulares, ementas, portarias ou provisões. Instrução é, ainda, explicação ou esclarecimento dado para uso especial. Apontamento, regimento, explicação que se dá a uma pessoa encarregada de algum negócio ou de alguma empresa. É o conjunto de formalidades e informações necessárias para elucidar uma causa e colocá-la em estado de ser julgada. Administrativamente, é um instrumento que orienta a execução de leis ou decretos. A instrução fixa normas para a execução de outros atos ou disciplina a execução de serviços.

Modelo de Instrução Normativa

DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ARQUIVO PÚBLICO DE SÃO PAULO

INSTRUÇÃO NORMATIVA N. ____, DE ____ DE ____ DE ____.

Estabelece os procedimentos para entrada de acervos arquivísticos no Departamento Estadual de Arquivo Público de São Paulo.

O DIRETOR DO DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ARQUIVO, usando da atribuição que lhe confere o item V do art. 27 do Regimento Interno aprovado pelo

Governador do Estado de São Paulo, através da Portaria Governamental n. _____, de _____ de _____ de _____,

RESOLVE:

1. Estabelecer na forma dos Anexos 1 a 4 os procedimentos a serem observados quando da transferência ou do recolhimento de acervos arquivísticos para o Arquivo Público.

2. Esta Instrução Normativa entra em vigor na data de sua publicação, aplicando-se aos fatos ocorridos a partir de _____ de _____ de _____.

[ASSINATURA]

[NOME]

[CARGO]

9.8.16. Memorando

A Instrução Normativa n. 4, de 6 de março de 1992, do Governo Federal, esclarece: "O memorando é uma **modalidade de comunicação entre unidades administrativas de um mesmo órgão, que podem estar hierarquicamente em mesmo nível ou em nível diferente. Trata-se, portanto, de uma forma de comunicação eminentemente interna**".

Pode ter caráter meramente administrativo ou ser empregado para a exposição de projetos, ideias, diretrizes etc., a serem adotados por determinado setor do serviço público. Suas características principais são a agilidade, a concisão e a clareza. A tramitação do memorando em qualquer órgão deve pautar-se pela rapidez e pela simplicidade de procedimentos burocráticos. Para evitar desnecessário aumento do número de comunicações, os despachos devem ser dados no próprio memorando e, no caso de falta de espaço, em folha de continuação. Esse procedimento permite formar uma espécie de processo simplificado, assegurando maior transparência à tomada de decisões e o histórico do andamento da matéria tratada no memorando.

Quanto à sua forma, o *memorando* segue o modelo do *Padrão Ofício*, com a diferença de que o seu destinatário deve ser mencionado pelo cargo que ocupa.

Exemplos:

Ao Senhor Chefe do Departamento de Administração:

Ao Senhor Subchefe para Assuntos Jurídicos:

Modelo de Memorando

Mem. 119/DJ Em 21 de maio de 2000.

Ao Sr. Chefe do Departamento de Administração

Assunto: Administração. Instalação de microcomputadores

1. Nos termos do Plano Geral de informatização, solicito a Vossa Senhoria verificar a possibilidade de que sejam instalados três microcomputadores neste Departamento.

2. Sem descer a maiores detalhes técnicos, acrescento, apenas, que o ideal seria que o

equipamento fosse dotado de disco rígido e de monitor padrão EGA. Quanto a programas, haveria necessidade de dois tipos: um processador de textos e um gerenciador de banco de dados.

3. O treinamento de pessoal para operação dos micros poderia ficar a cargo da Seção de Treinamento do Departamento de Modernização, cuja chefia já manifestou seu acordo a respeito.

4. Devo mencionar, por fim, que a informatização dos trabalhos deste Departamento ensejará racional distribuição de tarefas entre os servidores e, sobretudo, uma melhoria na qualidade dos serviços prestados.

Atenciosamente,

[ASSINATURA]

[NOME]

[CARGO]

9.8.17. Mensagem

É o instrumento de **comunicação oficial entre os Chefes dos Poderes enviada pelo Chefe do Poder Executivo ao Poder Legislativo para informar sobre atos da Administração Pública**. Através desse instrumento, o Poder Executivo propõe medidas sobre a Administração, expõe os planos de governo na abertura da sessão legislativa, submete à Câmara matérias que dependem da deliberação de suas Casas, apresenta vetos, faz e agradece as comunicações de tudo quanto seja de interesse dos poderes públicos.

A Constituição Federal, as Constituições dos Estados e as Leis Orgânicas dos Municípios preveem diversos casos em que caberá ao Chefe do Poder Executivo dirigir-se ao Poder Legislativo através de mensagem. A mensagem e a minuta da lei devem ser encaminhadas pelo Órgão responsável à Assessoria Técnica Legislativa, a quem caberá a redação final.

Modelo de Mensagem

Mensagem n. 298

Excelentíssimo Senhor Presidente do Senado Federal,

Comunico a Vossa Excelência o recebimento das Mensagens SM n. 106 a 110, de 1991, nas quais informo a promulgação dos Decretos Legislativos n. 93 a 97, de 1991, relativos à exploração de serviços de radiodifusão.

Brasília, 1º de abril de 2000.

9.8.18. Ofício

Ofício e *aviso* são modalidades de comunicação oficial praticamente idênticas. A única diferença entre eles é que o aviso é expedido exclusivamente por Ministros de Estado, Secretário-Geral da Presidência da República, Consultor-Geral da República, Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, Chefe do Gabinete Militar da Presidência da República e pelos Secretários da Presidência da República, para autoridades de mesma

hierarquia, ao passo que o **ofício é expedido para e pelas demais autoridades. Tem como finalidade o tratamento de assuntos oficiais pelos órgãos da Administração Pública entre si e também com particulares.**

Quanto à sua forma, o *ofício* segue o modelo do *padrão ofício*, com acréscimo do *vocativo*, que invoca o destinatário, seguido de vírgula.

Exemplos:

Excelentíssimo Senhor Presidente da República,
Senhora Ministra,
Senhor Chefe de Gabinete,

Devem constar do cabeçalho ou do rodapé do *ofício* as seguintes informações do remetente:

- nome do órgão ou setor;
- endereço postal;
- telefone e endereço de correio eletrônico.

Modelo de Ofício
[REMETENTE: NOME DO ÓRGÃO OU SETOR,
ENDEREÇO POSTAL, TELEFONE E ENDEREÇO DE CORREIO ELETRÔNICO]
Ofício n. 435/2000 — SG-PR Brasília, 30 de abril de 2000.
A Sua Excelência o Senhor
Deputado [NOME]
Câmara dos Deputados
70160-900 — Brasília — DF
Assunto: Demarcação de terras indígenas
Senhor Deputado,

1. Em complemento às observações transmitidas pelo telegrama n. 154, de 24 de abril último, informo Vossa Excelência de que as medidas mencionadas em sua carta n. 6.708, dirigida ao Senhor Presidente da República, estão amparadas pelo procedimento administrativo de demarcação de terras indígenas instituído pelo Decreto n. 22, de 4 de fevereiro de 1991 (cópia anexa).

2. Em sua comunicação, Vossa Excelência ressalva a necessidade de que — na definição e demarcação das terras indígenas — fossem levadas em consideração as características socioeconômicas regionais.

3. Nos termos do Decreto n. 22, a demarcação de terras indígenas deverá ser precedida de estudos e levantamentos técnicos que atendam ao disposto no art. 231, § 1º, da Constituição Federal. Os estudos deverão incluir os aspectos etno-históricos, sociológicos, cartográficos e fundiários. O exame deste último aspecto deverá ser feito conjuntamente com o órgão federal ou estadual competente.

4. Os órgãos públicos federais, estaduais e municipais deverão encaminhar as

informações que julgarem pertinentes sobre a área em estudo. É igualmente assegurada a manifestação de entidades representativas da sociedade civil.

5. Como Vossa Excelência pode verificar, o procedimento estabelecido assegura que a decisão a ser baixada pelo Ministro de Estado da Justiça sobre os limites e a demarcação de terras indígenas seja informada de todos os elementos necessários, inclusive daqueles assinalados em sua carta, com a necessária transparência e agilidade.

Atenciosamente,
[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]

9.8.19. Ordem de serviço

É **instrução dada a um servidor ou a um órgão administrativo**. Encerra orientações a serem tomadas pela chefia para a execução de serviços ou o desempenho de encargos. É o documento, o ato pelo qual se determinam providências a serem cumpridas por órgãos subordinados.

Instrução de serviço: é o ato pelo qual se fixam normas para a execução de outros atos ou se disciplina a execução de serviços.

Orientação de serviço: é o ato pelo qual se estabelecem normas administrativas no âmbito de setores subordinados.

Quando o administrador deseja que alguém o substitua nos encargos, sem direito a qualquer remuneração extra, faz uso da ordem de serviço. Já a portaria assegura direitos de remuneração. A ordem de serviço é um ato interno de um órgão cuja finalidade é regular procedimentos em geral.

Embora se trate de documento com estrutura variável, às vezes semelhante à portaria, apresenta, normalmente, as seguintes partes:

a) título: identificação, número e data de expedição do ato. Às vezes, a data é colocada após o texto, antes da assinatura da autoridade;

b) texto: desenvolvimento do assunto. Pode conter vários parágrafos, numerados por algarismos cardinais e desdobráveis, se necessário, em alíneas. Não se numera o primeiro parágrafo;

c) assinatura: nome da autoridade e indicação do cargo que ocupa ou função que exerce.

Modelo de Ordem de Serviço

ORDEM DE SERVIÇO N. _____ — [SIGLA DO ÓRGÃO]

O SECRETÁRIO DE ESTADO DA _____, no uso de suas atribuições, em aditamento à Ordem de Serviço n. _____, de _____ de _____ de _____, desta Secretaria, determina que terão expediente externo também na parte da manhã, no horário das 8h às 11h, os seguintes órgãos do Tesouro do Estado, sediados na Capital:

a) *Subordinados à Coordenadoria-Geral do* [SIGLA]:

Divisão de Fiscalização da _____ [SIGLA];
Divisão de Fiscalização do _____ [SIGLA];
Divisão do Recenseamento e Programação Fiscais [SIGLA].
b) *Subordinados à Inspetoria-Geral da Fazenda:*
Exatoria Estadual de São Paulo.
São Paulo, _____ de _____ de _____ .
[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]

9.8.20. Parecer

Na Administração Pública, o parecer, geralmente, é **parte integrante de um processo, para o qual aponta solução favorável ou desfavorável, precedida da necessária justificativa, com base em dispositivos legais, jurisprudência e informações**. É um ato de procedimento administrativo que indica e fundamenta a solução que deve ser aplicada ao caso. O parecer pode ser:

a) **administrativo:** refere-se a caso burocrático;

b) **científico ou técnico:** relaciona-se com matéria específica. Ex.: o parecer dos auditores.

Partes:

a) número do processo respectivo, ao alto, no centro do papel;

b) título: parecer, seguido do número de ordem, dia, mês e ano;

c) ementa: resumo do assunto do parecer. A ementa deve ser sintética. É digitada em espaço simples, a dois espaços do título;

d) texto: introdução (histórico); esclarecimentos (análise do fato); e conclusão clara e objetiva do assunto;

e) fecho: o local e/ou a denominação do órgão (este, geralmente, em forma de sigla); a data; e a assinatura: nome e cargo ou função de quem emite o parecer.

Modelo de Parecer
PROCESSO N. _____
PARECER N. _____
Lei n. _____ — _____ Interpretação. Os Conselhos Federal e Regional dos Técnicos de Administração constituem uma única autarquia. O acervo decorrente da atuação da Junta Executiva e suas representantes administrativas se transfere ao Conselho Federal.

1. A Lei n. _____, de _____ de _____ de _____, dispõe sobre o exercício da profissão de _____, para promover as medidas _____. Essa Junta extinguir-se-ia com a _____, que lhe absorveria o acervo.

2. Com efeito, pelo Decreto n. _____, de _____ de _____ de _____, criou-se a citada Junta Executiva, que _____, na área de sua jurisdição.

3. Criados os Conselhos, suscitaram-se dúvidas sobre _____. Compreende o Conselho Federal, ou _____, dos respectivos Conselhos Regionais.

4. A clareza do texto legal, "data venia", não permite discussão. Os Conselhos foram _____ em seu conjunto uma autarquia.

5. Por igual, para promover os atos preparados à implantação do sistema, a lei determinou se _____, ou seja, o que deve ser absorvido pelo Conselho Federal.

Assim sendo, não há como possa a arrecadação das Juntas Administrativas em referência transferir-se aos Conselhos Regionais. A tanto, não permite a lei.

São Paulo, _____ de _____ de _____.

[ASSINATURA]

[NOME]

[CARGO DO SIGNATÁRIO]

9.8.21. Requerimento

É o instrumento que **serve para solicitar algo** a uma autoridade do serviço público, pois o requerimento é a solicitação **sob o amparo da lei, mesmo que suposto**.

O requerimento deve ser escrito sempre em 3ª pessoa e não aceita fechos que não os seus. Tais como:

Nestes termos, aguarda deferimento.

Nestes termos, espera deferimento.

Nestes termos, pede deferimento.

Observação: a **petição** é um instrumento muito parecido com o requerimento, a diferença está em que a petição **é o pedido, sem certeza legal ou sem segurança quanto ao despacho favorável**.

Quando concorrem **duas ou mais pessoas, então teremos: abaixo-assinado (requerimento coletivo) e memorial (petição coletiva)**.

Modelo de Requerimento

Senhor Diretor da Escola Técnica de Comércio:

[NOME], aluna regularmente matriculada no terceiro semestre da Habilitação desta Escola, requer certidão de vida escolar relativa aos primeiro e segundo semestres do referido curso.

Nestes termos, pede deferimento.

São Paulo, _____ de _____ de _____.

[ASSINATURA]

9.8.22. Portaria

Trata-se de um **documento oficial emanado de uma autoridade, por meio do qual transmite aos subordinados ordens de serviço de sua competência**.

Partes:

a) numeração: número e data de expedição;

b) título: denominação da autoridade que expede o ato, em geral já impresso no modelo próprio;

c) fundamentação: citação da legislação básica, seguida da palavra RESOLVE;

d) texto;

e) assinatura: nome da autoridade competente, sem indicação de cargo, pois já vem impresso no alto da página.

Modelo de Portaria

PORTARIA N. _____, _____ de _____ de _____

O DIRETOR-GERAL DA _____, no uso das atribuições que lhe confere o art. _____, Decreto n. _____, de _____, de _____ de _____, e considerando o que consta do Processo CP _____, resolve:

Art. 1º Aprovar o Projeto de Assistência Pré-Escolar/Auxílio-Creche para os servidores do Colégio _____.

Art. 2º O atendimento pré-escolar alcançará as crianças da faixa etária de _____ meses a _____ anos e far-se-á, conforme a idade dos atendidos, através de creches, maternais e jardins de infância.

Art. 3º Fica estabelecida a modalidade de atendimento pré-escolar através do reembolso de despesas aos beneficiários, conforme previsto no art. _____, inc. _____, do Decreto n. _____, de _____ de _____ de _____.

Art. 4º A Diretoria-Geral baixará normas e instruções necessárias à execução do Projeto.

Art. 5º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

[ASSINATURA]

[NOME]

[CARGO]

9.8.23. Relatório

Relatório é uma **descrição de fatos passados, analisados com o objetivo de orientar o servidor interessado ou o superior imediato, para determinada ação**. Relatório, do ponto de vista da administração pública, é um documento oficial no qual uma autoridade expõe a atividade de uma repartição, ou presta contas de seus atos a uma autoridade de nível superior.

O relatório não é um ofício desenvolvido. Ele é **exposição ou narração de atividades ou fatos, com a discriminação de todos os seus aspectos ou elementos**.

Existem muitos tipos de relatórios, classificáveis sob vários pontos de vista. O exposto a seguir refere-se apenas àqueles relatórios menos complexos ou mais informais que um servidor produz com o objetivo de prestar contas de tarefas ou encargos de que foi incumbido.

Partes:

a) título: denominação do documento (relatório);

b) invocação: tratamento e cargo ou função da autoridade a quem é dirigido, seguidos, preferencialmente, de dois-pontos;

c) texto: exposição do assunto. O texto do relatório deve obedecer à seguinte sequência:

- *introdução*: referência à disposição legal ou à ordem superior que motivou ou determinou a apresentação do relatório e breve menção ao assunto ou objeto. A introdução serve para dizer por que o relatório foi feito e indicar os problemas ou fatos examinados;
- *análise*: apreciação do assunto, com informações e esclarecimentos que se façam necessários à sua perfeita compreensão. A análise deve ser honesta, objetiva e imparcial. O relator deve apenas registrar os fatos de que tenha conhecimento direto, ou através de fontes seguras, abstendo-se de divagações ou apreciações de natureza subjetiva sobre fatos desconhecidos ou pouco conhecidos. Quando se fizer necessário, o relatório poderá ser acompanhado de tabelas, gráficos, fotografias e outros elementos que possam contribuir para o perfeito esclarecimento dos fatos e sua melhor compreensão por parte da autoridade a quem se destina o documento. Esses elementos podem ser colocados no corpo do relatório ou, se muito extensos, reunidos a ele em forma de anexo;
- *conclusão*: determinados os fatos e feita sua apreciação, chega o momento de se tirarem as conclusões, deduzidas logicamente da argumentação que as precede. Não podem ir além da análise feita, o que as tornaria insubsistentes e, por isso mesmo, despidas de qualquer valor;
- *sugestões ou recomendações*: muitas vezes, além de tirar conclusões, o relator também apresenta sugestões ou recomendações sobre medidas a serem tomadas, em decorrência do que constatou e concluiu. Essas sugestões ou recomendações devem ser precisas, práticas e concretas, devendo relacionar-se com a análise anteriormente feita.

Os diversos parágrafos do texto, com exceção do primeiro, podem ser numerados (com algarismos arábicos) e, se necessário, divididos em alíneas. É recomendável a numeração dos parágrafos, principalmente em relatórios mais extensos, pois, além de dar maior destaque às diferentes partes do texto, facilita as eventuais referências que a elas se queira fazer;

d) fecho: fórmula de cortesia. Trata-se de parte dispensável;

e) local e data: Ex.: São Paulo, _____ de _____ de _____;

f) assinatura: nome e cargo ou função da(s) autoridade(s) ou servidor(es) que apresenta(m) o relatório.

Modelo de Relatório

RELATÓRIO

Senhor Diretor,

Conforme determinação, relatamos a Vossa Senhoria os acontecimentos ocorridos no dia _____ de _____ último, nesta repartição.

1. Encontrávamo-nos em atividades funcionais, quando entrou na repartição o senhor _____, residente nesta cidade, o qual solicitou informações sobre _____.

2. Não estando esta repartição em condições de atender à consulta solicitada, comunicamos _____.

3. Não se conformando com a resposta, o referido senhor passou a nos agredir com palavras de baixo calão e _____.

4. Como continuasse a nos provocar, telefonamos para _____.

5. Ainda ouvimos quando o cidadão dizia que iria comunicar à Imprensa _____.

6. Procuramos, durante os acontecimentos, manter a atitude compatível com nosso cargo, porém _____.

7. Dessa forma, embora desconhecendo as acusações feitas contra nós, _____.

Sendo esta a nossa informação.

São Paulo, _____ de _____ de _____

[ASSINATURA]

[NOME]

[CARGO]

9.8.24. Resolução

Resolução, no Poder Executivo, é o ato de autoridade competente de um órgão de deliberação coletiva para estabelecer normas regulamentares. A estrutura da resolução é idêntica à da portaria.

Resolução e Portaria são formas de que se revestem os atos, gerais ou individuais, emanados de autoridades outras que não o Chefe do Executivo.

Resolução é deliberação ou determinação. Indica, assim, **o ato pelo qual a autoridade pública ou o poder público toma uma decisão, impõe uma ordem ou estabelece uma medida**. Em regra, as resoluções dizem respeito a questões de ordem administrativa ou regulamentar.

Há uma distinção, sob o aspecto formal, entre os atos normativos do Poder Executivo que são de competência privativa:

a) do Governador, o Decreto;

b) dos Secretários de Estado, a Resolução;

c) de órgãos colegiados, a Deliberação;

d) de outras autoridades, inclusive dirigentes de autarquias, a Portaria.

De acordo com essa norma, a diferença entre os vários tipos de atos está apenas na autoridade de que emanam, podendo uns e outros terem conteúdo individual (punição, concessão de férias, dispensa) ou geral, neste último caso contendo normas emanadas em matérias de competência de cada uma das referidas autoridades.

Partes:

a) numeração (classificação): número do ato e data de expedição;

b) título: denominação completa (em caracteres maiúsculos, de preferência) da autoridade que expede o ato.

Ex.: Resolução n. _____, de _____ de _____ de _____;

c) ementa;

d) fundamentação: citação da legislação básica em que a autoridade apoia sua decisão, seguida da palavra *resolve*. Às vezes a citação de dispositivos legais é substituída pela expressão "no uso de suas atribuições", ou similar. É preferível citar explicitamente a legislação que fundamenta o ato, o que lhe dá maior autoridade e facilita a eventual análise ou constatação da validade e alcance da decisão nele contida. A palavra *resolve* pode ser colocada logo após a fundamentação, ou em linha separada (com entrada de parágrafo e em caracteres maiúsculos), ou, ainda, imediatamente antes e na mesma linha do texto. Embora as três formas sejam encontradas e válidas, a segunda é a mais estética e destaca as partes fundamentais do ato (fundamentação e texto). Em certas portarias aparecem, entre a fundamentação e a palavra *resolve*, os *considerandos*, que se destinam a justificar a decisão tomada;

e) texto: desenvolvimento do assunto. Há portarias mais extensas, cujo texto é dividido em vários artigos ou parágrafos, devidamente numerados e subdivididos, quando necessário, em itens e alíneas;

f) assinatura: nome da autoridade que expede o ato. É dispensável a indicação do cargo, pois esse já aparece, em destaque, no título (O SECRETÁRIO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO, _____). Porém, em caso de assinatura por substituto, essa situação deverá ser indicada.

Modelo de Resolução

RESOLUÇÃO N. _____, DE _____ DE _____ DE _____

Regulamenta os procedimentos de classificação de licitantes nas concorrências para registro de preços e as negociações registradas.

O SECRETÁRIO DE ESTADO DA _____, no uso da delegação de competência conferida pela Lei n. _____, de _____ de _____ de _____ e considerando o artigo 12 do Decreto n. _____ de _____ de _____ de _____; considerando o artigo 48, parágrafo 3º, da Lei n. _____; considerando a redação da Lei n. _____, de _____ de _____ de _____; considerando a necessidade de regulamentar os procedimentos de classificação de licitantes nas concorrências para registro de preços e as negociações registradas,

RESOLVE:

Art. 1º Serão convocados para firmar a Ata de Registro de Preços todos os proponentes que concordarem com o fornecimento do bem ou a prestação de serviços ao preço do primeiro colocado, mantidas a ordem de classificação dos preços cotados e as mesmas

condições editalícias.

Art. 2º O controle dos preços registrados será exercido com base na dinâmica do mercado, podendo caracterizar redução ou elevação de seus valores.

§ 1º A Administração poderá convocar os licitantes classificados após a assinatura da Ata de Registro de Preços, para negociar a redução e manter a cotação em qualidade e especificações indicadas na proposta, em decorrência da redução dos preços de mercado.

§ 2º O licitante poderá desonerar-se do compromisso ajustado quando, a critério da Administração, comprovar o desequilíbrio econômico-financeiro, motivo de força maior ou caso fortuito, através das seguintes exigências:

I — comprovação feita por meio de documentos, como:

a) lista de preços do fabricante;

b) nota fiscal de aquisição da matéria-prima e do transporte da mercadoria referente à época da elaboração da proposta;

c) pedido de desoneração do compromisso.

II — reconhecendo o desequilíbrio econômico-financeiro, a Administração formalmente desonerará o licitante em relação ao item;

III — a Administração, simultaneamente ou após a desoneração, poderá:

a) requerer aos licitantes que foram classificados na concorrência para o SRP com o respectivo item, a apresentação de nova proposta julgando-a de acordo com a planilha de custos e pesquisa de mercado;

b) promover nova licitação para o item.

§ 3º As alterações decorrentes serão publicadas na Imprensa Oficial.

Art. 3º O preço registrado poderá ainda ser cancelado pela Administração mediante solicitação formal do licitante que comprovar, na forma do artigo anterior, que está impossibilitado de cumprir as exigências da concorrência que deu origem ao registro de preços, ressalvadas as aquisições efetivadas até a data da decisão.

Parágrafo único. Ocorrendo a hipótese desse artigo, se a solicitação for efetuada antes da emissão da ordem de compra ou serviço e respectiva nota de empenho pela Administração, ficará o licitante desonerado da aplicação de penalidades.

[ASSINATURA]

[NOME]

[CARGO DO SIGNATÁRIO]

9.8.25. Telegrama

Mensagem telegráfica empregada em casos urgentes. A linguagem, que chega ao máximo da concisão, deve limitar-se ao estritamente necessário, omitindo-se todas as expressões, palavras ou partículas desnecessárias, sem, contudo, prejudicar a clareza do texto.

Para que se atinja esse objetivo, usam-se os seguintes recursos:

a) aglutinação de expressões: VOSSENHORIA (Vossa Senhoria); VINTEDOIS (vinte e dois);

b) abreviação de palavras e expressões: SDS (saudações); ASDS (atenciosas saudações);

c) omissão de palavras desnecessárias à compreensão do texto: MATRICULAS ENCERRAM DIA TREZE CORRENTE (As matrículas encerram no dia treze do corrente);

d) supressão dos hífens nas palavras justapostas de uso corrente e nas formas verbais com pronomes oblíquos: DECRETOLEI (decreto-lei); INSCREVIME (inscrevi-me).

A linguagem telegráfica apresenta:

a) texto conciso, claro e objetivo;

b) preferência por formas simples a compostas: comprara e não havia comprado;

c) supressão de expressão de cortesia;

d) eliminação de rasuras, anulações, acréscimos ou outras alterações;

e) não se permite a translineação, ou seja, a divisão de palavras no fim da linha;

f) o telegrama deve ser grafado em letras maiúsculas, deixando-se dois espaços entre cada palavra;

g) supressão dos hífens nos termos compostos e em expressões com pronomes oblíquos;

h) dispensam-se os acentos gráficos;

i) omitem-se as palavras desnecessárias;

j) os números inteiros são escritos em algarismos arábicos: 200, 1950;

k) se os números, em virtude de importância substancial, forem grafados por extenso, deverão ser aglutinados: CENTO VINTESEIS; DEZESSEISMIL; QUARENTASEIS;

l) para as datas pode ser usado o seguinte recurso:

2610998 — 26 de outubro de 1998

2610997 — 26 de outubro de 1997

Observações:

a) Sinais de pontuação. Os sinais de pontuação básicos, tais como ponto (.), vírgula (,) e ponto e vírgula (;), são registrados pelo telégrafo. Porém, quando o telégrafo não os registrar, será necessário o uso das abreviaturas convencionais:

SOLICITO SEU COMPARECIMENTO URGENTE ESTA SECRETARIA EXPEDIENTE TARDE TRATAR ASSUNTO SUA LICENÇA PREMIO PT

b) Atualmente, não há necessidade de se utilizar a forma telegráfica tradicional, em razão de os Correios permitirem um texto de até 130 palavras com taxa única.

9.9. QUESTÕES

(Cespe-UnB) Leia o texto abaixo para julgar os itens de 1 a 5:

A subchefia de assuntos jurídicos desse ministério submeteu ao magnífico procurador-geral da república, Dr. Aristóteles Sócrates Platão, consulta sobre sua opinião pessoal a respeito de

matéria controversa que versa sobre os limites entre os direitos dos cidadões e a esfera do poder público, no sentido de tornar clara, explícita e incontroversa a questão levantada pela prestigiosa comissão que investiga o recebimento de um excelente automóvel zero quilômetro da marca Mercedez Benz pelo senhor chefe dos serviços gerais do nosso ministério para que seje investigado a fundo se o episódio pode ser considerado inflação do código de ética recentemente promulgado pelo poder executivo.

De acordo com o *Manual de Redação da Presidência da República*, a redação oficial deve caracterizar-se por impessoalidade, uso de padrão culto da linguagem, clareza, concisão, formalidade e uniformidade. Em face dessa caracterização e do fragmento de texto oficial acima, julgue os itens que se seguem.

1. Exceto pelo emprego de períodos sintáticos longos, o fragmento respeita as normas de concisão e objetividade recomendadas pelo *Manual de Redação da Presidência da República.*

Resposta: Errado. O trecho não respeita as normas de concisão e objetividade.

2. No fragmento, para que a característica de clareza seja observada, deve não apenas ser reformulado o nível sintático como também deve haver mais precisão na organização das ideias.

Resposta: Certo.

3. Embora os níveis gráfico e lexical estejam corretos, o texto desrespeita as regras do padrão culto da linguagem no nível sintático.

Resposta: Errado. Os níveis gráficos (seje) e lexicais (inflação) não estão corretos.

4. O texto não obedece às características de formalidade e de impessoalidade que devem nortear toda correspondência oficial para que esta adquira uniformidade.

Resposta: Certo.

5. As formas de tratamento empregadas no texto revelam um caráter de respeitosa formalidade e estão de acordo com as recomendações para textos oficiais.

Resposta: Errado. O vocativo “magnífico” deve ser empregado apenas para reitores de universidades. O Procurador-Geral da República recebe o vocativo “Senhor”.

(Cespe-UnB) Nos itens seguintes, julgue se são obedecidas as exigências da norma culta da escrita, e se são pertinentes as associações entre o tipo de documento oficial, grafado em negrito, e o fragmento de texto que o segue.

6. *Relatório* — Os consultores constataram que algumas das condutas expressas no novo Código de Ética proposto para o funcionalismo público já são previstas na Lei de Improbidade.

Resposta: Certo.

7. *Ata* — Ao final da reunião ficou decidido que os quatrocentos ocupantes de cargos importantes no Governo Federal, nomeados pelo Presidente da República, ficarão sujeitos à punições administrativas, podendo mesmo perder o cargo, caso desobedeça

ao Código de Ética.

Resposta: Errado. Há problemas com a gramática — crase e concordância: Ao final da reunião ficou decidido que os quatrocentos ocupantes de cargos importantes no Governo Federal, nomeados pelo Presidente da República, ficarão sujeitos a punições administrativas, podendo mesmo perder o cargo, caso desobedeçam ao Código de Ética.

8. *Ofício* — Vimos informar a Vossas Senhorias que está em tramitação no Congresso Nacional projeto de lei de Código de Ética com novas regras que obrigam o ocupante de cargo de confiança a apresentar sua declaração de bens também à Comissão de Ética Pública.

Resposta: Certo.

9. *Ata* — Durante o debate, evidenciou-se o concenso de que a autoridade pública não poderá receber qualquer remuneração de fonte privada, nem mesmo ter hospedagem paga por empresa que presta serviço ao Governo.

Resposta: Errado. A palavra “consenso” se escreve com “s”.

10. *Atestado* — Ao analisar a proposta, observaram que é necessário explicar que fica proibido ao servidor público receber brindes de valor superior a R$ 100,00 e que diretor de autarquia que se utilizar de jatinho de empreiteira expõe a processo judicial.

Resposta: Errado. O texto apresentado é de um relatório e não de um atestado. Além disso, há também problema gramatical: “diretor de autarquia que se utilizar de jatinho de empreiteira expõe-SE a processo judicial.”

(Cespe-UnB) Considerando o texto abaixo, julgue o item 11.

A criação do Sistema Brasileiro de Inteligência (SISBIN) e a consolidação da Agência Brasileira de Inteligência (ABIN) permitem ao Estado brasileiro institucionalizar a atividade de Inteligência, mediante uma ação coordenadora do fluxo de informações necessárias às decisões de governo, no que diz respeito ao aproveitamento de oportunidades, aos antagonismos e às ameaças, reais ou potenciais, relativos aos mais altos interesses da sociedade e do país. Todo o trabalho de reformulação da atividade vem sendo balizado, também, por enfoques doutrinários condizentes com o processo atual de globalização, em que as barreiras fronteiriças são fluidas, sugerindo cautelas para garantir a preservação dos interesses da sociedade e do Estado brasileiros, de forma a salvaguardar a soberania, a integridade e a harmonia social do país.

(Internet: <http://www.abin.gov.br/abin/historico.jsp>, com adaptações)

11. O emprego da estrutura “vem sendo balizado”, em que não há agente explícito, constitui um recurso de impessoalização do texto adequado à redação de documentos e correspondências oficiais.

Resposta: Certo.

(Cespe-UnB) Texto para o item 12.

Segurança do Medo

A síndrome de Nova Iorque, 11 de setembro, projetou-se sobre Atenas, agosto, sexta-feira,

13, data da abertura dos 28ºs Jogos Olímpicos. De tal forma que os gastos de 1,2 bilhão de euros (cerca de R$ 4,8 bilhões) são a maior quantia já investida em segurança na história da competição. O dinheiro foi aplicado em um poderoso esquema para evitar ataques terroristas, como ocorreu nos Jogos de Munique, em 1972, quando palestinos da organização Setembro Negro invadiram a Vila Olímpica e mataram dois atletas israelenses. Do esquema grego, montado em colaboração com sete países — Estados Unidos da América (EUA), Austrália, Alemanha, Inglaterra, Israel, Espanha e Canadá —, faz parte o sistema de navegação por satélite da Agência Espacial Europeia. Da terra, ar e água, 70 mil policiais, bombeiros, guarda costeira e mergulhadores da Marinha vão zelar pela segurança. Até a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) emprestará sua experiência militar no combate ao terrorismo.

(*Correio Brasiliense, 07*.08.2004, "Guia das Olimpíadas", p. 3, com adaptações)

12. No primeiro parágrafo, o emprego das expressões "Nada menos que" e "e muito" é adequado ao texto jornalístico, mas não o seria caso esse parágrafo compusesse um texto de comunicação oficial, como um relatório, por exemplo.

Resposta: Certo.

(Cespe-UnB) Texto para o item 13.

A polêmica sobre o porte de armas pela população não tem consenso nem mesmo dentro da esfera jurídica, na qual há vários entendimentos como: "o cidadão tem direito a reagir em legítima defesa e não pode ter cerceado seu acesso aos instrumentos de defesa", ou "a utilização da força é direito exclusivo do Estado" ou "o armamento da população mostra que o Estado é incapaz de garantir a segurança pública". Independente de quão caloroso seja o debate, as estatísticas estão corretas: mais armas potencializam a ocorrência de crimes, sobretudo em um ambiente em que essas sejam obtidas por meios clandestinos. A partir daí, qualquer fato corriqueiro pode tornar-se letal. O porte de arma pelo cidadão pode dar uma falsa sensação de segurança, mas na realidade é o caminho mais curto para os registros de assaltos com morte de seu portador.

(Internet. <http://www.serasa.com.br/guiacontraviolencia>,

acesso em: 28.09.2004, com adaptações)

13. Pelo tema, impessoalidade e clareza, o texto poderia constituir parte de um documento oficial — como, por exemplo, um relatório ou um parecer — mas o emprego das aspas lhe confere uma coloquialidade que o torna inadequado às normas da redação oficial.

Resposta: Errado. O erro aqui está no fato de se afirmar que as aspas tornam o texto inadequado às normas da redação oficial.

(Cespe-UnB) Com base no que prescrevem os manuais de redação de comunicações oficiais e as gramáticas normativas, julgue os próximos itens de 14 a 23.

14. O denominado padrão ofício foi estabelecido para que se uniformizasse, em diagramação única, a redação da exposição de motivos, do aviso e do ofício, instrumentos de comunicação oficial que diferem antes pela finalidade do que pela forma.

Resposta: Certo.

15. Na parte do ofício denominada desenvolvimento, mesmo que se deseje transmitir mais de uma ideia, elas devem ser expressas em um só parágrafo.

Resposta: Errado. O desenvolvimento de todo documento oficial deve seguir as normas de redação da boa estrutura textual da língua portuguesa, e por isso cada ideia deve ser expressa num parágrafo diferente.

16. O memorando, tal como o ofício e a exposição de motivos, é um expediente de comunicação oficial eminentemente interno, ou seja, a comunicação se estabelece entre unidades administrativas de um mesmo órgão público.

Resposta: Errado. O ofício e a exposição de motivos não são comunicações internas, apenas o memorando é a comunicação interna, ou seja, a comunicação que se estabelece entre as unidades administrativas de um mesmo órgão público.

17. Visando-se à eficiência no entendimento da comunicação oficial, deve ser adotado o uso do padrão culto da língua, o que não se confunde com o emprego do jargão burocrático, o qual deve ser evitado.

Resposta: Certo. Cuidado: o uso de jargão burocrático é considerado um problema para a redação oficial. Assim como o próprio termo "jargão" já informa — jargão = gíria. Qualquer jargão deve ser evitado.

18. O seguinte trecho é exemplo de escrita que não atende à recomendação de clareza do texto da comunicação oficial: "A necessidade emergente se caracteriza por uma correta correlação entre estrutura e superestrutura no interesse da população, vitalizando, em uma ótica preventiva, a transparência de cada ato decisional".

Resposta: Certo. Note que se faz um texto com palavras bonitas, mas a frase é vazia de significado. Não se sabe o que ela pretende informar.

19. Sem que se considere a diagramação característica de cada expediente oficial, atende às prescrições gramaticais e às de redação de comunicação oficial o seguinte trecho:

Senhora Juíza,

Por considerarmos que Vossa Excelência deva estar preocupada com os desdobramentos que a imprensa conferiu à sentença proferida por V.Exa. em 16 de abril de 2006, encaminhamos anexa a cópia do ofício remetido por este órgão ao Senado Federal.

Resposta: Certo.

20. Com relação à forma, no expediente de comunicação oficial *exposição de motivos*, que, geralmente, vem abreviado "EM n. ...", não deve constar, além do vocativo, nenhuma expressão que designe o destinatário de tal comunicação.

Resposta: Certo. Nas comunicações oficiais usamos apenas o vocativo seguido do cargo que a pessoa ocupa, nunca utilizamos o nome próprio do destinatário.

21. Na comunicação oficial, o termo "doutor" deve ser usado como tratamento genérico dispensado a autoridades, não restrito, portanto, a pessoas que tenham tal grau em

razão de conclusão de doutorado.

Resposta: Errado. Atenção: “doutor” é nível de graduação, e não pronome de tratamento, portanto utilizamos o termo “doutor” antecedendo apenas nomes próprios de pessoas que cursaram doutorado. Repetindo: “doutor” não é forma de tratamento.

22. Caso, no fecho de uma comunicação oficial, tenha sido corretamente empregado o advérbio “Atenciosamente”, infere-se que o remetente ocupa cargo de hierarquia inferior à do cargo do destinatário do expediente.

Resposta: Errado. O fecho “Atenciosamente” é utilizado por remetentes que tenham a mesma hierarquia do destinatário, ou superior a ele. Se o remetente está numa hierarquia inferior à do destinatário deve empregar “Respeitosamente”.

23. Verifica-se transgressão à norma gramatical no seguinte trecho de expediente oficial: “Está sendo encaminhado a V.Sª a cópia do telegrama n. 24, de 1º de fevereiro de 2006, remetido ao interessado por este departamento.”

Resposta: Certo. A transgressão gramatical se dá no nível da concordância: “Está sendo ENCAMINHADA a V.Sª A CÓPIA do telegrama n. 24, de 1º de fevereiro de 2006, remetido ao interessado por este departamento.”

(Cespe-UnB) Texto para o item 24.

Os jovens brasileiros têm fé em seu potencial de mudar o mundo. Nada menos que 58% acreditam, e muito, nesse ideal — é o que mostra uma pesquisa recém-concluída com 3.500 pessoas de 15 a 24 anos de idade em 198 cidades.

O que se pode afirmar com certeza é que se está diante de uma geração que trocou a utopia pelo pragmatismo. Os jovens não são mais arrebatados por grandes questões de ordem, na linha capitalismo *versus* comunismo ou rebeldia *versus* caretice. De olho no futuro, estão mais interessados naquilo que pode afetar sua felicidade de forma concreta. Não à toa, acham que educação é muito importante. E preocupam-se com os fatores que podem ameaçar seus sonhos: a violência, da qual são as maiores vítimas, e o desemprego, capaz de minar a conquista da autonomia.

O fantasma que mais assusta é mesmo a violência. O problema atinge principalmente os garotos. Embora as camadas de menor poder aquisitivo sejam mais afetadas pelos efeitos da violência, é claro que os jovens das classes A e B também não estão livres dessa ameaça. Na ânsia de dar um basta à situação, a maioria deles defende medidas como a redução da idade penal para menos de 18 anos e a proibição da venda de armas.

Veja Especial Jovens, jun. 2004, p. 13-14 (com adaptações)

Julgue o item que se segue, a respeito do texto acima.

24. No primeiro parágrafo, o emprego das expressões “Nada menos que” e “e muito” é adequado ao texto jornalístico, mas não o seria caso esse parágrafo compusesse um texto de comunicação oficial, como um relatório, por exemplo.

Resposta: Certo. Essas expressões ferem o princípio da impessoalidade.

(Cespe-UnB) Nos itens 25 a 27, são apresentados trechos de correspondências oficiais.

Julgue-os no que se refere à correção gramatical e à adequação da linguagem.

25. Encaminho, para apreciação de V.Exª, o projeto anexo, que, visando ao fortalecimento da organização social, política e econômica das famílias que sobrevivem da agricultura familiar e do agroextrativismo, pode contribuir para a redução das desigualdades sociais e econômicas nas áreas dos babaçuais, no estado do Tocantins.

Resposta: Certo.

26. Tenho a satisfação de me dirigir a Vossa Senhoria para solicitar-lhe a gentileza de autorizar seja posto à disposição desta Secretaria dois computadores, necessários para a execução das tarefas administrativas de recebimento e acompanhamento de processos.

Resposta: Errado. Esse trecho peca nos aspectos impessoalidade e concisão. Vejamos, em destaque, os exageros: Tenho a satisfação de me dirigir a Vossa Senhoria para solicitar-lhe a gentileza de autorizar seja posto à disposição desta Secretaria dois computadores, necessários para a execução das tarefas administrativas de recebimento e acompanhamento de processos.

27. Aguardamos o pronunciamento de V.Sª acerca da proposta que vos foi apresentada, para que possamos encaminhá-la, com a maior brevidade possível, as instâncias superiores, que a aguardam para as devidas considerações.

Resposta: Errado. Erro na concordância do pronome de tratamento (refere-se à 2a pessoa, mas concorda em 3a pessoa), no emprego do acento grave indicativo de crase e no quesito concisão. Assim, devemos corrigir o trecho para: Aguardamos o pronunciamento de V.Sª acerca da proposta que lhe foi apresentada, para que possamos encaminhá-la às instâncias superiores.

(Cespe-UnB) Texto para os itens 28 e 29.

(...)

Considerando que as alegações apresentadas pelos responsáveis às fls. 5 e 6 não se comprovaram suficientes para justificar as atitudes discriminatórias denunciadas, e com fundamento nos artigos 2.º. e 3.º. da Lei n.º XX/1992, manifesta-se esta comissão no sentido de que:

a) seja notificada a Secretaria de Esportes, objeto desta auditoria, para as providências elencadas às fls. 2 e 3 deste documento;

b) sejam aplicadas, aos responsáveis, as penas previstas nos artigos 6, 7 e 8 da Lei YYY/89.

Em 17 de julho de 2005

(assinatura)

Fulano de Tal

(cargo)

A respeito do texto acima e dos requisitos de redação oficial, julgue os itens 28 e 29.

28. O trecho representa a parte final de um documento informativo, como aviso, ofício ou memorando.

Resposta: Errado. Esse é o final de um parecer.

29. Considerando que abaixo da assinatura está discriminado o nome completo do responsável pelo documento, é opcional a indicação do cargo.

Resposta: Errado. De acordo com o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*, a identificação do signatário se faz com nome e cargo.

(Cespe-UnB) Em cada um dos itens de 30 a 32, é apresentada uma situação hipotética, seguida de uma afirmativa a ser julgada, acerca de redação de correspondências oficiais.

30. A chefe do departamento de pessoal de uma autarquia pública quer redigir documento para solicitar reparo de maquinário de informática utilizado no setor de atendimento ao público. Nessa situação, a chefe deve encaminhar ao setor competente requerimento formal, feito em seu próprio nome, na terceira pessoa do discurso, para não ferir o princípio da impessoalidade, que rege o serviço público.

Resposta: Errado. O requerimento é o expediente utilizado para solicitar um direito amparado por lei, não para pedir reparo de maquinário.

31. Mário, analista de meio ambiente e de recursos hídricos do IEMA, precisa encaminhar à direção do instituto parecer técnico sobre o impacto ambiental de determinada obra estadual. Nessa situação, Mário pode redigir o documento de modo informal, sem se preocupar com a linguagem padrão, visto que, no serviço público, a exigência de formalidade na redação de documentos restringe-se às correspondências externas.

Resposta: Errado. O parecer é uma forma de comunicação oficial, por isso deve seguir as normas estabelecidas pelo *Manual de Redação da Presidência da República*.

32. A diretora-presidente do IEMA recebeu ofício de solicitação iniciado da seguinte forma:

Ofício n. 28/MEFP

Vitória, 9 de setembro de 2007.

Estimada Vossa Excelência,

Como é do vosso conhecimento, a construção da via estrutural (...)

Nesse documento, é inadequado o emprego, no vocativo, de adjetivo e de pronome de tratamento e, na parte introdutória, há erro de concordância pronominal.

Resposta: Certo. O vocativo deve ser apenas “Senhor(a) + cargo”, jamais empregaremos qualquer adjetivação — a não ser no caso dos chefes de poderes, que recebem o termo “Excelentíssimo Senhor(a) + cargo”. Além disso, a concordância do pronome deve ser feita em 3a pessoa: “Como é do SEU conhecimento...”.

(Cespe-UnB) Texto para os itens 33 e 34.

Poderíamos definir o amazonismo como um conjunto de ideias e de discursos, produzidos pelo imaginário ocidental sobre a Amazônia e as populações nativas, destinado a viabilizar interesses políticos e econômicos. Como espaço imaginado pelo Ocidente, o amazonismo

partilha muitas características com o orientalismo. Todavia, enquanto Said nos apresenta um Oriente construído de maneira negativa por um Ocidente hegemônico, o amazonismo constitui um campo ambíguo, catalisador de imagens e de discursos contraditórios, que podem ser mobilizados para servir a interesses muito divergentes.

Primeiras testemunhas da Amazônia e de seus habitantes, Carvajal (1542) e Acuña (1641) elaboraram relatos em que combinaram o fantástico e o exótico e edificaram as bases do amazonismo: mito das amazonas, inferno verde, eldorado, seres canibais e nobre selvagem. A Amazônia e seus primeiros habitantes concentraram e continuam concentrando sentimentos e fantasias ocidentais. Símbolo de riqueza e miséria, de medo e esperanças, de sonhos e pesadelos, de futuro e passado, de inferno e paraíso. A alteridade é o espelho invertido do ocidente e é manipulada conforme os interesses em jogo. Essas imagens contraditórias acompanharam e informaram a conquista da América e o encontro com as populações indígenas. Além de legitimarem a ocupação e a exploração econômica, os mitos também serviram para sustentar os interesses políticos e ideológicos da Europa.

José Pimenta, <http://www.ambienteacreano.blogspot.com> (com adaptações)

Considerando o texto acima, julgue os itens 33 e 34.

33. Pelo emprego de expressões coloquiais, pela informalidade, pelas escolhas lexicais e sintáticas, a linguagem do texto é inadequada para documentos oficiais.

Resposta: Errado. O texto é adequado, sim, a um documento oficial, pois não apresenta expressões coloquiais, não é informal e as escolhas lexicais e sintáticas estão de acordo com a norma culta. O texto apresentado poderia ser parte de um relatório, por exemplo.

34. O emprego do plural em “Poderíamos” (primeira linha) é suficiente para se considerar o texto subjetivo e pessoal, em oposição a um texto impessoal, neutro, objetivo.

Resposta: Errado. O uso da primeira pessoa do plural em “Poderíamos” não é indicação de pessoalidade, pelo contrário, é uma forma preconizada pela boa redação para dar ao texto impessoalidade.

(Cespe-UnB) Texto para os itens 35 e 36.

O 29 de julho de 2007 será lembrado como o dia em que os iraquianos usaram suas armas para comemorar. Após mais de quatro anos vivendo em meio ao caos sob a malsucedida ocupação norte-americana, eles tiveram finalmente um dia de alegria. Em todos os cantos do Iraque, a população festejou a histórica vitória de sua seleção na final da Copa da Ásia de futebol — com receita brasileira do técnico Jorvan Vieira, que comemorou como “do Brasil” a vitória por 1 a 0 sobre a Arábia Saudita, comandada por Hélio dos Anjos, outro brasileiro.

Correio Braziliense, 30.07.2007, p. 18 (com adaptações)

A respeito das ideias e das estruturas do texto acima e também considerando aspectos da geopolítica do mundo nos dias atuais, julgue os itens 35 e 36.

35. O emprego do artigo determinando a expressão “29 de julho de 2007” (primeira linha) desrespeita as regras gramaticais da norma culta a ser usada em documentos oficiais; por isso, se a informação da primeira linha do texto for usada em um

documento oficial, o artigo deve ser omitido.

Resposta: Certo. O emprego de artigo, substantivando a data, imprime ao texto certa subjetividade. E a redação de documentos oficiais rejeita isso.

36. Se a data constante do texto fosse usada para integrar uma ata, deveria ser assim escrita: O vinte e nove de julho de dois mil e sete.

Resposta: Errado. Na ata utilizamos: “Aos vinte e nove de julho de dois mil e sete” ou “Aos vinte e nove dias do mês de julho do ano de dois mil e sete”.

(Cespe-UnB) Texto para o item 37.

No contexto da importância que a questão agrária tem assumido no Brasil, é fundamental articulá-la com outras questões e movimentos sociais. Trata-se de uma questão nacional, como poucas que atualmente têm mobilizado o país e seus vários setores sociais, políticos e econômicos. Tornar-se uma questão nacional tem sido um desafio para a questão racial no Brasil. É fundamental incluir no debate sobre a questão agrária no Brasil a questão étnica, especialmente as experiências do cativeiro — com os quilombos/mocambos e formas de protesto de ocupação de terra — e aquelas do período pós-emancipação, com as comunidades remanescentes. A recuperação da história dos quilombos é importante capítulo das lutas em torno do acesso à terra — face importante da luta pela cidadania — no Brasil.

Flávio dos Santos Gomes. Sonhando com a terra, construindo a cidadania.

In: Jaime Pinsky (Org.). *História da cidadania*, p. 463

Quanto ao emprego das estruturas linguísticas e às ideias do texto acima, julgue o item 37.

37. Se o texto fosse utilizado como parte de um relatório, os duplos travessões deveriam ser eliminados para que fossem respeitadas as exigências de formalidade de documentos oficiais.

Resposta: Errado. O travessão é um sinal de pontuação da norma culta e, portanto, de acordo com as exigências de formalidade da redação oficial.

(Cespe-UnB) Texto para o item 38.

A polêmica sobre o porte de armas pela população não tem consenso nem mesmo dentro da esfera jurídica, na qual há vários entendimentos como: “o cidadão tem direito a reagir em legítima defesa e não pode ter cerceado seu acesso aos instrumentos de defesa”, ou “a utilização da força é direito exclusivo do Estado” ou “o armamento da população mostra que o Estado é incapaz de garantir a segurança pública”. Independente de quão caloroso seja o debate, as estatísticas estão corretas: mais armas potencializam a ocorrência de crimes, sobretudo em um ambiente em que essas sejam obtidas por meios clandestinos. A partir daí, qualquer fato corriqueiro pode tornar-se letal. O porte de arma pelo cidadão pode dar uma falsa sensação de segurança, mas na realidade é o caminho mais curto para os registros de assaltos com morte de seu portador.

(Internet: <http://www.serasa.com.br/guiacontraviolencia>.

Acesso em: 28.09.2004, com adaptações)

A respeito do texto, julgue o item a seguir.

38. Pelo tema impessoalidade e clareza, o texto poderia constituir parte de um documento oficial – como, por exemplo, um relatório ou um parecer –, mas o emprego da expressão "A partir daí" no penúltimo período confere coloquialidade ao texto, tornando-o inadequado às normas de redação oficial.

Resposta: Errado. A expressão "A partir daí" não indica coloquialidade, por isso pode, sim, ser empregada em um relatório ou parecer.

(Cespe-UnB) Texto para os itens 39 e 40.

O mundo do trabalho tem mudado numa velocidade vertiginosa e, se os empregos diminuem, isso não quer dizer que o trabalho também.

Só que ele está mudando de cara. Como também está mudando o perfil de quem acaba de sair da universidade, da mesma forma que as exigências da sociedade e — por que não? — do mercado, cada vez mais globalizado e competitivo.

Tudo indica que mais de 70% do trabalho no futuro vão requerer a combinação de uma sólida educação geral com conhecimentos específicos; um coquetel capaz de fornecer às pessoas compreensão dos processos, capacidade de transferir conhecimentos, prontidão para antecipar e resolver problemas, condições para aprender continuamente, conhecimento de línguas, habilidade para tratar com pessoas e trabalhar em equipe.

Revista do Provão, n. 4, 1999, p. 13 (com adaptações)

A partir do texto acima, julgue os itens 39 e 40.

39. A interpretação coerente das ideias do texto permite associar "ele" (2º parágrafo) tanto com "trabalho" (1º parágrafo) quanto com "mundo do trabalho" (1º parágrafo). Ambiguidades assim devem ser evitadas na redação de textos oficiais.

Resposta: Certo.

40. Respeitaria as regras de pontuação e de redação de documentos oficiais a inserção da expressão "por que não?" (2º parágrafo) no corpo de um ofício, tanto entre vírgulas quanto entre parênteses.

Resposta: Errado. A expressão "por que não?" é marca de subjetividade, por isso não pode aparecer no corpo de um ofício.

(Cespe-UnB) Texto para o item 41.

O cenário econômico otimista levou os empresários brasileiros a aumentarem a formalização do mercado de trabalho nos últimos cinco anos. As contratações com carteira assinada cresceram 19,5% entre 2003 e 2007, enquanto a geração de emprego seguiu ritmo mais lento e aumentou 11,9%, segundo estudo comparativo divulgado pelo IBGE.

Correio Braziliense, 25.01.2008 (com adaptações)

Considerando o texto acima, julgue o item abaixo:

41. Haveria coerência com as ideias do texto e respeitaria as normas de redação de documentos oficiais se o texto apresentado fosse incluído como parágrafo inicial em

um ofício complementado pelo parágrafo final e o fecho apresentados a seguir.

(...)

Solicita-se, portanto, a divulgação desses dados junto aos órgãos competentes.

Atenciosamente,

(assinatura)

Pedro Santos

Secretário do Conselho

Resposta: Certo.

(Cespe-UnB) Texto para o item 42.

Os trabalhadores cada vez mais precisam assumir novos papéis para atender às exigências das empresas. Muitos países já estão revendo seus conceitos comerciais e os profissionais familiarizados com políticas e práticas sociais terão cada vez mais destaque no mercado de trabalho. Gente boa em inclusão social é o que se quer.

Trocando em miúdos, o desenvolvimento econômico e social de um país depende do compromisso ético de empresas e governos.

Escola, jan./fev. 2004 (com adaptações)

A respeito das estruturas linguísticas do texto acima e dos sentidos por ele produzidos, julgue o item seguinte.

42. O texto, como está redigido, respeita as normas de clareza, objetividade, correção gramatical e formalidade da redação de documentos oficiais, e, por isso, poderia corretamente ser incluído em textos de ofícios ou relatórios.

Resposta: Errado. Na redação oficial não se permite o uso de expressões coloquiais, como “Trocando em miúdos”.

(Cespe-UnB) Texto para o item 43.

Andar pela região do Alto Xingu, no nordeste de Mato Grosso, é mais que turismo. Beira uma experiência antropológica. A troca de conhecimento com os índios é, sem dúvida, enriquecedora. Além da convivência na aldeia — o ponto principal da viagem — os passeios de barco e canoa pelo rio Von den Steinen são um deslumbramento. A mata preservada contrasta com o espelho formado na água, produzindo uma paisagem belíssima. À noite, o céu se abre limpo e estrelado. É um convite à contemplação da natureza. Caminhar em trilhas pela floresta também faz parte do programa. Chegar a esse paraíso não é das missões mais fáceis, o que garante parte de sua preservação. Pelo caminho, pode-se comprovar uma das tragédias da região: uma enorme quantidade de carretas carregando madeira nobre retirada da floresta. E as clareiras deixadas por elas nas matas.

Época, 09.05.2005 (com adaptações)

Julgue o seguinte item a respeito da organização das ideias e das estruturas linguísticas no texto.

43. Embora a substituição da forma indeterminada “pode-se” por *podemos* respeite a

organização e a argumentação textual, se o período sintático fizesse parte de um documento oficial, tal substituição não seria permitida em respeito aos padrões da norma culta em redação oficial.

Resposta: Errado. Não há problema em utilizar o verbo na 1a pessoa do plural em um texto oficial.

(Cespe-UnB) Texto para o item 44.

Mais vale ser amado que temido, ou temido que amado?

O melhor consistiria em ser amado e temido, mas isso é difícil. Então, é mais seguro ser temido. Por quê? Há várias razões para isso. Em primeiro lugar, os homens são geralmente "ingratos, inconstantes, dissimulados, trêmulos em face dos perigos e ávidos de lucro; enquanto lhes fazeis bem, são dedicados; oferecem-vos o sangue, os bens, a vida, os filhos, enquanto o perigo se apresenta remotamente, mas quando este se aproxima, bem depressa se esquivam". Ai do príncipe que confiasse exclusivamente em todas as amizades pagas em prodigalidades, "em breve estaria perdido"! Além disso, os homens receiam muito menos ofender aquele que se faz amar do que aquele que se faz temer. O vínculo do amor, rompem-no ao sabor do próprio interesse, ao passo que o temor sustenta-se por um medo do castigo, que jamais os abandona. Enfim, não depende do príncipe ser amado, os homens "amam a seu bel-prazer"; mas dele depende ser temido, os homens "temem conforme quer o príncipe". Ora, um príncipe prudente deve basear-se não no que depende de outrem, mas no que depende de si mesmo.

Ser temido, aliás, em nada significa ser odiado; o ódio dos súditos — como seu desprezo — é grave; nele não se deve incorrer. Porque todas as fortalezas que o príncipe odiado possuir contra os súbitos não o salvarão de suas conjurações.

Jean-Jacques Chevalier. O príncipe. In: *As grandes obras políticas de Maquiavel a nossos dias.* Tradução de Lydia Cristina. 7. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1995, p. 37-38 (com adaptações)

Referente às ideias e às estruturas linguísticas do texto acima, julgue o item a seguir.

44. A forma verbal "fazeis" e o pronome pessoal "vos" (ambos no 1º parágrafo) são, correta e adequadamente, empregados, na redação oficial, em concordância com a forma de tratamento Vossa Excelência, em situações de alta formalidade em que se deseje demonstrar respeito a uma autoridade.

Resposta: Errado. O pronome de tratamento concorda em 3a pessoa.

(Cespe-UnB) Texto para os itens 45 e 46.

Substantivo ***versus*** adjetivo

Além das denúncias de tráfico de influência, lavagem de dólares, prevaricação, sonegação de impostos, nepotismo, fisiologismo, clientelismo político, outro tema que se encontra no centro das discussões éticas e políticas no país é o papel da imprensa.

Acusam, do lado de lá, a imprensa, entre outras coisas, de sensacionalista, injusta, partidária, tendenciosa, integrante do ficcional sindicato do golpe ou daqueles segmentos interessados em destruir as instituições, como a presidência da República.

Para melhor avaliar hoje o que ocorre nessa relação entre imprensa e governo, os jornalistas,

cientistas políticos, sociólogos e historiadores de amanhã terão mais isenção e muito o que pesquisar. Hoje, estamos todos envolvidos como profissionais, como cidadãos.

O senso profissional do jornalista mistura-se com sentimentos difusos de patriotismo, ódio, raiva, impotência, esperança, descrença. O momento apresenta um quadro rico em detalhes carregados de tensão. O conflito manifesta uma temática, mediante a qual se tenta conquistar a opinião pública.

Os acusados, alvos de denúncias substantivas, partem para o contra-ataque, na tentativa de atingir seus acusadores com frases adjetivas. De preferência, desabonadoras. A Tática não é nova. Quando Nero procurou alguém para responsabilizar pelo incêndio de Roma, não titubeou. Escolheu os cristãos, vistos pelo imperador e sua corte como inimigos políticos. Para preservar a instituição romana e a si próprio, Nero transferiu sua loucura para o suposto ato dos cristãos.

Sempre se pode colher na história entre dominados e dominadores, governantes e súditos, situação e oposição, instituição pública governamental e imprensa, entre outras divisões maniqueístas, condutas assemelhadas. Na defensiva, quem tem o poder procura, diante de acusações substantivas, desqualificar os inimigos com adjetivos.

Na revelação da divergência, do conflito e da ira pela palavra, procura-se esconder o que mais se manifesta na realidade do discurso: a verdade. Aí, a imprensa apresenta-se como veículo mais eficaz para distribuir as informações e as interpretações factuais. Sem os jornais independentes, há o discurso político surdo. Uma contradição que nega a essência e a natureza política, ou seja, o caráter público.

Com erros, até grandes, é a imprensa o canal mais eficiente para revelar as verdades que se escondem em tantos discursos, cenas de TV, papéis burocráticos, atos simbolicamente autoritários e totalitários. A imprensa, ao contrário do discurso político, em que predomina a locução adjetiva, tem por fundamento a revelação substantiva do cotidiano.

Marcel Cheida. In: *Folha de S.Paulo*, 26.07.1992 (com adaptações)

Com base nos princípios de redação e correspondência oficiais, julgue os itens a seguir, relativos ao texto.

45. O quinto parágrafo, da forma como se encontra no texto, grafada entre aspas e indicando a autoria, porém sem a indicação de parágrafo, comporta a transcrição para o corpo de uma ata.

Resposta: Certo. A ata é a narrativa de uma reunião ou assembleia. O parágrafo citado poderia sim fazer parte de uma ata. Outra coisa, na ata não há marcação de parágrafo — como dito na assertiva: Marcel Cheida disse: “Os acusados, alvos de denúncias substantivas, partem para o contra-ataque, na tentativa de atingir seus acusadores com frases adjetivas. De preferência, desabonadoras. A Tática não é nova. Quando Nero procurou alguém para responsabilizar pelo incêndio de Roma, não titubeou. Escolheu os cristãos, vistos pelo imperador e sua corte como inimigos políticos. Para preservar a instituição romana e a si próprio, Nero transferiu sua loucura para o suposto ato dos cristãos.”

46. O texto, citando a fonte de onde foi retirado, fará parte de um relatório técnico, desde que transcrito em folha padrão ofício.

Resposta: Errado. O relatório é um texto narrativo. O texto apresentado é dissertativo.

(Cespe-UnB) Texto para o item 47.

A contemporaneidade vai urdindo novas situações que demandam por novas opções éticas e pela consignação de novos direitos. A produção apresenta sua clara dimensão fáustica, a se usar a expressão de Marshall Bermann. Quanto mais ela avança, mais ela destrói, em um processo entropisante assustador. As distâncias sociais entre os países desenvolvidos e subdesenvolvidos aumentam de modo devastador, não somente a partir de seus indicadores econômicos, como também por sua produção de saber, o que faz alguns autores vislumbrarem uma terceira fase do capitalismo traduzida pela produção de *know-how.* Ao mesmo tempo, o ser humano chegou à sofisticação de poder se suicidar enquanto espécie zoológica pelas armas que ele próprio produz e, cada vez menos, controla. Os anos 30 voltam sinistros com a reaparição agressiva dos racismos. As distâncias sociais nos países subdesenvolvidos são assustadoras, uma vez que uma ínfima minoria detém parcela significativa dos bens.

Roberto de Aguiar. Ética e direitos humanos. In: *Desafios éticos.*

Brasília: Conselho Federal de Medicina, p. 65 (com adaptações)

A partir do texto acima, julgue o item subsequente.

47. Se o texto fizesse parte de um documento oficial, como relatório ou parecer, a expressão "processo entropisante" deveria ser substituída para atender ao quesito de clareza e objetividade; além disso, a segunda ocorrência do pronome "ela" deveria ser suprimida para que se respeitasse a formalidade.

Resposta: Errado. Não há problema com o uso da expressão "processo entropisante", ou com a segunda ocorrência do pronome "ela".

(Cespe-UnB) Texto para o item 48.

Em uma iniciativa inédita, dez grandes corporações assinaram um compromisso com o Fórum Econômico Mundial para divulgar regularmente o volume de suas emissões de gases poluentes. Com isso, elas se antecipam aos governos que ainda estão aguardando a entrada em vigor do protocolo de Kyoto. Pelo acordo, denominado Registro Mundial de Gases que Causam o Efeito Estufa, as multinacionais passam a informar o seu grau de poluição do meio ambiente, atendendo a expectativas de acionistas, que cobram mais transparência sobre o tema. Juntas, essas empresas são responsáveis pela emissão de 800 milhões de toneladas de dióxido de carbono por ano, o que representa cerca de 5% das emissões mundiais.

O Globo, 23.01.2004, p. 30 (com adaptações)

A partir do texto acima e considerando aspectos marcantes da questão ambiental no mundo contemporâneo, julgue o item seguinte.

48. Para tornar o texto mais formal e adequado a uma redação oficial, mantendo a correção gramatical e as relações semânticas, deve-se reescrever o trecho "passam a informar o seu grau" da seguinte forma: *passam a informar-lhe o grau*.

Resposta: Errado. O pronome "lhe" usado com o verbo "informar" desempenha a função de objeto indireto, alterando assim as relações semânticas do texto (no texto, temos o adjunto adnominal "seu" — foi uma tentativa de confundir o candidato com o uso de "lhe" como adjunto

adverbial e adjunto adnominal).

(Cespe-UnB) Texto para o item 49.

A EMBRAPA virou símbolo de excelência na administração pública. Em mais uma década, terá sido a responsável pela melhoria do padrão nutricional dos brasileiros, por meio de um programa para a produção de alimentos mais saudáveis. Os componentes de nossa dieta básica — arroz, feijão, milho, soja — estão sendo pesquisados para que adquiram teores mais elevados de vitaminas, proteínas e aminoácidos. Do projeto, há poucos anos surgiu a cenoura com mais procaroteno (que ajuda no combate à cegueira), já incorporada ao mercado. A presidente interina da EMBRAPA, Marisa Barbosa, acentua que outros resultados positivos serão alcançados nos próximos anos. Com isso, o índice de subnutrição e doenças dela resultantes serão gradativamente reduzidos. Alimentos denominados funcionais, proteicamente enriquecidos, estão sendo pesquisados para transformação genética. A EMBRAPA tem 2.220 pesquisadores, sendo 1.100 com doutorado.

Jornal do Brasil (Informe JB), 15.03.2004, p. A6 (com adaptações)

Tendo em vista o texto acima e o tema nele focalizado, julgue o item seguinte.

49. Para que o início do texto seja adequado à linguagem formal exigida por documentos oficiais, deve-se substituir "virou" por tornou, a fim de se preservar a correção gramatical e as relações semânticas do texto.

Resposta: Errado. Se trocarmos o verbo "virou" por "tornou" precisaremos acrescentar o pronome reflexivo "se": A EMBRAPA tornou-se símbolo de excelência na administração pública.

Veja também propostas que solicitam ao candidato redigir o texto oficial.

(FCC) Proposta 1:

Considere as informações abaixo:

O Presidente da Comissão de Defesa do Consumidor, Deputado Federal XYZ dos Reis, convocou reunião para as 15:00 h do dia 04/06/07. Na data aprazada, contou com a presença dos Deputados Federais A, B, C, D e E, para tratar de questões referentes ao combate à pirataria.

Assuntos abordados:

1) avaliação de resultados de medidas em andamento;

2) criação de campanha educativa;

3) apoio à tramitação de alterações legislativas relacionadas à apreensão de produtos pirateados.

A reunião foi encerrada duas horas e quinze minutos após o início, com impasse surgido na discussão. O Presidente determinou nova reunião, às 16:00 h do próximo dia 14/06, e convocação do Diretor da Fundação ICL — Instituto do Cidadão Legal, especialista no assunto, para esclarecimentos necessários. O Técnico Legislativo-Assistente Administrativo do apoio legislativo, Senhor MNO dos Santos, foi designado para elaborar o registro dos fatos.

Redija o documento apropriado, criando uma situação compatível com o desenvolvimento da

reunião, a partir dos dados apresentados. A redação deverá obedecer ao limite máximo de 30 linhas e respeitar o disposto no *Manual de Redação da Presidência da República*.

(FCC) Proposta 2:

Atenção: O relatório sobre a situação abaixo descrita deverá ter a extensão mínima de 20 linhas e máxima de 30 linhas.

Há, no setor em que você atua, cinco computadores ligados à rede, nos quais estão instalados programas e sistemas relacionados à rotina do Tribunal.

Considerando que esses aparelhos estão apresentando problemas de manutenção, pela qual você é o responsável, elabore um relatório, que será encaminhado à sua chefia imediata, a respeito dos serviços necessários, apontando:

a) situação geral;

b) problemas encontrados;

c) providências a serem tomadas;

d) responsabilidades.

1 No discurso, o termo “pessoa” se refere a qualquer elemento da comunicação, seja pessoa mesmo ou não.

2 MEIRELLES, Hely Lopes. *Direito administrativo brasileiro*. 27. ed. São Paulo: Malheiros, 2002.

10

REDAÇÃO DISCURSIVA

Aprender a escrever não é só aprender a pensar, como se tem dito e redito;
mas também — e principalmente — aprender a dizer bem o que foi pensado.
E isto pode ensinar-se — mas ainda assim com renúncia a qualquer dogmatismo
e sem a camisa de força de fórmulas e receitas fabricadas, que antes inibem,
cerceiam e até anulam a livre afirmação da personalidade do estudante.
Mais propriamente sugerir, estimular, apontar caminhos — numa palavra: guiar.

Rocha Lima

Raimundo Barbadinho Neto

Antes de qualquer comentário sobre o texto em si, faremos algumas considerações a respeito de *como* escrever o seu texto, pois muitos candidatos ficam em dúvida quanto a isso, e se perguntam:

Devo colocar título na minha redação?

Que tipo de letra devo usar?

Posso pular linha entre um parágrafo e outro?

Se eu cometer um erro, como faço para corrigi-lo?

Posso escrever na margem da folha, se a quantidade de linhas for insuficiente para o meu texto?

Preciso marcar os parágrafos?

Posso começar/encerrar a minha escrita em qualquer ponto da linha ou devo encostar nas margens esquerda e direita?

Se a palavra não couber inteira na linha, o que eu faço?

Vamos, então, responder a todas essas perguntas.

■ Devo colocar título na minha redação?

a) A maioria das bancas não menciona nada a respeito de título na redação. Então, não se deve colocar título em redação de concurso. O título é um exercício de criatividade, e a prova para concurso prevê técnica: o examinador deseja apenas saber se o candidato é capaz de expor uma ideia de maneira clara, objetiva e concisa. Por isso, não coloque título. Na linha 1 da folha de texto definitivo você já começa com o seu parágrafo de

introdução.

b) Algumas bancas pedem, expressamente no caderno de prova, que se dê um título à redação. Neste caso, ele deve ser colocado na primeira linha, com a primeira letra maiúscula e o restante em minúsculas, como uma outra frase qualquer. E deve ser iniciado na marcação de parágrafo, como outra frase qualquer (não tente centralizar!). Não deve ser sublinhado, nem escrito com um traço mais forte (uma tentativa de se fazer um negrito manuscrito!). Evite títulos longos, utilize apenas uma linha para ele. E já na linha 2 você começa o seu parágrafo de introdução — ou seja, não se pula uma linha entre o título e o texto.

Lembre: você só dará um título à sua redação se houver um comando específico no caderno de prova solicitando isso!

■ Que tipo de letra devo usar?

Escreva sempre com letra legível. Você pode usar qualquer tipo de letra — cursiva, de imprensa, de forma, bastão etc. —, pode até misturar os tipos de letras, não há problema, desde que as palavras estejam legíveis.

■ Posso pular linha entre um parágrafo e outro?

Não se pulam linhas em redações de concursos.

■ Se eu cometer um erro, como faço para corrigi-lo?

Se você, ao passar a limpo, cometeu um erro, escreveu uma palavra a mais, um acento a mais, um sinal de pontuação a mais, basta passar um traço simples sobre eles, e o examinador já entende como item cancelado. Não tente passar dois ou mais traços, apenas um traço sobre o erro. E na sequência coloque a forma correta. Assim: "A caza casa amarela é linda."

■ Posso escrever na margem da folha, se a quantidade de linhas for insuficiente para o meu texto?

Você só pode utilizar o número de linhas determinado pela banca examinadora. Sempre observando a quantidade mínima e máxima.

Caso você escreva menos que a quantidade mínima solicitada, o examinador tirará dos seus pontos totais obtidos um ponto para cada linha faltante para se atingir o mínimo. Por exemplo: a banca pede no mínimo 20 e no máximo 30 linhas; você escreveu apenas 18 linhas — faltam duas linhas para chegar à quantidade mínima. Você perderá então dois pontos (ou a quantidade estipulada em edital) do total de nota obtida na correção do seu texto.

Caso você escreva mais que a quantidade máxima solicitada, o examinador não lerá isso. Geralmente a folha de prova vem com as linhas numeradas. E, se você ultrapassou esse número, pode se considerar eliminado do concurso, pois incorreu nos erros de: a) escrever texto em lugar indevido; b) não concluir a redação (pois o examinador não leu o excedente).

■ Preciso marcar os parágrafos?

Os parágrafos devem sempre ser marcados. Geralmente, iniciamos o parágrafo a dois centímetros da margem. Todos os parágrafos devem estar no mesmo alinhamento.

■ Posso começar/encerrar a minha escrita em qualquer ponto da linha ou devo encostar nas margens esquerda e direita?

Em Língua Portuguesa, utilizamos os parágrafos justificados, ou seja, as palavras devem encostar na margem esquerda e na margem direita.

■ Se a palavra não couber inteira na linha, o que eu faço?

Para justificar o parágrafo na margem esquerda, é necessário algumas vezes fazer a divisão da palavra na translineação (passagem para a linha de baixo). Se houver espaço, podemos fazer isso com hífen; se não houver espaço para o hífen, sublinhamos a última sílaba daquela linha (assim: *transli- neação* ou *transli neação*).

■ 10.1. QUALIDADES FUNDAMENTAIS DO TEXTO

Entre as **qualidades** que qualquer texto deve possuir estão **a clareza, a concisão e a correção**, às quais se reduzem, de certo modo, todas as demais.

A importância da **clareza** decorre da própria finalidade maior da linguagem: propiciar ao homem a comunicação de seus pensamentos. **Quanto mais nitidamente alguém souber transmitir o que pensa, mais eficiente será a sua linguagem.**

A **concisão** é a **qualidade que nos ensina a prezar a economia verbal**, sem prejuízo da mais completa e perfeita eficácia da comunicação do pensamento. Ela contribui muito para a clareza. Porém, se nos preocupamos exageradamente com ela, corremos o risco de beirar o laconismo — que conduz à obscuridade e à imprecisão.

Dentro da diversidade de usos própria de toda língua — diversidade decorrente de fatores individuais, sociais, temporais ou geográficos —, não pode deixar de haver um padrão de linguagem que sirva de instrumento geral de comunicação: a **norma culta**, com a sua **correção** gramatical.

Curiosidade: Veja, no texto abaixo, se você consegue saber de que o autor trata.

Foi a abadessa[1]

Carlos Heitor Cony

Ninguém sabe como foi mas todos concordam que foi a abadessa. O preboste mandou instaurar um inquérito e o condestável ordenou que os arautos percorressem os caminhos anunciando que fora a abadessa. E o povo tremeu, ouvindo que fora a abadessa. Grandes flagelos, grandes angústias e penas desabariam sobre a cabeça do rei e do povo. Nada se podia fazer: a abadessa já havia feito. O arcipreste suspeitou do outro lado da notícia e baixou a bula cobrindo de opróbrio os verdugos que levassem a abadessa ao catafalco. Mas o esmoler-mor contestou o condestável e exigiu que em nome da fé e do rei a verdade fosse feita. Contestado, o condestável mobilizou seus arqueiros e concitou

o capelão a distribuir pão aos filhos do povo e aos camponeses famintos que se

levantaram contra a abadessa e contra a coisa que ela havia feito. Mais complicada ficou a situação quando o preboste envenenou o arcediago e o arcipreste caiu fulminado quando soube que a abadessa fugira em cima de um corcel de crinas ao vento. Os camponeses então resolveram voltar para suas terras, pois não valia a pena matar ou morrer por causa da coisa que a abadessa tinha ou não tinha feito. Ante a iminência do saque às cidades, o esmoler-mor ordenou que se queimassem as feiticeiras e numa só noite foram devoradas pelo fogo nada menos de 567 feiticeiras de diversos e criminosos feitios e malefícios. Os arautos percorreram novamente as cidades famintas e os campos devastados distribuindo hinos de louvor ao rei e à paz que voltava ao reino depois que a abadessa fizera a coisa. E estavam as coisas nesse pé — inclusive a coisa que a abadessa havia feito — quando, alta noite, surgiu no palácio, vinda dos campos, a assombrosa notícia de que não fora a abadessa que fizera a coisa pois coisa nenhuma havia sido feita. Reza a lenda que a abadessa, depois de muito cavalgar no seu corcel de crinas ao vento, em sabendo que não havia feito a coisa, resolveu fazê-la.

Carlos Heitor Cony é um dos maiores cronistas brasileiros; seu texto não tem clareza, mas isso é intencional! É um ótimo texto justamente por isso, por ter a ambiguidade como intenção.

Numa prova de redação isso seria reprovável.

Um bom trabalho de pesquisa será verificar o jornal da época em que a crônica foi publicada e tentar descobrir o fato que deu origem ao texto.

10.2. TIPOLOGIA TEXTUAL

Já vimos na interpretação de texto que as tipologias textuais são: descrição, narração e dissertação.

Sabemos que a descrição e a narração são textos figurativos e a dissertação representa o texto temático. **As provas de concurso, geralmente, trabalham com a dissertação.** Isso porque a intenção do examinador é saber se o candidato é capaz de organizar suas ideias em torno de temas apresentados.

É importante que, ao escrever um texto, não nos percamos nas tipologias.

Para relembrar, vejamos o quadro a seguir:

DESCRIÇÃO	NARRAÇÃO	DISSERTAÇÃO
É o retrato verbal, aquilo que vemos ou sentimos. Pode ser: a) objetiva: A casa é amarela. b) subjetiva: A casa é linda.	É o relato de um acontecimento, em que há personagens atuando em determinado tempo e espaço.	É a exposição de ideias, opiniões, pontos de vista, fundamentados em argumentos e raciocínios baseados em nossa experiência de mundo, nossas leituras, nossas abstrações. Divide-se em introdução, desenvolvimento e conclusão.
Dificilmente se encontram textos exclusivamente descritivos. O que ocorre, na maioria das vezes, é aparecerem trechos descritivos inseridos na narração ou na dissertação. Às vezes, um fragmento pode apresentar características próprias de cada uma das tipologias; será um texto misto em que predominará uma delas, não invalidando a existência das outras.		

Reveja na "Interpretação de texto" a explanação completa sobre esse assunto.

10.3. FIGURAS E TEMAS

Como já afirmamos e reafirmamos, a descrição e a narração são textos figurativos, ou seja, trabalham com a concretude; já a dissertação é um texto temático, trabalha com ideias, com abstrações.

Muitas vezes, a partir de um texto figurativo (descrição ou narração) temos de criar um texto temático (dissertação). Para isso precisamos transformar figuras em temas.

As figuras são as partes "concretas" do texto; já os temas são as partes abstratas dele.

Um exercício de reflexão faz com que cheguemos a temas a partir de figuras.

Por exemplo, pensemos no objeto "giz". Para que serve o giz? Para escrever na lousa. Onde, geralmente, encontramos a lousa? Na escola. O que se faz, na escola, com giz e lousa? Geralmente, o professor escreve na lousa com o giz aquilo que o aluno deve saber: o assunto a ser estudado, aprendido. Então, que abstração podemos fazer disso? Giz > lousa > assunto > conhecimento. Assim, podemos dizer que a figura "giz" nos remete ao tema "conhecimento" — giz, concreto; conhecimento, abstrato.

As histórias infantis estão cheias dessas simbologias: na história de Chapeuzinho Vermelho, o Lobo Mau representa o perigo; na história de Cinderela, a madrasta representa a maldade; e daí por diante.

Vejamos um texto infanto-juvenil de Ruth Rocha.

O homem e a galinha[2]

Era uma vez um homem que tinha uma galinha.

Era uma galinha como as outras.

Um dia a galinha botou um ovo de ouro.

O homem ficou contente. Chamou a mulher:

— Olha o ovo que a galinha botou.

A mulher ficou contente:

— Vamos ficar ricos!

E a mulher começou a tratar bem da galinha.

Todos os dias a mulher dava mingau para a galinha.

Dava pão de ló, dava até sorvete.
E todos os dias a galinha botava um ovo de ouro.
Vai que o marido disse:
— Pra que esse luxo com a galinha?
Nunca vi galinha comer pão de ló... Muito menos sorvete!
Então a mulher falou:
— É, mas esta é diferente. Ela bota ovos de ouro!
O marido não quis conversa:
— Acaba com isso, mulher. Galinha come é farelo.
Aí a mulher disse:
— E se ela não botar mais ovos de ouro?
— Bota sim! — o marido respondeu.
A mulher todos os dias dava farelo à galinha.
E todos os dias a galinha botava um ovo de ouro.
Vai que o marido disse:
— Farelo está muito caro, mulher, um dinheirão! A galinha pode muito bem comer milho.
— E se ela não botar mais ovos de ouro?
— Bota sim! — o marido respondeu.
Aí a mulher começou a dar milho pra galinha.
E todos os dias a galinha botava um ovo de ouro.
Vai que o marido disse:
— Pra que esse luxo de dar milho pra galinha? Ela que cate o de-comer no quintal!
— E se ela não botar mais ovos de ouro? — a mulher perguntou.
— Bota sim! — o marido falou.
E a mulher soltou a galinha no quintal.
Ela catava sozinha a comida dela.
Todos os dias a galinha botava um ovo de ouro.
Um dia a galinha encontrou o portão aberto.
Foi embora e não voltou mais.
Dizem, eu não sei, que ela agora está numa boa casa onde tratam dela a pão de ló.

Temos as seguintes figuras: homem, mulher, galinha, ovos de ouro, mingau, pão de ló, sorvete, farelo, milho, de-comer no quintal, portão aberto.

Podemos começar a abstração pensando que a galinha trabalha produzindo os ovos de ouro para o homem e a mulher, recebendo em troca um pagamento — que pouco a pouco vai diminuindo —, até o dia em que encontra novas oportunidades e os deixa.

Se transferirmos isso para as relações humanas, podemos ter: o patrão ganancioso, o trabalhador e o fruto do seu trabalho, o salário.

Como a produção é sempre a mesma, e o salário fica cada vez menor, o patrão acumula cada vez mais riqueza. Podemos, então, chegar à ideia de "exploração".

Note-se que, a partir de figuras, chegamos ao tema. Se fosse o texto motivador de uma prova dissertativa, teríamos de escrever sobre "exploração".

10.4. DISSERTAÇÃO OBJETIVA

A apresentação de uma ideia pode ser feita de duas maneiras: subjetiva ou objetivamente.

Quando simplesmente expomos nossas ideias sem intenção alguma, estamos trabalhando com a subjetividade.

Quando expomos nossas ideias com a intenção de convencer o outro a respeito delas, com a intenção de persuadir o outro, estamos trabalhando com a objetividade.

A **dissertação objetiva é aquela que** leva o leitor a aceitar as ideias de quem a escreve, ou seja, aquela que **convence, prova, persuade**. Para isso, então, é necessário que se empreguem alguns recursos argumentativos.

10.4.1. Argumentação

Argumentar é fornecer razões para que se aceite aquilo que se está dizendo, para que se aceite a tese proposta, o posicionamento assumido frente a um tema. **Argumentar é persuadir, levar o outro a aderir ao que se diz.**

Argumentação, de acordo com a etimologia da palavra *argumento*, vem do latim *argumentum*, palavra formada com o tema *argu-* (como em *arguto, argúcia, argênteo*), e significa "fazer brilhar", "fazer cintilar". Argumento é, então, tudo aquilo que ressalta, faz brilhar, faz cintilar uma ideia; é o procedimento linguístico utilizado com o intuito de se fazer aceitar o que está sendo dito, persuadir, levar a crer.

A argumentação pode estar **baseada na estrutura da realidade, no consenso, em fatos ou no raciocínio lógico**. Vejamos passo a passo cada um desses aspectos.

10.4.1.1. Argumento baseado na estrutura da realidade

Nesse tipo de argumentação usamos as **relações de causa e efeito ou de pessoa e ato**.

Se afirmamos que "estudar com afinco, com dedicação" faz com que "sejamos aprovados no concurso", estamos trabalhando com causa e efeito. Se dizemos: "Investir na boa educação e bem-estar do menor hoje é formar cidadãos de bem para o futuro." — utilizamos um argumento baseado na estrutura da realidade (causa e efeito).

Já na relação de pessoa e ato, está em foco a reputação do indivíduo em dado domínio. O prestígio de uma pessoa serve de base para o argumento de autoridade.

O argumento de autoridade é a citação dos pontos de vista de um autor reconhecido (pode ser também uma revista, um jornal etc.) em determinado campo da experiência como meio de prova em favor de uma tese.

Isso acontece quando escrevemos: "O tratamento da Aids no Brasil é referência para

todos os outros países, conforme afirmou o Dr. Drauzio Varella."; ou, então, "O ministro teve um enriquecimento muito elevado nos últimos quatro anos, de acordo com matéria publicada no jornal *Folha de S.Paulo*".

10.4.1.2. Argumento baseado no consenso

É aquele aceito por todos por representar **verdade universal, um axioma**. Quando dizemos que a Terra é azul, estamos trabalhando com um fato. Ao afirmarmos que a menor distância entre dois pontos é a reta, trabalhamos com um fato.

Criança que estuda tem um futuro promissor — isso é um fato.

Agora, não podemos cair no equívoco dos lugares-comuns: o crime não compensa, o brasileiro é preguiçoso, os políticos não prestam. Isso é um erro.

10.4.1.3. Argumento baseado em fatos

É o argumento apoiado em **elementos da realidade**. Se dizemos apenas "João é bom motorista", não há força em nossa fala, mas se dizemos "João é bom motorista. Nesses 25 anos de caminhoneiro, nunca sofreu ou causou um acidente.", esse dado da realidade comprova a tese de que "João é bom motorista".

Podemos ainda trabalhar com o **exemplo (do particular para o geral)** ou com a **ilustração (do geral para o particular):**

"Na semana passada, vários secretários da administração pública municipal foram presos, por corrupção passiva. Existe corrupção em nossa cidade." — exemplo: partimos de um caso particular para elaborarmos uma tese geral.

"Os nossos jogadores de futebol, assim que começam a se destacar aqui em nosso país, logo são vendidos para times internacionais. É o que aconteceu com Ronaldo Fenômeno, que passou a maior parte de sua carreira no exterior." — ilustração: partimos de um fato genérico para um caso particular.

10.4.1.4. Argumento lógico

É o argumento que utiliza a estrutura dos **raciocínios lógicos formais**, baseia-se em relações nem sempre verdadeiras — por isso alguns estudiosos classificam esse argumento de *quase lógico*.

Podemos exemplificar de maneira bem simples:

"Se todas as aves têm penas, e o pinguim é uma ave; logo, o pinguim tem penas."

"Se a Constituição garante que todos são iguais perante a lei, meu cliente não pode sofrer tal discriminação."

Ou, de maneira mais sutil, "Mulher de amigo meu é homem".

"Os amigos dos meus amigos são meus amigos."

"Há excelentes atrizes no Brasil, mas Fernanda Montenegro é Fernanda Montenegro."

Incluem-se aqui os ***prós e contras*:** que trabalham com **argumentos aplicáveis ou não aplicáveis à comprovação de uma tese**, por exemplo: "O aborto pode dar à mulher o

direito de decidir se deseja ou não ser mãe naquele momento, mas trará a ela uma série de problemas com os quais deverá conviver pelo restante de sua vida, e não se trata apenas de problemas somáticos, serão problemas psicológicos, talvez, mais nefastos que os de saúde".

Curiosidade: Eis uma aula de redação dada pelo Padre Antonio Vieira.
Sermão da Sexagésima[3]
O sermão há de ser duma só cor, há de ter um só objeto, um só assunto, uma só matéria. Há de tomar o pregador uma só matéria, há de defini-la para que se conheça, há de dividi-la para que se distinga, há de prová-la com a Escritura, há de declará-la com a razão, há de confirmá-la com o exemplo, há de amplificá-la com as causas, com os efeitos, com

as circunstâncias, com as conveniências que se hão de seguir, com os inconvenientes que se devem evitar, há de responder às dúvidas, há de satisfazer às dificuldades, há de impugnar e refutar com toda a força da eloquência os argumentos contrários, e depois disso há de colher, há de apertar, há de concluir, há de persuadir, há de acabar. Isto é sermão, isto é pregar, e o que não é isto é falar de mais alto. Não nego nem quero dizer que o sermão não haja de ter variedade de discursos, mas esses hão de nascer todos da mesma matéria, e continuar e acabar nela.

Note que Pe. Vieira trata de alguns recursos argumentativos:
a) fala de autoridade:
"há de prová-la com a Escritura"
b) raciocínio lógico:
"há de declará-la com a razão"
c) exemplificação:
"há de confirmá-la com o exemplo"
d) prós e contras:
"há de amplificá-la com as causas, com os efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências que se hão de seguir, com os inconvenientes que se devem evitar".

10.4.2. Defeitos da argumentação

Ao produzirmos o texto, devemos tomar cuidado para não incorrer em alguns erros comuns. Alguns deles são:

10.4.2.1. Tautologia

É a **repetição** (desnecessária) de uma ideia, a redundância:
"Fumar faz mal à saúde, porque prejudica o organismo."
"O homem, que pensa, é racional, e assim age de acordo com sua consciência."

10.4.2.2. Noção semiformalizada

Consiste no emprego de palavras, expressões, **conceitos que se usam de maneira equivocada:**

"Se apareceram ciganos no seu bairro, cuidado! Eles podem roubar sua casa e raptar seus filhos." — há uma noção de que os ciganos são pessoas más, que roubam e raptam crianças.

"Essa terra é terra de ninguém, uma bagunça só, sem lei, sem ordem: isso é anarquia!" — há uma noção equivocada sobre "anarquia".

10.4.2.3. Noção confusa

É o uso de **palavra com extensão de sentido muito ampla**, dando margem a interpretações diversas. Vejamos o exemplo encontrado em Platão & Fiorin:[4]

"— Reagan, em defesa da *liberdade* dos povos latino-americanos, solicita ao Congresso americano verbas para apoiar os movimentos contrários ao governo da Nicarágua.

— Daniel Ortega, presidente da Nicarágua, em nome da *liberdade* dos povos latino-americanos, solicita, na ONU, sanções contra os Estados Unidos pelo apoio que vêm dando aos movimentos contrários ao governo revolucionário."

A palavra "liberdade" tem um vasto campo de sentido, por isso a noção confusa nos exemplos dados. Para evitar isso precisamos delimitar o sentido do termo que queremos empregar: "Liberdade, do ponto de vista...".

10.4.2.4. Generalização

É o emprego das **totalidades indeterminadas:**

"Todo político é corrupto."

"No Brasil a população é muito feliz."

"Não existe pessoa que não se preocupe com o futuro."

Para evitar isso devemos empregar as expressões partitivas: "Alguns políticos são corruptos"; "Boa parte da população brasileira é feliz"; "A maioria das pessoas se preocupa com o futuro".

10.4.2.5. Erro pelo exemplo ou ilustração

É o **uso indevido**, por descuido ou desconhecimento, **de exemplos e ilustrações**.

"Metade da população brasileira vive com menos de um salário mínimo" — esse dado não corresponde à realidade. Antes de usarmos um exemplo ou ilustração, precisamos saber de sua veracidade.

"Há vários exemplos, na história recente do Brasil, de luta pela liberdade; Tiradentes é um deles" — se o texto foi escrito no século 18 é um bom exemplo, mas se foi escrito no século 21, peca pelo uso do adjetivo "recente".

10.4.2.6. Erro pela conclusão

Esse erro surge quando, ao construirmos um raciocínio lógico, empregamos **premissas falsas**.

"Todas as aves voam. A galinha é uma ave. Logo: a galinha voa." — está errado, pois "galinha" não voa. O problema está na premissa "Todas as aves voam." Nem todas as aves voam; existem aves que não voam.

10.4.3. Discurso dissertativo de caráter científico

A dissertação objetiva requer que se utilize o **nível formal da linguagem**.[5] **Para atingirmos esse nível, devemos deixar de lado alguns itens (mesmo considerados corretos pela gramática normativa) e utilizar outros.**

Vejamos o que não se pode usar e quais os recursos empregados para suprir essas ausências.

NÃO SE USAM:	USAM-SE:
1a pessoa do singular: Acredito ser a pena de morte... / Na minha opinião, a pena de morte é...	1a pessoa do plural: Acreditamos ser a pena de morte... / Na nossa opinião, a pena de morte é... sujeito indeterminado: Acreditam ser a pena de morte... / Acredita-se que a pena de morte é... sujeito paciente: A pena de morte é vista... oração sem sujeito: Há a pena de morte como...
conotação/gíria — sentido figurado (metáforas, ironias etc.)	denotação — palavras empregadas em seu sentido real

10.5. PROGRESSÃO DISCURSIVA

Um **bom texto** deve obedecer a duas regras básicas: **apresentar continuidade semântica** e **ter progressão de ideias**. Isso pode parecer paradoxal, mas não o é. A continuidade semântica é obtida pela unidade temática, e a progressão, pelo acréscimo de informação nova.

Essa continuidade temática foi vista na Interpretação de Texto, é a coerência. É ela que mantém a unidade e dá conta da produção de sentido do texto, é ela que faz um texto ser um texto. Porém, como dissemos no capítulo sobre Interpretação, não se pode repetir ideias, não se pode repetir segmentos de mesmo significado. Cada segmento deve somar uma informação nova à informação dada. Por isso o texto é a organização de partes distintas que produzem um conjunto uniforme.

Vejamos alguns exemplos:

> "Estou começando a me sentir vazia, desesperançosa e oca. O vazio me invade e sinto um tremendo vazio dentro de mim."[6]

> "Cada recessão tem um custo violentíssimo permanente, que dura para sempre, para a sociedade."[7]

Esses são textos circulares — tautológicos —, em que se repetem as ideias. Não devemos construir um texto assim.

Vejamos agora, para efeito de comparação, um bom texto de José de Alencar.

"A tarde ia morrendo.

O sol declinava no horizonte e deitava-se sobre as grandes florestas, que iluminava com os seus últimos raios.

A luz frouxa e suave do ocaso, deslizando pela verde alcatifa, enrolava-se como ondas de ouro e de púrpura sobre a folhagem das árvores.

Os espinheiros silvestres desatavam as flores alvas e delicadas; e o ouricuri abria suas palmas mais novas, para receber no seu cálice o orvalho da noite. Os animais retardados procuravam a pousada, enquanto a juriti, chamando a companheira, soltava os arrulhos doces e saudosos com que se despede do dia.

Um concerto de notas graves saudava o pôr do sol e confundia-se com o rumor da cascata, que parecia quebrar a aspereza de sua queda e ceder à doce influência da tarde.

Era a Ave-Maria."[8]

Note-se que cada frase acrescenta uma informação nova à descrição do cair da tarde. Isso é um bom texto.

Para que não fique dúvidas a respeito da progressão textual, releia os itens "Coesão" e "Coerência" em "Interpretação de Texto".

10.6. DICAS PARA SE ESCREVER BEM

A internet é hoje uma ferramenta de pesquisa imprescindível, porém devemos tomar cuidado com aquilo que encontramos, pois nem sempre a fonte é confiável. Nas páginas virtuais encontramos de tudo um pouco, algumas coisas muito boas e algumas coisas muito ruins, por isso é sempre necessário usar o bom senso na hora de citar algo retirado desse meio.

Numa dessas pesquisas, deparei-me com algumas dicas para se escrever bem. Tentei localizar o autor dessas dicas, mas sem resultado. Percebi que muitas pessoas divulgaram tais dicas, sem mencionar a fonte. Como são muito eficientes, eu as utilizo aqui também. São elas:

- Vc. deve evitar ao máx. abrev. etc.
- Desnecessário faz-se empregar estilo de escrita demasiadamente rebuscado, segundo deve ser do conhecimento inexorável dos copidesques. Tal prática advém de esmero excessivo que beira o exibicionismo narcisístico.
- Anule aliterações altamente abusivas.
- "não se esqueça das maiúsculas", como já dizia dona loreta, minha professora lá no colégio alexandre de gusmão, no ipiranga.
- Evite lugares-comuns assim como o diabo foge da cruz.
- Estrangeirismos estão *out*; palavras de origem portuguesa estão *in*.
- Chute o balde no emprego de gíria, mesmo que sejam maneiras, tá ligado?
- Palavras de baixo calão podem transformar seu texto numa merda.
- Nunca generalize: generalizar, em todas as situações, sempre é um erro.

- Evite repetir a mesma palavra, pois essa palavra vai ficar uma palavra repetitiva. A repetição da palavra vai fazer com que a palavra repetida desqualifique o texto no qual a palavra se encontra repetida.
- Não abuse nas citações. Como costuma dizer meu amigo: "Quem cita os outros não tem ideias próprias".
- Frases incompletas podem causar...
- Não seja redundante, não é preciso dizer a mesma coisa de formas diferentes; isto é, basta mencionar cada argumento uma só vez. Em outras palavras, não fique repetindo a mesma ideia.
- Seja mais ou menos específico.
- Frases com apenas uma palavra? Jamais!
- Use a pontuação corretamente o ponto e a vírgula especialmente será que ninguém sabe mais usar o sinal de interrogação
- Quem precisa de perguntas retóricas?
- Conforme recomenda a A.G.O.P, nunca use siglas desconhecidas.
- Exagerar é cem bilhões de vezes pior do que a moderação.
- Evite mesóclises. Repita comigo: "mesóclises: evitá-las-ei!"
- Analogias na escrita são tão úteis quanto chifres numa galinha.
- Não abuse das exclamações! Nunca! Seu texto fica horrível!
- Evite frases exageradamente longas, pois estas dificultam a compreensão da ideia contida nelas, e, concomitantemente, por conterem mais de uma ideia central, o que nem sempre torna o seu conteúdo acessível, forçando, desta forma, o pobre leitor a separá-las em seus componentes diversos, de forma a torná-las compreensíveis, o que não deveria ser, afinal de contas, parte do processo da leitura, hábito que devemos estimular através do uso de frases mais curtas.
- Cuidado com hortografia, para não estrupar a língüa portuguêza.
- Seja incisivo e coerente, ou não.

10.7. TÉCNICA DE REDAÇÃO

Para se escrever um bom texto é preciso planejamento.

Seguem abaixo dez passos para a produção de um bom texto.

- 1º passo:

Definir o tema e o posicionamento perante ele.

Algumas provas de redação nos apresentam os textos motivadores e o tema específico que se deve seguir. Outras provas dão-nos apenas o texto motivador. Nesse caso, para se chegar ao tema, devemos perceber a ideia central do texto. Depois disso, assumir um posicionamento diante dele. Não é possível escrever sobre algo sem tomar um partido, uma linha de raciocínio e sem definir um ponto de chegada. Isso tudo deve ser feito antes de começar a escrever, para que o texto não se torne vago.

■ 2º passo:

Relacionar, em forma de tópicos, todos os assuntos ligados ao tema.

É o que costumamos chamar de "brainstorming". Agora que já se tem o tema definido, devem-se anotar todas as ideias relacionadas ao tema, sem nenhuma preocupação, sem nenhuma censura, sem nenhum desenvolvimento, pois assim você estará ampliando seu contato com o tema. Faça isso em forma de tópicos, de forma breve, sem se estender no desenvolvimento da ideia, apenas para assegurar-se de que haja assunto para o seu texto.

■ 3º passo:

Cortar alguns assuntos da relação preparada no passo anterior.

Agora é o momento da reflexão, da censura, do bom senso. Neste passo, você deve reler um a um os assuntos elencados e verificar se eles podem ou não fazer parte do seu texto. Seja criterioso, verifique se aquele item merece ser utilizado ou desprezado. Uma maneira de chegar a essa decisão é perguntar a você mesmo sobre cada item: Eu sei falar disso? Isso é relevante para o meu tema? Isso é de fácil desenvolvimento, ou despenderei muito tempo para tentar explanar tal assunto? Isso vai ao encontro do meu posicionamento? Isso pode contrariar o meu posicionamento? Isso, apesar de estar ligado ao tema, pode causar alguma divagação dentro do meu texto? Isso é importante, ou representa uma ideia secundária? Ao utilizar isso eu me mantenho dentro do tema, ou crio um viés para o texto? Ao responder a essas perguntas com consciência e segurança, você cortará muitos itens e deixará muitos outros; deixará justamente os mais relevantes para o seu texto.

■ 4º passo:

Agrupar os assuntos que se relacionam em blocos de ideias.

Até aqui você fez uma coleta aleatória de ideias e definiu as que devem ou não fazer parte do seu texto. Chegou a hora de começar a ordená-las. O primeiro nível de organização é juntar as ideias que se correlacionam, pois se você escreve o seu texto as utilizando na sequência em que as relacionou corre o risco de repetir uma ou outra ideia em parágrafos diferentes; e isso não deve acontecer — cada parágrafo deve trazer um assunto, que não pode ser apresentado em outro. Aqui sua redação já começa a tomar forma. Releia os itens que você "deixou" na sua redação, algum deles se relaciona com outro? Um traz o mesmo teor ideológico de outro ou outros? Isso faz com que você organize os itens listados em blocos, e cada bloco então representa um parágrafo.

■ 5º passo:

Organizar os blocos de assuntos numa sequência lógico-progressiva.

É preciso dar ao seu texto uma progressão, para isso você deve dar uma sequência lógica aos parágrafos do seu texto, ou seja, uma sequência lógica aos blocos resultantes do 4o passo. Você deve trabalhar com as ideias de causa e consequência, anterioridade e posterioridade — veja o que vem antes e o que pode ser consequência. Fazendo isso, você não corre o risco de se perder na escrita do seu texto, pois ele se desenvolverá de

maneira linear, o que é bom para qualquer redação. Nesse passo, você já tem pronto todo o desenvolvimento de sua redação, de forma sintética, mas pronto e organizado.

- 6º passo:

Criar o parágrafo de introdução.

No 1o passo se pensou apenas no tema e no posicionamento, porém, ainda não se redigiu propriamente o parágrafo de introdução. O momento de fazer isso é agora, pois você já tem consciência de tudo que estará no seu texto, assim fica mais fácil criar a introdução. Lembre-se de que ela deve ser clara, concisa e objetiva, e deve apresentar o seu posicionamento. Não se perca em divagações, não tente provar nenhuma ideia nesse parágrafo, pois isso você faz no desenvolvimento.

- 7º passo:

Escrever os parágrafos de desenvolvimento.

Todas as ideias que você utilizará no seu texto já estão relacionadas, selecionadas, agrupadas e sequencializadas; resta agora transformar aqueles "blocos" do 5o passo em frases, orações, períodos. A partir da ideia predefinida, acrescente verbos, adjetivos, advérbios, ou seja, dê materialidade à sua ideia, transforme-a em períodos — simples ou compostos.

- 8º passo:

Escrever a conclusão.

Seu texto já está pronto, falta apenas finalizá-lo. A melhor maneira de fazer isso é retornar ao tema e reafirmar seu posicionamento frente a ele. Para isso basta que se faça uma paráfrase do parágrafo de introdução. Você deve escrever as mesmas coisas da introdução, com outras palavras, sem mais nem menos. É assim que se faz uma boa conclusão.

- 9º passo:

Revisão.

Você preparou um rascunho e, durante o fluxo de ideias, não se preocupou muito com alguns aspectos formais do texto. Chegou a hora de verificar isso: faça uma revisão gramatical quanto a: ortografia, acentuação, pontuação, concordância, regência, crase, colocação pronominal. Verifique também a organização das frases, evitando assim ambiguidades. Observe se não há repetição de palavras e outros vícios como rimas, ecos, aliterações. Tudo isso se faz nesse momento de releitura do texto pronto.

- 10º passo:

Passar a limpo.

Seu texto está pronto, deve ser passado para a folha a ser entregue ao examinador. Lembre-se de que a estética é um fator importante: faça a marcação adequada dos parágrafos, respeite as margens esquerda e direita (justificadas), utilize letra legível e evite rasuras.

Vejamos isso tudo na prática. Vamos produzir uma redação como as solicitadas por várias bancas examinadoras.

Proposta de Redação

Escreva um texto dissertativo sobre a ideia apresentada no texto abaixo.

A identidade da mulher e do homem na sociedade atual [9]
Maria Anunciação Souza (com adaptações)

Por muitos e muitos anos, homens e mulheres tinham papéis muito bem definidos, e que eram encarados quase que como destinos inevitáveis. Era o homem quem decidia com quem iria se casar, quantos filhos teria, onde a família iria morar e tantas outras decisões estabelecidas ao homem, pelas tradições culturais da sociedade. Ele era o "cabeça" do casal, o "chefe" da família, o "mantenedor" das necessidades dos filhos e da mulher, tendo sob sua responsabilidade a manutenção de um abrigo, dando proteção e alimento.

Tudo era decidido pelo homem e para o homem. E assim, o homem era ensinado, desde a tenra idade, a ser forte, autoconfiante, dedicado ao trabalho, ensinado a viver uma relação de dominador no ambiente (com a submissão da mulher), a ter sob domínio rígido os seus sentimentos pessoais, a "possuir" a mulher como objeto exclusivo, somente ele ter prazer nas relações sexuais, ou até ter outras mulheres. No trabalho e na sociedade, o homem era valorizado pelo sucesso que obtinha, pelo poder sobre as pessoas e coisas, em especial pela quantidade que obtinha de dinheiro e bens materiais, pela competição que fazia com outros. E com essa escala de valores incutida nele, o homem acreditava que seu valor pessoal se media pelo sucesso profissional, pelo dinheiro e pelo seu desempenho sexual.

A mulher nem sempre desempenhou as mesmas funções do homem na sociedade. O máximo que se permitia à mulher era ser professora ou somente exercer o papel de dona de casa, mãe e esposa. Dessa forma, ela vivia em função do homem, por isso era pouco valorizada. Era inferiorizada, não tinha voz na família e nem na sociedade e, por séculos, foi impedida de ter uma profissão, de votar e ser votada, de escolher o marido etc.

Se em outras épocas, ela ficava circunscrita às paredes de sua casa, hoje a mulher "abandonou" o lar e foi para o mercado de trabalho objetivando compor a renda familiar.

Quando se criou a necessidade de a mulher enfrentar o mercado de trabalho, ela aos poucos conquistou seu espaço. Hoje a mulher exerce várias funções. Além de dona de casa, mãe e esposa, ela tem sua profissão. Assim sendo, atualmente a mulher exerce todas as funções que antes eram executadas pelo homem, conquistando seu espaço. Está à frente das grandes pesquisas tecnológicas e científicas mundiais mostrando sua capacidade.

Sabe-se que a mulher exerce dupla função. Se ela é capaz de exercer tudo que o homem

executava, cabe ao homem deixar de lado o preconceito e ajudá-la nas tarefas diárias.

A realidade atual está colocando desafios para muitos homens que ainda não estão conscientes dos novos papéis que a sociedade moderna está a lhes atribuir, para que modifiquem sua atuação como homem: um homem que, com a mulher (em qualquer situação, seja de casal, profissional ou social), estabeleça uma relação de igualdade e de respeito e não mais como agia antes — com atitudes de poder, de mando e de dominação.

Os desafios estão aí na sociedade atual, para a mudança dos papéis do homem e da mulher. Mas, é necessário que ambos acordem para essa necessidade de quebra de paradigmas, que experimentem novas formas de comportamento.

Lembre-se de que aquilo que faremos a seguir é um exemplo de utilização da técnica. Portanto, as conclusões a que chegarmos serão *possibilidades* apenas; cada pessoa pode ter uma opinião diferente a respeito do mesmo fato.

■ 1º passo:

Definir o tema e o posicionamento frente a ele.

As imagens/figuras que aparecem no nosso texto motivador são:

— homem
— mulher
— papel social masculino
— papel social feminino
— transformações sociais
— desafios da sociedade atual
— adaptação da mulher à nova realidade
— adaptação do homem à nova realidade
— convivência harmoniosa

A partir dessas imagens/figuras podemos fazer abstrações: o homem deixa de ser o todo-poderoso; a mulher passa a ter voz na sociedade; é necessário que ambos se adaptem a essa nova constituição social.

Chegamos ao tema: *As transformações nos papéis sociais feminino e masculino*.

Agora, devemos estabelecer um posicionamento: se o texto de Maria Anunciação Souza fala de *mudanças e afirma que devemos nos adaptar a elas para que a vida seja harmoniosa*, o melhor a fazer é seguir essa direção argumentativa — para evitar polêmica.[10] Então vamos falar das "transformações nos papéis sociais feminino e masculino" de forma positiva, reafirmando a necessidade de adaptação e convivência harmônica entre os sexos.

■ 2º passo:

Relacionar, em forma de tópicos, todos os assuntos ligados ao tema.

Tudo que vier à memória será anotado. Vamos lá:

— mulher no mercado de trabalho
— aumento no número de divórcios
— dupla jornada da mulher
— educação dos filhos
— homem em profissões femininas
— machismo
— feminismo
— mulher em profissões masculinas
— mulher na política
— mulher ajudando na renda familiar
— mulher na universidade
— homem metrossexual
— novas formas de constituição das famílias
— mulher provedora do lar
— diferenças salariais entre homem e mulher
— assédio sexual
— a mulher com direito ao voto
— sociedade capitalista
— divisão de tarefas domésticas
— eletrodomésticos que facilitam a vida em casa
— Lei Maria da Penha
— homem submisso
— direitos adquiridos pela mulher

Cremos ter feito uma boa lista, por isso vamos ao próximo passo.

■ 3º passo:

Cortar alguns assuntos da relação preparada no passo anterior.

Agora sejamos criteriosos para eliminar aqueles itens sobre os quais não queremos/podemos falar.

— mulher no mercado de trabalho
— aumento no número de divórcios
— dupla jornada da mulher
— educação dos filhos
— homem em profissões femininas
— machismo
— feminismo
— mulher em profissões masculinas
— mulher na política

— mulher ajudando na renda familiar
— mulher na universidade
— homem metrossexual
— novas formas de constituição das famílias
— mulher provedora do lar
— diferenças salariais entre homem e mulher
— assédio sexual
— a mulher com direito ao voto
— sociedade capitalista
— divisão de tarefas domésticas
— eletrodomésticos que facilitam a vida em casa
— Lei Maria da Penha
— homem submisso
— direitos adquiridos pela mulher

■ 4º passo:

Agrupar os assuntos que se relacionam em blocos de ideias.

Vejamos os itens que restaram, e o que se junta a que:

— mulher no mercado de trabalho
— dupla jornada da mulher
— educação dos filhos
— homem em profissões femininas
— mulher em profissões masculinas
— mulher ajudando na renda familiar
— mulher na universidade
— mulher provedora do lar
— diferenças salariais entre homem e mulher
— divisão de tarefas domésticas
— direitos adquiridos pela mulher

Relendo os itens acima, percebamos alguns núcleos informativos. Um núcleo evidente é o núcleo "casa", pois temos: "educação dos filhos", "divisão de tarefas" etc. Outro núcleo é o do "trabalho": "mulher no mercado de trabalho" etc. Outro núcleo e o dos "direitos", pois temos "direitos adquiridos pelas mulheres".

Façamos, então, o seguinte agrupamento:

— dupla jornada da mulher / educação dos filhos / divisão de tarefas domésticas / mulher provedora do lar

— homem em profissões femininas / mulher em profissões masculinas / mulher no mercado de trabalho / mulher ajudando na renda familiar / diferenças salariais entre homem e mulher

— mulher na universidade / direitos adquiridos pela mulher

Não se esqueça de que isso é um exemplo, outras possibilidades existem.

■ 5º passo:

Organizar os blocos de assuntos numa sequência lógico-progressiva.

Vejamos o que é causa e o que é consequência.

a) A mulher primeiro divide as tarefas domésticas com o homem, depois vai para o mercado de trabalho, depois conquista os seus direitos?

b) A mulher primeiro conquista os seus direitos, depois divide as tarefas domésticas com o homem, depois vai para o mercado de trabalho?

c) A mulher primeiro vai para o mercado de trabalho, depois conquista os seus direitos, depois divide as tarefas domésticas com o homem?

Vamos optar por:

— Primeiro a mulher vai para o mercado de trabalho.
— Em seguida começa a dividir as tarefas domésticas com os homens.
— E por fim conquista seus plenos direitos.

Então nossa organização será:

— homem em profissões femininas / mulher em profissões masculinas / mulher no mercado de trabalho / mulher ajudando na renda familiar / diferenças salariais entre homem e mulher

— dupla jornada da mulher / educação dos filhos / divisão de tarefas domésticas / mulher provedora do lar

— mulher na universidade / direitos adquiridos pela mulher

Agora é necessário organizar os blocos internamente:

— a) mulher no mercado de trabalho / b) mulher ajudando na renda familiar / mulher em profissões masculinas / c) homem em profissões femininas / d) diferenças salariais entre homem e mulher

— a) dupla jornada da mulher / b) divisão de tarefas domésticas / c) educação dos filhos / d) mulher provedora do lar

— a) mulher na universidade / b) direitos adquiridos pela mulher

■ 6º passo:

Criar o parágrafo de introdução.

A sociedade passa por transformação que se reflete no comportamento do homem e da mulher. É necessário que ambos se adaptem à nova organização social para garantir uma convivência harmoniosa.

■ 7º passo:

Escrever os parágrafos de desenvolvimento.

Houve um tempo em que o homem trabalhava na rua e a mulher cuidava da casa. Hoje isso está mudando. A mulher, cada vez mais, se posiciona no mercado de trabalho, ou para alcançar a sua independência financeira ou para ajudar na renda familiar, pois nem sempre é possível satisfazer as novas necessidades da vida moderna com o salário de apenas uma pessoa em casa — no caso, o marido. Vemos muitas mulheres assumindo profissões antes dominadas exclusivamente por homens — Maria Anunciação Souza, em artigo publicado no *site* webartigos.com, afirma: "Se em outras épocas, ela ficava circunscrita às paredes de sua casa, hoje a mulher 'abandonou' o lar e foi para o mercado de trabalho objetivando compor a renda familiar". Há também homens desempenhando funções que antes eram exclusivas das mulheres. Apesar dessa boa relação no mercado de trabalho, a mulher ainda sofre discriminação salarial. Algumas mulheres desempenhando a mesma função que um homem chegam a receber salário até 30% menor. Isso tende a mudar, pois estamos caminhando para a igualdade.

Como a mulher sempre foi a "dona de casa", ela ainda sofre — muitas vezes — com a dupla jornada, pois além de dar expediente no trabalho ainda tem os afazeres domésticos. Muitos homens conscientes hoje já dividem com as mulheres as tarefas domésticas, criando assim uma relação mais justa. Atualmente, não só a mulher cuida dos filhos como também o homem — no passado a mulher cuidava da educação e o homem da provisão financeira —; algumas mulheres até assumem sozinhas a provisão do lar, conquistando, assim, independência financeira.

Com essa luta diária e essa vontade de assumir um lugar diferente na sociedade, as mulheres se empenharam em aumentar seu grau de instrução. Hoje, no Brasil, o número de universitárias é maior que o de universitários, de acordo com dados do Censo do IBGE de 2010. Isso mostra que elas têm lutado por direitos e conquistado muitos deles. Exemplo disso é a criação da Lei Maria da Penha. A Constituição Federal de 1988 garante isso: direitos iguais entre os sexos.

■ 8º passo:

Escrever a conclusão.

Para que vivam em harmonia, é preciso que homem e mulher aceitem as mudanças do mundo moderno e comportem-se de acordo com essa nova realidade.

■ 9º passo:

Revisão.

■ 10º passo:

Passar a limpo.

Eis a redação pronta, ou melhor, uma possível redação pronta.

A sociedade passa por transformação que se reflete no comportamento do homem e da mulher. É necessário que ambos se adaptem à nova organização social para garantir uma convivência harmoniosa.

Houve um tempo em que o homem trabalhava na rua e a mulher cuidava da casa. Hoje isso está mudando. A mulher, cada vez mais, se posiciona no mercado de trabalho, ou para alcançar a sua independência financeira ou para ajudar na renda familiar, pois nem sempre é possível satisfazer as novas necessidades da vida moderna com o salário de apenas uma pessoa em casa — no caso, o do marido. Vemos muitas mulheres assumindo profissões antes dominadas exclusivamente por homens — Maria Anunciação Souza, em artigo publicado no *site* webartigos.com, afirma: "Se em outras épocas, ela ficava circunscrita às paredes de sua casa, hoje a mulher 'abandonou' o lar e foi para o mercado de trabalho objetivando compor a renda familiar". Há também homens desempenhando funções que antes eram exclusivas das mulheres. Apesar dessa boa relação no mercado de trabalho, a mulher ainda sofre discriminação salarial. Algumas mulheres desempenhando a mesma função que um homem chegam a receber salário até 30% menor. Isso tende a mudar, pois estamos caminhando para a igualdade.

Como a mulher sempre foi a "dona de casa", ela ainda sofre — muitas vezes — com a dupla jornada, pois além de dar expediente no trabalho ainda tem os afazeres domésticos. Muitos homens conscientes hoje já dividem com as mulheres as tarefas domésticas, criando assim uma relação mais justa. Atualmente, não só a mulher cuida dos filhos como também o homem — no passado a mulher cuidava da educação e o homem da provisão financeira —; algumas mulheres até assumem sozinhas a provisão do lar, conquistando, assim, independência financeira.

Com essa luta diária e essa vontade de assumir um lugar diferente na sociedade, as mulheres se empenharam em aumentar seu grau de instrução. Hoje, no Brasil, o número de universitárias é maior que o de universitários, de acordo com dados do Censo do IBGE de 2010. Isso mostra que elas têm lutado por direitos e conquistado muitos deles. Exemplo disso é a criação da Lei Maria da Penha. A Constituição Federal de 1988 garante isso: direitos iguais entre os sexos.

Para que vivam em harmonia, é preciso que homem e mulher aceitem as mudanças do mundo moderno e comportem-se de acordo com essa nova realidade.

10.8. TEMAS DE ATUALIDADES

A maioria das provas de redação exige do candidato conhecimento de atualidades, para que possa desenvolver o seu texto. Para isso, é preciso estar inteirado constantemente sobre economia, política, cultura, entre outros assuntos.

Quando se fala em atualidades, pensa-se nos últimos seis meses que antecedem a data da prova, e a maneira mais eficiente de se chegar a isso é a leitura de jornais e revistas, mas também temos como meios disponíveis a televisão, o rádio, a internet e até mesmo a conversa com amigos.

Mantenha-se informado das coisas do mundo e você fará uma boa prova.

Vejamos algumas provas, para termos uma ideia da diversidade de assuntos cobrados em provas discursivas.

■ FCC — Administrador — fev./2010

1. Atente para o seguinte texto:

Afirmam alguns, com frequência, que os efeitos das secas prolongadas constituem um flagelo da natureza; mas outros afirmam que esses efeitos ocorrem em razão de omissões humanas. A lógica manda concluir que se o homem é capaz de alterar tragicamente o clima da Terra, tornando-a inabitável, será também capaz de fazer o contrário, influindo nele em benefício da vida. O fato é que já não há mais tempo para hesitação: precisamos decidir agora se confiamos o futuro da humanidade a um destino supostamente natural ou se iniciamos a construção histórica desse futuro.

2. Escreva uma dissertação expondo, de modo claro e coerente, seu ponto de vista a respeito das ideias contidas no texto.

3. Sua dissertação deverá ter no mínimo 20 e no máximo 30 linhas.

■ FCC — TRF 1a R. — Analista Judiciário — Administrativo — mar./2011

Atenção: Deverão ser rigorosamente observados os limites mínimo de 20 (vinte) linhas e máximo de 30 (trinta) linhas, sob pena de perda de pontos a serem atribuídos à Redação.

Para os destinos de uma sociedade, é indiferente conceber a máquina como um engenho a serviço do homem, ou o homem como um apêndice da máquina?

Redija uma dissertação em que você, apresentando argumentos claros e consistentes, defenda seu ponto de vista sobre a questão acima proposta.

■ FCC — TRT 4a R. — Técnico Judiciário — fev./2011

Atenção: Deverão ser rigorosamente observados os limites mínimo de 20 (vinte) linhas e máximo de 30 (trinta) linhas, sob pena de perda de pontos a serem atribuídos à Redação.

Considere a situação abaixo descrita:

Alguns funcionários de uma empresa combinam almoçar juntos. Sentam-se à mesa do restaurante, fazem seus pedidos e cada um tira seu celular do bolso ou da bolsa. Conversando ao celular, fazem sua rápida refeição, pagam estendendo o cartão ao garçom e lado a lado, ainda ao celular, retornam à empresa.

Essa situação pode ser vista, ou não, como emblemática da vida contemporânea.

Redija um texto dissertativo acerca dessa questão.

■ FCC — TRT 4a R. — Analista Judiciário — fev./2011

Atenção: Deverão ser rigorosamente observados os limites mínimo de 20 (vinte) linhas e máximo de 30 (trinta) linhas, sob pena de perda de pontos a serem atribuídos à Redação.

Cientistas sociais dos EUA chegaram a algumas conclusões sobre como as pessoas reagem em situações de catástrofes e emergências naquele país. A primeira delas é que,

ao contrário do que sugere o senso comum, vítimas costumam reagir com racionalidade aos acontecimentos. Pânico contagiante, fuga em massa, saques, ainda que possam ocorrer de forma esporádica, constituem o que autores como Enrico Quarantelli e Henry Fisher chamam de "mitologia do desastre". Emergências, dizem, tendem a despertar o altruísmo das pessoas, não o lobo que existe dentro de cada um de nós.
(Adaptado de Hélio Schwartsman. *Folha de S.Paulo*.
Opinião. Sábado, 15 de janeiro de 2011, p. 2)

Redija uma dissertação acerca do papel da mídia na criação e perpetuação de mitos. Utilize argumentos que revelem coerência e espírito crítico no tratamento do tema.

■ FCC — TRE/SE — Analista Judiciário — Área Judiciária — nov./2008

1. Leia com atenção os dois textos seguintes:

Texto I

O aquecimento global — essa terrível ameaça que, segundo alguns, paira sobre o nosso planeta — é contestado por grupos de cientistas, que acham que o problema não é assim tão devastador. Esses grupos aconselham que se gaste dinheiro em investimentos que visem à eliminação da fome e à cura da Aids.
(Adaptado de Fernando Gabeira. *Folha de S.Paulo,* 24.02.2007)

Texto II

Seja qual for a extensão dos males que nossa civilização já causou ao planeta, o certo é que precisamos repensar o próprio conceito de civilização. As evidências do aquecimento global já fazem se sentir. Não seria a primeira (mas talvez venha a ser a mais grave) das catástrofes geradas pelo ser humano.
(Valdomiro Tosti, inédito)

2. Escreva uma dissertação, na qual você deverá expor seu ponto de vista acerca do tema comum a esses dois textos.

3. Sua dissertação deverá ter no mínimo 20 e no máximo 30 linhas, considerando-se letra de tamanho regular.

■ FCC — TCEAM — Assistente de Controle Externo — maio/2008

As manifestações culturais — com suas diversidades em cada uma das regiões brasileiras — podem constituir-se em instrumento de transformação social.

Redija um texto dissertativo em que seja discutida a afirmação acima. Defenda sua opinião com argumentos pertinentes.

A redação deverá ter a extensão mínima de 20 linhas e a máxima de 30.

■ FCC — TRT 15a R. — Analista Judiciário — Área Judiciária

Atenção: A redação deverá ter a extensão mínima de 20 linhas e a máxima de 30 linhas.

O direito à informação é um dos sustentáculos do mundo democrático. Sem esse direito, ou usufruindo-o de modo apenas relativo, não temos como compreender e

julgar situações, pessoas e decisões que, de algum modo, têm influência em nossa vida. Não se entende, portanto, que haja quem defenda restrições à liberdade de imprensa. A liberdade dos meios de comunicação não lhes pertence: é a liberdade de todos nós.

Com base no que diz o texto acima, redija uma dissertação na qual se discuta, de modo claro e coerente, com argumentos, a afirmação seguinte: "Os órgãos de imprensa apenas espelham a realidade".

■ NCE — Agência Nacional de Transportes Terrestres

É bastante comum a discussão sobre a existência de pedágio nas estradas; o governo apresenta suas razões, as empresas privadas responsáveis defendem a cobrança e o usuário reclama contra ela. Afinal, quem tem razão?

Apresente você sua visão do fato, levando em conta os vários argumentos envolvidos, num texto argumentativo de aproximadamente **20 linhas**. Tenha cuidado com a clareza, a seleção qualitativa de seus argumentos, a estruturação global do texto e a correção de linguagem.

■ Cespe-UnB — ANS/MS — Especialista em Regulação de Saúde Suplementar — Especialidade: Direito

Nesta prova — que vale dez pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois *não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos.*

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **30 linhas** será desconsiderado.

Na folha de *texto definitivo*, identifique-se apenas na capa, pois não *será avaliado* texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

IstoÉ — Por que é tão difícil cuidar da saúde?

Drauzio Varella — Somos ótimos planejadores a curto prazo. Mas e pensar como estará o corpo daqui a cinco anos? Nós não sabemos fazer isso porque não foi essencial para a nossa sobrevivência. A humanidade tem cinco milhões de anos. O que adiantava pensar dali a cinco anos? O cara tinha de pensar no almoço dele. As preocupações eram imediatas.

IstoÉ, 02.03.2005 (com adaptações)

Crianças indígenas estão morrendo menos. Segundo a Fundação Nacional da Saúde (FUNASA), em 1999, de cada mil crianças nascidas, 112 morriam antes de completar um ano. Hoje, a média nacional é de 46 óbitos para cada mil nascimentos. Investimentos em unidades de saúde, em saneamento básico e em ações como a distribuição de medicamentos nas aldeias estão ajudando a reduzir esse índice.

IstoÉ, 02.03.2005 (com adaptações)

O virologista francês Luc Montaignier é um homem gentil, do tipo conciliador. Na

carreira, porém, pula de polêmica em polêmica. Recentemente, voltou à arena: publicou um artigo no jornal *Le Monde* em que afirma estar convencido, apesar da falta de evidências definitivas, de que a poluição, os alimentos industrializados e os produtos químicos são, sim, prováveis causadores de doenças crônicas como o câncer.
Veja, 23.02.2005 (com adaptações)

Saiu nos jornais: finalmente a Justiça brasileira concedeu a um rapaz o direito de receber uma indenização do Estado de São Paulo por ter sido equivocadamente submetido a um tratamento de choque em um hospital psiquiátrico, tendo ficado com graves sequelas.
André Petry. O país do desamparo. *Veja*, 16.02.2005 (com adaptações)

O programa de imunização brasileiro é considerado um dos melhores do mundo. Com um investimento modesto em relação ao benefício apresentado, o país erradicou a poliomielite e a varíola e diminuiu drasticamente os casos de difteria e rubéola. Além das 11 vacinas encontradas na rede pública, existem outras que, por motivos econômicos, são distribuídas gratuitamente apenas a pacientes com necessidades especiais. Doenças como catapora, meningite ou pneumonia, por exemplo, podem ser evitadas com imunizações encontradas em clínicas particulares.
Época, 28.03.2005 (com adaptações)

Considerando que os textos acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo-argumentativo desenvolvendo o seguinte tema: "Saúde: uma questão individual e (ou) coletiva".

■ Cespe-UnB — DPF/DGP — Concurso Público Nacional — Escrivão de Polícia Federal

Nesta prova — que vale cinco pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **30 linhas** será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois **não será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Este momento que atravessamos, marcado por antagonismos étnicos, econômicos e socioculturais, transforma-se em um desafio para todos os cidadãos que desejam uma sociedade mais justa e igual. Fazem-se necessárias, mais do que nunca, discussões e reflexões em busca de saídas para as grandes questões sociais humanas.
A construção da paz. Ano 10, n. 14, jan./jun. 2001, <http://www.uneb.br/educacao/resumorevista> (com adaptações)

100 questões

Excelente a última reportagem especial ("100 questões para entender o mundo", 23 de junho). Ficou muito bem registrado que os desafios superados pela comunidade mundial nas últimas décadas ensinam que é, sim, possível vencermos o drama da desigualdade, promover a tolerância e associar prosperidade com justiça, desde que todas as nações se reconheçam como partícipes soberanos e legítimos dessa nova conjuntura.

Hugo Lins Coelho, Recife: *Veja,* Cartas, 30.06.2004 (com adaptações)

Pesquisa ouviu 3.500 jovens de 15 a 24 anos de idade em todos os estados brasileiros. Leia abaixo alguns dos aspectos que compõem o retrato da juventude do país.

Qual o problema que mais o preocupa atualmente?

Violência/criminalidade — 27%
Desemprego/futuro profissional — 26%
Drogas — 8%
Educação — 6%
Família — 6%
Saúde — 6%
Crise financeira — 5%

Pensando em uma sociedade ideal, qual desses valores seria o mais importante?

Temor a Deus — 17%
Respeito ao meio ambiente — 12%
Igualdade de oportunidades — 12%
Religiosidade — 10%
Respeito a diferenças — 8%
Solidariedade — 8%
Justiça social — 7%

IstoÉ, 05.05.2004 (com adaptações)

Considerando que a humanidade dos humanos reside no fato de serem racionais, dotados de vontade livre, de capacidade para a comunicação e para a vida em sociedade, de capacidade para interagir com a natureza e com o tempo, nossa cultura e sociedade nos definem como sujeitos do conhecimento e da ação, localizando a violência em tudo que reduz um sujeito à condição de objeto.

Do ponto de vista ético, somos pessoas e não podemos ser tratados como coisa. A ética é normativa exatamente por isso: visa impor limites e controles ao risco permanente da violência.

Marilena Chauí. *Convite à filosofia.* São Paulo: Ática, 1995, p. 337 (com adaptações)

Considerando que as ideias apresentadas nos fragmentos de textos acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do tema

seguinte e utilizando, necessariamente, o recurso da exemplificação.

"A sociedade não é o retrato apenas de seus governantes, é o retrato de seus cidadãos, em destaque, de suas elites. É o nosso retrato, do Brasil todo, de todos nós."
Sérgio Abranches

■ Cespe-UnB — DPF/DGP — Concurso Público Nacional — Delegado de Polícia Federal

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local.

Texto I

A onda de violência que vivemos hoje deve-se a incontáveis motivos. Um deles parece-me especialmente virulento: o desinvestimento cultural na ideia do "próximo".

Substituímos a prática de reflexão ética pelo treinamento nos cálculos econômicos; brindamos alegremente o "enterro" das utopias socialistas; reduzimos virtude e excelência pessoais a sucesso midiático; transformamos nossas universidades em máquinas de produção padronizada de diplomas e teses; multiplicamos nossos "pátios dos milagres", esgotos a céu aberto, analfabetos, delinquentes e, por fim, aderimos à lei do mercado com a volúpia de quem aperta a corda do próprio pescoço, na pressa de encurtar o inelutável fim.

Voltamos as costas ao mundo e construímos barricadas em torno do idealizado valor de nossa intimidade. Fizemos de nossas vidas claustros sem virtudes; encolhemos nossos sonhos para que coubessem em nossas ínfimas singularidades interiores; vasculhamos nossos corpos, sexos e sentimentos com a obsessão de quem vive um transe narcísico e, enfim, aqui estamos nós, prisioneiros de cartões de crédito, carreiras de cocaína e da dolorosa consciência de que nenhuma fantasia sexual ou romântica pode saciar a voracidade com que desejamos ser felizes. Sozinhos em nossa descrença, suplicamos proteção a economistas, policiais, especuladores e investidores estrangeiros, como se algum deles pudesse restituir a esperança no "próximo" que a lógica da mercadoria devorou.

Jurandir Freire Costa. *Folha de S.Paulo*, 22.09.1996 (com adaptações)

Texto II

Inesgotável, o repertório do tráfico para roubar-nos a dignidade revive as granadas. Três delas ganharam a rua no curto intervalo de cinco dias, atiradas com a naturalidade de estalinho junino. Não explodiram por sorte, inabilidade ou velhice. Mas detonaram em nossas barbas o deboche repetido com a métrica cotidiana da violência: é guerra. Uma de suas raízes alimenta-se da disseminação de armas de fogo entre os traficantes, ferida aberta à sombra de varizes socioeconômicas, cuja cicatrização agoniza no mofo de desencontros e desinteresses políticos. Como o natimorto dueto entre os governos estadual e federal para reaver armamento militar em favelas do Rio: muita encenação,

nenhuma palha movida.

Doutor em combate, não precisa sê-lo para ver: urge desarmar o adversário. (Um adversário aparelhado até os dentes, cujo desplante avança como formiga no açúcar.) Caminho que exige a orquestração entre força e inteligência, prevenção e ataque — regidos pela convergência de esforços políticos, indispensável para se vencer uma guerra.

Editorial. *Jornal do Brasil*, 16.09.2004 (com adaptações)

Redija um texto dissertativo a respeito da violência, estabelecendo relações entre as ideias expressas nos textos I e II acima.

■ Cespe-UnB — DPF/DGP — Concurso Público Regional — Agente de Polícia Federal

Nesta prova — que vale cinco pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Inúmeras são as dificuldades e os desafios que caracterizam o exercício pleno e satisfatório das importantes atribuições da Polícia Federal, tendo em vista a dimensão continental do território brasileiro, as especificidades e diversidades regionais, bem como as disponibilidades de efetivo humano e infraestrutura.

A atuação do Departamento de Polícia Federal (DPF) requer plena sintonia entre seus setores internos, principalmente no que diz respeito à agilidade de informações e à comunicação instantânea, de modo que não se prejudique o chamado princípio da oportunidade, especialmente na repressão a modalidades diversas do crime organizado e em situações emergenciais.

Pode-se afirmar que, nos pontos de entrada e saída de bens e de pessoas no Brasil, são exercitadas as atribuições constitucionais do DPF, no que se refere a infrações penais em detrimento de bens, serviços e interesses da União, infrações com repercussão interestadual ou internacional, tráfico ilícito de entorpecentes e drogas afins, contrabando e descaminho de órgãos humanos ou bens artísticos de valor histórico, entre outras situações que podem significar perigo para a população brasileira.

Disponível em: <http://www1.jus.com.br/doutrina/texto>.

Acesso em: ago. 2004 (com adaptações)

Considerando que as ideias do texto acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo (máximo 25 linhas), posicionando-se acerca do seguinte tema: “A

importância da atuação da polícia federal brasileira na preservação do direito à vida".

■ Cespe-UnB — DPF/DGP — Concurso Público Regional — Escrivão de Polícia Federal

Nesta prova — que vale cinco pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Depois de cuidadoso tratamento estatístico, os autores de uma pesquisa em Nova Iorque verificaram que, independentemente dos fatores de risco (a renda familiar, a possível existência de desinteresse paterno pela sorte dos filhos, os níveis de violência na comunidade em que viviam, a escolaridade dos pais e a presença de transtornos psiquiátricos nas crianças), o número de horas que um adolescente com idade média de 14 anos fica diante da televisão, por si só, está significativamente associado à prática de assaltos e à participação em brigas com vítimas e em crimes de morte mais tarde, quando atinge a faixa etária dos 16 aos 22 anos.

Internet: <http://www.drauziovarella.com.br> (com adaptações)

Na revista *Science*, Craig Anderson, da Universidade de Iowa, responsabiliza a imprensa por apresentar até hoje como controverso um debate que deveria ter sido encerrado anos atrás. Segundo o especialista, esse comportamento é comparável ao mantido por décadas diante da discussão sobre as relações entre o cigarro e o câncer de pulmão, quando a comunidade científica estava cansada de saber e de alertar a população para isso. Seis das mais respeitadas associações médicas norte-americanas (entre as quais as de pediatria, psiquiatria, psicologia e a influente American Medical Association) publicaram, em 2001, um relatório com a seguinte conclusão sobre o assunto: "Os dados apontam de forma impressionante para uma conexão causal entre a violência na mídia e o comportamento agressivo de certas crianças".

Idem. Ibidem.

Os valores transmitidos pelo sistema educacional seriam, na visão de Pinheiro Guimarães, os "da produção material e da maximização do consumo individual do ser humano como unidade de trabalho e não como cidadão político-solidário, digno de uma vida espiritual superior". Ele vê essa "vida espiritual superior" prejudicada pelos "programas degradantes e idiotizantes de televisão", atividade que consome, segundo sua conta, mais de 80% do tempo livre do cidadão comum. "Esse tempo foi capturado

pela televisão, que os estados e os governos têm tratado como uma atividade econômica normal e não como um veículo com influência extraordinária sobre a sociedade e seu imaginário".

Merval Pereira. O imaginário social. In: *O Globo*, 07.08.2004 (com adaptações)

Considerando que as ideias apresentadas nos textos acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do tema seguinte: "A influência da televisão no imaginário social".

■ Cespe-UnB — DPF/DGP — Concurso Público Regional — Delegado de Polícia Federal

Nesta prova — que vale cinco pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

As portas foram abertas e as invasões, os roubos e as agressões diminuíram. Pelo menos em educação, essa afirmação não soa contraditória. Números do governo do estado de São Paulo mostram que um programa que permite a utilização das escolas aos fins de semana pela comunidade fez cair os índices de violência.

As mais significativas reduções foram registradas nos meses de janeiro e fevereiro, período das férias escolares. Este ano, mesmo nessa época, havia atividades nos fins de semana em escolas estaduais. A diminuição nos casos de violência foi de 56% e de 33%, em cada mês. "Uma escola com pouco diálogo com a comunidade vira um símbolo de dominação. As depredações e invasões muitas vezes são motivadas por essa rejeição", diz a educadora da Universidade de São Paulo, Sílvia Colello.

Internet: <http://www.jcsol.com.br> (com adaptações)

Os aterradores números da violência no Rio entre 1983 e 1994, em pesquisa do ISER, são apontados como sendo resultantes de diversos fatores, tais como as perdas econômicas da década de 80, o agravamento das diferenças sociais no ambiente urbano (com a expansão das favelas), a crise dos serviços públicos e o início do aumento da população jovem que forma, justamente, o grupo mais exposto aos riscos da violência.

No entanto, houve uma queda de 35% nos últimos 6 anos. A partir da segunda metade dos anos noventa, a taxa de homicídios por 100.000 habitantes declina ininterruptamente.

A pesquisa aponta, entre os fatores importantes que contribuíram na diminuição dessa

taxa: o surgimento de movimentos sociais proativos, de grande escala, como a Campanha contra a Fome e o Viva Rio, que mobilizaram a cidade para o enfrentamento dos seus problemas; a multiplicação de projetos sociais nos bairros pobres, por ações governamentais e não governamentais, sobretudo para crianças e jovens, na área educacional; e a organização das comunidades por meio de associações de moradores, ONGs, entidades religiosas, beneficentes, culturais e recreativas.

Internet: <http://www.fgvsp.br> (com adaptações)

Considerando que as ideias apresentadas nos textos acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do tema a seguir: "O fortalecimento das redes de relações sociais como forma de redução da violência urbana".

■ Cespe-UnB — ABIN — Concurso Público — Analista de Informações

Nesta prova — que vale cinco pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

O sistema de inteligência artificial criado por brasileiros para o Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU) — chamado de Olimpo — foi selecionado em um universo de 762 outros trabalhos, de todas as partes do mundo, pelo comitê científico da 5.a Conferência Internacional de Sistemas de Informação de Empresas.

A metodologia empregada chama-se Pesquisa Contextual Estruturada e usa um sistema de extração de informação de textos combinado com a técnica de inteligência artificial conhecida como raciocínio baseado em casos (RBC). Permite fazer buscas rápidas em textos de documentos com base no conhecimento e não apenas em palavras-chave.

Isso quer dizer que, mesmo que o documento não contenha a palavra digitada na pergunta feita pelo usuário, a busca será feita, com base no conceito contido naquela palavra ou em ideias semelhantes a ela.

De acordo com Hugo Hoeschl, coordenador do trabalho, "é estratégico o Brasil ser detentor de uma tecnologia tão forte, com denso reconhecimento internacional, desenvolvida especialmente para ser aplicada em segurança". Por sua rapidez e precisão, o sistema de busca "é importante para todos os organismos da ONU e fornecerá significativos benefícios para a solução de conflitos internacionais".

Liana John. Internet: <http://www.estadao.com.br/ciencia/noticias/2003/jan/07/79.htm> (com adaptações)

A origem remota da Atividade de Inteligência no Brasil, outrora denominada Atividade de Informações, ocorreu com o advento do Conselho de Defesa Nacional, mediante o Decreto n. 17.999, de 29 de novembro de 1927. Esse Conselho, constituído pelo presidente da República e pelos ministros de Estado, tinha por destinação, entre outras, a tarefa de "coordenar a produção de conhecimentos sobre questões de ordem financeira, econômica, bélica e moral referentes à defesa da Pátria". Como fica claro na missão, interessava ao governo a produção de informações com finalidade precípua de defender a Pátria, isto é, informações vinculadas a interesses estratégicos de segurança do Estado.

Internet: <http://www.abin.gov.br/abin/historico.jsp>

Considerando que as ideias apresentadas nos textos acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do seguinte tema: "A informação como fator estratégico de segurança".

■ Cespe-UnB — DPF/DGP — Concurso Público — Papiloscopista Policial Federal

Nesta prova — que vale cinco pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Segundo o professor Sérgio Hadad, da PUC-SP, "não há exemplo na história da humanidade em que o analfabetismo tenha sido superado sem uma política pública de qualidade".

Salvatore Santagada. *Zero Hora*, 20.03.1999

Vivemos atualmente sob o impacto de profundas transformações socioculturais. A revolução informacional e outras inovações tecnológicas vêm permitindo conquistas notáveis na área do conhecimento. Nunca um número tão grande de informações esteve tão disponível, as ferramentas auxiliares da inteligência humana, tão aperfeiçoadas, enfim, nunca houve tão intenso borbulhar do saber. Resta, portanto, indagarmo-nos: o que fazer com tudo isso?

Como lidar com tanta informação sem se perder em excessos e novos equívocos? Como agregar conhecimento humano e encontrar uma nova síntese civilizacional que aponte novas diretrizes para um mundo que se torna cada vez mais complexo e se interroga como superar o turbilhão de dificuldades existentes em quase todos os setores da vida social no panorama global?

Precisamos rever nossas concepções pedagógicas, procurando ultrapassar os comodismos que nos limitam ao saber estéril. A informação que não é atualizada, avaliada e utilizada para transformar e aprimorar a sociedade é informação inútil. O ensino, portanto, deve estar ancorado na realidade, motivando alunos e professores a encontrarem novas formas de vida social, que não perpetuem injustiças e opressões.

Valmor Bolan. *Jornal VS*, abril 1999

Tomando como motivadores o texto inicial da prova objetiva de Conhecimentos Básicos e os excertos acima, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca das vantagens de utilização da tecnologia na educação, em um contexto sociocultural em que é elevado o número de analfabetos.

■ Cespe-UnB — CREA/DF — Advogado

Nesta prova — que vale dez pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Cultura da abundância, o mal das águas

Os recursos hídricos tornaram-se cada vez mais escassos nos últimos 20, 30 anos, derrubando os mitos de que a água é abundante no planeta e é um recurso renovável. Com o crescimento da população e a intensa urbanização, tais recursos ficaram escassos em quantidade e qualidade, mais difíceis e complexos de se obter e conservar, e mais caros para distribuir, prover e ampliar.

Ainda não há números que retratem um quadro nacional da qualidade das águas. Os padrões e critérios variam por região, o que se soma a outra dificuldade no dimensionamento deste quadro: identificar os maiores poluidores, qual é o quinhão de responsabilidade das diferentes fontes de degradação. Outro complicador é o significativo impacto na natureza da chamada "poluição difusa", também de difícil identificação. Trata-se dos detritos e sucatas do chão das cidades, dos pavimentos, erosões, lixo de rua, óleo de avenidas e rodovias, tudo que é carreado do chão pelas chuvas, diretamente para os rios, com potencial poluidor significativo e crescente.

Época. "Informe publicitário", 30.06.2003, p. 73 (com adaptações)

Considerando que as ideias apresentadas no texto acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do seguinte tema: "Água, substância decisiva para a manutenção da vida".

■ Cespe-UnB — MRE/IRBr/CNPq — Programa de Ação Afirmativa — Bolsas-Prêmio de Vocação para a Diplomacia

Em cada parte da prova discursiva — cada uma delas valendo **quinze** pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Leia os textos a seguir.

> Quando o cidadão descobre que ele é o princípio do que existe e pode existir com sua participação, começa a surgir a democracia. Cidadania e democracia andam de mãos dadas e não existem separadas. Cidadania não é individualismo, mas afirmação de cada um em sua relação de solidariedade com os outros. Cidadania e democracia estão baseadas em princípios éticos e têm o infinito como limite. Não existe limite para a solidariedade, a liberdade, a igualdade, a participação e a diversidade. A democracia é uma obra inesgotável.
>
> Herbert de Souza. Democracia e cidadania. In: Carla Rodrigues (Org.). Democracia: cinco princípios e um fim. São Paulo: Moderna, 1996, p. 66 (com adaptações)

> Não tem como você estereotipar alguém como negro só por causa da cor. No fundo, todo brasileiro é meio negro.
>
> Flávio Martins, 19 anos, aluno de Letras, UnB. Correio Braziliense, 10.06.2003

> A rigor, mesmo as vozes contrárias à política de cotas admitem que a situação é injusta e precisa ser revertida, mas não à custa do direito dos outros ou do princípio da igualdade e da isonomia dos brasileiros, independentemente de credo político, religioso ou raça.
>
> Revista do Livro Universitário, março/abril 2003 (com adaptações)

Considerando que as ideias apresentadas nos textos acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do seguinte tema: "Identidade étnica e construção da cidadania".

■ Cespe-UnB — PCRR — Nível Superior — Delegado de Polícia Civil

Nesta prova — que vale dez pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Muitas constituições foram criadas de modo a fazer com que as pessoas acreditassem que todas as leis estabelecidas atendiam a desejos expressos pelo povo. Mas a verdade é que não só nos países autocráticos, como naqueles supostamente mais livres, as leis não foram feitas para atender a vontade da maioria, mas sim a vontade daqueles que detêm o poder. Portanto, elas serão sempre, e em toda parte, aquelas que mais vantagens possam trazer à classe dominante e aos poderosos. Em toda parte e sempre, as leis são impostas utilizando os inúmeros meios capazes de fazer que algumas pessoas se submetam à vontade de outras. E nisso há violência: exigir que determinadas regras sejam cumpridas e obrigar determinadas pessoas a cumpri-las.

Não é a violência simples, que alguns homens usam contra seus semelhantes em momentos de paixão; é uma violência organizada, usada por aqueles que têm o poder nas mãos para fazer que os outros obedeçam à sua vontade.

Assim, a essência da legislação está no fato de que aqueles que controlam a violência organizada dispõem de poderes para forçar os outros a obedecê-los, fazendo aquilo que eles querem que seja feito.

Leon Tolstoi. A violência das leis. In: *A escravidão de nosso tempo*. (com adaptações)

O desejo de colocar em prática um programa que combata a fome e a miséria é uma unanimidade que vem de longe. O que se discute atualmente é como torná-lo eficiente o bastante para que não seja apenas mais um projeto de boas intenções, com resultados passageiros.

Afonso Capelas Jr. O desafio número um. In: *Revista do Livro Universitário*, dez. 2002 (com adaptações)

O direito humano à alimentação é o direito que todo indivíduo tem de obter uma alimentação adequada, em quantidade e qualidade.

Elisabetta Recine. É preciso identificar os famintos. In: *UnB Revista*, jan./mar. 2003, p. 63

Mais perigosa que a força bruta é aquela que brota da indiferença da sociedade ante as violações dos direitos da pessoa humana.

Martin Luther King

Considerando que as ideias apresentadas nos textos das provas objetivas e nos fragmentos acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do seguinte tema: “Combate à fome: questão de direito e de justiça”.

■ Cespe-UnB — MJ/DPF/ANP/DRS — Agente de Polícia Federal

Na prova a seguir, que vale **cinco** pontos, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**. Utilize, no mínimo, **trinta** e, no máximo, **sessenta** linhas. Qualquer prova com extensão aquém da mínima de **trinta** linhas **efetivamente escritas** será apenada e qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **sessenta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

A sociedade organizada segundo os parâmetros do dinheiro e do trabalho, ao mesmo tempo que cria a figura do trabalhador, cria também a figura do vagabundo, do delinquente, do trabalhador que não deu certo e que frequentemente "esbarra" na lei, do criminoso em potencial. Essas são as pessoas que estarão mais sujeitas à perseguição e à punição.

Andréa Buoro et al. *Violência urbana* — dilemas e desafios. São Paulo: Atual, 1999, p. 27

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

(...)

III — ninguém será submetido a tortura nem a tratamento desumano ou degradante;

Constituição da República Federativa do Brasil, 1988

Considerando que as ideias apresentadas acima e nos textos da prova objetiva têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do seguinte tema: "O combate à violência deve ser feito com imparcialidade e respeito ao ser humano".

■ Cespe-UnB — DPF/DGP — Agente de Polícia Federal

Nesta prova — que vale cinco pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Pedindo uma pizza em 2009

Telefonista: — Pizza Hot, boa noite!

Cliente: — Boa noite, quero encomendar pizzas...

Telefonista: — Pode me dar o seu NIDN?

Cliente: — Sim, o meu número de identificação nacional é 6102-1993-8456-54632107.

Telefonista: — Obrigada, Sr. Lacerda. Seu endereço é Av. Paes de Barros, 1988 ap. 52 B e o número de seu telefone é 5494-2366, certo? O telefone do seu escritório da Lincoln Seguros é o 5745-2302 e o seu celular é 9266-2566.

Cliente: — Como você conseguiu essas informações todas?

Telefonista: — Nós estamos ligados em rede ao Grande Sistema Central.

Cliente: — Ah, sim, é verdade! Eu queria encomendar duas pizzas, uma quatro queijos e outra calabresa...

Telefonista: — Talvez não seja uma boa ideia...

Cliente: — O quê?

Telefonista: — Consta na sua ficha médica que o Sr. sofre de hipertensão e tem a taxa de colesterol muito alta. Além disso, o seu seguro de vida proíbe categoricamente escolhas perigosas para a sua saúde.

Cliente: — É, você tem razão! O que você sugere?

Telefonista: — Por que que o Sr. não experimenta a nossa pizza Superlight, com tofu e rabanetes? O Sr. vai adorar!

Cliente: — Como é que você sabe que vou adorar?

Telefonista: — O Sr. consultou o site "Recettes Gourmandes au Soja" da Biblioteca Municipal, dia 15 de janeiro, às 14:27h, onde permaneceu ligado à rede durante 39 minutos. Daí a minha sugestão...

Cliente: — OK, está bem! Mande-me duas pizzas tamanho-família!

Telefonista: — É a escolha certa para o Sr., sua esposa e seus 4 filhos, pode ter certeza.

Cliente: — Quanto é?

Telefonista: — São R$ 49,99.

Cliente: — Você quer o número do meu cartão de crédito?

Telefonista: — Lamento, mas o Sr. vai ter que pagar em dinheiro. O limite do seu cartão de crédito já foi ultrapassado.

Cliente: — Tudo bem, eu posso ir ao Multibanco sacar dinheiro antes que chegue a pizza.

Telefonista: — Duvido que consiga, o Sr. está com o saldo negativo no banco.

Cliente: — Meta-se com a sua vida! Mande-me as pizzas que eu arranjo o dinheiro. Quando é que entregam?

Telefonista: — Estamos um pouco atrasados, serão entregues em 45 minutos. Se o Sr. estiver com muita pressa pode vir buscá-las, se bem que transportar duas pizzas na moto não é aconselhável, além de ser perigoso...

Cliente: — Mas que história é essa, como é que você sabe que eu vou de moto?

Telefonista: — Peço desculpas, mas reparei aqui que o Sr. não pagou as últimas prestações do carro e ele foi penhorado. Mas a sua moto está paga, e então pensei que fosse utilizá-la.

Cliente: — @#%/§@&?#>§/%#!!!!!!!!!!!!!

Telefonista: — Gostaria de pedir ao Sr. para não me insultar... não se esqueça de que o Sr. já foi condenado em julho de 2006 por desacato em público a um Agente Regional.

Cliente: — (Silêncio)

Telefonista: — Mais alguma coisa?

Cliente: — Não, é só isso... não, espere... não se esqueça dos 2 litros de Coca-Cola que constam na promoção.

Telefonista: — Senhor, o regulamento da nossa promoção, conforme citado no artigo 3095423/12, nos proíbe de vender bebidas com açúcar a pessoas diabéticas...

Cliente: — Aaaaaaaahhhhhhhh!!!!!!!!!!! Vou me atirar pela janela!!!

Telefonista: — E machucar o joelho? O Sr. mora no andar térreo!

Luis Fernando Veríssimo

Considerando que o texto acima tem caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se a respeito do tema a seguir: "O avanço da tecnologia da informação e o respeito à privacidade do indivíduo".

■ Cespe-UnB — IRBr — 2ª Fase — Terceiro Secretário da Carreira de Diplomata

Na prova a seguir, faça o que se pede, usando, caso julgue necessário, as páginas correspondentes do caderno de rascunho. Em seguida, transcreva os textos para as respectivas folhas do **CADERNO DE TEXTOS DEFINITIVOS**, nos locais apropriados, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**. Respeite os limites mínimos e máximos de palavras estabelecidos.

ATENÇÃO! Nas **folhas do caderno de textos definitivos**, identifique-se apenas na capa, pois **não serão avaliados** os textos que tenham qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Leia os textos I, II e III abaixo.

Texto I

Divagação sobre as ilhas

Carlos Drummond de Andrade

Quando me acontecer alguma pecúnia, passante de um milhão de cruzeiros, compro uma ilha; não muito longe do litoral, que o litoral faz falta; nem tão perto, também, que de lá possa eu aspirar a fumaça e a graxa do porto. Minha ilha (e só de a imaginar já me considero seu habitante) ficará no justo ponto de latitude e longitude que, pondo-me a coberto dos ventos, sereias e pestes, nem me afaste demasiado dos homens nem me obrigue a praticá-los diuturnamente. Porque esta é a ciência e, direi, a arte do bem

viver; uma fuga relativa, e uma não muito estouvada confraternização.

De há muito sonho esta ilha, se é que não a sonhei sempre. Se é que a não sonhamos sempre, inclusive os mais agudos participantes. Objetais-me: "Como podemos amar as ilhas, se buscamos o centro mesmo da ação?" Engajados, vosso engajamento é a vossa ilha, dissimulada e transportável. Por onde fordes, ela irá convosco. Significa a evasão daquilo para que toda alma necessariamente tende, ou seja, a gratuidade dos gestos naturais, o cultivo das formas espontâneas, o gosto de ser um com os bichos, as espécies vegetais, os fenômenos atmosféricos. Substitui, sem anular. Que miragens vê o iluminado no fundo de sua iluminação?... Supõe-se político, e é um visionário. Abomina o espírito de fantasia, sendo dos que mais o possuem. Nessa ilha tão irreal, ao cabo, como as da literatura, ele constrói a sua cidade de ouro, e nela reside por efeito da imaginação, administra-a, e até mesmo a tiraniza. Seu mito vale o da liberdade nas ilhas. E, contentor do mundo burguês, que outra coisa faz senão aplicar a técnica do sonho, com que os sensíveis dentre os burgueses que se acomodam à realidade, elidindo-a?

A ilha que traço agora a lápis neste papel é materialmente uma ilha, e orgulha-se de sê-lo. Pode ser abordada. Não pode ser convertida em continente. Emerge do pélago com a graça de uma flor criada para produzir-se sobre a água. Marca assim o seu isolamento, e como não tem bocas de fogo nem expedientes astuciosos para rechaçar o estrangeiro, sucede que este isolamento não é inumano. Inumano seria desejar, aqui, dos morros litorâneos, um cataclismo que sovertesse tão amena, repousante, discreta e digna forma natural, inventada para as necessidades de ser no momento exato em que se farta de seus espelhos, amigos como inimigos.

E por que nos seduz a ilha? As composições de sombra e luz, o esmalte da relva, a cristalinidade dos regatos — tudo isso existe fora das ilhas, não é privilégio dela. A mesma solidão existe, com diferentes pressões, nos mais diversos locais, inclusive os de população densa, em terra firme e longa. Resta ainda o argumento da felicidade — "aqui eu não sou feliz", declara o poeta, para enaltecer, pelo contraste, a sua Pasárgada: mas será que se procura realmente nas ilhas uma ocasião de ser feliz, ou um modo de sê-lo? E só se alcançaria tal mercê, de índole extremamente subjetiva, no regaço de uma ilha, e não igualmente em terra comum?

Quando penso em comprar uma ilha, nenhuma dessas excelências me seduz mais que as outras, nem todas juntas constituem a razão de meu desejo. Sou pouco afeiçoado à natureza, que em mim se reduz quase que a uma paisagem moral, íntima, em dois ou três tons, só que latejante em todas as partículas. A solidão, carrego-a no bolso, e nunca me faltou menos do que quando, por obrigações de ofício, me debruçava incessantemente sobre a vida dos outros. E felicidade não é em rigor o que eu procuro. Não. Procuro uma ilha, como já procurei uma noiva.

A ilha me satisfaz por ser uma porção curta de terra (falo de ilhas individuais, não me tentam aventuras marajoaras), um resumo prático, substantivo, dos estirões deste vasto

mundo, sem os inconvenientes dele, e com a vantagem de ser quase ficção sem deixar de constituir uma realidade. A casa de campo é diferente. A continuidade do solo torna-a um pobre complemento dessas propriedades individuais ou coletivas, públicas ou particulares, em que todo o desgosto, toda a execrabilidade, toda a mesquinhez da coisa possuída, taxada, fiscalizada, trafegada, beneficiada, herdada, conspurcada, se nos apresenta antes que a vista repare em qualquer de seus eventuais encantos. A casa junto ao mar, que já foi razoável delícia, passou a ser um pecado, depois que se desinventou a relação entre homem, paisagem e moradia. Tudo forma uma cidade só, torpe e triste, mais triste talvez que torpe. O progresso técnico teve isto de retrógrado: esqueceu-se completamente do fim a que se propusera, ou devia ter-se proposto. Acabou com qualquer veleidade de amar a vida, que ele tornou muito confortável, mas invisível. Fez-se numa escala de massas, esquecendo-se do indivíduo, e nenhuma central elétrica de milhões de kW será capaz de produzir aquilo de que precisamente cada um de nós carece na cidade excessivamente iluminada: uma certa penumbra. O progresso nos dá tanta coisa, que não nos sobra nada nem para pedir nem para desejar nem para jogar fora. Tudo é inútil e atravancador. A ilha sugere uma negação disto.

A ilha deve ser o *quantum satis* selvagem, sem bichos superiores à força e ao medo do homem. Mas precisa ter bichos, principalmente os de plumagem gloriosa, com alguns exemplares mais meigos. As cores do cinema enjoam-nos do colorido, e só uma cura de autenticidade nos reconciliará com os nossos olhos doentes. Já que não há mais vestidos de cores puras e naturais (de que má pintura moderna se vestem as mulheres do nosso tempo?), peçamos a araras e periquitos, e a algum suave pássaro de colo mimoso, que nos propiciem as sensações delicadas de uma vista voluptuosa, minudente e repousada.

Para esta ilha sóbria não se levará bíblia nem se carregarão discos. Algum amigo que saiba contar histórias está naturalmente convidado. Bem como alguma amiga de voz doce ou quente, que não abuse muito dessa prenda. Haverá pedras à mão — cascalho miúdo — que se possa lançar ao céu, a título de advertência, quando demasiada arte puser em perigo o ruminar bucólico da ilha. Não vejo inconveniente na entrada subreptícia de jornais. Servem para embrulho, e nas costas do noticiário político ou esportivo há sempre um anúncio de filme em *reprise*, invocativo, ou qualquer vaga menção a algum vago evento que, por obscuro mecanismo, desperte em nós fundas e gratas emoções retrospectivas. Nossa vida interior tende à inércia. E bem-vinda é a provocação que lhe avive a sensibilidade, impelindo-a aos devaneios que formam uma crônica particular do homem, passada muitas vezes dentro dele, somente, mas compensando em variedade ou em profundeza o medíocre da vida social.

Serão admitidos poetas? Em que número? Se foram proscritos das repúblicas ideais e das outras, pareceria cruel bani-los também da ilha de recreio. Contudo, devem comportar-se como se poetas não fossem: pondo de lado os tiques profissionais, o tecnicismo, a excessiva preocupação literária, o misto de esteticismo e frialdade que

costuma necrosar os artistas. Sejam homens razoáveis, carentes, humildes, inclinados à pesca e à corrida a pé, saibam fazer alguma coisa simples para o estômago, no fogão improvisado. Não levem para a ilha os problemas de hegemonia e ciúme.

*

Por aí se observa que a ilha mais paradisíaca pede regulamentação e que os perigos da convivência urbana estão presentes. Tanto melhor, porque não se quer uma ilha perfeita, senão um modesto território banhado de água por todos os lados e onde não seja obrigatório salvar o mundo.

A ideia de fuga tem sido alvo de crítica severa e indiscriminada nos últimos anos, como se fosse ignominioso, por exemplo, fugir de um perigo, de um sofrimento, de uma caceteação. Como se devesse o homem consumir-se numa fogueira perene, sem carinho para com as partes cândidas ou pueris dele mesmo, que cumpre preservar principalmente em vista de uma possível felicidade coletivista no futuro. Se se trata de harmonizar o homem com o mundo, não se vê porque essa harmonia só será obtida através do extermínio generalizado e da autopunição dos melhores. Pois afinal, o que se recomenda aos homens é apenas isto: "Sejam infelizes, aborreçam o mais possível aos seus semelhantes, recusem-se a qualquer comiseração, façam do ódio um motor político. Assim atingirão o amor." Obtida a esse preço a cidade futura, nela já não haveria o que amar.

Chega-se a um ponto em que convém fugir menos da malignidade dos homens do que da sua bondade incandescente. Por bondade abstrata nos tornamos atrozes. E o pensamento de salvar o mundo é dos que acarretam as mais copiosas — e inúteis — carnificinas.

Estas reflexões descosidas procuram apenas recordar que há motivos para ir às ilhas, quando menos para não participar de crimes e equívocos mentais generalizados. São motivos éticos, tão respeitáveis quanto os que impelem à ação o temperamento sôfrego. A ilha é meditação despojada, renúncia ao desejo de influir e de atrair. Por ser muitas vezes uma desilusão, paga-se relativamente caro. Mas todo o peso dos ataques desfechados contra o pequeno Robinson moderno, que se alongou das rixas miúdas, significa tão somente que ele tinha razão em não contribuir para agravá-las. Em geral, não se pedem companheiros, mas cúmplices. E este é o risco da convivência ideológica. Por outro lado, há um certo gosto em pensar sozinho. É ato individual, como nascer e morrer.

A ilha é, afinal de contas, o refúgio último da liberdade, que em toda parte se busca destruir. Amemos a ilha.

Passeios na ilha: subúrbios da calma. In: *Obra completa*, p. 625-628.

Texto II

Post-scriptum *sobre as sociedades de controle*

Gilles Delleuze

Foucault situou as *sociedades disciplinares* nos séculos XVIII e XIX; atingem seu apogeu no início do século XX. Elas procedem à organização dos grandes meios de confinamento. O indivíduo não cessa de passar de um espaço fechado a outro, cada um com suas leis: primeiro a família, depois a escola ("você não está mais na sua família"), depois a caserna ("você não está mais na escola"), depois a fábrica, de vez em quando o hospital, eventualmente a prisão, que é o meio de confinamento por excelência. É a prisão que serve de modelo analógico: a heroína de *Europa 51* pode exclamar, ao ver operários, "pensei estar vendo condenados...". Foucault analisou muito bem o projeto ideal dos meios de confinamento, visível especialmente na fábrica: concentrar; distribuir no espaço; ordenar no tempo; compor no espaço-tempo uma força produtiva cujo efeito deve ser superior à soma das forças elementares. Mas o que Foucault também sabia era da brevidade deste modelo: ele sucedia às *sociedades de soberania* cujo objetivo e funções eram completamente diferentes (açambarcar, mais do que organizar a produção, decidir sobre a morte mais do que gerir a vida); a transição foi feita progressivamente, e Napoleão parece ter operado a grande conversão de uma sociedade na outra. Mas as disciplinas, por sua vez, também conheceriam uma crise, em favor de novas forças que se instalavam lentamente e que se precipitariam depois da Segunda Guerra mundial: sociedades disciplinares é o que não éramos mais, o que deixávamos de ser.

Encontramo-nos numa crise generalizada de todos os meios de confinamento, prisão, hospital, fábrica, escola, família. A família é um "interior", em crise como qualquer outro interior, escolar, profissional etc. Os ministros competentes não param de anunciar reformas supostamente necessárias. Reformar a escola, reformar a indústria, o hospital, o exército, a prisão; mas todos sabem que estas instituições estão condenadas, num prazo mais ou menos longo. Trata-se apenas de gerir sua agonia e ocupar as pessoas, até a instalação das novas forças que se anunciam. São as *sociedades de controle* que estão substituindo as sociedades disciplinares. "Controle" é o nome que Burroughs propõe para designar o novo monstro, e que Foucault reconhece como nosso futuro próximo. Paul Virilio também analisa sem parar as formas ultrarrápidas de controle ao ar livre, que substituem as antigas disciplinas que operavam na duração de um sistema fechado. Não cabe invocar produções farmacêuticas extraordinárias, formações nucleares, manipulações genéticas, ainda que elas sejam destinadas a intervir no novo processo. Não se deve perguntar qual é o regime mais duro, ou o mais tolerável, pois é em cada um deles que se enfrentam as liberações e as sujeições. Por exemplo, na crise do hospital como meio de confinamento, a setorização, os hospitais-dia, o atendimento em domicílio puderam marcar de início novas liberdades, mas também passaram a integrar mecanismos de controle que rivalizam com os mais duros confinamentos. Não cabe temer ou esperar, mas buscar novas armas.

II. Lógica

Os diferentes internatos ou meios de confinamento pelos quais passa o indivíduo são

variáveis independentes: supõe-se que a cada vez ele recomece do zero, e a linguagem comum a todos esses meios existe, mas é *analógica*. Ao passo que os diferentes modos de controle, os controlados, são variações inseparáveis, formando um sistema de geometria variável cuja linguagem é *numérica* (o que não quer dizer necessariamente binária). Os confinamentos são *moldes*, distintas moldagens, mas os controles são uma *modulação*, como uma moldagem autodeformante que mudasse continuamente, a cada instante, ou como uma peneira cujas malhas mudassem de um ponto a outro. (...)

Nas sociedades de disciplina não se parava de recomeçar (da escola à caserna, da caserna à fábrica), enquanto nas sociedades de controle nunca se termina nada, a empresa, a formação, o serviço sendo os estados metaestáveis e coexistentes da mesma modulação, como que de um deformador universal. Kafka, que já se instalava no cruzamento dos dois tipos de sociedade, descreveu em *O processo* as formas jurídicas mais temíveis: a *quitação aparente* das sociedades disciplinares (entre dois confinamentos), a *moratória ilimitada* das sociedades de controle (em variação contínua) são dois modos de vida jurídicos muito diferentes, e se nosso direito, ele mesmo em crise, hesita entre ambos, é porque saímos de um para entrar no outro. As sociedades disciplinares têm dois polos: a assinatura que indica o *indivíduo*, e o número de matrícula que indica sua posição numa *massa*. É que as disciplinas nunca viram incompatibilidade entre os dois, e é ao mesmo tempo que o poder é massificante e individuante, isto é, constitui num corpo único aqueles sobre os quais se exerce, e molda a individualidade de cada membro do corpo (Foucault via a origem desse duplo cuidado no poder pastoral do sacerdote — o rebanho e cada um dos animais —, mas o poder civil, por sua vez, iria converter-se em "pastor" laico por outros meios). Nas sociedades de controle, ao contrário, o essencial não é mais uma assinatura nem um número, mas uma cifra, ao passo que as sociedades disciplinares são reguladas por *palavras de ordem* (tanto do ponto de vista da integração quanto da resistência). A linguagem numérica do controle é feita de cifras, que marcam o acesso à informação, ou a rejeição. Não se está diante do par massa-indivíduo. Os indivíduos tornaram-se "*dividuais*", divisíveis, e as massas tornaram-se amostras, dados, mercados ou "*bancos*". É o dinheiro que talvez melhor exprima a distinção entre as duas sociedades, visto que a disciplina sempre se referiu a moedas cunhadas em ouro — este servia de medida-padrão —, ao passo que o controle remete a trocas flutuantes, modulações que fazem intervir como cifra uma percentagem de diferentes amostras de moeda. A velha toupeira monetária é o animal dos meios de confinamento, mas a serpente o é das sociedades de controle. Passamos de um animal a outro, da toupeira à serpente, no regime em que vivemos, mas também na nossa maneira de viver e nas nossas relações com outrem. O homem da disciplina era um produtor descontínuo de energia, mas o homem do controle é antes ondulatório, funcionando em órbita, num feixe contínuo. Por toda parte o *surf* já substituiu os antigos *esportes*.

L'Autre Journal, n. 1, maio/1990. In: *Conversações*, p. 219-226.

Texto III

[Do livre-arbítrio]

Fernando Pessoa

A ideia do LIVRE-ARBÍTRIO, na minha opinião, tem o seu princípio na aplicação ao mundo moral da ideia primitiva e natural de *liberdade física*. Esta aplicação, esta analogia é inconsciente; e é também falsa. É, repito, um daqueles erros inconscientes que nós cometemos; um daqueles falsos raciocínios nos quais tantas vezes e tão naturalmente caímos. Schopenhauer mostrou que a primitiva noção de liberdade é a "ausência de obstáculos", uma noção puramente física. E na nossa concepção humana de liberdade a noção persiste. Ninguém toma um idiota, ou louco por responsável. Por quê? Porque ele concebe uma coisa no cérebro como um obstáculo a um verdadeiro juízo.

A ideia de liberdade é uma ideia puramente metafísica.

A ideia primária é a ideia de responsabilidade que é somente a aplicação da ideia de causa, pela referência de um efeito à sua Causa. "Uma pessoa bate-me; eu bato àquela em defesa." A primeira atingiu a segunda e matou-a. Eu vi tudo. Essa pessoa é a Causa da morte da outra. Tudo isto é inteiramente verdade.

Assim se vê que a ideia de livre-arbítrio não é de modo algum primitiva; essa responsabilidade, fundada numa legítima mas ignorante aplicação do princípio de Causalidade, é a ideia realmente primitiva. Ao princípio o homem não é consciente senão da liberdade física. Ao princípio não há um tal estado metafísico da mente. A ideia de liberdade apareceu pela razão, é metafísica, portanto, sujeita a erro.

A opinião popular, pelo que vimos, põe o elemento real de liberdade moral no juízo, na consideração, no poder de percepção, para distinguir o bem do mal, para os discutir mentalmente. Mas esta afirmação é falsa. A concepção popular é esta: esse *juízo* é o que considera uma coisa, decidindo se ela é boa ou má. Na opinião popular, é esta faculdade que nos diz que uma coisa é boa ou má; é, pensa-se, o elemento do bem em nós. O povo pensa que, se eu noto que uma ação é má e não obstante eu a pratico, eu sou réu do mal.

A ideia de liberdade moral não é de modo nenhum primitiva, nem mesmo de hoje, na mente popular, ou hipoteticamente, em qualquer mente culta que ignore inteiramente a questão. É uma ideia adquirida pela razão, uma ideia filosófica. Primitivamente não há nem senso moral de liberdade nem um senso de determinismo. É inútil pensar que um selvagem tenha um senso de liberdade moral.

O homem é um animal perfeito e o único senso primitivo neste caso é o senso de liberdade física. "Eu posso fazer o que quero." Disto não há dúvida, evidentemente. Até agora eu não estou prisioneiro, nem paralítico, nem ligado por qualquer obstáculo físico, eu sou *livre*: posso fazer o que quero. "Mas posso eu querer o que quero e não querer nada mais?" Eis aqui a grande questão. Ora, esta inconsciência primitiva, para

que lado pende mais: para o livre-arbítrio ou para o determinismo?

[Manuscrito 1906?] Ideias filosóficas. In: *Obras em prosa*, p. 536-537 (com adaptações)

Parte I — Redação

Valendo-se da leitura dos textos I, II e III, disserte sobre o tema suscitado por Rui Barbosa no seguinte trecho:

> A presunção de liberdade, com efeito, não é apenas um direito natural na acepção mais ou menos arbitrária ligada a esse vocábulo pela escola metafísica que procura o ideal do direito numa concepção abstrata da natureza humana, mas no sentido histórico. Ela é a expressão de uma necessidade orgânica das relações do homem com o homem entre as sociedades iniciadas na civilização.

Extensão: de 400 a 500 palavras (valor: setenta pontos).

Parte II — Resumo

Resuma o conceito de "liberdade" formulado exclusivamente nos textos I, II e III. Extensão: de 200 a 250 palavras (valor: trinta pontos).

10.9. TEMAS TÉCNICOS

Algumas redações cobram temas técnicos, ou seja, o tema para a redação é um dos assuntos constantes no conteúdo programático da prova objetiva, para um cargo específico.

Vejamos abaixo alguns exemplos. Note que o tema da redação tem a ver com o cargo em si, ou seja, com os conhecimentos técnicos que o cargo exige.

- FCC — Advogado — Nossa Caixa — fev./2011

1. Sua redação deve ter no mínimo 20 e no máximo 30 linhas, considerando-se letra de tamanho regular.

2. Discorra fundamentadamente sobre o conceito, a natureza jurídica e a finalidade da ação monitória.

- Cespe-UnB — Assistente CNPq — 2011

Faça o que se pede a seguir, usando o espaço para rascunho indicado no presente caderno. Em seguida, transcreva o texto para a FOLHA DE TEXTO DEFINITIVO DA PROVA DISCURSIVA, no local apropriado, pois não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de linhas disponibilizadas será desconsiderado.

Na folha de texto definitivo, identifique-se apenas no cabeçalho da primeira página, pois não será avaliado texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Nas organizações, a criação de um programa de gestão de documentos tem, entre

outras, a finalidade de estabelecer procedimentos para o controle do fluxo de documentos que são produzidos e recebidos. A distribuição aos diversos setores da organização, o registro e o controle da tramitação desses documentos constituem atividades, hoje, sob a responsabilidade de uma unidade específica, chamada protocolo ou protocolo e arquivo, comunicação administrativa, documentação e comunicação administrativa, entre outras denominações.

Considerando o fragmento de texto acima, que tem caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo sobre as atividades de protocolo nas organizações, abordando, necessariamente, os seguintes aspectos:

— entrada e saída de documentos;

— registro de documentos;

— tramitação de documentos.

■ FCC — TRT 14a R. — Analista Judiciário — Especialidade Tecnologia da Informação — abr./2011

Atenção: A Prova Discursiva — Redação deverá ter extensão mínima de 20 e máxima de 30 linhas.

1. Defina a UML e o polimorfismo.

2. Relacione:

a. os componentes básicos principais utilizados nos diagramas de caso de uso e de sequência.

b. os compartimentos principais utilizados na representação de uma classe.

3. Descreva o principal objetivo das camadas de transporte, de enlace e de rede do modelo de referência OSI.

■ Tribunal Regional Eleitoral — Santa Catarina

A democracia contemporânea é representativa, em substituição à democracia direta criada nos tempos da Grécia clássica, sendo marcada pelo direito de votar e ser votado.

O sistema eleitoral brasileiro, tendo adotado a representação proporcional em seu antigo Código Eleitoral, mantém atualmente disciplinamento de coligações em conformidade com a Lei n. 9.504/97, que trata das eleições.

Discorra sobre a abrangência das coligações nas eleições, não somente admitidas para as eleições obedientes ao princípio proporcional, mas também previstas atualmente na legislação eleitoral, e, ainda, esclareça sobre a denominada "verticalização das eleições", conforme é reconhecida pelo egrégio Tribunal Superior Eleitoral.

■ Cespe-UnB — IBAMA — Regulação, Controle, Fiscalização, Licenciamento e Auditoria Ambiental

Nesta prova — que vale dez pontos, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados**

fragmentos de textos escritos em locais indevidos.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Foi realizado o estudo de impacto ambiental da construção de uma pequena central hidrelétrica (PCH) em uma bacia hidrográfica de região do cerrado, com diferentes alternativas de localização de barragens em meio à rede de drenagem da bacia. Nessa bacia hidrográfica, verificam-se diversas formas de uso e ocupação da terra, manchas de vegetação nativa distribuídas em isolados espaciais e grande concentração de áreas de preservação permanente.

Como o estudo deveria considerar múltiplos impactos, entre os técnicos contratados para compor a equipe e trabalho, um deles enfocaria um único aspecto: conservação da biodiversidade terrestre. A tarefa desse técnico era explicar como tal estudo deveria ser conduzido para avaliar o impacto das diversas alternativas de execução do empreendimento sobre a conservação da biodiversidade terrestre e apresentar um resultado conclusivo para a tomada de decisão, considerando que a barragem e a consequente formação de reservatório, mesmo nas PCHs, representam uma fragmentação do hábitat.

Foram admitidas três possibilidades de localização da PCH e duas alternativas de quotas para o nível máximo do reservatório para cada localização da PCH. Como referência de impacto, foi considerada uma espécie de mamífero de ambiente arbóreo com deslocamento severamente limitado em cursos d'água largos e ambientes antrópicos e limitado parcialmente em área de campo sujo.

Considerando essa situação hipotética, redija um texto dissertativo em que constem, em ordem sequencial, as etapas do trabalho a ser realizado pelo técnico, a execução por geoprocessamento e breve justificativa técnica, de forma a apontar um resultado conclusivo para a tomada de decisão para a situação descrita acima.

■ 10.10. ESTUDO DE CASOS

O estudo de casos é um tipo de exercício de redação em que **o candidato resolve um problema proposto**, geralmente em no máximo vinte linhas.

A resposta **deve seguir todos os preceitos vistos até aqui para a dissertação:** introdução, desenvolvimento e conclusão, porém — como se trata de resposta a um problema proposto — deve-se fazer isso **tudo em um único parágrafo**.

A resposta terá, então: uma frase síntese (introdução), em que se apresenta o problema; frase de desenvolvimento, em que se resolve o problema; e uma frase conclusiva.

Vejamos isso em alguns textos:

Texto I

Gente bem qualificada é um ativo com importância cada vez mais óbvia. Nestes primeiros anos do novo milênio, passados os solavancos provocados pelas reestruturações, fusões, aquisições, trocas de mão de obra por tecnologias e com a estrada pavimentada pelas crescentes exportações de produtos nacionais — alimentos, bebidas, couro, têxteis, sucos, calçados e vestuário —, a indústria brasileira de bens de consumo busca avidamente capitais humanos de alta qualidade para suas necessidades presentes e futuras. As empresas mais conscientes de que tais carências podem afetar bastante a sustentação do crescimento acelerado do setor têm bastante claro que a gestão do capital humano, numa perspectiva temporal de longo prazo, é tão crítica para o êxito empresarial quanto dispor de fundos a custo competitivo, tecnologia avançada e clientes satisfeitos. Gente bem qualificada e motivada é um ativo cuja importância é cada vez mais óbvia para os que investem na indústria de bens de consumo e fator decisivo para se obter níveis de desempenho diferenciados.[11]

Texto II

A população sertaneja é e será monarquista por muito tempo, porque no estádio inferior da evolução social em que se acha, falece-lhe a precisa capacidade mental para compreender e aceitar a substituição do representante concreto do poder pela abstração que ele encarna, pela lei. Ela carece instintivamente de um rei, de um chefe, de um homem que a dirija, que a conduza e, por muito tempo ainda, o Presidente da República, os presidentes dos estados, os chefes políticos locais serão o seu rei, como, na sua inferioridade religiosa, o sacerdote e as imagens continuam a ser os seus deuses. Serão monarquistas como são fetichistas, menos por ignorância do que por um desenvolvimento intelectual, ético e religioso, insuficiente ou incompleto.[12]

Texto III

Li que a espécie humana é um sucesso sem precedentes. Nenhuma outra com uma proporção parecida de peso e volume se iguala à nossa em termos de sobrevivência e proliferação. E tudo se deve à agricultura. Como controlamos a produção do nosso próprio alimento, somos a primeira espécie na história do planeta a poder viver fora de seu ecossistema de nascença. Isso nos deu mobilidade e a sociabilidade que nos salvaram do processo de seleção, que limitou outros bichos de tamanho equivalente. É por isso que não temos mudado muito, mas não nos extinguimos.[13]

Esses trechos poderiam ser separados em três parágrafos: introdução, desenvolvimento e conclusão. Vejamos como ficam:

Texto I — reescrito

Gente bem qualificada é um ativo com importância cada vez mais óbvia.

Nestes primeiros anos do novo milênio, passados os solavancos provocados pelas reestruturações, fusões, aquisições, trocas de mão de obra por tecnologias e com a estrada pavimentada pelas crescentes exportações de produtos nacionais — alimentos, bebidas, couro, têxteis, sucos, calçados e vestuário —, a indústria brasileira de bens de

consumo busca avidamente capitais humanos de alta qualidade para suas necessidades presentes e futuras. As empresas mais conscientes de que tais carências podem afetar bastante a sustentação do crescimento acelerado do setor têm bastante claro que a gestão do capital humano, numa perspectiva temporal de longo prazo, é tão crítica para o êxito empresarial quanto dispor de fundos a custo competitivo, tecnologia avançada e clientes satisfeitos.

Gente bem qualificada e motivada é um ativo cuja importância é cada vez mais óbvia para os que investem na indústria de bens de consumo e fator decisivo para se obter níveis de desempenho diferenciados.

Texto II — reescrito

A população sertaneja é e será monarquista por muito tempo.

No estádio inferior da evolução social em que se acha, falece-lhe a precisa capacidade mental para compreender e aceitar a substituição do representante concreto do poder pela abstração que ele encarna, pela lei. Ela carece instintivamente de um rei, de um chefe, de um homem que a dirija, que a conduza e, por muito tempo ainda, o Presidente da República, os presidentes dos estados, os chefes políticos locais serão o seu rei, como, na sua inferioridade religiosa, o sacerdote e as imagens continuam a ser os seus deuses.

Serão monarquistas como são fetichistas, menos por ignorância do que por um desenvolvimento intelectual, ético e religioso, insuficiente ou incompleto.

Texto III — reescrito

Li que a espécie humana é um sucesso sem precedentes.

Nenhuma outra com uma proporção parecida de peso e volume se iguala à nossa em termos de sobrevivência e proliferação. E tudo se deve à agricultura. Como controlamos a produção do nosso próprio alimento, somos a primeira espécie na história do planeta a poder viver fora de seu ecossistema de nascença. Isso nos deu mobilidade e a sociabilidade que nos salvaram do processo de seleção, que limitou outros bichos de tamanho equivalente.

É por isso que não temos mudado muito, mas não nos extinguimos.

Curiosidade: Outra informação importante: mesmo que se faça uma pergunta que deva ser respondida, você deve dar a resposta organizando um parágrafo dissertativo, como acabamos de ver. Não comece a sua resposta com os tradicionais “Sim, porque...” ou “Não, porque...”.

Se a questão do estudo de caso for “O homem é sempre um ser racional?”, você jamais escreverá: “Sim, porque ele...” ou “Não, às vezes ele...”. Sua resposta deve ser: “O homem é sempre um ser racional, pois...” ou “O homem nem sempre é um ser racional, pois...”.

Vejamos agora alguns exemplos de provas em que se cobrou o estudo de casos.

■ Tribunal Regional Eleitoral — Santa Catarina

Através de ações de liderança, a ata administrativa pode estabelecer as condições necessárias para que os colaboradores sintam-se à vontade e possibilitar a concretização de um sistema de gestão de qualidade.

Escreva uma redação, utilizando o mínimo de 10 (dez) e o máximo de 20 (vinte) linhas na folha de respostas da prova discursiva, a respeito dos princípios de gestão da qualidade que podem ser empregados por parte da alta administração para a melhoria contínua do serviço eleitoral.

■ Fundação ESAG — Tribunal Regional Eleitoral — Espírito Santo

1. O artigo 37, da Constituição Federal, estabelece princípios de direito administrativo que devem ser obedecidos pela administração pública direta e indireta de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios. O artigo 2o, da Lei 9.784, de 29 de janeiro de 1999, que regula o processo administrativo no âmbito da Administração Pública Federal, especifica os princípios de direito administrativo que devem ser obedecidos pela Administração Pública. Escreva um texto, em forma de redação, utilizando-se de 10 (dez) a 15 (quinze) linhas da **folha de respostas da prova discursiva**, iniciando na linha 1 (um), citando cada um dos princípios estabelecidos por estes artigos 37, da Constituição Federal, e 2o, da Lei 9.784/1999, e dando os respectivos conceitos.

2. A respeito das emendas que o poder legislativo pode inserir no projeto de lei da lei orçamentária, descreva, em forma de redação, utilizando-se de 10 (dez) a 15 (quinze) linhas da **folha de respostas da prova discursiva**, iniciando na linha 16 (dezesseis), os prazos e condições estabelecidos pela Constituição Federal para que as mesmas possam ser consideradas normais.

■ Fundação ESAG — Tribunal Regional Eleitoral do Paraná — Analista Judiciário — Área Administrativa — 2004

1. O eleitor que deixar de votar nas eleições e não se justificar perante a Justiça Eleitoral incorrerá em multa imposta pelo Juiz Eleitoral.

— Qual o prazo para o eleitor justificar a sua ausência?

— Cite restrições impostas por lei ao eleitor que não votou, não se justificou devidamente ou não recolheu a respectiva multa imposta pela Justiça Eleitoral.

Escreva um texto, em forma de redação, utilizando-se de 10 (dez) a 15 (quinze) linhas da **folha de respostas da prova discursiva**, iniciando na linha 1 (um), respondendo ao questionamento acima.

2. A respeito dos estágios de despesa orçamentária, legalmente exigidos, têm-se o empenho, a liquidação e o pagamento. Escreva, em forma de redação, utilizando-se de 10 (dez) a 15 (quinze) linhas da **folha de respostas da prova discursiva**, iniciando na linha 16 (dezesseis), a respeito de cada um deles e da sequência a respeitar quando se trata de realizar uma despesa orçamentária.

1 CONY, Carlos Heitor. *Folha de S.Paulo.* São Paulo, 17 de abril de 1994.

2 ROCHA, Ruth. *Enquanto o mundo pega fogo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

3 VIEIRA, Pe. Antonio. *Os sermões.* São Paulo: Difel, 1968. VI, p. 99.

4 SAVIOLI, Francisco Platão; FIORIN, José Luiz. *Para entender o texto* — leitura e redação. 6. ed. São Paulo: Ática, 1998.

5 Releia no capítulo sobre "Interpretação de Texto" os Níveis de Linguagem.

6 ROCCO, Maria Thereza Fraga. *Crise na linguagem:* redação no vestibular. São Paulo: Mestre Jou, 1981.

7 BIONDI, Aloysio. *Shopping News*, 25.05.1995.

8 ALENCAR, José de. *O Guarani*. 20. ed. São Paulo: Ática, 1996.

9 SOUZA, Maria Anunciação. Disponível em: <http://www.webartigos.com/articles/29575/A-Identidade-da-Mulher-e-do-Homem-na-Sociedade-Atual-/pagina1.html#ixzz1PBHTvD6k>. Publicado em: 7 dez. 2009. Acesso em: 13 jul. 2011.

10 Você pode assumir qualquer posicionamento, até mesmo contrariando o argumento do texto motivador, mas é muito mais fácil seguir o direcionamento dado por ele.

11 RAMIREZ, Francisco Ropero. *Gazeta Mercantil*, 22.06.2005.

12 NINA RODRIGUES, Raimundo. *As coletividades anormais*. São Paulo: Nacional, 1939.

13 VERÍSSIMO, Luis Fernando. Recursos Humanos. In: Roitmam, Ari (Org.). *O desafio ético*. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

11

PROVAS SIMULADAS

A conclusão é o momento de atar as pontas, não as duas pontas da vida, restaurando na velhice a adolescência, como queria Dom Casmurro, mas as intenções e o produto, mostrando como neste estão aquelas.
José Luiz Fiorin

Para um bom desempenho em provas, é fundamental não somente estudar a teoria, mas treinar o que se estudou com exercícios.

Após cada parte deste livro você encontrou questões, com respostas comentadas que ajudaram na fixação dos conceitos, tanto da gramática quanto da interpretação de texto, redação oficial e redação discursiva. Depois desse trabalho de fixação, é importante testar os conhecimentos acumulados.

Pensando nisso, preparamos 35 provas simuladas, envolvendo todos os assuntos apresentados na obra. Elas representam o estilo das principais empresas preparadoras de exames, tais como: Cesgranrio, Cespe-UnB, Cetro Consulplan, Esaf, FCC, FGV, NCE-UFRJ, Vunesp, entre outras.

Essas provas simuladas apresentam, cada uma, dez questões sobre vários assuntos, para que você possa ter uma ideia clara e inequívoca de como é uma prova moderna de Língua Portuguesa.

Elas devem ser resolvidas paulatinamente, para que você observe a sua crescente melhoria no desempenho das resoluções: resolva uma prova simulada, volte à teoria, revise o conteúdo, refaça os exercícios e, em seguida, resolva outra prova simulada. Esse trabalho de revisão é que fará com que o seu desempenho de estudante melhore dia a dia.

Durante todo o livro, as respostas das questões foram colocadas logo após cada uma delas, pois assim facilitamos o trabalho de fixação de conceitos. Como o intuito destas provas simuladas é testar o seu conhecimento, o gabarito das questões é colocado ao final de cada prova, para que assim você possa dedicar um tempo à resolução e, depois disso, conferir acertos e erros.

Lembre-se de que não basta conferir o gabarito. Para que aumente o seu número de acertos a cada prova, é preciso que, ao errar uma questão, você volte à teoria, revise conceitos e refaça exercícios.

Então, bom treino.

Prova Simulada 1

Leia o texto abaixo para responder à questão 1.

Duas pesquisas mostram que as políticas sociais e de combate à fome implementadas pelo governo federal começam a apresentar resultados concretos na melhoria das condições de vida do povo brasileiro. Um estudo da Fundação Getulio Vargas (FGV), intitulado "Miséria em Queda", baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), do IBGE, confirmou que a miséria no Brasil caiu em 2004, e atingiu o nível mais baixo desde 1992. O número de pessoas que estão abaixo da linha da pobreza passou de 27,26% da população, em 2003, para 25,08%, em 2004. Em 1992, esse percentual era de 35,87%. É considerado abaixo da linha da pobreza quem pertence a uma família com renda inferior a R$ 115 mensais, valor considerado o mínimo para garantir a alimentação de uma família. O estudo da FGV mostrou que o índice de miséria no Brasil caiu 8%, de 2003 para 2004, deixando o país com a menor proporção de miseráveis desde 1992.

1. Assinale a opção que não constitui continuação coesa e coerente para o texto acima.

a) A cobertura destes dois programas alcança os bolsões de pobreza das zonas mais distantes dos grandes centros, reduzindo bastante a miséria no país.

b) O coordenador do estudo da FGV atribuiu a queda da pobreza ao crescimento econômico do país e listou fatores como estabilidade da inflação, reajuste do salário mínimo, recuperação do mercado de trabalho, aumento da geração de empregos formais e, ainda, o aumento da presença do Estado na economia, com uma maior transferência de renda para a sociedade.

c) O aumento da taxa de escolarização da população tem sido fundamental para a redução da desigualdade entre ricos e pobres.

d) Há uma nova geração de programas sociais que está fazendo a sociedade brasileira enxergar que é preciso dar mais a quem tem menos e entre os exemplos estão o programa Bolsa Família e o programa de aposentadoria rural.

e) A redução da taxa de pobreza foi fortemente influenciada pela queda na distância entre os ricos e pobres no Brasil, registrada em três anos consecutivos. Somente em 2004, a desigualdade caiu duas vezes mais do que no ano anterior.

(Adaptado de *Em Questão*, n. 379 — Brasília, 30 de novembro de 2005)

Leia o texto abaixo para responder à questão 2.

Haverá (1) incentivo para o aprimoramento da tecnologia nacional de produção do combustível biodiesel. Para o desenvolvimento de pesquisas e processos de produção foi destinado (2) R$ 16 milhões do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT). Parte (3) desses recursos está sendo aplicada (4) na formação da Rede Brasileira de Tecnologia de Biodiesel (RBTB), formada por universidades e instituições de pesquisa de 23 estados, e no reforço de infraestrutura laboratorial (5) para monitorar a qualidade do biodiesel.

(Adaptado de *Em Questão*, n. 261 — Brasília, 08 de dezembro de 2004)

2. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

a) 1

b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

Leia o texto abaixo para responder às questões 3 e 4.

As pesquisas desenvolvidas nos vários centros nacionais e internacionais, tanto em animais quanto em seres humanos, têm demonstrado que o tratamento regenerativo com células-tronco está deixando de ser uma utopia, podendo tornar-se importante recurso para o tratamento de diversas doenças. As pesquisas mostram que essas células têm potencial capaz de reparar as alterações determinadas pelas doenças que provocam perda ou diminuição da capacidade funcional de determinados órgãos do nosso corpo. Assim, especula-se que os transplantes de células-tronco possam vir a beneficiar doenças do coração, doenças neurovegetativas, degeneração celular ligada ao envelhecimento e a tratar certas formas de câncer, como as leucemias.

(*O Globo*, 11.03.2006. José Barbosa Filho e Roberto Benchimol Barbosa)

3. Assinale a opção correta em relação às formas verbais do texto.

a) "têm" (1o período) está no plural para concordar com "seres humanos".
b) "está deixando de ser" (1o período) concorda com "células-tronco".
c) "provocam" (2o período) está no plural para concordar com "pesquisas" (2o período).
d) "especula-se" (3o período) apresenta sujeito implícito.
e) "a tratar" (3o período) forma locução verbal com "possam vir" (3o período).

4. Assinale a opção que está de acordo com as ideias do texto.

a) O tratamento com células-tronco já se tornou importante recurso para o tratamento de doenças.
b) As células-tronco provocam diminuição da capacidade funcional de determinados órgãos.
c) O tratamento com células-tronco pode vir a tornar-se recurso para reparar os danos à saúde causados por diversas doenças.
d) Os transplantes de células-tronco já beneficiam doenças do coração e doenças neurovegetativas.
e) As células-tronco já tratam, principalmente, certas formas de câncer, como as leucemias.

Leia o texto abaixo para responder à questão 5.

Há (1) os que defendem um governo universal; essa seria, de acordo com certos teóricos, a única forma de eliminar as guerras, de construir uma paz durável, se não (2) eterna. Outros teóricos apontam a impossibilidade de governo universal sobre (3) uma História construída nos fundamentos da desigualdade. A paz só pode ser obtida entre sociedades iguais, e as sociedades nunca serão (4) iguais. Se houver a provável igualdade econômica, sempre haverá a desigualdade cultural, e, por fim, os deuses tão pouco (5) são iguais.

(Adaptado de Mauro Santayana, *Jornal do Brasil*, 11.03.2006)

5. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical, no texto acima.

a) 1
b) 2

c) 3
d) 4
e) 5

Leia o texto abaixo para responder à questão 6.

Para incentivar a fabricação do biodiesel, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) vai financiar até 90% dos itens passíveis de apoio para projetos com o Selo Combustível Social e até 80% para os demais projetos. Os recursos serão destinados a todas as fases de produção, como a agrícola, a fabricação do óleo bruto, o armazenamento e a aquisição de máquinas. A partir do próximo ano, estarão à disposição R$ 100 milhões para linhas de financiamento pelo Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) para o cultivo da matéria-prima do combustível renovável. Estima-se que 250 mil famílias de agricultores familiares e assentados da reforma agrária participam da produção de oleaginosas para atender o mercado de B2.

6. Assinale a substituição necessária para que o texto acima fique gramaticalmente correto.

a) “vai financiar” por financiará
b) “serão destinados” por destinar-se-ão
c) “estarão” por vão estar
d) “para o cultivo da” por para que se cultive
e) “participam” por participem

7. Assinale a opção que preenche respectiva e corretamente as lacunas do texto.

O século XXI desponta com a atenção da comunidade científica voltada (1) pesquisas que visam aprimorar os conhecimentos sobre a biologia celular. A aplicação racional (2) conhecimentos possibilitará o surgimento de uma nova modalidade de tratamento de doenças: a terapêutica celular regenerativa, (3) base será o emprego das chamadas células-tronco. (4) sua capacidade regenerativa, estas células se apresentam como potencialmente habilitadas para restituir o estado funcional de órgãos doentes (5) forem implantadas.

(*O Globo,* 11.03.2006. José Barbosa Filho e Roberto Benchimol Barbosa)

a) para as / desses / cuja / Em face de / em que
b) a / dos / que a / Face à / nos quais
c) às / de / tais qual / Diante de / no que
d) nas / de / com a / À frente de / em quais
e) perante as / dos / da qual / Diante à / em cujos

Leia o texto abaixo para responder à questão 8.

O Brasil é sócio fundador do FMI desde 1944 e o pagamento antecipado da dívida não vai alterar o bom relacionamento entre essa instituição e o País. Além das relações normais previstas no Artigo IV do Estatuto do Fundo para todos os países-membros, _____ que deverão ter impacto importante em outros países-membros, notadamente no que concerne ao Projeto Piloto de Investimento e à implementação do Manual de Contas Públicas. Além disso, o Brasil dará prosseguimento ao diálogo que vem mantendo com o Fundo sobre a conveniência de desenvolver mecanismos que fortaleçam a arquitetura financeira mundial e

amenizem os impactos de choques sobre a conta de capital das economias abertas.

(Adaptado de *Em Questão*, n. 387 — Brasília, 26 de dezembro de 2005)

8. Assinale a opção que completa o texto acima com coesão e coerência.

a) alguns dos projetos conjuntos
b) o Brasil continuará desenvolvendo projetos conjuntos
c) determinados projetos conjuntos
d) o desenvolvimento de determinados projetos conjuntos
e) o Brasil e o desenvolvimento conjunto de projetos

9. Assinale a opção em que há erro.

a) A crise de 2002 reduziu significativamente o fluxo de recursos externos no Brasil e elevou bastante o risco-país, indicador de confiança do investidor estrangeiro num determinado país.
b) Em 2003, houve um ajuste fiscal mais firme para controlar a inflação, a expansão do crédito doméstico e o aumento da demanda externa por produtos brasileiros, fato que permitiu a retomada do crescimento da economia em 2004.
c) As políticas de ajuste ainda permitiram a diminuição de dívida líquida do setor público de 57,2% do PIB, no final de 2003, para 51,8%, no fim do ano passado.
d) Para continuar a crescer de forma sustentável é necessário recuperar os investimentos e ampliar a capacidade de atrairem recursos estrangeiros.
e) Para enfrentar esses desafios, são necessários os esforços para equilibrar as contas da Previdência Social, reduzir o Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), implementar a nova Política Industrial, Tecnológica e de Comércio Exterior e aprovar a lei das Parcerias Público-Privadas.

(Adaptado de *Em Questão*, n. 355 — Brasília, 12 de setembro de 2005)

10. Assinale a opção em que o emprego dos sinais de pontuação está correto.

a) Motoristas e montadoras de automóveis, não terão que desembolsar mais recursos com a mudança para o biodiesel, pois esse combustível não exige nenhuma alteração nos motores dos veículos.
b) A Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), assegurou a garantia dos motores dos veículos que utilizarem o biodiesel misturado ao diesel na proporção de 2%, como foi autorizado.
c) Além disso, o combustível renovável poderá ser usado, em substituição ao óleo diesel em usinas termelétricas, na geração de energia elétrica em comunidades de difícil acesso, como é o caso de diversas localidades na região Norte.
d) Para autorizar o uso do biodiesel no mercado nacional, o governo, editou um conjunto de atos legais que tratam dos percentuais de mistura do biodiesel ao diesel, da forma de utilização e do regime tributário.
e) Tal regime, considera a diferenciação das alíquotas com base na região de plantio, nas oleaginosas e na categoria de produção (agronegócio e agricultura familiar). O governo cria também o Selo Combustível Social e isenta a cobrança do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI).

(Adaptado de *Em Questão*, n. 261 — Brasília, 08 de dezembro de 2004)

Gabarito da Prova Simulada 1

1-a, 2-b, 3-e, 4-c, 5-e, 6-e, 7-a, 8-b, 9-d, 10-c.

Prova Simulada 2

Atenção: As questões de números 1 a 6 referem-se ao texto que segue.

Propósitos e liberdade

Desde que nascemos e a nossa vida começou, não há mais nenhum ponto zero possível. Não há como começar do nada. Talvez seja isso que torna tão difícil cumprir propósitos de Ano-Novo. E, a bem da verdade, o que dificulta realizar qualquer novo propósito, em qualquer tempo.

O passado é como argila que nos molda e a que estamos presos, embora chamados imperiosamente pelo futuro. Não escapamos do tempo, não escapamos da nossa história. Somos pressionados pela realidade e pelos desejos. Como pode o ser humano ser livre se ele está inexoravelmente premido por seus anseios e amarrado ao enredo de sua vida? Para muitos filósofos, é nesse conflito que está o problema da nossa liberdade.

Alguns tentam resolver esse dilema afirmando que a liberdade é a nossa capacidade de escolher, a que chamam livre-arbítrio. Liberdade se traduziria por ponderar e eleger entre o que quero e o que não quero ou entre o bem e o mal, por exemplo. Liberdade seria, portanto, sinônimo de decisão.

Prefiro a interpretação de outros pensadores, que nos dizem que somos livres quando agimos. E agir é iniciar uma nova cadeia de acontecimentos, por mais atrelados que estejamos a uma ordem anterior. Liberdade é, então, começar o improvável e o impensável. É sobrepujar hábitos, crenças, determinações, medos, preconceitos. Ser livre é tomar a iniciativa de principiar novas possibilidades. Desamarrar. Abrir novos tempos.

Nossa história e nosso passado não são nem cargas indesejadas, nem determinações absolutas. Sem eles, não teríamos de onde sair, nem para onde nos projetar. Sem passado e sem história, quem seríamos? Mas não é porque não pudemos (fazer, falar, mudar, enfrentar...) que jamais poderemos. Nossa capacidade de dar um novo início para as mesmas coisas e situações é nosso poder original e está na raiz da nossa condição humana. É ela que dá à vida uma direção e um destino. Somos livres quando, ao agir, recomeçamos.

Nossos gestos e palavras, mesmo inconscientes e involuntários, sempre destinam nossas vidas para algum lugar. A função dos propósitos é transformar esse agir, que cria destinos, numa ação consciente e voluntária. Sua tarefa é a de romper com a casualidade aparente da vida e apagar a impressão de que uma mão dirige nossa existência.

Os propósitos nos devolvem a autoria da vida.

(Dulce Critelli, *Folha de S.Paulo*, 24.01.2008)

1. A autora defende a tese de que afirmamos nossa liberdade quando

a) formulamos propósitos que nos libertam plenamente de nossas memórias e das experiências vividas.

b) formulamos a intenção de agir para provar nossa capacidade de dominar e exercer o nosso livre-arbítrio.

c) passamos a agir com a determinação de abrir caminhos que representem novas possibilidades.
d) condicionamos nossas ações à personalidade que viemos constituindo e cristalizando ao longo da vida.
e) orientamos nossa ação pela escolha de valores definidos previamente como imperativos morais.

2. Considere as seguintes afirmações:

I. Ao sustentar que *Não há como começar do nada*, a autora deixa implícito que somos fatalmente conduzidos para um destino já traçado.

II. O conflito que, para muitos filósofos, se traduz como *problema da nossa liberdade* é o que se estabelece entre as amarras do passado e o anseio de ser livre.

III. O fracasso em iniciativas passadas não deve impedir que as retomemos, pois é essa insistência que atesta nossa liberdade.

Em relação ao texto, está correto SOMENTE o que se afirma em
a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) II e III.

3. Ao dar ênfase ao caráter consciente e voluntário dos nossos propósitos, a autora coloca-se contra
a) a subordinação nossa à força dos acasos.
b) a tentação de sobrepujarmos fortes determinações.
c) a nossa tendência para retomar antigas iniciativas.
d) o caprichoso hábito de nunca voltarmos atrás.
e) a possibilidade de nos valermos do livre-arbítrio.

4. Numa outra redação de um segmento do 5º parágrafo do texto, estará correta e coerente com o sentido original a seguinte construção:

Sem nossa história e nosso passado, não teríamos
a) de onde prover, nem aonde nos inclinarmos.
b) por onde começar, nem espaço para nos expandirmos.
c) aonde começar, nem aonde alcançarmos projeção.
d) por onde provermos, nem lugar aonde nos fixarmos.
e) onde dar início, nem aonde progredirmos.

5. É a liberdade que dá à vida uma direção.

O termo em destaque na frase acima exerce a mesma função sintática do termo sublinhado em:
a) Sem passado e sem história, poderíamos ser *livres*?
b) Liberdade seria, a meu ver, um sinônimo *de decisão.*
c) Somos livres *a cada vez que*, agindo, recomeçamos.
d) Liberdade seria, pois, começar *o improvável.*

e) *A liberdade* nos liberta, o passado é argila que nos molda.

6. Assinale a opção incorreta em relação ao trecho abaixo:

Prefiro a interpretação de outros pensadores, que nos dizem que somos livres quando agimos. E agir é iniciar uma nova cadeia de acontecimentos, por mais atrelados que estejamos a uma ordem anterior. Liberdade é, então, começar o improvável e o impensável. É sobrepujar hábitos, crenças, determinações, medos, preconceitos. Ser livre é tomar a iniciativa de principiar novas possibilidades. Desamarrar. Abrir novos tempos.

a) O verbo preferir, na primeira oração, tem a mesma classificação sintática que o verbo assistir na frase: "Nem sempre assistem com atenção os médicos o seu paciente".
b) o primeiro "que" do trecho introduz uma oração explicativa.
c) o segundo "que" do trecho introduz uma oração restritiva.
d) podemos substituir o ponto-final após agimos (1º período) por vírgula, sem prejuízo sintático ou semântico para o texto.
e) todas as palavras do trecho estão corretamente acentuadas.

7. Em relação ao texto, assinale a opção correta.

É preciso que sejam adotadas medidas indispensáveis para dar continuidade ao crescimento, entre elas os investimentos necessários à nossa infraestrutura (energia elétrica, portos, rodovias e ferrovias), a melhoria no nível da educação, aprovação das reformas tributária, sindical, previdenciária e trabalhista e a desburocratização dos serviços públicos. Sem isso, estaremos condenados à costumeira gangorra de sempre, com números bons num ano e ruins no outro, eternos dependentes dos humores da economia mundial.

Ao contrário do que previam os pessimistas, no final do século passado, o processo de globalização está favorecendo o comércio exterior de países como o Brasil, que tem ainda muitas áreas inaproveitadas para expansão da lavoura.

(*Jornal do Commercio* (PE), 12.01.2008)

a) A substituição dos parênteses por travessões prejudicaria a correção gramatical do período.
b) O sinal indicativo de crase em "à costumeira" justifica-se pela regência de "estaremos".
c) A expressão "costumeira gangorra" está sendo empregada em sentido denotativo.
d) O emprego da primeira pessoa do plural em "nossa" e "estaremos" indica que o autor fala em nome de um departamento do governo.
e) A vírgula após "Brasil" justifica-se por ser a oração subsequente subordinada adjetiva explicativa.

8. Assinale a opção em que o trecho do Valor Econômico (15.01.2008 — com adaptações) apresenta erro gramatical.

a) Várias lições foram aprendidas com o apagão de 2001 e não há dúvida de que a situação em que o País se encontra para prevenir e enfrentar a eventual repetição de cortes forçados de energia são muito melhores que as de sete anos atrás.
b) Há pelo menos dois anos o abastecimento de gás natural deixou de ser confiável, e não será pela proximidade de escassez de energia que o problema mudará de natureza.
c) A questão da necessidade de medidas de economia de energia, sejam elas quais forem — inclusive a que deveria ser item permanente de todos os governos, todos os anos: a

racionalização do uso —, passou a ser encarada pelo governo como um desafio.

d) O modelo energético atual privilegiou a garantia de fornecimento da energia e a modicidade tarifária para novos empreendimentos. Tem pontos fortes e fracos, como todos os modelos. Ele é estadista e centralizador, sem que, por isso, esteja condenado à ineficiência.

e) Ao contrário, a previsibilidade de todo o sistema é hoje maior, embora isto tampouco seja uma garantia de que as necessidades do futuro serão atendidas por medidas adequadas no presente. Se o planejamento for seguido à risca, a situação da oferta do gás tem condições de melhorar em 2008.

9. Assinale o trecho do texto adaptado do Jornal do Commercio (PE), de 12.01.2008, que apresenta erro de regência.

a) Depois de um longo período em que apresentou taxas de crescimento econômico que não iam além dos 3%, o Brasil fecha o ano de 2007 com uma expansão de 5,3%, certamente a maior taxa registrada na última década.

b) Os dados ainda não são definitivos, mas tudo sugere que serão confirmados. A entidade responsável pelo estudo foi a conhecida Comissão Econômica para a América Latina (Cepal).

c) Não há dúvida de que os números são bons, num momento em que atingimos um bom superávit em conta corrente, em que se revela queda no desemprego e até se anuncia a ampliação de nossas reservas monetárias, além da descoberta de novas fontes de petróleo.

d) Mesmo assim, olhando-se para os vizinhos de continente, percebe-se que nossa performance é inferior a que foi atribuída à Argentina (8,6%) e a alguns outros países com participação menor no conjunto dos bens produzidos pela América Latina.

e) Nem é preciso olhar os exemplos da China, Índia e Rússia, com crescimento acima desses patamares. Ao conjunto inteiro da América Latina, o organismo internacional está atribuindo um crescimento médio, em 2007, de 5,6%, um pouco maior do que o do Brasil.

10. Assinale a opção em que o trecho foi transcrito com erro de pontuação.

a) Ao longo dos últimos anos, na reforma do Judiciário, o Congresso municiou o Supremo com ferramentas novas para imprimir maior eficácia ao sistema. A corte, entretanto, as vem utilizando com certa timidez.

b) A mais poderosa dessas armas é o efeito vinculante. Trata-se de dispositivo que permite ao Supremo editar súmulas fixando jurisprudência que deve obrigatoriamente ser seguida pelas instâncias inferiores da Justiça e pela administração pública.

c) Criado em 2004 e regulamentado dois anos depois, o mecanismo só foi utilizado em três ocasiões, nenhuma delas envolvendo conteúdo muito controverso.

d) Caminho semelhante segue o princípio da repercussão geral, que possibilita ao STF, recusar recursos extraordinários e agravos em ações com baixa relevância social, no entendimento da maioria dos ministros.

e) Associadas, a edição de novas súmulas vinculantes e a exclusão das matérias sem repercussão geral teriam o condão de livrar o Judiciário de milhares de processos repetitivos, cujo desfecho já é conhecido de antemão.

(*Folha de S.Paulo,* 02.02.2008)

1-c, 2-e, 3-a, 4-b, 5-d, 6-c, 7-e, 8-a, 9-d, 10-d.

Prova Simulada 3

Texto para as questões de 1 a 5

O conceito de verdade tem sido abordado e compreendido de diferentes formas por diversos pensadores e por diversas escolas filosóficas. Os filósofos gregos começaram a buscar a verdade em relação ou oposição à falsidade, ilusão, aparência. De acordo com essa concepção, a verdade estaria inscrita na essência, sendo idêntica à realidade e acessível apenas ao pensamento, e vedada aos sentidos. Assim, um elemento necessário à verdade era a "visão inteligível"; em outras palavras, o ato de revelar, o próprio desvelamento.

Já para os romanos, a verdade era Veritas, a veracidade. O conceito era sempre aplicado, isto é, remetia a uma história vivida que pudesse ou não ser comprovada. Essa concepção de verdade subordinava-a, portanto, à possibilidade de uma verificação. A formulação do problema do "critério de verdade" ocupou os adeptos da gnosiologia, aqueles que se dedicavam ao estudo das relações do pensamento, e de seu enunciado, sua forma de tradução na comunicação humana com o objeto ou fato real, em que se buscava uma relação de correspondência. Para a lógica, o interesse circunscrevia-se na correção e(ou) coerência semântica do discurso, da enunciação, descartando a reflexão sobre o mundo objetivo.

Para o filósofo Heidegger, as verdades são respostas que o homem dá ao mundo. Ressalte-se a utilização do termo no plural, quando o conceito de verdade perde o critério do absoluto e(ou) do indivisível. Portanto, não haveria mais uma verdade filosófica, mas várias verdades. Esse sentido mais pluralista também é defendido por Foucault, para quem o significado de verdade seria o de expressão de determinada época, cada qual com sua verdade e seu discurso.

(Iluska Coutinho. *O conceito de verdade e sua utilização no jornalismo* —
Disponível em: <www.metodista.br/unesco/gcsb>, com adaptações)

1. Assinale a opção correspondente à frase do texto que representa a síntese de suas ideias.

a) "O conceito de verdade tem sido abordado e compreendido de diferentes formas por diversos pensadores e por diversas escolas filosóficas."
b) "Os filósofos gregos começaram a buscar a verdade em relação ou oposição à falsidade, ilusão, aparência."
c) "Assim, um elemento necessário à verdade era a 'visão inteligível'; em outras palavras, o ato de revelar, o próprio desvelamento."
d) "A formulação do problema do 'critério de verdade' ocupou os adeptos da gnosiologia".

2. No texto, um fato ou estado considerado em sua realidade está expresso pelo verbo destacado em

a) "a verdade *estaria* inscrita" (1o parágrafo).
b) "o interesse *circunscrevia*-se" (2o parágrafo).
c) "não *haveria* mais uma verdade filosófica" (3o parágrafo).
d) "o significado de verdade *seria* o de expressão" (3o parágrafo).

3. A respeito do texto, julgue os itens seguintes, e assinale uma das opções.

I. Tanto para os gregos como para os lógicos, a verdade constituía uma reflexão, acessível aos sentidos, não ilusória sobre o mundo.

II. Em latim, o conceito de verdade estava associado à experiência e dependia de verificação.

III. Para filósofos mais modernos, a verdade relaciona homem e mundo e varia nas diferentes épocas e discursos.

a) Apenas o item I está certo.
b) Apenas o item III está certo.
c) Apenas os itens I e II estão certos.
d) Apenas os itens II e III estão certos.

4. Assinale a opção correta a respeito do emprego da crase nas estruturas linguísticas do texto.

a) No segundo período do texto, mantêm-se as relações semânticas, bem como a correção gramatical, ao se inserir à antes de "ilusão" e antes de "aparência".
b) No 1º parágrafo, tanto o uso da crase em "à realidade" como da contração em "ao pensamento" justificam-se pelas relações de regência de "idêntica".
c) No 2º parágrafo, preservam-se as relações de regência de "remetia", bem como a correção gramatical do texto, ao se inserir um sinal indicativo de crase em "a uma história".
d) A retirada do sinal indicativo de crase em "à possibilidade" (2º parágrafo) provocaria erro gramatical e incoerência nas ideias do texto, por transformar objeto indireto em objeto direto na oração.

5. Assinale a opção incorreta a respeito da função textual das estruturas linguísticas do texto.

a) 1º parágrafo — No encadeamento dos argumentos do texto, a expressão "essa concepção" remete à ideia anterior, de "verdade em relação ou oposição à falsidade, ilusão, aparência".
b) 1º parágrafo — A expressão "em outras palavras" tem a função de introduzir uma explicação ou um esclarecimento sobre como o conceito de "visão inteligível" deve ser compreendido.
c) 2º parágrafo — O desenvolvimento das ideias do texto mostra que a expressão "gnosiologia" deve ser interpretada como sinônimo de "critério de verdade".
d) 3º parágrafo — Na organização da coesão textual, as duas ocorrências do vocábulo "mais" associam as ideias das orações em que ocorrem às dos parágrafos anteriores, mas sua omissão não prejudicaria a correção ou a coerência textuais.

Texto para as questões de 6 a 8.

A ciência moderna teve de lutar com um inimigo poderoso: os monopólios de interpretação, fossem eles a religião, o estado, a família ou o partido. Foi uma luta travada com enorme êxito e cujos resultados positivos vão ser indispensáveis para criar um conhecimento emancipatório pós-moderno. O fim dos monopólios de interpretação é um bem absoluto da humanidade.

No entanto, como a ciência moderna colonizou as outras formas de racionalidade, destruindo, assim, o equilíbrio dinâmico entre regulação e emancipação, em detrimento desta, o êxito da luta contra os monopólios de interpretação acabou por dar lugar a um novo inimigo, tão temível quanto o anterior, e que a ciência moderna não podia senão ignorar: a renúncia à

interpretação, paradigmaticamente patente no utopismo automático da tecnologia e também na ideologia e na prática consumistas.

(Boaventura de Sousa Santos. *A crítica da razão indolente*. São Paulo: Cortez, 2007, p. 95, com adaptações)

6. Depreende-se da argumentação do texto que

a) a criação de um conhecimento pós-moderno apoia-se na utopia da ideologia e da prática consumista.
b) tanto uma interpretação monopolizada quanto a falta de interpretação são prejudiciais à humanidade.
c) tanto a ciência moderna quanto outras formas de racionalidade prejudicaram a luta contra os monopólios de interpretação.
d) o fim dos monopólios de interpretação teve como uma de suas consequências o enfraquecimento da religião, do Estado, da família e dos partidos.

7. Assinale a opção correspondente à proposta de substituição para o texto que provoca erro ou incoerência textual.

a) *fosse* em lugar de “fossem eles” (1o parágrafo)
b) *seus* em lugar de “cujos” (1o parágrafo)
c) *Acabarem os monopólios de interpretação* em lugar de “O fim dos monopólios de interpretação” (1o parágrafo)
d) *deixar de* em lugar de “senão” (2o parágrafo)

8. No desenvolvimento das ideias do texto, introduz-se uma ideia de causa com o uso

a) de “para” em “para criar um conhecimento emancipatório pós-moderno”.
b) de “como” em “como a ciência moderna colonizou as outras formas de racionalidade”.
c) de “destruindo” em “destruindo, assim, o equilíbrio dinâmico entre regulação e emancipação”.
d) do sinal de dois-pontos depois de “ignorar” em “e que a ciência moderna não podia senão ignorar: a renúncia à interpretação”.

Texto para as questões 9 e 10.

Por muitos anos, pensávamos compreender o que era interpretado, o que era uma interpretação; inquietávamo-nos, eventualmente, a propósito de uma dificuldade em particular, ocorrida no trabalho de interpretação. Nada mais. Atualmente, não temos certeza, já não estamos tão certos. O conflito de ideologias fez com que indagássemos sobre o que quer dizer uma interpretação e duvidássemos sobre o que estávamos fazendo ou teríamos de fazer.

Em vez desse tratamento que era dado à questão da interpretação, a Teoria Crítica ou o Criticismo insiste em trabalhar com as palavras que estão inscritas em determinada página.

(Célio Garcia. Graças à letra “soft”, a estrutura “hard” dura.

In: Hugo Mari et al. (Org.). *Estruturalismo, memória e repercussões.*

Belo Horizonte: UFMG/Diadorim, p. 192, com adaptações)

9. Assinale a opção incorreta a respeito do uso dos sinais de pontuação no texto.

a) Na conexão de ideias, a conjunção e desempenharia a mesma função da vírgula depois de

"interpretado" (1o período) e poderia substituí-la sem prejudicar a correção do texto.

b) A substituição das duas vírgulas que demarcam a explicação "a propósito de uma dificuldade em particular" (1o período) pelo duplo travessão preservaria a correção gramatical e a coerência textual.

c) Respeita-se a relação entre as ideias do texto e mantém-se sua correção gramatical com a substituição do ponto depois de "certos" (2o período) pelo sinal de dois-pontos, fazendo os necessários ajustes na inicial maiúscula.

d) No 1o período do 2o parágrafo, a inserção de uma vírgula depois de "tratamento" preservaria a correção do texto, mas deixaria de marcar o caráter restritivo da oração iniciada por "que era".

10. Preserva-se a correção gramatical e a coerência das ideias do texto

a) ao se deslocar o pronome átono em "inquietávamo-nos" (1o período) para antes do verbo, escrevendo *nos inquietava*.

b) ao se inserir *que tenha sido* antes de "ocorrida" (1o período).

c) ao se substituir "fez com que indagássemos" (3o período) por *fez-nos indagarem*.

d) ao se retirar "que era" (2o parágrafo).

Gabarito da Prova Simulada 3

1-a, 2-b, 3-d, 4-a, 5-c, 6-b, 7-d, 8-b, 9-b, 10-d.

Prova Simulada 4

Leia o texto abaixo para responder às questões 1 e 2.

Uma das condições principais da pós-modernidade é o fato de ninguém poder ou dever discuti-la como condição histórico-geográfica. Com efeito, nunca é fácil elaborar uma avaliação crítica de uma situação avassaladoramente presente. Os termos do debate, da descrição e da representação são, com frequência, tão circunscritos que parece não haver como escapar de interpretações que não sejam autorreferenciais. É convencional nestes dias, por exemplo, descartar toda sugestão de que a "economia" (como quer que se entenda essa palavra vaga) possa ser determinante da vida cultural, mesmo "em última instância". O estranho na produção cultural pós-moderna é o ponto até o qual a mera procura de lucros é determinante em primeira instância.

(David Harvey, *Condição pós-moderna*, p. 301, com adaptações)

1. Assinale a relação lógica que não se depreende do texto.

a) Ser uma situação presente é causa de não se poder discutir a pós-modernidade.

b) Elaborar uma avaliação crítica implica debater, descrever e representar.

c) Se há produção cultural, há a busca de lucros.

d) Se a pós-modernidade fosse uma condição histórico-geográfica, a economia seria determinante na vida cultural.

e) Interpretações autorreferenciais são frequentes como resultado de avaliações críticas de uma situação presente.

2. Avalie as seguintes afirmações a respeito das estruturas linguísticas do texto (em destaque) para assinalar a opção correta.

I. O singular do verbo da primeira oração do texto deve-se à expressão "Uma das"; se,

em seu lugar, fossem empregados termos que mantivessem o sujeito no plural, por exemplo, Entre as, o verbo deveria ser flexionado necessariamente no plural.

II. A opção pelo verbo "parece", iniciando a oração, exige o emprego de uma forma impessoal de verbo no seu desenvolvimento; daí o uso de singular em "não haver como escapar".

III. O emprego da preposição de é obrigatório antes da conjunção integrante "que", pois aí se inicia uma oração subordinada que completa a ideia de "sugestão".

IV. A palavra "mesmo", empregada com valor adverbial de ainda que, sugere que o autor antecipa uma rejeição ao argumento que explicita na oração anterior.

A quantidade de itens corretos é

a) 0.
b) 1.
c) 2.
d) 3.
e) 4.

3. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

Para incentivar o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio no Brasil, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva lançou o Prêmio ODM BRASIL. A iniciativa do governo federal em conjunto com o Movimento Nacional pela Cidadania e Solidariedade e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) vai selecionar e dar visibilidade (1) experiências em todo o país que estão contribuindo para o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), como (2) erradicação da extrema pobreza e (3) redução da mortalidade infantil. Os ODM fazem parte de um compromisso assumido, perante (4) Organização das Nações Unidas, por 189 países de cumprir (5) 18 metas sociais até o ano de 2015.

(*Em Questão*, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 390 — Brasília, 06 de janeiro de 2006)

a) a, à, à, a, às.
b) as, a, a, à, as.
c) às, à, a, à, às.
d) a, a, a, a, as.
e) as, a, a, à, às.

4. As opções trazem propostas de continuidade ao trecho abaixo, diferentemente redigidas. Assinale a que contém erro de regência e/ou de concordância.

Como ninguém quer falar em aumento de impostos, todos se aferram à expressão mágica: reforma tributária. O tema evoca um país moderno, com distribuição mais justa dos valores arrecadados.

(Gustavo Krieger, Agenda necessária e agenda possível, *Correio Braziliense*, 07.01.2008, p. 4)

a) Bonito na retórica. Quando o assunto chega à mesa de discussões, o clima muda. O governo federal não quer dividir seu caixa. Estados e Municípios sempre querem mais

dinheiro.

b) É bonito até chegar à mesa de discussões. Aí ninguém quer perder. Ao contrário: todos lutam para aumentar sua fatia do bolo.

c) Tudo vai bem até o assunto chegar à mesa de discussões. União, Estados e Municípios se digladiam para não perderem nenhuma partezinha do que arrecadam. O que querem mesmo é ganhar mais.

d) Todos concordam até se sentarem na mesa de discussões, quando se inicia os mais acalorados debates. Ninguém quer perder. Estados e Municípios buscam aumentar seu quinhão na nova divisão do dinheiro arrecadado.

e) Falar em reforma tributária é bonito. O xis da questão é botá-la no papel, quando os interesses da União, Estados e Municípios se chocam na busca de uma fatia maior do bolo para cada um.

Leia o texto abaixo para, em seguida, responder à questão 5.

O ser humano não pode ser definido em relação a ele mesmo, porque não é um sujeito isolado, vive em relação com as coisas, com os outros e com o mundo, mesmo antes de pensar e de falar. Esta presença não é somente observável como também um fato vivido, isto é, quer dizer que o ser humano se manifesta no ser a cada instante. Nessa responsabilidade, inclui, às vezes, o eu e, às vezes, o outro, num equilíbrio que se faz de uma parte entre poder cuidar de si mesmo e, de outra, poder cuidar dos demais. Através dessa construção coletiva, os homens fazem e criam sua história e, nessa construção-criação, o cuidado torna-se um processo, não apenas um ato. Ato este que envolve o cuidar de si e do outro, mais o cuidado como possibilidade de continuidade da espécie, gozar a vida com qualidade e com liberdade.

(Adaptado de Carlos Altemir Schmitt, *O cuidado e a responsabilidade:* reflexão sobre a ética estabelecida no mundo do consumo desmedido, disponível em: <www.crescer.org>)

5. Assinale a proposta de paráfrase para fragmentos do texto que respeita a correção gramatical e a coerência da argumentação.

a) Primeiro período sintático:

Por não ser um sujeito isolado, não se pode definir o ser humano em relação à ele mesmo. Daí decorre que, mesmo antes de pensar e de falar, ele vive em relação com as coisas, com os outros e com o mundo.

b) Segundo período sintático:

O ser humano instantaneamente manifesta-se no ser; o que significa que esta presença observável é também um vívido fato.

c) Terceiro período sintático:

O equilíbrio se dá entre poder cuidar de si mesmo, de um lado, e poder cuidar dos demais, de outro, e tal responsabilidade, às vezes, inclui tanto o eu quanto o outro.

d) Quarto período sintático:

Na construção-criação de sua estória — por meio dessa construção coletiva — o ato extrapola o processo no cuidado de fazer e criar estória.

e) Quinto período sintático:

O cuidado como possibilidade de dar continuidade na espécie, e também de gozar a vida com qualidade, usufruíndo da liberdade agrega o ato de cuidar de si e do outro.

6. Assinale o trecho que constitui uma síntese adequada ao texto.

A tradição dominante em nossa historiografia conduziu os melhores espíritos a uma espécie de "história oficial" singularmente desprendida de intenções interpretativas e, em particular, muito sujeita a converter os atos declarados e as aspirações ideais conscientes dos agentes históricos em realidade histórica última, tão irredutível quão verdadeira em si mesma. A reação a esse padrão deficiente e deformado de descrição histórica é recente e ainda não conseguiu criar uma perspectiva de interpretação histórica livre de etnocentrismos, criticamente objetiva e aberta a certas categorias analíticas fundamentais. Por isso, aí reina uma confusão conceitual e metodológica prejudicial a qualquer tentativa de investigação macrossociológica.

(Florestan Fernandes, A revolução burguesa no Brasil. In: *Intérpretes do Brasil*, v. 3, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, p. 1.509)

a) Os melhores espíritos, sem intenções interpretativas, convertem as aspirações ideais em realidade histórica irredutível. A reação à descrição histórica não conseguiu livrar-se de etnocentrismos nem do prejuízo a qualquer investigação macrossociológica.
b) A tradição em nossa historiografia preferiu adotar a "história oficial" como realidade histórica. A reação a essa descrição equivocada é recente e ainda não conseguiu criar uma perspectiva mais objetiva, livre de etnocentrismos e teoricamente aberta. Por isso, predomina aí confusão conceitual e metodológica que prejudica a investigação macrossociológica.
c) A historiografia tradicional conduziu as descrições históricas a uma verdade irredutível. Esse padrão deficiente e deformado é recente e ainda não mudou a perspectiva das categorias analíticas. Assim, a confusão conceitual e metodológica tenta uma investigação macrossociológica.
d) A tradição historiográfica desprendeu-se de intenções interpretativas e converteu os agentes históricos em verdade irredutível. A reação é recente e ainda não se livrou do etnocentrismo e criou uma perspectiva mais aberta. O predomínio da conceituação na metodologia atrapalha a investigação macrossociológica.
e) Há uma "história oficial" desprendida de intenções interpretativas, sujeita a converter os agentes históricos em realidade histórica última. A reação é recente, mais objetiva, aberta a certas categorias analíticas. Essas conceituações metodológicas predominam e tentam uma investigação macrossociológica.

7. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e assinale a opção correta.

( ) Seu existencialismo, assentado no postulado filosófico de que "a existência precede a essência", naturalmente era de compreensão restrita.

( ) Sartre foi do existencialismo ao maoísmo e arrastou, com ele, as mentes mais agudas e os corações mais sensíveis.

( ) Pôs-se assim, ele, o grande libertário, a serviço de um dos grandes tiranos do século XX.

( ) Entretanto, o filósofo entregou-se ao maoísmo na última etapa da vida. Coerente, sempre, em viver cada opção doutrinária, foi vender na rua jornal afinado com o novo credo.

( ) Mas, pela rama, dava para entender que, se a vida era absurda, melhor era curti-la, e

assim todo mundo queria ser existencialista.

(Roberto Pompeu de Toledo, *Revista Veja*, 06.04.2005, p. 142)

a) 5º, 1º, 2º, 3º, 4º
b) 4º, 3º, 5º, 1º, 2º
c) 1º, 5º, 3º, 2º, 4º
d) 3º, 4º, 2º, 5º, 1º
e) 2º, 1º, 5º, 4º, 3º

8. Julgue se os trechos do texto abaixo estão gramaticalmente corretos e responda ao que se pede:

I. Todos os modelos, em maior ou menor grau fracassaram. O socialismo, ao em vez de oferecer o paraíso, criou um inferno sob a forma de estados totalitários, baseados na repressão policial e na ação da polícia política.

II. O capitalismo, longe de criar oportunidades iguais para que todos os indivíduos pudessem competir entre si, criou mecanismos cruéis de concentração de riqueza nas mãos de poucos, expulsando da esfera do consumo milhões de seres humanos famintos e miseráveis.

III. Os modelos intermediários criaram algumas "ilhas de prosperidade" (como os países escandinavos), possíveis por circunstâncias muito específicas de sua história e cultura, mas não conseguiram oferecer uma alternativa séria a países grandes e pobres como o Brasil.

(José Arbex e Cláudio Júlio Tognoli, *Mundo pós-moderno*, São Paulo: Scipione, p. 17)

Estão corretos
a) I e II.
b) II e III.
c) I e III.
d) I, II e III.
e) apenas o II.

9. Assinale a opção que preenche as lacunas do texto de forma gramaticalmente correta e coerente.

O saldo da balança comercial (exportações menos importações) brasileira de 2005 alcançou US$ 44,76 bilhões, valor (1) registrado na história do país. O resultado positivo, 33% maior que o atingido em 2004, (2) ao desempenho expressivo das exportações e importações. As vendas externas tiveram incremento (3) US$ 24 bilhões no ano passado e fecharam 2005 com US$ 118,3 bilhões. Já as importações totalizaram US$ 73,545 bilhões no ano passado. Os resultados recordes mostram (4), apesar da valorização do real frente ao dólar, a corrente de comércio do país (exportações mais importações) não (5) de crescer com a diversificação de pauta exportadora, aumento do número de países que compram os produtos brasileiros e o crescimento da participação de estados com pouca tradição nas vendas externas.

(*Em Questão*, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral
da Presidência da República, n. 390 — Brasília, 06 de janeiro de 2006)

a) não / se devem / demais de / -lhe / deixa
b) nunca antes / devem-se / mais que / -se / pára
c) nunca / deve-se / superior a / que / para
d) não / deveu-se / de mais / de cujo / cessa
e) nem / devia-se / maior que / qual / termina

Leia o seguinte texto para responder à questão 10.

As normas jurídicas embasadas nos valores éticos e que traduzem os procedimentos e as vivências mais fortes e consolidados da coletividade tendem a ter a adesão espontânea da maioria das pessoas que nelas se sentem representadas. É o sentimento de identidade nacional, de pátria, sem o qual a coesão social se esgarça e abre as portas para o caminho do individualismo, do salve-se quem puder, da corrupção, da violência. A consolidação desse sentimento pressupõe, além das leis, uma ação constante, coordenada pelo Estado, com a participação da sociedade, dos organismos intermediários e das famílias, num processo de educação cívica, nacional, patriótica.

(Adaptado de Patrus Ananias, Civilização pelo Estado, *Correio Braziliense*, 09.01.2005)

10. Considere tanto a correção gramatical quanto a coerência textual para julgar como falsas (F) ou verdadeiras (V) as seguintes possibilidades de continuidade para o texto:

( ) Apesar das nossas diferenças e divergências, todos os compatriotas de boa vontade somos irmãos no sonho e no trabalho de construir uma nação à altura dos nossos melhores sentimentos.

( ) Por isso, a fragilidade da condição humana revela que a história da humanidade é sempre a história das pessoas inseridas na comunidade política: na hegemonia de nações economicamente mais consolidadas.

( ) Se, por um lado, egoísmo e instinto natural buscam ao rompimento das relações de coesão nacional e reforçar o individualismo, por outro nossos valores éticos consolidados almejam construir uma nação democrática e justa.

( ) Quando se evidenciou a incapacidade do sistema de globalização planejar em uma perspectiva mais ampla e elevada dos vínculos humanos e os conflitos sociais buscou-se um outro sucedâneo para o Estado.

A sequência obtida é
a) V — F — F — F.
b) V — F — V — F.
c) V — V — F — F.
d) F — F — V — F.
e) F — V — V — F.

Gabarito da Prova Simulada 4

1-d, 2-b, 3-d, 4-d, 5-c, 6-b, 7-e, 8-b, 9-c, 10-a.

Prova Simulada 5

As questões de números 1 a 10 referem-se ao texto que segue.

Práticas e convenções

Os direitos e deveres estabelecem-se primeiro na prática, depois por convenção. O senso do que é justo, do que é socialmente desejável, mesmo do que é moral, firma-se em valores culturais, cujo acatamento coletivo muitas vezes demanda as prescrições de um código. Ocorre que a legitimidade desse código pode vir a se tornar mera e vazia convenção, quando seus postulados já não refletem a evolução dos fatos da cultura. As revisões dos dispositivos da lei fazem-se, por vezes, com tal atraso, que apenas retiram de um texto caduco aquilo que as pessoas há muito removeram de suas práticas sociais.

As recentes alterações no Código Civil brasileiro, elogiáveis em tantos aspectos, estão longe de representar algum avanço mais profundo, refletindo, apenas hoje, valores que, na prática social, firmaram-se há décadas. No que diz respeito ao papel da mulher na modernidade, essas alterações não fazem mais que formalizar (quase diria: envergonhadamente) direitos conquistados ao longo das lutas feministas, desde que a mulher tomou para si a tarefa que lhe cabia: demarcar com clareza e soberania o território de sua atuação, território que há muito é seu, não por convenção, mas pela ação cotidiana que se fez histórica.

(Diógenes Torquato, inédito)

1. Segundo o texto, as práticas sociais e o estabelecimento dos textos legais

a) ocorrem, simultaneamente, com influências recíprocas.
b) constituem, respectivamente, o plano das convenções e o plano da vida cultural.
c) ocorrem, simultaneamente, sem influência de um em outro.
d) constituem, respectivamente, o plano da vida cultural e o plano das convenções.
e) constituem, respectivamente, o plano dos valores ideais e o plano dos valores históricos.

2. Considere as seguintes afirmações:

I. As recentes alterações no Código Civil brasileiro, no que diz respeito ao papel da mulher na sociedade moderna, revelam-se anacrônicas, ignorando direitos há muito firmados na prática.

II. As lutas feministas constituem um claro exemplo de que, antes de se sistematizarem num texto legal, os valores e os direitos se afirmam na prática das ações sociais.

III. A legitimidade de um código legal depende de que este se apresente sem nenhum defeito formal, constituindo-se plenamente numa clara convenção.

Em relação ao texto está correto SOMENTE o que se afirma em

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) II e III.

3. Para preencher de modo correto a lacuna da frase, o verbo indicado entre parênteses deverá adotar uma forma do plural em:

a) As normas que num código legal se _____ (estipular) devem acompanhar a prática das ações sociais.
b) As recentes alterações que _____ (haver) no Código Civil brasileiro são elogiáveis em muitos aspectos.

c) Não nos _____ (dizer) respeito definir o que é ou não é legítimo, se não distinguimos entre o que é e o que não é um fato social.
d) Se dos postulados dos códigos _____ (nascer) todo direito, a justiça humana seria uma simples convenção.
e) Ao longo das lutas feministas tanta coisa se _____ (conquistar) que muitos dispositivos legais se tornaram imediatamente obsoletos.

4. Os tempos verbais estão adequadamente articulados na frase:
a) As mulheres muito lutariam para que possam ter seus direitos respeitados.
b) Esses valores se instituíram na prática, e só muito depois houveram sido formalizados.
c) Firma-se o senso do que é justo à proporção que passassem os anos.
d) São de se elogiar as alterações apresentadas pelo Código que recentemente se lançou.
e) Coube às mulheres lutar para que sejam reconhecidos os direitos que lhes negássemos.

5. A expressão de cujo preenche corretamente a lacuna da frase:
a) É um processo de luta _____ sucesso muitas se empenham.
b) As novidades do novo Código Civil, _____ muito se falou, são um tanto tímidas.
c) As lutas feministas, _____ sucesso ninguém mais duvida, travaram-se ao longo de muitas décadas.
d) A grande tarefa do legislador, _____ esforço devemos reconhecer, é acompanhar a evolução dos fatos da cultura.
e) As práticas sociais, _____ valor nenhum outro deveria se sobrepor, são por vezes ignoradas.

6. É preciso corrigir a redação da seguinte frase:
a) Li o novo código e, no fundamental, nada tenho a lhe opor.
b) É louvável, reconheça-se, a coragem com que as feministas pioneiras se lançaram à luta.
c) Os povos primitivos orientam-se por uma tradição de valores mais precisos e mais permanentes que os nossos.
d) Há sempre quem discuta as leis; mais difícil é haver quem discuta os valores já estabelecidos na prática social.
e) Se contra fatos não há argumentos, esta é uma afirmação autoritária, na qual não se deve recorrer.

7. Está inteiramente clara e correta a redação da frase:
a) É na constância da prática que os valores culturais se retificam, confirmando-se assim como valores onde sua legitimidade torna-se indiscutível.
b) Embora elogiáveis sobre muitos aspectos, as alterações do novo código não obtivera mais do que buscar acompanhar fatos há muito consolidados.
c) O autor do texto ao tratar de práticas e convenções está referindo às ações nas quais cujos seus valores nem sempre são imediatamente acompanhados pela legislação vigorosa.
d) A demarcação de um campo de direitos não prescinde de muita luta, tal como pode observar quem venha acompanhando o processo das batalhas feministas.
e) Não obstante haja quem o discorde, muitos acreditam que o que é justo decorre do texto legal, não se passando o mesmo com a prática das ações.

8. A necessidade ou não do sinal de crase está inteiramente observada na frase:

a) Deve-se à luta das feministas o respeito aos direitos que cabem também às outras parcelas de injustiçados que integram a nossa sociedade.
b) Encontra-se a disposição dos interessados a nova edição do Código Civil, à qual, aliás, já se fizeram objeções à torto e à direito.
c) À vista do que dispõe o novo código, não caberá à ninguém a condição "natural" de cabeça de casal, à qual, até então, se reservava para o homem.
d) Pode ser que à curto prazo o novo código esteja obsoleto em vários pontos, à exemplo do que ocorreu com o antigo.
e) Não se impute à uma mulher a culpa de não ter lutado por seus direitos; todas as pressões sociais sempre a conduziram àquela "virtuosa" resignação.

9. A única frase corretamente construída é:

a) Espero que Vossa Excelência aprecieis o novo código.
b) Se o senhor preferir, aguardarei que termines a leitura integral do código.
c) Se passares os olhos pela nova redação, poderá ver que são pequenas as alterações.
d) Conserva contigo esse exemplar do novo código; não vá perdê-lo, por favor.
e) Se Vossa Senhoria não fizer objeção, levo-lhe ainda hoje a nova redação do código.

10. Considere os seguintes casos:

I. Os homens, que ignoram os direitos da mulher, passarão a acatá-los. Os homens que ignoram os direitos da mulher passarão a acatá-los.

II. Somente, agora o Código Civil brasileiro incorporou as mudanças ocorridas. Somente agora o Código Civil brasileiro incorporou as mudanças ocorridas.

III. O valor de um código, estabelecido por convenção, deve ser comprovado na prática. O valor de um código estabelecido por convenção deve ser comprovado na prática.

A alteração na pontuação provoca alteração de sentido em

a) I, somente.
b) I e II, somente.
c) I e III, somente.
d) II e III, somente.
e) I, II e III.

Gabarito da Prova Simulada 5

1-d, 2-b, 3-a, 4-d, 5-c, 6-e, 7-d, 8-a, 9-e, 10-e.

Prova Simulada 6

1. Assinale a opção incorreta quanto aos sentidos veiculados no trecho abaixo.

Ser cidadão é entrar em um nó de relações. É simples: ao pedir nota fiscal, evita-se a sonegação e aumenta-se a arrecadação pública que, em tese, permite ao governo investir em rodovias, hospitais, escolas, segurança etc. Quando se recusa a propina ao guarda, moraliza-se o aparato policial.

Cidadania supõe consciência de responsabilidade cívica. Nada mais anticidadania do que essa lógica de que não vale a pena chover no molhado. Vale. Experimente recorrer à defesa do

consumidor, escrever para jornais e autoridades. Querem os políticos corruptos que passemos a eles cheque em branco para continuar a tratar a coisa pública como negócio privado. E fazemos isso ao torcer o nariz para a política, com aquela cara de nojo.

(Frei Betto, Educar para a cidadania, *Caros Amigos*, maio 2008)

a) O autor emprega a expressão metafórica “chover no molhado” no sentido de “duplicar o esforço” para se conseguir algo.
b) Seguindo as ideias do autor, constitui atitude cidadã reivindicar dos políticos em quem votamos o cumprimento de suas promessas de campanha.
c) A expressão “entrar em um nó de relações”, no contexto em que aparece, refere-se ao desencadeamento das diversas ações que provoca um simples pedido de nota fiscal.
d) Segundo as ideias do texto, passar um “cheque em branco” aos políticos corruptos é não agir com responsabilidade cívica.
e) Na lógica do autor, não saber o nome do político em quem se votou nas últimas eleições é uma atitude anticidadã.

2. Assinale a asserção correta em relação aos sentidos e expressões linguísticas do trecho.

Derrotada sistematicamente nos tribunais superiores, a Advocacia-Geral da União (AGU) resolveu editar um pacote com oito súmulas, reconhecendo direitos dos servidores públicos federais. O gesto põe fim a pendências jurídicas que se arrastavam havia décadas e serve de alento para quem ainda busca reaver ou manter benefícios funcionais. Com as súmulas, os advogados públicos ficam automaticamente desobrigados a contestar decisões desfavoráveis. (...) Esclarece a AGU: “O servidor sabia que se entrasse na Justiça ganharia, mas a União, por dever, mesmo sabendo que perderia, tinha de recorrer. As oito medidas acabam com isso”. Entre as súmulas está a que reconhece o direito de pagamento do auxílio-alimentação retroativo ao servidor em férias ou licença entre outubro de 1996 e dezembro de 2001.

(Luciano Pires, *Correio Braziliense*, 20.09.2008, p. 23, com adaptações)

a) O particípio “Derrotada” e o gerúndio “reconhecendo” (ambos no 1o período) constam no texto com sujeito oculto.
b) No lugar do sintagma “O gesto” (2o período) poderia ser empregado, sem prejuízo da coerência textual, qualquer dos sintagmas Este ato, Tal medida, O feito.
c) O segmento “que se arrastavam havia décadas” (2o período) é resumido, sem incorreção gramatical, da seguinte maneira: de haviam décadas.
d) Reescreve-se, mantendo-se a correção gramatical e a coerência textual, o período “para quem ainda busca reaver ou manter benefícios funcionais” (2o período) do seguinte modo: para que se reavenham ou mantenham benefícios funcionais.
e) Substitui-se, com correção gramatical e sem alteração de sentido, o segmento “ficam automaticamente desobrigados a contestar decisões desfavoráveis” (3o período) por: não ficam automaticamente obrigados a ratificar decisões favoráveis.

3. De acordo com o texto, assinale a opção correta.

Valor: O sr. espera uma piora da crise financeira global?

Fernando Cardim: O que estamos assistindo agora no mercado financeiro dos EUA é altamente preocupante. Em menos de duas semanas, após o governo Bush injetar US$ 200

bilhões nas duas casas hipotecárias, quebra o Lehman Brothers, quarto maior banco de investimento local, e é vendido, preventivamente, em apenas dois dias, o Merrill Lynch, banco de investimento independente. E a maior seguradora do mundo, a AIG, está ameaçada. Isso abre uma frente nova na crise. As seguradoras são grandes fornecedoras de CDS para os bancos comerciais. O CDS é um derivativo de crédito que serve como seguro. Quando os bancos fazem empréstimos e os tomadores não pagam eles recorrem às seguradoras para recuperar os valores dos empréstimos. Uma quebradeira nas seguradoras pode significar que a segurança do sistema bancário está sem proteção, os bancos estão nus.

(*Valor Econômico*, 18.09.2008)

a) A expressão "estamos assistindo" indica que o entrevistado fala em nome exclusivamente dos representantes do Governo.
b) As vírgulas após "Brothers" e após "local" justificam-se por isolar aposto explicativo.
c) O pronome "eles", em "eles recorrem às seguradoras", é elemento coesivo que se refere ao antecedente "tomadores".
d) O sinal indicativo de crase em "às seguradoras" justifica-se pela regência de "fazem" (em "fazem empréstimos e os tomadores não pagam eles recorrem às seguradoras") e pela presença de artigo definido feminino plural.
e) A expressão "estão nus" está sendo empregada em sentido denotativo ou literal.

4. Com base no texto, assinale a opção correta.

No caso do Brasil, o potencial de contaminação das expectativas de crescimento pela crise externa concentra-se em três ameaças: a economia real ser atingida por forte contenção de liquidez, o que diminuirá a oferta de capital para manter os investimentos, o consumo interno sofrer abalos com a perda acelerada do preço das *commodities*, o que tenderá a reduzir o lucro dos exportadores, e a volta do déficit em conta corrente, com pressão sobre o câmbio e reflexos na inflação.

O momento é oportuno para o Brasil encontrar medidas que amenizem os efeitos de uma eventual tempestade internacional. As preocupações não são infundadas. O risco de escassez de crédito externo para as empresas brasileiras é um exemplo. Acertadamente, o governo já estuda meios para compensar uma eventual paralisia do crédito internacional, por meio de fontes internas, como empréstimos do BNDES.

(*Jornal do Brasil*, 18.09.2008, Editorial)

a) O emprego da aglutinação da preposição com artigo definido feminino em "pela crise" justifica-se pela regência de "crescimento" (1º período do 1º parágrafo).
b) A substituição de "concentra-se" (1º período do 1º parágrafo) por está concentrado prejudica a correção gramatical do período.
c) A redação O momento é oportuno para que o Brasil encontre medidas (1º período do 2º parágrafo) prejudica a correção gramatical do período.
d) Estaria gramaticalmente correta e de acordo com as informações originais do texto a redação: As preocupações têm fundamento (2º período do 2º parágrafo).
e) As palavras "risco" (3º período do 2º parágrafo) e "eventual" (3º período do 2º parágrafo) reforçam a ideia de que haverá paralisia de crédito internacional.

5. Assinale a opção em que o termo destacado está gramaticalmente correto.

O Brasil vem gradativamente progredindo no que diz respeito à (1) administrar o bem público. No século passado, estava arraigado à (2) comportamentos administrativos viciosos, aos quais (3) priorizavam os interesses do administrador e de quem mais lhe conveniesse (4), ficando de lado a real finalidade do serviço público, que é servir o (5) público.

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

6. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

Passaram-se (1) anos até que a América do Sul pudesse livrar-se (2) das ditaduras que dominaram o continente, sobretudo na segunda metade do século 20. O custo foi alto, com opressão e mortes. Por isso, faz sentido o apoio que nove presidentes de países do bloco, reunidos em Santiago do Chile, na primeira cúpula da União de Nações Sul-Americanas (Unasul), deram ao (3) governo Evo Morales, legitimamente eleito e confirmado em um referendo (4) popular realizado há pouco tempo. Tirando os exageros anti-imperialistas do coronel Hugo Chávez — que procura enxergar nos levantes bolivianos o dedo da política externa americana como forma de capturar a crise para a própria agenda e, com isso, livrar-se do isolamento — os mandatários souberam manter o tom de diálogo que utilizou (5) para a transição em seus países na hora de apoiar o colega andino.

(Adaptado de *O Globo*, 17.09.2008, Editorial)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

7. Assinale o trecho inteiramente correto quanto à sintaxe de construção do período, morfossintaxe, adequação vocabular, pontuação, clareza e concisão.

a) O internauta, hoje, passou de receptivo para um usuário ativo. Passou-se, então, a criar os seus próprios conteúdos em vez de apenas buscar informações. Com isso, as redes sociais vêm crescendo cada vez mais a cada dia que se passa.
b) É necessário que se saiba o que os internautas vêm dizendo sobre as empresas nas redes virtuais, para que possa traçar estratégias para reverter quadros críticos e saber se os consumidores estão insatisfeitos com suas compras.
c) Nas grandes empresas, os consultores de tecnologia da informação (TI) vêm exercendo uma função cada vez mais estratégica, para o que se exige conhecimento técnico dos processos de negócio dos clientes e capacidade de formulação de soluções tecnológicas para os problemas detectados.
d) O consultor de TI não deve mais atuar sozinho dentro das organizações; é necessário que ele sempre esteja informado do que acontece dentro da organização na qual trabalha. Ele deve atuar juntamente com outros setores para que possa, cada vez mais, conhecer os processos de negócio de seus clientes para que juntos possam achar uma solução na qual atenda às reais necessidades.

e) O consultor de TI tem o papel de mostrar para o cliente quais são as opções de TI que o cliente pode ter e de que forma a tecnologia pode ajudá-lo a melhorar o seu negócio, ao mesmo tempo no qual se poderá auxiliá-lo informando metodologias que poderiam ser utilizadas para que possa organizar e melhorar os seus processos internos.

8. Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do jornal Valor Econômico, 16 de setembro de 2008. Assinale a opção em que há erro gramatical.

a) A recente convulsão social na Bolívia mostra que é insuficiente para o Brasil criar planos de contingência para lidar com a renintente instabilidade política do vizinho.

b) A imaturidade da democracia boliviana, que, na semana passada, parece ter repetido mais uma vez a tradição de flertar com o abismo e recuar ligeiramente em seguida, mostra a necessidade de alternativas ao principal fornecedor de gás natural para a economia brasileira.

c) É de se perguntar se não é hora de criar rapidamente uma estratégia para anular por completo o eventual impacto, na economia brasileira, de um estancamento no fluxo do gasoduto Brasil-Bolívia.

d) Desde a nacionalização dos hidrocarbonetos, feita de maneira agressiva e propagandística pelo governo Evo Morales em 2006, a Petrobras adotou providências para minimizar a dependência do gás boliviano.

e) Iniciou a construção de instalações para conversão de gás natural liquefeito (GNL), arquivou os planos de ampliação do gasoduto Brasil-Bolívia, reduziu os investimentos em território boliviano ao necessário para manter o fornecimento atual e pôs em prática seus planos para aumentar a extração de gás da Bacia de Santos.

9. Aponte o trecho com pontuação correta.

a) Se o Estado estabeleceu o incentivo à prorrogação da licença-maternidade às trabalhadoras de empresas privadas, deve, bem antes, dar-lhes o exemplo e admitir, desde já, a obrigação para si. Aliás, porque públicos também são os fundos que financiam a política de incentivo, realizados mediante renúncia fiscal, é incongruente pensar que, de um lado, o poder público possa incentivar as empresas, com fundos públicos, e, de outro, não se submeta ao objeto incentivado, arcando-o com os mesmos fundos.

b) Se o Estado, estabeleceu o incentivo à prorrogação da licença-maternidade às trabalhadoras de empresas privadas, deve, bem antes, dar-lhes o exemplo e admitir, desde já, a obrigação para si, aliás porque públicos também são os fundos que financiam a política de incentivo, realizados mediante renúncia fiscal, é incongruente pensar que, de um lado, o poder público possa incentivar as empresas, com fundos públicos, e, de outro, não se submeta ao objeto incentivado, arcando-o com os mesmos fundos.

c) Se, o Estado estabeleceu o incentivo à prorrogação da licença-maternidade às trabalhadoras de empresas privadas deve, bem antes, dar-lhes o exemplo e admitir, desde já, a obrigação para si; aliás, porque públicos também são os fundos que financiam a política de incentivo realizados mediante renúncia fiscal, é incongruente pensar que, de um lado, o poder público possa incentivar as empresas, com fundos públicos, e, de outro, não se submeta ao objeto incentivado, arcando-o com os mesmos fundos.

d) Se o Estado estabeleceu o incentivo à prorrogação da licença-maternidade às trabalhadoras de empresas privadas, deve, bem antes, dar-lhes o exemplo e admitir desde já a obrigação para si. Aliás, porque públicos também são os fundos, que financiam a

política de incentivo, realizados mediante renúncia fiscal, é incongruente pensar, que de um lado, o poder público possa incentivar as empresas, com fundos públicos, e, de outro, não se submeta ao objeto incentivado, arcando-o com os mesmos fundos.

e) Se o Estado estabeleceu o incentivo à prorrogação da licença-maternidade às trabalhadoras de empresas privadas, deve, bem antes, dar-lhes o exemplo e admitir, desde já, a obrigação para si, aliás porque, públicos também são os fundos que financiam a política de incentivo, realizados mediante renúncia fiscal; é incongruente pensar, que de um lado o poder público possa incentivar as empresas com fundos públicos e, de outro, não se submeta ao objeto incentivado, arcando-o com os mesmos fundos.

(Jean P. Ruzzarin, Direito & Justiça, *Correio Braziliense*, 29.09.2008, com adaptações)

10. As opções trazem propostas de continuidade ao trecho abaixo, diferentemente redigidas. Assinale a que contém erro de regência e/ou de concordância.

Como ninguém quer falar em aumento de impostos, todos se aferram à expressão mágica: reforma tributária. O tema evoca um país moderno, com distribuição mais justa dos valores arrecadados.

(Gustavo Krieger, Agenda necessária e agenda possível, *Correio Braziliense*, 07.01.2008, p. 4)

a) Bonito na retórica. Quando o assunto chega à mesa de discussões, o clima muda. O governo federal não quer dividir seu caixa. Estados e Municípios sempre querem mais dinheiro.

b) É bonito até chegar à mesa de discussões. Aí ninguém quer perder. Ao contrário: todos lutam para aumentar sua fatia do bolo.

c) Tudo vai bem até o assunto chegar à mesa de discussões. União, Estados e Municípios se degladiam para não perderem nenhuma partezinha do que arrecadam. O que querem mesmo é ganhar mais.

d) Todos concordam até se sentarem à mesa de discussões, quando se iniciam os mais acalorados debates. Ninguém quer perder. Estados e Municípios buscam aumentar seu quinhão na nova divisão do dinheiro arrecadado.

e) Falar em reforma tributária é bonito. O xis da questão é botá-la no papel, quando os interesses da União, Estados e Municípios se chocam na busca de uma fatia maior do bolo para cada um.

Gabarito da Prova Simulada 6

1-a, 2-b, 3-b, 4-d, 5-e, 6-e, 7-c, 8-a, 9-a, 10-c.

Prova Simulada 7

Leia o texto abaixo para responder à questão 1.

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio, realizada pelo IBGE, revelou que a renda das famílias parou de cair em 2004, interrompendo uma trajetória de queda que acontecia desde 1997, e que houve diminuição do grau de concentração da renda do trabalho. Enquanto a metade da população ocupada que recebe os menores rendimentos teve ganho real de 3,2%, a outra metade, que tem rendimentos maiores, teve perda de 0,6%. Os resultados da PNAD revelaram, também, que o Brasil melhorou em itens como número de trabalhadores ocupados,

participação das mulheres no mercado de trabalho, indicadores da área de educação e melhoria das condições de vida.

1. Assinale a opção que não constitui continuação coesa e coerente para o texto acima.

a) Para o secretário de Avaliação e Gestão da Informação do Ministério do Desenvolvimento Social, o resultado da pesquisa revela muito mais do que um aumento de renda: "A desigualdade no Brasil não se alterava desde 88. A população mais pobre do Brasil está ganhando mais se comparada à população mais rica, ou seja, a riqueza no Brasil está se desconcentrando. Essa é a melhor notícia. O Brasil está redistribuindo melhor a sua riqueza."

b) Entretanto, as ações na área de educação, saúde e transferência de dinheiro, por exemplo, foram responsáveis pelo resultado.

c) A expectativa é que, no próximo ano, a diminuição da miséria no País seja ainda maior por causa das ações voltadas para os indígenas e quilombolas.

d) O assessor especial da Presidência da República, José Graziano, avaliou que esses números comprovam que o País está mudando. "Esses resultados revertem uma máxima histórica no nosso país de que os ricos ficavam cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres."

e) A PNAD é a mais completa pesquisa anual sobre as condições de vida da população, mostra um retrato do país e, em 2004, foi estendida para as áreas rurais dos estados de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá, alcançando a cobertura completa do território nacional.

(Adaptado de *Em Questão*, n. 379 — Brasília, 30 de novembro de 2005)

2. O secretário de Biodiversidade e Florestas do Ministério do Meio Ambiente destacou que, desde 2003, na Amazônia, o Governo Federal elevou em 27% a área sobre (1) proteção da União. Até o momento, mais de 85 mil quilômetros quadrados foram destinados para novas reservas de proteção integral e de uso (2) sustentável, implementadas em zonas de conflito e de expansão da fronteira agrícola. Com as novas unidades de conservação criadas (3), a área protegida na Amazônia chega a 390 mil quilômetros quadrados, apenas em reservas federais, o que (4) equivale à soma das áreas da Itália e de Portugal aproximadamente. Também houve a homologação de 93 mil quilômetros quadrados de áreas indígenas e a criação de 3,76 mil quilômetros quadrados de Assentamentos Sustentáveis, onde (5) a produção agrícola ocorre em harmonia com o uso sustentável da floresta.

(Adaptado de *Em Questão,* n. 381 — Brasília, 07 de dezembro de 2005)

Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

3. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

Durante o ano passado, o montante destinado pelo Banco do Brasil (1) concessão de crédito

atingiu R$ 101,8 bilhões, um crescimento de 14,9% em relação (2) 2004. Esse resultado consolidou (3) posição do banco de líder na concessão de crédito no país com 15,3% de participação no mercado. Os recursos destinados pelo BB (4) empréstimos beneficiam pessoas físicas e micro e pequenas empresas, favorecem o financiamento do agronegócio e da produção dos agricultores familiares, bem como (5) exportações brasileiras e outras atividades produtivas que promovem o desenvolvimento regional.

(Adaptado de *Em Questão,* n. 409 — Brasília, 13 de março de 2006)

a) a, a, à, a, às
b) à, à, a, a, às
c) a, a, à, à, as
d) à, a, a, a, as
e) à, à, à, a, as

Leia o texto abaixo para responder à questão 4.

O governo federal tem estabelecido ações para promover as exportações brasileiras. A primeira delas foi desburocratizar o procedimento de exportação, reduzindo a documentação exigida, eliminando autorizações prévias e consolidando em um único documento todas as normas relativas à exportação.

(Adaptado de *Em Questão,* n. 288 — Brasília, 04 de março de 2005)

4. Assinale a substituição que prejudica a correção gramatical no texto acima.

a) “tem estabelecido” por vem estabelecendo
b) “desburocratizar o” por a desburocratização do
c) “reduzindo a” por que reduziu a
d) “eliminando autorizações prévias e consolidando” por pela eliminação de autorizações prévias e pela consolidação
e) “relativas à” por que têm relação com a

5. Assinale a opção que preenche respectiva e corretamente as lacunas do texto a seguir.

Ninguém pode opor-se às virtudes de São Paulo, (1) as do trabalho e da iniciativa empresarial, na vitoriosa aliança (2) imigrantes que trouxeram a técnica e algum capital e brasileiros de todo o país, (3) constituíram seu grande exército de operários. Mas só a federação garante o país contra as seduções de hegemonia e previne os despotismos, que, (4) serem manhosos, não deixam de ser tirânicos. Em sua viagem aos Estados Unidos, bem depois de Tocqueville, Lord Acton identifica, (5) poder dos estados, a grande força moderadora do governo central e a maior garantia da aplicação dos princípios democráticos.

(Adaptado de Mauro Santayana, *Jornal do Brasil*, 10.03.2006)

a) como / com os / cujo / ao / ao
b) entre elas / entre os /que / por / no
c) tais como / pelos / os quais / de / em
d) haja vista / sobre os / os que / além de / do
e) seja / dos / no que / com / com

Leia o texto abaixo para responder às questões 6 e 7.

O Brasil tem potencial para se transformar em um dos maiores produtores de biodiesel do mundo e um grande exportador. Os Estados Unidos e alguns países da Europa já são consumidores do biodiesel. A União Europeia definiu como meta que, até 2005, 2% dos combustíveis utilizados devem ser renováveis e, em 2010, esse valor deverá ser de 5,75%. Como o continente não tem área de cultivo suficiente nem capacidade industrial instalada para atingir esses patamares, surgem as oportunidades de exportação do combustível pelo Brasil. O biodiesel ainda vai contribuir para melhorar a qualidade do ar nas grandes cidades pela redução do uso de combustíveis derivados de petróleo. O uso de fontes energéticas renováveis e que não poluam o meio ambiente faz parte do Mecanismo de Desenvolvimento Limpo (MDL), uma das diretrizes do Protocolo de Quioto.

(Adaptado de *Em Questão*, n. 261 — Brasília, 08 de dezembro de 2004)

6. Assinale a opção incorreta em relação ao texto.

a) A substituição de “se transformar” por ser transformado mantém a correção gramatical do período.
b) A redação Foi definido como meta pela União Europeia que... mantém a correção gramatical do período.
c) Entre o período iniciado por “Como o continente...” e o período anterior, subentende-se uma relação que pode ser representada por Entretanto.
d) Ao se substituir “pela” pela estrutura por meio da prejudica-se a correção gramatical do período.
e) A inserção de que é antes de “uma das diretrizes” mantém a coesão e a coerência do período.

7. Assinale a opção que não está de acordo com as informações do texto.

a) O fato de o biodiesel poluir o meio ambiente é um fator que diminui as chances de exportação brasileira.
b) O fato de os Estados Unidos e parte da Europa já serem consumidores de biodiesel favorece as exportações brasileiras.
c) A meta definida pela União Europeia quanto à utilização de combustíveis renováveis é favorável às exportações brasileiras.
d) O fato de o continente europeu não contar com área de cultivo suficiente nem capacidade industrial de produção de combustíveis nos níveis requeridos favorece as exportações brasileiras.
e) As exportações brasileiras são favorecidas pelas diretrizes do Protocolo de Quioto que propugnam pelo uso de fontes energéticas renováveis.

(Adaptado de *Em Questão*, n. 261 — Brasília, 08 de dezembro de 2004)

8. Os trechos abaixo constituem um texto. Assinale a opção que apresenta erro gramatical.

a) O problema do Brasil é, desde a primeira assembleia constituinte, de 1823, o da descentralização do poder. O absolutismo de Pedro I levou à resistência das jornadas de abril de 1831 e à abdicação do imperador.
b) Com o Ato Adicional, de 1834, tentou-se amenizar o domínio de São Paulo e da cidade do Rio de Janeiro sobre o Império, o que foi contido pela regulamentação de Araújo Lima. A inteligência arguta de Tavares Bastos denunciou os abusos da centralização em 1860, e o

Manifesto Republicano, dez anos depois, inicia-se com a reivindicação federalista.

c) Nunca é demais repetir que durante três décadas seguidas, a partir de 1817, em Pernambuco, até 1848, na mesma Província, brasileiros de todas as regiões foram compelidos a lutar pela autonomia provincial — e essa necessidade o obrigou a retomar as armas, no período republicano, na Revolução Federalista do Rio Grande do Sul, em 1893.

d) A rebelião gaúcha foi derrotada pelas tropas federais enviadas por Floriano, apesar da bravura de seus combatentes e da força doutrinária de Gaspar da Silveira Martins. A questão federalista voltou, em seguida, ao fermentar a Guerra do Condestado, iniciada entre Paraná e Santa Catarina.

e) Essa guerra converteu-se em um dos mais importantes conflitos sociais do Brasil, entre 1911 e 1916, contribuiu para as rebeliões militares dos anos 20 e desembocou na Revolução de 30 — esta claramente contra os interesses hegemônicos de São Paulo.

(Adaptado de Mauro Santayana, *Jornal do Brasil*, 10.03.2006)

9. Assinale a opção gramaticalmente correta.

a) O paranoico militante não têm nenhuma consciência de seu desejo de ser Deus. Ele simplesmente está fundido — e confundido — com esse desejo, sob forma de sua realização concreta e imediata.

b) O paranoico não tem desejo de ser Napoleão, ele os é, com as extravagantes consequências de praxe.

c) Seja como for, qualquer um de nós, na posse, no uso e no gozo da ordem da linguagem, pode criar um mundo à imagem e semelhança das mais desvairadas ambições e fantasias.

d) A representação significa, de uma parte, minha possibilidade racional e consciente de operar sobre o mundo, à partir de uma avaliação que o reverencie em sua concretude e realidade.

e) Mas, de outra parte, ela é também a minha possibilidade mais radical de alienação e de extravio. Posso, através dela dar as costas ao real, desfigurá-lo, desrespeitá-lo, traí-lo, negá-lo.

(Adaptado de Hélio Pellegrino)

10. Assinale a opção que apresenta erro de regência.

a) A evolução da arquitetura se caracteriza pelas suas obras mais importantes, aquelas que, especulando na técnica, se fizeram diferentes e inovadoras.

b) E, quando dela nos ocupamos, vale a pena voltar ao passado e sentir como a ideia da obra de arte se integrava nas razões utilitárias da arquitetura, fazendo-a mais rica, mais bela, com suas colunatas, seus ornamentos, pinturas, esculturas.

c) Com o advento do concreto armado, a arquitetura se modificou inteiramente. As paredes, que antes sustentavam os edifícios, passaram a simples material de vedação, surgindo a estrutura independente, a fachada de vidro.

d) A curva, a curva generosa a que os antigos tanto procuravam com seus arcos, cúpulas, *voûtes* e abóbadas espetaculares assumiu uma nova e surpreendente dimensão e, com ela, os requintes da técnica: o protendido, as cascas, os grandes espaços livres e os balanços extraordinários.

e) Uma arquitetura mais livre e vazada se oferecia a todos os arquitetos que quisessem inovar e se aventurar por novos caminhos.

(Adaptado de Oscar Niemeyer)

Gabarito da Prova Simulada 7

1-b, 2-a, 3-d, 4-d, 5-b, 6-d, 7-a, 8-c, 9-c, 10-d.

Prova Simulada 8

1. Em artigo publicado no Correio Braziliense (20.09.2008), Emir Sader refuta a pregação de campanha de um candidato a vereador no Rio de Janeiro, o qual defende que "o IPTU arrecadado em seu bairro tem que ser aplicado no seu bairro". Reconhecendo que o sistema tributário brasileiro comete injustiças ao isentar dos ricos e cobrar da imensa massa da população que vive do trabalho, Emir Sader afirma ser "fundamental combater o egoísmo tributário — este sim, populista, demagógico — de tantas campanhas eleitorais".

Aponte a asserção que não serve de argumento favorável nem de sustentação à crítica e às ponderações de Emir Sader.

a) O tema tributário — quem paga, quem recebe, de quem o Estado arrecada, a quem deve beneficiar — tem profundo viés de classe: nem sempre os recursos são direcionados para as políticas públicas que beneficiam os mais necessitados.

b) Pouco importam ao candidato populista e demagógico as necessidades do conjunto da cidade, mesmo sabendo que a cidade tem subúrbios, favelas e bairros da periferia, onde vive majoritariamente a população hipossuficiente.

c) A questão tributária se presta à exploração demagógica do egoísmo. Sai na frente o candidato que prega menos impostos, não importando se podem faltar professores nas escolas públicas ou médicos nos hospitais públicos.

d) Pregar que cada bairro utilize os recursos no próprio bairro significa que os ricos financiarão os ricos; e os pobres, que constituem a maioria da população, terão de se arranjar com o pouco que seus bairros arrecadarem.

e) Devido ao montante de suas dívidas para com o Estado, devem merecer o benefício da isenção e de outras formas de não pagamento de impostos os bancos, as grandes empresas e os ricos.

2. Assinale o segmento inteiramente correto quanto à morfossintaxe, concordância, regência e coerência textual.

a) O esgotamento do modelo de administração burocrática, que primava excessivamente pelo respeito as normas e procedimentos internos do setor público, tolhia a criatividade e a autonomia dos profissionais encarregados de ações que melhor atendesse as demandas da sociedade.

b) Devido ao esgotamento do modelo de administração burocrática, que primava excessivamente pelo respeito as normas e procedimentos internos do setor público, inibiam-se a criatividade e a autonomia dos profissionais encarregados de ações que melhor atendesse as demandas da sociedade.

c) O esgotamento do modelo de administração burocrática, que primava excessivamente pelo respeito às normas e procedimentos internos do setor público, obstavam-se a criatividade e a autonomia dos profissionais encarregados de ações que melhor atendessem às demandas da sociedade.

d) Com o esgotamento do modelo de administração burocrática, que se regia excessivamente pelo respeito às normas e procedimentos internos do setor público, fomentou-se a criatividade e a autonomia dos profissionais encarregados de ações que melhor atendessem as demandas da sociedade.
e) Após o esgotamento do modelo de administração burocrática que oprimia excessivamente pelo respeito às normas e procedimentos internos do setor público, impedia a criatividade e a autonomia dos profissionais encarregados de ações que melhor atendessem às demandas da sociedade.

3. Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial do Jornal do Brasil, 18.09.2008. Assinale a opção em que há erro gramatical.

a) A elevação dos termômetros da crise nos mercados financeiros — que emite sinais perturbadores de que será longa e ruidosa — tem encontrado lenitivos consideráveis na economia brasileira.
b) Essa constatação, no entanto, não aplaca as exigências impostas ao país: é preciso encontrar mecanismos sólidos de redução dos habituais riscos de contaminação.
c) De que a saúde da economia brasileira vai bem só as mentes insensatas discordarão. É incontestável que o Brasil exibe hoje índices de vulnerabilidade bem mais baixos do que os que apresentava à alguns anos.
d) As perspectivas são positivas e os indicadores econômicos são favoráveis para a expansão econômica contínua e segura.
e) Tanto é que a taxa de investimento no segundo trimestre deste ano registrou crescimento de 5,4% em relação ao trimestre anterior, permitindo expansão de 1,4% do PIB entre os dois períodos.

4. Assinale a opção que constitui continuação coesa e coerente para o texto abaixo.

Faz vinte anos que foi promulgada a Constituição de 1988, chamada “cidadã” pelo então presidente da Assembleia Nacional Constituinte, Ulysses Guimarães. Pode haver algum exagero nesse epíteto. Mas hoje está claro que a Constituição de 1988 promoveu um avanço no conceito de cidadania. “Ela contribuiu para sua popularização”, diz o historiador José Murilo de Carvalho, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). “E introduziu instrumentos legais importantes de afirmação democrática”. Ao mesmo tempo, a Constituição ficou incompleta.

a) Por isso, em 1988, a Constituição trouxe inovações que hoje parecem triviais. Durante mais de 150 anos, os analfabetos — maioria ou um número expressivo da população — estiveram excluídos da vida política.
b) Até hoje, sofre um aperfeiçoamento contínuo que leva muitos a considerá-la uma “colcha de retalhos” em eterna reforma, descolada da realidade de uma economia moderna.
c) Pois a Constituição garantiu a eles o direito ao voto, assim como aos menores entre 16 e 18 anos. Também concedeu a todo cidadão o direito de saber todas as informações que o governo guarda sobre ele, um recurso conhecido como *habeas data*.
d) Para atendê-los, depois da Constituição, foram elaborados nos anos seguintes um novo Código Civil, o Código de Defesa do Consumidor, o Estatuto da Criança e do Adolescente e o Estatuto do Idoso.
e) Tanto é que o racismo passou a ser considerado crime inafiançável. Há ainda um capítulo

inovador sobre meio ambiente e uma legislação sobre a questão indígena que, se não evita conflitos pontuais, pelo menos protege a minoria.

(Leandro Loyola, *Revista Época*, 17.09.2008)

5. Os trechos a seguir constituem um texto adaptado do Editorial do Jornal do Brasil, 15.09.2008, que estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e assinale a opção correspondente.

( ) O resultado desse levantamento aponta para uma elevação da temperatura e para a redução das chuvas em parte da Floresta Amazônica, o que poderia transformar, nas próximas décadas, a maior e mais importante reserva de biodiversidade mundial num imenso semiárido.

( ) Estudo apresentado em Belém pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) revela dados alarmantes sobre a devastação em dois Estados da Federação: o Pará e o Maranhão, que, somados, correspondem a 18% do território brasileiro e a 30% da Amazônia Legal.

( ) Explicando melhor esse resultado: o documento mostra que o clima da região se tornará cada vez mais quente e seco, com reduções de chuva que podem ficar entre 2 e 4 milímetros por dia, no período de 2071-2100, quando comparado com o atual clima da região.

( ) Se no plano interno o país conseguir reverter o cenário dramático antecipado pelos relatórios, alcançar um relativo grau de crescimento sustentável e mantiver a política de incentivo aos biocombustíveis, o país terá um enorme *handicap* na hora de cobrar das nações mais ricas, historicamente as maiores responsáveis pela poluição global, mas também as mais reticentes quanto à aceitação de metas de redução de gases poluentes, o uso racional dos recursos naturais.

( ) A temperatura deve aumentar em toda a região leste do Pará até o Nordeste, chegando a até 7 graus nas regiões do leste da Amazônia e no norte do Maranhão (levando-se em consideração um cenário mais pessimista, com alta concentração de gases do efeito estufa) ou a até 4 graus acima do atual, em condições mais otimistas.

a) 2, 3, 1, 5, 4
b) 4, 3, 2, 1, 5
c) 4, 5, 3, 2, 1
d) 2, 1, 3, 5, 4
e) 4, 1, 2, 3, 5

6. Assinale o trecho inteiramente correto quanto à morfossintaxe e à pontuação.

a) Hoje em dia a população é participativa. Ela é quem decide onde o orçamento-participativo deve ser aplicado, e o melhor o cidadão cobra, busca o resultado, quer saber onde foi empregado os seus tributos.
b) Administrar visando resultados é bom para todos, o país ganha, os servidores estão mais satisfeitos porque sabe que o serviço que ele está prestando é de qualidade, servindo de motivação para que esse servidor busque cada vez mais a capacitação.

c) Entendo que a velocidade que as mudanças vêm ocorrendo, tanto no campo econômico, político, social que se processa de maneira muito rápida, ou os novos gerentes acompanham todo esse mecanismo de desenvolvimento ou tendem a desaparecerem.
d) Hoje se depara com o processo da globalização, com isso consequentemente se exige melhores gestores e mais aperfeiçoamento das ações gerenciais, novos padrões de comportamento, estabelecimento de novas técnicas, aperfeiçoamento constante e manter dentro da competitividade e modernidade desejadas.
e) Ademais de dominar os conhecimentos técnicos de sua área de atuação, um bom gestor deve saber exercer a liderança com flexibilidade; ter habilidade para solucionar conflitos; mostrar aptidão para trabalhar em equipe; ter desenvolvidas a sensibilidade e a intuição; mas, acima de tudo, pautar suas ações sob o manto da ética e da justiça social.

7. Assinale a opção correta em relação à classificação do "se".

Embora a recuperação da confiança tenha sido modesta em setembro, é possível que a tendência positiva se (1) acentue no final do ano, se (2) a queda do juro básico se (3) transferir para o crédito ao consumo e se (4) os salários reais continuarem a se (5) recuperar devido à contenção da inflação, que eleva o poder aquisitivo.

(*O Estado de S. Paulo*, 04.10.2005, Editorial)

a) 1 — conjunção condicional
b) 2 — pronome reflexivo
c) 3 — índice de indeterminação do sujeito
d) 4 — conjunção condicional
e) 5 — palavra expletiva ou de realce

Leia o texto abaixo para responder à questão 8.

Em março de 2005, o acordo com o FMI não foi renovado, resultado do sucesso do ajuste na economia promovido pelo governo federal nesses dois anos, que, entre outras coisas, permitiu a queda da relação dívida pública/PIB por dois anos seguidos, ao mesmo tempo em que a distribuição de renda melhorava e se criavam 100.000 empregos formais por mês. Com a economia continuando a se fortalecer nos meses seguintes (mais exportações, menos inflação), a decisão de quitar integralmente a dívida com o Fundo de forma antecipada pôde ser tomada com toda a segurança, trazendo benefícios para a melhora da imagem do país e a diminuição do custo de captação da dívida pública.

(Adaptado de *Em Questão*, n. 387 — Brasília, 26 de dezembro de 2005)

8. Assinale a opção que não completa o período abaixo de acordo com as ideias do texto acima.

Foi possível dispensar a renovação do acordo com o FMI em decorrência de
a) sucesso do reajuste na economia promovido pelo governo federal.
b) queda da dívida pública/PIB por dois anos seguidos.
c) melhoria da distribuição de renda e criação de 100.000 empregos por mês.
d) fortalecimento da economia — mais exportações e menos inflação.
e) melhora da imagem do país no exterior.

Leia o texto abaixo para responder à questão 9.

Ninguém melhor do que Voltaire definiu a real essência da democracia quando escreveu: “Posso não concordar com uma só palavra do que dizes, mas defenderei até à morte o teu direito de dizê-las”. Ter ideias e comportamentos políticos ou sociais diversos de outros indivíduos não significa, necessariamente, transformá-los em inimigos ferrenhos. Afinal, o que se combate são as ideias do outro e não sua pessoa.

(Adaptado de Alfredo Ruy Barbosa, *Jornal do Brasil*, 11.03.2006)

9. Em relação ao texto acima, assinale a opção incorreta.

a) A eliminação do termo “do” depois de “melhor” mantém a correção gramatical do período.
b) O emprego de segunda pessoa em “teu” concorda com o emprego de “dizes”.
c) Em “transformá-los”, a forma pronominal “-los” retoma a ideia explicitada em “outros indivíduos”.
d) Em “o que se combate”, o termo “o” pode, sem prejuízo gramatical para o período, ser substituído pelo pronome aquilo.
e) A substituição de “se combate” por era combatido mantém a correção gramatical e as informações originais do período.

Leia o texto abaixo para responder à questão 10.

Memórias do cárcere, na versão cinematográfica, (1) explora mais desenvoltamente a linguagem artística e as possibilidades que estão ao alcance do cinema de fragmentar a realidade para, em seguida, recompor o concreto nos diversos níveis em que ele aparece na percepção, na cabeça e na história dos homens. Quem ama o livro por ele mesmo não vai recuperá-lo no filme. Quem ama as várias verdades (2) que Graciliano Ramos enfrentou com hombridade e coragem irá ver (3) no filme uma engenhosa e íntegra transposição do livro. Seria pouco dizer que completam-se (4) ambos. Nelson Pereira dos Santos explora a técnica cinematográfica como Graciliano Ramos, a técnica literária, ou seja, (5) como recurso de descoberta da verdade, arma de denúncia intelectual e instrumento de luta política.

(Florestan Fernandes)

10. Assinale a opção em que o segmento destacado apresenta erro gramatical.

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

Gabarito da Prova Simulada 8

1-e, 2-d, 3-c, 4-b, 5-d, 6-e, 7-d, 8-e, 9-e, 10-d.

Prova Simulada 9

1. Assinale a opção que não preenche corretamente a lacuna do texto.

Outra medida que promove a pequena e média empresa brasileira é a instalação pela Agência de Promoção de Exportações do Brasil — APEX de um centro de distribuição de produtos nacionais, em Miami, Estados Unidos. O centro tem espaço para armazenagem de produtos, um *showroom* e um escritório comercial e administrativo. As empresas podem ficar instaladas

por um período de 12 a 18 meses para a consolidação de seus produtos no mercado, _____ a ideia é reduzir a distância entre as empresas e seus clientes estrangeiros. O próximo centro será instalado na Alemanha no segundo semestre deste ano.

(Adaptado de *Em Questão,* n. 288 — Brasília, 04 de março de 2005)

a) uma vez que
b) porquanto
c) pois
d) conquanto
e) já que

2. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto a seguir.

A carteira de crédito do Banco do Brasil destinada ao agronegócio atingiu R$ 35,7 bilhões em 2005 — crescimento de 18,9% em relação ao ano anterior. (1) mostra que o banco manteve a parceria com o setor atingido no ano passado pela perda de produção (2) longos períodos de seca, (3) baixa cotação no preço das *commodities* (produtos agropecuários e minérios cotados internacionalmente, como soja e suco de laranja) e pela valorização do real (4) dólar. O banco ainda prorrogou dívidas do setor no valor de R$ 2,7 bilhões. Para os agricultores familiares o BB liberou R$ 4,3 bilhões ano passado pelo Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf). (5) programa do governo federal financia o custeio e o investimento de atividades produtivas de pequenos agricultores em todo o país.

(Adaptado de *Em Questão*, n. 409 — Brasília, 13 de março de 2006)

a) Esse incremento / em decorrência de / pela / em relação ao / Esse
b) Essa ampliação / por causa de / à frente / o / Tal
c) Tal aumento / em consequência de / na / diante do / Cujo
d) Esse crescimento / já que houve / da / em frente o / Um
e) Tal incremento / uma vez que houve / de / diante o / O

3. Assinale a opção que apresenta erro gramatical.

a) Ao longo dos séculos, a política tem sido considerada, pelos economistas e pelos militares, fator de perturbação da paz e da ordem.
b) Nos governos, e isso tem sido vezo histórico, os economistas pregam a austeridade, combatem a solidariedade para com os mais pobres, defendem a ideia de que o êxito é destinado aos mais dotados, pela natureza e pela posição social.
c) Mas se um governo universal, com o consentimento de todos os seres humanos, parecem utópicos, o governo imperial é experiência histórica repetida e sofrida.
d) Impérios, sempre os houve; da mesma forma que houve rebeliões dos dominados. Quase sempre, a humanidade conseguiu impedir um império que fosse universal.
e) Houve sempre duas potências maiores, em cada tempo, que disputaram a hegemonia, e isso permitiu às nações suportarem, fosse pela esperança, fosse pela mútua contenção, a submissão permanente e completa a um ou outro centro do poder.

(Adaptado de Mauro Santayana, *Jornal do Brasil*, 11.03.2006)

4. Assinale a opção em que há emprego indevido de palavra.

a) O desmatamento nos nove estados da Amazônia Brasileira caiu 31% no período 2004/2005, passando de 27.200 km2 para 18.900 km2.

b) A redução na derrubada da floresta foi anunciada pelo Ministério do Meio Ambiente, com base em levantamentos realizados por satélite sob a orientação do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe).
c) A última queda no índice havia ocorrido entre 1996-1997, onde o volume de floresta abatida caiu 27%.
d) Os dados apontam queda acentuada do desmate nas áreas próximas à rodovia Cuiabá-Santarém (BR-163), onde houve maior intervenção do Governo Federal por meio do Plano de Ação para Prevenção e Controle do Desmatamento na Amazônia, do qual participam 13 ministérios.
e) Os números também indicam leve crescimento do desmatamento apenas no sudeste do Pará e no sul do Amazonas. É a primeira vez, em 17 anos de monitoramento da Amazônia, que os dados sobre desmatamento são apresentados no mesmo ano em que são levantados.

(Adaptado de *Em Questão,* n. 381 — Brasília, 07 de dezembro de 2005)

5. O Governo Federal autorizou o uso comercial do biodiesel. Feito à base de (1) mamona, soja, dendê, girassol (oleaginosas), o novo combustível poderá ter 2% adicionados ao diesel de petróleo para o uso em (2) veículos automotivos. Essa mistura é chamada de B2. Com o biodiesel o setor de energia no Brasil inicia uma nova fase. O uso do novo combustível trará (3) ganhos sociais, econômicos e ambientais para o país, ao privilegiar (4) a participação da agricultura familiar, geraria (5) emprego e renda no campo, ao permitir a redução das importações de diesel de petróleo e ao melhorar a qualidade do ar nos grandes centros urbanos.

(Adaptado de *Em Questão*, n. 261 — Brasília, 08 de dezembro de 2004)

Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.
a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

Leia o texto abaixo para responder à questão 6.

As vantagens sociais do biodiesel dizem respeito à geração de emprego e renda no campo e na indústria nacional. O cultivo da mamona, dendê, girassol, soja e de outras oleaginosas vão gerar emprego e renda, especialmente para os agricultores familiares. O governo federal está apostando no crescimento gradual da nova cadeia de combustível à partir do incentivo à inclusão social de agricultores familiares e assentados da reforma agrária, principalmente no Norte e Nordeste. O biodiesel produzido com base na mamona e no dendê fornecidos por agricultores familiares das regiões Norte, Nordeste e do semiárido terá 100% de redução do PIS/COFINS. Os demais agricultores familiares de todo o país terão diminuição percentual de 89,6%. Outro ganho é a redução das importações de diesel. Hoje, o Brasil importa 10% desse combustível. O uso do biodiesel possibilitará ao Brasil uma economia anual de aproximadamente US$ 160 milhões (R$ 432 milhões) na importação do diesel.

(Adaptado de *Em Questão*, n. 261 — Brasília, 08 de dezembro de 2004)

6. Para que o texto acima fique gramaticalmente correto é necessário substituir

a) “dizem respeito à” por se referem à.
b) “à partir do” por por meio do.
c) “à inclusão” por a inclusão.
d) “terá” por vai ter.
e) “possibilitará” por vai possibilitar.

7. Assinale a opção em que há erro de pontuação.

a) Entre março de 2004 e fevereiro de 2005, as exportações brasileiras ultrapassaram a marca dos US$ 100 bilhões, um recorde histórico para o país.
b) A meta do Governo Federal, alcançada com quase dois anos de antecedência mostra o vigor das vendas do país para o mercado externo.
c) Exportação em alta significa favorecer o desenvolvimento do país e, portanto, a geração de emprego, de renda. Para o sucesso desse trabalho, as microempresas contam com o apoio do Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) e da APEX-Brasil (Agência de Promoção de Exportações do Brasil) na capacitação de funcionários e na consultoria técnica.
d) O aumento nas exportações é um dos fatores principais para o saldo positivo referente à criação de postos de trabalho no Brasil. Em 2004, foram 1,5 milhão de novas vagas com carteira assinada, e essa tendência permanece este ano.
e) Em janeiro, foram criadas 115.972 vagas formais, melhor resultado para o período desde 1992. Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população ocupada em janeiro deste ano em seis regiões metropolitanas cresceu 4,1% em relação ao mesmo período de 2004.

(Adaptado de *Em Questão,* n. 288 — Brasília, 04 de março de 2005)

Para responder às questões de 8 a 10, leia o texto abaixo, escrito por José Sergio Gabrielli de Azevedo, Presidente da Petrobras; trata-se do texto de apresentação do Código de Ética do Sistema Petrobras, disponível no site oficial da Liquigás.

O Sistema Petrobras vem a público apresentar seu Código de Ética. A presente versão é resultado de uma ampla revisão, realizada num processo participativo e representativo, que envolveu empregados e empregadas das diversas Unidades do Sistema, em todas as regiões do País, em seminários de formação e em participações por meio eletrônico.

O objetivo deste Código de Ética é definir com clareza os princípios éticos que norteiam as ações do Sistema Petrobras e os compromissos de conduta do Sistema, tanto da parte institucional como da parte dos seus empregados e empregadas, explicitando o sentido ético de sua Missão, Visão e Plano Estratégico.

Expressando a busca de coerência entre o discurso e a prática, este Código de Ética apresenta-se também como um compromisso público do Sistema Petrobras de fazer valer estes princípios em práticas concretas cotidianas.

Assim sendo, o Sistema Petrobras posiciona-se ao lado das melhores práticas de empresas do setor no mercado internacional, que se empenham pelo desenvolvimento sustentável e comprometem-se em fazer dos empreendimentos econômicos iniciativas que também promovam o desenvolvimento ambiental, social, cultural e ético das sociedades. Este

compromisso ético levou a Petrobras a conquistar, em setembro de 2006, o direito de compor o Índice Mundial Dow Jones de Sustentabilidade, usado como parâmetro para análise dos investidores sócio e ambientalmente responsáveis. Nesse mesmo sentido, pode ser considerado também uma continuidade da adesão que, em outubro de 2003, a Petrobras fez com relação aos Princípios do Pacto Global da ONU.

Estou certo de que a apresentação pública deste Código de Ética e seu cumprimento contribuirão para fortalecer uma nova cultura empresarial, voltada para o desenvolvimento sustentável, com responsabilidade social e ambiental, no Brasil e nos países onde o Sistema Petrobras atua.

8. Assinale a alternativa que contenha afirmações coerentes com as apresentadas no texto de José Sergio Gabrielli de Azevedo.

a) Dentre outros aspectos, o Código de Ética da Petrobras se destaca porque, desde sua primeira versão, foi formulado com a participação de seus colaboradores, por meio de um processo participativo e representativo.

b) Empresas como a Petrobras acreditam que práticas associadas ao desenvolvimento sustentável e iniciativas que promovem o desenvolvimento ambiental, social, cultural e ético das sociedades precedem os interesses meramente econômicos e a obtenção de lucros.

c) Por meio do Código de Ética do Sistema Petrobras, aspira-se à coerência entre discurso e prática; o documento é um compromisso público do Sistema Petrobras, por mais que revele a vontade da corporação em fazer valer estes princípios em práticas concretas cotidianas.

d) O direito de compor o Índice Mundial Dow Jones de Sustentabilidade e a adesão da Petrobras, em outubro de 2003, aos Princípios do Pacto Global da ONU são indicadores claros de seu compromisso com valores como a responsabilidade social e ambiental.

e) A publicação da mais nova versão do Código de Ética do Sistema Petrobras faz que a empresa seja líder no que diz respeito às melhores práticas de empresas do setor no mercado internacional.

9. Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é correto afirmar que

a) a oração “A presente versão é resultado de uma ampla revisão”, do primeiro parágrafo, pode ser reescrita, preservando-se o sentido do texto original, sem que ocorra erro gramatical, da seguinte maneira: “A presente versão é resultado de ampla revisão”.

b) no trecho “realizada num processo participativo e representativo, que envolveu empregados e empregadas das diversas Unidades do Sistema”, do primeiro parágrafo, o pronome destacado refere-se ao aposto que o antecede.

c) no trecho “O objetivo deste Código de Ética é definir com clareza os princípios éticos”, do segundo parágrafo, o termo destacado, segundo a gramática normativa, deveria ser substituído por “desse”.

d) o trecho “definir com clareza os princípios éticos que norteiam as ações do Sistema Petrobras”, do segundo parágrafo, pode ser reescrito, preservando-se o sentido do texto original, sem que ocorra erro gramatical, da seguinte maneira: “definir com clareza os princípios éticos, que norteiam as ações do Sistema Petrobras”.

e) o trecho “tanto da parte institucional como da parte dos seus empregados e empregadas”, do segundo parágrafo, sofrerá alteração de sentido se for reescrito da seguinte maneira:

"tanto da parte institucional como da parte de seus empregados e empregadas".

10. Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é correto afirmar que

a) a oração "Expressando a busca de coerência entre o discurso e a prática", que abre o terceiro parágrafo, pode ser reescrita, preservando-se o sentido do texto original, sem que ocorra erro gramatical, da seguinte maneira: "Conquanto expresse a busca de coerência entre o discurso e a prática".

b) na oração "Expressando a busca de coerência entre o discurso e a prática", que abre o terceiro parágrafo, se a palavra destacada for substituída por "por", haverá intensificação da ideia de empenho ou esforço no ato de buscar.

c) no terceiro parágrafo, as palavras "coerência", "prática", "Código", "Ética", "também" e "princípios" foram acentuadas de acordo com a mesma regra.

d) a oração "fazer valer estes princípios em práticas concretas cotidianas", do terceiro parágrafo, não pode ser reescrita da seguinte maneira, de acordo com as regras da gramática normativa: "fazer estes princípios valerem em práticas concretas cotidianas".

e) se quisermos, na frase "fazer valer estes princípios em práticas concretas cotidianas", do terceiro parágrafo, substituir o termo destacado por pronome, utilizaremos, obrigatoriamente, um pronome pessoal do caso reto, já que o termo exerce a função de sujeito da segunda oração.

Gabarito da Prova Simulada 9

1-d, 2-a, 3-c, 4-c, 5-e, 6-b, 7-b, 8-d, 9-a, 10-b.

Prova Simulada 10

1. Em relação às ideias do texto, assinale a opção correta.

Um tema objeto de alguns painéis no recém-encerrado Fórum Econômico Mundial foi a desigualdade na distribuição de renda no mundo globalizado, mesmo durante o processo em que milhões de pessoas saíram da pobreza na última década nas diversas partes do mundo emergente, da China à Rússia e à América Latina. Muito além dos aspectos puramente econômicos, o tema foi tratado como uma questão política, assim como cultural e mesmo "emocional", já que a percepção de distribuição injusta seria mais importante do que uma medida puramente econômica. Se não for atacada, a questão da pobreza pode se transformar, segundo alguns especialistas, em uma crise mundial. Como exemplo, foi lembrado que a previsão é que a população do globo vai ser de 12 bilhões por volta de 2100 e, se nada for feito, cerca de metade pode estar na pobreza, o que seria "insustentável".

A melhora social propiciada pelo crescimento econômico generalizado, se por um lado demonstra as vantagens da economia globalizada, por outro estimula o aumento do consumo por populações que estavam fora desse circuito, o que traz problemas na cadeia de distribuição de alimentos, e estimula o justo desejo por maior participação nos frutos do desenvolvimento, exacerbando a percepção da injustiça na distribuição de renda, tanto entre países quanto entre cidadãos.

(Merval Pereira, *O Globo*, 31.01.2008)

a) O Fórum Econômico Mundial ignora a desigualdade na distribuição de renda no mundo globalizado.

b) Na última década, uma parcela insignificante da população mundial saiu da linha de pobreza.
c) A inserção de parcela antes excluída das vantagens do desenvolvimento promove problemas na cadeia de distribuição de alimentos.
d) O desejo de maior participação nos frutos do desenvolvimento atenua a injustiça na distribuição da renda.
e) As vantagens da economia globalizada são disfarçadas pela melhora social propiciada pelo crescimento econômico.

2. Se havia alguma dúvida sobre a forte desaceleração no ritmo de atividade da economia americana, os mais recentes pronunciamentos das autoridades monetárias — entre as quais o próprio presidente do Federal Reserve, Ben Bernanke — e dados estatísticos deixaram claro que é preciso ficar muito atento para o comportamento dos mercados nos Estados Unidos este ano. Um dos alertas foi a baixa geração de empregos em dezembro. As autoridades estão preocupadas com o risco de recessão e isso já se reflete nos programas dos pré-candidatos dos partidos Republicano e Democrata à Casa Branca.

(*O Globo*, 15.01.2008, Editorial)

Subentende-se das ideias e informações do texto que
a) não há mais crença na desaceleração da economia americana.
b) a baixa geração de emprego em dezembro reforça a ideia da desaceleração da economia americana.
c) os dados estatísticos reforçam a ideia da aceleração da economia americana.
d) os políticos não se preocupam com a situação recessiva da economia americana.
e) as autoridades não deixam dúvidas de que será forte, este ano, o ritmo de atividade da economia americana.

3. Assinale a opção que não constitui continuação coesa, coerente e gramaticalmente correta para o texto abaixo.

O combate à fome e à pobreza foi adotado pelo governo federal, a partir de 2003, como política de governo. Dentro dessa política, por exemplo, foi criado o Programa Bolsa Família, que beneficia mais da metade das famílias pobres do país. O programa é de responsabilidade do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, que tem hoje o maior orçamento já investido no Brasil para combater a fome e promover o desenvolvimento Social — R$ 17 bilhões.

(*Em Questão,* Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 390 — Brasília, 06 de janeiro de 2006)

a) Há atualmente programas de distribuição de renda em 100% do território nacional, proporcionando o acesso à alimentação e movimentando a economia local.
b) Uma ação importante, feita em parceria com a Articulação no Semiárido (ASA), é o Programa de Construção de Cisternas. Foram 50.248 cisternas construídas na região do semiárido com investimentos diretos do governo federal no valor de R$ 72 milhões entre junho de 2003 e março de 2005.
c) Outra meta é a garantia de que até 2015 todas as crianças terminem um ciclo completo de ensino. Nesse caso, de acordo com o relatório, o Brasil caminha para a universalização do ensino fundamental. Em 2002, 93,8% das crianças de 7 a 14 anos frequentavam a escola

de 1ª a 8ª série.

d) Mas o grande problema do País ainda é a qualidade de ensino e o alto índice de analfabetos. Dados do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb), de 2001, mostram que 59% dos alunos da 4ª série não desenvolveram habilidades elementares de leitura.

e) Além das ações governamentais, para o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio é necessário o estabelecimento de parcerias. Nesse sentido o governo brasileiro tem buscado o apoio da iniciativa privada e de organizações da sociedade civil, bem como tem estabelecido parcerias com outras nações que também firmaram o mesmo pacto para o alcance das metas sociais.

4. Assinale a opção em que há erro.

a) O saldo da balança comercial (exportações menos importações) brasileira de 2005 alcançou US$ 44,76 bilhões, valor nunca registrado na história do país.

b) O resultado positivo, 33% maior que o atingido em 2004, deve-se ao desempenho expressivo das exportações e importações.

c) As vendas externas tiveram incremento superior à US$ 24 bilhões no ano passado e fecharam 2005 com US$ 118,3 bilhões.

d) Já as importações totalizaram US$ 73,545 bilhões no ano passado.

e) Os resultados recordes mostram que apesar da valorização do real frente ao dólar, a corrente de comércio do país (exportações mais importações) não para de crescer com a diversificação de pauta exportadora, aumento do número de países que compram os produtos brasileiros e o crescimento da participação de estados com pouca tradição nas vendas externas.

(*Em Questão*, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 390 — Brasília, 06 de janeiro de 2006)

5. Assinale a opção que reproduz corretamente as ideias contidas no trecho abaixo.

Estudo feito por cientistas dinamarqueses revelou que pessoas que bebem moderadamente e são fisicamente ativas têm menor risco de morte por doenças cardiovasculares do que aquelas que não bebem e são inativas. Esta é a primeira pesquisa a avaliar a influência combinada de atividades físicas e de ingestão regular de álcool.

a) Indivíduos que não bebem nem se exercitam têm risco menor de apresentar doenças cardiovasculares do que os bebedores moderados fisicamente ativos.

b) A ingestão moderada de álcool combinada com atividades físicas mostrou-se mais eficaz para a saúde do coração do que a abstenção alcoólica somada à inatividade.

c) Manter-se fisicamente ativo e beber moderadamente causam mais riscos na redução de risco de doenças do coração do que abster-se de álcool mas frequentar academias de ginástica.

d) Estudo dinamarquês revelou que a combinação de álcool, independentemente da quantidade ingerida, com exercitação física causa menos risco à saúde do que a não ingestão somada à inatividade.

e) Combinar atividade física com álcool apresenta maior perigo para a saúde do coração do que a exercitação moderada somada à abstenção alcoólica.

6. Assinale a opção em que o trecho do Valor Econômico (15.01.2008 — com

adaptações) apresenta erro gramatical.

a) Várias lições foram aprendidas com o apagão de 2001 e não há dúvida de que a situação em que o País se encontra para prevenir e enfrentar a eventual repetição de cortes forçados de energia são muito melhores que as de sete anos atrás.

b) Há pelo menos dois anos o abastecimento de gás natural deixou de ser confiável, e não será pela proximidade de escassez de energia que o problema mudará de natureza.

c) A questão da necessidade de medidas de economia de energia, sejam elas quais forem — inclusive a que deveria ser item permanente de todos os governos, todos os anos: a racionalização do uso —, passou a ser encarada pelo governo como um desafio.

d) O modelo energético atual privilegiou a garantia de fornecimento da energia e a modicidade tarifária para novos empreendimentos. Tem pontos fortes e fracos, como todos os modelos. Ele é estatista e centralizador, sem que, por isso, esteja condenado à ineficiência.

e) Ao contrário, a previsibilidade de todo o sistema é hoje maior, embora isto tampouco seja uma garantia de que as necessidades do futuro serão atendidas por medidas adequadas no presente. Se o planejamento for seguido à risca, a situação da oferta do gás tem condições de melhorar em 2008.

7. Assinale o trecho do texto adaptado do Jornal do Commercio (PE), de 12.01.2008, que apresenta erro de regência.

a) Depois de um longo período em que apresentou taxas de crescimento econômico que não iam além dos 3%, o Brasil fecha o ano de 2007 com uma expansão de 5,3%, certamente a maior taxa registrada na última década.

b) Os dados ainda não são definitivos, mas tudo sugere que serão confirmados. A entidade responsável pelo estudo foi a conhecida Comissão Econômica para a América Latina (Cepal).

c) Não há dúvida de que os números são bons, num momento em que atingimos um bom superávit em conta corrente, em que se revela queda no desemprego e até se anuncia a ampliação de nossas reservas monetárias, além da descoberta de novas fontes de petróleo.

d) Mesmo assim, olhando-se para os vizinhos de continente, percebe-se que nossa performance é inferior a que foi atribuída a Argentina (8,6%) e a alguns outros países com participação menor no conjunto dos bens produzidos pela América Latina.

e) Nem é preciso olhar os exemplos da China, Índia e Rússia, com crescimento acima desses patamares. Ao conjunto inteiro da América Latina, o organismo internacional está atribuindo um crescimento médio, em 2007, de 5,6%, um pouco maior do que o do Brasil.

8. Assinale a opção correta a respeito dos sentidos e dos elementos linguísticos do texto abaixo.

Estamos nos deparando com uma cantilena a nos cobrar sobre o voto consciente. Quanto aos candidatos, todos são bons até que nos provem o contrário. Há muitos interesses em jogo, é preciso que saibamos distingui-los. Na campanha, alguém nos falou que iria votar a favor ou contra a CPMF? Da mesma forma, alguém nos disse que iria votar a favor da cobrança de contribuição ao aposentado? É um cheque em branco que nós damos aos partidos, que durante quatro anos irão manobrar os votos de suas bancadas, que nem sempre são favoráveis ao povo que os elegeu. O povo funciona como massa de manobra, e as tribunas no

parlamento como um palanque político eleitoral. Na verdade, o que menos interessa é o povo.

(Antonio Pereira, Londrina (PR), Sr. Redator, *Correio Braziliense*, 30.12.2007, p. 14)

a) O autor do texto é um missivista insatisfeito com o redator do *Correio Braziliense*.
b) Estão incluídas na cantilena a que se refere o Sr. Antonio Pereira as mensagens eletrônicas enviadas pelo povo aos parlamentares pedindo-lhes para votarem contra a prorrogação da CPMF.
c) Está no mesmo tempo e modo verbal de "saibamos" a forma: adiremos, do verbo aderir.
d) O adjetivo "favoráveis" em "que nem sempre são favoráveis ao povo que os elegeu" refere-se ao termo "votos".
e) Ocorre elipse do verbo "funcionar" no trecho "... e as tribunas no parlamento...", que é entendido assim: ... e as tribunas funcionam no parlamento...

9. Assinale a opção que reescreve as expressões destacadas no trecho abaixo com vocabulário e morfossintaxe condizentes com a norma escrita formal da Língua Portuguesa.

Em sua última reunião, o Conselho Deliberativo da UNACON colocou em pauta as condições de trabalho de analistas e técnicos em todas as regiões do Brasil. (1) Depois de ouvir o que atrapalhava o seu trabalho, o Conselho deliberou encaminhar à CGU um relato dessas dificuldades, com sugestões (2) para ficar mais fácil as operações de controle e finanças nos Estados.

a) (1) Ao ouvir os tropeços que trazia óbices no seu trabalho,
(2) para deixar mais efetivo
b) (1) Ao ter ciência das dificuldades que se interpunham no decorrer das atividades,
(2) para tornar mais viáveis
c) (1) Depois de saber que obstáculos pelos quais passavam em seu trabalho,
(2) de como desobstaculizar
d) (1) Assim que tomaram conhecimento de tudo o que impedia a realização do trabalho,
(2) corretivas a efetivar
e) (1) Cientificando-se dos entraves em prol do bom desempenho de suas atividades,
(2) evitáveis desses entraves para

10. Assinale a opção em que o trecho foi transcrito com erro de pontuação.

a) Ao longo dos últimos anos, na reforma do Judiciário, o Congresso municiou o Supremo com ferramentas novas para imprimir maior eficácia ao sistema. A corte, entretanto, as vem utilizando com certa timidez.
b) A mais poderosa dessas armas é o efeito vinculante. Trata-se de dispositivo que permite ao Supremo editar súmulas fixando jurisprudência que deve obrigatoriamente ser seguida pelas instâncias inferiores da Justiça e pela administração pública.
c) Criado em 2004 e regulamentado dois anos depois, o mecanismo só foi utilizado em três ocasiões, nenhuma delas envolvendo conteúdo muito controverso.
d) Caminho semelhante segue o princípio da repercussão geral, que possibilita ao STF, recusar recursos extraordinários e agravos em ações com baixa relevância social, no entendimento da maioria dos ministros.
e) Associadas, a edição de novas súmulas vinculantes e a exclusão das matérias sem repercussão geral teriam o condão de livrar o Judiciário de milhares de processos

repetitivos, cujo desfecho já é conhecido de antemão.

(*Folha de S.Paulo*, 02.02.2008)

Gabarito da Prova Simulada 10

1-c, 2-b, 3-d, 4-c, 5-b, 6-a, 7-d, 8-e, 9-b, 10-d.

Prova Simulada 11

1. Assinale a asserção errada quanto aos sentidos e aos elementos linguísticos do trecho abaixo.

Quando se achava que o Brasil já tinha visto tudo o que poderia ver em matéria de impostos, aconteceu algo jamais ocorrido antes neste país: um imposto que existia deixou de existir. Impostos, como é bem sabido, podem mudar de nome, podem aumentar ou diminuir (em geral, aumentam), podem passar de uma esfera a outra dentro da administração pública, mas uma vez criados ficam aí para sempre. Eis que, justo às vésperas do Natal, o governo não consegue obter do Senado os votos de que precisava para manter viva a CPMF, "contribuição" que era obrigatória e que, sob o disfarce de "provisória", vinha tirando uma lasca de cada cheque emitido no país desde o remoto ano de 1996.

(J. R. Guzzo. O fim de uma mentira, *Exame*, 31.12.2007, p. 66)

a) A extinção de um imposto no Brasil é apresentada no texto como algo surpreendente, como um fato inusitado.
b) O emprego da expressão "como é bem sabido", no contexto em que está, dá a entender que a informação que vem a seguir não deve ser novidade para o leitor.
c) A oração "ficam aí para sempre" é substituível por: nunca deixam de existir, sem prejuízo do sentido original do texto.
d) O adjetivo "remoto" aplicado ao ano de 1996 favorece o entendimento de que o autor considera muito longo o tempo em que vigorou a CPMF.
e) O emprego das aspas em "contribuição" reforça o sentido de que a CPMF era essencial para a melhoria da saúde pública no Brasil.

2. Assinale a opção que completa, com correção gramatical, o espaço do texto abaixo.

O êxodo de jogadores de futebol brasileiros para o exterior é uma tendência difícil de ser revertida a curto prazo. O que se observa é ainda mais calamitoso. Eles estão partindo para qualquer timezinho do exterior cada vez mais cedo, cada vez mais novos, sejam bons ou não. Se os clubes _____ tantos atletas para pequenos times da Europa ou de outros continentes.

a) fossem mais bem administrados, não irão
b) fossem melhor administrados, não vão
c) forem mais bem administrados, não iriam
d) fossem mais bem administrados, não iriam
e) forem melhor administrados, não irão

3. Assinale a opção em que o trecho do texto adaptado do Valor Econômico, 11.01.2008, apresenta erro gramatical.

a) O resultado conjunto de estouro da bolha imobiliária e de uma bolha de crédito construída por empréstimos surpreendentemente generosos e amplos está sendo o corte da capacidade de endividamento do consumidor americano.

b) Recessão ou crescimento muito baixo — a economia americana parece condenada nos próximos trimestres a esta sina. À medida que se aprofundam a crise no mercado imobiliário residencial, seus efeitos se espalham por toda a economia.
c) Um dos grandes problemas é que os EUA acostumaram-se a essa via para crescer, deixando atrás de si um grande déficit no comércio e outro buraco nas contas públicas, ambos hoje cadentes.
d) A acentuada perda de fôlego da economia americana coloca desafios consideráveis para as autoridades monetárias. A arma tradicional da redução dos juros é agora de duvidosa eficácia e não pode ser usada livremente.
e) A desordem criada pelos grandes bancos no mercado de crédito teve como consequência perdas bilionárias em seus balanços. Ao que parece, há ainda muitos papéis invendáveis dentro das grandes instituições — mas fora dos balanços.

4. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

As perspectivas para o mercado agrícola continuam boas. Os preços internacionais estão (1) nível alto, (2) devem manter-se ao longo deste ano, em razão de fatores (3) o bom desempenho das economias dos países em desenvolvimento, o uso de matérias-primas agrícolas (4) produção de combustíveis e a redução da oferta de alguns produtos (5) problemas climáticos.

a) em um / em que / tais como / afim da / sob
b) em / a que / seja / na / causadores de
c) no / onde / tais / com a / sem
d) num / no qual / como / para a / por causa de
e) a / por que / com / em uma / por

5. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

Para incentivar o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio no Brasil, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva lançou o Prêmio ODM BRASIL. A iniciativa do governo federal em conjunto com o Movimento Nacional pela Cidadania e Solidariedade e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) vai selecionar e dar visibilidade (1) experiências em todo o país que estão contribuindo para o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), como (2) erradicação da extrema pobreza e (3) redução da mortalidade infantil. Os ODM fazem parte de um compromisso assumido, perante (4) Organização das Nações Unidas, por 189 países de cumprir (5) 18 metas sociais até o ano de 2015.

(*Em Questão*, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 390 — Brasília, 06 de janeiro de 2006)

a) a, à, à, a, às.
b) as, a, a, à, as.
c) às, à, a, à, às.
d) a, a, a, a, as.
e) as, a, a, à, às.

6. Assinale a opção em que o trecho foi transcrito com correção gramatical.

a) Mesmo com toda a turbulência nos mercados financeiros internacionais, os prognósticos

para a economia brasileira, em 2008 apontam para o crescimento.

b) Talvez não chegue ao patamar de 2007, pela necessidade de se conterem um pouco a demanda interna para evitar que a inflação derivada dos alimentos contamine outros preços.

c) Há dez anos, a situação seria totalmente diferente. O que mudou? Em primeiro lugar, o próprio perfil da economia mundial. Nações classificadas na categoria de emergentes conseguiram, de lá para cá melhorar significativamente o quadro de seus balanços de pagamento.

d) Mas a grande maioria dos analistas econômicos não acredita que o Brasil possa estar entre os países mais atingidos por uma crise financeira externa.

e) Aumentaram exportações, reduziram dívidas em valores absolutos ou relativos, ampliou as reservas cambiais, e se transformaram também em mercados relevantes dentro do comércio mundial.

(*O Globo*, 29.01.2008)

7. Assinale a opção que completa as lacunas do trecho abaixo, respeitando os princípios de coerência, correção gramatical e adequação vocabular.

O servidor envolvido na prática de (1) disciplinares, objeto de processo administrativo, (2) a respeito dos depoimentos das testemunhas, (3) o inquérito jungir-se ao princípio do contraditório.

(Disponível em: <http://www.cgu.gov.br/Publicacoes/RevistaCGU>.
Acesso em: 11 jan. 2008)

a) transgressões / tem de contrariar-se / em caráter de
b) infrações / há de ser notificado / em consequência de
c) inflações / deve tomar conhecimento / em virtude de
d) ilícitos / há que cientificar / em razão de
e) violações / tem de prevenir / em decorrência de

8. Assinale a asserção incorreta a respeito da organização das ideias do texto, seus sentidos e elementos linguísticos.

Seriam os furtos inconhos da espécie humana? Isso mesmo que deu para entender: inconhos, frutos que nascem pegados a outros. O trocadilho furtos/frutos saiu-me sem querer. Peço desculpas e repito a pergunta: nasceria o furto inconho, acoplado, pegado à espécie humana? Sim, porque as coisas que vemos aí, das mais humildes funções aos mais altos escalões, sugerem que o furto seja tão necessário quanto o oxigênio para a sobrevivência de nossa espécie.

(Eduardo Almeida Reis, Furtos inconhos, *Correio Braziliense*, 10.01.2008, p. 6)

a) Ao explicar o significado de “inconhos”, o autor está acionando a função metalinguística da linguagem.

b) Iniciar texto com pergunta, como acontece nesse texto, é um recurso estilístico que desobriga o autor de responder, deixando ao leitor o processamento mental da resposta.

c) Ocorre também trocadilho em: Na vida tudo passa, até uva passa.

d) Há segmentos no texto em que o autor se dirige diretamente ao leitor.

e) Ocorre comparação de igualdade no texto.

9. Abaixo estão recomendações para evitar o estresse. Assinale a opção na qual os

verbos estão conjugados, corretamente, na terceira pessoa do singular.

a) Saboreie a vida, dai mais valor a suas experiências.
b) Para e medite. Põe uma uva-passa na boca. Note textura, cheiro e sabor.
c) Invista em prazeres: ouça música, leia, dê-se o direito de não fazer nada.
d) Fique atenta à respiração. Inspira e expira lentamente.
e) Aprende a dizer não. Peça ajuda sempre que necessário.

(Cristina Nabuco, Para desacelerar, *Cláudia*, junho 2007, p. 227)

10. Assinale a opção em que o trecho do Editorial de O Estado de S. Paulo (14.01.2008 — com adaptações) foi transcrito com erro gramatical.

a) Estudos preliminares indicam que o setor de agronegócios alcançou, no ano passado, um saldo superior a US$ 50 bilhões em seu comércio exterior, sendo mais uma vez o grande responsável pelo bom desempenho da balança comercial do País.
b) Segundo a consultoria Tendências, com exportações de US$ 61 bilhões e importações de US$ 8,7 bilhões, o superávit do agronegócio brasileiro ficou em US$ 52,3 bilhões, bem superior ao saldo de toda a balança comercial, que ficou em US$ 40,04 bilhões.
c) É muito provável que também em 2008 o agronegócio tenha papel decisivo no desempenho da balança comercial brasileira, embora as empresas de consultoria já identifique alguns fatores que podem afetar o crescimento de suas exportações.
d) Entre 1994 e 2004, o agronegócio registrou continuamente saldos comerciais maiores do que o total da balança brasileira. A série foi interrompida em 2005 e 2006, quando seu superávit representou de 85% a 90% do superávit total.
e) Os bons preços dos principais produtos agroindustriais exportados pelo Brasil em 2007 devem manter-se em 2008, embora não sejam esperadas muitas altas expressivas.

Gabarito da Prova Simulada 11

1-e, 2-d, 3-b, 4-d, 5-d, 6-d, 7-b, 8-b, 9-c, 10-c.

Prova Simulada 12

Texto para as questões de 1 a 5.

Podemos distinguir dois tipos de processos imaginativos: o que parte da palavra para chegar à imagem visual e o que parte da imagem visual para chegar à expressão verbal. Com relação à arte literária, perguntemo-nos: como se forma o imaginário de uma época em que a literatura, já não mais se referindo a uma autoridade ou tradição que seria sua origem ou seu fim, visa antes à novidade, à originalidade, à invenção? Parece-me que, nessa situação, a questão da prioridade da imagem visual ou da expressão verbal (que é mais ou menos como o problema do ovo e da galinha) se inclina decididamente para a imagem visual. Entretanto, que futuro estará reservado à imaginação individual nessa que se convencionou chamar “a civilização da imagem”? O poder de evocar imagens *in absentia* continuará a desenvolver-se em uma humanidade cada vez mais inundada pelo dilúvio das imagens pré-fabricadas?

Antigamente, a memória visiva do indivíduo estava limitada ao patrimônio de suas experiências diretas e a reduzido repertório de imagens refletidas pela cultura; a possibilidade de dar forma a mitos pessoais nascia do modo pelo qual os fragmentos dessa memória se combinavam entre si em abordagens inesperadas e sugestivas. Hoje, somos bombardeados por uma quantidade de imagens tal, que não conseguimos mais distinguir a experiência direta daquilo

que vimos há poucos segundos na televisão.

Estamos correndo o perigo de perder uma faculdade humana fundamental: a capacidade de pôr em foco visões de olhos fechados, de fazer brotar cores e formas de um alinhamento de caracteres alfabéticos negros sobre uma página branca, de "pensar" por imagens. Penso em uma possível pedagogia da imaginação que nos habitue a controlar a própria visão interior sem sufocá-la e sem, por outro lado, deixá-la cair em confuso e passageiro fantasiar, mas permitindo que as imagens se cristalizem em forma bem definida, memorável, autossuficiente.

Seja como for, todas as "realidades" e as "fantasias" só podem tomar forma por meio da escrita, na qual exterioridade e interioridade, mundo e ego, experiência e fantasia aparecem compostos pela mesma matéria verbal; as visões polimorfas obtidas através dos olhos e da alma encontram-se contidas nas linhas uniformes de caracteres minúsculos ou maiúsculos, de pontos, de vírgulas, de parênteses; páginas inteiras de sinais alinhados, encostados uns nos outros como grãos de areia, representando o espetáculo variegado do mundo em uma superfície sempre igual e sempre diversa, como as dunas impelidas pelo vento do deserto.

(Ítalo Calvino. *Seis propostas para o próximo milênio*. Visibilidade. Tradução de Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, com adaptações)

1. De acordo com o desenvolvimento das ideias do texto, é correto afirmar que

a) a literatura atual contribui para a formação do imaginário dos indivíduos ao reportar-se fundamentalmente às tradições das quais se originou.

b) os segmentos "O poder de evocar imagens *in absentia*" e "a capacidade de (...) 'pensar' por imagens" são definições que o autor apresenta para uma única faculdade humana fundamental.

c) não havia, em épocas passadas, novidade nem criatividade na imaginação dos indivíduos, pois a memória visual destes era limitada às experiências diretas de cada um deles e ao mundo figurativo transmitido pela cultura.

d) o que se vê hoje na televisão passou a ser uma experiência direta do indivíduo com os acontecimentos, em contraposição ao grande número de imagens que fazem parte do cotidiano das pessoas.

e) o autor chega à conclusão de que a imagem predomina na atualidade e que, por isso, ela é o ponto de partida para a escrita.

2. No primeiro parágrafo, é apresentado o seguinte comentário entre parênteses: "que é mais ou menos como o problema do ovo e da galinha". Com esse comentário, o autor

a) imprime ao texto um tom misterioso, o que justifica o emprego de parênteses.

b) enfatiza sua hesitação ao comparar as discussões, o que se evidencia no emprego da expressão "mais ou menos".

c) compara a questão abordada no texto com outra estabelecida como tipicamente polêmica, ou seja, aquela acerca da qual é muito difícil se chegar a uma resposta consensual.

d) imprime relevância à inclinação da imaginação individual para a imagem na chamada "civilização da imagem".

e) antecipa que não apresentará opinião a respeito da questão que menciona, por ser controvertida.

3. Acerca da estruturação dos parágrafos e dos períodos do texto, assinale a opção

incorreta.

a) Um dos parágrafos é iniciado por um verbo no modo subjuntivo.
b) O primeiro período do segundo parágrafo contém um verbo na voz reflexiva recíproca.
c) No terceiro parágrafo, é apresentada uma proposta para se evitar o perigo anunciado no início desse parágrafo.
d) No último parágrafo, compõem-se enumerações por meio do emprego da vírgula e do ponto e vírgula.
e) Todos os parágrafos apresentam linguagem formal e todas as palavras do texto foram empregadas em seu sentido denotativo.

4. Assinale a opção em que a substituição da(s) palavra(s) sublinhada(s) pela(s) palavra(s) apresentada(s) entre parênteses não provocaria erro gramatical ou alteração nos sentidos do texto.

a) "o que parte da palavra para chegar à imagem visual e o que parte da imagem visual para chegar à expressão verbal" (aquele / aquele)
b) "Hoje, somos bombardeados por uma quantidade de imagens tal, que não conseguimos mais distinguir a experiência direta daquilo que vimos há poucos segundos na televisão" (porque)
c) "Penso em uma possível pedagogia da imaginação que nos habitue a controlar a própria visão interior sem sufocá-la" (mesma)
d) "todas as 'realidades' e as 'fantasias' só podem tomar forma por meio da escrita" (perante)
e) "encostados uns nos outros como grãos de areia" (por exemplo)

5. Assinale a opção em que, na alteração feita em trecho do texto, verifica-se o correto emprego do acento indicativo de crase.

a) A literatura já não mais se refere à autoridades ou tradições que seriam sua origem ou seu fim.
b) O poder de provocar imagens *in absentia* continuará a se desenvolver, à priori, em uma humanidade cada vez mais inundada pelo dilúvio das imagens pré-fabricadas?
c) A memória visiva do indivíduo estava limitada ao patrimônio de suas experiências diretas e à imagens refletidas pela cultura.
d) Penso em uma possível pedagogia da imaginação que nos controle à própria visão interior sem sufocá-la.
e) Seja como for, às realidades e às fantasias somam-se as leituras por meio da escrita.

6. Assinale a opção que apresenta um período escrito com correção gramatical.

a) Há, portanto, um conjunto grande de ocupações que cresceu e permaneceu à margem de um sistema de proteção legal, o que permite que empresas mantenham relações de trabalho informais com os profissionais que lhes prestam serviços.
b) Contudo, essas tendências verificadas na última década do século passado, representaram um retrocesso nas relações de trabalho, haja visto a prevalência de redução de custo nas metas traçadas pelas grandes empresas.
c) Vislumbra-se, todavia, um movimento crescente das empresas rumo as relações de trabalho ilegais, porquanto ainda informais, dado que a CLT, já obsoleta, apenas abriga os trabalhadores submetidos ao regime formal de trabalho.
d) Logo, é possível prever que, consoante o atual dinamismo da economia brasileira, a

legislação trabalhista, à partir deste momento, pode ser reformada, de maneira a incluir a proteção aos trabalhadores não assalariados.

e) Enfim, entendo que nunca assistiu-se no Brasil, afora o regime escravocrata, a relações de trabalho tão selvagens, quanto as representadas pela terceirização dos serviços, tendência que, gradativamente, impõe-se como predominante.

7. Assinale a opção que está de acordo com as regras de concordância nominal e verbal.

a) Apesar das campanhas governamentais em favor da legalidade das relações de trabalho, existe, ainda, no Brasil, muitos trabalhadores que, mesmo sendo assalariados, não tem carteira de trabalho, ou seja, se submetem a formas ilegais de trabalho.

b) Conforme análises de especialistas da área do trabalho, verificam-se, nas relações trabalhistas brasileiras, várias distorções que se originaram na ausência de legislação específica para determinadas ocupações no mundo do trabalho.

c) Fazem bem mais de 50 anos que foi promulgado, após muitas reivindicações dos trabalhadores, a CLT, mas ainda se observa, no Brasil, que muitas empresas resistem a cumprir seus deveres como empregadores de trabalhadores assalariados.

d) Os que defendem os direitos dos trabalhadores afirmam que devem haver, em nosso país, leis que disponham sobre as novas formas de trabalho autônomo e coíbam o estabelecimento de relações informais de trabalho por aqueles que detém poder de oferecer empregos.

e) Grande parte dos grandes empresários relutou em considerar ilegal ou informal, apesar das evidências em contrário, as relações de trabalho que eles mantêm com os chamados novos autônomos.

Atenção: As questões de números 8 a 10 baseiam-se no texto a seguir.

Por “imaginário” entendemos um conjunto de imagens visuais e verbais gerado por uma sociedade (ou parcela desta) na sua relação consigo mesma, com outros grupos humanos e com o universo em geral. Todo imaginário é, portanto, coletivo, não podendo ser confundido com imaginação, atividade psíquica individual. Tampouco se pode reduzir o imaginário à somatória de imaginações. Obviamente estas também se manifestam em quadros históricos, pois, mesmo ao imaginar, cada indivíduo não deixa de ser membro de uma sociedade e de seus valores objetivos e subjetivos. Porém, por englobar o denominador comum das imaginações, o imaginário as supera, interfere nos mecanismos da realidade palpável (política, econômica, social, cultural) que alimenta a própria imaginação.

Mais precisamente, o imaginário faz a intermediação entre a realidade psíquica profunda da sociedade (aquilo que os historiadores às vezes chamam de mentalidade) e a realidade material externa. Desta, o imaginário leva para a primeira os elementos que na longa duração histórica podem transformá-la; daquela, leva para a segunda as formas possíveis de leitura da sociedade sobre ela mesma. Neste trânsito circular, os instintos, os sentimentos, as sensações, traduzidos culturalmente, adaptam-se à realidade objetiva, e assim formulados são reprocessados pela realidade psíquica. Resultante do entrecruzamento de um ritmo histórico muito lento (mentalidade), com outro bem mais ágil (cultura), o imaginário estabelece pontes entre tempos diferentes. A modalidade do imaginário que foca sua atenção em um passado indefinido para explicar o presente é o que chamamos mito. Aquela que projeta no futuro as

experiências históricas do grupo — concretas e idealizadas, passadas e presentes — é ideologia. A terceira modalidade, que parte do presente na tentativa de antecipar ou preparar um futuro, que é recuperação de um passado idealizado, é utopia.

Naturalmente os limites entre essas formas de imaginário são movediços. Tais formas jamais existiriam historicamente em estado puro, e com frequência cada uma delas acaba por assumir as funções das outras. Diante disso, muitas vezes é preferível utilizar a denominação genérica — imaginário — às particulares (mito, ideologia, utopia), que encobrem recortes conceituais problemáticos. O importante é que toda sociedade é, ao mesmo tempo, produtora e produto de seus imaginários. Logo, a verdadeira história, aquela que considera o homem na sua complexidade e totalidade, encontra-se na articulação entre a realidade vivida externamente e a realidade vivida oniricamente.

(Hilário Franco Júnior. *Cocanha.* A história de um país imaginário.

São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 16-17)

8. No fragmento citado, Franco Júnior

a) alude à transformação das noções de *mito*, *ideologia* e *utopia*, destacando o paulatino processo de baralhamento por que elas passam no campo dos estudos históricos.
b) aponta os movimentos relevantes no processo de emergência do conceito contemporâneo de *imaginário*, realçando sua especificidade em face de conceitos mais genéricos.
c) concebe as questões terminológicas como secundárias em sua área de estudo, pois os conceitos com que nela se opera são movediços e impedem qualquer tentativa de especificação vocabular.
d) estabelece fronteiras e intersecções entre palavras do vocabulário corrente, deslocando-as para um específico quadro de reflexões — o da história.
e) propõe que sempre se observem as divergências assinaladas pelos termos *mito*, *ideologia* e *utopia*, a fim de preservar o rigor com que a história deve abordar a complexidade do homem.

9. De acordo com o texto,

a) as atividades psíquicas individuais estão desvinculadas do *imaginário*, na medida em que elas são o lugar de plena independência do sujeito, o autônomo domínio de vivências oníricas pessoais.
b) a *realidade palpável*, em suas diferentes manifestações, existe apenas em função do processo de interferência recíproca que se verifica entre *imaginário* e *imaginação*.
c) a realidade externa ao indivíduo é combustível das atividades psíquicas, e estas, por sua vez, colaboram para a conformação dos conjuntos de imagens compartilhados pelos diferentes grupos.
d) o termo *imaginário* é impreciso, pois não permite estabelecer hierarquias entre a realidade por ele nomeada e os outros modos de ordenação onírica do mundo, como aquele que recebe o rótulo de *mito*.
e) a verdadeira história leva em conta, mais do que os fatos objetivos, livres da interferência do imaginário, a dimensão dos sonhos individuais e coletivos que constituem a essência do ser humano.

10. No segundo parágrafo, o autor

a) defende que o imaginário, ao coordenar durações históricas longas e breves, costura, na dimensão onírica, cronologias que, na realidade palpável, seriam independentes.
b) retifica as informações contidas na abertura do texto, pois se dá conta da inadequação de tudo o que afirmou até ali.
c) estabelece uma tipologia para a realidade, ao cindi-la em universo psicológico interior e condições físicas de existência do indivíduo.
d) propõe que *instintos*, *sentimentos* e *sensações* sejam manifestações culturais, isto é, ocorrências adaptáveis à realidade psíquica e não à objetiva.
e) afirma que o trânsito entre a mente humana e a realidade, propiciado pelo imaginário, impede que se distingam as características de uma e outra.

Gabarito da Prova Simulada 12

1-b, 2-c, 3-e, 4-a, 5-e, 6-a, 7-b, 8-d, 9-c, 10-a.

Prova Simulada 13

1. Conforme as ideias do texto, assinale a opção correta.

O industrial brasileiro entrou em 2008 otimista, prevendo um bom nível de atividade para o primeiro semestre, segundo a sondagem recém-divulgada pela Confederação Nacional da Indústria (CNI).

A pesquisa foi realizada em 22 Estados, com executivos de 1.394 empresas, entre os dias 2 e 22 de janeiro. Este último detalhe é especialmente importante: a expectativa dos entrevistados, aparentemente, não foi afetada pelo noticiário sobre a crise internacional e sobre o risco de uma recessão nos Estados Unidos. A grande aposta, segundo o levantamento, é no dinamismo do mercado interno, porque há pessimismo quanto à evolução das exportações — mas essa avaliação já foi encontrada na edição anterior da sondagem, no trimestre anterior.

A boa disposição do empresariado foi confirmada pelos últimos números da Fiesp, distribuídos na quarta-feira, um dia depois de a CNI divulgar sua sondagem. No ano passado, o nível de atividade da indústria paulista foi 6,1% superior ao de 2006 e o dinamismo conservou-se até o último mês. Em dezembro, o nível de atividade ficou 7% acima do registrado um ano antes.

(*O Estado de S. Paulo,* 31.01.2008)

a) A crise internacional e o risco de recessão nos Estados Unidos afetaram a expectativa positiva do industrial brasileiro.
b) Desde o trimestre anterior à sondagem, os industriais já estavam otimistas em relação às exportações.
c) Os números divulgados pela Fiesp estão em desacordo com a sondagem divulgada pela CNI.
d) O nível de atividade da indústria paulista em 2007 não confirma o otimismo demonstrado pelos industriais para 2008.
e) Os entrevistados apostam no dinamismo do mercado interno e desacreditam na evolução das exportações.

2. Conforme as ideias do texto, assinale a opção correta.

O crescimento econômico, por si só, não tem sido suficiente para melhorar as condições no mundo do trabalho, nem mesmo para conter o aumento do número de desempregados (em

2006, o total de desempregados no mundo era de 187 milhões; no ano passado, apesar do crescimento de 5,2% da economia mundial, o total subiu para 189,9 milhões de pessoas). Daí, segundo a OIT, a necessidade de os governos agirem para assegurar que o progresso econômico se transforme num fator de inclusão social e não de aumento das desigualdades, como ocorre em muitos países. Na avaliação da OIT, a crise atual é diferente das anteriores. Esta surgiu no mundo industrializado e, ao contrário do que aconteceu com as crises da década passada, não afetou de maneira notável os demais países — pelo menos até agora. Não há, porém, nenhuma segurança de que esse quadro se manterá. A questão, diz a OIT, é como o mercado de trabalho em todo o mundo reagirá à redução da atividade econômica. "Este será o ano das incertezas", resumiu o Diretor-Geral da OIT.

(*O Estado de S. Paulo,* 29.01.2008)

a) O crescimento econômico melhora as condições no mundo do trabalho e contém o aumento do número de desempregados.
b) O crescimento de 5,2% da economia mundial assegurou a diminuição do número de desempregados.
c) O mercado de trabalho em todo o mundo reagirá de forma positiva à redução da atividade econômica nos países industrializados.
d) A atual crise que surgiu nos países industrializados afetou severamente outros países.
e) Em muitos países, o progresso econômico tem-se tornado um fator de aumento das desigualdades sociais.

3. De acordo com as ideias do texto, assinale a opção correta.

O rápido crescimento da economia mundial nos últimos anos gerou milhões de empregos, mas nem assim foi possível evitar o aumento do número de desempregados, porque a quantidade de vagas abertas não foi suficiente para abrigar todos os que chegaram ao mercado de trabalho no período. O que acontecerá ao longo de 2008, quando o desempenho econômico em todo o mundo deve ser pior do que o dos anos anteriores, ainda que não aconteça a recessão nos Estados Unidos? O resultado, de acordo com pesquisa que a Organização Internacional do Trabalho (OIT) acaba de divulgar, pode ser o acréscimo de 5 milhões de pessoas ao contingente de desempregados em todo o mundo.

O informe anual da OIT *Tendências Mundiais do Emprego* faz uma avaliação prudente do quadro econômico atual. Mesmo o aumento do número de desempregados que projeta para este ano não chega a ser estatisticamente relevante. No ano passado, cerca de 3 bilhões de pessoas estavam empregadas em todo o mundo. Os desempregados, de acordo com a OIT, representavam 6% da força de trabalho total. Se em 2008 o número de desempregados aumentar em 5 milhões, o índice subirá para 6,1%, variação muito pequena.

Mas a questão não é meramente estatística. O desemprego já atinge quase 200 milhões de pessoas e suas famílias. Além disso, a falta de emprego não é o único problema que afeta os trabalhadores e suas famílias no mundo inteiro. Boa parte dos que integram o grupo dos empregados vive em situação muito difícil.

(*O Estado de S. Paulo*, 29.01.2008)

a) O problema do desemprego foi resolvido pelo rápido crescimento da economia mundial nos últimos anos.
b) Se houver um acréscimo de 5 milhões de desempregados, o índice mundial de desemprego

ficará em torno de 6,1% da força de trabalho total.

c) A Organização Internacional do Trabalho prevê que o contingente de desempregados no mundo chegue a 5 milhões de pessoas.

d) A situação dos trabalhadores empregados é em geral muito satisfatória.

e) A quantidade de vagas abertas foi suficiente para abrigar todos os que chegavam ao mercado de trabalho.

4. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto, adaptado de O Estado de S. Paulo, 05.02.2008.

Os resultados do trabalho de fiscalização da Receita Federal no ano passado impressionam. Por práticas de "evasão fiscal" — (1) sonegação de impostos, apuração indevida de impostos e contribuições a serem recolhidas, erros e omissões nas declarações do Imposto de Renda, entre outras —, a Receita autuou no ano passado 522 mil contribuintes, (2) pessoas jurídicas e físicas, 42% (3) número de autuações emitidas em 2006. Mais notável ainda é o aumento do valor das autuações. Elas totalizaram R$ 108 bilhões, 80% mais do que o total do ano anterior. O combate rigoroso (4) sonegação de qualquer tipo é dever da Receita e uma demonstração de respeito (5) contribuintes que cumprem rigorosamente suas obrigações com o Fisco. O uso de mecanismos mais eficazes nesse trabalho reduz substancialmente a margem para a sonegação e para outros atos considerados ilícitos pela Receita e pela Justiça, (6) resulta em aumentos de arrecadação que, pelo menos em tese, poderiam abrir o caminho para a redução do peso dos impostos, taxas e contribuições sobre as finanças dos contribuintes honestos.

a) como; entre; mais do que o; à; aos; e.

b) sejam; sejam; maior que; contra a; com os; porém.

c) tais como; as; do; da; pelos; entretanto.

d) seja; ou; mais que o; a; para com; mas.

e) por exemplo; de; pelo; pela; nos; porque.

5. Assinale a opção em que o trecho do texto de O Globo, 31.01.2008, foi transcrito com erro gramatical.

a) A acumulação de superávits primários nas contas públicas, uma política que teve início no último trimestre de 1998, depois do abalo causado na economia brasileira por uma crise financeira que teve seu estopim na Rússia, vem dando frutos nos últimos anos, com redução do déficit e da dívida da União, estados, municípios e companhias estatais em relação ao PIB.

b) Em 2008, segundo dados do Banco Central, a dívida líquida do setor público recuou para o equivalente a 42,8% do Produto Interno Bruto, o mais baixo percentual apurado desde 1999. E o déficit total do setor público, no valor total de R$ 58 bilhões, caiu para 2,27% do PIB.

c) Com a redução de suas necessidades de financiamento, o setor público pode renovar mais facilmente seu endividamento, e, nesse caso, o mercado tende a aceitar o pagamento de taxas de rentabilidade mais baixas para os títulos do Tesouro.

d) Para 2008, o Banco Central projeta nova queda na dívida líquida, e queda também do déficit, que encolheria para 1,2% do PIB. Mantendo essa tendência, ao fim de 2009 ou no decorrer de 2010, o déficit desapareceria, equilibrando-se as contas públicas e estancando-se completamente o crescimento da dívida.

e) A diminuição da dívida como proporção do PIB, assim como do déficit público total, significa que o Estado passou a avançar menos sobre os recursos disponíveis para financiar o setor privado. Isso viabiliza a ampliação dos investimentos, que pode ser financiado pelo aumento da poupança interna.

6. Assinale o trecho do texto, adaptado de O Estado de S. Paulo, 06.02.2008, que apresenta erro gramatical.

a) Turistas estrangeiros gastaram no Brasil, conforme os registros do Banco Central, o valor recorde de US$ 4,953 bilhões no ano passado, 14,7% mais do que em 2006.
b) Não se estranhe, pois, que o déficit na conta do turismo tenha mais que dobrado, passando de US$ 1,448 bilhão para US$ 3,258 bilhões.
c) Ainda assim, o balanço cambial do turismo piorou, pois as despesas de brasileiros no exterior aumentaram 42% entre 2006 e 2007, passando de US$ 5,764 bilhões para US$ 8,211 bilhões.
d) Real valorizado e aumento do emprego e da renda são fatores que estimularam as viagens dos brasileiros ao exterior, ao contrário do que ocorreu com os turistas que vem ao Brasil, que pagaram suas despesas com dólares desvalorizados.
e) O que não se justifica é o fato de o Brasil ocupar um modestíssimo 59º lugar entre os 124 países pesquisados pelo Fórum Econômico Mundial, de Davos, no ano passado. E que o setor de turismo tenha um peso tão pequeno na atividade econômica do País, da ordem de 2,8% do PIB, ante cerca de 11% em Portugal e na Espanha.

7. Os trechos a seguir constituem um texto adaptado de Zero Hora (RS), 11.02.2008. Assinale a opção que apresenta erro gramatical.

a) Os mundos cultural, econômico, financeiro e até rural giram em torno do que ocorre nessas concentrações que, pelo menos desde a Idade Média, foram adquirindo feição própria e mostrando problemas específicos.
b) A concentração mundial das populações nas cidades, fenômeno historicamente recente, torna essas aglomerações o centro nervoso das sociedades. A problemática das cidades concentra a própria problemática da sociedade.
c) As cidades são o cenário cada vez mais exclusivo em que, pelo desejo de progresso das sociedades, se realiza os direitos e se concretiza a ambição democrática e republicana de tratar a todos igualmente.
d) Questões como a educação, o trabalho, o lazer, o convívio, a assistência social, a produção ambiental, o transporte, entre muitíssimas outras, têm nas cidades suas expressões mais agudas. Desenvolvimento sustentável é uma expressão que faz sentido para os planejadores das cidades de hoje e de amanhã.
e) Para metrópoles europeias ou norte-americanas, essa expressão pode significar uma preocupação fundamental na preservação do ambiente, ao passo que para os demais continentes ela tem um sentido social inevitável, voltado para a necessidade de superação de gargalos sociais e para a conquista de patamares mínimos de dignidade.

8. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

O Brasil encerrou o ano de 2007 com (1) resultados animadores. O País conseguiu gerar mais de (2) 1,6 milhão de postos de trabalho. Acerca de (3) 42% foram empregados com carteira de trabalho assinada no setor privado. O desemprego nas regiões metropolitanas ficou em

torno de (4) 9,5%, ante (5) 10% em 2006. Os rendimentos médios subiram cerca de 3% em termos reais. Em quatro anos o aumento foi de quase 8%.

(*José Pastore, O Estado de S. Paulo,* 05.02.2008)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

9. A norma culta da Língua Portuguesa está plenamente respeitada em:

a) Ao divulgar os resultados, eles cometeram um grande deslise: deixaram de dar os créditos e agradecerem aos historiadores que acessoraram na busca dos dados contextuais da pesquisa.
b) A ideia de diferençar ideologia de utopia, estabelecendo que uma e outra promovem conjunções específicas das instâncias temporais, é o principal mérito do texto.
c) Visto as circunstâncias em que os termos devem ser compreendidos, precavejam-se empregando o mais abrangente.
d) Muitos não interviram na discussão por acreditar que dela não se tiraria resultados proveitosos para a atuação prática na área de historiografia.
e) Aquelas discussões filosóficas nos entreteram por horas a fio, ainda que não tivessem haver com nossas pesquisas específicas.

10. O texto está clara e corretamente redigido em:

a) O imaginário é inseparável do homem e lhe segue em todos os seus atos; é o instrumento graças o qual o indivíduo modela o seu pensamento, seus sentimentos, emoções, esforços e vontades, o instrumento onde ele influencia e é influenciado, a base última e mais profunda da sociedade.
b) Antes de o primeiro despertar de nossa conciência, o imaginário já ressoava, a volta de nós, pronto para envolver os primeiros germes frágeis de nosso pensamento e a nos acompanhar inseparavelmente através do nosso existir. Ele está conosco desde às mais humildes ocupações da vida cotidiana até aos momentos mais sublimes.
c) Sem dúvida, acredita-se, quando trata-se da técnica interna de comparação de imaginários, estar lidando-se com o mesmo, mas isso é ilusão. Não é o próprio imaginário, mas seus *disiecta membra*, as imaginações, que impedem apreender a totalidade transcendental que é o primeiro.
d) O imaginário não poderia ser descrito como simples sistema de imagens, posto que a finalidade que o atribuímos, por suposição, faz dele, antes de mais nada, um sistema de representação, que diferencia, conforme a estrutura interna, dos demais.
e) Percebe-se que o imaginário deve ser analisado de um modo particular em cada uma das comunidades consideradas, o que só se pode compreender da seguinte forma: ele é ordenado, articulado, formado de modos diferentes segundo as diferenças culturais.

Gabarito da Prova Simulada 13

1-e, 2-e, 3-b, 4-a, 5-e, 6-d, 7-c, 8-c, 9-b, 10-e.

Prova Simulada 14

1. Assinale a substituição necessária para tornar o texto gramaticalmente correto.

A defesa do ambiente é um daqueles temas que, no discurso, todos apoiam. Mas basta colocar, de um lado, a chance de auferir lucros e, de outro, a preservação das florestas, para se verificar o quão frágil é o compromisso com esta última. Esse fenômeno se dá em praticamente todos os níveis, desde o mau fiscal do Ibama que fecha os olhos para crimes ambientais em troca de propina até o grande agricultor que não hesita em torcer as normas jurídicas para extrair delas a interpretação que o permita desflorestar a maior área possível.

(Adaptado de *Folha de S.Paulo*, 21.06.2005, Editorial)

a) apoiam > apóiam
b) auferir > obter
c) quão > quanto
d) mau > mal
e) o > lhe

2. Assinale a opção incorreta em relação às estruturas do texto.

É natural que cada grupo procure fazer valer os seus interesses. O problema do desmatamento é que ele é a expressão de uma visão predatória e de curto prazo que vai de encontro à lei e ao interesse geral da nação. É fundamental, portanto, encontrar fórmulas sustentáveis que aliem desenvolvimento e preservação dos recursos naturais do país.

(*Folha de S.Paulo,* 21.06.2005, Editorial)

a) O emprego do subjuntivo em “procure” justifica-se por expressar uma possibilidade de ação.
b) O pronome “ele” retoma a ideia de “desmatamento”.
c) A expressão “vai de encontro à” equivale semanticamente a vai ao encontro da.
d) A conjunção “portanto” pode iniciar corretamente o período, com ajustes nas maiúsculas e minúsculas e na colocação das vírgulas.
e) A substituição de “encontrar” por que sejam encontradas mantém a correção gramatical do período.

3. O trecho abaixo contém erros no que respeita ao emprego da norma gramatical padrão. Para saná-los, foram propostas seis alterações. Analise-as e responda ao que se pede.

Nas últimas décadas, a intensificação das pesquisas de opinião e a ampliação da divulgação, pelos meios de comunicação (dos quais merece destaque a televisão, em particular), do que acontece no cenário econômico serviu para mostrar que “as expectativas” dos indivíduos interveem nos resultados das medidas econômicas. Se o trabalhador crê que a economia vai crescer, ele procura um emprego com vantagens superiores às do seu emprego anterior. Do mesmo modo, se o empresário acredita no crescimento futuro, faz investimentos para ampliar seu negócio.

Alterações propostas:

I. Nas linhas 3 e 4, substituir “dos quais” por: dentre os quais.
II. Na linha 6, conjugar o verbo “servir” na 3ª pessoa do plural.
III. Inserir uma vírgula após o sintagma “cenário econômico” (linhas 5 e 6).
IV. Passar o verbo “ir” para o presente do subjuntivo (linha 9).

V. Substituir a forma verbal “interveem” por: interferem (linha 7).

VI. Na linha 11, substituir a combinação “às do” por: as de.

As alterações que efetivamente contribuem para eliminar erros gramaticais do trecho são:

a) I, II, IV, V e VI
b) II e V
c) II, IV, V e VI
d) I, III, IV e VI
e) III, IV e V

4. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e indique a sequência correta.

( ) Por exemplo: os regimes de câmbio, hoje, são diferenciados, e as moedas de cada país-membro têm trajetórias, às vezes, muito distintas uma das outras, causando desequilíbrios que afetam a competitividade das empresas.

( ) Como superar essa dificuldade? No futuro, os bancos centrais do Mercosul precisarão promover ação mais coordenada. Sistemas tributários terão de ser ajustados. E os mercados de crédito não poderão limitar-se às fronteiras nacionais.

( ) Como instrumento de integração econômica do Cone Sul, ainda há um longo caminho a percorrer pelo Mercosul, até porque os países-membros têm de concluir processos de ajustes internos que lhes permitam, mais adiante, ter políticas articuladas.

( ) São avanços que exigem tempo e amadurecimento político. Pelos passos já dados, o Mercosul está predestinado a avançar, e não voltar atrás.

( ) Dessa forma, no lugar de complementaridade do sistema produtivo, capaz de proporcionar ganhos de escala para a conquista de terceiros mercados, a competição se acirra dentro do próprio bloco, gerando atritos.

(*O Globo*, 22.06.2005, Editorial)

a) 2º, 4º, 1º, 5º, 3º
b) 3º, 2º, 1º, 5º, 4º
c) 4º, 3º, 2º, 1º, 5º
d) 3º, 2º, 1º, 4º, 5º
e) 5º, 1º, 3º, 4º, 2º

5. Assinale a opção gramaticalmente incorreta.

a) As pesquisas costumam colocar a mídia, os bancos e as igrejas entre as instituições que teriam mais credibilidade, enquanto os governos, os parlamentos e os partidos estariam entre os mais mal avaliados.
b) Os teóricos da nova tendência buscam apoiar-se nas pesquisas para fortalecer suas teses.
c) Alegam que a política é dominada por questões de curto prazo e de caráter eleitoral, enquanto o Banco Central encara questões de longo prazo, de maior profundidade, que exigem capacidade técnica de decisão.
d) As taxas de juros, as políticas monetárias, a questão da inflação estariam entre as matérias que deveriam ser definidas em nível técnico.
e) O mesmo aconteceria com temas como os do meio ambiente, da previdência, da saúde, da

educação, que deveriam estar submetidos à especialistas.

(Adaptado de Emir Sader, *Jornal do Brasil*, 19.06.2005)

6. Assinale a opção em que ambas as propostas apresentadas completam as lacunas do trecho abaixo com correção gramatical, coesão e coerência textuais.

Enquanto houver falta de força de trabalho, (a), os novos direitos conquistados se efetivam para a quase totalidade dos assalariados. Mas a situação muda completamente (b) e (c). Nessas fases da conjuntura, a competição pelos poucos empregos disponíveis faz com que (d), o que só podem fazer trabalhando como "informais". É o que estamos assistindo hoje no Brasil: (e), um número ainda maior trabalha sem registro e sem os direitos consignados na CLT.

(Paul Singer, *Folha de S.Paulo*, 30.04.2005)

a) 1. que caracteriza períodos de intenso crescimento econômico
2. que distingue-se a economia em ritmo de aceleração
b) 1. quando a economia estagna
2. nos períodos em que a economia para de crescer
c) 1. grande número de trabalhadores é atingido pelo desemprego
2. grande número de trabalhadores são atingidos pela falta de emprego
d) 1. os trabalhadores sujeitem a renunciar aos direitos obtidos em lei
2. os trabalhadores se disponham a abrir mão de seus direitos legais
e) 1. ademais de muitos trabalhadores estejam desempregados
2. além de muitos trabalhadores estarem desempregados

7. Assinale a opção que apresenta a ideia principal do trecho abaixo.

Gente bem qualificada é um ativo com importância cada vez mais óbvia. Nestes primeiros anos do novo milênio, passados os solavancos provocados pelas reestruturações, fusões, aquisições, trocas de mão de obra por tecnologias e com a estrada pavimentada pelas crescentes exportações de produtos nacionais — alimentos, bebidas, couros, têxteis, sucos, calçados e vestuário —, a indústria brasileira de bens de consumo busca avidamente capitais humanos de alta qualidade para suas necessidades presentes e futuras. As empresas mais conscientes de que tais carências podem afetar a sustentação do crescimento acelerado do setor têm bastante claro que a gestão do capital humano, numa perspectiva temporal de longo prazo, é tão crítica para o êxito empresarial quanto dispor de fundos a custos competitivos, tecnologia avançada e clientes satisfeitos. Gente bem qualificada e motivada é um ativo cuja importância é cada vez mais óbvia para os que investem na indústria de bens de consumo e fator decisivo para se obter níveis de desempenho diferenciados.

(Francisco I. Ropero Ramirez, *Gazeta Mercantil,* 22.06.2005)

a) No novo milênio, já passaram os solavancos provocados pelas reestruturações, fusões e aquisições.
b) No início deste milênio, houve troca de mão de obra por tecnologias, fator decisivo para a sustentação do crescimento das empresas.
c) As exportações de produtos nacionais — alimentos, bebidas, couros, têxteis, sucos, calçados e vestuário — estão em franco crescimento.
d) No mundo empresarial, é importante dispor de fundos a custos competitivos, tecnologia

avançada e clientes satisfeitos.

e) Gente bem qualificada e motivada, ativo cuja importância é óbvia, é fator decisivo para que sejam obtidos níveis de desempenho diferenciados.

8. Assinale a opção gramaticalmente correta.

a) O capital humano precisa ter as capacitações necessárias para competir, liderar e cumprir as expectativas de um mercado, hoje cada vez mais exigente. Naturalmente, as empresas líderes do setor, já perceberam isso, e alguns conhecem suas prioridades para a gestão de pessoas num mercado em disputa globalizada.

b) Ao que tudo indica, pelo ritmo de investimento, aquelas empresas que tardarem em dar-se conta disso ficará irremediavelmente para trás.

c) A ênfase em capital humano pode ser explicada, em parte, pela acelerada geração de novas tecnologias e de conhecimentos e pelas transformações vividas pela indústria de bens de consumo em todo o mundo.

d) A administração de tais conhecimentos em contínuo desenvolvimento é e continuará a ser importante diferencial competitivo. A indústria de bens de consumo, assim como outros setores altamente competitivos, já superou a muito tempo o foco nos processos e nas transações.

e) Hoje o setor se caracteriza, sim, por processos industriais complexos, alto investimento em pesquisa e desenvolvimento, mas é sobretudo em suas estratégias mercadológicas e de distribuição que se encontra os avanços mais notáveis.

(Adaptado de Francisco I. Ropero Ramirez, *Gazeta Mercantil,* 22.06.2005)

9. Assinale a versão do texto que apresenta truncamento sintático.

a) Só uma reforma política com a participação da população, baseada em princípios éticos e democráticos, poderá atender as reais necessidades da sociedade. O estabelecimento da lista partidária fechada, o financiamento público e o fortalecimento dos partidos, a discussão do pacto federativo e da representação dos Estados no Congresso Nacional e a reforma do Estado são pontos importantes para a reforma política de que necessitamos.

b) Só uma reforma política, baseada em princípios éticos e democráticos, com a participação da população, poderá atender às reais necessidades da sociedade. Entre os pontos importantes para a reforma política de que necessitamos, estão o estabelecimento da lista partidária fechada, o financiamento público e o fortalecimento dos partidos, a discussão do pacto federativo e da representação dos Estados no Congresso Nacional e a reforma do Estado.

c) Só poderá atender as reais necessidades da sociedade uma reforma política com a participação da população, baseada em princípios éticos e democráticos. São pontos importantes para a reforma política de que necessitamos: o estabelecimento da lista partidária fechada, o financiamento público e o fortalecimento dos partidos, a discussão do pacto federativo e da representação dos Estados no Congresso Nacional e a reforma do Estado.

d) O estabelecimento da lista partidária fechada, o financiamento público e o fortalecimento dos partidos, a discussão do pacto federativo e da representação dos Estados no Congresso Nacional e a reforma do Estado são pontos importantes para a reforma política de que necessitamos. Só uma reforma política com a participação da população, baseada

em princípios éticos e democráticos, poderá atender às reais necessidades da sociedade.

e) Só uma reforma política com a participação da população, poderá atender às reais necessidades da sociedade, baseada em princípios éticos e democráticos. Alguns pontos importantes para a reforma política de que necessitamos quais sejam: o estabelecimento da lista partidária fechada, o financiamento público e o fortalecimento dos partidos, a discussão do pacto federativo e da representação dos Estados no Congresso Nacional e a reforma do Estado.

(Adaptado de cardeal Dom Geraldo Majella Agnelo, *Folha de S.Paulo*, 21.06.2005)

10. Os segmentos transcritos abaixo são partes sequenciadas de um texto. Aponte o segmento inteiramente correto quanto à organização sintática, emprego dos sinais de pontuação e propriedade no uso dos vocábulos.

a) Ética dos políticos soa, para a maioria de nossos concidadãos, como um oxímoro. Seria uma ética com desconto, deficitária, complacente, ante à verdadeira ética: a da vida privada.

b) Esse é um fenômeno brasileiro (em nosso país, as virtudes são privadas, e os vícios, públicos), de Terceiro Mundo (idem) e, cada vez mais, mundial (ibidem). Vivemos a descrença na ágora, no espaço público.

c) Ao político depreciado, chama-se maquiavélico. No meio milênio que se passou desde "O Príncipe", Maquiavel simbolizou o político sem escrúpulos na expressão, que não é dele, segundo o qual os fins justificariam os meios.

d) Numa leitura "moderna" de Maquiavel, podem-se discernir uma ética com vistas a resultados de outra que respeita os valores. A primeira seria uma ética da responsabilidade; a segunda de princípios. Políticos consideram os resultados prováveis de suas ações. Cientistas estimam os valores.

e) Por extensão, passou-se a transferir o que se aplicam aos cientistas para os homens privados em geral: as exigências de respeito a valores incondicionais valem mais a indivíduos privados do que a homens públicos, do qual é axioma a famosa frase de Mandeville: "Vícios privados, benefícios públicos".

(Renato Janine Ribeiro, *Folha de S.Paulo,* 17.07.2005, com modificações)

Gabarito da Prova Simulada 14

1-e, 2-c, 3-b, 4-a, 5-e, 6-c, 7-e, 8-c, 9-e, 10-b.

Prova Simulada 15

1. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

O princípio que nortea (1) o Mercosul é muito simples: a união faz a força. Separados, os países desta região do planeta certamente teriam (2) hoje menos voz e poder de barganha nas negociações multilaterais que vêm (3) definindo as regras do comércio internacional. E, sem objetivo comum, continuariam (4) nutrindo rivalidades regionais sem sentido. Como acordo de livre comércio, o Mercosul é um sucesso, pois (5) gerou intercâmbio considerável entre os países membros e os associados.

(*O Globo*, 22.06.2005, Editorial, com adaptação)

a) 1

b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

2. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia.

Diante da atual mediocridade da representação política, é necessária (1) a participação e a organização da sociedade, operando uma profunda mudança em nossa cultura política. Quanto maior (2) o individualismo, mais frágeis são os governos. As regras formais constitucionais não são suficientes para freiar (3) os vícios exacerbados (4) pelo poder. As organizações da sociedade devem ter o poder de vigiar e cobrar prestação de contas. Por isso, em vez de desacreditar da política, devemos agir em corresponsabilidade, com coragem, lucidez e discernimento (5) num grande mutirão para abrir caminho para um país democrático, justo, desenvolvido e pacífico.

(Adaptado de cardeal Dom Geraldo Majella Agnelo, *Folha de S.Paulo*, 21.06.2005)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

3. Assinale a opção que não constitui continuação coesa, coerente e gramaticalmente correta para o texto abaixo.

A oportunidade e a ameaça encontram-se no mesmo ponto: o imperativo de fazer da causa verde tema central, não periférico, de nossa estratégia de desenvolvimento. Para isso, um futuro governo brasileiro deve comprometer-se com a promoção de todo o espectro de biotecnologias, desde as energéticas até as medicinais. Na fidelidade a esse compromisso, deve

a) recorrer, sem dogma, tanto à iniciativa privada quanto ao empreendimento público, assegurando neste critério de concorrência econômica, gestão profissional, autonomia decisória (com participação das populações diretamente atingidas) e experimentalismo institucional e técnico.
b) promover o que convém em todas as áreas da economia depende da multiplicação de elos diretos entre os setores mais avançados e os mais atrasados de nossa produção e de nossa força de trabalho, cada um desses elos como uma fonte ao mesmo tempo de empregos novos e de ganhos de produtividade nos empregos existentes.
c) começar a comercializar os produtos dessas iniciativas, em todo o mundo, não sob o controle de multinacionais, mas sob nosso controle, como resultados e recursos de um modelo de industrialização e de desenvolvimento que interessará a muitos.
d) desenvolver a Amazônia não como parque ou como cenário de uma atividade agropastoril ou extrativa predatória e autodestrutiva, mas como grande laboratório coletivo desse experimento nacional.
e) organizar a proteção do ambiente em todo o país, fora dos parques nacionais, para não ficar no regime binário: parque ou vale-tudo. E deve transformar esse encontro do brasileiro com a natureza brasileira em palco privilegiado do aprofundamento de nossa democracia,

mostrando como se podem conjugar perícia técnica, realismo econômico e participação social.

(Adaptado de Roberto Mangabeira Unger, *Folha de S.Paulo*, 21.06.2005)

4. Aponte a opção que finaliza com correção gramatical o trecho abaixo.

O desenvolvimento científico e tecnológico tem, de fato, uma coerência imanente fundamental. O seu temido desvirtuamento decorre sempre de fatores acidentais, alheios portanto à sua lógica intrínseca e fatal que, levada às últimas consequências, é sempre a favor e não contra o homem, porquanto não somente somos parte integrante do processo, mas o seu remate. Se a televisão, por exemplo, pode revelar-se aborrecida ou nociva, _____.

(Lúcio Costa, *O novo humanismo científico e tecnológico*)

a) não é que o deve ser necessariamente, mas porque o critério do seu emprego a torna assim.
b) não é que deva sê-lo necessariamente, mas por que o critério do seu emprego a torna assim.
c) não é porque seja-o necessariamente, mas por que o critério do seu emprego torna-a assim.
d) não é que a deve ser necessariamente, mas porque o critério do seu emprego torna-a assim.
e) não é que deve sê-la necessariamente, mas por que o critério do seu emprego torna-a assim.

5. Assinale o parágrafo gramaticalmente correto e dotado de organização sintática irrepreensível, a constar de um relatório elaborado no âmbito da Administração Pública, que visa justificar o aumento nas despesas com horas extras verificado em determinada Secretaria.

a) Em consequência da necessidade de disponibilização de tempo para os trabalhos preparativos da participação de nossa instituição na Mostra de Publicações Oficiais, a ser realizada em setembro, no Rio, o que gerou um natural acúmulo de trabalho nas atividades da competência de cada Serviço desta Secretaria de Administração de Pessoal, o Diretor de Pessoal ampliou a jornada diária de trabalho, por mais duas horas, para realizarem serviço extraordinário nos dias não úteis desse mês.
b) A necessidade de dispor de mais tempo para os trabalhos relativos a participação de nossa instituição na Mostra de Publicações Oficiais, que será realizada em setembro, no Rio, além do trabalho rotineiro desta Secretaria, nossos servidores tiveram de enfrentar acúmulo de trabalho nas atividades que competem a cada Serviço, o que os levou a ampliar a jornada diária de trabalho por mais duas horas, contabilizadas como hora extra.
c) Em contrapartida aos trabalhos relativos a participação de nossa instituição na Mostra de Publicações Oficiais, em setembro próximo, no Rio de Janeiro, que gerou um previsível acúmulo de trabalho nas atividades de competência de cada Serviço desta Secretaria de Administração de Pessoal, o Diretor de Pessoal autorizou a ampliação da jornada diária de trabalho, por mais duas horas, e a convocação de mais servidores para a realização de serviço extraordinário nos dias não úteis.
d) Consciente da necessidade de os servidores desta Secretaria de Administração de Pessoal despenderem tempo adicional voltado para os preparativos da participação de nossa

instituição na Mostra de Publicações Oficiais, a ser realizada em setembro, no Rio, o Diretor de Pessoal autorizou a ampliação da jornada diária de trabalho, nos dias úteis de agosto, por mais duas horas, bem como convocou servidores da Secretaria para realizarem serviço extraordinário nos dias não úteis desse mês.

e) Tendo em vista o acúmulo de trabalho gerado nesta Secretaria devido à participação de nossa instituição na Mostra de Publicações Oficiais, a ser realizada em setembro, no Rio, o que fez sobrepor às atividades de competência de cada Serviço da Secretaria de Administração de Pessoal, o Diretor de Pessoal houve por bem ampliar a jornada diária de trabalho, por mais duas horas, e autorizar a realização de horas extras nos dias não úteis do mês findo.

6. Assinale a opção que está de acordo com as ideias do texto abaixo.

Infelizmente, há muitas pessoas que ingressam na política para facilitar seus negócios, defender interesses escusos ou mesmo obter imunidade parlamentar para encobrir delitos e crimes. Com meios suficientes para financiar as despesas da campanha eleitoral, essas pessoas, muitas vezes, conseguem êxito e não se submetem ao controle da disciplina partidária. Essas são as figuras que dão à política a conotação de atividade indigna, senão imoral. Dois outros fatores abrem campo para a corrupção: a facilidade para a criação de novos partidos e o excessivo número de cargos em comissão. A pulverização de partidos leva a recorrer-se à troca de votos por concessões e favorecimentos nem sempre de interesse coletivo. Já os quase 30 mil cargos preenchidos por nomeação política pouco contribuem para a coordenação das políticas públicas do governo, porque se tornam moeda de troca para a aglutinação partidária e a formação da base de apoio. Nosso atual sistema presidencial, de fato, foi concebido para atender aos anseios dos donos do poder e não para viabilizar políticas de bem-estar social. Urge, pois, uma reforma política radical conforme as exigências éticas de uma democracia, que inclui, além da representatividade política, o atendimento das demandas sociais e econômicas do povo.

(Cardeal Dom Geraldo Majella Agnelo, *Folha de S.Paulo*, 21.06.2005)

a) Os cargos em comissão são preenchidos por nomeação, o que favorece a aglutinação partidária e a formação da base de apoio.

b) A pulverização de partidos permite a representação popular mais ampla e o atendimento aos interesses coletivos.

c) Há três fatores que favorecem a corrupção: pessoas que ingressam na política com interesses pessoais escusos, facilidade de criação de partidos e excessivo número de cargos em comissão.

d) O atual sistema presidencial foi idealizado para viabilizar políticas de bem-estar social e não para atender aos anseios dos donos do poder.

e) Uma reforma política radical deve ser postergada para que obedeça às exigências éticas de uma democracia.

7. Assinale a opção que apresenta trecho do texto com erro gramatical.

a) Mais do que nunca, a indústria do seguro precisa desenvolver produtos que busquem essencialmente a eficácia.

b) É preciso que os segurados tenham convicção de que tomaram a medida certa ao decidirem pelo seguro e estejam permanentemente confiantes de que, quando precisarem,

terão suas necessidades atendidas.

c) Para isso, é necessário que a comunicação seja cada vez melhor, aprimorando constantemente a relação de confiança que deve existir entre as partes.

d) Também os compradores de seguros, os segurados, precisam entender o seguro na sua essência para fazer uso, de maneira correta e na medida certa, do serviço que contratou, não esperando nem mais nem menos do que têm direito.

e) Em síntese, as relações entre segurados, seguradoras e todos os que operam o segmento precisam ser cada vez mais positivas, transparentes, éticas em todos os sentidos, voltadas para o aperfeiçoamento dessa extraordinária instituição chamada seguro.

(Adaptado de Mauro César Batista, *Gazeta Mercantil,* 22.06.2005)

8. Assinale o segmento construído com organização sintática escorreita.

a) Note-se, em primeiro lugar, que todas as abordagens a respeito da questão penitenciária em nosso país giram em torno, exclusivamente, dos efeitos do crime. Encara-se o delito como fato irreversível, perante os quais só nos resta atuar após a sua ocorrência.

b) Há uma propagação persistente, diria até obstinada, da ideologia da repressão como o instrumento único de combate ao crime. Entendam-se como repressão os mecanismos retributivos utilizados face o cometimento do delito.

c) A cultura repressiva vem acompanhada da divulgação, pelos meios que mais atingem a massa — filmes e novelas —, da violência como único meio de reação às frustrações e decepções a que o mundo nos oferece.

d) É verdade que Estado e sociedade pouco fazem para dar à prisão um sentido utilitário e construtivo. Investem no encarceramento, mas desatendem as necessidades e exigências do sistema em relação à ressocialização do egresso.

e) Assiste-se a um paradoxo. O cidadão exige punição, quer soluções para a questão penitenciária, mas afasta-se dos presos e dos egressos, sequer admite a construção de presídios em sua cidade. Falta-lhes a coragem de passar da exclusão discriminatória para a ação inclusiva.

(Antônio Cláudio Mariz de Oliveira, *Folha de S.Paulo*, 06.06.2005, com modificações)

9. Assinale a opção em que o trecho de um relatório da CGU está transcrito com pontuação, grafia e morfossintaxe corretas.

a) Apesar das justificativas apresentadas pela recorrente, os argumentos não foram o bastante para elidir a questão, em razão da qual, mantemos o posicionamento no sentido de que a parceria de trabalho trata-se de Contrato, e não, de Convênio.

b) Apesar das justificativas apresentadas pela recorrente, os argumentos não foram suficientes para elidir a questão, em razão do que mantemos o posicionamento segundo o qual a parceria de trabalho deu-se na forma de Contrato, e não de Convênio.

c) Apesar das justificativas apresentadas pela recorrente, os argumentos não foram satisfatórios para ilidir a questão, em cuja razão, mantemos o posicionamento no sentido de que a parceria de trabalho se tratou de Contrato, e, não, de Convênio.

d) Apesar das justificativas exposadas pela recorrente, os argumentos foram insanáveis para extinguir a questão, em cuja razão houvemos por bem manter o posicionamento segundo o qual a parceria se trata de Contrato, e não de Convênio.

e) Apesar das justificativas oferecidas pela recorrente, os argumentos não foram convincentes

os suficientes a ponto de ilidir a questão, e, em razão disso, decidimos manter o posicionamento no sentido de que a parceria ocorreu sob a forma de Contrato, e, não, de Convênio.

(Adaptado de <http://www.cgu.gov.br/Contas/2005/relatorio.pdf>. Acesso em 11 jan. 2008)

10. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e assinale a sequência correta.

( ) Mas esse mercado ainda é pequeno, quando comparado com as necessidades financeiras das empresas brasileiras, e seu desempenho e sua expansão estão condicionados a diferentes fatores, alguns dos quais externos, como a confiança dos investidores internacionais no futuro da economia do país.

( ) O plano tem, como metas principais, a melhora da fiscalização, a educação do investidor, a redução dos custos de registro das operações, o aumento da concorrência no mercado de capitais e a modernização da própria CVM.

( ) A Comissão de Valores Mobiliários (CVM), encarregada de assegurar o funcionamento eficiente e regular do mercado de ações, aprovou, pela primeira vez desde que foi criada há 28 anos, um plano que, a ser posto em prática até 2007, revela-se importante por seu ineditismo e por suas diretrizes.

( ) Um tal mercado acionário eficiente, que negocie um volume crescente de papéis, atraia mais investidores e ofereça às empresas uma fonte de obtenção de capitais menos onerosa do que os financiamentos bancários, contribuiria para acelerar o crescimento econômico.

(Editorial, *O Estado de S. Paulo*, 19.06.2005)

a) 4º, 2º, 1º, 3º
b) 3º, 2º, 1º, 4º
c) 1º, 4º, 3º, 2º
d) 3º, 1º, 2º, 4º
e) 4º, 3º, 1º, 2º

Gabarito da Prova Simulada 15

1-a, 2-c, 3-b, 4-a, 5-d, 6-c, 7-d, 8-d, 9-b, 10-a.

Prova Simulada 16

Leia o texto abaixo, extraído do livro A cabeça do brasileiro, de Alberto Carlos Almeida, para responder às questões 1 e 2.

Existe destino e grande parte dele está nas mãos de Deus. Somente a família é confiável. Se o governo não faz a parte dele, então não há por que fazer a sua parte. Essas frases expressam fatalismo, uma visão familista e falta de espírito público. Características que já foram identificadas por cientistas sociais como atributos marcantes nas sociedades mediterrâneas e ibéricas.

No caso do Brasil, apesar da mistura de raças, o país é, com certeza, uma invenção portuguesa. E, como tal, herdou o fatalismo religioso de origem católica, a noção de

importância da família nas relações sociais e a ideia de que o espaço público não é de ninguém. Essas concepções também povoam nossas interpretações sobre a sociedade.

Há grande contraste com a matriz social anglo-saxã de origem protestante. A predestinação calvinista fez com que povos como o norte-americano agissem no mundo por meio do trabalho. Nos países anglo-saxões, o indivíduo tudo pode, principalmente quando em associação com outros indivíduos. Sua extrema mobilidade geográfica só é possível porque os laços familiares, quando comparados a outras relações de confiança, não são demasiado fortes. Nesses países, a palavra *community* tem um significado bem diferente da nossa "comunidade", muitas vezes eufemismo para favela ou área de moradias populares. *Community*, para os anglo-saxões, é um espaço sobre o qual todos têm responsabilidade.

Tais noções, que podem ser atribuídas ao molde religioso — católico *versus* protestante —, podem também ser associadas ao esforço educacional. Nesse sentido, os anglo-saxões empreenderam uma das maiores mobilizações sociorreligiosas de que se tem notícia. Segundo versões massificadas da teologia protestante, a ignorância é obra do demônio, é prima-irmã de Satanás.

Em sociedades pouco escolarizadas, ao contrário, é onde se encontram mais frequentemente fatalistas avessos à noção republicana de espaço público. É o que acontece no Brasil, onde essa é a visão dominante entre a população: simplesmente 1/3 dos adultos acredita que Deus decide o destino dos homens, sem espaço para a mão humana.

Esse contingente, somado aos 28% que acham que, apesar do destino estar nas mãos de Deus, o homem tem uma pequena capacidade de modificá-lo, resulta que 60% da população acreditam que grande parte do que acontece com os homens está fora de seu controle. No extremo oposto, apenas 14% da população adulta brasileira acreditam que não há nenhum desígnio além da capacidade humana de definir sua própria vida.

(Alberto Carlos Almeida. *A cabeça do brasileiro*, Rio de Janeiro: Record, 2007)

1. A respeito do fragmento do texto de Alberto Carlos Almeida, é afirmação correta, tanto em relação ao texto quanto em relação à gramática, que

a) o fatalismo, a visão familista e a falta de espírito público são características inerentes ao povo brasileiro que, apesar de gerarem alguns problemas, como a falta de responsabilidade de nossa população pelo espaço coletivo, não pode ser mudado.

b) a matriz social anglo-saxã, de origem protestante, e a predestinação calvinista foram fundamentais para que os povos anglo-saxões, especialmente os norte-americanos, valorizasse o trabalho e rejeitasse os laços familiares, o que lhe deu mobilidade geográfica notável.

c) a comparação entre sociedades mediterrâneas e ibéricas, de um lado, e anglo-saxãs, de outro, revela que há a seguinte correlação entre valorização da educação e fatalismo: quanto maior a importância da educação na sociedade, menor será o número de indivíduos fatalistas.

d) a comparação entre sociedades mediterrâneas e ibéricas, de um lado, e anglo-saxãs, de outro, é fundamental para a compreenção do texto, cuja finalidade é persuadir o leitor de que é preciso fugir às raízes mediterrâneas e ibéricas para que o Brasil modernize.

e) a função da comparação entre sociedades mediterrâneas e ibéricas, de um lado, e anglo-saxãs, de outro, é apenas valorizar traços culturais autenticamente brasileiros. Em outras

palavras, o autor adimira a matriz cultural nacional, apesar de ver nela algumas consequências nefastas.

2. Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é correto afirmar que

a) no trecho "É o que acontece no Brasil, onde essa é a visão dominante entre a população", do quinto parágrafo, as palavras destacadas têm a mesma função sintática e pertencem à mesma classe gramatical.
b) no trecho "simplesmente 1/3 dos adultos acredita que Deus decide o destino dos homens", do quinto parágrafo, o verbo destacado é transitivo direto.
c) o primeiro verbo do texto, por expressar existência, não tem sujeito, caracterizando, assim, uma oração sem sujeito.
d) o início do primeiro período do sexto parágrafo pode ser redigido da seguinte maneira, preservando-se o sentido do texto original e respeitando as regras gramaticais: "A soma desse contingente aos 28% que acham que — apesar de o destino estar nas mãos de Deus — o homem tem uma pequena capacidade de modificá-lo resulta que...".
e) nos trechos "60% da população acreditam" e "apenas 14% da população adulta brasileira acreditam", é proibida a flexão das formas verbais destacadas no singular.

Para responder às questões 3 e 4, leia o primeiro parágrafo do romance Budapeste, de Chico Buarque.

Devia ser proibido debochar de quem se aventura em língua estrangeira. Certa manhã, ao deixar o metrô por engano numa estação azul igual à dela, com um nome semelhante à estação da casa dela, telefonei da rua e disse: aí estou chegando quase. Desconfiei na mesma hora que tinha falado besteira, porque a professora me pediu para repetir a sentença. Aí estou chegando quase... havia provavelmente algum problema com a palavra quase. Só que, em vez de apontar o erro, ela me fez repeti-lo, repeti-lo, repeti-lo, depois caiu numa gargalhada que me levou a bater o fone. Ao me ver à sua porta teve novo acesso, e quanto mais prendia o riso na boca, mais se sacudia de rir com o corpo inteiro. Disse enfim ter entendido que eu chegaria pouco a pouco, primeiro o nariz, depois uma orelha, depois um joelho, e a piada nem tinha essa graça toda. Tanto é verdade que Kriska ficou meio triste e, sem saber pedir desculpas, roçou com a ponta dos dedos meus lábios trêmulos. Hoje porém posso dizer que falo o húngaro com perfeição, ou quase. Quando de noite começo a murmurar sozinho, a suspeita de um ligeiríssimo sotaque aqui e ali muito me aflige. Nos ambientes que frequento, onde discorro em voz alta sobre temas nacionais, emprego verbos raros e corrijo pessoas cultas, um súbito acento estranho seria desastroso. Para tirar a cisma, só posso recorrer a Kriska, que tampouco é muito confiável; a fim de me segurar ali comendo em sua mão, como talvez deseje, sempre me negará a última migalha. Ainda assim, volta e meia lhe pergunto em segredo: perdi o sotaque? Tinhosa, ela responde: pouco a pouco, primeiro o nariz, depois uma orelha... E morre de rir, depois se arrepende, passa as mãos no meu pescoço e por aí vai.

(Chico Buarque, *Budapeste*, São Paulo: Companhia das Letras, 2003)

3. Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é correto afirmar que

a) nas orações "ao deixar o metrô por engano numa estação azul igual à dela, com um nome

semelhante à estação da casa dela" e "porque a professora me pediu para repetir a sentença", os termos destacados não se referem à mesma personagem.

b) na oração "ao deixar o metrô por engano numa estação azul igual à dela", o uso do acento grave no termo destacado se deve à fusão de preposição regida por verbo com um artigo definido.

c) a leitura do texto permite inferir que a frase "aí estou chegando quase" foi proferida, durante conversa telefônica, pelo narrador e em língua portuguesa, o que causou estranheza à professora.

d) para a tradição gramatical, a regência do verbo "pedir", na frase "porque a professora me pediu para repetir a sentença" é viciosa.

e) nas duas ocorrências nas frases "a professora me pediu para repetir a sentença" e "Ao me ver à sua porta teve novo acesso", o pronome destacado exerce a mesma função sintática.

4. Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é incorreto afirmar que

a) na frase "Hoje porém posso dizer que falo o húngaro com perfeição", é obrigatório que a conjunção destacada seja isolada por vírgulas, para que a frase se torne gramaticalmente correta.

b) na frase "Nos ambientes que frequento", o pronome relativo destacado poderia ser substituído, sem prejuízo para a gramática do texto, por "quais".

c) a frase "roçou com a ponta dos dedos meus lábios trêmulos" estará adequada gramaticalmente, se for reescrita da seguinte maneira: "roçou-me os lábios trêmulos com a ponta dos dedos".

d) as frases "comendo em sua mão" e "sempre me negará a última migalha" podem ser entendidas, respectivamente, como "dependendo das lições dela" e "sempre me negará uma explicação definitiva".

e) no trecho "sempre me negará a última migalha. Ainda assim, volta e meia lhe pergunto", os pronomes destacados exercem a mesma função sintática.

5. Analise as propostas de correção gramatical para o trecho de relatório abaixo e, a seguir, assinale a única opção que, em vez de corrigir, introduz erro ao trecho.

Procedemos o exame dos atos de gestão da unidade XX, ocorridos no período de 1º de janeiro a 31 de dezembro de 2005, por seleção de itens, em atendimento à legislação federal aplicável as diversas áreas e atividades examinados, com verificação, quanto à legitimidade dos documentos e dos atos de gestão que deu origem ao atual processo.

(Disponível em: <http://www.cgu.gov.br/Contas/2005/relatorio.pdf>, com alterações)

a) Acrescentar preposição ao verbo "Procedemos", escrevendo-o assim: Procedemos ao.

b) Reescrever o trecho da linha 3 com acento grave no "as". Assim: aplicável às diversas áreas.

c) Acentuar graficamente a palavra "itens", escrevendo-a assim: ítens.

d) Flexionar o adjetivo "examinados" no feminino. Assim: examinadas.

e) Passar para o plural o verbo "deu", reescrevendo-o assim: deram:

6. Cada um dos itens abaixo contém trechos adaptados de textos publicados no site oficial da Liquigás. Em todos eles, exceto em um, foi introduzido pelo menos um erro

gramatical. Assinale a alternativa que respeita as regras da gramática normativa tradicional.

a) O projeto Efluente Zero é uma das iniciativas estratégicas da Gerência Geral de Saúde, Meio Ambiente e Segurança (GGSMS), e tem, como finalidade eliminar o descarte no ambiente dos efluentes gerados nas atividades dos Centros Operativos da Liquigás.

b) A implantação de sistemas de tratamento capazes de gerar água com a qualidade requerida para reúso no próprio processo produtivo é o princípio desse projeto inovador, cuja importância para o meio ambiente é indiscutível.

c) O reaproveitamento da água tratada nos processos internos e a ausência de descarte no ambiente traz dois grandes benefícios no aspecto ambiental: contribui para a prevenção da poluição e para a redução da captação de água, preservando os recursos naturais.

d) A primeira fase do projeto consistiu da definição das diretrizes e da implantação de dois pilotos em Natal e Cascavel. Com a conclusão desses dois pilotos e a comprovação do bom funcionamento do sistema, GGSMS iniciou a elaboração de um projeto capaz de subsidiar à implantação nos demais Centros Operativos.

e) O projeto Efluente Zero, consolida a posição da Liquigás como uma empresa socialmente e ambientalmente responsável, agregando a preservação ambiental à melhoria da eficiência operacional da Companhia.

7. Assinale a opção em que o trecho retirado da Folha de S.Paulo (15.01.2008 — com adaptações) apresenta erro no emprego da vírgula.

a) A inflação oficial, medida pelo IPCA, registrou alta de 4,46% em 2007, bastante próxima ao centro da meta, que é de 4,5%.

b) A elevação dos preços foi puxada pelos alimentos, que ficaram 10,79% mais caros.

c) A alimentação contribuiu com cerca de metade do índice.

d) Os analistas econômicos projetam uma taxa de inflação de 4,29% para 2008, segundo o boletim “Focus”. Permaneceria, assim, abaixo do centro da meta.

e) Essa alta reflete uma demanda doméstica e mundial aquecida por problemas na oferta de alguns produtos e, o uso crescente de áreas de lavouras para a produção de combustível.

8. O texto abaixo é adaptado de O Estado de S.Paulo, 12.01.2008. Assinale o trecho que apresenta erro gramatical.

a) Embora tenham registrado o expressivo crescimento de 49,2% em 2007, as vendas de máquinas agrícolas, no total de 38,3 mil unidades, ainda ficaram abaixo do recorde registrado em 2004, de cerca de 43 mil unidades.

b) A Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), que reúne também os fabricantes de máquinas agrícolas, acredita que, na próxima safra, a atividade no campo se manterá intensa, com aumento da área plantada e da produção de grãos.

c) Prevê que, neste ano, as vendas crescerão cerca de 15% em relação às de 2007, resultado muito bom. As novas estimativas do governo para a próxima safra justificam a previsão dos fabricantes.

d) Se ela se confirmar, as vendas do setor alcançarão, e provavelmente superaram, os níveis de 2002 e 2004, o período de melhor desempenho do setor em toda a história, e ao qual se seguiu uma abrupta queda, parcialmente revertida no ano passado.

e) Os fabricantes de máquinas agrícolas confessam-se surpreendidos com os resultados de 2007. Esperavam o crescimento das vendas, mas como disse o vice-presidente da Anfavea

para a área de máquinas agrícolas, Milton Rego, “o que surpreendeu foi o vigor da recuperação”.

9. Assinale a opção inteiramente correta quanto à grafia, pontuação e morfossintaxe.

a) O cerceiamento de defesa, por ser um fato, não se presume; porém, deve ser demonstrado, diante do contexto do processo disciplinar.

b) O cerceiamento de defesa — por ser um fato, não se presume —; porém, tem de ser demonstrado, face ao contexto do processo disciplinar.

c) O cerceiamento de defesa, por ser um fato, não se presume. Porém, há que ser demonstrado, em face do contexto do processo disciplinar.

d) O cerceamento de defesa (por ser um fato) não se presume, porém, carece de ser demonstrado, face ao contexto do processo disciplinar.

e) O cerceamento de defesa, por ser um fato, não se presume. Porém, há de ser demonstrado, em face do contexto do processo disciplinar.

(Disponível em: <http://www.cgu.gov.br/Publicações/RevistaCGU>. Acesso em: 11 jan. 2008)

10. Marque a opção corretamente pontuada.

a) Febre amarela: a culpa é do macaco. Dizem uns: não, a culpa não é do macaco, dizem outros. E as vacinas? Sempre em quantidade insuficiente.

b) Febre amarela? A culpa é do macaco, dizem uns; não, a culpa não é do macaco, dizem outros; e as vacinas? Sempre em quantidade insuficiente.

c) Febre amarela! A culpa é do macaco, dizem uns. Não a culpa, não é do macaco, dizem outros — e as vacinas, sempre em quantidade insuficiente.

d) Febre amarela... A culpa é do macaco? Dizem, uns não: a culpa não é do macaco. Dizem, outros: e as vacinas, sempre, em quantidade insuficiente.

e) Febre amarela — a culpa é do macaco — dizem uns. Não a culpa não é do macaco. Dizem outros: e as vacinas... sempre em quantidade insuficiente!

Gabarito da Prova Simulada 16

1-c, 2-d, 3-d, 4-b, 5-c, 6-b, 7-e, 8-d, 9-e, 10-b.

Prova Simulada 17

1. Assinale o segmento do texto retirado de O Globo, 06.02.2008, transcrito corretamente, sem erro gramatical.

a) Nas seis maiores regiões metropolitanas, o índice apurado pelo IBGE caíram para a faixa de 7% em dezembro, o mais baixo da série estatística iniciada em 2002, com a adoção de uma nova metodologia. Na Grande São Paulo, segundo a Fundação Seade, a parcela de trabalhadores sem emprego formal caiu para 14% (índice que chegou a ultrapassar 19% há poucos anos).

b) Mesmo com um aumento significativo da população economicamente ativa — ou seja, pessoas que havia desistido de procurar emprego voltaram ao mercado de trabalho — da ordem de 2%, houve redução dos índices de desemprego.

c) Depois de vários anos com baixo crescimento e insuficiente geração de empregos, a economia brasileira conseguiu, em 2007, expandir-se em ritmo próximo à média mundial. E o resultado foi ainda mais animador porque a criação de empregos bateu recorde, com mais de 1,6 milhão de contratações com carteira assinada.

d) Os salários não aumentaram em igual proporção, pois o mercado ainda estava na fase de absorção de mão de obra. Ainda assim, os rendimentos dos trabalhadores praticamente encostou nos valores de 1995, período áureo do Plano Real.
e) Tudo indica que esse processo de recuperação continuará se a economia brasileira conseguir sustentar taxas anuais de crescimento acima de 4%, e isso dependerá de ajustes macro e microeconômicos. E deixar o mercado funcionar são o melhor caminho para que esses ajustes se concretizem.

2. Assinale a opção que constitui continuação coesa e coerente para o trecho do texto retirado do Jornal do Brasil, 28.01.2008.

O Brasil tem na China um de seus maiores e mais estratégicos parceiros comerciais no planeta. Não por acaso, ambas as nações se alinham entre os quatro países emergentes abrigados sob a sigla Bric (os outros são a Rússia e a Índia). As compras e vendas de ambos os lados saltaram de US$ 1,54 bilhão em 1999 para mais de US$ 23 bilhões no ano passado.
a) Os brasileiros exportam minério de ferro e soja aos bilhões. Vendem também aviões fabricados pela Embraer, café, torneiras elétricas, cachaça, calçados, algodão. Importam máquinas industriais. Também adquirem toalhas e brinquedos produzidos por chineses, e negociados aqui com a etiqueta de marcas brasileiras.
b) E os encargos sociais que elevam até o dobro o custo de cada funcionário brasileiro. Está certo que deixou de citar o fato de os empregados chineses arcarem com uma carga horária humilhante e terem pouco ou nenhum direito trabalhista.
c) O fato, contudo, é que os quase 60 tributos — entre taxas, impostos e contribuições — cobrados no Brasil desestimulam o investimento. E não é de hoje que o país cobra a modernização das leis do trabalho.
d) Ao responder por que é mais barato fabricar na China e comercializar aqui (tática já adotada por empresas brasileiras e centenas de outras no mundo) cita, em primeiro lugar, a carga tributária — a brasileira corresponde a 36% do Produto Interno Bruto; a chinesa, a 17,5%.
e) As reformas tributária e trabalhista estão na pauta brasileira há anos. A primeira, volta à agenda política este ano, no embalo do fim da Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira e da urgência de o governo abrir uma frente para recriar a CPMF via Congresso.

3. Assinale a opção incorreta em relação às ideias do texto.

Com a passagem da manufatura para a indústria, a produtividade do trabalho humano deu um grande salto, provocando uma larga dispensa de mão de obra. Legiões de trabalhadores desempregados alargavam o mar dos excluídos. Para muitos deles, a máquina passou a ser vista como a grande inimiga. E surgiram explosivas campanhas de quebra-máquinas. Até que as ideias se ajustaram na campanha internacional pela jornada de oito horas de trabalho, como uma forma de estabelecer um novo equilíbrio entre a produtividade-hora e a jornada diária de trabalho, atenuando os rigores da exploração capitalista. Com altos e baixos e à custa de sangue e mortes, a chamada “semana inglesa”, com as 48 horas semanais, terminou se impondo em todo o mundo.

Na década de 70 as centrais sindicais europeias, ante os novos patamares de produtividade do trabalho, acompanhadas das ondas de demissão, levantaram a bandeira da jornada de 35 horas semanais, sob o lema de “trabalhar menos para trabalharem todos”. Na década de 80 a

reivindicação foi assimilada. E no Brasil, a Constituição de 1988 acompanhou a tendência, consagrando a jornada de 44 horas semanais. Daquela época até agora, a produtividade continuou avançando com a telemática, a bioengenharia, a robótica, a informática e as novas formas de organização e gerenciamento da força de trabalho. E as demissões continuaram se alargando em todo o mundo, ampliando os contingentes do chamado exército industrial de reserva.

(Marcelo Mário de Melo, *Jornal do Commercio* (PE), 31.01.2008)

a) Os ajustes para manter a semana de trabalho em torno de 44 horas garantiram o decréscimo das demissões e o pleno emprego no mundo ocidental.
b) A chamada "semana inglesa", com jornada de 48 horas semanais, foi uma conquista dos trabalhadores alcançada com muita luta.
c) Para assegurar emprego para mais trabalhadores, as centrais sindicais europeias, a partir da década de 70, defenderam a jornada semanal de 35 horas.
d) A Constituição brasileira de 1988, acompanhando a tendência mundial, consagrou a jornada semanal de trabalho de 44 horas.
e) O advento da máquina na indústria provocou uma grande onda de desemprego, pois a produtividade do trabalho aumentou exigindo menos mão de obra.

4. Assinale a opção que constitui continuação coesa e coerente para o trecho retirado do Correio Braziliense, 06.02.2008.

Com 2 milhões de quilômetros quadrados, o cerrado é insurgência fitogeográfica do tipo savana de incalculável biodiversidade vegetal e animal estendida sobre nove estados do Brasil: São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Distrito Federal, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Bahia, Maranhão e Piauí. Há tempos se encontra ameaçado pelo avanço de monoculturas (soja a mais visível), pecuária extensiva, desmatamento, queimadas, carvoaria e outras formas de predação.

Agora, relatório do Projeto de Conservação e Utilização Sustentável da Diversidade Biológica Brasileira (Probio) revela dado alarmante sobre a depredação no espaço geográfico do Distrito Federal.

a) Assim mesmo porque as atividades agressivas ainda não avançaram sobre terrenos mais acidentados (morros) e as últimas áreas de preservação.
b) Nesse período de tempo, as causas que levam à destruição da paisagem típica, a explosão demográfica figura como a principal. De fato, previsto para acolher contingente estimado em 500 mil pessoas, o DF conta hoje com 2,4 milhões de moradores.
c) Põem em risco o regime de chuvas, a normalidade das variações de temperatura e o abastecimento de água.
d) Nada menos de 362 mil hectares da cobertura floral da área já foram removidos. Em outros termos: apenas 37% da vegetação original permanecem intocados.
e) Entre essas consequências da violência ao sensível equilíbrio ecológico nos tratos de transição entre a mata e o campo — função do cerrado —, a impermeabilização dos solos e o desaparecimento de insurgências hídricas são as mais funestas.

5. Assinale a justificativa para os sinais de pontuação que está incorreta.

Uma conjuntura contraditória cria hoje desafios para a política econômica: de um lado, a crise bancária americana, que está-se transformando em recessão e terá efeitos negativos sobre a

economia brasileira; de outro, o aquecimento da economia brasileira, que levou a um pequeno aumento da inflação. Diante dessas evidências, a ortodoxia e o mercado financeiro têm uma resposta única: aumentar a taxa de juros, acompanhando a curva dos juros no mercado futuro.

Mas estão paralisados porque sabem que a recessão americana implicará redução de investimentos e de atividade econômica no Brasil e porque o presidente Lula, uma vez que o risco de os empresários começarem a segurar seus investimentos é real, recomenda a seus auxiliares econômicos que monitorem com cuidado a economia brasileira para evitar surpresas.

(Luiz Carlos Bresser-Pereira*, Folha de S.Paulo,* 28.01.2008)

O emprego de vírgula após

a) "americana" justifica-se porque a oração subsequente é adjetiva explicativa.
b) "juros" justifica-se porque a oração subsequente é reduzida de gerúndio.
c) "evidências" justifica-se porque isola adjunto adverbial anteposto à oração principal.
d) "brasileira" justifica-se por isolar a oração subsequente, que é adjetiva restritiva.
e) "Lula" e após "real" justifica-se porque a oração isolada é subordinada adverbial causal intercalada.

6. Assinale a opção em que o trecho adaptado de O Estado de S. Paulo, 26.01.2008, foi transcrito de forma gramaticalmente correta.

a) O setor que mais empregou foi o de serviços, onde foram abertas 587,1 mil vagas (crescimento de 5,29% em relação a 2006). A maioria desses postos foram criadas no comércio, administração de imóveis e serviços técnico-profissionais (249,3 mil, com aumento de 8,91% sobre 2006), bem como nos serviços de alojamento, alimentação e manutenção (170,2 mil, + 4,13%).
b) Esse crescimento recorde, foi consequência da aceleração do ritmo de desenvolvimento de todos os setores da atividade econômica, em todas as regiões do País, e da formalização do emprego.
c) O emprego com carteira assinada cresceu 5,85% em 2007, com a criação de 1,617 milhão de postos de trabalho formais, segundo o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) do Ministério do Trabalho.
d) Isso se deve, em grande parte, ao aquecimento das atividades de construção civil, onde a remuneração é inferior a média dos salários pagos no setor de serviços, mas que têm repercussão em uma grande variedade de atividades.
e) O segundo maior gerador líquido de vagas formais foi o comércio propriamente dito, com 405 mil postos formais. O crescimento de 6,56% em relação a 2006 foram obtidos, em parte, graças à formalização de empregos preexistentes, o que trouxe inegáveis vantagens para empregados que passaram a ter direito a assistência médica, férias, 13º salário, recolhimento previdenciário e Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS).

7. Assinale a opção que dá continuidade ao trecho transcrito abaixo, respeitadas a coerência entre as ideias e a morfossintaxe da norma escrita padrão.

Os homens públicos brasileiros aceitam, com naturalidade, a permanência na vida brasileira de coisas injustas, como os impostos que comem quase 40% de tudo o que o Brasil produz _____.

a) de cuja parte significativa se destina a oferecer serviços à população mais necessitada.
b) em favor dos quais se disponibiliza a população serviços de qualidade inferior.

c) e em troca dos quais se oferecem serviços de qualidade infame.
d) por via do aumento de impostos já existente ou da criação de novos.
e) na má gestão dos recursos públicos.

(Com base em J. R. Guzzo, O fim de uma mentira, *Exame*, 31.12.2007, p. 67)

8. Os trechos abaixo constituem um texto (Leandro Konder, Jornal do Brasil, 12.01.2008), mas estão desordenados. Ordene-os, indique a ordem dentro dos parênteses e assinale a opção que corresponde à ordem correta.

( ) Para sublinhar sua decisão de uma recusa radical daquilo que acontecia no mundo germânico, modificou seu nome do alemão Karpfen para o francês Carpeaux.

( ) Sua vida tinha se tornado impossível na Áustria que Hitler tinha anexado à Alemanha.

( ) Em agosto de 1939, Carpeaux chegou ao Brasil fugindo da Holanda, em companhia de sua mulher, dona Helena.

( ) Carpeaux, de fato, era católico e tinha aspectos conservadores em seu pensamento. Mas a acusação era grotesca, pois o homem tinha vindo para cá, fugindo do nazismo.

( ) Um grupo de jovens de esquerda, percebendo que Carpeaux, em seus artigos, criticava o marxismo-leninismo, acusou-o de ser um simpatizante do nazismo.

a) 3, 2, 1, 5, 4
b) 5, 4, 2, 1, 3
c) 4, 3, 2, 1, 5
d) 1, 5, 3, 2, 4
e) 4, 3, 1, 2, 5

9. Assinale a opção que não serve de título para o trecho abaixo por reproduzir erradamente informação aí contida.

Por trás dos números recordes de geração de emprego formal no governo Lula, o mercado de trabalho com carteira assinada avança em ocupações de baixa escolaridade e salários menores, enquanto, em nome da globalização e dos ganhos de produtividade das empresas, posições mais bem remuneradas nas áreas de supervisão e gerência tendem à atrofia.

(Julianna Sofia, *Folha de S.Paulo*, 06.01.2008, B1)

a) Baixa qualificação puxa alta do emprego
b) Criação de vagas se deu em ocupações que exigem menos qualificação
c) Aumento de remuneração atinge as posições de trabalho globalizado
d) Crescimento atual do emprego favorece mão de obra de baixa escolaridade
e) Acanham-se no atual quadro de trabalho as funções de gerência e supervisão

10. Em relação ao texto, assinale a opção correta.

Preocupados com o mau desempenho recente das exportações do Brasil para os Estados Unidos, exportadores e especialistas em comércio exterior preveem um período de maiores dificuldades para os próximos meses. O desaquecimento da economia americana é a causa mais óbvia que apontam de um menor crescimento das compras no Brasil. O favoritismo do Partido Democrata também é citado por alguns exportadores como um fator que pode

dificultar as exportações brasileiras, pois os democratas são considerados mais conservadores do que seus rivais republicanos em matéria de comércio exterior — o que, ressalve-se, nem sempre foi comprovado na prática. Qualquer que seja o efeito prático desses fatores sobre as exportações brasileiras para o mercado americano, o governo brasileiro pouco ou nada poderá fazer para contê-los.

(*O Estado de S. Paulo*, 13.01.2008, Editorial)

a) A forma verbal "preveem" está no plural para concordar com "Estados Unidos".
b) A forma verbal "apontam" está no plural para concordar com "próximos meses".
c) O termo "pois" pode, sem prejuízo para a correção gramatical, ser substituído por porque, porquanto ou conquanto.
d) Em "do que seus rivais" a eliminação de "do" prejudica a correção gramatical do período.
e) Em "contê-los", "-los" retoma o antecedente "fatores".

Gabarito da Prova Simulada 17

1-c, 2-a, 3-a, 4-d, 5-d, 6-c, 7-c, 8-a, 9-c, 10-e.

Prova Simulada 18

Texto para as questões de 1 a 5

Formalidade bate recorde

Dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) divulgados ontem pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) apontam para a criação de 554 mil postos de trabalho com carteira assinada no primeiro trimestre deste ano, o que representa recorde histórico para esse período. A série de dados do CAGED tem início em 1992. Contra os três primeiros meses de 2007, quando foram criadas 399 mil vagas (recorde anterior), segundo informações do MTE, o crescimento no número de empregos formais criados foi de 38,7%. "Esse primeiro trimestre, como dizem meus filhos, bombou", afirmou o ministro do Trabalho a jornalistas. Para o ano de 2008 fechado, o ministro manteve a previsão de criação de 1,8 milhão de postos de trabalho com carteira assinada. "Vai ser novo recorde, apesar da taxa de juros", disse ele em referência à decisão do Comitê de Política Monetária (COPOM) do Banco Central de elevar os juros de 11,25% para 11,75% ao ano. Em 2007, recorde para um ano fechado, foram criados 1,61 milhão de empregos formais.

Segundo o ministro, a demanda interna permanece "muito aquecida". "Esse aumento de 0,5 ponto percentual na taxa de juros, até chegar ao consumidor, demora. Quem compra fogão, geladeira e carro a prazo vai perceber um aumento real de juros maior do que 0,5 ponto percentual. Pode haver uma diminuição na escalada de compra de bens duráveis", disse ele. Para o ministro do Trabalho, a decisão do COPOM de subir os juros neste mês, e nos subsequentes, conforme projeção do mercado financeiro, pode impactar um pouco a criação de empregos formais mais para o final de 2008. "Esses próximos três meses vão continuar sendo muito fortes na criação de empregos com carteira assinada", avaliou ele.

O ministro do Trabalho classificou a decisão do COPOM de subir os juros de "precipitada". "É um erro imaginar que há inflação no Brasil. Temos alguns produtos subindo de preços, como o trigo e outros produtos, por causa das chuvas, ou falta de chuvas. Os preços dos bens duráveis (fogões, geladeiras e carros, por exemplo, que são impactados pela decisão dos juros) não estão aumentando", disse ele a jornalistas. O ministro avaliou, entretanto, que o

impacto maior se dará nas operações de comércio exterior. Isso porque a decisão sobre juros tende a trazer mais recursos para o Brasil e, com isso, pressionar para baixo o dólar. Dólar baixo, por sua vez, estimula importações e torna as vendas ao exterior mais caras. Por conta principalmente do dólar baixo, a balança comercial teve queda de 67% no superávit (exportações menos importações) no primeiro trimestre deste ano. A criação de empregos formais no primeiro trimestre deste ano cresceu em quase todos os setores da economia. No caso da indústria de transformação, por exemplo, foram criadas 146 mil vagas nos três primeiros meses deste ano, contra 110 mil em igual período de 2007.

(*Tribuna do Brasil,* 11.04.2008. Disponível em: <http://www.tribunadobrasil.com.br>, com adaptações)

1. De acordo com o texto,

a) já foram criados 1,8 milhão de empregos com carteira assinada no primeiro trimestre de 2008.
b) a elevação da taxa de juros poderá influenciar negativamente a criação de novos empregos, segundo o ministro do Trabalho.
c) os preços dos eletrodomésticos e dos automóveis vão ter um aumento real de 0,5 por cento em 2008.
d) a demanda interna aquecida provocará uma diminuição de compra de bens duráveis pelos consumidores.
e) a indústria de transformação foi o setor da economia que mais cresceu em 2007.

2. Assinale a opção que contém uma informação correta a respeito da estrutura do texto.

a) O texto representa a transcrição completa da entrevista feita por jornalistas ao ministro do Trabalho.
b) Observam-se, claramente, no texto, argumentos em favor do aumento da criação de postos de trabalho nas indústrias de bens duráveis.
c) A intercalação entre os dados a respeito do crescimento da oferta de empregos e as opiniões do ministro do Trabalho sobre esse tema caracteriza a estrutura do texto.
d) O texto é introduzido por meio de uma narração, em que são apresentados o personagem (ministro) e o tempo da narrativa (o primeiro trimestre de 2008).
e) No segundo parágrafo, é desenvolvido o seguinte tópico frasal: “Dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (...) recorde histórico para esse período”.

3. Com referência às ideias e às estruturas do texto, assinale a opção correta.

a) De acordo com a argumentação textual, verifica-se que os dados do CAGED são produzidos pelo COPOM.
b) A palavra “Formalidade”, no título do texto, remete aos postos de trabalho em que é efetuado registro na carteira de trabalho dos empregados.
c) Na frase que se inicia por “A série” (linha 4), a substituição da forma verbal no presente pela forma correspondente no pretérito perfeito alteraria o sentido do texto.
d) De acordo com a ortografia oficial, a palavra “recorde” admite a grafia alternativa record, que deve ser lida como palavra proparoxítona, a exemplo do que ocorre nos textos de muitos telejornais.
e) Na linha 13, a expressão “demanda interna” refere-se ao aumento de postos de trabalho de

que trata o primeiro parágrafo do texto.

4. As conjunções destacadas nos trechos a seguir estão associadas a uma determinada interpretação. Assinale a opção que apresenta trecho do texto seguido de interpretação correta da conjunção destacada.

a) “quando foram criadas 399 mil vagas” — proporcionalidade.
b) “como dizem meus filhos” — comparação.
c) “É um erro imaginar que há inflação no Brasil” — consequência.
d) “O ministro avaliou, entretanto, que o impacto maior” — oposição.
e) “Isso porque a decisão sobre juros tende a trazer mais recursos para o Brasil” — conclusão.

5. O texto apresenta uma oração na voz passiva no trecho:

a) “A série de dados do CAGED tem início em 1992”.
b) “... o crescimento no número de empregos formais criados foi de 38,7%”.
c) “Pode haver uma diminuição na escalada de compra de bens duráveis”.
d) “Os preços dos bens duráveis (...) não estão aumentando”.
e) “No caso da indústria de transformação, por exemplo, foram criadas 146 mil vagas”.

Texto para as questões de 6 a 8.

A raça humana

Gilberto Gil

A raça humana é
Uma semana
Do trabalho de Deus.
A raça humana é a ferida acesa
Uma beleza, uma podridão
O fogo eterno e a morte
A morte e a ressurreição.
A raça humana é o cristal de lágrima
Da lavra da solidão
Da mina, cujo mapa
Traz na palma da mão.
A raça humana risca, rabisca, pinta
A tinta, a lápis, carvão ou giz
O rosto da saudade
Que traz do Gênesis
Dessa semana santa
Entre parênteses
Desse divino oásis
Da grande apoteose

Da perfeição divina

Na grande síntese.

A raça humana é

Uma semana

Do trabalho de Deus.

6. No texto, que é a letra de uma canção, o verbo ser encontra-se no presente do indicativo porque o autor pretende:

a) marcar fatos que ocorrerão em um futuro próximo.
b) expressar ações habituais dos seres humanos que ainda não foram concluídas.
c) dar vida a fatos ocorridos no passado, como se fossem atuais.
d) apresentar uma condição ou situação como permanente.
e) enunciar fatos que ocorrem no momento em que o texto é escrito.

7. A respeito do emprego dos pronomes relativos, assinale a opção correta.

a) É correto colocar artigo após o pronome relativo cujo (cujo o mapa, por exemplo).
b) O relativo cujo expressa lugar, motivo pelo qual aparece no texto ligado ao substantivo mapa na expressão "cujo mapa" (verso 10).
c) O pronome cujo é invariável, ou seja, não apresenta flexões de gênero e número.
d) O pronome relativo quem, assim como o relativo que, tanto pode referir-se a pessoas quanto a coisas em geral.
e) O pronome relativo que admite ser substituído por o qual e suas flexões de gênero e número.

8. Com referência à ortografia oficial e às regras de acentuação de palavras, assinale a opção incorreta.

a) Os vocábulos lágrima e Gênesis seguem a mesma regra de acentuação.
b) As palavras oásis e lápis são acentuadas pelo mesmo motivo.
c) A grafia correta do verbo correspondente a ressurreição é ressucitar.
d) Apesar de a grafia correta do verbo poetizar exigir o emprego da letra "z", o feminino de poeta é grafado com s.
e) O vocábulo traz corresponde apenas a uma das formas do verbo trazer; a forma trás é empregada na indicação de lugar (equivale a parte posterior).

9. Assinale a opção em que a frase apresenta o emprego correto do acento grave indicativo de crase.

a) Isto não interessa à ninguém.
b) Não costumamos comprar roupas à prazo.
c) O estudante se dirigiu à diretoria da escola.
d) Caminhamos devagar até à entrada do estabelecimento.
e) Essa é a instituição à que nos referimos na conversa com o presidente.

10. Julgue os fragmentos de texto apresentados nos itens abaixo quanto à concordância verbal.

I. De acordo com o respectivo estatuto, a proteção à criança e ao adolescente não constituem obrigação exclusiva da família.

II. Na redação da peça exordial, deve haver indicações precisas quanto à identificação das partes bem como do representante daquele que figurará no polo ativo da eventual ação.

III. A legislação ambiental prevê que o uso de água para o consumo humano e para a irrigação de culturas de subsistência são prioritários em situações de escassez.

IV. A administração não pode dispensar a realização do EIA, mesmo que o empreendedor se comprometa expressamente a recuperar os danos ambientais que, por ventura, venham a causar.

V. A ausência dos elementos e requisitos a que se referem o CPC pode ser suprida de ofício pelo juiz, em qualquer tempo e grau de jurisdição, enquanto não for proferida a sentença de mérito.

A quantidade de itens certos é igual a:

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

Gabarito da Prova Simulada 18

1-b, 2-c, 3-b, 4-d, 5-e, 6-d, 7-e, 8-c, 9-c, 10-a.

Prova Simulada 19

Atenção: As questões de números 1 a 10 referem-se ao texto abaixo:

Cuidado: o uso desse aparelho pode produzir violência

A revista Science publicou, em 2002, o relatório de uma pesquisa coordenada por Jeffrey Johnson, da Universidade de Colúmbia, em Nova York. O estudo mostra uma relação significativa entre o comportamento violento e o número de horas que um sujeito (adolescente ou jovem adulto) passa assistindo à TV.

Pela pesquisa de Johnson, os televisores deveriam ser comercializados com um aviso, como os maços de cigarros: cuidado, a exposição prolongada à tela desse aparelho pode produzir violência.

Estranho? Nem tanto. É bem provável que a fonte de muita violência moderna seja nossa insubordinação básica: ninguém quer ser ou continuar sendo quem é. Podemos proclamar nossa nostalgia de tempos mais resignados, mas duvido que queiramos ou possamos renunciar à divisão constante entre o que somos e o que gostaríamos de ser.

Para alimentar nossa insatisfação, inventamos a literatura e, mais tarde, o cinema. Mas a invenção mais astuciosa talvez tenha sido a televisão. Graças a ela, instalamos em nossas salas uma janela sobre o devaneio, que pode ser aberta a qualquer instante e sem esforço.

Pouco importa que fiquemos no zapping* ou que paremos para sonhar em ser policiais, gângsteres ou apenas nós mesmos (um pouco piores) no Big Brother. A TV confirma uma ideia que está sempre conosco: existe outra dimensão, e nossas quatro paredes são uma jaula. A pesquisa de Johnson constata que, à força de olhar, podemos ficar a fim de sacudir as barras

além do permitido. Faz sentido.

* zapping = uso contínuo do controle remoto.

(Contardo Calligaris, *Terra de ninguém*)

1. Em relação à pesquisa coordenada por Jeffrey Johnson, o autor do texto manifesta

a) sua inteira estranheza, uma vez que tem convicções diametralmente opostas às do pesquisador.
b) sua inteira concordância, detalhando todos os elementos da pesquisa e colando-se à argumentação dela.
c) o acolhimento da conclusão geral da pesquisa, mas não deixa de trilhar um caminho reflexivo pessoal sobre o fenômeno observado.
d) sua parcial concordância, pois julga que o pesquisador se valeu de uma argumentação bastante estranha, nem sempre coerente.
e) sua plena discordância, uma vez que não vê qualquer relação entre assistir à TV e as eventuais atitudes de violência do público televisivo.

2. Considere as afirmações abaixo.

I. Na pesquisa de Jeffrey Johnson, ficou claro que é um exagero estabelecer uma relação de causa e efeito entre a exposição prolongada a programas de TV e atitudes de violência.

II. De acordo com o autor do texto, a literatura e o cinema já estimulavam, antes do surgimento da TV, os mesmos níveis de violência social.

III. O autor do texto defende a ideia de que a mídia pode estimular ações de violência que são geradas por nossa insatisfação com nós mesmos.

É correto o que se afirma em:

a) I, II e III.
b) I e II, apenas.
c) II e III, apenas.
d) II, apenas.
e) III, apenas.

3. Preserva-se plenamente a concordância verbal na frase:

a) Caberia comercializarem-se os televisores com uma advertência expressa sobre o perigo que representa as exposições contínuas à tela de uma TV.
b) Boa parte dos atos de violência provém, de acordo com a pesquisa, das muitas horas que dedica aos programas de TV uma pessoa.
c) Seriam da responsabilidade dos programas de TV certas incitações à violência, a se crerem nas conclusões da pesquisa realizada.
d) Todo aquele que, assistindo continuamente à TV, costumam valer-se dos recursos do zapping, abrem janelas sobre o devaneio.
e) Não se atribuam tão somente à TV as atitudes de violência que se vem disseminando nos grandes centros urbanos.

4. Está correto o emprego de ambos os elementos destacados na frase:

a) A relação significativa cuja se demonstrou na pesquisa se dá entre o comportamento

violento e a audiência à TV.
b) A insubordinação básica em que se refere o autor do texto derivaria da insatisfação dos nossos recalcados desejos.
c) A invenção moderna mais astuciosa, de cujos efeitos trata o autor do texto, teria sido não a do cinema, mas a da TV.
d) O hábito do *zapping*, com cujo nos acostumamos, é um dos responsáveis pela abertura rápida de janelas sobre o nosso devaneio.
e) A conclusão de que nossa sala é uma jaula, com que chegou o autor do texto, não deixa de ser bastante provocadora e radical.

5. Está clara, coerente e correta a redação da seguinte frase:
a) Sempre haverá quem discorde de que a literatura fosse inventada de modo que, assim a supríssemos com nossas insatisfações, ou vice-versa.
b) Quanto à nostalgia de tempos mais resignados, da qual poucos se insurgem, ela costuma frequentemente ser proclamada.
c) É pela suspeita de haverem umas novas dimensões, além da que vivemos, que se chega à conclusão de não precisarmos subordinarmos os devaneios.
d) Julga o autor do texto que nos insubordinamos contra as barras de nossa jaula quando nos alimentamos de devaneios propiciados pela TV.
e) Afirma-se no texto que faz sentido concluir-se de que a pesquisa de Johnson vai de encontro às teses confirmadas por este pesquisador.

6. Está inteiramente correta a pontuação do período:
a) Primeiro, inventamos a literatura e em seguida o cinema, mas nenhum desses meios, teria alcançado influenciar-nos tanto como a TV.
b) O fato de imaginarmos que há uma dimensão além das nossas paredes é decisivo, para que reconheçamos na TV, o poder de abrir tantas janelas.
c) Por mais confortável que seja, o zapping constitui na verdade, um meio de tentar suprir com rapidez nossa fome, insaciável de imagens.
d) Queremos por vezes imaginar que somos policiais ou gângsteres, mas, preferiríamos ser nós mesmos, sentirmo-nos — por assim dizer completos.
e) O autor preocupa-se, sobretudo, com a tese de que nossa violência tem origem em nossa divisão interna, responsável maior por nossas rebeldias.

7. Jeffrey Johnson realizou uma pesquisa, e o autor do texto, ao comentar essa pesquisa, acrescentou a essa pesquisa elementos de sua convicção pessoal, que tornam essa pesquisa ainda mais instigante aos olhos do público.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos em destaque, segundo a ordem em que se apresentam, por:
a) comentá-la — acrescentou-lhe — a tornam
b) a comentar — lhe acrescentou — lhe tornam
c) comentar-lhe — acrescentou-lhe — tornam-a
d) comentá-la — acrescentou-a — tornam-na
e) a comentar — acrescentou-lhe — tornam-lhe

8. Estão adequados o emprego e a flexão de todas as formas verbais na frase:

a) Se as pesquisas bem realizadas sempre intervissem no comportamento das pessoas, o estudo ao qual se aplicou Johnson teria algum efeito sobre o público.
b) Imergem da pesquisa de Johnson alguns dados reveladores quanto à ação da TV sobre nós, mas é possível que outros fatores hajam de modo determinante sobre o nosso comportamento.
c) Quem revir as várias pesquisas sobre a relação entre TV e comportamento haverá de se deparar com resultados que talvez constituam motivo para algum alarme.
d) Jamais conveio às emissoras de TV divulgar essas pesquisas, que quase sempre as encriminam como responsáveis pela multiplicação da violência social.
e) Se as violências que provêm do hábito de assistir à TV se saneiassem por conta de alguma regulamentação governamental, seria o caso de pedir providências às autoridades.

9. O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do singular para preencher corretamente a lacuna da frase:

a) Quase ninguém, entre os que se _____ (valer) do controle remoto, resiste à tentação de passar velozmente por todos os canais de TV.
b) Se aos governantes não _____ (caber) tomar providências para regulamentar a programação de TV, a quem, então, caberá?
c) Se a ninguém _____ (preocupar) os efeitos de se ficar colado a uma tela de TV, a todos intranquiliza a onda crescente de violências.
d) Embora a cada um de nós _____ (afetar) as imagens nostálgicas de um passado íntegro, passamos, na fase adulta, a nos sentir divididos.
e) Os que não gostam de TV jamais _____ (haver) de se lamentar por terem aberto janelas sobre seus próprios devaneios.

10. É preciso corrigir a redação da seguinte frase:

a) A menos que haja outros fatores, boa parte das violências modernas adviram pela atenção excessiva consignada à TV.
b) Conquanto haja outros fatores responsáveis pela expansão da violência, a responsabilidade da TV não é pequena.
c) Ainda que não seja a única responsável, a TV está entre as causas principais das atitudes violentas que marcam nossa sociedade.
d) De programas violentos da TV costuma advir alguma inspiração para atos de violência, tais como os que se multiplicam hoje em dia.
e) Talvez fosse o caso — para se avaliar a pesquisa de Johnson — de se estudar o comportamento de comunidades que não têm acesso à TV.

Gabarito da Prova Simulada 19

1-c, 2-e, 3-b, 4-c, 5-d, 6-e, 7-a, 8-c, 9-b, 10-a.

Prova Simulada 20

Leia o texto abaixo para responder à questão 1.

De maneira simplificada, o orçamento é composto não apenas de contas e números (1), mas também (2) de expressões que descrevem os propósitos e as ações de governo (melhoria da saúde da população, redução das desigualdades regionais, promoção das exportações, desenvolvimento do ensino fundamental etc.), aos quais são alocados determinados valores

(3), considerando os insumos necessários à sua realização. Portanto, o orçamento público é o elo entre os recursos financeiros e a atividade do Estado, que busca implementar suas políticas públicas. Se (4) as receitas previstas forem arrecadadas tempestivamente, as despesas forem realizadas de acordo com o planejado, e as ações envolvidas produzirem as consequências esperadas, então, teoricamente, os propósitos consignados no orçamento serão alcançados. Assim é possível determinar até que ponto as previsões postuladas no orçamento se (5) tornam verdadeiras.

(Disponível em: <http://www.lrf.com.br>)

1. Assinale a afirmação incorreta em relação aos segmentos destacados no texto.

a) 1 — apresenta a ideia principal do texto.
b) 2 — é um locução conjuncional aditiva.
c) 3 — a preposição que antecede o pronome relativo foi corretamente empregada.
d) 4 — é uma conjunção subordinativa condicional substituível pela conjunção sinônima caso.
e) 5 — é pronome reflexivo e pode assumir, nessa frase, posição enclítica.

Leia o texto abaixo para responder à questão 2.

A implantação do Sistema Integrado de Administração Financeira do Governo Federal/SIAFI foi viabilizada a partir da criação da Secretaria do Tesouro Nacional — STN, vinculada ao Ministério da Fazenda, por meio do Decreto n. 92.452, de 10 de março de 1986, com o objetivo de promover a modernização e a integração dos sistemas de programação financeira, de execução orçamentária e de contabilidade dos órgãos e entidades públicas do Governo Federal. Para desincumbir-se de suas atribuições, recebeu competente autorização para contratar, junto ao Serviço Federal de Processamento de Dados — SERPRO, a implementação de um sistema computacional que fornecesse todas as informações necessárias, de maneira segura e rápida.

Superando dificuldades de toda ordem, a STN, em conjunto com o SERPRO, Empresa Pública prestadora de serviço na área de informática, criou as condições para que o SIAFI fosse implantado em tempo reconhecidamente curto (cerca de 6 meses), entrando em operação a partir de 01 de janeiro de 1987.

(James Giacomoni, *Orçamento Público*)

2. Em relação ao texto acima, assinale a opção incorreta.

a) A substituição de “foi viabilizada” por viabiliza-se mantém a correção gramatical e as informações originais do período.
b) O sujeito de “recebeu” está determinado no texto.
c) A substituição de “fornecesse” por viesse a fornecer mantém a correção gramatical do período.
d) O emprego de vírgula após “ordem” justifica-se por isolar oração anteposta à principal.
e) A forma verbal “criou” pode ser substituída por cria, desde que a forma verbal “fosse” também seja alterada.

3. Assinale a opção que constitui sequência gramaticalmente correta para o trecho a seguir.

Em síntese, a gestão fiscal é verificada nos seguintes princípios:

a) garantir que a aplicação de recursos seja feita com a adoção de uma margem de segurança que permita ao Ente absorver os casos fortuitos sem acrescer o volume da dívida pública.
b) garantir que as necessidades e anseios da sociedade, quanto a atuação governamental, sejam compatibilizados com a receita própria efetiva do Ente, ou seja custeamento das ações estatais com seus próprios recursos, prevenindo a ocorrência de déficits permanentes, recorrentes e crescentes.
c) gerir organizadamente a dívida, no principal e seus custos, evitando que a arrecadação seje desequilibrada com tais gastos.
d) assegurar a arrecadação efetiva de todos recursos a que o Ente tem direito, por meio da adoção de uma política tributária previsível e estável.
e) limitar os gastos continuados de modo à impedir impactos financeiros negativos no futuro, através medidas compensatórias a esses gastos.

(James Giacomoni, *Orçamento Público*)

4. Leia o texto abaixo e as afirmações que se fazem acerca dele. Em seguida responda ao que se pede:

Orçamento público é o instrumento de gestão de maior relevância e provavelmente o mais antigo da administração pública. Partindo da intenção inicial de controle, no Brasil, reveste-se (1) de formalidades legais. Passa pela análise e aprovação do Poder Legislativo, composto de representantes da sociedade. Como a proposta do orçamento é sempre do Chefe do Poder Executivo (Presidente, Governador e Prefeito), sua aprovação pelo Legislativo tem o condão de autorizar os gastos a serem feitos no ano a que se refere (2). Pelo menos em tese, é como se (3) a própria sociedade estivesse autorizando a atuação do Estado, já que as despesas só poderão ser realizadas se (4) tiverem sido fixadas no orçamento. Quanto às receitas, nada impede que seja arrecadado mais (ou menos) que o previsto. Aliás, é em função da arrecadação da receita que as despesas serão realizadas. Caso a arrecadação seja inferior ao previsto, procede-se (5) ao contingenciamento de despesas, isto é, são priorizados os gastos já autorizados no orçamento. E quando há excesso de arrecadação, novas despesas podem ser realizadas, mas é necessária sempre prévia autorização do Poder Legislativo para tanto.

(Disponível em: <http://www.lrf.com.br>)

Os pronomes em destaque classificam-se como:

1 — pronome reflexivo.

2 — parte integrante do verbo, pois é pronominal.

3 — conjunção comparativa = como se.

4 — conjunção condicional.

5 — índice de indeterminação do sujeito.

Das classificações acima, estão corretas:
a) 1, 2 e 3.
b) 2, 3 e 4.
c) 4 e 5.
d) nenhuma.
e) todas.

Leia o texto abaixo para responder à questão 5.

Quanto à sua natureza jurídica, no Brasil, o orçamento público é apenas autorizativo. Isso quer dizer que o gestor somente pode realizar a despesa pública se essa tiver (1) prevista na lei orçamentária, mas a mera previsão no orçamento não vincula a execução da despesa (2). Ou seja, o fato de a despesa estar prevista na Lei Orçamentária (3) não obriga o governante a realizá-la. Se o governo fez (4) a devida previsão de despesa para a construção de rodovias, poderá levar a efeito sua intenção, tendo em vista a existência da dotação respectiva. Não está, entretanto, obrigado a proceder à empreitada, podendo desistir da obra, caso julgue oportuno e conveniente (5).

(Disponível em: <http://www.lrf.com.br>)

5. Em relação ao texto acima, assinale a opção que está incorretamente empregada, de acordo com o contexto.

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

6. Assinale a opção que preenche respectiva e corretamente as lacunas do texto a seguir.

O orçamento público é uma lei _____, entre outros aspectos, exprime em termos financeiros a alocação dos recursos públicos. Trata-se de um instrumento de planejamento _____ espelha as decisões políticas, estabelecendo as ações prioritárias para o atendimento das demandas da sociedade, _____ escassez de recursos. Apresenta múltiplas funções — de planejamento, contábil, financeira e de controle.

(Disponível em: <http://www.lrf.com.br>)

a) cuja, o qual, diante da.
b) a qual, que, dada à.
c) em que, no qual, devido a.
d) na qual, com cujo se, com a.
e) que, que, em face da.

7. Assinale a opção em que trecho do texto apresenta erro de pontuação.

a) A PNAD (realizada pelo IBGE) revelou que a renda das famílias parou de cair em 2004 — interrompendo uma trajetória de queda que acontecia desde 1997 —, e que houve diminuição do grau de concentração da renda do trabalho.
b) Enquanto a metade da população ocupada — que recebe os menores rendimentos — teve ganho real de 3,2%, a outra metade, que tem rendimentos maiores, teve perda de 0,6%.
c) Os resultados da PNAD revelaram também que o Brasil melhorou em itens como número de trabalhadores ocupados, participação das mulheres no mercado de trabalho, indicadores da área de educação e melhoria das condições de vida.
d) Assessor especial da Presidência da República, José Graziano avaliou que esses números comprovam que o país está mudando. “Esses resultados revertem uma máxima histórica: no nosso país, os ricos ficavam cada vez mais ricos e os pobres, cada vez mais pobres”.

e) Graziano ressalta que a PNAD é a mais completa pesquisa anual sobre as condições de vida da população mostra um retrato do país, e, em 2004, ela também foi estendida para as áreas rurais dos estados de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá, alcançando a cobertura completa do território nacional.

(*Em Questão*, n. 379 — Brasília, 30 de novembro de 2005)

8. Assinale a opção em que não há problema sintático nem ortográfico.

a) A crise de 2002 reduziu significativamente o fluxo de recursos externos no Brasil e elevou bastante o risco-país, indicador de confiança do investidor extrangeiro num determinado país.

b) Em 2003, houve um ajuste fiscal mais firme para controlar a inflação, a expansão do crédito doméstico e o aumento da demanda externa por produtos brasileiros, fato que permitiu a retomada do crecimento da economia em 2004.

c) As políticas de ajuste ainda permitiram a diminuição de dívida líquida do setor público de 57,2% do PIB, no final de 2003 para 51,8%, no fim do ano passado.

d) Para continuar a crescer de forma sustentável é necessário recuperar os investimentos e ampliar a capacidade de atrair recursos estrangeiros.

e) Para enfrentar esses desafios, é necessário os esforços para equilibrar as contas da Previdência Social, reduzir o Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), implementar a nova Política Industrial, Tecnológica e de Comércio Exterior e aprovar a lei das Parcerias Público-Privadas.

(Adaptado de *Em Questão*, n. 355 — Brasília, 12 de setembro de 2005)

9. Em relação ao texto a seguir, assinale a opção que não corresponde a erro gramatical.

Não constitue (1) surpresa a verificação de que os municípios com maior índice de anulação de votos têm pontos comuns. Um deles: a taxa de analfabetismo duas ou três vezes superior à do (2) resto do país. Outro: a localização em zonas de baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) — indicador que mede renda, longevidade e instrução. São localidades pobres cujo o (3) destino, se não houver revolução de 180 graus na forma de encarar a educação, os (4) condenam (5) a se afastar cada vez mais dos progressos da civilização.

(*Correio Braziliense,* 17.10.2006)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

10. Assinale a opção que apresenta erro morfossintático ou de impropriedade vocabular.

a) A evolução da arquitetura se caracteriza pelas suas obras mais importantes, aquelas que, especulando na técnica, se fizeram diferentes e inovadoras.

b) E, quando dela nos ocupamos, vale a pena voltar ao passado e sentir como a ideia da obra de arte se integrava às razões utilitárias da arquitetura, fazendo-a mais rica, mais bela, com suas colunatas, ornamentos, pinturas, esculturas.

c) Com o advento do concreto armado, a arquitetura se modificou inteiramente. As paredes, que antes sustentavam os edifícios, passaram a simples material de vedação, surgindo a estrutura independente, a fachada de vidro.
d) A curva generosa que os antigos tanto procuravam com seus arcos, cúpulas, e abóbadas espetaculares assumiu uma nova e surpreendente dimensão e, com ela, os requintes da técnica: os grandes espaços livres e os balanços extraordinários.
e) Uma arquitetura mais livre e vazada se oferecia à todos os arquitetos que quisessem inovar e se aventurar por novos caminhos.

(Adaptado de Oscar Niemeyer)

Gabarito da Prova Simulada 20

1-d, 2-a, 3-a, 4-e, 5-a, 6-e, 7-e, 8-d, 9-b, 10-e.

Prova Simulada 21

Leia o texto abaixo para responder à questão 1.

O desenvolvimento de graus mais altos de governabilidade em um contexto de legitimidade política depende tanto da construção de uma ordem democrática estável quanto da constituição de uma série de instituições estáveis e idôneas que intermedeiem, por um lado, a opinião pública amorfa e manipulável e os interesses privados e setoriais capazes de mobilizá-la e, por outro, o Estado. Essas instituições são necessárias não somente do lado da sociedade civil, como os partidos políticos, os meios de comunicação de massa, as associações profissionais e sindicais, os grupos de interesses organizados etc., como também do lado do Estado, através da constituição de um funcionalismo público motivado e "cioso" de suas responsabilidades, de um Poder Judiciário zeloso de sua competência e independência, e assim por diante.

(Simon Schwartzman, *Bases do autoritarismo brasileiro*, Prefácio da 3ª edição revisada e ampliada, São Paulo: Campus, 1988, com adaptações)

1. Considerando os sentidos e as estruturas linguísticas do texto acima, assinale a opção correta.

a) De acordo com o texto, a governabilidade sujeita-se aos interesses privados e setoriais.
b) Depreende-se do texto que a opinião pública é manipulada tanto pelo Estado quanto por interesses particulares.
c) O autor do texto registra a importância de o Poder Judiciário ser independente.
d) Os vocábulos "mobilizá-la" e "através" são acentuados em atendimento a diferentes regras de acentuação gráfica.
e) Para o autor do texto, quanto mais se adquire legitimidade política, maior é o grau de governabilidade conquistado.

Leia o texto abaixo para responder à questão 2.

A ideia de que cada pessoa tem um caráter único e potencialidades sociais que podem ou não se realizar é alheia à cultura pré-moderna. Na Europa medieval, a linhagem, o gênero, o *status* social e outros atributos relevantes da identidade eram relativamente fixos. Eram necessárias transições entre os vários estágios da vida, mas elas eram governadas por processos institucionalizados e o papel do indivíduo neles era relativamente passivo. Em certo sentido, o

“indivíduo” não existia nas culturas tradicionais e a individualidade não era prezada. Só com o surgimento das sociedades modernas e, mais particularmente, com a diferenciação da divisão do trabalho, foi que o indivíduo separado se tornou um ponto de atenção.

(Anthony Giddens, *Modernidade e identidade*, p. 74, com adaptações)

2. Considerando o texto acima, assinale a opção que completa com correção gramatical e coerência a frase abaixo.

A individualidade só passa a ser levada em consideração
a) devido à fixidez dos atributos da identidade na cultura pré-moderna.
b) a partir da diferenciação da divisão do trabalho nas sociedades modernas.
c) porque potencialidades podem, ou não, se realizar em transições.
d) apesar do papel relativamente passivo do indivíduo na modernidade.
e) com a existência do indivíduo nas culturas tradicionais com atributos fixos.

3. Fragmentos do artigo Pela busca do desenvolvimento, de Fernando Cardim de Carvalho (Folha de S.Paulo, 18.10.2003), foram adaptados para compor os itens a seguir. Assinale a opção em que há impropriedade sintática.

a) E, nesse processo, cada lado tenta mostrar sua posição como mais forte do que realmente é, tentando convencer o oponente de sua própria fraqueza.
b) Formalmente, qualquer processo de negociação envolve questões de duas naturezas: uma, de princípios; outra, de eficiência.
c) Na prática, essas duas dimensões se confundem. Muitas vezes a busca de estratégias eficientes de negociações acabam sendo apenas um véu a cobrir a incapacidade de defender princípios.
d) Já a eficiência diz respeito aos modos de negociação, já que tal processo raramente é de modo transparente.
e) Na primeira, define-se o que se almeja obter, mas também, e principalmente, os limites do aceitável, do que se pode oferecer.

4. Os trechos abaixo constituem um texto. Assinale a opção em que não há problema morfossintático.

a) Como consultor de imagem, o jornalista Mário Rosa adverte que escândalos sempre existirão, mas hoje elementos específicos do mundo moderno acabaram por criar uma nova era.
b) “A dimensão e o seu impacto devastador transformam-se numa marca exclusiva dos nossos tempos”, ressalta o autor, que atribui ao impacto profundo do escândalo sobre políticos, empresários, marcas e até celebridades a diversas causas.
c) Segundo ele, o avanço da tecnologia tornou-se cada vez mais tênue a fronteira entre as esferas pública e privada. “A noção entre público e privado sofreu grande transformação.”
d) “Uma conversa privada a dois, é algo mais público do que um evento com centenas de pessoas.” Uma outra causa da era do escândalo é a revolução tecnológica das duas últimas décadas.
e) Uma informação é capaz de varrer o mundo em poucos segundos e alcançar uma dimensão arrazadora, principalmente quando ela está relacionada a imagem ou reputação de uma empresa ou de um líder.

(*IstoÉ*, 10.09.2003, com adaptações)

5. Assinale a opção que não apresenta redação condizente com as normas do português padrão.

a) Há 30 anos, por exemplo, a Irlanda era um país pobre, com elevado índice de analfabetismo e população pouco educada: figurava entre os últimos na Europa. Entre os países que apresentaram bons resultados, pelo menos três estavam em situação parecida com a brasileira há três décadas. Não tivemos a mesma história porque preferimos outras prioridades.

b) Ao analisarmos a vergonha de estarmos entre os piores países do mundo em educação, esquecemos-nos de analisar aqueles que estão entre os primeiros.

c) Desde então, a Irlanda investiu contínua e prioritariamente na educação de seu povo. O resultado está no mesmo relatório que envergonhou o Brasil: a Irlanda é hoje um dos países com a melhor educação, entre todos os países do mundo.

d) No lugar de mais infraestrutura econômica e desperdício em prédios públicos, a decisão foi a de que o país concentraria seus investimentos, ao longo das décadas seguintes, independentemente de resultados eleitorais, em três objetivos: saúde de qualidade e gratuita para todos, educação de excelência para todos e ciência e tecnologia de ponta.

e) Quando surgiu a possibilidade de ingresso na Comunidade Econômica Europeia, em 1973, os três partidos políticos irlandeses da época reuniram um grupo de pessoas, escolhidas entre personalidades nacionais e dirigentes políticos, para responder a uma pergunta: o que fazer para a Irlanda se transformar num país desenvolvido, voltado para o futuro?

(Cristovam Buarque)

6. O trecho abaixo apresenta segmentos destacados. Assinale a opção que corresponde a erro.

A primeira vaga da globalização, iniciada com a formação dos Estados modernos à época das grandes navegações (1), demonstra, de modo eloquente, a (2) dificuldade de se entregar, por inteiro, a um projeto de matiz mundial sem se deixar envolver, na totalidade, pela sua engrenagem, isto é, sem deixar de sofrer as consequências dela derivadas. Aqueles que, (3) no presente — ou mesmo num passado recente — adotam uma postura de cega adesão aos termos impostos pelas organizações financeiras internacionais, vêm pagando (4) um preço extremamente alto por não concederem atenção aos ensinamentos da história, e o Brasil não foge à (5) regra.

(Adaptado de Fernando Magalhães, *A globalização e as lições da história*)

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

7. Assinale a opção correta em relação à pontuação.

a) A Receita Federal iniciou auditoria nas declarações de rendimentos dos integrantes de suposta quadrilha desbaratada em operação da Polícia Federal.

b) Tal quadrilha estava sob a investigação de suspeita de enriquecimento ilícito — juízes,

advogados, agentes e delegados da Polícia Federal —.

c) Iniciada a pedido do Ministério Público, a auditoria está sendo realizada pela superintendência do Fisco, em São Paulo e não há prazo para a conclusão das investigações.

d) Com informações e documentos recolhidos pela PF, os auditores da Receita estão cruzando os rendimentos, declarados com dados da CPMF.

e) Se ficar constatado que passaram pelas contas quantias incompatíveis com a renda declarada, a Receita irá solicitar, quebra do sigilo bancário.

8. Abaixo estão dispostas partes de um texto que tem como título Trabalho escravo com apoio federal (adaptado de Globo online). Assinale a opção que apresenta erro.

a) A Organização Internacional do Trabalho (OIT) constatou, em estudo recém-concluído, que os bancos públicos ainda financiam empresas que exploram mão de obra escrava no país. O BNDES, o Banco do Brasil e o Banco da Amazônia (Basa), além de órgãos públicos como a Sudam e a Sudene, concedem créditos a empresas envolvidas com esse tipo de crime.

b) A pesquisa da OIT foi feita com base em dados de 1997 a 2002 e entrevistas com cerca de sete mil trabalhadores resgatados da condição de escravidão. O perfil das vítimas desse tipo de trabalho no país é de jovens, analfabetos e pessoas sem sequer registro civil. Mais de 80% das vítimas de trabalho escravo e degradante não têm registro civil.

c) Para a OIT, embora o problema aconteça no âmbito das relações trabalhistas, também é uma grave violação dos direitos humanos, porque envolve o cerceamento da liberdade das pessoas.

d) As condições geográficas do local em que estão submetidas (30, 40 quilômetros de distância da cidade) e a presença de guardas armados as impedem de fugir.

e) Uma das ações previstas no programa da OIT é a instalação de projetos pilotos, a partir de 2004, nos municípios aonde há mais aliciamento. A meta inicial é inserir cerca de 200 trabalhadores no mercado formal de emprego.

9. Assinale a opção que contém erro.

a) É expediente rotineiro na hierarquia do crime organizado armar o braço de crianças e adolescentes para matar pessoas. Utilizar menores em empreitadas criminosas tem constituído regra no mundo do crime.

b) Não sofrendo de nenhum transtorno cognitivo sério, jovens de 16 anos são suficientemente capazes de entender postulados simples como “matar alguém é crime”, sendo igualmente aptos a compreender que se praticarem tal ação serão punidos com a prisão.

c) A inimputabilidade penal de crianças e adolescentes contribui não só para converter-lhes em sicários do crime organizado, mas também funciona — o que é mais grave — como exortação para que novos grupos venham sentar praça na delinquência.

d) A lei estaria mais sintonizada com os anseios da sociedade se homicidas, ou autores de latrocínio entre 16 e 18 anos de idade, fossem avaliados por comissões de especialistas para lhes ser imputada a devida medida socioeducativa.

e) A vida e a intangibilidade física das pessoas são os bens mais valiosos protegidos pela ordem jurídica. Logo, não devem ceder tal primazia a outro pressuposto de direito.

(Baseado em Josemar Dantas, A lei penal e adolescentes, *Correio Braziliense*, D&J,

17.11.2003)

10. Está transcrito abaixo um trecho (com adaptações) da crônica *Meditações sobre o amor,* de Rachel de Queiroz — escritora brasileira. Leia os trechos e assinale aquele que apresenta erro de natureza gramatical.

a) Não é a todos que apresenta-se oportunidade de amar, nem encontra-se capacidade de amar em todos a quem a oportunidade apresenta-se.
b) É mister que se reúnam capacidade e oportunidade, oportunidade e pessoa.
c) Quanto ao objeto do amor, isso é somenos.
d) Todos sabem que é melhor amado aquele que menos o merece, ou aquele que nem sequer tem consciência do amor alheio por si.
e) Porque jamais os olhos ou a inteligência ajudam o coração amante, ou, se ajudam, fazem-no de modo passivo: apagando-se, deixando de enxergar e de discernir, fugindo ao exercício do seu ofício natural que é prevenir o dono contra surpresas e maus passos.

Gabarito da Prova Simulada 21

1-c, 2-b, 3-c, 4-a, 5-b, 6-c, 7-a, 8-e, 9-c, 10-a.

Prova Simulada 22

Leia o texto abaixo para responder à questão 1.

Do Painel do Leitor da *Folha de S.Paulo* de 08.01.2006 transcreve-se a seguinte mensagem:

Antônio Negri e Giuseppe Cocco foram muito precisos e felizes no artigo de 5/1 ao destacarem como o programa Bolsa Família tem contribuído para diminuir a desigualdade e o seu caráter de embrião de uma renda universal e cidadã, sobretudo ao concluírem com a sugestão de que o governo Lula deveria colocar sua própria prática na perspectiva de aceleração do processo de democratização, apontando para a incondicionalidade.

Já existe o instrumento legal para isso. É a lei 10.835, sancionada pelo presidente em 8/1/2004. Ela institui, por etapas, começando pelos mais necessitados, a critério do Poder Executivo, uma renda básica de cidadania, ou seja, o direito de todas as pessoas no Brasil, incondicionalmente, receberem uma renda para atender as suas necessidades vitais.

O Executivo definirá o seu valor levando em conta o grau de desenvolvimento do país.

(Eduardo Matarazzo Suplicy, senador — PT/SP, São Paulo, SP)

1. Assinale a opção que contém asserção falsa a respeito da compreensão das ideias do texto e das inferências permitidas por uma leitura correta.

a) O autor inicia sua mensagem tecendo um elogio a Antônio Negri e Giuseppe Cocco pelo teor do artigo escrito por eles.
b) Pelas palavras da mensagem, deduz-se que os autores concluem seu artigo recomendando ao governo Lula que se aproveite de sua prática com o programa Bolsa Família para acelerar o processo de democratização, por meio da concessão de renda universal.
c) É louvável, da perspectiva do autor da mensagem, o referido artigo ter atribuído ao programa Bolsa Família a peculiaridade de ser a semente da qual pode germinar a instituição de uma renda básica de cidadania.
d) A menção à Lei n. 10.835/2004 é uma forma de o senador Suplicy indicar o caminho legal à consecução da sugestão feita pelos autores do artigo ao governo Lula.

e) No contexto em que se encontra, entende-se que o substantivo “incondicionalidade”, que significa “adesão irrestrita”, aponta para a doação de uma renda que atenda às necessidades de todo brasileiro, independentemente de quanto custe sua sobrevivência.

2. Assinale o segmento que dá continuidade ao texto, respeitando a coerência, a coesão e a correção gramatical.

O meu segundo contato com a massa proletária de Pernambuco foi em uma assembleia, que presidi, de fundação da União Cosmopolita, nome dado ao sindicato dos trabalhadores da Pernambuco Tramways. Não obstante o entusiasmo que dominava o ambiente, observei que havia certa apreensão, se não receio da atitude que viesse a tomar a companhia contra os empregados ali reunidos, muito particularmente contra os que mais se tinham salientado como promotores da organização. Não era sem motivo que temessem qualquer ato de hostilidade porque sabiam, por experiência própria, quanto aquela empresa era autoritária e inacessível em atendê-los fosse no que fosse, _____.

a) tanto mais em permitir que se associassem para a defesa de direitos que ela jamais suportaria que pudessem ter a veleidade de os reivindicar.
b) quanto mais em anuir aquela associação na luta por direitos que ela nunca iria concedê-los.
c) com muito mais razão em aceitar que se tivessem reunido os empregados numa associação para pleitear direitos que ela jamais pensasse em conceder.
d) mormente agora, em que haviam conseguido congregar-se num sindicato para a conquista de direitos que ela teria de lhes reivindicar.
e) principalmente num caso de sublevação, em que os empregados se fortaleciam na defesa de direitos que ela nunca imaginou viesse eles lutar a favor.

(Joaquim Pimenta, *Retalhos do Passado*, Rio, 1949, p. 197, com adaptações)

3. O texto abaixo apresenta cinco segmentos destacados, identificados com letras de (a) a (e). Em cada opção, encontra-se uma reescritura do respectivo segmento sublinhado. Assinale a única reescritura que atende aos requisitos da norma padrão da língua escrita e às exigências textuais de coesão e coerência.

Pesquisas mostram que hoje a honestidade é um dos principais critérios de avaliação quando os cidadãos escolhem candidatos em eleições. Há quem diga com alguma razão que a distinção honesto/desonesto substituiu as antigas guerras ideológicas entre esquerda e direita, (a) cujas fronteiras se confundiram diante da onda de pragmatismo na política. Seja como for, é fato que existe um mercado político em torno da demanda por mais honestidade. (b) O discurso anticorrupção tomou conta dos debates não somente na época das eleições. O tema da corrupção é manejado com facilidade por integrantes de todo o espectro ideológico, da esquerda à direita. (c) Para os primeiros, a corrupção é a captura do Estado, para os últimos é sinal da deterioração moral da sociedade. Também influencia as discussões sobre políticas públicas e as finanças do Estado. (d) Diante da escassez de recursos novos e do comprometimento dos orçamentos públicos com gastos programados, a discussão na área de políticas públicas gira basicamente em torno da questão da qualidade dos gastos comprometidos. (e) Ora, a qualidade dos gastos públicos está intimamente ligada a problemas de desperdício e desvio de recursos em benefício próprio, portanto, à corrupção.

(Bruno Wilhem Speck, Porque a corrupção tornou-se uma doença,
Pensa/CB, 04.06.2005, p. 4)

a) cujos os limites ficaram tênues em virtude da maré de pragmatismo que tomou conta da política.
b) Clamar pela ética passou a ser um tópico presente na agenda do país não apenas em períodos de eleição.
c) Sendo a corrupção, para os esquerdistas, um ato de usurpação do Estado: para a direita ela é índice da decadência moral da sociedade.
d) Face a insuficiência de dinheiro novo com o contingenciamento dos orçamentos públicos com despesas vinculadas.
e) Pois, o modo como se gasta o dinheiro público, tem relação estreita com questões de gastança desenfreada e recursos direcionados para destinatários indevidos, por conseguinte, para a malversação.

4. Estão transcritos abaixo trechos do artigo O Brasil tem futuro?, de Jaime Pinsky. Assinale a opção que apresenta a paráfrase do segmento destacado que atende a estes dois requisitos: 1) mantém o sentido original e 2) constrói-se em linguagem escorreita.

a) A pergunta cabe: nosso país tem futuro? Podemos, de fato, acreditar num Brasil diferente e melhor do que temos? Ou estamos condenados a servir de lastro para as naves do progresso que insistem em não se fixar por aqui?

Ou estamos fadados a ser o peso morto que se alija das embarcações que para cá insistem em arribar, trazendo o progresso para nossos portos?

b) Trata-se de pensar se o Brasil tem chances de chegar entre os mais bem colocados no campeonato mundial de desenvolvimento, justiça social, infraestrutura, saúde e educação de qualidade para todos, estradas decentes, cidades organizadas, respeito ao cidadão e respeito do cidadão pelo coletivo.

É o caso de se cogitar se nosso país disporá das oportunidades para estar entre os países campeões de desenvolvimento...

c) Os brasileiros, quem somos, afinal? Uma turma de explorados pelo capital internacional, um povo sem vocação para o capitalismo moderno, um bando de incompetentes hipócritas, uma cambada de salafrários hipócritas, um grupo irreversível de desunidos?

Cabe perguntar sobre a identidade que no final iremos assumir.

d) Nossa inconsequência e baixo sentido de cidadania fazem com que sejamos radicais no discurso a respeito de temas sobre os quais temos pouca possibilidade de interferir, mas não passemos de comodistas com relação a situações cotidianas sobre as quais temos condições (além de direito e dever) de modificar.

... quando tratemos de assuntos cuja possibilidade de interferência a temos pouca...

e) Mudanças ocorrem não por acaso, mas como fruto de vontade forte. Uma lembrança histórica: a escravidão se manteve no Brasil até quase o final do século 19 não apenas porque assim o desejavam meia dúzia de grandes latifundiários, mas porque estava largamente espalhada pelo país.

... devido não apenas à vontade de um pequeno grupo de proprietários de terras, mas também porque se alastrara por todos lugares.

(*Correio Braziliense*, 08.01.2006, p. 17)

5. Assinale o segmento morfossintaticamente correto, sobretudo quanto ao que estabelece a norma padrão da língua escrita nos capítulos da concordância e da

regência.

a) O projeto de lei que visa melhorar a regulamentação da interceptação, da interrupção, da escuta e da gravação de comunicações telefônicas e das que lhes são equiparadas não representa, de modo algum, uma forma de censura à imprensa.

b) Como vem sendo noticiada, a captação de dados de informática têm sofrido ataques constantes de criminosos que, com avançados meios tecnológicos, tem perpetrado grampos e gravações ilícitas de conversas e comunicações de dados.

c) O projeto de lei tem não só a preocupação de punir àquele que realiza o ato ilícito mas também quem, de qualquer forma, utiliza do que é obtido com esse crime.

d) Não se punem apenas o ato de furtar ou roubar bens, mas também o receptador que, sem praticar o furto ou o roubo, se valem do bem (objeto do crime) para uso pessoal ou para obter lucro.

e) A imprensa brasileira, que tem atendido tão honradamente com os princípios de legalidade, não vai querer anuir a sedução de incentivar os grampos ilegais para utilizar o produto desse crime como matéria-prima de seu trabalho.

(Trechos adaptados de Maurício Z. de Moraes, Avanço para proteger os cidadãos, *Folha de S.Paulo*, 21.01.2006, A3)

6. Ao texto original, foram feitas alterações morfossintáticas. Assinale a opção que apresenta o único trecho que restou inteiramente correto, quanto aos ditames da norma padrão da língua escrita e às exigências textuais de coesão e coerência.

a) No crescimento do PIB, no ano de 2004, teve significativa importância a expansão do consumo interno e do investimento, e não apenas o das exportações, como em surtos de crescimento anteriores.

b) Foram responsável, internamente, por essa expansão: o consumo das famílias que cresceu 4,3% ao ano e o crescimento do investimento da ordem da mais alta taxa desde o final de 1997, bem como das exportações de bens e serviços.

c) A resposta à indagação sobre é viável sustentar taxas de crescimento do PIB real em torno dos 5% ao ano é a de um sim. Mas temos de torcer para que não ocorrem acidentes externos com fortes impactos negativos.

d) Ademais, é fundamental que se atue para elevar nossas taxas de poupança e de investimento a níveis compatíveis com a sustentação do crescimento — o que exige a criação de um ambiente favorável ao investimento e ampliação da capacidade de mobilizar poupança, especialmente a doméstica.

e) A poupança doméstica necessita de ser estimulada para assegurar um crescimento elevado e duradouro do PIB real. A poupança privada requer políticas que lhe estimulem.

(Charles C. Mueller, *UnB Revista*, ano IV, n. 11,
maio/jun./jul. 2005, com modificações)

7. A pichação é uma das expressões mais visíveis da invisibilidade humana. São mais do que rabiscos. São uma forma de estabelecer uma relação de pertencimento com a comunidade — mesmo que por meio da agressão — e, ao mesmo tempo, de dar ao autor um sentido de autoidentidade.

(Gilberto Dimenstein, *Folha de S.Paulo*, 21.01.2006)

Sobre esse trecho, são feitas quatro declarações. Analise-as e assinale, a seguir, a opção

correta em relação a elas.

I. A norma escrita culta permite também uma outra forma de concordância na expressão partitiva da primeira linha, que é: uma das expressões mais visível.

II. Nos dois períodos iniciados pela forma verbal "São", a concordância verbal se faz com o predicativo do sujeito.

III. O verbo "dar", na penúltima linha, está empregado como bitransitivo, constando da frase seus dois objetos: o direto e o indireto.

IV. Os dois verbos antecedidos de preposição: "de estabelecer..." e "de dar", coordenados entre si, estão subordinados ao mesmo termo.

A opção correta é:

a) São verdadeiras as quatro declarações.
b) São verdadeiras apenas duas declarações: II e IV.
c) Apenas III e IV são declarações verdadeiras.
d) Três declarações são verdadeiras: II, III e IV.
e) A I é a única declaração verdadeira.

8. Indique a opção que preenche com correção as lacunas numeradas no texto abaixo.

A colonização jamais correspondeu, entre nós, (1) necessidades do trabalho; correspondeu sempre, sim, (2) necessidade da produção, ou, mais realmente à necessidade das colheitas, isto é, (3) necessidades de dinheiro pronto e de dinheiro fácil, que é o que sustenta as culturas, nas regiões onde se encontram colonos. No dia em que se abrir guerra (4) ociosidade e se oferecerem garantias (5) gente do campo, afluirá para o trabalho remunerado grande parte da população, hoje mantida (6) da bondade alheia.

(Adaptado de Alberto Torres, *As fontes da vida no Brasil*, Rio de Janeiro, 1915, p. 47)

a) às, a, às, a, a, a custas da
b) às, à, as, à, a, às custas da
c) as, à, as, a, à, a custas da
d) a, a, às, à, a, a custa da
e) a, à, às, à, à, à custa da

9. A frase que está redigida totalmente em conformidade com a norma culta da Língua Portuguesa é:

a) Ao ler o abaixo-assinado, ele espantou-se pela quantidade expressiva de assinaturas que o mesmo trazia como também, pela justeza das reinvindicações que nele continha.
b) O jurista interpretou sociologicamente os fatos, ressaltando a dificuldade que as elites econômicas e políticas têm em reconhecer um mundo que não se paute pelos valores mercadológicos.
c) Há de surgir elementos que lhes permitam enxergar a mudança no sistema de tributação como forma de garantir a retenção de recursos que o município há tempos precisa para assistir adequadamente à população.
d) O fato que, realmente, ele necessitou receber cuidados especiais naquela ocasião tão trágica não justifica que lhe enxerguem agora como um dependente costumaz.
e) O que o motivou àqueles comentários desabonadores para o artigo foi o autor ter preferido as posturas empíricas do que as teóricas quando analisava a relação do passado colonial

do país às suas condições econômicas atuais.

10. A frase que respeita completamente o padrão culto da Língua é:

a) Muitos se empenharam por inocentar, por votação secreta, os colegas mergulhados nas mais inomináveis bandalheras, como a recepção de propinas para o apoio em projetos, a captação de luvas para o filiamento partidário, ou na conquista de obras e funções públicas pela via das malas cheias de dinheiro.

b) Os criminosos se utilizaram, em suas ações corruptas e corruptoras, do símbolo da justiça social, apelando para a comoção populacional face o sofrimento humano daquela gente famélica, mas, em verdade auferiram do dinheiro público que sentem falta os setores da saúde e ensino.

c) Não desejaria absolver os que encaram os cargos públicos como manancial de vantagens, privilégios e prebendas, ou como ferramenta de enriquecimento pessoal; tais cargos constituem espaço privilegiado de labor pela sociedade e de defesa dos interesses coletivos.

d) Instruiu-nos para que nos mantêssemos impassíveis diante de previsíveis manifestações de violência naquele ambiente, pois o acordo que estava em andamento ratificaria as eventuais e desnecessárias discordâncias internas que temíamos enfrentar.

e) Num tempo em que os casamentos mau-sucedidos perderam a razão de ser, por não mais se mostrar indissolúvel, causa espécie que uma pessoa pública possa ainda conspucar sua ética à partir de uma relação clandestina de adultério.

Gabarito da Prova Simulada 22

1-e, 2-a, 3-b, 4-b, 5-a, 6-d, 7-c, 8-e, 9-b, 10-c.

Prova Simulada 23

1. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

Para incentivar o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio no Brasil, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva lançou o Prêmio ODM BRASIL. A iniciativa do governo federal em conjunto com o Movimento Nacional pela Cidadania e Solidariedade e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) vai selecionar e dar visibilidade (1) experiências em todo o país que estão contribuindo para o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), como (2) erradicação da extrema pobreza e (3) redução da mortalidade infantil. Os ODM fazem parte de um compromisso assumido, perante (4) Organização das Nações Unidas, por 189 países de cumprir (5) 18 metas sociais até o ano de 2015.

(*Em Questão*, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 390 — Brasília, 06 de janeiro de 2006)

a) a, à, à, a, às
b) as, a, a, à, as
c) às, à, a, à, às
d) a, a, a, a, as
e) as, a, a, à, às

2. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

O prêmio Objetivos de Desenvolvimento do Milênio consiste em uma das estratégias adotadas pelo governo brasileiro para (1) administrações locais, empresas públicas e privadas e organizações da sociedade civil no desenvolvimento de ações, programas e projetos que (2) efetivamente para que essas metas (3) atingidas. (4) três categorias disputadas: uma para ações de governos municipais, outra para iniciativas de organizações (entre as quais (5) órgãos públicos e privados e entidades não governamentais) e a última para destaques individuais e coletivos (pessoas ou entidades públicas ou privadas).

(*Em Questão*, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 390 — Brasília, 06 de janeiro de 2006)

a) dar estímulo a, contribuem, serem, São, enquadram
b) estimulando, contribuíssem, forem, Seriam, enquadra
c) estimular, contribuam, sejam, Serão, se enquadram
d) estimularia, contribuem, são, Vão ser, enquadram-se
e) estimulasse, contribuam, serão, Seriam, enquadra-se

3. Assinale a substituição que provoca erro gramatical.

O Plano de Prevenção e Combate ao Desmatamento na Amazônia Legal, implantado pelo Governo Federal em 2003, fez cair o (1) desmatamento na região em 31% no último ano. Imagens de satélite do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) mostram que a área desmatada despencou de 27.200 km2 para 18.900 km2. A queda ocorreu nos nove estados da Amazônia Legal, sobretudo Pará, Mato Grosso e Rondônia, considerados críticos. A redução foi igualmente significativa no entorno da BR-163 (rodovia Cuiabá-Santarém), sob regime (2) severo de fiscalização. Os dados resultaram (3) da comparação do desmatamento no período de agosto de 2004 a julho de 2005 com igual período anterior. O resultado indica o acerto das (4) políticas públicas em curso e que envolvem fiscalização, ordenamento fundiário e territorial, criação de áreas protegidas (foram criados 85 km2 de unidades de conservação em áreas de conflito, homologados 93 mil km2 de terras indígenas e criados 3,76 mil km2 de projetos de assentamentos sustentáveis), além da previsão de investimentos em infraestrutura e conversão da atividade econômica na região, com vistas à substituição da (5) extração predatória pelo desenvolvimento sustentável da floresta.

(*Em Questão* n. 381, Brasília, 07 de dezembro de 2005, com adaptações)

a) 1 — provocou a queda do
b) 2 — que estão sob o regime
c) 3 — são resultantes
d) 4 — que estão certas as
e) 5 — com o objetivo de substituir a

Leia o texto abaixo para responder às questões 4 e 5.

Uma das condições principais da pós-modernidade é o fato de ninguém poder ou dever discuti-la como condição histórico-geográfica. Com efeito, nunca é fácil elaborar uma avaliação crítica de uma situação avassaladoramente presente. Os termos do debate, da descrição e da representação são, com frequência, tão circunscritos que parece não haver como escapar de interpretações que não sejam autorreferenciais. É convencional nestes dias, por exemplo, descartar toda sugestão de que a “economia” (como quer que se entenda essa palavra vaga) possa ser determinante da vida cultural, mesmo “em última instância”. O estranho na produção

cultural pós-moderna é o ponto até o qual a mera procura de lucros é determinante em primeira instância.

(David Harvey, *Condição pós-moderna*, p. 301, com adaptações)

4. Assinale a relação lógica que não se depreende do texto.

a) Ser uma situação presente é causa de não se poder discutir a pós-modernidade.
b) Elaborar uma avaliação crítica implica debater, descrever e representar.
c) Se há produção cultural, há a busca de lucros.
d) Se a pós-modernidade fosse uma condição histórico-geográfica, a economia seria determinante na vida cultural.
e) Interpretações autorreferenciais são frequentes como resultado de avaliações críticas de uma situação presente.

5. Avalie as seguintes afirmações a respeito das estruturas linguísticas do texto para assinalar a opção correta.

I. O singular do verbo da primeira oração do texto deve-se à expressão "Uma das"; se, em seu lugar, fossem empregados termos que mantivessem o sujeito no plural, como por exemplo, Entre as, o verbo deveria ser flexionado necessariamente no plural.

II. A opção pelo verbo "parece", iniciando a oração, exige o emprego de uma forma impessoal de verbo no seu desenvolvimento; daí o uso de singular em "não haver como escapar".

III. O emprego da preposição de é obrigatória antes da conjunção integrante "que", pois aí se inicia uma oração subordinada que completa a ideia de "sugestão".

IV. A palavra "mesmo", empregada com valor adverbial de ainda que, sugere que o autor antecipa uma rejeição ao argumento que explicita na oração anterior.

A quantidade de itens corretos é

a) 0
b) 1
c) 2
d) 3
e) 4

6. Os trechos seguintes foram adaptados do texto *Modernidade, identidade e a cultura de fronteira*, de Boaventura de Sousa Santos.

Assinale a opção em que o texto foi transcrito respeitando as regras gramaticais da norma de padrão culto da língua portuguesa.

a) O que há de característico na atual crise de regulação social é que ela ocorre sem perda de hegemonia da dominação capitalista. Em outras palavras: ao contrário do que sucedeu em épocas anteriores, a crise de regulação é também uma crise de emancipação, o que constitui afinal uma outra manifestação do colapso das energias emancipatórias.
b) A dificuldade em aceitar ou suportar as injustiças e as irracionalidades da sociedade capitalista dificulta, em vez de facilitar a possibilidade de pensar uma sociedade melhor que esta. Daí que fosse profunda a crise de um pensamento estratégico de emancipação.
c) Na medida em que existiu de fato, o processo de descontextualização e de universalização

das identidades e das práticas contribuiu contraditoriamente para as classes dominadas pudessem formular projetos universais e globais de emancipação.

d) Ao contrário, o novo contextualismo e particularismo tornam difíceis pensar estrategicamente a emancipação. As lutas locais e as identidades contextuais tendem a privilegiar pelo pensamento tático em detrimento do pensamento estratégico.

e) A globalização do capital ocorre simultaneamente a localização do proletariado. Por outro lado, na crise do pensamento estratégico emancipatório da modernidade mais que uma crise de princípios, é uma crise de sujeitos sociais.

Leia o seguinte texto para responder às questões 7 e 8.

As normas jurídicas embasadas nos valores éticos e que traduzem os procedimentos e as vivências mais fortes e consolidados da coletividade tendem a ter a adesão espontânea da maioria das pessoas que nelas se sentem representadas. É o sentimento de identidade nacional, de pátria, sem o qual a coesão social se esgarça e abre as portas para o caminho do individualismo, do salve-se quem puder, da corrupção, da violência. A consolidação desse sentimento pressupõe, além das leis, uma ação constante, coordenada pelo Estado, com a participação da sociedade, dos organismos intermediários e das famílias, num processo de educação cívica, nacional, patriótica.

(Adaptado de Patrus Ananias, Civilização pelo Estado, *Correio Braziliense*, 09.01.2005)

7. Considere tanto a correção gramatical quanto a coerência textual para julgar como falsas (F) ou verdadeiras (V) as seguintes possibilidades de continuidade para o texto:

( ) Apesar das nossas diferenças e divergências, todos os compatriotas de boa vontade somos irmãos no sonho e no trabalho de construir uma nação à altura dos nossos melhores sentimentos.

( ) Por isso, a fragilidade da condição humana revela que a história da humanidade é sempre a história das pessoas inseridas na comunidade política: na hegemonia de nações economicamente mais consolidadas.

( ) Se, por um lado, egoísmo e instinto natural buscam ao rompimento das relações de coesão nacional e reforçar o individualismo, por outro nossos valores éticos consolidados almejam construir uma nação democrática e justa.

( ) Quando se evidenciou a incapacidade do sistema de globalização planejar em uma perspectiva mais ampla e elevada dos vínculos humanos e os conflitos sociais buscou-se um outro sucedâneo para o Estado.

A sequência obtida é

a) V — F — F — F
b) V — F — V — F
c) V — V — F — F
d) F — F — V — F
e) F — V — V — F

8. Julgue as seguintes afirmações a respeito das relações de concordância entre os termos do texto:

I. A flexão de plural em “traduzem” justifica-se pelo plural em “valores éticos”.

II. Porque no termo “os procedimentos e as vivências” há a inclusão de nome masculino, o termo “consolidados” precisa ser flexionado no masculino.

III. O emprego do feminino plural em “nelas” justifica-se pelo feminino plural de “pessoas”.

IV. O pronome indicativo de indeterminação de sujeito em “salve-se” exige que o verbo seja flexionado no singular.

A quantidade de itens corretos é

a) 0
b) 1
c) 2
d) 3
e) 4

Leia o texto abaixo para, em seguida, responder às questões 9 e 10.

O ser (1) humano não pode ser definido em relação a ele mesmo, porque não é um sujeito isolado, vive em relação com as coisas, com os outros e com o mundo, mesmo antes de pensar (2) e de falar. Esta presença não é somente observável como também um fato vivido, isto é, quer dizer que o ser humano se manifesta no ser (3) a cada instante. Nessa responsabilidade, inclui, às vezes, o eu e, às vezes, o outro, num equilíbrio que se faz de uma parte entre poder cuidar (4) de si mesmo e, de outra, poder cuidar dos demais. Através dessa construção coletiva, os homens fazem e criam sua história e, nessa construção-criação, o cuidado torna-se um processo, não apenas um ato. Ato este que envolve o cuidar (5) de si e do outro, mais o cuidado como possibilidade de continuidade da espécie, gozar a vida com qualidade e com liberdade.

(Adaptado de Carlos Altemir Schmitt, *O cuidado e a responsabilidade*: reflexão sobre a ética estabelecida no mundo do consumo desmedido. Disponível em: <http//www.crescer.org>)

9. Assinale o termo destacado do texto que apresenta ambivalência, ou seja, para conferir coerência ao texto, tanto pode receber a interpretação de substantivação do verbo quanto a interpretação de substantivo concreto.

a) “ser” (1)
b) “pensar” (2)
c) “ser” (3)
d) “cuidar” (4)
e) “cuidar” (5)

10. Assinale a proposta de paráfrase para fragmentos do texto que respeita a correção gramatical e a coerência da argumentação.

a) Primeiro período sintático: Por não ser um sujeito isolado, não se pode definir o ser humano em relação a ele mesmo. Daí decorre que, mesmo antes de pensar e de falar, ele vive em relação com as coisas, com os outros e com o mundo.
b) Segundo período sintático: O ser humano manifesta-se instantaneamente no ser; o que significa que esta presença observável é também um vívido fato.
c) Terceiro período sintático: O equilíbrio se dá entre poder cuidar de si mesmo, de um lado, e

poder cuidar dos demais, de outro, e tal responsabilidade, às vezes, inclui tanto o eu quanto o outro.

d) Quarto período sintático: Na construção-criação de sua história — por meio dessa construção coletiva — o ato extrapola o processo no cuidado de fazer e criar história.

e) Quinto período sintático: O cuidado como possibilidade de dar continuidade na espécie, e também de gozar a vida com qualidade, usufruindo da liberdade agrega o ato de cuidar de si e do outro.

Gabarito da Prova Simulada 23

1-d, 2-c, 3-b, 4-d, 5-c, 6-a, 7-a, 8-b, 9-c, 10-c.

Prova Simulada 24

Atenção: As questões de números 1 a 10 referem-se ao texto que segue.

Macacos intelectuais

A partir de estudos realizados com primatas não humanos, publicados nos anos 60, a defesa dogmática de que a inteligência seria um dom exclusivo do Homo sapiens tornou-se insustentável. Entender a inteligência de que tanto nos orgulhamos como resultado de milhões de anos de seleção natural obedece à lógica evolutiva, visto que a evolução não cria características especiais para favorecer ou prejudicar nenhuma espécie. Como atestam os dinossauros, a natureza é madrasta impiedosa.

De onde emergiu a consciência humana?

A resposta é bem simples: da consciência dos animais.

Não há justificativa para considerá-la como propriedade exclusiva da espécie humana, respondeu Ernst Mayr, o biólogo mais influente do século passado. Aceita essa premissa, na última década, o foco da primatologia se deslocou para o estudo das características únicas dos seres humanos. Afinal, não se tem notícia de outros animais que componham sinfonias ou resolvam equações de segundo grau.

Para alguns, nossa capacidade de trocar a recompensa imediata por outra futura (sem a qual nem sequer iríamos à escola) é que nos diferencia de animais mais impulsivos. Outros argumentam que a paciência necessária para aguardar resultados mais promissores também tem raízes evolutivas, e que, em certas situações experimentais, somos mais imediatistas do que os chimpanzés. Embora chimpanzés possam dar manifestações incontestáveis de paciência para aguardar resultados de suas ações, entre eles falta uma típica característica humana: o altruísmo desinteressado. Há evidências claras da existência de comportamentos cooperativos e de altruísmo em outras espécies, mas eles estão sempre associados a interesses de reciprocidade. O verdadeiro altruísmo parece exigir níveis elevados de cognição, que envolvem a capacidade de decifrar o estado mental do outro.

(Adaptado de Drauzio Varella, *Folha de S.Paulo*)

1. No primeiro parágrafo, o autor afirma que a evolução não cria características especiais para favorecer ou prejudicar nenhuma espécie a fim de justificar

a) a lógica do processo de seleção natural.

b) a evidente primazia da inteligência humana.

c) o orgulho alimentado pelo Homo sapiens.

d) os acasos que regem a ordem evolutiva.
e) o dogmatismo de quem exalta a espécie humana.

2. Atente para as seguintes afirmações:

I. A resposta à pergunta *De onde emergiu a consciência humana?* vem em favor da hipótese de que a inteligência seria um dom exclusivo da nossa espécie.

II. O texto faz crer que não há razão para se considerar que existam atributos exclusivos dos seres humanos.

III. Uma das características próprias da espécie humana seria, para alguns, a capacidade de agir em função de objetivos não imediatos.

Em relação ao texto, está correto o que se afirma APENAS em
a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) II e III.

3. No último parágrafo, o paralelo estabelecido entre chimpanzés e homens concorre para atestar o fato de que
a) é típico da espécie humana o cooperativismo por interesse.
b) nosso altruísmo vai além de um comportamento cooperativo.
c) os homens desconhecem o interesse de reciprocidade.
d) há outros primatas capazes de níveis elevados de cognição.
e) mais de uma espécie é capaz de decifrar o estado mental do semelhante.

4. No contexto da frase "Aceita essa premissa, na última década, o foco da primatologia se deslocou para o estudo das características únicas dos seres humanos", a expressão destacada deve ser entendida como
a) consideração de uma hipótese.
b) expressão de uma consequência.
c) formulação de uma condição.
d) afirmação de fato verificado.
e) suposição a ser contraditada.

5. As normas de concordância estão plenamente observadas na frase:
a) Não se admitem que hajam nascido, em quaisquer outras espécies, seres capazes de compor sinfonias.
b) Ressalte-se, no universo dos primatas, as ações que deixam claro seus interesses numa cooperação recíproca.
c) Seguiu-se à aceitação da premissa do influente biólogo Ernst Mayr alguns deslocamentos no foco dos estudos de primatologia.
d) A troca de recompensas imediatas por outras futuras alinham-se entre as características típicas da nossa espécie.
e) Uma das peculiaridades dos verdadeiros altruístas consiste em buscarem decifrar a necessidade íntima do semelhante.

6. Está adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase:

a) Ainda que chimpanzés demonstrem algumas aptidões semelhantes às nossas, nenhuma equivalia ao desinteressado altruísmo humano.
b) Tão logo se admitiu a premissa de Ernst Mayr, deslocara-se o foco principal dos estudos de primatologia.
c) Uma vez que haja paciência para aguardar resultados promissores, o imediatismo será relegado a um segundo plano.
d) Se houvesse altruísmo em outras espécies, perde-se um forte argumento em favor do diferencial humano.
e) Caso os chimpanzés disponham de um nível elevado de cognição, não há por que considerar que não pudessem compor sinfonias.

7. Está clara, coerente e correta a redação da seguinte frase:

a) Sequer deixaríamos de frequentar à escola no caso de trocarmos a recompensa imediata por uma outra que só o futuro viesse a vislumbrar.
b) Há muitos que argumentam de que mesmo entre os chimpanzés ocorre a paciência necessária, de acordo com as raízes evolutivas.
c) Comportamentos altruístas ou mesmo desinteressados não se observa em todas as espécies, constituindo-se conforme peculiaridade humana.
d) Evidências de comportamento cooperativo notam-se em outras espécies, mas apenas os seres humanos são capazes de um autêntico altruísmo.
e) Não obstante Ernst Mayr tenha concluído de que a consciência humana emerge dos animais, o foco da primatologia estuda nossas características.

8. Entender a inteligência de que tanto nos orgulhamos como resultado de milhões de anos de seleção natural obedece à lógica evolutiva (...).

Os elementos destacados podem permanecer na frase acima caso se substitua

a) orgulhamos por ufanamos e obedece por é acreditar.
b) nos orgulhamos por demonstramos e obedece por é dar fé.
c) nos orgulhamos por lisonjeamos e obedece por acata.
d) nos orgulhamos por vangloriamos e obedece por se pauta.
e) orgulhamos por gabamos e obedece por revela adesão.

9. Está inteiramente correta a pontuação da seguinte frase:

a) A realização de estudos com primatas não humanos, tem revelado que a inteligência ao contrário do que se pensa, não é nosso dom exclusivo.
b) A conclusão é, na verdade, surpreendente: a consciência humana, longe de ser um dom sobrenatural, emerge da consciência dos animais.
c) Ernst Mayr, eminente biólogo do século passado não teve dúvida em afirmar que, a nossa consciência, é uma evolução da consciência dos animais.
d) Sejam sinfonias sejam equações de segundo grau, há operações que de tão sofisticadas, não são acessíveis à inteligência de outros animais.
e) O que caracteriza efetivamente o verdadeiro altruísmo, é o comportamento cooperativo que se adota, de modo desinteressado.

10. NÃO admite transposição para a voz passiva a construção verbal da seguinte frase:

a) A inteligência está longe de ser um dom exclusivo da espécie humana.
b) Os primatas não trocam a recompensa imediata por outra mais distante.
c) O altruísmo autêntico sempre exige níveis elevados de cognição.
d) Os chimpanzés manifestam gestos de inequívoca paciência.
e) A premissa de Ernst Mayr obteve grande acolhimento no século passado.

Gabarito da Prova Simulada 24

1-a, 2-c, 3-b, 4-d, 5-e, 6-c, 7-d, 8-e, 9-b, 10-a.

Prova Simulada 25

Atenção: As questões de números 1 a 6 referem-se ao texto que segue.

Do abuso das palavras

Quando o célebre La Rochefoucauld disse que o amor-próprio é o princípio de todas as nossas ações, como a ignorância da verdadeira significação desse termo amor-próprio levantou pessoas contra esse ilustre pensador! Tomou-se o amor-próprio como orgulho e vaidade e imaginou-se, por conseguinte, que La Rochefoucauld colocava no vício a fonte de todas as virtudes. No entanto, era fácil perceber que o amor-próprio, ou o amor de si, não era outra coisa a não ser um sentimento gravado em nós pela natureza; que esse sentimento se transformava em cada homem em vício ou virtude, segundo os gostos e as paixões que o dominavam; e que o amor-próprio, diferentemente modificado, produzia igualmente o orgulho e a modéstia.

O conhecimento dessas ideias teria preservado La Rochefoucauld da censura tão repetida de que ele via a humanidade de modo por demais pessimista; na verdade, ele a conheceu tal qual ela é. Concordo com que a visão nítida da indiferença de quase todos os homens a nosso respeito é um espetáculo desolador para a nossa vaidade, mas, enfim, é preciso tomar os homens como são: irritar-se com os efeitos de seu amor-próprio é queixar-se dos aguaceiros da primavera, dos ardores do verão, das chuvas de outono e das geadas do inverno.

(Helvétius, *Os Pensadores*)

Nota: La Rochefoucauld e Helvétius são pensadores franceses dos séculos XVII e XVIII, respectivamente.

1. De acordo com Helvétius, a afirmação de La Rochefoucauld a respeito do amor-próprio não foi compreendida porque as pessoas

a) não admitiam que alguém pudesse desenvolver esse bom sentimento.
b) não entendiam que esse sentimento era visto como um princípio natural.
c) imaginavam que o orgulho e a vaidade fossem sinônimos entre si.
d) preferiam crer que os homens não adquirem vícios ao longo da vida.
e) não aceitavam que um sentimento tão nobre implicasse a degradação.

2. Comentando a afirmação de La Rochefoucauld a respeito do amor-próprio, Helvétius lembra que esse sentimento

a) é um estigma que nos marca e nos impede de fazer escolhas morais.
b) é o responsável por todas as ações das quais acabamos por nos arrepender.
c) identifica as pessoas que demonstram alta preocupação ética em seus atos.
d) desenvolve-se em nós consoante a natureza das diferentes paixões.

e) é um efeito cultural irremovível e inevitável da vida em sociedade.

3. O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do plural para preencher de modo correto a lacuna da frase:

a) Há sempre forte oposição às ideias que ____ (propagar) um pensador implacável como La Rochefoucauld.
b) O que resulta em virtudes ou vícios humanos ____ (advir) das formas pelas quais canalizamos nossos afetos.
c) A um mais elevado comportamento moral do homem não ____ (tolher) apenas as fraquezas pessoais, mas também os impulsos da natureza.
d) Não obstante não ____ (deixar) de haver opções em nosso caminho, os ditames da nossa natureza exercem um papel fundamental a cada escolha.
e) Tantas recriminações ____ (haver) às ideias de La Rochefoucauld que Helvétius acabou se irritando com a ignorância das pessoas.

4. No contexto do segundo parágrafo, o segmento mas, enfim, é preciso tomar os homens como são pode ser substituído, sem prejuízo para o sentido e a correção, por:

a) porém, afinal de contas, é preciso tomá-los como são.
b) portanto, e por fim, é preciso os tomar como sejam.
c) no entanto, é preciso ainda tomá-los como são.
d) porém, que fazer, é preciso tomar-lhes como são.
e) no entanto, por isso, é preciso tomar-lhes como sejam.

5. Atente para as seguintes afirmações:

I. Todo homem tem amor-próprio.
II. O amor-próprio é uma marca da natureza.
III. As marcas da natureza são incontornáveis.

As afirmações acima articulam-se de modo claro, correto e coerente na frase:

a) Sendo uma marca da natureza, todo homem tem amor-próprio, incontornável como os demais.
b) Todo homem tem amor-próprio, que é uma das marcas da natureza, mesmo quando são incontornáveis.
c) Por serem incontornáveis as marcas da natureza, o mesmo ocorre com todo homem que tem amor-próprio.
d) Como marca da natureza, o amor-próprio é incontornável, tal como acontece com os homens.
e) O amor-próprio, que tem todo homem, é uma marca da natureza, incontornável como as outras.

6. O emprego e a grafia de todas as palavras estão corretos na frase:

a) É difícil haver uma recepção concensual do sentido das palavras: Helvétius surprendeu-se com o atribuído a *amor-próprio*.
b) O mal entendimento do termo *amor-próprio* concitou Helvétius a investir contra os detratores de La Rochefoucauld.
c) Mesmo o mais exitoso filósofo tem de enfrentar os empecilhos criados por pessoas sem qualquer envergadura intelectual.

d) La Rochefoucauld, celebrizado por seu verve de humor, criou máximas que transporam as fronteiras do tempo e do espaço.
e) As pessoas indignadas, que assacavam as ideias de La Rochefoucauld, justificavam o fato alegando ser o filósofo um nilista impedernido.

Atenção: As questões de números 7 a 10 referem-se ao texto que segue.

Sobre o romance Galvez, Imperador do Acre, de Márcio Souza

A paisagem pode ser luxuriante, intrincada, retorcida, mas o romancista recusa-lhe as lianas do aparato verbal. Pretende antes de tudo caricaturar as aventuras do ciclo da borracha, sem convocar adjetivos para compor estrondos estilísticos.

Nem as lendas do inferno verde, nem as lendas do celeiro mundial. O romancista Márcio Souza prefere o retrospecto irônico, que às vezes faz espocar um sarcasmo, como as rolhas de champanha francês e os foguetes anunciadores do advento do século XX nos confins do Acre. Cearenses ocuparam a região duas vezes maior que Portugal. No dizer do autor, "empurraram a fronteira com a própria miséria". E dali vem a mais fina borracha que resulta em contas bancárias na Suíça, temporadas líricas, bordéis tumultuosos, tangos e maxixes ao piano, diamantes a faiscarem no colo farto de damas pelintras.

(Hélio Pólvora, *Veja*)

7. Em seu comentário crítico, Hélio Pólvora afirma que o romance em questão desenvolve-se

a) numa linguagem inspirada na exuberância da realidade representada.
b) num estilo fielmente colado ao dos documentos históricos sobre a região.
c) na imaginação fantasiosa e crítica com a qual o autor narra sua vida.
d) numa narração marcada por humor muitas vezes ácido e caricaturesco.
e) no discurso borbulhante e retórico dos novos ricos da região.

8. Atente para as seguintes afirmações:

I . Lianas do aparato verbal e estrondos estilísticos são recursos recusados pela linguagem de Márcio Souza em seu romance.

II. Expressões como inferno verde e celeiro mundial conotam visões estereotipadas da região amazônica.

III. O verbo *espocar* é utilizado em mais de um sentido, no contexto do segundo parágrafo.

Em relação ao texto, está correto o que se afirma em

a) I, II e III.
b) I e II, apenas.
c) I e III, apenas.
d) II e III, apenas.
e) III, apenas.

9. Considerando-se o contexto, têm sentido contrastante os seguintes elementos:

a) luxuriante *e* intrincada.
b) caricaturar *e* espocar um sarcasmo.
c) temporadas líricas *e* a própria miséria.

d) bordéis tumultuosos *e* damas pelintras.
e) champanha francês *e* foguetes anunciadores.

10. A forma por que preenche corretamente a lacuna da frase:

a) Os cearenses expandiram as fronteiras _____ movidos pelas mais duras necessidades.
b) Um dos motivos _____ Hélio Pólvora se agradou desse romance é a visão original do autor.
c) Márcio Souza decidiu-se pelo humor _____ se dispôs a fazer de seu livro uma sátira histórica.
d) O livro de Márcio Souza fez sucesso pela inteligência e pelo humor, não há outro _____ .
e) Muitos se escandalizaram com o romance, mas se recusaram a dizer o _____ .

Gabarito da Prova Simulada 25

1-b, 2-d, 3-c, 4-a, 5-e, 6-c, 7-d, 8-a, 9-c, 10-b.

Prova Simulada 26

O texto abaixo serve de base para as questões 1 e 2.

O setor público não é feito apenas de filas, atrasos, burocracia, ineficiência e reclamações. A sétima edição do Prêmio de Gestão Pública, coordenado pelo Ministério do Planejamento, mostra que o serviço público federal também é capaz de oferecer serviços com qualidade de primeiro mundo. De 74 instituições públicas inscritas, 13 foram selecionadas por ter conseguido, ao longo dos anos, implantar e manter práticas e rotinas de gestão capazes de melhorar de forma crescente seus resultados, tornando-os referências nacionais. O perfil dos premiados mostra que o que está em questão não é tamanho, visibilidade ou importância estratégica, mas, sim, a capacidade de fazer com que as engrenagens da máquina funcionem de forma eficiente, constante e muito bem controlada.

(Ilhas de Excelência, *IstoÉ*, 02.03.2005, com adaptações)

1. A argumentação do texto não permite inferir que

a) A melhora de resultados é critério para uma instituição pública se tornar referência nacional.
b) A capacidade de funcionar de forma eficiente, constante e bem controlada pode resultar em serviços de qualidade.
c) A qualidade de primeiro mundo em gestão pública tem como critérios a visibilidade e a importância estratégica da instituição.
d) A qualidade de serviços do primeiro mundo constitui parâmetro para avaliação da qualidade de serviços públicos federais no Brasil.
e) A premiação considerou como qualidade a implantação e a manutenção de práticas de rotina que melhoram os resultados da gestão.

2. Assinale a opção incorreta a respeito das estruturas linguísticas do texto.

a) A retirada do advérbio “apenas” preserva a correção gramatical do texto, mas altera as relações significativas entre os argumentos.
b) A supressão do advérbio “também” preserva a correção gramatical, mas retira do texto a ideia pressuposta de que o serviço público oferece serviços que não são de qualidade.
c) A substituição da forma não flexionada de “ter” pelo infinitivo flexionado correspondente, terem, respeita as regras gramaticais e preserva a coerência textual.

d) A retirada do pronome do termo “tornando-os” preserva a correção gramatical e a coerência textual, deixando subentendido o objeto de “referências nacionais”.
e) No último período do texto, a substituição do primeiro “que” pelo sinal de dois-pontos preserva a correção gramatical e a coerência argumentativa do texto, com a vantagem de evitar uma repetição de palavra.

O texto abaixo serve de base para as questões 3 e 4.

Santo Agostinho (354-430), um dos grandes formuladores do catolicismo, uniu a teologia à filosofia. Sua contribuição para o estudo das taxas de juros, ainda que involuntária, foi tremenda. Em suas *Confissões*, o bispo de Hipona, filho de Santa Mônica, conta que, ainda adolescente, clamou a Deus que lhe concedesse a castidade e a continência e fez uma ressalva — ansiava por essa graça, mas não de imediato. Ele admitiu que receava perder a concupiscência natural da puberdade. A atitude de Santo Agostinho traduz impecavelmente a urgência do ser humano em viver o aqui e agora. Essa atitude alia-se ao desejo de adiar quanto puder a dor e arcar com as consequências do desfrute presente — sejam elas de ordem financeira ou de saúde. É justamente essa urgência que explica a predisposição das pessoas, empresas e países a pagar altas taxas de juros para usufruir o mais rápido possível seu objeto de desejo.

[Viver agora, pagar depois (fragmento).
In: Economia e Negócios*, Veja*, 30.03.2005, p. 90]

3. Assinale a opção correta com base no que se depreende do texto.

a) Na adolescência, o bispo de Hipona foi concupiscente.
b) O clamor de Santo Agostinho a Deus incluía o adiamento dos prazeres libidinosos.
c) A predisposição para o pagamento de altas taxas de juros é causa da urgência de se querer viver intensamente o momento presente.
d) A atitude tomada pelo filósofo católico, na adolescência, diferenciava-o dos demais homens e prenunciava a santificação futura.
e) O teólogo e filósofo do catolicismo contribuiu significativamente para a formulação do conceito das taxas de juros, ainda que fosse contrário à matéria.

4. Julgue as afirmações a respeito do texto como verdadeiras (V) ou falsas (F), para marcar, a seguir, a opção correta.

( ) Em virtude do paralelismo sintático, o acento grave, em “à filosofia”, poderia ser eliminado.

( ) Estaria garantida a correção gramatical do texto se o pronome possessivo que inicia o segundo período fosse substituído, nessa mesma posição, pelo pronome “cujo”, flexionado no feminino (cuja), e o ponto fosse substituído por uma vírgula.

( ) Haveria alteração do sentido original do texto se a expressão “ainda adolescente” fosse deslocada para a posição imediatamente posterior à forma verbal “conta”.

( ) Dada a relação de sentido que se estabelece no período, a conjunção “e” (em destaque no terceiro período) poderia ser substituída, mantendo-se a coerência textual, pela conjunção ”mas” precedida de vírgula.

( ) O complemento verbal “seu objeto de desejo” poderia vir precedido da preposição

“de”, atendendo-se à regência do verbo “usufruir”.

A sequência correta obtida é:

a) V, F, F, V, V
b) F, V, V, V, F
c) V, V, F, F, V
d) V, F, V, F, F
e) F, F, V, V, V

O texto abaixo serve de base para as questões 5 e 6.

Os teóricos, ao dizerem que os indivíduos são cronicamente insatisfeitos porque são consumistas, não estão constatando um fato, mas emitindo um julgamento moral, isto é, a satisfação psicológica obtida com a compra de objetos é interpretada como insatisfação, porque seria um tipo de realização emocional espúrio. Em outras palavras, supõe-se que existe uma forma mais nobre de satisfação emocional que se perderia no contato com o mundo dos artefatos, ou então, como nos autores de orientação marxista, que a insatisfação é inevitável quando o sujeito é expropriado do que ele próprio produz e coagido a comprar os objetos produzidos pelos proprietários do capital. Em suma, pode existir satisfação com os objetos de uso, mas, não, com os de troca, ou seja, com a mercadoria.

(Texto adaptado de Jurandir Freire Costa, *O vestígio e a aura*: corpo e consumismo na moral do espetáculo, p. 203)

5. Assinale a afirmativa que está de acordo com o que argumenta o autor do texto.

a) Na análise do ser humano e de sua conduta pessoal e social, deve haver mais rigor, para que não prevaleçam as crenças e os fatos sejam examinados com objetividade.
b) Aqueles que criticam as leis de mercado, como os marxistas, por exemplo, elaboram análises equivocadas a respeito dos estados psicológicos do ser humano.
c) É verdadeiro o pressuposto de que é espúria a satisfação emocional resultante da compra de objetos, mas a relação de causa e efeito entre esses dois fatos é falsa.
d) A mercadoria, vilã da satisfação plena do indivíduo, é referida por grande parte dos teóricos como a forma mais nobre de satisfação emocional.
e) Os teóricos não estariam emitindo julgamento de valor se, ao contrário do que afirmam sobre a insatisfação crônica dos indivíduos, declarassem que, apesar de insatisfeitos, os indivíduos continuam consumistas.

6. Assinale o trecho que dá continuidade ao texto de forma coerente e que atende à prescrição gramatical.

a) Não é no entanto, espúria, como julgam os teóricos, a satisfação por meio do consumo de artefatos. Trata-se a questão de afastar da análise as interferências ideológicas, com vistas à retratar com exatidão a realidade psicológica sob escopo.
b) Não há como negar que a sociedade de mercado exige que uma análise dessa natureza se baseie em outro paradigma da psicologia, conquanto a satisfação dos indivíduos esteja diretamente relacionada às determinações da sociedade dentro da qual ele se insere.
c) Como é visível, a hipótese da insatisfação vem a reboque da crítica ao universo da mercadoria. A intrusão de objetos de troca na esfera mental seria a responsável pelo bloqueio ou distorção do movimento natural das emoções. Não se pode, contudo,

fundamentar críticas a visões do mundo com base em afirmações psicológicas inexatas.

d) Ainda que a insatisfação seja inerente ao ser humano, há que se verificar porque terá ele buscado refúgio nas mercadorias para experimentar estados de plena satisfação. Enquanto que uns, preconceituosos, abominam o mercado, e nenhum deles rejeitam os prazeres e facilidades obtidos com os artefatos modernos, outros vivem insatisfeitos e excluídos do mercado.

e) Conforme se observa, a moral é capaz de obscurecer a análise dos fatos e manter a sociedade sob o manto das crenças, estas, sim, possibilidade de satisfação inquestionável, onde o indivíduo dispondo do sonho, pode criar realidades utópicas e buscar alcançá-las.

7. Assinale o trecho do texto abaixo que se apresenta gramaticalmente correto.

a) A sociedade sem exploração é, antes de tudo, uma sociedade do trabalho, uma sociedade que todos tenham garantidos o direito ao trabalho, vivam do seu trabalho. Isto significa que, de alguma forma, todos se tornem trabalhadores e ninguém viva da exploração do trabalho alheio.

b) Uma sociedade desse tipo elimina a exploração, fazendo com que ninguém possa viver do trabalho dos outros. Significa que ninguém dispõem do privilégio de possuir capital, negado a grande maioria.

c) Assim, as máquinas, instalações, matérias-primas — isto é, os meios de produção — não poderia ser propriedade privada mas, propriedade democrática do conjunto da sociedade.

d) Uma sociedade desse tipo choca-se frontalmente com o capitalismo, que se apoia estruturalmente na propriedade privada dos meios de produção, o que significa a separação entre capital e trabalho.

e) Esta separação implica que a minoria tenha acesso a capital — sob qualquer forma de dinheiro ou de empresas, industriais, agrárias, comerciais ou de outro tipo —, e a grande maioria, dispondo apenas de seus braços para sobreviver, sejam obrigados a submeter-se à exploração do capital.

(Adaptado de Emir Sader, A Exploração. In: *7 pecados do capital*. Rio de Janeiro: Record, 1999)

8. Assinale a opção em que foram plenamente respeitadas as prescrições gramaticais.

a) Em certo sentido, a cultura capitalista reduziu na prática, os princípios do liberalismo, do utilitarismo, ou do pragmatismo político-filosófico, a defesa da ganância de uns poucos, em prejuízo à justiça humanitária, defendida pelos ideais republicanos e democráticos. Nada disso porém, autoriza à depreciação mental do sujeito *comprista* dos séculos XIX e XX.

b) Do ponto de vista marxista, pode-se falar, se for o caso, de uma amoralidade na produção e da venda dos objetos, mas não no ato da compra. O próprio produtor/vendedor, ao se tornar comprador muda de posição intencional em relação à mercadoria. Ao produzir/vender, quer apenas lucrar; ao comprar, pode querer atingir objetivos outros, que não o lucro.

c) A imagem do burguês, indiferente ao bem comum e obcecado pelo consumo de objetos, é uma ideia feita, que não sobrevive ao testemunho da história. Nem o hábito de comprar mercadorias, nem a ambição da felicidade interior revelou-se contrário à experiência de realização emocional e a de propósitos éticos.

d) Em algumas análises, o que se critica é a utilização dos objetos para os propósitos de

autorrealização emocional. Os objetos, em virtude da sedução do consumo, usurpam a função dos bens simbólicos ou se prestam apenas à celebração do narcisismo. Todavia verifica-se que essa não foi a prática histórica dos compradores. Os objetos foram usados para fins de desenvolvimento emocional e também para se atingirem outros objetivos.

e) Os compradores setecentistas adquiriram avidamente livros, telas de pintar, entre outros. Esses objetos foram usados de forma, digamos, egoísta, mas serviram, igualmente, à expressão de pretensões éticas e estéticas válidas para todos. Falamos, hoje, em paroxismo consumista, considerando-o causa de desorientação pessoal e violência social. Entretanto, se for verdade que tal exarcerbação existe, sugiro, que sua origem não esteja na natureza alienante das mercadorias, mas na redefinição de nossos ideais de felicidade.

(Itens adaptados de Jurandir Freire Costa)

9. Assinale a opção em que se percebe linguagem escorreita.

a) Na nossa rotina diária, cada vez mais a informação digitalizada é predominante. Ela se apresenta durante o laser ou durante o trabalho.

b) Vivemos a era da Tecnologia da Informação e da Comunicação (TIC). O setor de TIC avança rapidamente todos dias.

c) Ficamos horas frente a tela do computador. Ora digitamos textos, ora pesquisamos informações nos milhares de sítios cada vez mais especializados e completos.

d) São prontamente obtidas informações on-line das mais importantes revistas científicas especializadas. Também o são informações dos principais jornais e revistas.

e) Começa a fazer parte da nossa vida o chamado comércio eletrônico. Ele nos permite adquirirmos os mais variados produtos com o mínimo esforço.

(Trechos adaptados de Wanderley de Souza. Tecnologia da Informação e Comunicação. *Jornal do Brasil*, 02.04.2005)

10. Assinale em que ordem os seguintes fragmentos, adaptados de Roberto de Aguiar, Ética e Direitos Humanos, em Desafios Éticos, p. 63-64, devem ser escritos de modo a compor um texto coeso e coerente.

I. Nesse quadro, alguns direitos humanos passam a ser paradigmáticos: o direito à liberdade, o direito à segurança pessoal, o direito a um julgamento justo, o direito à privacidade, à inviolabilidade do domicílio, à nacionalidade, à propriedade, à livre expressão do pensamento, entre outros.

II. Sua única missão era a de transformar o mundo por seu trabalho.

III. O homem do iluminismo era um desterrado. Ele já não tinha mais a segurança de um cosmos hierarquizado medieval, não possuía a segurança de Deus e era considerado como um átomo individual, que financiava a produção ou vendia sua força de trabalho.

IV. É a partir disso que a ciência passa a ter importância crescente, a fim de melhorar os processos produtivos, renovar a organização dos poderes e manter os trabalhadores com um mínimo de condições para produzir.

a) I, IV, II, III
b) III, I, IV, II
c) IV, II, I, III
d) II, III, IV, I

e) III, II, I, IV

Gabarito da Prova Simulada 26

1-c, 2-d, 3-a, 4-e, 5-a, 6-c, 7-d, 8-d, 9-d, 10-e.

Prova Simulada 27

Atenção: As questões de números 1 a 10 baseiam-se no texto apresentado abaixo.

O futuro do nosso petróleo

A recente confirmação da descoberta, anunciada inicialmente em 2006, de reservas expressivas de petróleo leve de boa qualidade e gás na Bacia de Santos é uma notícia auspiciosa para todos os brasileiros. A possibilidade técnica de extrair petróleo a mais de 6 mil metros de profundidade eleva o prestígio que a Petrobras já detém, com reconhecido mérito, no restrito clube das megaempresas mundiais de petróleo e energia, onde é vista como a pequena, mas muito respeitada, irmã. (...)

O Brasil tem uma grande oportunidade à frente, por dois motivos. Mais do que com dificuldades de exploração e de extração, o mundo sofre com a falta de capacidade de refino moderno, para produzir derivados com baixos teores de enxofre e aromáticos. Ao mesmo tempo, confirma-se em nosso hemisfério a cruel realidade de que as reservas de gás de Bahia Blanca, ao sul de Buenos Aires, se estão esgotando. Isso sem contar o natural aumento da demanda argentina por gás. Estas reservas têm sido, até agora, a grande fonte de suprimento de resinas termoplásticas para toda a região, sendo cerca de um terço delas destinado ao Brasil. A delimitação do Campo de Tupi e outros adjacentes na Bacia de Santos vem em ótima hora, quando estes dois fantasmas nos assombram, abrindo, ao mesmo tempo, novas oportunidades. O gás associado de Tupi, na proporção de 15% das reservas totais, é úmido e rico em etano, excelente matéria-prima para a petroquímica. Queimá-lo em usinas térmicas para gerar eletricidade ou para uso veicular seria um enorme desperdício.

Outra oportunidade reside em investimentos maciços em capacidade de refino. O mundo está sedento por gasolina e diesel especiais, mais limpos, menos poluentes. O maior foco desta demanda são os Estados Unidos, que consomem 46% de toda a gasolina do planeta, mas esta é uma tendência que se vem espalhando como fogo em palha. O Brasil ainda tem a felicidade de dispor de etanol de biomassa produzido de forma competitiva, que pode somar-se aos derivados de petróleo para gerar produtos de alto valor ambiental.

(Adaptado de Plínio Mario Nastari, *O Estado de S. Paulo,*
Economia*,* B2, 28.12.2007)

1. Queimá-lo em usinas térmicas para gerar eletricidade ou para uso veicular seria um enorme desperdício (final do 2o parágrafo).

A opinião do articulista no segmento transcrito acima se justifica pelo fato de que

a) na Argentina, além de haver aumento da demanda por petróleo, as reservas de gás encontram-se em processo de esgotamento.
b) os Estados Unidos são os maiores consumidores da gasolina produzida no planeta, tendência que ainda vem aumentando.
c) as possibilidades técnicas de extração de petróleo a mais de 6 mil metros de profundidade ampliam o prestígio mundial da Petrobras.

d) as reservas recém-descobertas na Bacia de Santos contêm gás de excelente qualidade para a indústria petroquímica.
e) o Brasil dispõe de etanol de biomassa que, somado aos derivados de petróleo, diminui a poluição do meio ambiente.

2. O Brasil tem uma grande oportunidade à frente, por dois motivos (início do 2o parágrafo).

Ocorre no contexto a retomada da afirmativa acima na frase:
a) Mais do que com dificuldades de exploração e de extração...
b) ... para produzir derivados com baixos teores de enxofre e aromáticos.
c) Estas reservas têm sido, até agora, a grande fonte de suprimento de resinas termoplásticas para toda a região...
d) Estas reservas têm sido, até agora, a grande fonte de suprimento de reservas termoplásticas...
e) A delimitação do Campo de Tupi e outros adjacentes na Bacia de Santos vem em ótima hora, quando estes dois fantasmas nos assombram...

3. Isso sem contar o natural aumento da demanda argentina por gás (2o parágrafo).

O pronome grifado substitui corretamente, considerando-se o contexto,
a) as dificuldades de exploração e extração de petróleo.
b) o esgotamento das reservas argentinas de gás.
c) a produção de derivados com baixos teores de enxofre e aromáticos.
d) a grande oportunidade comercial que o Brasil tem pela frente.
e) a exportação de gás da Argentina para o Brasil.

4. O emprego das vírgulas assinala a ocorrência de uma ressalva em:
a) ... onde é vista como a pequena, mas muito respeitada, irmã.
b) ... que a Petrobras já detém, com reconhecido mérito, no restrito clube...
c) ... de que as reservas de gás de Bahia Blanca, ao sul de Buenos Aires, se estão esgotando.
d) ... abrindo, ao mesmo tempo, novas oportunidades.
e) O gás associado de Tupi, na proporção de 15% das reservas totais, é úmido e rico em etano...

5. ... que consomem 46% de toda a gasolina do planeta... (3o parágrafo).

O mesmo tipo de complemento exigido pelo verbo grifado acima está na frase:
a) ... o mundo sofre com a falta de capacidade de refino moderno...
b) ... e outros adjacentes na Bacia de Santos vem em ótima hora...
c) Outra oportunidade reside em investimentos maciços em capacidade de refino.
d) ... mas esta é uma tendência que se vem espalhando como fogo em palha.
e) ... para gerar produtos de alto valor ambiental.

6. O mundo está sedento por gasolina e diesel especiais... (3o parágrafo).

O mesmo tipo de regência exigido pelo termo grifado acima encontra-se na expressão:
a) notícia auspiciosa para todos os brasileiros.
b) de reservas expressivas de petróleo leve de boa qualidade.
c) no restrito clube das megaempresas mundiais de petróleo e energia.

d) as reservas de gás de Bahia Blanca.
e) resinas termoplásticas para toda a região.

7. Mais do que com dificuldades de exploração e de extração, o mundo sofre com a falta de capacidade de refino moderno, para produzir derivados com baixos teores de enxofre e aromáticos (2º parágrafo).

A afirmativa acima aparece reescrita em outras palavras, com clareza e correção, sem alteração do sentido original, em:

a) São maiores as dificuldades de exploração e de extração de petróleo no mundo, além da capacidade de refino moderno, com baixos teores de enxofre e aromáticos.
b) A necessidade de refino moderno para produzir derivados com baixos teores de enxofre e aromáticos iguala as dificuldades de extração e de produção.
c) A falta de capacidade de refino moderno para a produção de derivados com baixos teores de enxofre e aromáticos supera as dificuldades de exploração e de extração do petróleo.
d) As dificuldades de exploração e de extração no mundo estão na capacidade de refino moderno, para produzir petróleo com baixos teores de enxofre e aromáticos.
e) A exploração e a extração de petróleo no mundo sofre com a falta de capacidade de refino moderno, com derivados com baixos teores de enxofre e aromáticos.

8. O termo grifado que poderia ser corretamente empregado na forma de feminino plural, sem alteração do sentido original, é:

a) A recente confirmação da descoberta, anunciada inicialmente em 2006...
b) ... é uma notícia auspiciosa para todos os brasileiros.
c) A possibilidade técnica de extrair petróleo a mais de 6 mil metros de profundidade...
d) ... sendo cerca de um terço delas destinado ao Brasil.
e) ... de dispor de etanol de biomassa produzido de forma competitiva...

9. ... de que as reservas de gás de Bahia Blanca, ao sul de Buenos Aires, se estão esgotando (2º parágrafo).

A forma verbal grifada acima pode ser corretamente substituída, sem prejuízo do sentido original, por:

a) está para esgotar.
b) vai ser esgotado.
c) estão sendo esgotadas.
d) vinham sendo esgotadas.
e) vem esgotando.

10. A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:

a) Urge que seja definido as metas de oferta de energia em quantidade suficiente e preço adequado, para impulsionar o desenvolvimento do país.
b) É imprescindível que se cumpram os acordos firmados em relação à oferta de energia e aos preços adequados, e que se atenda ao aumento da demanda.
c) Uma política fiscal aplicada sobre as ofertas de energia devem controlar o cumprimento dos contratos que se estabeleceu nesse setor.
d) Os países importadores de derivados de petróleo paga o preço estabelecido na Europa, o que gera efeitos negativos na economia.

e) Existe metas brasileiras que foram estabelecidas em relação à autossuficiência em petróleo e o momento oferece a oportunidade de cumpri-las satisfatoriamente.

Gabarito da Prova Simulada 27

1-d, 2-e, 3-b, 4-a, 5-e, 6-a, 7-c, 8-d, 9-c, 10-b.

Prova Simulada 28

Atenção: As questões de números 1 a 10 referem-se ao texto que segue.

Propósitos e liberdade

Desde que nascemos e a nossa vida começou, não há mais nenhum ponto zero possível. Não há como começar do nada. Talvez seja isso que torna tão difícil cumprir propósitos de Ano-Novo. E, a bem da verdade, o que dificulta realizar qualquer novo propósito, em qualquer tempo.

O passado é como argila que nos molda e a que estamos presos, embora chamados imperiosamente pelo futuro. Não escapamos do tempo, não escapamos da nossa história. Somos pressionados pela realidade e pelos desejos. Como pode o ser humano ser livre se ele está inexoravelmente premido por seus anseios e amarrado ao enredo de sua vida? Para muitos filósofos, é nesse conflito que está o problema da nossa liberdade.

Alguns tentam resolver esse dilema afirmando que a liberdade é a nossa capacidade de escolher, a que chamam livre-arbítrio. Liberdade se traduziria por ponderar e eleger entre o que quero e o que não quero ou entre o bem e o mal, por exemplo. Liberdade seria, portanto, sinônimo de decisão.

Prefiro a interpretação de outros pensadores, que nos dizem que somos livres quando agimos. E agir é iniciar uma nova cadeia de acontecimentos, por mais atrelados que estejamos a uma ordem anterior. Liberdade é, então, começar o improvável e o impensável. É sobrepujar hábitos, crenças, determinações, medos, preconceitos. Ser livre é tomar a iniciativa de principiar novas possibilidades. Desamarrar. Abrir novos tempos.

Nossa história e nosso passado não são nem cargas indesejadas, nem determinações absolutas. Sem eles, não teríamos de onde sair, nem para onde nos projetar. Sem passado e sem história, quem seríamos? Mas não é porque não pudemos (fazer, falar, mudar, enfrentar...) que jamais poderemos. Nossa capacidade de dar um novo início para as mesmas coisas e situações é nosso poder original e está na raiz da nossa condição humana. É ela que dá à vida uma direção e um destino. Somos livres quando, ao agir, recomeçamos.

Nossos gestos e palavras, mesmo inconscientes e involuntários, sempre destinam nossas vidas para algum lugar. A função dos propósitos é transformar esse agir, que cria destinos, numa ação consciente e voluntária. Sua tarefa é a de romper com a casualidade aparente da vida e apagar a impressão de que uma mão dirige nossa existência.

Os propósitos nos devolvem a autoria da vida.

(Dulce Critelli, *Folha de S.Paulo*, 24.01.2008)

1. A autora defende a tese de que afirmamos nossa liberdade quando

a) formulamos propósitos que nos libertam plenamente de nossas memórias e das experiências vividas.

b) formulamos a intenção de agir para provar nossa capacidade de dominar e exercer o nosso livre-arbítrio.
c) passamos a agir com a determinação de abrir caminhos que representem novas possibilidades.
d) condicionamos nossas ações à personalidade que viemos constituindo e cristalizando ao longo da vida.
e) orientamos nossa ação pela escolha de valores definidos previamente como imperativos morais.

2. Considerando-se o contexto, traduz-se corretamente o sentido de uma expressão do texto em:

a) argila que nos molda = barro a que impomos forma.
b) inexoravelmente premido = indiscutivelmente atento.
c) na raiz da nossa condição humana = nossa radical condicionalidade.
d) determinações absolutas = condicionantes irrevogáveis.
e) romper com a casualidade = desconsiderar a causa.

3. Considerando-se o contexto, na frase "É ela que dá à vida uma direção e um destino", o pronome destacado está diretamente vinculado à expressão

a) ... raiz da nossa condição humana.
b) Nossa capacidade de dar um novo início...
c) ... nossa condição humana.
d) Nossa história...
e) ... uma nova cadeia de acontecimentos...

4. A autora poderia ter optado, corretamente, pela seguinte redação da frase em que formula sua preferência:

a) Prefiro muito mais a interpretação destes pensadores do que àqueles.
b) A minha preferência é mais da interpretação destes pensadores que a daqueles.
c) À interpretação daqueles pensadores não tenho como deixar de preferir a destes.
d) Prefiro à destes, em vez da interpretação daqueles pensadores.
e) É para mim preferível, em vez da interpretação daqueles pensadores, à que defendem estes.

5. É a liberdade que dá à vida uma direção.

O termo sublinhado na frase acima exerce a mesma função sintática do termo sublinhado em:
a) Sem passado e sem história, poderíamos ser livres?
b) Liberdade seria, a meu ver, um sinônimo de decisão.
c) Somos livres a cada vez que, agindo, recomeçamos.
d) Liberdade seria, pois, começar o improvável.
e) A liberdade nos liberta, o passado é argila que nos molda.

6. Nossa história e nosso passado não são nem cargas indesejadas, nem determinações absolutas.

Mantêm-se o sentido e a correção da frase acima substituindo-se o segmento sublinhado por
a) nem tanto cargas indesejadas quanto determinações absolutas.

b) cargas indesejadas, nem ao menos determinações absolutas.
c) cargas indesejadas, assim como não são determinações absolutas.
d) nem cargas indesejadas, quando não determinações absolutas.
e) nem mesmo cargas indesejadas, quanto mais determinações absolutas.

7. Está inteiramente correta a pontuação da seguinte frase:

a) É realmente muito difícil, cumprir propósitos de Ano-Novo, pois não há como de fato alguém começar algo inteiramente do nada.
b) É realmente muito difícil: cumprir propósitos de Ano-Novo; pois não há como, de fato, alguém começar algo inteiramente do nada.
c) É, realmente, muito difícil — cumprir propósitos de Ano-Novo: pois não há como de fato, alguém começar algo inteiramente do nada.
d) É, realmente, muito difícil cumprir propósitos de Ano-Novo, pois não há como, de fato, alguém começar algo inteiramente do nada.
e) É realmente muito difícil, cumprir propósitos de Ano-Novo; pois não há como de fato alguém começar algo, inteiramente do nada.

8. A transposição para a voz passiva é possível apenas em:

a) Novos gestos incutem à nossa vida um novo sentido.
b) A liberdade aposta, sempre, em novas possibilidades.
c) Na nossa capacidade de escolha estaria a nossa liberdade.
d) A resolução desse dilema depende de uma grave decisão.
e) As ideias fatalistas conspiram contra as ações libertárias.

9. Considere as afirmações a seguir:

I. Os homens desejam ser livres.
II. Os homens prendem-se ao seu passado.
III. Desejo de liberdade e amarras do passado tornam os homens conflituosos.

Essas afirmações articulam-se com coerência, clareza e correção em:

a) Os homens tornam-se conflituosos, tendo em vista que desejam ser livres, porquanto se prendem ao seu passado.
b) Por se prenderem ao passado, assim como desejam ser livres, os homens tornam-se conflituosos.
c) Embora desejando ser livres e prendendo-se ao seu passado, os homens tornam-se conflituosos.
d) O que torna conflituosos os homens é que desejam ser livres estando presos ao seu passado.
e) Conquanto querendo ser livres, mesmo presos ao seu passado, tornam-se os homens conflituosos.

10. E, a bem da verdade, o que dificulta realizar qualquer novo propósito, em qualquer tempo.

Na frase acima, levando-se em conta o contexto do primeiro parágrafo,

a) a expressão *a* bem da verdade assume o sentido de por outro lado.
b) está elíptica a expressão Talvez seja isso.
c) novo propósito é sujeito de começar.

d) a expressão o que retoma a expressão tão difícil cumprir.
e) em qualquer tempo é complemento da forma verbal dificulta.

Gabarito da Prova Simulada 28

1-c, 2-d, 3-b, 4-c, 5-d, 6-c, 7-d, 8-a, 9-d, 10-b.

Prova Simulada 29

Atenção: As questões de números 1 a 10 referem-se ao texto que segue.

Propósitos e liberdade

Desde que nascemos e a nossa vida começou, não há mais nenhum ponto zero possível. Não há como começar do nada. Talvez seja isso que torna tão difícil cumprir propósitos de Ano-Novo. E, a bem da verdade, o que dificulta realizar qualquer novo propósito, em qualquer tempo.

O passado é como argila que nos molda e a que estamos presos, embora chamados imperiosamente pelo futuro. Não escapamos do tempo, não escapamos da nossa história. Somos pressionados pela realidade e pelos desejos. Como pode o ser humano ser livre se ele está inexoravelmente premido por seus anseios e amarrado ao enredo de sua vida? Para muitos filósofos, é nesse conflito que está o problema da nossa liberdade.

Alguns tentam resolver esse dilema afirmando que a liberdade é a nossa capacidade de escolher, a que chamam livre-arbítrio. Liberdade se traduziria por ponderar e eleger entre o que quero e o que não quero ou entre o bem e o mal, por exemplo. Liberdade seria, portanto, sinônimo de decisão.

Prefiro a interpretação de outros pensadores, que nos dizem que somos livres quando agimos. E agir é iniciar uma nova cadeia de acontecimentos, por mais atrelados que estejamos a uma ordem anterior. Liberdade é, então, começar o improvável e o impensável. É sobrepujar hábitos, crenças, determinações, medos, preconceitos. Ser livre é tomar a iniciativa de principiar novas possibilidades. Desamarrar. Abrir novos tempos.

Nossa história e nosso passado não são nem cargas indesejadas, nem determinações absolutas. Sem eles, não teríamos de onde sair, nem para onde nos projetar. Sem passado e sem história, quem seríamos? Mas não é porque não pudemos (fazer, falar, mudar, enfrentar...) que jamais poderemos. Nossa capacidade de dar um novo início para as mesmas coisas e situações é nosso poder original e está na raiz da nossa condição humana. É ela que dá à vida uma direção e um destino. Somos livres quando, ao agir, recomeçamos.

Nossos gestos e palavras, mesmo inconscientes e involuntários, sempre destinam nossas vidas para algum lugar. A função dos propósitos é transformar esse agir, que cria destinos, numa ação consciente e voluntária. Sua tarefa é a de romper com a casualidade aparente da vida e apagar a impressão de que uma mão dirige nossa existência.

Os propósitos nos devolvem a autoria da vida.

(Dulce Critelli, *Folha de S.Paulo*, 24.01.2008)

1. Considere as seguintes afirmações:

I. Ao sustentar que Não há como começar do nada, a autora deixa implícito que somos fatalmente conduzidos para um destino já traçado.

II. O conflito que, para muitos filósofos, se traduz como problema da nossa liberdade é o que se estabelece entre as amarras do passado e o anseio de ser livre.

III. O fracasso em iniciativas passadas não deve impedir que as retomemos, pois é essa insistência que atesta nossa liberdade.

Em relação ao texto, está correto SOMENTE o que se afirma em

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) II e III.

2. Ao dar ênfase ao caráter consciente e voluntário dos nossos propósitos, a autora coloca-se contra

a) a subordinação nossa à força dos acasos.
b) a tentação de sobrepujarmos fortes determinações.
c) a nossa tendência para retomar antigas iniciativas.
d) o caprichoso hábito de nunca voltarmos atrás.
e) a possibilidade de nos valermos do livre-arbítrio.

3. Estão plenamente respeitadas as normas de concordância verbal na frase:

a) É muito difícil que se cumpra os propósitos que, invariavelmente, se formula a cada início de ano.
b) Enredam-se nas tramas das próprias memórias todo aquele que não busca abrir, para si mesmo, novos tempos e novas experiências.
c) A cada vez que dá impulso a uma nova cadeia de acontecimentos, os homens se tornam autores de seu próprio destino.
d) Não deveriam caber às pessoas tomar suas próprias iniciativas, em vez de se submeterem à força do acaso?
e) Aos que não submete a força imperiosa das experiências passadas estende-se a possibilidade de abrir novos tempos.

4. Nossos gestos e palavras, mesmo inconscientes e involuntários, sempre destinam nossas vidas para algum lugar.

A palavra destacada na frase acima está empregada com função e sentido diferentes em:

a) É comum que o mesmo homem que enuncia novos propósitos logo renuncie a eles.
b) Não me submeto ao destino, mesmo quando intimidado pelos fatos.
c) Mesmo submetido a fortes pressões, ele não hesita em abrir caminhos.
d) Mesmo sabendo que não serão cumpridos, vivemos formulando novos propósitos.
e) Crê na mão que conduz o destino mesmo quem reconhece que isso leva à extrema passividade.

5. Numa outra redação de um segmento do 5o parágrafo do texto, estará correta e coerente com o sentido original a seguinte construção:

Sem nossa história e nosso passado, não teríamos

a) de onde prover, nem aonde nos inclinarmos.

b) por onde começar, nem espaço para nos expandirmos.
c) aonde começar, nem aonde alcançarmos projeção.
d) por onde provermos, nem lugar aonde nos fixarmos.
e) onde dar início, nem aonde progredirmos.

6. Ser livre é tomar a iniciativa de principiar novas possibilidades. Desamarrar. Abrir novos tempos.

No trecho acima, entende-se que Desamarrar e Abrir novos tempos exercem a mesma função sintática de
a) a iniciativa de principiar.
b) tomar a iniciativa.
c) ser livre.
d) de principiar novas possibilidades.
e) novas possibilidades.

7. Está correto o emprego de ambos os elementos destacados na frase:

a) Aquele que deseja cumprir novos propósitos não podem faltar iniciativas em que levem a alguma ação.
b) O passado, em cujo nos moldamos, é como a argila, à qual forma os bonecos se submetem.
c) A trama do destino, em que tantos atribuem o peso da fatalidade, esvaziaria qualquer iniciativa de que viéssemos a tomar.
d) A capacidade de escolher, da qual muitos identificam o livre-arbítrio, não tem a mesma relevância com que se reveste a iniciativa de uma ação.
e) Os mesmos fatos do passado a que estamos atrelados podem nos incitar a um recomeço, de que sempre temos tanta necessidade.

8. Formular propósitos? Quem apenas formula propósitos, quem atribui aos propósitos uma força mágica e não encaminha os propósitos para uma ação imediata, não recomeça nada, de fato.

Evitam-se as abusivas repetições do texto acima substituindo-se os elementos destacados, na ordem dada, por:
a) formula-os — os atribui — encaminha-lhes
b) os formula — os atribui — os encaminha
c) os formula — lhes atribui — os encaminha
d) lhes formula — lhes atribui — encaminha-os
e) formula-os — lhes atribui — lhes encaminha

9. Estão corretos o emprego e a grafia de todas as palavras em:

a) A inverossimilhança dos nossos enfáticos propósitos de Ano-Novo constitui uma prova de que, via de regra, somos uns inconsequentes.
b) Há quem formule com tanta desfaçateza seus propósitos de Ano Novo que acaba provocando em todos um mixto de irrisão e pena.
c) Não há porquê imaginar que nos baste divizar imagens do futuro para que elas venham a se tornar uma inextricável realidade.
d) O dilema que constitue nosso desejo de liberdade diante de amarras entrincadas está

diretamente associado à questão da liberdade.

e) É prazeirosa a experiência de quem formula propósitos e promove ações que vão de encontro aos mesmos.

10. O elemento sublinhado tem valor causal em:

a) Os propósitos nos devolvem a autoria da vida.
b) Liberdade seria, portanto, sinônimo de decisão.
c) Talvez seja isso que torna tão difícil cumprir propósitos de Ano-Novo.
d) Sem história e sem passado, quem seríamos?
e) Somos livres quando, ao agir, recomeçamos.

Gabarito da Prova Simulada 29

1-e, 2-a, 3-e, 4-a, 5-b, 6-b, 7-e, 8-c, 9-a, 10-e.

Prova Simulada 30

Atenção: As questões de números 1 a 10 referem-se ao texto que segue.

No coração do progresso

Há séculos a civilização ocidental vem correndo atrás de tudo o que classifica como progresso. Essa palavra mágica aplica-se tanto à invenção do aeroplano ou à descoberta do DNA como à promoção do papai no novo emprego. “Estou fazendo progressos”, diz a titia, quando enfim acerta a mão numa velha receita. Mas quero chegar logo ao ponto, e convidar o leitor a refletir sobre o sentido dessa palavra, que sempre pareceu abrir todas as portas para uma vida melhor.

Quando, muitos anos atrás, num daqueles documentários de cinema, via-se uma floresta sendo derrubada para dar lugar a algum empreendimento, ninguém tinha dúvida em dizer ou pensar: é o progresso. Uma represa monumental era progresso. Cada novo produto químico era um progresso. As coisas não mudaram tanto: continuamos a usar indiscriminadamente a palavrinha mágica. Mas não deixaram de mudar um pouco: desde que a Ecologia saiu das academias, divulgou-se, popularizou-se e tornou-se, efetivamente, um conjunto de iniciativas em favor da preservação ambiental e da melhoria das condições da vida em nosso pequenino planeta.

Para isso, foi preciso determinar muito bem o sentido de progresso. Do ponto de vista material, considera-se ganho humano apenas aquilo que concorre para equilibrar a ação transformadora do homem sobre a natureza e a integridade da vida natural. Desenvolvimento, sim, mas sustentável: o adjetivo exprime uma condição, para cercear as iniciativas predatórias. Cada novidade tecnológica há de ser investigada quanto a seus efeitos sobre o homem e o meio em que vive. Cada intervenção na natureza há de adequar-se a um planejamento que considere a qualidade e a extensão dos efeitos.

Em suma: já está ocorrendo, há algum tempo, uma avaliação ética e política de todas as formas de progresso que afetam nossa relação com o mundo e, portanto, a qualidade da nossa vida. Não é pouco, mas ainda não é suficiente. Aos cientistas, aos administradores, aos empresários, aos industriais e a todos nós — cidadãos comuns — cabe a tarefa cotidiana de zelarmos por nossas ações que inflectem sobre qualquer aspecto da qualidade de vida. A tarefa começa em nossa casa, em nossa cozinha e banheiro, em nosso quintal e jardim — e

se estende à preocupação com a rua, com o bairro, com a cidade. “Meu coração não é maior do que o mundo”, dizia o poeta. Mas um mundo que merece a atenção do nosso coração e da nossa inteligência é, certamente, melhor do que este em que estamos vivendo.

Não custa interrogar, a cada vez que alguém diz progresso, o sentido preciso — talvez oculto — da palavra mágica empregada.

(Alaor Adauto de Mello)

1. Centraliza-se, no texto, uma concepção de progresso, segundo a qual este deve ser

a) equacionado como uma forma de equilíbrio entre as atividades humanas e o respeito ao mundo natural.
b) identificado como aprimoramento tecnológico que resulte em atividade economicamente viável.
c) caracterizado como uma atividade que redunde em maiores lucros para todos os indivíduos de uma comunidade.
d) definido como um atributo da natureza que induz os homens a aproveitarem apenas o que é oferecido em sua forma natural.
e) aceito como um processo civilizatório que implique melhor distribuição de renda entre todos os agentes dos setores produtivos.

2. Considere as seguintes afirmações:

I. A banalização do uso da palavra progresso é uma consequência do fato de que a Ecologia deixou de ser um assunto acadêmico.

II. A expressão desenvolvimento sustentável pressupõe que haja formas de desenvolvimento nocivas e predatórias.

III. Entende o autor do texto que a magia da palavra progresso advém do uso consciente e responsável que a maioria das pessoas vem fazendo dela.

Em relação ao texto está correto APENAS o que se afirma em

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) II e III.

3. ... desde que a Ecologia saiu das academias, divulgou-se, popularizou-se e tornou-se, efetivamente, um conjunto de iniciativas em favor da preservação ambiental e da melhoria das condições da vida em nosso pequenino planeta.

De acordo com a afirmação acima,

a) a perda de estatuto científico da Ecologia propiciou a popularização de seus princípios e trouxe maiores benefícios para todos.
b) a melhoria nas condições de vida do nosso planeta popularizou as teses científicas defendidas no âmbito da Ecologia.
c) a Ecologia só foi reconhecida como ciência a partir do momento em que se popularizou o sentido da palavra progresso.
d) as iniciativas que redundaram na melhoria da relação entre o homem e o meio advieram da

prática de fundamentos da Ecologia.
e) as iniciativas em favor da preservação ambiental acabaram por retirar a Ecologia dos currículos acadêmicos mais elitistas e conservadores.

4. Cada intervenção na natureza há de adequar-se a um planejamento pelo qual se garanta que a qualidade da vida seja preservada.

Os tempos e os modos verbais da frase acima continuarão corretamente articulados caso se substituam as formas sublinhadas, na ordem em que surgem, por
a) houve — garantiria — é
b) haveria — garantiu — teria sido
c) haveria — garantisse — fosse
d) haverá — garantisse — e
e) havia — garantiu — é

5. A frase que NÃO admite transposição para a voz passiva é:
a) Essa palavra sempre teria aberto as portas de uma vida melhor.
b) Continuamos a usar indiscriminadamente a palavrinha mágica.
c) O adjetivo sustentável exprime uma condição para desenvolvimento.
d) Cabe aos cientistas e a todos nós zelar pela qualidade da vida.
e) Sempre se deverá avaliar o sentido preciso dessa palavra mágica.

6. As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na frase:
a) Já faz muitos séculos que se vêm atribuindo à palavra progresso algumas conotações mágicas.
b) Deve-se ao fato de usarmos muitas palavras sem conhecer seu sentido real muitos equívocos ideológicos.
c) Muitas coisas a que associamos o sentido de progresso não chega a representarem, de fato, qualquer avanço significativo.
d) Se muitas novidades tecnológicas houvesse de ser investigadas a fundo, veríamos que são irrelevantes para a melhoria da vida.
e) Começam pelas preocupações com nossa casa, com nossa rua, com nossa cidade a tarefa de zelarmos por uma boa qualidade da vida.

7. Está correto o emprego de ambas as expressões sublinhadas na frase:
a) De tudo aquilo que classificamos como progresso costumamos atribuir o sentido de um tipo de ganho ao qual não queremos abrir mão.
b) É preferível deixar intacta a mata selvagem do que destruí-la em nome de um benefício em que quase ninguém desfrutará.
c) A titia, cuja a mão enfim acertou numa velha receita, não hesitou em ver como *progresso* a operação à qual foi bem sucedida.
d) A precisão da qual se pretende identificar o sentido de uma palavra depende muito do valor de contexto a que lhe atribuímos.
e) As inovações tecnológicas de cujo benefício todos se aproveitam representam, efetivamente, o avanço a que se costuma chamar progresso.

8. A frase em que ocorre uma relação de causa e consequência é:
a) Já está ocorrendo, há algum tempo, uma avaliação ética e política de todas as formas de

progresso.
b) Viam-se florestas sendo derrubadas sem qualquer justificativa minimamente aceitável.
c) Popularizaram-se, desde que a Ecologia saiu das academias, muitas medidas em favor da preservação ambiental.
d) A tarefa começa em nosso pequeno mundo, em nossos arredores, ao contrário dos que acham que só as grandes intervenções têm sentido.
e) O último apelo do autor do texto é que avaliemos bem o sentido da palavra progresso a cada vez que a empregarmos.

9. Está clara e correta a redação da seguinte frase:

a) Caso não se determine bem o sentido da palavra progresso, pois que é usada indiscriminadamente, ainda assim se faria necessário que reflitamos sobre seu verdadeiro sentido.
b) Ao dizer o poeta que seu coração não é maior do que o mundo, devemos nos inspirar para que se estabeleça entre este e o nosso coração os compromissos que se reflitam numa vida melhor.
c) Nada é desprezível no espaço do mundo, que não mereça nossa atenção quanto ao fato de que sejamos responsáveis por sua melhoria, seja o nosso quintal, nossa rua, enfim, onde se esteja.
d) Todo desenvolvimento definido como sustentável exige, para fazer jus a esse adjetivo, cuidados especiais com o meio ambiente, para que não venham a ser nocivos seus efeitos imediatos ou futuros.
e) Tem muita ciência que, se saísse das limitações acadêmicas, acabariam por se revelarem mais úteis e mais populares, em vista da Ecologia, cujas consequências se sente mesmo no âmbito da vida prática.

10. Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:

a) Toda vez que é pronunciada, a palavra progresso, parece abrir a porta para um mundo, mágico de prosperidade garantida.
b) Por mínimas que pareçam, há providências inadiáveis, ações aparentemente irrisórias, cuja execução cotidiana é, no entanto, importantíssima.
c) O prestígio da palavra progresso, deve-se em grande parte ao modo irrefletido, com que usamos e abusamos, dessa palavrinha mágica.
d) Ainda que traga muitos benefícios, a construção de enormes represas, costuma trazer também uma série de consequências ambientais que, nem sempre, foram avaliadas.
e) Não há dúvida, de que o autor do texto aderiu a teses ambientalistas segundo as quais, o conceito de progresso está sujeito a uma permanente avaliação.

Gabarito da Prova Simulada 30

1-a, 2-b, 3-d, 4-c, 5-d, 6-a, 7-e, 8-c, 9-d, 10-b.

Prova Simulada 31

Atenção: As questões de números 1 a 8 baseiam-se no texto apresentado abaixo.

A cultura, e consequente organização social, política e econômica dominante na sociedade contemporânea, ainda é aquela que começou a nascer no século XVI, quando um conjunto de inovações tecnológicas num contexto histórico favorável contribuiu para o início do enterro do

Antigo Regime, no qual a Terra estava no centro do universo, a ordem social era imutável e a Igreja junto com o poder absolutista tinha o monopólio da informação.

A prensa de Gutenberg estava entre as inovações tecnológicas que contribuíram para a ascensão do mundo burguês. E os seus principais produtos — o livro e o jornal — foram entendidos durante muitos anos pela ordem dominante como ferramentas subversivas. Esta subversão gestou e gerou o mundo em que vivemos. Um mundo onde a iniquidade social ainda incomoda e assusta, mas no qual todas as barreiras para a geração de riqueza e de conhecimento foram derrubadas, num processo que também gerou a onda de inovação que estamos vivendo e a possibilidade de darmos o próximo salto.

Não é função da indústria pensar a educação. A missão de qualquer empresa é lutar com todas as suas forças para crescer e se perpetuar. Mesmo quando isso vai de encontro aos interesses da comunidade em que ela está inserida. Ela jamais poderá pensar com a devida isenção numa plataforma de serviços focada em educação.

Por isso mesmo, nenhum representante da indústria de tecnologia poderia ter sido pioneiro num projeto de educação fundamentado nas profundas e dramáticas mudanças que a cibernética tem trazido para as nossas vidas.

(Trecho do artigo do jornalista Rodrigo Lara Mesquita, *O Estado de S. Paulo*, A2, 04.05.2007)

1. É correto inferir do texto que seu autor,

a) como jornalista que é, questiona a importância do livro e do jornal no mundo contemporâneo, como instrumentos essenciais para a divulgação do conhecimento.
b) ao apontar a importância de algumas inovações tecnológicas do mundo moderno, reconhece a importância da cibernética para os projetos educacionais.
c) pensando em um projeto de educação eficaz, afasta qualquer possibilidade de envolvimento de empresas, a despeito do interesse que elas possam demonstrar.
d) ao reconhecer a inoperância do empresariado, especialmente na área da cibernética, ignora o impacto que essa tecnologia poderia causar em um projeto educacional.
e) como defensor do desenvolvimento tecnológico, propõe uma educação voltada especificamente para a indústria da informática, base da integração social.

2. E os seus principais produtos — o livro e o jornal — foram entendidos durante muitos anos pela ordem dominante como ferramentas subversivas (2º parágrafo).

É correto afirmar, a respeito da expressão grifada acima, que o livro e o jornal

a) eram temidos em razão da possibilidade de disseminação de conhecimentos antes reservados e restritos a uma classe privilegiada.
b) representavam o pensamento e, portanto, o modo de vida da época, com os valores de uma classe ascendente, a burguesia.
c) eram utilizados pela classe dominante para divulgarem as novidades que surgiam, no contexto histórico daquele momento.
d) deram início a uma série de inovações tecnológicas que possibilitaram o avanço social e econômico durante o século XVI.
e) foram e ainda permanecem como símbolos das desigualdades sociais, especialmente decorrentes da incapacidade de leitura no mundo contemporâneo.

3. O segmento que se encontra transcrito com outras palavras, mas com o mesmo

sentido original é:

a) num contexto histórico favorável = com todas as facilidades existentes.
b) tinha o monopólio da informação = mantinha-se bem informada.
c) onde a iniquidade social ainda incomoda e assusta = onde não se estabeleceu a igualdade social.
d) que também gerou a onda de inovação = que deu início a transformações inovadoras.
e) quando isso vai de encontro aos interesses da comunidade = quando atende aos interesses do meio social.

4. Está INCORRETA a afirmação que se faz a respeito dos parágrafos do texto:

a) O 1º parágrafo traça, de maneira rápida e sintética, um painel histórico e cultural existente numa determinada época.
b) Observa-se, especialmente no 2º parágrafo, o emprego de palavras que adquirem sentido particular, percebido no contexto em que se encontram.
c) O 3º parágrafo constitui, em síntese, um argumento que justifica a opinião que vem exposta no 4º parágrafo.
d) A articulação sintático-semântica que se estabelece entre o 3º e o 4º parágrafos é de causa e consequência.
e) No 4º parágrafo o autor defende a ideia de que a indústria se torne responsável também por projetos educacionais voltados para o desenvolvimento social.

5. A forma verbal singular que também poderia ter sido empregada corretamente no plural está destacada na frase

a) ... a ordem social era imutável...
b) ... e a Igreja junto com o poder absolutista tinha o monopólio da informação.
c) ... num processo que também gerou a onda de inovação...
d) ... quando isso vai de encontro aos interesses da comunidade...
e) ... em que ela está inserida.

6. Não é função da indústria pensar a educação (início do 3º parágrafo).

A função sintática da oração destacada acima é a mesma do termo, também grifado, na frase:

a) ... no qual a Terra estava no centro do universo...
b) ... que contribuíram para a ascensão do mundo burguês.
c) ... num processo que também gerou a onda de inovação...
d) ... e a possibilidade de darmos o próximo salto.
e) ... nenhum representante da indústria de tecnologia poderia ter sido pioneiro...

7. A concordância está inteiramente correta na frase:

a) Os efeitos do uso do computador na educação cresce exponencialmente ao se ultrapassar as fronteiras da escola, criando-se novas formas de interesse.
b) Viagens virtuais simuladas em computador torna possível às crianças sobrevoar regiões distantes do planeta e perceber o interior de uma célula em detalhes microscópicos.
c) Quando bem usados, os computadores têm contribuído de forma decisiva para despertar o interesse pela leitura, com a inclusão de imagens animadas e de recursos sonoros nos livros digitais.
d) O efeito revolucionário do uso de computadores nas salas de aula tornaram-no essenciais

em projetos de pesquisas que busca ultrapassar as fronteiras geográficas, reduzindo as distâncias.

e) Com os computadores em rede, as etapas de uma experiência de física pode ser dividida e também é possível longos debates sobre assuntos diversificados.

8. Ninguém, em sã consciência, negará o fato.

A computação e a conectividade estarão a cada dia mais presentes na educação.

Acredita-se que a tecnologia fornece novas janelas potenciais para a aprendizagem e o desenvolvimento do indivíduo.

Será necessário viabilizar projetos de inclusão digital nas escolas.

O processo de coesão entre as frases acima, articulando-as corretamente em um único período, deverá ocorrer da seguinte maneira:

a) Ninguém, em sã consciência, negará o fato onde a computação e a conectividade estarão a cada dia mais presentes na educação, à proporção que se acredita de que a tecnologia fornece novas janelas potenciais para a aprendizagem e o desenvolvimento do indivíduo, será necessário viabilizar projetos de inclusão digital nas escolas.

b) Ninguém, em sã consciência, negará o fato que a computação e a conectividade estarão a cada dia mais presentes na educação, enquanto que se acredita que a tecnologia fornece novas janelas potenciais para a aprendizagem e o desenvolvimento do indivíduo, onde será necessário viabilizar projetos de inclusão digital nas escolas.

c) Ninguém, em sã consciência, negará o fato, o qual a computação e a conectividade estarão a cada dia mais presentes na educação caso se acredita-se que a tecnologia fornece novas janelas potenciais para a aprendizagem e o desenvolvimento do indivíduo, sendo que será necessário viabilizar projetos de inclusão digital nas escolas.

d) Ninguém, em sã consciência, negará o fato de que a computação e a conectividade estarão a cada dia mais presentes na educação e, se se acredita que a tecnologia fornece novas janelas potenciais para a aprendizagem e o desenvolvimento do indivíduo, será necessário viabilizar projetos de inclusão digital nas escolas.

e) Ninguém, em sã consciência, negará o fato que a computação e a conectividade estarão a cada dia mais presentes na educação, já que se acredita-se que a tecnologia fornece novas janelas potenciais para a aprendizagem e o desenvolvimento do indivíduo, onde será necessário viabilizar projetos de inclusão digital nas escolas.

9. Para uns, o objeto final, a mira de todo esforço, o ponto de chegada assume relevância tão capital...

O verbo está flexionado no singular porque

a) houve um deslize em relação ao que dispõe a norma culta.

b) pode ocorrer concordância com o predicativo do sujeito, que está no singular.

c) se excluíram os dois termos anteriores, que apresentam sentido de oposição entre si.

d) os termos que constituem o sujeito formam uma série de expressões de sentido equivalente.

e) um só termo pode sintetizar toda a frase, embora não esteja explícito no contexto.

10. Vive dos espaços ilimitados, dos projetos vastos, dos horizontes distantes.

O mesmo tipo de exigência quanto ao complemento do verbo grifado acima está na frase:

a) ... que enxerga primeiro a dificuldade a vencer...
b) ... mede todas as possibilidades de esperdício...
c) ... que sente ânimo de praticar...
d) ... terá por imorais e detestáveis as qualidades próprias do aventureiro...
e) ... coube ao espírito do trabalho (...) papel muito limitado, quase nulo.

Gabarito da Prova Simulada 31

1-b, 2-a, 3-d, 4-e, 5-b, 6-a, 7-c, 8-d, 9-d, 10-e.

Prova Simulada 32

Atenção: As questões de números 1 a 10 referem-se ao texto seguinte.

A agressividade de todos nós

Todos temos, em algum grau, tendência para comportamentos agressivos. Se os números mostram o quanto são raras as doenças que levam à agressividade extrema, os neurocientistas apresentam uma teoria estatisticamente muito mais provável para o desencadeamento da violência em pessoas aparentemente normais. Segundo o neurologista Renato Sabbatini, da Universidade Estadual de Campinas, cerca de dois terços do aprendizado humano derivam da interação social. “O cérebro nada mais é que um processador de dados que, por meio de comparações e identificações, assimila e adapta as atitudes repetidas no meio em que vivemos”, afirma. Ou seja: uma cena vista com muita frequência, desde pequeno, leva a concluir que isso é certo, independentemente de a cena ser seu pai cometendo um delito ou sua mãe cuidando de crianças carentes.

Renato explica, no entanto, que esse arcabouço de memória é colocado em xeque cada vez que somos confrontados com uma situação nova, desconfortável ou potencialmente perigosa. “Todos nós temos a violência entre o rol de respostas disponíveis em nosso banco de dados. Faz parte do nosso instinto de autopreservação. Diante de uma ofensa acionamos uma luta entre os estímulos que nos levam à agressão e as travas que detêm esses impulsos. São travas morais, éticas, afetivas e racionais. O importante é saber qual estímulo é capaz de ativar esse comportamento”, diz. A educação moral e os valores em que acreditamos podem conter esses rompantes. A afetividade também.

A pressão do grupo social em que o indivíduo vive é outro fator importante para desempatar essa guerra interna de nervos. A necessidade de aceitação coletiva é muito mais efetiva nas decisões individuais do que imaginamos e pode, em situações-limite, predominar sobre qualquer mecanismo cerebral. Há essa necessidade primitiva, nos seres humanos, de serem aceitos pelos outros e se sentirem pertencentes a um grupo. Isso é tão essencial quanto alimentar-se, matar a sede ou dormir.

(Adaptado de Tatiana Bonumá, *Super Interessante*, edição 184, p. 589.
São Paulo: Abril, janeiro de 2003)

1. O texto justifica a nossa tendência para comportamentos agressivos com o argumento de que

a) nossas funções cerebrais desconhecem padrões ou modelos de conduta.
b) nossas decisões partem da importância absoluta que nos damos como indivíduos.
c) nossas respostas instintivas de autopreservação podem ser violentas.

d) o meio em que vivemos ensina-nos a violência mascarada pela afetividade.
e) o meio em que vivemos não tem força para conter nossos instintos primitivos.

2. Considerando-se o contexto, traduz-se corretamente o sentido de uma frase ou expressão do texto em:

a) derivam da interação social = têm precedência sobre as relações sociais
b) arcabouço da memória = estrutura das funções mnemônicas
c) potencialmente perigosa = imaginariamente hostil
d) rol de respostas disponíveis = simulação de reações possíveis
e) podem conter esses rompantes = têm como franquear tais instintos

3. Estão plenamente respeitadas as normas de concordância verbal na frase:

a) Toda cena que vemos repetir-se várias vezes, como observadores atentos e sistemáticos, podem conduzir-nos a uma espécie de aprendizado instintivo.
b) São múltiplas e variadas as respostas de que dispõem cada um dos seres humanos para os mais diferentes estímulos.
c) Não houvéssemos de considerar a pressão dos instintos e impulsos de autopreservação, talvez não nos deixássemos levar pelas reações súbitas e violentas.
d) Não houvessem respostas instintivas e violentas armazenadas em nossa memória, teríamos mais tempo para ponderar nossas decisões.
e) Aos seres humanos não competem decidir, inteira e racionalmente, acerca do tipo de resposta que devem dar a um estímulo.

4. NÃO admite transposição para a voz passiva a construção do seguinte segmento:

a) os neurocientistas apresentam uma teoria.
b) seu pai cometendo um delito.
c) podem conter esses rompantes.
d) há essa necessidade primitiva nos seres humanos.
e) acionamos uma luta.

5. Está correto o emprego da expressão sublinhada na frase:

a) São variadas as reações agressivas de que nos induzem nossos impulsos de autopreservação.
b) A necessidade de aceitação coletiva, de cuja somos bastante carentes, é uma das travas da nossa agressividade.
c) Por vezes, a agressividade com que nos permitimos é tamanha que chegamos a não nos reconhecer em nossa reação.
d) Não fossem os limites aos quais nos impõem as travas sociais, seríamos ainda mais violentos em nossas reações.
e) Nem sempre os valores com cuja força contamos podem ser decisivos para a orientação dos nossos atos.

6. Está clara e correta a redação do seguinte comentário sobre o texto:

a) Da leitura desse texto deprende-se quanto pode ser feroz a batalha entre a força dos instintos e nossa tentativa de controlar essa força que advem deles.
b) A afetividade não é um elemento inóquo, pois ela entra como um controlador à medida em que é eficaz em relação as forças que nos levam a dar vazão aos nossos instintos.

c) Segundo as considerações do neurologista, devem-se atribuir aos meios de interação social alguma parcela de responsabilidade ao controle de nossas agressões.
d) A cada momento onde nos deparamos diante de uma situação nova, nossa incapacidade de responder imediatamente traz o risco de sermos hostis aos nossos semelhantes.
e) Assusta-nos admitir que o cérebro não é mais que um processador de dados, embora dependa também dele o armazenamento das travas que detêm nossos piores impulsos.

7. A educação moral e os valores em que acreditamos podem conter esses rompantes.

Preserva-se o sentido da afirmação acima, numa outra redação correta e coerente, na frase:
a) Esses impulsos podem ser contidos pela educação moral e pelos valores a que damos fé.
b) Tais repentes podem ser preservados com a educação moral e com os valores que nós acreditamos.
c) Esses gestos bruscos podem administrar-se pela educação moral e pelos valores que nos persignamos.
d) Tais repentes podem ser estancados graças à educação moral como aos valores em que perseguimos.
e) Esses impulsos podem ser aparados mediante à educação moral e os valores em que temos crença.

8. Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:

a) Comportamentos agressivos fazem parte da nossa natureza, como também faz parte dela a criação de certos mecanismos que, aqui e ali, detêm nossos impulsos.
b) Tanto a afetividade, quanto a moral e a razão constituem aqueles controladores, que nos impedem quase sempre de chegarmos aos atos de exacerbada violência.
c) Se a violência está efetivamente, entre as respostas estocadas em nosso cérebro, o máximo que podemos fazer, não é eliminá-la, mas controlá-la.
d) Não há dúvida, de que seríamos mais violentos caso não nos regulasse a aprovação, que necessitamos reconhecer do grupo social a que pertencemos.
e) Como processador de dados, que é o cérebro, não discrimina valores pois, apenas acaba repetindo padrões de comportamento assimilados em nossa experiência.

9. Todos os verbos estão corretamente flexionados na frase:

a) Estará se enganando quem supor que contém plenamente seus piores impulsos.
b) Proveem de seu passado essa irritabilidade e essa agressividade que o caracterizam.
c) Se ele conseguir freiar seus repentes de fúria, sentir-nos-emos aliviados.
d) Todos nós conviemos em que seria aconselhável que ele detivesse sua fúria.
e) Uma vez que eles não reteram seus impulsos, notificá-los-emos judicialmente.

10. O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se obrigatoriamente numa forma do plural para preencher com correção a lacuna da frase:

a) É nas travas morais, éticas e racionais que se _____ (encontrar) o que pode deter nossos impulsos mais violentos.
b) É melhor que se _____ (admitir) nossas inclinações violentas; pior seria qualquer tentativa de camuflá-las.
c) Às pressões do grupo social _____ (responder) todo o nosso esforço para sermos aceitos.

d) Não _____ (caber) às funções cerebrais estabelecer a distinção entre o que é justo e o que é injusto.
e) Todas as vezes que se _____ (buscar) impor limite aos impulsos violentos, a resposta primeira é a de uma violência ainda maior.

Gabarito da Prova Simulada 32

1-c, 2-b, 3-c, 4-d, 5-e, 6-e, 7-a, 8-a, 9-d, 10-b.

Prova Simulada 33

Atenção: As questões de números 1 a 10 baseiam-se no texto apresentado abaixo.

Liberdade minha, liberdade tua

Uma professora do meu tempo de ensino médio, a propósito de qualquer ato de indisciplina ocorrido em suas aulas, invocava a sabedoria da frase "A liberdade de um termina onde começa a do outro". Servia-se dessa velha máxima para nos lembrar limites de comportamento. Com o passar do tempo, esqueci-me de muita coisa da História que ela nos ensinava, mas jamais dessa frase, que naquela época me soava, ao mesmo tempo, justa e antipática. Adolescentes não costumam prezar limites, e a ideia de que a nossa (isto é, a minha...) liberdade termina em algum lugar me parecia inaceitável. Mas eu também me dava conta de que poderia invocar a mesma frase para defender aguerridamente o meu espaço, quando ameaçado pelo outro, e isso a tornava bastante justa... Por vezes invocamos a universalidade de um princípio por razões inteiramente egoístas.

Confesso que continuo achando a frase algo perturbadora, provavelmente pelo pressuposto que ela encerra: o de que os espaços da liberdade individual estejam distribuídos e demarcados de forma inteiramente justa. Para dizer sem meias palavras: desconfio do postulado de que todos sejamos igualmente livres, ou de que todos dispomos dos mesmos meios para defender nossa liberdade. Ele parece traduzir muito mais a aspiração de um ideal do que as efetivas práticas sociais. O egoísmo do adolescente é um mal dessa idade ou, no fundo, subsiste como um atributo de todas?

Acredito que uma das lutas mais ingentes da civilização humana é a que se desenvolve, permanentemente, contra os impulsos do egoísmo humano. A lei da sobrevivência na selva — lei do instinto mais primitivo — tem voz forte e procura resistir aos dispositivos sociais que buscam controlá-la. Naquelas aulas de História, nossa professora, para controlar a energia desbordante dos jovens alunos, demarcava seu espaço de educadora e combatia a expansão do nosso território anárquico. Estava ministrando-nos na prática, ao lembrar os limites da liberdade, uma aula sobre o mais crucial desafio da civilização.

(Valdeci Aguirra, inédito)

1. A frase invocada nas aulas de História constitui o centro das presentes reflexões do autor do texto, que a explora, fundamentalmente, como expressão

a) da dificuldade que aflige os adolescentes, quando tentam justificar seu egoísmo alegando os mais nobres princípios.
b) da ambiguidade medular dos processos históricos, representada na indecisão entre a escolha da liberdade ou da justiça.
c) das atribulações que todo professor bem intencionado precisa enfrentar, diante de jovens

rebeldes e problemáticos.
d) dos impasses que a civilização provoca, ao pretender conciliar a fragilidade dos instintos e o sentimento da liberdade.
e) da histórica batalha que se trava entre os nossos impulsos mais primitivos e a necessária estruturação da ordem social.

2. Está clara e correta esta nova redação de uma frase do texto:
a) Com vistas ao controle de nossos ímpetos, ela se propunha debelar-se contra o nosso insipiente anarquismo.
b) Ela atribuía o sentido da velha frase ao propósito de refrear nossos atos de fraglante indisciplina.
c) Ao ouvir aquela frase, que nunca mais me esqueci, soava-me a um só tempo tão justa quanto antipática.
d) O que essa frase me causa espécie está na pressuposição de haver nela uma justa distribuição dos espaços de liberdade.
e) Afirmo, sem tergiversar: custa-me crer que disponhamos todos dos mesmos meios para preservar nossa liberdade.

3. Considerando-se o sentido geral e conclusivo do texto, o título Liberdade minha, liberdade tua tem significação equivalente à da seguinte formulação:
a) Nossas liberdades exercem-se paralelamente.
b) Minha liberdade nada tem a ver com a tua.
c) A minha e a tua liberdade devem conciliar-se.
d) A tua e a minha liberdade são essencialmente a mesma.
e) Tua liberdade acaba por eliminar a minha.

4. Atente para as afirmações abaixo.

I. No primeiro parágrafo, a última frase expressa uma verdade geral que se depreendeu da análise de uma situação particular.

II. No segundo parágrafo, a perturbação confessada pelo autor do texto advém do reconhecimento de que todos os adolescentes são egoístas.

III. No terceiro parágrafo, a lei do mais forte é invocada para explicar por que idealizamos os nossos mais primitivos instintos.

Em relação ao texto, está correto APENAS o que se afirma em
a) I.
b) II e III.
c) I e II.
d) III.
e) II.

5. Os dois casos de emprego de reticências, no primeiro parágrafo, têm em comum o fato de servirem a um enunciado
a) que conclui a lógica da argumentação em curso.
b) independente e sem consecução lógica.
c) cuja intenção é expressar uma ironia.
d) que ratifica a afirmação imediatamente anterior.

e) sem conexão lógica com a afirmação anterior.

6. Considerando-se o contexto, a alternativa em que NÃO se traduz com equivalência de sentido uma expressão do texto é:

a) resistir aos dispositivos sociais (3º parágrafo) = sublevar as imposturas da sociedade.
b) Servia-se dessa velha máxima (1º parágrafo) = recorria a esse antigo adágio.
c) para defender aguerridamente (1º parágrafo) = a fim de resguardar com denodo.
d) desconfio do postulado (2º parágrafo) = suspeito da premissa.
e) subsiste como um atributo (2º parágrafo) = remanesce como uma característica.

7. Atente para as frases abaixo.

I. Todos queremos defender nossa liberdade, tornar-lhe imune a qualquer restrição, proclamar-lhe aos quatro ventos.

II. Sim, o egoísmo é uma inclinação natural, mas acatar-lhe é curvar-se a um instinto primitivo; cumpre, a todo custo, restringi-lo a violência.

III. As palavras daquela frase ressoaram fortemente em nossa consciência arrogante, abalaram-na, retiraram-lhe o falso triunfalismo.

Está plenamente adequado o emprego de pronomes em

a) III, apenas.
b) I, II e III.
c) I e II, apenas.
d) II e III, apenas.
e) I e III, apenas.

8. No contexto, estabelecem entre si uma oposição de sentido os seguintes segmentos:

a) limites da liberdade e crucial desafio da civilização.
b) prezar limites e demarcava seu espaço.
c) aspiração de um ideal e efetivas práticas sociais.
d) energia desbordante e expansão do nosso território anárquico.
e) não costumam prezar limites e território anárquico.

9. O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se no plural para preencher corretamente a lacuna da frase:

a) Um desafio que aos homens sempre se ____ (impor), em razão dos seus impulsos egoístas, está em respeitar o espaço alheio.
b) ____ (costumar) seguir os nossos atos de indisciplina a invocação das sábias palavras daquela velha frase.
c) Entre os adolescentes não ____ (ser) de hábito respeitar os limites da liberdade individual.
d) A ninguém da classe ____ (deixar) de tocar, naquela época, seus alertas contra o nosso anarquismo.
e) Nas aulas em que ____ (caber) invocá-las, a professora repetia as palavras daquele velho ditado.

10. É preciso corrigir, por incoerente, a redação da seguinte frase:

a) A par das lições de História, a professora nos ministrava as de conduta, que acabaram por se revelar as mais duradouras.

b) A menos que se considere a realidade prática, nos ideais buscamos projetar os valores que a aperfeiçoariam.
c) Aquela frase sempre me pareceu perturbadora, conquanto tenham variado as razões para assim considerá-la.
d) Ainda que se considerem naturais certos impulsos egoístas, há que combatê-los e tentar superá-los.
e) Malgrado a tendência anárquica dos jovens, muitos se mostram receptivos à máxima que postula limites para a liberdade.

Gabarito da Prova Simulada 33

1-e, 2-e, 3-c, 4-a, 5-c, 6-a, 7-a, 8-c, 9-d, 10-b.

Prova Simulada 34

Atenção: As questões de números 1 a 6 baseiam-se no texto apresentado abaixo.

Legalidade e legitimidade

A legalidade funda-se em um forte conceito ético, que é a legitimidade. O poder que impõe a legalidade deve ser um poder legítimo. Modernamente, não se aceita mais a legalidade como conceito meramente formal. Para que a limitação à esfera individual seja válida, deve ser o poder que a impõe legítimo.

Os estados de regimes políticos autoritários possuem uma esfera de poder hipertrofiada em relação ao direito. Com isso, a legitimidade do poder torna-se questionável. As limitações impostas à liberdade, por conseguinte, não seriam éticas, legítimas e, portanto, o direito fundamental estaria sendo desrespeitado. O legalismo cego e formal pode tornar-se arma para referendar abuso de poder e restrição ilegítima às liberdades individuais. Percebe-se, então, que, a despeito de ser atualmente o direito fundamental de liberdade assegurado em documentos legais ao redor do mundo, existe uma conotação ética que lhe serve de razão última e principal.

A restrição à liberdade pela legalidade deve ser formalmente e materialmente válida: formalmente, quanto às regras preestabelecidas de formação, limites e conteúdo da lei; materialmente, quanto à legitimidade tanto das regras preestabelecidas quanto do poder que impõe as leis e que se encarrega de garantir seu cumprimento.

O conteúdo das leis é também fonte de considerações éticas. Pode uma lei ser formalmente válida e emanada de poder legítimo, e mesmo assim ser moralmente considerada inválida, enquanto limitadora do conteúdo das liberdades. Daí concluir-se que a legitimidade do poder não é suficiente para que a legalidade seja legítima; é necessário também que o conteúdo das leis seja expressão da soberania popular.

(Adaptado de Marco Aurélio Alves Adão, Procurador da República. Disponível em: <http://jus2.uol.com.dr/doutrina/texto.asp?id=19>)

1. Depreende-se da leitura do texto que a legalidade e a legitimidade
a) estabelecem entre si uma relação hipotética e meramente formal.
b) devem articular-se para estabelecer um forte conceito ético.
c) derivam de uma mesma fonte ética, razão pela qual é difícil distingui-las.
d) estabelecem entre si, na ordem dada, uma relação de causa e efeito.

e) devem articular-se de modo que a segunda embase a primeira.

2. O desenvolvimento do terceiro parágrafo se dá de modo a enfatizar

a) a subordinação do aspecto material ao aspecto formal.
b) o aspecto formalmente válido da restrição à liberdade.
c) o aspecto materialmente válido da restrição à liberdade.
d) a independência entre o aspecto formal e o material.
e) a equivalência de importância entre o aspecto formal e o material.

3. Os estados de regimes políticos autoritários possuem uma esfera de poder hipertrofiada em relação ao direito.

Na frase acima (2º parágrafo), afirma-se que

a) o autoritarismo próprio dos estados hipertrofia o poder político em face da esfera do direito.
b) a identificação de um estado autoritário se estabelece quando a hipertrofia da esfera da política implica a hipertrofia do campo do direito.
c) a esfera do direito, nos regimes políticos autoritários, resulta atrofiada em relação à do poder do estado.
d) a esfera do direito, nos regimes políticos autoritários, é parte da atrofia da esfera do poder estatal.
e) o poder abusivo do estado é a razão pela qual o direito é excluído dos regimes políticos autoritários.

4. Atente para as afirmações abaixo.

I. O legalismo, tomado em sentido estrito e puramente formal, pode vir a ser um dispositivo nocivo, inteiramente alheio aos princípios éticos.

II. É inadmissível que ocorram na esfera do direito, qualquer que seja a circunstância, restrições às liberdades individuais.

III. A legitimidade do poder é uma condição necessária e bastante para tornar o conteúdo das leis uma expressão da vontade popular.

Em relação ao texto, está correto APENAS o que se afirma em

a) II e III.
b) I e II.
c) III.
d) II.
e) I.

5. Está correta a seguinte observação sobre uma passagem do texto:

a) Em “e mesmo assim ser moralmente considerada inválida” (4º parágrafo), o elemento destacado pode ser substituído por e não obstante isso.
b) Em “Para que a limitação à esfera individual seja válida” (1º parágrafo), expressa-se a causa de uma consequência desejável.
c) Em “deve ser o poder que a impõe legítimo” (1º parágrafo), o termo destacado pode ser substituído por legitimamente.
d) Em “As limitações impostas à liberdade, por conseguinte, não seriam éticas” (2º parágrafo), a expressão destacada indica uma premissa.

e) Em “A restrição à liberdade pela legalidade deve ser formalmente e materialmente válida” (3º parágrafo), o termo destacado qualifica *liberdade*.

6. Está plenamente adequada a pontuação da frase:

a) Uma lei poderá ser, formalmente, mas não moralmente válida, no caso de vir a limitar em essência, o conteúdo da liberdade.
b) No caso de o conteúdo das leis, não expressar a soberania popular estará prejudicada a legitimidade do poder.
c) Torna-se questionável, a legitimidade do poder, quando ocorre uma hipertrofia: da esfera política em relação à do direito.
d) Não são éticas as limitações impostas à liberdade, quando, desrespeitado o direito fundamental, pela ação abusiva e autoritária do estado.
e) Pode o legalismo abstruso e formal tornar-se, eventualmente, uma arma, servindo de referendo para o abuso de poder ou para indevidas restrições.

Atenção: As questões de números 7 a 10 baseiam-se no texto apresentado abaixo.

Acerca de Montaigne

Montaigne, o influente filósofo francês do século *XVI*, foi um conservador, mas nada teve de rígido ou estreito, muito menos de dogmático. Por temperamento, foi bem o contrário de um revolucionário; certamente faltaram-lhe a fé e a energia de um homem de ação, o idealismo ardente e a vontade. Seu conservadorismo aproxima-se, sob certos aspectos, do que no século *XIX* viria a ser chamado de liberalismo.

Na concepção política de Montaigne, o indivíduo deve ser deixado livre dentro do quadro das leis, e a autoridade do Estado deve ser a mais leve possível. Para o filósofo, o melhor governo será o que menos se fizer sentir; assegurará a ordem pública sem invadir a vida privada e sem pretender orientar os espíritos. Montaigne não escolheu as instituições sob as quais viveu, mas resolveu respeitá-las, a elas obedecendo fielmente, como achava correto num bom cidadão e súdito leal. Que não lhe pedissem mais do que o exigido pelo equilíbrio da razão e pela clareza da consciência.

(Adaptado da introdução aos *Ensaios*, de Montaigne. Tradução de Sergio Milliet. São Paulo: Abril, Os Pensadores, 1972)

7. Há no primeiro parágrafo afirmações que induzem o leitor a identificar:

I. um conservador típico como alguém rígido, limitado e dogmático.
II. um revolucionário como alguém ativo, idealista, dotado de fé, energia e vontade.
III. um conservador do século XVI com um liberal do século XIX.

Completa corretamente o enunciado desta questão o que está em

a) I e III, apenas.
b) II, apenas.
c) I, II e III.
d) I e II, apenas.
e) II e III, apenas.

8. Quando o autor afirma que Montaigne foi bem o contrário de um revolucionário, está buscando destacar

a) a contribuição do pensador como um entusiasta da soberania do Estado.
b) o individualismo que norteou sua conduta e seu pensamento político.
c) o conservadorismo e o anacronismo do pensamento do filósofo.
d) a influência que o filósofo exerceu sobre as instituições da época.
e) a franca insurgência do pensador contra as tendências libertárias da época.

9. Na concepção política de Montaigne,

a) a ausência do Estado se justifica quando os ideais da vida privada são por si mesmos capazes de orientar a instância pública.
b) o governo, em sua disposição liberal, deve atuar como uma espécie de mentor ideológico da esfera individual.
c) o Estado, como instituição pública, deve adequar-se ao papel que lhe atribui a vontade soberana da população.
d) as leis que emanam do Estado devem ser respeitadas pelos cidadãos, em cuja vida privada ele evitará interferir.
e) os bons e leais cidadãos devem obediência às instituições, ainda que com sacrifício dos ditames da consciência e da racionalidade.

10. Está clara e correta a redação do seguinte comentário sobre o texto:

a) Montaigne pronuncia-se contra as restrições, quando as mesmas ocorrem na vida privada, com exigências contrárias à razão de sua consciência.
b) Como sugere o autor do texto, encontra-se em Montaigne raízes de um pensamento liberal, vindo a se constituir propriamente no século XIX.
c) Ainda quando não admitisse interferência do Estado na vida privada, de modo algo paradoxal, Montaigne obedecia lealmente a essas leis.
d) Se Montaigne não foi responsável pelas instituições vijentes, por outro lado também as acatava, como súdito bom e fiel que prezava ser.
e) O aspecto liberal do pensamento de Montaigne revela-se, sobretudo, quando defende a esfera individual e os valores da vida privada.

Gabarito da Prova Simulada 34

1-e, 2-e, 3-c, 4-e, 5-a, 6-e, 7-d, 8-b, 9-d, 10-e.

Prova Simulada 35

Atenção: As questões de números 1 a 10 baseiam-se no texto apresentado abaixo.

Sobre a efemeridade das mídias

Um congresso recente, em Veneza, dedicou-se à questão da efemeridade dos suportes de informação, desde a tábua de argila, o papiro e o pergaminho até o livro impresso e os atuais meios eletrônicos. O livro impresso, até agora, demonstrou que sobrevive bem por 500 anos, mas só quando se trata de livros feitos de papel de trapos. A partir de meados do século XIX, passou-se ao papel de polpa de madeira, e parece que este tem uma vida máxima de 70 anos (com efeito, basta consultar jornais ou livros dos anos de 1940 para ver como muitos se desfazem ao ser folheados). Há muito tempo se realizam estudos para salvar todos os livros que abarrotam nossas bibliotecas; uma das soluções mais adotadas é escanear todas as páginas e passá-las para um suporte eletrônico.

Mas aqui surge outro problema: todos os suportes para a transmissão e a conservação de informações, da foto ao filme, do disco à memória do computador, são mais perecíveis que o livro. As velhas fitas cassete com pouco tempo de uso se enrolavam todas, e saíam mascadas; as fitas de vídeo perdiam as cores e a definição com facilidade. Tivemos tempo suficiente para ver quanto podia durar um disco de vinil sem ficar riscado demais, mas não para verificar quanto dura um CD-ROM, que, saudado como a invenção que substituiria o livro, ameaça sair rapidamente do mercado, porque podemos acessar on-line os mesmos conteúdos por um custo menor. Sabemos que todos os suportes mecânicos, elétricos ou eletrônicos são rapidamente perecíveis, ou não sabemos quanto duram e provavelmente nunca chegaremos a saber. Basta um pico de tensão, um raio no jardim para desmagnetizar uma memória. Se houvesse um apagão bastante longo, não poderíamos usar nenhuma memória eletrônica.

Os suportes modernos parecem criados mais para a difusão do que para a conservação das informações. É possível que, dentro de alguns séculos, a única forma de ler notícias sobre o passado continue sendo a consulta a um velho e bom livro. Não, não sou um conservador reacionário. Gravei em disco rígido portátil de 250 *gigabytes* as maiores obras-primas da literatura universal. Mas estou feliz porque os livros continuam em minha biblioteca — uma garantia para quando os instrumentos eletrônicos entrarem em pane.

(Adaptado de Umberto Eco, UOL — Notícias, NYT, 26.04.2009)

1. É correto deduzir das afirmações do texto que

a) a confiabilidade de suportes simples pode superar a dos mais complexos.
b) a limitação da mídia eletrônica revela-se na transmissão de informações.
c) já houve tempo suficiente para se precisar a durabilidade do disco rígido.
d) a obsolescência de todos os suportes de informação tem a mesma causa.
e) os livros feitos de papel de trapo não resistem mais que cinco séculos.

2. Analisando diferentes mídias, o autor tem sua atenção voltada, sobretudo, para

a) o grau de obsolescência dos livros antigos, mormente os centenários.
b) a conservação dos livros, que se vem revelando cada vez mais precária.
c) o conservadorismo de quem rejeita os suportes modernos de informação.
d) a preservação das informações, quaisquer que sejam seus suportes.
e) a fidedignidade das informações que circulam em suportes eletrônicos.

3. Atente para as seguintes afirmações:

I. No primeiro parágrafo, afirma-se que vem sendo processada a cópia eletrônica de livros para preservar a massa de informações dos volumes que lotam nossas bibliotecas.

II. No segundo parágrafo, considera-se não apenas a efemeridade dos últimos suportes de mídia, mas também aspectos éticos envolvidos na transmissão de informações on-line.

III. No terceiro parágrafo, o autor sugere que informações impressas em livro estão mais seguras do que as que se veem processando em suportes mais avançados.

Está correto o que se afirma em

a) III, apenas.
b) II e III, apenas.
c) I, II e III.
d) I e II, apenas.

e) I e III, apenas.

4. O autor nega que seja um conservador reacionário — negativa que pode ser justificada atentando-se para o segmento

a) consulta a um velho e bom livro.
b) Gravei em disco rígido portátil.
c) mais para a difusão do que para a conservação das informações.
d) única forma de ler notícias sobre o passado.
e) os livros continuam em minha biblioteca.

5. Está adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase:

a) O autor nos lembra que as velhas fitas cassete, com o uso constante, enrolavam-se e mascavam-se, o que logo as tinha tornado obsoletas.
b) Caso fosse outro o tema do congresso realizado em Veneza, o autor, amante dos livros, provavelmente não o havia tomado para comentar.
c) Terá sido uma surpresa para muita gente inteirar-se do fato de que, antigamente, livros se confeccionarão com papel feito de trapos.
d) Talvez a ninguém ocorresse, antes de ler esse texto, que a durabilidade dos velhos livros pudesse ser reconhecidamente superior à dos novos suportes.
e) A cada vez que surge um novo suporte de informações, ter-se-ia a impressão de que ele se revelasse o mais seguro e mais duradouro.

6. Está clara e correta a redação do seguinte comentário sobre o texto:

a) Umberto Eco, reconhecido ensaísta italiano, dedica-se com frequência à analisar temas modernos, de cujo estudo muito tem colaborado.
b) Muita gente ignora o fato revelado pelo autor, no qual se informa que já houve livros cuja fabricação se valia de um resistente papel de trapos.
c) Em Veneza realizou-se o congresso aonde se discutiu a questão de que a efemeridade dos suportes de informação revela-se bastante precária.
d) Ainda há muitos livros em sebos, feitos de papel de polpa de madeira, que provaram ter resistido há mais de cem anos de impressão.
e) O autor, um intelectual italiano que já não é jovem, pôde comprovar e comparar a qualidade e a durabilidade de diversos suportes de informação.

7. As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na construção da seguinte frase:

a) Diferentemente do que ocorre com livros muito antigos, que se vêm revelando muito resistentes, os de hoje ressentem-se do uso constante.
b) Caso deixassem de haver as grandes bibliotecas de hoje, é possível que os homens do futuro não pudessem interpretar plenamente a nossa cultura.
c) Confia-se a um suporte eletrônico incontáveis informações, mas não se podem avaliar com segurança quanto tempo permanecerão disponíveis.
d) Ainda que só venha a restar da nossa época algumas boas bibliotecas, elas serão suficientes para dar notícia do que pensamos e criamos.
e) Atribuem-se a picos de tensão ou raios ocasionais a causa de muita perda de informações, que se julgavam preservadas numa memória eletrônica.

8. Na frase "Mas aqui surge outro problema", o termo em destaque exerce a mesma função sintática que o termo sublinhado em:

a) Não, não sou um conservador reacionário.
b) Tivemos tempo suficiente para ver quanto podia durar um disco de vinil...
c) ... as fitas de vídeo perdem as cores e a definição com facilidade.
d) Um congresso recente, em Veneza, dedicou-se à questão da efemeridade dos suportes de informação...
e) Sabemos que todos os suportes mecânicos, elétricos ou eletrônicos, são rapidamente perecíveis...

9 . Os suportes modernos parecem criados mais para a difusão do que para a conservação das informações. Preserva-se o sentido essencial da frase acima nesta outra correta redação:

a) Difundir, mas não conservar, eis o que se conclui acerca dos suportes modernos, criados para vincular informações.
b) Criados os suportes modernos, revelaram-se mais produtivos quanto à difusão do que para conservar as informações.
c) É na difusão, e não na conservação das informações, que os suportes modernos revelam maior eficácia.
d) Uma vez que foram criados para difundir informações, os suportes modernos tem sua conservação muito menos eficaz.
e) Embora criados para difundir e conservar as informações, os suportes modernos não revelam a mesma eficácia.

10. Verifica-se correta transposição de uma para outra voz verbal no seguinte caso:

a) os livros continuam em minha biblioteca (3º parágrafo) = os livros têm continuado em minha biblioteca.
b) podemos acessar os mesmos conteúdos = os mesmos conteúdos podem ser acessados.
c) dedicou-se à questão (1º parágrafo) = a ela foi dedicada.
d) se realizam estudos (1º parágrafo) = estudos sejam realizados.
e) Gravei (...) obras-primas (3º parágrafo) = tinham sido gravadas obras-primas.

Gabarito da Prova Simulada 35

1-a, 2-d, 3-e, 4-b, 5-d, 6-e, 7-a, 8-c, 9-c, 10-b.

Referências

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Global, 2009.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Dicionário de questões vernáculas*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1996.

————. *Gramática metódica da Língua Portuguesa*. 35. ed. São Paulo: Saraiva, 1988.

ANTUNES, Irandé. *Lutar com palavras:* coesão e coerência. São Paulo: Parábola Editorial, 2005 (Coleção Na ponta da língua, v. 13).

BASILIO, Margarida. *Teoria lexical*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2004 (Série Princípios).

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

————. *O que muda com o novo Acordo Ortográfico*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Lucerna, 2008.

————. *Gramática escolar da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

BELTRÃO, Mariúsa; BELTRÃO, Odacir. *Correspondência:* linguagem & comunicação: oficial, comercial, bancária, particular. 19. ed. São Paulo: Atlas, 1993.

BLIKSTEIN, Izidoro. *Técnicas de comunicação escrita*. 20. ed. São Paulo: Ática, 2004 (Série Princípios).

BRASIL. Presidência da República (1988). *Constituição Federal*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 13 jul. 2011.

————. *Manual de redação da Presidência da República*. 2. ed. ver. atualizada. Brasília, 2002.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos:* por um interacionismo sócio-discursivo. Tradução de Anna Rachel Machado. São Paulo: EDUC, 2003.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização & lingüística*. 9. ed. São Paulo: Scipione, 1996.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de lingüística e gramática*. 8. ed.

Petrópolis: Vozes, 1978.

CAMPEDELLI, Samira Yousseff; SOUZA, Jesus Barbosa. *Literatura, produção de textos & gramática*. São Paulo: Saraiva, 1998.

CARVALHO, Dolores; NASCIMENTO, Manoel. *Gramática histórica*. 7. ed. São Paulo: Ática, 1971.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

————. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 43. ed. São Paulo: Nacional, 2000.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português:* linguagem, gramática e redação. v. 1. 2. ed. São Paulo: Atual, 1994.

CITELLI, Adilson. *Linguagem e persuasão*. 16. ed. rev. e atual. São Paulo: Ática, 2005 (Série Princípios).

CUNHA, Antonio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática de Língua Portuguesa*. 11. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1985.

————; Cintra, Luís Filipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto. *Gramática* — fonética e fonologia, morfologia, sintaxe, estilística. 4. ed. rev. ampl. São Paulo: Ática, 1990.

FÁVERO, Leonor Lopes. Competência textual e ensino de leitura. *Anais do V Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas: Unicamp, 1985.

————. *Coesão e coerência textuais*. 10. ed. São Paulo: Ática, 2005 (Série Princípios).

————; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Lingüística textual:* introdução. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

————; ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victório Oliveira; AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. *Oralidade e escrita:* perspectiva para o ensino de língua materna. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, Reinaldo M. *Correspondência comercial e oficial*. São Paulo: Ática, 1984.

FIORIN, José Luiz. Modos de organização do discurso: a narração, a descrição e a dissertação. In: MARTINS, Ângela Maria et al. *Diário de classe v. 3*. São Paulo: FDE, 1994, p. 61-70.

————. *As astúcias da enunciação* — as categorias de pessoa, espaço e tempo. 2. ed. São Paulo: Ática, 2002.

————. *Elementos de análise do discurso*. 12. ed. São Paulo: Contexto, 2004

(Coleção Repensando a Língua Portuguesa).

————; SAVIOLI, Francisco Platão. *Para entender o texto* — leitura e redação. 6. ed. São Paulo: Ática, 1998.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 11. ed. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2004.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1985.

GERALDI, João Wanderley. *Linguagem e ensino:* exercício de militância e divulgação. Campinas: Mercado das Letras, 1996.

GUIDIN, Márcia Lígia; JENKINO, Lilian. *Verbos sob medida:* 6.500 verbos conjugados em português. São Paulo: Nova Alexandria, 2006.

GUIMARÃES, Elisa. Da conectividade textual. In: BASTOS, Neusa Barbosa (Org.). *Língua Portuguesa, uma visão em mosaico*. São Paulo: IP-PUC-SP/EDUC, 2002, p. 225-33 (Série Eventos).

HOUAISS, Antonio (Org.). *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

ILARI, Rodolfo; GERALDI, João Wanderley. *Semântica*. 10. ed. São Paulo: Ática, 2004 (Série Princípios).

KASPARY, Adalberto José. *Redação oficial:* normas e modelos. 10. ed. ver. atual. ampl. Porto Alegre: Prodil, 1993.

KLEIMAN, Ângela. *Texto e leitor:* aspectos cognitivos da leitura. 9. ed. Campinas: Pontes, 2004.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A coerência textual*. São Paulo: Contexto, 1990.

————. *A coesão textual*. 19. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

————; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Texto e coerência*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

————; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender:* os sentidos do texto. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

LEITE, Cília Coelho Pereira (Madre Olívia). Gramática de texto e sintaxe-semântica. In: LEITE, Cília Coelho Pereira; FÁVERO, Leonor Lopes; SILVEIRA, Regina Cecília Pagliuchi (Org.). *Sintaxe-semântica base para gramática de texto*. São Paulo: Cortez, 1985 (Série Gramática portuguesa na pesquisa e no ensino, v. 10).

LUFT, Celso Pedro. *A vírgula*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1998.

————. *Dicionário prático de regência nominal*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2003.

————. *Dicionário prático de regência verbal*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2003.

MAIA, João Domingues. *Literatura:* textos & técnica. São Paulo: Ática, 1996.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Lingüística de texto, o que é e como se faz*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1983 (Série Debates, v. 1).

————. O processo de referenciação na produção discursiva. In: HORA, Demerval da; CHRISTIANO, Elizabeth (Org.). *Estudos linguísticos:* realidade brasileira. João Pessoa: Ideia, 1999.

————. *Da fala para a escrita*: atividades de retextualização. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MARTINO, Agnaldo Sérgio de. *Língua Portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Central de Concursos, 2005.

————. *Interpretação de textos:* ensino superior. 2. ed. São Paulo: Central de Concursos, 2005.

————. *Interpretação de textos:* ensino médio. 2. ed. São Paulo: Central de Concursos, 2005.

————. *Interpretação de textos:* ensino fundamental. 3. ed. São Paulo: Central de Concursos, 2005.

————. *Redação oficial*. São Paulo: Central de Concursos, 2005.

————. *Coesão e coerência na interpretação de texto em provas de concursos públicos*. Tese de Mestrado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2008.

MARTINS, Dileta Silveira; ZILBERKNOP, Lúbia Scliar. *Português instrumental*. 16. ed. rev. ampl. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1994.

MEDEIROS, João Bosco. *Correspondência:* técnicas de comunicação criativa. 11. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

————. *Redação científica:* a prática de fichamentos, resumos, resenhas. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (Brasil). *COLIP — Comissão de Língua Portuguesa*. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/sesu>. Acesso em: 13 jul. 2011. [Link: Políticas e Programas.]

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA (Brasil). *Anteprojeto de simplificação e unificação da nomenclatura gramatical brasileira*. Rio de Janeiro: CADES, 1957.

————. *Nomenclatura gramatical brasileira*. Rio de Janeiro: CADES, 1958.

NÁUFEL, José. *Novo dicionário jurídico brasileiro*. 8. ed. São Paulo: Ícone, 1989.

PARANÁ. Arquivo Público. *Manual de comunicação escrita oficial do Estado do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial/DEAP, 2001.

REIS, Otelo. *Breviário da conjugação de verbos*. 38. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 43. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

————; BARBADINHO NETO, Raimundo. *Manual de redação*. 5. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1994.

SABBAG, Eduardo de Moraes. *Redação forense e elementos de gramática*. 4. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais. 2011.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Paródia, paráfrase e cia*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003 (Série Princípios).

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. Tradução de Antonio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 26. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

SILVEIRA, Regina Cecília Pugliuchi; LEITE, Cília Coelho Pereira (Madre Olívia). Relações/valores textuais. In: LEITE, Cília Coelho Pereira; FÁVERO, Leonor Lopes; SILVEIRA, Regina Cecília Pugliuchi (Org.). *Sintaxe-semântica base para gramática de texto*. São Paulo: Cortez, 1985 (Série Gramática portuguesa na pesquisa e no ensino, v. 10).

SMITH, Frank. *Leitura significativa*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 1999.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

VASCONCELOS, Joaquim Antônio. *Como redigir documentos e atos oficiais*. Belo Horizonte: Vega, 1972.

Editora Saraiva

Rua Henrique Schaumann, 270, Cerqueira César — São Paulo — SP — CEP 05413-909 – PABX: (11) 3613 3000 – SACJUR: 0800 055 7688 – De 2ª a 6ª, das 8:30 às 19:30

E-mail saraivajur@editorasaraiva.com.br

Acesse www.editorasaraiva.com.br/direito

Filiais

AMAZONAS/RONDÔNIA/RORAIMA/ACRE

Rua Costa Azevedo, 56 – Centro – Fone: (92) 3633-4227 – Fax: (92) 3633-4782 – Manaus

BAHIA/SERGIPE

Rua Agripino Dórea, 23 – Brotas – Fone: (71) 3381-5854 / 3381-5895 – Fax: (71) 3381-0959 – Salvador

BAURU (SÃO PAULO)

Rua Monsenhor Claro, 2-55/2-57 – Centro – Fone: (14) 3234-5643 – Fax: (14) 3234-7401 – Bauru

CEARÁ/PIAUÍ/MARANHÃO

Av. Filomeno Gomes, 670 – Jacarecanga – Fone: (85) 3238-2323 / 3238-1384 – Fax: (85) 3238-1331 – Fortaleza

DISTRITO FEDERAL

SIA/SUL Trecho 2 Lote 850 — Setor de Indústria e Abastecimento – Fone: (61) 3344-2920 / 3344-2951 – Fax: (61) 3344-1709 — Brasília

GOIÁS/TOCANTINS

Av. Independência, 5330 – Setor Aeroporto – Fone: (62) 3225-2882 / 3212-2806 – Fax: (62) 3224-3016 – Goiânia

MATO GROSSO DO SUL/MATO GROSSO

Rua 14 de Julho, 3148 – Centro – Fone: (67) 3382-3682 – Fax: (67) 3382-0112 – Campo Grande

MINAS GERAIS

Rua Além Paraíba, 449 – Lagoinha – Fone: (31) 3429-8300 – Fax: (31) 3429-8310 – Belo Horizonte

PARÁ/AMAPÁ

Travessa Apinagés, 186 – Batista Campos – Fone: (91) 3222-9034 / 3224-9038 – Fax: (91) 3241-0499 – Belém

PARANÁ/SANTA CATARINA

Rua Conselheiro Laurindo, 2895 – Prado Velho –Fone/Fax: (41) 3332-4894 – Curitiba

PERNAMBUCO/PARAÍBA/R. G. DO NORTE/ALAGOAS

Rua Corredor do Bispo, 185 – Boa Vista – Fone: (81) 3421-4246 – Fax: (81) 3421-4510 – Recife

RIBEIRÃO PRETO (SÃO PAULO)

Av. Francisco Junqueira, 1255 – Centro – Fone: (16) 3610-5843 – Fax: (16) 3610-8284 – Ribeirão Preto

RIO DE JANEIRO/ESPÍRITO SANTO

Rua Visconde de Santa Isabel, 113 a 119 – Vila Isabel –Fone: (21) 2577-9494 – Fax: (21) 2577-8867 / 2577-9565 – Rio de Janeiro

RIO GRANDE DO SUL

Av. A. J. Renner, 231 – Farrapos – Fone/Fax: (51) 3371-4001 / 3371-1467 / 3371-1567 –Porto Alegre

SÃO PAULO

Av. Antártica, 92 – Barra Funda – Fone: PABX (11) 3616-3666 – São Paulo

Abril
ED.8

ESTUDE OS TEMAS QUE MAIS CAEM NAS PROVAS

SEM COMPLICAR
Conteúdo com linguagem fácil, ideal para quem estuda sozinho

MULTIMÍDIA
Ganhe acesso a vídeos que você assiste usando o telefone celular

Guia do Estudante

VESTIBULAR+ENEM 2018

REVISÃO
Fichas-resumo e exercícios no final de cada capítulo para fixar a matéria

ATUALIDADES
Fatos do noticiário que ajudam você a entender melhor a nossa língua

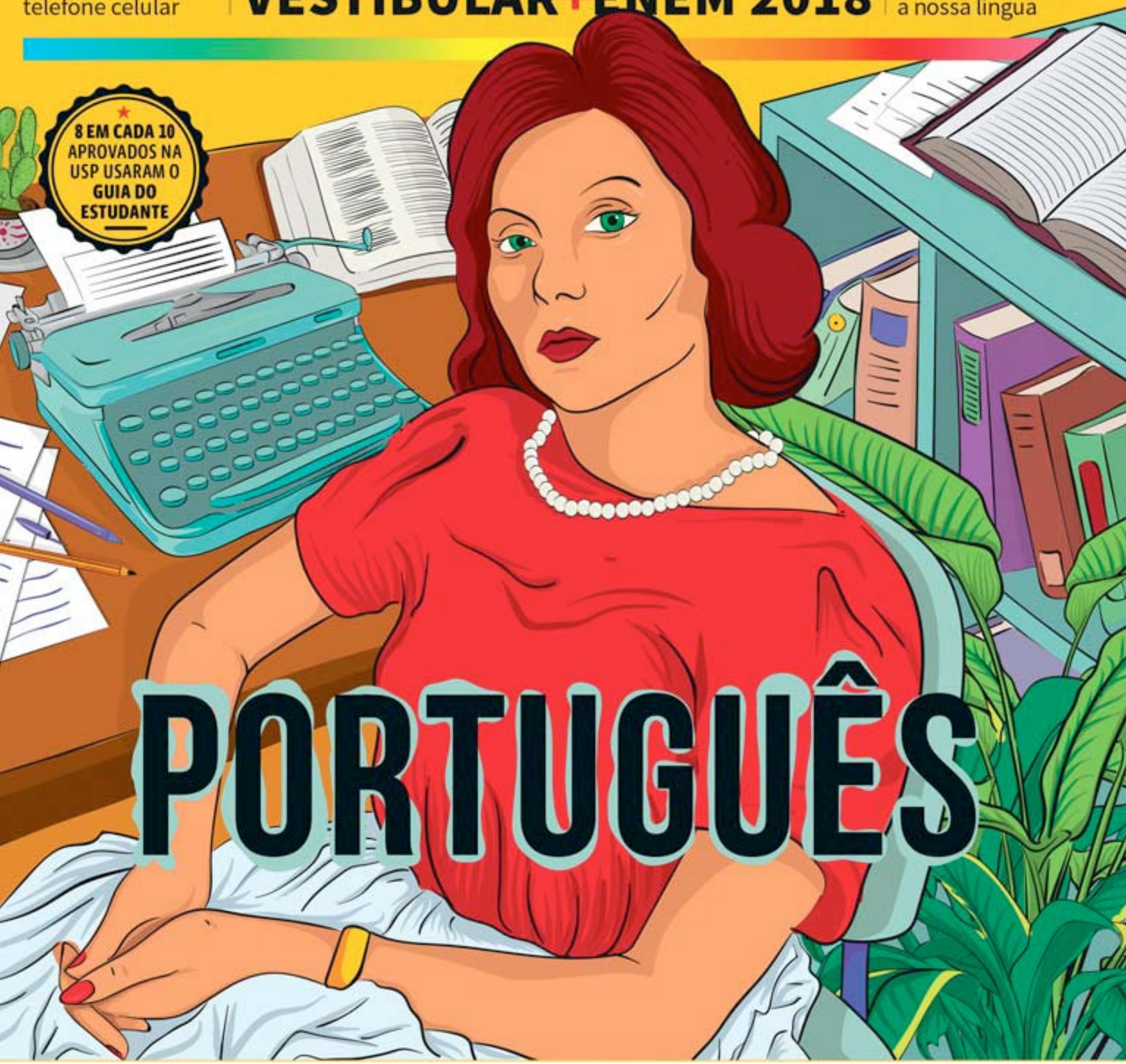

Guia do Estudante

VESTIBULAR+ENEM 2018

WWW.GUIADOESTUDANTE.COM.BR

PORTUGUÊS

Abril

EDITORA Abril
Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990) **ROBERTO CIVITA** (1936-2013)

Conselho Editorial: Victor Civita Neto (Presidente), Thomaz Souto Corrêa (Vice-Presidente), Alecsandra Zapparoli, Giancarlo Civita

Presidente do Grupo Abril: Walter Longo

Diretora Editorial e Publisher da Abril: Alecsandra Zapparoli
Diretor de Operações: Fábio Petrossi Gallo

Diretor de Assinaturas: Ricardo Perez
Diretora da Casa Cor: Lívia Pedreira
Diretor da GoBox: Dimas Mietto
Diretora de Mercado: Isabel Amorim
Diretor de Planejamento, Controle e Operações: Edilson Soares
Diretora de Serviços de Marketing: Andrea Abelleira
Diretor de Tecnologia: Carlos Sangiorgio

Diretor Editorial – Estilo de Vida: Sérgio Gwercman

Guia do Estudante

Diretor de Redação: Fabio Volpe
Diretor de Arte: Fábio Bosquê **Editores:** Ana Prado, Fábio Akio Sasaki, Lisandra Matias, Paulo Montoia **Repórter:** Ana Lourenço **Analista de Informações Gerenciais:** Simone Chaves de Toledo **Analista de Informações Gerenciais Jr.:** Maria Fernanda Teperdgian **Designers:** Dânue Falcão, Vitor Inoue **Estagiárias:** Giovanna Fontenelle, Marcela Coelho, Sophia Kraenkel **Atendimento ao Leitor:** Sandra Hadich, Walkiria Giorgino **CTI** Andre Luiz Torres, Marcelo Augusto Tavares, Marisa Tomas **PRODUTO DIGITAL Gerentes de Produto:** Pedro Moreno e Renata Aguiar

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO Consultoria e textos: João Jonas Veiga Sobral e Vicente Castro Pereira **Reportagem:** Yuri Vasconcelos **Arte:** 45 Jujubas (capa) e Tereza Bettinardi (ilustrações) **Revisão:** Bia Mendes e texxto comunicação

www.guiadoestudante.com.br

GE PORTUGUÊS 2018 ed.8 (ISBN 978-85-69522-27-0) é uma publicação da Editora Abril. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.
A **PUBLICAÇÃO** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA GRÁFICA ABRIL Av. Otaviano Alves de Lima, 4400, CEP 02909-900 – Freguesia do Ó – São Paulo - SP

S677p Sobral, João Jonas Veiga
Português: vestibular + enem. / João Jonas Veiga Sobral, Vicente Castro Pereira ; editado por Lisandra Matias. – São Paulo: Abril, 2017.
148 p ; il. ; 27 cm.

(Guia do Estudante , ISBN 978-85-69522-27-0 ; ed. 8)

1. Português. 2. Língua portuguesa - Gramática. 3. Português - Vestibular. I. Título. II. Sobral, João Jonas Veiga. III. Pereira, Vicente Castro. IV. Matias, Lisandra. V. Série.

CDD 372.6

Um plano para os seus estudos

Este **GUIA DO ESTUDANTE PORTUGUÊS** oferece uma ajuda e tanto para as provas, mas é claro que um único guia não abrange toda a preparação necessária para o Enem e os demais vestibulares.

É por isso que o GUIA DO ESTUDANTE tem uma série de publicações que, juntas, fornecem um material completo para um ótimo plano de estudos. O roteiro a seguir é uma sugestão de como você pode tirar melhor proveito de nossos guias, seguindo uma trilha segura para o sucesso nas provas.

1 *Decida o que vai prestar*

O primeiro passo para todo vestibulando é escolher com clareza a carreira e a universidade onde pretende estudar. Conhecendo o grau de dificuldade do processo seletivo e as matérias que têm peso maior na hora da prova, fica bem mais fácil planejar os seus estudos para obter bons resultados.

COMO O GE PODE AJUDAR VOCÊ O **GE PROFISSÕES** traz todos os cursos superiores existentes no Brasil, explica em detalhes as características de mais de 270 carreiras e ainda indica as instituições que oferecem os cursos de melhor qualidade, de acordo com o ranking de estrelas do GUIA DO ESTUDANTE e com a avaliação oficial do MEC.

2 *Revise as matérias-chave*

Para começar os estudos, nada melhor do que revisar os pontos mais importantes das principais matérias do Ensino Médio. Você pode repassar todas as matérias ou focar apenas em algumas delas. Além de rever os conteúdos, é fundamental fazer muito exercício para praticar.

COMO O GE PODE AJUDAR VOCÊ Além do GE PORTUGUÊS, que você já tem em mãos, produzimos um guia para cada matéria do Ensino Médio: **GE HISTÓRIA**, **Geografia**, **Redação**, **Matemática**, **Biologia**, **Química** e **Física**. Todos reúnem os temas que mais caem nas provas, trazem muitas questões de vestibulares para fazer e têm uma linguagem fácil de entender, permitindo que você estude sozinho.

3 *Mantenha-se atualizado*

O passo final é reforçar os estudos sobre atualidades, pois as provas exigem alunos cada vez mais antenados com os principais fatos que ocorrem no Brasil e no mundo. Além disso, é preciso conhecer em detalhes o seu processo seletivo – o Enem, por exemplo, é bem diferente dos demais vestibulares.

COMO O GE PODE AJUDAR VOCÊ O **GE Enem** e o **GE Fuvest** são verdadeiros "manuais de instrução", que mantêm você atualizado sobre todos os segredos dos dois maiores vestibulares do país. Com duas edições no ano, o **GE ATUALIDADES** traz fatos do noticiário que podem cair nas próximas provas – e com explicações claras, para quem não tem o costume de ler jornais nem revistas.

CAPA: **45 JUJUBAS**

CALENDÁRIO GE 2017

Veja quando são lançadas as nossas publicações

MÊS	PUBLICAÇÃO
Janeiro	
Fevereiro	GE HISTÓRIA
Março	GE ATUALIDADES 1
Abril	GE GEOGRAFIA
Maio	GE QUÍMICA GE PORTUGUÊS
Junho	GE BIOLOGIA GE ENEM GE REDAÇÃO
Julho	GE FUVEST
Agosto	GE ATUALIDADES 2 GE MATEMÁTICA
Setembro	GE FÍSICA
Outubro	GE PROFISSÕES
Novembro	
Dezembro	

Os guias ficam um ano nas bancas – com exceção do ATUALIDADES, que é semestral. **Você pode comprá-los também pelo site do Guia do Estudante: guiadoestudante.com.br**

FALE COM A GENTE:
Av. das Nações Unidas, 7221, 18º andar, CEP 05425-902, São Paulo/SP, ou email para: **guiadoestudante.abril@atleitor.com.br**

Múltiplas leituras

"Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que o seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a essa leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo uma outra não prevista."

Esse trecho, da obra *Do Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo*, de Marisa Lajolo, fez parte de uma das questões da prova de Linguagens, Códigos e Suas Tecnologias do último Enem, em 2016. Não por acaso, também escolhi essa questão para abrir o simulado da página 134. É porque ela toca num ponto crucial, que tem a ver também com a proposta desta publicação: não só apresentar os conteúdos mais pedidos de Língua Portuguesa nos principais processos seletivos, mas valorizar a importância da leitura, no seu sentido mais amplo – o que também é exigido nos vestibulares.

O ato de ler, reconhecer o sentido de um texto, formar repertório e relacionar informações nos torna capazes de fazer outras leituras. Assim, passamos a compreender também o que está subentendido nas entrelinhas (ou nas palavras e nos comportamentos das pessoas), conseguimos perceber a intenção do autor (ou daqueles que nos cercam) e conectar os conteúdos (ou os fatos). Essas são condições fundamentais para nos colocarmos no mundo como sujeitos autônomos e cidadãos críticos.

Para ajudar você tanto nas provas como no seu percurso de leitor ou leitora, apresento a linha mestra deste GUIA DO ESTUDANTE PORTUGUÊS VESTIBULAR + ENEM 2018. Seus sete capítulos – organizados por ordem cronológica dos movimentos literários – iniciam sempre com um assunto da atualidade. A partir dele é estabelecida uma relação com a literatura e, na sequência, novos textos são agregados, literários e não literários, com a análise conjunta dos aspectos de literatura, interpretação de texto e gramática. Esses conteúdos, por sua vez, associam-se a outros tipos de linguagens que costumam aparecer nos exames, como letras de música, anúncios publicitários, obras de arte, tirinhas e charges.

Espero que este guia seja um ótimo material de estudo e permita que você se aprimore cada vez mais na leitura dos textos e da realidade à nossa volta.

Um abraço e boa sorte!

➔ ***Lisandra Matias,*** editora – lmatias@abril.com.br

© TERESA BETTINARDI

O selo de qualidade acima é resultado de uma pesquisa realizada com 300 estudantes aprovados em três dos principais cursos da Universidade de São Paulo: Direito, Engenharia e Medicina.

- **8** em cada **10** entrevistados na pesquisa usaram algum conteúdo do GUIA DO ESTUDANTE durante sua preparação para o vestibular.

TESTADO E APROVADO!

→ **Pesquisa quantitativa feita nos dias 13 e 14/2/2017.**
→ **Total de estudantes aprovados nesses cursos: 1.566.**
→ **Margem de erro amostral: 5 pontos percentuais.**

MAIS CONTEÚDO PARA VOCÊ

As publicações do GE contam agora com o recurso mobile view. Essa tecnologia permite que você acesse, com seu smartphone, conteúdos extras em algumas aulas e reportagens dos nossos guias. A presença desses conteúdos, principalmente em forma de vídeos, será sempre identificada com o ícone abaixo:

Usar o recurso mobile view é simples:

1. Baixe em seu smartphone o aplicativo **Blippar**. Ele está disponível, gratuitamente, para aparelhos com sistema Android e iOS em lojas virtuais como Google Play e AppleStore.

2. Depois, basta abrir o aplicativo e usar o celular nas matérias que apresentam o ícone do **mobile view** – seguindo as orientações em cada página.

SUMÁRIO

Português
VESTIBULAR + ENEM
2018

ÍNDICE REMISSIVO

8 Lista, em ordem alfabética, dos assuntos abordados neste guia

COMO USAR

9 Entenda como a publicação está organizada e conheça suas seções

LINHA DO TEMPO

10 As principais escolas literárias, do século XII ao XX

1

LITERATURA MEDIEVAL E RENASCENTISTA

12 **O aborto em pauta** Ministros do Supremo Tribunal Federal (STF) analisam ação que pede a legalização ampla do aborto no país
14 **Interpretando** Conheça as principais funções da linguagem
16 **Trovadorismo** Os primeiros registros literários em língua portuguesa
18 **Humanismo** Gil Vicente e a crítica social do fim da Idade Média
22 **Classicismo** A valorização do homem e da razão na obra de Camões
28 **Como cai na prova + Resumo** Questões comentadas e síntese do capítulo

2

LITERATURA COLONIAL

30 **Na era da pós-verdade** Nas redes sociais, diferentes interesses e opiniões flexibilizam os conceitos de verdade e mentira
32 **Interpretando** Metáfora, antítese e outras figuras de linguagem
34 **Quinhentismo** Relatos de viajantes, como a Carta de Caminha, e textos de evangelização inauguram a literatura produzida no Brasil
36 **Barroco** As contradições entre razão e fé marcam a obra dos principais nomes do período, como Gregório de Matos e Padre Vieira
40 **Arcadismo** Ideais libertários do Iluminismo inspiram uma produção poética que ressalta a natureza e a simplicidade
42 **Como cai na prova + Resumo** Questões comentadas e síntese do capítulo

3

LITERATURA DO ROMANTISMO

44 **Índios sob ameaça** Governo tenta alterar regras para demarcação de terras indígenas, mas sofre críticas e recua
46 **Interpretando** Aprenda a reconhecer a intertextualidade, as relações entre os textos
48 **Romantismo – 1ª geração** O Indianismo e a exaltação dos elementos nacionais nas obras de José de Alencar e Gonçalves Dias
54 **Romantismo – 2ª geração** O pessimismo, a melancolia e o sofrimento marcam a produção dos autores ultrarromânticos
56 **Romantismo – 3ª geração** O engajamento social e a linguagem grandiloquente de Castro Alves, o poeta dos escravos
60 **Como cai na prova + Resumo** Questões comentadas e síntese do capítulo

4

LITERATURA DO REALISMO/NATURALISMO

62 **Favelas em chamas** Incêndios são recorrentes em habitações precárias, que ainda sofrem com a falta de amparo do poder público
64 **Interpretando** Como identificar a ironia em um texto
66 **Realismo** Em oposição à subjetividade e às idealizações, Machado de Assis e Eça de Queirós fazem um retrato crítico do seu tempo
72 **Naturalismo** Impulsionado pelo progresso das ciências, os autores se centram nas descrições minuciosas e nos relatos quase científicos
74 **Como cai na prova + Resumo** Questões comentadas e síntese do capítulo

5

LITERATURA DO PRÉ-MODERNISMO

76 **O drama da seca** No Nordeste, a maior estiagem dos últimos cem anos afeta nove estados e 23 milhões de habitantes
78 **Interpretando** Os tipos de texto: narração, descrição e dissertação
80 **Pré-Modernismo** Na passagem do século XIX para o XX, o debate sobre os problemas do país faz surgir um nacionalismo crítico
84 **Parnasianismo** Construções sofisticadas e vocabulário rebuscado demonstram a busca pela forma perfeita do verso
86 **Simbolismo** A crítica à aproximação da arte com a industrialização propõe uma poesia que provoque sensações e sentimentos
88 **Como cai na prova + Resumo** Questões comentadas e síntese do capítulo

6

LITERATURA DO MODERNISMO – PROSA

90 **100 anos de arte moderna no Brasil** Exposição em São Paulo revê o legado e a trajetória de Anita Malfatti, pioneira do Modernismo no país
92 **Interpretando** Os caminhos da argumentação e da persuasão
94 **Modernismo – 1ª fase** A ruptura com a tradição e a afirmação de uma literatura autêntica brasileira
100 **Modernismo – 2ª fase** A discussão de questões sociais marcam as obras dos autores do período, como Jorge Amado e Graciliano Ramos
104 **Modernismo – 3ª fase** A experimentação estética de Guimarães Rosa e o intimismo e a sondagem interior de Clarice Lispector
112 **Como cai na prova + Resumo** Questões comentadas e síntese do capítulo

7

LITERATURA DO MODERNISMO – POESIA

114 **Remédios para todos os males** O aumento no consumo de calmantes e antidepressivos preocupa médicos e especialistas
116 **Interpretando** Os mecanismos de coesão e coerência
118 **Modernismo em Portugal** Fernando Pessoa e seus heterônimos
120 **Modernismo no Brasil** A obra poética de alguns dos autores modernistas mais expressivos, como Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto
130 **Como cai na prova + Resumo** Questões comentadas e síntese do capítulo

RAIO X

132 Decifre os enunciados de questões que costumam cair nas provas do Enem e de outros processos seletivos

SIMULADO

134 40 questões extraídas do Enem e dos principais vestibulares do país

Lista de temas

Relação, por ordem alfabética, dos assuntos tratados neste guia:

■ Literatura ■ Gramática ■ Interpretação

A

- Adjetivos 19, **41**, 55, 80, 83, 94, 103, 125
- Advérbios 50, 67, 86, 118, 122
- Alberto de Oliveira 84
- Aliteração 86, 125
- Alphonsus de Guimaraens 86
- Aluísio Azevedo 72
- Álvares de Azevedo 54
- Almeida Garrett 27
- Ambiguidade 111, 120
- Anáfora 22
- Antítese 24, 46, 86
- Anúncio publicitário 25, 71
- Argumentação 41, 79, 92, **93**
- Ariano Suassuna 21
- Artigo 14, 70, **71**, 92
- Aspas 78, 83
- Augusto dos Anjos 86

C

- Carlos Drummond de Andrade 126, 127, 129
- Casimiro de Abreu 123
- Castro Alves 56
- Cecília Meireles 124, 125
- Clarice Lispector 19, 104, 106
- Coesão e coerência 116, **117**
- Comparação 48, 104
- Concordância verbal 52
- Concretismo 128
- Conjunções 55, 82, 83, 111, 131
- Cruz e Sousa 125
- Crase 17

D

- Décio Pignatari 128
- Derivação imprópria 72
- Descrição 34, 68, 70, 78, **79**, 82, 84
- Diminutivo 46, 79
- Discurso, tipos de 67, 70, **75**, 78, 79, 108, 110, 125
- Dissertação 79

E

- Eça de Queirós 67, 70
- Enumeração 47, 65, 92, 126
- Estereótipos 104
- Euclides da Cunha 80, 81
- Eufemismo 18, 33, 55, 69

F

- Fernando Pessoa 118, 119
- Figuras de linguagem 32, **33**
- Formação de palavras 108, **109**
- Função apelativa 15, 37, 93, 129
- Função emotiva 15
- Função poética 14, 15, 46, 79, 110
- Função referencial 14, 15, 79
- Funções da linguagem 14, **15**

G

- Gênero dramático 21
- Gil Vicente 18, 20
- Gonçalves Dias 50
- Graciliano Ramos 102
- Gregório de Matos 38
- Guimarães Rosa 108, 109, 110

H

- Helena Morley 69
- Hipérbole 32, 67, 78, 110
- História em quadrinhos 17, 51
- Humor 17, 51

I

- Ideologia 18
- Imagens (leitura de) 19, 23, 39, 53, 57, 83, 85, 87, 95, 105, 107
- Intencionalidade 16, 18, 33, 86
- Intertextualidade 23, 46, **47**, 50, 51,99, 107, 129
- Ironia 20, 32, 33, 38, 46, 51, 64, **65**, 67, 82

J

- João Cabral de Melo Neto 103, 128, 129
- Jorge Amado 100
- José de Alencar 48, 52, 97
- José de Anchieta 35
- José Paulo Paes 51

L

- Lima Barreto 81
- Linguagem coloquial 18, 53, 96, 100, 106, 107, 108, 120, **121**
- Linguagem formal 57, 121
- Luís Vaz de Camões 22, 24, 26

M

- Machado de Assis 66, 68, 83
- Manifestos **98**, 99, 120
- Manuel Antônio de Almeida 53, 58
- Manuel Bandeira 55, 85, 122, 123
- Marcadores temporais e espaciais 68, 78, 119
- Mário de Andrade 94, 96, 120
- Metáfora 17, 32, 33, 35, 36, 47, 69, 101, 104, 111, 118, 119, 124, 129
- Metalinguagem 16, 23, 46, 64, 84, 118, 128, 129
- Metonímia 15, 33, 49, 69, 111, 127
- Mia Couto 111
- Monteiro Lobato 82, 95
- Murilo Mendes 51

N

- Narração 78, **79**, 110
- Neologismo 110, 120, 128

O

- Olavo Bilac 23, 81
- Onde/aonde 56
- Onomatopeia 109
- Orações coordenadas **83**, 100, 124
- Orações subordinadas adjetivas 68
- Origem das palavras 113
- Osman Lins 21
- Oswald de Andrade 35, 98, 99, 121

P

- Padre Antônio Vieira 36
- Paradoxo 22, 32, 82
- Paráfrase 47
- Paralelismo 36, **37**, 122
- Paródia 46, 47, 51, 96, 99
- Pepetela 49
- Pero Vaz de Caminha 34
- Persuasão 38, 40, 92, **93**
- Personificação (*veja Prosopopeia*)
- Pleonasmo 110
- Polissemia 19, 129
- Pontuação 15, 29, 71, 96, 122, **123**, 126, 127
- Porque (grafias) 58, **59**
- Progressão textual 93, 95
- Pronomes demonstrativos **54**
- Pronome indefinido 24
- Pronomes pessoais 26, 37, **56**, 58, 65
- Pronomes possessivos 24, 25, 50, 54, 67, 122, 123
- Pronome relativo 36, 58
- Prosopopeia 33, 55, 56, 102, 104, 107, 126, 127, 129

Q

- Que, partícula 68, 75, 128

R

- Raimundo Correia 84
- Raul Pompeia 101
- Regência verbal 52, **53**
- Relações lógicas 38
- Romance regionalista 52

S

- Se, funções do 84, **85**, 86, 125
- Sentido conotativo e denotativo 17, 104
- Sinestesia 118, 125
- Sonoridade 85, 123, 125
- Substantivo 19, 70

T

- Texto científico 57
- Tipos textuais 48, 54, 78, **79**
- Tomás Antônio Gonzaga 40

V

- Variação linguística 46, 51, 59, 65, 93, **101**, 103, 121
- Verbos 17, 48, 56, 59, 68, 78, 80, 81, 82, 84, 103, 104, **105**, 122, 124
- Vinicius de Moraes 25, 124
- Vocativo 17

*A NUMERAÇÃO EM **NEGRITO** INDICA A PÁGINA EM QUE O ASSUNTO É TRATADO DE FORMA MAIS COMPLETA.*

Entenda a organização deste guia

Veja como estão estruturadas as seções de cada capítulo para você aproveitar melhor os conteúdos

CAPÍTULOS
Os sete capítulos deste guia estão organizados com base nos movimentos literários, mas integram conteúdos (de acordo com a seguinte legenda) de:
- Literatura
- Gramática
- Interpretação de texto

TEMAS
Na abertura de cada capítulo encontra-se a relação dos principais assuntos tratados. No entanto, essa lista não esgota todos os temas lá abordados. Não deixe de consultar o índice remissivo para conferir a distribuição de todo o conteúdo desta edição.

INTERPRETANDO
Nesta seção, você encontra a análise de um texto não literário sob o enfoque de uma ferramenta específica de interpretação de texto.

TEXTOS LITERÁRIOS
As obras mais representativas dos principais autores de cada período são analisadas em seus aspectos literários, gramaticais e de interpretação de texto.

ESCOLAS LITERÁRIAS
Aqui, você conhece as principais características das escolas literárias que fazem parte de cada capítulo. Note que determinados capítulos trazem mais de uma escola.

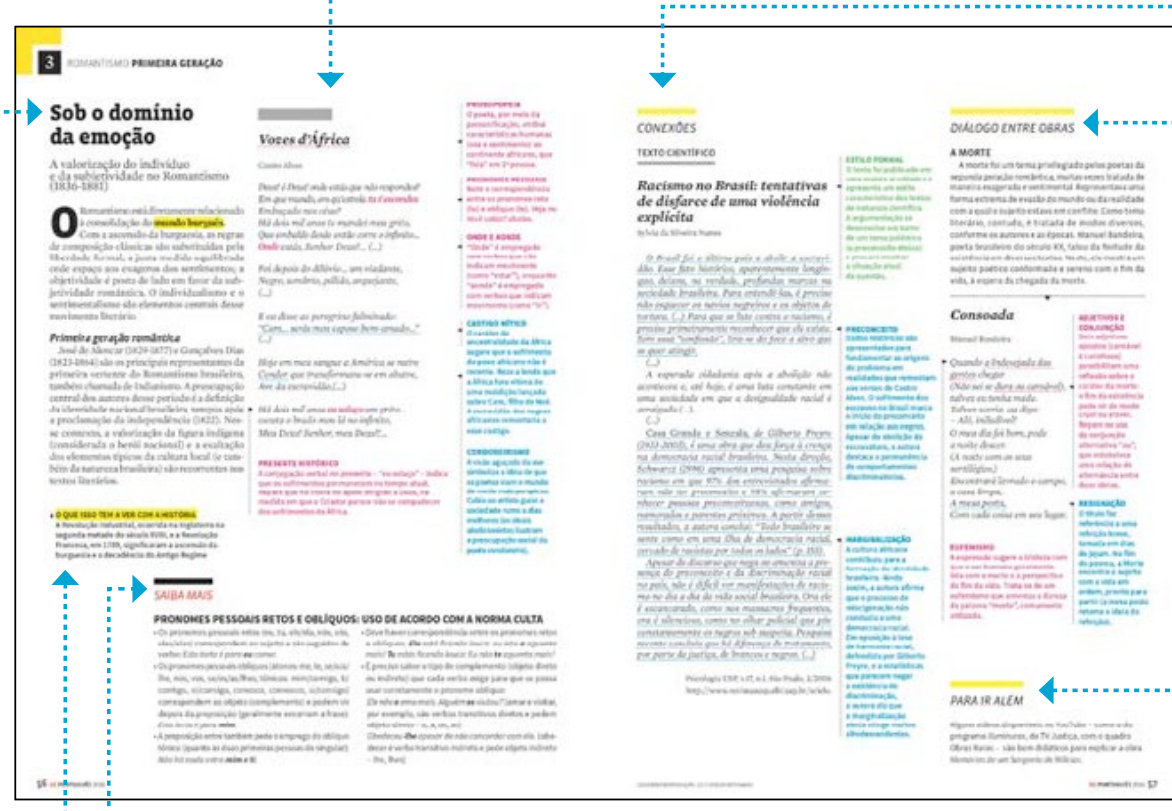

CONEXÕES
Textos literários são relacionados a outras linguagens, como obras de arte, canções, textos não literários, anúncios publicitários, charges e quadrinhos.

DIÁLOGO ENTRE OBRAS
Uma análise comparativa entre textos literários de diferentes autores de um mesmo (ou de outro) movimento.

PARA IR ALÉM
Recomendação de um filme, site, HQ ou vídeo relacionado ao conteúdo estudado, para você alargar seus horizontes.

O QUE ISSO TEM A VER COM...
Indicação de conteúdo interdisciplinar de língua portuguesa e de outra disciplina.

SAIBA MAIS
Amplie seus conhecimentos sobre um assunto que foi abordado na análise do texto (em geral, um conteúdo de gramática ou de interpretação).

COMO CAI NA PROVA
No final de cada capítulo, exercícios resolvidos para você reforçar o que aprendeu e ver como os conteúdos são pedidos nas provas.

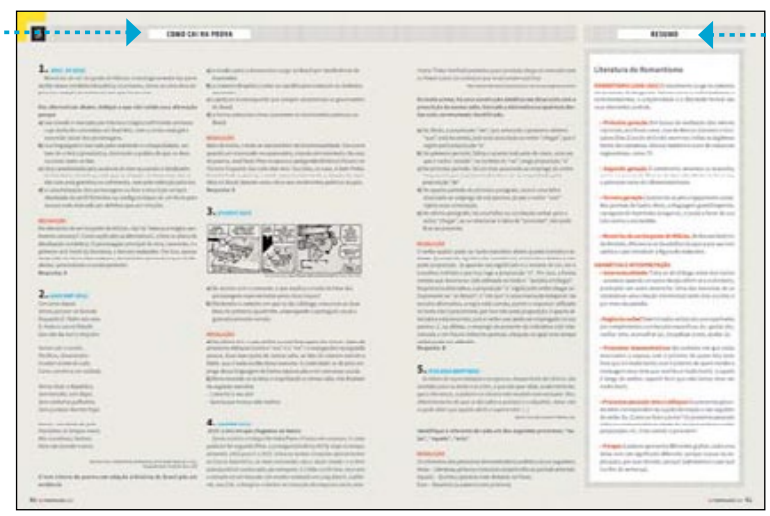

RESUMO
Uma seção dos principais assuntos tratados no capítulo.

1

LITERATURA MEDIEVAL E RENASCENTISTA

CONTEÚDO DESTE CAPÍTULO

- *Interpretando: funções da linguagem* 14
- *Trovadorismo* 16
- *Humanismo* 18
- *Classicismo* 22
- *Como cai na prova + Resumo* 28

O aborto em pauta

Ministros do Supremo Tribunal Federal (STF) julgam ação polêmica que propõe ampliar a legalidade da interrupção da gravidez no país

No Brasil, o aborto só é permitido em três situações extremas: em caso de risco de vida da mulher, se a fecundação for consequência de violência sexual ou se o feto sofrer de anencefalia, uma má-formação caracterizada pela ausência de cérebro. Em todos os demais casos, a interrupção provocada da gravidez é considerada crime contra a vida, punida com pena de um a três anos de reclusão. Mas isso pode mudar.

No fim de 2016, a maioria dos ministros da primeira turma do Supremo Tribunal Federal (STF), ao analisar um caso específico de 2013 envolvendo uma clínica clandestina de aborto em Duque de Caxias (RJ), considerou que a prática até o 3º mês de gestação não é crime, abrindo um precedente para futuros julgamentos.

Além disso, no início de março de 2017, o STF passou a analisar outra ação que propõe ampliar a legalidade do aborto no país. Movida pelo Partido Socialismo e Liberdade (Psol) e pelo Instituto Anis, organização não governamental (ONG) de defesa dos direitos das mulheres, a ação de descumprimento de preceito fundamental (ADPF) defende que o aborto deixe de ser considerado crime quando for realizado até a 12ª semana de gestação. Os advogados do partido e da ONG argumentam que os artigos do Código Penal de 1940, que criminalizam o aborto, atentam contra preceitos fundamentais previstos na Constituição brasileira, como o direito das mulheres à vida, à cidadania e ao planejamento familiar, entre outros.

A ação, que não tem prazo para ser finalizada, já provoca divergências. Entidades contrárias ao aborto afirmam que a interrupção voluntária da gravidez deve permanecer como crime porque há vida desde a concepção. Já os que são favoráveis à legalização dizem que a prática clandestina é um problema de saúde pública e uma das principais causas de mortalidade materna no país.

A discussão sobre o aborto é sempre muito polêmica, pois esbarra em princípios morais e religiosos. Questões relativas à moralidade e aos juízos de valor foram amplamente exploradas por Gil Vicente, o principal nome do Humanismo, um dos movimentos literários tratados neste capítulo. Em sua obra *Auto da Barca do Inferno* (1517), os mortos chegam a um porto onde ocorre o julgamento de suas ações e atitudes durante a vida. Há uma defesa clara da moral cristã, baseada na recompensa das virtudes e na punição dos pecados.

PELA DESCRIMINALIZAÇÃO Mulheres participam da manifestação "Chega de Mortes de Mulheres! Congresso, tire a mão do nosso corpo". O ato foi realizado em São Paulo, em dezembro de 2016

TOM VIEIRA FREITAS/FOTOARENA

Para cada intenção, uma função

Conheça as principais funções da linguagem que estão ligadas aos objetivos de cada autor ao produzir sua mensagem

O texto abaixo consiste numa reportagem publicada no site jornalístico *The Intercept Brasil,* em 16 de março de 2017. A matéria mostra algumas das consequências da criminalização do aborto no país, tanto para as mulheres, que se submetem a práticas clandestinas e pouco seguras, tanto para o Estado, que arca com procedimentos emergenciais decorrentes de complicações causadas por abortos ilegais. Segundo a reportagem, a cada dois dias uma mulher morre vítima de aborto ilegal no Brasil.

Ao longo do texto são destacados números e dados científicos, além de declarações de uma especialista no assunto, para mostrar o funcionamento e os riscos das práticas clandestinas e a falta de efetividade da criminalização.

O uso desses recursos evidencia a presença das chamadas **funções da linguagem**, que dizem respeito às intenções do autor ao produzir cada mensagem. As construções objetivas e neutras são exemplos da função referencial. Já as tentativas de influenciar o comportamento do leitor (e obter sua adesão à causa em questão) caracterizam a função apelativa. Também podemos observar as funções poética e emotiva. Vale lembrar que os textos não apresentam uma única função da linguagem. Há sempre uma função que predomina, mas ela não é exclusiva.

MOBILE VIEW

APONTE O CELULAR PARA AS PÁGINAS E VEJA UMA VIDEOAULA SOBRE FUNÇÕES DA LINGUAGEM *(MAIS INFORMAÇÕES NA PÁG. 6)*

Qual o preço que o Brasil paga pela criminalização do aborto?

Juliana Gonçalves, Helena Borges

Por conta da criminalização do aborto são gastos R$ 40,4 milhões com procedimentos emergenciais decorrentes de complicações após abortos ilegais mal feitos. Já para as mulheres, o custo não é apenas financeiro.

Clínicas clandestinas cobram caro sem qualquer garantia de segurança. Para além do dinheiro, há várias outras questões em jogo. Entre elas, a liberdade e a vida.

Apesar da criminalização, ***uma em cada cinco mulheres*** *terá abortado até os 40 anos no Brasil.* ***As mais ricas pagam ginecologistas*** *de confiança para fazer o procedimento ou procuram clínicas. Quem tem menos recursos opta por medicamentos como misoprostol (Cytotec) ou se arrisca até mesmo com ervas tóxicas.*

De acordo com a Organização Mundial da Saúde, a cada dois dias uma mulher morre vítima de aborto ilegal no Brasil. É a quarta causa de morte materna no país, atingindo mais mulheres pobres.

(...) na internet, é fácil encontrar páginas que oferecem o misoprostol, remédio inicialmente destinado ao tratamento de úlceras, que passou a ser usado como abortivo nos anos 1990. Hoje é o método mais utilizado no mundo para a interrupção da gestação.

(...) Vanessa Dios, doutora em saúde pública

FUNÇÃO POÉTICA
A expressão "Brasil paga" é uma metonímia (figura de linguagem em que o todo substitui a parte – no caso, o país pela população), recurso típico da função poética da linguagem.

LOCUÇÃO PREPOSITIVA
Duas ou mais palavras (no caso, "apesar da") que têm o valor de uma preposição. Estabelece relação opositiva e encaminha o texto para o questionamento da criminalização do aborto.

FUNÇÃO REFERENCIAL, ARGUMENTO E JUÍZO DE VALOR
O trecho é um exemplo da função referencial da linguagem (que transmite informação de forma objetiva). Aqui há também um argumento de autoridade, uma vez que a OMS é responsável por regular questões de saúde pública. A parte final da frase apresenta um juízo de valor por apontar que mulheres pobres morrem mais por causa do aborto.

JUÍZO DE VALOR E ADVÉRBIO
O advérbio de negação (sem) confere ao texto uma visão subjetiva e uma crítica ao risco proporcionado às mulheres que recorrem a clínicas clandestinas para fazer o aborto.

ARTIGO
Os artigos definidos (o, a, os, as) são utilizados para designar seres e objetos específicos. Já os artigos indefinidos (um, uma, uns, umas) são empregados para indicar elementos genéricos. Repare que não é clara a identificação em "uma em cada cinco mulheres". Por outro lado, há clareza de identificação em "as mais ricas".

e presidente da Anis Instituto de Bioética responsável pela PNA 2016 [Pesquisa Nacional de Aborto], explica o que atrai as mulheres para o uso da pílula e como sua proibição gera mais riscos:

"É considerado um método seguro, principalmente nas 12 primeiras semanas. A forma de se conseguir que é um problema. A mulher vai ter que se deslocar para algum ambiente de ilegalidade. E aí que está o risco maior do uso do remédio, já que por não se ter um controle, a mulher não sabe se está adquirindo uma pílula de farinha, por exemplo. (...)"

Onde é legalizado, como em alguns estados dos Estados Unidos e países da Europa, pode ser encontrado em farmácias ao custo médio de US$ 45 (aproximadamente R$ 142). Já no Brasil, a venda é feita no boca a boca (...)

(...) O remédio fez com que a procura por hospitais após o procedimento também diminuísse, porém algumas mulheres ainda precisam do atendimento médico (...)

A curetagem após aborto é a cirurgia mais realizada pelo SUS, segundo levantamento do Instituto do Coração (InCor). Foram 181 mil procedimentos do tipo apenas em 2015. Pela tabela de valores do Datasus, cada curetagem pós-aborto custa R$ 199,41. *(...)*

Em uma clínica clandestina também no Rio de Janeiro, o valor do aborto pode custar R$ 3,5 mil. Em consultórios tradicionais, o preço do procedimento chega a R$ 6 mil. A especialista pontua que um serviço caro não é sinônimo de procedimento seguro:

"Muitas mulheres morrem em clínicas. Não sabemos se é o método utilizado, se é o equipamento ou a dosagem da anestesia que levam a mulher a óbito. Só ficamos sabendo depois que acontece e, com isso, não conseguimos mensurar. Mas é preciso frisar que o aborto é um procedimento seguro desde que feito com orientação e profissionais."(...)

No Brasil, a mulher que aborta pode cumprir uma pena de até três anos de prisão, e o médico que realizar o procedimento, até quatro anos – as exceções são para casos de estupro, risco de morte da mulher ou feto anencéfalo. *A PNA critica a criminalização por ser contraproducente:*

"A julgar pela persistência (...) e pelo fato do aborto ser comum em mulheres de todos os grupos sociais, a resposta fundamentada na criminalização e repressão tem se mostrado não apenas inefetiva, mas nociva. Não reduz nem cuida: por um lado, não é capaz de diminuir o número de abortos e, por outro, impede que mulheres busquem o acompanhamento e a informação de saúde necessários para que seja realizado de forma segura ou para planejar sua vida reprodutiva a fim de evitar um segundo evento desse tipo."(...)

METONÍMIA, VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E FUNÇÃO POÉTICA
Outro exemplo de metonímia – substitui uma parte (a boca) pelos indivíduos que propagam a informação. O uso da expressão popular "boca a boca", típica da linguagem coloquial, variante popular, caracteriza a função poética da linguagem.

FUNÇÃO REFERENCIAL
Predomina em textos em que se exige neutralidade e objetividade. Nessa passagem, por exemplo, há informações sem juízo de valor, uma vez que são dados fornecidos por órgãos competentes.

FUNÇÕES EMOTIVA E APELATIVA
Na primeira, o uso da primeira pessoa do plural (sabemos e ficamos) tem a intenção de estabelecer uma relação de cumplicidade com o leitor. Na segunda, solicita-se a sua adesão ao que foi pronunciado.

FUNÇÕES REFERENCIAL E APELATIVA
A citação da lei fornece ao leitor uma informação (função referencial da linguagem). Mas essa mesma informação busca amedrontar o praticante do aborto, ao mostrar as penas de prisão. A proposta de mudar a intenção do interlocutor caracteriza a função apelativa.

DOIS PONTOS
Aqui os dois-pontos (:) estão sendo empregados para esclarecer algo que foi anteriormente citado (o sentido de inefetiva e nociva).

SAIBA MAIS

AS SEIS FUNÇÕES BÁSICAS DA LINGUAGEM

Função referencial ou denotativa
Transmite dados e informações de modo neutro e objetivo. É a linguagem típica dos textos jornalísticos, do discurso científico, dos contratos e relatórios. O uso do verbo costuma ser feito na terceira pessoa do singular.

Função expressiva ou emotiva
Manifesta uma expressão subjetiva, uma emoção ou ponto de vista. As interjeições e as reticências são sinais reveladores da função emotiva, assim como o uso da primeira pessoa. Ex: *Nós te amamos!*

Função apelativa ou conativa
Busca interferir no comportamento do leitor, convencê-lo de algo ou lhe dar ordens ou conselhos. Presente em manuais, livros didáticos e de autoajuda e textos publicitários. É comum o uso dos verbos no imperativo. Ex: *Não perca esta promoção!*

Função poética
Elabora a mensagem de modo criativo e explora a linguagem figurada. Está presente na poesia, em provérbios e em mensagens publicitárias.

Função fática
Inicia, prolonga ou encerra um contato. É aplicada em situações em que o mais importante não é a comunicação, mas sim o desejo de contato entre o emissor e o receptor. Predomina nos momentos iniciais e finais de qualquer mensagem ou conversa. Ex: *sim, claro, sem dúvida.*

Função metalinguística
Metalinguagem ocorre quando o emissor explica um código usando o próprio código. Por exemplo, uma poesia cujo tema e assunto seja poesia ou poeta. As gramáticas e os dicionários são exemplos de metalinguagem, pois são palavras explicando palavras. Ex: *Oração é uma sentença com sentido completo organizada em torno de um verbo* (para explicar a oração usamos uma oração).

© TEREZA BETTINARDI

Primeiras linhas

Cantigas e novelas de cavalaria são as principais produções literárias do Trovadorismo (1189-1418)

Trovadorismo é o período que reúne os primeiros registros poéticos da língua portuguesa. Estende-se do século XII ao XV e corresponde à **Idade Média**. As principais produções literárias desse movimento são as cantigas, muito vinculadas à música, e as novelas de cavalaria.

O QUE ISSO TEM A VER COM A HISTÓRIA
A Idade Média se estende de 476 a 1453. São características do período a descentralização do poder, a formação de feudos autossuficientes, a produção agropastoril, as relações de dependência pessoal (vassalagem) e o grande poder da Igreja Católica. Para saber mais, veja o GUIA DO ESTUDANTE HISTÓRIA.

Cantigas de amor

As cantigas de amor eram poemas musicados, escritos em português arcaico, sobre o sofrimento amoroso de um eu lírico masculino por uma mulher idealizada e inacessível, à qual ele jurava servir.

Novela de cavalaria

A prosa ficcional do Trovadorismo é representada pelas novelas de cavalaria, longas narrativas que apresentam os feitos de bravos cavaleiros. *A Demanda do Santo Graal*, pertencente ao ciclo bretão ou arturiano, narra as aventuras dos Cavaleiros da Távola Redonda, a serviço do rei Artur, em busca do cálice sagrado.

Cantiga

D. Dinis

Quer'eu em maneira de proençal
fazer agora hum cantar d'amor
e querrei muit'loar mia senhor,
a que prez nem fremosura non fal,
nen bondade, e mais vos direi en:
tanto a fez Deus comprida de bem
que mais que todas las do mundo val.
(...)

INTENCIONALIDADE
O eu lírico deseja louvar a dama (senhora). Os substantivos abstratos "formosura" e "bondade" são empregados na descrição idealizada para ressaltar a perfeição da mulher amada.

TEOCENTRISMO
A referência feita a Deus reflete a visão de mundo medieval, marcada pelo teocentrismo e pela forte influência cultural exercida pela Igreja Católica.

METALINGUAGEM
O eu lírico (sujeito que expressa os sentimentos do autor) compõe um poema que trata do fazer poético (deseja fazer uma cantiga de amor conforme os modelos convencionais da Provença, região do sul da França onde surgiram os primeiros poemas desse tipo). Trata-se de um texto metalinguístico, pois utiliza o código de comunicação (a língua) como assunto ou explicação para o próprio código. É o que fazem os dicionários. O procedimento também é comum em textos literários, quando o autor se volta para as formas de construção do texto.

VOCABULÁRIO
proençal: provençal
hum: um
loar: louvar
prez: qualidades
fal: falta
comprida: repleta
val: vale

A Demanda do Santo Graal

Aquele dia, hora de prima, rezada a missa, fez Lancelote cavaleiro seu filho Galaaz, assim como era costume. E sabei que quantos lá estavam agradavam-se de sua aparência; (...) naquele tempo não se podia achar em todo o reino de Logres donzel tão formoso e tão bem feito; porque em tudo era tal que não se podia achar nada em que o censurasse, exceto que era meigo demais em seu modo de ser.

MEGALE, Heitor (org.). *A Demanda do Santo Graal*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

A ORDENAÇÃO DO CAVALEIRO
Neste trecho, Lancelote é convocado a participar da sagração de seu filho Galaaz como cavaleiro. Note que a cerimônia está ligada aos ritos religiosos: ela ocorre após a celebração da missa, em conformidade com a visão teocêntrica medieval. O jovem Galaaz apresenta as virtudes idealizadas para um cavaleiro medieval. Suas qualidades são ressaltadas e idealizadas.

[1]

CONEXÕES

CANÇÃO

Queixa

Caetano Veloso

Um amor assim delicado
Você pega e despreza
Não devia ter despertado
Ajoelha e não reza

Dessa coisa que mete medo
Pela sua grandeza
Não sou o único culpado
Disso eu tenho a certeza
(...)
Você pensa que eu tenho tudo
E vazio me deixa
Mas Deus não quer
que eu fique mudo
E eu te grito esta queixa

Princesa
Surpresa
Você me arrasou
Serpente
Nem sente que me envenenou
Senhora e agora
Me diga aonde eu vou
Amiga
Me diga

CANTIGAS
Nesta música de Caetano Veloso, há várias referências às cantigas medievais: a coita de amor (sofrimento), a presença da figura divina, a idealização da amada e a vassalagem amorosa (submissão).

VOCATIVOS
Enfatizam a superioridade da mulher em relação ao sujeito poético ("princesa", "senhora"), a força e o perigo do amor ("surpresa", "serpente"), mas também o afeto e a cumplicidade ("amiga").

METÁFORA
A mulher amada é chamada de "serpente". Trata-se de uma metáfora que, aqui, faz contraposição à sacralização da amada, uma vez que confere a ela características sedutoras.

HQ

[2]

A tirinha dialoga com a visão idealizada da mulher, tal como concebida pelos trovadores medievais. A palavra pedestal, usada com **sentido denotativo** (significado próprio e dicionarizado), provoca o **efeito de humor**: trata-se realmente de uma construção elevada. Geralmente, nesse contexto, a palavra é empregada em **sentido conotativo** (que diz respeito ao uso figurado), designando a elevação de uma pessoa ou situação a uma posição de superioridade.

DIÁLOGO ENTRE OBRAS

IDEALIZAÇÃO E AMOR CORTÊS

A obra *Tristão e Isolda* tem origem na tradição oral popular. Entre as muitas versões existentes, destaca-se *O Romance de Tristão e Isolda* (1900), escrito por Joseph Bédier. Trata-se de um relato, bem ao gosto da Idade Média, do amor impossível, cheio de misticismo e aventura. O desenlace trágico da história de amor – um triângulo amoroso entre o rei Marcos, seu sobrinho Tristão e a princesa Isolda – caracteriza bem o período: a morte como solução existencial para o problema dos jovens. Em meio às desventuras amorosas toma-se contato com o universo dos cavaleiros medievais e com a cultura trovadoresca.

O Romance de Tristão e Isolda

Joseph Bédier

TEXTO III
(...)
– Criança, que sabes da arte dos instrumentos? Se os mercadores da terra de Loonnois ensinam também a seus filhos tocar harpa, levanta-te, toma desta harpa e mostra-nos tua arte.
Tristão ***pegou*** *o instrumento e tão lindamente* ***cantou*** *que os barões se enterneceram. O Rei Marcos, admirado,* ***escutava*** *o jovem harpista vindo de Loonnois, para onde outrora Rivalen* ***conduzira*** *Braneaflor.*
(...)

TEXTO IV
(...)
– Não – disse Tristão –, a muralha de ar já está rompida e não é aqui o pomar maravilhoso. Mas, um dia, amiga, iremos juntos à terra afortunada, de onde ninguém volta. Lá existe um castelo de mármore branco; em cada uma de suas mil janelas brilha um círio aceso; em cada uma delas toca um trovador, cantando uma melodia sem fim; o sol ali brilha, entretanto, ninguém sente falta da sua luz. Lá é a Terra Feliz dos Vivos!
(...)

Tristão e Isolda – Lenda Medieval Celta de Amor.
3ª edição. Ed. Martin Claret.

HERÓI MEDIEVAL
O trecho mostra o ideal de amor cortês e a idealização na caracterização do herói medieval na figura de um jovem e valoroso cavaleiro.

TEMPOS VERBAIS
O pretérito perfeito do indicativo (pegou e cantou) marca duas ações de Tristão. O pretérito imperfeito (escutava) mostra o andamento da narrativa. E o pretérito mais-que-perfeito (conduzira) aponta para uma ação anterior à de Tristão.

CRASE
Neste trecho ocorre o encontro da preposição "a" (solicitada pelo verbo "ir") com o artigo definido "a" que antecede o substantivo feminino "terra". Note que há o artigo "a", pois o adjetivo "afortunada" especifica o substantivo "terra".

IDEALIZAÇÃO DO CAVALEIRO
O texto recria o universo idealizado que circunda a figura do cavaleiro medieval.

[1] © TEREZA BETTINARDI [2] © 2016 KING FEATURES SYNDICATE/IPRESS

Literatura de transição

Entre o final da Idade Média e o início do Renascimento, o Humanismo (1418-1527) coloca o homem como o responsável por seu destino

O Humanismo situa-se numa fase de transição entre a decadência dos valores feudais e o surgimento do Renascimento. Uma das principais obras do período, a peça *Auto da Barca do Inferno* foi representada pela primeira vez em 1517. Ela integra a famosa trilogia das barcas, composta também de *Auto da Barca do Purgatório* (1518) e *Auto da Barca da Glória* (1519).

A ação do *Auto da Barca do Inferno* se passa em um porto, situado em um mundo além-túmulo, no qual estão ancoradas duas barcas: a primeira, comandada pelo Diabo, tem como destino o inferno; a segunda, capitaneada pelo Anjo, seguirá para o paraíso. Nota-se uma visão de mundo cristã, baseada na crença de vida após a morte e na recompensa das virtudes e punições dos pecados.

Nessa peça, Gil Vicente (1465-1536?) critica os setores da sociedade de seu tempo: diversos representantes das classes sociais são castigados porque cometeram práticas condenáveis pela moral cristã. Apenas dois segmentos são enviados ao paraíso: um bobo (o parvo Joane), cuja loucura o isenta de responsabilidade pelos seus atos, e um grupo de cavaleiros cruzados, que morreram em defesa da fé de Cristo. A própria Igreja, como instituição, não é poupada: um Frade é castigado pelo afastamento da vida espiritual. No entanto, essa crítica atinge apenas o comportamento do clero e não questiona os princípios da religião cristã, defendidos pelo autor.

Gil Vicente

Considerado o fundador do teatro português, suas peças foram produzidas durante a passagem da Idade Média para a Moderna. Apresenta aspectos conservadores (como a defesa da moral cristã) e inovadores (como a crítica à sociedade). O teatro vicentino é dividido em farsas (peças de caráter cômico e crítico sobre questões sociais) e autos (peças geralmente de cunho religioso).

IDEOLOGIA
Todo texto veicula determinada ideologia, isto é, um conjunto de ideias, valores e crenças característicos de um período ou de um determinado autor. No caso de Gil Vicente, é possível reconhecer uma defesa de valores morais típicos do cristianismo, como a celebração das virtudes e a condenação dos vícios.

INTENCIONALIDADE
Note a intenção de Gil Vicente de formar um painel representativo dos diferentes grupos da sociedade portuguesa, para apontar modos de correção dos costumes, de acordo com a moral cristã.

Auto da Barca do Inferno – O Parvo

Gil Vicente

"Joane. Hou daquesta!
Diabo. Quem é?
Joane. Eu sô.
É esta a naviarra vossa?
Diabo. De quem?
Joane. Dos tolos.
Diabo. Vossa.
Entra!
(...)

Diabo. De que morreste?
Joane. De quê?
Samicas de caganeira.
Diabo. De quê?
Joane. De caga merdeira!
Má rabugem que te dê!
(...)

Joane. Aguardai, aguardai, houlá!
E onde havemos nós d'ir ter?
Diabo. Ao porto de Lúcifer."

Ateliê Editorial

O BOBO
O parvo (tolo) Joane tem como objetivo provocar o riso, inserindo um elemento cômico em uma peça que trata da trágica realidade da morte e da corrupção da sociedade portuguesa. A inocência e a simplicidade de Joane são encaradas como virtudes que o tornarão merecedor do paraíso. Note que o personagem é apresentado como desatento e desinformado: dirige-se ao Diabo sem medo e o interroga continuamente. A loucura do bobo permite que ele aponte sem receio de censura os problemas da sociedade portuguesa.

LINGUAGEM COLOQUIAL
Os diálogos do *Auto da Barca do Inferno* estão repletos de expressões populares e elementos característicos da linguagem coloquial do período. Repare na espontaneidade da fala do parvo Joane, que assinala a origem popular da personagem: a pouca instrução e a loucura fazem com que o Bobo possa falar tudo o que lhe vem à cabeça (até mesmo que morreu de "samicas de caganeira").

EUFEMISMO
O Diabo, em vez de dizer "inferno", afirma que a barca tem como destino o "porto de Lúcifer" e, assim, ameniza o caráter terrível do ponto de chegada. Trata-se do uso de eufemismo: figura de linguagem que estabelece palavra ou expressão mais agradável para suavizar ou minimizar o peso de outra palavra ou expressão mais grosseira. Outro exemplo de eufemismo: O nobre deputado é responsável pelo **desvio de verbas públicas**. (A expressão em destaque é um eufemismo que substitui a expressão "roubo de dinheiro público", considerada mais direta e ofensiva).

DIÁLOGO ENTRE OBRAS

A REPRESENTAÇÃO DO BOBO

A escritora Clarice Lispector, em uma de suas crônicas, também tratou da figura do bobo. Algumas características gerais desse personagem lembram o parvo Joane, o bobo que alcança o paraíso no *Auto da Barca do Inferno*, de Gil Vicente.

Lispector utiliza a ironia para tratar da condição do bobo: ao contrário do que muitos pensam, ela é vantajosa, pois os ditos espertos desprezam a simplicidade dos bobos, que, na verdade, enxergam detalhes da vida que passam despercebidos da maioria. Da mesma forma, o parvo de Gil Vicente aponta as mazelas sociais dos personagens que comparecem à frente das barcas.

O destino que Lispector reserva aos bobos também é o paraíso. O próprio Cristo, por agir de modo diferente da maioria, acabou crucificado. Perceba o tratamento irreverente que a autora confere à temática religiosa.

Das Vantagens de Ser Bobo

Clarice Lispector

"O bobo, por não se ocupar com ambições, tem tempo para ver, ouvir e tocar o mundo.

(...)

O bobo tem oportunidade de ver coisas que os espertos não veem. Os espertos estão sempre tão atentos às espertezas alheias que se descontraem diante dos bobos, e estes os veem como simples pessoas humanas. O bobo ganha utilidade e sabedoria para viver.

(...)

Os bobos, com todas as suas palhaçadas, devem estar todos no céu. Se Cristo tivesse sido esperto não teria morrido na cruz.

(...)"

A Descoberta do Mundo. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

SUBSTANTIVOS E ADJETIVOS
Veja que a palavra "bobo" é empregada como substantivo e designa um ser humano aparentemente desatento e estúpido. Em outros contextos, a palavra "bobo" pode ser utilizada como adjetivo para caracterizar uma pessoa ou situação tola e ingênua (por exemplo: "Conheci *um homem bobo*").

POLISSEMIA
Uma mesma palavra pode apresentar múltiplos sentidos conforme o contexto em que é empregada. "Bobo" também pode designar, como ocorria na Idade Média, a profissão dos bufões (fanfarrões), que entretinham as cortes com demonstrações de comportamentos pouco convencionais.

CONEXÕES

PINTURA

A cena representa uma das imagens (texto não verbal) mais recorrentes da arte medieval: as danças macabras, que mostram um desfile no reino dos mortos, com esqueletos e pessoas recém-falecidas. O *Auto da Barca do Inferno* é um texto verbal que apresenta uma estrutura sequencial que remete às danças macabras: os personagens se alternam no palco, diante das duas barcas, numa espécie de dança. Em ambos os casos, a lição, no contexto da religiosidade medieval, é uma só: o destino de todos, sem distinção de classe social, é o mesmo. A morte aparece como elemento responsável por igualar todas as pessoas.

SAIU NA IMPRENSA

A DELAÇÃO DO FIM DO MUNDO

O ministro Edson Fachin, relator da Operação Lava Jato no Supremo Tribunal Federal (STF), determinou nesta terça-feira o fim do sigilo de todos os inquéritos abertos para apurar irregularidades contra políticos a partir de delações de executivos e ex-executivos da Odebrecht.

No total, as investigações envolvem nove ministros do governo Michel Temer (PMDB), 28 senadores – incluindo o presidente da Casa, Eunício Oliveira (PMDB-CE) – e 42 deputados federais – incluindo o presidente, Rodrigo Maia (DEM-RJ). Os inquéritos (...) incluem governadores, ministros (...) e outros políticos. (...)

***Veja.com*, 12/4/2017**

O texto trata da aguardada delação dos executivos da empreiteira Odebrecht. Ela ficou conhecida como "delação do fim do mundo", devido ao seu potencial de criar um caos apocalíptico na vida pública brasileira por envolver figuras importantes do cenário político do país. As ideias de "fim do mundo", julgamento e juízo final são típicas da literatura medieval.

BERNT NOTKE/IGREJA DE SÃO NICOLAU

ALEGORIA
No teatro vicentino, elementos concretos podem, muitas vezes, representar ideias abstratas, geralmente relacionadas a virtudes ou defeitos humanos. Esse recurso recebe o nome de alegoria. Na cena do Frade, o tordião (canção festiva) e a dama (amante do padre) representam, alegoricamente, o apego aos prazeres mundanos e a luxúria, que corrompiam o clero.

IRONIA
Vários setores da sociedade são apresentados de modo irônico. Por trás de todo o luxo e erudição que o Frade deseja transparecer, escondem-se um homem hipócrita e as mazelas da instituição religiosa. Por trás da figura aparentemente inofensiva e desatenta do Parvo (*veja na pág. 18*), está um indivíduo capaz de reconhecer os problemas sociais de seu tempo e zombar deles.

Auto da Barca do Inferno – O Frade

Gil Vicente

"Diabo. Que é isso, padre? Que vai lá?
Frade. Deo gratias! Som cortesão.
Diabo. Sabês também o tordião?
Frade. Por que não? Como ora sei!
Diabo. Pois, entrai! Eu tangerei
e faremos um serão.
Essa dama é ela vossa?
Frade. Por minha a tenho eu,
e sempre a tive de meu.
Diabo. Fezeste bem, que é fermosa!
E não vos punham lá grosa
no vosso convento santo?
Frade. E eles fazem outro tanto!
Diabo. Que cousa tão preciosa!
Entrai, padre reverendo!
Frade. Pera onde levais gente?
Diabo. Pera aquele fogo ardente
que não temestes vivendo.
Frade. Juro a Deus que não t'entendo!
E est'hábito não me val?
Diabo. Gentil padre mundanal,
a Berzabu vos encomendo!"

VISÃO DE MUNDO
Durante a Idade Média, predominara uma visão de mundo teocêntrica, centrada no poder de Deus e na perfeição da Igreja. Na época de Gil Vicente, a realidade já estava mudando: os hábitos religiosos não são mais garantia para a conquista do paraíso; são as atitudes virtuosas que valem. É isso que o Diabo mostra ao Frade ao convidá-lo a entrar na barca: apesar de pertencer à Igreja, a vida mundana pode levar à condenação de qualquer um. Ainda que a moral defendida pelo autor reflita uma concepção de mundo religiosa, a crítica social revela a transformação da mentalidade no período.

Auto da Barca do Inferno – Os Cavaleiros

Gil Vicente

"Diabo. Entrai cá! Que cousa é essa?
Eu não posso entender isto!
Cavaleiro. Quem morre por Jesu Cristo
não vai em tal barca
como essa!
(...)

Anjo. Ó cavaleiros de Deus,
a vós estou esperando,
que morrestes pelejando
por Cristo, Senhor dos céus!
Sois livres de todo mal,
mártires da Madre Igreja,
que quem morre em tal peleja
merece paz eternal."

BERARDINELLI, Cleonice (org.). *Antologia do Teatro de Gil Vicente*. 3.ed. Rio de Janeiro/ Brasília: Nova Fronteira/ INL, 1984.

CAVALEIROS MEDIEVAIS
No período medieval, a relação política e social entre cavaleiros e senhores feudais originou o código de cavalaria. A defesa das terras era garantida por cavaleiros que juravam servir ao seu senhor com lealdade (vassalagem). No plano cultural, a relação dos cavaleiros com os senhores feudais levou ao aparecimento, durante o Trovadorismo, do código do amor cortês, no qual um poeta (trovador) expressava seus sentimentos por uma dama da corte (considerada perfeita e superior).

MORAL CRISTÃ
O *Auto da Barca do Inferno* defende uma moral cristã. O comportamento dos cruzados, que morreram em defesa do cristianismo, é visto como virtuoso. A fala do Anjo, destacando as qualidades heroicas dos soldados, tem como objetivo estimular o comportamento virtuoso do público e a adesão à religião cristã. A recompensa pelo sofrimento terreno, para o autor, é a conquista do paraíso.

PARA IR ALÉM

Na versão do *Auto da Barca do Inferno* em quadrinhos, da Editora Peirópolis, os tipos sociais descritos nas figuras do Fidalgo, do Frade e do Parvo, entre outros, aparecem em traços modernos. O humor e o sarcasmo próprios de Gil Vicente dão o tom à história.

DIÁLOGO ENTRE OBRAS

O JULGAMENTO FINAL

O *Auto da Compadecida*, peça escrita em 1955 por Ariano Suassuna e ambientada no Nordeste do Brasil, apresenta traços muito semelhantes aos dos autos de Gil Vicente.

No fim da peça, as principais personagens participam de um julgamento após a morte. Estão presentes o Encourado (demônio caracterizado com trajes nordestinos), que levará os condenados para o inferno, e a Compadecida (Nossa Senhora), que conduzirá os bem-aventurados para o paraíso.

Assim como no *Auto da Barca do Inferno*, o padre e o bispo – representantes da Igreja – são condenados. O Encourado aponta uma série de atitudes reprováveis que contradizem os preceitos cristãos.

Nas duas obras, questões características da sociedade do período são apresentadas de modo a enfatizar as virtudes e os vícios humanos.

Auto da Compadecida

Ariano Suassuna

"(...)
Manuel – Então, acuse o padre.
Padre – De mim ele não tem nada o que dizer!
Encourado – É o que você pensa, minha safra hoje está garantida. Tudo o que eu disse do bispo pode se aplicar ao padre. Simonia, no enterro do cachorro, velhacaria, política mundana, arrogância com os pequenos, subserviência com os grandes."

"(...)
A Compadecida – Na verdade, João tem toda razão. Falei assim por falar, mas que São José era um santo, não é nenhuma novidade.
Encourado – A senhora está falando muito e vê-se perfeitamente sua proteção com esses nojentos, mas nada pode dizer ainda em favor da mulher do padeiro.
A Compadecida – Já aleguei sua condição de mulher, escravizada pelo marido e sem grande possibilidade de se libertar. Que posso alegar ainda em seu favor?
Padeiro – A prece que fiz por ela antes de morrer. O mais ofendido pelos atos que ela praticava era eu e, no entanto, rezei por ela. Isso deve ter algum valor.
A Compadecida – E tem. Alego isso em favor dos dois."

Agir, 2005.

PERSONAGENS ALEGÓRICAS

A peça teatral *Lisbela e o Prisioneiro* (1964), de Osman Lins, é uma comédia com diversas referências à cultura nordestina brasileira. O par romântico da história é formado pela ingênua e sonhadora Lisbela e pelo malandro Leléu. No trecho abaixo, observa-se um diálogo do casal, em que ficam evidentes as virtudes da moça e os vícios do rapaz. Assim como no teatro de Gil Vicente, notam-se diferentes comportamentos humanos retratados no perfil dos personagens centrais. Por isso, podem ser denominados personagens alegóricos.

Lisbela e o Prisioneiro

Osman Lins

(...)
Lisbela: Não! Leléu, você não pode ir?
Leléu: Pude. Estou com dois cavalos aí fora. Mas era grosseria eu ir com a senhora.
Lisbela: Não precisa continuar me chamando de senhora.
Leléu: Pra mim é o que a senhora há de ser sempre. Chamar "você" é um exagero, não mereço tanto.
Dr. Noêmio: Por que você não foi embora, rapaz? Por que voltou?
Leléu: Por causa de Dona Lisbela, Doutor. Pra ficar perto do chão onde ela pisa.
***Lisbela:** Você podia ouvir minhas pisadas junto de você a vida toda. Por que não me levou?*
***Leléu:** Porque a senhora não merece a incerteza da minha vida. Não tenho eira nem beira, que trono lhe podia oferecer?*
(...)

Planeta, 2003

GÊNERO DRAMÁTICO
A estrutura característica desse gênero é marcada pela indicação das falas e pelo caráter coloquial, apropriado à encenação teatral.

LISBELA
Noiva oficial de Dr. Noêmio, representa a inocência e a pureza.

LELÉU
Esse protagonista revela-se complexo, pois apresenta diferentes identidades. Ex-circense, é mulherengo e volúvel.

PARA IR ALÉM

Os filmes *O Auto da Compadecida* (2000) e *Lisbela e o Prisioneiro* (2003), ambos do pernambucano Guel Arraes, estão disponíveis também no YouTube. O primeiro conta as aventuras do esperto João Grilo e seu fiel companheiro Chicó, em ótimas interpretações de Matheus Nachtergaele e Selton Mello, respectivamente. No segundo, a atriz Débora Falabella e o ator Selton Mello interpretam o casal protagonista da trama, ambientada no interior de Pernambuco.

© TEREZA BETTINARDI

Em busca da forma perfeita

O Classicismo (1527-1580), estética literária do Renascimento, resgata os ideais de beleza da Antiguidade Clássica e valoriza a razão

[1]

O Classicismo é a estética literária do **Renascimento**. Nos textos, estão presentes os mesmos ideais que regiam as demais composições artísticas: o respeito à proporção, a busca de perfeição formal, a retomada da cultura da Antiguidade clássica, a imitação de modelos de composição greco-latinos (conforme os padrões de representação mimética – imitativa e recriadora – da realidade), o desejo de objetividade e a valorização do ser humano. Em Portugal, a atmosfera científica e racional que impulsionava as grandes navegações se une aos novos ares do Renascimento: quando o poeta Sá de Miranda retorna da Itália, em 1526, traz para a literatura portuguesa as novidades desenvolvidas por Petrarca (como o soneto italiano e o verso decassílabo, de dez sílabas poéticas).

Camões lírico

Luís Vaz de Camões (1525?-1580) é o principal nome do Classicismo português. Sua mais importante obra é o poema épico *Os Lusíadas* (*veja na pág. 26*), mas também é extensa sua produção lírica (gênero em que o poeta expõe suas emoções). Seus poemas revelam o uso das novas formas poéticas – os sonetos (poemas de forma fixa, divididos em duas estrofes de quatro versos e duas estrofes de três versos) compostos na medida nova (com versos decassílabos, de dez sílabas poéticas). Os temas mais frequentes da lírica camoniana são o sofrimento amoroso e o desconcerto do mundo.

O QUE ISSO TEM A VER COM A HISTÓRIA

O Renascimento é o movimento intelectual e artístico que ocorreu entre o século XIV e o XVI na Europa. Representa a nova visão de mundo da sociedade que se forma após o grande desenvolvimento comercial e urbano iniciado no fim da Idade Média. Elementos centrais do Renascimento são o antropocentrismo (valorização do homem) e o racionalismo. Para saber mais, veja o GUIA DO ESTUDANTE HISTÓRIA.

Amor É Fogo que Arde Sem Se Ver

Luís Vaz de Camões

Amor é fogo que arde sem se ver;
É ferida que dói e não se sente;
É um contentamento descontente;
É dor que desatina sem doer;

É um não querer mais que bem querer;
É solitário andar por entre a gente;
É nunca contentar-se de contente;
É cuidar que se ganha em se perder;

É querer estar preso por vontade;
É servir a quem vence, o vencedor;
É ter com quem nos mata lealdade.

Mas como causar pode seu favor
Nos corações humanos amizade,
se tão contrário a si é o mesmo Amor?

Sonetos de Camões, Ateliê Editorial

ANÁFORA
O poeta recorre à anáfora (repetição de uma ou mais palavras no princípio de duas ou mais frases) para estruturar o poema: amor aparece só no primeiro verso, mas ressurge nas repetições do verbo ser. O recurso mostra a impossibilidade de definir o amor sob um único ponto de vista.

PARADOXO
O poema se constrói em torno de elementos opostos presentes na caracterização de uma mesma realidade. Assim, o conflito entre os contrários não é resolvido, e o sentimento amoroso é marcado por uma tensão existencial.

EQUILÍBRIO
Um elemento de equilíbrio está presente: trata-se da estrutura simétrica e regular do poema. A frase interrogativa final procura integrar as oposições não resolvidas. O efeito criado pela aparente falta de lógica nas definições (paradoxo) resulta em harmonia, já que o próprio sofrimento amoroso é complexo e surpreendente.

UNIVERSALIDADE
O soneto apresenta as contradições características do sentimento amoroso. Nota-se uma série de afirmações que procuram abarcar os diferentes aspectos da experiência amorosa. O poeta, no período renascentista, transforma-se em um homem capaz de representar os homens de seu entorno e de seu tempo, por meio da abordagem de temas universais.

CONEXÕES

PINTURA

[2]

A tela *Amor Sagrado e Amor Profano*, de Ticiano, representa as duas concepções de amor que se opunham no período renascentista: à esquerda há o amor sagrado, representado com pureza, recato e comedimento; e à direita há o amor profano, marcado pela paixão, sensualidade e luxúria. Eros, o deus do amor, brinca na fonte junto às duas imagens complementares. A caracterização dessa duplicidade está ligada a uma visão de mundo que privilegia a universalidade. Em todas as épocas e lugares, a ambiguidade entre amor sensual e amor espiritualizado estaria presente e seria reconhecida pelos diferentes públicos.

CANÇÃO

Monte Castelo

Renato Russo

Ainda que eu falasse
A língua dos homens
E falasse a língua dos anjos,
Sem amor eu nada seria.

É só o amor! É só o amor
Que conhece o que é verdade.
O amor é bom, não quer o mal,
Não sente inveja ou se envaidece.

O amor é o fogo que arde sem se ver
(...)

Estou acordado e todos dormem.
Todos dormem. Todos dormem.
Agora vejo em parte,
Mas então veremos face a face.

É só o amor, é só o amor
(...)

RETOMADA
A intertextualidade também está presente na retomada de um texto bíblico do apóstolo Paulo acerca do amor.

INTERTEXTUALIDADE
A canção estabelece um diálogo intencional com o soneto camoniano com o objetivo de mostrar que as contradições do amor estão presentes em qualquer época e lugar. Constata-se a ideia de universalidade: Camões não tomou o sentimento amoroso para si, mas para toda a humanidade.

DIÁLOGO ENTRE OBRAS

A RETOMADA DOS VALORES CLÁSSICOS

O Parnasianismo, movimento literário que ocorre na virada do século XIX para o XX, retoma mais uma vez os valores poéticos clássicos e defende uma concepção artística preocupada, sobretudo, com a forma dos textos. Olavo Bilac (1865-1918), o maior nome do movimento no Brasil, compôs o poema abaixo, que revela a busca do artista pela perfeição formal.

Profissão de Fé

Olavo Bilac

(...)

Invejo o ourives quando escrevo:
Imito o amor
Com que ele, em ouro, o alto-relevo
Faz de uma flor.

Imito-o. E, pois, nem de Carrara
A pedra firo:
O alvo cristal, a pedra rara,
O ônix prefiro.

Por isso, corre, por servir-me,
Sobre o papel
A pena, como em prata firme
Corre o cinzel.

Corre; desenha, enfeita a imagem,
A ideia veste:
Cinge-lhe ao corpo a ampla roupagem
Azul-celeste.

Torce, aprimora, alteia, lima
A frase; e, enfim,
No verso de ouro engasta a rima,
Como um rubim.

(...)

Antologia Poética, L&PM Editores

OFÍCIO DE POETA
Do mesmo modo com que o ourives trabalha com o ouro, de maneira a criar joias perfeitas, também o poeta opera com a palavra à procura da forma ideal. A inveja que o eu lírico sente dos artistas que esculpem as pedras o conduz a uma reflexão sobre a escrita poética.

IMITAÇÃO
Tem início um processo de imitação: os artistas clássicos, que não se preocupavam com a originalidade, procuravam seguir os grandes modelos de composição. Também a pena do poeta buscará, de modo meticuloso, as palavras raras e as construções sofisticadas para construir os versos.

METALINGUAGEM
Assim como vimos em Literatura Medieval, na página 16, aqui novamente ocorre um exemplo da metalinguagem. O poema trata do fazer poético e descreve o processo de composição dos poemas.

[1] © TEREZA BETTINARDI [2] TICIANO/MUSEU GALLERIA BORGHESE

Mudam-se os Tempos, Mudam-se as Vontades

Luís Vaz de Camões

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
Muda-se o ser, muda-se a confiança;
Todo o mundo é composto de mudança,
Tomando sempre novas qualidades.

Continuamente vemos novidades,
Diferentes em tudo da esperança;
Do mal ficam as mágoas na lembrança,
E do bem, se ***algum houve****, as saudades.*

O tempo cobre o chão de verde manto,
Que já coberto foi de neve fria,
E em mim converte em choro o doce canto.

E, afora este mudar-se cada dia,
Outra mudança *faz de mor espanto,*
Que não se muda já como soía.

Sonetos de Camões, Ateliê Editorial

CONTRADIÇÕES
Neste soneto, o poeta constata que o mundo é repleto de contradições. Espantado, percebe que os desejos e temperamentos oscilam com o passar do tempo. Conforme o pensamento do filósofo grego Heráclito, retoma a visão antiga de que nada permanece igual no decorrer da existência.

MUDANÇAS
Assim como as estações do ano se sucedem (e a neve se converte em verdor), a vida humana também passa por metamorfoses (o canto alegre é convertido em triste choro).

ANTÍTESE
Note a figura de linguagem que contrapõe ideias contrárias – formada pelo par de opostos mal e bem. Ela é empregada para reforçar a visão de mundo contraditória do poeta.

PRONOMES
Os pronomes indefinidos "algum" e "outra" acentuam os sentimentos de incerteza e distanciamento diante das mudanças do mundo. Já no trecho do *Episódios de Inês de Castro* (*veja na pág. 26*), o uso dos pronomes possessivos "sua" e "tua" revela intimidade e proximidade.

DESCONCERTO DO MUNDO
Uma das temáticas da lírica camoniana são as mudanças que ocorrem no mundo. As constantes modificações acontecem em um ritmo impossível de ser acompanhado e conduzem ao sofrimento.

[1]

Transforma-se o Amador na Cousa Amada

Luís Vaz de Camões

Transforma-se o amador na cousa amada,
Por virtude do muito imaginar;
Não tenho logo mais que desejar,
Pois em mim tenho a parte desejada.

Se nela está minha alma transformada,
Que mais deseja o corpo de alcançar?
Em si somente pode descansar,
Pois consigo tal alma está liada.

Mas esta linda e pura semideia,
Que, como o acidente em seu sujeito,
Assim co'a alma minha se conforma,

Está no pensamento como ideia;
E o vivo e puro amor de que sou feito,
Como matéria simples busca a forma.

Sonetos de Camões, Ateliê Editorial

IDEALIZAÇÃO
Uma visão espiritualizada do amor é superior aos desejos físicos e carnais. Por meio do amor puro e idealizado, o sujeito é capaz de alcançar a plenitude do mundo das ideias.

AMOR PLATÔNICO
O eu lírico constrói o soneto partindo de uma tese inicial, de origem platônica: quando aquele que ama se identifica totalmente com o ser amado, alcança a completude. A identidade do sujeito poético vai sendo transformada pela observação idealizada da mulher, considerada perfeita e sublime.

PERFEIÇÃO
Note o caráter divino e puro da mulher, com uma perfeição característica do mundo elevado das ideias. O poema reflete a teoria do neoplatonismo amoroso e retrata o processo de purificação da alma por meio do amor.

DIÁLOGO ENTRE OBRAS

A REINVENÇÃO DO SONETO

O poeta brasileiro Vinicius de Moraes (1913-1980), no século XX, recuperou a forma clássica do soneto italiano (com duas estrofes de quatro versos e duas estrofes de três versos) para tratar do sentimento amoroso.

Após a revolução estética promovida pelo Modernismo, a partir de 1922, a retomada de uma forma poética tradicional não contradiz as tentativas de renovação. Abolidas as regras que obrigavam o poeta a compor conforme modelos preestabelecidos, é possível o uso das convenções apenas no momento em que elas são de fato pertinentes.

ENCANTAMENTO
O eu lírico deseja aproveitar ao máximo cada momento e mostra-se dedicado ao seu amor. Para aquele que ama, as qualidades do ser amado são intensificadas, fazendo com que o encantamento seja cada vez maior.

Soneto de Fidelidade

Vinicius de Moraes

*De tudo ao **meu** amor serei atento*
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
*Dele se encante mais **meu** pensamento*

Quero vivê-lo em cada vão momento
*E em seu louvor hei de espalhar **meu** canto*
*E rir **meu** riso e derramar **meu** pranto*
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.

Antologia Poética. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1960. p. 96.

UNIVERSALIDADE
Além da forma (soneto), a presença de Camões na obra de Vinicius também se dá pela temática: a universalização do sentimento amoroso. Mas, ao contrário de Camões, o amor em Vinicius é concreto e efêmero (não mais eterno e espiritualizado).

AMOR PLATÔNICO
O tema do amor idealizado e não correspondido, presente no poema *Transforma-se o Amador na Cousa Amada*, permanece vivo nas canções populares atuais. Aqui o eu lírico (aquele que expressa os sentimentos do autor) prefere ocultar o intenso amor que sente.

PRONOMES
A subjetividade é reforçada pelo emprego de pronomes pertencentes à primeira pessoa do singular.
O poeta utiliza o pronome possessivo "meu" ao lado de substantivos relacionados ao universo de sua intimidade.

EFEMERIDADE
Considerando a rápida passagem do tempo e a fugacidade dos momentos felizes, o poeta deseja desfrutar intensamente os prazeres amorosos.

BREVIDADE
Nota-se nos versos de Vinicius a questão da brevidade da vida, tema frequente nos textos do Renascimento.

CONEXÕES

CANÇÃO

Apenas Mais uma de Amor

Lulu Santos

Eu gosto tanto de você
Que até prefiro esconder
Deixo assim ficar
Subentendido

Como uma ideia que existe na cabeça
E não tem a menor obrigação de acontecer

(...)

ABSTRAÇÃO
Repare no caráter ideal do sentimento amoroso, que se conserva como uma experiência abstrata e não precisa se realizar concretamente.

ANÚNCIO PUBLICITÁRIO

[2]

O anúncio acima, além de mostrar alguns estereótipos relacionados aos universos masculino e feminino, lembra outro a fim de convencer o público a adotar um cachorro: o de que esse animal é o melhor amigo do homem. A preocupação masculina com o futebol é ressaltada: durante a partida, o cachorro distrai a mulher; o interesse feminino por histórias românticas também é destacado: o cachorro distrai o homem durante a novela.

E a função apelativa da linguagem aparece por meio do uso de um verbo no imperativo: "descubra por que um cão é a melhor companhia para um casal".

[1] © TEREZA BETTINARDI [2] REPRODUÇÃO

Camões épico

Luís de Camões compôs a epopeia *Os Lusíadas*, publicada em 1572. Esse poema épico segue os modelos literários da Antiguidade clássica (como a *Ilíada* e a *Odisseia*, epopeias gregas atribuídas a Homero, e *Eneida*, epopeia latina de Virgílio). A obra, dividida em dez cantos, narra os principais acontecimentos da história de Portugal e os grandes feitos lusitanos, com base no relato da viagem de Vasco da Gama às Índias. Ao mesmo tempo que exalta os descobrimentos marítimos, Camões faz uma crítica pessimista à ambição descontrolada dos conquistadores portugueses. O autor funde elementos épicos e líricos e sintetiza as principais marcas do Renascimento português: o humanismo, o racionalismo e as **expedições ultramarinas**.

Universalidade

Em *Os Lusíadas*, a tendência à universalidade está ligada à valorização das potencialidades humanas, a qual é concretizada, no caso dos portugueses, pelo grande projeto das navegações. O desbravamento de novas terras e o poderio do império lusitano refletem a grandeza racional e empreendedora do ser humano.

Perfeição formal

O poema também representa a busca estética pela configuração da obra perfeita. A preocupação com a forma é uma característica dos movimentos artísticos de inspiração clássica. Nesse sentido, *Os Lusíadas* estabelece diálogo com o poema de Olavo Bilac, *Profissão de Fé*, que exemplifica a obsessão clássica pela exploração das capacidades humanas que podem conduzir à perfeição da obra de arte.

O QUE ISSO TEM A VER COM A HISTÓRIA
Entre os séculos XV e XVI, países europeus, como Portugal, empreendem grandes navegações em busca de riquezas além-mar. A expansão marítima resulta em importante revolução comercial, no enriquecimento das burguesias nacionais e na formação de vastos impérios coloniais. Para saber mais, veja o GUIA DO ESTUDANTE HISTÓRIA.

AMOR PROIBIDO
Um dos episódios mais famosos da história de Portugal, retratado por Camões em *Os Lusíadas*, é a história de Inês de Castro, amante do príncipe dom Pedro, assassinada por causa do amor proibido e coroada rainha depois de morta.

Os Lusíadas

Luís Vaz de Camões

CANTO III – Episódios de Inês de Castro

(...)
Tu só, tu, puro amor, com força crua
Que os corações humanos tanto obriga,
Deste causa à molesta morte sua,
Como se fora pérfida inimiga.
Se dizem, fero Amor, que a sede tua
Nem com lágrimas tristes se mitiga,
É porque queres, áspero e tirano,
Tuas aras banhar em sangue humano.

Estavas, linda Inês, posta em sossego,
(...)

CANTO IV – Episódio O Velho do Restelo

Ó glória de mandar! Ó vã cobiça
Desta vaidade, a quem chamamos Fama!
Ó fraudulento gosto, que se atiça
C'uma aura popular, que honra se chama!
(...)

CANTO X

Não mais, Musa, não mais, que a lira tenho
destemperada e a voz enrouquecida,
e não do canto, mas de ver que venho
cantar a gente surda e endurecida.
O favor com que mais se acende o engenho
não no dá a pátria, não, que está metida
no gosto da cobiça e na rudeza
duma austera, apagada e vil tristeza.
(...)

Editora Ática

PESSIMISMO
A epopeia camoniana não apenas exalta os grandes feitos dos conquistadores portugueses: o sujeito poético expressa à Musa que fará menção a aspectos negativos dos empreendimentos marítimos portugueses. Em tom pessimista, o poema alerta que o sonho de grandeza de Portugal corre o risco de ser prejudicado pela cobiça e pela ambição.

PRONOME PESSOAL
O episódio de Inês de Castro é repleto de lirismo e possibilita reflexões sobre o sentimento amoroso, ao qual se dirige o sujeito poético. Note o emprego do pronome pessoal "tu" para invocar o Amor, abordagem que indica proximidade e informalidade em relação a um sentimento familiar aos seres humanos.

CARACTERIZAÇÃO DO AMOR
Ao mesmo tempo que é marcado pela pureza, o amor, com força cruel, submete os corações. A intensidade do sentimento é incontrolável: feroz, áspero e tirano. E muitas vezes conduz a desfechos tristes e sangrentos.

OLHAR CRÍTICO
Portugal aproximava-se do ápice de uma crise cultural e econômica, profetizada pelo *Velho do Restelo*, que denuncia a ambição desmedida dos conquistadores portugueses. A crítica à nação lusitana está presente em toda a literatura portuguesa – José Saramago, no século XX, em obras como *A Jangada de Pedra*, dá continuidade à tradição de questionamento da realidade do país. Os versos camonianos refletem, ainda, a visão de que o mundo está sempre em transformação – assim, a vaidade dos lusitanos poderia se converter em crise e fracasso.

SAIU NA IMPRENSA

SIM, ELE PODE

João Pereira Coutinho

Hoje é dia de Super Terça nos Estados Unidos e só existe uma pergunta: como explicar o sucesso de Donald Trump? São infinitos os artigos que repetem a pergunta como se Trump fosse uma nova epidemia (...)

Li muitos desses artigos. Parei, por motivos óbvios: já não aguentava tanto riso. (...)

Mas o único artigo com pés e cabeça foi escrito por Daniel Drezner no *The Washington Post*: se Trump vencer a indicação republicana, a culpa é dos cientistas políticos. A culpa, no fundo, é de pessoas como eu e da "ciência" que eu pratico. Maldito seja Daniel Drezner! E não é que ele tem razão?

Diz Drezner que, nos últimos anos, os "cientistas" desenvolveram uma teoria que consideravam infalível: nas eleições presidenciais, vence quem tem o apoio do partido.

Foi a confiança na "ciência" que levou o Partido Republicano a desprezar a ameaça Trump. Aliás, os outros candidatos conservadores se alinharam na mesma falácia: nos debates, gastaram munições uns contra os outros – e esqueceram-se de Trump, imperial e ileso. Agora é tarde, Inês é morta.

(...)

Folha de S.Paulo, 1/3/2016

Neste artigo, publicado antes da eleição de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos, o autor escreve sobre o inesperado bom desempenho do então pré-candidato republicano. Ele faz referência à personagem Inês de Castro, de *Os Lusíadas*. Para reforçar seu texto irônico, o autor lança mão de um dito popular português que ganhou fama por sugerir que não adianta reclamar depois dos fatos consumados: " Agora, Inês é morta". O provérbio faz alusão à lenda de que depois de morta, Inês de Castro foi coroada rainha por dom Pedro. Encontramos no Brasil provérbio semelhante: "Não adianta chorar o leite derramado".

PARA IR ALÉM

O cartunista Fido Nesti imprimou cores fortes e traços marcantes na sua adaptação de *Os Lusíadas* para HQ, da Editora Peirópolis. Nela, Camões, que também é um personagem, conduz a narrativa. São retratados quatro episódios da grandiosa epopeia: *Inês de Castro*, *Gigante Adamastor*, *O Velho do Restelo* e a *Ilha dos Amores*. No YouTube, é possível assistir ao curta-metragem *O Velho do Restelo,* do cineasta português Manoel de Oliveira (1908-2015).

DIÁLOGO ENTRE OBRAS

DESENCANTO E OLHAR NACIONALISTA

Em *Viagens na Minha Terra* (1846), do autor português Almeida Garrett, uma viagem de Lisboa a Santarém, em 1823, é permeada por digressões, além de contar a história sentimental de Carlos e Joaninha.

A obra trava um diálogo convergente e divergente com o poema épico de Camões, *Os Lusíadas*. O ufanismo de Camões se opõe ao desencanto de Garrett, mas apresenta total sintonia com a profética fala pessimista de *O Velho do Restelo* (*veja na página ao lado*). Ambas as obras, cada uma a seu modo, apresentam um olhar nacionalista.

O autor, com seu humor ácido, também inspira Machado de Assis na criação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. O processo de construção metalinguístico de Garrett é uma referência fundamental na prosa machadiana.

Viagens na Minha Terra

Almeida Garrett

(...)

Desde que entendo, que leio, que admiro Os Lusíadas, enterneço-me, choro, ensoberbeço-me com a maior obra de engenho que apareceu no mundo, desde a Divina Comédia até ao Fausto.

(...)

Mas essas crenças são para os que se fizeram grandes com elas. A um pobre homem o que lhe fica para crer? Eu, apesar dos críticos ainda creio no nosso Camões; sempre cri.

E contudo, desde a idade da inocência em que tanto me divertiam aquelas batalhas, aquelas aventuras, aquelas histórias de amores, aquelas cenas todas, tão naturais, tão bem pintadas – até esta fatal idade da experiência, idade prosaica em que as mais belas criações do espírito parecem macaquices diante das realidades do mundo, e os nobres movimentos do coração quimeras de entusiastas, até esta idade de saudades do passado e esperanças no futuro, mas sem gozos no presente, em que o amor da pátria (também isto será fantasmagoria?) e o sentimento íntimo do belo me dão na leitura dos Lusíadas outro deleite diverso, mas não inferior ao que noutro tempo me deram – eu senti sempre aquele grande defeito do nosso grande poema; e nunca pude, por mais que buscasse, achar-lhe, justificação não digo – nem sequer desculpa.

Porto: Anagrama, 1984.

GLÓRIA *VERSUS* DESILUSÃO
Enquanto em *Os Lusíadas* são contadas as glórias de Portugal, em *Viagens na Minha Terra* não há armas, barões nem musas, e Garrett mostra a desilusão diante de um país que não é fiel às tradições, ao espiritual, porque sucumbiu ao materialismo e à ambição (representada pela personagem Carlos).

1. (UNIFESP 2010) **Leia o texto de Gil Vicente.**

DIABO – Essa dama, é ela vossa?
FRADE – Por minha a tenho eu
e sempre a tive de meu.
DIABO – Fizeste bem, que é fermosa!
e não vos punham lá grosa
nesse convento santo?
FRADE – E eles fazem outro tanto!
DIABO – Que cousa tão preciosa!

No trecho da peça de Gil Vicente, fica evidente uma
a) visão bastante crítica dos hábitos da sociedade da época. Está clara a censura à hipocrisia do religioso, que se aparta daquilo que prega.
b) concepção de sociedade decadente, mas que ainda guarda alguns valores essenciais, como é o caso da relação entre o frade e o catolicismo.
c) postura de repúdio à imoralidade da mulher que se põe a tentar o frade, que a ridiculariza em função de sua fé católica inabalável.
d) visão moralista da sociedade. Para ele, os valores deveriam ser resgatados e a presença do frade é um indicativo de apego à fé cristã.
e) crítica ao frade religioso que optou em vida por ter uma mulher, contrariando a fé cristã, o que, como ele afirma, não acontecia com os outros frades do convento.

RESOLUÇÃO
O *Auto da Barca do Inferno* realiza, no contexto do Humanismo português, uma crítica às instituições sociais e religiosas. No fragmento, nota-se uma sátira à hipocrisia religiosa por meio da caracterização do Frade, um personagem materialista e mulherengo, pouco praticante dos valores cristãos. As características da personagem podem ser identificadas por meio das falas dele – como a referência feita à companhia feminina ou a sugestão dos outros pecados cometidos pelos religiosos do convento.
Resposta: A

2. (ENEM 2014)
O exercício da crônica
Escrever crônica é uma arte ingrata. Eu digo prosa fiada, como faz um cronista; não a prosa de um ficcionista, na qual este é levado meio a tapas pelas personagens e situações que, azar dele, criou porque quis. Com um prosador do cotidiano, a coisa fia mais fino. Senta-se ele diante de uma máquina, olha através da janela e busca fundo em sua imaginação um assunto qualquer, de preferência colhido no noticiário matutino, ou da véspera, em que, com suas artimanhas peculiares, possa injetar um sangue novo. Se nada houver, resta-lhe o recurso de olhar em torno e esperar que, através de um processo associativo, surja-lhe de repente a crônica, provinda dos fatos e feitos de sua vida emocionalmente despertados pela concentração. Ou então, em última instância, recorrer ao assunto da falta de assunto, já bastante gasto, mas do qual, no ato de escrever, pode surgir o inesperado.

MORAES, V. Para Viver um Grande Amor: Crônicas e Poemas. *São Paulo: Companhia das Letras, 1991.*

Predomina nesse texto a função da linguagem que se constitui
a) nas diferenças entre o cronista e o ficcionista.
b) nos elementos que servem de inspiração ao cronista.
c) nos assuntos que podem ser tratados em uma crônica.
d) no papel da vida do cronista no processo de escrita da crônica.
e) nas dificuldades de se escrever uma crônica por meio de uma crônica.

RESOLUÇÃO
Predomina a função metalinguística, uma vez que o autor constrói uma crônica para tratar da composição desse gênero textual, enfatizando as dificuldades envolvidas no processo de escrita. Ao resolver questões sobre as funções da linguagem, é importante identificar o elemento da comunicação priorizado: no caso, a ênfase recai sobre o próprio código (a crônica), o que permite associar o texto ao recurso da metalinguagem.
Resposta: E

3. (UNICAMP 2010) **Propaganda do dicionário Aurélio**

Foto: Reprodução/Unicamp

Nessa propaganda do dicionário Aurélio, a expressão "bom pra burro" é polissêmica, e remete a uma representação de dicionário. Explique como o uso da expressão "bom pra burro" produz humor nessa propaganda.

RESOLUÇÃO
Típica questão sobre polissemia. O humor é provocado pela duplicidade de sentido da expressão *"bom pra burro"*, que pode ser associada tanto a um produto de boa qualidade quanto ao direcionamento para pessoas pouco informadas (reforçando a expressão popular *"pai dos burros"*).

4. (ENEM 2016)

L.J.C.
— 5 tiros?
— É.
— Brincando de pegador?
— É. O PM pensou que...
— Hoje?
— Cedinho.

COELHO, M. In: FREIRE, M. (Org.). Os Cem Menores Contos Brasileiros do Século. *São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.*

Os sinais de pontuação são elementos com importantes funções para a progressão temática. Nesse miniconto, as reticências foram utilizadas para indicar

a) uma fala hesitante.
b) uma informação implícita.
c) uma situação incoerente.
d) a eliminação de uma ideia.
e) a interrupção de uma ação.

RESOLUÇÃO:
As reticências indicam uma informação implícita, que não foi dita. O policial se enganou ("pensou que...") e acabou matando uma pessoa.
Resposta: B

SAIBA MAIS

SINAIS DE PONTUAÇÃO

Reticências
Além da informação implícita, também indicam supressão de palavras: *Amo o campo, as flores, os rios, os pássaros...* Interrupções de hesitação ou dúvida: *Este mal... já tive doutor?* Situações em que o sentido vai além do que foi dito: *Deixa o coração sofrer...*

Ponto
Indica o término do discurso ou interrupção dele: *Amanheceu. Entrei no dia com entusiasmo*. Usa-se nas abreviações: *Sr.*

Ponto de exclamação
Depois de frases que indicam sentimentos, como alegria, surpresa, espanto etc.: *Que dia lindo!* Após interjeições: *Ahhh, que susto!*

Ponto de interrogação
Formular perguntas diretas: *Você quer namorar comigo?* Expressar surpresa, indignação etc.: *O quê? Você não foi à aula hoje?*

Ponto e vírgula
Separa várias partes do discurso, que têm a mesma importância: *Homens de bem lutam pela dignidade do outro; os do mal, pelo próprio benefício.* Separa partes de frases que já estão separadas por vírgulas: *Maria queria verão, praia e sol; João queria montanha, frio e neve.* Separa itens de uma enumeração: *Pegar as crianças na escola; ir à academia; marcar dentista.*

Dois-pontos
Antes de uma citação ou explicação: *Veja o que diz a Bíblia: "Amai-vos uns aos outros".* Em frases com discurso direto: *Antônio perguntou: – Sua mãe sabe algo sobre isso?*

Aspas
Além da indicação da fala de alguém e de citações (*"O amor é fogo que arde sem se ver..."*), elas também indicam expressões estrangeiras, gírias ou ironia: *Atualmente, só lemos "fake news".*

Vírgula
Veja na pág. 123.

RESUMO

Literatura medieval e renascentista

Trovadorismo, Humanismo e Classicismo são os principais movimentos literários que se desenvolveram no Ocidente durante a Idade Média (476 a 1453) e o Renascimento (séculos XIV ao XVI).

TROVADORISMO Período que vai do século XII ao XV e reúne os primeiros registros poéticos da língua portuguesa.

- **Cantiga** Há duas temáticas básicas: a lírica e a satírica.
Cantigas líricas Tratam do sofrimento resultante de amores impossíveis. Dividem-se nas cantigas de amor e de amigo.
Cantigas satíricas Expressam críticas a personalidades e autoridades. Contemplam as de escárnio e as de maldizer.

- **Prosa** O principal gênero em prosa do período é a novela de cavalaria (uma longa narrativa protagonizada por heróis que se caracterizam por virtudes nobres e guerreiras).

HUMANISMO Período de transição entre a decadência dos valores feudais da Idade Média e o surgimento do Renascimento. Gil Vicente é o maior representante do período, autor de *Auto da Barca do Inferno*, publicado em 1517. Na obra, os personagens estabelecem diálogos com o Anjo e o Diabo, dentro de uma visão de mundo cristã.

CLASSICISMO Período literário que se desenvolve na Renascença, nos séculos XV e XVI. Tem influência do pensamento humanista e da valorização do antropocentrismo (o homem como o centro do Universo) e do racionalismo (valorização da razão). Tanto nas composições líricas como nas epopeias há um resgate das formas e temas que vigoraram na Antiguidade clássica. Destaca-se o poeta português Luís Vaz de Camões, autor do poema épico *Os Lusíadas*.

GRAMÁTICA E INTERPRETAÇÃO

- **Funções da linguagem** Em toda comunicação, há uma carga de intencionalidade, que se relaciona às funções poética (ex: poesia), emotiva (cartas e artigos), referencial (textos jornalísticos e científicos) e apelativa (conselho, anúncio publicitário).

- **Sentidos denotativo e conotativo** O primeiro diz respeito ao significado literal, dicionarizado (*Chegou uma nova fera no zoológico; fera = animal*), enquanto o segundo se refere à linguagem figurada (*Meu pai ficou uma fera comigo; fera = bravo*).

- **Substantivo** É a palavra com que se denominam as coisas: ônibus, alegria, Brasil. Em relação ao sentido, há substantivos que ganham outro significado quando se altera o número (singular ou plural; ex: água e águas) e o gênero (masculino ou feminino; ex: a capital e o capital).

- **Polissemia** Uma mesma palavra pode apresentar múltiplos sentidos. Ex: pena (parte do corpo das aves; dó; e pena judicial).

2

LITERATURA COLONIAL

CONTEÚDO DESTE CAPÍTULO

- *Interpretando: figuras de linguagem* 32
- *Quinhentismo* 34
- *Barroco* 36
- *Arcadismo* 40
- *Como cai na prova + Resumo* 42

Na era da pós-verdade

No debate sobre os conceitos opostos de verdade e mentira nas redes sociais, os fatos importam menos do que as opiniões e do que as pessoas escolhem acreditar

"Relativo ou referente a circunstâncias nas quais os fatos objetivos são menos influentes na opinião pública do que as emoções e as crenças pessoais." Esta é a definição de pós-verdade (*post-truth*, em inglês) do *Dicionário Oxford*, uma das principais referências globais para catalogação de novos termos e expressões. O adjetivo foi eleito a palavra do ano em 2016.

O termo ganhou popularidade em função, principalmente, de dois eventos recentes com repercussão mundial: as eleições presidenciais dos Estados Unidos, que levaram Donald Trump ao poder, e o referendo que culminou com a saída do Reino Unido da União Europeia (UE), o chamado *Brexit*. O uso do termo "pós-verdade" pela mídia global cresceu 2.000% em relação a 2015, e a expressão deixou de ser um termo periférico para se tornar um conceito central nas análises políticas.

A pós-verdade abriu caminho para os chamados "fatos alternativos" e as *fake news*, notícias falsas publicadas e divulgadas com o objetivo de atender a um determinado interesse. Durante as eleições norte-americanas, por exemplo, a campanha de Trump alardeou que o então presidente Barack Obama era muçulmano, e que sua oponente, a democrata Hillary Clinton, havia criado o Estado Islâmico. Já a campanha pelo Brexit, que defendia a retirada dos britânicos da UE, divulgou que a permanência do país no bloco custava US$ 470 milhões por semana. Ambas eram informações mentirosas.

Mas é nas redes sociais que as mentiras têm um espaço privilegiado e um terreno fértil para se disseminar. Boatos e narrativas sem base real se espalham com rapidez, confundindo a opinião pública e tornando turva a percepção da realidade.

Assim como os conceitos opostos de verdade e mentira, a oposição de ideias e a existência de conflitos dualistas são fortes características do Barroco (1601-1768), movimento artístico influenciado pelo final do Renascimento (e a ideia de que o homem é o centro do Universo) e o início da Contrarreforma (reação católica à expansão protestante, que recoloca Deus como o centro do mundo). A tensão entre elementos contrários (sagrado e profano, fé e razão, vida espiritual e vida material) e os dilemas dos artistas do período refletem-se num discurso conturbado, com o uso frequente de figuras de linguagem, sobretudo de antíteses e paradoxos.

VERACIDADE QUESTIONÁVEL
Donald Trump, então candidato a presidente dos Estados Unidos, é filmado durante seu primeiro debate presidencial, em setembro de 2016

CARLOS BARRIA/REUTERS

Quando o texto cria imagens

As figuras de linguagem estão relacionadas às diversas formas de empregar expressões em sentido simbólico

De autoria do filósofo Luiz Felipe Pondé, o artigo abaixo foi publicado em 27 de fevereiro de 2017 no jornal *Folha de S.Paulo*. O colunista analisa de forma ácida as interações sociais na internet em tempos de "pós-verdade" e do questionamento do que é falso ou verdadeiro.

Pondé relativiza sobre quem diz a verdade em um mundo recheado de posições ideológicas opostas. Critica tanto as pessoas ligadas à direita quanto à esquerda na produção de mentiras ("A esquerda é tão canalha quanto a direita em matéria de era da pós-verdade"), embora concentre-se na crítica à esquerda (ao se referir a "agenda ideológica escondida" e nos parágrafos seguintes, nas passagens em que faz referência aos produtores culturais, artistas e "especialistas na verdade"). Para isso o autor explora de modo intenso o recurso das **figuras de linguagem** – os diferentes modos de empregar uma expressão para além de seu sentido denotativo (dicionarizado) de modo a provocar efeitos diversos.

A ironia, o paradoxo, a metáfora, a hipérbole e o eufemismo, entre outras figuras, têm capacidade de produzir imagens que apontam para uma linguagem simbólica, indireta, surpreendente ou simplesmente enfática. Ao se utilizar desses recursos, o autor enriquece seu texto e seus argumentos.

No mundo das redes sociais, o relativismo virou 'matéria paga'

Luiz Felipe Pondé

Dizem que estamos na era da pós-verdade. Trump é um exemplo. O "brexit", outro. A extrema direita, outro. Enfim, só mente quem não faz parte do pacote ideológico dos bonzinhos.

Era da pós-verdade é a era em que sites e pessoas inventam mentiras *contra candidatos, ideias ou pessoas famosas (ou não) para atingir uma meta específica, além, claro, de ganhar dinheiro com publicidade à base de cliques. Reputações podem ser destruídas por canalhas produtores de mentiras veiculadas nas mídias sociais.*

Mas existe uma fundamentação filosófica para isso: o ***relativismo*** *sofista e seus descendentes. Mesmo que nenhum filósofo relativista tenha proposto a mentira como conclusão da negação da verdade absoluta (o relativismo em si), qualquer pessoa normal (inclusive alunos quando estudam relativismo) toma a autorização para mentir como conclusão evidente da postura relativista. No mundo das redes sociais, o relativismo se transformou em matéria paga.*

É tudo verdade: as plataformas de redes sociais acabaram por pulverizar algo que Platão sabia. No mundo retórico das opiniões, ninguém sabe onde a verdade está. Nas redes sociais, com sua economia dos cliques, ganha mais quem é mais acessado. A sustentabilidade econômica deita raízes nessa economia dos cliques.

PÓS-VERDADE
O autor quer mostrar que o apoio das pessoas a Trump, Brexit e extrema direita só foi conseguido por meio da divulgação de informações falsas.

PARADOXO
A expressão é apresentada como um paradoxo, pois conceito (pós-verdade) e definição (invenção de mentiras) representam duas ideias completamente opostas.

APROPRIAÇÃO
Relativismo é um conceito filosófico que admite a existência de diversos pontos de vista. Segundo o autor, as pessoas chamam de verdade seu ponto de vista e tomam como mentira o ponto de vista de seu oponente.

JOGO DE IDEIAS
Para o filósofo grego Platão, a verdade absoluta não existe. O autor usa a expressão "é tudo verdade" para se referir a isso, criando uma oposição de ideias.

IRONIA
Pondé sugere que apenas os "bonzinhos" (ao longo do texto identificados com a esquerda) falam a verdade. Ironicamente, o autor afirma algo que vai desconstruir.

HIPÉRBOLE E IRONIA
De forma bastante exagerada (hipérbole), o colunista defende que "canalhas" produzem mentiras que podem destruir (demolir, devastar) reputações.

CONOTAÇÃO E IRONIA
"Matéria paga" são textos publicitários que visam a venda de algo ou atendem a algum interesse. O autor sugere que uma mentira (relativismo) teria esse mesmo propósito.

METÁFORA E IRONIA
O autor cria uma metáfora para designar as redes sociais: mundo retórico das opiniões. O colunista sugere que a "verdade" depende mais do números de cliques do que da sua veracidade.

Há um déficit de verdade na democracia contemporânea. A economia dos cliques é esse fato tornado mercado. Mas há outro fator, mais invisível para quem não é do ramo, e que figuras como Trump sacaram. Muitos dos que criticam a era da pós-verdade nas mídias ("fake news" ou "notícias falsas") têm uma agenda ideológica escondida, e essa agenda os desqualifica como críticos para grande parte da população que não frequentou as escolas da zona oeste de São Paulo ou cursos de ciências humanas de universidades de gente rica (mesmo que públicas). Você quer saber qual é essa agenda escondida?

Agenda escondida é a associação direta entre ser de esquerda e dizer a verdade. (...)

Não tenho dúvida de que "haters" (odiadores) mintam. E de que muitos sejam mesmo idiotas de extrema direita. E de que Trump possa ser um sério problema para o mundo. E de que Hilary era melhor, justamente porque é um nada que faria um governo pró-establishment.

Mas o que precisa ser dito é que grande parte do "fake news" também é gerado pela ***moçada do bem****. Quero ver o dia em que os* ***bonzinhos*** *vão confessar que xingam, mentem, fazem bullying virtual e destroem eventos com os quais discordam. A esquerda é tão canalha quanto a direita em matéria de era da pós-verdade.*

Vejamos um exemplo. A maioria esmagadora da classe de produtores culturais partilha dessa agenda escondida. Critica tudo que não combine com um governo que estimule a cultura (leia-se "dê grana pra eles"). Consideram óbvio que se alguém dá grana para eles é porque esse alguém é legal e faz o bem.

Ainda teremos que voltar à vaidade como categoria de análise moral e política neste século se quisermos pensar a sério esse comportamento de artistas que se vendem como arautos da verdade moral e política. Pois bem. Esses artistas apoiam governos conhecidos pela incompetência econômica que destrói vidas (mas se estiverem financiando seus filmes, ok!), pela perseguição ideológica (dar exemplos disso até dá sono, não?). Artista sempre foi um bicho fácil de convencer.

Outro exemplo: acadêmicos e "especialistas na verdade", normalmente todos, votariam na Hilary, ou seja, são de esquerda. A esquerda se sente tão confortável tendo o monopólio dos mecanismos de produção de conhecimento e cultura (por culpa mesmo da direita liberal que é tosca) que assume sem vergonha o lugar de oráculo da verdade.

(...)

EUFEMISMO
Usado para suavizar uma ideia. A expressão "déficit de verdade" foi utilizada para indicar que se fala mentira.

METÁFORA
"Agenda ideológica" indica a ideologia de um grupo. O autor sugere que esse grupo defende uma ideologia de esquerda, mas de forma não declarada. Estariam, por isso, desqualificados para criticar a pós-verdade (pois considerariam mentira tudo o que vai contra sua ideologia).

SEMÂNTICA E INTENCIONALIDADE
O colunista usa sinônimos – "moçada do bem" e "bonzinhos" – para se referir às pessoas de esquerda, que, segundo ele, também produzem notícias falsas e são "odiadores".

NOVA CRÍTICA
Nessa passagem, os produtores culturais são identificados com a esquerda (partilham da agenda escondida).

METÁFORA E IRONIA
De forma figurada, os artistas são denominados bichos, o que caracteriza uma metáfora. O autor sugere, de forma irônica, que artistas são domesticados (pagos) por governos que financiam suas obras artísticas.

PROSOPOPEIA E METONÍMIA
O autor personifica uma corrente ideológica (esquerda): ela sente conforto. Há também metonímia porque toma a parte (ideologia) pelo todo (pessoas dessa ideologia).

SAIBA MAIS

AS PRINCIPAIS FIGURAS DE LINGUAGEM

Metáfora: é o uso de palavra ou expressão que estabelece uma relação de semelhança com outro termo, numa espécie de comparação em que o termo não está expresso, mas subentendido. Ex: *O meu pai é um* ***touro*** (o meu pai é forte como um touro).

Metonímia: estabelece uma relação entre elementos pertencentes a um mesmo universo, de modo que a parte substitui o todo. Ex: *Tenho oito* ***bocas*** *para alimentar.*

Ironia: emprego de uma expressão com o objetivo de dizer o contrário. Ex: *Como você está* ***linda****!* (quando, na verdade, está horrível).

Paradoxo: ocorre quando há duas ideias contraditórias relativas a um mesmo referente. Ex: ***Dormindo acordado****, sonhei com você.*

Antítese: opõe, numa mesma frase, duas palavras ou ideias de sentidos opostos, mas sem haver contradição. Ex: *Estou* ***acordado*** *e todos* ***dormem****.*

Eufemismo: estabelece expressão mais agradável para suavizar o sentido. Ex: *O réu* ***faltou com a verdade*** *no tribunal* (mentiu).

Hipérbole: diz respeito aos exageros e à intensificação das ideias. Ex: *Ela chorou* ***um mar*** *de lágrimas antes de dormir.*

Sinestesia: consiste no cruzamento de alguns dos cinco sentidos. Ex: *Seu* ***olhar*** *é tão doce* (associação de visão e paladar).

Prosopopeia: é a atribuição de características humanas a seres inanimados ou a animais. Ex: *O* ***sussurro da floresta*** *assustou os viajantes.*

© TEREZA BETTINARDI

O admirável mundo novo

Relatos de viajantes e autos de catequização compõem a literatura do Quinhentismo (1500-1601)

As manifestações literárias sobre o Brasil têm início em 1500, com a carta redigida por Pero Vaz de Caminha ao rei português dom Manuel I, logo após os primeiros contatos dos portugueses com os índios da Bahia e com a natureza exuberante do território desconhecido. A literatura em língua portuguesa dos viajantes compreende a produção informativa dos cronistas, que descreviam as riquezas naturais e os habitantes do Novo Mundo, e os textos dos missionários jesuítas, voltados para a conversão e a catequese dos povos indígenas.

Relatos de viajantes

O documento considerado "certidão de nascimento do país", a carta de Pero Vaz de Caminha (1500), conserva o primeiro testemunho sobre o encontro entre índios e portugueses. O relato procura ser objetivo, mas os comentários sobre os costumes indígenas e a apreciação das riquezas naturais revelam a admiração e as emoções do autor da carta.

O escrivão português deixa transparecer, além disso, uma visão de mundo cristã, crente na existência do paraíso terrestre e na necessidade de conversão dos povos nativos. Dessa forma, sob a aparência de imparcialidade, Caminha insere seu ponto de vista sobre os fatos observados.

Textos de evangelização

José de Anchieta destacou-se na literatura quinhentista por suas poesias e autos evangelizadores cujo foco era impor a moral religiosa católica aos costumes dos indígenas.

O padre também elaborou poemas que apenas revelavam sua necessidade de expressão, como um poeta pagão.

Os poemas mais conhecidos de José de Anchieta são *Do Santíssimo Sacramento* e *A Santa Inês*.

Carta a El Rei D. Manuel

Pero Vaz de Caminha

Senhor:

Posto que o Capitão-mor desta vossa frota, e assim os outros capitães escrevam a Vossa Alteza a nova do achamento desta vossa terra nova, que ora nesta navegação se achou, não deixarei também de dar disso minha conta a Vossa Alteza (...)

A feição deles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem-feitos. Andam nus, sem nenhuma cobertura. Nem estimam de cobrir ou de mostrar suas vergonhas; e nisso têm tanta inocência como em mostrar o rosto. Ambos traziam os beiços de baixo furados e metidos neles seus ossos brancos e verdadeiros, de comprimento duma mão travessa, da grossura dum fuso de algodão, agudos na ponta como um furador.

(...)

Águas são muitas; infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem.

Porém o melhor fruto, que nela se pode fazer, me parece que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar.

(...)

E nesta maneira, Senhor, dou aqui a Vossa Alteza do que nesta vossa terra vi. E, se algum pouco me alonguei, Ela me perdoe, que o desejo que tinha, de Vos tudo dizer, mo fez assim pôr pelo miúdo.

(...)

Beijo as mãos de Vossa Alteza.

Deste Porto Seguro, da Vossa Ilha de Vera Cruz, hoje, sexta-feira, primeiro dia de maio de 1500.

CORRESPONDÊNCIA
As figuras do enunciador (autor) e do enunciatário (a quem se dirige a carta) ficam explícitas no gênero correspondência. A intenção da mensagem é revelada no início: informar sobre as terras descobertas. Note a estrutura convencional, com vocativo indicando o destinatário ("Senhor"), o corpo do texto (com as notícias sobre o Brasil), a despedida e a assinatura do autor.

DESCRIÇÃO
O autor faz uma descrição física dos nativos, destacando as diferenças entre eles e os portugueses. A descrição não é pejorativa, como se vê no emprego dos adjetivos "bons", usado para caracterizar os substantivos "rostos" e "narizes", e "bem-feitos".

SALVAÇÃO
Em seguida, Caminha descreve fisicamente a paisagem brasileira. No entanto, o destaque da carta recai sobre os habitantes nativos: o autor mostra-se preocupado com a salvação das almas indígenas por meio da conversão ao cristianismo.

TEXTO INFORMATIVO
Após a recomendação sobre o destino dos índios, Caminha conclui a carta explicitando a intenção informativa do texto: a extensão do relato está ligada à necessidade de prestar contas detalhadas e minuciosas ao rei.

A Santa Inês

José de Anchieta

Cordeirinha linda,
Como folga o povo,
Porque vossa vinda
Lhe dá lume novo!

Cordeirinha santa,
De Jesus querida,
Vossa santa vida
O Diabo espanta.

Por isso vos canta
Com prazer o povo,
Porque vossa vinda
Lhe dá lume novo.

Nossa culpa escura
Fugirá depressa,
Pois vossa cabeça
Vem com luz tão pura.

Vossa formosura
Honra é do povo,
Porque vossa vinda
Lhe dá lume novo.

Virginal cabeça,
Pela fé cortada,
Com vossa chegada
Já ninguém pereça;

Vinde mui depressa
Ajudar o povo,
Pois com vossa vinda
Lhe dais lume novo.

Vós sois cordeirinha
De Jesus Formoso;
Mas o vosso Esposo
já vos fez Rainha.

Também padeirinha
Sois do vosso Povo,
pois com vossa vinda,
Lhe dais trigo novo.

VOCABULÁRIO
folga: se alegra
lume: luz

CATEQUESE
Os poemas didáticos de Anchieta, como *A Santa Inês*, têm finalidade catequética e são inspirados nas trovas e redondilhas melodiosas medievais. Eles se assemelham a parábolas bíblicas escritas em versos.

DIFUSÃO DA FÉ
O texto trata, com simplicidade, do confronto entre o bem e o mal: a chegada de Santa Inês espanta o diabo e, graças a ela, o povo revigora sua fé. O poema funciona como instrumento evangelizador.

CULPA E PERDÃO
A noção de culpa e de perdão imposta ao índio revela a intervenção portuguesa, uma vez que a ideia de pecado e de necessidade de purificação não fazia parte dos valores indígenas. O tema dessa intervenção será retomado pelos modernistas de forma crítica e paródica como no poema *Erro de Português*, de Oswald de Andrade.

PARALELISMO E MUSICALIDADE
A repetição do verso "Lhe dá lume novo" e a retomada em "Lhe dais trigo novo" reforça o processo catequético e confere musicalidade ao texto. A linguagem clara contribui para que as ideias sejam facilmente assimiladas.
A musicalidade e a linguagem simples envolvem o interlocutor e o sensibiliza para a mensagem religiosa.

DIÁLOGO ENTRE OBRAS

O MODERNISMO E A REFLEXÃO SOBRE O BRASIL

Os autores modernistas lançaram um olhar aguçado sobre a realidade nacional. O poema *Erro de Português* tem um título ambíguo que, em vez de designar um desvio à norma culta da língua, se refere aos problemas da colonização. Oswald de Andrade questiona a intervenção europeia na cultura indígena. Além de aspectos formais inovadores – o verso livre (não metrificado), a ausência de pontuação e o efeito de humor –, o autor estabelece uma contraposição entre o português, que veste o índio com seus valores repressivos, e o índio, que poderia ter despido o português desses mesmos valores.

Erro de Português

Oswald de Andrade

Quando o português chegou
Debaixo de uma bruta chuva
Vestiu o índio
Que pena!
Fosse uma manhã de sol
O índio tinha despido
O português

METÁFORA
"Chuva" e "sol" são elementos metafóricos. Os tempos difíceis iniciados a partir do contato entre índios e europeus são comparados ao ambiente cinzento de um dia de chuva. Se os indígenas estivessem em vantagem em relação ao poderio português, a situação poderia ser diferente e, tal como uma manhã de sol, eles teriam subjugado os invasores.

PARA IR ALÉM

O filme *Caramuru – A Invenção do Brasil* (2001), de Guel Arraes, conta a história do pintor português Diogo Álvares, que, após um naufrágio, chega ao Brasil. A exuberância da paisagem e os adornos dos nativos que ele encontra correspondem à descrição feita pelo escrivão Pero Vaz de Caminha em sua carta. Diogo apaixona-se pela índia Paraguaçu, com quem vive um triângulo amoroso formado por sua irmã, a índia Moema. O filme, que tem no elenco Selton Mello, Camila Pitanga e Deborah Secco, é baseado no poema épico *Caramuru*, do árcade Santa Rita Durão.

© TEREZA BETTINARDI

Entre o céu e o inferno

Autores do Barroco (1601-1768) vivem o dilema de conciliar razão e fé

Arte de contrastes, a literatura do período barroco utiliza a linguagem de maneira rebuscada, empregando figuras de linguagem (como as antíteses e os paradoxos) que reforçam os conflitos interiores vividos pelo homem no período da **Contrarreforma** Católica na Europa. O sagrado e o profano, o espiritual e o material, o céu e a terra são alguns dos elementos opostos presentes nas letras barrocas.

Padre Antônio Vieira

A oratória de Padre Vieira (1608-1697), sacerdote jesuíta que alcançou enorme prestígio como pregador, é um bom exemplo do conceptismo barroco. Essa corrente literária do século XVII emprega construções sintáticas elaboradas e imagens ilustrativas para veicular um conjunto de pensamentos complexos de acordo com princípios lógicos rigorosos.

No *Sermão de Santo Antônio aos Peixes*, pregado pelo sacerdote português aos cidadãos do Maranhão em 1654, fica evidente o combate à corrupção da sociedade. Em vários momentos de sua fala, ele utiliza o recurso da paráfrase para construir sua argumentação.

A pregação religiosa de Vieira envolve estratégias argumentativas para persuadir o auditório a aderir a determinados comportamentos e crenças. Na prosa doutrinária do religioso, os argumentos são sempre dirigidos aos fiéis e visam à conversão daqueles que apresentam condutas consideradas viciosas. Os argumentos fazem uso da sabedoria bíblica, bem como de imagens e descrições que facilitam a visualização e a assimilação dos conceitos abstratos, com o objetivo de reforçar o ponto de vista defendido pelo sacerdote.

O QUE ISSO TEM A VER COM A HISTÓRIA
A Contrarreforma foi um movimento de afirmação do catolicismo que tinha por objetivo recuperar o espaço político-religioso perdido para os protestantes, após a Reforma Luterana (1517). O papa Paulo III convoca, em 1545, o Concílio de Trento, que condena o protestantismo e reafirma os princípios católicos. A Contrarreforma não consegue acabar com o protestantismo, apenas freia sua expansão. Um de seus maiores êxitos é a disseminação da fé católica pelas colônias europeias – inclusive o Brasil. Para saber mais, veja o GUIA DO ESTUDANTE HISTÓRIA.

Sermão de Santo Antônio aos Peixes

Padre Antônio Vieira

Vós, diz Cristo, Senhor nosso, falando com os pregadores, sois o sal da terra: e chama-lhes sal da terra, porque quer que façam na terra o que faz o sal. O efeito do sal é impedir a corrupção; mas quando a terra se vê tão corrupta como está a nossa, havendo tantos nela que têm ofício de sal, qual será, ou qual pode ser a causa desta corrupção? Ou é porque o sal não salga, ou porque a terra se não deixa salgar. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores não pregam a verdadeira doutrina; ou porque a terra se não deixa salgar e os ouvintes, sendo verdadeira a doutrina que lhes dão, a não querem receber. (...) Ou é porque o sal não salga, e os pregadores se pregam a si e não a Cristo; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ***ouvintes, em vez de servir a Cristo, servem*** *a seus apetites. Não é tudo isto verdade? Ainda mal!*

(...)

Muitas vezes vos tenho pregado nesta igreja, e noutras, de manhã e de tarde, de dia e de noite, sempre com doutrina muito clara, muito sólida, muito verdadeira, e a que mais necessária e importante é a esta terra para emenda e reforma dos vícios que a corrompem.

(...)

Isto suposto, quero hoje, à imitação de Santo António, voltar-me da terra ao mar, e já que os homens se não aproveitam, pregar aos peixes. ***O mar está tão perto que bem me ouvirão.*** *Os demais podem deixar o sermão, pois não é para eles. Maria, quer dizer, Domina maris: "Senhora do mar"; e posto que o assunto seja tão desusado, espero que me não falte com a costumada graça. Ave Maria.*

Enfim, que havemos de pregar hoje aos peixes? Nunca pior auditório. Ao menos têm os peixes duas boas qualidades de ouvintes: ouvem e não falam. Uma só cousa pudera desconsolar ao pregador, que é serem gente os peixes que se não há-de converter. (...)

METÁFORA
A prosa de Vieira combina figuras de pensamento e de construção para atacar as vaidades humanas. O pregador alude à figura de Santo Antônio, que, reza a lenda, teria pregado para um auditório de peixes. Durante o sermão, os peixes funcionam como metáfora dos homens, aos quais se associam por causa de comportamentos semelhantes. A metáfora é a figura de linguagem que aproxima elementos pertencentes a universos distintos, em razão da existência de características semelhantes.

EPISÓDIO BÍBLICO
A abertura dos sermões parte sempre de um episódio bíblico. Aqui, ele recorre à metáfora criada por Cristo segundo a qual os cristãos devem funcionar de modo análogo à ação do sal na terra, ou seja, combater a corrupção.

PARALELISMO
Recursos como o paralelismo (*veja no* Saiba mais *ao lado*) e a anáfora (*veja na pág. 22*) são usados para justificar a pouca eficácia da retórica sacra.

CONFLITO
Uma característica do Barroco é a tensão entre os valores cristãos e os prazeres materiais. Neste sermão, a realidade terrena – representada pelo comportamento religiosamente questionável dos maranhenses da época – se contrapõe à realidade espiritual – simbolizada pelo ideal religioso defendido pelo jesuíta.

PRONOME RELATIVO
A estrutura sintática dos sermões de Vieira emprega inúmeras relações entre elementos previamente referidos. Aqui, o pronome relativo "que" retoma o referente "os peixes", que fora introduzido no período anterior. Essas ligações servem para articular os elementos dos textos, encadeando-os em uma unidade de sentido que permite ao leitor seguir a progressão dos argumentos.

Ah moradores do Maranhão, quanto eu vos pudera agora dizer neste caso! Abri, abri estas entranhas; vede, vede este coração. Mas ah sim, que me não lembrava! Eu não vos prego a vós, prego aos peixes.

(...)

Antes, porém, que vos vades, assim como ouvistes os vossos louvores, ouvi também agora as vossas repreensões.

(...)

*Olhai, peixes, lá do mar para a terra. Não, não: não é isso o que vos digo. Vós virais os olhos para os matos e para o sertão? Para cá, para cá; para a cidade é que haveis de olhar. Cuidais que só os Tapuias se comem uns aos outros? Muito maior açougue é o de cá, muito mais se comem os Brancos. (...) Morreu algum deles, vereis logo tantos sobre o miserável a despedaçá-**lo** e comê-**lo**. Comem-**no** os herdeiros, comem-**no** os testamenteiros, comem-**no** os legatários, comem-**no** os acredores; comem-**no** os oficiais dos órfãos e os dos defuntos e ausentes; come-**o** o médico, que **o** curou ou ajudou a morrer; come-**o** o sangrador que **lhe** tirou o sangue; come-**a** a mesma mulher, que de má vontade **lhe** dá para a mortalha o lençol mais velho da casa; come-**o** o que **lhe** abre a cova, o que **lhe** tange os sinos, e os que, cantando, **o** levam a enterrar; enfim, ainda o pobre defunto o não comeu a terra, e já o tem comido toda a terra.*

Já se os homens se comeram somente depois de mortos, parece que era menos horror e menos matéria de sentimento. Mas para que conheçais a que chega a vossa crueldade, considerai, peixes, que também os homens se comem vivos assim como vós.

(...)

Obras Escolhidas. Lisboa: Sá da Costa, 1952/ 1953.

FUNÇÃO APELATIVA
O pregador se dirige diretamente ao auditório. Por meio do uso da função apelativa da linguagem (*veja na pág. 15*), a argumentação de Vieira procura persuadir o público a aderir aos valores cristãos. Note o uso de verbos no imperativo.

PRONOMES PESSOAIS
No fim do sermão, Vieira abandona a metáfora que aproxima homens e peixes. Do mar, o sacerdote passa a terra para tratar da realidade brasileira. A ambição, a mesquinhez, a cobiça e o egoísmo dos homens brancos são apontados pelo sacerdote por meio de exemplos ligados à morte de um cidadão qualquer. Pronomes oblíquos são usados para se referir ao indivíduo morto, articulando os diferentes exemplos a um mesmo referente e garantindo a unidade da argumentação.

PARCIALIDADE
Os sermões de Vieira têm um tom inflamado, e as frases exclamativas, que procuram impactar o público, revelam o estilo exaltado do pregador que fala no púlpito. Essas características explicitam a parcialidade do orador, defensor da moral cristã e contrário às práticas de vida que não levam em consideração os ensinamentos religiosos. Repare no tom irônico com que Vieira aborda a realidade terrena e os interesses materiais que estão por trás das ações humanas.

SAIBA MAIS

PARALELISMO

Construções em paralelo são aquelas que apresentam a repetição intencional de uma estrutura gramatical em um texto, com o objetivo de explicitar a relação existente entre duas informações. Essas construções servem para articular ideias e expressões similares, de um modo claro e simétrico. Há diversas possibilidades de construir estruturas paralelísticas, como você pode ver a seguir:

Repare que as formas verbais são sempre semelhantes e que os termos são muito parecidos:

- *Não fomos à escola **por ser** feriado e **por estar** nevando.* (preposição + verbo no infinitivo)
- *Não fomos à escola não só **porque era** feriado, mas também **porque nevava**.* (explicação + verbo no pretérito imperfeito)
- *A superfície do planeta é coberta **em parte por terra e em parte por água**.* (note que as estruturas são idênticas, mudando apenas o substantivo final)
- *É necessário que você **venha** à festa e **traga** um presente.* (verbos no subjuntivo)
- *Era um cachorro **problemático**, ou seja, **agressivo** e **incontrolável**.* (adjetivos)

Veja um exemplo em que não há paralelismo e, em seguida, a correção segundo a gramática tradicional:

- *Eu **te** amo. **Você** é linda.* (Na primeira frase foi usado um pronome pessoal da 2ª pessoa do singular [te]; na segunda frase foi usado um pronome pessoal associado à 3ª pessoa do singular [você]. Para haver paralelismo seria preciso se referir à mesma pessoa.)
- *A gramática prescreve: Eu a amo. **Você** é linda.*

© TEREZA BETTINARDI

Gregório de Matos

No período Barroco, o poeta baiano Gregório de Matos (1636?-1695) compôs uma série de poemas que refletiam as tensões espirituais do homem da época (dividido entre o pecado e a salvação, o humano e o divino). Na Bahia do século XVII, Gregório ficou conhecido como "Boca do Inferno", por satirizar em seus textos aspectos da sociedade política brasileira.

O autor é um dos expoentes do cultismo, corrente estética do Barroco que utiliza uma linguagem rebuscada, com relações de sentido sofisticadas, figuras de linguagem abundantes e sintaxe requintada. No poema *A Cristo N. S. Crucificado*, o eu lírico (que expressa os sentimentos do autor) se concentra no conflito entre matéria e espírito, dialogando com Deus a respeito das possibilidades de perdão.

Uma característica do soneto barroco é a estruturação lógica baseada em tese, antítese e síntese. Num primeiro momento, é colocada uma ideia a ser discutida e relativizada – no caso do poema *A Cristo N. S. Crucificado*, o inevitável julgamento da alma do eu lírico por Deus após a morte. A problematização é baseada em oposições semânticas como "pecar" e "amor" e "fim" e "infinito". Em seguida há uma síntese: a conclusão de que o amor divino é maior que o pecado do eu lírico lhe dá esperança da salvação.

A Cristo N. S. Crucificado, Estando o Poeta na Última Hora de Sua Vida

Gregório de Matos

Meu Deus, que estais pendente
de um madeiro,
Em cuja lei protesto de viver,
Em cuja santa lei hei de morrer,
Animoso, constante, firme e inteiro:

Neste lance, por ser o derradeiro,
Pois vejo a minha vida anoitecer;
É, meu Jesus, a hora de se ver
*A brandura de um Pai, **manso Cordeiro**.*

Mui grande é o vosso amor e o meu delito;
Porém pode ter fim todo o pecar,
E não o vosso amor que é infinito.

Esta razão me obriga a confiar,
Que, por mais que pequei, neste conflito
Espero em vosso amor de me salvar.

www.dominiopublico.gov.br

ARREPENDIMENTO
Nas duas primeiras estrofes, o poeta expressa arrependimento e crença no amor infinito de Cristo, para manifestar, no final, a certeza da obtenção do perdão.

IRONIA
A imagem do Cordeiro inocente é evocada pelo eu lírico suplicante. Note a ironia usada para manipular o Criador. Mais do que um pedido, há uma imposição que obriga Deus a perdoar o pecador. Vieira lança mão do mesmo recurso para persuadir seus ouvintes.

SILOGISMO
O soneto encobre uma formulação silogística – dedução formal em que há duas premissas a partir das quais, por inferência, se chega a uma conclusão (*veja no* Saiba mais *abaixo*). Ela pode ser expressa assim: o amor de Cristo é infinito; o meu pecado, por maior que seja, é finito, e menor que o amor de Jesus. Logo, por maior que seja o meu pecado, eu espero salvar-me. O jogo de ideias e conceitos, conduzindo à formulação de um raciocínio complexo, é uma característica típica do Barroco.

PERSUASÃO
Assim como os homens do Maranhão, cujos vícios são apontados pelo sermão de Vieira, Gregório de Matos admite ser pecador, e não esconde a sua culpa. No entanto, nota-se um sofisticado jogo de persuasão: ele afirma ter direito ao perdão de Deus. Para o sujeito poético, somente assim fará com que Deus adquira o estatuto de piedade e onipotência que lhe são conferidos. Como o pecado é uma característica humana, o perdão das faltas é obrigação divina. O amor e a salvação são alcançados pelo autor, em troca da glorificação e do exercício das virtudes divinas.

SAIBA MAIS

RELAÇÕES LÓGICAS

As frases podem ser articuladas por mecanismos lógicos, como a pressuposição, a dedução e a indução.

Pressuposição Uma informação pressuposta permanece como circunstância ou fato considerado como antecedente necessário a outro: Pedro parou de trabalhar na firma do pai (informação pressuposta para que a sentença faça sentido: Pedro trabalhava na firma do pai).

Dedução O raciocínio dedutivo consiste em uma inferência que parte de dados gerais para tratar de dados particulares: Meu pai avisou que estava chovendo. Eu saí de casa e, ao sentir pingos finos molhando a minha roupa, constatei que ele tinha razão.

Indução Parte de um caso particular para chegar a uma afirmação geral: Saí de casa e comecei a sentir pingos finos molhando a minha roupa. Concluí, então, que começava a chover. Voltei para buscar o guarda-chuva.

SAIU NA IMPRENSA

CULPAS E REGRAS

Contardo Calligaris

(...)

No movimento gay entre os anos 1960 e os 1980, a estratégia de "coming out" (de se revelar ou se desmascarar) não era tanto uma provocação contra uma sociedade repressora quanto uma declaração pública para acabar com a culpa interna.

Sem a culpa interna e a vergonha que ela produz, o poder de uma lei repressora é mínimo – ele acaba valendo apenas como um exercício de força, sem autoridade simbólica.

A culpa, em suma, não é o efeito de nossas transgressões da regra social. Ao contrário, a regra social aproveita a culpa para poder se impor. Ou seja, a culpa interna é uma condição, não um efeito, da repressão.

Em outras palavras ainda, minha culpa e minha vergonha servem para instituir e sustentar a regra que parece (mas só parece) motivá-las. Como em "O Processo", de Kafka: primeiro sinta-se culpado, logo lhe diremos de quê.

Há os casos em que a culpa interna e a repressão que ela permite são necessárias para o convívio social – por exemplo, para que a gente não se mate em cada esquina. Mas, em geral, o que acontece é que nossa neurose média nos leva a oferecer nossa culpa como um sacrifício aos deuses da cidade, como se nós estivéssemos sempre pedindo: "Me reprimam, por favor".

(...)

Folha de S.Paulo, 28/1/2016

Nesta crônica, o leitor é levado a refletir sobre o sentimento de culpa na sociedade atual. O colunista sugere que a culpa interna e a vergonha são os agentes mais eficazes para o cumprimento das regras sociais.
A questão da culpa aparece tanto no poema de Gregório de Matos como no sermão de Padre Vieira.
No poema de Gregório de Matos, a culpa seria expiada pelo perdão divino. No sermão de Padre Vieira, os vícios seriam redimidos por meio da adesão ao cristianismo.
A questão religiosa é evocada para justificar a presença do sentimento de culpa.
Em toda a argumentação há um conflito: de um lado, a ideia de culpa teria sido reforçada pela moral repressora da Igreja – este é o aspecto moralizante dos sermão de Vieira; do outro, a religião também pode proporcionar o perdão – este é o aspecto piedoso presente no poema de Matos.
Já no Arcadismo (*veja a pág. 40*), a busca por uma existência simples, voltada para o prazer (*carpe diem*) e livre de preocupações atenuou o sentimento de culpa. A preocupação com a felicidade conduziu a uma estética baseada na exaltação dos prazeres terrenos.

CONEXÕES

PINTURA

[1]

[2]

Enquanto os poetas barrocos dispunham de figuras de linguagem (antíteses e paradoxos) para imprimir os contrastes típicos do período, pintores como o italiano Caravaggio, autor de ***David Vencedor de Golias*** (*no alto*), trabalharam os mesmos conflitos com base na dualidade claro/escuro e na dramaticidade das imagens.
No período neoclássico ou árcade, as contradições e os excessos do Barroco são substituídos pelos ideais de harmonia, suavidade e equilíbrio. Como na pintura ***Cristo Crucificado*** (*acima*), do espanhol Francisco Goya, que explora a temática religiosa, recorrente no Barroco, mas com outra abordagem. Note as linhas serenas e harmoniosas de um corpo limpo, sem sangue, que transmitem a sensação de que a morte é dor, não agonia. Os traços fortes e as abundantes sombras do Barroco dão lugar a um dramatismo sutil, sem emoções exageradas.

[1] CARAVAGGIO/MUSEU DO PRADO [2] FRANCISCO GOYA/MUSEU DO PRADO

A inspiração da natureza

No Arcadismo (1768-1836), a produção poética privilegia a simplicidade e a vida no campo

O movimento árcade também pode ser chamado de "neoclassicista", pois retoma elementos da tradição greco-latina. A busca de equilíbrio e de simplicidade formal (por oposição ao rebuscamento barroco) caracteriza os textos que, no **período iluminista**, valorizavam a razão e o aproveitamento dos prazeres terrenos.

No Brasil, essa mesma mentalidade, aliada a acontecimentos como a independência dos Estados Unidos, motiva jovens estudantes e poetas de Vila Rica (atual Ouro Preto, em Minas Gerais) a promover uma nova estética na produção poética, ao mesmo tempo que organizam a Inconfidência Mineira, a fim de libertar o Brasil do domínio português.

Tomás Antônio Gonzaga (1744-1810), poeta que adotou as convenções pastoris e bucólicas do Arcadismo, compôs um longo poema dedicado à amada Marília, no qual exalta a vida campestre e constrói uma argumentação que convida, de acordo com a ideia do *carpe diem* (viver o dia intensamente), a aproveitar os momentos breves e efêmeros da vida.

O QUE ISSO TEM A VER COM A HISTÓRIA
Iluminismo é a corrente de pensamento dominante na Europa, no século XVIII (conhecido como "século das luzes"), e defende o predomínio da razão e da ciência sobre a fé, representando a visão de mundo da burguesia. Os ideais iluministas foram reunidos na *Enciclopédia*, organizada pelos filósofos Diderot e D'Alembert. Para saber mais, veja o GUIA DO ESTUDANTE HISTÓRIA.

Liras

Tomás Antônio Gonzaga

Lira I

Eu, Marília, não sou algum vaqueiro,
que viva de guardar alheio gado,
de tosco trato, de expressões grosseiro,
dos frios gelos e dos sóis queimado.
Tenho próprio casal e nele assisto;
dá-me vinho, legume, fruta, azeite;
das brancas ovelhinhas tiro o leite,
e mais as finas lãs, de que me visto.
Graças, Marília bela.
Graças à minha Estrela!

Eu vi o meu semblante numa fonte:
dos anos inda não está cortado;
os Pastores que habitam este monte
respeitam o poder do meu cajado.
Com tal destreza toco a sanfoninha,
que inveja até me tem o próprio Alceste:
ao som dela concerto a voz celeste
nem canto letra, que não seja minha.
(...)

Lira XIII

Ornemos nossas testas com as flores.
E façamos de feno um brando leito,
Prendamo-nos, Marília, em laço estreito,
Gozemos do prazer de sãos Amores.
Sobre as nossas cabeças,
Sem que o possam deter, o tempo corre;
E para nós o tempo, que se passa,
Também, Marília, morre
Com os anos, Marília, o gosto falta,
E se entorpece o corpo já cansado;
triste o velho cordeiro está deitado,
e o leve filho sempre alegre salta.
A mesma formosura
(...)
Ah! Não, minha Marília,
Aproveite-se o tempo, antes que faça
O estrago de roubar ao corpo as forças
E ao semblante a graça.

www.dominiopublico.gov.br

SIMPLICIDADE
Os versos revelam a condição superior do eu lírico (que expressa os sentimentos do autor), que não cuida de gado alheio, tem casa própria e possui bens. Esses versos são típicos do convencionalismo e do artificialismo árcades, em defesa de uma vida pastoril e de uma paisagem europeia (acentuada por elementos como "azeite" e "vinho"), distante da realidade da cidade de Vila Rica. Apesar da descrição de aspectos da vida burguesa, o ideal exaltado se refere a uma vida simples, ligada ao desprezo pelos bens materiais.

VALORIZAÇÃO DA NATUREZA
Dirceu propõe a sua amada uma ida ingênua ao campo. O tema da fuga da cidade atualiza a expressão clássica *fugere urbem*. A natureza passa a ser vista como o lugar ideal e privilegiado para os idílios amorosos e para uma vida amena.

PRAZERES TERRENOS
A simplicidade e a pureza do comportamento inocente dos pastores são reforçadas pela amenização do discurso erótico, disfarçado em imagens bucólicas e descrições de travessuras infantis. No entanto, por detrás da suposta pureza e contemplação, há o desejo de concretização dos prazeres do corpo.

INSTANTES PASSAGEIROS
A experimentação dos prazeres materiais não é vista sob o signo do pecado e não causa arrependimento. A existência é formada por instantes passageiros, e o tempo deve ser aproveitado para desfrutar a felicidade terrena (atualiza-se a expressão clássica do *carpe diem*).

PERSUASÃO
O uso de uma linguagem simples, sem construções sintáticas sofisticadas, chama atenção para os ideais de simplicidade defendidos pelo movimento. O processo persuasivo acontece sob a forma de um convite – e não necessariamente de um convencimento direto e explícito.

CONEXÕES

CANÇÃO

ARGUMENTAÇÃO
Ainda que o tempo os separe por dois séculos, ambos os apaixonados vivem situações parecidas: desejam conquistar a amada. Para isso, usam técnicas argumentativas similares. Gonzaga quer mostrar à sua musa seus dotes (fazenda, gado). Já o eu lírico de *Pelados em Santos* conta com sua Brasília amarela e alguns presentes no processo de sedução burguesa.

VALORES BURGUESES
A canção apresenta valores da burguesia: o conquistador tenta se passar por um integrante dessa classe, mas termos populares (oxente) revelam sua condição: trata-se de um sujeito pertencente às camadas populares.

DISTINÇÃO
O tênis Reebok e a calça Fiorucci, produtos importados do Paraguai, davam a distinção necessária ao rapaz, assim como os produtos "importados" (azeite e vinho), produzidos na fazenda de Dirceu, em Liras.

ADJETIVO
Reebok é o adjetivo que acompanha o substantivo tênis, que está subentendido. Neste caso, podemos dizer que Reebok é um adjetivo substantivado (*veja outros usos do adjetivo no* Saiba mais *ao lado*).

Pelados em Santos

Mamonas Assassinas

Mina,
Seus cabelo é "da hora",
Seu corpo é um violão,
Meu docinho de coco,
Tá me deixando louco.

Minha Brasília amarela
Tá de portas abertas,
Pra mode a gente se amar,
Pelados em Santos.

Pois você minha "Pitxula",
Me deixa legalzão,
Não me sinto sozinho,
Você é meu chuchuzinho!
Music is very good! (Oxente ai, ai, ai!)

Mas comigo ela não quer se casar,
Na Brasília amarela com roda gaúcha,
Ela não quer entrar.

É feijão com jabá
Desgraçada num quer compartilhar
Mas ela é lindia
Muitcho mais do que lindia
Very, very beautiful

Você me deixa doidião
Oh, yes! Oh, nos!
Meu docinho de coco
(...)

Pro Paraguai ela não quis viajar,
Comprei um ***Reebok*** *e uma calça Fiorucci,*
Ela não quer usar.

Eu não sei o que faço
Pra essa mulé eu conquistchar
Por que ela é lindia
(...)

MESMA PROPOSTA
Da mesma forma que no poema árcade *Marília de Dirceu*, um sujeito apaixonado convida uma jovem para ir a um local afastado da cidade, propondo diversões inocentes que ocultam as reais intenções de aproveitar os prazeres sensuais da vida.

SAIBA MAIS

ADJETIVOS

O adjetivo – que acompanha o substantivo, indicando qualidade – pode desempenhar várias funções nas sentenças, conforme o contexto em que está inserido.

Adjetivos indicando característica ou qualidade

- *A conferência internacional reuniu representantes de países* ***pobres*** *e de países* ***ricos****.* (neste caso, pobres e ricos são adjetivos)

Adjetivos utilizados como substantivo

- *Robin Hood roubava o dinheiro dos* ***ricos*** *e entregava aos* ***pobres****.* (as palavras destacadas funcionam como substantivos)

Adjetivos usados como advérbio

Os adjetivos podem acompanhar um verbo e indicar as circunstâncias da ação

- *João era um garoto* ***tímido*** *e* ***baixo****.* (aqui, tímido e baixo são adjetivos que se referem ao substantivo garoto)
- *João era um garoto* ***tímido*** *e falava* ***baixo****.* (tímido é adjetivo, mas baixo torna-se um advérbio ligado à ação de falar)

Alteração de sentido em razão da colocação (antes ou depois do substantivo)

- *João será, provavelmente, um* ***homem grande****.* (= alto)
- *João será, provavelmente, um* ***grande homem****.* (= virtuoso)

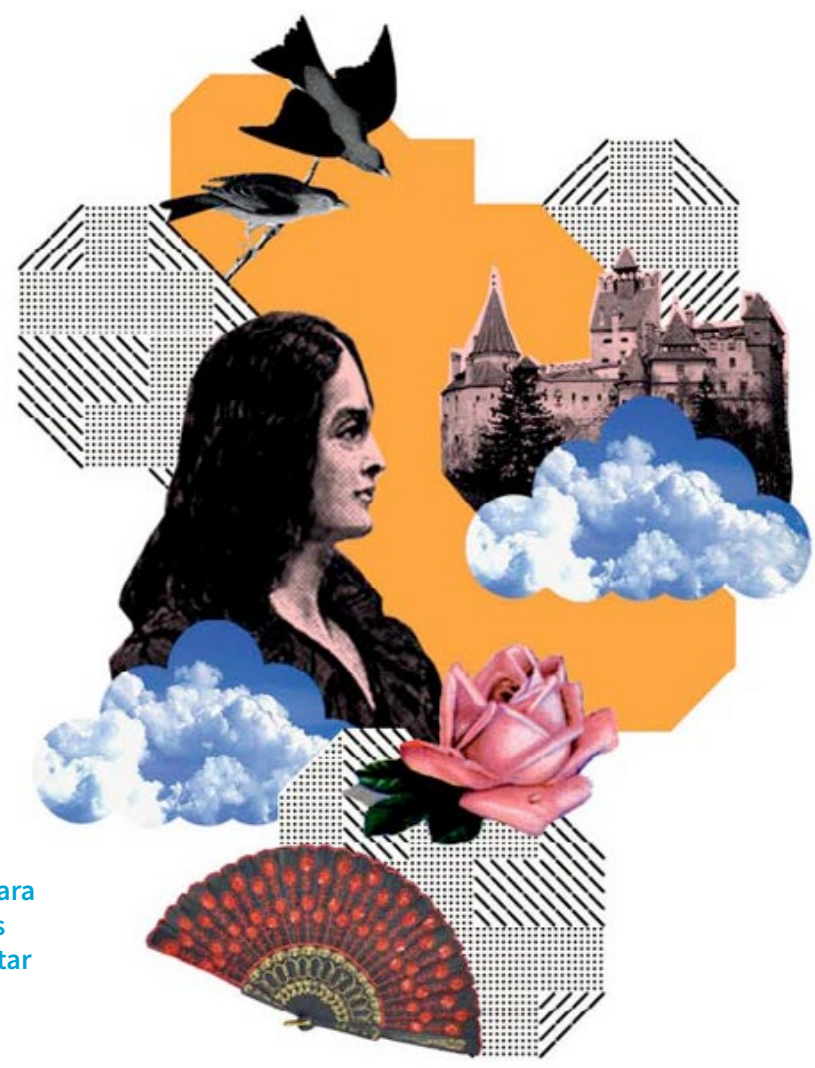

© TEREZA BETTINARDI

1. (UFRJ 2011 – ADAPTADA)

SONETO
[Moraliza o poeta nos ocidentes do sol
a inconstância dos bens do mundo]

Nasce o Sol, e não dura mais que um dia,
Depois da Luz se segue a noite escura,
Em tristes sombras morre a formosura,
Em contínuas tristezas a alegria.

Porém se acaba o Sol, por que nascia?
Se formosa a Luz é, por que não dura?
Como a beleza assim se transfigura?
Como o gosto da pena assim se fia?

Mas no Sol, e na Luz, falte a firmeza,
Na formosura não se dê constância,
E na alegria sinta-se tristeza.

Começa o mundo enfim pela ignorância,
E tem qualquer dos bens por natureza
A firmeza somente na inconstância.

MATOS, Gregório. Obras Completas de Gregório de Matos. *Salvador: Janaína, 1969, 7 volumes.*

Todo soneto apresenta a estruturação: tese, antítese e síntese. Com base nessa informação, faça o seguinte:

a) Explique de que maneira a síntese do soneto de Gregório de Matos vincula-se ao projeto estético do Barroco.
b) Descreva como a relação entre os sentimentos de "alegria" e "tristeza" ganha novo sentido no desenrolar do soneto.

RESOLUÇÃO

a) A síntese do soneto ("A firmeza somente na inconstância") relaciona-se ao projeto estético do Barroco pela problematização de uma questão central: conciliar o inconciliável, ou seja, aproximar concepções antagônicas como, por exemplo, tristeza/alegria e luz/sombra, o que caracteriza o típico conflito barroco.
b) A concepção mais comum de que a alegria é inviabilizada por contínuas tristezas é reconstruída, ou seja, alegria e tristeza podem coexistir ("E na alegria sinta-se tristeza").

2. (FUVEST 2013 ADAPTADA)

São Paulo gigante, torrão adorado
Estou abraçado com meu violão
Feito de pinheiro da mata selvagem
Que enfeita a paisagem lá do meu sertão

Tonico e Tinoco, São Paulo Gigante.

Nos versos da canção dos paulistas Tonico e Tinoco, o termo "sertão" deve ser compreendido como

a) descritivo da paisagem e da vegetação típicas do sertão existente na Região Nordeste do país.
b) contraposição ao litoral, na concepção dada pelos caiçaras, que identificam o sertão com a presença dos pinheiros.
c) analogia à paisagem predominante no Centro-Oeste brasileiro, tal como foi encontrada pelos bandeirantes no século XVII.
d) metáfora da cidade-metrópole, referindo-se à aridez do concreto e das construções.
e) generalização do ambiente rural, independentemente das características de sua vegetação.

RESOLUÇÃO

A palavra "sertão" é uma metáfora para interior do Brasil, usada em contraponto à cidade ou à metrópole, caracterizada pela aridez do concreto e das construções. Ao mencionar o material de que é feito o violão, o poeta não alude à vegetação típica do sertão, mas sim à simplicidade do povo do interior que usa os recursos de que dispõe para desenvolver uma cultura popular representativa do meio a que pertence ("meu violão/ Feito de pinheiro da mata selvagem/ Que enfeita a paisagem lá do meu sertão").
Resposta: E

3. UNICAMP (2012 ADAPTADA)

Há notícias que são de interesse público e há notícias que são de interesse do público. Se a celebridade "x" está saindo com o ator "y", isso não tem nenhum interesse público. Mas, dependendo de quem sejam "x" e "y", é de enorme interesse do público (...)

Fernando Barros e Silva, O jornalista e o assassino. Folha de São Paulo *(versão on line), 18/04/2011. Acessado em 20/12/2011.*

A palavra público é empregada no texto ora como substantivo, ora como adjetivo. Exemplifique cada um desses empregos e apresente o critério que você utilizou para fazer a distinção.

RESOLUÇÃO

Em "Há notícias que são de interesse público (...)", a palavra público tem função de adjetivo, uma vez que qualifica o substantivo interesse. Já em "(...) há notícias que são de interesse do público", a palavra público aparece como substantivo e nomeia povo, grupo de pessoas.

4. (IFBA 2016)

O GLOBO

IMPUNIDADE O BRASIL VIVE O CRIME SEM CASTIGO

Crimes crescem, mas Rio investiga cada vez menos

Número de processos cai em 38 das 88 varas criminais do estado

Disponível em: <http://ideaconversa.com.br/portugues/lista-conjuncoes>. Acesso em: 24.09.2015.

Analise a imagem acima e identifique a figura de linguagem em evidência no título da manchete.

a) Metáfora. **b)** Hipérbole. **c)** Hipérbato.
d) Metonímia. **e)** Pleonasmo.

RESOLUÇÃO
Na capa do jornal foi usado o nome da localidade (Rio de Janeiro) para se referir aos profissionais do estado ou da cidade. Ou seja, não é o Rio de Janeiro quem investiga, mas sim os profissionais que lá moram. O uso de um termo (localidade) para tratar do sentido de outro (pessoas que lá moram) é característico da figura de linguagem metonímia.
Resposta: D

5. (UERJ 2016 ADAPTADA)

TERRORISMO LÓGICO

O terrorismo é duplamente obscurantista: primeiro no atentado, depois nas reações que desencadeia. Said e Chérif Kouachi eram descendentes de imigrantes. Said e Chérif Kouachi são suspeitos do ataque ao jornal Charlie Hebdo*, na França. Se não houvesse imigrantes na França, não teria havido ataque ao* Charlie Hebdo*. Said e Chérif Kouachi, suspeitos do ataque ao jornal* Charlie Hebdo*, eram filhos de argelinos. Zinedine Zidane é filho de argelinos. Zinedine Zidane é terrorista. Said e Chérif Kouachi, suspeitos do ataque ao jornal* Charlie Hebdo*, eram filhos de argelinos. Said e Chérif Kouachi sabiam jogar futebol. Muçulmanos são uma minoria na França. Membros de uma minoria são suspeitos do ataque terrorista. Olha aí no que dá defender minoria... A esquerda francesa defende minorias. Membros de uma minoria são suspeitos pelo ataque terrorista. A esquerda francesa é culpada pelo ataque terrorista. A extrema direita francesa demoniza os imigrantes. O ataque terrorista fortalece a extrema direita francesa. A extrema direita francesa está por trás do ataque terrorista. Marine Le Pen é a líder da extrema direita francesa. "Le Pen" é "O Caneta", se tomarmos o artigo em francês e o substantivo em inglês. Eis aí uma demonstração de apoio da extrema direita francesa à liberdade de expressão (...). Numa democracia, é desejável que as pessoas sejam livres para se expressar. Algumas dessas expressões podem ofender indivíduos ou grupos. Numa democracia, é desejável que indivíduos ou grupos sejam ofendidos. Os terroristas que atacaram o jornal* Charlie Hebdo *usavam gorros pretos. "Black blocs" usam gorros pretos. "Black blocs" são terroristas. Todo abacate é verde. O Incrível Hulk é verde. O Incrível Hulk é um abacate.*

Antonio Prata. Adaptado de Folha de S.Paulo*, 11/01/2015.*

Antonio Prata construiu uma série de variações do argumento típico do método dedutivo, conhecido como "silogismo" e normalmente organizado na forma de três sentenças em sequência.
A organização do silogismo sintetiza a estrutura do próprio método dedutivo, que se encontra melhor apresentada em:
a) premissa geral – premissa particular – conclusão
b) premissa particular – premissa geral – conclusão
c) premissa geral – segunda premissa geral – conclusão particular
d) premissa particular – segunda premissa particular – conclusão geral

RESOLUÇÃO
Uma das relações lógicas possíveis é a dedução. Seu método parte sempre do aspecto geral para um aspecto particular. No silogismo, esse caminho se realiza da premissa geral para a premissa particular e leva a uma conclusão. No entanto, a confusão reside no fato de que a simples associação de dois aspectos incomuns entre pessoas ou situações não procede.
Resposta: A

RESUMO

Literatura Colonial

QUINHENTISMO (1500-1601) Período que abrange as primeiras manifestações literárias produzidas no Brasil, à época de seu descobrimento. Inclui a literatura de informação – os relatos dos viajantes europeus, como a carta de Pero Vaz de Caminha ao Rei dom Manuel – e os textos dos missionários jesuítas, como os do padre José de Anchieta, para a evangelização dos indígenas.

BARROCO (1601-1768) A literatura usa a linguagem de maneira rebuscada, empregando figuras de linguagem (como a antítese e os paradoxos) que reforçam os conflitos morais (o sagrado *versus* o profano, por exemplo) vividos pelo homem da época. O poeta Gregório de Matos e o padre Antônio Vieira são os dois grandes nomes do período.

ARCADISMO (1768-1836) Os poetas buscam a harmonia com a natureza e exaltam as belezas do campo. Alguns criam pseudônimos, assumindo personalidade de antigos pastores gregos. Destacam-se Tomás Antônio Gonzaga, com as *Liras de Marília de Dirceu*, e Claudio Manuel da Costa, que tiveram participação na Inconfidência Mineira.

GRAMÁTICA E INTERPRETAÇÃO

- **Figuras de linguagem** É o uso de determinadas palavras ou expressões com sentido diferente do usual com o objetivo de enfatizar uma ideia. As principais são a metáfora (Ex: *Aquele ator é um gato*), que aproxima elementos que têm características semelhantes; e a metonímia (Ex: *Eu li Machado de Assis*), que, no caso, substitui o autor pela obra.

- **Paralelismo** São construções que apresentam a mesma estrutura. Exemplo de mesma estrutura gramatical é: Eu a amo, pois você é linda (os pronomes "a" e "você" referem-se à mesma pessoa, a 3ª do singular).

- **Relações lógicas** As frases podem ser articuladas por mecanismos lógicos:
  Pressuposição Circunstância ou fato considerado como antecedente necessário a outro.
  Ideia implícita É aquilo que se imagina ter em mente, porém não está expresso.
  Dedução Parte de dados gerais para tratar de dados particulares.
  Indução Parte de um caso particular para chegar a uma afirmação geral.

- **Adjetivos** O adjetivo pode desempenhar várias funções nas sentenças, segundo o contexto em que ele está inserido, tais como: indicar característica ou qualidade do substantivo, ser empregado como substantivo ou advérbio e alterar o sentido do substantivo em razão de sua colocação (antes ou depois do substantivo).

3

LITERATURA DO ROMANTISMO

CONTEÚDO DESTE CAPÍTULO

- *Interpretando: intertextualidade* 46
- *1ª geração romântica* 48
- *2ª geração romântica* 54
- *3ª geração romântica* 56
- *Como cai na prova + Resumo* 60

Índios sob ameaça

Governo tenta mudar o sistema de demarcação de terras indígenas, mas é obrigado a recuar depois da repercussão negativa provocada pela medida

O Brasil conta atualmente com 562 terras indígenas, concentradas principalmente na região amazônica. Em diferentes estágios de regularização, essas áreas abrigam 58% dos quase 900 mil índios brasileiros. A demarcação de terras exclusivas para ocupação indígena é apontada por especialistas como um dos principais fatores para o aumento da população de índios nas últimas décadas. Entre 1991 e 2010, o crescimento demográfico foi de 205%, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

No início de 2017, uma polêmica envolveu a demarcação dessas terras. O Ministério da Justiça baixou uma portaria criando um Grupo Técnico Especializado (GTE) para acompanhar o processo de demarcação. Até então, a responsabilidade pela criação de novas áreas era exclusiva da Fundação Nacional do Índio (Funai). Após fazer a devida análise, bastava ao órgão encaminhar o relatório de demarcação para o aval do ministro da Justiça e do presidente da República. Segundo a nova portaria, caberia ao GTE avaliar a decisão da Funai antes de passá-la adiante.

A medida desagradou lideranças indígenas e ONGs de apoio à causa. A portaria, segundo eles, dificultaria a demarcação de novas terras e, no fundo, atenderia aos interesses de grandes latifundiários, historicamente contrários à criação de áreas exclusivas para os índios. "Trata-se de criar uma comissão para burocratizar a demarcação. É um passo a mais para travar o processo", disse na ocasião o jurista e ex-presidente da Funai Carlos Frederico Marés. Pressionado, o governo voltou atrás e, em menos de 48 horas, revogou a portaria.

Dois meses depois, a causa indígena sofreu outro abalo. Poucos dias após assumir o Ministério da Justiça, o deputado Osmar Serraglio, ligado ao agronegócio, minimizou a importância de criação de novas áreas indígenas. Para ele, essas terras "não enchem a barriga de ninguém". O secretário-executivo do Conselho Indigenista Missionário, Cleber César Buzatto, rebateu: "Para o índio, a terra é um elemento central. Ela não só enche a barriga, mas enche também o sentido da vida".

Durante o período do Romantismo no Brasil (1836-1881), a figura do índio foi elemento central. Em busca da criação de uma identidade brasileira, autores como Gonçalves Dias e José de Alencar encontram nos povos indígenas o herói nacional, a figura correspondente ao cavaleiro medieval europeu.

CURUMINS
Crianças indígenas no espelho d'água do Palácio do Planalto, em Brasília, em 22 de novembro de 2016; na data houve manifestação de povos indígenas contra medidas do governo

EVARISTO SA/AFP

Conversa afiada

Um texto pode dialogar com outro ao apropriar-se de sua estrutura ou ideias. Perceber essas relações é fundamental para compreender o seu sentido

Além do Nacionalismo (e do Indianismo, no caso do Brasil), a subjetividade e a expressão dos sentimentos são outras fortes características do Romantismo. Os autores desse período funcionavam como conselheiros amorosos, e suas obras serviam como apoio para que leitores tomassem decisões sentimentais baseadas nas aventuras vividas pelas heroínas românticas.

Muitas histórias do Romantismo brasileiro eram releituras de outros enlaces amorosos vividos por personagens clássicos da literatura universal, o que configura, de alguma forma, um processo de **diálogo entre textos**.

O artigo abaixo, do escritor e jornalista Xico Sá, publicado em dezembro de 2015 no site brasileiro do jornal *El País*, trabalha tanto com a temática do Romantismo, ao oferecer conselhos amorosos a uma leitora, como com a própria intertextualidade. O colunista usa alusões e citações para tratar das desventuras amorosas da moça e mostra que elas também estão contadas nas obras literárias e nas canções populares, sobretudo de Chico Buarque.

APONTE O CELULAR PARA AS PÁGINAS E VEJA UMA VIDEOAULA SOBRE INTERTEXTUALIDADE
(MAIS INFORMAÇÕES NA PÁG. 6)

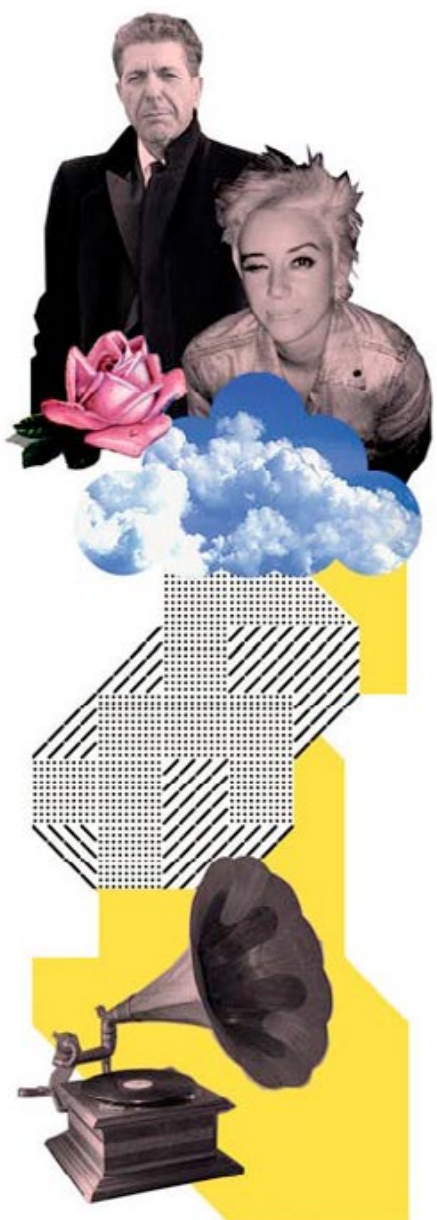

O que Só Carolina Não Viu

Xico Sá

Carolina sabia que o seu amor estava por um fio, mas Carolina nem em pesadelo imaginava que o fim seria agora, nas cinzas desse 2015 que teima em não desfolhar de vez o calendário. Carol não sabia que os barracos natalinos são fatais – muita gente sai para comprar a ceia e não acerta mais o caminho de volta. Foi o caso.

Carolina não havia lido as frias estatísticas sobre o aumento do número de divórcios na virada de ano. Carolina não viu e nem leu nos olhos do moço os sinais de fraqueza e desistência. Todo homem anuncia, nas entrelinhas dos vacilos, o apocalipse. Carolina não viu que ele andava frio na cama, acreditou nas desculpas não solicitadas do cansaço, do stress no emprego, da carga pesada do trabalho e os dias.

O amor estava por um fio...

Carolina sempre escreveu a este cronista e consultor sentimental em momentos delicados. Desde o seu primeiro ***rolinho primavera amoroso****, ainda em 2000. Ela completara seus 15, pelo que me lembro.*

Carolina sabe pouca coisa a essa altura. Uma delas é que seu batismo, como o de milhares de moças parecidas, pode ter sido inspirado na canção homônima do Chico. Carolina até transa política, mas não agora. Carolina, para se ter ideia do alheamento do mundo, nem comentou sobre o cerco fascista ao xará nesse tempo da indelicadeza. Nada disse sobre o assunto.

"Onde queres Leblon, sou Pernambuco", provoquei Carolina, recifense que hoje habita a cidade de São Paulo.

Mulher de 30 anos, C. confessa que nunca viu o amor vingar de fato. Contesto. O amor não precisa ser eterno. Tento ativar a memória da moça, bloque-

PARÓDIA
O título parodia a famosa canção *Carolina*, de Chico Buarque (*"O tempo passou na janela/ só Carolina não viu"*). Ele se refere ao desejo da destinatária da carta de não perceber que sua história amorosa acabou.

IRONIA
Há ironia no uso do advérbio "só": todo mundo percebeu o fim do romance, exceto Carolina, moça sonhadora como as heroínas românticas.

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA
O colunista alude a um prato típico da cozinha asiática (rolinho primavera) e o relaciona a histórias amorosas que, na expressão popular, são chamadas de "rolo".

IRONIA
A ironia está na descaracterização da relação como algo sério (ao ser chamado de "rolinho") e na ilusão de promessa amorosa com "primavera" (conhecida como a estação do amor).

DIMINUTIVO
O diminutivo "rolinho" torna a relação menos séria ainda do que "rolo". É muito comum o uso do diminutivo com sentido pejorativo.

FUNÇÃO POÉTICA E ALUSÃO
O autor se refere à passagem do tempo de forma figurada. Estabelece uma relação entre mudar a folha do calendário e mudar de fato o tempo ou, até mesmo, sua história amorosa.

METALINGUAGEM
Ao se colocar como um conselheiro sentimental e fazer referência a esse tipo de procedimento, o autor estabelece uma relação metalinguística (pois é usado o próprio código – a linguagem – como o assunto que está sendo tratado).

INTERTEXTUALIDADE E POLÍTICA
O autor faz referência ao fato de Chico Buarque ter sido hostilizado por simpatizantes da direita por ter sua imagem associada à esquerda. *"Tempo da delicadeza"* é um verso da música *Todo Sentimento*, do cantor.

ANTÍTESE
Referência à canção *O Quereres*, de Caetano Veloso, que mostra uma relação antitética (um bairro rico, Leblon, *versus* uma região pobre, Pernambuco).

ada a essa altura. Relembro para ela os namoros e rolos que deixaram algumas marcas – as cartas enviadas a este conselheiro são provas. Nada, porém, conforta a moça neste fiapo de infeliz ano velho.

Carolina namorava havia quase dois anos. O tipo de namoro que demorou para incendiar as horas e que ainda não havia chegado naquele estágio de "todos los fuegos, el fuego". Que vacilão esse cara, oito anos a mais do que ela. Que vacilão, meu Deus, tudo lindamente planejado por ela, incluindo o Réveillon na praia de Carneiros, litoral sul pernambucano.

O cara simplesmente desapareceu, como na lenda do homem que sai para comprar cigarros. O king size sem filtro do abandono. Sem deixar pelo menos um bilhete na porta, como no samba do Arnesto. Um fumegante chá de sumiço.

Sim, está vivíssimo. Não foi vítima de nenhuma violência urbana. Carolina, cujos olhos guardam tanta dor, viu apenas os passos do desalmado nas redes sociais. Em uma daquelas festas de confraternização de amigos. Sorriso cínico abraçando a chefe do seu departamento na firma.

Sim, haviam brigado. Desentendimento de rotina, aquelas rusgas tão comuns no final do ano dos casais. Carolina não sabia é que ele seria tão menino ao ponto de cair fora. Tempo de homens vacilões, tento de novo confortá-la. Não lhe merece etc. Palavras de consolação ao vento.

Folhetim

Ah, Carolina, tenta mudar de personagem entre as mulheres das canções de Chico. Aconselho. Que tal fazer como aquela fêmea madura e bem-resolvida, a que diz mais ou menos assim: "...E já não vales nada, és página virada descartada do meu folhetim".

Vira essa página, Carolina. Sei que não é fácil, mas o que posso dizer a essa altura?

Como toda mulher revoltada, Carolina, pega o primeiro que encontrar pela frente, aquele homem que bebe na calçada da tua esquina. Quem dera fosse assim tão simples, não é, minha amada leitora? Ah, mata esse infeliz-das-costas-ocas, a punhaladas, nem que dê primeira página, cenas de sangue num bar da Vila Madalena. Pelo menos agora ela riu da minha proposta maluca. Rimos. Vida, teu nome é tragicomédia.

Ah, Carolina, escuta o Chico, o Roberto das antigas, o Leonard Cohen, a tua estimada Cat Power, Waldick. Vanusa... Enche a cara com um brega... E fica o mantra: quando a vida dói/ drinque caubói".

Mil perdões, Carolina, realmente não é uma missão fácil de aconselhamento. Fica o meu afeto e conte sempre com o ombro do cronista. Mais sorte no amor em 2016. Beijos.

INTERTEXTUALIDADE E LITERATURA
A desilusão de Carolina é associada aos dramas típicos das heroínas românticas. Não faltam menções à literatura: *Mulher de Trinta Anos*, de Balzac, *Feliz Ano Velho*, de Marcelo Rubens Paiva, e *Todos os Fogos o Fogo*, de Julio Cortázar.

METÁFORA
Sair para comprar cigarros (e não voltar) é uma metáfora para abandono. O autor cita um tipo de cigarro que se vendia antigamente, sem filtro e mais forte – como a dor de quem é abandonado. A fluidez da fumaça (fumegante chá), que rapidamente se esvai, reforça a ideia de sumiço e de abandono.

CITAÇÃO E METÁFORA
Mais uma citação a Chico Buarque. Desta vez, a canção *Folhetim*. Note as metáforas *"tenta mudar de personagem"* e *"vire essa página"* para que ela busque uma nova vida ou um novo amor. Outra canção do compositor também é citada (*Mil Perdões*), no último parágrafo.

INTERTEXTUALIDADE E CANÇÕES POPULARES
Mais referências a canções populares: *Samba do Arnesto*, em que o anfitrião some sem avisar, e *Ronda* ("cenas de sangue num bar"), sobre uma apaixonada que ronda a cidade em busca de seu amado.

ENUMERAÇÃO E DOR DE COTOVELO
O autor enumera diversos cantores populares que tratam das dores de amor, como a de Carolina, conhecidas popularmente por "dor de cotovelo".

SAIBA MAIS

RELAÇÕES ENTRE TEXTOS

A intertextualidade é o **diálogo estabelecido entre um ou mais textos**. Ela ocorre toda vez que um texto se apropria de outro, no nível da composição da frase ou da ideia (*veja exemplos no texto de Xico Sá*). Nesse caso, um autor deseja, conscientemente, referir-se a outro texto, escrito em outro momento, por outro autor (ou até por ele mesmo). Geralmente, os textos fontes (retomados) são aqueles de referência, considerados fundamentais em uma determinada cultura. Daí a importância de ter um bom repertório cultural, para reconhecer e identificar uma relação intertextual. A intertextualidade pode ocorrer afirmando as mesmas ideias da obra citada ou contestando-as. Há duas formas básicas: a paráfrase e a paródia.

Paráfrase: É dizer com outras palavras o que já foi dito. Na paráfrase, o texto é reescrito, porém a ideia é confirmada pela nova transcrição.

Paródia: Ao alterar o sentido do texto original, a paródia faz uma transposição de contexto e, frequentemente, provoca um efeito de humor (*veja exemplos nas páginas 51, 96 e 99*).

Atenção: não confunda intertextualidade com a citação pela simples citação (*Isso me lembra um samba antigo: "Tristeza não tem fim/Felicidade sim"*). Neste exemplo, não há apropriação da frase ou da ideia, apenas uma referência isolada.

© TEREZA BETTINARDI

Sob o domínio da emoção

A valorização do indivíduo e da subjetividade no Romantismo (1836-1881)

O Romantismo está diretamente relacionado à consolidação do **mundo burguês**. Com a ascensão da burguesia, as regras de composição clássicas são substituídas pela liberdade formal; a justa medida equilibrada cede espaço aos exageros dos sentimentos; a objetividade é posta de lado em favor da subjetividade romântica. O individualismo e o sentimentalismo são elementos centrais desse movimento literário.

Primeira geração romântica: prosa

José de Alencar (1829-1877) é o principal representante da primeira vertente do Romantismo brasileiro, também chamada de Indianismo. A preocupação central dos autores desse período é a definição da identidade nacional brasileira, tempos após a proclamação da independência (1822). Nesse contexto, a valorização da figura indígena (considerada o herói nacional) e a exaltação dos elementos típicos da cultura local (e também da natureza brasileira) são recorrentes nos textos literários.

O QUE ISSO TEM A VER COM A HISTÓRIA
A Revolução Industrial, ocorrida na Inglaterra na segunda metade do século XVIII, e a Revolução Francesa, em 1789, significaram a ascensão da burguesia e a decadência do Antigo Regime (caracterizado pelo poder concentrado nas mãos do rei e pelo mercantilismo). Essas duas revoluções contribuíram, respectivamente, para a consolidação do capitalismo e para o fim do absolutismo. Para saber mais, veja o GUIA DO ESTUDANTE HISTÓRIA.

Escrito em prosa poética, o romance indianista *Iracema* (1865) traça uma espécie de mito de fundação da identidade brasileira ao mostrar a história de amor entre o colonizador Martim e a índia dos lábios de mel.

Iracema

José de Alencar

Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira.

O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.

Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem ***corria*** *o sertão e as matas do Ipu, onde* ***campeava*** *sua guerreira tribo da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando,* ***alisava*** *apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.*

Um dia, ao pino do sol, ela ***repousava*** *em um claro da floresta.* ***Banhava-lhe*** *o corpo a sombra da oiticica, mais fresca do que o orvalho da noite. Os ramos da acácia silvestre* ***esparziam*** *flores sobre os úmidos cabelos. Escondidos na folhagem os pássaros* ***ameigavam*** *o canto.*

Iracema ***saiu*** *do banho; o aljôfar d'água ainda a* ***roreja****, como à doce mangaba que corou em manhã de chuva. Enquanto* ***repousa****,* ***empluma*** *das penas do gará as flechas de seu arco, e* ***concerta*** *com o sabiá da mata, pousado no galho próximo, o canto agreste.*

A graciosa ará, sua companheira e amiga, brinca junto dela. Às vezes sobe aos ramos da árvore e de lá chama a virgem pelo nome; outras remexe o uru de palha matizada, onde traz a selvagem seus perfumes, os alvos fios do crautá, as agulhas da juçara com que tece a renda, e as tintas de que matiza o algodão.

Rumor suspeito quebra a doce harmonia da sesta. Ergue a virgem os olhos, que o sol não deslumbra; sua vista perturba-se.

HERÓI NACIONAL
Iracema representa o herói brasileiro por excelência. O início do romance apresenta uma índia nascida no Brasil e integrada com o meio natural e os elementos tropicais. A cor local e a natureza brasileira são valorizadas pelo narrador.

COMPARAÇÃO
Os traços próprios da personagem são descritos por meio de comparações com elementos da natureza, a fim de explicitar a identificação de Iracema com a terra brasileira. As relações de comparação aproximam elementos com características semelhantes, por meio de estruturas comparativas ("como", "tal como"). Note, também, a construção idealizada da personagem, feita por meio da exaltação de atributos físicos, com base em elementos naturais.

TEMPOS VERBAIS
Em textos narrativos, geralmente há o emprego de verbos no pretérito imperfeito ("corria", "campeava" etc.) ao fazer descrições e relatar ações habituais no passado. No momento específico que dá início à narrativa emprega-se o pretérito perfeito, usado para indicar ações concluídas em um momento passado ("Iracema saiu do banho"). A partir de então, desenrola-se uma cena trazida para perto do leitor por meio do emprego de verbos no presente do indicativo ("roreja", "repousa" etc.).

TIPOS TEXTUAIS
O fragmento articula dois tipos textuais básicos: o narrativo e o descritivo. Para configurar a personagem principal (Iracema) em relação ao espaço (a paisagem brasileira), integram-se aspectos de ordem física às ações da protagonista, de maneira a combinar elementos estáticos e dinâmicos.

CAPÍTULO 2

Diante dela e todo a contemplá-la está um guerreiro estranho, se é guerreiro e não algum mau espírito da floresta. Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar; nos olhos o azul triste das águas profundas. Ignotas armas e tecidos ignotos cobrem-lhe o corpo.

Foi rápido, como o olhar, o gesto de Iracema. A flecha embebida no arco partiu. Gotas de sangue borbulham na face do desconhecido.

De primeiro ímpeto, a mão lesta caiu sobre a cruz da espada; mas logo sorriu. (...)

CAPÍTULO 22

(...)

A cabana do velho guerreiro estava junto das formosas cascatas, onde salta o peixe no meio dos borbotões de espuma. As águas ali são frescas e macias, como a brisa do mar, que passa entre as palmas dos coqueiros, nas horas da calma.

Batuireté estava sentado sobre uma das lapas da cascata; o sol ardente caía sobre sua cabeça, nua de cabelos e cheia de rugas como o jenipapo Assim dorme o jaburu na borda do lago.

—Poti é chegado à cabana do grande Maranguab, pai de Jatobá, e trouxe seu irmão branco para ver o maior guerreiro das nações.

O velho soabriu as pesadas pálpebras, e passou do neto ao estrangeiro um olhar baço. Depois o peito arquejou e os lábios murmuraram:

— Tupã quis que estes olhos vissem antes de se apagarem, o gavião branco junto da narceja.

O abaetê derrubou a fronte aos peitos, e não falou mais, nem mais se moveu.

Poti e Martim julgaram que ele dormia e se afastaram com respeito para não perturbar o repouso de quem tanto obrara na longa vida.

(...)

Ática, 2009

METÁFORA E CRÍTICA
Martim é o "gavião branco", ave de rapina que representa o colonizador, o predador que vai devorar a "narceja", ave menor e frágil, metáfora para Iracema e para os índios. Alencar sugere, na fala do chefe Batuireté, que o encontro entre o colonizador português com os índios não trouxe bons resultados para estes.

DIÁLOGO ENTRE OBRAS

OLHAR NACIONALISTA

Em *Mayombe* (1980), o escritor angolano Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, conhecido como Pepetela, cria um painel do país no início dos anos 1970, período da guerra de independência dessa ex-colônia portuguesa. No centro da narrativa está o comandante Sem Medo, líder guerrilheiro do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), que se refugia na floresta Mayombe. Ao longo da trama percebem-se os desafios enfrentados pelos revolucionários para a libertação do país e para a implantação do socialismo, em meio a rivalidades de tribos e casos de racismo e de corrupção entre aqueles que lutavam pela independência.

DESSACRALIZAÇÃO DO HERÓI
Podemos associar *Mayombe* ao movimento romântico devido ao caráter nacionalista e por narrar uma epopeia de guerra em meio a tribos e colonizadores. Mas, diferentemente dos românticos, não se encontra em Mayombe heróis idealizados, ao contrário, vê-se na obra a dessacralização do herói (*veja também Identidade Nacional e inovação na linguagem, na pág. 111*).

METONÍMIA
Note a figura de linguagem em que a causa (suor) é usada no lugar do efeito (dinheiro, salário ou produto do trabalho).

VISÃO CRÍTICA
Mayombe também não apresenta visão idealizada do conquistador e critica de forma clara o colonialismo e a exploração dos povos.

Mayombe

Pepetela

(...)

- Vocês ganham vinte escudos por dia para abaterem as árvores a machado, marcharem, marcharem, carregarem pesos. O motorista ganha cinqüenta escudos por dia, por trabalhar com a serra. Mas quantas árvores abate por dia vossa equipa? Umas trinta. E quanto ganha o patrão por cada árvore? Um dinheirão. O que é que o patrão faz para ganhar esse dinheiro? Nada, nada. Mas é ele que ganha. E o machado com que vocês trabalham nem sequer é dele. É vosso, que o compram na cantina por setenta escudos. E a catana é dele? Não, vocês compram-na por cinqüenta escudos. Quer dizer, nem os instrumentos com que vocês trabalham pertencem ao patrão. Vocês são obrigados a comprá-los, são descontados do vosso salário no fim do mês. As árvores são do patrão? Não. São vossas, são nossas, porque estão na terra angolana. Os machados e as catanas são do patrão? Não, são vossos. ***O suor do trabalho*** *é do patrão? Não, é vosso, pois são vocês que trabalham. Então, como é que ele ganha muitos contos por dia e a vocês dá vinte escudos? Com que direito?* ***Isso é exploração colonialista. O que trabalha está a arranjar riqueza para o estrangeiro, que não trabalha.*** *O patrão tem a força do lado dele, tem o exército, a polícia, a administração. É com essa força que ele vos obriga a trabalhar, para ele enriquecer.(...)*

FIGURA DO COLONIZADOR
Pode-se perceber alguma conexão com a fala de Batuireté, de *Iracema*, que se opunha à aproximação entre o homem branco e os índios, porque temia que estes fossem explorados ou devorados pelo "gavião branco" (o colonizador).

© TEREZA BETTINARDI

Primeira geração romântica: poesia

Gonçalves Dias (1823-1864) é o principal nome da poesia na primeira fase do Romantismo. A identificação do índio como um herói nacional idealizado e a exuberância da natureza brasileira também são frequentes em seus poemas. Além disso, pode-se observar o forte teor sentimentalista típico em poetas românticos que retratam quadros dolorosos de amor e de sofrimento.

Na poesia de Gonçalves Dias nota-se a retomada do estilo tradicional desenvolvido pelos poetas medievais e clássicos, sobretudo a musicalidade, o ritmo e a escrita equilibrada com formas rígidas, pouco usuais na poesia romântica. Entre suas obras estão *Primeiros Cantos*, *Os Timbiras* e *Últimos Cantos* (com destaque para o poema *I-Juca Pirama*).

[1]

Publicado em *Primeiros Cantos* (1847), este é um dos mais célebres poemas da literatura brasileira e também um dos mais parodiados (*veja ao lado*). Tipicamente romântico, um eu lírico (aquele que expressa os sentimentos do autor), distante da pátria brasileira, evoca com saudosismo os aspectos genuínos do Brasil.

Canção do Exílio

Gonçalves Dias

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer eu encontro lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que disfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

VALORIZAÇÃO DO BRASIL
Note a presença de uma valorização idealizada da terra natal: o autor está no exílio (o afastamento espacial é um traço romântico). Distante da pátria, todas as lembranças da natureza brasileira são supervalorizadas.

INTERTEXTUALIDADE
Por meio de uma relação intertextual, os versos de exaltação à pátria reaparecem na letra do *Hino Nacional*, de Osório Duque Estrada.

PRONOMES POSSESSIVOS
Ajudam a estabelecer relações com a pátria: com "minha terra", o autor explicita a ligação com seu país. A repetição das flexões do pronome "nosso" amplia a relação de posse: a natureza brasileira é tratada como patrimônio coletivo do povo.

ADVÉRBIOS
O exílio, no qual o poeta se sente incompleto, é indicado pelo marcador "aqui". A terra natal distante é designada pelo marcador "lá". A separação entre o autor e a pátria assinala o desejo do "eu" romântico de conectar-se de novo com o mundo natural de seu país de origem. Repare ainda no emprego do advérbio de intensidade "mais" para demarcar a superioridade da natureza brasileira. Trata-se de uma concepção idealizada dos elementos naturais da terra natal, segundo a visão romântica.

DIÁLOGO ENTRE OBRAS

ROMANTISMO E MODERNISMO

Entre as diversas releituras do poema de Gonçalves Dias estão as dos poetas modernistas Murilo Mendes e José Paulo Paes.

Canção do Exílio

Murilo Mendes

Minha terra tem macieiras da Califórnia
onde cantam gaturamos de Veneza.
Os poetas da minha terra
são pretos que vivem em torres de ametista,

os sargentos do exército são monistas, cubistas,

os filósofos são polacos vendendo prestações.
A gente não pode dormir
com os oradores e os pernilongos.
Os sururus em família têm por testemunha
a Gioconda.
Eu morro sufocado
em terra estrangeira.
Nossas flores são mais bonitas
nossas frutas mais gostosas
mas custam cem mil réis a dúzia.

Ai quem me dera chupar uma carambola de
verdade e ouvir um sabiá com certidão de idade!

PARÓDIA
É estabelecida, intencionalmente, uma relação intertextual com o poema original. Trata-se de uma paródia: a estrutura é mantida, mas o conteúdo e a intencionalidade são alterados. Há um efeito de humor e uma reflexão crítica sobre a realidade brasileira.

INTERTEXTUALIDADE
Os versos não exaltam a pátria e elogiam elementos que, ironicamente, não são encontrados aqui.

VARIANTE LINGUÍSTICA E IRONIA
A variante linguística popular "sururu" foi empregada no lugar de confusão para caracterizar nossa nacionalidade. A ironia reside no contraste da citação. *Gioconda*, representativa da pintura clássica, imortalizada como "Mona Lisa", símbolo de bom gosto e de refinamento, presencia a confusão.

IRONIA E SÍMBOLO NACIONAL
A referência irônica é à nossa falta de autenticidade, ao reivindicar frutas e pássaros nacionais e legítimos.

Canção do Exílio Facilitada

José Paulo Paes

lá?
ah!
sabiá...
papá...
maná...
sofá...
sinhá...
cá?
bah!

PARÓDIA
Nesta outra paródia, encontramos um resumo bem-humorado, bem no estilo modernista, das ideias centrais do poema original. O "lá? ah!" representa o Brasil idealizado com seus símbolos nacionais e de afeto (sabiá, sinhá etc.) que se contrapõe ao incômodo de viver em terra distante ("cá? bah!").

CONEXÕES

QUADRINHOS

[2]

O personagem Papa-Capim é o membro da Turma da Mônica que representa os povos indígenas. Na tira acima, ele e um amigo conversam enquanto caminham pela floresta. Papa-Capim apresenta dados sobre a cultura indígena – em um reflexo da prática de transmissão de conhecimentos por meio da oralidade. Assim como em *Iracema*, os elementos ligados ao universo dos índios mantêm relação com a natureza local: Papa-Capim ensina os vocábulos usados para designar elementos como "Lua" (Jaci) e "cobra" (m'boi).

O efeito de **humor**, no fim da tira, não gera um riso alegre, apesar da presença de **ironia**. O índio mais novo pergunta a Papa-Capim como os adultos da tribo designariam um conjunto de árvores cortadas. Papa-Capim associa a cena a uma palavra em português ("progresso"). A intenção do quadrinista é conscientizar o leitor para os problemas ambientais. Ao mesmo tempo, a visão que se tem dos indígenas ainda está associada ao Romantismo: eles são representados como amigos da natureza, em oposição aos abusos cometidos pelo homem branco.

CANÇÃO

Índios

Renato Russo

Quem me dera
ao menos uma vez
Ter de volta todo o ouro
que entreguei a quem
Conseguiu me convencer
que era prova de amizade
Se alguém levasse embora
até o que eu não tinha.
[...]
Que o mais simples
fosse visto como
o mais importante
Mas nos deram espelhos
E vimos um mundo doente.
[...]

COLONIZAÇÃO
Na canção *Índios*, de Renato Russo, estão presentes alguns aspectos característicos da relação estabelecida entre os colonizadores europeus e as tribos indígenas que habitavam a costa do Brasil. A ambição desmedida dos portugueses é convertida em uma crítica às diversas formas de interesse e oportunismo que, muitas vezes, caracterizam as relações humanas.

© TEREZA BETTINARDI [2] MAURICIO DE SOUSA EDITORA LTDA

Romance regionalista

Autor emblemático do Romantismo brasileiro, José de Alencar produziu sua obra de acordo com um projeto: o de adaptar a forma do romance europeu à realidade brasileira. Para alcançar esse objetivo, Alencar privilegiou temas e cenários nacionais, em um mapeamento completo do Brasil nas páginas da ficção. Uma das maiores contribuições desse autor foi tentar definir a identidade coletiva do país por meio da representação de elementos considerados tipicamente brasileiros, ligados à fauna, à flora e às tradições populares de diferentes regiões.

O romance *Til* ilustra bem as intenções literárias de Alencar. Considerado exemplo de obra regionalista, o livro registra costumes e modos de vida característicos de uma localidade do Brasil afastada dos grandes centros urbanos.

A história de *Til* (1872) se passa em uma fazenda do interior paulista. A protagonista Berta, também chamada de Til, encarna a heroína virtuosa e capaz de interagir com os elementos naturais. A obra valoriza a natureza e o eterno conflito entre o bem e o mal.

Til

José de Alencar

Capítulo IV

Cerca de uma légua abaixo da confluência do Atibaia com o Piracicaba, e à margem deste último rio, estava situada a fazenda das Palmas.

Ficava no seio de uma bela floresta virgem, porventura a mais vasta e frondosa, das que então contava a província de São Paulo, e foram convertidas a ferro e fogo em campos de cultura. (...) Daí partiam pelo caminho d'água as expedições que os arrojados paulistas levavam às regiões desconhecidas do Cuiabá, descortinando o deserto, e rasgando as entranhas da terra virgem, para arrancar-lhe as fezes, que o mundo chama ouro (...)

Capítulo XII

De Berta, que direi? Com todos brincava; a todos queria bem, e sabia repartir-se de modo que dava a cada um seu quinhão de agrado. Em roda ferviam os ciúmes de muitos que a ansiavam só para si, e penavam-se de vê-la desejada e querida de tantos. Mas como um sorriso ela trocava tais zelos em extremos de dedicação, e o pleito já não era de quem mais recebesse carinho, e sim de quem mais daria em sacrifício. (...)

Capítulo XV

Era medonha a catadura de Jão Fera quando voltou-se.

A fauce hiante do tigre, sedento de sangue, ou a língua bífida da cascavel, a silvar, não respirava a sanha e ferocidade que desprendia-se daquela fisionomia *intumescida pela fúria.*

Berta, ao primeiro relance, sentiu-se transida de horror; e o impulso foi precipitar-se, fugir, ***escapar a essa visão*** *que a espavoria. Reagiu, porém, a altivez de sua alma e a fé que a inspirava.*

Capítulo XVI

No terreiro das Palmas arde a grande fogueira.

É noite de São João.

Noite das sortes consoladoras, dos folguedos ao relento, dos brincados misteriosos. (...)

Noite, enfim, dos mastros enramados, dos fogos de artifício, dos logros e estripulias.

Outrora, na infância deste século, já caquético, ***tu*** *eras festa de amor e da gulodice, o enlevo dos namorados, dos comilões e dos meninos, que arremedavam uns e outros.*

L&PM, 2012

REGIONALISMO
Os escritores românticos valorizam a natureza local e exploram as imagens ligadas à nacionalidade. José de Alencar combina a descrição de paisagens naturais com a apresentação de informações históricas sobre a região.

INFORMAÇÕES HISTÓRICAS
O autor, ao retratar os costumes e a tradição do interior paulista, recupera a figura dos bandeirantes, vistos neste trecho como desbravadores do território nacional, em busca de ouro.

HEROÍNA ROMÂNTICA
A protagonista Berta é a típica heroína romântica, idealizada. Ela representa o polo da bondade e da pureza no romance.

JÃO FERA
O personagem, também conhecido como Bugre, é um temido capanga. Encarna a imagem de um sujeito aparentemente grotesco e feroz, por um lado, e do valente protetor da heroína, por outro.

CONCORDÂNCIA VERBAL
A forma verbal *respirava* aparece no singular devido ao emprego da conjunção alternativa *ou* no sujeito da oração (referindo-se ou à goela do tigre ou à língua da cascavel). Esse verbo deveria estar no plural se o conectivo fosse a conjunção aditiva **e**, que faria referência aos dois núcleos do sujeito (A goela faminta do tigre **e** a língua fendida da cascavel não ***respiravam*** a sanha e ferocidade).

REGÊNCIA VERBAL
O verbo escapar é transitivo indireto (exige a preposição ***a*** ou o complemento ***de algo***). Veja mais no *Saiba mais* ao lado.

COSTUMES POPULARES
Além de descrever a fauna e a flora brasileiras, ou dar informações históricas, o projeto ficcional de Alencar inclui a descrição de antigas festas e costumes populares. O objetivo é valorizar e preservar o passado nacional.

INTERLOCUÇÃO
O narrador utiliza o pronome de segunda pessoa (*tu*) para se dirigir à noite de São João, evocada e personificada como uma tradição genuinamente brasileira.

DIÁLOGO ENTRE OBRAS

A ARTE E OS COSTUMES POPULARES

O retrato das tradições populares, com o objetivo de valorizar e preservar a memória da cultura nacional, está presente em várias obras literárias e pictóricas brasileiras. No romance *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antônio de Almeida (*veja mais na pág. 58*), o narrador descreve um antigo costume religioso do Rio de Janeiro, desaparecido ao longo do século XIX. Em um episódio do livro, as personagens se reúnem em festejos populares ligados ao culto do Espírito Santo.

Domingo do Espírito Santo

Era esse dia domingo do Espírito Santo. Como todos sabem, a festa do Espírito Santo é uma das festas prediletas do povo fluminense. Hoje mesmo que se vão perdendo certos hábitos, uns bons, outros maus, ainda essa festa é motivo de grande agitação; longe porém está o que agora se passa daquilo que se passava nos tempos a que temos feito remontar os leitores. (...) O primeiro anúncio da festa eram as Folias. Aquele que escreve estas Memórias ainda em sua infância teve ocasião de ver as Folias, porém foi já no seu último grau de decadência, e tanto que só as crianças como ***ele*** *davam-lhe atenção e achavam nelas prazer (...)*

O fogo no Campo

À hora determinada vieram os dois, padrinho e afilhado, buscar d. Maria e sua família, segundo haviam tratado: era pouco depois da ave-maria, e já se encontrava pelas ruas grande multidão de famílias, de ranchos de pessoas que se dirigiam uns para o Campo e outros para a Lapa, onde, como é sabido, também se festejava o Divino. Leonardo caminhava parecendo completamente alheio ao que se passava em roda dele (...) Chegaram enfim mais depressa do que supusera o barbeiro, porque o Leonardo parecia naquela noite ter ***asas nos pés****, tão rapidamente caminhara e obrigara o padrinho a caminhar com ele.*

Penguin Companhia das Letras, 2013

COSTUMES ANTIGOS
Assim como ocorre no romance *Til*, o narrador de *Memórias de um Sargento de Milícias* se refere a uma tradição do passado, já modificada ou perdida no momento em que a história é contada.

PRONOME PESSOAL
O narrador faz referência a si próprio empregando um pronome de 3ª pessoa, com o objetivo de aumentar o distanciamento em relação aos fatos narrados (antes, ele havia chamado a si próprio de "Aquele que escreve estas Memórias").

DADOS HISTÓRICOS E ESPACIAIS
Assim como ocorre em *Til*, há aqui a mescla de marcadores espaciais ligados a lugares reais (neste caso, do Rio de Janeiro) e informações histórico-culturais relacionadas a festas populares.

LINGUAGEM INFORMAL
O tom coloquial é uma característica do romance *Memórias de um Sargento de Milícias*. Para aproximar o texto do universo do leitor, o narrador faz uso de expressões populares ou idiomáticas, como *asas nos pés*, que expressam a velocidade com que o protagonista Leonardo corria.

CONEXÕES

IMAGEM

A fotografia traz a alegria e o colorido típico das festas juninas tradicionais em todo o país. As pessoas aparecem vestidas com roupas típicas do interior. Balões sobrevoam o local enfeitado de bandeirolas coloridas. Essa festa típica é uma releitura popular das danças tradicionais da corte e mostram os festejos religiosos e os costumes de gente simples. A literatura romântica foi fecunda em retratar essas festas e seu caráter nacional.

SAIBA MAIS

REGÊNCIA VERBAL

Verbos transitivos são aqueles que necessitam de complemento. Os chamados verbos transitivos indiretos são acompanhados ou regidos por preposições, que antecedem os complementos. Em alguns casos, empregam-se também verbos transitivos diretos preposicionados. Observe alguns verbos empregados por José de Alencar e as preposições que os regem:

Brincar (*com*) – *Berta* ***com*** *todos* ***brincava***.
Querer (*a alguém*) – *Berta* ***a*** *todos* ***queria*** *bem.*
Dar (*a alguém*) – *Berta* ***a*** *cada um* ***dava*** *seu quinhão de agrado.*
Desprender-se (*de algo*) – *A ferocidade* ***desprendia-se daquela*** *fisionomia.*
Escapar (*a* ou *de algo*) – *O impulso foi* ***escapar a*** *essa visão.*

Exemplos de outros verbos que necessitam de complementos: gostar (de), confiar (em), aconselhar (a), agradecer (a), ajudar (a), simpatizar (com), aspirar (a) – com o sentido de desejar, assistir (a) – com o sentido de ver, agradar (a), preferir (alguma coisa a outra), obedecer (a), consistir (em).

DIVULGAÇÃO

Sofrimentos e exageros

Ao se sentirem incompreendidos pela sociedade, os escritores ultrarromânticos se isolam e evocam imagens ligadas à morte

Álvares de Azevedo (1831-1852) é o principal nome da segunda geração romântica brasileira, também chamada de ultrarromântica. Decepcionados com o mundo, os poetas dessa geração, após o conhecimento dos prazeres físicos, sentem-se incompreendidos pela sociedade e optam pelo isolamento na própria subjetividade. Textos melancólicos, nos quais o sofrimento evoca imagens ligadas à noite e à morte, abrem espaço para o fantasioso e o macabro. A obra *Noite na Taverna*, representativa da prosa de ficção gótica, apresenta os relatos mórbidos de um grupo de boêmios bêbados.

Noite na Taverna

Álvares de Azevedo

Quando dei acordo de mim estava num lugar escuro: as estrelas passavam seus raios brancos entre as vidraças de um templo. As luzes de quatro círios batiam num caixão entreaberto. Abri-o: era o de uma moça. Aquele branco da mortalha, as grinaldas da morte na fronte dela, naquela tez lívida e embaçada, o vidrento dos olhos mal apertados... Era uma defunta! ... e aqueles traços todos me lembraram uma ideia perdida... – Era o anjo do cemitério? Cerrei as portas da igreja, que, ignoro por que, eu achara abertas. Tomei o cadáver nos ***meus*** *braços para fora do caixão. Pesava como chumbo.*

(...) Nunca ouvistes falar da catalepsia? É um ***pesadelo*** *horrível* ***aquele*** *que gira ao acordado que emparedam num sepulcro; sonho gelado em que sentem se os membros tolhidos, e as faces banhadas de lágrimas alheias sem poder revelar a vida! (...)*

www.dominiopublico.gov.br

TIPOS TEXTUAIS
O narrador tenta manter o suspense da história. Combinadas, a descrição e a narração promovem a visualização da cena e criam expectativa sobre ela. O texto é fruto da memória do autor; verbos no passado auxiliam a recuperação das lembranças. A junção desses elementos acentua a morbidez da narrativa, em linha com a atmosfera soturna, típica da segunda geração romântica.

PRONOME POSSESSIVO
Observe o uso enfático do pronome possessivo "meus", uma vez que sua utilização seria desnecessária (pois o mesmo entendimento se teria com "tomei o cadáver nos braços", já indicando a ação da primeira pessoa, o "eu").

PRONOME DEMONSTRATIVO
O pronome demonstrativo "aquele" é empregado pelo narrador para retomar o termo "pesadelo" (*veja no* Saiba mais *abaixo*).

TRAÇOS MACABROS
Em uma atmosfera de pesadelo, o narrador Solfieri encontra um espaço de contornos pouco definidos. Aos poucos, a luz das estrelas revela um ambiente fúnebre. Uma jovem está adormecida em um templo (espaço que remete ao ideal de pureza virginal), após uma crise de catalepsia. Os elementos descritos conferem traços macabros à cena. A moça revive após ser violada por Solfieri, o qual, até aquele momento, julgava se relacionar com um cadáver – a necrofilia era exaltada pelos ultrarromânticos. O tema da relação sexual com o suposto cadáver constitui o centro da narrativa.

SAIBA MAIS

USO DOS PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Em relação ao espaço: este (próximo de quem fala: ***Este*** *livro que li é muito bom*); **esse** (próximo de quem recebe a mensagem: ***Esse*** *livro que você leu é bom*); **aquele** (longe de ambos: ***Aquele*** *livro que não lemos deve ser bom*).

Quanto ao tempo: este (presente e futuro: ***Nesta*** *semana, vou viajar*); **esse** (passado próximo: ***Nessa*** *semana, viajei para Santos*); **aquele** (passado remoto: ***Naquela*** *semana, viajei para o Rio*).

- **Esse(s), essa(s), isso(s)** também retomam referentes anteriormente apresentados no texto: *O deputado foi acusado de corrupção.* ***Esse*** *político nunca me enganou.*

- **Este(s), esta(s), isto(s)** também antecipam e anunciam um termo que será apresentado posteriormente: *Antes de viajar, verifique* ***isto****: a quantidade de malas que irá carregar*.

SAIU NA IMPRENSA

JOVENS NÃO PRECISAM DE 13 RAZÕES PARA SE MATAR

O suicídio é o tema do momento. Mas em vez de falarmos sobre o problema estamos preferindo a saída fácil de achar culpados.

Daniel Martins de Barros

Muitas pessoas me pediram para falar sobre a série *13 Reasons Why*, enorme sucesso do Netflix que conta a história de uma jovem que se mata depois de gravar fitas dizendo as razões para seu ato. Coincidência ou não, nesse mesmo período o tal desafio da Baleia Azul começou a ser comentado (no Brasil, porque a notícia é velha), trazendo para o primeiro plano o tema do suicídio entre jovens.

(...) Em vez de aproveitarmos o gancho para discutir seriamente o suicídio, criamos um pânico em torno de um seriado, de um jogo, de uma moda qualquer, como se elas fossem as culpadas pelo problema. Cacemos a baleia azul. Censuremos o seriado. Quebremos o termômetro para não ver a febre. Em que momento da vida o adulto fica tão distante do jovem a ponto de não ser mais capaz de compreendê-lo? Todo mundo sabe que os adolescentes são impulsivos, imaturos etc. Mas acreditamos mesmo que eles são tão estúpidos a ponto de se matar porque um jogo mandou? Ou porque viram na TV? (...)

O suicídio é um grave problema no mundo todo – a cada 40 segundos alguém se mata no planeta. Entre os jovens, é a segunda causa de morte. (...)

Ou seja, pelos menos desde meados dos anos 80 a taxa de suicídio nessa população praticamente só faz crescer. E vamos continuar achando que o problema é um jogo? O jogo, o seriado, as notícias espetaculosas, tudo isso pode, sim, contribuir para a morte de jovens. Desde que eles estejam doentes – estima-se que em até 90% dos casos de suicídio um transtorno mental esteja presente – e não se tratem.

Para um adolescente se matar, portanto, não existem *13 razões por quê*. Existe praticamente só uma: nosso preconceito com os transtornos mentais. Sim, pois não basta ter depressão para cortar os pulsos – é preciso que essa dor seja negligenciada, estigmatizada. Isso aumenta a culpa de quem sofre, acrescentando mais camadas ao sofrimento. E de quebra ainda reduz a chance de procurar tratamento. Até que a angústia se torna insuportável. Aí, sim, ver um seriado, receber um desafio, o que for, pode estimular a busca por uma saída trágica. (...)

Blogs Estadão, 19/4/2017

Neste artigo de opinião, o autor propõe discutir a eventual relação da série *13 Reasons Why* e de jogos como da Baleia Azul nos casos de suicídio entre jovens. A morte e o desinteresse pela vida são temas caros aos poetas ultrarromânticos.

SENTIMENTALISMO E IMPULSIVIDADE
O texto caracteriza o jovem como imaturo e impulsivo, logo tomado pelo sentimento e por ações desprovidas de razão. Essas características também estão presentes nos poetas ultrarromânticos, como Álvares de Azevedo e Casimiro de Abreu, que morreram ainda muito jovens e cujos textos eram tomados por emoção e sentimentalismo.

ANGÚSTIA E GOSTO PELA MORTE
O texto sugere que depressões negligenciadas e o preconceito com os transtornos mentais podem levar a atitudes extremas e trágicas, como o suicídio. Os textos românticos apresentavam esse viés, sobretudo na poesia da segunda geração romântica, que buscava na morte a saída para a angústia de viver e de existir.

DIÁLOGO ENTRE OBRAS

A MORTE

A morte foi um tema privilegiado pelos poetas da segunda geração romântica, muitas vezes tratada de maneira exagerada e sentimental. Representava uma forma extrema de evasão do mundo ou da realidade com a qual o sujeito estava em conflito. Como tema literário, contudo, é tratada de modos diversos, conforme os autores e as épocas. Manuel Bandeira, poeta brasileiro do século XX, falou da finitude da existência em diversos textos. Neste, ele mostra um sujeito poético conformado e sereno com o fim da vida, à espera da chegada da morte.

Consoada

Manuel Bandeira

Quando a Indesejada das gentes chegar
(Não sei se dura ou caroável),
talvez eu tenha medo.
Talvez sorria, ou diga:
– Alô, iniludível!
O meu dia foi bom, pode
a noite descer.
(A noite com os seus
sortilégios.)
Encontrará lavrado o campo,
a casa limpa,
A mesa posta,
Com cada coisa em seu lugar.

ADJETIVOS E CONJUNÇÃO
Dois adjetivos opostos ("caroável" é carinhosa) possibilitam uma reflexão sobre o caráter da morte: o fim da existência pode vir de modo cruel ou afável. Repare no uso da conjunção alternativa "ou", que estabelece uma relação de alternância entre duas ideias.

RESIGNAÇÃO
O título faz referência a uma refeição breve, tomada em dias de jejum. No fim do poema, a morte encontra o sujeito com a vida em ordem, pronto para partir (a mesa posta retoma a ideia da refeição).

EUFEMISMO
A expressão sugere a tristeza com que o ser humano geralmente lida com a morte e a perspectiva do fim da vida. Trata-se de um eufemismo que ameniza a dureza da palavra "morte", comumente utilizada.

PROSOPOPEIA
Por meio da figura de linguagem também conhecida como personificação, o autor atribui traços humanos à morte, tratando-a como uma entidade concreta e animada.

© TEREZA BETTINARDI

Engajamento e olhar crítico

Os autores da terceira geração romântica, como Castro Alves, voltam-se para as questões sociais

O poeta baiano Castro Alves (1847-1871) pertence à terceira geração poética do Romantismo brasileiro, caracterizada pelo engajamento em relação a questões sociais. O inconformismo do autor com a **escravidão** fez com que ele se filiasse ao movimento abolicionista. A fim de chamar atenção para os problemas e as injustiças da pátria, Castro Alves denuncia o sofrimento dos africanos trazidos para o Brasil de modo forçado.

O poema *Vozes d'África* é considerado um dos textos fundadores, na segunda metade do século XIX, da presença definitiva da figura do negro na literatura brasileira. A realidade degradante dos escravos retrata uma sociedade problemática, muito distante da representação idealizada dos poetas nacionalistas da primeira geração romântica.

O uso de uma linguagem grandiloquente, carregada de hipérboles (ênfases expressivas, exageradas) rende a alguns autores da terceira geração, como Castro Alves, o adjetivo de "condoreiro", por almejar voos tão altos quanto os do condor.

O QUE ISSO TEM A VER COM A HISTÓRIA
No Brasil, a utilização da mão de obra escrava teve início com a produção de açúcar, nos engenhos, atravessou todo o período colonial e foi oficialmente extinta apenas em 1888, já no fim do Império, com a assinatura da Lei Áurea. Inicialmente, foram escravizados os indígenas; depois, os africanos, que logo se tornaram majoritários. Para saber mais, veja o GUIA DO ESTUDANTE HISTÓRIA.

Vozes d'África

Castro Alves

Deus! ó Deus! onde estás que não respondes?
*Em que mundo, em qu'estrela **tu t'escondes***
Embuçado nos céus?
Há dois mil anos te mandei meu grito,
Que embalde desde então corre o infinito...
***Onde** estás, Senhor Deus?... (...)*

Foi depois do dilúvio... um viandante,
Negro, sombrio, pálido, arquejante,
(...)

E eu disse ao peregrino fulminado:
"Cam... serás meu esposo bem-amado..."
(...)

Hoje em meu sangue a América se nutre
Condor que transformara-se em abutre,
Ave da escravidão,(...)

*Há dois mil anos **eu soluço** um grito...*
escuta o brado meu lá no infinito,
Meu Deus! Senhor, meu Deus!!...

PRESENTE HISTÓRICO
A conjugação verbal no presente – "eu soluço" – indica que os sofrimentos permanecem no tempo atual. Repare que há ironia no apelo dirigido a Deus, na medida em que o Criador parece não se compadecer dos sofrimentos da África.

PROSOPOPEIA
O poeta, por meio da personificação, atribui características humanas (voz e sentimento) ao continente africano, que "fala" em 1ª pessoa.

PRONOMES PESSOAIS
Note a correspondência entre os pronomes reto (tu) e oblíquo (te). Veja no *Saiba mais* abaixo.

ONDE E AONDE
"Onde" é empregado com verbos que não indicam movimento (como "estar"), enquanto "aonde" é empregado com verbos que indicam movimento (como "ir").

CASTIGO MÍTICO
O caráter de ancestralidade da África sugere que o sofrimento do povo africano não é recente. Reza a lenda que a África fora vítima de uma maldição lançada sobre Cam, filho de Noé. A escravidão dos negros africanos remontaria a esse castigo.

CONDOREIRISMO
A visão aguçada da ave simboliza a ideia de que os poetas viam o mundo de modo mais perspicaz. Cabia ao artista guiar a sociedade rumo a dias melhores (os ideais abolicionistas ilustram a preocupação social do poeta condoreiro).

SAIBA MAIS

PRONOMES PESSOAIS RETOS E OBLÍQUOS: USO DE ACORDO COM A NORMA CULTA

- Os pronomes pessoais retos (eu, tu, ele/ela, nós, vós, eles/elas) correspondem ao sujeito e são seguidos de verbo: *Esta torta é para **eu** comer.*
- Os pronomes pessoais oblíquos (átonos: me, te, se/o/a/lhe, nos, vos, se/os/as/lhes; tônicos: mim/comigo, ti/contigo, si/consigo, conosco, convosco, si/consigo) correspondem ao objeto (complemento) e podem vir depois da preposição (geralmente encerram a frase): *Esta torta é para **mim**.*
- A preposição ***entre*** também pede o emprego do oblíquo tônico (quanto às duas primeiras pessoas do singular): *Não há nada entre **mim e ti**.*
- Deve haver correspondência entre os pronomes retos e oblíquos: ***Ela** está ficando louca: eu não **a** aguento mais! **Tu** estás ficando louca: Eu não **te** aguento mais!*
- É preciso saber o tipo de complemento (objeto direto ou indireto) que cada verbo exige para que se possa usar corretamente o pronome oblíquo:
  *Ele não **a** ama mais. Alguém **os** visitou?* (amar e visitar, por exemplo, são verbos transitivos diretos e pedem objeto direto – o, a, os, as)
  *Obedeceu-**lhe** apesar de não concordar com ele.* (obedecer é verbo transitivo indireto e pede objeto indireto – lhe, lhes)

TEXTO CIENTÍFICO

A Permanência do Racismo na Sociedade Brasileira

Erika Ferraz Teixeira / Josué de Campos / Marlene Márcia Goelzer

Neste artigo pretende-se discorrer sobre o racismo no Brasil e como esse preconceito está imbricado na nossa sociedade. (...)

Embora o racismo ainda não seja um assunto discutido abertamente entre os brasileiros, percebe-se que o preconceito sobre os negros e os seus descendentes encontra-se na história recente do Brasil, principalmente nos três séculos de escravidão, e pelas escassas políticas de inserção desses sujeitos na sociedade, especialmente após a Abolição da Escravatura em 13 de maio de 1888. Desde o século XVI, quando os negros oriundos das várias partes da África começaram a desembarcar na América portuguesa de forma forçada para trabalhar nas lavouras de cana-de-açúcar e nas minas de ouro, começou um longo período de usurpação da sua liberdade, gerando graves consequências para o seu status social. Vale destacar que alguns negros e mestiços trabalhavam nos centros urbanos (...). Apesar de esses escravos não estarem nas fazendas ou nas minas e desempenharem outras atividades, eles não estavam isentos do estigma de serem escravos e dificilmente conseguiam ascender socialmente (...)

Outra pesquisa, realizada em 2013, destacou:

O negro é duplamente discriminado no Brasil, por sua situação socioeconômica e por sua cor de pele. "Tais discriminações combinadas podem explicar a maior prevalência de homicídios de negros vis-à-vis o resto da população". (...)

Depreende-se que a questão do preconceito de cor continua latente na sociedade brasileira. Carneiro (2003, p.5) afirmou que: "o Brasil sempre procurou sustentar a imagem de um país cordial, caracterizado pela presença de um povo pacífico, sem preconceito de raça e religião [...]". E a autora completou que "Sempre interessou ao homem branco a preservação do mito de que o Brasil é um paraíso racial, como forma de absorver as tensões sociais e mascarar os mecanismos de exploração e de subordinação do outro, do diferente [...]"

http://www.seduc.mt.gov.br/Paginas/A-perman%C3%AAncia-do-racismo-na-sociedade-brasileira.aspx

ESTILO FORMAL
O texto foi publicado em um site acadêmico e apresenta linguagem formal e objetiva. A argumentação se desenvolve em torno de um tema polêmico (o preconceito étnico) e procura analisar as suas consequências e mostrar a situação atual da questão.

PRECONCEITO
Dados históricos são apresentados para fundamentar as origens do problema em realidades que remontam aos versos de Castro Alves. O tráfico de escravos marca o início do preconceito em relação aos negros. Apesar da abolição da escravatura, os autores destacam a permanência de comportamentos discriminatórios.

MARGINALIZAÇÃO
A cultura africana contribuiu para a formação da identidade brasileira. No entanto, ainda que alguns afirmem que vivemos em uma democracia racial, os autores questionam e defendem a tese de que a marginalização de negros e de afrodescendentes ainda impera no Brasil atual.

PINTURA

[1]

A escravidão foi abordada literariamente pelos poetas brasileiros da terceira geração romântica, como Castro Alves. A realidade dos escravos africanos também foi tema de pinturas, como *Le Diner*, do artista francês Debret (1768-1848), que esteve no Brasil no século XIX. Seus quadros retratam as relações cotidianas entre senhores e escravos, tanto na vida privada das casas quanto no universo público das ruas, e a tensão presente na concepção de superioridade dos brancos em relação aos negros. Repare, na cena, na maneira como a mulher dá o alimento à criança negra, tratando-a como se fosse um animal doméstico.

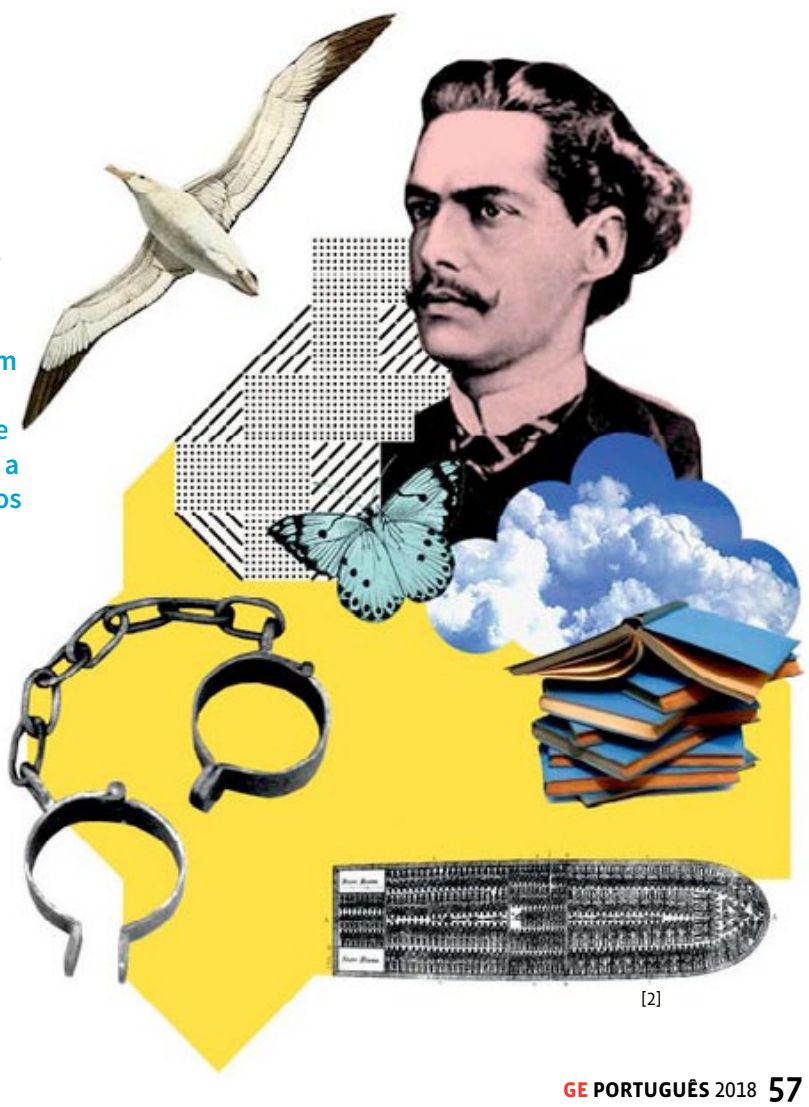
[2]

[1] DEBRET/REPRODUÇÃO [2] © TEREZA BETTINARDI

Manuel Antônio de Almeida

O escritor Manuel Antônio de Almeida (1830-1861) publica *Memórias de um Sargento de Milícias* em folhetim, entre 1852 e 1853. Apesar de se situar em pleno Romantismo, essa obra foge completamente ao ideário literário de sua época e assinala uma transição para o Realismo. Se há traços românticos no romance, eles estão no tom irônico e satírico que assume o narrador. Os personagens utilizam a linguagem coloquial e vivem situações típicas do cotidiano da cidade do Rio de Janeiro do século XIX.

Neste romance, surge, pela primeira vez na literatura nacional, a figura do malandro, com episódios repletos de humor e aventura.

Memórias de um Sargento de Milícias

Manuel Antônio de Almeida

(...) Voltemos a saber o que foi feito do Leonardo, a quem deixamos na ocasião em que fora arrancado pelo Vidigal dos braços do amor e da folia.

O Vidigal tinha-o posto diante de si, ao lado de um granadeiro, e marchava poucos passos atrás. (...)

Quem estivesse muito atento havia de notar que algumas vezes o Leonardo parecia, ainda que muito ligeiramente, apressar o passo, que outras vezes o retardava, que seu olhar e sua cabeça voltavam-se de vez em quando, quase imperceptivelmente, para a esquerda ou para a direita. O Vidigal, a quem nada disto escapava, achava em todas estas ocasiões pretextos para dar sinais de si; tossia, pisava mais forte, arrastava no chão o chapéu-de-sol que sempre trazia na mão, como quem queria dizer ao Leonardo, respondendo aos seus pensamentos íntimos:

– Cuidado! eu aqui estou. – E o Leonardo entendia tudo ***aquilo*** *às mil maravilhas (...) Entretanto nem por isso abandonava a sua ideia: queria fugir. (...)*

O pobre rapaz *(...) suava mais do que no dia em que fez a primeira declaração de amor a Luisinha. Só havia na sua vida um transe a que assemelhava, aquele em que então se achava, era o que se havia passado, quando criança, naquele meio segundo que levara a percorrer o espaço nas asas do tremendo pontapé* ***que lhe dera seu pai.***

Repentinamente uma circunstância veio favorecê-lo. Não sabemos ***por que*** *causa ouviu-se um grande alarido na rua: gritos, assovios e carreiras. O Leonardo teve uma espécie de vertigem: zuniram-****lhe*** *os ouvidos, escureceram-se-****lhe*** *os olhos, e... dando um encontrão no granadeiro que estava perto dele, desatou a correr. O Vidigal deu um salto, e estendeu o braço para o agarrar; mas apenas roçou-****lhe*** *com a ponta dos dedos pelas costas. O rapaz tinha calculado bem: o Vidigal distraiu-se com o ruído que se fizera na rua, e aproveitou a ocasião. O Vidigal e os granadeiros soltaram-se imediatamente em seu alcance: o Leonardo embarafustou pelo primeiro corredor que achou aberto; os seus perseguidores entraram incontinenti atrás dele, e subiram em tropel o primeiro lance da escada. (...)*

ORDEM E DESORDEM
O romance oscila entre dois polos: a conduta oficial do major Vidigal e as malandragens cometidas pelo povo – e principalmente pelos Leonardos. Para o crítico Antonio Candido, é como se o Rio de Janeiro do tempo do rei estivesse dividido entre o mundo da ordem e o da desordem.

PRONOMES RELATIVOS
Eles são usados para substituir um referente, no processo de conexão de sentenças, para encadear os acontecimentos. Ex.: Leonardo apressava o passo, que ora desacelerava; neste caso, "que" se refere a "o passo".

PRONOME DEMONSTRATIVO
"Aquilo" é utilizado para retomar o poder exercido pelo Major Vidigal numa situação de imposição da autoridade (assinala que Leonardo compreendia as atitudes de poder e comando do Major).

A FIGURA DO MALANDRO
Leonardo Pataca e seu filho são típicos malandros brasileiros. No romance, transgridem com frequência as normas sociais de conduta. O romance não tem intenção moralizante e os malandros nem sempre sentem culpa por seus atos.

PRONOME PESSOAL
Nos exemplos ao lado, o pronome pessoal oblíquo "lhe" funciona como pronome possessivo (zuniram os seus ouvidos, escureceram-se os seus olhos etc.). Já em "que lhe dera seu pai", ele é objeto indireto (designando o pontapé que o pai dera em Leonardinho).

COSTUMES
No decorrer do romance, são descritos diversos costumes comuns no Rio de Janeiro da época de dom João VI, como festas populares e modos de viver que se modificaram com o passar do anos. Muitas vezes, nota-se certo saudosismo nos comentários do narrador.

POR QUE
Há diferentes grafias para "porque". Neste caso, a utilização de por que expressa dúvida (*veja no* Saiba mais *da pág. ao lado*).

JEITINHO BRASILEIRO
Os personagens de *Memórias de um Sargento de Milícias* estão sempre tentando se dar bem na vida, mesmo que, para isso, precisem recorrer a meios pouco lícitos ou convencionais. É o mundo brasileiro dos arranjos e do jeitinho.

SAIU NA IMPRENSA

MULTA PARA QUEM ESTACIONAR EM VAGA DE DEFICIENTE AUMENTA MAIS QUE 100%

A multa para o motorista que estaciona em vaga de idoso ou de pessoas com deficiência física vai mais que dobrar.

É para ver se inibe aquelas desculpas esfarrapadas já conhecidas. Se o motorista não respeita por consciência, cidadania e educação, agora vai ter que pensar que isso vai pesar mais no bolso e também resultar em mais pontos na habilitação. (...)

Seu Valdir, que mora em Belém, ouve toda hora aquela desculpa esfarrapada: "Ah é só um minutinho"...

"O velho jeitinho brasileiro, a pessoa estaciona e fala: 'não, eu vou aqui rapidinho, um minutinho', embora exista a legislação, embora exista a lei, mas assim, a população não respeita". (...)

A partir de agora, o desrespeito às vagas de deficiente físico e idosos é infração grave com cinco pontos na carteira de habilitação. E também a multa que era de R$ 53,20 passa para R$ 127,69. (...)

Site G1, 5/1/2016

A malandragem, uma das principais características do protagonista de *Memórias de um Sargento de Milícias*, ainda faz parte do estereótipo do povo brasileiro. A reportagem mostra que muitos motoristas insistem em infringir a lei que garante vagas de estacionamento para idosos e pessoas com deficiência. Essa prática ilegal, de parar o carro nessas vagas especiais, é reveladora do que chamamos de "jeitinho brasileiro" – o hábito de burlar regras sem se sentir culpado. Esse comportamento, que era visível na sociedade carioca retratada por Manuel Antônio de Almeida, infelizmente ainda é bastante comum no Brasil de hoje.

SAIBA MAIS

EMPREGO DE PORQUE, POR QUE, POR QUÊ E PORQUÊ

Há diferentes grafias para "porque" conforme o sentido:

- **Porque:** É empregado para indicar causa ou explicação: *Não fui à escola ontem **porque** estava doente.*
- **Por que:** Serve, em geral, para expressar dúvida e é empregado em frases interrogativas diretas ou indiretas: ***Por que** você não foi à escola ontem?*
- **Porquê:** Funciona como substantivo e se refere ao motivo pelo qual determinado fato ocorre: *Eu gostaria de saber o **porquê** de tanto choro.*
- **Por quê:** É usado como indicativo de dúvida no fim de sentenças interrogativas: *Você não foi à escola **por quê**?*

CONEXÕES

CANÇÃO

Rapaz folgado

Noel Rosa

Deixa de arrastar
o teu tamanco
Pois tamanco nunca
foi sandália
E tira do pescoço o
lenço branco
Compra sapato e gravata
Joga fora esta navalha
que te atrapalha
Com chapéu do lado
deste rata
Da polícia quero que escapes
Fazendo um samba-canção
Já te dei papel e lápis
Arranja um amor
e um violão
Malandro é palavra
derrotista
Que só serve pra tirar
Todo o valor do sambista
Proponho ao povo civilizado
Não te chamar de malandro
E sim de rapaz folgado

IMPERATIVO AFIRMATIVO
A canção propõe um conselho a um possível interlocutor para que ele abandone a vida de malandro. O emprego do imperativo afirmativo na segunda pessoa do singular reforça esse caráter de conselho e de diálogo presente na canção.

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA
A expressão "deste rata" e a forma verbal no imperativo ("arranja") configuram elementos da variante popular. Isso dá ao conselho um tom coloquial, como se viesse de uma pessoa querida que quer cuidar do amigo.

MUDANÇA NA INTERLOCUÇÃO
O eu lírico deixa de falar com seu primeiro interlocutor – o suposto malandro – e passa a dialogar com o povo civilizado (inserido na ordem) para que aceite o novo rótulo social (rapaz folgado) do ex-malandro.

A figura do malandro foi bastante trabalhada na música popular brasileira (MPB), principalmente nas décadas de 1920 e 1930. Esta canção de Noel Rosa promove interessante diálogo com *Memórias de um Sargento de Milícias* em relação à integração do malandro ao universo da ordem social. No romance, essa integração ocorre com o casamento de Leonardinho e a sua nomeação para sargento; na canção, com a adesão do personagem ao universo musical.

PARA IR ALÉM

Alguns vídeos disponíveis no YouTube – como o do programa *Direito & Literatura*, da TV e Rádio Unisinos – são bem didáticos para explicar a obra *Memórias de um Sargento de Milícias*. Confira!

1. (PUC- SP 2016)

Memórias de um Sargento de Milícias cronologicamente faz parte da literatura romântica brasileira; no entanto, torna-se uma obra atípica em relação ao momento em que foi escrita.

Das alternativas abaixo, indique a que não valida essa afirmação porque

a) seu enredo é marcado por intenso e trágico sofrimento amoroso cujo desfecho concretiza um final feliz, com a união conjugal e ascensão social dos personagens.
b) sua linguagem é marcada pela oralidade e coloquialidade, em tom de crônica jornalística, ilustrando a prática de que se deve escrever como se fala.
c) obra caracterizada pela ausência do tom açucarado e idealizador da literatura romântica, visto que as relações sentimentais não se dão nem pela grandeza no sofrimento, nem pela redenção pela dor.
d) a caracterização dos personagens ou fere a descrição sempre idealizada do perfil feminino ou configura traços de um herói pelo avesso mais marcado por defeitos que por virtudes.

RESOLUÇÃO

Em *Memórias de um Sargento de Milícias*, não há "intenso e trágico sentimento amoroso". Como explicado na alternativa C, o livro se afasta da idealização romântica. O personagem principal da obra, Leonardo, é o primeiro anti-herói da literatura, o famoso malandro. Por isso, apesar de ter sido escrita no Romantismo, ela também apresenta traços do Realismo, antecedendo a escola posterior.

Resposta: A

2. (UNICAMP 2016)

Cem anos depois
Vamos passear na floresta
Enquanto D. Pedro não vem.
D. Pedro é um rei filósofo
Que não faz mal a ninguém.

Vamos sair a cavalo,
Pacíficos, desarmados:
A ordem acima de tudo,
Como convém a um soldado.

Vamos fazer a República,
Sem barulho, sem litígio,
Sem nenhuma guilhotina,
Sem qualquer barrete frígio.

Vamos, com farda de gala,
Proclamar os tempos novos,
Mas cautelosos, furtivos,
Para não acordar o povo.

José Paulo Paes, O Melhor Poeta da Minha Rua, *em Fernando Paixão (sel. e org.), Para gostar de ler. São Paulo: Ática, 2008*

O tom irônico do poema em relação à história do Brasil põe em evidência

a) o modo como a democracia surge no Brasil por interferência do Imperador.
b) a maneira despótica como os republicanos trataram os símbolos nacionais.
c) a postura inconsequente que sempre caracterizou os governantes do Brasil.
d) a forma astuciosa como ocorreram os movimentos políticos no Brasil.

RESOLUÇÃO

Além da ironia, o texto se vale também da intertextualidade. Ela ocorre quando um enunciado recupera outro, criando um novo texto. No caso do poema, José Paulo Paes recupera a cantiga infantil *Vamos Passear na Floresta Enquanto Seu Lobo Não Vem*. Seu lobo, no caso, é dom Pedro. Durante todo o poema, o autor narra ironicamente a adoção da república no Brasil, fazendo uma crítica aos movimentos políticos do país.

Resposta: D

3. (FUVEST 2015)

Fernando Gonsales, **Níquel Náusea: Cadê o ratinho do titio?** *São Paulo: Devir. 2011.*

a) De acordo com o contexto, o que explica o modo de falar das personagens representadas pelas duas traças?
b) Mantendo o contexto em que se dá o diálogo, reescreva as duas falas do primeiro quadrinho, empregando o português usual e gramaticalmente correto.

RESOLUÇÃO

a) Na última tira, o rato atribui a nova linguagem das traças, cheia de pronomes oblíquos (como o "vos" e o "me") e conjugações na segunda pessoa, duas marcações de norma culta, ao fato de estarem roendo a *Bíblia*, que é toda escrita dessa maneira. A comicidade se dá pelo emprego dessa linguagem de forma equivocada e em conversas usuais.
b) Reescrevendo-se as falas e respeitando a norma culta, elas ficariam da seguinte maneira:
– Como foi o seu dia?
– Queria que tivesse sido melhor.

4. (INSPER 2015)

2015: o ano em que chegamos ao futuro

Quem assistiu a trilogia De Volta Para o Futuro *não esquece. E como poderia? No segundo filme, o protagonista Marty McFly viaja no tempo, deixando 1985 para ir a 2015. Entre as tantas situações apresentadas no futuro hipotético, as mais marcantes são o skate voador e o tênis autoajustável usados pelo personagem. E a Nike confirmou: esse ano o calçado vai ser lançado. Em evento realizado em Long Beach, Califórnia, nos EUA, o designer e diretor de inovação da empresa norte-ame-*

ricana Tinker Hatfield prometeu que o produto chega ao mercado com os Power Laces (os cadarços que se arrumam sozinho).

http://www.jornaljr.com.br/2015/01/19/2015-o-ano-em-que-chegamos-ao-futuro/

No texto acima, há uma construção sintática em desacordo com a prescrição da norma culta. Assinale a alternativa na qual esse deslize está corretamente identificado.

a) No título, a preposição "em", que antecede o pronome relativo "que", está incorreta, pois está associada ao verbo "chegar", que é regido pela preposição "a".
b) No primeiro período, faltou o acento indicador de crase, uma vez que o verbo "assistir", no sentido de "ver", exige preposição "a"
c) No primeiro período, há um erro associado ao emprego do verbo "esquecer", que é pronominal e deve ser acompanhado pela preposição "de"
d) No quarto período do primeiro parágrafo, ocorre uma falha associada ao emprego da voz passiva, já que o verbo "usar" rejeita essa construção.
e) No último parágrafo, há uma falha na correlação verbal, pois o verbo "chegar", ao se relacionar à ideia de "prometer", não pode ficar no presente.

RESOLUÇÃO
O verbo assistir pode ser tanto transitivo direto quanto transitivo indireto. Quando ele significa dar assistência, é transitivo direito e não pede preposição. Já quando seu significado é o mesmo de ver, ele é transitivo indireto e por isso rege a preposição "a". Por isso, a forma correta que deveria ter sido utilizada no texto é "assistiu à trilogia". Na primeira alternativa, a preposição "a" regida pelo verbo chegar está presente no "ao futuro"; o "em que" é uma marcação temporal. Na terceira alternativa, a regra está correta, porém o "esquecer" utilizado no texto não é pronominal, por isso não pede preposição. A quarta alternativa está incorreta, pois o verbo "usar" pode ser empregado na voz passiva. E, na última, o emprego do presente do indicativo está relacionado a um futuro iminente pontual, situação na qual esse tempo verbal pode ser utilizado.
Resposta: B

5. (FGV 2016 ADAPTADA)

As ideias de especialização e progresso, inseparáveis da ciência, são inválidas para as letras e as artes, o que não quer dizer, evidentemente, que a literatura, a pintura e a música não mudem nem evoluam. Mas, diferentemente do que se diz sobre a química e a alquimia, nelas não se pode dizer que aquela abole e supera esta. (...)

Mario V. Llosa, Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

Identifique o referente de cada um dos seguintes pronomes: "nelas", "aquela", "esta".

RESOLUÇÃO
Os referentes dos pronomes demonstrativos pedidos são os seguintes:
Nelas – Literatura, pintura e música (o conjunto dito no período anterior).
Aquela – Química (palavra mais distante na frase).
Esta – Alquimia (a palavra mais próxima).

RESUMO

Literatura do Romantismo

ROMANTISMO (1836-1881) O movimento surge no contexto da ascensão da burguesia. Valores como o individualismo, o sentimentalismo, a subjetividade e a liberdade formal são seus elementos centrais.

- **Primeira geração** Em busca da exaltação dos valores nacionais, escritores como José de Alencar (*Iracema*) e Gonçalves Dias (*Canção do Exílio*) veem nos índios os legítimos heróis das narrativas. Alencar também é autor de romances regionalistas, como *Til*.

- **Segunda geração** O sentimento amoroso se exacerba, como na poesia de Álvares de Azevedo (*Noite na Taverna*), o principal nome do Ultrarromantismo.

- **Terceira geração** Caracteriza-se pelo engajamento social. Nos poemas de Castro Alves, a linguagem grandiloquente, carregada de hipérboles (exageros), é posta a favor de sua luta contra a escravidão.

- ***Memórias de um Sargento de Milícias***, de Manuel Antônio de Almeida, diferencia-se da estética da época por seu tom satírico e por introduzir a figura do malandro.

GRAMÁTICA E INTERPRETAÇÃO

- **Intertextualidade** Trata-se do diálogo entre dois textos – acontece quando um autor deseja referir-se a outro texto, produzido em outro momento. Uma das maneiras de se estabelecer uma relação intertextual entre dois escritos é por meio da paródia.

- **Regência verbal** Determinados verbos são acompanhados por complementos com funções específicas. Ex.: gostar (de), confiar (em), aconselhar (a), simpatizar (com), ajudar (a).

- **Pronomes demonstrativos** No contexto em que estão associados a espaço, *este* é próximo de quem fala (*este* livro que li é muito bom); *esse* é próximo de quem recebe a mensagem (*esse* livro que você leu é muito bom); e *aquele* é longe de ambos (*aquele* livro que não lemos deve ser muito bom).

- **Pronomes pessoais retos e oblíquos** Os pronomes pessoais retos correspondem ao sujeito da oração e são seguidos de verbo. Ex.: *É para eu fazer o jantar?* Os pronomes pessoais oblíquos correspondem ao objeto da oração e podem suceder preposições. Ex.: *Esta comida é para mim?*

- **Porque** A palavra apresenta diferentes grafias, cada uma delas com um significado diferente: porque (causa ou explicação), por que (dúvida), porquê (substantivo) e por quê (no fim de sentença).

4

LITERATURA DO REALISMO/NATURALISMO

CONTEÚDO DESTE CAPÍTULO

- *Interpretando: ironia* 64
- *Realismo* 66
- *Naturalismo* 72
- *Como cai na prova + Resumo* 74

Favelas em chamas

O elevado número de incêndios em habitações precárias no país é resultado não apenas das condições inadequadas dessas moradias, mas também do descaso do poder público

No início de março de 2017, os moradores da favela de Paraisópolis, uma das maiores da cidade de São Paulo, foram vítimas de um incêndio de grandes proporções que destruiu cerca de 300 barracos. O fogo consumiu rapidamente as moradias, deixando 1.200 desabrigados. Não houve registro de mortes. Menos de dez dias depois, um novo caso de incêndio atingiria a mesma comunidade, desta vez afetando dezenas de moradias. Segundo o Corpo de Bombeiros, foram mais de cem ocorrências do tipo no estado de São Paulo nos primeiros dois meses de 2017. No ano anterior, a corporação registrou 325 chamados de incêndio em favelas paulistas, 230 deles só na Grande São Paulo.

A precariedade das favelas brasileiras, onde prevalecem barracos feitos de madeira e papelão, ligações clandestinas de energia elétrica e botijões de gás mal instalados, explica a elevada frequência com que incêndios atingem essas comunidades.

Essa situação acaba indo ao encontro dos interesses de grandes construtoras e incorporadoras, que, assim, adquirem os terrenos ocupados por favelas por um preço mais baixo e erguem nesses locais condomínios, edifícios comerciais e shopping centers. A remoção de populações carentes para bairros mais periféricos com a consequente reocupação do lugar por pessoas de mais alta renda é um fenômeno conhecido como gentrificação. O documentário *Limpam com Fogo* (2015), do jornalista Conrado Ferrato, mostra exatamente essa relação entre os incêndios e a especulação imobiliária. O filme também denuncia que o poder público faz pouco para reduzir a vulnerabilidade dessas comunidades.

Favelas, como a de Paraisópolis, são o retrato de um antigo e grave problema social brasileiro: a falta de moradias. Segundo o mais recente censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2010, as 6.329 favelas existentes no país abrigavam cerca de 11,4 milhões de pessoas.

Um misterioso incêndio também acontece em *O Cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo, o principal romance naturalista brasileiro. Na obra, o português João Romão, dono do cortiço, o reconstrói, dando-lhe nova feição, já que dias antes do ocorrido ele havia feito um seguro. Vemos, então, uma semelhança entre incêndios e empreendimentos lucrativos que aparecem logo após a tragédia.

VIDAS DESTRUÍDAS
Morador da comunidade de Paraisópolis, em São Paulo, tenta controlar o incêndio que atingiu cerca de 300 moradias, em março de 2017. Favela é uma das maiores da cidade

EDUARDO KNAPP/FOLHAPRESS

A subversão do sentido

A ironia é a figura de linguagem que afirma o contrário do que parece dizer. Ela também pode se mostrar de modo mais sutil, no contexto, como no exemplo abaixo

Assim como Aluísio Azevedo se destacou no Naturalismo, no Realismo temos também um expoente máximo: Machado de Assis, um dos principais nomes da literatura brasileira e mundial. O autor tem, entre suas principais características, o uso da **ironia**. Embora chegue ao humor em certas ocasiões, sua ironia possui uma sutileza e um refinamento que só a fazem perceptível a leitores de sensibilidade já treinada.

O artigo abaixo, da escritora e roteirista Tati Bernardi, publicado no jornal *Folha de S.Paulo*, em 3 de março de 2017, é um exemplo desse tipo de recurso. A colunista elabora um texto extremamente irônico para se defender daqueles que a consideram "golpista". Sua intenção é mostrar que essa crítica exagerada não tem sentido – pois, segundo ela, ser chamado de "golpista" ultrapassou seu sentido original (aqueles que apoiaram o afastamento da presidente Dilma Rousseff, considerado um golpe por seus críticos), para se estender a todos os que vivem e compartilham de algum valor da sociedade capitalista – trabalhar numa grande empresa e comprar bens de consumo considerados caros, por exemplo. Com muita ironia, ela desqualifica esse discurso extremado e conclui que, sendo assim, toda a classe média é "golpista". Ao captar a ironia de cada passagem do texto, conseguimos perceber seu sentido e intenção.

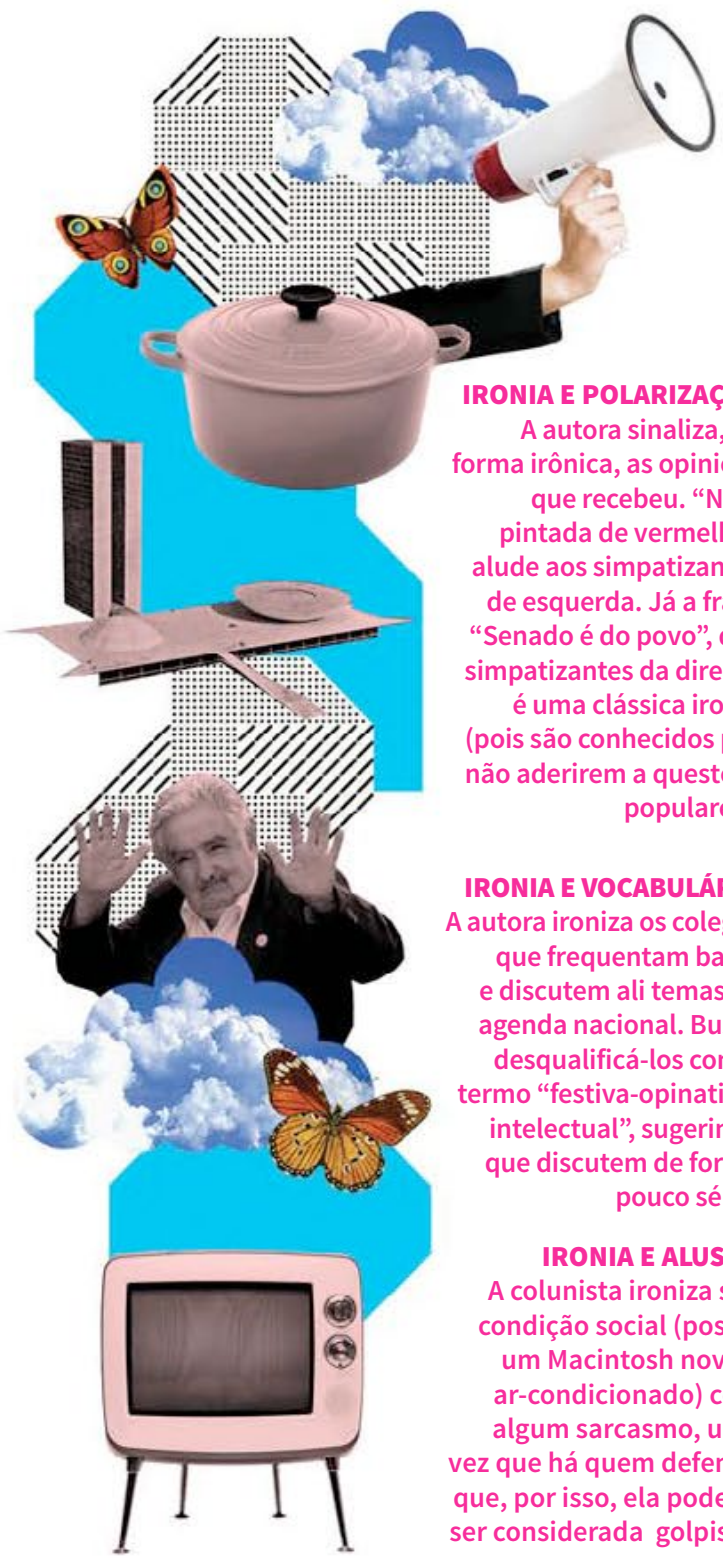

Desabafar num jornal considerado golpista não é coisa de escritor sério

Tati Bernardi

Ganhei o prêmio Bertha Lutz do Senado Federal e dividi a opinião de amigos. Alguns disseram "vai lá buscar, claro, Senado é do povo" e muitos outros me alertaram "nem pintada de vermelho, são todos uns golpistas, recuse o prêmio". Fui salva por uma reunião da Globo, emissora na qual trabalho, na exata data e horário da cerimônia.

Sim, a Globo. Outra questão sempre muito tensa nas mesas de bar (não que eu vá a muitas mesas de bar, na real não vou a nenhuma, mas me refiro à galera mais festiva-opinativa-intelectual que me cerca). Para eles eu jamais deveria trabalhar para uma empresa golpista cheia de golpistas que só disseminam pelo mundo o ódio a todos que não são golpistas.

Mas escrever sobre isso aqui neste jornal, considerado golpista por tantos amigos, não é um desabafo digno de um escritor sério. ***E escrever de um Macintosh novo, com tanto PC velho precisando de uma família, deveria encerrar de uma vez por todas a minha carreira. Sim, tenho ar-condicionado: julguem-me.***

IRONIA E POLARIZAÇÃO
A autora sinaliza, de forma irônica, as opiniões que recebeu. "Nem pintada de vermelho" alude aos simpatizantes de esquerda. Já a frase "Senado é do povo", dos simpatizantes da direita, é uma clássica ironia (pois são conhecidos por não aderirem a questões populares).

IRONIA E VOCABULÁRIO
A autora ironiza os colegas que frequentam bares e discutem ali temas da agenda nacional. Busca desqualificá-los com o termo "festiva-opinativa-intelectual", sugerindo que discutem de forma pouco séria.

IRONIA E ALUSÃO
A colunista ironiza sua condição social (possui um Macintosh novo e ar-condicionado) com algum sarcasmo, uma vez que há quem defenda que, por isso, ela poderia ser considerada golpista.

IRONIA E REFERÊNCIA
A cronista faz uma referência provocativa e irônica à Rede Globo, já que parte de seus colegas a chamam de "golpista" por trabalhar lá. A defesa dela consiste em ironizar o fato de que toda e qualquer grande empresa será considerada por parte de seus amigos e leitores de golpista, como podemos confirmar ao longo da crônica.

IRONIA E METALINGUAGEM
Ao citar o próprio jornal onde suas crônicas são publicadas, a cronista faz uso irônico da metalinguagem (*veja definição na pág. 15*), pois, para se defender e dizer que não está alinhada a golpistas, escreve em um jornal que seus colegas consideram golpista.

Moro num bairro que, pela quantidade de gente batendo panela na época que ainda se batia panela, pode ser considerado golpista. Olho da minha janela a faculdade PUC, povoada de garotos golpistas, filhos de pais e mães que trabalham em bancos golpistas, firmas golpistas, hospitais golpistas, escolas golpistas, multinacionais pra lá de golpistas, e me pergunto se hoje vai ter barulho infernal de batuque carnavalesco. Mas pensar isso é ser golpista, querer sossego individualista em um ambiente público chamado cidade é ser golpista.

Enfim, aceitei o prêmio, mas não estarei presente. Muitos amigos acharam que eu não deveria nem aceitar, uma vez que apenas feministas são agraciadas e eu sou apenas uma garota formada em marketing (aff, golpista!), que escreve filmes de grande bilheteria (virge, golpista!), livros falando de si mesma (nuuussa, golpista!) e vendeu sua alma a toda uma mídia diabólica. Mas eu me recusei a recusar.

Primeiro eu pergunto a vocês, pessoas tão maravilhosamente isentas de qualquer contato com golpistas: ***como pagam as contas? Onde guardam dinheiro? Leem notícias? Nunca se divertem com a TV ou um filme comercial? Respiram?*** *Ou estão nuas em uma praia deserta no Uruguai vivendo de ideais? Depois, desafio* ***você****, tão pleno de certezas protegidas pela discrição, a aturar todo santo dia a opinião do amigo internauta* ***te*** *xingando de velha, histérica, vaca, "alguém engravida essa mulher que ela para de falar" e mesmo assim continuar escrevendo todo santo dia. Eu só acredito em militante que trabalha.*

Eu admiro você, jamais vendido, jamais golpista, concentrado em seu quinto mestrado em pau-brasil e há 11 anos escrevendo um roteiro sem nenhuma verba ou incentivo ou produtor ou distribuidor ou emissora ou patrocínio (ou história). Roteiro esse que vai viajar o mundo, mas também as comunidades ribeirinhas e vai arrebatar as únicas 47 pessoas que vão tomar conhecimento da sua existência. Me empresta esse avô rico aí e seremos melhores amigos.

CRÍTICA E IRONIA
A cronista enumera símbolos estereotipados atrelados à ideia de golpismo. Ironiza tanto a direita (que seriam os "verdadeiros" golpistas) quanto a esquerda (por considerá-la golpista).

CRÍTICA E ENUMERAÇÃO
Observe que a enumeração mais uma vez critica a visão abrangente e imprecisa demais para definir golpistas. Sendo assim, todos, de alguma forma, são golpistas.

VARIANTE LINGUÍSTICA
Expressões típicas da linguagem oral ("aff", "virge" e "nuuussa") são usadas de forma gradativa para ironizar quem a desqualifica. É como se ela estivesse antecipando o que eles poderiam falar.

IRONIA E RETÓRICA
A autora lança perguntas retóricas (em que a resposta está embutida na questão). Desta forma, desafia seus opositores a viverem de forma diferente da sua. Note que a pergunta final "Respiram?" é a síntese de que todos, então, seriam golpistas.

IRONIA E SARCASMO
"Eu admiro você" é a formulação mais clássica da ironia – nega o que afirma. A cronista diz que aqueles que a atacam ocupam-se de projetos irrelevantes.

IRONIA E SUGESTÃO
A cronista sugere que essas pessoas podem se dedicar a projetos que não rendem dinheiro porque são sustentadas por avôs ricos. E pede emprestado (no sentido financeiro) um avô rico para que ela também possa se dedicar a projetos pouco rentáveis.

IRONIA E REFERÊNCIA
A autora toma o Uruguai, de forma irônica (viver de ideais), como exemplo de país progressista e antigolpista, uma vez que foi governado por Mujica, célebre expoente da esquerda, e legalizou a maconha.

PRONOMES PESSOAIS
A autora faz uso da linguagem coloquial e emprega dois pronomes pessoais distintos quanto à uniformidade de tratamento ("você", da 3ª pessoa do singular; e "te", da 2ª pessoa do singular).

SAIBA MAIS

OS CAMINHOS DA IRONIA

A ironia nega aquilo que foi afirmado, propondo o oposto do que na realidade se pensa ou se escreve. Um exemplo bem simples seria: *Ana adora a sua sogra!* (quando, na verdade, Ana a detesta). No texto em que predomina a ironia, o leitor deve **abandonar o plano referencial concreto e real para entrar em um outro plano de sentido**, que subverte o primeiro.

Há, no entanto, **ironias mais finas**, em que o discurso não trabalha nesse plano tão óbvio de contraste. Ocorre nas relações intertextuais, nas referências, ou ainda nas escolhas de palavras, como você pode conferir no texto ao lado.

A ironia **está presente em textos diversos**. Para se observar a ironia é preciso prestar bastante atenção na construção do discurso – a intenção do texto, o tipo de palavra escolhida, o humor etc. – e no repertório cultural e social que aparece ao longo do texto. O contexto é fundamental para a compreensão da ironia.

© TEREZA BETTINARDI

A vida como ela é

No Realismo (1881-1922), as idealizações dão lugar à observação objetiva e rigorosa da sociedade

Em contraste com o Romantismo, os escritores realistas concebem a realidade segundo uma visão objetiva e materialista. Defendem a produção de obras que retratem o real de modo documental, sem distorção nem idealização, e muitas vezes com uma linguagem próxima do rigor científico. Em geral, os textos servem como instrumentos de denúncia das desigualdades sociais. A burguesia é criticada por transformar as relações sociais e os próprios indivíduos em simples mercadorias. Ocorrem também ataques ao clero e à Igreja Católica.

O movimento se desenvolve durante a segunda fase da Revolução Industrial (a partir de 1870), e o capitalismo torna-se um dos alvos centrais das obras do período. Os personagens ganham personalidades mais complexas, se comparadas aos românticos. Em um mundo marcado por divisões econômicas, as fronteiras entre o social e o psicológico muitas vezes remetem ao jogo realista de "aparência versus essência".

Machado de Assis

O maior ficcionista de sua época e um dos grandes escritores da literatura mundial, Machado de Assis (1839-1908) tornou-se famoso pelos contos e romances que publicou. Sua produção realista é marcada pela consciência das contradições de um Brasil dividido entre o desejo de modernização (segundo modelos capitalistas da burguesia liberal europeia) e a manutenção das estruturas conservadoras de poder (o sistema patriarcal e escravocrata que ainda vigorava no país). O olhar crítico e aguçado do Machado ficcionista explorará ao máximo essas oposições, desmascarando-as aos olhos do leitor. Para além das questões brasileiras, Machado de Assis utiliza a matéria histórica nacional para tratar de problemas e sentimentos comuns a todos os seres humanos, em qualquer parte do mundo.

PARA IR ALÉM

Utilizando os recursos oferecidos pelas HQs, pelo menos três editoras criaram um novo jeito de conhecer o clássico Memórias Póstumas de Brás Cubas: Ática, Desiderata e Escala Educacional.

Publicado em 1881, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* é um romance revolucionário em vários aspectos. A quebra do enredo convencional, a estratégica utilização de um narrador-defunto que se anuncia autor da obra e a negação de toda e qualquer redenção de personagens em toda a narrativa tornam esse romance a maior ruptura realista feita no Brasil.

Memórias Póstumas de Brás Cubas

Machado de Assis

CAPÍTULO 1: ÓBITO DO AUTOR (TRECHO INICIAL)

Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo. (...)

CAPÍTULO 75: COMIGO

Podendo acontecer que algum dos meus leitores tenha pulado o capítulo anterior, observo que é preciso lê-lo para entender o que eu disse comigo, logo depois que Dona Plácida saiu da sala. O que eu disse foi isto:

– Assim, pois, o sacristão da Sé, um dia, ajudando à missa, viu entrar a dama, que devia ser sua colaboradora na vida de Dona Plácida. Viu-a outros dias, durante semanas inteiras, gostou, disse-lhe alguma graça, pisou-lhe o pé, ao acender os altares, nos dias de festa. Ela gostou dele, acercaram-se, amaram-se. Dessa conjuncção de luxúrias vadias brotou Dona Plácida. E de crer que Dona Plácida não falasse ainda quando nasceu, mas se falasse podia dizer aos autores de seus dias: – Aqui estou. Para que me chamastes? E o sacristão e a sacristã naturalmente lhe responderiam: – Chamamos-te para queimar os dedos nos tachos, os olhos na costura, comer mal, ou não co-

NARRADOR-DEFUNTO
Brás Cubas narra, depois de morrer, as lembranças da vida. O lugar do qual o narrador fala é estratégico: morto, sua voz alcança maior distanciamento em relação aos fatos e aos seres humanos.

ANTI-HERÓI ROMANESCO
Ao contrário dos heróis românticos idealizados, Brás Cubas é um indivíduo repleto de defeitos, egoísmos e ambiguidades. O romance moderno, gênero representativo do mundo burguês, privilegia protagonistas que não são modelos exemplares de conduta nem apresentam uma trajetória comum, com todos os problemas humanos. Nesse sentido, ele se aproxima do personagem Leonardo, de *Memórias de um Sargento de Milícias*.

DOMÉSTICA E AGREGADA
Dona Plácida foi abandonada pela filha – também bastarda – e sustentou a mãe, até que esta morresse. Após ouvir a história da agregada, a ironia e o rancor saltam aos olhos de Brás Cubas: Dona Plácida serve de álibi para que ele e Virgília concretizem o amor adúltero. Os amores dos dois são conjunções de luxúrias vazias, origem de Dona Plácida, cujo destino é viver trabalhando, adoecendo e se curando, até que morra decrépita.

mer, andar de um lado para outro, na faina, adoecendo e sarando, com o fim de tornar a adoecer e sarar outra vez, triste agora, logo desesperada, amanhã resignada, mas sempre com as mãos no tacho e os olhos na costura, até acabar um dia na lama ou no hospital; foi para isso que te chamamos, num momento de simpatia.

CAPÍTULO 160: DAS NEGATIVAS

Entre a morte do Quincas Borba e a minha, mediram os sucessos narrados na primeira parte do livro. O principal deles foi a invenção do emplasto Brás Cubas, que morreu comigo, por causa da moléstia que apanhei. Divino emplasto, tu me darias o primeiro lugar entre os homens, acima da ciência e da riqueza, porque eras a genuína e direta inspiração do Céu. O caso determinou o contrário; e aí vos ficais eternamente hipocondríacos.

Este último capítulo é todo de negativas. Não alcancei a celebridade do emplasto, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento. Verdade é que, ao lado dessas faltas, coube-me a boa fortuna de não comprar o pão com o suor do meu rosto. Mais; não padeci a morte de D. Plácida, nem a semidemência do Quincas Borba. Somadas umas cousas e outras, qualquer pessoa imaginará que não houve míngua nem sobra, e conseguintemente que saí quite com a vida. E imaginará mal; porque ao chegar a este outro lado do mistério, achei-me com um pequeno saldo, que é a derradeira negativa deste capítulo de negativas: – Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da ***nossa*** *miséria.*

Record, 1998

FRUSTRAÇÃO
O projeto do emplasto Brás Cubas, medicamento revolucionário por meio do qual o narrador-personagem sonhava alcançar a glória pessoal, acabou por levar indiretamente seu idealizador à morte.

ADVÉRBIO
O título do capítulo, Das negativas, repercute na série de frases declarativas negativas presentes no texto, nas quais o advérbio não acentua o caráter de negatividade e frustração do narrador-protagonista.

IRONIA
Brás Cubas se refere ironicamente às sucessivas ações fracassadas de sua vida, resultantes da fraqueza e da leviandade. A ironia é o recurso textual frequentemente usado pelo autor para tratar das questões humanas.

PESSIMISMO
O desiludido narrador apresenta uma perspectiva pessimista da existência. Ele declara não haver deixado descendentes em vida e, portanto, não tem a quem transmitir o legado da existência humana (ironicamente constituído de misérias).

PRONOME POSSESSIVO
O uso do pronome possessivo "nossa" tem o efeito de criar cumplicidade e ironia: a miséria não seria só de Brás Cubas, mas de toda a humanidade.

DIÁLOGO ENTRE OBRAS

CIÚME E ADULTÉRIO

A traição é tema recorrente nos romances realistas. Após trair o marido, a sonhadora Luisa, de *O Primo Basílio*, é acometida pela culpa, que a leva à morte. Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, o narrador é o amante do triângulo amoroso, completado por Virgília e seu marido. Ao contrário de Luisa, Virgília é prática, tipicamente realista, e mantém um caso sem dramas com Brás Cubas. Nas duas obras, o adultério é incontestável. Já em *Dom Casmurro*, como a narração é em primeira pessoa, não há como dizer que Capitu traiu Bentinho. O suposto adultério pode ter sido invenção do ciumento narrador. Dúvida parecida paira no livro modernista *São Bernardo*, de Graciliano Ramos. A infidelidade de Madalena seria uma fantasia do narrador, seu marido, Paulo Honório?

O Primo Basílio

Eça de Queirós

"Sentia então como um alívio doloroso, em ver o fim do seu longo martírio! Havia meses que ele durava. E pensando em tudo o que tinha feito e que tinha sofrido, as infâmias em que chafurdara e as humilhações a que descera, vinha-lhe um tédio de si mesma, um nojo imenso da vida. Parecia-lhe que a tinham sujado e espezinhado; que nela nem havia orgulho intacto, nem sentimento limpo; que tudo em si, no seu corpo e na sua alma, estava enxovalhado, como um trapo que foi pisado por uma multidão, sobre a lama. Não valia a pena lutar por uma vida tão vil. O convento seria já uma purificação, a morte uma purificação maior... – E onde estava ele, o homem que a desgraçara? Em Paris, retorcendo a guia dos bigodes, chalaceando, governando os seus cavalos, dormindo com outras! E ela morreria ali, estupidamente! E quando lhe escrevera a pedir-lhe que a salvasse, nem uma palavra de resposta; nem a julgara digna do meio tostão da estampilha! (...) Oh, que estúpida que é a vida! Ainda bem que a deixava!"

Editora Ática, São Paulo, 1998

HIPÉRBOLE E DISCURSO INDIRETO LIVRE
Por meio do discurso indireto livre, o narrador recupera os pensamentos de Luisa: a personagem, em seu sofrimento, exagera a percepção da realidade e carrega suas reflexões de contornos trágicos. A imagem da alma humilhada e pisada é construída de modo hiperbólico. A hipérbole é a figura dos exageros e da intensificação das ideias. Ela funciona também como um advérbio, um recurso de intensificação.

© TEREZA BETTINARDI

PARA IR ALÉM

Na minissérie *Capitu*, exibida pela TV Globo em 2009 e dirigida por Luiz Fernando Carvalho, a adaptação combina elementos da ópera, do teatro e da cultura pop, o que resulta em figurinos, cenários e trilha sonora originais. Disponível em DVD e, alguns capítulos, pela internet.

Os capítulos iniciais de *Dom Casmurro* (1899) mostram o estilo solitário de vida do narrador Bentinho. A obra guarda um dos mais célebres enigmas da literatura brasileira: a incerteza sobre a traição de Capitu. Destaca-se o jogo complexo narrativo e a desconfiança nas palavras de Bentinho – tornadas duvidosas pela parcialidade do narrador-personagem, envolvido nos fatos.

Dom Casmurro

Machado de Assis

CAPÍTULO 2: DO LIVRO

Vivo só, com um criado. A casa em que moro é própria; fi-la construir de propósito, levado de um desejo tão particular que me vexa imprimi-lo, mas vá lá. Um dia, há bastantes anos, lembrou-me reproduzir no Engenho Novo a casa em que me criei na antiga Rua de Matacavalos, dando-lhe o mesmo aspecto e economia daquela outra, que desapareceu. Construtor e pintor entenderam bem as indicações que lhes fiz: é o mesmo prédio assobradado, três janelas de frente, varanda ao fundo, as mesmas alcovas e salas. Na principal destas, a pintura do teto e das paredes é mais ou menos igual, umas grinaldas de flores miúdas e grandes pássaros que as tomam nos bicos, de espaço a espaço. Nos quatro cantos do teto as figuras das estações, e ao centro das paredes os medalhões de César, Augusto, Nero e Massinissa, com os nomes por baixo... Não alcanço a razão de tais personagens. Quando fomos para a casa de Matacavalos, já ela estava assim decorada; vinha do decênio anterior. Naturalmente era gosto do tempo meter sabor clássico e figuras antigas em pinturas americanas. O mais é também análogo e parecido. Tenho chacarinha, flores, legume, uma casuarina, um poço e lavadouro. (...) Enfim, agora, como outrora, há aqui o mesmo contraste da vida interior, que é pacata, com a exterior, que é ruidosa.

O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência. Pois, senhor, não consegui recompor o que foi nem o que fui. Em tudo, se o rosto é igual, a fisionomia é diferente. Se só me faltassem os outros, vá; um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; mas falto eu mesmo, e esta lacuna é tudo. O que aqui está é, mal comparando, semelhante à pintura que se põe na barba e nos cabelos, e que apenas conserva o hábito externo, como se diz nas autópsias; o interno não aguenta tinta. Uma certidão que me desse vinte anos de idade poderia enganar os estranhos, como todos os documentos falsos, mas não a

MARCADORES ESPACIAIS E TEMPORAIS
O ponto de partida da narração é a compra da residência atual, reformada para tornar-se igual à casa onde ele vivera na infância. A passagem do tempo é representada pela alteração do espaço físico, recurso estilístico importante na composição da narrativa.

COMPARAÇÕES
O narrador faz duas comparações: entre os tempos passado e presente (mostrando que, para lidar com a passagem dos anos, quis reconstruir a casa em que vivia na infância) e entre as vidas no interior da residência e no mundo exterior (uma, pacata; outra, ruidosa).

PERSONAGENS COMPLEXOS
O desejo do narrador é articular o início e o fim da existência. A construção da casa busca conectar épocas diferentes. No entanto, a aparente recuperação da infância por meio da casa não foi bem-sucedida: a essência da juventude não pode ser recuperada. Na estética realista, os personagens são mais complexos do que os do período romântico.

PRESENTE E PRETÉRITO
O autor usa no início verbos no presente, que destacam as condições de vida do narrador. Em seguida, os fatos são narrados no pretérito, a fim de evocar as lembranças do narrador.

DESCRIÇÃO
O método descritivo é usado com frequência pelos realistas: para representar a realidade, detalham os traços constitutivos de espaços e pessoas. Mas não se trata mais de descrições idealizadas, como no período romântico: a realidade é retratada de modo objetivo e fiel.

ORAÇÃO SUBORDINADA ADJETIVA
O pronome relativo "que" é empregado para construir orações subordinadas adjetivas explicativas (responsáveis por acrescentar uma informação complementar sobre os referentes – no caso, a vida interior e a vida exterior à casa de Bentinho). Mais acima, a construção "em que" foi empregada para construir orações subordinadas adjetivas restritivas (responsáveis por especificar que, entre todas as casas existentes, o narrador se refere à própria residência).

mim. Os amigos que me restam são de data recente; todos os antigos foram estudar a geologia dos campos-santos. Quanto às amigas, algumas datam de quinze anos, outras de menos, e quase todas creem na mocidade. Duas ou três fariam crer nela aos outros, mas a língua que falam obriga muita vez a consultar os dicionários, e tal frequência é cansativa.

Entretanto, vida diferente não quer dizer vida pior; é outra coisa. A certos respeitos, aquela vida antiga aparece-me despida de muitos encantos que lhe achei; mas é também exato que perdeu muito espinho que a fez molesta (...) Quis variar, e lembrou-me escrever um livro.

EUFEMISMO
O narrador usa um eufemismo para fazer referência à morte dos amigos ("foram estudar a geologia dos campos-santos").

SENTIDO DA EXISTÊNCIA
Para tentar atribuir sentido à existência, o narrador opta por escrever uma obra autobiográfica e retomar passagens da própria vida.

CAPÍTULO 32: OLHOS DE RESSACA

Tinha-me lembrado a definição que José Dias dera deles, "olhos de cigana oblíqua e dissimulada". Eu não sabia o que era oblíqua, mas dissimulada sabia, e queria ver se podiam chamar assim. Capitu deixou-se fitar e examinar. Só me perguntava o que era, se nunca os vira; eu nada achei extraordinário; a cor e a doçura eram minhas conhecidas. A demora da contemplação creio que lhe deu outra ideia do meu intento; imaginou que era um pretexto para mirá-los mais de perto, com os meus olhos longos, constantes, enfiados neles, e a isto atribuo que entrassem a ficar crescidos, crescidos e sombrios, com tal expressão que...

Retórica dos namorados, dá-me uma comparação exata e poética para dizer o que foram aqueles olhos de Capitu. Não me acode imagem capaz de dizer, sem quebra da dignidade do estilo, o que eles foram e me fizeram. Olhos de ressaca? Vá, de ressaca. É o que me dá ideia daquela feição nova. Traziam não sei que fluido misterioso e enérgico, uma força que arrastava para dentro, como a vaga que se retira da praia, nos dias de ressaca. Para não ser arrastado, agarrei-me às outras partes vizinhas, às orelhas, aos braços, aos cabelos espalhados pelos ombros; mas tão depressa buscava as pupilas, a onda que saía delas vinha crescendo, cava e escura, ameaçando envolver-me, puxar-me e tragar-me.

L&PM editores, 1997

METÁFORA
A bela e estonteante metáfora dos "olhos de ressaca", presente no título deste capítulo, ressalta o poder sedutor de Capitu, que traga Bentinho como areia movediça.

METONÍMIA
Os olhos dão também a ideia metonímica (a parte substituindo o todo) do que Capitu vai representar para o narrador: o poder avassalador que ela terá sobre ele.

DIÁLOGO ENTRE OBRAS

DE CRIANÇA A MULHER

Em *Minha Vida de Menina* (1942), livro diário que compreende o período de janeiro de 1893 a dezembro de 1895, Helena Morley faz um retrato da sua vida na Diamantina do século XIX. No livro, como sugere o crítico literário Roberto Schwarz, "assistimos à transformação da criança observadora e crítica na mocinha espertíssima". A força sedutora dos modos despachados e poucos convencionais de Helena e um erotismo ambíguo (menina/mulher) a aproximam de Capitu, a protagonista de Dom Casmurro.

Minha Vida de Menina

Helena Morley

[12 de novembro de 1894]

Joviano, que já é normalista, veio contratar com meu pai lições de inglês. Tem vindo todas as tardes das cinco às seis, e tem me atrapalhado muito no estudo e também na vida em casa.

Nossa casa é pequena e todo rebuliço se escuta na sala. Eu e Luisinha temos uma infelicidade conosco; meu pai não gosta de nos ver rir muito. Mas parece até pirraça e juro que não é: quando meu pai está na lavra, só rimos quando há motivo; mas se ele está em casa, uma não pode olhar para a outra que disparamos no riso.

Depois que Joviano está vindo, meu pai recomendou que não ríssemos nem falássemos cá dentro, pois o rapaz ficava de ouvido alerta para escutar o que falávamos e não prestava atenção à aula.

Nós não fazemos barulho; mas deixar de rir, sendo proibido, é impossível. Meu pai chega a gritar da sala para acabarmos com isso.

Hoje, conversando com Maricas, irmã dele (Joviano), eu lhe contei o caso e o nosso sofrimento de rirmos à toa, principalmente depois que o irmão está vindo dar lições. Ela disse: "É porque Seu Alexandre ainda não desconfiou que ele gosta mais de ouvir você rir do que das lições. Ele disse lá em casa que gostava de ver você rir e falar perto dele o dia inteiro. Não se lembra daquela bobagem que você fez no dia que a levamos para a casa com aquela chuva? Você estava com umas botinas de elásticos arrebentados e encharcadas e da porta da rua foi sacudindo as pernas e atirando as botinas no corredor. Viano falou na mesa que sabe que vai ficar solteirão, porque só se casará com uma moça que faça aquele gesto perto dele e sabe que não encontrará".

© TEREZA BETTINARDI

Eça de Queirós

Um dos marcos do movimento realista em Portugal é a publicação, em 1874, do primeiro conto ligado à nova estética escrito em língua portuguesa: *Singularidades de uma Rapariga Loura*, de Eça de Queirós (1845-1900). O autor, um dos principais nomes da literatura de Portugal, fixa importantes referências estéticas para o período.

O romance *A Cidade e as Serras*, uma de suas principais obras, trata da onda de cientificismo e modernização que influenciou a cultura europeia na segunda metade do século XIX. No caso específico de Portugal, havia uma expectativa de equiparação do país em relação ao desenvolvimento tecnológico observado nas demais nações do continente europeu.

Eça de Queirós, por meio dos projetos inovadores do protagonista, Jacinto (defensor da civilização), e das intervenções do narrador-personagem, José Fernandes (oriundo do campo), explicita o contraste entre o progresso urbano e a tradição rural.

As Cidades e as Serras apresenta também traços do romance de tese, aquele que, por meio da história narrada, defende uma ideia. Neste caso, a narrativa concretiza as oposições entre campo e cidade, simplicidade e tecnologia.

[1]

Neste último livro de Eça de Queirós (1901), publicado um ano após sua morte, a temática do campo *versus* cidade é o cerne da história. O autor mostra a futilidade reinante na cidade e satiriza as ideias positivistas que predominavam na época.

A Cidade e as Serras

Eça de Queirós

Eu murmurei, das profundidades do meu assombrado ser:

– Eis a civilização!

Jacinto empurrou uma porta, penetramos numa nave cheia de majestade e sombra, onde reconheci a biblioteca por tropeçar numa pilha monstruosa de livros novos. O meu amigo roçou de leve o dedo na parede; e uma coroa de lumes elétricos, refulgindo entre os lavores do teto, alumiou as estantes monumentais, todas de ébano. (...)

*Ele erguera uma tapeçaria – entramos no seu gabinete de trabalho, que me inquietou. [...] Sedas verdes envolviam as luzes elétricas, dispersas em lâmpadas tão baixas que lembravam estrelas caídas por cima das mesas, acabando de arrefecer e morrer (...) **E entre aqueles verdes reluzia, por sobre peanhas e pedestais, toda uma mecânica suntuosa, aparelhos, lâminas, rodas, tubos, engrenagens, hastes, friezas, rigidez de metais...***

(...)

– E acumulaste civilização, Jacinto! Santo Deus... Está tremendo, o 202!

Ele espalhou em torno um olhar onde já não faiscava a antiga vivacidade:

– Sim, há confortos... Mas falta muito! A humanidade ainda está mal apetrechada, Zé Fernandes... E a vida conserva resistências.

Subitamente, a um canto, repicou a campainha do telefone. (...) Jacinto acudiu, com a face no telefone:

– Vê aí o telégrafo!... Ao pé do divã. Uma tira de papel que deve estar a correr.

– E, com efeito, duma redoma de vidro posta numa coluna, e contendo um aparelho esperto e diligente, escorria para o tapete como uma tênia, (...)

ARTIGO
O artigo "a" define civilização: trata-se desta civilização, e não de outra. Veja outros significados que os artigos podem exprimir no *Saiba mais* da página ao lado.

DESCRIÇÃO
O procedimento descritivo, muito empregado pelos realistas, é usado para evidenciar a ânsia de modernidade de Jacinto (representativa de boa parte da elite portuguesa da época). Por meio da apresentação da casa do protagonista, Eça realiza uma sátira dos costumes burgueses.

SUBSTANTIVOS
Após enumerar uma série de componentes dos aparelhos (designados por substantivos concretos), o narrador explicita, por meio de substantivos abstratos ("frieza" e "rigidez"), o caráter impessoal e artificial das máquinas. Em todo o romance, ocorre a decepção de Jacinto com o "mundo moderno".

DISCURSO DIRETO
As exclamações de Zé Fernandes, reproduzidas por meio de discurso direto, visam a quebrar o longo trecho descritivo e inserem no texto aspectos ligados ao dinamismo e à ação. O leitor tem a impressão de ver os personagens conversando no gabinete de Jacinto.

ANSIEDADE E CONSUMISMO
Jacinto encarna a ansiedade do indivíduo moderno, sedento de velocidade e simultaneidade. Ao mesmo tempo que fala ao telefone, pede a Jacinto que verifique a chegada de uma nova mensagem no telégrafo. Na prosperidade material e nas posses de Jacinto, nota-se o apego ao consumismo, estimulado pelo capitalismo burguês e industrial.

Neste outro trecho do mesmo livro, Zé Fernandes, preocupado, consulta seu fiel criado Grilo sobre o desânimo de Jacinto. Ele diz que o patrão (Jacinto) sofria de "fartura". Esse fastio vai desencadear no personagem mudança de rumo e de ares. Trocará o tédio da cidade por uma vida nova no campo.

Uma noite no meu quarto, descalçando as botas, consultei o Grilo:

– Jacinto anda tão murcho, tão corcunda... Que será, Grilo?

O venerando preto declarou com uma certeza imensa:

– Sua Excelência sofre de fartura.

Era fartura! O meu Príncipe sentia abafadamente a fartura de Paris; e na Cidade, na simbólica Cidade, fora de cuja vida culta e forte (como ele outrora gritava, iluminado) o homem do século XIX nunca poderia saborear plenamente a "delícia de viver", ele não encontrava agora forma de vida, espiritual ou social, que o interessasse (...) Pobre Jacinto! Um jornal velho (...) não enfastiaria mais o solitário, que só possuísse na sua solidão esse alimento intelectual, do que o parisianismo enfastiava o meu doce camarada! Se eu nesse verão capciosamente o arrastava a um café-concerto (...), o meu bom Jacinto, colado pesadamente à cadeira, com um maravilhoso ramo de orquídeas na casaca, as finas mãos abatidas sobre o castão da bengala, conservava toda a noite uma gravidade tão estafada, que eu, compadecido, me erguia, o libertava, gozando ***a*** *sua pressa em abalar,* ***a*** *sua fuga de ave solta... (...) Não se ocupara mais das suas sociedades e companhias, nem dos telefones de Constantinopla, nem das religiões esotéricas, nem do bazar espiritualista, cujas cartas fechadas se amontoavam sobre a mesa de ébano, de onde o Grilo as varria tristemente como o lixo de uma vida finda. Também lentamente se despegava de todas as suas convivências. As páginas da agenda cor-de-rosa murcha andavam desafogadas e brancas. E se ainda cediam a um passeio de mail-coach, ou a um convite para algum castelo amigos dos arredores de Paris, era tão arrastadamente, com um esforço saturado (...)*

Jazer, jazer em casa, na segurança das portas bem cerradas e bem fendidas contra toda a intrusão do mundo, seria uma doçura para o meu Príncipe se o seu próprio 202, com todo aquele tremendo recheio de Civilização, não lhe desse uma sensação dolorosa de abafamento, de atulhamento!

(...)

Nobel, 2009

NARRADOR EXCÊNTRICO
Zé Fernandes não é somente um típico narrador. É um observador da trajetória do protagonista. O tédio proporcionado pela "fartura" aborrecera o "Príncipe"– nome carinhoso e irônico usado para designar o mimado Jacinto.

ARTIGO ENFÁTICO
O artigo definido (o, a) empregado em conjunto com o pronome possessivo assume valor semântico de ênfase, uma vez que a particularidade expressa pelo possessivo dispensaria o artigo. Seu emprego, porém, torna mais clara a ideia de que o protagonista é descrito aos olhos do narrador.

PERSONAGEM ENFASTIADA
Eça descreve Jacinto como um típico burguês enfastiado com a vida social. O autor busca caracterizar no personagem um arquétipo da elite portuguesa, a qual criticava.

PONTUAÇÃO
O ponto de exclamação enfatiza o retrato de tédio que o narrador busca fazer de Jacinto. Dessa forma, ele ironiza o que o protagonista outrora chamava de civilização.

CONEXÕES

ANÚNCIO PUBLICITÁRIO

[2]

Os contrastes entre o progresso urbano e o sossego do campo, apontados em *A Cidade e as Serras*, mantêm-se nos dias de hoje. No romance, a mudança de Jacinto, da agitada Paris para o agrário Portugal, mostra, primeiramente, a superioridade da vida rural e, no fim da obra, uma síntese dos dois ambientes. O anúncio acima é um exemplo de como a sociedade moderna também tem buscado unir o melhor dos dois: a praticidade das cidades e a tranquilidade do campo. Essa tendência é expressa na multiplicação de condomínios residenciais, cuja publicidade emprega termos bucólicos, como "natureza" e "área verde". Delineia-se a promessa de viver num espaço ao mesmo tempo verde e urbano, atraente para quem acredita ser possível ter a calmaria de um refúgio rural sem perder o conforto da cidade.

SAIBA MAIS

O ARTIGO

É a palavra que costuma preceder o substantivo, indicando-lhe o gênero (masculino ou feminino) e o número (singular ou plural). Pode ser definido (o, a, os, as) ou indefinido (um, uma, uns, umas). Do ponto de vista da semântica, os artigos podem expressar diversos significados, como:

- **Adjetivo:** *Fernanda Montenegro é* ***a*** *atriz!* (= excelente)
- **Ideia de aproximação:** *Sharon Stone tem* ***uns*** *60 anos.* (= aproximadamente)
- **Ênfase:** *Estou com* ***uma*** *fome!* (= muito intensa)
- **Generalização:** ***O*** *homem é um animal racional...* (= todos os homens)
- **Indicação de posse:** *Roberto Carlos rapou* ***a*** *cabeça novamente.* (= dele)

[1] © TEREZA BETTINARDI [2] REPRODUÇÃO

Relatos quase científicos

Os autores do Naturalismo (1881-1922) se colocam como observadores imparciais diante de seu objeto de estudo – os personagens

Considerada por muitos especialistas a radicalização do Realismo, a estética naturalista se estabelece na Europa e no Brasil na segunda metade do século XIX, impulsionada por uma série de avanços científicos, principalmente nos campos da biologia e da sociologia.

Além de observarem a realidade, os autores naturalistas procuram explicar os acontecimentos com base em teorias científicas. O romance se converte numa espécie de laboratório, no qual temas considerados polêmicos pela sociedade do período são expostos sem idealização nem contornos atenuantes. A influência do meio sobre o indivíduo (determinismo) e a evolução dos seres vivos **(darwinismo)** são algumas das ideias incorporadas por escritores para explicar o comportamento dos personagens (e, desse modo, interpretar a própria realidade). No Brasil, Aluísio Azevedo (1857-1913) retratou o modo de vida das classes populares e também o comportamento animalesco que pode estar por trás das aparências de civilidade. É autor, entre outros, de *O Mulato* (1881), que marca o início do Naturalismo no Brasil, e de *O Cortiço* (*veja ao lado*), considerado o principal romance naturalista brasileiro.

O QUE ISSO TEM A VER COM A BIOLOGIA
O inglês Charles Darwin desenvolveu a teoria da evolução das espécies pela seleção natural. Segundo a teoria, os indivíduos nascem com pequenas diferenças, e algumas delas facilitam sua sobrevivência. Elas são transmitidas aos descendentes, e o meio ambiente funcionaria como filtro para selecionar os organismos mais adaptados. Para saber mais, veja o GUIA DO ESTUDANTE BIOLOGIA.

Publicado em 1890, *O Cortiço* traça o perfil da sociedade brasileira no fim do século XIX. Pela janela, um narrador assiste à formação de um cortiço ao lado de seu sobrado. O autor registra a ascensão de uma classe social que não medirá esforços para enriquecer e atingir o poder político. Portugueses, negros e mulatos experimentam a pobreza e a desigualdade social em leituras animalizadas do ser humano.

O Cortiço

Aluísio Azevedo

*Uma **bela** noite, porém, o Miranda, que era homem de sangue esperto e orçava então pelos seus trinta e cinco anos, sentiu-se em insuportável estado de lubricidade. Era tarde já e não havia em casa **alguma criada que lhe pudesse valer.** Lembrou-se da mulher, mas repeliu logo esta ideia com escrupulosa repugnância. Continuava a odiá-la. Entretanto este mesmo fato de obrigação em que ele se colocou de não servir-se dela, a responsabilidade de desprezá-la, como que ainda mais lhe assanhava o desejo da carne, fazendo da esposa infiel um fruto proibido. Afinal, coisa singular, posto que moralmente nada diminuísse a sua repugnância pela perjura, foi ter ao quarto dela.*

(...) Ah! ela contava como certo que o esposo, desde que não teve coragem de separar-se de casa, havia, mais cedo ou mais tarde, de procurá-la de novo. Conhecia-lhe o temperamento, forte para desejar e fraco para resistir ao desejo.

DERIVAÇÃO IMPRÓPRIA
O adjetivo "bela" é empregado como um pronome indefinido ("uma noite qualquer"). A escolha da palavra "bela" cria uma anteposição à noção de grotesco presente na relação do casal, na qual não há nenhuma indicação de amor e de belo.

COISIFICAÇÃO
Com o objetivo de criticar os valores civilizatórios burgueses e a descaracterização da "humanidade" do homem, alguns personagens se tornam coisas ou objetos. O texto deixa transparecer o papel da criadagem nesse processo de coisificação do ser humano.

VOCABULÁRIO
A escolha da forma verbal "orçava" revela o caráter ambicioso de Miranda, que resumia tudo a dinheiro e a benefício próprio. A seleção vocabular é um procedimento essencial para a construção de um texto.

APARÊNCIA VERSUS ESSÊNCIA
Após verificar a traição de Estela, Miranda toma providências. No entanto, tais medidas só se estendem à vida privada. Na vida pública, mantinham a aparência de casal unido. Interesses financeiros e reputação social estão em jogo. Lobo Neves, marido de Virgília, toma uma atitude semelhante à de Miranda; no entanto, quando percebe que o adultério da mulher pode prejudicar sua vida pública, afasta os amantes.

SEXUALIDADE
Há uma visão não espiritualizada dos afetos humanos. O retrato da sexualidade aflorada, muitas vezes por meio de hipérboles e adjetivos, é tipicamente naturalista.

PARA IR ALÉM

O Cortiço foi adaptado para os quadrinhos pela Editora Ática, por Rodrigo Rosa e Ivan Jaf, que fizeram intensa pesquisa para reconstituir a paisagem carioca com seus cortiços no século XIX. Essa versão traz uma nova linguagem, sem deixar de lado o humor e a acidez da crítica social presentes na obra original.

Consumado o delito, o honrado negociante sentiu-se tolhido de vergonha e arrependimento. Não teve ânimo de dar palavra, e retirou-se tristonho e murcho para o seu quarto de desquitado.

Oh! como lhe doía agora o que acabava de praticar na cegueira da sua sensualidade.

(...)

No dia seguinte, os dois viram-se e evitaram-se em silêncio, como se nada de extraordinário houvera entre eles acontecido na véspera.

(...)

Mas, daí a um mês, o pobre homem, acometido de um novo acesso de luxúria, voltou ao quarto da mulher.

(...)

Miranda nunca a tivera, nem nunca a vira, assim tão violenta no prazer. Estranhou-a. Afigurou-se-lhe estar nos braços de uma amante apaixonada: descobriu nela o capitoso encanto com que nos embebedam as cortesãs amestradas na ciência do gozo venéreo. Descobriu-lhe no cheiro da pele e no cheiro dos cabelos perfumes que nunca lhe sentira; notou-lhe outro hálito, outro som nos gemidos e nos suspiros. E gozou-a, gozou-a loucamente, com delírio, com ***verdadeira satisfação de animal no cio.***

E ela também, ela também gozou, estimulada por aquela circunstância picante do ressentimento que os desunia; gozou a desonestidade daquele ato que a ambos acanalhava aos olhos um do outro; ***estorceu-se toda, rangendo os dentes, grunhindo****, debaixo daquele seu inimigo odiado, achando-o também agora, como homem, melhor que nunca, sufocando-o nos seus braços nus, metendo-lhe pela boca a língua úmida e em brasa.*

L&PM editores, 1998.

NATURALISMO
A descrição física ligada ao corpo é muito explorada pelos naturalistas para representar os aspectos instintivos e naturais do ser humano. As descrições apelam para o grotesco e o animalesco. O homem, que passa a ser objeto de investigação científica, é descrito com precisão e detalhamento.

DINAMISMO
A repetição da forma verbal "gozou" reforça o caráter de dinamismo conferido à narrativa e insere o leitor ao momento de delírio vivido pelos personagens.

ANIMALIZAÇÃO
O desejo ligado ao cio é frequente na literatura naturalista. Os personagens sofrem um processo de animalização conhecido por zoomorfismo.

DESEJO
Estela é movida pelo desejo físico (evidenciado pelas descrições naturalistas), ao contrário de Virgília, de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (motivada pelo desejo de alcançar status, aspecto assinalado com a ironia machadiana voltada para as relações sociais), e de Luisa, de *O Primo Basílio* (que deseja viver uma aventura romântica).

SAIU NA IMPRENSA

MACACOS TÊM AVERSÃO À INJUSTIÇA

Fernando Reinach

(...)

Em 2003, Frans de Waal publicou um experimento clássico. Colocou dois macacos em jaulas vizinhas e os treinou para que devolvessem pedras colocadas no interior da gaiola. Para cada pedra entregue eles recebiam uma fatia de pepino (...) Mas algo espantoso acontecia quando um dos macacos era recompensado com uma uva em vez de uma fatia de pepino. (...) o outro, que podia observar o pagamento superior recebido pelo vizinho (a uva) se revoltava. Parava de entregar a pedra ou atirava o pepino no cientista.

(...)

Recentemente, um novo tipo de comportamento foi detectado, mas agora somente em chimpanzés e crianças humanas. É a chamada aversão secundária à injustiça. Nesses experimentos, foi demonstrado que em certas situações o chimpanzé ao qual é oferecido o pagamento mais valioso (uva) se recusa a receber o pagamento, a não ser que seu par receba o mesmo pagamento ou um semelhante. (...) Nada mal para um macaco, algo muito difícil de observar entre seres humanos adultos, mas quase automático entre crianças de até 4 anos.

(...)

Talvez devêssemos investigar melhor nosso lado animal. Será que encontraremos outras características hereditárias, hoje inibidas pela educação, capazes de nos tornar animais melhores?

O Estado de S. Paulo, 18/10/2014

Este artigo, redigido por um biólogo, relata pesquisas sobre o senso de justiça entre os macacos. O texto realiza uma característica inversa à executada pelos autores naturalistas. Estes usavam a zoomorfização, ou seja, por trás da aparente civilidade, mostravam o comportamento animalesco e os aspectos instintivos inerentes às ações dos personagens. Já os estudos apontam para o caminho contrário. Humanizam os animais e revelam que muitas das características geralmente atribuídas a humanos, como a capacidade de se incomodar com injustiças ou de solidarizar-se com o próximo, não são exclusividade da nossa espécie.

© TEREZA BETTINARDI

1. (FUVEST 2016 ADAPTADA)

Texto para a questão.

– Pois, Grilo, agora realmente bem podemos dizer que o sr. D. Jacinto está firme. O Grilo arredou os óculos para a testa, e levantando para o ar os cinco dedos em curva como pétalas de uma tulipa: – Sua Excelência brotou! Profundo sempre e digno preto! Sim! Aquele ressequido galho da Cidade, plantado na Serra, pegara, chupara o húmus do torrão herdado, criara seiva, afundara raízes, engrossara de tronco, atirara ramos, rebentara em flores, forte, sereno, ditoso, benéfico, nobre, dando frutos, derramando sombra. E abrigados pela grande árvore, e por ela nutridos, cem casais em redor o bendiziam.*

Eça de Queirós, A Cidade e as Serras

**casal: pequena propriedade rústica; pequeno povoado.*

Tal como se encontra caracterizado no excerto, o destino alcançado pelo personagem Jacinto contrasta de modo mais completo com a maneira pela qual culmina a trajetória de vida do personagem

a) Leonardo (filho), de *Memórias de um Sargento de Milícias*.
b) Jão Fera, de *Til.*
c) Brás Cubas, de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.
d) Jerônimo, de *O Cortiço*.
e) Pedro Bala, de *Capitães da Areia.*

RESOLUÇÃO

Jacinto, aristocrata e membro da elite, contrasta com Brás Cubas, uma vez que este fracassou em todos os projetos em que se envolveu, enquanto Jacinto rejuvenesce indo para Tormes. As classes sociais, a origem de cada um deles e as circunstâncias não permitem confundir esses personagens, mas há pontos de contato que podem levar à confusão. Em relação às outras alternativas: **a)** ainda que Leonardo, personagem simples de gente do povo, tenha se casado com Luisinha e se tornado sargento de milícias, sua trajetória não mostra nenhum mérito seu, uma vez que foi ajudado em todas as circunstâncias de sua vida, enquanto Jacinto ajudava aos necessitados. Sobre **b** e **e)** Jão Fera, bugre e capataz, e Pedro Bala, garoto delinquente e depois líder grevista, não se assemelham ao nobre e aristocrata Jacinto. No que diz respeito à **d)** a trajetória de Jerônimo incluiu um processo de degradação, o que não o faz semelhante a Jacinto, que não passa por esses percalços e tampouco é influenciado pelo meio como Jerônimo.
Resposta: C

2. (ENEM 2015)

Primeiro surgiu o homem nu de cabeça baixa. Deus veio num raio. Então apareceram os bichos que comiam os homens. E se fez o fogo, as especiarias, a roupa, a espada e o dever. Em seguida se criou a filosofia, que explicava como não fazer o que não devia ser feito. Então surgiram os números racionais e a História, organizando os eventos sem sentido. A fome desde sempre, das coisas e das pessoas. Foram inventados o calmante e o estimulante. E alguém apagou a luz. E cada um se vira como pode, arrancando as cascas das feridas que alcança.

BONASSI, F. 15 cenas do descobrimento de Brasis. In: MORICONI, Í. (Org.). Os Cem Melhores Contos do Século. *Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.*

A narrativa enxuta e dinâmica de Fernando Bonassi configura um painel evolutivo da história da humanidade. Nele, a projeção do olhar contemporâneo manifesta uma percepção que

a) recorre à tradição bíblica como fonte de inspiração para a humanidade.
b) desconstrói o discurso da filosofia a fim de questionar o conceito de dever.
c) resgata a metodologia da história para denunciar as atitudes irracionais.
d) transita entre o humor e a ironia para celebrar o caos da vida cotidiana.
e) satiriza a matemática e a medicina para desmistificar o saber científico.

RESOLUÇÃO

O autor do texto constrói uma visão da história tomada pelo humor e pela ironia. Essa figura de linguagem consiste em dizer o oposto do que se quer expressar, mas pode se manifestar de outras formas também. Aqui, ela se expressa por meio da visão ácida dos aspectos negativos da vida e da história, que são narrados de forma leve e bem-humorada.
Resposta: D

3. (ENEM 2014)

A publicidade, de uma forma geral, alia elementos verbais e imagéticos na constituição de seus textos. Nessa peça publicitária, cujo tema é a sustentabilidade, o autor procura convencer o leitor a

a) assumir uma atitude reflexiva diante dos fenômenos naturais.
b) evitar o consumo excessivo de produtos reutilizáveis.
c) aderir à onda sustentável, evitando o consumo excessivo.
d) abraçar a campanha, desenvolvendo projetos sustentáveis.
e) consumir produtos de modo responsável e ecológico.

RESOLUÇÃO

É papel de um texto publicitário convencer alguém de algo. No caso desta peça publicitária, ela solicita não só a adesão do leitor para a campanha "garanta sua sacola retornável", mas também o invoca a ter ações sustentáveis. Em relação às alternativas incorretas, vale destacar que a intenção de um texto publicitário é modificar o comportamento do leitor e não apenas sugerir a ele reflexão (a). As ideias contidas nas outras alternativas também aparecem, mas não é o que prevalece. Perceba que os elementos verbais e não verbais solicitam o uso específico da sacola retornável.
Resposta: D

4. (FGV ECONOMIA 2014)

Identifique e explique o tipo de discurso presente nos trechos transcritos.

a) *— Neste momento, Tupã não é contigo! replicou o chefe. O Pajé riu; e seu riso sinistro reboou pelo espaço como o regougo da ariranha. — Ouve seu trovão e treme em teu seio, guerreiro, como a terra em sua profundeza. Araquém, proferindo essa palavra terrível, avançou até o meio da cabana; ali ergueu a grande pedra e calcou o pé com força no chão; súbito, abriu-se a terra.*

José de Alencar, Iracema

b) *Rubião interrompeu as reflexões para ler ainda a notícia. Que era bem escrita, era. Trechos havia que releu com muita satisfação. O diabo do homem parecia haver assistido à cena. Que narração! Que viveza de estilo! Alguns pontos estavam acrescentados – confusão de memória – mas o acréscimo não ficava mal.*

Machado de Assis, Quincas Borba

RESOLUÇÃO

a) O primeiro trecho apresenta discurso direto. As falas são transcritas literalmente, sem a intermediação do narrador. O uso do travessão e de verbos declaratórios que introduzem as falas, como replicar e proferir, são marcas desse tipo de discurso.

b) O segundo trecho é um exemplo de discurso indireto livre, pois as palavras e pensamentos da personagem são incorporados ao discurso do narrador. O discurso indireto livre não apresenta verbos declarativos.

SAIBA MAIS

TIPOS DE DISCURSO

Durante o processo de elaboração de um texto, um autor escolhe o modo de reprodução de palavras enunciadas por outras pessoas. Reconhecer esses mecanismos é importante para identificar quem está falando no texto.

Discurso Direto Reproduz exatamente as palavras de outra pessoa, separando-as da fala do narrador por dois pontos, travessão ou aspas. Ex: *O pai estava inconsolável: "Não sei onde está meu filho", disse.* Há um verbo para introduzir a fala de alguém, como anunciar, afirmar, comentar, declarar (-se), dizer, exclamar, falar, murmurar, perguntar, responder etc.

Discurso Indireto A fala da personagem é mediada pela fala do narrador e se subordina a ela. O leitor fica sabendo o que a personagem disse indiretamente, por meio do discurso do narrador. Ex: *O pai, inconsolável, disse que não sabia onde estava seu filho.*

Discurso Indireto Livre O narrador conhece a interioridade da personagem e, ao discurso de quem narra, são incorporados os pensamentos e sensações de outra pessoa. Ex: *O pai ficou preocupado e sentia culpa por não saber o paradeiro do filho* (*veja mais um exemplo na pág. 67,* em Diálogo entre obras).

RESUMO

Literatura do Realismo/Naturalismo

REALISMO (1881-1922) No fim do século XIX, em oposição à subjetividade romântica, os escritores realistas concebem a realidade segundo uma visão materialista e objetiva. A observação atenta de paisagens, pessoas e fenômenos é feita com precisão rigorosa. Em lugar de heróis, os personagens são pessoas comuns, cheias de problemas e limitações, geralmente vivendo em ambientes urbanos.

- **Principais autores** Em Portugal, destacam-se Eça de Queirós (*A Cidade e as Serras*) e Antero de Quental. No Brasil, Machado de Assis torna-se precursor do novo movimento com *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, em 1881.

NATURALISMO (1881-1922) O surgimento do Naturalismo, assim como do próprio Realismo, está condicionado ao amplo desenvolvimento científico ocorrido na segunda metade do século XIX. A primeira obra naturalista brasileira é *O Mulato* (1881), de Aluísio Azevedo, autor também de *O Cortiço*.

- **Características** Os escritores retratam cenas e personagens com rigor quase científico. São enfatizados os aspectos mais primitivos do ser humano, muitas vezes comparado aos animais.

GRAMÁTICA E INTERPRETAÇÃO

- **Ironia** Uma das figuras de linguagem mais frequentes nos textos literários, a ironia consiste no uso de palavra ou frase de sentido diverso ou oposto ao que deveria ser empregado, ressaltando, dessa forma, a verdadeira intenção do autor.

- **Oração subordinada adjetiva** Esse tipo de oração apresenta informações sobre um referente. Pode ser de dois tipos:
Restritiva É a oração subordinada adjetiva que especifica os componentes de um conjunto (*"As mães preferiam aquelas que aceitavam as ordens..."*, ou seja, de todas as babás, as mães preferiam as que tinham tal atitude).
Explicativa É aquela que, introduzida pelo pronome relativo, insere uma informação complementar (*"Só aos 34 anos tirou férias, após descobrir o sindicato,* **do qual** *hoje é presidente."*).

- **Artigo** Além de indicar o gênero (o, um – masculino; a, uma – feminino) e o número (a – singular; as – plural), também expressa diferentes significados, como a ideia de aproximação (ex.: *o universo tem* ***uns*** *14 bilhões de anos*) e de ênfase (ex.: *estou com* ***um*** *sono!*).

- **Partícula "que"** Pode ocupar diferentes classes gramaticais, como pronome relativo (*Apressava o passo, que ora desacelerava*), advérbio de intensidade (*Que malandro!*), interjeição (*Quê! Seu marido foi preso?*), substantivo (*Ele tem um quê malandro*) e preposição (usada para ligar o verbo ter, com sentido de "dever", a um verbo auxiliar. Ex.: *Ele teve que fugir*), entre outras.

5

LITERATURA DO PRÉ-MODERNISMO

CONTEÚDO DESTE CAPÍTULO

- *Interpretando: tipos de texto* 78
- *Pré-Modernismo* 80
- *Parnasianismo* 84
- *Simbolismo* 86
- *Como cai na prova + Resumo* 88

O drama da seca

Região Nordeste sofre com a mais severa estiagem dos últimos cem anos, mas transposição das águas do Rio São Francisco pode minimizar seus efeitos

Uma seca severa castiga o Nordeste brasileiro. Dados do Ministério da Integração Nacional apontam que 835 municípios da região encontravam-se em estado de emergência em março de 2017. A estiagem, que teve início em 2012, já é a mais longa dos últimos cem anos, conforme dados da Fundação Cearense de Meteorologia e Recursos Hídricos (Funceme).

Com a ausência de chuvas, o nível dos reservatórios no sertão nordestino caiu a níveis drásticos e atingiu 13,8% de sua capacidade. Dos 533 açudes monitorados pela Agência Nacional de Águas (ANA), 152 estavam sem água. No Ceará, um dos estados mais atingidos, o volume armazenado nos reservatórios era de apenas 10% do total. A situação é mais grave na região do semiárido, zona do agreste que compreende 53% do território nordestino e onde vivem 23 milhões de pessoas. A falta de água prejudica os pequenos agricultores, que perdem suas plantações e não conseguem manter o rebanho.

Para tentar solucionar a situação e amenizar os efeitos da seca, o governo federal inaugurou em março de 2017 o primeiro trecho da obra de transposição do Rio São Francisco. Por meio de 217 quilômetros de túneis, canais artificiais e barragens, as águas do "Velho Chico" agora chegam a 4,5 milhões de moradores de 168 municípios da Paraíba e Pernambuco. O projeto prevê a construção de um segundo trecho, que levará água ao sertão do Ceará e do Rio Grande do Norte. Sua inauguração está programada para o fim de 2017.

Iniciada em 2007, a transposição já custou 9,6 bilhões de reais aos cofres públicos e divide opiniões. Se os nordestinos beneficiados com a chegada da água a consideram positiva, entre aqueles que moram nas margens do rio o clima é de apreensão. O maior temor é que a retirada de água prejudique o manancial, reduzindo seu nível de água e prejudicando a irrigação e o abastecimento das comunidades.

O tema da seca é bastante presente em *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, um dos principais nomes do Pré-Modernismo brasileiro. Na obra, há uma forte crítica ao abandono, ao isolamento e às dificuldades vividas pelos sertanejos devido às condições adversas ligadas à natureza (clima) e à terra (sistema latifundiário). Segundo Euclides da Cunha, a seca é uma maldição imposta ao sertanejo, e o torna adaptado e integrado miseravelmente a essa condição.

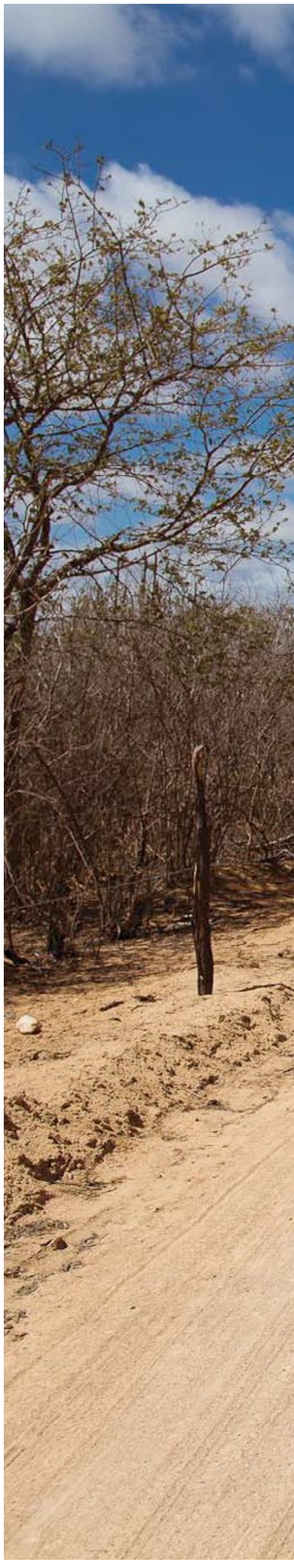

NA POEIRA DO SERTÃO **Morador de Baraúna (PB), município que tem um dos menores índices de água encanada do país. O abastecimento depende da retirada de água de poços ou de caminhões-pipa**

DANIEL MARENCO/FOHAPRESS

Qual é a sua forma?

A narração, a dissertação e a descrição são os principais tipos de textos. Cada modelo está ligado à intenção e ao conteúdo que se quer transmitir

O site de notícias do jornal O Povo, do Ceará, trouxe, em 9 de janeiro de 2017, uma reportagem sobre a seca que assola o Nordeste brasileiro, considerada a maior dos últimos cem anos. A matéria mostra a situação de diversos moradores das regiões atingidas e as saídas que eles têm encontrado para sobreviver frente às perdas que sofreram na atividade agrícola e na pecuária devido à estiagem.

Para narrar e descrever a história de cada morador entrevistado, o autor do texto reconstrói a sucessão de acontecimentos e o ponto de vista das pessoas envolvidas. Note que esse tipo de texto se assemelha bastante com o que ocorre com todos nós, no dia a dia: a **narração** e a **descrição** de situações vividas, presenciadas e sabidas.

O texto dessa reportagem se caracteriza, ainda, pela linguagem coloquial e pelo uso do discurso direto (as declarações, entre aspas, que reproduzem diretamente a fala dos entrevistados). Observe também que os marcadores temporais e o uso de diferentes tempos verbais são fundamentais na construção de sentido do texto, pois eles pontuam a sequência dos fatos e mostram a articulação das ações. Além, disso, há ocorrência de recurso típico de texto dissertativo, como a apresentação de opinião por meio do discurso direto.

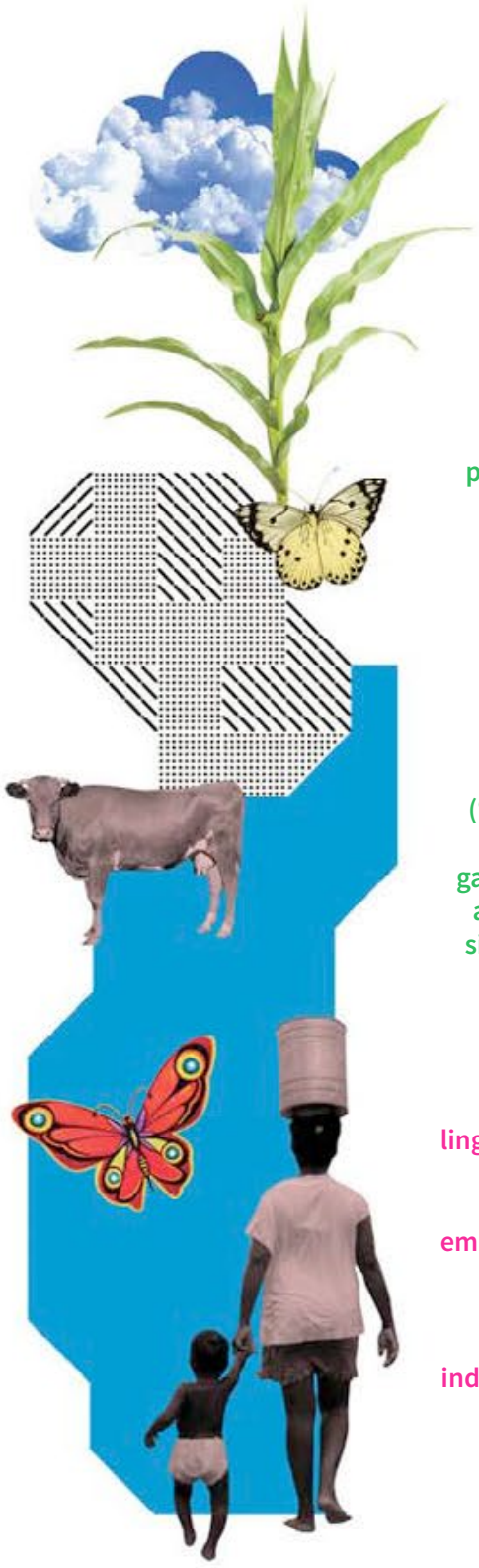

APONTE O CELULAR PARA AS PÁGINAS E VEJA UMA VIDEOAULA SOBRE TIPOS E GÊNEROS DE TEXTO *(MAIS INFORMAÇÕES NA PÁG. 6)*

Nordeste enfrenta maior seca em 100 anos

Com voz desanimada, Valdecir João da Silva, de 53 anos, conta os cadáveres do seu pequeno rebanho que não resistiu à fome, à falta de água e às doenças causadas pela desnutrição. Em uma área afastada da pequena casa onde vive com a família, ele juntou 12 animais mortos ao longo dos 2 últimos meses. ***De alguns, restam os ossos. De outros, mais recentes, os corpos inchados.*** *"Morreram de fome", resume ele, que prefere deixá-los aos urubus a enterrá-los. Ele tenta salvar os 20 animais que restam com mandacaru, a planta símbolo do Nordeste. "Ração não dá para comprar, pois está muito cara. O saco de milho que custava R$ 18 há dois anos hoje sai por R$ 65."*

No sertão de Petrolina, quinta maior cidade de Pernambuco, não choveu por 11 meses. Em meados de dezembro, *caiu uma chuva forte, mas logo parou. O receio dos sertanejos do semiárido é de que se repita o ocorrido em janeiro passado, quando a chuva veio forte,* ***"sangrou"*** *açudes, mas durou só duas semanas. (...)*

"Vou vender a qualquer preço porque não quero voltar com eles", afirma Francisco Agostinho Rodrigues, de 64 anos, que levou à feira 23 de seus 60 animais. "A gente vende algumas para dar de comer às outras." A feira semanal de Dormentes reúne, em média, 3,6 mil animais e atrai compradores da região e de outros estados. Em tempos bons, tudo é vendido. Agora, em razão da crise e da seca, o número de animais expostos caiu à metade (...).

NARRAÇÃO, ESPAÇO E PERSONAGEM
Em um relato ou narrativa ocorre a identificação do personagem, do espaço e da trama para que o leitor seja inserido na história relatada.

NARRAÇÃO E VERBOS
A sequência de verbos em tempos diferentes ("custava", no passado; e "sai", no presente) garante a progressão e a articulações das ações, sinalizando a passagem do tempo.

HIPÉRBOLE E ASPAS
Hipérbole é a figura de linguagem que intensifica uma ideia. As aspas foram empregadas para mostrar o sentido conotativo e exagerado do termo "sangrou" (que, aqui, indica transbordamento). A expressão reforça o caráter descritivo do texto.

DESCRIÇÃO OBJETIVA
Visa reforçar as características reais do ser ou do objeto descrito sem juízo de valor. Os substantivos e adjetivos empregados ("ossos" e "inchados") ou as cenas descritas tendem a ser reais e objetivos.

MARCADORES TEMPORAIS
Inserem o leitor no tempo (11 meses, meados de dezembro) e, às vezes, também no espaço (no sertão de Petrolina - PE)

PRETÉRITO PERFEITO
É o tempo verbal escolhido para a narração, uma vez que indica um fato ocorrido e encerrado ("caiu" e "parou").

DISCURSO DIRETO
É comum o uso da linguagem coloquial para reproduzir a fala fiel de uma pessoa ou personagem. Repare na expressão popular "dar de comer" (alimentar).

Após cinco anos seguidos de volume de chuvas abaixo da média histórica, a seca do semiárido já é considerada a maior do século. A região inclui Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe e o norte de Minas Gerais (...)

Segundo Raul Fritz, da Fundação Cearense de Meteorologia e Recursos Hídricos (Funceme), "Não se via ***seca tão severa*** *para um período consecutivo desde 1910", quando dados sobre as chuvas passaram a ser coletados. O Ceará é o estado em pior situação. (...)*

Vários rios e açudes também secaram. Muitos moradores, inclusive em grandes cidades, só têm acesso à água fornecida por caminhões-pipa (...)

Em Pernambuco, onde boa parte dos 185 municípios está em situação de emergência, a perda chega a R$ 1,5 bilhão só na pecuária. O rebanho bovino, formado por 2,5 milhões de cabeças em 2011, diminuiu em 554 mil cabeças no ano passado. (...)

Na região rural de Acauã (PI), primeira cidade a ser beneficiada pelo programa Fome Zero junto com Guaribas, em 2003, Hortêncio Francisco Rodrigues, de 78 anos, conta que, até 2012, tinha 20 cabeças de gado, mas hoje tem quatro: "Praticamente mandei colocar no caminhão e levar; vendi baratinho, pois ninguém queria". (...)

Rodrigues ficou contente com a chuva de dezembro, mas ressalta que " ***chuvinha*** *pouca não conta". Desde então, o sol voltou a ser "****o mais quente*** *da vida", como define ele.*

De sorriso fácil, Rodrigues afirma que o valor recebido da aposentadoria é que tem ajudado a manter parte das despesas da casa, principalmente com os remédios da esposa, Luzia, de 79 anos. Com seis filhos (dos quais dois já morreram), um número de netos que perdeu a conta e 31 bisnetos, ele diz que parte da família deixou o sertão. Alguns migraram para São Paulo, "à caça de emprego". Apesar das secas constantes, umas mais duras, outras menos, não pensa em ir embora. "Nasci aqui e só saio envelopado", brinca.

O vizinho José Teixeira de Macedo, de 64 anos, já viveu da plantação de algodão nos anos 80, mas perdeu tudo por causa da praga de bicudos. Participou de frentes de trabalho na grande seca de 1983 e agora cria ovinos e planta milho e feijão quando chove. (...) Ele e um dos filhos cuidam da roça e também não pensam em abandonar o sertão. Já a neta, Samara, de 16 anos, pretende mudar-se para uma cidade maior e estudar Administração. "Não vou morar aqui; vejo o sofrimento dos avós e dos pais e não quero isso." (...)

DESCRIÇÃO SUBJETIVA
Adjetivos associados a advérbios ("tão severa" e "o mais quente" – veja no antepenúltimo parágrafo) expressam o estado de ânimo ou juízo de valor e acentuam o modo como se deseja retratar um determinado personagem ou situação.

FUNÇÃO REFERENCIAL
Predomina em textos que exigem neutralidade e objetividade, como textos jornalísticos, informativos e dissertativos. Nesta passagem, informa sobre os estragos provocados pela seca com base em dados e valores monetários.

DIMINUTIVO
Note que o uso do diminutivo também revela juízo de valor. Neste caso, indica menosprezo à chuva pequena ou fraca.

NARRAÇÃO, DESCRIÇÃO E FUNÇÃO POÉTICA
O trecho selecionado além de representar ações indica também descrições. O emprego de termos em linguagem figurada ("secas mais duras" e "envelopado") indica o uso da função poética da linguagem.

DISCURSO DIRETO E ARGUMENTAÇÃO
Narrativas não dispensam opiniões, elementos típicos de textos dissertativos. Normalmente, isso aparece no discurso direto e indireto livre ou na voz do narrador. Nas falas dos moradores das regiões, podemos perceber suas opiniões ou questionamentos a respeito da situação em que vivem.

SAIBA MAIS

AS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DOS TIPOS TEXTUAIS

- **Narração:** Apresenta os seguintes elementos: personagens, tempo (momento ou duração no qual os fatos se desenrolam), espaço (lugar onde a história acontece) e narrador (voz que conta os fatos ocorridos). Os textos têm, muitas vezes, um percurso que parte de uma situação inicial de equilíbrio que é abalada por um problema. O desfecho só é alcançado depois que o conflito, intensificado até atingir um clímax, é resolvido.

  Alguns aspectos de um texto narrativo:
  - **Linguagem coloquial:** confere mais vivacidade e proximidade na interlocução com o leitor.
  - **Articulação:** pronomes, verbos e conectivos são empregados para garantir o encadeamento das ações.
  - **Locuções e modos verbais e marcadores temporais:** garantem a sequência das ações e a unidade progressiva.

- **Descrição:** É usada para caracterizar ações, pensamentos e traços físicos de seres e ambientes. Tem como objetivo fazer com que o leitor visualize os elementos apresentados. É frequente o emprego de adjetivos.

- **Dissertação:** Tem o objetivo de defender uma tese (ponto de vista) sobre um determinado tema. Partindo da apresentação do assunto, o autor procura convencer o leitor a aderir à ideia defendida (*veja nas págs. 92 e 93*).

Atenção: Não confunda gêneros e tipos de texto. Não há uma lista completa e fechada de gêneros textuais, pois novos gêneros vão sendo criados de acordo com as necessidades de comunicação. Exemplos de gêneros textuais: bilhete, notícia, poema, romance, receita etc.

© TEREZA BETTINARDI

Brasil redescoberto

No Pré-Modernismo (1902-1922), os autores lançam seu olhar para os problemas do país e tentam revelar sua verdadeira identidade

Tradicionalmente, denomina-se "pré-modernista" a literatura produzida no Brasil nos primeiros anos do século XX. À primeira vista, o olhar crítico sobre os problemas sociais do país funciona como eixo comum capaz de unir obras muito diversas. Alguns críticos consideram que os autores desse período tenham sido precursores das inovações estéticas apresentadas pelos escritores modernistas com a Semana de Arte Moderna de 1922. Outros, observando limitações nas obras do período pré-modernista, preferem relacioná-las ao movimento realista/naturalista.

Um dos principais nomes do Pré-Modernismo brasileiro é o escritor e jornalista fluminense Euclides da Cunha. Sua obra-prima, *Os Sertões*, é considerada o marco do movimento. O livro situa-se na fronteira entre história e literatura e nasce de uma viagem feita pelo autor a **Canudos**, como correspondente do jornal *O Estado de S. Paulo*. Outro autor igualmente importante é Lima Barreto (1881-1922). Dono de um estilo de escrever inovador, ele retrata em *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (1915) o cotidiano da população marginalizada dos subúrbios cariocas.

O QUE ISSO TEM A VER COM A HISTÓRIA
Sob liderança do pregador Antonio Conselheiro, milhares de pessoas juntaram-se no Arraial de Canudos, no sertão da Bahia, em 1896. Conselheiro convocava os fiéis a combater a República e fazia duras críticas à Igreja Católica, além de se recusar a pagar impostos. Em 1897, o povoado foi destruído por tropas federais, deixando milhares de mortos. Para saber mais, veja o GUIA DO ESTUDANTE HISTÓRIA.

PARA IR ALÉM

A principal obra de Euclides da Cunha foi adaptada para uma versão em *graphic novel* da Editora Desiderata. O texto é de Carlos Ferreira e as ilustrações, de Rodrigo Rosa. O trabalho é mais centrado na terceira parte da obra original: A luta. Para recontar a história da Guerra de Canudos, os autores recorreram ao diário pessoal de Euclides da Cunha, entre outras fontes históricas.

A discussão dos problemas nacionais parte, no Pré-Modernismo, da falta de melhorias no cenário social e econômico após a Proclamação da República (1889). No fim do século XIX, a Guerra de Canudos serve de matéria-prima para Euclides da Cunha escrever *Os Sertões*, em 1902.

Os Sertões

Euclides da Cunha

De sorte que o mestiço – traço de união entre as raças, breve existência individual em que se comprimem esforços seculares – é quase sempre um desequilibrado. (...) E o mestiço – mulato, mameluco ou cafuzo – menos que um intermediário, é um decaído, sem a energia física dos ascendentes selvagens, sem a altitude intelectual dos ancestrais superiores.
(...)
O fator étnico preeminente transmitindo-lhes as tendências civilizadoras não lhes impôs a civilização. Este fato destaca fundamentalmente a mestiçagem dos sertões da do litoral. São formações distintas, senão pelos elementos, pelas condições do meio. O contraste entre ambas ressalta ao paralelo mais simples. O sertanejo tomando em larga escala, do selvagem, a intimidade com o meio físico, que ao invés de deprimir enrija o seu organismo potente, reflete, na índole e nos costumes, das outras raças formadoras apenas aqueles atributos mais ajustáveis à sua fase social incipiente.
É um retrógado; não é um degenerado.
(...)
O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral. ***A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista revela o contrário.*** *Falta-lhe a plástica impecável, o desempeno, a estrutura corretíssima das organizações atléticas. É desgracioso, desengonçado, torto.* ***Hércules-Quasímodo, reflete no aspecto a fealdade típica dos fracos.*** *O andar sem firmeza, sem aprumo, quase gingante e sinuoso, aparenta a translação de membros desarticulados. Agrava-o a postura normalmente abatida, num manifestar de displicência que lhe dá um caráter de humildade deprimente.*

Lacerda, 2005

TEORIAS CIENTÍFICAS
Ao descrever os grupos sociais brasileiros, o autor ainda está imbuído das teorias científicas – darwinismo e determinismo – do século XIX.

O MESTIÇO
Para exaltar o homem sertanejo, Euclides da Cunha constrói uma argumentação que desvaloriza os demais grupos miscigenados que compõem a sociedade brasileira.

PRESENTE HISTÓRICO
As qualidades do sertanejo são descritas no presente do indicativo, o chamado presente histórico, para dar a ideia de permanência. Já para ressaltar a força do sertanejo foi usado o pretérito perfeito na forma negativa (não lhe impôs) para descaracterizar o papel da civilização.

ASPECTOS FÍSICOS
O discurso científico faz uso frequente de descrições objetivas. Os aspectos físicos que caracterizam os sertanejos nordestinos parecem se opor à ideia de força, defendida pelo autor. Nesse sentido, os aspectos físicos seriam antagonistas.

ADJETIVOS
Os adjetivos que descrevem o sertanejo não são positivos. Ainda assim, não se opõem à resistência interior (a principal forma de força) defendida pelo autor no decorrer do texto.

FORÇA E FRAQUEZA
Para estabelecer a relação paradoxal entre força e fraqueza, o autor evoca a imagem de dois personagens representativos da mitologia e da literatura: o herói grego Hércules (forte e sublime) e o corcunda de Notre Dame (fraco e grotesco).

DIÁLOGO ENTRE TEXTOS

DOIS OLHARES SOBRE CANUDOS

O conflito de Canudos ganhou espaço no jornal *O Estado de S. Paulo* com visões bem díspares. O poeta parnasiano Olavo Bilac, em sua crônica *Vossa Insolência*, publicada em 9/10/1897, reproduz o discurso oficial do governo brasileiro, para quem os seguidores do beato eram fanáticos religiosos dispostos a destruir a ordem nacional instaurada pelo governo republicano. Para o poeta, a morte de Conselheiro e de todos os insurgentes é o símbolo da integridade pública reconquistada.

Euclides da Cunha, que cobriu o conflito como correspondente do mesmo jornal, opõe-se a Bilac e chama atenção para o desequilíbrio injusto entre o poder de fogo do governo e o dos seguidores de Antônio Conselheiro. No final de *Os Sertões*, o autor compreende que a Guerra de Canudos não fora um conflito entre a monarquia e a República, como as elites defendiam, mas uma dolorosa, sangrenta e injusta guerra civil.

Vossa Insolência

Olavo Bilac

Enfim, arrasada a cidadela maldita! Enfim, dominado o antro negro, cavado no centro do adusto sertão, onde o Profeta das longas barbas sujas concentrava sua força diabólica, feita de fé e de patifaria, alimentada pela superstição e pela rapinagem! Cinco horas da madrugada, hoje. Num sobressalto, acordo, ouvindo um clamor de clarins e um rufo acelerado de caixas de guerra. Corro à janela, que defronta o palácio do governo. Uma escura massa de gente, na escuridão da antemanhã, está agrupada na rua. Calam-se os clarins e as caixas de guerra. Há um curto silêncio e, logo, dos instrumentos de metal, estropam, e dos tambores que esfalfam rufando, como corações atacados de hipercinesia, rompe, alto e vibrante, o Hino Nacional.

Os Sertões

Euclides da Cunha

Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a história, resistiu até ao esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados.

DIÁLOGO ENTRE OBRAS

EM FOCO, OS MARGINALIZADOS

Os Sertões e *Triste Fim de Policarpo Quaresma* revelam a realidade do país: personagens marginalizados, os sertanejos e a população dos subúrbios cariocas, respectivamente. Outro ponto de contato é a revisão da posição política de Policarpo, que passa de ufanista a crítico do governo. Também Euclides reexamina suas visões. Ele vai a Canudos a fim de registrar a insurgência monarquista e acaba retratando a má sorte dos sertanejos, esquecidos pelo governo republicano.

Triste Fim de Policarpo Quaresma

Lima Barreto

IV – Desastrosas consequências de um requerimento (trecho incial)

"Policarpo Quaresma, cidadão brasileiro, funcionário público, certo de que a língua portuguesa é emprestada ao Brasil; (...); sabendo, além, que, dentro do nosso país, os autores e os escritores (...) não se entendem no tocante à correção gramatical, (...) vem pedir que o Congresso Nacional decrete o tupi-guarani como língua oficial e nacional do povo brasileiro.

O suplicante, deixando de parte os argumentos históricos que militam em favor de sua ideia, pede vênia para lembrar que a língua é a mais alta manifestação da inteligência de um povo, é a sua criação mais viva e original; e, portanto, a emancipação política do país requer como complemento e consequência a sua emancipação idiomática.

Demais, Senhores Congressistas, o tupi-guarani, língua originalíssima, aglutinante, é a única capaz de traduzir as nossas belezas, de pôr-nos em relação com a nossa natureza e adaptar-se perfeitamente aos nossos órgãos vocais e cerebrais (...).

*Seguro de que a sabedoria dos legisladores **saberá** encontrar meios para realizar semelhante medida e cônscio de que a Câmara e o Senado **pesarão** o seu alcance e utilidade*

P. e E. deferimento."

Nobel, 2010

REQUERIMENTO
Repare na estrutura rígida do texto de Quaresma, adequada ao caráter oficial do gênero requerimento.

HERANÇA ROMÂNTICA
A língua é considerada expressão do espírito do povo, como faziam os românticos. A primeira fase do Modernismo retoma essa discussão.

NACIONALISMO
O requerimento em favor da adoção do tupi sintetiza a defesa ufanista dos valores pátrios. Quaresma defende a independência em relação a referências estrangeiras e evita produtos e costumes desvinculados das raízes brasileiras.

FUTURO
Quaresma, num convincente recurso retórico, usa o futuro do presente do indicativo, que indica fato certo, a fim de persuadir seus interlocutores.

Monteiro Lobato

Monteiro Lobato (1882-1948) é geralmente conhecido como autor de livros infantojuvenis, sobretudo aqueles que contam as aventuras dos moradores do Sítio do Pica-Pau Amarelo. No entanto, o escritor também produziu obras para o público adulto e, no período pré-modernista, alguns de seus contos tornaram-se famosos por retratar temas relacionados com as camadas mais pobres da sociedade. É o caso, por exemplo, da denúncia dos problemas de saúde de moradores do interior, como o personagem Jeca Tatu. Outro retrato das desigualdades sociais pode ser verificado no conto *Negrinha*, publicado em 1920, em que fica explícita a condenação do racismo e dos preconceitos ainda existentes no Brasil.

Recentemente, Monteiro Lobato tem sido alvo de polêmicas devido a alguns trechos de sua obra, em particular relativos à personagem Tia Nastácia, do *Sítio do Pica-Pau Amarelo*. Algumas colocações da personagem Emília têm sido consideradas racistas, e os textos do escritor passaram a ser criticados. Vale considerar o contexto em que o escritor viveu e produziu sua obra, na primeira metade do século XX. Apesar de a escravidão ter sido abolida em 1888, permanece uma forte mentalidade escravocrata na sociedade.

Negrinha

Monteiro Lobato

*Negrinha era uma pobre órfã de sete anos. Preta? Não; fusca, **mulatinha escura**, de cabelos ruços e olhos assustados.*

Nascera na senzala, de mãe escrava, e seus primeiros anos vivera-os pelos cantos escuros da cozinha, sobre velha esteira e trapos imundos. Sempre escondida, que a patroa não gostava de crianças.

Excelente senhora, a patroa. Gorda, rica, dona do mundo, amimada dos padres, com lugar certo na igreja e camarote de luxo reservado no céu. (...)

Ótima, a dona Inácia.

Mas não admitia choro de criança. (...)

Assim cresceu Negrinha (...) Batiam-lhe sempre, por ação ou omissão. A mesma coisa, o mesmo ato, a mesma palavra provocava ora risadas, ora castigos. (...)

Certo dezembro vieram passar as férias com Santa Inácia duas sobrinhas suas, pequenotas, lindas meninas louras, ricas, nascidas e criadas em ninho de plumas. (...)

Era de êxtase o olhar de Negrinha. Nunca vira uma boneca e nem sequer sabia o nome desse brinquedo. Mas compreendeu que era uma criança artificial. (...)

Varia a pele, a condição, mas a alma da criança é a mesma – na princesinha e na mendiga. E para ambas é a boneca o supremo enlevo. (...)

*Negrinha, **coisa humana**, percebeu nesse dia da boneca que tinha uma alma. Divina eclosão! Surpresa maravilhosa do mundo que trazia em si e que desabrochava, afinal, como fulgurante flor de luz. Sentiu-se elevada à altura de ente humano. Cessara de ser coisa – **e** doravante ser-lhe-ia impossível viver a vida de coisa. Se não era coisa! Se sentia! Se vibrava!*

Assim foi – e essa consciência a matou.

Terminadas as férias, partiram as meninas levando consigo a boneca, e a casa voltou ao ramerrão habitual. Só não voltou a si Negrinha. Sentia-se outra, inteiramente transformada.

Dona Inácia, pensativa, já a não atazanava tanto, e na cozinha uma criada nova, boa de coração, amenizava-lhe a vida.(...)

Brincara ao sol, no jardim. Brincara!... Acalentara, dias seguidos, a linda boneca loura, tão boa, tão quieta, a dizer "mamã", a cerrar os olhos para dormir. Vivera realizando sonhos da imaginação. Desabrochara-se de alma.

Contos Completos. São Paulo: Biblioteca Azul, 2014.

MISCIGENAÇÃO
A personagem é nomeada por conta da cor da pele, e o narrador enfatiza a violência por trás do processo de miscigenação étnica no Brasil, fruto das interações entre brancos, negros e índios.

ESCRAVIDÃO
A escravidão fora abolida em 1888, mas ecos desse sistema permanecem nas desigualdades sociais. O autor demonstra isso ao retratar o preconceito em relação a Negrinha.

IRONIA
Um texto por vezes afirma o contrário do que parece dizer. Ao qualificar dona Inácia como "ótima", após descrever sua crueldade, o narrador denuncia as hipocrisias sociais.

DESCRIÇÃO
O autor usa diferentes adjetivos para contrastar a aparência física e o comportamento das personagens, chamando atenção para as diferentes condições sociais.

IGUALDADE
Monteiro Lobato condena aqui a discriminação racial e afirma a igualdade das crianças, espantadas diante do brinquedo, independentemente da cor da pele.

PARADOXO E IRONIA
Lobato, ao juntar o substantivo "coisa" ao adjetivo "humana", cria um paradoxo irônico. Porém, o desfaz ao dar a condição humana a Negrinha.

CONJUNÇÃO ADITIVA
O conectivo "e" articula ideias e informações (*veja o* Saiba mais *ao lado*)

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO
O dia em que Negrinha brincou com a boneca já está muito distante. As formas verbais empregadas para indicar um tempo anterior aos fatos narrados estão no pretérito mais-que-perfeito.

DIÁLOGO ENTRE OBRAS

PRECONCEITO RACIAL NA LITERATURA BRASILEIRA

Brás Cubas, narrador-personagem do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis (*veja mais na pág. 66*), ao relatar lembranças da infância, oferece um retrato cruel e irônico do tratamento conferido aos negros escravizados no Brasil. No início do livro, Brás Cubas conta como, antes da abolição da escravatura, ele maltratava os empregados de casa, incluindo um garoto negro chamado Prudêncio, tratado como cavalinho pelo pequeno patrão. Mais adiante, no romance, Prudêncio, já adulto, reproduz as relações hierárquicas injustas entre senhor e escravo ao castigar fisicamente um homem negro.

Memórias Póstumas de Brás Cubas

Machado de Assis

Capítulo XI – O menino é pai do homem

Cresci; e nisso é que a família não interveio; cresci naturalmente, como crescem as magnólias e os gatos. Talvez os gatos são menos matreiros, e, com certeza, as magnólias são menos inquietas do que eu era na minha infância. Um poeta dizia que o menino é pai do homem. Se isso é verdade, vejamos alguns lineamentos do menino.

Desde os cinco anos merecera eu a alcunha de "menino-diabo"; e verdadeiramente não era outra coisa; fui dos mais malignos do meu tempo, arguto, indiscreto, traquinas e voluntarioso. Por exemplo, um dia quebrei a cabeça de uma escrava, porque me negara uma colher de doce de coco que estava fazendo, e, não contente com o malefício, deitei um punhado de cinza ao tacho, e, não satisfeito da travessura, fui dizer à minha mãe que a escrava é que estragara o doce "por pirraça"; e eu tinha apenas seis anos. Prudêncio, um moleque de casa, era o meu cavalo de todos os dias; punha as mãos no chão, recebia um cordel nos queixos, à guisa de freio, eu trepava-lhe ao dorso, com uma varinha na mão, fustigava-o, dava mil voltas a um e outro lado, e ele obedecia – algumas vezes gemendo –, mas obedecia sem dizer palavra, ou, quando muito, um "ai, nhonhô!", ao que eu retorquia: "Cala a boca, besta!"

Editora Moderna, 2012.

ADJETIVAÇÃO
O narrador-personagem descreve a si próprio e emprega adjetivos para destacar suas próprias características quando era criança. Os defeitos são vistos como qualidades, o que evidencia o caráter duvidoso de Brás Cubas.

DISCRIMINAÇÃO
Brás Cubas reproduz a hierarquia entre senhor e escravo ao submeter Prudêncio aos seus caprichos. Negrinha também é explorada pelos desmandos dos senhores brancos.

ASPAS
São usadas para marcar a diferença entre a voz do narrador e a fala das personagens. Prudêncio é retratado como alguém que não tem direito de expressão; já a fala de Brás Cubas revela a tirania do protagonista.

CONEXÕES

PINTURA

A obra *Palmatória*, do francês Jean Baptiste Debret, que esteve no Brasil entre 1816 e 1831, mostra escravos em um ambiente de trabalho fora das senzalas. Observe que entre eles há um que está sendo disciplinado com base em castigo físico, com o uso da palmatória. Era comum a existência de relações hostis entre brancos, senhores de escravos, e negros, tanto no ambiente familiar, como na passagem de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, quanto no profissional, conforme retrata a pintura.

SAIBA MAIS

ORAÇÕES COORDENADAS

Algumas orações, apesar de independentes sintaticamente, apresentam relações de sentido, evidenciadas pelas conjunções que as articulam. Trata-se das orações coordenadas, classificadas em cinco tipos:

Aditivas: Adicionam ideias e informações. Ex.: *A criança nascera na senzala* **e** *fora criada pela dona da casa*.

Adversativas: Estabelecem oposição entre ideias e informações. Ex.: *Dona Inácia aparentava bondade,* **mas** *não admitia choro de criança*.

Alternativas: Apresentam alternância de ideias e informações. Ex.: *A mesma palavra* **ora** *provocava risadas,* **ora** *provocava castigos*.

Explicativas: Apresentam uma explicação para um fato. Ex.: *A menina se escondia* **porque** *a patroa não gostava de crianças*.

Conclusivas: Explicitam a conclusão de um raciocínio. Ex.: *Dona Inácia era preconceituosa,* **portanto** *não gostava da menina*.

DEBRET/REPRODUÇÃO

A arte pela arte

Os poetas do Parnasianismo (1882-1922) comparam seus poemas a joias e trabalham minuciosamente as palavras e as frases para atingir o belo e a forma perfeita

No Brasil, a poesia parnasiana (durante um período contemporânea do Pré-Modernismo) representou uma oposição à sentimentalidade romântica. A racionalidade e o tratamento objetivo dos temas tinham bases clássicas e buscavam alcançar a perfeição formal. O ideal estético é a principal questão para os parnasianos: os autores não demonstram preocupação com os problemas sociais e valorizam o princípio da "arte pela arte" (segundo o qual a poesia é válida pela beleza expressa). O soneto e a métrica regular são privilegiados. São frequentes as alusões a temas mitológicos clássicos e a informações eruditas. A linguagem rebuscada e a adoção de um vocabulário pouco usual exigem a atenção do leitor. Olavo Bilac é o maior nome do Parnasianismo no Brasil (*veja mais sobre o autor na pág. 23*). Forma a "tríade parnasiana" ao lado de Alberto de Oliveira e Raimundo Correia.

Os poemas abaixo têm características marcantes do Parnasianismo, como a objetividade, questões estéticas e o uso de vocabulário rebuscado.

As Pombas

Raimundo Correia

*Vai-**se** a primeira pomba despertada ...*
*Vai-**se** outra mais... mais outra... enfim dezenas*
De pombas vão-se dos pombais, apenas
Raia sanguínea e fresca a madrugada ...

E à tarde, quando a rígida nortada
*Sopra, aos pombais de novo **elas**, serenas,*
***Ruflando** as asas, **sacudindo** as penas,*
***Voltam** todas em bando e em revoada...*

Também dos corações onde abotoam,
Os sonhos, um por um, céleres voam,
Como voam as pombas dos pombais;

***No azul da adolescência** as asas soltam,*
Fogem... Mas aos pombais as pombas voltam,
E eles aos corações não voltam mais...

Melhores Poemas, Global Editora, 2001

"SE" COMO REALCE
O uso de "vai-se...", além de permitir a obtenção do verso decassílabo (12 sílabas) e evitar a cacofonia ("vai a ..."), tem a função apenas de um reforço de expressão.

VERBOS
Note a refinada construção sintática: o sujeito "elas" (relativo às pombas) liga-se aos verbos seguintes (tanto os que estão no gerúndio, indicando ação em curso, quanto o que está no presente do indicativo, sugerindo uma ação habitual).

COMPARAÇÃO
O poema estabelece uma comparação entre o voo das pombas e o percurso dos sonhos humanos.

DIFERENÇA
Uma diferença é estabelecida: enquanto as pombas retornam à tarde aos pombais, os sonhos juvenis não são retomados e, geralmente, não voltam aos corações humanos.

MARCADOR TEMPORAL
O trecho remete à manhã (quando as pombas partem) e se refere aos sonhos da juventude.

Vaso Chinês

Alberto de Oliveira

Estranho mimo aquele vaso! Vi-o,
Casualmente, uma vez, de um perfumado
Contador sobre o mármore luzidio,
Entre um leque e o começo de um bordado.

Fino artista chinês, enamorado,
*Nele **pusera** o coração doentio*
Em rubras flores de um sutil lavrado,
Na tinta ardente, de um calor sombrio.

Mas, talvez por contraste à desventura,
Quem o sabe?... de um velho mandarim
Também lá estava a singular figura.

Que arte em pintá-la! A gente acaso vendo-a,
Sentia um não sei quê com aquele chim
De olhos cortados à feição de amêndoa.

Melhores Poemas, Global Editora, 2007

METALINGUAGEM
A metalinguagem é um recurso frequente em poesias que falam de procedimentos artísticos. No Parnasianismo, é comum uma obra de arte tratar de outra e dos mecanismos do fazer poético. Aqui, o eu lírico exalta o detalhismo perfeccionista do inspirado artesão.

DESCRIÇÃO DE DETALHES
O poema realiza um procedimento de análise da obra de arte: para compreender o todo (no caso, a obra de arte chinesa), o autor se concentra na observação dos detalhes constitutivos das partes do objeto.

PERFEIÇÃO FORMAL
O eu lírico descreve o momento de contemplação de um refinado vaso chinês. A perfeição das peças decorativas inspira a perfeição formal que se procura alcançar nos poemas.

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO
O poeta diz que viu (pretérito perfeito) o vaso, no qual o artista antes já tinha colocado o "coração doentio". "Pusera" é uma ação anterior a "vi", portanto, pretérito mais-que-perfeito.

SENSIBILIDADE
O eu lírico mostra como o artista chinês conseguiu estimular a sensibilidade do espectador da obra de arte.

CONEXÕES

ESCULTURA

O século XVI testemunhou inúmeras modificações no modo de ver o mundo. O teocentrismo medieval cedeu lugar à visão antropocêntrica, e o ser humano passou a ser valorizado. A perfeição formal, buscada pelos poetas da estética clássica – tanto no Classicismo quanto no Parnasianismo –, constituía também o ideal dos demais artistas do Renascimento. Michelangelo, um dos grandes mestres renascentistas, introduz profundas mudanças artísticas ao valorizar a figura humana. Uma de suas principais obras, *Davi*, é uma gigantesca escultura que retrata o herói bíblico antes da batalha com Golias. Essa luta, da qual Davi saiu vitorioso, era considerada impossível de ser vencida – a escultura, exaltando a força do herói, revela a confiança depositada nos poderes humanos.

SAIBA MAIS

PRINCIPAIS FUNÇÕES DO "SE"

A palavra "se" desempenha diversas funções em português:

- **Pronome reflexivo:** Indica que o sujeito pratica a ação sobre si mesmo: *A pomba se machucou.*
- **Conjunção subordinativa condicional:** Para construir orações subordinadas adverbiais condicionais: *Se as pombas voarem, poderão partir dos pombais.*
- **Conjunção subordinativa integrante:** Introduz orações subordinadas substantivas: *Preciso ver se as pombas voaram.*
- **Construção de sujeito indeterminado:** *Precisa-se de um novo pombal.*
- **Construção de voz passiva:** *Compôs-se um novo poema parnasiano* (= Um novo poema parnasiano foi composto).

DIÁLOGO ENTRE OBRAS

SÁTIRA À FORMA

O poema *Os Sapos*, de Manuel Bandeira, foi lido por Ronald de Carvalho na noite de 14 de fevereiro, no segundo dia da Semana de Arte Moderna, no Teatro Municipal de São Paulo. Trata-se de uma feroz sátira aos versos formais e retrógrados das estéticas literárias atreladas ao passado – entre elas o parnasianismo.

Os Sapos

Manuel Bandeira

Enfunando os papos,
Saem da penumbra,
Aos pulos, os sapos.
A luz os deslumbra.

Em ronco que aterra,
Berra o sapo-boi:
– "Meu pai foi à guerra!"
– "Não foi!" – "Foi!" – "Não foi!".

O sapo-tanoeiro,
Parnasiano aguado,
Diz: – "Meu cancioneiro
É bem martelado.

Vede como primo
Em comer os hiatos!
Que arte! E nunca rimo
Os termos cognatos.

O meu verso é bom
Frumento sem joio.
Faço rimas com
Consoantes de apoio.

(...)
Clame a saparia
Em críticas céticas:
Não há mais poesia,
Mas há artes poéticas..."

Urra o sapo-boi:
– "Meu pai foi rei!"– "Foi!"
– "Não foi!" – "Foi!" – "Não foi!".
(...)

Carnaval. Poesia Completa e Prosa.
Rio de Janeiro: Aguilar, 1974, p.158 (fragmento).

SUPERIORIDADE
A referência ao suposto ar de superioridade parnasiano aparece como escárnio.

TRADIÇÃO
A alusão aos títulos de nobreza e ao parentesco é uma crítica ao tradicionalismo das estéticas literárias do passado.

FORMALISMO
A crítica ao formalismo parnasiano é reforçada ao classificá-lo como "aguado", sujeito desagradável e chato.

BUSCA DA PERFEIÇÃO
Nova provocação é feita ao ridicularizar o gosto parnasiano pelo poema perfeito.

SONORIDADE
A sonoridade para imitar o coaxar dos sapos é puro deboche. O eu lírico compara a classe dos poetas aos sapos.

MICHELANGELO/ACADEMIA DE BELAS ARTES DE FLORENÇA

A exploração dos sentidos

No Simbolismo (1893-1922), a produção poética evoca sentimentos e sensações por meio da sugestão

A estética simbolista (durante um período contemporânea do Pré-Modernismo) se opõe aos avanços da industrialização e do progresso tecnológico próprios do século XIX. É comum que os textos simbolistas manifestem uma visão decadente sobre a realidade, bem como uma oposição ao comportamento racional. O Simbolismo valoriza os sentidos, as sugestões evocadas pelas palavras, a musicalidade e o ritmo dos poemas. O misticismo, a subjetividade e a sinestesia (combinação de sensações) são aspectos altamente explorados pelos poetas do movimento.

João da Cruz e Sousa (1861-1898), autor de *Broquéis e Missal* (1893), é um dos principais nomes do período (*veja mais na pág. 125*). Na produção poética também destacam-se Alphonsus de Guimaraens (1870-1921), que escreveu *Câmara Ardente* (1899), e Augusto dos Anjos (1884-1914). Este último foi um poeta inclassificável. Sua poesia flertou com as estéticas diversas de seu tempo – há em seus poemas influências parnasianas (na forma), naturalistas (na linguagem e na ambientação), simbolistas (na temática) e pré-modernas (na ousadia linguística).

A liberação sensorial e a exploração das emoções são duas características marcantes da literatura simbolista. Repare nos poemas abaixo a preponderância de emoções e sentimentos intensos sobre a racionalidade.

A dança da psique

Augusto dos Anjos

A dança dos encéfalos acesos
Começa. A carne é fogo. A alma arde. A espaços
As cabeças, as mãos, os pés e os braços
Tombam, cedendo à ação de ignotos pesos!

É então que a vaga dos instintos presos
– Mãe de esterilidades e cansaços –
Atira os pensamentos mais devassos
Contra os ossos cranianos indefesos.

Subitamente a cerebral coreia
Para. O cosmos sintético da Ideia
Surge. Emoções extraordinárias sinto...

Arranco do meu crânio as nebulosas.
E acho um feixe de forças prodigiosas
Sustentando dois monstros: a alma e o instinto!

Obra Completa, Nova Aguilar, 1994

ALITERAÇÃO
Repare na aliteração (repetição de consoantes). Os sons sibilantes (representados pelos fonemas /s/ e /z/), sugerem um movimento sutil e sinuoso.

INTENCIONALIDADE
A intenção do texto é descrever um instante específico durante o qual o eu lírico experimenta várias sensações intensas.

CONSTRUÇÕES ATÍPICAS
O autor usa um vocabulário inusitado e construções sintáticas não convencionais para expressar emoções. Note o emprego da ordem inversa: o objeto "emoções extraordinárias" precede o verbo "sinto", em uma construção com sujeito oculto ("eu").

IRRACIONALIDADE
As impressões do sujeito poético são valorizadas. A alma e o instinto, elementos não racionais, predominam sobre a razão, ao final do poema.

Ismália

Alphonsus de Guimaraens

Quando Ismália
enlouqueceu,
Pôs-se na torre a sonhar...
Viu uma lua no céu,
Viu outra lua no mar.

No sonho em que se perdeu,
Banhou-se toda em luar...
Queria subir ao céu,
Queria descer ao mar...

E, no desvario seu,
Na torre pôs-se a cantar...
Estava perto do céu,
Estava longe do mar... (...)

Cosac Naify, 2006

PRONOME REFLEXIVO
A palavra "se" explicita uma ação reflexiva, ou seja, a ação verbal recai sobre o sujeito.

ANTÍTESES
O uso das antíteses "queria subir" e "queria descer" assinala a inconstância dos desejos de Ismália e a inquietação que a arrebata ao contemplar a lua.

MUSICALIDADE
A torre simboliza a concentração do sujeito na própria interioridade. A musicalidade, traço do período, está presente no canto de Ismália.

SONHOS
As questões oníricas (relativas ao sonho) são privilegiadas, em detrimento da razão e da objetividade.

PAPEL DA LUA
A lua é um símbolo frequentemente associado ao universo feminino. A loucura de Ismália subverte a percepção da realidade e ela imagina ver dois astros distintos (e não apenas o reflexo da lua no mar).

ADVÉRBIO DE LUGAR
Os advérbios de lugar "perto" e "longe" revelam a ambiguidade do estado em que Ismália se encontrava. Os extremos do céu e do mar reforçam a antítese e acentuam a agitação interior da personagem.

CONEXÕES

CANÇÃO

Bandalhismo

João Bosco e Aldir Blanc

Meu coração tem butiquins imundos,
Antros de ronda, vinte e um, purrinha,
Onde trêmulas mãos de vagabundo
Batucam samba-enredo na caixinha.

*Perdigoto, cascata, tosse, **escarro**,*
um choro soluçante que não para,
piada suja, bofetão na cara
e essa vontade de soltar um barro...

Como os pobres otários da Central
já vomitei sem lenço e sonrisal
o P.F. de rabada com agrião...

Mais amarelo do que arroz de forno,
voltei pro lar, e em plena dor de corno
quebrei o vídeo da televisão.

ESCATOLOGIA
Expressões que escapam ao ambiente lírico (escarro, vomitei) surgem em abundância e conferem à canção atmosfera decrépita.

HUMOR CORROSIVO
A imagem construída com "quebrei o vídeo da televisão" aponta para a sátira ao apego ao mundo onírico ou distante da realidade.

A parceria de João Bosco com Aldir Blanc rendeu inúmeros clássicos à música popular brasileira. A canção *Bandalhismo* é um exemplo do vigor da dupla. A intertextualidade com o decadentismo (visão decadente sobre a realidade) e com a poética de Augusto dos Anjos se dá nos planos formal (emprego do soneto), temático (exploração da melancolia) e linguístico (uso de expressões que fogem do lirismo). O poeta pré-moderno não costumava ousar na forma, mantendo o padrão clássico vigente no fim do século XIX, mas inovou com versos repletos de termos escatológicos e de atmosfera sombria.

PINTURA

[1]

O Simbolismo tratou das diversas sensações experimentadas pelo ser humano. Em grau extremo, as emoções de Ismália, personagem de Alphonsus de Guimaraens, conduzem ao suicídio. No poema, a união da figura feminina com as águas do mar simboliza o reencontro do sujeito com a natureza. A integração do ser humano com a realidade objetiva, com base na exaltação dos sentimentos, foi abordada por inúmeros artistas plásticos do século XIX. Na tela acima, o pintor inglês John Everett Millais retrata a morte de Ofélia para exprimir essa integração. O suicídio da personagem de *Hamlet*, de William Shakespeare, serviu de inspiração para a articulação entre realidade subjetiva e realidade objetiva. Ao decompor-se, o cadáver de Ofélia entra novamente em harmonia com o mundo natural e restaura a unidade entre sujeito e mundo.

[2]

[1] JOHN EVERETT MILLAIS/TATE [2] © TEREZA BETTINARDI

1. (UNIFESP 2015)

É preciso ler esse livro singular sem a obsessão de enquadrá-lo em um determinado gênero literário, o que implicaria em prejuízo paralisante. Ao contrário, a abertura a mais de uma perspectiva é o modo próprio de enfrentá-lo. A descrição minuciosa da terra, do homem e da luta situa-o no nível da cultura científica e histórica. Seu autor fez geografia humana e sociologia como um espírito atilado poderia fazê-las no começo do século, em nosso meio intelectual, então avesso à observação demorada e à pesquisa pura. Situando a obra na evolução do pensamento brasileiro, diz lucidamente o crítico Antonio Candido: "Livro posto entre a literatura e a sociologia naturalista, esta obra assinala um fim e um começo: o fim do imperialismo literário, o começo da análise científica aplicada aos aspectos mais importantes da sociedade brasileira (no caso, as contradições contidas na diferença de cultura entre as regiões litorâneas e o interior)."

Alfredo Bosi. História Concisa da Literatura Brasileira*, 1994. Adaptado.*

O excerto trata da obra

a) *Capitães da Areia*, de Jorge Amado.
b) *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo.
c) *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa.
d) *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos.
e) *Os Sertões*, de Euclides da Cunha.

RESOLUÇÃO

O clássico livro brasileiro com sua divisão tripartite entre a terra, o homem e a luta, e que trouxe registros jornalísticos minuciosos para o jornal *O Estado de S. Paulo* é o célebre *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. Justamente por ser uma obra de não ficção, baseada em uma investigação jornalística, o livro apresenta caráter sociológico, que, mesclado a uma obra literária, gerou esse texto singular e incapaz de ser classificado em um gênero. Por fim, Euclides se valeu do pensamento científico para analisar Canudos, o sertão e o sertanejo. Ainda que haja presença de textos jornalísticos em *Capitães da Areia*, não é possível afirmar que ocorra mistura de gêneros. Os demais livros não apresentam essa possibilidade.

Resposta: E

2. (UNICAMP 2016)

Quanto ao conto *Negrinha*, de Monteiro Lobato, é correto afirmar que:

a) O narrador adere à perspectiva de dona Inácia, fazendo com que o leitor enxergue a história guiado pela ótica dessa personagem e se torne cúmplice dos valores éticos apresentados no conto.
b) O modo como o narrador caracteriza o contexto histórico no conto permite concluir que Negrinha é escrava de dona Inácia e, portanto, está fadada a uma vida de humilhações.
c) A maneira como o narrador comenta as características atribuídas às personagens contrasta com as falas e as ações realizadas por elas, o que caracteriza um modo irônico de apresentação.
d) O narrador apresenta as falas e pensamentos das personagens de modo objetivo; assim, o leitor fica dispensado de elaborar um juízo crítico sobre as relações de poder entre as personagens.

RESOLUÇÃO

A ironia é a figura de linguagem que consiste em dizer o contrário do que se quer dar a entender. Esse recurso é muito utilizado por Monteiro Lobato no conto *Negrinha*. Ele classifica dona Inácia como excelente senhora, por exemplo, ironizando justamente seu caráter racista e sua maldade, que são apresentados ao longo da história. Em outra passagem, após descrever as atrocidades que a patroa faz com Negrinha, ele a caracteriza como virtuosa dama.

Resposta: C

3. (ENEM 2014)

Tarefa

Morder o fruto amargo e não cuspir
Mas avisar aos outros quanto é amargo
Cumprir o trato injusto e não falhar
Mas avisar aos outros quanto é injusto
Sofrer o esquema falso e não ceder
Mas avisar aos outros quanto é falso
Dizer também que são coisas mutáveis...
E quando em muitos a não pulsar
– do amargo e injusto e falso por mudar –
então confiar à gente exausta o plano
de um mundo novo e muito mais humano.

CAMPOS, G. Tarefa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.*

Na organização do poema, os empregos da conjunção "mas" articulam, para além de sua função sintática,

a) a ligação entre verbos semanticamente semelhantes.
b) a oposição entre ações aparentemente inconciliáveis.
c) a introdução do argumento mais forte de uma sequência.
d) o reforço da causa apresentada no enunciado introdutório.
e) a intensidade dos problemas sociais presentes no mundo.

RESOLUÇÃO

A alternativa C é a correta, pois a conjunção "mas", neste caso, introduz o argumento mais forte na sequencia de três proposições. Quanto às alternativas incorretas: a) a função da conjunção "mas" no texto é adversativa, sendo assim ela não liga ideias semelhantes; b) por ser adversativa, ela faz a ligação entre ideias contrárias, mas que não são, necessariamente, inconciliáveis. Assim, as duas primeiras alternativas implicam a aceitação da situação negativa, enquanto a terceira propõe uma ação contrária ao que aceitou. A alternativa D está incorreta, pois não há enunciado introdutório no poema. E, por fim, o erro da alternativa E está no fato da conjunção não exprimir intensidade.

Resposta: C

4. (UERJ 2016)

A EDUCAÇÃO PELA SEDA

Vestidos muito justos são vulgares. Revelar formas é vulgar. Toda revelação é de uma vulgaridade abominável.

Os conceitos a vestiram como uma segunda pele, e pode-se adivinhar a norma que lhe rege a vida ao primeiro olhar.

Rosa Amanda Strausz. Mínimo Múltiplo Comum: Contos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.*

O conto contrasta dois tipos de texto em sua estrutura. Enquanto o segundo parágrafo se configura como narrativo, o primeiro parágrafo se aproxima da seguinte tipologia:

a) injuntivo
b) descritivo
c) dramático
d) argumentativo

RESOLUÇÃO
Enquanto o modo narrativo se estrutura na enunciação de fatos (trazendo personagem, ações e temporalidade típicos das histórias), o modo argumentativo se pauta no encadeamento de ideias. Na primeira parte do texto, a autora dispõe essas ideias de forma a construir um argumento final, o de que toda revelação é vulgar.
Resposta: D

5. (ENEM 2015)

Carta ao Tom 74
Rua Nascimento Silva, cento e sete
Você ensinando pra Elizete
As canções de canção do amor demais
Lembra que tempo feliz
Ah, que saudade,
Ipanema era só felicidade
Era como se o amor doesse em paz
Nossa famosa garota nem sabia
A que ponto a cidade turvaria
Esse Rio de amor que se perdeu
Mesmo a tristeza da gente era mais bela
E além disso se via da janela
Um cantinho de céu e o Redentor
É, meu amigo, só resta uma certeza,
É preciso acabar com essa tristeza
É preciso inventar de novo o amor

MORAES, V.; TOQUINHO. Bossa Nova, Sua História, Sua Gente. *São Paulo: Universal; Philips,1975 (fragmento).*

O trecho da canção de Toquinho e Vinícius de Moraes apresenta marcas do gênero textual carta, possibilitando que o eu poético e o interlocutor
a) compartilhem uma visão realista sobre o amor em sintonia com o meio urbano.
b) troquem notícias em tom nostálgico sobre as mudanças ocorridas na cidade.
c) façam confidências, uma vez que não se encontram mais no Rio de Janeiro.
d) tratem pragmaticamente sobre os destinos do amor e da vida citadina.
e) aceitem as transformações ocorridas em pontos turísticos específicos.

RESOLUÇÃO
Na letra da canção, os autores recordam tempos passados e expressam a saudade dos momentos em que viviam num Rio diferente e prazeroso. Em tom nostálgico, sugerem a Tom Jobim que a única coisa que resta a fazer é acabar com a tristeza e reinventar o amor.
Resposta: B

Literatura do Pré-Modernismo

PRÉ-MODERNISMO (1902-1922) Situa-se em um momento histórico de transição do regime monárquico ao republicano. Muitas obras debatem os problemas do país e alimentam um sentimento nacionalista. Destacam-se personagens e situações afastadas da realidade das classes sociais economicamente privilegiadas, como *Os Sertões* (1902), marco do movimento, de Euclides da Cunha, e *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (1915), de Lima Barreto.

- **Monteiro Lobato** Mais conhecido por seus livros dirigidos a crianças e jovens, o autor também escreveu para o público adulto. Alguns de seus contos pré-modernistas retratam temas relacionados às camadas mais pobres da sociedade.

PARNASIANISMO (1882-1922) Os poetas parnasianos trabalham o verso e o poema em busca da perfeição estética. Para atingir a harmonia das formas, usam construções gramaticais sofisticadas e herméticas e vocabulário rebuscado. Objetos raros e preciosos, como vasos, estátuas e joias, compõem a temática. Olavo Bilac é considerado o maior poeta parnasiano do Brasil. Ao lado de Alberto de Oliveira e Raimundo Correia, formam a "tríade parnasiana".

SIMBOLISMO (1893-1922) Ao escolherem um vocabulário com múltiplas possibilidades semânticas, os poetas simbolistas buscam a transcendência. As construções poéticas conferem ritmo e musicalidade e evocam sentimentos e emoções por meio da sugestão. Destacam-se Cruz e Sousa e Alphonsus de Guimaraens.

GRAMÁTICA E INTERPRETAÇÃO

- **Tipos de texto** Os principais tipos textuais são:
Narração Presente em diversos gêneros literários, apresenta os seguintes elementos: personagens, tempo, espaço e narrador.
Descrição É usada para caracterizar ações, pensamentos e traços físicos de seres e ambientes presentes nos textos – fazendo com que o leitor visualize os elementos apresentados.
Dissertação Tem o objetivo de defender uma tese (ponto de vista) sobre certo tema. Partindo da apresentação do assunto, o autor procura convencer o leitor a aderir à ideia defendida.

- **Orações coordenadas** Podem ser **assindéticas** (aquelas que não possuem conectivos, sendo ligadas por vírgulas) ou **sindéticas** (que possuem uma conjunção coordenativa fazendo a ligação entre elas). As conjuções coordenativas estabelecem relações de adição (e), oposição (mas), explicação (porque), conclusão (portanto) e alternância (ou).

- **Funções do "se"** A palavra "se" pode desempenhar diversas funções nas frases, como pronome reflexivo (*vestiu-se*); conjunção subordinativa condicional (*Se ela for embora, eu vou também*); índice de indeterminação do sujeito (*Precisa-se de ajudante*); e partícula apassivadora (*Fez-se uma grande festa*).

6

LITERATURA DO MODERNISMO – PROSA

CONTEÚDO DESTE CAPÍTULO

- *Interpretando: argumentação e persuasão* 92
- *Modernismo 1ª fase* 94
- *Modernismo 2ª fase* 100
- *Modernismo 3ª fase* 104
- *Como cai na prova + Resumo* 112

100 anos de arte moderna no Brasil

Exposição em homenagem à pintora Anita Malfaltti comemora o centenário da primeira mostra da artista, considerada o estopim do Modernismo no país

O Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM) promoveu, entre fevereiro e abril de 2017, uma grande exposição em homenagem à pintora Anita Malfatti (1889-1964), uma das mais importantes artistas brasileiras do século 20. Intitulada *Anita Malfatti: 100 anos de Arte Moderna*, a exibição comemorou o centenário de uma polêmica exposição individual feita pela artista em 1917, que é considerada a primeira mostra modernista realizada no país e o evento precursor da Semana de Arte Moderna de 1922.

O impacto da *Exposição de Pintura Moderna* realizada por Malfatti há um século na capital paulista foi provocado pelo aspecto expressionista das 53 obras expostas, uma novidade para os padrões da arte brasileira daquele período. A pintora havia estudado na Alemanha e nos Estados Unidos e incorporara em seu trabalho traços básicos da arte moderna, como a liberdade de composição, a pincelada livre, os tons fortes usados de forma não convencional e a iluminação que fugia da dicotomia do claro-escuro tradicional.

Na ocasião, a mostra foi recebida com espanto e curiosidade. Nomes que mais tarde se consagrariam como expoentes do Modernismo – entre eles o artista plástico Di Cavalcanti – a elogiaram. Por outro lado, recebeu críticas impiedosas, como as feitas por Monteiro Lobato. O escritor qualificou o trabalho da artista como "arte degenerada" em seu famoso artigo *Paranoia ou mistificação?* (*veja mais na pág. 95*).

A mostra comemorativa no MAM resgatou esse importante momento da história da arte brasileira. Dividida em três partes, ela debruçou-se sobre a trajetória da artista, desde os primeiros anos no exterior, que deram forma ao Modernismo brasileiro, até chegar aos trabalhos realizados nos anos 1930 e 1940, focado em temas populares e nos retratos de amigos, familiares e pessoas da elite.

Anita Malfatti contribuiu imensamente para que as vanguardas europeias se instalassem no Brasil e fossem digeridas num processo antropofágico bem ao estilo dos artistas modernistas – a antropofagia seria a deglutição dos elementos culturais estrangeiros de modo que fossem recriados para dar origem a manifestações tipicamente brasileiras. O cotidiano recriado como arte foi o mote de sua pintura e também da literatura dos autores modernistas da primeira fase, como Oswald de Andrade e Mário de Andrade.

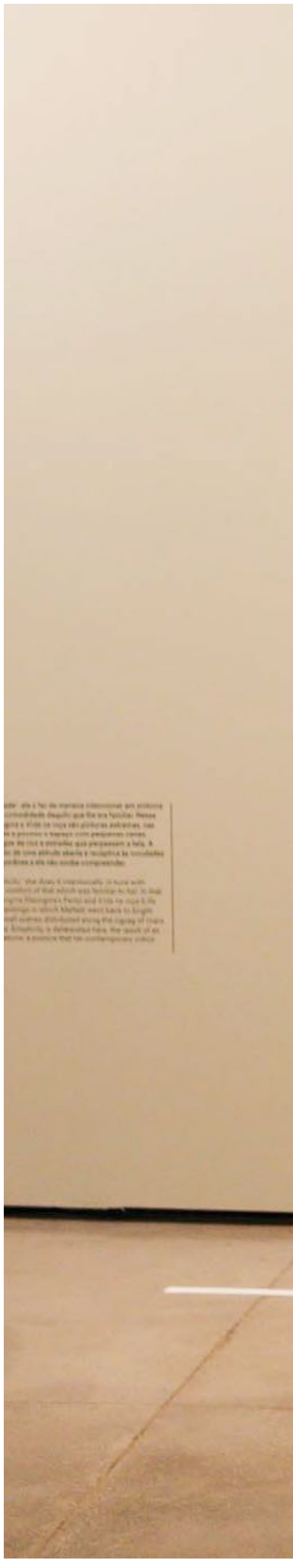

CONTEMPLAÇÃO
Visitante observa obras de Anita Malfatti em exposição no Museu de Arte Moderna (MAM) de São Paulo, em março de 2017. Artista foi uma das pioneiras do Modernismo

RICHARD CALLIS/FOTOARENA

Argumentação eficaz

Todo texto opinativo apresenta estratégias para convencer o leitor a aderir a determinado ponto de vista

Uma das propostas da literatura modernista era buscar redefinir a identidade brasileira por meio de manifestos que defendiam símbolos nacionais e populares (*veja* Manifesto da Poesia Pau-Brasil *e* Manifesto Antropófago *nas págs. 98 e 99*). Manifestos são **textos argumentativos**, que têm o objetivo de persuadir o leitor a favor de determinado ponto de vista.

Outros exemplos desse tipo de texto são os artigos de opinião, como este do cineasta Ugo Giorgetti, publicado no jornal *O Estado de S. Paulo,* em 2 de abril de 2017. Nele, o colunista também trata de um símbolo nacional – o futebol – e defende que a mudança significativa no desempenho da seleção brasileira e o resgate de nossa confiança no esporte se devem à relação que o técnico Tite estabeleceu com os jogadores e a torcida.

Apesar de este artigo não constituir um exemplo de texto dissertativo com divisão rígida entre tese, argumentação e conclusão, percebemos a presença de todos esses elementos na exposição das ideias do autor e na progressão textual e persuasiva.

Tite e a diferença

Confiança vem do sentimento que se difunde entre os jogadores de que esse é "o cara"

Ugo Giorgetti

Procuro ver o que há de novo na seleção brasileira de Tite e não consigo ver nada. *Sou informado que Tite gosta e aplica o 4-1-4-1, informação que agradeço quase comovido. Para mim é o mesmo método e a mesma tática do velho Tite do Corinthians e de sempre. É assim que reconheço a seleção.* ***Muita troca de passes, compactação defensiva, aproveitamento do atleta no lugar perfeito para suas características e, sobretudo, confiança mútua entre elenco e técnico.***

Talvez devesse dar mais destaque para a confiança. Sou tentado até a dar todo o destaque para essa relação pessoal de Tite e seus comandados.

Não confundir com união. União é uma coisa que vem de fora, algo combinado. Pode se conseguir unir a despeito das desconfianças, num momento de particular necessidade, por exemplo. Mas geralmente não dá certo.

A confiança vem de outra coisa. Ela vem de um sentimento que se difunde entre os jogadores, às vezes velozmente, de que esse é ***"o cara"****.* ***Esse*** *é o responsável que vai conduzir o time em rumo certo. Em momentos ruins, de crise, "o cara" é sempre esperado. Não só no esporte, é claro. Na política também. O desespero, às vezes silencioso, de que alguma coisa precisa ser feita desencadeia a esperança pelo "cara".*

OPINIÃO
Antes de apresentar sua tese, o colunista assegura que não vê absolutamente nada de novo ou de inovador no trabalho do técnico que justifique sua popularidade e desempenho.

ENUMERAÇÃO
A enumeração das técnicas que Tite desenvolve em seu trabalho com a equipe contribui para mostrar ao leitor que os aspectos técnicos são tão importantes quanto os interpessoais (entre técnico e jogadores).

CONTRA-ARGUMENTO
Aqui o colunista trabalha a oposição entre as noções de união e de confiança. Mostra que o técnico não trabalha apenas a união, mas a confiança – daí seu êxito.

INTRODUÇÃO E EXPLICAÇÃO
Apresenta as questões centrais, que serão desenvolvidas ao longo do texto: os métodos já conhecidos do treinador e sua vantagem em relação aos demais técnicos (a relação pessoal que estabelece com os jogadores).

ARTIGO E INTENSIFICAÇÃO
O artigo definido não funciona apenas como um agente especificador do substantivo. Ele pode desempenhar também papel intensificador, como o grau aumentativo dos adjetivos. Repare que o artigo "o" torna o substantivo "cara" o maior de todos.

ARGUMENTO E COESÃO
O pronome demonstrativo "esse" retoma a afirmação do período anterior ("o cara") e reforça o argumento sobre a força carismática de Tite, por encarnar essa figura.

A seleção brasileira, principalmente depois dos 7 a 1, tinha chegado no ***fundo do poço****. Pior impossível. Ninguém sabia direito o que fazer, falava-se em técnico estrangeiro, procurava-se por toda parte e nada. De repente, quando tudo ia de* ***mal a pior****, ele chegou. E veio a modificação rápida, quase milagrosa sem que se perceba qualquer mudança fundamental, tática ou estratégica.*

Mas não há nada de milagroso nisso. É um sentimento, primeiro do elenco de jogadores, depois, à medida que o time ganhava, da torcida, de que tinha chegado alguém. Falo "sentimento", que é quando grupos, e depois multidões, identificam numa pessoa, só através de meios emocionais, não racionais, qualidades que apenas vislumbram, adivinham, mas que "sentem" que pode tirá-los da situação desesperada. Estamos, então, em presença do carisma. É isso o carismático. Alguém sobre o qual se depositam esperanças por qualidade apenas adivinhadas e suspeitadas. Só com esses indícios nos convencemos de que a salvação chegou. Tite é, sem dúvida, alguém com carisma.

Embora a palavra seja agora usada ***a torto e a direito*** *para classificar qualquer rostinho agradável, ou qualquer pessoa que se pretende "diferente", carisma é muito mais e prevê qualidades especiais, a principal delas fé em si mesmo e nos demais em quem confia totalmente. Tite não inventou um só jogador, não tirou da cartola ninguém, só mostrou que confia em quem está com ele. O carismático exige, para que surja, primeiro uma situação desesperada, depois um pequeno número de fiéis, de preferência que já tivessem vivido com o carismático outras experiências. Desse grupo de fiéis, se o "cara" tiver mesmo carisma, a coisa se espalha e ganha cada vez mais corpo. E finalmente, num movimento irresistível, domina multidões.*

Quem hoje grita 'Tite!' não são apenas corintianos, são brasileiros que não sabem explicar bem por que o Brasil mudou tanto nos últimos jogos, mas sabem que foi por causa dele. Já vimos isso em política muitas vezes, não é mesmo? É evidente que Tite é um carismático querido e benéfico. Porque, às vezes, a multidão se engana e o carismático tem muitos problemas para manter o cargo e, muito frequentemente, a pele. Carisma, portanto, é bênção e maldição ao mesmo tempo. Mas, de qualquer maneira, é animador ver alguém sobre o qual se deposita tanta confiança num país onde, com toda a razão, o povo não consegue enxergar qualquer espécie de carisma nos que o representam.

PROGRESSÃO PERSUASIVA
As expressões "fundo do poço" e "mal a pior" contribuem para criar o cenário típico para a figura do "salvador". Note que o autor reforça a ideia de que não são as qualidades técnicas que definirão o papel de "o cara" para Tite.

TESE E ÊNFASE
O autor apresenta duas teses: Tite restabeleceu a confiança dos jogadores (veja no 2º parágrafo) e é um técnico carismático (ao lado). Para isso, emprega expressões contundentes, como "sem dúvida".

VARIANTE LINGUÍSTICA
O autor usa a expressão popular "a torto e a direito" com o objetivo de desqualificar o sentido de carisma atribuído pelo senso comum. Segundo ele, "carisma é muito mais e prevê qualidades especiais".

PROGRESSÃO TEXTUAL E PERSUASÃO
O autor retoma o conceito de carisma e reforça a ideia de que o técnico não mostrou necessariamente nenhuma novidade técnica para seu excepcional desempenho.

PERGUNTA RETÓRICA E FUNÇÃO APELATIVA
A pergunta induz o interlocutor (leitor) a dar a resposta esperada pelo emissor (o autor). Pretende-se fazê-lo aderir ao que foi proposto.

CONCLUSÃO
O autor reafirma sua tese inicial e diz que em um país sem muita confiança em seus representantes é bom ter um homem confiável e carismático à frente da seleção.

SAIBA MAIS

COMO UM TEXTO ARGUMENTATIVO É CONSTRUÍDO

Todo texto que manifesta uma opinião ou defende um ponto de vista parte da apresentação da ideia que será discutida **(tese)**. As linhas iniciais dos textos argumentativos costumam trazer uma introdução ao assunto, na qual se explicita também o posicionamento do sujeito enunciador.

- **Persuasão:** É o processo de levar o interlocutor (aquele com quem se fala) a aderir à ideia e à ação propostas pelo enunciador (aquele que articula e envia uma mensagem).
- **Argumentos:** São todos os elementos – afirmações, comparações, exemplos – apresentados para reforçar a tese do autor.
- **Contra-argumentos:** O texto argumentativo pode prever algumas reações contrárias ao ponto de vista defendido e, na tentativa de reforçar a ideia em questão, rebate antecipadamente esses possíveis argumentos.
- **Conclusões:** Ainda que diversas questões polêmicas não cheguem a uma conclusão categórica, todo texto argumentativo tem um acabamento final. O fechamento de um texto deve ser coerente com as ideias apresentadas nos parágrafos anteriores e deve reforçar o ponto de vista defendido. As últimas linhas recuperam a tese inicial e, a partir dos argumentos apresentados, reafirmam a proposta central.

© TEREZA BETTINARDI

Inovação e ruptura

Na primeira fase do Modernismo (1922-1930), uma nova estética reafirma a identidade nacional

Na primeira metade do século XX, no contexto dos avanços tecnológicos e da I Guerra Mundial, a arte moderna instaura uma série de rupturas com os fundamentos artísticos defendidos pelos movimentos anteriores, criando uma atmosfera de radicalidade. Revoltados com a arte acadêmica e tradicional, os modernistas desejam libertar-se dos antigos modelos de composição. Movimentos de vanguarda, como o Surrealismo (que explorou muito o sonho e a criação de novas realidades), o Cubismo (que trabalhou com formas geométricas de modo pouco usual), o Expressionismo (que valorizou a percepção do sujeito sobre o objeto), o Dadaísmo (que rompeu com os limites do sentido) e o Futurismo (que exaltou o progresso e a inovação), legitimaram o tratamento de realidades fragmentárias, incompletas e irracionais.

Os valores defendidos pelos modernistas estão associados ao histórico de destruição e caos provocados pela guerra e exploram o inconsciente humano, à luz das modernas teorias psicanalíticas, criadas por Sigmund Freud.

Semana de Arte Moderna

O marco do Modernismo brasileiro é, convencionalmente, a Semana de Arte Moderna, ocorrida em fevereiro de 1922, no Teatro Municipal de São Paulo. No decorrer de toda a década de 1910, porém, os artistas brasileiros já propunham mudanças nos padrões estéticos e expunham criações que desafiavam o gosto tradicional.

Um dos eventos mais conturbados desse período foi a exposição de obras da pintora Anita Malfatti (*veja na pág. ao lado*), que provocou severas reações da crítica conservadora – a exemplo do artigo *Paranoia ou Mistificação?*, publicado pelo pré-modernista Monteiro Lobato (1882-1948).

No processo de ruptura com a arte acadêmica e tradicional, os artistas do Modernismo, como o escritor e poeta Mário de Andrade, compuseram inúmeros manifestos e textos críticos, nos quais apresentavam propostas estéticas inovadoras e inauguravam correntes artísticas de vanguarda.

Prefácio Interessantíssimo

Mário de Andrade

Leitor:

Está fundado o Desvairismo.

***Este prefácio, apesar de interessante, inútil. Alguns dados. Nem todos. Sem conclusões. Para quem me aceita são inúteis** ambos. Os curiosos terão o prazer em descobrir minhas conclusões, confrontando obra e dados. Para quem me rejeita trabalho perdido explicar o que, antes de ler, já não aceitou.*

Quando sinto a impulsão lírica escrevo sem pensar tudo que meu inconsciente me grita. Penso depois: não só para corrigir, como para justificar o que escrevi. Daí a razão deste Prefácio Interessantíssimo.

Aliás muito difícil nesta prosa saber onde termina a blague, onde principia a seriedade. Nem eu sei.

(...)

Não sou futurista (de Marinetti). Disse e repito-o. Tenho pontos de contacto com o futurismo. Oswald de Andrade, chamando-me de futurista, errou. A culpa é minha. Sabia da existência do artigo e deixei que saísse. Tal foi o escândalo, que desejei a morte do mundo. Era vaidoso. Quis sair da obscuridade.

(...)

Um pouco de teoria?

Acredito que o lirismo, nascido no subconsciente, acrisolado num pensamento claro ou confuso, cria frases que são versos inteiros, sem prejuízo de medir tantas sílabas, com acentuação determinada.

A inspiração é fugaz, violenta. Qualquer empecilho a perturba e mesmo emudece. (...)

RODRIGUES, A. Medina (et al). *Antologia da Literatura Brasileira: Textos Comentados.* São Paulo: Marco, 1979. vol. 2, p. 28-32

ADJETIVO SUPERLATIVO
O prefácio de *Pauliceia Desvairada* (1922) explicita seu processo composicional. O adjetivo usado no grau superlativo objetiva intensificar o interesse sobre o texto.

SINTAXE FRAGMENTADA
As frases nominais (curtas e sem verbos) são típicas da dicção do autor. A síntese e a concisão estão presentes na sintaxe fragmentada e direta de Andrade.

LEITOR PARTICIPATIVO
O autor se dirige diretamente ao público e estimula a curiosidade do leitor, que auxiliará no processo de atribuição de sentido à obra.

HUMOR E SERIEDADE
O inacabamento e a perda de contornos rigidamente definidos entre o humor e a seriedade são traços da arte moderna.

FUTURISMO
Apesar da semelhança dos poemas de Mário de Andrade com os textos futuristas (verificável na adoção do verso livre, no apelo à tecnologia nas metrópoles), o autor inicialmente não se considera filiado a uma corrente específica.

PSICANÁLISE
As teorias psicanalíticas fundamentaram as criações da arte moderna. A noção de inconsciente permitiu a defesa de princípios como a escrita automática (praticada pelos surrealistas) e a afirmação da liberdade composicional.

COMPOSIÇÃO ESPONTÂNEA
Para o autor, a racionalidade é um obstáculo à expressão poética genuína. Este prefácio se legitima por abrir espaço para as reflexões racionais após a composição espontânea dos poemas.

ARTIGO

Paranoia ou mistificação?

Monteiro Lobato

Há duas espécies de artistas. Uma composta dos que veem as coisas e em consequência fazem arte pura, guardados os eternos ritmos da vida, e adotados, para a concretização das emoções estéticas, os processos clássicos dos grandes mestres.

(...)

A outra espécie é formada dos que veem anormalmente a natureza e a interpretam à luz das teorias efêmeras, sob a sugestão estrábica de escolas rebeldes, surgidas cá e lá como furúnculos da cultura excessiva.

(...)

Embora se deem como novos, como precursores de uma arte a vir, nada é mais velho do que a arte anormal ou teratológica: nasceu como a paranoia e a mistificação.

(...)

Sejamos sinceros: futurismo, cubismo, impressionismo e tutti quanti não passam de outros ramos da arte caricatural. É a extensão da caricatura a regiões onde não havia até agora penetrado. Caricatura da cor, caricatura da forma – mas caricatura que não visa, como a verdadeira, ressaltar uma ideia, mas sim desnortear, aparvalhar, atordoar a ingenuidade do espectador.

(...)

A pintura da sra. Malfatti não é futurista, de modo que estas palavras não se lhe endereçam em linha reta; mas como agregou à sua exposição uma cubice, queremos crer que tende para isso como para um ideal supremo.

(...)

http://www.pitoresco.com.br/brasil/anita/lobato.html

Neste artigo, Monteiro Lobato faz uma ácida crítica ao trabalho da pintora Anita Malfatti e ao dos modernistas em geral.

DOIS GRUPOS
O autor divide os artistas em dois grupos. Um formado pelos acadêmicos, fiéis aos modelos clássicos de composição, e o outro pelos modernistas. Ele os desqualifica, usando os adjetivos "efêmeras", "estrábica" e "rebeldes".

ARTE DEGENERADA
O texto liga a arte moderna a um suposto processo de decadência dos valores ocidentais. Lobato qualifica as produções como "arte degenerada", fruto de perturbações mentais.

PROGRESSÃO TEXTUAL
A cada argumento, Lobato retoma a tese inicial. Note os mecanismos de progressão textual, ligados à alternância entre informações novas e antigas.

ANITA MALFATTI
Lobato volta-se ao alvo de seu texto: os quadros de Malfatti. O autor se coloca como exceção diante da receptividade com que parte dos críticos acolheu a pintura da artista. Para além das críticas à exposição de Malfatti, ele tomou o fato concreto como pretexto para vociferar contra os ideais estéticos do Modernismo.

PINTURA

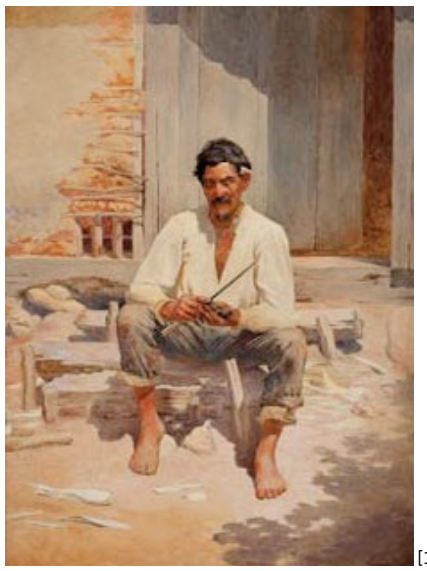
[1]

No quadro *Caipira Picando Fumo*, de 1893, Almeida Júnior retrata a simplicidade de um homem do campo. Todo o contexto reflete a realidade singela da pessoa, desde suas roupas até a casa de pau a pique.
A desolação do local e a passividade do homem lembram Jeca Tatu, caipira imortalizado por Monteiro Lobato. Ao contrário de *Abaporu* (abaixo), esta pintura está de acordo com os padrões acadêmicos de arte defendidos por Lobato.

[2]

Em *Abaporu*, de 1928, Tarsila do Amaral usa cores associadas ao Brasil e subverte as proporções convencionais. Uma figura humana é representada com os membros em tamanho deformado – algo impensável para as estéticas clássicas. No Modernismo, temas ligados ao país (como a natureza tropical) recebem um olhar crítico – não são mais idealizados, como no contexto romântico. O pé gigante que toca o chão busca provocar uma reflexão sobre a ordem aparente do mundo real.

[1] JOSÉ FERRAZ DE ALMEIDA JÚNIOR/PINACOTECA DO ESTADO DE SÃO PAULO [2] TARSILA DO AMARAL/MALBA

Mário de Andrade

A arte moderna valoriza as diferenças e as especificidades do mundo, em detrimento da harmonia e do reconhecimento familiar da arte acadêmica. Em literatura, a produção modernista da primeira fase (1922-1930) também prioriza elementos capazes de chocar o público e promover certo estranhamento diante de uma nova realidade, questionando e rompendo com a identificação do público diante da obra. Passa a predominar uma preocupação com os processos artísticos de composição das obras, e não importa mais a representação fiel da realidade. Os escritores da primeira fase estavam preocupados em descobrir a identidade do país e do brasileiro. A reflexão crítica sobre a realidade brasileira é uma das preocupações centrais do escritor Mário de Andrade (1893-1945).

PARA IR ALÉM

A editora Peirópolis lançou, em 2016, uma adaptação de *Macunaíma* para HQ. O "herói sem nenhum caráter" aparece nos traços de cores fortes da dupla mineira Angelo Abu e Dan X, que preservou a irreverência da obra original. Além da história principal, a edição traz os bastidores da elaboração da HQ – também numa divertida história em quadrinhos – usando a linguagem adotada no livro de Mário de Andrade.

Macunaíma (1928) incorpora elementos folclóricos para traçar um perfil do brasileiro, criando o "herói sem nenhum caráter". O personagem pertence ao rol de malandros nacionais, como Leonardinho, de *Memórias de um Sargento de Milícias*, e Brás Cubas, de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

Macunaíma

Mário de Andrade

No fundo do mato-virgem nasceu Macunaíma, herói da nossa gente. Era preto retinto e filho do medo da noite. Houve um momento em que silêncio foi tão grande escutando o murmurejo do Uraricoera, que a índia tapanhumas pariu uma criança ***feia****. Essa criança é que chamaram de Macunaíma.*

Já na meninice fez coisas de sarapantar. De primeiro passou mais de seis anos não falando. ***Si*** *o incitavam a falar exclamava:*

– Ai que preguiça!... e não dizia mais nada. Ficava no canto da maloca, trepado no jirau de paxiúba, espiando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que tinha, Maanape já velhinho e Jiguê na força do homem. O divertimento dele era decepar cabeça de saúva. Vivia deitado mas si punha os olhos em dinheiro, Macunaíma dandava pra ganhar vintém. E também espertava quando a família ia tomar banho no rio, todos juntos e nus. Passava o tempo do banho dando mergulho, e as mulheres soltavam gritos gozados por causa dos guaiamuns diz que habitando a água-doce por lá. No mucambo si alguns cunhatã se aproximava dele pra fazer festinha, Macunaíma punha a mão nas graças dela, cunhatã se afastava. Nos machos guspia na cara. Porém respeitava os velhos e frequentava com aplicação a murua a poracê o torê o bacorocô a cucuicogue, todas essas danças religiosas da tribo.

Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Garnier, 2004.

PARÓDIA
O início da obra faz uma paródia de textos indianistas (como *Iracema*, de José de Alencar). O nascimento de Macunaíma ocorre na mata, no contato com elementos naturais. Em todo o texto, porém, não há a idealização positiva do herói.

JEITINHO BRASILEIRO
No bordão de Macunaíma, bocejando de preguiça, ocorre uma inversão dos valores habitualmente considerados positivos. Macunaíma é um herói preguiçoso e malandro, representante típico do "jeitinho" brasileiro. Ele não gosta de trabalhar e não cultiva valores heroicos nem guerreiros.

LIBIDO
Desde pequeno, Macunaíma tinha a sexualidade aflorada. Ao perturbar as índias no rio ou assediar as mulheres na tribo, o garoto já revelava a licenciosidade que o caracterizaria durante a vida.

PONTUAÇÃO
O autor trabalha com os elementos da cultura indígena, subvertendo as regras convencionais de escrita. Repare na ausência de pontuação, quando são enumeradas as danças típicas praticadas pelos índios.

CRIANÇA FEIA
O adjetivo usado para caracterizar Macunaíma é essencial para a configuração da personagem: era uma criança "feia", por oposição aos retratos idealizados dos românticos.

ORALIDADE E LINGUAGEM COLOQUIAL
Note a oralidade da escrita. A palavra "se" é grafada com o som da fala "si" do português brasileiro. A referência à linguagem oral é típica da primeira fase modernista.

DIÁLOGO ENTRE OBRAS

HERÓI E ANTI-HERÓI

Macunaíma resulta do anseio da primeira fase modernista pela criação de uma identidade nacional. O epíteto "herói sem nenhum caráter" designa a ausência de um caráter brasileiro definido, pois este ainda estaria em formação. Macunaíma simboliza aspectos relevantes da história do Brasil, como a miscigenação. A identidade nacional também preocupou os românticos. Contudo, para eles a expressão máxima do nacionalismo estava na figura do índio anterior à colonização. Peri, personagem de *O Guarani*, de José de Alencar (1829-1877), reúne as características desejáveis ao melhor europeu: católico, forte, destemido e honrado. Contrariando o ideal romântico do herói nacional, Macunaíma, assim como Leonardinho e Brás Cubas, são covardes e não têm grandes aspirações na vida.

O Guarani

José de Alencar

De repente, entre o dossel de verdura que cobria esta cena, ouviu-se um grito vibrante e uma palavra de língua estranha:
— Iara!
É um vocábulo guarani: significa a senhora.
(...)
De pé, fortemente apoiado sobre a base estreita que formava a rocha, um selvagem (...) metia o ombro a uma lasca de pedra que se desencravara do seu alvéolo e ia rolar pela encosta.
O índio fazia um esforço supremo para suster o peso da laje prestes a esmagá-lo; e com o braço estendido de encontro a um galho de árvore mantinha por uma tensão violenta dos músculos o equilíbrio do corpo.
A árvore tremia; por momentos parecia que pedra e homem se enrolavam numa mesma volta, e precipitavam sobre a menina sentada na aba da colina.
(...).
Uma larga esteira que descia da eminência até o lugar onde Cecília estivera recostada, mostrava a linha que descrevera a pedra na passagem, arrancando a relva e ferindo o chão. (...)
O fidalgo não sabia o que mais admirar, se a força e heroísmo com que ele salvara sua filha, se o milagre de agilidade com que se livrara a si próprio da morte.
(...)
— Como te chamas?
— Peri, filho de Ararê, primeiro de sua tribo.

Editora Ática, 2010

CONEXÕES

CANÇÃO

Homem-aranha

Jorge Vercilo

Eu adoro andar no abismo
Numa noite viril de perseguição
saltando entre os edifícios
vi você
Em poder de um fugitivo
Que cercado pela polícia, te fez refém
lá nos precipícios
Foi paixão à primeira vista
me joguei de onde o céu arranha
te salvando com a minha teia
Prazer, me chamam de Homem-Aranha
*Seu **herói***

PERSONAGEM
O super-herói enfrenta problemas cotidianos e torna-se vulnerável à rotina diária.

Hoje o herói aguenta o peso
das compras do mês
No telhado, ajeitando a antena da tevê
Acordado a noite inteira pra ninar bebê

RECUSA DO TRABALHO
Assim como Macunaíma, o anti-herói da canção se nega a desempenhar o papel heroico e privilegia a relação amorosa.

Chega de bandido pra prender,
de bala perdida pra deter
Eu tenho uma ideia:
Você na minha teia
Chega de assalto pra impedir,
Seja em Brasília ou aqui
Eu tive a grande ideia:
Você na minha teia
Hoje eu estou nas suas mãos
Nessa sua ingênua sedução
que me pegou na veia
Eu tô na tua teia

VISÃO CRÍTICA
Nota-se um olhar questionador acerca da sociedade, em um processo de reflexão sobre a realidade já desenvolvido pelos autores modernistas. A violência combatida pelo herói é equiparada à corrupção que ocorre no plano político.

http://www.vagalume.com.br/jorge-vercilo/homem-aranha-letra-sem-erros.html#ixzz3aDwM4cKw

Nesta canção, de Jorge Vercilo, aparece também a figura de um anti-herói: um personagem cujo comportamento não serve como exemplo ou modelo de conduta. Surge um super-herói problemático, às voltas com os problemas do nosso tempo.

© TEREZA BETTINARDI

Oswald de Andrade

Em países colonizados por outras nações, como é o caso do Brasil, os escritores modernistas rompem com a tradição e propõem uma afirmação da identidade nacional, bem como a libertação definitiva da herança dos colonizadores. Trata-se da defesa de uma literatura autêntica e pessoal, visando à afirmação da nacionalidade de modo crítico, sem a idealização característica dos românticos. Oswald de Andrade (1890-1954) viaja para a Europa e, ao retornar, traz consigo o repertório das vanguardas artísticas do continente. Ao lado de outros intelectuais, participa da Semana de 22. No *Manifesto da Poesia Pau-Brasil*, mostra o desejo de que a cultura brasileira seja exportada, assim como ocorreu com a árvore pau-brasil, e passe a influenciar a própria cultura europeia. No *Manifesto Antropófago*, lançado em 1928, propõe que o Brasil "devore" a cultura estrangeira.

[1]

Publicado em 1924 no *Correio da Manhã*, Oswald de Andrade defende, em tom paródico e festivo, uma poesia que não siga modelos ou regras preestabelecidos de composição.

Manifesto da Poesia Pau-Brasil

Oswald de Andrade

A poesia existe nos fatos. Os casebres de açafrão e de ocre nos verdes da Favela, sob o azul cabralino, são fatos estéticos.

O Carnaval no Rio é o acontecimento religioso da raça. Pau-Brasil. Wagner submerge ante os cordões de Botafogo. Bárbaro e nosso. A formação étnica rica. Riqueza vegetal. O minério. A cozinha. O vatapá, o ouro e a dança.

(...)

A poesia Pau-Brasil, ágil e cândida. Como uma criança.

(...)

Contra o gabinetismo, a prática culta da vida.

(...)

A língua sem arcaísmos, sem erudição. Natural e neológica. A contribuição milionária de todos os erros. Como falamos. Como somos.

Não há luta na terra de vocações acadêmicas. Há só fardas. Os futuristas e os outros.

Uma única luta – a luta pelo caminho. Dividamos: poesia de importação. E a Poesia Pau-Brasil, de exportação. (...)

Bárbaros, crédulos, pitorescos e meigos. Leitores de jornais. Pau-Brasil. A floresta e a escola. O Museu Nacional. A cozinha, o minério e a dança. A vegetação. Pau-Brasil.

SAIBA MAIS

MANIFESTOS

O gênero **manifesto** é caracterizado pela linguagem direta e exaltada, em caráter provocador, com que se defende um tema. Na primeira geração do Modernismo brasileiro, os manifestos de Oswald de Andrade explicitam os objetivos principais do movimento. A crítica e o humor aparecem combinados, a exemplo dos manifestos vanguardistas europeus, em textos que mesclam a linguagem artística e o registro popular, com a finalidade de difundir as ideias para o grande público.

Outra característica é o uso de conclamações, com o emprego de vocativos e de verbos no imperativo, como na famosa frase do *Manifesto Comunista* (1848), de Karl Marx e Friedrich Engels: "Proletários de todo o mundo, uni-vos."

O conceito de antropofagia (ingestão de carne humana), associado à cultura indígena e, portanto, ligado ao passado pré-colonial do Brasil, é usado por Oswald de Andrade em referência à estética do Modernismo.

Manifesto Antropófago

Oswald de Andrade

Só a Antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente.

Única lei do mundo. Expressão mascarada de todos os individualismos, de todos os coletivismos. De todas as religiões. De todos os tratados de paz.

Tupi, or not tupi that is the question.

Contra todas as catequeses. E contra a mãe dos Gracos.

Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago.

(...)

Nunca fomos catequizados. Fizemos foi Carnaval. O índio vestido de senador do Império. Fingindo de Pitt. Ou figurando nas óperas de Alencar cheio de bons sentimentos portugueses.

Já tínhamos o comunismo. Já tínhamos a língua surrealista. A idade de ouro. [...]

Contra as sublimações antagônicas. Trazidas nas caravelas.

Contra a verdade dos povos missionários, definida pela sagacidade de um antropófago, o Visconde de Cairu: – É mentira muitas vezes repetida.

(...)

Se Deus é a consciênda do Universo Incriado, Guaraci é a mãe dos viventes. Jaci é a mãe dos vegetais.

(...)

O objetivo criado reage com os Anjos da Queda. Depois Moisés divaga. Que temos nós com isso?

Antes dos portugueses descobrirem o Brasil, o Brasil tinha descoberto a felicidade.

Contra o índio de tocheiro. O índio filho de Maria, afilhado de Catarina de Médicis e genro de D. Antônio de Mariz.

(...)

Contra Anchieta cantando as onze mil virgens do céu, na terra de Iracema, – o patriarca João Ramalho fundador de São Paulo.

Revista de Antropofagia, Ano 1, nº 1, maio 1928

INTERTEXTUALIDADE
A oposição à cultura trazida pelos europeus retoma a figura da índia Iracema e estabelece um diálogo intertextual com o romance indianista de José de Alencar.

MOVIMENTO ANTROPÓFAGO
O manifesto defende o nacionalismo e propõe a deglutição canibal dos elementos culturais estrangeiros, para que estes possam, depois, ser recriados artisticamente no país, dando origem a manifestações tipicamente brasileiras.

PARÓDIA
O autor parodia o verso de Shakespeare ("To be or not to be, that's the question") e "deglute" o repertório estrangeiro adaptando-o à cultura nacional. A paródia é uma forma de se estabelecer intertextualidade. Ao mudar o sentido do texto original, costuma provocar um efeito de humor.

IDENTIDADE NACIONAL
Nosso passado colonial é atacado pela sátira mordaz; por outro lado, os elementos da cultura indígena ressurgem como parâmetros definidores da nacionalidade e da identidade cultural.

JOGO TEMPORAL
Dois fatos passados relacionam-se entre si – o período anterior (assinalado por "tinha descoberto") e o posterior à descoberta do Brasil. O passado mais antigo é valorizado, em detrimento dos tempos coloniais.

A FIGURA DO ÍNDIO
Oswald se opõe à representação romântica e idealizada dos indígenas, no molde dos cavaleiros europeus e impregnada de elementos estrangeiros. Note a referência a Peri, protagonista de *O Guarani*, de José de Alencar.

CONEXÕES

PERSONAGENS

[2]

[3]

Os elementos brasileiros foram representados de maneiras diferentes pelas histórias em quadrinhos, no decorrer do século XX. Após a II Guerra Mundial, os estúdios de Walt Disney desenvolveram uma visão estereotipada do brasileiro, encarnada pelo malandro Zé Carioca (*no alto*), um papagaio brasileiro, amante dos prazeres e da vida fácil. Já o brasileiro Ziraldo utilizou personagens e temas do folclore nacional para criar A Turma do Pererê (*acima*), encabeçada pela figura do saci e de um índio (representativos da cultura brasileira). Oswald de Andrade era favorável à representação crítica da realidade brasileira por autores nacionais.

[1] © TEREZA BETTINARDI [2] REPRODUÇÃO [3] © TURMA DO PERERÊ/ZIRALDO

Um novo olhar para o país

Questões sociais e políticas denunciam os problemas nacionais na segunda fase do Modernismo (1930-1945)

Os romances regionalistas da segunda fase do Modernismo brasileiro procuram apresentar faces do Brasil que não costumavam figurar no conjunto dos romances brasileiros tradicionais – estes últimos marcados, geralmente, por uma ambientação urbana. Afastando-se dos grandes centros da Região Sudeste do país, os autores regionalistas priorizam o tratamento de realidades diversas e se voltam para os problemas sociais do país.

Jorge Amado

Um dos escritores brasileiros mais populares, Jorge Amado (1912-2001) retratou o cotidiano da população baiana – os marinheiros, as mães de santo, os menores abandonados das ruas de Salvador. O romance *Capitães da Areia* (1937) narra as aventuras de um grupo de garotos marginalizados, moradores de um velho trapiche e estigmatizados por sua condição social. A representação de tipos comuns e o heroísmo presente em episódios simples do dia a dia são marcas da literatura regionalista do Modernismo brasileiro.

Publicado em 1937, *Capitães da Areia* retrata o cotidiano de um grupo de meninos de rua, mostrando suas ações violentas, mas, também, as aspirações e os pensamentos ingênuos comuns a qualquer criança.

Capitães da Areia

Jorge Amado

Quando o levaram para aquela sala ***Pedro Bala*** *calculava o que o esperava. Não veio nenhum guarda. Vieram dois soldados de polícia, um investigador, o diretor do reformatório. Fecharam a sala. O investigador disse numa voz risonha:*

– Agora os jornalistas já foram, moleque. Tu agora vai dizer o que sabe queira ou não queira.

O diretor do reformatório riu:

– Ora, se diz...

O investigador perguntou:

– Onde é que vocês dormem?

Pedro Bala o olhou com ódio:

– Se tá pensando que eu vou dizer...

– Se vai...

– Pode esperar deitado.

Virou as costas. O investigador fez um sinal para os soldados. Pedro Bala sentiu duas chicotadas de uma vez. E o pé do investigador na sua cara. Rolou no chão, xingando.

– Ainda não vai dizer? – perguntou o diretor do reformatório. – Isso é só o começo.

– Não – foi tudo o que Pedro Bala disse.

Agora davam-lhe de todos os lados. Chibatadas, socos e pontapés. O diretor do reformatório levantou-se, sentou-lhe o pé, Pedro Bala caiu do outro lado da sala. Nem se levantou. Os soldados vibraram os chicotes. Ele via João Grande, Professor, Volta Seca, Sem-Pernas, o Gato. Todos dependiam dele. A segurança de todos dependia da coragem dele. Ele era o chefe, não podia trair. Lembrou-se da cena da tarde. Conseguira dar fuga aos outros, apesar de estar preso também. O orgulho encheu seu peito. Não falaria, fugiria do reformatório, libertaria Dora. E se vingaria... Se vingaria...

Grita de dor. Mas não sai uma palavra dos seus lábios. Vai te fazendo noite para ele. Agora já não sente dores, já não sente nada. No entanto, os soldados ainda o surram, o investigador o soqueia. Mas ele não sente mais nada.

PEDRO BALA
Líder dos Capitães da Areia, ele possui uma cicatriz de navalha no rosto, fruto da luta em que venceu o antigo chefe do bando. Seu pai era estivador e liderara uma greve no porto, onde foi assassinado.

LINGUAGEM COLOQUIAL
Os diálogos literários do Modernismo regionalista tentam reproduzir a comunicação informal e, por meio da linguagem, reforçam as caracterizações dos membros de certos grupos sociais (*veja no* Saiba mais *da pág. ao lado*).

CONFLITOS
O conflito entre grupos oprimidos e autoridades é frequente na literatura regionalista. Em *Vidas Secas*, por exemplo, esse aspecto surge na oposição entre Fabiano e o Soldado Amarelo.

INJUSTIÇA E CRÍTICA SOCIAL
A mando do diretor do reformatório e do investigador de polícia, Pedro Bala é espancado. O autor descreve nesta cena uma relação de abuso. Um menor preso e torturado por aqueles que devem manter a ordem moral, a educação e a justiça.

ORAÇÕES COORDENADAS ASSINDÉTICAS
Note como a sequência de períodos simples e orações coordenadas assindéticas (que não possuem conectivos, sendo ligadas por vírgulas) confere agilidade ao texto.

LEALDADE
Pedro Bala aguenta as pancadas e não revela o local onde vive o grupo porque sabe que é o líder do bando e deve manter lealdade a ele.

– Desmaiou – diz o investigador.

– Deixe ele por minha conta – explica o diretor do reformatório. – Eu levo ele pro reformatório, lá ele abre a boca. Garanto. E eu dou o aviso a vocês.

(...)

O bedel Ranulfo (...) o levou à presença do diretor. Pedro Bala sentia o corpo todo doer das pancadas do dia anterior. Mas ia satisfeito, porque nada tinha dito, porque não revelara o lugar onde os Capitães da Areia viviam. Lembram-se da canção que os presos cantavam na madrugada que nascia. Dizia que a liberdade é o bem maior do mundo. Que nas ruas havia sol e luz e nas células havia uma eterna escuridão porque ali a liberdade era desconhecida. (...)

Companhia das Letras, 2009.

SAIBA MAIS

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

A língua não é uniforme ou homogênea. Ela apresenta variações condicionadas por diferentes fatores, como:

- **Variação histórica:** ocorre ao longo do tempo e pode ser verificada por meio da comparação entre textos de diferentes épocas ou pelo contato entre pessoas de diferentes gerações (por exemplo, o pronome você, correspondente à antiga forma de tratamento vossa mercê).
- **Variação geográfica ou regional:** relacionada às palavras e construções específicas dos diferentes territórios em que uma mesma língua é falada (por exemplo, o vegetal mandioca é conhecido como aipim ou macaxeira, conforme a região do Brasil).
- **Variação sociocultural:** influenciada por fatores como idade, sexo, profissão ou nível de escolaridade do falante (como as gírias de determinados grupos ou os jargões empregados por profissionais de diferentes áreas).
- **Variação individual:** presente na adequação realizada por um mesmo falante, de acordo com o grau de formalidade da situação em que se encontra (contextos formais exigem o uso da norma padrão da língua, enquanto contextos informais permitem a adoção de um estilo mais coloquial).

DIÁLOGO ENTRE OBRAS

DA INOCÊNCIA À MATURIDADE

O Ateneu (1888) relata a vida de um pré-adolescente em um internato para garotos. Esta obra de Raul Pompeia e *Capitães da Areia*, de Jorge Amado, retratam meninos que são vítimas da exposição precoce à vida adulta, embora em contextos e classes sociais diferentes. Sérgio, estudante de classe média alta, descobre o mundo no colégio interno; o menor Pedro Bala, nas ruas de Salvador.

O Ateneu

Raul Pompeia

"Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai, à porta do Ateneu. Coragem para a luta."

*Bastante experimentei depois a verdade deste aviso, que me despia, num gesto, das ilusões de criança educada exoticamente na **estufa de carinho** que é o regímen do amor doméstico; diferente do que se encontra fora, tão diferente, que parece o poema dos cuidados maternos um artifício sentimental, com a vantagem única de fazer mais sensível a criatura à impressão rude do primeiro ensinamento, têmpera brusca da vitalidade na influência de um novo clima rigoroso. Lembramo-nos, entretanto, com saudade hipócrita dos felizes tempos; como se a mesma incerteza de hoje, sob outro aspecto, não nos houvesse perseguido outrora, e não viesse de longe a enfiada das decepções que nos ultrajam.*

(...)

Eu tinha onze anos.

(...)

Um dia, meu pai tomou-me pela mão, minha mãe beijou-me a testa, molhando-me de lágrimas os cabelos e eu parti.

Ateliê, 1999.

ESPELHO
O colégio interno espelha o mundo exterior e a incerteza diante do desconhecido.

METÁFORA
O narrador utiliza diversas imagens metafóricas (figura de linguagem que aproxima objetos pertencentes a universos diferentes, que apresentam características semelhantes) para fazer referência ao aconchego da vida doméstica.

MEMÓRIA
Depois dessas idas e vindas temporais, o narrador adulto centra-se no pretérito imperfeito e no presente para repassar, na memória, os maus bocados de sua estada no colégio. Esse efeito só é possível graças à intersecção entre tempo cronológico e psicológico.

PRIMEIRA PESSOA
Ainda que o livro possua vários aspectos naturalistas, como a descrição rica em detalhes e quase científica do colégio, a obra afasta-se do modelo clássico do movimento, já que o foco em primeira pessoa subverte os preceitos naturalistas de isenção e distanciamento.

PARA IR ALÉM

O filme *Capitães da Areia* (2011) é dirigido por Cecília Amado, neta de Jorge Amado. Ela buscou o mesmo olhar crítico do livro. O elenco é todo formado por não atores, a fim de se criar uma Bahia verossímil e atual.

© TEREZA BETTINARDI

Graciliano Ramos

A obra do autor alagoano apresenta cenários e personagens pertencentes à Região Nordeste do Brasil. Em *Vidas Secas* (1938), por exemplo, Graciliano Ramos (1892-1953) narra a trajetória de uma família de retirantes que procura sobreviver às condições adversas impostas pelo meio natural, como a seca e a **caatinga**, e pela realidade social, como o latifúndio e o drama dos retirantes. Como o título do livro indica, a seca que assola o sertão nordestino é responsável por enfraquecer as perspectivas de vida e submeter a existência humana à escassez de recursos, à fome e à miséria.

Segundo críticos literários, a primeira fase modernista se concentrou na "revolução na literatura", ao defender a liberdade de composição e o verso livre; já a segunda fase, voltada para o regionalismo e para a denúncia de problemas sociais, teria incorporado "a literatura na revolução".

O QUE ISSO TEM A VER COM A GEOGRAFIA
A caatinga é um bioma exclusivamente brasileiro. Apesar do clima semiárido, possui "ilhas de umidade", de solo extremamente fértil. A vegetação é adaptada ao clima seco e à pouca quantidade de água. Além da caatinga, os outros biomas brasileiros são a Amazônia, o cerrado, a Mata Atlântica, o pampa e o Pantanal. Para saber mais, veja o GUIA DO ESTUDANTE GEOGRAFIA.

PARA IR ALÉM

Em 2008, o romance *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, completou 70 anos do seu lançamento e ganhou uma edição especial da Editora Record. A famosa obra que narra a seca do sertão nordestino e a peregrinação do protagonista Fabiano e sua família foi relançada com seu texto integral, acrescida de fotografias produzidas especialmente para o livro, por Evandro Teixeira. O fotógrafo refez os caminhos percorridos pelos personagens e pelo próprio Graciliano Ramos no Nordeste.

Em *Vidas Secas*, o drama da família de retirantes obrigada a se mudar constantemente por causa da seca é narrado em um estilo com economia de adjetivos, característico de Graciliano Ramos. Dessa forma, o autor consegue transmitir a seus leitores a aridez do ambiente.

Vidas Secas

Graciliano Ramos

Entrava dia e saía dia. As noites cobriam a terra de chofre. A tampa anilada baixava, escurecia, quebrada apenas pelas vermelhidões do poente

*Miudinhos, perdidos no **deserto queimado**, os fugitivos agarraram-se, somaram as suas desgraças e os seus pavores. O coração de Fabiano bateu junto do coração de Sinhá Vitória, um abraço cansado aproximou os farrapos que os cobriam. Resistiram à fraqueza, afastaram-se envergonhados, sem ânimo de afrontar de novo a luz dura, receosos de perder a esperança que os alentava.*

Iam-se amodorrando e foram despertados por Baleia, que trazia nos dentes um preá. Levantaram-se todos gritando. O menino mais velho esfregou as pálpebras, afastando pedaços de sonho. Sinhá Vitória beijava o focinho de Baleia, e como o focinho estava ensanguentado, lambia o sangue e tirava proveito do beijo.

Aquilo era caça bem mesquinha, mas adiaria a morte do grupo. E Fabiano queria viver. Olhou o céu com resolução. A nuvem tinha crescido, agora cobria o morro inteiro. Fabiano pisou com segurança, esquecendo as rachaduras que lhe estragavam os dedos e os calcanhares.

ANTAGONISTA
O espaço desempenha um papel fundamental na configuração do romance. O sertão é apresentado como o antagonista central, na medida em que dele provém o sofrimento dos personagens.

PERSONAGENS
Refletem uma situação social que os escritores regionalistas procuraram explicitar: o sentimento de desamparo dos segmentos marginalizados da sociedade (no caso, a família de retirantes capitaneada por Fabiano).

DESUMANIZAÇÃO
O solo árido e o rio seco não oferecem possibilidades de sustento nem de sobrevivência, fazendo com que a família sinta fome e sede em meio ao cenário de natureza morta. A dureza da vida vai aos poucos realizando um processo de desumanização dos personagens.

FRAQUEZAS E CONFLITOS
Os personagens não são descritos de modo idealizado. A força e a resistência advêm da superação dos obstáculos, mas as fraquezas e os conflitos são apresentados de modo cru e direto.

PROSOPOPEIA
A prosopopeia, figura de linguagem que realiza a personificação de animais e seres inanimados, é empregada para atribuir gestos e emoções à cachorra Baleia. Por outro lado, a família de retirantes apresenta comportamentos que se aproximam da animalização. O mesmo pode ser observado em *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo (*veja na pág. 72*). Já em *Iracema*, de José de Alencar (*veja na pág. 48*), a prosopopeia tem a função de idealizar a índia.

Fabiano tomou a cuia, desceu a ladeira, encaminhou-se ao rio seco, achou no bebedouro dos animais um pouco de lama. Cavou a areia com as unhas, esperou que a água marejasse e, debruçando-se no chão, bebeu muito. Saciado, caiu de papo para cima, olhando as estrelas, que vinham nascendo. (...) O poente cobria-se de cirros – e uma alegria doida enchia o coração de Fabiano. Pensou na família, sentiu fome. Caminhando, movia-se como uma coisa, para bem dizer não se diferençava muito da bolandeira de seu Tomás. Agora, deitado, apertava a barriga e batia os dentes. Que fim teria levado a bolandeira de seu Tomás?

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA
A bolandeira e a forma popular de tratamento "seu" (em vez de "senhor") são recursos linguísticos que procuram trazer, para o universo do romance, aspectos da fala popular do sertão (*veja no* Saiba mais *da pág. 101*)

Olhou o céu de novo. Os cirros acumulavam-se, a lua surgiu, grande e branca. Certamente ia chover. Seu Tomás fugira também, com a seca, a bolandeira estava parada. E ele, Fabiano, era como a bolandeira. Não sabia por quê, mas era. Uma, duas, três, havia mais de cinco estrelas no céu. A lua estava cercada de um halo cor de leite. Ia chover. Bem. A catinga ***ressuscitaria****, a semente do gado* ***voltaria*** *ao curral, ele, Fabiano,* ***seria*** *o vaqueiro daquela fazenda morta. Chocalhos de badalos de ossos* ***animariam*** *a solidão. Os meninos, gordos, vermelhos,* ***brincariam*** *no chiqueiro das cabras, Sinhá Vitória* ***vestiria*** *saias de ramagens vistosas. As vacas povoariam o curral. E a catinga ficaria toda verde.*

CÓDIGO NÃO VERBAL
Apesar de analfabeto, o sertanejo Fabiano consegue compreender o código não verbal dos elementos naturais.

FUTURO DO PRETÉRITO
Fabiano dá início a uma idealização do espaço sertanejo, imaginando o fim da seca. Note o emprego de verbos no futuro do pretérito para indicar as esperanças e os sonhos de Fabiano.

(...)

Lembrou-se dos filhos, da mulher e da cachorra, que estavam lá em cima, debaixo de um juazeiro, com sede. Lembrou-se do preá morto. Encheu a cuia, ergueu-se, afastou-se, lento, para não derramar a água salobra. Subiu a ladeira.

(...)

Baleia agitava o rabo, olhando as brasas. E como não podia ocupar-se daquelas coisas, esperava com paciência a hora de mastigar os ossos.

Depois iria dormir.

SOBREVIVÊNCIA
O trecho reitera a humanização de Baleia, que entende a miséria da família e espera a hora de pegar seu osso. Retrata um momento duro de luta pela sobrevivência diante das dificuldades impostas pela seca.

Record, 1979.

DIÁLOGO ENTRE OBRAS

OS RETIRANTES

Na peça *Morte e Vida Severina*, João Cabral de Melo Neto (1920-1999) apresenta a trajetória de Severino, obrigado a migrar para a cidade para fugir da seca. A dor do personagem o aproxima dos retirantes retratados por Graciliano Ramos, em *Vidas Secas*, e por Cândido Portinari, no quadro *Retirantes* (*veja na pág. 107*). Por outro lado, a vida dos nordestinos que tentam escapar da miséria sem sair do sertão faz parte da temática de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha (*veja na pág. 80*).

Morte e Vida Severina

João Cabral de Melo Neto

– O meu nome é Severino,
como não tenho outro de pia.
Como há muitos Severinos,
que é santo de romaria,
deram então de me chamar
Severino de Maria
como há muitos Severinos
com mães chamadas Maria,
fiquei sendo o da Maria
do finado Zacarias.
Mais isso ainda diz pouco:
há muitos na freguesia,
por causa de um coronel
que se chamou Zacarias
e que foi o mais antigo
senhor desta sesmaria.
(...)
E se somos ***Severinos***
iguais em tudo na vida,
morremos de morte igual,
mesma morte ***severina****:*
que é a ***morte*** *de que se morre*
de velhice antes dos trinta,
de emboscada antes dos vinte
de fome um pouco por dia
(...)
Mas, para que me conheçam
melhor Vossas Senhorias
e melhor possam seguir
a história de minha vida,
passo a ser o Severino
que em vossa presença emigra.

HOMEM COMUM
O protagonista se apresenta em primeira pessoa. O nome popular indica uma história semelhante à de outros que vivem na miséria e em condições precárias.

CONFLITOS SOCIAIS
Os conflitos sociais são explicitados por meio da menção das relações de poder.

ADJETIVO
Em toda a peça, o vocábulo "severino" passa por mudanças de classe gramatical: de substantivo para adjetivo.

DETERMINISMO
A morte severina é resultado do meio onde se vive.

TEMAS
A fuga dos retirantes, a fome e a miséria montam um retrato não idealizado da vida no Nordeste do país e são temáticas comuns da segunda fase modernista.

Alfaguara, 2007.

© TEREZA BETTINARDI

A Geração de 45

Na terceira fase do Modernismo (a partir de 1945), autores de diferentes perfis exploram uma nova linguagem

A terceira fase do Modernismo, também chamada de Geração de 45 ou Pós-Modernismo, é marcada pela profundidade reflexiva.

Enquanto a segunda se preocupava com o homem coletivo, o Pós-Modernismo explorou o "eu" individual, mas sem perder de vista as questões sociais. Sobressaem o intimismo e a sondagem interior de Clarice Lispector e o regionalismo universalista e a consciência estética (experimentalismo) de Guimarães Rosa.

Clarice Lispector

Escritora e jornalista, Clarice Lispector (1920-1977) é autora de *Perto do Coração Selvagem* (1943), *Laços de Família* (1960) e *A Hora da Estrela* (1977), entre outras obras. Um elemento fundamental em seus textos é o tempo psicológico, em que o narrador segue o fluxo do pensamento e o monólogo interior das personagens, que conduzem o leitor às profundezas do ser. O enredo tem importância secundária, num universo dominado pelas personagens femininas, sofridas e afetadas pela epifania – uma revelação, a tomada de consciência de algo nunca antes percebido, que pode mudar a vida da personagem para sempre.

EPIFANIA
Uma situação cotidiana e comum provoca uma transformação na percepção de mundo da personagem. A imagem do cego faz com que Ana reavalie o mundo sob outras perspectivas.

MONÓLOGO INTERIOR
Na literatura modernista, a voz do narrador e o pensamento da personagem por vezes se confundem. O discurso indireto livre é empregado para mergulhar na interioridade da personagem.

DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO
Diferentemente do início do conto, aqui o substantivo árvores é empregado em sentido denotativo (literal).

Neste conto de *Laços de Família*, a personagem Ana, uma dona de casa carioca, tem uma revelação durante um trajeto de bonde. Voltando das compras, ela observa um homem cego parado em um ponto e, cheia de piedade, reflete sobre a própria vida.

Amor

Clarice Lispector

Um pouco cansada, com as compras deformando o novo saco de tricô, Ana subiu no bonde. Depositou o volume no colo e o bonde começou a andar. Recostou-se então no banco procurando conforto, num suspiro de meia satisfação.

Os filhos de Ana eram bons, uma coisa verdadeira e sumarenta. (...) A cozinha era enfim espaçosa, o fogão enguiçado dava estouros. O calor era forte no apartamento que estavam aos poucos pagando. Mas o vento batendo nas cortinas que ela mesma cortara lembrava-lhe que se quisesse podia parar e enxugar a testa, olhando o calmo horizonte. Como um lavrador. Ela plantara as sementes que tinha na mão, não outras, mas essas apenas. ***E cresciam árvores****. Crescia sua rápida conversa com o cobrador de luz, crescia a água enchendo o tanque, cresciam seus filhos, crescia a mesa com comidas, o marido chegando com os jornais e sorrindo de fome, (...)*

O bonde se arrastava, em seguida estacava. Até Humaitá tinha tempo de descansar. Foi então que olhou para o homem parado no ponto. (...)

Era um cego. (...)

O bonde se sacudia nos trilhos e o cego mascando goma ficara atrás para sempre. Mas o mal estava feito. (...)

E como uma estranha música, o mundo recomeçava ao redor. (...) A piedade a sufocava, Ana respirava pesadamente. (...)

O que chamava de crise viera afinal. E sua marca era o prazer intenso com que olhava agora as coisas, sofrendo espantada. (...) Um cego mascando chicles mergulhara o mundo em escura sofreguidão.

Só então percebeu que há muito ***passara*** *do seu ponto de descida. (...)*

Andando um pouco mais ao longo de uma sebe, atravessou os portões do Jardim Botânico. (...)

Ao seu redor havia ruídos serenos, cheiro de ***árvores****, pequenas surpresas entre os cipós. (...)*

A moral do Jardim era outra. Agora que o cego a guiara até ele, estremecia nos primeiros passos de um mundo faiscante, sombrio, onde vitórias-régias boiavam monstruosas. (...)

Um cego me levou ao pior de mim mesma, pensou espantada. (...)

Rocco, 2013.

ESTEREÓTIPOS
A personagem Ana é apresentada como uma dona de casa tradicional. Ao longo do conto, ela passa a ter uma visão mais aprofundada de si mesma e da vida. Clarice Lispector levará o leitor a questionar a condição feminina no Brasil, na agitada década de 60.

COMPARAÇÃO E METÁFORA
A comparação associa elementos com características semelhantes. O trabalho de Ana é comparado ao de um lavrador. Na metáfora, a associação é implícita. Árvores designam a vida doméstica construída por Ana.

PRETÉRITO IMPERFEITO
As formas verbais repetitivas servem para ressaltar a rotina cotidiana da protagonista e mostram como a vida parecia ser simples e previsível.

PROSOPOPEIA
Atribuição de características ou atitudes humanas a objetos ou seres inanimados. Nesse caso, o sentimento de piedade, que Ana sente pelo homem cego, é capaz de sufocar a protagonista.

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO
Essa forma verbal é utilizada para indicar ações anteriores a outras ações no passado (neste caso, para informar que Ana já havia passado do ponto quando percebeu onde estava).

CONEXÕES

ENSAIO HISTÓRICO

"A entrada em massa de mulheres casadas – ou seja, em grande parte mães – no mercado de trabalho e a sensacional expansão da educação superior formaram o pano de fundo, pelo menos nos países ocidentais típicos, para o impressionante reflorescimento dos movimentos feministas a partir da década de 1960. Na verdade, os movimentos de mulheres são inexplicáveis sem esses acontecimentos. (...)

Na verdade, as mulheres como um grupo tornavam-se agora uma força política importante, como não eram antes."

HOBSBAWN, Eric. *Era dos Extremos - O Breve Século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

O inglês Eric Hobsbawn (1917-2012), um dos maiores historiadores do século XX, analisa as mudanças sociais, econômicas e políticas que marcaram esse século. Entre as décadas de 1960 e 1970, como ele afirma, o movimento feminista questionava o estereótipo feminino e propunha igualdade de direitos entre homens e mulheres, por exemplo, em relação ao mercado de trabalho.
Apesar de viver em uma época de profundas transformações do papel da mulher na sociedade, a personagem Ana, do conto *Amor*, ainda é uma típica dona de casa tradicional. Clarice Lispector chama atenção para o fato de que, por trás da imagem aparentemente simples e caseira da protagonista, existe uma ânsia por liberdade e um processo de descoberta da complexidade interior. Depois dos acontecimentos narrados, Ana é levada a rever a sua vida.

SAIBA MAIS

A SEMÂNTICA DOS TEMPOS VERBAIS

Os verbos podem ser empregados em determinados tempos cujos significados nem sempre correspondem aos indicados pela nomenclatura oficial. Destacamos alguns usos do pretérito no conto. Veja mais alguns exemplos com outro tempo verbal:

- **Presente do indicativo:** além do momento pontual (*Ana senta no banco*), ele também pode expressar:
  - **Hábito:** Repete-se periodicamente (*Ana cozinha diariamente*).
  - **Presente histórico:** Confere destaque a um fato já concluído (*D. João inaugura o Jardim Botânico*).
  - **Futuro próximo:** Indica um fato que ocorrerá em breve (*Amanhã Ana volta ao parque*).

IMAGENS

[1]

A primeira imagem, extraída de um anúncio publicitário da década de 1960, representa a mulher segundo padrões tradicionais de comportamento da época. A personagem Ana vivia dessa maneira, voltada apenas para as atividades domésticas e para a família.
Já a segunda imagem retrata o movimento feminista, conforme também descrito no texto de Eric Hobsbawn.

FILME

[2]

O filme *As Horas* (2002), do diretor Stephen Daldry, mostra a vida de três mulheres em momentos diferentes do século XX. Baseado no romance homônimo de Michael Cunningham, apresenta a escritora inglesa Virginia Woolf, cujo estilo, marcado pela introspecção e por monólogos interiores, é muitas vezes comparado ao de Clarice Lispector. Uma das personagens, vivida por Nicole Kidman, é uma dona de casa que, a partir de uma situação cotidiana, tem uma revelação que transforma sua vida.

[1] MARTY LEDERHANDLER/AP PHOTO [2] DIVULGAÇÃO

Em seu último romance, a autora cria um narrador fictício que relata o cotidiano, os sonhos e os conflitos da jovem nordestina Macabéa.

A Hora da Estrela

Clarice Lispector

Esqueci de dizer que era realmente de se espantar que para corpo quase murcho de Macabéa tão vasto fosse o seu sopro de vida quase ilimitado e tão rico como o de uma donzela grávida, engravidada por si mesma, por partenogênese: tinha sonhos esquizoides nos quais apareciam gigantescos animais antediluvianos como se ela tivesse vivido em épocas as mais remotas desta terra sangrenta.

Foi então (explosão) que se desmanchou de repente o namoro entre Olímpico e Macabéa. Namoro talvez esquisito, mas pelo menos parente de algum amor pálido. Ele avisou-lhe que encontrara outra moça e que esta era Glória. (Explosão) Macabéa bem viu o que aconteceu com ***Olímpico e Glória****: os olhos de ambos se haviam beijado.*

Diante da cara um pouco inexpressiva demais de Macabéa, ele até que quis lhe dizer alguma gentileza suavizante na hora do adeus para sempre. (...)

– Você, Macabéa, é um cabelo na sopa. Não dá vontade de comer. Me desculpe se eu lhe ofendi, mas sou sincero. Você está ofendida?

– Não, não, não! Ah, por favor quero ir embora! Por favor me diga logo adeus!

(...)

Macabéa, esqueci de dizer, tinha uma infelicidade: era sensual. Como é que num corpo cariado como o dela cabia tanta lascívia, sem que ela soubesse que tinha? Mistério. Havia, no começo do namoro, pedido a Olímpico um retratinho 3x4 onde ele saiu rindo para mostrar o canino de ouro e ela ficava tão excitada que rezava três pai-nossos e umas ave-marias para se acalmar.

Na hora em que Olímpico lhe dera o fora, a reação dela (explosão) veio de repente inesperada: pôs-se sem mais nem menos a rir. Ria por não ter se lembrado de chorar.

(...)

Depois que Olímpico a despediu, já que ela não era uma pessoa triste, procurou continuar como se nada tivesse perdido. (Ela não sentiu desespero, etc. etc.) Também que é que ela podia fazer? Pois ela era crônica. E mesmo tristeza também era coisa de rico, era para quem podia, para quem não tinha o que fazer. Tristeza era luxo.

Rocco, 2006

SARCASMO
O narrador Rodrigo S.M. é sarcástico ao zombar de sua personagem central, Macabéa, ressaltando suas qualidades anti-heroicas: corpo magricela e sonhos esquisitos. O paradoxo estabelecido entre o corpo murcho e o sopro de vida vasto reforça o tom irônico.

ESCOLHA LEXICAL
Para descrever a esquisitice de Macabéa, o narrador utiliza-se de substantivos e adjetivos sem nenhum brilho, ao melhor estilo do realismo-naturalismo no século XIX, recorrendo a uma associação de termos científicos e psicológicos, os quais definem a personagem como uma "coisa", um bicho estranho, tudo, menos gente.

NOMES GLAMOUROSOS
Repare no nome do ex-namorado de Macabéa e no de sua nova namorada. Eles se contrapõem à simplicidade do nome da protagonista.

LINGUAGEM COLOQUIAL
O namorado de Macabéa a humilha, embora seja nordestino e marginalizado como ela. Ao usar o pronome pessoal oblíquo "me" no início da frase e o pronome oblíquo "lhe" como objeto direto (ao contrário do que prega a norma gramatical), Olímpico se revela usuário da norma popular da língua, confirmada pela oralidade na expressão "cabelo na sopa".

DIÁLOGO COM O LEITOR
O narrador não perde a sua personagem de vista em momento algum, até o fim da narrativa, quando finalmente ela terá sua epifania, recurso comum a narrativas psicológicas. O diálogo com o leitor, em diversos momentos, faz do narrador um personagem, que questiona inclusive seu estilo de narrar.

[1]

CONEXÕES

CANÇÃO

Gente Humilde

Chico Buarque de Holanda,
Garoto e Vinicius de Moraes

Tem certos dias
Em que eu penso em minha gente
E sinto assim
Todo o meu peito se apertar
Porque parece
Que acontece de repente
Como um desejo de eu viver
Sem me notar
Igual a tudo
Quando eu passo no subúrbio
Eu muito bem
Vindo de trem de algum lugar
E aí me dá
Como uma inveja dessa gente
Que vai em frente
Sem nem ter com quem contar

São casas simples
Com cadeiras na calçada
E na fachada
Escrito em cima que é um lar
Pela varanda
Flores tristes e baldias
Como a alegria
Que não tem onde encostar
E aí me dá uma tristeza
(...)
De eu não ter como lutar
E eu que não creio
Peço a Deus por minha gente
É gente humilde
Que vontade de chorar

INTERTEXTUALIDADE
A canção apresenta uma personagem sofrida e humilde, assim como Macabéa. O autor, no entanto, demonstra respeito pela gente do subúrbio, ao contrário do narrador de *A Hora da Estrela*, que ridiculariza sua personagem. Ambos diferem do tom dramático da pintura.

LINGUAGEM COLOQUIAL
Termos e expressões comuns à linguagem oral ("me dá") aproximam a canção do contexto social do morador do subúrbio (*veja* Variação linguística, *na pág. 101*).

PROSOPOPEIA
A personificação das flores, em sua tristeza, demonstra que não há lugar para alegria num espaço tão pobre e sem perspectivas.

DENÚNCIA
A descrição física do ambiente confere ao texto caráter denunciador contra o abandono dessas pessoas pelo governo, bem como a marginalização que sofrem.

SENTIMENTO DE IMPOTÊNCIA
Diante da constatação de que não tem condições de socorrer essas pessoas, o eu lírico apela para a religiosidade e "entrega" os suburbanos a Deus, apesar de ser ateu, criando um paradoxo. O sentimento de impotência também está presente em Macabéa e no quadro de Portinari.

PINTURA

[2]

Retirantes (1944), de Candido Portinari, aborda o sofrimento dos migrantes nordestinos assolados pela miséria da seca e da fome. A caracterização dos retirantes apresenta grupos formados por indivíduos esqueléticos, roupas humildes e rostos sofridos, com poucos bens materiais e isolados na agreste paisagem do sertão nordestino. Eles são retratados esquálidos, assim como a personagem de *A Hora da Estrela* (o que explicaria a "sensualidade estranha" dela). Ambos, impotentes, abandonados à própria sorte, veem na migração a única solução para escapar do destino prenunciado, o que se pode verificar na trouxa no ombro do homem e na cabeça da mulher. A figura fantasmagórica do bebê dá um tom fúnebre à cena, bem como os urubus esperando pelo alimento que ainda está em pé, insistindo em não morrer. A presença de indivíduos velhos e novos acentua o fato de que a seca atinge diferentes gerações e permanece como uma questão não resolvida. A denúncia contra o abandono do nordestino também foi retratada por Graciliano Ramos, em *Vidas Secas*, e, anteriormente, por Euclides da Cunha, em *Os Sertões*, durante o Pré-Modernismo, quando o escritor considerou o sertanejo "antes de tudo um forte".

[1] © TEREZA BETTINARDI [2] CANDIDO PORTINARI/MASP

Guimarães Rosa

Escritor e diplomata, João Guimarães Rosa (1908-1967) é um dos maiores nomes da literatura brasileira de todos os tempos. Criou um estilo particular, unindo termos típicos do sertão nordestino, palavras praticamente em desuso e neologismos, explorando a narrativa em toda a sua extensão linguística. Retratou o sertão de forma universalizante, revelando os costumes e cenários sertanejos em seus mistérios. Suas principais obras são os livros de contos *Sagarana* (1946) e *Primeiras Estórias* (1962), além do romance *Grande Sertão: Veredas* (1956).

Sagarana marca uma revolução na literatura brasileira, pelo emprego criativo de neologismos e tratamento de temas e uso da linguagem característicos do sertão.

A Hora e Vez de Augusto Matraga

Guimarães Rosa

*Mas aí **Nhô Augusto** calou, com o peito cheio; tomou um ar de acanhamento; suspirou e perguntou:*

– Mais galinha, um pedaço, amigo?

– 'Tou feito.

– E você, seu barra?

- Agradecido...(...) 'Tou cheio até à tampa!

Enquanto isso, seu Joãozinho Bem-Bem, de cabeça entornada, não tirava os olhos de cima de Nhô Augusto. E Nhô Augusto, depois de servir a cachaça, bebeu também, dois goles, e pediu uma das papo-amarelo, *para ver:*

– Não faz conta de balas, amigo? Isto é arma que cursa longe...

*– Pode gastar as óito. Experimenta naquele pássaro ali, na **pitangueira...***

*– Deixa a **criaçãozinha** de Deus. Vou ver só se corto o galho... Se errar, vocês não reparem, porque faz tempo que eu não puxo dedo em gatilho...*

Fez fogo.

*– Mão **mandona**, mano velho. Errou o primeiro, mas acertou um em dois... Ferrugem em bom ferro!*

Mas, nesse tento, Nhô Augusto tornou a fazer o pelo-sinal e entrou num desânimo, que o não largou mais. Continuou, porém, a cuidar bem dos seus hóspedes, e como o pessoal se acomodara ali mesmo, nas redes, ao relento, com uma fogueira acesa no meio do terreiro, ele só foi dormir tarde da noite, quando não houve mais nenhum para contar histórias de conflitos, assaltos e duelos de exterminação.

Cedinho na manhã seguinte, o grupo se despediu. (...)

Nhô Augusto não tirou os olhos, até que desaparecessem. E depois se esparramou em si, pensando forte. Aqueles, sim, que estavam no bom, porque não tinham de pensar em coisa nenhuma de salvação de alma, e podiam andar no mundo, de cabeça-em-pé... (...)

Uma tarde, cruzou, (...), com um bode amarelo e preto, preso por uma corda e puxando, na ponta da corda, um cego, esguio e meio maluco. (...)

E explicou: tinha um menino-guia, mas esse-um havia mais de um mês que escapulira; e teria roubado também o bode, se o bode não tivesse berrado e ele não investisse de porrete. Agora, era aquele bicho de duas cores quem escolhia o caminho...

Sagarana. Nova Fronteira, 2015.

REDENÇÃO
O personagem principal deseja sacrificar-se para tentar alcançar a salvação. Isso só poderia ser feito por meio da fé, do esforço e de um conjunto de virtudes que o tornam semelhante a um herói mítico.

LINGUAGEM INFORMAL
Ao incorporar a oralidade ao texto, o autor registra expressões comumente usadas pelos habitantes do sertão.

PROTAGONISTA X ANTAGONISTA
O conto trata da rivalidade entre Matraga, que no passado fora um homem mau, e Joãozinho Bem-Bem, líder de um bando de jagunços. A narrativa apresenta um protagonista complexo e ambíguo, dividido entre o bem e o mal, em uma luta de vida ou morte.

DISCURSO DIRETO
Os diálogos, marcados com travessões, reproduzem diretamente a fala dos personagens. Aqui, a voz do narrador cede espaço à conversa informal dos jagunços, em uma estrutura de discurso direto.

DISCURSO INDIRETO LIVRE
O monólogo interior de Augusto Matraga é inserido à narrativa, de maneira a mesclar o pensamento da personagem e a própria voz do narrador.

FORMAÇÃO DE PALAVRAS
Em português, as palavras também podem ser formadas pelo acréscimo de um sufixo após o radical. É o que acontece em palavras como "pitangueira", "criaçãozinha" e "mandona".

ESPAÇO SERTANEJO
Guimarães Rosa recria, em sua obra, o espaço simples e humilde do sertão, com personagens e situações característicos do universo de vaqueiros e jagunços. Para reforçar a caracterização, a linguagem e os costumes do espaço sertanejo são igualmente valorizados.

DISCURSO INDIRETO
O leitor fica sabendo, por meio do narrador, o que o homem cego teria dito a Augusto Matraga. Quando ocorre a mediação do narrador e o relato do que foi dito pelas personagens, temos discurso indireto.

Este outro conto de *Sagarana* também é uma parábola, e os animais aparecem com características humanas. Aqui temos a história de Tiãozinho, guia do carro de bois, e a dos animais, que, juntas, formam uma crítica aos desmandos e à injustiça.

Conversa de Bois

Guimarães Rosa

*— Que foi? Que há, boi Buscapé? — É o boi Capitão! É o boi Capitão! Que é que está dizendo o boi Capitão? — **Mhú! Hmoung!**... Boi... Bezerro-de-homem... Mas, eu sou o boi Capitão! Moung!... Não há nenhum boi Capitão... Mas, todos os bois... Não há bezerro-de-homem!... Todos... Tudo... Tudo é enorme... Eu sou enorme!... Sou grande e forte... Mais do que seu Agenor Soronho!... Posso vingar meu pai... Meu pai era bom. Ele está morto dentro do carro... Seu Agenor Soronho é o diabo grande... Bate em todos os meninos do mundo... Mas eu sou enorme... Hmou! Hung!... Mas, não há Tiãozinho! Sou aquele-que-tem-um-anel-branco-ao-redor-das-ventas!... Não, não, sou o bezerro-de-homem! Sou maior do que todos os bois e homens juntos. — Mû-ûh... Mû-ûh!... Sim, sou forte... Somos fortes... Não há bois... Tudo... Todos... A noite é enorme... Não há bois-de-carro... Não há mais nenhum boi Namorado... — Boi Brabagato, boi Brabagato! Escuta o que os outros bois estão falando. Estão doidos?!... — Bhuh!... Não me chamem, não sou mais... Não existe boi Brabagato! Tudo é forte. Grande e forte... Escuro, enorme e brilhante... Escuro-brilhante... Posso mais do que seu Agenor Soronho!...*

REDENÇÃO E MANIQUEÍSMO
A fala dos bois revela que eles são expressão de uma força maior, uma unidade cósmica, que junta homens e animais. Os bois vingam a humilhação imposta ao menino e a eles mesmos e reinstauram a justiça. Aqui se mostra a luta do bem contra mal de forma bem marcada e maniqueísta. Já em *A Hora e Vez de Augusto Matraga*, o bem e o mal se misturam num só personagem.

VEREDICTO E PERSONIFICAÇÃO
No diálogo, os bois falam sobre o homem que os maltrata. Vale comparar com o poema *Um Boi Vê os Homens*, de Drummond *(veja na pág.126)*. Ambos, de alguma forma, veem no homem a fragilidade e a crueldade juntas.

ONOMATOPEIA
O uso das onomatopeias restauram a noção de que os bois são animais e servem para marcar seus resmungos e incômodos.

SAIBA MAIS

FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Guimarães Rosa explora, de modo criativo, o sistema linguístico do português. Em diversos momentos, o autor cria novos termos (os chamados neologismos) a partir de processos de formação de palavras previstos na língua. Em outros casos, Rosa emprega palavras já existentes, formadas pela união de radicais ou pelo acréscimo de prefixos (morfemas colocados antes dos radicais) e sufixos (colocados após o radical). Conheça os principais processos de formação de palavras em língua portuguesa:

- **Derivação –** consiste no acréscimo de prefixos e sufixos ao radical:
  - **Derivação prefixal:** acrescenta-se um prefixo antes do radical (pré-escola, anti-herói, imoral).
  - **Derivação sufixal:** acrescenta-se um sufixo após o radical (pitangueira, mandona, ferreiro).
  - **Derivação parassintética:** acrescentam-se simultaneamente um prefixo e um sufixo ao radical (desalmado, engaiolar, emudecer).

- **Composição –** consiste na união de dois vocábulos ou radicais:
  - **Composição por justaposição:** as palavras ou radicais são colocados lado a lado e não ocorre perda fonética (unha-de-gato, passatempo, couve-flor).
  - **Composição por aglutinação:** durante a fusão dos vocábulos ou radicais, ocorre perda fonética (aguardente, pernalta, planalto).

© TEREZA BETTINARDI

A obra destaca-se pela linguagem e pela originalidade de estilo presentes no relato do ex-jagunço Riobaldo, que relembra sua vida.

Grande Sertão: Veredas

Guimarães Rosa

Mesmo estranhei, quando fui notando que o tiroteio da rua tinha pousado termo; achei que fazia um certo minuto que o fogo teria sopitado. Cessaram, sim. Mas gritavam, vuvu vavava de conversa ruim, uns para os outros, de ronda-roda. Haviam de ter desautorizado toda munição? Olhando, desentendi. Atirar eu pudesse? Acho que quis gritar, e esperei para depoismente, mais tarde. Mesmo o que vi: aquele mexinflol. (...)

*Conheci o que estava para ser: que os dele e os meus tinham cruzado grande e doido desafio, conforme para cumprir se arrumavam, uns e outros, nas duas pontas da rua, debaixo de forma; e a frio desembainhavam. O que vendo, vi Diadorim – movimentos dele. Querer mil gritar, e não pude, **desmim** de mim-mesmo, me tonteava, numas ânsias. E tinha o inferno daquela rua, para encurralar comprido... Tiraram minha voz. (...) Boca se encheu de cuspes. Babei... Mas eles vinham, se avinham, num pé-de-vento, no desadoro, bramavam, se investiram... Ao que – fechou o fim e se fizeram. E eu arrevessei, na ânsia por um livramento... Quando quis rezar – e só um pensamento, como raio e raio, que em mim. Que o senhor sabe? Qual: ... o Diabo na rua, no meio do redemunho... O senhor soubesse... Diadorim – eu queria versegurar com os olhos... Escutei o medo claro nos meus dentes... O Hermógenes: desumano, dronho – nos cabelões da barba... Diadorim foi nele... (...)*

***E assim eu estava vendo! (...) Assim, ah – mirei e vi – o claro claramente:** aí Diadorim cravar e sangrar o Hermógenes... Ah, cravou – no vão – e ressurtiu o alto esguicho de sangue: porfiou para bem matar! (...)*

*Diadorim tinha morrido – **mil-vezes-mente** – para sempre de mim; e eu sabia, e não queria saber, meus olhos marejaram.*

Nova Fronteira, 2005

REINVENÇÃO DA LINGUAGEM
Com onomatopeias, associações incomuns de prefixos, inversões e neologismos, o autor cria uma atmosfera mágica. O idioma constrói-se sem compromisso com a gramática normativa, apenas com o sentido que se quer transmitir: o do sobressalto do personagem.

NEOLOGISMO
O recurso de criar novas palavras explora as possibilidades do sistema linguístico e promove a renovação do léxico.

DISCURSO DIRETO
Esse recurso narrativo expressa a inquietação reflexiva do protagonista, o jagunço Riobaldo, na busca de respostas para as perguntas que ele se faz a vida toda: o diabo existe? O que é o bem? O que é o mal? O que é, realmente, o amor?

FUNÇÃO POÉTICA
A descrição poética que expressa o lirismo de Riobaldo é reforçada pela rima interna sangrar/matar. Esse recurso foi muito utilizado no Romantismo. Em *Iracema*, José de Alencar descreve a bela índia de forma platônica, por meio de linguagem poética e ornamentada.

NARRAÇÃO E DINAMISMO
Traço da narrativa do autor, a cena vai sendo descrita num crescente angustiante: os grupos rivais param de atirar, desafiam-se, puxam as facas e arremetem uns contra os outros. A descrição é cinematográfica, construída pelas palavras.

SENTIDOS
O narrador se utiliza principalmente de sensações para construir o ambiente de terror durante a batalha, a ponto de o personagem perder os sentidos e desmaiar. Boca cheia de cuspes, dentes batendo e olhos turvos ajudam a transmitir a tensão de Riobaldo, de forma angustiante.

PLEONASMO
É o recurso linguístico que dá ênfase a uma ideia, estado ou sentimento etc. "Claro claramente" reitera o espanto do personagem, mal acreditando na cena que via, após o redemoinho passar.

HOMOSSEXUALIDADE
O autor toca na questão da homossexualidade, pois Riobaldo demonstra amor sensual pelo amigo Diadorim, sem saber que este era, na verdade, uma mulher.

HIPÉRBOLE
O numeral mil ganha também a função de hipérbole (figura de linguagem da intensificação das ideias), acrescido do sufixo mente, que transforma a expressão (neologismo) num advérbio: o narrador expressa de modo exagerado a dor pela perda do amigo.

DIÁLOGO ENTRE OBRAS

IDENTIDADE NACIONAL E INOVAÇÃO NA LINGUAGEM

Os escritores brasileiros do período modernista são referências fundamentais para os autores africanos de língua portuguesa. O Brasil (assim como Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe), após a independência de Portugal, foi palco de um processo cultural de definição da identidade nacional, iniciado no Romantismo e aprofundado criticamente no Modernismo. O escritor moçambicano Mia Couto (1955-) é leitor e admirador de Guimarães Rosa: os neologismos, a transcriação do espaço regional e a valorização dos saberes populares são marcas presentes na produção do autor moçambicano.

Terra Sonâmbula

Mia Couto

Naquele lugar, a guerra tinha morto a estrada. Pelos caminhos só as hienas se arrastavam, focinhando entre cinzas e poeiras. A paisagem se mestiçara de tristezas nunca vistas, em cores que se pegavam à boca. Eram cores sujas, tão sujas que tinham perdido toda a leveza, esquecidas da ousadia de levantar asas pelo azul. Aqui, o céu se tornara impossível. E os viventes se acostumaram ao chão, em resignada aprendizagem da morte.

A estrada que agora se abre a nossos olhos não se entrecruza com outra nenhuma. Está mais deitada que os séculos, suportando sozinha toda a distância. Pelas bermas apodrecem carros incendiados, restos de pilhagens. Na savana em volta, apenas os embondeiros contemplam o mundo a desflorir.

Um velho e um miúdo vão seguindo pela estrada. Andam bambolentos como se caminhar fosse seu único serviço desde que nasceram. Vão para lá de nenhuma parte, dando o vindo por não ido, à espera do adiante. Fogem da guerra, dessa guerra que contaminara toda a sua terra. Vão na ilusão de, mais além, haver um refúgio tranquilo.

Lisboa: Caminho, 1992.

MARCAS DO PASSADO
No início do romance, o narrador descreve os vestígios da devastação e da violência deixados pelas guerras anticolonial (1965-1975) e civil (1976-1992). Para explicitar a história do país, Mia Couto cria protagonistas pertencentes a duas gerações diversas: um idoso, representante da ancestralidade valorizada na África, e um menino (*miúdo*, em Portugal e Moçambique), símbolo do futuro e da nova geração.

CONEXÕES

CANÇÃO

Romance de Riobaldo e Diadorim

Antonio Nóbrega

Quando eu vi aqueles olhos,
Verdes como nenhum pasto,
Cortantes palhas de cana,
De lembrá-los não me gasto.
Desejei não fossem embora,
E deles nunca me afasto.

(...)

Na noite-grande-fatal,
O meu amor encantou-se.
Desnudo corpo inteiro
Desencantado mostrou-se.
E o que era um segredo,
Sem mais nada revelou-se.

Sob as roupas de jagunço,
Corpo de mulher eu via.
A deus, já dada, sem vida,
O vau da minha alegria.
Diadorim, diadorim...
Minha incontida sangria

CONJUNÇÃO
Para manter a métrica dos versos, a conjunção subordinativa "que" foi suprimida da oração subordinada substantiva. A oração coordenada adversativa, à frente, cria um paradoxo, expressando a contradição no desejo do eu.

AMBIGUIDADE
O poeta cria uma atmosfera religiosa ao retratar a morte da amada como um "encantamento". Paradoxalmente, revela-se desencantado quando vê o corpo de mulher (e não de homem). O jogo de palavras "A deus" cria ambiguidade: a alma da amada foi entregue a "Deus", deixando ao amado um triste "adeus".

METÁFORA E METONÍMIA
Vau é um trecho de rio raso. Metaforicamente, representa quanto a alegria do eu lírico foi rasa, desembocando numa sangria sem fim – metonímia para substituir tristeza. Cria-se, assim, um paradoxo. Ao usar essa construção para fechar a música, o poeta sugere que a tristeza era o fim esperado do amor de Riobaldo.

Apesar de a letra ser uma homenagem a um romance modernista, há forte presença da segunda geração romântica, na figura erotizada da amada morta, o que era comum em obras como *Noite na Taverna*, de Álvares de Azevedo (*veja na pág. 54*).

© TEREZA BETTINARDI

1. (FUVEST 2016)

Omolu espalhara a bexiga na cidade. Era uma vingança contra a cidade dos ricos. Mas os ricos tinham a vacina, que sabia Omolu de vacinas? Era um pobre deus das florestas d'África. Um deus dos negros pobres. Que podia saber de vacinas? Então a bexiga desceu e assolou o povo de Omolu. Tudo que Omolu pôde fazer foi transformar a bexiga de negro em alastrim, bexiga branca e tola. Assim mesmo morrera negro, morrera pobre. Mas Omolu dizia que não fora o alastrim que matara. Fora o lazareto, Omolu só queria com o alastrim marcar seus filhinhos negros. O lazareto é que os matava. Mas as macumbas pediam que ele levasse a bexiga da cidade, levasse para os ricos latifundiários do sertão. Eles tinham dinheiro, léguas e léguas de terra, mas não sabiam tampouco da vacina. O Omolu diz que vai pro sertão. E os negros, os ogãs, as filhas e pais de santo cantam: Ele é mesmo nosso pai e é quem pode nos ajudar... Omolu promete ir. Mas para que seus filhos negros não o esqueçam avisa no seu cântico de despedida: Ora, adeus, ó meus filhinhos, Qu'eu vou e torno a vortá... E numa noite que os atabaques batiam nas macumbas, numa noite de mistério da Bahia, Omolu pulou na máquina da Leste Brasileira e foi para o sertão de Juazeiro. A bexiga foi com ele.*

Jorge Amado, Capitães da Areia

*lazareto: estabelecimento para isolamento sanitário de pessoas atingidas por determinadas doenças.

Considere as seguintes afirmações referentes ao texto de Jorge Amado:

I. Do ponto de vista do excerto, considerado no contexto da obra a que pertence, a religião de origem africana comporta um aspecto de resistência cultural e política.

II. Fica pressuposta no texto a ideia de que, na época em que se passa a história nele narrada, o Brasil ainda conservava formas de privação de direitos e de exclusão social advindas do período colonial.

III. Os contrastes de natureza social, cultural e regional que o texto registra permitem concluir corretamente que o Brasil passou por processos de modernização descompassados e desiguais.

Está correto o que se afirma em

a) I, somente.
b) II, somente.
c) I e II, somente.
d) II e III, somente.
e) I, II e III.

RESOLUÇÃO

Todos os itens estão corretos. O primeiro acerta ao sublinhar o caráter de resistência da religião africana, perseguida pelas classes sociais mais altas e pela polícia, por ser associada a práticas rebeldes dos escravos. Até hoje as religiões de matriz africana sofrem preconceito na sociedade brasileira. Em *Capitães da Areia*, essa luta pela liberdade religiosa também está exposta. O segundo item também pode ser ligado à perseguição religiosa, prática herdada do colonialismo, além das relações profundamente desiguais entre negros e brancos, pobres e ricos. Por fim, o terceiro item ressalta o caráter desigual da modernização, expressa no texto na falta de acesso à saúde pública de qualidade para os pobres.

Resposta: E

2. (ENEM 2015)

Exmº Sr. Governador: Trago a V. Exa. um resumo dos trabalhos realizados pela Prefeitura de Palmeira dos Índios em 1928. [...]

ADMINISTRAÇÃO

Relativamente à quantia orçada, os telegramas custaram pouco. De ordinário vai para eles dinheiro considerável. Não há vereda aberta pelos matutos que prefeitura do interior não ponha no arame. Proclamando que a coisa foi feita por ela; comunicam-se as datas históricas ao Governo do Estado, que não precisa disso; todos os acontecimentos políticos são badalados. Porque se derrubou a Bastilha – um telegrama; porque se deitou pedra na rua – um telegrama; porque o deputado F. esticou a canela – um telegrama.

Palmeira dos Índios, 10 de janeiro de 1929.

GRACILIANO RAMOS

RAMOS, G. Viventes das Alagoas. *São Paulo: Martins Fontes, 1962.*

O relatório traz a assinatura de Graciliano Ramos, na época, prefeito de Palmeira dos Índios, e é destinado ao governo do estado de Alagoas. De natureza oficial, o texto chama a atenção por contrariar a norma prevista para esse gênero, pois o autor

a) emprega sinais de pontuação em excesso.
b) recorre a termos e expressões em desuso no português.
c) apresenta-se na primeira pessoa do singular, para conotar intimidade com o destinatário.
d) privilegia o uso de termos técnicos, para demonstrar conhecimento especializado.
e) expressa-se em linguagem mais subjetiva, com forte carga emocional.

RESOLUÇÃO

A variação linguística é o emprego da língua de formas diferentes de acordo com seu contexto histórico, geográfico, social e cultural. O que confere tom jocoso ao texto é o fato de Graciliano Ramos ter empregado uma variante subjetiva e emocional da língua quando a ocasião (um documento oficial da prefeitura para o governador do estado) pedia a norma culta. Um relatório desse tipo, em geral, tem como marca linguística a objetividade. Além disso, o autor também utiliza a ironia para fazer uma crítica à burocracia excessiva do serviço público.

Resposta: E

3. (UNICAMP 2016 ADAPTADA)

O poema abaixo é de autoria de Manoel de Barros e foi publicado no *Livro Sobre Nada*, de 1996.

"A ciência pode classificar e nomear todos os órgãos de um sabiá mas não pode medir seus encantos. A ciência não pode calcular quantos cavalos de força existem nos encantos de um sabiá. Quem acumula muita informação perde o condão de adivinhar: divinare. Os sabiás divinam".

Manoel de Barros. Livro Sobre Nada. *Rio de Janeiro: Record, 1996. p. 53.*

Considerando que o poeta joga com os sentidos do verbo "adivinhar" e da sua raiz latina *divinare*, justifique o neologismo usado no último verso.

RESOLUÇÃO
O neologismo ocorre quando há criação de palavras novas, por meio da união de dois vocábulos ou radicais ou do acréscimo de prefixos e sufixos. No poema, Manoel de Barros cria o neologismo "divinam" a partir do verbo "adivinhar" e da palavra *divinare*, sua raiz latina. Por ser muito parecida com o substantivo "divino", a nova palavra assume também esse significado, conferindo ao sabiá uma sabedoria divina.

4. (FUVEST 2017 ADAPTADA)

A adoção do cardápio indígena introduziu nas cozinhas e zonas de serviço das moradas brasileiras equipamentos desconhecidos no Reino. Instalou nos alpendres roceiros a prensa de espremer mandioca ralada para farinha. Nos inventários paulistas é comum a menção de tal fato. No inventário de Pedro Nunes, por exemplo, efetuado em 1623, fala-se num sítio nas bandas do Ipiranga "com seu alpendre e duas camarinhas no dito alpendre com a prensa no dito sítio" que deveria comprimir nos tipitis toda a massa proveniente do mandiocal também inventariado. Mas a farinha não exigia somente a prensa – pedia, também, raladores, cochos de lavagem e forno ou fogão. Era normal, então, a casa de fazer farinha, no quintal, ao lado dos telheiros e próxima à cozinha.

Carlos A. C. Lemos, Cozinhas, etc.

Além de "tipitis", constituem contribuição indígena para a língua portuguesa do Brasil as seguintes palavras empregadas no texto:
a) "cardápio" e "roceiros".
b) "alpendre" e "fogão".
c) "mandioca" e "Ipiranga".
d) "sítio" e "forno".
e) "prensa" e "quintal".

RESOLUÇÃO:
Mandioca e Ipiranga são palavras de origem indígena, que foram incorporadas ao português. São amplamente empregadas em nosso cotidiano.
Resposta: C

SAIBA MAIS

CONTRIBUIÇÕES INDÍGENAS E AFRICANAS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA

Os africanos trouxeram para o Brasil os seus costumes e tradições. Assim como os povos indígenas, influenciaram nossa cultura e língua. Há muitas palavras de origem africana e indígena no português contemporâneo, que foram completamente assimiladas pelos falantes. A maior parte delas apresenta caráter informal, uma vez que a transmissão dos vocábulos foi feita através da oralidade.
Exemplos de palavras de origem africana: na religião (*axé*, *umbanda*, *Iemanjá*), na dança e música (*berimbau*, *samba*), na culinária (*acarajé*, *farofa*, *fubá*, *moqueca*), na fauna e na flora (*camundongo*, *marimbondo*).
Exemplos de palavras de origem indígena: na fauna (*arara, capivara, cutia, jacaré, sabiá, tucana*), na flora (*caatinga, capim, ipê, samambaia*), na culinária (*abacaxi, açaí, aipim, jabuticaba, pitanga, tapioca*), na geografia (*Copacabana, Guarujá, Itapuã, Maceió, Pará*).

RESUMO

Literatura do Modernismo – Prosa

MODERNISMO – 1ª FASE A Semana de Arte Moderna (1922) assinala o início do movimento. Ao criticarem a arte clássica, acadêmica e tradicional, os modernistas defendem uma libertação dos modelos rígidos de composição. Outra característica do movimento é a prioridade a elementos capazes de chocar o público, promovendo certo estranhamento, e a defesa de um novo nacionalismo, crítico e definidor dos costumes brasileiros. Entre os maiores nomes do período destacam-se Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Sérgio Milliet, Graça Aranha, Ronald de Carvalho e Menotti del Picchia.

MODERNISMO – 2ª FASE O marco inicial é a publicação de *A Bagaceira* (1928), de José Américo de Almeida. No contexto da Revolução de 1930 e do entreguerras, os autores voltam-se para o conteúdo social e político, engajando-se na denúncia de aspectos da realidade social, e expõem as múltiplas faces da população brasileira. Os expoentes dessa fase são Graciliano Ramos (*Vidas Secas*) e Jorge Amado (*Capitães da Areia*).

MODERNISMO – 3ª FASE Também chamada de Geração de 45, esta fase é responsável por um intenso período de experimentação estética, com ênfase no fazer artístico e nas questões ligadas ao processo de criação das obras de arte. Guimarães Rosa (*Grande Sertão: Veredas*) e Clarice Lispector (*A Hora da Estrela*) estão entre os principais nomes do período.

GRAMÁTICA E INTERPRETAÇÃO

- **Argumentação** Os principais elementos de um texto argumentativo são: tese (apresentação da ideia a ser discutida); argumentos (elementos que permitem a defesa do ponto de vista); contra-argumentos (defesa antecipada de possíveis reações contrárias) e conclusão (considerações finais).

- **Variação linguística** O modo como uma língua é falada varia de acordo com diversos fatores, entre eles a região ou o país dos falantes, o grupo social ao qual pertencem e o grau de formalidade da situação. Ela também sofre mudanças no decorrer do tempo, de acordo com as transformações sofridas pela própria sociedade.

- **Tempos verbais** Os verbos podem ser empregados em determinados tempos cujos significados nem sempre correspondem ao nome:
Presente do indicativo: pode indicar passado histórico (Dilma telefona a Obama) e até futuro (Amanhã eu lhe telefono).
Futuro do presente: pode expressar o presente (Estaremos, hoje, prontos para viajar?).

- **Neologismo** É a criação de novas palavras ou expressões numa língua. O recurso foi muito utilizado por Guimarães Rosa (ex.: descriado – criado ao desamparo, desnutrido; e fraternura – ternura de irmãos).

7

LITERATURA DO MODERNISMO – POESIA

CONTEÚDO DESTE CAPÍTULO

- *Interpretando: coesão e coerência* 116
- *Modernismo em Portugal* 118
- *Modernismo no Brasil* 120
- *Como cai na prova + Resumo* 130

Remédios para todos os males

O alto consumo de calmantes, antidepressivos e outros medicamentos de tarja preta levanta a suspeita do uso indiscriminado dessas substâncias no país

A crescente procura de remédios para qualquer tipo de problema – inclusive para a tristeza humana – tem chamado a atenção de médicos e de outros profissionais da saúde, em todo o mundo. O Brasil é um dos maiores mercados mundiais de clonazepam, o princípio ativo do Rivotril, indicado para ansiedade, e de metilfenidato, a base da Ritalina, droga usada para tratar déficit de atenção e hiperatividade. O consumo de Rivotril, conhecido como a "pílula da felicidade", passou de 10 milhões de caixas em 2010 para 23 milhões em 2015, segundo a consultoria IMS Health, que reúne dados de comercialização da indústria farmacêutica.

O rápido aumento na venda desses dois medicamentos de tarja preta – cuja comercialização só pode ser feita sob prescrição médica – preocupa, pois o consumo abusivo dessas substâncias pode causar dependência.

Autor da obra *Voltando ao Normal,* o psiquiatra norte-americano Allen Frances acredita que há um exagero na tendência de diagnosticar e medicar qualquer tipo de sofrimento, muitos deles inerentes à vida moderna. "Nem toda angústia é transtorno psiquiátrico, e não há uma pílula para cada problema", declarou Frances, que esteve no Brasil em 2013 para o lançamento de seu livro. "Muitas emoções e comportamentos são simplesmente da natureza humana."

Essa visão é compartilhada pelo Fórum sobre Medicalização da Educação e da Sociedade, uma articulação de entidades acadêmicas e da sociedade civil criada com o objetivo de debater o uso excessivo de remédios pela população. A entidade alerta para a existência de uma lógica medicalizante em nossa sociedade, que transforma problemas e questões sociais, culturais e econômicas em doenças.

A temática da angústia e das incertezas humanas faz remissão à obra *Claro Enigma* (1951), de Carlos Drummond de Andrade, poeta que passou pelo movimento modernista em quase toda sua extensão. No contexto do final da Segunda Guerra Mundial, a obra de Drummond mostra o poeta perplexo, inconformado e sem esperança, apenas com a certeza de que um grande vazio espera o homem. O poema *Cantiga de Enganar* mostra isso: O mundo não vale o mundo, / meu bem. / Eu plantei um pé-de-sono, / brotaram vinte roseiras. / Se me cortei nelas todas / e se todas se tingiram / de um vago sangue jorrado / ao capricho dos espinhos, / não foi culpa de ninguém.

COLORIDAS E PERIGOSAS Drogas usadas para recuperar jovens e adolescentes diagnosticados com depressão e dependência de internet, em um centro de tratamento em Pequim

KIM KYUNG-HOON/ REUTERS

Compreensão imediata

Os mecanismos de coesão e coerência permitem que uma sequência de frases e de palavras se torne um texto e tenha sentido

Esta entrevista, publicada na revista *Época*, em 23 de setembro de 2016, trata da questão da medicalização excessiva – o aumento na procura por remédios para todos os males, até mesmo para a angústia comum provocada por problemas do cotidiano. A publicação escolheu como entrevistado um especialista no tema, o médico norte-americano Allen Frances.

Todo texto apresenta uma intencionalidade, mas o efeito desejado só é alcançado se as ideias estiverem devidamente organizadas – de maneira coerente – e se as palavras e frases estiverem bem articuladas – de modo coeso. Ao longo desta entrevista, podemos perceber diversos recursos que possibilitam o processo de articulação das palavras e das frases no texto (**coesão**), assim como a sequência de ideias, de modo a promover a continuidade de sentido (**coerência**). O emprego de palavras e de expressões com função remissiva e de conectivos que possibilitam a articulação textual favorecem a compreensão do que se propõe comunicar no texto.

Note que neste formato de entrevista (com a pergunta e sua respectiva resposta, chamada de "pingue-pongue") há delimitação da fala do entrevistador (no caso, a revista) e do entrevistado. A comunicação ocorre em turnos, como em um diálogo, com o uso do discurso direto.

"Receitamos remédios psiquiátricos a gente saudável", diz o médico Allen Frances

Por Rafael Ciscati

O psiquiatra americano Allen Frances acha que ***usamos remédios demais****, e para tratar gente que passaria bem sem* ***eles****. Frances é professor emérito da Universidade Duke, nos Estados Unidos. Entre as décadas de 1980 e 1990, participou da elaboração do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), um livro publicado pela Sociedade Americana de Psiquiatria que relaciona* ***transtornos mentais*** *diagnosticáveis e faz recomendações de como tratá-****los****. (...)*

ÉPOCA ***O senhor ajudou a escrever um guia, o DSM, que, de certa maneira, tem a difícil missão de definir o que é um comportamento normal e o que é um transtorno mental. Como distinguir o que é normal do que não é?***

Allen Frances *O problema é que não existe uma fronteira clara que separe fenômenos inerentes à condição humana. Determinar qual tipo e qual nível de angústia constitui um* ***transtorno*** *psiquiátrico foge ao trivial. Os médicos e cientistas conseguem ser muito claros e precisos ao diagnosticar* ***problemas*** *psiquiátricos severos. Temos tratamentos para esses* ***males****, como a esquizofrenia. (...)*

De outro lado, tentar distinguir as angústias provocadas pela vida cotidiana de uma doença psiquiátrica é algo quase virtualmente impossível. E, comumente, essa tentativa leva a um uso excessivo de medicamentos. Tratamos pessoas que estão, essencialmente, bem. Mas que estão vivendo sob circunstâncias difíceis. (...) A solução fácil – e enganadora – é justamente tomar uma pílula para tentar lidar melhor com essa inquietação. Mas ainda não temos sinais de que existe uma pílula para cada um dos nossos problemas.

ÉPOCA ***As pessoas se sentem melhor ao tomar essas*** ***pílulas****, mesmo sem precisar delas?*

Frances *As pesquisas mostram que a resposta dessas pessoas aos* ***remédios*** *não é muito maior do que a resposta a um placebo. Muitas pessoas que tomam uma pílula acabam se sentindo melhor. Mas isso não é resultado do princípio ativo da pílula. A melhora é resultado da expectativa de que*

COESÃO POR REMISSÃO
O pronome reto "eles" retoma a ideia anterior e faz remissão a remédios. Ocorre o mesmo com o pronome oblíquo "o" (na forma "los") que refere-se a transtornos mentais. O autor sustenta a ideia sem repetir as palavras.

COESÃO POR SUBSTITUIÇÃO
O emprego gradativo de sinônimos ("transtorno", "problemas" e "males") apresenta uma progressão de ideias, reforçando o sentido danoso das patologias.

COESÃO E CONTIGUIDADE
A coesão e a unidade discursiva entre as duas frases marcadas se dá pelo uso de elementos do mesmo universo semântico (angústias e circunstâncias difíceis).

COESÃO POR SUBSTITUIÇÃO
As palavras "pílulas" e "remédios" são retomadas a fim de garantir o processo coesivo, uma vez que se evita repetir o mesmo termo.

o remédio vai funcionar. Ou da resiliência que surge com a passagem do tempo. (...) O melhor que temos a fazer é buscar soluções mais eficientes, em lugar de melhores soluções médicas.

ÉPOCA – *Como assim?*

Frances *(...) Quando as taxas de desemprego aumentam, as taxas de depressão aumentam também. Melhor do que receitar* ***antidepressivos*** *para as pessoas seria garantir-lhes melhor apoio social, para ajudá-las durante o tempo em que estiverem desempregadas. Países como a Dinamarca não têm esse* ***problema*** *– essa correlação entre uso de antidepressivos e desemprego não existe. Porque o governo oferece apoio adequado àqueles que estão desempregados.*

ÉPOCA *Como reverter essa* ***tendência*** *ao uso inadequado de medicamentos?*

Frances *Essa* ***questão*** *se transformou em um problema cultural. A solução passa por educarmos melhor as pessoas. Muitas pessoas* ***alimentam a ilusão de*** *que um diagnóstico médico e uma pílula serão eficientes para tratar problemas para os quais elas não serão úteis.(...) . Sou muito favorável ao uso de medicamentos. O movimento antipsiquiátrico me detesta por isso. A questão é que eu sou favorável a usar medicamentos nos momentos em que eles são necessários. Para tratar transtornos claramente diagnosticados. Não é questão de dizer que os remédios são ruins e inúteis. Ou que são, em sua totalidade, perfeitos. Eles são úteis quando bem usados e é maravilhoso que possamos contar com eles. O que ocorre é que os remédios são úteis somente para aquelas poucas pessoas que realmente precisam deles.*

(...)

ÉPOCA *O senhor diz que o DSM é parcialmente culpado por essa tendência a medicar pessoas saudáveis. Por quê?*

Frances *Eu trabalhei na elaboração do DSM III, que foi publicado em meados dos anos 1980. Aquela foi a primeira edição a se tornar um best-seller. Ficamos embasbacados com o grau de influência que o manual conquistou. Foi desproporcional. O DSM deveria ser visto como um conjunto de recomendações para facilitar o diagnóstico psiquiátrico, e não como uma bíblia.*

(...)

COESÃO POR CONTIGUIDADE
Note que o termo "antidepressivos", palavra mais específica, designadora de medicamento, alude por contiguidade à palavra "remédio", termo genérico.

COESÃO E SÍNTESE
As palavras "problema", "tendência" e "questão" funcionam como termos resumitivos para indicar o uso excessivo de medicamentos.

COESÃO E CONOTAÇÃO
A expressão figurada "alimentam a ilusão" reforça por coesão a ideia de que o uso inadequado de um medicamento para uma patologia que não existe torna-se ineficiente.

COERÊNCIA
O entrevistado explica que os remédios devem ser ministrados apenas a pessoas que de fato necessitam deles. Reforça também que não é contra o uso de antidepressivos, porém alerta que o uso deve ser adequado ao diagnóstico e à doença. Assim garante a coerência de seu discurso ao longo de toda a entrevista.

COESÃO POR INFERÊNCIA
O entrevistador sugere que o manual (DSM) deveria ser usado como referência e não como uma "bíblia" (tomado como verdade absoluta). Dessa forma, infere-se uma crítica aos médicos que o utilizam dessa forma.

SAIBA MAIS

A IMPORTÂNCIA DA COERÊNCIA E OS ELEMENTOS COESIVOS

Um bom texto é aquele em que o leitor é conduzido à compreensão imediata. Para isso, ele deve ser coerente (apresentar nexo entre as ideias e sequências lógicas entre os termos e as frases) e coeso (interligar de modo claro esses elementos).

A organização de um texto está atrelada à disposição dos termos nos períodos, à escolha do vocabulário, às substituições e às referências feitas, à conexão estabelecida entre os termos e à sequência lógica e progressiva. A coesão se dá por referência (normalmente com o uso de pronomes e conectivos) e por sequência (em geral, marcadores temporais e verbos garantem essa continuidade lógica).

Confira alguns elementos coesivos (*e veja os exemplos no texto ao lado*):

Por remissão: os pronomes estabelecem relações remissivas sem que se faça repetição de termos.

Por substituição: um elemento substitui o outro sem prejuízo de sentido. Para isso, empregam-se sinônimos, por exemplo.

Por repetição ou reiteração: confere sentido de ênfase e garante a unidade textual.

Por contiguidade: estabelece unidade discursiva por apresentar elementos de um mesmo campo semântico.

© TEREZA BETTINARDI

O poeta dos heterônimos

Fernando Pessoa é o principal nome do Modernismo português

O Modernismo português tem início oficialmente em 1915, com a publicação do primeiro número da revista *Orpheu*. O poeta Fernando Pessoa (1888-1935) integrava o grupo de escritores envolvidos no lançamento do periódico. Pessoa tornou-se um grande nome da literatura portuguesa do século XX por haver criado inúmeras teorias estéticas e diversos heterônimos (personalidades artísticas com estilo próprio) para assinar suas obras. As principais criações heteronímicas são Alberto Caeiro, um sábio homem do campo; Ricardo Reis, um amante da poesia clássica; e Álvaro de Campos, um engenheiro que trata dos avanços tecnológicos do início do século XX. Existem textos assinados pelo próprio Fernando Pessoa (trata-se da poesia ortônima), como é o caso da obra *Mensagem* (1934).

Autopsicografia

Fernando Pessoa

O poeta é um fingidor.
Finge tão ***completamente***
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.
E os que leem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.
E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama coração.

ADVÉRBIO DE MODO
Este advérbio reforça a intensidade do processo ficcional, capaz de transformar em objeto estético um elemento do mundo real.

SENTIMENTO ESTÉTICO
O poeta não expressa os sentimentos tal como percebidos individualmente, mas explora a sensibilidade por meio das palavras e cria um novo sentimento, de natureza estética.

OBRA DE ARTE
No jogo das palavras, o processo racional de composição trabalha com as emoções e cria uma obra de arte.

METALINGUAGEM
O poema reflete sobre o fazer poético, criando mundos e realidades concebidos artisticamente.

SINESTESIA
É a figura de linguagem que mistura vários tipos de sensação em uma imagem – neste caso, a experiência tátil é associada ao órgão da visão.

O Guardador de Rebanhos

Alberto Caeiro

IX
Sou um guardador de rebanhos
O rebanho é os meus pensamentos
E os meus pensamentos são todos
sensações.
Penso com os olhos e com os ouvidos
E com as mãos e os pés
E com o nariz e a boca.
Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la
E comer um fruto é saber-lhe o sentido.
Por isso quando num dia de calor
Me sinto triste de gozá-lo tanto.
E me deito ao comprido na erva,
E fecho os olhos quentes,
Sinto todo o meu corpo deitado
na realidade,
Sei a verdade e sou feliz.

O Eu Profundo e os Outros Eus, Nova Fronteira, 2006

HOMEM DO CAMPO
Alberto Caeiro é considerado o mestre de todas as outras vozes poéticas de Pessoa. É o homem do campo que se aproxima da visão de mundo pagã e apresenta um pensamento lúcido, simples e sábio.

METÁFORA
O eu lírico considera que seus pensamentos, transitando livremente, são como animais de um rebanho. O universo campestre está presente até mesmo na criação das imagens poéticas.

SENSAÇÕES
Alberto Caeiro não é adepto de uma visão de mundo racionalizante. Para ele, o importante é o conhecimento do mundo por meio dos sentidos.

FILOSOFIA DE VIDA
A exemplificação é um dos principais recursos argumentativos empregados para concretizar uma ideia. Caeiro comprova sua filosofia de vida com a experiência de um dia ensolarado no campo.

Quando, Lídia

Ricardo Reis

Quando, Lídia, vier o nosso ***outono***
Com o ***inverno*** *que há nele, reservemos*
Um pensamento, não para a futura
Primavera*, que é de outrem,*
Nem para o estio, de quem somos mortos,
Senão para o que fica do que passa
O amarelo atual que as folhas vivem
E as torna diferentes

METÁFORA
As estações do ano apresentam-se metaforizadas nas fases da vida do eu lírico. A compreensão tranquila da vida é representada pela forma como o eu lírico compreende as etapas e fases que devem ser cumpridas como se apresentam.

ESTOICISMO
Ricardo Reis era adepto do estoicismo, doutrina que propõe viver de acordo com a lei racional da natureza. Nos últimos versos, o comportamento sereno do eu lírico considera, sem juízo de valor, que cada momento da vida é diferente do outro.

Cruz na Porta da Tabacaria!

Álvaro de Campos

Cruz *na porta da tabacaria!*
Quem morreu? O próprio Alves? Dou
Ao diabo o bem-estar que trazia.
Desde ontem *a cidade mudou.*

Quem era? Ora, era quem eu via.
Todos os dias o via. Estou
Agora sem essa monotonia.
Desde ontem *a cidade mudou.*

Ele era o dono da tabacaria.
Um ponto de referência de quem sou
Eu passava ali de noite e de dia.
Desde ontem *a cidade mudou.*

Meu coração tem pouca alegria,
E isto diz que é morte aquilo onde estou.
Horror fechado da tabacaria!
Desde ontem *a cidade mudou.*

Mas ao menos a ele alguém o via,
Ele era fixo, eu, o que vou,
Se morrer, não falto, e ninguém diria.
Desde ontem *a cidade mudou.*

Quando Fui Outro, Objetiva, 2006

ALEGORIA E METAFÍSICA
A presença da cruz na porta é a representação da morte de Alves e do assombro do eu lírico diante da finitude da vida, tema metafísico por excelência.

MARCADORES TEMPORAIS
A repetição reforça a ideia de transformação na vida do eu lírico. É como se "desde ontem" houvesse a descoberta da temporalidade da vida e da sua insignificância nos centros urbanos.

SOLIDÃO E MODERNISMO
O tema da solidão é típico em Álvaro de Campos, que disseca a vida anônima nas grandes cidades. A constatação de que ele também morrerá e não seria sequer notado o angustia e revela sua condição solitária.

CONEXÕES

CANÇÃO

Casa no Campo

Zé Rodrix e Tavito

Eu quero uma casa no campo
Onde eu possa compor muitos
rocks rurais
E tenha somente a certeza
Dos amigos do peito e nada mais

Eu quero uma casa no campo
Onde eu possa ficar no tamanho da paz
E tenha somente a certeza
Dos limites do corpo e nada mais
(...)

Eu quero o silêncio das línguas cansadas
Eu quero a esperança de óculos
Meu filho de cuca legal
Eu quero plantar e colher com a mão
A pimenta e o sal

Eu quero uma casa no campo
Do tamanho ideal, pau a pique e sapé
Onde eu possa plantar meus amigos
Meus discos e livros
E nada mais

A canção acima retoma a visão idealizada de que a vida no meio rural pode trazer mais felicidade que a vida no meio urbano. Assim como na poesia de Caeiro, no romance *A Cidade e as Serras* ou nos poemas árcades, nota-se uma oposição implícita entre cidade e campo, com valorização da vida junto à natureza.

PARA IR ALÉM

O Vento Lá Fora (2014) é um documentário sobre a poesia de Fernando Pessoa, dirigido por Marcio Debellian. A cantora Maria Bethânia e a professora Cleonice Berardinelli, da Academia Brasileira de Letras (ABL), leem os versos do poeta. Elas apresentam a obra de Pessoa e destacam diversos aspectos, como os heterônimos. Manuscritos e imagens raras completam o filme.

© TEREZA BETTINARDI

A poesia brasileira no século XX

De Mário e Oswald de Andrade a João Cabral de Melo Neto, alguns dos nomes mais expressivos da produção poética do país no período

Na primeira fase do Modernismo, o caráter revolucionário do movimento, assim como ocorre na prosa (*veja pág. 94*), propõe uma renovação artística na poesia capaz de modificar os valores tradicionais da própria sociedade. Exemplo disso é a obra poética de Mário e Oswald de Andrade.

Já Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e Vinicius de Moraes passaram pelo movimento modernista em quase toda sua extensão, com trajetórias bastante singulares. Para efeitos didáticos, muitas vezes os dois últimos são associados à segunda fase do movimento.

A partir de 1945, na terceira fase, a poesia tem maior apuro do verso, da palavra e do ritmo, contrariando o anarquismo inicial. Têm expressão João Cabral de Melo Neto e, na fase concretista, Décio Pignatari e os irmãos Haroldo e Augusto de Campos.

Mário e Oswald de Andrade

O poema *Ode ao Burguês*, de Mário de Andrade, apresenta os ideais da primeira geração modernista e critica a vida materialista e limitada do mundo burguês. Mário de Andrade escreve de acordo com o programa estético do movimento, que reflete criticamente sobre o Brasil, com o objetivo de subverter a ordem vigente. No plano sonoro, o título do poema é pronunciado como "ódio ao burguês" e a burguesia (sobretudo a paulistana) torna-se o grupo social representativo dos costumes, da falta de preocupação com o país e da ostentação de bens materiais.

O poema *Vício na Fala*, de Oswald de Andrade, questiona a norma culta e urbana como a única variedade linguística aceitável. De acordo com os ideais modernistas de valorização dos saberes e da cultura popular, Oswald exalta a coloquialidade e a linguagem informal. O autor mostra as equivalências e a eficácia comunicativa da língua falada por grande parte dos brasileiros: as formas padronizadas (exemplificadas em palavras como *milho*, *melhor*, *pior*, *telha* e *telhado*) são equiparadas às variantes populares (*mio*, *mió*, *pió*, *teia*, *teiado*) e, de modo crítico, o autor ressalta o fato de que o povo brasileiro é o verdadeiro responsável pela construção do país.

Ode ao Burguês

Mário de Andrade

Eu insulto o burguês! O burguês-níquel,
o burguês-burguês!
A digestão bem-feita de São Paulo!
O homem-curva! o homem-nádegas!
O homem que sendo francês, brasileiro,
italiano,
é sempre um cauteloso pouco a pouco!

Eu insulto as aristocracias cautelosas

Os barões lampiões! os condes Joões!
os duques zurros!
que vivem dentro de muros sem pulos;
e gemem sangues de alguns mil-réis fracos
para dizerem que as filhas da senhora
falam o francês
e tocam os "Printemps" com as unhas!

Eu insulto o burguês-funesto!
O indigesto feijão com toucinho,
dono das tradições!
Fora os que algarismam os amanhãs!
Olha a vida dos nossos setembros!
Fará Sol? Choverá? Arlequinal!

Mas à chuva dos rosais
o êxtase fará sempre Sol!
(...)

Ódio vermelho! Ódio fecundo! Ódio cíclico!
Ódio fundamento, sem perdão!
Fora! Fu! Fora o bom burgês!...

Pauliceia Desvairada, Edusp, 2003

AMBIGUIDADE
A sonoridade presente no título provoca ambiguidade: ode é um poema dedicado a explorar um tema específico; no entanto, a expressão sugere também a leitura "ódio ao burguês" e enfatiza a crítica à burguesia.

NEOLOGISMO
O poeta cria novos substantivos compostos: "burguês-níquel" explicita a relação entre a burguesia e o dinheiro; "burguês-burguês" reforça, por meio da repetição, os defeitos da burguesia.

MANIFESTO
A recorrência de frases exclamativas confere ao poema um caráter de manifesto, isto é, de oposição a uma realidade estabelecida e de defesa de valores revolucionários.

LINGUAGEM COLOQUIAL
A valorização da linguagem coloquial é uma das marcas do Modernismo. O tom de combate e zombaria se vale de expressões populares de repúdio para combater os ideais e valores da burguesia.

CRÍTICA À BURGUESIA
O comedimento aristocrático, os títulos de nobreza e a imitação dos valores civilizatórios europeus são os principais elementos burgueses combatidos pelos ideais artísticos modernistas.

CONTRAPOSIÇÃO
Vale observar como este poema se contrapõe às *Liras* de Tomás Antônio Gonzaga (e à canção *Pelados em Santos*; veja nas págs. 40 e 41), em que há uma defesa dos valores e bens burgueses para conquistar a mulher amada.

NOVOS VALORES
A intenção do poeta é romper com os costumes tradicionais e instaurar novos valores, menos exatos e equilibrados.

FALA POPULAR
A expressão, satirizada pelo poeta, revela originalmente uma concepção linguística normativa e prescritiva. Este poema, ao contrário, valoriza a fala popular e a linguagem coloquial.

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA
O humor e o poema que desconstrói a forma fixa ajudam a definir a estética oswaldiana. No fim do poema, mostra-se como a variação linguística não impede a comunicação nem a transformação da realidade.

Vício na Fala

Oswald de Andrade

Para dizerem milho dizem mio
Para melhor dizem mió
Para pior pió
Para telha dizem teia
Para telhado dizem teiado
E vão fazendo telhados

ORALIDADE
O autor se vale da oralidade do brasileiro comum para expor um retrato da realidade linguística nacional e, assim, legitimá-la.

NORMA-PADRÃO
O início do poema mostra a norma gramatical sobre a colocação dos pronomes oblíquos (após o verbo, quando este vem no imperativo).

LINGUAGEM COLOQUIAL
No dia a dia, em linguagem coloquial, em situações informais, colocamos o pronome antes do verbo no imperativo. O projeto modernista de Oswald incluía a valorização dos saberes populares nacionais.

Pronominais

Oswald de Andrade

Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas o bom negro e o bom branco
Da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada

Me dá um cigarro

RELAÇÕES DESIGUAIS
O poema registra as relações desiguais que existem e se afirmam por meio de imposição cultural.

SAIBA MAIS

LINGUAGEM COLOQUIAL

Quando nos comunicamos com alguém no dia a dia, nosso principal objetivo é ser compreendido. Por isso, é preciso adequar o estilo (formal ou informal) à situação de comunicação. Todo falante deve ter à disposição recursos formais para empregar em situações que exigem a norma culta, que é a forma escrita por excelência, padronizada pela gramática tradicional, mas também deve saber utilizar o estilo coloquial em ocasiões de menor formalidade. A linguagem coloquial caracteriza-se pelo uso de gírias, expressões idiomáticas e marcas da oralidade (expressões típicas da fala), entre outros.

CONEXÕES

CANÇÕES

Burguesia

Cazuza

A burguesia fede
A burguesia quer ficar rica
Enquanto houver burguesia
Não vai haver poesia
A burguesia não tem charme nem é discreta
Com suas perucas de cabelos de boneca
A burguesia quer ser sócia do Country
A burguesia quer ir a New York fazer compras
(...)

http://letras.mus.br/cazuza/43858/

A canção, de modo semelhante ao poema de Mário de Andrade, faz uma crítica explícita ao comportamento e aos valores da burguesia brasileira. Cazuza aponta os defeitos da sociedade burguesa e, assim como faziam os artistas do Modernismo, estabelece uma oposição entre os costumes tradicionais e a possibilidade do fazer poético. A busca pelo dinheiro, a futilidade e o materialismo são, segundo o compositor, alguns dos principais defeitos dessa classe social.

Cuitelinho

Renato Teixeira

Cheguei na beira do porto
Onde as onda se espaia
As garça dá meia volta
E senta na beira da praia
E o cuitelinho não gosta
Que o botão de rosa caia, ai, ai
(...)
A tua saudade corta
Como aço de naváia
O coração fica aflito
Bate uma, a outra faia
E os óio se enche d´água
Que até a vista se atrapáia, ai...

http://letras.mus.br/renato-teixeira/298332/

Na letra de *Cuitelinho*, que tem origem em uma canção folclórica do Pantanal mato-grossense, nota-se o emprego e a valorização da variante popular da língua. A presença de traços de oralidade (coloquialidade e ausência de concordância) se assemelha às palavras e expressões utilizadas por Oswald de Andrade.

Manuel Bandeira

Poeta pioneiro do movimento modernista, Manuel Bandeira (1886-1968) renovou as formas composicionais ao tratar de temas ligados, sobretudo, à passagem do tempo e às relações entre vida e morte. Tuberculoso, a sombra da doença o acompanhou por toda a vida e deixou marcas em sua produção. O lirismo de Bandeira deu origem a alguns dos mais belos poemas em português, como os reunidos na obra *Libertinagem* (1930).

PARA IR ALÉM

O curta *O Habitante de Pasárgada*, documentário sobre o poeta Manuel Bandeira, dirigido pelo escritor Fernando Sabino e por David Neves, está disponível no YouTube. Inspirado no poema *Vou-me Embora pra Pasárgada*, mostra cenas do poeta no seu cotidiano.

Profundamente

Manuel Bandeira

Quando ontem adormeci
Na noite de São João
Havia alegria e rumor
Estrondos de bombas luzes de Bengala
Vozes, cantigas e risos
Ao pé das fogueiras acesas

No meio da noite despertei
Não ouvi mais vozes nem risos
Apenas balões
Passavam, errantes

Silenciosamente
Apenas de vez em quando
O ruído de um bonde
Cortava o silêncio
Como um túnel

Onde estavam os que há pouco
Dançavam
Cantavam
E riam
Ao pé das fogueiras acesas?

– Estavam todos dormindo
Estavam todos deitados
Dormindo
Profundamente.

***

Quando eu tinha seis anos
Não pude ver o fim da festa de São João
Porque adormeci

Hoje não ouço mais as vozes
daquele tempo
Minha avó
Meu avô
Totônio Rodrigues
Tomásia
Rosa
Onde estão todos eles?

– Estão todos dormindo
Estão todos deitados
Dormindo
Profundamente.

LEMBRANÇAS
O poema remete ao contexto temporal das populares festas juninas, responsáveis por despertar as lembranças do eu lírico.

PONTUAÇÃO
A ausência de pontuação pretende explicitar o fluxo de memórias do sujeito poético, ligadas à atmosfera de festa da noite passada (*veja* Saiba mais *na pág ao lado*).

PREDICADO VERBO-NOMINAL
A passagem dos balões é assinalada por um predicado verbo-nominal, que associa uma ação ("passavam") a um predicativo do sujeito ("errantes").

PASSADO E PRESENTE
As palavras dessa estrofe aparecem no fim do poema, mas com uma diferença: o verbo "estar" no passado ("estavam dormindo") remete à ideia de lembrança e, no presente ("estão dormindo"), à de morte.

INFÂNCIA
Na segunda parte do poema, o eu lírico trata de uma festa junina mais antiga, da sua infância.

PARALELISMO
As duas partes do poema começam com o advérbio "quando". Esse paralelismo objetiva relacionar as diferentes épocas da vida do sujeito.

PRONOMES POSSESSIVOS
O eu lírico recorda, com saudade, os membros da família. Ao contrário das pessoas desconhecidas da festa do dia anterior (fato que assinala a solidão do eu lírico), os entes queridos são acompanhados por pronomes possessivos ou evocados afetivamente com nomes próprios.

ADVÉRBIO DE MODO E DE INTENSIDADE
No fim da primeira parte do poema, o advérbio "profundamente" indica o modo de dormir das pessoas; no fim do texto, tem o sentido intensificado por estar ligado ao final da existência.

Poética

Manuel Bandeira

Estou farto do lirismo comedido
Do lirismo bem-comportado
Do lirismo funcionário público
com livro de ponto expediente
protocolo e manifestações de apreço
ao Sr. diretor.
Estou farto do lirismo que para
e vai averiguar no dicionário
o cunho vernáculo de um vocábulo.
Abaixo os puristas
(...)
Quero antes o lirismo dos loucos
O lirismo dos bêbedos
O lirismo difícil e pungente dos bêbedos
O lirismo dos clowns de Shakespeare

– Não quero mais saber do lirismo
que não é libertação.

Antologia Poética, Nova Fronteira, 2001.

CONTRA AS CONVENÇÕES
O autor se opõe ao comedimento do gosto burguês e das convenções poéticas tradicionais.

LIBERDADE FORMAL
O eu lírico condena o desejo de precisão e perfeição dos poetas parnasianos, que se preocupavam demais com o requinte do vocabulário.

REVOLUÇÃO ESTÉTICA
A arte moderna e a literatura modernista exaltam a loucura e a sensibilidade.

INTERTEXTUALIDADE
O poema dialoga com *Ode ao Burguês*, de Mário de Andrade (*veja na pág. 120*), ao retratar com ironia e rebeldia os valores burgueses de correção e ordem.

SAIBA MAIS

PONTUAÇÃO: A VÍRGULA

A pontuação é um recurso importante para reconhecer as intenções do autor do texto. Além de demarcar pausas na leitura e separar elementos de uma sequência, a vírgula tem outras funções:

- **Vocativo** Quando a vírgula é usada após um vocativo (que expressa a quem o enunciador se dirige), indica um chamado: ***Mãe**, só tem uma!* (por exemplo, na situação que o filho diz à mãe que só resta uma bolacha no pote). Sem a vírgula, teríamos: ***Mãe** só tem uma* (a palavra mãe é o sujeito da sentença).
- **Acréscimo de informação** Ex.: *O homem, **que estava ouvindo a conversa do casal**, resolveu intrometer-se.* Aqui, o trecho entre vírgulas é uma sentença informativa, que explica algo a respeito do termo ***O homem***, da sentença principal. Sem o uso das vírgulas, o sentido se alteraria. Ex.: *O homem que estava ouvindo a conversa do casal resolveu intrometer-se*. Neste caso, o pronome relativo ***que*** exerce um papel restritivo, selecionando, de um conjunto possível de homens, aquele homem específico que ouvia a conversa do casal.
- **Indicação de circunstâncias** A vírgula é usada para isolar advérbios ou expressões adverbiais de tempo, espaço, modo etc. Ex.: ***No inverno rigoroso do sul**, usamos roupas de lã.*

DIÁLOGO ENTRE OBRAS

MEMÓRIA E LEMBRANÇAS

A fuga no tempo e o retorno ao passado foram temas cultivados pelos poetas românticos da segunda geração (*veja mais na pág. 54*). É o caso, por exemplo, de Casimiro de Abreu (1839-1860), que compôs poemas nos quais os tempos de infância foram valorizados como épocas de inocência e despreocupação. Em conformidade com a idealização e o sentimentalismo típicos do Romantismo, a saudade percorre o texto de Casimiro de modo muito mais explícito do que nas recordações de infância registradas por Manuel Bandeira.

Meus Oito Anos

Casimiro de Abreu

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos,
que flores,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!
(...)
*Oh! dias da **minha** infância!*
*Oh! **meu** céu de primavera!*
Que doce a vida não era
Nessa risonha manhã!
Em vez das mágoas de agora,
Eu tinha nessas delícias
*De **minha** mãe as carícias*
*E beijos de **minhã** irmã!*

Livre filho das montanhas,
Eu ia bem satisfeito,
Da camisa aberta o peito,
– Pés descalços, braços nus –
Correndo pelas campinas
À roda das cachoeiras,
Atrás das asas ligeiras
Das borboletas azuis!
(...)
Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida
(...)

As Primaveras,
Martins Fontes, 1972.

INFÂNCIA
A passagem definitiva do tempo é comum em textos que veiculam o discurso da saudade. Os fatos passados só podem ser vividos e recuperados por meio da memória.

PONTUAÇÃO
O eu lírico enumera as lembranças da infância, mas obedece ao uso de pontuação, empregando as vírgulas segundo a convenção escrita (por oposição ao poema de Bandeira).

PRONOMES POSSESSIVOS
Os pronomes possessivos permitem ao autor apropriar-se não apenas de pessoas e objetos (acentuando a sua afetividade), mas dos fatos que narra e dos elementos naturais.

SONORIDADE
A sonoridade do poema, representada pelas rimas, cria a impressão do fluir das lembranças e do movimento delicado do sujeito pelos caminhos da memória.

© TEREZA BETTINARDI

Vinicius de Moraes

Vinicius de Moraes (1913-1980) foi poeta e compositor de canções. Em alguns momentos, Vinicius recuperou a forma clássica do soneto; em outras ocasiões, deu vazão aos sentimentos em versos livres. Na segunda metade do século XX, participou de movimentos, como a bossa nova, que revolucionaram a música popular brasileira.

Cecília Meireles

A poesia de Cecília Meireles (1901-1964), delicada e musical, tratou das mais diversas situações da existência humana, passageira e marcada por intensos momentos líricos. As viagens realizadas, o contato com a natureza, a percepção sensível de detalhes do cotidiano e a compreensão das emoções humanas tornam Cecília Meireles uma das principais representantes da vertente espiritualista da segunda fase do Modernismo brasileiro. No extenso poema *Romanceiro da Inconfidência*, a artista se debruça sobre acontecimentos da história do Brasil.

ROSA DEVASTADORA
A tragédia de Hiroshima, ocorrida no Japão durante a II Guerra Mundial, inspirou este poema. A imagem do cogumelo atômico que destruiu milhares de vidas é associada à figura de uma rosa devastadora.

A Rosa de Hiroshima

Vinicius de Moraes

Pensem nas crianças
Mudas telepáticas
Pensem nas meninas
Cegas inexatas
Pensem nas mulheres
Rotas alteradas
Pensem nas feridas
Como rosas cálidas
Mas oh não se esqueçam
Da rosa da rosa
Da rosa de Hiroshima
A rosa hereditária
A rosa radioativa
Estúpida e inválida
A rosa com cirrose
A antirrosa atômica
(...)

VERBOS NO IMPERATIVO
Os verbos "pensem" e "não se esqueçam" convocam os leitores do poema (e os ouvintes da música) à compaixão e à reflexão pelas vítimas da bomba atômica.

METÁFORA
A metáfora da rosa, comumente associada a situações de lirismo amoroso, é explorada em outro campo: o sujeito poético faz alusão à nuvem radioativa.

EROTISMO SOMBRIO
Neste poema, de inspiração surrealista, as formas da mulher são descritas por elementos distantes da idealização física, como se materializassem os sentidos aguçados e aterradores do eu lírico.

LEITURA SENSORIAL
O erotismo transpira pelo vocabulário – herdeiro do Simbolismo – e conduz o leitor a uma dupla leitura sensorial.

APROXIMAÇÃO DA MORTE
A experiência amorosa se aproxima da morte, não por idealização, como em tempos românticos, mas por volúpia e temporária perda da razão.

ORAÇÕES COORDENADAS SINDÉTICAS
Repare como as orações coordenadas sindéticas (que possuem a conjunção "e") conferem maior dinâmica e agilidade ao poema.

A Mulher na Noite

Vinicius de Moraes

(...) Eu estava imóvel – tu caminhavas para
mim como um pinheiro erguido
E de repente, não sei, me vi acorrentado
no descampado, no meio de insetos
E as formigas me passeavam pelo
corpo úmido.
Do teu corpo balouçante saíam cobras
que se eriçavam sobre o meu peito
E muito ao longe me parecia ouvir uivos
de lobas. (...)
Uma angústia de morte começou a se
apossar do meu ser
As formigas iam e vinham, os insetos
procriavam e zumbiam do meu desespero
E eu comecei a sufocar sob a rês que
me lambia.
Nesse momento as cobras apertaram o
meu pescoço
E a chuva despejou sobre mim torrentes
amargas.
Eu me levantei e comecei a chegar,
me parecia vir de longe
E não havia mais vida na minha frente.

Poesia Completa e Prosa, Nova Aguilar, 2004.

SONORIDADE
É um elemento essencial neste poema. O ritmo acompanha a progressão rumo à revolta dos inconfidentes mineiros. As rimas tornam a leitura fluida e auxiliam o seguimento da ação.

APROXIMAÇÃO
As ações sugerem a conspiração que se arma. A vigilância cria suspense e aproxima o leitor dos personagens históricos.

DETALHES
Os detalhes espaciais e cotidianos são enfatizados em uma versão paralela à objetividade do relato.

SONS E IMAGENS
A poesia explora sons e imagens. Trata-se de um recurso frequente na corrente espiritualista da segunda fase modernista.

HISTÓRIA
Elementos históricos, como a derrama, o imposto que provocou a Inconfidência Mineira, estabelecem a ligação entre literatura e história.

POETAS ÁRCADES
A retomada de fatos históricos do século XVIII permite relacionar este poema à produção dos poetas árcades.

PARTÍCULA "SE"
A expectativa sobre as ações (indicadas por verbos acompanhados pelo "se" apassivador) conduz ao clímax da narrativa.

DISCURSO DIRETO
O discurso direto é empregado para conferir maior concretude ao texto, de modo a favorecer a visualização das cenas.

Romanceiro da Inconfidência

Cecília Meireles

Através de grossas portas,
sentem-se luzes acesas,
– e há indagações minuciosas
dentro das casas fronteiras:
olhos colados aos vidros,
mulheres e homens à espreita,
caras disformes de insônia,
vigiando as ações alheias.
Pelas gretas das janelas,
pelas frestas das esteiras,
agudas setas atiram
a inveja e a maledicência.

Palavras conjeturadas
oscilam no ar de surpresas,
como peludas aranhas
na gosma das teias densas,
rápidas e envenenadas,
engenhosas, sorrateiras.
(...)

Atrás de portas fechadas,
à luz de velas acesas,
uns sugerem, uns recusam,
uns ouvem, uns aconselham.

Se a derrama for lançada,
há levante, com certeza.
Corre-se por essas ruas?
Corta-se alguma cabeça?
Do cimo de alguma escada,
profere-se alguma arenga?
Que bandeira se desdobra?
Com que figura ou legenda?
(...)

E diz o Poeta ao Vigário,
com dramática prudência:
"Tenha meus dedos cortados
antes que tal verso escrevam"
LIBERDADE, AINDA
QUE TARDE,
ouve-se em redor da mesa.
E a bandeira já está viva,
e sobe, na noite imensa.

Editora Letras e Artes, 1965.

DIÁLOGO ENTRE OBRAS

POEMAS SONOROS

A sonoridade da poesia de Cecília Meireles permite o diálogo com a produção dos poetas simbolistas do fim do século XIX, como Cruz e Sousa (1861-1898). As inovações propostas pelo Simbolismo (como a exploração dos elementos sensoriais e a sondagem de aspectos oníricos e fantásticos) exerceram grande influência sobre as diversas correntes do Modernismo.

Abelhas

Cruz e Sousa

Gotas de luz e perfume,
Leves, tênues, delicadas,
Acesas no doce lume
De purpúreas alvoradas.
(...)
Nas doudejantes abelhas
Que dentre flores volitam
E do sol entre as centelhas
Resplendem, fulgem, palpitam.
Zumbem, fervem nas colmeias
E rumorejam no enxame
Pelas flóridas aleias
Onde um prado se derrame.
(...)
Com as suas asitas finas,
De etérea de fluida gaze.
Ah! quanto são adoráveis
Os favos que elas fabricam!
Com que graças inefáveis
Se geram, se multiplicam.
(...)
E nas ondas murmurosas
Dos peregrinos adejos
Vão dar ao lábio das rosas
O mel doirado dos beijos.

O Livro Derradeiro, 1961.

RIMA
Promove a fluidez do poema e contribui para as sugestões evocadas pelo eu lírico.

ALITERAÇÃO
A figura de linguagem que consiste na repetição intencional de consoantes (/l/) é responsável por intensificar o fluxo do voo das abelhas.

IMAGENS
A intenção do sujeito poético é descrever as impressões causadas pelo movimento rápido das abelhas entre as flores. As imagens percebidas pelo sujeito poético em instantes líricos, carregados de elementos sensoriais e de musicalidade, são o ponto de partida de grande parte da poesia simbolista.

SINESTESIA
É a figura de linguagem que aproxima sensações diferentes. Neste verso, a luz (elemento visual) é aproximada do perfume (elemento olfativo).

ADJETIVOS
A necessidade de registrar as impressões do sujeito poético conduz à abundância de adjetivos para designar, com precisão, as percepções individuais.

© TEREZA BETTINARDI

Carlos Drummond de Andrade

O poeta Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) é um dos grandes nomes da literatura brasileira. Os principais temas de sua vasta produção poética envolvem reflexões sobre o fazer literário, o papel desempenhado pelo poeta em sociedade, a infância e a família, as emoções e injustiças humanas, o conflito entre indivíduo e mundo. Lança seu primeiro livro, *Alguma Poesia*, em 1930. O estilo dos poemas, coloquiais, breves e irônicos, é influenciado pelos primeiros modernistas. No início da década de 1940, Drummond escreve poesias de fundo social, com um olhar crítico sobre o período entre a I e a II Guerras Mundiais, o que dá o tom do livro *Sentimento do Mundo*, de 1940. A partir dos anos 1950, com a obra *Claro Enigma*, volta a registrar o vazio da vida humana e o absurdo do mundo.

SENTIMENTO E REFLEXÃO
Em *Claro Enigma*, Drummond resgata a relação entre sentir e pensar proposta no *Poema de Sete Faces* *(veja ao lado)*. Mas, aqui, o espaço da reflexão é bem maior. O poeta busca compreender o sentimento e reconhecer seus caminhos. Constata que não podemos fugir da condenação imposta pelo amor.

ENUMERAÇÃO
Na busca incessante por amor, o homem se sujeita a amar em condições adversas: o inóspito, o áspero, um vaso sem flor etc. A enumeração contribui para reforçar a busca fatigante por um amor incapaz de retribuição.

PONTUAÇÃO
As enumerações são intercaladas por vírgulas com o acréscimo da conjunção coordenada aditiva "e". Após a vírgula, a leitura recebe uma segunda pausa, o que sugere um obstáculo a mais para transpor nessa busca.

Amar

Carlos Drummond de Andrade

Que pode uma criatura senão,
entre criaturas, amar?
amar e esquecer,
amar e malamar,
amar, desamar, amar?
sempre, e até de olhos vidrados, amar?

Que pode, pergunto, o ser amoroso,
sozinho, em rotação universal, senão
rodar também, e amar?
amar o que o amar traz à praia,
o que ele sepulta, e o que, na brisa marinha,
é sal, ou precisão de amor, ou simples ânsia?

Amar solenemente as palmas do deserto,
o que é entrega ou adoração expectante,
***e** amar o inóspito, o áspero,*
um vaso sem flor, um chão de ferro,
***e** o peito inerte, e a rua vista em sonho,*
***e** uma ave de rapina.*

Este o nosso destino: amor sem conta,
distribuído pelas coisas pérfidas ou nulas,
doação ilimitada a uma completa ingratidão,
e na concha vazia do amor a procura medrosa,
paciente, de mais e mais amor.

Amar a nossa falta mesma de amor, e na secura nossa
amar a água implícita, e o beijo tácito, e a sede infinita.

IRONIA E EXPRESSÃO POPULAR
O poema propõe observar os homens a partir do olhar contemplativo do boi. A expressão popular "olhar bovino" sugere "olhar burro, estúpido". No entanto, são os homens vistos sob o olhar do boi que parecem estúpidos, com sua imensa incapacidade de observar e compreender o essencial.

Um Boi Vê os Homens

Carlos Drummond de Andrade

Tão delicados (mais que um arbusto) e correm
e correm de um para o outro lado, sempre esquecidos
de alguma coisa. Certamente, falta-lhes
não sei que atributo essencial, posto se apresentem nobres
e graves, por vezes. Ah, espantosamente graves,
até sinistros. Coitados, dir-se-ia que não escutam
nem o canto do ar nem os segredos do feno,
como também parecem não enxergar o que é visível
e comum a cada um de nós, no espaço. E ficam tristes
e no rasto da tristeza chegam à crueldade.
(...)

PROSOPOPEIA
Também chamada de personificação, esta figura de linguagem é usada para conferir ao boi, animal irracional, capacidade de reflexão. Percebe-se, no olhar do boi, uma piedade em relação à angústia humana de ser e de estar no mundo.

Claro Enigma, Companhia das Letras, 2012

Poema de Sete Faces

Carlos Drummond de Andrade

Quando nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: Vai, Carlos! ser gauche na vida.

As casas espiam os homens
que correm atrás de mulheres.
A tarde talvez fosse azul,
não houvesse tantos desejos.

O bonde passa cheio de pernas:
pernas brancas pretas amarelas.
Para que tanta perna, meu Deus,
pergunta meu coração.
Porém meus olhos
não perguntam nada.

O homem atrás do bigode
é sério, simples e forte.
Quase não conversa.
Tem poucos, raros amigos
o homem atrás dos óculos e do bigode.

Meu Deus, por que me abandonaste
se sabias que eu não era Deus
se sabias que eu era fraco.

Mundo mundo vasto mundo,
se eu me chamasse Raimundo
seria uma rima, não seria uma solução.
Mundo mundo vasto mundo,
mais vasto é meu coração.

Eu não devia te dizer
mas essa lua
mas esse conhaque
botam a gente comovido como o diabo.

Alguma Poesia, Record, 2001

PROSOPOPEIA
Esta figura de linguagem, também chamada de personificação, é usada para conferir às casas (objetos inanimados) a capacidade de ver (característica humana).

PONTUAÇÃO
A ausência de pontuação serve para intensificar o fluxo dos elementos enumerados.

PERSONIFICAÇÃO
A observação de detalhes do cotidiano dá origem a novas personificações (prosopopeia): o coração do eu lírico faz perguntas (a imagem do coração também é representativa da totalidade da pessoa), ao contrário dos olhos.

GRANDEZA DO MUNDO
O conflito entre a pequenez do indivíduo e a grandeza do poder divino reforça a oposição entre sujeito e mundo, recorrente nos poemas de Drummond que tratam do papel do poeta na sociedade.

CONTRADIÇÕES
Num diálogo invertido com o texto bíblico da Anunciação, o anjo profetiza ao enunciador uma vida conflituosa. A imagem do artista desajustado reflete as contradições entre o sujeito poético e a sociedade.

METONÍMIA
Outra figura de linguagem é utilizada para reforçar o caráter de sensualidade do poema: as pernas (que representam as pessoas) chamam a atenção do eu lírico.

CONEXÕES

CANÇÃO

Até o Fim

Chico Buarque

Quando eu nasci veio um anjo safado
O chato dum querubim
E decretou que eu estava predestinado
A ser errado assim
Já de saída a minha estrada entortou
Mas vou até o fim

Inda garoto deixei de ir à escola
Cassaram meu boletim
Não sou ladrão, eu não sou bom de bola
Nem posso ouvir clarim
Um bom futuro é o que jamais me esperou
Mas vou até o fim

Eu bem que tenho ensaiado um progresso
Virei cantor de festim
Mamãe contou que eu faço
um bruto sucesso
Em Quixeramobim
Não sei como o maracatu começou
Mas vou até o fim
(...)

Não tem cigarro acabou minha renda
Deu praga no meu capim
Minha mulher fugiu com o dono da venda
O que será de mim ?
Eu já nem lembro pronde mesmo que vou
Mas vou até o fim

Como já disse era um anjo safado
O chato dum querubim
Que decretou que eu estava predestinado
A ser todo ruim
Já de saída a minha estrada entortou
Mas vou até o fim

Nesta canção, Chico Buarque retoma a imagem do sujeito gauche – desajustado e deslocado socialmente –, proposta por Drummond no *Poema de Sete Faces*. O sujeito poético é um indivíduo problemático e nada exemplar, cuja vida foi marcada sucessivamente por fracassos e decepções. Uma vez mais, o conflito entre personagem e o mundo serve de tema para a construção de obras de arte, nas quais aparecem concretizadas situações de derrota e persistência.

João Cabral de Melo Neto

Em razão de seu estilo meticuloso, João Cabral de Melo Neto (1920–1999) recebeu a denominação de "engenheiro das palavras". Sua expressão poética norteou-se pelo raciocínio rigoroso, buscando o universo dos objetos, paisagens e fatos sociais, numa constatação objetiva da realidade, em vez do sentimentalismo do "eu", o que levou a crítica a considerar sua poesia "antilírica". Entre as principais obras estão *Pedra do Sono*, *A Educação pela Pedra* e a peça teatral *Morte e Vida Severina* (1955).

Concretismo

O Concretismo surge em São Paulo, em 1956, com a Exposição de Arte Concreta. Consiste em um movimento que explora o grafismo e as formas visuais da escrita, constituindo uma ruptura radical com o lirismo. O experimentalismo e a eliminação dos traços sintáticos buscavam expandir os sentidos da poesia, incorporando o signo visual como elemento de significação, multiplicando as possibilidades de sentidos. Destacam-se Décio Pignatari e os irmãos Haroldo e Augusto de Campos.

Tecendo a Manhã

João Cabral de Melo Neto

Um galo sozinho não tece a manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro: de um outro galo
que apanhe o grito que um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.

E se encorpando em tela, entre todos,
se erguendo tenda, onde entrem todos,
se entretendendo para todos, no toldo
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
que, tecido, se eleva por si: luz balão.

A Educação pela Pedra, Alfaguara, 2008.

METALINGUAGEM
O verso dialoga com o ditado popular "uma andorinha sozinha não faz verão". A poesia é comparada a uma teia (ou tecido), que vai sendo costurada pelos fios poéticos (galos), como um verdadeiro tricô e crochê.

PRONOME RELATIVO "QUE"
Cada termo omitido aparece na oração seguinte, diretamente ou retomado pelo pronome relativo **que**, introdutor das orações subordinadas adjetivas, que garantem a coesão do texto.

NEOLOGISMO
Os termos destacados demonstram o processo pelo qual a manhã nasce: entre (preposição), entrem (verbo) e o neologismo entretendendo (soma de ambos), associados a todos, simbolizam o entrelaçamento dos fios, formando o tecido (manhã).

ENGENHARIA GRAMATICAL E RUPTURA
Os dois primeiros versos apresentam estrutura sintática tradicional: sujeito, verbo e complemento; já os cinco seguintes quebram essa convenção, e as orações são interrompidas e retomadas nos versos seguintes, inclusive com alguns termos apenas subentendidos.

COCA-COLA

Décio Pignatari

BEBA COCA COLA
BABE COLA
BEBA COCA
BABE COLA CACO
CACO
COLA
CLOACA

DESMONTAGEM
O poema explora a palavra, de forma fria e crítica, longe do lirismo tradicional – assim como faz João Cabral em *Tecendo a Manhã*. O autor parte do famoso slogan Beba Coca-Cola, o qual é desmontado e remontado várias vezes, para que nele seja encontrado o significado que o poeta vê por trás da propaganda do refrigerante.

LEITURA
Pode se dar em diferentes sentidos, como cola (vício), caco (sem qualidade), babe (alienação do consumidor). Assim, o produto não deveria, pela leitura do poeta, ser ingerido pela boca, mas lançado à cloaca (fossa, esgoto).

INTERTEXTUALIDADE
O poema dialoga com *Procura da Poesia* (ao lado), evidenciando uma preocupação com a seleção rigorosa das palavras para o ato de escrever.

Catar Feijão

João Cabral de Melo Neto

1.
Catar feijão se limita
com escrever:
joga-se os grãos na
água do alguidar
e as palavras na folha
de papel;
e depois, joga-se fora
o que boiar.
Certo, toda palavra
boiará no papel,
água congelada, por
chumbo seu verbo:
pois para catar esse feijão,
soprar nele,
e jogar fora o leve e oco,
palha e eco.

METALINGUAGEM
O poeta compara metaforicamente o ato de escrever ao de catar (escolher) os feijões (palavras) antes de prepará-los, para que o cozido (poesia) não contenha impurezas, que alterariam seu sabor.

METÁFORA
As palavras leves são secas como a palha: devem ser sopradas; as que boiarem sobre a água (folha de papel) são ocas e sem expressividade, devem ser lançadas fora; as que afundarem são pesadas, têm significação profunda, portanto, darão vida à poesia, sem artificialismos. Essa metáfora expressa bem a "dureza" poética de João Cabral, afastada do sentimentalismo.

2.
Ora, nesse catar feijão
entra um risco:
o de que entre os grãos
pesados entre
um grão qualquer, pedra
ou indigesto,
um grão imastigável, de
quebrar dente.
Certo não, quando ao
catar palavras:
a pedra dá à frase seu
grão mais vivo:
obstrui a leitura fluviante,
flutual,
açula a atenção, isca-a
como o risco.

Poesias Completas,
José Olympio, 1986.

TEXTO INSTRUCIONAL
A preferência por uma organização sintática extremamente didática, em forma de explicativas (uso constante de ":"), convida ao processo da elaboração poética, como se o poeta fosse realmente um professor conduzindo seus alunos à investigação do objeto, no caso, a própria poesia, o que torna o texto, também, instrucional.

DIÁLOGO ENTRE OBRAS

O FAZER POÉTICO

O poema de Drummond trata dos procedimentos ligados ao fazer poético. Assim como João Cabral, o autor orienta seus leitores (alunos) a não se preocuparem com fatores externos ao escrever, como se o poema fosse um "manual prático de poesia". Nos dois poemas, a preocupação com a importância da linguagem para a construção da poesia é a mesma; as palavras, assim como o próprio verso, têm seu objetivo próprio, não precisam de elementos externos nem do estado emocional do poeta.

Procura da Poesia

Carlos Drummond de Andrade

(...)
Penetra surdamente no reino
das palavras.
Lá estão os poemas que esperam
ser escritos.
Estão paralisados, mas não
há desespero,
há calma e frescura na superfície
intacta.
Ei-los sós e mudos, em estado
de dicionário.
Convive com teus poemas, antes
de escrevê-los.
Tem paciência se obscuros. Calma,
se te provocam.
Espera que cada um se realize e consume
com seu poder de palavra
e seu poder de silêncio.
(...)
Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma tem mil faces secretas sob a face
neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta,
pobre ou terrível, que lhe deres:
Trouxeste a chave?
(...)

FUNÇÃO APELATIVA
Verbos no imperativo lembram os preceitos e recomendações dos antigos tratados de poética e reforçam o caráter de texto instrucional.

PROSOPOPEIA
A personificação dos poemas confere a eles status de seres vivos, ideia reforçada pela retomada por meio de pronomes relativos, o que conota que nem todos os poemas estão prontos para ser escritos; a poesia seria um ser, com vontade própria.

POLISSEMIA
O sujeito poético faz referência à polissemia das palavras e à multiplicidade de significações conforme o contexto de emprego.

A Rosa do Povo, Record, 2001.

© TEREZA BETTINARDI

1. (UFAL 2014 ADAPTADA)

Onde nasci, morri
Onde morri, existo
E das peles que visto
muitas há que não vi.

Sem mim como sem ti
posso durar. Desisto
de tudo quanto é misto
e que odiei ou senti.

Nem Fausto nem Mefisto,
à deusa que se ri
deste nosso oaristo,

eis-me a dizer: assisto
além, nenhum, aqui
mas não sou eu, nem isto.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Sonetilho do Falso Fernando Pessoa. In Claro Enigma. *ed. 10. Rio de Janeiro: Record, 2001.*

O poema acima integra o livro *Claro Enigma*, de 1951, obra em que Carlos Drummond de Andrade opera uma mudança de direção em relação à sua trajetória poética anterior, mais ligada ao engajamento social, como se evidencia num livro como *A Rosa do Povo*. Diante disso, é correto afirmar que o autor:

a) Elabora uma rede intertextual com a obra de Fernando Pessoa, poeta representante da segunda geração romântica brasileira, ao fazer referência à "falsidade" da poesia, evidente no último verso.
b) Nega a estética do Modernismo, movimento a que se pode associar Drummond, ao fazer uso do soneto, uma forma poética fixa, muito comum em movimentos como o Barroco, Arcadismo e Romantismo.
c) Representa a dificuldade do homem moderno em se estabelecer enquanto uma unidade e o consequente estado de depressão que esse fato acarreta, evidenciado nos dois primeiros versos.
d) Dialoga, por meio de versos como "E das peles que visto/ muitas há que não vi", com a heteronímia de Fernando Pessoa, fenômeno pelo qual o poeta português se multiplicava em outros poetas, cada um com personalidade diversa da dos outros.
e) Oferece uma visão poética das dificuldades de entendimento entre variantes da língua portuguesa, uma vez que Drummond é brasileiro e Fernando Pessoa, português.

RESOLUÇÃO

O poeta se multiplica, como podemos observar nos primeiros versos do texto ("E das peles que visto...") e ao longo do poema. E o diálogo com *Dizem que finjo ou minto*, de Fernando Pessoa é explícito: Dizem que finjo ou minto/ Tudo que escrevo. Não./ Eu simplesmente sinto/ Com a imaginação./ Não uso o coração.
Quanto às alternativas incorretas: a) Fernando Pessoa não é representante da segunda geração romântica; b) o Romantismo era marcado pela liberdade formal, não sendo comum o uso de sonetos; c) os primeiros versos não trazem traços de depressão, como afirmado na questão; e e) o poema não discute as diferentes variantes linguísticas e não explora o tema em nenhum momento.
Resposta: D

2. (FUVEST 2015)

Como sabemos, o efeito de um livro sobre nós, mesmo no que se refere à simples informação, depende de muita coisa além do valor que ele possa ter. Depende do momento da vida em que o lemos, do grau do nosso conhecimento, da finalidade que temos pela frente. Para quem pouco leu e pouco sabe, um compêndio de ginásio pode ser a fonte reveladora. Para quem sabe muito, um livro importante não passa de chuva no molhado. Além disso, há as afinidades profundas, que nos fazem afinar com certo autor (e portanto aproveitá-lo ao máximo) e não com outro, independente da valia de ambos.

CANDIDO, Antonio. Dez Livros para Entender o Brasil. *Teoria e debate. Ed. 45, 01/07/2000.*

Constitui recurso estilístico do texto
I. a combinação da variedade culta da língua escrita, que nele é predominante, com expressões mais comuns na língua oral;
II. a repetição de estruturas sintáticas, associada ao emprego de vocabulário corrente, com feição didática;
III. o emprego dominante do jargão científico, associado à exploração intensiva da intertextualidade.

Está correto apenas o que se indica em
a) I. **b)** II. **c)** I e II. **d)** III. **e)** I e III.

RESOLUÇÃO

[I] Verdadeiro. Tanto o registro culto (por exemplo, *"um compêndio de ginásio"*) quanto o informal (*"não passa de chuva no molhado"*) estão presentes no trecho, apesar do predomínio do primeiro;
[II] Verdadeiro. O paralelismo sintático (repetição de uma estrutura gramatical), de sentido didático, está presente em *"Para quem (preposição + pronome relativo) pouco leu (verbo + advérbio) e pouco sabe, um compêndio de ginásio pode ser a fonte reveladora. Para quem (preposição + pronome relativo) sabe muito (verbo + advérbio), um livro importante não passa de chuva no molhado."*
[III] Falso. Não há ocorrência de vocabulário científico ou presença intensiva de referências a textos exteriores ao escrito.
Resposta: C

3. (ITA 2013 ADAPTADA)

O emprego da vírgula no trecho, "A década era a de 1870 e o aparelho que ele usava para mandar e receber mensagens, um telégrafo", é semelhante em:
a) Para quem busca uma diversão na tarde de domingo, este filme é o mais recomendado.
b) Ainda que não sejam os de menor custo, os alimentos orgânicos são os mais indicados pelos nutricionistas.
c) O professor de desenho prefere os alunos criativos e o de lógica, os ousados na teoria.
d) Os testes de QI (Quociente de Inteligência), atualmente, são desacreditados por diversas correntes teóricas da Psicologia.
e) Pôr circuitos eletrônicos em envoltórios é uma prática comum, conhecida como encapsulamento.

RESOLUÇÃO

Na frase "A década era a de 1870 e o aparelho que ele usava para mandar e receber mensagens, um telégrafo", a vírgula é utilizada para

indicar a elipse (supressão) do verbo – no caso o verbo "era". O mesmo acontece em "O professor de desenho prefere os alunos criativos e o de lógica, os ousados na teoria", com a supressão do verbo "prefere".
Resposta: C

4. **(ENEM 2016 ADAPTADA)**

O senso comum é que só os seres humanos são capazes de rir. Isso não é verdade?
Não. O riso básico – o da brincadeira, da diversão, da expressão física do riso, do movimento da face e da vocalização – nós compartilhamos com diversos animais. Em ratos, já foram observadas vocalizações ultrassônicas – que nós não somos capazes de perceber – e que eles emitem quando estão brincando de "rolar no chão". Acontecendo de o cientista provocar um dano em um local específico no cérebro, o rato deixa de fazer essa vocalização e a brincadeira vira briga séria. Sem o riso, o outro pensa que está sendo atacado. (...)

Disponível em: http://globonews.globo.com. Acesso em: 31 maio 2012 (adaptado).

A coesão textual é responsável por estabelecer relações entre as partes do texto. Analisando o trecho "Acontecendo de o cientista provocar um dano em um local específico no cérebro", verifica-se que ele estabelece com a oração seguinte uma relação de

a) finalidade, porque os danos causados ao cérebro têm por finalidade provocar a falta de vocalização dos ratos.
b) oposição, visto que o dano causado em um local específico no cérebro é contrário à vocalização dos ratos.
c) condição, pois é preciso que se tenha lesão específica no cérebro para que não haja vocalização dos ratos.
d) consequência, uma vez que o motivo de não haver mais vocalização dos ratos é o dano causado no cérebro.
e) proporção, já que à medida que se lesiona o cérebro não é mais possível que haja vocalização dos ratos

RESOLUÇÃO

A relação estabelecida é de condição, pois se o cientista provocar um dano no cérebro de um rato, ele deixará de produzir a vocalização. Além disso, o uso do verbo no gerúndio ("acontecendo") indica condição. Seria possível reescrever a frase da seguinte forma: "Caso aconteça de o cientista"... ou "Se acontecer de o cientista...".
Resposta: C

SAIBA MAIS

CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS

Conectam sentenças que dependem de outra para fazer sentido e estabelecem relações de: **Causa:** ***Como*** *estava calor, não saímos de casa.* **Consequência:** *Estava tão calor* ***que*** *não saímos de casa*. **Comparação:** *João correu* ***como se*** *estivesse atrasado*. **Concessão:** ***Embora*** *corresse muito, não alcançou o ônibus*. **Condição:** ***Se*** *você chegar cedo, iremos sair*. **Conformidade:** *Fiz a lição* ***conforme*** *você recomendou.* **Finalidade:** *Escreveu a carta* ***para que*** *pudesse alertá-lo.* **Proporção:** *A chuva aumentava* ***à medida que*** *andávamos.* **Temporalidade:** *Não me reconheceu* ***quando*** *passei por ele na rua.*

RESUMO

Literatura do Modernismo – Poesia

MODERNISMO EM PORTUGAL Tem início em 1915, com o lançamento da revista *Orpheu*. O grande nome do movimento é o poeta Fernando Pessoa, criador de diversos heterônimos.

MODERNISMO NO BRASIL A adoção da forma livre de construção dos versos e a reflexão crítica sobre a realidade brasileira marcam as obras dos modernistas da primeira geração, como Mário de Andrade e Oswald de Andrade.

- **Poetas singulares** Três nomes passaram pelo movimento em quase toda a sua extensão: Manuel Bandeira, cujos poemas abordam aspectos ligados à existência humana; Carlos Drummond de Andrade, que fez reflexões metalinguísticas da realidade estilhaçada do século XX; e Vinicius de Moraes, autor de sonetos sobre a temática amorosa. Além deles, vale destacar os seguintes poetas modernistas:

- **Cecília Meireles** A autora de *Romanceiro da Inconfidência* destaca-se pelo fazer poético lírico e musical.

- **João Cabral de Melo Neto** A racionalidade pode ser entrevista na meticulosidade dos detalhes com que constrói seus poemas.

GRAMÁTICA E INTERPRETAÇÃO

- **Coesão e coerência** Coesão é a articulação das palavras e frases que formam o texto, enquanto coerência é a articulação das ideias no texto, de modo a promover a continuidade do sentido.

- **Linguagem coloquial** Usada no dia a dia, caracteriza-se pelo uso de **gírias**, **expressões idiomáticas** (sequências de palavras que não fazem sentido quando entendidas em seu significado literal) e **marcas de oralidade** (usos da língua comuns em conversas cotidianas, como a abreviação de verbos).

- **Língua culta padrão** Usada em ocasiões formais e em textos escritos, caracteriza-se pela **correção gramatical**.

- **Pontuação** A vírgula, além de ser empregada para demarcar pausas na leitura ou para separar elementos de uma sequência, pode alterar o sentido de um texto.

- **Ambiguidade** É quando uma sentença permite mais de um sentido. Pode ser intencional, para criar um efeito de humor ou ironia. Ex.: *O rapaz bateu no homem com a bengala* (o homem que tinha a bengala ou a bengala como objeto para atacar o homem).

- **Metalinguagem** É a função da linguagem que usa o código (a língua) como assunto ou explicação para o próprio código. Em *Tecendo a Manhã*, João Cabral compara a poesia a uma teia.

RAIO X

DECIFRE OS ENUNCIADOS E VEJA AS CARACTERÍSTICAS TÍPICAS DAS QUESTÕES QUE CAEM NAS PROVAS

UNICAMP 2012

TEXTO 1

Entre 1995 e 2008, 12,8 milhões de pessoas saíram da condição de pobreza absoluta (rendimento médio domiciliar per capita *até meio salário mínimo mensal), permitindo que a taxa nacional dessa categoria de pobreza caísse 33,6%, passando de 43,4% para 28,8%.*

No caso da taxa de pobreza extrema (rendimento médio domiciliar per capita *de até um quarto de salário mínimo mensal), observa-se um contingente de 13,1 milhões de brasileiros a superar essa condição, o que possibilitou reduzir em 49,8% a taxa nacional dessa categoria de pobreza, de 20,9%, em 1995, para 10,5%, em 2008.*

Dimensão, Evolução e Projeção da Pobreza por Região e por Estado no Brasil, *Comunicados do IPEA, 13/07/2010, p. 3.*

TEXTO 2

(BENETT, chargesdobenett.zip.net. Acessado em 21/10/2011.)

A Podemos relacionar [1] os termos miséria e pobreza, presentes no TEXTO 2, a dois conceitos [2] que são abordados no TEXTO I. Identifique esses conceitos e explique [3] por que eles podem ser relacionados às noções de miséria e pobreza.

B Que crítica [4] é apresentada no TEXTO 2? Mostre como a charge constrói essa crítica.

1 Questão clássica de vestibulares que pede para relacionar dois textos. No caso, temos um artigo científico e uma charge (que mistura elementos verbais e não verbais).

2 Note que a pergunta solicita, especificamente, a relação de "miséria" e "pobreza" a dois conceitos abordados no texto I: pobreza absoluta e pobreza extrema.

3 Além de identificar os conceitos, você terá que explicar a relação entre eles.

4 O enunciado já afirma que existe uma crítica no texto II. Você deve interpretar a charge de modo a buscar essa informação.

DICAS PARA A RESOLUÇÃO

Antes de responder às perguntas propriamente, analise cada um dos textos.

O texto I, um artigo científico, possui uma linguagem bem objetiva e vários dados e informações. Você vai ver que ele apresenta dois conceitos (pobreza absoluta e pobreza extrema relacionados a determinados dados), suas respectivas definições e uma comparação da situação (número de brasileiros que saíram ou superaram essa condição e a taxa nacional) entre 1995 e 2008.

O texto II, a charge, requer que você fique atento às relações entre os elementos verbais (a fala dos personagens nos balõezinhos) e não verbais (as imagens). Vemos então o diálogo entre dois possíveis moradores de uma favela (observe as casinhas simples), cortada por um esgoto a céu aberto. Observe que no diálogo há a tentativa de definir os conceitos de pobreza e miséria.

A *Os conceitos abordados no texto I são "pobreza extrema" e "pobreza absoluta". A relação com os termos "miséria" e "pobreza" se dá a partir das definições, baseadas no rendimento médio* per capita *mensal das famílias: até meio salário mínimo (pobreza absoluta) e até um quarto de salário mínimo (pobreza extrema). Assim, pobreza extrema seria uma situação ainda pior que pobreza absoluta, o que nos leva a identificar pobreza extrema com miséria e pobreza absoluta com pobreza.*

B *A charge ironiza o critério para definir miséria e pobreza, mostrando sua insignificância para essa população. Há uma crítica à distância que separa a teoria (estudo acadêmico ou científico) da realidade (vida nas favelas). Ou seja, os critérios para definir pobre e miserável em nada altera o cotidiano e as condições difíceis de vida dessas pessoas.*

FUVEST 2016

Examine este anúncio de uma instituição financeira [1], cujo nome foi substituído por X, para responder à questão.

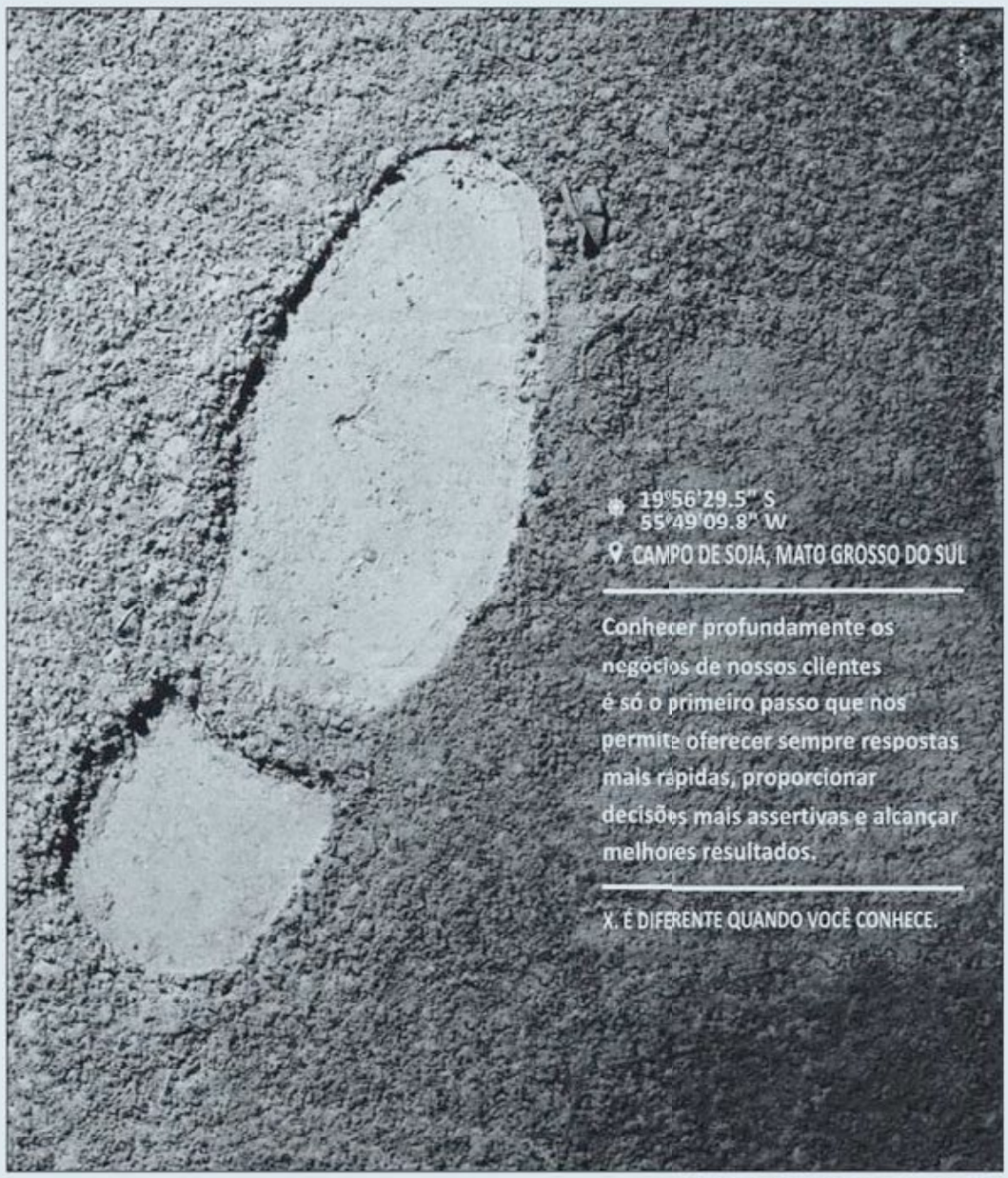

Valor Setorial, junho de 2014. Adaptado.

Compare os diversos elementos [2] que compõem o anúncio e atenda ao que se pede.

A **Considerando o contexto do anúncio [3], existe alguma relação de sentido entre a imagem e o slogan [4] "É DIFERENTE QUANDO VOCÊ CONHECE"? Explique.**

B **A inclusão, no anúncio, dos ícones e algarismos [5] que precedem o texto escrito tem alguma finalidade comunicativa? Explique.**

1 Anúncios publicitários costumam ser bastante utilizados em exames vestibulares. Como quase sempre envolvem uma imagem e um texto, possibilitam a formulação de questões sobre as relações estabelecidas entre esses dois elementos.

2 Repare que o próprio enunciado da questão pede para que você compare os diversos elementos que compõem o anúncio: a imagem da pegada, as coordenadas geográficas, a localização e o texto.

3 Mais um aspecto que a questão apresenta e que você deve prestar atenção: o contexto do anúncio (e qual o seu objetivo).

4 É pedido, especificamente, que você aponte a relação de sentido entre a imagem e o slogan ("*É diferente quando você conhece*").

5 Atenção para as coordenadas geográficas (e qual a sua função no anúncio).

DICAS PARA A RESOLUÇÃO

A *Comece refletindo sobre o contexto do anúncio. Pelo próprio enunciado, sabemos que se trata de uma instituição financeira. O texto fala sobre "conhecer profundamente os negócios de nossos clientes é só o primeiro passo(...)" e o slogan afirma que "é diferente quando você conhece".*

Assim, é estabelecida a relação de sentido com a imagem, pois ela mostra uma pegada, que se liga ao "primeiro passo" da frase e dá a ideia de que "alguém esteve realmente lá" e deixou sua marca. Uma leitura possível seria a de que um funcionário da empresa X visitou o local da atividade do cliente, ou seja, o campo de soja em Mato Grosso do Sul (que vemos escrito ao lado do ícone de localização). A pegada serve como prova ou registro histórico (como a famosa pegada do pé do homem na Lua).

O anúncio destaca a importância da aproximação da empresa com a realidade do local onde o cliente desenvolve suas atividades. Isso proporcionaria um melhor conhecimento do negócio e, dessa maneira, a oferta de um serviço mais rápido e assertivo.

B *Observe os ícones e algarismos que precedem o texto. Você vai reparar que eles são referências geográficas que informam a posição espacial exata do campo de soja. O primeiro ícone é uma rosa dos ventos, que representa os pontos cardeais e serve de referência para determinar as latitudes e longitudes das coordenadas geográficas. O segundo ícone sinaliza o local exato do campo de soja em um mapa.*

A finalidade comunicativa seria associar a precisão do local com o conhecimento rigoroso da realidade do cliente, o que mostraria a eficiência da empresa.

SIMULADO

QUESTÕES SELECIONADAS ENTRE OS MAIORES VESTIBULARES DO PAÍS COM RESPOSTAS COMENTADAS

1. **(ENEM 2016)**

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que o seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a essa leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo uma outra não prevista.

LAJOLO, M. Do Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo. *São Paulo: Ática, 1993.*

Nesse texto, a autora apresenta reflexões sobre o processo de produção de sentidos, valendo-se da metalinguagem. Essa função da linguagem torna-se evidente pelo fato de o texto

a) ressaltar a importância da intertextualidade.
b) propor leituras diferentes das previsíveis.
c) apresentar o ponto de vista da autora.
d) discorrer sobre o ato de leitura.
e) focar a participação do leitor.

2. **(ENEM 2016 – 2ª APLICAÇÃO)**

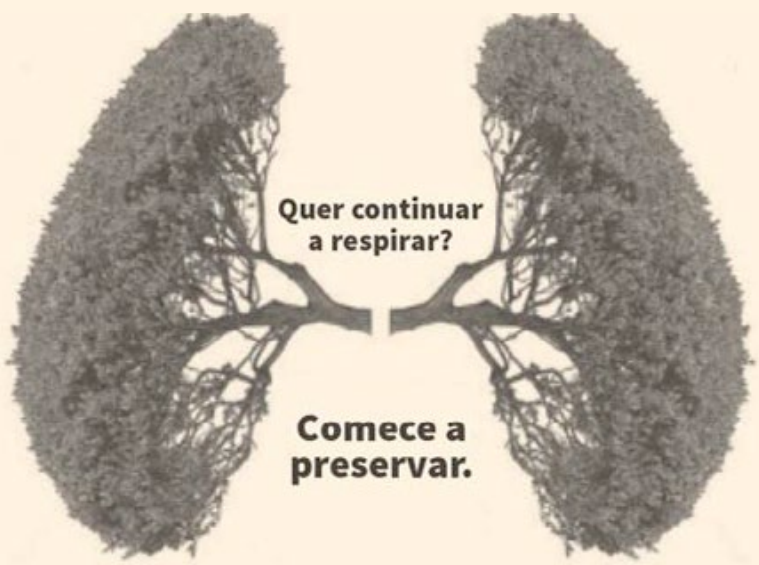

Disponível em: www.ideiasustentavel.com.br. Acesso em: 30 maio 2018 (adaptado).

A importância da preservação do meio ambiente para a saúde é ressaltada pelos recursos verbais e não verbais utilizados nessa propaganda da SOS Mata Atlântica. No texto, a relação entre esses recursos

a) condiciona o entendimento das ações da SOS Mata Atlântica.
b) estabelece contraste de informações na propaganda.
c) é fundamental para a compreensão do significado da mensagem.
d) oferece diferentes opções de desenvolvimento temático.
e) propõe a eliminação do desmatamento como suficiente para a preservação ambiental.

3. **(UNESP 2016.2 ADAPTADA)**

Para responder às questões 3, 4 e 5, leia o excerto do "Sermão da primeira dominga do Advento" de Antônio Vieira (1608-1697), pregado na Capela Real em Lisboa no ano de 1650.

Sabei cristãos, sabei príncipes, sabei ministros, que se vos há de pedir estreita conta do que fizestes; mas muito mais estreita do que deixastes de fazer. Pelo que fizeram, se hão de condenar muitos, pelo que não fizeram, todos. [...]

Desçamos a exemplos mais públicos. Por uma omissão perde-se uma maré, por uma maré perde-se uma viagem, por uma viagem perde-se uma armada, por uma armada perde-se um Estado: dai conta a Deus de uma Índia, dai conta a Deus de um Brasil, por uma omissão. Por uma omissão perde-se um aviso, por um aviso perde-se uma ocasião, por uma ocasião perde-se um negócio, por um negócio perde-se um reino: dai conta a Deus de tantas casas, dai conta a Deus de tantas vidas, dai conta a Deus de tantas fazendas[1], dai conta a Deus de tantas honras, por uma omissão. Oh que arriscada salvação! Oh que arriscado ofício é o dos príncipes e o dos ministros! Está o príncipe, está o ministro divertido, sem fazer má obra, sem dizer má palavra, sem ter mau nem bom pensamento: e talvez naquela mesma hora, por culpa de uma omissão, está cometendo maiores danos, maiores estragos, maiores destruições, que todos os malfeitores do mundo em muitos anos. O salteador na charneca com um tiro mata um homem; o príncipe e o ministro com uma omissão matam de um golpe uma monarquia. A omissão é o pecado que com mais facilidade se comete e com mais dificuldade se conhece; e o que facilmente se comete e dificultosamente se conhece, raramente se emenda. A omissão é um pecado que se faz não fazendo. [...]

Mas por que se perdem tantos? Os menos maus perdem-se pelo que fazem, que estes são os menos maus; os piores perdem-se pelo que deixam de fazer, que estes são os piores: por omissões, por negligências, por descuidos, por desatenções, por divertimentos, por vagares, por dilações, por eternidades. Eis aqui um pecado de que não fazem escrúpulo os ministros, e um pecado por que se perdem muitos. Mas percam-se eles embora, já que assim o querem: o mal é que se perdem a si e perdem a todos; mas de todos hão de dar conta a Deus. Uma das cousas de que se devem acusar e fazer grande escrúpulo os ministros, é dos pecados do tempo.

Porque fizeram o mês que vem o que se havia de fazer o passado; porque fizeram amanhã o que se havia de fazer hoje; porque fizeram depois o que se havia de fazer agora; porque fizeram logo o que se havia de fazer já. Tão delicadas como isto hão de ser as consciências dos que governam, em matérias de momentos. O ministro que não faz grande escrúpulo de momentos não anda em bom estado: a fazenda pode-se restituir; a fama, ainda que mal, também se restitui; o tempo não tem restituição alguma.

Essencial, *2013. Adaptado.*

[1] **fazenda: conjunto de bens, de haveres.**

O alvo principal da crítica contida no excerto é

a) a falta de religiosidade dos governantes.
b) a falta de escrúpulos dos religiosos.
c) a preguiça da população.
d) a negligência dos governantes.
e) a luxúria dos religiosos.

4. (UNESP 2016.2 ADAPTADA)

Implícita à argumentação do autor está condenar a defesa da

a) contemplação.
b) ação.
c) solidão.
d) serenidade.
e) caridade.

5. (UNESP 2016.2 ADAPTADA)

No sermão, o autor recorre a uma construção que contém um aparente paradoxo em:

a) "o mal é que se perdem a si e perdem a todos" (3º parágrafo)
b) "os piores perdem-se pelo que deixam de fazer, que estes são os piores" (3º parágrafo)
c) "Desçamos a exemplos mais públicos." (2º parágrafo)
d) "Oh que arriscado ofício é o dos príncipes e o dos ministros!" (2º parágrafo)
e) "A omissão é um pecado que se faz não fazendo." (2º parágrafo)

6. (MACKENZIE 2017)

Ondas do mar de Vigo

Ondas do mar de Vigo,
se vistes meu amigo?
e ai Deus, se verrá cedo?
Ondas do mar levado,
se vistes meu amado?
e ai Deus, se verrá cedo?
Se vistes meu amigo,
o por que eu sospiro?
e ai Deus, se verrá cedo?
Se vistes meu amado,
o por que hei gram coidado?
e ai Deus, se verrá cedo?

Martim Codax

Pode-se afirmar que pertence ao mesmo tipo de poema trovadoresco de *Ondas do Mar de Vigo* APENAS a alternativa:

a) Dona fea, nunca vos eu loei/en meu trobar, pero muito trobei;/mais ora já un bon cantar farei,/en que vos loarei toda via;/e direi-vos como vos loarei:/dona fea, velha e sandia! (Joan Garcia de Guilhade)
b) Quer'eu en maneira provençal/fazer agora un cantar d'amor/e querrei muit'i loar mia senhor, a que prez nem fremusura non fal,/nem bondade, e mais vos direi en: tanto fez Deus comprida de ben/que mais que todas las do mundo val. (D. Dinis)
c) A melhor dona que eu nunca vi,/per bõa fé, nem que oí dizer,/ e a que Deus fez melhor parecer,/mia senhor est, e senhor das que vi,/ de mui bom preço e de mui bom sem,/per bõa fé, e de tod'outro bem, de quant'eu nunca doutra dona oí. (Fernão Garcia Esgaravunha)
d) Quantos ham gram coita d'amor/eno mundo, qual hoj'eu hei,/ queriam morrer, eu o sei,/e haveriam en sabor;/mais, mentr'eu vos vir, mia senhor,/ sempre m'eu queria viver/ e atender e atender. (João Garcia de Guilhade)
e) Que coita tamanha ei a sofrer,/por amar amigu'e non o ver!/E pousarei sô lo avelanal. (Nuno Fernandes Torneol)

7. (FUVEST 2017)

Nasceu o dia e expirou.
Já brilha na cabana de Araquém o fogo, companheiro da noite. Correm lentas e silenciosas no azul do céu, as estrelas, filhas da lua, que esperam a volta da mãe ausente.
Martim se embala docemente; e como a alva rede que vai e vem, sua vontade oscila de um a outro pensamento. Lá o espera a virgem loura dos castos afetos; aqui lhe sorri a virgem morena dos ardentes amores. Iracema recosta-se langue ao punho da rede; seus olhos negros e fúlgidos, ternos olhos de sabiá, buscam o estrangeiro, e lhe entram n'alma. O cristão sorri; a virgem palpita; como o saí, fascinado pela serpente, vai declinando o lascivo talhe, que se debruça enfim sobre o peito do guerreiro.

José de Alencar, Iracema.

Atente para as seguintes afirmações, extraídas e adaptadas de um estudo do crítico Augusto Meyer sobre José de Alencar:

I. "Nesta obra, assim como nos 'poemas americanos' dos nossos poetas, palpita um sentimento sincero de distância poética e exotismo, de coisa notável por estranha para nós, embora a rotulemos como nativa."
II. "Mais do que diante de um relato, estamos diante de um poema, cujo conteúdo se concentra a cada passo na magia do ritmo e na graça da imagem."
III. "O tema do bom selvagem foi, neste caso, aproveitado para um romance histórico, que reproduz o enredo típico das narrativas de capa e espada, oriundas da novela de cavalaria."

É compatível com o trecho de Iracema aqui reproduzido, considerado no contexto dessa obra, o que se afirma em:

a) I, apenas. **b)** III, apenas. **c)** I e II, apenas.
d) II e III, apenas. **e)** I, II e III.

8. (FGV-RIO 2017)

A única frase em que o pronome "o" está corretamente empregado é:

a) O garoto aguardava uma proposta que o permitisse ficar em casa se divertindo.
b) Depois de assistir a algumas competições de surfe, o garoto aderiu-o definitivamente.
c) O motorista está convicto de que os próprios passageiros o implicaram no acidente.
d) Antes da viagem, o grupo fez uma oração pedindo que nada de mal o acontecesse.
e) O técnico não tolerará que os jogadores o respondam quando forem advertidos.

9. (UEA 2013 ADAPTADA)

O bagre é um peixe de grande porte e é necessário manter, ao longo do ano, bons estoques desse pescado **de** que **dependem** muitas populações e mercados.

www.oeco.com.br. Adaptado.

No trecho transcrito, observa-se que a preposição de foi empregada para atender à regência do verbo depender.
De acordo com a norma-padrão, também está corretamente empregada a preposição destacada em:

a) O parecer, de que acreditam muitos pesquisadores, aponta que uma associação de causas é a responsável pelas alterações ambientais.
b) O uso de dinamites nas construções de barragens, a que aludem alguns pescadores, seria um dos fatores para a diminuição dos peixes.
c) Os estados do Pará, Amapá, Amazonas e Rondônia são aqueles a que o bagre apresenta grande valor comercial.
d) A relação entre peixes e hábitat, de que interferem os ciclos de cheias e vazantes, caracteriza a dinâmica hidrológica da região.
e) As regiões, com que esses peixes chegam durante a migração, são as mais elevadas dos países vizinhos.

10. (UNESP 2016.2)

Essa nova sensibilidade artística, apesar de heterogênea, pode ser resumida através da atenção à forma e ao tema, assim como ao processo. A forma inclui cores saturadas, formas simples, contornos relativamente nítidos e supressão do espaço profundo. O tema deriva de fontes preexistentes e manufaturadas para consumo de massa.

David McCarthy. Movimentos da Arte Moderna*, 2002. Adaptado.*

O comentário do historiador David McCarthy aplica-se à obra reproduzida em:

a)

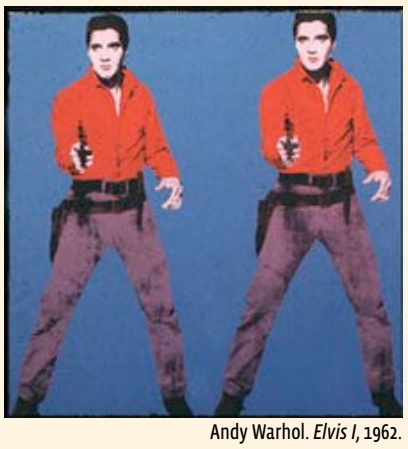

Andy Warhol. *Elvis I*, 1962.

b)

Pablo Picasso. *As Senhoritas de Avignon*, 1907.

c)

Jackson Pollock. Convergência, 1952.

d)

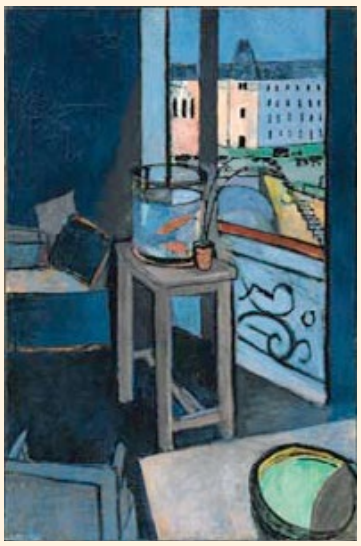

Henri Matisse. *Interior, Jarra com Peixes Vermelhos*, 1914.

e)

Kasemir Malevitch. *Cruz Negra*, 1923.

11. (UNICAMP 2017)

O romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* é considerado um divisor de águas tanto na obra de Machado de Assis quanto na literatura brasileira do século XIX. Indique a alternativa em que todas as características mencionadas podem ser adequadamente atribuídas ao romance em questão.

a) Rejeição dos valores românticos, narrativa linear e fluente de um defunto autor, visão pessimista em relação aos problemas sociais.

b) Distanciamento do determinismo científico, cultivo do humor e digressões sobre banalidades, visão reformadora das mazelas sociais.

c) Abandono das idealizações românticas, uso de técnicas pouco usuais de narrativa, sugestão implícita de contradições sociais.

d) Crítica do realismo literário, narração iniciada com a morte do narrador-personagem, tematização de conflitos sociais

12. (FGV-RIO 2017)

Esta sinistra morada era habitada por uma personagem talhada pelo molde mais detestável; era um caboclo velho, de cara hedionda e imunda, e coberto de farrapos. Entretanto, para a admiração do leitor, fique-se sabendo que este homem tinha por ofício dar fortuna!

Naquele tempo acreditava-se muito nestas coisas, e uma sorte de respeito supersticioso era tributado aos que exerciam semelhante profissão. Já se vê que inesgotável mina não achavam nisso os industriosos!

E não era só a gente do povo que dava crédito às feitiçarias; conta-se que muitas pessoas da alta sociedade de então iam às vezes comprar venturas e felicidades pelo cômodo preço da prática de algumas imoralidades e superstições.

Pois ao nosso amigo Leonardo tinha-lhe também dado na cabeça tomar fortuna, e tinha isso por causa das contrariedades que sofria em uns novos amores que lhe faziam agora andar a cabeça à roda.

Tratava-se de uma cigana; o Leonardo a vira pouco tempo depois da fuga da Maria, e das cinzas ainda quentes de um amor mal pago nascera outro que também não foi a este respeito melhor aquinhoado; mas o homem era romântico, como se diz hoje, e babão, como se dizia naquele tempo; não podia passar sem uma paixãozinha. Como o ofício rendia, e ele andava sempre apatacado, não lhe fora difícil conquistar a posse do adorado objeto; porém a fidelidade, a unidade no gozo, que era o que sua alma aspirava, isso não o pudera conseguir: a cigana tinha pouco mais ou menos sido feita no mesmo molde da saloia.

Manuel Antônio de Almeida, Memórias de um Sargento de Milícias.

Para realizar seu propósito evidente de ironizar e até de desmerecer os ideais do amor romântico, o narrador valeu-se de vários recursos expressivos, alguns dos quais se encontram relacionados nas alternativas abaixo. A ÚNICA alternativa que registra um recurso de expressão que NÃO se prestou a essa finalidade é

a) a atribuição de sentido pejorativo à palavra "fidelidade".

b) a associação do termo "romântico" ao termo "babão".

c) o emprego da alusão, para indicar o caráter interesseiro da dama escolhida.

d) a designação da amada como "adorado objeto".

e) a utilização do diminutivo em "paixãozinha".

13. (UNESP 2015.2)

Ao Príncipe

Pela estrada da vida subi morros,
Desci ladeiras e, afinal, te digo
Que, se entre amigos encontrei cachorros,
Entre os cachorros encontrei-te, amigo!
Para insultar alguém hoje recorro
A novos nomes feios, porque vi
Que elogio a quem chame de cachorro,
Depois que este cachorro conheci.

Fernando Góes (org.). Panorama da Poesia Brasileira*, vol. 5, 1960.*

No poema de Belmiro Braga, a diferença expressiva mais relevante entre as duas ocorrências da palavra "cachorros" consiste no fato de que:

a) no terceiro verso, a palavra se encontra no final; no quarto, no meio do verso.

b) ocorre rima acidental entre os dois empregos "cachorros" / "cachorros".

c) no terceiro verso, a palavra é empregada como núcleo do objeto direto; no quarto, como núcleo do sujeito da oração.

d) no terceiro verso, a palavra é empregada metaforicamente; no quarto, em sentido próprio.

e) no terceiro verso, a palavra não tem significado definido; no quarto, o significado é claro.

14. (ENEM 2014)

Vida obscura

Ninguém sentiu o teu espasmo obscuro,
ó ser humilde entre os humildes seres,
embriagado, tonto de prazeres,
o mundo para ti foi negro e duro.

Atravessaste no silêncio escuro
a vida presa a trágicos deveres
e chegaste ao saber de altos saberes
tornando-te mais simples e mais puro.

Ninguém te viu o sentimento inquieto,
magoado, oculto e aterrador, secreto,
que o coração te apunhalou no mundo,

Mas eu que sempre te segui os passos
sei que cruz infernal prendeu-te os braços
e o teu suspiro como foi profundo!

SOUSA, C. Obra Completa. *Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1961.*

Com uma obra densa e expressiva no Simbolismo brasileiro, Cruz e Sousa transpôs para seu lirismo uma sensibilidade em conflito com a realidade vivenciada. No soneto, essa percepção traduz-se em

a) sofrimento tácito diante dos limites impostos pela discriminação.
b) tendência latente ao vício como resposta ao isolamento social.
c) extenuação condicionada a uma rotina de tarefas degradantes.
d) frustração amorosa canalizada para as atividades intelectuais.
e) vocação religiosa manifesta na aproximação com a fé cristã.

15. (UNESP 2017)

Leia o excerto do livro *Violência Urbana*, de Paulo Sérgio Pinheiro e Guilherme Assis de Almeida, para responder à questão.

De dia, ande na rua com cuidado, olhos bem abertos. Evite falar com estranhos. À noite, não saia para caminhar, principalmente se estiver sozinho e seu bairro for deserto. Quando estacionar, tranque bem as portas do carro [...]. De madrugada, não pare em sinal vermelho. Se for assaltado, não reaja – entregue tudo.

É provável que você já esteja exausto de ler e ouvir várias dessas recomendações. Faz tempo que a ideia de integrar uma comunidade e sentir-se confiante e seguro por ser parte de um coletivo deixou de ser um sentimento comum aos habitantes das grandes cidades brasileiras. As noções de segurança e de vida comunitária foram substituídas pelo sentimento de insegurança e pelo isolamento que o medo impõe. O outro deixa de ser visto como parceiro ou parceira em potencial; o desconhecido é encarado como ameaça. O sentimento de insegurança transforma e desfigura a vida em nossas cidades. De lugares de encontro, troca, comunidade, participação coletiva, as moradias e os espaços públicos transformam-se em palco do horror, do pânico e do medo.

A violência urbana subverte e desvirtua a função das cidades, drena recursos públicos já escassos, ceifa vidas – especialmente as dos jovens e dos mais pobres –, dilacera famílias, modificando nossas existências dramaticamente para pior. De potenciais cidadãos, passamos a ser consumidores do medo. O que fazer diante desse quadro de insegurança e pânico, denunciado diariamente pelos jornais e alardeado pela mídia eletrônica? Qual tarefa impõe-se aos cidadãos, na democracia e no Estado de direito?

Violência Urbana, *2003.*

O modo de organização do discurso predominante no excerto é

a) a dissertação argumentativa.
b) a narração.
c) a descrição objetiva.
d) a descrição subjetiva.
e) a dissertação expositiva.

16. (ENEM 2016 – 2ª APLICAÇÃO)

Fraudador é preso por emitir atestados com erro de português

Mais um erro de português leva um criminoso às mãos da polícia. Desde 2003, M.O.P., de 37 anos, administrava a empresa MM, que falsificava boletins de ocorrência, carteiras profissionais e atestados de óbito, tudo para anular multas de trânsito. Amparado pela documentação fajuta de M.O.P., um motorista poderia alegar às Juntas Administrativas de Recursos de Infrações que ultrapassou o limite de velocidade para levar uma parente que passou mal e morreu a caminho do hospital. O esquema funcionou até setembro, quando M.O.P. foi indiciado. Atropelara a gramática. Havia emitido, por exemplo, um atestado de abril do ano passado em que estava escrito aneurisma "celebral" (com l no lugar de r) e "insulficiência" múltipla de órgãos (com um l desnecessário em "insuficiência" – além do fato de a expressão médica adequada ser "falência múltipla de órgãos").

M.O.P. foi indiciado pela 2ª Delegacia de Divisão de Crimes de Trânsito. Na casa do acusado, em São Miguel Paulista, zona leste de São Paulo, a polícia encontrou um computador com modelos de documentos.

Língua Portuguesa, *n. 12, set. 2006 (adaptado).*

O texto apresentado trata da prisão de um fraudador que emitia documentos com erros de escrita. Tendo em vista o assunto, a organização, bem como os recursos linguísticos, depreende-se que esse texto é um

a) conto, porque discute problemas existenciais e sociais de um fraudador.
b) notícia, porque relata fatos que resultaram no indiciamento de um fraudador.
c) crônica, porque narra o imprevisto que levou a polícia a prender um fraudador.
d) editorial, porque opina sobre aspectos linguísticos dos documentos redigidos por um fraudador.
e) piada, porque narra o fato engraçado de um fraudador descoberto pela polícia por causa de erros de grafia.

17. (ESPM 2017)

Centrando-se, assim, no moderno, [...] faziam apologia da velocidade, da máquina, do automóvel ("um automóvel é mais belo que a Vitória de Samotrácia*", dizia Marinetti no seu primeiro manifesto), da agressividade, do esporte, da guerra, do patriotismo, do militarismo, das fábricas, das estações ferroviárias, das multidões, das locomotivas, dos aviões, enfim, de tudo quanto exprimisse o moderno nas suas formas avançadas e imprevistas.*

Massaud Moisés, Dicionário de Termos Literários, *Cultrix, p. 234*

O texto acima define um dos primeiros "ismos" das vanguardas artísticas europeias que sacudiram o século XX. Trata-se do:

a) Cubismo
b) Futurismo
c) Surrealismo
d) Dadaísmo
e) Impressionismo

18. (ESPM 2017)

Levando-se em conta que Filippo Marinetti, fundador do movimento referido na questão anterior, rejeitou o passado e defendeu a extinção de museus e cidades antigas, ao afirmar que "um automóvel é mais belo que a *Vitória de Samotrácia*", ele só não usou com essa frase:

a) eufemismo, já que automóvel apenas suaviza a natural ideia de superioridade sobre uma estátua.
b) metonímia, em que o automóvel substitui toda modernidade veloz e a *Vitória de Samotrácia* substitui a arte grega
c) comparação ou símile, pois para o autor o automóvel é mais belo artisticamente que a estátua grega.
d) metáfora, em que o automóvel simboliza o moderno e a estátua simboliza o antigo.
e) antítese, pois contrapõe o conjunto da modernidade ao conjunto do passadismo.

19. (ENEM 2016)

A partida de trem

Marcava seis horas da manhã. Angela Pralini pagou o táxi e pegou sua pequena valise. Dona Maria Rita de Alvarenga Chagas Souza Melo desceu do Opala da filha e encaminharam-se para os trilhos. A velha bem vestida e com joias. Das rugas que a disfarçavam saía a forma pura de um nariz perdido na idade, e de uma boca que outrora devia ter sido cheia e sensível. Mas que importa? Chega-se a um certo ponto – e o que foi não importa. Começa uma nova raça. Uma velha não pode comunicar-se. Recebeu o beijo gelado de sua filha que foi embora antes do trem partir. Ajudara-a antes a subir no vagão. Sem que neste houvesse um centro, ela se colocara do lado. Quando a locomotiva se pôs em movimento, surpreendeu-se um pouco: não esperava que o trem seguisse nessa direção e sentara-se de costas para o caminho.

Angela Pralini percebeu-lhe o movimento e perguntou:

– A senhora deseja trocar de lugar comigo?

Dona Maria Rita se espantou com a delicadeza, disse que não, obrigada, para ela dava no mesmo. Mas parecia ter-se perturbado. Passou a mão sobre o camafeu filigranado de ouro, espetado no peito, passou a mão pelo broche. Seca. Ofendida? Perguntou afinal a Angela Pralini:

– É por causa de mim que a senhorita deseja trocar de lugar?

LISPECTOR, C. Onde Estivestes de Noite. *Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980 (fragmento).*

A descoberta de experiências emocionais com base no cotidiano é recorrente na obra de Clarice Lispector. No fragmento, o narrador enfatiza o

a) comportamento vaidoso de mulheres de condição social privilegiada.
b) anulação das diferenças sociais no espaço público de uma estação.
c) incompatibilidade psicológica entre mulheres de gerações diferentes.
d) constrangimento da aproximação formal de pessoas desconhecidas.
e) sentimento de solidão alimentado pelo processo de envelhecimento.

20. (UNICAMP 2017)

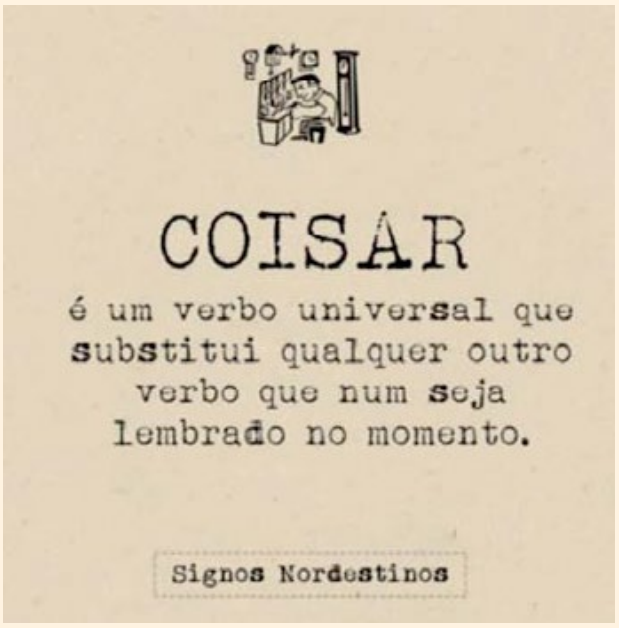

Disponível em https://www.facebook.com/SignosNordestinos/?fret=ts. Acessado em 26/07/2016.

Do ponto de vista da norma culta, é correto afirmar que "coisar" é

a) uma palavra resultante da atribuição do sentido conotativo de um verbo qualquer ao substantivo "coisa".
b) uma palavra resultante do processo de sufixação que transforma o substantivo "coisa" no verbo "coisar".
c) uma palavra que, graças a seu sentido universal, pode ser usada em substituição a todo e qualquer verbo não lembrado.
d) uma palavra que resulta da transformação do substantivo "coisa" em verbo "coisar", reiterando um esquecimento.

21. (UEMG 2015)

Em gramáticas e em manuais de língua portuguesa, costuma-se recomendar o uso da vírgula para indicar a elipse (omissão) de um verbo, como neste exemplo: "Ele prefere filmes de suspense; a namorada, filmes de aventura". Com base nessa regra, seria necessário alterar a pontuação da seguinte passagem:

a) "Cruéis convenções nos convocam: estar em forma, ser competente, ser produtivo, mostrar serviço, prover, pagar, e ainda ter tempo para ternura, cuidados, amor."
b) "A sociedade é uma mãe terrível, a vida um corredor estreito, o tempo um perseguidor implacável (...)"
c) "Só não prevíamos as corredeiras, as gargantas, os redemoinhos, a noite lá no fundo dessas águas."
d) "É quando toda a competência, a eficiência, o poder, se encolhem e ficamos nus, e sós, na nossa frágil maturidade (...)".

22. (FAMEMA 2017 ADAPTADA)

"A inundação crescia sempre; o leito do rio elevava-se gradualmente; as árvores pequenas desapareciam; e a folhagem dos soberbos jacarandás sobrenadava já como grandes moitas de arbustos."

Nesse trecho, os verbos indicam

a) fatos isolados, pontuais, inteiramente no passado.
b) fatos no passado, anteriores a outros fatos também no passado.
c) processos contínuos inteiramente no passado.
d) processos contínuos que se estendem do passado até o presente.
e) fatos que se repetem pontualmente no passado.

23. (ENEM 2015)

Assum preto

Tudo em vorta é só beleza
Sol de abril e a mata em frô
Mas assum preto, cego dos óio
Num vendo a luz, ai, canta de dor
Tarvez por ignorança
Ou mardade das pió
Furaro os óio do assum preto
Pra ele assim, ai, cantá mió
Assum preto veve sorto
Mas num pode avuá
Mil veiz a sina de uma gaiola
Desde que o céu, ai, pudesse oiá

GONZAGA, L.; TEIXEIRA, H. Disponível em: www.luizgonzaga.mus.br. Acesso em: 30 jul. 2012 (fragmento).

As marcas da variedade regional registradas pelos compositores de *Assum Preto* resultam da aplicação de um conjunto de princípios ou regras gerais que alteram a pronúncia, a morfologia, a sintaxe ou o léxico. No texto, é resultado de uma mesma regra a

a) pronúncia das palavras "vorta" e "veve".
b) pronúncia das palavras "tarvez" e "sorto".
c) flexão verbal encontrada em "furaro" e "cantá".
d) redundância nas expressões "cego dos óio" e "mata em frô".
e) pronúncia das palavras "ignorância" e "avuá".

24. (ENEM 2016)

Disponível em: www.paradapelavida.com.br. Acesso em: 15 nov. 2014.

Nesse texto, a combinação de elementos verbais e não verbais configura-se como estratégia argumentativa para

a) manifestar a preocupação do governo com a segurança dos pedestres.
b) associar a utilização do celular às ocorrências de atropelamento de crianças.
c) orientar pedestres e motoristas quanto à utilização responsável do telefone móvel.
d) influenciar o comportamento de motoristas em relação ao uso de celular no trânsito.
e) alertar a população para os riscos da falta de atenção no trânsito das grandes cidades.

25. (UNESP 2017)

Carpe diem: Esse conhecido lema, extraído das Odes do poeta latino Horácio (65 a.C.- 8 a.C.), sintetiza expressivamente o seguinte motivo: saber aproveitar tudo o que se apresente de positivo (mesmo que pouco) e transitório.

Renzo Tosi. Dicionário de Sentenças Latinas e Gregas*, 2010. Adaptado.*

Das estrofes extraídas da produção poética de Fernando Pessoa (1888-1935), aquela em que tal motivo se manifesta mais explicitamente é:

a) Nem sempre sou igual no que digo e escrevo.
Mudo, mas não mudo muito.
A cor das flores não é a mesma ao sol
De que quando uma nuvem passa
Ou quando entra a noite
E as flores são cor da sombra.

b) Cada um cumpre o destino que lhe cumpre,
E deseja o destino que deseja;
Nem cumpre o que deseja,
Nem deseja o que cumpre.

c) Como um ruído de chocalhos
Para além da curva da estrada,
Os meus pensamentos são contentes.
Só tenho pena de saber que eles são contentes,
Porque, se o não soubesse,
Em vez de serem contentes e tristes,
Seriam alegres e contentes.

d) Tão cedo passa tudo quanto passa!
Morre tão jovem ante os deuses quanto
Morre! Tudo é tão pouco!
Nada se sabe, tudo se imagina.
Circunda-te de rosas, ama, bebe
E cala. O mais é nada.

e) Acima da verdade estão os deuses.
A nossa ciência é uma falhada cópia
Da certeza com que eles
Sabem que há o Universo.

26. (FGV-RIO 2017)

Poema tirado de uma notícia de jornal

João Gostoso era carregador de feira livre e morava no morro da
[Babilônia num barracão sem número.
Uma noite ele chegou no bar Vinte de Novembro
Bebeu
Cantou
Dançou
Depois se atirou na Lagoa Rodrigo de Freitas e morreu afogado.

Manuel Bandeira. Libertinagem.

A filiação do poema à estética do Modernismo revela-se na

I - escolha de assunto pertencente à esfera do cotidiano humilde e prosaico, em oposição ao Parnasianismo antecendente, que cultivava os temas ditos nobres, solenes e elevados.
II - utilização de objeto ou texto já pronto ou constituído, alegadamente encontrado na realidade exterior, como base da composição poética.
III - ruptura das fronteiras entre os gêneros literários tradicionais, que aparecem mesclados no texto.

Está correto o que se afirma em

a) I e III, somente.
b) I, somente.
c) II e III, somente.
d) I, II e III.
e) I e II, somente.

27. (UFSC 2017 ADAPTADA)

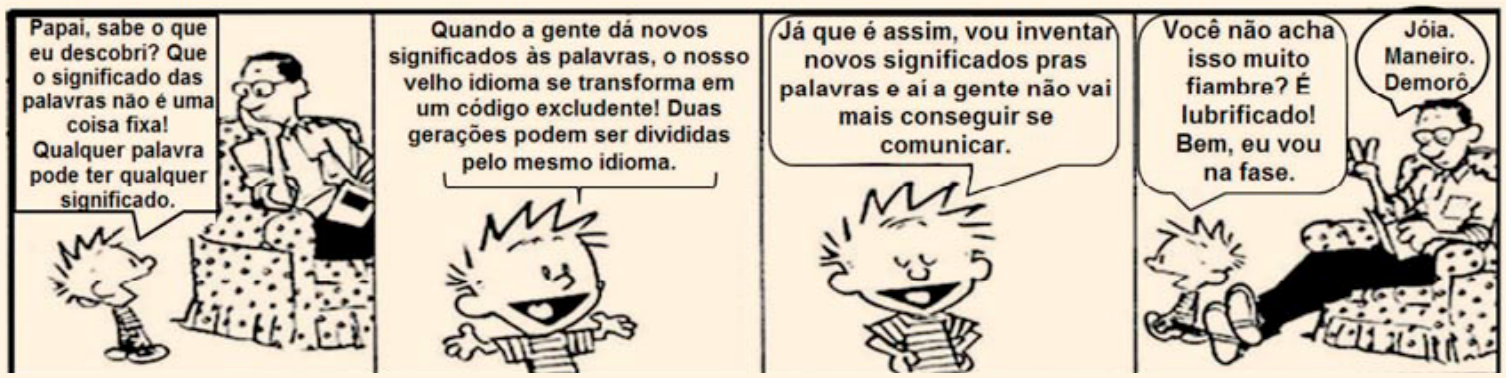

Disponível em: ‹http://novaescola.org.br/lingua-portuguesa/coletaneas/calvin-seus-amigos-428892.shtml›. (Adaptado) Acesso em: 24 jun. 2016.

Com base na leitura do texto e de acordo com a variedade padrão escrita da língua portuguesa, é correto afirmar que:

I) a ideia principal da tirinha é a criação de novas palavras na língua.
II) as palavras "papai" (primeiro quadrinho) e "você" (quarto quadrinho) remetem ao mesmo referente, porém exercem funções morfossintáticas distintas.
III) no segundo e no terceiro quadrinho, "a gente" é usado como pronome pessoal em referência à primeira pessoa do plural e desempenha a mesma função morfossintática nas duas ocorrências.
IV) as formas verbais "pode" (primeiro quadrinho) e "podem" (segundo quadrinho) são usadas no texto para expressar a ideia de possibilidade.
V) a partir da leitura do texto 4, infere-se que a língua pode se tornar um mecanismo de exclusão social.
VI) no quarto quadrinho, as palavras "fiambre" e "lubrificado" e as palavras "joia", "maneiro" e "demorô" são usadas pelos dois personagens, respectivamente, com a mesma intenção: marcar expressões que são típicas da fala de duas gerações.

Assim, estão incorretas apenas as seguintes afirmações:

a) I e II.
b) III e V.
c) I e VI.
d) V e VI.

28. (ESPM 2017)

Em uma das frases ocorre uma ambiguidade ou duplo sentido. Identifique-a:

a) Ex-presidente recorreu ao Comitê da ONU acusando o juiz de violar seus direitos.
b) Sem placa orientadora, taxistas evitam corredor de ônibus, mesmo após liberação pela Prefeitura.
c) "Pokemon Go" leva jogadores à caça em cemitérios e igrejas no Brasil.
d) Líderes governamentais com tensões e saias-justas na mala vão à China para o G20.
e) O ministro do STF afirmou que os integrantes do Ministério Público Federal devem "calçar as sandálias da humildade".

29. (ENEM 2015)

Texto I

Um ato de criatividade pode gerar um modelo produtivo. Foi o que aconteceu com a palavra sambódromo, criativamente formada com a terminação -(o)dromo (=corrida), que figura em hipódromo, autódromo, cartódromo, formas que designam itens culturais da alta burguesia. Não demoraram a circular, a partir de então, formas populares como rangódromo, beijódromo, camelódromo.

AZEREDO, J. C. Gramática Houaiss da Língua Portuguesa. *São Paulo: Publifolha, 2008*

Texto II

Existe coisa mais descabida do que chamar de sambódromo uma passarela para desfile de escolas de samba? Em grego, -dromo quer dizer "ação de correr, lugar de corrida", daí as palavras autódromo e hipódromo. É certo que, às vezes, durante o desfile, a escola se atrasa e é obrigada a correr para não perder pontos, mas não se descoloca a velocidade de um cavalo ou de um carro de Fórmula 1.

GULLAR, F. Disponível em: www1.folha.uol.com.br. Acesso em: 3 ago. 2012.

Há nas línguas mecanismos geradores de palavras. Embora o texto II apresente um julgamento de valor sobre a formação da palavra sambódromo, o processo de formação dessa palavra reflete

a) o dinamismo da língua na criação de novas palavras.
b) uma nova realidade limitando o aparecimento de novas palavras.
c) a apropriação inadequada de mecanismos de criação de palavras por leigos.
d) o reconhecimento da impropriedade semântica dos neologismos.
e) a restrição na produção de novas palavras com o radical grego.

30. (UFES 2016 ADAPTADA)

As frases a seguir compõem um fragmento de texto de Sírio Possenti[1] e estão fora da ordem em que aparecem no texto original.

1) A trama é a seguinte: um repórter desempregado aceita emprego novo, responder à correspondência das leitoras de uma revista feminina.
2) Um tal Pedro Redgrave, no entanto, estabelece com ele uma correspondência mais sólida. Cartas e respostas se sucedem.
3) "Corações solitários" é um dos bons contos de Rubem Fonseca.
4) Até que um dia o repórter descobre que Pedro Redgrave é de fato seu chefe. As razões pelas quais lhe escreve são ambíguas, e nisso reside o interesse principal do conto. Leiam. É ótimo.
5) Assina com nome feminino, para permitir a necessária confiança e dar credibilidade ao trabalho. Recebe cartas de todos os tipos – quer dizer, de pouquíssimos tipos, são as mesmas coisas de sempre – e dá respostas estereotipadas sobre como cuidar de filhos, de filhas, de maridos, de amantes, da saúde etc.

[1]*POSSENTI, SÍRIO. Gramáticos solidários.* In: _____. Mal Comportadas Línguas. *Curitiba: Criar, 2000. p. 75.*

Considerando as noções de coesão e coerência textual, a alternativa que as organiza de forma que o texto daí restante produza sentido é

a) 3, 1, 2, 4, 5.
b) 3, 5, 2, 4, 1.
c) 3, 1, 5, 2, 4.
d) 3, 2, 4, 1, 5.

31. (UNIFESP 2017)

Leia a fábula "A Raposa e o Lenhador", do escritor grego Esopo (620 a.C.?-564 a.C.?), para responder às questões 31 a 33.

Enquanto fugia de caçadores, uma raposa viu um lenhador e lhe pediu que a escondesse. Ele sugeriu que ela entrasse em sua cabana e se ocultasse lá dentro. Não muito tempo depois, vieram os caçadores e perguntaram ao lenhador se ele tinha visto uma raposa passar por ali. Em voz alta ele negou tê-la visto, mas com a mão fez gestos indicando onde ela estava escondida. Entretanto, como eles não prestaram atenção nos seus gestos, deram crédito às suas palavras. Ao constatar que eles já estavam longe, a raposa saiu em silêncio e foi indo embora. E o lenhador se pôs a repreendê-la, pois ela, salva por ele, não lhe dera nem uma palavra de gratidão. A raposa respondeu: "Mas eu seria grata, se os gestos de sua mão fossem condizentes com suas palavras."

Fábulas Completas, *2013.*

A moral mais apropriada para fechar a fábula seria:

a) Esta fábula pode ser dita a propósito de homens desventurados que, quando estão em situações embaraçosas, rezam para encontrar uma saída, mas assim que encontram procuram evitá-las.
b) Desta fábula pode servir-se uma pessoa a propósito daqueles homens que nitidamente proclamam ações nobres, mas na prática realizam atos vis.
c) Esta fábula mostra que os homens desatentos prestam atenção nas coisas de que esperam tirar proveito, mas permanecem apáticos em relação àquelas que não lhes agradam.
d) Assim, alguns homens se entregam a tarefas arriscadas, na esperança de obter ganhos, mas se arruínam antes mesmo de chegar perto do que almejam.
e) Desta fábula pode servir-se uma pessoa a propósito de um homem frouxo que reclama de ínfimas desgraças, enquanto ela própria suporta, sem dificuldade, desgraças enormes.

32. (UNIFESP 2017)

"Entretanto, **como eles não prestaram atenção nos seus gestos**, deram crédito às suas palavras."

Em relação à oração que a sucede, a oração destacada tem sentido de

a) causa.
b) conclusão.
c) proporção.
d) consequência.
e) comparação.

33. (UNIFESP 2017)

Os trechos "Ele sugeriu que ela entrasse em sua cabana" e "vieram os caçadores e perguntaram ao lenhador se ele tinha visto uma raposa" foram construídos em discurso indireto. Ao se transporem tais trechos para o discurso direto, o verbo "entrasse" e a locução verbal "tinha visto" assumem, respectivamente, as seguintes formas:

a) "entrai" e "vira".
b) "entrou" e "viu".
c) "entre" e "vira".
d) "entre" e "viu".
e) "entrai" e "viu".

34. (CÁSPER LÍBERO 2016)

Muito antes da internet e da publicidade direta ao consumidor, a medicina tentava tranquilizar as pessoas acerca de suas preocupações com a saúde. Hoje, vender sintomas para os sugestionáveis tem sido uma mina de ouro para as grandes transnacionais farmacêuticas, desde que começaram a fazer propaganda direta ao consumidor, no final dos anos de 1990. O marketing das grandes farmacêuticas sugere que você deveria ir correndo ao médico e se pendurar em "pílulas da felicidade".

Fonte: ROSENBERG, Martha. Medo: Matéria-Prima da Indústria Farmacêutica. *http://outraspalavras.net/postsmedo-materiaprima-da-industria-farmaceutica/ Adaptado. Acesso em 11-09-2015*

Na farmácia

Fonte: http://www.cartoonmovement.com/cartoon?p=2. Acesso em 11/09/2015

A crítica contida no texto e na imagem sugere que

a) Na atualidade, as pessoas possuem maior conhecimento a respeito de patologias e medicamentos, podendo prevenir-se.
b) A propaganda das indústrias farmacêuticas tem função didática e de esclarecimento, o que tranquiliza o paciente.
c) A publicidade atual torna acessíveis aos pacientes os tratamentos e medicamentos modernos.
d) A indústria farmacêutica divulga doenças como forma de construir demanda de consumo de medicamentos e investe em publicidade.
e) O objetivo das indústrias farmacêuticas é alertar a respeito de doenças silenciosas que podem acometer as pessoas.

35. (ENEM 2013)

Até quando?
Não adianta olhar pro céu
Com muita fé e pouca luta
Levanta aí que você tem muito protesto pra fazer
E muita greve, você pode, você deve, pode crer
Não adianta olhar pro chão
Virar a cara pra não ver
Se liga aí que te botaram numa cruz e só porque Jesus
Sofreu não quer dizer que você tenha que sofrer!

GABRIEL, O PENSADOR. Seja Você Mesmo (Mas Não Seja Sempre o Mesmo). *Rio de Janeiro: Sony Music, 2001 (fragmento).*

As escolhas linguísticas feitas pelo autor conferem ao texto

a) caráter atual, pelo uso de linguagem própria da internet.
b) cunho apelativo, pela predominância de imagens metafóricas.
c) tom de diálogo, pela recorrência de gírias.
d) espontaneidade, pelo uso da linguagem coloquial.
e) originalidade, pela concisão da linguagem

36. (UFG 2014.2)

Restrições à parte, eu gostava do curso. Não: eu adorava o curso. Não era o mesmo que estudar o Manifesto, longe disso, mas falava em coisas objetivas, palpáveis, úteis: geradores, acumuladores, dínamos, motores. Trabalhar com eletricidade era ingressar no terreno confortador da lógica científica, da precisão tecnológica: faça isso e acontecerá aquilo – sempre, sempre, sempre. Nenhuma margem para dúvida, ali: o polo positivo era positivo, o negativo era o negativo, e estávamos conversados. Nada de dialética, nada de uma coisa virar o seu contrário, nada de mentiras progressistas e verdades reacionárias, nada de crítica e autocrítica. Um alívio, portanto, ainda que inevitavelmente acompanhado de uma pesada culpa.

SCLIAR. Moacyr. Eu Vos Abraço, Milhões. *São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 220.*

No trecho transcrito, ao comparar o modo de pensar o mundo da física e o das ciências políticas, o narrador protagonista do romance *Eu Vos Abraço, Milhões* evidencia uma mudança central na sua forma de pensar, a qual se manifesta no fato de que

a) o conhecimento de eletricidade na física é dinâmico e por isso se opõe à ideologia marxista do manifesto citado pelo narrador.
b) os fenômenos físicos, como a acumulação e distribuição de energia elétrica, são mais importantes do que os fenômenos políticos.
c) a contraposição entre verdades e mentiras, exemplificada pela carga positiva e negativa dos geradores de eletricidade, inexiste no pensamento dialético.
d) os conhecimentos da física analisam os fenômenos elétricos de forma absoluta e por isso são mais adequados ao modo de vida do protagonista.
e) a objetividade dos métodos do estudo de eletricidade contrasta com a multiplicidade de análises possíveis para os fenômenos políticos.

37. (UNICAMP 2017)

Em depoimento, Paulo Freire fala da necessidade de uma tarefa educativa: "trabalhar no sentido de ajudar os homens e as mulheres brasileiras a exercer o direito de poder estar de pé no chão, cavando o chão, fazendo com que o chão produza melhor é um direito e um dever nosso. A educação é uma das chaves para abrir essas portas. Eu nunca me esqueço de uma frase linda que eu ouvi de um educador, camponês de um grupo de Sem Terra: pela força do nosso trabalho, pela nossa luta, cortamos o arame farpado do latifúndio e entramos nele, mas quando nele chegamos, vimos que havia outros arames farpados, como o arame da nossa ignorância. Então eu percebi que, quanto mais inocentes, tanto melhor somos para os donos do mundo. (…) Eu acho que essa é uma tarefa que não é só política, mas também pedagógica. Não há Reforma Agrária sem isso."

Adaptado de Roseli Salete Galdart, Pedagogia do Movimento Sem Terra: Escola É Mais Que Escola. *São Paulo: Expressão Popular, 2008, p. 172.*

No excerto adaptado que você leu, há menção a outros arames farpados, como "o arame da nossa ignorância". Trata-se de uma figura de linguagem para

a) a conquista do direito às terras e à educação que são negadas a todos os trabalhadores.
b) a obtenção da chave que abre as portas da educação a todos os brasileiros que não têm terras.
c) a promoção de uma conquista da educação que tenha como base a propriedade fundiária.
d) a descoberta de que a luta pela posse da terra pressupõe também a conquista da educação.

38. (UFAL 2015)

Disponível em: https://agenciaailumina.spaceblog.com.br/154396/O-quiabo-veste-prada/>. Acesso em: 16/06/2015

Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Diabo_Veste_Prada (filme). Acesso em: 16/06/2015.

No Rio de Janeiro, uma loja varejista de frutas e legumes inovou em sua estratégia de marketing, criando uma série baseada em títulos de filmes onde os atores principais são os próprios produtos da loja. Baseado nas imagens selecionadas que demonstram, respectivamente, a peça publicitária e o título do filme hollywoodiano, pode-se afirmar que

a) Sem um vasto repertório linguístico do receptor não há como relacionar o anúncio ao filme.
b) Sem a imagem do quiabo em formato de salto não há como relacionar a publicidade ao filme.
c) Sem o conhecimento prévio do receptor não há como relacionar a publicidade ao filme.
d) Sem as referências textuais da peça publicitária não há como relacionar o anúncio ao filme.

39. (UFAM 2015)

Garcia, em pé, mirava e estalava as unhas; Fortunato, na cadeira de balanço, olhava para o teto; Maria Luísa, perto da janela, concluía um trabalho de tricô. Havia já cinco minutos que nenhum deles dizia nada. Nem mesmo o pio de um pássaro quebrava o silêncio. Tinham falado do tempo, que naquele dia estivera excelente; de Catumbi, onde morava o casal Fortunato; de uma casa de saúde, que adiante se explicará.

Tinham falado também de outra coisa, tão feia e grave que não lhes deixou muito gosto para tratar do jantar. Agora mesmo, os dedos de Maria Luísa parecem ainda trêmulos. No rosto de Garcia, vê-se uma expressão de severidade.

ASSIS, Machado de. Conto A Causa Secreta*, parágrafo adaptado.*

Assinale a alternativa que apresenta o uso da conotação:

a) Fortunato, na cadeira de balanço, olhava para o teto
b) Nem mesmo o pio de um pássaro quebrava o silêncio
c) No rosto de Garcia, vê-se uma expressão de severidade
d) Garcia, em pé, mirava e estalava as unhas
e) Os dedos de Maria Luísa parecem ainda trêmulos

40. (UERJ 2017)

Texto para a próxima questão:

Vivemos num mundo confuso e confusamente percebido. De fato, se desejamos escapar à crença de que esse mundo assim apresentado é verdadeiro, e não queremos admitir a permanência de sua percepção enganosa, devemos considerar a existência de pelo menos três mundos num só. O primeiro seria o mundo tal como nos fazem vê-lo: a globalização como fábula. O segundo seria o mundo tal como ele é: a globalização como perversidade. E o terceiro, o mundo como ele pode ser: uma outra globalização.

Este mundo globalizado, visto como fábula, constrói como verdade um certo número de fantasias. Fala-se, por exemplo, em aldeia global para fazer crer que a difusão instantânea de notícias realmente informa as pessoas. A partir desse mito e do encurtamento das distâncias – para aqueles que realmente podem viajar – também se difunde a noção de tempo e espaço contraídos. É como se o mundo houvesse se tornado, para todos, ao alcance da mão. Um mercado avassalador dito global é apresentado como capaz de homogeneizar o planeta quando, na verdade, as diferenças locais são aprofundadas. O mundo se torna menos unido, tornando também mais distante o sonho de uma cidadania de fato universal. Enquanto isso, o culto ao consumo é estimulado.

Na verdade, para a maior parte da humanidade, a globalização está se impondo como uma fábrica de perversidades. O desemprego crescente torna-se crônico. A pobreza aumenta e as classes médias perdem em qualidade de vida. O salário médio tende a baixar. A fome e o desabrigo se generalizam em todos os continentes. Novas enfermidades se instalam e velhas doenças, supostamente extirpadas, fazem seu retorno triunfal. Todavia, podemos pensar na construção de um outro mundo, mediante uma globalização mais humana. As bases materiais do período atual são, entre outras, a unicidade da técnica, a convergência dos momentos e o conhecimento do planeta. É nessas bases técnicas que o grande capital se apoia para construir a globalização perversa de que falamos acima. Mas essas mesmas bases técnicas poderão servir a outros objetivos, se forem postas a serviço de outros fundamentos sociais e políticos.

MILTON SANTOS Adaptado de Por uma Outra Globalização: do Pensamento Único à Consciência Universal. *Rio de Janeiro: Record, 2004.*

Na verdade, para a maior parte da humanidade, a globalização está se impondo como uma fábrica de perversidades.
No terceiro parágrafo, as frases posteriores ao trecho citado desenvolvem a argumentação do autor por meio da apresentação de:

a) hipóteses
b) evidências
c) digressões
d) discordâncias

RESPOSTAS

1. A função metalinguística da linguagem é aquela que usa o código (no caso, a linguagem) como assunto ou explicação para o próprio código. O trecho destacado na questão trata sobre as funções de um texto e sobre o ato da leitura. Ou seja, é um texto (que precisa ser lido e compreendido) observando exatamente a reflexão sobre o ato da leitura.
Resposta: D

2. Nessa propaganda da SOS Mata Atlântica, a linguagem verbal é representada pelo texto "Quer continuar a respirar? Comece a preservar" e a não verbal, exercida pela imagem de duas árvores formando um pulmão humano. A relação entre elas é essencial para que o público identifique uma relação de causa (preservação da natureza, já que os pulmões são formados por árvores) e consequência (continuar respirando).
Resposta: C

3. É possível identificar, por meio de pequenas pistas ao longo do texto, que o alvo do sermão do Padre Antônio Vieira são os governantes e figuras públicas. Logo no primeiro parágrafo, entre as pessoas cuja atenção ele chama, há a inclusão de príncipes e ministros. Mais à frente, ele conduz seu discurso em direção a "exemplos mais públicos". A partir desse momento, passa a elucidar os caminhos pelos quais é possível perder o domínio de um Estado ou de um reino. Para completar, no final, ainda afirma: "tão delicadas como isto hão de ser as consciências dos que governam".
Resposta: D

4. Este sermão apresenta um teor crítico com relação à negligência dos governantes. O narrador, ao notar a falta de uma ação mais efetiva desse grupo, usa seu discurso para argumentar e para cobrar essa atitude. O trecho do texto em que esta ideia fica mais explícita é: "Pelo que fizeram, se hão de condenar muitos, pelo que não fizeram, todos".
Resposta: B

5. O paradoxo ocorre quando há duas ideias contraditórias relativas a um mesmo referente. A única alternativa que expressa essa contradição é "a omissão é um pecado que se faz não fazendo". O paradoxo estaria em "se faz não fazendo". No entanto, "omissão" significa não mostrar ou não fazer algo, o que resolveria o paradoxo (por isso a expressão "aparente paradoxo" no enunciado).
Resposta: E

6. Proveniente do período do Trovadorismo, o poema *Ondas do Mar de Vigo* é uma cantiga de amigo e, neste tipo de composição, o eu lírico (sujeito que expressa os sentimentos do autor) é sempre feminino (uma mulher). Ela costuma versar sobre os seus sofrimentos com relação a um "amigo" que, na verdade, é seu amado. No verso "por amar amigu'e non o ver!" esta característica fica bem evidente, por causa da interlocução entre o eu lírico feminino e o amado masculino. Entre as alternativas incorretas, o primeiro excerto (a) é uma cantiga satírica, enquanto o restante são cantigas de amor.
Resposta: E

7. Vamos analisar cada uma das afirmações.
I – A afirmação está correta, porque o romance *Iracema*, que pertence ao Romantismo, mais especificamente ao Indianismo, mostra uma imagem poética, exótica e idealizada dos primeiros habitantes do Brasil. Há uma valorização dos elementos locais (os índios e a natureza do país) para a formação de uma identidade nacional.
II – Originalmente, o plano de José de Alencar era escrever *Iracema* na forma de um poema. A obra tornou-se um romance (uma prosa poética), mas tanto o ritmo como suas propriedades musicais e poéticas permaneceram muito similares às das poesias. Portanto, esta opção é verdadeira.
III – Apesar de mostrar o índio como "bom selvagem", a afirmação está errada. *Iracema* não pode ser definido como um romance histórico, que reproduz o enredo das narrativas de capa e espada (isso se refere mais ao romance *O Guarani*, também de José de Alencar). Trata-se mais de um romance que mistura mito (da fundação da identidade brasileira) e história de amor (entre o colonizador e a índia brasileira).
Resposta: C

8. O pronome "o" é caracterizado por ser pessoal e oblíquo, complemento de um verbo transitivo direto. A frase "O motorista está convicto de que os próprios passageiros o implicaram no acidente" é a única em que o pronome oblíquo "o" funciona como objeto direto, complemento de um verbo transitivo direto (implicar). Nas demais alternativas. solicita-se o emprego do pronome oblíquo "lhe" ou do pessoal preposicionado "a ela", complementos de verbos transitivos indiretos.
Veja como ficariam as frases corretas:
a) O garoto aguardava uma proposta que **lhe** permitisse ficar em casa se divertindo.
b) Depois de assistir a algumas competições de surfe, o garoto aderiu **a elas** definitivamente.
d) Antes da viagem, o grupo fez uma oração pedindo que nada de mal **lhe** acontecesse.
e) O técnico não tolerará que os jogadores **lhe** respondam quando forem advertidos.
Resposta: C

9. A opção correta é a b, pois o verbo aludir pede a preposição "a": "... a que aludem alguns pescadores, seria um dos fatores para a diminuição dos peixes".
Nas demais opções, há erro em relação ao emprego da preposição:
a) O verbo acreditar solicita a preposição "em" e não "de": O parecer, **em** que acreditam muitos pesquisadores, aponta que uma associação de causas é a responsável pelas alterações ambientais.
c) O bagre apresenta grande valor nos estados (em+o; a frase pede um adjunto adverbial de lugar). Assim, deve-se empregar a preposição "em": Os estados do Pará, Amapá, Amazonas e Rondônia são aqueles **em** que o bagre apresenta grande valor comercial.
d) O verbo interferir, transitivo indireto, solicita a preposição "em" (quem interfere, interfere em algo): A relação entre peixes e hábitat, **em** que interferem os ciclos de cheias e vazantes, caracteriza a dinâmica hidrológica da região.
e) O verbo chegar pede a preposição "a" (adjunto adverbial de lugar, "chegar a algum lugar"): As regiões, **a** que esses peixes chegam durante a migração, são as mais elevadas dos países vizinhos.
Resposta: B

10. No texto destacado, "cores saturadas" e "supressão do espaço profundo" são características que só aparecem no quadro de Andy Warhol, um dos expoentes da Pop Art dos anos 1960. Além disso, o final do fragmento ainda oferece mais uma dica: o trecho "manufaturadas para consumo de massa" faz referência à cultura pop, que tem como um dos ícones o cantor Elvis Presley.
Resposta: A

11. *Memórias Póstumas de Brás Cubas* é uma obra que pertence ao realismo brasileiro, portanto, contém algumas características típicas dessa escola literária. Negando os atributos do seu antecessor, o Romantismo, o movimento apresenta o abandono das idealizações românticas, faz uso de técnicas pouco usuais de narrativa e costuma tratar, muitas vezes de forma implícita, da realidade e das contradições sociais da época. Nas outras alternativas, há informações que não são representativas do Realismo (distanciamento do determinismo científico) ou que não estão presentes na obra (narrativa linear e crítica ao realismo literário).
Resposta: C

12. A única alternativa que não apresenta um exemplo de ironia é a que conta com a expressão "paixãozinha". Apesar do emprego do diminutivo – recurso que costuma ser associado à ironia –, a palavra foi empregada no sentido de indicar algo sem importância, ou seja, uma paixão passageira, pequena.
Resposta: E

13. A palavra "cachorro" carrega dois sentidos diferentes no poema de Belmiro Braga. No terceiro verso, aparece de forma figurada, ou seja, como uma metáfora, sugerindo que o eu lírico encontrou pessoas de má índole entre seus amigos. Já no quarto verso refere-se efetivamente ao animal, no sentido literal. Esse recurso linguístico é chamado de polissemia e acontece quando um mesmo termo expressa diversos significados.
Resposta: D

14. No poema, várias expressões e passagens nos mostram o sofrimento vivido pelo "ser humilde entre os humildes seres" que, provavelmente, deve ter sofrido discriminação: "o mundo para ti foi negro e duro", "o coração te apunhalou no mundo" e "sei que cruz infernal prendeu-te os braços". A denúncia em relação à discriminação racial é característica de alguns poemas do poeta negro simbolista Cruz e Sousa.
Resposta: A

15. O texto pode ser identificado com um discurso dissertativo argumentativo. Isso porque o seu autor apresenta argumentos (exemplos e fatos) para defender sua opinião (tese) – a violência urbana provoca insegurança e isolamento nas grandes cidades.
Resposta: A

16. Após a leitura tanto do título, como do texto, fica claro que se trata de um relato jornalístico – uma notícia. As informações são objetivas, com o propósito de descrever de modo neutro o que ocorreu. Percebemos

o predomínio da função referencial da linguagem, caracterizada por dar prioridade à emissão de uma informação ou mensagem, focando no entendimento adequado do leitor.
Resposta: B

17. A apologia e a euforia com relação à máquina, ao automóvel e à velocidade são características do Futurismo, movimento artístico e literário que surgiu no início do século XX, com a publicação do Manifesto Futurista, do poeta italiano Filippo Marinetti. Essa vanguarda artística, além de exaltar tudo o que tinha a ver com o progresso e o mundo moderno, também recebeu forte influência da segunda etapa da Revolução Industrial – marcada, entre outras coisas, pela criação da linha de montagem.
Resposta: B

18. Na frase "um automóvel é mais belo que a *Vitória de Samotrácia*" há a presença de todas as figuras de linguagem destacadas nas alternativas, com exceção do eufemismo. Esse recurso é caracterizado por suavizar o sentido de uma frase, para deixá-la mais agradável, o que não ocorre na afirmação de Filippo Marinetti (ao, contrário, há exagero e não suavidade).
Resposta: A

19. Ao longo do fragmento, a autora descreve e destaca vários pequenos detalhes que indicam a idade avançada da personagem ("A velha bem vestida e com joias. Das rugas que a disfarçavam saía a forma pura de um nariz perdido na idade..." e "uma velha não pode comunicar-se"). Trata-se de um episódio que se refere ao processo de envelhecimento e também à solidão, como sua consequência (ela surpreende-se com o contato repentino de outra pessoa, que estaria preocupada com ela). Isso fica explícito na passagem: "– A senhora deseja trocar de lugar comigo?" Dona Maria Rita se espantou com a delicadeza (...).
Resposta: E

20. O enunciado da questão pede a análise do vocábulo de acordo com a norma culta da língua. Desta forma, a única alternativa que atende a essa condição é a que se refere à derivação sufixal. Esse processo é caracterizado pelo acréscimo de um sufixo após o radical, que é a parte fixa e significativa da palavra. Assim, o substantivo "coisa" transforma-se no verbo "coisar".
Resposta: B

21. Em todas as alternativas, a vírgula foi usada corretamente, exceto em "A sociedade é uma mãe terrível, a vida um corredor estreito, o tempo um perseguidor implacável (...)". A alteração de pontuação para marcar a elipse seria: "A sociedade é uma mãe terrível; a vida, um corredor estreito; o tempo, um perseguidor implacável (...)".
Resposta: B

22. Os verbos "crescia", "elevava-se", "desapareciam", "sobrenadava" estão no pretérito imperfeito do modo indicativo, tempo verbal que indica ações passadas (habituais, contínuas ou não totalmente concluídas).
Resposta: C

23. A alternativa que contém as palavras "tarvez" e "sorto" é a única que apresenta termos em que a variação linguística regional acontece da mesma forma. Nas duas palavras ocorre a troca da letra "L" pelo "R" (as grafias na norma-padrão seriam "talvez" e "solto"). Esse tipo de variante é uma marca linguística regional bastante forte em certos locais do Brasil.
Resposta: B

24. Nesse cartaz, elementos verbais e não verbais foram empregados com o intuito de passar uma mensagem e influenciar o comportamento do motorista, em relação ao uso de celulares, no trânsito de grandes cidades. A imagem fortalece o argumento apresentado no texto e ainda serve como um exemplo concreto do que o anúncio diz ("Se você não percebeu a criança aqui, imagine no trânsito"). O texto também é um exemplo da função apelativa da linguagem, que busca convencer as pessoas a agirem de determinada maneira (em que é comum o uso de verbos no imperativo, como "imagine").
Resposta: D

25. A expressão *carpe diem*, usada pelo poeta romano Horácio e retomada pelos poetas do Arcadismo (1768-1836), valoriza o momento presente e afirma que a vida deve ser aproveitada ao máximo. Nessa poesia de Fernando Pessoa, o trecho que mais expressa essa ideia é o que afirma: "tão cedo passa tudo quanto passa!" e "circunda-te de rosas, ama, bebe e cala". Em suas obras, Fernando Pessoa fazia uso de vários heterônimos (personalidades artísticas com estilo próprio). A autoria desses versos é do heterônimo Ricardo Reis, cuja poética se aproxima dos ideais da Antiguidade Clássica.
Resposta: D

26. Ao analisar as três afirmações, temos:
I – Correta. Porque a utilização de temas do cotidiano e da realidade brasileira é própria do movimento Modernista, justamente para agir em oposição aos temas nobres e a linguagem rebuscada, típicos da estética que vigorava até então, o Parnasianismo.
II – Correta. O uso da realidade externa também é uma característica do Modernismo e pode ser rapidamente identificada no título do poema: "tirado de uma notícia de jornal".
III – Correta. O poema alude a um texto jornalístico e a um poema. Essa ruptura das fronteiras entre os gêneros literários tradicionais é bastante comum na literatura modernista.
Resposta: D

27. Estão incorretas apenas as afirmações I e VI. A afirmação I é incorreta, pois a ideia principal da tirinha não é a criação de novas palavras, mas o caráter de exclusão social que a língua pode adquirir. Isso fica evidente no trecho do segundo quadrinho, que diz: "Quando a gente dá novos significados às palavras, o nosso velho idioma se transforma em um código excludente". Ou seja, as pessoas que não dominam determinado vocabulário podem ser excluídas socialmente – de uma conversa, por exemplo. A afirmação VI também é incorreta, porque as palavras "fiambre" e "lubrificado" são gírias criadas por Calvin (ele lhes atribuiu significados diferentes do que elas originalmente significam). Apenas as expressões "joia", "maneiro" e "demorô" são expressões típicas de uma geração.
Resposta: C

28. Uma sentença é ambígua quando apresenta mais de um sentido possível. Em "Ex-presidente recorreu ao Comitê da ONU acusando o juiz de violar seus direitos", o pronome possessivo "seus" confere à frase um sentido ambíguo, uma vez que pode se referir tanto ao "ex-presidente", como ao "comitê da ONU" ou, ainda, ao "juiz".
Resposta: A

29. A palavra "sambódromo", que nomeia o local onde ocorrem os desfiles das escolas de samba, é um exemplo de neologismo – o processo de criação de uma nova palavra, que evidencia o dinamismo de uma língua.
Resposta: A

30. A coesão é o mecanismo que articula os elementos linguísticos (palavras e frases) no texto. A coerência permite a organização das ideias no texto, de modo que ele faça sentido. Para resolver essa questão, você precisaria fazer diferentes tentativas de ordenar as informações. A ordem dos parágrafos seria a seguinte: terceiro, primeiro, quinto, segundo e quarto.
Resposta: C

31. As fábulas são um gênero textual de caráter lúdico, simbólico e educativo, que almejam passar um ensinamento. Por isso, sempre têm uma moral, uma mensagem. No caso do texto em destaque, a lição é com relação à hipocrisia daqueles que dizem uma coisa e agem de modo diferente do que falam. Ou que agem de uma maneira que parece bondosa, mas que se revelam egoístas, uma vez que visam apenas o benefício próprio.
Resposta: B

32. A oração destacada exprime relação de causa. Isso acontece devido à conjunção "como", que expressa uma ideia de causalidade em relação à frase seguinte. A primeira parte da passagem ("eles não prestaram atenção nos seus gestos") precisou acontecer para que, só então, a situação da segunda parte ("deram crédito às suas palavras") pudesse ocorrer também. Note que toda relação de causa implica consequência, mas o período em destaque sinaliza apenas para causa.
Resposta: A

33. No discurso direto, procura-se reproduzir exatamente as palavras de outra pessoa ou a fala do personagem, separando-as da fala do narrador por dois pontos, travessão e/ou aspas. Os trechos destacados ao serem transpostos para o discurso direto ficariam da seguinte maneira: "Ele sugeriu: – Entre em minha cabana!" e "vieram os caçadores e perguntaram ao lenhador: – Você viu uma raposa?"
Resposta: D

34. Utilizando as informações contidas tanto no texto ("Hoje, vender sintomas para os sugestionáveis tem sido uma mina de ouro para as grandes transnacionais farmacêuticas, desde que começaram a fazer propaganda direta ao consumidor...") como na imagem (um homem comprando remédios em uma farmácia livremente, como estivesse escolhendo doces), o leitor chega à conclusão de que a indústria farmacêutica se utiliza de publicidade questionável para aumentar seus lucros. Segundo o texto e a charge, para alavancar suas vendas, a indústria farmacêutica investe em campanhas que amedrontam os consumidores ou sugere que eles podem resolver qualquer tipo de problema com medicamentos.
Resposta: D

35. A letra da música "Até quando?" é marcada pela linguagem coloquial. Os raps, de modo geral, apresentam um estilo muito próximo das situações cotidianas de comunicação. Há exemplos típicos da linguagem informal, como marcas da oralidade (olhar "pro" céu, "levanta aí") e gírias ("se liga aí" e "te botaram numa cruz").
Resposta: D

36. A alternativa mais adequada é aquela que interpreta o texto de acordo com a oposição entre as ciências exatas (no texto, representadas pelos estudos de eletricidade) e as humanas (fenômenos políticos). A primeira trata de coisas objetivas e é regida pela lógica científica e pela precisão, não havendo margem para a dúvida. Já a segunda é dialética, tem caráter subjetivo e oferece várias interpretações diferentes para um mesmo fenômeno.
Resposta: E

37. O "arame da nossa ignorância" é uma metáfora para o obstáculo que representa a ignorância, que só pode ser superada pela educação. Segundo o texto, não adianta apenas cortar o arame farpado do latifúndio. É preciso educação para superar "o arame da nossa ignorância".
Resposta: D

38. A intertextualidade ocorre quando um texto dialoga com outro, por exemplo, quando ocorre uma apropriação de um discurso por outro. Neste caso, é utilizada uma propaganda em forma de paródia – ao inverter o sentido do texto original, ela faz uma transposição de contexto e provoca um efeito de humor. Mas para entender efetivamente o cartaz e a paródia, o leitor teria que conhecer o filme *O Diabo Veste Prada* e estabelecer uma ligação entre a obra original e a peça publicitária.
Resposta: C

39. A conotação acontece quando uma palavra é usada em seu sentido figurado. Nesta questão, a única alternativa que exibe o uso da conotação é a que apresenta a expressão "quebrava o silêncio", uma vez que o silêncio não pode ser efetivamente "quebrado". A expressão, neste caso, ganha o sentido de "interrompia".
Resposta: B

40. No terceiro parágrafo, as frases posteriores ao trecho citado evidenciam o que foi afirmado pelo autor, que "a globalização está se impondo como uma fábrica de perversidades": "O desemprego crescente torna-se crônico. A pobreza aumenta e as classes médias perdem em qualidade de vida. O salário médio tende a baixar. A fome e o desabrigo se generalizam em todos os continentes. Novas enfermidades se instalam e velhas doenças, supostamente extirpadas, fazem seu retorno triunfal".
Resposta: B

Classes Gramaticais

Substantivos: São as palavras que nomeiam seres em geral, reais ou imaginários. Também designam lugares, estados, ações, etc. Exemplos:
Substantivos comuns: carro, computador, cadeira, mesa...
Substantivos coletivos: bando, assembleia, alcatéia, molho...
Substantivos próprios: Ana, Carol, Brasil, Challis...
Substantivos concretos: flor, janela, caneta, livro...
Substantivos abstratos: amor, felicidade, ciúme, doença...

Adjetivos: São palavras que qualificam e caracterizam seres e objetos em geral. Podem variar entre gênero (masculino/ feminino), número (singular/ plural) e grau (comparativo/ superlativo). Existem também as locuções adjetivas, formadas por duas ou mais palavras (preposição + substantivo), que assumem valor de adjetivo. Exemplos:
Adjetivos: lindo, feio, estranho, maravilhoso, nojento, louco...
Locuções adjetivas: de dinheiro (pecuniário), de chuva (pluvial), de velho (senil), de morte (mortal)...
Artigos: São as palavras que se antepõem aos substantivos, variáveis em gênero e número. Exemplos: o, os, a, as, uma, umas, uns, um.
Numerais: Palavras que indicam o número ou quantidade exata de pessoas ou coisas. Podem ser cardinais, ordinais, fracionários ou multiplicativos. Exemplo: três, quatro, cinco, segunda, terceira, dobro, triplo, metade, um décimo...
Interjeições: São as palavras que expressam sensações e estados emocionais. Exemplos:
De alegria: *oba!*
De dor: *ai! ui!*
De desejo: *tomara!*
De alívio: *ufa!*
Locuções interjetivas: *macacos me mordam! Ora, bolas! Puxa vida! Quem me dera!*
Pronomes: Palavras que substituem, representam ou acompanham um substantivo. São classificados em:
Pessoais do caso reto, do caso oblíquo, de tratamento: nós, vós, ele, Vossa Excelência...
Demonstrativos: esse, essa, aquele, este... (Indicam a posição do objeto em relação à pessoa)
Relativos: quem, onde, etc. Referem-se a elementos anteriormente citados. Exemplo 2: *A pessoa a **quem** entreguei meu caderno era Rafael.*
Indefinidos: ninguém, vários, etc.
Interrogativos: quanto? quem? Etc.
Preposições: São as palavras que conectam termos de uma oração. Exemplos: de, para, até, perante, com...
Exemplo 2: *Adoro bolo **de** morango.*

Conjunções: São palavras que conectam duas orações, estabelecendo uma relação de subordinação ou coordenação. Exemplo: *Não foi bem na prova, **embora** tivesse estudado.*

Verbos: São palavras que indicam ação, estado ou fenômeno da natureza. Exemplo: choveu, correu, gritou, sorriu, cantou, ficam, etc.

Advérbios: São palavras que se associam a verbos, adjetivos ou a outro advérbio, indicando circunstâncias variadas como modo, lugar, tempo, causa, negação, intensidade, dúvida. Exemplos: aqui, vagarosamente, ontem, muito, etc.
Ele come muito.
Fui à escola ontem.

FRASE, ORAÇÃO E PERÍODO

1. FRASE
É uma palavra ou um conjunto de palavras que tem sentido completo e organizado, estabelecendo comunicação entre duas ou mais pessoas.
Sejam bem-vindos à nossa cidade.
Vencerás, não morrerás. Ou *Vencerás? Não, morrerás.*
A frase, de acordo com a construção, pode ser verbal ou nominal.
Frase nominal: Não há presença de verbo. Ex: Que mulher elegante! Bom dia, pessoal!
Frase verbal: Há presença de verbo. Ex: Que mulher elegante eu **vi** ontem. O dia **está** bonito.
2. ORAÇÃO
É o enunciado que contém um verbo ou uma locução verbal.
Atenção: Nem toda frase é oração.
Por Exemplo: Que dia lindo!
Este enunciado é frase, pois tem sentido.
Este enunciado não é oração, pois não possui verbo.
3. PERÍODO
É uma frase verbal formada por uma ou mais orações.
PERÍODO SIMPLES: Frase verbal formada por uma única oração, ou seja, por um único verbo. É também chamada de **Oração Absoluta**.
Ex: As crianças **brincam.** O amor **é** eterno. Nós **precisamos** de paz.
PERÍODO COMPOSTO: Frase verbal formada por duas ou mais orações.
Ex: As crianças **brincam** e os adultos **trabalham**. Eu **vou** embora e você **fica** aqui. Eu já **vou indo** porque **preciso estudar**.

NÍVEIS DA LINGUAGEM

Linguagem regional - é carregada de influências locais, do ponto de vista vocabular, fonológico e cultural. Imagine um nordestino conversando com um gaúcho e observe as diferenças de linguagem empregada.
Linguagem popular - é a de uso comum e espontâneo do povo. Pode se apresentar carregada de vícios de linguagem, gírias e é, frequentemente, distante das normas gramaticais.
Linguagem culta - É a linguagem que serve de veículo de informação e comunicação entre pessoas com bom grau de instrução, independente da classe social, e procura seguir rigidamente os padrões gramaticais vigentes.
Linguagem literária ou poética - tem características próprias da linguagem e do sentimento expressado.
Linguagem técnica ou científica - é mais usada entre membros de uma mesma área técnica ou científica.

REDAÇÃO

DISSERTAÇÃO

É a exposição de opiniões a respeito de um determinado assunto.

Dissertar é, pois, analisar de maneira crítica, situações diversas, questionando a realidade e apresentando nosso posicionamento diante dela.

A dissertação, por isso, pressupõe: - exame crítico do assunto sobre o qual se vai escrever; - raciocínio lógico; - clareza, coerência e objetividade na exposição.

ESTRUTURA : INTRODUÇÃO - DESENVOLVIMENTO - CONCLUSÃO

INTRODUÇÃO

É a apresentação do assunto. O parágrafo introdutório caracteriza-se por apresentar uma ideia-núcleo por meio de uma afirmação, interrogação, definição, citação, etc., combinados ou não entre si.

DESENVOLVIMENTO

É a análise crítica da ideia central.

Pode ocupar vários parágrafos em que se expõem juízos, raciocínios, provas, exemplos, testemunhos históricos e justificativas que argumentem a ideia central proposta no primeiro parágrafo.

CONCLUSÃO

É o ponto de chegada da discussão, a parte final do texto em que se condensa o conteúdo desenvolvido, reafirma-se o posicionamento exposto na tese ou lança-se perspectiva sobre o assunto. Um meio adequado de bem concluir é aquele em que sintetizamos o assunto nos termos em que foi proposto ou questionado na etapa introdutória.

A redação só deve ser intitulada depois de concluída.
Não há necessidade de sublinhar o título ou de colocá-lo entre aspas.
Só coloque pontuação, se houver verbo.
Título simples não complica nota.
Frases nominais.

LEMBRETES PARA A PRODUÇÃO DE SEU TEXTO

1. Antes de começar a escrever, faça um esquema de seu texto, dividindo em parágrafos as ideias que pretende expor. Isso evita repetição ou esquecimento de alguma ideia;
2. Cheque se os pontos de vista que você vai defender não são contraditórios em relação à tese. Elabore as relações de causa e consequência ou os pontos positivos e negativos do tema;
3. Não fuja do tema proposto;
4. Não escreva sobre o que você não conhece, nem utilize sua redação para fins doutrinários;
5. Use a linguagem padrão em seu nível culto;
6. Não empregue palavras cujo significado seja desconhecido para você;
7. Evite lugar-comum: frases feitas e expressões cristalizadas, como a pureza das crianças , a sabedoria dos velhos , etc. evite também gírias e a palavra coisa (procure o vocábulo adequado a cada ideia); não use etc .; não abrevie palavras;
8. Evite expressões do tipo belo, bom, mau, incrível, péssimo, triste, pobre, - são juízos de valor sem carga informativa, imprecisos e subjetivos;
9. Não "encha linguiça"! Cada palavra deve ser fundamental e informativa na redação.
10. Não aumento o tamanho da letra para dar a impressão de que escreveu bastante. Isso indispõe o avaliador;
11. Não repita ideias, tentando explicá-las. Se você escrever com clareza, uma só vez basta;
12. Não se desculpe dizendo que não escreveu mais porque o tempo foi pouco;
13. Se usar uma pergunta na tese, responda-a ao longo do texto. Evite interrogações na argumentação e na conclusão. Para aprofundar seus argumentos, use exemplos: fatos notórios ou históricos, conhecimentos geográficos, cifras aproximadas e informações adquiridas por meio de leitura, estudo e aquisições culturais (bagagem cultural);
16. Não empregue a primeira pessoa do singular;
17. Centralize o título (só use aspas se for citação);
18. Não exceda o limite máximo de linhas; nem fique aquém do limite mínimo;
19. Fundamente os argumentos, mas nunca use exemplos pessoais;

Crase - resumo prático

CASOS EM QUE SE EMPREGA A CRASE NA FRASE:

O que é crase? É a fusão de (a+a = à), portanto o verbo pedirá uma posição junto com uma palavra feminina.

Ex: Irei **à** festa de Sabrina. (**à** = a+a) Comemos **a** maçã inteira.

Regra geral: Se der para trocar a palavra feminina por uma masculina e para obter coerência na frase for preciso usar **(ao)**, haverá crase no A.

Ex: Refiro-me **às** candidatas do concurso. (**aos** candidatos)

Se emprega a crase:

1) Na indicação de LUGAR:

> Se vou "a" e volto "da", crase no **à.** > Se vou "a" e volto "de", crase pra que ? **(a)**.

Ex: Cheguei **a** São Paulo. Fomos **à** Itália.

2) Na indicação de HORAS: > Se der para trocar as horas por "ao meio-dia" = **À**

> Se der para trocar as horas por " o meio-dia" = **A**

Ex: Voltamos **às** duas horas da madrugada. (Voltamos **ao** meio-dia)

Estou aqui desde **as** cinco da manhã. (Estou aqui desde **o** meio-dia)

3) Antes das locuções verbais femininas: >Indicam tempo, modo, lugar, dúvida. Ex: Virei **à** esquerda da rua. Gosto de andar **a** pé. > (pronome masculino) Comprei **à** vista.

4)Nas expressões que indicam "A MODA DE": Ex: Fez um gol **à** Ronaldinho. Bife **à** cavalo.

OBS.: Só se usa crase antes da palavra "Casa", se estiver especificando.

Ex: Volto a casa desanimado. Fomos à casa de Pedro ontem.

CASOS EM QUE NÃO OCORRE A CRASE NA FRASE: 1) Antes de verbo: Ex: Comecei **a** chorar, quando cheguei.

Voltamos **a** caminhar, ontem à noite.

2) Entre palavras repetidas: Ex: Face **a** face. Boca **a** boca.

3) Antes de palavras no plural, mantendo-se no singular. Ex: Adoro assistir **a** comédias.

(Se o **"a"** fosse colocado no plural, receberia crase. Ficando assim > **"às"**)

AULA 0: CONCORDÂNCIA VERBAL E CONCORDÂNCIA NOMINAL

Todos os assuntos do curso, inclusive este, serão cobrados conjuntamente na última lição. Lá o candidato terá uma bateria muito grande e boa de testes, em que os pontos se misturam, num excelente e imprescindível adestramento. É o fecho das nossas aulas, que também têm muitos exercícios. Procure, então, aprender o máximo possível em cada lição, preparando-se para o treinamento maior.

CONCORDÂNCIA VERBAL

É a concordância entre o verbo e seu sujeito.

1) Regra geral

O verbo concorda com o sujeito em número e pessoa.

Ex.: O carro parou. Os carros pararam. Eu estudei. Nós estudamos.

CASOS PARTICULARES

1) Sujeito composto leva o verbo ao plural.

Ex.: Pedro e Joana estudam para concursos.

Observações

a) Se o sujeito composto estiver após o verbo, pode haver a concordância atrativa, ou seja, com o núcleo mais próximo.

Ex.: Estudam para concursos Pedro e Joana. (concordância gramatical ou lógica)

Estuda para concursos Pedro e Joana. (concordância atrativa)

b) Sujeito formado por sinônimos leva o verbo ao singular.

Ex.: A ira e a raiva fará dele um infeliz.

2) Verbo **haver**, significando **existir**, não admite plural. Trata-se de um verbo impessoal, ou seja, não tem sujeito.

Ex.: Havia muitos riscos. (Existiam muitos riscos)

Houve inúmeras dificuldades. (Existiram inúmeras dificuldades)

Como se vê pelos exemplos, o verbo **existir** vai normalmente ao plural, para concordar com seu sujeito. No caso do verbo **haver**, não há sujeito, e o termo que se liga a ele é seu objeto direto. Veja abaixo.

Haverá <u>muitas dificuldades</u>.
obj. direto

Existirão <u>muitas dificuldades</u>.
sujeito

Obs.: Se o verbo **haver** for o principal de uma locução verbal, seu auxiliar também ficará no singular.
Ex.: Deve haver reclamações. (Devem existir reclamações)

Estude muito essa regra de concordância. Ela é excessivamente cobrada por todas as bancas, principalmente pela Esaf. Você precisa e pode garantir o ponto da questão.

3) Verbos **haver** e **fazer**, indicando tempo, não admitem plural. São verbos impessoais.
Ex.: Faz dois meses que não jogo futebol.
Deve fazer dois meses que não jogo futebol.
Há muitos dias que não saio.
Deve haver muitos dias que não saio.

4) Concordância em frases com a palavra SE.
a) Partícula apassivadora (ou pronome apassivador).
A palavra significa **alguém**, e o verbo é sempre transitivo direto.
Ex.: Espera-se um bom resultado.
Observe, meu amigo, o seguinte. É algo que vai ajudá-lo bastante.
• Alguém espera um bom resultado, mas não se sabe quem.
• Pode-se trocar: um bom resultado é esperado.
Dessa forma, o **se** é uma partícula apassivadora, e o sujeito é **um bom resultado**.
Agora, veja abaixo como a frase fica no plural.
Esperam-se bons resultados.
Por quê? Porque o sujeito é **bons resultados**, no plural, e o verbo deve concordar com o sujeito.

b) Símbolo (ou índice) de indeterminação do sujeito.
A palavra significa **alguém**, e o verbo não é transitivo direto.
Ex.: Precisa-se de computadores. (verbo transitivo indireto)
Estuda-se muito. (verbo intransitivo)
Ficou-se feliz. (verbo de ligação)
Cuidado para não confundir com a letra **a**. O sujeito, nas três frases, está indeterminado. Nenhuma palavra poderia atuar como sujeito. A que mais pode confundir é a primeira. Acontece que **de computadores** é um termo introduzido por preposição, e sujeito nunca pode ser preposicionado. Trata-se, realmente, de um objeto indireto.
Obs.: Às vezes um verbo transitivo direto apresenta um objeto direto preposicionado. O **se**, no caso, é símbolo de indeterminação do sujeito, e o verbo fica na terceira pessoa do singular.
Ex.: Comeu-se dos bolos. (**dos bolos** não pode ser sujeito, pois tem preposição)

5) Concordância de QUE e QUEM
a) QUE: leva o verbo a concordar com o antecedente.
Ex.: Fui **eu** que **notei** o problema.
b) QUEM: leva o verbo à 3ª p.s., ou a concordar com o antecedente.
Ex.: Fui eu **quem notou** o problema.
Fui **eu** quem **notei** o problema.

6) Verbos **dar**, **bater**, **tocar** e **soar**, indicando horas.
Ex.: Já deram quatro horas. (sujeito: quatro horas)
O relógio já deu quatro horas. (sujeito: O relógio)
No relógio já deram quatro horas. (sujeito: quatro horas)
Obs.: Na última frase, **no relógio** (com preposição) é adjunto adverbial; o sujeito volta a ser **quatro horas**, por isso o verbo vai ao plural.

7) Sujeito formado por pessoas gramaticais diferentes.
Ex.: Eu, tu e ele diremos a verdade. (eu, tu e ele = nós)
Tu e ele direis a verdade. (tu e ele = vós)
Admite-se, neste último caso, a terceira pessoa do plural, pois a segunda do plural está caindo em desuso.
Ex.: Tu e ele dirão a verdade.

8) Sujeito plural com artigo plural: a concordância é com o artigo, mesmo que se trate de unidade (nome de livro, país etc.)
Ex.: Os Sertões foram escritos por Euclides da Cunha.
Os Estados Unidos assinaram o tratado.

Observações

a) Sem artigo, verbo no singular.
Ex.: Minas Gerais tem muitas fazendas.

b) Com o sujeito **livro** (ou sinônimos), verbo no singular.
Ex.: O livro Os Sertões foi escrito por Euclides da Cunha.

c) Com o verbo **ser** e a palavra **livro** (ou sinônimos) na função de predicativo, a concordância é opcional.
Ex.: Os Sertões é um grande livro.
Os Sertões são um grande livro.

9) Sujeito formado por pronome indefinido (ou interrogativo) e pronome pessoal.
Ex.: Algum de nós chegará lá.
Alguns de nós chegaremos lá.
Alguns de nós chegarão lá.
Como se pode ver, estando o primeiro pronome no singular, o verbo obrigatoriamente concorda com ele; com o primeiro pronome no plural, a concordância é opcional.
Obs.: Essa regra é perigosa. Fique atento para as frases longas, em que se afasta o verbo do sujeito. Se ocorrer isso, volte um pouco até encontrar o sujeito. Você tem condições reais de perceber e acertar a questão.

10) Sujeito formado por **um dos que** e **um e outro**: concordância opcional.
Ex.: Era um dos que mais falava.
Era um dos que mais falavam.
Um e outro atleta completou a prova.
Um e outro atleta completaram a prova.
Obs.: **Um ou outro** leva o verbo ao singular, porque há idéia de exclusão.
Ex.: Um ou outro fará o trabalho.

11) Expressões do tipo **a maioria de**, **a maior parte de**, **grande parte de** e semelhantes mais palavra no plural: concordância opcional.
Ex.: A maioria dos estudantes compareceu.
A maioria dos estudantes compareceram.
Cuidado! Em "A maioria da turma compareceu" o verbo só pode estar no singular, pois a palavra **turma** também é singular.

12) Verbo **ser**.
a) Indicando horas ou datas: concordância com o numeral.
Ex.: Já são dez horas.
Hoje são cinco de agosto.
Obs.: Com a palavra **dia** expressa, verbo no singular.
Ex.: Hoje é dia cinco de agosto.

b) Sujeito formado por **tudo**, **nada**, **isto**, **isso**, **aquilo**: concordância opcional.
Ex.: Tudo eram alegrias.
Tudo era alegrias.

c) São invariáveis as expressões que indicam quantidade (é pouco, é muito), preço (é o preço), distância (é a distância).
Ex.: Nove metros é pouco.
Cem reais é o preço.
Vinte quilômetros era a distância.

d) Os pronomes interrogativos **que** e **quem** levam o verbo a concordar com o predicativo.
Ex.: Quem são vocês?
Que eram, afinal, os problemas?

e) O verbo **ser** sempre concorda com a pessoa ou o pronome pessoal, não importando a ordem da frase.
Ex.: Carlos era as alegrias da família.
As alegrias da família era Carlos.
Nós éramos as alegrias da família.
As alegrias da família éramos nós.

13) Verbo **parecer**.
Ex.: Parecem brincar as crianças.
Parece brincarem as crianças.
No primeiro caso, temos uma locução verbal, cujo verbo auxiliar é **parecem**, concordando com o sujeito **as crianças**. No segundo, há duas orações, sendo a oração do infinitivo sujeito da primeira. Pode-se escrever, também: "Parece que brincam as crianças", sendo a segunda o sujeito da primeira.

Observações

a) Fica errado colocar os dois no plural.
Ex.: Parecem brincarem as crianças.

b) Tome cuidado com as inversões, pois a frase continua correta.
Ex.: As crianças parece brincarem.
As crianças parece que brincam.

EXERCÍCIOS

1) Assinale a frase com erro de concordância verbal.
a) Houve diversas alterações.
b) Ainda existem dificuldades.
c) Não haveriam, temos certeza, tantas decepções.
d) Ainda haverá problemas.

2) Indique a opção que apresenta uma concordância verbal indevida.
a) Poderá haver demissões.
b) Não costuma haver reprovações.
c) Deve existir ali pessoas sensatas.
d) Existe um erro e um acerto.

3) Assinale o erro de concordância verbal.
a) Há de haver falhas.
b) Hão de existir melhores condições de trabalho.
c) Já faz dois dias que não durmo.
d) Espero que hajam novas oportunidades.

4) Assinale o erro de concordância verbal.
a) Perdeu-se todo o lote.
b) Faz-se chaves.
c) Acharam-se os documentos.
d) Necessita-se de ajudantes.

5) Assinale o erro de concordância verbal.
a) Compram-se jornais velhos.
b) Já não se lê revistas como antigamente.
c) Já não se lê como antigamente.
d) Escreviam-se belas cartas.

6) Assinale a frase perfeita quanto à concordância verbal.
a) Que se coloque os cartazes agora mesmo
b) Pede-se explicações.
c) Levantar-se-á as paredes.
d) Aqui se obedece às leis.

7) Assinale a frase que contraria a norma culta quanto à concordância verbal.
a) Sou eu que pergunto.
b) Sou eu quem pergunta.
c) Fazem cinco anos os garotinhos.
d) Inúmeros problemas estão havendo aqui.

8) Está errada a concordância verbal em:
a) O sino da matriz bateu cinco horas.
b) Trabalharei eu, tu e ele.
c) Voltastes tu e eu.
d) No relógio da praça, já bateram dez horas.

9) Assinale o erro de concordância verbal.
a) Trabalhava a menina e eu.
b) Têm-se contado boas histórias.
c) Eram eles quem discursaria.
d) Os Lusíadas, grande obra de Camões, pertence à literatura universal.

10) Assinale a frase que não está de acordo com a língua padrão.
a) Quais de vós sereis promovidos?
b) Qual dentre nós será aproveitado?
c) Cada um deles disse isso.
d) Algum deles, apesar das dificuldades encontradas e de todos os problemas não resolvidos, vieram cedo.

11) Assinale a frase cujo verbo poderia estar também no plural.
a) Jamais haverá discussões.
b) O povo aplaudia.
c) Luta-se por dias melhores.
d) Um e outro artista gostaria de assinar tal trabalho.

12) Só está correta a concordância da frase:
a) Aquilo seriam novidades.
b) As esperanças são sempre ele.
c) Já são uma hora e cinqüenta minutos.
d) Duzentos reais são muito pouco.

13) Marque o erro de concordância verbal.
a) Encontraram-se as respostas.
b) A maior parte dos vizinhos colaboraram.
c) Faltam poucos dias para a prova.
d) A presença de tantos policiais armados provam que existe perigo.

14) Assinale a frase que não admite a variação colocada nos parênteses.
a) Os Corumbas, de Amando Fontes, contam a dor dos retirantes.
(O livro Os Corumbas, de Amando Fontes, conta a dor dos retirantes.)
b) Existem um fato e uma idéia.
(Existe um fato e uma idéia.)
c) Soaram oito horas.
(Soou oito horas no relógio da praça.)
d) Espera-se a maioria dos convidados.
(Esperam-se a maioria dos convidados.)

15) A alternativa que se completa somente com a primeira palavra dos parênteses é.

a) Poucos de nós.....isso. (faríamos/fariam)
b) .....-se a loja e a sala. (pintou-se/pintaram-se)
c) .....de haver pessoas sensatas ali. (Há/Hão)
d) .....nascer as plantas. (Parece/Parecem)

16) (CÂM. MUN.-RIO) Entre as alterações processadas em passagens do texto, aquela que contém *erro* de concordância verbal é:

a) **hão de bastar** os seguintes fatos
b) **haviam-se produzido** variedades locais
c) o que **disse** Estrabão e Santo Agostinho
d) inscrições latinas que nos **foram possíveis** encontrar
e) línguas independentes, a maioria das quais ainda hoje **existe**

17) (AG. TRIB.–PI) Assinale a opção em que o trecho do texto apresenta erro de concordância.

a) O Programa Contribuinte do Futuro foi uma ação de educação fiscal desenvolvida entre 1971 e 1980.
b) Conscientizava os estudantes do primeiro grau em relação aos fundamentos do exercício da cidadania
c) Reforçava a idéia da participação popular como forma de construção de uma nação justa e igualitária.
d) O programa contou com ampla divulgação nos meios de comunicação e eram avaliados por meio de concursos de redação e opiniões dos professores coletadas em formulário próprio.
e) Nos anos em que atuou, como o programa recebeu amplo apoio do Ministério da Educação, distribuiu 40 milhões de livros e atingiu 50 mil escolas.

GABARITO

1) C	6) D	11) D	16) D
2) C	7) D	12) A	17) D
3) D	8) C	13) D	
4) B	9) D	14) C	
5) B	10) D	15) C	

COMENTÁRIOS

1) O verbo **haver**, com o sentido de **existir** ou indicando **tempo**, não admite plural. Isso é respeitado nas letras **a** e **d**. Na letra **b**, o verbo é **existir**, que vai normalmente ao plural. O gabarito é a letra **c**, porque se poderia fazer a troca para "Não existiriam". Nesse caso, o verbo **haver** não se flexiona. Diga-se, então, "Não haveria..."

2) As opções **a** e **b** estão corretas pois o auxiliar do verbo **haver** está no singular. O gabarito é a letra **c** porque o auxiliar de **existir** deve ir ao plural, caso o sujeito esteja no plural. O sujeito da oração é **pessoas sensatas**, plural. Na letra **d**, não há erro uma vez que foi feita uma concordância atrativa com o primeiro núcleo do sujeito composto.

3) O auxiliar de **haver**, sendo este impessoal, não vai ao plural; já o auxiliar de **existir** deve concordar com o sujeito. Por isso, estão corretas as duas primeiras frases. Na terceira, que está correta, temos o verbo **fazer** indicando tempo decorrido (observe que ele está seguido de uma oração começada por **que**). A resposta é, portanto, a letra **d**, pois o verbo equivale a **existir** (existam), devendo ficar no singular: "Espero que haja novas oportunidades."

4) Nas três primeiras opções, o verbo é transitivo direto, e o **se** é uma partícula apassivadora; o termo que parece objeto direto é, na realidade, o sujeito. Na letra **b**, que é a resposta, o verbo não está concordando com o sujeito **chaves**. Não se esqueça da troca: Chaves são feitas. Na letra **d**, como o verbo é transitivo indireto, o **se** é símbolo de indeterminação do sujeito; sendo assim, o verbo fica sempre na 3ª pessoa do singular.

5) As letras **a** e **d** estão corretas, pois o **se** é partícula apassivadora, e o verbo está no plural, para concordar com o sujeito. As letras **b** e **c** são parecidas; o verbo **ler**, que aparece nas duas, é transitivo direto na **b**, sendo então o **se** uma partícula apassivadora. Veja a troca: Revistas já não são lidas como antigamente. Então, corrija-se para "Já não se lêem revistas como antigamente. Na letra **c**, o **se** é símbolo de indeterminação do sujeito, e o verbo, que é intransitivo, tem de ficar no singular.

6) As três primeiras frases têm verbos transitivos diretos; nas três, o **se** é partícula apassivadora, e os verbos deveriam ir ao plural. A última frase está correta, já que o verbo **obedecer** é transitivo indireto, sendo **às leis** o seu objeto indireto. Dessa forma, o verbo fica na 3ª pessoa do singular.

7) As duas primeiras frases estão corretas, sendo que a segunda admite a variante "Sou eu quem pergunto". Na letra **c**, o verbo **fazer** não indica tempo decorrido, como parece; ele significa **completar** e tem sujeito, com o qual concorda (os garotinhos). A resposta é a letra **d**, que apresenta o verbo **haver** impessoal, com o auxiliar (estão) no plural; a

inversão da frase (objeto direto antes do verbo) confunde um pouco, porém o que se deve notar é o sentido de **haver** (existir), caso em que a locução verbal não pode estar no plural.

8) Na letra **a**, o verbo **bater** concorda com o sujeito (O sino da matriz), o mesmo ocorrendo na letra **d**, cujo sujeito é **dez horas**. Na letra **c**, houve uma concordância atrativa com a palavra **eu**, núcleo do sujeito mais próximo do verbo. O erro está na letra **c**, pois **voltastes** é plural (vós). A concordância gramatical seria **voltamos**, e a atrativa, **voltaste** (tu).

9) Na letra **a**, ocorreu uma concordância atrativa (poderia ser "trabalhamos"). Na **b**, o **se** é partícula apassivadora, e o verbo concorda normalmente com o sujeito (boas histórias). Na **c**, a palavra **quem** está levando o verbo à terceira pessoa, mas poderia ser **discursariam**. A resposta é a letra **d**, porque o verbo deve concordar com o artigo que integra o nome do livro; o certo é **pertencem**.

10) A questão se baseia na regra do emprego de dois pronomes. Na letra **a**, que está correta, também se poderia dizer **serão**, concordando com **quais**. Nas outras três opções, o primeiro pronome está no singular (qual, cada um e algum), o que deixa o verbo obrigatoriamente no singular. Por isso o gabarito é **d**. O afastamento do sujeito e do verbo pode ser um problema em prova. O que interessa é que o primeiro pronome é singular (algum). Portanto, o correto é **veio**.

11) As quatro frases, evidentemente, estão corretas, mas uma delas admite a variação de plural. Na primeira, temos o verbo **haver** impessoal, que não admite o plural. Na segunda, o sujeito, embora um coletivo, é singular. Na terceira, a palavra **se** é empregada com um verbo que pede preposição: é um símbolo de indeterminação do sujeito. Na letra **d**, que é a resposta, a expressão **um e outro** admite tanto o singular quanto o plural; assim, pode-se dizer também **gostariam de assinar**.

12) Emprego do verbo **ser**. A única frase correta é a da letra **a**, pois sendo o sujeito **aquilo** a concordância pode ocorrer com ele ou com o predicativo: **seria** ou **seriam**. Na **b**, a concordância tem de ser com o pronome pessoal. Na **c**, o verbo indica tempo, devendo concordar com o numeral **uma**. Na **d**, há uma idéia de quantidade, e o verbo **ser** não se flexiona; o certo é **é muito pouco**.

13) A resposta é a letra **d**, uma vez que o núcleo do sujeito é **presença**, singular. Corrija-se para **mostra**. O perigo é o tamanho da frase, com o afastamento que existe entre sujeito e verbo.

14) A letra **c** é a resposta, porque na frase variante aparece **no relógio da praça**, adjunto adverbial de lugar. O verbo concorda com o sujeito, não com o adjunto. Se fosse **O relógio da praça**, teríamos **soou**. Na letra **d**, temos como sujeito a expressão **a maioria dos candidatos**, que pode levar o verbo ao singular (concordando com maioria), ou ao plural (concordando com candidatos). Observe que o **se** é partícula apassivadora. Pode-se dizer: "A maioria dos candidatos é esperada" ou "A maioria dos candidatos são esperados".

15) Na letra **a**, podem ser empregadas as duas, o mesmo se dando com a letra **b**. Na letra **c**, gabarito da questão, o verbo **haver** significa **existir**; seu auxiliar (há) deve ser usado apenas no singular. Na letra **d**, só podemos empregar a segunda palavra.

16) É uma questão bem difícil. O gabarito é a letra **d**, pois o sujeito do verbo **ser** é a oração do infinitivo. Se perguntarmos: "O que foi possível?", responderemos: "Encontrar inscrições latinas". Mas vamos escrever a frase numa outra ordem, mais lógica. Veja abaixo.

Foi-nos possível encontrar inscrições latinas.

Escrita dessa forma, a frase não apresenta risco algum.Então, mudando a ordem dos termos, podemos dizer: "Inscrições latinas que nos foi possível encontrar". É inadmissível **foram possíveis**, concordando com **inscrições**.

17) Uma questão tradicional da banca da Esaf. A letra **d** contém um erro de concordância verbal. **O programa** é o sujeito do verbo **contou**, por isso mesmo no singular, mas também é do verbo **eram avaliados**. O que está escrito é "O programa...eram avaliados". Claro que o correto é "O programa era avaliado".

CONCORDÂNCIA NOMINAL

1) Regra geral
O substantivo concorda com as palavras que a ele se referem no texto.
Ex.: O aluno. Os alunos. A aluna. As alunas.
Meu livro. Meus livros. Minha pasta. Minhas pastas.
Garoto alto. Garotos altos. Garota alta. Garotas altas.
Primeiro filho. Primeiros filhos. Primeira filha. Primeiras filhas.

CASOS PARTICULARES

1) Um adjetivo para mais de um substantivo.
Ex.: Homem e menino altos. Homem e menino alto.
Mulher e menina altas. Mulher e menina alta.
Homem e mulher altos. Homem e mulher alta.

Observações

a) Quando o adjetivo concorda com todos os substantivos, há uma concordância gramatical ou lógica; quando concorda só com o mais próximo, concordância atrativa.

b) Quando os substantivos são de gêneros diferentes, prevalece o masculino. Por isso, no último exemplo, diz-se **altos**. Da mesma forma, também se admite a concordância atrativa.

c) Vindo antes do adjetivo, é mais freqüente a concordância atrativa, a menos que se trate de nome próprio ou de parentesco.
Ex.: Má hora e lugar. Mau lugar e hora.
Os inteligentes Pedro e Osvaldo.
As alegres avó e neta.

d) Se houver artigo entre o adjetivo e o substantivo, ambas as concordâncias podem ser feitas.
Ex.: Chegaram animados a moça e o rapaz.
Chegou animada a moça e o rapaz.

2) **Alerta** e **menos** são invariáveis.
Ex.: Eles estavam alerta. (e não alertas)
Tinha menos convicção. (e não menas)
Obs.: Se uma palavra for substantivada, irá normalmente ao plural.
Ex.: o alerta – os alertas
o não – os nãos.

3) **Bastante** pode ser variável ou invariável.
Ex.: Recebeu bastantes prêmios. (bastantes: pronome adjetivo indefinido)
Recebeu prêmios bastantes. (bastantes: adjetivo)
Estavam bastante cansados. (bastante: advérbio, pois modifica um adjetivo)
Obs.: As pessoas erram muito o emprego de **bastante**. Você, que se prepara para um concurso público, não pode manter aquela idéia de que **muito** e **bastante** são advérbios. Tudo depende da frase.

4) **Anexo**, **obrigado**, **quite** e **leso** são variáveis.
Ex.: Certidão anexa. Requerimento anexo. Mandei anexa uma cópia.
–Obrigada, disse a mulher. – Obrigado, disse o homem.
Ele está quite. Eles estão quites.
Crime de lesa-pátria. Crime de leso-patriotismo.
Obs.: **Em anexo** é invariável.
Ex.: Mandei em anexo dois recibos.

5) **Possível** é adjetivo, portanto variável.
Ex.: Mudança possível. Mudanças possíveis.
Obs.: Às vezes, é empregado como reforço em frases especiais, em que concorda com o artigo.
Ex.: Histórias **o** mais tristes **possível**.
Histórias **as** mais tristes **possíveis**.
Histórias **quanto possível** tristes.
Como se vê, se houver o advérbio **quanto**, **possível** fica invariável.

6) **Mesmo** e **próprio** concordam com a palavra a que se referem na frase.
Ex.: Ela mesma fez a limpeza. Ela própria fez a limpeza.
Ele mesmo fez a limpeza. Ele próprio fez a limpeza.
Obs.: **Mesmo** e **próprio** em frases desse tipo são pronomes demonstrativos usados para reforçar um termo na frase. **Mesmo** pode ser advérbio (realmente), ficando então invariável.
Ex.: Ela fez mesmo a limpeza.

7) **Um e outro**, **um ou outro**, **nem um nem outro**: substantivo no singular e adjetivo no plural.
Ex.: Um e outro animal ferozes fugiu.
Obs.: Com certeza você achou a frase estranha, não é mesmo? Principalmente porque o verbo está no singular. Verifique o emprego dessa expressão na concordância verbal.

8) **Tal qual** é variável. **Tal** concorda com o primeiro termo; **qual**, com o segundo.
Ex.: Ele era tal qual o colega.
Eles eram tais qual o colega.
Ele era tal quais os colegas.
Eles eram tais quais os colegas.
Esquisito, não é mesmo? Não se desespere, meu amigo. Há muita coisa estranha em português; estranha, mas correta. Com o tempo, você se acostuma.

9) **Só** = sozinho → variável
Só = somente → invariável
Ex.: Os parentes ficaram sós.
Só eles reclamaram.
Obs.: **A sós** é invariável.
Ex.: Ele está a sós.
Eles estão a sós.

10) Substantivo sem artigo, em frases com o verbo **ser**: adjetivo no masculino; com artigo, concordância normal.
Ex.: É proibido conversa entre os assistentes.
É proibida a conversa entre os assistentes.
Obs.: Ficam erradas frases do tipo: "É proibido a conversa" e "É proibida conversa".

11) **Haja vista**.
Ex.: Haja vista os resultados. (invariável)
Obs.: Admitem-se também duas outras construções.
Ex.: Haja vista aos resultados.
Hajam vista os resultados

12) **Nenhum** é pronome adjetivo; portanto, concorda com o substantivo.
Ex.: Nenhum livro. Nenhuns livros. Nenhuma caneta. Nenhumas canetas.

13) Palavra **meio**: variável ou invariável.
Ex.: Ele trouxe meia melancia. (numeral, acompanha substantivo)
Ela estava meio chateada. (advérbio, liga-se ao adjetivo).
Cuidado! Para alguns gramáticos importantes, o advérbio **meio** pode flexionar-se. É uma situação polêmica. Não se precipite. Se a banca do concurso colocar a frase "Ela estava meia chateada", verifique as outras opções; ela pode ter considerado correta a frase. Ou seja: faça por eliminação.

14) Palavra **todo**: variável ou invariável.
Ex.: Ela chegou todo machucada.
Ela chegou toda machucada.

Observações

a) A palavra **todo**, nas duas frases, é advérbio de intensidade, pois modifica adjetivo, equivalendo a **totalmente**. Na segunda, há uma flexão por influência do adjetivo **machucada**. É, pois, um advérbio que pode flexionar-se.

b) Em **todo-poderoso**, **todo** é invariável.
Ex.: O todo-poderoso. Os todo-poderosos
A todo-poderosa. As todo-poderosas.

15) Plural das cores
Ex.: blusas brancas. (brancas é adjetivo)
blusas laranja. (laranja é substantivo: invariável ao indicar cor)
blusas verde-amarelas. (dois adjetivos: só o segundo se flexiona)
blusas verde-abacate. (adjetivo mais substantivo: composto invariável)
blusas cinza-claro. (substantivo mais adjetivo: composto invariável)

Observações

a) Na palavra composta, o primeiro nome que indica cor não vai ao plural.

b) **Azul-marinho** e **azul-celeste** são, no português atual, invariáveis.
Ex.: Blusas azul-marinho. Blusas azul-celeste.

c) Se o composto for usado como substantivo, os dois elementos se flexionarão.
Ex.: O azul-claro. Os azuis-claros.

EXERCÍCIOS

1) Assinale a alternativa em que ocorreu erro de concordância nominal.
a) livro e revista velhos
b) aliança e anel bonito
c) rio e floresta antiga
d) homem, mulher e criança distraídas

2) Assinale a frase que contraria a norma culta quanto à concordância nominal.
a) Falou bastantes verdades.
b) Já estou quites com o colégio.
c) Nós continuávamos alerta.
d) Haverá menos dificuldades na prova.

3) Há erro de concordância nominal na frase:
a) Nenhuns motivos me fariam ir.
b) Estavam bastante fracos.
c) – Muito obrigada, disse a mulher.
d) Foi um crime de lesa-cristianismo.

4) Está correta quanto à concordância nominal a frase:
a) Levou camisa, calça e bermuda velhos.
b) As crianças mesmo consertariam tudo.
c) Trabalhava esperançoso o rapaz e a moça.
d) Preocupadas, a mãe, a filha e o filho resolveram sair.

5) Cometeu-se erro no emprego de ANEXO em:
a) Anexas seguirão as fotocópias.
b) Em anexo estou mandando dois documentos.
c) Estão anexos a certidão e o requerimento.
d) Anexo seguiu uma foto.

6) Há erro de concordância nominal na seguinte frase:
a) Vós próprios podereis conferir.
b) Desenvolvia atividades o mais interessantes possíveis.
c) Anexo ao requerimento a documentação solicitada.
d) Ele já estava quite e tinha bastantes possibilidades de vitória.

7) Assinale o erro de concordância nominal.
a) Maçã é ótimo para isso.
b) É necessário atenção.
c) Não será permitida interferência de ninguém.
d) Música é sempre bom.

8) Assinale a frase imperfeita quanto à concordância nominal.
a) O artista andava por longes terras.
b) Realizava uma tarefa monstro.
c) Os garotos eram tal qual o avô.
d) Aquela é a todo-poderosa.

9) Em qual alternativa apenas a segunda palavra dos parênteses pode ser usada na lacuna?
a) Estudei música e literatura..... (francesa / francesas)
b) Histórias quanto..... tristes. (possível / possíveis)
c) Nem um nem outro..... fugiu. (animal / animais)
d) Só respondia com .....palavras. (meio / meias)

10) Marque o erro de concordância.
a) Os alunos ficaram sós na sala.
b) Já era meio-dia e meio.
c) Os alunos ficaram só na sala.
d) Márcia está meio vermelha.

11) Assinale a opção em que o nome da cor apresenta erro de concordância.
a) Tem duas blusas verde-musgos.
b) Usava sapatos creme.
c) Comprou faixas verde-azuladas.
d) Trouxe gravatas azul-celeste.

12) Aponte o erro de concordância.
a) Vi homem e mulher animados.
b) Era uma pseuda-esfera.
c) Encontramos rio e lagoa suja.
d) Regina ficou a sós.

13) Marque a frase com palavra mal flexionada.
a) Comprou camisas **vermelho-sangue**.
b) Assuntos **nenhum** lhe agravavam.
c) Não há **quaisquer** perspectivas.
d) Elas não se abrem por si **sós**.

14) (PROF.-MT) A frase em que a concordância nominal contraria a norma culta é:

a) O poeta considera ingrata a terra e o filho.
b) O poeta considera ingrato o filho e a terra.
c) O poeta considera ingratos a terra e o filho.
d) O poeta fala de um filho e uma terra ingratas.
e) O poeta fala de uma terra e um filho ingratos.

15) (T.A.CÍVEL-RJ) "tornou-se absolutamente claro para mim que eu queria mesmo era escrever em português."

Das frases abaixo, a que contraria a norma culta quanto à concordância nominal é:

a) Tornou-se clara para o leitor minha posição sobre o assunto.
b) Deixei claros para o leitor meus pontos de vista sobre o assunto.
c) Ficou clara para o leitor minha posição e meus argumentos sobre o assunto.
d) Ficaram claras para o leitor minha posição e argumentação sobre o assunto.
e) Quero tornar claros para o leitor serem estes meus argumentos sobre o assunto.

16) (TFC) Assinale a opção em que não há erro.

a) Seguem anexo os formulários pedidos.
b) Não vou comprar esta camisa. Ela está muito caro.
c) Estas questões são bastantes difíceis.
d) Eu lhes peço que as deixem sós.
e) Estando pronto os preparativos para o início da corrida, foi dada a largada.

GABARITO

1) D	5) D	9) D	13) B
2) B	6) B	10) B	14) D
3) D	7) C	11) A	15) E
4) C	8) C	12) B	16) D

COMENTÁRIOS

1) A questão, bem simples, trata de concordância gramatical e concordância atrativa. Na primeira, há uma concordância gramatical: **velhos** concorda com os dois substantivos; também se poderia dizer **livro e revista velha**. Nas letras **b** e **c**, as palavras **bonito** e **antiga** estão concordando por atração; também se poderia dizer **bonitos** e **antigos**. Na letra **d**, há um erro, pois, com a palavra **homem** presente, a concordância gramatical só pode ser **distraídos**; a atrativa seria **distraída**.

2) Na letra **a**, a palavra **bastantes** é pronome adjetivo indefinido e está concordando com **verdades**. A frase da letra **b** está errada, uma vez que a palavra **quite** só se refere a uma pessoa: **eu**; nesse caso, ela fica no singular. **Alerta** e **menos**, que aparecem a seguir, estão bem empregados, pois são invariáveis.

3) Na letra **a**, a palavra **nenhum**, que é um pronome adjetivo indefinido, concorda com o substantivo a que se refere: **motivos**. **Bastante**, que vem após, é advérbio, porquanto está modificando um adjetivo. A palavra **obrigada** concorda com **mulher**, a pessoa que agradece. O erro está na letra **d**, já que o adjetivo **leso** deve concordar com o substantivo a que aparece ligado no nome composto; corrija-se para **leso-cristianismo**.

4) Na letra **a**, não se justifica o emprego de **velhos**, masculino plural, pois os três substantivos são femininos; diga-se **velhas** (concordância gramatical) ou **velha** (concordância atrativa). A palavra **mesmo** deve concordar com o termo a que se refere; assim, o correto na letra **b** é **mesmas**. Na letra **c**, não há erro, pois **esperançoso** está concordando só com a palavra **rapaz**; observe que o verbo também está concordando por atração. Na letra **d**, o adjetivo deve ir ao masculino plural, por causa da presença da palavra **filho**; aqui, não cabe a atrativa, já que o verbo está no plural.

5) **Anexo** é adjetivo. Na letra **a**, ele concorda com o substantivo **fotocópias**. Na letra **b**, temos a locução **em anexo**, que é invariável. Na letra **c**, está concordando com um masculino (requerimento) e um feminino (certidão), por isso o masculino plural; também se poderia fazer a concordância atrativa: Está anexa a certidão e o requerimento. O erro está na letra **d**, onde **anexo** deixou de concordar com **foto**; o certo é **anexa**.

6) Questão muito difícil. O gabarito é a letra **b**: a palavra **possível** concorda com o artigo; o certo é **possível**, ou **possíveis**, trocando o **o** por **as**. A letra **c** é perigosa, maldosa mesmo, diria; acontece que a palavra **anexo**, na frase, não é o adjetivo, que teria de concordar com um substantivo, mas trata-se do verbo anexar: "Eu anexo ao requerimento..."; dessa forma, a frase não contém erro de concordância nominal. Para complicar a questão ainda mais, muita gente acha que a palavra **quite** é sempre plural; não é verdade, como já vimos. E a palavra **bastante**, que muitos acham que é invariável, na frase aparece no plural, por se tratar de um pronome.

7) As quatro frases apresentam substantivo sem artigo: **maçã**, **atenção**, **interferência** e **música**. Nesse caso, o adjetivo deve ficar no masculino singular. Na letra **c**, isso não ocorreu, tendo o adjetivo se flexionado indevidamente; corrija-se para "Não será permitido interferência de ninguém" ou "Não será permitida a interferência de ninguém".

8) Na letra **a**, temos o adjetivo **longe**, no plural para concordar com **terras**; geralmente, **longe** é advérbio, não se flexionando, mas na frase ele acompanha um substantivo, portanto deve concordar com ele. A palavra **monstro** é um substantivo empregado no lugar de um adjetivo (monstruosa); sempre que isso ocorre, a palavra não varia, qualquer palavra, não apenas **monstro**. A resposta é a letra **c**, pois **tal qual** é variável; o correto é **tais qual**. E o **todo** da palavra **todo-poderoso** é invariável.

9) Observe bem o enunciado. Na letra **a**, a segunda palavra pode ser empregada, mas também a primeira. **Quanto** leva a palavra **possível** ao singular. **Nem um nem outro** exige substantivo no singular. O erro está na letra **d**, porquanto a palavra **meio** deve concordar com o substantivo **palavras**.

10) A palavra **sós** da letra **a** quer dizer **sozinhos,** e a da letra **c**, **somente**. Na expressão **meio-dia e meio**, **meio** é numeral e se refere a **hora**, oculta; assim, devemos corrigir para **meio-dia e meia**. Na letra **d**, o advérbio **meio** foi usado como invariável, o que é mais aconselhável atualmente. Não se esqueça do que foi dito sobre a possível e polêmica flexão do advérbio **meio**.

11) O erro está na letra **a** porque a palavra que indica cor, quando representada por substantivo, é invariável; **musgo** é um substantivo, devendo-se dizer **blusas verde-musgo**. **Creme** é substantivo, portanto invariável. Em **verde-azuladas**, temos um adjetivo composto, flexionando-se a segunda palavra. **Azul-celeste** é um composto invariável, da mesma forma que **azul-marinho**.

12) O que poderia enganar nesta questão é a palavra **pseuda-esfera**, isso porque **pseudo** não é uma palavra, e sim um prefixo, e prefixo é elemento invariável: não existe **pseuda**; por isso, o gabarito é a letra **b**.

13) A palavra **vermelho-sangue** é invariável, pois apresenta como um de seus componentes o substantivo **sangue**. **Nenhum** é palavra variável, estando errada então a opção **b**; corrija-se para **Assuntos nenhuns**. **Qualquer** é pronome adjetivo indefinido e concorda com o seu substantivo, mas sua flexão se faz no meio. A palavra **sós** refere-se a **elas**.

14) Nas letras **a** e **b**, houve concordância atrativa, respectivamente com **terra** e **filho**. Na letra **c**, o adjetivo concorda com os dois substantivos, portanto masculino plural. A opção **d** é a resposta, pois não se justifica o feminino plural se a palavra **filho** está presente. Na letra **e**, o adjetivo está no masculino plural, já que se refere a um masculino e um feminino.

15) Questão difícil. Na letra **a**, **clara** concorda com **posição**. Na **b**, **claros** concorda com **pontos de vista**. Na **c**, **clara** concorda por atração com **posição**. Na **d**, **claras** concorda com **posição** e **argumentação**, duas palavras femininas. O gabarito é a letra **e**, porque o adjetivo **claros** está se referindo a toda uma oração: serem estes meus argumentos sobre o assunto; quando isso ocorre, o adjetivo não pode flexionar-se; o certo é "Quero tornar claro para o leitor serem estes meus argumentos sobre o assunto".

16) Na letra **a**, o adjetivo **anexo** deve concordar com **formulários**: **anexos**. Na **b**, o adjetivo **caro** deve concordar com **camisa**: ela está muito cara. Na **c**, a palavra **bastante** é um advérbio de intensidade, pois se liga ao adjetivo; não pode ir ao plural. O gabarito é a letra **d**, porque **sós** é adjetivo, equivalendo a **sozinhas**. Na letra **e**, o adjetivo **pronto** tem de concordar com o substantivo **preparativos**. Corrija-se: "Estando prontos os preparativos..."

Instruções ao aluno

Bem-vindo ao nosso curso de Português. É um prazer tê-lo conosco neste trabalho.

Observe, por favor, o que segue.

1. As doze primeiras lições trazem exercícios gerais de fixação da matéria, com gabarito comentado.

2. Estude bem cada lição. Resolva os exercícios e, mesmo tendo acertado, leia com atenção os comentários. Isso é estudar verdadeiramente.

3. Ao chegar à 13ª lição, você terá a base necessária para resolver as questões propostas, de altíssimo nível, dos principais concursos do país.

4. Da 3ª lição em diante, haverá um certo encadeamento. Por exemplo: as classes gramaticais remetem à concordância; a análise sintática, à pontuação e à colocação pronominal.

5. Estude com afinco e paciência, sobretudo com alegria. O progresso virá os poucos, mas com segurança.

Felicidades!

Renato Aquino.

AULA 1: ORTOGRAFIA I

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

Quanto à posição da sílaba tônica, as palavras podem ser:

1) Oxítonas: quando a última sílaba é tônica.
Ex.: ilu**são**, ca**ju**, bo**né**, fa**rol**, tamandu**á**

2) Paroxítonas: quando a penúltima é tônica.
Ex.: ca**mi**sa, **do**ce, be**le**za, **ca**sa, es**ca**da

3) Proparoxítonas: quando a antepenúltima é tônica.
Ex.: **dé**cimo, **sá**tira, **ár**vore, aro**má**tico, pa**té**tico

Observações

a) Chama-se tônica a sílaba mais forte da palavra. As outras todas são átonas.
Ex.: natureza
tônica: re
átonas: na, tu, za.
Evidentemente, só a sílaba tônica pode ter acento gráfico (agudo ou circunflexo).

b) Jamais considere oxítonas as palavras de apenas uma sílaba. Isso às vezes é utilizado pelas bancas para confundir o candidato. Já houve época em que se fazia tal classificação. Chame-as, simplesmente, de monossílabos.
Ex.: só, vi, fé

c) Cuidado com as palavras derivadas! Com determinados sufixos, a sílaba que era tônica fica, na derivada, um pouco mais forte do que as outras sílabas átonas. Passa-nos a impressão de que teria acento gráfico. É a chamada sílaba subtônica, tipo especial de sílaba átona.
Ex.: papéis → papeizinhos (pei: sílaba subtônica)

REGRAS DE ACENTUAÇÃO GRÁFICA

I) **Regras gerais**

1) Oxítonas: acentuam-se as terminadas em a(s), e(s), o(s), em, ens.
Ex.: guaraná, guaranás, boné, bonés, cipó, cipós, alguém, vinténs
Obs.: Como se vê nos exemplos, a letra **s**, quando se une a uma vogal, não altera a acentuação da palavra. Isso não vale apenas para a regras das oxítonas, mas para todas as regras de acentuação. Se a palavra tem acento, não o perde; igualmente, se ela não é acentuada, continua sem acento. Não se esqueça disso, pois é importante.

2) Paroxítonas: acentuam-se as terminadas em l, n, r, x, i(is), u, us, um, uns, om, ons, ã(s), ps e ditongos (qualquer tipo).
Ex.: amável, hífen, éter, clímax, júri, júris, bônus, álbum, álbuns, rádom, prótons, órfã, órfãs, bíceps, colégio, órgão.

Observações

a) A regra das oxítonas se opõe à das paroxítonas, ou seja, as terminações de uma não aparecem na outra. Dessa forma, se uma palavra for oxítona com terminação das paroxítonas não terá acento. E vice-versa.
Ex.: urubu → oxítona terminada em **u**, que pertence à regra as paroxítonas.
doce → paroxítona terminada em **e**, que pertence à regra das oxítonas.

b) As oxítonas terminadas em **u**, no português atual, são sempre seguidas de **s**.
Ex.: vírus

c) Os prefixos paroxítonos terminados em i e r não são acentuados.
Ex.: super-homem, anti-higiênico

3) Proparoxítonas: todas são acentuadas.
Ex.: próximo, rápido, histórico

4) Monossílabos tônicos: acentuam-se os terminados em a(s), e(s), o(s).
Ex.: cá, fé, pó
Obs.: Alguns poucos monossílabos são átonos, ficando sem acento. São palavras de pronúncia muito fraca, como os artigos, os pronomes oblíquos átonos e algumas preposições. Não se preocupe com eles. Você, com certeza, pela prática do dia-a-dia, não pensaria em acentuá-los.
Ex.: Comprei o livro de Matemática.
Você pensaria em acentuar **o** e **de**? Duvido!

II) **Casos especiais**: regras de acentuação que não dependem do tipo da palavra.

1) Ditongos abertos éi, éu, ói
Ex.: assembléia, chapéu, herói.
Obs.: Em **papeizinhos**, como já vimos, não há acento, apesar de o ditongo ter som aberto. Acontece que a sílaba tônica é **zi**, e não **pei**.

2) Hiatos ôo e êe.
Ex.: vôo, enjôo, perdôo; crêem, lêem, vêem (v. ver), dêem, relêem, descrêem.

3) Letras i e u, formando hiatos.
Ex.: saúde, ruído, caíste, balaústre.
sairmos, juiz, caiu, paul

Observações

a) Como se vê pelos exemplos, a letra (i ou u) deve ser acentuada quando for a segunda vogal do hiato, tônica, sozinha na sílaba ou formando sílaba com **s**. As palavras da segunda linha não são acentuadas porque **i** e **u** formam sílabas com outra letra, que não **s**.

b) Se na sílaba seguinte houver **nh**, não haverá acento; da mesma forma, se a vogal for repetida.
Ex.: rainha, moinho; xiita, urucuuba

c) Se a palavra pertencer a outra regra de acentuação, terá de ser acentuada, em qualquer circunstância.
Ex.: Aírton → paroxítona terminada em **n**
seriíssimo → proparoxítona

4) Verbos **ter** e **vir** (e derivados), na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo: acento circunflexo.
Ex.: eles têm, eles vêm, eles contêm, eles advêm
Obs.: O singular segue a regra geral.
Ex.: ele tem (monossílabo tônico): sem acento
ele mantém (oxítona terminada em em): com acento agudo

5) Trema: nos grupos gue, gui, que, qui, quando o u é pronunciado e átono.
Ex.: enxagüei, pingüim, seqüência, tranqüilo

Observações

a) Não há trema antes de **a** e **o**, pois o **u** é sempre pronunciado.
Ex.: oblíquo, língua

b) Se o **u** for tônico e pronunciado, levará acento agudo. Isso ocorre com os verbos **apaziguar**, **averiguar**, **obliquar**, **argüir**. Os três primeiros, no presente do subjuntivo; o último, no presente do indicativo.
Ex.: apazigúe, averigúem, obliqúes, argúi, argúis.

6) Acento diferencial de intensidade

Alguns substantivos e verbos são acentuados para diferençarem-se das preposições ou contrações de preposições. Os mais importantes são pôr (v.), pára (v.), pêlo (s.), pêra (s.), pélo, pélas, péla (v.), pôlo (s.), pólo (s.), côa (v. e s.).

Observações

a) O substantivo **pêra** perde o acento no plural.
Ex.: pêra – peras

b) A palavra **pôde** (pret. perf. de poder) também leva acento diferencial, porém de timbre (som aberto / som fechado), por causa do presente **pode**, sem acento.
Ex.: Ele não pôde sair.
Ele não pode sair.

PALAVRAS DE PRONÚNCIA DUVIDOSA

1) São oxítonas:

condor	obus
mister	recém
novel	refém
Nobel	ureter

2) São paroxítonas:

alcácer	decano	índex
algaravia	dúplex	látex
avaro	filantropo	maquinaria
aziago	fluido (flui-do)	misantropo

barbaria	fortuito (tui)	necropsia
batavo	gratuito (tui)	opimo
caracteres	gúmex	pudico
celtibero	ibero	quiromancia

3) São proparoxítonas:

ádvena	azáfama	ínterim
ágape	bátega	lêvedo
álacre	bávaro	monólito
alcíone	bímano	ômega
álibi	biótipo	ômicron
amálgama	cáfila	périplo
antífrase	cotilédone	pródromo
areópago	crisântemo	protótipo
aríete	éolo	quadrúmano
arquétipo	ímprobo	zênite

Observações

a) Palavras com ditongo crescente, que gramáticos antigos incluem entre as proparoxítonas: barbárie, boêmia, estratégia, homonímia, sinonímia, paronímia. É mais apropriado considerá-las paroxítonas terminadas em ditongo.

b) Têm dupla prosódia:

acrobata	ou	acróbata
alopata	ou	alópata
anidrido	ou	anídrido
hieróglifo	ou	hieroglifo
nefelibata	ou	nefelíbata
Oceania	ou	Oceânia
ortoépia	ou	ortoepia
projétil	ou	projetil
réptil	ou	reptil
sóror	ou	soror
xerox	ou	xérox
zangão	ou	zângão

Exemplário

1) Palavras oxítonas

a) Com acento: cajá, tamanduá, vatapá, rajá, paxá, Pará, Cuiabá, Paraná, xará, sabiá, jacarandá, aliás, ananás, atrás, lilás, café, boné, rapé, jacaré, acarajé, pajé, até, olé, balé, pontapé, ralé, sapé (ou sapê), André, José, Josué, você, bebê (ou bebé), ipê, pavê, dendê, tevê, revê, prevê, antevê, através, freguês, cortês, burguês, português, francês, inglês, torquês, cipó, vovó, avó, jiló, carijó, rococó, após, retrós, avós, vovós, Queirós, vovô, avô, complô, pivô, robô, tarô, alguém, ninguém, porém, armazém, neném, Belém, Jerusalém, também, além, aquém, recém, vintém, parabéns, vinténs, armazéns, conténs, deténs, manténs, reténs.

b) Sem acento: aqui, siri, ali, juriti, gibi, guri, guarani, tupi, sapoti, jabuti, caqui, bambu, angu, peru, urubu, chuchu, caju, pirarucu, pacu

2) Palavras paroxítonas

a) com acento: amável, possível, túnel, útil, fútil, fóssil, horrível, nível, visível, têxtil, hífen, pólen, éden, abdômen, líquen, dólmen, nêutron, próton, íon, néon, elétron, Nélson, Aírton, Édson, cânon, prótons, íons, nêutrons, néons, elétrons, rádons, éter, açúcar, âmbar, aljôfar, cadáver, revólver, César, caráter, Hélder, Válter, mártir, câncer, nenúfar, díspar, néctar, tórax, látex, dúplex, tríplex, Félix, ônix, sílex, córtex, clímax, índex, gúmex, fênix, júri, táxi, dândi, beribéri, Portinári, rúgbi, safári, biquíni, lápis, tênis, oásis, miosótis, íris, bônus, ônus, Vênus, vírus, álbum, médium, fórum, ímã, órfã, rádom, jóquei, pônei, língua, água, régua, égua, légua, oblíquo, ambíguo, contíguo, sério, sóbrio, colégio, Antônio, benefício, egípcio, lírio, sacrifício, ânsia, pátria, eloqüência, Itália, inocência, órgão, órfão, acórdão, bênção, orquídea, área, bíceps, tríceps quadríceps, fórceps.

b) Sem acento: sopa, medo, segredo, estrela, moça, doce, fosse, item, jovem, nuvem, itens, jovens, nuvens, hífens, edens, polens, rede, coroa, Lisboa, porto, mesa, aquele, seda, poço, texto, ritmo, enigma, insigne, roto.

3) Palavras proparoxítonas

Árvore, pântano, cárcere, enérgico, lâmpada, espírito, gênero, geógrafo, período, lógico, máximo, parágrafo, próximo, relâmpago, século, sábado, único, Verônica, aromático, cérebro, célere, célebre, ótimo, péssimo, pássaro, iídiche, tínhamo-lo, jurídico, magnânimo.

4) Monossílabos tônicos

a) Com acento: má, lá, cá, pá, vá, já, pé, sé, ré, é, vê, lê, crê, dê, só, pó, mó, nó, gás, ás, trás, três, mês, vês, crês, lês, dês, nós, vós, cós, sós.

b) Sem acento: vi, ri, si, ti, tu, vez, grau, Rui, par, ser, ter, ver, rir, cor, flor, dor, dar.

5) Ditongos

a) Com acento (éi, éu, oi): idéia, panacéia, dispnéia, diarréia, déia, papéis, carretéis, anéis, bacharéis, assembléia, européia, estréia, traquéia, boléia, tetéia, geléia, platéia, odisséia, epopéia, chapéu, troféu, véu, céu, fogaréu, réu, tabaréu, incréu, ilhéu, escarcéu, herói, dói, rói, destrói, faróis, jibóia, Tróia, bóia, jóia, constrói, estóico, ovóide, tipóia, tramóia, intróito, estróina, girassóis.

b) Sem acento (ei, eu, oi): veia, teia, meia, centeio, ceia, seita, feira, anseio, seu, teu, fariseu, saduceu, hebreu, judeu, Romeu, ateu, camafeu, joio, afoito, moita, arroio, comboio (s.), apoio (s.).

6) Hiatos ôo e êe: perdôo, vôo, enjôo, corôo, côo, assôo, dôo, sobrevôo, zôo, abençôo, crêem, descrêem, vêem, revêem, antevêem, prevêem, lêem, relêem, dêem.

7) Letras i e u formando hiato

a)Com acento: saída, caímos, proteína, doído, aí, raízes, Luísa, jesuíta, ruína, moído, suíno, cafeína, paraíso, prejuízo, genuíno, beduíno, ruína, suíço, proíbo, coíbo, proíbe, coíbe, baía, saúde, saúva, graúdo, miúdo, espadaúdo, ataúde, conteúdo, carnaúba, ciúme, baú, gaúcho, viúvo, reúno, reúne, faísca, saíste, caíste, altruísmo, arcaísmo, Luís, Luísa, ensaísta, egoísta, país, balaústre.

b) Sem acento: cair, juiz, raiz, saiu, caindo, paul, Raul, Saul, ruindo, ruim, contribuinte, oriundo, rainha, moinho, ladainha, tainha, bainha, vadiice, mandriice, xiita, xiismo, urucuuba, paracuuba.

8) Trema
a) Obrigatório: ungüento, agüentar, lingüeta, agüei, enxagüei, ágüe, enxágüe, pingüim, contigüidade, redargüir, argüir, argüição, argüimos, argüis, ambigüidade, lingüiça, exigüidade, sagüi, lingüista, qüinqüênio, eloqüente, eloqüência, freqüente, freqüência, seqüência, conseqüente, conseqüência, eqüestre, cinqüenta, seqüestro, seqüela, delinqüente, delinqüência, tranqüilo, tranqüilidade, eqüino, eqüitativo, eqüilátero,

eqüidistante, eqüidistância, antiqüíssimo, delinqüir, exeqüível, inexeqüível, ubiqüidade, obliqüidade, qüingentésimo, iniqüidade, eqüitativo, qüiproquó.

b) Facultativo: antigüidade, eqüivalente, eqüidade, retorqüir, séqüito, líqüido, liqüidar, liqüidação, liqüidificar, liqüidificador, sangüíneo, sangüinário, sangüinolento.

c) Sem trema: questão, querela, guelra, adquirir, perquirir, distinguir, extinguir, conseguinte.

EXERCÍCIOS

1) Assinale a palavra com erro de acentuação gráfica.
   a) vatapá
   b) jiló
   c) ipê
   d) garí

2) Indique o erro de acentuação.
   a) neném
   b) através
   c) pajé
   d) apos

3) Assinale a forma verbal com erro de acentuação gráfica.
   a) vencê-la
   b) pedí-lo-íamos
   c) repô-lo-emos
   d) mandá-lo-ás

4) Há erro de acentuação somente em:
   a) fértil
   b) rede
   c) júri
   d) ítem

5) Em que alternativa se cometeu erro de acentuação?
   a) médium
   b) lápis

c) latex
d) nêutron

6) Só está correta quanto à acentuação a palavra:
a) Patricia
b) pêssego
c) gráu
d) le

7) Só está devidamente acentuada a palavra:
a) estrêla
b) fossil
c) mês
d) mêses

8) Não há erro de acentuação somente em:
a) bíceps, patio
b) virus, éden
c) benígno, décimo
d) vê-lo, historia

9) Marque a alternativa que apresenta erro de acentuação gráfica.
a) biscoito, dispnéia
b) fariseu, fogaréu
c) proteína, construírmos
d) baú, recaíste

10) Há erro de acentuação gráfica em:
a) relêem, abençôo
b) Lisbôa, vôos
c) eles obtêm, eles convêm
d) ela tem, ela mantém

11) Assinale a palavra que se acentua pelo mesmo motivo de GELÉIA.
a) lá
b) bóia
c) lírio
d) pônei

12) Assinale a palavra cuja acentuação no plural se baseia em regra diferente da do singular.
a) éter
b) jóia

c) enjôo
d) inocência

13) Indique a opção em que todas as palavras estão corretas quanto ao uso do trema.
a) ambigüidade, qüingentésimo, distingüir, aguerrido
b) freqüente, adqüirir, eqüestre, líqüido
c) qüinqüênio, qüiproquó, sagüi, argüição
d) equilíbrio, por consegüinte, eqüino, extinguir

14) Marque a opção em que se cometeu erro de acentuação gráfica.
a) tênis– abençoa – rede
b) pára – para – Pará
c) moinho – próximo – gratuíto
d) eles convêm – ritmo– substituí-lo-emos

15) Assinale a alternativa em que a sílaba tônica está devidamente sublinhada (os acentos foram retirados para efeito de teste.).
a) ruim – zenite – prototipo
b) filantropo – quadrumano – ureter
c) bavaro – necropsia – alcione
d) ibero – condor – projetil

16) Assinale a alternativa em que todas as palavras têm dupla prosódia.
a) álibi – hieroglifo – anidrido
b) Oceania – acrobata – ínterim
c) sóror – projétil – nefelibata
d) réptil – sutil – ruim
e) índex – xérox – zangão

17) Marque o erro de acentuação gráfica.
a) Atrás da porta, havia um boné e um rádio.
b) Raspou o pêlo do animal e fê-lo tomar banho.
c) Aquele ítem ainda não fora estudado.
d) Estudou a língua tupi com seus avós.
e) Eles não crêem que eu perca o vôo das sete horas.

18) (TJ-RJ) Que par de palavras abaixo não tem sua acentuação gráfica justificada com base na mesma regra?
a) súditos – fábrica
b) denúncia – consciência
c) está – já

d) útil – agradável
e) país – roía

19) (CÂM. MUN.-RIO) ...têm um papel a desempenhar aí.

A forma verbal **têm** aparece acentuada graficamente com acento circunflexo pela mesma razão de uma das palavras a seguir. Qual?

a) pôde
b) lêem
c) contém
d) vê
e) vêm

20) (TRT-ES) Marque a alternativa em que todas as palavras são acentuadas por obedecerem à mesma regra.

a) sensíveis, fará, hábito
b) ágil, órgão, réus
c) século, mártir, reféns
d) aliás, vocês, propôs
e) essência, raízes, óleo

21) (TFC) Assinale a opção que apresenta acentuação gráfica incorreta.

As imagens que nos vieram do século 19 brasileiro são reveladoras. Os artistas nacionais expressam um magnífico(A) universo poético(B). Mas são os estrangeiros que buscaram conservar a imagem do que percebiam à sua roda. Sem a catarata do indianismo, Rugendas, Debret, entre outros, fixaram, com olhar lúcido(C), a violência(D) e os ridículos de uma sociedade provínciana(E), assentada sobre o trabalho dos escravos.

(Jorge Coli, Folha de S. Paulo – Especial, 20/4/2000, p. 7, com adaptações)

a) a
b) b
c) c
d) d
e) e

GABARITO

1 D	8 D	15 D
2 D	9 C	16 C
3 B	10 B	17 C
4 D	11 B	18 C
5 C	12 A	19 E

6 B	13 C	20 D
7 C	14 C	21 E

EMPREGO DE LETRAS

1) As letras S, J e Z mantêm-se nas palavras derivadas de outras em que elas aparecem.
Ex.: camisa – camiseta
laranja – laranjeira
cruz – cruzar

2) O sufixo EZA (ou EZ) é usado em substantivos abstratos derivados de adjetivos.
Ex.: nobre – nobreza
pálido – palidez

3) O sufixo ESA (ou ISA) é usado na formação de feminino.
Ex.: barão – baronesa
poeta – poetisa

4) Depois de EN usa-se X, e não CH.
Ex.: enxoval, enxergar, enxuto
São exceções:
a) O verbo **encher** e derivados.
b) A palavra **enchova** (variante de anchova)
c) As palavras derivadas de outras grafadas com **ch** (enchumbar, encharcar etc.)

5) Depois de ditongo usa-se S, X e Ç, e não Z, CH e SS.
Ex.: coisa, lousa, pausa
eixo, faixa, queixo
eleição, afeição, rejeição
São exceções:
a) A palavra **caucho** e derivadas.
b) Diminutivos com a consoante de ligação Z (papeizinhos, aneizinhos etc.)

6) Depois de ME usa-se X, e não CH.
Ex.: mexer, mexerico, mexilhão
São exceções mecha (de cabelo), mechar (derivado de mecha) e mechoação.

7) O sufixo IZAR é usado em verbos derivados de nomes.
Ex.: canalizar – de canal
concretizar – de concreto
suavizar – de suave

Observações

a) Se já houver **s** no radical, essa letra se conserva.
Ex.: pesquisar – de pesquisa
analisar – de análise

b) **Catequese** dá origem a **catequizar**, com a redução do radical. Se a palavra fosse **catequesar**, seria, evidentemente, com **s**.

8) Escrevem-se com **s** os sufixos OSE e OSO.
Ex.: psicose, hematose, formoso, carinhoso

9) Os derivados do verbo TER formam palavras com **ç**.
Ex.: deter – detenção
reter – retenção

10) Grafam-se com **ss** as palavras derivadas de verbos terminados em **tir**, quando essa terminação desaparece.
Ex.: emitir – emissão
omitir – omissão

11) Palavras derivadas de verbos, quando mantêm a vogal temática deles, grafam-se com **ç**.
Ex.: salvar – salvação
partir – partição

12) Palavra que se deriva de outra com **t** no radical grafa-se com **ç**.
Ex.: cantar – canção
optar – opção

13) Quando o radical do verbo termina por **nd**, **rg** ou **rt**, suas derivadas se grafam com **s**.
Ex.: compreender – compreensão
aspergir – aspersão
converter – conversão

14) Quando o radical do verbo termina em **ced**, **gred**, **prim** ou **met**, suas derivadas se grafam com **ss**.
Ex.: conceder – concessão
regredir – regressão
comprimir – compressão

remeter – remessa

Observações

a) Cuidado especial com as palavras derivadas que seguem.
tórax – torácico (e não toráxico)
fêmur – femoral (e não femural)
estender – extensão (e não estensão)
discreto – discrição (e não discreção)

b) Em português há muitas formas variantes legítimas, às vezes quase desconhecidas. Veja algumas importantes.

aluguel	ou	aluguer
assobiar	ou	assoviar
bêbado	ou	bêbedo
cãibra	ou	câimbra
champanha	ou	champanhe
chimpanzé	ou	chipanzé
quociente	ou	cociente
coisa	ou	cousa
flauta	ou	frauta
flecha	ou	frecha
floco	ou	froco
germe	ou	gérmen
louro	ou	loiro
marimbondo	ou	maribondo
neblina	ou	nebrina
percentagem	ou	porcentagem
quatorze	ou	catorze
quota	ou	cota
quotidiano	ou	cotidiano
rastro	ou	rasto
registrar	ou	registar
taberna	ou	taverna

c) Veja a grafia correta de determinadas palavras. Não se trata de formas variantes.

abóbora	e não	abobra
bicarbonato	e não	bicabornato
berinjela	e não	brinjela

braguilha	e não	barriguilha
caramanchão	e não	carramanchão
disenteria	e não	desinteria
empecilho	e não	impecilho
estrambótico	e não	estrambólico
lagartixa	e não	largatixa
mendigo	e não	mendingo
meteorologia	e não	metereologia
mortadela	e não	mortandela
muçulmano	e não	mulçumano
privilégio	e não	previlégio

EXERCÍCIOS

22) Assinale o erro de ortografia.
a) cristalizar
b) pesquizar
c) utilizar
d) concretizar

23) Marque o erro de ortografia.
a) limpeza
b) grandeza
c) princeza
d) riqueza

24) Marque o erro de ortografia.
a) discussão
b) concessão
c) emissão
d) excessão

25) Assinale o erro de ortografia.
a) suspensão
b) escansão
c) detensão
d) pretensão

26) Marque o erro de ortografia.
a) expontâneo
b) exterior

c) extravagante
d) explodir

27) Assinale a alternativa com erro de ortografia.
a) majestade – ojerisa – jeitoso
b) modernizar – naturalizar – canalizar
c) queixa – eleição – Sousa
d) camisola – lojista – lapiseira

28) Há erro de ortografia em:
a) capixaba – hesitar
b) natureza – eixo
c) açude – passoca
d) misto – querosene

29) Assinale o erro de ortografia.
a) berinjela
b) tijela
c) atrasado
d) enxugar

30) Aponte o erro de ortografia.
a) pechincha
b) sossobrar
c) prazo
d) xícara

31) Marque o erro de ortografia.
a) majestade
b) paralizar
c) explanar
d) trajeto

32) Está correta a palavra:
a) hereje
b) reprisar
c) cangica
d) repreza

33) Está errada a grafia da palavra:
a) caxumba
b) cachimbo

c) rijeza
d) genipapo

34) Assinale o erro de ortografia.
a) lazanha
b) usina
c) guizo
d) buzina

35) Aponte o erro de ortografia.
a) mexilhão
b) hachurar
c) mecha (substantivo)
d) pixe

36) Assinale a palavra que se escreve com X, e não com S.
a) e...terno (osso)
b) e...planar
c) e...tourar
d) e...plêndido

37) Assinale a palavra que se escreve com S, e não com X.
a) e...patriar
b) e...tender
c) e...trovertido
d) e...pandir

38) Assinale a alternativa em que uma das palavras está incorretamente grafada.
a) óbolo, burburinho
b) poleiro, regurgitar
c) curtume, bulir
d) femural, jabuticaba

39) Assinale a alternativa que apresenta erro de ortografia.
a) aborígine, casimira
b) creolina, cumeada
c) empecilho, degladiar
d) privilégio, terebintina

40) Há erro de ortografia em:
a) Neusa
b) faisão

c) chingar
d) inchação

41) Há erro e ortografia em:
a) assessoria
b) bazar
c) chuchu
d) mensão

42) (TALCRIM) ...e cônscio de que a Câmara e o Senado...
A palavra **cônscio** se grafa com **SC**; a alternativa que tem a palavra com sua grafia **incorreta** porque não deveria ser grafada com essas duas consoantes é:
a) suscinta
b) piscina
c) fascismo
d) incandescente
e) florescer

43) (MAG.EST.MUN.-RJ) A palavra que não se escreve com **h** inicial é:
a) ___ervanário
b) ___eureca
c) ___esitar
d) ___ angar
e) ___ indu

44) (A.FAZ.-AM) A alternativa em que as palavras são escritas com consoantes diferentes, apesar de pertencerem à mesma família, é:
a) estender / e__tensão
b) vaso / va__ilhame
c) margem / mar__ear
d) brejo / bre eiro
e) vez / reve ar

45) (ESC. NAV.) Assinale o vocábulo transcrito corretamente.
a) desinteria
b) erbívoro
c) boeiro
d) artimanha
e) irriquieto

46) (A.CART.–CORREGEDORIA) ...*e na forma de currículo interdisciplinar*,...; como se pode ver a palavra *interdisciplinar* apresenta o grupo consonantal SC em sua forma gráfica. O item que apresenta erro na grafia de uma das palavras exatamente pela presença indevida desse mesmo grupo é:
a) piscina – crescimento
b) adolescente – descida
c) suscitar – fascismo
d) ascensão – indescente
e) fluorescente – consciente

47) (AFRF) Identifique o segmento com total adequação ortográfica.
a) Opções paliativas têm lançado milhões de nordestinos ao êxodo, enxotando-os de seus lares e expulsando-os de seu chão de nascimento.
b) A CODEVASF tem atribuído a interrupção de obras à falta de recursos orçamentários, solicitados em tempo hábil, mas não atendidos com imprecindível presteza pelos poderes competentes.
c) Os recursos destinados ao Nordeste não podem continuar minguando, por conta de uma burocracia inciente, de administrações ineptas e de cortes orçamentários indiscriminados.
d) O Nordeste brasileiro, flajelado por secas cíclicas, ostenta hoje um colossal canteiro de obras inacabadas, abandonadas ou interrompidas.
e) Estima-se que quarenta projetos de irrigação estejam paralizados ou semi-paralizados no sertão nordestino

GABARITO

22 B	31 B	40 C
23 C	32 B	41 D
24 D	33 D	42 A
25 C	34 A	43 A
26 A	35 D	44 A
27 A	36 B	45 D
28 C	37 B	46 D
29 B	38 D	47 A
30 B	39 C	

COMENTÁRIOS

1) Letra D

As palavras **vatapá**, **jiló** e **ipê** são acentuadas pela regra das oxítonas: a, e, o, em, ens. **Gari**, sendo oxítona terminada em **i**, não pode ter acento.

2) Letra D

As palavras **neném**, **através** e **pajé** acentuam-se pela regra das oxítonas. No caso de **através**, convém lembrar que a letra **s** não influi na acentuação, quando está unida a uma vogal. Por isso mesmo, **após** deve ser acentuada: oxítona terminada em **o**, seguida de **s**.

3) Letra B

Aqui temos uma questão com verbos que apresentam pronomes átonos enclíticos ou mesoclíticos. Em **vencê-la**, tira-se o pronome **la** e aplica-se a regra para a forma verbal, **vencê**, que é oxítona terminada em **e**. Em se tratando de mesóclise, consideram-se isoladamente as duas partes do verbo, aplicando-se as regras de acentuação. Dessa forma, a letra **b** contém erro, pois **pedi** é oxítona terminada em **i**, não devendo, pois, ser acentuada. A terminação **íamos**, proparoxítona, está correta.

4) Letra D

São quatro palavras paroxítonas. **Fértil** e **júri**, terminando em **l** e **i**, estão de acordo com a regra. **Rede** tem uma terminação da regra das oxítonas, não devendo ser acentuada. O erro está na palavra **ítem**, que não pode levar acento gráfico, por ser paroxítona com a terminação **em**, das oxítonas.

5) Letra C

Na letra **c**, a palavra **látex** termina em **x**, sendo, por isso, acentuada. Cuidado com a pronúncia das palavras! Ela é paroxítona, não a pronuncie “latéx”. As outra palavras, igualmente, pertencem à regra das paroxítonas.

6) Letra B

Pêssego é proparoxítono, não poderia ficar sem acento. Convém lembrar que nome próprio segue rega ortográfica, podendo cair em concursos, como já ocorreu inúmeras vezes; **Patrícia** é paroxítona terminada em ditongo, daí o acento.

7) Letra C

A palavra **mês** é um monossílabo tônico terminado em **e**, seguido de **s**. As outras palavras são paroxítonas e não estão seguindo a regra.

8) Letra D

Questão muito difícil. Os candidatos costumam achar que o grau de dificuldade está relacionado diretamente com o tamanho da questão, mas isso não é correto. A questão pode ser pequena e difícil. Os erros das questões **a**, **b** e **c** são, respectivamente, **patio**, **virus e benígno**. Na letra **d**, **vê** é monossílabo tônico terminado em **e**. Já **historia** engana o candidato, que tende a ler a palavra como o substantivo **história**, que teria acento. Porém, trata-se aqui da forma verbal **historia**, sem acento, do verbo **historiar**: eu historio, tu historias, ele historia etc.

9) Letra C

As alternativas **a** e **b** apresentam ditongos abertos e ditongos fechados. Os ditongos **éi**, **éu** e **ói** devem ser acentuados, sempre que estiverem na sílaba tônica. Por isso, **dispnéia** e **fogaréu** estão acentuadas. Ns opções **c** e **d**, temos palavras com hiatos. **Construírmos** está errada pois a letra **i** só pode ser acentuada se estiver sozinha na sílaba ou formando sílaba com **s**.

10) Letra B

Os hiatos **ôo** e **êe** têm a primeira vogal acentuada, desde que seja tônica. A palavra **Lisboa**, no entanto, termina em **oa**. Só há uma palavra em português com **oa** acentuado: **côa**, que tem acento diferencial de intensidade. Nas opções **c** e **d**, temos a regras dos verbos **ter** e **vir** (e derivados); a terceira pessoa do plural do presente do indicativo leva acento agudo: eles obtêm, eles convêm; a terceira pessoa do singular segue a regra geral.

11) Letra B

Regra dos ditongos abertos: geléia e bóia.

12) Letra A

Éter é paroxítona terminada em **r**. Seu plural, **éteres**, pertence à regra das proparoxítonas.

13) Letra c

O trema depende da pronúncia. O **u** tem de ser pronunciado e átono. A questão apresenta palavras de pronúncia duvidosa, que as pessoas costumam errar. Estão incorretas, respectivamente: distingüir, adqüirir, por consegüinte. Corrigindo, teríamos: distinguir, adquirir, por conseguinte. **Líqüido** pode ou não ter trema.

14) Letra C

A palavra correta é **gratuito**, sem acento, pois se trata do ditongo **ui**. Há outras assim na língua. Tome cuidado.

15) Letra D

Questão difícil, porque envolve pronúncia. As palavras cuja sílaba tônica não foi devidamente sublinhada são, pela ordem: zenite (a palavra é zênite), quadrumano (quadrúmano), necropsia (necropsia, si é que é tônico), alcione (alcíone, uma ave).

16) Letra C

Há palavras que podem ter o acento tônico em sílabas diferentes, sem mudança de sentido. Sempre uma fica com acento gráfico, outra não. As que não admitem tal variação prosódica são, pela ordem: álibi, ínterim, sutil (existe sútil, com outro sentido), ruim, índex.

17) Letra C

palavra **item** não pode ser acentuada porque é uma paroxítona terminada em **em**, que pertence à regra das oxítonas. Igualmente sem acento o seu plural: **itens**.

18) Letra C

Está é oxítona terminada em **a**; **já** é monossílabo tônico terminado em **a**.

19) Letra E

Os verbos **ter** e **vir** e seus derivados, na terceira pessoa do plural do presente do indicativo, levam cento circunflexo: eles têm, eles detêm, eles vêm, eles advêm.

20) Letra D

As palavras **aliás**, **vocês** e **propôs** são oxítonas terminadas em **a**, **e** e **o**, seguidas de **s**, que não influi.

21) Letra E

Questão característica da banca da Esaf. Cinco palavras são sublinhadas no texto, para que se aponte a que apresenta erro, neste caso, de acentuação. A palavra **provinciana** é paroxítona terminada em **a**. Deriva-se de **província**, em que **vin** é sílaba tônica, por isso mesmo acentuada. Mas o **vin** é átono em **provinciana**, cuja sílaba tônica é o primeiro **a**.

22) Letra B

Em **cristalizar**, **utilizar** e **concretizar** temos o sufixo **izar**, que se escreve com **z**. Na palavra **pesquisar**, o **s** pertence à palavra primitiva, **pesquisa**. Assim, não se pode escrever **pesquizar**, pois o **izar** não poderia ser retirado da palavra.

23) Letra C

O sufixo **eza** forma substantivos abstratos derivados de adjetivos. Não é o caso de **princesa**, grafada com **s**, porque se trata do feminino de **príncipe**. Da mesma forma, escreve-se **duquesa**, **baronesa** etc.

24) Letra D

A palavra **exceção** deve ser escrita com **ç** pois se deriva de **exceto**, que apresenta **t** no radical. Da mesma forma: **opção** (de optar), **projeção** (de projetar) etc.

25) Letra C

Suspensão, **escansão** e **pretensão** têm origem em verbos com **nd** no radical: **suspender**, **escandir** e **pretender**. Já **detenção** deve ser grafada com **ç** porque vem do verbo **deter**, derivado de **ter**, que exige **ç** nas derivadas.

26) Letra A

Em português, existem as sílabas iniciais **ex** e **es**. A palavra certa é **espontâneo**.

27) Letra A

A palavra errada é **ojerisa**, que se grafa com **z**: **ojeriza**. Na letra **b**, temos a regra do sufixo **izar**, que aparece em todas. Na opção **c**, a regra do ditongo: depois de ditongo usa-se **x**, **ç** e **s**. Na alternativa **d**, encontramos palavras derivadas, que mantêm as letras **s**, **j** e **s** de suas primitivas: camisa, loja e lápis.

28) Letra C

Cuidado com a palavra **hesitar**, que não tem nenhuma relação com **êxito**. **Misto** vem de **misturar**, portanto não pode ser com **x**, como se vê por aí. A palavra **paçoca** é com **ç**.

29) Letra B

Tigela escreve-se com **g**. **Berinjela** é nome de alimento, que geralmente se escreve com j; não é uma regra, mas pode ajudar em certas circunstâncias. **Atrasado** vem de **atrás**, que é com **s**. **Enxugar** tem a sílaba inicial **en**, que pede **x**.

30) Letra B

Soçobrar se escreve com **ç**, e não com **ss**.

31) Letra B

O verbo **paralisar** escreve-se com **s**, pois não possui o sufixo **izar**. Observe que a terminação não pode ser retirada, porque teríamos **paral**. Da mesma forma, suas derivadas: paralisação, paralisia etc.

32) Letra B

A palavra **reprisar** vem de **reprise**, que é com **s**.

33) Letra D

Jenipapo grafa-se com **j**, e não com **g**. Atente para a palavra **rijeza**, com o sufixo **eza**. Ela vem de **rijo**, adjetivo.

34) Letra A

A palavra **lasanha** é escrita com **s**, e não com **z**. Quanto a **guizo**, trata-se do substantivo. Existe **guiso**, com **s**, flexão de **guisar**.

35) Letra D

Piche se escreve com **ch**. **Mexilhão** é com **x** por causa da sílaba inicial **me**. **Hachurar** é uma palavra pouco usada e está grafada com perfeição. **Mecha** é uma das exceções da regra do **me** inicial, que pede **x**.

36) Letra B

Outra questão sobre as sílabas iniciais **ex** e **es**. O correto é **explanar**, única a ser grafada com **x**.

37) Letra B

O inverso da questão anterior. O verbo **estender** se escreve com **s**. Não custa lembrar que a derivada **extensão** é com **x**.

38) Letra D

O emprego de **o** e **u** costuma confundir. Procure gravar as palavras deste exercício, está bem? A palavra **femoral**, embora venha de **fêmur**, escreve-se com **o**.

39) Letra C

Agora temos a alternância **i** / **e**, igualmente problemática. Também é interessante que você memorize as palavras da questão. O correto é **digladiar** (di = dois; glad = espada). O verbo significa, originalmente, "lutar com espadas", ou seja, duas espadas, uma com cada lutador.

40) Letra C

O correto é **xingar**, com **x**. **Neusa** e **faisão** se escrevem com **s** por causa dos ditongos **eu** e **ai**. **Inchação** vem de **inchar**, tendo conservado a vogal temática **a**; por isso, é com **ç**.

41) Letra D

A palavra certa é **menção**, com **ç**. A palavra **assessor** (e derivadas: assessorar, assessoria etc.) não pode ser confundida com **acessório**, com **c** na segunda sílaba.

42) A

Sucinta não tem o dígrafo **sc**. Essa palavra vem aparecendo constantemente em concursos públicos. Grave-a logo.

43) Letra A

As palavras derivadas de **erva** escritas com **b** recebem o **h** inicial: **herbívoro**, **herbicida** etc. Se o **v** se mantiver, não aparecerá o **h**. É o caso de **ervanário**. Não confunda **hindu** com **indiano**, esta sim, sem **h**.

44) Letra A

Já falamos destas duas palavras: **estender** e **extensão**, uma com **s**, outra com **x**.

45) Letra D

A palavra **artimanha** se grafa com **i**, e não com **e**. Corrigindo as outras, temos: **disenteria**, **herbívoro** (veja os comentários da questão 43), **bueiro** e **irrequieto**.

46) Letra D

Outra questão envolvendo o dígrafo **sc**. A palavra correta é **indecente**, sem o **s**.

47) Letra A

As questões de ortografia elaboradas pela Esaf normalmente se baseiam em frases, quase sempre longas. A alternativa **a** não apresenta erro, sendo o gabarito. Na letra **b**, o erro está na palavra **imprecindível**, na qual foi eliminado o **s**; ela apresenta o dígrafo **sc**: **imprescindível**. Na letra **c**, o erro se encontra na palavra **inciente**, da qual foi retirado o **s**; ela também tem o dígrafo **sc**: **insciente**. Na letra **d**, o erro está em **flajelado**, que se escreve com **g**: **flagelado** Na letra **e**, **paralizados** está errado: o certo é **paralisados**; também está errado **semi-paralizados**. Corrija-se para **semiparalisados**.

AULA 2: ORTOGRAFIA II

DIVISÃO SILÁBICA

A divisão das sílabas em português se faz, de um modo geral, obedecendo à pronúncia das palavras. Mas há algumas situações em que a pessoa pode enganar-se. Seria uma lástima você perder pontos em um assunto que é, por si só, bem simples. Vamos, então, caprichar. Aliás, não se despreza parte alguma da matéria, pois tudo é importante e pode ser manipulado para derrubar o candidato.

Fonemas

Chamam-se fonemas as unidades sonoras mais simples de uma palavra. São os sons mínimos, digamos assim, que constituem uma língua.

Em **casa**, por exemplo, temos quatro fonemas: **kê**, **a**, **zê** e **a**. A união desses sons forma a palavra **casa**.

Os fonemas se dividem em vogais, semivogais e consoantes. A base da sílaba é a vogal, ou seja, não há sílaba sem vogal.

Em **lei** aparecem os três tipos de fonemas: a consoante **lê**, a vogal **ê** e a semivogal **i**. O grupo **ei**, constituído por uma vogal e uma semivogal, chama-se ditongo.

Letras

São a representação gráfica dos fonemas. Cada letra em português pode representar mais de um fonema.

Ex.: Sapo

a) Fonemas: **sê**, **a**, **pê**, **u**.

b) Letras: **s**, **a**, **p**, **o**

Já numa palavra como **piso**, a letra **s** representa outro fonema: **zê**. A pronúncia da palavra é **pízu**.

Sílabas

Chama-se sílaba o fonema ou o grupo de fonemas pronunciados numa só emissão de ar. As palavras podem ter uma ou várias sílabas.

Ex.: beleza → be-le-za

parabenizar → pa-ra-be-ni-zar.

SEPARAÇÃO SILÁBICA

Às vezes, é necessário separar as sílabas de uma palavra. Para tal, devem ser levadas em conta as seguintes regras.

1. Não se separam os ditongos e tritongos.
Ex.: pei-xe, pau-sa, te-sou-ro, en-cai-xar
i-guais, Pa-ra-guai, sa-guão

2. Separam-se os hiatos.
Ex.: ru-í-do, sa-ú-de, en-jô-o, co-or-de-nar

3. Separam-se os dígrafos RR, SS, SC, SÇ e XC
Ex.: car-ro, pas-so, nas-cer, nas-ça, ex-ce-der
Obs.: Os demais dígrafos da língua (nh, lh, ch, qu etc.) não admitem separação.
Ex.: fi-lho, que-ro, fi-cha

4. Quanto aos encontros consonantais, temos:

a. próprios: inseparáveis.
Ex.: a-tle-ta, a-gra-dar

b. impróprios: separáveis.
Ex.: rit-mo, ad-vo-ga-do

Observações

a) O grupo consonantal é próprio quando a última vogal é **l** ou **r**. Nesse caso, é invariável, mesmo porque a pronúncia tem de ser respeitada.
Ex.: a-tle-ta (tl)
a-bra-çar (br)

b) É impróprio quando a última consoante não é **l** nem **r**. Deve, então, ser separado, sendo a última consoante destacada para formar sílaba com a vogal seguinte.
Ex.: dig-no (gn)
su-pers-tição (rst)
felds-pa-to (ldsp)

c) Não confunda dígrafo com encontro ou grupo consonantal. No dígrafo, as duas letras soam como uma só; no grupo consonantal, todas são pronunciadas.

5. Separam-se as letras **r** e **s** dos prefixos quando a palavra a que eles se ligam começa por vogal.
Ex.: su-pe-ra-bun-dan-te, bi-sa-vô
Mas: su-per-mer-ca-do, bis-ne-to

6) Separa-se a letra **b** do prefixo **sub** quando a palavra a que ele se liga começa por vogal.
Ex.: su-ba-é-reo, su-bo-fi-ci-al
Mas: sub-se-ção, sub-te-nen-te

Observações

a) Na palavra **sublinhar**, **sub** está seguido da consoante **l**. Há uma tendência a pronunciar **bl**, tendência essa que leva a pessoa a não separar o grupo, o que é errado, pois **l** é consoante. Veja a separação: sub-li-nhar.

b) Em **sublime** (e derivados) **sub** não é prefixo, pertence ao radical da palavra. Veja a separação: su-bli-me, su-bli-mar etc.

7) A palavra **abrupto** (e derivados) deveria ter hífen, pela regra ortográfica: ab-rupto. Se assim fosse, o hífen se manteria na divisão silábica. Em virtude dessa anomalia, o falante passou a pronunciar bru, o que leva a erro de divisão silábica. Veja a separação da palavra: ab-rup-to. Sendo essa, na realidade, a pronúncia adequada.

8) Quando a palavra termina em fonemas vocálicos, temos várias possibilidades.

I) Um ditongo
Ex.: se-cre-tá-ria

II) Um hiato
Ex.: se-cre-ra-ri-a

Observações

a) Nos grupos do tipo **ia**, **io**, **ua**, **uo** etc. (primeiro o **i** ou o **u**), se um dos elementos vocálicos for tônico, separa-se, pois se trata de hiato; caso contrário, temos ditongo, que é inseparável. É o caso de **secretária** e **secretaria**.

b) Em outras situações, siga normalmente a pronúncia.
Ex.: fo-ga-réu, de-grau

III) Um ditongo seguido de vogal.
Ex.: rai-o, vei-a

IV) Um tritongo.
Ex.: U-ru-guai

V) Dois hiatos simultâneos.
Ex. Cons-tru-í-a

9) Não há sílaba sem vogal. Portanto, os grupos consonantais no início da palavra não podem ser separados.
Ex.: pneu-má-ti-co, psi-có-lo-go

EXERCÍCIOS

48) Aponte o erro de divisão silábica.
a) hi-pe-ra-que-ci-do, ji-bói-a
b) Zo-o-tec-ni-a, car-ri-nho
c) tungs-tê-nio, a-brup-to
d) tran-sa-tlân-ti-co, ru-í-do

49) Marque o erro de divisão silábica.
a) co-o-pe-rás-se-mos
b) ad-je-ti-vo
c) ac-ne
d) car-naú-ba

50) Há erro de divisão silábica em:
a) pá-tria
b) ra-io
c) ta-i-nha
d) pi-au-i-en-se

51) Aponte a divisão silábica perfeita.
a) co-ad-ju-van-te
b) su-per-a-li-men-ta-do
c) a-mné-sia
d) a-pto

52) Assinale o erro de divisão silábica.
a) su-bo-fi-ci-al
b) sub-li-nhar
c) sub-li-te-ra-tu-ra
d) sub-i-tem

53) Marque a alternativa em que todas as palavras estão com as sílabas corretamente separadas.
a) his-tó-ria, i-gua-is, pa-ul
b) ad-vo-ca-ci-a, fel-ds-pa-to, ca-no-a
c) tran-sal-pi-no, cor-ri-da, cha-vei-ro
d) ób-vio, ru-a, a-má-ve-is

54) Há erro de divisão silábica em:
a) pas-sa-ri-nho
b) pla-té-ia
c) gno-mo
d) su-ba-li-men-ta-do

55) Marque o erro de divisão silábica.
a) com-pre-en-são
b) es-pé-cie
c) mai-o-ne-se
d) pa-i-sa-gem

56) Há erro de divisão silábica em:
a) ad-mis-sí-vel
b) des-en-la-ce
c) con-ve-ni-ên-cia
d) a-per-fei-ço-ar

57) Anote a opção em que todas as palavras estão corretas quanto à partição de sílabas.
a) a-zei-to-na, sa-í-mos, a-le-gria
b) ads-trin-gên-cia, sé-ri-o, de-sas-sos-se-ga-do
c) hi-pe-ra-ci-dez, su-ba-quá-ti-co, ob-tem-pe-rar
d) oc-ci-pi-tal, , mo-i-nho, b-dé-lio

58) Aponte a palavra sem erro de divisão silábica.
a) caa-tin-ga
b) re-ló-gi-o
c) res-sur-gís-seis
d) fa-cção

59) Há erro de divisão silábica em:
a) Jun-di-a-í
b) psi-quis-mo
c) i-co-sae-dro
d) car-re-tei-ro

60) Marque o erro de divisão silábica.
a) su-í-no
b) pes-se-guei-ro
c) re-cei-o
d) cis-an-di-no

61) Há erro de divisão silábica em:
a) diâ-me-tro
b) mi-al-gi-a
c) a-glu-ti-nas-sem
d) tri-fo-li-o-se

62) Só está correta quanto à divisão a palavra:
a) sols-tí-cio
b) sub-li-ma-ção
c) coe-lho
d) a-bne-ga-do

63) Anote a opção sem erro de separação silábica.
a) a-mei-xa, des-a-pa-re-cer
b) ru-a-zi-nha, hip-no-ti-zás-se-mos
c) pa-pa-ga-ios, re-a-li-da-de

d) ab-rup-te-la, a-mên-do-a

64) Aponte a palavra sem erro de divisão silábica.
a) dis-pnéi-a
b) fór-ce-ps
c) pa-pé-is
d) pre-ci-o-sis-mo

65) Há erro de divisão silábica em:
a) i-di-o-le-to
b) trans-es-pa-ci-al
c) mai-o
d) i-lu-si-o-nis-mo

66) (CORREGEDORIA) O item que apresenta erro na divisão silábica da palavra apresentada é:
a) co-mis-são
b) in-ter-dis-ci-pli-nar
c) ma-gis-té-rio
d) pa-ís
e) le-i

67) (CORREGEDORIA) Está errada a divisão silábica na seguinte alternativa:
a) sa-bi-a
b) in-te-ri-or
c) ca-mi-o-ne-ta
d) tri-un-fan-te
e) in-es-pe-ra-da-men-te

68) (AT.JUD.-TALCRIM) A alternativa que apresenta uma palavra do texto com separação de sílabas incorreta é:
a) pro-pri-e-tá-rios
b) es-pe-ci-a-li-da-de
c) vê-nia
d) con-se-qüên-cia
e) ce-re-bra-is

69) (SMA-RIO) Na apresentação de uma carta somos obrigados, muitas vezes, a separar sílabas ao final de linha; qual das separações silábicas a seguir está correta?

a) trans-a-tlân-ti-co
b) sub-li-nhar
c) pra-ia
d) as-sem-bléia
e) p-si-co-lo-gi-a

GABARITO

48 C	55 D	62 A
49 D	56 B	63 B
50 B	57 C	64 D
51 A	58 C	65 B
52 D	59 C	66 E
53 C	60 D	67 E
54 B	61 A	68 E
		69 B

EMPREGO DO HÍFEN

O hífen é um sinal gráfico cujo emprego requer cuidado. Já enganou muita gente, e eu não gostaria que isso ocorresse com você. Atente, então, para o que segue.

I) Emprega-se o hífen em formas verbais com pronome átono enclítico ou mesoclítico.
Ex.: admiti-lo, depô-los, levá-la-ei, pedi-las-á

II) Usa-se o hífen em substantivos ou adjetivos compostos.
Ex.: guarda-roupa, amor-perfeito, surdo-mudo

III) Usa-se o hífen em palavras formadas por prefixação. Veja as regras seguintes.

1. **pseudo**, **semi**, **infra**, **contra**, **auto**, **neo**, **extra**, **proto**, **intra**, **ultra**, **supra**: antes de H, R, S, ou VOGAL.
Ex.: proto-história, neo-romântico, pseudo-sábio, semi-árido

Observações

a) As iniciais desses prefixos, na ordem apresentada, formam a palavra imaginária PSICANÉPIUS.

b) A exceção é a palavra **extraordinário**.

2. **ante**, **anti**, **arqui**, **sobre**: antes de H, R ou S.
Ex.: sobre-humano, anti-rábico, ante-socrático

Observações

a) São exceções: sobressair (e flexões), sobressaltar (e flexões), sobressalto.

b) Veja a diferença: sobre-saia (substantivo) − sobressaia (verbo)

3. **super**, **inter**, **hiper**: antes de H ou R.
Ex.: super-homem, inter-relacionamento

4. **mal**, **pan**, **circum**: antes de H ou VOGAL.
Ex.: mal-educado, pan-helenismo, circum-hospitalar

5. **ab**, **ad**, **ob**, **sob**, **sub**: antes de R.
Ex.: ab-rogar, ad-rogar, ob-repção, sob-roda, sub-rogar
Obs.: Com o prefixo **sub**, também antes de B.
Ex.: sub-bairro

6. **pré**, **pró**, **pós**, **além**, **aquém**, **recém**: sempre com hífen.
Ex.: pré-militar, pós-guerra, além-túmulo, aquém-mar, recém-casado

Observações

a) Se os prefixos **pré**, **pró** e **pós** não forem acentuados, não haverá hífen.
Ex.: preexistente, prorrogar, pospor.

b) São exceções as palavras **alentejo**, **alentejano**, **aquentejo**, **aquentejano**.

7. **bem**, **sem**: sempre com hífen.
Ex.: bem-aventurança, sem-teto.

Observações

a) Veja se são realmente prefixos.
Ex.: Fizeram tudo sem vergonha (destituídos de vergonha)
Meu vizinho é um sem-vergonha.

b) São exceções as palavras **benfeitor**, **benfeitoria**, **benquisto**, **benfazejo**.

8. **vice**, **ex** (significando "o que não é mais"): sempre com hífen.
Ex.: vice-presidente, ex-deputado

9. **sota**, **soto**: sempre com hífen.
Ex.: sota-piloto, soto-mestre
Obs.: Excetuam-se as palavras **sotavento** e **sotopor**

10. **bi**, **di**, **tri**, **poli**, **re**, **uni**, **macro**, **micro**, **mini**: sempre sem hífen.
Ex.: bicampeão, polissílabo, redistribuir, macroeconomia, minissaia.

Observações finais

a) A relação do item 10 é apenas um resumo. Na realidade, não estando o prefixo nos grupos anteriores, normalmente não pedirá hífen.
Ex.: desfazer, pentacampeonato, megassismo

b) Existem expressões em que se pode usar o hífen ou não, dependendo do sentido. Ocorrerá o hífen se se tratar de um nome composto. Veja uma pequena relação.

Ele é bem-educado.
Ele foi bem educado pelos pais.

O ar-condicionado está com defeito.
Não me sinto bem no ar condicionado.

As crianças brincavam de cabra-cega.
Tenho uma cabra cega.

Comprei um ótimo dois-quartos.
Minha casa tem dois quartos.

Aqui há um sem-número de equívocos.
Era uma propriedade sem número.

Era uma pessoa à-toa.
Todos ali viviam à toa.

Comi um delicioso pé-de-moleque.
Pé de moleque está sempre machucado.

O seu dia-a-dia foi complicado.
Progrediremos dia a dia.

O candidato partiu para o corpo-a-corpo.
Os atletas disputaram corpo a corpo.

c) Veja uma relação de expressões que as pessoas costumam errar. Aprenda o máximo possível.

Com hífen

azeite-de-dendê
bem-estar
bem-vindo
boa-fé
capim-gordura
capim-limão
cartão-postal
dona-de-casa
dor-de-cotovelo (gír.)
edifício-garagem
erva-cidreira
erva-doce
erva-mate
jardim-de-infância
livre-arbítrio
má-fé
mala-direta
maus-tratos
obra-de-arte
pôr-do-sol
tão-só
tão-somente
zero-quilômetro

Sem hífen

aperto de mão
azeite de oliva
boa vontade
bom senso
cadeira de balanço
cartão de crédito
chefe de família
disco voador
dor de dente
dor de garganta
dor de ouvido
má vontade
marcha a ré
meio ambiente
óleo de soja
óleo de milho
olho mágico (dispositivo de portas)
pai de família (chefe de família)
ponto de vista
sangue frio
ser humano

EXERCÍCIOS

70) Assinale o erro no emprego do hífen.
a) supra-renal
b) pseudo-cientista
c) proto-história
d) infra-estrutura

71) Há erro no emprego do hífen na seguinte palavra:
a) auto-suficiente
b) intra-ocular
c) neo-realista
d) contra-dança

72) Só está grafada corretamente a palavra:
a) semi-círculo
b) extra-oficial
c) ultra-democrático
d) proto-plasma

73) Marque o erro no emprego do hífen.
a) ante-sala
b) sobre-humano
c) anti-rábico
d) arqui-inimigo

74) Há erro no emprego do hífen na seguinte opção:
a) inter-resistente
b) supersônico
c) super-mercado
d) intercontinental

75) Há erro de hífen em:
a) circumpolar
b) pan-germanismo
c) mal-educado
d) circum-adjacente

76) Assinale a única palavra grafada corretamente.
a) semi-vogal
b) anti-ofídico
c) ultrassom
d) interestadual

77) Assinale a alternativa em que as duas palavras estão corretamente grafadas.
a) pós-datar, além-mar
b) subliteratura, bi-secular
c) ex-diretor, sub-solo
d) pré-vestibular, sob-estar

78) Marque a opção em que as duas palavras estão erradas quanto ao hífen.
a) pseudo-esfera, intra-abdominal
b) micro-computador, trineto
c) super-requintado, seminovo
d) panamericano, infra-vermelho

79) Há erro de hífen apenas em:
a) bem-humorado
b) infra-temporal
c) interlinear
d) malformado

80) Só está correta quanto ao hífen a palavra:
a) pré-estabelecer
b) soto-capitão

c) neo-poesia
d) hiper-tensão

81) Marque a frase com erro no emprego do hífen.
a) O sem-terra estava sem razão.
b) Comeu um pé-de-moleque e um bom-bocado.
c) Respeitemos, em nosso dia-a-dia, o meio-ambiente.
d) A dona-de-casa tinha forte dor de dente.

82) Aponte a frase com erro de hífen.
a) Use o recurso da mala direta.
b) Tomou um chá de erva-cidreira.
c) Ela adora uma cadeira de balanço.
d) Comprou uma importante obra-de-arte.

83) Marque a frase correta quanto ao hífen.
a) Agiu com muito bom-senso.
b) Deixei o carro no edifício-garagem.
c) Leve meu cartão-de-crédito.
d) Sempre usou com dignidade seu livre arbítrio.

84) (ESCR.-RJ) Com um vizinho como este do texto, era melhor ter um "ex-vizinho". A palavra abaixo cujo hífen está usado incorretamente é:
a) ultra-sônico
b) extra-escolar
c) anti-magnético
d) super-realista
e) ante-histórico

GABARITO

70 B	78 D
71 D	79 B
72 B	80 B
73 D	81 C
74 C	82 A
75 B	83 B
76 D	84 C

EMPREGO DE MAIÚSCULAS

Emprego das iniciais maiúsculas

1. Nos substantivos próprios de um modo geral.
Ex.: Antônio, Helena, Bolívia, Paraná, Silva.

2. Nos nomes de vias públicas.
Ex.: Trabalho na Avenida Rio Branco.
Estava na Praça Mauá.
Morávamos na Rua Dias da Cruz.

Observações

a) Também com inicial maiúscula, na abreviatura.
Ex.: Nós nos encontramos na Av. Passos.

b) Usadas isoladamente, são escritas com inicial minúscula.
Ex.: Preciso ir àquela rua.

3. No início dos períodos.
Ex.: A moça pediu ajuda.

4. No início de uma citação direta.
Ex.: Disse o filósofo: "Só sei que nada sei."

5. Nos nomes de épocas notáveis e eras históricas.
Ex.: Antigüidade Clássica, Renascimento, Era Atômica.

6. Nos pronomes e expressões de tratamento, exceto **você**.
Ex.: Vossa Excelência será convidado.
Ao Excelentíssimo Senhor...

Observações

a) Nas abreviaturas, mantêm-se as iniciais maiúsculas.
Ex.: Aguardo uma resposta de V. Sª.

b) O pronome de tratamento **você** pode ser usado com inicial maiúscula, se se deseja valorizar o receptor da mensagem. Gramaticalmente, não é obrigatório.
Ex.: Encontraremos Você no congresso.

7. Nas expressões que designam altos postos, dignidades ou cargos.
Ex.: Compareceu o Presidente da República.
O Papa falará ao mundo.

Observações

a) Admite-se, atualmente, o emprego das iniciais minúsculas.
Ex.: Compareceu o presidente da República.

b) Se usadas em sentido amplo, sem designar alguém em especial, são escritas com iniciais minúsculas.
Ex.: Conheci alguns presidentes brasileiros.

8. Nos títulos de livros, revistas, jornais, produções artísticas ou científicas.
Ex.: O Globo, Novíssima Gramática da Língua Portuguesa, A Transfiguração.

9. Nos nomes de instituições científicas, políticas, religiosas, de ensino etc.
Ex.: Academia de Ciências, Congresso Nacional, Centro Espírita Humildade e Amor, Colégio Republicano.

10. Nos nomes de festas religiosas.
Ex.: Natal, Páscoa.

11. Nos nomes que designam atos das autoridades da República, sempre que seguidos do numeral correspondente.
Ex.: Foi publicado o Decreto 580/05.
A Lei 408/02 está em vigor.
Precisamos ler a Portaria de 14 de maio.
Obs.: Sem o numeral, empregam-se iniciais minúsculas.
Ex.: Essa portaria não traz benefício algum.
A lei deve ser respeitada.

As autoridades publicaram um novo regulamento.

12. Nos nomes dos pontos cardeais, quando designam regiões.
Ex.: As nações do Leste protestaram.
Obs.: Com minúsculas, se designarem direções ou limites geográficos.
Ex.: Andaram de norte a sul.

13. Nos nomes de planetas, cometas, constelações e demais corpos siderais.
Ex.: A sonda já está chegando a Marte.

Emprego das iniciais minúsculas

1. Nos nomes dos meses, dos dias da semana e das estações do ano.
Ex.: Viajaremos em julho.
No sábado, haverá aula.
Esperemos a primavera.
Obs.: Evidentemente, haverá a maiúscula se se tratar de nome próprio.
Ex.: Desfilarei no Sete de Setembro.

2. Nos nomes de festas populares ou pagãs.
Ex.: Está chegando o carnaval.
Obs.: Não se deixe enganar! Estão usando, largamente, esse tipo de palavra com inicial maiúscula. Está errado.

3. Nos nomes de acidentes geográficos.
Ex.: Navegou no rio São Francisco.
Sempre admirou a baía de Guanabara.

4. Nos nomes de idiomas.
Ex.: Ele fala francês.
Obs.: Com maiúscula, quando designa a disciplina escolar.
Ex.: Obteve nota alta em Francês.

5. Quando certos nomes próprios passam a ser usados como comuns.
Ex.: Ele sempre foi um cristo.
Agia como um maria-vai-com-as-outras.
Deixou de ser um joão-ninguém.

EXERCÍCIOS

85) Há erro no emprego da inicial maiúscula ou minúscula em:
a) Naquele outono, encontramos nossos amigos da escola.
b) Trabalhava no Jornal do Brasil.
c) Na rua Camerino, há poucos camelôs.
d) Ele mora no Nordeste.

86) Só está errada quanto às iniciais maiúsculas ou minúsculas a frase.
a) Conheço um bar chamado Nossa Lisboa.
b) Naquele ano a Páscoa foi diferente.
c) Estudei tudo o que pude sobre o dia das Mães.
d) Sempre teve boas notas em Lingüística.

87) Marque a frase com erro no emprego das iniciais.
a) Era especialista na Queda da Bastilha.
b) Nosso planeta fica na via-láctea.
c) Participamos da festa junina.
d) Li, quando criança, O Guarani, de José de Alencar.

88) Qual palavra a seguir poderia ser grafada com inicial maiúscula?
a) itu
b) pitu
c) sagu
d) anu

89) Assinale a alternativa em que a frase variante apresenta erro.
a) Voltei à terra natal.
Gostamos muito do Natal.
b) Deixei o lixo na rua.
Irei à Rua da Assembléia.
c) Ela completou quinze primaveras.
Casimiro escreveu o livro as Primaveras.
d) Sua filha nasceu em maio.
Comemoraremos o Primeiro de Maio.

90) Em qual frase a palavra **terra** deveria ser escrita com maiúscula?

a) Ele procurou a terra de seus avós.
b) Era uma terra especial.
c) O cometa chegará à terra em 2010.
d) Os marinheiros já foram a terra.

91) Há erro no emprego das iniciais em:
a) Quem pintou a Santa Ceia?
b) Ele pescava no Rio Amazonas.
c) Presidiu a Comissão Parlamentar de Inquérito.
d) Não gosto de carnaval.

92) Só está correta quanto ao emprego das iniciais a frase:
a) A votação ocorrerá primeiro na câmara dos Deputados.
b) A encomenda viajou de Sul a Norte.
c) Observava constantemente a constelação de órion.
d) Queria ingressar na Academia Brasileira de Letras.

93) Marque o erro no emprego das iniciais.
a) Desculpe, meritíssimo, mas não compreendi.
b) Disse Jesus: "Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará."
c) Conto muito com V. Sª.
d) Comprou O Dia para saber um pouco mais.

94) Assinale o erro no emprego das iniciais.
a) A tragédia aconteceu na Idade Média.
b) Aquela Lei ainda não foi publicada.
c) Na exposição, pude conhecer a Mona Lisa.
d) Ele só fala português.

GABARITO

85 C	90 C
86 C	91 B
87 B	92 D
88 A	93 A
89 C	94 B

COMENTÁRIOS

48) Letra C

A palavra **abrupto** (e derivadas) engana muita gente. **Ab** é um prefixo seguido de **r**. Em tal situação, o comum em português é que haja um hífen (ab-rogar). Sem o hífen, as pessoas passaram a pronunciar **a-brup-to**, o que leva a erro na divisão silábica. Assim, para ficar com a língua culta, pronuncie e separe **ab-rup-to**.

49) Letra d

A palavra **carnaúba** apresenta o hiato **a-u**. Hiato é a união de duas vogais em sílabas separadas. É só pronunciar calmamente a palavra, que se percebe. Lembra-se da regra de acentuação das letras **i** e **u** formando hiatos? É o caso de **carnaúba**, **baú**, **caímos**, **Luís** etc.

50) Letra B

Em português, não existe vogal seguida de ditongo crescente (ia, ua, io, uo). É o caso de **raio**, que, na realidade, é vocábulo formado por um ditongo (ai) e uma vogal (o). Sua separação só pode ser **rai-o**. Da mesma forma, palavras como **meio**, **idéia**, **vaia**, **ceia**, **jóia** etc. A palavra **piauiense** é interessante: é constituída de, respectivamente, vogal, ditongo, vogal, vogal; obviamente, as duas últimas formando um hiato. Ainda aqui cabe dizer que a pronúncia adequada da palavra resolve o problema da divisão de sílabas.

51) Letra A

A palavra **coadjuvante** é formada pelo hiato **o-a** e o grupo consonantal impróprio **dj**, devendo ambos ser separados. Por isso está errada a divisão das palavras **amnésia** e **apto**. Separação correta: am-né-sia e ap-to. O problema de **superalimentado** é que o **r** do prefixo deve passar para o lado da vogal: **su-pe-ra-li-men-ta-do**.

52) Letra D

Trata-se de palavras com o prefixo **sub**. Ele se mantém inteiro, quando seguido de consoante; divide-se, se seguido de vogal. A divisão correta na letra **d** é **su-bi-tem**.

53) Letra C

Na letra **a**, a segunda palavra está mal dividida, pois apresenta um tritongo; divisão correta: **i-guais**. Na **b**, também a segunda está errada, pois não há sílaba sem vogal; divisão correta: **felds-pa-to**. Na **d**, a terceira palavra está errada, pois seu ditongo foi dividido; divisão correta: **a-má-veis**.

54) Letra B

As palavras não têm vogal mais ditongo crescente. A divisão correta é **pla-téi-a**, ou seja, ditongo mais vogal.

55) Letra D

A palavra **paisagem** tem ditongo, e não hiato. Separação correta: **pai-sa-gem**.

56) Letra B

As palavras não se separam em função dos elementos mórficos: prefixos sufixos etc. A separação se baseia, antes de tudo, na pronúncia. Assim, o **s** do prefixo **des** vai formar sílaba com a vogal seguinte. Separação correta: **de-sen-la-ce**.

57) Letra C

Corrigindo a separação silábica, temos, pela ordem: **a-le-gri-a**, **sé-rio**, **bdé-lio**.

58) Letra C

Corrigindo, pela ordem: **ca-a-tin-ga**, **re-ló-gio**, **fac-ção**.

59) Letra C

Cuidado especial com palavras que tenham grupos vocálicos no meio. **Icosaedro** apresenta um hiato (**a-e**). Nesse tipo de palavra, é possível, embora não adequada, a pronúncia como ditongo. Sempre que a palavra tiver essa oscilação de pronúncia, classifique o grupo como hiato. Por exemplo: **cri-an-ça**, **pi-a-da**, **ma-go-a-do** etc.

60) Letra D

Os prefixos terminados em **s** ou **r** têm um tratamento à parte. Essas letras passam para o lado da vogal seguinte; vindo consoante, elas não se separam do grupo. Separação correta: **ci-san-di-no**.

61) Letra A

Em **diâmetro**, temos o hiato **i-a**. Separação correta: **di-â-me-tro**. O mesmo ocorre em **mi-al-gi-a** e **tri-fo-li-o-se**. Veja os comentários da questão **59**.

62) Letra A

Corrigindo-se, pela ordem, temos: **su-bli-ma-ção** (o **sub**, aqui, não é prefixo), **co-e-lho** e **ab-ne-ga-do**.

63) Letra B

Fazendo a correção, temos, pela ordem: **de-sa-pa-re-cer**, **pa-pa-gai-os** e **a-mên-doa**.

64) Letra D
Corrigindo: **disp-néi-a**, **fór-ceps** e **pa-péis**.

65) Letra B
O **s** do prefixo **trans** vai formar sílaba com a vogal seguinte. Correção: **tran-ses-pa-ci-al**.

66) Letra E
Questão muito fácil. A palavra **lei** é um monossílabo, possui ditongo, e não hiato. Portanto, não se separa.

67) Letra E
O **n** do prefixo vai formar sílaba com a vogal seguinte. Correção: **i-nes-pe-ra-da-men-te**.

68) Letra E
Cerebrais tem ditongo no final, e não hiato. Correção: **ce-re-brais**.

69) Letra B
A letra **l** é consoante, portanto o **sub** não se divide. Corrigindo, temos: **tran-sa-tlân-ti-co**, **prai-a**, **as-sem-bléi-a** e **psi-co-lo-gi-a**.

70) Letra B
O prefixo **pseudo** pede hífen antes de **h**, **r**, **s**, **vogal**. O certo é **pseudocientista**.

71) Letra D
O prefixo **contra** pede hífen antes de **h**, **r, s**, **vogal**. O certo é **contradança**.

72) Letra B
O prefixo **extra** pede hífen antes de **h**, **r**, **s**, **vogal**. Por isso a palavra está correta. Corrigindo as demais, temos: **semicírculo**, **ultrademocrático** e **protoplasma**.
Obs.: Nas questões **70**, **71** e **72**, você encontra os onze prefixos que pedem hífen nas mesmas circunstâncias. São do grupo do **psicanépius**, lembra?

73) Letra D
Os prefixos dessa questão pedem hífen antes de **r**, **s**, **h**. Por isso está errada a letra **d**. O correto é **arquiinimigo**.

74) Letra C
Os prefixos terminados em **r** (**super**, **inter** e **hiper**) pedem hífen antes de **h** e **r**. Assim, fica errada a letra **c**. O certo é **supermercado**.

75) Letra B

Os prefixos **pan**, **mal** e **circun** pedem hífen antes de **vogal** e **h**. Por isso está errada a letra **b**. Correção: **pangermanismo**.

76) Letra D

O prefixo **inter** não pede hífen antes de **vogal**, mas antes de **h** e **r**. Corrigindo as demais, temos: **semivogal**, **antiofídico**, **ultra-som**.

77) Letra A

Os prefixos acentuados **pré**, **pró**, **pós**, **além**, **recém**, **aquém** exigem hífen (veja as poucas exceções, na regra dada); por isso, está correta a letra **a**. Na letra **b**, o erro está em **bi-secular**, pois o prefixo **bi** não admite o hífen; correção: **bissecular**. O prefixo **ex** exige hífen, estando correto **ex-diretor**; mas **sub-solo** está errado, porque **sub** pede hífen apenas antes de **r** e **b**; correção: **subsolo**. Na letra **d**, o erro está em **sob-estar**, porque o prefixo **sob** pede hífen apenas antes de **r**; correção: **sobestar**.

78) Letra D

As duas palavras da alternativa **a** estão corretas. Na **b**, está errada a primeira, pois **micro** nunca pede hífen; correção: **microcomputador**. Na alternativa **c**, as duas palavras estão corretas. Corrigindo as palavras da opção **d,** temos **pan-americano** e **infravermelho**.

79) Letra B

Infra pede hífen antes de **h**, **r**, **s**, **vogal**. Corrigindo, temos: **infratemporal**. Com exceção de algumas poucas palavras, o prefixo **bem** exige hífen. Veja só: **bem-me-quer**, **malmequer**.

80) Letra B

Os prefixos **soto** e **sota** pedem hífen em qualquer situação. Verifique, na regra, as poucas exceções.

81) Letra C

O correto é **meio ambiente**. Cuidado, porque muita gente anda por aí escrevendo com hífen.

82) Letra A

Mala-direta tem hífen. Um bom dicionário comprova isso.

83) Letra B

Corrigindo as demais, temos: **bom senso**, **cartão de crédito** (cuidado, pois **cartão-postal** tem hífen) e **livre arbítrio**.

84) Letra C

O prefixo **anti** pede hífen antes de **h**, **r**, **s**. **Anti-magnético** está errado, porque ao prefixo segue um **m**. Corrija-se para **antimagnético**.

85) Letra C

Na letra **a**, **outono**, a palavra que poderia suscitar dúvida, é nome de uma estação do ano e, por isso mesmo, deve ser grafada com inicial minúscula. **Jornal do Brasil** é nome de uma empresa, portanto próprio, com iniciais maiúsculas. A palavra **rua**, na letra **c**, que é o gabarito, deve ser com maiúscula, porque acompanha o nome do logradouro; o certo é **Rua Camerino**. **Nordeste** é com maiúscula, uma vez que se trata de uma região específica.

86) Letra C

Nossa Lisboa é nome de empresa. **Páscoa** é festa religiosa. **Lingüística** é nome de uma disciplina. O erro está na opção **c**, porque **dia** deve ser grafada com maiúscula. Escreva-se **Dia das mães,** nome de uma festa, uma comemoração, funcionando como nome próprio.

87) Letra B

Queda da Bastilha é um acontecimento histórico, ligado à Revolução Francesa. O erro está na opção **b**, pois os nomes dos planetas, das constelações, dos cometas, das galáxias devem ser escritos com maiúscula; são nomes próprios. A festa junina é um tipo de festa, de características próprias, que ocorre em vários dias de junho; não há motivo para usar iniciais maiúsculas. **O Guarani** é nome de uma obra literária.

88) Letra A

Uma questão diferente. A palavra **itu** existe como nome comum, da mesma forma que **pitu**, **sagu** e **anu**. O enunciado fala em "poderia ser grafada com inicial maiúscula". Isso só se enquadra ao vocábulo **itu**, que pode ser **Itu**, nome de uma cidade paulista. As outras três são sempre nome comuns.

89) Letra C

As Primaveras é nome de um livro do poeta brasileiro Casimiro de Abreu. Então, o artigo que acompanha o substantivo também deve ser com letra maiúscula.

90) Letra C

Na opção **c**, a palavra **Terra** é o nome do planeta, portanto deve ser escrita com inicial maiúscula. Igualmente: **Vênus**, **Mercúrio**, **Urano**, **Plutão** etc.

91) Letra B

Santa Ceia é nome de uma obra artística. **Comissão Parlamentar de Inquérito** é nome de um órgão, com funções definidas, que funciona no Congresso Nacional. O vocábulo **carnaval** é nome de uma festa pagã. O erro está na opção **b**, porque as palavras que designam os acidentes geográficos, como **baía**, **rio**, **lagoa** etc., são grafadas com inicial minúscula. Corrija-se para **rio Amazonas**.

92) Letra D

Na alternativa **a**, o correto é **Câmara dos Deputados**. Na **b**, **de sul a norte**; na **c**, **constelação de Órion**. A **Academia Brasileira de Letras** é uma instituição literária, por isso grafada com as iniciais maiúsculas.

93) Letra A

As fórmulas de tratamento devem ser escritas com iniciais maiúsculas; o correto, na opção a, é Meritíssimo.

94) Letra B

Idade Média é nome de uma era histórica. **Mona Lisa** é nome de uma obra artística, famoso quadro de Leonardo Da Vinci; é o mesmo que **Gioconda**. O vocábulo **português**, na frase, designa o idioma em si, e não a disciplina, que teria letra maiúscula. A palavra **Lei** não está acompanhada do número, por isso deve ser escrita com inicial minúscula.

AULA 3: CLASSES GRAMATICAIS

São dez as classes gramaticais: substantivo, adjetivo, artigo, pronome, numeral, verbo, advérbio, conjunção, preposição, interjeição.

A classe de uma palavra existe independentemente da frase. Por exemplo, **pedra** é substantivo, e eu não preciso de uma frase para dizer isso. Não confunda com a função sintática. Para que um termo seja considerado o sujeito da oração, é necessária a frase, pois eu preciso achar o predicado: isso é análise sintática.

No que toca ao relacionamento das palavras na frase, verificamos − e isso é muitíssimo importante − que há classes básicas e classes dependentes. Sob esse aspecto, podemos dividir as classes gramaticais da seguinte maneira:

1) Classes básicas: substantivo e verbo.

2) Classes dependentes:
a) do substantivo: artigo, pronome adjetivo, numeral e adjetivo.
b) do verbo: advérbio.

3) Palavras de ligação: preposição e interjeição

4) Interjeição

Ex.: O garoto chegou. Meu filho chegou. O bom aluno chegou. O primeiro candidato chegou. Chegamos cedo.

Observe que a palavra **o**, artigo definido, acompanha o substantivo **garoto**; está na sua dependência. O pronome adjetivo possessivo **meu** acompanha o substantivo **filho**. O adjetivo **bom** está ligado ao substantivo **aluno**. O numeral **primeiro** se liga ao substantivo **candidato**.

Numa questão que envolva reconhecimento das classes, procure localizar os substantivos e observe as palavras que formam grupos com ele. Essas palavras serão, necessariamente, **artigos**, **adjetivos**, **numerais** e **pronomes adjetivos**.

Agora, atentemos para o último exemplo. A palavra **cedo** se liga ao verbo **chegamos**, passando-lhe uma idéia de tempo. É, portanto, uma palavra dependente do verbo. Chama-se, por isso, **advérbio**.

As palavras que fazem as ligações são as preposições (ligam palavras) e as conjunções (ligam orações).
Ex.: Gosto **de** você (preposição)
Corri muito, **mas** não me cansei. (conjunção)

SUBSTANTIVO

É a palavra com que damos nomes aos seres em geral.
Ex.: menino, bola, comida, flor.

Classificação

1) Comum: designa toda uma espécie, sem individualizar. É escrito com inicial minúscula, a menos que esteja em início de frase.
Ex.: país, pessoa, cidade.
Próprio: designa um único ser em especial. Escreve-se com inicial maiúscula.
Ex.: Portugal, Alfredo, Brasília

2) Concreto: possui existência independente de outros seres. São as pessoas, os animais, os vegetais, os minerais etc.
Ex.: criança, cão, árvore, poeira.
Abstrato: possui existência dependente. São os sentimentos, as ações etc.
Ex.: amor, saudade, casamento, salvação.

Observações

a) Esqueça aquela velha história de "pode pegar é concreto, não pode é abstrato". Isso é bobagem.

b) Uma palavra como **criança**, do exemplo, é substantivo concreto porque, partindo-se do princípio de que existe, não depende de nada ou ninguém. É um ser. Já a palavra **amor** é um substantivo abstrato porque só existe se houver alguém que o sinta.

c) Todos os seres, mesmo os mitológicos, imaginários ou folclóricos, são concretos.
Ex.: saci, Pato Donald, Afrodite, fada, gnomo.

d) **Deus** e **espírito** (e possíveis sinônimos) são concretos, embora não possam ser tocados. É que sua existência é independente de outros seres.

3) Coletivo: designa um grupo de seres da mesma espécie.
Ex.: alcatéia (de lobos), arquipélago (de ilhas), cáfila (de camelos), constelação (de estrelas), enxame (de abelhas), fato (de cabras), manada (de gado grosso), matilha (de cães de caça), nuvem (de insetos), pinacoteca (de quadros), vara (de porcos).

4) Primitivo: que não se forma de nenhum outro.
Ex.: flor, mulher
Derivado: que provém de outro, geralmente por meio de prefixos e sufixos.
Ex.: florista, supermulher

5) Simples: com um só radical.
Ex.: chuva, mar
Composto: com dois ou mais radicais.
Ex.: Guarda-chuva, quebra-mar
Estudaremos a flexão do substantivo, bem como das demais classes, na lição seguinte: Flexão Nominal e Flexão Verbal.

ADJETIVO

Palavra que dá qualidade, estado, característica ou aspecto ao substantivo ou pronome substantivo.
Ex.: homem <u>inteligente</u>
menino <u>doente</u>
pessoa <u>interessante</u>
céu <u>azul</u>
O adjetivo é uma classe gramatical variável que depende, como vimos na introdução deste ponto, de um substantivo. Localize, então, os substantivos da frase, que os adjetivos aparecerão normalmente. Não é difícil, como você verá adiante, nos exercícios. Antes disso, eu quero que você leia a frase abaixo e destaque os adjetivos. Só leia a resposta que virá logo a seguir depois de resolver o exercício, está bem?

Naquela noite quente, alguns funcionários experientes e preparados apareceram para consertar o aparelho danificado. Todos ficaram felizes com a rápida providência que a empresa responsável tomou.

Anote a resposta e confira. São adjetivos: quente, experientes, preparados, danificado, felizes, rápida e responsável.

Locução adjetiva
Grupo de palavras com valor de um adjetivo.
Ex.: dia **de festa** = festivo
amor **de mãe** = materno
água **da chuva** = pluvial
formato **de círculo** = circular

Observações

a) Muitas vezes, o adjetivo correspondente difere bastante do substantivo que compõe a locução adjetiva. Eis alguns desse tipo: murino (de rato), hialino (de vidro), argênteo (de prata), vulpino (de raposa), setentrional ou boreal (do norte), meridional ou austral (do sul), glacial (do gelo), hirundino (de andorinha), plúmbeo (de chumbo), ebúrneo (de marfim) etc.

b) Em alguns concursos, encontramos a expressão **palavra de valor adjetivo**. Não entenda, aqui, **adjetivo** como a classe gramatical que acabamos de estudar. Ter valor adjetivo é, simplesmente, acompanhar substantivo.
Ex.: **O** animal. **Meu** livro. **Segunda** prestação. **Bom** menino.

As quatro palavras destacadas têm valor adjetivo, porque acompanham substantivos. Porém só **bom** é adjetivo. As outras são, respectivamente, artigo, pronome, numeral.

ARTIGO

Palavra que acompanha substantivo para defini-lo ou indefini-lo. Por isso mesmo, os artigos podem ser:
1) definidos: o, a, os, as

2) indefinidos: um, um, uns, umas.
Ex.: O rapaz pediu uma solução.

Observe que a anteposição do **O** à palavra **rapaz** nos passa uma idéia de pessoa conhecida; o artigo se diz definido. Já a palavra **uma** transmite a idéia de algo impreciso, ou seja, uma solução qualquer.

NUMERAL

Palavra que designa os números de modo geral.
Ex.: Tenho dois casacos.

Há quatro tipos de numerais.
1) Cardinais: indicam a quantidade exata de seres.
Ex.: um, três, vinte, mil

2) Ordinais: estabelecem uma ordem.
Ex.: primeiro, terceiro, vigésimo, milésimo

3) Multiplicativos: indicam multiplicação.
Ex.: duplo, tríplice

4) Fracionários: indicam um fração.
Ex.: meio, terço

Observações

a) Não confunda o numeral **um** (e flexões) com o artigo indefinido **um** (e flexões)
Ex.: Um funcionário te chama. (Algum funcionário te chama; um funcionário qualquer: artigo)
Comprei um quilo de arroz. (a quantidade de arroz: numeral)

b) Quando se diz **um terço**, temos dois numerais: **um**, cardinal, e **terço**, fracionário. O mesmo para **um quarto**, **dois terços**, **dois quartos** etc.

PRONOME

É a palavra que substitui ou acompanha um substantivo, tomado como pessoa do discurso. Seu estudo é importantíssimo para vários assuntos que virão, como concordância e regência.

Antes de mais nada, você precisa aprender o que segue.

1) Pronome adjetivo: é aquele que acompanha um substantivo na frase. Ele é sempre um adjunto adnominal, como se vê na análise sintática.
Ex.: Tua prima chegou ontem.
A palavra **tua** é um pronome que acompanha o substantivo **prima**. Por isso, chama-se pronome adjetivo.

2) Pronome substantivo: é o que substitui um substantivo na frase. Ele tem as mesmas funções sintáticas do substantivo.
Ex.: Alguém pediu socorro.
A palavra **Alguém** está no lugar de um substantivo. Por isso se chama pronome substantivo.

Classificação

Por seu sentido na frase, os pronomes podem ser de seis tipos. Veja a seguir.

1) **Pronomes pessoais**
São sempre pronomes substantivos. Podem ser:

I) Retos: os que atuam como sujeito ou, mais raramente, predicativo (eu, tu, ele, ela, nós, vós, eles, elas).
Ex.: Ele fez a prova.
Obs.: Somente **eu** e **tu** são sempre retos. Os outros podem ser retos ou oblíquos.

II) Oblíquos: os que atuam como objetos ou adjuntos. Podem ser:
- átonos: os que não são precedidos de preposição (me, te, o, a, lhe, nos e vos);
- tônicos: os precedidos de preposição (mim, comigo, ti, contigo, ele, ela, nós, conosco, vós, convosco).
- reflexivos: os que indicam que o sujeito pratica e sofre a ação verbal (me, te, se, si, consigo, nos e vos). **Se**, **si** e **consigo** são sempre reflexivos; os outros podem ser simples pronomes átonos.

Exemplos

Ela conversou com a colega. (pronome pessoal reto)
Falei com **ela** sobre isso. (pronome pessoal oblíquo tônico)
Disseram-**me** a verdade. (pronome pessoal oblíquo átono)
Eu **me** machuquei. (pronome pessoal oblíquo reflexivo)

III) De tratamento: são pronomes especiais usados no relacionamento social, de acordo com as circunstâncias e necessidades. Eis os mais importantes:

Vossa Alteza (V.A)	–	para príncipes, duques e arquiduques.
Vossa Eminência (V.Emª)	–	para cardeais.
Vossa Excelência (V.Exª)	–	para autoridades do governo; altas patentes militares; bispos e arcebispos.
Vossa Magnificência (V.Magª)	–	para reitores de universidades.
Vossa Majestade (V.M.)	–	para reis.
Vossa Santidade (V.S.)	–	para os papas
Vossa Senhoria (V.Sª)	–	para oficiais até coronel; funcionários graduados; na linguagem comercial.

Observações

a) Às vezes, aparece **Sua**, no lugar de **Vossa**. Com **Sua**, a referência é a alguém de quem se está falando; com **Vossa**, à própria pessoa com quem se fala.
Ex.: Sua Excelência, o prefeito, estará presente.
Vossa Excelência tem uma reunião marcada para amanhã.

b) O pronome oblíquo **o** (e flexões) pode sofrer alterações gráficas e fonéticas. Isso ocorre em duas situações:

I) Quando o verbo termina em **r**, **s** ou **z**: o pronome passa a **lo**, com a queda dessas letras.
Ex.: vender + o = vendê-lo
amemos + o = amemo-lo
fiz + o = fi-lo

II) Quando o verbo termina em **m** ou **ditongo nasal**: o pronome passa a **no**.
Ex.: alugaram + o = alugaram-no
dão + o = dão-no

2) **Possessivos**
meu, teu, seu, nosso, vosso, minha, tua, sua, nossa, vossa (mais a flexão de plural: meus, minhas etc.). São sempre pronomes possessivos, com exceção de **nossa**, que pode aparecer como interjeição: nossa! **Vossa** e **sua** podem também fazer parte de pronomes de tratamento: Vossa Senhoria, Sua Excelência.
Ex.: **Meu** amigo está confiante.
Encontrei **nossa** mãe no supermercado.

3) **Demonstrativos**: este, esse, aquele, esta, essa, aquela (e as formas do plural). Além desses, que são os tradicionais, podem ser demonstrativos o, a, tal, semelhante, mesmo e próprio.
Ex.: **O** que falei estava correto. (aquilo)
Tal idéia me desagrada. (essa)
Não entendi **semelhante** proposta (esta)
Obs.: Podem ser considerados demonstrativos os pronomes **mesmo** e **próprio** que aparecem em frases do tipo “Ela mesma fez a comida” e “Ela fez a mesma comida”.

4) **Indefinidos**
I) Variáveis: algum, nenhum, muito, pouco, todo, certo, bastante etc.
Ex.: **Algum** dia lhe contarei.
Tive **muitas** oportunidades.
Obs.: Na parte dos advérbios, veremos que várias palavras, como **muito** e **bastante**, podem ser advérbios de intensidade ou pronomes indefinidos, dependendo da frase.

II) Invariáveis: alguém, ninguém, tudo, nada, outrem, cada etc.
Ex.: Encontrei **alguém** naquela casa.
Tudo já foi esquecido.

5) **Relativos**
Fundamentais para quem faz concursos públicos. São pronomes que têm um antecedente (normalmente substantivo ou pronome substantivo), que eles substituem em sua oração.
I) São sempre relativos: o qual (e flexões) e cujo (e flexões).
Ex.: Meu pai, **o qual** me ensinou muito, é meu grande amigo.
O livro **cujo** autor conheci ontem está esgotado.

II) Podem ser relativos (quando equivalem a **o qual** e flexões): que, quem, onde, como, quando e quanto.
Ex.: Perdi o caderno **que** me deste. (o qual me deste)
A rua **onde** nos conhecemos é arborizada. (na qual nos conhecemos)
A pessoa a **quem** pedi ajuda seguiu adiante.(à qual pedi juda)
Obs.: No terceiro exemplo, aparece, antes do **quem**, a preposição **a**, exigida pelo verbo **pedi**. É um problema de regência, o qual estudaremos na lição correspondente.

6) **Interrogativos**: quem?, que? (ou o que?), qual?, quanto?
Qual foi o resultado?
Não sei qual foi o resultado.
Na primeira frase, temos uma interrogação direta (com o ponto de interrogação presente); na segunda, uma interrogação indireta. Note que o **qual** é o mesmo, apenas, na segunda, apareceu antes dele um verbo, o que tornou a frase uma afirmação. Nas duas situações, **qual** é considerado pronome interrogativo.

Locução pronominal
Duas ou mais palavras com valor de pronome.
Ex.: **Cada um** fará sua parte.
Pedirei a **cada qual** uma opinião.
Nos dois exemplos, temos locuções pronominais indefinidas.

ADVÉRBIO

O advérbio é uma classe gramatical que se liga, geralmente, ao verbo. **Advérbio** quer dizer "junto do verbo". No entanto, em algumas situações, ele também modifica um adjetivo ou um advérbio, o que normalmente ocorre com o de intensidade.

São sete os advérbios em português:

1) De lugar: aqui, aí, lá, acolá, aquém etc.
Ex.: O cachorro está **ali**.

2) De tempo: ontem, agora, cedo, tarde, nunca, jamais etc.
Ex.: **Ontem** houve uma prova.

3) De modo: assim, depressa, bem, calmamente etc.
Ex.: Todos saíram **depressa**.

4) De intensidade: muito, pouco, bastante, tanto, bem etc.
Ex.: Meu irmão estuda **muito**. (ligado ao verbo **estuda**)
Ela é **muito** alta. (ligado ao adjetivo **alta**)
Seu colega escreve **muito** bem. (ligado ao advérbio **bem**)

5) De afirmação: sim, realmente, certamente etc.
Ex.: Iremos **realmente**.

6) De negação: não.
Ex.: **Não** participarei da reunião.

7) Dúvida: talvez, provavelmente, possivelmente etc.
Ex.: **Talvez** ele acerte tudo.

Advérbios interrogativos

1) De lugar: onde?
Ex.: **Onde** está o material?
Ignoro **onde** está o material.

2) De tempo: quando?
Ex.: **Quando** virá o cientista?
Não sei **quando** virá o cientista.

3) De modo: como?
Ex.: **Como** aconteceu o acidente?
Desconhecemos **como** aconteceu o acidente.

4) De preço ou valor: quanto?
Ex.: **Quanto** custa o aparelho?
Não me disseram **quanto** custa o aparelho.

5) De causa: por que?
Por que ele faltou?
Explique-me **por que** ele faltou.

Observações

a) Nos quatro exemplos, aparecem interrogações diretas e indiretas. Veja o que foi dito no item "pronomes interrogativos".

b) **Por que**, na realidade, é uma locução adverbial de causa.

Locução adverbial

Duas ou mais palavras com valor de um advérbio. Os sete advérbios estudados podem vir em forma de locução.
Ex.: Estudaram **à noite**. (locução adverbial de tempo)
Ficaram **atrás da porta**. (locução adverbial de lugar)
Mas existem locuções que nunca se expressam por um único advérbio. Vejamos as mais importantes.

1) De causa
Ex.: Tremia **de frio**.

2) De meio
Ex.: Iremos **de navio**.

3) De instrumento
Ex.: Cortou-se **com a lâmina**.

4) De condição
Ex.: As feras não vivem **sem carne**.

5) De concessão
Ex.: Foi à praia **apesar do temporal**.

Obs.: Ocorre quando há uma oposição em relação ao verbo. Não se vai, normalmente, à praia em dia de temporal.

6) De conformidade
Ex.: Agiu **conforme a situação**.
Ex.: Ocorre quando há uma idéia de acordo.

7) De assunto
Ex.: Conversaram **sobre a situação**.

8) De fim ou finalidade
Ex.: Sempre viveu **para o estudo**.

9) De companhia
Ex.: Saiu **com o pai**.

Observações

a) **Muito**, **pouco**, **bastante**, **tanto**, **mais**, **menos** e outros podem ser advérbios de intensidade ou pronomes indefinidos.

I) São advérbios quando modificam um verbo, um adjetivo ou outro advérbio.
Ex.: Eles falavam **bastante**.

II) São pronome indefinidos quando acompanham substantivos.
Ex.: Tenho **bastantes** livros.
Recebi **muito** apoio.
Ganhei **mais** revistas do que ele.
As palavras **bastantes**, **muito** e **mais** são pronomes adjetivos indefinidos, porque acompanham os substantivos **livros**, **apoio** e **revistas**.

b) A palavra **bem** pode ser advérbio de intensidade ou de modo.
Ex.: Ele fala **bem**. (advérbio de modo)
Ele está **bem** cansado. (advérbio de intensidade)

c) As palavras derivadas terminadas em **mente** são sempre advérbios.
Ex.: **Antigamente** se lia menos. (advérbio de tempo)
Andavam **tranqüilamente** pela praia. (advérbio de modo)
Irei **certamente** à noite. (advérbio de afirmação)

d) **Nunca** e **jamais** são advérbios de tempo.
Ex.: **Jamais** farei isso. (Em momento algum farei isso.)

VERBO

Palavra que exprime ação, estado ou fenômeno e admite flexão de tempo, modo, pessoa, número e voz.
Ex.: andar: ando, andei, andassem
ser: sou, era, fomos
chover: chovia, chovera, choverá

Classificação

1) Regular: o que não sofre alteração no radical e nas terminações.
Ex.: cantar − radical: cant
canto, cantas, canta; cantei, cantaste, cantou
Irregular: o que sofre alterações.
Ex.: dizer − radical: diz
digo, dizes, diz; **diss**e, disseste, disse

2) Principal: o mais importante da locução verbal; é sempre o último do grupo.
Ex.: Estou **trabalhando**
Quero **trabalhar**.
Auxiliar: o que ajuda o principal a ser conjugado; é sempre o primeiro.
Ex.: **Temos** estudado.
Quero sair.

3) Defectivo: o que não se conjuga em todas as pessoas, tempos ou modos. Veja, a seguir, alguns verbos defectivos importantes para concursos.
a) abolir, colorir, banir, extorquir, demolir: não possuem a 1ª p.s. do presente do indicativo; não se conjugam no presente do subjuntivo.
Ex.: Pres. ind.: aboles, abole, abolimos, abolis, abolem
Pres. subj.: não há
Obs.: São completos em todas as formas do passado e do futuro.

b) reaver, precaver-se, falir, remir, adequar: só possuem a 1ª e a 2ª pessoas do plural do presente do indicativo; não se conjugam no presente do subjuntivo.
Ex.: Pres. ind.: reavemos, reaveis
Pres. subj.: não há
Obs.: São completos em todas as formas do passado e do futuro.

c) acontecer, ocorrer, doer, prazer: só possuem a 3ª pessoa, tanto do singular como do plural, em todos os tempos, inclusive no presente do subjuntivo.
Ex.: dói, doem; doía, doíam; doesse, doessem; doa, doam

4) Abundante: o que possui duas ou mais formas equivalente, quase sempre no particípio. São abundantes:
a) No particípio
acender − acendido e aceso
fritar − fritado e frito
expulsar − expulsado e expulso
matar − matado e morto
pagar – pagado e pago
aceitar − aceitado, aceito e aceite
ganhar − ganhado e ganho

b) No presente do indicativo
haver − havemos (ou hemos), haveis (ou heis)
construir (e destruir) − construis (ou constróis), construi (ou constrói), construem (ou constroem)
entupir (e desentupir) − entupes (ou entopes), entupe (ou entope), entupem (ou entopem)

5) Anômalo: verbo formado por mais de um radical; só há dois verbos anômalos: ser e ir.
Ex.: ser: sou, és, fui
ir: vou, fui

Formas nominais

São o infinitivo, o gerúndio e o particípio. Recebem esse nome porque equivalem, em certas circunstâncias, respectivamente, ao substantivo, ao advérbio e ao adjetivo.
Ex.: Formas nominais de cantar:
infinitivo − cantar
gerúndio − cantando
particípio − cantado

Formas rizotônica e arrizotônica

1) Rizotônica: quando a vogal tônica está no radical.
Ex.: ch**o**ro, prec**i**sas, gr**i**tam

2) Arrizotônica: quando a vogal tônica está fora do radical.
Ex.: lut**a**mos, cheg**a**ssem, corr**e**rmos

Conjugações

São três as conjugações, dependendo da vogal do infinitivo, chamada **temática**.
1) Primeira conjugação: quando a vogal temática é **a**.
Ex.: louv**a**r

2) Segunda conjugação: quando a vogal temática é **e**.
Ex.: chov**e**r

3) Terceira conjugação: quando a vogal temática é **i**.
Ex.: sorr**i**r
Obs.: O verbo **pôr** (e derivados) pertence á segunda conjugação, mas sua vogal temática não aparece no infinitivo; apresenta-se, como ocorre com todos os verbos, durante sua conjugação.
Ex.: põ**e**s, pus**e**sse, pus**e**r

PREPOSIÇÃO

É a palavra que liga duas outras na frase.
Ex.: Preciso **de** ajuda.

Preposições simples ou essenciais

a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por, sem, sob, sobre e trás.
Ex.: Ele foi **até** a fonte. Ficamos **em** Petrópolis. Estava **sob** o balcão.

Observações

a) A palavra **a** pode ser várias coisas.
Ex.: A camisa está limpa. (artigo definido)
Deixei-a ali. (pronome pessoal oblíquo átono)
A que ele fez é bem melhor. (pronome demonstrativo)
Referiu-se a ela. (preposição)

b) **Trás** parece em raras expressões.
Ex.: Ano trás ano, continuava confiante.

c) Algumas preposições podem se unir a outras palavras, constituindo combinações ou contrações.
Ex.: Morava **na** casa **da** frente.
na − preposição **em** mais artigo definido **a**.
da − preposição **de** mais artigo definido **a**.
Esqueceu-se **do** que fora fazer ali.
do − preposição **de** mais pronome demonstrativo **o**.
Donde vens?
donde − preposição **de** mais advérbio **onde**.
Naquela tarde, tudo estava calmo.
naquela − preposição **em** mais pronome demonstrativo **aquela**.

d) Algumas preposições podem introduzir orações reduzidas, que são aquelas que não apresentam conjunção e têm o verbo numa forma nominal.
Ex.: Apresentou-se **para** trabalhar.
Estava certo **de** ser aprovado.

Preposições acidentais

Palavras de outras classes que, em situações especiais, funcionam como preposições.
Ex.: Tenho **que** sair.
Outras preposições acidentais: durante, conforme, segundo, como, salvo, fora etc.

Locuções prepositivas

Grupos de palavras que funcionam como preposições. Terminam por uma preposição simples.
Ex.: Estava **à beira de** um precipício.
Outras locuções prepositivas: à frente de, à procura de, a respeito de, à mercê de, à sombra de, a par de, apesar de, graças a, de acordo com etc.

CONJUNÇÃO

Palavra que liga duas orações. As conjunções podem ser:
1) coordenativas: quando ligam duas orações coordenadas.
Ex.: Saí cedo **e** visitei meus avós.

2) subordinativas: quando ligam uma subordinada à sua principal.
Ex:. Espero **que** não haja problemas.

Locução conjuntiva

Duas ou mais palavras com valor de conjunção.
Ex.: Seremos felizes **à proporção que** nos tornarmos melhores.

Observações

a) As conjunções **e**, **ou** e **nem** podem, em certos casos, ligar duas palavras.
Ex.: Comprarei uma casa **ou** um apartamento.

b) Estudaremos com detalhes as conjunções na lição sobre classificação das orações.

INTERJEIÇÃO

Palavra com que transmitimos, geralmente de maneira espontânea, as nossas emoções.
Ex.: **Ai**! Queimei o dedo!
Outras interjeições: puxa!, bis!, oh!, caramba!, nossa!

Locuções interjectivas

Duas ou mais palavras com valor de interjeição.
Ex.: **Ora bolas**! Você não deu o recado?!

PALAVRA DENOTATIVA

Há palavras semelhantes aos advérbios, mas que não constituem circunstâncias verbais. São as chamadas palavras denotativas. Veja algumas importantes.

1) De designação: eis.

2) De exclusão: exceto, salvo, menos, só, somente, apenas, exclusive etc.

3) De explicação: a saber, por exemplo etc.

4) De inclusão: além disso, até, também, inclusive, ainda etc.

5) De retificação: aliás, ou melhor, isto é etc.

Observações finais

a) São considerados invariáveis os advérbios, as conjunções, as preposições e as interjeições. No entanto, como veremos em concordância nominal, alguns advérbios admitem flexão.

b) As preposições, as conjunções e as interjeições, bem como as palavras denotativas, não desempenham função sintática.

c) Existem classificações gramaticais especiais como **partícula apassivadora**, **parte integrante do verbo** etc., que veremos em outras lições.

EXERCÍCIOS

95) Vários homens assustados e trêmulos invadiram, naquela noite fria, a fazenda abandonada.

A frase apresenta:

a) 3 substantivos e 4 adjetivos
b) 3 substantivos e 5 adjetivos
c) 2 substantivos, 4 adjetivos e 1 advérbio
d) 3 substantivos, 4 adjetivos e 2 pronomes

96) Assinale o erro na classificação do pronome.

a) Comprei **alguns** livros. (pronome adjetivo indefinido)
b) Traga **minha** pasta. (pronome adjetivo possessivo)
c) Não esperava **isso**. (pronome adjetivo demonstrativo)
d) A árvore **que** caiu era antiga. (pronome substantivo relativo)

97) Marque o erro na classificação da palavra A.

a) Vamos a Porto Alegre. (preposição)
b) Entreguei-a em casa. (pronome pessoal oblíquo átono)
c) Veja a que eu fiz. (artigo definido)
d) Quero a de cima. (pronome substantivo demonstrativo)

98) Relacione as duas colunas.

1) Paguei a **terceira** parcela	( ) advérbio.
2) Era uma pessoa **sem** medo.	( ) pronome interrogativo
3) Não chegaremos **tarde**.	( ) numeral
4) Não sei **quem** gritou.	( ) substantivo
5) Dê-me **o** controle.	( ) artigo definido
	( ) preposição

a) 3, 4, 1, –, 5, 2
b) 3, 5, 1, –, 4, 2
c) 3, 2, 4, –, 5, 1
d) 3, 1, 4, –, 5, 2

99) Assinale o erro na classificação do advérbio.

a) Eles entraram **depressa**. (advérbio de modo)
b) **Possivelmente** eu participarei. (advérbio de dúvida)
c) **Jamais** vi algo igual. (advérbio de negação)
d) Estava **bem** nervoso. (advérbio de intensidade)

100) Assinale o erro na classificação do advérbio.
a) **Além** se acha uma fábrica. (advérbio de lugar)
b) Ela fez **mesmo** a prova. (advérbio de intensidade)
c) Não pedirei **mais** esse documento. (advérbio de tempo)
d) Regressamos **anteontem**. (advérbio de tempo)

101) Na frase "Um homem lhe disse o que fazer, porém você nunca respondeu a ele.", as palavras UM, O, NUNCA e ELE são, respectivamente:
a) artigo indefinido, pronome demonstrativo, advérbio de tempo, pronome pessoal oblíquo.
b) artigo indefinido, artigo definido, advérbio de tempo, pronome pessoal reto.
c) numeral, artigo definido, advérbio de negação, pronome pessoal reto.
d) numeral, pronome demonstrativo, advérbio de tempo, pronome pessoal oblíquo.

102) Assinale o erro na análise da classe gramatical.
a) Fomos **cedo** para casa. (advérbio)
b) Não **a** encontrei. (pronome)
c) Carlos chegou **cansado**. (advérbio)
d) Use sua **inteligência**. (substantivo)

103) Assinale a opção em que a palavra em destaque não é advérbio de intensidade, mas pronome adjetivo indefinido.
a) Eles trabalham **muito**.
b) Estava **bastante** triste com a situação.
c) Encontrei-o **bem** perto daqui.
d) Tenho **mais** livros que você.

104) Observe as palavras sublinhadas nas frases abaixo.
Havia **muito** erro.
Pediu-me que eu fosse à sua casa, mas não **o** fiz.
Explicaram a **mim** que tudo estava correto.
Logo tudo se ajeitará.
Quanto à classe gramatical, elas são, respectivamente:

a) advérbio de intensidade, pronome demonstrativo, pronome pessoal oblíquo, advérbio de tempo
b) pronome indefinido, pronome pessoal átono, pronome pessoal oblíquo, advérbio de negação

c) pronome indefinido, pronome pessoal átono, pronome pessoal reto, advérbio de tempo
d) pronome indefinido, pronome demonstrativo, pronome pessoal oblíquo, advérbio de tempo

105) Há erro na classificação gramatical em:
a) O salão foi cuidadosamente **lavado**. (verbo no particípio)
b) Agindo **assim**, você desagradará a todos. (advérbio de modo)
c) Fez **tanto** barulho que o sobrinho acordou. (pronome adjetivo indefinido)
d) **Quem** disse isso? (advérbio interrogativo)

106) Observe as frases seguintes.
1. O rio **onde** ele se lavou estava contaminado.
2. **O** que você disse não está certo.
3. Fiz um **quarto** do trabalho.
4. Peça isso a **outrem**.

As classes gramaticais das palavras destacadas são, respectivamente:
a) advérbio de lugar, pronome demonstrativo, numeral fracionário, pronome demonstrativo
b) pronome relativo, pronome demonstrativo, numeral fracionário, pronome indefinido
c) pronome relativo, artigo definido, numeral ordinal, pronome indefinido
d) advérbio de lugar, pronome demonstrativo, numeral ordinal, pronome indefinido

107) Há muito trabalho interessante no escritório, mas faltam funcionários inteligentes e esforçados.
Na frase acima, temos:
a) 3 substantivos, 3 adjetivos, 1 advérbio
b) 4 substantivos, 2 adjetivos, 1 pronome
c) 3 substantivos, 4 adjetivos, 1 advérbio
d) 3 substantivos, 3 adjetivos, 1 pronome

108) Relacione as duas colunas, levando em conta o valor dos advérbios.

( ) **Já** não penso nisso.	1. afirmação
( ) Ela anda **rápido**.	2. tempo
( ) Fiz **mesmo** o serviço.	3. intensidade
( ) **Acolá** se encontra minha casa.	4. dúvida
( ) Ele é **bem** esforçado.	5. modo
( ) **Não** quero café.	6. lugar
( ) **Provavelmente**, você será o escolhido.	7. negação

a) 2,5,1,6,3,7,4
b) 3,5,6,1,2,7,4
c) 2,3,1,6,5,7,4
d) 2,5,1,6,7,4,3

109) Assinale o pronome adjetivo.
a) Ainda tenho **o** que comprei lá.
b) Vi **alguém** na sala.
c) **Isto** não está correto.
d) Tenho **poucas** dúvidas.

110) Assinale o pronome substantivo.
a) Traga **seu** amigo.
b) **Ele** estudou em uma boa escola.
c) Aqui está a **nossa** contribuição.
d) **Cada** pessoa fará uma parte.

111) Marque o erro na análise dos pronomes.
a) **Quem** disse **tal** coisa? (pron. substantivo, pron. adjetivo)
b) **Certas** pessoas não têm **o** que fazer. (pron. adjetivo, pron. substantivo)
c) Dê-**me** o jornal **que** está na estante. (pron. substantivo, pron. substantivo)
d) Tenho **vários** livros falando sobre **isso**. (pron. adjetivo, pron. adjetivo)

112) Assinale o pronome pessoal reto.
a) Diga a **ele** que voltarei cedo.
b) Necessito de **ti**.
c) Espero que **ele** não me decepcione.
d) Falaram mal de **nós**.

113) Marque o pronome pessoal oblíquo.
a) Que desejas **tu**, meu amigo?
b) Levantou-se **ela**, visando o quadro atentamente.
c) Esperávamos **nós** que não faltasse energia.
d) A **vós** será levado todo o material disponível.

114) Não há preposição na seguinte frase.
a) Durante a festa, houve algumas discussões.
b) Compareceram perante a corte.
c) Progredíamos todos, dia a dia.
d) Li bons jornais, mas não achei tal assunto.

115) Só existe preposição em:
a) Veja a resposta amanhã.
b) Fiz tudo conforme o pedido.
c) Espero que você entre logo.
d) Mostre-nos a que foi premiada.

116) (TJ-RJ) Assinale o item a seguir em que o elemento destacado não possa ser considerado em função adjetiva.
a) dois minutos **de silêncio**
b) meio-dia **da próxima sexta-feira**
c) o ato **de parar**
d) que se afastem **das mesas**
e) ministros **das várias religiões**

117) (TRT-ES) Marque a opção em que as palavras grifadas são adjetivos.
a) "...a humanidade **vem passando** por transformações."
b) "O **homem** comum pode criar outras **condições** de vida."
c) "**Infelizmente não** podemos mais parar o mundo."
d) "O ano dois mil passou **a** ser um ponto **de** referência."
e) As **rápidas** transformações serão mais **asfixiantes**.

118) (TJ/RJ) ...forçadas a fazer o seu trabalho e o de outras."
Qual a classe de palavra do último "**o**" do trecho acima?
a) substantivo
b) pronome pessoal
c) pronome demonstrativo
d) artigo
e) pronome interrogativo

119) (TAC.-MA) A palavra sublinhada não pertence à classe gramatical indicada à direita na seguinte alternativa:
a) "preveni-los contra seus riscos" / preposição
b) "na minha cidade natal de São Luís do Maranhão" / adjetivo
c) "Pois se há tanto tempo se faz esse arroz" / advérbio de intensidade
d) "a vida é às vezes ácida, mas sem esse tempero de azedume não pode ser vivida" / substantivo
e) "ele é justamente o prato em que devem ficar juntas e separadas todas as coisas" / pronome indefinido

GABARITO

95 D	104 D	113 D
96 C	105 D	114 D
97 C	106 B	115 B
98 A	107 D	116 D
99 C	108 A	117 E
100 B	109 D	118 C
101 A	110 B	119 C
102 C	111 D	
103 D	112 C	

COMENTÁRIOS

95) Letra D

Os substantivos são **homens**, **noite** e **fazenda**. Qualificando-os, aparecem os adjetivos **assustados**, **trêmulos**, **fria** e **abandonada**. O que leva a resposta para a letra **d** é a presença de dois pronomes: **vários** e **aquela** (na contração **naquela**)

96) Letra C

A palavra **isso** não acompanha substantivo na frase. Portanto, é um pronome substantivo demonstrativo.

97) Letra C

O artigo é uma classe que sempre acompanha substantivo. Na opção **c**, a palavra **a** está diante do pronome relativo **que**. Significa **aquela**, classificando-se, então, como pronome demonstrativo. Note que o substantivo está oculto: a redação que eu fiz, a comida que eu fiz. O mesmo ocorre na opção **d**, que também apresenta um pronome demonstrativo.

98) Letra A

A frase que poderia dar algum problema é a de número 4. Temos aí uma interrogação indireta. Retirando o "não sei", encontramos uma pergunta: "quem gritou?" Sempre que isso ocorre, o **quem** é pronome interrogativo.

99) Letra C

Nunca e **jamais** são advérbios de tempo, e não de negação. Têm valor negativo, o que não nos autoriza a considerá-los de negação. **Ninguém** também é negativo e nem sequer é advérbio. **Bem** equivale a **muito** e modifica um adjetivo.

100) Letra B

A palavra **mesmo** confirma a ação verbal e equivale a **realmente**. Sempre que isso ocorre, classifica-se como advérbio de afirmação. Na letra **c**, a palavra **mais** pode enganar. Ela não indica intensidade, como às vezes acontece. Ela equivale a **já** ou **jamais**: já não pedirei, não pedirei jamais.

101) Letra A

Um equivale a **algum**: não pode ser numeral. **O** está diante de **que** e significa **aquilo**, portanto é demonstrativo. **Nunca** é sempre advérbio de tempo. **Ele** é pronome oblíquo porque funciona como complemento, não como sujeito, situação em que seria pronome reto.

102) Letra C

Cansado é um adjetivo porque é palavra variável. Veja: Maria chegou cansada. Sempre que houver dúvida entre advérbio e adjetivo, flexione a frase. Se a palavra for ao feminino ou ao plural, será adjetivo, e não advérbio.

Ex.: Ele é alto. (ela é alta, eles são altos)

Ele fala alto. (ela fala alto, eles falam alto)

Na primeira frase, **alto** é adjetivo; na segunda, advérbio de modo.

103) Letra D

Advérbio modifica verbo, adjetivo ou outro advérbio. Se acompanhar substantivo, será pronome adjetivo indefinido. É o que ocorre na opção **d**, em que **mais** acompanha o substantivo **livros**.

104) Letra D

Muito acompanha um substantivo; portanto, trata-se de pronome adjetivo indefinido, e não de advérbio de intensidade. **O** equivale a **isso**, e não a **ele**; dessa forma, é pronome demonstrativo. **Mim** é sempre pronome oblíquo tônico. **Logo** indica o momento em que tudo se ajeitará, sendo advérbio de tempo.

105) D

As opções **a** e **b** não oferecem problemas. A palavra **tanto** acompanha o substantivo **barulho**; não poderia ser advérbio de intensidade, como parece. **Quem** é pessoa, portanto pronome interrogativo. O advérbio interrogativo indica lugar (onde?), tempo (quando?) etc.

106) Letra B

A palavra **onde**, na frase, não é advérbio. Ela tem um antecedente (rio) e equivale a **no qual**. É, pois, um pronome relativo.

107) Letra D

Os substantivos são **trabalho**, **escritório** e **funcionários**. Os adjetivos: **interessante**, **inteligentes** e **esforçados**. O que decide a questão é o fato de **muito**, acompanhante de um substantivo, ser pronome, e não advérbio. Estude bem isso, que é importante.

108) Letra A

Questão simples, de reconhecimento de advérbios. **Bem** é advérbio de intensidade porque modifica o adjetivo **esforçado**, aumentando-lhe o valor. **Bem** também pode ser advérbio de modo.

109) Letra D

O único pronome que acompanha substantivo é **poucas**. Os outro são pronomes substantivos.

110) Letra B

As palavras **seu**, **nossa** e **cada** acompanham, respectivamente, os substantivos **amigo**, **contribuição** e **pessoa**. São, portanto, pronomes adjetivos. **Ele** substitui um substantivo: é pronome substantivo. Aliás, como vimos, os pessoais nunca são pronomes adjetivos.

111) Letra D

A palavra **isso** é sempre pronome substantivo demonstrativo. Nunca aparece ligada a substantivo, que é a característica do pronome adjetivo.

112) Letra C

O único pronome pessoal que funciona como sujeito da oração está na opção **c**. Portanto, **ele**, nessa frase, é um pronome pessoal reto. Os demais são pronomes pessoais oblíquos.

113) Letra D

Os pronome **tu**, **ela** e **nós** atuam como sujeito de suas orações; são pronomes retos. **Vós**, precedido de preposição, é complemento do verbo **será levado**; é um pronome pessoal oblíquo. Não se esqueça de que apenas **eu** e **tu** são sempre retos.

114) Letra D

Na alternativa **a**, que é o problema maior, temos a palavra **durante**, preposição acidental. Nas alternativas **b** e **c**, as preposições são **perante** e **a**. Na opção **d**, não há preposição.

115) Letra B

Questão difícil. A palavra **a** da primeira opção é artigo definido, pois se liga ao substantivo **resposta**. **Conforme** é uma preposição acidental, e não uma conjunção, pois não inicia oração. Ela introduz a locução adverbial de conformidade **conforme o pedido**, função típica de uma preposição. **Entre**, na opção **c**, evidentemente, é verbo. A palavra **a**, na alternativa **d**, é pronome demonstrativo, equivalendo a **aquela**.

116) Letra D

Para ter função adjetiva, a palavra ou expressão tem de acompanhar substantivo. Isso só não ocorre na opção **d**, pois **das mesas** se liga a um verbo, **afastem**.

117) Letra E

Adjetivo é palavra que qualifica substantivo. Isso só ocorre na opção **e**, em que os adjetivos **rápidas** e **asfixiantes**, qualificam o substantivo **transformações**.

118) Letra C

A palavra **o** não é artigo, pois não está ligada a um substantivo na frase. É pronome demonstrativo porque equivale a **aquele**.

119) Letra C

Tanto não pode ser advérbio uma vez que está acompanhando o substantivo **tempo**; trata-se de um pronome adjetivo indefinido. **Azedume**, que poderia confundir, é substantivo, podendo ser usado normalmente com artigo: o azedume. A expressão **de azedume** é locução adjetiva, formada da preposição **de** e do substantivo **azedume**. O adjetivo seria **azedo**.

AULA 4: FLEXÃO

FLEXÃO NOMINAL

Flexão de número

Os nomes (substantivo, adjetivo etc.), de modo geral, admitem a flexão de número: singular e plural.
Ex.: animal − animais

Palavras simples

1) Na maioria das vezes, acrescenta-se S.
Ex.: ponte − pontes
bonito − bonitos

2) Palavras terminadas em R ou Z: acrescenta-se ES.
Ex.: éter − éteres
avestruz − avestruzes
Obs.: O pronome **qualquer** faz o plural no meio: **quaisquer**.

3) Palavras oxítonas terminadas em S: acrescenta-se ES.
Ex.: ananás − ananases,
Obs.: As paroxítonas e as proparoxítonas são invariáveis.
Ex.: o pires − os pires, o ônibus − os ônibus

4) Palavras terminadas em IL:

a) átono: trocam IL por EIS.
Ex.: fóssil − fósseis

b) tônico: trocam L por S.
Ex.: funil − funis

5) Palavras terminadas em EL:

a) átono: plural em EIS.
Ex.: nível − níveis

b) tônico: plural em ÉIS.
Ex.: carretel − carretéis

6) Palavras terminadas em X são invariáveis.
Ex.: o clímax − os clímax

7) Há palavras cuja sílaba tônica avança.
Ex.: júnior − juniores; caráter − caracteres
Obs.: A palavra **caracteres** é plural tanto de **caractere** quanto de **caráter**.

8) Palavras terminadas em ÃO
Fazem o plural em ÃOS, ÃES e ÕES.
Veja alguns muito importantes.

a) Em ões: balões, corações, grilhões, melões, gaviões.

b) Em ãos: pagãos, cristãos, cidadãos, bênçãos, órgãos.
Obs.: Os paroxítonos, como os dois últimos, sempre fazem o plural em ÃOS.

c) Em ães: escrivães, tabeliães, capelães, capitães, alemães

d) Em ões ou ãos: corrimões/corrimãos, verões/verãos, anões/anãos

e) Em ões ou ães: charlatões/charlatães, guardiões/guardiães, cirugiões/cirurgiães

f) Em ões, ãos ou ães: anciões/anciãos/anciães, ermitões/ermitãos/ermitães

9) Plural dos diminutivos com a letra **z**
Coloca-se a palavra no plural, corta-se o **s** e acrescenta-se **zinhos** (ou zinhas).
Ex.: coraçãozinho
corações → coraçõe → coraçõezinhos
azulzinha
azuis → azui → azuizinhas

10) Plural com metafonia (ô → ó)

Algumas palavras, quando vão ao plural, abrem o timbre da vogal **o**; outras, não. Veja a seguir.

Com metafonia

singular (ô)	plural (ó)
coro	coros
corvo	corvos
destroço	destroços
forno	fornos
fosso	fossos
poço	poços
rogo	rogos
tremoço	tremoços
troco	trocos

Sem metafonia

singular (ô)	plural (ô)
adorno	adornos
bolso	bolsos
endosso	endossos
esgoto	esgotos
estojo	estojos
gosto	gostos
gozo	gozos
toldo	toldos
transtorno	transtornos

11) Casos especiais:

aval − avales e avais
cal − cales e cais
cós − coses e cós
fel − feles e féis
mal e cônsul − males e cônsules

Palavras compostas

1) Os dois elementos variam.

Quando os compostos são formados por substantivo mais palavra variável (adjetivo, substantivo, numeral, pronome).

Ex.: amor-perfeito − amores-perfeitos
couve-flor − couves-flores
segunda-feira − segundas-feiras

2) Só o primeiro elemento varia.

a) Quando há preposição no composto, mesmo que oculta.
Ex.: pé-de-moleque − pés-de-moleque
cavalo-vapor − cavalos-vapor (de ou a vapor)

b) Quando o segundo substantivo determina o primeiro (fim ou semelhança).
Ex.: banana-maçã − bananas-maçã (semelhante a maçã)
navio-escola − navios-escola (a finalidade é a escola)

Observações

a) Alguns autores admitem a flexão dos dois elementos. É uma situação polêmica.
Ex.: mangas-espada (preferível) ou mangas-espadas
-
b) Quando dizemos (e isso vai ocorrer outras vezes) que é uma situação polêmica, discutível, convém ter em mente que a questão do concurso deve ser resolvida por eliminação, ou seja, analisando bem as outras opções.

3) Apenas o último elemento varia.

a) Quando os elementos são adjetivos.
Ex.: hispano-americano − hispano-americanos
Obs.: A exceção é surdo-mudo, em que os dois adjetivos se flexionam: surdos-mudos.

b) Nos compostos em que aparecem os adjetivos GRÃO, GRÃ e BEL.
Ex.: grão-duque − grão-duques
grã-cruz − grã-cruzes
bel-prazer − bel-prazeres

c) Quando o composto é formado por verbo ou qualquer elemento invariável (advérbio, interjeição, prefixo etc.) mais substantivo ou adjetivo.
Ex.: arranha-céu − arranha-céus
sempre-viva − sempre-vivas
super-homem − super-homens

d) Quando os elementos são repetidos ou onomatopaicos (representam sons).
Ex.: reco-reco − reco-recos
pingue-pongue − pingue-pongues
bem-te-vi − bem-te-vis

Observações

a) Como se vê pelo segundo exemplo, pode haver alguma alteração nos elementos, ou seja, não serem iguais.

b) Se forem verbos repetidos, admite-se também pôr os dois no plural.
Ex.: pisca-pisca − pisca-piscas ou piscas-piscas

4) Nenhum elemento varia.

a) Quando há verbo mais palavra invariável.
Ex.: O cola-tudo − os cola-tudo

b) Quando há dois verbos de sentido oposto.
Ex.: o perde-ganha − os perde-ganha

c) Nas frases substantivas (frases que se transformam em substantivos).
Ex.: O maria-vai-com-as-outras − os maria-vai-com-as-outras

Observações

a) São invariáveis arco-íris, louva-a-deus, sem-vergonha, sem-teto e sem-terra.
Ex.: Os sem-terra apreciavam os arco-íris.

b) Admitem mais de um plural:
pai-nosso − pais-nossos ou pai-nossos
padre-nosso − padres-nossos ou padre-nossos
terra-nova − terras-novas ou terra-novas
salvo-conduto − salvos-condutos ou salvo-condutos
xeque-mate − xeques-mates ou xeques-mate

fruta-pão – frutas-pães ou frutas-pão
guarda-marinha – guardas-marinhas ou guardas-marinha

c) Casos especiais: palavras que não se encaixam nas regras.
o bem-me-quer – os bem-me-queres
o joão-ninguém – os joões-ninguém
o lugar-tenente – os lugar-tenentes
o mapa-múndi – os mapas-múndi

Flexão de gênero

Os substantivos e as palavras que o acompanham na frase admitem a flexão de gênero: masculino e feminino.

Ex.: Meu amigo diretor recebeu o primeiro salário.
Minha amiga diretora recebeu a primeira prestação.

A flexão de feminino pode ocorrer de duas maneiras.

1) Com a troca de **o** ou **e** por **a**.

Ex.: lobo – loba
mestre – mestra

2) Por meio de diferentes sufixos nominais de gênero, muitas vezes com alterações do radical.

Veja alguns femininos importantes.

ateu – atéia
bispo – episcopisa
conde – condessa
duque – duquesa
frade – freira
ilhéu – ilhoa
judeu – judia
marajá – marani
monje – monja
pigmeu – pigméia
píton – pitonisa
sandeu – sandia
sultão – sultana

Alguns substantivos são uniformes quanto ao gênero, ou seja, possuem uma única forma para masculino e feminino. Podem ser:

1) Sobrecomuns: admitem apenas um artigo, podendo designar os dois sexos.

Ex.: a pessoa, o cônjuge, a testemunha

2) Comuns de dois gêneros: admitem os dois artigos, podendo então ser masculinos ou femininos.
Ex.: o estudante − a estudante, o cientista − a cientista, o patriota − a patriota

3) Epicenos: admitem apenas um artigo, designando os animais.
Ex.: O jacaré, a cobra, o polvo

Observações

a) O feminino de **elefante** é **elefanta**, e não **elefoa**. **Aliá** é correto, mas designa apenas uma espécie de elefanta.

b) **Mamão**, para alguns gramáticos, deve ser considerado epiceno. É algo discutível.

c) Há substantivos de gênero duvidoso, que as pessoas costumam trocar. Veja alguns que convém gravar.

Masculinos	**Femininos**
champanha	aguardente
dó	alface
eclipse	cal
formicida	cataplasma
grama (peso)	grafite
milhar	libido
plasma	omoplata
soprano	musse
suéter	preá
telefonema	

d) Existem substantivos que admitem os dois gêneros.
Ex.: diabetes (ou diabete), laringe, usucapião etc.

Flexão de grau

Por razões meramente didáticas, incluo, aqui, o grau entre os processos de flexão. Alguns autores também o fazem, talvez pelo mesmo motivo.

Grau do substantivo

1) Normal ou positivo: sem nenhuma alteração.

Ex.: chapéu

2) Aumentativo
   a) sintético: chapelão
   b) analítico: chapéu grande, chapéu enorme etc.

3) Diminutivo
   a) sintético: chapeuzinho
   b) analítico: chapéu pequeno, chapéu reduzido etc.

Obs.: Um grau é sintético quando formado por sufixo; analítico, por meio de outras palavras.

Grau do adjetivo

1) Normal ou positivo: João é **forte**.

2) Comparativo
   a) de superioridade: João é **mais forte que** André. (ou do que)
   b) de inferioridade: João é **menos forte que** André. (ou do que)
   c) de igualdade: João é **tão forte quanto** André. (ou como)

3) Superlativo
   a) absoluto
      ● sintético: João é **fortíssimo**.
      ● analítico: João é **muito forte**. (bastante forte, forte demais etc.)
   b) relativo
      ● de superioridade: João é **o mais forte** da turma.
      ● de inferioridade: João é **o menos forte** da turma.

Observações

a) O grau superlativo absoluto corresponde a um aumento do adjetivo. Pode ser expresso por um sufixo (íssimo, érrimo ou imo) ou uma palavra de apoio, como **muito**, **bastante**, **demasiadamente**, **enorme** etc.

b) As palavras **maior**, **menor**, **melhor** e **pior** constituem sempre graus de superioridade.
Ex.: O carro é **menor** que o ônibus.
menor (mais pequeno): comparativo de superioridade.
Ele é o **pior** do grupo.
pior (mais mau): superlativo relativo de superioridade.

c) Alguns superlativos absolutos sintéticos que podem apresentar dúvidas.

acre	–	acérrimo
amargo	–	amaríssimo
amigo	–	amicíssimo
antigo	–	antiqüíssimo
cruel	–	crudelíssimo
doce	–	dulcíssimo
fácil	–	facílimo
feroz	–	ferocíssimo
fiel	–	fidelíssimo
geral	–	generalíssimo
humilde	–	humílimo
magro	–	macérrimo
negro	–	nigérrimo
pobre	–	paupérrimo
sagrado	–	sacratíssimo
sério	–	seriíssimo
soberbo	–	superbíssimo

EXERCÍCIOS

120) Assinale a alternativa que apresenta erro de plural.
a) o balãozinho – os balõezinhos, o júnior – os juniores
b) o lápis – os lápis, o projetil − os projéteis
c) o arroz – os arrozes, o éter – os éteres
d) o mel – os meles, o gol – os goles

121) Está mal flexionada em número a palavra:
a) o paul − os pauis
b) o látex − os látex
c) a gravidez − as gravidezes
d) o caráter − os caráteres

122) Assinale o item em que todas as palavras são masculinas.
a) dinamite, pijama, eclipse
b) grafite, formicida, omoplata
c) grama (peso), dó, telefonema
d) suéter, faringe, clã

123) Marque a opção em que todas as palavras são femininas.
a) agravante, aguardente, libido
b) milhar, alface, musse
c) cataplasma, lança-perfume, champanha
d) cal, soprano, laringe

124) Assinale a alternativa em que todas as palavras têm seu plural com metafonia (passagem de ô a ó), como em fogo – fogos.
a) caroço, bolo, trocos
b) poço, oco, rosto
c) fogo, porto, bolso
d) coro, corvo, forno

125) Marque o erro na classificação de grau do adjetivo destacado.
a) Maria é a mais **bonita** da sala. (comparativo de superioridade)
b) Carlos é **altíssimo**. (superlativo absoluto sintético)
c) Meu colega é muito **esforçado**. (superlativo absoluto analítico)
d) Olga é tão **estudiosa** quanto Julieta. (comparativo de igualdade)

126) Marque a opção em que aparece uma forma errada de superlativo absoluto sintético.
a) humilde − humílimo, voraz – voracíssimo, frio – frigidíssimo
b) sagrado – sacratíssimo, sério – seriíssimo, doce – dulcíssimo
c) geral − generalíssimo, antigo – antiqüíssimo, soberbo – superbíssimo
d) magro − magérrimo, negro – nigérrimo, pobre – paupérrimo

127) Assinale o item que apresenta os plurais corretos das expressões **cidadão luso-brasileiro**, **capelão surdo-mudo** e **cirurgião sem-vergonha**.
a) cidadãos luso-brasileiros, capelães surdos-mudos , cirurgiões sem-vergonha
b) cidadãos lusos-brasileiros, capelães surdos-mudo, cirurgiões sem-vergonhas.
c) cidadões luso-brasileiros, capelões surdo-mudos, cirurgiães sem-vergonha
d) cidadãos luso-brasileiros, capelãos surdo-mudos, cirurgiãos sem-vergonha

128) Há erro no plural dos compostos em:
a) as sempre-vivas, os grãos-de-bico
b) os cola-tudo, os teco-tecos
c) as quinta-feiras, os quebra-molas
d) as mangas-espada, os beija-flores

129) Marque a alternativa com erro de plural.
a) os guardas-florestais, os guarda-roupas
b) os joões-ninguém, os disse-me-disse
c) as obras-primas, os pronto-socorros
d) os meio-fios, os ares-condicionados

130) A formação do feminino só está errada em:
a) monje − monja
b) bispo − bispa
c) ateu − atéia
d) elefante − elefanta

131) A formação do feminino só está correta na opção:
a) frei − freira
b) judeu − judéia
c) sultão − sultã
d) hebreu − hebréia

132) Assinale a alternativa em que todas as palavras são comuns de dois gêneros.
a) criança, colega, gerente
b) artista, selvagem, mártir
c) patriota, testemunha, cônjuge
d) onça, jacaré, polvo

133) (O.RAIO X-RJ) A alternativa em que a palavra forma o plural como **ilusão** é:
a) cirurgião
b) capitão
c) bênção
d) alemão
e) irmão

134) (BB) Flexão indevida:
a) açúcares
b) tóraxes
c) ananases
d) cartazes
e) álcoois

135) (TRE-RJ) O substantivo “negociante” pode ser masculino ou feminino: o negociante / a negociante. Dos nomes de ofícios abaixo aquele que se classifica igualmente como comum de dois gêneros é:

a) intérprete
b) agricultor
c) agrônomo
d) monge
e) juiz

136) (BB) flexão correta:

a) anciões
b) pagões
c) cidadões
d) capitões
e) alemãos

137) (CORREGEDORIA) "...para o jardim de sua casa na capital."

A palavra sublinhada no trecho acima foi devidamente empregada no feminino, pois, no masculino, teria outro sentido. Das frases abaixo, aquela em que a palavra sublinhada foi empregada com gênero errado é:

a) Oscar foi o cabeça do movimento de greve.
b) A rádio transmite seus programas com exclusividade.
c) A grama do ouro foi cotada a um preço muito elevado.
d) Durante o passeio, algumas pessoas perderam-se do guia.
e) Depois da derrota, as tropas ficaram com o moral abatido.

138) (AUX.JUD.-TALCRIM) A palavra **votante**, presente no texto, tem seu gênero indicado em função do artigo que a acompanha. A palavra que não está nesse mesmo caso é:

a) agente
b) artista
c) gerente
d) cônjuge
e) selvagem

GABARITO

120 B	127 A	134 B
121 D	128 C	135 A
122 C	129 D	136 A
123 A	130 B	137 C
124 D	131 D	138 D
125 A	132 B	
126 D	133 A	

FLEXÃO VERBAL

1) Número: singular ou plural
Ex.: ando, andas, anda → singular
andamos, andais, andam → plural

2) Pessoas: são três.

a) A primeira é aquela que fala; corresponde aos pronomes **eu** (singular) e **nós** (plural).
Ex.: escreverei, escreveremos

b) A segunda é aquela com quem se fala; corresponde aos pronomes **tu** (singular) e **vós** (plural).
Ex.: escreverás, escrevereis

c) A terceira é aquela acerca de quem se fala; corresponde aos pronomes **ele** ou **ela** (singular) e **eles** ou **elas** (plural).
Ex.: escreverá, escreverão

3) Modos: são três.

a) Indicativo: apresenta o fato verbal de maneira positiva, indubitável.
Ex.: vendo

b) Subjuntivo: apresenta o fato verbal de maneira duvidosa, hipotética.
Ex.: que eu venda

c) Imperativo: apresenta o fato verbal como objeto de uma ordem.

Ex.: venda!

4) Tempos: são três.

a) Presente: falo

b) Pretérito
- perfeito: falei
- imperfeito: falava
- mais-que-perfeito: falara

Obs.: O pretérito perfeito indica uma ação extinta; o imperfeito, uma ação que se prolongava num determinado ponto do passado; o mais-que-perfeito, uma ação passada em relação a outra ação, também passada.
Ex.: Eu cantei aquela música. (perfeito)
Eu cantava aquela música. (imperfeito)
Quando ele chegou, eu já cantara. (mais-que-perfeito)

c) Futuro
- do presente: estudaremos
- do pretérito: estudaríamos

Obs.: No modo subjuntivo, com relação aos tempos simples, temos apenas o presente, o pretérito imperfeito e o futuro (sem divisão). Os tempos compostos serão estudados mais adiante.

5) Vozes: são três

a) Ativa: o sujeito pratica a ação verbal.
Ex.: O carro derrubou o poste.

b) Passiva: o sujeito sofre a ação verbal.
- analítica ou verbal: com o particípio e um verbo auxiliar.

Ex.: O poste foi derrubado pelo carro.
- sintética ou pronominal: com o pronome apassivador **se**.

Ex.: Derrubou-se o poste.
Obs.: Estudaremos bem o pronome apassivador (ou partícula apassivadora) na sétima lição: concordância verbal.

c) Reflexiva: o sujeito pratica e sofre a ação verbal; aparece um pronome reflexivo.
Ex.: O garoto se machucou.

Formação do imperativo

1) Afirmativo: **tu** e **vós** saem do presente do indicativo menos a letra **s**; **você**, **nós** e **vocês**, do presente do subjuntivo.
Ex.: Imperativo afirmativo do verbo beber

bebo	beba
bebes → bebe (tu)	bebas
bebe	beba → beba (você)
bebemos	bebamos → bebamos (nós)
bebeis → bebei (vós)	bebais
bebem	bebam → bebam (vocês)

Reunindo, temos: bebe, beba, bebamos, bebei, bebam.

2) Negativo: sai do presente do subjuntivo mais a palavra **não**.
Ex.: beba
bebas → não bebas (tu)
beba → não beba (você)
bebamos → não bebamos (nós)
bebais → não bebais (vós)
bebam → não bebam (vocês)
Assim, temos: não bebas, não beba, não bebamos, não bebais, não bebam.

Observações

a) No imperativo não existe a primeira pessoa do singular, **eu**; a terceira pessoa é **você**.

b) O verbo **ser** não segue a regra nas pessoas que saem do presente do indicativo. Eis o seu imperativo:
afirmativo: sê, seja, sejamos, sede, sejam
negativo: não sejas, não seja, não sejamos, não sejais, não sejam

c) O tratamento dispensado a alguém numa frase não pode mudar. Se começamos a tratar a pessoa por **você**, não podemos passar para **tu**, e vice-versa.
Ex.: Pede agora a tua comida. (tratamento: tu)
Peça agora a sua comida. (tratamento: você)

d) Os verbos que têm **z** no radical podem, no imperativo afirmativo, perder também a letra **e** que aparece antes da desinência **s**.
Ex.: faze (tu) ou faz (tu)
dize (tu) ou diz (tu)

e) Procure ter "na ponta da língua" a formação e o emprego do imperativo. É assunto muito cobrado em concursos públicos.

Tempos primitivos e tempos derivados

1) O presente do indicativo é tempo primitivo. Da primeira pessoa do singular sai todo o presente do subjuntivo.
Ex.: digo → que eu diga, que tu digas, que ele diga etc.
dizes
diz
Obs.: Isso não ocorre apenas com os poucos verbos que não apresentam a desinência **o** na primeira pessoa do singular.
Ex.: eu sou → que eu seja
eu sei → que eu saiba

2) O pretérito perfeito é tempo primitivo. Da segunda pessoa do singular saem:

a) o mais-que-perfeito.
Ex.: coubeste → coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam

b) o imperfeito do subjuntivo.
Ex.: coubeste → coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem

c) o futuro do subjuntivo.
Ex.: coubeste → couber, couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem

3) Do infinitivo impessoal derivam:

a) o imperfeito do indicativo.
Ex.: caber → cabia, cabias, cabia, cabíamos, cabíeis, cabiam

b) o futuro do presente.
Ex.: caber → caberei, caberás, caberá, caberemos, cabereis, caberão

c) o futuro do pretérito.
Ex.: caber → caberia, caberias, caberia, caberíamos, caberíeis, caberiam

d) o infinitivo pessoal.
Ex.: caber → caber, caberes, caber, cabermos, caberdes, caberem

e) o gerúndio.
Ex.: caber → cabendo

f) o particípio.
Ex.: caber → cabido

Tempos compostos

Formam-se os tempos compostos com o verbo auxiliar (ter ou haver) mais o particípio do verbo que se quer conjugar.

1) Perfeito composto: presente do verbo auxiliar mais particípio do verbo principal.
Ex.: tenho falado ou hei falado → perfeito composto do indicativo
tenha falado ou haja falado → perfeito composto do subjuntivo

2) Mais-que-perfeito composto: imperfeito do auxiliar mais particípio do principal.
Ex.: tinha falado → mais-que-perfeito composto do indicativo
tivesse falado → mais-que-perfeito composto do subjuntivo

3) Demais tempos: basta classificar o verbo auxiliar.
Ex.: terei falado → futuro do presente composto (terei é futuro do presente)

Verbos irregulares comuns em concursos

É importante saber a conjugação dos verbos que seguem. Eles estão conjugados apenas nas pessoas, tempos e modos mais problemáticos.

1) Compor, repor, impor, expor, depor etc.: seguem integralmente o verbo **pôr**.
Ex.: ponho → componho, imponho, deponho etc.
pus → compus, repus, expus etc.

2) Deter, conter, reter, manter etc.: seguem integralmente o verbo **ter**.
Ex.: tivermos → contivermos, mantivermos etc.
tiveste → retiveste, mantiveste etc.

3) Intervir, advir, provir, convir etc.: seguem integralmente o verbo **vir**.
Ex.: vierem → intervierem, provierem etc.
vim → intervim, convim etc

4) Rever, prever, antever etc.: seguem integralmente o verbo **ver**.
Ex.: vi → revi, previ etc.
víssemos → prevíssemos, antevíssemos etc.

Observações

a) Como se vê nesses quatro itens iniciais, o verbo derivado segue a conjugação do seu primitivo. Basta conjugar o verbo primitivo e recolocar o prefixo. Há outros verbos que dão origem a verbos derivados. Por exemplo, **dizer**, **haver** e **fazer**. Para eles, vale a mesma regra explicada acima.
Ex.: eu houve → eu reouve (e não reavi, como normalmente se fala por aí)

b) **Requerer** e **prover** não seguem integralmente os verbos **querer** e **ver**. Eles serão mostrados mais adiante.

5) Crer, no pretérito perfeito do indicativo: cri, creste, creu, cremos, crestes, creram.

6) Estourar, roubar, aleijar, inteirar etc.: mantém o ditongo fechado em todos os tempos, inclusive o presente do indicativo.
Ex.: A bomba estoura. (e não estóra, como normalmente se diz)
Eu inteiro (e não intéro)

7) Aderir, competir, preterir, discernir, concernir, impelir, expelir, repelir:
a) presente do indicativo: adiro, aderes, adere, aderimos, aderimos, aderem.
b) presente do subjuntivo: adira, adiras, adira, adiramos, adirais, adiram.
Obs.: Esses verbos mudam o **e** do infinitivo para **i** na primeira pessoa do singular do presente do indicativo e em todas do presente do subjuntivo.

8) Aguar, desaguar, enxaguar, minguar:
a) presente do indicativo: águo, águas, água; enxáguo, enxáguas, enxágua
b) presente do subjuntivo: ágüe, ágües, ágüe; enxágüe, enxágües, enxágüe

9) Argüir, no presente do indicativo: arguo, argúis, argúi, argüimos, argüis, argúem

10) Apaziguar, averiguar, obliquar, no presente do subjuntivo: apazigúe, apazigúes, apazigúe, apazigüemos, apazigüeis, apazigúem

11) Mobiliar:
a) presente do indicativo: mobílio, mobílias, mobília, mobiliamos, mobiliais, mobíliam
b) presente do subjuntivo: mobílie, mobílies, mobílie, mobiliemos, mobilieis, mobíliem

12) Polir, no presente do indicativo: pulo, pules, pule, polimos, polis, pulem

13) Passear, recear, pentear, ladear (e todos os outros terminados em ear)
a) presente do indicativo: passeio, passeias, passeia, passeamos, passeais, passeiam
b) presente do subjuntivo: passeie, passeies, passeie, passeemos, passeeis, passeiem

Observações

a) Os verbos desse grupo (importantíssimo) apresentam o ditongo **ei** nas formas risotônicas, mas apenas nos dois presentes.

b) Os verbos estrear e idear apresentam ditongo aberto.
Ex.: estréio, estréias, estréia; idéio, idéias, idéia

14) Confiar, renunciar, afiar, arriar etc.: verbos regulares.
Ex.: confio, confias, confia, confiamos, confiais, confiam

Observações

a) Esses verbos não têm o ditongo **ei** nas formas risotônicas.

b) Mediar, ansiar, remediar, incendiar, odiar e intermediar, apesar de terminarem em **iar**, apresentam o ditongo ei.
Ex.: medeio, medeias, medeia, mediamos, mediais, medeiam
medeie, medeies, medeie, mediemos, medieis, medeiem

15) Requerer: só é irregular na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e, conseqüentemente, em todo o presente do subjuntivo.
Ex.: requeiro, requeres, requer
requeira, requeiras, requeira
requeri, requereste, requereu

16) Prover: conjuga-se como verbo regular no pretérito perfeito, no mais-que-perfeito, no imperfeito do subjuntivo, no futuro do subjuntivo e no particípio; nos demais tempos, acompanha o verbo **ver**.
Ex.: Provi, proveste, proveu; provera, proveras, provera; provesse, provesses, provesse etc.
provejo, provês, provê; provia, provias, provia; proverei, proverás, proverá etc.

17) Reaver, precaver-se, falir, adequar, remir, abolir, colorir, ressarcir, demolir, acontecer, doer são verbos defectivos. Estude o que falamos sobre eles na lição anterior, no item sobre a classificação dos verbos.
Ex.: Reaver, no presente do indicativo: reavemos, reaveis

EXERCÍCIOS

139) Marque o erro de flexão verbal.
a) Teus amigos só vêem problemas na empresa.
b) Eles vêm cedo para o trabalho.
c) Se nós virmos a solução, a brincadeira perderá a graça.
d) Viemos agora tentar um acordo.

140) Assinale a única forma verbal correta.
a) Tudo que ele **contradizer** deve ser analisado.
b) Se o guarda **retesse** o trânsito, haveria enorme engarrafamento.
c) Carlos **preveu** uma desgraça.
d) Eu não **intervinha** no seu trabalho.

141) Aponte a frase sem erro no que toca à flexão verbal.
a) Os funcionários reporam a mercadoria.
b) Se ele manter a calma, poderá ser aprovado.
c) Quando eu revesse o processo, acharia o erro.
d) Àquela altura, já tínhamos intervindo na conversa.

142) Assinale a frase com erro de flexão verbal.
a) Eu já reouve meu relógio.
b) Isso não condizeria com meus ideais.
c) Enquanto depúnhamos, ele procurava novas provas.
d) Quando contiverdes as emoções, sereis felizes.

143) Assinale a opção que apresenta um verbo que não é defectivo.
a) polir, abolir
b) adequar, falir
c) acontecer, doer
d) precaver, reaver

144) Aponte a frase com erro de flexão verbal.
a) Se detiverdes os avanços da incredulidade, tereis sucesso em vossa escalada.
b) Assim que ele intervir na empresa, os problemas serão resolvidos.
c) Apresenta o relatório até as quatro horas e não te preocupes com o resultado, pois já fizeste a tua parte.
d) Refarei o trabalho de noite, embora isso não condiga com meus ideais.

145) Assinale a forma verbal errada.
a) Se você **vier** logo, assistirá ao jogo.
b**) Requeiro** neste momento a minha licença.
c) Quando você **ver** o resultado, ficará admirado.
d) Eu não **cri** no que ele falou.

146) Assinale a única forma verbal correta.
a) Quando você **repor** a mercadoria, muitos comprarão.
b) Todos **quereriam** uma solução rápida.
c) Ele se **proviu** do necessário.
d) Se **advir** uma desgraça, permaneça calmo.

147) Indique a única forma verbal correta.
a) Ela tinha **freiado** o carro.
b) Só **semeiamos** a paz.
c) Não quero que **falseeis** a verdade.
d) Ele sempre **remedia** as dificuldades.

148) Assinale a única forma verbal correta.
a) Assim você **aleja** o colega.
b) Ele não **creu** no que falei.
c**) Abulo** todos os riscos.
d) Ele não se **adequa** à realidade da firma.

149) Assinale a única forma verbal correta.
a) Sou gordo, não **cabo** naquele carro.
b) Ela **mobilia** o apartamento todo ano.
c) Tu **poles** a lataria do carro?
d) **Requeri** ontem a minha aposentadoria.

150) Sei que você trouxe o material. Portanto,.....-me lá fora e não.....mais.
a) aguarda, chores
b) aguarde, chores
c) aguarde, chore
d) aguarda, chore

151) .....apenas um momento, que eu te entregarei o relatório, mas não.....nervoso e não.....com ninguém.
a) Espera, fiques, converses
b) Espere, fique, converse
c) Espere, fiques, converse
d) Espera, fique, converses

152) Aponte a frase com erro na mudança da voz verbal.
a) Que você compre o jornal. (Que o jornal seja comprado por você.)
b) És amado por ela. (Ela te ama.)
c) Rasgaram a revista. (A revista foi rasgada por eles.)
d) O operário tinha derrubado a casa. (A casa tinha sido derrubada pelo operário.)

153) Assinale o erro na mudança da voz verbal.
a) Procurarei sempre essas pessoas.
Essas pessoas serão sempre procuradas por mim.
b) Escrevemo-la.
Ela foi escrita por nós.
c) Não te pedi tal coisa.
Tal coisa não foi pedida a mim por ti.
d) Se tudo fosse feito por ti...
Se tu fizesses tudo.

154) (A.CONT.-MT) "creio que a federação perecerá, se continuar a não saber acatar e elevar a justiça"

Das alterações feitas na parte final da passagem acima, a que apresenta **erro** de flexão verbal é:
a) se não **se abstiver** dos radicalismos
b) se não **revir** as decisões que tem tomado
c) se não se **contrapor** às injustiças sociais
d) se não **intervier** com a lei nas desordens sociais

155) (TRE-SP) Não se.....e.....bem cada palavra que.....
a) precipite - pesa - pronunciares
b) precipite - pese - pronunciar
c) precipita - pesa - pronunciar
d) precipita - peses - pronunciares
e) precipite - pesas – pronunciar

156) (BB) Flexão verbal incorreta:
a) Se vir o tal colega, falar-lhe-ei.
b) Se eu pôr o verbo no plural, erro de novo.
c) Se eu vier cedo, aguardo-o.
d) Se a duplicata estiver certa, paguem-na.
e) Se eu for tarde, esperem-me.

157) (CESGRANRIO) Assinale a opção que contém erro na conjugação verbal.
a) De onde adveio o seu caráter hermético.
b) De onde advenha o seu caráter hermético.
c) De onde advisse o seu caráter hermético.
d) De onde advinha o seu caráter hermético.
e) De onde adviria o seu caráter hermético.

158) (INSP. POL.) "...nesse sentido, não refreia,..."; o verbo *refrear* mostra como forma incorreta:
a) refreemos
b) refreada
c) refreies
d) refreamos
e) refrea

159) (TJ-RJ) "...**aquela que vem dos poderosos**..."
Qual, respectivamente, a forma do verbo da frase acima na primeira e terceira pessoa do plural do presente do indicativo e na primeira pessoa do singular do futuro do subjuntivo?
a) viemos – vêem – vir
b) vimos – vêm – vier
c) vemos – vem – vir
d) viemos − vêm − virá
e) vimos − vêem − vier

160) (TRF) Transpondo para a voz passiva a frase "Estavam encaminhando os processos para a sua jurisdição", obtém-se a forma verbal:

a) encaminhavam-se
b) iam encaminhando-se
c) estavam sendo encaminhados
d) foram sendo encaminhados
e) encaminharam-se

161) (OF. CART. POL.) A frase abaixo que apresenta o verbo *intervir* com forma errada é:

a) O juiz intervém sempre que é possível.
b) Os advogados interviram na questão.
c) Eu intervenho sempre que posso.
d) Há algum tempo atrás ele interviera na discussão.
e) Eles intervêm em todos os processos.

GABARITO

139 D	147 C	155 B
140 D	148 B	156 B
141 D	149 D	157 C
142 B	150 C	158 E
143 A	151 A	159 B
144 B	152 C	160 C
145 C	153 C	161 B
146 B	154 C	

COMENTÁRIOS

120) Letra B

Questão difícil de flexão nominal. O gabarito é a letra **b** porque a palavra **projetil** (sem acento) só pode ter como plural **projetis**. O candidato costuma ler **projétil**, associando então com **projéteis**.

121) Letra D

A palavra **paul** é oxítona terminada em **u**. Seu plural se faz trocando o **l** por **is**: **pauis** (leia: pa-úis). **Caráter** é uma das palavras cuja sílaba tônica avança no plural: carac**te**res.

122) Letra C

Não há o que comentar. É necessário conhecer o gênero das palavras. Decore.

123) Letra A

Idem ao anterior.

124) Letra D

Questão de pronúncia. Algumas soam de maneira diferente. É necessário decorá-las.

125) Letra A

Maria, na opção **a**, não está sendo comparada com ninguém. Ela está colocada em destaque em relação ao grupo. Observe que é **a mais bonita**, e não **mais bonita que**, quando então teríamos o grau comparativo.

126) Letra D

A palavra **magérrimo** não existe na língua culta. O correto é **macérrimo**.

127) Letra A

O plural de **cidadão** é apenas **cidadãos**. **Luso-brasileiro** é palavra formada por dois adjetivos, devendo o segundo ser flexionado: **luso-brasileiros**. **Capelão** tem apenas um plural: **capelães**. **Surdo-mudo** é a exceção da regra comentada para **luso-brasileiro**. O correto é **surdos-mudos**. **Cirurgião** admite dois plurais: **cirurgiões** e **cirurgiães**. **Sem-vergonha** é invariável.

128) Letra C

A palavra **quinta-feira** é formada de um numeral e um substantivo. Nesse caso, os dois elementos variam: **quintas-feiras**.

129) Letra D

Quando a palavra **guarda** é seguida de adjetivo, é substantivo, e os dois elementos vão ao plural: **guardas-florestais**. A palavra **meio-fio** é constituída de um numeral e um substantivo. Nesse caso, os dois elementos vão ao plural: **meios-fios**.

130) Letra B

O feminino de **bispo** é **episcopisa**. Cuidado com o feminino de **elefante**. **Elefoa** é errado. Diga sempre **elefanta**.

131) Letra D

Freira é feminino de **frade**. **Sóror** é que é o feminino de **frei**. Temos ainda como formas correras: **judia** e **sultana.**

132) Letra B

São comuns de dois gêneros (aceitam os dois artigos): colega, gerente, artista, selvagem, mártir e patriota. São sobrecomuns (só aceitam um artigo): criança, testemunha e cônjuge. São epicenos (um só artigo, para animais): onça, jacaré e polvo.

133) Letra A

Ilusão faz **ilusões**. **Cirurgião** também, embora admita, como já vimos na questão **127**, dois plurais.

134) Letra B

As palavras terminadas em **x** são invariáveis em número: **o tórax → os tórax**.

135) Letra A

Diz-se **o intérprete**, **a intérprete**. As outras palavras são biformes, ou seja, têm uma forma para o masculino e outra para o feminino.

136) Letra A

A palavra **ancião** admite as três formas de plural. Corrigindo as outras, temos: **pagãos**, **cidadãos**, **capitães** e **alemães**.

137) Letra C

A palavra **grama** é feminina quando designa o vegetal; é masculina com o sentido de peso, massa. Diga, pois, **duzentos gramas**, e não **duzentas gramas**.

138) Letra D

A palavra **cônjuge** é sobrecomum: só aceita um artigo. O cônjuge é tanto o marido quanto a mulher.

139) Letra D

A palavra **viemos** é forma do passado. Já que foi usada a palavra **agora**, o lógico seria dizer **vimos**, presente do indicativo. Na realidade, o erro é a presença das duas palavras conflitantes. Como as outras estão perfeitas, só podemos assinalar a letra **d**.

140) Letra D

Corrigindo as outras, temos: **contradisser**, **retivesse** e **previu**. Note que são verbos derivados, que devem seguir os verbos primitivos.

141) Letra D

Corrigindo as outras, temos: **repuseram**, **mantiver**, **revisse**. **Intervindo**, nessa frase, é o particípio de **intervir**, derivado de **vir**. O verbo **vir** tem uma forma única para gerúndio e particípio: **vindo**. Da mesma forma, os seus derivados.

142) Letra B

O futuro do pretérito de **dizer** é diria, dirias, diria etc. **Condizer** tem de acompanhar: condiria, condirias, condiria etc. Cuidado! Diga: **eu já reouve**, e não **eu já reav**i, porque **reaver** se conjuga pelo verbo **haver**.

143) Letra A

Polir tem conjugação completa: pulo, pules, pule; pula, pulas, pula etc.

144) Letra B

O certo é **intervier** (vier → intervier). Na letra **c**, os verbos estão na 2ª pessoa do singular: **apresenta** (tu), não te **preocupes** (tu) e **fizeste**; da mesma forma, os pronomes: **te** e **tua**.

145) Letra C

Futuro do subjuntivo de **ver**: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.

146) Letra B

Corrigindo as outras, temos: **repuser**, **proveu** (é o verbo prover, e não provir) e **advier**. **Quereriam** é futuro do pretérito de **querer**.

147) Letra C

Corrigindo as outras, temos: **freado**, **semeamos**, **remedeia**.

148) Letra B

As formas **abulo** e **adequa** não existem na modalidade culta da língua. Se necessário, usa-se um sinônimo. **Aleja** está errado porque o ditongo do infinitivo (aleijar) não pode ser eliminado; o certo é **aleija**.

149) Letra D

Corrigindo: **caibo**, **mobília** e **pules**. Pretérito perfeito de **requerer**: requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram.

150) Letra C

O tratamento dispensado é o de terceira pessoa, pois a palavra **você** está presente. Assim: aguarde-me (você) e não chore mais (você).

151) Letra A

Questão semelhante à anterior. O tratamento dispensado é o de segunda pessoa, porque está presente o pronome **te**. Assim, não podendo haver mudança de tratamento, todos os verbos deverão estar nessa pessoa: **espera** (tu), **não fiques** (tu) e **não converses** (tu).

152) Letra C

A frase da alternativa **c** está correta, mas não corresponde à da voz ativa. **Rasgaram**, na terceira pessoa do plural, sem o sujeito escrito no texto, é um caso de sujeito indeterminado: alguém rasgou, e não se sabe quem é. Então, não é possível usar o agente da passiva (por eles), pois isso equivale a um acréscimo de informação. Diga-se, para manter o sentido: a revista foi rasgada.

153) Letra C

Na letra **c**, houve uma inversão de sentido. Tenha atenção com o significado das frases, nas questões de voz verbal. O correto é **tal coisa não foi pedida a ti por mim**, pois quem pediu fui eu.

154) Letra C

Contrapor é derivado de **pôr**: tem de seguir a conjugação deste.. Corrija-se para **contrapuser**.

155) Letra B

A palavra **se** me diz que o tratamento é de terceira pessoa (você). Portanto, temos: não se **precipite** (você), **pese** (você) e **pronunciar** (você pronunciar).

156) Letra B

O verbo **pôr** é irregular. Seu futuro do subjuntivo é: puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem.

157) Letra C

O verbo **advir** é derivado de **vir**, devendo seguir a conjugação deste. Na opção **c**, o verbo **vir** daria **viesse**. Dessa forma, seus derivados o acompanham: adviesse, conviesse proviesse, interviesse etc.

158) Letra E

Os verbos terminados em **ear** apresentam o ditongo **ei** nas formas risotônicas. Corrigindo, temos, na opção **e**, **refreia**.

159) Letra B

A primeira pessoa do plural é **nós**; a terceira, **eles**. Assim, inicialmente, a questão pede o verbo **vir** nessas pessoas do presente do indicativo. Vamos conjugá-lo: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm. Já temos, então, as palavras **vimos** e **vêm**. A seguir, pede-se a primeira pessoa do singular (eu) do futuro do subjuntivo do mesmo verbo. Vamos conjugá-lo: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem. Já temos a última palavra solicitada: **vier**. Pela ordem: **vimos**, **vêm** e **vier**.

160) Letra C

Estavam encaminhando tem dois verbos: **estavam** e **caminhando**. Ao passar para a passiva, aparece o verbo **ser**, criando-se a voz passiva composta: **estavam sendo encaminhados**.

161) Letra B

O verbo **intervir** é excessivamente cobrado em provas. Conjuga-se como **vir**. Por isso, na opção **b**, deve-se dizer **intervieram** (vieram → intervieram).

AULA 5: ANÁLISE SINTÁTICA I

TERMOS DA ORAÇÃO

Frase, oração, período

1) Chama-se frase todo enunciado, com ou sem verbo, que tenha sentido completo.
Ex.: Fogo! (Sem verbo: frase nominal)
Estou em casa. (Com verbo: frase verbal)

2) Chama-se oração todo enunciado, de sentido completo ou não, que possua verbo.
Ex.: Maurício chamou o amigo. (Um verbo: uma oração)
Ele pediu que colaborássemos. (Dois verbos: duas orações)

3) Chama-se período o conjunto de orações.
Ex.: Fizemos o serviço. (Uma oração: período simples)
Estudei e fui para a escola. (Duas orações: período composto)

Cada oração se divide em duas partes básicas: sujeito e predicado. São os chamados termos essenciais. Mas existem também os integrantes e os acessórios, que ficam contidos ou no sujeito ou no predicado.

Predicação verbal

Este assunto é a base da análise sintática e da regência. Estude e aprenda o máximo que puder, que lhe será de extrema valia mais adiante.

1) Verbo transitivo direto: exige um complemento sem preposição obrigatória, chamado objeto direto.
Ex.: Recebi o dinheiro.
verbo transitivo direto: recebi
objeto direto: o dinheiro
Obs.: Não se pode dizer apenas "recebi", pois quem recebe recebe alguma coisa. Qual a coisa recebida? **O dinheiro**, que é o objeto direto.

2) Verbo transitivo indireto: exige um complemento com preposição obrigatória, chamado objeto indireto.
Ex.: Gosto de você.
verbo transitivo indireto: gosto
objeto indireto: de você

Obs.: Também não se pode dizer somente "Gosto", porque quem gosta gosta de alguma coisa ou de alguém. Qual a pessoa de quem se gosta? **Você**, que é o objeto indireto.

3) Transitivo direto e indireto: exige dois complementos, um sem preposição (objeto direto) e um com (objeto indireto).
Ex.: Dei o lápis ao colega.
Verbo transitivo direto e indireto: dei
objeto direto (a coisa dada): o lápis
objeto indireto (a pessoa a quem se deu): ao colega

4) Intransitivo: o que não exige complemento; pode pedir adjunto adverbial.
Ex.: As mulheres gritaram.
Verbo intransitivo: gritaram.
Ele foi à praia.
verbo intransitivo: foi
adjunto adverbial de lugar: à praia.
Obs.: O verbo, aqui, não parece intransitivo. Acontece que **à praia** não é objeto indireto, pois indica o lugar, função que compete ao adjunto adverbial. Assim, se o verbo não tem objeto (nem direto nem indireto), só pode ser classificado como intransitivo.(ou de ligação)

5) De ligação: o que indica estado ou mudança de estado e possui um predicativo; os principais são: ser, estar, parecer, ficar, continuar, permanecer, andar, tornar-se e virar.
Ex.: Ela está feliz.
Verbo de ligação: está
predicativo do sujeito: feliz
Obs.: Cuidado com a "decoreba" indiscriminada, que já derrubou muita gente. Se não houver predicativo, o verbo NÃO será de ligação.
Ex.: Ela está em casa.
Verbo intransitivo: está
adjunto adverbial de lugar (e não predicativo): em casa

Observações

a) Todo verbo que só tenha adjunto adverbial com ele no predicado é intransitivo.
Ex.: Cheguei cedo.
Estamos no quintal.
O garoto sonha muito.

b) Os pronome pessoais oblíquos me, te, se, o, a lhe, nos e vos são, normalmente, complementos. Desses, **o** é sempre objeto direto; **lhe**, sempre indireto.
Ex.: Esperei-o de manhã

o: objeto direto
Obedeço-lhe sempre.
lhe: objeto indireto.

c) Com base no que se afirmou acima, deve-se notar que é impossível usar um pelo outro.
Ex.: Eu lhe vi no aeroporto.
Frase errada, pois o verbo **ver** pede objeto direto. Corrija-se para "Eu o vi no aeroporto".

Termos essenciais

I) Sujeito: é o termo a respeito do qual se declara alguma coisa.
Ex.: Teu irmão está lá fora.
Sujeito: teu irmão. (Declara-se algo sobre ele: está lá fora)
Normalmente, acha-se o sujeito perguntando ao verbo: quem? No caso do exemplo dado, teríamos: quem está? Teu irmão, que é o sujeito.

Classificação

1) Simples: constituído de apenas um núcleo (geralmente um substantivo ou pronome substantivo, palavra mais importante do grupo). Há inúmeras situações de sujeito simples.

a) Com substantivos
Ex.: O carro entrou à esquerda.

b) Com pronomes de um modo geral, inclusive os indefinidos.
Ex.: Ela reclamou bastante.
Alguém vai explicar o problema. (Não é sujeito indeterminado)
Não se trata de sujeito indeterminado, já que a palavra está presente no texto; diga, então: sujeito simples: alguém.

c) Com frases na voz passiva pronominal.
Ex.: Recuperou-se o material.
Quando o verbo é transitivo direto e é usado com a palavra **se** (significando alguém), o que parece objeto direto é, na realidade, o sujeito da oração. Quando isso ocorre, é possível fazer uma troca, usando-se a outra voz passiva (com o verbo **ser** e o **particípio**: o material foi recuperado.

d) Com sujeito subentendido.
Ex.: Estou muito feliz.
O sujeito, como se vê pela desinência verbal, é **eu**. Não diga sujeito oculto, que é uma classificação indevida; é sujeito simples, mesmo.

Observações

a) Às vezes, o sujeito é representado por um pronome relativo: que, o qual, quem. Nem sempre é fácil perceber. Há, no entanto, uma maneira prática de descobrir isso.
Ex.: O rapaz que telefonou estava preocupado.
Divida as orações. Primeira: "O rapaz estava preocupado"; segunda: "que telefonou". Coloque no lugar do pronome relativo **que** o seu antecedente, que é **rapaz**. Teremos: "o rapaz telefonou", onde **o rapaz** é, nitidamente, o sujeito. Assim, o pronome **que**, seu substituto, é o sujeito da oração. O mesmo vale para outros termos da oração, como objeto direto, objeto indireto etc., que podem igualmente ser representados por um pronome relativo.

b) Cada termo só pode desempenhar função sintática na sua oração. Pode parecer, no exemplo da primeira observação, que **o rapaz** é o sujeito de **telefonou**. Acontece que ele é o sujeito de **estava**, que se encontra na sua oração.

2) Composto: formado por mais de um núcleo.
Ex.: Manuel e Cristina pretendem casar-se.
Eu e ela estávamos na praia.

3) Indeterminado: quando existe, mas não se sabe qual é. Há dois casos:

a) Com o símbolo (ou índice) de indeterminação do sujeito **se**.
Ex.: Precisa-se de ajudantes.
Cuidado para não confundir com a partícula apassivadora **se**. Aqui, a palavra **se** também significa **alguém**, mas o verbo não é transitivo direto. Veja que não é possível a troca por "ajudantes são precisados".

b) Com o verbo na terceira pessoa do plural sem o sujeito escrito no texto.
Ex.: Falaram bem de você.
Colocaram o anúncio.
Alugaram o apartamento.

4) Oração sem sujeito: quando a oração tem apenas o predicado; alguns falam em sujeito inexistente, que não é um termo preciso, mas se encontra por aí. Há vários casos.

a) Com o verbo **haver** significando **existir** ou indicando tempo decorrido.
Ex.: Havia muitas pessoas na sala.
Há dias que não o encontro. (A primeira oração é que não tem sujeito)

b) Com o verbo **fazer** indicando tempo decorrido.
Ex.: Já faz meses que não viajo com ele. (A primeira oração é que não tem sujeito)

c) Com verbos de fenômeno da natureza.
Ex.: Venta muito naquela cidade.
Amanhã não choverá.
Nevava bastante.

d) Com os verbos **ser**, **estar** e **ir** (este, quando seguido de para) na indicação de tempo.
Ex.: São três horas.
Hoje são dez de setembro.
Hoje está muito frio.
Já vai para 4 anos que não leio esse jornal. (A primeira é que não tem sujeito)

II) Predicado: aquilo que se declara do sujeito; é formado pelo verbo e seus acompanhantes.
Ex.: Ricardo <u>pediu orientação ao síndico</u>.

Classificação

1) Nominal: formado por um verbo de ligação e um predicativo do sujeito; o núcleo do predicado é o predicativo.
Ex.: Lúcia está apreensiva.
predicado nominal: está apreensiva
núcleo: apreensiva (predicativo do sujeito)
verbo de ligação: está

2) Verbal: formado por um verbo que não seja de ligação; o núcleo do predicado é o verbo.
Ex.: Lúcia fez os trabalhos.
predicado verbal: fez os trabalhos
núcleo: fez
verbo transitivo direto: fez

3) Verbo-nominal: formado por um verbo que não seja de ligação mais um predicativo (do sujeito ou do objeto).
Ex.: Lúcia fez os trabalhos apreensiva.
Predicado verbo nominal: fez os trabalhos apreensiva
núcleos: fez e apreensiva (predicativo do sujeito)
O menino deixou a mãe satisfeita.
Predicado verbo-nominal: deixou a mãe satisfeita.
núcleos: deixou e satisfeita (predicativo do objeto direto)
Obs. No predicado verbo-nominal, há sempre um verbo de ligação subentendido.
Ex.: Ele regressou esperançoso. (regressou e estava esperançoso)

Predicativo

Termo que se liga ao sujeito ou ao objeto, atribuindo-lhes uma qualidade ou estado. É representado por diferentes classes gramaticais.

a) Predicativo do sujeito
Ex.: Ele continua enfermo.
Eu sou o professor da turma.
Minha vida é isto.

b) Predicativo do objeto direto
Ex.: Carlos deixou-a zangada.

c) Predicativo do objeto indireto
Ex.: Gosto de meu filho sempre limpo.
Obs.: O predicativo pode ser introduzido por preposição.
Ex.: Chamei-o de louco.

Termos integrantes

1) Objeto direto: o complemento de um verbo transitivo direto.
Ex.: Perdi os documentos.
Encontrei-os.
O jornal que li no consultório é antigo.
Obs.: No último exemplo, temos um pronome relativo na função de objeto direto. Lembra-se do que falamos ao estudar o sujeito simples? Vamos lá, então. Coloca-se o antecedente (jornal) no lugar do pronome **que**. Temos: "li o jornal", onde **o jornal** é o objeto direto. Assim, o pronome **que** também se classifica como objeto direto.

Classificação

a) Objeto direto (sem nome especial): os casos vistos até agora.
Ex.: Vi muitas pessoas na rua.

b) Objeto direto pleonástico: repetição, por meio de um pronome oblíquo, do objeto direto.
Ex.: Essa roupa, ninguém a quer.
Objeto direto: essa roupa
Objeto direto pleonástico: a

c) Objeto direto preposicionado: aquele cuja preposição não é exigência do verbo, que é transitivo direto.
Ex.: Amo a Deus.
Ele puxou da espada.
Ninguém entende a mim.
Obs.: Os verbos **amar**, **puxar** e **entender** não exigem preposição: são transitivos diretos.

d) Objeto direto interno ou cognato: quando um verbo, normalmente intransitivo, passa a transitivo direto.
Ex.: Ele vive uma vida feliz.
Obs.: Geralmente, o complemento tem a raiz do verbo: viver uma vida, sonhar um sonho etc.

2) Objeto indireto: complemento de um verbo transitivo direto.
Ex.: Necessitamos de apoio.
Refiro-me a você.
Eu lhe obedeci imediatamente.

Classificação

a) Objeto indireto (sem nome especial): os vistos até aqui.
Ex.: Tudo depende de boa vontade.

b) Objeto direto pleonástico: repetição, por meio de um pronome oblíquo, do objeto indireto.
Ex.: Ao amigo, não lhe peça tal coisa.
Objeto indireto: ao amigo
objeto indireto pleonástico: lhe

3) Complemento nominal: complemento de um substantivo abstrato, um adjetivo ou um advérbio.
Ex.: Ele tinha medo do escuro.
Estava certo da vitória.
Agirei relativamente ao seu caso.

Observações

a) Há palavras, mesmo que não sejam verbos, que pedem complemento para que a frase tenha sentido lógico. No primeiro exemplo dado, a palavra **medo** dá margem a uma pergunta: de quê? Isso porque quem tem medo tem medo de alguma coisa. Assim, **do escuro** é o complemento nominal da palavra **medo**.

b) O complemento nominal se confunde com o objeto indireto. Este completa o sentido de um verbo; aquele, de um nome.
Ex.: Necessito de ajuda.
de ajuda: objeto indireto (complemento do verbo necessito)
Tenho necessidade de ajuda.
de ajuda: complemento nominal (complemento do substantivo necessidade)

c) O complemento nominal também se confunde com o adjunto adnominal. Veremos as diferenças quando dermos este termo.

4) Agente da passiva: quem pratica a ação verbal quando o verbo está na voz passiva analítica ou verbal; é introduzido pelas preposições **por** (e suas contrações) ou, mais raramente, **de**.
Ex.: A grama foi aparada pelo jardineiro.
Obs.: O agente da passiva corresponde ao sujeito da voz ativa.
Ex.: Meu pai trouxe um dicionário.
Sujeito: meu pai.
Um dicionário foi trazido por meu pai.
Agente da passiva: por meu pai.

Termos acessórios

1) Adjunto adnominal: termo que acompanha um substantivo na frase; pode ser representado por:

a) um artigo
Ex.: O carro parou.

b) um pronome adjetivo
Ex.: Encontrei meu relógio.

c) um numeral
Ex.: Recebi a segunda parcela.

d) um adjetivo
Ex.: Tive ali grandes amigos.

e) uma locução adjetiva
Ex.: Tenho uma mesa de pedra.

Observações

a) O adjetivo pode também ser predicativo.
Ex.: Achei um lugar bom.
objeto direto: um lugar bom
núcleo: lugar
adjuntos adnominais: um e bom
Deixem o corredor limpo.
objeto direto: o corredor
predicativo do objeto direto: limpo
As duas frases são parecidas, não é mesmo? Ambas têm um substantivo seguido de um adjetivo. Um macete interessante, para tirar qualquer dúvida, é trazer o adjetivo um pouco mais para a frente. Se ele continuar perto do substantivo, será adjunto adnominal; se ficar afastado, predicativo. Veja isso com as duas frases dadas:
Achei um bom lugar. (ficou junto ao substantivo: adjunto adnominal)
Deixem limpo o corredor.(o artigo ficou entre eles: predicativo do objeto)

b) O adjunto formado por uma locução adjetiva pode ser confundido com o complemento nominal. Veja as diferenças:

● Substantivo concreto pede adjunto adnominal.
Ex.: Trouxe copos de vidro.

● Adjetivo e advérbio pedem complemento nominal.
Ex.: Estava cheio de problemas.
Fez tudo favoravelmente ao seu caso.

● Mesmo com substantivo abstrato, se a expressão corresponder a um adjetivo, será adjunto adnominal.
Ex.: O amor de mãe é especial. (materno)

● Se a retirada do termo deixar a frase sem sentido completo ou com sentido alterado, será complemento nominal.
Ex.: Tenho sede de justiça. (A retirada do termo altera o sentido da frase)

● Se a palavra base vier de verbo, o termo preposicionado será adjunto, se ativo; complemento nominal, se passivo.
Ex.: A invenção do rádio mudou o mundo.
O rádio sofreu a ação; portanto **do rádio** é complemento nominal.
A invenção do cientista mudou o mundo.
O cientista praticou a ação; logo **do rádio** é adjunto adnominal.

c) O pronome relativo **cujo** (e flexões) é sempre pronome adjetivo; assim, sempre se classifica como adjunto adnominal.
Ex.: O trabalho cujo autor desconheço está perfeito.
cujo: adjunto adnominal de **autor**.

2) Adjunto adverbial: termo que se liga ao verbo, adjetivo ou advérbio, atribuindo-lhes uma circunstância qualquer. Veja os mais importantes.

a) De afirmação
Ex.: Farei realmente a prova.

b) De negação
Ex.: Não estarei presente.

c) De dúvida
Ex.: Talvez eu lhe peça explicação.

d) De tempo
Ex.: Ontem poucos fizeram comentários.

e) De lugar
Ex.: A caixa ficou atrás do armário.

f) De modo
Ex.: Todos saíram às pressas.

g) De intensidade
Ex.: A criança chorava muito.

h) De causa
Ex.: Tremiam de medo. (O medo causava a tremedeira)

i) De condição
Ex.: Não vivemos sem ar. (O ar é a condição para que vivamos)

j) De instrumento
Ex.: Machucou-se com a lâmina.

l) De meio
Ex.: Viajaram de trem.

m) De assunto
Ex.: Falavam sobre economia. (A economia era o assunto da conversa)

n) De concessão
Ex.: Apesar do frio, tirou a camisa. (Idéia de oposição: normalmente não se tira a camisa no frio)

o) De conformidade
Ex.: Agiu conforme a situação. (Idéia de acordo)

p) De fim ou finalidade
Ex.: Trabalhava para o bem geral.

q) De companhia
Ex.: Voltei com meu amigo.

r) De preço ou valor
Ex.: O livro custou cem reais.

Observações

a) O adjunto adverbial pode ser representado por um advérbio, uma locução adverbial ou um pronome relativo.
Ex.: Deixei o embrulho aqui.
À noite conversaremos.
A empresa onde trabalhei faliu.

b) O adjunto adverbial pode aparecer com qualquer tipo de verbo, inclusive o de ligação.
Ex.: Cheguei cedo. (verbo intransitivo)
Fiz o trabalho na escola. (verbo transitivo direto)
Certamente precisarei de ajuda. (verbo transitivo indireto)
Amanhã mandarei a você uma proposta. (verbo transitivo direto e indireto)
Ficou feliz naquele bairro. (verbo de ligação)

3) Aposto: termo de natureza explicativa que se liga ao substantivo ou pronome substantivo. Pode ser:

a) explicativo
Ex.: Raquel, contadora da firma, está viajando.
Um trabalho − tua monografia − foi premiado.
Só queria algo: apoio.
Obs.: O aposto explicativo pode vir com vírgulas, travessões ou dois-pontos.

b) resumitivo ou recapitulativo
Ex.: Glória, poder, dinheiro, tudo passa.
Obs.: O sujeito composto "glória, dinheiro, poder" é resumido pelo pronome indefinido **tudo**.

c) especificativo ou apelativo
Ex.: O estado é cortado pelo rio São Francisco.
Ex.: O aposto especificativo, que não pede sinais de pontuação, indica o nome de alguém ou algo dito anteriormente.

d) enumerativo ou distributivo
Ex.: Ganhei dois presentes: uma jóia especial e um livro raro.
Obs.: O aposto enumerativo refere-se, separadamente, a cada um dos termos citados.

e) aposto referente a uma oração
Ex.: Esforcei-me bastante, o que causou muita alegria em todos.
Obs.: Palavras como **o**, **coisa**, **fato** etc. podem referir-se a toda uma oração.

Vocativo

Termo independente de valor exclamativo, muitas vezes confundido com o aposto, pois exige vírgulas. Refere-se ao ser a quem se dirige a palavra e pode aparecer em posições variadas na frase.

Ex.: Márcia, pegue o seu exemplar.
Veja, menina, aquela árvore.
Estamos aqui, papai.

Obs.: Nas três frases, podemos acrescentar **ó**, em virtude de sua natureza exclamativa: ó Márcia, ó menina, ó papai.

Modelos de análise

1) Os homens pediram água fresca.
a) sujeito: os homens (simples)
núcleo do sujeito: homens
adjunto adnominal: os
b) predicado: pediram água fresca (verbal)
núcleo do predicado: pediram (verbo transitivo direto)
objeto direto: água fresca
núcleo do objeto direto: água
adjunto adnominal: fresca

2) Carla e Joana escreveram algumas cartas ontem.
a) sujeito: Carla e Joana (composto)
núcleos do sujeito: Carla, Joana
b) predicado: escreveram algumas cartas ontem. (verbal)
núcleo do predicado: escreveram (verbo transitivo direto)
objeto direto: algumas cartas
núcleo do objeto direto: cartas
adjunto adnominal: algumas

3) Muitos turistas voltaram cansados para o parque.
a) sujeito: muitos turistas (simples)
núcleo do sujeito: turistas
adjunto adnominal: muitos
b) predicado: voltaram cansados para o parque (verbo-nominal)
núcleos do predicado: voltaram (verbo intransitivo) e cansados
predicativo do sujeito: cansados
adjunto adverbial de lugar: para o parque

núcleo do adjunto adverbial: parque
adjunto adnominal: o

4) Chove demais naquele país.
a) sujeito: não há (oração sem sujeito)
b) predicado: chove demais naquele país (verbal)
núcleo do predicado: chove (verbo intransitivo)
adjunto adverbial de intensidade: demais
adjunto adverbial de lugar: naquele país
núcleo do adjunto adverbial de lugar: país
adjunto adnominal: aquele

5) Tenho medo dos exames.
a) sujeito: eu (simples)
b) predicado: tenho medo dos exames (verbal)
núcleo do predicado: tenho (verbo transitivo direto)
objeto direto: medo
complemento nominal: dos exames
núcleo do complemento nominal: exames
adjunto adnominal: os

6) O garoto ficou contente quando a mãe lhe entregou a bola.
I) primeira oração: o garoto ficou contente
a) sujeito: o garoto (simples)
núcleo do sujeito: garoto
adjunto adnominal: o
b) predicado: ficou contente (nominal)
núcleo do predicado: contente
predicativo do sujeito: contente
verbo de ligação: ficou
II) segunda oração: quando a mãe lhe entregou a bola
a) sujeito: a mãe (simples)
núcleo do sujeito: mãe
adjunto adnominal: a
b) predicado: quando lhe entregou a bola (verbal)
núcleo do predicado: entregou (verbo transitivo direto e indireto)
objeto direto: a bola
núcleo do objeto direto: bola
adjunto adnominal: a
objeto indireto: lhe

Observações

a) Como vimos, vários termos da oração podem ter um núcleo e adjuntos adnominais.

b) A preposição, a conjunção, a interjeição e as palavras denotativas não possuem funções sintáticas.
Ex.: Gosto de você.
objeto indireto: de você
preposição: sem função sintática
Saí e falei com meu colega.
conjunção aditiva: sem função sintática
Ai! Machuquei o braço!
Interjeição: sem função sintática
Teus avós também irão.
palavra denotativa de inclusão: sem função sintática

c) Também não exercem nenhuma função sintática a partícula apassivadora, o símbolo de indeterminação do sujeito e a parte integrante do verbo.
Ex.: Estudou-se a matéria.
partícula apassivadora: sem função sintática
Respondeu-se ao telegrama.
símbolo de indeterminação do sujeito: sem função sintática
Arrependeu-se de tudo.
parte integrante do verbo: sem função sintática

d) Havendo duas ou mais orações (é só contar os verbos), faça a divisão do período. Cada oração tem os seus termos, e nenhuma palavra ou expressão pode exercer função sintática em mais de uma oração.

EXERCÍCIOS

162) Marque a oração de sujeito indeterminado.
a) Resolvi a prova.
b) Pede-se ajuda.
c) Anseia-se por justiça.
d) Desapareceu a cadeira.

163) As orações a seguir não possuem sujeito, exceto:
a) Ventou muito ontem.
b) Havia muitos ônibus.
c) São dez horas.
d) Faltou um elemento.

164) Assinale a frase sem objeto direto.
a) Não o pedi.
b) Já fiz tudo.
c) Continuo animado.
d) O garoto desenhou uma árvore.

165) Marque a frase sem objeto indireto.
a) Eles gemiam de dor.
b) Todos carecem de afeto.
c) Aspiro à paz.
d) Mostre as notas à diretora.

166) Assinale a frase sem complemento nominal
a) Há necessidade de apoio.
b) Tenho confiança em vocês.
c) O gosto pelas letras levou-o longe.
d) Não duvido de ninguém.

167) Assinale o erro de análise.
a) Ele foi aprovado **pela banca**. (agente da passiva)
b) Chegaram **na primavera.** (objeto indireto)
c) Estou certo **disso**. (complemento nominal)
d) Fui **para casa**. (adjunto adverbial)

168) Só não é adjunto adnominal:
a) Recuperei **os** documentos.
b) **Essa** estrada é muito ruim.
c) Eles gostam de **nossa** disposição.
d) Vocês desejam **algo**?

169) Marque o termo que é adjunto adnominal, e não complemento nominal, como os demais.
a) O comentário **do jornalista** foi mal entendido.
b) A realização **da prova** está ameaçada**.**
c) A venda **da casa** aconteceu ontem.
d) A leitura **do livro** deixou-o preparado.

170)) Assinale o aposto.
a) Carla, **apesar do vento gelado**, não colocou agasalho.
b) Veja, **Pedro**, quem está ali!
c) Celso disse que, **se for possível**, também viajará.
d) Lúcia, **a enfermeira**, é minha vizinha.

171) Assinale a frase em que o termo destacado é objeto direto.
a) O gato **que** correu tem fome.
b) O jornal **que** lemos sumiu.
c) A carta **a que** respondi me alegrou.
d) A chuva **que** caiu ontem alagou a cidade.

172) Assinale o erro de análise.
a) Arrastou-se **a mesa**. (objeto direto)
b) **Quem** virá hoje? (sujeito)
c) A menina fez o pai **feliz**. (predicativo do objeto)
d) Conversaram **por telefone**. (adjunto adverbial de meio)

173 Marque a alternativa em que se cometeu erro na análise do termo em destaque.
a) Antônio se despediu ontem **da namorada**. (objeto indireto)
b) Maria deixou o namorado **aborrecido**. (adjunto adverbial de modo)
c) As plantas foram regadas **pelo jardineiro**. (agente da passiva)
d) Ele tinha certeza **da vitória**. (complemento nominal)

174) Assinale o erro na identificação do termo sintático.
a) Entregaram-**me** os documentos. (objeto indireto)
b**) Mônica**, preciso falar-lhe agora. (vocativo)
c) O trabalho foi analisado **por ele**. (objeto indireto)
d) Conversamos **a respeito da situação**. (adjunto adverbial de assunto)

175) Assinale a frase em que o pronome relativo **que** desempenha a função sintática de adjunto adverbial.
a) A bicicleta de que gosto é aquela.
b) A casa em que nasci tinha um grande quintal.
c) O pássaro que voou está ferido.
d) O trabalho a que fiz alusão é honesto.

176) Assinale a frase em que o termo destacado é complemento nominal, e não adjunto adnominal, como os demais.
a) A explicação **da criança** não convenceu a mãe.
b) O erro **do aluno** não foi notado pelo professor.
c) A construção **da ponte** custou um milhão de reais.
d) A contagem **do comerciante** foi diferente da minha.

177) Em que item a seguir se cometeu erro na análise do termo destacado?
a) Fizemos **muito** esforço. (adjunto adnominal)
b) O rio **Amazonas** é muito extenso. (aposto)
c) **Sem trabalho**, não conseguiremos vencer. (adjunto adverbial de condição)
d) Nossa volta **de Porto Alegre** foi muito tranqüila. (adjunto adverbial de lugar)

178) Na frase **Espera-se um bom resultado**, o sujeito é:
a) indeterminado
b) inexistente
c) simples
d) composto

179) Errou-se na classificação do termo destacado em:
a) Falta apenas **uma semana**. (sujeito)
b) Era amado **de todos**. (objeto indireto)
c) A garota **voltou animada**. (predicado verbo-nominal)
d) Chegou **alguém**. (sujeito)

180) Aqui há pessoas **que** não se entendem.
A função sintática da palavra destacada é:
a) objeto direto
b) sujeito
c) predicativo
d) objeto indireto

181) Essa jovem, por certo nós **a** amamos muito.
A função sintática da palavra destacada é:
a) objeto direto pleonástico
b) objeto direto interno
c) objeto direto preposicionado
d) adjunto adnominal

182) Assinale a oração em que o termo em destaque é adjunto adnominal.
a) Antônio é **muito** agitado.
b) Tudo continua **calmo**
c) Retornaram **os trabalhadores**.
d) Recebi **vários** telefonemas.

183) Assinale a alternativa em que o termo destacado não é adjunto adverbial.
a) Ele leu **com certeza** aquele livro.
b) **De vez em quando**, íamos ao cinema.
c) A roupa era **bem** antiga.
d) João regressou **confuso**.

184) (CORREGEDORIA/RJ) “Em outros campos, desprezam-se palavras que dão o seu recado com eficiente simplicidade...”
Quais os sujeitos das duas orações presentes no trecho acima?
a) campos / palavras
b) palavras / que
c) palavras / palavras
d) indeterminado / recado
e) indeterminado / palavras

185) (A.JUD.−T.A.CÍVEL) Na oração: "muitas alegrias e saudades já conheceu esta casa", o sujeito é:
a) alegrias e saudades
b) muitas alegrias
c) indeterminado
d) esta casa

186) (CORREGEDORIA/RJ) Em que frase a seguir o termo destacado não exerce a função de adjunto adverbial de lugar?

a) "...realizado nesta semana **em São Paulo**..."
b) "...crianças brasileiras foram adotadas **na Itália**."
c) "...saíram mensalmente **do Brasil** nesse período,"
d) "Como os dados se referem **a um único país**..."
e) "Desconfia-se até que haja **no Brasil**..."

187) (CORREGEDORIA/RJ) Em "...convivência **com desenhos populares**..." o termo destacado exerce a função sintática de:

a) adjunto adnominal
b) adjunto adverbial
c) agente da passiva
d) complemento nominal
e) objeto indireto

188) (A. JUD.-TALCRIM) ...certo de que a língua portuguesa é emprestada ao Brasil...
A função sintática da oração sublinhada é:

a) complemento nominal
b) adjunto adnominal
c) aposto
d) adjunto adverbial
e) objeto indireto

189) (EPCAR) "...quem sabe **de que** será capaz a mulher?"
Os termos grifados exercem a função sintática de:

a) predicativo
b) objeto indireto
c) adjunto adverbial
d) adjunto adnominal
e) complemento nominal

Gabarito

162 C	169 A	176 C	183 D
163 D	170 D	177 D	184 B
164 C	171 B	178 C	185 D
165 A	172 A	179 B	186 D
166 D	173 B	180 B	187 D
167 B	174 C	181 A	188 D
168 D	175 B	182 D	189 E

COMENTÁRIOS

162) Letra C

Nas opções **a**, **b** e **d**, o sujeito é simples: a prova, ajuda (ajuda é pedida; se: partícula apassivadora), a cadeira. Na alternativa **c**, temos um caso de indeterminação do sujeito: verbo transitivo indireto usado com o símbolo de indeterminação **se**.

163) Letra D

Pela ordem, temos o seguinte: verbo de fenômeno da natureza (ventar), verbo **haver** significando existir e verbo **ser** na indicação de tempo. Já na opção **d**, o sujeito é **um elemento** (simples), aparecendo depois do verbo.

164) Letra C

O objeto direto é o termo que completa o sentido de um verbo transitivo direto, que é aquele que não exige preposição, embora ela às vezes possa aparecer (objeto direto preposicionado). Pela ordem temos, na função de objeto direto: **o**, **tudo** e **uma árvore**. A palavra **animado**, que é um adjetivo, não poderia ser objeto direto. Trata-se de um predicativo do sujeito, sendo o verbo **continuar** de ligação.

165) Letra A

O objeto indireto é o complemento de um verbo transitivo indireto, que é aquele que pede complemento introduzido por uma preposição obrigatória, ou seja, que ele exige. Na letra **a**, o verbo é intransitivo e de dor é um adjunto adverbial de causa: a dor é a causa dos gemidos. Os objetos indiretos são: **de afeto**, **à paz** e **à diretora**.

166) Letra D

O complemento nominal é o complemento de um nome, ou seja, substantivo (abstrato), adjetivo e advérbio. Os termos **de apoio**, **em vocês** e **pelas letras** completam o sentido, respectivamente, das palavras **necessidade**, **confiança** e **gosto**; são, portanto, complementos nominais. Já **de ninguém** completa o sentido do verbo, sendo, dessa forma, objeto indireto.

167) Letra B

Na primavera é um termo que transmite ao verbo a noção de tempo. Se perguntarmos: **Quando**?, responderemos: **na primavera**. Ou seja, é um adjunto adverbial de tempo.

168) Letra D

Adjunto adnominal é um mero acompanhante do substantivo. São os artigos, os adjetivos, as locuções adjetivas, os numerais e os pronomes adjetivos. Os termos **os** (artigo), **essa** (pronome adjetivo demonstrativo) e **nossa** (pronome adjetivo possessivo) acompanham na frase, respectivamente, os substantivos **documentos**, **estrada** e

disposição; são os seus adjuntos adnominais. A palavra **algo**, pronome substantivo indefinido, é o objeto direto do verbo **desejar**.

169) Letra A

Esta questão está baseada em palavras que provêm de verbos: **comentário** (de comentar), **realização** (de realizar), **venda** (de vender) e **leitura** (de ler). Quando isso ocorre, verifique se o termo preposicionado é ativo ou passivo. Sendo passivo, tem-se um complemento nominal; ativo, um adjunto adnominal. O único termo ativo é **jornalista**, pois é ele quem pratica a ação de comentar. Por isso, é um adjunto adnominal.

170) Letra D

Não é porque um termo aparece entre vírgulas que se classifica como aposto. Este é um termo de caráter explicativo e se refere a um substantivo ou pronome substantivo. Na letra **a**, temos um adjunto adverbial de concessão; na **b**, um vocativo; na **c**, uma oração com valor de condição. O aposto está na alternativa **d**, pois **a enfermeira** é uma explicação do substantivo **Lúcia**.

171) Letra B

Para achar a função sintática de um pronome relativo, coloca-se o antecedente em seu lugar. A função sintática que couber ao antecedente é a mesma do pronome relativo, que é o seu substituto. Na letra **a**, se dissermos "o gato correu", **o gato** aparecerá como sujeito. Dessa forma, a palavra **que** é o sujeito da oração. Na opção **c**, o **a que** é objeto indireto; na **d**, o **que** é sujeito.

172) Letra A

Na opção **a**, o termo destacado é sujeito, pois o verbo transitivo direto **arrastar** está empregado com a partícula apassivadora **se**. Pode-se dizer "a mesa foi arrastada".

173) Letra B

Aborrecido é um adjetivo. Observe que ele pode flexionar-se: "Marcos deixou a namorada aborrecida". Ele está qualificando o substantivo **namorado**, que é objeto direto de **deixou**. Assim, **aborrecido** é um predicativo do objeto direto.

174) Letra C

A frase da alternativa **c** está na voz passiva analítica ou verbal: verbo **ser** mais o particípio. Quem pratica a ação na voz passiva é o agente da passiva. **Por ele**, que é o agente da passiva, passa a sujeito, quando se muda a voz verbal: Ele analisou o trabalho.

175) Letra B

Na opção **a**, **de que** é objeto indireto; na **c**, **que** é sujeito; na **d**, **a que** é complemento nominal (não é objeto indireto, porque completa o sentido do substantivo **alusão**). **Em que**, que equivale a **na casa**, é adjunto adverbial de lugar.

176) Letra C

Da ponte é o único termo passivo, portanto complemento nominal. Os outros são ativos, classificando-se como adjuntos adnominais.

177) Letra D

Questão bem difícil. **Muito** é um pronome adjetivo indefinido, e não advérbio de intensidade; logo, trata-se de um adjunto adnominal do substantivo **esforço**. **Amazonas** é o nome do rio; é, dessa forma, um aposto (especificativo). O trabalho é uma condição para que se vença; assim, **sem trabalho** é adjunto adverbial de condição. Na opção **d**, **de Porto Alegre** está ligado a um substantivo, **volta**, e não a um verbo. O complemento de um substantivo é o complemento nominal. Veja, abaixo, a diferença.

Voltei de Porto Alegre.
de Porto Alegre: adjunto adverbial de lugar
Minha volta de Porto Alegre foi excelente.
de Porto Alegre: complemento nominal do substantivo **volta**.

178) Letra C

O sujeito é simples: um bom resultado. Não se esqueça: um bom resultado é esperado.

179) Letra B

De todos é agente da passiva. O verbo está na voz passiva analítica. É mais comum o emprego da preposição **por** (Era amado por todos), mas é correto o **de**. Veja na voz ativa: Todos o amavam.

180) Letra B

Fazendo a substituição pelo antecedente, temos: "as pessoas não se entendem", onde **as pessoas** é o sujeito. Como o **que** está em seu lugar, é ele o sujeito da oração.

181) Letra A

O objeto direto do verbo **amar** é **essa jovem**. O pronome oblíquo **a** repete o objeto direto. É o que se conhece por objeto direto pleonástico.

182) Letra D

Pela ordem, temos: adjunto adverbial de intensidade, predicativo do sujeito e sujeito. O pronome **vários**, como todos os pronomes adjetivos da língua, é adjunto adnominal do substantivo que acompanha na frase.

183) Letra D

A palavra **confuso**, sendo adjetivo, só pode funcionar como predicativo, que é o caso, ou adjunto adnominal. O adjuntos adverbiais da questão são, respectivamente: de afirmação, de tempo e de intensidade.

184) Letra B

Pode-se dizer "palavras são desprezadas", portanto **palavras** é o sujeito da primeira oração. Na segunda oração, o **que** substitui **palavras**. Veja: "palavras dão o seu recado", onde **palavras** aparece como sujeito. Então, o sujeito da segunda oração é **que**.

185) Letra D

A frase está invertida. Na ordem direta, temos "Esta casa já conheceu muitas alegrias e saudades". Facilita, não é mesmo? O sujeito é **esta casa**, que leva o verbo ao singular.

186) Letra D

Na opção **d**, o termo **a um único país** é o complemento do verbo pronominal **referir-se**, transitivo indireto. Assim,o termo destacado é objeto indireto.

187) Letra D

A palavra **convivência** é um substantivo abstrato que vem do verbo **conviver**. O termo em estaque é o seu complemento nominal.

188) Letra D

A palavra **certo** é um adjetivo. O termo preposicionado que se liga a ele, completando-lhe o sentido, é o seu complemento nominal.

189) Letra E

Mais um caso de complemento nominal. Este é um pouco diferente, pois a palavra **que** é um pronome interrogativo. Vamos colocar a frase em outra ordem: a mulher será capaz de quê? Ou seja, quem é capaz é capaz de alguma coisa. O adjetivo **capaz** pede complemento nominal, que é o próprio pronome interrogativo, devidamente precedido da preposição **de**.

AULA 6: ANÁLISE SINTÁTICA II

ORAÇÕES

Chama-se oração qualquer enunciado que possua verbo. Pode ter ou não sentido completo.
Ex.: Apesar de tudo, os participantes continuavam animados.
O que me diz que aqui existe uma oração é a presença da forma verbal **continuavam**. Assim, contam-se as orações pelo número de verbos presentes no texto.

Classificação

1) Absoluta: quando é a única oração do período.
Ex.: O menino brincava com o cão.

2) Coordenada: a que se liga a uma outra oração, também coordenada, sem dependência sintática, ou seja, sem representar-lhe um termo sintático qualquer.
Ex.: Estudei e fui para o colégio.
As duas orações são coordenadas, uma vez que não há entre elas dependência sintática. São chamadas de independentes. Uma, no caso deste exemplo, é introduzida por conjunção; a outra; não.

3) Subordinada: a que se liga a uma oração, dita principal, representando-lhe um termo sintático qualquer (sujeito, objeto direto, adjunto adverbial etc.).
Ex.: Espero que ninguém falte.
A oração em destaque é considerada subordinada porque é um termo da outra, no caso, o objeto direto.

4) Principal: a que tem um de seus termos representado por uma outra, dita subordinada.
Ex.: É bom que falem baixo.
A oração destacada é a principal do período porque a seguinte atua como seu sujeito.

Observações

a) Vamos acabar com aquela bobagem de outras épocas de entender oração subordinada como a que completa o sentido da principal. Há subordinadas que o fazem; outras, não, como veremos na seqüência da matéria.

b) Com base no que se mostrou até aqui, pode-se dizer que os períodos compostos, ou seja, os que possuem duas ou mais orações, são de três tipos.

● Período composto por coordenação: o que apresenta apenas orações coordenadas.
Ex.: Corri muito, mas não me cansei.
coordenada: Corri muito
coordenada: mas não me cansei

● Período composto por subordinação: o formado por um oração principal e uma ou mais subordinadas.
Ex.: Veja quem chegou.
principal: Veja
subordinada: quem chegou

● Período composto por subordinação e coordenação, ou período misto: o formado por orações coordenadas e orações subordinadas, naturalmente com a presença de uma ou mais orações principais.
Ex.: Disse que voltaria logo, porém ficou em casa.
principal: Disse
subordinada: que voltaria logo
coordenada: porém ficou em casa

Orações coordenadas

I) Assindéticas ou iniciais: as que não são introduzidas por uma conjunção.
Ex.: Assisti ao filme e fiz os comentários.

II) Sindéticas: as que se introduzem por uma conjunção, chamada coordenativa.
Ex.: Trabalhei bastante, logo estou cansado.

Classificação

As coordenadas sindéticas recebem, de acordo com o sentido e o valor das conjunções, cinco classificações. Veja, a seguir.

1) Coordenadas sindéticas aditivas: as que indicam uma simples soma, adição.
Ex.: Ele vendeu as mercadorias e voltou ao escritório.
Não só estuda, mas também trabalha. (ou seja: estuda e trabalha)
Principais conjunções coordenativas aditivas: e, nem, não só...mas também (e semelhantes).

2) Coordenadas sindéticas adversativas: as que expressam uma idéia contrária, adversa.
Ex.: Trabalhei bem, mas fui rejeitado.
Principais conjunções coordenativas adversativas: mas, porém, contudo, todavia, no entanto, entretanto, e (equivalendo a mas).

3) Coordenadas sindéticas conclusivas: as que exprimem uma conclusão.
Ex.: Analisei o material, portanto posso falar sobre ele.
Principais conjunções coordenativas conclusivas: portanto, logo, por isso, por conseguinte, pois (entre vírgulas).

4) Coordenadas sindéticas alternativas: as que expressam uma alternativa; a conjunção normalmente é repetida, considerando-se, nesse caso, alternativas as duas orações.
Principais conjunções coordenativas alternativas: ou, ou...ou, ora...ora, já...já, quer...quer, nem...nem
Ex.: Ora lê, ora escreve.

5) Coordenadas sindéticas explicativas: as que exprimem uma explicação, uma justificativa; aparecem, com mais freqüência, depois de imperativo.
Principais conjunções coordenativas explicativas: porque, que, pois.
Ex.: Choveu muito, porque o chão está alagado.
Volte logo, que vai chover.

Observações

a) Atualmente, existe a tendência, em concursos públicos, de não cobrar o nome completo das orações, quer coordenadas, quer subordinadas, mas sim o seu sentido. Por exemplo, uma oração que indica a causa de uma outra, sem a necessidade de o candidato saber exatamente o nome daquela oração. Mas é importante que estudemos dessa forma, por dois motivos:

● A análise sintática nos ajuda a raciocinar, a entender a língua como um todo, favorecendo o aprendizado de outros assuntos.

● Há bancas que ainda cobram, vez por outra, a terminologia. Devemos estar preparados para isso.

b) Às vezes o período é formado só por orações assindéticas. Em estilística, isso é conhecido como assíndeto.
Ex.: “Vim, vi, venci.”

c) As conjunções **porque**, **que** e **pois** podem também iniciar orações subordinadas adverbiais causais. Veremos as diferenças quando chegarmos lá.

Orações subordinadas

As orações subordinadas se distribuem em três grupos distintos: adjetivas, substantivas e adverbiais, cada qual com suas características.

I) Subordinadas adjetivas: representam o adjunto adnominal da oração principal; começam, normalmente, por um pronome relativo (que, o qual, quem, cujo, onde, como, quanto, quando).
Ex.: A pessoa que estuda abre novos horizontes.
A oração destacada tem valor de adjetivo para a palavra pessoa (estudiosa), sendo, assim, o seu adjunto adnominal. Começa por um pronome relativo (que = o qual). Pode-se afirmar, sem medo de erro: reconheceu o pronome relativo, reconheceu a oração subordinada adjetiva.
Obs.: Mais raramente, pode a oração adjetiva começar por pronome indefinido precedido de preposição.
Ex.: O trabalho de quem se especializou tem mais valor.

Classificação

1) Restritivas: as que limitam, restringem o significado do antecedente; na prática, são as que não admitem vírgula antes do pronome relativo, preposicionado ou não.
Ex.: O livro que ganhei é ótimo.
Aquele é o rio onde encontrei as pedras.
A pessoa de quem lhe falei vai viajar.

2) Explicativas: as que explicam algo a respeito do antecedente; lembram um aposto e exigem vírgula antes do pronome relativo.
Ex.: O homem, que é mortal, precisa evoluir.
O leão, que é feroz, assustou a criança.
Paulo, a cujo pai me referi, não virá ao encontro.

II) Subordinadas substantivas: as que equivalem a termos sintáticos normalmente representados por substantivo (sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, predicativo e aposto). São iniciadas, geralmente, por uma conjunção integrante (que e se); às vezes, por um advérbio (onde, como etc.) ou pronome (quem, qual etc.).
Ex.: O rapaz falou que estava desconfiado.
Não sei onde ficou o material.

Observações

a) Nos dois exemplos, as orações sublinhadas são objeto direto da principal. No primeiro, o **que** é uma conjunção subordinativa integrante; no segundo, o **onde** é um advérbio interrogativo de lugar.

b) Há um macete muito bom para reconhecer que a oração é subordinada substantiva: trocá-la pela palavra **isto**. É a única oração que permite tal troca.
Ex.: Desejo que sejas feliz. (Desejo isto)
Como o **isto** seria o objeto direto de desejo, a oração **que sejas feliz** é subordinada substantiva objetiva direta.

Classificação

1) Objetiva direta: a que funciona como objeto direto da principal.
Ex.: O funcionário pediu que todos entrassem.

2) Objetiva indireta: a que funciona como objeto indireto da principal.
Ex.: Esqueceu-se de que ia viajar.

3) Subjetiva: a que funciona como sujeito da principal; há vários tipos.

a) Com verbo de ligação e um adjetivo na principal.
Ex.: É necessário que estudem bastante.

b) Com verbos unipessoais (parece, urge, basta, convém, consta etc.) na principal.
Ex.: Basta que digam uma palavra.

c) Com a partícula apassivadora (se) na principal.
Ex.: Explicou-se que haveria alterações.

d) Com a palavra **quem** na subordinada.
Ex.: Quem trabalha progride.
Obs.: Alguns gramáticos preferem classificar essa oração como subordinada adjetiva restritiva, sugerindo a transformação para "Aquele que trabalha progride", onde aparece o pronome relativo **que**. Em termos de concurso público, as duas posições são aceitáveis.

4) Predicativa: a que funciona como predicativo da oração principal; só ocorre depois do verbo **ser**.
Ex.: A verdade é que ele não quer nada.

5) Completiva nominal: a que funciona como complemento nominal da principal.
Ex.: Tinha certeza de que conseguiria.

6) Apositiva: a que funciona como aposto; geralmente aparece depois de dois-pontos.
Ex.: Só queria uma coisa: que o compreendessem.

Observações

a) Existe ainda a oração subordinada substantiva agente da passiva, que não consta da Nomenclatura Gramatical Brasileira, o órgão que dá os nomes oficiais no que toca aos fatos gramaticais. Por isso, não pode ser cobrada em prova, pelo menos a classificação.
Ex.: O trabalho foi feito por quem entende do assunto.
Veja que o verbo da principal está na voz passiva analítica (foi feito) e que a oração pode se transformar no sujeito da voz ativa, exatamente a característica principal do agente da passiva (Quem entende do assunto fez o trabalho).

b) Em orações substantivas iniciadas por advérbio ou pronome, há uma tendência inadequada de considerar essas palavras conjunções integrantes. Nunca faça isso. As integrantes são apenas **que** e **se**.
Ex.: Ignoro quando será o jogo.
Quando: advérbio interrogativo de tempo.

III) Subordinadas adverbiais: as que exercem a função de adjunto adverbial da oração principal. São iniciadas por uma conjunção subordinativa que tem o mesmo nome da oração.
Ex.: Os problema apareceram quando chegamos à fazenda.
quando chegamos à fazenda: oração subordinada adverbial temporal.
quando: conjunção subordinativa temporal

Classificação

1) Causal: a que funciona como adjunto adverbial de causa da oração principal.
Principais conjunções subordinativas causais: porque, pois, que, como, já que, uma vez que, porquanto.
Ex.: A mulher gritou porque teve medo.
Como fazia frio, fechou as janelas.

Observações

a) A palavra **como** pode iniciar outras orações, como veremos adiante. No caso do segundo exemplo apresentado, ela significa **porque**, situação em que é considerada causal.

b) As conjunções **que**, **porque** e **pois** podem ser subordinativas causais ou coordenativas explicativas. Veja os exemplos abaixo.

Escrevi a carta porque precisava de orientação.
Ele chorou, porque os olhos estão inchados.
Volte cedo, porque vai chover.

No primeiro exemplo, o fato de precisar de orientação fez com que eu escrevesse a carta, ou seja, a segunda oração é a causa da primeira; classifica-se como subordinada adverbial causal. No segundo exemplo, o fato de os olhos estarem inchados não fez com que ele chorasse; a segunda oração é uma explicação, uma justificativa e se classifica como coordenada sindética explicativa. No terceiro exemplo, o verbo da primeira oração está no imperativo; sempre que isso acontece a oração é coordenada sindética explicativa, nunca adverbial causal.

2) Concessiva: a que funciona como adjunto adverbial de concessão da oração principal, ou seja, uma idéia contrária ao que se diz na oração principal.

Principais conjunções subordinativas concessivas: embora, mesmo que, ainda que, apesar de que.

Ex.: Embora tenha corrido muito, não ficou suado.
Ainda que gritássemos, ninguém atenderia.

3) Condicional: a que funciona como adjunto adverbial de condição da oração principal.

Principais conjunções subordinativas condicionais: se, caso, sem que.

Ex.: Apresentarei o projeto se me derem oportunidade.
Sem que haja determinação, isso é impossível.

4) Conformativa: a que indica conformidade, acordo.

Principais conjunções subordinativas conformativas: conforme, como, segundo, consoante.

Ex.: Conforme nos informaram, faltou energia no bairro.
Fiz tudo como estava combinado.

5) Comparativa: a que indica comparação.

Principais conjunções subordinativas comparativas: como, que (ou do que), quanto.

Ex.: Falava alto como o irmão.
Ela é mais delicada que a prima.

Obs.: Geralmente o verbo da oração comparativa é o mesmo da principal e fica subentendido.

6) Consecutiva: indica consecução, conseqüência.
Principal conjunção: que (precedida de tal, tão, tanto, tamanho).
Ex.: Falou tão alto que a família acordou.

Observações

a) Às vezes, as palavras **tal**, **tão**, **tanto** e **tamanho** ficam subentendidas.
Ex.:Chora, que todos ficam pesarosos. (Chora tanto...)

b) Uma coisa muito importante para você, que faz concursos públicos: onde há conseqüência, há causa. Assim, se temos uma oração consecutiva (que expressa uma conseqüência), a principal, necessariamente, expressa uma causa. Considera-se subordinada aquela que apresenta a conjunção.
Ex.: Estudou tanto que foi aprovado. (subordinada adverbial consecutiva)
Foi aprovado porque estudou tanto. (subordinada adverbial causal)
Bem lógico, não é mesmo?

7) Final: a que indica finalidade.
Principais conjunções subordinativas finais: para que, a fim de que.
Ex.: Abriu a porta para que o cachorro saísse.
Foi para a cabana a fim de que ninguém o incomodasse.

8) Proporcional: a que indica proporção.
Principais conjunções subordinativas proporcionais: à proporção que, à medida que, ao passo que, quanto mais...mais, quanto menos...menos.
Ex.: Seremos felizes à medida que nos tornarmos bons.
Quanto mais leio, mais aprendo.

9) Temporal: a que indica tempo.
Principais conjunções subordinativas temporais: quando, assim que, depois que, antes que, enquanto, mal.
Ex.: Só voltou a jogar quando se sentiu bem.
Ex.: Assim que chegou, foi para a cozinha.

Orações reduzidas

São aquelas que não começam por conectivo (conjunção ou pronome relativo) e apresentam o verbo numa forma nominal. Classificam-se da mesma forma que as desenvolvidas (com conectivo), sendo necessário observar o sentido da frase. Veja alguns exemplos a seguir.

1) Reduzidas de gerúndio

a) Vi um homem correndo na calçada. (que corria na calçada)
Oração subordinada adjetiva restritiva

b) Chegando cedo, ele pôde assistir ao jogo. (Porque chegou cedo)
Oração subordinada adverbial temporal

c) Estudando mais, você teria sido aprovado. (Se estudasse mais)
Oração subordinada adverbial condicional

d) Preparou o relatório, deixando-o no armário. (e o deixou no armário)
Oração coordenada aditiva

2) Reduzidas de infinitivo

a) É necessário pensar sobre o assunto. (que se pense)
Oração subordinada substantiva subjetiva

b) Deixei sair o funcionário. (que o funcionário saísse)
Oração subordinada substantiva objetiva direta

c) Estava certo de ser o escolhido. (de que seria o escolhido)
Oração subordinada substantiva completiva nominal.

d) Ao sair, registre seu nome. (Quando sair)
Oração subordinada adverbial temporal

e) Sem melhorar, ele será demitido. (Caso não melhore)
Oração subordinada adverbial condicional

f) Apesar de vender pouco, ele foi promovido. (Embora vendesse pouco)
Oração subordinada adverbial concessiva

g) Por ser alto, alcançou a última prateleira. (Por que é alto)
Oração subordinada adverbial causal

3) Reduzidas de particípio

a) Terminada a prova, todos saíram. (Assim que a prova terminou)
Oração subordinada adverbial temporal

b) Aborrecido com o chefe, abandonou a reunião. (Porque se aborreceu com o colega)
Oração subordinada adverbial causal

c) Carla, deixada de lado, sentiu-se humilhada. (que se deixou de lado)
Oração subordinada adjetiva explicativa

Observações finais

a) Existem duas orações adverbiais que não constam da Nomenclatura Gramatical Brasileira: locativas e modais, esta última sempre reduzida de gerúndio. São cobradas pelo sentido, não pela classificação.
Ex.: Trabalho onde me sinto bem. (subordinada adverbial locativa)
Costuma ser analisada como adjetiva, por estar subentendido um antecedente de **onde**: no local onde me sinto bem.
Salvou-se fazendo dieta. (subordinada adverbial modal)
Costuma ser classificada como conformativa.

b) As orações reduzidas de gerúndio às vezes admitem mais de uma classificação.
Ex.: Estudando com cuidado, aprendi a matéria. Pode-se entender de duas formas e, conseqüentemente, classificar a oração reduzida de duas maneiras.
● Quando estudei com cuidado, aprendi a matéria. (subordinada adverbial temporal reduzida de gerúndio)
● Porque estudei com cuidado, aprendi a matéria. (subordinada adverbial causal reduzida de gerúndio)

c) Existem conectivos com mais de um valor. Só o sentido da oração vai determinar sua classificação. Veja alguns importantes.

● Como

Ex.: Como estava com sono, parou o carro. (subordinada adverbial causal)
Sou forte como um touro. (subordinada adverbial comparativa)
Agi como a situação pedia. (subordinada adverbial conformativa)
Alegrou-me o modo como ele encarou a situação. (subordinada adjetiva restritiva)

● Desde que

Ex. Admiro meu amigo desde que o conheço. (subordinada adverbial temporal)
Acharei a rua, desde que consulte o mapa. (subordinada adverbial condicional)

● Se

Ex.: Se pedirem, eu tocarei. (subordinada adverbial condicional)
Veja se o carro está funcionando. (subordinada substantiva objetiva direta)

● Quanto

Ex.: Tudo quanto disse é verdadeiro. (subordinada adjetiva restritiva)
Sou tão carente quanto você. (subordinada adverbial comparativa)
Quanto mais trabalha, mais se desenvolve. (subordinada adverbial proporcional)

● Uma vez que

Ex.: Uma vez que faça a sua parte, será aceito. (subordinada adverbial condicional)
Uma vez que tenho dinheiro, vou ajudar. (subordinada adverbial causal)

● E

Ex.: Estudou e foi para o colégio. (coordenada sindética aditiva)
Abriu o coco e não bebeu a água. (coordenada sindética adversativa)

● Porque

Ex.: O gato miou porque pisei seu rabo. (subordinada adverbial causal)
Fez muito calor, porque as folhas estão secas. (coordenada sindética explicativa)
Estudou muito porque o pai ficasse feliz. (subordinada adverbial final)

● Que

Esta é uma palavra especial, sem dúvida a que tem mais valores em português. Pode iniciar inúmeras orações.

Ex.: Encontrei a jóia que você me deu. (subordinada adjetiva restritiva)
Espero que seja suficiente. (subordinada substantiva objetiva direta).
Parece que ele se perdeu. (subordinada substantiva subjetiva)
Tinha tanto medo que correu. (subordinada adverbial consecutiva)
Sou mais alto que ele. (subordinada adverbial comparativa)
Fale baixo, que não sou surdo. (coordenada sindética explicativa)

EXERCÍCIOS

190) Pesquisamos o assunto; estávamos, pois, preparados.
Oração coordenada:
a) assindética
b) sindética explicativa
c) sindética conclusiva
d) sindética aditiva

191) Assinale a oração coordenada sindética explicativa.
a) Foi à praia e não tomou banho.
b) "Penso, logo existo."
c) Espere-me lá fora, que preciso falar-lhe.
d) Não só pintava, mas também fazia versos.

192) Marque a opção em que o período não apresenta orações coordenadas.
a) Ou pagas a prestação, ou perderás o aparelho.
b) Ele é um bom filho, logo será um bom marido.
c) Dizem por aí que haverá uma paralisação.
d) Marcos é grego, no entanto torce pela Itália.

193) Assinale a oração subordinada adjetiva restritiva.
a) Convém que nos respeitemos.
b) A chuva que caiu ontem salvará a plantação.
c) Desejo que sejas feliz.
d) Cabral, que descobriu o Brasil, era um grande navegante português.

194) Na oração "Todos perceberam **o** problema", o termo em destaque exerce a mesma função sintática da oração grifada em:
a) Preciso de que me ajudem.
b) Receava que a comia acabasse.
c) Expliquei tudo, todavia ele não compreendeu.
d) Recebi o computador que havia encomendado.

195) Assinale o período que apresenta oração subordinada adjetiva restritiva.
a) Veja onde está o cachorro.
b) Não me disseram que era tarde.
c) Estava sujo o rio onde ele se lavou.
d) É bom que venham todos.

196) Só não há oração subordinada adjetiva em:
a) Tudo que falou estava correto.
b) A pessoa de quem fiz queixa desculpou-se.
c) Todos quantos aqui estão são amigos.
d) O normal seria que ele falasse alguma coisa.

197) Assinale o exemplo de oração subordinada adjetiva explicativa.
a) O livro cujo autor conheci está esgotado.
b) Paulo, que é português, não gostou da brincadeira.
c) Os meninos, quando viram a mãe, sorriram.
d) Escreva mais, que sua letra está muito ruim.

198) Não sabia que estava sendo filmado.
Oração subordinada substantiva:
a) subjetiva c) predicativa
b) objetiva direta d) objetiva indireta

199) É importante que reformem todo o prédio.
Oração subordinada substantiva:
a) objetiva direta c) apositiva
b) subjetiva d) predicativa

200) Não tenho dúvida de que vencerei as dificuldades.
Oração subordinada substantiva:
a) objetiva indireta c) apositiva
b) subjetiva d) completiva nominal

201) Assinale o erro na análise da oração subordinada substantiva.
a) A verdade é que poucos se interessam pelo caso. (predicativa)
b) É certo que voltarei amanhã. (subjetiva)
c) Só dizia uma coisa: que era inocente. (apositiva)
d) Aspiro a que todos sejam aprovados. (completiva nominal)

202) Assinale a opção em que a oração destacada exerce a mesma função sintática do termo grifado na frase abaixo.
Nós **a** entregaremos amanhã.
a) O bom seria que ninguém dissesse nada.
b) Tinha medo de que o prejudicassem.
c) Após a palestra, Luís afirmou que tudo mudaria.
d) Urge que nos apressemos.

203) Eles saíram assim que amanheceu.
Oração subordinada adverbial:
a) causal
b) condicional
c) temporal
d) proporcional

204) Cheguei bem cedo uma vez que precisava preparar-me.
Oração subordinada adverbial:
a) final
b) comparativa
c) consecutiva
d) causal

205) Ainda que o ajudasse, ele não conseguiria.
Oração subordinada adverbial:
a) concessiva
b) conformativa
c) temporal
d) condicional

206) Quanto mais pesquisa, mais descobre coisas interessantes.
Oração subordinada adverbial:
a) causal
b) final
c) proporcional
d) comparativa

207) Comeu tanto que passou mal.
Oração subordinada adverbial:
a) consecutiva
b) causal
c) concessiva
d) proporcional

208) Era inteligente como o pai.
Oração subordinada adverbial:
a) conformativa
b) comparativa
c) temporal
d) concessiva

209) Assinale o erro na análise da oração subordinada adverbial.
a) Se chover muito, a festa será adiada. (condicional)
b) Abrimos a janela para que entrasse o ar puro. (final)
c) Agi como eles determinaram. (comparativa)
d) Já que solicitaram, devolverei o produto. (causal)

210) Marque a opção em que o período apresenta orações com relacionamento de causa e conseqüência.
a) Entramos logo, para que eles não nos vissem.
b) Ia ficando vermelho à medida que corria.
c) Como estava fraco, desistiu de participar da competição.
d) Desde que sejas sincero, conseguirás convencê-la.

211) Doente que estivesse, viajou para a Europa.
Oração subordinada adverbial:
a) conformativa
b) temporal
c) concessiva
d) proporcional

212) Assinale o erro na análise da oração subordinada adverbial.
a) Caso haja problemas, todos serão avisados. (condicional)
b) Segundo nos contaram, ele ficou muito aborrecido. (causal)
c) Assim que o trem chegou, todos embarcaram. (temporal)
d) Quanto menos cuidas da tua saúde, mais te aproximas da morte. (proporcional)

213) Marque a oração subordinada adverbial temporal.
a) Desde que chegou, não ficou calado.
b) Tamanho foi seu susto, que perdeu a voz.
c) Caso duvidem, trarei documentos.
d) Levantou os braços para que todos o vissem.

214) Observe os períodos abaixo.

Conquanto chorasse, não convenceu ninguém.
Enquanto a roupa secava, a mulher preparava a comida.

As orações iniciais têm, respectivamente, valor de:
a) concessão e tempo
b) condição e proporção
c) concessão e proporção
d) tempo e causa

215) Assinale o erro de análise da oração em destaque.
a) Constava nos autos que eles haviam morrido. (subordinada substantiva objetiva direta)
b) Necessitava de que o levassem no colo. (subordinada substantiva objetiva indireta)
c) Mostrou-me o instrumento que seria utilizado. (subordinada adjetiva restritiva)
d) Não entrarás sem que a porta seja arrombada. (subordinada adverbial condicional)

216) Marque o erro na análise da oração destacada.

a) Garantiu aquela funcionária que eu seria convocado. (subordinada substantiva objetiva direta)

b) Rodrigo, que trabalha ali, pode ajudar. (subordinada adjetiva explicativa)

c) Fuja, porque ele vem aí. (subordinada adverbial causal)

d) Não tinha dúvida de que era estimado. (subordinada substantiva completiva nominal)

217) Assinale o erro na análise da oração reduzida.

a) Após sair, o mecânico sentiu-se mal. (subordinada adverbial temporal reduzida de infinitivo)

b) Tenho medo de errar. (subordinada substantiva completiva nominal reduzida de infinitivo)

c) Vi um menino chorando. (subordinada adjetiva restritiva reduzida de gerúndio)

d) Trabalhando mais, você teria progredido. (subordinada adverbial final reduzida de gerúndio)

218) A oração reduzida que expressa finalidade é:

a) Encerrado o jogo, entregaram os troféus.

b) Apressei-me para assistir ao jogo todo.

c) Reclamando, nada conseguiu do patrão.

d) Gostava de ser conduzido.

219) (CESGRANRIO) Assinale a classificação CORRETA da oração sublinhada.

"Caíra no fim do pátio, debaixo de um juazeiro, depois tomara conta da casa deserta."

a) subordinada adverbial temporal

b) subordinada adverbial proporcional

c) subordinada adverbial consecutiva

d) coordenada sindética conclusiva

e) coordenada assindética

GABARITO

190 C	200 D	210 C
191 C	201 D	211 C
192 C	202 C	212 B
193 B	203 C	213 A
194 D	204 D	214 A
195 C	205 A	215 A
196 D	206 C	216 C

197 B	207 A	217 D
198 B	208 B	218 B
199 B	209 C	219 E

COMENTÁRIOS

190) Letra C

Quando a palavra **pois** está entre vírgulas, equivale a **portanto**, que é sempre uma conjunção conclusiva. Por outro lado, pode-se observar simplesmente o sentido da frase: estar preparado é uma conclusão que se tira quando se afirma que se pesquisou muito.

191) Letra C

A palavra **que**, significando **porque**, como ocorre na alternativa **c**, pode ser conjunção coordenativa explicativa ou subordinativa causal. Uma boa maneira de ver a diferença é observar o verbo da oração inicial. Se ele estiver no imperativo, a conjunção **que** (também porque ou pois) será explicativa, mesmo nome da sua oração. É o que ocorre com a frase em análise.

192) Letra C

Na opção **a**, temos duas orações coordenadas alternativas (ou...ou). Na opção **b**, a primeira é a coordenada assindética, e a segunda, a conclusiva (logo = portanto). Na opção **c**, que é o gabarito, o período é composto por subordinação: a primeira é a principal, e a segunda, iniciada pela conjunção integrante **que**, a subordinada substantiva objetiva direta. Na opção d, a primeira é a coordenada assindética, e a segunda, a coordenada sindética adversativa.

193) Letra B

Oração adjetiva é aquela iniciada por um pronome relativo. Isso ocorre nas alternativas **b** e **d**. Na **b**, não há vírgula antes do pronome relativo **que**, pois a oração restringe o significado do antecedente **chuva**; por isso, a oração é subordinada adjetiva restritiva. Já na alternativa **d**, em que se usou a vírgula, a oração é subordinada adjetiva explicativa, pois se assemelha ao aposto.

194) Letra D

É o tipo de questão mais comum em concursos públicos, em que não se cobra a terminologia. A palavra destacada é artigo definido, portanto um adjunto adnominal. A

oração que funciona como adjunto adnominal é a subordinada adjetiva. Na alternativa **d**, o **que** é um pronome relativo, palavra que normalmente inicia esse tipo de oração.

Análise da demais, pela ordem: subordinada substantiva objetiva indireta, subordinada substantiva objetiva direta, coordenada sindética adversativa.

195) Letra C

A única frase com pronome relativo é a da opção **c**: **onde** (= no qual). As outras são substantivas. Eis a análise, pela ordem: objetiva direta, objetiva direta e subjetiva.

196) Letra D

O único período sem pronome relativo é o da letra **d**. A oração começada pelo **que**, que é conjunção integrante, é subordinada substantiva predicativa.

197) Letra B

As duas primeiras frases têm pronomes relativos: **cujo** e **que**. Na opção **b**, há vírgula antes do pronome, o que caracteriza a oração adjetiva explicativa. Na opção **c**, a oração começada pelo **quando** é subordinada adverbial temporal; na opção **d**, a segunda oração, começada pela conjunção **que**, é coordenada sindética explicativa.

198) Letra B

O verbo **saber** é transitivo direto. Seu complemento é a oração em destaque. Se usarmos o macete da troca da oração por **isto**, veremos que essa palavra será o objeto direto da oração. Isso pode ser feito com todas as orações substantivas.

199) Letra B

Quando um verbo de ligação, com o predicativo ao lado, está seguido de oração substantiva, ela é o seu sujeito. Veja que o verbo **ser** está na terceira pessoa do singular, e o sujeito não é **ele**. Mas alguma coisa é importante, ou seja, a oração seguinte.

200) Letra D

A oração em destaque completa o sentido de um substantivo: **dúvida**. É o seu complemento nominal. Cuidado para não confundi-la com a objetiva indireta, que completa o sentido de um verbo transitivo indireto. Se transformássemos a oração do exercício em "Não duvido de que vencerei as dificuldades", a oração passaria a subordinada substantiva objetiva indireta.

201) Letra D

Na alternativa **d**, a oração sublinhada completa o sentido do verbo, portanto é objetiva indireta, e não completiva nominal. Vale lembrar aqui, aproveitando a questão, que a oração predicativa, que aparece na alternativa **a**, só existe quando o verbo da oração principal é **ser**, do qual ela é o predicativo.

202) Letra C

A palavra grifada na frase é o pronome átono **a**, na função de objeto direto do verbo **entregarmos**. Portanto, o que se quer é a opção em que aparece a oração subordinada substantiva objetiva direta. Daí o gabarito ser a letra **c**. As outras, pela ordem, têm os seguintes valores: predicativo, complemento nominal e sujeito.

203) Letra C

Iniciamos agora uma série de questões com orações adverbiais. Nesta, a oração destacada, iniciada pela conjunção **assim que**, é o adjunto adverbial de tempo da primeira; logo, é uma subordinada adverbial temporal.

204) Letra D

Uma vez que é sinônimo de **porque**, indicando a causa do que ocorre na primeira oração. Assim, é uma oração subordinada adverbial causal.

205) Letra A

A oração começada pelo **ainda que** (sinônimo de embora), indica algo contrário ao que se afirma na oração principal. O período apresenta orações que se opõem. Ou seja: com ajuda, ele deveria conseguir, mas não consegue. A oração subordinada, nessas condições, é adverbial concessiva.

206) Letra C

A correlação **quanto mais...mais** indica proporção. Ou seja: aumentando algo numa oração, aumenta na outra, na mesma proporção. A oração subordinada é a que começa pelo **quanto**. A outra é sempre a principal. Podíamos escrever, usando a conjunção mais comum do grupo: À proporção que pesquisa, descobre coisas interessantes.

207) Letra A

As orações iniciadas pelo **que** antecedidas por palavras como **tal**, **tanto**, **tão** e **tamanho** têm valor de conseqüência. São, portanto, adverbiais consecutivas. A presença de tais palavras antes da conjunção consecutiva **que** é a principal característica dessa oração. Mas vale lembrar que elas podem ficar ocultas. Pelo sentido: o fato de ter passado mal é a conseqüência de ter comido tanto.

208) Letra B

Pai e filho estão sendo comparados. Então, a oração do **como** é adverbial comparativa. O verbo, como costuma acontecer com essa oração subordinada, é o mesmo da principal e está subentendido.

209) Letra C

A frase da letra **c** pode confundir um pouco, O **como** não é comparativo, como possa parecer, já que não há dois seres sendo comparados. Isso ocorreria se disséssemos apenas "Agi como eles". O que temos na questão é o **como** sinônimo de **conforme**, estabelecendo então uma conformidade, um acordo. A oração é subordinada adverbial conformativa.

210) Letra C

Uma questão muito importante, comum em questões de provas para o serviço público. Na letra **a**, a segunda oração indica finalidade; na **b**, proporção; na **d**, a primeira oração é a condição para a vitória. Já na letra **c**, que é o gabarito, a primeira oração, começada pela conjunção **como**, com o sentido de **porque**, é a causa da segunda. Ora, onde há causa há conseqüência, que no caso é a desistência de participar do concurso.

211) Letra C

A conjunção **que**, quando está depois do adjetivo e antes do verbo (estando este no modo subjuntivo), equivale a **embora**, sendo uma conjunção subordinativa concessiva. Quando há essa inversão, ela pode significar **porque** e ser causal, mas o verbo terá de estar no modo indicativo. Por exemplo: Forte que era, levou o piano.

212) Letra B

A oração iniciada por **segundo** não é a causa da que segue. **Segundo** é o mesmo que **conforme**. A oração é subordinada adverbial conformativa. Na letra **d**, temos algo interessante: a correlação **quanto menos...mais**, proporcional.

213) Letra A

A conjunção **desde que** pode ser temporal ou condicional. Na letra **a**, temos uma nítida idéia de tempo na primeira oração.

Demais orações, pela ordem: subordinada adverbial consecutiva, subordinada adverbial condicional e subordinada adverbial final.

214) Letra A

Conquanto é o mesmo que **embora** e inicia oração subordinada adverbial concessiva. **Enquanto** é conjunção que inicia oração com valor de tempo, ou seja, subordinada adverbial temporal.

215) Letra A

O verbo **constar** é unipessoal quando seguido de **que**. A oração que segue a ele é sempre o seu sujeito, sendo o **que** uma conjunção subordinativa integrante. A oração, assim, é subordinada substantiva subjetiva.

216) Letra C

A conjunção **porque** está depois de um verbo no imperativo. Em tal situação, jamais será causal. É uma conjunção coordenativa explicativa, e sua oração, que justifica, explica a ordem dada, é coordenada sindética explicativa.

217) Letra D

As orações reduzidas têm o verbo numa forma nominal: gerúndio, particípio, infinitivo. Não têm o apoio da conjunção, que muitas vezes ajuda a identificar a oração, quer coordenada, quer subordinada. Então, só o sentido vai determinar, mas você pode − e isso ajuda muito, se for bem feito − tentar desenvolver a oração, ou seja, colocar uma conjunção ou pronome relativo, passando o verbo para o indicativo ou subjuntivo. O erro está na letra **d**, porque a oração tem valor de condição (se tivesse estudado mais).

218) Letra B

Na letra **a**, temos uma idéia de tempo: oração subordinada adverbial temporal reduzida de particípio. Na **c**, concessão: oração subordinada adverbial concessiva reduzida de gerúndio. Na **d**, a oração completa o sentido da primeira, sendo o seu objeto indireto: oração subordinada substantiva objetiva indireta reduzida de infinitivo.

219) Letra E

O período é constituído por apenas duas orações. A segunda tem a palavra **e** subentendida (e depois tomara conta da casa deserta), estando, pois, coordenada à primeira. Como a conjunção não está expressa, diz-se que as duas são coordenadas assindéticas.

AULA 7: CONCORDÂNCIA VERBAL

É a concordância entre o verbo e seu sujeito.

1) Regra geral

O verbo concorda com o sujeito em número e pessoa.

Ex.: O carro parou. Os carros pararam. Eu estudei. Nós estudamos.

CASOS PARTICULARES

1) Sujeito composto leva o verbo ao plural.

Ex.: Pedro e Joana estudam para concursos.

Observações

a) Se o sujeito composto estiver após o verbo, pode haver a concordância atrativa, ou seja, com o núcleo mais próximo.

Ex.: Estudam para concursos Pedro e Joana. (concordância gramatical ou lógica)

Estuda para concursos Pedro e Joana. (concordância atrativa)

b) Sujeito formado por sinônimos leva o verbo ao singular.

Ex.: A ira e a raiva fará dele um infeliz.

2) Verbo **haver**, significando **existir**, não admite plural. Trata-se de um verbo impessoal, ou seja, não tem sujeito.

Ex.: Havia muitos riscos. (Existiam muitos riscos)

Houve inúmeras dificuldades. (Existiram inúmeras dificuldades)

Como se vê pelos exemplos, o verbo **existir** vai normalmente ao plural, para concordar com seu sujeito. No caso do verbo **haver**, não há sujeito, e o termo que se liga a ele é seu objeto direto. Veja abaixo.

Haverá <u>muitas dificuldades</u>.
obj. direto

Existirão <u>muitas dificuldades</u>.
sujeito

Obs.: Se o verbo **haver**, com o sentido de **existir**, for o principal de uma locução verbal, seu auxiliar também ficará no singular.

Ex.: Deve haver reclamações. (Devem existir reclamações)

Estude muito essa regra de concordância. Ela é excessivamente cobrada por todas as bancas, principalmente pela Esaf. Você precisa e pode garantir o ponto da questão.

3) Verbos **haver** e **fazer**, indicando tempo, não admitem plural. São verbos impessoais.
Ex.: Faz dois meses que não jogo futebol.
Deve fazer dois meses que não jogo futebol.
Há muitos dias que não saio.
Deve haver muitos dias que não saio.

4) Concordância em frases com a palavra SE.

a) Partícula apassivadora (ou pronome apassivador).
A palavra significa **alguém**, e o verbo é sempre transitivo direto.
Ex.: Espera-se um bom resultado.
Observe, meu amigo, o seguinte. É algo que vai ajudá-lo bastante.
• Alguém espera um bom resultado, mas não se sabe quem.
• Pode-se trocar: um bom resultado é esperado.
Dessa forma, o **se** é uma partícula apassivadora, e o sujeito é **um bom resultado**.
Agora, veja abaixo como a frase fica no plural.
Esperam-se bons resultados.
Por quê? Porque o sujeito é **bons resultados**, no plural, e o verbo deve concordar com o sujeito.

b) Símbolo (ou índice) de indeterminação do sujeito.
A palavra significa **alguém**, e o verbo não é transitivo direto.
Ex.: Precisa-se de computadores. (verbo transitivo indireto)
Estuda-se muito. (verbo intransitivo)
Ficou-se feliz. (verbo de ligação)

Observações

a) Cuidado para não confundir com a letra **a**. O sujeito, nas três frases, está indeterminado. Nenhuma palavra poderia atuar como sujeito. A que mais pode confundir é a primeira. Acontece que **de computadores** é um termo introduzido por preposição, e sujeito nunca pode ser preposicionado. Trata-se, realmente, de um objeto indireto.

b) Às vezes o verbo transitivo direto apresenta um objeto direto preposicionado. O **se**, no caso, é símbolo de indeterminação do sujeito, e o verbo fica na terceira pessoa do singular.
Ex.: Comeu-se dos bolos. (**dos bolos** não pode ser sujeito, pois tem preposição)

5) Concordância de QUE e QUEM

● QUE: leva o verbo a concordar com o antecedente.
Ex.: Fui **eu** que **notei** o problema.

● QUEM: leva o verbo à 3ª p.s., ou a concordar com o antecedente.
Ex.: Fui eu **quem notou** o problema.
Fui **eu** quem **notei** o problema.

6) Verbos **dar**, **bater**, **tocar** e **soar**, indicando horas.
Ex.: Já deram quatro horas. (sujeito: quatro horas)
O relógio já deu quatro horas. (sujeito: O relógio)
No relógio já deram quatro horas. (sujeito: quatro horas)
Obs.: Na última frase, **no relógio** (com preposição) é adjunto adverbial; o sujeito volta a ser **quatro horas**, por isso o verbo vai ao plural.

7) Sujeito formado por pessoas gramaticais diferentes.
Ex.: Eu, tu e ele diremos a verdade. (eu, tu e ele = nós)
Tu e ele direis a verdade. (tu e ele = vós)
Admite-se, neste último caso, a terceira pessoa do plural, pois a segunda do plural está caindo em desuso.
Ex.: Tu e ele dirão a verdade.

8) Sujeito plural com artigo plural: a concordância é com o artigo, mesmo que se trate de unidade (nome de livro, país etc.)
Ex.: Os Sertões foram escritos por Euclides da Cunha.
Os Estados Unidos assinaram o tratado.

Observações

a) Sem artigo, verbo no singular.
Ex.: Minas Gerais tem muitas fazendas.

b) Com o sujeito **livro** (ou sinônimos), verbo no singular.
Ex.: O livro Os Sertões foi escrito por Euclides da Cunha.

c) Com o verbo **ser** e a palavra **livro** (ou sinônimos) na função de predicativo, a concordância é opcional.
Ex.: Os Sertões é um grande livro.
Os Sertões são um grande livro.

9) Sujeito formado por pronome indefinido (ou interrogativo) e pronome pessoal.
Ex.: Algum de nós chegará lá.
Alguns de nós chegaremos lá.
Alguns de nós chegarão lá.
Como se pode ver, estando o primeiro pronome no singular, o verbo obrigatoriamente concorda com ele; com o primeiro pronome no plural, a concordância é opcional.
Obs.: Essa regra é perigosa. Fique atento para as frases longas, em que se afasta o verbo do sujeito. Se ocorrer isso, volte um pouco até encontrar o sujeito. Você tem condições reais de perceber e acertar a questão.

10) Sujeito formado por **um dos que** e **um e outro**: concordância opcional.
Ex.: Era um dos que mais falava.
Era um dos que mais falavam.
Um e outro atleta completou a prova.
Um e outro atleta completaram a prova.

11) Sujeito formado por **um ou outro** e **nem um nem outro**: verbo no singular.
Ex.: Um ou outro fará o trabalho.
Nem um nem outro pôde colaborar.
Obs.: Alguns autores admitem o verbo no plural, no caso de **nem um nem outro**. É uma situação polêmica.

12) Expressões do tipo **a maioria de**, **a maior parte de**, **grande parte de** e semelhantes mais palavra no plural: concordância opcional.
Ex.: A maioria dos estudantes compareceu.
A maioria dos estudantes compareceram.
Cuidado! Em "A maioria da turma compareceu" o verbo só pode estar no singular, pois a palavra **turma** também é singular.

13) As expressões **perto de** e **cerca de** levam o verbo a concordar com o numeral.
Ex.: Cerca de vinte pessoas estavam na loja.

14) Concordância com **mais de** e **menos de**.

● Com numeral **um**: verbo no singular.
Ex.: Mais de um colono terá ajuda.

● Com **dois** em diante: verbo no plural.
Ex.: Mais de dez colonos terão ajuda.

● **Mais de um** exige plural se houver idéia de reciprocidade ou estiver repetido.
Ex.: Mais de um jogador se ofenderam.
Mais de um livro, mais de um jornal serão vendidos.

15) Verbo **ser**.

● Indicando horas ou datas: concordância com o numeral.
Ex.: Já são dez horas.
Hoje são cinco de agosto.
Obs.: Com a palavra **dia** expressa, verbo no singular.
Ex.: Hoje é dia cinco de agosto.

● Sujeito formado por **tudo**, **nada**, **isto**, **isso**, **aquilo**, **o**: concordância opcional.
Ex.: Tudo eram alegrias.
Tudo era alegrias.
O que disse eram bobagens.
O que disse era bobagens.

● São invariáveis as expressões que indicam quantidade (é pouco, é muito), preço (é o preço), distância (é a distância).
Ex.: Nove metros é pouco.
Cem reais é o preço.
Vinte quilômetros era a distância.

● Os pronomes interrogativos **que** e **quem** levam o verbo a concordar com o predicativo.
Ex.: Quem são vocês?
Que eram, afinal, os problemas?

● O verbo **ser** sempre concorda com a pessoa ou o pronome pessoal, não importando a ordem da frase.
Ex.: Carlos era as alegrias da família.
As alegrias da família era Carlos.
Nós éramos as alegrias da família.
As alegrias da família éramos nós.

16) Verbo **parecer**.
Ex.: Parecem brincar as crianças.
Parece brincarem as crianças.
No primeiro caso, temos uma locução verbal, cujo verbo auxiliar é **parecem**, concordando com o sujeito **as crianças**. No segundo, há duas orações, sendo a oração do infinitivo sujeito da primeira. Pode-se escrever, também: "Parece que brincam as

crianças", sendo a segunda oração (que brincam as crianças) o sujeito da primeira (parece).

Observações

a) Fica errado colocar os dois no plural.
Ex.: Parecem brincarem as crianças.

b) Tome cuidado com as inversões, pois a frase continua correta.
Ex.: As crianças parece brincarem.
As crianças parece que brincam.

17) Sujeito formado por fração: verbo concorda com o numerador.
Ex.: Um quarto dos assistentes aplaudiu.
Dois quartos dos assistentes aplaudiram.

EXERCÍCIOS

220) Assinale a frase com erro de concordância verbal.
a) Houve diversas alterações.
b) Ainda existem dificuldades.
c) Não haveriam, temos certeza, tantas decepções.
d) Ainda haverá problemas.

221) Indique a opção que apresenta uma concordância verbal indevida.
a) Poderá haver demissões.
b) Não costuma haver reprovações.
c) Deve existir ali pessoas sensatas.
d) Existe um erro e um acerto.

222) Assinale o erro de concordância verbal.
a) Há de haver falhas.
b) Hão de existir melhores condições de trabalho.
c) Já faz dois dias que não durmo.
d) Espero que hajam novas oportunidades.

223) Assinale o erro de concordância verbal.
a) Perdeu-se todo o lote.
b) Faz-se chaves.
c) Acharam-se os documentos.
d) Necessita-se de ajudantes.

224) Assinale o erro de concordância verbal.
a) Compram-se jornais velhos.
b) Já não se lê revistas como antigamente.
c) Já não se lê como antigamente.
d) Escreviam-se belas cartas.

225) Assinale a frase perfeita quanto à concordância verbal.
a) Que se coloque os cartazes agora mesmo
b) Pede-se explicações.
c) Levantar-se-á as paredes.
d) Aqui se obedece às leis.

226) Assinale a frase que contraria a norma culta quanto à concordância verbal.
a) Sou eu que pergunto.
b) Sou eu quem pergunta.
c) Fazem cinco anos os garotinhos.
d) Inúmeros problemas estão havendo aqui.

227) Está errada a concordância verbal em:
a) O sino da matriz bateu cinco horas.
b) Trabalharei eu, tu e ele.
c) Voltastes tu e eu.
d) No relógio da praça, já bateram dez horas.

228) Assinale o erro de concordância verbal.
a) Trabalhava a menina e eu.
b) Têm-se contado boas histórias.
c) Eram eles quem discursaria.
d) Os Lusíadas, grande obra de Camões, pertence à literatura universal.

229) Assinale a frase que não está de acordo com a língua padrão.
a) Quais de vós sereis promovidos?
b) Qual dentre nós será aproveitado?
c) Cada um deles disse isso.
d) Algum deles, apesar das dificuldades encontradas e de todos os

problemas não resolvidos, vieram cedo.

230) Assinale a frase cujo verbo poderia estar também no plural.
a) Jamais haverá discussões.
b) O povo aplaudia.
c) Luta-se por dias melhores.
d) Um e outro artista gostaria de assinar tal trabalho.

231) Só está correta a concordância da frase:
a) Aquilo seriam novidades.
b) As esperanças são sempre ele.
c) Já são uma hora e cinqüenta minutos.
d) Duzentos reais são muito pouco.

232) Marque o erro de concordância verbal.
a) Encontraram-se as respostas.
b) A maior parte dos vizinhos colaboraram.
c) Faltam poucos dias para a prova.
d) A presença de tantos policiais armados provam que existe perigo.

233) Assinale a frase que não admite a variação colocada nos parênteses.
a) Os Corumbas, de Amando Fontes, contam a dor dos retirantes.
(O livro Os Corumbas, de Amando Fontes, conta a dor dos retirantes.)
b) Existem um fato e uma idéia.
(Existe um fato e uma idéia.)
c) Soaram oito horas.
(Soou oito horas no relógio da praça.)
d) Espera-se a maioria dos convidados.
(Esperam-se a maioria dos convidados.)

234) A alternativa que se completa somente com a primeira palavra dos parênteses é.
a) Poucos de nós.....isso. (faríamos/fariam)
b) .....-se a loja e a sala. (pintou-se/pintaram-se)
c) .....de haver pessoas sensatas ali. (Há/Hão)
d) .....nascer as plantas. (Parece/Parecem)

235) (CÂM. MUN.-RIO) Entre as alterações processadas em passagens do texto, aquela que contém *erro* de concordância verbal é:
a) **hão de bastar** os seguintes fatos
b) **haviam-se produzido** variedades locais
c) o que **disse** Estrabão e Santo Agostinho

d) inscrições latinas que nos **foram possíveis** encontrar
e) línguas independentes, a maioria das quais ainda hoje **existe**

236) (AG. TRIB.–PI) Assinale a opção em que o trecho do texto apresenta erro de concordância.
a) O Programa Contribuinte do Futuro foi uma ação de educação fiscal desenvolvida entre 1971 e 1980.
b) Conscientizava os estudantes do primeiro grau em relação aos fundamentos do exercício da cidadania
c) Reforçava a idéia da participação popular como forma de construção de uma nação justa e igualitária.
d) O programa contou com ampla divulgação nos meios de comunicação e eram avaliados por meio de concursos de redação e opiniões dos professores coletadas em formulário próprio.
e) Nos anos em que atuou, como o programa recebeu amplo apoio do Ministério da Educação, distribuiu 40 milhões de livros e atingiu 50 mil escolas.

237) (BB) Concordância imperfeita:
a) encontraram-se os enganos
b) emitiram-se novos cheques
c) procederam-se aos levantamentos
d) preencheram-se as requisições
e) trocaram-se outras posições

238) (TRE−ES) A concordância verbal está errada em:
a) Minas Gerais é um belo estado.
b) Tu e eu sairemos agora.
c) Fui eu quem leu a carta.
d) Fui eu que leu a carta.
e) Hoje são vinte de julho.

239) (C.MEN.–RIO) "Tudo pode afetar a nossa vida"
Das alterações processadas na passagem acima, a que **contraria** a norma culta, quanto à concordância verbal, é:
a) Todas as coisas parece afetarem a nossa vida.
b) Todas as coisas parece que afetam a nossa vida.
c) Todas as coisas parecem que afetam a nossa vida.
d) As coisas e as pessoas, tudo parece afetar a nossa vida.
e) Tudo, as coisas e as pessoas, parece afetar a nossa vida.

240) (AFRF) Indique a única frase que passaria a apresentar erro de concordância verbal, se tivesse o verbo sublinhado no singular.

a) "Um dos soldadinhos que me acompanhavam chorava como um desgraçado."
b) "Os sentenciados houveram do poder público a comutação da pena."
c) "E quanto enfim cuidava e quanto via, eram tudo memórias de alegria."
d) "O conselho se reuniu, e decidiram começar a guerra."
e) "Um turbilhão de sentimentos nos acodem."

241) (AFRF) Indique o único segmento que apresenta concordância verbal condizente com as normas do português padrão.

a) O funcionamento dos dois hemisférios cerebrais são necessários tanto para as atividades artísticas como para as científicas.
b) As diferentes divisões e subdivisões a que se submetem a área de ciências humanas provocam uma indesejável pulverização de domínios do conhecimento.
c) Normalmente, a aplicação de métodos quantitativos e exatos acabam por distorcer as linhas de raciocínio em ciências humanas.
d) Uma das premissas básicas do conjunto de assunções teóricas e epistemológicas do trabalho que ora vem a lume é a concepção da Arte como uma entre as muitas formas por meio das quais o conhecimento humano se expressa.
e) Não existem fórmulas precisas ou exatas para se avaliar uma obra de arte, não existe um padrão de medida ou quantificação, tampouco podem haver modelos rígidos pré-estabelecidos.

242) (CORREGEDORIA/RJ) "Meu amigo, tem esterco de vaca, de galinha..."

Entre as modificações aplicadas à passagem acima, a que tem erro de concordância verbal é:

a) ...haviam estercos diversos
b) ...viam-se estercos diversos
c) ... surgiam estercos diversos
d) ... existiam estercos diversos
e) ... apareciam estercos diversos

243) (CORREGEDORIA/RJ) "Hoje deve haver menos gente por lá..."

Das reescritas abaixo, a que não se ajusta às normas de concordância verbal é:

a) Hoje parece chegarem menos pessoas.
b) Hoje deve aparecerem menos pessoas.
c) Hoje hão de existir menos pessoas.
d) Hoje têm de surgir menos pessoas.
e) Hoje podem afluir menos pessoas.

244) (CÂM.MUN./RIO) A opção em que há erro de concordância verbal, segundo as normas da língua culta, é:
a) Descobriram-se muitos inventos novos na última década.
b) É preciso que se realizem esforços para se atingir um plano de desenvolvimento integrado.
c) Foi necessário que se estendesse as providências até alcançar os menos favorecidos.
d) Nada se poderia realizar sem que se tomassem novas medidas.
e) Desenvolveu-se o novo projeto de que todos estavam necessitados.

245) (TRF) Assinale a opção em que a conjugação do verbo HAVER desrespeita a norma culta.
a) Dessa maneira, não haveria arrependimentos nem lamentos mais tarde.
b) Naquela situação de tensão, os garotos se houveram com muita discrição e elegância.
c) Todos eles já haviam vivido situações de tensão semelhantes anteriormente.
d) Eles sabiam que deviam haver punições para os que violassem as regras.
e) Mesmo assim, os adultos houveram por bem recomendar cautela a todos.

GABARITO

220 C	229 D	238 D
221 C	230 D	239 C
222 D	231 A	240 B
223 B	232 D	241 D
224 B	233 C	242 A
225 D	234 C	243 B
226 D	235 D	244 C
227 C	236 D	245 D
228 D	237 C	

CONCORDÂNCIA NOMINAL

1) Regra geral
Palavra que acompanha substantivo concorda com ele.
Ex.: O aluno. Os alunos. A aluna. As alunas.
Meu livro. Meus livros. Minha pasta. Minhas pastas.
Garoto alto. Garotos altos. Garota alta. Garotas altas.
Primeiro filho. Primeiros filhos. Primeira filha. Primeiras filhas.
Obs.: Como se vê pelos exemplos, as classes de palavras que se ligam ao substantivo são: artigo definido, pronome adjetivo, adjetivo e numeral adjetivo.

CASOS PARTICULARES

1) Um adjetivo para mais de um substantivo.
Ex.: Homem e menino altos. Homem e menino alto.
Mulher e menina altas. Mulher e menina alta.
Homem e mulher altos. Homem e mulher alta.

Observações

a) Quando o adjetivo concorda com todos os substantivos, há uma concordância gramatical ou lógica; quando concorda só com o mais próximo, concordância atrativa.

b) Quando os substantivos são de gêneros diferentes, prevalece o masculino. Por isso, no último exemplo, diz-se **altos**. Da mesma forma, também se admite a concordância atrativa.

c) Vindo antes o adjetivo, é mais freqüente a concordância atrativa, a menos que se trate de nome próprio ou de parentesco.
Ex.: Má hora e lugar. Mau lugar e hora.
Os inteligentes Pedro e Osvaldo.
As alegres avó e neta.

d) Vindo antes o adjetivo, mas com artigo entre ele e o substantivo, ambas as concordâncias podem ser feitas.
Ex.: Chegaram animados a moça e o rapaz.
Chegou animada a moça e o rapaz.

2) **Alerta** e **menos** são invariáveis.
Ex.: Eles estavam alerta. (e não alertas)
Tinha menos convicção. (e não menas)
Obs.: Se uma palavra for substantivada, irá normalmente ao plural.
Ex.: o alerta – os alertas
o não – os nãos.

3) **Bastante** pode ser variável ou invariável.
Ex.: Recebeu bastantes prêmios. (bastantes: pronome adjetivo indefinido)
Recebeu prêmios bastantes. (bastantes: adjetivo)
Estavam bastante cansados. (bastante: advérbio, pois modifica um adjetivo)
Obs.: As pessoas erram muito o emprego de **bastante**. Você, que se prepara para um concurso público, não pode manter aquela idéia de que **muito** e **bastante** são advérbios. Tudo depende da frase.

4) **Anexo**, **obrigado**, **quite** e **leso** são variáveis.
Ex.: Certidão anexa. Requerimento anexo. Mandei anexa uma cópia.
–Obrigada, disse a mulher. – Obrigado, disse o homem.
Ele está quite. Eles estão quites.
Crime de lesa-pátria. Crime de leso-patriotismo.
Obs.: **Em anexo** é invariável.
Ex.: Mandei em anexo dois recibos.

5) **Possível** é adjetivo, portanto variável.
Ex.: Mudança possível. Mudanças possíveis.
Obs.: Às vezes, é empregado como reforço em frases especiais, em que concorda com o artigo.
Ex.: Histórias **o** mais tristes **possível**.
Histórias **as** mais tristes **possíveis**.
Histórias **quanto possível** tristes.
Como se vê, se houver o advérbio **quanto**, **possível** fica invariável.

6) **Mesmo** e **próprio** concordam com a palavra a que se referem na frase.
Ex.: Ela mesma fez a limpeza. Ela própria fez a limpeza.
Ele mesmo fez a limpeza. Ele próprio fez a limpeza.
Obs.: **Mesmo** e **próprio** em frases desse tipo são pronomes demonstrativos usados para reforçar um termo na frase. **Mesmo** pode ser advérbio (realmente), ficando então invariável.
Ex.: Ela fez mesmo a limpeza.

7) **Um e outro**, **um ou outro**, **nem um nem outro**: substantivo no singular e adjetivo no plural.
Ex.: Um e outro animal ferozes fugiu.
Obs.: Com certeza você achou a frase estranha, principalmente porque o verbo está no singular. Verifique o emprego dessa expressão na concordância verbal.

8) **Tal qual** é variável. **Tal** concorda com o primeiro termo; **qual**, com o segundo.
Ex.: Ele era tal qual o colega.
Eles eram tais qual o colega.
Ele era tal quais os colegas.
Eles eram tais quais os colegas.
Esquisito, não é mesmo? Não se desespere, meu amigo. Há muita coisa estranha em português; estranha, mas correta. Com o tempo, você se acostuma.

9) **Só** = sozinho → variável
Só = somente → invariável
Ex.: Os parentes ficaram sós.
Só eles reclamaram.
Obs.: **A sós** é invariável.
Ex.: Ele está a sós.
Eles estão a sós.

10) Substantivo sem artigo, em frases com o verbo **ser**: adjetivo no masculino; com artigo, concordância normal.
Ex.: É proibido conversa entre os assistentes.
É proibida a conversa entre os assistentes.
Obs.: Ficam erradas as frases do tipo: "É proibido a conversa" e "É proibida conversa".

11) **Haja vista**.
Ex.: Haja vista os resultados. (invariável)
Obs.: Admitem-se também duas outras construções.
Ex.: Haja vista aos resultados.
Hajam vista os resultados

12) **Nenhum** é pronome adjetivo; portanto, concorda com o substantivo.
Ex.: Nenhum livro. Nenhuns livros. Nenhuma caneta. Nenhumas canetas.

13) Palavra **meio**: variável ou invariável.
Ex.: Ele trouxe meia melancia. (numeral, acompanha substantivo)
Ela estava meio chateada. (advérbio, liga-se ao adjetivo).
Cuidado! Para alguns gramáticos importantes, o advérbio **meio** pode flexionar-se. É uma situação polêmica. Não se precipite. Se a banca do concurso colocar a frase "Ela estava

meia chateada", verifique as outras opções; ela pode ter considerado correta a frase. Ou seja: faça por eliminação.

14) Palavra **todo**: variável ou invariável.
Ex.: Ela chegou todo machucada.
Ela chegou toda machucada.

Observações

a) A palavra **todo**, nas duas frases, é advérbio de intensidade, pois modifica adjetivo, equivalendo a **totalmente**. Na segunda, há uma flexão por influência do adjetivo **machucada**. É, pois, um advérbio que pode flexionar-se.

b) Em **todo-poderoso**, **todo** é invariável.
Ex.: O todo-poderoso. Os todo-poderosos
A todo-poderosa. As todo-poderosas.

15) Plural das cores
Ex.: blusas brancas. (brancas é adjetivo)
blusas laranja. (laranja é substantivo: invariável ao indicar cor)
blusas verde-amarelas. (dois adjetivos: só o segundo se flexiona)
blusas verde-abacate. (adjetivo mais substantivo: composto invariável)
blusas cinza-claro. (substantivo mais adjetivo: composto invariável)

Observações

a) Na palavra composta, o primeiro nome que indica cor não vai ao plural.

b) **Azul-marinho** e **azul-celeste** são, no português atual, invariáveis.
Ex.: Blusas azul-marinho. Blusas azul-celeste.

c) Se o composto for usado como substantivo, os dois elementos se flexionarão.
Ex.: O azul-claro. Os azuis-claros.

EXERCÍCIOS

246) Assinale a alternativa em que ocorreu erro de concordância nominal.
a) livro e revista velhos
b) aliança e anel bonito
c) rio e floresta antiga
d) homem, mulher e criança distraídas

247) Assinale a frase que contraria a norma culta quanto à concordância nominal.
a) Falou bastantes verdades.
b) Já estou quites com o colégio.
c) Nós continuávamos alerta.
d) Haverá menos dificuldades na prova.

248) Há erro de concordância nominal na frase:
a) Nenhuns motivos me fariam ir.
b) Estavam bastante fracos.
c) – Muito obrigada, disse a mulher.
d) Foi um crime de lesa-cristianismo.

249) Está correta quanto à concordância nominal a frase:
a) Levou camisa, calça e bermuda velhos.
b) As crianças mesmo consertariam tudo.
c) Trabalhava esperançoso o rapaz e a moça.
d) Preocupadas, a mãe, a filha e o filho resolveram sair.

250) Cometeu-se erro no emprego de ANEXO em:
a) Anexas seguirão as fotocópias.
b) Em anexo estou mandando dois documentos.
c) Estão anexos a certidão e o requerimento.
d) Anexo enviamos uma foto.

251) Há erro de concordância nominal na seguinte frase:
a) Vós próprios podereis conferir.
b) Desenvolvia atividades o mais interessantes possíveis.
c) Anexo ao requerimento a documentação solicitada.
d) Ele já estava quite e tinha bastantes possibilidades de vitória.

252) Assinale o erro de concordância nominal.
a) Maçã é ótimo para isso.
b) É necessário atenção.
c) Não será permitida interferência de ninguém.

d) Música é sempre bom.

253) Assinale a frase imperfeita quanto à concordância nominal.
a) O artista andava por longes terras.
b) Realizava uma tarefa monstro.
c) Os garotos eram tal qual o avô.
d) Aquela é a todo-poderosa.

254) Em qual alternativa apenas a segunda palavra dos parênteses pode ser usada na lacuna?
a) Estudei música e literatura..... (francesa / francesas)
b) Histórias quanto..... tristes. (possível / possíveis)
c) Nem um nem outro..... fugiu. (animal / animais)
d) Só respondia com .....palavras. (meio / meias)

255) Marque o erro de concordância.
a) Os alunos ficaram sós na sala.
b) Já era meio-dia e meio.
c) Os alunos ficaram só na sala.
d) Márcia está meio vermelha.

256) Assinale a opção em que o nome da cor apresenta erro de concordância.
a) Tem duas blusas verde-musgos.
b) Usava sapatos creme.
c) Comprou faixas verde-azuladas.
d) Trouxe gravatas azul-celeste.

257) Aponte o erro de concordância.
a) Vi homem e mulher animados.
b) Era uma pseuda-esfera.
c) Encontramos rio e lagoa suja.
d) Regina ficou a sós.

258) Marque a frase com palavra mal flexionada.
a) Comprou camisas **vermelho-sangue**.
b) Assuntos **nenhum** lhe agravavam.
c) Não há **quaisquer** perspectivas.
d) Elas não se abrem por si **sós**.

259) Há erro de concordância nominal em:
a) Segue anexo um recibo e uma foto.
b) Dificuldade é bom para todos.
c) Aquele menino era tal qual os vizinhos.
d) Não queria saber de meias verdades.

260) Há.....colegas na sala,.....diretores e um e outro.....
Completando-se a frase acima, temos:
a) bastantes, nenhuns, funcionário
b) bastante, nenhuns, funcionário
c) bastantes, nenhum, funcionário
d) bastantes, nenhuns, funcionários

261) Marque o erro de concordância da palavra **bastante**.
a) Ficaram bastantes admirados.
b) Bastantes pássaros voaram.
c) Pessoas bastantes apareceram por lá.
d) Encontrei bastantes surpresas.

262) (PROF./MT) A frase em que a concordância nominal contraria a norma culta é:
a) O poeta considera ingrata a terra e o filho.
b) O poeta considera ingrato o filho e a terra.
c) O poeta considera ingratos a terra e o filho.
d) O poeta fala de um filho e uma terra ingratas.
e) O poeta fala de uma terra e um filho ingratos.

263) (T.A.CÍVEL/RJ) "tornou-se absolutamente claro para mim que eu queria mesmo era escrever em português."
Das frases abaixo, a que contraria a norma culta quanto à concordância nominal é:
a) Tornou-se clara para o leitor minha posição sobre o assunto.
b) Deixei claros para o leitor meus pontos de vista sobre o assunto.
c) Ficou clara para o leitor minha posição e meus argumentos sobre o assunto.
d) Ficaram claras para o leitor minha posição e argumentação sobre o assunto.
e) Quero tornar claros para o leitor serem estes meus argumentos sobre o assunto.

264) (TFC) Assinale a opção em que não há erro.
a) Seguem anexo os formulários pedidos.
b) Não vou comprar esta camisa. Ela está muito caro.
c) Estas questões são bastantes difíceis.
d) Eu lhes peço que as deixem sós.
e) Estando pronto os preparativos para o início da corrida, foi dada a largada.

265) (AG.ADM.–MARINHA) Assinale a alternativa que completa, corretamente, na seqüência, as frases abaixo.
Todos os quartéis estavam.....
Vitamina é.....para a saúde.
Era meio-dia e.....quando chegou o trem.
a) alertas – bom – meia
b) alertas – boa – meio
c) alerta – bom – meio
d) alerta − bom − meia
e) alertas − bom − meio

266) (FTM/ARACAJU) A frase em que a concordância nominal contraria a norma culta é:
a) Há gritos e vozes trancados dentro do peito.
b) Estão trancados dentro do peito vozes e gritos.
c) Mantêm-se trancadas dentro do peito vozes e gritos.
d) Trancada dentro do peito permanece uma voz e um grito.
e) Conservam-se trancadas dentro do peito uma voz e um grito.

267) (TRT−RJ) A frase em que se infringe a norma de concordância nominal prescrita pela língua culta é:
a) O tempo livre era gasto com asseio e alimentação necessárias.
b) Os trabalhadores assistiam semanalmente a práticas e rituais religiosos.
c) Os trabalhadores não tinham direito a descanso e férias remuneradas.
d) Viviam no lazer a nobreza e a burguesia ociosas.
e) As leis não protegiam o artesão e o camponês sofridos.

268) (CORREGEDORIA/RJ) Das expressões abaixo, retiradas do texto, aquela em que a palavra sublinhada não pode flexionar em gênero é:
a) "ponto facultativo"
b) "descanso obrigatório"
c) "domínio público"
d) "menos gente"
e) "verdadeiro sentido"

269) (F.C.Chagas/RJ) Elas.....providenciaram os atestados, que enviaram..... às procurações, como instrumentos.....para os fins colimados.

a) mesmas − anexos − bastantes
b) mesmo − anexo − bastante
c) mesmas − anexo − bastante
d) mesmo − anexos − bastante
e) mesmas − anexos − bastante

270) (A. CONT./MT) Tornava-se....., para Rui Barbosa, a imediata revisão de certas medidas adotadas, haja.....o caráter arbitrário de que se revestiam.

As palavras que completam corretamente as lacunas da sentença acima são:

a) imperioso / vista
b) imperioso / visto
c) imperiosa / visto
d) imperiosa / vista

271) (TRF−2ªRegião) Está INCORRETA a forma como se fez a concordância nominal na frase:

a) Os trens e as estações foram reformadas.
b) Os engenheiros construíram um viaduto e uma passarela nova.
c) Pela ferrovia trafegavam vagões e locomotivas refrigerados.
d) Os planos previam projetos e estruturas recém-idealizadas.
e) Os índices social e econômico de desenvolvimento da Região Metropolitana são baixíssimos.

GABARITO

246 D	255 B	264 D
247 B	256 A	265 D
248 D	257 B	266 E
249 C	258 B	267 A
250 D	259 C	268 D
251 B	260 A	269 A
252 C	261 A	270 D
253 C	262 D	271 A
254 D	263 E	

COMENTÁRIOS

220) Letra C

O verbo **haver**, com o sentido de **existir** ou indicando **tempo**, não admite plural. Isso é respeitado nas letras **a** e **d**. Na letra **b**, o verbo é **existir**, que vai normalmente ao plural. O gabarito é a letra **c**, porque se poderia fazer a troca para "Não existiriam". Nesse caso, o verbo **haver** não se flexiona. Diga-se, então, "Não haveria..."

221) Letra C

As opções **a** e **b** estão corretas pois o auxiliar do verbo **haver** está no singular. O gabarito é a letra **c** porque o auxiliar de **existir** deve ir ao plural, caso o sujeito esteja no plural. O sujeito da oração é **pessoas sensatas**, plural. Na letra **d**, não há erro uma vez que foi feita uma concordância atrativa com o primeiro núcleo do sujeito composto.

222) Letra D

O auxiliar de **haver**, sendo este impessoal, não vai ao plural; já o auxiliar de **existir** deve concordar com o sujeito. Por isso, estão corretas as duas primeiras frases. Na terceira, que está correta, temos o verbo **fazer** indicando tempo decorrido (observe que ele está seguido de uma oração começada por **que**). A resposta é, portanto, a letra **d**, pois o verbo equivale a **existir** (existam), devendo ficar no singular: "Espero que haja novas oportunidades."

223) Letra B

Nas três primeiras opções, o verbo é transitivo direto, e o **se** é uma partícula apassivadora; o termo que parece objeto direto é, na realidade, o sujeito. Na letra **b**, que é a resposta, o verbo não está concordando com o sujeito **chaves**. Não se esqueça da troca: Chaves são feitas. Na letra **d**, como o verbo é transitivo indireto, o **se** é símbolo de indeterminação do sujeito; sendo assim, o verbo fica sempre na 3ª pessoa do singular.

224) Letra B

As letras **a** e **d** estão corretas, pois o **se** é partícula apassivadora, e o verbo está no plural, para concordar com o sujeito. As letras **b** e **c** são parecidas; o verbo **ler**, que aparece nas duas, é transitivo direto na **b**, sendo então o **se** uma partícula apassivadora. Veja a troca: Revistas já não são lidas como antigamente. Então, corrija-se para "Já não se lêem revistas como antigamente. Na letra **c**, o **se** é símbolo de indeterminação do sujeito, e o verbo, que é intransitivo, tem de ficar no singular.

225) Letra D

As três primeiras frases têm verbos transitivos diretos; nas três, o **se** é partícula apassivadora, e os verbos deveriam ir ao plural. A última frase está correta, já que o verbo **obedecer** é transitivo indireto, sendo **às leis** o seu objeto indireto. Dessa forma, o verbo fica na 3ª pessoa do singular.

226) Letra D

As duas primeiras frases estão corretas, sendo que a segunda admite a variante "Sou eu quem pergunto". Na letra **c**, o verbo **fazer** não indica tempo decorrido, como parece; ele significa **completar** e tem sujeito, com o qual concorda (os garotinhos). A resposta é a letra **d**, que apresenta o verbo **haver** impessoal, com o auxiliar (estão) no plural; a inversão da frase (objeto direto antes do verbo) confunde um pouco, porém o que se deve notar é o sentido de **haver** (existir), caso em que a locução verbal não pode estar no plural.

227) Letra C

Na letra **a**, o verbo **bater** concorda com o sujeito (O sino da matriz), o mesmo ocorrendo na letra **d**, cujo sujeito é **dez horas**. Na letra **c**, houve uma concordância atrativa com a palavra **eu**, núcleo do sujeito mais próximo do verbo. O erro está na letra **c**, pois **voltastes** é plural (vós). A concordância gramatical seria **voltamos**, e a atrativa, **voltaste** (tu).

228) Letra D

Na letra **a**, ocorreu uma concordância atrativa (poderia ser "trabalhamos"). Na **b**, o **se** é partícula apassivadora, e o verbo concorda normalmente com o sujeito (boas histórias). Na **c**, a palavra **quem** está levando o verbo à terceira pessoa, mas poderia ser **discursariam**. A resposta é a letra **d**, porque o verbo deve concordar com o artigo que integra o nome do livro; o certo é **pertencem**.

229) Letra D

A questão se baseia na regra do emprego de dois pronomes. Na letra **a**, que está correta, também se poderia dizer **serão**, concordando com **quais**. Nas outras três opções, o primeiro pronome está no singular (qual, cada um e algum), o que deixa o verbo obrigatoriamente no singular. Por isso o gabarito é **d**. O afastamento do sujeito e do verbo pode ser um problema em prova. O que interessa é que o primeiro pronome é singular (algum). Portanto, o correto é **veio**.

230) Letra D

As quatro frases, evidentemente, estão corretas, mas uma delas admite a variação de plural. Na primeira, temos o verbo **haver** impessoal, que não admite o plural. Na segunda, o sujeito, embora um coletivo, é singular. Na terceira, a palavra **se** é empregada com um verbo que pede preposição: é um símbolo de indeterminação do sujeito. Na

letra **d**, que é a resposta, a expressão **um e outro** admite tanto o singular quanto o plural; assim, pode-se dizer também **gostariam de assinar**.

231) Letra A

Emprego do verbo **ser**. A única frase correta é a da letra **a**, pois, sendo o sujeito **aquilo**, a concordância pode ocorrer com ele ou com o predicativo: **seria** ou **seriam**. Na **b**, a concordância tem de ser com o pronome pessoal. Na **c**, o verbo indica tempo, devendo concordar com o numeral **uma**. Na **d**, há uma idéia de quantidade, e o verbo **ser** não se flexiona; o certo é **é muito pouco**.

232) Letra D

A resposta é a letra **d**, uma vez que o núcleo do sujeito é **presença**, singular. Corrija-se para **mostra**. O perigo é o tamanho da frase, com o afastamento que existe entre sujeito e verbo.

233) Letra C

A letra **c** é a resposta, porque na frase variante aparece **no relógio da praça**, adjunto adverbial de lugar. O verbo concorda com o sujeito, não com o adjunto. Se fosse **O relógio da praça**, teríamos **soou**. Na letra **d**, temos como sujeito a expressão **a maioria dos candidatos**, que pode levar o verbo ao singular (concordando com maioria), ou ao plural (concordando com candidatos). Observe que o **se** é partícula apassivadora. Pode-se dizer: "A maioria dos candidatos é esperada" ou "A maioria dos candidatos são esperados".

234) Letra C

Na letra **a**, podem ser empregadas as duas, o mesmo se dando com a letra **b**. Na letra **c**, gabarito da questão, o verbo **haver** significa **existir**; seu auxiliar (há) deve ser usado apenas no singular. Na letra **d**, só podemos empregar a segunda palavra.

235) Letra D

É uma questão bem difícil. O gabarito é a letra **d**, pois o sujeito do verbo **ser** é a oração do infinitivo. Se perguntarmos: "O que foi possível?", responderemos: "Encontrar inscrições latinas". Mas vamos escrever a frase numa outra ordem, mais lógica. Veja abaixo.

Foi-nos possível encontrar inscrições latinas.

Escrita dessa forma, a frase não apresenta risco algum.Então, mudando a ordem dos termos, podemos dizer: "Inscrições latinas que nos foi possível encontrar". É inadmissível **foram possíveis**, concordando com **inscrições**.

236) Letra D

Uma questão tradicional da banca da Esaf. A letra **d** contém um erro de concordância verbal. **O programa** é o sujeito do verbo **contou**, por isso mesmo no singular, mas também é do verbo **eram avaliados**. O que está escrito é "O programa...eram avaliados". Claro que o correto é "O programa era avaliado".

237) Letra C

O único verbo que não é transitivo direto é o da opção **c**: **proceder** é transitivo indireto, exigindo a preposição **a**, quando significa **dar início**. Então, **aos levantamentos**, introduzido por preposição, não pode ser o sujeito da oração, ficando o verbo na terceira pessoa do singular: "Procedeu-se aos levantamentos". O **se** é símbolo de indeterminação do sujeito; nas outras quatro opções, partícula apassivadora.

238) Letra D

Minas Gerais é nome de um estado brasileiro: leva o verbo ao singular. No entanto, se usarmos o artigo **as**, que a palavra permite, a concordância passará a ser feita com ele: "As Minas Gerais são um belo estado". **Tu e eu** é o mesmo que **nós**, daí o verbo na primeira pessoa do plural. O pronome **quem**, na opção **c**, pode levar o verbo à terceira pessoa do singular ou a concordar com o antecedente: "Fui eu **quem leu** a carta" ou "Fui **eu** quem **li** a carta". Já o pronome **que** só pode concordar com o antecedente. Corrigindo-se a frase da opção **d**, teríamos: "Fui eu que li a carta". Na opção **e**, temos o verbo **ser** indicando tempo, quando, então, concorda com o numeral.

239) Letra C

Na alternativa **c**, o verbo **parecer** está indevidamente no plural, porque a oração seguinte é o seu sujeito. O correto é "Todas as coisas parece que afetam a nossa vida, como se vê na opção **b**. Também não pode flexionar-se se está seguido de infinitivo plural. Fica errado, por exemplo, "Eles parecem brincarem". Corrigindo, teríamos: "Eles parecem brincar" ou "Eles parece brincarem".

240) Letra B

Na opção **a**, a expressão **um dos que** permite que o verbo fique no singular. Na **c**, encontramos o verbo **ser** tendo como sujeito o pronome **tudo**; a concordância pode ser com esse pronome ou com o predicativo. Na **d**, temos um caso se silepse de número: o verbo **decidiram** está no plural, apesar de **conselho**, a que se refere, ser singular; evidentemente, poderia ser singular. Na **e**, **acodem** pode também concordar com o núcleo do sujeito, já que ele é um tipo de coletivo. O gabarito é a letra **b**, porque o verbo **haver**, ali, significa **obter** e tem como sujeito **os sentenciados**, plural; não há sentido em dizer-se "Os sentenciados houve do poder público..."

241) Letra D

Na letra **a**, deve-se dizer **é necessário**, para concordar com **funcionamento**. Na **b**, é a área que se submete às divisões e subdivisões; por isso, o correto é **se submete**. Na **c**, o certo é **acaba**, concordando com **aplicação**. Na **e**, o auxiliar do verbo **haver**, este com o sentido de **existir**, não pode ir ao plural; corrija-se para **tampouco pode haver modelos**.

242) Letra A

O verbo haver, significando existir, é impessoal, não admitindo plural. O certo é **havia estercos diversos**. Nas outras opções, os verbos concordam normalmente com o sujeito.

243) Letra B

Na letra **a**, encontramos o verbo **parecer** empregado com infinitivo, que está no plural para concordar com seu sujeito, que é **menos pessoas**. Dessa forma, o verbo parecer tem de ficar no singular. Outra opção de construção é "Hoje parecem chegar menos pessoas", situação em que temos apenas uma oração, sendo **parecem chegar** uma locução verbal. Também são locuções verbais: **hão de existir**, **têm de surgir** e **podem afluir**, todas com o auxiliar no plural para concordar com o sujeito. Na opção **b**, que é o gabarito, flexionou-se o infinitivo, e não o verbo auxiliar, o que é errado. Corrigindo: Hoje devem aparecer menos pessoas.

244) Letra C

A questão se baseia no emprego da palavra **se**. Na letra **c**, o verbo **estendesse** é transitivo direto (quem estende estende alguma coisa), sendo a palavra **se** uma partícula apassivadora. Note que se pode dizer "que as providências fossem estendidas". Então, o correto é dizer "Foi necessário que se estendessem as providências..", pois o sujeito da oração é **as providências**.

245) Letra D

Na opção **d**, o verbo **haver** significa **existir**, sendo, assim, impessoal. Então o verbo auxiliar deve ser também singular. Corrigindo: Eles sabiam que devia haver punições..."

246) Letra D

A questão, bem simples, trata de concordância gramatical e concordância atrativa. Na primeira, há uma concordância gramatical: **velhos** concorda com os dois substantivos; também se poderia dizer **livro e revista velha**. Nas letras **b** e **c**, as palavras **bonito** e **antiga** estão concordando por atração; também se poderia dizer **bonitos** e **antigos**. Na letra **d**, há um erro, pois, com a palavra **homem** presente, a concordância gramatical só pode ser **distraídos**; a atrativa seria **distraída**.

247) Letra B

Na letra **a**, a palavra **bastantes** é pronome adjetivo indefinido e está concordando com **verdades**. A frase da letra **b** está errada, uma vez que a palavra **quite** só se refere a uma pessoa: **eu**; nesse caso, ela fica no singular. **Alerta** e **menos**, que aparecem a seguir, estão bem empregados, pois são invariáveis.

248) Letra D

Na letra **a**, a palavra **nenhum**, que é um pronome adjetivo indefinido, concorda com o substantivo a que se refere: **motivos**. **Bastante**, que vem após, é advérbio, porquanto está modificando um adjetivo. A palavra **obrigada** concorda com **mulher**, a pessoa que agradece. O erro está na letra **d**, já que o adjetivo **leso** deve concordar com o substantivo a que aparece ligado no nome composto; corrija-se para **leso-cristianismo**.

249) Letra C

Na letra **a**, não se justifica o emprego de **velhos**, masculino plural, pois os três substantivos são femininos; diga-se **velhas** (concordância gramatical) ou **velha** (concordância atrativa). A palavra **mesmo** deve concordar com o termo a que se refere; assim, o correto na letra **b** é **mesmas**. Na letra **c**, não há erro, pois **esperançoso** está concordando só com a palavra **rapaz**; observe que o verbo também está concordando por atração. Na letra **d**, o adjetivo deve ir ao masculino plural, por causa da presença da palavra **filho**; aqui, não cabe a atrativa, já que o verbo está no plural.

250) Letra D

Anexo é adjetivo. Na letra **a**, ele concorda com o substantivo **fotocópias**. Na letra **b**, temos a locução **em anexo**, que é invariável. Na letra **c**, está concordando com um masculino (requerimento) e um feminino (certidão), por isso o masculino plural; também se poderia fazer a concordância atrativa: Está anexa a certidão e o requerimento. O erro está na letra **d**, onde **anexo** deixou de concordar com **foto**; o certo é **anexa**.

251) Letra B

Questão muito difícil. O gabarito é a letra **b**: a palavra **possível** concorda com o artigo; o certo é **possível**, ou **possíveis**, trocando o **o** por **as**. A letra **c** é perigosa, maldosa mesmo, diria; acontece que a palavra **anexo**, na frase, não é o adjetivo, que teria de concordar com um substantivo, mas trata-se do verbo anexar: "Eu anexo ao requerimento..."; dessa forma, a frase não contém erro de concordância nominal. Para complicar a questão ainda mais, muita gente acha que a palavra **quite** é sempre plural; não é verdade, como já vimos. E a palavra **bastante**, que muitos acham que é invariável, na frase aparece no plural, por se tratar de um pronome.

252) Letra C

As quatro frases apresentam substantivo sem artigo: **maçã**, **atenção**, **interferência** e **música**. Nesse caso, o adjetivo deve ficar no masculino singular. Na letra **c**, isso não ocorreu, tendo o adjetivo se flexionado indevidamente; corrija-se para "Não será permitido interferência de ninguém" ou "Não será permitida a interferência de ninguém".

253) Letra C

Na letra **a**, temos o adjetivo **longe**, no plural para concordar com **terras**; geralmente, **longe** é advérbio, não se flexionando, mas na frase ele acompanha um substantivo, portanto deve concordar com ele. A palavra **monstro** é um substantivo empregado no lugar de um adjetivo (monstruosa); sempre que isso ocorre, a palavra não varia, qualquer palavra, não apenas **monstro**. A resposta é a letra **c**, pois **tal qual** é variável; o correto é **tais qual**. E o **todo** da palavra **todo-poderoso** é invariável.

254) Letra D

Observe bem o enunciado. Na letra **a**, a segunda palavra pode ser empregada, mas também a primeira. **Quanto** leva a palavra **possível** ao singular. **Nem um nem outro** exige substantivo no singular. O erro está na letra **d**, porquanto a palavra **meio** deve concordar com o substantivo **palavras**.

255) Letra B

A palavra **sós** da letra **a** quer dizer **sozinhos,** e a da letra **c**, **somente**. Na expressão **meio-dia e meio**, **meio** é numeral e se refere a **hora**, oculta; assim, devemos corrigir para **meio-dia e meia**. Na letra **d**, o advérbio **meio** foi usado como invariável, o que é mais aconselhável atualmente. Não se esqueça do que foi dito sobre a possível e polêmica flexão do advérbio **meio**.

256) Letra A

O erro está na letra **a** porque a palavra que indica cor, quando representada por substantivo, é invariável; **musgo** é um substantivo, devendo-se dizer **blusas verde-musgo**. **Creme** é substantivo, portanto invariável. Em **verde-azuladas**, temos um adjetivo composto, flexionando-se a segunda palavra. **Azul-celeste** é um composto invariável, da mesma forma que **azul-marinho**.

257) Letra B

O que poderia enganar nesta questão é a palavra **pseuda-esfera**, isso porque **pseudo** não é uma palavra, e sim um prefixo, e prefixo é elemento invariável: não existe **pseuda**; por isso, o gabarito é a letra **b**.

258) Letra B

A palavra **vermelho-sangue** é invariável, pois apresenta como um de seus componentes o substantivo **sangue**. **Nenhum** é palavra variável, estando errada então a opção **b**; corrija-se para **Assuntos nenhuns**. **Qualquer** é pronome adjetivo indefinido e concorda com o seu substantivo, mas sua flexão se faz no meio. A palavra **sós** refere-se a **elas**.

259) Letra C

A palavra **anexo**, na opção **a**, está concordando por atração com o substantivo **recibo**, que é o mais próximo. O adjetivo **bom** está no masculino porque a palavra **dificuldade** foi empregada sem o artigo **a**. A palavra **meias** concorda com o substantivo **verdades**, ao qual se liga na frase. O gabarito é a letra **c**, porque a palavra **qual**, na expressão **tal qual**, deve concordar com o segundo membro da comparação, que é vizinhos. Frase certa: "Aquele menino era tal quais os vizinhos".

260) Letra A

Bastante e **nenhum** são pronomes adjetivos e estão concordando com os substantivos a que se ligam: **colegas** e **diretores**. Já a expressão **um e outro** exige substantivo no singular: **funcionário**.

261) Letra A

A única frase em que **bastante** não acompanha substantivo é a da letra **a**. Ali, sua ligação é com o adjetivo **admirados**, sendo, então, um advérbio de intensidade; invariável, portanto. Corrija-se para "Ficaram bastante admirados".

262) Letra D

Nas letras **a** e **b**, houve concordância atrativa, respectivamente com **terra** e **filho**. Na letra **c**, o adjetivo concorda com os dois substantivos, portanto masculino plural. A opção **d** é a resposta, pois não se justifica o feminino plural se a palavra **filho** está presente. Na letra **e**, o adjetivo está no masculino plural, já que se refere a um masculino e um feminino.

263) Letra E

Questão difícil. Na letra **a**, **clara** concorda com **posição**. Na **b**, **claros** concorda com **pontos de vista**. Na **c**, **clara** concorda por atração com **posição**. Na **d**, **claras** concorda com **posição** e **argumentação**, duas palavras femininas. O gabarito é a letra **e**, porque o adjetivo **claros** está se referindo a toda uma oração: serem estes meus argumentos sobre o assunto; quando isso ocorre, o adjetivo não pode flexionar-se; o certo é "Quero tornar claro para o leitor serem estes meus argumentos sobre o assunto".

264) Letra D

Na letra **a**, o adjetivo **anexo** deve concordar com **formulários**: **anexos**. Na **b**, o adjetivo **caro** deve concordar com **camisa**: ela está muito cara. Na **c**, a palavra **bastante** é um advérbio de intensidade, pois se liga ao adjetivo; não pode ir ao plural. O gabarito é a letra **d**, porque **sós** é adjetivo, equivalendo a **sozinhas**. Na letra **e**, o adjetivo **pronto** tem de concordar com o substantivo **preparativos**. Corrija-se: "Estando prontos os preparativos..."

265) Letra D

Alerta é invariável. A palavra **vitamina** está sem artigo definido, por isso se diz **bom**, e não **boa**. Na expressão **meio-dia e meia**, **meia** refere-se a hora, que fica normalmente subentendida. Por isso é errado dizer **meio-dia e meio**.

266) Letra E

Uma questão que envolve concordância gramatical e concordância atrativa. Na opção **e**, que é o gabarito, a palavra **trancadas** está errada pois qualifica um masculino e um feminino; deveria ser **trancados**, já que existe a predominância do masculino. Ou, então, **trancado**, concordância atrativa, por causa de **peito**, substantivo mais próximo, desde que o verbo fique no singular (conserva-se trancado...).

267) Letra A

As questões que envolvem concordância gramatical e concordância atrativa são muito comuns. Nesta, a letra **a** apresenta erro porque, havendo um masculino, a palavra **asseio**, não se pode usar o feminino plural, **necessárias**. A concordância gramatical é **asseio e alimentação necessários**, e a atrativa, **asseio e alimentação necessária**.

268) Letra D

A palavra **menos**, mesmo que seja pronome adjetivo, como neste caso, não admite a forma feminina. Não existe **menas**.

269) Letra A

A palavra **mesmo** concorda com o substantivo ou pronome a que se refere, no caso **elas**: **elas mesmas**. A palavra **anexo** é adjetivo, devendo concordar com o substantivo a que se liga, no caso **atestados**: **atestados anexos**. **Bastante**, ligando-se a substantivo, é variável em número: **instrumentos bastantes**.

270) Letra D

O adjetivo **imperioso** está qualificando **revisão**, daí o correto ser **imperiosa**: **revisão imperiosa**. Já a palavra **vista**, da expressão **haja vista**, é invariável, ou seja, não existe a forma do masculino: **visto**. É errado dizer ou escrever **haja visto**.

271) Letra A

Na opção **a**, o adjetivo **reformadas** está errado porque se refere a **viaduto** e **passarela**, ou seja, um masculino e um feminino. Por causa da prevalência do substantivo, deveria ser **reformados**. Na letra **e**, o problema não é de concordância atrativa. Temos, ali, dois adjetivos, **social** e **econômico**, referentes a um único substantivo. Nesse caso, o substantivo tem de ser plural, mantendo-se os adjetivos no singular. Veja outro exemplo: os impostos municipal e estadual.

AULA 8: REGÊNCIA VERBAL

Chama-se regência a relação de dependência dos termos da oração. Pode ser verbal ou nominal. A regência nominal será estudada na aula seguinte.

Nessa dependência, existe o termo principal, chamado regente, e o termo dependente, chamado regido. O termo dependente, muitas vezes, é introduzido por uma preposição, geralmente por exigência do verbo.

Ex.: Gosto de você.

Termo regente: gosto

Termo regido: de você.

Por sua abrangência, a regência talvez seja o ponto mais importante da língua.Veremos, então, verbos que podem suscitar dúvidas, aqueles que mais aparecem em concursos públicos. Antes, convém saber o seguinte:

1) Emprego de **o** e **lhe**

a) O pronome oblíquo **o** (e flexões) é usado como complemento de verbos transitivos diretos.

Ex.: Estudei o assunto. (o assunto: objeto direto)

Estudei-o (o: objeto direto)

b) O pronome oblíquo **lhe** (e lhes) é usado como complemento de verbos transitivos indiretos, que geralmente pedem a preposição **a**.

Ex.: Obedeci ao presidente. (ao presidente: objeto indireto)

Obedeci-lhe. (lhe: objeto indireto)

2) Emprego de **me**, **te**, **se**, **nos** e **vos**

Podem ser complementos de verbos transitivos diretos ou transitivos indiretos.

Ex.: Ele me feriu. (me: objeto direto)

Ele me obedeceu. (me: objeto indireto)

3) Quando o objeto indireto é representado por um pronome oblíquo, a preposição não é expressa, está implícita no pronome.

Ex.: Pedi-lhe ajuda.

lhe = a ele, a você etc.

Regência de verbos importantes

1) Assistir

● Transitivo direto ou indireto, com a preposição **a**, com o sentido de "dar assistência", "amparar".
Ex.: O médico assistiu o paciente.
Objeto direto: o paciente
O médico assistiu ao paciente.
Objeto indireto: ao paciente.

● Transitivo indireto, com a preposição **a**, com o sentido de "ver", "presenciar".
Ex.: Meu filho assistiu ao jogo.
Objeto indireto: ao jogo

● Transitivo indireto, com a preposição **a**, com o sentido de "caber", "competir".
Ex.: Não lhe assiste o direito.
Objeto indireto: lhe
Obs.: O sujeito da oração é **o direito**. Veja a frase escrita de outra forma: O direito não assiste (compete, cabe) a você.

● Intransitivo, com a preposição **em**, com o sentido de "morar".
Ex.: Seu tio assistia em Fortaleza.
Adjunto adverbial de lugar: em Fortaleza.

Observações

a) Em frases do tipo "Assisti o enfermo" e "Assisti ao enfermo", não há mudança de sentido. Em ambas o verbo **assistir** significa "dar assistência", "auxiliar". Alguns gramáticos só o registram como transitivo direto. Em concursos, valem os dois.

b) É raro, no português atual, o emprego de **assistir** significando "morar".
Ex.: Moro em Natal.
Assisto em Natal.
Raro, porém correto.

2) Aspirar

● Transitivo direto quando significa "sorver", "inspirar", "levar o ar aos pulmões".
Ex.: Aspiramos o ar frio da manhã.
Objeto direto: o ar frio da manhã.

● Transitivo indireto, com a preposição **a**, quando significa "desejar", "almejar".
Ex.: Ele aspira ao cargo.
Objeto indireto: ao cargo.
Obs.: Se trocarmos **cargo**, que é masculino, por **felicidade**, feminino, teremos a preposição **a** e o artigo **a**, que se contrairão em uma só palavra: **à**.
Ex.: Ele aspira ao cargo
Ele aspira aa felicidade. (português antigo)
Ele aspira à felicidade. (português atual)
Isso vale para qualquer verbo que peça a preposição **a**. Estudaremos a crase na lição 9.

3) Visar

● Transitivo direto quando significa "pôr o visto", "rubricar".
Ex.: Ela visou as folhas.
Objeto direto: as folhas

● Transitivo direto quando significa "mirar".
Ex.: Visavam um ponto na parede.
Objeto direto: um ponto na parede

● Transitivo indireto, com a preposição **a**, quando significa "pretender", "almejar".
Ex.: Visava à felicidade de todos.
Objeto indireto: à felicidade de todos.

4) Perdoar e pagar

● Transitivos diretos, se o complemento é coisa.
Ex.: Perdoei o equívoco.
Objeto direto: o equívoco
Paguei o apartamento
Objeto direto: o apartamento

● Transitivos indiretos, com a preposição **a**, se o complemento é pessoa.
Ex.: Perdoei ao amigo.
Objeto indireto: ao amigo
Paguei ao empregado.
Objeto indireto: ao empregado.

Observações

a) Podem aparecer com os dois complementos.
Ex.: Perdoei o erro ao amigo.

b) Com a preposição **de**, eles são apenas transitivos diretos.
Ex.: Perdoei o erro do colega.
Objeto direto: o erro do colega.

c) Veja o emprego especial do verbo **pagar**.
Ex.: Paguei ao curso
Objeto indireto: ao curso (pessoa jurídica; fiz pagamento ao curso, na condição de aluno)
Paguei o curso.
Objeto direto: o curso. (trata-se da coisa paga, quitada; ou seja, comprei o curso e o quitei.

5) Preferir

● Transitivo direto
Ex.: Prefiro biscoitos.
Objeto direto: biscoitos

● Transitivo direto e indireto, com a preposição **a**.
Ex.: Prefiro o basquete ao futebol

Observações

a) O verbo preferir não aceita palavras ou expressões de intensidade, nem **do que** ou **que**.
Ex.: Prefiro mais o leite do que o vinho. (errado)
Prefiro o leite ao vinho. (certo)

b) Se não houver artigo no primeiro complemento, não pode haver no segundo.
Ex.: Prefiro leite a vinho. (e não ao vinho)

6) Proceder

● Intransitivo, com o sentido de "agir".
Ex.: Ele procedeu bem.

● Intransitivo, com o sentido de "justificar-se".
Ex.: Isso não procede.

● Intransitivo, com o sentido de "vir", "originar-se"; pede a preposição **de**.
Ex.: A balsa procedia de Belém.

● Transitivo indireto, com a preposição **a**, com o sentido de "realizar", "dar andamento".
Ex.: Ele procedeu ao inquérito.

7) Implicar

● Transitivo direto quando significa "pressupor", "acarretar".
Ex.: Sua atitude implicará modificações.
Objeto direto: modificações.
Amor implica respeito.
Objeto direto: respeito.
Obs.: Deve ser evitada a preposição **em**, embora a banca da Esaf já a tenha considerado correta.

● Transitivo direto e indireto, com a preposição **em**, quando significa "envolver".
Ex.: Implicaram o servidor no processo.
Objeto direto: o servidor
Objeto indireto: no processo.

● Transitivo indireto, com a preposição **com**, quando significa "demonstrar antipatia", "perturbar".
Ex.: Sempre implicava com o vizinho.
Objeto indireto: com o vizinho

8) Avisar, informar, prevenir, certificar, cientificar
São normalmente transitivos diretos e indiretos, admitindo duas construções.
Ex.: Avisei o gerente do problema.
Avisei ao gerente o problema.

Observações

a) A pessoa pode ser objeto direto ou indireto, com a preposição **a**; a coisa, igualmente, pode ser objeto direto ou indireto, com a preposição **de** ou, mais raramente, **sobre**.

b) É comum o emprego dos pronomes oblíquos.
Ex.: Informei-o do perigo.
Informei-lhe o perigo.

c) Às vezes, um dos complementos é oracional (oração subordinada substantiva).
Ex.: Ele o avisou de que faltaria comida.
Objeto direto: o
Objeto indireto: de que faltaria comida. (oração subordinada substantiva objetiva indireta)
Ele lhe avisou que faltaria comida.
Objeto indireto: lhe
Objeto direto: que faltaria comida. (oração subordinada substantiva objetiva direta)

d) Importantíssimo! Não podem aparecer dois objetos indiretos.
Ex..: Certifiquei-lhe do ocorrido. (errado)
Certifiquei-lhe de que haveria problemas. (errado)
Corrigindo, teremos:
Certifiquei-o do ocorrido.
Certifiquei-lhe o ocorrido.
Certifiquei-o de que haveria problemas.
Certifiquei-lhe que haveria problemas.

9) Esquecer, lembrar, recordar: transitivos diretos.
Ex.: Ele esqueceu o encontro.
Objeto direto: o encontro.

Observações

a) Como pronominais (esquecer-se, lembrar-se, recordar-se), são transitivos indiretos, com a preposição **de**.
Ex.: Ele se esqueceu do encontro.
Objeto indireto: do encontro

b) Não sendo pronominais, deduz-se, não podem vir com preposição.
Ex.: Recordaram do passeio. (errado)
Recordaram o passeio. (certo)
Recordaram-se do passeio. (certo)

c) **Lembrar** e **recordar** podem ter dois objetos.
Ex.: Lembrei ao colega o dia do jogo.
Objeto direto: o dia do jogo
Objeto indireto: ao colega.

d) Esses verbo admitem uma construção, considerada clássica, em que a coisa esquecida, lembrada ou recordada aparece como sujeito da oração, enquanto a pessoa atua como objeto indireto. É estranho, eu sei, mas é isso mesmo que você leu.
Ex.: Esqueceu-me aquela época. (Entenda-se: Esqueci aquela época)
Sujeito: aquela época
Objeto indireto: me

10) Responder

● Transitivo direto, em relação à própria resposta dada.
Ex.: Responderam que estavam bem.
Objeto direto: que estavam bem (a resposta dada)

● Transitivo indireto, em relação à coisa ou pessoa que recebe a resposta.
Ex.: Respondi ao telegrama.
Objeto indireto: ao telegrama. (dei uma resposta ao telegrama)
Obs.: Às vezes, aparece com o dois objetos.
Ex.: Respondemos aos parentes que iríamos.
Objeto direto: que iríamos
Objeto indireto: aos parentes

11) Chamar

● Transitivo direto com o sentido de "convocar".
Ex.: Chamei-o ao colégio.
Objeto direto: o
Adjunto adverbial de lugar: ao colégio

● Transitivo direto ou indireto, indiferentemente, com o sentido de "qualificar", "apelidar"; nesse caso, terá um predicativo do objeto (direto ou indireto), introduzido ou não pela preposição **de**.
Ex.: Chamei-o bobo.
Chamei-o de bobo.
Chamei-lhe bobo.
Chamei-lhe de bobo.
A palavra **bobo**, nos dois primeiros exemplos, é predicativo do objeto direto; nos dois últimos, predicativo do objeto indireto.

12) Custar

● Intransitivo, quando indica preço, valor.
Ex.: Os óculos custaram oitocentos reais.
Adjunto adverbial de preço ou valor: oitocentos reais.

● Transitivo indireto, com a preposição **a**, significando "ser custoso", "ser difícil"; com esse sentido, estará seguido de um infinitivo, sendo a oração deste o sujeito do verbo **custar**.
Ex.: Custou ao menino entender a explicação.
Sujeito: entender a explicação
Objeto indireto: ao menino

Observações

a) No exemplo dado, existem duas orações. A segunda (entender a explicação) é o sujeito da primeira (Custou ao menino); portanto, trata-se de uma oração subordinada substantiva subjetiva.

b) Popularmente, constrói-se a frase da seguinte maneira: O menino custou a entender a explicação. Ela está errada, pois a pessoa não pode ser o sujeito do verbo custar.

13) Agradar

● Transitivo direto, com o sentido de "fazer agrado", "fazer carinho".
Ex.: Ela agradou o filho.
Objeto direto: o filho

● Transitivo indireto, com a preposição **a**, com o sentido de "ser agradável".
Ex.: O assunto não agradou ao homem.
Objeto indireto: ao homem

14) Namorar
Verbo transitivo direto; não aceita **com**.
Ex.: Ela namorou com o vizinho. (errado)
Ela namorou o vizinho. (certo)

15) Morar, residir, situar-se, estabelecer-se
Pedem adjuntos adverbiais com a preposição **em**, e não **a**.
Ex.: Morava à Rua Dias da Cruz. (errado)
Morava na Rua Dias da Cruz. (certo)

16) Obedecer e desobedecer: transitivos indiretos, com a preposição **a**.
Ex.: Obedeço ao comando.
Objeto indireto: ao comando
Não desobedeçamos à lei.
Objeto indireto: à lei

17) Pedir, implorar, suplicar: transitivos diretos e indiretos, com a preposição **a** (mais raramente, **para**)
Ex.: Pediu ao dirigente uma solução.
Objeto direto: uma solução
Objeto indireto: ao dirigente.

Observações

a) Às vezes são apenas transitivos diretos.
Ex.: Pedimos uma resposta imediata.
Objeto direto: uma resposta imediata

b) Só admitem a preposição **para** quando existe a palavra **licença** (ou sinônimos), clara ou oculta.
Ex.: Ele pediu para que o vendedor saísse. (errado)
Ele pediu para sair. (certo: pediu licença para)

18) Querer

● Transitivo direto, significando "desejar".
Ex.: Ele quer a verdade.
Objeto direto: a verdade

● Transitivo indireto, com a preposição **a**, significando "gostar".
Ex.: A mãe quer muito ao filho.
Obs.: Na frase: "A mãe quer muito o filho", deseja-se dizer que ela quer a posse do filho, ou mesmo ter o filho.

19) Favorecer: transitivo direto.
Ex.: Ele favoreceu o vizinho.
Objeto direto: o vizinho

20) Referir-se: transitivo indireto, com a preposição **a**.
Ex.: O tenente referiu-se ao soldado.
Objeto indireto: ao soldado

Obs.: Não confunda com **referir** (narrar, contar), que é transitivo direto.
Ex.: Ele referiu o ocorrido.
Objeto direto: o ocorrido

21) Ajudar, satisfazer, presidir, preceder: transitivos diretos ou indiretos, com a preposição **a**.
Ex.: Satisfiz as exigências.
Objeto direto: as exigências
Satisfiz às exigências.
Objeto indireto: às exigências

22) Amar, estimar, abençoar, louvar, parabenizar, detestar, odiar, adorar, visitar: transitivos diretos.
Ex.: Estimo o colega.
Objeto direto: o colega
Adoro meu filho.
Objeto direto: meu filho

Observações

a) Todos esses verbos (e muitos outros) indicam algum tipo de sentimento. Tais verbos são transitivos diretos, não pedindo a preposição **a**.
Ex.: Ela visitou ao noivo. (errado)
Ela visitou o noivo. (certo)

b) Com algumas palavras, notadamente as de cunho religioso, pode aparecer a preposição **a**. O complemento é objeto direto preposicionado.
Ex.: Amo Deus.
Objeto direto: Deus
Amo a Deus.
Objeto direto preposicionado

c) Por serem transitivos diretos, não admitem o **lhe** como complemento, mesmo que este esteja preposicionado. Não se pode trocar **a Deus**, no exemplo anterior, por **lhe**: amo-lhe. Diga-se sempre: Amo-o, estimo-o, adoro-o etc.

Emprego de pronomes relativos

O pronome relativo, palavra que inicia as orações subordinadas adjetivas, pode estar antecedido de preposição. Isso depende do verbo da oração adjetiva e da função sintática do pronome relativo.
Ex.: O homem a que me referi vai ajudar.

O homem a quem me referi vai ajudar.
O homem ao qual me referi vai ajudar.
O homem em cuja palavra confiamos vai ajudar.

Observações

a) Como o verbo **referir-se** pede a preposição **a**, ela fica antes do pronome relativo, que é o seu complemento.

b) Os pronome relativos **que**, **quem** e **o qual** geralmente podem ser usados uns pelos outros, mas **quem** só pode ter antecedente pessoa.

c) O pronome relativo **cujo** corresponde a um possessivo. Na frase do exemplo, diz-se **em cuja** porque o verbo **confiar** pede a preposição **em**. Note que se pode dizer "confiamos em sua palavra". Veja abaixo outro exemplo.

Carlos, de cujo caráter não duvidamos, irá conosco.
Ou seja: Não duvidamos de seu caráter.

Observações finais

a) Usa-se **onde** com verbos que pedem a preposição **em**; **aonde**, com os que pedem **a**.
Ex.: Onde está o material? (O material está em algum lugar)
Aonde iremos amanhã? (Iremos a algum lugar amanhã)
Assim, ficam erradas frases do tipo "Veja aonde ficou o caderno", "Não sei onde ele foi", "Aonde estamos?", "Onde você quer chegar?"

b) Usa-se **eu** e **tu** na função de sujeito; **mim** e **ti**, na de complemento ou adjunto.
Ex.: Isso é para mim.
Isso é para eu levar. (**eu** é o sujeito de **levar**)
Demos o livro a ti.
Deixamos o caderno para tu assinares. (**tu** é o sujeito de **assinares**)
Não há nada entre mim e ti.
Com preposições acidentais (exceto, menos, salvo etc.), usa-se **eu** e **tu**.
Ex.: Exceto eu, todos saíram.
Estavam todos em casa, menos tu.

c) Verbo transitivo direto não vai para a voz passiva, com exceção de **obedecer**, **desobedecer** e **responder**.
Ex.: O filme foi assistido pela família. (errado)
A família assistiu ao filme. (certo)

d) Deve-se evitar a contração da preposição com o artigo que integra o sujeito, bem como com o pronome que constitui o próprio sujeito.
Ex.: Chegou a hora do menino brincar. (errado)
Chegou a hora de o menino brincar. (certo)
É a chance dele progredir. (errado)
É a chance de ele progredir. (certo)
Há discordâncias quanto a esse assunto. O ideal é fazer a questão por eliminação. Em uma redação, no entanto, jamais faça a contração, está bem?

e) Não se atribui a mesma preposição a verbos de regência diferente.
Ex.: Encontrei e obedeci ao avô. (errado)
Encontrei o avô e obedeci-lhe.

f) Alguns verbos transitivos indiretos, mesmo pedindo a preposição **a**, não admitem o pronome **lhe** como objeto. Veja alguns importantes.

● Assistiu ao espetáculo.
Assistiu-lhe. (errado)
Assistiu a ele. (certo)

● Aspiro à paz.
Aspiro-lhe. (errado)
Aspiro a ela. (certo)

● Visava ao bem.
Visava-lhe. (errado)
Visava a ele. (certo)

● Aludi à diferença.
Aludi-lhe. (errado)
Aludi a ela. (certo)

● Anuiu ao pedido.
Anuiu-lhe. (errado)
Anuiu a ele. (certo)

● Procedeu ao interrogatório.
Procedeu-lhe. (errado)
Procedeu a ele. (certo)

● Presidimos à reunião.
Presidimos-lhe. (errado)
Presidimos a ela. (certo)

EXERCÍCIOS

272) Assinale o erro de regência verbal.
a) Ele assistia com carinho os enfermos daquele hospital.
b) Não quero assistir esse espetáculo.
c) Carlos sempre assistiu em Belo Horizonte.
d) Não deixe de assistir àquele jogo.

273) Há erro de regência verbal na opção seguinte:
a) Aspirou profundamente o forte odor do café.
b) Ela não pôde visar o passaporte.
c) Todos visam uma vida de paz.
d) Ali as pessoas aspiravam à fama.

274) Aponte a frase que apresenta incorreção de regência verbal.
a) Mário pagou o carro.
b) A moça perdoou a indiscrição do colega.
c) Antônio deixou de pagar o ajudante ontem.
d) Perdoemos aos que nos ofendem.

275) Marque o erro de regência verbal.
a) Prefiro estudar que trabalhar.
b) À cerveja prefiro o leite.
c) Prefiro leite a cerveja.
d) Prefiro este nome àquele que ele propôs.

276) Está perfeita a regência verbal na alternativa:
a) O professor procedeu a chamada.
b) Sua permanência implicará grande prejuízo a todos.
c) Devemos obedecer o regulamento.
d) Irei na sua casa logo mais.

277) Assinale a frase que não pode ser completada com o que vai nos parênteses.
a) Pagarei.....alguns empregados hoje à noite. (a)
b) Naquela época, meu sobrinho assistia.....Belo Horizonte. (em)
c) Não implique.....o colega. (com)
d) Quando morava no campo, aspirava.....ar puro e sentia-se bem. (ao)

278) Marque a frase que apresenta uma regência verbal em desacordo com a norma culta.
a) Cientifiquei o funcionário de que seria dispensado.
b) Certificou-lhe o incidente.
c) Preveni-lhe de que havia um risco.
d) Informei-o sobre as novas diretrizes da companhia.

279) Das frases abaixo, uma apresenta regência verbal indevida. Assinale-a.
a) Lembrei-lhe que haveria reunião.
b) O ancião recordou-se de tudo.
c) Não lembraste do meu aniversário.
d) Todos se esqueceram do rapaz.

280) Assinale o erro de regência verbal.
a) Chamei-lhe à sala de entrevistas.
b) Ninguém lhe chamou de bobo.
c) O diretor chamou o aluno de irresponsável.
d) Alguém o chamou de manhã.

281) Marque a única frase que respeita as regras de regência verbal.
a) Ninguém respondeu o questionário.
b) Custei a acreditar naquilo.
c) Respondeu ao cliente que era tarde.
d) Custamos a pensar em algo.

282) Está perfeita a regência verbal somente na seguinte alternativa:
a) A festa que ele compareceu foi ótima.
b) O livro que ele gosta muito desapareceu.
c) A empresa por que ele tanto se esforçou acabou falindo.
d) O cargo que tu aspiravas já foi preenchido.

283) Nas frases seguintes, todas com o pronome CUJO, há uma com erro de regência verbal. Assinale-a.
a) Esta é a criança cujo pai deseja falar-nos.
b) Paulo, por cujas atitudes não me responsabilizo, deixou a firma.
c) Luís, contra cujas idéias sempre lutei, hoje é meu amigo.

d) Está lá fora o homem cujas idéias jamais acreditei.

284) Assinale o erro de regência verbal.
a) A pessoa a quem ele mais se dedica é seu filho.
b) A jovem que admiro trabalha no sábado.
c) O homem de quem aludimos na carta é inocente.
d) Este é o projeto com cujo autor conversei.

285) Há erro de regência verbal em:
a) Foi autuada a empresa da qual ele se afastou.
b) A história que me contaram explica tudo.
c) Ele trouxe uma caneta à qual não funciona.
d) As folhas que varri estavam secas

286) Está correta a regência da frase:
a) O filme que assistimos é excelente.
b) O emprego que aspirávamos era apenas um sonho.
c) O documento a que visei era falso.
d) O ar que ele aspirava era poluído.

287) Marque a alternativa em que ocorre erro na substituição por pronome átono.
a) Obedeci ao professor. / Obedeci-lhe.
b) Encontrei os animais na rua. / Encontrei-os na rua.
c) Toquei o seu braço. / Toquei-lhe o braço.
d) Visitou a amiga no hospital. / Visitou-lhe no hospital.

288) Só há erro de regência em:
a) Não sei onde ele será levado.
b) Ali está o comerciante a quem mandei a notificação.
c) Nós o trouxemos ontem.
d) Responda às questões seguintes.

289) Preencha as lacunas das frases abaixo e assinale a opção correspondente.
O jornalista.....trabalho me referi está na Europa.
A rua.....fui ontem estava alagada.
a) cujo – a que
b) a cujo – a que
c) de cujo – em que
d) a cujo – que

290) Preencha as lacunas e marque a opção adequada.

A rua.....nasci é arborizada.

O carro.....desconfiei é roubado.

a) que − de que
b) onde − que
c) em que − de que
d) a qual − do qual

291) Marque o erro de regência verbal.

a) Assistimos, extasiados, o espetáculo.
b) Alguém está assistindo o doente?
c) Aspirávamos o perfume das rosas.
d) Todos aspiram à paz.

292) Só está correta quanto à regência as frases seguintes.

a) Sua atitude poderá implicar em descontentamento geral na empresa.
b) O secretário procedeu imediatamente a leitura da ata.
c) Não lembrei do encontro.
d) Não quis referir aquele incidente.

293) Há erro de regência verbal em:

a) Eu lhe quero muito.
b) Eu o quero muito.
c) Paula namorava com alguém daquela família.
d) Todos perdoaram ao jovem.

294) Está correta quanto à regência apenas a frase:

a) Chegarei em Paris no domingo.
b) Pedi para que eles analisassem a situação.
c) Prefiro mil vezes a ginástica do que a dança.
d) Conheci ontem o advogado de cujas idéias você sempre discorda.

295) Julgue os itens seguintes e depois assinale a opção correspondente.

( ) Aquele emprego era aspirado por todos.
( ) Aonde colocaram a placa?
( ) Nós lhe convidamos na semana passada.
( ) Após mim, chegaram dezenas de interessados.

a) E,E,C,E
b) E,E,E,C
c) C,C,E,C

d) C,E,E,C

296) Marque a frase em que o verbo admite outra regência, sem alteração de sentido.
a) Presidi à reunião da noite.
b) Iríamos a Campinas.
c) Convoquei os participantes.
d) Alguém respondeu à carta.

297) Preencha as lacunas e anote a alternativa adequada.
Cientifico-.....de que a posse foi adiada.
Poucos.....entendem.
Meus irmãos.....obedecerão.
a) o − o − lhe
b) lhe − lhe − lhe
c) o − o − o
d) o − lhe − lhe

298) Assinale a frase que não admite a reescrita apresentada.
a) Sempre assisti os necessitados.
Sempre assisti aos necessitados.
b) Ajudei o mecânico.
Ajudei ao mecânico.
c) Ele satisfez o regulamento.
Ele satisfez ao regulamento.
d) Ele favoreceu o amigo.
Ele favoreceu ao amigo.

299) (TRT) Assinale o período que apresenta erro de regência verbal:
a) Paz e harmonia é o objetivo a que visa a mensagem.
b) Não é fácil lembrar do bem que os outros fazem.
c) A maioria dos servidores da União ansiava pelas férias.
d) Elas aludiram àquele acontecimento lastimável.
e) O filho revoltou-se contra as ordens do pai.

300) (TRF) Marque a alternativa incorreta quanto à regência verbal.
a) Na verdade, não simpatizo com suas idéias inovadoras.
b) Para trabalhar, muitos preferem a empresa privada ao serviço público.
c) Lamentavelmente, não conheço a lei que te referes.
d) Existem muitos meios a que podemos recorrer neste caso.
e) Se todos chegam à mesma conclusão, devem estar certos.

301) (GAMA FILHO) Assinale a frase em que há erro de regência verbal.
a) O desmatamento implica destruição e fome.
b) Chegamos na cidade antes do anoitecer.
c) Jonas reside na Rua das Marrecas.
d) Avisei-o de que devia partir.
e) Os ambientalistas assistiram a uma conferência.

302) (TCE/PB) Assinale a alternativa em que a regência verbal não esteja de acordo com a norma culta.
a) Só me permitiram informar-lhe que haveria um certo atraso no pagamento.
b) Não informaram aos interessados o ocorrido.
c) Não informaram aos interessados sobre o ocorrido.
d) Não informaram os interessados sobre o ocorrido.
e) Só me permitiram informar-lhe o ocorrido.

303) (INSP. POL.) "...assistindo A um desses debates universitários..."; a regência cuida do emprego correto das preposições após certos nomes ou verbos. A frase a seguir em que há **erro** de regência é:
a) O público acompanha a novela que gosta.
b) A publicidade lembra ao consumidor o que deve comprar.
c) As pessoas preferem TV a teatro.
d) Nem todos aspiram cocaína.
e) A publicidade nunca se esquece de seu dever.

304) (COM. MEN.) "Temos a ver com o político que morreu varado a tiros."
Das alterações feitas na passagem acima, aquela cuja lacuna se preenche corretamente com o pronome relativo entre parênteses, regido de preposição, é:
a) ...político_____gostamos de aplaudir. (a quem)
b) ...político_____deixamos de dar apoio. (em quem)
c) ...político_____fomos levados a combater. (de quem)
d) ...político_____desistimos de fazer acordo. (do qual)
e) ...político_____nos acostumamos a simpatizar. (ao qual)

305) (QCO–EsAEx) Assinale a alternativa que possa ter o(s) espaço(s) em branco completado(s) corretamente com o pronome oblíquo "LHE".
a) Ela ..... agradava com mãos suaves e macias.
b) Procurei- ..... por toda parte e, encontrando- .....,
convidei- ..... logo para as festividades realizadas na EsAEx.
c) Quem ..... convidou para sair comigo?
d) Acho que ela ..... estima.
e) O Major preveniu- .....que a prova deveria estar clara e objetiva.

306) (QCO/02) Assinale a opção cuja regência verbal **NÃO** está de acordo com as normas cultas da língua.

a) No século XVI, muitos negros preferiram mais a morte do que a escravidão.
b) Informaram-no de que a Inglaterra, em fevereiro de 1807, aboliu o tráfico negreiro.
c) Também informaram-lhe os livros que até Nóbrega, cujos serviços não se pode deixar de louvar, pedia escravos, em carta, ao rei.
d) Era imenso o número de religiosos nas minas no século XVII, pois também estes visavam ao enriquecimento ainda que por meios ilícitos.
e) O século XVII assistiu à grande manifestação de revolta do escravo, um Estado negro quilombo de Palmares.

307) (A.JUD.–TRT) Nas frases: 1 – "Apresentaram provas ____ importância nos referimos", 2 – "Apresentaram soluções ____ eu não acreditava", as lacunas são preenchidas, respectivamente, por:

a) cuja – em que
b) a que – que
c) da qual – que
d) a cuja − nas quais
e) a qual − que

308) (PSIC.JUD./SP) Qual a alternativa que apresenta regência verbal incorreta?

a) Lembrou-me o fato.
b) Esqueci-me dos trabalhos.
c) Eles chegaram no aeroporto com atraso.
d) Custa-me pouco aceitar o outono.
e) O bom fruto procede de boa árvore.

309) (GAMA FILHO) Assinale a frase que se completa corretamente com o pronome pessoal entre parênteses.

a) É muito tarde para.....sair. (MIM)
b) Após....., ninguém entrará no acampamento. (MIM)
c) Nada mais existe entre.....e mim. (TU)
d) Contra.....pesam várias acusações. (TU)
e) O povo logo se esqueceu de.....(TU)

310) (TRE/MG) Observe a regência dos verbos das frases reescritas nos itens a seguir:

I. Chamaremos os inimigos de hipócritas.
Chamaremos aos inimigos de hipócritas.

II. Informei-lhe o meu desprezo por tudo.
Informei-lhe do meu desprezo por tudo.

III. O funcionário esqueceu o importante acontecimento.
O funcionário esqueceu-se do importante acontecimento.

A frase reescrita está com a regência correta em:

a) I apenas
b) II apenas
c) III apenas
d) I e III apenas
e) I, II e III

311) (TRF/04) Das alterações feitas na redação da frase "Esses dois princípios encarnam-se nos tipos do aventureiro e do trabalhador." (linhas 3−5), mediante o emprego do pronome relativo, a que se apresenta INCORRETA é:

a) São esses os dois princípios cujos parâmetros delineiam os tipos do aventureiro e do trabalhador.
b) São esses os dois princípios a que se refere como os tipos do aventureiro e do trabalhador.
c) São esses os dois princípios em que se fundamentam os tipos do aventureiro e do trabalhador.
d) São esses os dois princípios de que se alude nos tipos do aventureiro e do trabalhador.
e) São esses os dois princípios por que se definem os tipos do aventureiro e do trabalhador.

GABARITO

272 B	282 C	292 D	302 C
273 C	283 D	293 C	303 A
274 C	284 C	294 D	304 A
275 A	285C	295 B	305 E
276 B	286 D	296 A	306 A
277 D	287 D	297 A	307 D
278 C	288 A	298 D	308 C
279 C	289 B	299 B	309 B
280 A	290 C	300 C	310 D
281 C	291 A	301 B	311 D

COMENTÁRIOS

272) Letra B

O verbo **assistir** tem regências diferentes, dependendo do sentido. Na letra **a**, ele significa "dar assistência", portanto é transitivo direto; pode, com esse sentido, também ser transitivo indireto. Na letra **b**, há um erro porque, com o sentido de **ver**, a preposição **a** é obrigatória. Corrigindo, teremos: Não quero assistir a esse espetáculo. Na **c**, significa **morar**, exigindo, então, a preposição **em**. Na **d**, a preposição **a** que o verbo pede se uniu ao **a** do pronome **aquele**, dando origem à palavra **àquele** (a = aquele).

273) Letra C

O verbo **aspirar**, na opção **a**, significa "inspirar", "sorver", por isso é transitivo direto. Na **d**, significando "desejar", pede objeto indireto, que é **à fama**. O verbo **visar**, com o sentido de "rubricar", "assinar", é transitivo direto, o que se exemplifica na letra **b**. O gabarito é a opção **c** porque, ali, **visar** tem o sentido de "almejar", quando, então, exige a preposição **a**, que não foi usada.

274) Letra C

Perdoar e **pagar** pedem objeto direto de coisa e objeto indireto de pessoa. Isso não é respeitado na alternativa **c**, pois ajudante é pessoa, devendo funcionar como objeto indireto. Corrigindo: Antônio deixou de pagar ao ajudante ontem.

275) Letra A

O verbo **preferir** pede, normalmente, dois objetos: um direto e um indireto. Não admite palavras ou expressões de intensidade, nem aceita **que** ou **do que**. Corrigindo a frase da opção **a**, temos: Prefiro estudar a trabalhar. Aproveito para lembrar que, se não houver artigo no primeiro complemento, não pode haver no segundo. É o caso da alternativa **c**.

276) Letra B

O verbo **proceder**, com o sentido de "dar início", exige a preposição **a**; na alternativa **a**, deve-se escrever "à chamada". **Obedecer** e **desobedecer** são transitivos indiretos; o certo, na opção **c**, é "ao regulamento". O verbo **ir** pede a preposição **a**, no seu adjunto adverbial de lugar; assim, na opção **d**, o correto é "à (ou a) sua casa". O gabarito é a alternativa **b** porque **implicar**, significando "acarretar" ou "pressupor", é transitivo direto. Costuma-se usar, indevidamente, a preposição **em**. Evite-a.

277) Letra D

O verbo **aspirar**, na letra **d**, significa "inspirar", "sorver", sendo transitivo direto. O certo, portanto, é "aspirava o ar puro". (e não ao)

278) Letra C

Os verbos desta questão pedem objeto direto e objeto indireto, com as preposições **a** ou **de** (às vezes **sobre**). Não podem ser usados com dois objetos indiretos, o que ocorre na alternativa **c**. Corrigindo: Preveni-lhe que havia um risco, ou Preveni-o de que havia um risco. Essa inversão de objeto direto e indireto com relação a pessoa e coisa é característica desse grupo, onde podemos colocar também o verbo **avisar**.

279) Letra C

Na opção **a**, o verbo **lembrar** está empregado como transitivo direto e indireto (lembrar alguma coisa a alguém). Esse verbo, mais **recordar** e **esquecer**, são normalmente transitivos diretos. Por exemplo: Esqueci o trabalho. Como pronominais, passam a exigir a preposição **de** . Por exemplo: Esqueci-me do trabalho. O gabarito é a letra **c** porque o verbo **lembrar**, ali, não é pronominal, devendo o seu complemento ser direto, ou seja, sem preposição. Corrigindo: Não lembraste o meu aniversário, ou, como pronominal, Não te lembraste do meu aniversário.

280) Letra A

O verbo **chamar**, com o sentido de "convocar", é transitivo direto. Isso acontece nas opções **a** e **d**. Na **a**, existe erro de regência porque o **lhe** não pode ser complemento de verbo transitivo direto. Correção: Chamei-o à sala de entrevistas. Com o sentido de "apelidar", "qualificar", ele é indiferentemente transitivo direto ou transitivo indireto, pedindo predicativo do objeto com ou sem preposição. É o que se vê nas opções **b** e **c**.

281) Letra C

Na opção **a**, **responder** equivale a "dar resposta a", quando, então, é transitivo indireto. O certo é "Ninguém respondeu ao questionário". As duas frases em que aparece o verbo **custar** estão erradas, pois a pessoa não pode ser o seu sujeito. O que funciona como tal é a oração começada pelo infinitivo, ficando o verbo **custar** sempre na terceira pessoa do singular. Corrigindo-as, temos: Custou-me acreditar naquilo e Custou-nos pensar em algo. Na alternativa **c**, que é o gabarito, o verbo **responder** é transitivo direto e indireto: responder alguma coisa a alguém.

282) Letra C

Esta e as quatro questões seguintes envolvem o emprego de pronomes relativos. O que se deve fazer é observar a regência do verbo da oração em que aparece o pronome relativo. No caso desta questão, o verbo **comparecer** pede a preposição **a**, por isso o correto é "A festa a que ele compareceu foi ótima". **Gostar** pede **de**; corrigindo: O livro de que ele gosta muito desapareceu. A opção **c** está certa porque o verbo **esforçar-se** exige a preposição **por**, que aparece antes de **que**. Na última alternativa, **aspirar**, que significa "almejar", exige a preposição **a**. Corrija-se para "O cargo a que tu aspiravas já foi preenchido".

283) Letra D

Cujo é pronome relativo. Dependendo da regência do verbo da oração em que ele se encontra, pode vir antecedido de preposição. Na letra **a**, **cujo pai** é o sujeito da oração (Veja: Seu pai deseja falar-nos). Na **b**, **responsabilizar-se** pede **por** (por cujas atitudes). Na **c**, **lutar** pede **contra** (contra cujas idéias). O gabarito é a letra **d** uma vez que **acreditar** pede **em**. Correção: Está lá fora o homem em cujas idéias jamais acreditei. (Veja: jamais acreditei em suas idéias)

284) Letra C

O erro está na opção **c** porque o verbo **aludir** pede a preposição **a** (aludir a alguma coisa), e não **de**. Correção: O homem a quem aludimos na carta é inocente.

285) Letra C

Afastar-se pede **de**, por isso se diz "da qual ele se afastou". O verbo **contar** tem como objeto direto o próprio **que** (contar alguma coisa a alguém; essa coisa é o **que**). Está errado **à qual**, porque o pronome, nessa frase, é o sujeito da oração, não podendo ter o acento de crase. Correção: Ele trouxe uma caneta a qual não funciona. Na última frase, o **que** é a coisa varrida, ou seja, objeto direto, por isso sem preposição.

286) Letra D

Assistir, na opção **a**, pede preposição (a que assistimos). **Aspirar**, na **b**, pede preposição (a que aspirávamos). **Visar** na **c** não pede preposição (que visei). A letra **d** está certa porque **aspirar**, na frase, significa "sorver", sendo, por isso, transitivo direto.

287) Letra D

Na opção **a**, **ao professor** é objeto indireto, correspondendo a **lhe**. Na **b**, **os animais** é objeto direto, correspondendo a **os**. Na **c**, o pronome **lhe** substitui não o complemento (o seu braço), mas apenas o possessivo **seu**; nesse caso, a palavra **lhe** é adjunto adnominal, e não objeto indireto. Na **d**, **a amiga** é objeto direto, a substituição é por **a**, e não **lhe**: Visitou-a no hospital.

288) Letra A

A palavra **onde** não pode ser usada com verbos que peçam a preposição **a**. No caso, ele será levado a algum lugar. Usa-se, então, **aonde**.

289) Letra B

Referir-se pede a preposição **a**, que fica, então, antes do pronome relativo **cujo**: a cujo trabalho me referi. O verbo **ir**, como todos aqueles que indicam movimento, direção (chegar, dirigir-se, encaminhar-se etc.) pede a preposição **a**, e não **em**, no adjunto adverbial de lugar. Tratando-se de um pronome relativo, antes dele fica **a**, e não **em**: a que fui ontem.

290) Letra C

Na primeira lacuna, cabem **onde** e **em que**, pois o verbo **nascer** pede a preposição **em** (**onde** equivale a **em que**). O verbo **desconfiar** pede a preposição **de**, cabendo, então, na frase **de que** e **do qual**. A letra **a** é eliminada pelo **que**; a **b**, pelo **que;** a **d** pelo **a qual**.

291) Letra A

Na letra **a**, que é o gabarito, o verbo **assistir** é transitivo indireto, pois significa **ver**. Assim, pede a preposição **a**. Correção: Assistimos, extasiados, ao espetáculo.

292) Letra D

O verbo **implicar** não pede **em**, com o sentido de "acarretar". **Proceder**, significando "dar início", pede a preposição **a** (à leitura). **Lembrar**, sem o pronome átono, é transitivo direto, não admite **de**. **Referir** ("contar") é transitivo direto; não o confunda com **referir-se** ("fazer referência"). **Aquele incidente** é objeto direto, por isso o gabarito é **d**.

293) Letra C

O verbo **querer**, na primeira frase, significa "gostar"; na segunda, "desejar". O verbo **namorar** não admite a preposição **com**. O certo é "namorava alguém".

294) Letra D

Na letra **a,** o certo é "Chegarei a Paris no domingo". Na **b**, o verbo **pedir** está mal empregado, pois não admite **para**, a não ser que haja a idéia de permissão, licença. Correção: Pedi a eles que analisassem a situação. O verbo **discordar** pede a preposição **de**, portanto está correto dizer **de cujas idéias** (= de suas idéias).

295) Letra B

O verbo **aspirar**, transitivo indireto, não admite a voz passiva. **Colocar** pede **em**, por isso devemos usar **onde**. **Convidar** é transitivo direto, não aceita **lhe** como complemento. O único item correto é o último, porque o sujeito da oração é **dezenas de interessados**, e o pronome a ser usado, então, não poderia ser **eu**, que atua como sujeito.

296) Letra A

O verbo **presidir** pode ser, sem mudança de sentido, transitivo direto ou transitivo indireto, com a preposição **a**: Presidi a reunião da noite", ou Presidi à reunião da noite.

297) Letra A

Se puséssemos **lhe**, na primeira frase, ela ficaria com dois objetos indiretos, o que é errado. **Entender** pede objeto direto: **o**. **Obedecer** é transitivo indireto, com a preposição **a**; **lhe** quer dizer **a alguém**.

298) Letra D

O verbo **favorecer** é sempre transitivo direto; seu complemento, portanto, é objeto direto. Os outros: **assistir**, **ajudar** e **satisfazer** podem ser transitivos diretos ou transitivos indiretos.

299) Letra B

Os verbos **lembrar**, **esquecer** e **recordar** só são transitivos indiretos como pronominais: lembrar-se, esquecer-se e recordar-se de alguma coisa. Na opção **b**, gabarito da questão, **lembrar**, sem pronome átono, tem um objeto introduzido por **de**, o que é errado. Corrigindo: lembrar o bem ou lembrar-se do bem.

300) Letra C

O verbo **referir-se** é transitivo indireto, pedindo a preposição **a**. Se o seu objeto indireto for um pronome relativo, antes deste deve aparecer **a**. A frase certa é "Lamentavelmente, não conheço a lei a que te referes". Na alternativa **a**, foi empregado, com correção, o verbo **simpatizar**, que exige a preposição **com**. Cuidado com esse verbo: ele não é pronominal. Não existe "Eu me simpatizo".

301) Letra B

Chegar pede **a**, devendo-se corrigir para "Chegamos à cidade antes do anoitecer". O verbo **residir**, da opção **c**, está usado com correção, pois exige a preposição **em**. Seria errado dizer ou escrever "Jonas reside à Rua das Marrecas".

302) Letra C

Na opção **c**, gabarito da questão, o verbo **informar** está empregado, indevidamente, com dois objetos indiretos. Note que há duas preposições: **a** e **sobre**, iniciando os objetos, que, então, devem ser classificados como objetos indiretos.

303) Letra A

O verbo **gostar** exige a preposição **de**, que deve ser colocada antes do pronome relativo. Correção: O público acompanha a novela de que gosta. Observe o emprego de **preferir**, na opção **c**. Não há preposição antes do primeiro complemento (TV), nem antes do segundo (teatro). Se disséssemos **a TV**, teríamos de dizer **ao teatro**.

304) Letra a

Na opção **b**, o certo é **a quem**. Na **c**, **a quem**. Na **d**, **com o qual**; na **e**, **com o qual**. Na opção **a**, que é o gabarito, o verbo **aplaudir** não exige a preposição **a**, mas o pronome **quem** só pode ser usado precedido de preposição. Nesse caso, **a quem** é um objeto direto preposicionado. É sempre a preposição **a** que se usa nessas condições. O mesmo ocorre na opção **c**, em que **combater** não exige preposição.

305) Letra E

Na letra **a**, o verbo **agradar** significa "fazer carinho", é transitivo direto, tendo o pronome **o** como complemento. **Procurar**, **encontrar** e **convidar**, na opção **b**, são transitivos diretos, sendo o **o** seu complemento. Na **c**, repete-se o verbo **convidar**, que é sempre transitivo direto. O verbo **estimar**, da alternativa **d**, é transitivo direto, tendo **o** como complemento. O gabarito é a letra **e**, porque o verbo **prevenir** pede dois complementos, sendo que a oração iniciada por **que**, sem preposição, é o objeto direto. Dessa forma, usa-se **lhe** como segundo complemento do verbo.

306) Letra A

Já vimos que o verbo **preferir** não admite expressões de intensidade, nem aceita **que** ou **do que**. Corrija-se para "No século XVI, muitos negros preferiram a morte à escravidão".

307) Letra D

Como o verbo **referir-se** exige a preposição **a**, estão eliminadas as alternativas **a**, **c** e **e**. Por outro lado, observa-se que o pronome a ser usado tem valor de possessivo: sua importância; só pode ser, então, o pronome **cuja**. Isso já serviria para matar a questão, pois só existe **a cuja** na opção **d**. Para completar, nota-se que o verbo **acreditar** pede a preposição **em**, daí dizer-se **nas quais** (em = as quais).

308) Letra C

O verbo **chegar**, como já foi mostrado, não admite a preposição **em** no adjunto adverbial de lugar. O certo é "Eles chegaram ao aeroporto com atraso". Na realidade, é bom que se acrescente, pode aparecer a preposição **em**, mas no adjunto adverbial de meio. Por exemplo: Ele chegou em um táxi.

309) Letra B

Deve-se usar **mim**, na opção **b**, porque o pronome pessoal **eu** teria de ser o sujeito da oração, função que é desempenhada pela palavra **ninguém**.

310) Letra D

Na frase reescrita no item **I**, o verbo **chamar**, com o sentido de "qualificar", é transitivo indireto, sendo seu objeto indireto **aos inimigos**; **de hipócritas** qualifica o objeto indireto, é o seu predicativo. O verbo **chamar**, com esse sentido, admite as quatro construções. No item **II**, a frase reescrita apresenta o verbo **informar** com dois objetos indiretos, o que não é possível na língua culta. Já o verbo **esquecer-se**, pronominal, do item **III**, pede a preposição **de** em seu objeto indireto. Assim, somente o item **II** apresenta erro.

311) Letra D

O gabarito é a letra **d** porque o verbo **aludir**, transitivo indireto, exige a preposição **a**, e não **de**. O certo, pois, é "a que se alude".

AULA 9: REGÊNCIA NOMINAL

Existem substantivos, adjetivos e advérbios que pedem complementos. É o que se conhece como complemento nominal, termo introduzido por preposição.
Ex.: Ele é útil à comunidade.
Termo regente: útil.
Termo regido: à comunidade (complemento nominal)
Às vezes, o termo regido é adjunto adnominal, igualmente introduzido por preposição.
Ex.: Tem uma casa de madeira.
Termo regente: casa
Termo regido: de madeira (adjunto adnominal)

A regência nominal não é um assunto tão cobrado em provas, como a regência verbal. Mas pode aparecer e, por isso, você terá abaixo uma relação importante de nomes que pedem complementos ou adjuntos, com a preposição ou preposições adequadas de acordo com a norma culta.

Acostumado / habituado (preposições: a, com)
Ex.: Estou acostumado ao trabalho.
Fiquei acostumado com o barulho.

Alheio (preposição: a)
Ex.: Vivia alheio a tudo.

Amigo (preposição: de)
Ex.: Sempre foi amigo de todos.

Apaixonado (preposições: por e de)
Ex.: Era um apaixonado da natureza.
Estava apaixonada pelo colega de trabalho.

Ansioso (preposições: por, para ou de)
Ex.: Está ansioso por nova oportunidade.
Permanece ansioso para falar.
Estava ansiosa de ver o cometa.

Aptidão (preposição: para)
Ex.: Sempre teve aptidão para as artes.

Apto (preposições: a ou para)
Ex.: Sentia-se apto ao trabalho externo.
Considero-o apto para exercer a profissão.

Assíduo (preposição: em)
Ex.: Paulo é assíduo no escritório.

Assédio (preposição: de)
Ex.: Recebeu o assédio de toda a turma.

Atribuído (preposição: a)
Ex.: O prêmio foi atribuído ao funcionário mais antigo.

Busca (preposição: de)
Ex.: Estamos em busca de um mundo mais justo.

Certeza (preposição: de)
Ex.: O atleta tinha certeza da vitória.

Confiante (preposição: em)
Ex.: Continuava confiante em um futuro melhor.

Conforme (preposições: a, com ou em)
Ex.: Assumiu uma postura conforme às suas raízes. (semelhante)
Essa atitude é mais conforme com seus ideais. (coerente)
Não estavam conformes naquela discussão. (de acordo)

Compatível (preposição: com)
Ex.: A orientação dada não é compatível com a filosofia da empresa.

Contemporâneo (preposição: de)
Ex.: Ele foi contemporâneo de Castro Alves.

Cuidadoso (preposição: com)
Ex.: Sejamos cuidadosos com nossas crianças.

Entendido (preposição: em)
Ex.: Era entendido em construção naval.

Escasso (preposição: de)
Ex.: A jovem era escassa de vaidades.

Estranho (preposição: a)
Ex.: É algo estranho ao regulamento.

Estudioso (preposição: de)
Ex.: O jornalista é estudioso de ufologia.

Exame (preposição: de)
Ex.: Procedeu ao exame do material coletado.

Favorável (preposição: a)
Ex.: Ele é favorável a que se tomem novas medidas.

Favoravelmente (preposição: a)
Ex.: Agirei favoravelmente a seu caso.

Felizmente (preposição: para)
Ex.: Felizmente para todos, o fogo foi logo apagado.

Graduação (preposição: em)
Ex.: Festejou sua graduação em Matemática.

Grato (preposições a, para ou por)
Ex.: Sou grato a todos neste dia especial.
Sua ajuda é sempre grada para mim.
Mostrou-se grato pelo que lhe apresentaram.

Humilde (preposições: com ou de)
Ex.: Sejamos humildes com nossos filhos.
Sinto-me humilde de ser brasileiro.

Idêntico (preposição: a)
Ex.: Uma coisa é idêntica à outra.

Incluído (preposições: em ou entre)
Ex.: Foi incluído no grupo.
Estava incluído entre os mais capacitados.

Junto (preposições: a ou de)
Ex.: Ficaram junto à garagem.
Fiquei junto de todos.

Leigo (preposição: em)
Ex.: Nunca fui leigo em pintura.

Limite (preposições: a ou de)
Ex.: Não há limites ao artista.
Reconheçamos os limites da nossa inteligência.

Medo (preposições: de ou a)
Ex.: O menino tem medo do escuro.
Tive medo ao inspetor.

Morador / residente (preposições: em ou de)
Ex.: Nessa época, era morador na Rua do Lavradio.
Foi morador da Rua Santa Clara.

Obediente / obediência (preposição: a)
Ex.: Sempre fui obediente às leis.

Parecido (preposições: com ou a)
Ex.: Era parecido com o avô.
Sendo parecido ao pai, foi aceito logo.

Perito (preposição: em)
Ex.: Era perito em construções.

Permanência (preposições: em ou junto de)
Ex.: Já é longa a sua permanência na firma.
A permanência junto do amigo foi sua salvação.

Permissão (preposições: de ou para)
Ex.: Não tive permissão de pesquisar o assunto.
Pediu ao chefe permissão para sair cedo.

Próximo (preposições: a ou de)
Ex.: Fiquei próximo ao muro.
Deixamos o carro próximo da árvore.

Receoso (preposição: de)
Ex.: Parecia receoso do resultado.

Referência / referente / referentemente (preposição: a)
Ex.: Não há referência alguma ao seu trabalho.

Situado / sito (preposição: em)
Ex.: Tem um escritório sito na Av. das Américas.

CRASE

Chama-se crase a união de dois sons iguais. Quando essa união se dá entre a preposição **a** e um outro **a**, usa-se o acento grave ou acento de crase.
Ex.: Irei a a festa.
Irei à festa.

Tipos de crase

1) Entre a preposição **a** e o artigo definido **a**.
Ex.: Vamos à cidade.
Obs.: O **a** é artigo definido quando acompanha um substantivo.

2) Entre a preposição **a** e o pronome demonstrativo **a**.
Ex.: Ele se referiu à que deixei no armário.
Obs.: O **a** é pronome demonstrativo quando antecede **que** ou **de**, equivalendo a outro pronome demonstrativo: **aquela**.

3) Entre a preposição **a** e o **a** inicial dos pronomes **aquele**, **aquela**, **aquilo**.
Ex.: Dirija-se àquele vendedor.

4) Entre a preposição **a** e o **a** do pronome relativo **a qual**.
Ex.: Chegou a aluna à qual entreguei o resultado.

Observações

a) Como se vê, é necessária a presença da preposição **a** para que ocorra o fenômeno da crase.

b) Costuma-se dizer por aí que só há crase antes de palavra feminina. Cuidado! Essa afirmação diz respeito apenas ao caso de preposição mais artigo **a**, quando, então, o substantivo tem de ser feminino.

Para saber se há crase

1) Com nomes comuns

Troca-se a palavra feminina por uma masculina; aparecendo **ao**, usa-se o acento de crase.

Ex.: Dirija-se à tesouraria. (Dirija-se ao escritório)

Dei o livro à professora. (Dei o livro ao professor)

Obs.: Coisa se troca por coisa (tesouraria / escritório); pessoa, por pessoa (professora / professor). Respeite isso, ou você pode errar a questão.

2) Com nomes próprios de lugar

Troca-se o verbo que pede a preposição **a** por outro, que peça outra preposição. Vamos adotar o verbo **vir**; aparecendo **da**, usa-se o acento de crase.

Ex.: Ela foi à Bahia. (Ela veio da Bahia)

Ela foi a Cuiabá. (Ela veio de Cuiabá, e não da)

Observações

a) Nomes de cidade (segundo exemplo) não se usam com artigo **a**. Mas, se determinarmos o substantivo, aparecerá o artigo e, conseqüentemente, a crase.

Ex.: Iremos à simpática Cuiabá. (Viremos da simpática Cuiabá)

b) Não se devem misturar os dois macetes (nomes comuns ; nomes próprios de lugar).

Ex.: Ele foi a Cuiabá.

Se trocarmos (indevidamente) **Cuiabá** por um substantivo masculino, aparecerá **ao**, o que nos levará a pôr, erradamente, o acento de crase: Ele foi ao Rio de Janeiro, Ele foi à Cuiabá.

Casos obrigatórios

1) Com a palavra **hora**, clara ou oculta, indicando o momento em que acontece alguma coisa.

Ex.: Saímos às três horas.

Retornamos às dez.

Obs.: Às vezes se usa o acento diante de palavra masculina, por estar oculta uma outra feminina. A mais comum e importante é a palavra **moda**.

Ex.: Escrevia à Machado de Assis. (Escrevia à moda Machado de Assis)

2) Com determinadas locuções formadas por palavras femininas.

● Adverbiais: duas ou mais palavras com valor de advérbio.
Ex.: Fiz tudo às pressas.
às pressas: locução adverbial de modo com palavra feminina: com acento.
Ele irá a pé.
a pé: locução adverbial de modo com palavra masculina: sem acento.

Outros exemplos

Trabalharam às escondidas.
Fui levado à força.
Quero deixar tudo às claras.
Às vezes, íamos ao teatro.
Isso foi feito à parte.
Paramos à beira-mar.
O homem permaneceu à esquerda.
Fiquem à vontade.
Sempre falavam à meia-voz.
Saiu à noitinha.
Seguiu o conselho à risca.
Corriam às tontas.
Estávamos à janela.
Escreveu à margem.
O objeto veio à tona.
O material estava à mão.

Observações

a) Geralmente, as locuções adverbiais com acento de crase são as de modo, mas existem outras.
Ex.: Foi levado à força. (modo)
Às vezes era teimoso. (tempo)
O carro dobrou à direita. (lugar)
Falaram à beça. (intensidade)

b) As locuções adverbiais de instrumento dividem as opiniões dos gramáticos. Para alguns, sem acento; para outros, com. É polêmico.
Ex.: Escreveu à caneta.
Escreveu a caneta.

c) Igualmente polêmica é a expressão **à vista**, contrário de **a prazo**.
Ex.: Comprou os móveis à vista.
Comprou os móveis a vista.
Não se trata de crase facultativa, da mesma forma que as da letra **b**. Convém, nesses casos, resolver a questão por eliminação. É preferível, hoje em dia, não usar o acento de crase, principalmente numa redação.

● Prepositivas: grupos de palavras que funcionam como preposição; as que nos interessam neste ponto começam por **à** e terminam por **de**.
Ex.: Ficarei à disposição de vocês.
à disposição de: locução prepositiva com palavra feminina: com acento.
Falavam a respeito de futebol.
a respeito de: locução prepositiva com palavra masculina: sem acento.

Outros exemplos

Vivia à custa do irmão.
Estamos à mercê do patrão.
Fez o trabalho à vista de todos.
Agiu à maneira de um troglodita.
É vidro à prova de choques.
Permaneciam à frente do colégio.
Ficou à beira do precipício.
Bateram à porta do amigo.
Ficamos à distância de vinte metros.
Aprendeu à força de tanto estudar.
Usava um pano branco à guisa de toalha.
Vivia à margem da sociedade.
Estava à espera de uma solução.

● Conjuntivas: grupos de palavras que funcionam como conjunção; só existem duas com acento de crase: **à medida que** e **à proporção que**.
Ex.: À medida que corria, ia ficando vermelho.
Aprenderá à proporção que estudar.

Observações

a) Pelo que se vê nos exemplos, as locuções adverbiais, prepositivas e conjuntivas levam acento de crase quando os substantivos que as constituem são femininos.

b) Às vezes, o grupo parece uma locução, mas não é.
Ex.: À frente da casa havia uma árvore. (locução prepositiva)
A frente da casa é muito bonita.
À tarde ele chegou. (locução adverbial)
A tarde estava chuvosa.
Não será locução quando se puder substituir **a** por **o**: a frente / o lado, a tarde / o dia.

3) Com os pronomes demonstrativos **aquele**, **aquela**, **aquilo**.
Ex.: Mostrei o quadro àquela mulher. (= a aquela)
Prefiro este lenço àquele. (= a aquele)
Não me refiro àquilo que ele fez. (= a aquilo)
Obs.: Não existem, em português: a aquele, a aquela, a aquilo. Sempre que isso aparecer, deverá ser feita a contração: àquele, àquela, àquilo.

4 Com o pronome demonstrativo **a**.
Ex.: Dirigi-me à que estava no balcão.
Obs.: Haverá acento de crase antes de **que** e **de** (à que, à de), sempre que se puder trocar por **a aquela que** ou **a aquela de**; outro macete é a troca pelo masculino; aparecendo **ao**, há crase.
Ex.: Minha camisa é semelhante à que ele comprou.
Minha camisa é semelhante a aquela que ele comprou.
Meu paletó é semelhante ao que ele comprou.

Casos facultativos

1) Antes de nomes de mulher.
Ex.: Mandei uma carta à Patrícia. (Mandei uma carta ao Manuel)
Mandei uma carta a Patrícia. (Mandei uma carta a Manuel)
Obs.: Com determinação, a crase é obrigatória.
Ex.: Mandei uma carta à culta Patrícia. (Mandei uma carta ao culto Manuel)

2) Antes de pronomes adjetivos femininos no singular.
Ex.: Explicarei isso à sua irmã. (Explicarei isso ao seu irmão)
Explicarei isso a sua irmã. (Explicarei isso a seu irmão)

Observações

a) Se o possessivo estiver no plural, teremos:

● Explicarei isso às suas irmãs. (crase obrigatória: a + as)

● Explicarei isso a suas irmãs. (crase proibida: apenas a preposição)

b) Se for pronome substantivo, a crase é obrigatória.
Ex.: Explicarei isso à sua.

3) Depois da preposição **até**.
Ex.: Ele foi até à praia. (Ele foi até ao campo)
Ele foi até a praia. (Ele foi até o campo)

Observações

a) Não confunda com a palavra denotativa de inclusão **até**, que significa **inclusive**.
Ex.: Comprou até a revista.

b) **Até** é a única preposição que admite um **a** craseado depois dela.
Ex.: Fazia o trabalho após as quatro horas. (e não às)

4) Com as palavras Europa, Ásia, África, França, Espanha, Inglaterra, Escócia e Holanda.
Ex.: Viajaremos à França. (Viremos da França)
Viajaremos a França. (Viremos de França)
Obs.: Poucas gramáticas citam este caso de crase facultativa, porque a tendência, no português atual, é usar o artigo e, conseqüentemente, o acento de crase. Mas não é errado omiti-lo.

Casos proibitivos

1) Com a palavra **casa** sem determinação, quando, então, se refere ao próprio lar.
Ex.: Ele foi a casa pela manhã.
Obs.: Com determinação, aparece o acento.
Ex.: Ele foi à casa da esquina.

2) Com a palavra **distância**, sem especificação, ou seja, sem precisar a distância.
Ex.: O guarda ficou a distância.
O guarda ficou a grande distância.
Obs.: Com especificação, usa-se o acento.
Ex.: O guarda ficou à distância de dez metros.

3) Com a palavra **terra**, quando é o contrário de **bordo**.
Ex.: Os marujos foram a terra.

4) Em locuções com palavra repetida.
Ex.: Os adversários estavam cara a cara.

5) Antes de palavra masculina.
Ex.: Eles chegaram a cavalo.

6) Antes de verbo.
Ex.: Estava prestes a chorar.

7) Com **a** antes de plural.
Ex.: Não se prendia a coisas materiais.
Obs.: Usando-se o artigo, haverá o acento.
Ex.: Não se prendia às coisas materiais. (Não se prendia aos bens materiais)

8) Antes de:

● artigo indefinido, claro ou oculto
Ex.: Aspirava a uma posição melhor. (Aspirava a um emprego melhor)
Jamais assisti a peça tão fraca. (a uma peça tão fraca / a um filme tão fraco)

● pronome indefinido
Ex.: Chegaram a alguma ilha do interior. (Chegaram a algum município do interior)

● pronome pessoal, inclusive o de tratamento.
Ex.: Diga a ela que voltarei.
Já tinha pedido isso a Vossa Senhoria.
Obs.: Os pronomes de tratamento **senhora**, **senhorita**, **madame** e **dona** (este último quando acompanhado de adjetivo) admitem o acento de crase.
Ex.: Dirigiu-se à senhorita Denise.

● esta e essa
Ex.: Diga a verdade a essa funcionária.

9) Antes de nomes de vultos históricos.
Ex.: Referiu-se a Joana d'Arc.
Obs.: Com determinação, aparece o acento.
Ex.: Referiu-se à valente Joana d'Arc.

10) Antes de Nossa Senhora e Maria Santíssima.
Ex.: Farei uma prece a Nossa Senhora.

Observações finais

a) Há duas expressões parecidas com a palavra hora.
Das oito às dez horas (as horas do relógio)
De oito a dez horas (idéia de duração)
É errado dizer "de oito às dez horas", como normalmente se encontra por aí.

b) Veja as expressões abaixo, igualmente parecidas.
Meu colega vivia à toa. (à toa − locução adverbial de modo)
Ele é um homem à-toa. (à-toa − adjetivo)

c) Quando se diz "Voltei à uma hora", não há erro de crase porque **uma** é numeral, e não artigo indefinido; veja o caso obrigatório com a palavra **hora**.

c) Em expressões do tipo **aquela hora**, **aquele minuto** etc., pode haver o acento por se tratar de indicação de tempo. O macete é trocar por **naquela** ou **naquele**.
Ex.: Àquela hora, todos estavam cansados.
Naquela hora, todos estavam cansados.

d) Veja algumas frases em que a presença do acento altera o sentido.
Bateu a porta. (Empurrou a porta para fechá-la)
Bateu à porta. (Chamou)
Chegou a tarde. (entardeceu)
Chegou à tarde. (Ele chegou de tarde)
Saiu a francesa. (A mulher francesa saiu)
Saiu à francesa. (Saiu sem ninguém notar)
Trabalhavam as cegas. (Mulheres cegas trabalhavam)
Trabalhavam às cegas. (Trabalhavam sem saber direito o que faziam)
Escreveu a mulher uma carta. (Ela escreveu uma carta)
Escreveu à mulher uma carta. (Ele mandou uma carta para a mulher)

EXERCÍCIOS

312) Indique o erro no emprego do acento indicativo de crase.
a) Enviei a encomenda à portaria.
b) Voltando à escola, pegou a pasta do irmão.
c) Ele tem livre acesso à qualquer empresa.
d) Permaneceram junto à parede.

313) Assinale o erro no emprego do acento indicativo de crase.
a) Levei meu irmão à biblioteca.
b) Eles voltaram à cena do crime.
c) Entreguei os livros à professora.
d) Não se adaptava à nenhuma atividade.

314) Há erro de crase na opção:
a) Mandaremos um cartão às pessoas ausentes.
b) Era imensa sua dedicação à pátria.
c) Graças à enfermeira, ele não morreu.
d) Explique à esta funcionária o problema.

315) Há erro de crase somente na seguinte alternativa:
a) Ninguém irá à Polônia nem à Turquia.
b) Mandarei à Itália o meu assessor.
c) Pretendo ir à Cuba ou à Argentina em dezembro.
d) Chegando à encantadora Florianópolis, procurou o amigo.

316) Assinale o erro de crase.
a) Se você for à Romênia, visite meus avós.
b) Regressando à Lisboa, farei o que me pediste.
c) Viajarei logo a Petrópolis.
d) Quando cheguei à Suíça, fazia frio.

317) Aponte a frase com erro de crase.
a) Poucos alunos compareceram à prova.
b) Não fiques alheio à dor do teu irmão.
c) Ele agiu com total respeito à vizinha.
d) Aquilo me cheirava à trapaça.

318) Marque a única frase correta quanto ao emprego do acento de crase.
a) Seu amor à pátria e às causas do povo levou-o à uma grande vitória.
b) Mesmo estudando a matéria, não chegou à conclusão alguma.
c) Encaminhe-se a diretoria e peça a documentação.
d) Às alunas que se dedicaram serão dadas as medalhas.

319) Preencha as lacunas e anote a alternativa adequada.
Graças.....ela fiquei bom.
Faltamos.....reunião.
Uma foto foi anexada.....petição.
Disse aquilo.....cada vendedora.
a) a, à, à, a

b) à, à, a, à
c) a, à, a, a
d) à, à, à, a

320) Preencha as lacunas e assinale a opção correspondente.

Recomendei ..... meninas que voltassem.
Todos foram.....pé.
Voltarei.....Portugal.
Compramos..... melhores roupas.
Entreguei.....mulher alguns perfumes.

a) às, a, a, as, à
b) às, à, a, as, a
c) as, a, à, às, à
d) às, a, a, às, à

321) Marque o erro de crase.

a) Pedimos à garota que falasse baixo.
b) Chegarás à Alemanha em novembro.
c) Ninguém fez mal à você.
d) Informei à revista o meu ponto de vista.

322) A frase que não deve levar acento de crase é.

a) Ele fez tudo as escondidas.
b) Estávamos a mercê das ondas.
c) Fiquei a par dos acontecimentos.
d) Elas foram levadas a força.

323) Estão corretas quanto ao emprego do acento de crase as frases seguintes, exceto:

a) Estudou à beça para o concurso.
b) Iremos à certa cidade do interior.
c) Ele vive à sombra do tio.
d) Por favor, encaminhe-se àquela loja.

324) Há erro de crase em:

a) Essa máquina é idêntica à que você recomendou.
b) Entreguei a chave à que chegou primeiro.
c) Minha casa é inferior à que ele tem.
d) Não me convenceu a história à que fizeram referência.

325) A frase que não deve levar acento de crase é:

a) Permanecia a beira do abismo.
b) Quero deixar isso as claras.
c) Ele desmaiou a caminho de casa.
d) As vezes, resolvia falar.

326) Contraria a norma culta da língua quanto ao acento de crase a seguinte sentença:
a) O ônibus dobrou à direita.
b) Ele tem um caminhão à frete.
c) Estou à disposição de vocês.
d) Esse garoto só irá à força.

327) Assinale a frase imperfeita no que diz respeito ao acento de crase.
a) Minha camisa é igual à que você tem.
b) A gravata é idêntica à de cima.
c) Demos o troféu à que fez mais pontos.
d) Estava quebrada a cadeira à que ele se dirigiu.

328) Assinale o erro de crase.
a) Minha amiga, a qual pedi desculpas, viajou para a Europa.
b) João, lembre àquele senhor que faltará energia na cidade.
c) Mauro sempre fugia à responsabilidade.
d) Levei-o à cidade.

329) Só não há erro de crase em:
a) Levaram o produto porta à porta.
b) Aquela hora não era apropriada para discussões.
c) Aquela hora, todos já haviam saído.
d) Diga isso à quem quer ouvir.

330) O acento indicativo de crase só não é facultativo em:
a) Viajou à Suécia com o amigo.
b) Eles andaram até à fonte.
c) Enviarei um telegrama à nossa tia.
d) O jovem se declarou à Helena.

331) O acento de crase é facultativo na seguinte opção.
a) Entreguei os presentes às minhas filhas.
b) Sairemos à tarde.
c) Explicamos à diretora o que nos aconteceu.
d) Ainda não fui à França.

332) Marque a frase sem erro de crase.

a) Estavam todos à conversar.
b) Queria ser útil à comunidade.
c) Levava as pessoas pobres algum alimento.
d) Mais uma vez, ficamos frente à frente.

333) Assinale a frase que não contraria a norma culta quanto ao acento de crase.
a) Nossa ida à Brasília foi proveitosa.
b) Sempre fui leal à V.Exª.
c) Entreguei o documento aquela senhora.
d) Andavam as cegas pela rua.

334) Aponte a frase com erro de crase.
a) Estudamos a proposta.
b) Estavam a caminho do trabalho.
c) Não irei à feira hoje.
d) Obedeça a esta ordem, mas não aquela.

335) Há erro de crase em:
a) Ela se candidatou à deputada estadual.
b) Recorri à enfermeira que mora no prédio.
c) Voltarei à linda Porto Alegre.
d) Solicitei à jornalista que anotasse tudo.

336) O acento de crase só é inadmissível na seguinte opção:
a) Pedirei à tua mãe uma orientação.
b) Aludimos à cada ilha da região.
c) Nós nos encontramos à uma hora.
d) Viajarei à Teresópolis dos meus sonhos.

337) Assinale a única frase perfeita quanto ao emprego do acento de crase.
a) A aula será das nove as onze.
b) Comprou canetas as dúzias.
c) Triste e sozinho, pôs-se à chorar.
d) Ficamos a razoável distância.

338) Preencha as lacunas e assinale a alternativa correspondente.
Irei.....casa brevemente.
Retornem.....base.
Carlos não é dado.....fofocas.
Ele é igual.....mãe.
Ficou.....frente de todos.
a) à, à, à, à, a

b) a, à, a, à, à
c) à, a, a, a, à
d) a, a, à, à, a

339) Observe as frases abaixo.

I − Elogiei à Teresa.
II − Foram escolhidos à dedo.
III − Estou à disposição da família.
IV − Saboreou um peixe à brasileira.

Quanto ao acento de crase, estão certas as frases dos itens:

a) I, III e IV
b) III e IV
c) I, II e III
d) I e IV

340) Há erro de crase na opção seguinte:

a) É um canto de louvor à vida.
b) Caminhavam à passos largos.
c) Ele andava às tontas pela casa.
d) Estávamos todos à mesa.

341) (EFOMM) Assinale a frase em que é obrigatório o acento da crase.

a) Agradeceu as irmãs o apoio recebido.
b) Estarei lá desde as quatro horas da tarde.
c) Escrevi a minha mãe, avisando-a da minha chegada.
d) Dirijo-me apenas a você.
e) Minha amiga se candidatou a Rainha da Primavera.

342) (TALCRIM) "Não se trata de uma apologia às bermudas, longe disso."

Na frase destacada, observa-se o correto emprego do acento indicador da crase. Esse acento foi <u>incorretamente</u> usado na seguinte frase:

a) O uso da gravata é até mesmo prejudicial à saúde.
b) Era contrário à orientação de abolir o paletó e a gravata.
c) A entrada será franqueada às pessoas que usarem paletó e gravata.
d) Mostrou-se indiferente à opinião de que paletó é roupa ultrapassada.
e) A testemunha não fez referência à pessoa alguma em seu depoimento.

343) (TRF) Preencha as lacunas da frase abaixo e assinale a alternativa correta.

"Comunicamos .....V.Sª que encaminhamos .....petição anexa..... Divisão de Fiscalização que está apta.....prestar.....informações solicitadas."

a) a, a, à, a, as
b) à, a, à, a, às
c) a, à, a, à, as
d) à, à, a, à, às
e) à, a, à, à, as

344) (AFRF) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas.

Os defensores de sistemas de iniciativa privada apontam ..... ineficiência e ..... rigidez geralmente associadas ..... burocracias governamentais (economias estatais) e sugerem que ..... competição, antes de ser perdulária, age como um incentivo ..... eficiência e ao espírito empreendedor, conduzindo ..... queda de preços e ..... produtos e serviços de melhor qualidade.

(Adaptado de Enciclopédia Compacta de Conhecimentos Gerais)

a) à / a / as / a / à / à / a
b) a / a / as / à / à / à / à
c) a / à / as / à / a / a / à
d) à / à / às / a / a / a / a
e) a / a / às / a / à / à / a

345) (BANESPA) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas do período abaixo.

"Recorreu.....irmã e.....ela se apegou como.....uma tábua de salvação."

a) à – à – a
b) à – a – à
c) a – a – a
d) à – à – à
e) à – a – a

346) (TRE-SP) Disposto.....recomeçar, o auxiliar judiciário referiu-se .....palavras de apoio que ouviu,.....entrada do serviço.

a) à – às – a
b) à – às – à
c) a – as – a
d) a – às – à
e) a – as – à

347) (ANALISTA–BACEN) Para que o fragmento de texto abaixo respeite as regras de regência da norma culta, assinale a opção que preenche corretamente as lacunas na ordem indicada.

> Desde julho de 2000 a revista BANCO HOJE vem estimulando debate em torno das transformações que envolvem ..... implementação do SPD. O esforço empreendido é muito inferior ..... vantagens no que diz respeito ..... evolução do sistema financeiro nacional e ..... oportunidades de integração com o mercado global.
>
> (BANCO HOJE, março de 2001, com adaptações)

a) à - as - à - às
b) a - às - a - às
c) à - às - à - as
d) a - às - à - às
e) a - às - a – as

348) (Aux.Cart.) A alternativa em que é facultativo o uso do acento indicativo de crase, na palavra sublinhada em passagem do texto, é:

a) "Eu tive desde **a** infância várias vocações."
b) "Ao passo que amar eu posso até **a** hora de morrer.
c) "Há três coisas (...) para **as** quais eu dou minha vida."
d) "Quanto **a** meus filhos, o nascimento deles não foi casual."
e) "Sei que um dia abrirão **as** asas para o vôo necessário, e eu ficarei sozinha."

349) (AFRF) Assinale a frase na qual a palavra sublinhada <u>não</u> deve receber o acento indicativo de crase.

a) Os apelos <u>a</u> internacionalização da Amazônia ganham contornos de avalanche.
b) Toda manhã <u>a</u> esta hora, depois de ler os jornais do dia, fico deprimida.
c) <u>Aquela</u> hora morta da madrugada todos estavam recolhidos ao leito.
d) Muitas das reivindicações dos sindicatos trabalhistas, hoje, são semelhantes <u>as</u> da classe patronal.
e) Os petroleiros apresentaram ao Ministro uma pauta de reivindicações igual <u>a</u> que haviam divulgado no ano anterior.

350) (T.JUD./RJ) Observe as frases:

I – Não se referiram a qualquer reforma mas à de 1971.
II – À língua deve-se querer como à pátria.
III – Azálea está passando à azaléia.
IV – A discussão era à propósito de reformas ortográficas.

A ocorrência de crase está corretamente indicada:

a) somente na I e na II
b) somente na I e na IV
c) somente na II e na III
d) somente na II e na IV
e) somente na III e na IV

351) (TALCRIM) O emprego do acento grave(`) indicativo de crase sobre o **a** é optativo em:

a) [A lei] fixará normas para o cumprimento dos requisitos relativos **a** sua função social.
b) A lei garantirá tratamento especial **à** propriedade produtiva.
c) O decreto [...] autoriza a União **a** propor a ação de desapropriação.
d) Compete **à** União desapropriar por interesse social [...] o imóvel rural que não esteja cumprindo sua função social.
e) [títulos] resgatáveis no prazo de até vinte anos, **a** partir do segundo ano de sua emissão.

GABARITO

312 C	322 C	332 B	342 E
313 D	323 B	333 D	343 A
314 D	324 D	334 D	344 E
315 C	325 C	335 A	345 E
316 B	326 B	336 B	346 D
317 D	327 D	337 D	347 D
318 D	328 A	338 B	348 B
319 A	329 B	339 B	349 B
320 A	330 A	340 B	350 A
321 C	331 D	341 A	351 A

COMENTÁRIOS

312) Letra C

Trocando os substantivos femininos por masculinos, encontramos **ao**, com exceção da opção **c:** "Ele tem livre acesso a qualquer departamento". Dessa forma, como não se pode dizer "ao qualquer departamento", está errado o emprego do acento de crase.

313) Letra D

Questão semelhante à anterior, em que a simples troca por masculinos resolve o problema. Veja: "Levei meu irmão ao colégio", "Eles voltaram ao local do crime", "Entreguei os livros ao professor". Na opção **d**, ao se trocar o substantivo **atividade** (sem eliminar o pronome que o acompanha), temos: "Não se adaptava a nenhum trabalho". Portanto, não pode haver o acento de crase.

314) Letra D

Fazendo a substituição por substantivos masculinos, temos, pela ordem: "Mandaremos um cartão aos homens ausentes", "Era imensa sua dedicação ao país", "Graças ao enfermeiro, ele não morreu", "Explique a este funcionário o problema". Assim, na última frase não encontramos **ao**; não pode, então, haver o acento.

315) Letra C

Agora temos uma questão com nomes próprios de lugar, os chamados locativos. Aqui, a troca deve ser do verbo por um outro que peça outra preposição, como **vir**, que pede **de**. Aparecendo **da**, usa-se o acento. Veja as trocas: "Ninguém virá da Polônia nem da Turquia", "Virá da Itália o meu assessor", "Pretendo vir de (e não da) Cuba ou da Argentina em dezembro", "Vindo da encantadora Florianópolis, procurou o amigo". Assim, na frase da alternativa **c** não pode haver acento antes da palavra Cuba.

316) Letra B

Se fizermos a troca da mesma forma que na questão anterior, veremos que a alternativa **b** apresenta erro de crase: "Vindo de (e não da) Lisboa, farei o que me pediste". Então não se escreve "à Lisboa", e sim "a Lisboa".

317) Letra D

A única alternativa que não vai apresentar **ao** após a troca por masculino é a **d**: "Aquilo me cheirava a deboche". Assim, está errado "à trapaça".

318) Letra D

Essa questão tem frases mais longas, com mais trocas a serem feitas. Vejamos todas elas, pela ordem: "Seu amor ao país e aos ideais do povo levou-o a um grande resultado", "Mesmo estudando o contrato, não chegou a resultado algum", "Encaminhe-

se ao escritório e peça o documento", "Aos alunos que se dedicaram serão dados os troféus". Portanto, a resposta só pode ser a letra **d**.

319) Letra A

Esse tipo de questão é muito utilizado hoje em dia pelas bancas de concursos, inclusive a Esaf. Na 1ª frase, temos o pronome pessoal **ela**, que não pode ser usado com artigo, não admitindo, pois, o acento de crase. Mas, como há o masculino correspondente, pode-se simplesmente fazer a troca. Você nunca diria **ao ele**, não é mesmo? Depois temos **à reunião** (ao encontro) e **à petição** (ao requerimento). Na última, há o pronome indefinido **cada** (vimos outros indefinidos em questões anteriores). Ele não admite artigo, portanto não pode haver acento de crase antes. Mas, também aqui, pode-se fazer a troca: "Disse aquilo a cada vendedor".

320) Letra A

Trocando-se os substantivos femininos por masculinos, temos: "aos meninos", "os melhores tecidos" e "ao homem". **Pé** é masculino, dispensa o acento. **Portugal** não admite crase (de Portugal).

321) Letra C

A palavra **você** não é feminina, portanto não pode ter o **a** craseado na sua frente. Para as outras frases, basta fazer as trocas devidas.

322) Letra C

Essa questão envolve o emprego das locuções adverbais e das locuções prepositivas. Aqui não convém tentar qualquer tipo de troca, pois pode não funcionar e acabar confundindo. É necessário reconhecer a locução. "Às escondidas" e "à força" são locuções adverbiais de modo com palavras femininas, exigindo, assim, o acento. **À mercê de** e **a par de** são locuções prepositivas. Não se usa o cento em **a par de** porque **par** é um substantivo masculino.

323) Letra B

À beça é uma locução adverbial de intensidade com palavra feminina, daí o acento. **À sombra de** é uma locução prepositiva com palavra feminina, por isso tem acento. **Àquela** é a contração da preposição **a** que o verbo **encaminhar-se** exige e o **a** do pronome **aquela**: a + aquela = àquela. Na opção **b**, **certa** é um pronome indefinido, impedindo assim o emprego do artigo definido e, conseqüentemente, do acento de crase. Trocando-se por um masculino, não teremos **ao**: "Iremos a certo município do interior".

324) Letra D

Emprego da palavra **que** precedida de **a** ou **à**. Para que haja o acento, é necessário que o verbo da oração do **que** peça a preposição **a** e que haja um segundo **a**, pronome demonstrativo. O macete é trocar o substantivo feminino por um masculino (ou, simplesmente, apenas o **a)**; aparecendo **ao que**, existe o acento de crase. Também ajuda se desdobrarmos a expressão em **a aquela que**. Vejamos cada alternativa.

a) Esse aparelho é idêntico ao que você recomendou.
Essa máquina é idêntica a aquela que você recomendou.

b) Entreguei a chave ao que chegou primeiro.
Entreguei a chave a aquela que chegou primeiro.

c) Meu apartamento é inferior ao que ele tem.
Minha casa é inferior a aquela que ele tem.
Isso não funciona com a frase da letra **d**, que não pode ter o **a** craseado antes de **que**.

325) Letra C

Nesta questão, temos locuções adverbiais e prepositivas. Na opção **c** é impossível o acento porque **caminho** é substantivo masculino.

326) Letra B

Da mesma forma que na questão anterior, temos nesta locuções, sendo que **à frete** contém erro porque **frete** é palavra masculina. Diz-se: "Vou fazer um frete". Tenha atenção com isso.

327) Letra D

Questão semelhante à 324. A diferença é que, na opção **b**, temos **de**, e não **que**. Mas o macete é o mesmo. Assim, na opção **d**, não se pode dizer **ao que** nem **a aquela que**.

328) Letra A

Se trocarmos **Minha amiga** por **Meu amigo**, diremos "ao qual pedi desculpas". Então deve-se escrever **à qual**. **Àquele**, na opção **b**, equivale a **a aquele**. Nas duas últimas, basta trocar os substantivos femininos por masculinos: **ao trabalho** e **ao campo**.

329) Letra B

Na opção **a**, **porta à porta** está errado porque não se usa **a** craseado entre palavras repetidas. **Aquela hora**, na opção **b**, é o sujeito da oração, pode ser trocado por **aquele momento**, não tendo, pois, acento de crase. **Aquela hora**, na alternativa **c**, indica tempo, tem valor adverbial e equivale a **a aquela**, devendo, então, levar acento: **àquela hora**. Um bom macete para **aquela hora** é trocar por **naquela hora**. Se for possível, há o acento. Na última alternativa, a palavra **quem**, que não é feminina, não admite o acento de crase.

330) Letra A

A palavra **Suécia** é usada normalmente com artigo. Diz-se: "Vim da Suécia". Depois aparecem situações de crase facultativa: após a preposição **até**, antes de pronome adjetivo possessivo no singular e antes de nome de mulher.

331) Letra D

Na letra **a**, o pronome possessivo está no plural. O **às** tem acento obrigatório, porque é necessariamente a união de **a** com **as**. **À tarde** tem crase obrigatória, pois se trata de uma locução adverbial de tempo com palavra feminina. O termo **à diretora** equivale a **ao diretor**: crase obrigatória. Diante da palavra **França**, o acento de crase é facultativo. O mesmo ocorre com Espanha, Inglaterra, Escócia, Holanda, Ásia, Europa e África.

332) Letra B

Na letra **a** existe um acento indicativo de crase antes de verbo, o que é sempre errado.Na **c**, pode-se fazer a troca por **aos homens**. Na **d**, temos expressão com palavra repetida, que não admite o acento. O gabarito é **b** porque podemos trocar por **ao povo**.

333) Letra D

Uma questão difícil, capciosa, que joga com o sentido das palavras. Na opção **a**, a troca pela preposição **de** garante que não há crase: "Nossa vinda de Brasília foi proveitosa". Na **b**, não poderia haver o acento antes do pronome de tratamento. Na **c**, falta o acento de **àquela** (a + aquela). Na **d**, tem o candidato a impressão de que se trata da locução adverbial **às cegas**, que pede acento. Mas pode-se entender, perfeitamente, que **as cegas** é o sujeito da oração, ou seja, **as cegas** são duas ou mais mulheres deficientes visuais. Na ordem direta fica melhor: "As cegas andavam pela rua." Assim, com acento a frase tem um sentido; sem acento, outro. Ambas corretas.

334) Letra D

Na alternativa **d**, a forma verbal **obedeça** está subentendida antes de **aquela**: "Obedeça a esta ordem, mas não obedeça àquela". Ou seja: **a aquela**.

335) Letra A

O verbo **candidatar-se** é especial. Ele pede a preposição **a**, mas não admite o artigo quando o complemento é a pessoa que exerce um determinado cargo. Veja a troca: "Ele se candidatou a deputado estadual", e não "ao deputado estadual". Assim, não aparecendo **ao**, não pode haver o acento. Convém lembrar que coisa se troca por coisa; pessoa, por pessoa. Se a frase fosse "Ela candidatou-se à Câmara", teríamos, trocando, "Ela candidatou-se ao Senado", daí o acento antes de Câmara, que não é pessoa.

336) Letra B

Na opção **a**, o acento é facultativo. Na **c**, obrigatório (palavra **hora** indicando o momento em que ocorre algo). Na **d**, obrigatório, uma vez que a palavra **Teresópolis**, que normalmente não pede artigo, está determinada pela expressão **dos meus sonhos**; trocando-se o verbo, teremos "Virei da Teresópolis dos meus sonhos". O acento é inadmissível na opção **b**, pois **cada** é um pronome indefinido, não se podendo dizer **ao cada bairro**, por exemplo.

337) Letra D

A expressão correta é **das nove às onze**, com acento. O certo é **às dúzias**, locução adverbial com palavra feminina. Antes de verbo não se admite o acento de crase. O gabarito é a opção **d** porque a palavra **distância** está em uma locução sem ser especificada, ou seja, sem dizer-se a exata distância, quando então haveria a crase: "Ficamos à distância de vinte metros".

338) Letra B

A palavra **casa**, sem determinação, não admite o acento de crase. O certo é **à base**, pois equivale a **ao quartel**. Antes de palavra no plural, o **a** não pode ser craseado, pois se trata apenas da preposição. Na frase seguinte, teríamos, fazendo a troca por um masculino, **ao pai**. A locução prepositiva **à frente de** é formada por palavra feminina, devendo haver o acento.

339) Letra B

O item **I** exige cuidado especial. Ele está errado porque o verbo **elogiar** é transitivo direto (elogiar alguém); não se trata de um acento facultativo, só porque existe um nome de pessoa. A locução **a dedo** não tem acento porque o substantivo é masculino. A locução prepositiva **à disposição de** é formada por palavra feminina, devendo ter o **a** craseado. Na última frase, temos subentendida a palavra **moda**.

340) Letra B

A locução adverbial **a passos largos** tem dois motivos para não admitir o acento de crase: **passos** é plural e masculino.

341) Letra A

Na letra **a**, que é o gabarito, fazendo a simples troca por um masculino qualquer, aparecerá **aos**: "Agradeceu aos irmãos o apoio recebido"; assim, o acento é obrigatório. Na **b**, que pede cuidado, não pode haver o acento porque **desde** é uma preposição; só depois da preposição **até** pode ocorrer um **a** (ou **as**) craseado. Na **c**, o acento é facultativo. Na **d** e na **e**, proibido.

342) Letra E

Nas quatro primeiras alternativas, a troca do feminino por um masculino provará que o acento foi bem empregado. Pela ordem: **ao corpo**, **ao pedido**, **aos homens** e **ao pensamento**. Na última, que tem o pronome indefinido **alguma**, teríamos: **a homem algum**, e não **ao homem algum**. Portanto, o acento está errado.

343) Letra A

Antes do pronome de tratamento **V.Sª** nunca há crase. Depois podemos fazer as trocas dos substantivos femininos: **o pedido** e **ao departamento**. Antes de verbo não há crase. Na última lacuna, podemos de novo fazer a troca: **os esclarecimentos**.

344) Letra E

Esta questão da Esaf pode ser resolvida com a simples troca dos substantivos femininos por masculinos. Não há nenhuma locução ou qualquer outra coisa diferente que possa complicá-la. Veja só, pela ordem: **o descaso**, **o despreparo**, **aos problemas**, **o combate**, **ao desempenho**, **ao abaixamento**. Na última lacuna, que já não seria necessária, só podemos empregar **a**, pois **produtos**, além de masculino, é plural.

345) Letra E

Vamos substituir: "Recorreu ao irmão e a ele se apegou como a um barco de salvação". Fácil, não é mesmo?

346) Letra D

Antes de verbo não se usa **à**. **Às palavras** porque se poderia escrever **aos gritos**. Na última lacuna, temos a locução prepositiva **à entrada de**, com palavra feminina.

347) Letra D

Toda a questão pode ser resolvida com a simples troca de feminino por masculino. Vejamos: **o emprego**, **aos benefícios**, **ao progresso** e **aos ideais**.

348) Letra B

A crase é facultativa depois da preposição **até**: "até a hora de morrer" ou "até à hora de morrer".

349) Letra B

Não se usa acento indicativo de crase antes de **esta** e **essa** porque tais palavras não admitem o artigo definido. Na alternativa **c**, o **aquela** equivale a **naquela**, ou **a aquela**, pedindo o acento: **àquela**.

350) Letra A

Questão difícil. O item **I** está correto, porque **qualquer** é pronome indefinido, não admitindo acento de crase. No item **II**, o verbo **querer**, que significa **gostar**, pede a preposição **a**. A ordem da frase confunde o candidato. Ei-la na ordem direta: "Deve-se querer à língua (ao idioma) como à pátria (ao país). No item **III**, faz-se menção à palavra **azálea**, que atualmente vem sendo pronunciada **azaléia**. Veja a troca por masculino: "Lêvedo está passando a levedo", ou seja, o povo está passando a dizer **levedo**. No item **IV**, **propósito** é masculino, dispensando, então, o acento.

351) Letra A

Os pronomes adjetivos possessivos no singular tornam a crase facultativa, desde, claro, que haja a preposição **a**. É o caso da alternativa **a**: "a sua função social" ou "à sua função social".

AULA 10: SEMÂNTICA

Parte da gramática que trata do sentido das palavras. Assunto explorado em todos os concursos públicos, requer cuidados especiais. Vamos dividi-la em tópicos.

1) Denotação e conotação.

● Denotação
Emprego de uma palavra com seu sentido original, real, dicionarizado.
Ex.: A menina ganhou uma flor.
A palavra **flor** está empregada com o seu sentido normal, registrado em dicionários: trata-se do vegetal que todos conhecem. Diz-se que ela tem valor denotativo.

● Conotação
Emprego especial, figurado de uma palavra.
Ex.: A menina é uma flor.
A palavra **flor**, agora, não pode ser entendida como o vegetal que colhemos em determinadas plantas. Na realidade, **menina** é um ser animal; **flor**, um ser vegetal. Então, ao pé da letra, uma menina não pode ser uma flor. A frase só pode ser entendida se a desdobrarmos em uma comparação: a menina é bonita como uma flor. Nesta, **flor** tem valor denotativo. No entanto, quando se diz diretamente, quando se afirma que alguém é uma flor, a palavra **flor** tem um sentido especial, que extrapola a realidade da palavra. Diz-se, então, que ela tem valor conotativo.

Observações

a) A noção de denotação e conotação é muito importante para o entendimento do texto. Pode ser cobrada diretamente, aparecendo as duas palavras, ou de maneira indireta, em questões de compreensão e interpretação de textos.

b) Quando a conotação tem base em uma comparação, temos uma figura de linguagem conhecida como metáfora.
Ex.: A jovem tem olhos de pérola.
Ninguém pode ter olhos de pérola. Entenda-se: olhos negros e brilhantes como pérolas. Assim, o emprego da palavras **pérola** constitui um caso de conotação conhecido como metáfora. A linguagem se diz conotativa, figurada ou metafórica. Veja abaixo a famosa frase de José de Alencar a respeito de Iracema.

"Iracema, a virgem dos lábios de mel".

A palavra **mel** tem valor conotativo, pois os lábios de uma pessoa não podem ser de mel. A idéia de doçura contida na palavra **mel** é transferida para os lábios de Iracema.

Assim, **mel** tem valor conotativo e, ao mesmo tempo, metafórico. Se dissermos "lábios doces como mel", a palavra passa a ter valor denotativo.

c) Às vezes é difícil perceber que se trata de conotação.
Ex.: Nesta frase, não há coesão.

Em gramática, **coesão** é, como veremos adiante, a ligação entre as partes de um texto. Mas coesão, em seu sentido original, primitivo, é a força atrativa que existe entre as moléculas de um corpo. Assim, na frase dada, coesão tem sentido conotativo.

2) Sinonímia

Emprego de sinônimos, isto é, palavras de mesmo sentido.
Ex.: A frase está <u>certa</u>. A frase está <u>correta</u>.

3) Antonímia

Emprego de antônimos, isto é, palavras de sentido oposto.
Ex.: Resolveu **entrar** na casa. Resolveu **sair** da casa.

Observações

a) Não existem sinônimos perfeitos. Tudo depende do contexto.
Ex.: Ele é <u>forte</u>. Ele é <u>robusto</u>.

O seu <u>forte</u> é a matemática. (não cabe a palavra robusto)

b) É claro que todos sabem o que são sinônimos e antônimos. Mas é preferível, em provas, que eles não apareçam. É impossível saber o sentido de todas as palavras. Tudo acaba tornando-se uma grande loteria. Veja a frase abaixo.

Era uma jovem <u>pudibunda</u>.

Isso apareceu numa prova, há pouco tempo. Você conhece a palavra? A banca do concurso deu como sinônimo **pundonorosa**. Triste, não é mesmo?

c) É necessário melhorar o vocabulário. Leia bastante. Quando desconhecer o sentido de uma palavra, pegue o amigo de todos nós, o dicionário. E procure aprender a nova palavra.

4) Homonímia

Emprego de palavras que têm identidade de pronúncia ou de grafia, os chamados homônimos.

● Homônimos homófonos

Mesma pronúncia, grafia diferente.
Ex.: cozer – coser

● Homônimos homógrafos
Mesma grafia, pronúncia diferente.
Ex.: sobre (^) − sobre (´)
apoio − apóio
Obs.: Mesmo um tendo acento, as palavras são consideradas homógrafas.

● Homônimos perfeitos (ou homófonos e homógrafos)
Mesma grafia e mesma pronúncia.
Ex.: pena (pluma) − pena (compaixão)

5) Paronímia
Emprego de parônimos, isto é, palavras muito parecidas.
Ex.: O mandato do deputado é de quatro anos.
Expediu um mandado de busca.

Procure gravar os homônimos e parônimos colocados abaixo. São muito importantes.

absolver − inocentar
absorver − esgotar, consumir

acender − pôr fogo a
ascender − elevar-se

acento − inflexão da voz
assento − lugar onde se senta

aferir − conferir
auferir − conseguir

amoral − sem o senso da moral
imoral − que atenta contra a moral

apóstrofe − chamamento
apóstrofo − tipo de sinal gráfico

arrear − pôr arreios
arriar − abaixar

asado − com asas, alado
azado − oportuno, propício

assoar – limpar o nariz
assuar – vaiar

astral – sideral
austral – que fica no sul

atuar – exercer atividade
autuar – processar

bocal – abertura de vaso
bucal – relativo à boca

caçar – perseguir
cassar – anular

cavaleiro – que anda a cavalo
cavalheiro – educado

cegar – tirar a visão de
segar – ceifar, cortar

cela – cômodo pequeno
sela – arreio

censo – recenseamento
senso – juízo, raciocínio

cerração – nevoeiro
serração – ato de serrar

cervo – veado
servo – criado; escravo

cessão – ato de ceder
sessão – tempo que dura uma reunião
seção – departamento, divisão

cesto – pequena cesta, balaio
sexto – ordinal de seis

chácara – propriedade rural
xácara – narrativa popular em versos

cidra − tipo de fruta
sidra − tipo de bebida

cheque − ordem de pagamento
xeque − lance do jogo de xadrez

comprimento − extensão
cumprimento − saudação; ato de cumprir

concerto − harmonia; sessão musical
conserto − reparo

conjetura − hipótese
conjuntura − situação; ocorrência

coser − costurar
cozer − cozinhar

deferir − conceder, atender
diferir − ser diferente; adiar

degredar − desterrar
degradar − rebaixar, aviltar

delatar − denunciar
dilatar − alargar

descrição − ato de descrever
discrição − qualidade de discreto

descriminar − inocentar
discriminar − separar

despensa − estoque de alimentos
dispensa − ato de dispensar; licença

despercebido − sem ser notado
desapercebido − desprevenido

destinto − desbotado
distinto − que sobressai; diferente

destratar – insultar
distratar – desfazer

divagar – sair do assunto
devagar – lento

elevar – levantar, aumentar
enlevar – encantar, extasiar

emergir – vir à tona
imergir – mergulhar

emigrar – sair de um país
imigrar – entrar em um país

eminente – destacado, importante
iminente – prestes a acontecer

empossar – dar posse
empoçar – formar poça

encetar – principiar
incitar – provocar, instigar

esbaforido – ofegante
espavorido – apavorado

esperto – inteligente, vivo
experto – perito

espiar – olhar
expiar – sofrer castigo

estada – permanência de alguém
estadia – tempo de um navio no porto

estático – parado
extático – absorto, em êxtase

estofar – cobrir de estofo
estufar – inchar; pôr em estufa

estrato − camada; tipo de nuvem
extrato − que se extraiu

flagrante − evidente; o ato
fragrante − perfumado

fluir − correr; manar
fruir − desfrutar

incerto − duvidoso
inserto − inserido

incipiente − que está começando
insipiente − que não sabe, ignorante

inflação − desvalorização do dinheiro
infração − transgressão

infligir − aplicar (pena ou castigo)
infringir − transgredir

intemerato − puro
intimorato − corajoso

lactante − que amamenta
lactente − que mama

locador − proprietário
locatário − inquilino

lustre − candelabro
lustro − cinco anos; brilho

mandado − ordem judicial
mandato − procuração

peão −tipo de trabalhador; peça de xadrez
pião − tipo de brinquedo

pleito − disputa; pedido
preito − homenagem

prescrever − receitar; expirar (prazo)
proscrever − afastar, expulsar

ratificar − confirmar
retificar − corrigir

sortir − abastecer
surtir − resultar

subentender − entender o que não estava expresso
subtender − estender por baixo

sustar − suspender
suster − sustentar

tacha − tipo de prego
taxa − imposto

tráfego − movimento, trânsito
tráfico − comércio

usuário − aquele que usa
usurário − avaro; agiota

vestuário − veste, trajo
vestiário − local onde se troca de roupa

vultoso − grande, volumoso
vultuoso − com vultuosidade (inchado e vermelho)

6) Campos semânticos

Diz-se que as palavras pertencem ao mesmo campo semântico quando estão associadas, de alguma forma, pelo sentido.

Ex.: tristeza, melancolia, pesar
vinho, leite, refrigerante

7) Polissemia

Pluralidade de sentidos de uma palavra.

Ex.: A <u>paixão</u> de Cristo. (o sofrimento)
Tinha uma grande <u>paixão</u> por ela. (sentimento forte e desequilibrado)
Apresentou-me a <u>paixão</u> de sua vida. (a pessoa por quem se está apaixonado)

8) Coesão e coerência

● Coesão

Ligação que existe entre os componentes de um texto. É importante que se conheçam as palavras e expressões que têm a capacidade de ligar termos, orações, períodos, parágrafos.

Ex.: Havia pouquíssimas pessoas trabalhando no balcão, porém fui logo atendido.

A conjunção **porém** é adversativa, liga orações de sentido adverso, contrário. Ela é o elemento conector no período, que apresenta duas idéias contrárias: "haver poucas pessoas atendendo" e "ser logo atendido". Assim, pode-se afirmar que o texto tem coesão, porque a conjunção **porém**, por seu sentido, se presta a ligar esses dois segmentos.

Observe, agora, a frase colocada abaixo.

Havia pouquíssimas pessoas trabalhando no balcão, portanto fui logo atendido.

Ora, a conjunção **portanto**, que é conclusiva, não pode fazer a ligação de coisas opostas. Nesta frase, está faltando coesão, isto é, a conjunção não está ligando devidamente os dois segmentos do texto.

● Coerência

Sentido lógico do texto.Quando falta a coesão, normalmente falta a coerência, ou seja, o texto fica ilógico.

Ex.: Estudei muito, apesar disso fui aprovado.

Não há coerência na frase, uma vez que não há coesão. **Apesar disso** é expressão concessiva, introduz termos que se opõem ao que se afirmou ou vai afirmar. Para torná-lo coerente, precisamos de uma expressão que indique conclusão ou conseqüência. Assim, poderíamos dizer "Estudei muito, por isso fui aprovado" (portanto, por causa disso, então etc.)

Observações

a) A incoerência pode não depender do emprego dos conectivos.

Ex.: Foi à farmácia e, lá, comprou as laranjas que faltavam.

Não se compram laranjas em farmácia.

b) Qualquer palavra que se refira a outra no texto é coesiva, isto é, promove a coesão textual.

Ex.: Cheguei muito cedo ao estádio, pois o jogo só começaria às quatro. Por isso, encontrei-o vazio.

Além das conjunções **pois** e **por isso**, que ligam as orações do período, temos o pronome **o**, que se refere a **estádio**. Nesse caso, **estádio** é o referente da palavra **o**. Também o adjetivo **vazio** tem como referente a palavra **estádio**.

9) Sentido de locuções adjetivas

Importante para enriquecer o vocabulário. Eis algumas que convém saber.

de agulha − acicular
de gafanhoto − acrídeo
de diamante − adamantino ou diamantino
de cordeiro − agnelino
de galo − alectório
da alma − anímico
de pato ou ganso − anserino
de abelha − apícola
de águia − aquilino
de aranha − aracnídeo
de árvore − arbóreo
de prata − argênteo
de carneiro − arietino
de asno − asinino
de ouro − áureo
de orelha − auricular
do sul − austral ou meridional
do tio, da tia − avuncular
de rã − batracóide
da guerra − bélico
do norte − boreal ou setentrional
de búfalo − bubalino
do campo − campesino ou campestre
do cabelo − capilar
de cabra − caprino
de queijo − caseoso
da cabeça − cefálico
de cera − céreo
do céu − celeste, cerúleo ou cérulo
de veado, cervo − cerval ou elafiano
do pescoço − cervical
dos quadris − ciático
de cegonha − ciconídeo
de cinza − cinéreo
de cobra − colubrino
de pombo − columbino
de couro − coriáceo
da tarde − crepuscular, vesperal ou vespertino
da coxa − crural

de abóbora – cucurbitáceo
de coelho – cunicular
de cobre – cúprico
da pele – cutâneo
de marfim – ebúrneo ou ebóreo
da igreja – eclesiástico
de bronze – êneo
de inseto – entômico
do vento – eólio
do bispo – episcopal
de cavaleiro – eqüestre
de cavalo – eqüino ou hípico
do alto mar – equóreo
de espelho – especular
de fantasma – espectral ou lemural
do baço – esplênico
de coruja – estrigídeo
de fábrica – fabril
de falcão – falconídeo
de gato – felino
do fêmur – femoral
de selo – filatélico
de rio – fluvial
do relâmpago – fulgural
do estômago – gástrico
do joelho – genicular
de gesso – gípseo
de gelo – glacial
das nádegas – glúteo
da garganta – gutural
do sangue – hemático
do fígado – hepático
de brasão – heráldico
de erva – herbáceo, herbático ou herbóreo
de vidro – hialino ou vítreo
do inverno – hibernal
de mercúrio – hidrargírico
de bode – hircino
de andorinha – hirundino
de peixe – ictíico ou písceo
de fogo – ígneo
de ilha – insular

de alface – lactúceo
de lago – lacustre
de tijolo – laterário
de lebre – leporino
de madeira – lígneo
de lesma – limacídeo
de lobo – lupino
de monge – monacal
da morte – mortal ou letal
de rato – murino ou murídeo
do bosque – nemoral
de neve – níveo ou nival
da noz – nucular
da nuca – occipital
de serpente – ofídico
de sonho – onírico
do olho – ocular, óptico ou oftálmico
do ouvido – ótico
de pântano – palustre
da borboleta – papilionáceo
da parede – parietal
do peito – pectoral
de dinheiro – pecuniário
de paixão – passional
da bacia – pélvico
de chumbo – plúmbeo
de chuva – pluvial
de proteína – protéico
de criança – pueril ou infantil
do pus – purulento
da espinha dorsal – raquiano
de rocha – rupestre
de açúcar – sacarino
da Lua – selênico
de velho – senil
de seda – sérico
de selva – silvestre
de macaco – simiesco
do corpo – somático
de porco – suíno
de enxofre – sulfúrico
de touro – táureo ou taurino

da Terra, do solo − telúrico
de treva − tenebroso
das amídalas − tonsilar
do tórax − torácico
de trigo − tritíceo ou tritícola
de rola − turturino
de unha − ungueal
de esposa − uxoriano
de vaca − vacum
da veia − venoso
de vinho − víneo
de víbora − viperino
da vida − vital
da vontade − volitivo
da raposa − vulpino
de abutre − vulturino

EXERCÍCIOS

352) Assinale a alternativa que se completa com a primeira palavra dos parênteses.
a) A explosão da bomba era..... (eminente / iminente)
b) Ele quer.....socialmente. (acender / ascender)
c) Vamos.....o arroz. (cozer / coser)
d) O.....deste ano trouxe muitas surpresas. (senso/censo)

353) Assinale a alternativa que se completa com a segunda palavra dos parênteses.
a) Errei, preciso.....minhas palavras. (retificar / ratificar)
b) Das dificuldades.....uma nova era. (emergirá / imergirá)
c) Aquele problema nos passou..... (desapercebido / despercebido)
d) A criança divertiu-se com o.....do zoológico. (cervo / servo)

354) A opção que se completa com a primeira palavra dos parênteses é:
a) O diretor pretende.....meu requerimento. (diferir / deferir)
b) Aproveite bem sua.....naquela cidade. (estadia / estada)
c) Ganharam uma..... importância. (vultuosa / vultosa)
d) A.....do funcionário ocorreu ontem. (dispensa / despensa)

355) A opção que se completa com a segunda palavra dos parênteses é:
a) Estaremos lá no tempo..... (azado / asado)
b) Carlos vai.....sua aposentadoria. (fluir / fruir)
c) A expressão caixa d'água tem..... (apóstrofo / apóstrofe)
d) Ela namorava um.....(peão / pião)

356) Indique a frase que se completa com a primeira palavra dos parênteses.
a) O juiz.....ao réu uma severa pena. (infringiu / infligiu)
b) Vamos.....os maus políticos. (assoar / assuar)
c) O governo vai.....o salário do trabalhador. (arrochar / arroxar)
d) Os bandidos foram presos em.....(fragrante / flagrante)

357) Marque a frase que se completa com a segunda palavra dos parênteses.
a) Encantava-me o.....da natureza. (concerto / conserto)
b) O carro perdeu-se na..... (cerração / serração)
c) O médico vai.....um novo remédio. (prescrever / proscrever)
d) Impetrou um.....de segurança. (mandato / mandado)

358) Assinale a alternativa que não completa de maneira coerente o trecho seguinte.

Vivíamos, naquela época, uma crise sem precedentes: custo de vida altíssimo, recorde histórico de desempregos, inflação beirando os 50% ao mês. Apesar disso

a) as pessoas mantinham-se tranqüilas
b) cresciam os investimentos e a entrada de capital estrangeiro
c) grande parte da população estava preocupada com a situação do país
d) pouca gente pensou em deixar o Brasil, em busca de melhores oportunidades

359) Relacione as duas colunas e assinale a alternativa correspondente.

1. aspecto de prata	( ) vulpino
2. jeito de raposa	( ) argênteo
3. nariz de águia	( ) pluvial
4. canto de galo	( ) alectório
5. água de chuva	( ) aquilino

a) 2,1,5,4,3
b) 4,1,5,2,3
c) 1,2,5,4,3
d) 2,1,5,3,4

360) Relacione as duas colunas.

1. brilho de vidro	( ) ebúrneo
2. móvel de marfim	( ) murino
3. vôo de andorinha	( ) hirundino
4. bico de pombo	( ) columbino
5. cheiro de rato	( ) hialino

a) 3,5,2,4,1
b) 2,5,3,4,1
c) 2,5,3,1,4
d) 2,3,5,4,1

361) Na frase "Você usou palavras **amargas**", o elemento destacado é exemplo de:
a) paronímia
b) homonímia
c) denotação
d) conotação

362) Assinale os parônimos.
a) apoio – apóio
b) ascender – acender
c) médico – medico
d) ratificar – retificar

363) Assinale a alternativa em que todas as palavras são empregadas denotativamente.
a) "...raia sangüínea e fresca a madrugada."
b) "Uma ilusão gemia em cada canto..."
c) A loja é um elefante branco em meu caminho.
d) Enfurecido, tentava arrebentar as janelas com um pequeno machado que encontrara no quintal abandonado e escuro.

364) Assinale a frase em que nem todas as palavras têm valor denotativo.
a) A planta está morrendo por falta de água.
b) Jogaram pedras na minha vidraça.
c) Estou esquentando café.
d) Que lábios doces você tem!

365) Houve troca no emprego dos homônimos ou parônimos colocados nos parênteses em:

a) Vão cassar o seu mandato (caçar/cassar)
b) Colocou a cela no animal. (sela/cela)
c) Isso não passa de uma conjetura. (conjetura/conjuntura)
d) Tomou um cálice de sidra. (sidra/cidra)

366) Assinale o emprego indevido de homônimos ou parônimos.

a) Desejo fruir minha licença. (fluir/fruir)
b) A criança era ainda lactante. (lactente/lactante)
c) Já se passou um lustro desde minha chegada. (lustre/lustro)
d) Vamos proscrever os maus governantes. (proscrever/prescrever)

367) As locuções adjetivas **de cobre**, **de fogo**, **de coelho** e **de bode** correspondem, respectivamente, a:

a) cúprico, ígneo, cunicular, hircino
b) cerval, ebóreo, hircino, níveo
c) cerval, ígneo, vulturino, hircino
d) cúprico, ígneo, hircino, cunicular

368) As locuções adjetivas **de chumbo**, **da Lua**, **do vento** e **da nuca** correspondem, respectivamente, a:

a) plúmbeo, eólio, onírico, occipital
b) sulfúrico, selênico, rupestre, uxoriano
c) sulfúrico, leporino, eólio, occipital
d) plúmbeo, selênico, eólio, occipital

369) Assinale o período que apresenta total coerência e coesão.

a) Foi muito elogiado pela diretoria, conquanto tivesse trabalhado ali com absoluta correção.
b) Vivia lamentando-se pelo cantos, não obstante sua exclusão do quadro de funcionários.
c) Mário fez um ótimo curso de idiomas, por conseguinte não pode trabalhar como intérprete.
d) O Brasil é um país de imensa desigualdade social; em virtude disso, resolveu morar na Europa.

370) Ele falou tão alto que acordou a família inteira.
Se iniciarmos o período acima por "Acordou a família inteira", qual elemento conector deverá ser utilizado para que se mantenha o sentido e a coesão textual?
a) porque
b) conquanto
c) e
d) se bem que

371) (TRF) A respeito do vocábulo sublinhado em "O processo de paz derrapa na justa medida do desejo dos eternos descontentes" (Jornal do Brasil, o1/08/97, p. 8), pode-se dizer que:
a) está empregado denotativamente.
b) o autor NÃO o empregou em sentido figurado.
c) o texto explora a conotação desse vocábulo.
d) tem o mesmo sentido na frase citada e em "o caro derrapa".
e) está empregado erroneamente, já que seu sentido no texto se desvia de seu significado normal

372) (PROF.TERESÓPOLIS) A alternativa em que a mudança da ordem de palavras ou expressões altera sensivelmente o sentido do primeiro enunciado é:
a) "não deixaria de ser comestível por causa disto." /
não deixaria por causa disto de ser comestível.
b) "ela é uma garota que quer saber direito as coisas." /
ela é uma garota que quer saber as coisas direito.
c) "− Bem, primeiro serve para uma coisa, depois para outra." /
− Bem, serve primeiro para uma coisa, depois para outra.
d) "Na sala, estampas coloridas mostram animais de todos os feitios." /
Na sala, estampas coloridas de todos os feitios mostram animais.

373) (ADMINISTRAÇÃO–IBGE) Palavra que NÃO pertence ao mesmo campo semântico das demais é:
a) arsenal
b) armas
c) guerra
d) combater
e) inveja

374) (TRF/00) Escolha o conjunto de palavras que pode substituir, na ordem apresentada, as palavras sublinhadas, sem alteração de sentido dos enunciados.

Ao encetar desta campanha pelos oprimidos, pelos aflitos, ele estava entre vós; no meio dela, à véspera de conjuntura decisiva, uma intervenção imprevista arrebata-o ao areópago da justiça.

(Rui Barbosa, com adaptações)

a) princípio; ocorrência; tribunal
b) início; ocasião; ardil
c) desenrolar; situação; jazigo
d) final; negociação; refúgio
e) ensejo; concorrência; arbítrio

375) (MPU) Na frase "Ser certinho é uma acusação depreciativa", a expressão sublinhada indica que ser certinho é um(a)

a) difamação valorativa
b) elogio apreciativo
c) denúncia caluniosa
d) incriminação desvalorativa
e) insulto irônico

376) (AFC) Numere os trechos de modo a compor um texto coeso e coerente, e assinale a seqüência correta.

( ) Ela teria também eliminado a inflação e os ciclos econômicos.
( ) Mas será que tudo isso está de fato transformando a economia?
( ) Não há dúvida de que há uma revolução em curso na forma como nos comunicamos, trabalhamos, compramos e no divertimos.
( ) Em decorrência disso, as velhas regras econômicas e as formas tradicionais de valorização das ações não se aplicam mais.
( ) Os otimistas radicais dizem que a tecnologia da informação ajuda-a a crescer mais rapidamente.

a) 5, 1, 3, 2, 4
b) 3, 4, 2, 5, 1
c) 2, 3, 4, 1, 5
d) 1, 5, 3, 4, 2
e) 4, 2, 1, 5, 3

377) (GM/RIO) A expressão em destaque na sentença "...***cerca de*** duas mil pessoas" possui sentido

a) festivo
b) contrário
c) diminutivo
d) aproximado
e) exato

378) (CÂM. MUN.-RIO) ...através de que **meios** e quais objetivos...

Em qual das frases a seguir o vocábulo **meio** tem o mesmo significado que assume na frase destacada?

a) Não há meio de educarmos toda a população brasileira.
b) Há um ano e meio que se tenta criar novo método de ensino.
c) O ministro está meio desorientado com a situação.
d) No meio do processo decidimos anular tudo.
e) Dois tiros atingiram o meio da figura.

379) (SMA-RIO) Em que item a seguir a substituição da locução destacada não é feita de forma correta?

a) "**Em breve**, você vai receber..." – brevemente
b) "...você **vai receber** o produto..." – receberá
c) "...e acertou **em cheio**..." – plenamente
d) "...a sua história **de tradição**..." – tradicionalmente
e) "...momentos **de alegria** como este." – alegres

380) (AUX.JUD.–TJ) "Sem buzinas, sem panelaços e, mesmo, sem palavras de ordem."

Qual seria o vocábulo a seguir de significado equivalente a "mesmo" na frase acima?

a) realmente
b) na verdade
c) inclusive
d) de fato
e) assim

381) (GM/RIO) "O dono **da** casa já ia pegar alguns meninos..."

A palavra sublinhada estabelece, entre as palavras DONO e CASA, uma relação de

a) posse
b) modo
c) causa
d) condição
e) tempo

382) (AFRF) Assinale a opção incorreta para constituir continuação coesa e coerente do texto a seguir.

O caráter ético das relações sociais, hoje em dia, é proporcionado sobretudo pelo respeito aos direitos humanos. Isso significa, de imediato, afirmar enfaticamente que aqueles que se opõem a esses direitos – por exemplo, defendendo a tortura – negam que as relações entre os seres humanos possam ter sentido ético. É claro que não dizem isso com todas as letras,

a) mas acusam, sempre, os defensores dos direitos humanos de somente se ocuparem dos direitos de bandidos, deixando desprotegidas as pessoas de bem.
b) já que nunca têm resposta para uma pergunta elementar, que é: *quem* e *como* se decide quem é criminoso e quem é inocente?
c) porém supõem que o recorte entre os bons e maus possa ser praticado de maneira expedita, por exemplo, por um policial dentro de um carro na noite escura, que ao ver uma pessoa que considere suspeita, já atire e execute uma sentença de morte sem tribunal, sem contraditório e sem apelação possível.
d) já que na sociedade civilizada é hegemônico o pensamento de que toda pessoa, qualquer que seja o crime de que esteja sendo acusada, precisa ter os meios de se defender da acusação, até porque esta pode ser infundada.
e) contudo sempre lutam contra essa apologia da barbárie, pois é bom lembrar que os direitos humanos são de todos; que os militantes deles também se ocupam das vítimas dos criminosos.

(Adaptado de Renato Janine Ribeiro, Fronteiras da Ética, São Paulo: Senac, 2002, p. 136)

383) (TRF) Em "*O atentado, reivindicado pelo Hamas, contra um mercado no centro de Jerusalém*" (Jornal do Brasil, 01/08/1997, p. 8), o verbo reivindicar significa:

a) praticar.
b) fazer uma reivindicação.
c) exigir o reconhecimento da autoria de.
d) reclamar (algo que nos pertence e que está em poder de outrem).
e) procurar reaver.

384) (TRF) No trecho a seguir o vocábulo grifado foi empregado no sentido de:

"*...a inépcia no cumprimento de tarefas comezinhas como limpar as ruas...*"(Parágrafo 4)

a) assepsia
b) incompetência
c) tolice
d) apatia
e) idiotice

385) (CGJ) ...poder refletor... / ...espetáculo refletido..., os termos sublinhados opõem-se por:

a) qualidade / defeito
b) agente / paciente
c) individual / coletivo
d) anterior / posterior
e) próximo / distante

386) (PRF) O item em que o vocábulo destacado tem seu sinônimo corretamente indicado é:

a) Salva-me, de qualquer modo, o provérbio italiano: ... − citação
b) ... com perguntas de todo jaez, ... − tipo
c) ... tentando conquistar um companheiro de lazer ... − aventuras
d) ... prelibando pelo menos uma hora ... − desejando
e) ... o peralta não levará menos do que isso ... − revolucionário

387) (AFRF) Escolha o conjunto de palavras que pode substituir, na ordem apresentada, as palavras sublinhadas, sem alteração do sentido dos enunciados.

Ao otimismo infrene daqueles que, sob o regime da ilimitada liberdade de crédito, alcançavam riquezas rápidas, correspondia a perplexidade e o descontentamento dos outros, mais duramente atingidos pelas conseqüências da cessação do tráfico. Num depoimento citado por Nabuco, lê-se este expressivo desabafo do espírito conservador diante dos costumes novos, acarretados pela febre das especulações: "Antes bons negros da costa da África para felicidade nossa, a despeito de toda a mórbida filantropia britânica, que, esquecida de sua própria casa, deixa morrer de fome o pobre irmão branco, escravo sem senhor que dele se compadeça, e hipócrita ou estólida chora, exposta ao ridículo da verdadeira filantropia, o fado de nosso escravo". (Sérgio Buarque de Holanda)

a) descomedido; parva; destino
b) desenfreado; estóica; sofrimento
c) infringível; estulta; vaticínio
d) insaciável; estável; sorte
e) néscio; estática; ritmo

GABARITO

352 C	361 D	370 A	379 D
353 C	362 D	371 C	380 C
354 D	363 D	372 D	381 A
355 B	364 D	373 E	382 E
356 C	365 B	374 A	383 C
357 D	366 B	375 D	384 B
358 C	367 A	376 E	385 B
359 A	368 D	377 D	386 B
360 B	369 D	378 A	387 A

COMENTÁRIOS

352) Letra C

Esta questão e as cinco seguintes são de homônimos e parônimos. Vou relacionar, em todas elas, os principais significados das palavras. Decore o mais que puder, está bem?

Eminente − destacado, importante; iminente − prestes a acontecer
Acender − pôr fogo; ascender − elevar-se
Cozer − cozinhar; coser − costurar
Senso − juízo; − censo − pesquisa de opiniões

353) Letra C

Retificar − corrigir; ratificar − confirmar
Emergirá − sairá, surgirá; imergirá − entrará, afundará
Desapercebido − desprevenido; despercebido − sem ser notado
Cervo − veado; servo − serviçal, escravo

354) Letra D

Diferir − ser diferente, adiar; deferir − aprovar, aceitar
Estadia − tempo em que o navio fica no porto; estada − permanência de alguém
Vultuosa − inchada e vermelha; vultosa − grande
Dispensa − licença, demissão; despensa − estoque de alimentos

355) Letra B

Azado − oportuno, propício; asado − com asas
Fluir − correr, manar; fruir − desfrutar
Apóstrofo − tipo de sinal gráfico; apóstrofe − chamamento
Peão − tipo de trabalhador; pião − tipo de brinquedo

356) Letra C

Infringiu − transgrediu; infligiu − aplicou
Assoar − limpar o nariz; assuar − vaiar
Arrochar − apertar; arroxar − ficar roxo
Fragrante − perfumado; flagrante − evidente, o ato

357) Letra D

Concerto − harmonia; conserto − reparo
Cerração − nevoeiro; serração − ato de serrar
Prescrever − receitar, expirar (o prazo); proscrever − afastar
Mandato − procuração; mandado − ordem judicial

358) Letra C

O texto apresenta um aspecto extremamente negativo do Brasil, em uma determinada época. Assim, estar preocupado com a situação do país é uma conseqüência, não tendo cabimento a alternativa **c**. Ela caberia, se em vez de apesar disso a expressão introdutória fosse **por causa disso** ou semelhantes.

359) Letra A

Questão de sinonímia, mais precisamente de significado de locuções adjetivas. O radical das palavras às vezes muda muito. Não há o que comentar. É uma questão de dicionário.

360) Letra B

Semelhante à anterior. Procure gravar o significa das palavras. Na dúvida, um bom dicionário resolve.

361) Letra D

A palavra **amargas** não pode ser entendida ao pé da letra, pois palavras não podem ser amargas, já que não se pode sentir o gosto de uma palavra. Esse emprego especial se chama **conotação**.

362) Letra D

Ratificar e **retificar** são palavras muito parecidas que as pessoas costumam trocar; são, portanto, parônimos. Mas a letra **b** pode confundir. O **sc** de **ascender** é dígrafo, ou seja, duas letras representando um único som. Assim, já que as duas têm a mesma pronúncia e grafias diferentes, trata-se de homônimos homófonos, e não de parônimos.

363) Letra D

O emprego normal, dicionarizado, primitivo de uma palavra é conhecido como **denotação**. Na opção **a**, **sangüínea** tem valor conotativo. Na **b**, **gemia**. Na **c**, **elefante**.

364) Letra D

A palavra **doces** tem valor conotativo. Doce é algo que se come ou se bebe. Lábio, ao pé da letra, não é doce. Isso é um modo carinhoso, poético de falar.

365) Letra B

A palavra **sela** significa **arreio**; é isso que se põe no lombo do animal, para que se possa montar. Colocar uma **cela** nas costas do bichinho é uma maldade muito grande: vai quebrar sua espinha dorsal. **Cela** é um quarto pequeno, um cubículo. Veja abaixo o sentido das demais.

Caçar − perseguir; cassar − anular
Conjetura − hipótese; conjuntura − situação, ocorrência
Sidra − uma certa bebida; cidra − uma certa fruta.

366) Letra B

Lactente é quem mama, ou seja, a criança. **Lactante** é quem dá de mamar, isto é, a mãe. Veja a seguir o sentido das demais.

Fruir − desfrutar; fluir − correr, manar
Lustre − tipo de luminária; lustro − cinco anos, brilho
Proscrever − afastar; prescrever − receitar, expirar (o prazo)

367) Letra A

Sentido das demais palavras: **cerval** (de veado), **ebóreo** (de marfim), **níveo** (de neve), **vulturino** (de abutre).

368) Letra D

Sentido das demais: **onírico** (de sonho), **sulfúrico** (de enxofre), **rupestre** (de rocha), **uxoriano** (de esposa), **leporino** (de lebre).

369) Letra D

Em virtude disso estabelece uma relação de causa e conseqüência. A expressão confere coerência à última frase porque resolver morar na Europa é uma conseqüência de o Brasil ser um país de desigualdade social. As outras, em função da má escolha dos conectores, estão sem coesão e incoerentes.

370) Letra A

A oração "que acordou a família inteira" expressa uma conseqüência em relação à primeira, que, então, é a sua causa. Se invertermos, a conjunção a ser utilizada tem de ser causal: porque, uma vez que, já que, pois etc.

371) Letra C

Se observarmos bem, as duas alternativas iniciais têm o mesmo significado. Não importa, porque o verbo **derrapa** não está usado com seu sentido normal de **escorregar**, **deslizar**. Ele tem, aqui, valor conotativo, figurado: um processo, ao pé da letra, não derrapa.

372) Letra D

Na primeira frase da opção **d**, diz-se que os animais são de todos os feitios, ou seja, de todos os tipos; na reescrita, as estampas coloridas é que passam a ser de todos os feitios. É claro que há mudança de sentido.

373) Letra E

As palavras pertencem a um mesmo campo semântico quando se associam por alguma característica. **Arsenal**, **armas**, **guerra** e **combater** têm relação de sentido. Todas lembram, por exemplo, violência. **Inveja**, como se diz popularmente, não tem nada a ver com a história.

374) Letra A

Essa questão elaborada pela Esaf deve ter derrubado muitos candidatos, principalmente por causa da última palavra. **Areópago**, com inicial maiúscula, era o nome de um famoso tribunal da Grécia antiga. Por extensão de sentido, passou a ser usada como sinônimo de **tribunal**, grafada, então, com inicial minúscula.

375) Letra D

Questão de sinônimos. A possibilidade de confusão está entre as opções **c** e **d**. **Depreciativo** é que tira o valor (diminui o preço). Corresponde a **desvalorativa**. **Caluniosa** diz respeito a uma inverdade.

376) Letra E

Questão comuníssima nas provas da Esaf. Há uma maneira bem prática de resolvê-la. Procure ver quais as frases que não poderiam ser o início de um texto. Procure as palavras que pedem, necessariamente, algo antes, o que vai levar você a deduzir que essa frase não pode iniciar o texto. Vejamos, pois. Na primeira, o pronome **ela** me diz que algo apareceu antes; quem é ela, afinal de contas? Na segunda, o emprego de **Mas** me garante que algo foi escrito antes. Na terceira frase, nada existe que remeta o leitor para alguma coisa citada anteriormente; em outras palavras: essa frase pode ser o início de um texto, ou seja, vai ganhar o número **1** nos parênteses. Na quarta frase, a expressão **em decorrência disso** me dá a certeza de que algo foi escrito antes. Na última, o pronome átono **a** (em ajudá-la) também me dá a certeza de que existem informações anteriores. Percebe-se, então, que só a terceira frase pode ser o início de um texto. Nas opções dadas, apenas a última tem o número **1** em terceiro lugar, exatamente como nas frases do enunciado. Isso garante que a resposta só pode ser a letra **e**, sem necessidade de se colocar em ordem as frases, o que dá muito trabalho. Geralmente, com esse processo, fica-se entre duas alternativas, o que já facilita bastante, porque você terá que fazer apenas duas tentativas, ganhando muito tempo.

377) Letra D

Questão de vocabulário, indiscutível. A expressão **cerca de** significa **aproximadamente**.

378) Letra A

A palavra **meios** do enunciado quer dizer **modos**, **maneiras**. Na opção **a**, pode-se dizer "Não há modos de educarmos".

379) Letra D

A expressão **de tradição** está ligada a um substantivo. É impossível que ela corresponda a um advérbio, pois advérbio não se liga a substantivo. O adjetivo seria **tradicional**.

380) Letra C

A palavra **mesmo** tem vários significados. Só se pode falar de sinônimos dentro de frases. Nesta, **mesmo** inclui a expressão **sem palavras de ordem**. Assim, corresponde a **inclusive**.

381) Letra A

A preposição **de** tem vários valores. Na frase dada, indica a posse da casa.

382) Letra E

Outra questão bastante comum nas provas da Esaf. O texto fala das pessoas que se opõem aos direitos humanos, inclusive defendendo a tortura. Assim, a letra **e** fica incoerente, no momento em que afirma que eles "sempre lutam **contra** essa apologia da barbárie". Não, eles lutam **por** essa apologia.

383) Letra C

O verbo **reivindicar** tem vários sentidos. No texto, não há dúvida alguma, ele tem exatamente o sentido da alternativa **c**.

384) Letra B

Questão confusa. **Inépcia** é falta de aptidão, de inteligência; pode ser idiotice idiotismo. Mas, no texto, a inépcia é a falta de aptidão, ou seja, competência para cumprir tarefas simples. A melhor opção fica sendo, mesmo, a **b**.

385) Letra B

Poder refletor é o que reflete, ou seja, é o agente. **Espetáculo refletido** é aquele que sofreu a ação de refletir; é, pois, o paciente. Pode-se entender também de outra forma: o sufixo **or** indica o agente; o **particípio**, o paciente.

386) Letra B

Questão de vocabulário, indiscutível. **Jaez** significa **tipo**.

387) Letra A

Infrene é sem freio, desenfreado, descomedido. **Estólida** é parva, idiota, estúpida. Fado, no texto, assume o valor de destino.

AULA 11: COLOCAÇÃO PRONOMINAL

Os pronomes átonos **me**, **te**, **se**, **o**, **lhe**, **nos** e **vos** podem sem colocados antes, depois ou dentro verbo. Assim, temos:

I) Próclise: quando o pronome aparece antes do verbo.
Ex.: Nada o preocupava.
Diz-se que o pronome **o** está proclítico ou em próclise.

II) Ênclise: quando o pronome é usado depois do verbo.
Ex.: Pediram-me ajuda.
Diz-se que o pronome **me** está enclítico ou em ênclise.

III) Mesóclise: quando o pronome se encontra dentro do verbo.
Ex.: Mandar-te-ei os documentos.
Diz-se que o pronome **te** está mesoclítico ou em mesóclise.

Observações

a) Existem situações de próclise obrigatória que estudaremos a seguir. A ênclise e a mesóclise só são empregadas quando não há obrigatoriedade de próclise. Digamos, então, que "quem manda" é a próclise.

b) A mesóclise, diferentemente da próclise e da ênclise, exige que o verbo esteja num determinado tempo, no caso o futuro do indicativo (do presente ou do pretérito).

COM AS FORMAS VERBAIS SIMPLES

1) Próclise

● Com advérbios que não peçam pausa.
Ex.: Ali se trabalha bastante.
Obs.: Se for usada a vírgula, que o advérbio permite, não caberá mais a próclise.
Ex.: Ali, trabalha-se bastante.

● Com pronomes indefinidos, relativos e interrogativos.
Ex.: Ninguém se machucou. (**ninguém** é pronome indefinido)
Não entendi o recado que me deram. (**que** é pronome relativo)
Quem nos explicará o caso? (**quem** é pronome interrogativo)

● Com as conjunções subordinativas.
Ex.: Ele disse que me avisaria. (**que** é conjunção subordinativa integrante)
Correram quando nos aproximamos. (**quando** é conjunção subordinativa temporal)

● Com o gerúndio precedido de **em**.
Ex.: Em se colocando as coisas dessa forma, não há dúvidas.

● Com as frases optativas.
Ex.: Deus te proteja!
Obs.: Frase optativa é aquela que exprime um desejo do falante. Normalmente, tem ponto de exclamação.

● Com qualquer palavra negativa (geralmente advérbios e pronomes indefinidos, que já vimos que exigem próclise).
Ex.: Não me explicaram o problema.

2) Ênclise

● No início do período.
Ex.: Disseram-lhe tudo.
Obs.: Quando se inicia a frase com o verbo, não há palavra atrativa para que se empregue a próclise. Por isso se diz que não se começa frase com pronome átono.

● Com verbo no imperativo afirmativo.
Ex.: Pedro, levante-se!
Levante-se!

Observações

a) Quando o verbo está no imperativo afirmativo, ou se usa o vocativo (Pedro), ou se inicia a frase com o verbo. No primeiro caso, haverá a vírgula, que vai impedir a próclise; no segundo, o verbo estará iniciando a frase, o que também pedirá ênclise.

b) O imperativo negativo pede próclise, já que apresenta a palavra **não**.
Ex.: Paulo, não se levante!

● Com determinadas orações reduzidas de gerúndio, que pedem pausa.
Ex.: O professor adiou a prova, deixando-nos menos preocupados.

3) Mesóclise

Ocorre quando o verbo está no futuro do presente ou no futuro do pretérito.

Ex.: Mandar-lhe-ei a intimação.
Escrever-te-ia uma nova carta.

Observações

a) Não se esqueça de que, havendo palavra atrativa, a preferência é da próclise.

Ex.: Nunca lhe mandarei a intimação. (correto)
Nunca mandar-lhe-ei a intimação. (errado)

b) Futuro do subjuntivo exige próclise, por causa da conjunção subordinativa ou do pronome relativo.

Ex.: Quando te pedirem algo, procura atender.
Analisarei o projeto que me mandarem.

Próclise facultativa

Há casos em que se pode usar indiferentemente próclise ou ênclise, próclise ou mesóclise. É o que se entende por próclise facultativa ou optativa.

● Com os substantivos.

Ex.: O garoto se machucou.
O garoto machucou-se.
O garoto se machucará.
O garoto machucar-se-á.

● Com os pronomes pessoais e os pronomes demonstrativos.

Ex.: Ele me agradou.
Ele agradou-me.
Ele me agradará.
Ele agradar-me-á.
Isto me agrada.
Isto agrada-me.
Isto me agradará.
Isto agradar-me-á

● Com as conjunções coordenativas.
Ex.: Falou pouco, mas se cansou.
Falou pouco, mas cansou-se.
Falará pouco, mas se cansará.
Falará pouco, mas cansar-se-á.

● Com o infinitivo pessoal precedido de palavra negativa.
Ex.: Esforcei-me para não o magoar.
Esforcei-me para não magoá-lo.

Observações

a) Como se viu nos três primeiros casos de próclise facultativa, se o verbo estiver no presente ou no passado, pode-se usar a próclise ou a ênclise; no futuro do indicativo, a próclise ou a mesóclise.

b) O último caso é perigosíssimo, pois existe a palavra **não,** que normalmente exige próclise. Mas isso não ocorre quando ela antecede o infinitivo pessoal.

COLOCAÇÃO NAS LOCUÇÕES VERBAIS

Como vimos ao estudar os verbos, a locução verbal é a união de um verbo auxiliar e um verbo principal. O principal, que é sempre o último, encontra-se numa forma nominal: infinitivo, gerúndio ou particípio. Vejamos, então.

1) Com o infinitivo ou o gerúndio.
Veja, abaixo, as frases consideradas perfeitas.
Quero mostrar-lhe o resultado.
Estou mostrando-lhe o resultado.
Quero-lhe mostrar o resultado.
Estou-lhe mostrando o resultado.

Observações

a) Com palavra atrativa, não será possível a ênclise ao verbo auxiliar.
Ex.: Não quero mostrar-lhe o resultado. (certo)
Não lhe quero mostrar o resultado. (certo)
Não estou mostrando-lhe o resultado. (certo)
Não lhe estou mostrando o resultado. (certo)
Não quero-lhe mostrar o resultado. (errado)
Não estou-lhe mostrando o resultado. (errado)

b) Se o pronome estiver solto entre os dois verbos (sem hífen), teremos uma situação polêmica. Para alguns gramáticos, é correto, para outros não. Convém fazer a questão por eliminação.
Ex.: Quero lhe mandar o resultado. (certo ou errado)
Estou lhe mandando o resultado. (certo ou errado)
Pode parecer estranho o que estou dizendo, mas é a realidade da língua portuguesa. Numa redação, peço-lhe que não use o pronome solto entre os dois verbos.

2) Com o particípio
Quando o verbo principal é o particípio, há uma limitação maior. Só duas colocações são rigorosamente corretas, uma delas com palavra atrativa.
Ex.: Tenho-lhe mostrado o resultado.
Nunca lhe tenho mostrado o resultado.

Observações finais

a) O particípio, diferentemente do infinitivo e do gerúndio, não admite ênclise.
Ex.: Tenho mostrado-lhe o resultado. (errado)
Nunca tenho mostrado-lhe o resultado. (errado)

b) Com o pronome solto entre os dois verbos, como vimos anteriormente, a situação é polêmica. Resolva por eliminação.
Ex.: Tenho lhe mostrado o resultado. (certo ou errado).

c) Veja, a seguir, como se deve agir quando há uma frase com pronome solto entre os dois verbos.
Assinale o erro de colocação pronominal.
a) Alguém me falou sobre o jogo.
b) Vou lhe contar algo.
c) Mostrá-lo-ei.
d) Me deixaram feliz.
A alternativa **b** pode ser considerada correta ou errada pela banca do concurso. Assim, observe as outras opções. A última traz uma frase começada por pronome átono. Isso é, já o dissemos, inaceitável. Assim, deduz-se que a banca considerou correta a opção **b**. O gabarito só pode ser a letra **d**.

d) Às vezes o pronome átono fica entre duas palavras atrativas. É uma situação especial de próclise conhecida como **apossínclise**.
Ex.: Talvez me não peçam nada.
É claro que fica mais agradável dizer "Talvez não me peçam nada. Contudo, ambas as construções são corretas.

e) A palavra atrativa pode estar antes de uma expressão entre vírgulas.
Ex.: Ele garantiu que, se não chovesse, se apresentaria logo.
A conjunção **que** atrai o pronome átono **me**.

EXERCÍCIOS

388) Assinale o erro de colocação pronominal.
a) Escutaram-me com atenção.
b) Já nos explicaram a situação.
c) Devolver-te-ei as revistas.
d) Todos abraçaram-se.

389) Marque o erro de colocação pronominal.
a) Chegou a mulher com a qual me comuniquei ontem.
b) Quem atrapalhou-me naquela jogada?
c) Ali se faz um sorvete muito gostoso.
d) Jamais te diria tal coisa.

390) Há erro de colocação pronominal em:
a) Em se falando de política, ele era imbatível.
b) Deus te acompanhe, meu filho!
c) Mário, retire-se!
d) Escreveu uma carta, a enviando para o namorado.

391) Está errada quanto à colocação pronominal a frase:
a) Conforme lhe explicaram, não há vagas.
b) Ficou muito feliz quando me avistou no parque.
c) Ninguém convocou-nos.
d) Embora te seja útil, não compres agora aquela coleção.

392) Marque a frase perfeita quanto à colocação do pronome átono.
a) Agora te mostrarei os gráficos
b) Trabalhei bem, para que aproveitassem-me
c) Bons ventos levem-no!
d) Se puder, direi-lhe tudo.

.

393) Assinale a alternativa em que a próclise é obrigatória, e não facultativa, como nas demais.
a) Chegou animado e me ajudou bastante.
b) Se me convocarem, eu faltarei.
c) A criança se arranhou quando caiu.
d) Aquilo me desagradou.

394) Marque o erro de colocação pronominal.
a) Quero ajudar-te.
b) Estão esperando-nos.
c) Tinha preparado-se para a disputa.
d) Estou-me acostumando.

395) Há erro de colocação pronominal em:
a) Tenho lhe dito muitas coisas.
b) Queria fazer-lhe uma pergunta.
c) Alguém deseja-me falar.
d) Nunca posso receber-te.

396) Marque a frase que permite outra colocação do pronome, segundo a língua padrão.
a) Sempre vos respeitei.
b) Informou-nos do resultado.
c) Incluí-lo-ei no quadro de pesquisadores.
d) Estou-lhe obedecendo.

397) Assinale a frase perfeita quanto à colocação pronominal.
a) Nos pediram uma posição definitiva.
b) Tudo mostrava-me o perigo.
c) Não te quero preocupar.
d) Haviam explicado-me a situação.

398) Na frase "O homem que, apesar de carente, se afasta de todos, precisa conscientizar-se de que somos seres sociais e, por isso, uns necessitamos dos outros"; nesse caso, ser humilde é o melhor que se pode fazer pela felicidade", temos quantos erros de colocação pronominal?
a) nenhum
b) um
c) dois
d) três.

399) (F. RENDAS- RJ) - "Buscar a racionalização e redução de custos que poderão refletir-se beneficamente sobre os preços futuros."

Das alterações processadas na parte sublinhada da passagem acima, aquela em que a colocação do pronome átono **contraria** a norma gramatical vigente no Brasil é:

a) que deveriam ter-se refletido
b) que estarão refletindo-se
c) que estarão-se refletindo
d) que se deveriam refletir
e) que deveriam se refletir

400) (EFOMM) Indique a opção em que se cometeu **erro** quanto à colocação do pronome pessoal.

a) Tinha-me esquecido.
b) Ter-me-ão elogiado.
c) Tenho-me esquecido.
d) Temo-nos lembrado.
e) Teria-me alegrado.

401) (MAGISTÉRIO/RJ) A opção em que o pronome está colocado indevidamente é:

a) Vou-te contar um fato interessante.
b) Quero-lhe dizer uma coisa importante.
c) Darei-lhes a conhecer o segredo do cofre.
d) Estou-me lembrando de uma coisa muito engraçada.
e) Mandei-vos prender, senhor Conde, por vossas impertinências.

402) (SAÚDE/RJ) Observe as seguintes colocações do pronome átono:

(1) "é verdade que não me tenho dedicado muito na busca"
(2) é verdade que não tenho-me dedicado muito na busca
(3) é verdade que não tenho me dedicado muito na busca
(4) é verdade que não tenho dedicado-me muito na busca.

Com base na norma culta do Brasil, podemos afirmar que o pronome átono está colocado corretamente nas frases com os seguintes números.

a) 1 e 2
b) 1 e 3
c) 2 e 3
d) 2 e 4
e) 3 e 4

403) (E.MED.CIR.) Assinale o único exemplo de colocação de pronome pessoal átono que a língua literária evita.

a) Tenho dito-lhe boas verdades.
b) Eu tenho-lhe dito boas verdades.
c) Eu lhe tenho dito boas verdades.
d) Já lhe tenho eu dito boas verdades.
e) Eu lhe tenho já dito boas verdades.

404) (UFRJ) Assinale o único exemplo em que há erro indiscutível na colocação do pronome átono.

a) Quem lhe teria contado o segredo?
b) Quem teria lhe contado o segredo?
c) Ter-lhe-iam contado o segredo?
d) Quem teria contado-lhe o segredo?
e) O segredo, ter-lho-iam contado?

405) (UFF) Numa das frases abaixo, a colocação do pronome pessoal átono não obedece às normas vigentes. Assinale-a.

a) Ter-lhe-iam falado a meu respeito?
b) Tenho prevenido-o várias vezes.
c) Quem nos dará razões?
d) Nunca nos diriam inverdades.
e) Haviam-no procurado por toda a parte.

406) (TRE/RJ) De acordo com a norma culta, há <u>erro</u> na colocação do pronome sublinhado na seguinte alternativa.

a) A paz <u>lhes</u> seja concedida.
b) O júri vai entregar-<u>lhe</u> o prêmio amanhã.
c) Não lembrarei-<u>me</u> nunca do que você disse.
d) Eu já tinha lido aqueles livros que <u>me</u> deram.
e) O professor disse-<u>nos</u> que não haveria mais tempo.

407) (F.T.U) A frase em que a colocação do pronome átono está em <u>desacordo</u> com as normas vigentes no português padrão do Brasil é:

a) A ferrovia integrar-se-á nos demais sistemas viários.
b) A ferrovia deveria-se integrar nos demais sistemas viários.
c) A ferrovia não tem se integrado nos demais sistemas viários.
d) A ferrovia estaria integrando-se nos demais sistemas viários.
e) A ferrovia não consegue integrar-se nos demais sistemas viários.

408) (UGF) Assinale a frase em que se admite outra colocação, igualmente correta, do pronome oblíquo átono, sem o acréscimo de outra palavra.

a) Nunca se intrometa onde não é chamado.
b) Tenho-te procurado há vários dias.
c) Pedir-lhe-ei um favor.
d) Os alunos se retiraram.
e) Nada me detém.

409) (AFRF) Indique o período que apresenta colocação pronominal contrária à regras da norma padrão.

a) Causou-lhe decepção a reação inesperada da irmã, embora não lhe ficasse querendo mal por isso.
b) Ai! Nem me quero lembrar dos dias em que andavam se agredindo sem quê nem porquê!
c) Ninguém dirigiu-se ao chefe, em ocasiões como aquela, dando-se ares de tanta importância!
d) Depois de algum tempo, os amigos se reencontraram, muitos sem nem o terem desejado.
e) Nunca lhe darei tanto dinheiro, que o faça tornar-se um beberrão.

GABARITO

388 D	396 D	404 D
389 B	397 C	405 B
390 D	398 A	406 C
391 C	399 C	407 B
392 A	400 E	408 D
393 B	401 C	409 C
394 C	402 B	
395 C	403 A	

EMPREGO DE CERTAS PALAVRAS

1) **Por que** / **por quê** / **porque** / **porquê**

a) Por que

● Significando "por que motivo", no início ou no meio da frase.
Ex.: Por que a casa está suja? (Por que motivo a casa está suja?)
Não sei por que a casa está suja. (Não sei por que motivo a casa está suja)
Obs.: Trata-se de um advérbio interrogativo de causa.

● Significando "pelo qual" e flexões.
Ex.: A causa por que lutávamos era justa. (A causa pela qual lutávamos era justa)
Obs.: Trata-se do pronome relativo **que** antecedido pela preposição **por**, que o verbo exige.

● Quando a oração começada pelo **que** pode ser substituída por **isto**.
Ex.: Ansiava por que todos se entendessem. (Ansiava por isto)
Obs.: Trata-se da conjunção integrante **que** antecedida pela preposição **por**, exigida pelo verbo da primeira oração.

b) Por quê
Significando "por que motivo" e colocado no final da frase.
Ex.: A casa está suja por quê? (A casa está suja por quer motivo?)

c) Porque

● Significando "pois".
Ex.: Acertou todas as questões porque é muito inteligente. (Acertou todas as questões pois é muito inteligente)
Volte cedo, porque vai chover. (Volte cedo, pois vai chover)
Obs.: Trata-se da conjunção subordinativa causal (primeiro exemplo) ou da conjunção coordenativa explicativa (segundo exemplo).

● Significando "para que".
Ex.: Procurou ajuda porque o vizinho fosse salvo. (Procurou ajuda para que o vizinho fosse salvo)
Obs.: Trata-se da conjunção subordinativa final, pouco usada hoje em dia.

d) Porquê
Quando vem antecedido por um determinante, geralmente o artigo.
Ex.: Esse é o porquê da questão.
Obs.: Trata-se de um substantivo.

2) **Acerca de** / **a cerca de** / **há cerca de**

a) Acerca de
Quando equivale a "a respeito de".
Ex.: Não conversavam acerca de religião. (Não conversavam a respeito de religião)

b) A cerca de
Quando significa "a aproximadamente".
Ex.: O homem ficou a cerca de duzentos metros. (O homem ficou a aproximadamente duzentos metros)

c) Há cerca de
Equivalendo a "há aproximadamente", sendo esse **há** o verbo **haver** indicando **tempo** ou significando **existir**.
Ex.: Não o vejo há cerca de dois meses. (Não o vejo há aproximadamente dois meses)
Aqui há cerca de cem pessoas. (Aqui há, ou seja, existem aproximadamente cem pessoas)

3) **Tampouco** / **tão pouco**

a) Tampouco
Equivale a "também não".
Ex.: Não canta, tampouco faz poesia. (Não canta, também não faz poesia)

b) Tão pouco
Trata-se do advérbio **tão** mais o advérbio ou pronome **pouco**.
Ex.: Estudou tão pouco que nada aprendeu.
Ganhou tão pouco dinheiro que acabou desistindo.

4) **Mau** / **mal**

a) Mau
O contrário de **bom**.
Ex.: Era um mau negócio. (Era um bom negócio)

b) Mal
Em todos os outros casos.

● Antônimo de **bem**.
Ex.: Ele canta mal. (Ele canta bem)

● Sinônimo de **assim que**.
Ex.: Mal começou a chuva, eles entraram. (Assim que começou a chuva, eles entraram)

● Sinônimo de **quase não**.
Ex.: Está tão fraco que mal dá para ficar em pé. (Está tão fraco que quase não dá para ficar em pé)

5) **Mais** / **mas** / **más**

a) Mais

● Antônimo de **menos**.
Ex.: Tem mais recursos que você. (Tem menos recursos que você)

● Sentido aproximado de **jamais**.
Ex.: Não quero mais falar sobre isso. (Não quero jamais falar sobre isso)

b) Mas

● Sinônimo de **porém**.
Ex.: Foi à cidade, mas não resolveu o problema. (Foi à cidade, porém não resolveu o problema)

● Na correlação **não só...mas também** = **e**.
Ex.: Não só trabalha, mas também se diverte. (Trabalha e se diverte).

c) Más
Antônimo de **boas**.
Ex.: Não andava em más companhias. (Não andava em boas companhias)

6) **Sob** / **sobre**

a) Sob

● Embaixo de
Ex.: O cachorro ficou sob a mesa.

● Na dependência de autoridade
Ex.: Estávamos sob uma terrível ditadura.

● De acordo com
Ex.: Só usa roupas sob medida.

● A partir de
Ex.: Analisei o caso sob novo ângulo.

● Envolvido, influenciado
Ex.: Vivia sob grande tensão.

● Durante
Ex.: Tudo se passou sob o governo de D. Pedro II.

b) Sobre

● Acima de
Ex.: A escova estava sobre uma cadeira.

● A respeito de
Ex.: Naquela época, não se conversava sobre política.

● De encontro a
Ex.: A luz incidiu sobre a parede.

● Além de
Ex.: Já estava sobre os cinqüenta anos.

● Por causa de
Ex.: Orgulhava-se sobre sua vida de conquistas.

● Em relação de dominância
Ex.: Exerce influência benigna sobre os jovens.

● Após
Ex.: Subiu a escadaria degrau sobre degrau.

7) **Há** / **a** / **à**

a) Há
É o verbo **haver**.
Ex.: Há pessoas na sala. (existem)
Ele saiu há pouco. (faz; idéia de tempo decorrido)

b) A
Como preposição, costuma confundir-se com o verbo **haver** (há).
Ex.: Daqui a pouco, sairei. (não equivale a **faz**; é idéia de futuro)

c) À
Fusão da preposição **a** com outro **a** (artigo ou pronome).
Ex.: Irei à feira. (Irei a a feira)

EXERCÍCIOS

410) Assinale a frase errada.
a) Você gritou por quê?
b) Vejamos porque o carro parou.
c) Por que ninguém me responde?
d) Estou tonto e não sei o porquê.

411) Assinale a frase em que se deve usar **porque**.
a) O encontro porque ele tanto ansiava ocorreu ontem.
b) Pegou o casaco porque fazia frio.
c) Perdeu o contrato porque tanto se esforçou.
d) Você está tremendo porque?

412) Complete as frases seguintes e anote a opção correspondente.
Fiz tudo.....não lhe faltasse incentivo.
Fale baixo,.....vai acordar o neném.
Ignoro.....solicitaram revisão.
a) por que, por que, por que
b) porque, porque, porque
c) por que, porque, por que
d) porque. porque, por que

413) Assinale o erro.
a) Não quiseram fazer a pesquisa, tão pouco responderam ao questionário.
b) Todo mal é finito.
c) Invadiram a fazenda, mal nasceu o dia.
d) Não fale sobre esse jogo.

414) Assinale a alternativa que se completa com as palavras **sob** e **por que**.
a) Os barcos passavam.....a ponte.
Estava ansioso.....o aceitassem.
b) Estava.....a árvore.
Ele é tranqüilo.....pratica ioga.
c) Fale-me.....você.
Estás triste.....?
d) Estavam.....suspeita.
Explicou-me o.....do problema.

415) Só está correta a frase:
a) Chorou, mais não convenceu.
b) Ele não é assim tão mau.
c) A firma está sobre nova direção.
d) Voltou não sei por que.

416) Assinale o erro.
a) Daqui a um ano, eu te darei a resposta.
b) Sua conversa foi acerca da dívida.
c) A criança estava sob as cobertas.
d) Isso ocorreu a pouco.

417) Observe o trecho abaixo.
Ele está triste <u>por quê</u>? <u>Porque</u> perdeu o dinheiro? <u>Porque</u> não encontrou a namorada? Realmente não sei o <u>porquê</u>.
Quanto às palavras sublinhadas, pode-se dizer que:
a) todas estão certas
b) apenas uma está certa
c) apenas duas estão certas
d) apenas três estão certas.

418) (EPCAR) O adjetivo da expressão "mau destino" está corretamente empregado, **exceto** em:

a) Falar no mau, preparar o pau.
b) Desde cedo revelou-se um mau elemento.
c) Durante a festa, ele teve um mau proceder.
d) Não desejas mau a quem é teu amigo.
e) Escorregou e caiu de mau jeito.

419) (ALERJ) "Vai caminhando descansadamente(...) sob árvores em flor." Das sentenças abaixo, a única cuja lacuna pode ser completada pela preposição sob é:

a) Não me fale mais.....esse assunto!
b) As águas do riacho corriam.....a areia branca e limpa.
c) Passam.....a ponte Rio−Niterói embarcações de grande porte.
d) Para que possamos servir o almoço, estique a toalha.....a mesa.
e) Não há.....a face da terra dois seres vivos que pensem da mesma forma.

420) (PROFESSOR/BA)

"− Por quê?
− Porque é melhor não usar.
− E por que é melhor não usar?" (l. 22-24)

Além das formas sublinhadas acima, o vocabulário oficial registra mais uma: porquê. A frase cuja lacuna fica incorretamente preenchida com a forma entre parênteses é:

a) Gilberto,.....você não concorda com Rinalda? (por que)
b) A turma não entendeu o.....da abstenção de Peter. (porquê)
c) O motivo.....se fez o plebiscito foi o uso de calça comprida. (porque)
d) Peter, você não concorda com o uso de calça comprida.....? (por quê)
e) O plebiscito foi encerrado.....a professora perdeu o controle. (porque)

421) (PRODUBAN) A alternativa abaixo, em que há erro no emprego das formas mau e mal, é:

a) Ele não era mau, mas procedeu mal.
b) Que mal lhe fiz eu, para você ser tão mau comigo?
c) Dormi mal essa noite, mas nem por isso estou de mal humor.
d) Esse menino é mal educado e só pensa em fazer mal às pessoas.
e) Mal cheguei de viagem, fique sabendo que você estava passando mal.

GABARITO

410 B	416 D
411 B	417 A
412 D	418 D
413 A	419 C
414 A	420 C
415 B	421 C

COMENTÁRIOS

388) Letra D

Existem classes gramaticais que atraem o pronome átono. Na opção **b**, o advérbio **já** é fator obrigatório de próclise. O mesmo se dá com a palavra **todos**, pronome indefinido, que aparece na opção **d**; então, o correto é a próclise: "Todos se abraçaram". Nas alternativas **a** e **c**, não há palavra atrativa, por isso não se usou a próclise.

389) Letra B

Todas as opções têm palavra atrativa, devendo a próclise ser usada. Na alternativa **a**, o pronome relativo **a qual**. Na **b**, o pronome interrogativo **quem**. Na **c**, o advérbio **ali**. Na **d**, o advérbio **jamais**. Dessa forma, está errada a ênclise utilizada na opção **b**. Correção: "Quem me atrapalhou naquela jogada?".

390) Letra D

O gerúndio precedido de **em** pede próclise. As frases optativas (exprimem desejo do falante) pedem próclise. O vocativo, por trazer uma pausa, pede ênclise. O erro está na alternativa **d**, porque as orações de gerúndio, quando têm pausa, exigem a ênclise. Corrija-se para "Escreveu uma carta, enviando-a para o namorado".

391) Letra C

Todas as opções têm palavra atrativa: a conjunção subordinativa **conforme**, a conjunção subordinativa **quando**, o pronome indefinido **ninguém** e a conjunção subordinativa **embora**. Assim, na opção **c** é impossível o emprego da ênclise. Correção: "Ninguém nos convocou".

392) Letra A

Na opção **a**, o advérbio **agora** exige próclise, não importando estar o verbo no futuro: prevalece a próclise. Na alternativa **b**, a conjunção subordinativa **para que** exige próclise. Na **c**, temos uma frase optativa, não cabendo, dessa forma, a ênclise utilizada. Na **d**, o futuro do indicativo está indevidamente utilizado com ênclise; como não há palavra atrativa, deve-se usar a mesóclise: dir-lhe-ei.

393) Letra B

As conjunções subordinativas tornam a próclise obrigatória. É o caso da palavra **se**, na opção **b**: conjunção subordinativa condicional. Como fatores de próclise facultativa, temos, pela ordem: a conjunção coordenativa **e**, o substantivo **criança** e o pronome demonstrativo **aquilo**.

394) Letra C

Colocação pronominal nas locuções verbais. O infinitivo e o gerúndio aceitam a ênclise. Por isso estão corretas as alternativas **a** e **b**, embora também se possa escrever "Quero-te ajudar" e "Estão-nos esperando". Já o particípio não admite ênclise, o que deixa a opção **c** com erro. Corrija-se para "Tinha-se preparado para a disputa".

395) Letra C

Na opção **a** temos uma colocação duvidosa: o pronome átono solto (sem hífen) entre os dois verbos. Embora a tendência atual seja considerar correta essa colocação, é mais prudente fazer a questão por eliminação, analisando-se com calma as outras opções. A opção **b** está perfeita, pois existe uma ênclise com o infinitivo. No entanto, a opção **c** está flagrantemente errada, por conter uma ênclise diante do pronome indefinido **alguém**. Como a ênclise ao verbo auxiliar, em tal circunstância, é proibida, o gabarito só pode ser a letra c. Somos levados, assim, a considerar correta a colocação da alternativa **a**. A frase da opção **c** pode ser inquestionavelmente corrigida de duas formas: "Alguém nos deseja falar" e "Alguém deseja falar-nos".

396) Letra D

Na locuções verbais com o gerúndio ou o particípio, pode-se empregar a ênclise ao verbo auxiliar (se não houver antes uma palavra atrativa) ou a ênclise ao verbo principal. Assim, pode-se dizer "Estou-lhe obedecendo" ou "Estou obedecendo-lhe".

397) Letra C

Na opção **c**, o advérbio **não** está ensejando a próclise ao verbo auxiliar. Outra colocação possível é a ênclise ao verbo principal: "Não quero preocupar-te". Isso não seria possível se o principal estivesse no particípio.

398) Letra A

A próclise do pronome **se** ocorre por causa do pronome relativo **que** colocado antes da expressão entre vírgulas (apesar de carente). A ênclise ao infinitivo é sempre correta. O último **se** está em próclise por ser atraído pelo pronome relativo **que**.

399) Letra C

Essa questão da prova de fiscal de rendas do estado do Rio de Janeiro causou muitos problemas. O gabarito só pode ser a letra **c**, porque a palavra **que** atrai o pronome átono; além disso, o verbo está no futuro. Temos, então, dois motivos para não usar a ênclise. Acontece que na letra **e** temos o pronome **se** solto entre os dois verbos. Sendo uma situação polêmica, ou seja, certo para alguns, errado para outros, entende-se perfeitamente que a banca considerou correta essa colocação, já que a opção **c** é indefensável.

400) Letra E

O verbo auxiliar da opção **e** está no futuro do pretérito. Dessa maneira, o correto é utilizar a mesóclise: "Ter-me-ia alegrado". Isso foi feito, com correção, na alternativa **b**, cujo verbo está no futuro do presente.

401) Letra C

O futuro do presente e o futuro do pretérito não admitem ênclise. Corrija-se a frase para "Dar-lhes-ei a conhecer o segredo do cofre".

402) Letra B

No primeiro item, o pronome **me** está proclítico por ter sido atraído pelo advérbio **não**: colocação correta. No segundo, a ênclise se torna impossível, exatamente por causa do **não**: colocação errada. No terceiro, aparece a colocação polêmica do pronome solto entre os dois verbos; a banca considerou correta. O quarto está errado, porque o particípio não admite ênclise. Como não há, nas alternativas dadas, a indicação de que apenas o item **1** é correto, deduz-se que a banca aceitou, naturalmente, a colocação do item **3**. Não há motivo para se errar a questão.

403) Letra A

Como já vimos, o particípio não permite o pronome enclítico. Fique atento a isso, pois é o caso de colocação errada mais cobrado em provas.

404) Letra D

De novo uma questão com a colocação do pronome solto entre os dois verbos. A banca considerou correta (é a tendência maior, já disse). Na letra **d**, inquestionavelmente errada, o particípio aparece com pronome enclítico.

405) Letra B

Particípio não admite ênclise. (Estou parecendo um gravador, não é mesmo?)

406) Letra C

Na opção **a,** temos uma frase optativa, que pede próclise. O infinitivo aceita a ênclise. Já na opção **c**, há dois motivos para não se usar a ênclise: o advérbio **não** e o verbo no futuro do presente. Corrigindo: "Não me lembrarei nunca do que você disse".

407) Letra B

Na opção **b**, o verbo auxiliar está no futuro do indicativo (futuro do pretérito), não sendo correta a ênclise. Como **ferrovia** é substantivo (fator de próclise facultativa), podemos corrigir para "A ferrovia se deveria integrar" ou "A ferrovia deveria integrar-se".

408) Letra D

O gabarito é a letra **d** porque os substantivos tornam a próclise facultativa: "Os alunos se retiraram" ou "Os alunos retiraram-se".

409) Letra C

A banca da Esaf, nessa prova de auditor fiscal, também considerou correta a colocação do pronome átono solto entre os dois verbos, que aparece na opção **b**. A resposta é a letra **c**, porque o pronome indefinido **ninguém** atrai o pronome átono. O certo é "Ninguém se dirigiu ao chefe".

410) Letra B

Nas três primeiras opções, a palavra corresponde a "por que motivo", devendo, então, ser grafada **por que**. Isso não ocorre na opção **b**, que passa a ser a resposta. Correção: "Vejamos por que o carro parou".

411) Letra B

Usa-se **porque** quando significa "pois" ou "para que". Na opção **b**, pode-se dizer "Pegou o casaco pois fazia frio". Nas outras opções, temos, pela ordem: **por que** (pelo qual), **por que** (pelo qual) e **por quê** (por que motivo, no final da frase).

412) Letra D

Fazendo as trocas propostas, teremos, pela ordem: **porque** (para que), **porque** (pois) e **por que** (por que motivo).

413) Letra A

A palavra **tampouco** significa "também não". É essa palavra que deve ser usada na alternativa **a**, e não **tão pouco**.

414) Letra A

Na primeira frase da alternativa **a**, o sentido é de "por baixo de", cabendo então **sob**. Na segunda, pode-se fazer a troca: "Estava ansioso por isto". Ou seja, a preposição **por** mais a conjunção subordinativa integrante **que**. Por isso se usa **por que**.

415) Letra B

A palavra **mau** é o contrário de **bom**. Poderíamos dizer "Ele não é assim tão bom". Corrigindo as outras: "Chorou, mas não convenceu" (porém), "A firma está sob nova direção" (de acordo com), "Voltou não sei por quê" (por que motivo, no final).

416) Letra D

Na última frase, há uma nítida idéia de tempo decorrido, devendo-se usar o verbo **haver**: "Isso ocorreu há pouco". O **sob** da opção **c** quer dizer "em baixo de". Também se pode usar **sobre**, mas o sentido passa a ser de "por cima de".

417) Letra A

Questão <u>dificílima</u>, maceteada. Aquele negócio de **por que** ser usado em perguntas é perigoso. Faça sempre as trocas que propus na teoria. Veja só: "Ele está triste por que motivo? Pois perdeu o dinheiro? Pois não encontrou a namorada? Realmente não seu a razão. A palavra PORQUE que aparece assim grafada duas vezes não é advérbio interrogativo, apesar do ponto de interrogação. Na realidade, entende-se "Ele está triste porque perdeu o brinquedo?" "Ele está triste porque não encontrou a namorada?" A palavra equivale a **pois**, e não a **por que motivo**.

418) Letra D

Mau só pode ser usado quando equivale ao contrário de **bom**. Na opção **d,** entende-se "Não desejas bem...". Assim, **mal**, com **l**.

419) Letra C

A idéia da opção **c** é de embarcações passando por baixo da ponte. Daí o emprego de **sob**.

420) Letra C

Na opção **c**, entende-se "O motivo pelo qual se fez o plebiscito". Por isso, o correto é **por que**, a preposição **por** mais o pronome relativo **que**.

421) Letra C

Entenda-se: "Dormi bem essa noite, mas nem por isso estou de bom humor". Se a troca é por **bom**, devemos dizer **mau humor**.

AULA 12: PONTUAÇÃO

EMPREGO DA VÍRGULA

O grande problema da pontuação parece mesmo ser a vírgula. É o que mais se cobra em concursos públicos. Na realidade, seu emprego depende basicamente da entonação, da leitura precisa dos textos. Todos já ouviram falar que a vírgula corresponde a uma breve pausa.

Observe, abaixo, um exemplo importante, do qual partiremos para o nosso estudo.

Alguns homens levantaram o muro pela manhã.

Uma leitura atenta, tranqüila, sem forçar nada, mostra que não há pausa entre os termos que constituem a frase. Assim, não se pensa em usar a vírgula.

A frase se encontra na ordem direta: sujeito (alguns homens), verbo (levantaram), objeto direto (o muro) e adjunto adverbial (pela manhã). Diz-se que na ordem direta não se usa vírgula, exatamente porque não há pausa entre o termos.

Assim, não se usa vírgula:

1) Entre o sujeito e o verbo.
Ex.: O carro apareceu.
Apareceu o carro.

2) Entre o verbo e o objeto direto.
Ex.: Ele escreveu uma carta.
Uma carta ele escreveu.
Obs.: Na inversão, só se usa a vírgula quando existe objeto pleonástico.
Ex.: Uma carta, ele a escreveu.
objeto direto: uma carta
objeto direto pleonástico: a

3) Entre o verbo e o objeto indireto.
Ex.: Nós obedecemos ao diretor.
Ao diretor nós obedecemos.
Obs.: Com objeto indireto pleonástico, a vírgula deve ser usada.
Ex.: Ao diretor, nós lhe obedecemos.
objeto indireto: ao diretor
objeto indireto pleonástico: lhe

4) Entre o verbo e o predicativo.
Ex.: Eu já fui professor.
Professor eu já fui.
Obs.: Na inversão, aparecerá a vírgula se houver predicativo pleonástico.
Ex.: Professor, eu já o fui.
predicativo: professor.
predicativo pleonástico: o

5) Entre a palavra e seu complemento nominal.
Ex.: Tenho certeza da vitória.
Da vitória tenho certeza.
Obs.: Com complemento pleonástico, usa-se a vírgula.
Ex.: Da vitória, dela tenho certeza.
complemento nominal: da vitória
complemento nominal pleonástico: dela.

6) Entre a palavra e seu adjunto adnominal.
Ex.: Achei o livro do professor.

Observações

a) O adjunto adverbial, em final de frase, normalmente, não pede vírgula.
Ex.: Fiz o trabalho aqui.
Na inversão, a vírgula é facultativa.
Ex.: Aqui, fiz o trabalho.
Aqui fiz o trabalho.
Fiz, aqui, o trabalho.
Fiz aqui o trabalho.
Isso ocorre mesmo com expressões adverbiais.
Ex.: Depois de dois anos, já estávamos acostumados.
Depois de dois anos já estávamos acostumados.

b) Se, mesmo na ordem direta, usarmos algo intercalado, poderão aparecer as vírgulas.
Ex.: Os rapazes fizeram as compras.
Os rapazes, apesar das dúvidas, fizeram as compras.
O termo **apesar das dúvidas** está intercalado entre o sujeito e o verbo. Ele pode ser retirado da frase, sem prejuízo da compreensão ou da correção gramatical. Como se trata de um adjunto adverbial, as vírgulas são facultativas.

Vírgula na coordenação

1) Separam-se os termos de mesma classe gramatical em coordenação.
Ex.: Pedi ovos, alface, farinha, vinagre.

Observações

a) A última vírgula pode ser trocada por **e**.
Ex.: Pedi ovos, alface, farinha e vinagre.

b) Pode-se usar **e** em todos os termos; é o que se conhece como **polissíndeto**.
Ex.: Pedi ovos e alface e farinha e vinagre
Pedi ovos, e alface, e farinha, e vinagre.
Como se vê, no polissíndeto as vírgulas são facultativas.

2) Orações coordenadas, com exceção das iniciadas por **e**, pedem vírgulas.
Ex.: Estudei bem o livro, portanto sei a matéria.

Observações

a) Admitem-se, também, o ponto-e-vírgula e o ponto.
Ex.: Estudei bem o livro; portanto sei a matéria.
Estudei bem o livro; portanto, sei a matéria.
Estudei bem o livro. Portanto sei a matéria.
Estudei bem o livro. Portanto, sei a matéria.
Como se vê, usando-se ponto-e-vírgula ou ponto, depois da conjunção pode-se usar ou não uma vírgula.

b) Se a conjunção coordenativa estiver depois do verbo, ficará entre vírgulas.
Ex.: Estudei bem o livro; sei, portanto, a matéria.
Estudei bem o livro. Sei, portanto, a matéria.
Como se vê, com o deslocamento da conjunção coordenativa devm-se usar, no início da oração, ponto-e-vírgula ou ponto, nunca a vírgula.

3) A oração coordenada iniciada por **e** não pede vírgula, a menos que tenha sujeito diferente da primeira.
Ex.: O homem leu o jornal e assistiu à novela.
O homem leu o jornal, e a mulher assistiu à novela.
Obs.: Essa vírgula, hoje em dia, já vem sendo considerada facultativa. Convém observar bem as outras alternativas para, na comparação, resolver a questão.

Vírgula na subordinação

1) As orações subordinadas substantivas não se separam da principal por meio de vírgula.
Ex.: Sei que tudo se ajeitará.
oração principal: sei
oração subordinada substantiva objetiva direta: que tudo se ajeitará.
Obs.: As orações subordinadas substantivas representam o sujeito, o objeto direto, o objeto indireto etc. da oração principal, ou seja, termos que não admitem vírgula por não corresponderem a uma pausa.

2) As orações subordinadas adverbais no final do período se separam da principal por meio de uma vírgula (facultativa); no início do período, exigem vírgula.
Ex.: Ele fez o desenho, conforme lhe solicitei.
Ele fez o desenho conforme lhe solicitei.
Conforme lhe solicitei, ele fez o desenho. (obrigatória).

3) As orações subordinadas adjetivas explicativas exigem vírgula; as restritivas não a admitem.
Ex.: O leão, que é feroz, vive nas matas.
oração subordinada adjetiva explicativa: que é feroz
O livro que consultei é excelente.
oração subordinada adjetiva restritiva: que consultei.
Obs.: No primeiro exemplo, há uma pausa sensível; a oração lembra o aposto explicativo. Tal não sucede com a segunda frase.

Outras situações de vírgula

a) Com o vocativo.
Ex.: Paulo, aqui está o relógio.

b) Com o aposto explicativo.
Ex.: Marcos, teu amigo, chegou cedo.
Obs.: Veja como muda o sentido e a análise dos termos, quando se muda a pontuação.
Marcos, teu amigo chegou cedo.
Agora, **teu amigo** é o sujeito da oração; **Marcos**, o vocativo.

c) Nas datações, para separar o nome do lugar.
Ex.: Rio de Janeiro, 22 de agosto de 2005.

d) Para isolar termos de natureza retificativa ou explicativa.
Ex.: Ele é inglês, ou melhor, canadense.

e) Com certas orações reduzidas de gerúndio que se lêem com pausa.
Ex.: Chegou tarde naquela noite, deixando a mãe bastante preocupada.

EMPREGO DO PONTO-E-VÍRGULA

1) Para separar duas partes de uma frase em que se falam coisas semelhantes a respeito de seres diferentes.
Ex.: Ela arrumou a casa, fez a comida, lavou a roupa; ele aparou a grama e lavou a varanda.
Na primeira parte se fala sobre **ela**; na segunda, sobre **ele**.
Obs.: Admite-se o ponto, nunca a vírgula.
Ex.: Ela arrumou a casa, fez a comida, lavou a roupa. Ele aparou a grama e lavou a varanda.

2) Para separar orações coordenadas quando a conjunção está depois do verbo (Veja **Vírgulas na coordenação**).
Ex.: Trabalhou o dia inteiro; não estava, porém, cansado.
Obs.: Admite-se o ponto, nunca a vírgula.
Ex.: Trabalhou o dia inteiro. Não estava, porém, cansado.

3) Quando se deseja fazer uma pausa maior, principalmente em frases longas, sem necessidade do emprego do ponto.
Ex.: Os alunos, que moravam no alojamento, resolveram escrever às suas famílias; fizeram isso à noite, um pouco antes do jantar.

4) Para separar os itens de uma enumeração.
Ex.: Mandaram para a fábrica os seguintes itens:
a) papel branco;
b) cola especial;
c) cartuchos para impressora.

EMPREGO DO PONTO

1) Para encerrar um período sem exclamação ou interrogação.
Ex.: Solicitaram a todos que se apresentassem às quatro horas.

2) Em determinadas situações em que também se pode usar o ponto-e-vírgula.
Ex.: Saiu cedo. Perdeu, contudo, a novela.
Saiu cedo; perdeu, contudo, a novela.

3) Na maioria das abreviaturas.
Ex.: p. ou pág. (página), sr. (senhor), ap. ou apart. (apartamento), cia. (companhia), adj. (adjetivo)
Obs.: Não se usa ponto nos símbolos técnicos; eles são grafados com letras minúsculas e sem **s** de plural.
Ex.: h (hora ou horas), m (metro ou metros), m ou min (minuto ou minutos), dm (decímetro ou decímetros).

EMPREGO DO PONTO DE EXCLAMAÇÃO

Não há regras. Ele é empregado quando se quer ou se precisa dar um caráter exclamativo.
Ex.: Fogo!
Cuidado com a cabeça!
Não faça isso, garoto!
Obs.: O vocativo, em princípio, não exige a exclamação. Depende da frase ou da entonação que se queira conferir a ela.

EMPREGO DO PONTO DE INTERROGAÇÃO

Também aqui não há regras. Sendo uma pergunta, usa-se o ponto de interrogação. Depende da leitura e do sentido da frase.
Ex.: Quem gritou?
Ainda há pessoas esperando?
Você não irá?

Observações

a) Nas interrogações indiretas, desaparece o ponto de interrogação.
Ex.: Não sabemos quem gritou.

b) Veja a diferença.
Você ainda não entendeu. (frase declarativa)
Você ainda não entendeu? (frase interrogativa)
Você ainda não entendeu! (frase exclamativa)

Você ainda não entendeu?! (frase exclamativa e interrogativa.

Na última frase, a pessoa faz um pergunta, mas, como está admirada, também exclama. Nesse caso, usam-se os dois sinais de pontuação.

EMPREGO DE DOIS-PONTOS

1) Antes de uma citação qualquer.
Ex.: Disse Einstein: "A imaginação é mais importante que o conhecimento".

2) Par introduzir um aposto ou oração apositiva.
Ex.: Peço-lhe algo, meu amigo: um pouco de paciência.
aposto da palavra **algo**: um pouco de paciência.
Esperava o seguinte: que pelo menos não atrapalhassem.
aposto (oração apositiva) da palavra **seguinte**: que pelo menos não atrapalhassem.

3) Antes de um esclarecimento.
Ex.: Estou feliz neste momento: você está aqui.

EMPREGO DOS TRAVESSÕES

1) Para substituir a vírgula em determinadas situações, principalmente com os termos explicativos.
Ex.: Um trabalho − tua tese − foi bastante elogiado.
aposto explicativo: tua tese
Os operários da fábrica − os quais ninguém conhecia − fizeram uma manifestação.
oração subordinada adjetiva explicativa: os quais ninguém conhecia.

2) Para pôr em destaque palavras, orações, períodos.
Ex.: iremos todos − e isso é indiscutível − a seu casamento.

3) Para introduzir, nos diálogos, a fala dos interlocutores.
Ex.: − Preciso de ajuda.
− Para quê?
− Para encontrar meus óculos.

EMPREGO DOS PARÊNTESES

Servem para intercalar, no texto, qualquer informação acessória. Eis algumas:

1) Qualquer indicação, de ordem explicativa ou não, que o autor julgar importante.
Ex.: Havia muitas pessoas na sala (eu sei porque estava lá), mas o pedido não foi votado.

2) Para apresentar indicações bibliográficas.
Ex.: "Em 1139 ou 1140, intitulando-se claramente Rei, D. Afonso Henriques sela em definitivo a independência de Portugal." (Serafim da Silva Neto, História da Língua Portuguesa, pág. 362, Rio de Janeiro, 1979.)

3) Para indicar a sigla de um estado, quando é citada a cidade.
Ex.: Morava em Mariana (MG), quando seus avós faleceram.

4) Para explicar a correspondência entre moedas diferentes.
Ex.: Na época, paguei pelo quadro US$400,00 (R$1.200,00)

EMPREGO DAS ASPAS

1) Para marcar uma citação ou transcrição.
Ex.: "Quando vamos entender que somos mais que simples corpos?" (John Lennon)
Disse Sófocles: "A coisa mais bela consiste em ser útil ao próximo".

2) Para indicar neologismos, estrangeirismos e gírias.
Ex.: Ele compõe mal; é um autêntico "musicida".
A mulher usava um belo "peignoir".
Não seja "careta", rapaz.

3) Em casos de ironia.
Ex.: Ele é um "sábio". (Quando se quer dizer o contrário.)

4) Em nomes de publicações em geral.
Ex.: Já li "Os Sertões".
A "Época" publicou essas denúncias.
Obs.: As aspas, aqui, não são obrigatórias.

EMPREGO DAS RETICÊNCIAS

1) Geralmente são empregadas para indicar a interrupção de algo que se está dizendo.
Ex.: Ele estava saindo e...
Prometeu ajuda a todos, mas...bem, não importa o que ocorreu.

2) Para valorizar uma palavra ou expressão.
Ex.: Ele falou muitas...bobagens.

EXERCÍCIOS

422) Assinale o erro de pontuação.
a) Depois de amanhã, irei à sua casa, mas não levarei os manuscritos.
b) Embora tenha pesquisado muito, nada encontrei que, com certeza, provasse minha tese.
c) Fiz tudo para, com a ajuda de todos, completar a minha tarefa.
d) Todas as pessoas ilustres e cultas daquele condomínio, aceitaram as nossas propostas.

423) Ele saiu correndo e sem que ninguém esperasse jogou todos os livros ao chão provocando desagrado em todos que ali estavam.
Lendo o trecho acima, verificamos que:
a) a pontuação está perfeita
b) faltam duas vírgulas
c) faltam três vírgulas
d) faltam três virgulas e um ponto de exclamação.

424) Marque o erro de pontuação.
a) Os trabalhadores, nervosos, pediram ajuda.
b) Nervosos, os trabalhadores pediram ajuda.
c) Os trabalhadores, pediram nervosos, ajuda.
d) Os trabalhadores nervosos pediram ajuda.

425) Há erro de pontuação em:

a) Os jogadores disseram depois de uma reunião cansativa e tumultuada, que fariam uma paralisação.
b) Só dizia uma coisa: que seria músico.
c) Uma novidade – sua contratação – surgiu naquela manhã.
d) A empresa readmitiu os empregados para que se fizesse justiça.

426) Assinale o erro de pontuação.

a) O mundo só conheceu alguém com a total sabedoria: Jesus.
b) Paulo, que é português, não gostou da brincadeira; Celso, brasileiro, ficou calado.
c) Todos esperavam que, com as novas medidas da diretoria tudo fosse acertado.
d) Disse o filósofo: "O trabalho afasta de nós três grandes males: o tédio, o vício e a necessidade."

427) Há erro de pontuação em:

a) Qual de nós, ignorando o perigo, deixaria de salvar o próximo?
b) Aqui senhores será construída uma farmácia, ou melhor, uma clínica.
c) Quê! Você ainda não entendeu?!
d) "Todo homem tem três caracteres: o que ele exibe, o que ele tem e o que ele pensa que tem."

428) Marque o erro de pontuação.

a) Ontem, quando todos já tinham saído, fui ao quarto de meu irmão e...pensando bem, é melhor não contar.
b) Os pais foram ao cinema, e as crianças, por serem levadas, sujaram toda a casa.
c) Quem, sabendo tais coisas e precisando obedecer, ainda deseja fazer perguntas!
d) Fiz os exercícios de Física, isto é, Matemática.

429) Assinale o erro de pontuação.

a) Zamenhof, grande sábio polonês, criou o esperanto, a língua mais simples, harmoniosa e bela da humanidade.
b) Estudando e trabalhando, sentia-se muito cansado, contudo, por ser pessoa de fibra, conseguiu formar-se, tornando-se um excelente e próspero engenheiro daquela cidade.
c) Duas coisas o incomodavam sempre que viajava: a curiosidade das pessoas, que não o largavam, e o descaso das autoridades, que não o protegiam.
d) Diga a ele, se possível, que vários colegas preocupados com a situação, tentaram falar-lhe ontem.

430) Marque o erro de pontuação.

a) Disse o filósofo: "A melhor maneira de ser feliz é contribuir para a felicidade dos outros".

b) Estudar a língua deve ser um motivo de alegria; aprendê-la, uma saudável obsessão.

c) Quem, com toda essa tecnologia à sua disposição, não consegue progredir!

d) Precisamos, meu bom amigo, de ajuda.

431) Aponte a frase pontuada de maneira indevida.

a) Cidadãos, a vossa dignidade salvará nosso país!

b) Ela era alta, bonita, simpática, elegante; ele, baixo, feio, carrancudo e desajeitado.

c) Ele me disse, que embora estivesse sem vontade, faria um esforço e participaria.

d) À tarde, quando todos estavam no jardim, os presentes foram chegando.

432) Assinale a opção em que não se cometeu erro de pontuação.

a) O projeto, assinado pelo arquiteto Paulo Orsini, esbanja charme e jovialidade não só pela predominância de materiais como inox e vidro, como pelo uso de madeira escura no mobiliário. Fotos em preto-e-branco, com cenas românticas nas ruas e praças de Paris complementam o ambiente de maneira aconchegante. *(ViverBem)*

b) Nem mesmo o novo telhado – com formato curvilíneo – atrapalha: os galhos das jabuticabeiras cujas frutas servem de ingrediente para o tradicional sorvete da casa, entram pela cobertura envidraçada do mezanino.*(ViverBem)*

c) Quando Pedro Álvares Cabral, desembarcou no Brasil, a maior parte do litoral, do Nordeste até o rio da Prata, entre o Uruguai e a Argentina, era ocupada por populações indígenas que falavam línguas tupi (desde a área onde se situa hoje o estado de São Paulo até o atual Maranhão) e guarani (do atual Paraná até o norte da Argentina). (*Ciência Hoje*)

d) Os primeiros cronistas – particularmente os protagonistas das lutas entre franceses e portugueses pelo controle da baía de Guanabara – fornecem preciosas informações, sobre essas numerosas tribos. Mencionam, entre outras coisas, que as mulheres produziam e decoravam os potes de barro. Essas tribos foram logo dizimadas pelas doenças trazidas pelos europeus e pelas guerras coloniais, e no século 17 tinham desaparecido quase que por completo do litoral central e nordestino. (*Ciência Hoje*)

e) Mesmo quase 10 anos após sua morte, Renato Russo mantém-se como um ídolo entre jovens de todo o país. Os admiradores de sua obra podem ser encontrados

na geração que acompanhou o surgimento da Legião Urbana, ainda no começo da década de 80, e também nos adolescentes de hoje, que não acompanharam a fase de maior sucesso do grupo. (*Redação do UOL*)

433) Observe as frases abaixo.

I. Minha sala, deixei-a limpa.
II. Marcos, o pedreiro acabou o serviço.
III. Marcos, o pedreiro, acabou o serviço.
IV. Seria interessante, que alguém comentasse o fato.
V. O funcionário, depois da reunião ficou tranqüilo.

Está certa a pontuação apenas nos itens:
a) I, II e III
b) II, III e IV
c) III, IV e V
d) IV e V

434) Quais sinais de pontuação completam, respectivamente, as lacunas da frase abaixo?

As alunas.....embora tivessem estudado.....não foram aprovadas.....os alunos.....mais experientes.....solicitaram segunda chamada.

a) vírgula, dois pontos, ponto-e-vírgula, vírgula, dois-pontos
b) vírgula, vírgula, vírgula, vírgula, dois-pontos
c) travessão, vírgula, ponto-e-vírgula, dois-pontos, vírgula
d) vírgula, vírgula, ponto-e-vírgula, vírgula, vírgula

435) (PGR) A vírgula usada em "Nos tempos atuais, não existe país do primeiro mundo..." serve para:
a) assinalar a supressão do verbo
b) isolar o aposto
c) separar termo coordenado
d) separar oração adverbial
e) isolar adjunto adverbial antecipado

436) (FMU/SP) Assinale a alternativa que contenha emprego incorreto da vírgula.
a) Arrumou as malas, saiu, lançou-se na vida.
b) Os visados éramos nós, e eles foram violentamente torturados.
c) Eu contesto, a justiça que mata.
d) Preciso ouvir, disse o velho ao menino, a causa desse ressentimento.
e) O período consta de dez orações, porque esse é o número exato de verbos.

437) (T.A.CÍVEL-RJ) A pontuação mal colocada prejudica a compreensão da frase em:
a) O caso, a meu ver, exige maiores reflexões.
b) O governo, todo ano, tomava novas medidas.
c) Ele, engenheiro daqui, é excelente companheiro.
d) A mãe, destes dois alunos, Ana, está chegando.

438) (AT.JUD.–TALCRIM) Policarpo Quaresma, *cidadão brasileiro, funcionário público*... A justificativa para o emprego de vírgulas no trecho destacado é:
a) a intercalação de um adjunto adverbial
b) o destaque do aposto
c) a divisão de termos da mesma função
d) a separação de orações
e) a presença de um vocativo

439) (AFRF) Assinale a opção em que a pontuação está correta.
a) Nunca os países integraram, tão intensamente suas economias.
b) O novo mundo em construção é, acima de tudo, o da economia global e dos grandes conglomerados mundiais.
c) As grandes empresas mundiais, se estendem hoje pelos cinco continentes, ignorando fronteiras, e jogando por terra as antigas barreiras nacionais.
d) Desde a Segunda Guerra Mundial, o comércio internacional, aumenta a uma taxa que é o dobro do crescimento do PIB global.
e) Esse é um mundo em que impera a liberdade econômica, e a busca pela eficiência extrema. Trata-se, sem meias palavras do triunfo do liberalismo.

(Adaptado de Exame)

440) (ANALISTA – BACEN) Assinale a opção em que o trecho transcrito apresenta pontuação correta.

a) Aplicativos que visam consolidar notícias e informações internas e externas sobre as instituições, calcular e acompanhar os limites operacionais e a concentração das aplicações (maiores devedores) e das captações (maiores depositantes) ainda encontram-se em fase de desenvolvimento.

b) Tais sistemas possibilitam o acesso a dados contábeis com o intuito de diagnosticar situações de anormalidade; ou de risco, e acompanhar, tanto

individualmente como de forma comparativa o comportamento das instituições com base em indicadores econômico-financeiros.

c) Outros sistemas aplicativos permitem também, obter informações relativas ao cadastro de instituições e de pessoas físicas que atuem, na condição de administradores no Sistema Financeiro Nacional, e à movimentação das reservas bancárias e operações de empréstimos de liquidez.

d) Permitem também, obter informações quanto: ao registro e controle do trânsito de processos; às taxas e índices praticados ou utilizados pelo mercado e ao controle de ocorrências, de irregularidades praticadas por instituição financeira.

e) Com base no Sistema de Informações do Banco Central, cujo uso é franqueado às instituições do Sistema Financeiro Nacional; a fiscalização utiliza intensivamente inúmeras informações através de diversos sistemas aplicativos.

(Trechos adaptados de http://www.bcb.gov.br – Histórico)

441) (ANALISTA E INSPETOR – CVM) Marque o segmento do texto cuja pontuação é defeituosa.

a) Podem as velhas teorias explicar a Nova Economia?
b) O formidável desempenho da economia americana, sob o impacto das novas tecnologias, popularizou essa pergunta.
c) Entre os leigos, a resposta, óbvia, é não.
d) No último trimestre, os Estados Unidos cresceram em ritmo anual acima de 7% , quase um Brasil por ano.
e) O desemprego continua em queda, e pode ficar abaixo de 4%.

(Paulo Guedes, com adaptações)

442) (QCO–EsAEx)) Assinale alternativa em que é obrigatório o uso da vírgula separando as orações. As vírgulas, quando necessárias, foram omitidas intencionalmente.

a) É importante ressaltar que não haverá paz com miséria extrema e pobreza.
b) A cidade em que nascera cresceu muito.
c) Todos quantos acompanham os seqüestros condenam os acusados.
d) É difícil o dia em que não acontece um acidente.
e) É preciso gozarmos a vida que é breve.

443) (F.E.BAURU) Assinale a alternativa em que há erro de pontuação.

a) Era do conhecimento de todos a hora da prova, mas, alguns se atrasaram.
b) A hora da prova era do conhecimento de todos; alguns se atrasaram, porém.
c) Todos conhecem a hora da prova; não se atrasem, pois.
d) Todos conhecem a hora da prova, portanto não se atrasem.

CURIOSIDADE

Pontue, para que as frases tenham sentido.

1) UM FAZENDEIRO TINHA UM BEZERRO E A MÃE DO FAZENDEIRO ERA TAMBÉM O PAI DO BEZERRO

2) MARIA QUANDO TOMA BANHO QUENTE SUA MÃE DIZ ELA VEM ME LAVAR COM ÁGUA FRIA

GABARITO

422 D	430 C	438 B
423 C	431 C	439 B
424 C	432 E	440 A
425 A	433 A	441 E
426 C	434 D	442 E
427 B	435 E	443 A
428 C	436 C	
429 D	437 D	

EMPREGO DE PRONOMES

1) Conosco / com nós
Convosco / com vós

● Usa-se **conosco** e **convosco** com verbos que peçam a preposição **com**.
Ex.: Ele saiu conosco.
Passearemos convosco por aquelas praias.

● Usa-se **com nós** e **com vós** com verbos que peçam a preposição **com**, porém apenas quando estiverem reforçados por palavras como **dois**, **mesmos**, **próprios** etc.
Ex.: Falarão com nós dois amanhã.
Estarei com vós mesmos ao entardecer.
Obs.: É errado dizer "Falarão com nós amanhã" e "Estarei com vós ao entardecer".

2) Contigo / com você

● **Contigo** é usado quando o tratamento é de segunda pessoa do singular (tu).
Ex.: Sairei contigo, se isso não te trouxer algum contratempo.

● **Com você** é empregado quando o tratamento é de terceira pessoa do singular (você).
Ex.: Sairei com você, se isso não lhe trouxer algum contratempo.
Obs.: Compare as duas frases. Na primeira emprega-se **contigo**, por causa do tratamento **tu**, evidenciado pelo pronome **te**. Na segunda, usa-se **com você**, porque o tratamento é de terceira pessoa, o que se verifica no emprego de **lhe**.

3) Consigo
Significa **com você mesmo**, **com ele mesmo**; é, portanto, reflexivo, sempre se referindo ao sujeito da oração.
Ex.: Você trouxe consigo o material?
Carlos trará consigo os discos.
Obs.: Está errada uma frase do tipo "Preciso conversar consigo", tão ao gosto do povo. O certo é "Preciso conversar contigo" ou "Preciso conversar com você".

4) Lhe
Com verbos ou nomes que peçam a preposição **a** (ou para).
Ex.: Disse a verdade ao amigo.
Disse-lhe a verdade.

Observações

a) Não se usa **lhe** com verbos que peçam outras preposições.
Ex.: Eu lhe gosto muito. (errado)
Gosto muito de você. (certo)
Gosto muito dele. (certo)
Eu sempre lhe confiei. (errado)
Eu sempre confiei em você. (certo)
Eu sempre confiei nele. (certo)

b) Como vimos em outra lição, o pronome **lhe** é empregado como objeto indireto (ou complemento nominal); o pronome **o**, como objeto direto.
Ex.: Ofereci-lhe ajuda. (Oferecer alguma coisa a alguém)
Estudei-o ainda de manhã. (Estudar alguma coisa)

5) Pronomes de tratamento

● Pronomes com a palavra **Vossa** (Vossa Senhoria, Vossa Excelência etc.).
São empregados quando se conversa com a pessoa.
Ex.: Vossa Excelência será entrevistado à noite.

● Pronomes com a palavra **Sua** (Sua Senhoria, Sua Excelência etc.).
São empregados quando se fala a respeito da pessoa.
Ex.: Sua Excelência, o governador, vai inaugurar aquela usina.

Observações

a) Ao pronome de tratamento **Vossa Excelência** corresponde o adjetivo **excelentíssimo**.
Ao pronome **Vossa Senhoria**, o adjetivo **ilustríssimo**.
Ex.: Excelentíssimo senhor prefeito, solicito a V.Exª que reexamine a minha situação.
Ilustríssimo senhor diretor, solicito a V.Sª que reexamine a minha situação.

b) Não se abrevia o pronome de tratamento **Vossa Excelência** (ou Sua Excelência) quando usado em relação ao presidente da República.
Ex.: Vossa Excelência, senhor presidente, naturalmente será convidado. (E não V.Exª)

6) Eu / mim
Tu / ti
Já vimos em outra lição que os pronomes **eu** e **tu** são empregados na função de sujeito; **ti** e **mim**, na de complementos.
Ex.: Deixou a revista para mim.
Deixei a revista para ti.
Deixou a revista para eu ler. (**eu** é sujeito de **ler**)
Deixei a revista para tu leres. (**tu** é sujeito de leres)
Tudo está calmo entre mim e ti.
Tudo está calmo entre ti e mim.
Obs.: Com preposição acidental, usa-se **eu** e **tu**.
Ex..: Exceto eu, todos deram gargalhadas.

7) Transformações do pronome **o** (e flexões)

● Lo (e flexões)
Empregado quando o verbo termina em **r**, **s** ou **z**, com a queda dessas letras.
Ex.: Vamos pedir um lápis.
Vamos pedi-lo.
Estudemos a proposta.
Estudemo-la.
Fiz os relatórios.
Fi-los.

● No (e flexões)
Empregado quando o verbo termina em **m** ou **ditongo nasal**.
Ex.: Ouviram o programa.
Ouviram-no.
Dão a revista.
Dão-na.

Observações

a) Emprega-se **o** (e flexões) em todos os outros casos.
Ex.: Espero seu amigo lá fora.
Espero-o.
Mostrei a publicidade.
Mostrei-a.

b) **Lo** e **no** são alterações de **o**. Portanto, empregam-se com verbos transitivos diretos.

8) Pleonasmo

Os pronomes pessoais oblíquos muitas vezes são reforçados por outro pronome, de mesma pessoa.

Ex.: A mim, disseram-me que haveria aula.
A ti, não te explicaram tudo.

9) Este / esse / aquele (e flexões)

● Este (esta, estes, estas)
Indica proximidade máxima, no espaço e no tempo
Ex.: Veja esta flor. (a flor está na mão do falante)
Este ano é especial. (o ano atual)

● Esse (essa, esses, essas)
Indica proximidade relativa, no espaço e no tempo.
Ex.: Veja essa flor. (a flor está com quem o falante conversa, ou perto dos dois)
Esse ano foi especial. (um ano já passado, mas próximo)

● Aquele (aquela, aqueles, aquelas)
Indica afastamento maior.
Ex.: Veja aquela flor. (a flor está afastada do falante e da pessoa com quem ele conversa)
Aquele ano foi especial. (um ano bem afastado)

Observações

a) Tudo o que se disse vale para os pronomes invariáveis **isto**, **isso**, **aquilo**.

b) Os pronomes demonstrativos podem, num processo de coesão, ligar-se a palavras ou expressões no texto.

● Esse, essa, isso
Referem-se ao que passou no texto. Diz-se que têm função anafórica.
Ex.: Ele fez declarações importantes. Isso acalmou a sociedade.

● Este, esta, isto
Referem-se a algo que ainda vai aparecer no texto. Diz-se que têm função catafórica.
Ex.: Este conselho lhes dou: não se preocupem excessivamente com os obstáculos.

Obs.: Há uma tendência, hoje em dia, a relaxar um pouco o emprego de tais pronomes. Em termos de prova, convém ficar atento a eles.

c) Quando se quer evitar a repetição de dois termos passados, usam-se os pronomes **isto** e **este** (e flexões) para designar o substantivo mais próximo; **aquilo** e **aquele** (e flexões), para o mais afastado.
Ex.: O homem e a mulher conversaram na empresa. Aquele é um conhecido professor; esta, uma dedicada enfermeira.

Vimos, no zoológico, uma raposa e um lobo. Este uivava sem parar; aquela andava de um lado para o outro.

10) Cujo (e flexões)

Equivale a um possessivo e não admite artigo, nem antes, nem depois.
Ex.: Encontramos o técnico em cujo trabalho realmente confiamos.

Entenda-se: "Encontramos o técnico. Confiamos em seu trabalho".
Obs.: Não aceite construções como **cujo o**, **cuja a**, **cujos os** e **cujas as**; também estão sempre errados **ao cujo** e **à cuja**.

EXERCÍCIOS

444)) Os pronomes de tratamento devidos a prefeito, rei e funcionário público graduado são, respectivamente:

a) Vossa Senhoria, Vossa Majestade, Vossa Senhoria
b) Vossa Excelência, Vossa Alteza, Vossa Senhoria
c) Vossa Senhoria, Vossa Majestade, Vossa Excelência
d) Vossa Excelência, Vossa Majestade, Vossa Senhoria

445) Há erro no emprego de pronome em:

a) Isto é para eu levar?
b) Nada restou entre você e eu.
c) Para mim, fazer o exercício é um prazer.
d) Para eu fazer o exercício, é necessário silêncio.

446) Assinale o erro no emprego de pronomes.

a) Vossa Excelência, o senador, estará presente no congresso.
b) Tentaram falar com nós próprios.
c) Cada um sabe de si.
d) Carlos e Maria estavam na reunião. Aquele ficou calado o tempo todo; esta não parava de falar.

447) O tratamento devido a reitores de universidades é:
a) Vossa Excelência
b) Vossa Senhoria
c) Vossa Magnificência
d) Vossa Alteza

448) Marque o erro na substituição do termo destacado por pronome oblíquo.
a) Quis os resultados.
Qui-los.
b) Tens a casa.
Tem-la.
c) Comprei os doces.
Comprei-los.
d) Estudaram a situação.
Estudaram-na.

449) Marque o erro no emprego do pronome.
a) Sempre estaremos com vós todos.
b) Este livro em sua mão é bom?
c) Aqui está o vizinho cujo filho foi para a Itália.
d) Após mim, ninguém poderá entrar.

450) O pronome de tratamento **Vossa Eminência** é devido a:
a) duques e príncipes
b) papas
c) vereadores
d) cardeais

451) Houve troca no emprego de **o** e **lhe** na seguinte sentença:
a) Àquele tio, sempre lhe deu atenção especial.
b) Esse escritor, sempre o vi nos congressos.
c) Nunca o faria qualquer mal.
d) Nunca o esconderia, mesmo se pudesse.

452) (A.JUD.-T.A.CÍVEL) Está incorreto o emprego do pronome em:
a) Deixarão a encomenda com nós mesmos.
b) A mim não me convém este jogo.
c) Isto é tarefa para eu fazer rápido.
d) Desejamos para si o melhor.

453) (AUX.JUD.-T.A.CÍVEL) "Deram-me, ontem, um novo endereço da loja." "As referências desta loja não foram boas."

O pronome relativo que estabelece uma relação sintática entre os dois períodos, transformando-os num só, é:

a) que
b) cujas
c) quais
d) as quais

454) (TRT) Indique o pronome que substitui corretamente as palavras grifadas na frase:

O homem comum espera as transformações no ano dois mil.

a) lhes
b) las
c) as
d) elas
e) nas

455) (AUX. JUD.) Assinale a frase correta quanto ao emprego de pronomes.

a) José, espere-me um pouco; eu quero ir consigo à audiência.
b) Ele não mim informou da presença do juiz eleitoral na cerimônia.
c) A mim me parece que a constituição deva ser referendada por um plebiscito.
d) Lembro-me de ti a todo momento; sinto uma profunda saudade de você.
e) Já recebi o recado de que aqueles processos são para mim despachar.

456) (TRF) Assinale a frase incorreta quanto ao emprego do pronome.

a) Eu ti amo, meu amor. Quero tua felicidade.
b) Os próprios contribuintes reconhecem que não apresentaram suas declarações em tempo hábil.
c) Ele sempre trazia consigo a foto do filho desaparecido.
d) O aluno cujo pai viajou foi reprovado naquele concurso.
e) As duas equipes lutaram muito e o jogo foi equilibrado; ganhou a que teve mais sorte.

457) (ESA) A substituição do termo destacado pelo respectivo pronome **não** está correta em:

a) "...defendiam **o seu sono**." − defendiam-no.
b) "...abrindo **picadas**..." − abrindo-as.
c) "...habitando **na casa**..." − habitando-lhe.
d) "...sem fazer **ruído**..." − sem fazê-lo.

GABARITO

444 D	452 D
445 B	453 B
446 A	454 C
447 C	455 C
448 C	456 A
449 B	457 C
450 D	
451 C	

COMENTÁRIOS

422) Letra D

Na opção **a**, aparece um adjunto adverbial antecipado, que pede vírgula, e a conjunção coordenativa **mas**, com vírgula antes. Na **b**, a oração subordinada adverbial começada por **embora** exige vírgula. As expressões **com certeza** e **com a ajuda de todos**, respectivamente nas opções **b** e **c**, foram devidamente colocadas entre vírgulas. A resposta é a letra **d** porque o sujeito da oração está separado do verbo por uma vírgula.

423) Letra C

A oração **sem que ninguém esperasse** está intercalada, exigindo duas vírgulas. O gerúndio **provocando** se lê com pausa, devendo antes dele ser colocada a terceira vírgula do texto.

424) Letra C

A palavra **nervosos** nas duas opções iniciais é **predicativo**, ficando entre vírgulas; observe que ele pode ser retirado da frase. Na opção **d,** sem pausa, é um adjunto adnominal. Na **c**, o sujeito está sendo separado do verbo por uma vírgula; veja também que **pediram nervosos** não pode ser retirado do texto.

425) Letra A

Na alternativa **a**, o verbo, **disseram**, está sendo separado de seu objeto direto, iniciado pela palavra **que** (oração objetiva direta), o que não se admite. Na realidade, falta uma vírgula depois de disseram, pois a expressão que segue está intercalada. Na **b**, **que seria músico** é um aposto (oração apositiva), pedindo dois-pontos. Na **c**, os travessões isolam o aposto; nesse caso, admitem-se, também, as vírgulas. Na opção **d**, a oração iniciada por **para que** é adverbial final, podendo ou não ser separada da principal por meio de uma vírgula. Se invertermos a frase, a vírgula passa a obrigatória. Veja as

três frases possíveis: “A empresa readmitiu os empregados para que se fizesse justiça”, “A empresa readmitiu os empregados, para que se fizesse justiça” e “Para que se fizesse justiça, a empresa readmitiu os empregados”.

426) Letra C

Na letra **a**, a palavra **Jesus** é aposto e pede dois-pontos. Na **b**, as orações adjetivas explicativas iniciadas por **que** ficam entre vírgulas; as duas orações são separadas por ponto-e-vírgula, pois se falam coisas semelhantes sobre duas pessoas diferentes: **Paulo** e **Celso**. O erro está na alternativa **c**, porque a expressão intercalada **com as novas medidas da diretoria** está apenas com uma vírgula, colocada depois de **que**. Ou se tira essa vírgula, ou se coloca uma segunda, depois de **diretoria**. Na letra **d**, temos o sinal de dois-pontos utilizado para introduzir uma citação, que, corretamente, é colocada entre aspas.

427) Letra B

Na alternativa **a**, temos uma pergunta, que pede ponto de interrogação; a oração que aparece intercalada exige as duas vírgulas. O vocativo **senhores**, da opção **b**, exige vírgulas, que não foram usadas. Na opção **c**, a palavra **quê**, com acento, é uma interjeição, pedindo ponto de exclamação; no final os dois sinais de pontuação ao mesmo tempo, pois se trata de uma pergunta e de uma exclamação.

428) Letra C

Questão mais delicada. As reticência usadas na opção **a** marcam a interrupção do pensamento: a pessoa não quis ir adiante, causando, com isso, um certo suspense. Na opção **b**, a vírgula antes de **e** se justifica pela mudança de sujeito: os pais foram ao cinema, as crianças sujaram toda a casa; a expressão intercalada entre **crianças** e **sujaram** fica entre vírgulas. A letra **c** engana o candidato, pois a expressão entre vírgulas prende sua atenção; ela está correta, mas o erro está no emprego do ponto de exclamação; a frase é interrogativa (pronome interrogativo **quem**), pedindo, no final, um ponto de interrogação.

429) Letra D

As duas orações reduzidas de gerúndio, na alternativa **b**, exigem vírgulas; a conjunção coordenativa **contudo**, que pede vírgula antes, ficou entre vírgulas porque depois dela vem uma expressão intercalada: **por ser pessoa de fibra**, que exige as duas vírgulas. Na alternativa **c**, os dois-pontos introduzem um aposto da palavra **coisas**: **curiosidade** e **descaso**; as orações adjetivas explicativas, iniciadas ambas por **que**, pedem vírgulas. O gabarito é a letra **d** porque o sujeito da oração está separado do verbo por meio de uma vírgula.

430) Letra C

Na opção **b**, o ponto-e-vírgula separa as orações iniciadas por **estudar** e **aprendê-la**, semelhantes pois se referem à língua portuguesa. O erro da opção **c** tem a mesma justificativa do que aparece na questão 428: **quem** é pronome interrogativo, pedindo, no final da frase, um ponto de interrogação, e não de exclamação. A repetição que fiz é intencional, porque se trata de algo perigoso em pontuação, uma armadilha.

431) Letra C

O ponto-e-vírgula da alternativa **b** separa as orações iniciadas por **ela** e **ele**, sobre os quais se falam coisas semelhantes; também seria correto o ponto. A resposta é a letra **c** pois o que está entre vírgulas não pode ser retirado do texto; na realidade, a primeira vírgula fica depois do **que**, ficando intercalada a oração iniciada por **embora**.

432) Letra E

Na opção **a**, falta a vírgula depois de **Paris**. Na **b**, falta a vírgula depois de **jabuticabeiras** (a oração do pronome **cujas** é adjetiva explicativa: pede duas vírgulas, e não apenas uma). Na **c**, o sujeito da primeira oração está separado do verbo por meio de uma vírgula. Na **d**, o complemento nominal **sobre essas numerosas tribos** está indevidamente separado da palavra **informações** por meio de uma vírgula; note que não há pausa entre eles.

433) Letra A

No item **I**, o objeto direto **Minha sala** está isolado por vírgula por causa do objeto pleonástico **a**. No item **II**, **Marcos** é vocativo, daí a vírgula utilizada após ele. No **III**, **Marcos** passa a ser o sujeito da oração, havendo entre ele e o verbo o vocativo **o pedreiro**, que pede duas vírgulas. O item **IV** está errado porque a oração iniciada por **que** é subjetiva, não admitindo a vírgula. No item **V** há erro de pontuação porque o sujeito foi separado do verbo por uma vírgula.

434) Letra D

A oração iniciada por **embora** está intercalada no período, exigindo, então, as duas vírgulas. Antes de **os alunos**, usa-se o ponto-e-vírgula, porque algo semelhante foi falado sobre **as alunas**; o predicativo **mais experientes** exige as duas vírgulas.

435) Letra E

Os adjuntos adverbiais usados fora de sua posição normal (final da oração) pedem vírgula (facultativa).

436) Letra C

Na opção **c** o objeto direto **a justiça** está separado de seu verbo por vírgula. A vírgula usada na opção **b** se justifica pela mudança de sujeito na oração iniciada pela conjunção **e**.

437) Letra D

Na alternativa **d**, foi usada indevidamente uma vírgula entre **mãe** e o seu adjunto adnominal; como **Ana**, que é aposto de **mãe**, deve ficar entre vírgulas, a frase ficou confusa. Correção: "A mãe destes dois alunos, Ana, está chegando".

438) Letra B

O termo **cidadão brasileiro, funcionário público** é uma explicação de **Policarpo Quaresma**, ou seja, um aposto explicativo, que pede vírgulas.

439) Letra B

Na alternativa **a**, **tão intensamente** deve ficar entre vírgulas, ou sem vírgula alguma; como está, o verbo é separado de seu objeto direto por uma vírgula. Na **c**, só a segunda vírgula está bem empregada, por causa da oração começada por gerúndio; note que a primeira vírgula está separando o sujeito do verbo. Na **d**, está errada a vírgula depois de **internacional**, pois separa sujeito e verbo. Na **e**, está errada a primeira vírgula (não houve mudança de sujeito); **sem meias palavras** fica entre vírgulas, ou sem vírgula alguma.

440) Letra A

Há muitos erros de pontuação nas alternativas. Na opção **b**, não existem o ponto-e-vírgula e a vírgula que envolvem a expressão **ou de risco** (admite-se colocá-la entre vírgulas); falta uma vírgula após **comparativa**. Na **c**, **também** deve ficar entre vírgulas, ou sem nenhuma vírgula. Na **d**, a mesma observação feita acima para a palavra **também**; não existem os dois-pontos depois de quanto; depois de **processos** o correto é uma vírgula; não existe a vírgula depois de **ocorrências**. Na **e**, depois de **Nacional** o certo é uma vírgula.

441) Letra E

Não se usa vírgula antes da conjunção **e** se sua oração tiver o mesmo sujeito da anterior. Isso pode ocorrer apenas em situações excepcionais, como em frases muito longas. De qualquer forma,o ideal é não empregar a vírgula.

442) Letra E

A oração **que é breve** é adjetiva explicativa. Toda vida é breve, portanto a oração do **que** é uma explicação, não uma restrição do antecedente.

443) Letra A

As conjunções coordenativas pedem vírgula antes, e não depois. Assim, a vírgula após **mas** está errada.

444) Letra D

É necessário decorar o emprego dos pronomes de tratamento. Não há raciocínio algum, apenas memorização. No caso desta questão, costuma-se confundir **Vossa Alteza** com **Vossa Majestade**. O primeiro se aplica a duques, arquiduques, príncipes e princesas; o segundo, a reis e rainhas. **Vossa Excelência** é usado para os altos cargos do governo; Vossa Senhoria, quando se quer conferir uma certa importância a alguém.

445) Letra B

Eu e **tu** se empregam como sujeito da oração (às vezes predicativo); **mim** e **ti**, como complementos. Como, na opção **b**, o sujeito da oração é **Nada**, não se pode usar o pronome **eu**. Corrija-se para "Nada restou entre você e mim". Soou mal, não é mesmo? Então, use o **mim** primeiro: "Nada restou entre mim e você'.

446) Letra A

Vossa Excelência é usado em relação à pessoa com quem se fala; não é o caso, pedindo a frase o pronome **Sua Excelência**. Pode-se dizer **com nós** (não torça o nariz, por favor!), desde que haja uma palavra de reforço, no caso, **próprios**. **Si** é pronome reflexivo, referindo-se ao sujeito **cada um**. **Aquele** substitui **Carlos,** o termo mais afastado; **esta** substitui **Maria**, o mais próximo.

447) Letra C

Vossa Magnificência é o tratamento dispensado aos reitores. Por isso se diz **o magnífico reitor**.

448) Letra C

O **s** final dos verbos cai, e o pronome **o** (e flexões) se transforma em **lo** (e flexões). É o que ocorre nas opções **a** e **b**, sendo que na **b** houve uma adaptação gráfica: **ten** para **tem**. **Comprei** termina em ditongo oral: o pronome **os** não pode passar a **los**; o certo é "Comprei-os". Na **d**, o **m** final faz o pronome passar a **na**.

449) Letra B

O pronome **este** refere-se àquilo que está na mão do falante. Para o que está com a pessoa com quem se fala usa-se **esse**. O pronome **cujo** está bem empregado: equivale a um possessivo (seu filho) e não foi usado com artigo.

450) Letra D

Vossa Eminência é o tratamento devido aos cardeais. Para os papas, **Vossa Santidade**. Para os vereadores, **Vossa Excelência**, embora alguns só admitam esse tratamento para o presidente da Câmara; é polêmico.

451) Letra C

O pronome **lhe** é pleonástico, equivalendo ao complemento **Àquele tio**. O pronome **o** é pleonástico, equivalendo a **esse escritor**. Na letra **c**, deve-se empregar **lhe**, e não **o**, pois se trata de um objeto indireto: fazer alguma coisa a alguém.

452) Letra D

O pronome **si** é sempre reflexivo, não podendo ser usado na frase. Corrija-se: "Desejamos para você o melhor".

453) Letra B

Como há uma idéia de posse na expressão **desta loja**, ou seja, **suas referências**, deve-se empregar o pronome relativo **cujas**.

454) Letra C

O termo **as transformações** é objeto direto, correspondendo ao pronome pessoal oblíquo **as**. Como **espera** termina em vogal, não é possível transformar o pronome em **las** ou **nas**.

455) Letra C

Na opção **a**, **consigo** está mal empregado; o certo é "com você". É claro que na opção **b** o correto é **me**, e não **mim**. Na **c**, que é o gabarito, usou-se a repetição do pronome oblíquo: **me** e **a mim**, o que dá ênfase à construção. Na **d**, houve mistura de tratamentos: **ti** e **você**. Na **e**, deve-se escrever "para eu despachar", porque o pronome atua como sujeito.

456) Letra A

Essa questão da Esaf é muito fácil. O pronome **ti** é sempre preposicionado (gosto de ti, só penso em ti); a frase pede o pronome átono **te**.

457) Letra C

Na opção **a**, o pronome **se** transforma em **no** porque o verbo termina em **m**. Na **b**, o pronome não tem motivo para se alterar: o verbo termina em vogal. Na **d**, o pronome passa a **lo** porque o verbo termina em **r**. O gabarito é a letra **c** pois o **lhe** não pode substituir termo introduzido por **em**. Aliás, na frase não é possível substituição por pronome átono, já que **na casa** é adjunto adverbial, e não objeto.

Pontuação das frases curiosas.

1) Um fazendeiro tinha um bezerro e a mãe; do fazendeiro era também o pai do bezerro. Ou seja, ele tinha um bezerro, a vaca e o touro.

2) Maria, quando toma banho quente, sua. −Mãe, diz ela, vem me lavar com água fria.
Sua é o verbo **suar**, e não o pronome possessivo, como parece.

AULA 13: TESTES ESPECIAIS
(TODOS DA ESAF)

458) (AFC) Marque o item que substitui a palavra sublinhada por um sinônimo, sem prejuízo do sentido do enunciado.

No mesmo momento em que a lavoura cafeeira alcança o zênite da sua prosperidade (primeiro decênio do século), uma outra atividade vem quase emparelhar-se a ela no balanço da produção brasileira: a extração da borracha (Caio Prado Júnior)

a) declínio
b) aclive
c) ápice
d) índice
e) ocaso

459) (A.T.M./FORTALEZA) Assinale a opção incorreta em relação ao texto.

Sob modalidades institucionais diferentes − padrão ouro, padrão dólar, taxas flutuantes de câmbio e de juros − a economia é freada preventivamente antes que a espiral preços-salários a precipite em uma inflação crescente. O caso das economias latino-americanas, que tiveram grandes inflações em época de paz, na segunda metade do século XX, é a exceção que confirma essa regra.
(Paul Singer)

a) Os travessões podem ser substituídos por parênteses, sem prejuízo para a correção do período.
b) Em **"a espiral"** e **"a precipite"**(*l*.4 e 5), o "a" exerce a mesma função sintática, pois pertence à mesma classe gramatical.
c) Ao anteceder a expressão **"preços salários"**(*l*. 4) pela preposição **de**, mantém-se a correção gramatical do período.
d) A eliminação da vírgula após **"latino-americanas"**(*l*.6) mantém a correção gramatical, mas altera a informação do período.
e) A expressão **"essa regra"**(*l*.8) retoma a idéia de que "a economia é freada antes que a espiral preços-salários a precipite em uma inflação crescente"(*l*.3, 4 e 5).

460) (TRF) Assinale a sentença que contém erro na forma verbal.

a) "Examinai todas as coisas e retende o que for melhor." (Extraído de um marcador de páginas)

b) Detenhamo-nos nos aspectos centrais do pensamento marxista para que saibamos extrair dele o que melhor se aproveita para os dias atuais.

c) Para que elaboremos propostas inovadoras, é preciso que ponhamos nossa criatividade a serviço da geração de idéias inusitadas.

d) Mas não caiamos na tentação de julgar todos os dirigentes políticos como se fossem uns aproveitadores, que usam os cargos apenas para se locupletarem.

e) Se almejardes o saber, vades aos livros e conviveis com os sábios.

461) (AN. PLAN. ORÇ.) Numere os períodos seguintes ordenando-os de modo a formar um texto coerente e depois marque a seqüência correta.

( ) Entretanto, ao final e ao cabo, ele é um eterno frustrado com as insuficiências desse mesmo poder público, quando posto o desempenho desse em confronto com as expectativas tão largas da maioria dos cidadãos.

( ) Evidência disso é que desde as providências mais corriqueiras, a autenticação de um documento, até as mais úteis ou emergenciais, como a solução de uma disputa contra outro cidadão, ou rápido atendimento numa emergência médica, o Estado estende seus enormes braços, seja para acolher, colaborar ou massacrar o indivíduo posto sob seu domínio.

( ) Desde que nasce, até quando morre, e mesmo depois disso, o cidadão vive à sombra do Estado, representado pela soma dos poderes públicos interferentes em sua vida.

( ) No Brasil, essa discussão é apaixonada e recorrente. Por cacoete histórico, o brasileiro tudo espera do poder público.

( ) Por isso, nas democracias, é natural e compreensível a discussão sobre o tamanho e os papéis do Estado, especialmente quando o calendário político se aproxima da renovação dos mandatos daqueles que assumem a função política de representar e conduzir as missões de governo.

(Baseado em Paulo Rabello de Castro)

a) 3, 5, 4, 2, 1
b) 3, 2, 1, 5, 4
c) 5, 2, 1, 4, 3
d) 1, 3, 5, 2, 4
e) 2, 3, 5, 4, 1

Nas questões 462 e 463, identifique o item sublinhado que contém erro de natureza ortográfica ou gramatical ou impropriedade vocabular e marque a letra correspondente.

462) (AFRF) O fortalecimento dos estados nacionais, quando o estudo de territórios tornou-se um dos pilares dos estudos geográficos, e o sistema escolar, que serviu de local para a inculcação (A) da ideologia patriótica e nacionalística, constituíram (B) a base sobre a qual se construiu a geografia. Nessa perspectiva, a ciência geográfica fez repousar sua tradição nos estudos das áreas (continentes, países, regiões) diferenciadas (C), e isto (D) lhes (E) garantiu grande importância no século passado e nas primeiras décadas deste século. (João Rua; com adaptações)

a) A
b) B
c) C
d) D
e) E

463) (AFRF) A cada dia cresce em intensidade o interesse mundial em torno da proteção aos direitos humanos. E, em conseqüência, novas teorias humanitárias e conceitos sobre hipóteses emergentes (A) de violação dessas prerrogativas essenciais irrompem (B) em sucessão surpreendente. Ainda a pouco (C), no âmbito do seminário "Os direitos humanos após Viena: a incorporação das normas internacionais de proteção ao Direito Brasileiro", promovido pelo Instituto Interamericano (D) de Direitos Humanos, diversas abordagens originais ao tema (E) despertaram grande atenção dos participantes do evento. (Josemar Dantas; com adaptações)

a) A
b) B
c) C
d) D
e) E

464) (TCE–RN) Indique a seqüência que preenche corretamente as lacunas:

A exegese que se vem impondo nesta Casa, acerca do assunto, decorre da análise conjunta de três elementos que lhe dão lastro. São eles: ..... notória especialização da contratada; ..... singularidade do objeto, examinada sempre, em relação ..... existência no mercado de muitos profissionais na área, aptos ..... desenvolverem os mesmos serviços com ..... mesma qualidade; .....inviabilidade de competição, descaracterizada em face de ser prejudicada ..... singularidade do objeto, porquanto, uma vez que várias empresas podem realizá-lo, não existem motivos para que não haja ..... competição. Esta interpretação, que vem sendo efetuada no

texto da lei, leva-nos quase que ..... idéia de exclusividade da contratada, ou seja, o objeto só será singular se apenas uma empresa for capaz de realizá-lo.

(Adaptado de Eduardo Bittencourt Carvalho)

a) a, a, a, a, à, a, à, a, a
b) a, à, a, a, à, a, a, a, à
c) a, a, à, a, a, a, a, a, à
d) a, a, à, a, a, à, a, a, a
e) a, a, à, à, a, a, a, a, a

465) (AFRF) Preencha os espaços do trecho, de forma a resultar um texto que preserve a coerência de idéias e da direção argumentativa.

Nenhuma reforma tributária será.....,.....para os mesmos de sempre, enquanto cerca de metade da arrecadação fiscal.....circuito do gasto público social e produtivo para consumar a delícia usurária da ciranda financeira global. (Fátima Gondim Farias, "Reforma Tributária", em Tributação em revista, abril/junho de 1999)

a) improdutiva − tirante − estiver afastando-se do
b) boa − exceto − for desviada do
c) eficaz − se dirigida − estiver centrada no
d) justa − inclusive − continuar centrada no
e) distributiva − se acumula − ficar confinada ao

466) (TRF) Asinale o item que preenche corretamente as lacunas da frase:

"Em virtude de investigações psicológicas ..... que me referi, nota-se crescente aceitação de que é preciso pôr termo ..... indulgência e ..... inação com que temos assistido ..... escalada da pornoviolência". (S. Pfromm)

a) à, a, à, a
b) a, à, à, à
c) a, a, a, à
d) à, à, a, a
e) a, à, a, à

(CVM) Na questão 467, identifique o segmento que, inserido no respectivo texto, assegura a correção e a lógica da continuidade temática.

467) O crédito na economia está crescendo. Com juros em queda e maior confiança no futuro, bancos e empresas estão voltando a emprestar. É por isso que a indústria de bens duráveis, ..., está entre as que mais estão crescendo. (André Lahóz, com adaptações)

a) de cuja demanda depende muito do crédito
b) de que dependem muito o crédito aos consumidores
c) cuja demanda depende muito do crédito
d) em cuja demanda depende muito o crédito
e) a demanda das quais dependem muito do crédito.

468) (AFRF) Indique a opção que melhor reformula o trecho abaixo, em termos de adequação à norma culta, concisão e eficiência comunicativa.

Há uma evasão fiscal significativa, não só do Imposto de Renda, mas de outros impostos, não só por causa da sonegação, mas também em razão das brechas legais que permitem às empresas reduzir suas obrigações para com o Fisco.

(Adaptado de O Estado de S. Paulo, 17/10/2000)

a) A evasão fiscal é significativa, tanto do Imposto de Renda quanto de outros impostos, em razão da sonegação e das brechas legais que permitem às empresas reduzir suas obrigações com o Fisco.
b) Em razão da sonegação e das brechas legais que permitem às empresas reduzir suas obrigações com o Fisco, do Imposto de Renda quanto de outros impostos, significativa a evasão fiscal que há.
c) Do Imposto de Renda, de outros impostos, em razão da sonegação e das brechas legais que permitem as empresas reduzirem suas obrigações com o Fisco, a evasão fiscal que há é significativa.
d) A evasão fiscal significativa que há do Imposto de Renda e de outros impostos, em razão da sonegação e das brechas legais que permitem a empresas reduzir suas obrigações com o Fisco.
e) É significativa, tanto do Imposto de Renda quanto de outros impostos, a evasão fiscal, conseqüentemente das brechas legais as quais permitem às empresas reduzir suas obrigações com o Fisco, em razão da sonegação.

469) (AFRF) Quanto à morfo-sintaxe não está correta a sentença:

a) Há cerca de cinqüenta mil candidatos inscritos para o concurso.
b) Discursou a cerca do programa de recuperação dos cerrados.
c) Não o vejo há cerca de vinte anos.
d) A fazenda fica a cerca de uma hora de carro de São Paulo.
e) Sua opinião acerca da proposta deve ser considerada.

470) (AN.PLAN.ORÇ.) Assinale a opção em que o trecho do texto foi transcrito com erro gramatical.

a) Na realidade, a administração de empresas não é uma ciência. Do mesmo modo que a medicina e a engenharia, ela é uma arte, o que significa que ela enfrenta uma problemática tão variada que suas soluções desafiam qualquer generalização.
b) A prática da administração de empresas, no capitalismo, é um exercício de liderança, legitimado pela delegação de poderes dada pelo proprietário.
c) Mas, apesar da legitimação, a autoridade do gestor é constantemente desafiada por subordinados, a cujos direitos legais os resguardam de represálias imediatas, pois a ruptura do contrato de trabalho representa um custo não desprezível para a firma.
d) Não são apenas os trabalhadores que apresentam, conforme as circunstâncias, diferentes modalidades de resistência às ordens que vêm de cima.
e) Também os outros gestores, em diferentes níveis hierárquicos, defendem interesses seccionais que, uma vez ou outra, colidem com as decisões que a cúpula gerencial considera como do interesse da empresa.

(Adaptado de Paul Singer)

Leia o texto para responder às questões 471 e 472.

Prever o futuro é tão arriscado que, podendo sempre errar, é preferível errar pelo otimismo. E há boas razões para ser otimista quanto à democracia. Nos último 20 anos, dobrou ou triplicou o número de pessoas que não vivem em ditadura. Talvez seja demais chamar Ucrânia ou El Salvador hoje de Estados democráticos, mas certamente há bem mais liberdade nesses países ou no Brasil, após a queda do comunismo e das ditaduras apoiadas pelo primeiro mundo, do que havia em 1980. A conjuntura mundial torna difícil o cenário usual, que era a rigorosa repressão ante o avanço de reivindicações populares.

(Renato Janine Ribeiro, Folha de S. Paulo, MAIS!, 31/12/2000)

471) (AN. PLAN. ORÇ.) Assinale a opção em que a substituição sugerida para as partes grifadas do texto está incorreta.

a) (linha 1) diante da grande possibilidade de errar
b) (linha 3) no que se refere à
c) (linha 4) sobre regimes ditatoriais
d) (linha 6) em tais
e) (linha 9) habitual

472) (AN. PLAN. ORÇ.) Em relação ao texto, assinale a opção correta.

a) Pode-se inferir do texto que atualmente não há clima favorável à repressão de movimentos populares.
b) Até há pouco tempo não havia restrições às demandas e reivindicações de segmentos insatisfeitos da sociedade.
c) A expressão "tão arriscado que" (*l.* 1) pode ser substituída por **tão arriscado quanto** sem prejuízo para a correção do texto.
d) Se a palavra "certamente" (*l.* 6) vier entre vírgulas o texto transgride as normas de pontuação.
e) A vírgula após "usual" (*l.* 9) indica que a oração a seguir é restritiva.

473) (T.OP. REDE–SERPRO) Marque a opção que, ao preencher as lacunas do trecho abaixo, provoca incoerência textual.

É preciso destacar um outro aspecto: a alta voltagem do desenvolvimento de aplicativos, ... destinados a setores específicos..... direcionados ao *design* em geral, exige cada vez mais um trabalho em colaboração, com equipes cada vez mais numerosas.

(Roland de Azevedo Campos, Folha de São Paulo, 25/3/2001)

a) quer ... quer
b) seja ... seja
c) nem .... nem
d) ou .... ou
e) tanto ..... como

474) (T. OP. REDE–SERPRO) Marque a opção que preenche corretamente as lacunas do texto abaixo, respeitando a ordem das palavras listadas.

Na esteira do progresso da informática ..... os softwares de texto, imagem e vídeo, motivando projetos artísticos ....., que passaram a ..... o próprio computador como ..... – e mesmo autor – dos produtos gerados.

a) germinaram / multifacetados / situar / partícipe
b) desenvolvida / geradores / situar / partícipe
c) digital / multifacetados / responsabilizar / criador
d) germinaram / geradores / responsabilizar / passível
e) digital / precários / considerar / criador

475) (AFRF) Assinale a seqüência de sinais de pontuação que preenche corretamente os espaços numerados no texto.

"É através da dinâmica institucional **1** que se fabrica **2** quase sempre **3** o delinqüente juvenil. A instituição **4** ao invés de recuperar **5** perverte **6** ao invés de reintegrar e ressocializar **7** exclui e marginaliza **8** ao invés de proteger **9** estigmatiza."
(Vicente Faleiros)

	1	2	3	4	5	6	7	8	9
a)	,			,	,	;	,	;	,
b)		,	,	,	,	;	,	;	,
c)		,	,		:	;	:	;	:
d)		,	,			,		,	
e)	,	,	,	–	–	,	,	;	,

476) (AFRF) Há oração subordinada substantiva subjetiva no período:
a) Decidiu-se que a microinformática seria implantada naquele município.
b) Um sistema tributário obsoleto não permite que haja conscientização dos contribuintes.
c) A prefeitura necessitava de que os computadores fossem instalados com urgência.
d) Ninguém tem dúvidas de que a microinformática racionaliza o sistema tributário.
e) Alguns prefeitos temiam que a utilização do computador gerasse desemprego.

477) (TRF) Indique a letra que corresponde a erro de natureza ortográfica ou gramatical ou alguma impropriedade vocabular.

Um dia, quem aparece no Sítio da Lagoa, onde(A) morávamos? O preto Sambola com o conspícuo(B) cavanhaque e a prosápia.(C) Vinha oferecer seus préstimos ao Dr. Pedro, que teve de dissuadí-lo(D), posto que na capital, onde agora vivia, aquelas funções não eram mais de uso e passou-lhe uns cobres para ajudar a persuasão.(E) (Mário Pedrosa, com adaptações)
a) A
b) B

c) C
d) D
e) E

478) (ANALISTA E INSPETOR – CVM) Marque o segmento do texto cuja pontuação é defeituosa.

a) Podem as velhas teorias explicar a Nova Economia?
b) O formidável desempenho da economia americana, sob o impacto das novas tecnologias, popularizou essa pergunta.
c) Entre os leigos, a resposta, óbvia, é não.
d) No último trimestre, os Estados Unidos cresceram em ritmo anual acima de 7%, quase um Brasil por ano.
e) O desemprego continua em queda, e pode ficar abaixo de 4%.

(Paulo Guedes, com adaptações)

479) (MT) Numere os fragmentos, ordenando-os de modo a constituírem um texto coeso e coerente. Assinale, em seguida, a seqüência numérica correta.

( ) E logo em seguida prevê e recomenda "políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos".
( ) A Constituição de 1988, que o Governo insiste mais em reformar do que em executar, é expressa na defesa do povo.
( ) No artigo 196, declara que "a saúde é direito de todos e dever do Estado".
( ) Logo, esse tipo de organização de serviços vincula a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios entre si para ação integrada e eficiente
( ) Se a União tem maior poder de comando e de recursos, fica, por isso mesmo, investida de mais responsabilidade na adoção das providências oportunas
( ) Em garantia do resguardo desse direito coletivo, o artigo 198 estipula que as ações e serviços públicos de saúde integram uma rede regionalizada e hierarquizada, constituindo um "sistema único".

(Josaphat Marinho – Correio Brasiliense – 25 de agosto de 1998)

a) 1, 3, 5, 4, 2, 6
b) 3, 1, 2, 5, 6, 4
c) 2, 4, 1, 3, 5, 6
d) 4, 2, 6, 1, 3, 5
e) 5, 6, 3, 2, 4, 1

480) (MPU) Assinale a substituição proposta para o termo correspondente sublinhado que provoca erro gramatical no texto.

As empresas **têm se preocupado**(1) cada vez mais com os chamados passivos ambientais, que **são caracterizados**(2) pelo conjunto de obrigações assumidas devido aos danos causados ao meio ambiente em função de atividades por elas desenvolvidas. Em geral, o passivo ambiental **é composto por**(3) obrigações resultantes da contaminação do solo, disposição inadequada de rejeitos industriais, incômodos de vizinhança e outros, **repercutindo**(4) negativamente na vida das empresas, seja nos aspectos econômicos, seja na própria imagem pública **ostentada**(5). (Paulo Bessa Antunes)

a) 1 − estão se preocupando
b) 2 − se caracterizam
c) 3 − compõem-se de
d) 4 − que repercutem
e) 5 − que ostentam

481) (AFRF) Se substituirmos a palavra sublinhada pela palavra entre parênteses não alteramos o sentido dos enunciados, exceto em:
a) É o que descrevemos nos cultos de procedência banto. (proveniência)
b) Torna-se difícil cindir magia e religião em suas origens. (fundir)
c) A forma de magia evocatória confunde-se com o próprio ritual religioso. (invocatória)
d) Alguns povos fazem distinção entre o sacerdote e o feiticeiro clandestino. (escuso)
e) Em geral, magia e ritual religioso se fusionam. (amalgamam)

482) (TRF) Assinale o item que contém erro de ortografia.
a) Na cultura oriental, fica desonrado para sempre quem inflinge as regras da hospitalidade.
b) Não conseguindo adivinhar o resultado a que chegariam, sentiu-se frustrado.
c) A digressão ocorreu por excesso de fatos ilustrativos em seu discurso.
d) Sentimentos indescritíveis, porventura, seriam rememorados durante a sessão de julgamento.
e) Ao contrário de outros, trazia consigo autoconhecimento e auto-afirmação.

483) (AFRF) Assinale a opção em que a pontuação está correta.
a) Nunca os países integraram, tão intensamente suas economias.
b) O novo mundo em construção é, acima de tudo, o da economia global e dos grandes conglomerados mundiais.
c) As grandes empresas mundiais, se estendem hoje pelos cinco

continentes, ignorando fronteiras, e jogando por terra as antigas barreiras nacionais.

d) Desde a Segunda Guerra Mundial, o comércio internacional, aumenta a uma taxa que é o dobro do crescimento do PIB global.

e) Esse é um mundo em que impera a liberdade econômica, e a busca pela eficiência extrema. Trata-se, sem meias palavras do triunfo do liberalismo.

(Adaptado de Exame)

(AFRF) Considere o texto para responder à questão 484.

Há muitos anos a Reforma Tributária brasileira vem sendo considerada como uma prioridade nacional, mas parece condenada a um eterno projeto. Apesar de haver consenso quanto a sua necessidade, a discussão não avança. Desde 1995, quando o governo encaminhou sua primeira proposta ao Legislativo, o tema é debatido e não se chega a uma conclusão. Todos concordam que o sistema tributário brasileiro é repleto de distorções e deficiências, porém, quando se aprofunda o debate, os conflitos de interesses aparecem, dificultando a aprovação do projeto.

(www.unafisco.org.br)

484) Em relação aos elementos que estruturam o texto, assinale a opção incorreta.

a) A expressão "vem sendo considerada" (l. 2) poderia, sem prejuízo para a correção gramatical do período, ser substituída por **tem sido considerada**.

b) A presença da preposição em "a um eterno projeto"(l. 3 e 4) é exigida pela regência da palavra "condenada"(l. 3)

c) Em "quanto a sua"(l. 5) o uso do sinal indicativo de crase é opcional.

d) Tanto em "se chega"(l. 8) como em "se aprofunda"(l. 11), o "se" indica indeterminação do sujeito.

e) Uma forma opcional de redação para o trecho seria a substituição da forma "dificultando"(l. 13) por **causando dificuldades para**.

485) (AFRF) Assinale a resposta correspondente à alternativa que complementa corretamente o espaço em branco.

Se a pesquisa cadastral.....conforme o prefeito....., o trabalho já.....

a) for feita − preveu − vai ser concluído
b) fosse feita − prevera − teria sido concluído
c) tivesse sido feita − havia previsto − estaria concluído
d) fosse feita − preveu − estaria concluído
e) tiver sido feita − preverá − será concluído

486) (AFC) Assinale a opção em que a flexão verbal constitui erro de construção sintática.

a) A luz elétrica aumentou o número de horas de trabalho, e as estradas de ferro permitiram que os produtos e as pessoas circularem muito mais fácil e rapidamente.
b) As invenções de maior impacto científico e social não são as que promovem necessariamente os maiores ganhos econômicos.
c) A prensa tipográfica, para alguns a invenção mais importante do milênio, teve pouco efeito mensurável sobre o crescimento da produção *per capita*.
d) Cientificamente falando, talvez a internet não seja tão significativa quanto a prensa, o telégrafo ou a eletricidade, mas seu impacto econômico é provavelmente muito maior.
e) Um dos motivos disso seria o fato de que o custo das comunicações nas tecnologias anteriores nunca caiu tanto quanto agora.

(O Estado de São Paulo, com adaptações)

487) (ICMS/SP) Os princípio da coesão e da coerência **não** foram violados em:

a) O Santos foi o time que fez a melhor campanha do campeonato. Teria, no entanto, que ser o campeão este ano.
b) Apesar da Sabesp estar tratando a água da represa de Guarapiranga, portanto o gosto da água nas regiões sul e oeste da cidade melhorou.
c) Mesmo que os deputados que deponham na CPI e ajudem a elucidar os episódios obscuros do caso dos precatórios, a confiança na instituição não foi abalada.
d) O ministro reafirmou que é preciso manter a todo custo o plano de estabilização econômica, sob pena de termos a volta da inflação.
e) Antes de fazer ilações irresponsáveis acerca das medidas econômicas, deve-se procurar conhecer as razões que, por isso, as motivaram.

488) (ICMS/SP) As formas verbais grifadas no trecho abaixo foram substituídas por outras. Assinale a alternativa em que essa permuta não compromete a coesão e a correta correlação de tempos e modos.

"Na melhor das hipóteses quem recebeu é obrigado a dar um (no mínimo) telefonema a quem mandou a correspondência."

a) recebia − foi − mandaria
b) recebesse − fosse − mandasse
c) recebia − era − mandara
d) recebe − será − mandaria
e) receberá − seria − mandava

489) (CONTADOR/RECIFE) Indique o trecho inteiramente correto quanto à grafia, concordância e regência.

a) Empresas de contabilidade e contabilistas permeam a vida brasileira. Estão presentes no cotidiano das empresas, sejam quais forem as suas atividades ou a sua localização.
b) A maioria das pessoas criou o esteriótipo do contador como aquele profissional que gasta a vida atrás de uma mesa atulhada de papéis e livros, fazendo um trabalho massante e pouco criativo.
c) As empresas de contabilidade são instrumentos poderosos de apoio as decisões empresariais, indicando direções, vislumbrando possibilidades e analisando decisões a ser tomadas.
d) A presença das empresas contábeis na economia brasileira não se deve, apenas, ao cumprimento de exigências burocráticas e legais, ditadas por uma legislação que tudo nivela e equipara.
e) Em vez do simples lançador de números, porém, o profissional de contabilidade é um acessor especialmente credenciado a subsidiar aos empresários e empresas.

(José Serafim Abrantes, "O papel da contabilidade no Brasil novo", O Estado de S. Paulo, 25/05/1990, com modificações)

490) (AFRF) Leia o texto abaixo e assinale a opção que corresponde a erro gramatical

Vale ressaltar que o relacionamento do Brasil com os organismos financeiros multilaterais e agências governamentais estrangeiros(1) visa, principalmente, à(2) captação de recursos para financiar projetos de desenvolvimento de infra-estrutura produtiva e social, programas de apoio a(3) ações voltadas para a modernização administrativa, fiscal e tributária, reformas setoriais mais abrangentes, e, adicionalmente, beneficiarem-se(4) da assistência técnica e do

assessoramento setorial especializado oferecidos(5) por essas entidades.

(Adaptado do Relatório e Parecer Prévio sobre as contas do Governo da República. 1997, p. 275)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

491) (OF. MANUT.−TJ/CE) Para fazer uma tonelada de papel, são derrubados vinte eucaliptos. **Embora seja** uma árvore própria para reflorestamento, o eucalipto demora sete anos para crescer.

O texto torna-se incorreto se substituirmos "Embora seja" por

a) Apesar de ser
b) Mesmo que seja
c) Ainda que seja
d) Por mais que seja
e) Por isso que sendo

492) (A. TÉCNICO–SUSEP) Em relação às estruturas do texto, assinale a opção correta.

> Ao contrário do que geralmente se pensa, a matéria do artista não se mostra informe: é historicamente formada e registra de algum modo o processo social a que deve a sua existência. Ao formá-la, por sua vez, o escritor sobrepõe uma forma a outra forma, e é da felicidade desta operação, desta relação com a matéria pré-formada – em que imprevisível dormita a história – que vão depender profundidade, força e complexidade dos resultados. São relações que nada têm de autoritário...
>
> (SCHWARZ, Roberto, Cultura e política, p. 80)

a) Em "se pensa"(l.1) o "se" é agente da passiva.
b) Em "se mostra"(l.2) o "se" indica indeterminação do sujeito.
c) Sem prejuízo para a correção gramatical, pode-se substituir "a que"(l.4) por **a qual**.
d) Em "formá-la"(l.5) o pronome enclítico "-la" está exercendo função coesiva ao se referir a "matéria"(l.2)

e) O sujeito da forma verbal "registra"(l.3) é "artista"(.2)

493) (A. TÉCNICO–SUSEP) Em relação ao texto da questão anterior, é incorreto afirmar que

a) a palavra "felicidade"(l.7) está sendo utilizada no sentido de **sucesso**.
b) o uso da preposição "da" antes de "felicidade"(l.7) deve-se à regência do verbo "depender"(l.9)
c) "em que"(l.8) corresponde por **na qual**.
d) a forma verbal "vão"(l.9) está no plural para concordar com o sujeito composto: "profundidade, força e complexidade dos resultados".
e) a palavra "imprevisível"(l.8), pela inversão sintática, funciona como substantivo.

Nas questões seguintes, marque o item sublinhado que apresenta erro gramatical ou de ortografia.

494) (TCE–RN) Acredito que a maior parte dos senhores sabe(A) que a Secretaria de Educação é gigantesca; por isso(B) se tem muita dificuldade de gerenciamento. É composta(C) por 1,3 milhões(D) de alunos. Esta quantidade de alunos é maior do que(E) a população de muitas capitais do Brasil.

a) A
b) B
c) C
d) D
e) E

495) (TCE–RN) Conforme a designação contida na(A) folha 377, comparecemos ao Órgão(B) para a execução dos trabalhos. Da análise realizada, consoante(C) aos critérios,(D) parâmetros e técnicas acima descritos,(E) identificamos os pontos seguintes.

a) A
b) B
c) C
d) D
e) E

496) (TCE–RN) Como disse, o iminente(A) secretário aqui se encontra para uma exposição, o que é mais uma prova de nosso trabalho. O Tribunal foi olhar, o Tribunal foi sentir o que existe na Administração, porque(B) não apenas aqui este(C) Tribunal trabalha e funciona. Ele tem uma "longa manus, através das auditorias e, por que(D) não, através dos próprios Srs. Conselheiros, desde que assim o(E) entendam e resolvam.

a) A
b) B
c) C
d) D
e) E

497) (AG.F.TR.EST.–PI)

O Governo está investigando todos os contratos de dívida externa de cerca de 8 mil empresas que tiveram seus débitos considerados pagos pelo Banco Central. Os técnicos querem saber se os débitos foram realmente liquidados ou repactuados. Algumas dessas operações podem ter sido contabilizadas de modo irregular ..... menos imposto.

(Itens adaptados de Renato Andrade)

Assinale o trecho que, ao ser inserido na lacuna, torna o período gramaticalmente incorreto.

a) para que se permitisse às empresas pagarem
b) para que às empresas fosse permitido pagar
c) de forma que as empresas pagassem
d) para permitirem as empresas pagarem
e) para permitir que as empresas pagassem

498) (AG.AUX.ARREC.TRIB.-PI) Em relação ao texto, assinale a opção incorreta.

A eticidade significa aquela esfera da sociedade em que a consciência moral já se concretizou, não na consciência solitária de um indivíduo que, arrogantemente, se atribui o direito de julgar sua comunidade, mas em normas, usos e instituições que dão, em cada caso concreto, soluções evidentes para os dilemas morais vividos por cada

indivíduo, sem que ele precise passar por dilaceramentos existenciais ou recorrer a procedimentos tão perigosos como o de julgar, a partir de seu foro interno, se determinada norma deve ou não ser considerada válida e ética. Essa é a essência do antiindividualismo moderno.

(Sérgio Paulo Rouanet, inÉtica)

a) Pode-se inferir do texto que eticidade"(l.1) é um neologismo que tem relação com a idéia de **etnia**.
b) Em "se atribui"(l.4) o "se" indica voz reflexiva.
c) "dilaceramentos"(l.10) está no sentido de **aflições**, **tormentos**.
d) A idéia de "foro interno"(l.12) corresponde a **juízo da própria consciência**, **julgamento íntimo**.
e) Em "antiindividualismo"(l.14 e 15)está implícita a idéia favorável às soluções coletivas.

499) (AG.TRIB.EST.–MS) Marque a palavra que pode substituir, no contexto, a palavra sublinhada, preservando o sentido do enunciado.

O lançamento do imposto pode ser <u>diferido</u> nas operações ou prestações com os produtos e serviços nominados no art. 44, I, na forma do Regulamento.

a) deferido
b) indeferido
c) antecipado
d) retardado
e) anulado

500) (AFRF) Marque a opção que preenche corretamente as lacunas.

Completamente excluídos das engrenagens de desenvolvimento da sociedade, os miseráveis são reduzidos_____ uma condição subumana. Seu único horizonte passa_____ser_____luta feroz pela sobrevivência. No lixão do Valparaíso,_____poucos quilômetros de Brasília,_____gente disputando os restos com os animais.

(Fonte: Revista VEJA, edição 1735)

a) à, a, a, há, há
b) a, à, à, há, a
c) a, a, a, a, há
d) à, a, a, à, há

e) a, à, à, há, a

501) (OF. MANUT.−TJ/CE) A expressão “ação germicida” corresponde à ação de
a) propagar germes
b) difundir germes
c) matar germes
d) atrair germes
e) esconder germes

502) (AFRF) Uma das características essenciais da boa administração pública é a certeza de suas decisões. Sabendo os cidadãos como e quando procede o poder administrativo, programam seguramente o cumprimento de seus deveres. Essa qualidade é tanto mais fundamental porque se multiplicam, no mundo moderno, as relações e as obrigações entre o setor público e o setor privado. Como o Estado tem o privilégio de impor ônus ao particular, e em prazos determinados, tanto mais deve agir com obediência a normas permanentes e conhecidas.

(Josaphat Marinho, Surpresas Tributárias, com adaptações)

Julgue os itens a respeito das estruturas lingüísticas do texto para, em seguida, assinalar a opção correta.

I. A forma verbal "procede" (l. 03) está empregada com o mesmo valor semântico que o do exemplo: Esse argumento não procede.
II. Para conferir maior clareza e inteligibilidade ao período, se a oração subordinada reduzida de gerúndio iniciada por "Sabendo os cidadãos..." (l. 03) fosse deslocada para depois de sua principal, o sujeito de ambas deveria aparecer claro na oração principal, não mais na subordinada.
III. O emprego da conjunção "Como" (l. 06), de valor comparativo, no início da oração, faz realçar o sujeito sintático, "o Estado" (l. 06).
IV. Pela ausência do sinal indicativo de crase, entende-se que em "a normas permanentes" (l. 08) existe apenas a preposição a.

Estão corretos apenas os itens:
a) I e II
b) I, II e IV
c) II e IV
d) II, III e IV
e) III e IV

503) (AFRF) Indique a letra que completa com correção e com coerência as lacunas do trecho abaixo, pela ordem de aparecimento.

Diante do aumento da população de idosos, a sociedade brasileira começa a tomar consciência de que a questão exige uma política social imediata e enérgica, que permita não só.....e.....condições de sobrevivência, mas.....à comunidade e à força produtiva,..... a completa dimensão de cidadania.

a) sustentá-los, fornecer-lhes, inserir-lhes, restituindo-lhes
b) ampará-los, dar-lhes, reintegrá-los, devolvendo-lhes
c) asilá-los, garantir-lhes, recolhê-los, subtraindo-lhes
d) acolher-lhes, garantir-lhes, introduzi-los, recambiando-lhes
e) assisti-los, prover-lhes, readmiti-los, alijando-lhes

504) (A. PLAN. ORÇ.)

Embora, desde 1983, tenham sido criados diversos programas de assistência e de recuperação dos bancos estaduais, a maioria destes continuou a conviver com dificuldades operacionais e patrimoniais, as quais acabaram ampliando o nível de desequilíbrio das contas públicas. A questão do desequilíbrio financeiro e patrimonial desses bancos é de natureza estrutural e vinha desafiando diferentes administrações do governo federal e dos governos estaduais.

(Textos adaptados de Paulo Haddad)

Assinale a única opção que é <u>inadequada e incorreta</u> como seqüência sintática para o texto.

a) Um de seus maiores problemas vinha sendo o excesso de agências deficitárias mantidas em operação sob argumentos políticos, inconsistentes e precários.
b) A concentração de operações de crédito apenas com governos e suas empresas foi um dos fatores que acentuou de forma crítica a fragilidade dessas instituições.
c) Observou-se que um dos problemas freqüentes nesses estabelecimentos era o dos empréstimos ao setor privado com precária análise de risco.
d) A desprofissionalização da alta administração como mecanismo de sustentação de interesses políticos clientelísticos intensificou a crise dessas instituições
e) Observando anéis burocráticos que tornam insólitas muitas práticas de

créditos e de financiamentos e quando emperram o fluxo de circulação desejável.

505) (AUD. TRIB. MUN.–FORTALEZA) Indique a seqüência que preenche corretamente as lacunas

O nepotismo, o filhotismo, a lisonja, a corrupção e outros vícios foram sempre inseparáveis ..... critério de nomeação e promoções, em maior ou menor escala, nos diversos países. Quem ler a "Arte de Furtar", escrita no século XVII, poderá colher impressões melancólicas sobre os costumes administrativos de Portugal, inevitavelmente transmitidos ao Brasil nos tempos coloniais. Em ..... período monárquico, ... despeito do esforço moralizador de Pedro II e de alguns estadistas da época, os cargos públicos, ainda ..... de natureza estranha ..... política ou ..... imediata confiança dos governadores, eram, de modo geral, a paga ..... dedicações partidárias ou pessoais.

(Aliomar Baleeiro)

a) do, todo, à, que, à, a, pelas
b) do, todo o, a, quando, à, à, das
c) ao, cada, à, se, à, à, pelas
d) ao, todo o, à, que, à, à, às
e) do, qualquer, à, quando, a, a, a

506) (TRF) Os enunciados seguintes constituem um texto. Assinale o que foi transcrito com <u>erro</u> de sintaxe.

a) Nos últimos cinco anos, a arrecadação registrou um crescimento de 32% em termos reais. Deixando a inflação de lado, pulou de 63 bilhões de reais para 139 bilhões.
b) Também houve aperto em instituições e pessoas que nunca se assustaram com o rugido do velho Leão.
c) A notícia ganha mais visibilidade quando se sabe que o salto não se deve apenas no aumento dos impostos.
d) Em uma operação de fiscalização neste ano, a Receita cravou uma multa de 10 bilhões de reais em uma dezena de grandes bancos e em várias instituições financeiras que fraudaram o Fisco.
e) É quase cinco vezes mais que toda a arrecadação gerada pelo setor ao longo de doze meses.

(Veja, edição 1946)

(AG. TRIB. EST.–MS) Nas questões 507 a 510, marque a palavra, a seqüência ou o sinal e pontuação sublinhado, que foi mal empregado.

507) O desatendimento(A) das normas regulamentares,(B) enseja a cobrança imediata do imposto, atualizado monetariamente e acrescido de multa e dos juros incidentes(C), desde a data da remessa da mercadoria ou bem(D), inclusive no caso de venda no mercado interno da mercadoria destinada à(E) exportação.

a) A
b) B
c) C
d) D
e) E

508) Vivemos um período de adversidade,(A) mas contamos com o apoio de uma política econômica adequada para contorná-lo(B). Prova disso é a atuação do Banco Central no câmbio, que mantêm(C) também os juros sob(D) controle. No passado, víamos os juros subirem(E) de 15% a 45% de uma só vez.

(Fernando Xavier Ferreira, adaptado)

a) A
b) B
c) C
d) D
e) E

509) Três fatores condicionam hoje o panorama nacional:(A) a crise argentina, a crise de energia e as incertezas políticas. A persistência desses(B) quadros reduzem(C) o ritmo de crescimento do país de 4% para cerca de 2% ao ano(D) e deixa o mercado cambial mais instável(E).

(Geraldo Carbone, adaptado)

a) A
b) B
c) C
d) D
e) E

510) Creio que o aspecto mais relevante e inesperado do atual momento é a resposta da sociedade civil à crise energética.(A) Isso mostra que a capacidade de mobilização do povo,(B) diante de um desafio real é muito maior do que se imaginava(C). Esse fato nos enche de esperança porque

pode ser aproveitado pelas lideranças políticas para promover melhorias(D) nas condições de vida da população. Afinal, crises comparáveis à da energia elétrica(E) existem na educação, na saúde, na segurança e no funcionamento da máquina administrativa.

(Sérgio Andrade, adaptado)

a) A
b) B
c) C
d) D
e) E

511) (AFRF) Marque a opção que não constitui paráfrase do segmento abaixo:

"O abolicionismo, que logrou pôr fim à escravidão nas Antilhas Britânicas, teve peso ponderável na política antinegreira dos governos britânicos durante a primeira metade do século passado. Mas tiveram peso também os interesses capitalistas, comerciais e industriais, que desejavam expandir o mercado ultramarino de produtos industriais e viam na inevitável miséria do trabalhador escravo um obstáculo para este desiderato.

(P. Singer, a formação da classe operária, São Paulo, Atual, 1988, p. 44)

a) Na primeira metade do século passado, a despeito da forte pressão do mercado ultramarino em criar consumidores potenciais para seus produtos industriais, foi o movimento abolicionista o motor que pôs cobro à miséria do trabalhador escravo.
b) A política antinegreira da Grã-Bretanha na primeira metade do século passado foi fortemente influenciada não só pelo ideário abolicionista como também pela pressão das necessidades comerciais e industriais emergentes.
c) Os interesses capitalistas que buscavam ampliar o mercado para seus produtos industriais tiveram peso considerável na formulação da política antinegreira inglesa; mas, teve-o também a consciência liberal antiescravista.
d) Teve peso considerável na política antinegreira britânica, o abolicionismo. Mas as forças de mercado tiveram também peso, pois precisavam dispor de consumidores para seus produtos.
e) Ocorreu uma combinação de idealismo e interesses materiais, na primeira metade do século XIX, na formulação da política britânica de oposição à escravidão negreira.

512) (MT) Escreva diante de cada texto, adaptado de Hélio Maranhão, o número do par de operadores lógicos abaixo que preenchem corretamente as lacunas. Assinale, em seguida, a letra da seqüência numérica correta.

( ) A divisão do Direito conhecida sob o título — Direito do Trabalho — tem por objeto a exposição de princípios e normas de direito que regem as relações de trabalho subordinado,_____, do trabalho prestado por uma pessoa a outra sob a dependência desta. Exclui-se, _____, o trabalho autônomo ou independente.

( ) A denominação — Direito do Trabalho — tem, hoje, o apoio quase unânime dos autores que tratam das relações de trabalho subordinado. Superadas estão, _____, as antigas denominações de Direito Industrial e Direito Operário, restritivas,_____ o Direito do Trabalho se aplica aos empregados de todas as categorias.

( ) _____as nações hoje em pleno desenvolvimento tenham feito uma revolução industrial sem respeitar o Direito do Trabalho, o quadro dramático da exploração humana não é mais tolerável nos dias que correm. A elevação do valor ético do trabalho humano é, _____, uma conquista definitiva da civilização.

( ) O trabalho subordinado não engendra, apenas, as relações fundamentais que vinculam as duas partes individualmente,_____ origina, também, relações entre os assalariados no seio da empresa onde trabalham, _____ nas associações profissionais e sindicatos.

( ) A introdução da máquina, criando nova técnica de produção, reduziu, socialmente, a importância relativa do trabalho. O trabalhador continuou a ser solicitado, _____ anonimamente, em massa. Deixou, _____, de ser necessário como no tempo do artesanato, por sua habilidade individual.

( ) Com a expansão econômica decorrente da Revolução Industrial, os quadros do Direito comum, individualista, tornaram-se, _____, insuficientes para compor os conflitos de interesses resultantes das relações de trabalho subordinado. _____ ter surgido um novo sistema legislativo e um novo ramo do Direito — o Direito do Trabalho.

(1) ASSIM / PORQUE
(2) MAS / OU
(3) ISTO É / POIS
(4) CONQUANTO / DECERTO
(5) POIS / DAÍ
(6) PORÉM / PORTANTO

A seqüência numérica correta é:

a) 5, 1, 3, 2, 4, 6
b) 6, 1, 3, 4, 2, 5
c) 3, 1, 4, 2, 6, 5
d) 4, 2, 1, 3, 6, 5
e) 2, 6, 1, 4, 5, 3

513) (AFRF) Marque o segmento do texto que foi transcrito com erro gramatical.

a) Em recente acórdão, proferido no AG nº 96.01.01984-7/DF, ajuizado contra decisão que, em processo executivo, homologou cálculos de atualização de dívida da Fazenda Pública decorrente de condenação em reclamação trabalhista, não conheceu do recurso a Primeira Turma Suplementar do Tribunal Regional Federal da 1ª Região.

b) Este o único fundamento do julgado: "...na sistemática processual trabalhista inexiste recurso contra sentença homologatória de cálculos de liquidação, porque a CLT, em norma clara e objetiva, composta nos parágrafos 3º e 4º do seu artigo 844, prevê, com exclusividade, o instituto dos embargos para impugnação de ato jurisdicional de tal jaez.

c) Incorreu, data vênia, o ato decisório ora analisado em dois grandes e manifestos equívocos.

d) O primeiro deles é confundir "cálculos de atualização" do valor do título exeqüendo com "liquidação da sentença".

e) Na atual sistemática processual civil, essa atualização, depois de tornada certa o valor da condenação, ainda que decorrente de conta elaborada pelo exeqüente, não constitui uma "liquidação": no curso de processo executivo, tem a natureza de questão incidente deste.

(Baseado em Diomar Bezerra Lima)

514) (AFRF) Assinale a opção em que o trecho apresenta-se coeso, coerente e gramaticalmente correto.

a) O problema atual dos direitos do homem não é mais justificar-lhes ou enunciá-los, mas protegê-los, buscar as condições, os meios para realizá-los e, efetivamente, desfrutá-los. Trata-se, portanto, de passar a ação, ou seja, de um problema político.

b) Pelo princípio da igualdade material o Estado tem obrigação de intervim e retificar a ordem social, a fim de remover as mais profundas e perturbadoras injustiças sociais.

c) A igualdade e a justiça são a base para a justiça fiscal que são componentes da justiça social.

d) Diante desse preceito maior, a distribuição dos gastos para a manutenção do Estado, ou seja, a parcela com que cada indivíduo vai contribuir para essas despesas, deve alcançar a todos os cidadãos que se acham na mesma situação jurídica, sem privilegiar indivíduos ou classes sociais.

e) Portanto, o princípio da igualdade leva ao princípio da generalidade da tributação, pois o sacrifício econômico e financeiro que o contribuinte deve suportar precisam ser iguais para todos os que se encontram na mesma situação. A lei tributária deve ser igual para todos e a todos deve ser aplicada com igualdade.

(Adaptado de www.unafisco.org.br)

515) (AFRF) Marque o conjunto que apresenta uma concordância nominal não compatível com a norma padrão.

a) Atitudes e gestos belicosos
Belicosas atitudes e gestos

b) Amor e ira eternos
Eterna ira e vingança

c) Os preocupados pai e mãe
Os famosos Machado e Alencar

d) Seguem em anexo as fotos.
Seguem anexas as fotos.

e) Os candidatos não eram nenhum bobocas.
Não votaram em candidato nenhum.

516) (AFRF) Leia o trecho abaixo e identifique a opção que faz correspondência incorreta entre as duas colunas.

"Ainda quando a vida mais não fosse que a urna de saudade, o sacrário da memória dos bons, isso bastava para a reputarmos um benefício celeste, e cobrirmos de reconhecimento a generosidade de quem no-la doou." (Ruy Barbosa)

Termos destacados	Função sintática na frase
a) a	objeto direto
b) um benefício celeste	predicativo do objeto direto
c) a generosidade	objeto direto
d) quem	objeto indireto
e) no	objeto indireto

517) (AFRF) Assinale o item que está de acordo com a norma culta da língua escrita.

a) Ficou claro, em uma pesquisa da AT Kearney, divulgada há uma semana, a preocupação dos investidores em relação a maior economia do mundo, a qual antes se limitava aos mercados emergentes. Segundo as pesquisas, as contas externas do Brasil registram déficit em transações correntes de US$ 3 bilhões, que pode ser bancado pela entrada de US$ 15 bilhões de investimentos estrangeiros diretos.

b) Para os membros da Comissão de Assuntos Econômicos do Senado (CAE), a qual os acordos internacionais são submetidos, cabe ao Brasil novas solicitações de empréstimos ao Fundo Monetário Brasileiro se este retirar do superávit primário os investimentos das empresas públicas e der prioridade ao crescimento da economia.

c) Um dos senadores integrantes da CAE manifestou-se contra qualquer acordo com o FMI e a favor de uma auditoria na dívida externa brasileira, haja vista os pagamentos já feitos corresponderem a valor superior ao que o Brasil devia aos credores.

d) Resta ainda, segundo alguns senadores, os necessários recuos do FMI em sua posição de impedir investimentos de instituições como BNDES, Caixa Econômica Federal e Banco do Brasil. Para eles, deve existir mudanças nessas regras. Caso contrário, consideram inadequado, sob qualquer pretexto, a renovação do acordo.

e) O Fundo Monetário Internacional deixou de disciplinar a paridade das moedas, cuja a função foi criada há 59 anos para contentar-se com o craxá de auditor de confiança dos bancos credores nas contas e nos planos dos governos devedores, sem entrar no mérito do formato, do conteúdo e da seqüela dessa assistência.

(Adaptado de O Globo, 21/9/2003)

518) (OF. MANUT.−TJ/CE) Muitas tragédias estão relacionadas a acidentes com resíduos e gases tóxicos. ..... tais acidentes são previsíveis e podem ser evitados com medidas de segurança adequadas ao ambiente.
Assinale a opção incorreta para preencher a lacuna.
a) Entretanto
b) Embora
c) No entanto
d) Todavia
e) Mas

519) (AFRF) Em relação aos elementos que constituem a coesão do texto abaixo, assinale a opção correta.

O caráter ético das relações entre o cidadão e o
poder está naquilo que limita este último e,
mais que isso, o orienta. Os direitos humanos,
em sua primeira versão, como direitos civis,
5 limitavam a ação do Estado sobre o indivíduo,
em especial na qualidade que este tivesse, de
proprietário. Com a extensão dos direitos hu-
manos a direitos políticos e sobretudo sociais,
aqueles passam – pelo menos idealmente –
10 a fazer mais do que limitar o governante: de-
vem orientar sua ação. Os fins de seus atos
devem estar direcionados a um aumento da
qualidade de vida, que não se esgota na lin-
guagem dos direitos humanos, mas tem nela,
15 ao menos, sua condição necessária, ainda que
não suficiente.
(Renato Janine Ribeiro, Fronteiras da Ética,
São Paulo: Senac, 2002, p. 140)

a) Em "o orienta" (*l.* 3), "o" refere-se a "cidadão" (*l.* 1).
b) Em "este tivesse" (*l.* 6), "este" refere-se a "Estado" (*l.* 5).
c) Em "aqueles passam" (*l.* 9), "aqueles" refere-se a "direitos políticos" (*l.* 8).
d) "sua ação" (*l.* 11) e "seus atos" (*l.* 11) remetem ao mesmo referente: "proprietário" (*l.* 7).
e) "sua condição" (*l.* 15) refere-se a "um aumento na qualidade de vida" (*l.* 12 e 13).

520) (TRF) Julgue os itens a respeito do emprego das palavras e dos sinais de pontuação do texto, para, em seguida, marcar a opção correta.

A secular luta da mulher pela realização profissional enfrenta também, a negligência do registro histórico de suas conquistas, por muitos historiadores. Sob esse aspecto, não
5 apenas as realizações das mulheres, mas também as de qualquer grupo menos privilegiado, acabem sempre sepultadas no silêncio da história ou, o que é pior, na sua má versão. Quantos de nós conhecem a história de
10 seu próprio povo escrita sob a visão dos menos privilegiados ou mesmo dos vencidos? No particular da mulher, cuja discriminação é de âmbito quase universal, são também raras as interpretações de libertação.

(Eliane Azevedo & Cristina Fortuna. Ciência e Cultura, revista da SBPC. novembro de 1989, com adaptações)

Para que o texto fique gramaticalmente correto, é obrigatória a seguinte alteração:

I. a vírgula após "também" (*l.* 2) deve ser retirada.
II. a forma verbal "acabem" (*l.* 7) deve ser substituída por **acabam**.
III. a forma verbal "conhecem" (*l.* 9) deve ser substituída por **conhecemos**.
IV. o ponto de interrogação (*l.* 11) deve ser substituído por vírgula.
V. deve ser inserida a preposição **de** antes do pronome "cuja" (*l.* 12)

Estão corretos apenas os itens:

a) I e II
b) I, II e III
c) II e III
d) II, III e IV
e) III, IV e V

521) (AFRF) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

A economia lida com o problema_____usar de maneira mais eficiente possível todos os recursos disponíveis de um país,_____alcançar o nível mais alto possível de satisfação da procura ilimitada da

sociedade por bens e serviços. O objetivo máximo da economia é satisfazer as necessidades humanas de produtos. A questão é que,_____as necessidades sejam praticamente ilimitadas, os recursos (naturais, mão-de-obra, capital e tecnologia) são escassos.
(Adaptado de EnciclopédiaCompacta de Conhecimentos Gerais – Isto É – p. 204e 205)

a) de como / de modo a / embora
b) de / de qual / desta forma
c) como / para / assim
d) de que / em que / para que
e) por que / porque / enquanto

522) (TRF) Indique a opção que completa com correção gramatical e com coerência as lacunas do texto abaixo.

O Estado cresceu em termos de pessoal e, principalmente, em termos de receita e despesa. Em muitos países, os servidores públicos, excluídos os trabalhadores das empresas estatais, correspondem_____ 10 a 20 por cento da força de trabalho,_____no início do século XX essa proporção estava próxima de 5 por cento. As despesas do Estado, por sua vez,_____nesse período: nos últimos trinta anos____, variando entre 30 e 50 por cento do PIB. Naturalmente, esse processo de crescimento ocorria ao mesmo tempo em que_____as funções do Estado, principalmente na área social.
(Luiz Carlos Bresser Pereira, com adaptações)

a) a cerca de / enquanto / multiplicaram-se / dobraram / se ampliavam
b) acerca de / quando / multiplicar / dobraram-se / ampliava-se
c) cerca de / quanto / multiplicaram / dobravam-se / se ampliava
d) em cerca de / em quanto / se multiplicava / dobrou / ampliavam
e) de cerca de / por quanto / multiplicavam / dobravam-se / ampliava

523) (AFRF) Assinale o item em que são atendidas as prescrições gramaticais da língua culta escrita.

a) O Banco Mundial (Bird) constatou que grande parte dos países gasta mal os recursos que investe no social e, assim, as Metas de Desenvolvimento do Milênio – que prevêm a redução da pobreza a metade até 2015 – correm risco de não ser alcançadas.
b) Grandes melhoras nas condições humanas, conforme adverte o Bird, só vai

acontecer se as camadas de renda mais baixas da população tiverem acesso a serviços essenciais. Embora renda e desempenho dos indicadores sociais estejam fortemente associados, o relatório do Bird garante que seria necessário, para que os países de baixa renda atinjam as metas, taxas altas de crescimento econômico.

c) Impressionou ao Banco Mundial o fato de que 56% dos estudantes brasileiros esteja no nível um (o mais baixo entre os cinco níveis da escala usada pelo Bird) de leitura, enquanto nos países da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), a média é de 18%.

d) A economista sênior do Banco Mundial evitou polemizar sobre o assunto, mas disse que, embora hajam experiências de sucesso em Cuba, falta por lá o acesso da população ao governo. O que o banco considera uma das perdas fundamentais do processo de ampliação do acesso aos servidores para os pobres.

e) Para o Bird, não adianta gastar mais se não forem feitas reformas nas instituições que prestam serviço à comunidade, de modo que se passe a dar foco maior à população mais pobre. O relatório dá a entender que se aplicam mal verbas na área de saúde e de educação e desperdiçam-se os recursos.

524) (AFRF) Julgue se as substituições sugeridas para elementos do texto provocam erro gramatical.

A partir do próximo ano, a Receita Federal exigirá dos contribuintes mais informações sobre a compra e venda de bens. Esses dados serão cruzados com o cadastro do fisco para flagrar quem tenta sonegar tributos. Técnicos da Receita Federal devem acrescentar novas perguntas ao formulário da declaração do Imposto de Renda de Pessoa Física (IRFP) no ano que vem ou mudar ou mudar o enfoque de algumas delas. O objetivo é coletar informações mais precisas para serem cruzadas com outros bancos de dados em poder da Receita, como os cadastros enviados por cartórios de imóveis, incorporadoras, imobiliárias, bancos e administradoras de cartão de crédito, além dos números contidos nas declarações de renda de terceiros. Quem omitir informações ou fornecer dados errados, movido por boa ou má-fé, poderá ter dois problemas: ficar no final da fila de restituição do imposto ou ser convocado a dar explicações pessoalmente. Das entregues em 2002, cerca de 597 mil declarações ficaram retidas na malha fina. A finalidade das mudanças é aperfeiçoar ainda mais os cruzamentos com os dados fornecidos por terceiros. Em 2003, a Receita passou a cruzar dados dos contribuintes com informações prestadas por imobiliárias, incorporadoras e administradoras de cartão de crédito. A cada ano, fica mais difícil enganar o fisco.

(*Adaptado de Lauro Rutkowski, Correio Brasiliense, 09/09/2003*)

I. tenta sonegar → buscando sonegar
II. devem acrescentar → deverão acrescentar
III. serem cruzadas → que sejam cruzadas
IV. poderá ter → poderia ter
V. ficaram retidas → estão retidas
VI. passou a cruzar → já cruza

Estão gramaticalmente corretas as substituições sugeridas em

a) I, II e III
b) I, III e IV
c) II, III e IV
d) II, III, V e VI
e) III, IV. V e VI

525) (AFRF) Indique o item em que todas as palavras estão corretamente empregadas e grafadas.

a) A pirâmide carcerária assegura um contexto em que o poder de infringir punições legais a cidadãos aparece livre de qualquer excesso e violência.
b) Nos presídios, os chefes e subchefes não devem ser exatamente nem juízes, nem professores, nem contramestres, nem suboficiais, nem "pais", porém avocam a si um pouco de tudo isso, num modo de intervenção específico.
c) O carcerário, ao homogeinizar o poder legal de punir e o poder técnico de disciplinar, ilide o que possa haver de violento em um e de arbitrário no outro, atenuando os efeitos de revolta que ambos possam suscitar.
d) No singular poder de punir, nada mais lembra o antigo poder do soberano iminente que vingava sua autoridade sobre o corpo dos supliciados.
e) A existência de uma proibição legal cria em torno dela um campo de práticas ilegais , sob o qual se chega a exercer controle e aferir lucro ilícito, mas que se torna manejável por sua organização em delinqüência.

(*Itens adaptados de Michel Foucaut*)

(AFC) Nas questões 526 e 527, marque o item sublinhado que representa impropriedade vocabular, erro gramatical ou ortográfico.

526) A sociedade de massas buscou debalde(A) um sucedâneo(B) para o sistema representativo de tradição liberal do Ocidente, proclamando pelas vias ideológicas do extremismo(C) das décadas de 20 e 30 a falência dos parlamentos, confundidas(D) com o fim do liberalismo burguês do século passado; a proposta era substituí-los(E) pela representação do modelo corporativista soviético.

(Baseado em texto de Paulo Bonavides)

a) A
b) B
c) C
d) D
e) D

527) Em vista da crescente conscientização sobre a necessidade de preservar o patrimônio cultural, tem havido muitas discussões sobre a proteção da área do entorno(A) ou do envoltório(B) do bem imóvel tombado. Há, principalmente, divergências quanto à sua(C) dimensão adequada ou ideal e ao momento que(D) passa a ser protegida.(E)

a) A
b) B
c) C
d) D
e) E

GABARITO

458 C	470 C	482 A	494 D	506 C	518 B
459 B	471 C	483 B	495 D	507 B	519 E
460 E	472 A	484 D	496 A	508 C	520 A
461 C	473 C	485 C	497 D	509 C	521 A
462 E	474 A	486 A	498 A	510 B	522 A
463 C	475 B	487 D	499 D	511 A	523 E
464 C	476 A	488 C	500 C	512 C	524 D
465 B	477 D	489 D	501 C	513 E	525 B
466 B	478 E	490 D	502 C	514 D	526 D
467 C	479	491 E	503 B	515 E	527 D
468 A	480 C	492 D	504 E	516 D	
469 B	481 B	493 E	505 B	517 C	

COMENTÁRIOS

458) Letra C

Questão de sinonímia. **Zênite**, palavra usada normalmente em Astronomia, no texto tem valor conotativo de ápice, ponto mais elevado.

459) Letra B

A palavra **a** da expressão "a espiral" é artigo definido (espiral é substantivo), e sua função sintática é adjunto adnominal. Já em "a precipite", **a** é pronome oblíquo, e sua função é objeto direto (precipitar alguma coisa).

460) Letra E

Almejardes, na opção **e**, é forma verbal na segunda pessoa do plural (vós). Assim, as formas do imperativo, que seguem, estão erradas. Essa pessoa do imperativo afirmativo sai do presente do subjuntivo menos a letra **s**. Assim, temos: ides − ide (vós) e conviveis − convivei (vós). A frase seria, então: "Se almejardes o saber, ide aos livros e convivei com os sábios".

461) Letra C

A única frase que pode iniciar um texto é a terceira, que vai ganhar, então, o número **1**. Observe que só as opções **b** e **c** servem, a princípio, como resposta; as outras podem ser eliminadas. Note o emprego da palavra **disso** (segunda frase), que se refere à soma dos poderes públicos. O **por isso** da última frase faz a ligação com a segunda. Chega-se, sem muito problema, à numeração 5, 2, 1, 4, 3, que encontramos na opção **c**.

462) Letra E

A palavra **lhes**, por um processo coesivo, tem como referente no texto a expressão **ciência geográfica**, que é singular. Assim, o certo é **lhe**. Mas a questão tem um problema: a palavra **isto**. O ideal, segundo a maioria das gramáticas, é empregar o pronome **isso**, pois se trata de relacionamento com algo passado. Muitos escritores, hoje em dia, não ligam muito para essa regra, e a melhor resposta acaba sendo a letra **e**. Mas, com certeza, cabe recurso nesta questão.

463) Letra C

A expressão **Ainda a pouco** contém erro porque existe nela uma nítida idéia de tempo decorrido, cabendo então o verbo **haver**. O certo é "Ainda há pouco".

464) Letra C

Na 4ª lacuna, não poderia ser usado **à** porque não há crase antes de verbo. Em todas as outras, a simples troca por um masculino resolve a questão. Aparecendo **ao**, usa-se **à**, não parecendo, emprega-se **a**. Pela ordem, vamos fazer as trocas: o visível empenho, o apelo, ao aparecimento, o mesmo valor, o despropósito, o apelo, o combate, ao pensamento.

465) Letra B

Questão de coerência, que pede apenas um pouco de atenção. O ideal é pegar letra por letra e usar todas as palavras na frase, com paciência. Assim, uma acaba eliminando a outra. Não há regras, na realidade, para esse tipo de questão. Observe que "os mesmos de sempre" são os que sempre se beneficiam de alguma forma daquilo que o governo procura fazer para o cidadão, o que deixa as três últimas opções incoerentes (eles são exceção na sociedade, não são a regra). A palavra **improdutiva**, da letra **a**, é a única negativa em relação a uma reforma sabidamente de caráter positivo, o que elimina também essa opção. Assim, a resposta acaba sendo a letra **b**.

466) Letra B

O **a** diante do pronome **que** é somente preposição, exigida pelo verbo **referir-se**. A seguir, podemos usar o macete da troca pelo masculino, que trará **ao** em todas as lacunas: ao abuso, ao crime, ao desenvolvimento.

467) Letra C

Na opção **a**, temos a repetição da preposição **de**. Na **b e** na **e**, além do mau emprego dos pronomes, saltam aos olhos os erros de concordância. Na **d**, usou-se a preposição **em**, que o verbo não pede. Na realidade, **cuja demanda** (sem preposição) é o sujeito de **depende**, que pede a preposição **de**, usada diante de **o crédito**, seu objeto indireto.

468) Letra A

Nas alternativas **b**, **c** e **e**, encontramos inversões que comprometem a imediata compreensão do texto. A alternativa **d** está incompleta: falta-lhe o verbo da oração principal. A letra **a** é clara, direta, compreensível.

469) Letra B

Cerca de significa **aproximadamente**; **acerca de** é o mesmo que **sobre**. Na opção **b**, entende-se "Discursou sobre (ou a respeito de) o programa...". Assim, o certo é escrever **acerca de**.

470) Letra C

O erro é a utilização da preposição **a** diante de **cujos**. Nada pede essa preposição, com a agravante de que o pronome **cujos** pertence ao sujeito da oração: "cujos direitos legais os resguardam...". Ou seja: os seus direitos legais os resguardam.

471) Letra C

Viver em uma ditadura é viver **sob** uma ditadura, e não **sobre**. **Sob**, aqui, traz uma idéia de subjugação (veja o sub desta palavra).

472) Letra A

Questão de interpretação e gramática. No último período do texto, lê-se: "A conjuntura mundial torna difícil o cenário usual, que era a rigorosa repressão ante o avanço de reivindicações populares". Ou seja, não há clima que favoreça a repressão de movimentos populares.

473) Letra C

A expressão **nem...nem**, formada com termos correlatos, indica exclusão, e não inclusão, como pede o sentido do texto.

474) Letra A

Com um pouco de atenção, nota-se que, na primeira lacuna, só pode ser usada uma forma verbal, e não um adjetivo. O sujeito dessa forma verbal é "os softwares de texto, imagem e vídeo". Se pusermos um adjetivo para concordar com **informática**, o período ficará quebrado, sem o verbo da oração principal. Assim, podemos eliminar logo três opções. As palavras que seguem ao verbo **germinaram**, na opção **d**, são totalmente despropositadas.

475) Letra B

A expressão **quase sempre**, intercalada, pede duas vírgulas (2 e 3). **Ao invés de recuperar**, também intercalada, pede duas vírgulas (4 e 5). Depois, essa expressão vai-se repetir, pedindo, após ela, uma vírgula (7 e 9). Para que se tenha uma pausa maior, deve-se usar um ponto-e-vírgula antes das expressões (6 e 8) , ou teremos no texto um

acúmulo impressionante de vírgulas. O ponto-e-vírgula corresponde a uma pausa maior, que costuma acontece quando já há vírgulas na frase.

476) Letra A

Na alternativa **a**, a oração subordinada iniciada por **que** é, aparentemente, objetiva direta. Acontece que o verbo **decidir** é transitivo direto, mas está sendo usado com a partícula apassivadora **se**. Dessa forma, a oração "que a microinformática seria implantada naquele município" é o sujeito da primeira, e não o objeto direto.

477) Letra D

Erro de acentuação gráfica. O verbo **dissuadir** está empregado com pronome enclítico: dissuadi-lo. Retira-se o pronome **lo** e encontra-se **dissuadi**, palavra oxítona terminada em **i**. O i não pertence à regra das oxítonas. Assim, está errado escrever dissuadí-lo.

478) Letra E

A banca foi rigorosa nesta questão. A oração iniciada por **e**, na última alternativa, tem o mesmo sujeito da oração anterior, não se justificando, assim, a vírgula. Eu disse "rigorosa" porque hoje já há alguma abertura para isso, principalmente em frases mais longas. A própria Esaf inúmeras vezes aceitou tal pontuação. Daria para recorrer, mas, de qualquer forma, só pode ser ela a resposta, porque as outras estão intocáveis.

479) Letra B

A única frase que pode iniciar um texto é a segunda: "A Constituição de 1988...". Dessa forma, o gabarito só pode ser a letra **b**, pois apenas nessa opção o número **1** aparece em segundo lugar, correspondendo à sua colocação no grupo de frases. Você não precisa sequer "quebrar a cabeça" para colocá-las em ordem. Macete bom, não é mesmo?

480) Letra C

Em "é composto por" o verbo está no singular para concordar com o sujeito "o passivo ambiental". Ao se fazer a troca, usou-se o verbo **compor** no plural, **compõem-se**, o que não tem cabimento, já que sujeito e verbo devem concordar. Cuidado para não confundir − e esse foi o perigo da questão − com a forma do singular: **compõe**.

481) Letra B

Questão de vocabulário, indiscutível. **Fundir** não é sinônimo de **cindir**. Aliás, são antônimos.

482) Letra A

Existem em português os verbos **infringir** e **infligir**, significando, respectivamente, **desrespeitar** e **aplicar**. Na questão, foi usada a forma equivocada **inflingem**, que não

existe. Na opção **e**, aparece o prefixo **auto**, que pede hífen antes de **vogal**, **h**, **r** e **s**. Por isso, apenas **auto-afirmação** tem hífen.

483) Letra B

Na opção **a**, falta uma vírgula depois de **intensamente** (ou, então, pode-se retirar a que foi empregada). Na **c**, a primeira e a terceira vírgulas devem ser suprimidas. Na **d**, deve-se retirar a vírgula após **internacional**. Na **e**, está errada a primeira vírgula; depois, falta uma vírgula após **palavras** (também se corrige apenas retirando a que foi empregada).

484) Letra D

O **se** que aparece em "e não se chega a uma conclusão" é símbolo ou índice de indeterminação do sujeito, estando, por isso, o sujeito indeterminado. O **se** de "quando se aprofunda o debate" é partícula apassivadora, pois o verbo é transitivo direto, diferentemente do caso anterior. Assim, **o debate** é o sujeito, embora pareça objeto direto. Lembre-se da troca: "quando o debate é aprofundado".

485) Letra C

Questão sobre correlação de tempos verbais. Não é difícil, pede apenas um pouco de atenção. Tente todas as alternativas, procurando ver as incoerências que se criam em cada uma delas. Além disso, observe se alguma forma verbal é errada, o que acontece com **preveu** e **prevera**. O verbo **prever** segue a conjugação de **ver**, e não se diz **veu** e **vera**, e sim **viu** e **vira**.

486) Letra A

Infinitivo inicia oração reduzida, ou seja, sem conjunção. Assim, a palavra **que** não permite o emprego do infinitivo **circularem**. Houve, aqui, uma mistura das duas formas: da oração desenvolvida com a oração reduzida. Corrija-se para " permitiram que os produtos e as pessoas circulassem" ou "permitiram aos produtos e às pessoas circularem".

487) Letra D

Na opção **a** deveria ser usada a conjunção **portanto**, ou um sinônimo qualquer. Na **b**, não tem sentido o emprego simultâneo de **apesar de** e **portanto**. A letra **c** não tem o menor sentido e deveria ser totalmente reescrita. Na opção **e**, deve ser retirada do texto a palavra **por isso**, para que ele fique coerente.

488) Letra C

Outra opção de correlação de tempos verbais. Tentando uma a uma, verifica-se a incoerência do emprego simultâneo de determinadas formas verbais. Por exemplo, se eu quiser usar a palavra **receberá**, não poderei dizer **seria**, e sim **será**; nem **mandava**, e sim **mandar**.

489) Letra D

Estão errados os seguintes termos: na opção **a**, **permeam**; o certo é **permeiam**. Na **b**, **esteriótipo** e **massante**; corrija-se para **estereótipo** e **maçante**. Na **c**, o segundo **as**; correção: **às**. Na **e**, **em vez de**, **acessor** e **aos**; escreva-se **ao invés de**, **assessor** e **os**.

490) Letra D

Veja bem: o relacionamento do Brasil visa a duas coisas: à captação de recursos para financiar projetos etc. e a beneficiar-se da assistência etc. Assim, não está correto o emprego do infinitivo no plural.

491) Letra E

Por isso que não expressa concessão, como as demais. O texto fica incoerente, pois o relacionamento entre as orações é de oposição, e não de conclusão ou conseqüência, que justificaria o emprego de **por isso que**.

492) Letra D

Na letra **a**, o **se** não é agente da passiva; trata-se de uma partícula apassivadora, que não tem função sintática. Na **b**, o **se** também é uma partícula apassivadora, e o sujeito é "a matéria do artista". Na **c**, como o antecedente do pronome relativo é **processo**, palavra masculina, a troca seria por **ao qual**, e não **a qual**. Na **e**, o sujeito de **registra** é **ela** (a matéria do artista).

493) Letra E

A palavra **imprevisível** qualifica **história**. Na ordem direta, teríamos: "em que a história dormita imprevisível". Assim, trata-se de um substantivo, e não de um adjetivo, como diz a opção **e**. Para entender as análises das opções **b** e **d**, observe o trecho, numa ordem mais apropriada: "profundidade, força e complexidade dos resultados vão depender da felicidade desta operação".

494) Letra D

O certo é **1,3 milhão**. Só se diz **milhões** de dois em diante: 2,4 milhões, 5,9 milhões etc. O mesmo para **bilhão**, **trilhão** e outros.

495) Letra D

Consoante é, na frase, uma preposição. Ela só seria conjunção se estivesse introduzindo uma oração; o mesmo se diz para **conforme** e **segundo**. No trecho, ela introduz um adjunto adverbial, portanto trata-se de uma preposição acidental. E depois de preposição não se usa a preposição **a** (só depois de **até**). O certo, pois, é "consoante os critérios".

496) Letra A

Erro de troca de parônimos. **Iminente** quer dizer "prestes a acontecer"; **eminente** significa "destacado", "importante". No trecho, deve ser usada a palavra **eminente**.

497) Letra D

O verbo **permitir** pede, geralmente, dois complementos. Isso acontece nas opções **a** e **b**. Em **c** e **d**, ele aparece como transitivo direto, também empregado com correção. Na **d**, com o emprego do infinitivo **pagarem**, o termo **as empresas** tem de funcionar como objeto indireto, faltando, então, o acento de crase.

498) Letra A

Eticidade tem relação com **ética**, e não **etnia**. Tal é o tema do texto, que, inclusive, apresenta a palavra **ética**.

499) Letra D

Questão de sinonímia, indiscutível. **Diferir** significa **adiar**, **retardar**. Não confunda com seu parônimo, **deferir**, que significa **atender**.

500) Letra C

Na primeira lacuna, só pode ser usado **a**, pois **uma** é artigo indefinido; se trocarmos por um masculino, aparecerá **a**, e não **ao**. Depois, temos um **a** diante do verbo **ser**, impossível de ser craseado. Troca-se a palavra **luta** por um masculino, não aparecendo **ao**: o combate. Diante de plural não se usa **à**: a poucos quilômetros (outro motivo: é masculino). Na última lacuna, aparece o verbo **haver** com o sentido de **existir**.

501) Letra C

O radical latino **cida** significa "o que mata". Exemplos: genocida, inseticida, fratricida, germicida.

502) Letra C

O verbo **proceder**, no texto, tem o sentido de **agir**: "como e quando procede (age) o poder administrativo". Fazendo a troca proposta no item **II**, teríamos: "Os cidadãos programam seguramente o cumprimento de seus deveres, sabendo como e quando procede o poder administrativo"; nesse caso, o sujeito **os cidadãos** passar a ser usado (e só aí) na oração principal. A conjunção **como** não é comparativa, e sim causal; pode ser substituída por **porque**. Diante de palavra no plural, o **a** é apenas preposição, por isso mesmo sem acento de crase.

503) Letra B

Mais uma questão de coerência e correção. Levando-se em conta o sentido do texto, seria inadmissível o emprego de **asilá-los**, por sua carga negativa, pejorativa, o que elimina a letra **c**; essa alternativa também tem a palavra **subtraindo-lhes**, totalmente inadequada. Igualmente absurdo seria o emprego de **alijando-lhes**, além do erro de regência. Na **a**, temos um erro de regência em **inserir-lhes**. Na **d**, o erro de regência em **acolher-lhes**. Todos os erros de regência apontados são a troca de **o** por **lhe**.

504) Letra E

Na opção **e**, o trecho começa por um verbo no gerúndio, que inicia oração subordinada reduzida. A seguir, aparece o pronome relativo **que**, palavra que inicia oração subordinada adjetiva. A seguir, a palavra **quando**, que introduz oração subordinada adverbial. Onde está a oração principal do período? A isso se dá o nome de período quebrado, não podendo ele dar seguimento a um texto.

505) Letra B

Uma coisa é inseparável de outra; assim, podemos eliminar as opções **c** e **d**. O certo é "em todo o período monárquico" porque a idéia é de "o período monárquico inteiro"; se dissermos "em todo período monárquico" a idéia será de "cada período monárquico", que contraria o texto. Assim, como já temos as duas primeiras lacunas preenchidas (do e todo o) a resposta só pode ser a opção **b**.

506) Letra C

Erro de regência verbal. Alguma coisa se deve a outra, e não na outra. Assim, o certo, no trecho, é escrever "o salto não se deve ao aumento dos impostos".

507) Letra B

Interessante e perigosa a questão 507. Note que o que foi sublinhado na letra **b** é **regulamentares,** com a vírgula. E é exatamente nela que aparece o erro. Essa vírgula está colocada entre o sujeito e o verbo da oração: erro de pontuação, bem freqüente em concursos públicos. É comum que o candidato preste atenção à palavra destacada e não observe que a vírgula também está sublinhada.

508) Letra C

O verbo **mantêm**, com acento circunflexo, é forma do plural. Está errado, porque a concordância tem de ser feita com o antecedente do pronome relativo **que**, a palavra **atuação**. Corrija-se, então, para **mantém-se**.

509) Letra C

Está aqui algo bastante comum nas provas da Esaf: sujeito no singular e verbo no plural. O sujeito de **reduzem** é "a persistência desse quadros", sendo **persistência** o

núcleo. A presença de **quadros**, no plural, pode confundir, mas a concordância se faz com o núcleo do sujeito, não com o adjunto. Assim, o certo é **reduz**.

510) Letra B

De novo a banca sublinhou uma expressão e também a vírgula. O termo "diante de um desafio real" fica entre vírgulas, ou sem vírgula alguma. Como a segunda não foi usada (depois de real), a vírgula destacada não poderia ter sido utilizada.

511) Letra A

O texto nos diz que duas coisas foram importantes na política antinegreira dos governos britânicos: o abolicionismo e os interesses capitalistas; nada no texto os opõe. Na alternativa **a**, a expressão **a despeito de** cria uma oposição entre eles, que o texto não apresenta, deixando-o incoerente.

512) letra C

Questão muito longa, algo comum nas provas da Esaf, porém fácil. Não se impressione com o tamanho de uma questão. São dadas seis frases, cada uma com dois espaços a serem preenchidos. Depois das frases, aparecem os elementos propostos: assim/porque, mas/ou etc. Preencha as lacunas partindo dessas palavras e numere os parênteses. Vejamos, então. Os espaços da primeira frase só podem ser preenchidos com **isto é** e **pois**; coloque, então, nos parênteses à frente da frase o número **3**, que corresponde a essas palavras. E assim, sucessivamente. O gabarito só pode ser a letra **c**.

513) Letra E

Erro de concordância nominal. O valor da condenação é que foi tornado certo. Indevidamente, colocou-se a expressão no feminino, para concordar com **atualização**. O correto, portanto, é "depois de tornado certo o valor da condenação". Pode-se também usar o verbo: "depois de tornar certo".

514) Letra D

Na opção **a**, o pronome **lhes** está mal empregado; o certo é **justificá-los**; também está faltando o acento de crase antes da palavra **ação**. Na **b**, o certo é **intervir**, e não **intervim**. Na **c**, o texto é desconexo. Na **e**, o certo é **precisa ser igual**.

515) Letra E

A palavra **nenhum**, quando acompanha substantivo, é pronome adjetivo e deve concordar com ele. O certo é "Os candidatos não eram nenhuns bobocas".

516) Letra D

O pronome **quem** é sujeito do verbo **doar**. Entenda-se: "quem nos doou a generosidade", estando **generosidade** representada pelo pronome **la**. **No** é a forma alterada de **nos**, que perde o **s** diante de **la**.

517) Letra C

Na opção **a** o erro é a falta de um acento de crase; o correto é "em relação à maior economia do mundo". Na **b**, existem dois erros: a falta do acento de crase em **a qual** e o singular da palavra **cabe**, cujo sujeito está no plural; corrija-se para "à qual os acordos internacionais são submetidos" e "cabem ao Brasil novas solicitações". Na **d**, ocorrem três erros gramaticais: o singular do verbo **resta**, cujo sujeito é plural, o singular de **deve** pelo mesmo motivo e o gênero masculino de **inadequado**; corrigindo, temos: "Restam, ainda", "devem existir mudanças" e "consideram inadequada". Na **e**, há dois erros: o artigo depois de **cuja** e a grafia de **craxá**; correção: "cuja função foi criada" e "crachá".

518) Letra B

A frase pede uma conjunção adversativa. **Embora** é concessiva e inicia oração subordinada.

519) Letra E

O pronome **o** refere-se a "poder". **Este**, a "indivíduo". **Aqueles**, a "direitos humanos". **Sua ação e seus atos**, a "governante".

520) Letra A

Os dois primeiros itens estão corretos. O terceiro requer cuidado especial: **conhecemos** pode, sim, ser empregado na frase, mas **conhecem** está correto; o enunciado fala de correção dos trechos, e não de uma simples troca. Os outros itens estão errados: não se substitui ponto de interrogação por vírgula, que, por sinal, está correta; o pronome **cuja**, no texto, pertence ao sujeito, não podendo vir antecedido de preposição.

521) Letra A

A palavra **problema** pede a preposição **a**, e o verbo **usar** pede **como**: usar como; daí, só caber no texto a expressão **de como**. Os outros itens são fáceis de perceber.

522) Letra A

A idéia da primeira lacuna é de **a aproximadamente**, só podendo, então, ser usada a expressão **a cerca de**, o que já é suficiente para resolver a questão.

523) Letra E

Na opção **a**, o erro está em **prevêm**; o certo é **prevêem**, flexão do verbo **prever**, que segue a conjugação de **ver**. Na **b**, está errado **só vai acontecer**, pois o sujeito é plural; correção: "só vão acontecer". Na **c**, além da regência do verbo **impressionar** (transitivo direto), há o erro de concordância verbal em **esteja**; o correto é "de que 56% dos estudantes brasileiros estejam no nível um". Na **e**, há dois erros: a forma verbal **hajam** (igual a existam) e o ponto depois de **governo**; correção: "embora haja

experiências de sucesso em Cuba" e "falta por lá o acesso da população ao governo, o que o banco considera".

524) Letra D

O texto não fala de mudança de sentido; assim, a substituição só não pode ocasionar erro gramatical. No item **I** é impossível a troca do verbo, que está no presente do subjuntivo, pela forma do gerúndio, que passaria a constituir uma oração reduzida, exigindo um outro verbo no texto. No item **IV**, não é possível a troca de **poderá ter** (futuro do presente) por **poderia ter** (futuro do pretérito), por causa da correlação dos tempos verbais (o verbo **omitir**, um pouco atrás, pede futuro do presente).

525) Letra B

Estão erradas as palavras, pela ordem: **infringir** (deve ser infligir), **homogeinizar** (o certo é homogeneizar), **ilide** (o correto é elide), **iminente** (deve ser eminente), **sob** (o certo é sobre) e **aferir** (deve ser auferir). Na questão, a única palavra com erro de ortografia é **homogeinizar**; todas as outras foram utilizadas, indevidamente, no lugar de seus parônimos.

526) Letra D

Erro de concordância nominal. A palavra **confundidas** se liga, pelo sentido lógico, a **falência**, devendo com ela concordar. Deve-se, então, dizer **confundida**. Observe o acento da forma verbal com pronome enclítico **substituí-los**; trata-se da letra **i**, segunda vogal do hiato. A palavra não leva acento por ser oxítona, mas pela presença desse hiato.

527) Letra D

Erro de regência verbal. A palavra **que** substitui **área**, entendendo-se "a área passa a ser protegida em um momento". Portanto, faltou a preposição antes do **que**; correção: "e ao momento em que passa a ser protegida".

Caro aluno,

Com esta aula encerramos o nosso curso on-line. Guarde-o com carinho: ele foi planejado para ajudá-lo a progredir nos estudos. Não desanime nunca, pois o desânimo é o nosso grande inimigo. Passe por cima das dificuldades naturais da vida − com certeza Deus espera isso de todos nós − e poderá alcançar seus objetivos. Tudo depende de seus esforços e de sua capacidade. Acredite em você e siga em frente, sempre em frente.

Um forte e fraterno abraço.

Renato Aquino.

PROFESSOR EDUARDO SABBAG

PORTUGUÊS

PARA CONCURSOS

saraiva uni

ISBN 9788547219444

Sabbag, Eduardo
Português para concursos / Eduardo Sabbag. – São Paulo : Saraiva, 2017.
1. Língua portuguesa 2. Língua portuguesa - Concursos I. Título.
17-0090 CDD 469.076

Índices para catálogo sistemático:

1. Língua portuguesa : Concursos 469.076

Presidente *Eduardo Mufarej*

Vice-presidente *Claudio Lensing*

Diretora editorial *Flávia Alves Bravin*

Conselho editorial

Presidente *Carlos Ragazzo*

Gerente de aquisição *Roberta Densa*

Consultor acadêmico *Murilo Angeli*

Gerente de concursos *Roberto Navarro*

Gerente editorial *Thaís de Camargo Rodrigues*

Edição *Liana Ganiko Brito Catenacci | Sergio Lopes de Carvalho*

Produção editorial *Maria Izabel B. B. Bressan (coord.) | Carolina Massanhi | Claudirene de Moura S. Silva | Cecília Devus | Daniele Debora de Souza | Denise Pisaneschi | Ivani Aparecida Martins Cazarim | Ivone Rufino Calabria | Willians Calazans de V. de Melo*
Clarissa Boraschi Maria (coord.) | Kelli Priscila Pinto | Marília Cordeiro | Mônica Landi | Tatiana dos Santos Romão | Tiago Dela Rosa

Diagramação (Livro Físico) *Know-How Editorial*

Revisão *Know-How Editorial*

Comunicação e MKT *Elaine Cristina da Silva*

Capa *Aero Comunicação*

Livro digital (E-pub)

Produção do e-pub *Guilherme Henrique Martins Salvador*

Serviços editoriais *Surane Vellenich*

Data de fechamento da edição: 16-3-2017

Dúvidas?

Acesse www.editorasaraiva.com.br/direito

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Saraiva.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei n. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

EDUARDO SABBAG

Doutor em Língua Portuguesa pela PUCSP. Doutor em Direito Tributário pela PUCSP. Mestre em Dire Público e Evolução Social pela UNESA/RJ. Professor de Direito Tributário e de Português no Complexo de Ensi Renato Saraiva – CERS. Coordenador e Professor dos Cursos de Pós-Graduação em Direito Tributário Estácio/CERS e da Faculdade Baiana de Direito. Professor no Mackenzie/SP (Graduação e Pós-Graduação) e Fametro/AM (Graduação). Advogado e Autor de várias obras de sucesso. É o Professor da área jurídica com maior número de seguidores nas redes sociais, superando 1 milhão de pessoas.

Legendas Utilizadas no Livro

CURIOSIMACETES

Trata-se das curiosidades surpreendentes de nosso léxico (v. Capítulos 1 a 9).

A HORA DO ESPANTO

As "pérolas" do português

Esta seção, cujo nome alude a um famoso filme de terror, traz os erros cometidos por desatentos usuários do idioma. Todos eles são reais e foram coletados ao longo de nossa vida docente. As "pérolas" e suas respectivas correções estão discriminadas em pequenas dicas ao final dos Capítulos, em toda a extensão da obra, permitindo momentos de rápida descontração durante a leitura do texto.

PRONUNMACETES

Oferecem ao leitor o domínio e a segurança necessária no discurso oral. A necessidade de falar bem passa pela capacidade de convencer, à medida que se imprime maior autoridade no que se exprime. Quem fala bem, enuncia algo com domínio e altivez. Por outro lado, o erro de pronúncia, deslocando a sílaba tônica (*silabada*), faz ruir o melhor dos argumentos defendidos. A propósito, a *silabada* ocorre em pronúncias do tipo "Nóbel" (em vez de "Nobel", sem acento); "interím" (em vez de "ínterim"); "rúbrica" (em vez de "rubrica") etc. Bem a propósito, o mestre Paulinho da Viola chancela, afirmando: "*... coisas da Língua, minha nega*". Os **Pronunmacetes** foram inseridos no Capítulo 10, ao lado dos **Timbremacetes**.

TIMBREMACETES

Esta seção objetiva ofertar ao leitor o conhecimento do timbre correto das palavras, separadas em colunas de fácil visualização – colunas de *timbre fechado* e de *timbre aberto*. Por meio de rápida leitura, poderá o cultor do idioma se inteirar dos meandros da prosódia de nosso léxico, angariando o domínio fonético dos vocábulos guerreados. Os **Timbremacetes** foram inseridos no Capítulo 10, ao lado dos **Pronunmacetes**.

GRAFIMACETES

Compreendem as palavras de grafia complexa. Infelizmente, muitas delas têm a grafia "assassinada" diariamente pelos meios de comunicação de massa. Os **Grafimacetes** foram inseridos no Capítulo 9.

VOLP

Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa

O **VOLP** é produto de compilação da *Academia Brasileira de Letras* (ABL), a quem compete a responsabilidade legal de editar o *Vocabulário*, como instrumento normatizador oficial. O VOLP apenas lista as palavras. Seu objetivo é consolidar a grafia delas (o modo como elas são escritas), classificá-las segundo o gênero (masculino ou feminino) e categoria morfológica (substantivo, adjetivo etc.). Ressalte-se que a ABL anunciou o lançamento do VOLP 2009, em sua 5ª edição, com quase 390 mil palavras usadas no português culto contemporâneo do Brasil, pretendendo "fazer um registro o mais completo possível não só dos vocábulos de uso comum como também da terminologia científica e técnica"*. Recomendamos ao

leitor que acesse a página da ABL (**www.academia.org.br**) e aprecie o gratuito sistema de busca de palavras naquele portal.

*** Comissão e equipe de lexicografia da ABL,*in Nota Editorial da 5ª Edição*, 5. ed., São Paulo: Global, 2009, LV.**

Apresentação

Este “Português para Concursos” é produto de anos de magistério na preparação de candidatos às provas de concursos públicos.

Valendo-se da experiência profissional adquirida em mais de 20 anos dedicados ao magistério em cursos preparatórios para os mais concorridos concursos públicos, em cursos de especialização e pós-graduação, aulas e palestras em todo o Brasil, o Professor Eduardo Sabbag apresenta a sua esperada obra “Português para Concursos”, oferecendo ao leitor um panorama da matéria sem renunciar ao aprofundamento necessário ao perfeito entendimento da disciplina, trazendo conceitos, fundamentos, exemplos e exercícios de maneira clara simples e prática.

O livro conta com uma linguagem sintética e democrática, destinando-se principalmente àqueles que buscam o êxito em concursos públicos de todas as áreas, sendo bastante útil também aos profissionais, aos estudantes da graduação e aos cultores do idioma em geral.

O Autor utiliza métodos claros e didáticos, conhecidos por milhares de alunos em todo o País, o que atesta a importância desta obra, obrigatória em qualquer biblioteca.

Esta obra tem como grande diferencial os materiais adicionais e complementares em vídeo e em áudio, a fim de otimizar o aprendizado e a apreensão dos temas, em consonância com o dinamismo do estudante de hoje. E a disponibilização de questões gabaritadas dos mais recentes concursos públicos, de modo que o leitor possa se manter atualizado com o que vem sendo cobrado nas provas para os mais concorridos cargos.

Em suma, uma obra completa e atualizada, essencial aos que desejam aprofundar-se no estudo da disciplina.

Nota do Autor

A consulta a gramáticas é, para muitos, penosa e enfadonha. Qual o motivo? Entre outros, podemos indicar o fato de que tais livros apresentam-se, geralmente, em volumes avantajados, os quais acabam trazendo desânimo ao consulente. Diante disso, procuramos adotar nesta obra uma linguagem objetiva, sem sacrificar o aprofundamento necessário ao bom entendimento.

O atual trabalho fornecerá ao leitor uma solução rápida à dúvida gramatical, que tende a surgir com frequência no cotidiano do usuário da língua.

No decorrer do estudo, poderá o leitor encontrar os temas mais intrigantes da língua portuguesa, reunidos no intuito de promover a assimilação das técnicas da boa linguagem. Os temas ensinados são acompanhados de numerosos exemplos – frases confeccionadas pelo autor e inúmeras colhidas da literatura nacional –, com o objetivo de enriquecer o ensinamento, além de lhe imprimir autoridade.

Frise-se que, para determinar o que é correto, tomaram-se por base as novas regras gramaticais estabelecidas pelo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa e o padrão culto da Língua Portuguesa utilizada hodiernamente no Brasil.

Encerro esta breve nota agradecendo quaisquer observações e correções que aprouverem ao leitor colaborador e amigo, a fim de que aprimoremos os apontamentos aqui expendidos.

Um abraço e bons estudos!

Prof. Eduardo Sabbag

SUMÁRIO

1 ORTOGRAFIA

1.1. A LETRA H

1.2. SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS

1.3. O FONEMA /S/

1.4. O EMPREGO DO Z

1.5. O EMPREGO DO S

1.6. O CONFRONTO ENTRE S E Z

1.7. O EMPREGO DO J

1.8. O EMPREGO DO G

1.9. O CONFRONTO ENTRE G E J

1.10. O EMPREGO DO X 11 12

1.11. O CONFRONTO ENTRE S E X

1.12. O CONFRONTO ENTRE X E CH

1.13. O EMPREGO DO Ç

1.14. O EMPREGO DO E

1.15. O EMPREGO DO I

1.16. O CONFRONTO ENTRE E E I

1.17. O CONFRONTO ENTRE O E U

1.18. PALAVRAS DE GRAFIA COMPLEXA

1.19. O HÍFEN E O ACORDO ORTOGRÁFICO

1.20. ENRIQUEÇA SEU VOCABULÁRIO: ROL DE VOCÁBULOS DE GRAFIA COMPLEXA

2 ACENTUAÇÃO GRÁFICA

2.1. OXÍTONOS

2.2. PAROXÍTONOS

2.3. Proparoxítonos

2.4. HIATOS

2.5. DITONGOS

2.6. MONOSSÍLABOS

2.7. FORMAS VERBAIS

2.8. TREMA
2.9. ACENTO DIFERENCIAL
2.10. DICAS FINAIS

3 CRASE
3.1. CASOS OBRIGATÓRIOS DE CRASE
3.2. CASOS PROIBITIVOS DE CRASE
3.3 CASOS ESPECÍFICOS DE CRASE

4 REGÊNCIA NOMINAL E VERBAL
4.1. REGÊNCIA NOMINAL
4.2. REGÊNCIA VERBAL

5 CONCORDÂNCIA NOMINAL e verbal
POR QUE ESTUDAR CONCORDÂNCIA?
5.1. CASOS ESPECIAIS
5.2. CASOS ESPECIAIS: SUJEITO SIMPLES
5.3. CASOS ESPECIAIS: SUJEITO COMPOSTO
5.4. OUTROS CASOS

6 PONTUAÇÃO
O VALOR ESTILÍSTICO DA PONTUAÇÃO
6.1. VÍRGULA
6.2. A NÃO APLICAÇÃO DA VÍRGULA

7 VERBOS
7.1. VERBOS REGULARES E IRREGULARES

8 PROBLEMAS GERAIS DA LÍNGUA CULTA
8.1. AS EXPRESSÕES SEMELHANTES E SEUS SIGNIFICADOS DIFERENTES
8.2. A QUESTÃO DOS PARÔNIMOS E OS SIGNIFICADOS DAS PALAVRAS
8.3. O PROBLEMA DAS REDUNDÂNCIAS OU PLEONASMOS VICIOSOS

9 GRAFIMACETES

10 PRONUNMACETES E TIMBREMACETES

11 MEMORIMACETES

12 REDAÇÃO

12.1. INTRODUÇÃO

12.2. PRESSUPOSTOS E CUIDADOS PRÉVIOS

12.3. TEXTO E DISCURSO

12.4. TIPOLOGIA TEXTUAL ou MODALIDADES REDACIONAIS

12.5. TÉCNICAS DE DISSERTAÇÃO

12.6. DICAS SOBRE REDAÇÃO E TEORIA DO TEXTO

12.7. MODELO DE REDAÇÃO

12.8. DICAS DE GRAMÁTICA

12.9. ORIENTAÇÕES FINAIS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

OUTRAS FONTES DE CONSULTA

1 ORTOGRAFIA

Após o recente Acordo Ortográfico, o alfabeto do português passou a ter **vinte e seis** letras: a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v, w, x, y, z.

Nome das letras: *á, bê, cê, dê, é, efe, gê, agá, i, jota, cá, ele, eme, ene, ó, pê, quê, erre, esse, tê, u, vê, dábliu (ou dabliú), xis, ípsilon (ou ipsilão), zê.*

Antes da vigência do Acordo Ortográfico, as letras **k**, **y** e **w** não faziam parte do alfabeto da Língua Portuguesa, somente aparecendo em casos especiais, como estrangeirismos e abreviaturas. Todavia, com a implementação do Acordo, essas letras passam a fazer parte do nosso alfabeto de forma oficial.

1.1. A LETRA H

A letra **H** em início de palavra não tem valor fonético nem funciona como notação léxica, sendo tão somente uma letra decorativa. Parafraseando o dito popular, *"o 'h' é letra muda; não fala, mas ajuda"*. Entretanto, tal letra pode trazer problemas àqueles menos familiarizados com a norma etimológica e com a tradição escrita. Vamos memorizar algumas palavras escritas com a letra **h**:

Hábil (mas inábil, sem -h)	*Hemograma*	*Hialino*
Haicai	*Hemorroidas (ou hemorroides)*	*Hialurgia*
Halo	*Hendecassílabo*	*Hidatismo*
Halterofilista	*Heptacampeão*	*Hidrelétrica (ou hidroelétrica)*
Haurir	*Heptassílabo*	*Hidroavião*

Hausto	*Hera (planta)*	*Hidroterapia*
Haver (mas reaver, sem -h)	*Heráclеo*	*Hidrovia*
Hebdomadário	*Herbívoro (mas erva, sem -h)*	*Hidroviário*
Hélice (mas turboélice, sem -h)	*Hérnia*	*Higidez*
Heliogabálico	*Hersílio*	*Hígido*
Helminto	*Hesíodo*	*Hílare (alegre)*
Hemácia	*Hesitar*	*Hilaridade (e não "hilariedade")*
Hematoma	*Hexacampeão*	*Hilário*
Himeneu	*Histeria*	*Hoplita*
Hiperacidez	*Histologista*	*Hulha*
Hiper-rancoroso	*Histrião*	*Humano (mas desumano, sem -h)*

Hipersensível	*Hodômetro*	*Humificar*
Hipocarpo	*Holismo*	*Húmus*
Hipoderme	*Holofote*	*Huno (povo)*
Hipopótamo	*Homem (mas lobisomem, sem -h)*	*Hurra*
Hipotensão	*Homilia /lí/*	*Hussardo*
Hispidez	*Homizio /zí/*	*Hussita*

Observações:

a) Hiper-hidrose: o prefixo *hiper* (origem grega) só exige o hífen se a palavra posterior começar com **r** ou **h**.

Exemplos: *hiper-realista, hiper-reatividade, hiper-resposta, hiper-hidratação, hiper-humano, hiper-hedonismo.*

b) Bahia: o vocábulo *Bahia* escreve-se com o -h intermediário. Grafam-se, sem -h, os derivados *baiano, baianada, baianinha, baianismo* e *laranja da baía*. Além disso, escreve-se sem a letra ora analisada o acidente geográfico "baía". A propósito, temos dois nomes próprios que podem ser aqui apresentados: *Baía de Guanabara* e *Baía de Todos os Santos*.

Diga-se que o **h** pode ser concebido como "medial", isto é, que não soa nem se escreve. **Exemplos:** *Alambra, desumano, enarmonia, exausto, filarmônico, inábil, inarmonia, inumano, lobisomem, niilismo, niilista, reabilitar, reaver, transumano (/zu/), turboélice.*

1.2. SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS

Quanto à significação das palavras, já se analisou nos capítulos precedentes a existência de vocábulos *sinônimos, antônimos, homônimos* e *parônimos*. À guisa de memorização, observe o quadro sinóptico abaixo:

Conceito	Exemplos
Sinônimos	*Antídoto e Contraveneno* *Retificar e Consertar* *Perigoso e Periclitante*
Antônimos	*Soberba e Humildade* *Patente e Latente* *Ativo e Inativo*
Homônimos perfeitos	*Cedo (advérbio) e Cedo (verbo: eu cedo)* *Secretaria (substantivo) e Secretaria (verbo: ele secretaria)*
Homônimos homógrafos	*Colher (substantivo) e Colher (verbo: eu irei colher)* *Jogo (substantivo) e Jogo (verbo: eu jogo)*
Homônimos homófonos	*Paço (palácio) e Passo (verbo: eu passo)* *Conserto (reparo) e Concerto (sessão musical)* *Espectador (aquele que vê) e Expectador (aquele que tem expectativa)* *Esperto (arguto, sagaz) e Experto (perito, experimentado)* *Estático (imóvel) e Extático (em êxtase, absorto)*

Parônimos	*Vultoso (volumoso) e Vultuoso (rubor)* *Suar (transpirar) e Soar (tilintar)* *Conjuntura (situação) e Conjetura ou Conjectura (suposição)* *Espavorido (apavorado) e Esbaforido (ofegante)*

Vamos revisar alguns *homônimos* interessantes:

1) acender – pôr fogo em

ascender – elevar-se

2) acento – inflexão da voz

assento – lugar para sentar-se

(eu) assento – verbo *assentar* conjugado na primeira pessoa do singular do presente do indicativo

3) acético – referente ao ácido acético (vinagre)

ascético – referente ao ascetismo, místico

4) acerto – ajuste

(eu) acerto – verbo *acertar* conjugado na primeira pessoa do singular do presente do indicativo

asserto – proposição afirmativa (assertiva)

5) caçar – perseguir

cassar – anular

6) censo – recenseamento

senso – juízo, raciocínio

7) cessão – ato de ceder

sessão – tempo que dura uma reunião, apresentação

seção (ou secção) – departamento, divisão

8) círio – grande vela de cera

sírio – natural da Síria

9) (eu) cismo – verbo *cismar* conjugado na primeira pessoa do singular do presente do indicativo

sismo – terremoto

10) concerto – harmonia, sessão musical

conserto – reparo, conserto

(eu) conserto – verbo *consertar* conjugado na primeira pessoa do singular do presente do indicativo

11) empoçar – formar poça [ô] ou [ó] (VOLP 2009)

empossar – dar posse a

12) insipiente – ignorante

incipiente 1 – que está no início

13) incerto – duvidoso

inserto – inserido

14) intercessão – ato de interceder

interseção – ato de cortar

15) ruço – pardacento (adjetivo), nevoeiro espesso (substantivo), cheio de dificuldades (adjetivo) 2

russo – natural da Rússia

16) cartucho – estojo de carga de projétil

cartuxo – frade da ordem religiosa de Cartuxa

1.3. O FONEMA /S/

É sabido que há várias palavras em nosso vernáculo com o fonema /s/. Há palavras grafadas com "ç" (*endereço*), com "ss" (*massa*), com "sc" (*descer*), com "sç" (eu *desço*), com "x" (*próximo*), com "xc" (*excelente*) e, finalmente, com o próprio "s" (*sapato, subsídio*).

Vamos relembrar: 3 4

Fonema /S/[3]

Rol de palavras grafadas com:

C	***Ç***	***S***	***SS***	***SC***	***X***
Acervo	*Almaço*	*Ansiar*	*Acesso*	*Abscesso*	*Aprox*
Acetinado	*Alçar*	*Ansiedade*	*Admissão*	*Abscissa*	*Cócci*
Acinte	*Araçá*	*Ansioso*	*Aerossol*	*Adolescência*	*Ex-vo*
Acético	*Açafate*	*Aspersão*	*Alvíssaras*[4]	*Arborescer*	*Expec*
Alcance	*Açafrão*	*Cós*	*Amissão*	*Ascensão*	*Exper*
Ceifar	*Açucena*	*Emersão*	*Amissível*	*Ascético*	*Exper*
Celerado	*Beiço*	*Esplendor*	*Asseio*	*Condescender*	*Expia*
Cerne	*Caiçara*	*Espontâneo*	*Assunção*	*Consciência*	*Expir*
Certame	*Calabouço*	*Excursão*	*Asséptico*	*Convalescença*	*Expoe*
Coincidência	*Caução*	*Farsa*	*Bissemanal*	*Discernir*	*Expro*
Contracenar	*Caçula*	*Gás*	*Carrossel*	*Enrubescer*	*Extas*

Criciúma	*Contorção*	*Hortênsia*	*Concessão*	*Fascinação*	*Exten*
Célere	*Exceção*	*Imersão*	*Escasso*	*Fascismo*	*Extra*
Cê-cedilha	*Iguaçu*	*Jus*	*Fissura*	*Florescer*	*Extra*
Decerto	*Linhaça*	*Misto*	*Impressão*	*Imprescindível*	*Inexp*
Lance	*Maçarico*	*Pretensioso*	*Intercessão*	*Lascívia*	*Máxi*
Maciço	*Miçanga*	*Pretensão*	*Minissaia*	*Obsceno*	*Próxi*
Obcecação	*Mulheraça*	*Propensão*	*Obsessão*	*Recrudescer*	*Sexta*
Obcecado	*Muçurana*	*Pus*	*Procissão*	*Remanescer*	*Sexto*
Súcia	*Pança*	*Quis*	*Ressurreição*	*Rescisão*	*Têxtil*
Sucinto	*Paçoca*	*Reversão*	*Sessenta*	*Ressuscitar*	*Texto*
Tecelão	*Soçobrar*	*Siso*	*Submissão*	*Suscetível*	*Troux*
Vicissitude	*Turiaçu*	*Submersão*	*Sucessivo*	*Víscera*	*Troux*

Observações:

A título de memorização, reitere-se:

a) Ascensão e Assunção

Ascensão: na acepção de “subir ou elevar-se”, é vocábulo usado em “ascensão da pipa”, “ascensão da

montanha", "ascensão a um cargo", "ascensão de Cristo".

Assunção: representa o "ato de assumir", de "tomar para si". Exemplos: "assunção de um encargo", "assunçãc da Virgem Maria ao céu".

Memorize:

Ascensão de Jesus Cristo e Assunção de Maria: ambas se referem à subida para o céu. Segundo os escrito: bíblicos, Jesus subiu aos céus 40 dias depois da Páscoa, sem qualquer ajuda – é a *ascensão de Cristo*. Por outro lado, Maria seguiu o Filho, porém foi elevada ao Céu pelo poder de Deus – portanto, *assunção de Maria*.

b) Ascético, Acético e Asséptico

Ascético: refere-se à "ascese", ao "místico", ao "contemplativo". **Exemplo:** *Certos grupos religiosos têm vida ascética*.

Acético: refere-se a um tipo de ácido (acético = vinagre).

Asséptico: designa "assepsia, limpeza".

c) Imprescindível

O verbo *prescindir* é transitivo indireto, tendo a acepção de "dispensar". Observe que a grafia é com -sc. Portanto, aprecie as frases:

Ele prescinde de sua ajuda, por ser ela dispensável.

O de que não se prescinde é o bom humor pela manhã.

O livro de que se prescinde é necessário para mim.

d) Recrudescer

O verbo *recrudescer* é intransitivo. Tem a acepção de "agravar-se, tornar-se mais intenso". Observe que a grafia é com -sc. Exemplos:

As lutas entre gangues recrudesceram.

As rivalidades entre as torcidas organizadas tendem a recrudescer.

1.4. O EMPREGO DO Z

A consoante **Z** deverá ser utilizada nas seguintes hipóteses:

- nos verbos formados pelo sufixo **-izar.**

Exemplos: *arborizar, industrializar, profetizar, utilizar, fertilizar, civilizar*;

• nos substantivos abstratos derivados de adjetivos.

Exemplos: *certeza, invalidez, leveza, madureza, honradez, frieza, pobreza, limpeza, avidez, rapidez, acidez*;

• nos sufixos formadores de aumentativos e diminutivos.

Exemplos: *corpanzil, canzarrão (cão), florzinha, mãezinha, cafezinho, avezinha, cãozinho, cãozito, avezita*;

• nas palavras de origem árabe, oriental e italiana.

Exemplos: *azeite, bazar, gazeta*;

• nas demais hipóteses (variedades do **Z**).

Exemplos: *azar, vazamento, giz, gaze, azáfama, abalizar, prazeroso, cafuzo, aprazível, ojeriza, regozijo, granizo, baliza, assaz, prezado, catequizar*.

1.5. O EMPREGO DO S

A consoante **S** deverá ser utilizada nas seguintes hipóteses:

• no sufixo **-ês** indicador de origem, de procedência, de posição social.

Exemplos: *montês, francês, tailandês, japonês, marquês, calabrês*;

• nos sufixos **-esa** e **-isa** formadores de femininos.

Exemplos: *duquesa, consulesa, calabresa, profetisa, sacerdotisa, poetisa*;

• no sufixo **-esa** dos substantivos derivados de verbos terminados em **-ender**.

Exemplos: *defender – defesa; prender – presa; surpreender – surpresa*;

• nos substantivos formados com os sufixos gregos **-ese, -isa, -ose**.

Exemplos: *diocese, pitonisa, virose*;

• nos verbos derivados de palavra cujo radical termina em **-s**.

Exemplos: *analisar* (de análise); *atrasar* (de atrás).

Atenção: *catequese – catequizar*;

• em todas as formas dos verbos **pôr, querer, usar** e seus derivados.

Exemplos: *puséssemos, compôs, quisermos, quis, usado, desusar*;

• depois de ditongos.

Exemplos: *deusa, coisa, náusea, lousa*;

• nos sufixos **-oso, -osa,** formadores de adjetivos qualificativos.

Exemplos: *formoso, prazeroso, apetitosa, pomposa*;

• nas demais hipóteses (variedades do **S**).

Exemplos: *através, espontâneo, hesitar, abuso, ourivesaria, obus, cortesia, despesa, obséquio, asilo, siso, fusível, pêsames, evasão, agasalho, jus, esplêndido, gás, querosene, extravasar, grosa, gris, esplendor, groselha, vaselina, usura, casulo*, *maisena*.

1.6. O CONFRONTO ENTRE S E Z

Em nosso sistema ortográfico[5], há palavras escritas com **S** que deverão ser pronunciadas com som de /z/. Vamos a alguns exemplos: [6] [7]

Análise	*Hesitar*	*Poetisa*
Camponesa	*Inglesa*	*Profetisa*[7]
Despesa	*Lesado*	*Puser (verbo pôr)*
Enviesar (de viés)	*Lesão*	*Querosene*
Frase	*Leso*	*Requisito*
Gostoso	*Maisena*[6]	*Vaselina*
Heresia	*Obséquio*	

Em nosso sistema ortográfico, há palavras escritas com -z, tais como: *aprazível, baliza, chafariz, ojeriza, fertilizar, limpeza*, entre outras.

A questão crucial é saber se deve ser usado -s ou -z. Vamos descobrir:

Vocábulo	**Letra S**	**Letra Z**
Analisar	*Escreve-se com* **S** *quando o radical dos nomes correspondentes termina em "s".* *Exemplos: analisar (de análise); avisar (de aviso); alisar (de liso); improvisar (de improviso); pesquisar (de pesquisa); catalisar (de catálise); paralisar (de paralisia).*	

[8] 9

Anarquizar		*Escreve-se com* **Z** *quando o radical dos nomes correspondentes não termina em "s". Exemplos: anarquizar (de anarquia); civilizar (de civil); amenizar (de ameno); colonizar (de colono); cicatrizar (de cicatriz); vulgarizar (de vulgar); canalizar (de canal).* *Todavia, recomenda-se cuidado com batizar (de batismo), catequizar (de catequese) e traumatizar (de traumatismo): tais verbos derivam do*

		grego e vieram já formados para o nosso vernáculo.
Beleza		*Usa-se o sufixo* **-eza** *nos substantivos abstratos derivados de adjetivos. Exemplos: beleza (de belo); pobreza (de pobre).* *E, igualmente, em palavras como Veneza.* *Entretanto, recomenda-se cuidado com "rijeza" (de rijo).*
Burguês	*Usa-se o sufixo* **-ês** *nos adjetivos derivados de substantivos.* *Exemplos: burguês (de burgo); chinês (de China).*	
	Usa-se o sufixo **-esa** *nos substantivos cognatos de verbos terminados em* **-ender**. *Exemplos: defesa (defender);*	

Defesa	*despesa (despender).* *E, igualmente, em palavras como framboesa, obesa, turquesa, sobremesa*[8].	
Estupidez		*Usa-se o sufixo* **-ez** *nos substantivos femininos derivados de adjetivos.* *Exemplos: Estupidez*[9] *(de estúpido); avidez (de ávido); mudez (de mudo); cupidez (de cúpido).*
Eu pus	*Os derivados dos verbos "pôr" e "querer" serão grafados sempre com* **s**. *Exemplos: pus, pusera, puséramos, puséssemos, quiséssemos.*	
Antropônimos	*Teresa, Luís, Hortênsia, entre outros.*	

Variedades do S	*Marquesa, diocese, metamorfose, afrancesar, gás, besouro, rês, reses, arrasar, ansioso, pretensão, pretensioso, siso.*	
Variedades do Z		*Baliza, azar, vazamento, gaze, azáfama, prazeroso, cafuzo, ojeriza, regozijo, granizo, assaz, prezado.*

1.7. O EMPREGO DO J

A consoante **J** deverá ser utilizada nas seguintes hipóteses:

• na conjugação de verbos terminados em **-jar.**

Exemplos: *encorajar: encorajo, encorajei, encorajamos*;

• nas palavras de origem tupi, africana ou árabe.

Exemplos: *jiboia, jeribita, canjica, alfanje, alforje, pajé, canjica, jiló, Moji, jenipapo, ajedra, ajenil, ajimez, jirau*;

• nas palavras derivadas de outras que já contêm a letra **J**.

Exemplos: *varejo – varejista; brejo – brejeiro*;

• nas demais hipóteses (variedades do **J**).

Exemplos: *jeca, ojeriza, jejum, dejetar, jegue, traje, rijo, rijeza, dejeto, Jeremias, trejeito, objeção, Jerônimo, sarjeta, berinjela, majestade, cafajeste.*

1.8. O EMPREGO DO G

A consoante **G** deverá ser utilizada nas seguintes hipóteses:

• nos substantivos terminados em **-agem, -igem, -ugem.**

Exemplos: *viagem, massagem, garagem, origem, vertigem, fuligem, ferrugem, lanugem, pelugem.* Exceções: *pajem, lajem, lambujem*;

• nas palavras terminadas em **-ágio, -égio, -ígio, -ógio, -úgio.**

Exemplos: *contágio, egrégio, prodígio, relógio, refúgio*;

• nas palavras derivadas de outras que se grafam com **G.**

Exemplos: *vertiginoso, selvageria, engessar*;

• nas demais hipóteses (variedades do **G**).

Exemplos: *algema, gibi, tigela, apogeu, aborígene (ou aborígine), herege, bege, auge, megera, gergelim, gengiva, rabugento, vagem, gesto, rabugice, mugir, alfageme, impingir, monge, viageiro*.

1.9. O CONFRONTO ENTRE G E J

Não se deve confundir a aplicação da letra **G** (antes de *-e* ou *-i*) com a letra **J**. Ambas são consoantes palatais (o som é produzido quando se encontram o dorso da língua e o "céu da boca"), representando o fonema */ʒ/*.

O emprego será de uma ou outra de acordo com a origem da palavra ou com regras específicas. Exemplos: 10

Vocábulo	Letra G	Letra J
Jeito		*Origem latina*
Gesso	*Origem grega*	
Egrégio	*Palavras terminadas em* **-ágio, -égio, -ígio, -ógio, -úgio**. *Exemplos: pedágio, egrégio,*	

	prodígio, relógio, refúgio.	
Engessar	*Palavra derivada de gesso (origem grega).*	
Laranja		*Palavras terminadas em* **-ja** *e* **-aje**. *Exemplos: lisonja, granja, laje, traje, ultraje.*
Viaje		*Formas derivadas de verbos terminados em* **-jar** *ou* **-jear**. *Exemplos: viaje, gorjeie.*
Moji		*Palavras de origem indígena ou africana. Exemplos: canjica, jiló, jiboia, pajé, jenipapo, jerimum, jirau, jequitibá.*
Variedades do G	*Algema, gengiva, gibi, herege, abigeato, monge, rabugice, tigela, pugilo.*	
	Substantivos terminados em **-agem, -igem** *ou* **-ugem**. *Exemplos:*	

Viagem	*viagem, fuligem, penugem.* **Exceções:** *pajem, lajem, lambujem*[10].	
Variedades do J		*Projétil*[11], *trajeto, berinjela, jiu-jítsu*[12], *alforje, cafajeste, enjeitar, enrijecer, gorjeta, jeca, jegue, jejum, jérsei, manjedoura, manjerona, rejeitar, trejeito, varejeira, varejista.*

1.10. O EMPREGO DO X 11 12

A consoante **X** deverá ser utilizada nas seguintes hipóteses:

• depois de ditongo.

Exemplos: *ameixa, faixa, caixa, peixe, baixo, frouxo, rouxinol, seixo*;

• depois de inicial **-en.**

Exemplos: *enxada, enxotar, enxergar, enxame, enxaqueca, enxárcia, enxerto, enxó, enxovalhar, enxúndia, enxurrada*;

Exceções: *encher* e seus derivados.

Se houver o prefixo **em-** seguido de palavra iniciada por **-ch**, esse dígrafo deverá ser mantido.

Exemplos: *chumaço – enchumaçar; charco – encharcar*;

• depois de inicial **me-.**

Exemplos: *México, mexerico, mexerica*, *mexilhão.*

Exceções: *mecha, mechar, mechoacão, mechoacana*;

• nos vocábulos de origem indígena ou africana.

Exemplos: *caxambu, caxinguelê, xará, maxixe, abacaxi, xavante, mixira, orixá.*

1.11. O CONFRONTO ENTRE S E X

O confronto entre o **S** e o **X** é deveras relevante, merecendo citação. Abaixo, seguem algumas palavras grafadas com **X**, e não **s**, embora o pareçam ser:

Expectativa	*Expoente*	*Êxtase*
Exportação	*Extrair*	*Expiar (= remir)*
Experiente	*Expirar*	*Extasiado*
Fênix	*Têxtil*	*Texto*

A propósito, o verbo *extravasar* é formado por *extra* + *vaso* + *ar*, com o sentido de "fazer transbordar". Grafa-se, assim, com **S**, pois deriva de "*vaso*", ao passo que *vazar* se escreve com **Z** por derivar de *"*vazio*"*.

1.12. O CONFRONTO ENTRE X E CH

As palavras a seguir expostas apresentam dificuldades ao estudioso, uma vez que podem gerar equívocos com relação ao emprego de **X** ou **CH**. Vamos ao quadro comparativo:[13] [14]

Vocábulo	Letra X	Dígrafo CH
Enxada	*Escreve-se com* **X**, *quando tal letra suceder à sílaba* **en-**. *Exemplo: enxada, enxamear, enxaqueca, enxó, enxovalhar, enxúndia, enxoval, enxaguar, enxurrada, enxuto.*	

Enxada	**Exceções:** *encharcar, encher (e derivados), enchova, enchumaçar (e derivados), enchiqueirar (e derivados), enchoçar (e derivados).*	
Rouxinol	*Escreve-se com* **X***, quando tal letra suceder a ditongos. Exemplo: caixa, feixe, frouxo.* **Exceções:** *caucho, recauchutagem e cauchal.*	
Xavante	*Escreve-se com* **X***, quando se tratar de palavra de origem indígena ou africana. Exemplo: abacaxi, orixá, caxambu.*	
Variedades do CH		*Pechincha, chuchu, mecha, mochila, cochilar, bucha, chulo, bochechar, bochecho, (cocha, coche, cocheira, cocho)*[13]*, rechonchudo.*
Variedades do X	*Xampu, xícara, xaxim, rixa, lagartixa, coaxar, bruxa, xucro, xingar, extravasar, extemporâneo, (coxa, coxão, coxo)*[14]*.*	

Vamos conhecer alguns casos interessantes de *homônimos* que envolvem a letra **X** ou o dígrafo **CH**:

1) Tacha – tipo de prego; mancha ou defeito; caldeira

Taxa – tributo, índice

2) Tachar – censurar

Taxar – determinar a taxa de (tributo)

3) Bucho – estômago

Buxo – espécie de arbusto

4) Cocho – vasilha rústica de madeira

Coxo – capenga, manco

5) Chá – planta ou bebida

Xá – título do soberano da Pérsia (atual Irã)

6) Cheque – ordem de pagamento

Xeque – lance no jogo de xadrez; usado na expressão "colocar em xeque".

1.13. O EMPREGO DO Ç

A consoante C com a cedilha (ou cê-cedilha: **"Ç"**) deverá ser utilizada nas seguintes hipóteses:

• depois de ditongos.

Exemplos: *ouço, eleição*;

• em palavras de origem tupi, árabe ou africana.

Exemplos: *paçoca, alcaçuz, miçanga*;

• em formas correlatas de palavras terminadas em **-to** ou **-ter**.

Exemplos: *ereto – ereção; correto – correção; deter – detenção; conter – contenção.*

1.14. O EMPREGO DO E

A vogal **E** deverá ser utilizada nas seguintes hipóteses:

• a sílaba final de verbos terminados em **-uar, -oar.**

Exemplos: *continuar – continue; efetuar – efetue; pontuar – pontue; abençoar – abençoe; perdoar – perdoe; magoar – magoe*;

• as palavras formadas com o prefixo **ante-** (ou seja, antes, anterior).

Exemplos: *antediluviano, antevéspera*;

• nas demais hipóteses (variedades do **E**): cadeado, irrequieto, receoso, desperdiçar, mimeógrafo, desperdício, disenteria, seriema, empecilho, sequer.

1.15. O EMPREGO DO I

A vogal **I** deverá ser utilizada nas seguintes hipóteses:

• a sílaba final de verbos terminados em **-air, -oer, -uir.**

Exemplos: *sair – sai; cair – cai; doer – dói; roer – rói; diminuir – diminui; possuir – possui*;

• as palavras formadas com o prefixo **anti-** (= contra).

Exemplos: *antiaéreo, antiestético*;

• nas demais hipóteses (variedades do **I**).

Exemplos: *pátio, meritíssimo, digladiar, privilégio, terebintina, displicência, adivinhar, displicente, hilaridade*.

1.16. O CONFRONTO ENTRE E E I

Passemos à diferenciação das palavras que, compostas por **E** ou por **I**, costumam causar transtornos ao escritor desatento:

Vocábulo	Letra E	Letra I
Continue	*Na sílaba final dos verbos terminados em* **-uar**. *Exemplos:* *Continuar – que ele continue;*	

	Habituar – que ele habitu<u>e</u>; *Pontuar – que ele pontu<u>e</u>.*	
Diminui		*Na sílaba final dos verbos terminados em* **-uir**. *Exemplos:* *Diminuir – ele diminu<u>i</u>;* *Influir – ele influ<u>i</u>;* *Possuir – ele possu<u>i</u>.*
Magoe	*Na sílaba final dos verbos terminados em* **-oar**. *Exemplos:* *Magoar – que ele mago<u>e</u>;* *Abençoar – que ele abençoe;* *Perdoar – que ele perdo<u>e</u>.*	
Variedades do E	*Cadeado, creolina, cumeeira, desperdício, empecilho, irrequieto, mexerica, mimeógrafo, sequer, seriema, areal (e não "areial").*	
Variedades do I		*Displicente, erisipela, frontispício, pátio, artimanha, crânio,*

		digladiar, displicência, silvícola, dignitário.
Palavras importantes	*Desplante (e não "displante"), cesárea (confronte "cesariana")*	*Disenteria (e não "desinteria")* *Privilégio (e não "previlégio")* *Cesariana (confronte "cesárea")*

Vamos rever alguns casos interessantes de *parônimos* que envolvem as letras **E** ou **I**:

Área – *superfície*	↔	**Ária** – *melodia, cantiga*
Arrear – *pôr arreios, enfeitar (arrear as modelos para o desfile)*	↔	**Arriar** – *abaixar, cair*
Deferir *(deferimento)* – *conceder, atender*	↔	**Diferir** *(diferimento)* – *diferenciar, adiar*
Delatar – *denunciar*	↔	**Dilatar** – *alargar*
Descrição – *ato de escrever*	↔	**Discrição** – *qualidade de discreto*
Descriminar – *inocentar*	↔	**Discriminar** – *separar*
Despensa – *lugar onde se guardam*		**Dispensa** – *ato de dispensar,*

alimentos	↔	*licença*
Dessecar – *secar completamente, enxugar*	↔	**Dissecar** – *analisar minuciosamente*
Destratar – *insultar*	↔	**Distratar** – *desfazer*
Docente – *professor; relativo ao professor*	↔	**Discente** – *estudante; relativo ao estudante*
Elidir – *eliminar*	↔	**Ilidir** – *refutar*
Emergir – *vir à tona, sair*	↔	**Imergir** – *mergulhar*
Emérito – *insigne*	↔	**Imérito** – *não merecido*
Eminente – *importante, destacado*	↔	**Iminente** – *prestes a ocorrer*
Emitir – *gerar*	↔	**Imitir** – *investir (Ele imitiu parte do dinheiro em cultura)*
Estância – *fazenda de criação; estrofe*	↔	**Instância** – *insistência; jurisdição*
Incontinente – *imoderado, descontrolado*	↔	*"***Incontinenti***" (latim) – imediatamente*
Intemerato – *puro*	↔	**Intimorato** – *corajoso*

Preceder – *vir antes*	↔	**Proceder** – *agir; originar-se*
Preeminente – *nobre, distinto*	↔	**Proeminente** – *saliente*
Prescrever – *receitar; expirar prazo*	↔	**Proscrever** – *afastar, expulsar*
Ratificar – *confirmar*	↔	**Retificar** – *corrigir*
Recriar – *criar novamente*	↔	**Recrear** – *divertir*
Reincidir – *tornar a cair, repetir*	↔	**Rescindir** – *tornar sem efeito, dissolver*
Tráfego – *movimento, trânsito*	↔	**Tráfico** – *comércio*
Vadear – *atravessar (rio) por onde "dá pé"*	↔	**Vadiar** – *vagabundear, levar a vida de vadio*

Atenção: deve o estudioso do *vernáculo* 15 portar-se com parcimônia perante palavras como **receoso**, que parecem avocar a semivogal **-i** para lhe conferir uma "boa" sonoridade ("receioso"). Não é o que deve ocorrer, pois se grafa *receoso*, sem o -i. Na mesma esteira, temos: 16

Pronúncia incorreta	Pronúncia (e grafia) correta
"Afeiar"	*Afear*
"Estreiar"	*Estrear*16

“Freiar” / “Freiada”	*Frear / Freada*
“Granjeiar”	*Granjear*
“Nomeiar”	*Nomear*
“Prazeirosamente”	*Prazerosamente*
“Prazeiroso”	*Prazeroso*

Todavia, cuidado: o verbo *aleijar* deve ser grafado com -i. Portanto, não existe o tal “aléja”.

1.17. O CONFRONTO ENTRE O E U

Passemos à diferenciação das palavras que, compostas por **O** ou por **U**, costumam causar transtornos ao escritor desatento. Vamos ao quadro comparativo:

Grafam-se com O	Grafam-se com U
Bússola	*BUeiro*
COstume	*BUgiganga*
EngOlir	*BUlir*
FOcinho	*bUrbUrinho*
GOela	*CocUruto*

*Mag**O**ar*	*C**U**rtume*
*M**O**ela*	*El**U**cubração*[17]
*Név**O**a*	*Ent**U**pir*
*Nód**O**a*	*Jab**U**ti*
*Ób**O**lo*	*Jab**U**ticaba*
*P**O**leiro*	*Lób**U**lo*
*P**O**lenta*	*Reb**U**liço*
*P**O**lir*	*Táb**U**a*

Vamos conhecer alguns casos interessantes de *parônimos* que envolvem as letras **O** ou **U**:[17] [18]

Comprimento – *extensão*	↔	**Cumprimento** – *saudação, ato de cumprimentar*
Costear – *navegar junto à costa*	↔	**Custear** – *arcar com as despesas de*
Florescente – *que floresce, próspero*	↔	**Fluorescente**[18] – *que tem fluorescência (espécie de iluminação). A palavra deriva de "flúor", elemento químico.*

Séptico – *que causa infecção*	↔	**Cético** *(ou* **Céptico***)* – *descrente, que duvida*
Soar – *produzir som, tilintar*	↔	**Suar** – *transpirar*
Sobrescrever – *endereçar, escrever sobre*	↔	**Subscrever** – *assinar, escrever embaixo de*
Sortir – *abastecer, misturar*	↔	**Surtir** – *produzir (efeito ou resultado)*

1.18. PALAVRAS DE GRAFIA COMPLEXA

A *Ortografia* é o conjunto de regras que estabelecem a grafia correta das palavras, além de regulamentar o uso da crase, de sinais de pontuação e de sinais gráficos que destacam vogais tônicas abertas ou fechadas. É fundamental conhecermos tais regras para fazermos o correto uso da linguagem escrita.

Veja, a seguir, algumas observações importantes sobre o tema, sobretudo no âmbito de recorrentes palavras de grafia complexa.

Ansioso: a palavra é grafada com -s, da mesma forma que *ansiedade*.

Coincidência, reincidência: não se deve deturpar a acentuação prosódica em tais vocábulos. Uma "rei*cidência"*, sem o -n, na sílaba -in, pode tornar mais "grave" o ilícito. Assim como um "rein*vindicar"*, com o -n, na sílaba rei-, pode prejudicar, indubitavelmente, o pleito. No entanto, o pior está por vir: a tal "conhe*cidência"* (com -nh)... Não é possível que alguém, estando no campo da seriedade, escreva o vocábulo dessa forma... seria uma "pegadinha"? Posto isso, há que se ter muita atenção com as palavras ora guerreadas, a fim de que não cometamos erros que possam nos constranger perante outros e chancelar um distanciamento do estudo da Língua. Assim, memorize a separação silábica nas palavras, agora, corretamente grafadas:

- **Reincidência:** Re-in-ci-dên-cia [re-in (e não "rei")];
- **Coincidência:** Co-in-ci-dên-cia [co-in (e não "coi" ou a inadequada "conhe")];
- **Reivindicar:** Rei-vin-di-car [rei-vin (e não "rein")].

Exceção: a palavra é grafada com -xc e, após, cê-cedilha.

Excesso, excessivo: as palavras são grafadas com -xc e, após, dois "esses".

Frustrado, frustração: os vocábulos *frustrar*, *frustrado* e *frustração* devem ser pronunciados com clareza. As sílabas frus- e tra- precisam ser nitidamente articuladas, a fim de que não se emitam sons contrários às regras da *ortoépia* (segmento que se ocupa da boa pronunciação das palavras, no ato da fala).

Próprio, apropriado, problema: a sílaba pro- deve ser pronunciada de modo audível. Não se pode enunciar um simples "po" em vez de "pro", sob pena de se cometer um "indigesto" erro prosódico. A mesma pronúncia deve estar em *procrastinar*, *probatório*, *ímprobo*, *problema*, *propriedade*, *opróbrio* etc.

Sicrano: as formas *fulano*, *beltrano* e *sicrano* são consideradas, no plano morfológico, como *pronomes indefinidos*. O termo "siclano" (com -cla) não existe.

Empecilho: a palavra é grafada com -e, na sílaba inicial -em, e não com -i (como em *impe*...). Tem a acepção de obstáculo, óbice ou dificuldade.

Beneficente: a pronúncia (e a escrita) do vocábulo "beneficiente" (com -ci-) é um "atentado à benemerência". Não se recomenda fazer filantropia assim... Não se estará ajudando o próximo, mas o prejudicando, com uma linguagem atentatória ao vernáculo. Portanto, prefira *benefiCENte*, e a salutar ajuda a outrem, certamente, virá carregada de gramaticalidade.

Asterisco: o termo *asterisco* deriva do grego *asterískos* e significa "estrelinha". É sinal gráfico em forma de uma pequena estrela (*), sendo usado para remissões. Não existe a forma "asterístico" (com -ti-), porquanto isso se traduz em produto da mirabolante imaginação humana.

Não fumante: com o Acordo Ortográfico, as palavras iniciadas pela partícula *não* perderam o hífen, que as ligava ao segundo elemento. Outro exemplo: *não agressão*.

Quase delito: com o Acordo Ortográfico, as palavras iniciadas pelo termo *quase* perderam o hífen, que as ligava ao segundo elemento.

Intercessão do juiz, cessão de direitos, sessão de júri, seções no andar do edifício: o verbo *interceder*, derivado de *ceder*, provoca o surgimento do substantivo *intercessão* (ceder – "cessão"; de cessão de direitos).

Nesse passo, urge relembrar que *sessão* (com "três 'esses'") designa o tempo que dura uma reunião, uma apresentação (exemplos: sessão de júri, sessão de cinema), enquanto *seção* (ou *secção*) representa o departamento ou a divisão (*seção eleitoral*, *seção de brinquedos*, *seção de eletrodomésticos*). Ressalte-se que se usa, de modo restrito, *secção* para corte em operação médica (*secção do osso*, *secção da ferida*). Por derradeiro, frise-se que o VOLP registra, também, *ceção*, como sinônimo de frescura. Portanto, não confunda: *cessão* (e ceção) com *sessão* e, ainda, com *seção* (ou *secção*).

Má-fé, boa-fé: o vocábulo *boa-fé*, na acepção jurídica, representa, consoante o Dicionário Houaiss, "o estado de consciência de quem crê, por erro ou equívoco, que age com correção e em conformidade com o direito, podendo ser levado a ter seus interesses prejudicados [configura uma circunstância que a lei leva em conta para proteger o faltoso das consequências da irregularidade cometida]". Note que *boa-fé* forma o plural *boas-fés* (exemplo: Isso foi feito na melhor das boas-fés). A *má-fé*, na acepção jurídica, designa, consoante o Houaiss, "o termo usado para caracterizar o que é feito contra a lei, sem justa causa, sem fundamento legal e com plena consciência disso". O plural é *más-fés*.

1.19. O HÍFEN E O ACORDO ORTOGRÁFICO

Desde o dia 1º de janeiro de 2009, estão em vigor as novas regras de acentuação e ortografia impostas pelo Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. Sabe-se que o período de transição para a incorporação das mudanças ao nosso dia a dia deveria ir até 31 de dezembro de 2012, porém foi ampliado para 31 de dezembro de 2015, por força do Decreto n. 7.875/2012.

Nessa medida, se faz necessário enfrentar os pontos mais delicados das novas regras. Um deles refere-se ao uso do hífen, considerado um dos "vilões" do Acordo. O motivo é simples: antes das mudanças, o uso do hífen já se mostrava deveras complicado. Após o Acordo, espera-se que o usuário da Língua se mostre mais disposto a assimilá-lo.

Sendo assim, antes que esse "sinalzinho" venha recriar problemas entre nós, vamos tratar dele com a merecida atenção.

Com boa parte dos prefixos (proto-, extra-, pseudo-, semi-, infra-, e outros), o hífen sempre foi utilizado antes de palavras que se iniciavam por **H, R, S** e **vogal**. Agora a regra mudou. Após o Acordo, o hífen só será utilizado se o segundo elemento iniciar-se por **H** ou por **vogal idêntica** àquela do final de certos prefixos. Traduzindo:

> **I.** Se antes o hífen era obrigatório em auto-escola, agora se escreve **autoescola**, pois escola se inicia pela vogal "e", que <u>não</u> é idêntica à vogal final "o" do prefixo auto-;
>
> **II.** Se antes o hífen era obrigatório em contra-indicação, agora se escreve **contraindicação**, pois

indicação se inicia pela vogal "i", que não é idêntica à vogal final "a" do prefixo contra-.

Em sala de aula, tenho usado um lúdico recurso para a memorização da regra. Refere-se à analogia com a canção de roda, de nossa infância, "**Atirei o Pau no Gato**".

Observe o quadro comparativo e tente entoar a "canção", aplicando-a à regra do hífen:

CANTIGA DE RODA	REGRA DO HÍFEN (SUGESTÃO MUSICAL)
Atirei o pau no gato (tô tô) *Mas o gato (tô tô)* *Não morreu (reu reu)* *Dona Chica (cá)* *Admirou-se (se)* *Do /berrô/, do /berrô/ que o gato deu* *Miau!!!*	*PROTO, EXTRA, PSEUDO, SEMI (mi)* *INFRA, SUPRA (prá)* *INTRA, NEO, ULTRA* *CONTRA, AUTO (tô)* *Levam hífen (fén)* *Antes de H* *E idêntica vogal!!!*

Nota-se que o recurso musical é meramente subsidiário, em homenagem à melhor didática. Isso porque, como se pôde notar, a adaptação não é de todo simétrica, todavia é uma forma de se assimilar uma regra pouco convidativa, ainda mais em razão do extenso rol de prefixos a ela associados.

Buscando-se, ainda, auxiliar a memorização, demonstraremos abaixo algumas palavras que sofreram modificações com o Acordo, a fim de que o estudioso possa visualizar a mudança – e ratificar a grafia à luz do recurso musical acima sugerido:

Grafia ANTERIOR ao Acordo	Grafia POSTERIOR ao Acordo

Auto-ajuda	*Autoajuda*
Auto-estima	*Autoestima*
Contra-indicação	*Contraindicação*
Contra-oferta	*Contraoferta*
Extra-escolar	*Extraescolar*
Extra-oficial	*Extraoficial*
Intra-ocular	*Intraocular*
Semi-aberto	*Semiaberto*

Registre-se que o hífen deverá ocorrer nas palavras em que o segundo elemento iniciar-se por idêntica vogal, o que já se dava, normalmente, antes do Acordo. Note os exemplos:

Semi-interno (vogal -i repetida) | Supra-auricular (vogal -a repetida) |
Contra-almirante (vogal -a repetida) | Auto-observação (vogal -o repetida)

Da mesma forma, o hífen aparecerá nas palavras em que o segundo elemento iniciar-se pela consoante -h, o que também já ocorria, antes do Acordo. Observe os exemplos:

Extra-humano | Semi-hospitalar | Semi-histórico | Ultra-hiperbólico

Uma vez assimilada a regra acima, a partir do recurso mnemônico e musical ofertado, vale a pena destacar que a outros **quatro prefixos** poderá ser aplicada a mesma "canção". Por uma impossibilidade – ou dificuldade – de estruturação musical, tais prefixos não couberam naquele modelo apresentado. Note-os:

ante- | anti- | arqui- | sobre-

Desse modo, haverá o hífen se os prefixos destacados antecederem o -h ou uma idêntica vogal:

Anti-ibérico (vogal -i repetida)	*Arqui-irmandade (vogal -i repetida)*
Anti-inflamatório (vogal -i repetida)	*Sobre-humano*
Anteontem (vogais diferentes)	*Sobreaviso (vogais diferentes)*

Partindo-se para outra regra, sabe-se que o Acordo trouxe um desdobramento significativo: a queda do hífen, em todos os casos de palavras com os prefixos até agora estudados, quando o segundo elemento iniciar-se por -r ou -s. Aqui, aliás, haverá a duplicação da consoante. Observe:

Grafia ANTERIOR ao Acordo	**Grafia POSTERIOR ao Acordo**
Ante-sala	*Antessala*
Anti-republicano	*Antirrepublicano*
Anti-social	*Antissocial*
Contra-razões	*Contrarrazões*
Contra-regra	*Contrarregra*
Contra-senso	*Contrassenso*
Semi-selvagem	*Semisselvagem*
Supra-sumo	*Suprassumo*

Ultra-romântico	*Ultrarromântico*

À guisa de complemento, observe a grafia das importantes palavras abaixo e os respectivos comentários.

Antiaéreo – antiético – anti-inflamatório – antenupcial: as palavras formadas com os prefixos anti- e ante- serão grafadas com o hífen se o segundo elemento iniciar-se por -h ou idêntica vogal. Portanto, *antiaéreo*, *antiético* e *antenupcial* escrevem-se junto, sem hífen. Por outro lado, *anti-inflamatório* recebe atualmente o sinal, entretanto a forma antes do Acordo afastava-o.

Antissocial: o hífen existia antes do Acordo no prefixo anti- quando a palavra posterior iniciava-se apenas por -h, -r ou -s. Assim, escrevia-se "anti-social", para indicar os seres arredios a costumes sociais. Com a modificação introduzida pelo Acordo, a nosso ver, tais pessoas, geralmente "estranhas", ficarão bem mais esquisitas com a forma *antissocial*. Você não acha?

Autoestrada – autoescola: as palavras formadas com o prefixo auto- serão grafadas com o hífen se o segundo elemento iniciar-se por -h ou idêntica vogal. Tenho dito que, quem quer aprender a dirigir veículos, deve agora "se guiar" bem... Não mais há hífen para *autoescola*. Recomendo assim: "'tire a carteira' na autoescola e aproveite para também 'tirar o hífen'"!

Coautor – coautoria – codevedor – coobrigado – copiloto: diante do Acordo, uma novidade veio facilitar nossa vida: todas as palavras escritas com o prefixo co- perderam o hífen. Com as novas grafias, sem a presença do hífen, tenho dito que as lides agora deverão ter "mais unidos" os integrantes do mesmo lado da relação jurídico-processual... Escrevem-se, sem o sinal, *coautor* e *coautora*. Os operadores do Direito devem procurar se acostumar às formas, em plena "coautoria de esforço" para a assimilação da novidade... Da mesma forma, grafam-se *codevedor*, *coobrigado* e *copiloto*.

Coerdeiro – coabitar – coabilidade: a forma *coerdeiro*, agora escrita sem o hífen e sem o -h, é forma que tende a chocar o estudioso, em razão de seu exotismo. Tenho sugerido um macete: esquecendo-se da grafia imposta pela ABL, pense naquele carneirinho novo e tenro, chamado "cordeiro". Basta escrever este nome e inserir a voga -e após a letra -o e antes da consoante -r! Descobrirá a forma recomendada: "coerdeiro".

Contramandado: as palavras formadas com o prefixo contra- serão grafadas com o hífen se o segundo elemento iniciar-se por -h ou idêntica vogal. Portanto, *contramandado* escreve-se junto, sem hífen.

Contrarregra – contrarrazões: o hífen existia antes do Acordo nas palavras formadas pelo prefixo contra-

quando o segundo elemento iniciava-se por -h, -r, -s ou vogal. Assim, escrevia-se "contra-razões", ainda que se tratasse de um neológico termo jurídico, não aceito pela Academia Brasileira de Letras, no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (4ª edição). Antes nos preocupávamos com o prazo das ditas "contra-razões", no ambiente forense; agora, devemos prestar atenção ao prazo e também à grafia: recomenda-se escrever *contrarrazões*, sem o hífen e com a duplicação da letra -r. O mesmo raciocínio se estende a outros prefixos, quando antecederem as consoantes -s e -r. Portanto, agora se escreve *semissoberania* e *semisselvagem*, *arquirrival*, *contrarregra* e *contrassenso*, entre outros casos.

Corresponsável – corréu – corré: com a supressão do hífen em todas as palavras escritas com o prefixo co-, deu-se lugar a um termo de grafia pouco estética: *corresponsável*. Na mesma linha, seguem os vocábulos relacionados: *corresponsabilidade*, *corresponsabilizar*, *corresponsabilizante* e *corresponsabilizável*. Da mesma forma, o Acordo propiciou o surgimento de formas bem extravagantes: *corréu* e *corré*. De tão diferentes, dispensam comentários. Merecem, sim, que se dê "tempo ao tempo", a fim de que o operador do Direito possa acreditar que terá mesmo que as utilizar na lide. Paciência... Aliás, os latinos já diziam: "Com tempo e perseverança, tudo se alcança".

Extrajudicial – extraconjugal – extraoficial: as palavras formadas com o prefixo extra- serão grafadas com o hífen se o segundo elemento iniciar-se por -h ou idêntica vogal. Portanto, *extrajudicial*, *extraconjugal* e *extraoficial* escrevem-se junto, sem hífen. Frise-se que, antes do Acordo, esta última recebia o hífen.

Infracitado – inframencionado – infra-assinado – infraestrutura: as palavras formadas com o prefixo infra- serão grafadas com o hífen se o segundo elemento iniciar-se por -h ou idêntica vogal. Portanto, *infracitado* e *inframencionado* escrevem-se junto, sem hífen, todavia *infra-assinado* deve conter o sinal, em virtude da repetição da vogal -a. Por fim, quanto ao vocábulo *infraestrutura*, hoje grafado sem hífen, insta frisar que a grafia antiga impunha o sinal.

Micro-ondas – micro-ônibus – micro-organismo: antes do Acordo, escrevia-se "microondas", sem o hífen. Esse sinalzinho apareceu agora para evitar "a briga" das duas vogais, separando-as, porém tem provocado bastante confusão por aí. Desse modo, agora se escreve com hífen (*micro-ondas*). O mesmo fenômeno ocorreu com o ultrapassado "microônibus", que agora cede passo à forma hifenizada *micro-ônibus*.

Paraquedas – paraquedismo: a curiosidade mostra sua força no vocábulo "paraquedas", assim escrito após o Acordo. Antes deste, grafava-se com o acento agudo no primeiro elemento (pára-) e com hífen ("pára-quedas"). Agora devemos suprimir o acento e unir tudo em *paraquedas*. O problema é que isso não vale para outras situações análogas, o que seria de todo razoável: é que os ultrapassados "pára-lama", "pára-choque" e "pára-brisa" perderam o acento no primeiro elemento, mas mantiveram o hífen, tornando, após o Acordo: *para-lama*, *para-*

choque e *para-brisa*. Aqui se viu pouca uniformidade...

Pôr do sol: o acento diferencial permaneceu em *pôr* (verbo) e *por* (preposição). Assim, continuamos escrevendo, com correção, "vou pôr as mãos nesse canalha!" (com acento) e "luto por você" (sem acento). A partir desse dado, constata-se que a expressão *pôr do sol* permaneceu com o acento circunflexo, uma vez que o primeiro elemento *pôr*, neste vocábulo composto, designa uma substantivação do verbo, todavia, é importante enaltecer que a reforma ortográfica suprimiu os hifens (ou hífenes) que separavam os elementos. Portanto, após o Acordo, vamos grafar *pôr do sol* (ou *pôr de sol*), ambas com o acento circunflexo, mas sem os hifens (ou hífenes).

Prequestionamento – preexistente: o prefixo pré- pode ser encontrado na forma acentuada ou não acentuada. É de todo oportuno assimilar as palavras formadas com tal prefixo, que não levam o acento, nem mesmo o hífen. São elas: *prequestionamento*, *preexistente*, *preexistir*, *predeterminado*, *preordenar*, *preconcebido*, *predizer*, *preeminente*, *prepor*, *prejulgar*, *preaquecido*, *prenunciado*. Por outro lado, frise-se que o rol das palavras que trazem a forma acentuada é mais numeroso, compondo vocábulos, como: *pré-clássico*, *pré-vestibular*, *pré-carnavalesco*, *pré-operatório*, *pré-datado*, *pré-natal*, *pré-escolar*, *pré-história*, *pré-estreia* (caiu o acento no termo *estreia*, como se verá adiante), entre outros.

Socioeconômico: a palavra deve ser grafada sem o hífen e com a tonicidade na sílaba /nô/ – e com o respectivo acento gráfico –, por se tratar de um vocábulo proparoxítono. E o mais incrível: sempre foi assim! O que parece ser óbvio não o é para muitos – o próprio legislador constituinte, ao dispor sobre o *princípio da uniformidade geográfica*, no art. 151, I, da Constituição Federal, grafou a palavra com o hífen. E muitos o acompanham, sem prestar a devida atenção à grafia correta que, aliás, consta do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa.

Supracitado – supramencionado: as palavras formadas com o prefixo supra- serão grafadas com o hífen se o segundo elemento iniciar-se por -h ou idêntica vogal. Portanto, *supracitado* e *supramencionado* escrevem-se junto, sem hífen.

Tão somente – tão só: até o Acordo Ortográfico, admitiam-se as formas hifenizadas, para indicar o advérbio: "tão-somente" e "tão-só". Atualmente, as duas formas adverbializadas e sinônimas perderam o hífen, passando a ser *tão somente* e *tão só*.

Ultrassom: o hífen existia antes do Acordo nas palavras formadas pelo prefixo ultra- quando o segundo elemento iniciava-se por -h, -r, -s ou vogal. Assim, escreviam-se "ultra-som" e "ultra-sonografia". Com a mudança da regra, as palavras formadas com o mencionado prefixo passaram a ser grafadas com o hífen se o segundo elemento começar por -h ou idêntica vogal. Além disso, com o segundo elemento iniciando-se por -r ou -s, haverá a

duplicação da consoante. Portanto, após o Acordo, escrevem-se: *ultrassom* e *ultrassonografia*.

1.20. ENRIQUEÇA SEU VOCABULÁRIO: ROL DE VOCÁBULOS DE GRAFIA COMPLEXA

Esta seção comporta um pequeno guia ortográfico, no intuito de nortear o usuário da Língua, quando se defronta com os problemas da ortografia em seu dia a dia. O presente rol visa contribuir para o manejo adequado do nosso principal instrumento de comunicação – a Língua nacional. Ademais, poderá o nobre leitor enriquecer o arcabouço vocabular, consultando o significado das palavras menos conhecidas no dicionário, ao término da obra. Vamos a elas:

Abscesso	*Ascetismo*	*Blá-blá-blá (Pl.: blá-blá-blás)*
Abscissa	*Assessor*	*Blasonar*
Acreano	*Assessoria*	*Boa-vida*
Ádvena	*Assis*	*Bola de neve*
Aeroclube	*Atarraxar*	*Bororo*
Agroindústria	*Azaleia (ou Azálea)*	*Bota-fora*
Água de coco	*Azeviche*	*Brasonar*
Aguarrás	*Ázimo*	*Broncopneumonia*
Alcaçuz	*Azorrague*	*Bruaá*

Álcoois (ou Alcoóis)	*Azougue (Mercúrio)*	*Buganvília*
Aldeamento	*Baboseira*	*Bugio*
Alisar (Verbo)	*Baixo-relevo*	*Buldogue*
Alizar (Substantivo)	*Balão-sonda*	*Bulevar*
Almaço	*Banana-da-terra*	*Bumba meu boi*
Altissonante	*Banana-maçã*	*Busca-pé*
Alvirrubro	*Banana-ouro*	*Busílis*
Ambidestro	*Banana-prata*	*Butique*
Ambrosia /zí/	*Banguê (Engenho)*	*Caça-níqueis*
Amesendar-se	*Banho-maria*	*Cadafalso*
Amigo-oculto (Sorteio)	*Basa*	*Cadarço*
Ananasal	*Bate-boca*	*Caixa-alta*
Aneizinhos (sem acento)	*Bate-estaca*	*Caixeiro-viajante*
Ano-luz (Plural: Anos-		

luz)	*Bêbado (ou Bêbedo)*	*Calcanhar de aquiles*
Apascentar	*Bege (Cor)*	*Cana-de-açúcar*
Apostasia	*Beisebol*	*Capuchinho*
Aquiescência	*Belchior (Comerciante)*	*Caranguejo*
Ária (Canto)	*Berbere*	*Carne de sol*
Arquidiocese	*Beribéri (Doença)*	*Carne-seca*
Arrasar	*Bicho-da-seda*	*Carochinha*
Arroz-doce	*Bilboquê*	*Carro-bomba*
Arte-final	*Biorritmo*	*Carro-forte*
Asa-delta	*Bisonho*	*Cassação*
Ascensorista	*Bissetriz*	*Cassiterita*
Asceta	*Bissexto*	*Catequese*
Catequizar	*Conta-giros*	*Entabular*
Cátodo	*Conta-gotas*	*Entressafra*

Catrapus	*Conto do vigário*	*Enviesar*
Cê-cedilha	*Convalescer*	*Enxúndia*
Centroavante	*Corresponsável*	*Erisipela*
Cessar-fogo	*Cossaco*	*Escorraçar*
Chacoalhar	*Creolina*	*Esgazeado*
Chá-mate	*Criado-mudo*	*Esquistossomose*
Chilique	*Cris*	*Estase (Estagnação)*
Chinchila	*Crisol*	*Estêncil*
Chinfrim	*Crisolo*	*Estorricado (ou Esturricado)*
Chocho	*Crochê*	*Estorricar (ou Esturricar)*
Chulé	*Cupincha*	*Estreme (Puro)*
Cidade-satélite	*Cutisar*	*Estripulia*
Cidra (Fruta)	*Data-base (Aurélio)*	*Estroina*

Circunfuso	*Decreto-lei*	*Exangue*
Cisalhas	*Dedo-durar*	*Excentricidade*
Cissiparidade	*Dedo-duro*	*Excipiente*
Coautor	*Degenerescência*	*Excrescência*
Cochicho	*Dervixe*	*Execração*
Cochinchina	*Desar*	*Execrar*
Cocuruto	*Desídia (/zí/)*	*Êxtase (estado)*
Coerdeiro	*Despautério*	*Fácies*
Coirmão	*Devesa*	*Fac-símile*
Comezinho	*Dissecação*	*Factótum*
Comiserar	*Dissecar*	*Feiura*
Complacência	*Dólmã (Veste)*	*Fescenino*
Complacente	*Efervescência*	*Filoxera*
Conchavo	*Elixir*	*Fim de semana*

Condescendência	*Elucubração*	*Fita cassete*
Condescendente	*Empuxo*	*Fita métrica*
Conjectura (ou Conjetura)	*Enfarte (ou Infarto)*	*Flamboaiã*
Consciencioso	*Enfisema*	*Fleuma*
Conta-corrente (VOLP e Houaiss)	*Enrubescer*	*Fleumático*
Fora da lei	*Hiper-humano*	*Isolda (/ô/)*
Fora de série	*Hipersensível*	*Jângal*
Frenesi(m) /zí/	*Hipotenusa*	*Jeca-tatu*
Frisa(r)	*Hirsuto*	*Jerimum*
Frisante	*Hirto*	*Jetom*
Fuxicar	*Hombridade*	*Jia*
Fuxico	*Homilia (ou Homília)*	*Jiu-jítsu (com acento; VOLP 2009)*

Ganha-pão	*Homizio*	*João-de-barro*
Garnisé	*Hortifrutigranjeiro*	*Jus*
Gaze (Tecido)	*Hortigranjeiro*	*Jusante*
Gelosia (/zí/)	*Hulha*	*Lambujem*
Genufletir (ou Genuflectir)	*Húmus*	*Laxante*
Genuflexo / Genuflexório	*Hurra*	*Lenga-lenga*
Gnu	*Iate*	*Lhaneza*
Gozoso	*Idiossincrasia*	*Lixívia*
Granizo	*Iídiche*	*Lóbulo*
Guelra	*Imarcescível*	*Lua de mel*
Guidom	*Imbróglio*	*Má vontade*
Guta-percha	*Impertérrito*	*Má-criação*
Haicai	*Impetigo*	*Madressilva*

Halo	*Impigem*	*Maisena*
Hangar	*Impingir*	*Manteigueira*
Haraquiri	*Impudico*	*Mau gosto*
Harpia	*Incognoscível*	*Mau humor*
Haste	*Inconsútil*	*Maxissaia*
Hausto	*Incrustação*	*Mestre de obras*
Hebdomadário	*Incrustar*	*Miçanga*
Heureca	*Indefeso*	*Mimeografar*
Hibisco	*Indo-europeu*	*Misto-quente*
Hidravião (ou Hidroavião)	*Inexpugnável*	*Mixórdia*
Hieróglifo (ou Hieroglifo)	*Inextricável*	*Mocassim*
Hileia	*Ingurgitar*	*Moto-próprio*

Himeneu	*Inumano*	*Motosserra*
Hiperacidez	*Irisar*	*Mozarela (ou Muçarela)*
Multissecular	*Pixaim*	*Réprobo*
Nabucodonosor	*Poncã (Tangerina)*	*Rês (Gado)*
Negus (/ú/)	*Porta-luvas*	*Rés (Rente)*
Obsolescência	*Porta-malas*	*Rés do chão*
Oceânia (ou Oceania)	*Pretensioso*	*Reses (Plural de Rês)*
Opróbrio	*Profligar*	*Resvés*
Orangotango	*Proscênio*	*Retesar*
Pachorra	*Prostrar*	*Ricochete*
Padre-nosso (ou Pai-nosso)	*Proxeneta*	*Rissole*
Paisinho (de País)	*Psitacismo*	*Saçaricar*
Paizinho (de Pai)	*Pusilânime*	*Sacrossanto*
Pão de ló (Aurélio)	*Pústula*	*Salva-vidas*

Pão-duro	*Quadro-negro*	*Sanguessuga*
Parabélum	*Quadrúmano*	*Sassafrás*
Para-brisa	*Quíchua*	*Secessão*
Para-choque	*Quinquenal*	*Seiscentos*
Paralelepípedo	*Quinquênio*	*Sem-sal*
Paraquedas	*Quinta-essência (ou quintessência)*	*Sem-vergonha*
Parêntese	*Radiotáxi*	*Sobre-exceder*
Pau-brasil	*Ranzinza*	*Sobreloja*
Pauis	*Ravióli*	*Soçobrar*
Pecha	*Rechaçar*	*Supetão*
Penico (Urinol)	*Rechonchudo*	*Terebintina*
Piaçaba (ou Piaçava)	*Recrudescer*	*Tiziu*
Pintassilgo	*Regurgitar*	*Tonitruante*

Piquenique	*Reminiscência*	*Trasanteontem*[19]

19

20 21

Tresandar	*Volibol ou Voleibol (VOLP)*	*Ziguezague*
Triz	*Xilindró*	*Ziguezaguear*
Txucarramãe (Houaiss)	*Xisto (Rocha)*	*Zíper*
Vaivém[20]	*Xixi*	*Zum-zum*[21]
Vaselina	*Xodó*	*Zum-zum-zum*
Vesano	*Xucro*	
Vira-lata	*Zás-trás*	

CURIOSIMACETES

1. ESTADA E ESTADIA

Os termos referem-se à permanência de alguém ou algo em algum lugar. A distinção será aferida, dependendo daquilo que permanece. Exemplo: para pessoas que permanecem em cidades a turismo, a passeio ou a negócios, deve-se utilizar *estada*. Por outro lado, quando se tratar de navios (em portos), aviões (em aeroportos), veículos (em garagens), deve-se usar *estadia*. Portanto, aprecie as

frases:

Tive uma breve e prazerosa estada em Teresina.

Em minha estada em Divinópolis, pude conferir a hospitalidade mineira.

As estadas em Araçatuba têm sido constantes; logo, mudar-me-ei para tão aprazível cidade.

A estadia do cargueiro foi longa, em razão da greve da Receita Federal.

Enquanto não solucionarem os problemas, a estadia da aeronave deve se protrair.

O Transatlântico teve breve estadia nas Ilhas Gregas.

A estadia dos veículos nos estabelecimentos evita numerosos furtos.

2. FAVELA

O substantivo feminino *favela* designa o conjunto de barracos e habitações construídas nos morros e periferias. A origem do termo *favela* é sobremodo interessante. Quem nos relata, com pertinência, é o eminente gramático Domingos Paschoal Cegalla (1999:165): "*Perto do açude de Cocorobó, na Bahia, fica o Alto da Favela, uma pequena elevação onde acamparam as tropas federais no final da Guerra de Canudos. O nome 'Alto da Favela' deve-se a 'favela' ou 'faveleiro', arbusto abundante nesse morro. Terminada a Guerra de Canudos (1897), um contingente das tropas desmobilizadas instalou-se no morro do Santo Cristo, no Rio, onde construíram barracos e deram ao local o nome de 'Morro da Favela*'".

3. FLEUMA

O substantivo feminino (a *fleuma*) tem a acepção, segundo a medicina antiga, de um dos quatro humores do organismo (sangue, fleuma, bile amarela e bile negra).

Em sentido figurado, a fleuma representa serenidade, frieza de ânimo ou impassibilidade. Exemplos:

"O candidato a concursos públicos, em provas orais, precisa de fleuma e gana" (o Autor).

Ele se portou como uma fleuma britânica.

Ressalte-se que a edição do VOLP 2004 chancelou os adjetivos sinônimos *fleumático* (derivado de fleuma), *fleugmático* (derivado de fleugma) e *flegmático* (derivado de flegma /ê/).

4. O IMÃ (OXÍTONA) E O ÍMÃ (PAROXÍTONA)

Os substantivos masculinos *imã* e *ímã* podem gerar dúvidas ao anunciante de tais vocábulos. Como oxítona, *imã*, com a sílaba tônica em -mã, indica o dirigente religioso muçulmano. Difere, pois, do ferro magnetizado, isto é, do *ímã*, uma paroxítona com a sílaba tônica em "í-".

5. IMBRÓGLIO

O substantivo masculino, derivado do italiano "imbroglio" (sem acento), tem a acepção de "confusão, trapalhada". O curioso é que o vocábulo, em nosso idioma, manteve forma esdrúxula: *imbróglio* (pronuncie "imbrólio"). Portanto, em português, grafa-se *imbróglio*, conforme o Aurélio, o Houaiss e o próprio VOLP. Entendemos, porém, que falta praticidade ao termo, que poderia ser mais bem grafado como "imbrólio" (sem -g). Todavia, até mesmo a literatura chancela a curiosa forma. Observe:

"O Dr. Cláudio conduzia os trabalhos com verdadeira perícia de automedonte, e esclarecia os imbróglios"[22].

A HORA DO ESPANTO

As "pérolas" do português

Caresse

Correção: a 3ª pessoa do singular (ele) do presente do indicativo do verbo *carecer* é *carece* (com -c).

Plalsível

Correção: embora seja nítida a "tentação" de colocar o -l no vocábulo, no intuito de nele imprimir uma falsa "elegância", não o faça com relação ao adjetivo *plausível*, com -u.

Maxista

Correção: a doutrina dos filósofos alemães Karl Marx e Friedrich Engels é o *marxismo*, com -r. Ressalte-se que a pronúncia é com /cs/.

VOLP

Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa

Parêntese

Segundo o VOLP 2009, o substantivo pode assumir as seguintes variações: substantivo masculino (***o*** *parêntese*), substantive masculino plural (***os*** *parênteses*) ou substantivo masculino de dois números (***o*** *parêntesis* ou ***os*** *parêntesis*).

QUESTÕES

1. (2016/IESES/SERGAS/Engenheiro) Leia o texto a seguir para responder a questão sobre seu conteúdo.

Aprenda a ler e a escrever: uma possibilidade de inclusão social

Por: Sandra Bozza. Disponível em: <http://linguaportuguesa.uol.com.br/linguaportuguesa/gramatica-ortografia/59/artigo371209-2.asp>. Acesso em 13 ago. 2016.

Gostaria de iniciar este diálogo escrito congraçando os leitores à seguinte reflexão: enquanto leem este texto, bilhões de cidadãos da Terra estão em caráter de exclusão pelo fato de não saberem ler. São espoliados da herança científica e cultural construída no processo histórico de suprir necessidades cada vez mais complexas. Grande parte desse processo foi registrado e legado às sociedades regidas e organizadas pela língua escrita, possibilitando, assim, que esses mesmos conhecimentos sejam, a todo tempo, revisitados, rechaçados, ampliados e superados. Todos os analfabetos (funcionais e de fato) deixam de ter acesso à criação artística e científica, aos avanços e às descobertas, realizações e valores que pertencem a nossa comunidade planetária. É essa a principal verve de nossa reflexão.

Neste espaço, não esperamos lançar luzes, ainda que sutis, sobre uma preocupação que pouco tem sido aventada socialmente: a função da linguagem na formação do sujeito e o papel da língua escrita no enriquecimento da linguagem de cada um. Isso já tem sido competentemente discutido em todas as instâncias em que esse assunto é relevante. O que aqui pretendemos é oxigenar, mais uma vez, a ideia dos danos que o analfabetismo funcional pode causar aos cidadãos e as consequências nefastas desses danos em todas as esferas do cotidiano humano. [...]

Que a leitura amplia horizontes e que as informações conseguidas a partir dela podem resultar em conhecimentos todos já sabemos. O que talvez seja a necessidade mais premente nos dias atuais (quando tanto se tem comentado sobre a pobre proficiência em leitura que a escola brasileira tem produzido) é refletir sobre o seu papel no intelecto de cada ser.

A escrita exige (e simultaneamente desenvolve) o funcionamento da função simbólica, que é determinante para o desenvolvimento da inteligência. Todavia, os não alfabetizados com competência não estarão suficientemente aptos para sobreviverem com plenitude em uma sociedade letrada. Um bom exemplo desse fenômeno pode ser observado na barreira que a saúde pública enfrenta no combate à diabetes. Segundo os especialistas, a maior dificuldade na prescrição e administração da insulina (e consequentemente no controle da doença) reside na precariedade da competência leitora que muitos pacientes possuem, pois não se trata apenas de não saber interpretar o que é prescrito na bula ou na receita médica, mas sim de ter competência para relativizar e estabelecer conexões entre seu estado de saúde e as necessidades da dose do medicamento e da ingestão de glicose que realizaram naquele dia. Ou seja, não estamos a falar apenas de não conseguir compreender uma ideia colocada através da língua escrita, mas, também, de um baixo desenvolvimento cognitivo que, muita vezes, não permite que o tratamento seja eficaz. Em outras palavras, o sujeito não competente na leitura pode sofrer de déficits cognitivos e ser prejudicado nas mais diversas ações e necessidades de sua vida.

[...] É isso que sugere o título deste texto: a inserção social a que nos referimos diz respeito ao conhecimento de mundo de uma forma ampla e irrestrita, que dificilmente se conseguiria não fosse o acesso e o poder de transitar pelo universo letrado que a escrita pode nos proporcionar.

Sandra Bozza é linguista, filósofa, psicóloga, socióloga e escritora. Prof. de Metodologia de Ensino da Língua Portuguesa, de Literatura Infantil, de Linguística e de Metodologia de Ensino de Alfabetização e Letramento. Entre seus livros mais relevantes estão: Na escola sem aprender? Isso não!; Avaliação e aprendizagem: entre o pensar e o fazer; Língua Portuguesa a partir do texto (4 Volumes) e Coleção Trabalhando com a Palavra Viva (2 Volumes). Fonte: Adaptado de: <http://literatura.uol.com.br/literatura/figuraslinguagem/56/artigo362336-1.asp>. Acesso em 13 ago. 2016.

Avalie as afirmações a seguir e marque V para afirmações Verdadeiras ou F para Falsas.

( ) De acordo com a ortografia moderna, a palavra "escusar", assim como a palavra "espoliados", estão corretamente grafadas com "s" na primeira sílaba.

( ) A ausência do acento gráfico da palavra "diálogo" dá-lhe outro significado.

( ) Em: "[...], a maior dificuldade na prescrição e administração da insulina [...] reside na precariedade da competência leitora", se a expressão "a maior dificuldade" fosse substituídas por "as maiores dificuldades", a alteração no verbo seria opcional.

( ) "[...] a inserção social a que nos referimos diz respeito ao conhecimento de mundo de uma forma ampla e irrestrita". O pronome oblíquo presente nesse fragmento também poderia estar na forma enclítica sem prejuízo à correção do período.

Agora assinale a alternativa que contenha a sequência correta de respostas de cima para baixo:

a) F – V – F – F

b) V – V – F – F

c) F – F – V – V

d) V – V – F – V

2. (2016/CESGRANRIO/IBGE/Agente de Pesquisas e Mapeamento/Adaptada) Todas as palavras estão grafadas corretamente em

a) locomoção, intersessão

b) abolissão, estagnação

c) comissão, excurção

d) abreviação, obseção

e) aclamação, emissão

3. (2016/CESGRANRIO/IBGE/Agente de Pesquisas e Mapeamento/Adaptada) Todas as palavras estão corretamente grafadas em:

a) êxito, estensão, machucado

b) começo, salça, sussego

c) enxova, pesquisa, paralizia

d) consciência, açucena, cansaço

e) diciplina, sucesso, ricaço

4. (2016/CCV-UFC/UFC/Auxiliar em Administração) Assinale a alternativa em que todas as palavras estão corretamente grafadas.

a) Alguns computadores velhos não têm mais conserto.

b) É excessivo o número de aplicativos desnessessários.

c) O calhambeque é uma excessão entre os carros antigos.

d) Parece possível fazer a ressurreissão de um computador.

e) É fácil instalar assessórios de Informática no computador.

5. (2016/ESAF/FUNAI/Conhecimentos Gerais)

A mata preservada do Parque Indígena do Xingu segue previlegiando [1] os chamados "serviços sistêmicos". A natureza contribue [2] para o equilíbrio do clima e o bem-estar [3] das pessoas, seja na forma de umidade do ar, que leva chuva pelo Brasil a fora [4], seja na manutenção da biodiversidade, da polinização, da absorsão [5] de carbono.

(Adaptado de Planeta, abr. 2016, p. 20.)

Assinale a opção cujo número corresponde ao segmento corretamente grafado.

a) 1

b) 2

c) 3

d) 4

e) 5

6. (2016/FUNRIO/IF-PA/Administrador) De acordo com as regras ortográficas em vigor, a única dupla de palavras corretamente hifenizadas é

a) bicho-do-pé & bicho-do-mato.

b) leão-marinho & lobo-da-tasmânia.

c) cor-de-rosa & cor-de-abóbora.

d) maria-fumaça & maria-vai-com-as-outras.

e) joão-bobo & pseudo-raiva.

7. (2016/FCC/ELETROBRAS-ELETROSUL/Técnico de Segurança do Trabalho) A frase escrita corretamente, de acordo com a norma-padrão, é:

a) É provavel que desenhos de outros animais sejam benvindos nos livros que o autor se refere.

b) O autor expressou o desejo que os livros mantessem margens estensas e páginas em branco.

c) Os desenhos que as crianças virem a fazer nos livros deverão ser acrecidos aos poemas.

d) As páginas em branco serveriam ao proposito de oferecer às crianças espaço para desenhar.

e) As crianças terão a liberdade de expor os desenhos que julgarem mais apropriados ao livro.

8. (2016/FUNRIO/IF-PA/Assistente em Administração) De acordo com as regras ortográficas em vigor, a única dupla de palavras corretamente hifenizadas é

a) limpa-trilhos & lambe-lambe.

b) mão-cheia & ama-de-leite.

c) bico-de-gás & boca-de-ouro.

d) dedo-duro & dedo-anular.

e) agro-negócio & hidro-avião.

9. (2016/FUNRIO/IF-PA/Assistente em Administração) Assinale a única alternativa que mostra uma frase escrita inteiramente de acordo com as regras de acentuação gráfica vigentes.

a) É pessimista o diagnostico do professor Alain Touraine da Escola de Altos Estudos da França sobre o estado do mundo.

b) Típico intelectual francês, Touraine engaja-se nos grandes temas contemporaneos e diz que o clima está ruim na Europa.

c) Ele acusa o presidente francês de só se preocupar com a própria reeleição e de viver uma situação de grande fragilidade.

d) A seu juizo, é nefasto o tratamento dado aos refugiados, com a volta das fronteiras no espaço de circulação europeu.

e) Diz que não há comunidade européia nenhuma, que há falta de interesse e de vontade, em vez de uma política forte.

10. (2016/FUNRIO/IF-PA/Auxiliar em Administração) De acordo com as regras ortográficas em vigor, a única dupla de palavras corretamente hifenizadas é

a) pé-de-meia & pé-de-chinelo.

b) pôr-do-sol & dona-de-casa.

c) cata-vento & tapa-buraco.

d) joão-de-barro & pudim-de-cachaça.

e) futuro-do-pretérito & porco-do-mato.

11. (2016/CESGRANRIO/UNIRIO/Assistente em Administração/Adaptada) Assim como análise,

também se escreve corretamente com s o substantivo

a) valise

b) linse

c) esato

d) maselas

e) cansela

12. (2016/MPE-RS/MPE-RS/Agente Administrativo) Considere o seguinte período e as correções abaixo apontadas para ele:

Durante a sessão na Assembleia, recomendou-se que a lei orçamentária desse tratamento prioritário a área de atendimento à criança, conforme o previsto no art. 4º, par. único da Lei n. 8.069/90, e o art. 227, caput da constituição federal.

1. A palavra sessão deveria grafada secção.

2. Deveria haver crase no a que precede área.

3. Deveria haver vírgula tanto após par. único quanto após caput.

4. O termo constituição federal deveria ser grafado com maiúsculas.

Quais correções deveriam ser realizadas?

a) Apenas 1 e 3.

b) Apenas 2 e 4.

c) Apenas 1, 2 e 3.

d) Apenas 2, 3 e 4.

e) 1, 2, 3 e 4.

13. (2016/MPE-SC/MPE-SC/Promotor de Justiça) Analise as frases abaixo.

a) Nossa reinvindicação é igual à dos servidores estaduais.

b) O MPSC sediou o XX Congresso Nacional de Meio-Ambiente em abril.

As duas frases estão gramaticalmente corretas.

( ) Certo ( ) Errado

(2016/MPE-SC/MPE-SC/Promotor de Justiça/Adaptada) Julgue os itens a seguir:

"Pós-impressionismo foi uma definição elástica para agrupar artistas que ultrapassavam um movimento claramente estabelecido, o impressionismo – mas tateavam, com ansiedade explícita, em busca de um novo referencial. O

impressionismo firmou-se como o movimento mais célebre da pintura do século XIX, por obra de uma geração que, com Claude Monet e Pierre-Auguste Renoir à frente, usou da força de seu individualismo e autoestima inabaláveis para atacar as convenções da arte acadêmica."

(Veja, Rio de Janeiro: Abril, ano 49, n. 18, p. 93, maio 2016.)

14. No sistema ortográfico vigente, o emprego do hífen é determinado nas palavras iniciadas por prefixos tônicos como pós, pré e pró. Por esse motivo, pós-impressionismo é hifenizado.

( ) Certo ( ) Errado

15. Palavras como autoobservação e autohomenagem devem ser grafadas sem hífen, como autoestima.

( ) Certo ( ) Errado

16. (2016/MPE-SC/MPE-SC/Promotor de Justiça) Estão corretas as frases, quanto à hifenização:

a) O abaixo-assinado foi entregue à diretoria da empresa.

b) Os abaixo assinados solicitaram aumento salarial.

( ) Certo ( ) Errado

17. (2016/MPE-SC/MPE-SC/Promotor de Justiça) Está gramaticalmente correta esta frase:

Não faço cessão dos meus direitos!

( ) Certo ( ) Errado

18. (2016/FGV/SEE-PE/Professor de Língua Portuguesa)

"Nesta carta vou pôr os pontos nos iis"

(Alfragide. Academia do Livro, 2010, p. 171.)

Nesse segmento há uma forma plural da letra "i". Sobre essa forma, é correto afirmar, com base nos dicionários brasileiros, que

a) a forma está absolutamente correta.

b) a forma está correta, mas também seria admitida a forma "ii".

c) a forma está incorreta, pois a única forma correta é "is".

d) a forma está incorreta, podendo se admitir as formas "is" ou "ii".

e) a forma está correta, mas também seria admitida a forma "is".

19. (2016/FUMARC/Prefeitura de Matozinhos-MG/Advogado)

Também será o último dia para conferir a peça "Cazuza – Pro Dia Nascer Feliz, O Musical". Com direção de João Fonseca, o texto resgata a tragetória do cantor, que é interpretado por Emílio Dantas.

<http://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2014/12/1564934-prepare-se-domingo-ea-ultima-chance-de-ver-cazuza-e-

No texto acima, há um erro de:

a) Sintaxe.

b) Regência.

c) Ortografia.

d) Concordância.

20. (2016/FUNCAB/EMSERH/Técnico em Radiologia/Adaptada) Assinale a opção em que a palavra destacada foi acentuada segundo a mesma regra de acentuação de SAÚDE.

a) Aquele instrumento é muito VERSÁTIL.

b) Ela tirou todas as coisas de dentro de um BAÚ.

c) Ele chegou SÓBRIO à casa dos pais.

d) Esse animal é um RÉPTIL.

e) Esse é um recurso muito ÚTIL.

Gabarito: 1. b; 2. e; 3. d; 4. a; 5. c; 6. b; 7. e; 8. a; 9. c; 10. c; 11. a; 12. d; 13. errado; 14. certo; 15. errado; 16. certo; 17. certo; 18. d; 19. c; 20. b

1 Observe os exemplos ilustrativos:

"O aborto extingue a vida incipiente no seio materno" (Cegalla).

O adolescente percebeu o crescimento incipiente de pelos axilares.

2 Considere-se que "ruça", coloquialmente, refere-se à "dificuldade e estranheza", por isso "situação ruça". O mesmo fenômeno linguístico se dá com "isso é grego para mim".

3 As palavras integrantes do quadro em epígrafe encontram respaldo no VOLP, todavia é possível a ausência de dicionarização de algumas delas.

4 Existe um sem-número de expressões e vocábulos oriundos do *idioma árabe* que foram por nós incorporados. Afinal, a História mostra uma longa ocupação dos mouros na Península Ibérica, que lá permaneceram durante oito séculos, entre os anos de 711 a 1492. São palavras de origem árabe: *álcool*, *alfama*, *algarismo*, *alfaiate*, *algodão*, *alfândega*, *alface*, *algibeira*, *alfafa*, *alguidar*, *alparcata*, *álgebra*, *alqueire*, *azeite*, *alvíssaras* e várias outras iniciadas por "al" (= é o artigo em árabe).

5 Como se afirmou em capítulo anterior, o sistema ortográfico em um país se lastreia em convenção. O nosso não é distinto: possui base histórica e fonética. Seu lastro histórico leva em conta a etimologia, isto é, a origem da palavra para determinar sua grafia; por outro lado, a base fonética leva em conta o som das palavras. O sistema

adotado no Brasil – aprovado pela Academia Brasileira de Letras, em 12 de agosto de 1943, e simplificado pela Lei n. 5.765, de 18 de dezembro de 1971 – pode ser considerado misto, pois ora privilegia a etimologia, ora, a fonética.

6 A forma *maisena* vem de "maís", uma variedade de milho. Note que a famosa caixa amarela que compramos no supermercado traz a grafia estranha ("maizena", com -z). Ocorre que "Maizena" é marca registrada e, como todo nome comercial, foi inventada, não constituindo, necessariamente, erro. Cite-se, exemplificativamente, o termo *Antarctica*, para a cerveja, que apresenta adaptação vocabular semelhante.

7 O vocábulo *profetisa*, com -s, é o feminino de profeta. Já *profetiza*, com -z, é tempo verbal correspondente à terceira pessoa do singular do presente do indicativo de *profetizar* (ele profetiza).

8 Quando o **S** está entre vogais (no substantivo) e tem som de "z", seguramente é "s".

9 O plural de *estupidez* é *estupidezes*. O mesmo se dá em: Invalidez – invalidezes; Sordidez – sordidezes; Gravidez – gravidezes; Malcriadez – malcriadezes.

10 **Lambujem**: é uma exceção à regra que manda grafar com "g" os substantivos terminados em -gem (*aragem*, *viagem*, *garagem* etc.). À guisa de curiosidade, *lambujem* deriva do verbo "lamber" e nos remete, mais propriamente, ao ato de lamber os cantos da boca (daí a ideia de "algo mais"). O mesmo fato ocorre com *pajem*, grafado com "j", pois vem do francês "paje" (= *criado*, *aprendiz*).

11 Saliente-se que o vocábulo *projétil*, uma paroxítona terminada em -l, pode ser grafado como *projetil*, oxítona, sem acento. Assim, são corretas as duas formas plurais, quais sejam: *projéteis* e *projetis*.

12 A edição do VOLP 1999 previa a forma hifenizada sem acento (*jiu-jitsu*); a partir do VOLP 2004, passamos a ter, exclusivamente, a forma hifenizada com acento (*jiu-jítsu*).

13 **Cocha**: torcedura de cabo, gamela; **Coche**: carruagem; **Cocheira**: local onde se guardam as carruagens; **Cocho**: vasilha rústica de madeira.

14 **Coxa**: parte da perna (*coxa do homem*, *coxa de galinha*); **Coxão**: *coxa grande*; no açougue, *coxão duro* e *coxão mole*; **Coxo**: manco, capenga.

15 **Vernáculo** é o idioma próprio de um país, a Língua nacional (Aurélio, 1986:1467).

16 Nos verbos terminados em **-ear**, deve-se intercalar a semivogal -i somente nas formas rizotônicas, isto é, naquelas em que a sílaba tônica recai no radical do verbo. Não se esqueça de que, no caso de **estrear**, a vogal -e do ditongo é aberta. Portanto, *eu estreio* (Acordo), *tu estreias* (Acordo), *ele estreia* (Acordo), *nós estreamos, vós estreais, eles estreiam* (Acordo); *que eu estreie* (Acordo), *que tu estreies* (Acordo), *que ele estreie* (Acordo), *que nós estreemos, que vós estreeis, que eles estreiem* (Acordo).

Aprecie outras formas corretas:

– **Nomear:** *eu nomeio, que ele nomeie, nós nomeamos, se ele nomeasse, ele nomeava;*

– **Frear:** *eu freio, que ele freie, nós freamos, se ele freasse, ele freava;*

– **Lastrear:** *eu lastreio, que ele lastreie, nós lastreamos, se ele lastreasse, ele lastreava*.

17 Para o VOLP, são corretas as formas *elucubração* ou *lucubração*.

18 Note-se que, a par dos vocábulos *florescente* e *fluorescente*, temos *fosforescente* – que tem *fosforescência* (propriedade de brilhar no escuro). A palavra deriva de *fósforo* (substância que resplandece, que brilha no escuro).

19 O tempo é curioso: hoje é hoje; ontem foi antes de hoje; anteontem foi antes de ontem; e, por incrível que pareça, **trasanteontem** foi antes de anteontem. Observe os exemplos:

1. "(...) – Pois é, disse Quinho, colocando a xícara de mau jeito no pires, o que a fez tombar, e pondo-a de novo no pé, com exagerado cuidado, é que eu de fato usava gravata, até outro dia, até trasanteontem, para ser preciso(...)" (Antonio Callado, 1981:19);

2. "(...) Falo do João, o Guimarães, das veredas, da terra do coração, trás montanhas. Andei por lá trasanteontem reencantado pelo verbo (...)" (Frei Carlos Alberto Libânio Christo – Frei Betto – trecho do Artigo Canteiro d Rosa).

Registre-se que o VOLP admite apenas *trasanteontem*, mas o Houaiss abona também *trasantontem.*

Observe a frase:

"(...) – Isto sei eu, rapariga de Cristo; mas como passou ela de *trasantontem* para cá?(...)" (Visconde de Taunay, *Inocência*).

20 Palavra de dupla prosódia: *vaivém* (plural: *vaivéns*) e *vai e vem* (sem hífen).

21 Palavra onomatopaica (de onomatopeia), escrita com o hífen. A onomatopeia (sem acento, pelo Acordo) é figura de linguagem que designa a formação de uma palavra a partir da reprodução aproximada do som a ela associado (Houaiss). Há outras palavras que podem ser consideradas onomatopaicas, sendo também grafadas com hífen, como: *zum-zum (plural: zum-zuns), zum-zum-zum (plural: zum-zum-zuns), tique-taque, chuá-chuá, pingue-pongue* etc.

22 Raul Pompéia, *O Ateneu*, p. 124, *apud* Aurélio, 1999, p. 748.

2 ACENTUAÇÃO GRÁFICA

Trata-se de sistema que demarca o acentuar na fala ou na escrita, permitindo a pronúncia das palavras com clareza e intensidade adequadas.

Em nosso idioma, a palavra que contiver duas ou mais sílabas, necessariamente, terá uma sílaba tônica. Esta hospeda o acento prosódico (o da fala) ou o acento gráfico (o da escrita).

Exemplo: *arquétipo* e *quero* → que é a sílaba tônica. Na primeira palavra (*arquétipo*), a sílaba tônica recebe o acento gráfico, em função da regra das proparoxítonas; na segunda palavra (*quero*), a sílaba tônica recebe apenas o acento prosódico.

Passemos, agora, à importante classificação dos vocábulos quanto à posição da sílaba tônica:

Oxítonos: a sílaba tônica é a última.

Exemplos: *harém, gambá, pajé, Tietê, português, mister, ruim, Pará, ureter, cateter, masseter, Aracaju, novel, obus.*

Paroxítonos: a sílaba tônica é a penúltima.

Exemplos: *cânon, cônsul, hífen, elétron, alcácer, caracteres, pudico, avito, celtibero, recorde.*

Proparoxítonos: a sílaba tônica é a antepenúltima.

Exemplos: *arquétipo, aríete, lágrima, sôfrego, rítmico, aeródromo, azáfama, aerólito, sátrapa.*

No plano da separação silábica, deve-se evitar a *silabada*, ou seja, o deslocamento equivocado da tonicidade da sílaba: "catéter" no lugar da legítima oxítona *cateter*; "récorde" no lugar da legítima paroxítona *recorde*; entre outros exemplos.

Ademais, para a boa compreensão do capítulo, urge relembrarmos os conceitos do *hiato* e do *ditongo*:

Hiato: sequência de duas vogais que pertencem a sílabas diferentes.

Exemplos: *juízo (ju-í-zo); raízes (ra-í-zes); bainha (ba-i-nha); saí (sa-í); baú (ba-ú), instruí-los (ins-tru-í-los), Camboriú (Cam-bo-ri-ú).*

Ditongo: sequência de vogal e semivogal em uma só sílaba.

Exemplos: *avião (a-vi-ão), papagaio (pa-pa-gai-o), cadeira (ca-dei-ra).*

2.1. OXÍTONOS

Acentuam-se os vocábulos oxítonos terminados em:

-a, -e, -o (seguidos ou não de -s)

Exemplos: *gambá, vatapá, xarás, você, freguês, convés, vovô, robô, retrós.*

Observação: seguem esta regra os infinitivos seguidos de pronome. Exemplos: *contratá-lo*, *desejá-los-íamos*, *vendê-lo*, *compô-lo*, *predispô-la-ão*.

-em, -ens

Exemplos: *armazém, recém, vinténs, parabéns.*

Observação: não devem ser acentuados os monossílabos nem os paroxítonos terminados por -em ou -ens: *bem, trem, bens, trens, jovem, item, jovens, itens*.

Não levam acento os oxítonos terminados em -i(s), -u(s).

Exemplos: *puni-los*, *sacis*, *bambu*, *tatus*.

Observação: o **-i** e o **-u** levam acento quando precedidos de vogal átona com a qual formem hiato, seguidos ou não de **-s**. Exemplos: *instruí-los, país, Jaú, baús, Piauí, tuiuiú (tui-ui-ú), teiú-açu (*pl. *teiús-açus)*.

Por fim, conheçamos algumas oxítonas interessantes: 12

Albornoz	*Comprá-lo*	*Projetil (ou a paroxítona Projétil)*
Alcazar	*Desdém*	*Ruim (ru-im)*
Algoz /ô/	*Desdéns*	*Somali /lí/*

Ananás	*Esmoler*	*Soror* [1]
Bagdali /lí/	*Masseter (Plural: masseteres)*	*Tarzã*[2]
Bengali	*Mister*	*Transistor* [3]
Cateter (Plural: cateteres)	*Nobel /bél/*	*Ureter (Plural: ureteres)*
Clister (Plural: clisteres)	*Novel*	*Vendê-lo-ei*
Condor (e não "côndor")	*Obus*	*Xerox (ou xérox)*[4]

E mais:[3] [4]

Cajá	*Má-criação*	*Saci*
Colecionador	*Moji*	*Sutil*
Frenesi (ou Frenesim)	*Pacu*	*Tuiuti*
Juriti	*Reduzi-los*	*Zebu*

2.2. **PAROXÍTONOS**

Conforme o recente Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, deixam de ser acentuados os ditongos abertos- **éi, -ói** e **-éu** das palavras paroxítonas.

Exemplos: *ideia, paranoico, Coreia.*

Observação: o acento permanece no caso de regra geral dos vocábulos paroxítonos terminados por -r (*Méier, destróier, gêiser*).

Além disso, deixaram de ser acentuadas as palavras paroxítonas com **-i** e **-u** tônicos que vierem depois de ditongo:

Exemplos: *feiura, bocaiuva, boiuno, reiuno.*

Acentuam-se os paroxítonos terminados em:

-l, -n, -r, -x, -ons, -ps Exemplos: *túnel, pólen, revólver, ônix, elétrons, tríceps.* **-ã, -ãs, -ão, -ãos** Exemplos: *ímã, ímãs, bênção, bênçãos.*
-i, -is, -us, -um, -uns, -om Exemplos: *júri, lápis, bônus, álbum, médiuns, rádom, iândom.* **encontros vocálicos**[5] **(ditongos crescentes)** Exemplos: *história, série, pátio, água, tênue, ingênuo, mágoa, apolíneo, orquídea.*

Não se acentuam os paroxítonos terminados em:[5]

-ens

Exemplos: *nuvens, imagens, itens, hifens, jovens, himens, liquens*.

-r ou **-i (nos prefixos)**

Exemplos: *super-homem, semi-intensivo, anti-inflamatório.*

Vamos conhecer algumas *paroxítonas* interessantes:6

Abdome (ou Abdômen)	*Caracteres*	*Flúor*	*Opróbrio*
Acórdão	*Cartomancia*	*Fortuito /tui/*	*Órfão*
Albúmen (ou Albume)	*Celtibero*	*Gratuito /tui/*	*Penedia*
Algaravia	*Ciclope /cló/*	*Homilia*	*Policromo*
Aljôfar	*Cóccix /ksis/*	*Homizio /zí/*	*Pudico*
Almíscar	*Cútis*	*Hoplita*	*Quiromancia*
Ambrósia (ou Ambrosia)	*Descreem*	*Ianomâmi*	*Recorde*
Avaro	*Dólmã (ou Dólman – VOLP 2009)*	*Ibero*	*Refrega*

Avito	*Druida*	*Ímã*	*Rocio /cí/*
Aziago	*Eclampsia (E-clam-psi-a)*	*Imbele /bé/*	*Rubrica*
Azimute	*Edito*	*Inaudito*	*Safári*
Barbaria (ou Barbárie)	*Êiser*	*Lucúleo ou Lucúlio (VOLP 2009)*	*Serôdio*[6]
Bênção	*Enjoo*	*Malaca (Cidade da Malásia)*	*Subida (subida honra)*
Biquíni	*Epicuro*	*Médium*	*Verossímil (e Inverossímil)*
Bibliopola (= livreiro)	*Erva-mate*	*Misantropo*	*Vômer*
Bororos	*Estêncil*	*Nhoque (e não "inhoque")*	
Busílis	*Filantropo*	*Opimo*	

Observações:

Maquinaria /ri/: para a designação do conjunto de máquinas, há dois substantivos: um feminino – a *maquinaria* – e um masculino – o *maquinário*. Não existe, por exemplo, o termo "maquinária".

Como mecanismo mnemônico, procure associar *maquinaria* a palavras de estrutura semelhante, como: *cavalaria, livraria, sorveteria*. Portanto, memorize:

Substantivo Feminino	**Substantivo Masculino**
(A) MA – QUI – NA – RI – A	(O) MA – QUI – NÁ – RIO
Sílaba Tônica: RI	Sílaba Tônica: NÁ

Por falar em **vocábulos paroxítonos** – representantes do maior número de palavras em nosso idioma –, é mister notar que a acentuação das palavras *vocábulos* e *paroxítonos* ocorre em virtude de serem palavras *proparoxítonas*... por sinal, uma outra palavra proparoxítona. Sabe-se que todas as proparoxítonas são acentuadas na vogal tônica.

2.3. PROPAROXÍTONOS

Todos os vocábulos proparoxítonos são graficamente acentuados, sem exceção. Exemplos: *médico, ômega, álibi, aerólito, pêndulo, déssemos, álcool, cônjuge, míope, aeróstato, égide, quasímodo, término, bávaro, bárbaro, íngreme, sôfrego, chácara, xícara, ínterim, trânsfuga.*

Vamos conhecer algumas *proparoxítonas* interessantes:

Aeródromo	*Azêmola*	*Ímprobo*	*Plêiade*
Aerolítico	*Cátedra*	*Improvido*	*Prônubo*
Aerólito	*Chávena*	*Ínclito*	*Proparoxítona*
Aeróstato	*Cotilédone*	*Índigo*	*Quadrilátero*

Ágape	*Crisântemo*	*Ínterim*	*Quadrúmano*
Álacre	*Écloga*	*Lídimo*	*Réprobo*
Alcoólatra	*Édito (ordem judicial)*	*Málaga (cidade da Espanha)*	*Rítmico*
Álibi	*Êmbolo*	*Munícipe*	*Sânscrito*
Antífona	*Éolo*	*Notívago*	*Semíramis*
Aríete	*Epóxido /ks/*	*Óbolo (e não "óbulo")*	*Sílfide*
Arquétipo	*Ériplo*	*Oxítona*	*Trânsfuga*
Autóctone	*Hégira*	*Paralelepípedo*	*Vermífugo*
Azáfama	*Impávido*	*Paroxítona*	*Zênite*

Observações:

1) Óculos

Há substantivos que devem ser escritos no plural. Trata-se de vocábulos pluralícios. São eles:*os óculos, os parabéns, as felicitações, os cumprimentos, as saudações, os pêsames, as condolências*, *as cócegas, os afazeres, as custas, as férias, as núpcias, os anais, os antolhos, os arredores, as cãs, as exéquias, as fezes, os víveres*, *as alvíssaras, as arras, as belas-artes, as calendas, os esponsais, os fastos, as matinas*, *as efemérides, as endoenças, os escombros, os idos*, *as primícias*, *as copas* (naipe), *as espadas* (naipe), *os ouros* (naipe), *os paus* (naipe), *os lêmures* (fantasmas), *as olheiras* (a forma singular "olheira" é aceita pelo Houaiss e pelo VOLP 2009), *as hemorroidas* (ou as *hemorroides*) 7.

2) Palíndromos

Os *palíndromos* são as palavras, frases ou números que, se lidos da esquerda para a direita ou da direita para a esquerda, mantêm-se iguais. "Ana" é exemplo de palíndromo, uma vez que as três letras formam a palavra *Ana*, se unidas da esquerda para a direita ou vice-versa. O mesmo ocorre com *Amor e Roma*. Tente você mesmo! Não é interessante? Agora se divirta com o rol privilegiado de palíndromos em nosso idioma:

- Irene ri
- A diva em Argel alegra-me a vida
- 1001
- 11
- "Tucano na Cut" (livro de Rômulo Pinheiro, acerca do assunto)
- Socorram-me, subi no ônibus em Marrocos

3) Apócrifos

O vocábulo *anônimo* quer dizer sem nome de autor, ou seja, sem autoria. Por outro lado, *apócrifo* significa algo com autoria, mas sem autenticidade. É o caso, na linguagem bíblica, dos evangelhos apócrifos (Evangelho de São Pedro, Evangelho de São Tomé), em que os autores são identificados, mas não há autenticidade.

4) Antártida

O vocábulo *Antártida* refere-se à denominação dada ao continente gelado. O nome *Antártida* é preferível ao vocábulo *Antártica*. A propósito, reserve o termo *antártica* para o adjetivo, e não para o substantivo designativo do continente. Assim:

a) ao se referir às aves do continente, usa-se *aves antárticas*. Da mesma forma, *geleiras antárticas*, *baleias antárticas*. Aliás, a edição do VOLP 1999 previa, como adjetivos, as formas *antártico* e *antártido*. Hoje, à luz do VOLP 2009, só temos o abono da primeira forma – *antártico*;

b) ao se referir ao continente, usa-se *Antártida*. Exemplos:

- "Buraco de ozônio cresce na Antártida"8.
- "Na Antártida, há muitas forças grandes em jogo: clima, frio, mar, etc." (Amir Klink).

Observação: não confunda o continente (*Antártida*) e o adjetivo (*antártica*) com a cerveja, cujo nome comercial é "Antarctica" (com -c).

5) Espécime

Espécime é substantivo masculino (*o espécime*). Não existe a forma no feminino, embora muitos artigos jornalísticos insistam na erronia. A forma variante *espécimen* (plural *espécimens*) é admitida pelo VOLP, também no gênero masculino.

6) Lêvedo

Segundo o VOLP, diferentemente dos dicionaristas, que se apresentam demasiado contraditórios, o vocábulo *lêvedo* (proparoxítono) é adjetivo (*massa lêveda*), enquanto *levedo* (paroxítono) é substantivo. Dessa forma, devemos usar *lêvedo* para a acepção de "fermentado ou levedado", enquanto utilizaremos *levedo* para o "fermento, levedura ou cogumelo", em total consonância com a pronúncia popular no Brasil. Todavia, há gramáticos de nomeada, com os quais fazem coro alguns dicionaristas, que abonam a forma "lêvedo" para o substantivo, gerando na linguagem comum o conhecido "lêvedo de cerveja", em vez de *levedo de cerveja*, como estamos a preconizar no presente trabalho. Assim, não obstante as divergências, recomendamos:

Pão lêvedo – Massa lêveda

Levedo de cerveja – Levedura de cerveja

2.4. **HIATOS**

Conforme o recente Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, formas verbais que contenham-**oo** e **-ee**, em hiato, não comportam mais o acento circunflexo.

Exemplos: *enjoo, perdoo, voo, creem, deem, leem, veem, descreem, releem, preveem.*

Observações:

a) o acento permanece no caso de regra geral dos vocábulos paroxítonos terminados por **-n** (*Herôon*);

b) embora saibamos que o tema não se refere a *hiatos*, mas, sim, à temática do *acento diferencial*, vale aqui registrar que o acento circunflexo permanece no plural de *ter* e *vir*, incluindo os seus derivados (*manter*, *reter*, *conter*, *convir*, *advir* etc.). Exemplos:

Ele tem a melhor solução – Eles têm a melhor solução.

Ela vem de outra cidade – Elas vêm de outra cidade.

João mantém o domínio – João e Maria mantêm o domínio.

O juiz intervém nos autos – Os desembargadores intervêm nos autos.

A medida convém ao processo – As medidas convêm ao processo.

O detalhe sobrevém à análise – Os detalhes sobrevêm à análise;

c) acentuam-se as letras **-i** e **-u** quando uma delas for a vogal tônica de um hiato, seguidas ou não de -s:

Exemplos: *caí, país, balaústre, baú, ateísmo, juízes, uísque, saímos, tuiuiú* (tui-ui-ú), *teiú* (tei-ú), *Piauí* (Pi-au-í); *destruí-lo, influí* (1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo);

d) quando **-l**, **-u**, **-m**, **-n**, **-r** ou **-z**, enfim, letra diversa de -s, formarem sílaba com o **-i** ou o **-u**, não deveremos acentuar. Exemplos: *Adail*, *paul*, *pauis*, *instruiu*, *ruim*, *amendoim*, *contribuinte*, *ainda*, *cair*, *demiurgo*, *juiz*.

Se o **-i** for seguido de **-nh**, não recebe acento:

Exemplos: *rainha, moinho, bainha, tainha, ventoinha.*

O **-i** e o **-u** não recebem acento quando aparecem repetidos:

Exemplos: *xiita, vadiice, juuna, sucuuba.*

Alguns *hiatos* interessantes:

Bocaiuva (Acordo)	*Parvoíce*	*Timboúva*
Corruíra	*Piauí*	*Traíra*
Desdeem (verbo desdar)	*Reboo (verbo reboar)*	*Tucumãí*
Feiura (Acordo)	*Reiuno (Acordo)*	*Uísque*
Hemorroíssa	*Teiú*	*Voo*

2.5. **DITONGOS**

Acentua-se a vogal dos ditongos orais abertos tônicos **-éi(s)**, **-éu(s)**, **-ói(s)**, nos vocábulos oxítonos e monossílabos. Exemplos: *anéis, réu, réis, róis, chapéu(s), solidéu(s), céu(s), dói, anzóis.*

2.6. **MONOSSÍLABOS**

Acentuam-se os monossílabos tônicos:

- terminados em **-a, -e, -o,** seguidos ou não de -s.

Exemplos: *pá(s), pé(s), pó(s), mês, nó(s), pôs.*

2.7. **FORMAS VERBAIS**

As formas verbais hifenizadas (*davam-lhe, cantá-lo-ei, puni-lo, transpô-lo, escrevem-nos, queriam-se*) gozam de autonomia gráfica. Ainda que tais conjuntos soem como proparoxítonos, é a forma verbal, sem o pronome, que decide se deve ou não haver acento.

2.8. **TREMA**

Conforme o recente Acordo Ortográfico, o trema – sinal colocado sobre a letra **u**, átona, para indicar a sua pronúncia nos grupos **-gue**, **-gui**, **-que** e **-qui** – deixa de ser adotado, sendo mantido o seu uso apenas nas palavras de origem estrangeira (por exemplo, *Bündchen*).

2.9. **ACENTO DIFERENCIAL**

Conforme o recente Acordo Ortográfico, foram abolidos os acentos agudo e circunflexo usados na distinção das *paroxítonas homógrafas* – palavras diferentes no significado e na pronúncia, mas que se escrevem de modo idêntico. Exemplos:

para (verbo *parar*) / *para* (preposição)

pelo (/pé/; verbo *pelar*) / *pelo* (preposição) / *pelo* (substantivo)

pero (substantivo: variedade de maçã) / *pero* (conjunção arcaica)

pera (substantivo) / *pera* (preposição arcaica)

pela (/pé/; verbo *pelar*) / *pela* (preposição)

polo (/pó/; substantivo: modalidade esportiva) / *polo* (/pô/; substantivo: falcão ou gavião) / *polo* (preposição arcaica) / *polo* (/pó/; extremidade)

2.10. DICAS FINAIS

1) Continua em vigência o acento diferencial entre:

- pôde (3ª pessoa do singular do pret. perf. do indicativo: Ontem ele pôde) / pode (3ª pessoa do sing. do pres. do indicativo: Hoje ele pode);
- pôr (verbo: Vou pôr as mãos naquele canalha) / por (preposição: Luto por você).

1. O hífen e o acento agudo deixam de ser empregados em certas palavras compostas: *paraquedas, paraquedismo, paraquedista*.

2. Deixa de existir o acento agudo na letra **-u** dos grupos verbais que contenham *que/qui/gue/gui/guem/gues/guis/quem/ques*.

Exemplos: *apazigue, arguem, averigues, argui, arguis, oblique, obliquem, obliques.*

Observação: recomenda-se verificar os detalhes sobre a conjugação de tais verbos no Capítulo 8.

CURIOSIMACETES

1. IMPIO (PÍ) E ÍMPIO (ÍM)

Os adjetivos são bem parecidos, no entanto têm significados dessemelhantes. Vejamos:

a) **Impio** (im-pi-o) tem o sentido de "desumano, cruel, sem piedade". Exemplos: *inimigo impio; fatalidade impia.*

b) **Ímpio** (ím-pio) quer dizer "pessoa incrédula, antirreligiosa, contra Deus". Exemplo: *O livro é ímpio, e o autor, impio.*

2. INADIMPLÊNCIA OU INADIMPLEMENTO

Os substantivos *inadimplência* e *inadimplemento* designam a "falta de cumprimento de um contrato ou de parte dele" e são plenamente aceitos pelos dicionários e pelo VOLP. Embora considerados neologismos, são de uso generalizado e de formação etimológica regular, o que lhes imprime vernaculidade. Deles defluem vocábulos como *adimplente, adimplência, adimplir, adimplemento, inadimplir, inadimplente* – todos abonados pelo VOLP.

Enfatize-se que os verbos *adimplir* e *inadimplir* são defectivos, isto é, não possuem todas as formas. Assim, serão conjugados nas formas em que ao **-l** se segue a vogal **-i**. Exemplos:

Eu adimpli – Eu inadimpli;	*Nós adimplimos – Nós inadimplimos;*
Tu adimpliste – Tu inadimpliste;	*Vós adimplistes – Vós inadimplistes;*
Ele adimpliu – Ele inadimpliu;	*Eles adimpliram – Eles inadimpliram.*

3. ÍNDEX OU ÍNDICE

Do vocábulo latino "index" (sem acento), derivaram dois substantivos masculinos para o nosso léxico: *índice* (proparoxítono) e *índex* (paroxítona acentuada, em razão da terminação em –x, à semelhança de *tórax, fênix*).

Registre-se que há em nosso idioma uma interessante expressão, pouco usada, mas que merece registro: *pôr no índex*, no sentido de assinalar alguém ou algo como nocivo ou indesejável. Exemplo: *Vou pôr no índex o cunhado de Maria.*

4. INDOCHINÊS

O adjetivo relativo à Indochina é *indochinês*, sem hífen. Exemplo:

- *O indochinês é o habitante de uma grande península asiática.*

Por outro lado, *indo-chinês* é adjetivo relativo à Índia e à China. Exemplo: *Tratado indo-chinês*.

A HORA DO ESPANTO

As "pérolas" do português

Jóvem / Vêncer

Correção: da mesma forma, tais vocábulos não são acentuados. Portanto, grafam-se "jovem" (sem acento agudo) e "vencer" (sem acento circunflexo). Aliás, quanta criatividade do equivocado usuário da Língua com esse tal de "vêncer"...

Deboxe

Correção: o substantivo derivado do verbo *debochar* (zombar, escarnecer) é *deboche*, com -ch.

QUESTÕES

1. (2016/FUNRIO/IF-BA/Assistente em Administração) Assinale a única alternativa que mostra uma frase escrita inteiramente de acordo com as regras de acentuação gráfica vigentes.

a) Nas aulas de Literatura, eu li poemas árcades do tempo da Inconfidência.

b) Nas aulas de Filosofia, estudei um pouco sobre os pensadores iconoclástas.

c) Nas aulas de Química, aprendi um pouco de eletrólise, alcalínos e alogênios.

d) Nas aulas de Português, estudei figuras como metáfora, metonímia e prosopopéia.

e) Nas aulas de Música, eu descobri instrumentos como a cítara, o trompéte e o oboé.

2. (2016/MS CONCURSOS/CASSEMS-MS/Técnico de Enfermagem) Leia o texto abaixo e, depois, responda à questão.

As algas

As algas
das águas salgadas
são mais amadas,
são mais amargas

As algas marinhas
não andam sozinhas,
de um reino maravilhoso
são as rainhas.

As algas muito amigas
inventam cantigas
pra embalar
os habitantes do mar.

As algas tão sábias
são cheias de lábias
se jogam sem medo
e descobrem
o segredo
mais profundo
que há bem no fundo
do mar.

As algas em seus verdores
são plantas e são flores.

Um pouco de tudo: de bichos, de gente, de flores, de Elias José. São Paulo: Paulinas, 1982. p. 17.

Escolha a alternativa em que a palavra retirada do texto apresenta-se com a sua correta justificativa de acentuação gráfica.

a) "águas" – oxítona terminada em ditongo.

b) "sábias" – proparoxítona terminada em ditongo.

c) "lábias" – paroxítona terminada em s.

d) "há" – monossílaba tônica terminada em a(s).

3. (2016/FEPESE/Prefeitura de Lages-SC/Agente Administrativo)

Chama o "Aurélio"

Certos casos da política, de tão inacreditáveis, acabam virando parte do anedotário. Ou vice-versa: algumas vezes algumas piadas trazem tão bem determinadas características da cultura política que assumem ares de verdade.

Em uma das hipóteses se encaixa a correspondência trocada, cerca de 20 anos atrás, entre um prefeito de uma cidade e o então secretário estadual do interior.

Conta certo deputado que o secretário sempre gostou de falar difícil. Numa certa ocasião, o secretário recebeu a informação de que a cidade sofreria um tremor de terra capaz de quebrar copos e trincar pratos. Preocupado, expediu logo um telegrama ao prefeito: "Movimento sísmico previsto para essa região. Provável epicentro movimento telúrico sua cidade. Obséquio tomar as providências logísticas cabíveis".

O secretário esperou ansioso pela resposta. Quatro dias depois, chegou o telegrama do prefeito: "Movimento sísmico debelado. Epicentro preso, incomunicável, cadeia local. Desculpe demora. Houve terremoto na cidade".

in Ernani &Nicola: Redação para o segundo grau – adaptado

Assinale a alternativa correta.

a) A expressão sublinhada no texto pode ser substituída, sem prejuízo de sentido, por "há vinte anos".

b) Na primeira frase do texto temos três palavras acentuadas graficamente, uma por ser oxítona e as outras duas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente, respectivamente.

c) Supondo que acontecesse mais de um terremoto na cidade, o prefeito deveria corretamente escrever: "Houveram terremotos na cidade".

d) Na frase: "Preocupado, expediu logo um telegrama ao prefeito", a vírgula está corretamente empregada. Exemplo idêntico de uso correto da vírgula está na frase: "O secretário, expediu logo um telegrama ao prefeito".

e) Em "O secretário sempre gostou de falar difícil", a palavra sublinhada é um complemento verbal, classificado como objeto direto.

4. (2016/LEGALLE Concursos/Prefeitura de Portão-RS/Psicólogo/Adaptada) Assinale a alternativa em que a retirada do acento gráfico forma outra palavra existente na norma culta da língua portuguesa.

a) Há.

b) Carência.

c) Único.

d) Medirá.

e) Plástico.

5. (2016/AOCP/Prefeitura de Juiz de Fora-MG/Contador)

O difícil, mas possível, diálogo entre a arte e a ciência

Daniel Martins de Barros

Estabelecer pontes entre a ciência e a arte não é tarefa fácil. Se a revolução científica, com sua valorização da metodologia experimental e sua necessidade de rigor, trouxe avanços inegáveis para a humanidade, por outro lado também tornou o trabalho científico distante do homem comum. Com isso, distanciou-o também da arte, que talhada para captar a essência humana, o faz de maneira basicamente intuitiva. Tentativas de reaproximação até existem, mas a inconstância e variabilidade no seu sucesso atestam a dificuldade da empreitada. Um dos diálogos mais interessantes entre ciência e arte se deu nas primeiras décadas do século 20, na relação entre o surrealismo e a psicanálise.

Os sonhos eram considerados proféticos e reveladores, até que, em 1899, Sigmund Freud apresentou uma das primeiras tentativas de interpretá-los cientificamente no livro A Interpretação dos Sonhos. Simplificando bastante, sonhos seriam um momento em que conteúdos inconscientes surgiriam para nós, ainda que disfarçados, e caberia à psicanálise desmascarar seu real significado.

O movimento artístico do surrealismo imediatamente se apropriou dessas teorias. Os surrealistas já nutriam um interesse especial pelo inconsciente, tentando retratar esses conteúdos em suas obras, mas após a tradução do livro de Freud para o espanhol, o pintor catalão Salvador Dalí tornou-se um dos maiores entusiastas da obra freudiana. Segundo ele mesmo, o objetivo de sua pintura era materializar as imagens de sua "irracionalidade concreta".

Desde que se tornou fã declarado do médico austríaco, Dalí tentou se encontrar com ele. Tanto insistiu que conseguiu, quando Freud já estava idoso e bastante doente. A reunião não foi das mais frutíferas, já que os dois eram incapazes de conversar: Dalí não falava alemão nem inglês, e Freud, além do câncer de mandíbula, não estava ouvindo bem. A interação ficou limitada: Freud analisou um quadro recente de Dalí, enquanto esse passava o tempo desenhando o psicanalista e o observava a conversar com o amigo e escritor Stephan Zweig.

O resultado tímido do encontro poderia bem ser emblemático da complicada engenharia que é construir pontes entre tão distantes universos. As conversas nem sempre são frutíferas, as trocas muitas vezes são frustrantes. Mas a retomada desse episódio na peça Histeria, do dramaturgo Terry Johnson, mostra que não desistimos, e que novas maneiras podem ser tentadas. Usando a liberdade que só se encontra na arte, Johnson expande o diálogo que não aconteceu, mostrando – ainda que numa realidade alternativa e em chave cômica – que os caminhos que ligam arte e ciência podem ser acidentados, mas não deixam de ser possíveis. Embora a psicanálise não seja mais considerada científica pelos critérios atuais e o surrealismo já não exista como movimento organizado, o encontro dessas duas formas de saber, no alvorecer do século 20, persiste como emblema de um diálogo que, mesmo que cheio de ruídos, não pode ser abandonado.

Adaptado de: <http://m.cultura.estadao.com.br/noticias/teatro-e-danca,analise-o-dificil--mas-possivel--dialogo-entre-a-arte-e-a-ciencia,10000048930>. Acesso em: 17 maio 2016.

Em relação ao trecho "Estabelecer pontes entre a ciência e a arte não é tarefa fácil", é correto afirmar que

a) a palavra "fácil" é acentuada por tratar-se de uma proparoxítona.

b) a palavra "entre" é uma proparoxítona.

c) a palavra "pontes" está no plural por tratar-se do predicativo de um sujeito composto.

d) há uma oração subordinada substantiva objetiva direta.

e) há uma oração subordinada substantiva subjetiva.

6. (2016/INSTITUTO AOC/EBSERH/Engenheiro de Segurança do Trabalho/Adaptada) Assinale a alternativa correta.

a) O vocábulo "ética" recebe acento por seguir as mesmas regras de acentuação de "violência", "empáfia" e "política".

b) Os vocábulos "sensíveis", "diálogo" e "ignorância" recebem acento por seguirem as mesmas regras de acentuação.

c) Os vocábulos "possível" e "códigos" têm a acentuação justificada pelo fato de que ambos são terminados em uma sílaba constituída por consoante-vogal-consoante.

d) O vocábulo "urgência" recebe acento por seguir as mesmas regras de acentuação de "princípio", "miséria" e "convívio".

e) Os vocábulos "indignação", "conteúdo" e "ninguém" são acentuados porque a sílaba tônica apresenta uma vogal nasal.

7. (2016/FEPESE/SJC-SC/Agente de Segurança Socioeducativo)

A rotina dos jovens alvo da polêmica sobre a redução da maioridade penal

Uma fila de adolescentes de cabeça baixa e mãos para trás serpenteia pelo pátio de uma unidade de internação para menores infratores. Um.....um, meninos de 16.....19 anos, em sua maioria, repetem "licença, senhora" com voz de quem antecipa uma bronca. E passam ao refeitório. Pelas regras locais de boa conduta, não é permitido olhar fixo nos olhos de funcionários ou visitantes. Mas Nelson busca de canto a mirada da jornalista: "Vou esperar o livro da senhora", ele cobra, resgatando uma promessa feita minutos antes.

O dia é frio e cinza, assim como as instalações desta unidade da Fundação Casa (localizada na zona norte de São Paulo), dedicada à ressocialização de jovens reincidentes no crime. Esses adolescentes, objeto de uma importante discussão sobre a redução da maioridade penal no Brasil, estão proibidos de olhar na cara das pessoas, mas encará-los tampouco é fácil. Quase todos furtaram, roubaram ou se envolveram com o tráfico. Menos de 1% cometeu homicídios qualificados. Têm de aprender a respeitar a autoridade de agentes de segurança, professores, psicólogos e agentes sociais. Terminar a escola (..... qual muitos não tiveram acesso em liberdade), raspar seus cabelos e vestir o mesmo conjunto azul de calça e moletom. Ainda que os esforços institucionais sejam legítimos e variados para dar.... esses jovens a rotina de uma escola de bairro, eles estão encarcerados e, ao contrário de quem está fora, não se esquecem disso.

Nelson [nome fictício], de 19 anos, está na terceira internação (em seu último período, ingressou com menos de 18 anos). Debutou na Fundação aos 14 anos por tráfico de drogas e pelo mesmo motivo retornou a ela outras duas vezes. No "mundão" (tudo o que não corresponde.....área entremuros que ele habita), trabalhava com o pai, como pintor. "Mas aí comecei a me envolver com o crime. Chegou uma hora em que a pessoa quer ganhar mais do que ganhava. Aí optei pela vida mais fácil", relata. Foi internado que ele concluiu os estudos e pegou o gosto pela leitura. Acaba de ler uma das tramas de Nicholas Sparks, autor norte-americano de best sellers açucarados, como Diário de uma paixão e Uma longa jornada, e cujo nome ele pronuncia à perfeição.

O discurso dos adolescentes sobre a maioridade penal vem pronto, superficial, como criança que repete algo que escutou

– das famílias, dos funcionários e até dos noticiários que em teoria estão proibidos de assistir. Mas demonstra que de presídio tradicional eles entendem. "O Governo vai gastar mais dinheiro com cadeia. Falam que lá dentro não é fácil, que aqui sim é uma escolinha. Lá dão comida estragada e, se a família não ajudar, a pessoa passa fome", diz Nelson.

Breno, de 19 anos, em sua terceira passagem pelo sistema socioeducativo por roubo de carros, agarra o exemplo mais próximo para emplacar uma defesa pessoal. "A senhora tem um filho, tipo eu, e ele vai começar agora… Vai pra cadeia e começa a falar na gíria, interagir com ladrão mais avançado. Querendo ou não, ele vai se atualizar. Passar de carro nacional a importado e por aí em diante". Não que ele comemore estar ali e não em um presídio comum. Breno conclui: "De qualquer jeito, estou preso, né? É fundo do poço, e eu estou embaixo".

MORAES, Camila. [Adaptado]

Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2015/06/24/politica/1435121422_140735.html>. Acesso em: 20 jul. 2016.

Identifique abaixo as afirmativas verdadeiras (V) e as falsas (F).

( ) As palavras gíria, pátio, área e refeitório seguem a mesma regra de acentuação gráfica.

( ) Em "e por aí em diante" (5º parágrafo), o vocábulo sublinhado deveria receber acento diferencial, para distinguir o verbo da preposição.

( ) As palavras lá, né, até e aí seguem a mesma regra de acentuação gráfica.

( ) Em "dar esses jovens a rotina de uma escola de bairro"(2º parágrafo), há dois complementos verbais: "esses jovens" é objeto direto e "de uma escola de bairro" é objeto indireto.

( ) Em "pegou o gosto pela leitura" (3º parágrafo), "pela leitura" é complemento nominal.

Assinale a alternativa que indica a sequência correta, de cima para baixo.

a) V • V • F • F • F

b) V • F • F • V • V

c) V • F • F • F • V

d) F • V • V • V • F

e) F • F • V • F • V

(2016/CESPE/Instituto Rio Branco/Diplomata/Adaptada) Julgue (C ou E) os itens seguintes, relativos a acentuação de palavras e a aspectos gramaticais do texto.

1 Em suas remotas origens helênicas, o termo "caráter"
significou gravar. Empregavam-no, então, tanto para exprimir
o sinete como a marca deixada na cera dócil. Essa dupla
4 significação ainda hoje é vernácula – se não corrente – em
certas acepções. Na linguagem tipográfica, por exemplo,
"caráter" tanto é o tipo da imprensa como o sinal ou a letra

gravada. Assim sendo, podemos dizer que o caráter de um homem não é somente o seu feitio moral, senão também a expressão e a impressão do indivíduo. Em arte, caráter será a personalidade do autor, o aspecto aparente e profundo da obra e o efeito dela. Fixada assim a verdadeira acepção do termo, podemos afirmar que o mérito maior do poema do Sr. Menotti del Picchia é "o caráter". Poesia profundamente simples e pessoal, de inspiração larga e sadia, tem a força das obras bem concebidas e a beleza das coisas naturais. Poesia de corpos simples, poderíamos dizer, pela sobriedade de linhas no sentimento, no pensamento e na expressão. Sente-se que o autor procurou a naturalidade e não a arte, que é o melhor caminho para atingir a esta.

O segredo da arte é a naturalidade sem prejuízo da perfeição.

O Sr. Menotti del Picchia ainda não pôde naturalmente desvendar o segredo da arte. Se no buscar a expressão natural do seu lirismo alcançou a arte, não se despojou ainda das incertezas dessa procura, de certa fraqueza de técnica. Defeitos são todos estes transitórios, quase necessários em quem apenas se inicia.

A essência do livro é excelente.

Indica no autor uma personalidade inconfundível, que procura em si mesmo ou em torno de si os motivos de sua estética. Nem se distingue pela obsessão do isolamento, nem se perde por modelos estranhos. Daí lhe vem a superioridade de caráter individual. Se o caráter do autor provém dessa independência sem esforço, reside o da obra em sua originalidade natural; na conformidade com o meio, em uma perfeita radicação no solo pátrio, na simplicidade da construção e nas perfeitas proporções do ímpeto poético. O próprio desconcerto, em pormenores do poema principal e de outras produções secundárias, concorre para a individualidade desse esplêndido ensaio.

O caráter desse livro se conserva pela ressonância que tem. Não são versos agradáveis, suaves ou elegantes, que com

43 tanto agrado se leem quanto facilmente se esquecem. São
versos que lidos – ficam; gravam-se invencivelmente na
memória, ora destacados, ora em bloco. A crítica, no julgar e
46 no decompor as obras, não pode desprezar a intuição, se não
é principalmente isso. E um dos mais seguros processos de
intuição, no distinguir o valor das obras, é esse da permanência
49 das sensações.

Os poemas do Sr. Menotti del Picchia deixam uma
funda impressão de sua leitura: não pode haver melhor
52 demonstração do seu "caráter". Quando essa impressão não se
limitar aos leitores e aos críticos, e se estender à própria
literatura nacional, terá a sua poesia atingido o grau supremo
55 que lhe auguro.

Juca Mulato é um poema simples. Encerra uma lição
profunda na singeleza do motivo e da intenção. É certo que a
58 evidência da beleza não pode ser em arte um critério
axiomático. Quantas vezes a paciência é o melhor guia da
emoção estética? A exegese das sinfonias de Beethoven, como
61 a dos dramas musicais de Wagner, aumenta a nossa
receptividade para essa arte de titãs, se bem que a intuição
íntima e a explicação individual sejam imprescindíveis.
64 O poema do Sr. Menotti del Picchia tem a
simplicidade e a frescura das criações espontâneas e
necessárias, onde o esforço da composição permanece obscuro
67 como deve.

Para lhe realçar a beleza não se sente a crítica
compelida a buscar símbolos problemáticos ou filosofias
70 arbitrárias. Sendo o que é – um mal de amor impossível que
leva a alma à desesperança, para se resignar depois e ressurgir
consolada pela visão da terra amada, da felicidade atingível e
73 do sonho necessário –, comove pelo simples aspecto de suas
linhas harmoniosas.

A beleza maior do poema, que é também o seu
76 caráter, está na sua simplicidade radical. O poeta reprimiu
voluntariamente as possíveis exuberâncias ou ambições de seu
lirismo para ficar dentro do assunto que escolheu. Ganhou com

79 isso um grande poder virtual e marca mais do que se quisesse
marcar: a acústica de uma construção humana nunca chega à
acuidade de um eco natural.
82 Juca Mulato é a reconciliação do homem consigo
mesmo, do brasileiro com sua terra, do bárbaro com seu
isolamento. Reconciliação às vezes impossível, outras ilusória,
85 sempre necessária, raramente realizada. O consolo de Juca
Mulato é a indicação do caminho a seguir.

Alceu Amoroso Lima. Um poeta. In: Estudos literários. Rio de Janeiro: Aguilar, 1966, p. 133-5 (com adaptações).

8. A forma "pôde" (l.22) poderia ser corretamente substituída por **pode**, visto que o seu tempo verbal é depreendido pelo contexto do parágrafo e que o acento nela empregado é opcional.

( ) Certo ( ) Errado

9. Os pronomes demonstrativos "isso" (l.47) e "esse" (l.48) retomam, respectivamente, o sentido de julgar e decompor as obras e o de processo.

( ) Certo ( ) Errado

10. (2016/Quadrix/CRQ 18ª Região-PI/Advogado/Adaptada) A palavra "gás" está corretamente acentuada. Dentre as palavras abaixo, aquela cuja regra de acentuação mais se aproxima daquela que justifica o acento em "gás" é:

a) ácido.

b) âmbito.

c) estágio.

d) público.

e) crê.

11. (2016/Serctam/Prefeitura de Quixadá-CE/Advogado/Adaptada) Está correta a regra de acentuação em:

a) Tão e Só.

b) Porém e amá-la.

c) Pátria e espírito.

d) Própria e fúlgidos.

e) Não se acentuam mais as palavras proparoxítonas.

12. (2016/AOCP/Sercomtel S.A. Telecomunicações/Analista)

Perdoar e esquecer

Quando a vida se transforma num tango, é difícil não dançar ao ritmo do rancor

Ivan Martins

Hoje tomei café da manhã num lugar em que Carlos Gardel costumava encontrar seus parceiros musicais por volta de 1912. É um bar simples, na esquina da rua Moreno com a avenida Entre Rios, chamado apropriadamente El Encuentro.

Nunca fui fã aplicado de tango, mas cresci ouvindo aqueles que a minha mãe cantava enquanto se movia pela casa. Os versos incandescentes flutuam na memória e ainda me emocionam. Soprado pelo fantasma de Gardel, um deles me veio aos lábios enquanto eu tomava café no El Encuentro: "Rechiflado en mi tristeza, te evoco y veo que has sido..."

Vocês conhecem Mano a mano, não?

Essencialmente, é um homem falando com a mulher que ele ama e que parece tê-lo trocado por uma vida melhor. Lembra, em espírito, o samba Quem te viu, quem te vê, do Chico Buarque, mas o poema de Gardel é mais ácido e rancoroso. Paradoxalmente, mais sutil. Não se sabe se o sujeito está fazendo ironia ou se em meio a tantas pragas ele tem algum sentimento generoso em relação à ex-amante. Nisso reside o apelo eterno e universal de Mano a mano – não é assim, partido por sentimentos contraditórios, que a gente se sente em relação a quem não nos quer mais?

Num dia em que estamos solitários, temos raiva e despeito de quem nos deixou. No outro dia, contentes e acompanhados, quase torcemos para que seja feliz. O problema não parece residir no que sentimos pelo outro, mas como nos sentimos em relação a nós mesmos. Por importante que tenha sido, por importante que ainda seja, a outra pessoa é só um espelho no qual projetamos nossos sentimentos – e eles variam como os sete passos do tango. Às vezes avançam, em outras retrocedem. Quando a gente acha que encontrou o equilíbrio, há um giro inesperado.

Por isso as ambiguidades de Mano a mano nos pegam pelas entranhas. É difícil deixar para trás o sentimento de abandono e suas volúpias. É impossível não dançar ao ritmo do rancor. Há uma força enorme na generosidade, mas para muitos ela é inalcançável. Apenas as pessoas que gostam muito de si mesmas são capazes de desejar o bem do outro em circunstâncias difíceis. A maioria de nós precisa ser amada novamente antes de conceder a quem nos deixou o direito de ser feliz. Por isso procuramos com tanto afinco um novo amor. É um jeito de dar e de encontrar paz.

No último ano, tenho ouvido repetidamente uma frase que vocês já devem ter escutado: Não se procura um novo amor, a gente simplesmente o encontra. O paradoxo é bonito, mas me parece discutível. Supõe que o amor é tão acidental quanto um tropeção na calçada. Eu não acho que seja. Imagina que a vontade de achar destrói a possibilidade de encontrar. Isso me parece superstição. Implica em dizer que se você ficar parado ou parada as coisas virão bater na sua porta. Duvido. O que está embutido na frase e me parece verdadeiro é que não adianta procurar se você não está pronto – mas como saber sem procurar, achar e descobrir que não estava pronto?

É inevitável que a gente cometa equívocos quando a vida vira um tango. Nossa carência nos empurra na direção dos outros, e não há nada de errado nisso. É assim que descobrimos gente que será ou não parte da nossa vida. Às vezes quebramos a cara e magoamos os outros. O tango prossegue. O importante é sentir que gostam de nós, e que nós somos capazes de gostar de novo. Isso nos solta das garras do rancor. Permite olhar para trás com generosidade e para o futuro com esperança. Não significa que já fizemos a curva, mas sugere que não estamos apenas resmungando contra a possibilidade de que o outro esteja amando. Quando a gente está tentando ativamente ser feliz, não pensa muito no outro. Esse é o primeiro passo para superar. Ou perdoar, como costuma ser o caso. Ou esquecer, como é ainda melhor.

No primeiro verso de Mano a mano, Gardel lança sobre a antiga amante a maldição terrível de que ela nunca mais voltará a amar. Mas, ao final da música, rendido a bons sentimentos, oferece ajuda e conselhos de amigo, quando chegar a ocasião. Acho que isso é o melhor que podemos esperar de nós mesmos. Torcer mesquinhamente para jamais sermos substituídos – mas estarmos prontos para aceitar e amparar quando isso finalmente, inevitavelmente, dolorosamente, vier a acontecer.

(Disponível em: <http://epoca.globo.com/colunas-e-blogs/ivan-martins/noticia/2016/01/perdoar-e-esquecer.html>)

Em "Quando a gente acha que encontrou o equilíbrio, há um giro inesperado.", o termo em destaque recebe acento pela mesma regra que o vocábulo

a) terrível.

b) destrói.

c) espírito.

d) carência.

e) difíceis.

13. (2016/FUNRIO/IF-PA/Administrador) Assinale a única alternativa que mostra uma frase escrita inteiramente de acordo com as regras de acentuação gráfica vigentes.

a) Em meio ao conturbadissimo cenário político, o pessimismo do brasileiro aumentou no mês de março.

b) É o que mostram os numeros levantados este mês pelo Índice Nacional de Expectativa do Consumidor.

c) O dado encontra-se abaixo da media histórica, já que na comparação com março do ano passado está menor.

d) De acordo com pesquisa encomendada pela CNI, o quase cáos se deve, principalmente, ao temor do desemprego.

e) As expectativas sobre a renda pessoal recuaram no triênio, e a inflação é também um tema desconfortável na agenda.

14. (2016/Quadrix/CRA-AC/Administrador)

ANS fixa em 13,57% teto para reajuste de planos de saúde até abril de 2017

O percentual é válido para planos de saúde contratados a partir de janeiro de 1999 ou adaptados à Lei 9.656/98 e atinge cerca de 8,3 milhões de beneficiários

A Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) fixou em até 13,57% o índice de reajuste a ser aplicado a planos de saúde médico-hospitalares individuais/familiares no período compreendido entre maio de 2016 e abril de 2017.

O percentual é valido para planos de saúde contratados a partir de janeiro de 1999 ou adaptados à Lei 9.656/98 e atinge cerca de 8,3 milhões de beneficiários – 17% do total de 48,5 milhões de consumidores de planos de assistência médica no Brasil.

A metodologia usada para calcular o índice, de acordo com a ANS, é a mesma desde 2001 e leva em consideração a média dos percentuais de reajuste aplicados pelas operadoras aos contratos de planos coletivos com mais de 30 beneficiários.

A agência orienta os beneficiários de planos individuais que fiquem atentos aos boletos de pagamento e observem: se o percentual de reajuste aplicado é igual ou inferior ao definido pela ANS e se a cobrança com o índice de reajuste está sendo feita a partir do mês de aniversário do contrato, que é o mês em que o contrato foi firmado.

"É importante destacar que somente as operadoras autorizadas pela ANS podem aplicar reajustes, conforme determina a

Resolução Normativa n. 171/2008", destacou o órgão. Em caso de dúvida, os consumidores podem entrar em contato com a agência por meio do Disque ANS (0800 701 9656) ou pela Central de Atendimento ao Consumidor.

(http://www.administradores.com.br/)

Em "A Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) fixou em até 13,57% o índice de reajuste a ser aplicado a planos de saúde médico-hospitalares individuais/familiares no período compreendido entre maio de 2016 e abril de 2017":

a) o sinal indicativo de crase antes de "planos" seria obrigatório.

b) o sinal indicativo de crase antes de "planos" é facultativo.

c) as palavras "índice", "médico" e "período" estão acentuadas corretamente e seguem a mesma regra de acentuação.

d) a palavra "reajuste" é escrita com "j", assim como todas as palavras terminadas em -ajem, -ijem e -ujem.

e) a palavra "no" em "no período" representa a junção de um artigo definido com uma conjunção subordinativa adverbial causal.

15. (2016/IBEG/Prefeitura de Resende-RJ/Administrador)

A ABNT recomenda a utilização de apenas um dos dois sistemas: autor-data ou numérico.

No sistema autor-data, após a citação direta longa, aparecerá entre parênteses o último sobrenome do autor em letras maiúsculas, o ano de publicação da obra e a página da qual foi extraída aquela citação. Se o sobrenome do autor aparecer fora dos parênteses, terá apenas a inicial maiúscula. Quando se tratar de paráfrase (citação indireta), pode-se omitir o número da página citada, mas mencionar o autor e o ano é obrigatório. Neste sistema, a referência bibliográfica completa aparecerá apenas no capítulo de Referências. Só serão permitidas as notas de rodapé de natureza explicativa. (MEZZAROBA & MONTEIRO, 2008)

No sistema numérico, a fonte consultada aparecerá na nota de rodapé (conforme o padrão ABNT de referências), mediante a utilização de uma numeração sequencial e crescente em todo o trabalho ou capítulo. Neste sistema, não podem aparecer notas de rodapé de natureza explicativa. Atenção: introdução e conclusão (considerações finais) não são apropriadas para notas de rodapé.

(GONÇALVES, Jonas Rodrigo. Metodologia Científica e Redação Acadêmica. 7. ed. Brasília: JRG, 2016, p. 14.)

Analise o trecho: "No sistema autor-data, após a citação direta longa, aparecerá entre <u>parênteses</u> o <u>último</u> sobrenome do autor em letras <u>maiúsculas</u>". Quanto aos vocábulos sublinhados, julgue as proposições a seguir.

I. Os três vocábulos sublinhados são acentuados pelo mesmo princípio.

II. "parênteses" é paroxítona, "último" e "maiúsculas" são proparoxítonas.

III. "parênteses" é proparoxítona, "último" e "maiúsculas" são paroxítonas.

IV. "parênteses" e "maiúsculas" são paroxítonas.

A partir das assertivas acima, encontre a alternativa correta.

a) Apenas I é verdadeira.

b) Apenas II é verdadeira.

c) Apenas III é verdadeira.

d) Apenas IV é verdadeira.

e) Apenas III e IV são verdadeiras.

(2016/IBFC/COMLURB/Engenheiro de Segurança do Trabalho/Adaptada) Leia o texto abaixo e responda às perguntas a seguir:

Investir na Segurança: Despesa ou Receita

Em se falando de Segurança no Trabalho, nos deparamos com a palavra ACIDENTE. Numa definição abrangente e genérica, podemos afirmar que ACIDENTE é um evento indesejável e inesperado que produz desconforto, ferimentos, danos, perdas humanas e ou materiais. Um acidente pode mudar totalmente a rotina e a vida de uma pessoa, modificar sua razão de viver ou colocar em risco seus negócios e propriedades.

Ao contrário do que muitas pessoas imaginam, o acidente não é obra do acaso e nem da falta de sorte. Denomina-se SEGURANÇA, a disciplina que congrega estudos e pesquisas visando eliminar os fatores perigosos que conduzem ao acidente ou reduzir seus efeitos. Seu campo de atuação vai desde uma simples residência até complexos conglomerados industriais.

Nos países desenvolvidos medidas preventivas e de Segurança de caráter individual ou coletivo, são aplicadas e praticadas pela maioria de seus cidadãos, ao passo que nos países em desenvolvimento ainda são largamente inexistentes ou ignoradas. Em alguns destes países a legislação apresenta certos absurdos como compensação monetária pela exposição ao risco (periculosidade, insalubridade), fazendo com que empregados e empregadores concentrem suas atenções no "custo" da exposição e não na eliminação da mesma. (...)

<http://www.segurancanotrabalho.eng.br/artigos/investir_seg.html>. Acesso em: 25 abr. 2016

16. Com relação às novas regras de acentuação ortográfica, analise as afirmativas abaixo e dê valores Verdadeiro (V) ou Falso (F)

( ) a palavra "prevêntivas" passa a ter acento circunflexo.

( ) a palavra "indesejável" mantém o acento agudo.

( ) a palavra "caráter" mantém o acento agudo.

( ) a palavra "negócios" perde o acento agudo.

a) F – V – V – F

b) V – F – V – F

c) F – F – F – V

d) V – V – V – F

17. Leia a afirmativa, retirada do texto, e assinale a resposta correta: "Nos países desenvolvidos

medidas preventivas e de Segurança de caráter individual ou coletivo, são aplicadas e praticadas pela maioria de seus cidadãos, ao passo que nos países em desenvolvimento ainda são largamente inexistentes ou ignoradas."

a) O trecho apresenta erro de colocação de plural em "cidadão".

b) O trecho apresenta erro de pontuação em "(...) cidadãos, ao passo (...)".

c) A palavra "países" não deve ser acentuada neste caso.

d) O trecho apresenta erro de pontuação em "(...) individual ou coletivo, são aplicadas (...)".

18. (2016/FGV/SEE-PE/Professor de Língua Portuguesa) Em uma prova de Português, uma das questões solicitava a separação silábica da palavra importância e o gabarito seguido pela professora era o de que a palavra deveria ser separada da seguinte forma: im-por-tân-cia.

Assinale a opção que indica o comentário correto sobre a questão.

a) O gabarito está incorreto, porque se trata de uma palavra com hiato.

b) O gabarito está correto, já que essa é a única separação silábica possível.

c) O gabarito está correto, mas incompleto, pois outra separação é possível.

d) O gabarito está incorreto, pois a acentuação mostra que se trata de proparoxítono.

e) O gabarito está correto, pois se trata de um ditongo crescente e não de um hiato.

19. (2016/EDUCA/Prefeitura de Matureia-PB/Analista Ambiental)

Chiclete? Só com hora marcada e tempo determinado

Já não é mais novidade que mascar chiclete pode ser um ótimo aliado da saúde bucal uma vez que essa prática induz a produção de saliva, o detergente natural da boca e item fundamental para todo o funcionamento dessa área. Mas não pense você que a goma de mascar está liberada sem limites. Chiclete só pode ser mascado com hora marcada e tempo determinado.

Segundo Karyne Magalhães, cirurgiã-dentista membro da Sociedade Brasileira de Toxina Botulínica e Implantes Faciais e autora do site Botox Goiânia, devemos mascar chicletes apenas depois de alguma refeição como café da manhã, almoço e jantar.

"Isso porque quando mastigamos produzimos uma saliva chamada saliva de estímulo. Ela serve como iniciadora da nossa digestão, que começa na boca antes de passar para o sistema gastrodigestivo. Se ficarmos mascando chiclete toda hora, nosso organismo vai começar a produzir sempre esse tipo de saliva e vai aumentar a produção de suco gástrico para digerir a comida que está por vir, mas como nada está sendo ingerido, esse ácido pode danificar as paredes do estômago, principalmente quando já se tem alguma lesão instalada (gastrite ou úlcera)", diz a especialista. Para ela, além de ter hora certa para mascar chicletes, ele ainda deve ser saboreado por no máximo 15 minutos para não cansar a mandíbula. "Vamos evitar os transtornos gástricos e a dor na articulação temporomandibular", diz Karyne.

E as coordenadas não param por aí, pois não é qualquer chiclete que faz bem para a saúde bucal, não. Gomas super açucaradas fazem tão mal para a saúde bucal quanto um doce. "Os chicletes mais indicados são as gomas de mascar sem açúcar e com xilitol. Mascar chicletes sem açúcar aumenta a concentração de bicarbonato na saliva, o que é muito bom para

restaurar o pH bucal", diz a dentista.

É importante saber também que não é recomendado mascar chiclete só de um lado da boca. "Devemos mastigar de ambos os lados porque assim estimulamos a produção salivar dos dois lados da face, assim como a musculatura facial de ambos os lados, melhorando o tônus e a circulação sanguínea. É como fazer musculação, precisamos treinar braços e pernas dos dois lados para que tudo tenha a mesma estética e função", diz Karyne.

Apesar de estimular a produção salivar, preservando a boca saudável, o bom hálito e evitando doenças periodontais, o ato de mascar chiclete não substitui uma higienização completa. "Chiclete não substitui o uso do fio dental e nem a escovação, mas pode ajudar naquele dia em que realmente você não tem como escovar os dentes. Mas assim que puder, capriche na higiene bucal para evitar problemas nessa região", diz a dentista.

<http://www.wscom.com.br.20/05/2016>

Quanto à posição da sílaba tônica, as palavras **já, estímulo, além, açúcar** são classificadas, respectivamente, como:

a) Monossílabo tônico, proparoxítona, oxítona, paroxítona.

b) Monossílabo tônico, paroxítona, oxítona, paroxítona.

c) Monossílabo tônico, proparoxítona, monossílabo tônico, proparoxítona.

d) Oxítona, paroxítona, monossílabo tônico, paroxítona.

e) Oxítona, proparoxítona, oxítona, proparoxítona.

20. (2016/MÁXIMA/Prefeitura de Fronteira-MG/Advogado) Analise as palavras no quadro abaixo.

Rubrica – látex – ruim – lêvedo – novel – condor – caracteres – juniores

É CORRETO o que se afirma a respeito das palavras do quadro.

a) Há três palavras oxítonas;

b) Há cinco palavras paroxítonas;

c) Há duas palavras contendo ditongo oral;

d) Há duas palavras proparoxítonas.

Gabarito: 1. a; 2. d; 3. a; 4. d; 5. e; 6. d; 7. c; 8. errado; 9. errado; 10. e; 11. b; 12. d; 13. e; 14. c; 15. a; 16. a; 17. d; 18. c; 19. a; 20. a

1 Para o VOLP, grafam-se *soror* ou *sóror*.

2 O vocábulo *tarzã* grafa-se com til ("ã"), e não com terminação "an" ou "am". Da mesma forma, grafam-se: *manhã, ímã, irmã, órfã, satã, ãatá, cristãmente, avelãzeira, chãmente, cãs, balangandã*. A vogal "ã" ocorre ainda em final interna, *i. e.*, antes de

sufixos: *chãmente (chã + mente), avelãzinha, romãzeira* etc. Casos como ãatá, *tucumãí* são excepcionais, mas compreensíveis.

3 Pronuncie *transistor* /tôr/, como em "pintor", "castor" ou "Nestor". A influência do vocábulo inglês "transistor" colaborou para a adoção da forma *transístor*, hoje aceita pelo VOLP. Portanto, temos as formas *transistor* e *transístor*. No entanto, a regra é que as palavras terminadas em -or sejam oxítonas.

4 O substantivo ou o adjetivo *xerox* tem acento prosódico oscilante, podendo formar *xerox* (oxítona) ou *xérox* (paroxítona). A tendência é prevalecer a primeira forma (oxítona, como *xerox*), em relação à segunda. Observe os exemplos:

1. "*Se tiver o folheto, pode tirar xerox ou permitir que seja xerocado?*" (Carlos Drummond de Andrade, *Jornal do Brasil*, de 26-5-1981, *apud* Cegalla, 1999, p. 418);

2. "*Imagine uma fila de pessoas em um serviço de xerox.*" (Lair Ribeiro, *Comunicação Global*, p. 97, *apud* Cegalla, 1999, p. 418).

5 Há postura minoritária de alguns gramáticos que consideram tais encontros vocálicos quer como *ditongos*, quer como *hiatos*. Sendo hiatos, aceitar-se-iam as seguintes separações silábicas: *his-tó-ri-a*, *sé-ri-e*, *pá-ti-o*, *á-gu-a*, *tê-nu-e*, *in-gê-nu-o*, *má-go-a*, *a-po-lí-ne-o*, *or-quí-de-a*.

6 *Serôdio* é adjetivo que significa tardio, fora do tempo, que vem tarde. Exemplo: *paixão serôdia, movimento estudantil serôdio*.

7 O VOLP 2009 admite a forma singularizada feminina *hemorroida* (ou *hemorroide*). O Houaiss e o Aurélio ratificam o entendimento.

8 *Jornal do Brasil*, de 3-11-1994, *apud* Cegalla, 1999, p. 27.

3 CRASE

A crase (do grego *krâsis*, ou seja, "mistura") é a fusão de duas vogais da mesma natureza. Assinalamos com o acento grave **(`)** o fenômeno da crase, que se traduz na fusão ou contração da preposição **a** com...

– o artigo definido feminino singular **a**, resultando em **À**;

– o artigo definido feminino plural **as**, resultando em **ÀS**;

– o pronome demonstrativo **aquela(s)**, **aquele(s)**, **aquilo**, resultando em **ÀQUELA(S)**, **ÀQUELE(S)**, **ÀQUILO**;

– o pronome relativo **a qual**, **as quais**, resultando em **À QUAL, ÀS QUAIS**.

Observemos as frases abaixo:

Leve a encomenda à secretária.

(**à** = a1 + a2)

a1 = **preposição** (da regência do verbo *levar*);

a2 = **artigo** (que acompanha o substantivo feminino *secretária*).

Refiro-me àquele hóspede.

(**àquele** = a1 + aquele2)

a1 = **preposição** (da regência do verbo *referir-se*);

aquele2 = **pronome demonstrativo**.

Note a **regra prática** para se certificar de que haverá o sinal indicador da crase:

1º Passo: substitua a palavra antes da qual aparece o "a" ou "as" por um termo masculino.

2º Passo: se ocorrer "ao" ou "aos" como resultado, deve-se utilizar o sinal indicador da crase.

Exemplos:

• Os papéis foram apresentados às autoridades / Os papéis foram apresentados aos juízes.

No entanto, é imperioso dominar as regras específicas quanto à utilização do sinal indicativo da crase. Passemos ao detalhamento.

3.1. CASOS OBRIGATÓRIOS DE CRASE

1) Com o artigo "a":

• Dediquei-me à leitura.

[Dediquei-me **(a + a)** leitura].

• Leve o livro à pessoa amada.

[Leve o livro **(a + a)** pessoa amada].

• O candidato aspira à aprovação.

[O candidato aspira **(a + a)** aprovação].

2) Com nomes geográficos de cidades, países ou localidades que admitem o artigo definido feminino:

• Vou à França – Vou à Colômbia – Vou à Argentina – Vou à Gávea

Observações:

a) Para que se identifique a presença ou a ausência da crase, recomenda-se uma técnica: elabore uma frase com o verbo *voltar*, referindo-se ao ponto geográfico em exame. Se obtiver "volto de", não haverá crase; se obtiver "volto da", ter-se-á crase. Exemplos:

• Vou a Roma – Volto de Roma (portanto, não há crase).

• Vou à Argentina – Volto da Argentina (portanto, há crase).

b) Quando o ponto geográfico vier acompanhado de qualificativo, a crase será obrigatória. Exemplos:

• Vou à Brasília dos deputados.

• Vou à Roma dos Césares.

• Vou à São Paulo da garoa.

• Vou à Florianópolis das 42 praias.

• Viajarei às 14h à Vacaria dos pinhais.

3) Com os pronomes demonstrativos "aquele(s)", "aquela(s)" e "aquilo":

• Resisti àquele doce.

[Resisti **(a + aquele)** doce].

• Cheguei àquele lugar.

[Cheguei **(a + aquele)** lugar].

• Referi-me àquelas revistas.

[Referi-me **(a + aquelas)** revistas].

• Fizeram alusão àquela testemunha.

[Fizeram alusão **(a + aquela)** testemunha].

• Não dei importância àquilo.

[Não dei importância **(a + aquilo)**].

• Prefiro isto àquilo.

[Prefiro isto **(a + aquilo)**].

Observações:

a) Há uma importante exceção: caso o pronome demonstrativo seja usado para entidade grafada com inicial maiúscula, fazendo-se questão de separar a preposição da inicial maiúscula de tal pronome. Exemplo: *Agradecemos a Aquele que nos protege.*

b) Usa-se, ademais, em formas, como: àqueloutro, àqueloutros, àqueloutra, àqueloutras. Exemplo: *Dirigimo-nos àqueloutro evento.*

4) Antes das formas pronominais compostas "a qual" e "as quais":

• Esta é a festa à qual me referi.

• Vi a casa do morro à qual eles se dirigiram.

• Fiz alusão às pesquisas às quais nos dedicamos.

• Deu valor às irmãs, às quais devia a vida.

Observações:

a) Observe que, na frase *Esta voz é anterior à que você fez*, ocorre acento grave para indicar elipse de termo, o que obriga a presença do sinal grave indicador porque o vocábulo "anterior" exige a preposição "a", e temos a contração com o "a" seguinte. Procedendo à complementação, teremos: *Esta voz é anterior à [voz] que você fez.* Eis outro exemplo: *Não me refiro a ela; refiro-me à que encontramos ontem.* Complementando: *Não me refiro a ela; refiro-me à* [*mulher*] *que encontramos ontem.*

b) Não haverá a crase quando o "a" anterior for apenas uma preposição. Exemplos:

- Esta é a pessoa a que fiz alusão.
- Este é o autor a cuja obra ele se referiu.
- Esta é a donzela a que alude.
- Às cerimônias, a cujo início finalmente se procedeu, compareceram muitos curiosos.

5) Antes de horas determinadas:

- Chegou às duas horas.
- Chegamos à uma hora da manhã. (ou à 1h)

Ressalte-se que a crase será utilizada até mesmo com a expressão "zero hora". Exemplos:

À zero hora, avançaremos no campo de batalha.

"E tudo ia bem, até que, à zero hora do dia seguinte, o carro parou em Tamanduá-Mirim, diante de uma fila inerte de caminhões" 1.

Observações:

a) O uso da expressão "a uma hora":

a.1) Caso se trate de *hora determinada*, a crase será obrigatória:

- O baile acabou à uma hora da madrugada.

a.2) No entanto, tratando-se de *hora indeterminada*, **não** se usa a crase:

- A tropa chegou ao campo de batalha a uma hora morta.
- A uma hora destas, os larápios devem estar bem longe daqui.
- Irá a uma hora qualquer.

a.3) Ademais, usa-se a forma "a uma hora", sem acento, para indicar distância no espaço ou no tempo:

- A fazenda fica a uma hora daqui.

• O atentado ocorreu a uma hora do início da apresentação.

• O metrô passará daqui a uma hora.

a.4) Não haverá crase em expressões similares: "a duas horas daqui", "a três quadras daqui" etc.

b) Recomenda-se a utilização do artigo na indicação de horas. Com efeito, o artigo evita a ambiguidade, evidenciando o sentido de marcação de horas, e não de duração do evento. Explicando: quando se escreve "o evento ocorre de 9h a 11h", pode-se entender que o evento durará nove, dez ou até onze horas. Por outro lado, se a frase for "o evento ocorre das 9h às 11h", ninguém duvidará que a duração do evento será de duas horas, começando às nove horas da manhã e finalizando às onze horas da manhã. Por esse motivo, entendemos que há equívoco na frase a seguir: "Quem voar entre 22h e 6h pode pagar 50% a menos" (*Diário de Pernambuco*).

Corrigindo: *Quem voar entre as 22h e as 6h pode pagar 50% a menos.*

(Observe que a preposição "entre" repudia a crase, repetindo-se, de modo elíptico, na oração: *Quem voar entre as 22h e [entre] as 6h pode pagar 50% a menos*).

DICA
Observe a frase: Espero desde as três horas. *A crase não ocorrerá, uma vez que "desde" já é preposição, não podendo ser seguida de outra. Além de "desde", outros termos repelem a crase, por serem igualmente preposições. É o caso de "ante", "após" e "perante":* *Ante a situação do crime, o ilícito se configurou.* *Após a decisão do júri, fui à igreja.* *Perante a juíza, comporte-se bem.*

No quadro abaixo, vamos enfrentar a seguinte situação: a **CRASE** e as formações **DE ... A** e **DA(s) ... À(s):**

De ... a	**Da(s) ... à(s)**

Ele estuda de segunda a sexta.	*O evento foi das 8h às 18h.*
O curso será de 2 a 5 de maio.	*Plantarão grama da quadra 10 à quadra 13.*
Pegou chuva de Belém a Brasília.	*O projeto é da página 8 à página 11.*
Ele dançou de meia-noite a 2h30min.	*Ele dançou da meia-noite às 2h30min.*
Eles estudavam de 9h a 11h.	*Viajou de moto da Bahia à Paraíba.*
Comi em demasia de 1ª a 4ª séries.	*Em Brasília, a vigilância se deu da SQS 310 à 312.*
De hoje a domingo, rezarei as orações.	*A viagem é da França à Alemanha.*
Os namorados se viam de 8h30min a 11h30min.	*A paralisação se deu da Rua da Consolação à Avenida Rebouças.*

6) Com numerais ordinais femininos:

• Entregaram prêmios à primeira colocada.

• Fizeram elogios ao primeiro e à segunda aluna da classe.

7) Com termos que se apresentam ocultos:

a) Quando subentender a palavra *moda* ou *maneira*:

• Usava sapatos à Luís XV.

• Escrevia à Machado de Assis.

• Fez vários gols à Pelé.

• Seus vestidos eram à Clodovil.

• Vamos jogar à Corinthians.

• Seu drible foi à Garrincha.

• Bife à milanesa.

• Era um quadro à Picasso.

• Pedimos arroz à grega.

• Seu estilo é à Erico Verissimo.

• Farei uma bacalhoada à Portugal.

b) Quando subentender palavra feminina que determine *nome de empresa* ou *coisa*:

• Referiu-se à Apolo (nave).

• Dirigiu-se à Gustavo Barroso (fragata).

• Vou à Saraiva (editora).

• Fez alusão à Carta Capital (revista).

8) Antes de palavra feminina, nas locuções adjetivas, adverbiais, prepositivas ou conjuntivas:

Observe o uso nas locuções:

– Adjetivas

• Foi um ótimo baile à fantasia.

• É um sujeito à toa.

– Adverbiais

• Fizemos tudo às escondidas.

• Vivem viajando à noite.

– Prepositivas

• Estava à procura de um profissional.

• Andava à esquerda do jardim.

– Conjuntivas

- A temperatura aumenta à proporção que nos aproximamos dos trópicos.
- Ficamos mais maduros à medida que envelhecemos.

Aprecie a lista com variados exemplos:

Eles se sentiram atraídos à primeira vista.	*Eles usaram as roupas às avessas.*
Prefiro que você aja sempre às claras.	*Às vezes, chego ao trabalho esbaforido.*
À medida que os juros baixaram, ele reagiu.	*A embarcação estava à mercê das ondas.*
À força de tanto estudar, acabou enlouquecido.	*Vive à custa do pai (evite "às custas de...").*
Vive às expensas do pai (ou "a expensas do"...).	*Foram ao espetáculo de comédia e riram à beça.*
As embarcações ficaram à deriva.	*As instalações estavam às moscas.*
Ele correu tanto, e o esforço foi à toa.	*Às turras, seguiu para o baile.*
Chegou às pressas.	*Ele seguiu à risca o problema.*
Entrou à esquerda do pai.	*Os erros foram cometidos às escâncaras.*

Observação:

Nas locuções adverbiais que indicam meio ou instrumento, com substantivos femininos, não há consenso quanto à utilização do sinal indicador da crase. Por força da tradição, recomenda-se utilizá-lo, a fim de evitar dubiedade. Entretanto, em face do cambiante posicionamento dos gramáticos, preferimos defender aqui o uso facultativo. Exemplos:

Morto à [a] bala	*Morto à [a] faca*	*Atacado à [a] navalha*	*Aberto à [a] foice*
Escrito à [a] tinta	*Elaborado à [a] mão*	*Feito à [a] máquina*	*Pagamento à [a] vista*

3.2. CASOS PROIBITIVOS DE CRASE

1) Antes de palavra masculina:

- Andava a pé.
- Pagamentos a prazo.
- Vestir-se a caráter.
- Andar a cavalo.
- Caminhar a esmo.
- Chegamos a tempo.
- Morto a tiro.
- Estamos a caminho.
- O recurso foi interposto a destempo.
- Fenômeno visível a olho nu.
- A despeito da inexperiência, todos supuseram que ele seria candidato.
- A princípio, tudo corria muito bem; com o passar do tempo, soçobrou.
- O teste não deve ser feito a lápis.
- Todos esses apetrechos pertencem a Alberto.

2) Antes de verbo:

• Estava decidido a fugir.

• A partir de domingo, tomaremos tal providência.

• Ficou a ver navios.

• Eles começaram a fazer os trabalhos.

3) Antes de expressões em sentido genérico:

a) Quando se tratar de *palavras femininas genéricas*:

• Não dê ouvidos a reclamações.

• Referi-me a mulheres, e não a meninas.

• Não se prenda a coisas materiais.

• Presto favores a pessoas dignas.

• Ele é submisso a decisões do chefe.

b) Quando se tratar de *locuções de modo* (que exprimam a ideia de generalidade):

• Pegaram-se a dentadas.

• Agrediram-se a bofetadas.

• Progrediram a duras penas.

• Reunião a portas fechadas.

• Jamais se submetia a humilhações.

4) Antes de pronomes, em geral (indefinidos, demonstrativos, de tratamento ou pessoais):

• Daqui a algumas horas, ele chegará.

• A certa altura, cansou-o a demora.

• Estamos dispostos a qualquer coisa.

• Não entregue isto a ninguém.

• Leve o livro a ela.

• Disse isso a toda pessoa.

• Cheguei a esta conclusão.

• Pedi a ela que saísse.

Observações:

a) Com os pronomes **mesma**, **outra** e **própria**, haverá crase:

- Assistimos sempre às mesmas cenas.
- Falou à mesma pessoa.
- Elas pensaram no que dizer uma à outra.
- Não fale nada às outras.
- Refiro-me à própria mulher.

b) Não se usa crase antes de pronomes de tratamento:

- Fique tranquilo: enviarei tudo a Vossa Senhoria.
- Leve a encomenda a Sua Excelência.

c) Embora o tema seja tratado com certa polêmica, recomendamos a utilização do sinal indicador da crase antes de **senhora**, **senhorita**, **dona**, **madame**:

- Referiu-se à senhora secretária.
- Deu algumas moedas à senhorita.
- Encaminhou-se à dona Teresa.
- Dirigiu-se à madame Angélica.

d) O termo **sóror** – utilizado para a indicação de freiras professoras – repele o artigo; logo, não haverá crase. Exemplos:

- Fizeram menção a sóror Maria.
- Quando se procura um santo para o Brasil, por que não se falar em "Sóror Joana Angélica"2?
- As "Cartas Portuguesas", escritas no século XVII, por Sóror Mariana Alcoforado (1640-1723), são um dos exemplos mais ardentes do amor desesperado de uma mulher pelo homem amado.

5) Antes de quem e cujo(s), cuja(s):

- Isto convém a quem nada sabe.
- Ela é a autora a cuja peça me referi.

6) Entre palavras repetidas:

- Estavam cara a cara.
- Ele ficou face a face.

- Ficou frente a frente com o inimigo.
- Gota a gota, a água acabou.
- Passo a passo, procedeu à análise dos medicamentos.
- Ele passou a máquina de ponta a ponta.
- Dia a dia, escreve muito.

3.3 CASOS ESPECÍFICOS DE CRASE

1) Antes de terra, casa e distância

Observe o quadro explicativo:

TERRA	CASA	DISTÂNCIA
Antes da palavra TERRA, como sinônimo de "terra firme, chão" (enfim, como oposição a "mar"). *Exemplos:* *Mandou o marinheiro a terra.* *O navio está chegando a terra.* *Tão logo desceram a terra, os aviadores relaxaram.* *A tripulação do navio desceu a terra.*	*Antes da palavra CASA, como sinônimo de "lar".* *Exemplos:* *Chegou a casa cedo.* *Voltamos a casa.* *Retornei a casa.* *A casa, cheguei de inopino.* *Sem perceber, a casa fui.*	*Antes da palavra DISTÂNCIA, quando indeterminada.* *Exemplos:* *Fiquei a distância.* *Estava a pequena distância do alvo.* *O assaltante estava a distância.* *A distância, fiquei imóvel e perplexo.* *Aproxime-se, mas fique a distância.*

Observação:	**Observação:**	**Observação:**
Se o termo TERRA vier particularizado ou se referir ao planeta, haverá a crase. *Exemplos:* *Voltou à terra natal.* *Chegaram à terra dos pântanos.* *Os astronautas regressaram à Terra.* *A cápsula lunar voltou à Terra.*	*Se o termo CASA vier particularizado, haverá a crase.* *Exemplos:* *Voltou à casa dos pais.* *Iremos à Casa da Moeda.* *Ele foi à casa nova.* *À casa da noiva, cheguei à uma.* *Ela foi à casa da sogra.*	*Se a palavra DISTÂNCIA vier especificada, haverá a crase.* *Exemplos:* *Fiquei à distância de dez metros.* *À distância de dois metros, permaneci.* *Ele parou à distância de três metros.*

2) A crase e seu uso facultativo

A crase será facultativa em **três** importantes situações. Procure memorizá-las:

I. Antes de pronome possessivo adjetivo feminino, no singular:

- Refiro-me à (a) sua tia. (mas, com crase obrigatória, não obstante a controvérsia nesse caso: Refiro às suas tias.)
- Não fez menção à (a) nossa empresa. (mas, com crase obrigatória, não obstante a controvérsia nesse caso: Não fez menção às nossas empresas.)

II. Antes de nome próprio feminino:

• Declarou-se à (a) Jamile.

• Dei o carro à (a) Rania.

Observação:

Se houver intimidade, a crase será obrigatória. Exemplo:

• Fale à Miriam, minha irmã.

Caso se trate de nomes femininos históricos ou emblemáticos, com os quais o anunciante não tenha intimidade, não se deve utilizar a crase. Exemplos:

• Fiz alusão a Joana D'Arc.

• O pároco fez menção a Virgem Maria.

• O professor aludiu a Maria Antonieta, a Rainha Austríaca.

• Recorro a Santa Teresa.

III. Depois da preposição até**:**

• Fui até à (a) montanha.

• Ele chegou até à (a) porta, lentamente.

• Andou a cavalo até à (a) entrada do sítio.

3) A crase e a expressão a uma (só) voz

A locução **não** receberá o acento grave indicador da crase. Exemplos:

• Todos gritaram pelo homem, a uma voz.

• "Que significará isso? – perguntaram quase a uma voz"3.

• A resposta no samba de roda é sempre em coro, uníssono, coisa que o samba-enredo manteve.

Observação: atente-se para o fato de que a expressão reduzida "à uma", no sentido de "a uma só voz", diferentemente, deve receber o sinal indicador da crase. Exemplo:

• Todos gritaram à uma.

• Os guardas gritaram à uma: "Fora, todos!".

• Todos berraram à uma: "Diretas já!".

4) A crase e os pronomes adjetivos e substantivos

O pronome pode ser **adjetivo** ou **substantivo**. Será *pronome adjetivo* quando modificar um substantivo expresso. Nesse caso, a crase será facultativa. Por outro lado, quando se tratar de pronome substantivo, a crase será obrigatória. Exemplo:

Este livro pertence à/a tua professora; aquele outro pertence à minha.

Analisando:

Este livro pertence à/a (1) tua *professora; aquele outro pertence à* (2) minha.

(1) Pronome adjetivo, modificador de "professora": crase facultativa;

(2) Pronome substantivo: crase obrigatória.

Veja mais um exemplo: *Vamos à (a) sua casa ou à minha.*

5) A crase e a expressão dar à luz…

À guisa de memorização, é imperioso recordar que não existe a forma "dar à luz a alguém", pois o correto é que "se dê alguém à luz". Aprecie, pois, as formas corretas:

- Ela deu à luz gêmeos (e não "deu à luz a gêmeos").
- A tia Elizete deu à luz Marlene e Marli (e não "...deu à luz a Marlene e Marli").
- Lígia deu à luz um casal de gêmeos.

6) A crase e as expressões dado(a) e devido

O termo *dado(a)* não requer o sinal indicador da crase (Exemplo: *dado o homem; dada a mulher*). Por outro lado, devemos escrever *devido a*, e não somente "devido". Dessa forma, observe as implicações quanto à crase: se digo *dada a situação*, direi *devido à situação* (com crase); se digo *dadas as ocorrências*, direi *devido às ocorrências* (com crase); se digo *dado o problema*, direi *devido ao problema*. Veja mais exemplos:

- Dada a natureza da imunidade, há a necessidade de obedecer a requisitos.
- Dadas as circunstâncias atenuantes, tudo pode melhorar.
- Devido às circunstâncias agravantes, tudo pode piorar.

CURIOSIMACETES

1. INFENSO A

O adjetivo *infenso* significa "inimigo, contrário ou hostil". Pode ser utilizado em expressões, como: *ser infenso a, mostrar-se infenso a*. Portanto, aprecie as frases:

- *A revelação da MPB – Maria Rita – mostrou-se infensa às críticas.*
- *O advogado, infenso a atualizações, mostrou-se desnorteado.*
- *A mulher, infensa a intrigas, não se relacionava com as vizinhas.*
- *O policial, ouvido em audiência, mostrou-se infenso a conchavos.*

2. VERBO JAZER

O verbo *jazer* significa "estar deitado, estar sepultado", sendo regular em todos os tempos. Ademais, conjuga-se normalmente em todas as formas, exceto quanto à terceira pessoa do singular do presente do indicativo (ele), cuja forma é "jaz", em vez de "jaze". Portanto, aprecie a conjugação:

Eu jazo – Tu jazes – Ele jaz – Nós jazemos – Vós jazeis – Eles jazem.

Eu jazi – Tu jazeste – Ele jazeu – Nós jazemos – Vós jazestes – Eles jazeram.

Exemplos:

- *Aqui jaz o corpo de um grande amigo.*
- *Aqui jazem os restos mortais do valente soldado.*
- *"... de tanta angústia se tomou, que os maus humores se lhe extravasaram, e ... jazeu uma semana no seu vasto leito, ..."*[4].
- *"A fazenda jaz entre duas colinas". (Aurélio)*
- *"... as semanas passavam, e todo esse belo material de experimentação, sob a luz branca da claraboia, jazia virgem e ocioso"*[5].

3. LACÔNICO

O adjetivo *lacônico*, derivado do grego *lakonikós*, tem o sentido de "breve, conciso, expresso em poucas palavras", como o faziam os habitantes da *Lacônia* (região do sul da Grécia Antiga, hoje *Peloponeso*). Portanto, podemos usar tal

adjetivo para *resposta lacônica, linguagem lacônica*.

45

A HORA DO ESPANTO

As "pérolas" do português

Não se fala outro assunto anonser ...

Correção: há situações em que é difícil descobrir o que se quis dizer, como se nota na forma "anonser". Seria *a não ser*? Quanta criatividade, não é mesmo? Portanto, corrigindo: *Não se fala outro assunto a não ser ...* .

Ao léo

Correção: a expressão idiomática aceita em nosso idioma é *ao léu* (com -u), na acepção de "à toa, a esmo, ao deus-dará, à vontade, ao acaso". A propósito, conta-se que, certa vez, um causídico desavisado usou, equivocadamente, a expressão "ao léo" em uma petição, sendo questionado, acertadamente, pelo Juiz sobre o ingresso de um novo interessado na lide: o "Léo" (de Leonardo...). Só rindo...

O direito tinha que ser engual para todos.

Correção: o adjetivo na acepção de idêntico ou análogo é *igual*, e não "engual". É difícil discernir o que é pior: a sonoridade ou a grafia da errônea forma.

QUESTÕES

1. (2016/VUNESP/MPE-SP/Analista Técnico Científico) Assinale a alternativa que preenche as lacunas do texto a seguir, observando o emprego do sinal de crase e a conjugação verbal, segundo a norma-padrão.

Implantaremos um sistema capaz de levar consumidores fiéis informações sobre nossas promoções,

partir do momento em que forem lançadas.

Se de recursos suficientes, anunciaremos prêmios que atraiam clientes, para que incondicionalmente campanhas promocionais.

a) aqueles ... a ... dispormos ... aderem ... as

b) àqueles ... a ... dispusermos ... adiram ... às

c) àqueles ... à ... dispusermos ... aderem ... às

d) aqueles ... à ... dispormos ... adiram ... as

e) aqueles ... a ... dispormos ... adiram ... as

2. (2016/MPE-SC/MPE-SC/Promotor de Justiça) Em relação ao emprego do sinal de crase, estão corretas as frases:

a) Solicito a Vossa Excelência o exame do presente documento.

b) A redação do contrato compete à Diretoria de Orçamento e Finanças.

( ) Certo ( ) Errado

3. (2016/MPE-SC/MPE-SC/Promotor de Justiça) Julgue o item a seguir, de acordo com o texto.

"O americano Jackson Katz, 55, é um homem feminista – definição que lhe agrada. Dedica praticamente todo o seu tempo a combater a violência contra a mulher e a promover a igualdade entre os gêneros. (...) Em 1997, idealizou o primeiro projeto de prevenção à violência de gênero na história dos marines americanos. Katz – casado e pai de um filho – já prestou consultoria à Organização Mundial de Saúde e ao Exército americano."

(In: Veja, Rio de Janeiro: Abril, ano 49, n. 2, p. 13, jan. 2016.)

No texto acima, o sinal indicativo de crase foi empregado corretamente, em todas as situações. Poderia ter ocorrido também diante dos verbos combater e promover, uma vez que o emprego desse acento é facultativo antes de verbos.

( ) Certo ( ) Errado

4. (2016/MPE-SC/MPE-SC/Promotor de Justiça)

"Desde as primeiras viagens ao Atlântico Sul, os navegadores europeus reconheceram a importância dos portos de São Francisco, Ilha de Santa Catarina e Laguna, para as "estações da aguada" de suas embarcações. À época, os navios eram impulsionados a vela, com pequeno calado e autonomia de navegação limitada. Assim, esses portos eram de grande importância, especialmente para os navegadores que se dirigiam para o Rio da Prata ou para o Pacífico, através do Estreito de Magalhães."

(Adaptado de SANTOS, Sílvio Coelho dos. Nova História de Santa Catarina. Florianópolis: edição do Autor, 1977, p. 43.)

No texto acima observa-se o emprego do acento indicador de crase, em **à época**. Em **a importância** e **a**

vela esse acento é facultativo.

( ) Certo ( ) Errado

5. (2016/FCC/TRF-3ª Região/Analista Judiciário)

Sem exceção, homens e mulheres de todas as idades, culturas e níveis de instrução têm emoções, cultivam passatempos que manipulam as emoções, atentam para as emoções dos outros, e em grande medida governam suas vidas buscando uma emoção, a felicidade, e procurando evitar emoções desagradáveis. À primeira vista, não existe nada caracteristicamente humano nas emoções, pois numerosas criaturas não humanas têm emoções em abundância; entretanto, existe algo acentuadamente característico no modo como as emoções vincularam-se a ideias, valores, princípios e juízos complexos que só os seres humanos podem ter. De fato, a emoção humana é desencadeada até mesmo por uma música e por filmes banais cujo poder não devemos subestimar.

Embora a composição e a dinâmica precisas das reações emocionais sejam moldadas em cada indivíduo pelo meio e por um desenvolvimento único, há indícios de que a maioria das reações emocionais, se não todas, resulta de longos ajustes evolutivos. As emoções são parte dos mecanismos biorreguladores com os quais nascemos, visando à sobrevivência. Foi por isso que Darwin conseguiu catalogar as expressões emocionais de tantas espécies e encontrar consistência nessas expressões, e é por isso que em diferentes culturas as emoções são tão facilmente reconhecidas. É bem verdade que as expressões variam, assim como varia a configuração exata dos estímulos que podem induzir uma emoção. Mas o que causa admiração quando se observa o mundo do alto é a semelhança, e não a diferença. Aliás, é essa semelhança que permite que a arte cruze fronteiras.

As emoções podem ser induzidas indiretamente, e o indutor pode bloquear o progresso de uma emoção que já estava presente. O efeito purificador (catártico) que toda boa tragédia deve produzir, segundo Aristóteles, tem por base a suspensão de um estado sistematicamente induzido de medo e compaixão.

Não precisamos ter consciência de uma emoção, com frequência não temos e somos incapazes de controlar intencionalmente as emoções. Você pode perceber-se num estado de tristeza ou de felicidade e ainda assim não ter ideia dos motivos responsáveis por esse estado específico. Uma investigação cuidadosa pode revelar causas possíveis, porém frequentemente não se consegue ter certeza. O acionamento inconsciente de emoções também explica por que não é fácil imitá-las voluntariamente. O sorriso nascido de um prazer genuíno é produto de estruturas cerebrais localizadas em uma região profunda do tronco cerebral. A imitação voluntária feita por quem não é um ator exímio é facilmente detectada como fingimento – alguma coisa sempre falha, quer na configuração dos músculos faciais, quer no tom de voz.

(Adaptado de: DAMÁSIO, Antonio. O mistério da consciência. Trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo, Cia das Letras, 2015, 2. ed., p. 39-49)

Ao se reescrever um segmento do texto, o sinal indicativo de crase foi empregado de modo correto em:

a) Frequentemente não temos consciência de uma emoção, pois somos incapazes de à controlar propositadamente.

b) Essa é, à propósito, a semelhança que permite que a arte cruze fronteiras.

c) Por sinal, à essa semelhança imputa-se a causa da arte ser capaz de cruzar fronteiras.

d) A partir dessa semelhança, permite-se à arte cruzar fronteiras.

e) À uma região profunda do tronco cerebral atribui-se o ponto de partida de reações como um sorriso nascido de um prazer genuíno.

6. (2016/IESES/BAHIAGÁS/Analista de Processos Organizacionais) Contas a (1) pagar, compromissos

a (2) cumprir, filhos a (3) educar... as (4) vezes chego a (5) pensar em pedir: "parem o mundo que eu quero descer!" No período acima, cabem as seguintes crases:

a) Em nenhum.

b) Em a (1), a (2) e a (3)

c) Só em as (4).

d) Em a (1), a (2), a (3) e a (5).

e) Em todos.

7. (2016/FCC/TRT-23ª Região/Analista Judiciário)

Nasci na Rua Faro, a poucos metros do Bar Joia, e, muito antes de ir morar no Leblon, o Jardim Botânico foi meu quintal. Era ali, por suas aleias de areia cor de creme, que eu caminhava todas as manhãs de mãos dadas com minha avó. Entrávamos pelo portão principal e seguíamos primeiro pela aleia imponente que vai dar no chafariz. Depois, íamos passear à beira do lago, ver as vitórias-régias, subir as escadarias de pedra, observar o relógio de sol. Mas íamos, sobretudo, catar mulungu.

Mulungu é uma semente vermelha com a pontinha preta, bem pequena, menor do que um grão de ervilha. Tem a casca lisa, encerada, e em contraste com a pontinha preta seu vermelho é um vermelho vivo, tão vivo que parece quase estranho à natureza. É bonita. Era um verdadeiro prêmio conseguir encontrar um mulungu em meio à vegetação, descobrir de repente a casca vermelha e viva cintilando por entre as lâminas de grama ou no seio úmido de uma bromélia. Lembro bem com que alegria eu me abaixava e estendia a mão para tocar o pequeno grão, que por causa da ponta preta tinha uma aparência que a mim lembrava vagamente um olho.

Disse isso à minha avó e ela riu, comentando que eu era como meu pai, sempre prestava atenção nos detalhes das coisas. Acho que já nessa época eu olhava em torno com olhos mínimos. Mas a grandeza das manhãs se media pela quantidade de mulungus que me restava na palma da mão na hora de ir para casa. Conseguia às vezes juntar um punhado, outras vezes apenas dois ou três. E é curioso que nunca tenha sabido ao certo de onde eles vinham, de que árvore ou arbusto caíam aquelas sementes vermelhas. Apenas sabíamos que surgiam no chão ou por entre as folhas e sempre numa determinada região do Jardim Botânico.

Mas eu jamais seria capaz de reconhecer uma árvore de mulungu. Um dia, procurei no dicionário e descobri que mulungu é o mesmo que corticeira e que também é conhecido pelo nome de flor-de-coral. "Árvore regular, ornamental, da família das leguminosas, originária da Amazônia e de Mato Grosso, de flores vermelhas, dispostas em racimos multifloros, sendo as sementes do fruto do tamanho de um feijão (mentira!), e vermelhas com mácula preta (isto, sim)'', dizia.

Mas há ainda um outro detalhe estranho – é que não me lembro de jamais ter visto uma dessas sementes lá em casa. De algum modo, depois de catadas elas desapareciam e hoje me pergunto se não era minha avó que as guardava e tornava a despejá-las nas folhagens todas as manhãs, sempre que não estávamos olhando, só para que tivéssemos o prazer de encontrá-las. O fato é que não me sobrou nenhuma e elas ganharam, talvez por isso, uma aura de magia, uma natureza impalpável. Dos mulungus, só me ficou a memória – essa memória mínima.

(Adaptado de: SEIXAS, Heloísa. Semente da memória. Disponível em: <http://heloisaseixas.com.br>)

Quanto à ocorrência de crase, considere as frases abaixo.

I. No segmento ... encontrar um mulungu <u>em meio</u> à vegetação... (2º parágrafo), pode-se substituir corretamente o elemento sublinhado por "por entre", sem que nenhuma outra alteração seja feita.

II. No segmento Disse isso à minha avó e ela riu... (3º parágrafo), pode-se suprimir o artigo definido sem prejuízo para o sentido e a correção.

III. Uma redação correta para o segmento ... na hora de ir para casa (3º parágrafo), caso se substitua a preposição "em" por "a", é: "à hora de ir para casa".

Está correto o que consta em

a) I, II e III.

b) I, apenas.

c) III, apenas.

d) II e III, apenas.

e) I e II, apenas.

8. (2016/VUNESP/Prefeitura de Rosana-SP/Procurador do Município) Leia a crônica Caso de polícia, de Ivan Angelo, e responda à questão.

Desde que viu pela primeira vez um filme policial, o rapaz quis ser um homem da lei. Sonhava viver aventuras, do lado do bem. Botar algemas nos pulsos de um criminoso e dizer, como nos livros: "Vai mofar na cadeia, espertinho".

Estudou Direito com o objetivo de ser delegado de polícia. No início do curso, até pensou em tornar-se um grande advogado criminal, daqueles que desmontam um por um os argumentos do nobre colega, mas a partir do segundo ano percebeu que seu negócio eram mesmo as algemas. Assim que se formou, inscreveu-se no primeiro concurso público para delegado. Fez aulas de defesa pessoal e tiro. Estudou tanto que passou em primeiro lugar e logo saiu a nomeação para uma delegacia em bairro de classe média, Vila Mariana.

No dia de assumir o cargo, acordou cedo, fez a barba, tomou uma longa ducha, reforçou o desodorante para o caso de algum embate prolongado, vestiu o melhor terno, caprichou na gravata e olhou-se no espelho satisfeito. Encenou um sorriso cínico imitando Sean Connery e falou:

– Meu nome é Bond. James Bond.

Na delegacia, percorreu as dependências, conheceu a equipe, conferiu as armas, as viaturas, e sentou-se à mesa, à espera do primeiro caso. Não demorou: levaram até ele uma senhora idosa e enfezada.

– Doutor, estão atirando pedras no meu varal!

Adeus 007. O delegado-calouro caiu na besteira de dizer à queixosa que aquilo não era crime.

– Não é crime? Quer dizer que podem jogar pedras no meu varal?

– Eu não posso prender ninguém por isso.

– Ah, é? Então a polícia vai permitir que continuem a jogar pedras no meu varal? A sujar minha roupa?

James Bond não tinha respostas. Procurou saber quem jogava as pedras. A velha senhora não sabia, mas suspeitava de alguém da casa ao lado. O delegado mandou "convidarem" o vizinho para uma conversa e pediu que trancassem a senhora numa sala.

– Ai, meu Deus, só falta ser um velhinho, para completar! – murmurou o desanimado Bond.

Era um velhinho que confessou tudo dando risadinhas travessas. Repreendeu-o com tom paterno:

– O senhor não pode fazer uma coisa dessas. Por que isso, aborrecer as pessoas?

– É para passar o tempo. Vivo sozinho, e com isso eu me divirto um pouco, né?

O moço delegado cruzou as mãos atrás da cabeça, fechou os olhos e meditou sobre os próximos trinta anos. Pensou também na vida, na solidão e em arranjar uma namorada. Abriu os olhos e lá estava o velhinho.

– Pois eu vou contar uma coisa. A sua vizinha, essa do varal, está interessadíssima no senhor, gamadona.

O velho subiu nas nuvens, encantado. Recusou-se a dar mais detalhes, mandou-o para casa, e chamou a senhora:

– Ele esteve aqui. É um senhor de idade. Bonitão, viu? Confessou que fez tudo por amor, para chamar a sua atenção. Percebeu que uma chama romântica brilhou nos olhos dela.

Caso encerrado.

(Humberto Werneck (Org.). Coleção melhores crônicas – Ivan Angelo. Global, 2007. Adaptado)

Nas frases reescritas a partir das ideias do texto, o sinal indicativo de crase está corretamente empregado em:

a) O rapaz estudou Direito visando à se tornar um respeitado delegado de polícia.

b) Caso exercesse a profissão de advogado, imaginava-se suficientemente astuto para opor-se à qualquer argumentação de outros colegas.

c) Inscreveu-se no concurso e dedicou-se à aulas de defesa pessoal e tiro.

d) Passou em primeiro lugar e em pouco tempo se deu à nomeação para a delegacia do bairro de Vila Mariana, em São Paulo.

e) Para dar continuidade à investigação, o jovem delegado convocou o velhinho a quem a senhora havia se referido como suspeito.

9. (2015/OBJETIVA/Prefeitura de Porto Barreiro-PR/Advogado) Quanto ao emprego do acento indicativo de crase, analisar os itens abaixo:

I. Voltarei à cidade natal no final do ano.

II. Estou à disposição para sanar todas as dúvidas.

a) Os itens I e II estão corretos.

b) Os itens I e II estão incorretos.

c) Somente o item I está correto.

d) Somente o item II está correto.

10. (2015/CAIP-IMES/DAE de São Caetano do Sul-SP/Analista Administrativo) O acento indicativo de crase está INCORRETAMENTE empregado em:

a) A entrada fica daqui à dez quilômetros.

b) Não é à toa que o volume de água não para de subir.

c) Logo à frente do monumento, há um hidrante.

d) O presidente da companhia foi à França.

11. (2015/CAIP-IMES/DAE de São Caetano do Sul-SP/Procurador Judicial) O acento indicativo de crase está incorretamente empregado em:

a) Não é à toa que o volume de água não para de subir.

b) Logo à frente do monumento, há um hidrante.

c) A entrada fica daqui à dez quilômetros.

d) O presidente da companhia foi à França.

12. (2015/FCC/TRE-PB/Analista Judiciário) Atenção: Considere o texto abaixo para responder à questão.

O rio Paraíba corria bem próximo ao cercado. Chamavam-no "o rio". E era tudo. Em tempos antigos fora muito mais estreito. Os marizeiros e as ingazeiras apertavam as duas margens e as águas corriam em leito mais fundo. Agora era largo e, quando descia nas grandes enchentes, fazia medo. Contava-se o tempo pelas eras das cheias. Isto se deu na cheia de 93, aquilo se fez depois da cheia de 68. Para nós meninos, o rio era mesmo a nossa serventia nos tempos de verão, quando as águas partiam e se retinham nos poços. Os moleques saíam para lavar os cavalos e íamos com eles. Havia o Poço das Pedras, lá para as bandas da Paciência. Punham-se os animais dentro d'água e ficávamos nos banhos, nos cangapés. Os aruás cobriam os lajedos, botando gosma pelo casco. Nas grandes secas o povo comia aruá que tinha gosto de lama. O leito do rio cobria-se de junco e faziam-se plantações de batata-doce pelas vazantes. Era o bom rio da seca a pagar o que fizera de mau nas cheias devastadoras. E quando ainda não partia a corrente, o povo grande do engenho armava banheiros de palha para o banho das moças. As minhas tias desciam para a água fria do Paraíba que ainda não cortava sabão.

O rio para mim seria um ponto de contato com o mundo. Quando estava ele de barreira a barreira, no marizeiro maior, amarravam a canoa que Zé Guedes manobrava.

Vinham cargueiros do outro lado pedindo passagem. Tiravam as cangalhas dos cavalos e, enquanto os canoeiros remavam a toda a força, os animais, com as cabeças agarradas pelo cabresto, seguiam nadando ao lado da embarcação. Ouvia então a conversa dos estranhos. Quase sempre eram aguardenteiros contrabandistas que atravessavam, vindos dos engenhos de Itambé com destino ao sertão. Falavam do outro lado do mundo, de terras que não eram de meu avô. Os grandes do engenho não gostavam de me ver metido com aquela gente. Às vezes o meu avô aparecia para dar gritos. Escondia-me no fundo da canoa até que ele fosse para longe. Uma vez eu e o moleque Ricardo chegamos na beira do rio e não havia ninguém. O Paraíba dava somente um nado e corria no manso, sem correnteza forte. Ricardo desatou a corda, meteu-se na canoa comigo, e quando procurou manobrar era impossível. A canoa foi descendo de rio abaixo aos arrancos da água. Não havia força que pudesse contê-la. Pus-me a chorar alto, senti-me arrastado para o fim da terra. Mas Zé Guedes, vendo a canoa solta, correu pela beira do rio e foi nos pegar quase que no Poço das Pedras. Ricardo nem tomara conhecimento do desastre. Estava sentado na popa. Zé Guedes porém deu-lhe umas lapadas de cinturão e gritou para mim:

– Vou dizer ao velho!

Não disse nada. Apenas a viagem malograda me deixou alarmado. Fiquei com medo da canoa e apavorado com o rio. Só mais tarde é que voltaria ele a ser para mim mestre de vida.

(REGO, José Lins do. O Rio. In: VV.AA. O melhor da crônica brasileira. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1997, p. 43)

Atente para as seguintes afirmações:

I. Na frase Uma vez eu e o moleque Ricardo chegamos na beira do rio e não havia ninguém (3º parágrafo), pode-se substituir "na" por "à", mantendo-se a correção e, em linhas gerais, o sentido da frase.

II. Em ... enquanto os canoeiros remavam a toda a força... (3º parágrafo), pode-se acrescentar crase em "à toda a força", sem prejuízo para a correção da frase.

III. No segmento As minhas tias desciam para a água fria do Paraíba... (1º parágrafo), pode-se substituir "para a" por "à", sem prejuízo para a correção e, em linhas gerais, o sentido da frase.

Está correto o que se afirma APENAS em:

a) I.

b) II e III.

c) III.

d) I e II.

e) I e III.

13. (2015/FUNCAB/SES-MG/Especialista em Políticas e Gestão da Saúde)

Uma velhinha

Quem me dera um pouco de poesia, esta manhã, de simplicidade, ao menos para descrever a velhinha do Westfália! É uma velhinha dos seus setenta anos, que chega todos os dias ao Westfália (dez e meia, onze horas), e tudo daquele momento em diante começa a girar em torno dela. Tudo é para ela. Quem nunca antes a viu, chama o garçom e pergunta quem ela é. Saberá, então, que se trata de uma velhinha "de muito valor", professora de inglês, francês e alemão, mas "uma grande criadora de casos".

Não é preciso perguntar de que espécie de casos, porque, um minuto depois, já a velhinha abre sua mala de James Bond, de onde retira, para começar, um copo de prata, em seguida, um guardanapo, com o qual começa a limpar o copo de prata, meticulosamente, por dentro e por fora. Volta à mala e sai lá de dentro com uma faca, um garfo e uma colher, também de prata. Por último o prato, a única peça que não é de prata. Enquanto asseia as "armas" com que vai comer, chama o garçom e manda que leve os talheres e a louça da casa. Um gesto soberbo de repulsa.

O garçom (brasileiro) tenta dizer alguma coisa amável, mas ela repele, por considerar (tinha razão) a pronúncia defeituosa. E diz, em francês, que é uma pena aquele homem tentar dizer todo dia a mesma coisa e nunca acertar. Olha-nos e sorri, absolutamente certa de que seu espetáculo está agradando. Pede um filet e recomenda que seja mais bem do que malpassado. Recomenda pressa, enquanto bebe dois copos de água mineral. Vem o filet e ela, num resmungo, manda voltar, porque está cru. Vai o filet, volta o filet e ela o devolve mais uma vez alegando que está assado demais. Vem um novo filet e ela resolve aceitar, mas, antes, faz com os ombros um protesto de resignação.

Pela descrição, vocês irão supor que essa velhinha é insuportável. Uma chata. Mas não. É um encanto. Podia ser avó da Grace Kelly. Uma mulher que luta o tempo inteiro pelos seus gostos. Não negocia sua comodidade, seu conforto. Não confia nas louças e nos talheres daquele restaurante de aparência limpíssima. Paciência, traz de sua casa, lavados por ela, a louça, os talheres e o copo de prata. Um dia o garçom lhe dirá um palavrão? Não acredito. A velhinha tão bela e frágil por fora,

magrinha como ela é, se a gente abrir, vai ver tem um homem dentro. Um homem solitário, que sabe o que quer e não cede "isso" de sua magnífica solidão.

(MARIA, Antônio. Com Vocês, Antônio Maria. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1964, p. 262.)

"Volta à mala e sai lá de dentro com uma faca..." (§ 2)

No fragmento acima, o acento indicativo da crase é de emprego obrigatório, pelas normas da língua culta. Das alterações feitas na redação do fragmento, é facultativo empregar o acento indicativo da crase em:

a) Volta àquela mala que estava sobre a mesa o sai lá de dentro com uma faca.

b) Volta outra vez à própria mala e sai lá de dentro com uma faca.

c) Volta até à mala e sai lá de dentro com uma faca.

d) Volta novamente à mesma mala o sai lá de dentro com uma faca.

14. (2015/VUNESP/Prefeitura de Suzano-SP/Procurador Jurídico) Leia o poema e responda à questão.

O sentido normal das palavras não faz bem ao poema.
Há que se dar um gosto incasto aos termos.
Haver com eles um relacionamento voluptuoso.
Talvez corrompê-los até a quimera.
Escurecer as relações entre os termos em vez de aclará-los.
Não existir mais rei nem regências.
Uma certa liberdade com a luxúria convém.

(Manoel de Barros. Retrato quase apagado em que se pode ver perfeitamente nada, VII, Poesia completa. São Paulo, Leya, 2010, p. 265)

Quanto ao emprego do acento indicativo de crase, a frase correta é:

a) É possível afirmar que, por meio da seleção vocabular e do ritmo, o poeta alude à certa relação voluptuosa no seu texto.

b) O poeta emprega construções sintáticas ambíguas, às quais geram uma sensação de estranhamento no leitor.

c) Pode-se atribuir à ideia de quimera, tal como é usada no poema, uma série de sentidos complementares.

d) O poema oferece ao leitor à possibilidade de descobrir novas nuaces de sentidos em termos já conhecidos.

e) Como todo texto literário, o poema de Manoel de Barros é polissêmico, ou seja, está sujeito à várias interpretações.

15. (2015/VUNESP/Prefeitura de São Paulo-SP/Analista de Políticas Públicas e Gestão Governamental)

Para avaliar a importância da diversidade nas cidades, é preciso entender a extensão de sua conceituação. Seu significado vai desde a mistura de usos e atividades até a existência de uma grande variedade de estruturas urbanas e a garantia do direito à cidade pelos mais diversos grupos sociais.

Esse conceito contraria o modelo de planejamento voltado à segregação de áreas homogêneas no tecido urbano. O encorajamento do pluralismo, em busca da diversidade, pode, de fato, ser mais um ativo importante do que uma ameaça.

Estabelecer mecanismos que permitam às pessoas dos mais variados grupos étnicos e sociais terem direitos iguais aos espaços da cidade vai além da eficiência urbana e equidade. Conduz à urbanidade. A diversidade tem sido apontada como fator essencial para o funcionamento, o crescimento econômico e a atratividade das cidades.

Para alguns pesquisadores, a diversidade deve ser focada nos espaços públicos, tornando cada área residencial um microcosmo da cidade, enfatizando-se a importância de prover espaços que ofereçam elevados níveis de interação entre as pessoas dos mais diferentes espectros sociais.

Todavia, outras formas de diversidade são igualmente importantes no desenvolvimento urbano.

As metrópoles de hoje estão se desenvolvendo rapidamente em cidades criativas, principalmente no que diz respeito às suas funções e ao capital humano. Elas são socialmente diversificadas como resultado da intensificação da migração e das diferenças socioeconômicas, revelando, ainda, múltiplas dimensões da identidade individual.

A convivência com a diversidade, que toca em várias áreas da vida urbana, embora se constitua em um enorme desafio, ao mesmo tempo pode ser um recurso significativo das cidades contemporâneas. Portanto, embora seja importante descobrir caminhos para planejar a cidade plural, não menos importante é encontrar ferramentas que possam medir essa diversidade, de tal forma que ela possa ser avaliada e comparada em suas várias regiões.

(Claudio Bernardes. Opinião. Folha de S.Paulo, 03.08.2015)

Considerando o sentido do texto, na oração "Conduz à urbanidade." (3º parágrafo), o acento indicativo da crase será mantido se o verbo for substituído por

a) Exerce.

b) Rege.

c) Transmite.

d) Implica.

e) Leva.

16. (2015/VUNESP/UNESP/Assistente de Suporte Acadêmico) Assinale a alternativa em que o emprego dos sinais de pontuação e do sinal indicativo de crase está de acordo com a norma-padrão.

a) Foram enviadas a Reitoria da Universidade, às reivindicações dos alunos para abertura, de turmas: noturnas.

b) Pergunto se toda a documentação foi encaminhada à Sua Excelência, o Ministro para análise da viabilidade de atendimento?

c) Serão feitas admissões à partir do próximo mês portanto, não perca essa oportunidade, você que,

está interessado.

d) Foram apresentadas emendas ao projeto, para adequá-lo à exigência do cliente, a saber, antecipação do prazo de execução.

e) O que podemos dizer à estas pessoas é que: ainda não temos o produto disponível, para entrega.

17. (2015/MPE-GO/MPE-GO/Secretário Auxiliar) Assinale a alternativa que completa, correta e respectivamente, as lacunas das frases.

situações insustentáveis do lixo no Brasil. Esse problema chega autoridades que deverão tomar providências cabíveis

a) As ... as ... as.

b) Há ... às ... as.

c) Há ... as ... às.

d) Às ... as ... às.

e) As ... hás ... as.

18. (2015/MPE-GO/MPE-GO/Secretário Auxiliar) Assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, as lacunas das frases, quanto ao sinal indicativo da crase:

Para fazer vatapá, tutu mineira e todas as comidas favoritas dos brasileiros. O papa quer interagir com a multidão, mas o risco será analisado caso caso. Ajudar empresas transformar seu ambiente de trabalho.

a) A ... a ... a.

b) À ... à ... a.

c) À ... a ... a.

d) A ... à ... à.

e) À ...à ... à.

19. (2015/IBEG/Prefeitura de Teixeira de Freitas-BA/Advogado do CREAS)

Teixeira de Freitas: Terra da Melancia

Desde a sua origem, Teixeira de Freitas apresenta forte vocação para as atividades agrícola e pecuária. Se o início de sua história ficou marcado pela extração de madeira, paralelamente a isso, iniciou-se a produção de mamão, abóbora, melancia, tomate, maracujá e outras culturas semeadas pela colônia japonesa. O reflexo deste cultivo é que o município é, atualmente, um dos maiores exportadores de melancia da região. O fruto sai da cidade para os estados de Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul [e] São Paulo e [é também é comercializado na] Bahia.

Por Josinaldo Cruz. Disponível em: <http://sangueazulpormerito.blogspot.com.br/2014/03/teixeira-de-freitas-terra-da-melancia.html>. Acesso em: 6 out. 2015, fragmento, com adaptação.

Considerando as questões gramaticais referentes ao período "Desde a sua origem, Teixeira de Freitas apresenta forte vocação para as atividades agrícola e pecuária.", pode-se dizer que o uso do sinal indicativo de crase

a) é opcional diante de "origem".

b) é opcional diante de "atividades".

c) seria inviável, caso o autor empregasse a construção a sua época atual logo após o termo "origem".

d) seria obrigatório, caso o autor substituísse o trecho "apresenta forte vocação para" por está fortemente destinada a.

e) seria inviável, na construção devido as condições climáticas da região, caso o autor a empregasse logo após o termo "pecuária".

20. (2015/ESES/CRM-SC/Médico Fiscal) Nesta frase, em qual "a" ocorre a crase: Agradeço a (1) Deus, a (2) meus pais, a (3) meus amigos e a (4) todos que me ajudaram.

a) No primeiro e no quarto.

b) Em todos.

c) No segundo e no terceiro.

d) Em nenhum.

Gabarito: 1. b; 2. certo; 3. errado ; 4. errado; 5. d; 6. c; 7. d; 8. e; 9. a; 10. a; 11. c; 12. e; 13. c; 14. c; 15. e; 16. d; 17. b; 18. c; 19. d; 20. d

1 Carlos Drummond de Andrade, *Obra Completa*, p. 853.

2 Sóror Joana Angélica, Abadessa do Convento das Franciscanas da Bahia, foi morta a golpes de baioneta desferidos por soldados portugueses, na Guerra da Independência, em 1822, ao impedir que invadissem o Convento para estuprar as freiras. Estas conseguiram fugir, porém Sóror Joana foi atacada pelos soldados enfurecidos.

3 Austregésilo de Ataíde, p. 213, *apud* Cegalla, 1999, p. 44.

4 Eça de Queirós, *Últimas Páginas*, p. 350, *apud* Aurélio, p. 804.

5 *Id.*, *ibid.*, p. 193, *loc. cit.*

4 REGÊNCIA NOMINAL E VERBAL

4.1. REGÊNCIA NOMINAL

É a relação de dependência existente entre um *nome* (substantivo, adjetivo, advérbio) e seu *complemento*.

Certos substantivos e adjetivos admitem mais de uma regência. A escolha desta ou daquela preposição deve, no entanto, subordinar-se aos ditames da clareza e da eufonia e adequar-se aos diferentes matizes do pensamento.

Principais Regências de Substantivos e Adjetivos:		
acessível a, para, por	*diferente com, em, entre, por, de*	*natural a, em, de*
acostumado a, com	*difícil a, em, para, de*	*necessário a, em, para*
adaptado a	*digno de*	*negligente em*
afável a, com, para com	*entendido por, em*	*nocivo a*
aflito com, por	*equivalente de, a*	*ojeriza a, com, contra, por*
agradável a, de, para	*erudito em*	*paralelo a, com, de, entre*
alheio a, de	*escasso de*	*parco com, em, de*

alienado de	*essencial a, de, em, para*	*passível de*
alusão a	*estranho de, a*	*perito em*
amante de	*fácil a, em, para, de*	*permissível a*
análogo a	*favorável a*	*perpendicular a*
ansioso de, para, por	*fiel em, para com, a*	*pertinaz em*
apto a, para	*firme em*	*possível a, de*
assíduo a, em	*generoso em, para com, com*	*possuído por, de*
atento a, em, para	*grato para, por, a*	*posterior a*
ausente a, de, em	*hábil para, em*	*preferível a*
aversão a, em, para, por	*habituado com, em, a*	*prejudicial a*
avesso a	*hostil contra, para com, a*	*presente a*
ávido de, por	*horror de, diante de, por, a*	*prestes a, em, para*
bacharel em, por	*idêntico em, a*	*propenso a, para*

benéfico a, para	*impossível a, para, de*	*propício a, para*
capaz de, para	*impróprio a, de, para*	*próximo a, de*
certo com, de, em, para	*imune de, a*	*relacionado com*
compatível a, com	*inclinação a, para, por*	*residente em*
compreensível a, para	*incompatível com*	*responsável a, de, por*
comum a, com, em, entre, para, de	*inconsequente em, com*	*rico de, em*
confiança em	*indeciso entre, quanto a, sobre, em*	*seguro com, contra*[2]
constante de, em	*independente de*	*semelhante a, em*
contemporâneo a, de	*indiferente a, com, diante de, em*[1]	*sensível a, para*
contíguo a	*indigno de*	*sito em, entre*
contrário a, de, em, por	*inerente a, em*	*situado a, em, entre*
curioso de, a, por	*insaciável de*	*suspeito a, de*

desatento a	*junto a, com, de*	*transversal a*
descontente com, de	*leal a, com, em, para com*	*útil a, em, para*
desejoso de	*lento de, em*	*vinculado a*
desfavorável a, para	*liberal com, de, em, para com*	*versado em*
devoto a, de	*medo a, de*	

Observe alguns **deslizes** de Regência Nominal: 1 2

1) "O lema era: Governo responsável com o dinheiro do povo."

Corrigindo: *O lema era: Governo* <u>*responsável*</u> pelo *dinheiro do povo*.

2) "Ele tinha confiança de que sairia vitorioso."

Corrigindo: *Ele tinha* <u>*confiança*</u> em *que sairia vitorioso*.

3) "Ela é igual eu."

Corrigindo: *Ela é* <u>*igual*</u> a mim.

4) "Ele é bacharel de Direito."

Corrigindo: *Ele é* <u>*bacharel*</u> em *Direito*.

5) "Ele é curioso com tudo que vê."

Corrigindo: *Ele é* <u>*curioso*</u> de *tudo que vê*.

6) "Estamos curiosos em encontrar o segredo."

Corrigindo: *Estamos* <u>*curiosos*</u> de *encontrar o segredo*.

7) "Ele está alienado com sua atividade política."

Corrigindo: *Ele está* <u>*alienado*</u> de *sua atividade política*.

8) “Todos estavam ansiosos em vê-lo.”

Corrigindo: *Todos estavam ansiosos* de / para *vê-lo.*

9) “Ele era suspeito por um crime que não cometeu.”

Corrigindo: *Ele era suspeito* de *um crime que não cometeu.*

10) “Esta função não é compatível de sua dignidade.”

Corrigindo: *Esta função não é compatível* com *sua dignidade.*

11) “Estava inclinado em aceitar o convite.”

Corrigindo: *Estava inclinado* a *aceitar o convite.*

12) “Aquele que se mostra ávido à sabedoria enriquece sua alma” 3.

Corrigindo: *Aquele que se mostra ávido* de / por *sabedoria enriquece sua alma.*

13) “Ele revela muita inclinação com as artes” 4.

Corrigindo: *Ele revela muita inclinação* às *artes.*

14) “Chamam ‘mitologia’ os, de todo tipo, relatos e lendas maravilhosas, cujos monumentos e textos figurados nos dão mostra que sua ocorrência deu-se nos países de língua grega (...)” 5.

Corrigindo: *Chamam “mitologia” os, de todo tipo, relatos e lendas maravilhosas, cujos monumentos e textos figurados nos dão mostra* de *que sua ocorrência deu-se nos países de língua grega (...).*

4.2. REGÊNCIA VERBAL

É a relação de dependência ou subordinação entre o verbo e os termos da oração. Observe a **legenda** abaixo, usada nos verbos a seguir detalhados:

VTD	**Verbo Transitivo Direto:** *verbo que pede um complemento sem preposição obrigatória.*
VTI	**Verbo Transitivo Indireto:** *verbo que pede um complemento introduzido por preposição*

	obrigatória.
VTDI	**Verbo Transitivo Direto e Indireto:** *verbo que pede dois complementos, um sem a preposição obrigatória e o outro com ela.*
VI	**Verbo Intransitivo:** *verbo que não pede complemento. Pode vir acompanhado de um adjunto adverbial.*

Seguem alguns verbos que despertam interesse quanto à regência verbal:

1. Abdicar

• **VI**, no sentido de **renunciar ao poder ou cargo em que se achava investido**. Exemplo:

D. Pedro abdicou em 1831.

• **VTD**, no sentido de **renunciar voluntariamente a, resignar, desistir de**. Exemplo:

Os funcionários abdicaram o cargo.

• **VTI**, no sentido de **desistir de, renunciar**. Exemplo:

Abdicou de seus direitos.

2. Agradar

• **VTD**, no sentido de **acariciar**. Exemplo:

O menino agradava seu animal de estimação.

• **VTI**, no sentido de **ser agradável a**. Exemplo:

As novidades agradaram aos investidores.

3. Agradecer

• **VTD**, no sentido de **mostrar-se por grato**, quando o objeto for coisa, desde que não personificada. Exemplo:

Agradeceu o presente.

- **VTI**, no sentido de **manifestar gratidão**, quando o objeto for pessoa ou ser personificado. Exemplo:

Eu agradeci aos convidados.

- **VTDI**, no sentido de **manifestar gratidão e/ou recompensar, retribuir**, quando se refere a coisas e pessoas. Exemplo:

Agradeço a Deus os acontecimentos da minha vida.

4. Ajudar

- Seguido de um infinitivo transitivo precedido da preposição a, rege indiferentemente objeto direto e objeto indireto. Exemplo:

Ajudou o / ao *amigo a resolver os exercícios.*

- Se o infinitivo preposicionado for intransitivo, rege apenas o objeto direto. Exemplo:

Ajudaram o *ladrão a escapar.*

- **Não** seguido de infinitivo, geralmente rege objeto direto. Exemplo:

Ajudei-o *demasiadamente.*

5. Anuir

- Rege as preposições **a** e **em** (não aceita lhe(s)). Exemplo:

Anuiu a / em *tais propostas de contrato.*

6. Ansiar

- **VTD**, no sentido de **angustiar, causar mal-estar, oprimir, almejar**. Exemplo:

O excesso de problemas ansiava o homem.

- **VTI**, no sentido de **desejar com veemência, ardentemente**, requerendo a preposição **por** (não aceita lhe(s)). Exemplo:

Anseio por uma nova visita de Solange.

7. Aspirar

- **VTD**, no sentido de **respirar, inspirar, sorver**. Exemplo:

Nada como aspirar o puro ar das montanhas.

- **VTI**, no sentido de **pretender, desejar** (não admite o pronome lhe(s), mas apenas as formas a ele(s), a ela(s)). Exemplo:

Sempre aspiramos à felicidade / a ela.

8. Assistir

- **VTI**, no sentido de **estar presente, presenciar** (não admite o pronome lhe(s), mas apenas as formas a ele(s), a ela(s)). Exemplos:

Assistimos ao filme ontem / a ele ontem.

Assistimos à audiência / a ela.

- **VTI**, no sentido jurídico de **caber**. Exemplo:

Este direito não assiste ao acusado.

Observação: é possível a utilização do pronome *lhe*. Exemplo:

Este direito não lhe assiste.

- **VI**, no sentido de **residir, habitar**. Exemplo:

Ele assiste em São Paulo há dois anos.

- **VTD**, no sentido de **amparar, dar assistência**. Exemplos:

O advogado assiste o réu.

O médico assistiu o paciente.

Observação: note o erro grosseiro que se cometeu em legislação específica, cujo teor assim se dispôs: "O art. 6º da MP 21.143-31 disciplina: 'À Corregedoria-Geral da União compete assistir <u>ao</u> Presidente da República ...'".

Erro: no sentido de "prestar assistência", o verbo *assistir* é VTD, não requerendo a preposição "a". Portanto:

À Corregedoria-Geral da União compete assistir <u>o</u> Presidente da República ...

9. Atender

- Com nome de pessoa, prefere-se objeto direto. Nos outros casos, utiliza-se, indiferentemente, objeto direto ou objeto indireto, embora seja mais comum o uso deste último. Exemplos:

O juiz atendeu o advogado.

O juiz atendeu o/ao requerimento da parte.

O advogado atendeu o cliente.

O advogado atendeu o/ao pedido do cliente.

O advogado atendeu a/à intimação.

10. Chamar

• **VTD**, no sentido de **convocar**. Todavia, o objeto pode vir preposicionado. Exemplo:

O rei chamou a corte. E também chamou pelos representantes do povo.

• Construído com **objeto seguido de predicativo**, admite as seguintes regências:

Chamei-o incompetente.

Chamei-o de incompetente.

Chamei-lhe covarde.

Chamei-lhe de covarde.

11. Chegar

• **VTI**, no sentido de **aproximar**. Chega-se a algum lugar (e não em, na ou no), quando há indicação de destino. Portanto, note os exemplos:

O advogado chegou à conclusão certa.

O juiz chegou ao veredicto.

Todos chegaram ao melhor entendimento acerca do caso.

• **VI**, acompanhado de adjunto adverbial de lugar – uma regência que ocorre na maioria das vezes:

Ele chegou à sala de aula.

Chegou a São Paulo.

Ele chegou a casa cedo.

"Ao chegar a casa, Tavares encontrou a irmã preocupada"[6].

12. Consentir

• **VTD**, no sentido de **dar consenso ou aprovação a**. Exemplo:

A maioria dos presentes consentiu a adoção das medidas.

• **VTDI**, no sentido de **permitir, admitir, tolerar**. Exemplo:

Não consentia tal desapreço à pessoa do prefeito.

Observação: Conforme o disposto no Dicionário Gramatical de Verbos – UNESP, o verbo "consentir – con sujeito inativo expresso por nome abstrato e com complemento da forma 'com + nome abstrato' – significa 'estar em harmonia com', 'ser conforme': 'a justiça consente com a necessidade'".

13. Custar

- No sentido de **ser custoso, difícil**, emprega-se na **3ª pessoa do singular**, tendo como sujeito uma oração reduzida de infinitivo, a qual pode vir precedida da preposição **a**. Exemplos:

Custa-me dizer que consegui o objetivo.

Custa-me a dizer que consegui o objetivo.

- **VTDI**, no sentido de **acarretar trabalhos, causar sofrimentos**. Exemplo:

A conquista do pão de cada dia custa ao pobre muito sofrimento.

14. Declinar

- **VTD**, no sentido de **revelar, mostrar**. Exemplos:

Ele declinou a identidade.

Todos declinaram os seus nomes.

- **VTI**, no sentido de **discordar**, requerendo a preposição **de**. Exemplos:

Ele declinou da lei.

Nós declinamos de seu posicionamento.

A lei de que declino é esta.

15. Deparar

- **VTD**, no sentido de "enfrentar", em forma pouco usual: Deparei uma situação.
- **VTI**, no mesmo sentido retrocitado, em forma mais comum (o verbo deve aparecer na forma não pronominal):

Deparei com uma situação.

Deparamos com uma nulidade.

Este é o homem com quem deparei na rua.

- **Pronominal**, sem a preposição, na forma **deparar-se**. Exemplos:

Depararam-se-me coisas estranhas.

Deparou-se-me o documento no processo.

O destino me deparou uma coisa surpreendente.

16. Esquecer e Lembrar

Admitem três construções:

Esqueci / Lembrei *os fatos.*

Esqueci-me / Lembrei-me *dos fatos.*

Esqueceram-me / Lembraram-me *os fatos.*

Detalhando: "Os fatos", que, nas duas primeiras construções, é **objeto**, passa a ser **sujeito** na terceira. Portanto:

"Os fatos esqueceram-me" significa *"Os fatos me fugiram da memória".*

"Os fatos lembraram-me" equivale a *"Os fatos me vieram à lembrança".*

17. Implicar

• **VTD**, no sentido de **acarretar, envolver** (sem a preposição **em**). Exemplos:

A resolução da questão implica nova teoria.

Isso implica sérios problemas.

• **VTI**, no sentido de **ter implicância, mostrar má disposição**. Exemplo:

Ela sempre implicou com os meus hábitos.

• **VTI**, no sentido de **comprometer-se, envolver-se**. Exemplos:

Implicou-se com negociações difíceis.

Implicou-se em negócios ilícitos.

Implicou o colega em questões políticas (aqui o verbo passa a ser **VTDI**, com objeto direto "o colega").

18. Importar

• **VTD**, no sentido de **ter como consequência ou resultado**. Exemplo:

A decorrência do prazo importou preclusão (e não "... em preclusão").

• **VTI,** no sentido de **atingir** (quantidade). Exemplo:

O prejuízo importa em 200 mil reais.

19. Informar

• **VTD,** no sentido de **informar alguém.** Exemplo:

Nós os informamos.

• **VTI,** no sentido de **informar de / sobre algo.** Exemplo:

Ele informou das mudanças.

• **VTDI,** no sentido de **informar alguém de / sobre algo** ou **informar a alguém algo.** Exemplo:

Ele informou-o sobre isso.

Informamos ao Reitor a proposta.

Observações:

1) As regras acima expostas são utilizáveis nos verbos *notificar*, *avisar*, *cientificar*, *prevenir* e *certificar*.

2) Note as frases abaixo:

• Nós lhe informamos que chegaríamos cedo.

• Informamos-lhes que não há vagas.

Embora corretas, é preferível empregar as formas com **o, a, os, as**. Vejamos:

• Nós o informamos de que chegaríamos cedo.

• Informamo-los de que não há vagas.

• Vim notificá-lo do prazo.

• Notificar o réu a entregar o prédio.

• Avisá-lo de que o título está vencido.

20. Interessar

• **VTD,** no sentido de **ser do interesse de, ser proveitoso a.** Exemplo:

O novo projeto de lei interessa as empresas particulares.

• **VTI,** no sentido de **ser interessante, útil, importante.** Exemplo:

Suas ações interessam aos refugiados.

• **VI**, no sentido de **ter ou despertar interesse**. Exemplo:

Não insistiu, pois notou que o resultado não interessava.

Como **verbo pronominal**, é **VTI**, regendo as preposições **em** e **por**. Exemplo:

Carla interessou-se por minha companhia.

21. Namorar

• **VI**, no sentido de **ter namorado(a), procurar conquistar, andar em galanteio**. Exemplo:

Só havia namorado uma vez.

• **VTD**, no sentido de **desejar ardentemente, galantear, cortejar**. Exemplo:

João namora a moça há muitos anos, e nada de casamento.

• **VTI**[7], no sentido de **manter relação de namoro; ser namorado** (rege a preposição **com**). Exemplos:

Caio namora com Júlia.

"O Promotor namorava com a filha do coronel Quincas"[8].

22. Obedecer e Desobedecer

• **VTI**, regendo a preposição **a**. Exemplos:

Obedeçam aos sinais de trânsito.

Desobedeceu à lei.

• **VI**, no sentido de **funcionar corretamente**. Exemplo:

O freio da moto não mais obedece.

FIQUE ATENTO:

Embora seja comum a ocorrência dos verbos acima como VTD, essa regência não deve ser seguida, pois a norma culta prescreve o objeto indireto como complemento. Logo, são **incorretos** *os seguintes usos:*

Obedeça a sinalização (sem crase).

Não desobedeça seus professores (sem preposição).

23. Pagar e Perdoar

• **VTD**, quando o objeto é **coisa**. Exemplos:

Você já pagou a conta de água.

Perdoarei suas ofensas injustas.

• **VTI**, quando o objeto é **pessoa**. Exemplos:

O chefe pagou aos empregados.

Helena perdoou ao noivo.

• **VTDI**, quando se refere a **coisas e pessoas, simultaneamente**. Exemplos:

Vou pagar o aluguel ao dono do imóvel.

Ela perdoou os erros ao pai.

24. Preferir

• **VTD**, no sentido de **dar primazia a, escolher algo**. Exemplo:

Prefiro comida mineira.

• **VTDI**, no sentido de **decidir entre uma coisa e outra**. Exemplos:

Prefiro cerveja alemã a irlandesa.

A mulher prefere a macarronada à feijoada.

À comida, prefiro a bebida.

A bebidas, prefiro comidas.

Prefiro você a ele.

O time prefere a retranca à derrota.

Preferimos um bom livro a um péssimo filme.

Prefiro cerveja a vinho.

Prefiro água a bebida.

Prefiro a água à bebida.

*"O roteiro do filme oferece uma versão de como conseguimos um dia preferir a estrada à casa, a paixão e o sonho à regra, a aventura à repetição"*9.

Memorize: o verbo **preferir** rejeita palavras de intensidade (como "mais", "muito mais" ou "mil vezes") e termos como "que" ou "do que". Portanto, **evite** formas como:

"Preferi mais você do que ele".

"Preferi uma coisa do que outra".

"Prefiro antes uma coisa do que outra".

"Prefiro mil vezes chegar cedo do que me atrasar".

"Prefiro muito mais chorar do que segurar as lágrimas".

"Prefere mais ler do que nadar".

Observação: o mesmo direcionamento vale para "preferível". Portanto, uma coisa é preferível a outra (e não "do que outra").

25. Prevenir

- **VTD,** no sentido de **evitar dano, mal** etc. Exemplo:

A boa alimentação previne as doenças.

- **VTDI,** no sentido de **avisar com antecedência de**. Exemplo:

Irei prevenir o operário do risco.

26. Proceder

- **VI,** no sentido de **ter fundamento, portar-se de determinada maneira, conduzir-se, provir**. Exemplos:

Os seus argumentos não procedem (não têm fundamento).

Ele procede de Fortaleza.

O advogado de defesa procedeu bem.

- **VTI,** no sentido de **dar início, realizar.** Exemplo:

O professor procedeu à chamada no início da aula.

27. Proibir

- **VTD,** no sentido de **impedir que se faça.** Exemplo:

As autoridades proibiram a venda de bebidas alcoólicas.

• **VTDI,** no sentido de **prescrever a abstenção de, tornar defeso.** Exemplo:

A Igreja Católica proíbe aos fiéis a ingestão de carne em dias especiais.

28. Querer

• **VTD,** no sentido de **desejar, pretender.** Exemplo:

A família queria muito uma casa nova. (= Quero-a).

• **VTI,** no sentido de **amar, estimar, ter afeto.** Exemplo:

Quero a meus pais muito bem. (= Quero-lhes).

29. Renunciar

• **VTD,** no sentido de **não querer, rejeitar, recusar.** Exemplo:

Os eremitas renunciavam, além de outras coisas, os bens materiais.

• **VTI,** no sentido de **desprezar, desistir de.** Exemplo:

O rei deve renunciar ao poder.

• **VI,** no sentido de **resignar cargo ou função, abdicar.** Exemplo:

O presidente renunciou.

30. Reparar

• **VTD,** no sentido de **fazer reparo ou conserto em, restaurar, refazer.** Exemplo:

O pedreiro reparou a parede que estava danificada.

• **VTI,** no sentido de **fixar a vista ou a atenção, atentar, atender.** Exemplo:

Ninguém reparou na nova cor do cabelo de Camila.

31. Responder

• **VTI,** no sentido de **dar resposta àquilo que se pergunta.** Exemplo:

Ele respondeu aos quesitos.

Observação: a regência que encontra alicerce nas tradições do vernáculo é aquela que imprime transitividade indireta ao verbo *responder*. Por outro lado, há registros de uso do verbo com transitividade direta, principalmente em escritores modernos, porém não recomendamos, fazendo coro ao pensamento do ilustre gramático Domingos Paschoal Cegalla (1999: 357). Assim, aprecie as frases legítimas:

Respondeu ao questionário.

Ela respondeu a todas as questões.

Respondi-lhe com autoridade.

Eram bilhetes a que respondi com presteza.

"Natural é que o leitor faça tais perguntas, às quais temos obrigação de responder" 10.

"Não respondo a tais cartas" 11.

32. Resultar e Restar

• **VTI** ou **VTDI**: o verbo precisa de um complemento regido de preposição. Exemplos:

Tudo isto resulta em seu favor.

Se da ofensa resultar injúria.

Observações:

a) não pode ser usado como verbo de ligação 12, vindo a substituir o verbo *ser*. Observe as frases **incorretas**:

"A prova resultou irrelevante" (**Troque por** *A prova se tornou irrelevante*).

"Os esforços resultaram improfícuos" (**Troque por** *Os esforços se mostraram improfícuos*).

"A diligência resultou inútil" (**Troque por** *A diligência revelou-se inútil*).

Estão, pois, **corretas**:

A prova foi irrelevante.

O brinquedo tornou-se um perigo.

Os esforços vieram a ser improfícuos.

b) a propósito, com relação ao verbo **restar**, vale a mesma regra: jamais funciona como "verbo de ligação". Observe, pois, as erronias:

"O decreto restou revogado" (**Troque por**: *O decreto foi revogado*).

"A lei restou revogada" (**Troque por**: *A lei foi revogada*).

À guisa de complemento, sabe-se que o verbo **restar** pode ser:

• **VI**, no sentido de **sobrar**. Exemplo: Restaram dez vagas.

• **VTI** ou **VTDI**, no sentido de **subsistir como o resto**. Exemplo: Restou-lhe um mês de vida.

33. Suceder

• **VI,** no sentido de **ocorrer, acontecer.** Exemplo:

Sucederam acontecimentos estranhos naquela cidade.

• **VTI,** no sentido de **vir depois, substituir, seguir-se, acontecer algo com alguém.** Exemplos:

A noite sucede ao dia.

O rei sucedeu ao tirano.

Tibério sucedeu a César.

Morto Nero, sucedeu-lhe Galba.

"Sucedi-lhe no cargo de diretor do Arquivo Histórico..." 13.

Observação: não obstante haver registros do uso da regência direta na acepção de "vir depois", "ser sucessor", deve-se preferir a regência indireta – forma chancelada até mesmo por escritores modernos.

34. Tratar

Cabem *objeto direto* e *objeto indireto*, porém este é mais usual. Exemplo:

Devemos tratar do processo.

Observações:

a) *Trata-se de* é invariável em pessoa e número. Exemplos:

Trata-se dos homens mais ricos do mundo.

Trata-se dos estados mais populosos.

b) Não use o termo "tratativa"; troque-o por *acordo, negociação*.

c) Evite a construção viciosa "sujeito + trata-se de": Exemplo:

"O caso trata-se de denúncia caluniosa".

35. Visar

• **VTD,** no sentido de **dirigir o olhar para, apontar arma de fogo contra, pôr o sinal de visto em.** Exemplos:

A criança visava os céus (= dirigir o olhar para).

Visou a gazela sem dó (= mirar).

Visou o cheque (= pôr visto).

• **VTI,** no sentido de **ter em vista, pretender, objetivar.** Exemplo:

Um bom capitalista visa a bons lucros.

Observações:

a) Modernamente, aceita-se a *regência direta* para **visar**:

Os estudantes visavam o sucesso.

Não falamos isso visando você.

b) Quando **visar** estiver no sentido de "objetivar", *seguido de infinitivo*, é facultativo o uso da preposição. Exemplos:

A lei visa resolver isso (ou *A lei visa a resolver isso*).

A conciliação visa a solucionar a questão (ou *A conciliação visa solucionar a questão*).

CURIOSIMACETES

1. CADÊ?

A forma interrogativa **cadê?**, a par de "quede", afetas à linguagem familiar, são variantes de "quedê?", no sentido de "que é (feito) de?" ou redução de "que é feito dele?". Exemplos: *Quedê meu livro? Quede aquele homem? Cadê os pentes?*

Todavia, a expressão vernácula é *que é de?* Exemplos:

Que é de agendas que compramos?

Que é feito daquele homem do campo?

"Que é deles, os processos, que nos mostram a certeza dos crimes?"

2. SÃO E SANTO

Deve-se empregar **Santo...** antes de nome iniciado por **vogal** ou **-h**. Exemplos: *Santo Ângelo, Santo Expedito, Santo Anselmo, Santo Onofre, Santo Antônio,*

Santo Hilário, Santo Amaro, Santo Inácio, Santo Henrique Por outro lado, antes de nomes iniciados por consoante, usa-se **São...**: *São Francisco, São Sebastião, São Carlos, São José, São Pedro, São Tomé, São Benedito, São Bartolomeu, São Cristóvão, São Mateus.*

Observação: apenas dois nomes iniciados por consoante exigem a forma **Santo...**: *"Santo Tirso"* e *"Santo Cristo".* Quanto a *Tomás*, pode-se grafar *Santo Tomás* ou *São Tomás.*

3. FILHA TEMPORÃ

O adjetivo designativo do filho que nasce muito depois do irmão que o precede imediatamente é *temporão* (masculino) ou *temporã* (feminino). A forma "temporona" é vulgar, devendo ser evitada. Portanto, memorize: *filho temporão; filhos temporãos; filha temporã; filhas temporãs.*

4. O ELEMENTO DE COMPOSIÇÃO "SESQUI-"

Oriundo do latim *sesqui*, tal prefixo tem a acepção de "um e meio". Portanto, quando dizemos *sesquicentenário*, pretendemos nos referir a *150 anos*; quando falamos em *sesquipedal*, estamos com intenção de nos referir, figurativamente, a uma "palavra ou verso muito grandes" (*bobagem sesquipedal, palavra sesquipedal*).

A HORA DO ESPANTO

As "pérolas" do português

Utencílios

Correção: o substantivo é *utensílios* (com -s), não se podendo confundir.

Cadiados

Correção: grafa-se *cadeado*, com -e. O plural, portanto, forma *cadeados*.

QUESTÕES

1.(2016/FUNCAB/PC-PA/Escrivão de Polícia Civil) Texto para responder à questão.

Dificilmente, em uma ciência-arte como a Psicologia-Psiquiatria, há algo que se possa asseverar com 100% de certeza. Isso porque há áreas bastante interpretativas, sujeitas a leituras diversas, a depender do observador e do observado. Porém, existe um fato na Psicologia-Psiquiatria forense que é 100% de certeza e não está sujeito a interpretação ou a dissimulação por parte de quem está a ser examinado. E revela, objetivamente, dados do psiquismo da pessoa ou, em outras palavras, mostra características comportamentais indissimuláveis, claras e objetivas. O que pode ser tão exato, em matéria de Psicologia-Psiquiatria, que não admite variáveis? Resposta: todos os crimes, sem exceção, são como fotografias exatas e em cores do comportamento do indivíduo. E como o psiquismo é responsável pelo modo de agir, por conseguinte, temos em todos os crimes, obrigatoriamente e sempre, elementos objetivos da mente de quem os praticou.

Por exemplo, o delito foi cometido com multiplicidade de golpes, com ferocidade na execução, não houve ocultação de cadáver, não se verifica cúmplice, premeditação etc. Registre-se que esses dados já aconteceram. Portanto, são insimuláveis, 100% objetivos. Basta juntar essas características comportamentais que teremos algo do psiquismo de quem o praticou. Nesse caso específico, infere-se que a pessoa é explosiva, impulsiva e sem freios, provável portadora de algum transtorno ligado à disritmia psicocerebral, algum estreitamento de consciência, no qual o sentimento invadiu o pensamento e determinou a conduta.

Em outro exemplo, temos homicídio praticado com um só golpe, premeditado, com ocultação de cadáver, concurso de cúmplice etc. Nesse caso, os dados apontam para o lado do criminoso comum, que entendia o que fazia.

Claro que não é possível, apenas pela morfologia do crime, saber-se tudo do diagnóstico do criminoso. Mas, por outro lado, é na maneira como o delito foi praticado que se encontram características 100% seguras da mente de quem o praticou, a evidenciar fatos, tal qual a imagem fotográfica revela-nos exatamente algo, seja muito ou pouco, do momento em que foi registrada. Em suma, a forma como as coisas foram feitas revela muito da pessoa que as fez.

(PALOMBA, Guido Arturo. Rev. Psique: n. 100 (ed. comemorativa), p. 82.)

Altera-se o sentido fundamental de: "algum estreitamento de consciência, no qual o sentimento invadiu o pensamento e determinou a conduta" com a substituição da preposição "em", que rege o relativo "o qual", por:

a) no espaço de.

b) no limiar de.

c) na esfera de.

d) no âmbito de.

e) no domínio de.

2. (2016/IESES/SERGAS/Engenheiro) Atenção: Nesta prova, considera-se uso correta da Língua Portuguesa o que está de acordo com a norma padrão escrita.

Leia o texto a seguir para responder à questão sobre seu conteúdo.

Aprenda a ler e a escrever: uma possibilidade de inclusão social

Por: Sandra Bozza. Disponível em: <http://linguaportuguesa.uol.com.br/linguaportuguesa/gramatica-ortografia/59/artigo371209-2.asp>. Acesso em 13 ago. 2016.

Gostaria de iniciar este diálogo escrito congraçando os leitores à seguinte reflexão: enquanto leem este texto, bilhões de cidadãos da Terra estão em caráter de exclusão pelo fato de não saberem ler. São espoliados da herança científica e cultural construída no processo histórico de suprir necessidades cada vez mais complexas. Grande parte desse processo foi registrado e legado às sociedades regidas e organizadas pela língua escrita, possibilitando, assim, que esses mesmos conhecimentos sejam, a todo tempo, revisitados, rechaçados, ampliados e superados. Todos os analfabetos (funcionais e de fato) deixam de ter acesso à criação artística e científica, aos avanços e às descobertas, realizações e valores que pertencem a nossa comunidade planetária. É essa a principal verve de nossa reflexão.

Neste espaço, não esperamos lançar luzes, ainda que sutis, sobre uma preocupação que pouco tem sido aventada socialmente: a função da linguagem na formação do sujeito e o papel da língua escrita no enriquecimento da linguagem de cada um. Isso já tem sido competentemente discutido em todas as instâncias em que esse assunto é relevante. O que aqui pretendemos é oxigenar, mais uma vez, a ideia dos danos que o analfabetismo funcional pode causar aos cidadãos e as consequências nefastas desses danos em todas as esferas do cotidiano humano. [...]

Que a leitura amplia horizontes e que as informações conseguidas a partir dela podem resultar em conhecimentos todos já sabemos. O que talvez seja a necessidade mais premente nos dias atuais (quando tanto se tem comentado sobre a pobre proficiência em leitura que a escola brasileira tem produzido) é refletir sobre o seu papel no intelecto de cada ser.

A escrita exige (e simultaneamente desenvolve) o funcionamento da função simbólica, que é determinante para o desenvolvimento da inteligência. Todavia, os não alfabetizados com competência não estarão suficientemente aptos para sobreviverem com plenitude em uma sociedade letrada. Um bom exemplo desse fenômeno pode ser observado na barreira que a saúde pública enfrenta no combate à diabetes. Segundo os especialistas, a maior dificuldade na prescrição e administração da insulina (e consequentemente no controle da doença) reside na precariedade da competência leitora que muitos pacientes possuem, pois não se trata apenas de não saber interpretar o que é prescrito na bula ou na receita médica, mas sim de ter competência para relativizar e estabelecer conexões entre seu estado de saúde e as necessidades da dose do medicamento e da ingestão de glicose que realizaram naquele dia. Ou seja, não estamos a falar apenas de não conseguir compreender uma ideia colocada através da língua escrita, mas, também, de um baixo desenvolvimento cognitivo que, muitas vezes, não permite que o tratamento seja eficaz. Em outras palavras, o sujeito não competente na leitura pode sofrer de déficits cognitivos e ser prejudicado nas mais diversas ações e necessidades de sua vida.

[...] É isso que sugere o título deste texto: a inserção social a que nos referimos diz respeito ao conhecimento de mundo de uma forma ampla e irrestrita, que dificilmente se conseguiria não fosse o acesso e o poder de transitar pelo universo letrado que a escrita pode nos proporcionar.

Sandra Bozza é linguista, filósofa, psicóloga, socióloga e escritora. Prof. de Metodologia de Ensino da Língua Portuguesa, de Literatura Infantil, de Linguística e de Metodologia de Ensino de Alfabetização e Letramento. Entre seus livros mais relevantes estão: Na escola sem aprender? Isso não!; Avaliação e aprendizagem: entre o pensar e o fazer; Língua Portuguesa a partir do texto (4 Volumes) e Coleção Trabalhando com a Palavra Viva (2 Volumes). Fonte: Adaptado de: <http://literatura.uol.com.br/literatura/figuraslinguagem/56/artigo362336-1.asp>. Acesso em 13 ago. 2016.

Leia com atenção esse trecho:

"Grande parte desse processo foi registrado e legado às sociedades regidas e organizadas pela língua

escrita, possibilitando, assim, que esses mesmos conhecimentos sejam, a todo tempo, revisitados, rechaçados, ampliados e superados."

Agora analise as assertivas a seguir que se referem aos recursos de construção e correção utilizados. Em seguida, assinale a alternativa que contenha a análise correta sobre as mesmas.

I. A simples substituição da expressão "esses mesmos conhecimentos" por "essas mesmas noções" não alteraria a correção do período.

II. As duas últimas vírgulas do período separam termos com mesma função sintática.

III. O termo "que", tal como empregado no período, pertence à classe das preposições.

IV. Ao empregar o singular, as invés do plural, em "às", a alteração resultaria na forma: "à".

a) Apenas três das assertivas estão corretas.

b) Apenas duas das assertivas estão corretas.

c) Apenas uma assertiva está correta.

d) Proposição alguma está correta.

3. (2016/CESGRANRIO/IBGE/Supervisor de Pesquisas) Observa-se obediência à norma-padrão, no que se refere à regência verbal, em:

a) A pobreza implica em muito sofrimento.

b) Os governantes devem assistir aos pobres, diminuindo seu sofrimento.

c) Todos aspiram a uma vida mais justa.

d) A população não raro esquece dos menos favorecidos.

e) É importante desejarmos ao fim da pobreza.

(2016/CESPE/TCE-PA/Conhecimentos Básicos/Adaptada) Com relação a aspectos linguísticos do texto CB8A1BBB, julgue o item subsequente.

Texto CB8A1AAA

1 A democracia participativa pressupõe várias formas
de atuação do cidadão na condução política e administrativa
do Estado. No Brasil, destacam-se as audiências públicas
4 previstas constitucionalmente e em diversas normas
infraconstitucionais.
As audiências públicas constituem um importante
7 instrumento de abertura participativa que proporciona
legitimidade e transparência às decisões tomadas pelas

diferentes esferas de poder.

10 Tal instituto possui raízes no direito anglo-saxão
e fundamenta-se no princípio da justiça natural. Esse princípio
atualmente se traduz no dever de escutar-se o público antes
13 da edição de normas administrativas ou legislativas de caráter
geral, ou de decisões de grande impacto para a comunidade.

As audiências públicas integram o perfil dos Estados
16 democráticos de direito, modelados pelo constitucionalismo
europeu do pós-guerra, segundo o qual o poder político não
apenas emana do povo, sendo em nome dele exercido,
19 mas comporta a participação direta do povo.

É por meio dessas audiências que o responsável pela
decisão tem acesso às diversas opiniões sobre a matéria
22 debatida e abre a oportunidade para as pessoas que irão sofrer
os reflexos da deliberação se manifestarem antes de seu
desfecho.

Janaína de Carvalho Pena Souza. A realização de audiências públicas como fator de legitimação da jurisdição constitucional. In: De Jure – Revista Jurídica do Ministério Público do Estado de Minas Gerais, v. 10, n. 17, jul.-dez./2011, p. 392 (com adaptações)

4. Ocorre crase em "represália à aliança" (l.29) porque "represália" exige complemento regido pela preposição a e "aliança" está antecedido do artigo a.

( ) Certo ( ) Errado

5. Seria mantida a correção gramatical do texto, caso seu segundo parágrafo fosse reescrito do seguinte modo: Constituindo importante instrumento de abertura participativa, as audiências públicas tornam legítimas e transparentes as decisões tomadas pelas diferentes esferas de poder.

( ) Certo ( ) Errado

(2016/Quadrix/CRQ 18ª Região-PI/Advogado/Adaptada) De acordo com o texto, responda às questões abaixo:

Como manter cabelos saudáveis mesmo com química

A brasileira adora alisar o cabelo na chapinha. E tem que estar quente, bem quente mesmo.

Você sabia que a temperatura da chapinha dá pra fritar um bife? Fizemos o teste e a consequência é a formação de bolhas no cabelo por causa do calor.

Como proteger? Como cuidar? Às vezes as pessoas não se lembram de que a saúde dos cabelos é tão importante quanto a da pele ou a das unhas, por exemplo. Além disso, a beleza dos fios depende de como eles são tratados.

Entre os maiores vilões dos cabelos, vimos que o sol é um deles e, assim como a gente usa filtro solar para a pele, é

importante usar nos cabelos também. O cabelo exposto ao sol fica áspero e tem aquele aspecto de palha.

A chapinha é outra vilã do cabelo bonito. "É uma agressão muito grande para o fio, as cutículas deixam de ser as mesmas, o cabelo abre, cria ponta dupla", explica a Dra. Márcia Purceli.

Sobre a hora de pentear, o ideal é não pentear o cabelo molhado porque ele está mais fragilizado, então ele rompe com mais facilidade.

Outra coisa que faz o cabelo quebrar é a mistura de várias técnicas, como tintura, alisamento e chapinha.

(g1.globo.com)

6. "Às vezes as pessoas não se lembram de que a saúde dos cabelos é tão importante quanto a da pele ou a das unhas, por exemplo."

A respeito do uso do verbo "lembrar", acima, e de sua regência, pode-se afirmar que:

a) é pronominal e apresenta objeto indireto.

b) é não pronominal, com objeto indireto.

c) é pronominal e intransitivo.

d) é não pronominal, de ligação.

e) é não pronominal e apresenta objeto direto pleonástico.

7. "Entre os maiores vilões dos cabelos, vimos que o sol é um deles e, assim como a gente usa filtro solar para a pele, é importante usar nos cabelos também."

Assinale a alternativa em que ele tenha sido reescrito sem alteração significativa de sentido e respeitando a norma-padrão culta da Língua Portuguesa.

a) Dentre os maiores vilões, dos cabelos, vimos que o sol é um destes e, assim como usamos filtro solar para a pele, é importante usar nos cabelos também.

b) Entre os maiores vilões dos cabelos, vimos que o sol é um deles e, assim como se usa filtro solar para a pele, é importante que se usem nos cabelos também.

c) O sol é um entre os maiores vilões dos cabelos, e vimos que, assim como a gente usa filtro solar para a pele, é importante usar nos cabelos, também.

d) O sol está entre os maiores vilões dos cabelos e, assim como usamos filtro solar na pele, é importante usarmos nos cabelos também.

e) Cujos maiores vilões dos cabelos, vimos que o sol é um desses e, assim como devemos usar filtro solar para a pele é importante, usar nos cabelos também.

8. (2016/FCC/Copergás-PE/Analista)

A música relativa

Parece existir uma série enorme de mal-entendidos em torno do lugar-comum que afirma ser a música uma linguagem

universal, passível de ser compreendida por todos. "Fenômeno universal" – está claro que sim; mas "linguagem universal" – até que ponto?

Ao que tudo indica, todos os povos do planeta desenvolvem manifestações sonoras. Falo tanto dos povos que ainda se encontram em estágio dito "primitivo" – entre os quais ela continua a fazer parte da magia – como das civilizações tecnicamente desenvolvidas, nas quais a música chega até mesmo a possuir valor de mercadoria, a propiciar lucro, a se propagar em escala industrial, transformando-se em um novo fetiche.

Contudo, se essa tendência a expressar-se através de sons dá mostras de ser algo inerente ao ser humano, ela se concretiza de maneira tão diferente em cada comunidade, dá-se de forma tão particular em cada cultura que é muito difícil acreditar que cada uma de suas manifestações possua um sentido universal. Talvez seja melhor dizer que a linguagem musical só existe concretizada por meio de "línguas" particulares ou de "falas" determinadas; e que essas manifestações podem até, em parte, ser compreendidas, mas nunca vivenciadas em alguns de seus elementos de base por aqueles que não pertençam à cultura que as gerou.

(Adaptado de: MORAES, J. Jota de. O que é música. São Paulo: Brasiliense, 2001, p. 12-14.)

Quanto à regência e à concordância, considere:

I. Os mal-entendidos que nem se imaginavam existir no que concerne da universalidade da música devem-se à confusão criada entre o fenômeno e a linguagem da música.

II. Constam que todos os povos cultivam formas musicais, salientando-se as que apresentam um ritmo mais batido, que nos impelem de dançar.

III. Assiste-se, nos dias de hoje, ao fenômeno da expansão abusiva de músicas comerciais, pela qual são responsáveis os ambiciosos produtores de discos e diretores de rádios.

É inteiramente adequado o emprego de todas as formas verbais SOMENTE em

a) I.

b) II.

c) III.

d) I e II.

e) II e III.

9. (2016/FCC/Copergás-PE/Analista Administrador)

Idades e verdades

O médico e jornalista Drauzio Varella escreveu outro dia no jornal uma crônica muito instigante. Destaco este trecho:

"Nada mais ofensivo para o velho do que dizer que ele tem 'cabeça de jovem'. É considerá-lo mais inadequado do que o rapaz de 20 anos que se comporta como criança de dez. Ainda que maldigamos o envelhecimento, é ele que nos traz a aceitação das ambiguidades, das diferenças, do contraditório e abre espaço para uma diversidade de experiências com as quais nem sonhávamos anteriormente."

Tomo a liberdade de adicionar meu comentário de velho: não preciso que os jovens acreditem em mim, tampouco estou aberto para receber lições dos mocinhos. Nossa alternativa: ao nos defrontarmos com uma questão de comum interesse, discutirmos honestamente que sentido ela tem para nós. O que nos unirá não serão nossas diferenças, mas o que nos

desafia.

(LAMEIRA, Viriato, inédito)

Está plenamente adequado o emprego de ambas as formas sublinhadas na frase:

a) A decadência atribuída a um velho, fato de que poucos duvidam, tem como contrapartida suas experiências.

b) O adendo que o autor submete ao pensamento de Drauzio Varella acaba por reforçar-lhe.

c) As experiências dos jovens, de cujas o autor diz não carecer, a um velho pode parecer algo inútil.

d) Não lhes competem julgar os velhos pelas supostas deficiências que se costumam atribuí-los.

e) Parecerão absurdos, aos jovens dos nossos dias, os velhos lhes julgarem enquanto aventureiros e precipitados.

10. (2016/VUNES/MPE-SP/Analista Técnico Científico)

McLuhan já alertava que a aldeia global resultante das mídias eletrônicas não implica necessariamente harmonia, implica, sim, que cada participante das novas mídias terá um envolvimento gigantesco na vida dos demais membros, que terá a chance de meter o bedelho onde bem quiser e fazer o uso que quiser das informações que conseguir. A aclamada transparência da coisa pública carrega consigo o risco de fim da privacidade e a superexposição de nossas pequenas ou grandes fraquezas morais ao julgamento da comunidade de que escolhemos participar.

Não faz sentido falar de dia e noite das redes sociais, apenas em número de atualizações nas páginas e na capacidade dos usuários de distinguir essas variações como relevantes no conjunto virtualmente infinito das possibilidades das redes. Para achar o fio de Ariadne no labirinto das redes sociais, os usuários precisam ter a habilidade de identificar e estimar parâmetros, aprender a extrair informações relevantes de um conjunto finito de observações e reconhecer a organização geral da rede de que participam.

O fluxo de informação que percorre as artérias das redes sociais é um poderoso fármaco viciante. Um dos neologismos recentes vinculados à dependência cada vez maior dos jovens a esses dispositivos é a "nomobofobia" (ou "pavor de ficar sem conexão no telefone celular"), descrito como a ansiedade e o sentimento de pânico experimentados por um número crescente de pessoas quando acaba a bateria do dispositivo móvel ou quando ficam sem conexão com a Internet. Essa informação, como toda nova droga, ao embotar a razão e abrir os poros da sensibilidade, pode tanto ser um remédio quanto um veneno para o espírito.

(Vinicius Romanini, Tudo azul no universo das redes. Revista USP, n. 92. Adaptado)

A substituição do trecho destacado por aquele colocado entre parênteses está de acordo com a norma-padrão de regência verbal em:

a) … e fazer o uso que quiser das informações que conseguir. (a que achar conveniente)

b) … superexposição [...] ao julgamento da comunidade de que escolhemos participar. (com a qual escolhemos conviver)

c) … terá a chance de meter o bedelho onde bem quiser… (intrometer-se aonde desejar)

d) McLuhan já alertava que a aldeia global… (prenunciava de que)

e) O fluxo de informação que percorre as artérias das redes sociais… (ao qual atravessa)

11. (2016/FCM/IF Sudeste-MG/Auditor/Adaptado) Na sentença: "(…) assistir ao evento durante os poucos minutos em que a Lua oculta o Sol e o dia se torna mágico (...)", o verbo grifado tem o mesmo tipo de transitividade que o verbo/locução verbal grifado(a) em:

a) Os celulares apenas agravaram essa tendência.

b) (...) as pessoas optaram por ver tudo por detrás duma lente.

c) Mas as pessoas queriam fazer o seu vídeo, tirar as suas fotos.

d) Celebramos os momentos significativos das nossas vidas e queremos dividi-los com as pessoas próximas.

e) Um artigo no jornal New York Times explora a onda explosiva do uso de celulares para gravar eventos, dos mais triviais aos mais significativos.

12. (2016/COSEAC/Prefeitura de Niterói-RJ/Administrador/Adaptada) Das alterações feitas na oração adjetiva iniciada pelo pronome relativo em destaque, aquela que está INADEQUADA às normas de regência, de acordo com o padrão culto da língua, é:

a) sobre cujo determinismo encontrou-se ao não prever a própria grandeza.

b) de cujo determinismo dependia ao não prever a própria grandeza.

c) para cujo determinismo contribuiu ao não prever a própria grandeza.

d) em cujo determinismo confiou ao não prever a própria grandeza.

e) a cujo determinismo esteve subordinado ao não prever a própria grandeza.

13. (2016/COSEAC/Prefeitura de Niterói-RJ/Professor Língua Portuguesa)

1 No Brasil de hoje, talvez no mundo, parece haver um duplo fenômeno de proliferação dos poetas e de diminuição da circulação da poesia (por exemplo, no debate público e no mercado). Uma das possíveis explicações para isso é a resistência que a poesia tem de se tornar um produto mercantil, ou seja, de se tornar objeto da cultura de massas. Ao mesmo tempo, numa sociedade de consumo e laica, parece não haver mais uma função social para o poeta, substituído por outros personagens. A poesia, compreendida como a arte de criar poemas, se tornou anacrônica?

2 Parece-me que a poesia escrita sempre será – pelo menos em tempo previsível – coisa para poucas pessoas. É que ela exige muito do seu leitor. Para ser plenamente apreciado, cada poema deve ser lido lentamente, em voz baixa ou alta, ou ainda "aural", como diz o poeta Jacques Roubaud. Alguns de seus trechos, ou ele inteiro, devem ser relidos, às vezes mais de uma vez. Há muitas coisas a serem descobertas num poema, e tudo nele é sugestivo: os sentidos, as alusões, a sonoridade, o ritmo, as relações paronomásicas, as aliterações, as rimas, os assíndetos, as associações icônicas etc. Todos os componentes de um poema escrito podem (e devem) ser levados em conta. Muitos deles são inter-relacionados. Tudo isso deve ser comparado a outros poemas que o leitor conheça. E, de preferência, o leitor deve ser familiarizado com os poemas canônicos. (...) O leitor deve convocar e deixar que interajam uns com os outros, até onde não puder mais, todos os recursos de que dispõe: razão, intelecto, experiência, cultura, emoção, sensibilidade, sensualidade, intuição, senso de humor, etc.

3 Sem isso tudo, a leitura do poema não compensa: é uma chatice. Um quadro pode ser olhado en passant; um romance, lido à maneira dinâmica; uma música, ouvida distraidamente; um filme, uma peça de teatro, um ballet, idem. Um poema, não. Nada mais entediante do que a leitura desatenta de um poema. Quanto melhor ele for, mais faculdades nossas, e em mais alto grau, são por ele solicitadas e atualizadas. É por isso que muita gente tem preguiça de ler um poema, e muita gente jamais o faz. Os que o fazem, porém, sabem que é precisamente a exigência do poema – a interação e a atualização das nossas faculdades – que constitui a recompensa (incomparável) que ele oferece ao seu leitor. Mas os bons poemas são raridades. A função do poeta é fazer essas raridades. Felizmente, elas são anacrônicas, porque nos fazem experimentar uma temporalidade inteiramente diferente da temporalidade utilitária em que passamos a maior parte das nossas vidas.

(CÍCERO, Antônio. In: antoniocicero. Hogspot.com.br/2008_09_01archive.html (adaptado de uma entrevista).

Ao se substituir por um nome o verbo da oração adjetiva de: "Tudo isso deve ser comparado a outros poemas que o leitor conheça." (§ 2), comete-se, no português padrão, ERRO de regência nominal em:

a) com que o leitor mantenha contato.

b) em que o leitor se veja espelhado.

c) que o leitor tenha conhecimento.

d) pelos quais o leitor guarde admiração.

e) sobre os quais o leitor viva debruçado.

14. (2016/FCC/ELETROBRAS-ELETROSUL/Informática) Atenção: A questão refere-se ao texto seguinte.

Entre os Maoris, um povo da Polinésia, existe uma dança destinada a proteger as sementeiras de batatas, que quando novas são muito vulneráveis aos ventos do leste: as moças executam a dança, acompanhada de uma canção que é um apelo para que o batatal siga o exemplo da dança. Essas moças maoris interpretam em fantasia a realização prática de um desejo.

É nisto que consiste a magia: uma técnica ilusória destinada a suplementar a técnica real. Mas essa técnica ilusória não é vã. A dança não pode exercer qualquer efeito direto sobre as batatas, mas pode e de fato tem um efeito apreciável sobre as moças. Inspiradas pela convicção de que a dança protege a colheita das batatas, entregam-se às respectivas fainas com mais confiança e com mais energia. E, desse modo, a dança acaba, afinal, por ter um efeito sobre a colheita.

(Adaptado de: THOMSON, George. Linguagem e magia. Lisboa. Editorial Teorema, 1977, p. 20)

Está correto o emprego de **ambos** os elementos sublinhados em:

a) O efeito <u>de que</u> as moças pretendem obter em suas fainas, ao fim e ao cabo <u>realizam-se</u> como pretendido.

b) A técnica ilusória <u>com cuja</u> as moças contam acaba por se mostrar favorável <u>diante do</u> batatal.

c) Consiste a magia das moças maoris, a cada plantação, <u>de</u> cantar e dançar para que se <u>alcance</u> os melhores resultados.

d) A magia de um rito, <u>cuja</u> força as moças convocam no plantio, não as <u>deixa</u> frustrar-se.

e) As sementeiras de batatas, de cujo plantio as moças se aplicam, estão sujeitas para com os efeitos do vento leste.

15. (2016/Quadrix/CRA-AC/Administrador)

ANS fixa em 13,57% teto para reajuste de planos de saúde até abril de 2017

O percentual é valido para planos de saúde contratados a partir de janeiro de 1999 ou adaptados à Lei 9.656/98 e atinge cerca de 8,3 milhões de beneficiários

A Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) fixou em até 13,57% o índice de reajuste a ser aplicado a planos de saúde médico-hospitalares individuais/familiares no período compreendido entre maio de 2016 e abril de 2017.

O percentual é valido para planos de saúde contratados a partir de janeiro de 1999 ou adaptados à Lei 9.656/98 e atinge cerca de 8,3 milhões de beneficiários – 17% do total de 48,5 milhões de consumidores de planos de assistência médica no Brasil.

A metodologia usada para calcular o índice, de acordo com a ANS, é a mesma desde 2001 e leva em consideração a média dos percentuais de reajuste aplicados pelas operadoras aos contratos de planos coletivos com mais de 30 beneficiários.

A agência orienta os beneficiários de planos individuais que fiquem atentos aos boletos de pagamento e observem: se o percentual de reajuste aplicado é igual ou inferior ao definido pela ANS e se a cobrança com o índice de reajuste está sendo feita a partir do mês de aniversário do contrato, que é o mês em que o contrato foi firmado.

"É importante destacar que somente as operadoras autorizadas pela ANS podem aplicar reajustes, conforme determina a Resolução Normativa n. 171/2008", destacou o órgão. Em caso de dúvida, os consumidores podem entrar em contato com a agência por meio do Disque ANS (0800 701 9656) ou pela Central de Atendimento ao Consumidor.

(http://www.administradores.com.br/)

Releia esta passagem do texto:

"A agência orienta os beneficiários de planos individuais que fiquem atentos aos boletos de pagamento e observem: se o percentual de reajuste aplicado é igual ou inferior ao definido pela ANS e se a cobrança com o índice de reajuste está sendo feita a partir do mês de aniversário do contrato, que é o mês em que o contrato foi firmado."

Agora, assinale a alternativa que contenha análises corretas.

a) A palavra "que", em destaque no trecho é um pronome relativo sem função sintática.

b) A construção "atentos aos boletos" respeita as normas de regência nominal, já que o substantivo "atentos" rege a preposição "a" precedendo seu adjunto adnominal.

c) Na expressão "boletos de pagamento", "de pagamento" é complemento nominal, já que o sentido é passivo.

d) A palavra "se", em destaque no trecho, introduz uma oração adverbial causal.

e) Em "o mês em que o contrato foi formado", o "que" é pronome relativo e, portanto, possui função sintática.

16. (2016/FGV/SEE-PE/Professor de Língua Portuguesa)

– Vocês vão no cinema hoje à noite?

– Vamos, mas a gente vai sair cedo!

– Tá bom! Me esperem que eu vou com vocês!

O fragmento mostra um diálogo entre amigos, daí a presença de marcas da linguagem coloquial, adequada a esse tipo de situação comunicativa.

Nesse diálogo, o coloquialismo só não tem como marca

a) a regência do verbo ir com a preposição "em".

b) o emprego de "a gente" em lugar de "nós"

c) a forma reduzida "tá" em lugar de "está".

d) a próclise do pronome pessoal "me".

e) a utilização do pronome de tratamento "vocês".

17. (2016/CONSULPLAN/Prefeitura de Cascavel-PR/Professor de Educação Infantil)

Escrevendo como passarinho canta

Em vez de uma entrevista formal, Ana Maria Machado resolveu escrever para responder às questões de "Na Ponta do Lápis". Nada estranho para alguém que escreve tão naturalmente como um passarinho canta, como ela mesma afirma. Por e-mail, as respostas vieram em forma de depoimento. São quarenta anos de carreira, mais de cem livros publicados em vinte países e inúmeros prêmios recebidos no Brasil e no exterior. Ela é a primeira representante da literatura infantojuvenil na Academia Brasileira de Letras.

Entrevista com Ana Maria Machado

As primeiras leituras

Aprendi a ler antes dos cinco anos. Minha família me contava histórias e me mostrava livros. Desde pequena, contos de fadas, Monteiro Lobato etc. Minha avó Ritinha era uma biblioteca viva de sabedoria popular. Foi nesse período que encontrei o livro que marcaria a minha vida para sempre: Reinações de Narizinho. Depois fui descobrindo outros, como os de Mark Twain. Na escola e em casa, estava sempre rodeada de amigos que também gostavam de curtir a vida tendo bons livros ao seu lado.

O gosto pela escrita

Meu pai era jornalista. Sempre brinquei em máquina de escrever. Faço diário. Sobre tudo e sobre nada. Vou escrevendo como passarinho canta. Mas sempre gostei de escrever. Escrevia muitas cartas, fazia parte da equipe do jornalzinho da escola, essas coisas. [Hoje] escrevo o tempo todo, não só quando estou diante do papel ou do computador – esse é só o momento final, em que as palavras saem de mim e tomam forma exterior.

É possível formar bons leitores em sala de aula?

Eu tendo a inverter a pergunta: como é que alguém que conheça bem uma língua tão linda como a nossa, goste de jovens e adore ler consegue dar aula sem transmitir essa paixão? Isso é que para mim é um mistério. Seria como um torcedor de um time ir ao estádio ver a final do campeonato, com a sua equipe na decisão, e conseguir não torcer. Não dá nem para imaginar! Só se ele não for um torcedor, não conhecer futebol, não entender o que está acontecendo no campo, nunca tiver assistido a uma partida etc. E, por causa de tudo isso, conseguir passar o jogo todo reparando em outras coisas: a marquise do estádio, a gola da camisa do vizinho à sua frente, coisas assim. Para mim, é inconcebível.

Eu costumo dizer que o maior prêmio de um escritor é um bom leitor. É para o leitor que um autor escreve. Um leitor que entende, qualquer que seja a sua idade, é um presente. Para mim, o importante é que meu leitor se aproxime do que eu escrevo. Só com um leitor é que o livro se completa. Sei muito bem que hoje em dia, com as novas tecnologias, o livro não é mais o eixo central em torno do qual gira toda a cultura. Mas acho justo que todas as pessoas possam ter acesso a tudo o que a leitura pode nos trazer. Então, sugiro que esse professor leia muito, descubra os livros de que goste e fale neles para seus alunos. Com verdade e entusiasmo.

(Luiz Henrique Gurgel, Na ponta do lápis, ano VI, n. 14, julho de 2010.)

A regência verbal pode variar ainda que se trate de um mesmo verbo. Tal fato ocorre vinculado a uma diversidade de significados que o mesmo pode conter e apresentar de acordo com o contexto em que está sendo empregado. Em "aprendi a ler antes dos cinco anos", a regência do verbo em destaque tem por justificativa

a) a atribuição de significado do verbo fora do usual.

b) o objeto regido ser constituído de oração infinitiva.

c) o emprego do tempo e modo verbais diante de infinitivo.

d) a associação entre duas formas verbais cuja regência é equivalente.

e) a intencionalidade do enunciador de conferir destaque ao complemento verbal.

18. (2016/Prefeitura de Fortaleza-CE/Prefeitura de Fortaleza-CE/Educação Física/Adaptada)

As mais belas histórias

Entre elas, a que fez aprender a não pegar doces escondido

1 No final de cada capítulo de Fala, memória que estou lendo, paro pra pensar.
De noite, como Vladimir Nabokov, coloco a cabeça no travesseiro na tentativa
de esmiuçar a memória, ir o mais longe possível para reconstruir a caminhada,
passo a passo, desde pequenininho. Até adormecer. [...]
5 Lembro-me perfeitamente do primeiro ano, quando Dona Maria
Augusta Toscano colocou nas minhas mãos um livro chamado As Mais Belas
Histórias, de Lúcia Casasanta.

[...] Minha professora tinha uma pilha de livros em cima da mesa,
todos eles meio estropiados, judiados pelo tempo. Mas as mais belas histórias
10 ali dentro, estavam intactas.

Foi nesse dia que comecei a pegar gosto pela leitura. As histórias do
livro tinham uma linguagem simples e eu, que acabara de aprender
a ler, conseguia ir até o fim de cada uma delas, acompanhando a
leitura com uma régua que ia deslizando, frase por frase.
15 Foi paixão à primeira vista por esse livro, que tinha uma capa
azul e desenhos de um espantalho, um coelho, um porquinho, três crianças,
um príncipe, uma bruxa e uma Rapunzel jogando suas tranças
da janela de um castelo.

Dona Maria Augusta deixava os alunos levarem os livros pra casa,
20 contando que não os estragassem e que trouxessem de novo para o
colégio, no dia seguinte.

Ia pegando gosto pela leitura a cada história que lia. Que me perdoe,
Vladimir Nabokov, mas não me lembro de todas. Um dia vou
conseguir buscar na minha memória todas elas, uma a uma.
25 [...]

Eu nunca me esqueci da história daquela outra menina que
foi a uma festa de aniversário e, muito gulosa, pensou em levar, escondido,
um punhado de doces pra casa. [...]

Li e reli essa história inúmeras vezes. E cada vez que lia, sofria com

30 aquela menina que tanta vergonha passou.

Caro Vladimir Nabokov, tenho certeza que foram essas histórias que me fizeram gostar tanto de ler e também de contar histórias. E acho que essa última, em particular, me ensinou também a nunca pegar um doce numa festa e levar pra casa, escondido.

(VILLAS, Alberto. In <http://www.cartacapital.com.br/cultura/as-mais-belas-historias>. Acesso em: 12 mar. 2016).

Quanto à regência do verbo deslizar no trecho "acompanhando a leitura com uma régua que ia deslizando" (l. 13 e 14), indique a alternativa cujo conteúdo está incorreto.

a) Sendo esse verbo transitivo direto, o seu sujeito está subentendido, ou seja, a primeira pessoa "eu".

b) O termo que pratica a ação de deslizar, se o verbo for intransitivo, é o pronome relativo "que".

c) Esse verbo apresenta somente a transitividade direta, portanto o sujeito é elíptico – "eu".

d) O verbo deslizar, nesse contexto, não exige um complemento verbal preposicionado.

19. (2016/FUNCAB/EMSERH/Psicólogo) Texto para responder à questão.

O embondeiro que sonhava pássaros

Esse homem sempre vai ficar de sombra: nenhuma memória será bastante para lhe salvar do escuro. Em verdade, seu astro não era o Sol. Nem seu país não era a vida. Talvez, por razão disso, ele habitasse com cautela de um estranho. O vendedor de pássaros não tinha sequer o abrigo de um nome. Chamavam-lhe o passarinheiro.

Todas manhãs ele passava nos bairros dos brancos carregando suas enormes gaiolas. Ele mesmo fabricava aquelas jaulas, de tão leve material que nem pareciam servir de prisão. Parecia eram gaiolas aladas, voláteis. Dentro delas, os pássaros esvoavam suas cores repentinas. À volta do vendedeiro, era uma nuvem de pios, tantos que faziam mexer as janelas:

– Mãe, olha o homem dos passarinheiros! E os meninos inundavam as ruas. As alegrias se intercambiavam: a gritaria das aves e o chilreio das crianças. O homem puxava de uma muska e harmonicava sonâmbulas melodias. O mundo inteiro se fabulava.

Por trás das cortinas, os colonos reprovavam aqueles abusos. Ensinavam suspeitas aos seus pequenos filhos – aquele preto quem era? Alguém conhecia recomendações dele? Quem autorizara aqueles pés descalços a sujarem o bairro? Não, não e não. O negro que voltasse ao seu devido lugar. Contudo, os pássaros tão encantantes que são – insistiam os meninos. Os pais se agravavam: estava dito.

Mas aquela ordem pouco seria desempenhada.

[...]

O homem então se decidia a sair, juntar as suas raivas com os demais colonos. No clube, eles todos se aclamavam: era preciso acabar com as visitas do passarinheiro. Que a medida não podia ser de morte matada, nem coisa que ofendesse a vista das senhoras e seus filhos. O remédio, enfim, se haveria de pensar.

No dia seguinte, o vendedor repetiu a sua alegre invasão. Afinal, os colonos ainda que hesitaram: aquele negro trazia aves de belezas jamais vistas. Ninguém podia resistir às suas cores, seus chilreios. Nem aquilo parecia coisa deste verídico mundo. O vendedor se anonimava, em humilde desaparecimento de si:

– Esses são pássaros muito excelentes, desses com as asas todas de fora.

Os portugueses se interrogavam: onde desencantava ele tão maravilhosas criaturas? onde, se eles tinham já desbravado

os mais extensos matos?

O vendedor se segredava, respondendo um riso. Os senhores receavam as suas próprias suspeições – teria aquele negro direito a ingressar num mundo onde eles careciam de acesso? Mas logo se aprontavam a diminuir-lhe os méritos: o tipo dormia nas árvores, em plena passarada. Eles se igualam aos bichos silvestres, concluíam.

Fosse por desdenho dos grandes ou por glória dos pequenos, a verdade é que, aos pouco-poucos, o passarinheiro foi virando assunto no bairro do cimento. Sua presença foi enchendo durações, insuspeitos vazios. Conforme dele se comprava, as casas mais se repletavam de doces cantos. Aquela música se estranhava nos moradores, mostrando que aquele bairro não pertencia àquela terra. Afinal, os pássaros desautenticavam os residentes, estrangeirando-lhes? [...] O comerciante devia saber que seus passos descalços não cabiam naquelas ruas. Os brancos se inquietavam com aquela desobediência, acusando o tempo. [...]

As crianças emigravam de sua condição, desdobrando-se em outras felizes existências. E todos se familiavam, parentes aparentes. [...]

Os pais lhes queriam fechar o sonho, sua pequena e infinita alma. Surgiu o mando: a rua vos está proibida, vocês não saem mais. Correram-se as cortinas, as casas fecharam suas pálpebras.

COUTO, Mia. Cada Homem é uma raça: contos. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 63-71. (Fragmento).

De acordo com os estudos de regência verbal e com o padrão culto da língua, leia as afirmações sobre os verbos destacados em "Os senhores RECEAVAM as suas próprias suspeições – TERIA aquele negro direito a ingressar num mundo onde eles CARECIAM de acesso?"

I. Como o verbo é transitivo indireto, é obrigatório o uso do acento indicativo da crase em AS, que compõe o complemento da primeira oração.

II. Na segunda oração, o verbo TERIA constitui por si só o predicado de uma oração.

III. O verbo CARECIAM, como é transitivo indireto, está ligado a seu complemento por meio de uma preposição.

Está(ão) correta(s) apenas a(s) afirmativa(s):

a) I e III.

b) II.

c) III.

d) I e II.

e) II e III.

20. (2016/ESAF/ANAC/Analista Administrativo) Leia o texto a seguir para responder à questão.

1 O Brasil é um exemplo de país para o qual a modernidade, em todas as fases de sua história nos últimos cinco séculos, impõe-se, sobretudo, como abertura aos ventos de fora.

5 Com o neoliberalismo, é frequente o abandono

da ideia do nacional brasileiro, com a sedução de um imaginário influenciado por forte apelo da técnica e aceitação tranquila da força totalitária dos fatores da globalização. Em todos os casos, avulta como corrente condutora e força propulsora e indiscutível a modernidade alienígena e alienante.

Que seria uma modernidade à brasileira e como poderemos alcançá-la? Cumpriria, em primeiro lugar, não enxergar a modernidade como um dogma, uma obrigação, um credo.

Em duas palavras, isso implicaria não seguir o conselho do poeta Rimbaud, para quem a modernidade era algo a tomar a qualquer preço. Ao contrário, o que se postula é uma modernidade guiada por um objetivo nacional brasileiro.

Se antes isso já era possível, agora o é muito mais, embora nos façam crer que há apenas uma opção, um caminho, com vistas à construção do futuro.

A grande originalidade do presente período histórico é a visibilidade, em todos os cantos do mundo, das novas possibilidades oferecidas por ele e a consciência de que é possível uma multiplicidade de combinações.

Essas não têm que ser obrigatoriamente condutoras de alienação, podendo construir-se a partir de um modo de ser característico da nação considerada como um todo, uma edificação secular onde as mudanças não suprimam a identidade, mas renovem o seu sentido a partir das novas realidades. Não se trata, assim, de recusar o mundo, mas de assegurar um movimento conjunto, em que o país não seja exclusivamente tributário, mas soberanamente partícipe na produção de uma história universal.

<http://www.oocities.org/br/madsonpardo/ms/artigos/msa03.htm>. Acesso em: 4 jan. 2016 (Milton Santos, com adaptações).

Assinale a opção em que a substituição sugerida para o termo usado no texto provoca erro gramatical ou incoerência textual.

a) "avulta" (l. 9) > sobressai

b) "poderemos" (l. 13) > poderíamos

c) "alcançá-la" (l. 13) > alcançar-lhe

d) "embora" (l. 22) > conquanto

e) "com vistas à" (l. 23) > para a

Gabarito: 1. b; 2. c; 3. c; 4. certo; 5. certo; 6. a; 7. d; 8. c; 9. a; 10. b; 11. b; 12. a; 13. c; 14. d; 15. e; 16. e; 17. b; 18. c; 19. c; 20. c

1 Para o nome *indiferente*, admitem-se também as preposições *para*, *para com*, *perante*, *respeito a* e *sobre*.

2 Para o nome *seguro*, admitem-se também as preposições *para*, *por*, *de* e *em*.

3 Concurso para Oficial de Justiça de Santos, realizado em 15-8-1999, questão 14.

4 Concurso para Oficial de Justiça de Andradina, questão 18.

5 Simulado de Língua Portuguesa, elaborado por Décio Sena, extraído do *site* <www.vemconcursos.com>.

6 Dias Gomes, *Decadênci*a, p. 12, 1995, *apud* Cegalla, 1999, p. 71.

7 O uso do verbo **namorar** com esta regência é perfeitamente legítimo para dicionaristas de escol – Aurélio e Houaiss –, embora não o seja para boa parte dos gramáticos. Diante da diversidade, entendemos que é necessário aqui revelar a regência indireta para este verbo, em abono da força do uso. Não obstante o padrão culto impor a regência de VTD, sem preposição, para este verbo, o que se encontra, todavia, na língua coloquial, com frequência – talvez por influência dos verbos *casar* (casar com) e *noivar* (noivar com) – é a forma *namorar com* (regência de VTI). Perceba que a força do uso e sua aceitabilidade devem ser consideradas. Portanto ficamos com as duas regências: a sintaxe ortodoxa (VTD) e a sintaxe moderna e coloquial (VTI).

8 Bernardo Elis, *Caminhos e Descaminhos*, p. 58.

9 Questão de Língua Portuguesa, em prova da FUVEST 2001, aplicada em 19-11-2000.

10 Alexandre Herculano, *O Monge de Cister*, I, p. 6, *apud* Cegalla, 1999, p. 357.

11 Camilo Castelo Branco, *A Queda dum Anjo*, p. 124, *apud* Cegalla, 1999, p. 357.

12 O *Dicionário Gramatical de Verbos* – UNESP registra, todavia, o uso de*resultar* como verbo de ligação: "com sujeito paciente expresso por nome abstrato com predicativo – significa 'tornar-se'. 'Resultaria fastidiosa a repetição dos argumentos a favor e contra a referenda'".

13 Ciro dos Anjos, *Abdia*, p. 2, *apud* Cegalla, 1999, p. 383.

5 CONCORDÂNCIA NOMINAL E VERBAL

POR QUE ESTUDAR CONCORDÂNCIA?

É sabido que nossa comunicação pode se dar por meio das formas verbal ou escrita. O que falamos ou escrevemos precisa ser organizado de maneira lógica e precisa, a fim de que logremos êxito na transmissão da mensagem. Organizar as ideias é imprimir harmonia e precisão na comunicação, estabelecendo pontos comuns entre as palavras e, sobretudo, levando a cabo o lema "concordar é harmonizar".

Partindo-se do nome do verbo, têm-se dois tipos de concordância:

a) a *nominal*, por meio da qual adjetivos ou palavras adjetivas (artigo, numeral, pronome) alteram sua terminação em gênero e número para estabelecer concordância com o substantivo a que se referem;

b) a *verbal*, segundo a qual o verbo modifica sua terminação (desinência número-pessoal) para concordar, geralmente, com o sujeito da oração;

Passemos a enfrentar as regras de concordância nominal.

Regra geral: os modificadores (pronomes, adjetivos, artigos ou numerais) concordam com o substantivo em gênero e número. Exemplos:

Cadeira macia (a → cadeira → macia).

Os setecentos gramas de café (os → setecentos → gramas).

Aquelas situações complicadas (aquelas → situações → complicadas).

5.1. CASOS ESPECIAIS

1. Adjetivo posposto a dois ou mais substantivos

O adjetivo, o qual sintaticamente se coloca como *adjunto adnominal*, irá para o plural ou concordará com o substantivo mais próximo. Exemplos:

Prédio e apartamento-velho.	*Casa e oficina antiga.*	*Tênis e meia bonita.*	*Prédio e casa antiga.*
Prédio e apartamento-	*Casa e oficina*	*Tênis e meia*	*Prédio e casa*

velhos.	*antigas.*	*bonitos.*	*antigos.*

Observações:

a) Se os substantivos forem *antônimos*, deve prevalecer o *plural do grupo*, ou seja, o masculino (para palavras de gênero masculino ou aquelas de gênero masculino e feminino) ou o feminino (para palavras de gênero feminino). Exemplos:

- Dia e noite frios.
- Amor e ódio insensatos.
- Andou por mares e terras desconhecidos.
- Havia um homem e uma mulher preocupados.
- Vales e montanhas frescos.

b) Se os substantivos forem *sinônimos*, o adjetivo deve concordar com o substantivo mais próximo. Exemplos:

- Crença e fé exagerada.
- Possuía ideia e pensamento verdadeiro.
- Tinha trabalho e atividade prolongada.
- Destemor e coragem bela.

2. Adjetivo anteposto a dois ou mais substantivos

O adjetivo concorda com o substantivo mais próximo. Exemplos:

Preferiu o melhor lugar e hora.

Época de novas atitudes e comportamentos.

Período de claras decisões e bloqueios.

Observação: se os substantivos forem *nomes próprios*, o adjetivo deverá ir para o plural. Exemplos:

Os famosos Jânio e Getúlio.

Os ilustres Drummond e Clarice Lispector.

3. Adjetivo como predicativo do objeto

O adjetivo concorda em gênero e número com o objeto. Exemplos:

A polícia considerou reincidente o homem.

A polícia achou culpada a mulher.

Considerei sua atitude e comportamento incorretos.

4. Substantivo modificado por dois ou mais adjetivos no singular

Há dois tipos de construção. O que se deve é tomar cuidado com o emprego dos artigos. Exemplos:

- As seleções brasileira e chilena.
- A seleção brasileira e a chilena.
- Gosto dos balés clássico e moderno.
- Gosto do balé clássico e do moderno.
- Falar os idiomas alemão e russo.
- Falar o idioma alemão e o russo.
- Gosto dos Direitos Civil e Tributário.
- Gosto do Direito Civil e do Tributário.
- A atitude prejudicou os comércios francês e italiano.
- A atitude prejudicou o comércio francês e o italiano.

5. Adjetivo composto

Flexiona-se, normalmente, só o último elemento. Exemplos:

- Dificuldades político-econômicas.
- Eram adeptos às social-democracias.
- Foram reuniões político-sociais.
- Discutiram-se as relações jurídico-tributárias.
- Elas são todo-poderosas.

6. "Um e outro", "nem um nem outro", "um ou outro", seguidos de substantivo

O substantivo fica no singular. Exemplos:

- Um e outro problema.
- Nem um nem outro presente.
- Uma ou outra sessão.

Observação: se, em seguida, vier um adjetivo, este irá para o plural. Exemplos:

- Um e outro cantor famosos.
- Uma ou outra solução inteligentes.
- Nem um nem outro canal eficazes.
- Um e outro problema africanos.
- Uma e outra escolha corretas.
- Um ou outro caso paralelos.

7. Termos que concordam com o nome a que se referem

Leso *Crime de lesa-pátria.* *Crime de lesos-direitos.* *Comportamento de lesa-sociedade.* *Atitude de leso-patriotismo.*	**Algum** *Aluna alguma disse o que ocorreu.* *Alunas algumas disseram o que houve.* *Alguns alunos foram reprovados.*

Anexo *O documento segue anexo.* *Os documentos seguem anexos.* **Quite** *Já estou quite com a loja.* *Nós estávamos quites.* **Obrigado(a)** *Muito obrigada, disse Márcia.* *Eles sempre dizem: muito obrigados.*	**Extra** *As cotas extras não foram pagas.* **Servido(a)** *Elas estão servidas.* **Agradecido(a)** *Eles ficaram agradecidos.* **Grato(a)** *Todas estavam gratas pelo presente.*

Tal *Que tais estes enfeites?* *Eles são tais quais*[1] *os pais.* **Todo(a)** *Elas ficaram todas feridas.* **Nenhum** *Neste ano, não terei férias nenhumas.* *Vocês não são nenhuns ignorantes.*	**Próprio(a)** *Nós próprios faremos o serviço.* **Mesmo(a)** *Elas mesmas*[2] *estiveram aqui.* **Junto(a)** *As folhas seguem juntas.* **Incluso(a)** *Estão inclusos as taxas e impostos.*

1 2

Anexo e Apenso: tais termos concordam, normalmente, com o vocábulo a que se referem (*memorandos anexos/apensos*). A dúvida, entretanto, pode surgir com a expressão invariável **em anexo**. Esta, a nosso ver, é dotada de gramaticalidade, embora suscite muitas críticas entre os gramáticos. Observe:

- Seguem os relatórios anexos – Seguem os relatórios em anexo.
- Seguem as oferendas anexas – Seguem as oferendas em anexo.

À semelhança da criticada expressão "em anexo", temos "em suspenso" e "em aberto". A recomendação é que se suprima a preposição "em", preferindo, por exemplo, *evento suspenso* (em vez de "evento em suspenso") e *prazo aberto* (em vez de "prazo em aberto").

8. O aposto

Concorda, em regra, com o termo fundamental em gênero e número. Exemplo:

Paulo, primo de Andreia, foi ao parque.

Observação: é possível que a concordância não se dê de forma infalível. Exemplo: *As cordilheiras dos Andes, uma dádiva de Deus, apresenta perigos.*

9. Termos que permanecem invariáveis

- **Alerta**

Fiquem alerta 3!

- **Em mão**

As encomendas foram entregues em mão 4.

- **De maneira que**

Estudaram, de maneira que 5 estão preparados.

- **Monstro**

Foram duas greves monstro.

- **Menos**

Esperava menos ideias.

Prestei o concurso menos vezes do que você.

Tenho menos possibilidades de êxito.

Comprei menos roupas nesta viagem.

- **Em via de**

As empresas estão em via de falir.

- **A olhos vistos**

A capital crescia a olhos vistos.

- **Pseudo**

Os homens citados são pseudo-heróis.

10. Possível (o mais / o menos possível – o pior / o melhor possível – quanto possível)

Em *o mais possível*, *o melhor possível*, *o pior possível*, o adjetivo possível mantém-se **invariável**. Exemplos:

- Visitei cidades o mais possível belas!
- Períodos o mais difíceis possível.
- Alunos o mais inteligentes possível.
- Visitei cidades o melhor possível!
- Atitudes o pior possível.

Observações:

a) Com o plural *os mais*, *os menos*, *os piores*, *os melhores*, o adjetivo **possível** deve ir para o plural. Exemplos:

- Estive em lugares os mais tentadores possíveis!
- Conheci alunos inteligentes os mais possíveis.
- Atitudes as menos insensatas possíveis.
- Períodos os piores possíveis.
- Escolhi os melhores lugares possíveis!

b) A expressão **quanto possível** é invariável. Exemplos:

- Procurei fazer tantas atividades quanto possível.
- Fabricam tantos vinhos quanto possível.

11. Grão e Grã

Em nomes compostos, não apresentam plural. Exemplos:

Grã-cruzes – Grã-duquesas – Grão-duques

12. Meio – só – bastante – caro – barato – longe

Quando forem *adjetivos*, concordam com o substantivo a que se referem. Exemplos:

- Não se dirija a mim com meios-termos.
- Não suporto meias palavras.
- Comprou meia dúzia de lápis[6].
- É meio-dia e meia[7].
- Elas estão sós.
- Eles, por si sós, fizeram o trabalho.
- Há problemas bastantes.
- Comprei livros caros.
- Seus produtos são baratos.
- Levou-a a longes vales.

Observações:

a) Quando forem *advérbios*, na acepção de "um tanto", "somente", "um pouco" e "muito", ficam invariáveis.

- As garagens estavam meio abertas (meio = advérbio).

- Ela ficou meio tonta (meio = advérbio).
- Adquirimos só duas entradas (só = advérbio).
- Jorge e Fábio estão bastante cansados (bastante = advérbio).
- Isso custa caro (caro = advérbio).
- Comprou barato o tecido (barato = advérbio).
- Ele vende barato (barato = advérbio).
- Fiquem longe de mim! (longe = advérbio).

b) A expressão **a sós** é invariável. Exemplos:

- Precisamos conversar a sós em casa.
- Eu necessito estar a sós com você.

Não confunda com o adjetivo **só** (*homem só*; *mulheres sós*), nem mesmo com a expressão **por si só** (*ele, por si só, venceu*; *elas, por si sós, venceram*).

13. Sujeito em grau absoluto

Quando o sujeito é tomado em grau absoluto, isto é, sem artigo ou pronome demonstrativo, o adjetivo fica no masculino singular. Exemplos:

- É proibido entrada.
- Entrada é proibido.
- É necessário coragem.
- É preciso cautela.
- Água é necessário.
- Férias é preciso.
- Carne é bom.
- Cerveja é delicioso.

Se há artigo ou pronome demonstrativo, o adjetivo concorda com o substantivo:

- É proibida a entrada.
- É necessária a coragem.
- A carne é boa.
- A água é necessária.

• Nenhuma bebida é boa.

• Sua cerveja é deliciosa.

Algo semelhante acontece na substituição do predicativo do sujeito por um pronome pessoal átono. Exemplos:

• És a enfermeira daqui? Sou-a.

• És enfermeira? Sou-o.

14. Concordância com nomes de cor

Se o termo que indica cor é *adjetivo*, concorda com o substantivo (gênero e número):

• Comprou roupas azuis.

• Usava calças marrons.

Se a palavra que indica cor é *substantivo*, fica invariável:

• Comprava blusas laranja.

• Usava sapatos gelo.

15. Adjetivos compostos que indicam cores

Se os adjetivos forem compostos pelas formações "(na) cor (de) + adjetivo" ou "adjetivo + substantivo", ficam invariáveis. Exemplos:

• Trajavam roupas na cor azul.

• Tinham carros vermelho-sangue.

• Comprei tapetes verde-musgo.

Observação: os termos *ultravioleta, azul-marinho, azul-celeste, azul-ferrete, azul-pavão* e *azul-turquesa* são **invariáveis**. Exemplos:

Raios ultravioleta – Saias azul-marinho – Ternos azul-celeste

Saias azul-ferrete – Vestidos azul-pavão – Roupas azul-turquesa

CURIOSIMACETES

1. OLHOS DE LINCE

O *lince* é um mamífero carnívoro, um felino a quem os antigos atribuíam penetrante

visão, capaz de enxergar através de corpos opacos, bem como durante a escuridão. Daí a expressão **olhos de lince**, aplicável à pessoa de vista privilegiada.

2. MALGRADO OU MAU GRADO

Usa-se **malgrado** como sinônimo de "não obstante, apesar de". Exemplos:

Não consegui convencê-la disso, malgrado intensos esforços.

Malgrado a recomendação do médico, ingeriu os alimentos que deveria evitar.

Malgrado a aparência serena, contorcia-se de preocupação.

Por outro lado, a forma **mau grado** tem o significado de "a contragosto, contra a vontade". Como decorrência, temos a expressão fossilizada **de mau grado**, entre outras. Exemplos:

(De) Mau grado meu, acalentou ela uma paixão.

Chorei, de mau grado, na frente do inimigo.

3. MAESTRIA OU MESTRIA

A **mestria** significa "a qualidade ou habilidade do mestre, a perícia, a destreza". Exemplos: *a mestria do escultor; a mestria do tenor; a mestria do advogado do Júri* etc.

Por outro lado, **maestria** é substantivo derivado do português arcaico "maestre" (registros do século XII), que significa "mestre". Dessa forma, não há impropriedade no uso de *maestria* em lugar de *mestria* ou vice-versa. Ambas designam "perícia e habilidade".

4. *MEA CULPA*

A expressão latina mea culpa deve ser utilizada como forma de reconhecimento de culpa, de erro, de arrependimento. É usual nas expressões "fazer *mea culpa*" ou

"dizer *mea culpa*". É expressão que possui o gênero de substantivo masculino.

Frise-se que existe a forma aportuguesada, com hífen (**mea-culpa**), admitida pelo VOLP e dicionários. Trata-se de um substantivo masculino de dois números (*o mea-culpa; os mea-culpa*). Na redação forense, deve-se preferir a forma latina à expressão hifenizada. Portanto, aprecie as frases:

O namorado fez um "mea culpa" do compromisso de chegar ao evento sem atraso.

Ele fez seu "mea culpa" na questão controvertida do contrato.

5. MOSCAR-SE

É verbo pronominal de raríssimo uso, significando, em sentido figurado, "sumir, desaparecer". A conjugação dos tempos é interessante: *musco-me, musca-te, musca-se, muscamo-nos, muscai-vos, muscam-se*; *que eu me musque, que ele se musque, que eles se musquem*, entre outras. Portanto:

Musco-me quando ele aparece.

Se ela me irritar, dir-lhe-ei: musque-se!

Espero que ele não se musque nos intervalos das aulas.

Musca-se das moscas – elas transmitem doenças.

A HORA DO ESPANTO

As "pérolas" do português

Doenças venéricas

Correção: como se não bastasse a gravidade da enfermidade, há, ainda, a impropriedade vocabular. Grafa-se *venéreo*, logo, *doenças venéreas*. A confusão

pode, sim, gerar gargalhadas homéricas.

Espondo

Correção: o gerúndio do verbo *expor* é *expondo* (com -x). Não se exponha com o tal "espondo"...

A *concordância verbal* indica que o verbo modifica sua terminação para concordar, geralmente, com o sujeito da oração.

Vamos enfrentar as regras de concordância verbal:

Regra geral: o verbo concorda com o sujeito em número e pessoa. Exemplos:

Os dias estão chuvosos. (Sujeito = dias → estão)

A quem pertencem esses utensílios? (Sujeito = utensílios → pertencem)

5.2. CASOS ESPECIAIS: SUJEITO SIMPLES

1. Substantivo coletivo

O verbo fica na 3ª pessoa do singular. Exemplos:

- A boiada, reticente, não cruzou o riacho.
- O cardume continuava seu percurso.
- O bando voava.
- A plateia aplaudiu os atores.
- Já saiu o pessoal?

Observação: se o coletivo for seguido de *adjunto adnominal* no plural, é facultativa a pluralização do verbo. Exemplos:

Um bando de pássaros voava – Um bando de pássaros voavam.

A manada de búfalos se dispersou – A manada de búfalos se dispersaram.

2. Mais de um

Quando o sujeito é introduzido pela expressão *mais de um*, o verbo fica no singular. Exemplo:

- Mais de um jogador foi suspenso pela federação.

Observações:

a) quando a expressão *mais de um* vem repetida ou se associa a um verbo, exprimindo reciprocidade, aquele deve ir para o plural. Exemplos:

- Mais de um prisioneiro agrediram-se durante o almoço.
- Mais de um aluno abraçaram-se.
- Mais de um candidato se cumprimentaram.

Se repetida a locução, deve haver a concordância no plural. Exemplos:

Mais de um candidato, mais de um representante faltaram ontem.

Mais de uma casa, mais de um prédio desabaram na cidade alagada.

b) se a expressão *mais de um* se refere a coletivos, há plural. Exemplos:

- Mais de um cardume de piranhas nos atacaram.
- Mais de um bando de bêbados foram presos.
- Mais de uma classe de estudantes faltaram.

c) se há a utilização de expressões como *mais de dois*, *menos de dois*, entre outras, a concordância deve ser feita com o numeral, isto é, usa-se o plural. Exemplos:

- Mais de dois saíram.
- Menos de dez funcionários viajarão.
- Menos de dois litros foram consumidos.

3. Expressões partitivas (*a maioria de, a maior parte de, uma porção de, a metade de*, entre outras).

O verbo pode concordar tanto com o núcleo dessas expressões como com o substantivo que as segue. Exemplos:

- A maioria dos funcionários chegou – A maioria dos funcionários chegaram.
- A maior parte das casas desmoronou – A maior parte das casas desmoronaram.
- Uma porção de alunos faltou – Uma porção de alunos faltaram.

4. Expressões aproximativas (*cerca de, perto de* etc.)

O verbo concorda com o substantivo determinado por essas expressões. Exemplos:

- Cerca de quinze jogadores inscreveram-se no torneio.
- Hoje, perto de 4 milhões e meio de angolanos correm o risco de contrair a tripanossomíase.

5. Locuções pronominais: *algum, alguns de nós, alguns de vós; qual, quais de nós, quais de vós*, entre outras.

Observações:

a) Quando o primeiro pronome da locução figura no *singular*, o verbo fica no singular. Exemplos:

- Qual de nós representará o grupo?
- Qual de nós votou conscientemente?

b) Quando o primeiro pronome figura no *plural*, o verbo pode concordar com esse pronome ou com o pronome pessoal. Exemplos:

- Alguns de nós o acompanharão – Alguns de nós o acompanharemos.
- Quais de nós votaram conscientemente? – Quais de nós votamos conscientemente?
- Quantos de vós solucionaram o caso? – Quantos de vós solucionastes o caso?

6. Um dos (...) que

Quando o sujeito é formado pela expressão *um dos (...) que*, o verbo se coloca, preferencialmente, no plural. Exemplos:

- Ele é um dos que mais trabalha – Ele é um dos que mais trabalham.

Observação: se houver nitidez na seletividade do objeto a que se refere, o singular será obrigatório. Exemplos:

- O Sol é um dos astros que aquece a Terra.

• Ela é uma das peças do autor que será apresentada hoje no teatro.

7. Que e Quem

a) Que: o verbo concorda com o antecedente dessa palavra:

• Sou eu que providencio os materiais.

• Somos nós que orientamos o acusado.

• Fui eu que descobri a fraude.

• Fomos nós que apresentamos a proposta.

• Sou eu que pago a conta.

• És tu que pagas o boleto.

• Fomos nós que inquirimos o candidato.

b) Quem: o verbo vai para a 3ª pessoa do singular ou concorda com o antecedente desse pronome:

• Somos nós quem tomará as medidas – Somos nós quem tomaremos as medidas.

• Somos nós quem pagará a dívida – Somos nós quem pagaremos a dívida.

• Fui eu quem bateu nele – Fui eu quem bati nele.

• Serei eu quem comerá a fruta – Serei eu quem comerei a fruta.

8. Substantivo próprio no plural

a) Com o artigo no plural, o verbo vai para o plural. Exemplos:

• Os Emirados Árabes sofreram duras críticas.

• Os Andes ficam na América do Sul.

• Os EUA são o quarto maior país do mundo, em extensão territorial, depois da Rússia, China e Canadá.

b) Sem artigo, o verbo fica no singular. Exemplo:

• Estados Unidos é um belo país.

c) Com nomes de obras no plural, seguidos do verbo *ser*, este fica no singular, desde que o predicativo figure no singular. Exemplos:

• "Os Miseráveis" é uma célebre obra.

• "Os Sertões" é um livro esplêndido.

• "Os Lusíadas" revela a grandeza do povo português.

9. Porcentagem

a) O verbo pode concordar com o numeral ou com o substantivo a que se refere. A tendência atual é a concordância com o termo posposto ao número. Exemplos:

• 63% da população apoia (ou apoiam).

• 12% da população está com o prefeito (ou estão).

• 21% dos entrevistados aderiram ao projeto (ou aderiu).

• Dez por cento das pessoas estão inscritas no concurso (ou está).

b) Se há determinantes no plural, é obrigatória a pluralização do verbo. Exemplos:

• Os 63% da população apoiam essas medidas.

• Os 10% das pessoas estão inscritas no concurso.

• Os 20% dos faltosos não afetarão o movimento.

• Os 200 g de presunto estavam estragados.

• Esses 2% do lucro já me bastam.

• Aqueles 4% passaram.

c) Quando o verbo vem anteposto à expressão de porcentagem, a concordância se dá com o número. Exemplos:

• Serão importados 60% da produção alemã.

• Perderam-se 40% da lavoura.

d) Com o uso do 1%, é recomendável que o verbo fique no singular. Exemplo:

• Um por cento das pessoas ganha mais de 50 salários mínimos.

5.3. CASOS ESPECIAIS: SUJEITO COMPOSTO

1. Sujeito anteposto e sujeito posposto

Anteposto: o verbo vai para o plural. Exemplo:

• O pai e os filhos levaram a televisão.

Posposto: o verbo vai para o plural ou concorda com o núcleo mais próximo. Exemplos:

• Levaram a televisão o pai e os filhos – Levou a televisão o pai e os filhos.

• Discutiam muito o chefe e o empregado – Discutia muito o chefe e o empregado.

2. Sujeito composto de pessoas diferentes

O verbo vai para o plural da pessoa que prevalece:

1ª sobre a 2ª e 3ª → Plural: NÓS

2ª sobre a 3ª → Plural: VÓS

Exemplos:

• **Eu** e meu irmão **iremos** ao espetáculo.

1ª 3ª **1ª plural (nós)**

• **Tu** e ele **sereis** bem tratados.

2ª 3ª **2ª plural (vós)**

• Tu, ele e **eu participaremos** da assembleia.

2ª 3ª **1ª 1ª plural (nós)**

FIQUE ATENTO:

Quando há 2ª e 3ª pessoas, alguns autores aceitam que o verbo deve ficar na 3ª pessoa do plural. A questão é controvertida. Exemplo:

Ele e tu são fortes candidatos à vaga (no lugar de "... sois fortes ...").

3. Um e outro; nem um nem outro

É facultativa a pluralização do verbo, entretanto é mais comumente usado no plural. Exemplos:

• Um e outro jogou futebol – Um e outro jogaram futebol.

• Nem Fábio nem Rodrigo viajará com vocês – Nem Fábio nem Rodrigo viajarão com vocês.

Observações:

a) Quando houver reciprocidade, o plural será obrigatório:

• Um e outro se agrediram.

• Um e outro se odeiam há muito tempo.

b) Um ou outro: o verbo deve permanecer na 3ª pessoa do singular.

• Um ou outro conhece seus direitos.

• Um ou outro aluno passará no concurso.

Importante: se a conjunção **ou** (*um ou outro*) apresenta valor excludente ao ligar os núcleos do sujeito, o verbo fica no singular (*Caetano ou Gil ocupará o cargo de Ministro da Cultura*). Se, ao contrário, indica inclusão, o verbo fica no plural (*Caetano ou Gil me agradam*).

4. Sujeito formado de infinitivos

O verbo fica no singular. Entretanto, concordará no plural se os infinitivos forem determinados pelo artigo ou exprimirem ideias opostas. Exemplos:

• Cantar e representar é característico do artista.

• O comer e o beber são necessários à sobrevivência.

• Rir e chorar não devem fazer parte da personalidade.

• Estudar e trabalhar é importante.

5. Cada

Quando o sujeito apresenta núcleos antecedidos do pronome *cada*, o verbo fica no singular. Exemplo:

• Cada aluno, cada professor, cada coordenador tinha sua versão dos fatos.

Observação: com as expressões *cada um*, *cada qual* e *nenhum* o verbo deve ficar no singular. Exemplos:

• Cada um fará o seu trabalho.

• Cada qual dos alunos sabe sua nota.

• Nenhum deles disse a verdade.

• Cada um é suas ações.

6. Com

Quando se trata de conectivo aditivo, ligando os núcleos do sujeito, o verbo fica no plural. Exemplo:

• O João com o Roberto saíram pela manhã (João e Roberto).

Quando introduz *adjunto adverbial de companhia*, o verbo concorda com o sujeito. Exemplo:

• João, com os primos, viajou ontem.

7. Sujeito resumido (tudo, nada, nenhum, ninguém)

Quando há sujeito resumido ou expressão equivalente, o verbo fica no singular. Exemplos:

• Dinheiro, mulheres, poder, tudo era desejado por ele.

• Jogos, espetáculos, viagens, nada pôde agradar-lhe.

• O professor, o aluno, nenhum foi visto depois do baile.

• Os alunos, os professores, ninguém obedeceu à ordem.

5.4. OUTROS CASOS

1. Verbos Dar, Soar, Bater

Referindo-se às horas, esses verbos concordam com o sujeito. Exemplos:

• Deu cinco horas o sino da capela.

• Deu uma hora da tarde.

• Que horas deu o relógio?

• Soaram onze horas na igrejinha.

• O relógio da sala soou duas horas.

• Bateram cinco horas no relógio do mosteiro.

• Bateu cinco horas o despertador.

2. Verbo Parecer + **infinitivo**

Flexiona-se o verbo *parecer* ou o infinitivo que o segue. Exemplos:

• Os quadros parecem estar prontos – Os quadros parece estarem prontos.

• As pessoas pareciam entender o problema – As pessoas parecia entenderem o problema.

• As estrelas parecem brilhar mais – As estrelas parece brilharem mais.

3. Expressão Haja vista

Trata-se de relevante expressão, na acepção de "oferecer-se à vista, aos olhos". Há várias possibilidades:

a) Fica invariável. Exemplo:

• A seleção vai vencer o torneio, haja vista os resultados obtidos.

b) Não varia o verbo *haver*, e o termo *vista* rege a preposição *a*. Exemplo**:**

• A seleção vai vencer o torneio, haja vista aos resultados obtidos.

c) Varia o verbo *haver*, e o termo *vista* não rege preposição. Exemplo:

• A seleção vai vencer o torneio, hajam vista os resultados obtidos.

FIQUE ATENTO:

Haja visto *é tempo composto do verbo ver. Substitui-se por "tenha visto". Exemplos:*

Espero que a reitoria já haja visto meu pedido.

Penso que todos hajam visto o recado.

4. Os verbos impessoais

a) Verbos que exprimem fenômenos da natureza ficam na 3ª pessoa do singular. Exemplos:

• Choveu bastante na noite passada.

• Trovejou muito durante a chuva.

• Neva, às vezes, no sul do Brasil.

• Geia nos Alpes Suíços, com frequência.

Observação: o verbo será pessoal, caso não represente fenômenos meteorológicos. Exemplos:

• Choveram dólares.

• Os professores trovejaram com os alunos.

• Destruído o travesseiro, nevavam penas sobre a cama.

b) Os verbos *fazer* e *estar*, quando indicam tempo ou clima, ficam na 3ª pessoa do singular. Exemplos:

Faz muitos dias que voltei do interior.

No sul, faz dias frios e chuvosos.

Está noite e faz frio.

c) O verbo *haver*, na indicação de "tempo decorrido, existência, ocorrência ou acontecimento", deve ficar na 3ª

pessoa do singular. Exemplos:

- Houve muitos acontecimentos naquele dia.
- Havia anos que não nos encontrávamos.
- Houve bastantes acidentes.

Observação: com os verbos *existir, ocorrer* e *acontecer* – verbos pessoais –, a concordância com o sujeito ocorre normalmente. Exemplos:

- Existem dias melhores.
- Ocorrerão festas no próximo mês.
- Acontecerão situações mais agradáveis.

FIQUE ATENTO:

Nas locuções verbais, a impessoalidade do verbo haver é transferida para o verbo auxiliar. Exemplos:

Deve haver muitas tarefas na lista.

Deve fazer vários dias que não o vejo.

Do mesmo modo, a pessoalidade dos verbos existir, ocorrer e acontecer se transfere para o verbo auxiliar. Exemplos:

Devem existir muitas tarefas na lista.

Vão ocorrer festas no próximo mês.

Podem acontecer situações mais agradáveis.

5. O verbo ser

a) Quando o verbo *ser* refere-se a expressões numéricas (*é muito, é pouco, é suficiente, é bastante*), fica no singular. Exemplos:

- Para aproveitar tal lugar, três semanas é pouco tempo.

• Cem reais de multa é muito para ele.

• Duzentos gramas de mortadela é suficiente.

b) Quando os pronomes *isto, aquilo, isso, tudo* forem sujeito, o verbo pode concordar com o predicativo no plural. Exemplos:

• Tudo aquilo eram bobagens.

• Tudo eram amarguras neste momento.

• Isto são prazeres desnecessários.

Observação: pode concordar com o sujeito ou com o predicativo quando o sujeito for palavra de sentido amplo, como *humanidade, ciência, mundo* etc. Exemplos:

• A vida são alegrias – A vida é alegrias.

• O mundo são os homens – O mundo é os homens.

• O projeto eram suas torturas – O projeto era suas torturas.

c) Quando há indicação de *horas, distâncias* ou *datas*, o verbo concorda com o predicativo. Exemplos:

• Eram nove horas.

• Daqui ao centro são treze quilômetros.

• Hoje é 4 de julho (o verbo concorda com a ideia implícita de "dia").

• Hoje são 4 de julho.

• Hoje são trinta.

6. Concordância irregular **ou** ideológica

Ocorre quando a concordância se faz com a ideia inserta na frase. Recebe o nome de **silepse**.

a) Silepse de pessoa: a concordância se faz com a pessoa gramatical implícita. Exemplos:

• Todos os homens somos filhos de Deus[8].

• Todos sentimos sua perda.

• Os cinco decidimos assinar o manifesto.

b) Silepse de gênero: a concordância se faz com o gênero gramatical implícito. Exemplos:

• Vossa Santidade é bondoso (para pessoa do sexo masculino).

• Vossa Excelência foi educada (para pessoa do sexo feminino).

- São Paulo é linda (para cidade).
- Cartago foi destruída (para cidade).
- A gente ficou convencido das suas boas intenções (para homem).
- "Que será de nós, com a bandidagem podendo andar soltos por aí"9 (Houaiss) (para eles, os bandidos).

c) Silepse de número: a concordância se faz com o número gramatical implícito. Exemplos:

- Povo desta maravilhosa cidade, eis meu apelo: votem em mim 10!
- Essa gente é incrível: acordam e labutam como ninguém.
- "A gente da cidade, aquele dia (uns por amigos, outros por parentes, outros por ver somente), concorria saudosos na vista e descontentes" (Camões).

A *silepse de número* leva-nos a enfrentar o tema do *plural de modéstia*. Vamos detalhar.

O *plural de modéstia* ou *plural majestático* é o emprego da 1ª pessoa do plural no lugar da 1ª pessoa do singular. É o caso de *concordância irregular* ou *ideológica*, tecnicamente denominado *silepse de número* – técnica por meio da qual, em vez do pronome *eu*, emprega-se "nós". Entretanto, não se está referindo a mais de uma pessoa, senão a uma só. O verbo flexiona-se na 1ª pessoa do plural e assim concorda com o sujeito formalmente plural. Exemplo: em vez de afirmar "(Eu) quero manifestar minha satisfação", digo "*(Nós) queremos manifestar nossa satisfação*".

A expressão ganhou lastro histórico, à medida que os antigos reis de Portugal adotavam a fórmula "*Nós, el-rei, fazemos saber...*", procurando, num estilo de modéstia, diminuir a distância que os separava do povo. Até que, no início do século XVI, com D. João III, e a era do absolutismo real, passou a prevalecer o uso da 1ª pessoa: "*Eu, el-rei, faço saber que ...*".

Sabe-se que, nos altos escalões da Igreja, o uso do plural majestático era frequente, por representar uma ideia de humildade e solidariedade perante os fiéis. Todavia, com o crescimento patrimonial da Igreja, o que era *modéstia* passou a ser "falsa modéstia", e o uso da expressão passou a dar a impressão não de modéstia, mas de grandeza e majestade. Daí o nome *plural majestático*.

Com o passar dos séculos, ainda o utilizam escritores, oradores e políticos, que dessa forma pretendem fundir-se em simpatia com seus leitores, ouvintes e correligionários, parecendo com eles compartilhar suas ideias e afastando qualquer noção de importância pessoal, vaidade e orgulho. Assim, conseguem evitar um tom muito personalista no discurso e traduzem uma ideia de que falam não de modo individualista, mas como expressão da fala coletiva. Por falar em políticos, é interessante notar o comportamento de alguns dos nossos representantes legislativos, ou com

pretensão de sê-lo. Os candidatos querem “fazer bonito” a toda prova. Contratam *marqueteiros* (termo consagrado no Houaiss e, mais recentemente, no VOLP 2009), que se incumbem de transformá-los naquilo que interessa ao eleitor desavisado: candidato “bonzinho”, “trabalhador” e “competente”. Ensaiam o discurso. Esbanjam próclises e mesóclises. Acertam formas rizotônicas e arrizotônicas. Sobretudo evitam o “eu”. É que, em se tratando de campanha eleitoral, o “pronomezinho” pode dar a impressão de arrogância. Saída? Os sabidos recorrem a truques. Há aqueles que se referem a si próprios por meio da terceira pessoa. Para não dar “nomes aos bois”, imagine o Autor, que aqui lhe dirige estas palavras, em um hipotético discurso eleitoral, como candidato, valendo-se da tática: “Sabbag fez isso, Sabbag fez aquilo”. Interessante a manobra, não é mesmo? Alguns políticos famosos fazem uso do expediente.

Ressalte-se que não há necessidade do plural majestático em correspondência formal ou em um discurso, nos quais o anunciante esteja falando em seu próprio nome, e não no de uma coletividade ou da empresa de modo geral. Exemplos:

Venho transmitir-lhe meus cumprimentos...

Solicito a colaboração de todos...

Para alguns, o plural de modéstia soa falso, sendo desnecessário. Não abonamos tal postura, uma vez que, quando ensinamos, aconselhamos ou fazemos sugestões aos ouvintes, e o “nós” tem o poder de afastar resistências desnecessárias. É como se o orador estivesse se incluindo no grupo para receber a mensagem, isto é, ele aconselha, mas ao mesmo tempo é aconselhado; ensina, mas, ao mesmo tempo, recebe os ensinamentos.

CURIOSIMACETES

1. MOSSA (Ó) E MOÇA (Ô)

O substantivo feminino **mossa (ó)** significa “marca de pancada, contusão”. Portanto:

O soco deixou-lhe uma mossa visível no rosto.

É interessante observar que há sentido figurado para o termo *mossa (ó)*, na acepção de “abalo, choque, comoção”. Exemplo:

As brigas com a mulher já não lhe provocam mossa, haja vista estar na

iminência de deixar a casa.

Por outro lado, **moça (ô)** significa, como é cediço, "jovem, menina".

2. *NOBEL*

A palavra **nobel** é oxítona, com a sílaba tônica em "bel", conquanto não desfrute de registro lexicográfico. Daí se recomendar a sua escrita com destaque (itálico ou aspas). À guisa de curiosidade, a origem do termo advém de Alfred Bernhard Nobel (1833-1896), um cientista sueco que instituiu, no fim da vida, uma praxe de premiar obras literárias ou científicas. A partir de 1901, portanto, os conhecidos *prêmios Nobel* começaram a ser conferidos aos privilegiados ganhadores.

Nesse passo, não confunda **nobel** com **novel**, outra palavra oxítona, na acepção de "novo ou novato" – esta, sim, dicionarizada. Formando o plural *novéis*, pode ser adjetivo (*novel guerreiro, novel engenheiro*) ou substantivo (*"Os novéis no ofício de ensinar têm de percorrer o intrincado caminho da arte do altruísmo"* – o Autor).

3. NÓ GÓRDIO

Esta expressão idiomática tem a acepção de "grande dificuldade, situação muito difícil". A forma consagrada é **nó górdio**, e não outras invencionices que se veem por aí: "nó de Górdio" ou "nó gordiano". Pode ser usada em situações como:

O nó górdio do futebol brasileiro está na mercantilização do esporte.

A redução da carga tributária é o nó górdio da proposta de reforma tributária.

Observação: no sentido de "resolver uma situação difícil, por meio de decisão inesperada e enérgica", há a expressão idiomática **cortar o nó górdio**, cuja origem está adstrita à façanha de *Alexandre, o Grande*, rei da Macedônia, o qual, não conseguindo desatar o famoso *nó de Górdio* (= camponês da Frígia), inesperada e

violentamente o cortou com um golpe de espada.

4. SUB-REPTÍCIO E OB-REPTÍCIO

Sub-reptício é adjetivo hifenizado que significa (1) "obtido por meio de sub-repção", ou seja, "ilicitamente, por meio de fraude" *(depoimento sub-reptício*). Ademais, o termo pode ter a acepção (2) de "feito às escondidas, furtivamente" (*tráfico sub-reptício*). Por outro lado, **ob-reptício** é adjetivo igualmente hifenizado que significa "obtido por meio de ob-repção", ou seja, "ardilosamente, dolosamente, ilicitamente, por meio de fraude". Portanto, nesse contexto, *ob-reptício* e *sub-reptício* (sentido 1) são expressões sinônimas. Exemplo: *documento ob-reptício; argumento ob-reptício*.

5. OSTRACISMO

O substantivo **ostracismo** deriva do grego *ostrakismós* (*óstrakon* = ostra). Na Grécia antiga, em cidades como Atenas, havia a praxe de condenar, por meio de plebiscito, cidadãos ao

"ostracismo", *i.e.*, ao desterro temporário, afastando-os de suas funções, como meio de segurança pública ou para evitar a sua atuação e influência política. O vocábulo, portanto, representa a proscrição, o banimento, o exílio. O curioso é notar que o nome do cidadão que se queria banir era escrito em conchas de ostras, razão pela qual surgiu o nome "ostracismo". Por fim, ressalte-se que há impropriedade na utilização do termo como sinônimo de "esquecimento" (*O fato caiu no ostracismo*). Registre-se, todavia, que o Houaiss admite o termo, em sentido figurado, como "afastamento" ou "repulsa", dando o exemplo: *Por sua bisbilhotice a sociedade condenou-o ao ostracismo.*

A HORA DO ESPANTO

As “pérolas” do português

Nesta terra ensi plantando tudo dá

Correção: para percebermos o equívoco cometido, urge perscrutar a origem da máxima em tela, que remonta os idos do descobrimento do Brasil. Tudo começou com uma carta – escrita por Pero Vaz de Caminha, escrivão-mor da armada de Pedro Álvares Cabral –, uma espécie de “certidão de nascimento” da nossa terra. Foi elaborada em linguagem rica de descrição, colorido e com encantamento. É sabido que Caminha não era propriamente um escritor, mas soube prender a atenção do rei D. Manuel, o Venturoso, com o detalhamento, os acenos de riqueza, a possibilidade da cristianização dos índios e, sobretudo, observando que nossa terra era fértil e que nela, “em se plantando, tudo dá”. Portanto, em respeito à História, não desvirtuemos o provérbio, com malabarismos vocabulares (“ensi”). A forma correta é: **Nesta terra, em se plantando, tudo dá**.

Por falar na preposição “em” antes de gerúndio, é imperioso enaltecer que seu uso é simplesmente enfático, portanto, evitável, em orações que exprimem “tempo ou condição”, como nas frases:

Em se tratando de pedras nos rins, devemos proceder à retirada.

Em se plantando, tudo dá.

Em aparecendo a ferida, tome os medicamentos.

“Em chegando a hora, saberei como agir” (Aurélio).

Em chegando ao curso, ligue-me.

QUESTÕES

1. (2016/MPE-GO/MPE-GO/Secretário Auxiliar) Assinale a alternativa em que a palavra "bastante(s)" está empregada corretamente, de acordo com a norma culta da língua.

a) Os rapazes eram bastantes fortes e carregaram a caixa.

b) Há provas bastante para condenar o réu.

c) Havia alunos bastantes para completar duas salas.

d) Temos tido bastante motivos para confiar no chefe.

e) Todos os professores estavam bastantes confiantes.

2. (2016/MPE-GO/MPE-GO/Secretário Auxiliar) Assinale a alternativa cuja concordância verbal obedece às normas gramaticais.

a) Não podem haver rasuras na prova de redação.

b) Águas de Lindóia estão a 180 Km de São Paulo.

c) Cerca de 20% da mata foi destruído.

d) Deve ter entrado, no teatro, mais de duzentas pessoas.

e) A maioria dos moradores gostam de passear na Lagoa do Taquaral.

3. (2016/CESGRANRIO/IBGE/Supervisor de Pesquisas) A frase em que se estabeleceu a concordância verbal de acordo com a norma-padrão é:

a) Existe, ainda, no mundo, pessoas muito pobres.

b) É natural que se jogue coisas inúteis fora.

c) Deve haver muitas pessoas que trabalham nos lixões.

d) Constitui uma forma de violência as desigualdades sociais.

e) É de coisas sem utilidade os dejetos dos lixões.

4. (2016/CESGRANRIO/IBGE/Supervisor de Pesquisas) No que se refere à concordância nominal, respeita-se a norma-padrão na seguinte frase:

a) A pobreza, no mundo de hoje, custa cara.

b) Bastantes são os pobres que sobrevivem dos lixões.

c) Infelizmente, é seletivo a desigualdade.

d) Faz-se necessário uma mudança econômica.

e) Foi achado uma bolsa na portaria.

5. (2016/FCC/Prefeitura de Teresina-PI/Técnico de Nível Superior) Ao flagrar-se representado no

quadro que Gauguin **(I)**, Van Gogh ficou surpreso, porque **(II)** como alguém que **(III)**.

Preenche, correta e respectivamente, as lacunas I, II e III, preservando a correção e a clareza da frase:

a) o apresentou – se reconhecia – estivesse enlouquecendo

b) lhe apresentou – se reconhecera – esteja enlouquecendo

c) lhe apresenta – se reconhecesse – estivera enlouquecendo

d) o apresentasse – se reconheceria – está enlouquecendo

e) lhe apresentara – se reconheceu – estava enlouquecendo

6. (2016/FCC/Prefeitura de Teresina-PI/Técnico de Nível Superior – Analista de Orçamento e Finança Públicas/Adaptada) Alterando-se o elemento sublinhado pelo que se encontra entre parênteses, o verbo em destaque deverá ser flexionado em uma forma do plural em:

a) Em outras palavras, **circula** de modo amplo e difuso em nosso cotidiano uma perspectiva sobre as culturas populares... (certos pontos de vista)

b) **Há** um comentário frequentemente encontrado nos meios de comunicação... (observações)

c) O problema evidentemente não **está** na cultura popular... (nas culturas populares)

d) **Transformou-se** em um grande empreendimento turístico. (projetos turísticos de grande porte)

e) **Pode** ser expresso na forma de um lamento e de um incontido sentimento de nostalgia. (em variantes do luto)

7. (2016/FCC/Prefeitura de Teresina-PI/Analista Tecnológico – Analista de Sistemas) Quanto à concordância, está correta a frase que se encontra em:

a) Ao mencionarmos a palavra "escola", vêm à nossa mente a imagem de professores e estudantes.

b) Entre nós perdura um modelo mais tradicional de como deveriam ser a família.

c) Atualmente, há inúmeras formas de relacionamento, que podem variar de pessoa a pessoa.

d) Ao discutirmos família, estão se refletindo ainda sobre as relações entre homens e mulheres.

e) São ainda com parâmetros tradicionais que se avaliam todo tipo de famílias.

8. (2016/FCC/Copergás-PE/Analista Administrador) A velhinha contrabandista

Todos os dias uma velhinha atravessava a ponte entre dois países, de bicicleta e carregando uma bolsa. E todos os dias era revistada pelos guardas da fronteira, à procura de contrabando. Os guardas tinham certeza que a velhinha era contrabandista, mas revistavam a velhinha, revistavam a sua bolsa e nunca encontravam nada. Todos os dias a mesma coisa: nada. Até que um dia um dos guardas decidiu seguir a velhinha, para flagrá-la vendendo a muamba, ficar sabendo o que ela contrabandeava e, principalmente, como. E seguiu a velhinha até o seu próspero comércio de bicicletas e bolsas.

Como todas as fábulas, esta traz uma lição, só nos cabendo descobrir qual. Significa que quem se concentra no mal aparentemente disfarçado descuida do mal disfarçado de aparente, ou que muita atenção ao detalhe atrapalha a percepção do todo, ou que o hábito de só pensar o óbvio é a pior forma de distração.

(VERISSIMO, Luis Fernando. O mundo é bárbaro. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008, p. 41)

Está plenamente clara e correta a redação deste livre comentário sobre o texto:

a) Embora revistada pelos guardas da fronteira, supondo que a velhinha contrabandeava, isso jamais foi localizado.

b) Ao atravessar a fronteira, a velhinha era sintomaticamente revistada pelos guardas, embora esses nada lhe encontrassem.

c) Tira-se várias lições a partir desta pequena narrativa, mesmo por que todas convergem na mesma direção de sentido.

d) Ninguém imagina que um contrabando se faça à vista de todos, pois sempre se espera que um delito seja disfarçado.

e) É comum, de fato, que uma evidência se dê tão desapercebida que mau acreditamos naquilo que se vê.

9. (2016/VUNESP/MPE-SP/Analista Técnico Científico)

A República dos Estados Unidos da Bruzundanga tinha, como todas as repúblicas que se prezam, além do presidente e juízes de várias categorias, um Senado e uma Câmara de Deputados, ambos eleitos por sufrágio direto e temporários ambos, com certa diferença na duração do mandato: o dos senadores, mais longo; o dos deputados, mais curto.

O país vivia de expedientes, isto é, de cinquenta em cinquenta anos descobria-se nele um produto que ficava sendo a sua riqueza. Os governos taxavam-no a mais não poder, de modo que os países rivais, mais parcimoniosos na decretação de impostos sobre produtos semelhantes, acabavam, na concorrência, por derrotar a Bruzundanga; e, assim, ela fazia morrer a sua riqueza, mas não sem os estertores de uma valorização duvidosa. Daí vinha que a grande nação vivia aos solavancos, sem estabilidade financeira e econômica; e, por isso mesmo, dando campo a que surgissem, a toda hora, financeiros de todos os seus cantos e, sobretudo, do seu parlamento.

Naquele ano, isto dez anos atrás, surgiu na sua Câmara um deputado que falava muito em assuntos de finanças, orçamentos, impostos diretos e indiretos e outras coisas cabalísticas da ciência de obter dinheiro para o Estado.

Chamava-se o deputado Felixhimino ben Karpatoso. Se era advogado, médico, engenheiro ou mesmo dentista, não se sabia bem; todos tratavam-no de doutor, embora nada se conhecesse dele.

(Lima Barreto, Um grande financeiro. Os bruzundangas. Adaptado)

Assinale a alternativa que reescreve passagem do texto respeitando a norma-padrão de concordância verbal e nominal.

a) Bastava cinquenta anos para que fosse descoberto no país produtos novos, que acabava sendo a riqueza do país.

b) Os mandatos de senador e deputado durava tempo diferente, sendo mais longos o dos primeiros.

c) a Bruzundanga haviam Senado e Câmara de Deputados, que o povo, em massa, apoiavam confiantes.

d) Naquele ano, isto já faziam dez anos, surgiu um deputado muito bem falante em assuntos financeiros.

e) Todas as repúblicas que se prezam possuem Senado e Câmara escolhidos pelos cidadãos, o mais possível confiantes em seus representantes.

10. (2016/VUNESP/Prefeitura de Alumínio-SP/Procurador Jurídico)

Em busca do tempo perdido

Houve um tempo, já um pouco distante, em que fui perseguido tenazmente por uma mesma pergunta. Nas dezenas de entrevistas a que fui submetido, tive de responder que rodava mil e quinhentos quilômetros por semana. Isso não pareceria nada estranho aos repórteres se eu fosse um motorista profissional, mas era professor.

O significado que a pergunta começou a formular em minha consciência, contudo, eclodiu passado algum tempo, quando uma repórter, com ar meio incrédulo, acrescentou: "Mas então quantas horas o senhor passa dentro do carro a cada semana?" Pronto, estava estabelecido o conflito íntimo. A partir de então comecei a fazer cálculos, a estabelecer porcentagens, comecei a me torturar. Quanto tempo da minha vida estava jogando fora por semana, por mês, por ano?

Torturei-me durante algumas semanas com essa ideia. Pensei até em mudar de profissão. Jogar fora nas estradas meu precioso tempo pareceu-me de uma irresponsabilidade sem perdão.

Dias depois me lembrei de um poema de Mario Quintana, lido há muitos anos e nunca mais encontrado. Era sobre a passagem do trem por uma estaçãozinha. Havia os que chegavam e havia os que partiam. Além deles havia os que não chegavam nem partiam, apenas ficavam olhando as pessoas nas janelas do trem e sonhando com o mundo além, o mundo possível se houvesse a coragem de partir. E ele arrematava com uns poucos versos em que dizia não importar a estação de partida nem a de chegada. O que vale mesmo, dizia o mago do Caderno H, é a viagem.

O poema de Mario Quintana devolveu-me a paz. Sem me sentir culpado por estar jogando fora a vida pela janela do carro, voltei a usar o tempo das travessias, em que o corpo estava preso e condicionado a uns poucos movimentos mecânicos, para soltar a imaginação. Assim foi que, no azul do céu, quase sempre muito azul, debaixo do qual costumava viajar, começaram a surgir revoadas de palavras que aos poucos e aos bandos se combinavam, pintavam cores e formas, botavam algumas ideias respirando e de pé.

(Menalton Braff. <www.cartacapital.com.br/sociedade/em-busca-do-tempo-perdido-8754.html>, 3.5.2014. Adaptado)

Assinale a alternativa que apresenta o substituto correto para a construção destacada.

a) Nas dezenas de entrevistas a que fui submetido... (1º parágrafo) – às quais concedi

b) Torturei-me durante algumas semanas... (3º parágrafo) – Sujeitei-me à tortura

c) Dias depois me lembrei de um poema de Mario Quintana... (4º parágrafo) – reportei-me

d) ... apenas ficavam olhando as pessoas nas janelas do trem... (4º parágrafo) – examinando às

e) O poema de Mario Quintana devolveu-me a paz. (5º parágrafo) – deu-me à paz de volta

11. (2016/VUNESP/Prefeitura de Alumínio-SP/Procurador Jurídico) A frase redigida corretamente,

quanto à concordância padrão, é:

a) Faz alguns anos, alguns repórteres dirigiram a mim uma pergunta que passou a me incomodar.

b) Na maioria das vezes, as perguntas que me eram feitas não me deixava muito constrangido.

c) Os repórteres ficavam intrigados com o fato de ser gasto muitas horas para ir ao trabalho.

d) Aos poucos, começou a me incomodar as horas que eu perdia dentro do carro nas estradas.

e) Passei a me preocupar com cálculos e porcentagens, o que se mostraram extremamente torturante.

12. (2016/VUNESP/Prefeitura de Alumínio-SP/Procurador Jurídico) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas do texto a seguir.

No caminho de Swann é o primeiro da série de sete romances que compõem a obra Em busca do tempo pedido, de Marcel Proust. Teve em Mario Quintana um leitor arguto, que para o português e preservou o alto teor lírico do texto original, certamente sua sensibilidade criativa.

a) o traduziu ... lhe emprestando

b) traduziu-o ... emprestando-lhe

c) lhe traduziu ... o emprestando

d) o traduziu ... emprestando-o

e) traduziu-lhe ... emprestando-lhe

(2016/MPE-S/MPE-SCP/Promotor de Justiça/Adaptada) Examine as frases abaixo para responder às questões a seguir.

a) Viveríamos bem melhor se não houvessem conflitos.

b) Os deputados haviam abandonado a sala.

c) Nossos alunos se houveram bem neste concurso público.

d) Até hoje houve duas guerras mundiais.

e) Deve haver muitas pessoas interessadas neste parecer.

13. Em "a", a forma verbal houvessem está empregada corretamente e corresponde a existissem.

( ) Certo ( ) Errado

14. As frases "b" e "c" estão gramaticalmente corretas; nelas o verbo haver é pessoal e possui sujeito.

( ) Certo ( ) Errado

15. As frases "d" e "e" estão gramaticalmente corretas; nelas o verbo haver é impessoal.

( ) Certo ( ) Errado

16. (2016/FGV/IBGE/Técnico em Informações Geográficas e Estatísticas/Adaptada)

Diploma superior é privilégio de apenas 13%

Quando se avalia o nível de instrução da totalidade de brasileiros acima de 25 anos, mais de metade da população (57,5%) tem no máximo o ensino médio completo, sendo que 32% não completaram o ensino fundamental. Uma graduação universitária é privilégio de apenas 13,1% das pessoas (contra 12,6% em 2013).

Os números também chamam atenção para a necessidade de se aprimorar o ensino nas escolas públicas, que são frequentadas por 76,9% dos alunos brasileiros (contra 75,7% em 2013). Mas a frequência escolar como um todo vêm aumentando, e tem seu maior patamar entre crianças de 6 a 14 anos: 98,5% nesta faixa etária estão na escola.

Quando se contempla a população como um todo, o número médio de anos de estudo escolar é de 7,7. Aqui também há disparidades regionais: o Sudeste apresenta a maior média, de 8,4 anos, enquanto Norte e Nordeste registraram o menor tempo médio na escola, 7,2 e 6,6 anos, respectivamente.

Fonte: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/11/151113_resultados_pnad_jc_ab

Uma falha de digitação ocasionou um erro de concordância no seguinte trecho:

a) "mais de metade da população (57,5%) tem no máximo o ensino médio completo";

b) "32% não completaram o ensino fundamental";

c) "Mas a frequência escolar como um todo vêm aumentando";

d) "98,5% nesta faixa etária estão na escola";

e) "Aqui também há disparidades regionais".

17. (2016/FGV/IBGE/Técnico em Informações Geográficas e Estatísticas/Adaptada) A concordância verbal que mostra um caso idêntico a "Água e luz avançam" é:

a) "As piores médias estão no Norte (21,2%), no Nordeste (41,1%) e no Centro-Oeste (46,5%)";

b) "De um ano para o outro, 1,2 milhão de casas passaram a contar com esgoto";

c) "Norte e Nordeste registraram o menor tempo médio na escola";

d) "o número de residências com computador teve a primeira leve queda em 2014, de 49,5% para 49,2%";

e) "o número de crianças em situação de trabalho infantil era quase o triplo do número atual".

18. (2016/VUNESP/Prefeitura de São Paulo-SP/Analista Fiscal de Serviços)

O mundo vive hoje um turbilhão de sentimentos e reações no que diz respeito aos refugiados. Trata-se de uma enorme tragédia humana, à qual temos assistido pela TV no conforto de nossas casas.

Imagens dramáticas mostram famílias inteiras, jovens, crianças e idosos chegando à Europa em busca de um lugar supostamente mais seguro para viver. Embora os refugiados da Síria tenham ganhado maior destaque, existem ainda os refugiados africanos e os latino-americanos.

Dentro da América Latina, vemos grandes migrações, uma marcha de pessoas que buscam o refúgio, mas que terminam em uma espécie de exílio.

O Brasil, que sempre se destacou por sua capacidade de acolher diferentes culturas, apresenta uma das sociedades com maior diversidade. Podemos afirmar nossa capacidade de lidar com o multiculturalismo com bastante naturalidade, embora, muitas vezes, a questão seja tratada de maneira superficial. Por outro lado, o preconceito existente, antes disfarçado, deixou de ser tímido e passou a se manifestar de forma aberta e hostil.

Comparado a outros países, o Brasil não recebe um número elevado de refugiados, e a maioria da sociedade brasileira aceita-os, acreditando que é possível fazer algo para ajudá-los, mesmo diante do momento crítico da economia e da política.

Diante desse cenário, destacam-se as iniciativas de solidariedade, de forma objetiva e praticada por jovens estudantes de nossas universidades. Com a cabeça aberta e o respeito ao diferente, muitos deles manifestam uma visão de mundo que permite acreditar em transformações sociais de base.

(Soraia Smaili, Refugiados no Brasil: entre o exílio e a solidariedade. Disponível em: <www.cartacapital.com.br>, 02.02.2016. Adaptado)

Observando as grandes migrações na América Latina, fica evidente que , apesar de todos .

Assinale a alternativa cujas informações preenchem, correta e respectivamente, as lacunas da frase, de acordo com a norma-padrão.

a) ainda está presente a discriminação e a falta de solidariedade … ser herdeiro dos mesmos processos colonizador

b) a discriminação e a falta de solidariedade ainda estão presente … sermos herdeiros dos mesmos processos colonizadores

c) a discriminação e a falta de solidariedade ainda estão presentes … sermos herdeiros dos mesmos processos colonizadores

d) a discriminação e a falta de solidariedade ainda está presente … sermos herdeiro dos mesmos processos colonizadores

e) ainda estão presentes a discriminação e a falta de solidariedade … ser herdeiros dos mesmos processo colonizador

19. (2016/FUNCAB/CREA-AC/Analista de Sistema/Adaptada) Considere as seguintes afirmações sobre aspectos do texto:

I. Na frase "Se fosse possível fazer, se daqueles míseros despojos fúnebres se pudesse fazer alguns contos de réis, como não seria bom para todos eles!" as palavras MÍSEROS e FÚNEBRES concordam com DESPOJOS.

II. Atentando para o uso do sinal indicativo de crase, o A, em todas as ocorrências no segmento "Mas, qual não foi a surpresa dos seus habitantes quando se veio a verificar nela um dos repugnantes crimes", deveria ser acentuado.

III. Na frase "Às necessidades de cada um, aqueles ossos que eram ouro viriam atender, satisfazer e felicitá-LOS", o elemento destacado substitui, no contexto, o vocábulo OSSOS.

Está correto apenas o que se afirma em:

a) I e II.

b) II e III.

c) III.

d) II.

e) I.

20. (2016/ESAF/ANAC/Analista Administrativo) Assinale a opção correspondente a erro gramatical inserido no texto.

A Embraer S.A. atualmente é destaque (1) internacional e passou a produzir aeronaves para rotas regionais e comerciais de pequena e média densidades (2), bastante (3) utilizadas no Brasil, Europa e Estados Unidos. Os modelos 190 e 195 ocupou (4) o espaço que era do Boeing 737.300, 737.500, DC-9, MD-80/81/82/83 e Fokker 100. A companhia brasileira é hoje a terceira maior indústria aeronáutica do mundo, com filiais em vários países, inclusive na (5) China.

<http://www.portalbrasil.net/aviacao_historia.htm>. Acesso em: 13 dez. 2015 (com adaptações).

a) é destaque

b) densidades

c) bastante

d) ocupou

e) inclusive na

Gabarito: 1. c; 2. e; 3. c; 4. b; 5. e; 6. a; 7. c; 8. d; 9. e; 10. b; 11. a; 12. a; 13. errado; 14. certo; 15. certo; 16. c; 17. c; 18. c; 19. e; 20. d

1 A forma **tal qual** tem concordância interessante: *tal* concorda com o substantivo anterior e *qual*, com o posterior.

Exemplos:

O filho é tal qual o pai.		*Os sobrinhos são tais quais os tios.*
O filho é tal quais os pais.		*Os sobrinhos são tais qual o tio.*

Se o elemento anterior for verbo, o *tal* ficará invariável; se o elemento posterior for verbo, o *qual* ficará invariável.

Exemplos:

Os soldados agem tal quais as ordens do capitão. *Os dados devem ser reproduzidos tal quais as leis.*	*Os soldados agem tal qual forem as ordens do capitão.* *Os dados devem ser reproduzidos tal qual forem apresentados na lei.*

2 O vocábulo **mesmo** é bastante comum depois de substantivo ou pronome pessoal, aparecendo como *palavra de realce*. Pode ser substituído por *próprio* ou *própria*. Exemplo:

Eles mesmos recorreram.	*Pensaram consigo mesmos.*	*Por si mesma, tomou a decisão.*

É patente que seu uso denota pobreza estilística, todavia sua gramaticalidade é incontestável, o que abona a forma (a propósito, ver o art. 867 do CPC e o art. 886, § 1º, da CLT). Na verdade, o que se condena é o uso de "mesmo" como "sujeito", substituindo o pronome.

Observe a erronia:

"Ela chegou ontem, e a mesma virá aqui amanhã".

Corrigindo: *Ela chegou ontem e virá aqui amanhã.*

3 É comum, mesmo em bons autores, encontrar **alerta** como *adjetivo*, sendo variável. Exemplo:

Eram pessoas alertas, não deixavam escapar nada.

Ressalte-se que, se *alerta* tiver a acepção de *substantivo*, deverá concordar normalmente. Exemplo:

Foi dado um alerta – Foram dados dois alertas.

4 Quando se pretende entregar correspondência ou encomenda a um destinatário, sendo a entrega feita por um particular, e não pelo correio, deve-se preferir a forma **em mão** à expressão pluralizada "em mãos". No entanto, ressalte-se que ambas são toleráveis.

5 É inadequado usar a locução prepositiva com a partícula *a*. É erro palmar. A forma correta é **de maneira que**. Evite, pois, "de forma a que", "de maneira a que" ou "de modo a que". Exemplos de incorreções:

"Ele age de forma a que todos o observem".

"Ele busca os dados precisos em fontes confiáveis e os apresenta de maneira a que possam ser entendidos por todos".

"Se lhes confias meu propósito de aceder ao convite, eu o farei de modo a que não suscite controvérsias" (Ciro dos Anjos, *Abdias*, p. 62, *apud* Cegalla, 1999, p. 107).

"Nos últimos anos ocorreu-lhes substituir os números por adivinhações, de modo a que o prêmio se repartisse entre todos os que acertassem" (Gabriel García Márquez, *Cem Anos de Solidão*, p. 323, tradução, Ed. Record, 1995, *apud* Cegalla, 1999, p. 107).

6 **Meia**, na frase, é *numeral* e deve concordar com o termo *dúzia*.

7 **Meia**, na frase, é *numeral* e deve concordar com o termo *hora*, que está omitido.

8 O emissor inclui-se entre os homens. O "nós" está implícito.

9 Na frase, o adjetivo *soltos* não concorda com a forma singular e feminina da palavra *bandidagem*, mas com sua ideia ("os bandidos"). É caso simultâneo de silepse de gênero e de número.

10 Apesar de estar no singular, o vocábulo *povo* apresenta *ideia plural*, pois é coletivo. Como o verbo se encontra distante do termo, pode concordar com tal ideia, no plural.

6 PONTUAÇÃO

O VALOR ESTILÍSTICO DA PONTUAÇÃO

A *pontuação* é mais do que sinais gramaticais usados para separar orações, introduzir diálogos e citações ou indicar tipos de frases. Também, e principalmente na linguagem oral, a pontuação assume papel importantíssimo no ato comunicativo. O orador deve ter em mente os sinais de pontuação que marcam seu pensamento e dizê-los, não explicitamente, mas por meio do ritmo e do tom em que ordena sua frase, fazendo da pontuação um precioso material sintático de conteúdo psíquico e estilístico. É, então, recurso utilizado pelo escritor-falante para reger a leitura do receptor, como se fosse ela a "batuta do maestro", tornando o ritmo ora lento, ora rápido, ora suave, ora agitado, enfim, encaminhando as ideias para a direção semântica perseguida pelo emissor da mensagem.

É preciso, assim, leitura esforçada de boas gramáticas para obter o redator (e também o orador) um aproveitamento eficaz dos sinais de pontuação que marcam, sobretudo, a pausa e a entonação. A propósito, a pausa cuida da duração frasal e encontra-se em estreita relação com a inflexão melódica.

Como este material não tem a pretensão de ser uma "gramática" compilada com a preocupação de açambarcar a plenitude das regras do vernáculo, e sim um *guia* voltado ao esclarecimento de dúvidas mais frequentes do dia a dia, nós nos ateremos aos usos da **vírgula** – o principal sinal de pontuação.

6.1. VÍRGULA

A *vírgula* (**,**) é o sinal de pontuação que indica uma pausa de pequena duração, sem marcar o término do enunciado. O seu uso deve obedecer às regras impostas pela pontuação adequada por força dos ditames da sintaxe. Assim, deve o usuário da Língua dominar as situações que tangenciam a aplicação do sinal, haja vista ser a vírgula o instrumento que desempenha crucial papel na estruturação do enunciado frasal.

Vamos conhecer os casos de aplicação da vírgula.

1. Para separar palavras e orações 1, dispostas em elementos enumerados:

- Livros, discos, revistas, jornais estavam espalhados.
- Há livros, réguas, canetas e pastas.
- Receptação, tráfico de drogas e estupro merecem penas mais rudes.
- Contestarei os fundamentos da sentença, do acórdão do despacho denegatório de seguimento de recurso especial.

- Falante, sorridente, simpático, conversador, o homem deixou todos à vontade.
- A terra, o mar, o céu, tudo apregoa a glória de Deus.
- Os homens chegam, olham, perguntam e prosseguem.
- "Um beijo pode ser uma vírgula, um ponto de interrogação ou um ponto de exclamação" (Mistinguette).
- "Sem você, sem amor, é tudo sofrimento (...)" (verso da canção Sem Você, Tom Jobim e Vinicius de Moraes).

Observações:

a) Em enumerações marcadas pela repetição da conjunção *e*, utilizada para introduzir cada um dos núcleos, teremos a ocorrência obrigatória da vírgula. Trata-se da presença do *polissíndeto*. Exemplos:

- E homens, e mulheres, e crianças, e todos, enfim, perseguem o mesmo ideal.
- E ia, e voltava, e ia, e voltava, e tentava outra vez.
- Exige atenção, e carinho, e dedicação, e devoção exclusiva.
- "E suspira, e geme, e sofre, e sua..." (Olavo Bilac).

b) As enumerações podem ser finalizadas com a inserção de elementos, tais como *e*, *ou*, *nem*. Nesses casos, a vírgula cederá lugar a tais termos. Exemplos:

- Ônibus, automóveis e caminhões ficaram retidos no pedágio.
- Um touro, um búfalo ou um cavalo deve ter feito esse estrago.
- Não ocorreram protestos, reclamações nem intervenções durante a reunião.

2. Para separar vocativos 2, apostos 3 e predicativos 4:

a) Em caso de *vocativos*:

- Ora, Excelência, faz-se mister enaltecer a presença da prova.
- Meus queridos, prestem atenção ao que o professor vai lhes dizer.
- Jesus Cristo, que tristeza!
- Ninguém, meu jovem, vai sair.
- Motoristas, obedeçam às normas de trânsito.
- "Donde houveste, ó pélago revolto, esse rugido teu?" (Gonçalves Dias).

b) Em caso de *apostos*:

- José, juiz de Direito, é educado.
- Apenas duas mulheres compareceram, a mãe e a filha.
- Faço-lhe um pedido, comparecer amanhã ao escritório.
- O Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, viajará amanhã.
- Os melhores alunos do Curso, estudantes obstinados e disciplinados, dedicavam-se, dia a dia, à empreitada escolhida.

Observação: nesses casos de *apostos*, é possível substituir o uso das vírgulas pelo travessão. Exemplos:

- Apenas duas mulheres compareceram – a mãe e a filha.
- Faço-lhe um pedido – comparecer amanhã ao escritório.
- A Presidenta da República – Dilma Rousseff – viajará amanhã.
- Sócrates – o grande filósofo – discursou.
- A ordem do chefe – para que todos se calassem –, não obstante arbitrária, "venia concessa", parece, "grosso modo", ter sido cumprida.
- Os melhores alunos do curso – estudantes obstinados e disciplinados – dedicavam-se, dia a dia, à empreitada escolhida.

c) Em caso de *predicativos* (antepostos ou intercalados):

- Lentos e tristes, os retirantes iam passando.
- Ansiosos pelo encontro, todos correram à escola.
- Linda e formosa, quero-a.

3. Para separar orações intercaladas ou interferentes 5:

A História, diz Cícero, é a mestra da vida.

Há, segundo afirmam, provas suficientes no processo.

4. Para separar certas expressões explicativas ou corretivas, tais como:

(,) isto é (,)	**(,) a saber (,)**	**(,) por exemplo (,)**	**(,) ou melhor(,)**
(,) *i.e.* (,)			

("id est" = isto é)	**(,) *v.g.* (,)** **("verbi gratia" = por exemplo)**	**(,) *e.g.* (,)** **("exempli gratia" = por exemplo)**	**(,) "data venia" (,)**
(,) com a devida vênia (,)	**(,) "data maxima venia" (,)**	**(,) "concessa venia" (,)**	**(,) "permissa venia" (,)**

- O amor, isto é, o mais forte e sublime dos sentimentos humanos.
- "O amor, por exemplo, é um sacerdócio" (Machado de Assis).
- Os requerentes, "data venia", discordaram de seu posicionamento.
- O governo disse que vai flexibilizar custas, ou seja, vai aumentar tarifas e taxas de juros.
- O fiscal disse que foi comprado, digo, que foi comprar flores no estabelecimento do indiciado.
- O indiciado, ou melhor, o declarante, diz desconhecer qualquer fato criminoso envolvendo seu irmão.

5. Quando se tratar de orações subordinadas adverbiais 6:

Regra geral:

vírgula optativa: *se a oração subordinada vier posposta à oração principal;*

vírgula obrigatória: *se a oração subordinada vier intercalada ou anteposta à oração principal.*

Exemplos:

- Decisões importantes devem ser tomadas, a fim de que se evitem mais danos (vírgula optativa).
- Logo estaríamos em casa, se tudo desse certo (vírgula optativa).
- Quando saímos de lá, fomos para casa (vírgula obrigatória).
- Fizemos, conforme fora combinado, todo o possível para vencer (vírgula obrigatória).

6. Para separar adjuntos adverbiais 7:

- Os convidados, depois de algum tempo, chegaram ao clube.
- Muitos espíritos, sem dúvida, passarão a duvidar.
- "Eis que, aos poucos, lá para as bandas do Oriente, clareia um cantinho do céu" (Visconde de Taunay).

Observações:

a) Se o adjunto adverbial estiver posposto (após o verbo e seus complementos), a vírgula será facultativa; no entanto, se vier anteposto ou intercalado, a vírgula será obrigatória. Exemplos:

- No outono passado, houve vários episódios semelhantes (vírgula obrigatória).
- Houve vários episódios semelhantes, no outono passado (vírgula optativa).
- Durante aquela semana, encontrei vários amigos (vírgula obrigatória).
- Encontrei, durante aquela semana, vários amigos (vírgula obrigatória).
- Encontrei vários amigos, durante aquela semana (vírgula optativa).
- Daqui a dois anos, depararemos com um cenário diferente (vírgula obrigatória).
- Depararemos, daqui a dois anos, com um cenário diferente (vírgula obrigatória).
- Depararemos com um cenário diferente, daqui a dois anos (vírgula optativa).

Verifiquemos outros casos:

- Recentemente, não tenho visto sentenças com esse teor.
- O reclamante, presumivelmente, fala a verdade.
- É o que, sucintamente, se tem a expender.
- Em breve relatório, a autoridade policial deu realce ao documento inidôneo.
- Ontem à noite, houve mais quatro homicídios no bairro.
- Faça, se possível, uma homenagem a seus amigos.
- O Promotor de Justiça, com fervor, postulava a condenação do réu.

b) Os adjuntos adverbiais de pequena extensão terão tratamento diferenciado, isto é, serão acompanhados, facultativamente, pela vírgula, quer venham antepostos, quer venham pospostos ao verbo. Exemplos:

- Ontem, procedemos à análise do feito – Ontem procedemos à análise do feito.

Nesse passo, teremos:

- Procedemos à análise do feito, ontem – Procedemos à análise do feito ontem.

7. Para indicar a supressão ou elipse 8 do termo:

- Uns dizem que se matou; outros, que foi morto.
- O pensamento é triste; o amor, insuficiente.
- Eu faço edículas; você, casas.
- Ele toma chope; ela, cerveja.
- Eu prefiro bolo; ela, torta; ele, bolachas.
- "Uma flor, o Quincas Borbas" (Machado de Assis).
- "Os jovens buscam a felicidade na novidade; os velhos, nos hábitos" (P. Courty).
- As preliminares foram rejeitadas, e o mérito, provido.
- Ele fica com os melhores casos e eu, com as sobras.

Observação: aceita-se, quando se usa o advérbio **não** para acompanhar verbo omitido, que a vírgula demarcadora da omissão seja colocada antes da negação. Exemplo:

- Eu votei no atual candidato. Você, não.

8. Para separar certas conjunções (intercaladas ou não), tais como: porém, contudo, pois, entretanto, portanto, entre outras:

- Os estudos, porém, foram encerrados.
- Eles, contudo, abandonaram a cidade.
- Meu amigo precisa de mim; devo, pois, ajudá-lo.

9. Para separar o nome de locais e os instrumentos normativos, antes das datas que se seguem:

- São Paulo, 2 de janeiro de 2012.
- Lei n. 5.172, de 25 de outubro de 1966.
- Decreto n. 5.765, de 18 de dezembro de 1975.

10. Para separar orações unidas pela conjunção "e", quando:

a) Houver orações com sujeitos distintos:

- O concurso foi difícil, e os candidatos tiveram dificuldades.
- Uma mão lava a outra, e a poluição suja as duas.
- O desembargador deu voto a nosso favor, e o terceiro juiz pediu vista.

b) Tal conjunção tiver o sentido de uma conjunção coordenativa adversativa (*mas*):

- Todo político promete, e não cumpre.
- Tivera a grande chance de sua vida, e a deixara escapar.
- Estudou, e foi reprovado.
- Quase morri de tanto estudar, e tirei nota baixa.
- Utilizei os seus serviços, e não os paguei.

c) Tal conjunção for utilizada para introduzir cada um dos núcleos, à luz do chamado *polissíndeto*.

- E homens, e mulheres, e crianças, e todos, enfim, perseguem o mesmo ideal.
- E ia, e voltava, e ia, e voltava, e tentava outra vez.
- Exige atenção, e carinho, e dedicação, e devoção exclusiva.
- "E suspira, e geme, e sofre, e sua..." (Olavo Bilac).

11. Para separar objeto direto ou indireto antecipado9, em períodos compostos por oração pleonástica:

- Dúvidas, ninguém as tem.
- Aos poderosos, nada lhes devo.
- Elas, eu não as quero.
- O dinheiro, o homem o trazia.
- O âmago do problema – muitos o veem, poucos o enxergam.
- Aqueles comentários, quem não os rebateu perdeu a chance.

12. Para separar a oração principal da oração subordinada adjetiva explicativa 10:

- A vida, que é combate, deve ser vivida com intensidade.

Oração principal: A vida deve ser vivida com intensidade.

Oração subordinada adjetiva explicativa: que é combate.

Acompanhe outros exemplos:

- O sol, que é uma estrela, aquece a Terra.
- Deus, que é nosso Pai, salvar-nos-á.
- Caio, que é honesto, livrar-se-á das dívidas só daqui a dez anos...
- Ele, que trabalhou duramente, não ganhou nada.

• Para uns, que são aprovados, a alegria é grande.

• Minha irmã, que já é falecida, sempre pedia que eu não entrasse na vida política.

• O artigo 43 do Código Penal, que trata das penas alternativas, foi alterado.

• Meu avô, que não sabe dizer não, acabou cedendo às minhas solicitações.

• O prefeito, que não tem sequer o primeiro grau completo, faz belos discursos.

• O governador aprovou a licitação, que desde já conta com suspeita de fraude.

• O discurso do Presidente, que era longo e tedioso, não surtiu o efeito pretendido.

• O advogado, que me pareceu muito sério, enviou sua proposta de acordo.

• A sentença de fls. 115, que decidiu o agravo, está muito bem fundamentada.

Importante: quando se tratar de *oração subordinada adjetiva restritiva*, não há que se empregar a vírgula:

• Pedra que rola não cria limo.

Oração principal: Pedra não cria limo.

Oração subordinada adjetiva restritiva: que rola.

Acompanhe outros exemplos:

• Os animais que são carnívoros são perigosos.

• Ao término do trabalho, os homens que estavam no prédio foram embora.

• Meu primo que mora em Chicago escreveu dizendo que vai se mudar.

• A moça que trabalha no almoxarifado veio pedir aumento de salário.

• A decisão que indeferiu a produção de prova afronta vários princípios constitucionais.

• O homem que carregava uma mala preta veio conversar comigo ontem.

• O prédio onde moro tem sérios problemas de vazamento.

• Todos querem que seja condenado o homem que matou os próprios pais.

• O advogado disse que a sentença que me condenou é passível de nulidade.

• O acórdão que decidiu o agravo é visivelmente contraditório.

• O funcionário que me atendeu disse que tudo estava resolvido.

Agora, perceba, nos exemplos adiante, a intenção de restringir ou de explicar, analisando a ausência e a presença da vírgula:

- Meu sócio que faz direito previdenciário infelizmente não virá à reunião.
- Meu sócio, que comprou um carro novo, está em litígio com a vendedora de veículos.
- O bairro onde moro está uma desordem.
- O bairro do Tatuapé, onde moro há anos, está uma sujeira.
- O país que tem o melhor carnaval é o que tem graves problemas sociais.
- O Brasil, que tem o melhor carnaval do mundo, é o que tem graves problemas sociais.
- O advogado que litiga nesta causa é muito sensato.
- O doutor Roberto, que litiga nesta causa, é muito sensato.

Como se percebe, a vírgula pode alterar o sentido da frase. Observe que a pausa pode definir o sentido explicativo ou restritivo da oração subordinada adjetiva. Daí ser necessário atenção para que se evite a alteração grave no contexto de todo o período. Vejamos mais um exemplo:

(1) *Ganham pouco dinheiro os fiéis* que têm preguiça de trabalhar como decoradores (restritiva).

(2) *Ganham pouco dinheiro os fiéis,* que têm preguiça de trabalhar como decoradores (explicativa).

Explicando: é perceptível como a vírgula altera totalmente o sentido da frase. Na primeira **(frase 1)**, a oração adjetiva diz que somente os fiéis que têm preguiça ganham pouco dinheiro. Na segunda **(frase 2)**, afirma-se que todos os fiéis têm preguiça e também ganham pouco dinheiro.

13. Antes de "mas também", "como também" (em correlação com "não só"):

Não só escreve bem, como também fala cinco idiomas.

14. Em frases de respostas, após o "sim" ou o "não" emitidos:

Você é brasileiro? Sim, nasci no Brasil.

Há dúvidas na explanação? Sim, várias.

15. Para separar as ideias paralelas dos provérbios:

Casa de ferreiro, espeto de pau.

Mocidade ociosa, velhice vergonhosa.

7.2. A NÃO APLICAÇÃO DA VÍRGULA

Passemos, agora, para os casos em que **não** se deve empregar a vírgula. A legenda **[xxxxx]** indica que não pode haver a vírgula no local indicado.

1. Entre sujeito 11 e predicado 12. Exemplos:

- Atletas de várias nacionalidades **[xxxxx]** participarão da grande maratona.
- Várias tentativas de estabelecer uma nova relação entre os setores produtivo e financeiro **[xxxxx]** resultaram em fracasso.
- O egrégio Tribunal Regional Federal da 4ª Região **[xxxxx]** decidiu favoravelmente ao meu constituinte.

São, portanto, **erradas** *as construções a seguir:*

"O doutor Pedro Paulo **(,)** *esteve aqui à sua procura".*

"Toda a jurisprudência **(,)** *é favorável a meu cliente".*

"A sentença **(,)** *não foi devidamente fundamentada".*

"A colenda Quarta Câmara de Férias do egrégio Primeiro Tribunal de Alçada Civil de São Paulo **(,)** *julgou todos os processos que lhe foram submetidos".*

Observação: se, entre o sujeito e o verbo, ocorrer a intercalação de um termo com pausas obrigatórias, terão lugar as vírgulas. Vejamos: *Meus olhos, devido à fumaça, ardiam muito.*

2. Entre o verbo e seus complementos:

- Dona Elza pediu ao diretor do colégio **[xxxxx]** que colocasse o filho em outra turma.

São **erradas** *as construções abaixo:*

"Todos desejavam **(,)** *sua ilustre presença".*

"Quero livrar-me **(,)** *deste pesado fardo".*

"O réu confirmou **(,)** *todo seu preciso depoimento".*

3. Nas orações subordinadas substantivas:

As orações subordinadas substantivas **não** são separadas da oração principal por vírgulas, exceção feita à subordinada **apositiva**. Esta, porque tem função de *aposto*, vem sempre isolada da oração principal por meio de vírgula, travessão ou dois pontos. Exemplos:

- Eu queria **[xxxxx]** que você soubesse de todos os problemas (objetiva direta).
- É impossível **[xxxxx]** que não haja prova sobeja (subjetiva).
- Só lhe faço uma observação: **[xxxxx]** que não desrespeite seus colegas (apositiva).

Portanto, são **erradas** *as construções a seguir:*

"Não procede agora a afirmação **(,)** *de que o autor não pode arcar com as despesas processuais".*

"Ele me inquiriu **(,)** *se eu já havia terminado o trabalho".*

"A vítima diz **(,)** *que todos os tiros foram efetuados por um só homem".*

"O Superior Tribunal de Justiça tem decidido **(,)** *que não há crimes nesses atos".*

"Só haveria desentendimento se ele soubesse **(,)** *que todos os recibos são inidôneos".*

4. Antes de *oração adverbial consecutiva*, ou seja, aquela que exprime uma consequência, um efeito ou resultado:

- O vento soprou tão forte <u>que arrancou mais de uma árvore</u>.
- Fazia tanto frio <u>que os dentes rangiam</u>.
- A neblina era tão espessa <u>que não se enxergava nada</u>.
- "Bebia <u>que era uma lástima</u>!" (Ribeiro Couto).
- "Tenho medo disso que me pelo!" (Coelho Neto).

Observação: registre-se, em tempo, que tal regra comporta controvérsias, havendo entendimento no sentido de que a vírgula deve ser empregada.

Por fim, vale a pena recapitularmos as regras até aqui estudadas, na trilha de Rodríguez (2000: 345-346), o qual enumera em sua obra vários exemplos de frases jurídicas com aplicação apropriada da vírgula. Aprecie alguns exemplos:

"Eu defendo o devedor principal. Meu amigo, o fiador.

O oficial de justiça, funcionário dotado de fé pública, certificou a aludida citação.

O réu, ou melhor, o ora apelante, pede justiça.

Depois da tempestade, vem a calmaria.

Porque você disse que viria, eu mandei fazer sua comida predileta.

Tivesse o réu devolvido a quantia de que se apropriara, o resultado seria adverso.

O autor, caso se venha a confirmar a sentença de primeira instância, deverá arcar com os ônus de sucumbência.

Não se pode protocolar a petição, nem mesmo tirar cópia da sentença.

Vou dar-lhe um conselho, que sempre mantenha o respeito para com a parte contrária.

Todos os recibos estão juntados, mas isso não termina a controvérsia dos autos.

Eu faço todas as audiências, e você cuida de sustentar a tese em plenário".

13

CURIOSIMACETES

1. OXALÁ

É interjeição de origem árabe, que expressa desejo, na acepção de "queira Deus", "se Deus quiser". Exige o verbo no modo subjuntivo:

- *Oxalá não fiquemos sem chuva esse ano!*
- *Oxalá que caiam na prova os pontos estudados!*
- *Oxalá que viessem as luzes!*
- *"Oxalá que eu me enganasse"*[13].

Ressalte-se, ainda, que o termo "oxalá" ("orixá" ou "orixalá") designa divindade africana das religiões afro-brasileiras.

2. PASSAR REVISTA A...

A expressão vernácula é **passar revista a...**, enquanto "passar revista em" é galicismo que deve ser evitado. Portanto, observe as frases legítimas:

- *O general passou revista aos pelotões.*
- *O fiscal de sala passou revista a todos os pertences dos candidatos.*
- *Os médicos passaram revista aos feridos em combate.*
- *Naquela ocasião, o tenente não imaginava que, pela última vez, passaria revista à sua tropa.*

Todavia, é possível encontrar a forma **passar em revista** nos dicionários:

- *"O novo comandante passou em revista a tropa"* (Borba, 1991).
- *"A polícia rodoviária passou em revista minuciosa o ônibus suspeito"* (Houaiss).

3. É VERNÁCULA A EXPRESSÃO "PERNAS PARA QUE TE QUERO!"?

É interessante notar como a linguagem popular imprime indumentária própria ao idioma falado e escrito, o qual pode tomar rumos estranhos com o passar dos tempos. A expressão idiomática em epígrafe é exclamação popular emitida ante um perigo ou situação iminente. Entretanto, a expressão dotada de vernaculidade é bem diferente da que compõe o título deste *curiosimacete*. Diz-se, corretamente, "**Pernas, para que vos quero?**", embora saibamos que seu uso é raro. Observe,

pois, que a forma vernácula impõe uma indagação, e não uma exclamação.

4. PROFLIGAR – PROPUGNAR – PROVECTO

Os verbos em epígrafe (*profligar* e *propugnar*) estão adstritos ao campo da erudição, a par do adjetivo *provecto*, todavia merecem ser mencionados no presente trabalho literário.

Profligar tem a acepção de "atacar duramente com palavras, verberar ou reprovar energicamente". Exemplos:

- *O noivo profligou o comportamento da futura esposa.*
- *A comunidade profligava a violência do ato.*
- *Profligou os fiéis com palavras que, por recato, abstenho-me de transmitir.*

Propugnar quer dizer "lutar por, defender com vontade". Pode-se dizer *propugnar uma causa* ou, ainda, *propugnar por uma causa.* Exemplos:

- *As minorias propugnam pelos seus direitos na sociedade.*
- *Joaquim José da Silva Xavier, o "Tiradentes", propugnou a defesa dos interesses nacionais contra a Derrama.*

Provecto contém o sentido de "bem-sucedido, adiantado, aquilo que progrediu". Exemplos:

- *O congresso reuniu provectos pesquisadores do Brasil.*
- *Em idade provecta, dorme-se menos.*

5. PRÓVIDO E PROVIDO

O adjetivo **próvido**, proparoxítono, tem a acepção de "prevenido, prudente". Exemplos:

- *O soldado, próvido combatente, não foi pego na emboscada.*
- *O boxeador foi à lona quando, improvido e cansado, levou um golpe certeiro.*

Por outro lado, **provido**, paroxítono não acentuado graficamente, é particípio do

verbo *prover*, no sentido de “abastecer”, além de representar o adjetivo, no sentido de “abastecido”. Exemplos:

- *A Intendência havia provido os soldados no campo.*
- *A adega está provida de bons vinhos do Porto.*
- *O desempregado está provido de esperanças.*

A HORA DO ESPANTO

As “pérolas” do português

Impossive

Correção: onde está a letra -l? Utilize *impossível*, articulando com adequação as letras.

Hipidemia / Hepidemia

Correção: grafa-se *epidemia*, com -e, sem -h. Aliás, por que a letra -h? Seria -h... de “horror”?

QUESTÕES

1. (2016/MPE-GO/MPE-GO/Secretário Auxiliar) O período abaixo foi escrito por Machado de Assis em seu Conto de Escola. A alternativa que apresenta a pontuação de acordo com a norma culta é:

a) Compreende-se que o ponto da lição era difícil e que o Raimundo, não o tendo aprendido, recorria a um meio que lhe pareceu útil: para escapar ao castigo do pai.

b) Compreende-se que o ponto da lição era difícil, e que o Raimundo, não o tendo aprendido, recorria a um meio que lhe pareceu útil para escapar ao castigo do pai.

c) Compreende-se que o ponto da lição era difícil e que o Raimundo não o tendo aprendido, recorria a um meio que lhe pareceu útil: para escapar ao castigo do pai.

d) Compreende-se que o ponto da lição era difícil e que, o Raimundo, não o tendo aprendido, recorria; a um meio que, lhe pareceu útil, para escapar ao castigo do pai.

e) Compreende-se que: o ponto da lição era difícil e que o Raimundo, não o tendo aprendido, recorria; a um meio que lhe pareceu útil: para escapar ao castigo do pai.

2. (2016/MPE-GO/MPE-GO/Secretário Auxiliar/Adaptada) "O bobo é sempre tão simpático que há espertos que se fazem passar por bobos." A assertiva que apresenta análise correta em relação ao parágrafo transcrito é:

a) Há três adjetivos em função predicativa.

b) Fazer foi usado como verbo impessoal.

c) O verbo haver está na terceira pessoa do singular porque é impessoal.

d) A forma verbal fazem concorda com o pronome relativo que.

e) A oração que se fazem passar por bobos deveria estar precedida de vírgula porque explica o termo espertos.

3. (2016/MPE-GO/MPE-GO/Secretário Auxiliar) Assinale a alternativa correta quanto ao uso da pontuação.

a) Os motoristas, devem saber, que os carros podem ser uma extensão de nossa personalidade.

b) Os congestionamentos e o número de motoristas na rua, são as principais causas da ira de trânsito.

c) A ira de trânsito pode ocasionar, acidentes e; aumentar os níveis de estresse em alguns motoristas.

d) Dirigir pode aumentar, nosso nível de estresse, porque você está junto; com os outros motoristas cujos comportamentos, são desconhecidos.

e) Segundo alguns psicólogos, é possível, em certas circunstâncias, ceder à frustração para que a raiva seja aliviada.

4. (2016/FCC/Prefeitura de Teresina-PI/Auditor Fiscal da Receita Municipal)

Era lugar relativamente ermo, o que não impedia sonhos e esperança sempre vivos. Os que iam e vinham, principalmente da cidade a um espichar de olhos, eram mensageiros do que alimentava a alma. Deles chegou a notícia: um empresário, com ganância por ali, vinha contratar quem quisesse fazer parte do futuro negócio. Fazer parte é um modo de dizer. Ninguém tinha nada a barganhar além da força de trabalho. E ele sabia, porque procurava gente nova. O anúncio colado na farmácia, no posto de saúde, no poste:

Você, jovem, que quer fazer o progresso de sua região e também ter um trabalho rendoso, venha participar do encontro em que essa oportunidade será oferecida a você.

Dia 10 de junho, às treze horas, no coreto da praça.

O dia chegou. O agrupamento não era grande, tudo ali era pequeno. Mas eles se apresentaram, com rosto ansioso. Mesmo jovens, enfrentaram aquela gente de fora com a bravura que o desconhecido exige. E atentos acompanhavam o desfiar de promessas tão tentadoras, que não dava nem pra acreditar. A fala do empresário ecoava: "Reconheço em vocês os mesmos anseios que já tive um dia. Prometo pessoalmente me empenhar para que cada um de seus desejos se torne realidade".

(CATANZARO, Maria Betina, inédito)

O agrupamento não era grande, tudo ali era pequeno. Mas eles se apresentaram, com rosto ansioso.

A alternativa em que a redação, transformando os dois períodos acima num só, mantém o sentido, a clareza e a correção originais é:

a) Tudo ali era pequeno, portanto o agrupamento não era grande, quando eles se apresentaram, com rosto ansioso.

b) Todavia eles se apresentaram, com rosto ansioso, sendo o agrupamento não grande e tudo ali pequeno.

c) Nem que o agrupamento não fosse grande e então tudo ali era pequeno, eles se apresentaram, com rosto ansioso.

d) Como o agrupamento não fosse grande e tudo ali fosse pequeno, eles se apresentaram, todavia com rosto ansioso.

e) Ainda que o agrupamento não fosse grande, pois tudo ali era pequeno, eles se apresentaram, com rosto ansioso.

5. (2016/FCC/Prefeitura de Teresina-PI/Auditor Fiscal da Receita Municipal) A frase que está clara e correta, segundo a norma-padrão da língua, é:

a) Era seu intúito articular ações de erradicação da mendigância, para o quê contava com a idoneidade dos colaboradores e sobretudo, com a discrição que elas deveriam merecer.

b) Encaminhou a ambas as secretárias os documentos a serem expedidos; uma delas tratou de envelopá-los, a outra, de revisar os destinados a entidades beneficentes e garantir que o prazo de

envio não expirasse.

c) É previsível que, na discussão de problema de tal complexidade, deve haver opiniões frontalmente antagônicas, mas nada impede que exista, como todos desejamos, pontos de vista que se harmonizam.

d) Dirigindo-se à ela, à mulher que o criara, agradeceu tudo que dela havia recebido, inclusive a possibilidade de reconhecer-lhe a generosidade e o apoio quando dos revés do destino.

e) Qualquer que, na excitação dos debates, tenham sido os mal-entendidos, não se pode dizer que houve quem pecassem no sentido de ofender pessoalmente quem quer que seja, o que já é um grande avanço.

6. (2016/FCC/Prefeitura de Teresina-PI/Técnico de Nível Superior) Atenção: Para responder à questão, considere o texto abaixo.

Ao longo da vida percebemos que as pessoas sofrem, resolvem problemas, fazem escolhas, enfim, enfrentam a labuta do dia a dia. Com o tempo, sem saber ao certo a razão, desenvolvi um encanto por essa capacidade de ação dos meus semelhantes. Hoje, sei que existia nesse encanto que sentia o reconhecimento de que os seres humanos, na sua infinita batalha cotidiana, mereciam aquilo que só mais maduro poderia saber o que era – eles mereciam reverência.

Dito nas palavras que aprendi com Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.): a vida dos seres humanos desperta em nós, quando olhamos com atenção, "terror e piedade", traços da tragédia grega, segundo o filósofo.

A vida ficou clara na sua "essência" para mim quando entendi que somos como heróis da tragédia: combatemos até o fim, mas sempre seremos derrotados ao final. Não só a morte enquanto tal, mas as perdas, as frustrações, as mentiras, os amores impossíveis, dores de todos os tipos.

Evidente que isso tudo é atravessado por uma profunda beleza e coragem que, às vezes, assim como que num ato de graça, conseguimos até tocar com as mãos. E essas duas, beleza e coragem, que considero irmãs de sangue, tornam ainda mais evidente o reconhecimento de que os seres humanos merecem reverência nessa labuta sem fim.

(Adaptado de: PONDÉ, Luiz Felipe. Disponível em: www1.folha.uol.com.br/colunas/luizfelipeponde/2016/07/1790345-o-conflito-entre-obem-e-o-bem.shtml)

Sem prejuízo da correção e do sentido, uma pontuação alternativa para um segmento do texto está em:

a) A vida ficou clara, na sua "essência", para mim quando entendi que, somos como heróis da tragédia; combatemos até o fim, mas...

b) Dito nas palavras, que aprendi com Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.), a vida dos seres humanos desperta em nós, quando olhamos com atenção, "terror e piedade"...

c) Não só a morte, enquanto tal, mas, as perdas: as frustrações; as mentiras; os amores impossíveis – dores de todos os tipos.

d) E essas duas: beleza e coragem que considero irmãs de sangue, tornam ainda mais evidente o reconhecimento de que...

e) Ao longo da vida, percebemos que as pessoas sofrem, resolvem problemas, fazem escolhas, enfim, enfrentam a labuta do dia a dia.

7. (2016/FCC/Prefeitura de Teresina-PI/Assistente Técnico de Saúde)

Quando as crianças saírem de férias

Tenho certeza absoluta de que em nenhum fim de junho passou pela cabeça da minha mãe o que ela faria com cinco crianças de férias dentro de casa, durante um mês. Férias eram sagradas, de 01 a 31 de julho, todos os anos. Lembro-me bem dela recolhendo os nossos uniformes do colégio e levando para lavar quando o primeiro dia de férias chegava. Só isso. As férias, propriamente ditas, eram por nossa conta.

Quando vejo, nos telejornais, matérias e mais matérias que só faltam dizer que as férias de julho em casa com as crianças correm o risco de ser um verdadeiro inferno, penso na minha mãe. Os repórteres dão mil sugestões para preencher as vinte e quatro horas diárias das crianças, durante o mês inteirinho.

As mães de hoje, descabeladas, começam a planejar: uma semana no acampamento, depois um dia vão ao cinema, no outro ao teatrinho, no terceiro à lanchonete, no quarto ao clube, no quinto ao parque, no sexto à casa dos avós, no sétimo ao shopping... mas, pensando bem, ainda faltam duas semanas inteirinhas para preencher.

Nossas férias começavam cedo. Acordávamos às seis da manhã, comíamos um pão com manteiga, bebíamos um copo de leite e descíamos para o quintal. Era um espaço em que havia galinhas, coelhos, porquinhos-da-índia, cachorro, pombos, passarinhos, caixotes, carrinhos, cordas, árvores, tijolos, muros e muito mais.

Nenhuma preocupação passava pela cabeça da minha mãe naqueles trinta e um dias de julho. De vez em quando ela entrava em ação quando um chegava com o joelho ralado, o cotovelo esfolado ou uma picada de abelha. Ela lavava o ferimento com água e sabão, passava mercúrio cromo e pronto, estávamos novinhos em folha.

No dia 01 de agosto a cortina das férias se fechava. Na noite de 31 de julho, minha mãe abria o armário e tirava o uniforme de cada um, limpinho, cheirando a novo. E a vida continuava.

(Adaptado de: VILLAS, Alberto. Disponível em: www.cartacapital.com.br/cultura/quando-as-criancas-sairem-de-ferias)

As mães de hoje, descabeladas, começam a planejar: uma semana no acampamento, depois um dia vão ao cinema, no outro ao teatrinho, no terceiro à lanchonete, no quarto ao clube, no quinto ao parque, no sexto à casa dos avós, no sétimo ao shopping... mas, pensando bem, ainda faltam duas semanas inteirinhas para preencher. (3º parágrafo)

As reticências (...), no trecho acima, sinalizam

a) a frustração das mães por não poderem levar os filhos aos lugares que desejam.

b) as dúvidas que as mães enfrentam ao fazerem o planejamento das férias dos filhos.

c) a certeza que as mães têm de que seus filhos irão se comportar bem nas férias.

d) o estado de empolgação das mães ao verem que passarão mais tempo com os filhos.

e) o cansaço das mães após passarem duas semanas levando os filhos a diferentes lugares.

8. (2016/VUNESP/MPE-SP/Analista Técnico Científico/Adaptada) Assinale a alternativa em que os sinais de pontuação estão empregados segundo os mesmos princípios da norma-padrão adotados na passagem – com certa diferença na duração do mandato: o dos senadores, mais longo; o dos

deputados, mais curto.

a) A separação os fez perder muita coisa: ele, a guarda dos filhos; ela, a casa em que morava com as crianças.

b) Há algo importante a explicar: a perda de clientes, muitos deles inadimplentes; entretanto, ninguém fala nada.

c) Os meios de divulgação são os seguintes: internet, mensagem de celular e jornais; com eles, atingiremos o público.

d) Foi o que disse o funcionário: o carregamento não chegou, ainda; e os pedidos estão se acumulando, mais e mais.

e) Fui reticente, mas agora me explico: meu dinheiro acabou, nada me resta; e meu pai não pode me ajudar, coitado.

9. (2016/COSEAC/Prefeitura de Niterói-RJ/Professor de Língua Portuguesa)

1 Para o Brasil o homem da África foi trazido principalmente como mão de obra: a mão de obra capaz de substituir o indígena, pois este não estava afeito ao trabalho sedentário e de rotina da lavoura. (...)

2 Foi particularmente o escravo que influiu na organização econômica e social do Brasil, constituindo a escravidão uma daquelas três forças – as outras duas, a monocultura e o latifúndio – que caracterizam o processo de exploração da nova terra portuguesa; e que fixaram igualmente a paisagem social da vida de família ou coletiva no Brasil. Esta distinção já a fazia Joaquim Nabuco, em 1881, antecipando-se assim aos modernos estudos de interpretação antropológica ou sociológica sobre o negro: "o mau elemento da população não foi a raça negra, mas essa raça reduzida ao cativeiro", escreveu ele em "O Abolicionismo".

3 Essa situação de escravo, portanto, marca como traço fundamental e indispensável de ser assinalada a presença do negro africano no Brasil; a influência não foi do negro em si, mas do escravo e da escravidão, já observou Gilberto Freyre. Como escravo, e por causa da escravidão, o negro africano teve sua vida perturbada; dela afastado bruscamente, misturou-se com outros grupos culturais. Esta circunstância contribuiu para que os valores culturais de que era portador fossem prejudicados em sua completa autenticidade ao se integrar no Brasil.

4 Não puderam os escravos negros manter íntegra sua cultura, nem utilizar preferentemente suas técnicas em relação ao novo meio. Não foi possível aos negros revelarem e aplicarem todo o seu conjunto cultural: ou porque, ao contato com outros grupos negros, receberam ou perderam certos elementos culturais, ou porque, como escravos, tiveram sua cultura deturpada. Daí os sincretismos e os processos transculturativos.

5 Talvez este fato tenha concorrido para fazer com que no novo meio nem sempre fosse o negro um conformado; um joão-bobo que aceitasse pacificamente o que lhe era imposto. Foi, ao contrário, e por vezes através de processos bastante expressivos – e o caso dos Palmares é típico –, um rebelado.

(JÚNIOR, M. Diégues. Etnias e culturas no Brasil. 4. ed. Rio, Paralelo, INL, 1972, p. 85-6.)

O sinal de dois-pontos, usado após "mão de obra" (§ 1), anuncia:

a) uma citação.

b) uma discriminação.

c) uma consequência.

d) um esclarecimento.

e) um exemplo.

10. (2016/VUNESP/Prefeitura de Alumínio-SP/Procurador Jurídico)

As escolas do futuro

Um grupo de alunos está reunido na sala de aula no meio de um debate caloroso – estão tentando adaptar um carro convencional em um modelo ecológico e econômico. Essa é apenas uma das lições desta escola, chamada Minddrive, no Kansas, EUA. Esta não é uma escola normal, claro. O Minddrive, na verdade, é um reforço escolar para adolescentes que não vão bem no ensino regular. Mas seu método educativo não é tão exótico assim. Ele é todo baseado em jogos epistêmicos, em que os alunos simulam situações cotidianas e pensam em soluções para os problemas que vão surgindo. "Os desafios que as nossas escolas enfrentam hoje são importantes demais para ficarmos isolados. Precisamos preparar os alunos para o mundo real", diz David Shaffer, professor de pedagogia da Universidade de Wisconsin e chefe do projeto de jogos epistêmicos para uso na educação.

Green School é uma escola em Bali, na Indonésia, onde tudo é natural: as estruturas são de bambu e as salas de aula, abertas, para que o calor e o vento balineses possam entrar. Criada pelo americano John Hardy, ela se baseia na metodologia do educador britânico Alan Wagstaff, que defende uma maneira de ensinar que conecta aspectos racionais, emocionais, físicos e espirituais. Na prática, isso quer dizer que o conhecimento está dividido em temas, e não em matérias. Por exemplo, no ensino fundamental, crianças de sete anos aprendem "padrões de contagem" pulando corda. Um dos objetivos da Green School é que seus alunos saiam de lá prontos para abrir seus próprios negócios – sustentáveis, de preferência. Ainda durante o ensino médio, eles simulam a criação de uma empresa. E muitas acabam saindo do papel.

(André Gravatá e Marcos Ricardo dos Santos. Editado por Karin Hueck. http://super.abril.com.br/comportamento/as-escolas-do-futuro. Adaptado)

Os dois-pontos em – Green School é uma escola em Bali, na Indonésia, onde tudo é natural: as estruturas são de bambu e as salas de aula, abertas, para que o calor e o vento balineses possam entrar. (2º parágrafo) – servem ao propósito de introduzir, com relação à primeira parte da frase,

a) um contraste.

b) uma síntese.

c) uma ressalva.

d) um esclarecimento.

e) uma relativização.

11. (2016/FUNRIO/IF-PA/Administrador) As alternativas abaixo mostram trechos de uma notícia publicada no Valor Econômico de 04/03/2016 transcritos com pontuações diferentes. Assinale a única que está rigorosamente correta quanto ao uso dos sinais de pontuação.

a) A Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS), vai restringir a venda de planos coletivos empresariais de assistência médica.

b) Resolução normativa que muda regras de contratação já foi aprovada pela diretoria da agência e submetida à Advocacia-Geral da União (AGU), para que seja avaliada sua legalidade.

c) O objetivo é combater a crescente falsa coletivização dos planos de saúde, embora a própria ANS admita que a mudança pode abalar, as finanças das operadoras.

d) Com a oferta escassa de convênios individuais e familiares que funcionam, sob regras mais rígidas corretores criam um CNPJ fictício e oferecem a pessoas físicas planos empresariais mais baratos mas com reajustes liberados.

e) Só poderão contratar esses convênios "empresas" cujo CNPJ tenha, mais de 12 meses com até 30 pessoas e vínculo familiar entre a maior parte dos beneficiários.

12. (2016/IADES/PC-DF/Perito Criminal) Assinale a alternativa que, em conformidade com as regras de pontuação e de ortografia vigentes, reproduz com coerência a relação de sentido estabelecida entre os períodos "Não se cale. Você pode salvar uma vida".

a) Você pode garantir a salvação de uma vida, portanto não se cale.

b) Não haja de forma omissa: você pode salvar uma vida.

c) Não se cale, por que você pode salvar uma vida.

d) Você pode salvar uma vida, por isso não fique hexitoso: denuncie.

e) Não se cale: porque assim, você salvará uma vida.

13. (2016/IBFC/COMLURB/Engenheiro de Segurança do Trabalho) Abaixo se apresenta um trecho da obra Ensaio sobre a cegueira, de José Saramago, com várias opções de pontuação. Assinale a alternativa em que todas as vírgulas estão colocadas corretamente.

a) Os automobilistas, impacientes, com o pé no pedal da embraiagem, mantinham em tensão os carros, avançando, recuando, como cavalos nervosos que sentissem vir no ar a chibata.

b) Os automobilistas, impacientes, com o pé no pedal da embraiagem, mantinham em tensão os carros, avançando recuando como cavalos nervosos que sentissem vir no ar a chibata.

c) Os automobilistas, impacientes, com o pé no pedal, da embraiagem, mantinham em tensão os carros, avançando, recuando, como cavalos nervosos, que sentissem vir no ar a chibata.

d) Os automobilistas, impacientes, com o pé no pedal da embraiagem mantinham em tensão, os carros avançando recuando, como cavalos nervosos que sentissem vir no ar a chibata.

14. (2016/IBEG/Prefeitura de Resende-RJ/Administrador)

A ABNT recomenda a utilização de apenas um dos dois sistemas: autor-data ou numérico.

No sistema autor-data, após a citação direta longa, aparecerá entre parênteses o último sobrenome do autor em letras maiúsculas, o ano de publicação da obra e a página da qual foi extraída aquela citação. Se o sobrenome do autor aparecer

fora dos parênteses, terá apenas a inicial maiúscula. Quando se tratar de paráfrase (citação indireta), pode-se omitir o número da página citada, mas mencionar o autor e o ano é obrigatório. Neste sistema, a referência bibliográfica completa aparecerá apenas no capítulo de Referências. Só serão permitidas as notas de rodapé de natureza explicativa. (MEZZAROBA & MONTEIRO, 2008)

No sistema numérico, a fonte consultada aparecerá na nota de rodapé (conforme o padrão ABNT de referências), mediante a utilização de uma numeração sequencial e crescente em todo o trabalho ou capítulo. Neste sistema, não podem aparecer notas de rodapé de natureza explicativa. Atenção: introdução e conclusão (considerações finais) não são apropriadas para notas de rodapé.

(GONÇALVES, Jonas Rodrigo. Metodologia Científica e Redação Acadêmica. 7. ed. Brasília: JRG, 2016, p. 14.)

Analise as proposições a seguir acerca do trecho: "A ABNT recomenda a utilização de apenas um dos dois sistemas: autor-data ou numérico."

I. Os dois-pontos após "sistemas" poderiam ser substituídos por ponto-e-vírgula sem prejuízo quanto à correção gramatical.

II. A substituição de dois-pontos após "sistemas" por ponto-e-vírgula consertaria gramaticalmente o período.

III. A substituição de dois-pontos após "sistemas" por ponto-e-vírgula prejudicaria gramaticalmente o período.

IV. A substituição de dois-pontos após "sistemas" por ponto-e-vírgula manteria a correção gramatical.

A partir das assertivas acima, encontre a alternativa correta.

a) Apenas I é verdadeira.

b) Apenas II é verdadeira.

c) Apenas III é verdadeira.

d) Apenas IV é verdadeira.

e) Nenhuma das proposições é verdadeira.

15. (2016/FGV/Prefeitura de Paulínia-SP/Procurador) Observe a frase a seguir:

"Os fantasmas são frutos do medo: quem não tem medo não vê fantasmas".

Os dois pontos entre os dois segmentos da frase podem ser adequadamente substituídos pelo seguinte conectivo:

a) pois.

b) logo.

c) contudo.

d) entretanto.

e) no entanto.

16. (2016/Prefeitura do Rio de Janeiro-RJ/Prefeitura de Rio de Janeiro-RJ/Enfermeiro/Adaptada) No segmento "Professor da Universidade da Cidade de Nova York, Helmreich viajou pelos Estados Unidos...", emprega-se a vírgula para:

a) isolar adjunto adverbial

b) isolar aposto explicativo

c) separar oração reduzida

d) separar termos coordenados

17. (2016/IDECAN/Prefeitura de Miraí-MG/Enfermeiro)

O abraço e a flor

A campanha das enfermeiras e a necessidade diária de surpresa.

Saí hoje cedo para caminhar com o objetivo de sempre: mexer o corpo, chacoalhar as ideias e ver a vida como ela é. A colheita não poderia ter sido melhor. Assim que dobrei a esquina, consegui minha dose diária de surpresa boa – tão necessária para mim quanto o sol de abril.

Meninas de 20 e poucos anos exibiam um cartaz que anunciava abraços grátis. Achei que fosse mais uma ação promocional das construtoras de apartamento que, nos últimos meses, passaram a perturbar os moradores na porta de todas as padarias da região. [...]

Algumas ações são nobres e humanitárias. Outras não passam de estratégias comerciais para promover sites, empresas ou palestras de autoajuda.

No caso da enfermagem e da psicologia, a justificativa é a melhoria da qualidade de vida. Estudos demonstram que abraçar reduz os níveis de cortisol e norepinefrina, hormônios relacionados ao estresse crônico e à ocorrência de doenças cardíacas.

O abraço também aumenta a produção de dopamina e serotonina (hormônios do prazer) e de oxitocina (o hormônio do afeto). Quanto mais oxitocina o cérebro libera, mais a pessoa quer ser tocada e menos estressada ela fica. É um círculo virtuoso: quanto mais abraçada ela é, mais ela deseja ser abraçada.

Um estudo realizado no ano passado pela Universidade Médica de Viena demonstrou que o abraço pode mesmo reduzir o stress, o medo e a ansiedade. A oxitocina liberada contribui para a redução da pressão arterial, aumenta o bem-estar e favorece o desempenho da memória.

No entanto, o neurofisiologista Jürgen Sandkühler, autor do trabalho, questiona o valor dos abraços recebidos de pessoas estranhas. A oxitocina é o hormônio produzido pela glândula pituitária, conhecido por favorecer o estabelecimento de laços afetivos entre pais e filhos e entre os casais.

"O efeito do abraço sobre a produção de oxitocina só ocorre quando existe confiança mútua. Se o abraço não é desejado pelas duas pessoas, o efeito positivo se perde", diz.

Em resumo: as pessoas precisam estar na mesma sintonia. Acredito que isso seja perfeitamente possível entre estranhos. Não sei se o nível dos meus hormônios aumentou, mas a iniciativa das estudantes de enfermagem alegrou meu dia. Espero que elas não percam a ternura quando a realidade da profissão se apresentar.

Como essas meninas, acredito que o bem-estar pode ser contagiante. Ao final de nosso breve encontro, uma delas me ofereceu uma flor feita com capricho e papel crepom.

Resolvi testar o poder da flor. Durante uma hora caminharia com ela na mão e observaria a reação de quem cruzasse meu caminho. Será que alguém notaria alguma coisa fora do script? Será que um sorrisinho escaparia dos lábios? [...]

Voltei para casa com uma supersafra de gentilezas. Nunca ouvi, numa única manhã, tanta gente me desejando bom dia, tanto motorista me dando passagem, tanta conversa, tanto olho no olho, tanto sorriso. O tênis, a roupa, o percurso eram os mesmos. O que mudou foi o abraço e a flor.

Só um pedestre não viu nada. Bateu o portão de um prédio com fones enterrados no ouvido, óculos bem escuros, mochila estufada, ombros curvados para frente – aquele visual e aquele comportamento que são a marca do nosso tempo. Não do meu tempo, mas o de muita gente. Quase me atropelou, mas não notou minha presença. Muito menos a da flor.

(Cristiane Segatto – 12/04/2013. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com//Saude-e-bem-estar/cristiane-segatto/noticia/2013/04/o-abraco-e-flor.html>. Com adaptações.)

"Achei que fosse mais uma ação promocional das construtoras de apartamento que, nos últimos meses, passaram a perturbar os moradores na porta de todas as padarias da região." (2º§) Assinale a alternativa em que a alteração referente à pontuação mantém a correção apresentada originalmente.

a) Achei, que fosse, mais uma ação promocional das construtoras de apartamento que, nos últimos meses, passaram a perturbar os moradores na porta de todas as padarias da região.

b) Achei que fosse mais uma ação promocional das construtoras de apartamento que – nos últimos meses – passaram a perturbar os moradores na porta de todas as padarias da região.

c) Achei que fosse mais uma ação promocional das construtoras de apartamento que nos últimos meses: passaram a perturbar os moradores na porta de todas as padarias da região.

d) Achei que fosse mais uma ação promocional – das construtoras de apartamento –, que, nos últimos meses; passaram a perturbar os moradores na porta de todas as padarias da região.

18. (2016/Instituto Excelência/Prefeitura de Pinheiro Preto-SC/Adaptada) Na oração: "Mas o tempo urgia, textos, notícias, telefonemas,..." a vírgula foi empregada:

a) De forma correta, pois, usa-se vírgula para separar entre si elementos coordenados dispostos em enumeração.

b) De forma correta, pois, usa-se a vírgula para marcar intercalação entre substantivos.

c) De forma correta, pois, usa-se a vírgula para isolar o aposto do vocativo.

d) Nenhuma das alternativas.

19. (2016/Prefeitura do Rio de Janeiro-RJ/Prefeitura de Rio de Janeiro-RJ/Professor de Ensin Fundamental)

Patíbulos virtuais

Ainda não tinha doze anos quando assisti a um linchamento. Vi um rapaz a fugir de bicicleta. Um homem começou a persegui-lo, a pé, e de repente já eram cinco, dez, uma turba exaltada, correndo, gritando, jogando pedras. Lembro-me de estar inteiro, de coração, numa angústia enorme, com o rapaz que fugia. Não havia nada que pudesse fazer para o ajudar. Minutos antes eu lia, ao sol, numa varanda. Logo a seguir o rapaz pedalava para salvar a vida, lá embaixo, entre uma

estradinha de terra vermelha e um vasto descampado coberto de capim.

Desde então estou sempre do lado de quem, sozinho, se vê perseguido por uma multidão. Pouco me importa o que fez o rapaz que corre; o homem que ergue a mão para se proteger da pancada; a mulher que enfrenta, chorando, os insultos de um bando de predadores cobardes.

O surgimento das redes sociais marcou a emergência de um novo patíbulo para os linchadores. Bem sei que a comparação será sempre abusiva. Palavras, por muito aguçadas, por muito duras e pesadas, não racham cabeças. Palavras, por muito venenosas, não são capazes de matar. Em contrapartida, este novo palco tem o poder de juntar em poucos minutos largos milhares de pessoas, todas aos gritos. A estupidez das multidões virtuais é tão concreta quanto a das multidões reais.

Praticamente todas as semanas há alguma figura pública a sofrer perseguição nas redes sociais. [...]

Há alguns anos, em Luanda, afirmei, durante uma entrevista, não entender por que o governo insistia em promover a poesia de Agostinho Neto, primeiro presidente angolano, que a mim sempre me pareceu bastante medíocre. Um conhecido jurista e comentador político, João Pinto, deputado do partido no poder, assinou um artigo defendendo a minha prisão. Foi além: defendeu o restabelecimento da pena de morte e o meu fuzilamento. Segundo ele, eu ofendera não apenas um antigo presidente e herói nacional mas também uma divindade, visto que Agostinho Neto seria um quilamba – ou seja, um intérprete de sereias. Nas semanas seguintes foram publicados muitos outros textos de ódio. Recebi telefonemas com ameaças. Contaram-me que havia pessoas queimando os meus livros. Na altura foi bastante assustador. Hoje olho para trás e rio-me. Recordo o quanto era difícil explicar a jornalistas europeus a acusação de que teria ofendido um intérprete de sereias. Naturalmente, acabei transformando o episódio em literatura. Os europeus e norte-americanos leem aquilo e chamam-lhe realismo mágico.

Os queimadores de livros têm receio não das ideias que os mesmos defendem, mas da sua própria incapacidade para lhes dar resposta. Aqueles que se juntam a multidões virtuais para ameaçar ou troçar de alguém são quase tão perigosos quanto os que correm pelas ruas, jogando pedras – e ainda mais cobardes.

Fecho os olhos e volto a ver o rapaz na bicicleta. Uma pedra atingiu-o na cabeça e ele caiu. A multidão mergulhou sobre ele. Naquele dia deixei de ser criança.

José Eduardo Agualusa. O Globo, Segundo Caderno, 07/03/2016. Disponível em <http://oglobo.globo.com/cultura/patibulos-virtuais-18817824#ixzz43ah8BwFY>

"Palavras, por muito venenosas, não são capazes de matar." (3º parágrafo). O autor, nessa frase, estabelece uma relação de sentido diferente da que se produz na seguinte reescrita:

a) Palavras, embora sejam venenosas, não são capazes de matar.

b) Palavras, se bem que sejam venenosas, não são capazes de matar.

c) Palavras, uma vez que sejam venenosas, não são capazes de matar.

d) Palavras, por mais venenosas que sejam, não são capazes de matar.

20. (2016/FGV/IBGE/Analista) A frase abaixo, de Millôr Fernandes, que exemplifica o emprego da vírgula por inserção de um segmento entre sujeito e verbo é:

a) "O difícil, quando forem comuns as viagens interplanetárias, será a gente descobrir o planeta em que foram parar as bagagens";

b) "Quando um quer, dois brigam";

c) "Para compreender a situação do Brasil, já ninguém discorda, é necessário um certo distanciamento. Que começa abrindo uma conta numerada na Suíça";

d) "Pouco a pouco o carnaval se transfere para Brasília. Brasília já tem, pelo menos, o maior bloco de sujos";

e) "Mal comparando, Platão era o Pelé da Filosofia".

Gabarito: 1. b; 2. c; 3. e; 4. e; 5. b; 6. e; 7. b; 8. a; 9. d; 10. d; 11. b; 12. a; 13. a; 14. c; 15. a; 16. b; 17. b; 18. a; 19. c; 20. a

1 A **oração** é frase de estrutura sintática composta, normalmente, de *sujeito* e *predicado*. Em toda oração há um verbo ou uma locução verbal. As orações possuem *termos* que exercem funções sintáticas. O sujeito e o predicado são *termos essenciais* da oração. Nesse passo, há *termos integrantes* (*objetos direto* e *indireto, complemento nominal* e *agente da passiva*) e *termos acessórios* (*aposto* e *adjuntos adnominal* e *adverbial*).

2 **Vocativo:** derivado do latim *vocare* (chamar), o *vocativo* é termo utilizado para interpelar pessoa, animal ou coisa personificada a que nos dirigimos. Refere-se sempre à segunda pessoa do discurso, podendo-se suceder à interjeição de apelo, como "ó", "eh!", entre outras. Exemplos:

"Serenai, verdes mares!" (José de Alencar).

"Meu nobre perdigueiro, vem comigo!" (Castro Alves).

Ó meus alunos, prestem atenção ao que vou lhes dizer!

3 **Aposto:** é palavra ou expressão que explica, esclarece ou resume outro termo da oração, podendo precedê-lo ou suceder a ele. Exemplos:

Rapaz educado, Otávio abaixou a cabeça.

Matias, meu motorista, chegou atrasado.

4 **Predicativo:** no plano sintático de nossa gramática, temos o *predicativo do sujeito* e o *predicativo do objeto*. O predicativo do sujeito é termo que qualifica o sujeito, exprimindo-lhe um atributo ou qualificativo. Liga-se ao sujeito por meio de *verbo de ligação*, normalmente expresso na frase. Exemplos:

O mar estava <u>revolto</u>.

Eu não sou <u>ele</u>.

Por outro lado, *predicativo do objeto* é termo que se refere ao objeto de um verbo transitivo. Geralmente, indica a presença de *objeto direto*, podendo, excepcionalmente, referir-se a *objeto indireto*. Exemplos:

Julgo <u>inoportuna</u> a viagem.

Vi-o <u>embriagado</u> ontem.

Alguns chamam-no (de) desonesto.

Observação: é importante identificar o *predicativo do objeto*, pois ele deve concordar sempre com o objeto. Assim, não se pode dizer "A sentença julgou improcedente os embargos", pois "improcedente" é *predicativo do objeto* e, como tal, deve concordar com o objeto direto do verbo *julgar* (os embargos). Portanto, com correção: *A sentença julgou improcedentes os embargos.*

5 **Orações interferentes:** são orações que, despontando à margem da frase, na qualidade de "observação, esclarecimento ou ressalva", interferem na sequência lógica do período. Exemplos:

"Desta vez, disse ele, vais para a Europa" (Machado de Assis).

"Notei, é verdade, as pedras roídas nos alicerces" (Aníbal Machado).

6 **Orações subordinadas:** são aquelas que dependem de outra oração (*oração principal*), servindo como "complemento" desta, a fim de lhe completar o sentido. Exemplo:

Pedi que chegasse cedo.

Pedi: *oração principal*;

que chegasse cedo: *oração subordinada* (exerce a função sintática de objeto direto).

Com efeito, a *oração subordinada* pode exercer função sintática de termos, como: *objetos direto* ou *indireto, complemento nominal, adjunto adverbial, adjunto adnominal* etc. As orações subordinadas podem ser, pois, *substantivas*, *adjetivas* ou *adverbiais*.

Se **orações subordinadas substantivas**, terão valor ou função de sujeito, objetos direto ou indireto, predicativo do sujeito, complemento nominal e aposto. Exemplo:

É necessário seu comparecimento ("seu comparecimento" = sujeito).

Se **orações subordinadas adjetivas**, terão função de adjunto adnominal. Exemplo:

Acolha os idosos que sofrem ("que sofrem" = "sofredores" = adjetivo).

Se **orações subordinadas adverbiais**, assumirão a função de adjunto adverbial, exprimindo circunstâncias de tempo, fim, causa, condição, consequência, proporção, concessão, comparação e conformidade. Exemplos:

Chegamos de viagem quando amanhecia ("quando amanhecia" indica tempo).

O homem tremia porque tinha malária ("porque tinha malária" indica causa).

Se o conhecer, não o abandonará ("se o conhecer" indica condição).

7 **Adjunto adverbial**: é a função sintática exercida por advérbios e locuções adverbiais. Exprime uma circunstância qualquer (de tempo, lugar, modo, condição etc.) e deve modificar o verbo, o adjetivo ou o próprio advérbio, acompanhando-os. Exemplos:

Ele seguiu à risca ("à risca" = *adjunto adverbial de modo*, modificando o verbo).

O vinho é levemente seco ("levemente" = *adjunto adverbial de modo*, modificando o adjetivo "seco").

Cheguei muito rapidamente ("muito" = *adjunto adverbial de intensidade*, modificando o advérbio "rapidamente").

Vamos conhecer alguns advérbios e locuções adverbiais interessantes:

de afirmação: *deveras, com efeito, certamente* etc.;

de dúvida: *talvez, quiçá, porventura*;

de intensidade: *muito, assaz, bastante, demasiado, nada* (*Isto não é nada fácil!*), *que* (*Que bom!*), *quanto* (*Quanto insisti!*), *como* (*Como comem!*) etc.;

de lugar: *aqui, algures, alhures, nenhures, aonde, defronte* etc.;

de modo: *bem, mal, adrede, propositadamente* e quase todos os advérbios terminados em *-mente*;

de negação: *não, tampouco* (= também não);

de tempo: *agora, hoje, entrementes, raramente, concomitantemente* etc.

As locuções adverbiais são expressões que têm a função de advérbio, iniciando-se, geralmente, por preposição. Exemplos:

às cegas – às claras – a toda – a pé – à uma (hora) – às vezes – de repente – de chofre – de viva voz – de improviso – de soslaio – por ora – por um triz – mal e mal – passo a passo etc.

8 A **elipse** é figura de construção (ou de sintaxe) que caracteriza a omissão de um termo ou oração, identificáveis pelo contexto. Por meio da elipse, economizam-se palavras, evitando-se a repetição enfadonha. Exemplos:

Mário saiu correndo. Não se despediu de ninguém (veja a elipse do sujeito "ele" ou "Mário").

Observe, agora, os exemplos extraídos de Regina Toledo Damião e Antonio Henriques (2000:27):

"Repreenda com severidade, quando necessário" (Vieira).

Repreenda com severidade quando se fizer necessário.

Exigiu caminhasse a vítima enquanto disparava a arma contra ela.

Exigiu que caminhasse a vítima enquanto disparava a arma contra ela.

É bom lembrar que existe um caso específico de elipse, que alguns preferem chamar de *zeugma* (substantivo masculino – *o zeugma* –, o qual indica "ligação, união, ponte"). Trata-se da omissão de termo já citado na frase (em geral, é o verbo). Há um caso notável de zeugma que ocorre quando a palavra omitida tem flexão diferente da que se verifica no termo expresso anteriormente. Exemplo: *Eu lido com fatos; você, com boatos.* No exemplo, subentendeu-se a forma verbal *lida*, flexionada na terceira pessoa do singular e deduzida de "lido"

(primeira pessoa do singular do presente do indicativo de *lidar*). Esse caso de zeugma é chamado por alguns de *zeugma complexo*. Exemplos:

"O pão sustenta o corpo, a oração, (sustenta) a alma" (*Luz e Calor* , Padre Manuel Bernardes, v. 1, p. 288).

"Nossos bosques têm mais vida, nossa vida, (tem) mais amores" (Gonçalves Dias).

Pedro estuda Física, e eu, (estudo) Português.

Ademais, há elipses de verbos nas intrigantes frases abaixo, conhecidas como "frases nominais", de largo uso na literatura moderna. Exemplo:

"Àquela hora, quase deserta a Praia de Botafogo" (Olavo Bilac).

Explicando: houve a elipse da forma verbal "estava".

Portanto: *"Àquela hora, [estava] quase deserta a Praia de Botafogo".*

Observe outro exemplo:

Ao redor, bons pastos, boa gente, terra boa para se plantar (omissão do verbo *haver*).

Na memorável canção "Canto triste" (1967) – música de Edu Lobo e Vinicius de Moraes –, há um ótimo exemplo de elipse:

"Onde a minha namorada? Vai e diz a ela as minhas penas e que eu peço, peço apenas que ela lembre as nossas horas de poesia...".

Explicando: no trecho *"Onde a minha namorada?"*, está subentendido um verbo (*está*, *anda* etc.).

9 Quando queremos dar destaque à ideia contida no objeto direto, colocamo-lo no início da frase e depois o repetimos, à guisa de reforço, usando o pronome oblíquo. A esse objeto repetido sob a forma pronominal dá-se o nome de *pleonástico*, *redundante* ou *enfático*.

10 Há dois tipos de **orações subordinadas adjetivas**: *explicativas* e *restritivas*.

As *explicativas* explicam ou esclarecem o termo antecedente, cumprindo papel semelhante ao de aposto:

O sortudo, que ganhou na loteria, sumiu do mapa.

Para os técnicos, que trabalham na plataforma, a situação está claudicante.

Por outro lado, as *restritivas* apenas restringem ou limitam o significado do termo antecedente, sendo indispensáveis no sentido da frase:

Escolheu o método que o levaria ao sucesso.

Há episódios dos quais a gente nunca se esquece.

A casa em que vive foi de minha nora.

11 **Sujeito:** é o ente sobre o qual se profere algo, podendo ser um substantivo (ou palavra substantivada) ou pronome. Exemplos:

Eu rio dia a dia.

Morrer pelo País em combate é glorioso.

Fazem-se tendas.

12 **Predicado:** é aquilo que se diz acerca do *sujeito*, isto é, todo o enunciado declaratório sobre quem desempenhou a ação verbal. Exemplo:

A ilha está lotada.

13 Alexandre Herculano, *Eurico*, p. 73, *apud* Cegalla, 1999, p. 303.

7 VERBOS

7.1. VERBOS REGULARES E IRREGULARES

Regulares: são os verbos conjugados de acordo com os seguintes paradigmas:

AMAR (1ª conjugação) – desinência na 1ª pessoa do *presente do indicativo*: eu am-o;

BEBER (2ª conjugação) – desinência na 1ª pessoa do *presente do indicativo*: eu beb-o;

PARTIR (3ª conjugação) – desinência na 1ª pessoa do *presente do indicativo*: eu part-o.

Irregulares: são os verbos que não seguem os paradigmas supracitados, pois apresentam irregularidades:

a) nas *desinências*

Exemplo: verbo DAR – desinência na 1ª pessoa do *presente do indicativo*: eu *dou* (observe a irregularidade na desinência, comparando-o com o verbo AMAR: eu *am-o*);

b) nos *radicais*

Exemplo: verbo SUBIR – desinência na 1ª pessoa do *presente do indicativo*: eu *subo* (observe a irregularidade no radical "sub" em outras pessoas: *tu sobes, ele sobe* etc.);

Entre os verbos irregulares, destacam-se os *anômalos*, os *defectivos* e os *abundantes*:

Anômalos: são os verbos muito irregulares, contendo "anomalias" ou profundas alterações nos radicais. Em português, há dois verbos anômalos: SER e IR.

Defectivos: são verbos de conjugação incompleta, não apresentando todas as flexões. Há, no entanto, uma tendência natural para conjugar esses verbos como se fossem regulares. Exemplo: COMPUTAR. É defectivo, s sendo conjugado nas três pessoas do plural. Entretanto, a *gramática natural* 1, a consagrada pelo uso, conjuga-o em todas as pessoas.

Abundantes: apresentam mais de uma forma para uma mesma flexão. **Exemplos:** *havemos* e *hemos; haveis* e *heis*. Exemplificam também os *verbos abundantes* os casos de duplo particípio. Eis alguns:

Ganhar: *ganhado / ganho*	**Gastar:** *gastado / gasto*

Pagar: *pagado / pago*	**Benzer:** *benzido / bento*
Acender: *acendido / aceso*	**Morrer:** *morrido / morto*
Inserir: *inserido / inserto*	**Imprimir:** *imprimido / impresso*
Exprimir: *exprimido / expresso*	**Eleger:** *elegido / eleito*

Costumeiramente, defende-se que o *particípio regular* (terminado em -ado ou -ido) é acompanhado dos verbos *ter* e *haver*. De outra banda, o *particípio irregular* (de terminações variadas) é antecedido de *ser, estar* e *ficar*. Exemplos:

Haviam imprimido o jornal; então, ele fora impresso.

A conta estava paga, porque os irmãos a tinham pagado.

Eu tinha acendido a luz, por isso ela ficou acesa.

7.1.1. Verbos irregulares

1. Medir

	Presente do Indicativo	Presente do Subjuntivo (Que)
Eu	*Meço*	*Meça*
Tu	*Medes*	*Meças*
Ele	*Mede*	*Meça*
Nós	*Medimos*	*Meçamos*

Vós	*Medis*	*Meçais*
Eles	*Medem*	*Meçam*

2. Moer

	Presente do Indicativo	**Pretérito Perfeito do Indicativo**	**Presente do Subjuntivo (Que)**
Eu	*Moo (sem acento – Acordo)*	*Moí*	*Moa*
Tu	*Móis*	*Moeste*	*Moas*
Ele	*Mói*	*Moeu*	*Moa*
Nós	*Moemos*	*Moemos*	*Moamos*
Vós	*Moeis*	*Moestes*	*Moais*
Eles	*Moem*	*Moeram*	*Moam*

3. Rir

	Presente do Indicativo	**Pretérito Perfeito do Indicativo**	**Presente do Subjuntivo (Que)**

Eu	*Rio*	*Ri*	*Ria*
Tu	*Ris*	*Riste*	*Rias*
Ele	*Ri*	*Riu*	*Ria*
Nós	*Rimos*	*Rimos*	*Riamos (Ri-a-mos)*
Vós	*Rides*	*Ristes*	*Riais (Ri-ais)*
Eles	*Riem*	*Riram*	*Riam*

Observação: a título de curiosidade, veja que *rio* pode ser *substantivo* (riacho) e *verbo* (1ª pessoa do singular do *presente do indicativo* do verbo *rir*).

4. Aderir

	Presente do Indicativo
Eu	*Adiro*
Tu	*Aderes*
Ele	*Adere*
Nós	*Aderimos*
Vós	*Aderis*

Eles	*Aderem*

Importante: conjugam-se, da mesma forma, COMPELIR (Eu compilo...), COMPETIR (Eu compito. DESPIR (Eu dispo...), FERIR (Eu firo...), REPELIR (Eu repilo...).

5. Polir

	Presente do Indicativo	**Presente do Subjuntivo (Que)**
Eu	*Pulo*	*Pula*
Tu	*Pules*	*Pulas*
Ele	*Pule*	*Pula*
Nós	*Polimos*	*Pulamos*
Vós	*Polis*	*Pulais*
Eles	*Pulem*	*Pulam*

Importante: não confunda com as flexões verbais do verbo PULAR (regular). Observe o quadro comparativo:

	POLIR		**PULAR**	
	Presente do Indicativo	**Presente do Subjuntivo (Que)**	**Presente do Indicativo**	**Presente do Subjuntivo (Que)**

Eu	*PULO* **(1)**	*PULA* **(5)**	*PULO* **(1)**	*Pule*
Tu	*PULES* **(2)**	*PULAS* **(6)**	*PULAS* **(6)**	*PULES* **(2)**
Ele	*PULE* **(3)**	*PULA* **(5)**	*PULA* **(5)**	*PULE* **(3)**
Nós	*Polimos*	*PULAMOS* **(7)**	*PULAMOS* **(7)**	*Pulemos*
Vós	*Polis*	*PULAIS* **(8)**	*PULAIS* **(8)**	*Puleis*
Eles	*PULEM* **(4)**	*PULAM* **(9)**	*PULAM* **(9)**	*PULEM* **(4)**

Observação: note que há flexões idênticas para os verbos em destaque (POLIR e PULAR). São elas:

(1) PULO: 1ª pessoa do singular do *presente do indicativo*, para POLIR e PULAR;

(2) PULES: 2ª pessoa do singular do *presente do indicativo* do verbo POLIR e a 2ª pessoa do singular do *presente do subjuntivo* do verbo PULAR;

(3) PULE: 3ª pessoa do singular do *presente do indicativo* do verbo POLIR e a 3ª pessoa do singular do *presente do subjuntivo* do verbo PULAR;

(4) PULEM: 3ª pessoa do plural do *presente do indicativo* do verbo POLIR e a 3ª pessoa do plural do *presente do subjuntivo* do verbo PULAR;

(5) PULA: 1ª pessoa do singular do *presente do subjuntivo* do verbo POLIR e a 3ª pessoa do singular do *presente do indicativo* do verbo PULAR;

(6) PULAS: 2ª pessoa do singular do *presente do subjuntivo* do verbo POLIR e a 2ª pessoa do singular do *presente do indicativo* do verbo PULAR;

(7) PULAMOS: 1ª pessoa do plural do *presente do subjuntivo* do verbo POLIR e a 1ª pessoa do plural do *presente do indicativo* do verbo PULAR;

(8) PULAIS: 2ª pessoa do plural do *presente do subjuntivo* do verbo POLIR e a 2ª pessoa do plural do *presente do indicativo* do verbo PULAR;

(9) PULAM: 3ª pessoa do plural do *presente do subjuntivo* do verbo POLIR e a 3ª pessoa do plural do *presente do indicativo* do verbo PULAR.

6. Perder

	Presente do Indicativo	**Presente do Subjuntivo (Que)**
Eu	*Perco*	*Perca*
Tu	*Perdes*	*Percas*
Ele	*Perde*	*Perca*
Nós	*Perdemos*	*Percamos*
Vós	*Perdeis*	*Percais*
Eles	*Perdem*	*Percam*

Observação: a título de curiosidade, veja que *perca* é *verbo* (1ª pessoa do singular do *presente do subjuntivo* do verbo *perder*). Por outro lado, *perda* é *substantivo* (*perdas* e *danos*).

7. Caber

	Presente do Indicativo	**Pretérito Perfeito do Indicativo**	**Presente do Subjuntivo (Que)**

Eu	*Caibo*	*Coube*	*Caiba*
Tu	*Cabes*	*Coubeste*	*Caibas*
Ele	*Cabe*	*Coube*	*Caiba*
Nós	*Cabemos*	*Coubemos*	*Caibamos*
Vós	*Cabeis*	*Coubestes*	*Caibais*
Eles	*Cabem*	*Couberam*	*Caibam*

8. Ser

	Presente do Indicativo	**Presente do Subjuntivo (Que)**	**Imperativo Afirmativo**
Eu	*Sou*	*Seja*	----------
Tu	*És*	*Sejas*	*Sê (tu)*
Ele	*É*	*Seja*	*Seja (você)*
Nós	*Somos*	*Sejamos*	*Sejamos (nós)*
Vós	*Sois*	*Sejais*	*Sede (vós)*

Eles	*São*	*Sejam*	*Sejam (vocês)*

Observação: a título de curiosidade, veja que *sede* pode ser *substantivo* (vontade de beber água) e *verbo* (2ª pessoa do plural do *imperativo afirmativo* do verbo *ser*).

9. Averiguar

	Presente do Indicativo	**Pretérito Perfeito do Indicativo**	**Presente do Subjuntivo (Que)**
Eu	*AveriGUo (ou AveRÍguo – Acordo)*	*Averiguei*	*AveriGUe (ou AveRÍgue – Acordo)*
Tu	*AveriGUas (ou AveRÍguas – Acordo)*	*Averiguaste*	*AveriGUes (ou AveRÍgues – Acordo)*
Ele	*AveriGUa (ou AveRÍgua – Acordo)*	*Averiguou*	*AveriGUe (ou AveRÍgue – Acordo)*
Nós	*AveriGUAmos*	*Averiguamos*	*AveriGUEmos (sem trema – Acordo)*
Vós	*AveriGUAis*	*Averiguastes*	*AveriGUEis (sem trema – Acordo)*
Eles	*AveriGUam (ou AveRÍguam – Acordo)*	*Averiguaram*	*AveriGUem (ou AveRÍguem – Acordo)*

Importante: o Acordo Ortográfico trouxe importante mudança para certos verbos, sobretudo no campo da acentuação. Os verbos APAZIGUAR, AVERIGUAR, APANIGUAR, AGUAR, OBLIQUAR, ENXAG DESAGUAR, APROPINQUAR, DELINQUIR passam a oferecer dois paradigmas de acentuação, após o Acordo.

Vamos conhecer as particularidades a partir dos **quadros explicativos** a seguir, começando a análise pelos verbos **APAZIGUAR**, **AVERIGUAR**, **APANIGUAR**:

Verbo	**Antes do acordo**	**Após o acordo (dois paradigmas de acentuação)**
APAZIGUAR	**Eu apaziguo**	**Eu apaziguo** *(gu-o)* **OU Eu apazíguo** *(com acento em* **-zí***)*
	(Que) eu apazigúe *(com acento em* **-gú***)*	**(Que) eu apazigue** *(gu-e)* **OU (Que) eu apazígue** *(com acento em* **-zí***)*
AVERIGUAR	**Eu averiguo**	**Eu averiguo** *(gu-o)* **OU Eu averíguo** *(com acento em* **-rí***)*
	(Que) eu averigúe *(com acento em* **-gú***)*	**(Que) eu averigue** *(gu-e)* **OU (Que) eu averígue** *(com acento em* **-rí***)*
APANIGUAR	**Eu apaniguo**	**Eu apaniguo** *(gu-o)* **OU Eu apaníguo** *(com acento em* **-ní***)*
	(Que) eu apanigúe *(com acento em* **-gú***)*	**(Que) eu apanigue** *(gu-e)* **OU (Que) eu apanígue** *(com acento em* **-ní***)*

Da mesma forma, com os verbos **AGUAR**, **ENXAGUAR** e **DESAGUAR**:

Verbo	Antes do acordo	Após o acordo (dois paradigmas de acentuação)
AGUAR	**Eu águo** *(á-guo)* **OU Eu aguo** *(a-gu-o)*	***Idem***
	(Que) eu ágüe *(á-gü**e**: com trema)* **OU (Que) eu agúe** *(a-gú-e: com acento em* **-gú***)*	**(Que) eu águe** *(á-gue: sem trema)* **OU (Que) eu ague** *(a-gu-e: sem acento)*
ENXAGUAR	**Eu enxáguo** *(en-xá-guo)* **OU Eu enxaguo** *(en-xa-gu-o)*	***Idem***
	(Que) eu enxágüe *(en-xá-gü**e**: com trema)***OU (Que) eu enxagúe** *(en-xa-gú-e: com acento em* **-gú***)*	**(Que) eu enxágue** *(en-xá-gue: sem trema)* **OU (Que) eu enxague** *(en-xa-gu-e: sem acento)*
DESAGUAR	**Eu deságuo** *(de-sá-guo)* **OU Eu desaguo** *(de-sa-gu-o)*	***Idem***
	(Que) eu deságüe *(de-sá-gü**e**: com trema)***OU (Que) eu desagúe** *(de-sa-gú-e: com acento em* **-gú***)*	**(Que) eu deságue** *(de-sá-gue: sem trema)* **OU (Que) eu desague** *(de-sa-gu-e: sem acento)*

Da mesma forma, com os verbos **OBLIQUAR** e **APROPINQUAR**:

Verbo	Antes do acordo	Após o acordo (dois paradigmas de acentuação)
OBLIQUAR	**Eu obliquo** *(o-bli-qu-o)* **OU Eu oblíquo** *(o-blí-quo)*	***Idem***
	(Que) eu obliqúe *(acento em* **-qú***)*	**(Que) eu oblique** *(qu-e)* **OU** **(Que) eu oblíque** *(sem trema e com acento em* **-blí***)*
APROPINQUAR	**Eu apropinquo** *(qu-o)* **OU Eu apropínquo** *(com acento em* **-pín***)*	***Idem***
	(Que) eu apropinqúe *(com acento em* **-qú***)*	**(Que) eu apropinque** *(qu-e)* **OU** **(Que) eu apropínque** *(sem trema/com acento /* **-pín***)*

Na mesma linha de mudanças, com o verbo **DELINQUIR**:

Verbo	Antes do	Após o acordo (dois paradigmas de acentuação)

	acordo				
DELINQUIR	**Verbo defectivo**	**PRESENTE DO INDICATIVO**	**Eu delinquo** *(de-lin-qu-o)* **Tu delinquis** *(de-lin-qu-is)* **Ele delinqui** *(de-lin-qu-i)* **Nós delinquimos** *(sem trema)* **Vós delinquis** *(sem trema)* **Eles delinquem** *(de-lin-qu-em)*	**OU**	**Eu delínquo** *(de-lín-quo)* **Tu delínques** *(de-lín-ques)* **Ele delínque** *(de-lín-que)* **Nós delinquimos** *(sem trema)* **Vós delinquis** *(sem trema)* **Eles delínquem** *(de-lín-quem)*
			(Que) Eu delinqua *(de-lin-qu-a)*		**(Que) Eu delínqua** *(de-lín-qua)*

		PRESENTE DO SUBJUNTIVO	**(Que) Tu delinquas** *(de-lin-qu-as)* **(Que) Ele delinqua** *(de-lin-qu-a)* **(Que) Nós delinquamos** **(Que) Vós delinquais** **(Que) Eles delinquam** *(de-lin-qu-am)*	**OU**	**(Que) Tu delínquas** *(de-lín-quas)* **(Que) Ele delínqua** *(de-lín-qua)* **(Que) Nós delinquamos** **(Que) Vós delinquais** **(Que) Eles delínquam** *(de-lín-quam)*

10. Reaver

	Presente do Indicativo	Pretérito Perfeito do Indicativo
Eu	----------	*Reouve*
Tu	----------	*Reouveste*
Ele	----------	*Reouve*

Nós	*Reavemos*	*Reouvemos*
Vós	*Reaveis*	*Reouvestes*
Eles	----------	*Reouveram*

Importante: conjuga-se como *haver*, mas só possui as formas que mantêm a letra **-v**. Na 3ª pessoa do singular do *pretérito perfeito do indicativo*, não deve ser usada a forma "reaveu"! A forma correta é **reouve**. Ademais, "reaveja" e "reavejam" não existem!

7.1.2. Verbos defectivos

Os *verbos defectivos* não possuem a conjugação completa, ou por terem formas antieufônicas, ou por não terem sido assimiladas pelo uso[2]. O problema dos verbos defectivos ocorre basicamente no "presente do indicativo" e suas formas derivadas.

São derivados do presente do indicativo: o *presente do subjuntivo* (normalmente, conjugado com um "que" antes dos pronomes: que eu faça, que tu faças etc.), o *imperativo afirmativo* e o *imperativo negativo*. Vale lembrar que:

- nenhum dos imperativos apresenta a primeira pessoa do singular (eu);
- as formas verbais do imperativo negativo são idênticas às do presente do subjuntivo;
- as formas verbais do imperativo afirmativo são idênticas às do presente do subjuntivo somente para as terceiras pessoas (ele/eles) e para a primeira do plural (nós). As segundas pessoas (tu/vós), normalmente, procedem do presente do indicativo sem o "s" final. Exemplo: tu amas – ama tu; vós amais – amai vós.

ABOLIR (1º Grupo)

- **Não** possuem a 1ª pessoa do presente do indicativo.
- Consequentemente, **não** possuem presente do subjuntivo e imperativo negativo.

	Presente do Indicativo	**Pretérito Perfeito do Indicativo**	**Imperativo Afirmativo**
Eu	----------	*Aboli*	----------
Tu	*Aboles*	*Aboliste*	*Abole*
Ele	*Abole*	*Aboliu*	----------
Nós	*Abolimos*	*Abolimos*	----------

Vós	*Abolis*	*Abolistes*	*Aboli*
Eles	*Abolem*	*Aboliram*	----------

1º GRUPO: da mesma forma, conjugam-se os verbos DEMOLIR (Tu demoles, Ele demole...), RETORQU (Tu retorques, Ele retorque...), COLORIR (Tu colores, Ele colore...), BANIR (Tu banes, Ele bane. EXTORQUIR (Tu extorques, Ele extorque...), USUCAPIR (Tu usucapes, Ele usucape...).

FALIR (2º Grupo)

- No presente do indicativo, só possui as formas arrizotônicas, as quais são conjugadas apenas quando o radical é seguido de "i".
- **Não** possuem presente do subjuntivo e imperativo negativo.
- No imperativo afirmativo, só existe a 2ª pessoa do plural.

	Presente do Indicativo	**Pretérito Perfeito do Indicativo**	**Imperativo Afirmativo**
Eu	----------	*Fali*	----------
Tu	----------	*Faliste*	----------
Ele	----------	*Faliu*	----------
Nós	*Falimos*	*Falimos*	----------
Vós	*Falis*	*Falistes*	*Fali*
Eles	----------	*Faliram*	----------

2º GRUPO: da mesma forma, conjugam-se os verbos REMIR e EMPEDERNIR.

Importante: não confunda *fali*, com sílaba tônica em -li, com *fale*, de sílaba tônica em -fa. A primeira flexão indica a 1ª pessoa do singular do *pretérito perfeito do indicativo* do verbo *falir*, enquanto a segunda flexão indica a 1ª pessoa do singular do *presente do subjuntivo* do verbo *falar*.

ADEQUAR (3º Grupo)

- Deriva do 2º Grupo, já apresentado, com o acréscimo de algumas formas no presente do subjuntivo.

	Presente do Indicativo	**Imperativo Afirmativo**	**Imperativo Negativo**	**Presente do Subjuntivo**
Eu	----------	----------	----------	----------
Tu	----------	----------	----------	----------
Ele	----------	----------	----------	----------
Nós	*Adequamos*	*Adequemos*	*Não Adequemos*	*Adequemos*
Vós	*Adequais*	*Adequai*	*Não Adequeis*	*Adequeis*
Eles	----------	----------	----------	----------

Importante: para o *Dicionário Houaiss*, o verbo *adequar* admite uma segunda possibilidade de conjugação, com a sílaba tônica e graficamente acentuada nas formas *rizotônicas*. Vejamos:

	Presente do Indicativo	Imperativo Afirmativo	Imperativo Negativo	Presente do Subjuntivo
Eu	*Adéquo*	----------	*Não Adéque*	*Adéque*
Tu	*Adéquas*	*Adéqua*	*Não Adéques*	*Adéques*
Ele	*Adéqua*	*Adéque*	*Não Adéque*	*Adéque*
Nós	*Adequamos*	*Adequemos*	*Não Adequemos*	*Adequemos*
Vós	*Adequais*	*Adequai*	*Não Adequeis*	*Adequeis*
Eles	*Adéquam*	*Adéquem*	*Não Adéquem*	*Adéquem*

Ainda sobre o 3º Grupo...: PRECAVER e **REAVER**

- Derivam do 3º grupo, já apresentado, com a observação de que não possuem presente do subjuntivo e imperativo negativo.
- PRECAVER não deriva de VER, nem de VIR. Logo, não existem "precavejo" nem "precavenho", sendo errônea a forma: "Ele que se precavenha".

Corrigindo: *Ele que se acautele* (ou *...que se previna...que se precate...que se cuide*).

- REAVER segue o modelo de HAVER, só apresentando as formas em que o verbo haver apresenta a letra v.

PRECAVER		
	Presente do Indicativo	**Imperativo Afirmativo**

Eu	----------	----------
Tu	----------	----------
Ele	----------	----------
Nós	*Precavemos*	----------
Vós	*Precaveis*	*Precavei*
Eles	----------	----------

REAVER		
	Presente do Indicativo	**Imperativo Afirmativo**
Eu	----------	----------
Tu	----------	----------
Ele	----------	----------
Nós	*Reavemos*	----------
Vós	*Reaveis*	*Reavei*

Eles	----------	----------

No tópico a seguir, o leitor disporá de alguns verbos e suas conjugações que, costumeiramente, "pregam peças" na linguagem escrita e falada. Conhecer verbos é "saber se expressar", uma vez que são termos designativos da ação nas orações. A conjugação correta de verbos, como **REQUERER**, **VIGER**, **ARGUIR**, **VIR** e **VER**, entre outros, representa, a nosso ver, uma "obrigação" ou "dever" para o operador do Direito preocupado com a boa linguagem. Vamos a eles:

REQUERER

- Verbo irregular.
- Verbo da 2ª conjugação.
- No presente do indicativo (à exceção da 1ª pessoa do singular – eu requeiro), no presente do subjuntivo, no imperativo afirmativo e no imperativo negativo, tem conjugação idêntica à do verbo QUERER.
- Nos tempos restantes, tem conjugação regular.

MODO INDICATIVO					
	Presente	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-que--perfeito**	**Futuro do Presente**
Eu	*Requeiro*	*Requeri*	*Requeria*	*Requerera*	*Requererei*
Tu	*Requeres*	*Requereste*	*Requerias*	*Requereras*	*Requererás*
Ele	*Requer*	*Requereu*	*Requeria*	*Requerera*	*Requererá*
Nós	*Requeremos*	*Requeremos*	*Requeríamos*	*Requerêramos*	*Requereremos*

Vós	*Requereis*	*Requerestes*	*Requeríeis*	*Requerêreis*	*Requerereis*
Eles	*Requerem*	*Requereram*	*Requeriam*	*Requereram*	*Requererão*

MODO SUBJUNTIVO			
	Presente (Que)	**Futuro (Quando)**	**Pretérito Imperfeito (Se)**
Eu	*Requeira*	*Requerer*	*Requeresse*
Tu	*Requeiras*	*Requereres*	*Requeresses*
Ele	*Requeira*	*Requerer*	*Requeresse*
Nós	*Requeiramos*	*Requerermos*	*Requerêssemos*
Vós	*Requeirais*	*Requererdes*	*Requerêsseis*
Eles	*Requeiram*	*Requererem*	*Requeressem*

MODO IMPERATIVO		
	Afirmativo	**Negativo**
Eu	----------	----------

Tu	*Requere*	*Não requeiras*
Ele	*Requeira*	*Não requeira*
Nós	*Requeiramos*	*Não requeiramos*
Vós	*Requerei*	*Não requeirais*
Eles	*Requeiram*	*Não requeiram*

FORMAS NOMINAIS				
	Infinitivo Impessoal	**Infinitivo Pessoal**	**Gerúndio**	**Particípio**
Eu	*Requerer*	*Requerer*	*Requerendo*	*Requerido*
Tu		*Requereres*		
Ele		*Requerer*		
Nós		*Requerermos*		
Vós		*Requererdes*		
Eles		*Requererem*		

VIGER

- Verbo defectivo.
- Verbo de 2ª conjugação.
- Faltam-lhe inúmeras formas e as delas derivadas.
- Por não ter particípio, não possui tempos compostos.

MODO INDICATIVO						
	Presente	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-que--perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
Eu	----------	*Vigi*	*Vigia*	*Vigera*	*Vigerei*	*Vigeria*
Tu	*Viges*	*Vigeste*	*Vigias*	*Vigeras*	*Vigerás*	*Vigerias*
Ele	*Vige*	*Vigeu*	*Vigia*	*Vigera*	*Vigerá*	*Vigeria*
Nós	*Vigemos*	*Vigemos*	*Vigíamos*	*Vigêramos*	*Vigeremos*	*Vigeríamos*
Vós	*Vigeis*	*Vigestes*	*Vigíeis*	*Vigêreis*	*Vigereis*	*Vigeríeis*
Eles	*Vigem*	*Vigeram*	*Vigiam*	*Vigeram*	*Vigerão*	*Vigeriam*

Importante: para o *Dicionário Houaiss*, o verbo *viger* admite mais formas de conjugação:

MODO INDICATIVO

	Presente	Pretérito Perfeito	Pretérito Imperfeito	Pretérito Mais-que--perfeito	Futuro do Presente	Futuro do Pretérito
Eu	*Vijo*	*Vigi*	*Vigia*	*Vigera*	*Vigerei*	*Vigeria*
Tu	*Viges*	*Vigeste*	*Vigias*	*Vigeras*	*Vigerás*	*Vigerias*
Ele	*Vige*	*Vigeu*	*Vigia*	*Vigera*	*Vigerá*	*Vigeria*
Nós	*Vigemos*	*Vigemos*	*Vigíamos*	*Vigêramos*	*Vigeremos*	*Vigeríamos*
Vós	*Vigeis*	*Vigestes*	*Vigíeis*	*Vigêreis*	*Vigereis*	*Vigeríeis*
Eles	*Vigem*	*Vigeram*	*Vigiam*	*Vigeram*	*Vigerão*	*Vigeriam*

MODO SUBJUNTIVO					**MODO IMPERATIVO**	
	Presente (Que)	**Futuro (Quando)**	**Pretérito Imperfeito (Se)**			**Afirmativo**
Eu	*Vija*	*Viger*	*Vigesse*		**Eu**	----------
Tu	*Vijas*	*Vigeres*	*Vigesses*		**Tu**	*Vige*

Ele	*Vija*	*Viger*	*Vigesse*		**Ele**	*Vija*
Nós	*Vijamos*	*Vigermos*	*Vigêssemos*		**Nós**	*Vijamos*
Vós	*Vijais*	*Vigerdes*	*Vigêsseis*		**Vós**	*Vigei*
Eles	*Vijam*	*Vigerem*	*Vigessem*		**Eles**	*Vijam*

FORMAS NOMINAIS				
	Infinitivo Impessoal	**Infinitivo Pessoal**	**Gerúndio**	**Particípio**
Eu	*Viger*	*Viger*	*Vigendo*	*Vigido*
Tu		*Vigeres*		
Ele		*Viger*		
Nós		*Vigermos*		
Vós		*Vigerdes*		
Eles		*Vigerem*		

ARGUIR

- Verbo irregular.

- Verbo de 3ª conjugação.
- Da mesma forma, conjuga-se REDARGUIR.
- Varia somente nas desinências.

ARGUIR (SEM TREMA – ACORDO)			
	Presente do Indicativo	**Pretérito Perfeito do Indicativo**	**Imperativo Afirmativo**
Eu	*ArGUo*	*ArGUI (sem trema – Acordo)*	----------
Tu	*ArGUis (Ar-gu-is: sem acento – Acordo)*	*ArGUIste (sem trema – Acordo)*	*ArGUi (Ar-gu-i: sem acento – Acordo)*
Ele	*ArGUi (Ar-gui: sem acento – Acordo)*	*ArGUIu (sem trema – Acordo)*	*ArGUa*
Nós	*ArGUImos (sem trema – Acordo)*	*ArGUImos (sem trema – Acordo)*	*ArGUAmos*
Vós	*ArGUIs (Ar-guis: sem trema – Acordo)*	*ArGUIstes (sem trema – Acordo)*	*ArGUI (Ar-gui: sem trema – Acordo)*
Eles	*ArGUem (Ar-gu-em: sem acento – Acordo)*	*ArGUIram (sem trema – Acordo)*	*ArGUam*

Importante: observe que o Acordo Ortográfico trouxe importante mudança para certos verbos, sobretudo no campo da acentuação. Reveja:

Antes do Acordo: eu arguo, tu argúis (ar-gú-is: com acento), ele argúi (ar-gúi: com acento), nós argüimos (com trema), vós argüis (com trema), eles argúem (ar-gú-em: com acento).

Após o Acordo: eu arguo, tu arguis (ar-gu-is: sem acento), ele argui (ar-gui: sem acento), nós arguimos (sem trema), vós arguis (sem trema), eles arguem (ar-gu-em: sem acento).

MODO INDICATIVO *Sem trema – Acordo						
	Presente	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-que--perfeito**	**Futuro do Presente**	**Fu P**
Eu	*Arguo*	*Argui**	*Arguia**	*Arguira**	*Arguirei**	*Arg*
Tu	*Arguis*	*Arguiste**	*Arguias**	*Arguiras**	*Arguirás**	*Arg*
Ele	*Argui*	*Arguiu**	*Arguia**	*Arguira**	*Arguirá**	*Arg*
Nós	*Arguimos**	*Arguimos**	*Arguíamos**	*Arguíramos**	*Arguiremos**	*Arg*
Vós	*Arguis**	*Arguistes**	*Arguíeis**	*Arguíreis**	*Arguireis**	*Arg*
Eles	*Arguem*	*Arguiram**	*Arguiam**	*Arguiram**	*Arguirão**	*Arg*

MODO SUBJUNTIVO * Sem trema – Acordo			

	Presente (Que)	Futuro (Quando)	Pretérito Imperfeito (Se)
Eu	*Argua*	*Arguir**	*Arguisse**
Tu	*Arguas*	*Arguires**	*Arguisses**
Ele	*Argua*	*Arguir**	*Arguisse**
Nós	*Arguamos*	*Arguirmos**	*Arguíssemos**
Vós	*Arguais*	*Arguirdes**	*Arguísseis**
Eles	*Arguam*	*Arguirem**	*Arguissem**

MODO IMPERATIVO * Sem trema – Acordo		
	Afirmativo	**Negativo**
Eu	----------	----------
Tu	*ArGUi*	*Não arGUas*
Ele	*ArGUa*	*Não arGUa*
Nós	*ArGUAmos*	*Não arGUAmos*
Vós	*ArGUI**	*Não arGUAis*

Eles	*ArGUam*	*Não arGUam*

FORMAS NOMINAIS * Sem trema – Acordo				
	Infinitivo Impessoal	**Infinitivo Pessoal**	**Gerúndio**	**Particípio**
Eu	*Arguir**	*Arguir**	*Arguindo**	*Arguido**
Tu		*Arguires**		
Ele		*Arguir**		
Nós		*Arguirmos**		
Vós		*Arguirdes**		
Eles		*Arguirem**		

VIR

- Verbo irregular.
- Verbo de 3ª conjugação.
- Da mesma forma, conjugam-se INTERVIR, DESAVIR, PROVIR, CONVIR.
- Varia nas desinências.

MODO INDICATIVO						

	Presente	Pretérito Perfeito	Pretérito Imperfeito	Pretérito Mais-que--perfeito	Futuro do Presente	Futuro do Pretérito
Eu	*Venho*	*Vim*	*Vinha*	*Viera*	*Virei*	*Viria*
Tu	*Vens*	*Vieste*	*Vinhas*	*Vieras*	*Virás*	*Virias*
Ele	*Vem*	*Veio*	*Vinha*	*Viera*	*Virá*	*Viria*
Nós	*Vimos*	*Viemos*	*Vínhamos*	*Viéramos*	*Viremos*	*Viríamos*
Vós	*Vindes*	*Viestes*	*Vínheis*	*Viéreis*	*Vireis*	*Viríeis*
Eles	*Vêm*	*Vieram*	*Vinham*	*Vieram*	*Virão*	*Viriam*

Importante: da mesma forma, não se pode confundir as flexões *vimos* e *viemos*, ambas afetas ao verbo *vir*. A primeira flexão indica a 1ª pessoa do plural do *presente do indicativo*, enquanto a segunda indica a 1ª pessoa do plural do *pretérito perfeito do indicativo*. Sendo assim, devemos falar *vimos hoje* e *viemos ontem.*

MODO SUBJUNTIVO			
	Presente (Que)	**Futuro (Quando)**	**Pretérito Imperfeito (Se)**
Eu	*Venha*	*Vier*	*Viesse*
Tu	*Venhas*	*Vieres*	*Viesses*

Ele	*Venha*	*Vier*	*Viesse*
Nós	*Venhamos*	*Viermos*	*Viéssemos*
Vós	*Venhais*	*Vierdes*	*Viésseis*
Eles	*Venham*	*Vierem*	*Viessem*

MODO IMPERATIVO		
	Afirmativo	**Negativo**
Eu	----------	----------
Tu	*Vem*	*Não venhas*
Ele	*Venha*	*Não venha*
Nós	*Venhamos*	*Não venhamos*
Vós	*Vinde*	*Não venhais*
Eles	*Venham*	*Não venham*

Observação: o verbo *vir* é comumente alvo de transgressões, sobretudo no campo do *imperativo*, a par de outros verbos 3. Observe a famosa frase de propaganda: "Vem pra Caixa você também". Como se sabe, o verbo

vir, no imperativo afirmativo, deve formar *venha*, na terceira pessoa do singular (ele), desconsiderando-se o efeito de intimidade trazido pela outra forma. Portanto, o correto seria: *Venha pra Caixa você também.* Por outro lado, a frase tornar-se-ia legítima se a concordância fosse feita com a segunda pessoa do singular (tu): *Vem pra Caixa tu também.*

FORMAS NOMINAIS				
	Infinitivo Impessoal	**Infinitivo Pessoal**	**Gerúndio**	**Particípio**
Eu	*Vir*	*Vir*	*Vindo*	*Vindo*
Tu		*Vires*		
Ele		*Vir*		
Nós		*Virmos*		
Vós		*Virdes*		
Eles		*Virem*		

VER

- Verbo irregular.
- Verbo de 2ª conjugação.
- Da mesma forma, conjugam-se ANTEVER, PREVER, REVER.
- Varia nas desinências.

MODO INDICATIVO

	Presente	Pretérito Perfeito	Pretérito Imperfeito	Pretérito Mais-que--perfeito	Futuro do Presente	Futuro do Pretérito
Eu	*Vejo*	*Vi*	*Via*	*Vira*	*Verei*	*Veria*
Tu	*Vês*	*Viste*	*Vias*	*Viras*	*Verás*	*Verias*
Ele	*Vê*	*Viu*	*Via*	*Vira*	*Verá*	*Veria*
Nós	*Vemos*	*Vimos*	*Víamos*	*Víramos*	*Veremos*	*Veríamos*
Vós	*Vedes*	*Vistes*	*Víeis*	*Víreis*	*Vereis*	*Veríeis*
Eles	*Veem (Acordo)*	*Viram*	*Viam*	*Viram*	*Verão*	*Veriam*

MODO SUBJUNTIVO			
	Presente (Que)	**Futuro (Quando)**	**Pretérito Imperfeito (Se)**
Eu	*Veja*	*Vir*	*Visse*
Tu	*Vejas*	*Vires*	*Visses*
Ele	*Veja*	*Vir*	*Visse*

Nós	*Vejamos*	*Virmos*	*Víssemos*
Vós	*Vejais*	*Virdes*	*Vísseis*
Eles	*Vejam*	*Virem*	*Vissem*

MODO IMPERATIVO		
	Afirmativo	**Negativo**
Eu	----------	----------
Tu	*Vê*	*Não vejas*
Ele	*Veja*	*Não veja*
Nós	*Vejamos*	*Não vejamos*
Vós	*Vede*	*Não vejais*
Eles	*Vejam*	*Não vejam*

FORMAS NOMINAIS				
	Infinitivo Impessoal	**Infinitivo Pessoal**	**Gerúndio**	**Particípio**

Eu	*Ver*	*Ver*	*Vendo*	*Visto*
Tu		*Veres*		
Ele		*Ver*		
Nós		*Vermos*		
Vós		*Verdes*		
Eles		*Verem*		

FRASES PARA RECAPITULAÇÃO

À guisa de memorização, seguem algumas frases elaboradas com os verbos assimilados:

1. *Eu requeiro provas.*

2. *Eu requeri providências na semana passada.*

3. *Se ele requeresse o documento, não teria perdido o prazo.*

4. *A advogada requereu o exame pericial.*

5. *O decreto ainda vige.*

6. *A lei vigeu até ontem.*

7. *Todas as portarias vigeram até o ano passado.*

8. *A lei deve viger até o fim do ano.*

9. *A instrução normativa está vigendo para todos.*

10. *Eu arGUo diariamente sobre o problema. Ele também argui.*

11. *Eu arGUI na última petição.*

12. *ArGUa sempre com elegância.*

13. *Vimos, hoje, pela presente, requerer tal providência.*

14. *Nós viemos ontem aqui pra beber ou pra conversar.*

15. *Eu intervim ontem nos autos.*

16. *Ele interveio ontem nos autos.*

17. *Nós intervimos*[4]*, hoje, às 14h30min.*

(Presente do indicativo, e não no "pretérito perfeito").

18. *Quando você vir o meu cliente, avise-me.*

19. *Quando você vier aqui, estarei ocupado.*

OS VERBOS *APRAZER(-SE)*, *PRAZER*, *DES(A)PRAZER* E *COMPRAZER(-SE)*

Para Houaiss, o verbo **aprazer** ("causar ou sentir prazer") é mais usado nas terceiras pessoas (do singular e do plural), como *verbo transitivo indireto* (VTI) ou *intransitivo* (VI). O eminente dicionarista entende que o verbo

na forma pronominal – **aprazer-se** ("contentar-se") –, apresenta a conjugação completa.

Assim, o verbo *aprazer* conteria, *e.g.*, as formas, na terceira pessoa do singular: *apraz, aprazia, aprazerá, aprazeria, aprouve, aprouvera, apraza, aprouvesse, aprouver* (no futuro do subjuntivo, sendo bastante utilizado em *quando lhe aprouver...*).

Em outro giro, o verbo **aprazer-se** conteria, respectivamente, nos tempos *presente, pretérito perfeito* e *futuro do indicativo*, as formas na 1ª pessoa do singular (eu) e nas 1ª e 2ª pessoas do plural (nós e vós):

Aprazo-me – Aprazemo-nos – Aprazeis-vos

Aprouve-me – Aprouvemo-nos – Aprouvestes-vos

Aprazer-me-ei – Aprazer-nos-emos – Aprazer-vos-eis

Note alguns exemplos preambulares:

- Todas as manhãs, o sol lhe apraz (aprazer – VTI).
- Poucos são os comentários que aprazem (aprazer – VI).
- Todas as manhãs, eu me aprazo (aprazer – Verbo Pronominal).

Para Houaiss, ainda, o verbo **aprazer** é defectivo, quando conjugado nas terceiras pessoas, e irregular, nos tempos derivados do *pretérito perfeito*. Por outro lado, o verbo **aprazer-se** é tão somente irregular. É fato, todavia, que modernamente a maioria dos gramáticos admite a conjugação completa ao verbo, repelindo a defectividade. Verifique mais alguns elucidativos exemplos:

- Espero que isso lhe apraza; caso contrário, faça como lhe aprouver.
- A cidade não lhe aprazia, entretanto mantinha a forma, para que aprouvesse à namorada.
- O usuário se inscreveria na organização privada da saúde que lhe aprouvesse.
- "Fácil é ao sabedor aprazer ao mau, se quiser errar" (Provérbio).
- Apraz-se assistir à televisão.
- Aprazer-me-ia comemorar a vitória do time.
- "Pois que aprouve ao dia findar, aceito a noite" (Carlos Drummond de Andrade).

- "Não de outro modo mais divino ou menos / Deve aprazer-nos conduzir a vida, / Quer sob o ouro de Apolo / Ou a prata de Diana" ("Deixemos Lídia", Ricardo Reis, Fernando Pessoa).
- "...É muito necessário ter em vista / um crédito de rosas na florista / muito mais, muito mais que na modista! / para aprazer ao grande amor..." ("Para viver um grande Amor", Vinicius de Moraes).

Observações:

a) O verbo **desprazer** (ou **desaprazer**), no sentido de "desagradar", deve ser conjugado como *aprazer*. Portanto, diga-se:

- O beijo intenso lhe despraz.
- O contrato não lhe desprouve, mas agradou a ele.
- É provável que os tópicos desprazam os contratantes.
- "Nenhuma outra imputação me poderia tanto desaprazer e desconvir" ("A Relíquia", Prólogo, Eça de Queirós).

b) O verbo **prazer** (VTI) é sinônimo de *aprazer*, devendo ser usado apenas na 3ª pessoa do singular. É, pois, irregular e defectivo **(Cegalla):** *praz, prazia, prouve, prouvera, prazerá, prazeria, praza, prouvesse, prazendo, prazido*. Exemplos:

- Prouvera a Deus (ou seja, "queira Deus; tomara, oxalá").
- Se a Deus prouver, que praza a todos.
- Prouve a Deus que o soldado não agonizasse (ou seja, "agradou a Deus que o soldado não agonizasse").

VERBO *SUBSUMIR*

O verbo **subsumir** é um verbo bastante utilizado na linguagem forense. A pronúncia requer cuidados: enuncie a sílaba -su com o som de /s/, como em *subsolo*. O verbo forma o substantivo *subsunção*, na acepção de "concordância de um fato com a hipótese descritiva de uma norma". É comum falar-se que o *fato está subsumido na lei*. Não obstante o seu iterativo uso, a conjugação verbal oferece problemas ao usuário da Língua, uma vez que o verbo é *regular* para alguns e *irregular* para outros.

Como verbo *irregular* – o seu radical sofre modificação nos tempos verbais –, conjuga-se como *subir, sumir*

ou *consumir*, entre outros. Tal uso recebe a chancela do Aurélio. Assim, o presente do indicativo se forma:

Eu	**Tu**	**Ele**	**Nós**	**Vós**	**Eles**
subsumo	**subsomes**	**subsome**	**subsumimos**	**subsumis**	**subsomem**

À guisa de memorização, associe-o, por exemplo, ao verbo *consumir*:

Consumo	***Subsumo***		Consumimos	***Subsumimos***
Consomes	***Subsomes***		Consumis	***Subsumis***
Consome	***Subsome***		Consomem	***Subsomem***

É interessante observar que, da conjugação do verbo (*irregular*), defluem formas pouco usuais: *subsumi* e *subsumiu* (pretérito perfeito do indicativo); *subsumíamos* (pretérito imperfeito do indicativo); *subsumamos* (presente do subjuntivo); *subsumisse* e *subsumíssemos* (pretérito imperfeito do subjuntivo); entre outras.

Observe alguns curiosos exemplos de emprego do *verbo irregular*:

1. "[...] Pedido de condenação em obrigação de não fazer que não pode ser acolhido, ante a forma em que deduzido. Requerimento de publicidade da decisão, que se subsome no atendido do disposto pelo artigo 564 do CPC, assegurado ao prejudicado a restituição do indébito. Antecipação da tutela, que se ratifica" (trecho da ementa do Acórdão 06746.000/00-1 AA, rel. Juiz – Pedro Luiz Serafini – TRF4, SDC, julgamento em 13-8-2001, publicado no DOERS de 10-9-2001 – destaque nosso).

2. "[...] Aliás, as previsões do texto constitucional e das leis administrativas, com relação a entes, responsabilidades e processos sujeitos aos mecanismos de controle, não se compadecem com realidades e conceitos do ordenamento jurídico binacional, que, por distintos e peculiares, àquelas não se subsomem. [...]" (trecho extraído de Parecer do Consultor-Geral da República Luiz Rafael Mayer, publicado no DOU de 19-10-1978 – destaque nosso).

3. "[...] Afinal de contas, os atos administrativos sujeitam-se ao controle de legalidade do Judiciário, e o tema atinente à arrecadação tributária subsome-se no âmbito do litígio entre as partes, não afetando os interesses envolvidos no juízo excepcional da suspensão. Para o ministro, a questão deve ser resolvida pelas vias ordinárias. [...]" (comentário do Presidente do STJ, Ministro Nilson Naves, Processo SS 1.204, Revista Consultor Jurídico, 7-5-2003 – destaque nosso).

4. "[...] Assim, comprovada a existência de débito do contribuinte para com a Fazenda Estadual,

acertada a lavratura do Auto de Infração em análise pelo servidor fazendário. Todavia, retifico o enquadramento legal da penalidade aplicada, visto que o caso concreto se subsome melhor ao dispositivo legal abaixo citado [...]" (voto proferido pelo Conselho de Recursos Fiscais da Secretaria das Finanças do Estado da Paraíba, em 3-5-2002, rel. Conselheira Patrícia Márcia de Arruda Barbosa, Acórdão 107CRF0722002, AI 2000.07888-30 – destaque nosso).

Ressalte-se, todavia, que o *Dicionário Houaiss* considera o verbo como *regular*, não havendo o abono das formas acima demonstradas. Como se disse, há gramáticos que têm pensamento diverso, concebendo-o *irregular*. Não se pode negar que, diferentemente do que até aqui se mostrou, a conjugação dicionarizada é demasiado simples. Vejamos:

Eu subsumo	**Tu subsumes**	**Ele subsume**	**Nós subsumimos**	**Vós subsumis**	**Eles subsumem**

Diante da divergência, entendemos que é importante registrar a oscilação na conjugação verbal, entretanto, recomendamos, em homenagem à simplicidade, que se considere o verbo como *regular*, chancelando o posicionamento do Houaiss.

7.1.3. Usos dos tempos verbais

I – O TEMPO PRESENTE

O tempo verbal **presente** identifica que o evento narrado é contemporâneo ao tempo da fala. Exemplo:

Os processos foram analisados em tempo hábil.

O tempo presente do indicativo, quanto ao evento em análise:

I – *Ocorre, concomitantemente, ao tempo em que se fala.*	**II** – *Perdura no tempo, protraindo-se até o momento do ato da fala.*	**III** – *Traduz-se em ação habitual ou um fato corriqueiro.*
Exemplo: *O professor encontra-se em sala de aula, portanto não*	*Exemplo:* *A portaria determinou que se cumpram os*	*Exemplo:* *O nadador treina de oito as catorze horas,*

pode atender ao telefone celular.	*deveres instrumentais do contribuinte.*	*todos os dias da semana.*

É importante assinalar que, por razão estilística, o tempo *presente do indicativo* pode vir a ser utilizado em substituição a outros tempos verbais. Vamos conhecer as possibilidades:[5]

I – *Em lugar do pretérito perfeito – fenômeno conhecido como "presente histórico"*[5].	**II** – *Em lugar do futuro, para enunciar um acontecimento próximo.*	**III** – *Em lugar do imperativo.*
Exemplo: *O nadador chega ao treino, faz alongamento, aquece os músculos. Pula na água e tenta relaxar.*	*Exemplo:* *Às 15h, tomo meu café, com maior tranquilidade.*	*Exemplo:* *Você pega o documento, preenche-o e entrega-o ao homem do guichê.*

II – O TEMPO PRETÉRITO PERFEITO

O **pretérito perfeito** identifica um tempo narrado anterior ao momento da fala do emissor. Exemplo:

O advogado requereu as provas antes do despacho deferitório.

III – O TEMPO FUTURO DO PRESENTE

O **futuro do presente** identifica que o evento narrado é posterior ao momento da enunciação. Exemplo:

Os advogados intervirão no feito, antes de qualquer providência suplementar.

Frise-se que o momento da fala, por si só, não determina a relação temporal a que se refere a situação. Em narrativas compostas de várias ações concomitantes, somente é possível identificar a relação temporal por meio do tempo verbal analisado em relação à outra ação narrada no texto. Com efeito, um evento determinado se contrapõe

a outro, servindo-lhe como marco temporal, em uma nítida relação que traduz e determina o tempo verbal que deve ser empregado. Vamos às situações possíveis:

1. Quando o marco temporal estiver no passado, os fatos podem ser contemporâneos, anteriores ou posteriores a ele.

Exemplos:

- No dia em que cheguei de viagem, o funcionário TRABALHOU muito.
- No dia em que cheguei de viagem, o funcionário TRABALHAVA muito.
- No dia em que cheguei de viagem, o funcionário TRABALHARA muito.
- No dia em que cheguei de viagem, o funcionário disse que TRABALHARIA muito.

Compare, novamente, as hipóteses, examinando outras orações, à luz do marco temporal *pretérito*:

- Quando tomei o remédio, o médico AGUARDOU os efeitos *(contemporaneidade, em relação ao evento passado);*
- Quando tomei o remédio, o médico AGUARDAVA os efeitos *(contemporaneidade, com ação que ainda perdurava em relação ao evento no pretérito);*
- Quando tomei o remédio, o médico AGUARDARA *(ou TINHA / HAVIA AGUARDADO)* os efeitos *(ação pretérita à ação pretérita);*
- Quando tomei o remédio, o médico disse que AGUARDARIA os efeitos *(ação futura em relação a evento pretérito).*

Explicando:

1.1. Quando o evento narrado for **concomitante** ao marco temporal passado, pode haver a utilização de dois tempos verbais – o *pretérito perfeito* e o *pretérito imperfeito*:

1.1.1. Pretérito Perfeito6**:** este tempo é válido para delimitar a duração do fato, em um espaço de tempo definido. Exemplo:

No dia em que cheguei de viagem, o funcionário TRABALHOU muito.

Observe que o tempo verbal *trabalhou* delimita que a ação teve início e término no mesmo momento do marco temporal (*no dia em que cheguei de viagem*).

1.1.2. Pretérito Imperfeito: este tempo é válido para demonstrar que o evento ainda ocorria, quando se deu a ação do marco temporal passado. Exemplo:

No dia em que cheguei de viagem, o funcionário TRABALHAVA muito.

Note que a ação delimitada pela forma verbal *cheguei* refere-se ao passado, enquanto o verbo *trabalhar* (pretérito imperfeito – "trabalhava") indica que a ação se protraía no tempo, desenrolando-se no momento do marco temporal – é a contemporaneidade do ato de "trabalhar" em relação ao ato de "chegar".

1.2. Quando o evento narrado for **anterior** ao marco temporal passado, usamos o **pretérito mais-que-perfeito**. Exemplo:

No dia em que cheguei de viagem, o funcionário TRABALHARA muito.

O tempo verbal *pretérito mais-que-perfeito* 7 indica que, no momento da referência temporal (a chegada da viagem), a ação do verbo conjugado (trabalhar) já havia ocorrido completamente (o ato de "trabalhar" é anterior ao de "chegar").

1.3. Quando o evento narrado é **posterior** ao marco temporal passado, usamos o **futuro do pretérito**. Exemplo:

- No dia em que cheguei de viagem, o funcionário disse que TRABALHARIA muito.

O tempo verbal *futuro do pretérito* indica que, no momento da referência temporal (a chegada da viagem), a ação do verbo conjugado (trabalhar) ainda estava por acontecer, isto é, tratava-se de evento futuro. É importante ressaltar que o futuro do pretérito, além de delimitar ação futura em relação a um evento no passado, pode também ser utilizado com outras funções, indicando:

a) Hipótese irreal:

Se a vaca tossisse, TERÍAMOS êxito na demanda.

Se o Promotor sentenciasse, PODERÍAMOS ter outro resultado.

b) Aproximação ou imprecisão:

Naquela fase da vida, o jovem TERIA seus vintes anos de trabalho.

c) Suposição:

Naquela ocasião, já TERIA tomado as providências.

d) Suavização para indagação ou desejo:

PODERIA chamar o funcionário agora?

Eu GOSTARIA de lhe dizer que não virei à reunião.

e) Declaração, em relação a outros verbos no passado:

Garantiu que não TOMARIA medicamento sem receita médica.

Deliberou que não VIRIA sem mim à audiência.

2. Quando o marco temporal for futuro, os eventos também podem ser contemporâneos, anteriores ou posteriores a ele.

Exemplos:

- *Quando a parte se manifestar, eu já HAVEREI CUMPRIDO o despacho do Juiz.*
- *Quando a parte se manifestar, eu ESTAREI CUMPRINDO o despacho do Juiz.*
- *Após a parte se manifestar, eu CUMPRIREI o despacho do Juiz.*

Compare, novamente, as hipóteses, examinando-as à luz do marco temporal *futuro*:

FRASE 1: *Se o advogado alegar o fato, nós já HAVEREMOS TOMADO as cautelas necessárias (a ação narrada, relativa à "tomada das cautelas", é anterior à ação futura – a "alegação dos fatos").*

FRASE 2: *Se o advogado alegar o fato, nós ESTAREMOS TOMANDO as cautelas necessárias (a ação narrada, relativa à "tomada das cautelas", é futura e concomitante à ação, igualmente futura – a "alegação dos fatos").*

FRASE 3: *Depois de o advogado alegar o fato, nós TOMAREMOS as cautelas necessárias (a ação narrada, relativa à "tomada das cautelas", é futura e não concomitante à ação futura – a "alegação dos fatos").*

Nas frases acima, temos o tempo da fala **(I)**, o tempo futuro **(II)** e o futuro ao tempo futuro **(III)**. Observe a representação abaixo:

I – Hoje: tempo da fala.

II – Tempo para o advogado alegar o fato: tempo futuro.

III – Tempo para tomar providências: futuro "do futuro".

Detalhando:

FRASE 1: *Se o advogado alegar o fato, nós já HAVEREMOS TOMADO as cautelas necessárias.*

Quando a **ação narrada** for **ANTERIOR a uma ação futura**, faz-se mister utilizar o tempo "futuro do presente composto" (*futuro anterior*), constituído da seguinte formação composta:

FUTURO (VERBO AUXILIAR) + PARTICÍPIO (VERBO A CONJUGAR)

Exemplo:

• Quando a parte se manifestar, eu já HAVEREI CUMPRIDO o despacho do Juiz.

Evidencia-se, claramente, que o ato de "cumprir o despacho" é **posterior** ao ato da fala, mas, ainda assim, **anterior** a outro ato que funciona como marco temporal (a "manifestação da parte").

Quanto à **FRASE 1** – *Se o advogado alegar o fato, nós já HAVEREMOS TOMADO as cautel necessárias* –, evidencia-se que a ação narrada, relativa à "tomada das cautelas", é **anterior** à ação futura – a "alegação dos fatos".

Passemos à Frase 2:

FRASE 2: *Se o advogado alegar o fato, nós ESTAREMOS TOMANDO as cautelas necessárias.*

Quando a **ação narrada** for **FUTURA E CONCOMITANTE** a outra ação (também futura), é necessário fazer a seguinte construção:

FUTURO DO PRESENTE (VERBO ESTAR) + GERÚNDIO (VERBO A CONJUGAR)

Exemplo:

Quando a parte se manifestar, eu ESTAREI CUMPRINDO o despacho do Juiz.

Trata-se da figura do "gerundismo", que será detalhado em item posterior, neste Capítulo.

Quanto à **FRASE 2** – *Se o advogado alegar o fato, nós ESTAREMOS TOMANDO as cautel necessárias* –, evidencia-se que a ação narrada, relativa à "tomada das cautelas", é futura e concomitante à ação, igualmente futura – a "alegação dos fatos".

Finalizemos com a Frase 3:

FRASE 3: *Depois de o advogado alegar o fato, nós TOMAREMOS as cautelas necessárias.*

Quando a **ação narrada** é **POSTERIOR** ao marco temporal futuro, pode-se utilizar a seguinte construção:

VERBO A CONJUGAR (FUTURO DO PRESENTE)

Exemplos:

- Depois de ouvir as testemunhas, o juiz PROCEDERÁ ao julgamento da causa.
- Após a prolação da decisão, o advogado REQUERERÁ o diferimento do prazo.

Os advérbios "depois" e "após" são termos designativos da ação futura, permitindo a inserção de uma nova ação ("proceder ao julgamento" e "requerer o diferimento"), a qual, por sua vez, será futura a uma ação já futura ("ouvir testemunhas" e "prolatar decisão"), em relação ao ato da fala.

Quanto à **FRASE 3** – *Depois de o advogado alegar o fato, nós TOMAREMOS as cautelas necessárias*–, evidencia-se que a ação narrada, relativa à "tomada das cautelas", é futura e não concomitante à ação futura – a "alegação dos fatos".

O GERÚNDIO E O GERUNDISMO

O **gerúndio** é uma forma verbal conhecida como *forma nominal do verbo*, juntamente com o *infinitivo* e o *particípio*. Ela pode e deve ser usada para expressar uma ação em curso ou uma ação simultânea à outra, ou para exprimir a ideia de progressão indefinida. Combinado com os auxiliares *estar, andar, ir, vir* , o gerúndio marca uma *ação durativa*, com aspectos diferenciados:

1. O verbo *estar*, seguido de gerúndio, indica uma ação durativa, num momento rigoroso:

• Estavam todos REPOUSANDO.

2. O verbo *andar*, seguido de gerúndio, indica uma ação durativa, em que predomina a ideia de intensidade ou de movimentos reiterados:

• Ricardo ANDAVA ACORDANDO sem ânimo.

• ANDEI PROCURANDO uma solução para o caso.

3. O verbo *ir*, seguido de gerúndio, expressa uma ação durativa, que se realiza progressivamente ou por etapas sucessivas:

• Dias de sorte VÊM SURGINDO no último mês.

• VÃO-SE SURGINDO as situações uma a uma, a cada contrato assinado.

4. O verbo *vir*, seguido de gerúndio, expressa uma ação durativa, que se desenvolve gradualmente em direção à época ou ao lugar em que nos encontramos:

• O Tribunal não compreende como a arguição VEM SENDO suscitada no dia a dia.

• A Gramática não explica como tal expressão VEM SENDO usada pelos falantes.

O **gerundismo** é fenônemo linguístico recente no Brasil, traduzindo-se em inadequada maneira de falar e de escrever, em razão da má influência do idioma *inglês* na Língua Portuguesa. O gerundismo também é conhecido por *endorreia* – "é assim que os puristas chamam ao abuso do gerúndio e ao seu uso pouco vernáculo", consoante os dizeres de Rodrigues Lapa (1959: 177).

É possível afirmar que, topograficamente, o foco de propagação da curiosa "praga" se deu nos ambientes de *telemarketing*. No afã de traduzir expressões como "I am going to do something" (literalmente: Estou indo fazer algo) ou, ainda, "We will be sending you the catalog soon" (com o sentido de "nós estaremos lhe enviando o catálogo em breve") e, por fim, "We'll be sending it tomorrow" (com o significado de "nós vamos estar mandando isso

amanhã"), passou-se a conviver com esse abuso de forma com forte vocação à proliferação. Diga-se, em tempo, que, enquanto os falantes do inglês empregam corretamente o "we'll be sending it tomorrow", a adaptação servil feita pelo português soa esquisita: "nós vamos estar mandando isso amanhã".

Sabe-se que, pouco a pouco, a perigosa forma gerundial deixou o ambiente dos atendentes de *telemarketing* e se alastrou de modo incontido, alcançando o cotidiano dos escritórios, das reuniões, das conferências etc.

Tal aproximação mecânica da construção inglesa também pode ser percebida em livros. Em *O Código Da Vinci*, polêmico romance de Dan Brown, é possível encontrar alguns exemplos:

- "Vou estar aterrissando antes de o sol nascer".
- "É melhor estarem me dizendo a verdade".

Observe alguns **condenáveis exemplos** de gerundismo:

- "Espero que você possa estar recortando a fotografia".
- "Acreditamos que você possa estar deixando o envelope na casa".
- "É possível que ela pode estar espalhando a notícia".
- "Eu vou estar passando por fax o documento".
- "Ela vai estar mandando pelo correio o memorando".
- "Nós vamos estar enviando pela Internet o relatório".
- "Eu vou estar transferindo a sua ligação".
- "Você pode estar respondendo a duas ou a três perguntas?".
- "Eu vou estar confirmando os dados".
- "Você vai estar sendo debitada em conta-corrente".

E, ainda, mais um exemplo curioso:

"O importante é estar prometendo que a pessoa indicada vá estar adquirindo esta mercadoria, de modo que ela possa estar comprando e, quem sabe, consiga até mesmo estar se dando conta da maneira como as coisas ocorrem na empresa, a fim de que possa estar falando bem de nosso método de trabalho".

Enxugando o texto:

O importante é prometer que a pessoa indicada vá adquirir esta mercadoria, de modo que ela possa comprar e, quem sabe, consiga até mesmo se dar conta da maneira como as coisas ocorrem na empresa, a fim de que possa falar bem de nosso método de trabalho.

Curiosamente, o assunto foi solicitado em interessante questão de vestibular da UFMG, na Prova de Língu Portuguesa e Literatura Brasileira, em 2002. Tratava-se de um texto de Elio Gaspar[8] sobre a figura do *gerundismo*, posto à discussão perante o vestibulando, cujo teor era o seguinte:

"Este artigo foi feito especialmente para que você possa estar recortando, estar imprimindo e estar fazendo diversas cópias, para estar deixando discretamente sobre a mesa de alguém que não consiga estar falando sem estar espalhando essa praga terrível da comunicação moderna, o gerundismo. (...) Mais do que estar repreendendo ou estar caçoando, o objetivo deste movimento é estar fazendo com que esteja caindo a ficha das pessoas que costumam estar falando desse jeito sem estar percebendo. Nós temos que estar nos unindo para estar mostrando a nossos interlocutores que, sim!, pode estar existindo uma maneira de estar aprendendo a estar parando de estar falando desse jeito. (...) A única solução vai estar sendo submeter o gerundismo à mesma campanha de desmoralização à qual precisaram estar sendo expostos seus coleguinhas contagiosos como o ´a nível de´, o ´enquanto ´, o ´pra se ter uma ideia´ e outros menos votados. A nível de linguagem, enquanto falante da língua, o que você acha de tá insistindo em tá falando desse jeito?".

Em hilariante passagem, satirizando com o humor que lhe é peculiar, o cronista Ricardo Freire[9] comenta:

"Nós temos que estar nos unindo para estar mostrando a nossos interlocutores que,

sim, pode estar existindo uma maneira de estar aprendendo a estar parando de estar falando desse jeito. Até porque, caso contrário, todos nós vamos estar sendo obrigados a estar emigrando para algum lugar onde não vão estar nos obrigando a estar ouvindo frases assim o dia inteirinho. Sinceramente: nossa paciência está ficando a ponto de estar estourando".

E prossegue o autor:

"E só existe uma forma de descontaminar um gerundista crônico: corrigindo o coitado. Na chincha. Com educação, claro. Por incrível que pareça, ninguém usa o gerundismo para irritar. Quando a teleatendente diz 'O senhor pode estar aguardando na linha, que eu vou estar transferindo a sua ligação', ela pensa que está falando bonito. Por sinal, ela não entende por que 'eu vou estar transferindo' é errado e 'ela está falando bonito' é certo. O que só aumenta a nossa responsabilidade como vigilantes e educadores. (...)".

De qualquer modo, é vital distinguir o bom do mau emprego gerundial. Condenar o *gerundismo*, sem análise detida, não é recomendável. Segundo Rodrigues Lapa (1959: 178), "o problema consiste em saber se de fato o uso do gerúndio traz vantagem estilística sobre os outros processos".

Casos há em que se necessita transmitir a ideia de movimento, de progressão, duração, continuidade – portanto, recomendar-se-á seu uso. Todavia, abusivo será o **gerundismo** e, portanto, condenável, se a ação em comento se individualizar no tempo, sem necessidade de se protrair. Nesse caso, é necessário evitá-lo, fazendo a troca da locução verbal (estar + gerúndio) por um simples infinitivo (flexionado ou não), desde que não se trate, efetivamente, de uma ação durativa. Observemos:

Gerundismo aceitável (a ação é durativa):

- Os pagamentos das promissórias estarão ocorrendo nos dias 2 e 3 do referido mês.
- Não será possível vê-la nesses dias, pois vou estar viajando pelo Nordeste.
- Em outros artigos ela estará dando maior atenção a cada um desses assuntos.

• A jovem deve estar fazendo os exercícios agora.

Gerundismo inaceitável (a ação não é durativa):

Vou aproveitar o 13º para estar pagando tudo (**Trocar por:** "... pagar tudo").

À tarde, temos que estar discutindo a proposta do plano (**Trocar por:** "... discutir a proposta").

As análises servem para estarmos aprofundando os estudos (**Trocar por:** "... aprofundarmos os estudos").

Eles vão estar efetuando a cobrança em maio (**Trocar por:** "... efetuar a cobrança" / ... "efetuarão a cobrança").

7.1.4. A colocação pronominal e a conjugação dos verbos

I. A ÊNCLISE

Se os pronomes **o, a, os, as, me, te, se, nos, vos, lhe, lhes** encontrarem-se *pospostos* à forma verbal, teremos a *ênclise*. Passemos a detalhar as situações possíveis:

Os pronomes conservam suas formas, unindo-se aos verbos por hífen, caso a forma verbal termine em **vogal** ou em **ditongo oral**. Exemplos:

• Você compra o caderno – Você compra-o.

• Ele vende o livro – Ele vende-o.

• Faça a tarefa hoje – Faça-a hoje.

• Mande as flores ao jovem – Mande-as ao jovem.

• Evite a ressaca sempre – Evite-a sempre.

• Possuí motos na juventude – Possuí-as na juventude.

• Construí pontes como engenheiro – Construí-as como engenheiro.

Caso a forma verbal termine em **vogal + r**, teremos alterações importantes em sua formação. Vamos assimilar os "passos":

1º Passo: suprime-se o **-r**.

2º Passo: o pronome que se seguir, seja **o**, **a**, **os**, **as**, toma a letra **-l**, criando-se **lo**, **la**, **los**, **las**, respectivamente.

3º Passo: acentua-se a forma verbal de acordo com as regras convencionais de acentuação.

Exemplo:

- Você deve comprar o caderno – Você deve comprá-lo.

Analisando: o verbo *comprar* perde o -r, surgindo a forma verbal "compra" – uma oxítona terminada em -a, portanto, acentuada, obrigatoriamente. Logo, a forma correta é "comprá", com acento agudo, à qual se unirá a forma pronominal **-lo**, substitutiva do objeto direto (*o caderno*).

Observe outros exemplos:

- Ele passará a vender o livro – Ele passará a vendê-lo.
- Todo genro deve mandar flores à sogra – Todo genro deve mandá-las à sogra.
- Evitar a ressaca é sagacidade – Evitá-la é sagacidade.
- Possuir motos é prazer indizível – Possuí-las é prazer indizível.

Assim, memorize, quanto à acentuação:

Se a **última vogal do verbo**, *após suprimir-se o* **-r**, *for:*

A, *leva o acento agudo: AMAR – amá-lo, amá-la, amá-los, amá-las.*

E *ou* **O**, *leva o acento circunflexo: VENDER – vendê-lo, vendê-la, vendê-los, vendê-las; PÔR: pô-lo, pô-la, pô-los, pô-las.*

I, *não leva acento gráfico: ABRIR: abri-lo, abri-la, abri-los, abri-las.*

Caso a forma verbal termine em **grupo vocálico [-ai/-ui] + -r**:

1º Passo: suprime-se o **-r**.

2º Passo: o pronome que se seguir, seja **o**, **a**, **os**, **as**, toma a letra **-l**, criando-se **lo**, **la**, **los**, **las**, respectivamente.

3º Passo: o **i** do grupo vocálico **-ai** ou **-ui** leva acento agudo.

Exemplo:

- Você deve possuir os documentos – Você deve possuí-los.

Analisando: o verbo *possuir* perde o **-r**, surgindo a forma verbal "possuí", com separação silábica "pos-su-í". Segundo a boa acentuação, trata-se de um hiato, com acento agudo obrigatório no **-í**, a cuja forma se unirá o pronome **-los**, substitutivo do objeto direto (*os documentos*).

Caso a forma verbal termine em **-s** ou em **-z**:

1º Passo: suprimem-se essas consoantes.

2º Passo: o pronome que se seguir, seja **o**, **a**, **os**, **as**, toma a letra **-l**, criando-se **lo**, **la**, **los**, **las**, respectivamente.

3º Passo: acentua-se a forma verbal de acordo com as regras convencionais de acentuação.

Exemplo:

- Ele fez as análises – Ele fê-las.

Analisando: *fez* perde a consoante **-z**, surgindo a forma verbal "fe" – um monossílabo tônico com terminação em **-e**, portanto, acentuado, obrigatoriamente. Logo, a forma correta é "fê", com acento circunflexo, à qual se unirá a forma pronominal **-las**, substitutiva do objeto direto (*as análises*).

Observe outros exemplos:

- A criança traz as pastas – A criança trá-las.
- O jovem faz as oferendas – O jovem fá-las.

Assim, memorize, quanto à acentuação:

Se a **última vogal** *– sendo tônica e precedendo o -s ou o -z (quer tome acento*

gráfico ou não) – for:

A, *leva acento agudo: dás – dá-lo; faz – fá-lo; traz – trá-lo.*

E, *leva acento circunflexo: fez – fê-lo.*

I *ou* **U**, *não leva acento gráfico: diz – di-lo; pus – pu-lo; traduz – tradu-lo.*

Observação: *se a última vogal que precede o -s é átona, não toma acento gráfico. Exemplos:*

Tu compras – Tu compra-lo.

Tu vendes – Tu vende-lo.

Nós pusemos – Nós pusemo-lo.

É importante registrar que, com relação ao verbo **pôr** *e seus derivados, a terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo (pôs, compôs, repôs, dispôs etc.) conserva o acento circunflexo, quando seguida dos pronomes* **o**, **a**, **os**, **as**. *Exemplos: pô-lo, repô-lo, compô-la, dispô-las, predispô-la, indispô-la.*

Caso a forma verbal termine em -**m** ou em **ditongo nasal**:

1º Passo: não sofre modificação.

2º Passo: os pronomes **o**, **a**, **os**, **as** recebem um "n" eufônico e são unidos ao verbo por um hífen. Exemplos: *deram – deram-no; põe – põe-no.*

II. A PRÓCLISE

Se os pronomes **o, a, os, as, me, te, se, nos, vos, lhe, lhes** encontrarem-se *antepostos* à forma verbal, teremos a *próclise*. Observemos o quadro abaixo, o qual registra as situações possíveis:

CASOS DE PRÓCLISE OBRIGATÓRIA	
a) Quando aparecem certas partículas atrativas, tais como: **a.1) Palavras negativas:** *Não me perturbe.* *Jamais o condene.* *Nunca o chame assim.* *Isso não o interessa.* **a.2) Pronomes relativos:** *A razão que lhe expus é a mesma de ontem.* *O homem que a ajudou é meu cunhado.* **a.3) Pronomes indefinidos:** *Alguém a notou aqui?* *Ninguém me perguntará nada?* **a.4) Pronomes interrogativos:** *Quem os interpelou?* **a.5) Pronomes demonstrativos:** *Isso o deixa furioso.* *Aquele o chama toda vez que este o repudia.*	**a.6) Conjunções subordinativas:** *Se o vir hoje, informe-o disso.* *Se a encontrar, mande-lhe lembranças.* **a.7) Advérbios:** *Sempre os vejo juntos.* *Diariamente me ofendem.* *Em o percebendo chegar, tome as providências.* **b) Em frases exclamativas:** *Como os atrapalham!* **c) Em frases optativas (que exprimem desejo):** *Deus vos ajude.* *Deus lhe pague a ajuda.* **d) Quando unidos às seguintes formas verbais:**

d.1) *Gerúndio*, precedido da preposição "em": *Em o vendo chorar, arrependi-me do que lhe dissera.*	**d.2) *Infinitivo pessoal*, precedido de preposição:** *Proponho isso por o desejar muito.* *Espero que prove o doce para o oferecer.*

III. A MESÓCLISE

No *futuro do presente* e no *futuro do pretérito*, no modo indicativo, os pronomes **o, a, os, as, me, te, se, nos, vos, lhe, lhes** não podem vir "depois" da forma verbal, mas sim no "meio" dela. Temos, então, a *mesóclise*. Nesse caso, observam-se as seguintes regras para a sua construção:

1º Passo: *suprime-se o* **-r** *que precede a desinência.*

2º Passo: *adiciona-se a letra* **-l** *ao pronome, o qual unimos ao verbo por um hífen e, finalmente, à desinência, também por hífen.*

3º Passo: *acentua-se a vogal que precede o* **-r** *suprimido (1º Passo), nas hipóteses abaixo mencionadas:*

- Se a referida vogal for **A**, deve-se pôr acento agudo. Exemplos:

Comprarei (ele) – ***comprá-lo-ei***	Cantarei (ela) – ***cantá-la-ei***	Anunciaria (ela) – ***anunciá-la-ia***
Compraria (ele) – ***comprá-lo-ia***	Cantaria (ela) – ***cantá-la-ia***	Vivenciarei (eles) – ***vivenciá-los-ei***

Se a referida vogal for **E** *ou* **O**, *deve-se pôr acento circunflexo. Exemplos:*

Terei (ele) – ***tê-lo-ei***	Porá (ele) – ***pô-lo-á***
Teria (ele) – ***tê-lo-ia***	Poria (ele) – ***pô-lo-ia***

- Se a referida vogal for **I**, não se deve pôr acento gráfico. Exemplos:

Abrirei (ele) – *abri-lo-ei*

Abriria (ele) – *abri-lo-ia*

Cumprirei (elas) – *cumpri-las-ei*

Portanto, à luz da mesóclise, os pronomes oblíquos átonos (**me, te, se, lhe, nos, vos, o, a**) não devem ser colocados depois do verbo, nos tempos *futuro do presente* e *futuro do pretérito*. Dependendo do caso, podem até ser antepostos ao verbo, porém jamais pospostos, na forma enclítica. Portanto:

- Far-se-ia o trabalho (e não "faria-se").
- Perdoar-se-á ao pecador (e não "perdoará-se").
- A empresa conceder-lhe-á novo prazo (e não "concederá-lhe").
- A libido desenfreada levá-lo-ia ao cometimento do estupro (e não "levaria-o").
- Banhar-me-ei na cachoeira, assim que chegar à fazenda (e não "banharei-me").
- Anjos acolher-nos-ão no céu (e não "acolherão-nos").

Aprecie, agora, os casos de antecipação correta do pronome, isto é, *próclise*, mesmo com o *futuro do presente* e *futuro do pretérito*. Atente para os termos atrativos do pronome:

- Não lhe pedirei favores.
- Não se faria o projeto.
- Ninguém o levará daqui.

- Jamais a amaria como a amei, quando nos conhecemos.

Por fim, frise-se que os elementos de vocábulos com hífen gozam de autonomia gráfica. Isso quer dizer que tais conjuntos verbais, ainda que pareçam proparoxítonos em análise geral, podem não o ser, devendo-se conceber a forma verbal "isoladamente", em face das regras de acentuação. Exemplos:

- Nós tínhamos os objetos – Nós tínhamo-los (com acento, proparoxítona).
- Nós compramos o bem – Nós compramo-lo (sem acento, paroxítona).
- Vós tínheis as ferramentas – Vós tínhei-las (com acento, paroxítona).

CURIOSIMACETES

1. O VERBO TRESANDAR: QUAL O SIGNIFICADO?

O verbo **tresandar** possui mais de um sentido: pode ter a acepção de "andar para trás, desandar". Exemplo:

O time tresandou durante o campeonato, sendo rebaixado ao final.

Há, ainda, sentido diverso para o verbo em comento: "cheirar mal, exalar mau cheiro". Nessa acepção, é verbo intransitivo ou transitivo indireto. Exemplos:

O campo de batalha tresandava – havia corpos por todo lado.

A rua, ao final da feira, tresandava a peixe.

2. AVEXAR OU VEXAR

Os dois verbos podem ser utilizados como sinônimos de "atormentar, molestar ou apoquentar". A pronúncia das formas verbais deve ser feita com o "ê" fechado, embora a enunciação frequente na fala nordestina se faça com o "é" aberto. Portanto, aprecie as frases:

Não se avexe, homem, tudo vai melhorar!

"Maus governantes vexam o povo" (Houaiss).

"Esquece a sorte mesquinha que te vexa"[10].

3. POR QUE SE CHAMA "ENXADRISTA" AQUELE QUE JOG XADREZ?

O vocábulo **xadrez**, oriundo do árabe, tem como forma arcaica enxadrez, vocábulo igualmente dicionarizado (VOLP). Portanto, o jogador de xadrez é*enxadrista* ou *xadrezista*. Tais palavras também encontram guarida no VOLP.

No sentido popular, o vocábulo *xadrez* pode significar "prisão ou cadeia", sendo comum a forma plural *xadrezes*.

Afora tal acepção, não se faz plural com o substantivo, sendo invariável. Exemplos: *gravatas xadrez, camisas xadrez.*

4. EXISTE DIFERENÇA ENTRE *EXOTÉRICO* (COM -X) E *ESOTÉRICO* (COM -S)?

Embora os termos venham do grego e se refiram aos ensinamentos filosóficos da antiguidade grega, sendo vocábulos homófonos, designam, com efeito, coisas opostas. José de Nicola e Ernani Terra (2000: 99) preconizam que *esotérico* refere-se aos ensinamentos dedicados, exclusivamente, aos discípulos já iniciados, o que confere a essas lições um caráter de doutrina secreta, restrita a um círculo fechado. Por extensão, o adjetivo **esotérico** (com -s) refere-se a "algo de difícil compreensão, hermético, secreto".

De outra banda, **exotérico** (com -x), apresentando, em sua formação, o prefixo ex-, pressupõe algo para fora. Portanto, refere-se aos "ensinamentos endereçados a público aberto, de forma irrestrita".

Posto isso, memorize: *esotérico* é adjetivo que designa "iniciático ou relativo à iniciação"; por sua vez, *exotérico* tem a acepção de "aberto a todos".

Por derradeiro, não confunda os vocábulos em estudo com **isotérico**, isto é, "de igual densidade".

5. COMO SE PRONUNCIA *BELCHIOR*?

O substantivo **belchior** tem o sentido de "negociante de objetos usados". É nome que, com o tempo, passou a designar todos os que compram e vendem roupas e trastes usados. A pronúncia é /Belchior/ (com o **ch** de "CHInelo"). Isso mesmo! Talvez o espanto surja em razão de termos entre nossa música popular brasileira o conhecido cantor e compositor de nome *Belchior*, a que muitos dão a pronúncia de "Belkior".

A HORA DO ESPANTO

AS "PÉROLAS" DO PORTUGUÊS

Passificação

Correção: o substantivo derivado do verbo *pacificar* é *pacificação* (com -c) – ato de apaziguar, tranquilizar ou restituir a paz. Aliás, para que a paz seja restituída... escrevamos "pacificação".

Exências humanas

Correção: é da essência humana o erro, porém "exência", com -x, é, no mínimo, "desumano"... .

QUESTÕES

1. (2016/MPE-GO/MPE-GO/Secretário Auxiliar) Marque a única alternativa em que o emprego do verbo haver está correto.

a) Todas as gotas de água havia evaporado.

b) Elas se haverão comigo, se mandarem meu primo sair.

c) Não houveram quaisquer mudanças no regulamento.

d) Amanhã, vão haver aulas de informática durante todo o período de aula.

e) Houveram casos significativos de contaminação no hospital da cidade.

2. (2016/FUNCAB/PC-PA/Escrivão de Polícia Civil/Adaptada) Considere-se o seguinte período:

Mas, por outro lado, é na maneira como o delito FOI PRATICADO que SE ENCONTRAM características 100% seguras da mente de quem o praticou, A EVIDENCIAR fatos, tal qual a imagem fotográfica REVELA-nos exatamente algo, seja muito ou pouco, do momento em que FOI REGISTRADA.

Feitos eventuais ajustes indispensáveis, a substituição da forma verbal (em destaque) que altera fundamentalmente o sentido do enunciado está registrada em:

a) foi registrada / se registrou.

b) se encontram / são encontradas.

c) a evidenciar / evidenciando.

d) foi praticado / praticou-se.

e) revela / tem revelado.

3. (2016/FUNCAB/PC-PA/Papiloscopista/Adaptada) Ao substituir-se "um fato" por "fatos", em: "existe um fato na Psicologia-Psiquiatria forense que é 100% de certeza", preserva-se a norma de concordância verbal com a seguinte construção modalizadora:

a) devem haver fatos.

b) deve existir fatos.

c) deve haverem fatos.

d) devem existirem fatos.

e) deve haver fatos.

4. (2016/FCC/Prefeitura de Teresina-PI/Auditor Fiscal da Receita Municipal/Adaptada) Fazer parte constitui um específico uso de "fazer", verbo que, em outros contextos, pode assumir distintas funções e acepções. Empregado como "verbo vicário", faz as vezes de outro, como se exemplifica em:

a) Tentarei hoje mesmo fazê-lo ver a questão sob ponto de vista menos rígido.

b) Foi ele quem fez uma bela mesa de madeira maciça.

c) O mediador poderia ter evitado a discussão, mas não o fez.

d) Fizeram frente à situação adversa com coragem e elegância, o que nos comoveu.

e) O discurso foi bastante positivo, pois o orador o fez de modo acalorado e consistente.

5. (2016/FCC/Prefeitura de Teresina-PI/Técnico de Nível Superior)

Poema I

Minhas mãos são vagarosas,
Meu pensamento é viageiro,
Pensando agarrar as rosas,
Pego os espinhos primeiro.

Poema II

Não sei o que há comigo,
Às vezes me dá horror,
Se amo, penso em castigo,
Se odeio, penso em amor.

Poema III

Não percamos nossa fé
Por qualquer coisa que venha,
A virtude não dá ré,
Quando o fogo acende a lenha.

(MOURA, Francisco Miguel de. "Novas trovas". Disponível em: www.portalodia.com/blogs/chico-miguel/novas-trovas-de-francisco-miguel-de-moura-243446.html)

Acerca dos Poemas I, II e III, afirma-se corretamente:

a) Em I, o poeta emprega uma linguagem impessoal para explorar um tema universal, que diz respeito à relação predatória do homem com a terra.

b) Em I e II, o poeta descreve experiências de conflito, o que se evidencia no uso de termos com sentidos contrastantes.

c) Em I e III, o poeta expressa, de maneira enfática, seu desconsolo diante do ato de criação artística, descrito como estafante.

d) Em II, o amor é tematizado por meio de um discurso racional, o que se constata na ausência de marcas referentes à primeira pessoa do singular.

e) Em I, II e III, o leitor está inscrito nos versos, como interlocutor direto do poeta, o que se comprova na recorrência de verbos no imperativo.

6. (2016/FCC/Prefeitura de Teresina-PI/Técnico de Nível Superior – Analista de Orçamento e Finança Públicas/Adaptada) A frase em que o tempo verbal evidencia uma hipótese está em:

a) As culturas populares não se constituem em agregados de traços culturais passíveis de serem inventariados.

b) Elas não desapareceram...

c) ... essas formas socioculturais teriam cada vez mais perdido seus atributos definidores.

d) Perdeu a autenticidade.

e) ... circula de modo amplo e difuso em nosso cotidiano uma perspectiva sobre as culturas populares...

7. (2016/FCC/Prefeitura de Teresina-PI/Técnico de Nível Superior/Adaptada) Desse modo, festas, artesanatos, lendas, formas musicais, dança, culinária articulam simbolicamente concepções coletivas de sociedade.

Transpondo-se a frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante será:

a) tinha sido articulada.

b) são articuladas.

c) foi articulado.

d) são articulados.

e) eram articuladas.

8. (2016/FGV/SEE-PE/Professor de Língua Portuguesa) Em um texto narrativo, o narrador de primeira pessoa

a) expressa obrigatoriamente suas emoções.

b) distancia-se da verdade dos fatos narrados.

c) observa as ações e acontecimentos de forma isenta.

d) caracteriza uma forma tradicional de narrar.

e) obriga o leitor a participar mais da leitura.

9. (2016/FGV/SEE-PE/Professor de Língua Portuguesa) Assinale a opção que apresenta a frase em que as formas verbais sublinhadas formam mais de uma oração, ou seja, não compõem uma locução verbal.

a) "Os críticos <u>devem escrever</u>, não prescrever."

b) "Eu não posso dizer se livros me trazem mais perto das coisas ou me distanciam delas."

c) "Um clássico é algo que todos queriam ter lido, mas ninguém quer ler."

d) "Cada dia que surge constitui uma nova vida para quem sabe viver."

e) "Deixe entrar a vida pela janela aberta que se abre para o quintal."

10. (2016/FGV/SEE-PE/Professor de Língua Portuguesa) Assinale a opção que apresenta a frase que mostra uma forma de voz passiva sem que essa ação seja atribuída a qualquer agente.

a) "Uma boa vida é aquela inspirada pelo amor e guiada pelo conhecimento."

b) "Suicídio é, frequentemente, apenas um grito por ajuda que não foi ouvido a tempo por ninguém."

c) "Todas as religiões são fundadas no medo de muitos e na esperteza de uns poucos."

d) "Pescar é um esporte que foi inventado por insetos e você é a isca."

e) "O bar é um lugar onde a loucura é vendida em garrafas sem que isso seja visto pela Prefeitura."

11. (2016/FGV/SEE-PE/Professor de Língua Portuguesa) Assinale a opção em que forma verbal **não** corresponde a uma forma de gerúndio.

a) Os alunos estavam caminhando pelo pátio.

b) Estudando mais, o progresso virá.

c) Os professores tinham vindo ao colégio.

d) O policial continuava vigiando a saída.

e) Todos triunfarão, dedicando-se mais.

12. (2016/FUMARC/Prefeitura de Matozinhos-MG/Advogado) A Folha de S. Paulo recebe várias críticas por erros cometidos em relação ao uso da norma-padrão da Língua Portuguesa.

Servidor que manter greve ficará sem reajuste, diz governo. Folha de S.Paulo, 25 de agosto de 2012.

As críticas recebidas em relação à manchete acima referem-se a um erro de:

a) Concordância verbal.

b) Conjugação verbal.

c) Ortografia.

d) Regência verbal.

13. (2016/Prefeitura de Fortaleza-CE/Prefeitura de Fortaleza-CE/Pedagogia/Adaptada) No excerto "Correria mais riscos, viajaria mais, contemplaria mais entardeceres, subiria mais montanhas, nadaria mais rios", todas as formas verbais estão no:

a) futuro do presente.

b) futuro do pretérito.

c) pretérito imperfeito.

d) pretérito mais-que-perfeito.

14. (2016/NUCEPE/Prefeitura de Teresina-PI/Professor de Português) O verbo haver NÃO É impessoal em:

a) "Havia um país onde todos eram ladrões".

b) "... e não havia ricos nem pobres".

c) "Havia ricos tão ricos que...".

d) "... não havia nada a fazer".

e) "... sempre havia alguém que...".

15. (2016/NUCEPE/Prefeitura de Teresina-PI/Professor de Português/Adaptada) Em: "O que gostávamos era de estar juntos." A divisão correta dos elementos formadores da palavra em destaque é

a) gos – ta – va – mos.

b) gost – a – va – mos.

c) gost – a – vamos.

d) gosta – va – mos.

e) gos – ta – vamos.

16. (2016/FGV/IBGE/Técnico em Informações Geográficas e Estatísticas)

Entre as funções do técnico do IBGE, aparece a de "Executar de acordo com instruções e/ou orientações, as rotinas administrativas necessárias à manutenção da Unidade de Trabalho, desde o recebimento, a organização, a guarda e o encaminhamento de documentos institucionais e de interessados, utilizando os recursos de informática disponibilizados pela Instituição e os sistemas corporativos e federais".

Fonte: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/11/151113_resultados_pnad_jc_ab

No texto, o gerúndio "utilizando" indica:

a) o meio de execução das rotinas administrativas;

b) o modo de utilizar os recursos de informática;

c) a finalidade da manutenção da Unidade de Trabalho;

d) a localização espacial das instruções e orientações;

e) as condições de utilização dos serviços de informática.

17. (2016/VUNES/Prefeitura de São Paulo-SP/Analista Fiscal de Serviços) Mantendo-se o sentido da conjunção e respeitando-se a norma-padrão, o trecho – Embora os refugiados da Síria tenham ganhado maior destaque, existem ainda os refugiados africanos e os latino-americanos. – está corretamente reescrito com os verbos no pretérito em:

a) Ainda que os refugiados da Síria tivessem ganhado maior destaque, havia ainda os refugiados africanos e os latino-americanos.

b) Posto que os refugiados da Síria tiveram ganhado maior destaque, têm ainda os refugiados africanos e os latino-americanos.

c) Se bem que os refugiados da Síria teriam ganhado maior destaque, haviam ainda os refugiados africanos e os latino-americanos.

d) À medida que os refugiados da Síria tinham ganhado maior destaque, tinha ainda os refugiados africanos e os latino-americanos.

e) Já que os refugiados da Síria tiveram ganhado maior destaque, haveria ainda os refugiados africanos e os latino-americanos.

18. (2016/FUNCAB/EMSERH/Administrador Hospitalar/Adaptada) Observe as palavras destacadas nos fragmentos.

1. "Os pais LHES queriam fechar o sonho".

2. "Mas logo se aprontavam a diminuir-LHE os méritos".

3. "nenhuma memória será bastante para LHE salvar do escuro".

Sobre elas é correto afirmar que:

a) 1 e 2 têm valor possessivo.

b) apenas 1 e 3 têm valor de sintagma nominal.

c) o pronome destacado nos três fragmentos determina a extensão do significado do verbo.

d) apenas 3 é um pronome adjetivo pessoal oblíquo.

e) 1, 2 e 3 têm valor possessivo, deslocando a classe gramatical desses pronomes.

19. (2016/VUNESP/Câmara de Marília-SP/Procurador Jurídico/Adaptada) Assinale a alternativa em que os verbos destacados, flexionados em conformidade com a norma-padrão, mantêm a mesma relação de tempo e modo que os destacados em: E eu nem <u>sei</u> onde fica o mar Cáspio, embora também não <u>saiba</u> onde fica o Brasil.

a) E eu nem me ative à localização do mar Cáspio, embora também não me atenho à localização do

Brasil.

b) E eu nem guardei a localização do mar Cáspio, embora também não guarde a localização do Brasil.

c) E eu nem conheço a localização do mar Cáspio, embora também não conheço a localização do Brasil.

d) E eu nem vi a localização do mar Cáspio, embora também não vejo a localização do Brasil.

e) E eu nem disponho da localização do mar Cáspio, embora também não disponha da localização do Brasil.

20. (2016/ESAF/ANAC/Analista Administrativo/Adaptada) Assinale a opção que preenche as lacunas do texto de forma que o torne coeso, coerente e gramaticalmente correto.

No período de 1907 a 1910, Santos Dumont realizou inúmeros voos com o monoplano Demoiselle. Patrono da Aeronáutica e da Força Aérea Brasileira 1 recebeu a patente de Marechal do Ar, 2 considerado, até hoje, o brasileiro que mais se destacou na história da aviação mundial.

Ao voo de Santos Dumont 3 um período de competição entre países da Europa e os Estados Unidos na conquista de recordes de velocidade e distância. Com a I Guerra Mundial, a aviação tomaria considerável impulso, em virtude do uso dos aviões 4 arma de grande poder ofensivo, mas seria na década de 1920/1930 que esse avanço se consolidaria.

Desde antes da I Guerra Mundial, atravessar o Atlântico sem escalas era a meta dos aeronautas e projetistas de aviões. Em 1919, Raymond Orteig, de Nova Iorque, ofereceu um prêmio de US$ 25.000,00 5 quem voasse de Nova Iorque a Paris, sem escalas.

<http://www.portalbrasil.net/aviacao_historia.htm>. Acesso em: 13 dez. 2015 (com adaptações)

a) 1 – de onde / 2 – vem sendo / 3 – continuou / 4 – de / 5 – para

b) 1 – da qual/ 2 – e é / 3 – seguiu-se / 4 – como / 5 – a

c) 1 – de quem / 2 – seria / 3 – decorreu / 4 – por / 5 – de

d) 1 – do qual / 2 – sendo / 3 – seguiu / 4 – com / 5 – em

e) 1 – das quais / 2 – tendo sido / 3 – veio / 4 – tendo / 5 – por

Gabarito: 1. b; 2. e; 3. e; 4. c; 5. b; 6. c; 7. b; 8. e; 9. e; 10. c; 11. c; 12. b; 13. b; 14. d; 15. b; 16. a; 17. a; 18. a; 19. e; 20. b

1 A *gramática natural* é aquela consagrada pela fala cotidiana. É comum associá-la à linguagem das crianças, que desfrutam de capacidade inata de identificar a informação ou mensagem, por meio de hipóteses e associações. O potencial linguístico da criança lastreia-se na *gramática natural*.

2 Aliás, Horácio, por meio de sábia advertência, ratificou: *"O uso [...] é da língua sumo legislador e regra viva"* (*Arte Retórica*, obra traduzida por Candido Lusitano, Nova Edição, Lisboa, 1833, p. 57).

3 Semelhante **erro** se nota nas frases a seguir:

"Se liga, que é hora da revisão" (melhor seria "Se ligue ..." ou, pela boa próclise, "Ligue-se ...);

“Diga-me com quem andas que te direi quem és” (melhor seria “Dize-me com quem ...”);

“Se liga na eleição!” (melhor seria “Se ligue ...” ou, pela boa próclise, “Ligue-se...”, ou, ainda, “Liga-te ...”).

4 Observe o erro da imprensa: “Só intervimos no Banco Econômico quando os elementos mostraram que não havia mais tempo” (*Jornal do Brasil*, de 19-8-1997, *apud* Cegalla, p. 218). O certo seria ter usado *interviemos*.

5 Usa-se o *presente histórico* (ou *presente narrativo*) para dar mais vivacidade à ação do passado. Exemplos:

Em 58 a.C., César invade a Gália e inicia uma famosa investida bélica.

Jânio Quadros renuncia.

Em 24 de agosto de 1954, Getúlio se suicida.

Em 21 de abril de 1960, inaugura-se Brasília.

Em 6 de junho de 1944, os aliados ocidentais desembarcam nas costas da França, dando início à derrocada nazista.

6 Segundo Víctor Gabriel de Oliveira Rodríguez (2000: 184), “o pretérito perfeito pode apresentar-se na forma simples e na forma composta.

I – O pretérito perfeito simples é expresso por uma só palavra e, como vimos, mostra que a ação foi completamente realizada.

II – O pretérito perfeito composto denota que a ação continua sendo realizada. Ele é formado por duas palavras, o particípio do verbo que se pretende conjugar e o presente do verbo auxiliar (ter ou haver):

Tenho realizado vários plenários neste ano.

Hei realizado muitos plenários neste ano”.

7 Para Rodríguez, (2000: 185), “o pretérito mais-que-perfeito pode, também, ser expresso de forma simples ou de forma composta. O pretérito mais-que-perfeito composto é formado por duas palavras: o pretérito imperfeito de um verbo auxiliar (ter ou haver) mais o particípio do verbo principal, o que se pretende conjugar. Assim, o mais-que-perfeito composto de ‘decidira’ é ‘tinha decidido’ ou ‘havia decidido’”.

8 *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 18-3-2001.

9 “Xongas”, *O Estado de S. Paulo*, de 16-2-2001.

10 Gonçalves Dias *apud* Cegalla, 1999, p. 411.

8 PROBLEMAS GERAIS DA LÍNGUA CULTA

A Língua Portuguesa é repleta de situações "limítrofes", no plano da ortografia, da acentuação e da semântica. Não raras vezes, o estudioso se vê diante de tais encruzilhadas, que o levam a refletir sobre a necessidade de conhecer a norma culta da Língua. Tais situações são inúmeras, porém as mais relevantes são tratadas neste capítulo: o problema das expressões semelhantes e seus significados diferentes (*mau* e *mal*; *a par* e *ao par*; *ao encontro de* e *de encontro a*; *na medida em que* e *à medida que*; *afim* e *a fim de*; *demais* e *de mais*; *todo* e *todo o*; *senão* e *se não*; *em princípio* e *a princípio*; a grafia e acentuação do pronome *que* e dos *porquês*; entre outras); os problemas dos parônimos; os pleonasmos viciosos; e a necessidade de ampliação do vocabulário.

8.1. AS EXPRESSÕES SEMELHANTES E SEUS SIGNIFICADOS DIFERENTES

8.1.1. Que e Quê

Que é pronome, conjunção, advérbio ou partícula expletiva. Por se tratar de monossílabo átono, não é acentuado:

(O) Que você pretende?

Você me pergunta (o) que farei. (O) Que posso fazer?

Que beleza! Que bela atitude!

Convém que o assunto seja discutido seriamente.

Quase que me esqueço de avisá-lo.

Não tem outros afazeres que os domésticos.

Quê representa um monossílabo tônico. Ele ocorre quando se encontra em final de frase, como pronome, imediatamente antes de um ponto (final, de interrogação ou exclamação), ou de reticências, ou quando *quê* é um substantivo (com o sentido de "alguma coisa, certa coisa"), ou uma interjeição (indicando surpresa, espanto):

Afinal, você veio aqui fazer o quê?

Você precisa de quê? (= pronome)

Há um quê inexplicável em sua atitude (como substantivo).

Quê! Conseguiu chegar a tempo?! (como interjeição, sempre com o ponto de exclamação).

A letra quê tem charme.

Não sei os quês dos porquês.

Nenhum dos quês foi respondido.

Eles estão assustados com quê?

8.1.2. Por que, Por quê, Porque e Porquê – os quatro porquês

A forma por que é a sequência de uma [preposição (por) + um pronome interrogativo (que)]. É uma expressão equivalente a "por qual razão, por qual motivo". Observe os exemplos:

Por que você age assim?

Preciso saber por que você grita assim.

Não sei por que você pensa isso.

Não deixe de ler a matéria intitulada: "Por que os corruptos não vão para a cadeia". É impressionante!

Caso surja no final de uma frase, imediatamente antes de um ponto (final, de interrogação, de exclamação), ou de reticências, a sequência deve ser grafada por quê, pois o monossílabo "que" passa a ser tônico:

Ainda não terminou? Por quê?

Você tem coragem de perguntar por quê?!

Há casos em que por que representa a sequência [preposição + pronome relativo], equivalendo a "pelo qual" (ou alguma de suas flexões: pela qual, pelos quais, pelas quais). Em outros contextos, com maior sofisticação, por que equivale a "para que":

Estas são as reivindicações por que estamos lutando (= pelas quais).

O túnel por que deveríamos passar desabou ontem (= pelo qual).

Lutamos por que um dia este país seja melhor (= para que).

Eu anseio por que o dia da decisão logo chegue (= para que).

Ansiávamos por que a guerra terminasse logo (= para que).

Já a forma porque é uma conjunção, equivalendo a "pois, já que, uma vez que", como:

A situação agravou-se porque muita gente se omitiu.

Sei que há algo errado porque ninguém apareceu agora.

Continuas implicando comigo? É porque discordo de ti.

Porque também pode indicar finalidade, equivalendo a "a fim de". Trata-se de um uso pouco frequente na

Língua atual:

Não julgues porque não te julguem.

A forma porquê representa um substantivo. Significa "causa, razão, motivo" e, normalmente, surge acompanhada de palavra determinante (um artigo, por exemplo). Como é um substantivo, pode ser pluralizado sem qualquer problema:

Não é fácil encontrar o porquê de toda essa confusão.

Creio que os verdadeiros porquês não vieram à luz.

Queria saber o quê dos porquês.

Certos porquês deixavam-no intrigado.

Observe as frases a seguir e aprecie a **aplicação correta** dos porquês:

Por que "os porquês" levam acento?

Quero saber o porquê dos porquês.

A forma "porquê" leva acento por quê?

8.1.3. Mas e Mais

Mas é uma conjunção adversativa, equivalendo a "porém, contudo, entretanto":

Não conseguiu, mas tentou.

Mais é pronome ou advérbio de intensidade, opondo-se normalmente a "menos":

Ele foi quem mais tentou; ainda assim, não conseguiu.

É um dos países mais miseráveis do planeta.

8.1.4. Mal e Mau

Mal pode ser advérbio ou substantivo. Como advérbio, significa "irregularmente, erradamente, de forma inconveniente ou desagradável". Opõe-se a "bem":

Era previsível que ele se comportaria mal.

Era evidente que ele estava mal-intencionado, porque suas opiniões haviam repercutido mal na reunião anterior.

"Quem mal estuda mal acaba" (o Autor).

Como substantivo, mal pode significar "doença, moléstia"; em alguns casos, significa "aquilo que é prejudicial ou nocivo":

A febre amarela é um mal que atormenta as populações pobres.

O mal é que não se toma alguma atitude definitiva.

O substantivo mal também pode designar um "conceito moral, ligado à ideia de maldade"; nesse sentido, a palavra também se opõe a "bem". Cite-se o verso da canção de Roberto Carlos e Erasmo Carlos, em música regravada pelos Titãs:

"Se o bem e o mal existem / Você pode escolher / É preciso saber viver" 1.

Mau é adjetivo. Significa "ruim, de má índole, de má qualidade". Opõe-se a "bom" e apresenta a forma feminina "má":

Não é mau sujeito.

Trata-se de um mau administrador.

Tem um coração mau e uma má índole.

8.1.5. A par e Ao Par

A par tem o sentido de "bem-informado, ciente":

Mantenha-me a par de tudo o que acontecer.

É importante manter-se a par das decisões parlamentares.

Importante: registre-se a ocorrência da locução preposicional "a par de", com acepção de "ao lado de, junto a". Exemplos:

As chuvas, a par dos ventos, prejudicam as plantações.

A par de notória sabedoria, ele possuía inigualável carisma.

Ao par é uma expressão usada para indicar "relação de equivalência ou igualdade entre valores financeiros (geralmente, em operações cambiais)":

As moedas fortes mantêm o câmbio praticamente ao par. (Logo, o valor de venda equivale ao valor nominal do papel de crédito.)

8.1.6. Ao encontro de e De encontro a

Ao encontro de indica "ser favorável a, aproximar-se de":

Ainda bem que sua posição veio ao encontro da minha.

Quando a viu, foi ao seu encontro e abraçou-a.

De encontro a indica "oposição, choque, colisão". Veja:

Suas opiniões sempre vieram de encontro às minhas: pertencemos a mundos diferentes.

O caminhão foi de encontro ao muro, derrubando-o.

Observe o erro na frase seguinte:

"O posicionamento exposto pela defesa vai de encontro ao mais recente posicionamento do STF".

Quem fez a afirmação depôs-se contra si próprio. Ir de encontro a alguma coisa significa ir contra ela.

A propósito, Rodríguez (2000: 387) leciona que

> se um comentarista esportivo, ao narrar uma corrida de fórmula um, diz que o carro de Ayrton Senna foi de encontro ao carro de Alain Prost, está afirmando que os carros chocaram-se. Todavia, se disser que Senna foi ao encontro de Prost, então sim estará dizendo que o brasileiro aproxima-se do francês, no intuito de ultrapassá-lo.

8.1.7. A e Há

O verbo haver é usado em expressões que indicam tempo já transcorrido:

Tais fatos aconteceram há dez anos.

Nesse sentido, é equivalente ao verbo fazer: *"Tudo aconteceu faz dez anos"*.

A preposição a surge em expressões em que a substituição pelo verbo *fazer* é impossível. Exemplo:

O lançamento do satélite ocorrerá daqui a duas semanas.

8.1.8. Acerca de, Há cerca de e A cerca de

Acerca de significa "sobre, a respeito de" 2:

Haverá uma palestra acerca das consequências das queimadas.

Há cerca de indica um "período aproximado de tempo já transcorrido".

Os primeiros colonizadores surgiram há cerca de quinhentos anos.

A cerca de equivale à formação "à (a) distância de":

O cadáver estava a cerca de poucos metros do veículo colidido.

Observação: a formação "a cerca de" pode ser encontradiça em frases como:

A cerca de arame farpado impedia o acesso do ladrão.

Nesse caso, cerca é substantivo, e não termo integrante de locução prepositiva.

8.1.9. Afim e A fim de

Afim é um adjetivo que significa "igual, semelhante". Relaciona-se com a ideia de afinidade:

Tiveram ideias afins durante o trabalho.

O português e o espanhol são línguas afins.

A fim surge na locução a fim de, que significa "para" e indica ideia de finalidade:

Trouxe algumas flores a fim de nos agradar.

Registre-se que é comum, na gíria, a expressão "estar a fim de" (ou seja: estar com vontade de):

Hoje estou com vontade de viajar (assim: Hoje estou a fim de viajar).

Igualmente comum, na linguagem coloquial, é o sentido da expressão como "ter interesse em alguém; desejar alguém": *Não queria que soubessem que estava a fim da sua amiga.*

8.1.10. Demais e De mais

Demais pode ser advérbio de intensidade, com o sentido de "muito"; aparece intensificando verbos, adjetivos ou outros advérbios:

Aborreceram-nos muito: isso nos deixou indignados demais.

Estou até bem demais!

Pode ser também pronome indefinido, equivalendo a "outros", "restantes":

Não coma todo o pudim! Deixe um pouco para os demais.

De mais opõe-se a "de menos". Refere-se sempre a um substantivo ou pronome:

Não vejo nada de mais em sua atitude!

O concurso foi suspenso porque surgiram candidatos de mais.

"O país tem município de mais e governo de menos" (*Veja*).

8.1.11. Todo e Todo o

É necessário distinguir os termos todo e todo o ou toda e toda a.

Quando se quer dar o sentido de "qualquer um", utilize todo; se, por outro lado, pretender-se dar o sentido de

"pleno, completo, em sua inteireza", utilize todo o.

A título de exemplo, quando se pretende enaltecer a beleza feminina, é possível fazê-lo de dois modos:

Toda mulher é bela (no sentido de "qualquer mulher" é bela); ou

Toda a mulher é bela (na acepção de que a mulher é bela em sua inteireza, "dos pés à cabeça").

Observe, ainda, outros exemplos:

Traga toda ferramenta que possuir (qualquer ferramenta que possuir).

Percorri toda a Patagônia... nunca vi tamanha beleza... (a Patagônia inteira).

Todo homem pode ajudar o hipossuficiente (qualquer homem pode ajudar o hipossuficiente).

Há problemas técnicos de toda ordem na aeronave (qualquer tipo, ordem).

Em toda parte havia vítimas (qualquer parte).

Importante:

1. Urge ressaltar que o termo todo, seguido de numeral, tem disciplinamento específico. Vejamos:

a) Se o numeral, que sucede a todo, acompanhar substantivo, haverá a presença do artigo. Exemplos:

Todos os onze jogadores do time estavam abalados com o gol do adversário.

Todos os quatro atores eram sul-mato-grossenses.

b) Se o numeral, que sucede a todo, não acompanhar substantivo, não haverá a presença do artigo. Exemplos:

Todos onze estavam abalados com o gol do adversário.

Todos quatro eram sul-mato-grossenses.

"Era belo de verem-se todos cinco em redor da criança"[3].

"Todos cinco participaram do concurso"[4].

2. Frise-se que a expressão todo o mundo deve ser utilizada preferencialmente à forma todo mundo, no sentido de "todas as pessoas", não obstante serem ambas as formas corretas. Exemplos:

Todo o mundo sabe que o trânsito é problema sério na cidade de São Paulo.

"Todo (o) mundo tem problemas; a diferença entre as pessoas está na capacidade de superação" (o Autor).

Observação: é claro que se houver menção à Terra, a todos do planeta, a expressão "todo o mundo" deverá

prevalecer:

As Olimpíadas serão transmitidas ao vivo para todo o mundo.

8.1.12. Senão e Se não

O termo senão pode conter várias acepções. Vamos a elas:

a) Termo que indica "a não ser":

Não fazia coisa alguma senão reclamar.

Não lhe restava alternativa senão estudar.

Ninguém, senão os alunos mais aplicados, compareceu à palestra.

b) Termo equivalente a "mas, mas sim, mas também":

O problema não compete ao Senado, senão à Câmara dos Deputados.

São obras não apenas instrutivas, senão divertidas.

c) Termo equivalente a "caso contrário, do contrário":

Tome os remédios, senão a enfermidade deve piorar.

É bom que ele coopere, senão não haverá como o ajudar.

Argumentem sempre, senão levarão "gato por lebre".

Observação: ressalte-se que, nessa hipótese, tolerar-se-ia a forma "se não", separada (antecedendo a vírgula), na medida em que se entendesse tratar-se de omissão de verbo. Exemplos:

Tome os remédios, se não (tomar), a enfermidade deve piorar.

Argumentem sempre, se não (argumentarem), levarão "gato por lebre".

d) Termo equivalente a "de repente, subitamente":

Eis senão quando surgem dois olhos verdes e hipnotizantes da multidão.

e) Termo equivalente a "defeito, erro, mácula":

"Ele gosta de enxergar os senões alheios, todavia se esquece de ver os que lhe pertencem" (o Autor).

A prova do candidato estava sem senões quaisquer.

Observações:

I. Há situações em que se usa senão ligado a pronomes pessoais do caso oblíquo. Ressalte-se que a preposição

é indispensável. Exemplo:

Senão a mim (e não "senão mim"); senão a ti (e não "senão ti"); senão a ele (e não "senão ele").

II. É encontradiço o vocábulo senão com o sentido de "porque" explicativo, na linguagem dos petitórios. Veja-se:

"Há de se reformar a respeitável sentença. Senão vejamos: (...)"

Ressalte-se que não há vírgula após o termo senão, aqui empregado.

Se não, por sua vez, surge em orações condicionais, representando o "se" a conjunção condicional. Pode ter as seguintes acepções:

a) Termo equivalente a "caso não", como conjunção condicional:

Se não houver aula, iremos ao cinema.

Se não perdoares, não serás perdoado.

Os prontos-socorros fecharão as portas, se não comprarem equipamentos adequados.

b) Termo equivalente a "quando não", como conjunção condicional:

Estudar diariamente para ele parecia insuportável, se não impossível.

Pensei em chamá-lo para a reunião, se não para dissuadi-lo, ao menos para conhecê-lo.

*"Não se nega que a múmia tenha sua beleza hierática – se não a múmia, pelo menos o seu sarcófago..."*5.

*"Tudo acabou bem, se não ótima e magnificamente"*6.

c) Termo equivalente à conjunção integrante, ligando orações (inicia oração subordinada substantiva objetiva direta):

Questionava se não era a hora oportuna.

Tolerava se não fossem mulheres bonitas.

8.1.13. Na medida em que e À medida que

Na medida em que exprime relação de causa e equivale a "porque, já que, uma vez que":

Na medida em que os projetos foram abandonados, a população carente ficou entregue à própria sorte.

À medida que indica "proporção, desenvolvimento simultâneo e gradual". Equivale à forma "à proporção que":

A ansiedade aumentava à medida que o prazo ia chegando ao fim.

É errônea a expressão "à medida em que", devendo o estudioso evitá-la. A propósito, registre-se que, em um jornal do Rio de Janeiro, em 7-3-1997, um economista titubeou, afirmando:

"O BB e o BNDS também emprestaram dinheiro ao projeto à medida em que a situação financeira do Jari nã melhorava".

Corrigindo:

O BB e o BNDS também emprestaram dinheiro ao projeto à medida que a situação financeira do Jar não melhorava.

8.1.14. Mais grande e Mais pequeno

Não será estranho notarem-se risadas entre os ouvintes, à sua volta, numa conversa qualquer, se anunciar a forma "mais grande". O tema, todavia, abre-se para discussão. É que as regras, por serem complexas, sãc assimiladas "em pedaços", dando a falsa impressão do conhecimento total do conceito. Na verdade, as formas mais grande e mais pequeno existem, podendo ser utilizadas com relativa liberdade quando se comparam qualidades ou

atributos. Exemplos:

A casa é mais grande do que agradável.

O salão é mais pequeno do que aconchegante.

O carro é mais pequeno do que confortável.

Nesse contexto, surgem as expressões, igualmente apropriadas, “mais bom” e “mais ruim”. Seu uso é adequado quando se confrontam duas qualidades do mesmo ser.

Ele é mais bom do que esperto.

Ele era mais bom do que mau.

Ele é mais ruim do que bom.

Meu avô era mais bom do que ingênuo.

Este teatro é mais bom do que arejado.

Observações:

I. Se aprouver ao leitor, é permitido substituir a forma um tanto desagradável “mais bom” por “antes bom”. Exemplo:

Ele era antes bom do que mau.

II. As expressões “menos bom” e “menos boa” são perfeitamente válidas. Exemplos:

Entre os discos ofertados, escolhi os menos bons, que eram mais baratos.

As partes menos boas do filme eram as mais adequadas ao cochilo.

“A obra não seria menos boa por isso”[7].

A caçula era a menos boa de todas as irmãs, haja vista seu temperamento irascível.

8.1.15. Em princípio e A princípio

São expressões bastante parecidas, mas não podem ser confundidas, uma vez que a preposição “faz a diferença”. Vejamos:

Em princípio significa “em tese, teoricamente, de modo geral”. Exemplos:

Em princípio, toda decisão precipitada é maléfica.

Estamos, em princípio, dispostos a negociar.

Em princípio, sua proposta é atraente.

Concordava em princípio com o posicionamento esposado pela doutrina.

A princípio quer dizer "no princípio, inicialmente". Exemplos:

A princípio, o atleta era o favorito. Depois deixou de sê-lo.

O excesso de dinheiro é, a princípio, excitante. Todavia, parafraseando o mestre Paulinho da Viola, como o "dinheiro na mão é vendaval", tudo se esvai com rapidez.

A princípio, tudo parecia um mar de rosas; depois, o relacionamento soçobrou em tempestade incontida.

8.2. A QUESTÃO DOS PARÔNIMOS E OS SIGNIFICADOS DAS PALAVRAS

Como se explicou em capítulo anterior, temos os vocábulos *sinônimos, antônimos, homônimos* e *parônimos* 8. Vamos conhecer alguns casos interessantes de **parônimos**:

Absolver: *inocentar*	↔	**Absorver:** *esgotar, consumir*
Acender: *pôr fogo em*	↔	**Ascender:** *elevar-se*
Acerto: *ajuste*	↔	**Asserto:** *proposição afirmativa (assertiva)*
Amoral: *sem o senso da moral*	↔	**Imoral:** *contrário à moral*
Caçar: *perseguir*	↔	**Cassar:** *anular*
Cavaleiro: *que anda a cavalo*	↔	**Cavalheiro:** *educado*
Censo: *recenseamento*	↔	**Senso:** *juízo, raciocínio*

Comprimento: *extensão*	↔	**Cumprimento:** *saudação; ato de cumprir*
Concerto: *harmonia; sessão musical*	↔	**Conserto:** *reparo*
Costear: *navegar junto à costa, passar ao lado de*	↔	**Custear:** *arcar com as despesas de*
Delatar: *denunciar*	↔	**Dilatar:** *alargar*
Descrição: *ato de escrever*	↔	**Discrição:** *qualidade de discreto*
Despensa: *lugar onde se guardam alimentos*	↔	**Dispensa:** *ato de dispensar, licença*
Dessecar: *secar completamente, enxugar*	↔	**Dissecar:** *analisar minuciosamente*
Destratar: *insultar*	↔	**Distratar:** *desfazer*
Docente: *professor; relativo ao professor*	↔	**Discente:** *estudante; relativo ao estudante*
Elidir: *eliminar*	↔	**Ilidir:** *refutar*
Emergir: *vir à tona, sair*	↔	**Mergir:** *mergulhar*

Emérito: *insigne*	↔	**Imérito:** *não merecido*
Eminente: *importante, destacado*	↔	**Iminente:** *prestes a ocorrer*
Empossar: *dar posse*	↔	**Empoçar:** *formar poça /ô/ ou /ó/ (VOLP 2009)*
Estância: *fazenda de criação; lugar de repouso; estrofe*	↔	**Instância:** *insistência; jurisdição*
Estreme: *genuíno, puro*	↔	**Extremo:** *distante*
Evocar: *lembrar*	↔	**Avocar:** *chamar, atrair*
Flagrante: *evidente*	↔	**Fragrante:** *aromático*
Florescente: *que floresce, próspero*	↔	**Fluorescente:** *que tem fluorescência*
Incerto: *duvidoso*	↔	**Inserto:** *inserido*
Incipiente: *que está no início*	↔	**Insipiente:** *ignorante*
Indefeso: *sem defesa, desarmado*	↔	**Indefesso:** *incansável, incessante*
Intemerato: *puro*	↔	**Intimorato:** *corajoso*
Intercessão: *ato de interceder*	↔	**Interseção:** *ato de cortar*

Mandado: *ordem judicial*	↔	**Mandato:** *procuração; legislatura*
Pleito: *disputa*	↔	**Preito:** *homenagem*
Preceder: *vir antes*	↔	**Proceder:** *agir; originar-se*
Preeminente: *nobre, distinto*	↔	**Proeminente:** *saliente*
Prescrever: *receitar; expirar prazo*	↔	**Proscrever:** *afastar, expulsar*
Ratificar: *confirmar*	↔	**Retificar:** *corrigir*
Reincidir: *tornar a cair, repetir*	↔	**Rescindir:** *tornar sem efeito, dissolver*
Remição: *resgate*	↔	**Remissão:** *perdão, menção a*
Retaliar: *revidar, exercer represália*	↔	**Retalhar:** *cortar em pedaços*
Soar: *produzir som*	↔	**Suar:** *transpirar*
Sobrescrever: *endereçar, escrever sobre*	↔	**Subscrever:** *assinar; escrever embaixo de*
Subvenção: *ajuda, contribuição*	↔	**Subversão:** *revolta, insubordinação*
Tacha: *tipo de prego, mácula*	↔	**Taxa:** *tributo*

Tachar: *censurar, desaprovar, embebedar-se*	↔	**Taxar:** *determinar a "taxa" de (tributo)*
Tráfego: *movimento, trânsito*	↔	**Tráfico:** *comércio*
Usuário: *aquele que usa*	↔	**Usurário:** *avaro; agiota*
Viagem: *jornada*	↔	**Viajem:** *flexão de viajar (verbo)*
Vultoso: *grande, volumoso*	↔	**Vultuoso:** *atacado de vultuosidade (vermelho e inchado)*

Outros casos interessantes: 9 [10]

Cessão: *ato de ceder* **Ceção:** *frescura*	**Sessão:** *tempo que dura uma reunião, apresentação;* **Seção (ou secção)**[9]**:** *departamento, divisão*
Deferir: *conceder, atender (deferimento)*	**Diferir:** *ser diferente, adiar (diferimento)*[10]
Descriminar: *inocentar, descriminalizar*[11]	**Discriminar:** *separar, distinguir, discernir*[12]
Despercebido[13]**:** *sem ser notado*	**Desapercebido:** *desprevenido*

Incontinente: *imoderado, descontrolado*[14]	***Incontinenti* (latim):** *imediatamente*[15]
Infligir: *aplicar pena ou castigo*[16]	**Infringir:** *transgredir, violar*

[11] [12] [13] [14] [15] [16]

Óptico: *deriva de "óptica", considerado relativo ao olho ou à parte da Física*[17]	**Ótico:** *relativo ao ouvido, podendo ser vocábulo variante de "óptico"*[18]

Algumas observações importantes: [17] [18]

1. AFIM (Substantivo) *Exemplos:* *Afim em linha reta.* Ver art. 932, II, do CC.	**AFIM (Adjetivo)** *Exemplos:* *Disciplina afim.* *Termos afins.* *Ver art. 1.957 do CC.*	**A FIM DE (Locução prepositiva)** *Exemplos:* *Ele está a fim de instaurar o inquérito policial.* *Ver arts. 45 e 213 do CPC.*

2. ELIDIR (Suspender, eliminar, excluir, suprimir) *Exemplos:* *Art. 138 do CTN.* *Súmula 29 do STJ.*	**ILIDIR (Rebater, contestar)** *Exemplos:* *O advogado ilidiu os argumentos.* *Ver art. 757 do CPC.* *Ver art. 204, parágrafo único, do CTN.*

Uso inadequado: *Art. 157 do CTN: "onde se lê ILIDE, leia-se ELIDE".*	**Uso inadequado:** *Art. 244, parágrafo único, do CP: "onde se lê ILIDIR, leia-se ELIDIR".*

3. A PAR *Exemplos:* *Ele está a par do assunto.* *Ver art. 2º, § 2º, da LINDB.*	**AO PAR** *Exemplo:* *O dólar está ao par do euro.* *("Vem de paridade, refere-se a ações e obrigações, papéis de crédito").*

4. EM VEZ DE (Substituição) *Indica tão somente "substituição", sem assinalar contraste.* *Exemplo:* *O Juiz condenou-o a dois anos, em vez de três.*	**AO INVÉS DE (Oposição)** *Indica "oposição, sentido contrário", em frases antitéticas. É sinônima de "ao revés de".* *Exemplos:* *O Juiz absolveu o réu, ao invés de condená-lo.* *O réu foi absolvido ao revés de ser condenado.* *Morreu ao invés de viver.* *Saiu ao invés de ficar.* *Comeu ao invés de fazer jejum.* *Ao invés de vingar-se, perdoou ao delinquente.*

	Ver art. 73 do CP. *Ver art. 81, § 3º, do CP.*

5. REMISSÃO **(Verbo** remitir**, no sentido de "perdoar")** *Houve a remissão dos pecados.* *Em sentido jurídico, pode significar "perdão do tributo ou multa" (art. 156, IV, do CTN) ou "perdão da pena" (graça ou indulto), no campo adstrito ao Direito Penal.* **Codificação:** *Art. 150, § 6º, da CF.* *Art. 403 do CPC.*	**REMIÇÃO** **(Verbos** remir **ou** redimir**, no sentido de "resgatar, livrar, liberar a título oneroso, salvar")** *Ele deve remir os bens penhorados.* *"Cristo veio à Terra para remir os homens" (Aurélio).* *No sentido jurídico, fala-se em "remir bens do executado" (ou seja, "exonerar da penhora embarganda os bens constritados, mediante depósito do valor da avaliação").* **Codificação:** *Arts. 1.429 e 1.478 do CC; arts. 651 (787, parágrafo único, 788, 789 e 790 – revogados) do CPC; arts. 267, 272, 274 e 276 da Lei n. 6.015/73; art. 130 da Lei n. 7.210/84; art. 49 do ADCT.*
Equívocos:	

No entanto, há vários equívocos registrados no Código Civil, que mostram situações de "remição" (resgate) registradas como "remissão" (perdão). Vejamos:

1. *Art. 1.429, parágrafo único:*

"O herdeiro ou sucessor que fizer a remissão *fica sub-rogado ...".*

2. *Art. 1.436, V:*

"Dando-se a adjudicação judicial, a remissão *...".*

3. *Art. 1.478, parágrafo único:*

"Para a remissão*, neste caso, consignará o segundo credor ...".*

Da mesma forma, a equivocidade ocorre em outras citações, como:

Art. 1.481, caput*, do CC; art. 1.484, primeira parte, do CC; art. 1.483, primeira parte, do CC; art. 1.499, V, do CC e o art. 120, § 2º, segunda parte, do DL 7.661, de 21-06-1945.*

Não é sem razão que a equipe lexicográfica da ABL, ao redigir o VOLP, fez questão de apontar o significado dos dois vocábulos de modo expresso em seu texto.

Observações:

1. *Remissão e remição são vocábulos homônimos homófonos, e não sinônimos.*

2. *O vocábulo remisso relaciona-se etimologicamente com "remitir" (particípio passado), mas adquiriu significado diverso, uma vez que nas leis aparece como adjetivo designativo de "descuidado, negligente ou relapso". É o que se nota nos*

arts. 578 do CCom; 695, § 3º (revogado), do CPC e 319, I (alterado), do CPP.

8.3. O PROBLEMA DAS REDUNDÂNCIAS OU PLEONASMOS VICIOSOS

Deve-se evitar o uso de *pleonasmos viciosos* – emprego de palavras redundantes, com o fim de reforçar ou enfatizar a expressão. Na verdade, os pleonasmos são os excessos ou superfluidades no uso das palavras, sendo passíveis de correção. Não se confundem com os *pleonasmos estilísticos*, usados intencionalmente no texto para comunicar a expressão com mais vigor e intensidade. São exemplos de pleonasmos estilísticos ou eruditos:

"Que me importa a mim a glória?" 19.

"Sorriu para Holanda um sorriso ainda marcado de pavor" 20.

É interessante observar que se encontram pleonasmos viciosos até mesmo em textos legais, como se nota nos dizeres insertos no art. 67, III, da Lei n. 8.245/91, o qual se refere a uma "sentença de primeira instância", como se houvesse sentença proferida em instância diversa.

Os exemplos a seguir são ilustrativos e representam o uso condenável de expressões que nada acrescentam à intelecção da ideia a ser transmitida.

1. "O projeto ainda vai levar mais um mês."

Observe o exagero: o "ainda" dispensa o "mais".

2. "Estudou muito, mas não conseguiu, no entanto, tirar boa nota."

Note a redundância: se já houve o uso da conjunção adversativa "mas", não há por que usar outra de igual natureza, isto é, "no entanto". Portanto, corrigindo:

Estudou muito, mas não conseguiu tirar boa nota. Ou então:

Estudou muito, no entanto não conseguiu tirar boa nota.

3. "O gerente vai manter a mesma equipe."

Cuidado! O pleonasmo está evidente: o verbo "manter" traz a ideia de manutenção, dispensando-se o vocábulo "mesma".

4. "Ele ainda continua exigente."

Fique atento: o tempo verbal "continua" traz a ideia de permanência.

5. "O preço do produto é barato."

O termo “barato” já encerra a ideia de preço. É impropriedade de linguagem dizer “preço barato” ou “preço caro”. Na verdade, os produtos, mercadorias ou serviços é que podem ser baratos ou caros, e não “os preços”. Estes serão *baixos, módicos, altos, exorbitantes, escorchantes, extorsivos, abusivos*, entre outros qualificativos.

6. “Qual a sua experiência anterior?”

Toda experiência é anterior. Notável redundância! Evite-a.

7. *“*Preciso fazer planos para o futuro.”

É melhor que se façam planos para o futuro, pois seria de todo contraproducente fazer planos para o passado. Afinal de contas, passado é passado. É o que nos ensina Roberto Carlos, na canção de Mauro Motta e Carlos Coll *Se você pretende* (1989): *“ [...] Não promete nada / Eu te aceito assim / Fica do meu lado / Passado é passado / Tá certo pra mim”.*

8. “Há várias goteiras no teto.”

Só há goteiras no teto... Não há como se formarem goteiras no chão, pois seria uma poça, e não goteira... O mesmo se diga de “estrelas do céu”, “labaredas de fogo”, entre outros pleonasmos retumbantes.

9. “Deve haver 21 menos desmatamentos, mais florestas arborizadas.”

Pergunto: há floresta não arborizada, sem árvores? Seria o quê? Uma selva de “pedras”?

10. “Seu discurso não passou de uma breve alocução.”

A alocução 22 é um substantivo feminino que significa uma “breve exposição, um rápido discurso”. Portanto, a expressão “breve alocução” é pleonástica, devendo ser evitada.

11. “Ele exporá a matéria nos mínimos detalhes.”

O vocábulo “detalhe”, na acepção de “pormenor ou particularidade”, é galicismo já incorporado ao nosso idioma. Por representar “minúcia”, o termo não deve ser acompanhado do adjetivo “mínimo”. Todavia, há gramáticos renomados que não veem na expressão em comento um exemplo de pleonasmo vicioso. É o caso de Cegalla (1999 119), para quem “não nos parecem merecedoras de censura as expressões ‘mínimos detalhes’, ‘pequenos detalhes’, ‘mínimos pormenores’, ainda que redundantes”.

12. “Rejubilei-me de alegria com a boa notícia.”

O verbo “rejubilar(-se)” tem o sentido de “alegrar-se muito, sentir grande júbilo”. Há superfluidade na expressão “rejubilar-se de alegria”, uma vez que o verbo já contém a ideia de contentamento. É, pois, pleonasmo vicioso, que deve ser evitado.

13. “Dividimos o bolo em duas metades iguais.”

Ao usarmos o substantivo plural “metades”, não há necessidade de dizermos “duas” (porque “metades” são sempre duas) nem “iguais” (porque, sendo metades, são necessariamente iguais). Portanto, corrigindo a frase, teremos: *Dividimos o bolo em metades*; ou *Dividimos o bolo em duas partes iguais.* Ainda: *A linha do Equador divide a terra em duas metades.*

Humberto Gessinger, na canção *Perfeita Simetria* (Engenheiros do Hawaii), valendo-se de licença poética23, utilizou a forma “metades iguais”. Nada mau para uma música que integrou o álbum cuja vendagem deu ao grupo o título de “melhor banda de rock do Brasil” (1990).

14. “O homem estava com hemorragia de sangue.”

Toda hemorragia é de sangue. Aliás, a etimologia da palavra aponta para tal obviedade: *hemo* (“sangue”) + *ragia* (“derramamento”). Portanto, literalmente, hemorragia significa derramamento de sangue. Assim, evite o pleonasmo vicioso em comento.

15. “Quando a polícia chegou, já não mais havia necessidade.”

A formação “já (...) mais” comporta divergência quanto à provável redundância em seu bojo. Nas indicações temporais, se couber “já”, o “mais” pode ser evitado. Diga-se que há gramáticos de prol que não reprovam tal formação, aos quais fazem coro importantes escritores. Observe os exemplos adiante, colhidos da literatura:

*“Já não se fazem mais frases como antigamente”*24.

*“Já não há mais razão para a revolta”*25.

16. “Restou à equipe a outra alternativa.”

Deve-se evitar a referência à “alternativa” como “outra” ou “única”. O vocábulo já encerra, etimologicamente, o conceito de “outra” (*alter*, em latim). Com propriedade, Squarisi (2003) preconiza que “a alternativa se escolhe entre duas opções. Por isso evite dizer ‘outra’ alternativa e ‘única alternativa’. (...) A alternativa é sempre outra. Se não há outra, só pode ser única”.

17. “Há dois anos atrás, cheguei a São Paulo.”

A sequência “há (...) atrás” é condenável, uma vez que se apresenta redundante. Se o anunciante já utiliza o verbo “haver”, na acepção de “tempo transcorrido”, não necessita de reiterar a ideia com o advérbio “atrás”. Portanto, à errônea forma “há vinte anos atrás, ele chegou”, sugerimos que prefira as formas adiante delineadas, a fim de que fuja à redundância: *Há vinte anos, ele chegou*; ou *vinte anos atrás, ele chegou.*

18. “Deve-se evitar o uso abusivo do álcool.”

Não se deve atrelar adjetivo a substantivo que possui o mesmo radical. Em vez de “uso abusivo”, utilize “usc excessivo” ou “uso imoderado”.

19. “Ele deverá voltar atrás em sua decisão.”

O dicionário preconiza que a única forma de empregar o verbo “voltar” no sentido de “recuar, retroceder” é dar-lhe a companhia da preposição “atrás”. Tal posicionamento frui a chancela de gramáticos de nomeada, que não a consideram redundante, na acepção de “mudar de ideia, mudar de opinião”. Logo, “voltar atrás” não seria um pleonasmo vicioso; no entanto, deve-se evitar a expressão por lhe faltar boa sonoridade.

20. “O grupo revelou possuir um preconceito intolerante.”

O vocábulo “preconceito” significa “pré-conceito” ou conceito prévio, derivando do vocábulo “conceito”. Se já há preconceito, a intolerância é imanente, despontando o pleonasmo. Exemplos:

“Ter preconceito sobre minorias raciais é indesculpável.”

“O grupo intolerante tem preconceito de certas minorias religiosas.”

21. “Há necessidade de um acordo amigável para ambos.”

Se o acordo nasce de concessões recíprocas, como imaginar um “acordo” inamistoso ou um “acordo” imposto por vontade de uma das partes? Não haverá meios...

A seguir, apresentamos um rol de expressões pleonásticas bastante utilizadas no dia a dia. Quanto ao uso, somos da opinião de que pode haver liberdade de expressão na linguagem informal, ressaltando-se, todavia, que são formas que contrariam o rigor gramatical apresentado até agora no livro, desafiando a chamada norma culta. Vamos a elas:

Acabamento final	*Conviver junto*	*Criar novos*
Elo de ligação	*Encarar de frente*	*Erário público*
Reincidir de novo	*Subir pra cima*	*Descer pra baixo*
Tornar a praticar	*Canja de galinha*	*Introduzir você*

		dentro da peça
Aumentar ainda mais	*Novidade inédita*	*Vontade geral de todos*
Já não há mais presidentes como antigamente	*Horário individual para cada um*	*Acrescentar mais um detalhe*
Anexar junto	*Milênios de anos*	*Demente mental*
Plebiscito popular	*Minha opinião pessoal*	*Todos foram unânimes*
Vereador municipal	*Viúva do falecido*	*Unanimidade geral*
Ultimato final	*Templo sagrado*	*Repetir de novo*
Protagonista principal	*Previsão do futuro*	*O mais absoluto silêncio*
Monopólio exclusivo	*Melhorar mais*	*Infiltrar dentro*
Brisa matinal da manhã	*Ganhar de graça*	*Fato verídico*
Conclusão final	*Dar de graça*	*Consenso geral*
Número exato	*Adiar pra depois*	*Certeza absoluta*

De sua livre escolha	*Sugiro conjecturalmente*	*Interrompeu de uma vez*
Multidão de pessoas	*Superávit positivo*	*A seu critério pessoal*
Surpresa inesperada	*Frequentar constantemente*	*Compartilhar conosco*
Gritar bem alto	*Completamente vazio*	*Planejar antecipadamente*
Expulsar para fora	*Inflação galopante*	*Vítima fatal*[26]
Colocar as coisas em seus respectivos lugares	*Habitat natural*	

CURIOSIMACETES

1. AUTOMAÇÃO E AUTOMATIZAÇÃO

O processo de substituição do trabalho humano pelo trabalho da máquina recebe o nome de "automação", palavra derivada do inglês *automation*. No entanto, a forma mais consentânea com o nosso idioma é "automatização", devendo-se preferir esta àquela, conforme direção adotada pelo Aurélio. Talvez por desleixo ou desconhecimento do usuário, surgem formações vocabulares que não obedecem ao adequado processo de formação de palavras. Entretanto, apesar de possuírem

origens distintas, os termos são aceitos pelo VOLP 2009 e pelos dicionários Houaiss e Aurélio como sinônimos.

A propósito, o Editorial do *Jornal do Brasil*, em 8 de julho de 1995, delineou a expressão com propriedade:

- *"A estrutura portuária moderna, com o uso máximo da automatização para movimentação de cargas em contêineres, tem peso considerável".*

2. CARRASCO

O substantivo masculino que designa o executor da pena de morte, também conhecido como "algoz, verdugo", só apresenta o gênero masculino. Portanto, aceita-se tão somente *(o) carrasco* (e não "a carrasca").

Como curiosidade, ressalte-se que a palavra deriva do sobrenome de Belchior Nunes Carrasco, homem que exerceu o mister de algoz na cidade de Lisboa, antes do século XV.

3. CESÁREA E CESARIANA

Como substantivos designativos da "incisão" (feita no ventre e útero maternos para a retirada do feto) ou do "procedimento cirúrgico" propriamente dito, derivam ambas de "César" ou Júlio César (*Caius Julius Caesar*) – estadista, general e escritor romano –, que teria nascido por meio de tal expediente cirúrgico, no ano 101 a.C.

4. DESADORAR

O verbo transitivo direto *desadorar* é bastante curioso. Como se pode imaginar, sua acepção é de "detestar, não gostar de". Pode ser usado na forma pronominal, no sentido de *detestar-se*. Vamos aos exemplos:

- *Ele desadora pessoas hipócritas.*
- *Desadorava a vida leviana da irmã.*

- *“Os dois se desadoram desde os tempos do Caraça”*[27].

[26][27]

A HORA DO ESPANTO

As “pérolas” do português

Ser humano apto há receber

Correção: a expressão adequada é “apto a receber”, sem crase, uma vez que não se usa crase antes de verbo.

Não se deve sobrepassar em cima das pessoas

Correção: acreditamos, em face da dúbia ideia que se quis transmitir, que o emissor da mensagem pretendeu dizer: “não se deve passar por cima das pessoas”. “Sobrepassar em cima” é demais! Haja vontade de se impor sobre os outros...

Este problema o aflinge

Correção: o verbo em comento é “afligir”, com acepção de “angustiar, atormentar”. Conjuga-se como “dirigir”, portanto, as flexões verbais devem ser *aflige* (com -g), *aflijo* (com -j), *afligia* (com -g) etc.

1 Esse verso foi alvo da censura, e o “Rei”, em vez de cantar [“Se o bem e o mal existem (...)”], passou a fazê-lo como [“Se o bem e o ‘bem’ existem (...)”].

2 A expressão “a respeito” ou “a respeito de” representa impropriedade (anglicismo). Portanto, evite a expressão “nada sei a respeito de”, devendo substituí-la por *nada sei a esse respeito* ou *nada sei a tal respeito*.

Da mesma forma, evidencia-se impropriedade na expressão similar “em termos de”, um modismo de linguagem modernosa, na acepção de “relativamente a, no que se refere a”. É expressão que deve ser evitada ou, pelo menos, contida, a fim de não imprimir claudicância ao texto elaborado.

3 Camilo Castelo Branco, *O Bem e o Mal*, p. 131, *apud* Cegalla, 1999, p. 397.

4 Celso Cunha, *Gramática do Português Contemporâneo*, p. 161, *apud* Cegalla, 1999, p. 398.

5 Rachel de Queiroz, *O Caçador de Tatu*, p. 25, *apud* Cegalla, 1999, p. 370.

6 Ciro dos Anjos, *A Menina do Sobrado*, p. 212, *apud* Cegalla, 1999, p. 370.

7 Graciliano Ramos, *Linhas Tortas*, p. 96, *apud* Cegalla, 1999, p. 257.

8 É importante estabelecermos os conceitos entre os *sinônimos, antônimos, homônimos, homógrafos, homófonos e parônimos*. Vamos a eles:

Sinônimos: são palavras que possuem significação aproximada, como, por exemplo, *original* e *autêntico* ou *original* e *singular*.

Antônimos: são palavras de significação oposta, como *original* e *vulgar*, por exemplo.

Homônimos: são palavras que apresentam a mesma grafia e a mesma pronúncia, como os substantivos *manga* (fruta), *manga* (da camisa) e a forma verbal *manga* (ele).

Homógrafos: são palavras que apresentam a mesma grafia, mas pronúncias diferentes, como o substantivo *esforço* e a forma verbal *esforço* (eu). Podemos encontrar homônimos homógrafos, como: *leste* (oriente) e *leste* (verbo); *sede* (a casa principal) e *sede* (vontade de beber); *fábrica* (indústria) e *fabrica* (verbo).

Homófonos: são palavras que possuem a mesma pronúncia, mas grafias diferentes, como os verbos *caçar* e *cassar*. Podemos encontrar homônimos homófonos, como: *acento* (tom de voz) e *assento* (banco); *cegar* (perder a visão) e *segar* (ceifar); *cesta* (caixa) e *sexta* (numeral).

Parônimos: são palavras que apresentam grafias ou pronúncias semelhantes, sem que, no entanto, ocorra coincidência total. Costumam provocar dúvidas quanto

ao seu emprego correto. É o caso, por exemplo, de pares como *flagrante / fragrante*, *pleito / preito*, *vultoso / vultuoso*.

9 Observe os exemplos com o vocábulo **seção**: *seção eleitoral*, *seção de brinquedos*, *seção de eletrodomésticos*.

Diga-se que se usa, de modo restrito, **secção** para "corte em operação médica". Exemplo: *secção do osso, secção da perna*.

10 Veja a frase com o verbo **diferir**: *"Quando, porém, tornava à casa (...), ficava desarmado e diferia o castigo de um dia para outro"* (*Dom Casmurro*, Machado de Assis).

11 Observe os exemplos com o verbo **descriminar**, do qual defluem os substantivos "descriminação" ou "descriminalização":

Há quem lute para descriminar o uso da maconha.

O réu matou em legítima defesa, razão pela qual o Juiz o descriminou.

Há quem considere a descriminalização das drogas uma maneira de combatê-las.

O deputado Fernando Gabeira, defensor da descriminação da maconha, falou ao repórter.

12 Note os exemplos com o verbo **discriminar**, do qual deflui o substantivo "discriminação", no sentido de "distinção". Exemplos:

Devemos discriminar o bem do mal.

É preciso discriminar os votos conscientes e os votos nulos.

O homem de cautela discrimina as verdades das meias verdades.

Não se deve discriminar pessoas, sob pena de violação à Constituição, que proíbe a discriminação de cor, raça, sexo e idade.

13 O adjetivo **despercebido** não pode ser confundido com **desapercebido**.

Desapercebido tem o sentido de "desmuniciado, desprovido, desguarnecido". Exemplo:

A esquadra contava com vários navios desapercebidos de munições.

O soldado foi pego em uma emboscada, pois estava, desapercebidamente, sem armas.

Por outro lado, o adjetivo **despercebido**, isto é, "não notado", pode ser "percebido" em frases, como:

O incidente passou despercebido à maioria dos convivas.

O homem é demasiado meticuloso – detalhe algum lhe passa despercebido.

"Minha atitude não passou despercebida à turma" (Ciro dos Anjos, *Abdias*, p. 30, *apud* Cegalla, 1999, p. 111).

14 **Incontinente** é adjetivo, substantivo ou advérbio. Exemplos:

O jovem era incontinente e agia sempre de supetão.

O incontinente é o sujeito que sabe o que deve fazer, mas não consegue mover-se nesse sentido.

Quero, incontinente, tomar as providências necessárias.

15 Incontinenti é advérbio latino, devendo ser grafado entre aspas ("incontinenti") ou em itálico (*incontinenti*). Há gramáticos de nomeada que propõem o total aportuguesamento da expressão para a forma "incontinênti", como paroxítona terminada em -i, a par de outros latinismos já incorporados ao nosso léxico, *v.g.*, álibi, *mapa-múndi*, *déficit* etc. Nesse sentido, Houaiss ratifica, indicando como advérbio a forma "incontinente" (com -e, sem acento). Portanto, a escolha é sua: no latim, "incontinenti" ou *incontinenti*; ou as formas aportuguesadas "incontinênti" e "incontinente".

16 O verbo **infligir** requer atenção do estudioso. Observe os exemplos:

O rei infligiu duras penas aos súditos.

O boxeador infligiu humilhante derrota àquele que o desafiou.

Infligimos-lhes dolorosa derrota.

17 O termo **óptico** refere-se aos fenômenos da luz ou da visão. Nesse sentido, nada impede que se use "óptico" (com -p mudo) ou "ótico" (sem -p), para assuntos relativos à luz ou à visão. Exemplos: *instrumentos ópticos; canal óptico, antípoda óptico, vias ópticas, nervo óptico, ilusão de óptica*.

Em sentido figurado, **óptica** pode significar a "maneira de ver, de julgar, de sentir, perspectiva e conceito ou ideia particular". Portanto: *a óptica dos românticos; a óptica dos juízes; a ilusão de óptica*.

18 O vocábulo **ótico** refere-se aos assuntos relativos à audição. Pode-se escrever "óptico" (com -p mudo) ou "ótico" (sem -p). Exemplos: *nervo ótico; gotas óticas*. Registre-se, ainda, a ocorrência de palavras derivadas dessa forma: *otite, otiatria, otídeo, oticodinia*.

Observação: dada a possibilidade de se usar "ótico" ou "óptico", alternativamente, como se explicou, recomendamos que se adote, como regra, a forma **óptico** (com -p mudo), para ambos os sentidos, permitindo-se o acerto em qualquer situação.

19 Alexandre Herculano, *Eurico, o Presbítero*, p. 69, *apud* Cegalla, 1999, p. 320.

20 Viana Moog, *Toia*, p. 294, *apud* Cegalla, 1999, p. 320.

21 A locução **deve haver**, por ser composta de verbo impessoal (haver), não pode ser pluralizada. Portanto, escrevam-se: "*deve haver situações*"; "*deve haver ocorrências*"; "*deve haver protestos*". Por outro lado, a expressão **deve existir** é composta de verbo pessoal (existir), podendo ser modificada no plural. Exemplo: *"devem existir situações"; "devem existir ocorrências"; "devem existir protestos".*

Aprecie, ainda, algumas frases corretas:

Onde antes existiam desertos, agora só há plantações (o Autor).

Existirão dúvidas, se houver pesquisas (o Autor).

Não duvido de que possa haver vidas além da nossa no Universo; também não duvido de que existem muitas perguntas ainda sem respostas (o Autor).

A propósito desta última frase, a palavra **universo**, como sinônimo de "sistema solar", deve ser grafada com inicial maiúscula (Universo). No entanto, há sentidos que avocam a inicial minúscula. Vamos a eles:

a) na acepção de "conjunto de coisas existentes no mundo, no cosmo", deve conter inicial minúscula. Exemplo: *O homem é um pequeno objeto que se move no universo*;

b) no sentido de "ambiente ou meio". Exemplo*: A quadra de esportes era o seu universo*;

c) como "população, ou indicador de estatística". Exemplo: *No universo de dois milhões de músicos, há poucos*

que nasceram para o ofício.

22 Não confunda com **elocução** – maneira de exprimir-se pela palavra oral: *Ele tem uma elocução fluente no inglês.*

23 A **licença poética** é fartamente aplicada na música e na poesia. Os dicionários conceituam-na como "liberdade outorgada aos poetas para que alterem regras da gramática, no mister artístico que lhes compete". Como se mencionou alhures, Vinicius de Moraes usou "posto que" no sentido de "porque", no *Soneto de Fidelidade*, recorrendo à licença poética. Não devemos recriminar esta "licenciosidade". Falta-nos autoridade...

Aliás, "falar com delicadeza não machuca a língua" (Provérbio francês).

24 Moacir Werneck de Castro, *Jornal do Brasil*, de 12-3-1994, *apud* Cegalla, 1999, p. 224.

25 Aníbal Machado, *Cadernos de João*, p. 198, *apud* Cegalla, 1999, p. 224.

26 A vítima não é "mortal, fatal ou letal", mas, verdadeiramente, *o acidente*, *a queda*, *a doença*.

27 Ciro dos Anjos, *Montanha*, p. 87, *apud* Cegalla, 1999, p. 111.

9 GRAFIMACETES

Este capítulo visa municiar o leitor com palavras de grafia complexa. Infelizmente, muitas delas têm a grafia "assassinada" diariamente pelos meios de comunicação de massa. Como se sabe, o presente trabalho está lastreado no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa – o VOLP 2009 –, compêndio que veicula a *palavra final* sobre a ortografia dos vocábulos da Língua Portuguesa no Brasil. Diga-se que suas famosas *instruções* – aprovadas pela Academia Brasileira de Letras em 12 de agosto de 1943 e, mais tarde, modificadas pela Lei n. 5.765, de 18-12-1971 – tiveram por base o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa da Academia das Ciências de Lisboa (1940).

1. Praxe – Explanar – Extemporâneo

Situação: *A praxe dos Tribunais tem sido no sentido de explanar os casos extemporâneos, a fim de que se possa padronizar os julgados.*

Comentário: deve-se ter cautela com o fonema da intrigante consoante "x", uma vez que tal letra pode conter inúmeros valores fonéticos ou sons, dependendo do vocábulo. Sabe-se que o "fonema" é o som distintivo que forma as sílabas na comunicação oral. Exemplos:

- Praxe (palavra de origem latina): pronuncie a letra como em xale, xarope, enxada.
- Exame (palavra de origem latina): pronuncie a letra como em exílio, exegese, exumação, êxodo e inexorável[1].
- Táxi: pronuncie a letra como em fixo, tórax, maxissaia (/ks/ para VOLP 2009 e Houaiss), anorexia, orexia, máxime[2] (pronuncie "máksime"), filoxera (pronuncie "filokséra"), proxeneta (pronuncie "proksenêta") e tóxico[3] (palavra de origem grega, com pronúncia "tóksico").
- Próximo: pronuncie a letra como em trouxer, auxiliar, aproximar, sintaxe[4].
- Hexacampeão: pronuncie a letra como em (/ks/ ou /z/), devendo se pronunciar "heKsacampeão"[5] ou "hezacampeão" (VOLP 2009).

Posto isso, exercite os sons com a frase a seguir:

A praxe dos Tribunais tem sido no sentido de explanar, inexoravelmente, os casos extemporâneos, máxime a fim de que se possa padronizar os julgados.

2. Egrégio – Agiotagem – Gesto

Situação: *O egrégio Tribunal tem procurado coibir as ações de agiotagem no Estado. O gesto do "agiota", ao se defender, vem ao encontro de sua tese de defesa.*

Comentário: é mister não confundir a aplicação da letra “g” com a letra “j”. Ambas são consoantes “palatais” [quando se encontram o dorso da língua e o palato (céu da boca)], devendo se empregar a letra “g” ou “j”, de acordo com a origem da palavra ou com as regras específicas. Exemplo:

Vocábulo	Letra G	Letra J
Egrégio	*Palavras terminadas em* **-ágio, -égio, -ígio, -ógio, -úgio**. *Exemplos: pedágio, egrégio, prodígio, relógio, refúgio.*	
Engessar	*Palavra derivada de gesso (origem grega).*	
Gesso	*Origem grega*	
Jeito		*Origem latina*
Laranja		*Palavras terminadas em* **-ja** *e* **-aje**. *Exemplos: lisonja, granja, laje, traje, ultraje.*

Moji		*Palavras de origem indígena ou africana. Exemplos: canjica, jiló, jiboia, pajé, jenipapo, jerimum, jirau, jequitibá.*
Viagem	*Substantivo terminado em* **-agem**, **-igem**, **-ugem**. *Exemplos: viagem, fuligem, penugem.* *Exceções: pajem, lajem, lambujem*[6].	
Viaje		*Formas derivadas de verbos terminados em* **-jar** *ou* **-jear**. *Exemplos: viaje, gorjeie.*
Variedades do *G*	*Algema, gengiva, gibi, herege, abigeato, monge, rabugice, tigela, pugilo.*	
Variedades do *J*		*Projétil, trajeto, berinjela, jiu-jítsu, alforje, cafajeste, enjeitar, enrijecer, gorjeta, jeca, jegue, jejum, jérsei, manjedoura, manjerona, rejeitar, trejeito, varejeira, varejista.*

3. Ojeriza – Objeção – Projétil[6]

Situação: *Não faço objeção àqueles por quem tenho ojeriza, somente os quero distantes de mim.* Ou, ainda: *Não emprestarei, portanto, meus projéteis para o colega.*

Comentário: as palavras acima são grafadas com "j". Saliente-se que o vocábulo "projétil", uma paroxítona terminada em -l, pode ser grafado como "projetil", oxítona, sem acento. O interessante, como se disse, ocorre com as formas plurais, quais sejam: projéteis e projetis.

4. Defesa – Agasalho

Situação: *A boa defesa contra o frio está no agasalho de lã.*

Comentário: em nosso sistema ortográfico[7], há palavras escritas com "s" que deverão ser pronunciadas com som de /z/. Vamos a alguns exemplos:

Análise	*Hesitar*	*Poetisa*
Camponesa	*Inglesa*	*Profetisa*
Despesa	*Lesado*	*Puser (verbo pôr)*
Enviesar (de viés)	*Lesão*	*Querosene*
Frase	*Leso*[8]	*Requisito*
Gostoso	*Maisena*[9]	*Vaselina*
Heresia	*Obséquio*	

5. Balizar – Fraqueza[8][9]

Situação: *Procure balizar sua vida com princípios de força e otimismo, rechaçando a fraqueza em suas*

ações.

Comentário: em nosso sistema ortográfico, há palavras escritas com "z", tais como: *aprazível, baliza, chafariz, ojeriza, fertilizar, limpeza etc.* A questão crucial é saber: "s" ou "z"? Vamos descobrir:

Vocábulo	Letra S	Letra Z
Analisar	*Escreve-se com "s" quando o radical dos nomes correspondentes termina em "s".* *Exemplos: analisar (de análise); avisar (de aviso); alisar (de liso); improvisar (de improviso); pesquisar (de pesquisa); catalisar (de catálise); paralisar (de paralisia).*	
		*Escreve-se com "**z**" quando o radical dos nomes correspondentes não termina em "s".* *Exemplos: anarquizar (de anarquia); civilizar (de civil); amenizar (de ameno); colonizar (de colono);*

Anarquizar		*cicatrizar (de cicatriz); vulgarizar (de vulgar); canalizar (de canal).* **Cuidado** *com batizar (de batismo), catequizar (de catequese) e traumatizar (de traumatismo): tais verbos derivam do grego e vieram já formados para o nosso vernáculo.*
Antropônimos	*Teresa, Luís, Hortênsia, entre outros.*	
Beleza		*Usa-se o sufixo* **-eza** *nos substantivos abstratos derivados de adjetivos. Exemplos: beleza (de belo); pobreza (de pobre).* *E em palavras, como: Veneza.* *Muito cuidado, no entanto, com "rijeza" (de rijo).*
Burguês	*Usa-se o sufixo* **-ês** *nos adjetivos derivados de substantivos.*	

	Exemplos: burguês (de burgo); chinês (de China).	
Defesa	*Usa-se o sufixo* **-esa** *nos substantivos cognatos de verbos terminados em -ender.* *Exemplos: defesa (defender); despesa (despender).* *E em palavras, como: framboesa, obesa, turquesa, sobremesa.***	
Estupidez		*Usa-se o sufixo* **-ez** *nos substantivos femininos derivados de adjetivos:* *Exemplos: estupidez* (de estúpido); avidez (de ávido); mudez (de mudo); cupidez (de cúpido).*
Eu pus	*Os derivados dos verbos "pôr" e "querer" serão grafados sempre com "s".* *Exemplos: pus, pusera, puséramos, puséssemos,*	

	quiséssemos.	
Variedades do *S*	*Marquesa, diocese, metamorfose, afrancesar, pus, quiséssemos, gás, besouro, rês, reses, arrasar, ansioso, pretensão, pretensioso, siso, extravasar.*	
Variedades do *Z*		*Baliza, azar, vazamento, gaze, azáfama, prazeroso, cafuzo, ojeriza, regozijo, granizo, assaz, prezado.*

* O plural de **estupidez** se forma como *estupidezes*. O mesmo se dá em:

Invalidez – *invalidezes*;

Sordidez – *sordidezes*;

Gravidez – *gravidezes*;

Malcriadez – *malcriadezes*.

** Quando o "s" está entre vogais (no substantivo) e tem som de /z/, seguramente é "s". Assemelha-se, pois, a um "sanduíche" – a consoante "s" no meio de duas vogais.

6. Através

Situação: *A bala passou pelo corredor através da parede. Como se esperava, o depoimento da vítima foi espontâneo.*

Comentário: a expressão **através de** ganhou poderosa estatura na linguagem cotidiana, sendo utilizada com prodigalidade condenável. Seu uso adequado deve ser restrito, devendo representar situações pelas quais se atravessa ou se transpõe. Logo, *a bala passou através da parede; a luz passou através da janela; avançamos através da floresta; ele chegou à outra margem do rio através da ponte*. Entretanto, evite: "provar através dos argumentos" ou "através de testemunhas". A não ser que se queira, surpreendentemente, "atravessá-las"... o que não é recomendável. Assim, o uso de tal expressão não tem lugar[10] no bom português, devendo ser evitado. Vejamos alguns exemplos do uso inadequado da expressão "através de", colhidos nos autos de processo:

- *"Isto deve ser feito através de escritura de retificação por instrumento público".*
- *"Os autos foram apensados aos da medida cautelar de sustação de protesto, através do qual a autora logrou a sustação liminar do protesto...".*
- *"A materialidade também está presente nos autos, através do laudo de fls. 30".*
- *"M.E.N., [...], através de seu procurador, [...]".*
- *"Através de alegações finais, a causa foi debatida...".*
- *"... incumbia à autora provar os fatos, através de perícia, que...".*

Posto isso, não obstante a generalização do uso inadequado da locução, somos da opinião que[11] se deve substituí-la por expressões, sonora e etimologicamente, mais adequadas, tais como: "por meio de"; "por intermédio de"; "por".

7. Obséquio

Situação: *Mudarei minha opinião, em obséquio ao bom senso e à parcimônia.*

Comentário: o vocábulo **obséquio** tem separação silábica interessante. Aliás, palavras formadas com encontros consonantais podem tê-los separáveis ou inseparáveis. Vejamos:

Vocábulos com encontros consonantais inseparáveis:

Mn*e-mô-ni-co,* pn*eu-mo-ni-a,* ps*i-ca-ná-lise,* cz*ar,* ps*eu-dô-ni-mo,* ps*i-co-se.*

Vocábulos com encontros consonantais separáveis:

*Pe*rs-p*i-caz; fe*lds-p*a-to; a*p-t*i-dão; o*f-t*al-mo-lo-gi-a, o*b-t*u-so, a*p-t*o, fú*c-s*ia, su*b-l*o-car, é*t-n*i-co, cor-ru*p-ç*ão, ob*s-t*á-cu-lo.*

O nome "obséquio" pode ser regido pelas preposições "a" ou "de" – portanto, use "em obséquio a" ou "em

obséquio de".

8. Esplêndido – Extravasar

Situação: *O carnaval é uma festa esplêndida, por meio da qual podemos extravasar nossas emoções.*

Comentário: o confronto entre o "s" e o "x" é demasiado relevante, merecendo citação. Saliente-se que o verbo *extravasar* é formado por *"extra" + "vaso" + "ar"*, com o sentido de "fazer transbordar". Grafa-se, pois, com -s, pois deriva de "vaso", ao passo que "vazar" se escreve com -z, por advir de "vazio". Abaixo seguem palavras grafadas com "x", e não "s", embora o pareçam ser:

Expectativa	*Expoente*	*Êxtase*
Exportação	*Extrair*	*Expiar (= remir)*

9. Prazeroso – Receoso – Aleijar

Situação: *O rapaz, inicialmente receoso, percebeu, em seguida, que sua opção render-lhe-ia um prazeroso passeio.*

Comentário: a título de memorização, deve o estudioso do vernáculo portar-se com parcimônia perante palavras como *receoso*, que, aparentemente, denotam carecer da semivogal *-i* para lhe conferir uma "boa" sonoridade ("receioso"). Não é o que deve ocorrer, pois se grafa "receoso", sem o -i. Na mesma esteira, temos:

Pronúncia e Grafia Incorretas	**Pronúncia e Grafia Corretas**
Afeiar	*Afear*
Estreiar	*Estrear*
Freiar / Freiada	*Frear / Freada*

Granjeiar	*Granjear*
Nomeiar	*Nomear*
Prazeiroso	*Prazeroso*
Prazeirosamente	*Prazerosamente*

Todavia, cuidado! O verbo **aleijar** deve ser grafado com *-i*. Portanto, não existe o tal "aléja".

Em outro giro, é de todo oportuno mencionar que os verbos terminados em **-iar** têm pronúncia peculiar. Vamos relembrar:

Regra 1: a maioria deles se conjuga regularmente. São eles: *criar, presenciar, copiar, abreviar* etc. Portanto: *eu crio, eu presencio, eu copio, eu abrevio*.

Regra 2: há aqueles, no entanto, em que o *-i* da penúltima sílaba se transforma em *-ei*. São apenas **cinco verbos**: *mediar*, *ansiar*, *remediar*, *incendiar* e *odiar*. Observe o quadro abaixo:

M	*EDIAR (e intermediar)*
A	*NSIAR*
R	*EMEDIAR*
I	*NCENDIAR*
O	*DIAR*
"MARIO"	

(palavra mnemônica)

Vejamos as conjugações:

Eu medeio, eu intermedeio, eu anseio, eu remedeio, eu incendeio, eu odeio.

Importante:

O verbo intermediar provoca intrigantes celeumas no dia a dia do usuário da Língua. Como se assimilou, deve ser conjugado como *odiar, mediar, ansiar* , entre outros componentes da expressão mnemônica **MARIO**. Não há razão, pois, para se propagar, indiscriminada e inexplicavelmente, o tal "intermedio", que nem sequer soa bem. Sempre aconselho em sala de aula, em tom jocoso: *"não intermedeiem esse 'desastre vocabular'!"*

A corroborar o exposto acima, observe o deslize da imprensa abaixo noticiado:

- "João Roberto Lupion intermedia venda de equipamentos para a hidrelétrica de Machadinho, na divisa dos Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina"12.

Todavia, o erro não é **onipresente** 13, o que nos permite citar acertos elogiáveis, dignos de registro:

- "São funcionários que intermedeiam a entrega da criança a um casal ansioso por um filho"14.
- "Intermedeia entre eles uma grande distância" (Celso Luft).

Registre-se, ademais, a correção com o verbo mediar. Observe os exemplos:

- "Poucos passos medeiam entre uns e outros"15.
- Entre Guaxupé e São Paulo medeiam cerca de trezentos quilômetros.

10. Magistral – Docente – Insular – Jurídico

Situação: *O magistral corpo docente manteve seu insular posicionamento acerca da discussão jurídica.*

Comentário: as locuções adjetivas podem ser plenamente substituídas por adjetivos simples, que imprimem leveza e suavidade no texto. Vamos conhecer alguns **adjetivos importantes**:

Adjetivos	Locuções Adjetivas	Adjetivos	Locuções Adjetivas
Acético	*de vinagre*	**Jurídico**	*de Direito*

Bélico	*de guerra*	**Lígneo**	*de madeira*
Cervical	*de pescoço*	**Luciferino**	*de Lúcifer*[16]
Cítrico	*de limão, laranja*	**Magistral**	*de mestre*
Columbino	*de pombo*	**Murino**	*de rato*
Discente	*do aluno*	**Onírico**	*de sonho*
Docente	*do professor*	**Pecuniário**	*de dinheiro*
Ebúrneo	*de marfim*	**Plúmbeo**	*de chumbo*
Estival	*de verão*	**Pluvial**	*de chuva*
Filatélico	*de selos*	**Rupestre**	*de rocha*
Gutural	*de garganta*	**Simiesco**	*de macaco*
Hepático	*de fígado*	**Tritíceo**	*de trigo*
Hircino	*de bode*	**Vacum**	*de vaca*
Hirundino	*de andorinha*	**Vespertino**	*de tarde*
Insular	*de ilha*	**Vulpino**	*de raposa*

Outros adjetivos, com exemplos: 16

Adjetivos	Locuções Adjetivas
Coimbrã	*de Coimbra (Portugal) (Exemplo: questão coimbrã)*
Episcopal	*de bispo (Exemplo: anel episcopal)*
Femoral	*de fêmur (ou coxa) (Exemplo: artéria femoral, e não "femural")*
Frênico	*de diafragma (Exemplo: músculo frênico)*
Heráldico	*de brasão (Exemplo: símbolo heráldico)*
Palustre	*de brejo (Exemplo: animal palustre)*
Torácico	*do tórax (Evite "toráxico", uma forma inexistente)*
Venatório	*de caça (Exemplo: cão venatório)*

11. Acesso – Excesso – Dissensão

Situação: *A dissensão surgiu, em face do excesso de espectadores que trafegavam pelos acessos que levavam ao palco.*

Comentário: as palavras acima apresentam-se com o dígrafo -ss. O dígrafo é o grupo de duas letras que representam um só fonema ou som. Também conhecido como "digrama", o dígrafo pode ser *consonantal* (por exemplo, -rr e -ss representam os fonemas consonantais /r/ e /s/, respectivamente) ou *vocálico* (-am e -an representam o som vocálico /ã/). Quando se escreve, por exemplo, "asseio" ou "cassar", ouve-se o fonema /s/, representado por dois "ss". Deve-se ter bastante cuidado com tais vocábulos. Vamos à assimilação de alguns:

Acesso	*Dissenso*	*Obsessivo*
Assaz	*Escasso*	*Procissão*
Carrossel	*Massagista*	*Sessenta*
Concussão	*Meritíssimo*	*Submissão*
Dissensão	*Obsessão*	*Verossimilhança*

12. Mandato Cassado – Sessão de Cinema – Espectador

Situação: *O acesso à sala da sessão de cinema foi criticado, com veemência, pelo Dr. Edgar, um dos espectadores e ex-vereador da cidade vizinha. Ele teve seu mandato cassado, há dois meses.*

Comentário: a matéria versa sobre a significação das palavras. Vamos dissecar:

- Sinônimos: são palavras que possuem significação aproximada, como original / autêntico; único / singular.
- Antônimos: são palavras de significação oposta, como elegante / vulgar.
- Homônimos: são palavras que podem apresentar a mesma grafia e a mesma pronúncia (homônimos perfeitos), como o substantivo combate e a forma verbal combate (ele). Segundo Dubois (1978: 326), "homonímia é a identidade fônica (homofonia) ou a identidade gráfica (homografia) de dois morfemas que não têm o mesmo sentido, de modo geral".

a) Homógrafos: são palavras que apresentam a mesma grafia, mas pronúncias diferentes, como o substantivo *esforço* e a forma verbal *esforço* (eu).

b) Homófonos: são palavras que possuem a mesma pronúncia, mas grafias diferentes, como *caçar* / *cassar*; *sessão* / *seção*.

- Parônimos: são palavras que apresentam grafias ou pronúncias semelhantes, sem que, no entanto, ocorra coincidência total. Costumam provocar dúvidas quanto ao seu emprego correto. É o caso, por exemplo, de pares como flagrante/fragrante, pleito/preito, vultoso/vultuoso.

APLICANDO...

Conceito	Exemplos
Sinônimo	*Antídoto e Contraveneno; Retificar e Consertar; Perigoso e Periclitante*
Antônimo	*Soberba e Humildade; Patente e Latente; Ativo e Inativo*
Homônimo	*Aço (substantivo) e Asso (verbo); Jogo (substantivo) e Jogo (verbo); Para (preposição) e Para (verbo)*
Homônimo homógrafo	*Colher (substantivo) e Colher (verbo); Providência (substantivo) e Providencia (verbo)*
Homônimo homófono	*Paço (palácio) e Passo (verbo)* *Conserto (reparo) e Concerto (sessão musical)* *Espectador (aquele que vê) e Expectador (aquele que tem expectativa)* *Esperto (arguto, sagaz) e Experto (perito, experimentado)* *Estático (imóvel) e Extático (em êxtase, absorto: olhos extáticos diante do acidente)*
Parônimo	*Vultoso (vulto) e Vultuoso (rubor)* *Suar (transpirar) e Soar (tilintar)*

	Conjuntura (situação) e Conjetura (suposição) *Espavorido (apavorado) e Esbaforido (ofegante)*

Como exemplos de **homônimos homófonos**, têm-se:

• **Acender:** alumiar, pôr fogo

Ascender: *subir*

• **Acento:** tom de voz, sinal gráfico

Assento: *lugar de sentar-se*, verbo (*assentar*)

• **Caçar:** apanhar animais ou aves

Cassar: *anular*

• **Cessão:** ato de ceder

Ceção: *frescura*

Sessão: *reunião*

Seção: *repartição*

• **Cela:** cubículo, prisão

Sela: *arreio*

• **Laço:** nó

Lasso: *frouxo*, *gasto*, *cansado*

• **Tacha:** pequeno prego, labéu, mancha

Taxa: *imposto*, *tributo*, *percentagem*

Por fim, citem-se alguns exemplos de **homônimos "homófonos-homógrafos"**:

• **Mato** (bosque) e **Mato** (verbo)

• **Rio** (verbo) e **Rio** (curso d'água)

• **Amo** (verbo) e **Amo** (servo)

• **Canto** (verbo) e **Canto** (ângulo)

13. A fim de – Acerca

Conforme já explicamos, é crucial diferenciar a locução prepositiva **a fim de** do vocábulo **afim**. A expressão *a fim de* quer dizer "com o fito de, com o propósito de". Por outro lado, o vocábulo *afim* refere-se a "afinidade". Não se pode tolerar o tal "afim de", querendo expressar finalidade. Nesse caso, deve-se grafar "a fim de", separadamente. Exemplo: *Os irmãos têm ideias afins, por estarem sempre a fim da mesma coisa.* Concluindo, observe a frase: *Ele está a fim de você, por acreditar que ambos têm interesses afins.*

Por derradeiro, resta-nos a análise da expressão **acerca**. O problema está na coexistência de outras semelhantes: *a cerca de* e *há cerca de*. Como se achar nesse cipoal de expressões similares, que denotam a riqueza de nosso vernáculo? Vamos à solução:

- **Acerca de**: locução prepositiva que significa "sobre a/o", "a respeito de".

Exemplo: *A palestra será acerca de novos temas.*

- **A cerca de**: locução prepositiva que significa distância próxima.

Exemplo: *O veículo se encontrava a cerca de 2 m.*

- **Há cerca de**: nesse caso, quer-se referir a tempo passado, quando se usou o verbo haver.

Exemplo: *Há cerca de dois meses, estive em Macapá, Capital do Amapá.*

14. Empecilho – Privilégio – Eminente jurista

Situação: *Não há empecilhos ao eminente jurista, que tem o privilégio de expor a matéria no tempo que lhe convier.*

Comentário: o grupo de palavras em comento traz a lume a problemática atinente ao uso das vogais -e ou -i. Com efeito, tais letras causam transtornos ao escritor desatento, que pode trocá-las com facilidade.

Vamos à diferenciação:

Vocábulo	Letra E	Letra I
Continue	*Na sílaba final dos verbos terminados em* **-uar**. *Exemplos:* *Continuar – que ele continue;* *Habituar – que ele habitue;*	

	Pontuar – que ele pontue.	
Diminui		*Na sílaba final dos verbos terminados em* **-uir**. *Exemplos:* *Diminuir – ele diminui;* *Influir – ele influi;* *Possuir – ele possui.*
Magoe	*Na sílaba final dos verbos terminados em* **-oar**. *Exemplos:* *Magoar – que ele magoe;* *Abençoar – que ele abençoe;* *Perdoar – que ele perdoe.*	
Variedades do *E*	*Cadeado, creolina, cumeeira, desperdício, empecilho, irrequieto, mexerica, mimeógrafo, sequer, seriema, areal (e não "areial").*	
Variedades do *I*		*Artimanha, crânio, digladiar, displicência, displicente, erisipela, frontispício, pátio, silvícola, dignitário.*

Palavras importantes	*Desplante (e não "displante")* *Cesárea (confronte: "cesariana")*	*Disenteria (e não "desinteria")* *Privilégio (e não "previlégio")* *Cesariana (confronte: "cesárea")*

Vamos conhecer alguns parônimos interessantes que envolvem as letras "**e**" ou "**i**":

área – *superfície*	←→	**ária** – *melodia, cantiga*
arrear – *pôr arreios, enfeitar*	←→	**arriar** – *abaixar, cair*
deferir – *conceder, atender (deferimento)*	←→	**diferir** – *ser diferente, adiar (diferimento)*
descrição – *ato de escrever*	←→	**discrição** – *qualidade de discreto*
delatar – *denunciar*	←→	**dilatar** – *alargar*
descriminar – *inocentar*	←→	**discriminar** – *separar*
despensa – *lugar onde se guardam alimentos*	←→	**dispensa** – *ato de dispensar, licença*
dessecar – *secar completamente,*		**dissecar** – *analisar*

enxugar	←→	*minuciosamente*
destratar – *insultar*	←→	**distratar** – *desfazer*
docente – *professor; relativo ao professor*	←→	**discente** – *estudante; relativo ao estudante*
elidir – *eliminar*	←→	**ilidir** – *refutar*
emergir – *vir à tona, sair*	←→	**imergir** – *mergulhar*
emérito – *insigne*	←→	**imérito** – *não merecido*
eminente – *importante, destacado*	←→	**iminente** – *prestes a ocorrer*
emitir – *gerar*	←→	**imitir** – *investir*[17]
estância – *fazenda de criação; estrofe*	←→	**instância** – *insistência; jurisdição*
intemerato – *puro*	←→	**intimorato** – *corajoso*
incontinente – *imoderado, descontrolado*	←→	***incontinenti*** *(latim)* – *imediatamente*
preeminente – *nobre, distinto*	←→	**proeminente** – *saliente*

preceder – *vir antes*	←→	**proceder** – *agir; originar-se*
prescrever – *receitar; expirar prazo*	←→	**proscrever** – *afastar, expulsar*
ratificar – *confirmar*	←→	**retificar** – *corrigir*
recriar – *criar novamente*	←→	**recrear** – *divertir*
reincidir – *tornar a cair, repetir*	←→	**rescindir** – *tornar sem efeito, dissolver*
vadear – *atravessar (rio) por onde "dá pé"*	←→	**vadiar** – *vagabundear, levar a vida de vadio*
tráfego – *movimento, trânsito*	←→	**tráfico** – *comércio*

15. Quantia vultosa – Ratificar a doutrina – Puni-los 17

Situação: *A quantia vultosa subtraída é uma agravante que colabora para puni-los, segundo a melhor jurisprudência, que vem ratificar a doutrina, como se verá nos articulados adiante expostos.*

Comentário: as expressões parônimas **vultoso** e **vultuoso** são costumeiramente trocadas no ambiente forense. Não se justifica a equivocidade, uma vez que seus significados são substancialmente distintos. Vejamos: "vultoso" quer dizer volumoso. Deriva da palavra vulto. Por outro lado, "vultuoso" quer dizer ruborizado, vermelho. Refere-se à vultuosidade, geralmente atribuída à face vermelha da pessoa. Exemplos:

- Ganhou um prêmio vultoso na loteria.
- Suas bochechas ficaram vultuosas com a piada obscena.

Nesse diapasão, evidenciam-se os verbos distintos: **ratificar** e **retificar**. Quando se pretende "confirmar, corroborar ou reforçar", há de *ratificar*; por outro lado, caso se pretenda "reparar ou consertar", urge *retificar*. Exemplos:

- Ele corroborou 18 o argumento, ratificando-o.

• A oficina retificou o motor, trocando as peças.

Quanto à forma verbal **puni-los**, é relevante mencionar a ausência do acento agudo, embora evidente a tonicidade na sílaba **-ni**. É que se trata de oxítona terminada em -i, que repudia o acento agudo. As palavras oxítonas são aquelas que têm a última sílaba como a sílaba tônica. Não é excessivo afirmar que somente se acentuam as oxítonas terminadas em **-a(s)**, **-e(s)**, **-o(s)**, **-em** e **-ens**. Exemplos: *Pará, café, cipó, desdém, vinténs.*

Nesse rumo, saliente-se que as vogais "i" e "u", seguidas ou não de -s, serão acentuadas quando precedidas de vogal átona com a qual formarem hiato. Exemplos:

Açaí	↘	*A-ça-í*
Acaraí	↘	*A-ca-ra-í*
Balaústre	↘	*Ba-la-ús-tre*
Camboriú	↘	*Cam-bo-ri-ú*
Egoísta	↘	*E-go-ís-ta*
Instruí-los	↘	*Ins-tru-í-los*
Jacareí	↘	*Ja-ca-re-í*
Juízes	↘	*Ju-í-zes (mas Juiz, sem acento)*
Raízes	↘	*Ra-í-zes (mas Raiz, sem acento)*
Uísque	↘	*U-ís-que*

É mister esclarecer que não se acentuam o "**i**" e o "**u**" quando:

1. Formam sílaba com as letras "**l**", "**m**", "**n**", "**r**", "**z**", "**i**" ou "**u**", isto é, sílaba com letra diversa de -s. Exemplos: *Ruim (Ru-im) – Trairdes (Tra-ir-des) – Juiz (Ju-iz) – Atraiu (A-tra-iu) – Paul (Pa-ul) – Pauis (Pa-u is) – Cair (Ca-ir) – Sairmos (Sa-ir-mos) – Saindo (Sa-in-do) – Ainda (A-in-da) – Raul (Ra-ul) – Cauim (Ca im) – Amendoim (A-men-do-im) – Contribuiu (Con-tri-bu-iu) – Instruiu (ins-tru-iu) – Adail (A-da-il) Demiurgo (De-mi-ur-go) – Ventoinha (Ven-to-i-nha).*

2. Seguidos de **-nh**. Exemplos: *Moinho – Lagoinha – Rainha.*

Vamos conhecer algumas *oxítonas* (acentuadas ou não) interessantes:

Bambu	*Frenesi (ou Frenesim)*	*Masseter*	*Pacu*	*Saci*
Bandô	*Ialorixá*	*Mister*	*Parangolê*	*Sutil*
Cajá	*Jaó*	*Moji*	*Puni-los*	*Ureter* [21]
Cateter[19]	*Juriti*	*Nobel*	*Reduzi-los*	*Urubu*
Colecionador	*Má-criação*[20]	*Obus*	*Ruim*	*Zebu*

19 20 21

16. Quinquênio – Cinquenta

Situação: *O quinquênio decadencial representa o lustro norteador da extinção do crédito tributário. No caso, houve a decadência, por exceder a autuação em cinquenta dias, após o término do prazo para lançamento.*

Consideração: com o novo Acordo, caiu o trema. Desse modo, escreveremos sem trema *quinquênio* (antes, qüinqüênio), *quiproquó* (antes, qüiproquó), *frequência* (antes, freqüência), *quinquelíngue* (antes, qüinqüelíngue), entre outros exemplos.

É importante frisar que o vocábulo “lustro” representa o período de cinco anos.

Quanto à indicação do número cardinal, temos **cinquenta** (e não “cincoenta”).

17. Beneficente – Entregas em domicílio

Situação: *O supermercado, que auxilia em várias campanhas beneficentes, faz entregas em domicílio.*

Consideração: há erros que se cristalizam no dia a dia da comunicação oral. Isso se evidencia em coletividades que utilizam idiomas complexos para lograrem a comunicação. É o caso do Brasil e das demais nações lusófonas.

A pronúncia “beneficiente” (com “ci”) é um “atentado à benemerência”. Não se recomenda fazer “filantropia”, assim... não se estará ajudando o próximo, mas o prejudicando, com uma linguagem atentatória ao vernáculo. Portanto, pronuncie *benefiCENte*, e a ajuda será dada com gramaticalidade.

Há outros equívocos que merecem destaque:

Grafia Incorreta	**Grafia Correta**
“Caixa toráxica”	*Caixa torácica*[22]
“Frustado”	*Frustrado*
“Impecilho”	*Empecilho*
“Mendingo”	*Mendigo*
“Previlégio”	*Privilégio*
“Própio”	*Próprio*
“Psicultura”	*Piscicultura*

"Siclano"	*Sicrano*
"Supertição" ou "Superticioso"	*Superstição ou Supersticioso*
"Xipófagas"	*Xifópagas*[23]

Nesse rumo, enfatize-se que os nomes **residente, sito, situado, estabelecido** e **domiciliado** devem ser regidos pela preposição "em", e não "a". As preposições podem representar uma relação de movimento ("preposições de movimento") ou de lugar ("preposições de quietação"). A preposição clássica de quietação é "em", que significa "lugar onde uma coisa está ou se põe". Por outro lado, "para" e "a" são as preposições norteadoras de movimento. Dessa forma, não se pode usar verbo de movimento com preposição de quietação ou vice-versa. [22] [23]

Os verbos em análise (*residir, situar, domiciliar, morar*) são de quietação, não admitindo a preposição **a**. Da mesma forma, os nomes derivados daqueles (*residente, situado, domiciliado*) não podem ser grafados ao lado de tal preposição.

Voltando ao tópico, no tocante ao vocábulo "entrega", preferimos que esta seja feita "em domicílio", pois a fatídica "entrega a domicílio" [24] ou, como preferem alguns ousados interlocutores, "entrega à domicílio" (com crase), traduz-se em expressão sobremodo equivocada. Explicando: o verbo *entregar*, nesta acepção, requer a preposição "em", assim como o nome "entregas" é regido por idêntica preposição. Veja o exemplo: *"Ela atua visitando os doentes <u>em domicílio</u> ou internados"* [25]. Logo, obedeça à regência exigida pelo termo, sob pena de justificar uma erronia expressiva.

Nesse passo, impende destacar que a expressão "a domicílio" mostra-se sustentável, desde que o verbo exija a preposição "a". Exemplos:

- Levam-se as compras a domicílio (levar a).
- As encomendas chegam a domicílio sempre às três horas (chegar a).
- Os técnicos vão a domicílio proceder ao conserto (ir a).

18. Tevê em cores – Dadas as ocorrências

Situação: *Dadas as últimas ocorrências, a aquisição da tevê em cores dependerá de verificação da situação de crédito do cliente.*

Consideração: a expressão **tevê em cores** causa celeuma, havendo divergência quanto à adequação ortográfica, até mesmo entre os autores de nossa disciplina.

Há aqueles que condenam com veemência a expressão "a cores", afirmando tratar-se de galicismo intolerável. É o caso de vários gramáticos, capitaneados por Napoleão Mendes de Almeida (1998: 2). Para tais estudiosos quando nos valemos da expressão, dizemos transmissão em cores ou a cores? E revista em cores ou a cores? E, por fim, "tevê em branco e preto" ou "a branco e preto"? Respondendo às perguntas, é facilmente perceptível que diremos com acerto "transmissão em cores", "revista em cores" e "tevê em branco e preto". Logo, o paralelismo das formas dispensa mais comentários. Não há por que se falar em "tevê a cores", pois não se diz "tevê a branco e preto".

Por outro lado, Domingos Paschoal Cegalla (1999: 9) preconiza não se tratar de galicismo a forma "a cores" podendo ser livremente adotada. E aí surge a indagação: e nós, pobres mortais, "impotentes" diante da divergência entre gramáticos de nomeada, como ficamos? Somos da opinião de que, em face da falta de uniformidade quanto à adequação da expressão, deve o usuário do idioma se valer da livre escolha, optando pela forma que lhe aprouver.

Com relação à concordância nominal da expressão **dado(s) / dada(s)**, vale mencionar: deve concordar com o termo a que se refere. Exemplo:

- Dada a situação ,... (ou seja: a situação dada, apresentada).
- Dados os documentos, ... (ou seja: os documentos dados, apresentados).
- Dadas as ocorrências, ... (ou seja: as ocorrências dadas, apresentadas).
- "Dado o suporte técnico, nossa 'tevê em cores' 26 não apresentará problemas" (ou seja: o suporte dado, apresentado).

Por falar em "ocorrência", trata-se de uma palavra paroxítona 27 terminada em ditongo (crescente), o que a torna alvo de acentuação obrigatória, ao lado de vocábulos, como: *his-tó-ria; sé-rie; pá-tio; tê-nue; vá-cuo; in-gê-nuo; á-gua; má-goa; cons-tân-cia; a-po-lí-neo; or-quí-dea.*

Mas o que é uma palavra *paroxítona*? Relembrando os fundamentos da **Prosódia** – parte da fonética que se destina ao estudo da acentuação tônica das palavras –, notaremos que o acento prosódico não pode ser deslocado, sob pena de se cometerem equívocos conhecidos como "silabadas".

Assim, *oxítonas* são as palavras que têm o acento na última sílaba; *paroxítonas* são as palavras que têm o acento na penúltima sílaba; e *proparoxítonas* são as palavras que têm o acento na antepenúltima sílaba.

Vamos conhecer algumas *paroxítonas* interessantes:

Abdome (ou Abdômen)	*Aziago*	*Ciclope /cló/*
Abside	*Azimute*	*Cóccix /ksiks/*
Acórdão	*Barbaria (ou Barbárie)*	*Cútis*
Albúmen	*Bênção*	*Descreem (Acordo)*
Alcácer	*Bibliopola (Livreiro)*	*Dólmã*
Algaravia	*Bíceps*	*Druida*
Aljôfar	*Bororos (Pronuncie "borôrus")*	*Eclampsia (E-clamp-si-a)*
Almíscar	*Busílis*	*Edito /di/*
Ambrósia ou Ambrosia	*Caracteres*	*Enjoo (Acordo)*
Antioquia (An-ti-o-qui-a)	*Cartomancia*	*Epicuro*
Avito	*Celtibero*	*Erva-mate*
Estêncil	*Júri*	*Quiromancia*
Filantropo /trô/	*Lucúleo (Houaiss)*	*Recorde /cór/*

Flúor	*Madagáscar* [28]	*Refrega*
Fortuito /tui/	*Malaca (Cidade da Malásia)*	*Rocio /cí/*
Gêiser	*Médium*	*Rubrica /bri/*
Gratuito /tui/	*Misantropo*	*Safári*
Homilia	*Nhoque (e não "inhoque")*	*Serôdio*
Homizio /zí/	*Opimo*	*Sótão*
Hoplita	*Opróbrio*	*Subida (Subida honra)*
Ianomâmi (Com acento – VOLP 2009)	*Órfão*	*Tênder*
Ibero	*Órgão*	*Verossímil / Inverossímil*
Ímã	*Penedia*	*Viquingue*[29]
Imbele /bé/	*Policromo*	*Vômer*

Inaudito	*Pudico /di/*	

Observações importantes sobre algumas PAROXÍTONAS:

BECCARIA

César Beccaria foi criminalista e economista italiano; viveu entre 1738 e 1794, tendo sido o introdutor da cátedra de Economia Política nos cursos de Direito. Não pronuncie "becária"... é forma prosódica condenável, ainda mais no meio jurídico... Diga "Beccaría" /rí/. 28 29

BIQUÍNI

As paroxítonas terminadas em -i devem ser acentuadas. Exemplos: *biquíni, beribéri, ravióli, táxi, báli, máxi, gueriguéri, martíni, júri, lápis-lazúli* (plural *lápis-lazúlis*).

FLUIDO

O substantivo "fluido" deve ser pronunciado como "descuido", portanto, diga "flui-do", quer na acepção de adjetivo, quer no sentido de substantivo. Exemplos:

- O líquido é fluido (adjetivo);
- O fluido escorreu pelas mãos do químico (substantivo).

Registre-se, todavia, que *fluído* (flu-í-do) – forma trissílaba, como em *ruído* – é tempo particípio do verbo *fluir*. Exemplos:

- As águas da enchente já haviam fluído quando transpusemos a ponte.
- Ao seu lado, não percebi que as horas haviam fluído tão rapidamente.

HÍFEN 30

Não se acentuam as paroxítonas terminadas em **-ens**: *hifens, itens, edens, nuvens, liquens, abdomens, dolmens, polens*. Com relação à palavra **hífen**, vale mencionar que o vocábulo tem dupla prosódia. Vamos detalhar:

- Hífen (paroxítona acentuada, terminada em -en). Plural: hífenes (proparoxítona, com acento gráfico).
- Hifem (forma arcaica, paroxítona não acentuada, terminada em -em). Plural: hifens (paroxítona não acentuada, terminada em -ens).

Daí, evidenciam as formas que, de fato, "pegaram": **hífen (no singular) e hifens (no plural).**

Observações:

- **Hifem** e **hífenes** ficaram reservadas à linguagem acadêmica, constando a última no VOLP 2009.

O mesmo fenômeno linguístico ocorre com "líquen" (no singular, grafa-se *líquen*; no plural, *liquens*, sem acento).

- **Liquem** e **líquenes** ficaram reservadas à linguagem acadêmica. Não se acentuam as paroxítonas com terminação em -em, por exemplo, item, totem, subitem. Todavia, acentuam-se as oxítonas com terminação em -em, isto é, palavras como também, ninguém, (ele) intervém, (eles) provêm (verbo provir).

MAQUINARIA /RI/

Para a designação do conjunto de máquinas, há dois substantivos: um feminino (*a maquinaria*) e um masculino (*o maquinário*). Não pode haver confusão, nem mesmo imaginar-se existir o tal "maquinária" (termo condenável). Como mecanismo mnemônico, procure associar *maquinaria* a palavras de formação etimológica semelhante, como: *cavalaria, livraria, sorveteria*.

Portanto, memorize:

Substantivo feminino	**Substantivo masculino**
(A) *MA – QUI – NA –* **RI** *– A*	**(O)** *MA – QUI –* **NÁ** *– RIO*
Sílaba Tônica: **RI**	*Sílaba Tônica:* **NÁ**

Por falar em vocábulos paroxítonos – representantes do maior número de palavras em nosso idioma –, é mister notar que a acentuação das palavras **vocábulos** e **paroxítonos** ocorre em virtude de serem palavras **proparoxítonas**... por sinal, uma outra palavra proparoxítona. Sabe-se que todas as proparoxítonas são acentuadas na vogal tônica.

SERÔDIO

Serôdio é adjetivo que significa "tardio, fora do tempo, que vem tarde". Exemplos: *paixão serôdia, movimento estudantil serôdio.*

Neste momento, vamos conhecer algumas *proparoxítonas* interessantes:

Aeródromo	*Crisântemo*	*Lôbrego*
Aerolítico	*Écloga*	*Málaga (Cidade da Espanha)*
Aerólito (meteorito)	*Édito (ordem judicial)*	*Miíase*
Aeróstato	*Êmbolo*	*Munícipe*
Ágape	*Éolo*	*Náiade*
Álacre	*Epóxido /ks/*	*Notívago*
Álcali	*Guáiaco*	*Óbolo (e não "óbulo")*
Alcíone	*Hégira*	*Oxítona*
Alcoólatra	*Iídiche (com dois "is")*	*Paralelepípedo*
Álibi (palavra já aportuguesada)	*Impávido*	*Paroxítona*
Antífona	*Ímprobo*	*Périplo*
Aríete	*Improvido*	*Plêiade*

Arquétipo	*Ínclito*	*Pólipo (ou Polipo)*
Autóctone	*Íncubo*	*Pórfiro*
Azáfama	*Índigo*	*Prófugo*
Azêmola	*Ínterim*	*Prônubo*
Biótipo (ou Biotipo)	*Ípsilon (ou Ipsilão)*	*Proparoxítona*
Bólide	*Isóbare (adj. 2g. s.f.)*	*Púnico (= cartaginês)*
Chávena	*Isóbaro (adj. s.m.)*	*Quadrilátero*
Cotilédone	*Jerárquico*	*Quadrúmano*
Côvado	*Lídimo*	*Quérulo*
Rábano	*Séquito*	*Vermífugo*
Réprobo	*Sílfide*	*Vérmina*
Rítmico	*Tômbola*	*Wattímetro*
Sânscrito	*Trânsfuga*	*Zênite*

Semíramis	*Úvula*	*Zíngaro*

Observações importantes, sobre algumas PROPAROXÍTONAS:

ANTÁRTIDA

Denominação dada ao continente gelado. Essa forma – Antártida – é preferível à outra ("Antártica"). Reserve o vocábulo "antártica" para o adjetivo, e não para o substantivo que designa o continente. Exemplos:

a) Se quero me referir às aves do continente, posso falar *aves antárticas*. Da mesma forma, *geleiras antárticas*, *baleias antárticas*.

b) Se quero me referir ao continente, devo usar "Antártida". Exemplo: *"Buraco de ozônio cresce na Antártida"* (*Jornal do Brasil*, de 3-11-1994, *apud* Cegalla, 1999, p. 27). Ou, ainda: "*Na Antártida, há muitas forças grandes em jogo: clima, frio, mar, etc.*" (Amir Klink).

Observação: não confunda o continente (Antártida) e o adjetivo (antártica) com uma marca de cerveja, cujo nome é "Antarctica" (com -c).

APÓCRIFOS

Apócrifo e **Anônimo**: o vocábulo *anônimo* quer dizer sem nome de autor, sem autoria. Por outro lado, *apócrifo* significa algo com autoria, mas sem autenticidade. É o caso, por exemplo, dos *evangelhos apócrifos* (Evangelho de São Pedro, Evangelho de São Tomé). Os autores são identificados, mas não há autenticidade.

ESPÉCIME

Espécime é substantivo masculino (*o espécime*). Não existe a forma no feminino, embora muitos artigos jornalísticos insistam na erronia. A forma variante *espécimen*, também no gênero masculino (*o espécimen*), apresenta o plural *espécimens*.

LÊVEDO

Segundo o VOLP, diferentemente dos dicionaristas, que se apresentam demasiado contraditórios, o vocábulo **lêvedo** (proparoxítono) é adjetivo (ou seja, *massa lêveda*), enquanto **levedo** (paroxítono) é substantivo. Dessa forma, devemos usar *lêvedo* para "fermentado" ou "levedado", enquanto *levedo* usaremos para o próprio "fermento", "levedura" ou "cogumelo", em total consonância com a pronúncia popular no Brasil. Todavia, há gramáticos de nomeada, aos quais fazem coro alguns dicionaristas, que abonam a forma *lêvedo* para o substantivo,

criando-se o conhecido *lêvedo de cerveja*, no lugar de *levedo de cerveja*, conforme estamos a preconizar no presente trabalho. Assim, não obstante as divergências, recomendamos: *Pão lêvedo – Massa lêveda – Levedo de cerveja – Levedura de cerveja.*

ÓCULOS

Há substantivos que devem ser escritos no **plural**, sendo, por isso, chamados de **vocábulos pluralícios**. São eles: *os óculos, os parabéns, as felicitações, os cumprimentos, as saudações, os pêsames, as condolências, as olheiras* (a forma "olheira" é admitida pelo VOLP 2009 e Houaiss),*as cócegas, os afazeres, as custas, as férias, as núpcias, os antolhos, os arredores, as cãs, as exéquias, as fezes, os víveres, os lêmures* (ou seja, fantasmas), *as alvíssaras, os anais, as arras, as belas-artes, as calendas, os esponsais, os fastos, as matinas, as primícias, as copas* (naipe), *as espadas* (naipe), *os ouros* (naipe) *e os paus* (naipe), *as efemérides, as endoenças, os escombros, os idos, as primícias,* entre outros.

PALÍNDROMO

São as palavras, frases ou números que, se lidos da esquerda para a direita ou da direita para a esquerda, mantêm o sentido literal, ficando idênticos. Exemplo: *Ana* é vocábulo bivalente e exemplo de palíndromo, uma vez que as três letras formam a palavra "Ana", se unidas da esquerda para a direita ou vice-versa. O mesmo ocorre com *Amor* e *Roma*. Tente você mesmo!

Agora se divirta com o rol privilegiado de palíndromos em nosso idioma:

- Irene ri.
- A diva em Argel alegra-me a vida.
- 1001.
- 11.
- "Tucano na Cut" (livro de Rômulo Pinheiro, acerca do assunto).
- Socorram-me, subi no ônibus em Marrocos.

Por fim, conheçamos algumas *oxítonas* interessantes:31

Albornoz /ós/	*Desdém*	*Ruim (ru-im – dissílaba)*
Alcazar	*Desdéns*	*Sassafrás*

Algoz /ô/ ou /ó/	*Esmoler (pessoa esmoler)*	*Somali /lí/*
Ananás	*Fá-lo-á*	*Soror (ou sóror)*
Bagdali	*Masseter /ter/ (Plural: masseteres)*	*Tarzã*[31]

Bê-á-bá (Plural: bê-á-bás)	*Mister*	*Transistor*[32]
Bengali /lí/	*Nobel*	*Ureter (plural: ureteres)*
Cateter (Plural: cateteres)	*Novel*	*Vê-lo-á(s)*
Clister (Plural: clisteres)	*Obus (Plural: obuses)*	*Vendê-lo-ei*
Comprá-lo	*Para-quê (substantivo masculino)*	*Xerox (ou xérox)*[33]
Condor (e não "côndor")	*Projetil (ou projétil)*	*Zás-trás*

32 33

19. Eles estão quites – Estar a par do assunto

Situação: *Quando nos tornamos quites, todos ficaram a par do assunto.*

Consideração: quite é nome de concordância simples. Deve-se grafar *eu estou quite, eu e ele estamos quites* ou *nós estamos quites*. Portanto, evite a forma errônea "nós estamos quitE", sem a concordância adequada.

Com relação à forma **estar a par**, deve-se entendê-la como sinônima de "estar ciente". Assim, *o fulano está a par da disciplina*, e não "ao par da disciplina". Por sua vez, a expressão **ao par** é de uso bastante restrito, referindo-se apenas à linguagem cambial. Caldas Aulete distingue perfeitamente as expressões, asseverando que "ao par diz-se das ações, obrigações ou papéis de crédito, quando o valor venal se equipara ao capital". Exemplos:

"A moeda utilizada está ao par do dólar".

"O dólar e o marco estão ao par" (portanto, têm o mesmo valor).

20. Aonde você quer chegar?

Situação: *Saber onde se encontram as pessoas é difícil; mais complicado ainda é descobrir aonde você quer chegar com a insinuação.*

Consideração: a tendência no português atual é considerar os termos com sentidos distintos. Há quem pense que esta última expressão – aonde – não existe. Ledo engano. Existem ambas. Cada qual devendo ser empregada em situações específicas. Vejamos:

- **Onde** se emprega como expressão designativa de lugar, estando ao lado de verbos sem movimento (os que não exigem preposição). Indica o lugar em que se está ou em que se passa algum fato. Exemplos:
- Onde está minha caneta?
- Onde colocou o caderno?
- Onde mora o fulano?
- Não sei onde começar a procurar.
- Não sabiam onde o genro se encontrava.
- "O único lugar onde o 'sucesso' vem antes do 'trabalho' é o dicionário" (Albert Einstein).
- Diz-se que o Maranhão é o Estado onde se fala o melhor português.
- **Aonde** se emprega como expressão designativa de lugar, estando ao lado de verbos que indicam movimento ou aproximação, opondo-se a "donde", que exprime afastamento. Exemplos:
- Aonde você pensa que vai? ("ir" – preposição "a": quem vai, vai a algum lugar).

- Ele chegará aonde quiser ("chegar" – preposição "a": quem chega, chega a algum lugar).
- Aonde devo dirigir-me para obter informações? ("dirigir-se" – preposição "a": quem se dirige, dirige-se a alguém ou a algum lugar).
- O investigador descobriu aonde eram levadas as mulheres ("levar" – preposição "a": quem leva, leva (algo) a algum lugar).
- Não sei aonde ir para chegar ao fim dessa "novela" ("ir" – preposição "a": quem vai, vai a algum lugar).

Observação: quando se tratar de verbos de movimento, manter-se-á o vocábulo "onde", se este advérbio vier precedido de preposição. Exemplos:

- Para onde iremos no domingo?
- Até onde chegou a água das enchentes?

Importante: existe uma praxe condenável de se usar a forma "onde" em demasia nos textos escritos. Costumamos denominar o fenômeno de ondismo. Explicando: como pronome relativo, *onde* deve conter sempre um antecedente que se refira a lugar, podendo ser substituído por *em que* ou *no/na qual* (ou *nos/nas quais*). Exemplo: *Minha terra tem palmeiras. O sabiá canta nas palmeiras.* Portanto, é possível dizer, usando o pronome: *"Minha terra tem palmeiras, onde canta o sabiá"* (verso da poesia *Canção do Exílio,* de Gonçalves Dias). Todavia, vale a pena conhecer o intrigante uso anômalo do vocábulo "onde". Note a frase a seguir: "Este é o processo onde estão as provas". Trata-se de uma construção frástica equivocada, porquanto "onde" deve se referir a local físico, geralmente, cidades, pontos turísticos, países 34 etc., o que não ocorreu exatamente no caso citado. Nesse caso, substitua-o por "no qual", "em que". Portanto:

Este é o processo no qual estão as provas.

21. O dó – O lança-perfume

Situação: *O flagrante refere-se à apreensão de vários lança-perfumes. O desapontamento da vítima provocou muito dó de todos os espectadores.*

Comentário: os substantivos, palavras que designam os seres, podem ser masculinos ou femininos. No primeiro caso, devem ser acompanhados, no singular, de artigos **o** ou **um**; no segundo caso, se femininos, devem estar acompanhados, no singular, de **a** ou **uma**. Vamos conhecer alguns importantes substantivos, que provocam "espanto" no estudioso, quando revelam seu verdadeiro gênero. Verifique o quadro abaixo:

	Substantivo Masculino	**Substantivo Feminino**
Abusão		*A abusão*
Acne		*A acne*
Ágape	*O ágape*	
Aguardente		*A aguardente*

Alcíone		*A alcíone*
Alface		*A alface*
Antílope	*O antílope*	
Apóstolo	*O apóstolo*	
Areal	*O areal*	
Áspide		*A áspide*
Atenuante		*A atenuante*
Bólide		*A bólide*
Cal		*A cal*
Carrasco	*O carrasco*	
Cataplasma		*A cataplasma*
Cataclismo	*O cataclismo*	
Caudal	*O caudal*	
Celeuma		*A celeuma*

Champanhe	*O champanhe*	*A champanhe (dois gêneros, para o VOLP)*
Champanha	*O champanha*	
Comichão		*A comichão*
Contralto	*O contralto*	
Dó	*O dó*	
Entorse		*A entorse*
Fibroma	*O fribroma*	
Filoxera /cs/		*A filoxera /cs/*
Fleuma e Fleugma		*A fleugma*
Herpes	*O herpes*	
Hosana	*O hosana*	
Jaçanã		*A jaçanã*
Juriti		*A juriti*

Lança-perfume	*O lança-perfume*	
Lhama	*O lhama*	*A lhama (dois gêneros, para o VOLP)*
Libido		*A libido*
Matiz	*O matiz*	
Milhar	*O milhar*	
Neném	*O neném (só masculino para o VOLP)*	*A neném (dois gêneros para o Houaiss)*
Omelete	*O omelete*	*A omelete (dois gêneros, para o VOLP)*
Omoplata		*A omoplata*
Proclama	*O proclama*	
Púbis	*O púbis*	
Parasito	*O parasito*	
Soprano	*O soprano*	

Suéter	*O suéter*	
Trânsfuga	*O trânsfuga*	
Virago		*A virago (mulher machona, varonil)*

Outros casos:

Nome	**Substantivo masculino**	**Substantivo feminino**
Agravante	*O agravante*	*A agravante*
Será substantivo masculino apenas no caso de menção à figura masculina daquele que interpõe o recurso de Agravo de Instrumento. Exemplo: • *O agravante procedeu à anexação das peças obrigatórias do recurso, conforme o artigo 511 do CPC.* *Caso contrário, teremos a prevalência do gênero feminino: a agravante, uma agravante, múltiplas agravantes.*		
Aluvião		*A aluvião*
A **aluvião** *designa, em sentido figurado, "um depósito de coisas". No sentido literal, tem a acepção de "depósito de cascalho que se forma após as chuvas com as enxurradas". Não obstante bons escritores terem usado tal substantivo na forma masculina, deve-se frisar que se trata de substantivo feminino (a aluvião),*		

*em virtude de sua origem latina (*alluvione*). O Aurélio admite ambas as formas. O VOLP 2009 registra tão somente a forma feminina, entendimento ao qual nos filiamos. Apreciemos nossos literatos de prol, adeptos da forma feminina:*

- *"Durante esse tempo ia o poeta tirando do bolso uma aluvião de papéis" (Machado de Assis);*
- *José Eduardo ocultara esse acontecimento para evitar uma aluvião de perguntas.*

Bacanal		*A bacanal*

Os nomes de festas pagãs ou populares devem ser grafados com inicial minúscula. Exemplo: carnaval, bacanais. Diga-se que as festas em honra de Baco (ou Dioniso, na mitologia grega) – deus romano do vinho – eram encontros festivos e licenciosos, celebrados à noite e, até por volta de 198 a.C., exclusivos das mulheres.

Cólera	*O cólera*	*A cólera*

Cólera *é substantivo feminino, preferencialmente, referindo-se à enfermidade infecciosa (ou seja, cólera-morbo). No entanto, é oportuno tolerar, conforme a dicção do VOLP, a modalidade masculina (o cólera) – gênero bastante utilizado no meio médico. Registre-se que, no sentido de "estado de raiva e ira", é substantivo feminino, exclusivamente (a cólera). Vamos observar alguns exemplos:*

- *"Vibrião da cólera chega à Zona Sul"*35.
- *"A cólera-morbo dizimava a população"*36.
- *"Com a rapidez da cólera ou da peste corre por todos os ângulos de Portugal uma coisa hedionda e torpe..."*37.

Cônjuge	*O cônjuge*	
O termo designativo para cada um dos esposos é **cônjuge**. *O substantivo é sobrecomum, isto é, aquele que se refere tanto a pessoas do sexo masculino quanto a pessoas do sexo feminino. Portanto, referindo-se a homem ou a mulher, o substantivo será sempre masculino: ele é o cônjuge; ela é o cônjuge.*		
Diabete(s)	*O diabete(s)*	*A diabete(s)*
O substantivo **diabete** *ou* **diabetes** *pode ser masculino ou feminino, não havendo possibilidade de equívoco com a palavra. Observe as formas possíveis: O diabete – O diabetes – A diabete – A diabetes. A forma* **o diabetes** *é a que mais se apresenta fiel à etimologia do grego* diabétes. *Note que, mesmo com o -s presente, manteve-se a forma, no singular. Pela sua origem, o vocábulo é masculino, não obstante os dicionaristas preferirem considerá-lo como masculino ou feminino. Talvez se pense em usar o artigo feminino por se associar a palavra ao vocábulo feminino doença.*		
Grama (peso)	*O grama*	
Todas as palavras de origem grega terminadas em "ma" são masculinas. Exemplos: Problema – Trema – Fonema – Dilema – Grama – Panorama – Telegrama – Fantasma.		
Mascote		*A mascote*
O vocábulo **mascote**, *derivado como substantivo feminino do francês* mascotte, *assim se manteve em nosso idioma, sendo considerado como tal pela grande*		

maioria dos lexicógrafos nacionais, com exceção de Antônio G. da Cunha (2003: 505), que o reputa comum de dois gêneros (o mascote / a mascote). Portanto, entendemos que o substantivo deve ser grafado no gênero feminino, a par da melhor literatura, que esposa idêntico pensar, conforme se nota dos exemplos abaixo delineados:

- *"A mascote dos Fuzileiros Navais é um carneiro"*[38].
- *"Em cinco anos, Edival nasce, enverga uma farda, faz a mascote do Corpo de Bombeiros, tira retrato..."*[39].

Modelo	*O modelo*	*A modelo*
Caso se refira ao "indivíduo contratado por agência ou casa de modas para desfilar com as roupas que devem ser exibidas à clientela", segundo o Dicionário Houaiss, o vocábulo seria comum de dois gêneros: o modelo (para homem), a modelo (para mulher). Da mesma forma: o lotação (veículo), a lotação (ato de lotar ou capacidade de um espaço físico).		

35 36 37 38 39

40

Nuança		*A nuança*
Prefira essa forma ao condenável galicismo "nuance". Trata-se verdadeiramente de substantivo feminino (a nuance), na acepção de "tom, tonalidade, gradação de cor ou matiz" (este, sim, um substantivo masculino). Exemplos: • *As nuanças dos vestidos na passarela eram imperceptíveis.* • *Eram muitas as nuanças da voz do exímio tenor.*		

• *As nuanças do estilo e os matizes da forma são o diferencial do bom intérprete.*

Ordenança	*O ordenança*	*A ordenança*
O substantivo **ordenança***, na acepção de "soldado posto às ordens de uma unidade", é admitido pelo VOLP e Houaiss nas formas masculina e feminina (substantivo de dois gêneros).*		
Parasita		*A parasita*
Parasita *é substantivo feminino (a parasita), que significa o vegetal que se nutre da seiva alheia. Exemplos:* • *Devemos exterminar as parasitas, senão nossa plantação estará ameaçada.* • *A erva-de-passarinho é uma danosa e temida parasita.* *Por sua vez,* **parasito** *é substantivo masculino (o parasito), que significa o animal ou organismo que se nutre do sangue ou matéria alheios do outro, no qual se instala. Exemplos:* • *Os piolhos são parasitos; os vermes, também os são.* • *O homem é um parasito; vive à custa do tio.* **Observação:** *há registros de uso de parasita no feminino (a parasita) para este sentido. Ademais, frise-se que o VOLP 2009 abona o vocábulo parasita como adjetivo.*		
Personagem	*O personagem*	*A personagem*
O vocábulo **personagem** *pode ser utilizado tanto no masculino quanto no feminino (o/a personagem). Diga-se que, originalmente do francês* personnage*, o*		

substantivo é masculino, razão pela qual a crítica a esse gênero é prática arbitrária, mostrando-se divorciada do conhecimento dos fatos da linguagem. Portanto, há liberdade de gêneros e de uso. Aliás, já se consagrou o uso desse substantivo como comum-de-dois (o personagem, a personagem).

Praça (soldado)	*O praça*	

Os dicionários Aurélio e Houaiss admitem o substantivo como masculino ou feminino (o praça ou a praça), designativos do soldado. A preferência, no entanto, é pelo masculino.

Sentinela	*O sentinela*	*A sentinela*

Sentinela *é substantivo feminino (VOLP). Exemplos:*

- *O pelotão possuía várias sentinelas que se revezavam no posto.*
- *"O cão era a sentinela da casa" (Aurélio).*
- *Interpelado pela sentinela, balbuciou palavras inconsistentes.*

Há quem admita o uso no gênero masculino, pelo fato de que a função é tradicionalmente exercida por homens (guardas ou soldados). Tal posicionamento encontra guarida na boa literatura. Exemplo:

- *"A noite, para o sentinela, é sempre igual"*[40].

Sósia	*O sósia*	*A sósia*

O substantivo **sósia***, na acepção de pessoa muito parecida com outra, pode vir acompanhado do artigo masculino ou feminino, dependendo da pessoa a que se refere. Exemplo: a sósia ou o sósia. Ou, ainda:*

• *Hoje vi o sósia de Gilberto Gil.* • *Na tevê, apareceram várias sósias de Gal Costa.*		
Usucapião	*O usucapião*	*A usucapião*
O substantivo **usucapião** *pode ser usado no gênero masculino ou feminino (VOLP). Os dicionaristas adotam ambas as formas. O verbo é usucapir (verbo defectivo; conjuga-se como abolir).*		

22. Macérrimo (muito magro) e superbíssimo (muito soberbo)

Situação: *O Imperador era homem muito magro, macérrimo perante os homens comuns. Não se pode esquecer de que lhe faltava a humildade... era superbíssimo.*

Comentário: os adjetivos exprimem as qualidades dos seres. Há vezes em que desejamos imprimir-lhes força, a fim de que traduzam a intensidade da qualidade manifestada no momento.

Podemos, portanto, exprimir a intensidade com o uso do advérbio de intensidade *muito*, grafando, em vez de "doce", *muito doce*; em vez de "notável", *muito notável*; em vez de "sagrado", *muito sagrado*. Em tais situações, teremos o adjetivo expresso no *Grau Superlativo Absoluto Analítico*.

Se preferirmos sintetizar a usar o tal *muito*, enfrentaremos nomes pouco usuais, designativos de adjetivos expressos no *Grau Superlativo Absoluto Sintético*. Assim, teremos, em consonância com os adjetivos supramencionados: *dulcíssimo* (doce), *notabilíssimo* (notável) e *sacratíssimo* (sagrado). São nomes adstritos à língua culta ou literária, no entanto, recomendamos que os utilize, caso se veja em situação que os exija. Quanto ao superlativo absoluto sintético de magro, há *macérrimo* (forma erudita) e magríssimo (forma vulgar). Quanto à forma "magérrimo", temos criticado com veemência sua utilização, em razão do fato de que a formação etimológica de "magro" vem de *macer* – portanto, "macérrimo". Nesse diapasão, o ilustre Professor Ivo Xavier Fernandes, em *Questões de Língua Pátria*, preconiza: "*Usar a forma magérrimo é um despautério que não se justifica*". Assim, ressalte-se: não se trata de um purismo exagerado, mas de não permitir que o vernáculo feneça.

Não obstante, somos levados a reconhecer que o termo "magérrimo" se encontra consagrado na linguagem popular, recebendo a chancela até mesmo de gramáticos e dicionaristas (Houaiss). Frise-se, ainda, que a 5ª edição do VOLP (2009: 517) também legitima a forma.

Vamos conhecer, em suas formações, alguns superlativos absolutos sintéticos de notável beleza:

Adjetivo	Superlativo absoluto analítico	Superlativo absoluto sintético
Acre	*Muito acre*	**Acérrimo**
Ágil	*Muito ágil*	**Agílimo**
Amargo	*Muito amargo*	**Amaríssimo**
Amigo	*Muito amigo*	**Amicíssimo**
Antigo	*Muito antigo*	**Antiquíssimo**
Benéfico	*Muito benéfico*	**Beneficentíssimo**
Benévolo	*Muito benévolo*	**Benevolentíssimo**
Célebre	*Muito célebre*	**Celebérrimo**
Cristão	*Muito cristão*	**Cristianíssimo**
Crível	*Muito crível*	**Credibilíssimo**
Cruel	*Muito cruel*	**Crudelíssimo**

Dessemelhante	*Muito dessemelhante*	**Dissimílimo**
Doce	*Muito doce*	**Dulcíssimo**
Dócil	*Muito dócil*	**Docílimo**
Fiel	*Muito fiel*	**Fidelíssimo**
Frio	*Muito frio*	**Friíssimo (ou Frigidíssimo)**
Frígido	*Muito frígido*	**Frigidíssimo**
Geral	*Muito geral*	**Generalíssimo**
Humilde	*Muito humilde*	**Humílimo**
Incrível	*Muito incrível*	**Incredibilíssimo**
Inimigo	*Muito inimigo*	**Inimicíssimo**
Íntegro	*Muito íntegro*	**Integérrimo**
Jovem	*Muito jovem*	**Juveníssimo**
Macio	*Muito macio*	**Maciíssimo* (Ma-ci-ís-si-mo)**
Magnífico	*Muito magnífico*	**Magnificentíssimo**

Maledicente	*Muito maledicente*	**Maledicentíssimo**
Maléfico	*Muito maléfico*	**Maleficentíssimo**
Malévolo	*Muito malévolo*	**Malevolentíssimo**
Manso	*Muito manso*	**Mansuetíssimo**
Mirífico	*Muito mirífico*	**Mirificentíssimo**
Miúdo	*Muito miúdo*	**Minutíssimo**
Pessoal	*Muito pessoal*	**Personalíssimo**
Pio	*Muito pio*	**Piíssimo**
Pobre	*Muito pobre*	**Paupérrimo**
Precário	*Muito precário*	**Precariíssimo* (Pre-ca-ri-ís-si-mo)**
Provável	*Muito provável*	**Probabilíssimo**
Sábio	*Muito sábio*	**Sapientíssimo**
Sagaz	*Muito sagaz*	**Sagacíssimo**

São	*Muito são*	**Saníssimo**
Semelhante	*Muito semelhante*	**Simílimo (ou Semelhantíssimo)**
Sério	*Muito sério*	**Seriíssimo* (Se-ri-ís-si-mo)**
Simples	*Muito simples*	**Simplicíssimo**
Só	*Muito só*	**Sozíssimo**
Sumário	*Muito sumário*	**Sumariíssimo* (Su-ma-ri-ís-si-mo)**
Vão	*Muito vão*	**Vaníssimo**
Volúvel	*Muito volúvel*	**Volubilíssimo**

** O superlativo absoluto sintético de sumário, sério e precário, segundo os cânones da norma culta, é* **sumariíssimo, seriíssimo** e **precariíssimo**, *respectivamente. No entanto, a preferência popular e literária, bem como a praxe forense, sacramentou a forma regular -íssimo, não adotando a irregular -iíssimo. Assim, podemos considerar ambas as formas aceitáveis (sumaríssimo ou sumariíssimo; seríssimo ou seriíssimo; precaríssimo ou precariíssimo). Vamos ao exemplo:*

- *"... enquanto era expulsa a Canalha das Ruas, que se apresentara em trajes sumaríssimos, atentando contra o decoro" (Carlos Drummond de Andrade, Os Dias Lindos, p. 80,* apud *Cegalla, 1999, p. 384).*

23. Separação silábica: **ab-rup-to** ou **a-brup-to**?

Situação: *O rapaz, sem dar sinais de doença, teve um abrupto choque.*

Comentário: é comum, em nosso cotidiano, ao redigirmos textos, depararmos com uma insidiosa tarefa: **a separação de sílabas**. E por que "insidiosa"? Porque a matéria não é tão simples, "pregando peças" naquele que se mantém distante do estudo da Gramática. Todavia, vamos aproveitar o momento para reavivar os balizamentos da adequada separação das sílabas.

1. Para separarmos as sílabas, devemos usar a *silabação*, isto é, pronunciar os vocábulos por sílaba – conjunto de letras que se forma com uma vogal, a que se agregam, ou não, semivogais ou consoantes. Como sinal gráfico, usa-se o hífen. Exemplos:

- Caminho: Ca-mi-nho
- Cadeira: Ca-dei-ra

2. Não se separam ditongos 41. Exemplos:

- Treino: Trei-no
- Sociedade: So-cie-da-de

3. Não se separam tritongos 42. Exemplos:

- Paraguai: Pa-ra-guai
- Averiguou: A-ve-ri-guou

4. Não se separam os dígrafos 43 *ch, lh, nh, gu* e *qu*. Exemplos:

- Colheita: Co-lhei-ta
- Queijo: Quei-jo

5. Separam-se os dígrafos *rr, ss, sc* e *xc*. Exemplos:

- Carro: Car-ro
- Ressuscitar: Res-sus-ci-tar
- Sussurro: Sus-sur-ro

6. Separam-se os hiatos 44. Exemplos:

- Saúde: Sa-ú-de
- Duelo: Du-e-lo
- Pituíta: Pi-tu-í-ta

7. Separam-se os encontros consonantais dissociáveis. Exemplo:

- Rapto: Rap-to
- Istmo: Ist-mo

8. Separa-se o grupo de letras formadoras de prefixos, quando antecederem vogal. Exemplos:

- Suboficial: Su-bo-fi-ci-al (quebra-se o prefixo "sub", por anteceder a vogal "o") 45.
- Transatlântico 46: Tran-sa-tlân-ti-co (quebra-se o prefixo "trans", por anteceder a vogal "a").
- Subentender: Su-ben-ten-der (quebra-se o prefixo "sub", por anteceder a vogal "e").

9. Não se separa o grupo de letras formadoras de prefixos, quando antecederem consoante não seguida de vogal. Esta se juntará ao prefixo anterior. Exemplos:

- Transcontinental: Trans-con-ti-nen-tal (mantém-se incólume o grupo de letras "trans", por anteceder a consoante "c").
- Substância: Subs-tân-cia (mantém-se incólume o grupo de letras "subs", por anteceder a consoante "t").

Observação: no entanto, "*subsumir*" separa-se como "sub-su-mir", quebrando-se o grupo de letras "subs", por anteceder a vogal "u"). O mesmo ocorre com *subliminar* (sub-li-mi-nar): mantém-se incólume o prefixo "sub", por anteceder a consoante "l", porém seguida de vogal 47.

10. Deve-se ter cuidado com a quebra de algumas palavras, cujos "pedaços" podem provocar "estragos", recomendando-se a não separação. Trata-se do vício conhecido como cacófato. Observe a palavra *cujo*. Ao separá-la, teremos um "palavrão" somado a uma outra sílaba (cu + jo). O mesmo se diga do vocábulo *federal*, caso se quebre a palavra no meio, separando-a "fede-ral".

Enfatize-se, ainda, que nessa matéria existem postulados dos quais não podemos prescindir:

a) não há sílaba sem vogal;

b) não pode haver duas vogais na mesma sílaba. Note que em *boi* ou em *mãe*, as vogais são "o" e "a", respectivamente. As outras letras ("i" e "e") representam semivogais.

Vamos conhecer algumas separações silábicas que merecem destaque:

Palavra	Quantidade de sílabas	Separação silábica

Abdome	*Trissílaba*	**Ab-do-me**
Abstrato	*Trissílaba*	**Abs-tra-to**
Adlegar	*Trissílaba*	**Ad-le-gar**
Arrizotônica	*Polissílaba*	**Ar-ri-zo-tô-ni-ca**
Bíceps	*Dissílaba*	**Bí-ceps**
Bisanual	*Polissílaba*	**Bi-sa-nu-al**
Bissemanal	*Trissílaba*	**Bis-se-ma-nal**
Cacauicultura	*Polissílaba*	**Ca-cau-i-cul-tu-ra**
Cisalpino	*Polissílaba*	**Ci-sal-pi-no**
Corrupção	*Trissílaba*	**Cor-rup-ção**
Desassossegar	*Polissílaba*	**De-sas-sos-se-gar**
Descerrar	*Trissílaba*	**Des-cer-rar**
Eurritmia	*Polissílaba*	**Eur-rit-mi-a**
Friccionar	*Trissílaba*	**Fric-cio-nar**

Fissirrostro	*Polissílaba*	**Fis-sir-ros-tro**
Friíssimo	*Polissílaba*	**Fri-ís-si-mo**
Fissura	*Trissílaba*	**Fis-su-ra**
Fotossíntese	*Polissílaba*	**Fo-tos-sín-te-se**
Horribilíssimo	*Polissílaba*	**Hor-ri-bi-lís-si-mo**
Insosso	*Trissílaba*	**In-sos-so**
Interurbano	*Polissílaba*	**In-te-rur-ba-no**
Irrepreensível	*Polissílaba*	**Ir-re-pre-en-sí-vel**
Minissaia	*Trissílaba*	**Mi-nis-sai-a**
Perspicaz	*Trissílaba*	**Pers-pi-caz**
Radiouvinte	*Polissílaba*	**Ra-di-ou-vin-te**
Ressurecto	*Polissílaba*	**Res-sur-rec-to**
Ressurreição	*Polissílaba*	**Res-sur-rei-ção**
Ressuscitar	*Polissílaba*	**Res-sus-ci-tar**

Solstício	*Trissílaba*	**Sols-tí-cio**
Subestimar	*Polissílaba*	**Su-bes-ti-mar**
Sublingual	*Trissílaba*	**Sub-lin-gual**
Sublocar	*Trissílaba*	**Sub-lo-car**
Subráquio	*Trissílaba*	**Su-brá-quio**
Sussurrante	*Polissílaba*	**Sus-sur-ran-te**
Terribilíssimo	*Polissílaba*	**Ter-ri-bi-lís-si-mo**
Videorrevista	*Polissílaba*	**Vi-de-or-re-vis-ta**
Vivissecção	*Polissílaba*	**Vi-vis-sec-ção**

Observe, agora, alguns comentários extras.

Palavra	**Quantidade de sílabas**	**Separação silábica**
Abrupto	*Trissílaba*	***Ab-rup-to***
A separação silábica da palavra **abrupto** *é de deixar qualquer um "louco"... ainda mais se tentarmos pronunciar conforme a separação se faz. Teremos que*		

falar, separadamente, "ab-rup-to", e não "abrup-to", como geralmente se diz. Portanto, somos da opinião que não deve ser sacrificada a naturalidade em abono do rigor absoluto. Seguindo as palavras de Cegalla, em seu Dicionário de Dificuldades da Língua Portuguesa, devemos nos portar "nem muito ao mar nem muito à terra; nem liberal nem purista; nem demasiada condescendência com os desvios da boa norma, nem caturrice vernaculista, amarrada a velhos cânones gramaticais, infensa a qualquer inovação. 'In medio virtus'" (1999: Apresentação, VIII).

Dessa forma, por ser aspérrima a pronúncia "ab-rup-to", não obstante legítima, prefira-se proferir "abrup-to" e "abrup-tamente".

Cafeicultor	*Polissílaba*	***Ca-fe-i-cul-tor***

Em vocábulos como **cafeicultor, cafeicultura** *e* **cafeocracia** *as vogais -i e -o são elementos de ligação, devendo ser pronunciadas, isoladamente. Assim: ca-fe-i-cul-tor; ca-fe-i-cul-tu-ra; ca-fe-o-cra-ci-a. Além disso, repita-se o raciocínio em: ca-fe-i-na-do; ca-fe-i-nis-mo.*

Occipital	*Trissílaba*	***Oc-ci-pi-tal***

O vocábulo **occipital** *deve ser pronunciado "ókcipital". O timbre é aberto no "o" inicial. Da mesma forma, os termos cognatos,* v.g.*, occipício (pronuncie "ókcipíciu").*

Sublinhar	*Trissílaba*	***Sub-li-nhar***

A separação silábica, nesses casos, assim se impõe: sub-li-nhar, sub-le-va-ção,

sub-le-var, sub-la-cus-tre, sub-le-gen-da, sub-li-mi-nar, sub-lin-gual, sub-li-te-ra-tu-ra, sub-lo-ca-ção, sub-lo-ca-tá-rio, sub-lu-nar.

No ato da fala, não deve ser sacrificada a naturalidade em abono do rigor absoluto. A pronúncia "su-blinhar", por ser mais eufônica, é a que nos parece mais recomendável. A edição do VOLP 2009 chancelou a pronúncia oscilante ("su-bli" ou "sub-li") para sublinhar, sublinhador, sublinhado, sublinha, sublevar e sublevado.

IMPORTANTE

Translineação – Conceito

A translineação se refere à passagem de uma linha para outra, na confecção de um texto escrito. É natural que nesse processo deve haver obediência às regras de separação silábica acima enunciadas, no entanto, há critérios importantes que precisam ser seguidos. Vamos a eles:

1. *Não se deve isolar letras na separação silábica, ao mudar a linha. O isolamento é visualmente condenável, além de não ser gramaticalmente recomendável. Portanto, escreva a palavra inteira, evitando a "quebra" das vogais nas separações de:*

1.1. *Dissílabos, como unha (u-nha), rua (ru-a), Eva (E-va).*

1.2. *Trissílabos ou Polissílabos, como ícaro (í-ca-ro), avião (a-vi-ão), efêmero (e-fê-me-ro).*

2. *Na translineação de uma palavra composta ou de uma combinação de palavras em que há um hífen, ou mais, se a partição coincide com o final de um dos elementos ou membros, deve, por clareza gráfica, repetir-se com o hífen no*

início da linha imediata.

Exemplo:

24. Abreviaturas de metro, hora e quilômetro

Situação: *O submarino, que já trafegara 1.500km entre as ilhas, atingiu a profundidade de 150m às 15h30min.*

Comentário: a abreviatura é a representação concisa de uma palavra ou expressão. Podemos abreviar *Avenida* como **Av.**, o *Estado do Amazonas* por **AM** e *Doutor* por **Dr.**

É necessário distinguir **abreviação** de **abreviatura**. A *abreviação* resulta de um processo de formação de palavras até o limite que não prejudica a compreensão. Exemplo: "moto" é abreviação de *motocicleta*; "foto", de *fotografia* etc. A *abreviatura*, por outro lado, é a representação do vocábulo por meio de algumas de suas sílabas ou letras. Exemplo: "p." ou "pág." são abreviaturas de *página*.

Em geral, a abreviatura termina por consoante seguida de ponto final, exceto se forem símbolos científicos de pesos e medidas, nos quais se deve omitir o ponto final e o "s", no plural, segundo o Decreto n. 4.257, de 16-6-1939, e legislações posteriores. Exemplos:

m = metro ou metros (observação: "ms." ou "mts." ou "m." são erronias)

cm = centímetro ou centímetros

g = grama ou gramas

l = litro ou litros (letra "éle" minúscula)

h = hora ou horas

min = minuto ou minutos

s ou seg = segundo

km = quilômetro (letras minúsculas) (observação: "kms." é erronia)

kg = quilograma (letras minúsculas) (observação: "k." ou "ks" são erronias)

K = potássio (letra maiúscula)

Com efeito, deve o operador do Direito tomar muito cuidado com a abreviatura de *horas*. O correto é a letra **h**, minúscula e sem acréscimo de qualquer outra letra ("s", por exemplo). O erro, todavia, é bastante comum, e dele o estudioso deve se afastar. Vamos reforçar:

Três e meia da tarde = **15h30min**

Dez horas = **10h** (e não "10:00h", ou "10H", ou "10 Hs", ou "10 Hrs") 48.

Nove e quinze da noite = **21h15min**

Duas horas, dez minutos e vinte segundos = **2h10min20seg** ou **2h10min20s**

Observe outras abreviaturas importantes:

Abreviatura	Palavra
cf.	*confronte ou confira (e não "conforme"!)*
DD.	*Digníssimo*
Dr.	*Doutor*
Fl.	*Folha*
Fls.	*Folhas (na redação forense, admite-se essa abreviatura para folha, no singular)*
p.p.	*próximo passado*

P.S.	*Depois do escrito* (post scriptum)
S.A.	*Sociedade Anônima*
S.O.S.	Save our souls *("salve nossas almas") – pedido de socorro enviado por navios e aviões*
v.g.	verbi gratia *(ou seja, por exemplo)*
e.g.	exempli gratia *(ou seja, por exemplo)*
a.C.	*antes de Cristo*
d.C.	*depois de Cristo*
Prof.	*Professor (evite o pequeno "o" superior. Exemplo: "Prof^{o}")*
Prof^{a}.	*Professora (insira o pequeno "a" superior. Exemplo: Prof^{a}.)*
Ib. ou ibid.	Ibidem *(ou seja, no mesmo lugar)*
Id.	Idem *(ou seja, o mesmo)*
Op. cit.	Opus citatum *(ou seja, obra citada)*
Pass.	Passim *(ou seja, aqui e ali, em diversos lugares)*

Etc.	Et cetera *(e o resto)*
Séc.[49]	*Século*

Vamos, agora, memorizar algumas palavras escritas com a **letra H**: [49] [50] [51]

Bahia[50]	*Hemograma*	*Hialino*
Hábil (mas inábil, sem -h)	*Hendecassílabo*	*Hialurgia*
Halterofilista	*Heptacampeão*	*Hidatismo*
Haurir	*Heptassílabo*	*Hidrelétrica ou Hidroelétrica*
Haver (mas reaver, sem -h)	*Herbívoro (mas erva, sem -h)*	*Hidroavião*
Hélice (mas turboélice, sem -h)	*Herege*	*Hidrossanitário*
Helminto	*Hérnia*	*Hidroterapia*
Hemácia	*Hesitar*	*Hidrovia*
Hematoma	*Hexacampeão*[51]	*Higidez*

Hígido	*Hipoderme*	*Homilia /lí/*
Hílare	*Hipopótamo*	*Homizio /zí/*
Hilaridade (e não "hilariedade")	*Hipotensão*	*Hoplita*
Hilário	*Histeria*	*Horripilar*
Hiperacidez	*Histogista*	*Hulha*
Hiper-hidrose[52]	*Hodômetro*	*Humano (mas desumano, sem -h)*
Hiper-rancoroso	*Holismo*	*Humificar*
Hipersensível	*Holofote*	*Húmus*
Hipocarpo	*Homem (mas lobisomem, sem -h)*	

25. Jabuticaba – Rebuliço

Situação: *Os jovens fizeram o maior rebuliço quando chegaram ao quintal repleto de jabuticabas.*

Comentário: as palavras acima apresentam dificuldades, podendo gerar equívocos, com relação ao emprego das vogais "u" ou "o". Vamos conhecer o quadro comparativo a seguir. [52] [53]

Grafam-se com O	**Grafam-se com U**

BússOla	*BUeiro*
COstume	*BUgiganga*
EngOlir	*BUlir*
GOela	*bUrbUrinho*
MagOar	*CocUruto*
MOela	*CUrtume*
NévOa	*ElUcubração*[53]
NódOa	*EntUpir*
ÓbOlo	*JabUti*
POlenta	*JabUticaba*
POlir	*LóbUlo*
POleiro	*RebUliço*
FOcinho	*TábUa*

26. Obsessão – Excesso – Vicissitude – Imprescindível

Situação: *É imprescindível que ele supere as vicissitudes da vida, a fim de que essa obsessão não se transforme em algo excessivamente intransponível.*

Comentário: há várias palavras em nosso vernáculo que têm o fonema /s/. Há palavras grafadas com -ç (*endereço*), com -ss (*massa*), com -sc (*descer*), com -sç (eu *desço*), com -x (*próximo*) e, finalmente, com -xc (*excelente*). Ressalte-se que, segundo Nicola & Terra (2000: 111), "o fonema é a menor unidade sonora de caráter distintivo, ou seja, a permuta de um fonema implica uma nova palavra".

Os fonemas são representados, na escrita, por letras; no entanto, nem sempre a cada fonema corresponde uma letra. Podemos ter um fonema representado por duas letras ou dígrafos (é o que ocorre em "chave"). Aliás, esse mesmo fonema pode ser representado pela letra "x" ("xícara", "lixar"). Por outro lado, em "táxi", a letra "x" indica dois fonemas (/k/ e /s/); em "exemplo", o fonema /z/; em "aproximar", o fonema /s/. Portanto, não devemos confundir fonema com letra.

A tabela abaixo detalhará o fonema /s/: 54 55 56

FONEMA /s/Rol de Palavras Grafadas com:					
C	**Ç**	**S**	**SS**	**SC**	**X**
Acervo	*Açafate*	*Ansiar*	*Acesso*	*Abscesso*	*Apro*
Acético	*Açafrão*	*Ansiedade*	*Admissão*	*Abscissa*	*Cóc*
Acetinado	*Açucena*	*Ansioso*	*Aerossol*[54]	*Adolescência*	*Expe*
Acinte	*Alçar*	*Aspersão*	*Alvíssaras*[55]	*Arborescer*	*Expe*
Alcance	*Almaço*	*Cós*	*Amissão*	*Ascensão*[56]	*Expe*
Cê-cedilha	*Araçá*	*Emersão*	*Amissível*	*Ascético*[57]	*Expr*

Ceifar	*Beiço*	*Esplendor*	*Asseio*	*Condescender*	*Exp*
Celerado	*Caçula*	*Espontâneo*	*Asséptico*	*Consciência*	*Exp*
Célere	*Caiçara*	*Excursão*	*Assunção*	*Convalescença*	*Exp*
Cerne	*Calabouço*	*Farsa*	*Bissemanal*	*Discernir*	*Exta*
Certame	*Caução*	*Gás*	*Carrossel*	*Enrubescer*	*Exte*
Coincidência	*Contorção*	*Hortênsia*	*Concessão*	*Fascinação*	*Extr*
Contracenar	*Exceção*	*Imersão*	*Escasso*	*Fascismo*	*Extr*
Criciúma	*Iguaçu*	*Jus*	*Fissura*	*Florescer*	*Ex-*
Decerto	*Linhaça*	*Misto*	*Impressão*	*Imprescindível*[58]	*Inex*
Lance	*Maçarico*	*Pretensão*	*Intercessão*	*Lascívia*	*Máx*
Maciço	*Miçanga*	*Pretensioso*	*Minissaia*	*Obsceno*	*Pró*
Obcecação	*Muçurana*	*Propensão*	*Obsessão*	*Recrudescer*[59]	*Sext*
Obcecado	*Mulheraça*	*Pus*	*Procissão*	*Remanescer*	*Sext*
Súcia	*Paçoca*	*Quis*	*Ressurreição*	*Rescisão*	*Têxt*

Sucinto	*Pança*	*Reversão*	*Sessenta*	*Ressuscitar*	*Text*
Tecelão	*Soçobrar*	*Siso*	*Submissão*	*Suscetível*	*Trou*
Vicissitude	*Turiaçu*	*Submersão*	*Sucessivo*	*Víscera*	*Trou*

57 58 59

Com relação ao fonema /s/, é importante revelar alguns *homônimos interessantes*.

Homônimos: são palavras que podem apresentar semelhança na grafia e na pronúncia, como o substantivo *combate* e a forma verbal *combate* (ele) – o chamado *homônimo perfeito*. Exemplos:

acender – *pôr fogo a*	←→	**ascender** – *elevar-se*
acento – *inflexão da voz*	←→	**assento** – *lugar para sentar-se, verbo (assentar)*
acerto – *ajuste, verbo (acertar)*	←→	**asserto** – *proposição afirmativa (assertiva)*
acético – *referente ao ácido acético (vinagre)*	←→	**ascético** – *referente ao ascetismo, místico*
caçar – *perseguir*	←→	**cassar** – *anular*
cartucho – *estojo de carga de projétil*	←→	**cartuxo** – *frade da ordem religiosa de Cartuxa*

censo – *recenseamento*	←→	**senso** – *juízo, raciocínio*
cessão – *ato de ceder*	←→	**sessão** – *tempo de duração de reunião, apresentação* **seção** *(ou* **secção***)* – *departamento, divisão* **ceção** – *frescura*
círio – *grande vela de cera*	←→	**sírio** – *natural da Síria*
cisma – *substantivo masculino, na acepção de "ruptura, separação (o cisma do Oriente)"*	←→	**cisma** – *substantivo feminino, como devaneio, ideia fixa (a cisma da menina desconfiada)*
cismo – *1ª pessoa do singular do verbo cismar (presente do indicativo)*	←→	**sismo** – *terremoto*
concerto – *harmonia; sessão musical*	←→	**conserto** – *reparo, verbo (consertar)*
empoçar – *formar poça /ô/*	←→	**empossar** – *dar posse a*
estreme – *genuíno, puro*	←→	**extremo** – *distante*
incerto – *duvidoso*	←→	**inserto** – *inserido*

incipiente – *que está no início*	←→	**insipiente** – *ignorante*
indefeso – *sem demora, desarmado (cidade indefesa, povo indefeso)*	←→	**indefesso** – *incansável, laborioso (lutador indefesso)*
intercessão – *ato de interceder*	←→	**interseção** – *ato de cortar*
mandado – *ordem judicial*	←→	**mandato** – *procuração; tempo de ocupação de um cargo*
remição – *resgate*	←→	**remissão** – *perdão, ato de remeter a um ponto*
ruço – *pardacento (adjetivo) ou nevoeiro espesso (substantivo), difícil (situação ruça)*	←→	**russo** – *natural da Rússia*
subvenção – *ajuda, contribuição*	←→	**subversão** – *revolta, insubordinação*

27. Enxurrada – Enchente – Praxe

Situação: *Já é praxe no bairro os moradores sofrerem com as enxurradas provocadas pelas enchentes.*

Comentário: as palavras acima podem apresentar dificuldades ao aplicador do idioma quanto à utilização do -x ou -ch. Impende memorizar a grafia dos vocábulos a seguir discriminados.

Vocábulo	**Letra X**	**Dígrafo**

		CH
Enxada	*Escreve-se com -x, quando tal letra suceder à sílaba en-. Exemplo: enxada, enxamear, enxaqueca, enxó, enxovalhar, enxúndia, enxoval, enxaguar, enxurrada, enxuto.* **Exceção:** *encharcar, encher (e derivados), enchova, enchumaçar (e derivados), enchiqueirar (e derivados) e enchoçar (e derivados).*	
Rouxinol	*Escreve-se com -x, quando tal letra suceder a ditongos. Exemplo: caixa, feixe, frouxo.* **Exceção:** *caucho, recauchutagem e cauchal.*	
Xavante	*Escreve-se com -x, quando se tratar de palavras de origem indígena ou africana. Exemplo: abacaxi, orixá, caxambu.*	
*Variedades do **x:** xampu, xícara, xaxim, rixa, lagartixa, coaxar, bruxa, xucro, xingar, extravasar, extemporâneo, coxa*[60]. *Variedades do **ch:** rechonchudo, cocha*[61]*, pechincha, chuchu, mecha, mochila, cochilar, bucha, chulo, bochechar, bochecho.*		

Com relação ao confronto entre -x e -ch, insta conhecer alguns *homônimos interessantes*.

1. Tacha – tipo de prego; mancha ou defeito; caldeira 60 61

Taxa – tributo, índice

2. Tachar – censurar; pregar

Taxar – determinar a *taxa* de (tributo)

3. Bucho – estômago

Buxo – espécie de arbusto

4. Cocho – vasilha rústica de madeira

Coxo – capenga, manco

5. Chá – planta ou bebida

Xá – título do soberano da Pérsia (atual Irã)

6. Cheque – ordem de pagamento

Xeque – lance 62 no jogo de xadrez

28. O chapeuzinho – Os balõezinhos – A orfãzinha

Situação: *A orfãzinha, aquela pequena garota de chapeuzinho, corria atrás dos balõezinhos.*

Comentário: a reforma ortográfica de 1971, resultante de um acordo entre a Academia Brasileira de Letras e a Academia das Ciências de Lisboa, eliminou o acento secundário – agudo (´) ou circunflexo (^) – que se grafava na sílaba subtônica de advérbios terminados em *-mente* e em palavras derivadas em que aparece o infixo *-z*. Exemplos:

Somente – Cafezal – Avozinha – Cafezinho – Papeizinhos – Chapeuzinhos – Faroizinhos – Tuneizinhos.

Ressalte-se que o emprego do til permaneceu inalterado. Logo, deve-se redigir *romãzeira*, *balõezinhos*, *cristãmente*, *aquidabãense*, *pãezinhos*, *botõezinhos*, *mãozinhas*.

29. A oficiala – A escrivã – A poetisa

Situação: *A oficiala da Polícia Militar abandonou a Corporação após ser aprovada no concurso para o cargo de Escrivã da Polícia Federal. Era conhecida na PM como "a poetisa", por gostar de escrever.*

Comentário: a formação do feminino de alguns substantivos pode causar problemas ao aplicador menos avisado do vernáculo. Vamos conhecer alguns femininos de interesse:

63

Substantivo	Substantivo	Substantivo	Substantivo

masculino	feminino	masculino	feminino
O oficial	*A oficiala*	*O escrivão*	*A escrivã*
O leitão	*A leitoa*	*O varão*	*A varoa (ou A virago)*
O bode	*A cabra*	*O sabichão*	*A sabichona*
O glutão	*A glutona*	*O sultão*	*A sultana*
O imperador	*A imperatriz*	*O papa*	*A papisa*
O czar	*A czarina*	*O ladrão*	*A ladra*
O perdigão	*A perdiz*	*O ateu*	*A ateia*
O pigmeu	*A pigmeia (Acordo)*	*O judeu*	*A judia*
O frade	*A freira*	*O padre*	*A madre*
O cavaleiro	*A amazona*	*O cavalheiro*	*A dama*
O zangão (ou O zângão)	*A abelha*	*O trabalhador*	*A trabalhadeira*[63]

O marajá	*A marani*	*O rajá*	*A rani*
O parente	*A parenta (ou A parente)*	*O chefe*	*A chefa (ou A chefe)*
O árbitro	*A árbitra*	*O decano*	*A decana*
O druida	*A druidesa*	*O faisão*	*A faisoa*
O grou	*A grua (ave)*	*O hortelão*	*A horteloa (e não "hortelã")*
O ilhéu	*A ilhoa*	*O pavão*	*A pavoa*
O silfo	*A sílfide*	*O ermitão*	*A ermitoa*
O veado	*A veada*	*O cônego*	*A canonisa*
O javali	*A javalina*	*O jogral*	*A jogralesa*
O píton	*A pitonisa*	*O lebrão*	*A lebre*
O anfitrião	*A anfitrioa (ou A anfitriã)*	*O capiau*	*A capioa*
O charlatão	*A charlatã*	*O eleitor*	*A eleitora (ou A eletriz)*

O esquimó	*A esquimoa*	*O filho-famílias*	*A filha-famílias*
O landgrave	*A landgravina*	*O manicuro*	*A manicura (ou A manicure)*

Observações suplementares: 64

SUBSTANTIVO MASCULINO	**SUBSTANTIVO FEMININO**
O elefante	*A elefanta ou elefoa (VOLP 2009)*
O tabelião	*A tabeliã (ou tabelioa – forma menos comum, mas dicionarizada)*
O presidente	*A presidenta(e) (ambas são formas dicionarizadas e corretas)*
O bispo	*A episcopisa*[64]
O confrade	*A confreira (confrada ou confratiça)*

Observações finais sobre gênero de substantivos:

Substantivo masculino	**Substantivo feminino**
O bacharel	***A bacharela***

É possível formar o feminino de dois modos: a bacharel ou a bacharela. O Aurélio abona a última forma, todavia a literatura brasileira acolhe legitimamente a primeira forma.

O hóspede	***A hóspeda (ou "a hóspede")***

Para o VOLP 2009, são aceitas as formas hóspede ou hóspeda, ambas no feminino. Celso Luft, em seu Dicionário Gramatical da Língua Portuguesa, igualmente, admite "hóspeda" e "hóspede".

Urge mencionar a interessante máxima que corrobora a utilização do termo: "Faze conta com a hóspeda e verás o que te fica".

A propósito da acepção do termo, hóspede pode ser aquele que hospeda como aquele que é hospedado. Modernamente, vem-se afirmando apenas a acepção de "receber por hóspede". Mário Barreto denomina tais palavras de "bifrontes", isto é, que têm sentido ora ativo, ora passivo.

Frei	***Sóror (ou soror)***

O substantivo frei é forma reduzida de freire (ou seja, irmão). Não se pode usar artigo antes de frei, portanto, memorize:

- *A visita foi feita por frei Miguel (e não "pelo").*
- *Frei Sávio era um homem de alma pura (e não "O frei...").*

O mesmo fenômeno linguístico ocorre no tratamento dado às freiras, por meio da expressão **sóror** *ou* **soror***, isto é, não se deve utilizar artigo. Exemplo:*

- *Quem a chamou foi sóror Manuela.*

Nessa esteira, a regra também vale para monsenhor, que não admite, pois,

artigo. Exemplos:

- *A missa foi celebrada por monsenhor Manuel.*

- *Vi monsenhor Siqueira no Seminário.*
- *"Monsenhor tirou do alforge da sela o breviário, abriu-o e pegou a ler"*65.

Observação: *cabe, todavia, o artigo, se monsenhor vier precedido de adjetivo. Exemplos:*

- *Quem celebrou a missa foi o renomado monsenhor Teixeira Silva.*
- *O venerando monsenhor Caio Campos participará do Encontro de Jovens.*

30. Corrimãos – Maus-caracteres – Projetis 65

Situação: *Quando os maus-caracteres chegaram ao banco, os guardas estavam entretidos com a instalação dos corrimãos. As armas dispararam centenas de projetis.*

Comentário: a formação do plural de alguns vocábulos merece a atenção do estudioso do vernáculo. Vamos a eles:

Substantivo singular		**Substantivo plural**
O cânon	←→	*Os cânones*
O abdômen	←→	*Os abdomens (mais utilizada) ou Os abdômenes*
O abdome	←→	*Os abdomes*
O dólmen	←→	*Os dólmenes (ou Os dolmens)*
O líquen	←→	*Os líquenes (ou Os liquens)*

O mel	←→	*Os méis (mais utilizado) ou Os meles*
O faquir	←→	*Os faquires*
O júnior	←→	*Os juniores (escreve-se sem acento circunflexo)*
O sênior	←→	*Os seniores (escreve-se sem acento circunflexo)*
Sóror	←→	*Sórores*
O sol	←→	*Os sóis*
O paul	←→	*Os pauis (pronuncie e separe pa-uis)*
O álcool	←→	*Os alcoóis/álcoois (VOLP 2009 e Houaiss). O VOLP 1999 trazia apenas o plural álcoois.*
O ultimátum	←→	*Os ultimátuns*
O adeus	←→	*Os adeuses*
O obus	←→	*Os obuses*
O cós	←→	*Os cós (VOLP 2009) ou Os coses, à luz de escritores antigos*

A rês	←→	*As reses (sem acento – pronuncie /ê/)*
O sax	←→	*Os saxes*
"O sim e o não"	←→	*"Os sins e os nãos"*
"O pingo no i"	←→	*"Os pingos nos is" (*vide *obervações a seguir)*
O lugar-tenente	←→	*Os lugar-tenentes (Aurélio) ou Os lugares-tenentes (Michaelis e Houaiss)*
O projétil	←→	*Os projetis / projéteis (Houaiss)*
O capelão	←→	*Os capelães*
O contêiner	←→	*Os contêineres*
O destróier	←→	*Os destróieres*
O haltere	←→	*Os halteres*
A ponte pênsil	←→	*As pontes pênseis*
O volt	←→	*Os volts*
O sem-vergonha	←→	*Os sem-vergonhas (ou Os sem-vergonha)*
O pôr do sol		

(Acordo)	←→	*Os pores do sol (sem acento circunflexo)*
O cais	←→	*Os cais (invariável)*
O louva-a-deus	←→	*Os louva-a-deus (invariável)*
O leva e traz	←→	*Os leva e traz (invariável) (*vide *observações a seguir)*
O pega pra capar	←→	*Os pega pra capar (invariável)*
O sem-teto	←→	*Os sem-teto (invariável)*
O sem-terra	←→	*Os sem-terra (invariável)*
O sem-sal	←→	*Os sem-sal (invariável)*
O fora da lei	←→	*Os fora da lei (invariável)*
O zero-quilômetro	←→	*Os zero-quilômetro (invariável)*
O sobe e desce	←→	*Os sobe e desce (invariável) (*vide *observações a seguir)*
O tórax	←→	*Os tórax (invariável)*
O telex	←→	*Os telex (invariável)*

A (O) Maria vai com as outras	←→	*As (Os) Maria vai com as outras (invariável e comum de dois)*

Observações finais sobre o plural dos substantivos:

Substantivo singular	**Substantivo plural**
O sobe e desce	***Os sobe e desce***
As expressões substantivadas formadas por dois verbos de sentido oposto mantêm-se invariáveis. Exemplos: o entra e sai, os entra e sai; o leva e traz, os leva e traz.	
A intervenção médico-cirúrgica	***As intervenções médico-cirúrgicas***
Nos adjetivos compostos, o plural se faz com a variação do segundo elemento, mantendo-se incólume o primeiro elemento. Exemplos: • *Povo latino-americano: povos latino-americanos.* • *Trabalho médico-cirúrgico: trabalhos médico-cirúrgicos.* • *Partido democrata-cristão: partidos democrata-cristãos.*	
O "erre" (letra do alfabeto)	***Os erres***
O plural das letras do alfabeto se faz de dois modos: inserindo o -s ou duplicando-se as letras. Exemplos: • *A ☐ /á/: os ás (com o acréscimo do -s) OU os "aa" (com a duplicação da letra);* • *B ☐ /bê/: os bês (com o acréscimo do -s) OU os "bb");*	

- *C ☐ /cê/: os cês (com o acréscimo do -s) OU os "cc");*
- *D ☐ /dê/: os dês (com o acréscimo do -s) OU os "dd");*
- *H ☐ /agá/: os agás (com o acréscimo do -s) OU os "hh");*
- *R ☐ /erre/: os erres (com o acréscimo do -s) OU os "rr");*
- *I ☐ /i/: os is (com o acréscimo do -s) OU os "ii" (com a duplicação da letra).*

Portanto, usando a conhecida frase: Vamos pôr os pontos nos is (OU "... nos 'ii'").

O artesão	***Os artesãos***

O substantivo **artesão** *pode representar dois significados:*

- *na acepção de "artífice", com substantivo plural artesãos e substantivo feminino artesã;*
- *na acepção de "ornato em tetos e abóbadas", com substantivo plural artesões. Exemplo: Os lustres estão presos aos artesões.*

O corrimão	***Os corrimãos***

O plural de **corrimão** *é corrimãos. Não recomendamos o plural "corrimões", conquanto seja abonado por alguns dicionaristas, em razão de se apresentar dissociado da formação original da palavra.*

Gol	***Os gols***

O plural do substantivo **gol***, usado no Brasil, é gols (VOLP 1999, 2004 e 2009), em vez de gois (ô), que seria a forma normal. A forma gols, aliás, foi chancelada até pela brilhante pena de Vinicius de Moraes*[66]*: "Meus gols são mais raros que os seus".*

31. Pô-lo – Pô-la – Põe-no – Põe-na

Situação: *Devemos pô-lo no lugar certo. Por favor, põe-no como lhe pedi!* 66

Comentário: é possível associar pronomes às formas verbais. Quando isso ocorre, devem ser seguidas regras. Vamos a elas:

1. Se os verbos terminarem em *-r, -s* ou *-z*, os pronomes **o, a, os, as** assumem as formas **lo, la, los, las,** caindo as consoantes originárias (*r, s, z*). Exemplos:

Ele deve comer – *Ele deve comê-lo*

Ele fez o... – *Ele fê-lo*

Ele faz o... – *Ele fá-lo*

Tu tens o objeto – *Tu tem-lo*

Tu conténs o perfume – *Tu contém-lo*

2. Se os verbos terminarem em ditongo nasal (*-am, -em, -ão, -õe*), os pronomes **o, a, os, as** assumem as formas **no, na, nos, nas**. Exemplos:

Eles comem o... – *Eles* comem-no 67

Eles disseram os... – *Eles* disseram-nos

Eles fazem o... – *Eles* fazem-no

Eles dão o... – *Eles* dão-no

Eles põe o... – *Eles* põe-no

3. Em todos os demais casos, devemos acrescentar o pronome oblíquo ao verbo, sem que isso provoque qualquer transformação. Exemplos:

Mando ele... – *Mando-o*

Fizeste ele... – *Fizeste-o*

APLICANDO...

Eu compro ele...	←→	*Compro-o*	*Eles conhecem ele...*	←→	*Eles conhecem-no*

Tu compras ela...	←→	*Compra-la*	*Eu pus ela...*	←→	*Eu pu-la*
Ele quer ela...	←→	*Qué-la*	*Tu puseste ele...*	←→	*Tu puseste-o*
Ele quer ver ela...	←→	*Vê-la*	*Nós pusemos ela...*	←→	*Nós pusemo-la*
Nós queremos ela...	←→	*Queremo-la*	*Elas puseram ele...*	←→	*Elas puseram-no*
Vós vereis ele...	←→	*Verei-lo*			

4. Nos **verbos pronominais** (observe alguns exemplos a seguir), em abono da melhor eufonia, as formas da 1ª pessoa do plural (nós) perdem o *-s* final, antes de receberem o pronome enclítico.

São verbos pronominais 68:

Abster-se	*Arrepender-se*	*Cumprimentar-se*	*Entreter-se*	*Queixar-se*
Afastar-se	*Ater-se*	*Deitar-se*	*Lembrar-se*	*Suicidar-se*[69]
Apaixonar-se	*Atrapalhar-se*	*Dignar-se*	*Levantar-se*	*Vestir-se*

Apiedar-se	*Comprazer-se*	*Divertir-se*	*Orgulhar-se*	*Zangar-se*
Apropinquar-se	*Converter-se*	*Doutorar-se*	*Prejudicar-se*	

Exemplos: 69

Vistamo-nos e enfeitemo-nos para o baile.

Agindo assim, prejudicamo-nos a nós próprios.

Quase sempre, atrapalhamo-nos uns aos outros.

Cumprimentamo-nos cordialmente.

Fizemo-lo às 18h.

Apropinquamo-nos do acidente.

Apiedemo-nos dos pecadores.

Comprazemo-nos sempre com sua visita.

Doutoramo-nos em 1990.

Vamo-nos acostumando com o tempo.

Observação:

a) Os pronomes **lhe** e **lhes**, ao se juntarem, encliticamente, à forma verbal, não produzem nenhuma alteração. Exemplos:

Enviamos-lhes – Recomendamos-lhes – Comunicamos-lhes

Perdoamos-lhes – Abrimos-lhe – Oferecemos-lhe

b) Afastar-se *(acidentalmente pronominal):*

Afastamo-nos em pequenos grupos.

Afastávamo-nos dali.

Afastemo-nos do acidente, agora.

c) Lembrar-se *(acidentalmente pronominal):*

Lembramo-nos disso.

Lembrávamo-nos sempre.

Lembremo-nos, agora, do episódio.

d) fato em exame não ocorre com as formas verbais referentes às outras pessoas (*tu*, *vós*), em que o *-s* mantém-se intacto. Exemplos:

Lembras-te do ocorrido?

Lembrais-vos da palavra de Deus.

Lembravas-te do episódio.

Lembráveis-vos do ocorrido.

5. Os pronomes oblíquos *me, te, lhe, nos, vos*, *lhes* podem se unir aos pronomes átonos *o, a, os, as*, formando contrações muito interessantes, sem embargo de os autores brasileiros atuais insistirem no seu abandono. Dessas combinações, as mais usuais são **lho, no-lo** e **vo-lo**. Vamos conhecer as intrigantes combinações:

ME	*ME* + *O* = **MO**	*NOS*	*NOS* + *O* = **NO-LO**	*LHE*	*LHE* + *O* = **LHO**
	ME + *A* = **MA**		*NOS* + *A* = **NO-LA**		*LHE* + *A* = **LHA**
	ME + *OS* = **MOS**		*NOS* + *OS* = **NO-LOS**		*LHE* + *OS* = **LHOS**
	ME + *AS* = **MAS**		*NOS* + *AS* = **NO-LAS**		*LHE* + *AS* = **LHAS**
					LHES + *O* =

TE	*TE* + *O* = **TO**	*VOS*	*VOS* + *O* = **VO-LO**	*LHES*	**LHO***
	TE + *A* = **TA**		*VOS* + *A* = **VO-LA**		*LHES* + *A* = **LHA***
	TE + *OS* = **TOS**		*VOS* + *OS* = **VO-LOS**		*LHES* + *OS* = **LHOS***
	TE + *AS* = **TAS**		*VOS* + *AS* = **VO-LAS**		*LHES* + *AS* = **LHAS***
* Note que as formas contraídas são idênticas para as formas *lhe* e *lhes*.					

APLICANDO...

Ele me entregou-o – Ele MO entregou *Ele me entregou-a – Ele MA entregou* *Ele me entregou-os – Ele MOS entregou* *Ele me entregou-as – Ele MAS entregou*		*Ele nos mostra-o – Ele NO-LO mostra* *Ele nos mostra-a – Ele NO-LA mostra* *Ele nos mostra-os – Ele NO-LOS mostra* *Ele nos mostra-as – Ele NO-LAS mostra*

Ele lhe/lhes remetia-o – Ele LHO remetia *Ele lhe/lhes remetia-a – Ele LHA remetia* *Ele lhe/lhes remetia-os – Ele LHOS remetia*

Ele lhe/lhes remetia-as – Ele LHAS remetia

Exemplos:

- Ele viu a moto e instou para que o dono lha vendesse.
- O cargo é dele, ninguém lho pode tirar.
- Se ela mostrasse seus belos lábios, eu lhos beijaria.
- Retirou o envelope do bolso e entregou-lho.
- Não dou aulas de Direito Empresarial, mas dar-lhas-ia, se os alunos quisessem.
- Eu não o conhecia, por isso pedi ao jovem que mo indicasse.
- As roupas de inverno, meu pai mas impôs sem possibilidade de diálogo.
- Perdemos o início da aula; pedimos, pois, para que a colega no-lo apontasse, a fim de que localizássemos a matéria dada.
- "O coração humano tem seus abismos e às vezes no-los mostra com crueza"70.

Observação: repise-se que tais contrações pronominais são exclusivas da linguagem culta, sendo raro o seu uso.

32. O pronome Vossa Excelência requer o verbo na terceira pessoa?

Situação: *Vossa Excelência pode tirar o seu processo da mesa.*

Comentário: os pronomes de tratamento devem ser usados no trato solene e cerimonioso com as pessoas.

Na linguagem jurídica, transitam em abundância, uma vez que deve o causídico se referir ao magistrado, ao falar com ele, como *Vossa Excelência* e, quando se fala dele, como *Sua Excelência*. Observe o diálogo abaixo:

Diálogo entre uma secretária e o magistrado:

– *Vossa Excelência aceita um café?*

– *Sim, por favor* – disse o magistrado à secretária.

Diálogo entre a secretária e uma copeira:

– *Leve o café para Sua Excelência. Ele acabou de pedir* – falou a secretária à copeira.

Observe outro exemplo na seguinte frase:

O presidente da República deve viajar para Cuba amanhã. Sua Excelência conversará longamente com o carismático líder Fidel Castro.

A explicação está no fato de que esses pronomes são de segunda pessoa, todavia se usam com as formas verbais de terceira pessoa. Incoerência? Não. Quando usamos os pronomes*você* ou *tu*, estamos nos dirigindo a alguém com quem falamos. Daí a razão de serem pronomes de segunda pessoa. Todavia, quando se referem à terceira pessoa, devem ser usados com o pronome possessivo *sua* ou *seu* (e não "vosso" ou "vossa"). Portanto: os pronomes possessivos utilizados (*meu, minha, teu, tua, seu, sua, nosso, vosso*), perante os pronomes de tratamento, são sempre os de terceira pessoa do singular ou plural. Portanto:

- Vossa Excelência pretende mudar de comarca? (e não "pretendeis").
- Vossas Excelências, preclaros Juízes, são muito austeros consigo mesmos! (e não "sois").
- Vossa Excelência, em sua obra doutrinária, expõe o mesmo posicionamento apresentado em razões de apelação (e não "vossa obra" e "expendes").

Rodríguez (2000: 59), ao tecer comentários sobre a distinção entre **sua** e **vossa**, preleciona:

> Existe fundamento para a distinção entre "Sua" e "Vossa", ao referir-se a uma pessoa e ao dirigir-se diretamente a ela. Tal distinção ocorre porque a fórmula ou o pronome de tratamento

constitui um recurso para a substituição da invocação da pessoa pela invocação de uma qualidade que lhe é inerente. Assim, quem diz "Sua Santidade, o Papa", em um recurso retórico, passa a não se referir diretamente ao Sumo Sacerdote, mas sim à santidade que ele representa. Ao rei, ao que tem de majestoso; ao juiz, à excelência que traz consigo. É assim que, referindo-se sobre o magistrado, diz-se "Sua Excelência = A excelência dele" e, ao se dirigir a ele, utiliza-se "Vossa Excelência = A excelência de vós".

Ressalte-se que o mesmo postulado vale para outras expressões de tratamento, tais como: Vossa Santidade, Vossa Senhoria, Vossa Majestade etc.

Como se nota, os vocábulos *vosso* e *vossa* têm uso de todo restrito, devendo compor os pronomes de tratamento e as preces. Observe:

"Pai Nosso, que estais no céu, santificado seja o Vosso Nome, venha a nós o Vosso reino, seja feita a Vossa vontade, ...".

"Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois vós entre as mulheres, bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus ...".

A explicação está no fato de que as preces foram criadas em tempos antigos, em que era comum o uso do pronome pessoal de segunda pessoa do plural *vós*. Hodiernamente, ele sobrevive por insistência dos gramáticos e estudiosos, já que é de pouca praticidade.

À guisa de esclarecimento, vale ressaltar que o pronome **você** (contração de *vosmecê*, derivada de *Vossa Mercê*) é pronome de tratamento.

33. A locução **o quê**

Situação: *O advogado examinou o caso; após o quê, tomou as devidas providências.*

Comentário: a locução **o quê** parece-nos como pronome demonstrativo, podendo ser substituída por *isso*. Ressalte-se que o termo *quê* será acentuado nas seguintes situações:

a) Quando for *substantivo*, na acepção de "alguma coisa" ou "qual coisa". Exemplos:

Notamos em sua face um quê de espanto.

O professor respondeu com um não sei quê à pergunta.

"Trabalhar em quê, meu amigo?" (Graciliano Ramos).

b) Quando for *interjeição*. Exemplo:

Quê!? Aonde pensa que vai?

c) Quando *finaliza frase*. Exemplos:

Este livro serve pra quê?

Vai chorar agora pra quê?

Você não estudou ontem por quê?

d) Para formar a expressão *um não sei quê*. Exemplo:

Em seu semblante havia um não sei quê de desconfiança.

34. O pronome relativo **cujo**

Situação: *O objeto de que lhe falei era a luminária, cuja iluminação é agradável.*

Comentário: o termo **cujo**, como pronome relativo, tem a função de unir duas frases, sendo que uma delas indica posse. Os pronomes *cujo* e *cuja* significam "do qual" e "da qual", precedendo sempre um substantivo sem artigo. Assim, analise as duas orações:

- O PSDB está disposto a negociar.
- O candidato do PSDB ganhou a presidência da Câmara.

Melhor seria, evitando-se a repetição:

- O PSDB, cujo candidato ganhou a presidência da Câmara, está disposto a negociar.

Além disso, é necessário memorizar que tal pronome relativo não acompanha artigo. Portanto, observe as frases **corretamente** grafadas:

- Ele foi ao cinema, cujo filme mencionei ontem (e não "cujo o filme").
- Epitácio, cujo filme foi ovacionado, sentiu-se prestigiado.
- Ele foi ao teatro, a cuja peça me referi anteontem (e não "cuja a peça").
- O "Titanic", cujo casco foi perfurado por um iceberg, afundou lentamente.

35. **Fulano, Beltrano** e **...**

Situação: *Ele* cria 71 *em tudo que fulano dizia ou sicrano afirmava.*

Comentário: as palavras **fulano, beltrano** e **sicrano** são consideradas *pronomes indefinidos*. O termo "siclano", com a sílaba *-cla*, não existe. Também aparecendo como pronome, destaca-se a palavra **outrem** – uma paroxítona com tonicidade na sílaba ou- –, muito utilizada nos meios forenses.

36. A preposição **entre** e os pronomes pessoais

Situação: *Entre mim e ela, não há desentendimento.*

Comentário: com a preposição **entre**, não podemos utilizar os pronomes pessoais do caso reto *eu* e *tu*, mas tão somente os pronomes pessoais do caso oblíquo *mim* e *ti*. Daí se falar com correção *entre mim e ti* (e não "entre eu e tu"). Portanto os pronomes retos da primeira e da segunda pessoa – *eu*, *tu* – não podem ser regidos por preposição. Esta, por sua vez, pode reger o pronome reto da terceira pessoa (*ele*, *ela*), sem qualquer restrição. Nesse rumo, atente-se para o fato de que com o termo *você*, igualmente, não há restrição, por se tratar de pronome de tratamento. Observe as **frases corretas** abaixo delineadas:

- Ela estava entre mim e Cláudio.
- Ele se sentou entre mim e Pedro.
- Não há o que resolver entre mim e ti.
- Entre mim e você, há desavenças.
- Entre mim e ti, há uma grande amizade.
- Houve acordo entre os réus e mim.
- Nada existe entre mim, ti e ela.
- O caso de amor era entre mim e a Camélia.
- Entre mim e ti, abriu-se intransponível abismo (O Autor).
- Entre eles e mim, nunca houve discussões.
- Entre os contratantes e mim, houve um acordo.
- Houve alguma rusga entre os atletas e ti?
- "No jantar, Lili ficou entre mim e ele, o padrinho"72.
- "... entre mim e ti está a cruz ensanguentada do Calvário" (Alexandre Herculano).

Ressalte-se que há um caso em que se admitiria o pronome reto: quando se achar distante da preposição. Exemplo:

- <u>Entre</u> o local do acidente e <u>eu</u>, que consegui parar a tempo, mediram-se dez metros.

Por outro lado, emprega-se *eu* quando este for sujeito de um verbo no infinitivo, até porque "'mim' não faz coisa alguma":

- Isto é para eu fazer.
- Isto é para mim?

Importante: é relevante esclarecer a diferença entre *para mim* e *para eu*. Quando estiver diante de verbos no infinitivo, utilize o pronome do caso reto *eu*. No mais, poderá utilizar o pronome pessoal do caso oblíquo *mim*. Vamos reforçar:

- Ele deu a caneta para mim.
- O formulário é para eu preencher.
- Pediu para eu responder à correspondência.
- Ele deu a caneta para eu guardar.
- Não vá sem eu entregar-lhe a encomenda.
- Tornou-se complicado para mim ser o alvo. (Sujeito: or. sub. subst. reduzida de infinitivo)
- É difícil para mim vencer a batalha. (Sujeito: or. sub. subst. reduzida de infinitivo)
- É difícil para mim ler à noite. (Sujeito: or. sub. subst. reduzida de infinitivo)
- É complicado, para mim, estudar. ("Para mim", entre vírgulas, significa "na minha opinião")
- Para mim, estudar é um prazer. ("Para mim", antes da vírgula, significa "na minha opinião")

Neste momento, não é desnecessário relembrar o pronome **consigo**. Os pronomes *si* e *consigo* devem ser usados em sentido reflexivo, portanto, usa-se *consigo* quando tal pronome se referir ao sujeito da oração. Aliás, não é raro ouvir, nos meios forenses, frases equivocadas, como "eu estava consigo", em vez de *eu estava com você*. Indaga-se: como é possível "eu" estar "consigo"? Portanto:

Ele leva consigo	•	*Eu levo comigo*	•	*Tu levas contigo*	•	*Nós levamos conosco*

Assim, é melhor evitar erronias, como:

1. *"Eu trouxe um presente para si."*

Perguntar-se-ia: o presente é para quem? Se é pra mim, prefiro que "me" entregue, de fato. Logo, corrigindo: *Eu trouxe um presente para você.*
2. *"Professor, nós queremos falar consigo."* *Questionar-se-ia: consigo? Já está falando... ou não? No entanto, se deseja falar "comigo", por que não usar:* *Professor, nós queremos falar com você (com o senhor).*

Assim, apreciemos bons exemplos de grafia elogiável:

- Ela é demasiado egoísta, ao pensar em si.
- Os torcedores escolheram os lugares para si.
- Guarde o cheque consigo.
- A chuva traz consigo raios e problemas.
- Os jogadores precisavam de mais confiança em si próprios.

Por fim, ressalte-se que devemos preferir **conosco** (a "**com nós**") e **convosco** (a "**com vós**"). Exemplos:

- Ele se sentou conosco (e não "Ele se sentou com nós").
- Falei convosco (e não "Falei com vós").

Exceção: se tais pronomes vierem acompanhados de *numeral*, de *palavra reforçativa* ou *palavra determinativa*, como *próprios, mesmos, outros, todos* etc., deve-se usar a forma originária. Exemplos:

- Nada acontece com nós todos.
- O barco virou com nós quatro.
- Falaram com nós, que éramos seus amigos.
- Falei com vós mesmos.
- Contamos com vós todos.
- Ele se dirigiu com nós próprios à Delegacia.

• O homem foi com nós mesmos à lanchonete.

• O espetáculo começou com nós todos de pé[73].

• Os livros ficaram com nós todos.

• Os amigos holandeses saíram com nós dois ontem à noite.

• Queremos estar de bem com nós mesmos.

• Preocupamo-nos muito com nós próprios.

37. **Obedecer-lhe – Aspirar a ele**

Situação: *Confie nos amigos, devendo obedecer-lhes. Aspire ao seu sucesso, seguindo estas regras básicas.*

Comentário: os verbos **obedecer** e **aspirar** (no sentido de "almejar, objetivar") são transitivos indiretos, necessitando de preposição para se ligarem a seus complementos (objetos indiretos). Entre os verbos transitivos indiretos, importa distinguir:

1. São verbos que, em geral, exigem a preposição *a* (pagar à médica; perdoar à mulher). Observe que, na ausência de preposição, passam a ser *transitivos diretos* (pagar a conta; perdoar a falha). Sem contar o fato de que podem ser *transitivos diretos e indiretos* (pagar a conta à médica). Além disso, constroem-se com os pronomes *lhe* ou *lhes*, quando o objeto for indicativo de pessoa ou ente personificado, tais como:

Agradar	*Desagradar*	*Obedecer*	*Desobedecer*	*Agradecer*
Aprazer	*Caber*	*Interessar*	*Pagar*	*Perdoar*
Querer	*Resistir*	*Repugnar*	*Suceder*	*Valer etc.*

Exemplos:

Obedeça à professora – *Obedeça-lhe*.

Não bata nos cavalos – *Não lhes bata*.

O namorado perdoou à namorada – *O namorado perdoou-lhe*.

O cliente pagou ao advogado – *O cliente pagou-lhe*.

Resistimos aos intrusos – *Resistimos-lhes*.

2. São verbos que não se constroem com os pronomes *lhe* ou *lhes*, devendo utilizar os pronomes pessoais do caso oblíquo precedidos de preposição (*a ele* / *a ela*). São eles:

Aludir (Aludir a ele)	*Aspirar (Aspirar a ele)*	*Recorrer (Recorrer a ele)*
Anuir (Anuir a ele)	*Assistir (Assistir a ele)*	*Referir-se (Referir-se a ele) etc.*

Observações:

a) O uso do pronome **lhe** em lugar de pronome possessivo:

É elogiável o uso do pronome **lhe** em lugar de pronomes possessivos *seu* ou *sua*. Exemplos:

O gás irrita-lhe os olhos (em vez de "O gás irrita os seus olhos").

Ninguém lhe ouvia os gritos (em vez de "Ninguém ouvia os seus gritos").

O chapéu protegia-lhe a testa (em vez de "O chapéu protegia a sua testa").

O guarda-chuva protegeu-lhe a cabeça (em vez de "O guarda-chuva protegeu a sua cabeça").

Observe alguns exemplos colhidos na literatura:

*"Desde então ninguém mais lhe seguiu os passos"*74.

*"Evaporam-se-lhe os vestidos, na paisagem"*75.

O verbo **recorrer**, *em sentido jurídico, tem a acepção de "apelar ou interpor recurso" para instância superior. Nesse sentido, exige-se a preposição para, e não a preposição "a". Exemplos:*

- *Ele recorreu da decisão para o Tribunal (e não "ele recorreu da decisão ao Tribunal").*
- *Ele recorre para o Supremo sempre.*

b) O uso inadequado do pronome **lhe** com verbos de transitividade direta:

Não se pode utilizar o pronome pessoal do caso oblíquo **lhe** com verbos transitivos diretos. É erronia grosseira que deve ser de todo evitada. Exemplos de equívocos:

1. "Ele lhe encontrou em casa".

Troque por *Ele o encontrou em casa*.

2. "Isto lhe preocupa muito".

Troque por *Isto o preocupa muito*.

3. "Presentearam-lhe com um lindo violino".

Troque por *Presentearam-no com um lindo violino*.

4. "A tela do cinema lhe impressionou pela grandiosidade".

Troque por *A tela do cinema o impressionou pela grandiosidade*.

5. "Deus lhe abençoe".

Troque por *Deus o abençoe*.

6. "Jamais lhe favoreci com privilégios indiscriminados".

Troque por *Jamais o favoreci com privilégios indiscriminados*.

38. Qual é a melhor escolha: **melhor** ou **mais bem**?

Situação: *O atleta está mais bem preparado do que na outra competição.*

Comentário: não obstante haver gramáticos que esposam posicionamento mais liberal, entendemos que, antes de particípio, isto é, das formas verbais terminadas em *-ado* e *-ido*, não se deve usar "melhor" ou "pior".

Assim, filiamo-nos à linha de pensamento de maior austeridade, que abona a melhor sonoridade da forma. Com efeito, falar *mais bem pago* é mais eufônico do que dizer "melhor pago". Além disso, ressalte-se que o superlativo de *bem* é *mais bem*, e não "melhor", por isso:

Textos bem escritos – Textos mais bem escritos

O homem bem vestido – O homem mais bem vestido

Vamos, assim, aos exemplos das formas recomendáveis:

- No acórdão, o fato está mais bem interpretado.
- Era a noiva mais bem vestida da noite.
- Ele foi mais bem classificado no concurso do que o rival.
- Este projeto é o mais bem desenvolvido que já vi.
- Esta é uma das provas mais bem formuladas do mês.
- Minas Gerais é um dos Estados mais bem localizados do País.
- Este é o teste mais mal formulado que já vi.
- Este é o comentário mais mal proferido em todas as sessões.
- O trabalho foi mais bem feito do que o projeto.
- A casa foi mais bem limpa do que o sobrado.
- O pijama foi mais bem seco do que o avental.
- "O operário americano é mais bem retribuído que o inglês; os seus salários deixam-lhe margem à economia"76.

À guisa de complemento, citem-se dois exemplos com a forma *melhor*, embora tenhamos a preferência pelo outro modo:

- "O pedido para que as placas fossem melhor acomodadas partiu do presidente da Federação Internacional de Vôlei"77.
- "Se o colegial daquela geração andava melhor informado do que o de hoje sobre os grandes inventores era apenas porque lia mais"78.

Por derradeiro, diga-se que as mesmas observações servem para a forma *mais mal*. Portanto, aprecie as formas corretas:

- A obra é mais mal pintada do que a mostrada ontem.
- Os prédios foram os mais mal construídos no terreno.
- Estes servidores são os mais mal remunerados.

39. Verbo **SOER**

Situação: *Como sói ocorrer, as chuvam vêm à tarde.*

Comentário: o verbo *soer* é pra lá de sofisticado. Usá-lo requer engenho e parcimônia. Ele quer dizer "ser comum, frequente, habitual". O verbo é defectivo, seguindo o modelo adotado pelo verbo *moer*. Assim:

Ele moeu – Ele soeu	*Ele mói – Ele sói*	*Eu moí – Eu soí*
Nós moemos – Nós soemos	*Eles moem – Eles soem*	*Vós moeis – Tu soeis*

Exemplos:

Sói chover forte em janeiro.

Sói nadar às seis da manhã.

Sói nevar em Nova Iorque.

Como sói acontecer, ele se atrasou mais uma vez.

40. Adjetivos pátrios: quem nasce lá é o quê?

Situação: *O cidadão soteropolitano tem algo em comum com o tricordiano: gostam de boa comida.*

Comentário: os adjetivos *pátrios* ou *gentílicos* designam o local de origem de alguém ou de alguma coisa. Há alguns nomes deveras interessantes, como *soteropolitano* (de *Salvador*) ou *tricordiano* (de *Três Corações*). Vamos conhecê-los: 79

Localidade	Adjetivo pátrio
Bagdá	*Bagdali*[79] *(oxítona, com sílaba tônica em /lí/)*
Bahia	*Baiano (sem -h)*
Baviera	*Bávaro (e não "Bavaro", como se fosse paroxítona)*
Buenos Aires	*Portenho*
Cairo	*Cairota*

Campinas	*Campineiro*
Campos	*Campista*
Ceilão	*Cingalês*
Florença	*Florentino*
Florianópolis	*Florianopolitano*
Guatemala	*Guatemalteco*
Israel	*Israelense*
Jerusalém	*Hierosolomita (ou hierosolimitano, jerosolimita, jerosolimitano, jerusalemita)*
Judeia	*Judeu ou Judaico*
Lisboa	*Lisboeta*
Madagáscar	*Malgaxe*
Mali	*Malês*
Marajó	*Marajoara*

País de Gales	*Galês*
Pequim	*Pequinês (e não "pequenez")*
Piauí	*Piauiense*
Rio de Janeiro (Cidade)	*Carioca*
Rio de Janeiro (Estado)	*Fluminense*
Rio Grande do Norte	*Norte-rio-grandense, Rio-grandense-do-norte ou Potiguar (alcunha)*
Salvador	*Soteropolitano ou Salvadorense*
São Paulo (Cidade)	*Paulistano*
São Paulo (Estado)	*Paulista*
Somália	*Somali (oxítona, com sílaba tônica em /lí/)*
Taubaté	*Taubateense*

Tunis	*Tunisino ou Tunisiano*

41. **Deixe-me entrar** ou **Deixe eu entrar**?

Situação: *Deixe-me entrar; falarei a verdade.*

Comentário: o pronome do caso oblíquo (*me, te, se, lhe, o*) não funciona como sujeito, exceto em um caso – quando se tratar de orações reduzidas de infinitivo. Isso ocorre com os verbos *deixar, fazer, ouvir, mandar, sentir* e *ver*. Exemplos:

Deixe que eu entre **ou** *Deixe-me entrar* (me: sujeito).

Mandou que saíssemos ou *Mandou-nos sair* (nos: sujeito).

Fez que se sentasse à mesa ou *Fê-lo sentar-se à mesa* (lo: sujeito).

42. Verbos abundantes

Situação: *O jovem, que tinha salvado a menina, conseguiu nadar.*

Consideração: em nosso léxico, há verbos considerados *abundantes* – formam o particípio de dois modos. Têm-se o *particípio regular* (terminação verbal em *-ado* e *-ido*, como em *expulsado* e *extinguido*) e o *particípio irregular* (mais conciso, como em *expulso* ou *extinto*). Quanto ao uso dos particípios, é prudente o conhecimento de algumas regras. Observe a frase:

O estado de necessidade, inserto no Código Penal em seu artigo 24, deve ser minuciosamente discutido no presente caso.

Note que o verbo, no exemplo acima, é *inserir*. Ele admite, como particípio, as formas *inserido* e *inserto*. É importante registrar que a forma irregular do particípio (*inserto*) deve ser utilizada quando a oração tem sentido passivo, estando na voz passiva. Esta é a razão de se utilizar tal forma (e não "inserido") na frase acima. Por outro lado, observe a frase a seguir:

Esse é o deputado que havia inserido a pena de morte no projeto de lei discutido na Câmara.

Na voz ativa, havendo verbo auxiliar, usa-se o particípio regular. Dessa forma, é possível aplicar o raciocínio a verbos de uso corriqueiro na linguagem forense, como: *contraditar, incorrer* e *extinguir*.

Contraditar:

- O libelo está contradito em plenário.
- O juiz deu o réu como indefeso porque o advogado não tinha contraditado o libelo.

Incorrer:

- O criminoso está (foi) incurso no artigo 121 do Código Penal.
- Haverá ele incorrido em crime de homicídio.

Extinguir:

- A sociedade limitada foi extinta.
- Ele havia extinguido a sociedade limitada.

Observe alguns **verbos abundantes**:

Verbo abundante	Particípio regular	Particípio irregular
Absolver	*Absolvido*	*Absolto*
Aceitar	*Aceitado*	*Aceito*
Acender	*Acendido*	*Aceso*
Anexar	*Anexado*	*Anexo*
Assentar	*Assentado*	*Assente*
Benzer	*Benzido*	*Bento*

Concluir	*Concluído*	*Concluso*
Contundir	*Contundido*	*Contuso*
Defender	*Defendido*	*Defeso*
Eleger	*Elegido*	*Eleito*
Emergir	*Emergido*	*Emerso*
Entregar	*Entregado*	*Entregue*
Envolver	*Envolvido*	*Envolto*
Enxugar	*Enxugado*	*Enxuto*
Erigir*	*Erigido*	*Ereto*
Espargir	*Espargido*	*Esparso*
Extinguir	*Extinguido*	*Extinto*
Expulsar	*Expulsado*	*Expulso*
Expelir	*Expelido*	*Expulso*
Expressar**	*Expressado*	*Expresso*

Exprimir**	*Exprimido*	*Expresso*
Gastar	*Gastado*	*Gasto*
Findar	*Findado*	*Findo*
Frigir**	*Frigido*	*Frito*
Fritar**	*Fritado*	*Frito*
Imprimir	*Imprimido*	*Impresso*
Incorrer	*Incorrido*	*Incurso*
Incluir	*Incluído*	*Incluso*
Inserir	*Inserido*	*Inserto*
Isentar	*Isentado*	*Isento*
Limpar	*Limpado*	*Limpo*
Matar	*Matado*	*Morto*
Ocultar	*Ocultado*	*Oculto*
Omitir	*Omitido*	*Omisso*

Prender	*Prendido*	*Preso*
Propender	*Propendido*	*Propenso*
Remitir	*Remitido*	*Remisso*
Romper	*Rompido*	*Roto*
Salvar	*Salvado*	*Salvo*
Segurar	*Segurado*	*Seguro*
Sepultar	*Sepultado*	*Sepulto*
Soltar	*Soltado*	*Solto*
Sujeitar	*Sujeitado*	*Sujeito*
Surgir	*Surgido*	*Surto*
Suspender	*Suspendido*	*Suspenso*
Submergir	*Submergido*	*Submerso*
Tingir	*Tingido*	*Tinto*
* O verbo **erigir**, quando utilizado na forma pronominal (*erigir-se*), terá o sentido		

de “arvorar-se, constituir-se”, não devendo ser acompanhado da preposição “em”, sob pena de chancela de galicismo. O mesmo se diga do verbo “*constituir-se*”. Observe as erronias:

“Ele se erigiu em censor dos alunos”.

“Todos se erigiram em juízes de meus atos”.

“O inimigo se erigia em crítico de meus pensamentos”.

“Ele se constituiu em chefe da quadrilha”.

** O particípio irregular dos verbos **expressar** e **exprimir** e **frigir** e **fritar** são, respectivamente, *expresso* e *frito*. Portanto, há uma curiosa identidade.

Regra geral: use o particípio regular com os verbos *ter* e *haver* e o irregular, com os verbos *ser* e *estar*. Exemplos:

- Ele havia matado dois pássaros.
- O tatu foi morto pelo caçador.
- Os holandeses haviam elegido o candidato da oposição.
- O candidato foi eleito em primeiro turno.
- “Por que tinha ele suspendido a leitura?” (Graciliano Ramos).
- “Foi temeridade haver aceitado o convite” (Ciro dos Anjos).
- “Podia ter salvo a rapariga” (Erico Verissimo).
- “Estará sepulto Churchill” (Rachel de Queiroz).
- Ficou assentado o projeto.
- A hipoteca foi remissa.
- Está incurso no artigo 5º da Constituição Federal.

É prudente mencionar que as *formas irregulares* gozam de preferência na Língua atual, não sendo poucos os casos de prevalência sobre as *formas regulares* em confronto. Um exemplo ocorre com a formação “pagado” que, não obstante apropriada, pode causar má sonoridade ao ouvinte menos avisado, que tende a preferir *pago*. Quanto a

nosso uso, recomendamos que fique com a regra. Dessa forma, não se equivocará.

Importante: "chego", como particípio, em vez de *chegado*, não existe em nosso idioma! Tal forma é produto da mirabolante imaginação humana, uma vez que o verbo *chegar* possui a forma do particípio como *chegado*, e não "chego". Já é chegada a hora de "'dizer chega' ao *chego*"!

43. A folhas – De folhas

Situação: *Segue o documento a fls. 32.*

Comentário: de há muito, as expressões *a folhas* (a fls.) e *de folhas* (de fls.) foram consagradas no ambiente forense. Há quem prefira utilizar a expressão *a folhas* com o precedente artigo definido plural, criando a forma também possível *às folhas* (a + as folhas = às folhas).

Napoleão Mendes de Almeida, em seu *Dicionário de Questões Vernáculas* (1998: 3-4), disciplina que a forma *a folhas vinte e duas* significa *"a vinte e duas folhas do início do trabalho"*, como quem diz *"a vinte e duas braças",* na linguagem marítima. Portanto, memorize a tabela a seguir:

Folha (Fl.)	**Folhas (Fls.)**
... a folha 12 (a: preposição) *... à folha 12 (à: preposição + artigo)*	*... a folhas 12 (a: preposição)* *... às folhas 12 (às: preposição + artigo plural)*
Formas errôneas que devem ser evitadas: *"... à folhas 12" (com crase); "... as folhas 12" (sem crase).*	

44. Flexões verbais curiosas

Situação: *Há um receio claro em não permitir que os países adiram à OTAN.*

Comentário: existem alguns verbos de pronúncia e grafia diferentes, em razão das peculiaridades de suas flexões. É mister se acostumar com eles. Na conjugação verbal, a primeira pessoa do *presente do indicativo* (eu) é quase sempre a causa da celeuma. E o problema está no fato de que começamos a conjugar o verbo por ela e... não podemos começar mal. Portanto, vamos conhecer alguns importantes verbos que aqui se encaixam.

Verbos	1ª pessoa do singular do presente do indicativo	Verbos	1ª pessoa do singular do presente do indicativo
Acudir	*Eu acudo*	**Computar**	*Eu computo*
Aderir	*Eu adiro*	**Desarraigar**	*Eu desarraígo (ra-í)*
Agir	*Eu ajo*	**(Des)embainhar**	*Eu (des)embainho (ba-i)*
Ajuizar	*Eu ajuízo*	**Desenraizar (enraizar)**	*Eu desenraízo (ra-í)*
Apiedar-se	*Eu me apiedo*	**Despir**	*Eu dispo*
Arraigar	*Eu arraígo (ar-ra-í-go)*	**Diagnosticar**	*Eu diagnostico (/tí/)*
Arrear (pôr arreios)	*Eu arreio*	**Diferir**	*Eu difiro*
Arriar (fazer descer)	*Eu arrio*	**Digerir**	*Eu digiro*

Arruinar	*Eu arruíno (ru-í)*	**Discernir**	*Eu discirno*
Bochechar	*Eu bochecho*	**Divergir**	*Eu divirjo*
Bulir	*Eu bulo*	**Enciumar-se**	*Eu me enciúmo*
Caber	*Eu caibo*	**Enviuvar**	*Eu enviúvo*
Cavoucar	*Eu cavouco (/vôu/)*	**Epilogar**	*Eu epilogo*
Cerzir	*Eu cirzo*	**Estagnar**	*Eu estagno*
Coagir	*Eu coajo*	**Expelir**	*Eu expilo*
Colorar (colorir)	*Eu coloro (/ló/)*	**Extinguir**	*Eu extingo*
Comerciar	*Eu comercio*	**Ferir**	*Eu firo*
Compelir	*Eu compilo*	**Filosofar**	*Eu filosofo*
Competir	*Eu compito*	**Franquear**	*Eu franqueio*
Comprazer	*Eu comprazo*	**Frigir**	*Eu frijo*
		Munir	

Fruir	*Eu fruo*	**(municiar, defender)**	*Eu muno*
Gerir*	*Eu giro*	**Nascer**	*Eu nasço*
Girar*	*Eu giro*	**Obstar**	*Eu obsto*
Granjear	*Eu granjeio*	**Plagiar**	*Eu plagio*
Hastear	*Eu hasteio*	**Prognosticar**	*Eu prognostico*
Haver	*Eu hei*	**Prover**	*Eu provejo*
Inferir	*Eu infiro*	**Reivindicar**	*Eu reivindico*
Infligir	*Eu inflijo*	**Repelir**	*Eu repilo*
Infringir	*Eu infrinjo*	**Requerer**	*Eu requeiro*
Ingerir	*Eu ingiro (com -g)*	**Retrogradar**	*Eu retrogrado (/grá/)*
Jazer	*Eu jazo*	**Rir**	*Eu rio*
Maquiar	*Eu maquio*	**Ritmar**	*Eu ritmo*
Mimeografar	*Eu mimeografo (/grá/)*	**Roer**	*Eu roo (Acordo*

			Ortográfico)
Mobiliar	*Eu mobílio*	**Sedar (acalmar)**	*Eu sedo*
Monologar	*Eu monologo*	**Soar (tilintar)**	*Eu soo (Acordo Ortográfico)*
Moscar-se (sumir)	*Eu me musco*	**Sortir**	*Eu surto*
Mungir (ordenhar)	*Eu munjo*	**Suar (transpirar)**	*Eu suo*

Observações:

***1.** Há identidade entre as formas dos verbos **girar** e **gerir**: eu giro, indistintamente (ver observação final adiante, no próximo quadro).

2. Nas flexões verbais terminadas em *-guar, -quar* e *-quir*, o Acordo Ortográfico previu a facultatividade. Assim, teremos:

APAZIGUAR: *Eu apaziguo (/gu/)* **OU** *Eu apaziguo (/zí/);*

DELINQUIR: *Eu delinquo (/qu/)* **OU** *Eu delínquo (/lín/);*

ENXAGUAR: *Eu enxaguo (/gu/)* **OU** *Eu enxáguo (/xá/);*

MINGUAR: *Eu minguo (/gu/)* **OU** *Eu mínguo (/mín/);*

OBLIQUAR: *Eu obliquo (/qu/)* **OU** *Eu oblíquo (/blí/).*

Observações finais sobre verbos: 80 81

Verbos	**1ª pessoa do singular do presente do indicativo**
Apiedar-se	***Eu me apiedo***
O verbo pronominal **apiedar-se** *deve ser conjugado, segundo a gramática moderna, como: eu me apiedo, tu te apiedas, ele se apieda, nós nos apiedamos, vós vos apiedais, eles se apiedam.* *No presente do subjuntivo, veja a conjugação: que eu me apiede, que tu te apiedes, que ele se apiede, que nós nos apiedemos, que vós vos apiedeis, que eles se apiedem.* **Observação:** *as formas apiado-me, apiada-se, apiada-te têm respaldo no antigo verbo* **apiadar-se**, *não devendo prevalecer sobre aqueloutras.*	
Apropinquar-se	***Eu me apropínquo***
O verbo **apropinquar-se** *tem a acepção de "aproximar-se". Antes do Acordo, a conjugação, embora parecesse estranha, era um tanto simples: eu me apropínquo, tu te apropínquas, ele se apropínqua etc. Com o advento do Acordo, nas flexões verbais terminadas em -guar, -quar e -quir, estipulou-se a facultatividade. Assim, teremos:* *O barco se apropínqua (/pín/) da ilha* **OU** *O barco se apropinqua (/qu/) da ilha.* *Espero que o ônibus se apropínque (/pín/) do ponto* **OU** *Espero que o ônibus se apropinque (/qu/) do ponto.*	
Desdizer	***Eu desdigo***

O verbo **desdizer** *deve ser conjugado como "dizer": eu desdigo, nós desdizemos, ele desdisse, eu desdirei, quando eu desdisser, que eu desdiga. Exemplo:* *"Desdigo-me do que escrevi a propósito das histórias de Luísa Velha"*[80].	
Doutorar-se	***Eu me doutoro***
O verbo **doutorar-se** *não será sempre pronominal. No sentido de "conferir o grau de doutora", não há o pronome. Exemplo: A Universidade de São Paulo o doutorou em 1997. Todavia, no sentido de "receber o grau de doutor", o pronome é obrigatório. Exemplos:* *Ele se doutora em breve.* *Eu me doutorarei no fim do ano.*	
Gerir	***Eu giro***
O verbo **gerir** *conjuga-se como "ferir". Portanto: [Eu giro], tu geres, ele gere, nós gerimos, vós geris, eles gerem; que eu gira, que tu giras, que ele gira, que nós giramos, que vós girais, que eles giram. Observe que, na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, há uma semelhança entre o verbo* **gerir** *e o verbo* **girar** *(eu giro, para ambos). Este último assim se conjuga: [Eu giro], tu giras, ele gira, nós giramos, vós girais, eles giram; que eu gire, que tu gires, que ele gire, que nós giremos, que vós gireis, que eles girem.*	
Sotopor	***Eu sotoponho***
O verbo **sotopor** *tem o sentido de "pôr debaixo, pôr em plano inferior ou*	

O verbo sotopor tem o sentido de "por debaixo, por um plano inferior" ou subpor". Deve ser conjugado como pôr. Exemplos:

"Manuel, um homem difícil de lidar, sotopôs seus objetivos à vaidade"[81].

O militar em combate deve sotopor sua vida à pátria.

O político desonesto sotopunha as promessas de campanha aos interesses pessoais.

45. Usa-se o travessão com a vírgula?

Situação: *Quando chegou o Dr. Pedro – Juiz de Direito da cidade –, às 18h, muitos já haviam se retirado.*

Comentário: é possível o uso do travessão ao lado da vírgula **(–,)** quando um tiver que conviver com o outro, isto é, sem que se possa abrir mão de nenhum deles na estrutura frasal. Exemplo:

- Após o pagamento das mensalidades – quatro de R$ 100,00 (–,) os pais dos alunos devem voltar para outra reunião.

Todavia, não há vírgula em:

- Nadar – na opinião de médicos especialistas (–) é o melhor esporte.

Veja que, nesse exemplo supracitado, não há regra sintática que imponha a concomitância da vírgula e do travessão, pois se estaria separando sujeito e predicado.

46. A expressão latina **et cetera** (etc.)

Situação: *Ele comprou maçãs, laranjas, bananas etc.*

Comentário: a expressão latina et cetera (**etc.**) significa "e o resto" ou "e outras coisas", devendo ser acompanhada do ponto final, por se tratar de abreviatura estereotipada (**etc.**). A dúvida maior surge com relação à vírgula que a precederia em enumerações. Usa-se ou não? Levando-se em conta que a tradução da expressão é "e outras coisas", já contendo em sua literalidade a partícula aditiva "e", não haveria razão para a inserção da vírgula, precedendo-a. No entanto, a praxe sacramentou o uso da vírgula antes de etc. (Exemplo: *A, B, C* [,] *etc*.).

A propósito, Nascimento (1992: 46) esposa idêntica opinião, quando disciplina que quanto à vírgula que precede a abreviatura, é hábito internacional. Sem dúvidas, têm razão os que entendem não haver vírgula, dada a presença da conjunção "e". Repugna a pontuação em uma série terminada por "e", para quem não perdeu o sentido da

abreviatura, todavia, talvez, por esquecimento do significado passou-se à virgulação.

Problema maior criou-nos o VOLP, quando colocou vírgula antes do*etc.* nas *Instruções para a Organização do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*. Todavia, somos da opinião que há opção ao estudioso, podendo inseri-la ou omiti-la. Nesta obra, preferimos a omissão à inserção.

47. Eles têm de estudar ou Eles têm que estudar?

Situação: *Com o horário de verão, muitos alunos têm de acordar mais cedo.*

Comentário: as formas **ter de** e **ter que** são igualmente aceitas, podendo ser usadas livremente.

Os gramáticos que abonam a distinção, considerando-as expressões singularmente diferentes, recomendam o uso da forma *ter de*, quando se quiser exprimir *obrigação* ou *necessidade*. Exemplos:

- O médico tem de atender o paciente.
- O advogado tem de atender o réu.
- O autor tem de cumprir o despacho.
- Você tem de escolher a roupa para a festa.
- "Quem embarcou com o diabo tem de navegar com ele" (Provérbio).

Por outro lado, o uso da forma *ter que* seria de rigor em frases nas quais não houvesse obrigação ou dever. Exemplos:

- Nada mais temos que acrescentar à exposição.
- Tenho que aprender essa disciplina.
- Tenho mais que fazer.
- Você tem que estudar todos os dias para o concurso.

48. A baixo – Abaixo

Situação: *O homem olhou para a donzela de cima a baixo.*

Comentário: a baixo é locução adverbial, que faz oposição à forma "de cima", em frases como:

- O casaco rasgou-se de cima a baixo.
- "Só Lalu olhava-o de cima a baixo, observando o estado de suas roupas sujas e remendadas"82.

Por outro lado, **abaixo** representa o antônimo de "acima", aparecendo em frases como:

- O projeto foi por água abaixo.

- As torres do "World Trade Center" vieram abaixo.
- Quito fica abaixo do Equador.
- A vítima do naufrágio foi levada rio abaixo.

É oportuno diferençarmos, nesse ínterim, as expressões **abaixo-assinado** (com hífen) e **abaixo assinado** (sem hífen).

O termo *abaixo-assinado* (com hífen) representa o documento no qual as pessoas apõem suas assinaturas a fim de requererem algo. Como um substantivo composto, forma o plural *abaixo-assinados*.

Nesse rumo, *abaixo assinado* (sem hífen) equivale ao termo designativo daquele que assinou o documento logo abaixo, isto é, ao signatário do documento. Exemplo:

- Todos que estão abaixo assinados vêm requerer a Vossa Excelência que se proceda à retificação do ato.

Em tempo, não é inoportuno aclararmos a diferença entre os verbos **baixar** e **abaixar**. Vejamos:

Empregar-se-áBAIXAR:	**Empregar-se-áABAIXAR:**
1. *Se o verbo for intransitivo. Exemplos:* *O nível das águas baixou.* *O preço do gás baixou.* *Quando a poeira baixar, tomaremos as providências.* *O crápula baixou à merecida sepultura.* *Os autos baixaram ao Tribunal de origem.*	**1.** *Se o verbo for transitivo direto. Exemplos:* *O deputado abaixou a voz.* *O irascível oponente abaixou o topete.* *O "DJ" abaixou o volume do som.* *O posto de gasolina abaixou o preço*

2. *Se o verbo contiver o sentido de "expedir":* *O ministro baixou várias portarias.* *O chefe da expedição baixará as instruções.*	*do combustível.*

49. Os bichos são "amorais" ou "imorais"?

Situação: *O incesto, mesmo não sendo crime tipificado no Código Penal, é imoral.*

Comentário: imoral é adjetivo que designa "aquilo que é contrário aos bons costumes, ao honesto, ao pudico". Portanto, equivale a "desonesto, impuro, devasso, lascivo, libertino, depravado". Dessa forma, observe os exemplos:

- A desonestidade é imoral; mais imoral é quem se vale dela para se projetar na sociedade.
- As novelas de hoje veiculam tramas, às vezes, imorais.
- O livro que li é imoral.

Por outro lado, **amoral** designa "a falta de senso moral, isto é, a ausência da consciência dos valores morais". Aliás, o vocábulo *moral*, segundo o Aurélio, representa o "conjunto de regras de conduta ou hábitos julgados válidos, quer de modo absoluto, quer para grupo ou pessoa determinada". Assim, *amoral* é "aquele ou aquilo despido de moralidade, isto é, afastado de qualquer preocupação com a moral". Exemplos:

- Os jovens de hoje, por estarem alienados de princípios de espiritualidade, estão se tornando amorais.
- A guerra é amoral.
- Na tevê, há programas tão imorais que fomentam a amoralidade na sociedade.
- Os bichos, por não terem senso de moral, são amorais.

Portanto, memorize: aquilo que é *imoral* necessariamente é *amoral*; no entanto, o que é *amoral* não será, inevitavelmente, *imoral*.

Por derradeiro, não se esqueça de que o termo moral pode ser substantivo masculino83, na acepção de "ânimo ou estado de espírito". Assim, memorize:

- Os vietcongues abalavam dia a dia o moral das tropas americanas no Vietnã.

• O palhaço anda de moral abatido.

• Após o insucesso no concurso público, o candidato ficou com o moral baixo.

50. Há problema na frase "Antes queria que a xingassem do que que xingassem sua mãe"?

Situação: *Nunca Brito vem à loja.*

Comentário: as frases apontam um vício de linguagem conhecido como *cacofonia* ou *cacófato* – figura que indica o som desagradável ou vocábulo de sentido ridículo ou desaconselhável, resultante da sequência de sílabas formadoras das palavras da frase. Exemplos:

"Por cada mil habitantes" (som de "porcada") – "Vai-a seguindo" (som de "vaia") – "Mande-me já isso" (som de "mijar") – "Cinco cada um" (som de "cocada") – "Pega a linha e agulha" (som de "galinha") – "Foi assaltada por rapazes adultos" (som de "porra") – "A boca dela espumava" (som de "cadela") – "Ela nunca ganhou um presente" (som de "caga") – "Nunca gaste além do que pode" (som de "cagaste") – "Na janela trina um pássaro" (som de "latrina") – "Uma mão lava a outra" (som de "mamão") – "O jogador marca gol" (som de "cagou") – "O boss tá aí" (boss: "palavra inglesa, na acepção de chefe, patrão, empregador") (som de "bosta").

A propósito da frase em análise, que norteia o item ora analisado, não obstante gramaticalmente apropriada, deve ser evitada, devido ao cacofônico encontro "que que".

Corrigindo: *Preferia que a xingassem a que xingassem sua mãe.*

Enfatize-se que há cacófatos inevitáveis, como se nota na máxima "uma mão lava a outra", não se devendo cultivar preocupação excessiva em rechaçá-los, em detrimento da naturalidade no texto. Todavia, se possível, procure evitá-los, usando expedientes simples, como: substitua os termos por sinônimos, mudando-os de lugar ou, em último caso, alterando a estrutura da frase. Exemplo: *Em vez de "pega a linha e agulha" (som de "galinha"), mude para "pega a agulha e linha".*

51. O verbo **avir(-se)**

Situação: *No ato de conciliação, os dois adversários políticos se avieram, trocando um longo abraço.*

Comentário: o verbo **avir** ou, na forma pronominal, **avir-se**, significa "reconciliar", devendo ser conjugado como vir. É verbo de pouco uso, no entanto é oportuno assimilá-lo. Posto isso, se é dito eles *vêm*, diz-se eles *avêm*; se é falado eles *vieram*, fala-se eles *avieram*; se é anunciado eles *virão*, anuncia-se eles *avirão*. Da mesma forma, diz-se, no modo subjuntivo, que eles *avenham*, quando eles *avierem* e se eles *aviessem*.

Nesse passo, registre-se que o antônimo do verbo é **desavir** ou, na forma pronominal, **desavir-se**. Tem a acepção de "pôr em desavença, indispor(-se), discordar". Exemplos:

- As discussões constantes desavieram o marido e a esposa.
- O goleiro desaveio-se com o técnico.
- O cliente se desaviera com o advogado.
- Tendo-se desavindo com o gerente do supermercado, dirigiu-se ao Procon.

Diga-se, em tempo, que a forma pronominal *desavir-se* é mais comum. Portanto, pratique: *eu me desavenho*, *ele se desavém*, *eles se desavêm*, *eu me desavim*, *eles se desavieram*, *ainda que se desaviessem*, *se eu me desavier* etc.

Memorize, ainda, que o particípio e o gerúndio do verbo desavir(-se) possuem a mesma forma: *desavindo*.

52. Azálea ou Azaleia – Acróbata ou Acrobata

Situação: *O acróbata pulou de frondosa azálea (ou seja: arbusto).*

Comentário: o assunto em análise refere-se às chamadas palavras de dupla prosódia ou formas variantes. O que ocorre é que ambas as palavras são aceitas, uma vez que as normas do léxico e da prosódia as admitem, no entanto, uma, geralmente, "pega", enquanto à outra resta o esquecimento. Vamos conhecê-las:

Abdômen	*ou*	*Abdome*	*Apostila*	*ou*	*Apostilha*
Abóbada	*ou*	*Abóboda*	*Assoalho*	*ou*	*Soalho*
Aborígene	*ou*	*Aborígine*	*Assoviar*	*ou*	*Assobiar*
Acróbata	*ou*	*Acrobata*	*Autópsia*	*ou*	*Autopsia*

					(Acordo)
Adjutório	*ou*	*Ajutório*	*Azálea*	*ou*	*Azaleia*
Albúmen	*ou*	*Albume*	*Babadouro*	*ou*	*Babadoiro (ou Babador)*
Aluguel	*ou*	*Aluguer (Alugueres, no plural)*	*Bêbado*	*ou*	*Bêbedo*
			Bílis	*ou*	*Bile*
Ambrosia	*ou*	*Ambrósia*	*Biópsia*	*ou*	*Biopsia*
Biotipo	*ou*	*Biótipo*[84]	*Laje*	*ou*	*Lajem*
Biquíni	*ou*	*biquine*	*Louro*	*ou*	*Loiro*
Boêmia	*ou*	*Boemia (substantivo)*	*Madagascar*	*ou*	*Madagáscar*
Boêmio	*ou*	*Boêmico (adjetivo)*	*Maquiador*	*ou*	*Maquilador*
Bujão de gás	*ou*	*Botijão de gás*	*Maquiagem*	*ou*	*Maquilagem (ou Maquilhagem)*
Cafetina	*ou*	*Caftina*	*Maquiar*	*ou*	*Maquilar*

Camionete	*ou*	*Caminhonete*	*Marimbondo*	*ou*	*Maribondo*
Camioneta /ê/	*ou*	*Caminhoneta (/ê/)*	*Nefelíbata*	*ou*	*Nefelibata*
Carroçaria	*ou*	*Carroceria*	*Oceânia*	*ou*	*Oceania*
Catorze	*ou*	*Quatorze*	*Ortoépia*	*ou*	*Ortoepia*
Chimpanzé	*ou*	*Chipanzé*	*Parêntese*	*ou*	*Parêntesis*
Cobreiro	*ou*	*Cobrelo (/ê/)*	*Percentagem*	*ou*	*Porcentagem*
Cociente	*ou*	*Quociente*	*Piaçaba*	*ou*	*Piaçava*
Contato	*ou*	*Contacto*	*Pólipo*	*ou*	*Polipo*
Contatar	*ou*	*Contactar*	*Projétil*	*ou*	*Projetil*
Cota	*ou*	*Quota*	*Rasto*	*ou*	*Rastro*
Cotidiano	*ou*	*Quotidiano*	*Respectivo*	*ou*	*Respetivo*
Elucubração	*ou*	*Lucubração*	*Salmódia*	*ou*	*Salmodia*
Engambelar	*ou*	*Engabelar*	*Seção*	*ou*	*Secção*

Estalar	*ou*	*Estralar*	*Septuagenário*	*ou*	*Setuagenário*
Espuma	*ou*	*Escuma*	*Soror*	*ou*	*Sóror*
Flecha	*ou*	*Frecha*	*Toucinho*	*ou*	*Toicinho*
Floco(s)	*ou*	*Froco(s)*	*Transpassar*	*ou*	*Traspassar (ou Trespassar)*
Hieróglifo	*ou*	*Hieroglifo*	*Trasladar*	*ou*	*Transladar*
Hífen	*ou*	*Hifem (arcaico)*	*TV a cabo*	*ou*	*TV por cabo*
Homília	*ou*	*Homilia*	*Vai e vem*	*ou*	*Vaivém*
Húmus	*ou*	*Humo*	*Verruga*	*ou*	*Berruga*
Interseção	*ou*	*Intersecção*	*Xerocar*	*ou*	*Xerocopiar*
Intrincado	*ou*	*Intricado*	*Xérox*	*ou*	*Xerox*
Ípsilon	*ou*	*Ipsilão*	*Zangão*	*ou*	*Zângão*

Algumas **observações** importantes sobre *palavras de dupla prosódia*:84

Bálcãs	***ou***	***Balcãs***
A palavra tem pronúncia controversa. O Aurélio adota **Bálcãs** *(paroxítona),*		

enquanto o Houaiss abona **Balcãs** *(oxítona). Preferimos a primeira forma, o que também recebe a chancela da literatura, como se nota no exemplo abaixo:*

- *"As massas andavam extremamente preocupadas com a solução do conflito da China e a consolidação da democracia nos Bálcãs"*[85].

Cacoépia	***ou***	***Cacoepia***

Ocorre a **cacoépia (ou cacoepia)** *quando se pronuncia incorretamente uma palavra. Trata-se de erro de ortoépia (ou ortoepia). Observe os exemplos: falar "guspe", em vez de cuspe.*

Cãibra	***ou***	***Câimbra***

A forma **cãibra** *(com til, sem -m) é preferível ao termo* **câimbra** *(com acento circunflexo, com -m), porém as duas formas são corretas e aceitas (VOLP).*

Dúplex	***ou***	***Duplex***

Segundo o VOLP 2009, as formas **dúplex** *(paroxítona) e* **duplex** *(oxítona) seriam adjetivos com formação única no plural: o/os dúplex; o/os duplex. Os dicionários, todavia, dão aos termos um tratamento mais minudente. Vejamos, conforme o Houaiss:*

I. Dúplex (Plural: os dúplices) – *esta forma pode ser:*

a) numeral;

b) adjetivo (Exemplos: blusa dúplex; apartamento dúplex);

c) substantivo masculino (Exemplo: Ele mora num luxuoso dúplex).

II. Duplex (Plural: o/os duplex) – *forma mais usual que a outra, podendo ser:* *a) adjetivo (Exemplo: apartamento duplex);* *b) substantivo masculino (Exemplo: Ele mora num luxuoso duplex).*		
Termoelétrica	***ou***	***Termelétrica***
O elemento de composição **termo-** *une-se à palavra seguinte sem o hífen. Portanto: termoelétrica, termonuclear, termômetro, termodifusão, termostato, termodinâmica. Como se notou, trata-se de palavra de dupla prosódia: termoelétrica ou termelétrica (ou termeléctrica).*		
Terraplenagem	***ou***	***Terraplanagem***
Terraplenar *é o "ato de nivelar o solo, enchendo-o de terra". Deve-se preferir a forma terraplenar (com -e) à outra – "terraplanar" (com -a). O motivo está no fato de que "terraPLEnar" deriva de "pleno, no sentido de "cheio", sendo o termo mais indicado para o nivelamento do solo, todavia, como se notou, a palavra é de dupla prosódia. Observe as palavras derivadas: terraplenagem (ou terraplanagem), terraplenamento (ou terraplanamento), terrapleno (ou terraplano) .*		

53. A palavra **"bastantes"** existe? 85

Situação: *Ele comprou bastantes pães de queijo, após ter procurado bastantes vezes nas padarias da cidade.*

Comentário: o termo **bastante** pode assumir variadas classes gramaticais em nosso idioma. Pode ser advérbio, adjetivo, pronome ou substantivo. Vamos detalhar.

1. **Como advérbio:** forma invariável, na acepção de "suficientemente", não sofrendo quaisquer alterações.

Observe que o advérbio modifica o verbo, o adjetivo e o próprio advérbio, representando classe gramatical fossilizada, isto é, não passível de modificação. Exemplos:

- Ele estuda bastante (e Eles estudam bastante).
- Ele era bastante otimista (e Eles eram bastante otimistas).

2. **Como adjetivo:** forma variável, no sentido de "suficiente". Exemplos:

- Não há provas bastantes para condenar o acusado.
- Dois agentes são bastantes para deter o culpado.
- Por meio de seus advogados e bastantes procuradores, tomará o Autor as devidas providências.

3. **Como pronome indefinido:** forma variável. Exemplos:

- Ele prestou o concurso bastantes vezes.
- Ele comprou bastantes pães.
- Tomaremos bastantes comprimidos para a enfermidade.
- "Um dia, há bastantes anos, lembrou-me reproduzir no Engenho novo a casa em que me criei na antiga Rua de Mata-Cavalos"86.

4. **Como substantivo:** forma estereotipada, antecedida do artigo "o" (o bastante), no sentido de "quantidade suficiente". Exemplo:

- Ele trabalha o bastante para viver.

54. As formas "Longes" e "Nenhuns" existem?

Situação: *Ele andou por longes terras sem encontrar nenhuns obstáculos.*

Comentário: o termo **longe** pode assumir a feição de advérbio, quando será invariável. Exemplo: *Seus gritos soaram longe.* Todavia, "longe" pode assumir a classe gramatical de adjetivo, devendo ser pluralizado. Observe as frases:

- Eram longes cidades a que tínhamos de ir.
- Longes obstáculos foram colocados para dificultarem a prova.

Registre-se que existe um sentido pouco conhecido, delineado pela forma pluralizada "longes", como *substantivo masculino*, que designa "leve semelhança". Exemplo:

- O filho tinha uns longes do jeito do pai.

Por outro lado, **nenhuns** é forma pluralizada do pronome indefinido "nenhum". Veja que nada obsta a 87 que se

pluralizem os pronomes, uma vez que são formas variáveis. Assim:

- Algum objeto – Alguns objetos;
- Nenhum obstáculo – Nenhuns obstáculos;
- Alguma ideia – Algumas ideias.

Portanto, aprecie a frase:

- Nenhuns desafios instigavam o lutador.

55. Entra e sai da sala – Natural e residente em

Situação: *José, natural e residente em Cuiabá, entra e sai da sala.*

Comentário: é comum aos anunciantes, concisos demais no redigir, que empreguem poucas palavras na exteriorização da ideia, numa ânsia de economizar tempo e espaço. Existem expressões antônimas que não podem ser usadas com a conjunção aditiva "e", sob pena de se permitir a existência de um só complemento para preposições diversas, o que é insustentável.

O *Metrô* de São Paulo, em certa ocasião, corrigiu erro semelhante em dada mensagem. Antes divulgaram "Ao toque da campainha, não entre nem saia do trem"; após, passaram a anunciar *Ao toque da campainha, não entre no trem nem saia dele.* Portanto, a escrever

- "O processo seguirá com ou sem o réu", **prefira** O processo seguirá com o réu ou sem ele.
- "Elementos a favor e contra a tese dos apelantes", **prefira** Elementos a favor da tese dos apelantes e contra ela.
- "Ele entrou e saiu de casa momentos depois", **prefira** Ele entrou na casa e saiu dela momentos depois.
- "Ele entra e sai da sala", **prefira** Ele entra na sala e sai dela.

"Ele é natural e residente em Florianópolis", **prefira** *Ele é natural de Florianópolis e residente na mesma cidade.*

56. "Alugam-se casas" – "Necessita-se de empregados"

Situação: *Colocarei o anúncio duplo "Vendem-se terrenos e necessita-se de advogados".*

Comentário: o assunto em epígrafe é palpitante. Trata-se do estudo da partícula "se" – uma intrincada matéria que transita em abundância nas provas de concursos e vestibulares do País afora. Vamos à análise.

1. Se: partícula apassivadora do sujeito

Há situações em que o sujeito da oração apresenta-se apassivado, isto é, na voz passiva. Isto é possível com a utilização da partícula "se", formando a *voz passiva sintética*. Observe a frase:

Compram-se carros.

O sujeito da oração é "carros", despontando na forma apassivada. Assim, pode-se "inverter" facilmente a frase, transformando-a na *voz passiva analítica*: "*carros são comprados*". Observe que o verbo deve concordar com o sujeito, razão pela qual conjugamos "compram-se", e não "compra-se". Por fim, é curioso notar que tal fenômeno ocorre com verbos de *transitividade direta*, ou seja, aqueles que prescindem da preposição. Memorize os exemplos abaixo:

Alugam-se casas.	*Doam-se terras.*
Arquivem-se os autos.	*Vendem-se terrenos.*
Construir-se-iam várias pontes.	*É mister que se contratem enfermeiras.*
Ainda se viam casas intactas após o terremoto.	*Ao se discutirem os planos, tomaram-se decisões.*
Todas as brigas se têm resolvido com diálogo.	*Quais desculpas se hão de suscitar?*
Usam-se becas para sustentações orais.	*Prolataram-se três sentenças.*
Ouviram-se oito tiros.	*Aqueceram-se os mercados.*

2. Se: índice de indeterminação do sujeito

Há situações em que o sujeito da oração apresenta-se indeterminado, sem que se possa identificá-lo com precisão. É nesse contexto que a partícula "se" desponta, contribuindo para tal indeterminação, como se pode notar na frase a seguir exposta:

Necessita-se de empregados.

Trata-se de oração com sujeito indeterminado. O complemento "de empregados" não é o sujeito, mas o objeto indireto do verbo que o rege – "necessitar". Aliás, a indeterminação do sujeito é peculiar aos *verbos transitivos indiretos* e *intransitivos*, sendo fácil ao estudioso identificá-la no caso concreto. Ademais, nem se tente proceder à "inversão" em tais orações, pois o resultado não será recomendável (evite "empregados são necessitados"). Portanto, assimile alguns exemplos dotados de correção:

Precisa-se de copeiras. *Necessita-se de pintores.* *Obedece-se a normas.* *Trata-se de aparições misteriosas.* *Respondeu-se a todas as dúvidas.* *Chegou-se a vários acordos.* *É raro o dia em que não se assiste a esses espetáculos.*	*Procede-se a averiguações.* *Morre-se bem às cinco.* *Aspira-se a aprovações em concursos.* *Acabe-se com tais abusos!* *Recorre-se a médicos em tal caso.* *Carece-se de melhores políticos.* *Usou-se de ardilosos expedientes para iludi-lo.*

Agora, vamos enfrentar algumas situações um pouco mais complicadas, diante do uso do "pronome 'se'":

1. Qual é a forma correta: *Deve-se ler bons livros* **ou** *Devem-se ler bons livros***?**

Resposta: ambas as formas são vernáculas, podendo ser utilizadas. Nas locuções verbais formadas com os

verbos auxiliares "poder" e "dever", tanto o singular quanto o plural são bem-vindos. Os exemplos são pródigos. Conheçamo-los:

Pode-se colher estas plantas **ou** *Podem-se colher estas plantas.*

Não se pode cortar estas árvores **ou** *Não se podem cortar estas árvores.*

Deve-se ouvir boas músicas, MPB, é claro! **ou** *Devem-se ouvir boas músicas, MPB, é claro!*

Importante: nada obsta a que o pronome "se" apresente-se encliticamente ao segundo verbo da locução. Exemplos:

Pode colher-se estas plantas **ou** *Podem colher-se estas plantas.*

Deve praticar-se vários esportes **ou** *Devem praticar-se vários esportes.*

Nesse diapasão, note os exemplos colhidos da literatura:

"Tenho nojo do Cantidinho, mas em política não se podem cultivar delicadezas de estômago" 88.

"Pode-se comer sem inconvenientes certos peixes fritos" 89.

"Era loura, mas podia-se ver massas castanhas por baixo da tintura dourada do cabelo" 90.

2. Existem as formas "se + o", "se + a", "se + os", "se + as"?

Resposta: as formas supramencionadas não existem. Portanto, são erros:

"O lustre ficou na vitrina, mas não se o vendeu".

"A vida fica mais fácil, quando se a encara com bom humor".

"Se o computador é simples demais, por que se o comprou?".

Para que tais frases ganhem foro de correção, basta retirar-lhes os pronomes oblíquos (*o, a, os, as*). Vejamos:

O lustre ficou na vitrina, mas não se vendeu.

A vida fica mais fácil, quando se encara com bom humor.

Se o computador é simples demais, por que comprou?

Cuidado: A frase *"Beijo-a, se a vejo"* apresenta-se correta, uma vez que o "se" não é pronome, mas conjunção.

57. Usa-se minúscula com o sinal "dois-pontos"?

Situação: *Quem quer vencer não luta: batalha.*

Comentário: o assunto em epígrafe é de muita importância. Tem-se notado uma tendência a usar a letra maiúscula após dois pontos. Todavia, a gramática recomenda caminho diverso, haja vista os dois-pontos não combinarem com maiúsculas, exceto no caso de citação (ou seja, uma transcrição exata daquilo afirmado por alguém). Exemplo:

Disse Gonçalves Dias: "A vida é combate, que os fracos abate, e que os fortes, os bravos, só pode exaltar".

Não se tratando de citação, prevalecem as minúsculas. Vejamos:

Falou tudo que queria: o salário, as férias e as horas extras.

Ela é tudo: companhia, amizade e amor.

58. Enxame – Farândola – Matilha – Fato

Situação: *O enxame de abelhas atacou a farândola de maltrapilhos e a matilha de cães. Só ficou a salvo o fato de cabras, que se esconderam nos quiosques* 91.

Comentário: trata-se de *substantivos coletivos*, designativos de seres da mesma espécie. Veja alguns *coletivos* que merecem destaque:

Acervo	*De obras artísticas*	**Caravana**	*De viajantes*
Alcateia *(Acordo)*	*De lobos*	**Cardume**	*De peixes*
Armada ou Esquadra	*De navios de guerra*	**Clero**	*De sacerdotes*
Arquipélago	*De ilhas*	**Colmeia** *(Acordo)*	*De abelhas*
Atilho	*De espigas de milho*	**Concílio**	*De bispos*

Banca	*De examinadores*	**Conclave**	*De cardeais (para eleger o papa)*
Cabido	*De cônegos*	**Congregação**	*De professores*
Cáfila	*De camelos*	**Conselho**	*De ministros*
Consistório	*De cardeais (sob a presidência do papa)*	**Matilha**	*De cães de caça*
Constelação	*De estrelas*	**Ninhada**	*De pintos*
Elenco	*De artistas*	**Nuvem**	*De gafanhotos*
Esquadrilha	*De aviões*	**Panapaná**[92]	*De borboletas*
Enxame	*De abelhas*	**Pelotão**	*De soldados*
Enxoval	*De roupas*	**Ramalhete**	*De flores*
Farândola	*De maltrapilhos*	**Resma**	*De papel*
Fato	*De cabras*	**Revoada**	*De pássaros*
Girândola	*De fogos de artifício*	**Vara**	*De porcos*

Júri	*De jurados*	**Vocabulário**	*De palavras*

59. Ciúmes ou Ciúme? Saudades ou Saudade?

Situação: *Os ciúmes eram intensos; a saudade, pungente.* 92

Comentário: é de estranhar o uso no plural de nomes como "ciúme" ou "saudade", já que ambos expressam conceitos abstratos que são "incontáveis". Não é possível falar "três ciúmes", "duas saudades".

Nesse diapasão, Almeida (1981: 286) preconiza que

> os substantivos que exprimem noções abstratas, vícios e virtudes empregam-se no singular: a prudência, a preguiça, a caridade, a ociosidade, a fortaleza.

Mais adiante, porém, ele acrescenta:

> Tratando-se de virtudes, vícios, de certas disposições, sentimentos e paixões, muito é para notado que, em alguns casos, a mesma palavra, empregada no singular ou plural, não designa de todo o ponto a mesma noção, mas dois aspectos diferentes por ela indicados nos dois números, como tão ao claro no-lo dão a ver os modelos do bom falar: "Deixando as armas e as armaduras, a **liberdade** e as **liberdades** da vida, se vestiu de um hábito religioso" (Vieira) (destaques nossos).

É possível, desse modo, que certos nomes abstratos, quando empregados no plural, adquiram sentido diferente. Exemplo: "liberdade", no singular, representa "o sentimento de independência, de permissão, de licença". Por sua vez, "liberdades", no plural, pode representar "direitos do indivíduo: liberdade de ir e vir, de pensamento, de expressão, de credo religioso etc.". Sem contar que "liberdades" pode ainda se traduzir em "permissividade", como em *"Não lhe dou essas liberdades!"*.

Dessa forma, se o plural de substantivos desse jaez não acarretar mudança de sentido, será indiferente usá-los no singular ou no plural: "o ciúme" ou "os ciúmes", "muita saudade" ou "muitas saudades", embora verifiquemos a tendência para pluralizar tais nomes.

É fato que o tempo propiciou a assimilação do plural em detrimento da forma singularizada de vocábulos, como "parabém" (usa-se "parabéns"), "pêsame" (usa-se "pêsames"), entre outros. A explicação para a pluralização prevalecente de tais nomes se lastreia na constatação de que, na mente dos falantes, o plural tende a expressar a continuidade das situações em que o sentimento ou a emoção ocorrem. Ademais, o plural traz ínsita a ideia de reforço, acentuando a intensidade do sentimento.

Posto isso, podemos admitir a pluralização de nomes abstratos designativos de sentimentos e emoções, com o cuidado de verificar se não mudam de sentido nessa condição. Entre os estudiosos, frise-se que esse posicionamento

não desfruta da chancela de gramáticos de prol, como Luiz Antonio Sacconi, porém encontra guarida no pensamento de Napoleão Mendes de Almeida.

60. Independente(mente) – Tampouco – Em que pese a

Situação: *Dadas as dificuldades por que passa o homem, não deverá tomar as medidas recomendadas, independentemente de sua decisão. Tampouco continuará no projeto, em que pese à insistência dos amigos.*

Comentário: o correto é grafar o advérbio de modo com a terminação **-mente**. Portanto, escreva *independentemente*, e não "independente". Este é adjetivo, não podendo ocupar, como regra 93, o lugar daquele. Exemplos:

O contrato seria assinado, independentemente da vontade das partes.

O professor, independentemente de sua apoucada idade, sabia ensinar a contento.

"As coisas passaram a existir fora e independentemente de nós" 94.

Enfatize-se, à guisa de memorização, que, na sequência de dois ou mais advérbios de modo, coloca-se o sufixo *-mente* apenas no último deles. Observe:

O acusado estava profunda e inconsolavelmente triste.

Agravou-se a situação do acusado lenta, mas gradualmente.

Todavia, em caso de ênfase, pode-se empregar de modo completo todos os advérbios. A propósito, Rui Barbosa legou-nos este pontual exemplo:

"Assim que, em suma, logicamente, juridicamente e tradicionalmente, não há outra maneira de nos exprimirmos".

Quanto à expressão **tampouco**, vale dizer que ela tem valor negativo, equivalendo a "também não", "muito menos". Exemplos:

Ele não bebe, tampouco dança.

Ela não gostou da festa, e nós, tampouco.

Veja que não se deve confundir "tampouco" com "tão pouco", que significa "tão pouca coisa". Exemplos:

Ganho tão pouco por mês, que vivo aperreado.

Tinha tão pouco entusiasmo, que me chamou a atenção.

Tinha tão pouco cuidado, que deixou o orgulho subir à cabeça.

A expressão **em que pese a** – escrita dessa forma, de modo estereotipado – significa "ainda que lhe custe, ainda que seja penoso, ainda que cause aborrecimento, apesar de ou não obstante". Trata-se, aliás, de locução clássica, tendo sido usada por Gonçalves Dias, Alexandre Herculano, Almeida Garret e outros autores portugueses e brasileiros. Exemplos:

Não concordo com seu argumento, em que pese ao discurso convincente.

Em que pese aos admiradores da canção, ela denota incrível pobreza musical.

Em que pese à Cláudia, nossa inimiga, vamos à festa.

Em que pese aos adeptos do esquema, seremos rígidos na punição.

*"Em que pese aos seus oito batalhões, magnificamente armados, a luta era desigual"*95.

*"Parece que todos os cachorrinhos são iguais, em que pese à vaidade ou à ternura cega dos donos"*96.

Frise-se que a expressão deve ser usada com a preposição "a", uma vez que se trata de forma cristalizada. Sabe-se que o sujeito ("isto") fica implícito na expressão, uma vez que a forma não condensada seria "em que [isto] pese a".

Por outro lado, a expressão **em que pese**, escrita sem a preposição, tem sido acolhida por alguns gramáticos, seguidos por bons escritores, todos filiados à aplicação moderna e evoluída das normas gramaticais. Ressalte-se que, nesse caso, é possível o "em que pese", variável, desde que o sujeito seja *nome de coisa*. Exemplos:

Em que pesem os esforços dos instrutores, os atletas soçobraram.

Em que pese a dificuldade apontada, vamos superá-la com obstinação.

Frise-se que, havendo referência a *nome de pessoa*, deverá ser utilizada a forma original "em que pese a" (*Em que pese aos governistas, não iremos à votação*).

Por fim, segundo alguns gramáticos, a pronúncia do "e" em "pese" deve ser com o timbre fechado (/ê/), como em *pêsames*. A praxe, no entanto, é pronunciá-la com o timbre aberto (/é/), como em *pedra*.

61. O mesmo fez... o mesmo faz... Pergunta-se: quem é "o mesmo"?

Situação: *Quando entrei na sala para falar com o professor, o mesmo estava respondendo a perguntas dos alunos.*

Comentário: Napoleão Mendes de Almeida, em seu *Dicionário de Questões Vernáculas*, registra como erro o emprego do demonstrativo "mesmo" com função pronominal. Na mesma esteira, Aurélio Buarque de Holanda, em seu *Dicionário*, anota ser conveniente evitar o uso de "o mesmo" como equivalente do pronome "ele" ou "o".

Recomenda-se dizer, apropriadamente, "*falei com ele*" ou "*falei-lhe*" (em vez de "falei com o mesmo"); ou "*já o tirei dos embaraços*" (em vez de "já tirei o mesmo dos embaraços"). No entanto, é prudente notar o uso legítimo da palavra "mesmo". Seguem abaixo alguns empregos aceitáveis:

Como "próprio", sendo variável (como palavra de realce):

Eu mesmo vou fazer o trabalho.

Eles mesmos constroem os seus barracos.

As mães mesmas compareceriam à reunião.

Como "até, ainda, realmente, de fato", sendo invariável (como preposição ou advérbio):

Não ficavam tranquilos dentro mesmo de suas casas. [até]

Eles chegaram mesmo a agredir o pobre rapaz. [ainda]

O castelo está mesmo abandonado. [de fato]

Os dois suspeitos são mesmo atrevidos. [de fato]

Há sentidos pouco conhecidos, como:

a) indicando "simultaneidade":

Nesses dias, quase foi tudo o mesmo de sempre.

O restante foi tudo o mesmo, nada mudou.

b) como locução "assim mesmo", na acepção de "apesar disso, ainda assim, todavia":

"Esta mulher assim mesmo não é tão feia como diziam" 97.

c) como pronome neutro, na acepção de a "mesma coisa":

Cheguei atrasado, bati o ponto, e ele fez o mesmo.

"Ele fez o mesmo com Isaac, por causa de seu pai, Abraão" 98.

Dizem que ele fez o mesmo ao sair do partido político, abandonando a vida pública.

"Pus o chapéu na cabeça e ele fez o mesmo" (Caldas Aulete).

Não obstante os exemplos, esta forma é condenada por gramáticos de escol, capitaneados por Laudelino Freire 99, como um nítido galicismo, posto que 100 seja encontradiça em relatos literários, como:

"Tivemos tempo para nos irmos aclimando e afazendo e haurindo poesia mesmo [até] dos penedos...".

"Não importa; profanados, perdidos mesmo [de fato] esses lugares conservam a sua primitiva consagração" 101.

Observação: "Mesmíssimo" e "Mesmissimamente". Embora não consagrados como legítimos pela gramática são vocábulos dicionarizados, tanto o superlativo absoluto sintético "mesmíssimo" como o advérbio de modo "mesmissimamente". Exemplos:

Advogado e Juiz cometeram o mesmíssimo erro.

O dia a dia do funcionário era monótono: via as mesmíssimas coisas.

A literatura também chancela o uso das expressões. Vejamos:

"Assim, mesmissimamente, escrevia Castilho" 102.

"(...) Seu repertório de informações permanece, mesmissimamente, o mesmo" 103.

62. Solecismo: o que é isso?

Situação: *Havia vários combatentes no pelotão.*

Comentário: o "solecismo" designa *erro de sintaxe* (concordância, regência, colocação de pronomes e termos na oração). Assim, teremos o solecismo nas situações seguintes: "haviam vários homens" (em vez de *havia vários homens*); "obedecia a lei" (em vez de *obedecia à lei*, com crase); "apontaria-se o erro" (em vez de *apontar-se-ia o erro*, em boa mesóclise).

63. Estrangeirismos – devemos aceitá-los ou não?

Situação: *A performance do candidato provocou uma avalanche de inscrições.*

Comentário: a frase traz a lume a presença de "estrangeirismos" ("performance" e "avalanche"), ou seja, o uso de palavras ou construções próprias de línguas estrangeiras, podendo variar o nome de acordo com a proveniência da expressão (italianismo, francesismo, entre outros). O uso de tais termos deve ser contido, pois, muito ao contrário de demonstrar erudição, pode traduzir petulância e falta de praticidade.

É bem verdade que situações há em que não podemos abrir mão do uso, como é o caso da palavra francesa *sursis* (pronuncie /sursi/), na acepção de suspensão condicional da pena, representando vocábulo comum à linguagem jurídica. A propósito, ao usar palavras ou expressões que não sejam da Língua Portuguesa, recomenda-se dar destaque gráfico ou pôr aspas (ou negrito ou itálico).

Nesse passo, é importante notar que o comedimento no uso de estrangeirismos vem ao encontro da corroboração da riqueza de nosso idioma, tão fértil em palavras e expressões. A esse propósito, Cegalla (1999: 155)

assevera:

> Os estrangeirismos ainda não assimilados ou pouco conhecidos, sem feição vernácula, devem ser usados com muita parcimônia. É prática reprovável permear, por exemplo, um texto jornalístico de palavras e expressões exóticas, de neologias estrangeiras, cujo sentido o leitor não tem a obrigação de conhecer. Quem assim procede, além de evidenciar mau gosto e pedantismo, está passando atestado de subserviência cultural.

Assim, questiona-se: por que empregar "*performance*", se temos *desempenho*; *"menu"*, em vez de *cardápio*; *"apartheid"*, em vez de *segregação racial*; *"weekend"*, em vez de *fim de semana*; *"outdoor"*, em lugar de *painel*?

A rejeitar a palavra estrangeira, é preferível aportuguesá-la, quando se é possível com alguns vocábulos já aceitos pelo VOLP:*garçom, voleibol, judô, cassino, nhoque, tênis, lanche, boné, buquê, cabaré, cachê, cartum, turismo, uísque, Nova Iorque, futebol, futevôlei, abajur, ateliê, batom, bibelô, bijuteria, garagem, estressar, estresse, leiaute, lêiser, turnê, náilon, xampu, copidesque, contêiner, estande, ofsete, blecaute, blêizer (plural blêizeres), cáiser (plural cáiseres) etc.*

Aliás, para Bechara (1997: 332-333), "entre os vícios de linguagem que devem ser combatidos inclui-se o estrangeirismo desnecessário, por se encontrarem no vernáculo vocábulos e giros equivalentes".

Em tempo, diga-se que há vários tipos de estrangeirismos: **francesismo** ou **galicismo** (do francês); **anglicismo** (do inglês); **germanismo** (do alemão), **castelhanismo** (do espanhol), **italianismo** (do italiano). Nesse passo, os estrangeirismos que não foram absorvidos pelo léxico devem ser escritos *em itálico* ou *entre aspas*, o que não tem sido observado muitas vezes pela Imprensa, que negligentemente os escreve como se fossem as mais genuínas palavras portuguesas. Vejamos:

Estrangeirismo	**Prefira, em português**	**Estrangeirismo**	**Prefira, em português**
Bikini	*biquíni ou biquine (sem acento)*	*kitchenette*	*quitinete*
Black-out	*blecaute*	*Manager*	*gerente, administrador*

Boom (no mercado)	*estouro, choque*	*Nylon*	*náilon*
Box	*boxe*	*Outdoor*	*painel*
Club	*clube*	*Picnic*	*piquenique*
Cock-tail	*coquetel*	*Record*	*recorde*
Copy-desk	*copidesque*	*Roast-beef*	*rosbife*
Dandy	*dândi*	*Surf*	*surfe*
Drink	*drinque*	*Water polo*	*polo aquático (Acordo)*
Far-west	*faroeste*	*Weekend*	*fim de semana*
Fox-trot	*foxtrote*	*Whisky*	*uísque*
Freezer	*congelador*	*Writ*	*Mandado de Segurança*
Jeep	*jipe*	*Zipper*	*zíper*
Jockey	*jóquei*		

a) Anglicismo

Acerca dos anglicismos, Cegalla (1999: 374) critica o uso demasiado de termos em inglês, no Brasil, com os seguintes dizeres:

> A nossa velha mania de preferir os termos ingleses aos vernáculos foi severamente censurada por um professor[104] da Universidade de São Paulo em um excelente artigo, do qual transcrevemos este trecho: "Há colegas universitários que falam um verdadeiro 'portuglês', mistura de português e inglês, em que artigo é 'paper', revista é 'journal', equipamento é 'hardware', cartaz é 'outdoor', folheto é 'leaflet', contínuo é 'office-boy', mercado aberto é 'open market', centro comercial é 'shopping center', vestíbulo é 'hall', e assim por diante. Forçoso é reconhecer que expressões novas são necessárias e aparecem normalmente na evolução natural de qualquer idioma. Mas há um meio-termo sadio entre o purismo exagerado, que rejeita qualquer inovação, e o descaso completo que, associado à ignorância, aceita novidades desnecessárias e até ridículas. Não podemos esquecer que o vernáculo é o maior fator de unidade nacional. Preservá-lo, pois, é reforçar os fundamentos de nossa nacionalidade".

b) Galicismo ou Francesismo

No âmbito dos galicismos, a formas como "vitrine", prefira *vitrina*. Observe a frase colhida da boa literatura doméstica:

"Aos sábados é a Rua do Ouvidor um mostruário, a vitrina ou o palco do Rio de Janeiro"[105].

Aliás, a mesma coisa se diga de *gasolina, bobina, turbina* e *cabina*, em vez de, respectivamente, "gasoline", "bobine", "turbine" e "cabine". A terminação feminina "-ine" é estranha à língua portuguesa e familiar à língua francesa. Observe, ainda, outros exemplos no quadro a seguir:

Francês	Prefira, em português	Francês	Prefira, em português
Abat-jour	*abajur*	*Cachet*	*cachê*
Atelier	*ateliê*	*Camionette*	*caminhonete*[106]
Avalanche	*avalancha*	*Carroussel*	*carrossel*
Baton	*batom*	*Chalet*	*chalé*

Bibelot	*bibelô*	*Champagne*	*champanha ou champanhe*
Bijouterie	*bijuteria*	*Chassis*	*chassi (plural: chassis)*
Boite	*boate*	*Chauffeur*	*chofer*
Bouquet	*buquê*	*Chic*	*chique*
Bric-à-brac	*bricabraque*	*Cognac*	*conhaque*
Buffet	*bufê*	*Crachat*	*crachá*
Cabaret	*cabaré*	*Crepon*	*crepom*
Garçon	*garçom ou garção*	*Tic*	*tique*
Guidon	*guidom ou Guidão*	*Tricot*	*tricô*
Madame	*madama ou madame*	*Vermout*[107]	*vermute*

Observações extras:

"Flamboyant" ("flamejante"): prefira as formas aportuguesadas adotadas pelo VOLP e Houaiss, isto é, flamboaiã ou flambuaiã;

"Garage": prefira garagem;

"Menu": prefira cardápio;

"Nuance": prefira nuança (substantivo feminino: a nuança).

Ainda, no plano dos francesismos, vale a pena analisarmos os seguintes vocábulos: 106 107

Enquete: à luz da edição do VOLP 1999, considerava-se o vocábulo como estrangeirismo, recomendando a substituição por "pesquisa ou sondagem". A novidade está no fato de que o VOLP 2009 procedeu ao aportuguesamento do vocábulo para "enquete" (substantivo feminino), não mais se tratando de vocábulo estrangeiro.

Manicur*e*(a) / Pedicur*e*(a/o): à luz da edição do VOLP 1999, considerava-se o vocábulo "manicure" como estrangeirismo, recomendando a substituição por "manicura" (feminino: *a manicura*) e "manicuro" (masculino: *o manicuro*). A novidade está no fato de que, a partir do VOLP 2009, houve o aportuguesamento do vocábulo retrocitado (masculino e feminino: *o/a manicure*) e do vocábulo pedicure/pedicura (masculino e feminino: *o/a pedicure*; e, ainda, *o/a pedicura*), a par das já consagradas formas "manicura" (feminino: *a manicura*), "manicuro" (masculino: *o manicuro*) e pedicuro (masculino: *o pedicuro*). Portanto, hoje é possível se falar em *o/a manicure*, *a manicura* e *o manicuro*. Além disso, também é possível se falar em *o/a pedicure, o/a pedicura* e *o pedicuro*. Portanto:

	Mãos	**Pés**
Mulher	**A** *manicure* – **A** *manicura*	**A** *pedicure* – **A** *pedicura*
Homem	**O** *manicure* – **O** *manicuro*	**O** *pedicure* – **O** *pedicura* – **O** *pedicuro*

Valise: à luz da edição do VOLP 1999, considerava-se o vocábulo como estrangeirismo, recomendando a substituição por "maleta". A novidade está no fato de que o VOLP 2009 procedeu ao aportuguesamento do vocábulo para *valise* ou *valisa* – uma palavra de dupla prosódia.

c) Italianismo 108 109

Italiano	**Prefira, em português**

Gnocchi	*nhoque*
Imbroglio	*imbróglio (Evite "imbrólio", sem -g)*
Lasagna	*lasanha*
Risotto	*risoto*
Spaghetti	*espaguete*

CURIOSIMACETES

1. *LANCE OU LANÇO*

O lance (ou lanço) representa a oferta verbal de preço pela coisa apregoada em leilão ou hasta pública. Exemplo:

"... anunciou-se a venda da quinta de Real de Oleiros..., a requerimento dos credores. José Maria Guimarães cobriu todos os lanços"[108].

Ressalte-se, ainda, que *lanço* designa a parte da escada compreendida entre dois patamares. Evite "lance" para este sentido. Exemplo:

"A cada lanço de escadaria vencido, alargava o panorama as suas riquezas de paisagem"[109].

2. INÉPCIAS

O substantivo feminino plural *inépcias* tem sentido peculiar em nosso idioma. Diferentemente de "inépcia", no sentido de "inaptidão", o termo *inépcias*, no

plural, tem a acepção de “absurdos, tolices, asneiras”. Exemplo:

No discurso político, o candidato prometeu uma série de inépcias.

3. TOALETE: MASCULINO OU FEMININO?

Para o eminente Domingos Paschoal Cegalla (1999: 395-396), o substantivo “toalete” pode ser masculino ou feminino.

Será *feminino*:

a) na acepção de “lavar-se ou adornar-se”. Exemplo:

Ele toma café após a toalete matinal;

b) na acepção de “traje para mulheres”. Exemplo:

As toaletes das jovens americanas têm tamanhos avantajados.

Por outro lado, será *masculino*, na acepção de “aposento sanitário”. Exemplos:

O restaurante continha dois toaletes.

Onde fica o toalete, senhor?

Observação: o ínclito lexicógrafo Houaiss concebe o termo tão somente na forma feminina, até mesmo na acepção de “aposento sanitário”. O eminente Aurélio, por sua vez, traz a acepção de “ato de adornar-se” (substantivo feminino) e “traje ou aposento sanitário” (substantivo masculino). A divergência não para por aí: o VOLP 2009 somente admitiu o vocábulo na forma feminina, ressaltando-se que edições anteriores previam a forma dupla (masculina e feminina).

Posto isso, fiquemos, assim, com o VOLP, seguido pelo Houaiss.

Por fim, não confunda com toalhete /ê/, um substantivo masculino designativo de “guardanapo ou toalha de mão”.

A HORA DO ESPANTO

As "pérolas" do português

Generalização edionda

Correção: onde está o -h? Sumiu? Grafa-se *hediondo*, com -h.

Supérfolo / Supérfulu

Correção: quanta criatividade!... Não sei qual é pior: "supérfolo" ou "supérfulu". Prefira a única forma – a correta: *supérfluo* ou *supérflua*.

VOLP

Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa

Lesa

Ao tratarmos, em tópico anterior, das palavras escritas com "s" e som de /z/, exemplificamos com o adjetivo "leso" ou "lesa". Lembre-se de que o VOLP registra com hífen: *lesa-ortografia, lesa-felicidade, lesa-ciência, lesa-filologia, lesa-formosura, lesa-fradaria, lesa-humanidade, lesa-legalidade, lesa-literatura, lesa-moralidade, lesa-nação, lesa-penitência, lesa-poesia, lesa-pragmática, lesa-razão, lesa-seriedade, lesa-sociedade.*

1 No vocábulo **inexorável**, evite, com todas as forças, empregar o fonema /ks/, na formação prosódica "ineKSSorável".

2 A edição do VOLP 2009 trouxe uma pronúncia oscilante (/ks/ ou /ss/) para o vocábulo **máximo** e seus derivados: *maximalizar, maximiliano, maximização, maximizar, maximizável*, entre outros.

3 A forma **tóxico**, impropriamente pronunciada com som de /ch/ (como em *chave*), é, simplesmente, "o fim do

mundo”... ou, pelo menos, do nosso “mundo jurídico”...

4 Os Dicionários Houaiss e Michaelis, a par do VOLP, registram a pronúncia /ss/ para **sintaxe**. O Aurélio, por outro lado, admite os fonemas /ss/ e /ks/, como em “táxi”. De fato, esta é derivada do grego *táxis*, no sentido de “arranjo”, devendo o -x, como em todos os vocábulos ligados a esse radical, ser proferido como “ks”. Fiquemos, pois, com o VOLP, Houaiss e Michaelis.

5 O VOLP 2009 adota a pronúncia oscilante (/ks/ ou /z/) para **hexacampeão**. O mesmo som se deve verificar em *hexaedro, hexassílabo, hexágono, hexagonal, hexacampeonato, hexadecimal, hexacosagonal, hexassubstituição*, entre outras.

6 **Lambujem:** é uma exceção à regra que manda grafar com “g” os substantivos terminados em -agem (aragem, viagem, garagem etc.). À guisa de curiosidade, *lambujem* deriva do verbo “lamber” e nos remete, mais propriamente, ao ato de lamber os cantos da boca (daí a ideia de “algo mais”). O mesmo fato ocorre com “pajem”, grafado com “j”, pois vem do francês *paje* (ou seja, criado, aprendiz).

7 O **sistema ortográfico** em um país se lastreia em convenção. O nosso não é distinto: possui base histórica e fonética. Seu lastro histórico leva em conta a *etimologia*, isto é, a origem da palavra para determinar sua grafia; por outro lado, a base fonética leva em conta o *som* das palavras. O sistema adotado no Brasil – aprovado pela Academia Brasileira de Letras, em 12 de agosto de 1943 e simplificado pela Lei n. 5.765, de 18-12-1971 – pode ser considerado *misto*, pois ora privilegia a *etimologia*, ora a *fonética*.

8 O vocábulo **lesa** (/é/) pode se adaptar a várias classes gramaticais. Vejamos:

Verbo: 3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo lesar. Exemplos: *O agiota lesa a sociedade*; *Ela lesa o marido*.

Adjetivo (leso ou lesa): significa “lesado, ferido”. Exemplo: *Ele está leso do tornozelo, de uma perna* etc.

Em *palavras compostas*, com hífen, concordando com o substantivo: nesse caso, tem a acepção de “lesado, que sofreu lesão, prejudicado física ou moralmente”, antepondo-se a substantivos ao lado da expressão “crime de”. Portanto: *crime de lesa-pátria, crime de leso-patriotismo, crime de lesas-pátrias, crime de lesa-gramática, crime de leso-direito, crime de lesa-majestade, crime de (réus de) lesa-linguagem, crime de lesa-civilidade.*

9 A forma **maisena** vem de *maís*, uma variedade de milho. Note que a famosa caixa amarela que compramos no supermercado traz a grafia estranha (“maizena”, com -z). Enfatize que “Maizena” é marca registrada e, como todo nome comercial, foi inventada, não constituindo, necessariamente, erro. Cite-se, exemplificativamente, o termo “Antarctica”, que apresenta adaptação vocabular semelhante.

10 A expressão **ter lugar** significa “ser admissível, ter cabimento, ser oportuno”. Exemplos:

Os comentários dos colegas não têm lugar, haja vista serem inoportunos.

Antes de palavra masculina, não tem lugar o uso da crase.

11 **Ser da opinião que**: essa expressão é equivalente a "julgar, achar", não devendo ser utilizada a preposição "de" antes do "que". Exemplo da erronia:

"Somos da opinião de que devemos mudar os planos".

Procedendo à correção: *Somos da opinião que devemos mudar os planos.*

12 *Jornal do Brasil*, de 18-7-1996, *apud* Cegalla, 1999, p. 217.

13 A **onipresença** tem como sinônimo o termo *ubiquidade* – propriedade de quem é *ubíquo*.

14 Regina Eleutério, *O Globo*, de 8-12-1996, *apud* Cegalla, 1999, p. 217.

15 Alexandre Herculano, *Eurico, o Presbítero*, p. 216, *apud* Cegalla, 1999, p. 254.

16 Geralmente, grafa-se **Lúcifer** com inicial maiúscula (Houaiss).

17 Observe o exemplo quanto ao verbo **imitir**: *Ele imitiu parte do dinheiro em cultura*.

18 O verbo **corroborar** é transitivo direto, não se admitindo a preposição "com". Na acepção de "fortalecer", "ratificar", o verbo "corroborar" é encontradiço na linguagem forense. Logo, evite grafar "o advogado corroborou com a tese expendida", em vez de "o advogado corroborou a tese expendida".

19 O plural de **cateter** forma "catéteres".

20 Para a **classificação das palavras compostas**, considere-se a posição da sílaba tônica do último elemento.

21 A pronúncia de **ureter** é "ureter" /tér/.

22 Observe que se escreve **tórax**, enquanto o adjetivo se grafa **torácico**. Por quê? A razão está no fato de que o substantivo *tórax* vem do latim *thorax* (com "x") e, por isso, é grafado com "x". O adjetivo *torácico* vem do próprio adjetivo latino *thoracicus* (com "c") e, por essa razão, é escrito com "c".

23 **Xifópagos:** procure memorizar a palavra, procedendo, verbalmente, à separação silábica [xi-fó-pa-gos]. Tal expressão designa duas pessoas que nascem ligadas, geralmente, na altura do tórax, desde o apêndice xifoide até o umbigo. Remete-nos ao vocábulo "siamês", derivado de Sião (uma designação da atual Tailândia), na acepção de irmãos siameses. A origem deve-se ao caso dos irmãos gêmeos Chang e Eng, nascidos no Sião em 1811, ligados por uma membrana situada no tórax.

24 *Ad argumentandum*, é possível que se defenda, ainda que de modo minoritário, a expressão *entrega a domicílio*, considerando "a domicílio" como uma locução adjetiva, ou seja, um tipo de entrega.

25 D. Eugênio Sales, *Jornal do Brasil*, de 15-2-1997, *apud* Cegalla, 1999, p. 13 (destaque nosso).

26 **Aspas simples:** as aspas simples devem ser usadas quando estiverem dentro de outras aspas **(" ' x ' ")**. Exemplo: **"**O jovem falou em **'**institucionalização**'** da academia**".**

27 **Ditongo ou hiato:** há postura minoritária de alguns gramáticos que consideram tais encontros consonantais (*ia,*

ie, io, ua, ue, uo), quer como ditongos, quer como hiatos. Sendo hiatos, aceitar-se-iam as seguintes separações silábicas: his-tó-ri-a; sé-ri-e; pá-ti-o; tê-nu-e; vá-cu-o; in-gê-nu-o; á-gu-a; má-go-a; cons-tân-ci-a; a-polí-ne-o; or-quí-de-a.

28 O adjetivo pátrio é *malgaxe*. Aceita-se, também **Madagascar**, sem acento, e **Madagáscar**, com acento (VOLP 2009).

29 Para o VOLP 1999, aceitava-se o estrangeirismo viking; atualmente, com o VOLP 2009, só se admite **viquingue**.

30 Segundo A. Amaral, *in Revista da Academia Paulista de Letras,* 26 (73): 171-2 (1969), "o hífen veio do grego para o latim. Da locução adverbial '*hypohen*' (= 'sob um' ou 'em um'), dada a contração *p + h*, adveio 'hífen'".

31 A palavra **tarzã** grafa-se com til ("ã"), e não com terminação "an" ou "am". Da mesma forma, escrevem-se: *manhã*, *ímã*, *irmã*, *órfã*, *satã*, *ãatá*, *cristãmente*, *avelãzeira*, *chãmente*, *cãs*, *balangandã*.

A vogal "ã" ocorre ainda em final interna, *i. e.*, antes de sufixos: *chãmente* (chã + mente), *avelãzinha*, *romãzeira* etc. Casos como *ãatá, tucumãí* são excepcionais, mas compreensíveis.

32 Pronuncie **transistor** (/tôr/), como em *pintor, castor* ou *Nestor*. A influência do vocábulo inglês transistor colaborou para a adoção da forma **transístor**, hoje aceita pelo VOLP. Portanto, temos as formas dicionarizadas *transistor* e *transístor*. No entanto, a regra é que as palavras terminadas em -or sejam oxítonas.

33 O substantivo ou o adjetivo **xerox** tem acento prosódico oscilante, podendo formar *xerox* (oxítona, não acentuada) ou *xérox* (paroxítona acentuada em face da terminação em -x). A tendência é prevalecer a primeira forma (a oxítona *xerox*), em relação à segunda. Observe os exemplos:

"Se tiver o folheto, pode tirar xerox ou permitir que seja xerocado?" (Carlos Drummond de Andrade, *Jornal do Brasil*, de 26-05-1981, *apud* Cegalla, 1999, p. 418).

"Imagine uma fila de pessoas em um serviço de xerox" (Lair Ribeiro, *Comunicação Global*, p. 97, *apud* Cegalla, 1999, p. 418).

34 O substantivo **país** (com acento) forma o plural *países* (com acento). Por outro lado, o substantivo **pai** (sem acento) forma o plural *pais* (sem acento). Vejamos: *o país – os países; o pai – os pais.* E o diminutivo plural? Vale a pena conhecê-lo nos dois casos. Sua formação é para lá de sofisticada. Temos de adotar três passos:

1º Ponha a palavra primitiva no plural. **2º** Esconda o -s. **3º** Acresça o sufixo -zinhos. **Exemplos:**

Coração: *coração(s) + zinhos* = coraçõezinhos

Animal: *animai(s) + zinhos* = animaizinhos

Chapéu: *chapéu(s) + zinhos* = chapeuzinhos

Farol: *farói(s) + zinhos* = faroizinhos

Papel: *papéi(s)* + *zinhos* = papeizinhos

Túnel: *túnei(s)* + *zinhos* = tuneizinhos

Pai: *pai(s)* + *zinho* = paizinhos (pai-zi-nhos, com ditongo)

País*: *paíse(s)* + *zinhos* = paisinhos (pa-i-si-nhos, com hiato)

* **País** não entra na regra especial acima explicada. A razão é simples: na formação do diminutivo de *país*, o "-zinho" será substituído por "-inho". Portanto: **país – paisinho** ou **paisinhos, no plural**.

35 *Jornal do Brasil*, de 1-4-1993, *apud* Cegalla, 1999, p. 76.

36 Mário Barreto, *Novos Estudos*, p. 303, *apud* Cegalla, 1999, p. 76.

37 Alexandre Herculano, *O Monge de Cister*, I, p. IX, *apud* Cegalla, 1999, p. 76.

38 Antônio Houaiss, *apud* Cegalla, 1999, p. 252.

39 Carlos Drummond de Andrade, *Obra Completa*, p. 586, *apud* Cegalla, 1999, p. 252.

40 Fernando Namora, *O Homem Disfarçado*, p. 14, *apud* Cegalla, 1999, p. 21.

41 **Ditongo:** é o encontro de uma vogal com uma semivogal em uma mesma sílaba.

42 **Tritongo:** é o produto da combinação (semivogal + vogal + semivogal) em uma mesma sílaba.

43 **Dígrafo:** é a combinação de duas letras, que representam um único fonema.

44 **Hiato:** é a combinação de duas vogais "vizinhas", porém pertencentes a sílabas diferentes.

45 O mesmo fato ocorre com os vocábulos adiante assinalados: *Subitem (su-bi-tem), subumano (su-bu-ma-no), subaxilar (su-ba-xi-lar), subaquático (su-ba-quá-ti-co), subabdominal (su-bab-do-mi-nal), subadutora (su-ba-du-to-ra), subalimentado (su-ba-li-men-ta-do), subafluente (su-ba-flu-en-te), subagente (su-ba-gen-te), subalugar (su-ba-lu-gar), subaluguel (su-ba-lu-guel), subarrendar (su-bar-ren-dar), subarmônico (su-bar-mô-ni-co), subarte (su-bar-te), subatômico (su-ba-tô-mi-co), subemenda (su-be-men-da), subequatorial (su-be-qua-to-ri-al), subepático (su-be-pá-ti-co), subespécie (su-bes-pé-cie), subestação (su-bes-ta-ção), subinflamação (su-bin-fla-ma-tó-rio), subinformar (su-bin-for-mar), subocular (su-bo-cu-lar), subordem (su-bor-dem), suborizonte (su-bo-ri-zon-te), subumbilical (su-bum-bi-li-cal), subumeral (su-bu-me-ral), subestimar (su-bes-ti-mar).*

46 Observe que o -s de *trans* tem valor fonético de "z", se vier antes de vogal. Exemplo: *transamazônico (/za/), transoceânico (/zo/), transandino (/zan/), transuniversal (/zu/).* Por outro lado, se vier antes de -s, haverá a fusão em um "s" apenas, e pronunciar-se-á como "ss". Exemplo: *transexual (/sse/), transexualismo (/sse/), transudar (/ssu/), transubstanciação (/ssu/), transiberiano (/ssi/).*

47 O mesmo fato ocorre com os vocábulos adiante assinalados: *sublocar* (pronuncie e separe /sub-lo/), *sublunar*

(pronuncie e separe /sub-lu/), *subgerente* (pronuncie e separe /sub-ge/), *subtropical* (pronuncie e separe /sub-tro/), *sublegenda* (pronuncie e separe /sub-le/), *sublacustre* (pronuncie e separe /sub-la/), *sublevação* (pronuncie e separe /sub-le/), *sublenhoso* (pronuncie e separe /sub-le/), *sublevar* (pronuncie e separe /sub-le/), *subliminar* (pronuncie e separe /sub-li/), *sublingual* (pronuncie e separe /sub-li/), *sublombar* (pronuncie e separe /sub-lom/). A exceção ocorre com a palavra "sublime" (pronuncie /su-bli/) e suas derivadas, como: *sublimação, sublimado, sublimar, sublimidade* etc.

48 **Letra H:** como mera letra decorativa, o **h**, na formação vocabular, não tem valor fonético, nem funciona como **notação léxica** (ou seja, um sinal ortográfico ou diacrítico que se une às palavras para lhes dar um valor fonético e uma pronúncia adequada – *o acento agudo, o circunflexo e o grave; o til; a cedilha; o trema; o apóstrofo; e o hífen*). Parafraseando o dito popular: "O 'h' é letra muda. Não fala, mas ajuda". Todavia, pode trazer problemas àqueles menos familiarizados com a norma etimológica e com a tradição escrita.

49 Observe que se mantêm os acentos nas abreviaturas. *Exemplos*: gên. (gênero); pág. (página).

50 *Grafam-se sem* h*, porém, os derivados baiano, baianada, baianinha, baianismo e laranja-da-baía. Além disso, escrevem-se Baía de Guanabara e Baía de Todos os Santos, por serem nomes próprios ("baía", aqui, é o acidente geográfico).*

51 Registre-se que os vocábulos hexacampeão e hexacampeonato passaram a compor o nosso léxico desde a edição do VOLP 2004. A pronúncia afeta à letra -x deve ser oscilante (/ks/, como em *tóxico,* ou /z/, como em *exame*).

52 O prefixo **hiper** (origem grega) só exige o hífen se a palavra posterior começar com -r ou -h. Exemplos: *hiper-realista*, *hiper-reatividade*, *hiper-reativação*, *hiper-resposta*, *hiper-hidratação*, *hiper-humano*, *hiper-hedonismo*.

53 Para o VOLP, são corretas as formas **elucubração** ou **lucubração**.

54 Para o VOLP 2009, é correta apenas a forma **aerossol**.

55 Existe um sem-número de expressões e vocábulos oriundos do **idioma árabe** que foram incorporados pela língua portuguesa, já que a História mostra uma longa ocupação dos mouros na Península Ibérica, que lá permaneceram durante oito séculos, entre os anos de 711 a 1492. São palavras de origem árabe: *álcool*, *alfama*, *algarismo*, *alfaiate*, *algodão*, *alfândega*, *alface*, *algibeira*, *alfafa*, *alguidar*, *alparcata*, *álgebra*, *alqueire*, *azeite* e várias outras iniciadas por *"al"* (= é artigo em árabe).

56 **Ascensão:** na acepção de "subir, elevar-se", é vocábulo usado em ascensão da pipa, ascensão da montanha, ascensão a um cargo, ascensão de Cristo.

Assunção: representa o "ato de assumir, de tomar para si". Exemplo: *assunção da Virgem Maria ao céu.*

Memorize: no relato bíblico da **ascensão de Jesus Cristo e da assunção de Maria**, ambas se referem à subida

para o céu. Jesus subiu aos céus 40 dias depois da

Páscoa, sem ajuda – é a ascensão de Cristo. Por outro lado, Maria seguiu o Filho, porém foi elevada ao Céu pel poder de Deus – portanto, assunção de Maria.

57 **Ascético:** refere-se à "ascese, àquilo que é místico, contemplativo". Exemplo: *Certos grupos religiosos têm vida ascética.*

Acético: refere-se a um tipo de ácido (acético = vinagre).

Por fim, **asséptico** designa "assepsia, limpeza".

58 O verbo **prescindir** é transitivo indireto, tendo a acepção de "dispensar". Portanto, aprecie as frases:

Ele prescinde de sua ajuda, por ser ela dispensável.

O de que não se prescinde é o bom humor pela manhã.

O livro de que se prescinde é necessário para mim.

59 O verbo **recrudescer** é *intransitivo*. Tem a acepção de "agravar-se, tornar-se mais intenso". Exemplos:

As lutas entre gangues recrudesceram.

As rivalidades entre as torcidas organizadas tendem a recrudescer.

60 Escreve-se com a **letra -x: (I) coxa:** parte da perna (*coxa do homem*, *coxa de galinha*); **(II) coxão:** coxa grande; no açougue, *coxão duro* e *coxão mole*; e **(III) coxo:** manco, capenga.

61 Escreve-se com o **dígrafo -ch: (I) cocha:** torcedura de cabo, gamela; **(II) coche:** carruagem; **(III) cocheira:** local onde se guardam as carruagens; e **(IV) cocho:** vasilha rústica de madeira.

62 **Lance** ou **Lanço:** representa a oferta verbal de preço pela coisa apregoada em leilão ou hasta pública. Para esse sentido, use uma ou outra forma. Exemplo:

"*... anunciou-se a venda da quinta de Real de Oleiros..., a requerimento dos credores. José Maria Guimarães cobriu todos os lanços"* (Camilo Castelo Branco,*Noites de Insônia*, IV, p. 26, *apud* Aurélio, 1986, p. 825).

Ressalte-se que **lanço** designa a parte da escada compreendida entre dois patamares. Evite "lance" para esse sentido. Exemplo:

"*A cada lanço de escadaria vencido, alargava o panorama as suas riquezas de paisagem*". (Fialho d'Almeida, *O País das Uvas*, p. 75, *apud* Aurélio, 1986, p. 825.)

63 Os dicionários Michaelis e Houaiss aceitam, também, a forma **trabalhadora**.

64 Ressalte-se que **episcopisa** é termo antigo, utilizado nos primórdios do Cristianismo; no entanto, **bispa** designa termo utilizável para os protestantes, que admitem mulheres nessa "função", e os evangélicos aprovam, em

idêntica trilha. Portanto, é imperioso registrar o uso da forma "bispa", embora os dicionários ainda não a reconheçam, para esse sentido.

65 Bernardo Élis, *Seleta*, p. 144, *apud* Cegalla, 1999, p. 267.

66 *Para Uma Menina com Uma Flor*, 13. ed., José Olympio, 1983, p. 164, *apud* Cegalla, 1999, p. 181.

67 A **forma verbal** comem-no: o verbo com terminação *-em* assume os pronomes *-no* ou *-na* (Exemplo: Ele tem o → *Ele tem-no*). No entanto, o verbo com terminação *-ens* não faz parte da regra, devendo gerar os pronomes *-lo* ou *-la*. (Exemplo: Tu tens o → *Tu tem-lo*).

68 Há **verbos essencialmente pronominais** (*abster-se, ater-se, atrever-se, apiedar-se, queixar-se, dignar-se, arrepender-se* etc.) e **verbos acidentalmente pronominais** (*pentear-se, matar-se* etc.).

69 É primordial notar que, em rigor, o verbo pronominal **suicidar-se** encerra redundância em sua composição etimológica, uma vez que a ideia de reflexividade já se encontra no termo latino *sui*, que significa "de si próprio". No entanto, a forma dicionarizada é *suicidar-se*, com o pronome "se", não se devendo contrariar a lexicografia, apesar de reconhecermos que nem sempre o léxico se submete ao jugo da lógica.

70 Ciro dos Anjos, *Abdias*, p. 48, *apud* Cegalla, 1999, p. 283.

71 Verbo **crer**, 3ª pessoa do singular do pretérito imperfeito do indicativo.

72 Afrânio Peixoto, *Uma Mulher Como as Outras*, p. 196, *apud* Cegalla, 1999, p. 143.

73 São corretas as formas *ficar de pé* e *ficar em pé*.

74 Alexandre Herculano, *Eurico, o Presbítero*, p. 16, *apud* Cegalla, 1999, p. 234.

75 Cecília Meireles, *apud* Cegalla, 1999, p. 234.

76 Rui Barbosa, *Cartas de Inglaterra*, I, p. 122, *apud* Cegalla, 1999, p. 243.

77 *Jornal do Brasil*, de 20-10-1994, *apud* Cegalla, 1999, p. 243.

78 Vivaldo Coaraci, *Cata-Vento*, p. 217, *apud* Cegalla, 1999, p. 243.

79 A pessoa natural de Bagdá – a capital do Iraque – é (o/a) bagdali (oxítona, com sílaba tônica em /lí/, à semelhança de Bagali e Somali, acima apontados no quadro).

80 Ciro dos Anjos, *Explorações no Tempo*, p. 18, *apud* Cegalla, 1999, p. 114.

81 Carlos Drummond de Andrade, *apud* Cegalla, 1999, p. 160.

82 Dias Gomes, *Decadência*, p. 11, *apud* Cegalla, 1999, p. 1.

83 O vocábulo **moral** será substantivo feminino, no sentido de "moral da história" – lição que se extrai do que se absorveu.

84 A forma **biótipo**, com acento, é preferível à formação **biotipo**, porém as duas formas são corretas e aceitas

(VOLP).

85 Carlos Drummond de Andrade, *Obra Completa*, p. 489, *apud* Cegalla, 1999, p. 50.

86 Machado de Assis, *Dom Casmurro*, cap. II, *apud* Cegalla, 1999, p. 51.

87 O verbo **obstar** tem regência, preferencialmente, de *verbo transitivo indireto*. Portanto, aprecie as frases:

Ele obstou ao veto no Congresso.

Os deputados tentaram obstar à votação das propostas de Emenda.

As chuvas obstavam a que se iniciasse o plantio.

Nada obsta a que o façam calar.

Ele preconizou que nada obstava a que se desse início às explanações.

Observação: A regência direta não constitui, propriamente, erro, sendo apenas menos recomendável.

88 Ciro dos Anjos, *Montanha*, p. 88, *apud* Cegalla, 1999, p. 320.

89 Mário Barreto, *Através do Dicionário e da Gramática*, p. 295, *apud* Cegalla, 1999, p. 320.

90 Vinicius de Moraes, *Para Uma Menina com Uma Flor*, p. 27, *apud* Cegalla, 1999, p. 321.

91 O termo "quiosque", segundo Antônio Geraldo da Cunha (1986: 657), chegou-nos pelo francês*kiosque* – derivado do turco *kjösk* e, este, do persa *gosä*.

92 "Panapaná" é substantivo feminino, designativo do bando de borboletas. Registre-se que José Pedro Machado *(Dicionário da Língua Portuguesa)* traz a forma "paná-paná". O nome é bastante curioso! Por isso, sempre afirmamos em sala de aula: "Em nossa Língua, tanta coisa há para saber, que, por mais que se saiba, é sempre um pouco que se conhece".

93 Em "A cerveja que desce redondo", temos uma hipótese que foge à regra, à luz da chamada *derivação imprópria*, porquanto "redondo" quer dizer *redondamente*.

94 Carlos Drummond de Andrade, *Obra Completa*, p. 594, *apud* Cegalla, 1999, p. 206.

95 Euclides da Cunha, *Os Sertões*, p. 336, *apud* Cegalla, 1999, p. 138.

96 Carlos Drummond de Andrade, *Obra Completa*, p. 456, *apud* Cegalla, 1999, p. 138.

97 Caldas Aulete *apud* Nascimento, 1992, p. 154.

98 Eclesiástico, cap. 44.

99 Laudelino de Oliveira Freire (1873-1937), advogado, jornalista, escritor e filólogo, é autor do *Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa*, de publicação póstuma, em 5 volumes.

100 Cuidado: a expressão "posto que", como se sabe, tem a acepção de "ainda que", "não obstante" ou "embora".

101 Antônio Feliciano Castilho (1800-1875), *A Chave do Enigma* (1861), *apud* Nascimento, 1992, p. 154, rodapé.

102 Rui Barbosa, *Réplica*, n. 209, *apud* Nascimento, 1992, p. 154, rodapé.

103 Augusto de Campos, *O Balanço da Bossa*.

104 F. Pimentel Gomes, *Boletim Informativo da Sociedade Brasileira de Ciência do Solo*, v. 20, n. 1, p. 35, Campinas, 1995.

105 Afrânio Peixoto, *Uma Mulher Como as Outras*, p. 66, *apud* Cegalla, 1999, p. 414.

106 Para o VOLP, admitem-se as formas: *caminhonete* ou *caminhoneta* e, ainda, *camionete* ou *camioneta*.

107 Registre-se que é palavra de origem alemã, conforme o VOLP e os dicionários. No final do século XVII (1798), o termo apresentou registro no francês, como "Vermouth", tendo derivado do alemão "Wermut".

108 Camilo Castelo Branco, *Noites de Insônia*, IV, p. 26, *apud* Aurélio, 1986, p. 825.

109 Fialho d'Almeida, *O País das Uvas*, p. 75, *apud* Aurélio, 1986, p. 825.

10 PRONUNMACETES E TIMBREMACETES

PRONUNMACETES

RUIM

Pronúncia: /ru-im/, e não "rúim".

Situação: *A laranjada estava ruim, mas a comida estava pior.*

Comentário: vocábulo oxítono, dissílabo e com a tonicidade na última sílaba (-im). Não se deve pronunciá-lo em uma sílaba ("rúim"), porque se poderia afirmar, em tom jocoso, que "'rúim' não é 'ruim' (/ru-im/), mas péssimo". Até mesmo com o substantivo "ruindade", a pronúncia deve ser respeitada: pronuncie /ru-in-da-de/, e não "rúin-dade".

Ressalte-se que, em português, os nomes terminados em -im são oxítonos: *amendoim, tuim, Caim, Serafim, capim, pasquim, curumim, rubim, jardim, Paim, jasmim, Joaquim*, entre outros. A exceção é "ínterim", uma palavra proparoxítona.

MAUS-CARACTERES: o plural de mau-caráter.

Pronúncia: /ca-rac-te-res/, e não "ca-rá-te-res".

Situação: *Na cela do cárcere, havia vários maus-caracteres; todos, no entanto, afirmavam ser inocentes.*

Comentário: o substantivo composto *mau-caráter* forma plural complexo (*maus-caracteres*). A acentuação gráfica ocorre em virtude de a palavra *caráter* ser paroxítona terminada em -r, assim como: *revólver (revólveres), hambúrguer (hambúrgueres), gângster (gângsteres), mártir (mártires), esfíncter (esfíncteres), Lúcifer (Lucíferes), Júpiter (Jupíteres), néctar (néctares), nenúfar (nenúfares), píer (píeres), pôster (pôsteres), trêiler (trêileres), zíper (zíperes), gêiser (gêiseres – pronuncie /jêizeres/, e não "gáizeres") etc*.

O plural *maus-caracteres* justifica-se pelo fato de a palavra, no singular, ser de dupla prosódia (*caráter* ou *caractere*). Assim, temos que a forma *caracteres* serve indistintamente para formar o plural de *caractere* e de *caráter*.

RECORDE

Pronúncia: /re-cór-de/, e não "ré-cor-de".

Situação: *Nas últimas Olimpíadas, os atletas bateram vários recordes.*

Comentário: a sílaba tônica se dá em "-cor" (como em *concorde*), e não em "ré", como se imagina (como em *réplica*). Aliás, de imaginação em demasia dispõem inúmeros jornalistas que insistem no famigerado "récorde", vocábulo de pronúncia inexistente em nosso vernáculo.

A propósito, o vocábulo em análise deve ser usado como *substantivo* ou *adjetivo*.

Como *substantivo*, teremos:

Há um livro de recordes: o "Guinness".

O nadador bateu todos os recordes nas provas de natação.

"Copacabana bateu o recorde de poluição sonora" 1.

Como *adjetivo*, podemos citar:

Chegaremos a patamares recordes no fim do ano.

"Fez o percurso em tempo recorde" (Aurélio).

FORTUITO

Pronúncia: /for-tui-to/, e não "for-tu-í-to".

Situação: *O caso fortuito é inexorável* 2. *Sua inexorabilidade decorre de sua imprevisibilidade.*

Comentário: o vocábulo é trissílabo. Logo, não se pode transformá-lo em polissílabo, pronunciando-se "for-tu-í-to". Além de demonstrar má pronunciação, denotará pouca familiaridade com a adequada norma linguística. É importante enaltecer que não se trata de acento prosódico oscilante ou incerto – só há uma pronúncia para *fortuito*: /for-tui-to/. Da mesma forma, citem-se palavras, como:

Gratuito (pronúncia: /gra-tui-to/, e não "gra-tu-í-to").

Curto-circuito (pronúncia: /cir-cui-to/, e não "cir-cu-í-to").

Druida (pronúncia: /drui-da/, e não "dru-í-da").

RUBRICA

Pronúncia: /ru-brí-ca/, e não "rú-bri-ca".

Situação: *Ponha sua rubrica no texto e se dirija àquela porta.*

Comentário: palavra paroxítona, com tonicidade na sílaba -bri. É comum se ouvir falar em "rúbrica", mas tal forma (proparoxítona) é inexistente.

ÍNTERIM

Pronúncia: /ín-te-rim/, e não "in-te-rím".

Situação: *Nesse ínterim, chegamos à conclusão de que havia a necessidade de reparos.*

Comentários: o substantivo masculino *ínterim* designa o espaço de tempo intermédio entre algo que se enuncia. Muito comum na expressão "nesse ínterim", que transita em abundância nos ambientes forenses, significa "nesse meio-tempo", "nesse contexto", "no atual estado das coisas". Sendo palavra proparoxítona, deve ser pronunciada como /ín-te-rim/, e não "in-te-rím".

OUTREM

Pronúncia: /ôu-trem/, e não "ou-trém".

Situação: *Não se deve subtrair coisa de outrem, sob pena de se tipificar conduta ilícita.*

Comentário: *outrem* é palavra paroxítona, devendo-se pronunciar /ôu-trem/, e não "ou-trém". Trata-se de palavra demasiado encontradiça nos textos legais, quando não se tem determinada a pessoa a quem se refere. Usa-se, pois, *outrem* no intuito de abranger terceiras pessoas não identificadas.

O GRAMA

Pronúncia: /duzentos gramas/, e não "duzentas gramas".

Situação: *O passageiro foi preso em flagrante com 992g (novecentos e noventa e dois gramas) de cocaína.*

Comentário: o substantivo *grama*, como unidade de medida, é masculino. Portanto, deve vir acompanhado de artigos masculinos, definidos ou indefinidos, no singular ou no plural (o, os, um, uns).

É indesculpável que se cometam equívocos dessa natureza em ambientes forenses ou mesmo em veículos de comunicação de massa, como tevê ou jornais. Pedir "duzentas" gramas de presunto na padaria é arriscar-se demais... Por que não pedir "duzentOs gramas", de "peito aberto", mostrando o quão sonora é a expressão e, finalmente, como é bom conhecer as regras da prosódia?

Ademais, vale relembrar que o verbo *pisar* tem regência interessante: é verbo transitivo direto, não exigindo a preposição "em". Portanto, é errôneo falar "pisar em", ou "pisar na", devendo-se trocar tais formas por "pisar o" ou "pisar a". Observe as frases corretamente grafadas:

Ele pisou o excremento deixado pelo cão (e não "pisou no").

Não pise a grama! (e não "pise na").

O jogador pisou a bola (e não "pisou na").

ESTUPRO

Pronúncia: /es-tu-pro/, e não "es-tru-po".

Situação: *O estupro é crime bárbaro, que denota a tendência humana para o malefício.*

Comentário: embora tal palavra transite em excesso nos jornais difusores de informes policiais, sendo errônea e reiteradamente pronunciada pelos leitores comuns, faz-se necessário notar que o vocábulo *estupro* (do latim *stuprum*) deve ser na fala rigorosamente articulado pelos operadores do Direito. Não se pode tolerar silabada em tal palavra, principalmente se for cometida por advogado, juiz, promotor ou outro operador do Direito. A articulação deve ser correta e nítida, sob pena de se emitir fonema desaconselhável.

Em termos comparativos, um operador do Direito que fala "estrupo" (com *-tru*) é o mesmo que um médico de estômago (gastroenterologista) que não consegue falar o nome de sua especialidade; o mesmo que um músico que soçobra perante uma partitura; enfim, o mesmo que um jogador de futebol que põe as mãos na bola...

Aliás, a OAB/RJ, em sua prova realizada em setembro de 2005, trouxe a palavra "estrupo" digitada duas vezes na questão 26 do certame. Teria havido um "crime"? A propósito, parafraseando Arnaldo Niskier, "dizer ou escrever 'estrupo' é crime contra o vernáculo".

MENDIGO

Pronúncia: /men-di-go/, e não "men-din-go".

Situação: *Na rua, havia vários mendigos. A mendicância grassava na cidade.*

Comentário: a palavra *mendigo* é trissílaba, não devendo ser pronunciada com a sílaba *-din*, sob pena de prejudicar a adequada pronunciação do substantivo. Utilize, pois, "mendigo". O mesmo fenômeno ocorre com os vocábulos derivados, como *mendicância* (e não "men-din-cân-cia").

HORA EXTRA

Pronúncia: /êx-tra/, e não "éx-tra".

Situação: *O empregado deverá ganhar duas horas extras.*

Comentário: o adjetivo *extra* deriva de *extraordinário*, mantendo a pronúncia com o timbre /ê/, fechado. Logo, não se deve falar "éxtra", sob pena de macular o timbre da vogal tônica em apreço.

Não é inoportuno dizer que a concordância nominal se faz de acordo com o nome a que se refere o vocábulo *extra*. Exemplos: *uma hora extra; duas horas extras*.

SEJA E ESTEJA

Pronúncia: /seja/ ou /esteja/, e não "seje" ou "esteje".

Situação: *Seja obediente! Não me faça perder a paciência!*

Comentário: as formas verbais *seja* e *esteja* fazem parte do tempo *presente do modo subjuntivo* dos verbos *ser* e *estar*. Deve-se ter cuidado para não cometer um erro de ortoépia ao pronunciar "esteje", em vez de *esteja*. Muito menos a forma sincopada "seje" (ou "teje"). Não se podem tolerar os tais "esteje", "seje" ou "teje" – "pragas" que se espalham sem controle. Não se deixe contaminar, pois pode pagar alto preço pelo "tropeço". Não é difícil enfrentar a conjugação do verbo *ser*, nesse tempo. Vejamos: *que eu seja, que tu sejas, ele seja, nós sejamos, vós sejais, eles sejam.* O mesmo para o verbo *estar*, como se nota: *que eu esteja, que tu estejas, ele esteja, nós estejamos, vós estejais, eles estejam.*

É oportuno mencionar que o advérbio *talvez*, quando vem antes do verbo, exige o *modo subjuntivo*. Exemplos: *Talvez seja oportuno frisar...; Talvez nasça parecido com o pai; Talvez esteja em casa...*

Não consigo esquecer uma história real, que me contaram, acerca de uma criança que, ao ser repreendida pela mãe, com um sonoro "*Seja obediente! Não me faça perder a paciência!*", respondeu, cabisbaixa: "*Sejo!*" 3. Conta-se que a mãe ficou histérica, em face da duplicidade de problemas: o que lhe estava por causar a perda da paciência e, agora, o "erro" da criança, a ser enfrentado.

Entretanto, sempre é bom lembrar que a criança segue uma "lógica" diferente, raciocinando por associações; assim, na verdade, ela está sendo inteligente, na medida em que a resposta ao verbo "veja" é "vejo", o que a leva a crer que "sejo" é forma correta. Essa é a razão pela qual os especialistas afirmam que, do ponto de vista linguístico, a criança "pensa diferente", não cometendo "erros condenáveis", já que suas analogias – pertinentes, de certa forma – fazem parte do processo de aprendizagem. Mas como não somos crianças...

SUBTERFÚGIO

Pronúncia: /sub-ter-fú-gio/, e não "sub-ter-fúl-gio".

Situação: *O deputado, quando se via em situação complicada, armava-se de vários subterfúgios para escapar às indagações.*

Comentário: *subterfúgio* tem a acepção de "evasiva ou pretexto para escapar de uma dada situação difícil". Para memorizar a grafia do vocábulo, pense em *refúgio*. Curiosamente, no campo da pronunciação, e até mesmo da escrita, é comum a equivocada inserção de -l ("subterfúlgio"). Tal forma não existe, assim como não existe "re-fúl-gio". Atente-se para a sua regra de acentuação: paroxítona terminada em ditongo, à semelhança de *pedágio, tênue,*

cárie, superfície, entre outros.

ADVOGADO

Pronúncia: /ad-vo-ga-do/, e não "ade-vo-ga-do".

Situação: *O domínio da Língua Portuguesa, quer seja falada quer seja escrita, é vital para o sucesso do advogado em nosso país.*

Comentário: a palavra *advogado*, formada por quatro sílabas (ad-vo-ga-do) deve ser pronunciada com o "d" mudo, não se emitindo um insonoro "adevo-" (ou "adivo-"), em vez de um correto /ad-vo-/. Aliás, é comum tal deslize fonético em outras palavras, como /ab-so-lu-to/ (e não "abissoluto"). Vamos aprofundar a matéria:

Pronúncia correta		**Pronúncia incorreta**
Ad-vo-ga-do	**e não ... →**	→ *"AdEvogado"*
Ab-so-lu-to	**e não... →**	→ *"AbIssoluto"*
Psi-co-lo-gi-a	**e não ... →**	→ *"PISsicologia"*
Eu op-to	**e não ... →**	→ *"Eu opIto"*
Eu im-pug-no	**e não ... →**	→ *"Eu impuGUIno"*
Eu re-pug-no	**e não ... →**	→ *"Eu repuGUIno"*
Eu de-sig-no	**e não ... →**	→ *"Eu desiGUIno"*
Eu rap-to	**e não ... →**	→ *"Eu rapIto"*

Eu pug-no	**e não ... →**	→ *"Eu puGUIno"*
Eu obs-to	**e não ... →**	→ *"Eu obIsto"*
Ele im-preg-na	**e não ... →**	→ *"Ele impreGUIna"*
Eu con-sig-no	**e não ... →**	→ *"Eu consiGUIno"*
Ele se in-dig-na	**e não ... →**	→ *"Ele se indiGUIna"*
Ele se per-sig-na	**e não ... →**	→ *"Ele se persiGUIna"*
Ele se re-sig-na	**e não ... →**	→ *"Ele se resiGUIna"*
Es-tag-nar	**e não ... →**	→ *"EstaGUInar"*

FECHE A PORTA

Pronúncia: /fê-/, e não "fé-".

Situação: *Feche a porta, sem pisar a poça d'água.*

Comentário: a ortoépia (ou ortoepia, para o VOLP) ocupa-se da boa pronunciação dos vocábulos no ato da fala. Representa a fonética do dia a dia, aquela de cunho prático e dinâmico. Dedica-se a nortear a perfeita emissão das vogais e consoantes 4, além de tornar clara a pronúncia de algumas palavras, cujo timbre das vogais tônicas apresenta-se oscilante.

A propósito, vale a pena relembrar o "e" tônico, de pronúncia fechada /ê/, dos verbos *despejar* e *espelhar*:

Despejar: Eu despejo/pê/ – Ele despeja/pê/ – Que eu despeje/pê/ – Que eles despejem/pê/

Espelhar: Eu espelho/pê/ – Ele espelha/pê/ – Que eu espelhe/pê/ – Que eles espelhem/pê/

É importante frisar que a cacoépia (ou cacoepia, para o VOLP) se ocupa da pronúncia equivocada. Não s

pode menosprezar que no Brasil, um país de latas extensões, existem regionalismos ortoépicos, que não são considerados cacoepias (Exemplo: "còração", "fèlicidádi", entre outras).

ELE ROUBA – ELE SAÚDA

Pronúncia: /rou-ba/, e não "ró-ba"; /sa-ú-da/, e não "sau-da".

Situação: *"O político desonesto 'rouba' o povo a quem saúda, com alegria, na festa" – dizia o leitor.*

Comentário: existem alguns verbos que apresentam pronúncia delicada, merecendo destaque em nosso estudo. Ou se desprezam, na fala, os ditongos (sai o correto /rou-ba/, entra o insonoro "róba"); ou se desconhecem os hiatos (aparece um "sau-da", no lugar adequado de /sa-ú-da/). Assim, vamos conhecer alguns casos importantes, relacionados aos verbos *aleijar, inteirar, roubar, estourar, cavoucar* e *saudar*:

1. Aleijar, inteirar (verbos cujo radical termina em *-ei*): pronuncie "ei", como em /rei/, proferindo-o fechado. Portanto:

Aleijar: *Eu aleijo/êi/ – Ele aleija/êi/ – Que eu aleije/êi/ – Que eles aleijem/êi/*

Inteirar: *Eu inteiro/êi/ – Ele inteira/êi/ – Que eu inteire/êi/ – Que eles inteirem/êi/*

Observação: o verbo *cear* – e não "ceiar"– tem a sílaba "ce-" modificada para "cei-", quando se torna tônica. Exemplo:

Cear: *Eu ceio/êi/ – Ele ceia/êi/ – Que eu ceie/êi/ – Que eles ceiem/êi/*

Entretanto, note: *ceemos*/êe/, *ceamos*/êa/, *ceávamos*/êa/.

2. Roubar, estourar, cavoucar, afrouxar (verbos cujo radical termina em *-ou*): pronuncie "ou", como em "ouro", proferindo-o fechado. Portanto:

Roubar: *Eu roubo/ôu/ – Ele rouba/ôu/ – Que eu roube/ôu/ – Que eles roubem/ôu/*

Estourar: *Eu estouro/ôu/ – Ele estoura/ôu/ – Que eu estoure/ôu/ – Que eles estourem/ôu/*

Cavoucar: *Eu cavouco/ôu/ – Ele cavouca/ôu/ – Que eu cavouque/ôu/ – Que eles cavouquem/ôu/*

Afrouxar: *Eu afrouxo/ôu/ – Ele afrouxa/ôu/ – Que eu afrouxe/ôu/ – Que eles afrouxem/ôu/*

3. Saudar – observe que há formação de hiatos em algumas pessoas (eu, tu, ele e eles), e ditongos em outras (nós e vós):

Hiatos: *Eu saúdo (sa-ú-do); Tu saúdas (sa-ú-das); Ele saúda (sa-ú-da).*

Ditongos: *Nós saudamos (sau-da-mos); Vós saudais (sau-dais); Eles saúdam (sa-ú-dam).*

A SOBRANCELHA – A LAGARTIXA

Pronúncia: /so-bran-ce-lha/, e não "som-bran-ce-lha"; /la-gar-ti-xa/, e não "lar-ga-ti-xa".

Situação: *Ele fez um corte na altura da sobrancelha.*

Comentário: é comum a inserção de letras ou sílabas em palavras, veiculando-se equívocos palmares. Como se sabe, as sobrancelhas são pelos (sem acento diferencial, pelo Acordo) dispostos na parte superior aos cílios. São também conhecidas como *supercílios* ou *sobrolhos*. O termo não apresenta correlação etimológica com *sombra*, não se devendo falar "sombrancelha". Deriva, sim, do latim *supercilium*, com este, sim, mantendo relação. Aliás, à semelhança deste "-m" que aparece na má pronunciação do termo *sobrancelha*, cite-se o caso do vocábulo *lagartixa* (pronúncia: /la-gar-/, e não "lar-ga-") – pequeno insetívoro que causa problemas para ser escrito... e para ser pego.

ATERRISSAGEM

Pronúncia: /aterrissagem/

Situação: *Os helicópteros aterrissaram às 14h30min.*

Comentário: o verbo *aterrissar* (ou *aterrar*) significa descer à terra. A questão é confrontá-lo com a forma *aterrizar* (com *-z*) e decidir: qual forma é correta. Com efeito, para o VOLP e o Houaiss, as duas formas (*aterrissar* e *aterrizar*) são possíveis. O Dicionário Aurélio, por outro lado, admite tão somente *aterrissar*. Portanto, podemos utilizar ambas as formas, mas preferimos *aterrissar* à forma *aterrizar*. Fique à vontade e opte, como quiser.

FRUSTRAR – PROCRASTINAR

Pronúncia: /frus-trar/, e não "fustrar" ou "frustar"; /pro-cras-ti-nar/, e não "pro-cas-ti-nar".

Situação: *Você não deve se frustrar com pequenos insucessos no dia a dia. Afinal, "a vida é combate, que os fracos abate; que os fortes, os bravos, só pode exaltar"* (Gonçalves Dias, na poesia *Canção do Tamoio – Natalícia*).

Comentário: os vocábulos *frustrar, frustrado* e *frustração* devem ser pronunciados com clareza. As sílabas /frus-/ e /tra-/ devem ser nitidamente articuladas, a fim de que não se emitam sons contrários às regras da ortoépia.

O mesmo fato ocorre com o verbo *procrastinar*. Sua pronúncia é delicada, uma vez que deve o emissor pronunciar /pro-cras/, e não "pro-cas", sem o -r. O verbo significa "adiar, diferir; ou o retardamento ou protelação injustificável em praticar um ato". Do verbo podem derivar vocábulos, como *procrastinador, procrastinante* e

procrastinatório. Exemplo: *O advogado procedia à realização de atos processuais, com o fito de procrastinar o andamento processual.*

INIMIGO FIGADAL

Pronúncia: /fi-ga-dal/, e não "fi-da-gal".

Situação: *Os povos vencidos nutriam um ódio figadal pelo inimigo.*

Comentário: o vocábulo *figadal* significa "íntimo, profundo, intenso". Deriva de "fígado", órgão que os antigos consideravam a "residência" do ódio. Dessa forma, pode-se falar em "inimigo figadal", "oponente figadal", "aversão figadal". É erronia grosseira trocar a forma em comento por "fidagal", com a sílaba -da, uma vez que tal forma é inexistente em nosso léxico.

A propósito, um termo de grafia próxima é *fidalgal*, relativo a *fidalgo*, ou seja, aquele que tem privilégio de nobreza. Pode-se falar em *atitude fidalgal*, referindo-se à maneira nobre como se agiu.

DISENTERIA

Pronúncia: /di-sen-te-ri-a/, e não "de-sin-te-ri-a".

Situação: *O neném tem disenteria há dez dias.*

Comentário: a palavra é formada pela soma de *dis* + *énteron* + *ia*, sabendo-se que *énteron* significa intestino. O problema está menos no desarranjo intestinal em si e mais no fato de que desde criança ouvimos falar outro nome, ou seja, a tal "de-sin-te-ri-a". E aí está o desafio a todos nós: convencer-nos de que o improvável é o correto e de que o equivocado termo que se cristalizou faz parte da invencionice humana... e de um verdadeiro *desarranjo vocabular*.

BENEFICENTE

Pronúncia: /be-ne-fi-cen-te/, e não "be-ne-fi-ci-en-te".

Situação: *A entidade filantrópica XYZ se dedica à beneficência, e suas festas beneficentes são muito animadas.*

Comentário: não confunda: a pronúncia correta das expressões é /beneficência/ ou /beneficente/, e não "benefiCIência" ou "benefiCIente". Tais cacoepias são verdadeiros barbarismos, que põem em xeque até mesmo o louvável trabalho de filantropia a ser realizado. Como se quer ajudar outrem em uma festa "beneficiente"? Assim não se ajuda tanto... Ajudar-se-á, todavia, em festa "beneficente", por meio da qual se realizará a atividade de benemerência.

ASTERISCO

Pronúncia: /as-te-ris-co/, e não "as-te-rís-ti-co".

Situação: *Não se esqueça de observar os asteriscos no texto, que o remeterão a notas de rodapé bastante importantes.*

Comentário: o vocábulo *asterisco* deriva do grego *asterískos*, significando "estrelinha". É sinal gráfico em forma de uma pequena estrela (*), usado para remissões. Não existe a forma "asterístico" – produto da mirabolante imaginação humana.

MENOS – SOMENOS

Pronúncia: /me-nos/, e não "me-nas".

Situação: *Na solenidade, havia menos pessoas do que eu imaginava.*

Comentário: a palavra *menos* é invariável, exigindo muita atenção daquele que a utiliza, a fim de evitar a

constrangedora pronúncia “menas”. Todo cuidado é pouco, pois toda palavra, como se sabe, é “um pássaro que foge da gaiola, não retornando jamais”. Logo, é necessário cautela. Portanto, deve prevalecer a invariabilidade. Exemplos:

Ele prestou o concurso menos vezes do que você (e não “menas vezes”).

A árvore deu menos frutas do que o ano passado (e não “menas frutas”).

Estas moças são menos delicadas do que aquelas que me apresentou (e não “menas delicadas”).

Tinha mais bondade e menos vaidade (e não “menas vaidade”).

Quanto menos pessoas houver, melhor será (e não “menas pessoas”).

No plano da concordância, o verbo que antecede a expressão “menos de” deverá concordar com o substantivo a que se refere a própria expressão. Exemplos:

Utilizou-se menos de um saco de cal (utilizou concorda com um saco).

Utilizaram-se menos de quatro sacos de cal (utilizaram concorda com quatro sacos).

Por fim, derivando-se de *menos*, desponta o adjetivo invariável em gênero e número *somenos*, na acepção de “inferior, de pouca importância”. Exemplos: *comentário de somenos importância; nota de somenos relevância*.

EXSURGIR

Pronúncia: /essurgir/, e não “eks-surgir”.

Situação: *Exsurgem evidências cristalinas do crime.*

Comentário: o verbo *exsurgir* significa “despontar, evidenciar, erguer-se”. A pronúncia deve ser como em “osso”, evitando-se o antissonoro “eks”.

A MEU VER – A PONTO DE

Pronúncia: /a meu ver/, e não “ao meu ver”; /a ponto de/, e não “ao ponto de”.

Situação: *A nosso ver, a situação está claudicando, a ponto de ser necessária a tomada urgente de providências.*

Comentário: as locuções devem ser usadas como se expôs: *a meu ver* e *a ponto de*, e não “ao meu ver” ou “ao ponto de”. O Aurélio é claro: a expressão que deve ser usada é “a meu ver”. Na mesma esteira, devem seguir *a meu pensar, a meu sentir, a meu modo de ver, a meu bel-prazer, a seu modo*. Observe alguns exemplos:

A meu ver, estamos na iminência de um conflito.

Ele ficou tão irritado, a ponto de agredir o adversário.

A nosso sentir, sua opinião está despida de sustentabilidade.

Ele agiu, a seu modo, com arbítrio.

O barraco estava a ponto de desabar.

Ela está a ponto de pedir para mudar de setor.

Observação: poder-se-ia empregar a expressão *ao ponto de* em situação específica, como:

Eles voltaram ao ponto de partida.

A bisteca não está ao ponto de ser servida a todos.

DESCARGO DE CONSCIÊNCIA

Pronúncia: /des-car-go/, e não "de-sen-car-go".

Situação: *Ele conferiu a mercadoria, apenas para descargo de consciência.*

Comentário: a expressão *descargo de consciência* pode soar mal a nossos ouvidos, mas não menos do que a pouco recomendável "desencargo de consciência". A questão é saber, independentemente de soar bem ou mal, qual delas deve prevalecer, em face do significado dos termos *descargo* e *desencargo*. O primeiro quer dizer "alívio"; o segundo, por outro lado, significa "retirar o encargo, o peso, a responsabilidade". Logo, quando se quer aliviar a consciência, prefira *descargo de consciência*, deixando aqueloutra expressão para situações como: *O pai, a partir de agora, tem o desencargo de cuidar da filha porque ela se casou.*

Vale ressaltar que os dicionários Aurélio e Houaiss registram *descargo* e *desencargo* como sinônimos. Logo, à luz dos dicionários, há plena liberdade na utilização de *descargo* ou *desencargo* de consciência.

Caso pretenda inovar, seguindo os passos de Machado de Assis, utilize *ventilar a consciência*. Aproveite... nosso léxico é generoso e pródigo.

AUTÓPSIA E AUTOPSIA – NECRÓPSIA E NECROPSIA

Pronúncia: /au-tóp-sia/ ou /au-top-si-a/; /ne-cróp-sia/ ou /ne-crop-si-a/ (VOLP 2009)

Situação: *O médico procedeu à necropsia do cadáver.*

Comentário: segundo a medicina legal, a *autópsia* é o termo designativo do exame médico-legal do cadáver, a fim de que se descubra a causa da morte. O exame anatômico é mencionado no art. 162, *caput*, do CPP. A acentuação da palavra se dá em razão de ser ela uma paroxítona terminada em ditongo, à semelhança de *óbvio,*

tênue, cárie. Dela derivam o verbo *autopsiar* e o adjetivo *autópsico* ou *autopsiado*.

Todavia, quer se utilize *autópsia* (com acento gráfico), quer se utilize autopsia (sem acento gráfico), não chegaremos à melhor configuração conceitual do exame cadavérico, se partirmos da estrutura etimológica do radical dos vocábulos: *óps* (radical grego que designa "vista"; *autos* (radical grego que designa "próprio, mesmo"). Esta é a razão pela qual somos da opinião que a expressão mais fidedigna ao exame anatômico é *necropsia*. A *necropsia* (ne-crop-si-a), sem acento, formada por *óps* (radical grego que designa "vista") e por *necrós* (radical grego que designa "cadáver"), seria mais bem apropriada ao caso. Dela derivam o verbo *necropsiar* e o adjetivo *necrópsico*.

Por fim, o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP) – veículo oficial da Academia Brasileira d Letras, responsável pela enumeração, grafia e pronúncia das palavras existentes em nosso léxico –, em sua edição de 2009, registra as formas "autópsia", "autopsia", "necrópsia" e "necropsia". Portanto, atualmente todas as quatro formas são admitidas.

A PERDA – A PERCA

Pronúncia: /a per-da/, e não "a per-ca".

Situação: *Espero que você não perca o prazo, senão vai haver a perda de minha paciência.*

Comentário: é comum entre os usuários da Língua Portuguesa a troca entre os termos "perda" e "perca". Fala-se, equivocadamente, "perca do prazo", "percas e danos", entre outras expressões bastante comprometedoras, no entanto é fácil notar que uma delas representa verbo, enquanto a outra refere-se a substantivo. O nome *perda* é o substantivo, enquanto *perca* equivale à forma verbal. Passemos a detalhar:

O verbo *perder*, quando conjugado no tempo presente do modo subjuntivo, provoca o surgimento da forma *perca (eu)*, na primeira e terceira pessoas do singular – eu e ele –, como se pode notar na conjugação a seguir: *(que) eu perca, (que) tu percas, (que) ele perca, (que) nós percamos, (que) vós percais, (que) eles percam.* Portanto, *perca* é verbo, não podendo estar acompanhado de artigo, como se notou nos equívocos supramencionados: "a perca do prazo" ou "as percas e danos".

A expressão *perda*, por outro lado, representa o substantivo com sentido de "falta, ausência, omissão". Se fulano perdeu algo, houve a *perda* de algo; se beltrano perdeu um episódio da novela, houve a *perda* do referido programa; se, por fim, sicrano perdeu o prazo, houve a *perda* do prazo. Assim, deve o atento falante perceber que, "se houver a 'perda' do compromisso, talvez 'perca' ele as novidades anunciadas"; ou que, "caso o funcionário 'perca' o prazo, pode haver a 'perda' da paciência do chefe".

SUBSÍDIO

Pronúncia: /sub-ssí-dio/, e não "sub-zí-dio".

Situação: *A argumentação expendida servirá como subsídio para o convencimento do cliente.*

Comentário: urge prestar demasiada atenção à pronúncia do vocábulo ora analisado. Entendemos que tal palavra é responsável pela principal equivocidade de pronúncia em nosso vernáculo, uma vez que se ouve, em programas de tevê, de rádio, em salas de aula ou em palestras, a forma *subsídio*, com o -s na forma prosódica de -z, como em "casa", "Isabel", "mesa", "isonomia" etc. Não devemos falar /sub-Zí-dio/, pela mesma razão de não podermos pronunciar /sub-zó-lo/ (*subsolo*).

Note que a formação do fonema /z/ ocorreria se tal consoante se encontrasse entre vogais (Exemplos:*casa*/z/, *vaso*/z/, *Pasárgada*/z/), o que não se dá com o vocábulo. Na verdade, o fonema consentâneo com a norma culta é /ss/, como em *subsolo, subserviente, subserviência, ansiar, ansioso, ansiedade, subsistir* (/ssi/ ou /zi/; VOLP 2009), *subsistência* (/ssi/ ou /zi/; VOLP 2009), *subsistente* (/ssi/ ou /zi/; VOLP 2009) e *subsumir*.

Registre-se que a separação silábica do vocábulo em epígrafe deve ser: sub-sí-dio.

Portanto, sejamos coerentes com a prosódia de rigor, abonando-a. Pronunciemos */sub-SSí-dio/*, sem medo de errar, mesmo que se enuncie a forma condenável à nossa volta, aos quatro ventos, a todo tempo... Haja ouvidos!

RORAIMA

Pronúncia: /Ro-rãi-ma/ ou /Ro-rái-ma/.

Situação: *Há uma estrada importante que liga Manaus a Boa Vista, em Roraima.*

Comentário: o som da formação do ditongo -ai, quando seguido de -m ou -n, deve ser nasalado. É peculiar do português do Brasil que se nasalize tal ditongo. Portanto, podemos pronunciar a palavra *Roraima* com o ditongo nasalado /ãi/, em vez de pronunciá-la, oralmente, como em *gaita* /ái/. No mesmo diapasão, podemos falar: *andaime(/ãi/), aplainar(/ãi/), paina (/ãi/), bocaina(/ãi/), polaina(/ãi/), sotaina(/ãi/), faina(/ãi/), Rifaina(/ãi/), taino(/ãi/), comezaina(/ãi/)* etc.

Todavia, entendemos que não é incorreto proferir *Roraima(ái), Jaime(ái), andaime(ái)*, sem nasalar o ditongo. Portanto, trata-se de questão de preferência.

SUBIDA HONRA

Pronúncia: /su-bi-da/, e não "sú-bi-da".

Situação: *Tive a subida honra de apresentar o Presidente.*

Comentário: o adjetivo *subido*, na forma paroxítona, com sílaba tônica em -bi, quer dizer "elevado, alto,

excelente", sendo vocábulo que transita em abundância nos escritos clássicos. Há quem considere seu uso inadequado, mostrando-se como um chavão de mau gosto. De nossa parte, entendemos que a visão crítica é um tanto extremada, nada impedindo que se utilize a forma indicada.

Enfatize-se que não podemos confundir o adjetivo em análise com outro, de som diverso – *súbito* –, palavra proparoxítona que significa "inesperado, inopinado, repentino, de supetão". Podemos visualizar o confronto dos adjetivos analisados na frase abaixo transcrita: *O súbito encontro ocorreu quando conversava com tão subida autoridade*.

COMPANHIA

Pronúncia: /com-pa-nhi-a/, e não "com-pa-ni-a".

Situação: *Estávamos em companhia das melhores pessoas do grupo.*

Comentário: a pronúncia deve ser /compãNHia/, e não como se fala com certa frequência – "compania". Afinal, não há "companeiros", mas *compaNHeiros*. Portanto, devemos pronunciar o som de -nh, em todas as hipóteses: *companhia aérea, companhia limitada, companhia boa, andar em más companhias.*

IRASCÍVEL

Pronúncia: /i-ras-cí-vel/, e não "irras-cí-vel".

Situação: *O jogador de futebol tinha um comportamento irascível.*

Comentário: o adjetivo *irascível*, na forma paroxítona, com sílaba tônica em -cí, quer dizer "irritadiço, irritável". O importante é ressaltar que não existe em nosso léxico a forma "iRRascível", com dois "rr". É produto da invencionice humana.

TIMBREMACETES

Palavra	Timbre aberto	Timbre fechado
Acerbo	*Acerbo (/é/)*	
Acervo	*Acervo (/é/) (VOLP 2009)*	*Acervo (/ê/) (VOLP 2009)*

Alcova		*Alcova (/ô/)*
Alforje		*Alforje (/ô/)*
Alentejo	*Alentejo (/é/)*	
Ambidestro	*Ambidestro (/é/) (VOLP 2009)*	*Ambidestro (/ê/) (VOLP 2009)*
Apodo		*Apodo (/ô/)*
Aresto	*Aresto (/é/)*	
Às avessas		*Às avessas (/ê/) (VOLP 2009)*
Avesso		*Avesso (/ê/)*
Blefe	*Blefe (/é/) (VOLP 2009)*	*Blefe (/ê/) (VOLP 2009)*
Caolho		*Caolho (/ô/)*
Cateto		*Cateto (/ê/)*[5]
Cervo	*Cervo (/é/) (VOLP 2009)*	*Cervo (/ê/) (VOLP 2009)*

Consuetudinário	*Consuetudinário*[6]	
Desporto		*Desporto (/ô/)*
Desportos	*Desportos (/ó/)*	
Destro	*Destro (/é/) (VOLP 2009)*	*Destro (ê) (VOLP 2009)*
Embandeirar		*Eu embandeiro (/ê/)*
Empoeirar		*Eu empoeiro (/ê/)*
Endoidar		*Eu endoido (/ô/)*
Ensebar		*Eu ensebo (/ê/)*
Entesourar		*Eu entesouro (/ô/)*
Equevo	*Equevo /é/*	
Esbravejar		*Eu esbravejo (/ê/)*
Esfíncter	*Esfíncter*[7] *(paroxítona – VOLP 2009)*	
Esfincter	*Esfincter (oxítona)*	

Esmero		*Esmero (/ê/)*
Espelhar		*Eu espelho (/ê/)*
Esquartejar		*Eu esquartejo (/ê/)*
Eu abiscoito (abiscoitar)		*Eu abiscoito (/ô/)*
Eu abrasileiro (abrasileirar)		*Eu abrasileiro (/ê/)*
Eu acoimo (acoimar)		*Eu acoimo (/ô/)*
Eu açoito (açoitar)		*Eu açoito (/ô/)*
Eu adejo (adejar)		*Eu adejo (/ê/)*
Eu afrouxo (afrouxar)		*Eu afrouxo (/ô/)*
Eu aleijo		*Eu aleijo (/ê/)*
Eu almejo		*Eu almejo (/ê/)*

5 6 7

Eu alvejo		*Eu alvejo (/ê/)*

Eu amancebo (amancebar)		*Eu amancebo (/ê/)*
Eu amoito (amoitar)		*Eu amoito (/ô/)*
Eu apedrejo		*Eu apedrejo (/ê/)*
Eu arejo		*Eu arejo (/ê/)*
Eu bafejo (bafejar)		*Eu bafejo (/ê/)*
Eu bandeiro (bandeirar)		*Eu bandeiro (/ê/)*
Eu bochecho (bochechar)		*Eu bochecho (/ê/)*
Eu branquejo		*Eu branquejo (/ê/)*
Eu cacarejo		*Eu cacarejo (/ê/)*
Eu calejo		*Eu calejo (/ê/)*
Eu ceifo		*Eu ceifo (/ê/)*
Eu chamejo		*Eu chamejo (/ê/)*
Eu cortejo		*Eu cortejo (/ê/)*
Eu cotejo		*Eu cotejo (/ê/)*

Eu dardejo (dardejar)		*Eu dardejo (/ê/)*
Eu encabeço	*Eu encabeço (/é/)*	
Eu me esmero	*Eu me esmero (/é/)*	
Exegeta	*Exegeta (/é/)*	
Farejar		*Eu farejo (/ê/)*
Fechar		*Eu fecho (/ê/)*
Festejar		*Eu festejo (/ê/)*
Flamejar		*Eu flamejo (/ê/)*
Flechar	*Eu flecho (/é/)*	
Flerte		*Flerte (/ê/)*
Forcejar		*Eu forcejo (/ê/)*
Fraquejar		*Eu fraquejo (/ê/)*
Gaguejar		*Eu gaguejo (/ê/)*

Gargarejar		*Eu gargarejo (/ê/)*
Ginete		*Ginete (/ê/)*
Gotejar		*Eu gotejo (/ê/)*
Hetero-		*Hetero- (/ê/)*
Heterossexual		*Heterossexual (/ê/)*
Hissope	*Hissope (/ó/)*	
Incesto	*Incesto (/é/)*	
Inteirar		*Eu inteiro (/ê/)*
Joanete		*Joanete (/ê/)*
Lacrimejar		*Eu lacrimejo (/ê/)*
Latejar		*Ele lateja (/ê/)*
Mechar	*Eu mecho (/é/)*	
Mexer		*Eu mexo (/ê/)*
Motejar		*Eu motejo (/ê/)*

Nucleico	*Nucleico (/é/)*	
Odre		*Odre (/ô/)*
Ocre	*Ocre (/ó/)*	
O requebro		*O requebro (/ê/)*
Ornejar		*Eu ornejo (/ê/)*
Paredro	*Paredro (/é/)*	
Pelejar		*Eu pelejo (/ê/)*
Peloponeso	*Peloponeso (/é/)*	
Peneirar		*Eu peneiro (/ê/)*
Pestanejar		*Eu pestanejo (/ê/)*
Piloro	*Piloro (/ó/)*	
Porejar		*Ele poreja (/ê/)*
Praguejar		*Eu praguejo (/ê/)*
Preconceito	*Preconceito (/é/)*	

Pretejar		*Eu pretejo (/ê/)*
Probo	*Probo (/ó/)*	
Proteico	*Proteico (/é/)*	
Rastejar		*Eu rastejo (/ê/)*
Refrega	*Refrega (/é/)*	
Relampejar		*Ele relampeja (/ê/)*
Requebrar	*Ele requebra (/é/)*	
Reses (plural de rês)		*Reses (/ê/)*
Reveses (plural de revés)	*Reveses (/é/)*	
Rio Tejo	*Rio Tejo (/é/)*	
Sacolejar		*Eu sacolejo (/ê/)*
Socorro		*Socorro (/ô/)*

Socorros	*Socorros (/ó/)*	

Solfejar		*Eu solfejo (/ê/)*
Terço (oração)		*Terço (/ê/)*
Terso (= puro)	*Terso (/é/) (linguagem tersa)*	
Topete	*Topete (/é/) (verbo topetar)*	
Topete (substantivo)	*Topete (/é/) (VOLP 2009)*	*Topete (/ê/) (VOLP 2009)*
Traquejar		*Eu traquejo (/ê/)*
Trovejar		*Eu trovejo (/ê/)*
Velejar		*Eu velejo (/ê/)*

Algumas explicações necessárias:8

Palavra	**Timbre aberto**	**Timbre fechado**
Abeto		***Abeto (/ê/)***
Trata-se de substantivo masculino (o abeto), com o timbre fechado /ê/, que representa a designação comum às árvores do gênero "Abies" (Cegalla, 1999: 9).		
Adrede		***Adrede (/ê/)***

É locução adverbial de raro uso, significando "de propósito, acintosamente". Veja o exemplo extraído da literatura nacional:

- *"Os coronéis eram os mandões. Acoitavam homicidas e os defendiam nos júris, sob o simulacro de conselhos de sentença adrede preparados"*8.

Ressalte-se que não existe a forma "adredemente", produto da invencionice humana.

Vale a pena observar a pontual observação de Cegalla (1999: 13), ao se referir à palavra em comento, quando assevera que "as poucas vezes que a ouvimos foi com a vogal tônica aberta (adrede), contrariamente ao que ensinam os dicionários, que lhe registram a pronúncia 'adrêde'".

Besta	***Besta (/é/)***	***Besta (/ê/)***

Segundo o eminente gramático Domingos Paschoal Cegalla, a pronúncia será aberta, como em /festa/, caso se trate de "arma, armamento". Exemplo: A besta(/é/) era preferível ao mosquetão.

Caso haja referência ao "animal de carga", a vogal será fechada, como em /cesta/. Exemplo:

A besta(/ê/) bebeu água à vontade.

Essa é uma variação que deve ser seguida, conforme entendimento da ABL (no VOLP): o timbre fechado para o animal; o timbre aberto para o armamento.

Controle		***Controle (/ô/)***

A pronúncia cotidiana é /controle/, com a vogal fechada /ô/. No entanto, há

gramáticos de prol que, em abono da coerência eufônica, preconizam o timbre aberto da vogal. Comparam o

vocábulo com palavras como gole, prole e fole, que têm o timbre aberto. No entanto, permissa venia*, não recomendamos o "ousado" som prosódico, uma vez sedimentada a pronúncia com o timbre fechado, exceto no caso de forma verbal (que ele controle (/ó/) – 3ª pessoa do presente do subjuntivo).*

Dolo	***Dolo (/ó/)***	

O substantivo dolo, derivado do grego dólos *e do latim* dolus*, significa a "má-fé, a astúcia, o ardil". Pronuncia-se com o timbre aberto, como em /solo/, e não como em /bolo/. Essa palavra "passa a perna" em muitos operadores do Direito e em Presidentes – Fernando Henrique Cardoso foi um dos que levou "rasteira" da palavra ao pronunciá-la como "bolo". Antonio Carlos Magalhães, por outro lado, já se mostrou mais atento ao falar dolo, com /ó/ aberto, como "manda o figurino".*

Molho de tomate / de chaves	***Molho de chaves (/ó/)***	***Molho de tomate (/ô/)***

Para os dicionários e estudiosos da prosódia, a pronúncia do vocábulo deve variar, conforme o significado do termo. Observe:

1. *Na acepção de "feixe ou reunião de objetos", profere-se molho* **(/ó/)***, com a vogal tônica aberta. Portanto: molho de lenha,* ***molho de chaves****, molho de cenouras, molho de rabanetes.*

2. *No sentido de "condimento, caldo culinário ou tempero", o timbre é fechado*

(/ô/). *Portanto, diga molho (/ô/), com a vogal tônica fechada. Assim:* ***molho de tomate****, molhos finos, molhos picantes.*

Ressalte-se a ocorrência de uma interessante expressão idiomática: aos molhos (/ó/), com a vogal tônica aberta, no sentido de "em grande quantidade". Portanto: O político distribuiu abraços e apertos de mão aos molhos.

Diga-se que a edição do VOLP 1999 ratificava a pronúncia distinta acima ventilada, ao prever, taxativamente, o timbre fechado para o sentido de "caldo" e silenciar a respeito da pronúncia afeta ao sentido de "feixe". O VOLP 2009 manteve a regra. Portanto, entendemos que a distinção permaneceu, devendo ser seguida pelo estudioso.

Obsoleto	***Obsoleto (/é/) (VOLP 2009)***	***Obsoleto (/ê/) (VOLP 2009)***
O adjetivo em análise não contava com a pronúncia definida na edição do VOLP 1999. Apenas os dicionários sinalizavam-na, indicando a preferência pelo timbre fechado (/ê/), a par da pronúncia com o timbre aberto (/é/), típica de Portugal, e não usual no Brasil. *A novidade está no fato de que o VOLP 2009 consagrou a pronúncia como oscilante, isto é, passou a admitir os timbres aberto (/é/) e fechado (/ê/).* *Ressalte-se, por fim, que o substantivo cognato derivado de obsoleto é obsolescência – fato ou estado do que se tornou obsoleto. Exemplo: obsolescência da máquina.*		
Vitamina E	***Vitamina E (/é/)***	

*A vogal **e**, em Vitamina E, deve ser pronunciada com o timbre aberto (/é/). Em português, não existe, para a referida vogal, a pronúncia com o timbre fechado. Portanto, pronuncie com o timbre aberto: vitamina E, turma E, TRE, IBGE, TSE. Claro está que tal pronúncia não abrange a conjunção **e** nas orações que dela precisam: O homem e o cavalo são importantes no campo.*

1 *O Globo* de 30-10-1991, *apud* Cegalla, 1999, p. 350.

2 A pronúncia correta para inexorável é /ine/z/orável/.

3 **Corrigindo:** "sejo" não existe. Diante da ordem "Seja obediente!", deve o destinatário da mensagem concordar com um "sim", discordar com um "não", ou se valer de outra resposta que lhe aprouver.

4 Segundo Nicola e Terra (2000: 72), "a palavra 'consoante' significa, literalmente, 'que soa juntamente', ou seja, na Língua Portuguesa, a consoante só se realiza sonoramente quando apoiada numa vogal (a vogal é a base da sílaba). Na Língua Portuguesa, temos dezenove sons consonantais, representados nos exemplos seguintes: pomba bomba, tomada, domada, cato, gato, faca, vaca, selo, zelo, já, chá, não, mamão, vinho, mala, malha, arara, amarra".

5 Conforme se depreende do Houaiss, o termo matemático tem timbre aberto em Portugal, mas, no Brasil, deve ser pronunciado com o "e" fechado. Na edição do VOLP 1999, havia o registro de duas possibilidades: cateto (/ê/) e cáteto (forma com acento, vernácula, porém pouco usual). Hoje, com a edição do VOLP 2009, somente se admite cateto /ê/ (timbre fechado).

6 Pronuncie /consuétudinário/, com "-e" levemente aberto.

7 Pronuncie /esfínctér/, paroxítona, com "-e" levemente aberto.

8 C. Povina Cavalcanti, *Vida e Obra de Jorge de Lima*, p. 15, *apud* Cegalla, 1999, p. 13.

11 MEMORIMACETES

Os MEMORIMACETES objetivam oferecer ao estudioso, mediante processo de memorização, a aprendizage dos elementos gramaticais mais importantes de nosso idioma. Por meio do confronto entre o *acerto* e o *erro*, pode o leitor visualizar o melhor caminho a seguir, memorizando as dicas afetas àquele questionamento. Será possível perceber que, em alguns casos – em virtude da complexidade dos pontos gramaticais –, serão ofertadas explicações detalhadas acerca do tema, enriquecidas com exemplos e comentários. Passemos, então, a seu estudo. 1 2

MEMORIMACETES	
ERRO: *Houveram confusões.*	**ACERTO:** *Houve confusões.*
O verbo **haver** no sentido de "existir" é impessoal, não podendo concordar com o nome a que se refere. Exemplo: • *No mês passado, havia muitas amoras na árvore.* Há construções pouco recomendáveis, documentadas até mesmo em alguns dos melhores escritores da Língua, especialmente do século passado, que não devem ser imitadas: "Houveram muitas lágrimas de alegria"[1]. "Ali haviam vários deputados que conversavam de política, e os quais se reuniram a Meneses"[2].	
ERRO: *Quando eu ver você,...*	**ACERTO:** *Quando eu vir você,...*
*O verbo **ver** apresenta problemas, em suas formas verbais, ao falante menos atento. O futuro do subjuntivo se forma com* vir*, isto é, deve-se dizer quando eu*	

vir, tu vires, ele vir, nós virmos, vós virdes, eles virem. Não se pode falar "quando eu ver*"... aliás, bem a propósito, tal erro se repete excessivamente em propaganda eleitoral na tevê, em época de eleições, quando os candidatos ensinam seus eleitores a votarem dessa forma: "Digite o número devagarinho. Depois, olhe bem: quando* ver *a foto do seu Candidato na tela, aperte 'confirma'". Haja paciência, não é mesmo?*

ERRO: *A nível de*	**ACERTO:** *Em nível de / Ao nível de*

Evite esse modismo linguístico, que parece ser uma "praga" com alto poder de contaminação. Traduz-se, verdadeiramente, em expressão inútil que deve ser abolida, uma vez que se apresenta como um peso desnecessário na exposição da ideia. Exemplos de erronias:

"Decisão a nível de diretoria".

"O preço do produto vai subir, tanto a nível de atacado quanto no varejo".

ERRO: *Ele chegou atrasado, posto que perdeu a hora.*	**ACERTO:** *Ele chegou atrasado porque perdeu a hora.*

A locução **posto que** indica "concessão", devendo ser traduzida como "embora, ainda que, mesmo que, conquanto". Ao contrário do que aparenta, a expressão não é sinônima de "porque". Enfatize-se que, não obstante dicionarizada, é expressão condenada na acepção *causal,* como sinônima de "porque". Muito cuidado!

Veja os exemplos de uso inadequado:

"Discordamos de você, posto que a sua opinião é falha".

"Julgo procedente, posto que ficou provado nos autos o dolo".

Agora, aprecie as formas legítimas:

- *Posto que tenha se esforçado, não obteve o sucesso esperado.*
- *Posto que seja cego, o amor não é surdo.*
- *Não me convencerá, posto que a vaca tussa.*
- *Julgarei procedente, posto que não fique convencido.*
- *Posto que não ignore o que fiz, faça o que mando.*
- *Posto que não percebesse exatamente por quê, ela começou a chorar.*
- *"... o primeiro a entrar no jardim, e pisava firme, posto que cauteloso"*[3].
- *"Posto que estivesse mais ou menos a par da situação, Emília, vendo a irmã em tal estado, começou também a oferecer resistência"*[4].

Observe como a expressão *posto que* é bem utilizada, na linguagem mais antiga, com o valor concessivo, de "ainda que, embora", na passagem do conto *O alienista*, de Machado de Assis:

- *"... Pode crer-se que a intenção do Mateus era ser admirado e invejado, posto que ele não a confessasse a nenhuma pessoa, nem ao boticário, nem ao padre Lopes, seus grandes amigos".*

Ademais, memorize que o tempo verbal deve estar no *modo subjuntivo* com a expressão em apreço. Logo, fala-se *posto que fosse*, e não "posto que era" ou "posto que é".

Por fim, registre-se que Vinicius de Moraes, no esplêndido *Soneto de Fidelidade*, "escorregou" ao usar a expressão. Mas vamos e venhamos... ele pode, nós, não! Com efeito, o artista, valendo-se da *licença poética*, pode "desafiar" a gramática. Tal manejo é permitido a alguns. Abramos alas, pois, à magnificência poética de Vinicius de Moraes:

"(...) E assim, quando mais tarde me procure

Quem sabe a morte, angústia de quem vive,

Quem sabe a solidão, fim de quem ama,

Eu possa dizer do amor (que tive)

Que não seja imortal posto que é chama **[no sentido de "que não seja imortal 'porque' é chama"]**

Mas que seja infinito enquanto dure".

3 4

5 6

ERRO: *Ele teve um infarte.*	**ACERTO:** *Ele teve um enfarte.*

Há quatro variantes sinônimas para a expressão designativa desse problema cardiológico, que podem ser hoje livremente utilizadas. São elas:

ENFARTE	ENFARTO	INFARTE	INFARTO

As formas *enfarte* e *enfarto*, ambas com en-, são oriundas da linguagem popular. Por outro lado, a expressão *infarto* encontra bases etimológicas em *infarct* (inglês) e *infarctus* (francês). Por sua vez, a forma *infarte* não fazia parte de nosso léxico, até a publicação da edição do VOLP 2009. Na atualidade, portanto,*in dubio pro libertate*.

ERRO: *Obteve um empréstimo junto ao banco.*	**ACERTO:** *Obteve um empréstimo no banco.*

As expressões *junto a, junto com* podem ser consideradas corretas, se vierem a exprimir proximidade ou contiguidade. Exemplos:

- *Os lavradores estavam junto ao barracão.*

- *"E, magoados com a sua rudeza, ali ficamos junto de um tronco de oliveira seca..."*[5].
- *Nosso embaixador agirá junto ao governo argentino para entabular um amistoso diálogo.*

Observações:

1. Fora desses casos, o uso de tais expressões não é recomendável. Exemplos de erronias:

"Ele tentará obter um empréstimo junto ao banco" (troque por "no").

"Os insatisfeitos informaram o crime junto à Delegacia de Polícia" (troque por "na").

2. Com relação à expressão "junto com", embora transpareça um nítido pleonasmo, não há redundância, haja vista a consagração da forma, tão velha quanto Camões, que a utilizou em *Os lusíadas*, VII, 77. Portanto, sem recriminar, aprecie a frase:

"O rapaz saiu junto com a namorada"[6].

ERRO: *Já acostumou com as manias dele?*	**ACERTO:** *Já se acostumou com as manias dele?*

No sentido de "habituar-se", não se deve utilizar o verbo "acostumar" sem pronome. Este é de rigor, a par das preposições *a* ou *com*, uma vez que **acostumar-se** é *transitivo indireto*. Nessa mesma esteira, segue o verbo **desacostumar-se**, acompanhado da preposição *de*. Logo, observe as frases corretas:

- *Ela se acostumou a Nova Iorque.*
- *Eu me acostumei a isso.*
- *Eu me desacostumei de nadar.*
- *Devo desacostumá-lo de beber.*

ERRO: *Foi morto à sangue-frio.*	**ACERTO:** *Foi morto a sangue-frio.*

Nas *locuções adverbiais* formadas com substantivos masculinos, a crase não é bem-vinda. Portanto, memorize:

Estrada a leste – Escrito a lápis – Andar a pé – Andar a cavalo – Carro a gás – Transpor a nado – Berrou a seu gosto – Matou a sangue-frio – Vestir-se a caráter – Andar a esmo – Vendas a crédito – Compras a prazo – Estava a bordo do navio – Sorriu a muito custo – Veio a jato.

ERRO: *Ele adivinha de sua mãe.*	**ACERTO:** *Ele advinha de sua mãe.*

O verbo *adivinhar*, na acepção de "descobrir", deve, sim, ser grafado sempre com -i, quer nas formas verbais (*eu adivinho, que nós adivinhemos* etc.), quer como substantivo (*o adivinho*). De outra banda, o verbo **advir**, como sinônimo de "vir", na 1ª pessoa do singular (eu) do pretérito imperfeito do indicativo, forma *eu advinho* (com -d mudo). Portanto, muito cuidado com adivinhações por aí... Antes, divirta-se com a legítima frase:

- *Elas adivinham que os anjos advinham do céu.*

ERRO: *Calda do piano*	**ACERTO:** *Cauda do piano*

A *calda* é o "líquido" (*calda de chocolate*). Por outro lado, **cauda** é "o prolongamento traseiro do piano, de vestido e de animais. Portanto, escreva, corretamente, *cauda do piano.*

ERRO: *Ele lutou heroicamente e bravamente.*	**ACERTO:** *Ele lutou heroica e bravamente.*

Se ocorrerem na frase dois ou mais advérbios de modo (terminados em -mente), em geral, só o último ganha este sufixo, mantendo-se os demais na forma feminina do adjetivo. Exemplos:

- *O assassino ouvia o juiz atenta e friamente.*
- *A vítima foi estrangulada covarde e barbaramente.*

A repetição do sufixo -mente só se justificaria em situações específicas, nas quais se pretendesse dar ênfase ao elemento. Exemplo:

- *Ele foi demoradamente e calorosamente aplaudido.*

Por fim, registre-se que o termo "heroica" (sem acento na sílaba -roi) perdeu o acento gráfico por força do Acordo Ortográfico, o qual suprimiu o acento nos ditongos abertos das paroxítonas.

ERRO: *O festival terá músicas afro.*	**ACERTO:** *O festival terá músicas afras.*

O termo **afro** deriva de "africano", podendo ser adjetivo. Como tal, deve concordar com o substantivo. Exemplos: *carnaval afro; música afra; canções afras*. Liga-se, também, a outros adjetivos, como: afro-brasileiro.

ERRO: *Ele se comprouveu de um crime.*	**ACERTO:** *Ele se comprazeu (ou comprouve) de um crime.*

O verbo **comprazer** (VTI ou VI), na acepção de "servir ou ser cortês", não apresenta grandes problemas na conjugação: *comprazo, comprazia, comprazerei, comprazeria, compraza,* entre outras formas.

No *pretérito perfeito do indicativo* e nos tempos dele derivados apresenta duas formas possíveis (*regular* e *irregular*), ganhando feição de verbo *abundante*: *comprazi ou comprouve; comprazeu ou comprouve; comprazeram ou comprouveram; comprazera ou comprouvera; comprazesse ou comprouvesse; comprazer ou comprouver*.

Por fim, o verbo também é possível, na forma pronominal – comprazer-se –, na acepção de "alegrar-se, sentir prazer, deleitar-se". Exemplos:

- *Comprazo-me com a sorte alheia.*
- *Diante dos clientes, sorria sempre para comprazer.*
- *Compraz às mulheres a má sorte das outras.*
- *Ele se comprazeu (ou comprouve) de um crime.*

7 8 9

ERRO: *Rir é o melhor remédio – um aforisma famoso.*	**ACERTO:** *"Rir é o melhor remédio" – um aforismo famoso.*

Aforismo: substantivo masculino que se refere a "sentença, máxima, definição breve". Não existe "aforisma". Na mesma esteira, é oportuno aqui registrarmos o vocábulo **cataclismo** (não existe "cataclisma"), o qual deriva da palavra grega *cataclismós*, na acepção de "catástrofe, uma inundação, uma convulsão social". Sendo assim, aprecie a frase:

"Ainda bem não se refazia de um cataclismo, sobrevinha-lhe outro"[7].

ERRO: *A última vez em que viajei...*	**ACERTO:** *A última vez que viajei...*

A expressão adverbial, tradutora de sentido temporal, **a última vez que...** é

estereotipada e fixa. Portanto, não pode ser modificada, haja vista apresentar-se cristalizada. Com efeito, é inadequado antepor a preposição *em* ao pronome relativo *que*, em virtude de tal pronome aparecer comumente como *conjunção*, o que basta para rechaçar a preposição. O mesmo se diga para as expressões *a primeira vez que..., a segunda vez que..., a última vez que..., cada vez que...* e *todas as vezes que...*

Portanto, aprecie as frases legítimas:

- *A última vez que fui ao cinema, assisti a um belo filme.*
- *Era a última vez que via o filho.*
- *A primeira vez que assisti à sua aula, apaixonei-me.*
- *Era a segunda vez que a gritava.*
- *Cada vez que a beijo, sinto vontade de me entregar.*
- *Todas as vezes que a vejo, perco o fôlego.*
- *"Era a primeira vez que Jorge se separava de Luísa"*[8].
- *"Era a última vez que via o patrão"*[9].

ERRO: *A cidade foi arrasada pela avalanche.*	**ACERTO:** *A cidade foi arrasada pela avalancha.*

A massa de gelo e neve que se desprende das montanhas recebe o nome, em português, de **avalancha**. O termo "avalanche" é francês, havendo, todavia, seu registro no Aurélio e no Houaiss. A edição do VOLP 2009 não traz indicação desse vocábulo. Assim, entendemos que é recomendável o uso de *avalancha* em detrimento de "avalanche", sabendo-se, todavia, que ambos são termos dicionarizados.

Ademais, em sentido figurado, é possível o uso da expressão *avalancha* na acepção de "grande quantidade de coisas que chegam de supetão". Exemplos:

• *Ele fez carga de uma avalancha de processos.* • *Houve uma avalancha de protestos.*	
ERRO: *Ele comprou botas azul-celestes.*	**ACERTO:** *Ele comprou botas azul-celeste.*
H á *adjetivos* formados com o elemento **azul** que são invariáveis, quando pluralizados. Exemplos: *azul-celeste, azul-marinho, azul-turquesa* e *azul-ferrete*. Portanto, memorize: *roupas azul-celeste; camisas azul-ferrete; ternos azul-marinho*. De outra banda, é interessante notar que, como *substantivos*, poderão ser pluralizados. Exemplos:	
• *Os azuis-marinhos das telas variavam em tons sutis.* • *Os azuis-celestes das paisagens que pintei impressionavam pela leveza.*	
ERRO: *Ele se aproximou em câmera lenta.*	**ACERTO:** *Ele se aproximou em câmara lenta.*
O substantivo *câmera* designa "o aparelho de filmar". Exemplo: *câmera de TV, câmera de televisão*. Além disso, pode ter a acepção de "pessoa que opera tais aparelhos" (*O câmera estava exausto*). Fora desses casos, emprega-se **câmara**. Exemplos: *Câmara dos Deputados, câmara de gás, câmara frigorífica, Câmara Municipal* e, igual e simplesmente, *câmara* (*para câmara lenta, com o sentido de "lentamente"*).	
ERRO: *O sorvete é feito com raspas*	**ACERTO:** *O sorvete é feito com raspas*

de côco.	*de coco.*

O fruto do coqueiro é o **coco**, sem acento circunflexo, como em *soco*. O plural é *cocos*. Ambos têm a vogal tônica fechada /ô/. A forma também tem a acepção (1) de "crânio" (sinônimo de cocuruto) e, também, (2) de "dança popular de Alagoas".

Por outro lado, a bactéria é *coco*, sem acento agudo, como em *eu toco*. O plural é cocos. Ambos têm a vogal tônica aberta /ó/. O termo também serve para designar "a medida japonesa de seis alqueires".

Em tempo, registre-se que, na acepção de excremento, há a forma *cocô*, dicionarizada e com acento circunflexo, como oxítona.

Por derradeiro, há a forma *cocó*, na acepção de "penteado feminino ou coque na cabeça".

Resumindo: há COco /ô/; há COco /ó/; há coCÔ; há coCÓ. Puxa... haja cocuruto!

ERRO: *Ela deu à luz a gêmeos.*	**ACERTO:** *Ela deu à luz gêmeos.*

O verbo *parir* pode ser substituído pela interessante expressão **dar à luz**. Tal formação designa que *um ser dá algo/alguém à luz*, o que, de pronto, rechaça a usual e inadequada forma "dar à luz A alguém/algo" (em vez de *dar à luz alguém/algo*). Portanto, memorize com correção:

- *Carla deu à luz uma menina.*
- *Ela estava prestes a dar à luz* (e não prestes a dar a luz).
- *Ela deu à luz trigêmeos.*

ERRO: *De certo ele reagiu ao assalto.*	**ACERTO:** *Decerto ele reagiu ao assalto.*

Decerto é advérbio de modo com o sentido de "certamente, com certeza". Não confundir com "de certo", que se contrapõe a "de errado". Exemplo: *O que há de certo no trabalho é que já começamos sua elaboração. Portanto, aprecie a boa frase:*

- *Se houve voz inigualável em nossa MPB, essa voz foi decerto a de Elis Regina.*

ERRO: *Era um caso difícil de se destrinchar.*	**ACERTO:** *Era um caso difícil de destrinçar.*

O verbo designativo do ato de "desenredar, deslindar ou resolver questões difíceis" é **destrinçar**. Todavia, insta mencionar a forma variante brasileira *destrinchar*, que surgiu provavelmente por influência de "trinchar", na acepção de "cortar em pedaços" (aves e animais). Portanto, prefira a forma mais refinada e elegante *destrinçar*, sabendo-se, todavia, da chancela pelo VOLP da forma coloquial *destrinchar*.

Por fim, ressalte-se que a forma correta é **difícil de destrinçar**, e não "difícil de se destrinçar", uma vez que é dispensável o pronome *se* em construções em que o infinitivo vem precedido de preposição *de* e por adjetivos como *agradável, fácil, difícil* ou *possível*. Portanto, memorize: *teste difícil de fazer, conta fácil de calcular, osso duro de roer, fruta boa de comer* . Todavia, se o infinitivo vier seguido de complemento, é preferível evitar a preposição *de* depois do termo "difícil", por exemplo:

- *Hoje em dia, é difícil conseguir um novo empregado (em vez de "... é difícil* de *conseguir um novo empregado").*

ERRO: *As torcidas se degladiavam.*	**ACERTO:** *As torcidas se digladiavam.*

O verbo **digladiar**, com -i, pode ser aceito na forma pronominal **digladiar-se**. Tem a acepção de "combater, lutar, duelar, discutir". Exemplos:

- *Os lutadores se digladiavam no Coliseu.*
- *Tiradentes digladiou-se pelo fim da Derrama.*
- *Digladiaram-se os partidos no plenário.*
- *Os presos digladiaram na cela.*

ERRO: *Eles constróem a ponte.*	**ACERTO:** *Eles constroem a ponte.*

O verbo *construir* pode ser conjugado no tempo presente do indicativo: *eu construo, tu constróis (ou construis), ele constrói (ele construi), nós construímos, vós construís, eles constroem (ou construem)*. Aliás, ressalte-se que o acento vale para o ditongo aberto -*ói* (*constrói, destrói, dói, mói, rói, sói*), não estando presente em formas como: *constroem, destroem, doem, moem, roem, soem* (verbo *soer*).

ERRO: *São fatos que não adiantam esconder.*	**ACERTO:** *São fatos que não adianta esconder.*

Trata-se de concordância verbal de sujeito oracional. Refere-se a situações em que o sujeito é uma oração, fazendo-se necessária a concordância obrigatória na 3ª pessoa do singular. Observe os exemplos abaixo:

- *São piadas que não adianta contar (ou seja, contar piadas não adianta).*
- *São episódios de que não se esquece.*
- *Falaram sobre assuntos que não cabe a mim esclarecer.*
- *Os nadadores estão mais rápidos que se supunha.*

ERRO: *É capaz que chova hoje.*	**ACERTO:** *É provável que chova hoje.*

A expressão **é capaz** deve ser evitada na linguagem culta, devendo ser substituída por é provável ou é possível. Portanto, memorize:

- *É provável que ocorra uma tempestade.*
- *É possível que ele chegue cedo.*
- *É provável que falte luz na cidade.*

ERRO: *Os assuntos da reunião devem ser discutidos entre si mesmas.*	**ACERTO:** *Os assuntos da reunião devem ser discutidos entre elas mesmas.*

O uso da expressão **entre si** somente é cabível quando houver *ideia de reciprocidade*. Exemplos:

- *Eles brigaram entre si.*
- *As raças humanas diferem entre si.*
- *Israel e Palestina não conseguem comunicar-se entre si.*

Todavia, se não houver ideia de reciprocidade, empregar-se-á *entre eles* ou *entre elas*. Exemplos:

- *O pastor europeu foi recebido pelos fiéis e permaneceu duas semanas entre eles.*
- *Os assuntos da pauta devem ser discutidos entre eles mesmos.*

ERRO: *O filme é um daqueles que nos entretiam nas sessões da tarde.*	**ACERTO:** *O filme é um daqueles que nos entretinham nas sessões da tarde.*

O verbo **entreter** (ou **entreter-se**) conjuga-se como *ter*, devendo o estudioso se acautelar com as flexões na conjugação: *eu me entretenho, eu me entretive, ele se entreteve, ele se entretém, eles se entretêm, eles se entretiveram, que eu me*

entretenha, se eu me entretivesse, quando eu me entretiver, *eles se entretinham* (e não "entreTIAM", como apareceu no cabeçalho deste item).

10 11 12

ERRO: *Ovos estalados*	**ACERTO:** *Ovos estrelados*
Com relação à saborosa comida *ovos fritos*, use o adjetivo pertinente, ou seja, **estrelado**, e não "estalado", que é fruto da imaginação humana. Observe o exemplo esclarecedor colhido de nossa rica literatura: *"Quando, passados instantes, voltou com um bife e dois ovos estrelados, ainda ria"*[10].	
ERRO: *Na cidade, géa todos os anos.*	**ACERTO:** *Na cidade, geia todos os anos.*
O defectivo verbo **gear** somente possui as formas da terceira pessoa do singular (ele). Portanto, existem: *geia, geou, geava, geara, gearía, gearia, que geie, se geasse, quando gear.* Assim, aprecie as frases corretas: • *Quando gear, tomaremos as providências para proteger a lavoura.* • *Geou muito à noite.* • *Talvez geie esta noite (e não "gie").* • *Às vezes, geia naquela cidade, a qual está localizada a poucos metros de altitude.*	
ERRO: *Ele é deputado de São Paulo.*	**ACERTO:** *Ele é deputado por São Paulo.*

O correto é dizer **deputado por São Paulo**, **senador por Pernambuco**, e não "deputado de" ou "senador de". Exemplos:

- *O cientista foi deputado por Minas Gerais e por São Paulo, entre 1950 e 1960.*
- *"(...) Com uma extensa experiência política, John Forbes Kerry acumulou quatro mandatos como senador por Massachussets"*[11].

ERRO: *Ele lhe incucava novos métodos.*	**ACERTO:** *Ele lhe inculcava novos métodos.*

O verbo **inculcar** (in-CUL-car, e não "incucar") tem várias acepções.

No sentido de "repetir alguma coisa com insistência, no intuito de frisá-la, fazendo-a assimilável", é verbo transitivo direto. Exemplos:

- *Espero que os professores inculquem as matérias em sua cabeça.*
- *Há autores que inculcam idiossincrasias condenáveis nos leitores.*

No sentido de "recomendar", o verbo terá uma transitividade direta e indireta. Exemplos:

- *Eles inculcam métodos aos intérpretes.*
- *Inculquei-lhe histórias mirabolantes.*

Por fim, ressalte-se que o verbo pode aparecer na forma pronominal – **inculcar-se** –, no sentido de "impor-se, apresentar-se". Exemplos:

- *O juiz inculcou-se julgador de lides alheias.*
- *Aqueles que se inculcam sábios desconhecem que o sábio é o que sabe o quanto*[12] *não sabe (o Autor).*

[13]

ERRO: *A malcriação da menina era tamanha...*	**ACERTO:** *A má-criação da menina era tamanha...*

Os substantivos femininos **má-criação** e **má-formação** devem ser assim grafados. É necessário ter muita cautela com as formas condenáveis, escritas sem o hífen: "malcriação" ou "malformação". Esta última, todavia, encontra guarida no VOLP, o que não nos autoriza rechaçá-la por completo. Portanto, podemos repelir a forma "malcriação" e tolerar **malformação** (prefira "má-formação"), a par de *malformado* e *malformar*. Em regra, usa-se **mal**, como *advérbio*, quando acompanha adjetivos e verbos. Exemplos: *malcriado, mal-educado, malquerer, maldizer, malfadado, malfadar, malfalado, malfeita(o), malfeitor, malferido, malferir, mal-estar* (plural *mal-estares*) etc.

Por outro lado, usa-se **mau** ou **má**, como *adjetivos*, quando acompanham substantivos. Exemplos: *má-criação, má-formação, má-educação, má-fé, mau-caráter, mau-caratismo, mau-olhado* etc.

Ressalte-se que a forma plural dos substantivos ora estudados é **más-criações** e **más-formações** (ou **malformações**).

ERRO: *O doente tomou a mesinha.*	**ACERTO:** *O doente tomou a mezinha.*

A **mezinha**, com -z, significa "remédio caseiro", sendo considerado um *arcaísmo*. Por outro lado, *mesinha*, com -s, é "diminutivo de mesa". Portanto, aprecie as frases:

- *O doente tomou a mezinha recomendada pelo médico.*
- *A fabricação de mezinhas foi assimilada pelos Jesuítas no processo de colonização.*
- *Pegue a mezinha embaixo da mesinha.*

ERRO: *A sogra é muito "pão-dura".*	**ACERTO:** *A sogra é muito "pão-duro".*

O feminino de **pão-duro** é igual ao masculino. Portanto: *moça pão-duro*; *sogra pão-duro*; *cunhada pão-duro*. Por outro lado, ressalte-se que o plural desse hifenizado substantivo se forma como **pães-duros**. Assim: *tios pães-duros*; *amigos pães-duros*. Por fim, em face dos conceitos acima expendidos, teremos: *mulher "pão-duro" – mulheres "pães-duros"*.

ERRO: *O filho morava "parede meia" com o pai.*	**ACERTO:** *O filho morava "paredes-meias" com o pai.*

A expressão **paredes-meias** (ou **parede-meia**: correta, porém menos comum) designa "a parede comum entre dois prédios ou quartos contíguos". Exemplos:

- *Os quartos ficavam paredes-meias uns dos outros.*
- *O mosteiro dos franciscanos fica paredes-meias com a Faculdade de Direito do Largo de São Francisco.*
- *"Viveu sempre paredes-meias com a loucura"*13.

ERRO: *Ela ficou pasmo.*	**ACERTO:** *Ela ficou pasma.*

Pasmo é adjetivo que significa "pasmado, atônito, assombrado". A concordância será normal, prendendo-se ao termo a que se refere. Portanto: *Ele está pasmo; Ela está pasma; Eles estão pasmos; Elas estão pasmas.*

Assim, aprecie as frases:

- *Pasmos, eles se renderam.*

14 15

- *Pasmem, senhores, a ideia é genial!*

- *"Ele ficou pasmo, sem palavras"*[14].

Ademais, pasmo pode ser um substantivo, significando "assombro ou espanto". Exemplo:

- *Provoquei-lhe pasmo com a narrativa.*

ERRO: *Ela é uma pequena questão: uma questãozinha.*	**ACERTO:** *Ela é uma pequena questão: uma questiúncula.*

A formação de *diminutivos* para alguns substantivos deve ser feita com prudência. Observe alguns diminutivos importantes:

Substantivo	Diminutivo
Câmara	*Camarim*
Estátua	*Estatueta*
Espada	*Espadim*
Guerra	*Guerrilha*
Palácio	*Palacete*[15]
Papel	*Papelucho*
Ponte	*Pontilhão*

Verão	*Veranico*
Astro	*Asteroide (Acordo)*

Observação: há alguns diminutivos cujas formações são eruditas. Observe: *versículo* (de verso); *edícula* (pequena casa); **questiúncula** (de questão); *opúsculo* (de obra), *porciúncula* (porção), *óvulo* (ovo), *aurícula* (orelha), *nódulo* (nó), *homúnculo* (homem), *fascículo* (feixe), *axículo* (eixo), entre outros.

ERRO: *Multi-secular*	**ACERTO:** *Multissecular*

O prefixo **multi-** está arrolado entre aqueles que se ligam diretamente ao *substantivo* ou ao *adjetivo*, isto é, sem o uso de hífen e sem deixar espaço. Todavia, é preciso estar atento a um detalhe: para não desfigurar a pronúncia, dobra-se o -s ou o -r dos radicais iniciados com essas letras. Exemplos: multi + setorial = *multissetorial*; multi + secular = **multissecular**; multi + racial = *multirracial*; multi + religioso = *multirreligioso*; multi + rotação = *multirrotação*. Outros exemplos:

- *Foi elogiado o multiatendimento dispensado aos participantes do Simpósio.*
- *Eles prestam serviços a várias empresas simultaneamente utilizando o sistema de multiusuário.*
- *Trinta pessoas serão investigadas por uma equipe multidisciplinar de pesquisadores.*
- *Multiempresas montaram uma inédita multiestrutura para atrair os turistas do Nordeste.*

ERRO: *Tenho mais o que fazer.*	**ACERTO:** *Tenho mais que fazer.*

A expressão **mais que fazer** é estereotipada, não havendo espaço para o artigo "o" – termo que, isoladamente, não tem função sintática ou classe gramatical, porquanto se revela integrante do próprio pronome interrogativo reforçado. Nesse rumo, a propósito, devemos preferir a forma **que queres aqui?** à expressão *"o que queres aqui?"*; **que é que a baiana tem?** à *"o que é que a baiana tem?"*. Portanto, aprecie as frases:

- *Não há mais nada que fazer.*
- *O jovem tem mais que fazer.*
- *Ainda havia muito que fazer.*
- *Ele tem muito que aprender.*
- *Ela tem muito que dizer.*
- *Não tenho nada que acrescentar.*
- *Tenho muito que contar após a viagem.*

Por sua vez, as formas **nada a opor** e **nada a dizer** podem ser, alternativamente, substituídas por *nada que opor* e *nada que dizer*, respectivamente. Há, todavia, liberdade no uso das formas.

ERRO: *A postração do homem.*	**ACERTO:** *A prostração do homem.*

A sílaba pro- deve ser pronunciada de modo audível. Não se pode pronunciar um simples "po" em vez de "pro", sob pena de se cometer um erro prosódico. Ressalte-se que tal sílaba transita em abundância nas palavras componentes de nosso vernáculo, a saber: *procedência, pronome, próprio, procrastinar, promover, probatório, apropinquar-se , ímprobo, problema, prosperar, pronto, pronúncia, profissional, processual, propositado , próspero, propriedade, apropriado, opróbrio, probo* (pronuncie /próbo/) entre outras.

ERRO: *Não a perdoar-se ao profissional...*	**ACERTO:** *Não há perdoar-se ao profissional...*

Não há perdoar-se: louvável o emprego enclítico, por ser uso erudito diante do infinitivo impessoal, mesmo na presença do advérbio não, elemento que poderia deslocar o pronome. Lembre-se, também, de que outra forma exsurge – menos culta, mas igualmente correta: **não há de se perdoar**. Nesse caso, a presença da

preposição “de” aconselha o uso normal da próclise em face da presença do advérbio de negação. O mesmo uso pode ser encontradiço em expressões *não há falar-se* ou *não há de se falar*.

ERRO: *Comprei dois fax-simile.*	**ACERTO:** *Comprei dois fac-símiles.*

O substantivo masculino, aceito pelo VOLP, **fac-símile** é derivado do latim *fac simile* (ou seja, *faça igual*). O plural é simples: **os fac-símiles** (Houaiss, Aurélio e Cegalla) – mantém-se o hífen e o primeiro elemento (*fac*) inalterado, acentuando-se o segundo elemento (sí*mile*). De acordo com o plano lexicográfico apresentado no VOLP, do termo *fac-símile* podem defluir interessantes sentenças, *v.g.*, *petição fac-similada, fac-similar o texto, farei uma fac-similação* e *o fac-similador está estragado.*

Por outro lado, o vocábulo **fax** (pronuncie “ks”) – abreviatura de *fac-símile*–, igualmente admitido pelo VOLP como substantivo masculino, designa o aparelho de transmissão, bem como da mensagem transmitida. Para o VOLP e o Houaiss, o plural forma *os fax* ou *os faxes*. Da mesma forma, *o telex – os telex; o ônix – os ônix; o tórax – os tórax*.

ERRO: *Havia um índex, ou melhor, dois índexs.*	**ACERTO:** *Havia um índex, ou melhor, dois índices.*

A **letra -x** é causa de inúmeras celeumas, sobretudo no campo da ortografia: vocábulos como “índex”, “córtex”, “códex”, “cálix”, “látex” e “apêndix” (alguns deles em pleno desuso) possuem a pluralização deveras controvertida. Vamos detalhar:

a) ÍNDEX /cs/ – O Aurélio admite as duas formas (**os índex** e **os índices**), sendo recomendado o uso preferencial de *os índices* – forma aceita com exclusividade pelo VOLP 2009 e pelo Houaiss.

b) CÓRTEX /cs/ – A forma pluralizada *córtices* é aceita, exclusivamente, pelo VOLP 2009, Houaiss e Aurélio;

c) CÓDEX /cs/ – O Aurélio admite as duas formas (*os códex* e *os códices*), sendo recomendado o uso preferencial de *os códices* – forma aceita com exclusividade pelo VOLP e pelo Houaiss;

d) CÁLIX /is/ – O Aurélio admite as duas formas (*os cálix* e *os cálices*), sendo recomendado o uso preferencial de *os cálices*; o Houaiss sugere *cálices*, no plural; e o VOLP silenciou a respeito da pluralização do vocábulo em comento (embora registre *cálice* em seu rol de palavras);

e) LÁTEX /cs/ – O Aurélio admite a mesma forma para o singular e para o plural (o/os *látex*); o Houaiss sugere *látices*, no plural; e o VOLP silenciou a respeito da pluralização do vocábulo em comento (embora registre *látice* em seu rol de palavras);

f) APÊNDIX /cs/ – O Aurélio admite a mesma forma para o singular e para o plural (o/os *apêndix*); o Houaiss sugere *apêndices*, no plural; e o VOLP silenciou a respeito da pluralização do vocábulo em comento (embora registre *apêndice* em seu rol de palavras).

Notou a diversidade? Não é fácil a vida de professor de português! Que ginástica... Vamos memorizar a partir do quadro explicativo abaixo:

PLURAL			

	Aurélio	Houaiss	VOLP
Fac-símile	Fac-símiles	Fac-símiles	?
Fax	?	Fax ou Faxes	Fax ou Faxes
Córtex	Córtices	Córtices	Córtices (VOLP 2009)
Índex	Índex/Índices	Índices	Índices
Códex	Códex/Códices	Códices	Códices
Cálix	Cálix/Cálices	Cálices	?
Látex	Látex	Látices	?
Apêndix	Apêndix	Apêndices	?

ERRO: *O sub-procurador foi nomeado.*	**ACERTO:** *O subprocurador foi nomeado.*

O prefixo **sub-** só exige hífen quando se associa à palavra que começa por **-r** ou **-b**: *sub-base, sub-bibliotecário, sub-região, sub-ramo, sub-reitor, sub-reptício, sub-rogar, sub-biótipo (mas biótipo ou biotipo), sub-borato, sub-braquial*. Por outro lado, tirante as hipóteses em epígrafe, o hífen não deverá ser utilizado: *suboficial, subdelegado, subchefe, subgerente, subsolo, subterrâneo, subaxilar, subestimar,*

suborizontal, subacromial, subagudo, subalimentado, subabitação, subaórtico, subaponeurótico, subapical, subendocárdico, subepicárdico, subendotelial, subescapular, subespinhal, subicterícia, subliminar, sublingual, sublobular, suboccipital, subocular, suborbitário, subumbilical, subumano (ou *sub-humano*, também, para o VOLP) e *subepático* (ou *sub-hepático*, também, para o VOLP).

ERRO: *A reicidência ocasiona a majoração da pena.*	**ACERTO:** *A rEINcidência ocasiona a majoração da pena.*

Como sabemos, uma "reicidência", sem o -n, na sílaba -in, pode tornar "mais grave" o ilícito... Assim como um "reinvindicar", com o -n, na sílaba rei-, pode prejudicar, indubitavelmente, o pleito. Sem contar que o tal "conhecidência" (com -nh) pode ser, verdadeiramente, uma infeliz circunstância. Tais erros chancelam um distanciamento do estudo da Língua. Sendo assim, memorize o quadro abaixo e as grafias (e pronúncias) dos vocábulos:

	Separação Silábica e Grafia	**Pronúncia**
Reincidência	Re-in-ci-dên-cia	/re-in/ (e não "rei")
Coincidência	Co-in-ci-dên-cia	/co-in/ (e não "coi" ou "conhe")
Reivindicar	Rei-vin-di-car	/rei-vin/ (e não "rein")

ERRO: *Foi um evento apenas para artesões.*	**ACERTO:** *Foi um evento apenas para artesãos.*

O plural de *artesão* ("artífice dedicado à feitura de obras de artesanato") é **artesãos**. O feminino é *artesã*. De outra banda, os arquitetos utilizam um termo específico para indicar o enfeite que se coloca nos tetos e abóbadas – ***artesões*** (sempre, no plural). Este último não encontra registro lexicográfico no VOLP.

ERRO: *Sob o meu ponto de vista, devemos recuar.*	**ACERTO:** *A meu modo de ver, devemos recuar.*

A expressão "(sob o) ponto de vista" é galicismo fraseológico já incorporado em nosso dia a dia, representando um estrangeirismo indesejável. Não obstante ter sido empregada por literatos de prol, como Machado de Assis, Camilo Castelo Branco e outros, é expressão que imprime monotonia ao texto, denotando falta de elegância e ausência de leveza ao estilo do anunciante. Nesse rumo, diga-se que há expressões que superam, e muito, a guerreada forma, como: *a toda luz, a todas as luzes, a qualquer luz, por qualquer face, a meu modo de ver, a esse respeito, no que tange a,* entre outras. Exemplos:

- *A todas as luzes, para a análise desse caso, há que recorrer a um especialista.*
- *Todas as soluções são inadequadas a qualquer luz que se considere.*
- *Por qualquer face que encaremos a situação, há problemas a serem enfrentados.*
- *São modos de ver de cada doutrinador.*

Ademais, grafar a expressão com a partícula *sob-* não seria de todo aceitável, uma vez que o ponto de vista é do próprio observador, sendo preferível a forma **do ponto de vista** à expressão ora atacada ("sob o ponto de vista"). É de todo oportuno registrar que a preposição *sob-* tem o sentido de "debaixo de", devendo ser usada em frases, como: *sob a direção de, sob medida, sob pena de, sob pretexto de (a pretexto de),* entre outras formas. Observe as frases corretas:

- *A gestão da empresa ficou sob meu comando.*
- *Deve proceder dessa forma, sob pena de ser tachado de louco.*
- *Escondia o dinheiro sob o colchão.*

Por outro lado, **sobre** traz, em princípio, a ideia de "em cima de", sendo forma que se usa em frases, como: *o vinho está sobre a mesa; a nave pousou sobre o mar* etc. Com efeito, a preposição *sobre* comporta várias acepções. Vejamos:

A respeito de: *Falar sobre o tema*.

16 17

Acima de: *Eu amo a Deus sobre todas as coisas*.

De encontro a: *As tropas marcharam sobre a cidade vencida*.

Mediante, com a garantia de: *O agiota empresta valores sobre hipoteca*.

Entre, dentre: *Sobre os resgatados, havia várias mulheres*.

Observação: mencione-se que há sentido pitoresco para a preposição *sobre*, na acepção de "além de". Tal acepção é frequente em bons autores das letras jurídicas. Vamos a alguns exemplos:

- *Sobre intolerante, era dotada de singular ignorância.*
- *Sobre tapas, cusparadas.*
- *"A melhor interpretação é aquela que, sobre se pautar na literalidade da norma, perscruta o ânimo das palavras" (o Autor).*
- *"A pergunta é, sobre ociosa, estólida"*[16].

ERRO: *É a hora do juiz sentenciar.*	**ACERTO:** *É a hora de o juiz sentenciar.*

Não se pode fazer a contração da preposição *de* com o artigo *o* quando se tratar de

sujeitos diversos. Na linguagem culta formal, sobretudo na modalidade escrita, recomenda-se não se proceder à contração. Vejamos:

- *Foi a maneira de o Juiz executar a sentença (e não: "Foi a maneira do Juiz executar ...").*

Explicando: no plano sintático, *juiz* é sujeito de executar. Como elemento independente na oração, o sujeito não pode ser regido por preposição, repelindo-a.

Assim:

- *É hora de o espetáculo começar.*
- *É hora de o trem chegar.*
- *É tempo de a mídia mudar de rumo.*
- *Chegou o momento de ele agir.*
- *Está na hora de eu entrar.*
- *Está na hora de a onça beber água.*
- *Em caso de o avião balançar com o mau tempo.*
- *Você foi a causa de eles se retirarem.*
- *O fato de a mulher ser mais frágil torna-a mais sedutora.*
- *O fato de os professores ganharem mal não justifica a desídia no ensinar.*
- *"Você foi a causa de eles se retirarem" (Camilo Castelo Branco).*
- *"Antes de o sacerdote subir no altar" (Pe. Antônio Vieira).*
- *"... quando os ingleses se rirem de eles terem muito dinheiro e nós pouco" (Alexandre Herculano).*

Ademais, há que se ter muita atenção com a expressão **apesar de**:

- *Apesar de o governo negar, corremos risco na operação.*
- *Apesar de ele ser exigente, nós o compreendemos.*
- *Apesar de a tevê anunciar o contrário, temos as nossas opiniões acerca do fato.*

Igual atenção deve ter o anunciante com as expressões **depois de** e **em vez de**:

- *"Depois de o mundo acabar, deveremos sobreviver no caos do infinito" (o Autor).*
- *Somente depois de os grevistas retornarem ao trabalho, é que retomaremos o contato.*
- *"Em vez de a polícia prender os traficantes, eles é que prenderam os policiais"*[17].

18 19 20 21 22 23 24 25 26

A mesma regra se estende a outras preposições, como:

- *O problema consiste em os alunos perceberem o fato.*
- *Li a notícia em "O Estado de S. Paulo".*
- *A nota foi publicada em "O Globo".*

Como se notou nos exemplos retrocitados, recomenda-se não usar a contração da preposição com o artigo de títulos de revistas, jornais ou obras literárias. Exemplos:

- *Os leitores de "O Estado de S. Paulo" – O autor de "Os Lusíadas" – O autor de "Os Sertões".*

Observação: todavia, há bons escritores que fogem da imposição da regra, preferindo a contração:

- *"O primeiro fim das Farpas é promover o riso"*[18].
- *"Mandou que fizéssemos a análise lógica de determinada estrofe dos Lusíadas"*[19].

A esse propósito, quanto ao dissenso sobre o tema, impende trazer à colação os lúcidos dizeres do ilustre gramático Domingos Paschoal Cegalla (1999: 32): "Deve-se ressaltar, porém, que há gramáticos que, baseados em exemplos de bons autores, defendem a contração, por soar mais natural e eufônica e por representar um fato da língua falada e escrita".

Vamos aos exemplos:

- *"Também teve o português o bom senso de não desprezar de todo os curandeiros indígenas,* apesar dos *jesuítas declararem àqueles guerra de morte"*[20].
- *"*Apesar do *STF ter transformado os empregados do Banco Central em funcionários públicos, o governo manterá tratamento diferenciado"*[21].
- *"No momento do comboio partir, Carlos correria à portinhola, a balbuciar fugitivamente uma desculpa"*[22].
- *"*O modo dele *falar soou-me agressivo"*[23].
- *"*O fato dela *também sofrer simplificara o modo de se tratar uma moça"*[24].
- *"Sabia apenas vagamente que,* três dias depois dela *chegar ao Porto, o pai tivera uma apoplexia"*[25].

- *"Ele se retirou, indignado* pelo fato do *seu presidente recusar que era chinês"*[26].

E arremata o renomado gramático (Cegalla, 1999, p. 101): "Ambas as construções são legítimas, porém a primeira é mais natural e espontânea, evita os desagradáveis hiatos 'de o', 'de a', 'de ele', 'de esse', 'de aquele', etc. A outra é um gramaticalismo um tanto afetado, em choque com a língua falada".

Não obstante, *data venia* os respeitáveis pensamentos divergentes, ainda defendemos que se deve escolher a primeira forma, em detrimento da contração.

ERRO: *Hão de haver soluções para o caso.*	**ACERTO:** *Há de haver soluções para o caso.*

O verbo **HAVER** possui inúmeras acepções, tendo destacada relevância no dia a dia do operador do Direito. Vamos conhecer o caráter plurissignificativo deste verbo:

1. Conseguir, obter:

- *O sentenciado houve do Poder Público a comutação da pena.*
- *"Donde houveste, ó pélago revolto, esse rugido teu?" (Gonçalves Dias).*

2. Julgar, entender:

- *Ele é tido e havido por prudente (Caldas Aulete).*

3. Proceder, portar-se (na forma pronominal "haver-se"):

- *Ele se houve com habilidade.*
- *Os alunos não se houveram bem no concurso.*
- *Não sabia como haver-se com seus funcionários.*

4. Acertar contas (na forma pronominal "haver-se"):

• *Comigo se haverá o inimigo...*

5. Locução "haver mister (de)" (= precisar):

• *Os doentes haviam mister (de) medicamentos.*

• *Não há mister de justificar seu erro.*

• *Há mister de comprovar a veracidade do que afirmou em Juízo.*

6. Locução "haver por bem" (= dignar-se):

• *O Juiz houve por bem reconsiderar o seu ato.*

• *Os desembargadores houveram por bem indeferir o pedido.*

7. Locução "bem haja" (= seja feliz!):

• *Bem hajam os que buscam os porquês dos conceitos.*

8. Locução "haja vista" (= tendo em vista):

• *Haja vista a presença de vários maus-caracteres na sala, prefiro retirar-me a enfrentá-los.*

9. Na forma do futuro promissivo ("hei de..."), isto é, com promessa de realizar o ato:

• *Hei de expor meus pensamentos no momento azado.*

10. Ter, possuir:

• *Pediu que o inimigo houvesse piedade deles.*

11. O verbo "haver", seguido de infinitivo e precedido da partícula "não", significa "não ser possível":

• *Não há convencê-la do meu amor irrestrito.*

• *Não há por que beijar sem ser beijado.*

• *Não há (como) negar o ocorrido.*

- *"Não havia descrer da sinceridade de ambos" (Machado de Assis).*
- *"Mas olha, Tomásia, que não há fiar nestas afeiçõezinhas" (Camilo Castelo Branco).*
- *"E não houve convencê-lo do contrário" (Viana Moog).*

12. Na forma impessoal, sem se formar o plural:

- *Há inúmeros contratos.*
- *Houve três acidentes na rodovia.*
- *Deve haver situações favoráveis.*
- *Há de haver seis meses que ele chegou.*

- *Parecia haver muitos curiosos.*
- *Começou a haver reclamações.*
- *Vai haver disputas ferrenhas.*

ALGUNS MEMORIMACETES RÁPIDOS…

ERRO: *O eletro-encefalograma custa caro.*	**ACERTO:** *O eletroencefalograma custa caro.*
Grafa-se, sem hífen, o substantivo **eletroencefalograma**. Procure soletrar a palavra, a fim de facilitar a memorização: e-le-tro-en-ce-fa-lo-gra-ma. Outras palavras há com semelhanças: *eletrocardiograma, eletrossiderurgia, eletroímã* etc.	
ERRO: *Hoje é dia sete de setembro.*	**ACERTO:** *Hoje é dia Sete de Setembro.*

Recomenda-se que, quando se tratar de datas históricas, mantenham-se as iniciais maiúsculas. Exemplos: *Primeiro de Abril, Sete de Setembro, Quinze de Novembro, Primeiro de Janeiro.* Entretanto, no geral, os meses do ano são grafados com iniciais minúsculas.	
ERRO: *Ele apresentou queixa crime.*	**ACERTO:** *Ele apresentou queixa-crime.*
Para o VOLP, o substantivo é hifenizado (**queixa-crime**), formando o plural queixas-crime ou queixas-crimes.	
ERRO: *Fique com sua quota parte.*	**ACERTO:** *Fique com sua quota-parte.*
Para o VOLP, o substantivo é hifenizado (**quota-parte**), formando o plural quotas-parte ou quotas-partes.	
ERRO: *Exercício 2014, Ano Base 2013.*	**ACERTO:** *Exercício 2014, Ano-base 2013.*
Para o VOLP, grafam-se com hífen: *ano-base, ano-bom, ano-luz e ano-novo.*	
ERRO: *Nada a opor / Nada a dizer.*	**ACERTO:** *Nada que opor / Nada que dizer.*

ERRO: *Pôr-do-sol e pôres-do-sol.*	**ACERTO:** *Pôr do/de sol* (Acordo: sem hifens, com o circunflexo) *e pores do/de sol* (sem hifens e o circunflexo).
ERRO: *Estávamos em vinte um na sala.*	**ACERTO:** *Estávamos vinte e um na sala.*
ERRO: *Ele é aficcionado...*	**ACERTO:** *Ele é aficionado...*
ERRO: *Cabelereiro.*	**ACERTO:** *CabeLEIreiro.*
ERRO: *Domiciliado à Rua tal...*	**ACERTO:** *Domiciliado na Rua tal...*
ERRO: *Éramos em três...*	**ACERTO:** *Éramos três...*
ERRO: *Quando eu deter,...*	**ACERTO:** *Quando eu detiver,...*
ERRO: *Quando ele vir até aqui,...*	**ACERTO:** *Quando ele vier até aqui,...*
ERRO: *Eu vou estar providenciando...*	**ACERTO:** *Eu vou providenciar... / Eu providenciarei...*

ERRO: *Ele quer que eu seje...*	**ACERTO:** *Ele quer que eu sejA...*
ERRO: *Se eu pôr / trazer,...*	**ACERTO:** *Se eu puser,... / trouxer,...*

27

ERRO: *Entregas à domicílio.*	**ACERTO:** *Entregas em domicílio.*
ERRO: *Ele estava encapuçado.*	**ACERTO:** *Ele estava encapuzado (de capuz).*
ERRO: *Ele falou em alto e bom som.*	**ACERTO:** *Ele falou alto e bom som.*
ERRO: *Ele é ambi-destro.*	**ACERTO:** *Ele é ambidestro* (não se usa o hífen com o prefixo *ambi-*, como em *ambivalente, ambiesquerdo, ambitendência*).
ERRO: *Macro-economia.*	**ACERTO:** *Macroeconomia* (não se usa o hífen com o prefixo *macro-*, como em *macroeconômico, macrorregião, macrossomia, macrocefalia*).
ERRO: *Ele comprou fitas cor-de-rosas.*	**ACERTO:** *Ele comprou fitas cor-de-rosa* (invariável, no plural).

ERRO: *Fizemos dois bota-fora.*	**ACERTO:** *Fizemos dois bota-foras.*
ERRO: *Carangueijo.*	**ACERTO:** *CaranGUEjo* (a sílaba é -gue, e não -guei).
ERRO: *O conflito teve vários "cessar-fogos".*	**ACERTO:** *O conflito teve vários "cessar-fogo"* (palavra invariável).
ERRO: *Ciclo vicioso.*	**ACERTO:** *Círculo vicioso.*
ERRO: *Eles contradizeram perante o juiz.*	**ACERTO:** *Eles se contradisseram perante o juiz.*
ERRO: *O homem tinha notável descortínio.*	**ACERTO:** *O homem tinha notável descortino* (descortino: "perspicácia, visão ampla").
ERRO: *Eles estreiavam a voz.*	**ACERTO:** *Eles estreavam a voz.*
ERRO: *Ela fez "gato e sapato"*	**ACERTO:** *Ela fez "gato-sapato"*[27] *dele* (com hífen).

dele.	
ERRO: *Houve um grito lacinante.*	**ACERTO:** *Houve um grito lancinante* (ou seja, “cortante, pungente, doloroso”).
ERRO: *Os espinhos lacinam-lhe as mãos.*	**ACERTO:** *Os espinhos lancinam-lhe as mãos* (lancinar: “rasgar, dilacerar”).
ERRO: *Ele malversava com verbas da Prefeitura.*	**ACERTO:** *Ele malversava as verbas da Prefeitura* (malversar é verbo transitivo direto).
ERRO: *Não confio na metereologia.*	**ACERTO:** *Não confio na meteOROlogia.*
ERRO: *Ele rezou dois “padre nosso”.*	**ACERTO:** *Ele rezou dois “padre-nossos” (ou “padres-nossos”).* Vale a mesma solução para a sinônima expressão “pai-nosso”.

28

ERRO: *Ele é primeiroanista.*	**ACERTO:** *Ele é primeiranista.*
ERRO: *Ele recebeu seus pró labores.*	**ACERTO:** *Ele recebeu seus pró-labores* (com hífen).

ERRO: *Deus lhe proteja!*	**ACERTO:** *Deus o proteja!* (proteger é verbo transitivo direto).
ERRO: *O cavalo é um puro sangue.*	**ACERTO:** *O cavalo é um puro-sangue* (com hífen; plural: puros-sangues).
ERRO: *Ele é redator chefe.*	**ACERTO:** *Ele é redator-chefe* (com hífen).
ERRO: *Houve várias reinvindicações.*	**ACERTO:** *Houve várias REIvindicações* (sem -n).
ERRO: *Ela é rodo-moça.*	**ACERTO:** *Ela é rodomoça* (sem hífen; o mesmo para rodoferroviário).
ERRO: *Barbaridades sem nome.*	**ACERTO:** *Barbaridades sem-nomes (ou sem-nome)* (Sem-nome: "indecente, revoltante, inominável").
ERRO: *Mulheres sem vergonhas.*	**ACERTO:** *Mulheres sem-vergonhas (ou sem-vergonha).*
ERRO: *Tratado peru-boliviano.*	**ACERTO:** *Tratado perúvio-boliviano.*
ERRO: *Por os pingos nos "i".*	**ACERTO:** *Pôr os pingos nos is (ou "nos ii").*

ERRO: *Por ventura, o senhor viu o homem?*	**ACERTO:** *Porventura, o senhor viu o homem?* (porventura = por acaso).
ERRO: *Kisto sebácio.*	**ACERTO:** *Quisto sebáceo.*
ERRO: *Ela me ligou um sem número de vezes.*	**ACERTO:** *Ela me ligou um sem-número de vezes* (com hífen).
ERRO: *A viagem oferecia paisagens "sem par".*	**ACERTO:** *A viagem oferecia paisagens "sem-par".*
ERRO: *O homem contava piadas "sem sal".*	**ACERTO:** *O homem contava piadas sem-sal* (com hífen).
ERRO: *Os "sem terra" invadiram a fazenda.*	**ACERTO:** *Os sem-terra invadiram a fazenda* (com hífen)[28].
ERRO: *Devemos suprir-lhes de alimentos.*	**ACERTO:** *Devemos supri-los de alimentos.*

ERRO: *Que tal os novos professores?*	**ACERTO:** *Que tais os novos professores?*
ERRO: *As nações terceiras-mundistas.*	**ACERTO:** *As nações terceiro-mundistas* (invariável no feminino, com a concordância tão somente do segundo elemento).

29

ERRO: *Hormônio tiroido.*	**ACERTO:** *Hormônio tiróideo (ou tireóideo).*
ERRO: *Voz tonitroante.*	**ACERTO:** *Voz tonitruante* (ou seja, "estrondosa, alta").
ERRO: *Seus pais vieram lhe visitar.*	**ACERTO:** *Seus pais vieram visitá-la(o).*
ERRO: *Há vitinicultura na região.*	**ACERTO:** *Há vitivinicultura na região (VI-TI-VI-NI-cul-tu-ra).*
ERRO: *Automóvel zero quilômetro.*	**ACERTO:** *Automóvel zero-quilômetro* (palavra hifenizada invariável: automóveis zero-quilômetro).
ERRO: *Ela é mulher granfina.*	**ACERTO:** *Ela é mulher grã-fina*[29].

ERRO: *Se nós nos abstermos...*	**ACERTO:** *Se nós nos abstivermos...*
ERRO: *Ele tem um efisema.*	**ACERTO:** *Ele tem um enfisema.*
ERRO: *O erbanário é bonito.*	**ACERTO:** *O herbanário é bonito.*
ERRO: *Metiolate.*	**ACERTO:** *MeRtiolate (VOLP).*
ERRO: *Quero duzentas gramas de muzzarela.*	**ACERTO:** *Quero duzentos gramas de mozarela (muzarela ou muçarela).*
ERRO: *Decore os refrões das músicas.*	**ACERTO:** *Decore os refrãos (ou refrães) das músicas.*
ERRO: *O aluno repetiu de ano.*	**ACERTO:** *O aluno repetiu o ano* (o verbo repetir é transitivo direto, não exigindo preposição).
ERRO: *A família sentou na mesa para almoçar.*	**ACERTO:** *A família se sentou à mesa para almoçar* (sentar "na mesa" significa "pôr as nádegas sobre a mesa").

ERRO: *Há vários tróleibus na cidade.*	**ACERTO:** *Há vários trólebus na cidade* (para o VOLP, uma palavra proparoxítona, sem -i, formando o plural os trólebus. Portanto, o/os trólebus).
ERRO: *Ele é um fascínora.*	**ACERTO:** *Ele é um facínora (facínora: "aquele que comete um grave crime").*
ERRO: *Na vida, há vários percauços.*	**ACERTO:** *Na vida, há vários percalços.*

1 Camilo Castelo Branco, *Vingança*, Porto, p. 82, *apud* Celso Cunha, 1983.

2 Machado de Assis, *Obra Completa*, II, p. 67-68, *apud* Celso Cunha, 1983.

3 Carlos Drummond de Andrade, *Obra Completa*, p. 439, *apud* Cegalla, 1999, p. 325.

4 Ciro dos Anjos, *O Amanuense Belmiro*, p. 137, *apud* Cegalla, 1999, p. 325.

5 Eça de Queirós, *A Relíquia*, p. 192, *apud* Cegalla, 1999, p. 227.

6 Celso Luft, *Dicionário Prático de Regência Nominal*, p. 317, *apud* Cegalla, 1999, p. 227.

7 José Américo de Almeida, *A Bagaceira*, p. 25, *apud* Cegalla, 1999, p. 66.

8 Eça de Queirós, *O Primo Basílio*, p. 10, *apud* Cegalla, 1999, p. 34.

9 Adonias Filho, *Corpo Vivo*, p. 28, *apud* Cegalla, 1999, p. 43.

10 Graciliano Ramos, *Caetés*, p. 152, *apud* Cegalla, 1999, p. 155.

11 *Folha Online* – Mundo – Disponível em: <www.folha.uol.com.br>. Acesso em 19 ago. 2004.

12 O normal é que não se deva usar a partícula expletiva "o" antes de *quanto*. Exemplo: *Faça isso quanto antes.* Todavia, há generalização do uso, para dar ênfase, o que nos abona utilizá-la.

13 Agripino Grieco, *Gralhas e Pavões*, p. 111, *apud* Cegalla, 1999, p. 308.

14 Carlos Drummond de Andrade, *Obra Completa*, p. 481, *apud* Cegalla, 1999, p. 310.

15 Diga-se que não se conhece o aumentativo de *palácio*. Assim, utilize *grande palácio*.

16 Camilo Castelo Branco, *Doze Casamentos Felizes*, p. 36, *apud* Cegalla, 1999, p. 377.

17 *Jornal do Brasil*, de 5-4-1997, *apud* Cegalla, 1999, p. 139.

18 Eça de Queirós, *Notas Contemporâneas*, p. 33, *apud* Cegalla, 1999, p. 108 – o título da obra é *As Farpas*.

19 Vivaldo Coaraci, *Todos Contam Sua Vida*, p. 188, *apud* Cegalla, 1999, p. 108 – o título da obra é *Os Lusíadas*.

20 Gilberto Freire, *Casa-Grande e Senzala*, p. 254, *apud* Cegalla, 1999, p. 32.

21 *Jornal do Brasil*, de 31-8-1996, *apud* Cegalla, 1999, p. 32.

22 Eça de Queirós, *Os Maias*, II, p. 25, *apud* Cegalla, 1999, p. 25.

23 Rachel de Queiroz, *As Três Marias*, p. 102, *apud* Cegalla, 1999, p. 25.

24 Clarice Lispector, *Felicidade Clandestina*, p. 126, *apud* Cegalla, 1999, p. 103.

25 Eça de Queirós, *Os Maias*, II, p. 31 *apud* Cegalla, 1999, p. 110.

26 Inácio de Loyola Brandão, *O Homem do Furo na Mão*, p. 70, *apud* Cegalla, 1999, p. 294.

27 A edição do VOLP 2009 explicitou o plural oscilante do substantivo "gato-sapato":*gatos-sapato* ou *gatos-sapatos*. Ademais, fê-lo com relação ao termo "gato-pingado", que, por sua vez, tem forma plural exclusiva *gatos-pingados*. É bom lembrar que há registro no Houaiss da forma **fazer gato e sapato de**, a par da forma **fazer gato-sapato de** (com hífen).

28 À luz do VOLP, os substantivos hifenizados **sem-terra** e **sem-teto** são de dois gêneros e de dois números. Portanto: *o/a sem-terra* e *os/as sem-terra*; *o/a sem-teto* e *os/as sem-teto*.

29 O adjetivo **grã** (e não "grão") é forma reduzida de grande. Escreve-se com "til" e sempre provoca hífen. Exemplo: *grã-cruz*, *grã-duque*, *grã-duquesa*, *grã-mestre*, *grã-mestra*, *grã-rabino*, *grã-turco*, *grã-sacerdote*, *grã-vizir* (plural: *grã-vizires*).

12 REDAÇÃO

12.1. INTRODUÇÃO

A nota dez em redação não é mito. É possível, sim. Busquei esta pontuação na prova da FUVEST, em vestibular para o ingresso na Universidade de São Paulo, para o curso de Direito, e a obtive com êxito. O que fiz? Usei todas as técnicas adequadas e as treinei. Não resta dúvida que, para obter nota dez, há a necessidade de técnica e treino. São duas palavras que fazem toda a diferença. A primeira inclui a desenvoltura gramatical, o domínio da forma, a versatilidade nas ideias e o domínio do raciocínio. A segunda é pura prática, o sublime ato de escrever, insistidas vezes. Compartilho com você, neste material, as bases conceituais para a construção da melhor técnica destinada à obtenção do sucesso nas provas de redação. Aqui, neste capítulo, você terá contato com matérias e dicas que serão fundamentais na sua preparação, como Teoria do Texto, Estilística, bibliografia básica, Técnicas Redacionais e Dicas de Gramática.

A partir de agora, abra a mente e o coração para a arte de escrever!

12.2. PRESSUPOSTOS E CUIDADOS PRÉVIOS

Vamos, então, iniciar o nosso caminho pelos meandros da Redação. Começaremos com algumas orientações básicas.

12.2.1. Importância da leitura e do hábito da escrita

Diz o senso comum que quem lê muito, necessariamente escreve bem. Mas, na prática, não é bem assim que funciona. Nem todos que leem bons textos em significativa quantidade escrevem bem. Mas, por outro lado, é impossível escrever bem sem leitura em demasia.

Se somente a leitura não basta, é certo que é grande ajuda para se tornar um bom autor. Adquire-se, com o hábito da leitura, cultura geral, requisito para ser um bom e crítico escritor. Além disso, o contato com o texto de qualidade faz com que se apreenda, mesmo que inconscientemente, a forma da narrativa, a estrutura das orações, a colocação e a força das palavras. Isso tudo pode fazer a diferença na hora da Redação.

Artigos de opinião e editoriais, por exemplo, são ótimos mecanismos para a observação e aquisição do domínio das estruturas dissertativas, além, é claro, de ser excelente fonte para o enriquecimento do vocabulário e do senso crítico. Mas nada substitui a prática habitual da escrita.

Não há grandes segredos para ser um bom autor, seja na elaboração de reportagens, artigos, dissertações,

poemas ou romances. É somente com muito empenho, esforço, disciplina e paciência que se adquire o controle da técnica redacional. Sobre esse tema, podemos citar o ilustre escritor português Eça de Queiroz, que dizia: "A simplicidade do texto resulta sempre de um violento esforço. Não se atinge uma expressão fácil, concisa e harmoniosa, sem longas e tumultuárias lutas em que arquejam juntos espírito e vontade".

Vou repetir a você o que sempre digo aos meus alunos: leia em abundância, tudo o que cair à mão, mas dê preferência aos textos de qualidade. E, na mesma medida, exercite a sua escrita, por meio de atividades que estimulem a sua criatividade textual. Mantenha um diário, faça Redações, escreva contos, poemas, e por que não romances?! A Leitura e a Escrita são igualmente importantes para se tornar um bom redator. Certamente, seguindo essas dicas, você atingirá o seu objetivo.

12.2.2. Biblioteca

É indispensável que, durante os seus estudos e a sua preparação, você tenha acesso a boas obras, a bons livros de referência. São eles que sanarão as suas dúvidas e darão elementos para um enriquecimento das suas capacidades. Sejam próprios, emprestados ou de bibliotecas, procure manter um fácil acesso a eles. Acompanhe a lista a seguir:

a. Um bom dicionário, completo e atualizado, especialmente após o recente Acordo Ortográfico. Hoje em dia já existem as versões digitais dos dicionários, que são uma verdadeira "bênção" para os mais preguiçosos. Tais versões, desde que completas, suprem satisfatoriamente o material impresso.

b. Uma gramática. Há várias gramáticas de qualidade disponíveis. Escolha a de sua preferência, com a linguagem que mais lhe agrada. Mas só valem as gramáticas completas. As versões "mini" só são úteis em situações emergenciais. Como referência, tenha uma gramática completa.

c. Um dicionário de dificuldades. A Língua Portuguesa, pela sua complexidade, não tem todas as suas dúvidas sanadas nas gramáticas tradicionais. Por conta disso, é importante que você tenha um bom Dicionário de Dificuldades da Língua Portuguesa, no qual você poderá elucidar as questões mais sutis e delicadas quanto ao bom uso do nosso idioma.

d. VOLP – Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa. O VOLP, editado pela Academia Brasileira de Letras, é um levantamento de todas as palavras em língua portuguesa, com indicação de sua grafia, prosódia, ortoépia, classe gramatical e outras informações úteis. Se a palavra não está no VOLP, ela não existe no idioma pátrio, pelo menos oficialmente. Difere-se do dicionário por não conter o significado das palavras. Atualmente, é de fundamental importância, tendo em vista o recente Acordo Ortográfico celebrado entre os países de Língua Portuguesa e as dezenas de dúvidas advindas de suas normas.

E lembre-se: ao surgir uma dúvida, por exemplo, quanto à grafia de uma palavra ou quanto à sintaxe de uma oração, busque socorro imediatamente na obra de referência adequada. Não deixe para depois nem permaneça com a dúvida. É muito comum ouvir que se tem "preguiça" de consultar uma gramática ou um dicionário. Tal conduta não é adequada a quem almeja bom desempenho em uma Redação. Abra o livro! Encontre a solução para a sua dúvida! O conhecimento é cumulativo e a cada vez que nos socorremos em uma obra de referência significa uma vez a menos que teremos de consultá-la no futuro.

12.3. TEXTO E DISCURSO

12.3.1. Das ideias para o texto

Enquanto para alguns o ato de redigir é fácil e natural, para outros representa um esforço hercúleo. Não é incomum escutarmos algumas pessoas dizerem que têm várias ideias, mas que não conseguem colocá-las no papel. Uma das razões para isso é que o pensamento humano é mais rápido do que a nossa capacidade para redigir. Além disso, muitas vezes, as nossas ideias ainda não estão maduras o suficiente, talvez por falta de reflexão, ou ainda não possuímos todas as informações necessárias para que seja formado um raciocínio coerente.

Por essa razão, é indispensável que tenhamos um sistema capaz de nortear a transformação desses raciocínios esparsos em nossa mente para uma folha em branco. E é justamente nas modalidades redacionais aqui estudadas que você encontrará as normas para a elaboração de um bom texto, claro e coerente.

12.3.2. Linguagem, terminologia e adequação

A linguagem é consequência de uma ação intencional do seu autor. Porém, por mais clara que o autor acredite que a mensagem seja, devemos ter a consciência de que o processo de comunicação envolve mais de uma pessoa, e o destinatário da mensagem precisa entender exatamente a mensagem que foi direcionada a ele para que o processo comunicativo se complete. É preciso que quem leia consiga apreender a mensagem que o autor quis transmitir. Não há nenhuma utilidade em uma mensagem que esteja clara e objetiva para o autor, mas que esteja confusa e obscura para aquele que a lê.

Qualquer modalidade de texto, do memorando à dissertação, deve sempre ter por referência a necessidade de comunicação efetiva com os seus destinatários. Mas existem vários níveis de linguagem entre o formal e o informal. Não falamos da mesma maneira, por exemplo, com um amigo próximo e com um professor. A forma de tratamento e o vocabulário mudam conforme a situação exige. O veículo também determina o nível da linguagem. No dia a dia, notamos que o discurso oral contém elementos diferentes dos que caracterizam o discurso escrito. Por tudo isso, o ideal é que tenhamos conhecimento de quem é o nosso leitor ou o destinatário da informação, para que possamos elaborar o conteúdo de forma mais adequada à transmissão correta da mensagem.

12.3.3. Tipos e vozes do discurso

É importante que você saiba algumas classificações do Discurso. São dois os tipos discursivos: o direto e o indireto. O discurso é direto quando são os personagens que se expressam de forma direta. O narrador, durante a narrativa, dá voz aos personagens, cedendo-lhes espaço, como em "(...) Creio que trazia também colete, um colete de seda escura, roto a espaços, e desabotoado. – Aposto que não me conhece, Sr. Dr. Cubas? disse ele". Já o discurso indireto é aquele no qual não há diálogos e o narrador fala como um intérprete dos personagens. Há discurso indireto, por exemplo, na modalidade discursiva chamada Narração, como em "No dia seguinte, Quincas Borba acordou com a resolução de ir ao Rio de Janeiro, tinha certos negócios...". É também discurso indireto quando existe a intenção do autor de apenas apresentar e transmitir as suas ideias, de forma lógica e expositiva, como é o caso da modalidade discursiva chamada Dissertação.

Quanto às vozes verbais do discurso, temos a voz ativa e a voz passiva. A voz ativa é aquela na qual o sujeito pratica ou participa da ação denotada pelo verbo. Exemplos: João jogou futebol. Maria brincou de boneca. Voz passiva é aquela na qual a ação expressa pelo verbo é recebida pelo sujeito. Exemplos: Alugam-se casas. Os apartamentos são alugados pelos corretores.

12.4. **TIPOLOGIA TEXTUAL OU MODALIDADES REDACIONAIS**

12.4.1. Gêneros da redação

Segundo o dicionário "Houaiss" (pronuncia-se "ruáis"), Redação é a ação ou o efeito de redigir, de escrever com ordem e método, ou seja, é praticamente tudo o que se escreve. No nosso cotidiano, temos contato permanentemente com o ato de redigir, seja elaborando um e-mail, um bilhete, uma carta, um projeto, entre outros. Em todas essas situações, utilizamos as chamadas "modalidades redacionais", ou "categorias de composição". São três as principais: a Descrição, a Narração e a Dissertação. Basicamente, a Narração é caracterizada pela temporalidade nos argumentos, a Dissertação pela racionalidade e a Descrição pela espacialidade. Temos ainda uma quarta modalidade, a Carta, que, no entanto, caracteriza-se por ter uma forma mais livre, podendo haver em seu conteúdo os três gêneros principais de Redação conjuntamente. O importante é termos consciência de que, na maioria das vezes, o texto redigido acaba contendo todas as modalidades de redação – daí a importância de dominá-las. Exemplificando: quando argumentamos sobre um ponto de vista e utilizamos exemplos para dar força aos argumentos, valemo-nos da estrutura dissertativa no raciocínio e da estrutura descritiva nos exemplos, sempre com o objetivo maior de convencer o interlocutor.

12.4.2. Narração

Narrar é discursar sobre algo. É registrar um fato. É, na linguagem popular, "contar um causo". Mais

precisamente, consiste no relato de um episódio, de um acontecimento, ou de uma sequência deles, obedecendo a uma ordem temporal de ações, com começo, meio e fim. Como elementos principais que constituem a narração, temos o narrador, os personagens, tempo, espaço e o fato em si, podendo ser real ou fictício. Podemos dizer que toda vez que alguém conta uma história, temos uma narração. Nesta modalidade redacional, há um texto eminentemente dinâmico, no qual abundam os verbos, já que as ações são desencadeadas por personagens. Existe sempre o desenrolar de uma trama central, com elementos de suspense, levando a um clímax, o ponto de maior tensão da narrativa. Por fim, há sempre o desfecho, ou epílogo, que, por vezes, é surpreendente. É a forma redacional utilizada nos romances e nos contos. Importante destacarmos que não é a presença ou não do diálogo que determina a modalidade narrativa, mas sim a forma de exposição do texto.

12.4.3. Descrição

Descrever é apresentar com palavras aquilo que se viu. É a reprodução do objeto ou da situação que foi captada por meio dos nossos sentidos. É representar algo, alguém ou a si mesmo, de forma detalhada. Observe que, diferentemente da Narração, a Descrição é destituída de ação, ou seja, é completamente estática, obedecendo a uma delimitação espacial. É como uma fotografia, que caracteriza seres e objetos num determinado espaço. Nesta modalidade textual, destacam-se os substantivos e os adjetivos. Por ter uma estrutura que não exige raciocínio e associação de conceitos do seu autor, a Descrição é a modalidade de redação menos comum nos concursos.

12.4.4. Dissertação

Dissertar é expor, de forma lógica, um raciocínio fundamentado por bons argumentos. É tratar de determinado assunto analisando-o objetivamente, por meio de um encadeamento lógico de ideias e pela coerência na sua exposição. Podemos dizer, então, que a Dissertação expõe conceitos e raciocínios, coloca-os em debate e os analisa com juízos de valor. Exige, para tanto, muita reflexão e raciocínio lógico. Tem como estrutura mais comum o esquema introdução-desenvolvimento-conclusão, com 4 parágrafos, sendo o primeiro parágrafo a introdução, o último a conclusão e os dois intermediários reservados para o desenvolvimento dos argumentos. Mas essa divisão não é, de nenhum modo, cristalizada. Admite-se o uso de quantos parágrafos forem necessários, desde que se obedeça a uma ordem de começo, meio e fim.

A Estrutura mais comum da Dissertação é a que divide o texto em três partes: introdução, desenvolvimento e conclusão.

a. Introdução: é a apresentação do tema. Geralmente, ocupa somente um parágrafo. Tem como característica principal a apresentação da ideia central, por meio de uma sentença ou uma citação, que deverá ser discutida e sustentada por argumentos nos parágrafos seguintes.

b. Desenvolvimento: é o corpo da redação. É nesse trecho que aparecem os argumentos do autor. Pode ocupar vários parágrafos, nos quais são expostos raciocínios, exemplos e justificativas que dão sustento à ideia central proposta na introdução, ou seja, à tese.

c. Conclusão: é a parte final da redação, na qual se resume o conteúdo desenvolvido, reafirmando-se os argumentos expostos anteriormente, lançando uma perspectiva sobre o assunto. É, necessariamente, a retomada da tese.

A Dissertação é a modalidade redacional mais solicitada em concursos, uma vez que avalia, com alto grau de precisão, a capacidade de o indivíduo demonstrar as suas habilidades discursivas, críticas e intelectuais. Por conta disso, neste material, daremos maior destaque à Dissertação, em relação às outras modalidades redacionais, pois é fundamental que você domine as suas estruturas e características, a fim de que obtenha sucesso na sua empreitada. Nos próximos capítulo, detalharemos e daremos preciosas dicas sobre as formas de elaboração de um bom texto dissertativo.

12.4.5. Carta

A Carta é uma modalidade livre de redação, já que nela pode haver as outras três modalidades redacionais: narração, descrição e dissertação. O que dá a configuração de Carta a um texto é o fim a que ela se destina, podendo ser endereçada a um amigo, um parente próximo, um jornal etc.

O formato da Carta será definido pela sua finalidade, com relação a aspectos estéticos e características específicas. Se para um Órgão do Governo, devem-se observar procedimentos formais, como o vocativo, o cargo do destinatário, a disposição da data, assinatura etc. Já se a Carta for endereçada a um amigo ou a parente próximo, não há muitas formalidades a serem observadas.

Algumas provas oferecem ao candidato a opção de elaborar uma Carta em vez de uma Dissertação. Porém, a abordagem deverá ser dissertativa, ou seja, fundamentada com argumentos e/ou exemplos, que poderão ser narrativos ou descritivos. Nesta modalidade, admite-se a redação em primeira pessoa.

12.5. **TÉCNICAS DE DISSERTAÇÃO**

São técnicas consagradas que tornarão mais fácil a tarefa de escrever uma boa redação, sem erros e sem excessos. Vamos a elas:

12.5.1. Interpretação da proposta

A interpretação da proposta é um dos momentos mais importantes da sua redação. No momento de redigir, a primeira característica exigida do candidato é a capacidade de leitura e interpretação. E é tal capacidade que dá ao

candidato condições de elaborar raciocínios alinhados aos que a banca examinadora deseja do pretendente. Cabe destacar que as falhas e as lacunas na interpretação da proposta são as maiores causas de mau desempenho nas provas de redação pelo País. Uma interpretação errônea pode colocar toda a sua preparação por água abaixo. Portanto, vou dizer a você o que eu sempre digo em sala de aula: "Leia a proposta vinte vezes!". E digo mais: "Se você tem certeza de que entendeu qual é a proposta da banca, leia a proposta uma vez mais!". Isso é muito importante! A prova de redação não é, exclusivamente, uma prova de escrita. É, também, uma prova de leitura. E esteja certo de que o tempo gasto na análise correta da proposta representará tempo ganho na elaboração da redação.

A interpretação é um difícil exercício para o qual o candidato precisa estar bem preparado, inclusive quanto ao aspecto psicológico. Muitas vezes, numa primeira leitura, tem-se a impressão de que o assunto é complicadíssimo, e o desafio proposto pela banca é intransponível, conceito esse que, certamente, será desconstruído conforme se prossegue lendo e relendo calmamente os enunciados. De uma maneira geral, as bancas são bem felizes na escolha dos temas, sempre atuais e razoavelmente polêmicos, elementos necessários para o desenvolvimento de uma boa redação. Mas há também as propostas ruins, e o candidato precisa estar preparado para mais esse obstáculo, procurando extrair do enunciado a real intenção da banca.

Há um pequeno roteiro que pode auxiliá-lo no momento da interpretação da proposta. Procure anotá-lo e torne-o parte do seu processo de elaboração de redações. Em primeiro lugar, sublinhe as palavras mais importantes, as mais significativas do enunciado. Em seguida, procure nos textos uma ou mais perspectivas sobre o tema – isso vai ajudá-lo a determinar uma linha de raciocínio que você poderá adotar. Feito isso, tire os olhos do texto e reflita sobre a questão. Procure trazer à tona todo o seu conhecimento a respeito do tema. Faça, então, uma lista em tópicos com as principais ideias sobre o assunto. Isso tornará o trabalho de esquematização do texto muito mais fácil.

É importante que você saiba que o corretor sempre se utilizará como fundamento para a correção de elementos que o possibilitem verificar se o candidato, efetivamente, leu e entendeu a proposta. Nessa medida, é altamente recomendável utilizar dados oferecidos nos textos de apoio, utilizando-os na argumentação, o que comprovará a sua leitura. Trabalhe com os elementos fornecidos e use-os de forma inteligente.

12.5.2. Organização de ideias

Para uma boa redação, é fundamental que o candidato lance mão de um esquema, uma anotação, um plano. Elaborar um plano é estabelecer uma ordem de desenvolvimento da exposição, já que esse esquema nada mais é do que uma previsão do texto. O projeto é o mapa da redação, e deve estabelecer os seus limites inicial e final. Nesse projeto, também serão definidos e delimitados os argumentos, as ideias e as teses do texto. Por meio dele, o candidato tem acesso a uma visão panorâmica do seu texto, podendo adaptá-lo e alterá-lo com mais facilidade, caso

seja necessário.

Por vezes, durante a prova de redação, quando já estamos transcrevendo o texto, percebemos que a nossa tese não tem argumentos suficientemente fortes que a sustentem. Mas, como já estamos no meio do caminho, não há muito que ser feito a não ser terminá-la conforme o inicialmente planejado. Mudar a tese no meio da redação pode trazer prejuízos ainda maiores. Daí a importância de se elaborar um roteiro para a redação, que possibilite ajustes antes do início da transcrição.

O plano ou roteiro pode ser uma lista desorganizada de raciocínios, que só o seu autor decifra, ou pode ser um resumo bem organizado, seguindo moldes consagrados. O importante aqui é que o esboço apresente raciocínio coerente.

Para facilitar a elaboração do plano, utilize-se de frases que sintetizam o raciocínio, por meio de tópicos. Um esquema de redação bem elaborado deve prever, obrigatoriamente:

a. As partes do texto: introdução, desenvolvimento e conclusão;

b. As ideias centrais de cada parágrafo, delimitando o número de parágrafos para cada parte;

c. Dados que serão utilizados em cada trecho;

d. Possíveis desenvolvimentos das ideias utilizadas;

e. Indicação de pesos para cada raciocínio, a fim de definir quais são os principais e quais são os secundários.

Por fim, há dois cuidados fundamentais aos quais o candidato precisa ficar atento durante a organização das ideias e a definição das teses. Um primeiro diz respeito à Fuga do Tema. O outro se refere à abordagem de teses polêmicas. Vamos analisá-los:

12.5.2.1. Fuga do tema

A Fuga do Tema é um dos maiores receios dos candidatos na provas de redação. Na ânsia de surpreender, mostrar personalidade, expor argumentos com autoridade e se destacar em meio a centenas de pretendentes, muitos candidatos acabam ultrapassando os tênues limites permitidos na argumentação, adentrando em um terreno perigoso, já que a fuga do tema é severamente punida pelos corretores. Em regra, textos nos quais é identificada a fuga do tema sequer são considerados para correção, recebendo nota zero.

Porém, também existem limites mínimos para o desenvolvimento do tema. Se o candidato não mostrar domínio das técnicas redacionais, utilizar-se exclusivamente dos argumentos fornecidos nos textos de apoio e não adicionar conceitos próprios, deixando de associar os raciocínios, corre o risco de receber uma nota baixa, pois não

demonstrou a desenvoltura intelectual esperada pela banca.

Sendo assim, nesta questão, o melhor mesmo é permanecer em um espaço intermediário entre uma linguagem muito simples e uma extremamente sofisticada, entre o raciocínio pobre e o demasiadamente complexo. O ideal é ficar no meio-termo, sem excessos, conforme ensinavam os gregos. Ou, ainda, "nem 8, nem 80", numa linguagem mais popular. Raciocínios muito simples não são adequados, da mesma forma que argumentação erudita, porém deslocada do contexto, igualmente não o é.

É importante destacarmos que não se exige, nas redações de concursos, tratados enciclopédicos, nem que surjam novos grandes poetas ou ilustres romancistas. É suficiente para um bom desempenho uma redação coerente com a proposta, que contenha raciocínios lógicos, adequada à norma culta e que seja dividida em começo meio e fim.

12.5.2.2. Teses Polêmicas

Não é mais tão comum nos concursos temas extremamente polêmicos, como aborto, religião, descriminalização das drogas ou pena de morte. No entanto, o candidato precisa estar sempre preparado para esses temas, pois é exatamente a capacidade de defender um ponto de vista com bons argumentos que a banca examinadora espera do autor da redação, seja qual for a sua posição ideológica.

Não há problemas em defender a tese de que devamos ter uma única religião no Brasil, ou que o aborto vá contra as leis da natureza, desde que, de modo coerente e sensato, o candidato considere e reflita também sobre os argumentos contrários e opostos aos seus. A argumentação por meio de dogmas, como sendo verdades incontestáveis, não convence. O exigido aqui é o conhecimento dos pontos de vista opostos, importando pouco para o examinador qual deles é adotado pelo autor do texto.

Porém, isso não significa que não há limites para o que se escreve em uma redação. Deve-se sempre levar em conta que o leitor da redação tem como base intelectual o senso comum, e não há espaço para teses que, por exemplo, ofendam os direitos humanos. Nessa esteira, Racismo e Homofobia são considerados inaceitáveis pelas bancas examinadoras e, certamente, receberão notas mínimas. Há que se respeitar limites éticos e sociais em uma redação.

12.5.3. Esquemas e estruturas dissertativas

Existem várias estruturas cristalizadas para elaboração de uma redação, ou de parte delas. O uso de tais estruturas trará sofisticação ao texto e o processo de escrita mais rápido. Vejamos:

12.5.3.1. Pensamento dialético

O processo dialético de pensamento analisa de forma objetiva os vários pontos de vista de uma determinada

questão, e o faz em três momentos: tese, antítese e síntese. Tal forma de raciocínio é de grande valia no momento da redação, pois nos faz olhar objetiva e criticamente para as ideias que pretendemos colocar no texto. Além disso, dá elementos necessários para uma argumentação contrária, fortalecendo o debate, que é o objetivo da dissertação. O primeiro momento do raciocínio dialético é a Tese, que nada mais é do que a exposição de um conceito, uma afirmação inicial, um argumento, uma proposição. Em seguida, deve haver a Antítese, que é a proposição contrária à tese. Por fim, há a Síntese, sendo este o resultado do raciocínio no qual se contrapõem Tese e Antítese, mantendo o que há de mais correto e adequado entre os argumentos contrários. Você pode usar o raciocínio dialético no desenvolvimento da sua redação, colocando argumentos contrários em oposição, fazendo uso da Síntese como base para a sua Conclusão.

12.5.3.2. Dissertação expositiva, argumentativa, objetiva e subjetiva

Há, também, quatro maneiras principais de se elaborar uma Redação. Na Redação Expositiva, aborda-se uma verdade inquestionável. Leva-se ao leitor, em uma abordagem pedagógica, um assunto já cristalizado, sem a apresentação de argumentos contrários. Já na Redação Argumentativa, tem-se uma sustentação da tese por meio de argumentos sustentados, raciocínio dialético, interpretação analítica, exemplos etc. Enquanto na forma expositiva há somente uma apresentação do tema, na argumentativa há, necessariamente, a presença de um debate.

Temos, ainda, outra classificação quanto à maneira de se escrever uma Redação. São as Redações Objetivas e Subjetivas. No primeiro caso, há a exposição do tema de maneira impessoal, caracterizada pela linguagem desprovida de sentidos derivados ou figurados. No caso da Redação Subjetiva, encontramos um texto em que há predomínio de uma linguagem figurada, numa abordagem metafórica e emotiva.

12.5.3.3. Raciocínio indutivo e dedutivo

Há dois tipos principais de desenvolvimento de raciocínio: o raciocínio indutivo e o dedutivo. Resumidamente, na indução partimos de um fato particular para uma generalização. Na Dedução, ocorre justamente o oposto, tendo como ponto de partida um princípio geral, alcançando uma conclusão particularizante.

12.5.3.4. Causa e consequência

Nesta consagrada fórmula de argumentação, são inicialmente levantados os aspectos que deram causa a um determinado problema, havendo, na sequência, o debate sobre as suas consequências.

12.5.4. Características da boa linguagem

Antes de você começar escrever efetivamente a sua redação, tenha em mente algumas características textuais que podem ter grande influência no momento da correção da sua prova. São as chamadas “Características da Boa Linguagem”.

Vamos a elas:

a. Clareza:

É uma virtude essencial da comunicação, caracterizando-se pela nitidez de pensamento e pela simplicidade da forma. A clareza se evidencia na exposição límpida do pensar, sendo considerada clara a mensagem que não estabelece dúvidas sobre o seu sentido. Tem como características opostas a obscuridade e a ambiguidade, conhecidos vícios de linguagem. Uma frase peca pela falta de clareza devido a muitos fatores, dentre eles, à pontuação inadequada e à desorganização das ideias. Quanto à pontuação, tanto o excesso quanto a falta geram o mesmo efeito nocivo ao texto. Por isso, além das regras gerais de pontuação, tenha os princípios norteadores do uso da vírgula na ponta da língua, para não cometer deslizes. A propósito, neste conteúdo, em sua parte final, dedicamos um bom tempo ao estudo da vírgula, em virtude de sua grande importância para quem deseja elaborar um texto claro e correto. Por seu turno, a desorganização de ideias, problema comum das redações, pode ser significativamente reduzida dosando-se a quantidade de informações por trechos. Evite "despejar" informações no leitor. O mais indicado, neste caso, é desenvolver somente uma sentença ou afirmação por parágrafo, deixando a configuração da estrutura dissertativa, seja por meio de raciocínio dialético, seja por qualquer outra estrutura textual, para a relação entre parágrafos, e não entre frases de um mesmo trecho. Além disso, há outros pequenos macetes dos quais você pode se utilizar para evitar prejuízos quanto à clareza de um texto:

- Corte o que for irrelevante no seu conteúdo, pois pode torná-lo desnecessariamente repetitivo e sem acréscimos significativos;
- Verifique se há uma sequência lógica quanto ao desenvolvimento de ideias;
- Não fuja do assunto;
- A melhor forma de dispor uma frase é de forma linear e na ordem direta;
- Não repita palavras, especialmente conectores;
- Procure palavras com sentido adequado ao tema.

Afinal de contas, nos dizeres retilíneos do gramático Celso Cunha, "ser claro é uma gentileza com o leitor".

b. Correção:

Refere-se ao ato comunicativo de acordo com as normas gramaticais, com respeito às normas linguísticas. A correção se atinge com uma linguagem escorreita e livre de vícios, passando aos receptores da mensagem uma imagem favorável do comunicador. Entretanto, há que se ter bom senso. Não há motivo para a utilização nos textos do dia a dia, ou até mesmo em uma redação, de termos ou expressões ortodoxas da Língua Portuguesa, que, inevitavelmente, sacrificarão a espontaneidade necessária a uma boa redação.

c. Concisão:

É a objetividade e a justeza de sentido no redigir. Deve-se evitar a prolixidade e as informações repetidas. As frases muito longas, que também devem ser evitadas, são uma fonte de dubiedades extremamente prejudiciais ao texto, especialmente se o autor não tem pleno domínio das regras de vírgula. Além do dano evidente quanto à apreensão do conteúdo, tais sentenças cansam o leitor, que, por muitas vezes, pode já interromper a leitura ou prossegui-la, mas com ressalvas. O período precisa ser completo, mas sem excessos, devendo-se dizer tudo com o mínimo de palavras. Não há espaço para enrolação, especialmente em uma redação de concurso. A linguagem concisa e direta, sem rebuscamentos e artifícios dispensáveis, comunica melhor e mostra amplo domínio da linguagem. Certamente, o corretor da sua redação vai gostar dessas características.

d. Precisão:

É a escolha do termo adequado, da palavra exata. A expressão precisa é fundamental para que o objetivo maior da comunicação seja alcançado: a transmissão da mensagem correta. No entanto, a busca pelo termo mais apropriado exige riqueza de vocabulário e sensibilidade. A utilização habitual de um dicionário de sinônimos e antônimos pode auxiliá-lo muito nesse processo, assim como a prática da leitura e da escrita, por meio de exercícios de sinonímia.

e. Naturalidade:

A naturalidade é o atributo que caracteriza a escrita veiculada de modo simples, sem que se perceba o esforço da arte e a preocupação do estilo. Para se alcançar a naturalidade, deve-se evitar o artificialismo na linguagem, que remete o emissor da rebuscada mensagem ao campo da linguagem obscura, com emprego de vocábulos inacessíveis para a maioria das pessoas e de expressões empoladas.

f. Nobreza:

A nobreza é atributo da linguagem que não é grosseira e nem indecorosa; que não polui o texto. A arte literária não dispensa o véu do pudor e do decoro, não se admitindo no texto escrito a presença de palavrões ou coisa do gênero, que só vem atentar contra a nobreza do trabalho. Muitas pessoas extrapolam o limite do bom senso e da boa educação. Uma Redação não é lugar adequado para o indivíduo extravasar sua indignação com eventual episódio político ou tendência, sendo considerado nobre o texto que qualquer pessoa possa ler "sem censura". Aliás, é muito importante evitar o uso de gíria em uma Redação, salvo situações muito particulares e plenamente justificadas.

g. Harmonia:

Tal atributo representa a prosa harmônica, que se caracteriza pela adequada escolha e disposição dos vocábulos, pelos períodos não muito longos e pela ausência de cacofonias. A harmonia é o componente musical da frase, e só a confecção cuidadosa dos períodos imprime ao texto o equilíbrio melódico e rítmico. Resumindo, texto harmônico é o texto cuja leitura dá prazer. Para aperfeiçoar a sua escrita, evite as cacofonias e a repetição vocabular – daí a importância dos exercícios com sinônimos e do uso do dicionário. Em tempo: cacófato é o som desagradável ou o vocábulo de sentido ridículo, resultante da sequência das sílabas formadoras das palavras.

12.5.5. Do rascunho ao texto final

Antes de iniciar a transcrição da sua redação, você precisa ter muito bem definida qual estrutura dissertativa você utilizará. Por exemplo, "Raciocínio Dialético" ou "Causa e Consequência". Além disso, é necessário que você já tenha em um rascunho, conforme orientação dos itens anteriores, o plano ou esquema da sua redação, ou seja, como você desenvolverá a sua tese. Com os tópicos em sequência lógica e coerente, e com todos os argumentos

que servirão de sustento para a sua tese, você já pode partir para a próxima etapa.

Há, aqui, uma bifurcação. Dois são os caminhos à sua frente, e somente a sua experiência como autor de textos, a sua condição psicológica e o seu domínio do tema podem definir qual caminho tomar. Muitos me perguntam se é necessário fazer um rascunho do texto integral da redação antes de transcrevê-lo para papel oficial. Tenho aqui duas respostas para você, que dependem de alguns elementos. Caso você tenha o hábito da escrita, domine o tema da redação e se sinta confortável e tranquilo no momento da prova, não é necessária a elaboração de um rascunho integral do texto. Somente com o esquema por tópicos, ensinado anteriormente, você poderá se sair muitíssimo bem na redação. Mas, atenção!!! Você só deve escolher esse caminho se já tem amplo domínio da palavra escrita. Um argumento sem conexão com o texto ou erros de gramática podem tirar valiosos pontos na hora da correção, já que, mesmo que você perceba o erro, já não há possibilidade de grandes alterações após a transcrição do texto no papel oficial. Ah... esse método também é indicado quando o candidato já não dispõe de muito tempo para elaboração da Redação, pois a deixou para o final e alongou-se na resolução do restante da prova. Por outro lado, se você é mais cauteloso, tem tempo disponível na prova e não tem o hábito da escrita, use o rascunho integral!!! É nele que você encontrará os erros estilísticos, gramaticais e lógicos do texto, podendo corrigi-los antes de transportar o texto para o espaço oficial, fazendo com que a sua redação seja tão boa quanto àquela do indivíduo que tem o amplo domínio da palavra escrita.

12.5.6. Revisão

Chegamos ao último estágio da Redação: a Revisão. Neste momento, a maior parte do trabalho já foi feita e resta a você, candidato, buscar eventuais falhas no texto. A revisão terá mais eficácia para o candidato que se utiliza do rascunho integral, já que aquele que faz a redação diretamente no papel oficial não pode se dar ao luxo fazer de grandes alterações no texto.

Uma vez que a redação esteja na folha oficial, resta ao candidato verificar se há pequenos erros gramaticais, se a pontuação está nítida e correta e se uma ou outra palavra não está adequada ao contexto. E só! Embora uma rasura isolada não configure um erro no texto, o excesso de rasuras trará um desequilíbrio estético à redação, e certamente será, de forma negativa, levado em consideração pelo corretor no momento da nota.

Já para o aluno que tem por hábito fazer o rascunho integral da redação antes da transcrição final do texto, a revisão tem muito mais funções, já que pode servir para identificar e corrigir, além dos casos já descritos anteriormente, inconsistências quanto à clareza e à fluidez do texto. Pode-se, ainda, retirar palavras ou frases irrelevantes, acrescentando outras mais adequadas. E, se for o caso, estabelecer nova disposição de argumentos, caso o candidato conclua que tal sentença gera mais efeito em outro ponto do texto. Resumindo, há neste caso, possibilidades bem maiores de mudanças com a revisão.

12.6. DICAS SOBRE REDAÇÃO E TEORIA DO TEXTO

12.6.1. Mandamentos para uma boa redação

Vejamos algumas dicas práticas:

1. Tema versus Título

Não confundam Tema e Título, pois eles não são a mesma coisa. Tema diz respeito ao assunto proposto para a discussão e o Título é o resumo do conteúdo que foi discutido. Hoje em dia, é muito comum os concursos não oferecerem o tema pronto, em uma frase ou sentença. O Tema é fornecido por meio de textos, fragmentos de reportagens, poemas, citações, painéis, etc., e o candidato deve interpretar tal material e extrair dele o tema da sua redação. Em outras palavras, a percepção do tema envolve, também, um exercício de interpretação. O Título, por outro lado, é uma palavra ou frase que sintetiza a redação. Por exemplo, caso a proposta de uma redação tivesse como texto principal de referência o famoso poema de Mário de Andrade chamado "Eu sou trezentos", a sua redação deveria tratar sobre as várias "máscaras" do homem, podendo ter como título a expressão "As facetas humanas".

2. Impessoalidade

É de fundamental importância que a sua dissertação seja impessoal. Expressões como "Eu acho" e "Eu penso que" são terminantemente proibidas. A sua Redação precisa ser desprovida de qualquer traço de pessoalidade, a fim de gerar maior objetividade e credibilidade ao texto. Existem algumas regras para garantir a impessoalidade:

- Sujeito indeterminado: deve ser utilizado quando desconhecemos a procedência exata de uma informação. Exemplo: Fala-se muito em aumento de salários.
- Voz passiva: nela, o agente pode ficar oculto, recurso gramatical que garante a impessoalidade. Exemplo: Está sendo mostrada na televisão a cerimônia de premiação.
- Agente oculto: outro recurso interessante é o uso de expressões como "é indispensável", "é preciso" e "é necessário", garantindo, também, a impessoalidade do texto.
- Agente inanimado: para atingir a impessoalidade, é comum a utilização de agentes inanimados, uma instituição, por exemplo. A Administração Pública faz bastante uso deste recurso, na medida em que dizer que "o governo multou os funcionários" é bem diferente do que dizer "o fernando, chefe do departamento, multou os funcionários". Na primeira forma, há uma diluição da responsabilidade pelo ato, interessante à Administração.

3. Letra

Talvez a pergunta mais comum na véspera de uma redação importante seja referente à letra: é letra de forma?

É letra corrida? Letra pequena ou grande? Feia ou bonita? O certo é que cada um tem o seu tipo de letra e a pio coisa que você pode fazer é tentar mudá-la na véspera da prova. Quem corrige provas de redação está acostumado a todo tipo de letra. Mas, atenção: palavra ou frase ilegível, para o corretor, é como se não existisse. Ele, simplesmente, pula. Não pense que ele vai ficar tentando decifrar o que foi escrito. Por isso, o ideal é que você facilite a vida para ele. Não faz nenhuma diferença se a sua letra é feia ou se é bonita, se é de forma ou letra corrida, mas desde que seja legível. Se o corretor entender sem grandes esforços o que você escreveu, já é o suficiente. Ah... e mais um cuidado: diferencie bastante as letras maiúsculas das minúsculas, especialmente para quem usa letra de forma.

4. Rasura

Rasura é aquele rabisco que fazemos na prova para anular alguma palavra ou frase que escrevemos de maneira inadequada. Não é, por si só, motivo de perda de nota, ou seja, o corretor não vai tirar décimos da sua prova só porque você rasurou uma palavra, afinal de contas, não há a tecla "delete" na escrita manual e o erro pode ocorrer. O problema é que um dos quesitos importantes que serão levados em conta no momento da correção da prova é a Estética do Texto. E, nesse sentido, uma redação repleta de rasuras dará uma péssima impressão ao sujeito que corrige a sua prova. Portanto, procure evitar as rasuras. E se, inevitavelmente, houver erros e você tiver de rasurar, não rabisque a palavra como se a tivesse pintando. É bem estético utilizar-se de parênteses no início e no final da palavra ou trecho a ser desconsiderado. Em seguida, passar um, e somente um, traço sobre o que está entre parênteses. Dessa forma, garantem-se a elegância e a boa aparência da sua redação. Além disso, outro ponto importante é que, hoje em dia, trabalhamos cada vez mais na frente de um computador, utilizando-nos da digitação para tudo, com recursos como correção ortográfica e outros. Com isso perdemos o hábito de escrever um texto à mão. Esse fato pode contribuir para o aumento da quantidade de erros no momento da prova. Por isso, nada de computador para treinar os seus textos. Faça várias redações à mão antes da prova. A prática do uso do papel e da caneta trará benefícios a você no momento da prova, tirando consideravelmente a sensação de desconforto.

5. Estrangeirismos

É o uso de palavra ou expressão de origem estrangeira ainda não incorporada ao nosso vernáculo. O uso de tais termos deve ser feito com ressalvas, porque, em vez de mostrar erudição, pode passar a imagem de petulância e falta de praticidade. Assim, em prol do bom uso da língua materna, não há razão para usarmos "performance" se temos na nossa língua o termo "desempenho", por exemplo. Nem para usarmos "complô" em lugar de "conspiração". O que deve ser evitado e combatido é o estrangeirismo desnecessário, sempre que haja, em português, termo equivalente.

6. Gerundismo

“Gerúndio” é forma nominal do verbo, ao lado do “infinitivo” e do “particípio”. Essa forma pode e deve ser usada para expressar uma ação em curso ou uma ação simultânea à outra, ou para exprimir a ideia de progressão indefinida. Combinado com os auxiliares *“estar”, “andar”, “ir” ou “vir”*, o gerúndio marca uma ação durativa, com aspectos diferenciados, como em “eu vou estar andando” ou “eu vou estar enviando”. O Gerundismo, fenônemo linguístico recente no Brasil, traduz-se em equivocada maneira de falar e de escrever, em razão da má influência do idioma inglês em nosso País. Pode-se afirmar que, geograficamente, o foco de difusão da “praga” se deu nos ambientes de atendimento de “telemarketing”, já que a expressão “vou estar enviando”, quanto ao aspecto semântico, gera menor carga obrigacional ao agente caso ele tivesse dito “eu vou enviar”. Essa forma é bastante condenável. Porém, nem todo “gerundismo” é errado. Há algumas situações específicas em que o seu uso é correto e se faz necessário. Quando precisamos transmitir a ideia de movimento, de progressão, de duração ou de continuidade, é cabível o uso do gerundismo. Exemplo: Não será possível estar com você no domingo, pois vou estar viajando para Salvador. Veja que não há outra maneira de expressar a ideia que não seja essa. Mas lembre-se: se a ação se individualizar no tempo, como no caso do “eu vou estar mandando”, o gerundismo deve ser evitado.

7. Chavões

São frases e expressões cristalizadas, repetitivas. Demonstram falta de criatividade e originalidade do autor. Devem ser evitadas frases como “é dando que se recebe”, ou “vale mais um pássaro na mão do que dois voando”.

8. Pleonasmos

Grave vício de linguagem. Trata-se da repetição desmedida de uma expressão. É o excesso de palavras para emitir enunciado que não chega a ser claramente expresso. Exemplos: “elo de ligação”, “encarar de frente”, “subir para cima” etc.

12.6.2. Semântica

A Semântica trata do sentido das palavras e da interpretação das sentenças e de seus significados. Seguem alguns conceitos importantes sobre semântica que você precisa saber:

12.6.2.1. Denotação e conotação

Elementos usualmente confundidos pelos candidatos. Além de serem fundamentais para a elaboração de uma dissertação, ainda podem vir solicitados nas questões de interpretação de textos da prova de Português. A Denotação tem um caráter direto sobre o seu objeto, não havendo espaço para interpretações ou sentido figurado. A Conotação, por outro lado, trata justamente da ampliação de sentido, da soma de significados ao sentido original do termo.

12.6.2.2. Sinonímia e antonímia

A Sinonímia é um procedimento utilizado para não repetirmos o mesmo termo ou palavra. Nesse caso, fazemos uso dos sinônimos. Tal capacidade é muito valorizada nas redações, pois o candidato demonstra possuir um rico vocabulário, sendo esse um dos critérios de correção das provas. Por exemplo, caso se use o termo "desordem" em uma sentença, nas frases seguintes, para não haver repetição do termo, seria enriquecedor a utilização de palavras sinônimas, como "desarranjo", "confusão", "desalinho" ou "balbúrdia". A Antonímia, por outro lado, diz respeito às palavras com sentidos opostos, como "claro e escuro" e "grande e pequeno".

12.6.2.3. Termos parônimos e homônimos

A Homonímia, que trata dos termos homônimos, é a identidade fonética e/ou gráfica de palavras com significados diferentes. Existem três tipos de Homônimos: a) Homônimos Homógrafos, palavras de mesma grafia mas com significados diferentes, como o termo "morro", que pode ser usado tanto como substantivo quanto como verbo; b) Homônimos Homófonos, palavras de mesma grafia, mas com sonoridade diferente. Exemplo: as palavras cessão, com "C" e "SS", que é o ato de ceder; sessão, com "S" e "SS", que diz respeito a tempo ou período; seção, com "S" e "Ç", sinônimo de setor, departamento; c) Homônimos Homófonos e Homógrafos, aqueles com a grafia e com a sonoridade iguais, como o termo "plana", que é verbo e substantivo.

De outra sorte, termos Parônimos são aqueles em que há apenas semelhança gráfica e fonética, mas com significados diferentes. A lista de termos parônimos é extensa. Vejamos alguns:

- Acender, com "C", que significa "atear fogo", e ascender, com "SC", que significa "subir", "elevar-se";
- Acento, com "C", que é sinal gráfico, e assento, com "SS", que significa "cadeira";
- Descriminar, com "E", que é sinônimo de "inocentar", e discriminar, com "I", que é sinônimo de "separar";
- Despensa, com "E", que é depósito, e dispensa, com "I", que significa "licença";
- Incipiente, com "C", que é sinônimo de principiante, e insipiente, com "S", sinônimo de "ignorante";

Dentre tantos outros...

12.6.2.4. Polissemia

É a característica de uma palavra apresentar vários significados, como é o caso da palavra "graça", que pode ser usado em várias situações, por exemplo, em "entrei no cinema de graça", em "os devotos receberam a graça prometida" ou ainda em "ele recebeu do governo o indulto da graça". Neste último caso, o instituto jurídico da "graça" refere-se à substituição de pena ou perdão pelo governo.

12.6.3. Figuras de linguagem

Figuras de Linguagem são estratégias literárias que o autor aplica ao texto a fim de conseguir um efeito determinado na interpretação do leitor. Dizem respeito aos aspectos semânticos, fonológicos e sintáticos das palavras. É muito importante que você conheça as principais figuras de linguagem, essenciais ao texto. Tente estudá-las com certa frequência, já que o domínio dessas estruturas trará grandes benefícios à sua redação. Vamos às principais:

- **Metáfora:** comparação abreviada, na qual o conectivo não está expresso. Exemplo: "Amar é fogo que arde sem se ver", nos dizeres do poeta português Luis de Camões. O que o autor realmente quis dizer é que o "amar" é como se fosse fogo. Mas, vamos e venhamos, o emprego da frase "amar é como se fosse fogo" no poema camoniano soaria muito mal aos nossos ouvidos e prejudicaria a apurada métrica do poema. Daí a grande utilidade da metáfora. Empregando-a, nesse trecho, temos a expressão "amor é fogo".
- **Metonímia:** consiste na substituição de um termo por outro, havendo semelhança e proximidade de sentido entre elas. Exemplo: "Antes do jogo, tomamos um copo de leite". Nesse caso, o que se toma não é o copo, mas sim o conteúdo do copo.
- **Eufemismo:** palavra ou expressão empregada para atenuar uma verdade considerada penosa ou desagradável. Exemplo: "Ele foi viver com Deus", que significa "Ele morreu".
- **Prosopopéia:** atribuem-se características humanas, como sentimento, fala, ação ou movimento, a seres inanimados e imaginários. Exemplo: "Um livro amigo".
- **Pleonasmo:** é a redundância no uso de uma expressão. Por exemplo: o trecho da famosa música "eu nasci há dez mil anos atrás" carrega um pleonasmo, já que a palavra "atrás" é desnecessária e repetitiva, uma vez que a utilização do verbo "haver" no sentido de tempo transcorrido, como em "há dez mil anos", já carrega a ideia completa da expressão. Em outros termos, se é "há dez mil anos", obrigatoriamente será "atrás".

12.7. MODELO DE REDAÇÃO

Elaboramos uma redação em consonância com as orientações compartilhadas com você até aqui. Leia-a com atenção.

Título: "Liberdade e consumo"

Primeiro Parágrafo: Introdução

No plano histórico, as sociedades sempre tenderam a se organizar por meio de estamentos ou classes, indicando a diferença natural entre os grupos, bem como a dominação de um sobre o outro. É natural que a dominação gere passividade, uma vez que há de prevalecer a ética do dominador, por meio da imposição de valores e simbologia própria, hábeis a demarcarem a posição ocupada por aquele que pertence à sociedade estratificada.

Segundo, Terceiro e Quarto Parágrafos: Desenvolvimento

Nesse contexto, inserem-se as leis suntuárias. No passado remoto, tais leis, positivas e escritas, tinham um viés inibitório de consumo, passando, com o tempo, a servir à diferenciação de classes sociais. A partir do século XVII, transformaram-se em instrumentos de proteção do mercado interno, assumindo o papel que é hoje realizado pela tributação extrafiscal. Na atualidade, as leis suntuárias, não mais escritas, permanecem como meios de restrição de liberdade, entretanto a ultrapassada lógica moralizante, originariamente justificadora dessas normas, cedeu passo a outro tipo de coibição, diante da tirania das leis do mercado: "a coibição da coibição".

Vivemos em uma sociedade em que a ascensão social liga-se à ideia de posse de objetos, capazes de legitimar o indivíduo como um ser superior. Somos instados a consumir, desenfreadamente, em um incentivo à aquisição do que não é necessário, sob a opressão imposta pelas práticas tidas como "da moda". Daí o desejo de adquirir roupas de "grife", carros de luxo, objetos de valor, entre tantos bens suntuosos e supérfluos.

Na perspectiva da lei de mercado, fomentar o consumo, associando-o à elevação social do adquirente do bem, é prática natural. O desejo de consumir indica a possibilidade de alteração do "status quo" do indivíduo, nos estamentos sociais, promovendo-se a mobilidade social tão desejada. Curiosamente, ao mesmo tempo em que o consumo se faz necessário, a diferenciação de classes se mostra vital em uma estrutura socialmente estratificada, uma vez que é desta que irradia o desejo no indivíduo de ascensão social, levando-o à prática consumista.

Quinto Parágrafo: Conclusão

Assim, as leis suntuárias permanecem atuais. A diferença é que o "não faça" do passado deu lugar ao "use", "consuma", "vista-se" do presente, denotadores de um falso engajamento, e, sim, de uma induvidosa alienação. Não há dúvida de que a liberdade do indivíduo vai até onde seu consumo chega.

12.8. DICAS DE GRAMÁTICA

É requisito básico para uma boa redação que o seu grau de domínio sobre as normas da gramática normativa seja alto. Você precisa estar bem "afiado" quanto às regras gramaticais. De nada adianta uma redação esteticamente perfeita, com um raciocínio bem elaborado, se repleta de erros de português. Por isso, tenha sempre uma gramática em mão e faça uso dela toda vez que for necessário.

Dica 1. Evite a expressão "através de" usada sem adequação. Essa locução preposicional significa "de um para o outro lado", na acepção de "transpor obstáculo". Portanto, é errado usar a expressão como indicadora de meio. Em português, as preposições que indicam relações de "meio" são: *por meio de, por intermédio de, mediante*, entre outras. Note o uso correto: *Irei ao outro lado do rio através da ponte; A bala passou através da parede.*

Dica 2. Tome cautela com o uso da crase. Entre as inúmeras regras, procure se lembrar de que não se usa o sinal grave (`) antes de verbo. Portanto, escreva a locução *a partir de...*, sem crase. Exemplo: *A vida em sociedade só foi possível por conta do Contrato Social.* Nesse passo, não omita o sinal nas locuções compostas de palavras femininas: *à custa de, à medida que, à toa, às pressas*, entre outras. Exemplo: *Ele procede à feitura do projeto, à medida que se orienta melhor.*

Dica 3. Um efeito bastante prejudicial à precisão do texto, consiste no abusivo emprego da locução "sendo que", com valor conjuncional. Esta expressão pode ser bem empregada, quando for sinônima de "uma vez que", "pois" etc., haja vista representar uma locução conjuntiva causal. Observe o uso inadequado na situação a seguir, acompanhada da correção: *O homem disparou quatro tiros, sendo que duas balas atingiram a vítima.*

Corrigindo: *O homem disparou contra a vítima quatro tiros, dos quais dois a atingiram.*

Dica 4. Não esqueça a acentuação adequada. O termo *júri*, por exemplo, recebe o acento agudo – trata-se de uma paroxítona terminada em *-i*, à semelhança de *biquíni, safári, táxi, beribéri* etc. Por outro lado, o vocábulo *item* não é acentuado, uma vez que não se acentuam as paroxítonas com terminação *-em.* Além disso, cabe esclarecer que o termo *juiz* não recebe o acento agudo, enquanto o plural *juízes* leva o acento, por se tratar de regra afeta a hiato.

Dica 5. A concordância adequada é fundamental. Se utilizar a forma "dado o" ou "dada a", saiba que tais termos são regidos pelo nome a que se referem. Exemplo: *Dado o documento, decidi agir.* Com o substantivo no

plural, ter-se-á: *Dados os documentos, decidi agir*. A mesma regra vale para o vocábulo feminino. Exemplo: *Dada a circunstância, tomei a providência*. Veja com o plural no substantivo: *Dadas as circunstâncias, tomei a providência*.

Dica 6. Muita atenção com a adjetivação. Por vezes, desejamos exprimir intensidade na utilização do adjetivo com o uso do advérbio "muito" antes do termo em quetão, como em "muito magro". Porém, se preferirmos sintetizar o tal "muito", temos de ter muito cuidado, pois os termos advindos daí são pouco usuais, possuindo o nome técnico de "Superlativo Absoluto Sintético". Por exemplo, para dizermos que uma pessoa é muito magra, o termo gramaticalmente adequado é "macérrimo". Atenção para isto. O termo correto é "macérrimo", e não "magérrimo", corriqueiro na linguagem popular. Com relação a "muito soberbo", o termo correto é "superbíssimo". Para "muito doce", é "dulcíssimo", grafando-se com "U" "L", "C" e "SS". Para "muito sagrado" é "sacratíssimo". Entre tanto outros.

Dica 7. A grafia de "viagem": escreve-se com "g" ou "j"?

O substantivo *viagem* grafa-se com -g, à semelhança de todos aqueles terminados por -agem, com exceção de "pajem". Do substantivo deriva o verbo *viajar*, naturalmente grafado com -j. Como se sabe, as formas verbais são decorrentes do infinitivo *viajar*, reproduzindo sua grafia. Por isso, conjugamos, no presente do modo subjuntivo: (que) eu viaje, (que) tu viajes, (que) ele viaje, (que) nós viajemos, (que) vós viajeis, (que) eles **viajem**. Esta última forma verbal, em negrito, não pode ser confundida com o substantivo, grafado com -g. Portanto, a resposta à pergunta é "depende": há viagem, com -g; há viajem, com -j.

Dica 8. O verbo "aterrissar": na acepção de "descer à terra", o verbo aterrissar (ou aterrar) provoca celeuma na pronunciação – devemos falar "aterrissar" ou "aterrizar"? De fato, não confundimos sem razão. Até os dicionaristas não esposam ideia uníssona acerca do tema. Enquanto o *Houaiss* admite ambos os verbos, o *Aurélio*, na trilha de *Caldas Aulete*, indica como válida tão somente a forma "aterrissar". O Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa – VOLP admite uma e outra possibilidades. Assim, recomendamos que você fique à vontade na hora da pronúncia, afirmando, sem receio: o avião *aterrissará*; o avião *aterrizará*; ou, até mesmo, o avião *aterrará*.

Dica 9. O verbo "chegar" requer a preposição "a", como verbo transitivo indireto. Do ponto de vista da norma culta, devemos evitar a utilização da preposição "em" com este verbo. Portanto, prefira "ele chega ao aeroporto". Evite, assim: "ele chega no aeroporto" (no = em + o). Aliás, deve haver cautela com a inversão: "Este é o terminal a que/ ao qual cheguei" (e não "este é o terminal em que cheguei" ou "este é o terminal no qual cheguei");

Dica 10. Há grande dúvida quanto à conjugação dos verbos aprazer, desprazer e prazer. Ouve-se muito por aí a

forma "se isso lhe aprouver...", entretanto poucos associariam o tempo em destaque ao verbo *aprazer*, que tem o sentido de "causar ou sentir prazer". É mais usado nas terceiras pessoas (do singular e do plural). Portanto, pode-se usar *apraz, aprazia, aprazerá, aprouve, aprouvera, aprouvesse.* A forma "aprouver" indica o futuro do subjuntivo do verbo *aprazer*, bastante comum como verbo transitivo indireto ("*Todas as manhãs, o sol lhe apraz*") ou intransitivo ("*Poucos são os comentários que aprazem*"). Para o dicionarista Houaiss, o verbo *aprazer* é *irregular*, nos tempos derivados do pretérito perfeito, apresentando formas interessantes, como *aprouve, aprouvera, aprouvesse*, entre outras. Por fim, como sinônimo de *aprazer*, o verbo *prazer* é igualmente irregular, devendo ser usado apenas na 3ª pessoa do singular. Há formas curiosas, como: *praz, prazia, prouve, prouvera, prazerá, prazeria, praza,* entre outras.

Dica 11. A concordância nominal da palavra MEIO: o vocábulo "meio" pode apresentar-se como *numeral fracionário* ou como *advérbio*. Neste último caso, ficará invariável. Exemplos:

- Como numeral fracionário (na acepção de "metade"):

É meio-dia e meia. (a concordância nominal de "meia" se faz com "hora")

Ele veio com meias palavras. (a concordância nominal de "meias" se faz com "palavras")

- Como advérbio (permanecendo invariável)

Elas estão meio tristonhas.

Dica 12. A concordância nominal da palavra BASTANTE: o vocábulo "bastante" pode apresentar-se como *pronome (indefinido)*, como *adjetivo* e como *advérbio*. Neste último caso, ficará invariável. Exemplos:

- Como pronome indefinido (na acepção de "incontáveis, muitos"):

Havia bastantes candidatos no concurso.

Fui à padaria e comprei bastantes pães.

- Como adjetivo (na acepção de "suficiente")

O candidato apresentou razões bastantes para defender sua candidatura.

- Como advérbio (ficando invariável)

Elas estão bastante tristonhas.

Dica 13. Muito cuidado com o uso de expressões latinas, que devem ser grafadas com aspas, dando-lhes o destaque necessário. É oportuno lembrar que não se acentuam as palavras latinas. Portanto, grafe *"data venia"*, sem acento circunflexo, ao indicar a forma polida de manifestar seu pensamento. Entretanto, saiba que pertence a

nosso idioma o termo “vênia”, com acento circunflexo – uma paroxítona terminada em ditongo, na acepção de “licença que, por deferência, pede-se a outrem”. Exemplo: *Com a devida vênia dos senhores, vou me retirar.*

Dica 14. A concordância verbal, quando o sujeito é introduzido pela expressão “um dos que”, impõe o singular ou o plural, embora a forma pluralizada do verbo seja a mais recomendável. Exemplos: *Ele é um dos que mais trabalha. Ele é um dos que mais trabalham.*

Dica 15. Com relação à Ortografia:

Num primeiro caso, veja as palavras parecidas na grafia, mas com acepções distintas. São exemplos:

1. vultoso: volumoso (exemplo: prêmio vultoso)

vultuoso: ruborizado, vermelho (exemplo: bochechas vultuosas)

2. incipiente (com a letra “c”): principiante, iniciante (exemplo: desidratação incipiente)

insipiente (com a letra “s”): ignorante (exemplo: pessoa insipiente)

3. eminente (com a letra “e”): nobre, elevado (exemplo: professor eminente)

iminente (com a letra “i”): prestes a acontecer (exemplo: data iminente)

4. seção (soletre aqui, senão o ouvinte não saberá distinguir): repartição (exemplo: seção do tribunal)

sessão (soletre aqui, senão o ouvinte não saberá distinguir): apresentação (exemplo: sessão do júri)

cessão (soletre aqui, senão o ouvinte não saberá distinguir): ato de ceder (exemplo: cessão de direitos)

5. discriminar (com a letra “i”): separar (exemplo: discriminar os itens, as pessoas)

descriminar (com a letra “e”): descriminalizar (exemplo: descriminar o aborto)

6. retificar (com a letra “e”): consertar (exemplo: vou retificar a data)

ratificar (com a letra “a”): confirmar (exemplo: ele ratificou a participação no evento)

7. dispensa (com a letra “i”): desobrigação (exemplo: dispensa do serviço militar)

despensa (com a letra “e”): compartimento da casa (exemplo: a despensa está repleta)

Temos, também, as palavras de dupla prosódia, mas que são plenamente aceitas, em toda as suas formas, na Língua Portuguesa.

- protocolar ou protocolizar
- projétil ou projetil
- xérox ou xerox

- autópsia ou autopsia
- necrópsia ou necropsia
- veredicto ou veredito
- muçarela ou muzarela ou mozarela
- aterrizar ou aterrissar
- pôr do sol ou pôr de sol (sem hífen, mas com o acento no primeiro elemento)
- infarte ou enfarte ou enfarto

Dica 16. Conjugação do verbo "custar": o verbo "custar", na acepção de "ser difícil ou custoso", deve permanecer em 3ª pessoa, evitando-se a forma "eu custei a (...)". Como recurso de memorização, utilize o seguinte paradigma frasal: "algo custa a alguém". Procedendo-se à avaliação sintática da frase acima, verificaremos que o sujeito será "algo", enquanto o objeto indireto será "a alguém". Da mesma forma, é possível utilizar outro paradigma aceitável para a regência desse verbo: CUSTA-ME ALGO ou CUSTA-LHE ALGO; aqui o sujeito continua ser "algo", enquanto os objetos indiretos passam a ser os pronomes "me" e "lhe". Portanto, à luz da regência verbal, são inaceitáveis as formas "Eu custei a fazer"; "Eu custei a acreditar". Substitua-as, acertadamente, por "custou-me fazer" e "custou-me acreditar".

Dica 17. Conjugação do verbo "preferir": o verbo "preferir" pode ser verbo transitivo direto (Exemplo: Eu sempre preferi a alegria). Entretanto, deve-se prestar atenção à regência em que ele aparece como verbo transitivo direto e indireto, permitindo que dele se aproximem dois complementos – o objeto direto e o objeto indireto (este, no caso, acompanhado da preposição "a"). Exemplos: Eu prefiro estudar a trabalhar. Eu prefiro o doce ao sal (note a presença do artigo, em especificação dos objetos). Ele prefere chope a cerveja. Ela prefere a cerveja ao chope (note a presença do artigo, em especificação dos objetos). O ato de "preferir" significa "gostar mais", "gostar antes", "dar primazia a". Daí se falar que haverá redundância ou pleonasmos viciosos nas formas usualmente repetidas "preferir mais", "preferir mil vezes", "preferir antes". Trata-se de erros que devem ser evitados!

12.9. **ORIENTAÇÕES FINAIS**

Parabéns, meu nobre leitor. Agora que você já conhece o que existe de mais importante para se elaborar uma boa redação, tenho toda certeza de que você se sairá muito bem na sua. Mas antes de me despedir, gostaria de elencar as últimas orientações e cuidados a você para o momento da prova:

- Não se identifique na folha de prova, a não ser no local indicado;
- Não exceda o número máximo de linhas, nem escreva menos do que o número mínimo

estipulado;

- Não escreva fora do espaço destinado para a redação;
- E, por fim, não se esqueça do Título, quando for solicitado.

Obrigado pela sua companhia. Espero que tenha gostado da aula e que tenha assimilado o seu conteúdo. Não deixe de escrever para mim, contando como foi o seu desempenho nas provas de redação.

Um forte abraço do Professor Eduardo Sabbag

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Bloch, 1981; 3. ed. Imprensa Nacional, 1999; 4. ed. Imprinta, 2004; 5. ed. Global Editora, 2009.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Dicionário de questões vernáculas*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1998.

_____. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 28. ed. São Paulo: Saraiva, 1979; 44. ed. 1999.

AMARAL, A. *Revista da Academia Paulista de Letras* 26 (73): 171-2, 1969.

ANDRÉ, Hildebrando A. de. *Gramática ilustrada*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1982.

ARISTÓTELES. *Arte retórica e arte poética*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1985.

ARRUDA, Geraldo Amaral (Des.). *Notas sobre a linguagem do juiz*. São Paulo: Corregedoria Geral de Justiça – TJSP, 1988.

_____. *Como aperfeiçoar frases*. São Paulo: Corregedoria Geral de Justiça – TJSP, 1988.

ASSIS, Machado de. *O alienista*. São Paulo: Ática, 1994.

BANDEIRA, Manuel. *Libertinagem & Estrela da manhã*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

BARROS, Jaime. *Encontros de redação*. São Paulo: Moderna, 1967.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática da língua portuguesa*. 22. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

_____. *Moderna gramática portuguesa – 1º e 2º Graus*. 19. ed. São Paulo: Nacional, 1979.

BELLARD, Hugo. *Guia prático de conjugação de verbos*. São Paulo: Cultrix, 1999.

BOAVENTURA, Edivaldo. *Como ordenar as ideias*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1997.

BORBA, Francisco da Silva (Coord.). *Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil*. 2. ed. São Paulo: UNESP, 1991.

_____. *Introdução aos estudos linguísticos*. 9. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987.

_____. *Instrumentos de comunicação oficial*. São Paulo: Estrutura, 1978.

_____. *Pequeno vocabulário de linguística moderna*. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

BROWN, Dan. *O Código Da Vinci*. São Paulo: Sextante, 2004.

BUENO, Francisco da Silveira. *Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa*. São Paulo

Saraiva, 1963.

CALDAS AULETE, F. J. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*, 4. ed. Rio de Janeiro: Delta 1958.

CALDAS AULETE, F. J.; GARCIA, H. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Delta, 1980.

CALLADO, Antonio. *Sempreviva*. São Paulo: Círculo do Livro, 1981.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de linguística e gramática*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1978.

_____. *Manual de expressão oral e escrita*. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Ozon, 1966; 4. ed. Vozes, 1977; 6. ed Vozes, 1981.

CAMÕES, Luís de. *Os lusíadas*. São Paulo: Cultrix, 1995; 4. ed. Porto Editora, 1995.

CAMPEDELLI, Samira Yousseff; SOUZA, Jésus Barbosa. *Português – Literatura – Produção de textos e gramática*. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2000/2002.

CARVALHO, Dolores; NASCIMENTO, Manoel. *Gramática histórica*. 7. ed. São Paulo: Ática, 1971.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 43. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2000.

_____. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

CERVANTES, Miguel de. *Dom Quixote*. São Paulo: Nova Cultural, 1993.

CIPRO NETO, Pasquale. *Inculta e bela*. 3. ed. São Paulo: Publifolha, 2000.

COSTA, José Maria da. *Manual de redação profissional*. Campinas: Millennium, 2002.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica*. 4. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958.

CRYSTAL, David. *Dicionário de linguística e fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

CUNHA, Antonio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2. ed. 16 reimp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática da língua portuguesa*. 9. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1983.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

CUVILLIER, Armand. *Pequeno vocabulário da língua filosófica*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1961.

DAMIÃO, Regina Toledo; HENRIQUES, Antonio. *Curso de português jurídico*. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

DUBOIS, Jean *et alii*. *Dicionário de linguística*. Dir. e coord. geral da tradução de Izidoro Blikstein, São Paulo: Cultrix, 1978.

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto de. *Gramática nova*. 19. ed. São Paulo: Ática, 2004.

FELLIPE, Donaldo J. *Dicionário jurídico de bolso*. 7. ed. Campinas: Julex Livros, 1993.

FERNANDES, Francisco. *Dicionário de regimes de substantivos e adjetivos*. 20. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1987.

_____. *Dicionário de sinônimos e antônimos* e *Dicionário de verbos e regimes*. Porto Alegre: Globo, 1980.

FERNANDES, Paulo. *Nihil Novi Sub Sole*. Disponível em: <www.defato.com>, seção "Artigos", acesso em: 2003.

FERRAZ JR., Tércio Sampaio. *Introdução ao estudo do Direito*. 4. tir. São Paulo: Atlas, 1991.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986; 3. ed. 1999.

FOLHA DE S.PAULO. *Manual da redação*. 3. ed. São Paulo, 1992.

FREIRE, Ricardo. *Xongas*. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 2001.

GASPARI, Elio. *Jornal Estado de Minas*. Belo Horizonte, 2001.

GOBBES, Adilson; MEDEIROS, João Bosco. *Dicionário de erros correntes da língua portuguesa*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Sales. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JHERING, Rudolf von. *O espírito do direito romano*. Rio de Janeiro: Alba, 1943.

JUCÁ FILHO, Cândido. *Dicionário escolar das dificuldades da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Fename, 1963.

LARROUSE. *Dicionário da língua portuguesa*. Paris: Larousse/São Paulo: Ática, 2001.

LEITE, Marli Quadros. Variação linguística: dialetos, registros e norma linguística. In: Luiz Antônio Silva (Org. *A língua que falamos.* Português: história, variação e discurso. São Paulo: Globo, 2005.

LEME, Odilon Soares. *Tirando dúvidas de português*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1995.

LUFT, Celso Pedro. *Dicionário gramatical da língua portuguesa*. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1971.

_____. *Moderna gramática brasileira*. 4. ed. Porto Alegre: Globo, 1981.

_____. *Novo guia ortográfico*. 8. ed. Porto Alegre: Globo, 1979.

_____. *Dicionário prático de regência nominal*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2003.

_____. *Dicionário prático de regência verbal*. São Paulo: Ática, 1987.

MACHADO, José Pedro (Coord.). *Dicionário etimológico da língua portuguesa.* Lisboa: Sociedade da Língua Portuguesa, 1965.

MARTINS, Eduardo (Org.). *Manual de redação e estilo*. São Paulo: *O Estado de S. Paulo,* 1990.

MARTINS, Ives Gandra da Silva. *A cultura do jurista – Formação jurídica.* São Paulo: Revista dos Tribunais, 1999; Sagra Luzzatto, 2000.

MICHAELIS. *Moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1998.

MIRABETE, Julio Fabbrini. *Curso de processo penal*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

MORAES, Vinicius de. *Para uma menina com uma flor*. 13. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1983.

NADÓLSKIS, Hêndricas; MARCONDES, Marleine Paula; TOLEDO, Ferreira de. *Comunicação jurídica.* São Paulo: Catálise Editora, 1997.

NASCIMENTO, Edmundo Dantes. *Linguagem forense*. São Paulo: Saraiva, 1992.

NICOLA, José de; TERRA, Ernani. *1001 dúvidas de português*. 10. ed. São Paulo: Saraiva, 2000.

NISKIER, Arnaldo. *Questões práticas de Língua Portuguesa*: 700 respostas. Rio de Janeiro: Consultor Assessoria de Planejamento Ltda, 1992.

NOGUEIRA, Júlio. *A linguagem usual e a composição*. 13. ed. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1959.

O ESTADO DE S. PAULO. *Manual de redação e estilo* – Eduardo Martins. São Paulo, 1990.

OLIVEIRA, Édison de. *Todo o mundo tem dúvida, inclusive você*. 5. ed. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1999.

OLIVEIRA, Nélson Custódio. *Português ao alcance de todos.* 23. ed. Rio de Janeiro: Barbero, 1972.

OLIVEIRA, Ronaldo Alves de. *Escreva bem agora! Manual prático de estilística da língua portuguesa*. São Paulo: Edicta, 2001.

PAES, José Paulo; MASSAUD, Moisés. *Pequeno dicionário de literatura brasileira.* São Paulo: Cultrix 1969.

PIMENTA, Reinaldo. *Português urgente.* 7. ed. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1988.

PRETI, Dino. A norma e os fatores de unificação linguística, na comunidade. *In*: *Sociolinguística – Os níveis de fala (um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira)*. 4. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987.

_____. Gírias saem da informalidade. *Revista Língua Portuguesa*, v. 40, São Paulo, 15 mar., 2009.

REALE, Miguel. *Lições preliminares de direito*. 27. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

_____. *Memórias*: destinos cruzados. Rio de Janeiro: Saraiva, 1986. v. I; 2. ed. 1987.

_____. *Filosofia do direito*. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1965.

REBELO GONÇALVES, R. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. Coimbra: Coimbra Editora 1966.

REIS, Otelo. *Breviário da conjugação de verbos*. 38. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

RODRIGUES LAPA, Manoel. *Estilística da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1965.

RODRÍGUEZ, Victor Gabriel de Oliveira. *Manual de redação forense.* Campinas: Jurídica Mizuno, 2000.

RYAN, Maria Aparecida. *Conjugação dos verbos em português.* Prático e eficiente. 5. ed. São Paulo: Ática 1989.

SACCONI, Luiz Antonio. *Dicionário de pronúncia correta.* Ribeirão Preto: Nossa Editora, 1991.

_____. *Minidicionário Sacconi da língua portuguesa.* São Paulo: Atual, 1996.

_____. *Não erre mais!* 8. ed. São Paulo: Ática, 1986.

_____. *Tudo sobre português prático.* São Paulo: Moderna, 1979.

SANTOS, Hugo Rodrigues dos. *Latim para o jurista.* 3. ed. Belo Horizonte: Edições Ciência Jurídica, 1996.

SANTOS, Mário Ferreira dos. *Curso de oratória e retórica.* São Paulo: Logos, 1954. v. I.

SANTOS, Raquel Aparecida Lemes Bittencourt. *A importância do português no direito.* Monografia, Taubaté, 2001.

SILVA, Deonísio da. *De onde vêm as palavras.* Frases e curiosidades da língua portuguesa. São Paulo Mandarim, 1977.

_____. *De onde vêm as palavras II.* São Paulo: Mandarim, 1998.

SILVA, De Plácido e. *Vocabulário jurídico.* 5. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1978.

SILVEIRA, Sousa da. *Lições de português.* Rio de Janeiro: Editora Livros de Portugal, 1972.

SILVEIRA BUENO, F. *Antologia arcaica.* 2. ed. São Paulo: Saraiva, 1968.

SQUARISI, Dad. *Dicas da Dad*: português com humor. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

_____. *Mais dicas da Dad* – Português com humor. São Paulo: Contexto, 2003.

TAUNAY, Visconde de. *Inocência.* 19. ed. São Paulo: Ática, 1991.

XAVIER, Antonio Carlos dos Santos.*Como se faz um texto; a construção da dissertação-argumentativa.* Campinas: Editora do Autor, 2001.

XAVIER, Ronaldo Caldeira. *Português no Direito.* 9. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1991.

OUTRAS FONTES DE CONSULTA

NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO ELETRÔNICO.

(2010) 5. ed. versão 7.0, Curitiba: Editora Positivo.

DICIONÁRIO BRASILEIRO DA LÍNGUA PORTUGUESA.

(1990) 12. ed. 3 v., São Paulo: Encyclopaedia Britannica.

DICIONÁRIO ELETRÔNICO BARSA.

CD-ROM. (2003) São Paulo: Barsa Planeta.

DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA.

(2009) versão 1.0, Curitiba: Objetiva.

Endereços Eletrônicos	**Revistas e Jornais**
www.folha.uol.com.br	

www.portrasdasletras.com.br	*A Gazeta*
www.academia.org.br	*Estado de Minas*
www.comversos.com.br	*Exame*
www.portugues.com.br	*Folha de S.Paulo*
www.cursoanglo.com.br	*Istoé*
www.vemconcursos.com	*Jornal da Tarde*
www.linguativa.com.br	*Jornal do Brasil*
www.paulohernandes.pro.br	*O Estado de S. Paulo*
www.uol.com.br/linguaportuguesa	*O Globo*
http://educaterra.terra.com.br/sualingua	*Veja*
http://ciberduvidas.sapo.pt	

Flávia Rita Coutinho Sarmento

PORTUGUÊS

. DESCOMPLICADO .

Gramática e Interpretação de Textos
para Concursos Públicos

4ª edição

GRUPO ANIMUS

PORTUGUÊS

. DESCOMPLICADO .

Gramática e Interpretação de Textos
para Concursos Públicos

Para Júlia, Víctor e Tatá.
Sem vocês, meu mundo seria cinza.
Obrigada por encherem de cor os meus dias, por fazerem bagunça,
por falarem alto, espalharem as coisas, por pedirem o possível
e o impossível... por serem o meu momento mágico do dia,
por fazerem de mim
a mãe mais realizada e completa que poderia desejar ser.

Para minha mãe, sempre.
Sem o seu amor, eu não conseguiria... Ainda me entristeço, às vezes
até me ressinto de não tê-la mais comigo. Mas, aceito os planos de
Deus e agradeço pela bênção que você foi em minha vida.

Para Cassinha, minha irmã tão dedicada. Sempre me mandando
mensagens carinhosas, telefonando-me para saber como estou...
Puxando a minha orelha quando trabalho demais ou desapareço!

Para Luana, minha eterna amiga. Sempre disponível e bem-
-humorada.

Para Pedro, meu amigo fiel. Quem mais poderia me fazer rir
quando estou triste? Quem mais poderia me levar ao zoológico para
ver o gorila? Obrigada por estar sempre por perto.

Para Rose, por cuidar de mim, da minha casa e dos meus filhos.

AGRADECIMENTOS

Ana Karinne Senra
Ana Paula Marcati
Andreia Ferreira Noronha
Carolina Sales de Araújo
Curso Orvile Carneiro (MG)
Curso Praetorium (MG)
Curso Pro Labore (MG)
Curso Multiplus (RJ)
Curso Papa Concursos (RS)
Daniele A. S. Cabral
Eudson Justiniano Cardoso da Silva
Faculdade Anhanguera
Fernanda Oliveira
Fernanda Resende
Fernanda Souza
Gabi
Kathleen Fernandes
Layla Fabel Gontijo
Luana Marina Alves
Luciana Paula Rincon
Mariana Assíria
Pablo Leonardo Ribeiro da Silva
Pedro Henrique Menezes Ferreira
Pleno Preparatório
Professor Marcelo Sobral
Rede de Ensino Pitágoras
Rede Interasat
Roberta Zampeti
Rosilene Ponciano Souza
Silvânia Souza
Supremo Concursos

APRESENTAÇÃO

O ensino da Língua Materna tem se tornado um desafio para os docentes da área. Cada vez menos teóricas, as provas de concursos públicos ganham dimensão reflexiva e verificam habilidades linguísticas adquiridas ao longo da vida escolar do candidato.

Os manuais de gramática não devem ser esquecidos, mas as provas revelam um discurso muito mais pautado na análise linguística que propriamente na apreensão isolada de regras. O fato de os itens de gramática serem formulados a partir de textos presentes na própria prova revela um avanço na avaliação dos concursandos. Instituições como UNB, FUNDEP, FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS e FUMARC formulam as questões de gramática a partir dos textos das provas, ou seja, os elementos linguísticos dos suportes empregados na construção da prova é que "ditam" as questões.

Conteúdos tradicionais continuam a ser cobrados. O verbo e suas flexões figuram os programas de reconhecidas instituições, mas há espaço para questões mais práticas como as da FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS, que normalmente opta por explorar as relações entre tempos verbais. A UNB também apresenta sempre pelo menos um item sobre o tema, mas com uma nuance semântica. Nota-se uma preocupação das instituições contemporâneas em verificar o conhecimento do candidato a partir da língua em uso. Mais do que saber qual é o tempo e o modo de uma forma verbal, o candidato deve demonstrar conhecimento sobre o emprego de tal mecanismo linguístico. Planejar os estudos a partir da banca organizadora do concurso é um diferencial que garante o sucesso de muitos candidatos.

A noção de certo e errado não é a única referência para o aprendizado da língua. Por isso, considerar as variações do Português se faz necessário em nossa prática pedagógica. Não raro, os programas atuais contemplam o tópico "Variação Linguística". Tomando com base tal conteúdo, uma construção pode estar adequada a um determinado gênero textual, mas não ser compatível com outro. Na NCE, por exemplo, as questões de Redação Oficial exploram construções do texto-base, também utilizado na elaboração dos demais itens. Solicita-se ao candidato que verifique a possibilidade de uma determinada sentença figurar ou não em uma Redação Oficial. O aluno deve, portanto, analisar as construções propostas e assinalar a que estiver mais adequada aos padrões do gênero textual. A variação linguística vai além da dicotomia 'certo' e 'errado', pois explora as possibilidades contextuais da língua.

Nós, professores de Português, temos, então, um grande desafio se pensarmos a língua como um fenômeno cultural não estático e cheio de implicações. Dessa forma, somos convidados a transformar a nossa sala de aula em uma espécie de laboratório real dos estudos que envolvem a linguagem. É preciso apresentar aos alunos conteúdos que serão efetivamente cobrados pelas diversas bancas organizadoras e refletir sobre o perfil de cada instituição. Faz-se necessário efetivar conceitos linguísticos e verificá-los por meio de exercícios que privilegiem a análise em detrimento da memorização. Os concursos públicos, hoje em dia, partem da premissa de que o candidato deve ter acesso ao conhecimento linguístico de forma reflexiva e contextualizada. Nessa nova perspectiva, tenho tentado conduzir minhas aulas. Certa de que todos "perseguem" seus objetivos, estarei sempre em busca das melhores formas de ensinar e aprender no ambiente da sala de aula.

A autora.

SUMÁRIO

Introdução
Linguagem, Língua e Fala **13**

Unidade I
Fonologia **14**
Noções de Fonética 14
Acentuação Gráfica 16
Reforma Ortográfica 18
Exercícios 22

Unidade II
Ortografia **26**
Algumas Orientações Ortográficas 26
Dificuldades Ortográficas 27
Palavras que Oferecem Dúvida Quanto à Sílaba Tônica 29
Variantes Linguísticas 29
Emprego das Letras 30
Emprego das Iniciais Maiúsculas 31
Semântica, Sinonímia, Antonímia 31
Exercícios 35

Unidade III
Morfologia (Classes de Palavras) **44**
Relação Determinante/Determinado 44
Classes de Palavras 45
Substantivos 46
Adjetivos 52
Advérbios 54
Preposições 55
Conjunções 57
Interjeições 58
Artigos 58
Pronomes 59
Verbos 80
Numerais 101
Exercícios 102

Unidade IV
Morfologia (Formação de Palavras) **120**
Conceitos Básicos 120
Processo de Formação de Palavras 122
Exercícios 124

Unidade V
Análise Sintática **130**
Conceitos Básicos 130
Período Simples 130
Período Composto 139
Exercícios 160

Unidade VI
Regência **164**
Conceito 164
Regência Nominal 164
Regência Verbal 166
Casos de Regência 170
Exercícios 174

Unidade VII
Crase **180**
Conceito 180
Casos Proibidos de Crase 181
Casos Especiais de Crase 182
Casos Facultativos de Crase 183
Casos Obrigatórios de Crase 184
Exercícios 184

Unidade VIII
Concordância **188**
Concordância Nominal 188
Concordância Verbal 192
Exercícios 198

Unidade IX
Pontuação **204**
Pré-requisitos para o Estudo da Vírgula 204
Outros Sinais de Pontuação 210
Exercícios 214

Unidade X
Algumas Questões Gramaticais **220**
Vocábulo QUE 220
Vocábulo SE 221
Análise Sintática
(Termos do Período Simples) 223
Flexão do Infinitivo 227
Exercícios 229

Unidade XI
Estilística – Compreensão e interpretação de textos **234**
Noções Básicas de Interpretação 234
Significação Contextual de Palavras e Expressões 239
Variação Linguística: Modalidade do Uso da Língua e Adequação Linguística 240
Denotação e Conotação 242
Estilística 242
Figuras de Linguagem 242
Vícios de Linguagem 247
Funções de Linguagem 248
Tipos de Discurso 254
Fatores de Textualidade 255
Exercícios 261

Unidade XII
Exercícios (Treinando por Provas Completas)
Prova I (Esaf – Ministério da Fazenda) 270
Prova II (Esaf – Receita Federal) 278
Prova III (FCC-TRE/Amazonas) 288
Prova IV (FCC-TRE/Amazonas) 293
Prova V (Fundep – Analista Municipal/OP) 297
Prova VI (Fundep – Tribunal de Justiça/MG) 301
Prova VII (Fundep – Assembleia/MG) 304
Prova VIII (Fundep – Tribunal de Justiça/MG) 309
Prova IX (Fundep – Analista Judiciário/MG) 313
Prova X (Fundep – Analista de Sistemas/Prodabel) 316

Unidade XIII
Exercícios (Treinando por Temas) **320**
Fonética / Acentuação Gráfica / Divisão Silábica 320
Ortografia 322
Relação Determinante-Determinado 324
Classes de Palavras 327
Formação de Palavras 330
Pronome 332
Verbo 334
Análise Sintática 337
Concordância 340
Crase 343
Regência 345
Pontuação 348
Elementos de Coesão 351
Figuras de Linguagem 355

Unidade XIV
Exercícios (Treinando por Bancas) **359**
Questões da Fundação Carlos Chagas 359
Questões da Fumarc 374
Questões da Fundep 390
Questões do Cespe 404
Questões do Cetro 410
Questões da Esaf 430

Apêndice
Redação Oficial **455**
O que é Redação Oficial? 455
Pronomes e Formas de Tratamento 459
Fechos para Comunicações 461
Identificação do Signatário 461
O Padrão Ofício 462
Forma de Diagramação 463
Tipos de Texto Oficial 464
Outros Tipos de Textos 469
Exercícios 477
Produção de Texto Dissertativo **479**
Noções Básicas 479
Qualidades de um Texto 480
O que é Dissertação? 480
Estrutura Clássica do Texto Dissertativo 484
Dicas Finais 485
Propostas de Redação 487

Obras de Referência 490

ÍNDICE REMISSIVO DE QUADROS SINÓPTICOS

ACENTUAÇÃO GRÁFICA 25
ADJETIVOS PÁTRIOS 104
ANÁLISE SINTÁTICA – DICAS GERAIS 162
CLASSIFICAÇÃO DOS VERBOS 115
COESÃO TEXTUAL 268
COLOCAÇÃO PRONOMINAL 109
COLOCAÇÃO PRONOMINAL – RESUMO 112
COMPARATIVOS E
SUPERLATIVOS IRREGULARES 107
CONCORDÂNCIA NOMINAL 202
CONCORDÂNCIA VERBAL 200
CONJUGAÇÃO – DICAS GERAIS 114
CONJUNÇÕES 107
CONSIDERAÇÕES SOBRE PRONÚNCIA 42
CORRELAÇÕES DE INFINITIVO 163
CRASE 186
DIFICULDADES ORTOGRÁFICAS 40
DIVISÃO SILÁBICA 25
ESQUEMA DE TERMINAÇÕES VERBAIS 117
FOCALIZAÇÃO DISCURSIVA 264
FONÉTICA 24
FORMAS REDUZIDAS DE
ALGUNS ADJETIVOS PÁTRIOS 106
FUNÇÕES DE LINGUAGEM 266
GRAU DOS ADJETIVOS 106
INTERTEXTUALIDADE 267
ORAÇÕES ADJETIVAS 163
ORAÇÕES SUBSTANTIVAS 163
OUTROS SINAIS DE PONTUAÇÃO 218
PARONÍMIA E HOMONÍMIA 36
PLURAL DAS PALAVRAS
TERMINADAS EM ÃO 104
POLIFONIA 269
PONTUAÇÃO – VÍRGULA 216
PREDICADO 163
PREFIXOS DE ORIGEM GREGA 127
PREFIXOS DE ORIGEM LATINA 128
PRONOMES ÁTONOS EM
LOCUÇÕES VERBAIS – EMPREGO 111
PRONOMES ÁTONOS EM
TEMPOS COMPOSTOS – EMPREGO 110
PRONOMES DEMONSTRATIVOS
– EMPREGO 113
PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS ÁTONOS
– FUNÇÕES SINTÁTICAS 108
PRONOMES RELATIVOS
– EMPREGO 108
PRONÚNCIA ADEQUADA
DE ALGUNS VOCÁBULOS 41
PROSÓDIA 43
QUE – TIPOS 230
RADICAIS DE ORIGEM GREGA 126
RADICAIS DE ORIGEM LATINA 129
REGÊNCIA NOMINAL – EXEMPLOS 179
REGÊNCIA VERBAL – ESQUEMA 176
REGÊNCIA VERBAL – EXEMPLOS 178
SE – FUNÇÕES 231
SE (CONJUNÇÃO) – TIPOS 232
SE (PRONOME) – TIPOS 232
TABELA DE BASES VERBAIS 117
TEMPOS COMPOSTOS 116
TEMPOS PRIMITIVOS E TEMPOS DERIVADOS 113
TIPOS DE DISCURSO 267
TIPOS DE LINGUAGEM 268
VERBOS IRREGULARES – BASES 114
VERBOS QUE APRESENTAM
DIFICULDADES DE CONJUGAÇÃO 118
VÍCIOS DE LINGUAGEM 268
VOZES VERBAIS 116

INTRODUÇÃO

LINGUAGEM, LÍNGUA E FALA

A linguagem torna o homem capaz de comunicar-se e o distingue dos seres irracionais, porque é por meio dela que se transmite a cultura não só no tempo como no espaço. O resultado disso é a evolução.

Língua ou idioma é uma instituição. É um instrumento social à disposição do falante. É um dos veículos que o homem criou para traduzir a linguagem. É um sistema de sinais (signos linguísticos) convencionais e organizados.

A utilização da língua pelos diferentes falantes constitui o discurso ou fala. Portanto, fala é a parte individual da língua: varia conforme a escolha de cada um, o que resulta em vários níveis.

NÍVEIS DA FALA – Estes podem ser: culto, coloquial ou literário.

A língua culta ou língua-padrão requer estudo profundo, conhecimento das normas gramaticais. A Gramática Normativa apresenta as regras a serem obedecidas para se escrever bem, fator indispensável para assegurar a unidade linguística.

Em concursos públicos, avaliam-se não apenas as normas da língua como também os recursos de que ela dispõe.

A gramática normativa é dividida em cinco partes:

I. **FONOLOGIA:** estudo dos sons e de suas representações gráficas.

II. **MORFOLOGIA:** estudo da palavra em sua estrutura e formação, em suas flexões e em seu agrupamento em classes.

III. **SINTAXE:** estudo das palavras associadas em orações e das orações agrupadas em períodos.

IV. **SEMÂNTICA:** estudo dos significados das palavras em determinado contexto discursivo.

V. **ESTILÍSTICA:** estudo do aspecto estético e emocional da linguagem, principalmente na literatura. Nesse item, a Gramática se atém de modo mais enfático à linguagem figurada.

FONOLOGIA

NOÇÕES DE FONÉTICA

FONEMA

Fonema é a menor unidade sonora que entra na constituição da palavra. Sendo o fonema uma unidade sonora, só pode ser percebido pelos nossos ouvidos.

- **Fonema é de natureza sonora;** representa, pois, cada som por nós emitido.
- **Letra é a representação gráfica do fonema;** é, portanto, a tentativa que fazemos de representar graficamente o som que emitimos.

Nem sempre há coincidência entre o número de letras e de fonemas.

Em **chave,** escrevemos 5 letras - *c h a v e* - e pronunciamos 4 sons - *x a v e* - porque ***ch*** possui apenas o som de **x**.

Em **boxe,** escrevemos 4 letras - *b o x e* - e pronunciamos 5 sons - *bokse* - porque o x possui o som de **ks**.

ENCONTRO VOCÁLICO

Existem palavras em que os sons ou fonemas ***a, e, i , o, u*** são pronunciados com maior ou menor intensidade, imediatamente um após o outro, constituindo os encontros vocálicos.

Encontros vocálicos	Como acontecem	Exemplos
Ditongo	Encontro de dois sons vocálicos na mesma sílaba, pronunciados de uma só vez.	pei-xe trou-xa hós-tia lí-rio
Tritongo	Encontro de três sons vocálicos na mesma sílaba, pronunciados de uma só vez.	i-guais sa-guão a-ve-ri-guei Pa-ra-guai
Hiato	Encontro de sons vocálicos em sílabas diferentes, pronunciados separadamente.	po-e-ta sa-ú-de ca-í-da ru-im

No aparecimento dos encontros vocálicos *ditongo* e *tritongo,* ocorrem dois tipos de fonemas: **vogal** e **semivogal.**

Semivogal

É o fonema pronunciado mais fracamente que a vogal; é outro som elementar da voz humana; quando pronunciado vem acompanhado de leve ruído consonantal. São os fonemas / y / e / w / que se agrupam com uma vogal, formando sílaba.

Na escrita, é representada por **e, i, o, u.**

Nunca aparece sozinha. Entra na formação dos seguintes encontros vocálicos: *ditongo* e *tritongo.*

Caixa	Ameixa
A: vogal	*E: vogal*
I: semivogal	*I: semivogal*

Ditongo

Encontro de uma *vogal* com uma *semivogal.*

azuis *síria* *água*

Conforme a posição da vogal e da semivogal, o ditongo é classificado em **crescente** ou **decrescente**.

Quanto ao papel das cavidades bucal e nasal, o ditongo pode ser **oral** ou **nasal**.

- **Ditongo crescente:** quando a semivogal vem antes da vogal.

dolência ⟶ *do-lên-cia*

SV V

- **Ditongo decrescente:** quando a semivogal vem depois da vogal.

ágeis ⟶ *á - geis*

V SV

O ditongo decrescente pode ser oral ou nasal.

- **Oral:** quando o ar sai apenas pela boca: *saudosos, faixa, trouxa, peixe, coronéis, jiboia, véu...*

- **Nasal:** quando o ar sai pela boca e pelo nariz: *Coração, amam, bênção, órgão, hífen...*

Os ditongos nasais apresentam ***-m, -n*** ou ***til***.

ATENÇÃO! Também podem ser considerados ditongos os grupos ***em, am, en, an, on, al, el, ol,*** em palavras como: *porém, amam, tremem (trêmei/tremeim), palma, hífen...*

Tritongo

Encontro de semivogal + vogal + semivogal.

Pa- ra- guai

- **Tritongos orais**

a-de-quai *a-guai* *a-pa-zi-guei*
a-ve-ri-gueis *ave-ri-guou* *ra-diou-vin-te*

- **Tritongos nasais**

de-sá-guem *sa-guões*

Hiato

Encontro de duas vogais em sílabas separadas.

har - mo - ni - a *ru - a*
ba - ú *sa - í - da*

DÍGRAFO

É o conjunto de duas letras que representam um único fonema.

ss: massa	*qu: quilo*
rr: arroz	*gu: águia*
lh: ilha	*sc: piscina*
nh: ninho	*sç: nasça*
ch: chave	*xc: exceção*

ATENÇÃO! Em palavras como ***quatro***, ***guaraná*** e ***escola***, não encontramos dígrafos, porque ***qu, gu*** e ***sc*** representam dois sons.

Nos grupos am, an, en, em, im etc., em palavras como bambu, linda, monte etc., o ***m*** ou o ***n*** não são pronunciados, apenas nasalizam a vogal anterior, por isso são considerados dígrafos vocálicos.

Bambu *(bãbu)*

ENCONTRO CONSONANTAL

É o encontro de duas consoantes numa mesma palavra.

plangentes	*sombras*	*tremem*
emblema	*plasma*	*asco*
astro	*istmo*	*teste*

ENCONTRO CONSONANTAL

- **Perfeito**: mesma sílaba

  pro - ble - ma

- **Imperfeito**: sílabas distintas

  tes - te

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

TONICIDADE

- **Oxítonas**

  A última sílaba é tônica.

  MA/RA/BÁ

MA	RA	**BÁ**

  Jabá - mocotó - sapê - você

- **Paroxítonas**

  A penúltima sílaba é tônica.

  HIS/TÓ/RIA

HIS	**TÓ**	RIA

  lápis - remédio - órfão - ímã

- **Proparoxítonas**

  A antepenúltima sílaba é tônica.

  RÁ/PI/DO

RÁ	PI	DO

  lâmpada - síndico - pêssego - ínterim

- **Monossílabas Tônicas**

  Possuem apenas uma sílaba e ela é tônica.

  gás - má - cá - pá - dó - ré - mês

A classificação das sílabas se observa da direita para a esquerda da palavra (do final para o princípio do vocábulo).

REGRAS DE ACENTUAÇÃO

Acentuam-se os monossílabos tônicos terminados em	Exemplos
A(s)	más, pá, vá, Brás, chá
E(s)	fê, vê, mês, Sé, três, pé
O(s)	nó, pós, dó, pôs, só

• *OBSERVAÇÕES*

- Também recebem acento as formas verbais terminadas em ***o - e - a*** tônicas, seguidas de pronome ***(lo, los, la, las): trá-lo, fá-lo, vê-lo, pô-los, vê-los...***
- Certas formas verbais pronominais apresentam dois monossílabos tônicos acentuados:

  vê-lo-ás
  - monossílabo tônico terminado em **a** (s)
  - monossílabo tônico terminado em **e** (s)

  fá-lo-á
  - monossílabo tônico terminado em **a**(s)
  - monossílabo tônico terminados em **a**(s)

Acentuam-se as oxítonas terminadas em	Exemplos
EM/ENS	também, parabéns, alguém
O(s)	retrós, compôs, cipó, mocotó
E(s)	jacaré, vocês, café, dendê
A(s)	Carajás, vatapá, verás, guaraná

ATENÇÃO!

Acentuam-se todos os vocábulos **proparoxítonos**: *bígamo, bárbaro, cálice, chácara, cândido, chávena, cônjugue, cúpula, diácono, déspota, êxodo, féretro, gélido...*

• OBSERVAÇÃO

Termos proparoxítonos podem ser encontrados fazendo parte de formas verbais pronominais:

entregá-lo-íamos
└─proparoxítona
└─oxítona terminado em **a**

Acentuam-se as paroxítonas terminadas em	Exemplos
PS	bíceps, tríceps, fórceps, Quéops
I(s)	júri, táxis, biquíni, tênis, lápis
R	fêmur, dólar, caráter, Víctor
N	Nélson, hímen, cânon, abdômen
Ã(s)	ímã, órfãs, dólmã
ÃO(s)	órfão, bênção, acórdãos
US	Vênus, bônus, vírus, lótus
EI(s)	pônei, louváveis, úteis, jóquei
UM(uns)	fórum, álbuns, médiuns
L	útil, notável, automóvel, fácil
X	tórax, fênix, Félix, ônix
Ditongo crescente	família, Vitória, cárie, vácuo, níveo
Ditongo Decrescente	amáveis, favoráveis, notáveis

ATENÇÃO!

Vocábulos paroxítonos terminados em ***A(S) E(S), O(S)*** e ***EM (ENS)*** não são acentuados.

hífen - hifens *hímen - himens*

Regras Especiais

- Acentuam-se os **hiatos tônicos *I* e *U*,** sozinhos ou com ***S***:

- O "I" e o "U", quando forem a segunda vogal tônica de um hiato, não estando seguidos de ***nh***, recebem acento: *saúva, ruína, saíres, baú, país, baús, caíste, balaústre, Esaú, juízes...*

- sem acento (com l, m, n, r, z ou seguidos de nh): *Raul, ruim, juiz, cair, saindo, amendoim, bainha, tainha...*

- Coloca-se acento circunflexo na sílaba tônica das formas verbais de terceira pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos ***ter*** e ***vir*** e de seus derivados:

Ter	*Vir*
ele tem	*ele vem*
*eles **têm***	*eles **vêm***

- Os derivados recebem acento agudo no singular e acento circunflexo no plural.

Derivados (Regra de Oxítona)

ele contém	*ele intervém*
eles contêm	*eles intervêm*
ele retém	*ele sobrevém*
eles retêm	*eles sobrevêm*

- Acentuam-se os **ditongos abertos *éi, éu, ói*** em final de palavra.

coronéis, chapéu, véus, lençóis...

Acento Diferencial

Recebem o **acento diferencial** (circunflexo) os vocábulos tônicos que apresentam a mesma escrita que os **átonos** (chamados de homógrafos).

por (preposição) X pôr (verbo)
pode (presente) X pôde (pretérito)

RESUMINDO...

Recebem acento		
Proparoxítonos	todos	
Monossílabos tônicos	terminados em	a(s) - e(s) - o(s)
Oxítonos	terminados em	a(s) - e(s) - o(s) - em - ens
Paroxítonos	diferentes de	
Hiatos tônicos	i(s) - u(s)	
Ditongos abertos	em final de palavra	éi - ói - éu

Grafia do Porquê

a) Escreve-se separado e sem acento: **por que**

- *preposição **por** + pronome interrogativo **que**,* na introdução de orações interrogativas diretas ou indiretas.
  ***Por que** saíste?* (interrogativa direta)
  Diga-me **por que** saíste. (interrogativa indireta)

- *preposição **por** + pronome relativo **que**, referindo-se a um substantivo.*
  Não sei o motivo **por que** saíste. (= pelo qual)
  Dê-me uma razão **por que** não posso sair. (= pela qual)

- *preposição **por** + conjunção integrante **que**.*
  Anseio **por que** você saia. (= para que)

b) Escreve-se separado e com acento: **por quê**
preposição **por** + pronome interrogativo **que** no final das interrogativas.
*Saíste **por quê**?* (= por que razão)

c) Escreve-se junto e sem acento: **porque** como conjunção, qualquer que seja. (causal ou explicativa)
*Saí **porque** eu quis. (= pois)*

d) Escreve-se junto e com acento: **porquê** como substantivo.
*Não interessa o **porquê** da minha saída.*
(= motivo)

REFORMA ORTOGRÁFICA

1 - TREMA

ANTES	ATUALMENTE
Usávamos o trema na vogal "U" (pronunciada e átona), antecedida de **Q** ou **G** e seguida de **E** ou **I**. O objetivo do trema era distinguir a vogal "U" muda (= não pronunciada) da vogal "U" pronunciada: **lingüiça, freqüência, qüinqüênio, seqüestro, tranqüilo, qüinquagésimo, delinqüente, pingüim, entre tantas outras.**	**(sem trema)** **LINGUIÇA, FREQUÊNCIA, QUINQUÊNIO, SEQUESTRO, TRANQUILO, QUINQUAGÉSIMO, DELINQUENTE, PINGUIM...**

2 - REGRA DO ACENTO DIFERENCIAL (PARCIALMENTE ABOLIDA)

ANTES	ATUALMENTE
Recebiam acento gráfico: • "ELE **PÁRA**" (do verbo **PARAR**, só a 3ª. pessoa do singular do presente do indicativo); • "EU **PÉLO**, "TU **PÉLAS**" e "ELE **PÉLA**" (do verbo **PELAR**); • "O **PÊLO**", "OS **PÊLOS**" (substantivo = cabelo, penugem); • "A **PÊRA**" (substantivo = fruta); • "O **PÓLO**", "OS **PÓLOS**" (substantivo = jogo ou extremidade).	**(sem acento)** • "ELE **PARA aqui todos os dias**"; • "EU **PELO**", "TU **PELAS**" E "ELE **PELA**"; • "O **PELO**", "OS **PELOS**"; • "A **PERA**"; • "O **POLO**", "OS **POLOS**".

O QUE NÃO MUDA:

(PÔR X POR)	
• **PÔR** (só o infinitivo do verbo) "Ele deve **PÔR** em prática tudo que aprendeu".	• **POR** (preposição) "Ele deve ir **POR** este caminho".
VERBO PODER	
• **PÔDE** É a 3ª. pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. "Ontem ele não **PÔDE** resolver o problema".	• **PODE** É a 3ª. pessoa do singular do presente do indicativo. "Agora ele não **PODE** sair".
Outros exemplos	
I - VERBO • Isto é para **PÔR** aqui, Mariana? • Todos os dias você deve **PÔR** ração para os pombos, certo? • No mês passado você não **PÔDE** pagar a conta, neste você **PODE**?	**II - PREPOSIÇÃO** • Eles passam **POR** aqui todos os dias. • **POR** Deus, o que aconteceu, Flavinho? • Ela é feliz **POR** ter a Júlia e o Víctor em sua vida.

Só é possível identificar a palavra como **verbo** ou **preposição** verificando o **contexto** (toda a construção da frase).

Em **FÔRMA** (substantivo), o acento diferencial é facultativo.

3 – REGRAS DOS DITONGOS ABERTOS "ÉU", "ÉI" E "ÓI" (PARCIALMENTE ABOLIDA)

ANTES	ATUALMENTE
Acentuavam-se todas as palavras que apresentavam os ditongos abertos ÉU / ÉI / ÓI. CÉU, RÉU, CHAPÉU, TROFÉUS, PAPÉIS, ANÉIS, IDÉIA, ASSEMBLÉIA, DÓI, HERÓI, EU APÓIO... **NOTA:** Não se acentuam os ditongos fechados: **EU**: SEU, ATEU, JUDEU, EUROPEU... **EI**: LEI, ALHEIO, FEIA... **OI**: BOI, COISA, O APOIO...	Perderam o acento agudo somente as palavras PAROXÍTONAS. I-**DEI**-A, **BOI**-A, JI-**BOI**-A, ESFE-**ROI**-DE, HE-**ROI**-CO, EU A-**POI**-O, ELE A-**POI**-A... **O QUE NÃO MUDA:** O acento agudo permanece nas palavras **MONOSSÍLABAS** (UMA SÓ SÍLABA) E NAS **ÓXITONAS** (ÚLTIMA SÍLABA TÔNICA): **MONOSSÍLABAS:** DÓI, MÓI, RÓI, CÉU, RÉU... **OXÍTONAS:** HERÓI, ANÉIS, PAPÉIS, PASTÉIS, TROFÉU, CHAPÉUS...

4 – REGRA DO "U" E DO "I" (PARCIALMENTE ABOLIDA)

ANTES	ATUALMENTE
FEI-Ú-RA, BAI-Ú-CA, BO-CAI-Ú-VA	As palavras em que as vogais "I" e "U" não formam hiato com a semivogal do ditongo anterior perderam o acento agudo (falso hiato). FEI-U-RA, BAI-U-CA, BO-CAI-U-VA

O QUE NÃO MUDA:

As vogais "I" e "U" recebem acento agudo sempre que formam hiato com a vogal anterior, desde que sozinhas na sílaba ou com "S" e distantes do dígrafo "-NH".

Gra-ja-**ú**	ba-**ú**	a-tra-**í**-do	con-te-**ú**-do	pa-**ís**	fa-**ís**-ca
ca-**ís**-te	dis-tri-bu-**í**-do	sa-**ú**-de	ra-**í**-zes	ju-**í**-za	ca-**í**-mos

5 – OUTRAS REGRAS

A) Não se acentua mais a letra "U" nas formas verbais GUE, QUE, GUI, QUI, dos verbos apaziguar, averiguar, arguir e obliquar.

ANTES	ATUALMENTE
ARGÚI, APAZIGÚE, AVERIGÚE, OBLIQÚE	ARGUI, APAZIGUE, AVERIGUE, OBLIQUE

B) Os hiatos "OO" e "EE" não são mais acentuados.

ANTES	ATUALMENTE
abençôo - enjôo - perdôo - vôo - corôo - côo môo - povôo - lêem - dêem - crêem - vêem descrêem - relêem - revêem...	abençoo - enjoo - perdoo - voo - coroo - coo moo - povoo - leem - deem - creem - veem descreem - releem - reveem...

6 - HIFENIZAÇÃO

A) **HÍFEN – RR e SS:** O hífen não é mais utilizado em palavras formadas de prefixo terminado em vogal + palavra iniciada por "R" ou "S", sendo que essas letras devem ser dobradas.

ANTES			ATUALMENTE		
ante-sala	ante-sacristia	auto-retrato	antessala	antessacristia	autorretrato
anti-social	anti-rugas	arqui-romântico	antissocial	antirrugas	arquirromântico
arqui-rivalidade	contra-senso	contra-regra	arquirrivalidade	contrassenso	contrarregra
extra-sístole	extra-seco	infra-som	extrassístole	extrasseco	infrassom
semi-sintético	semi-real	ultra-sonografia	semissintético	semirreal	ultrassonografia

NOTA: Nos prefixos **SUB, HIPER, INTER e SUPER**, permanece o hífen se a palavra seguinte for iniciada por "H" ou"R":

sub-hepático	hiper-realista	inter-racial	inter-relação
hiper-requintado	hiper-requisitado	inter-regional	super-racional
super-realista	hiper-história	super-homem	inter-hospitalar

B) **HÍFEN – MESMA VOGAL:** Agora se utiliza o hífen quando a palavra é formada por um prefixo terminado em vogal + palavra iniciada pela **mesma** vogal.

ANTES		ATUALMENTE	
Microondas	microônibus	Micro-ondas	micro-ônibus
Antiibérico	antiinflamatório	Anti-ibérico	anti-inflamatório
Antiinflacionário	antiimperialista	Anti-inflacionário	anti-imperialista
Arquiinimigo	microorgânico	Arqui-inimigo	micro-orgânico

NOTA: São exceções os prefixos "CO" e "RE", que permanecem sem hífen diante de vogal idêntica.

cooperação	coobrigar	coordenar
reelaborar	reestruturar	reeleger

C) **HÍFEN – VOGAL DIFERENTE:** Não se utiliza mais o hífen em palavras formadas por um prefixo terminado em vogal + palavra iniciada por outra vogal.

ANTES		ATUALMENTE	
auto-afirmação	auto-ajuda	autoafirmação	autoajuda
auto-aprendizagem	auto-escola	autoaprendizagem	autoescola
auto-estrada	auto-instrução	autoestrada	autoinstrução
contra-exemplo	contra-indicação	contraexemplo	contraindicação
extra-oficial	infra-estrutura	extraoficial	infraestrutura
intra-ocular	intra-uterino	intraocular	intrauterino
neo-expressionista	neo-imperialista	neoexpressionista	neoimperialista
semi-aberto	semi-árido	semiaberto	semiárido
semi-automático	semi-embriagado	semiautomático	semiembriagado
semi-obscuridade	supra-ocular	semiobscuridade	supraocular
ultra-elevado	micro-esfera	ultraelevado	microesfera

NOTA: Esta regra não se encaixa quando a palavra seguinte se iniciar por "H".

anti-herói	anti-higiênico	extra-humano	semi-herbáceo

D) Não se usa mais hífen em compostos que, pelo uso, perderam a noção de composição ou que tenham termo de ligação.

ANTES		ATUALMENTE	
manda-chuva	pára-quedas	mandachuva	paraquedas
pára-quedista	pára-lama	paraquedista	paralama
pára-brisa	pára-choque	parabrisa	parachoque

NOTA: O uso do hífen permanece em palavras compostas que não contêm elementos de ligação e constituem unidade sintagmática e semântica, bem como naquelas que designam espécies botânicas e zoológicas.

beija-flor	couve-flor	erva-doce	conta-gotas	segunda-feira	bem-te-vi
ano-luz	azul-escuro	médico-cirurgião	guarda-chuva	mal-me-quer	tenente-coronel

CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O HÍFEN:

- Em palavras formadas com prefixos "PRÉ", "PRÓ", "PÓS" (quando acentuados graficamente), "EX" (no sentido de "passado"), "VICE", "SOTO", "SOTA", "ALÊM", "AQUÉM", "RECÉM" e "SEM", usa-se o hífen.

pré-natal	pró-europeu	pós-graduação	ex-presidente	vice-prefeito	soto-mestre
além-mar	aquém-oceano	recém-nascido	sem-teto	vice-rei	pré-vestibular

- Em palavras formadas por "CIRCUM" e "PAN" + palavras iniciadas em VOGAL, H, M ou N, usa-se o hífen.

pan-americano	circum-navegação	circum-murado	circum-hospitalar

- Com os sufixos de origem tupi-guarani "AÇU", "GUAÇU" e "MIRIM", que representam formas adjetivas, usa-se o hífen.

amoré-guaçu	anajá-mirim	capim-açu

EXERCÍCIOS

1 Assinale a opção em que todas as palavras são acentuadas pela mesma regra de "alguém", "inverossímil" e "caráter", **RESPECTIVAMENTE**:

a) hífen, também, útil

b) armazém, útil, éter

c) têm, anéis, éter

d) há, impossível, crítico

e) pólen, magnólias, nós

2 Assinale a alternativa de vocábulo **INCORRETAMENTE** grafado.

a) hifen

b) item

c) itens

d) ritmo

3 Indique a única alternativa em que **NENHUMA** palavra é acentuada graficamente.

a) lapis, canoa, abacaxi, jovens

b) ruim, sozinho, aquele, traiu

c) saudade, onix, grau, orquidea

d) voo, legua, assim, tenis

e) flores, açucar, alguns, virus

4 Indique a única alternativa em que **NENHUMA** palavra é acentuada graficamente.

a) bonus, tenis, aquele, virus

b) repolho, carvalho, onix, grau

c) juiz, saudades, flores, assim

d) levedo, carater, condor, ontem

e) caju, virus, niquel, ecloga

5 A palavra abaixo que **NÃO** deve receber acento gráfico é

a) constroi

b) orfã

c) filantropo

d) textil

6 As silabadas, ou erros de prosódia, são frequentes no uso da língua. Assinale a alternativa onde **NÃO** ocorre nenhuma silabada.

a) Eis aí um prototipo de rúbrica de um homem vaidoso.

b) Para mim a humanidade está dividida em duas metades: a dos filantropos e a dos misantropos.

c) Os arquétipos de ibero são mais púdicos que se pensa.

d) Ávaro de informações, segui todas as pegadas do éfebo.

7 Assinale a alternativa que completa **CORRETAMENTE** as frases:

1 Cada qual faz como melhor lhe _____.

2 O que _____ estes fracos?

3 Neste momento, os teóricos _____ os conceitos.

4 Eles _____ a casa do necessário.

a) convém / contêm / reveem / proveem

b) convém / contém / reveem / provêm

c) convém / contém / revêm / provêm

d) convêm / contém / reveem / proveem

e) convêm / contêm / reveem/ proveem

8 Todas as palavras a seguir devem ser acentuadas graficamente, **EXCETO**

a) hifen

b) biquini

c) item

d) juizes

9 Todas as palavras a seguir apresentam o mesmo número de sílabas e são paroxítonas, **EXCETO**:

a) silencio

b) gratuito

c) insensível

d) melodia

10 Em algumas palavras, a posição da sílaba tônica não é tão nitidamente marcada, decorrendo daí pronúncias desencontradas. Nesses casos, a Gramática propõe como correta a forma que está de acordo com o uso culto. Quando há hesitação no próprio uso culto, a Gramática admite como corretas as diferentes pronúncias. Assim, é correto tanto acrobata como acróbata (trata-se de formas variantes). As palavras que seguem apresentam problemas de acentuação gráfica, decorrente da sua pronúncia hesitante. Assinale a alternativa em que todas as palavras estão grafadas de acordo com a pronúncia culta.

a) pudico, rúbrica, ínterim

b) lêvedo, boemia, íbero

c) avaro, aerolito, batavo

d) filantropo, gratuito, aziago

e) alacre, ímprobo, protótipo

Gabarito

| 1-b | 2-a | 3 -b | 4-c | 5-c | 6-b | 7-a | 8-c | 9-b | 10-d |

DICAS GERAIS

1 - Em palavras como ***i - dei - a*** e ***pla - tei - a***, não há hiato. Observe que, como o ditongo é decrescente, **não** há encontro de **vogais** em sílabas distintas. Logo, tais palavras apresentam ditongo e falso hiato.

2 - Os monossílabos tônicos são semanticamente completos, por isso são representados por substantivos, adjetivos, advérbios, verbos e pronomes tônicos. Preposições, conjunções, artigos e pronomes átonos constituem monossílabos átonos.

3 - Em palavras como **história** e **grêmio**, há instabilidade fonética no ditongo. Dessa forma, alguns autores consideram a possibilidade de divisão do ditongo (proparoxítonas eventuais).

his - tó - ri . a ***grê - mi . o***

FONÉTICA

FONEMA: é a representação sonora de uma letra ou de um conjunto de letras.

- A letra "x" pode, ocasionalmente, ter o som de "ks".
- Não se pode fazer a inclusão de vogais após consoantes não sonoras.

CONSIDERAÇÕES SOBRE FONEMA

- O número de letras de um vocábulo pode ser igual, maior ou menor que o número de fonemas.
- As letras "m" e "n" podem, ocasionalmente, indicar apenas a nasalização da vogal anterior ou emitir sons de semivogal.

DÍGRAFO (DIGRAMA): é o encontro de duas letras que produzem um único fonema.

- **Dígrafo vocálico: vogal + m/n.**
- **Dígrafo consonantal: nh, ch, lh, rr, ss** (serão sempre dígrafos), xc, cç, qu, gu... (dependendo da palavra).

ENCONTRO CONSONANTAL: é o encontro de duas consoantes que produzem dois sons distintos.

Encontro consonantal perfeito: na mesma sílaba.

Encontro consonantal imperfeito: em sílabas distintas.

ENCONTRO VOCÁLICO: é o encontro de duas vogais ou de vogal + semivogal.

<u>Escala</u>:

- A letra "A" é sempre vogal.
- O: pode ser vogal ou semivogal.
- E: pode ser vogal ou semivogal.
- I/U: podem ser vogais ou semivogais.
- Ü (som, pois o trema não existe mais): sempre semivogal.
- Toda semivogal acontece associada a uma vogal.

A (vogal)
↑
– O
– E
– I / U
Ü (semivogal)

DITONGO: é o encontro de vogal + semivogal ou de semivogal + vogal na mesma sílaba.

Ditongo crescente: semivogal + vogal.

Ditongo decrescente: vogal + semivogal.

Ditongo aberto: a pronúncia é aberta. Portanto, o som é de acento agudo.

Ditongo fechado: a pronúncia será fechada. Logo, o som é de acento circunflexo.

Ditongos orais: pronúncia pela boca.

Ditongos nasais: pronúncia pelo nariz. São aqueles que possuem N/M/TIL.

As letras M, N e L podem formar encontros vocálicos quando produzirem sons de semivogais (i/u).

TRITONGO: é o encontro de semivogal + vogal + semivogal na mesma sílaba.

HIATO: é o encontro de duas vogais em sílabas distintas.

A palavra "muito" apresenta ditongo nasal em caráter excepcional.

DIVISÃO SILÁBICA

Não existe sílaba sem vogal.
Consoante "sozinha" fica em sílaba anterior.
Os **prefixos** ab, ob, ex, bis, trans, sob, sub... , quando acompanhados de vogal, formam sílaba. Por outro lado, quando acompanhados de consoante, não formam sílaba.
Os **dígrafos** NH, LH e CH ficam sempre na mesma sílaba.
Letras duplicadas ficam sempre em sílabas separadas.
As vogais dos **hiatos** ficam em sílabas separadas.
Ditongos e **tritongos** não se separam.
Observação: As palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente podem admitir uma divisão fonética do ditongo.

ATENÇÃO

Palavras terminadas em dois sons vocálicos crescentes

- Sílaba anterior acentuada - final junto: his-tó-ria, di-á-rio
- Sílaba anterior sem acento - final separado: a-le-gri-a, di-a

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

REGRAS GERAIS
Acentuam-se os monossílabos tônicos terminados em A(s), E(s), O(s). São monossílabos tônicos substantivos, adjetivos, advérbios, verbos e pronomes tônicos.
Acentuam-se as oxítonas terminadas em A(s), E(s), O(s), EM e ENS.
Não se acentuam as paroxítonas terminadas em A(s), E(s), O(s), EM e ENS.
Acentuam-se as paroxítonas terminadas em: -L, -N, -R, -X, -I, -UM, - US, -ÃO, -Ã, -PS e DITONGO. => NUMPSLEIRUSXÃO
Acentuam-se as paroxítonas terminadas em ditongo crescente.
Todas as proparoxítonas são acentuadas.
CASOS ESPECIAIS
Acentuam-se as vogais –i e –u dos hiatos em 2ª posição, tônicas, sozinhas ou seguidas de –S e longe de –NH (condições simultâneas).
Acentuam-se os ditongos abertos OI, EU e EI em final de palavra (oxítona ou monossílaba).
Emprega-se o acento diferencial nos seguintes vocábulos: pôr (verbo) para diferenciar de por (preposição), **pôde (pretérito)** para diferenciar de pode (presente).
OBSERVAÇÕES
• Os derivados de ter e vir apresentam acento circunflexo no plural e acento agudo no singular. • Dobram a letra "e" no plural: crer, dar, ler, ver e derivados (sem acento). • Em caso de verbos associados a formas pronominais, são usadas as regras normais de acentuação. Parti-lo (oxítona terminada em "i"), substituí-lo (hiato), apoiá-lo (oxítona), vendê-lo (oxítona), contrariá-lo (oxítona), vendê-lo-íamos.

ORTOGRAFIA

ALGUMAS ORIENTAÇÕES ORTOGRÁFICAS

Antes de qualquer informação, é necessário observar:

Toda palavra derivada conserva as letras da palavra primitiva.

Palavra primitiva	Palavras derivadas
cereja	cerejeira
varejo	varejista
cortês	cortesia
cerveja	cervejeiro
anjo	anjinho
canja	canjica
jeito	ajeitar, rejeitar, sujeitar
tesouro	tesoureiro, tesouraria

Obs.: Para formar o diminutivo no plural, faz-se, primeiramente, o plural do substantivo no grau normal, depois acrescenta-se o sufixo **zinho** e, em seguida o **s**, de plural.

papel → *papéis* → *papeizinhos*
flor → *flores* → *florezinhas*
anzol → *anzóis* → *anzoizinhos*

FORMAÇÃO DE SUBSTANTIVOS A PARTIR DE VERBOS

S

imeRGir	imersão
exPELir	expulsão
diveRTir	diversão
aspeRGiR	aspersão
inCORRer	incursão
imPELir	impulsão
inveRTer	inversão
disCORRer	discurso
asceNDer	ascensão
compreeNDer	compreensão

Conclusão: Escrevem-se com ***S*** os substantivos e adjetivos derivados de VERBOS cujos radicais terminem em RG, RT, ND, PEL e CORR.

Outros exemplos:

converter	conversão
descender	descensão
pretender	pretensão
compelir	compelisão
concorrer	concurso

SS

conCEDer	concessão
subMETER	submissão
opriMIR	opressão
aCEDer	acesso
permiTIR	permissão
admiTIR	admissão
impriMIR	impressão
proMETER	promessa
aGREDir	agressão

Conclusão: São escritos com ***SS*** os substantivos derivados de verbos cuja terminação é CEDER, MIR, TIR, METER, GREDIR.

Outros exemplos:

reprimir	repressão
discutir	discussão
progredir	progressão
remeter	remessa
retroceder	retrocesso

Ç

deTER	detenção
aTER	atenção
conTER	contenção

Conclusão: Escrevem-se com ***ç*** os substantivos derivados de verbos que se originam de TER (verbo).

Outros exemplos:

obter	obtenção
abster	abstenção

Observação: A maioria dos substantivos abstratos derivados de verbos são escritos com ***ção***.

VERBO	SUBSTANTIVO ABSTRATO
obrigar	obrigação
descrever	descrição
informar	informação
redigir	redação
reter	retenção
aceitar	aceitação
continuar	continuação

DIFICULDADES ORTOGRÁFICAS

Que / Quê

QUE Monossílabo átono	QUÊ Monossílabo tônico
a) No meio da frase: *Não sei o que ele fez.* b) No início da frase: *Que trabalho é este?* *O que fazer?* c) Como conjunção: *Todos dizem que isso é mentira.*	a) Quando vem no final da frase: *Então, você fez o quê?* b) Quando é substantivo: *Ela tem um quê angelical.* c) Como interjeição: *Quê! Você já chegou?!*

Por que / Por quê / Porque / Porquê

POR QUE
a) Nas frases interrogativas: **Diretas** - *Por que você o ofendeu?* **Indiretas** – depois dos verbos "dicendi" (que indicam dizer): *Ele me perguntou por que você o agradeceu.* b) Como pronome relativo (= pelo qual): *Esta não me parece a vida por que ele luta.*

POR QUÊ
Usado no final das frases interrogativas diretas ou indiretas: *Você o defendeu por quê?* *Você o defendeu e não disse por quê.*

PORQUE
Conjunção: causal ou explicativa. *Ele está muito feliz porque passou no concurso.* – Causal. *Você está triste é porque não passou na prova?* – Causal na interrogativa. *Por favor, ajude-me, porque estou doente.* – Explicativa

PORQUÊ
É um substantivo. Vem precedido de determinante: *Ele não definiu o porquê de sua atitude.*

Mal / Mau

MAL ≠ bem	MAU ≠ bom
Ele chegou mal. *Ele chegou bem.* *O mal com o bem se paga.* *Mal saí, ele chegou. (conj)*	*Ele não é tão mau.* *Ele não é tão bom.* *Tem um mau humor.* *Tem um bom humor.*

Mas / Mais

MAS = porém	MAIS # menos
O país parece que está melhorando, mas ainda há inflação. (= porém ainda há inflação.)	*Foi ele quem mais trabalhou.* *Foi ele quem menos trabalhou.* *Estava mais aflito.* *Estava menos aflito.*

Onde / Aonde

ONDE (lugar em que, no qual)	AONDE (preposição a + onde)
Usado com verbos que pedem a preposição **em**. Esses verbos indicam permanência. *Moro onde fica a igreja.* *A casa onde ele reside é simples.*	É usado com verbos de movimento, que indicam "direção para" exigem **A**. *Vou aonde quero.* *Aonde vais?*

A / Há / À

A	HÁ
Artigo – Vem antes do substantivo feminino: a casa, a vida, a beleza... Preposição – Indica distância, tempo futuro, direção, destino, etc. *Não vamos a teatro.* *A casa fica a 200m.* *Só irei daqui a 2h.* *Vou a Paris.*	3ª pes. do sing. do pres. ind. do verbo haver. Sentido de tempo passado: *Isso aconteceu há pouco.* *Estou aqui há 2 horas.* Sentido de existir: *Hoje não há sessão.* *Ali há uma casa bem antiga.*

À (a prep. + artigo)	A (pronome pessoal = ela)
Vou a + a praia. *Vou à praia.* *Enviarei a correspondência à empresa.*	*Os pais já a encontraram.*
	A (pronome demonstrativo = aquela)
	Esta obra é a que indicaram no censo.

Ao encontro de / De encontro a

AO ENCONTRO DE ser favorável, estar de acordo	DE ENCONTRO A ser contra, opor-se
Sua decisão veio ao encontro das minhas expectativas, por isso estou feliz.	*Sua decisão veio de encontro às minhas expectativas, o que muito me decepcionou.*

Afim / A fim de

AFIM semelhante, igual	A FIM DE = para (locução prepositiva)
Descobri que tínhamos ideias afins.	*Estou aqui a fim de te ajudar.* *Sorria a fim de me alegrar.*

Demais / De mais

DEMAIS = muito	DE MAIS # de menos ou a mais
Ele ficou feliz demais. *(Ficou muito feliz.)*	*Não vejo nada de mais aqui.* *(Não vejo nada de menos aqui.)*

Senão / Se não

SENÃO de outro modo, do contrário, aliás, porém, exceto	SE NÃO caso não (condição)
Trabalha e estuda, senão nada conseguirás. (= do contrário) *Ninguém senão você poderá entender-me. (= exceto)* *Todos ficaram ricos.* *Ele não encontrou senão uma pequena esmeralda.* *(= apenas)*	*Se não ficou rico ainda, trabalhe mais.* *Ficaram muitos hóspedes no hotel,* *se não todos já estavam lá.* *Se não podes, por que vais?*

Tampouco / Tão pouco

TAMPOUCO Também não	TÃO POUCO Mais / intensidade
Não sei tudo, tampouco ele o sabe.	*Bebi tão pouco quanto ele.*

A cerca de / Acerca de

A CERCA DE aproximadamente	ACERCA DE a respeito de
O homem dirigiu-se a cerca de um milhão de fiéis.	*O homem falou acerca do aborto.*
Há cerca de → *só para referência a tempo*	

A par / Ao par

A PAR bem informado	AO PAR indica equivalência de valores financeiros
Não estou a par do assunto da conferência.	*As moedas fortes, como a libra, mantêm-se sempre ao par.*

PROSÓDIA OU SÍLABA

PALAVRAS QUE OFEREM DÚVIDA QUANTO À SÍLABA TÔNICA

OXÍTONAS	PAROXÍTONAS	PROPAROXÍTONAS
cateter, harém, Gibraltar, mister, Nobel, novel, refém, recém, ruim, sutil, ureter condor etc.	acórdão, misantropo, exegese, necropsia, filantropo, fortuito, gratuito, avaro, aziago, barbaria, pudico, Hungria, ibero, índex, dúplex, maquinaria efebo etc.	aeródromo, biótipo, anélito, íngreme arquétipo, bávaro, boêmia, ínterim, rubéola lêvedo, ímprobo síncope páraco tálamo etc.

Observação: Alguns dicionários já aceitam *levedo*, *duplex e boemia*. O VOLP já traz tais registros.

VARIANTES LINGUÍSTICAS

Palavras de grafia oscilante

assobiar	assoviar	acróbata	acrobata
bílis	bile	alópata	alopata
porcentagem	percentagem	ambrósia	ambrosia
aluguel	aluguer	anidridio	anídrido
cotidiano	quotidiano	biópsia	biopsia
cota	quota	homília	homilia
loura	loira	projétil	projetil
alpercata	alpargata	réptil	reptil
enfarto	enfarte	túlipa	tulipa
bêbedo	bêbado	cociente	quociente
catorze	quatorze	coisa	cousa etc...

EMPREGO DAS LETRAS

Grafam-se com *s*

a) Todas as palavras que tenham um verbo cognato (= da mesma raiz) terminado em ***ender*** e ***dir***:

defesa (defender) - **ilusão** (iludir)
pretensão (pretender) - **alusão** (de aludir)

b) Todas as palavras derivadas em que fique o ***s*** no radical da primitiva:

mesário (mesa) - **lapisinho** (lápis)

c) As formas dos verbos ***querer*** e ***pôr:***

quis, quiseram - puseste, puséssemos

Grafam-se com *z*

a) As palavras cognatas de outras grafadas com ***c, ç, g***:

audaz (audácia) - **amizade** (amigo)
reduzir (redução)

b) Todas as palavras derivadas em que não haja ***s*** no radical da primitiva:

bambuzal (de bambu) - **caquizeiro** (de caqui)

c) Os sufixos diminutivos ou aumentativos:

pezinho (pé) - **canzarrão** (cão)

Grafam-se com *ch*

a) Palavras derivadas de primitivas que tenham o ***ch***:

enchoçar (de choça) - **encharcar** (de charco)

b) O verbo ***encher*** e seus cognatos:

preencher, preenchido, enchido, enchimento

c) Palavras cognatas de outras grifadas com ***pl, fl, cl*** :

chumbo (plúmbeo) - **chave** (clave)
chama (flama)

Grafam-se com *x*

a) As palavras começadas por ***en*** e ***me***:

enxurrada - enxergar
mexer - mexicano

***Exceção: encher** e seus cognatos.*

b) Depois de ditongo decrescente:

caixa - trouxa - peixe - ameixa

Exceção: caucho, recauchutagem.

Grafam-se com *g*

a) As palavras derivadas de primitivas que tenham ***g*** (exceto antes de **a, o** e **u**):

rabugento (de rabugem)
homenagear (de homenagem)

Grafam-se com *j*

a) Todas as palavras derivadas de primitivas que tenham ***j***:

nojento (de nojo) - **lisonjear** (de lisonja)

b) As formas dos verbos em ***jar***:

viajei, viajem (verbo viajar)
encorajemos (encorajar)
babujeis (babujar)

***Atenção:** viagem (substantivo).*

Grafam-se com *ss*

a) As palavras ou radicais iniciados por ***s***, quando entram em derivadas ou compostas, se o fonema ***/s/*** se mantém entre vogais:

girassol (gira + sol)
homossexual (homo + sexual)

b) As terminações dos superlativos sintéticos e do imperfeito do subjuntivo de todos os verbos:

boníssimo - péssimo
amasse - vendêssemos

Grafam-se com *ç*

a) As palavras derivadas de primitivas que tenham *ç*:

pançudo (de pança)
embaçado (de embaço)

b) Os verbos em ***ecer/escer***, antes de ***a, o, u***:

amanheça (amanhecer)
enrubesço (enrubescer)

c) As palavras de origem árabe, indígena e africana:

muçulmano - açafrão - babaçu
paçoca - araçá - miçanga

EMPREGO DAS INICIAIS MAIÚSCULAS

Nos substantivos próprios

(pessoas, ruas, cidades, países, regiões etc.)

Paulo - Rua dos Caetés - Brasil
os povos do Norte - Via Láctea - Mantiqueira

Nos nomes de livros, jornais e revistas

Jubiabá - Dom Casmurro
Diário da Tarde - Folha de São Paulo
Medicina e Saúde - Eletrônica Popular

Nos nomes de agremiações, estabelecimentos públicos e particulares

Clube Atlético Mineiro - Instituto de Educação
Colégio Anchieta - Cemig

Nos substantivos comuns, quando personificados ou enfatizados

a Bondade - o Amor - o Vício
a Morte - o Lobo - o Cordeiro

• OBSERVAÇÕES

- Quando o substantivo estiver personificado, deve ser grafado com inicial maiúscula:

  *A **Virtude** fugiu do mundo.*

- Os logradouros **podem** ser grafados com maiúscula:

  *Moro na **Praça** Cairo.*

SEMÂNTICA, SINONÍMIA, ANTONÍMIA

Quanto à forma e à significação:
Sinônimos → mesmo sentido.
Antônimos → sentidos opostos.
Homônimos → mesma grafia e/ou mesmo som.
Parônimos → mesma grafia e/ou pronúncia similar.

Sinônimos

São aqueles diferentes na forma, mas semelhantes ou iguais na significação:

*O **céu** parece de algodão.*
*No **firmamento** brilham as estrelas.*

Nem sempre existe um sinônimo perfeito para a palavra empregada. Vale mais a aproximação de sentido (capacidade sinonímica).

morrer/ falecer	*Deus / Pai Eterno*
beija-flor / colibri	*careca / calvo*
porco / suíno	*casa / lar*
língua / idioma	*casamento / matrimônio*

Veja os exemplos abaixo:

*Muda-se de **casa**, mas o **lar** continua.*
*(A palavra **casa** foi tomada como elemento físico. Já o termo **lar** possui uma conotação espiritual.)*

*Alguns casais **se casam**, mas não contraem **matrimônio**.*
*(O verbo **casar-se** tem conotação jurídica. O substantivo **matrimônio** tem uma conotação religiosa.)*

Assim, pode-se concluir que a capacidade sinônimica de um termo não pode ser avaliada fora de contexto.

Antônimos

São aqueles diferentes na forma e contrários na significação:

altruísmo / egoísmo
análise / síntese
acessório / essencial
mesquinho / magnânimo
aziago / propício
prólogo / epílogo

Além das palavras que apresentam significação oposta no dicionário, existem outras cuja oposição está inserida no contexto, ou seja, a oposição se prende apenas ao texto.

"A vós correndo vou, **braços sagrados**,
Nessa cruz sacrossanta **descobertos**
Que para **receber-me**, estais **abertos**
E por não **castigar-me** estais **cravados**."

(Gregório de Matos)

Antônimas apenas no texto acima:

receber / castigar
abertos / cravados
sagrados / descobertos

braços abertos: livres, sem empecilho;
braços cravados: presos, fixados;
braços sagrados: braços descobertos.

A antononímia também pode originar-se de um prefixo de sentido oposto ou negativo:

bendizer, **mal**dizer	ativo, **in**ativo
simpático, **anti**pático	esperar, **des**esperar
progredir, **re**gredir	comunista, **anti**comunista
concórdia, **dis**córdia	simétrico, **as**simétrico
explícito, **im**plícito	pré-nupcial, **pós**-nupcial

Parônimos

Parônimos são palavras diferentes no sentido, mas com muita semelhança na escrita e na pronúncia:

infligir / infringir
retificar / ratificar
vultoso / vultuoso

Parônimos – emprego do *e* ou do *i*	
Arrear = pôr arreios a	**Arriar** = abaixar
Deferimento = concessão	**Diferimento** = adiamento
Deferir = conceder	**Diferir** = adiar
Delatar = denunciar	**Dilatar** = retardar, estender
Descrição = representação	**Discrição** = reserva
Descriminar = inocentar	**Discriminar** = distinguir
Despensa = compartimento	**Dispensa** = desobriga
Destratar = insultar	**Distratar** = desfazer (contrato)
Emergir = vir à tona	**Imergir** = mergulhar
Emigrante = o que sai do próprio país	**Imigrante** = o que entra em país estranho
Eminência = altura, excelência	**Iminência** = proximidade de ocorrência
Eminente = alto, excelente	**Iminente** = que ameaça ocorrer
Emitir = lançar fora de si	**Imitir** = fazer entrar
Enfestar = dobrar ao meio na sua largura	**Infestar** = assolar
Enformar = meter em fôrma, incorporar	**Informar** = avisar
Entender = compreender	**Intender** = exercer vigilância
Lenimento = suavizante	**Linimento** = medicamento para fricções
Peão = que anda a pé	**Pião** = espécie de brinquedo
Recrear = divertir	**Recriar** = criar de novo
Se = pronome átono, conjunção	**Si** = pronome tônico, nota musical
Vadear = passar a vau	**Vadiar** = passar vida ociosa
Venoso = relativo a veias	**Vinoso** = que produz vinho

Parônimos - emprego do *O* ou do *U*	
Açodar = instigar	**Açudar** = construir açudes
Assoar = limpar (o nariz)	**Assuar** = vaiar
Bocal = embocadura	**Bucal** = relativo à boca
Comprido = longo	**Cumprido** = executado
Comprimento = extensão	**Cumprimento** = saudação
Costear = navegar junto à costa	**Custear** = prover as despesas de
Cutícula = película	**Cutícola** = que vive na pele
Insolação = exposição ao sol	**Insulação** = isolamento
Insolar = expor ao sol	**Insular** = isolar
Ovular = semelhante a ovo	**Uvular** = relativo à úvula
Pontoar = marcar com ponto	**Pontuar** = empregar a pontuação em
Roborizar = fortalecer	**Ruborizar** = corar, envergonhar-se
Soar = dar ou produzir som, ecoar	**Suar** = transpirar
Soporativo = que produz sopor (modorra)	**Supurativo** = que produz supuração
Sortir = abastecer	**Surtir** = originar
Torvar = tornar-se carrancudo	**Turvar** = tornar turvo (opaco); toldar
Torvo = iracundo, enfurecido	**Turvo** = opaco, toldado
Vultoso = volumoso	**Vultuoso** = atacado de vultuosidade (congestão relativo à face)

Homônimos

Homônimos são palavras diferentes no sentido, mas que têm a mesma pronúncia. Dividem-se em homônimos perfeitos e homônimos imperfeitos.

Homônimos perfeitos são palavras diferentes no sentido, mas idênticas na escrita e na pronúncia.

*Homem **são** (adj.) / **São** João / **São** várias as causas.*
***Como** vais? / Eu **como** feijão.*

Homônimos imperfeitos, que se dividem em:

- **Homônimos homógrafos**, são palavras que apresentam mesma escrita e a mesma pronúncia, exceto a abertura da vogal tônica.

almoço (verbo)
almoço (substantivo)

- **Homônimos homófonos**, são palavras que apresentam mesma pronúncia, mas a grafia é diferente.

apreçar / apressar
sessão / seção / cessão

Homônimos e Parônimos - emprego do grupo *SC*	
Acender = pôr fogo a	**Ascender** = subir
Decente = decoroso, limpo	**Descente** = que desce, vazante
Discente = relativo a alunos	**Docente** = relativo a professores
Acético = relativo ao vinagre	**Ascético** = relativo ao ascetismo
	Asséptico = relativo à assepsia

Homônimos e Parônimos - emprego do *C*, *Ç*, *S* e *SS*	
Acento = inflexão da voz, sinal gráfico	**Assento** = lugar onde se assenta
Acessório = que não é fundamental	**Assessório** = relativo ao assessor
Anticé(p)tico = oposto aos céticos	**Antissé(p)tico** = desinfetante
Apreçar = marcar ou ver o preço de	**Apressar** = tornar rápido
Caçar = perseguir a caça	**Cassar** = anular
Cé(p)tico = que ou quem duvida	**Sé(p)tico** = que causa infecção
Cegar = fazer perder a vista a	**Segar** = ceifar, cortar
Cela = aposento de religiosos	**Sela** = arreio de cavalgadura
Celeiro = depósito de provisões	**Seleiro** = fabricante de selas
Cenário = decoração de teatro	**Senário** = que consta de seis unidades
Censo = recenseamento	**Senso** = juízo claro
Censual = relativo ao censo	**Sensual** = relativo aos sentidos
Cerração = nevoeiro espesso	**Serração** = ato de serrar
Cerrar = fechar	**Serrar** = cortar
Cervo = veado	**Servo** = servente
Cessação = ato de cessar	**Sessação** = ato de sessar
Cessar = interromper	**Sessar** = peneirar
Ciclo = período	**Siclo** = moeda judaica
Cilício = cinto para penitências	**Silício** = elemento químico
Cinemático = Relativo ao movimento mecânico	**Sinemático** = Relativo aos estames

(continua)

Círio = vela grande de cera	**Sírio** = da Síria
Concertar = harmonizar; combinar	**Consertar** = remendar, reparar
Corço = cabrito selvagem	**Corso** = natural da Córsega
Decertar = lutar	**Dissertar** = discorrer
Empoçar = formar poça	**Empossar** = dar posse a
Incerto = duvidoso	**Inserto** = inserido, incluído
Incipiente = principiante	**Insipiente** = Ignorante
Intenção ou tenção = propósito	**Intensão ou tensão** = intensidade
Intercessão = súplica	**Interse(c)ção** = ponto em que duas linhas se cortam
Laço = laçada	**Lasso** = cansado
Maça = clava	**Massa** = pasta
Maçudo = indigesto, monótono	**Massudo** = volumoso
Paço = palácio	**Passo** = passada
Ruço = pardacento, grisalho	**Russo** = natural da Rússia
Cessão = doação, anuência	**Secção ou seção** = corte, divisão
	Sessão = reunião
Cesta = utensílio de vara, com asas	**Sexta** = ordinal feminino de seis
	Sesta = hora de descanso
Indefesso = incansável	**Indefeso** = sem defesa
	Infenso = contrário

Homônimos e Parônimos – emprego do *S* ou do *Z*	
Asado = que tem asas	**Azado** = oportuno
Asar = guarnecer com asas	**Azar** = dar azar, má sorte
Coser = costurar	**Cozer** = cozinhar
Revezar = substituir alternadamente	**Revisar** = rever, corrigir
Vês = forma do verbo ver	**Vez** = ocasião
Fúsil = Que se pode fundir	**Fuzil** = carabina
	Fusível = resistência de fusibilidade calibrada

Homônimos e Parônimos – emprego do *S* ou do *X*	
Espiar = espreitar	**Expiar** = sofrer pena ou castigo
Espirar = soprar, respirar, estar vivo	**Expirar** = expelir (o ar), morrer

Estrato = camada sedimentar, tipo de nuvem	**Extrato** = o que foi tirado de dentro, fragmento
Esterno = osso do peito	**Externo** = exterior
	Hesterno = Relativo ao dia de ontem

Homônimos e Parônimos – emprego do *ch* ou do *X*	
Brocha = prego curto de cabeça larga e chata	**Broxa** = pincel
Bucho = estômago de animais	**Buxo** = arbusto ornamental
Cachão = borbotão, fervura	**Caixão** = caixa grande; féretro
Cachola = cabeça, bestunto	**Caixola** = pequena caixa
Cartucho = canudo de papel	**Cartuxo** = pertencente à ordem da Cartuxa
Chá = arbusto, infusão	**Xá** = título de soberano no Oriente
Chácara = quinta	**Xácara** = narrativa popular em verso
Chalé = casa campestre em estilo suíço	**Xale** = cobertura para os ombros
Cheque = ordem de pagamento	**Xeque** = incidente no jogo de xadrez, contratempo
Cocha = gamela	**Coxa** = parte da perna
Cocho = vasilha feita com um tronco de madeira escavada	**Coxo** = aquele que manca
Luchar = sujar	**Luxar** = deslocar, desconjuntar
Tacha = brocha, pequeno prego	**Taxa** = imposto, preço
Tachar = censurar, notar defeito em	**Taxar** = estabelecer o preço ou o imposto

EXERCÍCIOS

1 Assinale a alternativa que preencha **CORRETAMENTE** os espaços da frase abaixo.
A_____ do político depende muito da _____ do apoio popular.
a) ascensão, obtenção
b) ascensão, obtensão
c) ascenção, obtenção
d) ascenssão, obtensão
e) ascenssão, obtenção

2 Uma falsa meiguice encobria-lhe a _____ e a falta de _____. A sequência **CORRETA** é
a) regidês – compreenção.
b) rigidez – compreensão.
c) rijidez – compreensão.
d) rijidês – comprensão.
e) rigeza – compreenção.

3 Assinale a alternativa em que **NÃO** ocorre erro de grafia.
a) escasso, massa, carrocel, puzesse, senso
b) honradez, quizestes, ruço, dissertar, cessar
c) empossar, incipiente, obscecação, assessório, maçudo
d) celeiro, exegesse, cerração, intensão, disfarse
e) atraso, maça, ascensorista, exceção, obsessão

4 Assinale a alternativa que contém **ERRO** gráfico.
a) herege, extático, montês
b) extensão, destro, ironizar
c) bueiro, despender, imersão
d) empecilho, faxina, consenso
e) excêntrico, pretencioso, escassez

5 São grafadas com "s", "ss", "ç", **RESPECTIVAMENTE**, as palavras
a) incur___o / tor___ão / controvér___ia.
b) emi___ão / intromi___ão / exten___ão.
c) admi___ível / assun___ão / exten___ão.
d) preten___ioso / opre___ão / reten___ão.
e) cansa___o / conce___ão / an___ioso.

6 Assinale a alternativa em que todas as palavras estão escritas **CORRETAMENTE.**
a) paralisar – pesquisar – ironizar – deslizar
b) alteza – empreza – francesa – miudesa
c) cuscus – chimpanzé – encharcar – encher
d) incenso – absesso – Luís – compreensão
e) chineza – marquês – garrucha – meretriz

7 O _____ rendido pelas artes da _____, _____ na espreguiçadeira. A sequência **CORRETA** é
a) herói – cosinha – cochilava.
b) heroi – cosinha – coxilava.
c) heroi – cozinha – coxilava .
d) herói – cozinha – cochilava.
e) herói – cozinha – coxilava.

8 A certa altura do ritual, o _____ das _____ atingiu marcação _____. A sequência **CORRETA** é
a) ritmo – danças – alucinante.
b) ritmo – dansas – aluscinante.
c) rítimo – danças – aluscinante.
d) ritimo – danças – aluscinante.
e) rítmo – danças – alucinante.

9 Assinale a série de grafia **INCORRETA**.
a) usina – buzina
b) ombridade – hombro
c) úmido – humilde
d) erva – herbívoro
e) néscio – cônscio

10 Assinale a resposta que completa **CORRETAMENTE** os espaços abaixo.
Olhei, não _____ ninguém e tive um breve momento de _____.
a) encherguei – hexitação
b) enxerguei – hesitação
c) enxerguei – exitação
d) encherguei – exitação
e) encherguei – hesitação

Gabarito
| 1-a | 2-b | 3-e | 4-e | 5-d | 6-a | 7-d | 8-a | 9-b | 10-b |

PARONÍMIA E HOMONÍMIA

Relação de palavras homônimas e parônimas que com maior frequência provocam dúvidas quanto à grafia correta e pertinente numa dada frase.

Absolver: inocentar, relevar da culpa imputada: *O júri absolveu o réu.*
Absorver: embeber em si, esgotar: *O solo absorveu lentamente a água da chuva.*

Acender: atear (fogo), inflamar.
Ascender: subir, elevar-se.

Acento: sinal gráfico; inflexão vocal: *Vocábulo sem acento.*
Assento: banco, cadeira: *Tomar assento num cargo.*

Acerca de: sobre, a respeito de: *No discurso, o Presidente falou acerca de seus planos.*
A cerca de: a uma distância aproximada de: *O anexo fica a cerca de trinta metros do prédio principal. Estamos a cerca de um mês ou (ano) das eleições.*
Há cerca de: faz aproximadamente (tanto tempo): *Há cerca de um ano, tratamos de caso idêntico;* existem aproximadamente: *Há cerca de mil títulos no catálogo.*

Acidente: acontecimento casual; desastre: *A derrota foi um acidente na sua vida profissional. O súbito temporal provocou terrível acidente no parque.*
Incidente: episódio; que incide, que ocorre: *O incidente da demissão já foi superado.*

Adotar: escolher, preferir; assumir; pôr em prática.
Dotar: dar em doação, beneficiar.

Afim: que apresenta afinidade, semelhança, relação (de parentesco): *Se o assunto era afim, por que não foi tratado no mesmo parágrafo?*
A fim de: para, com a finalidade de, com o fito de: *O projeto foi encaminhado com quinze dias de antecedência a fim de permitir a necessária reflexão sobre sua pertinência.*

Alto: de grande extensão vertical; elevado, grande.
Auto: ato público, registro escrito de um ato, peça processual.

Aleatório: casual, fortuito, acidental.
Alheatório: que alheia, alienante, que desvia ou perturba.

Amoral: desprovido de moral, sem senso de moral.
Imoral: contrário à moral, aos bons costumes, devasso, indecente.

Ante (preposição): diante de, perante: *Ante tal situação, não teve alternativa.*
Ante- (prefixo): expressa anterioridade: antepor, antever, anteprojeto ante-diluviano.
Anti- (prefixo): expressa contrariedade; contra: anticientífico, antibiótico, anti-higiênico, anti-Marx.

Ao encontro de: para junto de; favorável a: *Foi ao encontro dos colegas. O projeto salarial veio ao encontro dos anseios dos trabalhadores.*
De encontro a: contra; em prejuízo de: *O carro foi de encontro a um muro. O governo não apoiou a medida, pois vinha de encontro aos interesses dos menores.*

Ao invés de: ao contrário de: *Ao invés de demitir dez funcionários, a empresa contratou mais vinte.* (Inaceitável o cruzamento *ao em vez de.)
Em vez de: em lugar de: *Em vez de demitir dez funcionário, a empresa demitiu vinte.*

A par: informado, ao corrente, ciente: *O Ministro está a par (var.: ao par) do assunto*; ao lado, junto; além de.
Ao par: de acordo com a convenção legal: *Fez a troca de mil dólares ao par.*

Aparte: interrupção, comentário à margem: *O deputado concedeu ao colega um aparte em seu pronunciamento.*
À parte: em separado, isoladamente, de lado: *O anexo ao projeto foi encaminhado por expediente à parte.*

Apreçar: avaliar, pôr preço: *O perito apreçou irrisoriamente o imóvel.*
Apressar: dar pressa a, acelerar: *Se o andamento das obras não for apressado, não será cumprido o cronograma.*

Área: superfície delimitada, região.
Ária: canto, melodia.

Aresto: acórdão, caso jurídico julgado: *Neste caso, o aresto é irrecorrível.*
Arresto: apreensão judicial, embargo: *Os bens do traficante preso foram todos arrestados.*

Arrochar: apertar com arrocho, apertar muito.
Arroxar: ou arroxear, roxear: tornar roxo.

Ás: exímio em sua atividade; carta do baralho.
Az (p. us.): esquadrão, ala do exército.

Atuar: agir, pôr em ação; pressionar.
Autuar: lavrar um auto; processar.

Auferir: obter, receber: Auferir lucros, vantagens.
Aferir: avaliar, cotejar, medir, conferir: Aferir valores, resultados.

Augurar: prognosticar, prever, auspiciar: *O Presidente augurou sucesso ao seu par americano.*
Agourar: pressagiar, predizer (geralmente no mau sentido): *Os técnicos agouram desastre na colheita.*

Avocar: atribuir-se, chamar: *Avocou a si competências de outrem.*
Evocar: lembrar, invocar: *Evocou no discurso o começo de sua carreira.*
Invocar: pedir (a ajuda de); chamar; proferir: *Ao final do discurso, invocou a ajuda de Deus.*

Caçar: perseguir, procurar, apanhar (geralmente animais).
Cassar: tornar nulo ou sem efeito, suspender, invalidar.

Carear: atrair, ganhar, granjear.
Cariar: criar cárie.
Carrear: conduzir em carro, carregar.

Casual: fortuito, aleatório, ocasional.
Causal: causativo, relativo à causa.
Cavaleiro: que anda a cavalo, cavalariano.
Cavalheiro: indivíduo distinto, gentil, nobre.

Censo: alistamento, recenseamento, contagem.
Senso: entendimento, juízo, tino.

Cerrar: fechar, encerrar, unir, juntar.
Serrar: cortar com serra, separar, dividir.

Cessão: ato de ceder: A cessão do local pelo município tornou possível a realização da obra.
Seção: setor, subdivisão de um todo, repartição, divisão: *Em qual seção do ministério ele trabalha?*
Sessão: espaço de tempo que dura uma reunião, um congresso; reunião; espaço de tempo durante o qual se realiza uma tarefa: *A próxima sessão legislativa será iniciada em 1o de agosto.*

Chá: planta, infusão.
Xá: antigo soberano persa.

Cheque: ordem de pagamento à vista.
Xeque: dirigente árabe; lance de xadrez; (fig.) perigo (pôr em xeque).

Círio: vela de cera.
Sírio: da Síria.

Cível: relativo à jurisdição dos tribunais civis.
Civil: relativo ao cidadão; cortês, polido (daí civilidade); não militar nem, eclesiástico.

Colidir: trombar, chocar; contrariar: *A nova proposta colide frontalmente com o entendimento havido.*
Coligir: colecionar, reunir, juntar: *As leis foram coligidas pelo Ministério da Justiça.*

Comprimento: medida, tamanho, extensão, altura.
Cumprimento: ato de cumprir, execução completa; saudação.

Concelho: circunscrição administrativa ou município (em Portugal).
Conselho: aviso, parecer, órgão colegiado.

Concerto: acerto, combinação, composição, harmonização (cp. concertar): *O concerto das nações... O concerto de Guarnieri...*
Conserto: reparo, remendo, restauração (cp. consertar): Certos problemas crônicos aparentemente não têm conserto.

Conje(c)tura: suspeita, hipótese, opinião.
Conjuntura: acontecimento, situação, ocasião, circunstância.

Contravenção: transgressão ou infração a normas estabelecidas.
Contraversão: versão contrária, inversão.

Coser: costurar, ligar, unir.
Cozer: cozinhar, preparar.

Costear: navegar junto à costa, contornar. *A fragata costeou inúmeras praias do litoral baiano antes de partir para alto-mar.*
Custear: pagar o custo de, prover, subsidiar. *Qual a empresa disposta a custear tal projeto?*
Custar: valer, necessitar, ser penoso. *Quanto custa o projeto? Custa-me crer que funcionará.*

Deferir: consentir, atender, despachar favoravelmente, conceder.
Diferir: ser diferente, discordar; adiar, retardar, dilatar.

Degradar: deteriorar, desgastar, diminuir, rebaixar.
Degredar: impor pena de degredo, desterrar, banir.

Delatar (delação): denunciar, revelar crime ou delito, acusar: *Os traficantes foram delatados por membro de quadrilha rival.*
Dilatar (dilação): alargar, estender; adiar, diferir: *A dilação do prazo de entrega das declarações depende de decisão do Diretor da Receita Federal.*

Derrogar: revogar parcialmente (uma lei), anular.
Derrocar: destruir, arrasar, desmoronar.

Descrição: ato de descrever, representação, definição.
Discrição: discernimento, reserva, prudência, recato.

Descriminar: absolver de crime, tirar a culpa de.
Discriminar: diferençar, separar, discernir.

Despensa: local em que se guardam mantimentos, depósito de provisões.
Dispensa: licença ou permissão para deixar de fazer algo a que se estava obrigado; demissão.

Despercebido: que não se notou, para o que não se atentou: *Apesar de sua importância, o projeto passou despercebido.*
Desapercebido: desprevenido, desacautelado: *Embarcou para a missão na Amazônia totalmente desapercebido dos desafios que lhe aguardavam.*

Dessecar: secar bem, enxugar, tornar seco.
Dissecar: analisar minuciosamente, dividir anatomicamente.

Destratar: insultar, maltratar com palavras.
Distratar: desfazer um trato, anular.

Distensão: ato ou efeito de distender, torção violenta dos ligamentos de uma articulação.
Distinção: elegância, nobreza, boa educação: *Todos devem portar-se com distinção.*
Dissensão: desavença, diferença de opiniões ou interesses: *A dissensão sobre a matéria impossibilitou o acordo.*

Elidir: suprimir, eliminar.
Ilidir: contestar, refutar, desmentir.

Emenda: correção de falta ou defeito, regeneração, remendo: *ao torná-lo mais claro e objetivo, a emenda melhorou o projeto.*
Ementa: apontamento, súmula de decisão judicial ou do objeto de uma lei. *Procuro uma lei cuja ementa é "dispõe sobre a propriedade industrial".*

Emergir: vir à tona, manifestar-se.
Imergir: mergulhar, afundar submergir), entrar.

Emigrar: deixar o país para residir em outro.
Imigrar: entrar em país estrangeiro para nele viver.

Eminente (eminência): alto, elevado, sublime.
Iminente (iminência): que está prestes a acontecer, pendente, próximo.

Emitir (emissão): produzir, expedir, publicar.
Imitir (imissão): fazer entrar, introduzir, investir.
Empoçar: reter em poço ou poça, formar poça.
Empossar: dar posse a, tomar posse, apoderar-se.

Encrostar: criar crosta.
Incrustar: cobrir de crosta, adornar, revestir, prender-se, arraigar-se.

Entender: compreender, perceber, deduzir.
Intender: (p. us): exercer vigilância, superintender.

Enumerar: numerar, enunciar, narrar, arrolar.
Inúmero: inumerável, sem conta, sem número.

Espectador: aquele que assiste qualquer ato ou espetáculo, testemunha.
Expectador: que tem expectativa, que espera.

Esperto: inteligente, vivo, ativo.
Experto: perito, especialista.

Espiar: espreitar, observar secretamente, olhar.
Expiar: cumprir pena, pagar, purgar.

Estada: ato de estar, permanência: *Nossa estada em São Paulo foi muito agradável.*
Estadia: prazo para carga e descarga de navio ancorado em porto: *O "Rio de Janeiro" foi autorizado a uma estadia de três dias.*

Estância: lugar onde se está, morada, recinto.
Instância: solicitação, pedido, rogo; foro, jurisdição, juízo.

Estrato: cada camada das rochas estratificadas.
Extrato: coisa que se extraiu de outra; pagamento, resumo, cópia; perfume.

Flagrante: ardente, acalorado; diz-se do ato que a pessoa é surpreendida a praticar (flagrante delito).
Fragrante: que tem fragrância ou perfume; cheiroso.

Florescente: que floresce, próspero, viçoso.
Fluorescente: que tem a propriedade da fluorescência.

Folhar: produzir folhas, ornar com folhagem, revestir lâminas.
Folhear: percorrer as folhas de um livro, compulsar, consultar.

Incerto: não certo, indeterminado, duvidoso, variável.
Inserto: introduzido, incluído, inserido.

Incipiente: iniciante, principiante.
Insipiente: ignorante, insensato.

Incontinente: imoderado, que não se contém, descontrolado.
Incontinenti: imediatamente, sem demora, logo, sem interrupção.

Induzir: causar, sugerir, aconselhar, levar a: *O réu declarou que havia sido induzido a cometer o delito.*
Aduzir: expor, apresentar: A defesa, então, aduziu novas provas.

Inflação: ato ou efeito de inflar; emissão exagerada de moeda, aumento persistente de preços.
Infração: ato ou efeito de infringir ou violar uma norma.

Infligir: cominar, aplicar (pena, castigo, repreensão, derrota): *O juiz infligiu pesada pena ao réu.*
Infringir: transgredir, violar, desrespeitar (lei, regulamento, etc.) (cp. infração): *A condenação decorreu de ter ele infringido um sem número de artigos do Código Penal.*

Inquerir: apertar (a carga de animais), encilhar.
Inquirir: procurar informações sobre, indagar, investigar, interrogar.

Intercessão: ato de interceder.
Interse(c)ção: ação de se(c)cionar, cortar; ponto em que se encontram duas linhas ou superfícies.

Inter- (prefixo): entre; preposição latina usada em locuções: *inter alia (entre outros), inter pares (entre iguais).*
Intra- (prefixo): interior, dentro de.

Judicial: que tem origem no Poder Judiciário ou que perante ele se realiza.
Judiciário: relativo ao direito processual ou à organização da Justiça.

Liberação: ato de liberar, quitação de dívida ou obrigação.
Libertação: ato de libertar ou libertar-se.

Lista: relação, catálogo; var. pop. de listra.
Listra: risca de cor diferente num tecido (var. pop. de lista).

Locador: que dá de aluguel, senhorio, arrendador.
Locatário: alugador, inquilino: *O locador reajustou o aluguel sem a concordância do locatário.*

Lustre: brilho, glória, fama; abajur.
Lustro: qüinqüênio; polimento.

Magistrado: juiz, desembargador, ministro.
Magistral: relativo a mestre (latim: magister); perfeito, completo; exemplar.

Mandado: garantia constitucional para proteger direito individual líquido e certo; ato de mandar; ordem escrita expedida por autoridade judicial ou administrativa: um mandado de segurança, mandado de prisão.
Mandato: autorização que alguém confere a outrem para praticar atos em seu nome; procuração; delegação: o mandato de um deputado, senador, do Presidente.

Mandante: que manda; aquele que outorga um mandato.
Mandatário: aquele que recebe um mandato, executor de mandato, representante, procurador.
Mandatório: obrigatório.

Obcecação: ato ou efeito de obcecar, teimosia, cegueira.
Obsessão: impertinência, perseguição, idéia fixa.

Ordinal: numeral que indica ordem ou série (primeiro, segundo, milésimo, etc.).
Ordinário: comum, freqüente, trivial, vulgar.

Original: com caráter próprio; inicial, primordial.
Originário: que provém de, oriundo; inicial, primitivo.

Paço: palácio real ou imperial; a corte.
Passo: ato de avançar ou recuar um pé para andar; caminho, etapa.
Pleito: questão em juízo, demanda, litígio, discussão: *O pleito por mais escolas na região foi muito bem formulado.*
Preito: sujeição, respeito, homenagem: *Os alunos renderam preito ao antigo reitor.*

Preceder: ir ou estar adiante de, anteceder, adiantar-se.

Proceder: originar-se, derivar, provir; levar a efeito, executar.

Pós- (prefixo): posterior a, que sucede, atrás de, após: pós-moderno, pós-operatório.
Pré- (prefixo): anterior a, que precede, à frente de, antes de: pré-modernista, pré-primário.
Pró (advérbio): em favor de, em defesa de. *A maioria manifestou-se contra, mas dei meu parecer pró.*

Preeminente: que ocupa lugar elevado, nobre, distinto.
Proeminente: alto, saliente, que se alteia acima do que o circunda.

Preposição: ato de prepor, preferência; palavra invariável que liga constituintes da frase.
Proposição: ato de propor, proposta; máxima, sentença; afirmativa, asserção.

Presar: capturar, agarrar, apresar.
Prezar: respeitar, estimar muito, acatar.

Prescrever: fixar limites, ordenar de modo explícito, determinar; ficar sem efeito, anular-se: *O prazo para entrada do processo prescreveu há dois meses.*
Proscrever: abolir, extinguir, proibir, terminar; desterrar. *O uso de várias substâncias psicotrópicas foi proscrito por recente portaria do Ministro.*

Prever: ver antecipadamente, profetizar; calcular: *A assessoria previu acertadamente o desfecho do caso.*
Prover: providenciar, dotar, abastecer, nomear para cargo: *O chefe do departamento de pessoal proveu os cargos vacantes.*
Provir: originar-se, proceder; resultar: *A dúvida provém (Os erros provêm) da falta de leitura.*

Prolatar: proferir sentença, promulgar.
Protelar: adiar, prorrogar.

Ratificar: validar, confirmar, comprovar.
Retificar: corrigir, emendar, alterar: *A diretoria ratificou a decisão após o texto ter sido retificado em suas passagens ambíguas.*

Recrear: proporcionar recreio, divertir, alegrar.
Recriar: criar de novo.

Reincidir: tornar a incidir, recair, repetir.
Rescindir: dissolver, invalidar, romper, desfazer: *Como ele reincidiu no erro, o contrato de trabalho foi rescindido.*

Remição: ato de remir, resgate, quitação.
Remissão: ato de remitir, intermissão, intervalo; perdão, expiação.

Repressão: ato de reprimir, contenção, impedimento, proibição.
Repreensão: ato de repreender, enérgica admoestação, censura, advertência.

Ruço: grisalho, desbotado.
Russo: referente à Rússia, nascido naquele país; língua falada na Rússia.

Sanção: confirmação, aprovação; pena imposta pela lei ou por contrato para punir sua infração.
Sansão: nome de personagem bíblico; certo tipo de guindaste.

Sedento: que tem sede; sequioso (var. p. us.: sedente).
Cedente: que cede, que dá.

Sobrescritar: endereçar, destinar, dirigir.
Subscritar: assinar, subscrever.

Sortir: variar, combinar, misturar.
Surtir: causar, originar, produzir (efeito).

Subentender: perceber o que não estava claramente exposto; supor.
Subintender: exercer função de subintendente, dirigir.
Subtender: estender por baixo.

Sustar: interromper, suspender; parar, interromper-se (sustar-se).
Suster: sustentar, manter; fazer parar, deter.

Tacha: pequeno prego; mancha, defeito, pecha.
Taxa: espécie de tributo, tarifa.
Tachar: censurar, qualificar, acoimar: tachar alguém (tachá-lo) de subversivo.
Taxar: fixar a taxa de; regular, regrar: taxar mercadorias.

Tapar: fechar, cobrir, abafar.
Tampar: pôr tampa em.

Tenção: intenção, plano (deriv.: tencionar); assunto, tema.
Tensão: estado de tenso, rigidez (deriv.: tensionar); diferencial elétrico.

Tráfego: trânsito de veículos, percurso, transporte.
Tráfico: negócio ilícito, comércio, negociação.

Trás: atrás, detrás, em seguida, após (cf. em locuções: de trás, por trás).
Traz: 3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo trazer.

Vestiário: guarda-roupa; local em que se trocam roupas.
Vestuário: as roupas que se vestem, traje.

Vultoso: de grande vulto, volumoso.
Vultuoso (p. us.): atacado de vultuosidade (congestão da face).

DIFICULDADES ORTOGRÁFICAS

abacaxi
abóbada
aborígine
açafrão
açaí
acarajé
açucena
adivinhar
alisar
almoço
almoxarife
ameixa
amenizar
ameno
anáfase
analisar
análise (substantivo)
analise (verbo)
anchova ou enchova
ansioso
aragem
arcabouço
azulejo
bandeja
baronesa
beiço
beneficência
beneficente
burguês
burguesa
cabeleireiro
cadarço
cafajeste
caixa
camponês
camponesa
canal
canalizar
canjica
caranguejo
catálise
catequese
catequizar
caxambu
coice
compleição
contracheque
contrassenso
cortês
de repente (expressão)
deslize
digladiar
disenteria
diurese
duquesa
egrégio
em cima
embaixo
empecilho
encharcar (charco)
encher (cheio)
enchiqueirar (chiqueiro)
enchouriçar (chouriço)
enchumaçar (chumaço)
enxada
enxaqueca
enxurrada
enxuto
escassez
exegese
espontaneidade
estágio
faixa
feição
ferrugem
foice
frouxo
fuligem
garagem
gêiser
gênese
hilaridade
hipnose
hipnotizar
hombridade
inigualável
jenipapo
jerimum
jiboia
lajem (variante de laje)
lambujem
liso
louça
lousa
macaxeira
maisena
majestade
malandragem
manteigueira
marquês
marquesa
mecha
meiose
meritíssimo
metáfase
metamorfose
meteorologista
mexer
mexerico
mexerica
mexida
mexilhão
misto
montês
mortadela
mendigo
náusea
obcecado
obsceno
obsessão
paçoca
pajé
pajem
papisa
paralisar
paralisia
pedágio
penugem
pesquisa
pesquisar
piche
pitonisa
poetisa
por isso (expressão)
prazerosamente
pretensioso
princesa
privilégio
profetisa
profetizar
que eles viajem (verbo)
ramagem
recauchutagem
recauchutar
reivindicar
rixa
selvagem
síntese
sintetizar
sobrancelha
solidez
superstição
touceira
trouxa
usufruto
vagem
vertigem
viger
xadrez
xampu
xangô
xavante
xerife
xingar

PRONÚNCIA ADEQUADA DE ALGUNS VOCÁBULOS		
Abóbada - e não abóboda	destilar - e não distilar	pexote - e não pixote
aleijar - pronuncie o **i**	digladiar - e não degladiar	pirulito - e não pirolito
advogado - o **d** é mudo	dignitário - e não dignatário	pousa - com o **o** fechado
Absoluto - o **b** é mudo	disenteria - e não desinteria	pneu - e não pineu ou peneu
Absurdo - o **b** é mudo	eu estouro - com o **o** fechado	prazeroso - sem **i**
aterrissar - som de **s**	estupro - e não estrupo	prazerosamente - sem **i**
arrabalde - e não arrebalde	estuprar - e não estrupar	privilégio - e não previlégio
aborígine - e não aborígene	empecilho - e não impecilho	problema - e não pobrema
babadouro - lugar para babar	engajamento - e não enganjamento	próprio - e não própio
bebedouro - lugar para beber	eletricista - e não eletrecista	propriedade - e não propiedade
bandeja - sem **i**	frustrar - e não fustrar	prostração - e não prostação
beneficente - sem **i**	hilaridade - e não hilariedade	prostrar - e não prostar
beneficência - sem **i**	homogeneidade - e não homogeniedade	recorde - sílaba tônica é **cor**
bueiro - e não boeiro	inigualável - e não inegualável	reivindicar - e não reinvindicar
bicarbonato - e não bicabornato	intitular - e não entitular	reincidência - e não reicindência
caderneta - e não cardeneta	irrequieto - e não irriquieto	retrógrado - e não retrógado
cabeçalho - com **lh**	jabuticaba - e não jaboticaba	eu roubo - com o **o** fechado
cabeleireiro - dois **ii**	lagarto - e não largato	salsicha - e não salchicha
caranguejo - sem **i**	lagartixa - e não largatixa	superstição - e não supertição
cataclismo - e não cataclisma	manteigueira - e não mantegueira	signatário - e não signitário
chimpanzé - e não chipanzé	mendigo - e não mendingo	surripiar - e não surrupiar
cinquenta - e não cincoenta	meritíssimo - e não meretíssimo	terraplenagem - e não terraplanagem
cuspir - e não guspir	meteorologia - e não metereologia	trouxe com som de **s**
cuspe - e não guspe	mortadela - e não mortandela	tóxico com som de **ks**

CONSIDERAÇÕES SOBRE PRONÚNCIA

Pronuncia-se o "u" das seguintes palavras: aguentar exíguo quingentésimo ambiguidade exiguidade quinquênio, apaziguar, unguento, quiproquó, arguição, consequência, tranquilo, bilíngue, delinquir, quinquagésimo, contiguidade, equidistante... (não se usa mais o trema)

Não se pronuncia o "u" das seguintes palavras: distinguir, aqueduto, extinguir, equitação, exangue, extorquir, adquirir, questão...

É facultativo pronunciar o "u" das seguintes palavras: antiguidade ou antigüidade, liquidar ou liqüidar, sanguíneo ou sangüíneo, liquidificação ou liqüidificação, equidade ou eqüidade, líquido ou líqüido equivalente ou eqüivalente, liquidificador ou liqüidificador... (não se usa mais o trema, apenas o som do **"ü"**)

O "e" das seguintes palavras deve ser pronunciado aberto: anelo, coleta, flagelo, servo, cetro, réu, confesso, ileso, obeso, cervo, duelo, obsoleto, sesta(descanso), destro, prelo, grelha...

O "e" das seguintes palavras deve ser pronunciado fechado: acervo, efebo, almejo, adrede, defeso, ginete, apedreja, alameda, escaravelho, interesse, boceja, amuleto, eu fecho, espelha, bofete, tu fechas, vespa, festejo, caminhonete, ele fecha...

O "o" das seguintes palavras deve ser pronunciado aberto: canoro, fornos, coldre, forros, dolo, suor, inodoro, tocos, probo, tropo...

O "o" das seguintes palavras deve ser pronunciado fechado: algoz, alcova, bodas, crosta, chope, poça, desporto, teor, filantropo, torpe...

Pronuncia-se o "x" como "z" nas seguintes palavras: exagero, exasperar, exaurir, exógeno, exalar, executar, exegese, exuberante, exame, inexorável, exilar, exótico, exangue, exequível, exímio, exumar...

Pronuncia-se o "x" como "s" nas seguintes palavras: auxílio, máximo, sintaxe, trouxe. Pronuncia-se o **"x"** como **"ks"** nas seguintes palavras: anexo, fluxo, ortodoxo, axila, índex, prolixo, complexo, léxico, paradoxo, convexo, nexo, sexagenário, fixo, ônix, praxe...

Muda-se o timbre da vogal tônica - de fechado para aberto - na pluralização das seguintes palavras: apostos, destroços, jogos, ovos, reforços, caroços, esforços, miolos, poços, rogos, chocos, fogos, mornos, porcos, tijolos, corcovos, fornos, mortos, portos, tortos, cornos, fossos, novos, postos, trocos, coros, grossos, olhos, povos, troços, despojos, impostos, ossos, rebordos, socorros... (metafonia)

Observação: Algumas palavras já aceitam mais de uma pronúncia em função do uso corrente.

PROSÓDIA

Algumas palavras que podem oferecer dúvidas quanto à posição correta da sílaba tônica:

acróbata ou **acrobata** – *dupla pronúncia aceita*
aeródromo – *proparoxítona aerólito – proparoxítona*
álacre – *proparoxítona*
Alcácer – *paroxítona*
algaravia – *paroxítona*
álibi – *proparoxítona*
âmago – *proparoxítona*
âmbar – *paroxítona*
ambrósia ou **ambrosia** – *dupla pronúncia aceita*
anátema – *proparoxítona*
Andronico (nome próprio) – *paroxítona*
anídrido ou **anidrido** – *dupla pronúncia aceita*
antífrase – *proparoxítona*
aríete – *proparoxítona*
arquétipo – *proparoxítona*
austero – *paroxítona*
autóctone – *proparoxítona*
avaro – *paroxítona*
azáfama – *proparoxítona*
azálea – *paroxítona*
aziago – *paroxítona*
Bálcãs ou **Balcãs** – *dupla pronúncia aceita*
barbárie – *paroxítona*
batavo – *paroxítona*
bávaro – *proparoxítona*
bímano – *proparoxítona*
boêmia – *paroxítona (O Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa registra também a forma boemia – paroxítona)*
bólido – *proparoxítona*
brâmane – *proparoxítona*
cânon – *paroxítona*
caracteres – *paroxítona*
cartomancia – *paroxítona*
cateter – *oxítona*
chávena – *proparoxítona*
ciclope – *paroxítona*
Cister – *oxítona*
cível – *paroxítona*
Cleópatra – *proparoxítona*
clímax – *paroxítona*
cômputo (s.) – *proparoxítona*
condor – *oxítona*
cotilédone – *proparoxítona*
crisântemo ou **crisantemo** – *dupla pronúncia aceita*
decano – *paroxítona*
díspar – *paroxítona*
edito (lei, decreto) – *paroxítona*
édito (ordem judicial) – *proparoxítona*
égide – *proparoxítona*
elétrodo – *proparoxítona (O Aurélio registra também a forma eletrodo – paroxítona)*
êmbolo – *proparoxítona*
epíteto (s.) – *proparoxítona*
estratégia – *paroxítona*
etíope – *proparoxítona*
fagócito – *proparoxítona*
filantropo – *paroxítona*
filatelia – *paroxítona*
flébil – *paroxítona*
fluido (s.) – *paroxítona*
fórceps – *paroxítona*
fortuito – *paroxítona*
geodésia ou geodesia – *dupla pronúncia aceita*
Gibraltar – *oxítona*
grácil – *paroxítona*
gratuito – *paroxítona*
hangar – *oxítona*
hieróglifo – *proparoxítona (O Aurélio registra também a forma hieroglifo – paroxítona)*
homília ou homilia – *dupla pronúncia aceita*
Hungria – *paroxítona*
ibero – *paroxítona*
idólatra (s.) – *proparoxítona*
impio (cruel) – *paroxítona*
ímpio (incrédulo) – *paroxítona*
ímprobo – *proparoxítona*
inaudito – *paroxítona*
íngreme – *proparoxítona*
ínterim – *proparoxítona*
leucócito – *proparoxítona*
lêvedo (adj.) – *proparoxítona*
levedo (s.) – *paroxítona*
Lúcifer – *proparoxítona*
maquinaria – *paroxítona*
meteorito – *paroxítona*
misantropo – *paroxítona (O Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa registra também a forma misântropo – proparoxítona)*
mister – *oxítona*
munícipe – *proparoxítona*
masseter – *oxítona*
necrópsia – *paroxítona – a pronúncia necropsia também é aceita.*
Niágara – *proparoxítona*
Nobel – *oxítona*
Normandia – *paroxítona*
novel – *oxítona*
obus – *oxítona*
Oceânia ou Oceania – *dupla pronúncia aceita*
ômega – *proparoxítona (O Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa registra também a forma omega – paroxítona)*
ônix – *paroxítona*
ortoépia ou ortoepia – *dupla pronúncia aceita*
páramo – *proparoxítona*
pegada – *paroxítona*
périplo – *proparoxítona*
perito – *paroxítona*
plêiade – *proparoxítona*
primata – *paroxítona*
projétil ou projetil – *dupla pronúncia aceita*
protótipo – *proparoxítona*
pudico – *paroxítona*
quadrúmano – *proparoxítona*
quiromancia – *paroxítona*
recém – *oxítona*
recorde – *paroxítona*
refém – *oxítona*
refrega – *paroxítona*
réptil ou reptil – *dupla pronúncia aceita*
rubrica – *paroxítona*
ruim – *oxítona*
sinonímia – *paroxítona*
sóror ou soror – *dupla pronúncia aceita*
sótão – *paroxítona*
sutil – *oxítona*
táctil – *paroxítona*
têxtil – *paroxítona*
trânsfuga – *proparoxítona*
transido – *paroxítona*
tulipa – *paroxítona (O Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa registra também a forma túlipa – proparoxítona)*
ureter – *oxítona*
xérox – *(paroxítona) ou xerox (oxítona) – dupla pronúncia aceita*
zângão – *(paroxítona) ou zangão (oxítona) – dupla pronúncia aceita*
zéfiro – *proparoxítona*

Fonte: br.geocities.com

MORFOLOGIA
Classes de palavras

RELAÇÃO DETERMINANTE / DETERMINADO

A Língua Portuguesa possui dez classes de palavras: substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome, verbo, advérbio, interjeição, conjunção e preposição.

Essas classes de palavras ficam, numa frase, relacionadas entre si, umas modificando, outras sendo modificadas e algumas servindo de elo entre as palavras.

As palavras que modificam são normalmente denominadas ***determinantes***, as que são modificadas, ***determinadas***; outras, por servirem apenas como elementos de ligação, são chamadas de ***conectivos***.

O **substantivo** normalmente é ***determinado***, isto é, geralmente aparece modificado por um pronome, adjetivo, artigo ou numeral.

__Os__ __nossos__ __dois__ __livros__ __velhos__ estão na biblioteca.
↑ ↑ ↑ ↓ ↑
art. pron. num. subst. adj.

O substantivo ***livro*** aparece modificado pelo artigo, pelo pronome, pelo numeral e por um adjetivo. Dizemos, então, que o substantivo é um elemento ***determinado***.

Já o artigo ***os***, o pronome ***nossos***, o numeral ***dois*** e o adjetivo ***velho*** aparecem referindo-se ao substantivo ***livro***. São chamados, pois, ***determinantes***.

> ***Nota:*** *O sentido das setas indica a relação entre determinante e determinado; elas vão do* ***determinante*** [↑] ***para o determinado***[↓].

Pode o substantivo passar a ser determinante.

Aquele parece ser o __médico__ __Baroni__.
↓ ↑
subst. subst.

O substantivo ***médico*** está sendo modificado por outro substantivo - ***Baroni***. Assim, o substantivo ***médico*** aparece como ***determinado***, e o substantivo ***Baroni*** como elemento ***determinante***.

O substantivo pode ser simultaneamente ***determinante*** e ***determinado***.

O mundo inteiro admirava __o__ __piloto__ __Sena__
↑ ↓ ↑
art. subst. subst.

O substantivo ***piloto*** está determinado pelo artigo ***o***, este é, pois, ***determinante***. Simultaneamente, está sendo modificado pelo substantivo ***Sena*** é que também o determina.

Piloto:
- determinado por *o*
- determinado por *Sena*

O advérbio aparece normalmente como determinante, expressando circunstância relacionada ao verbo, ao adjetivo ou a outro advérbio.

*Jonas saiu muito **bem** vestido.*

↓ verbo ↑ adv. ↓ adv. ↑ adj. ↓

O advérbio ***bem*** está modificando o sentido do adjetivo ***vestido***, exprimindo uma circunstância de modo.

O advérbio ***muito*** está modificando o sentido do advérbio ***bem***, exprimindo uma circunstância de intensidade.

Não choverá amanhã.

↑ adv. ↓ verbo ↑ adv.

Os advérbios ***não*** e ***amanhã*** modificam o sentido do verbo ***chover***, exprimindo, respectivamente, circunstância de negação e de tempo. São, pois, ***determinantes***. Já a forma verbal ***choverá*** é elemento ***determinado***.

Duas classes de palavras, por servirem de ligação entre dois termos ou duas orações, são chamadas de conectivos.

São elas as ***preposições*** e as ***conjunções***.

*Pedro **e** Maria estiveram **em** casa, **mas** eu não os vi.*

conj. → ligam termos; prep. → ligam termos; conj. → liga orações

> ***Nota:*** *São **determinantes** do substantivo **adjetivos, locuções adjetivas, pronomes, locuções pronominais, artigos e numerais.***

CLASSES DE PALAVRAS

artigo
adjetivo
numeral → Podem ter natureza substantiva ou adjetiva
pronome → Podem ter natureza substantiva ou adjetiva
→ normalmente determinantes

preposição → elementos de ligação
conjunção → elementos de ligação

interjeição [isolada na frase]

advérbio → verbo / adjetivo / advérbio
→ normalmente determinante

normalmente determinantes → substantivo – verbo (normalmente determinados) ← normalmente determinante

SUBSTANTIVO
- nomeia seres, coisas e ideias.

ADVÉRBIO
- modifica o verbo, o adjetivo ou outro advérbio e exprime circunstância.

NUMERAL
- indica quantidade de seres ou estabelece ordem.

INTERJEIÇÃO
- expressa sentimento, emoção súbita.

VERBO
- exprime ação, movimento, fenômeno, estado.

ARTIGO
- acompanha o substantivo, determinando-o, generalizando-o ou indefinindo-o.

CONJUNÇÃO
- relaciona duas orações ou dois termos da mesma oração.

ADJETIVO
- modifica o substantivo; exprime estado, qualidade, característica.

PREPOSIÇÃO
- liga dois termos da mesma oração.

PRONOME
- acompanha ou substitui o substantivo.

*Nossa, ele **gosta de olhar** tanto e **às escondidas** os dois belos machos **de mico-leão!***

interj.	Pron.	locução verbal auxiliar + principal	adv.	conj.	locução adverbial prep. + subst.	art.	num.	adj.	subst.	loc. adjetiva prep. + subst.

SUBSTANTIVOS

Substantivo é a palavra com que designamos os seres em geral.

Deus, Marta, alma, fada, quartzo, patriotismo, bondade, surdez, couro, Belo Horizonte, Pitangui...

Uma característica elementar do substantivo é admitir determinante.

CLASSIFICAÇÃO DOS SUBSTANTIVOS

Concretos

Designam os seres de existência independente ou que nossa imaginação aceita como tal, sejam reais ou imaginários (**pessoas, animais, vegetais, minerais, lugares, coisas, gases e entidades**).

homem, Júlia, onça, bicho, flor, ouro, prata, país, livro, oxigênio, Deus...

Abstratos

Designam os seres de existência dependente, isto é, que não existem em nosso mundo exterior. Só existem dependendo dos seres concretos. São **sentimentos, ações, qualidades, estados**, tomados como seres.

- **sentimentos**: *amor, ódio, raiva...*
- **ações**: *produção, progresso, colheita, viagem, brincadeira...*
- **estados**: *vida, morte, gaguez, medo, raiva, ânsia, nervosia...*
- **qualidades**: *beleza, grandeza, imensidão, honestidade, feiura...*

Comuns

São os que se aplicam a todos os seres de uma espécie ou designam uma abstração.

país, cidade, vaidade, homem, briga, sombrinha...

Próprios

São os que se aplicam a determinado ser da espécie.

Brasil, Paris, São Paulo, Pedro, Anete, Mantiqueira, Palácio da Alvorada, Terex, rua das Acácias, av. Pedro II...

Coletivos

São os substantivos comuns que, no singular, designam um conjunto de seres da mesma espécie. Os coletivos podem ser:

- **Específicos:** os que se aplicam a uma só espécie de seres:

  arvoredo, carrilhão, cordilheira, matilha, arquipélago.

- **Indeterminados:** os que se aplicam a diversas espécies de seres:

  manada *(de bois, búfalos, elefantes)*
  bando *(de aves, pessoas, marginais)*
  réstia *(de cebolas, de alhos)*

FORMAÇÃO DOS SUBSTANTIVOS

Primitivos

São os substantivos que não derivam de outros, pelo contrário, possibilitam a formação de novas palavras.

pedra, ferro, planta, folha, dente...

Derivados

São os substantivos que derivam de outras palavras, dado o acréscimo de prefixos e/ou sufixos.

pedrEIRA, ferrEIRO, plantaÇÃO, folhaGEM, DESlealDADE, dentISTA, INfeliz...

Simples

São aqueles que se formam a partir de um único radical.

vento, raio, escola, manga, água...

Compostos

São aqueles que se formam a partir da justaposição ou da aglutinação de dois ou mais radicais.

navio-escola, couve-flor, planalto, manga-espada, aguardente (água + ardente)...

FLEXÕES DOS SUBSTANTIVOS

O substantivo varia em **gênero, número e grau.**

Flexão de gênero

Gêneros: **masculino e feminino**. Alguns possuem uma única forma para os dois gêneros. São **UNIFORMES** e subdividem-se em três tipos:

- **Comuns-de-dois-gêneros**

  São designados de pessoas e apresentam uma só forma para masculino e feminino. Distingue-se o gênero pela anteposição ou posposição de um determinante.

  o pianista / a pianista
  o gerente / a gerente
  um telefonista / uma telefonista
  aquele cliente / aquela cliente
  estudante aplicado / estudante aplicada
  o líder / a líder

- **Epicenos**

  São alguns nomes de animais ou plantas que apresentam a distinção de sexo com o emprego dos adjetivos macho e fêmea.

  cobra macho / cobra fêmea
  jacaré macho / jacaré fêmea
  onça macho / onça fêmea
  pulga macho / pulga fêmea

- **Sobrecomuns**

  Não apresentam marca para diferenciar o gênero. A distinção é feita somente dentro do contexto.

  a criança, a vítima, a testemunha, o cônjuge, o carrasco, o indivíduo, a pessoa etc.

  *O **cônjuge** Maria Benedita requereu a pensão alimentícia para o filho.*

  *Ela foi **o meu carrasco** durante quarenta anos.*

São **biformes** os substantivos que possuem uma forma específica para o masculino e outra para o feminino (geralmente marcada pela desinência **a**).

professor – professora
prefeito – prefeita
presidente – presidenta (a presidente)
aluno – aluna
ministro – ministra
hóspede – hóspeda

a) Alguns deles são **heteroformes** (apresentam radicais diferentes para masculino e feminino).

pai – mãe
homem – mulher
genro – nora
boi – vaca
frei – sóror
zângão ou zangão – abelha

b) Outros têm feminino derivado de radical do masculino, pela substituição ou acréscimo de terminações muito variadas.

capiau – capioa
ator – atriz
judeu – judia
ateu – ateia
frade – freira
perdigão – perdiz
réu – ré
maestro – maestrina
embaixador – embaixadora, embaixatriz
marajá – marani, marâni

SUBSTANTIVOS QUE OFERECEM DÚVIDAS QUANTO AO GÊNERO

Há dificuldade na identificação do gênero de algumas palavras, por não haver, necessariamente, relação entre gênero gramatical e sexo.

A gramática registra, como correta, a forma fixada pelo uso culto.

São masculinos:	São femininos:
o apêndice	a alface
o champanha	a aluvião
o clã	a sentinela
o derma	a apendicite
o cataclismo	a bacanal
o dó	a cal
o eclipse	a comichão
o eczema	a derme
o formicida	a gênese
o guaraná	a libido
o herpes	a omoplata
o telefonema	a musse
o trema	a vernissagem
o tracoma	a panturrilha

ATENÇÃO!

Nem o uso culto da língua fixou o gênero de alguns substantivos. São aceitas, portanto, as duas formas (gênero flutuante):

o diabete ou (o diabetes) / a diabete
o personagem / a personagem
o laringe / a laringe
o usucapião / a usucapião
o cólera / a cólera
o agravante / a agravante
o xerox - xérox / a xerox - xérox
o atenuante / a atenuante
o omelete / a omelete
o cataplasma / a cataplasma

• OBSERVAÇÕES

- Há substantivos que mudam o significado ao mudarem de gênero.

o cura (o pároco) – a cura (restabelecimento)
o cisma (separação, dissidência) – a cisma (desconfiança)
o caixa (o funcionário) – a caixa (máquina registradora)

o cabeça *(o chefe)* – a cabeça *(parte do corpo, pessoa inteligente)*
o capital *(os bens)* – a capital *(cidade principal)*
o moral *(o ânimo)* – a moral *(os costumes)*
o guia *(o cicerone)* – a guia *(o documento, meio-fio)*
o crisma *(o óleo santo)* – a crisma *(cerimônia religiosa)*
o tormento *(a tortura)* – a tormenta *(temporal)*
o grama *(medida de massa)* – a grama *(capim)*
o polícia *(o policial)* – a polícia *(a corporação policial)*
o rádio *(o aparelho)* – a rádio *(estação, emissora)*

- As **SIGLAS** usadas como nome próprio têm o gênero do substantivo inicial:
  MEC = Ministério da Educação e Cultura

  O MEC não conseguiu resolver o problema da greve dos professores.

Outros exemplos: *o Cespe, a Ceasa, a Cemig...*

Flexão de número

Os substantivos ora se encontram no SINGULAR, ora se flexionam no PLURAL. A explicação da palavra "NÚMERO" se fundamenta na própria concepção numérica ou de quantidade dos seres. Assim, temos que DOIS ANOS representa forma pluralizada de UM ANO.

REGRAS DE PLURALIZAÇÃO DOS SUBSTANTIVOS

- **Regra geral:** pluralizam-se os substantivos com o simples acréscimo da desinência "s" ao singular, caso terminem por vogal ou ditongo.
  menino(s), parede(s), vida(s), praia(s), boneca(s), chapéu(s) ...

Casos particulares:

- Acrescenta-se "es" ao singular dos substantivos terminados em "R" ou "Z" para pluralizá-los.
  corEs, florEs, amorEs, barEs, pazEs, nozEs...
- Pluralizam-se os substantivos terminados em "AL", "EL", "OL", "UL", trocando-se o "L" final por "IS".
  Bananal(is), papel(is), anzol(is)...

ATENÇÃO!

São exceções os plurais de:

mal / males
Cônsul / Cônsules
real / réis (moeda) ou reais

- Caso os substantivos terminem em "IL", sua pluralização ocorrerá de duas maneiras:
  – sendo eles OXÍTONOS, troca-se o "L" final por "S".
  funiS, fuziS, aniS...
  – sendo eles PAROXÍTONOS, troca-se o "IL" final por "EIS".
  fóssEIs, réptEIs (ou reptis), projétEIs (ou projetis)...
- Pluralizam-se os substantivos terminados em "S" pelo acréscimo de "ES", caso sejam OXÍTONOS ou MONOSSÍLABOS. Todavia, se forem PAROXÍTONOS ou PROPAROXÍTONOS, permanecerão invariáveis, flexionado-se apenas o ARTIGO que os acompanha.
  a) *meses, reses, gases, obuses, fregueses, países, portugueses, deuses...*
  b) *o(s) pires, o(s) alferes, o(s) vírus, o(s) ônibus, o(s) bônus...*
- Caso os substantivos terminem em "M", troca-se a terminação por "NS".
  bomboNS, reféNS, álbuNS, nuveNS, iteNS, beNS, atuNS, hifeNS (ou hífenes), poleNS (ou pólenes)...

- Plural dos substantivos terminados em ÃO

Não existem regras fixas para o plural dos substantivos terminados em "ÃO". Alguns apresentam a forma pluralizada em "ÃOS", outros em ÕES e, às vezes, em "ÃES". (P.104)

a) Plural em "ÃOS"
PAROXÍTONOS: *órgão(s), bênção(s), órfão(s), sótão(s), gólfão(s), acórdão(s), cidadãos(s)...*

b) Plural em "ÕES"
limão – limões, botão – botões,
anão – anões, vulcão – vulcões,
espião – espiões, aldeão – aldeões,
mamão – mamões, melão – melões,
caixão – caixões, folião – foliões,
falcão – falcões, zangão – zangões...

c) Plural em "ÃES"
pão – pães, cão – cães, capitão – capitães, charlatão – charlatães, escrivão – escrivães, alemão – alemães, sacristão – sacristães, tabelião – tabeliães, guardião – guardiães, capelão – capelães...

• OBSERVAÇÃO

artesão (artífice) – artesãos
artesão (adorno arquitetônico) – artesões.

- PLURAL DOS SUBSTANTIVOS COMPOSTOS

Um substantivo é COMPOSTO quando se forma pela justaposição ou aglutinação de dois ou mais radicais. O plural desses substantivos se faz obedecendo-se às seguintes regras:

- VARIAM OS DOIS ELEMENTOS

a) Se o substantivo for formado por SUBSTANTIVO + SUBSTANTIVO.
couves-flores, mestres-salas, abelhas-mestras...

b) Se substantivo for formado por SUBSTANTIVO + ADJETIVO.
obras-primas, guardas-noturnos, amores-perfeitos, cachorros-quentes.

c) Se o substantivo for formado por ADJETIVO + SUBSTANTIVO.
boas-vindas, más-línguas, longas-metragens...

d) Se o substantivo for formado por NUMERAL + SUBSTANTIVO.
terças-feiras, quartos-zagueiros...

- VARIA APENAS O PRIMEIRO ELEMENTO

a) Sendo o substantivo formado por SUBSTANTIVO + PREPOSIÇÃO + SUBSTANTIVO.
escolas de samba, pés de moleque, flores de lis, pães de ló, mulas sem cabeça...

b) Se o substantivo composto formado por DOIS substantivos, desempenhando o SEGUNDO papel de ADJETIVO.
navio(s)-escola, peixe(s)-espada, pombo(s)-correio, manga(s)-rosa, banana(s)-prata, salário(s)-família...

• OBSERVAÇÃO

Alguns autores admitem a flexão em ambos os elementos, no caso de o segundo substantivo especificar ou delimitar o primeiro.

- VARIA APENAS O SEGUNDO ELEMENTO

a) Se o substantivo for formado por palavras repetidas.
tico-ticos, reco-recos, quero-queros...

b) Se o substantivo for formado por VERBO + SUBSTANTIVO.
beija-flores, guarda-roupas...

c) Se o substantivo for formado por PALAVRA INVARIÁVEL + PALAVRA VARIÁVEL.
sempre-vivas, ave-marias, abaixo-assinados...

d) Se os elementos dos substantivos NÃO forem ligados por hífen, formando uma só palavra.
aguardentes, girassóis, planaltos, fidalgos...

e) Se o substantivo for formado por REDUÇÃO + SUBSTANTIVO.
grão-mestres, bel-prazeres...

- PERMANECEM INVARIÁVEIS OS DOIS ELEMENTOS

a) Sendo o substantivo formado por VERBO + ADVÉRBIO.
o(s) bota-fora, o(s) pisa-mansinho...

b) Sendo o substantivo formado por VERBO + SUBSTANTIVO PLURAL.
o(s) troca-tintas, o(s) saca-rolhas, o(s) guarda-chaves, o(s) salva-vidas, o(s) porta-luvas...

FLEXÃO DE GRAU

O grau exprime as variações de tamanho dos seres. Assim, a partir da forma normal dos substantivos, aparecem os graus AUMENTATIVO e DIMINUTIVO.

mão – mãozinha – manzorra

GRAU AUMENTATIVO

Observe a frase abaixo:

"... e o Lobo Mau abriu a BOCARRA e comeu a vovozinha ..."

A palavra "BOCARRA" está no grau aumentativo, já que apresenta o tamanho exagerado do substantivo "BOCA".

O AUMENTATIVO dos substantivos se realiza com o acréscimos de SUFIXOS à forma normal dos substantivos primitivos.

Eis alguns SUFIXOS AUMENTATIVOS utilizados nesse processo:

ARRA = *bocarra, naviarra*
AÇA = *barcaça, barbaça, caraça*
ALHA = *muralha, fornalha*
AÇO = *calhamaço*
ÃO(ALHÃO / ZARRÃO / EIRÃO / ZÃO) = *casarão, vozeirão, garrafão, vagalhão*
ÁZIO = *copázio*
ONA = *vacona, mulherona*
ORRA = *cabeçorra, manzorra*
UÇA = *dentuça*
ARÉU = *fogaréu, povaréu*

GRAU DIMINUTIVO

Observe a frase abaixo:

"A reunião será na SALETA ao lado."

Veja que o substantivo "SALETA" está flexionado no DIMINUTIVO por representar o tamanho reduzido do substantivo "SALA".

Alistam-se abaixo alguns SUFIXOS formadores desses diminutivos:

ACHO = *riacho, penacho*
EJO = *lugarejo*
EBRE = *casebre*
ECO = *livreco, jornaleco*
ETO / ETA = *poemeto, saleta*
ICO = *burrico*
ÍCULO(A) (Erudito) = *película*
IM = *espadim, flautim*
INHO = *caderninho, pastinha*
ISCO = *chuvisco*
ITO(A) = *mosquito, cabrito, senhorita*
ZINHO = *papelzinho, irmãzinha*
OCA = *engenhoca*
OLA = *fazendola*
OTE = *velhote*
UCHO = *papelucho*
ULA (O) = *radícula, glóbulo*
ÚNCULO(A) (Erudito) = *homúnculo*

EMPREGOS SEMÂNTICOS DO DIMINUTIVO E DO AUMENTATIVO

- **Diminutivo afetivo:** *filhinho, amorzinho, mamãezinha...*
- **Diminutivo pejorativo:** *gentinha, mulherzinha, jornaleco, velhote...*
- **Aumentativo pejorativo:** *porcalhão, narigão, medicastro, atrevidaço...*

ADJETIVOS

Adjetivo é a palavra que se junta ao substantivo para precisar-lhe o significado.

Serve para indicar:
- qualidade (defeito ou virtude)
- modo de ser
- aspecto ou característica
- estado

- **Qualidade**: cantigas ***bonitas***, palavra ***gentil*** (virtudes). Estátua ***defeituosa***, pessoa ***chata*** (defeitos).
- **Modo de ser**: estrada ***pedregosa***, rua ***asfaltada***.
- **Aspecto, aparência, tipo**: faixa ***amarelo-laranja***, céu ***transparente***.
- **Estado**: natureza ***morta***, pessoa ***triste***, carne ***fresca***.

• OBSERVAÇÕES

1) ***Adjetivos substantivados***: *muitos adjetivos são usados com valor de substantivos, facilmente subentendidos.*

Os antepassados (os homens *antepassados*)

Os justos (os homens *justos*)

O circular (o ônibus *circular*)

2) ***Substantivos adjetivados***: *trata-se de substantivos usados com valor de adjetivos.*

*Vapor **cinza** = vapor de cor idêntica à da cinza*
↓
(resíduos de combustão)

*Comício **monstro** = comício monumental, grandioso*
↓
(ser disforme)

*Blusas **rosa** = blusas de cor idêntica à da rosa.*
↓
(designação de flor)

LOCUÇÃO ADJETIVA

É a expressão (formada de preposição + substantivo) que se refere ao outro substantivo atribuindo-lhe as mesmas características que o adjetivo atribui.

- cor **de chumbo** (aspecto, aparência) = plúmbeo
- criatura **sem mácula** = imaculada, intemerata
- pessoa **sem vergonha** (qualidade) = desavergonhada
- caráter **de ferro** = ferrenho
- estátua **de mármore** (tipo) = marmórea
- caminho **de ferro** = férreo
- hábitos **contra a moral** = imorais

> ***Nota:*** *Nem toda locução adjetiva pode ser reduzida a um adjetivo.*

CLASSIFICAÇÃO DOS ADJETIVOS

Quanto à **formação**, os adjetivos classificam-se em:

Primitivos

Aqueles que não derivam de outras palavras. Pelo contrário, a partir deles são formados os derivados.

útil, forte, bom, triste, fraco, mau ...

Derivados

Aqueles que derivam de substantivos ou verbos, apresentando sempre um prefixo e/ou sufixo.

teimoso, desleal, mulherengo, pontual, cabeludo, respeitado...

Simples

Aqueles que apresentam um único radical.

português, escuro, castanho...

Compostos

Aqueles que se formam a partir da união de DOIS ou MAIS radicais.

luso-brasileiro, verde-claro, castanho-escuro...

Adjetivos Pátrios

Também denominados gentílicos, os adjetivos pátrios designam a NATURALIDADE ou NACIONALIDADE DOS SERES.

Amazonas = amazonense

Brasília = brasiliense

Mato Grosso = mato-grossense

Rio de Janeiro (capital) = carioca

Rio de Janeiro (estado) = fluminense

Divinópolis = divinopolitano

S. João Del Rei = sanjoanense

FLEXÕES DOS ADJETIVOS

FLEXIONAR uma palavra é "variá-la", "transformá-la. Os ADJETIVOS se flexionam ou variam em GÊNERO, NÚMERO e GRAU, sempre de acordo com o SUBSTANTIVO caracterizado por eles.

Flexão de gênero

Quanto ao GÊNERO, os adjetivos se classificam em:

- **Biformes:** adjetivos que apresentam duas formas distintas, uma para designar o masculino e outra para o feminino.

passeio BOM / viagem BOA

aluno PREPARADO / aluna PREPARADA

rapaz JUDEU / moça JUDIA

corpo FRACO / mente FRACA

- **Uniformes:** adjetivos que apresentam uma única forma tanto para o masculino quanto para o feminino.

simples, capaz, saliente, útil, feroz, igual, forte, elegante, gentil, anterior, cortês, cruel ...

Flexão de número

O PLURAL dos adjetivos SIMPLES se faz da mesma forma com que se pluralizam os substantivos.

Os adjetivos compostos são constituídos de dois ou mais radicais. Sua pluralização segue as seguintes regras:

- Varia apenas o ÚLTIMO ELEMENTO se o adjetivo composto é formado por ADJETIVO + ADJETIVO.

cabelos castanho-escuros, lenços verde-claros, poemas herói-cômicos, folhas verde-escuras...

- O adjetivo *surdo-mudo* flexiona seus dois elementos.

Meninas surdas-mudas.

- Sendo o adjetivo composto por uma PALAVRA INVARIÁVEL (1º elemento) e o segundo VÁRIAVEL, apenas este será pluralizado.

mal-educados, semi-selvagens, recém-formados...

- Caso o adjetivo composto seja formado por um ADJETIVO + SUBSTANTIVO, os dois elementos permanecerão INVARIÁVEIS.

lençóis verde-oliva, tapetes azul-turquesa, camisas amarelo-ouro...

- Permanecerão também INVARIÁVEIS as locuções formadas de COR + DE + SUBSTANTIVO.

vestidos cor-de-rosa, calças cor-de-café...

- Permanecerão também INVARIÁVEIS os compostos azul-marinho, azul-celeste e azul-ferrete.

Flexão de grau

- **Grau comparativo de INFERIORIDADE (menos do que).**

Pesquisas revelam que os homens são MENOS fortes QUE as mulheres.

- **Grau comparativo de IGUALDADE (igual a, como, tanto quanto, tão quanto).**

Nós somos TÃO portugueses
QUANTO os próprios lusitanos.

- **Grau comparativo de SUPERIORIDADE (mais do que).**

Amigos sinceros são MAIS necessários
(DO) QUE o dinheiro.

- **Grau SUPERLATIVO**

ABSOLUTO SINTÉTICO (associação de prefixo ou sufixo)

A torre é altíSSIMA.
Capitu, você está lindÍSSIMA.
Nosso apartamento é ÓTIMO.

ABSOLUTO ANALÍTICO (associação a advérbio)

Ele é MUITO HUMILDE.
É MUITO GRANDE a responsabilidade
de um governante.
Isso é EXCESSIVAMENTE VALIOSO, rapaz.

- **GRAU SUPERLATIVO RELATIVO**

DE INFERIORIDADE (o menos)

Diríamos que ele é O MENOS preparado
da família.

DE SUPERIORIDADE (o mais)

Seria a Terra O MAIS belo dos planetas?

• OBSERVAÇÕES

• Quando se comparam duas qualidades de um mesmo ser, emprega-se a forma *ANALÍTICA* (mais grande, mais bom, mais pequeno, mais ruim...).

• Se a mesma qualidade se referir a seres diferentes, emprega-se a forma *SINTÉTICA* (maior, melhor, menor, pior...).

O professor é mais *GRANDE* que *GORDO*.

Aquela sala é *MAIOR* que esta.

Ele é *MENOR* que o irmão.

Ele é mais *PEQUENO* que *MAGRO*.

• Nas locuções comparativas, pode-se usar **que** ou **do que**.

ADVÉRBIOS

São palavras invariáveis em gênero e número, que modificam o sentido dos adjetivos, dos verbos, de outros advérbios e, ocasionalmente, até de frases inteiras, indicando uma circunstância.

- **de afirmação**: sim, certamente, realmente...
- **de negação**: não, nunca, jamais...
- **de dúvida**: talvez, caso, porventura, oxalá, quiçá...
- **de intensidade**: bastante, bem, mais, pouco, muito, extremamente, meio...
- **de lugar**: aí, ali, aqui, adiante, atrás, lá...
- **de modo**: assim, bem, depressa, devagar...
  de tempo: agora, ainda, cedo, depois, tarde, cedo...

LOCUÇÃO ADVERBIAL

Expressão que equivale a um advérbio.

As locuções adverbiais, no entanto, são variáveis

*Tudo correu **às mil maravilhas**.*
(maravilhosamente)

LOCUÇÕES ADVERBIAIS	
DE LUGAR	à distância, de longe, de perto, em cima, em volta, ao lado, à esquerda, à direita etc.
DE TEMPO	às vezes, à tarde, à noite, de manhã, de repente, de vez em quando, em breve, a qualquer momento, hoje em dia etc.
DE MODO	às pressas, às claras, à vontade, à toa, às escondidas, aos poucos, frente a frente, lado a lado, a pé, de ônibus, dessa maneira etc.
DE INTENSIDADE	em excesso, por completo, de todo etc.
DE DÚVIDA	quem sabe, se possível etc.
DE AFIRMAÇÃO	sem dúvida, com certeza, de fato, por certo etc.
DE NEGAÇÃO	de jeito nenhum, de modo algum etc.

• OBSERVAÇÃO

• Em uma sequência de advérbios terminados em ***mente***, o sufixo pode aparecer apenas no último elemento, ficando subentendido nos demais termos.

*Ela agiu **calma** e **gentilmente**.*

ADJETIVOS ADVERBIALIZADOS

O adjetivo, quando determinante do verbo, tem natureza e valor de advérbio, portanto, de **adjunto adverbial**. Passa a ser invariável como o advérbio e é classificado conforme a circunstância que acrescenta ao elemento a que se refere.

*Falem **baixo**.*

*Comprei **caro** os lotes.*

*Pensei **melhor** e resolvi falar **claro**.*

- **Os advérbios variam em grau exatamente como um adjetivo. (P. 53-54)**

ATENÇÃO!

O lugar do adjunto adverbial é depois do verbo ou do complemento do verbo. Se ele vier deslocado, será, em geral, separado por vírgula.

***Abaixo de Deus**, foi ele quem me salvou.*

PALAVRAS DENOTATIVAS

São palavras que se assemelham a um advérbio, mas não podem ser consideradas como tal, pois não modificam o verbo, o adjetivo ou o advérbio e sim uma **frase inteira** ou outras palavras como **pronomes** ou **substantivos**.

*Ele não fala, **apenas** murmura palavras.* → ***exclusão***

Então** ele disse toda a verdade.* → ***situação

Até** comprei uma roupa nova.* → ***inclusão

*Eu sei **lá** o que ele disse.* → ***realce***

ATENÇÃO!

Não só os advérbios mas também expressões e locuções adverbais determinam o verbo, o adjetivo ou outro advérbio.

Exemplos de expressões adverbiais:

Meio	→	*Viajei **de avião.***
Instrumento	→	*Escreve **a máquina.***
Assunto	→	*Falamos **sobre economia.***
Condição	→	Não irei ***sem você.***
Companhia	→	*A criança só sai **com a mãe.***
Concessão	→	***Embora triste,** sorria.*
Causa	→	*Adoeceu **de frio.***
Finalidade	→	*Trabalha **pela família.***

PREPOSIÇÕES

Termos invariáveis que servem de ligação entre palavras de uma mesma oração, ficando a primeira (antecedente) modificada ou completada pela segunda (consequente).

*Não voltei **para** casa.*

*Chorava **de** dor.*

*Concordo **com** você.*

PREPOSIÇÕES ESSENCIAIS

a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, per, perante, por, sem, sob, sobre, trás.

LOCUÇÕES PREPOSITIVAS

São expressões que terminam sempre em uma preposição essencial.

*Abaixo **de**, acerca **de**, acima **de**, devido **a**, a despeito **de**, adiante **de**, defronte **de**, embaixo **de**, em frente **de**, graças **a**, junto **de**, perto **de**, por **entre**, por trás **de**, quanto **a** etc.*

PREPOSIÇÕES ACIDENTAIS

São palavras de outras classes que podem exercer função de preposição.

afora, conforme (= de acordo com), consoante, durante, exceto, salvo, segundo, senão, mediante, que, visto (= devido a, por causa de) etc.

*Vestimo-nos **conforme** a situação e o momento.*
*Os heróis tiveram **como** prêmio aquela vida.*
***Mediante** meios escusos, ele conseguiu a vaga.*
*A moça dormiu **durante** a viagem.*

As preposições essenciais regem pronomes oblíquos tônicos. Já as preposições acidentais regem as formas retas dos pronomes pessoais. *Falei **sobre** ti. / Todos, **exceto** eu, vieram.*

• OBSERVAÇÃO

Observa-se que a última palavra da locução prepositiva é sempre uma preposição, enquanto a última palavra de uma locução adverbial nunca é preposição.

Loc. Adv.	Loc. Prepos.
à toa	*a fim de*
à tarde	*através de*
à noite	*devido a*
a pé	*ao lado de*

Quanto ao emprego, as preposições podem ser usadas em:

- **Combinação**: preposição + outra palavra sem perda fonética (ao/aos).
- **Contração:** preposição + outra palavra com perda fonética (na/àquela).
- não se deve contrair a preposição ao artigo ou ao pronome reto antes de verbo se o termo seguinte for sujeito.
  *Está na hora **de ele** falar.*
- a preposição **após** pode funcionar como advérbio (= atrás).
  *Terminada a festa, saíram logo **após**.*
- **Trás**, atualmente, só se usa em locuções adverbiais e prepositivas.
  por trás, para trás, por trás de etc.

• OBSERVAÇÃO

Quanto à diferença entre pronome pessoal oblíquo, preposição e artigo, deve-se observar que a preposição liga dois termos, sendo invariável, enquanto o pronome oblíquo substitui um substantivo. Já o artigo antecede o substantivo, determinando-o.

*Não **a** vi novamente. (pronome oblíquo)*
*Chegou **a** chorar. (preposição)*
*Conhecia **a** moça. (artigo)*

CARGA SEMÂNTICA DAS PREPOSIÇÕES

Isoladamente, as preposições são palavras vazias de sentido, embora algumas contenham uma vaga noção de tempo e lugar. Nas frases, exprimem diversas relações:

- **autoria** - *música de Caetano*
- **lugar** - *cair sobre o telhado, estar sob a mesa*
- **tempo** - *nascer a 08 de janeiro, viajar em uma hora, viajei durante as férias*
- **modo ou conformidade** - *chegar aos gritos, votar em branco*
- **causa** - *tremer de frio, preso por vadiagem*
- **assunto** - *falar sobre política*
- **fim ou finalidade** - *vir em socorro, vir para ficar*
- **instrumento** - *escrever a lápis, ferir-se com a faca*
- **companhia** - *sair com amigos*
- **meio** - *voltar a cavalo, viajar de ônibus*
- **matéria** - *anel de prata, pão com farinha*
- **posse** - *carro de João*
- **oposição** - *Flamengo contra Atlético*
- **conteúdo** - *copo de (com) vinho*
- **preço** - *vender a (por) R$ 300,00*
- **origem** - *descender de família humilde*
- **especialidade** - *formou-se em Medicina*
- **destino ou direção** - *ir a Roma, olhe para frente.*

CONJUNÇÕES

São termos invariáveis que servem para relacionar duas orações ou dois termos coordenados da mesma oração. As conjunções se dividem em coordenativas ou subordinativas.

a) **COORDENATIVAS**: ligam orações que não fazem parte de uma outra ou unem núcleos de um mesmo termo da oração. Podem ser:
- ***Aditivas***: *e, nem, bem como, não só, mas também, não apenas, como ainda etc.*
- ***Adversativas***: *mas, porém, todavia, contudo, não obstante, no entanto, entretanto etc.*
- ***Alternativas***: *ou, ou...ou, quer...quer, ora... ora, já...já, seja... seja etc.*
- ***Conclusivas***: *assim, logo, portanto, então, por isso, desse modo, por conseguinte, dessa forma, pois (deslocado) etc.*
- ***Explicativas***: *que, porque, pois (antes do verbo), porquanto etc.*

b) **SUBORDINATIVAS**: indicam a dependência de um elemento a outro.
- ***Causais***: *haja vista, que, porque, pois, porquanto, visto que, uma vez que etc.*
- ***Comparativas***: *como, que nem, que (depois de mais, menos, melhor, pior, maior) etc.*
- ***Concessivas***: *embora, conquanto, ainda que, mesmo que, em que pese, posto que etc.*
- ***Condicionais***: *se, desde que, caso, contanto que, a menos que, somente se etc.*
- ***Conformativas***: *conforme, como, segundo, de acordo com, consoante etc.*
- ***Consecutivas***: *que (depois de tal, tanto, tão) de modo que, de forma que, de sorte que etc.*
- ***Finais***: *para que, a fim de que etc.*
- ***Proporcionais***: *à proporção que, à medida que, quanto mais... mais, quanto menos... menos etc.*
- ***Temporais***: *quando, enquanto, assim que, até que, mal, logo que, desde que etc.*
- ***Integrantes***: *que, se, como etc.*

• OBSERVAÇÃO

As conjunções integrantes não apresentam carga semântica e introduzem sempre uma oração subordinada substantiva.

VALOR CONTEXTUAL DAS CONJUNÇÕES

"(...) e assim, quando mais tarde me procure / Quem sabe a morte, Eu possa me dizer do amor (que tive): / Que não seja imortal, ***posto que*** *é chama / Mas que seja infinito enquanto dure."* *Vinícius de Moraes*

Esse é um dos mais conhecidos e apreciados poemas de Vinícius. Entretanto, nota-se uma inadequação gramatical na utilização da expressão ***posto que*** com o **valor semântico de causa**. O poeta espera que o amor não seja imortal, já que é chama, o que revela uma contradição entre o valor habitual do conector (concessivo) e seu valor contextual.

A questão é que "POSTO QUE" tem valor concessivo, ou seja, indica oposição, tem o mesmo valor de "apesar de que, embora, ainda que, mesmo que", e não de "porque, já que, visto que". Então, o verso deveria ter sido construído assim: "Que não seja imortal, já que é chama", ou "porque é chama" ou ainda "visto que é chama".

Muitas são as expressões e as palavras que causam dúvidas ou apresentam problemas semânticos ao concursando. Vejamos algumas delas:

A conjunção "COMO" pode ter três valores semânticos: causa, comparação e conformidade.

- Na frase "**Como** estava chovendo, não saí de casa.", ela indica causa, pois poderia ser substituída por "já que".

- Em "Faço o trabalho **como** o regulamento prescreve.", indica conformidade, pois poderia ser substituída por "conforme".
- Em "Ele age **como** o pai.", indica comparação, pois poderia ser substituída por "igual a".

A conjunção "SE", além de ser condicional, pode ser causal ou iniciar oração subordinada substantiva com função de sujeito ou de objeto direto, sendo denominada, nesse último caso, de conjunção integrante.

- Na frase "Se você estudar, conseguirá seu intento.", ela indica condição, pois equivale a "caso".
- Em "Se você sabia que era proibido entrar lá, por que não me avisou?", indica causa, pois poderia ser substituída por "já que".
- Em "Não sei se ficarei aqui muito tempo.", há uma conjunção integrante, pois "se ficarei aqui muito tempo" funciona como objeto direto do verbo "saber".

INTERJEIÇÕES

São palavras invariáveis que, sozinhas, equivalem a uma frase, geralmente exprimindo sentimentos ou emoções súbitas.

Ah!, Oi!, Alô!, Tomara!, Puxa!, Psiu!, Caramba!, Arre!, Ó!, Upa!...

LOCUÇÕES INTERJETIVAS

Conjunto de palavras que atua como uma interjeição.

Meu Deus!, Ó de casa!, Que pena!, Bom dia!, Até logo!, Queira Deus!

ARTIGOS

Trata-se de termos que antepomos aos substantivos para determiná-los, indicando-lhes, ao mesmo tempo, o gênero e o número.

Os artigos definidos (o, a, os, as) determinam os substantivos de modo preciso, particular.

*Vi **o** rapaz. (um rapaz referido, conhecido, determinado)*

Os artigos indefinidos (um, uma, uns, umas) determinam os substantivos de modo vago, impreciso, geral.

*Vi **um** rapaz. (um rapaz não referido, desconhecido, indeterminado)*

O bicho

*Vi ontem **um** bicho.*
Na imundície do pátio
*Catando comida entre **os** detritos.*
Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.
***O** bicho não era **um** cão.*
*Não era **um** gato.*
*Não era **um** rato.*
***O** bicho, meu Deus, era **um** homem!*

Manuel Bandeira

As palavras acima destacadas são artigos, porque estão antepostas aos substantivos determinando-lhes o sentido precisa ou imprecisamente.

O artigo ***um*** serve para dar uma ideia de um ser desconhecido ou não especificado, ou seja, um ser qualquer.

O artigo **o** serve para especificar, particularizar o *ser* dando a ideia de que se trata de um ser já conhecido, definido.

o pátio, os detritos ⇒ seres particulares, conhecidos do autor.

Compare o emprego da palavra bicho no poema:

- no primeiro verso: "Vi ontem um bicho." (**Um bicho** qualquer, não identificado.)
- no último verso: "**O bicho**, meu Deus, era um homem!" (agora, o ser antes não identificado, já não é um bicho qualquer, foi identificado pelo autor.)

ATENÇÃO! ***Um homem*** *= ser desconhecido (nota-se o espanto do autor ao perceber tratar-se de um homem): " O bicho, meu Deus, era* ***um*** *homem! (sentido genérico)*

ATENÇÃO! *Toda palavra determinada por um artigo torna-se um substantivo:* ***um sim, um não, o porquê, os ii, os oo, o dez, o senão, o bom, o andar, a bebida.***

SUBSTANTIVAÇÃO

Consiste em transformar uma palavra de outra classe gramatical em substantivo, por meio de anteposição de um determinante.

*O **verde** das folhas.*
*O **andar** do homem.*
*O **mal** da humanidade.*

PRONOMES

São palavras que substituem ou acompanham um substantivo sempre em referência às três pessoas do discurso.

Pronomes - Resumo		
Pessoais	Indicam diretamente as três pessoas do discurso.	***Retos:*** eu, tu, ele, nós, vós, eles. ***Oblíquos átonos:*** me, te, se, lhe, nos, vos, o, a... ***Oblíquos tônicos:*** mim, ti, comigo, contigo, ele, nós, conosco, convosco... ***Reflexivos:*** me, te, se, si, consigo... ***De tratamento:*** você, senhor, V. Exª....
Demonstrativos	Indicam a posição dos seres no espaço, no tempo e no contexto.	este, esse, aquele, o, tal, mesmo, próprio, aquilo, semelhante, isto, isso...
Relativos	Relacionam-se a um antecedente, representando-o na oração seguinte.	que, quem, quanto, onde, o qual, cujo, como.
Indefinidos	Indicam o ser de forma indefinida ou expressam quantidade indefinida.	tudo, nada, algum, nenhum, muito, certo, pouco, mais, todo, vários, qualquer...
Interrogativos	Iniciam interrogações diretas e indiretas.	que, quem, qual, quanto.
Possessivos	Indicam posse.	meu, teu, seu, nosso, vosso...

FUNÇÃO DOS PRONOMES

Uns funcionam, na frase, substituindo o substantivo, outros só acompanham o substantivo, e a maioria ora acompanha o substantivo ora o substitui.

Pronomes substantivos

Quando desempenham a função de um substantivo (nesse caso, substituem um substantivo, isto é, comportam-se como se fossem substantivos).

*Não há **ninguém** em casa.*

- O pronome **ninguém** substitui um substantivo.

*De todas, levarei **esta** aqui.*

- O pronome **esta** substitui o substantivo.

Pronomes adjetivos

Quando desempenham a função de um adjetivo (nesse caso, acompanham um substantivo, ou seja, comportam-se como se fossem adjetivos).

*Este carro é de **seu** pai?*

- **este:** acompanha o substantivo *carro*, apontando-o, indicando-o.
- **seu:** acompanha o substantivo *pai*, exprimindo posse.

*–"Acabemos com **isto!**", – **ela me** disse.*
*E **eu** respondi-**lhe** assim: – "Pois acabemos!"*
*E fiz **o** que se faz em **tais** extremos:*
*Tomei do **meu** chapéu com fanfarrice.*

Observe que, nos trechos, são pronomes substantivos: **isto, ela, me, eu, lhe, o.**

Por outro lado, são pronomes adjetivos: **tais, meu.**

• OBSERVAÇÃO

Pronome Substantivo - substitui o substantivo
Pronome Adjetivo - acompanha o substantivo

EMPREGO DE PRONOMES

Pronomes adjetivos e pronomes substantivos – aplicação

ARRUFOS

*"Não há no mundo **quem** amantes visse*
***Que se** quisessem como **nos** queremos ...*
Um dia, uma questiúncula tivemos
Por um simples capricho, uma tolice.
.....!
*Nem **minha** mãe volvendo agora ao mundo."*

Arthur Azevedo

As palavras grifadas, no texto, são pronomes, porque estão substituindo ou acompanhando nomes (um substantivo).

Alguns deles:

QUEM ⇒ está substituindo um nome, isto é, está sendo usado em lugar de um substantivo.

*Não há no mundo **pessoa** que visse amantes que se quisessem.*

QUE ⇒ aparece em lugar de um substantivo; substitui, na 3ª oração, o substantivo **amantes.** Esse pronome foi usado para evitar que o substantivo **amantes** aparecesse repetido, prejudicando a construção frasal.

*Não há no mundo pessoa que visse amantes/**amantes** se quisessem...*

SE ⇒ também estão se referindo ao substantivo **amantes**, dando a ideia de reciprocidade.

(...) quisessem um amante ao outro amante (...)

Assim, **quem, que e se** são PRONOMES SUBSTANTIVOS no texto.

MINHA ⇒ está acompanhando o substantivo *mãe*, denotando ideia de posse, isto é, *a mãe* pertence ao eu-poético. Assim, **minha** é um PRONOME ADJETIVO.

FLEXÃO DOS PRONOMES

Os pronomes são palavras que podem variar para indicar gênero, número, pessoa e caso.

- **Gênero** (masculino e feminino)

*Visitei uma vila por **cujas** ruas andei tranquilamente.*
(fem.)

*Conheci um lugarejo em **cujos** vales há muitas flores.*
(masc.)

- **Número** (singular e plural)

*Você deve anotar **quaisquer** recados para o diretor.*
(plural)

***Todos** devem procurar **meu** talão agora.*
(plural) (sing.)

- **Pessoa** (1ª, 2ª, 3ª)

***Eu** aviso-**te** amanhã sobre **aquele** moço.*
(1ª) (2ª) (3ª)

PRONOMES PESSOAIS

São os que designam as três pessoas do discurso. Classificam-se como:

- **do caso reto** – funcionam como **sujeito** ou **predicativo**.
- **do caso oblíquo** – funcionam como **complemento** ou **adjunto**.

PRONOMES PESSOAIS RETOS			PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS	
			ÁTONOS (s/preposição)	TÔNICOS (c/preposição)
Singular	1ª	eu	me	mim, comigo
	2ª	tu	te	ti, contigo
	3ª	ele, ela	se, o, a, lhe	si, ele, ela, consigo
Plural	1ª	nós	nos	nós, conosco
	2ª	vós	vos	vós, convosco
	3ª	eles, elas	se, os, as, lhes	si, eles, elas

Oblíquos tônicos

Marcados com acento tônico; sempre precedidos de preposição.

preposição + *(a, de, em, por, para, sem etc.)*

mim
ti
si, ele, ela
nós
vós
si, eles, elas

*Basta a **mim** a tua palavra.*
*Reze por **mim**.*
*Cá entre **nós**.*
*Ficou fora de **si**.*
*Nunca saia sem **ela**.*
*Tenho dó de **ti**.*
*Leve-o para **ela**.*
*Confio em **vós**.*

preposição com +

mim = comigo
ti = contigo
si = consigo
nós = conosco
vós = convosco

*Mauro saiu **comigo**.*
*Ana ficará **conosco**.*

Oblíquos átonos

Desprovidos de acento tônico; nunca precedidos de preposição.

*Basta-**me** a tua palavra.*
*Não **nos** aborreça.*
*Mando-**lhe** depois.*
*Quero-**o** amanhã.*
*Vejo-**te** no escritório.*
*Passe-**me** o saleiro.*

ATENÇÃO!

1) *Todos os pronomes pessoais são pronomes substantivos.*
2) *A rigor, somente os pronomes **EU** e **TU** são considerados exclusivamente do caso reto, por não se poderem reger de preposição.*

__Eu__ quero agradecer-te o elogio.
__Tu__ necessitas de mim?

3) *Os pronomes **ele(s), ela(s), nós** e **vós** podem ser retos ou oblíquos, dependendo da função que exercem na frase.*

*Lutou contra **nós**. (oblíquo)*
__Nós__ venceremos isso. (reto)

O uso de *EU* e *TU*

*Traga o livro para **eu** ler.*
*Encomendei algo para **tu** usares.*

Em frases desse tipo, a preposição não está regendo os pronomes **eu** e **tu**. Na verdade, trata-se de duas orações, sendo a segunda reduzida de infinitivo.

*Traga o livro **para que eu leia.***
*Encomendei algo **para que uses.***

Assim, os pronomes **eu** e **tu** funcionam como sujeito de verbo no infinito, como ocorre nos exemplos abaixo:

*Ela pediu para **eu** e **tu** esperarmos aqui.*
*Comprei um perfume para **tu** usares.*
*Não há nada para **eu** ler agora.*

O uso de *MIM* e *TI*

*Traga o livro para **mim**.*
*Encomendei algo para **ti**.*

Não havendo verbo no infinitivo e estando os pronomes **eu** e **tu** regidos de qualquer preposição, devem ser trocados pelas formas oblíquas correspondentes (**mim** e **ti**).

*Ela pediu para **mim** e para **ti**.*
*Comprei um perfume para **ti**.*
*Não há nada para **mim** agora.*

COM NÓS X *CONOSCO*
COM VÓS X *CONVOSCO*

Usam-se **com nós** (em vez de conosco) e **com vós** (em lugar de convosco), quando vierem acompanhados de **ambos, mesmos, outros, todos, numeral** ou **outro determinante.**

*Deixaram o recado **conosco**.*
*Deixaram o recado **com nós mesmos**.*
*Estava **com nós outros**.*
*Isto se deu **com vós ambos**.*
*Falo **com vós quatro** mais tarde.*
*Ela está mal **com nós todos**.*

Também com aposto:
***Com nós, brasileiros,** não há tempo ruim.*

Também com oração objetiva:
*Isto aconteceria **com nós, que somos precavidos.***

Variações das formas *O, AS, OS, AS*

(Substituem termos sem preposição.)

*Pu-**la** na mesa.*
*Fi-**lo** no escritório.*

O pronome pessoal **o** pode assumir as formas **lo, la, no, na (e plurais)**:

a) Lo(s), la(s): depois de forma verbal terminada em r, s, z, sendo estas consoantes suprimidas.

R	*Vê-**lo** é um suplício. (Ver + o)*
S + lo(s), la(s):	*Achamo-**lo** em casa. (Achamos + o)*
Z	*João ainda não fez anos; fá-**los** hoje.*
↳ desaparecem	***(Faz + o)***

b) No(s), na(s): depois de forma verbal terminada em ditongo nasal.

M + no, na, nos, nas:	*Dão- **no**.*	*Tem-**nos**.*
~ *(til)*	*Põe-**na**.*	*Acharam-**nas**.*

c) Demais casos: **o, a, os, as.**

*Vi-**o**. Entreguei-**as**. Deu-**os**.*

Contração de pronomes oblíquos átonos

*Entreguei-**lho**.*

Os pronomes oblíquos **me, te, lhe, nos, vos** (em função de objeto indireto) podem combinar-se com **o, a, os, as** (objeto direito), gerando as formas **mo, to, lho, no-lo, vo-lo**.

*Entreguei **o dinheiro a ele.*** (o dinheiro = o: OD)(a ele = lhe: OI)

*Entreguei-**lho.*** (lhe + o)

*Você paga **a mim a dívida?*** (me - OI) (a dívida - OD)

*Você **ma** paga.* (me + a)

*Não deram **o** doce **a ti?** = Não **to** deram?*

*Ninguém **me** contou **a estória** = Ninguém **ma** contou.*

Combinações pronominais possíveis:

me	+	o	=	mo	me	+	a	=	ma
nos	+	o	=	no-lo	nos	+	a	=	no-la
te	+	o	=	to	te	+	a	=	ta
vos	+	o	=	vo-lo	vos	+	a	=	vo-la
lhe	+	o	=	lho	lhe	+	a	=	lha

Pronome oblíquo com função de sujeito

*Deixou-**me** falar.*

Em frases desse tipo, o pronome oblíquo não está funcionando como objeto do verbo anterior, mas como sujeito do verbo no infinitivo que faz parte de uma oração reduzida.

*Deixou-**me falar**. = Deixou **que eu falasse**.*

Tal fenômeno acontece com verbos do tipo **ver, ouvir, sentir, fazer, mandar, deixar + infinitivo**.

*Vi-**o** entrar.* — *Ouvi-**as** chegar.*

*Fi-**las** dormir.* — *Mandei-**os** sair.*

*Deixem-**no** brincar.* — *Esperei-**a** voltar.*

Tais verbos são denominados **causativos** ou **sensitivos**.

Pronome reto antes de infinitivo

*Está na hora de **eu** ir trabalhar.*

*É o momento de **eles** falarem.*

Ocorrendo os pronomes **eu** e **ele (ela, eles, elas) + infinitivo,** não haverá combinação com preposição, pois os pronomes servem de sujeito do verbo no infinitivo.

*É hora **de eles** voltarem.*

*Chegou o momento **de elas** desfilarem.*

*A ocasião **de eu** comemorar é agora.*

Pronome integrante ao verbo

*Arrependi-**me** do que fiz.*

Ocorrem com verbos pronominais essenciais que exprimem *sentimento, mudança de estado, movimento* etc.

Queixar-se	*Converter-se*	*Tornar-se*
Arrepender-se	*Atrever-se*	*Referir-se*
Alegrar-se	*Orgulhar-se*	*Suicidar-se*

Os pronomes, junto a esses verbos, não têm função sintática (são chamados de parte integrante do verbo).

*Maria queixa-**se** de fortes dores.*

*Arrependi-**me** do que fiz.*

*Não **te** atrevas a sair sem mim!*

Pronome reflexivo ou recíproco

*Ela **se** odeia.* ↓ Pronome reflexivo

*Elas **se** odeiam.* ↓ Pronome recíproco

Pronomes Reflexivos

São os pronomes **se, si, consigo**, e também as formas **me, te, nos** e **vos**, quando indicam que a ação do verbo recai na própria pessoa que a pratica.

*Ele fala de **si**.*

*Ela **se** odeia.*

*Nós não **nos** ferimos no acidente.*

ATENÇÃO! *As formas **si** e **consigo** são sempre reflexivas, só podem ser usadas em referência ao próprio sujeito.*

Errado:	Devem ser usadas as formas corretas:
Ana, preciso falar ***consigo.***	*Ana, preciso falar* ***com você.***
Ivan, conversamos muito sobre ***si*** *ontem.*	*Ivan, conversamos muito* ***sobre você*** *ontem.*
Desejo falar ***consigo.***	*Desejo falar* ***com você.***
Na reunião, fiquei fora ***de si.***	*Na reunião, fiquei fora* ***de mim.***

Pronomes recíprocos

São alguns pronomes reflexivos que, com valor de **um ao outro**, referem-se a sujeito plural ou composto (mais de uma pessoa).

Os lutadores ***se*** *estudaram, isto é, estudaram* ***um ao outro.***

Paulo e Ana não ***se*** *cumprimentam.* ***(uma e outra)***

Nós ***nos*** *abraçamos.* ***(um ao outro)***

Ela ***se*** *odeia.*
(Ela ***pratica*** *a ação sobre si mesma: reflexivo)*

Elas ***se*** *odeiam.*
*(****Cada uma pratica*** *a mesma ação sobre a outra: recíproco).*

Pronomes pessoais de tratamento

Usados no tratamento cerimonioso ou comercial.

a) Vossa: designa a pessoa a quem se fala (isto é, a 2ª).

Vossa Excelência *sabe que sou seu amigo.*
Vim até ***Vossa Senhoria*** *pedir-lhe um favor.*

Embora a forma **Vossa** seja de 2ª pessoa, exige os verbos e os outros pronomes na terceira pessoa.

b) Sua: designa a pessoa de quem se fala (isto é, a 3ª pessoa).

Sua Excelência*, o Presidente, falará ao povo hoje.*

Sua Santidade *João XXIII morreu em que ano?*

Convém conhecer as seguintes formas de tratamento e as abreviaturas com que são indicadas na escrita:

Abreviaturas	Tratamento	Usado para
V.A.	*Vossa Alteza*	*Príncipes, arquiduques, duques*
V. Ema.	*Vossa Eminência*	*Cardeais*
V. Exa.	*Vossa Excelência*	*Altas autoridades do Governo e das Forças Armadas*
V. M.	*Vossa Majestade*	*Reis, imperadores*
V. Maga.	*Vossa Magnificência*	*Reitores das Universidades*
V. Revma.	*Vossa Reverendíssima*	*Sacerdotes em geral*
V. Sa.	*Vossa Senhoria*	*Funcionários públicos graduados, oficiais até coronel, pessoas de cerimônia, tratamento comercial*
V. S.	*Vossa Santidade*	*Papas*
V. Exa.Revma.	*Vossa Excelência Reverendíssima*	*Bispos*

c) Abreviaturas das formas de tratamento usadas no plural

- Abreviaturas com letras dobradas:

singular	plural	singular	plural
V.M.	VV.MM.	V.A.	VV.AA.
S.M.	SS.MM.	S.S.	SS.SS.

Não se usa o tratamento **Vossa Santidade** no plural em referência ao Papa (VV.SS.), porquanto só existe um Papa vivo.

- Nas abreviaturas que terminam com a letra ***a***, acrescenta-se ***s***:

singular	plural
V. Exa.	V. Exas.
S. Ema.	S. Emas.
S. Exa.	S. Exas.
V. Exa. Revma.	V. Exas.Revmas.
V. Ema.	V. Emas.

Complemento do Quadro de Tratamento

Vossa / Sua Excelência	***Altas autoridades do Governo:*** *- Presidente da República* *- embaixadores* *- deputados federais e estaduais* *- juízes* *- senadores* *- ministros* *- governadores de Estado* *- prefeitos* *- secretários de Estado* *- vereadores* *- cônsules* ***Altas autoridades das Forças Armadas:*** *- ministro da Guerra* *- marechal* *- general* *- contra-almirante* *- almirante* *- vice-almirante* *- brigadeiro*
Vossa / Sua Paternidade	*- abade* *- prior* *- superior de convento*
Vossa / Sua Senhoria	*- oficiais até a patente de coronel* *- tenente-coronel* *- major* *- capitão* *- aspirante a oficial* *- diretor de repartição pública* *- chefe de seção*

ATENÇÃO!

1 - O tratamento dispensado ao Presidente da República sempre por extenso:

Excelentíssimo Senhor Presidente da República _____, Vossa Excelência está convidado a participar do 1º Seminário de Geriatria.

2 - O tratamento dispensado pessoalmente ao Juiz de Direito é Meritíssimo Juiz.

AUTORIDADES DE ESTADO		
Civis	**Vocativo**	**Usado para**
- Senadores *- Ministros* *- Governadores* *- Deputados* *- Prefeitos* *- Embaixadores*	* As normas do manual de Redação da Presidência nem sempre convergem com as da NGB ***Excelentíssimo Senhor (P.459)***	*- Senador* *- Ministro* *- Governador* *- Deputado* *- Prefeito* *- Embaixador*
- Chefes das Casas Civil e Militar *- Vereadores* *- Cônsul* *- Diretores de Autarquias*	***Senhor***	*- Chefe* *- Vereador* *- Cônsul* *- Diretor*
- Reitores	***Magnífico***	*- Reitor*
Judiciárias	**Vocativo**	**Usado para**
- Desembargador da Justiça *- Juízes de Direito* *- Curador* *- Promotor*	***Excelentíssimo Senhor***	*- Desembargador* *- Juiz* *- Curador* *- Promotor*

Militares	Vocativo
- *Ministro da Guerra* - *Marechal* - *General* - *Contra-Almirante* - *Almirante* - *Vice-Almirante* - *Brigadeiro*	***Excelentíssimo Senhor + patente***
- *Oficiais até Coronel* - *Tenente-coronel* - *Major* - *Capitão* - *Aspirante a oficial*	***Senhor + patente***
Autoridades Eclesiásticas	**Vocativo**
- *Papa* - *Cardeais* - *Arcebispos e Bispos*	*Santíssimo Padre* *Eminentíssimo Senhor* *Reverendíssimo Senhor*
Autoridades Monárquicas	**Vocativo**
- *Reis*	- *Sua Majestade Real*
- *Imperadores*	- *Sua Majestade Imperial*
- *Príncipes*	- *Sua Alteza Imperial* - *Sua Alteza Real* - *Sua Alteza Sereníssima*
Outros Títulos	**Vocativo**
- *Dom*	- *Digníssimo Dom*
- *Doutor*	- *Senhor Doutor*
- *Comendador*	- *Senhor Comendador*
- *Professor*	- *Senhor Professor*

ATENÇÃO!

*"**Seu**", na linguagem popular, pode aparecer em lugar do tratamento **Senhor**.*

__Seu__ garçom, traga a conta, por favor.
*(= **Senhor** garçom)*

__Seu__ Geraldo já chegou?
*(= **Senhor** Geraldo)*

PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Indicam a posição dos seres com relação às três pessoas gramaticais, situando-as no tempo ou no espaço.

PESSOAIS	VARIÁVEIS		INVARIÁVEIS
	MASCULINO	FEMININO	
1ª	*este, estes*	*esta, estas*	*isto*
2ª	*esse, esses*	*essa, essas*	*isso*
3ª	*aquele, aqueles*	*aquela, aquelas*	*aquilo*

este, **esta**, **isto** { ***próximo de quem fala***; ***tempo - presente (atual)*** }

esse, **essa**, **isso** { ***afastado de quem fala***; ***tempo*** { ***passado determinado***; ***passado indeterminado*** } }

aquele, **aquela**, **aquilo** { ***afastado de quem fala e de quem ouve***; ***tempo*** { ***distante*** *(remoto)*; ***passado incerto*** } }

Este, esta, isto

São usados em referência:

- **ao espaço** (indicando tudo que está próximo de quem fala).

  __Este__ lápis aqui é meu.
  Entrego-lhe __isto__ como prova.
  __Esta__ minha blusa está horrível.

- **ao tempo presente** (em que estamos vivendo).

  __Este__ ano está sendo o melhor de todos.
  __Nesta__ semana, vamos trabalhar mais.

- **ao contexto** (referindo-se ao último termo expresso anteriormente).

Encontrei Carlos e Celso na reunião.
***Este** pretende mudar-se para Curitiba. (Celso)*

Esse, essa, isso

Usados em referência:

- **ao espaço** (indica tudo que está afastado de quem fala e próximo de quem ouve).

  ***Essa** sua blusa ficou bem em você.*
  ***Esse** objeto que você carrega é perigoso.*
  *Que é **isso** aí, Mauro?*

- **ao tempo passado**:

  *Um dia **desses** estive em Salvador.*
  *Conversei com Magda uma noite **dessas**.*

- **ao que foi mencionado pela pessoa com quem se fala:**

  *Não sei o que você quer dizer com **isso**.*
  *Pressinto muita ironia **nessa** sua pergunta.*

- **àquilo de que desejamos distância:**

  *Não me fale mais **nisso**.*
  *O povo já não confia **nesses** políticos.*
  *Não combino muito com **esse** indivíduo.*

- **ao que já foi mencionado antes por quem fala:**

  *Fingir estar doente? **Isso** eu não faço.*
  *"Tem que dar certo". **Essas** palavras são muito ambíguas.*

Aquele, aquela, aquilo

Usam-se em referência:

- **ao espaço**: indicando tudo que está afastado de quem fala e de quem ouve:
  *Marciano, que é **aquilo** que está no alto da torre?*
  ***Aquela** bolsa ali é minha.*
  *Nossa! **Aquele** menino quase foi atropelado. Você viu?*

- **ao tempo remoto** (passado distante em que não vivemos):

  *"**Naquele** tempo, disse Jesus a seus apóstolos..."*

- **ao tempo vago, impreciso ou incerto:**

  *"Bons tempos **aqueles**!*
  ***Naquela** época eu contava apenas com uns quinze ou dezesseis anos.*
  Que aurora, que sol, que vida,
  Que noites de melodia
  ***Naquela** doce alegria*
  ***Naquele** ingênuo folgar".*

- **a um total afastamento afetivo** de quem não gostamos:

  *Não conheço **aquele** indivíduo.*

- **ao texto** referindo-se ao **primeiro termo expresso** anteriormente:

*Entre Inês e Mércia, prefiro **aquela** à última.*
(=Inês)

NOTAS SOBRE O EMPREGO DE PRONOMES DEMONSTRATIVOS

a) Emprego dos demonstrativos no contexto em referência a dois termos (duas pessoas ou duas coisas):

***Este** (e variações) para o último termo.*

***Aquele** (e variações) para o primeiro termo.*

(1º) (2º) (2º) (1º)
*Entre o Amazonas e o Nilo, acho **este** mais caudaloso que **aquele**.*
[este (2º) = Nilo / aquele (1º) = Amazonas]

(1º) (2º)
Conversando com Melissa e Giovani, notei que **aquela** *estava tensa e* ***este*** *mais tranquilo.*
(1º) (2º)

b) Emprego dos demonstrativos no texto em relação ao que se vai dizer e ao que já foi dito:

ESTE (e variações) para o que será exposto (será dito ou escrito):

Repare ***nestas*** *palavras: "Um de vós há de me trair".*

ESSE (e variações) para o que já foi exposto:

"O beijo, amigo, é a véspera do escarro". ***Essas*** *palavras amargas são do poeta Augusto dos Anjos.*

Levo martelo, grampos e arame. ***Esses*** *objetos são importantes aonde vou.*

c) O (OS, A, AS), MESMO, PRÓPRIO, TAL, SEMELHANTE podem ser pronomes demonstrativos:

- **O (OS, A, AS)** são demonstrativos quando equivalem a **aquele, aquela, aquilo**:

Nem tudo ***o*** *que dizes é verdade.(= aquilo)*
Não aprecio ***os*** *que são preguiçosos. (= aqueles)*
Onde ficam ***as*** *que muito considero? (= aquelas)*

- **MESMO, PRÓPRIO** são demonstrativos quando se equivalerem:

- Você é o Paulo? - ***O próprio.*** *(= mesmo)*
As janelas fecharam-se por ***si mesmas.****(= próprias)*
Eu ***próprio*** *preparei os convites.(= mesmo)*

ATENÇÃO!

Em alguns casos, ***o mesmo*** *equivale a* ***isso****:*

Se você gritar, também farei ***o mesmo****. (= isso)*

Vou dizer certas verdades a ele; diga ***o mesmo*** *também.(=isso)*

O pronome ***mesmo*** *não pode retomar palavras.*
A língua é importante, pois ***a mesma*** *organiza o pensamento. (errado)*

Para corrigir a frase, basta suprimir a forma pronominal: A língua é importante, pois organiza o pensamento.

d) TAL, SEMELHANTE são demonstrativos quando equivalerem a **este, esse, aquele** (e flexões).

Tal *episódio já me aconteceu. (= esse)*
Não disse ***semelhante*** *asneira. (= essa)*
Não creio em ***tal****. (= nisso)*

Contração dos pronomes demonstrativos

Os pronomes demonstrativos podem unir-se às preposições **a, em** e **de**.

a
- a + aquele = àquele
- a + aquela = àquela
- a + aquilo = àquilo
- a + aqueles = àqueles
- a + aquelas = àquelas

em
- em + aquele = naquele
- em + aquela = naquela
- em + aqueles = naqueles
- em + aquelas = naquelas
- em + aquilo = naquilo
- em + isso = nisso
- em + isto = nisto

de
- de + aquele = daquele
- de + aquela = daquela
- de + aqueles = daqueles
- de + aquelas = daquelas
- de + aquilo = daquilo
- de + isso = disso
- de + isto = disto

PRONOMES RELATIVOS

São assim chamados porque se referem a um substantivo ou a um pronome substantivo mencionado anteriormente.

O **nome** (substantivo ou pronome substantivo) a que ele se refere é chamado de **antecedente**.

VARIÁVEIS		INVARIÁVEIS
MASCULINO	FEMININO	
o qual, os quais, cujo, cujos, quanto, quantos	*a qual, as quais cuja, cujas, quanta, quantas*	*que quem onde como*

*O livro **que** me emprestaste não foi o que te pedi.*

*A ele, devo tudo **quanto** sou.*

*Não conheço a moça com **quem** falaste.*

*A rua **onde** moro está sendo asfaltada.*

*O aluno **cujo** preparo elogiei foi promovido.*

*Trazia guarda-chuva, sem **o qual** não saía.*

ATENÇÃO!

- ***Que, o qual, quem, quanto** e **onde** são pronomes substantivos. **Que, quem, quanto, onde** podem ser, em alguns contextos, trocados por **o qual**.*

  *O menino de **quem** falei está aí fora. (= do qual falei)*

  *O edifício onde **moro** fica no centro. (= no qual moro)*

- ***Cujo** funciona apenas como pronome adjetivo e concorda com a coisa possuída em gênero e número (termo consequente).*

  *A região Sudeste, sobre **cujas** riquezas nosso professor discorreu, é a mais próspera do país.*

- *Os pronomes relativos substituem, na oração em que estão, seu antecedente.*

  *Encontrei a sacola **que** havia perdido. (Encontrei **a sacola.** / Havia perdido **a sacola**.)*

  *Passei no local **onde** acontecera o acidente. (Passei **no local.** / O acidente acontecera **no local.**)*

Emprego dos pronomes relativos

- **QUE** – pode ter como antecedente pessoa, coisa ou objeto.

*Encontrei o menino **que** estava a minha procura.*
*Cão **que** late muito, pouco morde.*
*A cadeira **que** comprei quebrou-se.*

Atualmente, obedecendo à regência, o relativo **que** deve ser regido apenas de preposição monossilábica.

*A rua **em que** moro é bastante arborizada.*
*Comprei a revista **de que** você tanto fala bem.*
*Esta é a chave **com que** abri meu armário.*
*Aquela é a árvore **por que** brigamos tanto.*

Em alguns casos, o antecedente do relativo **que** é omitido.

*Não vejo **que** reclamar. (= Não vejo nada que reclamar.)*
*Não teve [coisa] **que** dizer.*

- **QUEM** – deve ter como antecedente pessoa.

*Éramos nós **quem** te chamávamos na rua.*
*Parecia ser você **quem** se afogava na piscina.*

O relativo **quem** aparece regido também de preposição monossilábica.

*Este é o Papa **a quem** mais admiro.*
*Ninguém conhece a pessoa por **quem** te enamoraste.*
*Não gostei da pessoa **a quem** você alude tanto.*

Em lugar de **sem que** (nem sempre bem aceito), deve-se usar *sem o qual*.

*Esperamos pelo professor, **sem o qual** não haverá aula.*

O relativo ***quem*** pode referir-se a um antecedente subentendido.

*"Viverás enquanto houver **quem** pulse o mágico instrumento..."* (Olavo Bilac)

***Quem** cala consente. (= Aquele que cala, consente.)*

*"Zombam. Não há **quem** dele se condoa!"*

(Raimundo Correia)

*(Não há ninguém **que** dele se condoa!)*

- **QUANTO** – pode sofrer flexões: **quantos, quanta, quantas**; seu antecedente deve ser um pronome indefinido ou demonstrativo.

*Esqueci-me de tudo **quanto** me foi ensinado.*

*Tudo **quanto** ganhei num mês perdi num dia.*

O relativo **quanto** pode ser empregado sem antecedente. Tal emprego é comum em certos documentos jurídicos.

*Saibam **quantos** lerem esta escritura...*
(= Saibam todos quantos lerem esta escritura.)

- **CUJO E VARIAÇÕES** – indicam posse, aparecem relacionando dois termos: possuidor e coisa possuída.

*O partido **cuja** plataforma for mais sólida vencerá as eleições.*

O relativo *cuja* está ligando *partido* com *plataforma*. [plataforma *(coisa possuída)* do partido *(possuidor)*]

Deve o relativo ***cujo*** concordar sempre com a coisa possuída, ou seja, com o consequente.

*A árvore **cujas** folhas amarelecem geralmente morre.*

Pode também o relativo **cujo** vir preposicionado.

*Este é o vilarejo **por cujos** caminhos nós já passamos.*

*Aluguei aquela casa em **cujas** dependências havia móveis.*

*O garoto **a cuja** inteligência todos se referem viajou.*

ATENÇÃO!

Não se deve usar artigo com o relativo cujo (e variações).

Está errado dizer:

*Os carros **cujos os** defeitos são muitos estragou. **(cujos defeitos)***

*A árvore **cujas as** folhas amarelecem geralmente morre. **(cujas folhas)***

- **ONDE** – é usado em referência a lugar.

*Conheci o povoado **onde** nasceu nosso supervisor.*

*Estarei num lugar **onde** nunca desejara estar.*

Também a exemplo dos outros relativos, pode vir preposicionado, assumindo, às vezes, as formas **aonde** e **donde**:

*Irei ao lugar **aonde** você foi ano passado.*

*Venho de uma região **donde** não desejaria vir.*

*Derrubaram a pinguela **por onde** passávamos perigosamente.*

O relativo **onde** pode ser usado sem antecedente. (O antecedente está implícito no contexto da frase.)

*O carro enguiçou **onde** não havia socorro. (num lugar onde)*

*"**Onde** me espetam, fico."(M. de Assis)*

*Quero ir **aonde** estás. (ao lugar)*

*Venha por **onde** eu passar.*

"Existe sim [a felicidade]: mas nós não a alcançamos
*Porque está sempre apenas **onde** a pomos*
*E nunca a pomos **onde** nós estamos."*

(Vicente de Carvalho)

- **O QUAL E VARIAÇÕES:** são usados em substituição aos outros relativos, exceto *cujo*, que não admite equivalente.

*É um passado **de que** (ou **do qual**) ninguém se lembra.*

*Fizeram-lhe acusações **de que** (ou **das quais** se defendeu com energia.*

Algumas vezes, seu uso é imprescindível para clareza de um período.

*Lá vai a moça do carro **que** precisa de água.*

O emprego do relativo *que* torna a frase ambígua, pois fica a dúvida acerca de que ou de quem precisa de água: a moça ou o carro?

Com o emprego do pronome **o qual,** fica desfeita a ambiguidade.

Se **a moça** precisa de água, usa-se **a qual.**

*Lá vai a moça do carro **a qual** precisa de água.*

Caso **o carro** necessite de água, coloca-se **o qual.**

*Lá vai a moça do carro **o qual** precisa de água.*

Veja outro exemplo:

Conversei com o pai da noiva que se acidentou. (quem?)

*Conversei com o pai da noiva **a qual** se acidentou. (noiva)*

*Conversei com o pai da noiva **o qual** se acidentou. (pai)*

• OBSERVAÇÃO

Quando não se consegue clareza com o pronome **o qual**, deve-se usar o relativo **cujo**.

*Falei com o sócio de José, **que** estava viajando.*

*Falei com o sócio de José, **o qual** estava viajando.*

Nos dois períodos citados fica a dúvida – quem estava viajando?

*Falei com José **cujo** sócio estava viajando.*

O relativo **cujo** dissipa a dúvida: o sócio de José está viajando.

No último período apresentado, relativo **o qual** pode aparecer precedido de preposição monossílaba, dissílaba ou qualquer outra.

*Conversei com o mecânico **contra o qual** você moveu o processo.*

*As mulheres **perante as quais** os homens se ajoelham são santas?*

*Este é o carro junto **do qual** ficamos conversando ontem.*

*A mangueira debaixo **da qual** nos abrigamos tanto é esta.*

*Esta é a mangueira **sob a qual** no abrigamos tantas vezes.*

*Esta é a pessoa **sem a qual** você não consegue viver?*

O relativo **o qual** é usado com pronomes indefinidos, numerais, expressões partitivas e expressões superlativas antepostos a ele.

*Ganhei quatro revistas, **duas das quais** eu já lera.*

*Percorri muitas cidades, **algumas das quais** muito limpas.*

*Comprei bastantes laranjas, **grande parte das quais** estragou-se.*

*Havia perto de mil pessoas, **metade das quais** era visitante.*

*Entrevistei duzentas pessoas, **a mais** radical **das quais** não fumava.*

DIFERENÇA			
sem acento		com acento	
o	que	um	quê
demonstrativo	*relativo*	*artigo*	*substantivo*

*Ela tem **um quê** de mistério.*
substantivo
artigo indefinido

*Não gostei **do que** ocorreu.*
pronome ralativo
prep.+pronome demonstrativo =(daquilo)

REFERENCIAÇÃO CONTEXTUAL DE PRONOMES RELATIVOS

Os pronomes relativos substituem (retomam) um termo antecedente com o qual mantêm relações de sentido.

*As pessoas a **que** nos referimos estiveram no local. (que = pessoas)*

*Países desenvolvidos e nações **que** buscam a autonomia econômica têm os mesmos direitos. (que = nações)*

*Jovens escolarizados e crianças **que** não tiveram acesso à educação formal disputam vagas no mercado de trabalho. (que = crianças)*

*O Brasil é um país **que** investe pouco em turismo. (que = país)*

*A criação do imposto **cuja** decretação ocorreu ontem levou anos. (cuja = imposto)*

*Duvidava do **que** havia ocorrido. (que = o)*

USO DE PREPOSIÇÃO ANTES DE PRONOMES RELATIVOS

Usa-se preposição antes do pronome relativo sempre que o termo posposto a ele exigir (ver regência).

*A mulher **a** cujos direitos **me refiro** deve ser colocada em liberdade.*

*Os cidadãos **de** cujos planos **falávamos** merecem respeito.*

• OBSERVAÇÃO

Os pronomes **que** e **quem** só admitem preposições monossilábicas.

*A pessoa **sobre** quem falávamos esteve no local. (errado/use: sobre qual)*

*A pessoa **contra** quem lutávamos. (errado/use: contra a qual)*

NOTA:
Em caso de preposições com mais de uma sílaba, use o *qual* (e variações).

O pronome **quem**, quando seguido de VTD, exige a preposição ***a*** para efeito de ajuste fonético. Nesse caso, ele forma objeto direto preposicionado.

*A mulher **que** conheci é especial. (OD)*

*A mulher **a quem** conheci é especial. (OD Prep.)*

Nos exemplos acima, a preposição ***a*** foi exigida pelo pronome **quem**. Não é caso de regência.

*A mulher **a quem** me refiro é interessante. (OI)*

No exemplo acima, a preposição ***a*** é uma exigência do verbo, não do pronome quem. É caso de regência.

PRONOMES INDEFINIDOS

São os que se aplicam à 3ª pessoa gramatical, quando considerada de um modo vago e indeterminado.

Principais pronomes indefinidos:

VARIÁVEIS				INVARIÁVEIS
Singular		Plural		
Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	
algum	alguma	alguns	algumas	alguém
nenhum	nenhuma	nenhuns	nenhumas	ninguém
todo	toda	todos	todas	tudo
outro	outra	outros	outras	outrem
muito	muita	muitos	muitas	nada
tanto	tanta	tantos	tantas	cada
quanto	quanta	quantos	quantas	quem
pouco	pouca	poucos	poucas	menos
vário	vária	vários	várias	mais
certo	certa	certos	certas	que
qualquer		quaisquer		
bastante		bastantes		
qual		quais		
tal		tais		

LOCUÇÃO PRONOMINAL INDEFINIDA

Grupo de palavras que equivale a pronomes indefinidos. Em geral, é formada por mais de um pronome.

cada qual	*outro qualquer*
todo aquele que	*seja quem for*
cada um	*qualquer outro*
fosse quem fosse	*seja qual for*

• OBSERVAÇÕES

a) *Pronomes indefinidos invariáveis* que funcionam como pronomes substantivos: **tudo, nada, alguém, ninguém, quem, algo, que, outrem.**

*Ninguém conseguiu dizer **nada**.*
(pronomes substantivos indefinidos)

b) *Pronomes indefinidos invariáveis* que funcionam como pronomes adjetivos: **cada, menos, mais.**

*Mais amor, **menos** confiança,*
é o que diz o provérbio.
(pronomes adjetivos indefinidos)

Cada coisa no seu lugar.

Tudo estava tão caro, que
*comprei **menos** do que precisava.*
(pronomes substantivos indefinidos)

c) *Os pronomes indefinidos variáveis* ora funcionam como pronomes substantivos ora como pronomes adjetivos.

*Todo dia deseja-se **bastante** dinheiro*
*com **pouco** esforço.*
(pronomes adjetivos indefinidos)

*Alguns falaram, **poucos** ouviram,*
*e **nenhum** fez aparte.*
(pronomes substantivos indefinidos)

d) Deve-se ficar atento à colocação de certos pronomes na frase, pois podem mudar de sentido e também de classe gramatical.

Certos homens valem a pena.
(pronome indefinido / = alguns)

*Homens **certos** valem a pena.*
(adjetivo / = adequados)

Bastante

- Anteposto ao substantivo: *pronome adjetivo indefinido.*

*Eles disseram **bastantes** asneiras. (= muitas)*

- Posposto ao substantivo: *adjetivo.*

Eles não foram homens *bastantes. (= suficientes)*
Bastantes adultos não são adultos **bastantes.**
[pron. adj. indefinido (=muitos): anteposto]
[adjetivo (= suficientes): posposto]

- **Bastante** pode ser advérbio se modificar o sentido de um verbo ou de um adjetivo.

*Você já falou **bastante** hoje.*
(modificando verbo)

*Ele está **bastante** molhado.*
(modificando adjetivo)

Todo

- Anteposto ao substantivo: *pronome adjetivo indefinido.*

***Todo** homem morre. (= qualquer)*

*Estudo **todo** dia. (= todos os dias, sem exceção)*

- Posposto ao substantivo: *adjetivo.*

*O homem **todo** morre. (= inteiro)*
*Estudo o dia **todo**. (= inteiro)*

- Todo é usado como advérbio, significando inteiramente, quando modifica o sentido de um adjetivo.

*O menino estava **todo** molhado. (=completamente)*

ATENÇÃO!

*Gramáticos, como Domingos Paschoal Cegalla e Evanildo Bechara, aceitam **todo** sendo advérbio flexionando-se em gênero e número. Entretanto, a norma não recomenda a flexão.*

*Elas estavam **todas** sujas.*

*Os meninos estavam **todos** molhados.*

Muito, pouco, mais, tanto, menos

- Podem ser *pronomes adjetivos indefinidos* (antepostos a substantivos).

*Muito pano, **pouca** camisa.*

*Mais chuva em **certos** dias.*

- Podem ser *advérbios* (modificando verbos, adjetivos ou outro advérbio).

*Ela fala **muito**, porque está **muito** alegre.*
(verbo) (adjetivo)

*Paula veste-se **muito** bem.*
(advérbio)

Certo / Certa / Certos / Certas

- Podem ser *pronomes adjetivos indefinidos* (anteposto a substantivo).

*Tinha **certo** ar de superioridade.*

*Conheci um **certo** Maurício das Cebolas.*

***Certos** exercícios valerão pontos.*

- Podem ser *adjetivos* (posposto a substantivo).

*Não somos pessoas **certas**.*

*Os exercícios **certos** valerão nota.*

- Podem ser *advérbios* quando estiver modificando o sentido de um verbo.

*Ele falou **certo**.*

*Deus escreve **certo** por linhas tortas.*

Vário / Vária / Vários / Várias

- Podem aparecer no singular, concordando com o substantivo.

*Ela está com **vária** dúvida.*

*Chega gente de **vário** lugar.*

*Chega gente de espécie **vária**.*

Algum / Alguns / Alguma / Algumas

- Quando antepostos ao substantivo, têm valor afirmativo, e, quando pospostos, valor negativo.

***Alguma** coisa me diz que*
(= qualquer - afirmativo)
*não sobrará coisa **alguma**.*
(= nenhuma - negativo)

ATENÇÃO!

*Posposto ao substantivo, **algum (alguma)** não admite plural.*

***Errado:** Ele não sabe coisas **algumas**.*

***Certo:** Ele não sabe coisa **alguma**.*

Cada / Cada um / Cada uma

- Não se usam tais formas sozinhas, são sempre *pronomes adjetivos.*

Certo: *Receberam dez pacotes **cada um**.*

Errado: *Receberam dez pacotes **cada**.*

Nenhum / Nenhuns / Nenhuma / Nenhumas

- Esses pronomes não podem ser usados no plural quando pospostos ao substantivo.

Errado: *Ele não sabe coisas **nenhumas**.*

Certo: *Ele não sabe coisa **nenhuma**.*

Um / Uma / Uma / Umas

- A palavra **um(a)** pode ser:

- numeral
- artigo indefinido
-pronome indefinido

- **UM é numeral quando seguido de só, somente, único, apenas ou indicar claramente quantidade:**

a) quando se percebe claramente que seu plural é **dois**;
b) quando se pode pospor a ele **só** ou **único;**
c) quando se pode antepor a ele **somente, só, apenas**;
d) quando a frase apresenta uma construção paralela empregando outro numeral.

*Tenho **um** irmão.* *Tenho **dois** irmãos.*

*Tenho **um** só irmão. = Tenho **um único** irmão.*

*Tenho **somente um** irmão. = Tenho **só um** irmão.*

*Tenho **um** irmão e **duas** irmãs.*

*Encontrei **uma** saída para o impasse.*
*Encontrei **duas** saídas para o impasse.*

*Encontrei **uma só** / **uma única** saída para o impasse.*

*Encontrei **somente** / **apenas** / **só** uma saída para o impasse.*

- **UM é artigo indefinido quando equivaler a qualquer:**

a) quando a ideia for de indeterminação do substantivo;

b) quando expressar a ideia de **qualquer** (pode-se trocá-lo pelo pronome **qualquer** ou pospor ao substantivo o pronome **qualquer).**

*Ganhei **um** livro de histórias. = Ganhei **qualquer** livro de histórias. **ou** Ganhei **um** livro de história **qualquer**. (Entenda-se dessa forma: **Ganhei um livro de histórias que não se quis especificar.**)*

*Fui abordado por **uma** mulher na rua. = Fui abordado por **qualquer** mulher na rua. **ou** Fui abordado por **uma** mulher **qualquer** na rua. (Entenda-se assim: **Fui abordado por uma mulher qualquer na rua que não se quis especificar.**)*

- **UM é pronome indefinido quando equivaler a algum:**

a) quando anteposto ao substantivo expressar ideia vaga, imprecisa;

b) quando for substituível pelo pronome **algum;**

c) quando vem geralmente empregado o pronome indefinido **outro.**

***Um** dia lhe digo o que aconteceu.*

***Algum** dia lhe digo o que aconteceu.*

***Uma** e outra bebida faz bem.*

***Alguma** e outra bebida fazem bem.*

***Um** gosta de futebol, outro de basquete.*

PRONOMES INTERROGATIVOS

Servem para introduzir uma pergunta.

VARIÁVEIS	INVARIÁVEIS
Qual...? Quais...?	Que...?
Quanto...? Quantas...?	Quem...?

Os interrogativos são usados nas interrogações diretas e indiretas.

__Que__ está fazendo?
__Quem__ disse tal coisa?
__Qual__ deles é mais estudioso?
} diretas (?)

*Quero saber **quantos** alunos vieram.*
*Pergunto **quais** os teus desejos.*
*Dize-me **quem** faltou.*
} indiretas (.)

- Os pronomes interrogativos são os mesmos pronomes indefinidos, com outra função na frase.
- Os pronomes interrogativos **que, quem** são pronomes substantivos.

***Que** queres? **Quem** está aí?*

- Os pronomes interrogativos **qual, quanto** podem ser pronomes substantivos ou pronomes adjetivos.

__Qual__ delas você escolheu? (pron. adj. inter.)
__Qual__ você quer? (pron. subst. inter.)

As interrogativas indiretas são introduzidas:

a) por expressões do tipo:

Quero saber / *Desejo saber* } **quem** quebrou a vidraça.

Queremos saber / *Desejamos saber* } **quantas** pessoas virão hoje.

Gostaria de saber / *Desejaria saber* } **que** achas da festa.

b) pelos verbos perguntar, indagar, dizer (verbos dicendi)

*Pergunto **quanto** custa.*
*Indago-te **quem** chegou.*
*Diga-me **que** horas são.*
*Dize **qual** das blusas tu queres.*

- **As perguntas diretas são marcadas pelo ponto de interrogação:**

__Quantos__ caixotes você trouxe?
__Quem__ pediu um sanduíche?

- Os pronomes **que, quem, quanto, qual** não introduzindo perguntas diretas ou indiretas podem ser pronomes indefinidos ou relativos.

*Diga-lhe **quem** faltou.* (= pedido ou ordem)
(pronome substantivo indefinido)

*Não seria ele **quem** gritava?* (= o qual)
(pronome relativo)

*Diga-me **quem** falou.*
(pergunta indireta = Quem falou?)
(pronome substantivo interrogativo)

PRONOMES POSSESSIVOS

São os que se referem às pessoas do discurso, indicando posse.

Singular	1ª. pessoa	meu, minha, meus, minhas
	2ª. pessoa	teu, tua, teus, tuas
	3ª. pessoa	seu, sua, seus, suas
Plural	1ª. pessoa	nosso, nossa, nossos,nossas
	2ª. pessoa	vosso, vossa, vossos, vossas
	3ª. pessoa	seu, sua, seus, suas

• OBSERVAÇÕES

a) *Concordam com o objeto possuído.*

__meu__ livro - __meus__ livros
__sua__ casa - __suas__ casas

b) *As formas __seu, sua__ aplicam-se indiferentemente ao possuidor da 3ª pessoa do singular ou da 3ª pessoa do plural.*

Ele perdeu __seu__ tempo esperando. (o tempo dele)
Eles perderam __seu__ tempo esperando.
(o tempo deles)

c) *Os pronomes possessivos podem ser substituídos pelos pronomes oblíquos __me, te, se, lhe (s), nos, vos.__*

João fitava-__me__ os olhos. (= os meus olhos)
Achei-__lhe__ o relógio. (= o seu relógio)
Tomaram-__nos__ o lugar. (= o nosso lugar)
Quero-__vos__ o carro. (= o vosso carro)

d) *Se se mudar a posição dos pronomes possessivos, muda-se ocasionalmente o sentido da frase.*

__Meu__ filho. (um só do sexo masculino)
Filho __meu__. (todos de ambos os sexos)
__Suas__ fotografias.
(fotografias pertencentes ao proprietário)
Fotografias __suas__.
(fotografias em que a pessoa é retratada)

COLOCAÇÃO PRONOMINAL

Colocação dos pronomes átonos em:

a) **Próclise:** pronomes átonos antes do verbo.

*Depois **te** contarei.*

b) **Mesóclise:** pronomes átonos intercalados ao verbo.

*Contar-**te**-ei.*

c) **Ênclise:** pronomes átonos após o verbo.

*Conto-**te** depois.*

Quando se usam os pronomes átonos perto de verbo, são possíveis três formas de colocação:

Próclise ⇒ verbo ⇐ Ênclise

⇑

Mesóclise

PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS ÁTONOS	
Oblíquos Átonos	me - te - se - nos vos - o(a) - lhe(s) (e variações)

Colocação com um verbo

PRÓCLISE
• Palavra negativa
• advérbio curto (sem vírgula)
• pronomes { indefinidos substantivos / demonstrativos substantivos / relativos }
• conjunções subordinativas
• gerúndio precedido da preposição **em**
• orações { interrogativas / exclamativas / optativas (=desejo) }
• infinitivo pessoal preposicionado

MESÓCLISE
• futuro do { presente / pretérito }
*Se NÃO houver caso de próclise

ÊNCLISE
• início de frase
• imperativo afirmativo
• advérbio virgulado
• gerúndio sem preposição **em**
• optativas com sujeito posposto

Colocação com dois verbos

em LOCUÇÕES VERBAIS	em TEMPOS COMPOSTOS
auxiliar + **principal** no { infintivo / gerúndio }	auxiliar + **part. passado** terminado em **DO, GO, TO, SO**
Sem Casos de Próclise	
ênclise no { auxiliar ou principal }	**ênclise** só no auxiliar
Com Casos de Próclise	
próclise no auxiliar ou **ênclise** no principal	**próclise** no auxiliar ou **próclise** no principal

Casos proibidos

1) Início de frase.
Se deixou levar pelo medo.
*(certo) Deixou-**se** levar pelo medo.*

2) Depois de ponto e vírgula.
*Falou pouco; **se** lembrou de tudo.*
*(certo) Falou pouco; lembrou-**se** de tudo.*

3) Depois de particípio.
*Tinha lembrado-**se** do fato.*
*(certo) Tinha **se** lembrado do fato.*

4) Depois de futuros do indicativo.
*Darei-**te** outra chance.*
*(certo) Dar-**te**-ei outra chance.*

Alguns exemplos de colocação:

__Não__ lhe digo nada.
(advérbio de negação ou palavra negativa)

Ele __nunca__ me contou.
(advérbio de tempo ou palavra negativa)

__Sempre__ me lembro dela.
(advérbio de tempo)

__Devagar__ ela nos respondeu.
(advérbio de modo)

Caramba, __tudo__ vos acontece!
(pronome indefinido)

Comprastes o livro __que__ vos pedi?
(pronome relativo)

__Alguém__ te mostrou o menino __que__ te agredira?
(pron. indefinido e pronome relativo)

Bons ventos o levem! (oração optativa)

Quanto se estuda inutilmente às vezes!
(oração exclamativa)

Quem te mandou aqui? (oração interrogativa)

__Quem__ te mandou aqui não conhece a escala de serviço.(pronome indefinido)

Acredito __que__ nos ligarão hoje.
(conjunção subordinativa integrante)

__Caso__ ele se calasse, tudo estaria bem.
(conjunção subordinativa condicional)

"Nesta terra, __em__ se __plantando__ tudo dá ..."
(gerúndio precedido da prep. em)

__Por__ te __queixares__ à toa, caístes no ridículo.
(infinitivo pessoal com preposição)

As ordens eram __para__ nos __levarem__ até você.
(infinitivo pessoal com preposição)

• OBSERVAÇÕES

a) *Nas frases optativas, se o sujeito vier depois do verbo (posposto), usa-se a ênclise:*

*Proteja-nos, **Deus!***
*Valha-me, **Nossa Senhora!***

b) *Se houver pausa (na escrita, vírgula) entre o advérbio e o verbo, recomenda-se a ênclise:*

Agora, negam-se a depor.
Aqui, consertam-se bicicletas.

Casos de mesóclise

A próclise prevalece sobre a mesóclise.

condição: verbo no futuro { do presente / do pretérito }

Obedecer-lhe-emos. (futuro do presente)
Obedecer-lhe-íamos. (futuro do pretérito)
Falar-te-ei depois. (futuro do presente)
Entregar-vos-ia, se pudesse. (futuro do pretérito)

• OBSERVAÇÕES

Mesmo com verbo no futuro do presente ou no futuro do pretérito, havendo casos que exijam a próclise, esta prevalece:

__Depois__ te falarei.
(o advérbio de tempo atrai o pronome)

__Não__ vos entregaria.
(o advérbio de negação atrai o pronome átono)

__Sempre__ lhe obedeceremos.
(o advérbio de tempo atrai o pronome)

__Talvez__ lhe obedeceríamos.
(o advérbio de dúvida atrai o pronome)

Casos de ênclise

a) No início de orações.
b) Com imperativo afirmativo.
c) Com gerúndio não precedido da preposição ***em.***
d) Com advérbio virgulado.

*Pedro, mexa-**se** rápido.*
(imperativo afirmativo)

*João entrou; sentou-**se**, contou-**me** algo horrível.*
(início de oração)

*Nesta terra, plantando-**se** tudo dá.*
(gerúndio sem preposição **em**)

*Lá adiante, saudava-**nos** o povo.*
(advérbio virgulado)

ATENÇÃO!

Não havendo exigência de próclise nem de ênclise, pode-se colocar o pronome átono antes ou depois do verbo.

*Os meninos **se** sentaram à mesa.*
(ou)
*Os meninos sentaram-**se** à mesa.*

Colocação Pronominal { em locuções verbais / em tempos compostos

Colocação Pronominal em locuções verbais { No infinitivo / No gerúndio

Verbo auxiliar + verbo principal

Com as locuções verbais (formadas de verbo auxiliar + verbo principal no infinitivo e no gerúndio), não havendo casos que exijam a próclise, pode-se colocar o pronome depois do verbo auxiliar ou depois do verbo principal.

Ênclise

a) Sem casos de próclise:

*Quero falar-**lhe** algo.* (ênclise no infinitivo)
*Quero-**lhe** falar agora.* (ênclise no auxiliar)
*Estou dizendo-**lhe** tudo.* (ênclise no gerúndio)
*Estou-**lhe** dizendo pouco.* (ênclise no auxiliar)
*Devemos-**lhe** dizer a verdade.* (ênclise no auxiliar)
*Devemos dizer-**lhe** verdade.*(ênclise no infinitivo)
*Vinham-**me** acompanhando.* (ênclise no auxiliar)
*Vinham acompanhando-**me**.* (ênclise no gerúndio)

b) Com casos de próclise:

*Agora **lhe** devemos dizer a verdade.*
(próclise no auxiliar)
*Agora devemos dizer-**lhe** a verdade.*
(ênclise ao principal)

*Todos **me** vinham acompanhando.*
(próclise no auxiliar)
*Todos vinham acompanhando-**me**.*
(ênclise ao principal)

ATENÇÃO!

Com infinitivos impessoais, a colocação será sempre facultativa.
*Devemos agora **lhe** dizer a verdade.*
*Devemos agora dizer-**lhe** a verdade.*

Colocação pronominal nos tempos compostos

Verbo auxiliar + particípio passado terminando em **DO, GO, TO, SO.**

Com os tempos compostos (formados de auxiliar + principal no particípio passado), coloca-se o pronome átono depois do verbo auxiliar, não havendo casos que exijam próclise.

*Haviam-**me** convidado ontem.*
*Tinham-**te** avisado.*

• OBSERVAÇÕES

Havendo, nos tempos compostos, casos que exijam a próclise, coloca-se o pronome átono antes do verbo auxiliar.

*Não **me** haviam convidado.*
(próclise com o adv. de negação)

*Já **te** tinham avisado.*
(próclise com o adv. de tempo)

*Alguns **se** tinham rebelado.*
(próclise com o pronome indefinido)

*Alguns não **se** tinham rebelado.*
(próclise com o adv. de negação ou palavra negativa)

A próclise em relação ao verbo principal também é possível.

*Não tinham **se** revelado na ocasião.*

VERBOS

Palavra variável em pessoa, número, tempo, modo e voz que exprime uma ação, um estado, um fenômeno, um fato, representados no tempo.

Quando lemos as seguintes frases

*O português **desbravou** os mares.*
*O capitão **estava** aflito.*
*Na Amazônia, **chove** muito.*
***Aconteceram** muitas mortes nesses últimos dias.*

entendemos que

*O português praticou determinada **ação**.*
*O capitão se encontrava em certo **estado**.*
*Na Amazônia, ocorre com frequência dado **fenômeno**.*
*O número de mortes é um **fato** concreto.*

Portanto, as palavras *desbravou, estava, chove* e *aconteceram* são verbos.

FLEXÕES DO VERBO

Número - singular (flexão de número)
Pessoa - 1ª pessoa (flexão de pessoa)
Modo - modo indicativo (flexão de modo)
Tempo - pretérito perfeito (flexão do tempo)

Ao conjunto de flexões verbais, dá-se o nome de **conjugação**.

Número

- **Singular** - quando o verbo se refere a uma pessoa ou coisa: estudo, estudas, estuda...
- **Plural** - quando o verbo tem por sujeito mais de uma pessoa ou coisa: estudamos, estudais, estudam...

Pessoa

O verbo flexiona-se para indicar as três pessoas do discurso no singular e no plural.

Singular	Plural
eu	1ª nós
tu	2ª vós
ele, ela	3ª eles, elas

Desinências

As flexões de pessoa e de número são indicadas por terminações, as desinências pessoais, também chamadas desinências número-pessoais ou, simplesmente, desinências verbais.

Presente do Indicativo		Pretérito Perfeito do Indicativo	
singular	plural	singular	plural
o	mos	i	mos
s	is / des	ste	stes
	m	u	ram

Modo

Chamam-se modos as diferentes formas que toma o verbo para indicar a atitude da pessoa que fala em relação ao fato que enuncia.

Há três modos em português:

- **Indicativo** - exprime atitude de certeza.

  Estudei muito para ser o que sou.

- **Subjuntivo** - exprime atitude de dúvida, desejo ou possibilidade.

  Se vieres a Belo Horizonte, vem visitar-me.

- **Imperativo** - exprime atitude de vontade (ordem, convite, conselho, súplica, pedido).

  *"Senhor, **tende** piedade de nós".*

FORMAS NOMINAIS DO VERBO

São formas nominais do verbo o infinitivo, o gerúndio e o particípio.

Recebem esse nome porque, além do valor verbal, podem ter a função de nomes (substantivo, adjetivo, advérbio).

- **Infinitivo** - é uma forma verbal que enuncia a ação, o estado, o fato ou o fenômeno de modo vago ou indefinido.

  a) Pessoal: ligado às pessoas do discurso. É conjugável.

andar eu	*andar**mos** nós*
*andar**es** tu*	*andar**des** vós*
andar ele	*andar**em** eles*
partir eu	*part**imos** nós*
*partir**es** tu*	*part**ides** vós*
partir ele	*part**irem** eles*

  b) Impessoal: não é flexionável. É o nome do verbo, servindo para indicar apenas a conjunção.

amar:	*1ª conjugação*
pôr / vender:	*2ª conjugação*
partir:	*3ª conjugação*

- **Infinitivo impessoal** - forma locuções verbais ou certas orações reduzidas.

- **Infinitivo pessoal** - só forma orações reduzidas.

• OBSERVAÇÃO

O infinitivo pode apresentar-se:

***a)** substantivado:*

*O **amar** é lutar. (impessoal)*

***b)** não-flexionado:*

*Os senhores podiam **empregar** meios menos cruéis. (impessoal)*

***c)** flexionado:*

*É para **aprenderem** que eu ensino. (pessoal)*

- **Gerúndio -NDO** - é uma forma verbal que apresenta o fato com valor durativo e equivale a um advérbio ou a um adjetivo.

  *" Saudade! Olhar de minha mãe **rezando***
  *E o pranto lento **deslizando** em fio ...*
  Saudade! Amor da minha terra ... o rio
  *Cantiga de águas claras **soluçando**".*

- **Particípio -ADO - IDO -DO -TO -GO -SO** é uma forma verbal que corresponde a um adjetivo e, como tal, pode flexionar-se, em certos casos, em número e gênero.

  *O Brasil foi **colonizado** pelos portugueses.*

  *Voltou da guerra com um dos braços **amputados**.*

  *Merecem ser **lidas** as obras de Machado de Assis.*

EMPREGO DOS TEMPOS VERBAIS

Tempo é a variação que indica o momento em que se dá o fato expresso pelo verbo.

Três são os tempos naturais:

presente - pretérito - futuro

Tempos do Indicativo

O **presente** enuncia o fato como atual.

***Sou** estudioso; os colegas de classe me **admiram**.*

***Leio** uma revista instrutiva.*

***Falamos** corretamente o vernáculo.*

• OBSERVAÇÃO

*O **Presente do Indicativo** pode expressar não só um fato atual, mas também*

*a) uma **ação habitual** ou uma faculdade do sujeito, dissociadas da ideia de tempo.*

*A terra **gira** em torno do Sol.*
(Está sempre girando.)

*b) uma **ação passada**, principalmente para dar maior vivacidade a certas narrações.*

*Caxias **assume** o comando e **derrota** o inimigo.*
(assumiu) (derrotou)

*c) uma **ação futura**.*

*Amanhã eu **falo** com você. (= falarei)*

- **Pretérito** se refere a fatos passados em relação ao momento em que falamos.
  perfeito - ação totalmente concluída.
  imperfeito - ação inacabada.
  mais-que-perfeito - ação anterior à outra ação passada.

- **Pretérito imperfeito:** indica, normalmente, uma ação anterior à atualidade, que não estava concluída quando se verificou outro fato passado.

***Cantava**, quando ela entrou na sala.*
***Lia** coisas boas.*
***Falávamos** corretamente nossa língua.*

• OBSERVAÇÃO

*O **Imperfeito do Indicativo**, a mais complexa em expressividade das formas do pretérito, denota, por vezes, apenas:*

a) uma ação durativa no passado.

***Ia** sozinha a moça.*

b) uma ação vaga.

Era uma vez, um lindo rapaz...

c) uma ação frequentativa, isto é, que se repetia no passado.

*Ana **acordava** cedo.*

- **Pretérito perfeito:** diz respeito a um fato já concluído em época passada.

***Fui** estudioso, os colegas da classe me aplaudiram.*

***Li** uma revista feminina.*

• OBSERVAÇÕES

*• O **Pretérito Perfeito do indicativo**, na forma simples, indica uma ação completamente acabada:*

***Estudei** a matéria e **fui** aprovado no concurso.*

• Quando composto, exprime geralmente a repetição de um fato ou a sua continuidade.

***Tenho lido** coisas úteis.*

***Tenho viajado** ultimamente.*

- **Pretérito mais-que-perfeito:** expressa um fato anterior a outro fato que também é passado.

*Cheguei à casa do rapaz, mas ele **já partira**.*
(fato passado) (fato passado, anterior ao primeiro fato)

(pretérito perfeito)

*Não **salvei** nada em casa,*
*porque a enchente **arrastara** tudo.*
(pretérito mais-que-perfeito)

• OBSERVAÇÃO

*O **Pretérito-mais-que-perfeito** do indicativo na forma simples, hoje pouco usada, pode equivaler também ao pretérito imperfeito do subjuntivo ou ao futuro do pretérito.*

*Se mais mundo **houvera** (houvesse),*
*lá **chegara** (chegaria).*

- **Futuro do presente:** enuncia um fato que deve realizar-se num tempo vindouro com relação ao momento presente.

*Serei feliz e **viverei** harmoniosamente.*

Viajaremos pelo Brasil em breve.

Conquistarei o mundo.

• OBSERVAÇÃO

*O **Futuro do Presente** pode ser usado com valor de imperativo.*

*Honrarás teu pai e tua mãe. Não **matarás**.*
(= Honre) (= mates)

- **Futuro do pretérito:** expressa um fato posterior com relação a outro fato já passado; frequentemente, o outro fato já passado é dependente do primeiro e inclui uma condição.

*Chegaríamos primeiro, **tivéssemos** condição.*
"chegaríamos" = fato posterior. "tivéssemos" = fato passado, dependente do primeiro e inclui condição.

• OBSERVAÇÃO

*O **Futuro do Presente** e o **Futuro do Pretérito** podem indicar incerteza sobre fatos presentes e passados, como se verifica em:*

*Naquela cidade, **haverá** umas cinquenta casinhas.*
(=haveria)

*No edifício, arruinado **haveria** uns doze apartamentos.*
(=haverá).

Tempos do Subjuntivo

- O **presente** traduz uma ação subordinada à outra, e que se desenvolve no momento atual; expressa dúvida, possibilidade, suposição; pode ainda formar frases isoladas, manifestando desejo (frases optativas).

*Espero que **passem** no vestibular.*

*Pode bem ser que o colega te **passe** a perna.*

Deixe o cansaço e você verá.

Seja feliz.

*Deus te **guie**.*

Passe bem.

- O **Pretérito imperfeito** diz uma ação passada, mas posterior e dependente de outra ação passada.

*O professor **receou** que eu **desistisse** do curso.*
(= ação passada) (= ação passada, mas posterior e dependente da primeira)

*Eu **duvidava** que ele **fizesse** a viagem.*
(ação passada) (ação passada, mas posterior e dependente da primeira)

• OBSERVAÇÃO

*O **Pretérito Imperfeito** expressa, frequentemente, condição (oração adverbial); forma, também, frases optativas.*

*Se **pudéssemos**, participaríamos do torneio. (condição)*
*Oxalá Deus me **ouvisse**. (optativa = desejo)*

- O **Futuro** expressa ação vindoura condicional, temporal ou conformativa dependente de outra ação também futura.

*Quando se **esgotarem** todos os recursos, apelaremos.*

*Se **for** preciso, nós te ajudaremos.*

*Faremos como **julgarmos** melhor.*

• OBSERVAÇÃO

*O **Futuro do Subjuntivo** pode ocorrer também em orações adjetivas.*

*Os alunos que **chegarem** atrasados serão punidos.*

*As pessoas a quem **ajudardes** vos ajudarão também.*

RESUMO: EMPREGO DE UM TEMPO PELO OUTRO

Presente pelo { *passado* / *futuro* / *imperativo*

Imperfeito pelo { *presente* / *futuro do pretérito*

Mais-que-perfeito pelo imperfeito subjuntivo.

Futuro pelo { *presente (dúvida)* / *imperativo*

Infinitivo { *impessoal (sem referente com suj. indeterminado ou em locução verbal)* / *pessoal (com sujeito próprio)* / *valor de imperativo*

Particípio { *regular: voz ativa (ter / haver)* / *irregular: voz passiva (ser /estar)*

TEMPOS PRIMITIVOS E TEMPOS DERIVADOS

Tempos Primitivos

São os que dão origem a outros tempos chamados derivados. Há dois tempos primitivos e uma forma nominal que dão origem aos outros tempos e outras formas nominais.

Presente do Indicativo

- 1ª pessoa do singular forma { *presente do subjuntivo* { imperativo negativo (completo) / imperativo afirmativo (**você, nós, vocês**)
- 2ª pessoa do singular forma imperativo afirmativo (**tu** sem a letra **s**)
- 2ª pessoa do plural forma imperativo afirmativo (**vós** sem a letra **s**)

Pretérito Perfeito do Indicativo

3ª pessoa do plural forma { Pretérito mais-que-perfeito do indicativo / Pretérito imperfeito do subjuntivo / Futuro do subjuntivo

Infinitivo Impessoal forma { Futuro do presente do indicativo / Futuro do pretérito do indicativo / Pretérito imperfeito do indicativo / Infinitivo pessoal / Gerúndio, Particípio } formas nominais

Para exemplificar, tomemos como modelo o verbo ***cantar***.

a) A primeira pessoa do singular do presente do indicativo forma todo o presente do subjuntivo.

Presente do Indicativo *(1ª pessoa singular)*	**Presente do Subjuntivo**
Canto- **o** + **e** (1ª conj.) / **a** (2ª, 3ª conj.)	Cante
Cantas	Cantes
Canta	Cante
Cantamos	Cantemos
Cantais	Canteis
Cantam	Cantem

b) A terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo forma o pretérito-mais-que-perfeito do indicativo, o pretérito imperfeito do subjuntivo e o futuro do subjuntivo.

Perfeito do Indicativo	**Mais-que-perfeito do Indicativo**	**Imperfeito do Subjuntivo**	**Futuro do Subjuntivo**
(3ª pes. pl.)	(desin.: **ra**)	(desin.: **sse**)	(desin.: **r**)
	cantara	cantasse	cantar
	cantaras	cantasses	cantares
	cantara	cantasse	cantar
	cantáramos	cantássemos	cantarmos
	cantáreis	cantásseis	cantardes
	cantaram	cantassem	cantarem
cantaram ➔	(- **m final**)	(- **ram** + **sse**)	(- **am**)

c) O infinitivo impessoal forma os tempos do pretérito imperfeito do indicativo, o futuro do presente do indicativo, o futuro do pretérito do indicativo e as formas nominais (infinitivo pessoal, gerúndio e particípio).

Infinitivo	Pretérito Imperfeito do Indicativo	Futuro do Presente do Indicativo	Futuro do Pretérito do Indicativo
	cantava	cantarei	cantaria
	cantavas	cantarás	cantarias
	cantava	cantará	cantaria
	cantávamos	cantaremos	cantaríamos
	cantáveis	cantareis	cantaríeis
	cantavam	cantarão	cantariam
cantar ➔	**(- R + VA)**	**(+ EI + ÁS)**	**(+ IA)**

Formação do Imperativo

1 - **Afirmativo**: as pessoas **TU** e **VÓS** vêm do presente do indicativo sem o **"s"** final.
O restante é formado a partir do presente do subjuntivo.

2 - **Negativo**: é o próprio presente do subjuntivo acompanhado da palavra **"não"**.

Passear

PRESENTE DO INDICATIVO	IMPERATIVO AFIRMATIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
passeio	---	passeie	---
passeias ⇒	passeia	passeies	não passeies
passeia	passeie	⇐ **passeie**	não passeie
passeamos	passeemos	⇐ **passeemos**	não passeemos
passeais ⇒	passeai	passeeis	não passeeis
passeiam	passeiem	⇐ **passeiem**	não passeiem

Fazer

PRESENTE DO INDICATIVO	IMPERATIVO AFIRMATIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO	Imperativo Negativo
faço	---	faça	---
fazes ⇒	faze tu	faças	não faças tu
faz	faça você	⇐ **faça**	não faça você
fazemos	façamos nós	⇐ **façamos**	não façamos nós
fazeis ⇒	fazei vós	façais	não façais vós
fazem	façam vocês	⇐ **façam**	não façam vocês

Ir

PRESENTE DO INDICATIVO	IMPERATIVO AFIRMATIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
vou	---	vá	---
vais ⇒	vai	vás	não vás
vai	vá	⇐ **vá**	não vá
vamos	vamos	⇐ **vamos**	não vamos
ides ⇒	ide	vades	não vades
vão	vão	⇐ **vão**	não vão

CLASSIFICAÇÃO DOS VERBOS

Verbos Abundantes

Em geral, possuem duas formas de particípio passado.

VERBOS NOTÁVEIS NO PARTICÍPIO PASSADO

Infinitivo	Particípio regular	Particípio irregular
absorver	absolvido	absolto
aceitar	aceitado	aceito
acender	acendido	aceso
assentar	assentado	assento
benzer	benzido	bento
corrigir	corrigido	correto
desenvolver	desenvolvido	desenvolto
dispersar	dispersado	disperso
distinguir	distinguido	distinto
eleger	elegido	eleito
emergir	emergido	emerso
encher	enchido	cheio
entregar	entregado	entregue
envolver	envolvido	envolto
enxugar	enxugado	enxuto
erigir	erigido	ereto
expelir	expelido	expulso
expressar	expressado	expresso
exprimir	exprimido	expresso
expulsar	expulsado	expulso
extinguir	extinguido	extinto
findar	findado	findo
fixar	fixado	fixo
frigir	frigido	frito

Infinitivo	Particípio regular	Particípio irregular
fritar	fritado	frito
tingir	tingido	tinto
ganhar	ganhado	ganho
vagar	vagado	vago
imergir	imergido	imerso
imprimir	imprimido	impresso
incorrer	incorrido	incurso
inserir	inserido	inserto
isentar	isentado	isento
juntar	juntado	junto
desenvolver	desenvolvido	desenvolto
limpar	limpado	limpo
malquerer	malquerido	malquisto
matar	matado	morto
misturar	misturado	misto
morrer	morrido	morto
murchar	murchado	murcho
ocultar	ocultado	oculto
omitir	omitido	omisso
prender	prendido	preso
romper	rompido	roto
salvar	salvado	salvo
secar	secado	seco
segurar	segurado	seguro
soltar	soltado	solto
submergir	submergido	submerso
sujeitar	sujeitado	sujeito
suprimir	suprimido	supresso
suspender	suspendido	suspenso

• OBSERVAÇÕES

a) Os particípios dos verbos abundantes recebem a seguinte classificação:
*• **regulares**: terminados em **ado** ou **ido**.*
*• **irregulares**: terminados em **go, to, so, do**.*

*b) Os particípios regulares são, geralmente, empregados na voz ativa com os auxiliares **ter** e **haver**.*

*O caçador **havia matado** o leão.*

*Todos **tinham acendido** suas tochas.*

*c) Os particípios irregulares são em geral empregados na voz passiva com os auxiliares **ser** e **estar**.*

*O leão havia **sido morto** pelo caçador.*
*Todas as tochas **foram acesas** imediatamente.*

d) Muitas vezes, as formas irregulares não passam de meros adjetivos.

*Vinho **tinto**.*
*Redação **correta**.*

*e) O verbo **trazer**, como a maioria dos verbos, só apresenta um particípio: **trazido**.*

f) Há verbos abundantes (termiandos em -zer) que apresentam duas formas de imperativo para a 2ª pessoa do singular.

Traz tu
Traze tu
Faz tu
Faze tu

Verbos Defectivos

São aqueles aos quais faltam certas formas.

Distribuem-se em:

1 - **Defectivos quanto à eufonia (1º grupo):** sem a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, sem todo o presente do subjuntivo e sem as formas do imperativo tomadas do presente do subjuntivo: *abolir, colorir, soer, banir, retorquir, exaurir, delinquir, puir etc.*

2 - **Defectivos quanto à eufonia (2º grupo):** sem as formas rizotônicas do presente do indicativo, sem todo o presente do subjuntivo e sem as formas do imperativo (com exceção da 2ª pessoas do plural): *reaver, explodir, precaver-se, falir, remir, adequar-se etc.*

3 - **Defectivos quanto à significação (1º grupo):** verbos sem sujeito ou verbos cujo sujeito normalmente só aparece na 3ª pessoa: *grassar, gear, ventar, trovejar etc.*

• OBSERVAÇÃO

*Há alguns verbos como caber, poder e querer que são defectivos do ponto de vista **semântico**, no que diz respeito às formas imperativas. Do ponto de vista gramatical, apresentam conjugação completa.*

Pode-se verificar a defectividade de um verbo conjugando-o na primeira pessoa do presente do indicativo. Se a pronúncia se confundir com a de outro verbo ou se não houver eufonia, trata-se de um verbo defectivo.

falir: eu falo (confunde-se com o verbo falar).

soer: eu soo (confunde-se com o verbo soar).

remir: eu remo (confunde-se com o verbo remar) ou eu rimo (confunde-se com o verbo rimar).

abolir: eu abulo (confunde-se com eu a bulo) (verbo bulir + o pronome átono a = eu mexo com ela).

CONJUGAÇÃO

Conjugar um verbo é fazê-lo passar por todas as modificações que denotam o modo, o tempo, a pessoa, o número e a voz.

A conjugação é constituída de radical (ou radicais) acrescido de características modais e temporais e de desinências pessoais e numéricas (flexões).

CONJUGAÇÃO DE VERBOS REGULARES

- Tempos Simples

Terminações dos tempos simples e formas nominais:

*1ª conjugação - tema em **a** - andar*

*2ª conjugação - tema em **e** - mover*

*3ª conjugação - tema em **i** - partir*

• OBSERVAÇÃO

Para conjugar qualquer verbo regular, você terá, apenas, que ajustar o seu radical às terminações da respectiva conjugação (1ª, 2ª, ou 3ª).

Para exemplificar, serão conjugados os verbos ***andar (1ª conjugação), mover (2ª conjugação)*** e ***partir (3ª conjugação).***

MODO INDICATIVO

	Presente	Pretérito imperfeito	Pretérito perfeito
1ª. and	o as a amos ais am	ava avas ava ávamos áveis avam	ei aste ou amos astes aram
2ª. mov	o es e emos eis em	ia ias ia íamos íeis iam	i este eu emos estes eram
3ª. part	o es e imos is em	ia ias ia íamos íeis iam	i este iu imos istes iram

	Pretérito mais-que-perfeito	Futuro do presente	Futuro do pretérito
1ª. and	ara aras ara áramos áreis aram	arei arás ará aremos areis arão	aria arias aria aríamos aríeis ariam
2ª. mov	era eras era êramos êreis eram	erei erás erá eremos ereis erão	eria erias eria eríamos eríeis eriam
3ª. part	ira iras ira íramos ireis iram	irei irás irá iremos ireis irão	iria irias iria iríamos iríeis iriam

MODO SUBJUNTIVO

	Presente	Pretérito imperfeito
1ª. and	e es e emos eis em	asse asses asse ássemos ásseis assem
2ª. mov	a as a amos ais am	esse esses esse êssemos êsseis essem
3ª. part	a as a amos ais am	isse isses isse íssemos ísseis issem

MODO IMPERATIVO

	Futuro	Afirmativo	Negativo
1ª. and	ar ares ar armos ardes arem	– a e emos ai em	– es e emos eis em
2ª. mov	er eres er ermos erdes erem	– e a amos ei am	– as a amos ais am
3ª. part	ir ires ir irmos irdes irem	– e a amos i am	– as a amos ais am

Conjugação	Infinitivo: Não flexionado	Infinitivo: Flexionado	Gerúndio	Particípio
1ª. and	ar	ar, ares, ar, armos, ardes arem	ando	ado
2ª. mov	er	er, eres, er, ermos, erdes, erem	endo	ido
3ª. part	ir	ir, ires, ir, irmos, irdes, irem	indo	ido

SUBSÍDIOS PARA CONJUGAÇÃO DE VERBOS REGULARES

cantar	bater	partir
Modo indicativo		
Presente		
canto	bato	parto
cantas	bates	partes
canta	bate	parte
cantamos	batemos	partimos
cantais	bateis	partis
cantam	batem	partem
Pretérito Imperfeito		
cantava	batia	partia
cantavas	batias	partias
cantava	batia	partia
cantávamos	batíamos	partíamos
cantáveis	batíeis	partíeis
cantavam	batiam	partiam
Pretérito Perfeito		
cantei	bati	parti
cantaste	bateste	partiste
cantou	bateu	partiu
cantamos	batemos	partimos
cantastes	batestes	partistes
cantaram	bateram	partiram

Pretérito mais-que-perfeito		
cantara	batera	partira
cantaras	bateras	partiras
cantara	batera	partira
cantáramos	batêramos	partíramos
cantáreis	batêreis	partíreis
cantaram	bateram	partiram
Futuro do Presente		
cantarei	baterei	partirei
cantarás	baterás	partirás
cantará	baterá	partirá
cantaremos	bateremos	partiremos
cantareis	batereis	partireis
cantarão	baterão	partirão
Futuro do Pretérito		
cantaria	bateria	partiria
cantarias	baterias	partirias
cantaria	bateria	partiria
cantaríamos	bateríamos	partiríamos
cantaríeis	bateríeis	partiríeis
cantariam	bateriam	partiriam
Modo subjuntivo		
Presente		
cante	bata	parta
cantes	batas	partas
cante	bata	parta
cantemos	batamos	partamos
canteis	batais	partais
cantem	batam	partam
Pretérito Imperfeito		
cantasse	batesse	partisse
cantasses	batesses	partisses
cantasse	batesse	partisse
cantássemos	batêssemos	partíssemos
cantásseis	batêsseis	partísseis
cantassem	batessem	partissem
Futuro		
cantar	bater	partir
cantares	bateres	partires
cantar	bater	partir
cantarmos	batermos	partirmos
cantardes	baterdes	partirdes
cantarem	baterem	partirem

Formas Nominais		
Gerúndio	Infinitivo	Particípio
cantando	cantar	cantado
batendo	bater	batido
partindo	partir	partido

Imperativo		
Afirmativo		
canta tu	bate tu	parte tu
cante você	bata você	parta você
cantemos nós	batamos nós	partamos nós
cantai vós	batei vós	parti vós
cantem vocês	batam vocês	partam vocês

Negativo			
Não	cantes tu	batas tu	partas tu
	cante você	bata você	parta você
	cantemos nós	batamos nós	partamos nós
	canteis vós	batais vós	partais vós
	cantem vocês	batam vocês	partam vocês

TEMPOS COMPOSTOS (ter/haver + particípio)

Modo indicativo			
Pretérito Perfeito Composto		Pretérito mais-que-perfeito Composto	
tenho		tinha	
tens	cantado	tinhas	cantado
tem	batido	tinha	batido
temos	partido	tínhamos	partido
tendes		tínheis	
têm		tinham	
Futuro do Presente Composto		Futuro do Pretérito Composto	
terei		teria	
terás	cantado	terias	cantado
terá	batido	teria	batido
teremos	partido	teríamos	partido
tereis		teríeis	
terão		teriam	

Modo Subjuntivo		
Pretérito Perfeito Composto		
que	tenha tenhas tenha tenhamos tendes têm	cantado batido partido
Pretérito mais-que-perfeito Composto		
se	tivesse tivesses tivesse tivéssemos tivésseis tivessem	cantado batido partido
Futuro Composto		
quando	tiver tiveres tiver tivermos tiverdes tiverem	cantado batido partido

Formas Nominais Compostas	
Infinitivo Composto	Gerúndio Composto
ter cantado ter batido ter partido	tendo cantado tendo batido tendo partido

TEMPOS COMPOSTOS

Quanto à formação, os tempos compostos da voz ativa constituem-se dos verbos auxiliares TER ou HAVER + particípio do verbo que se quer conjugar, dito principal.

No modo Indicativo, os tempos compostos são formados da seguinte maneira:

- **pretérito perfeito:** presente do indicativo do auxiliar + particípio do verbo principal.
- **pretérito mais-que-perfeito:** pretérito imperfeito do indicativo do auxiliar + particípio do verbo principal.
- **futuro do presente:** futuro do presente do indicativo do auxiliar + particípio do verbo principal.
- **futuro do pretérito:** futuro do pretérito indicativo do auxiliar + particípio do verbo principal.

No modo Subjuntivo, a formação se dá da seguinte maneira:

- **pretérito perfeito:** presente do subjuntivo do auxiliar + particípio do verbo principal.
- **pretérito mais-que-perfeito:** imperfeito do subjuntivo do auxiliar + particípio do verbo principal.
- **futuro composto:** futuro do subjuntivo do auxiliar + particípio do verbo principal.

Quanto às formas nominais, elas são formadas da seguinte maneira:

- **infinitivo composto:** infinitivo pessoal ou impessoal do auxiliar + particípio do verbo principal.
- **gerúndio composto:** gerúndio do auxiliar + particípio do verbo principal.

O modo subjuntivo apresenta três pretéritos, sendo o imperfeito na forma simples e o perfeito e o mais-que-perfeito nas formas compostas.

CLASSIFICAÇÃO DOS VERBOS

QUANTO À FUNÇÃO

- **AUXILIARES**

São aqueles que, na frase, não possuem sentido próprio, pois estão ajudando a compor uma **locução verbal** (verbo auxiliar + infinitivo ou gerúndio) ou um **tempo composto** (TER ou HAVER + particípio) ou **voz passiva** (ser / estar + particípio).

• OBSERVAÇÕES

Os verbos auxiliares podem indicar aspecto semântico.

*Ele **pode** viver. (possibilidade)*

***Continua** andando. (continuidade)*

- **PRINCIPAIS**

São aqueles que têm significado pleno na frase.

***Vendemos** a casa.*

*O trem **partiu** cedo.*

*Ela **ama** os filhos.*

QUANTO AO ASPECTO

- **AUMENTATIVO**

Transmite ideia de exagero, COM PREFIXO:

Esbravejar *Retorcer* *Alevantar*

- **DIMINUTIVO**

Ideia de ação menor em relação à normal, COM SUFIXO:

*Adoc**icar*** *Escrev**inhar***
*Beber**icar*** *Namor**icar***

- **INCOATIVO**

Ideia de início de ação ou fenômeno, COM SUFIXO:

*Amanhe**cer*** *Alvore**cer***
*Flore**scer*** *Amadure**cer***

- **FREQUENTATIVO**

Ideia de repetição da ação ou processo, COM SUFIXO:

*Chora**mingar*** *Pestane**jar***
*Esbrave**jar*** *Cabece**ar***

- **ONOMATOPAICO**

Pavonear (do pavão)	Engatinhar (de gato)	Patinhar (de pato)
Cavalgar (de cavalo)	Cricrilar (de grilo)	Serpentear (de serpente)

VERBOS REFLEXIVOS

São os que se conjugam com pronomes átonos do caso oblíquo (com função de objeto OD / OI), na pessoa idêntica à do sujeito:

*Eu **me** cortei.*
Eu (sujeito) - 1ª pessoa.
me (objeto) - 1ª pessoa.

*Ela **se dá** ares de importante.*
Ela (sujeito) - 3ª pessoa.
se (objeto) - 3ª pessoa.

No primeiro exemplo, o pronome exerce a função de objeto direto e, no segundo, de objeto indireto. Outros verbos reflexivos: *coçar-se, despedir-se, embonecar-se, enfeitar-se, enforcar-se, ferir-se, lavar-se, machucar-se, maquiar-se, pentear-se, pintar-se, trancar-se, vestir-se...*

VERBOS PRONOMINAIS

São os que se conjugam com pronomes átonos integrantes, ou seja, com pronomes que não exercem função sintática e fazem parte intrínseca do verbo.

esquecer-se, lembrar-se, tornar-se, avir-se, compadecer-se, condoer-se, dignar-se, esforçar-se, regozijar-se, suicidar-se, ufanar-se, zangar-se...

*Ela **se tornou** freira.*
*Ela **se lembrava** de tudo.*
*Eu **me arrependi** do que fiz.*
*Ela **se queixa** do frio.*

Nas frases acima os pronomes são integrantes, ou seja, não exercem fução sintática, por isso os verbos são pronominais.

A seguir, exemplos de **conjugação de um verbo reflexivo *(vestir-se)*** e **de um verbo pronominal *(zangar-se).***

VESTIR-SE

INDICATIVO

Presente: visto-me, vestes-te, veste-se, vestimo-nos, vestis-vos, vestem-se.
Pretérito Perfeito: vesti-me, vestiste-te, vestiu-se, vestimo-nos, vestistes-vos, vestiram-se.
Pretérito Imperfeito: vestia-me, vestias-te, vestia-se, vestíamo-nos, vestíeis-vos, vestiam-se.
Pretérito mais-que-perfeito: vestira-me, vestiras-te, vestira-se, vestíramos-nos, vestíreis-vos, vestiram-se.
Futuro do Presente: vestir-me-ei, vestir-te-ás, vestir-se-á, vestir-nos-emos, vestir-vos-eis, vestir-se-ão.
Futuro do Pretérito: vestir-me-ia, vestir-te-ias, vestir-se-ia, vestir-nos-íamos, vestir-vos-íeis, vestir-se-iam.

SUBJUNTIVO *(Nos tempos deste modo, o pronome aparece proclítico por causa das atrativas **que, se, quando.**)*

Presente: que me vista, que te vistas, que se vista, que nos vistamos, que vos vistais, que se vistam.
Pretérito Imperfeito: se me vestisse, se te vestisses, se se vestisse, se nos vestíssemos, se vos vestísseis, se se vestissem.
Futuro: quando me vestir, quando te vestires, quando se vestir, quando nos vestirmos, quando vos vestirdes, quando se vestirem.

IMPERATIVO

Imperativo Afirmativo: veste-te, vista-se, vistamo-nos, vesti-vos, vistam-se.
Imperativo Negativo: não te vista, não se vista, não nos vistamos, não vos vistais, não se vistam.
Infinitivo Impessoal: vestir-se.
Infinitivo Pessoal: vestir-se, vestires-te, vestir-se, vestirmo-nos, vestirdes-vos, vestirem-se.
Gerúndio: vestindo-se.
Particípio: (não se usa com pronome enclítico).

ZANGAR-SE

INDICATIVO

Presente: zango-me, zangas-te, zanga-se, zangamo-nos, zangais-vos, zangam-se.
Pretérito Perfeito: zanguei-me, zangaste-te, zangou-se, zangamo-nos, zangastes-vos, zangaram-se.
Pretérito Imperfeito: zangava-me, zangavas-te, zangava-se, zangávamo-nos, zangáveis-vos, zangavam-se.
Pretérito-mais-que-perfeito: zangara-me, zangaras-te, zangara-se, zangáramo-nos, zangáreis-vos, zangaram-se.
Futuro do Presente: zangar-me-ei, zangar-te-ás, zangar-se-á, zangar-nos-emos, zangar-vos-eis, zangar-se-ão.
Futuro do Pretérito: zangar-me-ia, zangar-te-ias, zangar-se-ia, zangar-nos-íamos, zangar-vos-íeis, zangar-se-iam.

SUBJUNTIVO *(Nos tempos deste modo, o pronome aparece proclítico por causa das atrativas **que, se, quando.**)*

Presente: que me zangue, que te zangues, que se zangue, que nos zanguemos, que vos zangueis, que se zanguem.
Pretérito Imperfeito: se me zangasse, se te zangasses, se se zangasse, se nos zangássemos, se vos zangásseis, se se zangassem.
Futuro: quando me zangar, quando te zangares, quando se zangar, quando nos zangarmos, quando vos zangardes, quando se zangarem.

IMPERATIVO

Imperativo Afirmativo: zanga-te, zangue-se, zanguemo-nos, zangai-vos, zanguem-se.
Imperativo Negativo: não te zangues, não se zangue, não nos zanguemos, não vos zangueis, não se zanguem.
Infinitivo Impessoal: zangar-se.
Infinitivo Pessoal: zangar-me, zangares-te, zangar-se, zangarmo-nos, zangardes-vos, zangarem-se.
Gerúndio: zangando-se.
Particípio: (não se usa com pronome enclítico).

O PROBLEMA DOS VERBOS DERIVADOS

entre	VER	ob	TER	ad	VIR
ante		entre		desa	
pre		man		inter	
re		re		pro	
		de		sobre	
		con		con	

PÔR e seus derivados:			
antepor	expor	dispor	apor
impor	propor	compor	indecompor
pressupor	contrapor	indispor	recompor
decompor	interpor	repor	depor
justapor	sotopor	descompor	opor
superpor	dispor	pospor	supor
entrepor	prepor	transpor	sobrepor

ALGUNS PADRÕES DE CONJUGAÇÃO

PRESENTE DO INDICATIVO			
Vir	Ver	Ter	Pôr
eu venho	eu vejo	eu tenho	eu ponho
tu vens	tu vês	tu tens	tu pões
ele **vem**	ele **vê**	ele **tem**	ele põe
nós **vimos**	nós vemos	nós temos	nós pomos
vós vindes	vós vedes	vós tendes	vós pondes
eles **vêm**	eles **veem**	eles **têm**	eles põem

PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO			
Vir	Ver	Ter	Pôr
eu vim	eu vi	eu tive	eu pus
tu vieste	tu viste	tu tiveste	tu puseste
ele **veio**	ele viu	ele teve	ele pôs
nós **viemos**	nós **vimos**	nós tivemos	nós pusemos
vós viestes	vós vistes	vós tivestes	vós pusestes
eles vieram	eles viram	eles tiveram	eles puseram

PRESENTE DO SUBJUNTIVO			
Vir	Ver	Ter	Pôr
que	*que*	*que*	*que*
eu venha	eu veja	eu tenha	eu ponha
tu venhas	tu vejas	tu tenhas	tu ponhas
ele venha	ele veja	ele tenha	ele ponha
nós venhamos	nós vejamos	nós tenhamos	nós ponhamos
vós venhais	vós vejais	vós tenhais	vós ponhais
eles venham	eles vejam	eles tenham	eles ponham

FUTURO DO SUBJUNTIVO			
Vir	Ver	Ter	Pôr
quando	*quando*	*quando*	*quando*
eu vier	eu vir	eu tiver	eu puser
tu vieres	tu vires	tu tiveres	tu puseres
ele vier	ele vir	ele tiver	ele puser
nós viermos	nós virmos	nós tivermos	nós pusermos
vós vierdes	vós virdes	vós tiverdes	vós puserdes
eles vierem	eles virem	eles tiverem	eles puserem

INFINITIVO			
vir	ver	ter	pôr

GERÚNDIO			
vindo	vendo	tendo	pondo

PARTICÍPIO			
vindo	visto	tido	posto

Tempos Compostos: formados a partir de um verbo auxiliar **(ter e haver)** mais um particípio do verbo principal.

MODO INDICATIVO			
1 - Pretérito Perfeito (auxiliar no presente)			
hei		tenho	
hás		tens	amado
há	ou	tem	vendido
havemos		temos	partido
haveis		tendes	
hão		têm	
2 - Pretérito mais-que-perfeito (auxiliar no pretérito imperfeito)			
havia		tinha	
havias		tinhas	
havia		tinha	amado
havíamos		tínhamos	vendido
havíeis		tínheis	partido
haviam		tinham	
3 - Futuro do Presente (auxiliar no futuro do presente)			
haverei		terei	
haverás		terás	
haverá		terá	amado
haveremos		teremos	vendido
havereis		tereis	partido
haverão		terão	
4 - Futuro do Pretérito (auxiliar no futuro do pretérito)			
haveria		teria	
haverias		terias	
haveria		teria	amado
haveríamos		teríamos	vendido
haveríeis		teríeis	partido
haveriam		teriam	

MODO SUBJUNTIVO		
5 - Pretérito Perfeito (auxiliar no presente)		
haja	tenha	
hajas	tenhas	
haja	tenha	amado
hajamos	tenhamos	vendido
hajai	tenhais	partido
hajam	tenham	
6 - Pretérito mais-que-perfeito (auxiliar no pretérito imperfeito)		
havia	tivesse	
havias	tivesses	
havia	tivesse	amado
havíamos	tivéssemos	vendido
havíeis	tivésseis	partido
haviam	tivessem	
7 - Futuro (auxiliar no futuro)		
houver	tiver	
houveres	tiveres	
houver	tiver	amado
houvermos	tivermos	vendido
houverdes	tiverdes	partido
houveram	tiveram	

FORMAS NOMINAIS	
8 - Infinitivo	9 - Gerúndio
ter ou haver	tendo ou havendo
amado, vendido, partido	amado, vendido, partido

FÓRMULA EQUIVALENTE

Tinha / Havia + part. = Pret.M.Q.Perf.(RA)

Tinha feito = fizera

Tinha estudado = estudara

No quadro a seguir, apresentamos as relações existentes entre tempos simples e compostos nos modos indicativo e subjuntivo.

	MODO INDICATIVO	MODO SUBJUNTIVO
Presente	**só tem forma simples:** fala, falas, fala...	**só tem forma simples:** fale, fales, fale...
Imperfeito	**só tem forma simples:** falava, falavas, falava...	**só tem forma simples:** falasse, falasses, falasse.
Perfeito	**forma simples:** falei, falaste, falou... **forma composta:** tenho falado, tens falado, tem falado...	**forma simples:** não existe **forma composta:** tenha falado, tenhas falado, tenha falado...
Mais-que-perfeito	**forma simples:** falara, falaras, falara... **forma composta:** tinhas falado, tinha falado, tinha falado...	**forma simples:** não existe. **forma composta:** tivesse falado, tivesses falado, tivesse falado...
Futuro	**do Presente**	**Do Subjuntivo**
	forma simples: falarei, falarás, falará... **forma composta:** terei falado, terás falado, terá falado...	**forma simples:** falar, falares, falar... **forma composta:** tiver falado, tiveres falado, tiver falado...
	do Pretérito	**do Pretérito**
	forma simples: falaria, falarias, falaria... **forma composta:** teria falado, terias falado, teria falado...	**forma simples:** não existe. **forma composta:** não existe.

Voz Passiva Analítica: formada a partir de dois verbos: **ser, estar, ficar, andar, viver, ver,** (auxiliares) + particípio passado (principal) terminando em: **DO, GO, TO, SO.**

A exemplo, será conjugado o verbo ***amar*** na voz passiva analítica.

Conjugação de um verbo { simples / composto } na voz passiva: **SER AMADO**

MODO INDICATIVO		
Tempos Simples	**Presente**	**Pretérito Imperfeito**
	sou és amado é somos sois amados são	era eras amado era éramos éreis amados eram
	Pretérito Perfeito	**Pret. mais-que-perfeito**
	fui foste amado foi fomos fostes amados foram	fora foras amado fora fôramos fôreis amados foram
	Futuro do Presente	**Futuro do Pretérito**
	serei serás amado será seremos sereis amados serão	seria serias amado seria seríamos seríeis amados seriam
Tempos Compostos	**Pretérito Perfeito**	**Pret. mais-que-perfeito**
	tenho tens sido amado tem temos tendes sido amados têm	tinha tinhas sido amado tinha tínhamos tínheis sido amados tinham
	Futuro do Presente	**Futuro do Pretérito**
	terei terás sido amado terá teremos tereis sido amados terão	teria terias sido amado teria teríamos teríeis sido amados teriam

MODO SUBJUNTIVO		
Tempos Simples	**Presente**	
	seja	
	sejas	amado
	seja	
	sejamos	
	sejais	amados
	sejam	
	Pretérito Imperfeito	
	fosse	
	fosses	amado
	fosse	
	fôssemos	
	fôsseis	amados
	fossem	
	Futuro	
	for	
	fores	amado
	for	
	formos	
	fordes	amados
	forem	
Tempos Compostos	**Pretérito Perfeito**	
	tenha	
	tenhas	sido amado
	tenha	
	tenhamos	
	tenhais	sido amados
	tenham	
	Pretérito Mais-que-perfeito	
	tivesse	
	tivesses	sido amado
	tivesse	
	tivéssemos	
	tivésseis	sido amados
	tivessem	
	Futuro Composto	
	tiver	
	tiveres	sido amado
	tiver	
	tivermos	
	tiverdes	sido amados
	tiverem	

FORMAS NOMINAIS		
Tempos Simples	**Infinitivo não flexionado**	
	ser amado	
	Infinitivo flexionado	
	ser	
	seres	amado
	ser	
	sermos	
	serdes	amados
	serem	
	Gerúndio	
	sendo amado	
Tempos Compostos	**Infinitivo não flexionado composto**	
	ter ser amado	
	Infinitivo flexionado composto	
	ter	
	teres	sido amado
	ter	
	termos	
	terdes	sido amados
	terem	
	Gerúndio Composto	
	tendo sido amado	

LOCUÇÕES VERBAIS

Por locução, entende-se a combinação de dois verbos; o primeiro é auxiliar (em sua forma simples ou composta) e o segundo é o verbo principal, o qual pode estar no infinitivo ou no gerúndio.

As mais importantes locuções verbais são:

1) **"Ter de" + verbo principal no infinitivo**, que expressa **obrigação**.

Tens de estudar para o vestibular.

*Você **terá de trabalhar** muito.*

2) **"Haver de" + verbo principal no infinitivo**, que expressa **intenção** ou **desejo**.

Hei de estudar para o concurso.
Haveremos de encontrar uma solução.

ATENÇÃO!

Nos dois primeiros casos, a preposição *de* pode ser substituída por ***que***.

3) **"Estar", "andar", "ir", "vir" + verbo principal no gerúndio**, que expressa **continuidade** da ação.

Estou lendo um romance.

*Você **anda estudando** para o concurso?*

*Vamos **vivendo** em paz.*

*Luana **vem descendo** a rua.*

4) Além das locuções verbais mencionadas, há outras. Normalmente, são formadas por um verbo auxiliar + verbo principal no infinitivo ou no gerúndio.

*À noite, **virei ouvir** música.*

*Fique tranquilo; o rapaz não **vai fugir**.*

- Na locução verbal, apenas o verbo auxiliar é flexionado em pessoa e número, modo e tempo. O verbo principal responde apenas pela regência da locução.

- Entre o verbo auxiliar e o infinitivo pode ou não haver preposição, dependendo do caso: **de, em, para, por, a...**).

Estou escrevendo a vocês.
Estou a escrever a vocês.

*Ana **anda falando** muito.*
*Ana **anda a falar** muito.*

Continuo escrevendo a vocês.
Continuo a escrever a vocês.

Comecei a escrever a vocês.
Desatei a escrever muito.

Principiei a ter calafrio.
Passei a sentir calafrio.

Estou terminando isso.
Estou para terminar isso.

*Ela **ia caindo** na rua.*
*Ela **ia cair** na rua.*

Acabo de escrever isso.
Parei de escrever isso.

Deixem de brigar à toa.
Desisti de falar com ela.

VERBOS CAUSATIVOS E SENSITIVOS

- Os verbos *deixar, fazer, mandar* (chamados causativos) e os verbos *ver, ouvir, sentir* (chamados sensitivos) não formam locução com infinitivo. O pronome átono que os acompanha funciona como sujeito, logo há duas orações.

*Deixe-**o** falar.*
sujeito de falar

*(= Deixe falar **o menino.**)*
sujeito de falar

*(= Deixe que **o menino** fale.)*
sujeito de falar

Cumpre lembrar a distinção entre locução verbal (na qual os verbos não se separam, formando um todo) e as orações reduzidas (em que o verbo na forma reduzida é separável do verbo anterior).

***Fiquei a ouvir** música até tarde.*

- **Locução verbal**: os dois verbos formam um todo inseparável.

***Esperei ouvir** música ao longe.*
*(= Esperei que **ouvisse música ao longe.**)*

- **Oração reduzida**: os dois verbos são separáveis, pertencendo cada um a uma oração distinta.

Esperei ⇒ oração principal
ouvir música ao longe ⇒ oração subordinada objetiva direta reduzida de infinitivo.

VOZES VERBAIS

Voz é a forma que o verbo assume para indicar a relação entre ele e o sujeito.

Três são as formas verbais:

- **Ativa** → sujeito agente
- **Passiva** → sujeito paciente
- **Reflexiva** → sujeito agente e paciente

Voz Ativa

Quando, normalmente, o sujeito exerce a ação expressa pelo verbo.

__Precisa-se__ de marceneiros.
O delegado __interrogou__ o preso.

Como se pode observar no segundo exemplo, o **delegado** é o sujeito (agente), porque praticou a ação de interrogar.

Voz Passiva

Quando o sujeito sofre a ação expressa pelo verbo.

A casa __fora construída__ pelo prefeito.
__Construiu-se__ a casa.

Nota-se, pelos exemplos dados, que a **casa** é o sujeito (paciente), porque recebe a ação centralizada pelo verbo.

Há duas maneiras de se construir a voz passiva:

1) Empregando-se dois verbos: passiva analítica.
2) Verbo + pronome **se**: passiva sintética.
(ambas se equivalem)

Este imóvel é vendido. = Vende-se este imóvel.

- **Passiva Analítica:**
  formada por **ser, estar (ou outro auxiliar)** + particípio do verbo principal.

A ponte	**foi demolida**	**pelos operários.**
⇑	⇑	⇑
sujeito (paciente)	verbo (ser + principal)	agente da passiva

O papel __foi cortado__ por mim.

A cama __será consertada__ por quem?

• OBSERVAÇÕES

Além do verbo **ser,** há outros auxiliares que, combinados com um particípio, podem formar a voz passiva.

Estão nesse caso verbos como: **estar, andar, viver, ficar, ir, vir**...

As tropas __estavam cercadas__ pelo inimigo.

Ela __ficou envelhecida__ pelos desgostos.

O presidente __vinha acompanhado__ de seus ministros.

- **Passiva Sintética:**
  também chamada passiva pronominal, é formada com um verbo na 3ª pessoa do singular ou plural + o pronome se.

Demoliu-se	**a ponte.**
⇑	⇑
verbo 3ª apassivador	sujeito
⇑	
pronome (paciente)	

__Cultiva-se__ o campo fértil.

__Alugam-se__ casas.

• OBSERVAÇÕES

1 *Com um verbo no infinitivo precedido de preposição, tem-se a __voz passiva de infinitivo__.*

Osso duro de __roer__. (= de ser roído)

O inimigo foi fácil de __vencer__. (= ser vencido)

Os índios levaram-no __a enterrar__.(= para ser enterrado)

2 *A voz passiva, de modo geral, só pode ser formada a partir de verbo transitivo direto ou verbo tansitivo direto e indireto.*

- Para se converter uma frase da voz passiva sintética para a voz passiva analítica, procede-se assim:

voz passiva sintética	Não se	destruiu	o prédio.
voz passiva analítica	Não foi	destruído	o prédio.
	*Troca-se o pronome **se** pelo verbo auxiliar conjugado na mesma forma em que estava o verbo da passiva sintética.*	*Passa-se o verbo da voz passiva sintética para o particípio.*	*O sujeito é o mesmo (paciente em ambos os casos).*

- Para se converter um verbo da voz ativa para a voz passiva analítica, coloca-se o verbo ativo no **particípio** e conjuga-se o verbo auxiliar **na mesma forma** em que estava o verbo ativo, fazendo a devida concordância com o sujeito.

Voz ativa	Os sociólogos ***recusaram*** os projetos.
Voz passiva	Os projetos foram ***recusados*** pelos sociólogos.

- Quando o verbo ativo vem precedido de um verbo auxiliar, este não sofre transformação na passagem para a voz passiva (exceto a exigida pela concordância).

  Como norma prática, pode-se proceder assim:
  a) Coloca-se o último verbo (o principal) no particípio.
  b) Conjuga-se o verbo ser na forma em que estava o verbo principal.

Voz ativa	O técnico ***está procurando*** uma solução.
Voz passiva	Uma solução ***está sendo procurada*** pelo técnico.

*O menino **atirou** uma pedra.* (Voz Ativa)

***Atirou-se** uma pedra.* (Voz Passiva Sintética)

*Uma pedra **foi atirada** pelo menino.* (Voz Passiva Analítica.)

Passando-se da ativa para a passiva sintética: troca-se o sujeito da ativa pelo se na passiva sintética.

Passando-se da ativa para a passiva analítica.

a) O complemento do verbo da voz ativa passa a ser sujeito na voz passiva analítica.

b) Coloca-se o verbo da voz ativa no particípio passado e usa-se o auxiliar (ser/estar) no mesmo tempo e pessoa do verbo ativo.

Voz Reflexiva

Quando o sujeito pratica e recebe ao mesmo tempo a ação expressa pelo verbo.

*Mariana **penteia-se** demoradamente.*

Cuida-te.
*Não **me penteio** bem.*

- Os pronomes reflexivos podem indicar reciprocidade.

Eles **se olharam** demoradamente.

• OBSERVAÇÕES

- A voz reflexiva é formada pela combinação de um verbo com o pronome oblíquo átono na mesma pessoa do sujeito.

- Com os **verbos** que indicam sentimentos, como **dignar-se, arrepender-se, queixar-se, atrever-se**, não há propriamente voz reflexiva, pois os **pronomes** integram o significado do verbo, sendo então classificados como **parte integrante** de um verbo pronominal, sem qualquer função sintática.
- Com os **verbos intransitivos**, como **ir-se, ajoelhar-se, sorrir-se etc.**, os pronomes aparecem apenas como realce, indicando muitas vezes espontaneidade de ação, não tendo também função sintática. **São partículas expletivas ou de realce.**

RESUMINDO...

VOZ VERBAL: é o modo pelo qual são acionados o sujeito e a ação expressa pelo verbo.

- **Ativa:** O sujeito é agente da ação.

*O menino **feriu** o irmão.*

- **Passiva:** O sujeito é paciente da ação.
  - **analítica:** verbo auxiliar + particípio passado.

*O irmão **foi ferido** pelo menino.*

  - **sintética**: verbo na 3ª pessoa e pronome apassivador SE.

Feriu-se o irmão.

- **Reflexiva:** O sujeito é agente e paciente da mesma ação.

*O menino imbecil **agredira-se.***

ACERCA DE VERBO:

- **Tempo Simples**: aquele em que o verbo é conjugado isoladamente, isto é, um só verbo é usado.

*Eu **cerco** tudo.*
*Tu **leras** muito.*
*Nós **ouviríamos** tudo...*

- **Tempo Composto**: formado de dois verbos: **ter, haver** (auxiliares) e outro verbo no particípio passado (principal).

*Eu **tenho cercado** tudo.*
*Tu **havias lido** muito.*
*Nós **teríamos ouvido** ...*

Observe a correspondência:

*Tu **leras*** (simples) = *Tu **havias lido*** (composto)
*Nós **ouviríamos*** (simples) = *Nós **teríamos ouvido*** (composto)

O tempo composto é um tipo de locução verbal.

- **Locução Verbal**: formada de dois verbos (auxiliar + principal no infinitivo ou no gerúndio).

*Eu **estou cercando** tudo.*
*Eu **estou a cercar** tudo.*

*Tu **andas lendo** muito.*
*Tu **tens de ler** muito.*

*Nós **vínhamos ouvindo...***
*Nós **estávamos a ouvir...***

- **Oração Reduzida**: aquela que não apresenta conjunção e traz o verbo reduzido nas formas normais de gerúndio, particípio, infinitivo.

Terminando
Terminada } a sessão, iremos todos a um restaurante.
Ao terminar

(= *Quando terminar* a sessão...)

- **Voz Passiva**: formada pelos verbos **"ser", "estar", "ficar" + verbo principal no particípio.**

*Toda ilha **é cercada** de água.*
*Ele **foi ferido** no acidente.*

NUMERAIS

São palavras que, de maneira precisa, indicam a quantidade em si ou servem para substituir ou modificar os nomes, denotando a quantidade dos seres ou apresentando-os como ordenados, multiplicados ou divididos.

Podem ser: cardinais, ordinais, multiplicativos e fracionários.

- **Cardinais:** designam a quantidade em si ou acompanham os substantivos indicando-lhe a quantidade.

  Dois e dois são quatro. Vinte dias.

- **Ordinais:** indicam a ordem de sucessão de seres numa dada série.

  Ele é o primeiro aluno da sala.

- **Multiplicativos:** indicam o aumento proporcional da quantidade, a sua multiplicação.

  Ela ganha o dobro do seu marido.

- **Fracionários:** indicam a diminuição proporcional da quantidade, a sua divisão.

  Vou comer um terço da pizza.

DICAS DE EMPREGO DE NUMERAIS

- Os ordinais como último, penúltimo, antepenúltimo, respectivos... não possuem cardinais correspondentes.

- Os fracionários têm como forma própria meio, metade e terço, todas as outras representações de divisão correspondem aos ordinais ou aos cardinais seguidos da palavra **avos** (quarto, décimo, milésimo, quinze avos).

- Designando séculos, reis, papas e capítulos, utiliza-se na leitura ordinal até décimo; a partir daí, usam-se os cardinais. (Luís XIV - quatorze, Papa Paulo II - segundo).

- Se o numeral vier antes do substantivo, será obrigatório o ordinal. (XX Bienal - vigésima, IV Semana de Cultura - quarta).

- **Zero** e **ambos(as)** também são numerais cardinais. 14 apresenta duas formas por extenso catorze e quatorze.

- A forma milhar é masculina, portanto não existe "algumas milhares de pessoas", e sim alguns milhares de pessoas.

- Alguns numerais coletivos: grosa (doze dúzias), lustro (período de cinco anos), sesquicentenário (150 anos).

- O numeral ***um*** indicando quantidade é artigo quando se opõe ao substantivo, indicando-o de forma indefinida.

EXERCÍCIOS

1 Há **ERRO** de flexão do substantivo em

a) Agora, as casas revelaram-se primitivas e paupérrimas, mas nas árvores, ainda persistentes, ficaram os bem-te-vis.

b) Da janela do trem, ouvindo o lento e ritmado som das máquinas, via os adeuses emocionados dos parentes...

c) Daqui posso ver o deserto das ruas e o céu imenso, repleto de estrelas, guardas-noturnos da minha solidão.

d) Irritou-se com a indiferença dos boas-vidas diante do sacrifício de seu filho.

e) Lembro-me disso: depois de cometida a injustiça, rebelaram-se todos os escrivães e tabeliões do município.

2 Observe os segmentos de frase do texto:
1) Aquelas pobres mulheres...
2) Um chinês muito velho...
3) A espontânea homenagem...
4) Naquela casa pequena...
5) Uma história inventada...

Transformando o adjetivo em substantivo, verifica-se **ERRO** de formação em

a) A pobreza daquelas mulheres...
b) A velhice de um chinês...
c) A espontaniedade da homenagem...
d) A pequenez daquela casa...
e) A invenção de uma história...

3 **NÃO** está efetuada a substituição do verbo da oração sublinhada por um nome correspondente em

a) "Dele esperamos **que resolva todos os problemas da relação.**"
"Dele esperamos a resolução de todos os problemas da relação."

b) "Qualquer filho descobre desde cedo **que os pais utilizam dois diálogos diferentes.**"
"Qualquer filho descobre desde cedo a utilização de dois diálogos diferentes pelos pais."

c) "Exige-se do paciente **que fale o tempo todo na terapia.**"
"Exige-se do paciente falar o tempo todo, na terapia."

d) "As boas freiras se esforçavam **para realizar em nós modelos de futuras dialogantes.**"
"As boas freiras se esforçavam para a realização em nós de modelos de futuras dialogantes."

e) "Temos oportunidades **de aplicar as coisas aprendidas.**"
"Temos oportunidade de aplicação das coisas aprendidas."

4 Assinale a alternativa em que a forma verbal em destaque tenha sido **CORRETAMENTE** empregada.

a) A babá **entretinha** os meninos enquanto eu cuidava do lanche.

b) A mãe **interviu** na briga e acalmou os ânimos.

c) Após o encontro, os operários **anteveram** uma melhora salarial.

d) **Preveu-se** que faria mau tempo no fim de semana.

5 Assinale a alternativa em que a classificação e a forma plural do termo sublinhado, indicadas entre parênteses, estejam **CORRETAS**.

a) O rapaz, que era **escrivão**, não tinha aprovação dos pais da noiva (adjetivo, escrivães)

b) Tomamos **bastante** cerveja na festa. (advérbio, bastantes)

c) Dei-lhes um **bom-dia** seco e saí. (substantivo composto, bons-dias)

d) Chego em **primeiríssimo** lugar. (numeral, primeiríssimos)

6 Todas as alternativas estão corretas com relação à colocação do pronome, **EXCETO**

a) Maria não vai casar-se outra vez.

b) Disseram-me que a joia era falsa.

c) Os presos já tinham rebelado-se mais de duas vezes no ano.

d) Vê-la-ia mais vezes se pudesse.

7 Na forma plural, todos os itens dos compostos grifados poderão ser flexionados, **EXCETO** em

a) Ele tenente-coronel.

b) Ganhei um vestido verde-claro.

c) O primeiro-ministro não quis gravar entrevista.

d) Você não come cachorro-quente?

8 Em todas as alternativas, o termo destacado restringe o significado do termo a que se refere, **EXCETO** em

a) Foi-me **penosa** a longa viagem pelo deserto.

b) Causou estranheza a sua **falsa** inocência.

c) Deslizava na montanha a **branca** neve.

d) Ficou na casa aquele móvel mais **velho**.

e) Considerou muito capaz o **jovem** aluno.

9 Em todas as alternativas, a forma destacada indica circunstância de modo, **EXCETO** em

a) É **extremamente** sóbria no que toca às suas despesas pessoais.

b) Devo ter me enrubescido **ridiculamente**, como donzela pudica.

c) Lucas Lesma passava **repetidamente** os dedos pela calva reluzente.

d) Da repartição foi **diretamente** para casa, evitando passar pelo bar.

e) Um pouco **maldosamente** observou que ela estava muito feliz.

10 O nome sublinhado modifica o verbo, funcionando, portanto, como advérbio, em todas as opções, **EXCETO**:

a) As primeiras mulheres pelas quais meu coração bateu forte eram estudantes **da USP**.

b) Vestem **solene** as calças ou as calcinhas.

c) O olhar vazio da maioria deitada **num sofá**, diz "eu sou bela, você não é".

d) O jeito da maioria **só** diz "eu sou bela, você não é."

e) Que **tanto** tomam banho, mudam de roupa, passam creme e fazem charme para as câmeras.

Gabarito

| 1-e | 2-c | 3 -c | 4-a | 5-c | 6-c | 7-b | 8-c | 9-a | 10-a |

PLURAL DAS PALAVRAS TERMINADAS EM ÃO

PRIMEIRO GRUPO – a maioria das palavras com "ão" no fim tem o plural com "ões": anfitriões, balões, botões, feijões, mamões, melões. Os aumentativos fazem parte deste grupo: facões, paredões, portões, narigões, piscinões.

SEGUNDO GRUPO – algumas poucas fazem "ães" no plural: alemães, cães, capelães, capitães, catalães, escrivães, tabeliães. Repare que neste grupo estão incluídas palavras que designam atividades profissionais (capitães, escrivães, tabeliães) e religiosas (capelães).

TERCEIRO GRUPO – um grupo pequeno alterna para "ãos" no plural: cidadãos, cortesãos, irmãos, cristãos, pagãos. Desse grupo, fazem parte as paroxítonas terminadas em "ão": acórdãos, bênçãos, órfãos, órgãos, sótãos.

QUARTO GRUPO – há palavras que aceitam duas ou três formas de plural, como aldeãos, aldeães, aldeões, anãos, anões, anciãos, anciães, anciões, castelãos, castelões, charlatães, charlatões, cirurgiães, cirurgiões, corrimãos, corrimões, ermitãos, ermitães, ermitões, faisães, faisões, guardiães, guardiões, refrãos, refrães, sacristãos, sacristães, verãos, verões, vilãos, vilães, vilões, vulcãos, vulcães, vulcões.

ALGUNS ADJETIVOS PÁTRIOS

LOCALIDADE	ADJETIVO PÁTRIO	LOCALIDADE	ADJETIVO PÁTRIO
Acre	acreano	**Cairo**	cairota
Afeganistão	afegane, afegão	**Calábria**	calabrês
Alagoas	alagoano	**Campinas**	campineiro, campinense
Amapá	amapaense	**Cartago**	cartaginês, púnico
Angola	angolano	**Catalunha**	catalão
Aracaju	aracajuense, aracajuano	**Chipre**	cipriota
Atenas	ateniense	**Córsega**	corso
Áustria	austríaco	**Costa Rica**	costariquenho
Belém (Palestina)	belemita	**Creta**	cretense
Belém (Pará)	belenense	**Croácia**	croata
Belo Horizonte	belo-horizontino	**Cuiabá**	cuiabano
Bizâncio	bizantino	**Curitiba**	curitibano
Boa Vista	boa-vistense	**El Salvador**	salvadorenho
Brasília	brasiliense	**Espírito Santo**	espírito-santense, capixaba
Buenos Aires	portenho	**Estados Unidos**	estadunidense, norte-americano, ianque
Cabo Frio	cabo-friense	**Etiópia**	etíope

LOCALIDADE	ADJETIVO PÁTRIO	LOCALIDADE	ADJETIVO PÁTRIO
Fernando de Noronha	noronhense	**Porto Alegre**	porto-alegrense
Flandres	flamengo	**Porto Rico**	porto-riquenho
Florença	florentino	**Porto Velho**	porto-velhense
Florianópolis	florianopolitano	**Preovença**	provençal
Fortaleza	fortalezense	**Provença**	provençal
Goiás	goiano	**Recife**	recifense
Grécia	grego, helênico	**Ribeirão Preto**	ribeirão-pretense, ribeirão--pretano, riberopretano
Havana	havanês	**Rio Branco**	rio-branquense
Índia	indiano, hindu	**Rio de Janeiro (cidade)**	carioca
Itapetininga	itapetiningano	**Rio de Janeiro (estado)**	fluminense
Itu	ituano	**Rio Grande do Norte**	rio-grandense-do-norte, norte-rio-grandense, poti-guar
Japão	japonês, nipônico	**Rio Grande do Sul**	rio-grandense-do-sul, sul--rio-grandense, gaúcho
Jerusalém	hierosolimitanom, hieroso-limita	**Rondônia**	rondoniense
João Pessoa	pessoense	**Roraima**	roraimense
Juiz de Fora	juiz-forense, juiz-forano	**Salvador**	salvadorense, soteropoli-tano
Macapá	macapaense	**Santa Catarina**	catarinese, barriga-verde
Maceió	maceioense	**São Luís**	são-luisense
Madagáscar /Madagascar	madagascarense, malgaxe	**São Paulo (cidade)**	paulistano
Manaus	manauense, manauara	**São Paulo (estado)**	paulista
Marajó	marajoara	**Sardenha**	sardo
Parma	parmesão	**Tocantins**	tocantinense
Pequim	pequinês	**Três Corações**	tricordiano
Petrópolis	petropolitano	**Vitória**	vitoriense

FORMAS REDUZIDAS DE ALGUNS ADJETIVOS PÁTRIOS			
LOCALIDADE	**ADJETIVO PÁTRIO**	**LOCALIDADE**	**ADJETIVO PÁTRIO**
África	afro-	**Europa**	euro-
Alemanha	germano- ou teuto-	**Finlândia**	fino-
América	américo-	**França**	franco-
Ásia	ásio-	**Galiza**	galaico- ou galego-
Austrália	australo-	**Grécia**	greco-
Áustria	austro-	**Índia**	indo-
Bélgica	belgo-	**Inglaterra**	anglo-
China	sino-	**Itália**	ítalo-
Dinamarca	dano-	**Japão**	nipo-
Espanha	hispano-	**Portugal**	luso-

GRAU DOS ADJETIVOS		
GRAU COMPARATIVO	**FORMAÇÃO**	**EXEMPLOS**
de superioridade	mais + adjetivo + que (do que)	*A garota é mais inteligente que seu irmão.*
de igualdade	tão + adjetivo + quanto (como)	*Ela é tão ágil quanto sua mãe.*
de inferioridade	menos + adjetivo + que (do que)	*O garoto é menos inteligente que sua irmã.*
GRAU SUPERLATIVO	**FORMAÇÃO**	**EXEMPLOS**
Absoluto sintético	acrescentam-se os sufixos -íssimo, -ílimo, -érrimo	*belíssimo, felicíssimo, facílimo, libérrimo*
Absoluto analítico	antepõem-se ao adjetivo os advérbios muito, bem, bastante, imensamente etc.	*muito fácil, bem pobre, bastante largo, imensamente bom*
Relativo de superioridade	antepõe-se o (a) ao comparativo de superioridade	*É o mais antigo prédio Foi a mais hábil professora.*
Relativo de inferioridade	antepõe-se o (a) ao comparativo de inferioridade	*O garoto é o menos inteligente da classe.*

COMPARATIVOS E SUPERLATIVOS IRREGULARES

GRAU DE ADJETIVOS			
COMPARATIVOS E SUPERLATIVOS IRREGULARES			
Adjetivo	Comparativo de Superioridade	Superlativo	
		Absoluto sintético	Relativo
bom	melhor	ótimo	o melhor
mau	pior	péssimo	o pior
grande	maior	máximo	o maior
pequeno	menor	mínimo	o menor
As formas sintéticas são usadas na comparação de substantivos. *Esta sala é **maior** que aquela.*			
As formas analíticas são usadas na comparação de adjetivos. *Esta sala é **mais grande** que confortável.*			
Com particípios, não se usam as formas sintéticas *melhor* e *pior*. Usam-se as formas analíticas *mais bem* e *mais mal.* *Ele está **mais bem preparado** para o concurso.*			
Nas relações de comparação, pode-se usar **que** ou **do que**. *Ela é mais bonita **que /do que** a mãe.*			

CONJUNÇÕES

CONJUNÇÕES COORDENATIVAS
01. de adição: e, nem, não só... mas também, não apenas... como ainda, não só...como também...
02. de adversidade (contraste/oposição): mas, contudo, entretanto, todavia, porém, no entanto, não obstante...
03. de alternância: ou, ou...ou, ora...ora, já...já, quer...quer, seja...seja...
04. de conclusão: portanto, logo, então, por isso, pois (posposto ao verbo), por conseguinte, assim, dessa forma, desse modo...
05. de explicação: que, porque, pois (anteposto ao verbo), porquanto...
CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS
06. de causa: visto que, já que, porque, como (em oração anteposta), haja vista, porquanto, uma vez que, dado que...
07. de consequência: tal que, tanto que, tão que, de modo que, de sorte que, de forma que..
08. de concessão (exceção à regra): embora, apesar de que, ainda que, mesmo que, em que pese, conquanto...
09. de conformidade: como, conforme, segundo, de acordo com...
10. de condição: se, caso, desde que, somente se, apenas se, a menos que, contanto que...
11. de tempo: já, agora, desde que, logo que, assim que, quando, enquanto, ao mesmo tempo que, mal...
12. de comparação: como, igual a, tanto quanto, mais...que, menos...que, tal qual...
13. de finalidade: a fim de, para que...
14. de proporcionalidade: à medida que, à proporção que, quanto mais...mais, quanto mais...menos...

PRONOMES RELATIVOS - EMPREGO	
PRONOME	**OBSERVAÇÃO**
PR	TODO PR retoma um termo antecedente com o qual mantém relações de sentido.
PR	Usa-se preposição antes de PR sempre que o termo posposto a ele exigir.
QUE / QUEM	Só devem ser precedidos de preposição monossilábica. Em caso de preposição com mais de uma sílaba, usa-se o qual (e variações).
QUEM	O pronome QUEM, quando seguido de VTD, será precedido da preposição A para efeitos de AJUSTE FONÉTICO. Trata-se de OD preposicionado.
	O pronome QUEM só pode ser usado para se referir a pessoas ou entes personificados.
ONDE	O pronome ONDE só pode ser usado para retomar lugar (não necessariamente geográfico). ONDE equivale a EM QUE.
CUJO	CUJO e variações devem ser empregados da seguinte forma: a) aparecem entre dois substantivos; b) indicam noção de posse (seu/sua); c) concordam com o termo consequente; d) retomam, como todo PR, um termo antecedente (perguntar de quem ao consequente); e) não admitem posposição de artigo; f) não apresentam sinônimos perfeitos (a frase demandará ajustes).
COMO	Só será PR depois das palavras FORMA, MANEIRA, JEITO, MODO ou sinônimos. Equivale a COM QUE.
QUANTO	Só é PR depois de pronomes indefinidos ou demonstrativos. Equivale a QUE / O QUE.
QUE / O QUAL	Os pronomes QUE e O QUAL (e variações) podem se referir a coisas, pessoas ou lugares. O QUAL e variações concordam com o antecedente e fazem combinação ou contração com preposição, pois são precedidos de artigos.

PR= PRONOME RELATIVO

PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS ÁTONOS - FUNÇÕES SINTÁTICAS RESUMO DAS FUNÇÕES POSSÍVEIS DOS PRONOMES PESSOAIS					
PRONOMES	**SUJEITO DE ORAÇÕES REDUZIDAS DOS VERBOS CAUSATIVOS (MANDAR, DEIXAR, FAZER) E SENSITIVOS (VER, OUVIR, SENTIR).**	**OD - VTD/VTDI**	**OI - VTI/VTDI**	**ADJUNTO ADNOMIMAL (POSSE)**	**COMPLEMENTO NOMINAL**
O, AS, OS, AS (e variações)	SIM	SIM	NÃO	NÃO	NÃO
LHE/LHES (A ELE, A ELA)	NÃO	NÃO	SIM	SIM	SIM
ME, TE, SE, NOS, VOS	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM

COLOCAÇÃO PRONOMINAL

Quadro das colocações dos pronomes átonos de acordo com a norma culta da Língua Portuguesa no Brasil e em Portugal.

CASOS PROIBIDOS

1. Não se usa pronome oblíquo átono no início de frase. – *Descuidou-se do fato.*
2. Não se usa pronome oblíquo átono depois de ponto e vírgula (;). – Não se esqueceu do fato; lembrava-se de tudo.
3. Não se usa pronome oblíquo átono depois de particípio. – Tinha se distraído com a questão.
4. Não se usa pronome oblíquo átono depois de futuros do indicativo. – Contar-me-ia a verdade.

PRÓCLISE

REGRAS DE EMPREGO	EXEMPLOS
Quando antes do verbo existe qualquer palavra de valor negativo.	- Nada nos impede de sair logo daqui. - Ninguém o viu.
Nas orações ou frases interrogativas, exclamativas e optativas (As orações optativas exprimem desejo).	- Por que o prenderam ali? - Quanto me custou aquela atitude! - Quem me dera poder ir à Europa!
Quando há, antes do verbo, um advérbio (sem pausa). Havendo pausa, usa-se a ênclise.	- Talvez nos encontremos ainda hoje. - Aqui se fabricam móveis de estilo. Enfim, vejo-te feliz.(adv. com pausa)
Quando há, na oração, um pronome relativo ou conjunção subordinativa.	- Mal se viram, começaram a discutir. -O ser humano ama o outro que o faz feliz. - Se me visse, eu ficaria constrangida.
Quando antes do verbo há outro pronome: demonstrativo, indefinido, de tratamento, relativo, interrogativo. Trata-se de um caso de próclise por eufonia.	- Alguns se admiraram com a beleza do pôr do sol. - Aquilo me deixou encantada. V.Sa. o recebeu.
Com o verbo no gerúndio, regido de preposição em.	- Em se tratando de dinheiro, dirija-se ao caixa.
Nas orações coordenadas alternativas.	- Ou você fala agora, ou se cala para sempre.
Com o infinitivo flexionado, regido de preposição.	- Por me ajudares, serás recompensado.

MESÓCLISE

REGRAS DE EMPREGO	EXEMPLOS
Só se usa no futuro do presente ou no futuro do pretérito, desde que não haja, na oração, um fator de próclise. **Obs.: Não se usa pronome átono enclítico com verbos no futuro do presente e no futuro do pretérito.** Dir-***lhe***-ei algo. (certo) Direi-***lhe*** algo. (errado)	*- A jovem sentir-se-á segura se você a acompanhar.* *- O tempo devolver-te-á a tranquilidade.* **Observe**, porém: Ninguém **te** perturbará. (palavra negativa) *Nós **lhe** diremos a verdade.* (pronome) Assim, se houver palavra atrativa, a próclise prevalecerá.

ÊNCLISE	
REGRAS DE EMPREGO	**EXEMPLOS**
Na língua culta, não se inicia a frase com pronome átono; portanto, se a frase começar com verbo, será de rigor a ênclise.	*- Falaram-me que o espetáculo foi maravilhoso.* *- "Trago-te flores, restos arrancados..."*
Também nas frases imperativas afirmativas, usa-se a ênclise. **Obs.: Não se usa o pronome enclítico ao verbo no particípio, como em:** *Tenho deliciado-**me** com a leitura dos clássicos. (errado)*	*- Por favor, ajude-me a solucionar este problema!* *- Cuida-te,rapaz!*
Com os verbos no infinitivo e gerúndio, se não houver fator de próclise.	*- Vim mostrar-lhe as provas. (infinitivo)* *- Parou, olhando-me desconfiado. (gerúndio)*
Com os pronomes **o, a, os, as** e verbo no infinitivo não-flexionado regido de preposição a, por eufonia, usa-se a ênclise. Estavam ali a observá-lo. *(Observe o som da frase construída com próclise: Estavam ali a o observar).*	*Obs.: O infinitivo impessoal regido de preposição admite a próclise ou a ênclise, mesmo havendo fator de próclise:* ***Para** defender-se, atacou-o.* ***Para** se defender, atacou-o.* ***Para não** defender-se, saiu.* ***Para não** se defender, saiu.*

EMPREGO DOS PRONOMES ÁTONOS NOS TEMPOS COMPOSTOS

Tempos compostos **TER** e **HAVER** + **VERBO PRINCIPAL**

↓ ↓ ↓

verbos auxiliares — no particípio

↓ ↓

Tinha — *escrito*

Havia — *visto*

Nos tempos compostos, são possíveis as seguintes colocações pronominais:

a) **Se a frase começa com verbo:**

Têm- me enviado muitas informações.
Ênclise ao verbo auxiliar ou solto entre os dois.

Haviam- no visto lá pelos lados do mercado.
Ênclise ao verbo auxiliar.

b) Quando há fator de próclise:

Ninguém me tinha visto mesmo.

Ninguém tinha me visto mesmo.

Obs.: Não se usa o pronome enclítico quando o verbo está no particípio.

EMPREGO DOS PRONOMES ÁTONOS EM LOCUÇÕES VERBAIS

LOCUÇÕES VERBAIS COM INFINITIVO

a) **Se a frase não começa com verbo:**

Ele me devia acolher naquela hora. ⟶ **Próclise ao verbo auxiliar**

Ele devia me acolher naquela hora. ⟶ **Solto entre o auxiliar e o principal**

Ele devia acolher-me naquela hora. ⟶ **Ênclise ao verbo principal**

b) **Se a frase começa com verbo:**

Preciso me calar. / *Preciso calar-me.* — **Pronome entre o verbo auxiliar e principal ou depois do verbo principal**

LOCUÇÕES VERBAIS COM GERÚNDIO

a) **Se a frase não começa com verbo:**

O combustível se foi esvaindo.⟶ **Próclise ao verbo auxiliar**

O combustível foi-se esvaindo.⟶ **Ênclise ao verbo auxiliar**

O combustível foi esvaindo-se.⟶ **Ênclise ao verbo principal**

b) **Se a frase começa com verbo:**

Estava se adaptando à cidade grande.⟶ **Pronome entre o verbo auxiliar e principal**

Estava adaptando-se à cidade grande.⟶ **Pronome enclítico ao verbo principal**

VERBO AUXILIAR + PREPOSIÇÃO + INFINITIVO

a) **Se a frase não começa com verbo:**

Ele há de se acostumar.⟶ **Próclise ao verbo auxiliar**

Ele há de acostumar-se.⟶ **Ênclise ao verbo principal**

Ele se há de acostumar.⟶ **Próclise ao verbo auxiliar**

b) **Se a frase começa com verbo:**

Hão de se ajeitar.⟶ **Próclise ao verbo principal**

Hão de ajeitar-se.⟶ **Ênclise ao verbo principal**

Observação: As normas de colocação pronominal, no Brasil, não devem ser tomadas como inflexíveis visto que são, muitas vezes, determinadas pela eufonia ou pela ênfase.
Há, ainda, na língua falada e escrita no Brasil uma nítida preferência pela próclise, enquanto, em Portugal, há preferência pela ênclise.

COLOCAÇÃO PRONOMINAL

	OBRIGATÓRIO	RECOMENDADO	CONSIDERAÇÕES GERAIS
PRÓCLISE	Palavra de sentido negativo	Pronomes demonstrativos ou indefinidos em função substantiva	**CASOS PROIBIDOS:** 1) Em início de frase. 2) Depois de ponto e vírgula (;). 3) Depois de particípio (ADO / IDO/DO/ GO/TO/SO). 4) Depois de futuros do indicativo.
PRÓCLISE	Conjunção subordinada	Frases interrogativas, exclamativas e optativas (desejo)	
PRÓCLISE	Pronome relativo		
PRÓCLISE	Advérbio curto sem vírgula	**OBSERVAÇÕES FINAIS:** 1) Infinitvo impessoal - em geral vem precedido de preposição: A, DE, PARA. Nesse caso, pode-se usar próclise ou ênclise. *Ela tem medo de **se** entregar.* *Ela tem medo de entregar-**se**.* 2) Futuro do subjuntivo: vem precedido de conjunção (quando, caso, se...) ⇒ caso obrigatório de próclise. *Quando **se** lembrar do fato, será tarde.* └ A conjucação obriga a próclise. 3) Havendo vírgula, a ênclise será preferencial. *Hoje, fala-se em liberdade sexual.* 4) Apossínclise: trata-se da POSSIBILIDADE de colocação do pronome entre duas palavras atrativas ou antes da palavra atrativa. *O governo **se não** referiu ao caso.* *A questão a que **se não** referiu o rapaz foi encerrada.* 5) Colocação de pronomes em locuções verbais: Seguem-se as mesmas regras de colocação. *O governo **se** deve lembrar do fato.* *O governo deve **se** lembrar do fato.* *O governo deve-**se** lembrar do fato.* *O governo deve lembrar-**se** do fato.*	
PRÓCLISE	Gerúndio precedido de EM		
MESÓCLISE	Só poderá ser usada se não houver caso de próclise		
MESÓCLISE	Só poderá ser usada com futuros do indicativo		
MESÓCLISE	Será obrigatória se o verbo no futuro do indicativo iniciar a frase		
MESÓCLISE	Se não houver caso obrigatório de próclise nem de mesóclise, ambas as colocações serão possíveis		
ÊNCLISE	A ênclise só será obrigatória se a próclise for proibida		
ÊNCLISE	Se não houver obrigatoriedade ou proibição, as duas colocações serão possíveis		

PRONOMES DEMONSTRATIVOS - EMPREGO			
PRONOMES	**ESTE (S), ESTA (S), ISTO**	**ESSE (S), ESSA (S), ISSO**	**AQUELES (S), AQUELA (S), AQUILO**
Pessoa	1ª	2ª	3ª
Espaço	Perto do emissor	Perto do receptor	Distante dos interlocutores
Tempo	Presente	Passado ou futuro próximo	Passado distante
Enumeração	Útimo elemento	Elemento intermediário	Primeiro elemento
Texto / Trecho	Vai ser dito	Já disse	

Para se referir a um termo descontextualizado, admite-se o uso de esse(s), essa(s), este(s), estas(s).

As mulheres tiveram muitas conquistas ao longo dos últimos anos. Estas / Essas estão, em geral, ligadas ao trabalho e à liberdade sexual.

TEMPOS PRIMITIVOS E TEMPOS DERIVADOS			
	TEMPO PRIMITIVO	**TEMPO DERIVADO**	**CONJUGAÇÃO**
GRUPO 1	Presente do indicativo Base = 1ª sing - O	Presente subjuntivo	Base + E(Conj. AR)/Base + A(Conj. ER/OR/IR)
		Imperativo afirmativo	Presente subjuntivo. Exceto TU e VÓS, que vêm do presente do indicativo sem o "S"
		Imperativo negativo	Não + presente subjuntivo
GRUPO 2	Presente Perfeito Indicativo Base = 3ª plural-RAM	Pretérito mais-que--perfeito do indicativo	Base + RA (todas) e RE (vós)
		Pretérito imperfeito do subjuntivo	Base + SSE (há conector: se, caso...)
		Futuro do subjuntivo	Base + R (há conector: se, caso...)
GRUPO 3	Infinitivo Impessoal Base 1 = verbo-R Base 2 = verbo-(vogal+R)	Futuro do presente do indicativo	rei, rás, rá, remos, reis, rão
		Futuro do pretérito do indicativo	ria, rias, ria, ríamos, ríeis, riam
		Pretérito imperfeito indicativo	va (ar), ia (er/ir), nha (ter, pôr, vir e derivados) No vós, usa-se "*e*"

VERBOS IRREGULARES - BASES

VERBOS	DERIVADOS	3ª PLURAL	BASE
VER	rever, entrever, antever, prever	VIRAM	VI
PRECAVER		PRECAVERAM	PRECAVE
PROVER		PROVERAM	PROVE
VIR	advir, desavir, intervir, provir, sobrevir, convir	VIERAM	VIE
TER	obter, entreter, manter, reter, deter, conter	TIVERAM	TIVE
PÔR	repor, anterpor, impor, interpor...	PUSERAM	PUSE
REQUERER		REQUERERAM	REQUERE
REAVER		REOUVERAM	REOUVE
APRAZER		APROUVERAM	APROUVE
CABER		COUBERAM	COUBE

CONJUGAÇÃO - DICAS GERAIS

MEDIAR, ANSIAR, REMEDIAR, INTERMEDIAR, INCENDIAR, ODIAR.

Tais verbos se conjugam com o verbo ODIAR (ODEIo, ODEIas, ODEIa, ODiamos, ODiais, ODEIam).

Espero que o governo mèdie situações de conflito. (correto: medeie)

Todas as formas de **querer** e **pôr** são grafadas com "S": quis, quisesse, pusesse...

Verbos terminados em -UIR são grafados com **I**: possuir - possui/contribuir - contribui...

Verbos terminados em -UAR são grafados com **E**: conceituar - conceitue/efetuar - efetue...

Adivinhar – não apresenta "**D**" mudo.

Reaver é um verbo defectivo e nunca apresenta **NH** ou **J**.

Espera-se que o governo reaveja o dinheiro investido.(errado)

Eu reavejo/reavenho.(errado)

*O verbo é defectivo. Tais formas não existem. Use sinônimos.

Precaver é um verbo defectivo e nunca apresenta **NH** ou **J**.

Não me prècavejo. (errado)

Não me precavénho.(errado)

*O verbo é defectivo. Tais formas não existem. Use sinônimos.

CLASSIFICAÇÃO DOS VERBOS		
VERBOS	**CONSIDERAÇÕES**	**EXEMPLOS**
REGULARES	Não apresentam alterações no radical nem no paradigma.	Cantar / Vender
IRREGULARES	Apresentam pequenas alterações no radical ou no paradigma.	caber - caib-o / valer - valh-o dormir - durm-o / perdir - peç-o fazer - faç-o / trazer - trag-o medir - meç-o / sorrir - sorri-o
ANÔMALOS	Apresentam profundas alterações no radical e no paradigma.	Ser /Ir
ABUNDANTES	Em geral, apresentam mais de uma forma de particípio. Regular (ado/ido) / Irregular (do/go/s/o).	Aceitado - aceito / acendido - aceso...
	Em geral, usa-se o particípio regular na voz ativa com os auxiliares TER e HAVER.	Ele tinha expressado seus sentimentos.
	Em geral, usa-se o particípio irregular na voz passiva com os auxiliares SER e ESTAR.	Seus sentimentos foram expressos.
	Alguns autores admitem as formas PAGO e GANHO também na voz ativa.	Ele tinha pagado / pago as contas. As contas foram pagas por ela.
	A maioria dos verbos apresenta apenas um particípio.	Trazer - trazido / fazer - feito / abrir - aberto
	Alguns particípios irregulares são usados apenas como adjetivos.	Vinho tinto. Menino bento.
DEFECTIVOS	Não apresentam algumas formas verbais.	colorir, adequar-se, precaver, reaver, explodir, falir, demolir
	Alguns verbos são considerados defectivos por questões semânticas.	latir, miar, nevar, chover
PRONOMINAIS	Apresentam pronome oblíquo átono integrante, ou seja, sem função sintática.	Ela se tornou uma boa mãe.
	A maioria dos verbos pronominais é VTI.	
REFLEXIVOS	Apresentam pronome oblíquo átono reflexivo com função sintática de OD ou OI.	Ela se vestia mal.
	O sujeito pratica e sofre a ação expressa pelo verbo.	Ela se considera gentil.
IMPESSOAIS	Constituem orações sem sujeito.	
	Em geral, permanecem sempre na 3ª pessoa singular. Apenas o verbo <u>ser</u> varia, concordando com o númeral a que se refere.	Haver (existencial) / fenômenos naturais / haver e fazer (tempo decorrido) / ser (hora/ data/distância).
VERBOS AUXILIARES	São empregados na construção de locuções verbais (mais de um verbo com um único sentido).	
	AUXILIAR - determina a CONCORDÂNCIA.	
	PRINCIPAL - determina a REGÊNCIA.	
	TEMPO COMPOSTO	ter/haver + particípio
	PASSIVA	ser/estar + particípio
	CARGA SEMÂNTICA	Poder/dever/ter/começar/precisar... + infinitivo/gerúndio
	TER + INFINITIVO	TER/HAVER + QUE/DE + INFINITIVO
FORMAS NOMINAIS	São empregadas em locuções verbais ou em orações reduzidas. Podem funcionar como substantivos, adjetivos ou advérbios.	Gerúndio (NDO) Particípio (ADO/IDO/OUTROS) / Infinitivo (AR/ER/OR/IR)

VOZES VERBAIS	
VOZ	**OBSERVAÇÃO**
VOZ ATIVA	O sujeito pratica a ação. Pode ser formada a partir de qualquer tipo de verbo. Admite como auxiliar os verbos TER e HAVER.
VOZ PASSIVA	O sujeito sofre a ação experessa pelo verbo. Só pode ser formada a partir de VTD ou VTDI. O objeto direto da voz ativa corresponderá sempre ao sujeito da passiva. O sujeito da voz ativa corresponderá sempre ao agente da passiva. O agente da passiva pratica a ação sobre o sujeito paciente. Trata-se de um termo facultativo introduzido pelas preposições por, pelo(a)/(s) ou de.
	Voz passiva analítica: locução verbal (ser/estar + particípio). Pode ocorrer com outro verbo auxiliar: continuar, ficar, permanecer.
	Voz passiva sintética: VTD/VTDI+SE(PA). O verbo deve, obrigatoriamente, concordar com o sujeito paciente.
VOZ REFLEXIVA	O sujeito é agente e paciente, ou seja, pratica e sofre a ação do verbo. Depende de um pronome reflexivo ou de uma construção reflexiva. Pode indicar reflexão ou reciprocidade.

TEMPOS COMPOSTOS		
FORMA COMPOSTA	**TEMPO COMPOSTO**	**EXEMPLO**
Presente do Indicativo+particípio	Pretérito Perfeito Composto do Indicativo	*Tenho estudado*
Pretérito Imperfeito do Indicativo+particípio	Pretérito mais-que-perfeito Composto do Indicativo	*Tinha estudado*
Futuro do Presente do Indicativo+particípio	Futuro do Presente do Composto Indicativo	*Terei estudado*
Futuro do Pretérito do Indicativo+particípio	Futuro do Pretérito Composto do Indicativo	*Teria estudado*
Presente do Subjuntivo+particípio	Pretérito Perfeito Composto do Subjuntivo	*Que tenha estudado*
Pretérito Imperfeito do Subjuntivo+particípio	Pretérito mais-que-perfeito Composto Subjuntivo	*Que tivesse estudado*
Futuro do Subjuntivo+particípio	Futuro Composto do Subjuntivo	*Que tiver estudado*
Infinitivo+particípio	Infinitivo Composto	*Ter estudado*
Gerúndio+particípio	Gerúndio Composto	*Tendo estudado*

TABELA DE BASES VERBAIS

PREFIXOS	VERBOS	BASES	ERRADO	CERTO
re, pre, ante, entre	Ver	VI	Se ele nos ver novamente (...)	Se ele nos **vir** novamente (...)
ad, con, inter, sobre, pro	Vir	VIE	Se alguém intervir no caso (...)	Se alguém **intervier** no caso (...)
ob, re, de, man, con, entre, abs...	Ter	TIVE	Se ninguém conter o rapaz (...)	Se ninguém **contiver** o rapaz (...)
re, de, pro, ante, com, inter, dis, su, sobre	Pôr	PUSE	Se o rapaz depor no caso (...)	Se o rapaz **depuser** no caso (...)
re, per	Fazer	FIZE	Se ela refazer a tarefa (...)	Se ela **refizer** a tarefa (...)
Ø	Prover	PROVE	Se as pessoas provissem suas famílias (...)	Se as pessoas **provessem** suas famílias (...)
Ø	Precaver	PRECAVE	Se ninguém se precavisse (...)	Se ninguém se **precavesse** (...)
Ø	Reaver	REOUVE	Ela não reaviu o dinheiro (...) (reavesse, reavisse)	Ela não **reouve** (...) / Se ela **reouvesse** (...)
Ø	Requerer	REQUERE	Se ninguém requisesse o documento (...)	Se ninguém **requeresse** o documento (...)

ESQUEMA DE TERMINAÇÕES

TEMPOS VERBAIS	DMT	TERMINAÇÕES					
	Desinências modo-temporais	EU	TU	ELE	NÓS	VÓS	ELES
Presente do Indicativo	Ø	o / ou / ei	s	a / e / i	mos	is	m / ão
Pretérito Perfeito do Indicativo	Ø	i / ei	ste	eu / iu / ou	mos	stes	ram
Pretérito MQP do Indicativo	RA	ra	ras	ra	ramos	reis	ram
Pretérito Imperfeito do Indicativo	VA / IA / NHA	va / ia / nha	vas / ias / nhas	va / ia / nha	vamos / íamos / nhamos	veis / eis / nheis	vam / iam / nham
Futuro do Presente do Indicativo	REI / RÁ	rei	rás	rá	remos	reis	rão
Futuro do Pretérito do Indicativo	RIA	ria	rias	ria	ríamos	ríeis	riam
Presente do Subjuntivo	AR → E	e	es	e	emos	eis	em
	ER / OR / IR → A	a	as	a	amos	ais	am
Pretérito Imperfeito do Subjuntivo	SSE	sse	sses	sse	ssemos	sseis	ssem
Futuro do Subjuntivo	R	r	res	r	rmos	rdes	rem
Imperativos	Idêntico ao presente do subjuntivo, EXCETO **tu** e **vós** do imperativo afirmativo (vêm do presente do indicativo - s)						

VERBOS QUE APRESENTAM DIFICULDADES NA CONJUGAÇÃO

ADVERTIR
PI : advirto, advertes, adverte, advertimos, advertis, advertem
PS: advirta, as, a, advirtamos, advirtais, advirtam

ASPERGIR
PI: asperjo(ê), asperges, asperge, aspergimos, aspergis, aspergem
PS: aspirja, aspírjas, aspirja, aspirjamos, aspirjais, aspirjam

CABER
PI: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem
PS: caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam
PPI: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam

CHOVER
PI : chove, chovem
PS: chova, chovam

COMPELIR
PI: compilo, compeles, compele, compelimos, compelis, compelem
PS: compila, compilas, compila, compilamos, compilais, compilam

DISCERNIR
PI : discirno, discernes, discerne, discernimos, discernis, discernem
PS: discirna, -as, -a etc.

EXPLODIR
PI: eu, explodes, explode, explodimos, explodis, explodem
PS : -

FALIR
PI: falimos, falis
PS: (só é conjugado quando após o "I" houver "i": falia, falias...- fali, faliste...- falira, faliras...)

FRIGIR
PI: frijo, freges, frege, frigimos, frigis, fregem
PS: frija, frijas, frija, frijamos, frijais, frijam

GERIR
PI : giro, geres, gere, gerimos, geris, gerem
PS : gira, -as, -a etc.

IMERGIR
PI: imerjo(ê), imerges, imerge, imergimos, imergis, imergem
PS: imerja, imerjas, imerja, etc.

MOSCAR
PI : musco, muscas, musca, moscamos, moscais, muscam
PS: musque, musques, musque, mosquemos, mosqueis, musquem

MUNIR
PI: muno, munes, mune, munimos, munis, munem
PS: muna, -as, -a etc.

POLIR
PI : pulo, pules, pule, polimos, polis, pulem
PS: pula, pulas, pula, pulamos, pulais, pulam

PRECAVER
PI : precavemos, precaveis
PPI: precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram
MQP: precavera
IS: precavesse

PREMIAR
PI: premio, premias, premia, premiamos, premiais, premiam
PS: premie, premies, premie, premiemos, premieis, premiem

PROVER
PI: provejo, provês, provê, provemos, provedes, provêem
PS: proveja, -as, -a etc.
PPI: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram

REAVER
PI : reavemos, reaveis
PS: -
PII: reavia, -as, -a, etc.

ARRUINAR
PI: arruino, arruinas, arruina, arruinamos, arruinais, arruínam
PS: arruine, arruines, arruinemos, arruineis, arruinem

AVERIGUAR
PI: averiguo, averiguas, averigua, averiguamos, averiguais, averiguam
PS: averigúe, averigúes, averigúe, averiguemos, averigueis, averigúem

APRAZER
PI : aprazo, aprazes, apraz, aprazemos, aprazeis, aprazem
PS: apraza, aprazes, apraza, aprazamos, aprazais, aprazam
PPI: aprouve, aprouveste, aprouve, aprouvemos, aprouvestes, aprouveram

MQP: aprouvera, aprouveras, aprouvera, aprouvéramos, aprouvéreis, aprouveram

COMERCIAR
PI: comercio, comercias, comercia, comerciamos, comerciais, comerciam
PS: comercie, comercies, comercie, comerciemos, comercieis, comerciem
PPI: comerciei, comerciaste, comerciou, comerciamos, comerciastes, comerciaram

CONSTRUIR
PI : construo, construis (ou constróis), construi (constrói), construímos, construís, construem /constroem)
PS: construa, -as, -a etc.

CUSPIR
PI: cuspo, cospes, cospe, cuspimos, cuspis, cospem
PS: cuspa, -as, -a, etc. (os demais tempos sempre com "u")

COLORIR
PI: eu, colores, colore, colorimos, coloris, colorem
PPI: colori, coloriste, coloriu etc. (só não possui aquelas pessoas em que, seguindo-se ao "r" teríamos "a" ou "o")

CEDER
PI : cedo, cedes, cede, cedemos, cedeis, cedem
PS: ceda, cedas, ceda, cedamos, cedais, cedam

CERZIR
PI: cirzo, cirzes, cirze, cerzimos, cerzis, cirzem
PS: cirza, cirzas, cirza, cirzamos, cirzais, cirzam (os demais tempos com "e")

CINGIR
PI : cinjo, cinges, cinge, cingimos, cingis, cingem
PS: cinja, cinjas, cinja, cinjamos, cinjais, cinjam

ESCAPULIR
PI : escapulo, escapoles, escapole, escapulimos, escapolis, escapolem
PS: escapula, -as, -a etc.

FERIR
PI : firo, feres, fere, ferimos, feris, ferem
PS : fira, -as, -a etc.

RESFOLEGAR e variante RESFOLGAR
PI: resfólego, resfólegas, resfólega, resfolegamos, resfólegam (resfolgo, resfolgas, resfolga, resfolgamos, resfolgais, resfolgam)
PS: resfólegue, resfólegues, resfólegue, resfoleguemos, resfolegueis, resfóleguem (resfolgue, resfolgues, resfolgue, resfoleguemos, resfolegueis, resfolguem)

SOAR
PI : soo, soas, soa, soamos, soais, soam
PS: soe, soes, soe, soemos, soeis, soem
PPI: soei, soaste, soou, soamos, soastes, soaram

SUAR
PI : suo, suas, sua, suamos, suais, suam
PS: sue, sues, sue, suemos, sueis, suem
PPI: suei, suaste, suou, suamos, suastes, suaram

VER
PI : vejo, vês, vê, vemos, vêdes, veem
PPI: vi, viste, viu, vimos, vistes, viram
PS: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam

VIR
PI : venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm
PS: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham
FUT. SUBJ.: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem
PPI: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram
FUT. IND.: virei, virás, virá, viremos, vireis, virão
IMP. SUBJ.: viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem

MORFOLOGIA
Formação de palavras

CONCEITOS BÁSICOS

MORFEMAS

São unidades estruturais que constituem uma palavra.

Radical ou Semantema

Parte da palavra responsável pela produção de sentido. Não é necessário que ele se mantenha igual em todos os derivados. Pode haver alteração como em pobre e paupérrimo, vida e vitalício...

Pedregulho – PEDR

Anoitecer – NOITE

Girassol – GIRA e SOL

Termos Cognatos

São cognatos palavras da mesma família etimológica. Elas apresentam o mesmo radical ou semantema e guardam alguma relação de sentido obrigatoriamente. Pode ser até o sentido oposto, mas deve haver uma relação de sentido, como em leal e desleal, uso e desuso...

terrestre / terrorista
– Não são cognatos e nem têm relação de sentido. (radicais TERRA/TERROR)

vida / vital / vitalício / vivência / viver – São cognatos.

uso / desuso / usual / usuário – São cognatos.

Desinências

Trata-se das flexões que uma palavra pode sofrer em função do contexto discursivo. Desinências não formam novas palavras. Vejamos um exemplo:

Amar e amamos não são cognatas e nem derivadas. São a mesma palavra, têm o mesmo sentido. "Amamos" é uma forma do verbo "amar" submetida a um processo flexional.

Há dois tipos de desinências – as nominais e as verbais.

Nominais				Verbais			
Gênero		Número		Modo-temporais		Número-pessoais	
Masculino	Feminino	Singular	Plural	Tempo	Modo	Número	Pessoa

Palavra	Radical	Vogal temática	Des. Gênero	Des. Número
Meninas	MENIN	–	A	S
Menino	MENIN	–	O	–
Mares	MAR	E	–	S
Jovem	JOVEM	–	–	–
Telefone	TELEFON	E	–	–

Conceito de **vogal temática**: liga o radical a uma desinência.

As **desinências verbais** podem ser:

• **Modo-temporais**: indicam o modo e o tempo no qual o verbo se encontra conjugado. **Os verbos conjugados em formas primitivas não apresentam desinências modo-temporais diretas.**

São **formas primitivas** do verbo:

– Infinitivo impessoal;

– Presente do indicativo;

– Pretérito perfeito do indicativo.

Nessas formas, o verbo apresentará desinências **número-pessoais**, com aspecto temporal.

A vogal temática dos verbos é definida pela conjugação:

AR →A

ER / OR →E

IR →I

Nem toda forma de conjugação verbal apresenta vogal temática.

Palavra	Radical	Vogal temática	DMT	DNP
Amávamos	AM	Á	VA	MOS
Deixou	DEIX	–	–	OU
Amo	AM	–	–	O
Amemos	AM	–	E	MOS
Cantava	CANT	A	VA	–
Cantaríamos	CANT	A	RÍA	MOS
Vendesse	VEND	E	SSE	–

Tema

Trata-se da junção do radical a uma vogal temática. Como nem toda palavra tem vogal temática, nem toda palavra apresentará tema.

Vendesse – tema: vende

Mares – tema: mare

Partiram – tema: parti

Afixos

São acréscimos feitos ao radical capazes de modificar o sentido da palavra e/ou sua classe.

São elementos distintos da desinência, porque formam novas palavras.

Os afixos são divididos em dois tipos: prefixos e sufixos.

– Prefixos – antes do radical.

– Sufixos – após o radical.

• OBSERVAÇÃO

*Algumas bancas denominam os **afixos** de **infixos**.*

Vejamos exemplos:

Feliz – adjetivo

Infeliz – a classe foi mantida, mas o sentido foi totalmente alterado: negação.

Felicidade – o sentido não foi significativamente alterado, mas a classe mudou (substantivo).

Infelizmente – mudou-se a classe e o sentido. A palavra é um advérbio com valor de negação.

Exemplos de prefixos:

***DES**leal, **IN**justo, **MAN**ter, **RE**ter.*

Exemplos de sufixos:

*comunica**ÇÃO**, comuni**CADO**, just**IÇA**, leal**MENTE**, gost**OSO**.*

Os sufixos costumam modificar mais a classe do que os prefixos. Estes normalmente alteram mais o sentido da palavra que sua classe.

Vogal ou Consoante de Ligação

São utilizados para ligar afixos ao radical ou radicais entre si.

Gira + sol = girassol – há um "-s" de ligação.

*A + crônico = **anacrônico** – há uma vogal e uma consoante de ligação. Nesse caso, pode-se dizer que há uma sílaba de ligação, porque **NA** forma uma sílaba.*

*Legal + dade = **legalidade***
(apresenta a vogal "i" de ligação)

PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

DERIVAÇÃO

Formação de palavras novas a partir de um vocábulo já existente, acrescentando-lhe afixos (prefixos e/ou sufixos) ou reduzindo-o (corte de elementos finais).

Há seis tipos de derivação:
- Prefixal ou prefixação
- Sufixal ou sufixação
- Prefixal e sufixal
- Parassintética ou parassíntese
- Regressiva
- Imprópria ou conversão

Derivação Prefixal

Acréscimo de prefixos à palavra primitiva.

***pré**-histórico, **dis**por, **des**leal, **ab**-rogar*
***super**-homem, **eu**fonia, **vice**-diretor,*
***semi**-círculo, **in**feliz, **re**fazer, **bi**nóculo...*

de	*depor*
com + por =	*compor*
im	*impor*
indecom	*indecompor*

Derivação Sufixal

Acréscimo de sufixos à palavra primitiva.

*planalt**ino**, leal**dade**, portugu**esa**, bon**íssimo**, mac**érrimo**, inquiet**ude**, manteigu**eira**, ram**agem**, sofr**imento**...*

Derivação Prefixal e Sufixal

Acréscimo independente de sufixos e de prefixos à palavra primitiva.

***deslealdade**, **in**quietude, **in**felicidade,*
***ultra**passagem, **re**consideração.*

Derivação Parassintética (ou Parassíntese)

Acréscimo simultâneo de sufixos e de prefixos à palavra primitiva.

*amolec**imento**, **en**tristecer, **des**almado,*
***en**velhecer, **re**patriado...*

ATENÇÃO!

Derivação prefixal e sufixal ≠ Derivação parassintética

Para que uma palavra seja formada por derivação prefixal e sufixal, é necessário que ela subsista, com sentido, depois de retirarmos o sufixo e/ou o prefixo. Assim:

deslealmente		***reconsideração***	
desleal // lealmente		*reconsiderar // consideração*	
deriv. prefixal	deriv. sufixal	deriv. prefixal	deriv. sufixal

Já as palavras ***emagrecer*** e ***entristecer*** são formadas por derivação parassintética, pois, se retirarmos qualquer um dos afixos, elas não subsistem com sentido.

emagrecer		***entristecer***
emagro // magrecer ⇐	*não existem* ⇒	*entriste // tristecer*

Derivação Regressiva

Criação de uma nova palavra por meio da supressão de elementos da palavra primitiva.

janta *(de jantar)*	**canto** *(de cantar)*
venda *(vender)*	**ataque** *(de atacar)*
defesa *(de defender)*	**compra** *(de comprar)*

ATENÇÃO!

A derivação regressiva forma, de modo geral, substantitvos abstratos agentivos a partir de verbos. Alguns autores consideram as reduções como derivações regressivas. Não é habitual na NGB.

Derivação Imprópria

Processo que consiste na mudança de classe gramatical das palavras.

a) substantivos próprios passam a comuns:
gilete (de Gillette) - lâmina x inventor
*Ele é o **judas** da turma.*
***bom-bril** (por palhinha de aço)*

b) substantivos comuns passam a próprios:
*José **Costa Coelho**, Nara **Leão**, Fernando Ferreira **Neto**...*

c) substantivos a adjetivos:
*comício **monstro** - mulher **gato** - camisa **rosa***

d) verbos a substantivos:
o ***jantar*** - o ***prazer*** - primeiro ***andar***

e) particípios a substantivos ou a adjetivos:
*a **bebida** - o **passado** - vinho **tinto***
(substantivos) (adjetivo)

ATENÇÃO!

*A **derivação imprórpia** também recebe o nome de **conversão.***

COMPOSIÇÃO

Criação de novas palavras com sentido novo, pela associação de duas ou mais palavras já existentes, com ou sem modificação de sua forma.

Há dois tipos de composição:
- **Por justaposição** (sem modificação da palavra)
- **Por aglutinação** (com modificação da palavra)

Composição por justaposição

Dois ou mais elementos que se unem formando uma só palavra, conservando autonomia de forma e acentuação própria.

amor-perfeito, pé de moleque, girassol, pau d'água, guarda-chuva, barco a vela, navio-escola, malmequer, bem-te-vi...

Composição por aglutinação

Dois ou mais elementos que se unem numa só palavra, subordinada a um só acento e com perda de autonomia de forma.

embora (em boa hora) *planalto (plano alto)*
petróleo (petra óleo) *aguardente (água ardente)*
vinagre (vinho agre) *você (vossa mercê)*

HIBRIDISMO

Formação de uma palavra composta, cujos elementos provêm de línguas diferentes.

televisão *(tele + visão)*
grego latim
alcoômetro *(álcool + metro)*
árabe grego
abreugrafia *(abreu + grafia)*
port. grego
sociologia *(socio + logia)*
latim grego
capim-meloso *(capim + meloso)*
tupi-guar. port.
burocracia *(bureau + cracia)*
francês grego
automóvel *(auto + móvel)*
grego latim

ATENÇÃO!

É preciso não confundir este processo com composição por aglutinação. Na composição, os elementos são de uma mesma língua: ***datilografia*** *(do grego).*
No hibridismo, de línguas diferentes: ***alcoômetro*** *(do árabe e do grego).*

OUTROS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Onomatopeia

Processo que consiste na criação de palavras imitativas.

Ocorre em dois casos:

- em vozes de animais: *au-au, miau, coaxar, piar, criciar, cri-cri, ronronar...*
- em sons ou ruídos de objetos ou coisas: *tilintar (dinheiro ou campainha) bimbalhar, dlim-dão, fon-fon, reco-reco...*

Redução

Criação de uma nova palavra com a supressão de parte da palavra primitiva.

pneu *(de pneumático),* ***foto*** *(de fotografia),* ***cine e cinema*** *(de cinematográfico),* ***pólio*** *(de poliomielite),* ***auto*** *(de automóvel),* ***moto*** *(motocicleta).*

ATENÇÃO!

É preciso não confundir este processo com a ***derivação regressiva****. Na redução, suprime-se a parte da palavra (às vezes uma palavra inteira):* ***pólio*** *(poliomielite);*
Na regressiva, suprimem-se os elementos finais da palavra: poda (de podar). Alguns autores admitem a associação dos dois casos.

EXERCÍCIOS

1 A palavra **ensolarada** tem o mesmo processo de formação da palavra

a) deslealdade

b) anoitecer

c) esperada

d) sonhada

e) amada

2 Os aparelhos ópticos denominados **estereoscópio, estetoscópio, caleidoscópio, periscópio, telescópio** têm relação direta, **RESPECTIVAMENTE**, com a ideia de

a) esterilidade, auscultação, beleza de formas, distância, relevo.

b) relevo, estética, visão ao redor, distância, beleza de formas.

c) esterilidade, relevo, distância, visão ao redor, beleza de formas.

d) relevo, auscultação, beleza de formas, visão ao redor, distância.

e) exterioridade, estética, calosidade, visão ao redor, auscultação.

3 Nas palavras **atenuado, televisão, percurso**, temos, **RESPECTIVAMENTE**, os seguinte processos de formação de palavras

a) parassíntese – hibridismo – prefixação

b) aglutinação – justaposição – sufixação

c) sufixação – aglutinação – justaposição

d) justaposição – prefixação – parassíntese

e) hibridismo – parassíntese – hibridismo

4 Todos os verbos seguintes são formados por parassíntese (derivação parassintética), **EXCETO**

a) endireitar

b) atormentar

c) enlouquecer

d) desvalorizar

e) soterrar

5 Assinale a única opção constituída por palavras formadas **APENAS** por sufixação.

a) agulha – diplomata – costureira

b) aglutinação – insuportável – saleta

c) ordinário – orgulhoso – caminho

d) costureira – silencioso – saleta

6 O item em que a palavra **NÃO** está **CORRETAMENTE** classificada quanto ao seu processo de formação é

a) ataque – derivação regressiva

b) fornalha – derivação por sufixação

c) acorrentar – derivação parassintética

d) antebraço – derivação prefixal

e) casebre – derivação imprópria

7 Em que alternativa a palavra em destaque resulta de derivação imprópria?

a) Às sete horas da manhã, começou o trabalho principal: a **votação**.

b) Pereirinha estava mesmo com a razão. Sigilo ... Voto secreto ...Bobagens, **bobagens**!

c) Sem radical **reforma** da lei eleitoral, as eleições continuariam sendo uma farsa!

d) Não chegaram a trocar um **isto** de prosa, e se entenderam.

e) Dr. Osmírio andaria **desorientado**, senão bufando de raiva.

8 As palavras **couve-flor, planalto, aguardente** são formadas por

a) derivação

b) onomatopeia

c) hibridismo

d) composição

e) prefixação

9 Em qual dos exemplos abaixo está presente um caso de derivação parassintética?

a) Lá vem ele, vitorioso do **combate**.

b) Ora, vá **plantar** batatas!

c) Começou o **ataque**.

d) Assustado, continuou a se **distanciar** do animal.

e) Não vou mais me **entristecer**, vou é cantar.

10 Assinale a alternativa cujas palavras são, **RESPECTIVAMENTE**, parassintética, onomatopaica e híbrida.

a) anoitecer – coaxar – televisão

b) deslealdade – chilrear – automóvel

c) fidalgo – zunzum – embarcar

d) descobrimento – tique-taque – decímetro

e) enriquecer – zás-trás – pernalta.

Gabarito

| 1-b | 2-d | 3 -a | 4-d | 5-d | 6-e | 7-d | 8-d | 9-e | 10-a |

RADICAIS DE ORIGEM GREGA		
RADICAL	**SIGNIFICADO**	**EXEMPLO**
acro	alto	acrofobia (medo de altura)
aero	ar	aeronáutica (navegação pelo ar)
agogo	o que conduz	demagogo (o que conduz o povo)
atropo	homem	antropologia (estudo dos grupos humanos)
arqueo	antigo	arqueologia (estudo de coisas antigas)
auto	de / por si mesmo	automóvel (que se move por si mesmo)
biblio	livro	biblioteca (coleção de livros)
bio	vida	biologia (estudo dos seres vivos)
caco	mal	cacofonia (mau som)
cali	belo	caligrafia (bela escrita)
cardio	coração	cardiologia (estudo do coração)
cefalo	cabeça	cefalalgia (dor de cabeça)
cosmo	mundo	cosmopolita (cidadão do mundo)
cracia	governo	democracia (governo do povo)
cromo	cor	acromia (ausência de cor)
demo	povo	`democracia (governo do povo)
etimo	origem	etimologia (estudo das origens)
etno	raça, povo	etnologia (estudo das raças)
fobia	medo, aversão	fotofobia (aversão à luz)
gastro	estômago	gastrite (inflamação do estômago)
geo	terra	geologia (estudo da terra)
grafia	escrita	ortografia (escrita correta)
hemo	sangue	hemorragia (derramamento de sangue)
hidro	água	hidrômetro (o que mede água)
hipno	sono	hipnofobia (medo de dormir)
hipo	cavalo	hipódromo (local onde correm cavalos)
homo	mesmo, igual	homógrafo (que tem a mesma escrita)
lito	pedra	litogravura (gravura feita em pedra)
mega	grande	megalópole (grande cidade)
metro	medida	cronômetro (o que mede o tempo)
micro	pequeno	micróbio (pequeno ser vivo)
morfo	forma	morfologia (estudo das formas)
necro	morto	necrologia (notícia de falecimento)
neo	novo	neologismo (palavra nova)
orto	certo, correto	ortografia (escrita correta)
pato	doença	patologia (estudo das doenças)
poli	muitos	polissílabo (que tem muitas sílabas)

RADICAL	SIGNIFICADO	EXEMPLO
pseudo	falso	pseudônimo (falso nome)
psico	alma	psicologia (estudo da alma)
taqui	rápido	taquigrafia (escrita rápida)
teca	coleção	mapoteca (coleção de mapas)
tele	longe	telefone (o que fala para longe)
teo	deus	teocracia (governo dos deuses)
termo	temperatura	termômetro (o que mede a temperatura)
trofia	desenvolvimento	atrofia (ausência de desenvolvimento)
xeno	estrangeiro	xenofobia (aversão ao estrangeiro)
zoo	animal	zoologia (estudo dos animais)

PREFIXOS DE ORIGEM GREGA		
RADICAL	SIGNIFICADO	EXEMPLO
a, an	negação, privação	ateu, anarquia
anfi	duplicidade, dualidade	anfíbio, anfiteatro
anti	ação contrária	antiaéreo, antipatia
arce, arqui	superioridade	arcebispo, arquiduque
dia	movimento através	diagona, diâmetro
dis	dificuldade	disenteria, dispnéia
endo	posição interior	endoscópio, endotérmico
epi	posição superior	epitáfio, epiderme
eu	bem, bom	eufemismo, eufonia
hemi	metade	hemiciclo, hemisfério
hiper	excesso	hipertrofia, hipertensão
meta	transformação	metamorfose, metáfora.
para	ao lado de	paralelo, parágrafo
peri	em torno de	perímetro, periscópio
sin	simultaneidade	sincrônico

RADICAIS DE ORIGEM LATINA		
RADICAL	**SIGNIFICADO**	**EXEMPLO**
agri	campo	agricultor (que cultiva o campo)
arbori	árvore	arborizar (plantar árvores)
avi	ave	avícola (local onde se vendem aves)
beli	guerra	belicoso (habituado à guerra)
capiti	cabeça	decapitar (cortar a cabeça)
cida	que mata	inseticida (que mata insetos)
cola	que cultiva	vinícola (que cultiva vinho)
fero	que contém	aurífero (que contém ou produz ouro)
fide	fé	fidedigno (digno de fé)
forme	forma	biforma (que possui duas formas)
frater	irmão	fraternidade (irmandade)
fugo	que foge	lucífugo (que foge da luz)
loco	lugar	localizar (fixar o lugar)
ludo	jogo	ludoterapia (tratamento através de jogos)
mater	mãe	materno (relativo a mãe)
multi	muito	multilateral (muitos lados)
oni	tudo, todo	onipresente (que está presente em tudo)
paro	que produz	ovíparo (que produz ovos)
pater	pai	paterno (relativo a pai)
pede	pé	pedestre (que anda a pé)
pisci	peixe	piscoso (cheio de peixes)
pluri	vários	pluricelular (que possui várias células)
puer	criança	pueril (infantil)
quadri	quatro	quadrimotor (que tem quatro motores)
silva	floresta	silvícola (que vive nas florestas)
umbra	sombra	penumbra (quase sombra)
voro	que come	carnívoro (que come carne)

PREFIXOS DE ORIGEM LATINA		
RADICAL	**SIGNIFICADO**	**EXEMPLO**
ambi	duplicidade	ambivalente, ambidestro
ante	anterioridade	antebraço, antepor
bi, bis	dois	bienal, bisavô
circum	movimento em torno	circunferência, circunavegação
cis	posição, aquém	cisplatino, cisapino
contra	oposição	contradizer, contra-ataque
infra	posição inferior, abaixo	infravermelho, infra-assinado
intra, intro	posição interior	intravenoso, introvertido
justa	posição ao lado	justapor, justalinear
mal, male	mal	malcriado, mal-humorado
multi	muitos	multinacional, multicolor
pen	quase	penumbra, península
per	movimento através	percorrer, perambular
pos	posição posterior	póstumo, postergar
pre	anterioridade	prefácio, preconceito
re	repetição	refazer, repensar
semi	etade, quase	semicírculo, seminu
trans	posição além de	transatlântico, transamazônica
tri	três	tricampeão, tricolor
vis, vice	substituição	visconde, vice-reitor

UNIDADE V

ANÁLISE SINTÁTICA

CONCEITOS BÁSICOS

A **análise sintática** é a parte da Gramática que estuda e classifica as orações e os termos de cada oração. Analisar sintaticamente um enunciado significa decompô-lo em partes e verificar a função das partes em relação ao todo.

Frase é todo enunciado capaz de transmitir novas ideias.

Uma lua clara iluminava o céu.

Puxa! Que frio!

Socorro!

Oração é toda frase construída em torno de um verbo.

Por favor, ***volte*** *para casa ainda hoje.*

Um lua clara ***iluminava*** *o céu.*

A triste notícia ***foi transmitida*** *de manhã.*

Período é a frase formada por uma ou mais orações. O período pode ser:

a) Simples: formado por uma única oração.

Naquele dia, todos voltaram cedo.

b) Composto: formado por duas ou mais orações.

Ele afirma / que você vencerá. (2 orações)

Ele tirou o brinquedo da gaveta / e verificou / que ele estava quebrado. (3 orações)

PERÍODO SIMPLES

SUJEITO E PREDICADO

Em um enunciado completo, sempre é dada uma informação (predicado) a respeito de alguém ou de alguma coisa (sujeito).

A	B
Ana	*dirigiu a palavra às classes menos favorecidas.*

O conjunto A recebe uma informação completa de B.

O conjunto B dá uma informação completa sobre o conjunto A.

RESUMINDO...

Sujeito é o termo da oração que recebe uma informação completa, que é dada pelo predicado.

Predicado é o termo da oração que dá informação completa a respeito do sujeito ou que se constitui a partir de um verbo impessoal.

Núcleo do sujeito: Dentro do conjunto do sujeito, quando este é formado de mais de um elemento, há sempre um termo de maior importância semântica, que funciona como núcleo da função.

sujeito	predicado
*O **mato***	*crescia irregular.*

núcleo

sujeito	predicado
Crianças, jovens e adultos	*andavam misturados.*

n1 n2 n3

Características do Sujeito

O verbo e o sujeito estão, em geral, concordando entre si.

Os gatos vadios ***dominavam*** *os becos.*

sujeito — verbo

concordam

Em um grande número de orações, o sujeito pode ser trocado por um dos seguintes pronomes: ele, ela, eles, elas.

Milhares de abelhas *invadiram a cidade.*

Elas *invadiram a cidade.*

sujeito

SUJEITO DETERMINADO

Quando a informação do predicado repousa num elemento que pode ser facilmente determinado.

sujeito	predicado
A mulher	*vivia rindo à vista de todos.*

CLASSIFICAÇÃO DO SUJEITO

a) **Simples**: quando tem um só núcleo.

sujeito	predicado
Clara	*atualizava seus conhecimentos.*

b) **Composto**: quando tem mais de um núcleo.

sujeito	predicado
Júlia, Víctor e Otávio	*andavam juntos.*

c) **Desinencial**: quando não vem expresso na oração, mas é possível determiná-lo por meio da desinência verbal.

sujeito	predicado
(Nós)	*Já nascemos bastante sofridos.*

sujeito	predicado
(Tu)	*Não porás mordaça ao homem.*

Nesses casos, o sujeito é simples, porém está subentendido no verbo.

SUJEITO INDETERMINADO

Quando a afirmação expressa pelo predicado repousa num elemento que não pode ser determinado dentro de um conjunto.

Há, em português, três maneiras de se indeterminar o sujeito:

a) Com verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito expresso. (efeito genérico)

sujeito	predicado
?	*Mataram o meu amigo.*

b) Com o verbo na 3ª pessoa do singular mais partícula SE (índice de indeterminação do sujeito).

sujeito	predicado
?	*Precisa-se do apoio de todos.*

Em geral, é formado por VT, VTI ou VLig.

ATENÇÃO!

Muitas vezes, temos o verbo na terceira pessoa do singular mais a partícula SE e o sujeito será determinado, estando presente na oração.
Existem, na Língua Portuguesa, duas construções bastante semelhantes no que se refere à função da palavra SE.
A palavra SE funciona, na voz passiva pronominal, como ***pronome apassivador****.*
Nesse caso, haverá sujeito expresso na frase.
O SE também pode exercer a função de ***índice de indeterminação do sujeito****.*

SE como pronome apassivador

O SE terá essa função quando aparecer ligado a um verbo na 3ª pessoa (do sing. ou pl.) e a oração admitir a transformação para a voz passiva analítica, isto é, para a voz passiva com dois verbos (verbo ser ou estar + verbo principal no particípio).

Voz Passiva Pronominal			Voz Passiva Analítica		
Divulgou-	se	o plano.	O plano	foi	divulgado.
verbo	*pronome apassivador*	*sujeito*	*sujeito*	*verbo auxiliar*	*verbo principal*

Observe que, nas duas frases, o sujeito é o mesmo: **o plano**. Na voz passiva pronominal, o SE indica que o sujeito recebe a ação, caracterizando uma voz passiva, por isso é denominado **pronome apassivador**.

Uma pergunta: se na frase **Divulgou-se o plano**, trocássemos o sujeito por **os planos**, o que deveria acontecer na forma verbal **divulgou**? Por quê?

A resposta: a forma verbal teria que ser colocada no plural, porque o sujeito e o verbo devem estar sempre concordando. A frase ficaria, então, assim:

pronome apassivador
↑
Divulgaram-se ***os planos.***
↓ ↓
verbo sujeito
Sujeito e verbo concordam entre si.

Outra pergunta: como ficaria essa nova frase na voz passiva analítica?

Ela ficaria assim:

Os planos *foram divulgados.*
↓ ↓
sujeito loc. Passiva

Na passiva, não há OD. Ele funciona como sujeito paciente nesse tipo de construção.

SE como índice de indeterminação do sujeito

A palavra SE terá essa função quando ela aparecer ligada a um verbo (sempre na 3ª pessoa do singular) em frases que não admitem a transformação para a voz passiva analítica.

Concordou	-se	com o plano.
verbo na 3ª pessoa do singular	*índice de indeterminação do sujeito*	*objeto indireto*

Essa frase nos diz que houve alguém, que não sabemos quem é (portanto, sujeito indeterminado), que concordou com o plano.

Observe que a transformação para a voz passiva analítica resultará em uma frase sem sentido, que não é gramaticalmente aceita:

Com os planos foram concordados.
(frase inaceitável)

Em geral (não sempre), o que impede a transformação da frase para a passiva analítica é uma preposição (no exemplo, a preposição com).

Esquematizando essas duas funções do SE:

Dada a frase em que se quer determinar a função do SE e/ou o sujeito, observe o seguinte:

A FRASE ADMITE A TRANSFORMAÇÃO PARA A PASSIVA ANALÍTICA?	
SIM: Então SE é pronome apassivador, e o sujeito está escrito na frase.	**NÃO:** Então SE é índice de indeterminação do sujeito, e o sujeito classifica-se como indeterminado.

SUJEITO INEXISTENTE (ORAÇÃO SEM SUJEITO)

Há, em Português, enunciados onde ocorre apenas a informação veiculada pelo predicado, sem que esta se refira especificamente a um sujeito. Dizemos, então, que se trata de uma oração sem sujeito ou que o sujeito é inexistente.

Ocorre sujeito inexistente nos seguintes casos:

a) Com o verbo HAVER no sentido de existir ou com referência a tempo.

sujeito	predicado
∅	***Havia** muitos alunos na classe.*

sujeito	predicado
∅	***Há** dois anos estive aqui.*

b) Com os verbos FAZER, SER, ESTAR com referência a tempo.

sujeito	predicado
∅	***Faz** dois anos que estive aqui.*

sujeito	predicado
∅	*Já **é** tarde.*

sujeito	predicado
∅	***Está** frio em São Paulo.*

c) Com os verbos que exprimem fenômenos naturais.

sujeito	predicado
∅	***Choveu** muito em São Paulo.*

sujeito	predicado
∅	***Anoiteceu** rapidamente.*

d) Construções do tipo: chega de, basta de e passa de.

sujeito	predicado
∅	***Chega de** palhaçada.*

• OBSERVAÇÕES

Quando temos orações sem sujeito, dizemos que o verbo de tais orações é ***IMPESSOAL.***

Os verbos impessoais, em geral, devem ficar na terceira pessoa do singular. *Assim, não se diz:*

Haviam muitas leis no país.
Fazem dois anos que nos conhecemos.

Corrija-se para:

Havia muitas leis no país.
Faz dois anos que nos conhecemos.

PREDICAÇÃO VERBAL

A predicação verbal trata do modo pelo qual os verbos formam o predicado, isto é, se exigem ou não complementos. Quando à predicação verbal, os verbos classificam-se em:

Intransitivos

São verbos que não reclamam complemento e, por isso, podem constituir sozinhos o predicado.

sujeito	predicado
José	*nasceu.*

Em geral, aparecem em frases com adjuntos adverbiais.

José	*nasceu*	***no Rio de Janeiro***	***em março.***
sujeito	VI	A. Adv. Lugar	A. Adv. de Tempo

Transitivos

São verbos que, por não possuírem sentido completo, exigem um complemento e, por isso, não conseguem sozinhos constituir o predicado. Os verbos transitivos subdividem-se em:

a) **Transitivos diretos:** quando exigem complemento sem preposição obrigatória.

Maria	*comprou*	*Ø*	*novas roupas.*
sujeito	VTD	prep.	complemento (OD)

b) **Transitivos indiretos:** quando exigem complemento com preposição obrigatória.

José	*gosta*	*de*	*coisas finas.*
sujeito	VTI	prep.	complemento (OI)

c) **Transitivos diretos e indiretos (ou bitransitivos):** quando exigem dois complementos: um sem e outro com preposição obrigatória.

Oferecemos	*flores*	*a*	*uma dama neurótica.*
VTD I	comp. s/ prep.	prep.	compl. c/ prep.

De Ligação

São aqueles que, não tendo conteúdo próprio, servem apenas como elemento de ligação entre o sujeito e um atributo do sujeito (predicativo).

Ela	*era*	*feliz.*
sujeito	VL	atributo do sujeito (predicativo)

Principais verbos de Ligação

ser, estar, permanecer, ficar, parecer, tornar-se, continuar, andar (=estar), viver (=estar) virar (=tornar-se)...

TERMOS QUE SE REFEREM AO VERBO

Objeto direto

É um termo da oração que se liga a um verbo (transitivo direto ou bitransitivo) sem preposição obrigatória, completando-lhe o sentido.

Ela	*comprou*	*Ø*	*um novo sapato.*
sujeito	VTD	prep.	OD

Objeto indireto

É o termo da oração que se liga a um verbo (transitivo indireto ou bitransitivo) por meio de preposição obrigatória, completando-lhe o sentido.

Ele	*pensava*	*em*	*coisas úteis.*
sujeito	VTI	prep.	OI

Agente da Passiva

É o termo da oração que sempre se refere a um verbo passivo por meio de preposição para indicar o elemento que executa ação verbal.

Ele	*foi amado*	*por*	*Maria.*
sujeito	verbo passivo	prep.	agente da passiva

Só admite as preposições **por**, **de**, **pelo** (e variações).

Objeto Direto Preposicionado

O objeto direto é o termo da oração que completa o sentido de um verbo transitivo sem preposição obrigatória. Algumas vezes, no entanto, o objeto direto poderá vir antecipado de preposição. Nesses casos, a preposição não é exigida pelo verbo.

pron. oblíquo tônico

Os amigos	*convidam*	*a*	*mim.*
sujeito	VTD	prep.	OD prep

Os amigos	*convidaram*	*ao*	*aluno.*
sujeito	VTD	prep. + artigo	OD

Verifique que, se tivéssemos objeto indireto, a preposição não desapareceria, pois é exigida pelo verbo.

Os amigos	*se referiam*	*a*	*mim.*
Os amigos	*se referiam*	*a*	*ela.*
Os amigos	*se referiram*	*a*	*pessoas especiais.*
sujeito	VTI	prep.	OI

Objeto Pleonástico

Muitas vezes, por questão de ênfase, antecipamos o objeto, colocando-o no início da frase e depois o repetimos por meio de um pronome oblíquo. A este objeto repetido, dá-se o nome de objeto pleonástico.

Os alunos,	*ninguém*	*os*	*viu.*
OD	sujeito	OD plen.	VTD

A mim,	*nada*	*me*	*importa.*
OI	sujeito	OI pleon.	VTI

Adjunto Adverbial

O adjunto adverbial se liga a um verbo exprimindo uma circunstância. Alguma vezes, o adjunto adverbial pode estar ligado a um adjetivo ou a um advérbio.

Maria	*é*	*muito*	*estudiosa.*
	v. lig.	adj. adv.	adjetivo

Maria	*fala*	*muito*	*bem.*
	VI	adj. adv.	advérbio

São inúmeras as circunstâncias que o adjunto adverbial pode indicar. Vejamos as mais comuns:

Moro ***em Belo Horizonte.*** (lugar)

Cheguei ***cedo.*** (tempo)

Falava ***sobre futebol.*** (assunto)

Cortou-se ***com a faca.*** (instrumento)

Falava ***bem.*** (modo)

Falava ***muito.*** (intensidade)

Morreu ***de fome.*** (causa)

Estudou ***para a prova.*** (fim)

DICAS GERAIS DE PREDICAÇÃO

- Nem todo verbo intransitivo tem sentido completo.
- Perguntas direcionadas ao verbo nem sempre são suficientes para identificar sua transitividade (use passiva ou outros recursos).
- Ser, estar, permanecer, etc. nem sempre são de ligação. Serão de ligação sempre que houver **predicativo do sujeito**.
- Nem todo termo preposicionado é objeto indireto. Considere a possibilidade de ser adjunto adverbial, complemento nominal ou outro termo de natureza preposicionada.
- A análise sintática do predicado deve ser iniciada pelos adjuntos adverbiais, evitando-se, assim, confundi-los com objetos indiretos.
- Se o verbo estiver seguido **exclusivamente** de adjuntos adverbiais, ele será intransitivo.
- Predicativo **não é exclusivo** de verbo de ligação. Pode acompanhar qualquer verbo e pode se referir tanto ao sujeito quanto ao objeto.
- A predicação / transitividade de um verbo pode variar em função do contexto.

CLASSIFICAÇÃO DO PREDICADO

O predicado é o conjunto de enunciados que, numa dada oração, contém uma informação nova para o ouvinte.

Nas orações sem sujeito, o predicado simplesmente enuncia um fato qualquer.

Chove muito nesta época do ano.

Houve problemas na reunião.

Nas orações em que há sujeito, o predicado é o que se declara a respeito desse sujeito.

Com exceção do vocativo, que é um termo à parte, tudo o que difere do sujeito numa oração é o seu predicado.

Os homens (sujeito) ***pedem amor às mulheres*** *(predicado).*

Passou-me *(predicado) uma ideia estranha (sujeito)* ***pelo pensamento*** *(predicado).*

Para o estudo do predicado, é necessário verificar se seu núcleo está num nome ou num verbo. Deve-se considerar também se as palavras que formam o predicado referem-se apenas ao verbo ou também ao sujeito da oração.

Os homens sensíveis (sujeito) ***pedem amor sincero às mulheres de opinião*** *(predicado).*

O predicado acima apresenta apenas uma palavra que se refere ao sujeito: *pedem*. As demais palavras ligam-se direta ou indiretamente ao verbo.

A existência (sujeito) é ***frágil*** *(predicado).*

O nome *frágil*, por intermédio do verbo, refere-se ao sujeito da oração. O verbo atua como elemento de ligação entre o sujeito e a palavra a ele relacionada.

O predicado verbal é aquele que tem como núcleo significativo um verbo.

Chove muito nesta época do ano.

Senti seu toque suave.

O velho prédio ***foi demolido.***

Os verbos acima são significativos, isto é, não servem apenas para indicar o estado do sujeito, mas indicam processos.

O predicado nominal é aquele que tem como núcleo significativo um nome; esse nome atribui

uma qualidade ou estado ao sujeito, por isso é chamado de predicativo do sujeito. O predicativo é um nome que se liga a outro nome da oração por meio de um verbo.

Nos predicados nominais, o verbo não é significativo, isto é, não indica um processo. O verbo une o sujeito ao predicativo, indicando circunstâncias referentes ao estado do sujeito.

*Ele **é senhor das suas mãos e das ferramentas.***

Na frase acima, o verbo *ser* poderia ser substituído por *estar, andar, ficar, parecer, permanecer* ou *continuar*, atuando como elemento de ligação entre o sujeito e as palavras a ele relacionadas.

A função de predicativo é exercida normalmente por um adjetivo ou substantivo.

O predicado verbo-nominal é aquele que apresenta dois núcleos significativos: um verbo e um nome. No predicado verbo-nominal, o predicativo pode referir-se ao sujeito ou ao complemento verbal.

O verbo do predicado verbo-nominal é sempre significativo, indicando processos. É também sempre por intermédio do verbo que o predicativo se relaciona com o termo a que se refere.

*O dia **amanheceu ensolarado.***

*As mulheres **julgam os homens inconstantes.***

No primeiro exemplo, o verbo *amanhecer* apresenta duas funções: a de verbo significativo e a de verbo de ligação. Esse predicado poderia ser desdobrado em dois, um verbal e outro nominal.

*O dia **amanheceu.***

*O dia **estava ensolarado.***

No segundo exemplo, é o verbo *julgar* que relaciona o complemento *homens* como o predicativo *inconstantes*.

TERMOS QUE SE REFEREM AO NOME

Adjunto Adnominal

É o termo da oração que se liga a um nome, sem mediação de verbo a fim de determiná-lo ou caracterizá-lo.

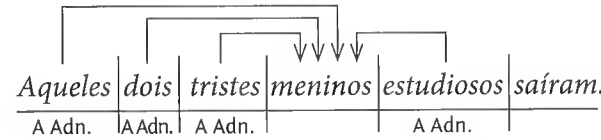

O adjunto adnominal pode ser representado por:

- artigo

- numeral

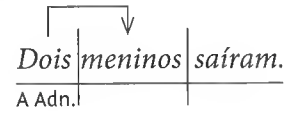

- pronome adjetivo

- adjetivos

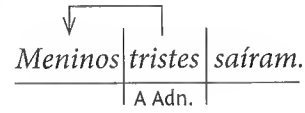

- locuções adjetivas

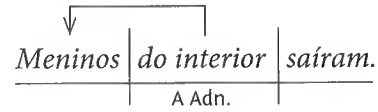

Complemento Nominal

É o termo da oração que se liga a um nome sempre por meio de preposição obrigatória, a fim de completar-lhe o sentido. Podemos dizer que o complemento nominal é o objeto do nome transitivo.

A	*resposta*	*ao*	*professor*	*foi satisfatória.*
	Nome	Prep.	CN	

NÃO CONFUNDA ADJUNTO ADNOMINAL COM COMPLEMENTO NOMINAL

Complemento nominal

- Completa nomes transitivos (substantivos abstratos, adjetivos ou advérbios).
- Substantivo abstrato: sentimento, ação, qualidade ou estado. Os sentimentos e as ações têm uma maior probabilidade de pedirem complemento.
- É obrigatoriamente preposicionado.
- Quando se refere a um substantivo abstrato, tem natureza passiva.

*O medo **da morte** aproxima as pessoas.*

Medo: substantivo abstrato; da morte: prep. "de"; tem natureza passiva (a morte é temida). É complemento nominal.

*Isso é favorável **ao país**.*

Favorável: adjetivo; preposição "ao"; ao país: complemento nominal.

Nota:
Palavras que completam adjetivos só podem ser complementos nominais.

*Agiu contrariamente **a seus princípios**.*

Contrariamente: advérbio; prep. "a"; a seus princípios: complemento nominal.

Nota:
Palavras que completam advérbios só podem ser complementos nominais.

*Amor **de mãe** é bom.*

Amor: substantivo abstrato; prep. "de"; a natureza é ativa – a mãe está amando. Então, o termo destacado não é complemento nominal, é adjunto adnominal, pois tem natureza ativa.

*Amor **à mãe** é bom.*

Amor: substantivo abstrato; prep. "a"; natureza passiva – a mãe está sendo amada. Então, o termo é complemento nominal, pois tem natureza passiva.

Adjunto adnominal

- Acompanha substantivos abstratos ou concretos.
- Pode ser representado por artigos, pronomes, numerais, adjetivos ou locuções adjetivas.
- Quando se refere a um substantivo abstrato, tem natureza ativa.

***As duas últimas** casas **de José** eram bonitas.*

As palavras destacadas funcionam como adjuntos adnominais do vocábulo CASA, que é um substantivo concreto.

EXPLICANDO...

*A crítica **do diretor** foi severa.*

Nesse caso, crítica é um substantivo abstrato e o termo ligado a ele sugere uma noção ativa. Então, **do diretor** é adjunto adnominal.

*A crítica **ao diretor** foi severa.*

Nesse caso, o diretor foi criticado, reforçando a natureza passiva do termo. Logo, trata-se de um complemento nominal.

Predicativo

É o termo da oração que se refere a um nome sempre por meio do verbo (de ligação ou não), a fim de caracterizá-lo. O predicativo pode ser:

a) **predicativo do sujeito**: liga-se a um nome (que sintaticamente funciona como sujeito) por meio de verbo (de ligação ou não), a fim de caracterizá-lo.

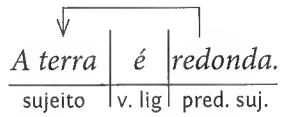

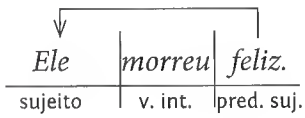

b) **predicativo do objeto**: liga-se a um nome (objeto) por meio de verbo, a fim de caracterizá-lo.

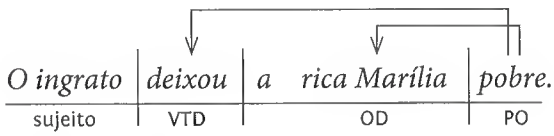

• OBSERVAÇÃO

O predicativo do objeto pode vir antes ou depois do objeto.
*Ela deixou o rapaz **nervoso**.*
*Ela deixou **nervoso** o rapaz.*

Aposto

O aposto é o termo da oração que se refere a um nome com função de explicá-lo, esclarecê-lo, identificá-lo. Normalmente, o aposto vem separado por vírgulas.

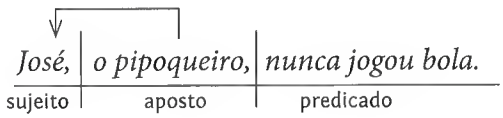

Vocativo

O vocativo constitui um termo independente da oração por não se articular a nenhum outro. Portanto, o vocativo não se refere ao sujeito, nem ao predicado.

Trata-se de um chamamento, direcionado ao ouvinte da frase.

Esse termo vem sempre isolado por sinais de pontuação.

***Caros eleitores,** votem com consciência.*

***Prezados concursandos,** estudem!*

*Vai, **Carlos,** viver a vida!*

PERÍODO COMPOSTO

O período composto é uma estrutura com sentido completo, constituída de duas ou mais orações.

***Cheguei** a casa, mas não me **demorei**, porque **recebi** um chamado urgente.*

1ª oração: *Cheguei a casa,*
2ª oração: *mas não me demorei,*
3ª oração: *porque recebi um chamado urgente.*

ATENÇÃO! DIVIDA CORRETAMENTE!

Na **divisão das orações** de um período, é necessário atentar no seguinte:

- marcar os verbos, as locuções verbais, as formas nominais do verbo (gerúndio, infinitivo, particípio), os conectivos (conjunções, pronomes relativos);
- atentar nos sinais de pontuação;
- observar o sentido de cada oração;
- pôr os marcos de separação.

__Voltando__ ao escritório, / Mário __ficou olhando__ para o quadro / __que__ tanto problema lhe __causara__.

1ª oração: *__Voltando__ ao escritório, (verbo reduzido, em lugar de conectivo)*

2ª oração: *Mário __ficou olhando__ para o quadro (sem conectivo e com locução verbal)*

3ª oração: *__que__ tanto problema lhe __causara__.(com conectivo e verbo)*

O período pode ser composto por:
- Coordenação (só orações coordenadas)
- Subordinação (principal + subordinada)
- Coordenação e Subordinação (simultaneamente coordenadas + subordinadas + principal)

PERÍODO COMPOSTO POR COORDENAÇÃO

As orações que dele fazem parte são **independentes** (cada uma tem sentido próprio com estrutura sintática completa).

O automóvel __corre__, a lembrança __morre__, o suor __escorre e molha__ a calçada...

Vejamos a distribuição das orações do período acima:

1ª oração: *o automóvel corre,*

2ª oração: *a lembrança morre,*

3ª oração: *o suor escorre*

4ª oração: *e molha a calçada...*

O período é formado por 4 orações.

Cada uma delas pode, por si, constituir outro período, chamado período simples, contendo oração com estrutura sintática completa (sujeito e predicado).

Assim, são independentes, por terem, cada uma, sentido próprio.

Podemos dizer que as orações são independentes, ou seja coordenadas entre si; sendo o período, portanto, composto por coordenação.

As orações de um período composto por coordenação podem ser:

Assindéticas – sem conjunção.

Sindéticas – com conjunção.

Vim, vi e venci.

As orações **"vim"** e **"vi"** estão colocadas lado a lado sem nenhuma conjunção as ligando. São **assindéticas**.

A terceira oração "e **venci**" está ligada a anterior pela conjunção **e**. Nesse caso, ela é chamada **sindética**.

Está frio; você deve agasalhar-se.

As duas orações do período estão justapostas, colocadas lado a lado sem conjunção que as ligue. **São coordenadas assindéticas.**

Está frio; você deve agasalhar-se, __pois__.

A primeira oração apresenta-se sem conjunção: **coordenada assindética**.

A segunda oração traz a conjunção **pois**, embora deslocada: **coordenada sindética**.

Diferença entre *frase optativa* e *frase imperativa:*

Sê maldito! (imperativo / sugere ordem)

Maldito sejas! (optativa - subjuntivo / sugere desejo): [= Que sejas maldito!]

• OBSERVAÇÃO

As orações coordenadas se apresentam com verbo no imperativo ou indicativo. Não apresentam verbo no subjuntivo, exceto quando a coordenação é feita entre as orações optativas.

*Bons ventos o **levem***
*e melhores ventos o **tragam**.*

coordenada assindética
coordenada sindética aditiva

As coordenadas sindéticas dividem-se, de acordo com o sentido e com as conjunções que as ligam, em:

Aditivas

Sentido: exprimem em relação à oração anterior uma **ideia de adição.** (Exprimem soma de pensamentos.)

Conjunções: e, nem (=não), como também, mas também, também, bem como, que (entre verbo repetido), mas ainda...

*Pedro entrou **e** foi dormir.*

*O médico não veio, **nem** me telefonou.*

*Não só é vaidosa, **mas também** inconveniente.*

*A água escorre **que** escorre.*

Adversativas

Sentido: expressam pensamentos que se opõem, que **contrastam com o anterior.** (Exprimem pensamentos opostos.)

Conjunções: mas, porém, contudo, todavia, entretanto, senão, não obstante, no entanto...

*Ouvi, **todavia** não compreendi.*

*Tomei cuidado, **não obstante** caí.*

*Fui ao banco, **entretanto** não fiz o saque.*

*Corri, **contudo** não alcancei o ônibus.*

*O jogo estava bom; os torcedores, **porém**, vaiaram os jogadores.*

As conjunções **e** e **mas** podem aparecer uma no lugar da outra.

*Acendi o cigarro, **e** não fumei.*
*(= **mas** não o fumei: sindética adversativa)*

*Acendi o cigarro **mas** fumei-o devagar.*
*(= **e** fumei-o devagar: sindética aditiva)*

Alternativas

Sentido: expressam em relação à oração anterior uma ideia de alternância ou de escolha. (Exprimem pensamentos que se excluem ou se alternam.)

Conjunções: ou, ou...ou, nem...nem, quer... quer, ora...ora, seja... seja...

***Ora** xinga, **ora** elogia.*

*Corra **ou** não alcançará o trem.*

*Pedro **nem** diz sim **nem** diz não,*
está sempre em cima do muro.

A conjunção **nem** (aditiva) aparece apenas uma vez e tem o sentido de **e não**; a conjunção **nem... nem** (alternativa) aparece repetida – uma em cada oração.

Maurício não estuda nem trabalha.
*(= **e não** trabalha: **aditiva**)*
*Maurício **nem** estuda **nem** trabalha.*
*(= repetida: **alternativa**)*

Conclusivas

Sentido: expressam pensamento que encerra uma **conclusão** acerca da oração anterior. (Exprimem uma conclusão.)

Conjunções: logo, portanto, por conseguinte, pois (após o verbo), por isso, assim, desse modo, então, dessa forma..

*Você é meu amigo; deve, **pois**, ajudar-me.*

*Ganho pouco, **logo** devo economizar.*

*O ingresso está muito caro, **por isso** não vou assistir ao show.*

Explicativas

Sentido: expressam pensamento que **explica**, justifica o anterior. (Explicam, esclarecem.)

Conjunções: **pois** (antes do verbo), porque, que, porquanto...

*Não pise a grama, **que** é proibido.*

*Alegra-te, **porque** vamos ajudá-lo.*

*Não desarrume a casa, **pois** sua mãe detesta isso.*

A conjunção **pois**	empregada antes do verbo, introduz oração sindética explicativa (= porque).
	empregada após o verbo, introduz oração sindética conclusiva (= portanto).

As orações coordenadas assindéticas não são introduzidas por conector, mas guardam entre si uma relação semântica.

Uns querem a paz; outros querem a guerra.

As duas orações que compõem o período são assindéticas, pois nenhuma delas é introduzida por conector. Nota-se, porém, que há, entre elas, uma relação de oposição, ainda que não haja conector.

As orações coordenadas assindéticas podem ser separadas por vírgula, ponto e vírgula ou dois-pontos, conforme a situação discursiva e o tipo de relação que se deseja estabelecer.

Brigam muito: querem o divórcio.

(valor conclusivo)

Ouviu um barulho, levantou-se, não era nada.

(valores conclusivo e adversativo, respectivamente)

PERÍODO COMPOSTO POR SUBORDINAÇÃO

As orações que dele fazem parte são **dependentes** (= interagem sintaticamente entre si).

Não sei como perdi o relógio.

Vejamos a distribuição das orações do período acima:

1ª oração: **Não sei**

2ª oração: **como perdi o relógio**.

O período é formado por duas orações.

A primeira oração interfere sintaticamente na segunda assim:

O verbo **saber** da primeira oração é transitivo direto, tendo seu sentido complementado pela segunda oração que exerce, portanto, a função de objeto direto.

Daí, o período ser composto por **subordinação**, por possuir oração dependente.

Todo período composto por subordinação possui, basicamente, dois tipos de orações:

- **Principal**
- **Subordinada**
  - a) Substantiva - com função sintática na principal
  - b) Adjetiva - refere-se a um termo da principal
  - c) Adverbial - exprime uma circunstância em relação à principal

As orações subordinadas podem ser desenvolvidas ou reduzidas.

- desenvolvidas
  - verbo conjugado + conector
- reduzidas
  - sem conector + forma nominal

ORAÇÃO PRINCIPAL

É a que subordina outra oração.

Características da Oração Principal

a) Em geral, não apresenta conectivo
- conjunção
- pronome relativo

b) Não contém verbo em forma reduzida (exceto se houver locução verbal)
- de gerúndio **(ndo)**
- de particípio **(do, go, to, so)**
- de infinitivo **(r)**

O verbo da oração principal, em geral, está no indicativo.

***Desconfio** de que você perderá seu lugar.*

Desconfio: oração principal - sem conjunção, sem forma verbal reduzida – o verbo está empregado no presente do indicativo.

ORAÇÃO SUBORDINADA

Características da Oração Subordinada

a) Apresenta conectivo ou contém verbo em forma **reduzida**.

b) Exerce função sintática na principal.

*Convém **aparecer tendo** folga.*

O período apresenta três orações:

1ª oração: ***Convém***: principal.

2ª oração: ***aparecer***: subordinada, reduzida de infinitivo – apresenta forma verbal no infinitivo e exerce a função de sujeito.

3ª oração: ***tendo*** folga: subordinada, reduzida de gerúndio - apresenta forma verbal no gerúndio, exerce a função de adjunto adverbial de tempo.

As duas subordinadas podem apresentar-se desenvolvidas (com conectivo).

Convém ***que** apareça / **quando** tiver folga.*

As orações subordinadas, conforme a função que desempenham, classificam-se em:

a) **substantivas:** *Espero **que ele seja feliz.***

b) **adjetivas:** *O rapaz **que conheci** é bonito.*

c) **adverbiais:** ***Se houver aula,** eu irei.*

ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA

Exerce a função desempenhada por um substantivo e subdivide-se em:

- subjetiva - função de sujeito.
- objetiva: direta ou indireta - função de complemento verbal.
- completiva nominal - complemento verbal.
- predicativa - função de predicativo.
- apositiva - função de aposto.
- agente da passiva - função de agente da passiva

As orações **subordinadas substantivas objetivas diretas, objetivas indiretas e predicativas** ligam-se ao verbo da principal ou da oração anterior.

Espero .....
Necessito de ..... } ***que voltes logo.***
Meu desejo é....

As orações **subordinadas substantivas completivas nominais** e **apositivas** ligam-se ao nome da principal ou da oração anterior.

*Tenho **receio** de **que me denuncies.***

*Não quero **isto: que me denuncies.***

As orações subordinadas substantivas **subjetivas** tanto podem ligar-se ao verbo quanto ao nome da principal ou da oração anterior.

*Convém **que regresses logo.***

*É meu desejo **que regresses logo.***

Exercem a função desempenhada por um substantivo.

CLASSIFICAÇÃO	FUNÇÃO SINTÁTICA
OBJETIVA DIRETA	OBJETO DIRETO
OBJETIVA INDIRETA	OBJETO INDIRETO
PREDICATIVA	PREDICATIVO
SUBJETIVA	SUJEITO
COMPL. NOMINAL	COMPL. NOMINAL
APOSITIVA	APOSTO

ligam-se ao VERBO da oração anterior

ligam-se ao NOME da oração anterior

• OBSERVAÇÃO

Qualquer oração subordinada substantiva pode ser introduzida por conjunção integrante (**que, se**), por pronome indefinido (**que, quem, quanto, qual**) ou por advérbio interrogativo (**onde, quando, como, por que, para que**).

*Não se sabe **se ela chegou.***
*Sei **que ele chegou.***

*Nunca se soube **como ele fugiu.***
*Não sabemos **quando ela voltou.***

*Não descobri **onde ele se escondeu.***

FUNÇÃO SINTÁTICA DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS

• **Subjetiva** - tem função de ***sujeito.***

*É preciso **que estudemos.***
[= *Nosso estudo* é preciso. (sujeito)]

• **Objetiva direta** - exerce a função de ***objeto direto.***

"Confesso **que me emocionei...**"
[= Confesso *minha emoção...* (objeto direto)]

• **Objetiva indireta** - exerce a função de ***objeto indireto.***

*Ele necessita **de que o ajudes.***
[= Ele necessita *de tua ajuda.* (objeto indireto)]

• **Predicativa** - exerce a função *de **predicativo.***

*A verdade é **que minha mãe era cândida.***
[=A verdade *é a candura de minha mãe.* (predicativo do sujeito)]

• **Completiva nominal** - função de ***complemento nominal.***

*Todos estavam convictos **de que seria aprovado.***
[= Todos estavam convictos de sua *aprovação.* (complemento nominal)]

• **Apositiva** - exerce a função de ***aposto.***

*Ela declarou apenas isto: **que lutará até o fim.***
[= Ela declarou apenas isto: *a luta até o fim.* (aposto)]

CLASSIFICAÇÃO DAS ORAÇÕES SUBSTANTIVAS

Subordinada Substantiva Subjetiva

Exerce a função de sujeito da oração anterior.

É certo ***que ele regresse logo.***

1ª oração:	2ª oração:
contém só o predicado	serve como sujeito da 1ª oração (o regresso dele logo)
principal	*subjetiva*

Como reconhecer a subordinada substantiva subjetiva:

O verbo da oração principal ou da oração anterior aparece na 3ª **pessoa do singular** e não admite sujeito dentro da própria oração em que ele está.

Não se sabe *quem quebrou as vidraças.*

A oração *"Não se sabe"* não aceita que se lhe coloque como sujeito o pronome **ele**, pois fica sem sentido. Isso porque o seu sujeito está representado pela oração seguinte: *"quem quebrou as vidraças"*, que é a subordinada substantiva subjetiva.

A oração subordinada substantiva subjetiva é introduzida pelas seguintes estruturas:

a) Predicado nominal
b) Voz passiva
c) Verbos unipessoais
} + subordinada substantiva (subjetiva)

a) Predicado nominal (com verbo na 3ª pessoa do singular).

- Verbos **ser, estar, ficar,** mais adjetivo ou substantivo: **é bom, é fato, é verdade, ficou claro, parece óbvio...**

Ficou claro
Parece evidente
Era duvidoso
} ***que você viria cedo.***

b) Voz Passiva

- ***Passiva sintética:*** (verbo na 3ª pessoa + **se**) *Sabe-se, conta-se, dir-se-ia, pede-se, diz-se...*
- ***Passiva analítica:*** (verbo *ser, estar* + part. passado).

Sabe-se
Ficou provado
Dir-se-ia
} ***que José não sabe ler.***

c) Verbos unipessoais: usados só na 3ª pessoa do singular. (são intransitivos)

- **de conveniência:** convém, cumpre, importa...
- **de ocorrência:** ocorre, acontece, sucede...
- **de efeito moral:** apraz, agrada, satisfaz...
- **de dúvida:** parece, consta, corre...

Urge
Importa
Apraz
} ***que você estude mais.***

Aconteceu
Parece
Consta
} ***que ele não disse nada.***

Substantiva Objetiva Direta

Exerce função de objeto direto da oração anterior.

Marcos afirmou **que voltaria dia dezoito.**

1ª oração:	2ª oração:
contém sujeito e verbo TD	serve como objeto direto da 1ª oração (sua volta dia dezoito)
principal	*objetiva direta*

DIFERENÇA ENTRE A SUBJETIVA E A OBJETIVA DIRETA

Subordinada Substantiva Subjetiva: a oração anterior aparece na 3ª pessoa do singular e não aceita sujeito.

*Pede-se **que você colabore.***

A oração **Pede-se** tem o verbo na 3ª pessoa do singular e não aceita como sujeito o pronome **ele**, porque fica sem sentido. (**Ele** pede-se que você colabore). [?]

Daí, a oração seguinte **que você colabore** exercer a função de sujeito, com o nome de ***substantiva subjetiva.***

Subordinada Substantiva Objetiva Direta: a oração anterior aparece com verbo em qualquer pessoa e aceita sujeito dentro da própria oração.

Quero **que você colabore.**
(= **Eu** quero a sua colaboração)
(sujeito) (objeto direto de querer)

Nós verificamos **quantos alunos faltaram.**
(sujeito) (objeto direto de verificar)

Ele não sabe **se há dinheiro em caixa.**
(sujeito) (objeto direto de saber)

(*) Peço-lhe **que não falte ao nosso encontro.**
sujeito: eu

(*) Avisaram-nos **que haverá prova amanhã.**
sujeito indeterminado

(*) Diga-me **quem provocou o quebra-quebra.**
sujeito: você objeto indireto: me
objeto direto: quem provocou o quebra-quebra

(*) VERBO TDI

A oração subordinada substantiva objetiva direta serve de complemento (**OD**) do verbo transitivo direto e do verbo transitivo direto e indireto da oração anterior.

*Espero **que traga o livro amanhã.***
TD **OD**

*Peço-lhe **que traga o livro amanhã.***
TDI OI **OD**

Subordinada Substantiva Objetiva Indireta

Funciona como objeto indireto da oração anterior.

Nem sempre vem preposicionada.

*Necessito **de que consertes meu televisor.***

1ª oração:	2ª oração:
contém sujeito e verbo TI *principal*	serve como objeto indireto da 1ª oração (do conserto do meu televisor) *objetiva indireta*

A preposição pode vir subentendida.

A oração *subordinada substantiva objetiva indireta* funciona como objeto indireto do verbo transitivo indireto ou transitivo direto e indireto da oração anterior.

*Preciso **de que me elogiem.***

*Gosto **de que me elogiem.***

*Anseio **por que passem.***

*Lembrei-me **de que já o vira.***

*Avisei-os **de que não haverá reunião.***

Subordinada Substantiva Completiva Nominal

Exerce a função de complemento nominal da anterior.

Aparece sempre com preposição.

*Tinha medo **de que me punissem.***

A oração *substantiva completiva nominal* completa o sentido de um nome (substantivo abstrato,

adjetivo, advérbio) contido na oração anterior.

Recebi *notícias* ***de que ela voltará breve.***

Fiquei com *receio* ***de que chovesse.***

Você era *digno* ***de que o demitissem.***

Estou *certo* ***de que choverá.***

Estavam *ansiosos* ***por que chegasse.***

ATENÇÃO!

Não confundir ***completiva nominal*** *com* ***objetiva indireta.***

- **Completiva nominal:** completa nome (adjetivo, substantivo abstrato, advérbio). Aparece neste esquema:

nome + preposição + *completiva nominal.*

Estou ***certo*** **de** que as coisas irão melhorar.

Não há ***certeza*** **sobre** quem recairá a culpa.

Estou *desejoso* de que você consiga o cargo de gerente.

- **Objetiva indireta:** completa verbo transitivo indireto. Apresenta-se neste esquema:

verbo + preposição + *objetiva indireta.*

Necessitamos **de** quem seja digitador.

Nada *obsta* a que você saia agora.

Subordinada Substantiva Predicativa

Exerce a função de predicativo da oração anterior. É introduzida pelo verbo **ser,** ou outro verbo de ligação.

A verdade *é* **que não descontamos o cheque.**

1ª oração:	2ª oração:
contém sujeito e verbo ser	serve de predicativo (= o não desconto do cheque) da 1ª oração
Oração principal	*Predicativa*

O melhor *será* **que estudem mais.**

Seu desespero *era* **que o gato morria.**

Sua alegria *seria* **que o irmão sarasse logo.**

Subordinada Substantiva Apositiva

Exerce função de aposto da oração anterior.

A *substantiva apositiva* aparece, normalmente, depois de nome com dois pontos (ou vírgula).

Contou-me algo horrível: **que Ana se casaria.**

1ª oração:	2ª oração:
o objeto direto está com o sentido truncado	desenvolve o sentido do objeto direto da 1ª oração
Oração principal	*Apositiva*

Ela pediu-me isto: **que o avisasse de tudo.**

Peço-te um favor: ***que não me denuncies.***

A necessidade da empresa é uma só: **que trabalhem duro.**

Verbo na 3ª pessoa do singular + se em orações substantivas.

1)

oração anterior contém **se** (pron.) e **verbo sem preposição**	→	oração seguinte é **substantiva subjetiva**

se { **anteposto** ao verbo
ou
posposto e ligado ao verbo pelo hífen

introduz

substantiva subjetiva

Não mais ***se fala*** que você era o culpado.

Falava-se que ele era o culpado.

Não ***se espera*** que o comércio venda bem.

Pede-se que se faça silêncio.

- A oração principal traz verbos transitivos diretos na voz passiva sintética.
- Não aceita sujeito, pois a oração seguinte é o seu sujeito.
- A partícula **SE** ligada ao verbo é pronome apassivador;
- A oração seguinte é *substantiva subjetiva.*

Não **se sabe** se ele chegou.
subjetiva

Sabe-se que ele chegou.
subjetiva

2)

oração anterior contém **se** (conj.) e **verbo sem preposição**	oração seguinte é **substantiva objetiva direta**

se posposto ao verbo sem estar a ele ligado por hífen

introduz

substantiva objetiva direta

Falava se você era o culpado.

Ninguém mais fala se ela fugiu.

Você sabe se ele chegou?

Desconheço se há alguém a par do acontecido.

- A oração anterior de cada período traz verbo transitivo direto.
- Cada oração anterior tem o seu sujeito:
  [**ele**] falava [**Ninguém**] mais fala
  [**você**] sabe [**eu**] desconheço;
- A partícula **se** é conjunção integrante e introduz oração *objetiva direta.*

3)

oração anterior contém **se** (pron.) e **verbo com preposição**	oração seguinte é **substantiva objetiva indireta**

se { **anteposto** ou **posposto**

introduz

substantiva objetiva indireta

Não ***se*** lembra **de** que ele era o culpado?

Precisa-**se de** quem tenha experiência.

Esqueça-**se de** quem lhe disse isso.

- A oração principal traz verbo transitivo indireto na voz ativa.
- O pronome **se** é índice de indeterminação do sujeito ou parte integrante do verdo.
- A oração seguinte é *substantiva objetiva indireta.*

Verbo na 3º pessoa do singular + outro pronome (que não o SE) em orações substantivas.

1)

oração anterior contém **pronome e verbo sem preposição**	oração seguinte é **substantiva objetiva direta**

pronome { **anteposto** ou **posposto**

me pediu

pediu-**me**

introduz

substantiva objetiva direta

Avisou-**me** que ela estava viajando.
TDI OI OD

Ninguém **me** avisou que haveria greve.
OI TDI OD

Peço-**te** que venha mais cedo.
TDI OI OD

Já **vos** falei que não daria certo.
OI TDI OD

- Verbo da oração principal é transitivo direto e indireto.
- cada oração principal tem o seu sujeito:
  [ele] avisou-me [Ninguém] me avisou
  [eu] peço-te [eu] já vos falei
- O pronome átono serve de objeto indireto.
- A oração seguinte é *substantiva objetiva direta.*

2)

oração anterior contém **pronome e verbo com preposição**	→	oração seguinte é **substantiva objetiva indireta**

pronome { **anteposto** ou **posposto**

introduz

substantiva objetiva indireta

Ninguém **me** convence **de** que ele é inocente.
OD TDI OI

Comuniquei-**o de** que não daria certo.
TDI OD OI

Não **o** aconselho **a** que trabalhe muito.
OD TDI OI

Informou-***me*** **de** que ela estava viajando.
TDI OD OI

- A oração principal traz verbo transitivo direto e indireto na voz ativa.
- Os pronomes ligados ao verbo exercem a função de objeto direto.
- A oração depois da preposição é subordinada *substantiva objetiva indireta.*

ESQUEMA

Para melhor compreensão deste esquema, seguir a direção indicada pelas setas.

Oração Subordinada Substantiva

Oração Principal ou anterior ⇒ introduz ⇒ Oração Subordinada tem:

⇓ ⇓

verbo ou nome:
- ser ou de ligação → subst. predicativa
- com preposição → subst. obj. indireta
- sem preposição, com sujeito → subst. obj. direta
- e não apresenta sujeito → subst. subjetiva

nome:
- com dois pontos ou vírgula → subst. apositiva
- com preposição → subst. completiva nominal

Nosso desejo **é** que pensem.
⇑ *predicativa*
verbo ser

Desejamos que pensem.
⇑ *objetiva direta*
verbo transitivo direto

Necessitamos de que pensem.
⇑ *objetiva indireta*
verbo transitivo (indireto com preposição)

É necessário que pensem.
⇑ *subjetiva*
não apresenta sujeito na oração principal

Desejamos apenas isto: que pensem.
⇑ *apositiva*
nome + dois pontos

Temos necessidade de que pensem.
⇑ *completiva nominal*
nome + preposição

ORAÇÃO SUBORDINADA ADJETIVA

Exerce a função de adjetivo ou locução adjetiva, referindo-se a substantivo ou pronome da oração principal ou anterior.

É introduzida pelos pronomes relativos: **que, quem, quanto, onde, o qual, cujo**.

ATENÇÃO!

Os pronomes **que, quanto, quem, onde, quanto e como** só serão relativos se retomarem um termo antecedente.

Recebi a encomenda ***que*** **me enviaste**.
(que = a encomenda)

Não conheço a rua ***onde*** **você mora**.
(onde = a rua)

Conforme seu valor, classifica-se em:
- ***Restritiva:*** sem pontuação.
- ***Explicativa:*** com pontuação.

SUBORDINADA ADJETIVA RESTRITIVA

É indispensável à compreensão do termo antecedente, ao qual se liga sem pausa; não havendo, portanto, necessidade de vírgula na escrita.

A causa ***por que*** **lutamos** é o nosso ideal.
(= pela qual)

O livro ***que*** **comprei** é excelente.
(= o qual)

O homem ***a quem*** **me refiro** viajou cedo.
(= ao qual)

Feliz é a nação ***cujo*** **governante é honesto**.
(**cujo** não apresenta sinônimo perfeito)

• OBSERVAÇÃO

A subordinada adjetiva restritiva possui valor de adjetivo, exercendo a função sintática de adjunto adnominal.

Pedro é um jovem ***que estuda muito.***
= adjetivo estudioso

função: *adjunto adnominal* do subst. *jovem*.

É teu tudo ***quanto existe aqui.***
= adjetivo existente [aqui.]

função: *adjunto adnominal* do pron. *tudo*

SUBORDINADA ADJETIVA EXPLICATIVA

Por ter valor secundário, dispensável do período, liga-se ao termo antecedente com uma pausa, marcada na escrita necessariamente por vírgula.

Os homens, **que são mortais**, dominam tudo.
(todos os homens)

Pedro, **que é muito rico**, ainda ficará mais rico.
(especificamente Pedro)

• OBSERVAÇÃO

A oração subordinada adjetiva explicativa equivale a um aposto.

A primavera, **que é a estação das flores**, chegou.

A primavera, *estação das flores*, chegou.
= aposto

ESQUEMA DE ORAÇÃO SUBORDINADA ADJETIVA

CLASSIFICAÇÃO	FUNÇÃO SINTÁTICA
adjetiva restritiva	adjunto adnominal
sem pontuação	
adjetiva explicativa	aposto
com pontuação	

referem-se a um **nome** ou **pronome** da oração anterior **(= antecedente)**

DIFERENÇA ENTRE AS ORAÇÕES ADJETIVAS RESTRITIVA E EXPLICATIVA

- A **adjetiva restritiva** individualiza um nome ou pronome anteriormente expresso; ela indica uma parte do todo. **Acrescenta uma nova ideia.**

*O homem **que é justo** perdoa.*

A oração **"que é justo"** restringe o sentido da palavra **"homem"**: não é todo homem que perdoa, mas somente aquele *que é justo.*

- A **adjetiva explicativa** repete uma ideia, merecedora de realce e que pertence à palavra anterior. **Indica uma qualidade inerente ao ser.**

*Deus, **que é justo,** perdoa.*

A oração **"que é justo"** não acrescenta nada de novo à palavra **Deus**; pois Deus por sua própria natureza tem de ser justo.

O fato de a **adjetiva explicativa** repetir algo que já está implícito na palavra anterior a torna dispensável do período, razão por que aparece com vírgula.

Diferença entre uma oração substantiva completiva nominal e uma oração adjetiva restritiva. **(ambas com preposição e sem pontuação)**

- A oração **adjetiva restritiva** pode ser trocada por um adjetivo.

- O conectivo que introduz a adjetiva restritiva é um pronome relativo.

*Não gostei da revista de **que** você tanto fala.*

= **falada**

= **da qual**
objeto indireto

*O medo a **que** fiz referência era infundado.*

= **referido**

= **ao qual**
complemento nominal

- O verbo da **completiva nominal** pode ser trocado por um substantivo.

- A completiva nominal pode ser trocada por um pronome substantivo.
- O conectivo que introduz a **completiva nominal** é uma conjunção que não faz referência a termo anterior. Também não exerce função sintática; é mero elemento de ligação.

*Tenho medo de **que** me julguem idiota.*

= **julgamento** (verbo *julgar* trocado por substantivo)

= **disso** (toda a oração trocada pelo pronome *isso*)

*Tenho certeza de **que** a situação do país melhorará.*

= **melhora**
(da situação do país)

= **disso** (toda a oração trocada pelo pronome *isso*)

FUNÇÃO SINTÁTICA DOS PRONOMES RELATIVOS

Os pronomes relativos exercem dupla função: a de **conectivo,** pois ligam duas orações, e a de **termo** da oração que introduzem, porque representam o nome anterior.

Os pronomes relativos podem ser substituídos, na oração em que estão, pelo nome que os precede.

Veja:

Adorei *as caixas* **que** me enviaram.

oraçãoprincipal — subordinada adjetiva restritiva

A oração adjetiva restritiva possui o verbo enviar (na forma *enviaram)*. Este verbo pede dois complementos - quem envia, envia **alguma coisa a alguém**. Dentro da oração, o pronome *me* serve de OI (a mim); falta o OD. Assim, o pronome *que* exerce esta função.

O pronome relativo *que* substitui, na frase em que está, o antecedente *as caixas*. Desse modo, a oração adjetiva fica assim, após a troca: *...enviaram-me **as caixas**.* (o termo em negrito funciona como objeto direto).

Função sintática	Exemplos
sujeito	O homem **que** é justo tem a consciência tranquila. antecedente = **o homem** é justo
adjunto adverbial de lugar	Esta é a cidade **onde** me criei. = me criei **na cidade**
adjunto adnominal	A mulher a **cujos** filhos fiz referência é especial. = fiz referência aos filhos **da mulher**
complemento nominal	A revista a **que** fiz alusão ainda não chegou. = fiz alusão **à revista**
objeto direto	A carne **que** comprei estava estragada. = comprei **a carne**
objeto indireto	Encontrei o rapaz por **quem** me apaixonei. = apaixonei-me **pelo rapaz**
predicativo	Você não é mais o amigo **que** sempre foi. = sempre foi **o amigo**

• OBSERVAÇÕES

- ***cujo e variações*** → em geral funcionam como **adjuntos adnominais**.
- ***onde*** → só funciona como **adjunto adverbial de lugar**.
- ***como*** → só funciona como **adjunto adverbial de modo**.

ORAÇÃO SUBORDINADA ADVERBIAL

Exerce a função de um advérbio.

Conforme a circunstância expressa, subdivide-se em:

- **Causal:** ideia de causa.
- **Comparativa:** ideia de comparação.
- **Consecutiva:** ideia de consequência.
- **Concessiva:** ideia de concessão.
- **Condicional:** ideia de condição.
- **Conformativa:** ideia de conformidade.
- **Final:** ideia de finalidade.
- **Proporcional:** ideia de proporção.
- **Temporal:** ideia de tempo.

A oração subordinada adverbial é introduzida por conjunção subordinativa.

- **Causal**

Sentido: expressa uma **circunstância de causa**, razão do que aconteceu anteriormente.

*Pedro foi reprovado **porque** não estudava.*

⇓

causa da reprovação de Pedro.

Conjunções: **porque**, porquanto, por isso que, pois que, pois, visto que, visto como, uma vez que, já que, como (antes da oração principal) etc.

Como chovia muito, fiquei em casa.

*Foi reprovado, **porquanto** não estudou.*

*O leão atacou o domador, **visto que** estava com fome.*

Uma vez que fui ofendido, revidei energicamente.

DIFERENÇA ENTRE ADVERBIAL CAUSAL E COORDENADA EXPLICATIVA

É muito difícil e sutil diferenciar uma adverbial causal de uma coordenada explicativa.

Alguns artifícios são empregados para tentar visualizar uma e outra. Normalmente, a adverbial *causal* não aceita os artifícios da coordenada *explicativa* e vice-versa.

- Toda oração será **coordenada explicativa** se o verbo da oração anterior estiver exprimindo ordem ou pedido (= imperativo ou outro tempo verbal que substitua ou que seja equivalente ao imperativo).

Não fume, **que** é proibido.

Estude muito; **porque** é preciso.

Levarei este casaco, **pois** gostei dele.

Não matarás, **que** é pecado. (= Não mates)

- A **adverbial causal**, por ser o motivo/a causa, pode vir em primeiro lugar no período.

*Ela gritou **porque** lhe pisaram o calo.*
ou
***Porque** lhe pisaram o calo, ela gritou.*

*Não fui ao show **uma vez que** chovia.*
ou
***Uma vez que** chovia, não fui ao show.*

- "**Porque** é Natal, oramos." (adverbial causal)

"Oremos, **porque** é Natal." (coordenada explicativa)

Qual é o fato gerador? O *Natal* ou *orar*?
O Natal é o fato gerador. Ora-se por causa do Natal.

Embora em ambos os exemplos a oração **porque é natal** exprime causa, a classificação das orações não é a mesma.

- No primeiro exemplo, tem-se uma oração **adverbial causal** porque ela antecede, é a primeira oração (observe que o verbo da oração principal está no indicativo).

- No segundo exemplo, embora se tenha o mesmo sentido do primeiro, a primeira oração traz o verbo no modo imperativo. Quando a oração anterior tem seu verbo no imperativo, a oração seguinte é coordenada sindética explicativa, pois ela apenas explica, esclarece a ordem dada anteriormente.

*Não fumei **porque** é proibido.*
(subordinada adverbial causal)

*Não fume, **porque** é proibido.*
(coordenada sindética explicativa)

*Não fumarás, **porque** é proibido.*
(coordenada sindética explicativa)

- No primeiro exemplo, o fato anterior, o fato gerador é a proibição. Assim, a oração *porque é proibido* ser adverbial causal.

- No segundo exemplo, pelo fato de a primeira oração possuir um verbo no modo imperativo, a segunda oração está apenas explicando, esclarecendo a ordem dada anteriormente. Então, ela é coordenada sindética explicativa.

- No terceiro exemplo, a primeira oração possui um verbo no modo indicativo equivalente ao imperativo (= Não fume); assim a segunda oração está apenas explicando, esclarecendo a ordem dada anteriormente. Então, ela é coordenada sindética explicativa.

- **Comparativa**

Sentido: expressa uma **comparação**; exprime o outro termo de uma comparação antes.

*Mário é tão esperto **quanto o pai.***
⇓ primeiro termo ⇓ outro termo da comparação

Conjunções: quanto, como, que, do que, bem como, assim como, tal como, qual, que nem...

*Aquela jovem é tão bela **quanto você.***

*A baleia é maior **do que o elefante**.*

*Juliana é tão esperta **como a mãe**.*

*Você é menos lento **que nós.***

Normalmente, a adverbial comparativa não possui verbo expresso por ser o mesmo da anterior. Assim, evita-se repetição desnecessária de termos.

*Adalberto é tão genioso **quanto o pai**.* (é)

Ângela é menos inteligente { ***(do) que Ana.*** (sem verbo) / ***(do) que Ana é.*** (verbo repetido) }

- **Consecutiva**

Sentido: exprime uma **consequência** do pensamento expresso na oração anterior.

*A moça chorou tanto, **que ficou doente.***
⇓
consequência de a moça ter chorado.

Conjunções: que, sem que (= que não), de modo que, de sorte que, de forma que, de maneira que (precedidas normalmente de tão, tanto, tamanho, tal)...

*Ela não pode ver palhaço, **sem que** chore.*

*Choveu, choveu, **que** inundou o lugarejo.*

Sempre que houver adverbial consecutiva, pode-se intercalar após a conjunção **que** a expressão **em consequência**.

*O susto foi tamanho **que** ele desmaiou.*
⇓
= que, **em consequência**, ele desmaiou

*Gritei tanto, tanto **que** resolveram ajudar me.*
⇓
= que, **em consequência**, resolveram ajudar me

DIFERENÇA ENTRE A COMPARATIVA E A CONSECUTIVA

Adverbial consecutiva - Comeu tanto **que nem** pode andar.

Verbo expresso é diferente do da anterior; expressa a consequência do fato anterior *(ter comido tanto)*.

*Comeu tanto **que, em consequência,** nem pôde andar.*

Adverbial comparativa - Comeu tanto **que nem** o pai.

Verbo não expresso, mas o mesmo da anterior *(que nem o pai **comeu**)*; expressa a comparação iniciada na oração anterior .

*Comeu tanto **que nem** o pai. (comeu)*

DIFERENÇA ENTRE ADVERBIAL CONSECUTIVA E ADJETIVA RESTRITIVA

Adjetiva restritiva

- restringe o sentido do termo anterior;
- é introduzida por pronome relativo;
- equivale a um adjetivo;
- exerce a função sintática de adjunto adnominal.

Os cães faziam um barulho ***que*** *era um desespero!*
(= o qual era um desespero)
(= barulho desesperado)

A oração **"que era um desespero"** está restringindo o substantivo **barulho,** sendo, pois, uma **subordinada adjetiva restritiva.**

Adverbial consecutiva

- exprime consequência;
- é introduzida por conjunção subordinativa;
- equivale a um advérbio.

Os cães faziam tanto barulho ***que*** *era um desespero!*
(=que, em consequência, era um desespero.)

A oração "**que** era um desespero" está exprimindo consequência pelo fato de os cães fazerem tanto barulho é, pois, **subordinada adverbial consecutiva.**

- **Concessiva**

Sentido: exprime uma **concessão** (= não haverá obstáculo ou impedimento para o que se declara), noção de exceção.

Foi trabalhar, ***embora*** *estivesse doente.*
⇓
concessão aberta

Conjunções: embora, ainda que, nem que, mesmo que, não obstante que, se bem que, posto que, conquanto, por pouco que, apesar de que, por mais que, por menos que, por maior que, suposto que, por pior que, por melhor que, que, sem que (= embora não) malgrado, em que pese...

Posto que *fosse feia, exalava simpatia.*

Gosto de maçãs, ***ainda que*** *verdes.*

- **Condicional**

Sentido: exprime uma **condição** de que depende a realização, ou não, do que se declara

Se não chover à tarde, *iremos ao clube.*
⇓
condição imposta

Conjunções: se, salvo se, exceto se, a menos que, sem que, a não ser que, desde que, contanto que, sem que...

Paulo será aprovado, ***contanto que*** *estude.*

Irei a São Paulo, ***desde que*** *o tempo melhore.*

Caso *o tempo melhore, continuaremos a viagem.*

- **Conformativa**

Sentido: exprime um fato em **conformidade** com outro.

Tudo se realizou ***conforme eu tinha previsto.***
⇓
em conformidade = de acordo

Conjunções: conforme, como, de modo que, segundo, consoante, de forma que...

*Ele fez o serviço, **como** foi combinado.*

*A tarefa, **consoante** as regras estabelecidas, foi realizada ontem.*

***Segundo** consta em nossos arquivos, Vossa Senhoria encontra-se inadimplente.*

- **Final**

Sentido: exprime a **finalidade** do que foi declarado.

*Faço votos **para que** sejam aprovados.*
⇓
finalidade do que foi declarado antes

Conjunções: para que, a fim de que, porque, que (com verbo no subjuntivo)...

*Parei-o, **a fim de que** me desse o cartão.*

*Todos lhe faziam gestos **para que** voltasse logo.*

A adverbial final pode ser introduzida pelas conjunções **porque** e **que,** se o verbo estiver no subjuntivo.

*"Orai **porque** não entreis em tentação."*
= para que — verbo no subjuntivo

*Senhor, dê licença **que** eu saia?*
= para que — verbo no subjuntivo

- **Proporcional**

Sentido: exprime **proporcionalidade** (= um fato que ocorre, aumenta ou diminui, simultaneamente àquilo que se declara).

***À medida que** andávamos, ele contava o caso.*
↖ ↗
fato simultâneo a outro

Conjunções: à medida que, à proporção que, ao passo que, (tanto mais)... quanto mais...

*Todos entravam, **à proporção que** eram chamados.*

***Quanto mais** se tem, mais se deseja.*

*Canso-me **ao passo que** subo a ladeira.*

***Quanto mais** falava, menos explicava.*

***À medida que estudo**, aprendo.*

- **Temporal**

Sentido: traduz o **tempo** da realização daquilo que é expresso em outra oração.

***Quando** saímos da estrada, perdemo-nos.*
⇓
tempo da realização

Conjunções: quando, enquanto, apenas, mal, logo que, antes que, depois que, sempre que, até que, desde que, assim que...

***Mal** o sol se escondeu, começaram a seresta.*

*Passo pela MG 5, **sempre que** posso.*

***Apenas** iniciaram os distúrbios, foi encerrada a reunião.*

A adverbial temporal pode ser introduzida pela conjunção **que,** antecedida de expressões do tipo **agora, a primeira vez, a única vez, a última vez** e outras idênticas.

*"**A primeira vez que** vi Teresa, achei que ela tinha as pernas estúpidas..."*

***A segunda vez que** errares, dar-te-ei um tapa.*

***Agora que** você está mais calmo, vamos conversar.*

ORAÇÃO REDUZIDA

É a oração que possui um verbo em uma de suas formas nominais: **gerúndio**, **particípio** ou **infinitivo.**

Formas nominais	Terminações	Exemplos
Gerúndio	*ndo*	Não **estudando**, fui reprovado.
Particípio	*ado, ido, do, go, to, so*	**Suprimida** a pena, voltaram ao serviço.
Infinitivo	*r* *ar* *er* *or* *ir*	Seria certo **ver** o trem?

CARACTERÍSTICAS DA ORAÇÃO REDUZIDA

Não é introduzida por conjunção ou pronome relativo.

Pode, em geral, ser desdobrada em uma oração com conjunção e verbo em forma finita (indicativo, subjuntivo ou imperativo).

Estudando sem método, seremos reprovados.
sem conjunção e com verbo reduzido

Desdobrando-a:

Se estudarmos sem método, seremos reprovados.
com conjunção e verbo finito

Daí a reduzida receber a mesma classificação da desenvolvida: **adverbial condicional**.

Reduzidas de Gerúndio

- Orações adverbiais causais, concessivas, condicionais e temporais.
- Orações adjetivas restritivas.
- Orações coordenadas entre si.

Mara caiu da cama, machucando-se.
coordenada assindética (= e machucou-se toda)

Estudando, passarão.
subord. adv. condicional (= se estudarem)

Temendo confusão, saí logo.
subord. adv. causal (= porque temia confusão)

Acabando a sessão, fomos ao clube.
subord. adv. temporal (= quando acabou a sessão)

Chegando ao mercado, vi comerciantes mudando o preço dos legumes.
Chegando ao mercado, ⇒ subord. adv. temporal
(= quando cheguei ao mercado)
vi comerciantes ⇒ principal
mudando o preço dos legumes. ⇒ subord. adjetiva restritiva
(= que mudavam o preço dos legumes)

LOCUÇÃO VERBAL X VERBO EM SUA FORMA NOMINAL

Verbo na sua forma nominal introduz oração subordinada reduzida de gerúndio, de particípio, de infinitivo.

***Chovendo**, não iremos ao clube.*

O verbo acima está apenas no gerúndio, introduzindo uma oração subordinada adverbial condicional, reduzida de gerúndio. (= se chover, não iremos ao clube).

***Está chovendo;** não iremos ao cinema.*

Verbos formando uma locução verbal e fazendo parte de uma oração coordenada assindética. (Não se trata, pois, de oração reduzida de gerúndio).

Está: auxiliar, **chovendo**: principal. Os dois equivalem a um só verbo: **chover (chove)**.

Reduzidas de Particípio

- Orações adverbiais causais, concessivas, condicionais, temporais.

- Orações adjetivas restritivas ou explicativas.

__Aprovada__ a ata, começamos os trabalhos.
subord. adverbial temporal (= **Quando** a ata foi aprovada)

__Perdida__ a página no vídeo, conseguiu retirá la da memória.
subord. adverbial concessiva (= **Embora** tivesse perdido)

__Prevista__ discussão, não iniciei a sessão.
subord. adverbial causal (= **Porque** previ discussão)

A decisão, __tomada pelo juiz__, agradou.
subord. adjetiva explicativa (= **que** foi tomada)

• OBSERVAÇÕES

- As orações adverbiais proporcionais e comparativas são sempre desenvolvidas.
- As adverbiais consecutivas e finais não aparecem reduzidas de gerúndio.
- Não há oração substantiva reduzida de gerúndio e de particípio.

Reduzidas de Infinitivo

- Orações substantivas.
- Orações adverbiais causais, concessivas, condicionais, finais e temporais.
- Orações adjetivas restritivas.

Não pedi para __trazerem__ os livros.
subord. substantiva objetiva direta (= **que** trouxessem os livros)

Urge __sairmos__ agora.
subord. substantiva subjetiva (= **que** saiamos agora)

Ela saiu __sem me agradecer__.
subord. adverbial concessiva (= sem que me agradecesse)

Vimos Pedro __sair rápido__.
subord. adjetiva restritiva (= que saía rápido)

Quero pedir lhe algo: __não discutir__ à toa.
subord. substantiva apositiva (= **que** não discuta à toa)

VERBO REDUZIDO DE INFINITIVO COM O FUTURO DO SUBJUNTIVO

- Com verbo reduzido de infinitivo, não há conjunção.

__A continuar__ a chuva, não sairemos.
(= se continuar a chuva)
subord. adverbial condicional, reduzida de infinitivo

- Com o futuro do subjuntivo, há conjunção subordinativa ou pronome relativo. (que, se, quando, enquanto...)

__Se continuar__ a chuva, não sairemos.
futuro do subjuntivo
subord. adverbial condicional (desenvolvida)

A CONJUNÇÃO "E" NO PERÍODO COMPOSTO POR COORDENAÇÃO E SUBORDINAÇÃO

- Imediatamente **após a principal,** introduz **coordenada sindética aditiva.**

Pedro ligou-me *e*
1ª

pediu-me encarecidamente
2ª

que o ajudasse.
3ª

1ª oração: principal.
2ª oração: coordenada sindética aditiva e principal de segundo grau em relação à 3ª oração (pois traz o verbo **pedir** que é transitivo direto e indireto e tem um de seus complementos em forma de oração).
3ª oração: subordinada substantiva objetiva direta (serve de objeto direto do verbo **pedir**).

- **Após** oração **subordinada**, introduz oração com o **mesmo nome da anterior** (trata-se de duas orações subordinadas coordenadas entre si).

Mariana disse
1ª
que compraria o colar
2ª
e o daria a você.
3ª

1ª **oração:** principal.
2ª **oração:** subordinada substantiva objetiva direta.
3ª **oração:** subordinada substantiva objetiva direta, coordenada à anterior e subordinada à primeira oração.

Mariana disse { que compraria o colar. / que o daria a você.

ALGUMAS CORRELAÇÕES DE ORAÇÃO REDUZIDA

- O **verbo no infinitivo** antecedido de preposição inicia orações com os seguintes valores semânticos: causa, tempo, finalidade e condição.
- Com a preposição **por**, a indicação será de causa:

Por estar acamado, *não irei à reunião*

- Com **para**, de finalidade:

Elas vieram ***para conversar.***

- Com **ao**, de tempo:

Ao chegar ao colégio, *encontrei meu amigo.*

- Com **a**, de condição:

A continuar assim, *você não conseguirá seu intento.*

- Com **apesar de**, de concessão:

Apesar de ser jovem, *era muito séria.*

ORAÇÕES INTERCALADAS

- São orações independentes que

não { fazem parte do período. / exercem função sintática (não se ligam sintaticamente a nenhuma outra).

- Intercalam-se no período, interrompendo-o por um instante para, como num aparte, introduzir uma citação, advertência, desejo, ressalva, opinião, enfim uma observação qualquer.
- Nada tem a ver com o período em que se intercalam.
- Também podem ser chamadas de **orações interferentes**.

As moças, ***creio eu,*** *não gostam de mim, que sou feio.*

O período é formado de duas orações:

- 1ª **oração:** As moças não gostam de mim *(principal)*
- 2ª **oração:** que sou feio *(subord. adverbial casual)*
- **"creio eu"** não faz parte do período, é, portanto, *oração intercalada.*

"- Por que não fumas?
*- **perguntou o comerciante.**"*

"- Porque a saúde é minha mãe.
*- **respondeu o filósofo.**"*

"Ela já viu isto?
*- **perguntei à parteira.**"*

As orações em negrito exemplificam casos de oração interferente.

As intercaladas podem aparecer entre { vírgulas / travessões ou / parênteses

• OBSERVAÇÃO

As orações colocadas no início do período podem introduzir uma fala, uma citação ou uma explicação, como nos exemplos a seguir :

*- Por que não fumas? - **perguntou o comerciante.***
oração intercalada

***Perguntou o comerciante:** "Porque não fumas?"*
fala

*O petróleo, **dizem os jornais,** vem subindo de preço.*
oração intercalada

***Dizem os jornais:** "O petróleo vem subindo de preço."*
citação

EXERCÍCIOS

1 *"Quando o enterro passou,*
Os homens que se achavam no café
Tiraram o chapéu maquinalmente."
(Manuel Bandeira)

A oração que se achavam no café é
a) subordinada adverbial condicional.
b) coordenada sindética adversativa.
c) subordinada substantiva subjetiva.
d) subordinada substantiva objetiva direta.
e) subordinada adjetiva restritiva.

2 Assinale o item em que há uma oração, quanto à classificação, idêntica à segunda do período ***Pernoitamos depois junto a um açude lamacento, onde patos nadavam.***
a) "As virilhas suadas ardiam-me, o chouto do animal sacolejava-me..."
b) "De onde vinham as figuras desconhecidas para encontrar-nos?"
c) "Fiz o resto da viagem com um moço alegre, que tentou explicar-me as chaminés dos banguês..."
d) "Os ais graúdos percebiam que a viagem era alegre."
e) "Surgiam, regatos, cresceram tanto que se transformaram em rios..."

3 Assinale o período que contenha uma oração reduzida com valor de adjetivo.
a) O ônibus parou na rua transversal para assustar os passageiros.
b) Correndo assustado, o menino foi chamar o guarda.
c) Os garotos vestindo camisetas velhas reclamavam apenas uma penca de bananas meio amassadas.
d) Faça das entranhas coração para obter, um dia, a rara felicidade dos humanos.
e) Moleques de carrinho dirigiam-se a várias direções, atropelando uns aos outros.

4 Assinale a opção em que a substituição da expressão destacada modifica o sentido básico da frase.
a) A maioria elabora comentários sobre fatos que não existiram.
A maioria elabora comentários sobre fatos irreais.
b) Eles são alguns dos que transitam pela avenida Paulista.
Eles são alguns dos transeuntes da avenida Paulista.
c) Os mais eloquentes nas bobagens que falam são os meninos.
Os mais eloquentes nas bobagens proferidas são os meninos.
d) Parece existir o sentimento generalizado de que tudo é possível neste País.
Parece existir o sentimento generalizado de toda a viabilidade deste País.
e) Trans-Piração é o programa a que aludiu o repórter.
Trans-Piração é o programa mencionado pelo repórter.

5 Em todas as opções, as duas orações estão corretamente relacionadas no período, **EXCETO** em

a) Falou-me de João Cabral. Eu já conhecia alguns poemas dele.
= Falou-me de João Cabral, que poemas eu já conhecia.

b) Você não estava passando bem. Não devia ter saído de casa.
= Se você não estava passando bem, não devia ter saído de casa.

c) O choque entre os dois ônibus foi muito violento. Vários passageiros sofreram fraturas sérias.
= O choque entre os dois ônibus foi tão violento que vários passageiros sofreram fraturas sérias.

d) É melhor dar o assunto por encerrado. Nada mais temos a tratar.
= É melhor dar o assunto por encerrado, já que nada mais temos a tratar.

e) Moram na mesma rua. Raramente se encontram.
= Embora morem na mesma rua, raramente se encontram.

6 Considere as seguintes frases:

I – João informou-o de que chegaram os livros.
II – João informou-lhe que chegaram os livros.
III – João informou-o que chegaram os livros.
IV – João informou-lhe de que chegaram os livros.

Podemos dizer, a respeito da regência do verbo informar, que as frases

a) II e IV estão corretas.
b) I e II estão corretas.
c) I, II e III estão corretas.
d) I e III estão corretas.

7 Em todas as opções, a expressão sublinhada foi corretamente substituída, **EXCETO** em

a) Ensinava redação técnica <u>aos alunos do curso de História</u>.
Ensinava-lhes redação técnica.

b) Precisamos de melhores recursos para ajudar <u>as populações carentes</u>.
Precisamos de melhores recursos para ajudá-las.

c) Agrediram <u>os homens</u>, pois eram desonestos.
Agrediram-nos, pois eram desonestos.

d) Assistiremos <u>aos melhores espetáculos</u>, porque temos ótimo gosto.
Assistiremo-lhes, porque temos ótimo gosto.

e) Mostrou grande interesse em namorar <u>a prima</u>.
Mostrou grande interesse em namorá-la.

8 A frase **CORRETA** em relação à regência é:

a) Contento-me com pouco; aspiro pouca coisa neste mundo.
b) Quem relatou o fato, assistiu-o.
c) Nunca esqueci das coisas que me disseste.
d) Estimo a meus pais; obedeço-os em tudo.
e) O rádio avisou ao povo os acontecimentos.

9 Segundo a norma culta, há **ERRO** de regência em

a) Há livros especializados que descrevem como a teoria se aplica à prática.
b) Em algumas tarefas, chega-se a solução quando um ponto crucial é resolvido.
c) Prefiro isso àquilo.
d) O médico não havia assistido o doente.

10 Assinale a alternativa em que o uso do verbo **custar NÃO** está de acordo com a norma culta.

a) Custou-me entender o fato.
b) Custou ao aluno entender o fato.
c) Custa-me resolver este problema.
d) O trabalho custou muito esforço ao aluno.
e) O aluno custou para entender o exercício.

Gabarito

| 1-e | 2-c | 3 -c | 4-d | 5-a | 6-b | 7-d | 8-e | 9-b | 10-e |

ANÁLISE SINTÁTICA - DICAS GERAIS

1. Inicie a análise sintática isolando o sujeito e identificando os adjuntos adverbiais.

Chegou de Londres.
VI *Adj. Adv. Lugar*

2. Adjuntos adverbiais são palavras ou expressões que exprimem CIRCUNSTÂNCIA (tempo, modo, causa, dúvida, lugar). Perguntas: Para quê? Por quê? Onde? Com quem? Como? Quanto? Quando?...

Gosto de Boston. Voltou de Boston.
VTI *OI* *VI* *Adj. Adv. Lugar*

3. Adjuntos adverbiais podem ou não ser preposicionados.

Compareceu ao encontro hoje.
VI *Adj. Adv. finalidade/lugar* *Adj. Adv. Tempo*

4. Se um verbo vier seguido apenas de adjuntos adverbiais, ele será sempre intransitivo.

As lojas vendem muito no Natal.
Suj. *VI* *Adj. Adv. Intensidade* *Adj. Adv. Tempo*

5. Nem todo termo preposicionado é objeto indireto.

Ela saiu com a amiga.
VI *Adj. Adv. Companhia*

6. Nem todo objeto indireto apresenta preposição explícita.

Jamais lhe obedecerei.
Adj. Adv. Negação *OI* *VTI*

7. Ser, estar, permanecer, ficar, continuar... nem sempre serão verbos de ligação.

Ela ficou em casa. Ela ficou triste.
Suj. VI Adj. Adv. Lugar *Suj . VLig Pred. Suj.*

Ela ficou com a herança. Ela ficou triste em casa.
Suj. VTI OI *Suj. VLig. Predicativo do suj. Adj. Adv. Lugar*

8. Adjunto adverbial pode acompanhar qualquer verbo.

9. Para um verbo ser de ligação, são necessárias duas condições SIMULTÂNEAS: estar na lista de verbos de ligação e ter predicativo do sujeito.

Ela está feliz. Ela acordou feliz.
Suj. VLig Pred. Suj. *Suj. VI Predicativo Suj.*

Ela acordou bem. Ela está bem.
Suj. VI Adj. Adv. Modo *Suj. VI Adj. Adv. Modo*

Ela permaneceu longe.
Suj. VI Adj. Adv. Lugar

10. Predicativo pode acompanhar qualquer tipo de verbo.

11. Predicativo pode se referir tanto ao sujeito quanto ao objeto.

As meninas encontraram os pais nervosas/nervosos.
Suj. *VTD* *OD* *Predicativo Sujeito* *Predicativo Objeto*

12. Predicativo nem sempre é representado por adjetivo.

Ela já é uma mulher.(subst.)
Suj. AAT VLig. Predicativo Sujeito

Fulana é outra.(pronome)
Suj. VLig. Predicativo Sujeito

13. Não confunda predicativo do sujeito com adjunto adverbial de modo (invariável).

Ela vive só. (Variável – sozinha, solitária)
Suj. VI Predicativo do Sujeito

Ela fala alto. (invariável)
Suj. VI Adj. Adv. Modo

O Governo permaneceu calado. (variável)
Suj. *VLig.* *Predicativo do Sujeito*

14. Não confunda verbo intransitivo com verbo transitivo direto. Isso ocorre porque a frase está invertida. Use os recursos de pronominalização no início da frase. VTD aceita passiva(ser/estar +particípio) e VI não aceita passiva.

(~~Ele~~)Resta outra opção. (outra opção é restada? Impossível)
VI *Suj.*

(~~Ele~~)Existia uma alternativa. (uma alternativa era existida? Impossível)
VI *Suj.*

(Ele)Encontrou outra opção. (Outra opção foi encontrada.)
VTD *OD* *Suj. Paciente*

(Ele)Buscava uma alternativa. (Uma alternativa era buscada.)
VTD *OD* *Suj. Paciente*

14. A transitividade de um verbo pode variar em função do contexto.

Ela fala muito.
Suj. VI Adj. Adv. Intensidade

Ela fala a você.
Suj. VTI OI

Ela fala coisas interessantes.
Suj. VTD OD

Ela fala coisas interessantes a você.
Suj. VTDI OD / OI

PREDICADO
Tipos de predicado

TIPO	VERBO	PREDICATIVO	SENTIDO
Verbal	VI, VTD, VTI, VTDI	Ø	Ação
Nominal	Verbo de Ligação	Predicativo do sujeito	Qualidade, Estado, Característica
Verbo-nominal	VI, VTD, VTI, VTDI	Predicativo do sujeito ou do objeto	Ação + Qualidade, Estado, Característica.
OBS.: Os destaques são os núcleos do predicado.			
• Em um predicado verbal, não há predicativo.			
• Toda vez que houver verbo de ligação, o predicado será nominal.			
• Se houver predicativo e não houver verbo de ligação, o predicado será verbo-nominal.			

ORAÇÕES SUBSTANTIVAS

ORAÇÃO SUBSTANTIVA	CARACTERÍSTICAS DA ORAÇÃO PRINCIPAL
Subjetiva	Verbo de Ligação + Predicativo Verbo Intransitivo VTD, VTDI + SE (Voz Passiva)
Objetiva Direta	VTD (sem passiva)
Objetiva Indireta	VTI
Completiva Nominal	Nome + Preposição
Apositiva	Dois-pontos ou vírgula
Predicativa	Sujeito + Verbo de Ligação
Agente da passiva	Voz passiva analítica (introduzida pelas preposições: por, pelo (a)/(s) ou de)

ORAÇÕES ADJETIVAS

EXPLICATIVAS: UM / TODOS	RESTRITIVAS: UM DOS / ALGUNS DOS
Vêm entre vírgulas. Referem-se a um conjunto unitário ou a uma generalização.	NÃO vêm entre vírgulas. Referem-se a uma parte de um conjunto maior.

CORRELAÇÕES DE INFINITIVO

COMBINAÇÃO	VALOR	CONECTOR USUAL
AO + Infinitivo	Temporal	Quando
A + Infinitivo	Condicional	Se / Caso
A fim de + Infinitivo	Final	A fim de que
Para + Infinitivo	Final	Para que
Por + Infinitivo	Causal	Porque / Como (início de frase)
Apesar de + Infinitivo	Concessão	Embora / Ainda que

UNIDADE VI

REGÊNCIA

CONCEITO

Regência é o estudo da relação de dependência que há entre a palavra dependente, **chamada regida,** e o termo a que ela se prende, **dito regente**.

Esta dependência pode ser direta, ou seja, sem preposição obrigatória, e pode ser indireta, isto é, com preposição indispensável. Assim, torna-se importante o estudo das preposições.

O homem tem necessidade ***de amor.***
(Regência nominal)
nome regente - termo regido (= complemento nominal)

A mulher necessita ***de amor.***
(Regência verbal).
verbo regente - termo regido (= objeto indireto)

O regente e o regido, intimamente relacionados, formam um todo significativo.

REGÊNCIA NOMINAL

Quando o termo regente é
- substantivo → ***Amor*** *ao estudo.*
- adjetivo → ***Difícil*** *de solucionar.*
- advérbio → ***Relativamente*** *ao assunto.*

Os termos regidos por nomes exercem a função de complemento nominal.

A criação **do homem** é obra **de Deus**.
(CN) (Adj. Adn.)

Observe que o primeiro termo em negrito completa um substantivo abstrato, sendo, portanto, complemento nominal. Já o segundo termo funciona como adjunto adnominal, não configurando caso de regência.

REGÊNCIA DE ALGUNS NOMES

Acessível a = aproximação, acesso / para = passagem
agradável a
amor a / para com
ânsia de / por
apaixonado de/ por
atenção a / sobre / com / para com
avaro de
atento a / em
avesso a
aversão a / para / por

Bom para

Capaz de
certo de
conforme a / com
contente de / com / em / por
cuidados com

cego a
comum a / de
contíguo a
cruel com / para com
curioso de / por

Desejoso de
devotado a
devoção a / por
devoto de / a
digno de
diferente de
dotado de
dúvida de / em /
sobre / acerca

Entendido em
empenho de / em / por
estima a / por = amizade /
de = consideração

Feliz com / de / em / por
firme em
furioso com
falta a / de / com / contra
favorável a
fértil de / em
fraco de
fiel a / em

Gosto a / de / para /
por / em
guerra a
grato a

Hábil em
horror a
habituado a
hostil a

Ida a
idêntico a
impróprio para
impossível de
imune a / de
incompreensível a
infatigável em
infiel a
insaciável de
incapaz de
indigno de
inferior a
inimigo de
inútil para

Jeito de / para
junto a / de

Lento em
longe de
livre de
luta contra

Maior de
mal de
mau com / para /
para com
morador em
manso de
menor de

Natural de
necessário a

Obediência a

Parecido a / com a
peculiar a
parco em / de

pobre de
pronto para
[1]próprio a = apropriado
[2]próprio de = peculiar
[3]próprio para = conveniente
próximo a / de

Rebelde a
rente a / de / com
responsável com / por
relativamente a
respeito a / de / com / por /
para com
rico de / em

Sedento de / por
simpatia a / por / para com
situado a / em / entre
suspeito a / de
semelhante a
sensível a
superior a

Temeroso de
traidor de

Último a / de / em
união a / de / em
útil a

Vazio de
visível a
versado em
vizinho a / de

Zangado com

REGÊNCIA VERBAL

Quando o regente é um verbo.

__Amar__ os estudos.
__Dificultar__ as coisas.
__Relacionar__ os erros mais comuns.

A regência verbal envolve conhecimento da predicação dos verbos.

Assim, vale a pena uma recapitulação.

Os verbos dividem-se em:

- **Intransitivos (VI)**
  Quando não necessitam de complemento (OD/OI).

  Fulano __morreu__.
  __Piam__ as aves.
  __Chegou__ um desconhecido.

  As expressões "fulano", "as aves", "um desconhecido" exercem a função de sujeito.

- **Transitivos Diretos (VTD)**
  Exigem um complemento (objeto direto), que se lhes prende diretamente, para juntos integralizarem o todo significativo.

  __Fizemos__ os exercícios.
  __Desenhamos__ um livro.
  Ninguém __ignora__ essas coisas.

  As expressões "os exercícios", "um livro", "essas coisas" têm função de objeto direto.

- **Transitivos Indiretos (VTI)**
  Necessitam de um complemento preposicionado (objeto indireto), a fim de formarem com ele o todo significativo.

  __Precisamos__ de coragem.
  __Gostaram__ das praias.
  __Assistimos__ ao festival.

  As expressões "de coragem", "das praias", "ao festival" são objetos indiretos.

- **Transitivos Diretos e Indiretos (VTDI)**
  Regem, conjuntamente, os dois complementos acima citados: objeto direto e objeto indireto.

  __Dei__ um livro ao colega.
  __Mandamos__ um recado ao amigo.

  "um livro", "um recado" - objetos diretos
  "ao colega", "ao amigo" - objetos indiretos

• OBSERVAÇÕES

1 Os pronomes **o(s)**, **a(s)** e as variantes **lo(s)**, **la(s)**, **no(s)**, **na(s)** podem funcionar como complemento de verbos transitivos diretos.

Esperava-__o__ ontem.
Entregamo-__los__ depois.

Os pronomes em destaque funcionam como objeto direto.

2 Os pronomes **lhe** e **lhes** funcionam como complemento de verbos transitivos indiretos, como adjunto adnominal ou como complemento nominal.

Perdoava-__lhe__ sempre.
Isto não __lhe__ pertence.

lhe = objeto indireto
(verbos transitivos indiretos)

Desejo-__lhe__ sorte.
Peço-__lhe__ silêncio.

lhe = objeto indireto
(verbos transitivo diretos e indiretos)

Quero-__lhe__ o relógio. (=seu)
Admiro-__lhe__ a coragem. (=sua)

lhe = adjunto adnominal
(verbos transitivos diretos)

A questão parece-__lhe__ justa.
A decisão foi-__lhe__ favorável.

lhe = complemento nominal
(verbos de ligação)

3 Os pronomes **me, te, se, nos, vos** podem também servir como complementos de verbos transitivos diretos, transitivos indiretos, transitivos diretos e indiretos e como adjuntos adnominais ou como complementos nominais.

*Eu vejo-**te** amanhã.*
*Ele feriu-**se** todo.*
pronomes: OD / verbos: TD

*Pago-**vos** amanhã.*
*Ela **nos** obedeceu.*
pronomes: OI / verbos: TI

*Pegou-**me** a mão. (=minha)*
*Quer-**nos** a casa. (=nossa)*
pronomes: ADJ.ADN. / verbos: TD

*Dê-**nos** dinheiro.*
*Peço-**te** licença.*
pronomes: OI / verbos: TDI

4 As formas **lho, lha, lhos, lhas** são complementos de verbos transitivos diretos e indiretos, bem como servem de adjunto adnominal.

*A blusa? Em casa **lha** dou.*
⇑
[= Em casa, darei a *blusa* a você.
lha = ***lhe*** *(OI)* + ***a*** *(OD)*
(= a você) (= a blusa)

*Não lhe sei o nome, nem que **lho** soubesse o diria.*
⇑
[= Nem que soubesse *o seu nome* o diria.]
lho = ***lhe*** *(ADJ. ADN.)* + ***o*** *(OD)*
(= seu) (= o nome)

5 Há verbos transitivos indiretos que não se usam com o pronome **lhe**, mas com os **pronomes oblíquos tônicos ele, ela, eles, elas,** antecedidos da preposição **a**: *aludir, aspirar (=desejar), assistir (=ver), tomar, recorrer, preferir, proceder, visar (=desejar).*

*Aludimos à religião. Aludimos **a ela.***
*Aspiramos a um cargo. Aspiramos **a ele.***
*Assistiram aos jogos. Assistiram **a eles.***
*Recorri ao diretor. Recorri **a ele.***
*Procederam ao sorteio. Procederam **a ele.***
*Viso a um cargo. Viso **a ele.***

REGÊNCIA DE ALGUNS VERBOS

A

aborrecer-se com
abster-se de
aconselhar-se a / com
ajuntar-se com
almejar por
antecipar-se a
apegar-se a
apiedar-se de
aproximar-se a / de
assentir a
atentar contra / em
atrair a
aviar-se de
absolver de
acercar-se de
ajuntar a
amercear-se de
apaixonar-se por
apelar para
apoderar-se de
arriscar-se a
assinalar com
ater-se a
ausentar-se de
avir-se com
acautelar-se com
acomodar-se a
admirar-se de
alimentar com / de
amofinar-se com
apartar de
aperceber-se de
apressar-se a / em / por
assemelhar a / com
atinar com
autorizar a
avizinhar-se de

B

bandear-se para
brigar com
batalhar com
bater em / a
baixar a
brindar (TD)
bastar a
blasfemar contra
brindar com
bater (TD)
bater a (TI)

C

cair em / sobre
casar-se com
chamar por / de
cingir de
clamar por
coincidir com
combinar com
comerciar com / em
competir com
comprometer-se a
concorrer a / com
conformar-se com / a
contrapor a
convir com / a / em
cotejar com
cruel com / para com
capitular com
ceder a
chamar (TD)
cingir-se a
cobrir de
coligar-se com
começar a / por
comparar a / com
comprazer-se em/com
comungar com
condescender com
consentir em
contribuir para / com
corresponder-se com
coxear de
curtir-se em
carecer de
certificar-se de
chegar-se a
circunscrever a
coexistir com
combater contra
comedir-se em
compelir a
comprazer a
comutar em
condoer-se de
conter-se em
converter em / a
corresponder a
cristalizar em
curar-se de

D

decidir-se sobre
dependurar em / de
desempenhar-se de
discrepar em
decidir sobre
desapegar-se de
deter-se em / com
distrair-se com
deleitar-se com / em / de
desavir-se com
dignar-se de / a
dotar com / em

E

embaraçar-se com
entreter-se com
enfurecer-se com / contra
envaidecer-se com / por
engalanar-se com / em
especular com / em
exceder a / em
engolgar-se com
estimular a / com
estribar-se em
empenhar-se por / em / com
ensaiar-se em / com
esforçar-se em / por / para
excusar de
exercitar-se em

F

faltar com / a
fiar-se de / em
feder a
franquear de / a
fartar com / de
folgar de / com
fincar-se em / de
fatigar-se de / com
fundar-se em
forrar de / com

G

gabar-se de
guardar-se de
gloriar-se de
guarnecer com
graduar-se em
guindar-se a

H

habilitar-se com / para
haver-se com
herdar de
hombrear-se com
harpejar
humilhar-se a

I

igualar com
incidir em
insistir sobre / em
imbuir-se de / em
impor a
inferir de
interessar-se por / em
impelir a
impedir a / de (TDI)
inflexível a
investir contra / com / em
impenetrável a
induzir a / em
irmanar com
intrometer-se em
incorrer em
injuriar com
isentar de
importunar com
indignar-se com
inquietar-se com / de
importar a (impessoal)⇒ de (país)⇒ em (quantia)?

J

jactar-se de
juntar-se a / com
jubilar com
juntar (TD)

L

lamentar-se de
ligar a / com / para
litigar com / contra
lastimar-se de
limitar-se a / com
lutar contra / com / por
lidar com
lisonjear-se de

M

maliciar de
matizar de
mesclar em
murmurar de
mancomunar-se com
mediar entre
meter-se a / em
mortificar-se com
manter-se com / em
meditar em / sobre
moderar sem

N

namorar (TD)
negar-se a
namorar-se de
nivelar-se a / com
nutri-se de / com
negociar em / com

O

obstar a
ofender (TD)
optar por / entre
obstinar-se em
ofender-se com / por
orar por
ocupar-se com / em / de
opinar sobre

P

pactuar com
pender de / para
persuadir a / de
porfiar em
prezar-se de
prevenir de / para / contra
pugnar por / contra
padecer de
permutar com / por
pleitear com / contra
preponderar sobre
prezar-se de
prostar por
participar de / em
perseverar em
precaver-se contra / de
prescindir de
prover a / de

Q

quadrar com
quebrantar-se com
qualificar de
queixar-se de / a

R

radicar-se em
rebaixar-se a / de
reincidir em
remontar a
residir em
restabelecer-se de
romper com
ralhar com
recrear-se com
relaxar-se em
render-se a
reptar para
rodear-se de / com
reconvir sobre
regalar-se com
rejubilar em
regozijar-se de / com
resultar de / em
rogar por
responder a

S

sacrificar-se a / por
salpicar de
servir-se a / parar / de
sujar-se com / de
safar-se de
segregar de
sub-rogar
suster com
sair-se de / com
satisfazer-se a / com
substabelecer em
sustentar-se de / com

T

tachar de
terminar em / por
traduzir em / para / de
tropeçar com / em
tardar em
traficar com / em
temer de / por
topar com
trasladar a / em / de
tiritar de

U

ufanar-se de / com
ultrajar com
unir a / com
ungir com
utilizar-se de

V

vacilar em
vazar em
viciar-se com / em
valer-se de
variar de / em
vincular a
vangloriar-se de / por
velar por / em
voltar de / a

Z

zangar-se com
zelar por
zombar de

CASOS DE REGÊNCIA

Um caso de regência trata da complementação de nomes e verbos. Essa complementação pode ser com ou sem preposição.

Necessitava (verbo) de apoio.
(Regência verbal).

Era favorável (adjetivo) a novas leis.
(Regência verbal).

Pensando...

As pessoas que apresentarem os sintomas da gripe H_1N_1 devem ***comparecer em*** *um posto de saúde.*

O verbo comparecer pede a preposição "a", portanto a frase está incorreta.

Esquecer de *coisas simples pode indicar alguma dificuldade de memória.*

O verbo **esquecer** tem duas possibilidades de regência: como VTI, com preposição e com pronome ou como VTD, sem preposição e sem pronome. Pode-se usar **esquecer-se de** ou simplesmente **esquecer algo**. Portanto, a frase está incorreta.

A ideia de que o homem é um ser social ***visa a*** *promover a convivência.*

Visar, no sentido de desejar, é verbo transitivo indireto e pede a preposição ***a***. A preposição pode ser suprimida quando se tratar de objeto oracional – "visa promover". Assim, é possível que a frase seja reescrita da seguinte forma:

A ideia de que o homem é um ser social visa promover a convivência.

Pensando mais...

A decisão do governo implicará recessão.

Seria possível, mantendo-se o sentido e a correção gramatical, inserir a preposição ***em*** logo após o verbo implicar?

O verbo implicar, no sentido de acarretar, é VTD e não pede nem admite preposição. Logo, não seria possível.

A lei a que se referiu foi mencionada no processo.

Seria possível, mantendo-se o sentido e a correção gramatical, substituir a expressão ***a que*** por ***a qual***?

Qual é um pronome relativo que vem precedido de artigo (a qual, as quais, o qual, os quais). O verbo ***referir-se*** pede a preposição ***a***. Logo, para manter a correção gramatical, seria necessário acento grave no a (à qual). Portanto, não seria possível.

Isso visa à resolução do caso.

Seria possível, mantendo-se o sentido e a correção gramatical, retirar o acento grave do período apresentado?

O verbo visar, no sentido de desejar, é VTI. Visar pede a preposição ***a***. Logo, não seria possível.

PRINCIPAIS CASOS DE REGÊNCIA VERBAL

Simpatizar, deparar, antipatizar, empatizar, implicar (no sentido de ser implicante)

- São VTI.
- Exigem a preposição ***com***.
- Não são pronominais.

Ele deparou ***com*** *uma nova situação.*

O governo não simpatizou ***com*** *a proposta.*

Chegar, ir, voltar, retornar, comparecer

- São VI.
- Exigem a preposição ***a*** quando seguidos de adjuntos adverbiais de lugar (destino).
- Não admitem a preposição ***em*** e variações.

*Os cidadãos devem retornar **ao** local de votação.*
*Voltaram **àquele** lugar.*
Admitem outras preposições com alterações de sentido ou de registro:
*Chegou **de** Londres. (origem)*
*Chegou **a** Londres. (destino)*
*Chegou **em** Londres. (coloquial)*
*Foi **a** Londres. (destino temporário)*
*Foi **para** Londres. (destino permanente)*
*Foi **em** Londres. (coloquial)*

Morar, residir, assistir (no sentido de morar) e domiciliar são VI.

Estar, ficar, permanecer e entregar variam a transitividade conforme o complemento.

- Quando seguidos de adjuntos adverbiais de lugar, os dois grupos exigem a preposição ***em***.

*Ela reside **na** rua Abre Campo.*
*A informação está **na** página 20.*
*Entrega-se **em** domicílio.*

Preferir

- Em geral, é VTDI.
- Exige a preposição ***a***.
- Não aceita ***que***, ***do que***, ***e não*** e ***nem***.
- Não aceita os advérbios ***mais*** e ***menos***.

*Preferia estudar **a** trabalhar.*
*Preferia o sossego do campo **à** agitação da cidade.*
*Preferia **mais** felicidade **a mais** dinheiro.*
(Nesse caso, mais não é advérbio. Trata-se de um pronome indefinido.)
*Preferia o trabalho **a** coisas fúteis.*

Obedecer/desobedecer

- São VTI.
- Exigem a preposição ***a***.

*Ela não obedece **a/às** ordens.*
*Não **lhe** (a ele) desobedecerei.*
*As pessoas não obedecem **às** leis de trânsito.*
*Desobedeceu **ao** regulamento do prédio.*

Referir-se

- É VTI.
- Exige a preposição ***a***.

*A mulher **a** cujos filhos me refiro esteve no local.*
*A decisão **à** qual o governo se referiu foi muito discutida.*

Implicar (no sentido de acarretar)

- É VTD.
- Não exige preposição.
- Não admite a preposição ***em*** e variações.

Isso implicará demissão de muitos funcionários.
A alta nos preços implicou recessão.

Implicar-se (= envolver-se) é VTI (em).
Ela se implicou em problemas.

Pisar

- É VTD.
- Não exige preposição.

Não pise a grama.
Não piso o chão que você pisa.

• OBSERVAÇÃO

De acordo com a NGB (Nomenclaturas Gramaticais Brasileiras), o verbo **pisar** é visto como um caso de mudança em progresso. Assim, alguns autores já aceitam tal verbo como intransitivo regido pela preposição ***em***.

*Não pise **na grama**.*

Namorar

- É VTD.
- Não exige preposição.
- Não admite a preposição ***com***.

Quer me namorar?

Quem ela namora, ninguém pode saber.

Assistir

- No sentido de socorrer/auxiliar, é VTD e não pede preposição.

O governo assiste os pobres.

- No sentido de ver, é VTI e pede a preposição ***a***.

*Assistimos **a** cenas de violência.*

- No sentido de caber, é VTI e pede a preposição ***a***.

*A decisão assiste **ao** governo.*

- No sentido de morar, é VI e pede a preposição ***em*** no adjunto adverbial de lugar.

*Nossos políticos assistem **em** Brasília.*

Visar

- No sentido de pôr visto, é VTD e não pede preposição.

O gerente visou os cheques roubados.

- No sentido de mirar, é VTD e não pede preposição.

Visou o alvo e atirou.

- No sentido de desejar/almejar, é VTI e exige a preposição ***a***.

O governo visa à reformulação do projeto.

*Visava **a** uma nova vida.*

Visava (a) resolver o problema. (objeto oracional - a preposição pode vir subentendida)

Aspirar

- No sentido de cheirar, é VTD e não pede preposição.

Aspirava o aroma das flores.

- No sentido de desejar, é VTI e pede a preposição ***a***.

*As pessoas aspiram **à** felicidade.*

Aspirava ao sucesso profissional.

Agradar

- No sentido de fazer agrados, é VTD e não pede preposição.

O governo procura agradar o povo.

- No sentido de satisfazer, é VTI e pede a preposição ***a***.

*A política de preços não agradou **aos** consumidores.*

Querer

- No sentido de desejar, é VTD e não pede preposição.

Queria um bom emprego.

- No sentido de estimar, é VTI e exige a preposição ***a***.

*Queria **aos** colegas de cursinho.*

Custar

- No sentido de ser custoso/ser difícil, é VTI.

Fica sempre na 3ª do singular + OI + sujeito oracional.

O governo custou para avaliar a proposta de investimento. **(errado)**
Custou (VTI) ao governo (OI) avaliar a proposta de investimento (suj. oracional). **(certo)**

(Nós) Custamos a entender a matéria. **(errado)**
Custou (VTI)-nos (OI) entender a matéria (suj. oracional). **(certo)**

- No sentido de acarretar, é VTDI e pede a preposição ***a***.

*O casamento custou sacrifícios **aos** noivos.*

- No sentido de custos/ônus, pode ser VI com adjunto adverbial de modo.

Aquelas roupas custam muito caro.

Chamar

- No sentido de convocar/convidar, é VTD e não pede preposição.

Chamaram o ministro para a reunião.

- No sentido de denominar/cognominar, é VTD ou VTI.
- Se VTD, não pede preposição e exige OD. Se VTI, pede a preposição ***a*** e apresenta OI.
- **Ambos** pedem predicativo do objeto, regido ou não pela preposição ***de***.
- Sendo a preposição ***de*** facultativa, não há alteração de sentido.

I. *Chamaram (VTD) o governo (OD) de corrupto (pred. do objeto). (Chamaram-no de corrupto.)*

II. *Chamaram (VTD) o governo (OD) corrupto (pred. do obj.). (Chamaram-no corrupto.)*

III. *Chamaram (VTI) ao governo (OI) de corrupto (pred. do obj.).*

IV. *Chamaram (VTI) ao governo (OI) corrupto (pred. do obj.).*

- Todas as frases estão de acordo com a norma culta.
- A retirada da preposição ***de***, na frase I, não modifica o sentido original do período. A preposição é facultativa, logo não há alteração de sentido. No entanto, fora do contexto, a frase pode ser considerada ambígua.
- Seria possível, na norma culta, substituir a forma ***-no*** (chamaram-no) por ***-lhe*** (chamaram-lhe), pois o verbo pode ser VTD ou VTI. Logo, a substituição não prejudica a correção gramatical.

Pagar, perdoar, agradecer

- São VTD com coisas e não pedem preposição.
- São VTI com pessoas e exigem a preposição ***a***.
- Podem ser VTDI.

O governo agradeceu a população pelo apoio. **(errado)**
O governo agradeceu (VTDI) à população (OI) o apoio (OD). **(certo)**

Pagou ao banco primeiro, pois os juros eram altos. (banco = pessoa jurídica)

Atender

- Pode ser VTD ou VTI (pede a preposição ***a***).
- É, preferencialmente, VTD com pessoas.
- É, preferencialmente, VTI com coisas.

*Atendeu **ao** pedido.* (melhor)

Atendeu o pedido.

Atendeu o cliente.

*Atendeu **ao** cliente.* (melhor)

Informar, avisar, notificar, cientificar, certificar...

- Em geral, são VTDI.
- Ocasionalmente, podem apresentar apenas um complemento (OD ou OI).
- Admitem as preposições ***a***, ***de*** ou ***sobre***.
- Exigem complementos distintos.

*Informaram **à** população (OI), diante do fato exposto, **sobre** as dificuldades do setor (OI).* **(errado)**

Formas corretas:

*Informaram **à** população (OI), diante do fato exposto, as dificuldades do setor (OD).*
*Informaram a população (OD), (...), **sobre** as dificuldades do setor (OI).*

o verbo ***comunicar*** deve ser usado, preferencialmente, com a preposição ***a*** em detrimento de ***sobre*** e ***de***, mas aceita as duas últimas.

Comunicou aos funcionários a data do evento.

Esquecer/lembrar

- VTD, sem preposição e sem pronome.

Esqueceu a data da prova.

Lembrei isso ontem.

- VTI, com pronome e com preposição (***de***). (Verbo pronominal: o pronome e o verbo devem estar na mesma pessoa.)

*Esqueceu-**se da** data da prova.*

*Lembrei-**me disso** ontem.*

• OBSERVAÇÃO

- Alguns autores consideram como transitivos diretos verbos transitivos indiretos seguidos de objeto oracional não-preposicionado.

***Pensei** que isso fosse fácil.*

Esquecer/lembrar

- Construção clássica.

VTI (3ª pessoa) + OI (nome ou pronome) + sujeito.

Verbo e pronome podem estar em pessoas distintas.

Esqueceu -me a data da prova.

Lembrou-nos isso ontem.

Ver, olhar, observar, presenciar

- São VTD e não admitem preposição.

Presenciamos cenas de violência.

Não vejo o que quero.

Observava a paisagem.

Os verbos ***amar***, ***odiar*** e ***adorar*** são usados, frequentemente, com objeto direto preposicionado.

Amava a Deus.

O verbo ***desejar*** pode ser VTDI.

Desejava-lhe sorte.

EXERCÍCIOS

1 Assinale a alternativa que apresenta **ERRO**.

a) Simpatizei com a nova diretoria e com as novas orientações.

b) Há alguns dos novos diretores com os quais não simpatizamos.

c) A firma toda não se simpatizou com as novas orientações.

d) Somente o tesoureiro não simpatizou com a nova diretoria.

e) Nenhum dos que estavam presentes, nem mesmo o filho do novo diretor, simpatizou com as novas orientações.

2 "... olhando para trás, como quem <u>**quer**</u> voltar."

Considerando os padrões da língua culta, usou-se o verbo sublinhado acima, mantendo-se correta a regência, **EXCETO** em

a) Minha filha, eu a quero muito bem.

b) Nós queremos um lugar ao sol.

c) Este é um trabalho duro para um organismo que está querendo repouso.

d) Nem nos momentos mais difíceis, quero o seu apoio.

e) Você quer ainda a pasta de documentos?

3 "Mas de que adiantam essas intenções se estamos impotentes para **assegurar** às pessoas o direito à vida, à sociedade, o direto de viver em paz...."

Quanto à predicação, o verbo destacado no trecho acima é

a) transitivo direto e indireto.
b) transitivo indireto.
c) transitivo direto.
d) intransitivo.
e) transitivo indireto.

4 Assinale a alternativa **CORRETA**, quanto à regência verbal.

a) Não costumo obedecer a ordens que não emanem de autoridade.
b) Assisti um espetáculo dantesco naquele dia.
c) Os jogadores brasileiros preferem jogar na Europa do que nos seus clubes de origem.
d) Dona Margarida foi intimada a comparecer na polícia porque não pagou o farmacêutico.
e) Custei a entender por que Adriano não se simpatizava comigo.

5 Entre os exemplos abaixo, frequentemente empregados na linguagem informal, apenas um está de acordo a norma culta da língua. Assinale-o.

a) Com quem você está namorando, agora?
b) Lá em casa somos em quatro filhos.
c) Tudo que o pai diz, a mãe acredita.
d) Meu amigo, isto implicará em sua suspensão.
e) O candidato residente na rua Cosme Velho não compareceu à prova.

6 Em todas as opções, a expressão destacada está empregada corretamente, conforme normas da língua padrão, **EXCETO** em

a) Os ingratos, mais uma vez, esqueceram-se **de quem** sempre os ajudara.
b) Não estou me referindo **a quem** começou a discussão.
c) Era meu pai a pessoa **em quem** eu mais acreditava.
d) Era realmente bela a moça **por quem** Abadias se apaixonara.
e) Laura, **com quem** Ivo namorava, na época, era-lhe muito dedicada.

7 Em todas as alternativas, o verbo destacado apresenta regência de acordo com a norma padrão, **EXCETO** em

a) **Assistimos**, impassíveis, ao massacre de crianças no Brasil.
b) Os cidadãos brasileiros **preferem** a omissão à justiça.
c) Alfredo de Almeida Jr. não **obedece** as leis do país.
d) Fazer justiça **implica** grande vontade política.
e) Os meninos de rua **aspiram** à cidadania.

8 Dependendo do contexto, um verbo normalmente intransitivo pode tornar-se transitivo. Assinale a alternativa em que ocorre um exemplo disso.

a) "Ponha intenções de quermesse em seus olhos ..."
b) "... e do céu descesse uma névoa de borboletas ..."
c) "... beba licor de contos de fadas ..."
d) "Ande como se o chão estivesse repleto de sons..."
e) "... sorria lírios para quem passe debaixo da janela."

9 A regência verbal está **CORRETA** em

a) A herança cultural que o texto se refere é o acervo de conhecimentos históricos.
b) Os acontecimentos históricos que assistimos devem servir-nos de exemplo.
c) Devem ser explicitados os objetivos que visamos ao estudar História.
d) A busca da verdade por que o historiador anseia atinge a todos os estudiosos.
e) Os usos práticos os quais não podemos esquivar-nos no estudo da História são numerosos.

10 Há **ERRO** de regência em

a) Ela o amava e lhe obedecia.
b) É ótimo o cargo a que aspira.
c) Nós lhe desejamos o melhor.
d) É necessário obedecer as leis.
e) Custa-nos acreditar no que dizes.

Gabarito
| 1-c | 2-a | 3 -a | 4-a | 5-e | 6-e | 7-c | 8-e | 9-d | 10-d |

REGÊNCIA VERBAL - ESQUEMA			
VERBO	**SENTIDO**	**TRANSITIVIDADE**	**OBSERVAÇÃO**
chamar	tachar / cognominar	VTD ou VTI - nunca VTDI	Pode vir com preposição DE (uso facultativo).
	convocar / convidar	VTD – nunca VTDI	Em geral, vem seguido de adjunto adverbial de finalidade.
informar / avisar **cientificar** **notificar / certificar** **comunicar**	Em geral são VTDI. Admitem as preposições **a**, **de** ou **sobre**. Exigem complementos distintos.		
pagar / perdoar / agradecer		VTD com COISA VTI(a) com PESSOA	Podem ser VTDI, desde que respeitem a complementação.
atender		É, preferencialmente, VTD com pessoas e VTI(a) com coisas	
responder	em resposta	VTD	Pode ser VTD ou VTI. Sendo VTDI, o OI será, preferencialmente, pessoa.
	dar resposta	VTI(a)	Nos sentidos de "dar resposta e em resposta", não há distinção semântica significativa.
assistir	socorrer / auxiliar	VTD	
	ver / presenciar	VTI (a)	
	caber	VTI (a)	
	morar / residir	VI (em)	
proceder	dar início	VTI (a)	
	ter fundamento	VI	
	comportar-se	VI + Adj. adv. modo	
	vir de / originar de	VI + Adj. adv. lugar	
visar	pôr visto / rubricar	VTD	Não existe "*vistar*" algum documento, o correto é visar.
	mirar	VTD	
	desejar / almejar	VTI (a)	
aspirar	cheirar	VTD	
	desejar / almejar	VTI(a)	
querer	desejar	VTD	
	estimar	VTI (a)	
agradar	fazer agrados	VTD	
	satisfazer	VTI(a)	
custar	ser custoso / ser difícil	VTI(a)	VTI(a) 3ª Pessoa / Sing. + OI - Nome/ Pronome +Suj. Oracional
	acarretar	VTDI (a)	

VERBO	SENTIDO	TRANSITIVIDADE	OBSERVAÇÃO
esquecer / lembrar		VTD	**SEM** preposição e **SEM** pronome
		VTI(Pronominal) - verbo e pronome na mesma pessoa	Com preposição (DE) e com pronome (ME, TE, SE, NOS, VOS).
		VTI (Construção Clássica Machadiana) - vir à memória	VTI(a) 3ª pessoa / Sing. + OI - Nome/ Pronome + **Sujeito**
obedecer / desobedecer		VTI(a)	
referir-se		VTI(a)	
namorar		VTD	Não admite **COM**.
implicar / acarretar		VTD	Não admite **EM**.
pisar		VTD	O verbo PISAR, atualmente, é entendido pelos falantes, como intransitivo. Por isso, alguns gramáticos já flexibilizam o uso da preposição EM junto a esse verbo.
convocar / convidar		VTD	Em geral, vem seguido de adjunto adverbial de finalidade.
ver / presenciar / olhar / observar		VTD	
amar / odiar / adorar / desejar		VTD	**Desejar** pode ser **VTDI**(a).
preferir		VTDI (em geral)	Exige a preposição A. Não admite: do que / que / e não. Não admite os advérbios: **MAIS** e **MENOS**.
chegar / ir / voltar / retornar / comparecer		VI (a)	Não admitem EM. Em geral, são seguidos de adjunto adverbial de lugar. Em caso de ideia DE DESTINO, apenas e somente a preposição A poderá ser usada.
morar / residir		VI (em)	Quando seguidos de adjunto adverbial de lugar, exigirão a preposição **EM**.
deparar / simpatizar **antipatizar / empatizar** **implicar (ser implicante)**		VTI(com)	Exigem a preposição **COM**. Não são pronominais. Portanto **NÃO** ACEITAM: me, te, se, nos, vos. **Deparar-se** (pron.) é regido pela preposição **a**.

REGÊNCIA VERBAL - EXEMPLOS

VERBO	SENTIDO	CLASSIFICAÇÃO	EXEMPLO
ASPIRAR	sorver, respirar pretender, desejar	VTD VTI (a)	*Ele aspirou muita fumaça durante o incêndio.* *Todas as pessoas aspiram ao sucesso.*
ASSISTIR	ver, presenciar, caber dar assistência morar	VTI (a) VTD VI	*Ele assistiu ao jogo na casa da sogra.* *O médico assistiu o doente com presteza.* *Naquela época, ele assistia em Pernambuco.*
AGRADAR	fazer carinho satisfazer	VTD VTI (a)	*Aproximou-se e tentou agradar o filho.* *O aumento no preço dos combustíveis não agradou ao consumidor.*
ESQUECER E LEMBRAR	quando não pronominais quando pronominais (exigem a preposição de)	VTD VTI (de)	*Esqueci o aniversário dele.* *Lembrei o nome dele.* *Esqueci-me do aniversário dele* *Lembrei-me do nome dele.*
CHEGAR E IR	exigem a preposição "a" quando indicam lugar	VI (a)	*Chegou ao casamento vinte minutos atrasado.* *Foi à festa na casa dos milionários.*
MORAR E RESIDIR	exigem adjunto adverbial com a preposição "em"	VI (em)	*Moro na rua São Paulo.* *Residia na Av. Bárbara Coelho de Brito, 983.*
CUSTAR	exigir, acarretar trabalho ser custoso, difícil	VTDI VTI (3ª pessoa do sing. + sujeito oracional)	*Este trabalho custou-me sacrifícios.* *Custou-me acreditar na sua história.*
IMPLICAR	acarretar ter implicância	VTD VTI (com)	*Sua atitude implicará demissão.* *O professor implicava com a aluna.*
INFORMAR (avisar, comunicar, cientificar)	dar notícias	VTDI (a, de, sobre)	*A diretoria informou ao funcionário a demissão.* *A diretoria informou o funcionário da demissão.*
NAMORAR	não aceita "com"	VTD	*Ele namora minha prima há dois anos.*
OBEDECER E DESOBEDECER	(exigem a preposição "a")	VTI (a)	*No Brasil, ninguém obedece à sinalização.* *Todos devem obedecer ao regulamento.*
PAGAR, PERDOAR E AGRADECER	(quando o objeto é coisa) (quando o objeto é pessoa)	VTD VTI (a)	*Paguei a conta.* *Perdoei a agressão.* *Agradeci o convite.* *Pagarei ao garçom.* *Perdoei ao meu namorado.* *Agradecemos ao gerente.*

VERBO	SENTIDO	CLASSIFICAÇÃO	EXEMPLO
PREFERIR	querer antes (não se usa a locução "do que" com este verbo)	VTDI (com a preposição "a")	*Prefiro o amor à guerra.* *Prefiro ficar em casa a sair com aquele troglodita.*
QUERER	desejar estimar	VTD VTI (a)	*Ele queria o carro a qualquer custo.* *Quero muito bem aos meus colegas.*
SIMPATIZAR ANTIPATIZAR	exigem a preposição "com"; não são pronominais)	VTI (com)	*Nunca simpatizei com a diretora da escola.*
VISAR	mirar dar visto objetivar	VTD VTD VTI (a)	*Visou o alvo e atirou.* *O agente acabou visando o cheque.* *As medidas visam a diminuir a inflação.*

REGÊNCIA NOMINAL - EXEMPLOS

VERBO	PREPOSIÇÃO	EXEMPLO
ACOSTUMADO	a, com	*Já estamos acostumados a essa situação.*
ADAPTADO	a	*Nunca esteve tão adaptado à função.*
AFLITO	com, por	*Não vale a pena ficar aflito com coisa tão insignificante.*
ALHEIO	a	*Alheio à vontade popular, o governo continua sem implantar a reforma agrária.*
ALIENADO	de	*Alienado dos problemas sociais, só pensava em ganhar dinheiro.*
ALUSÃO	a	*Assisti ontem ao filme a que fizeste alusão.*
AMOR	a, para, com, por	*Um elo liga filha a mãe: "amor a fazer compras".*
ANTIPATIA	a, contra, por	*Nutria verdadeira antipatia pelos negócios.*
APAIXONADO	por	*Eu sou apaixonado por poesia.*
APTO	para, a	*O aluno considerava-se apto para o cargo.*
COMPATÍVEL	com	*Este trabalho não é compatível com a sua função.*
GRATO	a	*Se o seu marido lhe comprar flores inesperadamente, mostre-se grata a ele.*
IGUAL	a	*Meu relatório acabou ficando igual ao seu.*
IMUNE	a	*Imune às críticas, ele continuava seu trabalho.*
PASSÍVEL	de	*Todos os projetos são passíveis de modificação.*
PREFERÍVEL	a	*O silêncio é preferível à leviandade das palavras.*
PROPENSO	a, para	*Não estava propenso a viajar tanto.*
RESIDENTE	em	*Pessoas residentes em centros urbanos sofrem com a poluição.*
VINCULADO	a	*Seu futuro na empresa estava vinculado ao da esposa.*

CRASE

CONCEITO

Crase é a fusão de duas vogais iguais.

A crase do ***a*** é assinalada com o uso de acento grave (à).

O acento da crase indica, pois, a existência das duas vogais:

a (preposição) + a / as (artigo feminino)

Crase é, também, a fusão de:

a (preposição) + a / as (=aquela / aquelas ⇒ pronome demonstrativo)

*Sua queixa é igual **à** de todos os trabalhadores.*

a (preposição) + a inicial dos pronomes demonstrativos aquele, aquela, aqueles, aquelas, aquilo e dos relativos a qual e as quais.

*Prefiro isto **à**quilo.*

*Dedico-me **à**quele trabalho de História.*

*Esta é a obra **à** qual o professor fez alusão ontem.*

O emprego do acento da crase depende da regência nominal ou verbal.

CONDIÇÕES DE OCORRÊNCIA

Trata-se da fusão de duas vogais de mesma natureza. No português brasileiro, ocorre crase entre a preposição ***a*** e um artigo definido ***a(s)*** ou pronome demonstrativo iniciado pela letra **a** (***aquele(s), aquela(s), aquilo, a, as).***

Condições de ocorrência:

- o termo regente exigir a preposição ***a***.
- o termo consequente admitir o artigo ***a*** ou ser um demonstrativo iniciado pela letra ***a***.

*Referiu-se (a+a) **à** mulher.*

*Referiu-se **a** (somente preposição) ela.*

*Conheci **a** (somente o artigo) mulher.*

Pensando...

*Comparou (VTDI) sua boca (OD) **à** boca de outras moças (OI).*

Nesse caso, a crase é obrigatória, pois se trata de um objeto indireto. Entre palavras repetidas que constituem expressão idiomática, a crase é proibida.

*Preferia (VTDI) dinheiro **a** felicidade.*

Por uma questão de paralelismo sintático, não se usa artigo antes de felicidade, pois não há artigo antes de dinheiro.

*A atitude dela foi igual **à** sua.*

A crase antes de pronomes possessivos é facultativa, desde que não subentenda palavra. Nesse caso é obrigatória, pois subentende a palavra ***atitude***.

*Candidatou-se **a** rainha de bateria.*

A expressão **rainha de bateria** foi tomada em sentido genérico. Logo não deve ser usada a crase.

*Eles chegaram **à** noite e resolveram a questão.*

À noite é adjunto adverbial de tempo, é uma locução adverbial feminina. A crase, nesse caso, justifica-se por tradição.

*Referiu-se **à** (àquela) que seria discutida no outro dia.*

A crase empregada no trecho marca a fusão entre a preposição ***a*** e o pronome demonstrativo ***a***.

CASOS PROIBIDOS DE CRASE

- **Antes de masculinos em geral.**

*O governo falava a **respeito** de políticas públicas.*

*Pagamentos a **prazo** devem ser negociados.*

- **Antes de verbos (não é palavra feminina, nem masculina).**

*A **partir** de hoje, não faça isso.*

*Com datas a **definir**, o governo não falou muita coisa.*

- **Antes de artigos indefinidos (*um, uma, uns, umas*).**

*Referiu-se a **uma** decisão do governo.*

*Era favorável a **uma** atitude mais severa.*

- **Entre palavras repetidas que constituam expressões idiomáticas.**

boca a boca

cara a cara

frente a frente

uma a uma

gota a gota

mês a mês...

- **Antes de numerais cardinais (exceto horas).**

*Minha casa fica a **dois** quilômetros daqui.*

*De **15** a **20** de novembro, haverá uma conferência no setor.*

*Da uma da tarde à **uma** da manhã. (indicação de horas)*

*Ele trabalha das cinco às **vinte horas**. (indicação de horas)*

*Chegou à **uma**, saiu às **três**. (indicação de horas)*

- **Antes de nomes próprios completos.**

*Referia-se a **Flávia Rita Coutinho Sarmento.***

- **Antes de uma palavra plural quando o "a" estiver no singular.**

*Os brasileiros não obedecem a **leis** de trânsito.*

*Os brasileiros não obedecem às (a+as) **leis** de trânsito.*

• OBSERVAÇÃO

Se o mesmo ***a*** vier seguido de *-s*, de plural, haverá crase.

*Era favorável **a** decisões justas.*

*Era favorável **às** (a+as) decisões justas.*

Pode ocorrer, nesse caso, sutil alteração de sentido.

- **Antes de palavras tomadas em sentindo genérico.**

*Esse tipo de tema interessa a **mulher** (termo genérico), não a **homem**.*

(Poderia haver crase, mas mudaria o sentido da frase. Nesse caso, a palavra **homem** deveria também vir precedida de artigo.)

*Esse tipo de comportamento é associado a **criança**, não a **adulto**.*

- **Depois de preposição (exceto até). (ante, perante, desde, para, contra...)**

*Jurou **perante** a Justiça dizer a verdade.*

***Desde** a última semana, nada mais foi falado sobre o caso.*

*A reunião foi marcada **para** as duas horas.*

- **Em sujeito.**

*As **vezes** em que ele esteve aqui foram boas.*

*A **medida** que o governo usou foi adequada.*

- **Em objeto direto.**

*Avisaram **a família** (OD) sobre as alternativas do rapaz (OI).*

*Informaram **a população** (OD), de acordo com o que foi definido em assembleia pelo governo, sobre as mudanças no orçamento (OI).*

- **Antes de pronomes pessoais.**

Eu, tu, ela, nós, vós, mim...

*Era favorável a **ela**, não a **mim**.*

- **Antes de pronome de tratamento (exceto senhora e senhorita).**

*Referiu-se a **Vossa Excelência** com respeito.*

*Dirigia-se a **Vossa Senhoria** na ocasião.*

*Enviou o texto a **Sua Senhoria**.*

- Antes de ***dona + nome próprio***.

Pode-se escrever ***dona*** com a inicial maiúscula ou minúscula, mas é preferível que se inicie com maiúscula.

*Dirigia-se a **Dona** Maria.*

*Dirigia-se à **dona** do bar.*
(sentido de posse adminte crase)

- **Antes de pronomes indefinidos. (*cada, alguma, nenhuma, qualquer, certo, tudo, pouco, nada...*)**

*Obedeceria a **alguma** daquelas ordens.*

*Preferia sua ideia a **cada** opinião dela.*

- **Antes de pronomes demonstrativos não iniciados pela letra *a* (*este, esta, isso, isto, essa...*).**

*Era favorável a **essa** atitude.*

*Jamais obedecerei a **esta** ordem.*

CASOS ESPECIAIS DE CRASE

- Antes das palavras ***casa***, ***terra*** e ***distância***.
- Haverá crase, se houver determinante.
- Não haverá crase, se não houver determinante.

*Jamais voltaria a **casa** depois de tudo o que aconteceu.*

*Os deputados voltaram à **Casa** para a votação.*

*Observava-os a **uma distância** de dez metros.*

*Educação a **distância** é uma tendência.*

*Voltaram à **terra natal** depois de alguns anos.*

- Antes de topônimos (nomes de lugar).
  Femininos: admitem crase. (da)
  Neutros: não admitem crase. (de)
  Neutros: especificados: admitem crase. (da)

*Voltaram à **Bahia** ontem.*
(Vou à Bahia, volto da Bahia)

*Referiu-se a **Campinas**.*

*Retornou a **Paris** pela manhã.*

*Voltou à **Paris** das luzes.*

*Voltou à **Belo Horizonte dos jardins encantados**.*

- **Antes de *que* e *de*.**
  Haverá crase se o "a" tiver valor de aquela ou subentender palavra feminina.

*Referia-se à **de** olhos claros.*

*Sua atitude era igual à (subentende **atitude**) de outras moças.*

*A peça a **que** assisti era interessante. (só preposição)*

- **Nas formas *a qual* e *as quais*.**
  Haverá crase sempre que o termo consequente exigir a preposição ***a***.

*As decisões **às quais** fomos favoráveis eram positivas para a população.*

*A lei **à qual** o homem se referiu já não tinha mais valor.*

*A decisão **a qual** desejava (VTD) tinha outras motivações.*

- **Crase e Paralelismo Sintático**

Todos têm direito a vida, liberdade, igualdade.

Não há artigo antes de **liberdade** e **igualdade**. Logo, não se coloca artigo antes de vida.

A sociedade é favorável a lei, ordem, regra.
ou
A sociedade é favorável à lei, à ordem, à regra.

- **Crase e Produção de Sentido**

Chegou a noite (sujeito = anoiteceu) e nada foi feito.

Chegou à noite (locução adverbial = período da noite) e nada foi feito.

Nos exemplos acima, ambos corretos, a crase alterou o sentido básico do enunciado.

CASOS FACULTATIVOS DE CRASE

- **Antes de pronomes possessivos femininos, no singular, que não subentendam palavras.** (O uso do artigo antes do pronome possessivo é facultativo. Logo, a crase também será.)

*Referiu-se a **suas** ideias. (caso proibido)*

*Referiu-se às **suas** ideias. (caso obrigatório)*

*Minha ideia era semelhante à **sua** (subentende ideia). (caso obrigatório)*

*Referiu-se a **sua** ideia. (caso facultativo)*

*Era favorável a **nossa** atitude. (caso facultativo)*

- **Depois da preposição *até*.**
  (Depois de **até**, a preposição ***a*** será facultativa.)

*Chegou **até** o colégio.*

*Chegou **até** ao colégio.*

*Foram **até** a escola.*

*Foram **até** à escola.*

Observa-se que o artigo é facultativo, como ocorreu diante da palavra masculina "colégio".

- **Antes de nomes próprios femininos (sem sobrenome).**

*Refiro-me a **Ana**.*

*Refiro-me à **Ana**.*

*Refiro-me à **Ana**, minha melhor amiga.*

*Refiro-me a **Ana**, uma colega de trabalho.*

Havendo contexto de intimidade, usa-se, obrigatoriamente, a crase. Havendo contexto de distanciamento, não se usa crase, é caso proibido. O artigo demonstra intimidade. Só é facultativa a crase quando não sabemos se há ou não intimidade.

CASOS OBRIGATÓRIOS DE CRASE

- **Se houver fusão entre a preposição *a* e um artigo definido "*a(s)*".**

*Dirigia-se à **direção** da escola.*

*O governo é favorável à **mudança**.*

- **Se houver fusão entre a preposição *a* e um pronome demonstrativo iniciado pela letra a (aquele, aquela, ...).**

*Preferia isso **àquele** produto.*

*Voltou **àquele** lugar.*

- **Em expressões adverbiais, prepositivas ou conjuntivas (circunstâncias) formadas por palavras femininas, emprega-se, por tradição linguística, o acento grave.**

À noite, à tarde, às vezes, à medida que, à proporção que, à procura, à espera, à direita, à esquerda,...

- **Em indicações de horas (tradição linguística).**

Chegou às duas horas.

Saiu às cinco. Voltou às dez..

- **Em expressões que subentendam as palavras *moda/maneira de*.**

Escrevia à Machado de Assis.
(à maneira de)

EXERCÍCIOS

1 A frase está **CORRETAMENTE** construída em
a) Não assisto à filmes de guerra.
b) A pintura foi executada à óleo.
c) Não vou a festas.
d) A roupa transpira à suor e à vinho.
e) Passeamos à pé todos os dias.

2 "Garanto ___ você que compete ___ ela, pelo menos ___ meu ver, tomar as providências para resolver o caso." Assinale a alternativa que preenche **CORRETAMENTE** as lacunas acima.
a) a – a – a
b) à – à – a
c) a – à – à
d) a – à – a
e) à – a – à

3 Assinale a alternativa que completa **CORRETAMENTE** as lacunas da frase abaixo.

"Ficaram frente ___ frente ___ se olharem, pensando no que dizer uma ___ outra."

a) à – à – a
b) a – à – a
c) a – a – à
d) à – a – a
e) à – a – à

4 Assinale a alternativa que completa **CORRETAMENTE** as lacunas no período abaixo.

"Agradeço ___ Vossa Senhoria ___ oportunidade para manifestar minha opinião ___ respeito."

a) à – a – à
b) à – a – a
c) a – a – a
d) à – à – à
e) à – à – a

5 "Sentou ___ máquina e pôs-se ___ reescrever uma ___ uma as páginas do relatório."
A alternativa **CORRETA** é
a) a – a – à
b) a – à – à
c) à – a – a
d) à – à – à
e) à – à – a

6 Em que frase está **CORRETO** o acento indicador da crase?
a) O material já foi entregue à aluna.
b) Chegamos à Ouro Preto.
c) Fomos à Sabará ontem.
d) Nunca voltarei à essa cidade.
e) Aproveito o ensejo para reiterar à V. Exa. os protestos de minha estima e consideração.

7 Marque a única frase **CORRETA** quanto ao uso do acento grave.
a) À noite, feriram o estrangeiro à bala.
b) Não gosto de comprar à prazo.
c) Pus-me a andar a toa.
d) Pedimos a menina que trouxesse feijoada à carioca.
e) Esta bicicleta é semelhante a que comprei.

8 Preencha as lacunas com a, à, as, às e marque a opção que contém a ordem **CORRETA**.
- Fui ___ praia e logo começou ___ chover.
- Gosto de apreciar ___ praças.
- Tivemos que assistir ___ comemoração da Independência.
- Contarei uma história ___ você.
- Fui ___ Roma e ___ Bahia.
- Ela não se dirige ___ pessoas frente ___ frente.

a) à - a - às - à - à - a - a - a - a
b) a - à - às - a - à - a - à - a - à
c) à - a - as - à - a - a - à - a - a
d) a - à - as - à - a - à - à - a - a
e) à - à - às - à - a - a - à - a - a

9 Marque a única opção em que **NÃO** pode haver o acento indicativo da crase.
a) Os marinheiros chegam a terra.
b) Vou a terra dos meus avós.
c) Dedicou-se a sua carreira.
d) Já voltaram a casa paterna.
e) Escrevi ontem uma carta a Elisabete.

10 Em que alternativa a crase é facultativa?
a) Chegando a casa, ela desmaiou.
b) Chegou até a montanha.
c) Dirija-se aquela sala.
d) Quando você voltará a Argentina?
e) A crise de hoje é semelhante a de anos anteriores.

Gabarito
| 1-c | 2-a | 3 -c | 4-c | 5-c | 6-a | 7-a | 8-c | 9-a | 10-b |

CRASE

CASOS PROIBIDOS	CASOS ESPECIAIS	CASOS OBRIGATÓRIOS
Antes de maculino em geral.	Antes de casa, terra e distância, haverá crase sempre que tais palavras estiverem especificadas.	Se houver fusão entre um "A" preposição e um "A"(S) artigo definido.
Antes de verbo.	Antes de topônimos (nome do lugar). a) Femininos: admitem crase. b) Neutros: não admitem crase. c) Neutros especificados: admitem crase.	Se houver fusão entre um "A" preposição e um pronome demonstrativo iniciado pela letra "A" (aquele, aquela, aquilo...).
Antes de numerais (exceto em indicação de horas).	Antes de QUE e DE, haverá crase sempre que o "A" tiver valor de AQUELA ou subentender palavra feminina.	TRADIÇÃO LINGUÍSTICA: Nas locuções adverbiais, prepositivas ou conjuntivas, formadas por palavras femininas. *à direita, à esquerda, às vezes, às pressas, à beira, à procura, à espera, à medida que, à proporção que, à disposição, à noite, à tarde...*
Antes de artigo indefinido (um, uma, uns, umas).	Nas formas a qual/as quais, haverá crase sempre que o consequente exigir preposição "A".	Indicação de horas (circunstâncias de tempo): DE-A / DAS-ÀS / DA-À
Antes de nome próprio completo.	Crase e produção de sentido. Quando houver ambiguidade / valor distintivo.	Se as expressões MODA DE, ou MANEIRA DE estiverem subentendidas.
Antes de uma palavra plural quando o "A" estiver no singular.	Crase e paralelismo sintático. Manutenção da coerência textual. Deve-se observar a padronização no uso de artigos. Observe: Todos têm direito a lei, ordem, regra. ou Todos têm direito à lei, à ordem, à regra. *Pode haver oscilação de sentido.	**OBS.:** Alguns autores não empregam acento grave nas locuções adverbiais de instrumento. Acreditam que só há preposição.
Antes de Dona + nome próprio.		**CASOS FACULTATIVOS**
Antes de pronomes pessoais.		Antes de pronomes possessivos femininos no singular, que não subentendem palavras.
Antes de pronome de tratamento (exceto senhora/senhorita).		Depois da preposição ATÉ.
Antes de pronomes indefinidos.		Antes de nomes próprios femininos SEM REFERÊNCIA.

CASOS PROIBIDOS	DICA
Antes de pronomes demonstrativos não iniciados com a letra "A". (este, isto, essa...).	Quem vai **à** e volta **da** coloca crase no **à** *Vou **à** Bahia.* *(Volto **da** Bahia)* Quem vai **a** e volta **de** coloca crase para quê ? Para errar! *Vou **a** Belo Horizonte.* *(Volto **de** Belo Horizonte)*
Entre palavras repetidas. (ano a ano, mês a mês...).	
Em sujeito.	
Em objeto direto.	
Depois de preposição (exceto até).	

CONCORDÂNCIA

CONCORDÂNCIA NOMINAL

A concordância nominal acontece quando o adjetivo, o pronome, o numeral e o artigo alteram suas desinências para se ajustarem ao substantivo a que se referem.

REGRA GERAL

O adjetivo, o pronome, o numeral e o artigo concordam em gênero e número com o substantivo a que se referem.

*Os seus dois **carros** novos chegaram.*

*Estes lindos **olhos** azuis me encantam.*

CASOS PARTICULARES

- **Adjetivo posposto a dois ou mais substantivos vai ao plural ou concorda com mais próximo.**
- Quando um adjetivo vem posposto a substantivos do mesmo gênero, conserva o gênero, indo ao plural ou concordando com o mais próximo.

Tenho uma prima e uma irmã

vaidosa - Adjetivo no singular, concorda com o substantivo próximo.

vaidosas - Adjetivo vai ao plural, concorda com todos os substantivos.

*Manoel comprou um cinto e colar **antigo**.*

ou

*Manoel comprou um cinto e colar **antigos**.*

*Tratava-se de momento e lugar **inoportuno**.*

ou

*Tratava-se de momento e lugar **inoportunos**.*

- Quando o adjetivo vem posposto a substantivos de gêneros diferentes, vai ao masculino plural ou concorda com o mais próximo.

Tenho um primo e uma irmã

vaidosa - Adjetivo no singular, concorda com o substantivo mais próximo.

vaidosos - Adjetivo vai ao plural, concorda com todos os substantivos.

*Ana recebeu uma pasta e um batom **importado**.*

ou

*Ana recebeu uma pasta e um batom **importados**.*

*Marta pediu um garfo e uma faca **cromada**.*

ou

*Marta pediu um garfo e uma faca **cromados**.*

- **Adjetivo posposto a substantivos em gradação, em sinonímia ou referindo-se a uma só pessoa concorda com o substantivo mais próximo.**

  - Quando o adjetivo vem posposto a dois ou mais substantivos alinhados em gradação concorda com o mais próximo.

    Um ser, uma força, uma inteligência ***suprema...***

    A inteligência, o esforço, a dedicação ***extraordinária*** *vence tudo.*

  - Quando o adjetivo vem posposto a dois ou mais substantivos sinônimos entre si, concorda com o mais próximo.

    Era um marido e companheiro ***exemplar****.*

    A aplicação e amor ***racional*** *faz bem.*

    Havia júbilo e alegria ***intensa*** *em casa.*

    As maldições se cumpriram no povo e gente ***hebreia.***

  - Quando o adjetivo vem posposto a dois ou mais substantivos referentes a uma só pessoa concorda com o mais próximo.

    O treinador e goleiro ***tranquilo*** *chegou.*

    O deputado e secretário da Educação ***mineiro****.*

ATENÇÃO!

Há casos em que a concordância atrativa será obrigatória, ou seja, o adjetivo terá de concordar com o substantivo mais próximo por causa do sentido.

Ganhei de presente relógio e frango ***saboroso****.*

Adjetivo posposto a mais de um substantivo (adjetivo com função de adjunto adnominal)		
OCORRÊNCIAS	CONCORDÂNCIA EFETUADA	EXEMPLOS
Substantivos de mesmo gênero + adjetivo	adjetivo concorda com o substantivo mais próximo ou vai ao plural	*Ganhei camisa e blusa* ***branca/brancas.*** *Comprei sofá e banco* ***usado/usados.***
Substantivos de gêneros diferentes + adjetivo	adjetivo concorda com o substantivo mais próximo ou vai ao plural no masculino	*Ganhei camisa e sapato* ***preto/pretos.*** *Comprei sofá e cama* ***usada/usados.*** *Tomo bebidas e leite* ***quente/quentes.***
Substantivos exprimindo *gradação* e *sinonímia*	adjetivo concorda com o substantivo mais próximo	*Tinha ideia e pensamento* ***fixo.*** *Tinha por ela amor e paixão* ***intensa.***
Substantivos referindo-se a uma *só pessoa*	adjetivo concorda com o substantivo mais próximo	*Ele é um esposo e companheiro* ***dedicado.*** *Conheci um cantor e ator* ***famoso.***

- **Adjetivo anteposto a dois ou mais substantivos.**

  - Quando um adjetivo se antepõe a dois ou mais substantivos comuns, concorda quase sempre com o mais próximo.

    Bela *floresta e rios.*

    Que assim mereça ***eterno*** *nome e glória.*

    Era dotado de ***extraordinária*** *coragem e talento.*

  - Adjetivo anteposto a nomes de parentescos ou nomes próprios de pessoas ou títulos, concorda com o conjunto.

*Os **preocupados** pai, mãe e tios chegaram.*

*Os **enigmáticos** Guimarães Rosa e Mário de Andrade são muito lidos.*

*Os **afortunados** Embaixador dos Estados Unidos e Primeira-Ministra de Israel escaparam ilesos.*

*Os **modernistas** Cecília Meirelles e Manuel Bandeira geralmente fazem bem à alma.*

Adjetivo anteposto a mais de um substantivo (adjetivo com função de adjunto adnominal)		
EXEMPLOS	OCORRÊNCIAS	CONCORDÂNCIA EFETUADA
Substantivos comuns	Adjetivo concorda com o substantivo mais próximo	*Conheci **belas** florestas e rios. Percorri **imensa** lagoa e vales.*
Substantivos próprios	Adjetivo vai ao plural	*Já li os **grandes** Rui e Machado. Os **Clássicos** Homero e Virgílio...*

- **Predicado nominal formado de "verbo ser + adjetivo predicativo".**
  (é bom, é proibido, é necessário, é claro, é evidente, é ótimo...)

  - Quando o sujeito do verbo ***ser*** é tomado em sua generalidade, sem determinante, o adjetivo em função de predicativo permanece invariável na forma masculina.

Substantivo na função de sujeito sem determinante (sem artigo, pronome ou numeral).

*Água mineral é **bom** para a saúde.*

*Cerveja quente é **péssimo**.*

*É **proibido** entrada.*

*Entrada é **proibido**.*

*Paciência é **necessário** neste trânsito louco.*

*Vitaminas, às refeições, não é **mau**.*

*Aplausos é **permitido**.*

*É **permitido** aplausos.*

- Quando o sujeito do verbo **ser** vem determinado, o adjetivo em função de predicativo concorda com o substantivo.

Substantivo na função de sujeito determinado por artigo, pronome ou numeral.

*A água mineral é **boa** para a saúde.*

*Toda cerveja quente é **péssima**.*

*Muitos aplausos são **permitidos**.*

*Algumas vitaminas, às refeições, são **necessárias**.*

*É **proibida a** entrada.*

*A entrada é **proibida**.*

REGRAS ESPECIAIS

- **Particípio realiza concordância com o seu referente.**

Dadas, em função de um problema específico, soluções para a questão, nada foi feito.

- ***Menos, abaixo, alerta* e *pseudo* são sempre invariáveis.**

*Os representantes do governo se mantiveram **alerta** durante a reunião.*

*Usou **pseudo** argumentos na ocasião.*

- ***Em anexo, em alerta, a sós, haja vista, em mão* são expressões invariáveis.**

Ele foi aprovado no concurso,
haja vista *o seu esforço.*

Os documentos seguem ***em anexo****. (sem a preposição, a palavra* ***anexo*** *varia normalmente)*

Eles estavam ***a sós****.*

> **Nota:**
> A expressão ***haja vista*** admite plural no verbo ***haver***.
> *Haja(m) vista os acontecimentos, chegou atrasado.*

- **Obrigado, quite, incluso, anexo, nenhum, vários e próprio são palavras variáveis, por isso concordam com o substantivo a que se referem.**

Muito ***obrigada****, disse a moça ao rapaz.*

Nós estamos ***quites*** *com o banco.*

Seguem ***anexos*** *os documentos.*

Vocês não são ***nenhuns*** *coitados.*

*"****Vária*** *vez, ouvi aquela mulher chorar."*
(Machado de Assis)

- **Tal qual: *tal* concorda com o antecedente e *qual* concorda com o consequente.**

As medidas do governo são ***tais quais*** *os seus interesses.*

O governo é ***tal qual*** *o povo.*

Eles eram ***tais qual*** *o pai.*

Os filhos eram ***tais qual*** *a mãe.*

- **O adjetivo possível, em expressões superlativas (o mais, o menos), concorda com o artigo que o precede.**

Eram alunos ***o*** *mais estudiosos* ***possível****.*

Eram alunos ***os*** *mais estudiosos* ***possíveis****.*

Eram pessoas ***o*** *mais respeitadas* ***possível****.*

- **Dois ou mais substantivos qualificados por um único adjetivo em função predicativa (verbo + adjetivo).**

- Adjetivo anteposto: concorda com o termo mais próximo ou com o conjunto.

Estava satisfeita *mãe e filho.*

Estavam satisfeitos *mãe e filho.*

Parecia clara *a decisão e a atitude do governo.*

Pareciam claras *a decisão e a atitude do governo.*

- Adjetivo posposto: concorda sempre com o conjunto.

Mãe e filho ***estavam satisfeitos****.*

A decisão e atitude do governo ***pareciam claras****.*

- **Expressões do tipo é bom, é necessário, é permitido, é preciso, é pouco, é muito, é suficiente, é proibido.**

- Com determinante, variam.

É permitida *a saída do funcionário.*

São proibidas *as músicas altas.*

Os dez reais ***são suficientes****.*

- Sem determinante, permanecem no masculino e no singular.

É permitido *saída do funcionário.*

É proibido *músicas altas.*

Dez reais ***é suficiente****.*

- **Muito, pouco, bastante, meio, só, alto, baixo, mesmo...**

- Variam quando se referem a um termo de natureza substantiva.

*Elas estavam **sós**.*
*Comeu **meia** maçã.*
*Havia **bastantes** opções.*

- Não variam quando funcionam como advérbios (modificam verbo, adjetivo ou o próprio advérbio).

*Elas **só** dizem a verdade.*
*Ela acordou **meio** nervosa.*

• OBSERVAÇÕES

- *Bastante* **vai para o plural quando for equivalente a muitos, muitas ou suficientes.**

Já tenho problemas bastantes.

- *Meio* **não varia com valor de *um pouco, mais ou menos*.**

*A presidenta está **meio** preocupada em relação ao futuro do país.*

- *Só* **varia com valor de sozinho/sozinha.**

*Ela estava **só**.*

*Elas estavam **sós**.*

- *Mesmo* **varia com valor de próprio.**

*Ela **mesma** resolve seus problemas.*

- **O vocábulo *mesmo* não pode ser usado para retomar termos substantivos (palavras, nomes próprios). Ele é empregado para dar ênfase ou retomar ideias.**

*Respeitava o projeto, pois o **mesmo** era inovador. (**errado**: está retomando a palavra)*

*A mulher **mesma** discutiu o tema. (**certo**: sugere ênfase)*

*Eu ajudei o rapaz, qualquer um faria o **mesmo**. (**certo**: está retomando a ideia, não a palavra)*

CONCORDÂNCIA VERBAL

REGRA GERAL

- **O verbo concorda em número e pessoa com o seu sujeito.**

***Falta** investimento.*

***Faltam** investimentos.*

*Pai e filho **reconheceram** o rapaz.*

*Qual de nós **sabe** a verdade?*

A nenhum de nós ____ essas tarefas.
(cabe / cabem)

Considerando que a frase está invertida, o certo seria ***cabem***, pois o sujeito da frase é ***essas tarefas***.

Não se _____ de fatos complexos.
(trata / tratam)

O correto seria ***trata***, pois a partícula ***se*** foi empregada para indeterminar o sujeito. Logo, o verbo fica no singular.

_____ aos alunos, nas suas diversas atividades, considerar o fato.
(cabe / cabem)

O correto seria ***cabe***, pois o verbo está regido por um sujeito oracional ***considerar o fato***.

_____ haver mudanças no setor.
(Precisa / Precisam)

O verbo haver está empregado com valor existencial, assim seu auxiliar se torna impessoal. Portanto, o correto seria ***Precisa***.

As mulheres tiveram várias conquistas, o que as _____ mais fortes. ***(fez / fizeram)***

O verbo deve concordar com o termo antecedente do relativo. No caso, concorda com o pronome ***o*** ficando, portanto, no singular ***fez***.

Nenhum de nós _____ tudo sobre a nossa essência. ***(sabe / sabemos)***

Nesse caso, o pronome ***nenhum*** é o núcleo do sujeito e o verbo deve, obrigatoriamente, ficar na 3ª pessoa do singular. Logo, o correto é ***sabe***.

Não se _____ a regras arbitrárias nos dias de hoje. ***(obedece / obedecem)***

Quando o verbo for VTI, o ***se*** será índice de indeterminação do sujeito. Nesse caso, o verbo sempre fica na 3ª pessoa do singular, portanto o correto é ***obedece***.

A maioria da população _____ problemas para dormir. ***(tem / têm)***

O verbo ***ter***, como está associado a uma expressão partitiva, poderia, no contexto da frase fazer concordância lógica ou atrativa. Na frase em análise, os dois termos, ***maioria*** e ***população***, estão no singular. Logo, o verbo só poderá ficar no singular ***tem***.

O governo tem muitos planos; a população, não.

A vírgula empregada no trecho torna as duas frases semanticamente dependentes porque substitui a expressão ***tem muitos planos***.

DICAS SOBRE SUJEITO

- O núcleo do sujeito não pode ser preposicionado.
- O sujeito pode estar posposto ao verbo.
- Não se separa sujeito de predicado por vírgula.
- Para identificar o sujeito na frase, use ***o quê?*** ou ***quem?***.

TIPOS DE CONCORDÂNCIA

Lógica: feita com o núcleo do sujeito.

*A **maioria** das pessoas **acredita** no amor.*

Atrativa: feita com o termo mais próximo.

*A maioria das **pessoas acreditam** no amor.*

Ideológica (silepse): feita com a ideia sugerida pelo termo.

*Todos **buscamos** a felicidade. (nós)*

CASOS DE CONCORDÂNCIA VERBAL

- **Expressões partitivas + determinante: lógica ou atrativa *(a maioria, grande parte, um pequeno número, um grupo ...).***

*A maioria dos adolescentes não **respeita / respeitam** normas.*

*Grande parte dos cidadãos **vive / vivem** com o mínimo.*

- **Coletivos + determinante: lógica ou atrativa.** *(grupo, turma, classe, conjunto, enxame...)*

*Um conjunto de engenheiros **resolveu / resolveram** o caso.*

*Um enxame de abelhas **atacou / atacaram** o rapaz.*

* Prefere-se o singular.

- **Numerais percentuais, decimais ou fracionários + determinante: lógica ou atrativa.**

*1% dos produtos **estragou / estragaram**.*

*50% da sociedade **acredita / acreditam**.*

Nota:

Sem determinante, o verbo concordará com o numeral.

Se houver um determinante antes do numeral, o verbo concordará, obrigatoriamente, com o numeral. Algumas bancas preferem a concordância atrativa.

*Os 50% da sociedade **acreditam**.*

*Este 1% dos produtos **estragou**.*

- ***Sujeito composto posposto ao verbo: lógica ou atrativa.***

***Falta / faltam** investimento e recurso no setor.*

***Basta / bastam** uma atitude e uma avaliação.*

- ***Um dos que/uma das que*: lógica ou atrativa.**

*O governo foi um dos que **investiu / investiram** no setor.*

*Ela foi uma das moças que se **manifestou / manifestaram**.*

* Há uma preferência pelo plural.

- **Pronome indefinido ou interrogativo (no plural) +*nós/vós*: lógica ou atrativa.**

*Quais de nós **sabem / sabemos** o que aconteceu?*

*Alguns de nós **sonham / sonhamos** com uma vida melhor.*

- **Pronome que, na função de sujeito: o verbo concorda com o antecedente.**

*Fomos nós que **fizemos** a tarefa.*

*Conhecia muitas pessoas, o que a **tornava** especial.*

- **Pronome quem, na função de sujeito: o verbo concorda com o antecedente ou fica na 3ª pessoa do singular, concordando com o próprio quem.**

*Fomos nós quem **fizemos / fez** a tarefa.*
*Foram as mulheres quem **decidiram / decidiu** tudo.*

- ***Bater, soar, tocar, dar, faltar, bastar, ...* + sujeito numérico: o verbo concorda com o sujeito numérico.**

***Bastam** cinco reais para resolver o caso.*

***Faltam** dois dias para a prova.*

*Na atual conjuntura da política econômica brasileira, **bastam** dois milhões (...).*

- **Ser *(hora/data/distância)*: o verbo concorda com o numeral. O verbo ser, nesse caso, forma oração sem sujeito, pois é impessoal.**

***São** duas horas.*
É meio-dia e meia.
*Já **é** uma e meia.*
*Hoje **são** cinco de março.*
*Hoje **é** dia cinco de março.*
***São** dois quilômetros até a minha casa.*

- **Expressões de quantidade aproximada sem determinante *(cerca de, perto de, mais de, menos de...)*: o verbo concorda com o numeral.**

Mais de um milhão foi gasto.

Menos de duas pessoas estiveram no local.

* Se houver determinante, poderá fazer concordância lógica ou atrativa.

- **Numeral sem determinante: o verbo concorda com o numeral.**

*50% **concordaram** com o governo.*

*Metade **concordou** com o governo.*

- **Sujeito representado por nome próprio plural:**
  - com artigo, usa-se o plural.
  - sem artigo, o verbo permanece no singular.

*Estados Unidos **representa** o mundo.*
*Os Estados Unidos **representam** o mundo.*

*As Minas Gerais **representam** o país.*
*Minas Gerais **representa** o país.*

- **Sujeitos representados por verbos no infinitivo:**

- com artigo, usa-se o plural.
- sem artigo, o verbo permanece no singular.

*Ler e escrever **representa** a base da educação.*
(sujeito oracional)

*O ler e o escrever **representam** a base da educação.*
(sujeito composto)

Em caso de antônimos, recomenda-se o plural.

*Amar e odiar **são** sentimentos contrastantes.*

- **Sujeitos unidos por *ou*:**

- se der ideia de inclusão, usa-se o plural.
- se der ideia de exclusão, usa-se o singular.

*Cigarro ou álcool **fazem** mal à saúde.*

*Atlético ou Flamengo **será** campeão brasileiro.*

*Teatro ou cinema **eram** as opções de lazer.*

*Teatro ou cinema **era** o programa da noite.*

- **Sujeitos unidos por *com*:**

- usa-se o plural. Admite-se o singular quando se deseja dar ênfase ao primeiro elemento.

*A professora com os alunos **decidiram** a data da prova.*

*A professora, com os alunos, **decidiu** a data da prova.*

- **Pronomes de tratamento:**
  embora sejam de 2ª pessoa, concordam com verbos e formas auxiliares em 3ª pessoa. Em gênero, concordam com o sexo da pessoa a que se referem.

*Vossa Excelência **está** preocup**ado** porque **sabe** de **suas** obrigações.*

*Preciso dizer a você que **o** amo.*

Pronomes de tratamento não admitem combinações com *teu, te, ti, vós, vosso, -ste, stes.*

- **Haver existencial: 3ª pessoa do singular.**
  (verbo impessoal / forma oração sem sujeito / VTD)

*Se **houvesse** soluções para o caso, eu saberia.*
*(Se **existissem** soluções para o caso, eu saberia.)*

***Havia** problemas estruturais no setor.*
*(**Existiam** problemas estruturais no setor.)*

O verbo ***existir*** não é impessoal, flexiona-se normalmente. É sempre VI.

***Haviam** discutido a proposta do governo*

***Houveram**-na por louca.*

O verbo ***haver***, em outros sentidos, varia normalmente, como nas duas frases acima.

*Na discussão, **teve** quem questionasse a decisão do governo. (certo: houve)*

O verbo ***ter*** não pode ser usado com valor existencial, logo a frase acima está errada de acordo com a norma culta.

- ***Haver* e *fazer* indicando tempo decorrido: 3ª pessoa do singular.**
  (verbos impessoais / formam oração sem sujeito)

***Havia** semanas que não se falavam.*

*Já **faz** cinco anos que ele esteve aqui.*

- **Verbos indicando fenômenos naturais: 3ª pessoa do singular.**
  (são verbos impessoais / formam oração sem sujeito)

  ***Choveu** em vários estados brasileiros.*

  ***Ventavam** folhas para todos os lados.*
  *(Em sentido figurado, o verbo varia. Portanto, o verbo **ventar** concordou com o seu sujeito sintático: **folhas**.)*

- **Auxiliares de verbos impessoais ficam sempre na 3ª pessoa do singular.**

  ***Deve haver** outras opções para o rapaz.*

  ***Vai fazer** dez anos que nos conhecemos.*

- ***Cada um (a) de/dos/das:* 3ª pessoa do singular.**

  *Cada uma das meninas **chegou** no horário.*

  *Cada um de nós **sabe o** que quer.*

- ***Nenhum (a) de/dos/das:* 3ª do singular.**

  *Nenhum de nós **criticou** o governo.*

  *Nenhuma delas **entendeu** o fato.*

- **Sujeito oracional**
  O verbo da oração principal fica sempre na 3ª pessoa do singular.

  ***Cabe** aos alunos das diversas universidades brasileiras discutir o tema.*

  ***Procura-se** resolver conflitos.*

  É importante que se diga a verdade.

- **Sujeitos em gradação: realizam concordância atrativa.**
  Ao se concordar com o conjunto, há descaracterização da gradação.

  *Um ano, um mês, uma semana não **muda** nada.*

  *Um olhar, um gesto, uma palavra **bastaria**.*

- **Sujeitos representados por núcleos sinônimos: realizam concordância atrativa.**

  *Amor e paixão ardente **faz*** bem à alma.*

  *Alegria e felicidade **move*** a vida.*

* A concordância com o conjunto descaracteriza a sinonímia.

- **Verbo parecer.**
  O ***parecer*** se flexiona em locuções verbais, seguido de infinitivo sem flexão.

  ***Pareciam compreender** a vida. (loc. verbal)*

  *Os governantes **parecem concordar** com o acordo. (loc. verbal)*

  O ***parecer*** permanece na 3ª pessoa do singular, seguido de infinitivo flexionado formando sujeito oracional. Nesse caso, há estruturação de período composto.

  ***Parecia compreenderem** a vida.*
  = Parecia que eles compreendiam a vida.

  *Os governantes **parece concordarem** com o acordo.*
  = Parece que os governantes concordaram com o acordo.

> É possível que ambos os verbos fiquem no singular. Entretanto, os dois jamais ocorrerão no plural.
> *Eles pareciam saberem a verdade. **(Errado)***

- **Em locuções verbais, apenas o auxiliar de um verbo no infinitivo pode se flexionar.**

*Elas **estão estudando**. (locução verbal)*

*Elas **vão estudar**. (locução verbal)*

- **Em períodos compostos, o infinitivo poderá ser flexionado, sobretudo se estiver precedido de preposição.**

*Elas pediram para **sair / saírem** mais tarde.*

*Elas têm receio de **se sentir / se sentirem** mal.*

• OBSERVAÇÕES

LOCUÇÃO VERBAL
X
PERÍODO COMPOSTO

Locução verbal:
- o infinitivo não varia.
- possui apenas um sujeito.

Período composto:
- o infinitivo pode variar.
- possui dois sujeitos que podem ser diferentes ou iguais.

*As pessoas têm medo de **se sentir** sozinhas ao longo da vida. **[ou se sentirem]***

*As pessoas devem, ao longo da vida, **reforçar** suas ideologias. **[não pode variar locução]***

*Os professores pediram para, na ocasião, sair mais cedo. **[ou saírem]***

*Os governantes têm que, em algum momento, **discutir** o fato. **[não pode variar locução]***

*Os governantes sentem necessidade de **refletir** sobre o fato. **[ou refletirem]***

- **Verbo ser (de ligação)**

O verbo ***ser*** concorda ora com o predicativo ora com o sujeito, seguindo a seguinte ordem de prevalência:

PRONOME RETO > PESSOA > PLURAL > OUTROS

*Você **sou** eu amanhã.*

*Meus sonhos **é** ela.*

*A vida **são** crianças brincando.*

Se houver pronome indefinido ou demonstrativo + plural, a concordância poderá ser feita com qualquer um dos termos.

*Isso **é / são** coisas da vida.*

*Tudo **é / são** flores.*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

- Em caso de concordância lógica e atrativa, sempre haverá alteração sutil de sentido ou de ênfase, sem necessariamente comprometer a coerência textual.

*A maioria dos políticos **cumpre / cumprem** suas promessas.*
(no singular, dá foco para a coletividade e, no plural, dá foco para a particularidade)

- Ordem de prevalência das pessoas gramaticais no Português Brasileiro:

- a 1ª pessoa prevalece sobre as demais.

- entre a 2ª e a 3ª pessoa, não há prevalência.

*Eu, tu e Ana **fomos** ao local.*

*Tu e Ana **foram / fostes** ao local.*

*Alguns autores recomendam a prevalência da 2ª pessoa.

EXERCÍCIOS

1 Os termos destacados estão corretamente flexionados, **EXCETO** em

a) Foi-me penosa a indecisão, o medo e a fraqueza.
b) Embora fosse tarde, saíram apressadas e sós.
c) Vinha com bolso e mãos cheios de dinheiro.
d) Felizmente, hoje está quites com seus credores.
e) Apesar da idade, não era homem de meias palavras.

2 Todas as concordâncias são referenciadas pela norma culta, **EXCETO** em

a) Estavam bastante desertas a vila, os bares e o tempo.
b) É necessário manter bastante limpas as ruas e os jardins.
c) Considerava as razões bastantes para acusar de corrupto o rei e a rainha.
d) Terão bastantes razões para considerar simpáticos o diretor e sua filha?
e) Serão bastante importantes as máquinas para que os homens se encantem com elas?

3 Até agora, já foram encontradas oito torres e um pedaço do grande muro que protegia a cidade.

Ocorreu um caso de concordância equivalente ao grifado acima em

a) Mandou-me, pelo emissário, livros e frutas maduras.
b) Perdido o orgulho e a fé, nada mais lhe restou senão a morte.
c) Foram reconhecidos, pelas famílias, o corpo e as vestes do morto no acidente.
d) São necessárias todas as providências, para que fatos dessa natureza não mais ocorram.
e) A rudez e a violência alheia assustam mais do que as nossas próprias.

4 "Vossa Excelência _____ ouvir a opinião dos jovens que _____ apoiaram durante _____ campanha." Assinale a alternativa que completa **CORRETAMENTE** as lacunas.

a) deveis, lhe, vossa.
b) deve, o, sua.
c) deve, lhe, sua.
d) deveis, vos, vossa.
e) deve, o, vossa.

5 Assinale a opção que **NÃO** se apresenta adequada à norma culta da língua padrão.

a) A maioria das pessoas está preferindo morar no meio urbano.
b) Nenhum de nós desconhece a importância de tua tese.
c) Quais de vocês viajariam para um deserto como a fazenda do matagal?
d) Quantos de vós me ensinareis a viver melhor a minha vida?
e) Qual de vocês têm algum juízo para me apontar caminhos?

6 Identifique a opção que pode ser completada **APENAS** com a primeira forma verbal proposta, segundo os padrões da língua culta.

a) Ainda hoje _____ haver muitas Elviras em nossa sociedade. (pode / podem)
b) Quais de vós _____ a primeira pedra em Elvira? (atirariam / atiraríeis)
c) A maioria dos amantes de Elvira _____ no subúrbio. (morava / moravam)
d) Não se _____ facilmente, em nosso peito, pessoas iguais a Elvira. (admite/admitem)

7 Todas as alternativas abaixo apresentam concordância verbal correta, **EXCETO**

a) A maior parte dos menores vive sob as marquises.
A maior parte dos menos vivem sob as marquises.
b) Faz anos que a questão do menor se agrava no Brasil.
Fazem anos que a questão do menor se agrava no Brasil.

c) Ilson Escóssia é um dos que apresenta suspeita de delinquência.
Ilson Escóssia é um dos que apresentam suspeita de delinquência.

d) Um bando de meninos morre a cada dia no País.
Um bando de meninos morrem a cada dia no País.

e) Quais de nós pensam nos meninos de rua?
Quais de nós pensamos nos meninos de rua?

8 Em todas as alternativas, a lacuna pode ser preenchida corretamente por ambas as formas entre parênteses, **EXCETO** em

a) A maioria das pessoas _____ comentários sobre fatos que não existiram. (elabora / elaboram)

b) Alguns de nós _____ profissionais autônomos. (são / somos)

c) Boa parte dos entrevistados _____ ao concerto de Villa Lobos. (assistiu/assistiram)

d) Mais de um _____ Ulysses Guimarães posando pelado numa revista. (viu/viram)

e) Na Avenida Paulista, _____ a burguesia e o populacho. (transita/transitam)

9 Assinale a frase que contém **ERRO**, tendo em vista a concordância verbal.

a) Eu, tu e vossos amigos fomos ao cinema.

b) Fui ao cinema eu, tu e vossos amigos.

c) Tu e teus amigos quisestes sair.

d) Tu e teus amigos quiseram sair.

e) Tu e teus amigos quiseste sair.

10 Em todas as opções, a lacuna pode ser preenchida apenas por uma das formas verbais indicadas, **EXCETO** em

a) _____ resultados completamente satisfatórios. (Havia/Haviam)

b) Os dias tristes, nem as horas longas, nada o _____ para outro lugar. (deslocava/deslocavam).

c) _____-lhe o juízo e o senso do ridículo, pois tinha medo de se exibir. (Sobrava/ Sobravam)

d) _____-lhe as propriedades e o dinheiro da herança misteriosa. (Faltava/Faltavam)

Gabarito

| 1-d | 2-a | 3 -b | 4-b | 5-e | 6-a | 7-b | 8-d | 9-e | 10-c |

CONCORDÂNCIA VERBAL - PRINCIPAIS CASOS

CASOS	CONCORDÂNCIA	TIPO
Expressões partitivas + determinante	Grande parte, a maioria, um pequeno número...	Lógica ou Atrativa
Coletivo + determinante	Uma coleção, um conjunto, uma turma...	Lógica ou Atrativa
Numerais + determinante	• Se o numeral vier precedido de determinante (artigo/pronome), o verbo concordará com o numeral. • Se o numeral não estiver determinado, o verbo concordará com o numeral.	Lógica ou Atrativa
Um(a) dos/das que	Há uma preferência pelo plural.	Lógica ou Atrativa
Pronomes indefinidos ou interrogativos, no plural, + nós ou vós	Se o pronome estiver no singular, o verbo ficará apenas no singular.	Lógica ou Atrativa
Sujeito composto posposto ao verbo	Em caso de sujeito anteposto, usa-se a concordância lógica.	Lógica ou Atrativa
Nem um / nem outro / um e outro	• Nem um / nem outro - preferencialmente singular. • Um e outro - preferencialmente plural. Nesse caso, o substantivo só pode ficar no singular e o adjetivo só pode ficar no plural.	Lógica ou Atrativa
Haver existencial	Impessoal, oração sem sujeito, VTD, não aceita passiva. Haver sem valor existencial varia. Não pode usar o verbo TER com valor existencial.	3ª Pessoa/Singular
Haver e fazer indicando tempo decorrido	Impessoal, oração sem sujeito, não aceita passiva.	3ª Pessoa/Singular
Fenomenos naturais	Impessoal, oração sem sujeito, não aceita passiva. ATENÇÃO: em sentido figurado, o verbo concordará como sujeito.	3ª Pessoa/Singular
Auxiliares de verbos impessoais	O verbo existir e seu auxiliares variam.	3ª Pessoa/Singular
Sujeito oracional	Amar é bom.	3ª Pessoa/Singular
Nenhum(a) de / dos / das	Nenhum de nós disse isso.	3ª Pessoa/Singular
Cada um(a) de / dos / das	Cada um de nós chegou.	3ª Pessoa/Singular
Aposto resumitivo / enumeração + tudo, nada, ninguém	Amor, amizade, dinheiro, nada lhe agradava.	3ª Pessoa Singular
Núcleos sinônimos *Altera-se o sentido.	Amor e paixão ardente <u>faz</u> bem à alma.	Atrativa
	Amor e paixão ardente <u>fazem</u> bem à alma. Nesse caso perdeu a noção de sinônimo.	3ª Pessoa
Núcleos em gradação	Um mês, um ano, <u>uma vida</u> não <u>bastaria</u> para...	Atrativa
	Um olhar, um gesto, uma palavra mudariam tudo. Perdeu-se a noção de gradação.	3ª Pessoa/Singular
Mais de um(a)	Exceções em caso de expressão duplicada ou ideia de reciprocidade.	3ª Pessoa/Singular
Soar, tocar, dar, bater, faltar, restar + sujeito numérico.	O verbo concordará com o sujeito numérico.	
Ser - hora / data / distância	O verbo concordará com o numeral que o acompanhar.	
Expressões de quantidade aproximada	• O verbo concordará com o numeral da expressão. • Se a expressão estiver seguida de determinante, a concordância atrativa também será aceita.	

CASOS	CONCORDÂNCIA	TIPO
Nomes próprios plurais	Com determinante	Plural
	Sem determinante	Singular
Partícula SE	Partícula Apassivadora - o verbo varia para concordar com o sujeito.	Lógica
	Índice de indeterminação do sujeito	3ª Pessoa Singular
	Para o CESPE, a partícula SE poderá ser IIS também com VTD ou VTDI. Isso ocorrerá quando o verbo (VTD/VTDI) estiver seguido de complemento plural. Nesse caso, o verbo só poderá ficar na 3ª pessoa do singular. 1) Procura-se (VTD - PA) soluções para o caso. Certa para o CESP e errada para qualquer banca. 2) Procuram-se (VTD - IIS) soluções para o caso. Certa para qualquer banca.	
Flexão de infinitivo	• Em locuções verbais, apenas o auxiliar varia, ou seja, o infinitivo não se flexiona. • Em períodos compostos com o mesmo sujeito, a flexão do infinitivo será facultativa, sobretudo se ele vier percedido de preposição. • Se o sujeito do infinitivo estiver explicito e for distinto da oração, a flexão será obrigatória.	
Verbo parecer	Parecer - 3ª singular + infinitivo flexionado - Período Composto Parecer flexionado + infinitivo impessoal (sem flexão) - Loc. Verbal	
Verbo Ser (de ligação)	O verbo ser (de ligação) poderá concordar ora com o sujeito ora com o predicativo do sujeito, respeitando a seguinte ordem de prevalência: 1) pronome reto - 2) pessoa - 3) plural - 4)outros. EXCEÇÃO: Pronome indefinido ou pronome demonstrativo + palavra plural, a concordância poderá ser realizada com qualquer um dos termor. *Tudo élsão flores.*	
Pronome de tratamento	Concorda sempre em 3ª pessoa com verbos e formas auxiliares.	
Sujeitos unidos por OU	Inclusão: plural / Exclusão: singular	
Sujeitos unidos por COM	Em geral, usa-se plural. Admite-se o singular para efeito de ênfase no primeiro elemento.	
Sujeito representado pelos pronomes relativos QUE ou QUEM	QUE - o verbo concordará sempre com o termo antecedente. QUEM - o verbo concordará com o antecedente ou permanecerá na 3ª pessoa do singular concordando com o próprio QUEM.	

CONCORDÂNCIA NOMINAL - PRINCIPAIS CASOS	
CASOS DE CONCORDÂNCIA	**REGRA ESPECÍFICA**
Menos, abaixo, alerta, pseudo	São sempre invariáveis. Alguns autores admitem a flexão do vocábulo **alerta** quando junto do nome.
Haja vista, em anexo, a sós, em alerta, a olhos vistos, a olhos nus, em mão	São sempre invariáveis. Alguns autores admitem a flexão da forma **haja(m)** quando seguida de palavra plural.
Tal qual	**Tal** concorda com o antecedente e **qual** concorda com o consequente.
Adjetivo possível em expressões superlativas	O adjetivo possível, em expressões superlativas, concorda com o artigo que o precede.
Particípio passado	Concorda sempre com o substantivo a que se refere.
É proibido, é permitido, é bom, é necessário, é pouco, é suficiente	Se houver determinante, a concordância será feita seguindo o padrão do determinante. Se não houver determinante, a expressão ficará no masculino, singular.
Obrigado, quite, incluso, leso, próprio, nenhum, vários, anexo...	Tais adjetivos concordam com o substantivo a que se referem.
Dois ou mais adjetivos qualificando um único substantivo	Usa-se artigo plural, seguido de substantivo plural e de adjetivos no singular. Ainda, pode-se usar artigos antes de todos os termos subentendendo o substantivo.
Dois ou mais substantivos qualificados por um único adjetivo em função predicativa	Adjetivo anteposto: mais próximo ou conjunto. Adjetivo posposto: conjunto.
Dois ou mais substantivos qualificados por um único adjetivo em função de adjunto adnominal	Adjetivo anteposto: mais próximo. Adjetivo posposto: mais próximo ou conjunto.
Em caso de nomes próprios	A concordância será feita com o conjunto.
Em caso de sinônimos	A concordância será feita com o termo mais próximo.
Em caso de gradação	A concordância será feita com o termo mais próximo.
Em caso de dos ou mais substantivos se referindo a um mesmo ser	A concordância será feita com o termo mais próximo.
Muito, pouco, alto, baixo, caro, barato, mesmo, só, meio, bastante...	São invariáveis quando funcionam como advérbios. Variam quando se referem a termo de natureza substantiva.

• OBSERVAÇÃO

Alguns autores admitem construções com os verbos **poder** e **dever**, seguidos de partícula **SE** e de **infinitivo impessoal**, como casos híbridos de sujeito oracional ou locução verbal. Em função da duplicidade de estrutura sintática, aceitam-se duas construções distintas:

Passiva sintética com sujeito oracional
(período composto)

Pode-se aceitar conselhos.
VTD (PA) Sujeito

Deve-se proteger os filhos.
VTD (PA) Sujeito

Passiva sintética com sujeito nominal
(Período simples com locução verbal)

(PA)
Podem-se aceitar conselhos.
V.Aux. Loc. Verbal VTD Sujeito

(PA)
Devem-se proteger os filhos.
V. Aux. Loc. Verbal VTD Sujeito

UNIDADE IX

PONTUAÇÃO

PRÉ-REQUISITOS PARA O ESTUDO DA VÍRGULA

Dizemos que os termos de uma oração estão em ordem direta quando eles se sucedem na sequência natural da fala, isto é, quando se dispõe na seguinte progressão:

sujeito → verbo → complemento do verbo → adjunto adverbial

Orações em ordem direta

As autoridades	*visitaram*	*o salão do automóvel*	*às dez horas.*
sujeito →	verbo →	complemento do verbo →	adjunto adverbial

Dizemos que **há ordem indireta** sempre que a progressão acima for alterada. Se, por exemplo, colocarmos o adjunto adverbial antes do sujeito ou entre o sujeito e o verbo, teremos um caso de ordem indireta.

Orações em ordem indireta

Às dez horas,	*as autoridades*	*visitaram*	*o salão do automóvel.*
adjunto adverbial →	sujeito →	verbo →	complemento do verbo

Os termos da oração ocorrem dispostos em ordem indireta quando

- há inversões;
- há intercalações;
- há omissão de termos que ficam ocultos na cadeia da frase.

Esses fenômenos, em geral, são marcados por vírgulas na escrita.

É preciso não incorrer numa pressuposição enganosa: que toda pausa na língua oral corresponde a uma vírgula na escrita. Se assim fosse, para o uso da vírgula, poderíamos confiar cegamente na intuição e não precisaríamos estudar regra alguma. É verdade que muitas pausas da língua oral correspondem à vírgula na escrita, mas a implicação não é necessária, sobretudo porque:

- a língua oral é livre de convenções e mais sujeita à individualidade do falante;
- a língua escrita é mais conservadora e mais apegada a usos adquiridos ao longo de uma tradição.

Disso decorre que:

- pode haver pausas na língua oral que não são marcadas por vírgula na escrita.

O desenvolvimento normal da personalidade	*pressupõe bom ambiente.*
sujeito →	predicado

Note que entre o sujeito e o predicado não se usa vírgula, embora, na fala, possa haver uma pausa, sobretudo quando o sujeito tem alguma extensão.

- pode haver vírgulas na escrita que não correspondem à pausa na língua oral.

Fique quieto, menino.
vocativo

Como se pode notar, no caso acima, não ocorre pausa na fala e ocorre vírgula na escrita.

Como conclusão, a gramática, baseada no uso culto que se têm feito da vírgula, propõe um conjunto de normas que devem ser seguidas por aqueles que desejam usar a escrita dentro do padrão formal.

USO DA VÍRGULA ENTRE OS TERMOS DA ORAÇÃO

No interior da oração, usa-se a vírgula:

Para marcar intercalação

- do adjunto adverbial.

*Ele, **com razão**, sustenta opinião contrária.*

- da conjunção coordenativa deslocada.

*Não há, **portanto**, nenhum risco no negócio.*

- das expressões explicativas ou corretivas.

*Todos se omitiram, **isto é**, colaboraram com os adversários.*

Para marcar inversões

- do adjunto adverbial (no início da oração).

***Por cautela**, deixamos um depósito.*

**Observação*: Pode-se omitir a vírgula, a menos que o adjunto adverbial tenha certa extensão.

- do complemento pleonástico antecipado ao verbo.

***Casos mais importantes**, já os apresentei.*

- do nome de lugar antecipado às datas.

Belo Horizonte, 9 de maio de 2011.

Para separar termos coordenados (em enumeração)

*O livro estava **sujo, rasgado, imprestável**.*

Para marcar elipse do verbo

Nós trabalhamos com os fatos, com hipóteses.
(trabalhamos com hipóteses)

Para isolar

- o vocativo.

*Não demores tanto, **meu filho**.*

- o aposto.

*O tempo, **nosso inimigo**, foge rápido.*

• OBSERVAÇÃO

RESUMO DO EMPREGO DE VÍRGULA E CONSIDERAÇÕES SEMÂNTICAS

Os sinais de pontuação servem para dar sentido aos textos escritos.

Logo, alterações na pontuação podem mudar o sentido de um texto ou de um trecho.

Vejamos exemplos de itens:

Os Estados Unidos, o Canadá, a China, entre outros países, participaram do acordo.

As vírgulas empregadas no trecho separam itens de enumeração coordenados entre si. (Afirmativa errada.)

O erro está no fato de que as duas primeiras vírgulas são de enumeração. Para ser enumeração, as palavras separadas devem pertencer à mesma classe gramatical. As vírgulas que isolam "entre outros países" cumprem outra função, a de separar termo de natureza explicativa.

A China (país de base ainda socialista), o Canadá e os Estados Unidos assinaram o acordo.

Os parênteses empregados no trecho poderiam ser substituídos por travessões. (Afirmativa correta.)

Em expressões de natureza explicativa, pode-se usar vírgula, parênteses ou travessões.

A sociedade que privilegia o coletivo se desenvolve expressivamente.

Seria possível empregar uma vírgula logo após "sociedade" e outra antes do pronome "se", porém haveria alteração de sentido. (Afirmativa correta.)

Sem as vírgulas, teríamos uma informação de caráter restritivo. Com as vírgulas, a informação seria de natureza explicativa.

A VÍRGULA EM ANÁLISE

Uso de Vírgula

A atual crise política brasileira (1) prejudica (2) a imagem (3) do país (4) no exterior.

Casos proibidos

1 Entre sujeito e predicado.
2 Entre verbo e complemento verbal.
3 Entre nome e complemento ou adjunto adnominal.

Observação: Na posição 4, a vírgula seria facultativa. O adjunto adverbial está em sua posição natural, que é o final de frase. A vírgula é permitida apenas para dar ênfase.

Casos de Vírgula

Observação: ordem natural/direta/canônica da frase: sujeito + verbo + complemento verbal + adjunto adverbial.

Se a frase está disposta na ordem direta, não é necessário usar vírgula, que marca exatamente a interrupção de tal ordem direta.

1 Isolar aposto (termo de natureza explicativa).

O aposto pode ser isolado por vírgulas, por travessões, por parênteses ou por dois pontos.

Referia-se a Ouro Preto, ***uma linda cidade histórica.***

2 Isolar vocativo (um chamamento).

Votem, ***caros eleitores,*** *com consciência.*

Não são possíveis as mesmas opções de substituição do aposto. Se o vocativo estivesse no início, poderíamos usar um ponto de exclamação ou interrogação.

3 Isolar expressões de natureza explicativa (ou seja, isto é, ou melhor, vale dizer, quer dizer etc).

O Brasil é um país rico, ***ou seja,*** *dispõe de muitos recursos naturais.*

*Algumas bancas denominam tais expressões de retificativas.

4 Isolar complemento pleonástico (aparece repetido dentro da estrutura frasal).

Esta questão, *já* ***a*** *discutimos outro dia.*

5 Separar palavras de retificação ou ênfase (principalmente, inclusive, só, menos, exceto etc).

Todos merecem ser aprovados no concurso, ***principalmente*** *eu.*

6 Separar itens de enumeração (palavras coordenadas entre si, termos da mesma classe gramatical que exercem a mesma função sintática).

As pessoas têm medo, ao longo da vida, ***da solidão, da morte, do abandono.***

Somente a 3ª e a 4ª vírgulas são de enumeração. A 1ª e a 2ª servem para isolar adjunto adverbial deslocado. Os termos enumerados são todos complementos nominais.

7 Indicar elipse ou zeugma de termos.

Na minha frente, uma enorme fila.

A vírgula marca a omissão de formas verbais que poderiam, gramaticalmente, ser representadas por **havia** ou **existia**.

O governo se posicionou sobre o fato.
A população, não.
(a população não se posicionou.)

8 Indicar deslocamento de adjuntos adverbiais, sobretudo se forem muito longos.

*A população brasileira, **hoje em dia,** está preocupada com o futuro do país.*

É um adjunto adverbial deslocado, pois está no meio da frase.
Para a Esaf e para o Cespe, as vírgulas são apenas recomendadas.

***Atualmente,** muitas nações buscam fontes limpas de energia.*

*O Brasil **ainda** não resolveu (...).*

O vocábulo **ainda** poderia vir entre vírgulas. Trata-se de um caso facultativo.

*O governo, **em geral**, não tem esse tipo de atitude.*

Nesse caso, as vírgulas não são facultativas, pois alteram o sentido da frase.

9 Indicar deslocamento de conjunções coordenativas *(portanto, entretanto, por isso, assim, então etc.)*. Geralmente, a conjunção coordenativa vem no início de oração (≠de início de período). Logo, a conjunção deslocada é aquela que está no interior de uma oração.

O país investe em educação,
***entretanto** não há resultados visíveis.*

O conector ***entretanto*** está no início da segunda oração. Logo, não está deslocado. Sendo assim, não é possível colocar uma vírgula após ***entretanto***.

Esquema:

- Conector no início da segunda oração, usa-se apenas uma vírgula antes do conector. Se as duas orações forem separadas por um ponto, o conector estará no início do período. Nesse caso, **pode se usar uma vírgula** após o conector.

- Colocando-se ponto e vírgula antes do conector, **pode se usar vírgula** após o conector.

Vejamos o conector deslocado, ou seja, no interior de uma oração:

*O país investe em educação; não há, **entretanto**, mudanças visíveis.*

Nesse caso, o conector está deslocado.

Quando o conector coordenativo estiver no interior de uma oração, virá, obrigatoriamente, entre vírgulas.

10 Separar orações coordenadas sindéticas ou assindéticas.
Coordenadas = independentes.
Sindéticas = com conjunção.
Assindéticas = sem conjunção.
Entre orações coordenadas, pode-se usar vírgula, ponto-final ou ponto e vírgula.

O governo investiu no projeto, entretanto não obteve o retorno esperado.

A vírgula pode ser substituída por ponto e vírgula ou ponto-final.
Obs.: em alguns casos, é possível usar dois-pontos.

Brigam muito, querem o divórcio.
Brigam muito: querem o divórcio.

É possível usar dois pontos, sobretudo quando porque há uma relação de explicação ou de conclusão.

11 Vírgula antes do conector ***e***.

- Sujeitos idênticos – **vírgula desnecessária.**

O governo decidiu o fato e comunicou-o à população.

O sujeito é o mesmo nas duas orações, então a vírgula não é necessária.

- Sujeitos diferentes – **vírgula recomendada.**

O governo fez o projeto, e a população o reprovou.

Conector com valor alterado (valor de "mas", por exemplo) – **vírgula facultativa.**

O governo iniciou o projeto, e não o concluiu. (=mas)

- Polissíndeto (repetição da mesma conjunção) – **vírgula obrigatória.**

Ela chorava, e gritava, e pedia, e implorava...

(Trata-se de uma enumeração.)

Observação: a vírgula antes de ***etc*** **é facultativa.**

12 Isolar oração subordinada substantiva apositiva (oração substantiva é introduzida por conjunção integrante). Esse caso admite também dois-pontos.

O governo queria apenas uma coisa: (,) que tudo se resolvesse.

13 Isolar oração subordinada explicativa (oração adjetiva é introduzida por pronome relativo).

Referiu-se ao governo, que era a base de tudo.

14 Isolar orações subordinadas adverbiais (exprimem circunstância) antecipadas ou intercaladas à principal.
A vírgula do adjunto adverbial pode ser facultativa. No caso de oração adverbial deslocada, é obrigatória.

*O governo, **se quiser**, poderá resolver a situação. (intercalada)*

***Se quiser**, o governo poderá resolver a situação. (antecipada)*

*O governo poderá resolver a situação **se quiser**. (posposta facultativa)*

NOTA:
Oração adverbial depois da principal – vírgula facultativa.

15 Isolar orações interferentes.
(Orações interferentes apresentam opinião do locutor, fala, explicação etc.)

O governo brasileiro, ***não que isso fosse positivo,*** *fez alianças com os Estados Unidos.*

O Brasil, **segundo afirmam,** *é o país do futuro.*

As orações interferentes podem vir, também, entre parênteses ou duplo travessão.

NÃO SE USA A VÍRGULA

Não se usa vírgula entre termos imediatos de uma mesma oração.

- Entre sujeito e predicado.

Todos os componentes da mesa recusaram a proposta.

- Entre verbo e seus complementos.

O trabalho custou sacrifício aos realizadores.

- Entre nome e complemento nominal ou adjunto adnominal.

A intrigante resposta do mestre ao aluno despertou reações.

USO DA VÍRGULA ENTRE AS ORAÇÕES DO PERÍODO

Subordinadas substantivas

Não se separam da oração principal por meio de vírgula. Faz exceção a substantiva apositiva, que se separa por dois-pontos ou por vírgula.

Não se imaginava (oração principal) | *que a propaganda seria tão agressiva.* (oração subordinada substantiva)

Subordinadas adjetivas

A adjetiva restritiva não se separa da principal por vírgula.

São raros os programas de TV (oração principal) | *que trazem algum proveito.* (oração subordinada adjetiva restritiva)

Pode ocorrer vírgula depois da oração subordinada adjetiva restritiva, sobretudo se ela tiver certa extensão ou se terminar em um verbo contíguo ao da oração seguinte. No entanto, não é um caso normativo.

Os empreendimentos | *que mais convinham* (oração subordinada adjetiva restritiva) | *foram entregues a outros.* (oração principal)

A adjetiva explicativa vem sempre isolada por vírgulas.

O juiz | *,que era integro,* (oração subordinada adjetiva explicativa) | *não se vendeu.* (oração principal)

Subordinadas adverbiais

Sempre é correto o uso da vírgula entre as subordinadas adverbiais e a oração principal.

Ainda que a situação fosse adversa, (oração subordinada adverbial) | *conseguimos bom resultado.* (oração principal)

Orações coordenadas

As orações coordenadas são separados por vírgula.

Pegou o recado, (oração coordenada assindética) | *leu-o,* (coordenada assindética) | *disparou para a rua.* (coordenada assindética)

"Penso, (coordenada assindética) | *logo existo."* (coordenada sindética conclusiva)

As coordenadas sindéticas introduzidas pela conjunção ***e*** podem separar-se por vírgula nos seguintes casos:

- Se os sujeitos forem diferentes.

Os responsáveis eram eles, | *e nós tivemos de assumir.*
coordenada assindética — sujeito: *os responsáveis*
coordenada sindética aditiva — sujeito: *nós*

- Se o ***e*** vier repetido várias vezes a título de ênfase.

E falou, e pediu, e insitiu.
(polissíndeto)

• OBSERVAÇÃO

Orações intercaladas: separam-se por vírgulas.

Não podemos, ***dizia ele****, pagar o bem com o mal.*

A oração intercalada pode vir também separada pelo duplo travessão ou por parênteses.

OUTROS SINAIS DE PONTUAÇÃO

PONTO E VÍRGULA

Como o próprio nome indica, o ponto e vírgula é um sinal intermediário entre a vírgula e o ponto-final. Indica um pausa mais marcante que a vírgula, mas não marca término do período como o ponto-final.

Essa posição intermediária confere ao ponto e vírgula um uso muito variado, sujeito a interpretações subjetivas e ao contexto, tornando difícil uma sistematização rigorosamente exata.

Apesar disso, algumas normas seguras podem ser depreendidas de seu uso:

Nunca se usa o ponto e vírgula para separar uma oração subordinada de sua principal.

Também não se usa ponto e vírgula entre os termos do período simples.

Usa-se o ponto e vírgula para separar orações coordenadas que tenham certa extensão.

Os dois primeiros depoimentos foram analisados com extremo cuidado; não encontraram nenhuma passagem que o implicasse.

Em uma sequência de orações coordenadas, usa-se o ponto e vírgula para separar blocos de orações que se opõem pelo sentido.

Uns pelejavam, esforçavam-se, exauriam-se; outros dispersavam-se, folgavam, divertiam-se.

(Note que, nesse exemplo, as três primeiras das seis orações opõem-se pelo sentido às três últimas. Para separá-las, três a três, a vírgula seria insuficiente e o ponto-final acarretaria a divisão em dois períodos distintos.)

Usa-se o ponto e vírgula para separar orações (ou conjunto de orações) que mantêm algum equilíbrio entre si: por possuírem a mesma estrutura, ou por terem em comum algum simetria.

O time brasileiro, mesmo cansado, pressionou a todo instante; o adversário, muito mais disposto, fechou-se na retranca.

Usa-se o ponto e vírgula para separar orações coordenadas que já vêm marcadas por vírgula no seu interior.

O inquilino quis recorrer à justiça; sua causa, porém, era perdida.

Usa-se o ponto e vírgula para separar os vários itens de um considerando.

Considerando:
a) o alto custo do material;
b) a exigência de pessoal habilitado;
c) a prioridade de outras obras;
decidimos desaconselhar a assinatura desse contrato.

DOIS-PONTOS

Os dois-pontos servem para indicar basicamente o seguinte: tudo o que vem à sua frente explica ou desenvolve melhor algum termo anterior.

Dentro desse princípio, usam-se os dois-pontos para:

- marcar citação alheia (normalmente depois de verbos: dizer, afirmar, responder, perguntar).

  Olhando o brilho das pedras, afirmou: "elas valem o preço que custam".

- dar início a uma sequência que explica, discrimina ou desenvolve melhor uma noção anterior.

  Tivemos uma ideia: esvaziar o pneu. (explicação)

  Entregou tudo aos pobres: dinheiro, propriedades, heranças. (discriminação)

  Catástrofe no oriente: Beirute em chamas! (desenvolvimento)

• OBSERVAÇÃO

No início de cartas ou requerimentos não oficiais, depois dos convencionais apelativos (Prezado Senhor, Exmo. Senhor e semelhantes), usa-se vírgula, dois pontos, ponto ou pontuação alguma.

- Prezado Senhor:
- Prezado Senhor,
- Prezado Senhor.
- Prezado Senhor

RETICÊNCIAS

As reticências servem, basicamente, para indicar que uma frase foi interrompida antes de seu término. São muitas as razões pelas quais ocorre essa interrupção. Acompanhe os exemplos que se seguem:

- É promessa, há de cumprir-se.

- "Sei que você fez promessa ... mas uma promessa assim ... não sei ... creio que, bem pensando ... Você acha que, prima Justina?" (M. Assis – apud Celso Cunha)

No caso, as interrupções marcadas pelas reticências refletem a hesitação de quem fala.

As reticências, portanto, marcam interrupções que refletem dúvidas, timidez, gagueira e estados semelhantes.

Observe este outro exemplo:

"Se mana Piedade tem casado com Quincas Borba, apenas, me daria um esperança colateral. Não casou; ambos morreram, e aqui está tudo comigo; de modo que o que parecia uma desgraça..." (M. Assis).

No caso, as reticências marcam a interrupção de uma frase que não foi concluída para que o leitor complemente segundo sua imaginação.

Além disso, a interrupção reflete certa censura que o personagem se impõe.

• OBSERVAÇÕES

- As reticências podem combinar-se tanto com o sinal de interrogação (?) quanto com o sinal de exclamação (!).

  Será que ... ?
  Elas sempre sabiam que no final daria tudo certo... !

- As reticências podem ter um valor meramente prático, sem força expressiva alguma. Nesses casos, servem apenas para marcar que uma frase foi truncada no seu início ou no seu término.

Entre as passagens do texto, a que mais se presta para justificar a questão proposta é a seguinte:
"... com a presença da máquina ali no largo, que, se um dia desabasse... "

(As reticências marcam a omissão de trechos do texto).

ASPAS

A função básica das aspas é isolar qualquer parte do texto que não pertença ao autor que o escreve.

Em decorrência disso, usam-se aspas:

- isolar, no texto, uma citação literal colhida de outra pessoa.

Os sentimentos contraditórios provocados pela máquina podem ser depreendidos dessa afirmação de Bertrand Russel: "As máquinas são adoradas porque são belas e detestadas porque são feias".

- isolar palavras ou expressões que são alheias ao idioma padrão.
  Entenda-se por palavras ou expressões alheias todas aquelas que se desviam do padrão culto de fala:
  - os estrangeirismos;
  - as gírias;
  - os modos populares da fala;
  - os arcaísmos etc.

Os políticos estudam com os juristas as possibilidades de reimplantação do "habeas corpus".

(Aspas para isolar uma expressão latina / estrangeirismo.)

Aí, "meu chapa", as coisas mudam de figura e, mesmo entre amigos, é necessário um pouco de cautela nos negócios.

(Aspas para isolar uma expressão de gíria.)

"Me perdoa", solicitou o itinerante com jeito de quem estava apressado e, por isso, ia esbarrando em todos e em tudo.

(Aspas para isolar uma expressão de caráter popular.)

Era tão velho o nosso amigo, que presenteava as namoradas com "vidro de cheiro".

(Aspas para isolar uma expressão arcaica em desuso.)

Não se trata de um simples habitante de um grupo social, mas de "um ser humano" com todos os sentimentos e direitos de um ser dessa espécie.

(Para dar ênfase a certas palavras ou expressões da frase.)

Isso nos leva à fábula da coruja que, envaidecida da grande "beleza" dos seus filhotes, acabou por prejudicá-los.

(Para manifestar o sentido irônico ou um segundo sentido que se queira atribuir a uma palavra.)

TRAVESSÃO

Há duas funções básicas para o travessão:
Marcar a mudança de interlocutor nos diálogos.
- *Por que saístes tão cedo?*
- *Porque esse trem ...*
- *O que acontece com o trem?*
- *Vem superlotado depois das seis.*

- Costuma-se usar o duplo travessão em lugar das vírgulas ou dos parênteses para destacar, de alguma forma, palavras ou expressões que se queiram enfatizar.

Esta interpretação – não há quem negue – desvia-se completamente do verdadeiro significado da obra.

PARÊNTESES

A função básica dos parênteses é isolar informações acessórias ou paralelas que não se encaixam na sequência lógica do enunciado. Dentro desse princípio geral, usam-se os parênteses para:

- isolar explicações, uma reflexão, um comentário à margem do que se está dizendo.

Em São Paulo (é o maior parque industrial da América Latina e um dos maiores do mundo), o problema da poluição tem atingido proporções alarmantes.

(Parênteses usados para isolar uma explicação marginal.)

Belo Horizonte (que absurdo) é uma monstruosa cidade quase inabitável.

(Parênteses para isolar uma reflexão ou uma emoção.)

- marcar definições ou traduções textuais de uma palavra anterior.

Introversão (do latim intro + vertere) é a tendência do indivíduo a dirigir sua preocupação para o mundo interior.

- marcar explicações.

"O amor (sentimento real e iconteste) move o mundo."

• OBSERVAÇÃO

Embora as normas de pontuação sejam claras e obedeçam a uma sistematização linguística, elas podem sofrer alguma flexibilização em função do caráter semântico envolvido no tema.

EXERCÍCIOS

1 A frase pontuada **CORRETAMENTE** é:

a) Enquanto não estudava sofria; agora, que sabe muito, sofre mais pois, a consciência de tudo a atormenta.

b) Enquanto não estudava, sofria; agora, que sabe muito, sofre mais, pois a consciência de tudo a atormenta.

c) Enquanto não estudava sofria, agora, que sabe muito, sofre mais, pois, a consciência de tudo a atormenta.

d) Enquanto não estudava, sofria; agora, que sabe muito, sofre, mais, pois a consciência de tudo a atormenta.

e) Enquanto não estudava, sofria agora, que sabe muito, sofre mais, pois a consciência de tudo a atormenta.

2 A vírgula foi usada para separar uma oração subordinada adverbial em

a) Destinava-se a uma cidade maior, mas o trem permaneceu na antepenúltima estação.

b) Aos poucos, acalmou-se, aceitou a flor e deu-lhe um beijo rápido.

c) Levantei-me devagar, e ela se dirigiu à sala de reuniões da secretaria.

d) Depois de uma convivência maior, descobri que sua mania era agradar ao próximo.

e) Se a um deles não ocorresse uma sugestão, teríamos permanecido no impasse.

3 Indique a pontuação **CORRETA**.

a) O candidato promete, se eleito mudar toda a estrutura atual da agremiação.

b) O candidato promete, se eleito, mudar toda a estrutura atual da agremiação.

c) O candidato promete, se eleito mudar, toda a estrutura atual da agremiação.

d) O candidato, promete se eleito, mudar toda a estrutura atual da agremiação.

e) O candidato promete se, eleito mudar toda a estrutura, atual, da agremiação.

4 Leia o texto abaixo.

"Disse um autor inglês com a graça que caracteriza os escritores do seu país uma menina deve aprender com as condições sociais a coser a cozinhar a ser benévola e não desperdiçar o tempo como se vê esse autor fez uma salada espirituosa."

A opção **INCORRETA** quanto à pontuação da frase é:

a) dois-pontos depois de **país**.

b) vírgula depois de **aprender** e **sociais**.

c) vírgula depois de **coser**, **cozinhar** e **benévola**.

d) ponto-final depois de **tempo**; com ajustes necessários.

e) vírgula depois de **vê**.

5 Assinale a frase pontuada **CORRETAMENTE**.

a) Embora não tivesse recebido convite o candidato conseguiu apresentar-se, ao Ministro da Marinha.

b) Dizem, que, depois da 2ª Guerra Mundial, o Japão conseguiu um milagre econômico à custa do caráter do povo.

c) Formavam um estranho conjunto na árida paisagem, aquelas duas árvores.

d) Dom Casmurro, uma das melhores obras de Machado de Assis, conta uma história de amor e de sofrimento, pois apesar de alguns capítulos de felicidade, não há final feliz.

e) A fronte do sacerdote se verga para o cálice sagrado. A do lavrador, para a terra.

6 Existem, no texto abaixo, vírgulas que se justificam por uma das alternativas. Assinale a alternativa **CORRETA**.

"A cor da água, que parece olho baço, a cor da relva, a cor do eucalipto, a cor do firmamento que era uma cor de líquido azul."

a) separam oração subordinada adjetiva e enumeração

b) separam orações subordinadas adjetivas

c) separam orações subordinadas adverbiais

d) separam orações coordenadas assindéticas

e) indicam enumeração

7 "Um peixe resvalou à flor da água: do céu baixou um raio de sol e feriu o dorso do animal".
Indique o porquê dos dois-pontos.
a) citação
b) enumeração
c) aposto discriminativo
d) explicação ou continuidade do pensamento
e) necessidade de pausa

8 Assinale a alternativa em que o texto está **CORRETAMENTE** pontuado.
a) Fundamentalmente, esses fatores são de dois tipos: ponderáveis e imponderáveis, ou em outras palavras, concretos e abstratos.
b) Fundamentalmente esses fatores, são de dois tipos, ponderáveis e imponderáveis ou em outras palavras, concretos e abstratos.
c) Fundamentalmente esses fatores são de dois tipos, ponderáveis e imponderáveis ou em outras palavras concretos e abstratos.
d) Fundamentalmente, esses fatores, são de dois tipos: ponderáveis e imponderáveis ou, em outras palavras concretos e abstratos.
e) Fundamentalmente, esses fatores são de dois tipos: ponderáveis e imponderáveis ou, em outras palavras, concretos e abstratos.

9 Assinale a alternativa em que o texto está **CORRETAMENTE** pontuado.
a) Era tão vaidoso: estava tão certo, de seu imenso saber, que os realmente informados não tinham dúvida: era um tolo perfeito.
b) Era tão vaidoso: estava tão certo de seu imenso saber; que os realmente informados não tinham dúvida. Era um tolo perfeito.
c) Era tão vaidoso. Estava tão certo de seu imenso saber; que os realmente informados não tinham dúvida. Era um tolo perfeito.
d) Era tão vaidoso, estava tão certo de seu imenso saber, que os realmente informados não tinham dúvida: era um tolo perfeito.
e) Era tão vaidoso, estava tão certo, de seu imenso saber, que os, realmente, informados não tinham duvida: era um tolo perfeito.

10 Assinale a alternativa **CORRETA** em relação ao emprego de sinais de pontuação.
a) Realmente a ser verdade, o que pensavam, não haveria ingratidão mais negra do que a do Leonardo, para com aquela gente, que tão benignamente, o acolhera.
b) Realmente a ser verdade o que pensavam, não haveria ingratidão mais negra, do que a do Leonardo para com aquela gente que tão benignamente o acolhera.
c) Realmente, a ser verdade (o que pensavam), não haveria ingratidão, mais negra do que a do Leonardo, para com aquela gente, que, tão benignamente, o acolhera.
d) Realmente, a ser verdade o que pensavam, não haveria ingratidão mais negra do que a do Leonardo para com aquela gente, que tão benignamente o acolhera.
e) Realmente, a ser verdade – o que pensavam – não haveria ingratidão mais negra, do que a do Leonardo para com aquela gente, que tão benignamente o acolhera.

Gabarito
| 1-b | 2-e | 3 -b | 4-c | 5-e | 6-a | 7-d | 8-e | 9-d | 10-d |

PONTUAÇÃO - VÍRGULA

- Os sinais de pontuação servem para dar sentido aos textos escritos.
- Os sinais de pontuação podem alterar o sentido de um texto.

CASOS PROIBIDOS DE VÍRGULA

- Não se usa vírgula entre sujeito e predicado (verbo).
- Não se usa vírgula entre verbo e complemento.
- Não se usa vírgula entre nome e complemento ou adjunto adnominal.

CASOS DE VÍRGULA

1. Isolar aposto (termo de natureza explicativa).
   Ouro Preto, um centro histórico mineiro, recebe muitos turistas.

2. Isolar vocativo (um chamamento).
   Eleitores, votem com consciência.

3. Isolar expressão de natureza explicativa (ou seja, isto é, vale dizer, quer dizer, ou melhor, ou ainda...).
   O Brasil é um país rico, ou seja, dispõe de muitos recursos.

4. Separar expressões enfáticas (principalmente, inclusive, até) ou retificativas (menos, exceto).
   Todos merecem ser aprovados, principalmente eu.
   Todos merecem ser aprovados, exceto ele.

5. Separar itens de enumeração (termos coordenados/ mesma classe/ mesma função).
   O Brasil enfrenta problemas econômicos, políticos, sociais.

6. Isolar complemento pleonástico (repetido na frase).
   Quanto ao problema, já o resolvemos.

7. Indicar elipse ou zeugma de termos (omissão).
   Uns querem a paz; outros, a guerra. (zeugma – há referenciação expressa)
   Na minha frente, uma enorme fila. (elipse – não há referenciação expressa)

8. Separar local de data.
   Belo Horizonte, 20 de abril de 2011.

9. Indicar deslocamento de adjuntos adverbiais, sobretudo os de grande extensão.
   (Caso de vírgula recomendada.)
   Cespe/Esaf: aceitam como caso facultativo.
   FCC, Fundep, Fumarc: entendem a vírgula como obrigatória.
   O Brasil, <u>ainda</u>, não definiu essas questões. (adj. adv. de pequena extensão)

   Esse tipo de caso, <u>em países como o Brasil</u>, não é resolvido.

Obs.: Em alguns casos, o uso da vírgula em adjuntos adverbiais está condicionado à produção de sentido. Nesses casos, não se pode dizer que se trata de um uso facultativo.

O governo brasileiro, <u>em geral</u>, não participa desse tipo de projeto. (Nesse caso, o uso das vírgulas altera o sentido.)

10. Indicar deslocamento de conjunções coordenativas (no entanto, então, por isso, assim, logo, portanto...)

    [O governo investiu em educação][O1], *[no entanto os resultados ainda não foram percebidos.]*[O2]

    - Conector no início de oração: usa-se uma vírgula para separar as orações. É proibido colocar o termo entre, pois o conector não está deslocado.
    - Conector após (;): aceita-se vírgula após o conector.
    - Conector em início de período: aceita-se vírgula após o conector.

    O governo investiu em educação. Os resultados, no entanto, ainda não foram percebidos.
    - Conector no interior de oração: obrigatoriamente entre vírgulas.

11. Separar orações coordenadas (sindéticas ou assindéticas).
"*Penso, logo existo.*" (coordenadas assindética e sindética)
Verificou os documentos, assinou o contrato. (coordenadas assindéticas)
- Pode ser usado (;)

12. Separar orações coordenadas unidas por "e" com sujeitos distintos.
- É um caso recomendado, pode haver atenuantes (frase pequena, correspondência à mesma pessoa).

Pedro entrou, e José saiu.
A população pede reformas, e o povo cobra medidas.
O governo é responsável pelo povo, e suas medidas devem visar ao bem comum.

13. Separar orações coordenadas por "e" com valor adversativo.
- É um caso recomendado.

O governo prometeu que viria e não veio
O governo prometeu resolver o caso, e suas atitudes demonstraram o contrário.
- (Sujeitos diferentes com valor adversativo.)

14. Separar orações coordenadas unidas por "e" em polissíndeto (sequência de orações iniciadas pelo mesmo conector).
- Caso obrigatório por constituir enumeração.

Ela chorava, e pedia, e clamava, e implorava, e desejava.

15. Separar oração subordinada apositiva da principal.
- Pode-se usar (,) ou (:).
- O que é uma conjunção integrante.

Queria apenas uma coisa, que os problemas do país fossem resolvidos.

16. Isolar oração adjetiva explicativa.
- O que é pronome relativo

Queria a verdade, que só seria dita sob pressão.
Caso clássico de mudança de sentido.

17. Isolar oração adverbial (exprime uma circunstância: tempo, causa...) anteposta ou intercalada à principal.
- É caso obrigatório.

Se quisesse, o governo resolveria o problema.

Obs.: Se a oração adverbial vier depois da principal, a vírgula será facultativa.

O governo tomará atitudes acertadas, quando conhecer melhor a realidade da população local.

18. Isolar oração interferente.
- Em geral, traz uma opinião do autor.
- Não é coordenada, nem subordinada.

O governo, não que fosse positivo para o país, tomou atitudes severas no mercado.

OUTROS SINAIS DE PONTUAÇÃO

PONTO E VÍRGULA

- Não se usa em período simples.
- Não se usa para separar oração subordinada de principal.
- Em geral, pode ser substituído por ponto final, mas altera-se a relação de dependência entre as orações.

Recomenda-se o uso de (;):

- entre orações coordenadas longas;
- entre orações coordenadas opostas pelo sentido;
- entre orações coordenadas simétricas;
- entre orações coordenadas que já tenham vírgula no interior;
- entre orações coordenadas agrupadas entre si;
- para separar "considerandos" de uma enumeração translinear (de uma linha para outra).

DOIS-PONTOS

São utilizados para:

- introduzir citação textual;
- fala de personagem;
- enumeração;
- explicação;
- conclusão;
- desenvolvimento de uma ideia.

ASPAS

São empregadas nos seguintes casos:

- ironia;
- ênfase;
- estrangeirismo;
- neologismo (palavra inventada);
- arcaísmo (palavra em desuso);
- gíria;
- coloquialismo;
- linguagem figurada;
- fala de personagem;
- citação;
- entre outras formas de marcar trechos.

PARÊNTESES

Toda informação entre parênteses apresenta caráter acessório, marginal, ou seja, por mais que haja muitos parênteses no texto, eles podem ser suprimidos que não haverá prejuízo da informação central do texto. São usados para isolar explicações, siglas, posicionamentos enunciativos, desdobramentos de informação (consequência, reflexo).

TRAVESSÕES

- Travessão simples indica mudança de discurso (fala de personagem).
- Duplo travessão é aplicado no mesmo caso de entre vírgulas, sugere mais ênfase.

RETICÊNCIAS

São empregadas em três situações discursivas:

- indicar continuidade de uma ideia/ enumeração;
- indicar suspensão de uma ideia por censura - moral ou conhecimento prévio do locutor;
- indicar hesitação do falante.

Obs.: Em caso de supressão de texto, as reticências devem vir entre parênteses ou colchetes. Para suprimir um parágrafo, deve-se usar uma linha pontilhada, sem parênteses ou colchetes.

• *CURIOSIDADE*

O SURGIMENTO DOS SINAIS DE PONTUAÇÃO

O surgimento e a história do sistema de pontuação têm acompanhado o desenvolvimento da escrita. No começo, os textos eram redigidos em letra maiúscula e de forma contínua, sem espaços sequer entre os vocábulos.

Zénodoto de Éfeso (320-240 a.C.), responsável pela Biblioteca de Alexandria, foi o primeiro a separar os textos de autores diferentes ao copiar um manuscrito.

Seu pupilo, Aristófanes de Bizâncio, consolidou o alfabeto grego e criou o primeiro sistema de pontuação: um ponto no alto para indicar o fim de um grupo de palavras, um ponto no meio da altura da letra para indicar que seria adicionado algo ao significado corrente e um ponto na base para indicar que o significado da frase se completaria adiante.

Uma ordem lógica do texto escrito surgiu entre os séculos 4 e 9 d.C., quando os livros passaram a ser feitos em minúsculo. Isso incorreu na aproximação das letras, o que possibilitou o reconhecimento do desenho das palavras como uma unidade.

Naquela época, os escribas também passaram a adicionar notas auxiliares às cópias, explicando como deveria ser recitado um verso ou pronunciado um termo. Esse código, utilizado como um instrumento de organização, era chamado ponto. Eis a origem da palavra pontuação.

A maioria dos sinais que conhecemos hoje apareceu entre os séculos 14 e 17. O surgimento da imprensa foi o principal responsável pela evolução e popularização da pontuação. Com ela, as marcações deixaram de ser dirigidas a quem escreve e se voltaram a quem lê, destinando-se a facilitar a compreensão do texto. A impressão tipográfica também exigiu que houvesse uma padronização e simplificação dos sinais.

Há pouca diferença de usos da pontuação ao redor do mundo. Ela é ajustada à língua pelas regras gramaticais. Um exemplo é a interrogação, que, em espanhol, aparece no início e no fim da frase, ao contrário do que acontece no português. (em que o sinal é empregado apenas no fim da frase).

ALGUMAS QUESTÕES GRAMATICAIS

VOCÁBULO QUE

PRONOME RELATIVO

- Substitui um termo antecedente.
- Une duas orações.
- Introduz oração subordinada adjetiva.

*A história **que** ele contou é verdadeira.*

*Não sei o (aquilo – demonstrativo) **que** (relativo) aconteceu.*

*Gostou do (daquilo – demonstrativo) **que** (relativo) foi dito.*

CONJUNÇÃO INTEGRANTE

- Une orações, sem retomar termos.
- Introduz oração subordinada substantiva.

*É fato **que** o governo brasileiro não estava preparado.*

*A ideia de **que** o mundo muda é antiga.*

PREPOSIÇÃO ACIDENTAL

- Ocorre entre o verbo ***ter*** + infinitivo.
- Nesse tipo de locução, pode-se usar ***que*** ou ***de***.

O governo tem que resolver a situação.

*As pessoas **têm**, em algum momento, **que refletir** sobre a vida.*

CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONSECUTIVA

- Une orações adverbiais.
- Exprime ideia de consequência.
- Vem precedida de intensificador (tão, tal, tanto, tamanho...).

*O governo investiu **tanto** em educação **que** os resultados foram percebidos na base social. (consequência)*

*As pessoas têm **tanto** medo do futuro **que** tentam antecipá-lo. (consequência)*

CONJUNÇÃO COORDENATIVA EXPLICATIVA

- Une orações coordenadas, estabelecendo entre elas uma relação de explicação.
- Em geral, vem após imperativo.
- Equivale-se a ***pois/porque***.

*Estudem, **que** a prova pode estar difícil.*

*Chora, **que** as lágrimas lavam a dor.*

CONJUNÇÃO COORDENATIVA ADITIVA

- Une duas orações coordenadas, estabelecendo entre elas ideia de adição.
- Vem entre verbos repetidos.

*O governo promete **que** promete. (promete e promete novamente)*

*As pessoas falam **que** falam. (falam e falam novamente)*

PRONOME INTERROGATIVO

- Aparece em construções interrogativas.
- A pergunta pode ser formulada a partir do vocábulo ***que*** ou da expressão ***o que***.

***O que** houve com ele?*
***Que** houve com ele?*

PARTÍCULA EXPLETIVA OU DE REALCE

- Trata-se de um termo sem função sintática ou semântica na frase.
- Pode aparecer apenas o vocábulo ***que*** ou as expressões ***é que, foi que, será que...***

***Que** coisa interessante!*

*As mulheres **é que** vão dominar o mundo.*

*É você **que** eu amo.*

SUBSTANTIVO

- Aparece precedido de determinante.
- Vem acentuado.

*Ela tem um **quê** de tristeza.*

LOCUÇÕES CONJUNTIVAS FORMADAS A PARTIR DO VOCÁBULO *QUE*

Visto que: causa
Para que: finalidade
Posto que: concessão
A fim de que: finalidade
Mesmo que: concessão
Ainda que: concessão
(entre outras)

VOCÁBULO SE

PARTÍCULA APASSIVADORA

- Condição: VTD/VTDI.
- Voz passiva sintética.
- Na voz passiva nunca haverá OD, pois ele se torna sujeito paciente.
- A frase admite voz passiva analítica (ser/estar + particípio).
- O verbo concorda com o seu sujeito paciente.

Buscam (VTD)-se (PA) soluções para o caso (sujeito paciente).
(=Soluções para o caso são buscadas.)

Justifica (VTD)-se (PA) o fato (sujeito paciente).
(=O fato é justificado.)

ÍNDICE DE INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO

- Condição: não pode haver sujeito explícito ou subentendido (ele) no contexto da frase.
- Voz ativa.
- Em geral, ocorre com VTI, VI ou VL.
- O verbo fica sempre na 3ª pessoa do singular.

Precisa (VTI)-se (IIS) de ajudantes (OI).
Assiste (VTI)-se (IIS) a cenas de violência (OI).
Vive (VI)-se (IIS) bem (adjunto adverbial de modo) em Belo Horizonte (adjunto adverbial de lugar).

• OBSERVAÇÃO

Busca (VTD)-se (PA) a felicidade (sujeito paciente). [singular/singular]

Buscam (VTD)-se (PA) coisas positivas (sujeito paciente). [plural/plural]

Busca-se coisas positivas. [não há concordância]

Para o Cespe: Não havendo concordância, o ***se*** será IIS com VTD ou VTDI.

Para outras bancas: A frase está errada, o correto seria: "Buscam-se coisas positivas".

Busca (VTD)-se (IIS) os sucessos e as realizações (OD). [certa apenas para o Cespe.]

Buscam (VTD)-se (PA) alternativas de trabalho (sujeito paciente). [certa para todas as bancas]

Analisando...

Para o Cespe, VTD ou VTDI podem ser acompanhados de ***se***, índice de indeterminação ou partícula apassivadora. O ***se*** será **partícula apassivadora** se houver concordância entre o verbo e o termo paciente da ação verbal (considera-se concordância singular com singular e plural com plural).

O ***se*** será **índice de indeterminação do sujeito** quando o verbo estiver no singular e o termo paciente estiver no plural.

Observou-se (IIS) as mudanças (OD).

Para outras bancas, com VTD ou VTDI, o ***se*** será sempre **partícula apassivadora**. Logo, se não houver concordância, a frase estará errada.

Discute (VTD)-se formas alternativas de energia. (Certa para o Cespe / Errada para outras bancas.)

Resumindo...

- Partícula apassivadora (concordância obrigatória): pode ser formada a partir de VTD ou VTDI.
- Índice de indeterminação do sujeito (3ª do singular obrigatória).
- Cespe: VI, VTI, VL, VTD, VTDI.
- Outras bancas: VI, VTI, VL.

PRONOME REFLEXIVO

- **Condição: indicar reflexão ou reciprocidade.**
- A ação recai sobre o próprio sujeito.
- Todo pronome reflexivo exerce função sintática de OD ou OI.
- O sujeito da frase estará explícito ou implícito no contexto.

Ela (sujeito) se (OD) via (VTD) mais velha a cada ano.

Deu (VTDI)-se (OI) uma nova oportunidade (OD).

PARTE INTEGRANTE DO VERBO

- **Condição: o pronome integra o verbo, portanto o acompanha em todas as suas flexões.**
- Parte integrante nunca desempenha função sintática. .
- O sujeito da frase estará explícito ou implícito no contexto.

Ela (sujeito) se (parte integrante do verbo) tornou (VL) uma pessoa responsável.

(Ele) Preocupava (VTI)-se (parte integrante do verbo) com o fato (OI).

PARTÍCULA EXPLETIVA OU PARTÍCULA DE REALCE

- **Condição: não ser classificado como partícula apassivadora, índice de indeterminação do sujeito, pronome reflexivo ou parte integrante do verbo.**
- Do ponto de vista sintático, a partícula expletiva é desnecessária.

Vão (VI)-se os anéis (sujeito), ficam (VI)-se os dedos (sujeito).

Foi (VI)-se o tempo (sujeito) em que os homens eram gentis.

SE – CONJUNÇÃO

Conjunção condicional: sugere ideia de condição.

- Equivale a ***caso***.

Se *ele voltar ao Brasil, comunicarei a todos.*

Conjunção integrante: apenas liga orações.

- Não apresenta carga semântica.

Se *ele voltará ao Brasil, ninguém sabe dizer.*

Pensando...

Não se pode confiar que as coisas permanecerão.

O verbo é VTI.

O sujeito é indeterminado.

Logo, o ***se*** é índice de indeterminação do sujeito.

Foi-se o tempo em que o brasileiro tinha direito à renda.

O verbo é intransitivo.

Há sujeito.

Não é PA, IIS, pronome reflexivo, nem parte integrante do verbo.

Logo, o ***se*** é partícula expletiva.

Não se discute a situação do salário mínimo.

O verbo é VTD.

O sujeito é paciente.

Logo, o ***se*** é partícula apassivadora.

Trata-se de um fato ainda pouco discutido.

O verbo é VTI.

O sujeito é indeterminado.

Logo, o ***se*** é índice de indeterminação do sujeito.

Dedicou-se a problemas do dia a dia.

O verbo é VTI.

O sujeito é desinencial.

Não pode ser PA, IIS, nem pronome reflexivo.

Logo, o ***se*** é parte integrante do verbo.

Não se pode resolver a vida com uma fórmula mágica.

O verbo é VTD.

Há sujeito paciente.

Logo, o ***se*** é partícula apassivadora.

Tornar-se uma pessoa justa é o objetivo de muitos.

O verbo é de ligação.

É um verbo pronominal.

Logo, o ***se*** é parte integrante do verbo.

Todos se salvaram nadando.

O verbo é VTD.

Não há sujeito paciente.

A ação recai sobre o sujeito. Logo, o ***se*** é pronome reflexivo.

ANÁLISE SINTÁTICA TERMOS DO PERÍODO SIMPLES

TERMOS DO PREDICADO

Adjuntos Adverbiais

- Podem acompanhar qualquer tipo de verbo (VI, VTD, VTI, VTDI, VL).
- Exprimem circunstância (modo, tempo, intensidade, causa, negação...).
- Podem ser representados por advérbios (são invariáveis quando aparecem sozinhos) ou locuções adverbiais (variáveis, pois aparecem com mais de uma palavra).
- Podem ou não vir preposicionados.
- Perguntas para identificar o adjunto adverbial: ***Onde? Quando? Quanto? Como? Com quem? Por quê? Para quê?***
- Os advérbios podem ser flexionados em grau, ou seja, podem ter acréscimo de sufixo.

cedo – cedíssimo

Porém, não aceitam flexão de gênero e número.

Morreu (VI) de tuberculose (adjunto adverbial de causa) ontem (adjunto adverbial de tempo) em São Paulo (adjunto adverbial de lugar).

Encontrava (VTD) as pessoas (OD) em lugares diferentes (adjunto adverbial de lugar).

Predicativos

- Podem acompanhar qualquer tipo de verbo.
- Exprimem qualidade, característica ou estado.
- Podem ser representados por adjetivos, substantivos, pronomes, numerais, locuções ou orações (estrutura verbal).
- Podem se referir ao sujeito ou ao objeto.

O problema (sujeito) é (VL) esse (predicativo do sujeito).

O fato (sujeito) é (VL) que ninguém se manifestou (oração predicativa).

Você (sujeito) sou (VL) eu (predicativo do sujeito) amanhã (adjunto adverbial de tempo).

(Nós) Somos (VL) quatro filhos (predicativo do sujeito).

Ele (sujeito) já é (VL) um homem (predicativo do sujeito).

Ela (sujeito) acordou (VI – ato de acordar) preocupada (predicativo do sujeito; não é advérbio porque a palavra varia).

- Os predicativos nem sempre se associam a um verbo de ligação.

Objetos Diretos

- Complementam verbos que não exigem preposição.
- Tornam-se sujeito paciente na voz passiva.
- Principais perguntas: ***algo? ou alguém?***
- Podem ser representados por nomes (estrutura substantiva), pronomes ou orações (estrutura verbal).

Não (adjunto adverbial de negação) o (OD) encontraram (VTD) no local (adjunto adverbial de lugar).

Admite passiva: Ele não foi encontrado no local.

Ela resolveu (VTD) o problema (OD).

Admite passiva: O problema foi resolvido por ela.

Sabia (VTD) que tudo mudaria com o tempo (OD).

Admite passiva: Era sabido que tudo mudaria com o tempo.

Havia (VTD) outra solução para ele (OD).

Não admite voz passiva, pois é verbo impessoal.

Objetos Diretos Preposicionados

- A preposição aparece ora com função estilística (pode ser retirada), ora como exigência do próprio complemento (não pode ser retirada).

Esperava (VTD) por uma chance (ODP).

O verbo não pede a preposição, mas ela foi colocada com função estilística.

Esperava (VTD) por ela (ODP).

No caso, a preposição ***por*** não é estilística, pois não pode ser retirada. Trata-se de uma preposição exigida pelo pronome oblíquo tônico.

Amava (VTD) a Deus (ODP).

Não ama (VTD) a mim (ODP).

Objetos Diretos Pleonásticos

- Trata-se da repetição de um mesmo objeto na estrutura da frase (valor enfático, não é erro).

Quanto ao fato (OD), já o (OD) discutimos.

A supressão de qualquer um deles descaracteriza o pleonasmo, é necessária a presença dos dois.

Objetos Diretos Intrínsecos ou Cognatos

- O objeto apresenta o mesmo radical do verbo.

Viveu (VTD) uma vida interessante (OD).

Sonhou (VTD) um sonho louco (OD).

O objeto direto é intrínseco, tem o mesmo radical do verbo.

Objetos Indiretos

- Completam verbos que exigem preposição.
- Podem ser representados por nomes, pronomes ou orações.
- Principais perguntas: ***a, de, em, por, para, sem, sobre, com, contra + algo? ou alguém?***
- Em caso de objetos oracionais ou pronominais, a preposição poderá vir subentendida (desde que não haja prejuízo fonético para a frase).

Necessitava (VTI) de apoio profissional (OI).

Não (adjunto adverbial de negação) lhe (OI) obedeceria (VTI) na ocasião (adjunto adverbial de tempo).

Confiava (VTI) que as coisas mudariam (OI).

Nesse caso, a colocação do "em" causaria uma cacofonia na frase.

Gostava (VTI) de quem estivesse ao seu lado (OI).

A preposição não pode ser suprimida porque causaria prejuízo fonético.

Visava (VTI) a uma vida melhor (OI).

A preposição é obrigatória e não pode ser suprimida, pois o objeto não é oracional.

Visava (VTI) resolver seus problemas (OI).

A preposição é facultativa e pode ser suprimida, pois o objeto é oracional e não há prejuízo fonético.

Objeto Indireto Pleonástico

- Aparece repetido na estrutura da frase, em geral sob a forma de um pronome (valor enfático, não é erro).

A mim (OI), nada me (OI) interessa (VTI).

PREDICAÇÃO VERBAL

Verbos Intransitivos

- Não apresentam OD, nem OI.
- Podem ou não ter sentido completo.
- Podem vir seguidos de adjuntos adverbiais e/ou predicativos.

Resta (VI) outra opção para ele (sujeito).

A frase está invertida: *Outra opção para ele resta.* Confunde-se o verbo com VTD, mas não há OD na oração.

Ela (sujeito) estava (VI) no local do acidente (adjunto adverbial de lugar).

Confunde-se com verbo de ligação, mas não há predicativo, logo o verbo não será de ligação.

Compareceu (VI) ao hospital (adjunto adverbial de lugar) para avaliação (adjunto adverbial de finalidade).

Confunde-se com VTI, mas não há OI na oração. Os termos preposicionados na frase são adjuntos adverbiais.

Verbos de Ligação

- Unem o sujeito a um predicativo do sujeito.

> - Podem funcionar como verbos de ligação, desde que seguidos de um predicativo: ***ser, estar, permanecer, continuar, tornar-se, parecer, ficar, viver (=estar), andar (=estar), virar (=tornar-se)...***

Estava (VI) na sala (adjunto adverbial de lugar).
Estava (VL) preocupado (predicativo).
Acordou (VI) preocupado (predicativo).

> - Ocasionalmente, verbos transitivos podem funcionar como verbos de ligação:
>
> *Ela **deu** uma bela noiva.*
>
> - (Observe que o verbo **dar** foi utilizado em sentido figurado.)

Verbos Transitivos Diretos

- Exigem objeto direto.

O governo não assiste (VTD) os pobres (OD).

O gerente visou (VTD) os cheques roubados (OD).
(visar no sentido de rubricar, dar visto)

Verbos Transitivos Indiretos

- Exigem objeto indireto.
- A preposição pode estar implícita se o objeto for oracional ou pronominal.

Assistimos (VTI) a cenas de violência (OI).
(Assistir no sentido de ver)

As obras visam (VTI) ao desenvolvimento (OI).

Isso não me (OI) interessa (VTI).

Verbos Transitivos Diretos e Indiretos

- Exigem objeto direto e objeto indireto (OD + OI ou OI + OD).

Avisaram (VTDI) a família (OD) sobre o acordo (OI).

Se a preposição ***sobre*** for suprimida, deverá ser colocada crase no ***a*** para garantir a correção gramatical do texto. Caso contrário, haveria dois objetos diretos na frase.

Não lhe (OI) informei sobre o ocorrido (OI).

Esta frase está gramaticalmente incorreta. Seria necessário um OD e um OI para que ela ficasse correta:

Não o informei sobre o ocorrido.
Não lhe informei o ocorrido.

CONSIDERAÇÕES BÁSICAS SOBRE PREDICAÇÃO

- Nem todo verbo intransitivo tem sentido completo.
- Perguntas nem sempre são suficientes para identificar a transitividade de um verbo (use passiva ou outros recursos).
- ***Ser, estar, permanecer, etc.***, nem sempre são verbos de ligação. Serão de ligação sempre que houver predicativo do sujeito.
- Nem todo termo preposicionado é OI. Considere a possibilidade de ser adjunto adverbial.
- Inicie a análise sintática isolando o sujeito e identificando os adjuntos adverbiais.
- Se o verbo estiver seguido exclusivamente de adjuntos adverbiais, ele será intransitivo.
- Predicativo não é exclusivo de verbo de ligação. Pode acompanhar qualquer verbo e pode se referir tanto ao sujeito quanto ao objeto. Em geral, entre vírgulas.
- A predicação/transitividade de um verbo pode variar em função do contexto.

Resumindo...

Termos / Verbos	Adj. Adv.	OD	OI	Predicativo
VI	P	I	I	P
VTD	P	O	I	P
VTI	P	I	O	P
VTDI	P	O	O	P
V Lig	P	I	I	O

P = Possível I = Impossível O = Obrigatório

- Um verbo de ligação precisa estar na lista (p.225) e ter predicativo do sujeito.

TERMOS LIGADOS AO NOME

Complementos Nominais

- Completa nomes transitivos (substantivos abstratos, adjetivos ou advérbios).

Substantivo abstrato: sentimento, ação, qualidade ou estado. Os sentimentos e ações têm uma maior probabilidade de pedirem complemento.

- São obrigatoriamente preposicionados.
- Quando se referem a um substantivo abstrato, têm natureza passiva.

O medo do amor aproxima as pessoas.

Medo: substantivo abstrato; da amor: prep. "de"; tem natureza passiva (o amor é temido). É complemento nominal.

Isso é favorável ao rapaz.

Favorável: adjetivo; preposição "ao".

Palavras que completam adjetivos só podem ser complementos nominais.

Agiu contrariamente a seus interesses.

Contrariamente: advérbio; prep. "a".

Palavras que completam advérbios são sempre complementos nominais.

Amor de homem é bom.

Amor: substantivo abstrato; prep. "de"; a natureza é ativa – o homem está amando. Então, o termo não é complemento nominal, é adjunto adnominal.

Amor ao homem é bom.

Amor: substantivo abstrato; prep. "a"; natureza passiva (o homem está sendo amado). Logo, o termo é complemento nominal.

Adjuntos Adnominais

- Acompanham substantivos abstratos ou concretos.
- Podem ser representados por artigos, pronomes, numerais, adjetivos ou locuções adjetivas.
- Quando se referem a um substantivo abstrato, têm natureza ativa.

***As duas últimas** semanas **de aula** foram positivas.*

APOSTO EXPLICATIVO

Termo de natureza nominal que explica um antecedente.

*Maria, **uma boa mãe**, merece respeito.*

*O diretor da empresa, **Júlio Santos**, resolveu o problema.*

VOCATIVO

O vocativo constitui um termo isolado da oração por não se articular a nenhum outro. Trata-se de um chamamento. Vem isolado por sinais de pontuação. Em geral, entre vírgulas.

***Caros eleitores**, votem com consciência.*

FLEXÃO DE INFINITIVO

O Infinitivo Pessoal Flexionado

Por sua própria essência e natureza, o infinitivo é uma expressão verbal que não comporta flexão – é o chamado infinitivo impessoal, que não possui sujeito próprio ou apresenta sujeito indeterminado e geralmente, corresponde a um substantivo:

Trabalhar é bom = O trabalho é bom;
Amar é sofrer = O amor é sofrimento.

No entanto, a Língua Portuguesa tem a peculiaridade de poder (e às vezes dever) flexionar o infinitivo, que passa a ser chamado de infinitivo pessoal.

Flexionar quer dizer conjugar em todas as pessoas, por exemplo: ***vender eu, venderes tu, vender ele, vendermos nós, venderdes vós, venderem eles.***

Esse infinitivo pessoal, que apresenta um fato ou uma ação de modo geral, está ligado a uma preposição e aparece em períodos compostos.

CASOS DE FLEXÃO DO INFINITIVO

1. Quando tem sujeito claramente expresso, ou seja, quando o pronome pessoal ou substantivo vem ao lado do infinitivo. É o único caso de flexão obrigatória.

Pediu para nós irmos embora já.

Convém os homens saírem em primeiro lugar.

Não é interessante os pais receberem tantos elogios.

Farei o possível para as crianças terem o conforto que tinham em casa.

2. Quando se refere a um sujeito não expresso que se quer dar a conhecer pela desinência verbal.

Ficaremos mais satisfeitos a cada novo texto que lermos.

Mencionei a intenção de vendermos a casa.

É melhor saíres agora.

Está na hora de irmos ao local.

Observe que as mesmas frases, sem a flexão, não deixariam claro o sujeito: "Mencionei a intenção de vender o carro." poderia significar "eu vender" ou qualquer outra pessoa.

Flexão não-obrigatória

A flexão é desnecessária quando o sujeito do infinitivo é o mesmo que o sujeito ou objeto da oração principal. Tendo sido expresso na primeira oração, o sujeito já está claro, não precisando figurar outra vez no mesmo período. Quando o sujeito não vem expresso ao lado do infinitivo, deve-se recorrer à flexão somente em caso de ambiguidade. Nesse caso, não se recomenda a flexão, embora ela não seja gramaticalmente errada.

A linguagem é o meio de que dispomos para exprimir nosso pensamento.

Cometeram irregularidades só para agradar ao patrão.

Convidou os colegas a participar do debate.

Não temos interesse em adiar a decisão.

De qualquer maneira, é bom que se diga que, quando não há sujeito expresso (em outros termos: quando o substantivo ou o pronome pessoal vem antes da preposição), pode-se usar ou não o verbo no plural.

Os nomes servem para guiar/guiarem a comunicação entre as pessoas.

Reuniram-se os juízes a fim de deliberar/deliberarem sobre o caso.

Todos discutiram uma forma de se proteger/protegerem da chuva.

O diretor obrigava os candidatos a se definir/definirem até março.

Mulher ajuda deficientes a superar/superarem seus limites.

Pessoas comuns auxiliam outras a ter/terem qualidade de vida.

Empresas colaboram com a arte sem nada cobrar/cobrarem por isso.

3. Em locuções verbais, o infinitivo **NÃO** deve ser flexionado. Nesse caso, apenas o verbo auxiliar deve variar.

*As pessoas **devem** lutar por seus sonhos.*

***Temos** de resolver nossos problemas.*

***Podem** ocorrer muitas coisas na vida de um homem.*

***Começaram** a falar no assunto.*

EXERCÍCIOS

1 Não há correspondência na classificação do **QUE** em

a) Gosto de bailes, longes que sejam. (pronome relativo)
b) Disseram que o avião caiu. (conjunção integrante)
c) Faço votos que vocês sejam felizes. (conj. subord. final)
d) Tenha calma, que o ajudarei. (conj. coord. explicativa)
e) O cãozinho treme que treme. (conj. coord. aditiva)

2 A função sintática do **QUE** só está **INCORRETA** em

a) Eles pegaram não vi bem **o quê**. (objeto direto)
b) "Passarinho **que** na água se cria por ela pia". (sujeito)
c) **Que** ideias você teve! (adjunto adnominal)
d) **Que** bondoso foi o senhor que me socorreu! (adj. adv. intensidade)
e) Esta é a causa de **que** ele falava. (objeto indireto)

3 O "**QUE**" é objeto direto em

a) Este é o homem que sabe toda a verdade sobre o caso.
b) Sou um homem que gosta de mulheres bonitas.
c) Este é o livro de que preciso.
d) Gostei dos livros que comprei.
e) O rapaz a que fiz referência está aqui.

4 Em todos os períodos, o **QUE** é objeto direto, **EXCETO**

a) "As rugas são leitos que os deuses cavam para as nossas lágrimas".
b) A maior alegria da vida é aquilo que levamos desta vida.
c) A fazenda que o pai de Marcos comprou fica perto de Dom Silvério.
d) A lágrima que derramei é o testemunho de minha tristeza.
e) A rosa que abrirá amanhã não foi a mesma que abriu ontem.

5 Na frase: "O latim tem **seus quês**," a palavra destacada é

a) objeto direto.
b) objeto indireto.
c) adjunto adverbial de lugar.
d) aposto.
e) complemento nominal.

6 Na frase "As loucuras **que** fizemos ontem chegaram ao limite.", o tempo grifado tem função de

a) sujeito simples.
b) objeto indireto.
c) objeto direto.
d) complemento nominal.
e) predicativo.

7 Em "É feliz o homem **que** trabalha", o vocábulo **que** desempenha função de

a) sujeito.
b) objeto indireto.
c) objeto direto.
d) complemento nominal.
e) predicativo.

8 Na frase "O esforço que fizera para erguer meio corpo não durou muito.", assinale a única opção **INCORRETA.**

a) que – sujeito de fizera.
b) esforço – sujeito de durou.
c) muito – adjunto adverbial de intensidade.
d) meio – adjunto adnominal de "corpo".
e) não – adjunto adverbial de negação.

9 Em que opção o artigo definido denota familiaridade?

a) O Amazonas é um rio imenso.
b) D. Manoel, o Venturoso, era bastante esperto.
c) O Antônio comunicou-se com o Japão.
d) O professor João Ribeiro está doente.
e) Os "Lusíadas" são um poema épico.

10 Indique a alternativa em que é **ERRADO** colocar, junto à palavra destacada, o artigo definido.

a) Afundou na lama **AMBOS** os pés.

b) **TODOS** os dias passava por lá, sem vê-la.

c) **TODA** a noite gotejou a torneira; não pude dormir.

d) A **TODO** o passante perguntei, nenhum me informou.

e) Fiz trabalhos os **MAIS** corretos possíveis.

Gabarito

| 1-a | 2-c | 3 -d | 4-e | 5-a | 6-c | 7-a | 8-a | 9-c | 10-d |

QUE - TIPOS		
CLASSIFICAÇÃO	**CARACTERÍSTICAS**	**EXEMPLO**
Pronome relativo	Substitui um termo antecedente. Une orações, estabelecendo entre elas relação de explicação ou de restrição. Introduz apenas oração subordinada adjetiva. *Não se esqueça do caso DR: sequência de pronome demonstrativo e relativo. (o que, os que, no que, etc) = aquilo, naquilo. Obs.: "o" é pronome demonstrativo e "que" é pronome relativo.	*Não disse o **que** seria feito no local.* *A moça **que** conhecemos era interessante.*
Partícula expletiva/ partícula de realce:	Não apresenta função sintática nem semântica na frase. Apenas melhora a eufonia do enunciado. Pode ser retirada. Pode aparecer "que" ou "é que". Ocasionalmente pode aparecer até de outras formas, combinadas com o verbo ser. Ex.: foi que, será que, era que.	*As crianças **é que** sabem das coisas.* ***Foi** em Londres **que** tudo aconteceu.*
Conjunção integrante	Une orações sem estabelecer entre elas relação de sentido. Não retoma termos. Introduz oração subordinada substantiva.	*A moça disse **que** terminaria o trabalho.* *Luana esperava **que** as coisas fossem fáceis.*
Preposição acidental	Une verbos que constituem locução verbal. Logo, não introduz oração. Ocorre entre TER/HAVER + Infinitivo. Pode ser substituída pela preposição "DE". Forma período simples com locução verbal.	*Temos **que** administrar nossas vidas.* *O governo tem **que** resolver o caso rapidamente.*
Conjunção consecutiva	Introduz oração subordinativa adverbial consecutiva. Vem precedido de intensificador (tão, tal, tanto, tamanho). Sugere ideia de consequência.	*A ideia foi **tão** debatida **que** chegaram a uma conclusão.* *Pensamos **tanto** no futuro **que** nos esquecemos do presente.*

CLASSIFICAÇÃO	CARACTERÍSTICAS	EXEMPLO
Conjunção comparativa	Introduz oração subordinada adverbial comparativa. Pode aparecer "que" ou "do que". Sugere ideia de comparação. Vem precedido de "mais", "menos", "maior", "melhor"...	*Ela estudou **mais** (do) **que** qualquer um.* *Isso foi **menos** discutido (do) **que** outras coisas.*
Conjunção aditiva	Introduz oração coordenada aditiva. Sugere ideia de adição. Vem sempre entre verbos repetidos.	*Os homens mentem **que** mentem.* *As mulheres sonham **que** sonham.*
Conjunção explicativa	Introduz oração coordenada explicativa. Sugere ideia de explicação. Em geral, aparece após imperativo. Equivale-se a pois/porque/ já que.	*Estude, **que** as provas estão difíceis.* *Cresce, amadurece, **que** já é hora.*
Pronome interrogativo	Usado para perguntas diretas. Pode aparecer "que" ou "o que". Obs.: "O que" é mais eufônico.	*(O) **Que** houve com o rapaz?* *(O) **Que** aconteceu naquele lugar?*
Substantivo	Aceita determinante (artigo, pronome, adjetivo ou numeral). Vem sempre acentuado.	*Ela tem um **quê** de otimismo.* *Todos temos um **quê** de sábio.*

Há outros tipos de "que" que dependem de fatores contextuais.

Que bondoso era aquele rapaz. (advérbio de intensidade. O "que" se refere ao adjetivo bondoso.)

*Esteve aqui **para que** o problema fosse resolvido.* (conjunção adverbial final.)

*Fez tudo certo, **de modo que** não se arrependesse.* (conjunção adverbial consecutiva.)

***Ainda que** o problema seja simples, não será resolvido.* (conjunção concessiva.)

SE - FUNÇÕES

Para "SE" como pronome:

1) Há ideia de reciprocidade?
- Sim ⇒ Pronome reflexivo.
- Não ⇒ 2º passo.

2) Qual é a transitividade do verbo? Só há duas respostas possíveis, pois só há dois grupos.
- VTD/VTDI: só pode ser partícula apassivadora.
- Outras (VI, VTI, VL,) -> 3º passo.

3) O sujeito está explicito?
- Não ⇒ índice de indeterminação do sujeito.
- Sim ⇒ 4º passo

4) O verbo é pronominal?
- Sim ⇒ Parte integrante do verbo.
- Não ⇒ Partícula expletiva.

SE (PRONOME) - TIPOS					
CLASSIFICAÇÃO	CONDIÇÃO	VERBO	SUJEITO	CONCORDÂNCIA	VOZ
PARTÍCULA APASSIVADORA (PA)	VTD/VTDI não haverá OD, pois ele vira sujeito paciente	VTD VTDI	expresso e paciente	o verbo concordará com o sujeito	passiva
ÍNDICE INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO (ISS)	não haverá sujeito expresso ou subentendido	VI VL VTI	sujeito indeterminado	o verbo ficará sempre na 3ª pessoa do singular	ativa
PRONOME REFLEXIVO (PR)	indicar reflexão ter função de OD / OI	VTD VTI VTDI	expresso ou subentendido	o verbo concordará com o sujeito	reflexiva
PARTE INTEGRANTE DO VERBO (ME,TE,SE, NOS,VOS) (PI)	o verbo deve ser pronominal o pronome não tem função sintática	qualquer um mais comum com VTI	expresso ou subentendido	o verbo concordará com o sujeito	ativa
PARTÍCULA EXPLETIVA OU PARTÍCULA DE REALCE (PE)	não ser P.A. ind.ind.sujeito pron.reflexivo pron.integrante do verbo)	qualquer um mais comum com VI	expresso ou subentendido	o verbo concordará com o sujeito	ativa

SE (CONJUNÇÃO) - TIPOS

Há ideia de condição?

- Sim ⇒ conjunção condicional.
- Não ⇒ conjunção integrante.

PARTÍCULA SE - CONJUNÇÃO	CARACTERÍSTICAS
CONJUNÇÃO INTEGRANTE (CI)	Introduz oração substantiva objetiva direta ou subjetiva. Não possui carga semântica.
CONJUNÇÃO CONDICIONAL (CC)	Introduz oração adverbial condicional. Estabelece relação de condição. Equivale ao conector "caso". O conector "caso" não admite verbo no futuro do subjuntivo.

• RESUMINDO

FLEXÃO DO INFINITIVO

Algumas considerações:

O **infinitivo** tanto pode ser **impessoal**, assim considerado pelo fato de se referir apenas ao processo verbal em si, como pode ser pessoal, fazendo referência a uma pessoa gramatical, em específico. Assim, afirma-se que tal forma se insere entre os mais discutidos assuntos relacionados à língua e, sobretudo, **questionados** por boa parte dos usuários. Nesse sentido, seguem algumas situações sobre o tema de forma resumida:

Não flexão do infinitivo impessoal

• Não se flexiona o infinitivo impessoal quando ele é utilizado de forma indeterminada, assumindo, assim, um valor substantivo:
Amar faz bem à saúde.

• Nos casos em que tal forma assume um valor imperativo:
- Lutar, Lutar!– bradavam os atleticanos.

• Em casos em que atua como verbo principal de uma locução verbal:
Eu não vou voltar tão cedo.

• Quando é empregado numa oração reduzida que complementa um verbo auxiliar causativo (mandar, deixar, fazer, etc.) ou sensitivo (sentir, perceber, ver, etc.), tendo como sujeito um pronome oblíquo:
Mande-os entrar.
Fizeram-nos sair imediatamente.
Não os vi chegar.

Flexão (ou não) do infinitivo pessoal

• Nos casos em que há sujeito distinto daquele pertencente à oração anterior, a flexão é obrigatória:
(nós) Acreditamos serem eles os causadores de tamanha confusão.

• Em casos em que a oração reduzida que complementa um auxiliar causativo ou sensitivo se constituir de um sujeito expresso por um substantivo, a flexão do infinitivo é opcional:
Deixe as crianças entrar/entrarem no parque.
Percebi as pessoas sair/saírem.

• Diante do verbo "parecer", a flexão pode se dar ou não:
Eles parecem gostar de mim.
Eles parece gostarem de mim.

Observe que, no primeiro enunciado, o verbo "parecer" funciona como auxiliar do verbo "gostar". Já no segundo, temos um período composto em que "parece" atua como verbo de uma oração principal cujo sujeito é a subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo, ou seja: eles gostarem.

Dessa forma, tal oração, quando desdobrada, torna-se assim expressa:
Parece que eles gostam de mim.

• A flexão se torna desnecessária (caso facultativo) nos casos em que o sujeito da oração reduzida de infinitivo for o mesmo da oração anterior:
Nós iremos ao colégio para apresentar/apresentarmos a peça teatral.
Elas pediram para sair/saírem mais cedo hoje.

• Nos casos referentes a um sujeito elíptico (reconhecido pela desinência verbal), a flexão torna-se necessária:
É essencial obedecermos aos nossos pais. (sujeito elíptico "nós")

• Nas circunstâncias em que, regido de preposição*, é empregado como complemento de um adjetivo, verbo ou advérbio, a flexão será facultativa:
Foram convidados a sair/saírem.
Impediram-nos de nos aproximar/aproximarmos do diretor.

***Caso mais comum em prova.**

ESTILÍSTICA
Compreensão e interpretação de textos

NOÇÕES BÁSICAS DE INTERPRETAÇÃO

A interpretação de texto depende quase que exclusivamente da experiência do candidato, de sua vivência, de sua leitura, da agilidade de seu raciocínio, da maior ou menor facilidade com que, em decorrência de todos esses fatores, ele entende o que lê. São também relevantes para bem interpretar: o conhecimento do assunto sobre o qual versa o texto e o domínio do vocabulário específico das diversas áreas do conhecimento.

A leitura é indispensável para desenvolver a capacidade de compreensão, sem a qual não se consegue fazer uma boa interpretação. Para que a leitura possa produzir os resultados desejados, impõe-se levar em consideração que as maneiras de ler dependem do objetivo a alcançar e que a experiência cultural e vivência do leitor são essenciais para a compreensão do texto. De modo geral, quando lemos um texto, inicialmente olhamos o conjunto, depois vemos os títulos e os subtítulos e, por último, lemos os detalhes, procurando participar ativamente do processo de construção do significado do texto. E dentro desse processo, deve-se também observar quais são os níveis de compreensão do texto, conforme o objetivo da leitura.

Por exemplo, se queremos depreender o sentido geral do texto, usamos a compreensão geral. Se nossa intenção é analisar as ideias principais, aplicamos a compreensão detalhada ou intensiva. É importante saber que cada texto é constituído a partir de um esquema (estrutura) que lhe dá sustentação, forma, direção. As ideias são arrumadas conforme estrutura própria a partir do objeto que se quer alcançar. Se conseguirmos identificar o esquema, a estrutura básica do texto, mais fácil será a compreensão das ideias trabalhadas nele.

Para tanto, deve-se fazer uma leitura atenta do texto, a fim de tomar conhecimento das ideias principais, sublinhando as palavras-chave, que marcam as ideias fundamentais para a compreensão. Ficar também atento às palavras de ligação que estabelecem a estrutura lógica dos raciocínios (assim sendo, além do mais, pois, porque, por conseguinte, em decorrência etc) é importante.

Interpretar é perceber o que o autor quis dizer: as ideias e os pensamentos que ele procurou transmitir ao leitor. É também a habilidade de compreender, ou seja, de entender a ideia do trabalho como um todo, em algum nível desejado de generalidade. Envolve uma reordenação, um novo

arranjo ou visão do texto. Há de se distinguir, porém, a análise estilístico-literária – que exige vastos conhecimentos da matéria – da interpretação pura e simples de textos, que nos interessa mais de perto, e que requer do candidato, tão somente, uma leitura mais cuidadosa, sem preocupações técnicas que são próprias das críticas literárias. Para interpretar, portanto, torna-se necessário: conhecer previamente o vocabulário do texto, procurar o significado das palavras e seu melhor emprego na leitura em pauta, identificar o sentido das expressões ou frases de maior destaque contidas no texto, bem como analisar os ensinamentos de fundo moral, cívico ou cultural que o autor tenha revelado ao longo da produção.

NOÇÕES DE LEITURA

- Ler com a máxima atenção o texto a interpretar.
- Reler cuidadosamente cada parágrafo do texto, colocando as orações na ordem direta, que reflete a ordem natural do pensamento, isto é: sujeito, verbo, complementos e adjuntos.
- Estabelecer o vocabulário das palavras cujo significado seja desconhecido.
- Atentar para todas as figuras, especialmente para as metáforas, que, por sua força expressiva, são largamente usadas pelos escritores. Atente-se também para as comparações ou analogias.
- Estabelecer as condições de causa e efeito para todas as ideias expostas pelo autor. Atentar para as palavras que sugerem outras (campo semântico).
- Observar a interação dos sinônimos, antônimos e parônimos usados pelo autor, com o propósito de conseguir um máximo de eficiência na comunicação linguística.
- Procurar mentalizar a ideia central do texto e situá-lo no contexto, logrando, assim, atingir a temática principal da produção (avalie sempre a conclusão do texto).

PARTES DO TEXTO

O conhecimento da estrutura do parágrafo facilita a compreensão das ideias nele expostas.

O parágrafo é a unidade fundamental de uma composição. Constitui-se de um ou mais períodos, devendo conter uma ideia central e as ideias secundárias a ela intimamente relacionadas pelo sentido e logicamente dela decorrentes.

Em um parágrafo, a ideia principal está no tópico frasal, que é constituído, ordinariamente, por um ou dois períodos curtos iniciais. O tópico frasal vem, normalmente, no início do parágrafo e pode assumir a forma de declaração inicial, definição ou divisão.

Vejam-se os seguintes exemplos:

"A origem da linguagem é questão debatida em todos os tempos. Pretendem uns que ela tenha sido devido a uma tardia e artificial invenção humana; afirmam outros que foi revelada totalmente aos primeiros homens por Deus; há quem a explique por um instinto e, finalmente, surge a opinião daqueles para quem a linguagem se formou por uma evolução progressiva da linguagem natural."

(Eduardo Pinheiro)

No parágrafo apresentado, a declaração contida no tópico frasal, constituído pelo primeiro período, vem devidamente justificada nos períodos que se lhe seguem.

O tópico frasal encerra a ideia-núcleo, a ideia principal, em forma de generalização. A ideia principal (as controvérsias sobre a origem da linguagem) vem especificada no desenvolvimento do parágrafo, no qual se expressam, portanto, as ideias secundárias.

Se o tópico frasal vier no início, o parágrafo estará desenvolvido segundo o método dedutivo (da generalização para as especificações). Se, pelo contrário, vier no fim, o parágrafo estará desenvolvido pelo método indutivo. O parágrafo apresentado se inicia com a generalização (as controvérsias sobre a origem da linguagem) e continua com as especificações que fundamentam a declaração que o introduz. Na elaboração do parágrafo, seguiu o autor, portanto, o método dedutivo.

O parágrafo abaixo foi constituído segundo o método indutivo (primeiro as especificações e depois a generalização). O tópico frasal vem no fim, o que pode ocorrer, embora menos usual.

"Há nuvens esgarçadas espreguiçando-se pelo céu azul. O vento varre a praça. Folhas dança no redemoinho, fugindo dela, amontoam-se nas sarjetas dos becos estreitos que ladeiam a Matriz, dando voltas e reviravoltas loucas na atmosfera translúcida. O inverno vai sumindo aos poucos."

(Adaptado de Heloísa Assumpção Nascimento)

O tópico frasal pode ser também feito a partir de uma definição, como no exemplo abaixo:

"Rima é a identidade, ou semelhança, de sons dentro de um verso, ou no final de um verso em relação a outro. Admite-se que tenha sido introduzida no século IX, pelo poeta religioso Otfried, monge beneditino na baixa Alsácia, autor do Livro dos Evangelhos, poema da vida de Cristo. Vulgarizavam-na na Espanha os árabes e, mais tarde, os trovadores provençais, adaptaram-na às línguas românicas."

(Rocha Lima)

O tópico frasal pode ainda revestir a forma de uma divisão, como segue:

"Dois são os tipos principais de contrato de seguro: o seguro a prêmio e o seguro mútuo. Seguro a prêmio é aquele em que o segurador estipula, para preço de risco que assume, uma quantia fixa chamada prêmio, paga pelo segurado. Seguro mútuo é aquele em que várias pessoas, expostas ao mesmo risco, se associam para se garantirem reciprocamente contra esses riscos."

(João Guimarães)

Algumas vezes, o tópico frasal está diluído no parágrafo, como no seguinte exemplo:

"A grande São Paulo – isto é, a capital paulista e as cidades que a circundam – já representa a décima parte da população brasileira. Apesar da alta arrecadação do município e das obras custosas que se multiplicam a olhos vistos, apenas um terço da cidade tem esgotos. Metade da capital paulista serve-se de água proveniente de poços domiciliares. A rede de hospitais é notoriamente deficiente para a população, ameaçada por uma taxa de poluição

que técnicos internacionais consideram superior à de Chicago. O trânsito é um tormento, pois o acréscimo de novos veículos supera a capacidade de dar solução de urbanismo ao problema. Em média, o paulista perde três horas do seu dia para ir e voltar, entre a casa e o trabalho."

(Jornal do Brasil)

No parágrafo acima, o tópico frasal, se estivesse explícito, poderia assumir a feição da seguinte declaração inicial: São Paulo enfrenta graves problemas urbanos.

Nem todos os parágrafos, entretanto, são iniciados por um tópico frasal. Um parágrafo pode ser iniciado também por uma alusão a fatos históricos, lendas, tradições, crendices, anedotas ou episódios de que alguém tenha participado ou que tenha alguém presenciado ou imaginado. Veja o exemplo a seguir:

"É mais fácil comer a caça que eu vizinho matou, trocando-a por um cacho de banana, do que disputá-la com ele – deve ter pensado algum iluminado homem pré-histórico, cansado de guerrear para sobreviver. o que esse Brucutu talvez não soubesse é que, naquele momento, ele havia inventado o dinheiro. Porque dinheiro, segundo os teóricos, não é apenas a moeda ou papel-moeda, mas tudo que possa ser utilizado como troca numa operação comercial. "

(Revista DESED)

No parágrafo acima, a ideia principal (o conceito de dinheiro) vem introduzida por alusão a um episódio imaginário. Há, ainda, parágrafos iniciados por uma interrogação, que alguns autores consideram como uma quarta feição do tópico frasal (as outras são declaração inicial, definição e divisão).

"Para que, pois, este aluno aprende língua portuguesa em sua variedade culta? Sabemos, e compartilhamos com todos os educadores, que o pleno acesso aos bens culturais não depende do que possa fazer a escola, mas julgamos que nesta é possível lutar contra as diferenças. No que concerne ao ensino da língua portuguesa, então, objeto último é possibilitar aos alunos, a todos eles, o domínio da língua de cultura para que este primeiro obstáculo possa ser transposto."

(Diretrizes para o aperfeiçoamento do ensino/ aprendizagem da língua portuguesa/MEC)

A ideia-núcleo está contida na interrogação, que pode ser indireta, como no parágrafo a seguir:

"Se me perguntarem qual o brasileiro que mais contribuiu para o progresso material econômico do Brasil, responderei se a mais leve hesitação: Irineu Evangelista de Souza, Visconde de Mauá. Ninguém de sua época, ou talvez depois dele, conseguiu acumular o breve interregno da existência terrena com igual acervo de realizações."

(Enor de Almeida Carneiro)

Facilmente se pode converter uma interrogação em uma declaração inicial: Irineu Evangelista de Souza, Visconde de Mauá, foi o brasileiro que mais contribuiu para o progresso material e econômico do Brasil.

Uma vez conhecida a estrutura do parágrafo, cabe, agora, mostrar algumas noções sobre as seus principais recursos, que são **unidade** e **coerência**.

Unidade

Consiste a unidade em analisar o parágrafo de maneira que dele só conste uma ideia predominante.

Para obtê-la, devem-se observar as seguintes recomendações:

- explicitar, sempre que possível, o tópico frasal. Assim se evitará a inclusão no parágrafo de ideias que não se reportem àquela expressa no tópico frasal.
- eliminar, na leitura, por menores impertinentes, acumulações e redundâncias.
- analisar, em parágrafos diferentes, ideias igualmente relevantes, relacionando-as por meio de expressões coesivas presentes no texto.

As ideias centrais, muitas vezes, não estão relacionadas por expressões adequadas à transição, em prejuízo da coerência e, portanto, da unidade, já que esta também depende, em grande parte, daquela.

Desmembrando o parágrafo em tantos quantos forem os tópicos frasais que neles se observarem as ideias secundárias e as centrais, ou estas entre si, palavras de referência e partículas de transição poderão ser interpretadas corretamente.

Coerência

Consiste a coerência em ordenar e relacionar clara e logicamente as ideias secundárias de um parágrafo com a sua ideia central. Para obtê-la, deve-se observar a ordem espacial na descrição, a ordem cronológica na narração e a ordem lógica na dissertação.

Observa-se a ordem espacial quando se descreve objeto dos detalhes mais próximos para os mais remotos, ou vice-versa; de cima para baixo, ou vice-versa etc; da direita para a esquerda, ou vice-versa etc.

Observa-se a ordem cronológica quando se narram os fatos segundo a ordem de sucessão no tempo. Observa-se a ordem lógica quando de dispõem as ideias segundo o processo dedutivo (de uma generalização para uma especificação) ou o processo indutivo (de uma especificação para uma generalização). É ainda importante notar no texto a coerência, a partir da propriedade vocabular, das partículas de transição e das palavras de referência.

- Propriedade vocabular é a aproximação das palavras com a palavra central do tema.
- Partículas de transição são os conectivos (preposições, conjunções e pronomes relativos).
- Palavras de referência são os pronomes em geral, certas partículas e, em determinadas situações, os advérbios, as locuções adverbiais e até mesmo orações e períodos.

Devidamente relacionados por partículas de transição e palavras de referência, observe os elementos destacados na "leitura" do parágrafo seguinte:

Com o considerável aumento do volume de negócios nesta praça, fomos obrigados a ocupar o último andar do prédio onde esta agência atualmente funciona. Pelo mesmo motivo, também solicitamos a ampliação do quadro para admitir novos funcionários. Por outro lado, a adoção de uma política de incremento da aplicações do Banco nesta região determinou o oferecimento à praça de várias linhas de crédito em que antes não operávamos. Em virtu-

de desses fatores, nossas dependências tornaram-se acanhadas a ponto de já estarem prejudicando a boa marcha dos serviços. Assim, tomamos a liberdade de sugerir a instalação de uma metropolitana, se não preferir essa sede fazer construir, em terreno a ser adquirido, um prédio maior para esta agência.

Observe que foram destacados, no texto, elementos responsáveis pela produção de sentido e pelo encadeamento das ideias.

DICAS BÁSICAS DE LEITURA

1 - Ater-se exclusivamente ao texto.
2 - Ler todas as alternativas (entre duas mais aceitáveis, uma será mais completa).
3 - Proceder por eliminação de hipótese.
4 - Comparar o sentido das palavras (às vezes, uma palavra decide a melhor resposta).
5 - Buscar o tópico frasal (a frase que melhor resume o sentido básico do texto ou do parágrafo).
6 - Excluir alternativas iguais.

As alternativas que devem ser eliminadas apresentam os seguintes tipos de erro:

- ausência de informações essenciais (carência);
- presença de informações contraditórias em relação ao texto (inversão);
- presença de informações alheias ao texto, não constante do texto (acréscimo).

INTERTEXTUALIDADE

A intertextualidade ocorre quando há referências a textos de outros autores no texto produzido. De acordo com vários teóricos atuais, não há texto sem intertextualidade, pois não há um texto completamente isento de referências.

Entre os principais recursos intertextuais estão a citação, a paráfrase, a paródia e a alusão.

Na citação, trechos de outros textos são utilizados para desenvolver o texto inicial. As citações são argumentos de autoridade no texto.

Na paráfrase, há uma reescritura do texto. As ideias originais do autor são mantidas; podem, entretanto, haver inclusões ou supressões.

Na paródia, as ideias do texto são reformuladas de modo a romper com o texto original. Trata-se, portanto, de um novo texto, com outros elementos e outro sentido.

A alusão consite em uma referência explícita ou implícita no texto secundário.

SIGNIFICAÇÃO CONTEXTUAL DE PALAVRAS E EXPRESSÕES

SENTIDO E CONTEXTO

Pressuposição

Por "semântica" entende-se, comumente, a ciência das "significações das línguas naturais".

Devemos distinguir entre os sentidos virtuais que uma palavra possui enquanto unidade léxica memorizável, elemento de competência linguística dos falantes nativos de uma língua, e o sentido que ela adquire ao nível manifestativo da performance linguística, quando figura em determinado contexto.

Na realidade, o sentido não é uma evidência, sendo o plano dos significantes a única manifestação linguística. O sentido, em si, é sempre o resultado de uma interpretação, dependente de fatores externos e internos, do ponto de vista da linguagem.

TEXTO LITERÁRIO E NÃO-LITERÁRIO

A construção de um texto literário não obedece, com rigor, ao mesmo tipo de organização de um texto ensaístico (não-literário). Apesar de o autor mostrar uma parte da realidade e defender ideias, isso se dá de forma encoberta, menos direta, mais figurada. A história contada vai revelar, por meio de sua trama, as ideias e os valores que o autor defende e que nos cabe buscar no texto. Para tanto, da forma explicada a seguir.

Em primeiro lugar, fazemos a leitura emocional, envolvendo-nos com o assunto.

Em segundo lugar, é fazer o levantamento do nível denotativo do texto, isto é, o significado imediato, literal do texto. Para isso, fazemos um resumo do enredo ou trama do texto, ou seja, contar, em poucas palavras, a história apresentada no texto, mantendo apenas os detalhes importantes para que se compreenda a situação e atuação dos personagens, caso haja.

Em terceiro lugar, procedemos e levantamento do plano conotativo ou figurativo, do texto: que tema o autor está discutindo, que ideias, valores a produção simboliza? Assim, temos mais chances de interpretar adequadamente um texto não-literário.

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: MODALIDADES DO USO DA LÍNGUA ADEQUAÇÃO LINGUÍSTICA

A língua não é usada de modo homogêneo por todos os seus falantes. O uso de uma língua varia de época para época, de região para região, de classe social para classe social, e assim por diante. Nem individualmente podemos afirmar que o uso seja uniforme. Dependendo da situação, uma mesma pessoa pode usar diferentes variedades de uma só forma da língua.

Ao trabalhar com o conceito de variação linguística, estamos pretendendo demonstrar:

- que a Língua Portuguesa, como todas as línguas do mundo, não se apresenta de maneira uniforme no território brasileiro;

  "Nenhuma língua permanece a mesma em todo o seu domínio e, ainda num só local, apresenta um sem-número de diferenciações.(...) Mas essas variedades de ordem geográfica, de ordem social e até individual, pois cada um procura utilizar o sistema idiomático da forma que melhor lhe exprime o gosto e o pensamento, não prejudicam a unidade superior da língua, nem a consciência que têm os que a falam diversamente de se servirem de um mesmo instrumento de comunicação, de manifestação e de emoção."

  (Celso Cunha, em Uma política do idioma)

- que a variação linguística manifesta-se em todos os níveis de funcionamento da linguagem;
- que a variação da língua se dá em função do emissor e em função do receptor ;
- que diversos fatores, como região, faixa etária, classe social e profissão, são responsáveis pela variação da língua;
- que não há hierarquia entre os usos variados da língua, assim como não há uso linguisticamente melhor que outro. Em uma mesma comunidade linguística, portanto, coexistem usos diferentes, não existindo um padrão de linguagem que possa ser considerado superior. O que determina a escolha de uma variedade é a situação concreta de comunicação.
- que a possibilidade de variação da língua expressa a variedade cultural existente em

qualquer grupo. Basta observar, por exemplo, no Brasil, que, dependendo do tipo de colonização a que uma determinada região foi exposta, os reflexos dessa colonização estarão presentes de maneira indiscutível.

NÍVEIS DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

É importante observar que o processo de variação ocorre em todos os níveis de funcionamento da linguagem, sendo mais perceptível na pronúncia e no vocabulário. Esse fenômeno da variação se torna mais complexo porque os níveis não se apresentam de maneira estanque, eles se sobrepõem.

- Nível fonológico - por exemplo, o **l** final de sílaba é pronunciado como consoante pelos gaúchos, enquanto em quase todo o restante do Brasil é vocalizado, ou seja, pronunciado como um **u**; o **r** caipira; o **s** chiado do carioca.
- Nível morfossintático - muitas vezes, por analogia, por exemplo, algumas pessoas conjugam verbos irregulares como se fossem regulares: "manteu" em vez de "manteve", "ansio" em vez de "anseio"; certos segmentos sociais não realizam a concordância entre sujeito e verbo, e isto ocorre com mais frequência se o sujeito está posposto ao verbo. Há ainda variedade em termos de regência: "eu lhe vi" em vez de "eu o vi".
- Nível vocabular - algumas palavras são empregadas em um sentido específico de acordo com a localidade. Exemplos: em Portugal diz-se "miúdo", ao passo que no Brasil usa-se " moleque", "garoto", "menino", "guri"; as gírias são, tipicamente, um processo de variação vocabular.

TIPOS DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Travaglia (1996), discutindo questões relativas ao ensino da gramática no primeiro e segundo graus, apresenta, com base em Halliday, McIntosh e Strevens (1974), um quadro bastante claro sobre as possibilidades de variação linguística, chamando a atenção para o fato de que, apesar de reconhecer a existência dessas variedades, a sociedade continua a privilegiar apenas a norma culta, em detrimento das outras.

Existem **dois tipos de variedades linguísticas:** os **dialetos** (variedades que ocorrem em função das pessoas que utilizam a língua, ou seja, os emissores); os **registros** (variedades que ocorrem em função do uso que se faz da língua, as quais dependem do receptor, da mensagem e da situação).

Variação Dialetal

- Variação Regional
- Variação Social
- Variação Etária
- Variação Profissional
- Variação Idioletal
- Variação de Sexo
- Variação Histórica

Variação de Registro

- Grau de Formalismo
- Modalidade de Uso
- Sintonia

GÍRIA

A gíria é uma forma de linguagem baseada em um vocabulário especialmente criado por um determinado grupo ou categoria social com o objetivo de servir de emblema para os membros do grupo, distinguindo-os dos demais fa-

lantes da língua. A gíria, ao mesmo tempo que contribui para definir a identidade do grupo que a utiliza, funciona como um meio de exclusão dos indivíduos externos a esse grupo, uma vez que costuma resultar em uma linguagem ininteligível.

A gíria tem um caráter contestador por natureza e, por esse motivo, costuma acompanhar outros comportamentos de crítica, transgressão e/ou contestação dos padrões sociais vigentes. Há, assim, a gíria de grupos de jovens, de surfistas, de "rappers", de "funkers", de marginais, de presidiários etc.

DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO

Uma mensagem não é tão simples, como possa parecer. Ela possui significados diferentes para diversas pessoas, como também formas diferentes de significados. Há, portanto, o sentido denotativo, mais objetivo, mais ou menos, igual para todas as pessoas, sentido literal, do dicionário.

Há também o sentido conotativo: o significado subjetivo (emocional ou avaliativo), de acordo com as experiências de cada um e o seu emprego na linguagem usual.

*No acidente, ele machucou a **cabeça**.*
(= denotação)

*Ele foi o **cabeça** do movimento.*
(= conotação)

*A **estrela** brilhou no céu.*
(= denotação)

*A artista foi a **estrela** do espetáculo.*
(= conotação)

ESTILÍSTICA

FIGURAS DE LINGUAGEM

A par da linguagem intelectiva, denotativa ou informativa, que usa o padrão culto da língua e as palavras em seu significado próprio (= de dicionário), e da qual o falante se vale para a comunicação mais formal, em textos técnicos, científicos e na correspondência oficial, existe ainda a linguagem de caráter afetivo, conotativa. Essa linguagem permite a quem fala ou escreve inúmeras possibilidades de sugerir conteúdos emotivos e intuitivos por meio de expressões cujos significados são diferentes daqueles de dicionário.

Esses significados são atribuídos à palavra pelo autor, no momento da criação literária. Mas não são só as palavras que passam a ter novos usos, também a sua organização no texto pode ser livre e variada, dependendo da emoção e da vontade do escritor.

A estilística é o estudo dessas possibilidades de criação, que fogem ao âmbito dos fatos gramaticais. A essa linguagem livre e emotiva, dá-se o nome de conotação ou linguagem figurada.

Um bom exemplo da intenção do poeta, ao recriar a linguagem em sua obra, é o poema abaixo, de Gilberto Gil, em que ele mostra como o poeta é capaz de modificar os sentidos convencionais das palavras, ampliando-os para outras possibilidades expressivas.

Metáfora

Uma lata existe para conter algo,
Mas quando o poeta diz lata
Pode estar querendo dizer o incontível.

Uma meta existe para ser alvo,
Mas quando o poeta diz meta
Pode estar querendo dizer o inatingível.

Por isso não se meta a exigir do poeta
Que determine o conteúdo em sua lata.
Na lata do poeta tudo-nada cabe,
Pois ao poeta cabe fazer
Com que na Lata venha caber
O incabível.

Deixe a meta do poeta, não discuta,
Deixe sua meta fora da disputa
Meta dentro e fora, lata absoluta
Deixe-a simplesmente metáfora.

(Gilberto Gil)

A linguagem figurada, como se vê, pode explorar diferentes recursos da palavra e/ou da frase. No texto, Gilberto Gil reconstrói a ideia de metáfora e conotação, ao utilizar diferentes recursos de figuração.

FIGURAS DE SOM

- **Aliteração**: consiste na repetição ordenada de mesmos sons consonantais.

"Esperando, parada, pregada na pedra do porto."

"Na messe que enlourece
Estremece a quermesse"

O som, nessa sequência, sugere o ruído do vento no trigal.

"Vozes veladas, veludosas vozes
Volúpias dos violões, vozes veladas.
Vagam nos velhos vórtices velozes
Dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas".

A repetição do som ***v*** sugere vozes sussurrantes, misturadas com os sons do violão.

- **Assonância:** consiste na repetição ordenada de sons vocálicos idênticos.

"Sou um mulato nato no sentido lato
mulato democrático do litoral."

"E bamboleando em ronda
Dançam bambos, tontos bandos de pirilampos".

A repetição dos sons redondos de ***o*** e ***a*** sugere o movimento em círculos dos pirilampos.

- **Paronomásia:** consiste na aproximação de palavras de sons parecidos, mas de significados distintos.

"Eu que passo, penso e peço."

"Tanto tempo tento tanto."

- **Onomatopeia:** consiste na tentativa de reproduzir, com palavras, os sons e ruídos emitidos por animais, objetos ou pela natureza.

"Esperando o trem que já vem, que já vem,
que já vem..."

tique-taque, toque-toques, snif...

FIGURAS DE CONSTRUÇÃO

- **Elipse:** consiste na omissão de um termo facilmente identificável pelo contexto.

"Na sala, apenas quatro ou cinco convidados."
(omissão de havia)

"Cheguei cedo hoje."
(omissão de eu)

- **Zeugma:** consiste na elipse de um termo que já apareceu antes.

Ele prefere cinema; eu, teatro.
(omissão de prefiro)

Alguns estudam; outros, não.
(omissão de estudam)

Ele me deu carinho; eu a ele, desprezo.
(omissão de dei)

- **Polissíndeto:** consiste na repetição de conectivos ligando termos da oração ou elementos do período.

"E sob as ondas ritmadas
e sob as nuvens e os ventos
e sob as pontes e sob o sarcasmo"

Confere ao trecho mais ênfase.

- **Assíndeto:** trata-se da ausência de conector.

"Chegou, arrumou tudo, saiu."

Confere ao discurso maior abertura interpretativa.

- **Inversão ou hipérbato:** consiste em mudar a ordem normal dos termos na frase com a finalidade de dar ênfase àquele que é colocado em posição anterior.

"De tudo ficou um pouco.
Do meu medo. Do teu asco."

A inversão simples, que não compromete o sentido da frase, recebe o nome de **anástrofe**. A inversão complexa, que dificulta o sentido, recebe o nome de **sínquise**.

"Ouviram do Ipiranga as margens plácidas de um povo heróico o brado retumbante".
(sínquise)

"Somos do mundo a esperança".
(anástrofe)

• OBSERVAÇÃO

Na prosa informativa, essas inversões violentas constituem vícios de linguagem e devem ser evitadas.

- **Silepse:** consiste na concordância não com o que vem expresso, mas com o que se sebentende, com o que está implícito. A silepse pode ser:

  - De gênero

Vossa Excelência está preocupado.

  - De número

Os lusíadas glorificou nossa literatura.

  - De pessoa

"O que me parece inexplicável é que os brasileiros persistamos em comer essa coisinha verde e mole que se derrete na boca."

Outros exemplos:

A criançada chegou bem cedo à fazenda e gastou muita energia. Às dez horas, já estavam na cama. (silepse de número)

São Paulo continua muito poluída.
(silepse de gênero)

Aquela é a Ouro Preto dos meus sonhos.
(silepse de gênero)

Os cinco viajamos de automóvel.
(silepse de pessoa)

- **Anacoluto:** consiste em deixar um termo solto na frase. Normalmente, isso ocorre porque se inicia uma determinada construção sintática e depois se opta por outra.

A vida, não sei realmente se ela vale alguma coisa.

"Eu, enganaram-me todos os amigos."

"Morrer, todos haveremos de morrer."

- **Pleonasmo:** consiste numa redundância cuja finalidade é reforçar a mensagem.

"E rir meu riso e derramar meu pranto."

Vi com estes meus olhos que a terra há de comer.

Vou matá-lo com estas minhas mãos.

A mim, enganaram-me todos.

- **Anáfora:** consiste na repetição de uma mesma palavra no início de versos, frases ou parágrafos.

" Amor é um fogo que arde sem se ver
É ferida que dói e não se sente
É um contentamento descontente
É dor que desatina sem doer"

FIGURAS DE PENSAMENTO

- **Antítese:** consiste na aproximação de termos contrários, de palavras que se opõem pelo sentido.

"Os jardins têm vida e morte."

"Toda a saudade é presença da ausência."

"Súbito o não toma forma de sim."

- **Ironia:** é a figura que apresenta um termo em sentido oposto ao usual, obtendo-se, com isso, efeito crítico ou humorístico.

"A excelente Dona Inácia era mestra na arte de judiar de crianças."

A Transamazônica é uma bela obra de engenharia, que serve para ligar nada a lugar nenhum.

Aquele era mesmo um gênio: conseguiu passar da segunda série.

- **Eufemismo:** consiste em substituir uma expressão por outra menos brusca; em síntese, procura-se suavizar alguma afirmação desagradável.

Ele enriqueceu por meios ilícitos.
(em vez de ele roubou)

Falta-lhe inteligência para entender filosofia.

O pobre já entregou a alma a Deus.

- **Hipérbole:** trata-se de exagerar uma ideia com finalidade enfática.

Estou morrendo de sede.
(em vez de estou com muita sede)

Já lhe disse mais de mil vezes que não vou.

Se cem vidas tivesse, eu as daria para salvá-los.

Foi um mar de lama que o escândalo descobriu.

- **Prosopopeia ou personificação:** consiste em atribuir a seres inanimados predicativos que são próprios de seres animados.

O jardim olhava as crianças sem dizer nada.

"A floresta gesticulava nervosamente diante do fogo que a devorava."

"A lua banha a solitária estrada".

- **Gradação ou clímax:** é a apresentação de ideias em progressão ascendente (clímax) ou descendente (anticlímax).

"Um coração chagado de desejos
Latejando, batendo, restrugindo."

- **Apóstrofe:** consiste na interpelação enfática a

alguém (ou alguma coisa personificada).

"Senhor Deus, onde estás?
Dizei-me vós, Senhor Deus!"

- **Paradoxo:** consiste em uma oposição no plano das ideias.

"Amor é fogo que arde sem se ver
É ferida que dói e não se sente."

FIGURAS DE PALAVRAS

- **Metáfora:** consiste em empregar um termo com significado diferente do habitual, com base numa relação de similaridade entre o sentido próprio e o sentido figurado. A metáfora implica, pois, uma comparação em que o conectivo comparativo fica, geralmente, subentendido.

"Meu pensamento é um rio subterrâneo."

A Amazônia é o pulmão do mundo.

"Toda donzela tem um pai que é uma fera".

"Toda saudade é um capuz transparente".

- **Comparação ou símile:** consiste em uma comparação explícita, evidenciada pelo uso de conector.

"A vida é como uma onda."

"As pessoas são tais qual a vida que levam."

- **Alegoria:** trata-se da apresentação de um trecho construído a partir de várias metáforas ou de várias figuras de linguagem associadas.

"Essa vida é um deserto em que se vive a morte em busca de sorte."

"Uma mulher é uma joia sem destino, um caminho torto, uma profusão de sentidos e medos."

- **Metonímia:** consiste numa transposição de significado, ou seja, uma palavra que usualmente significa uma coisa passa a ser usada com outro significado. A metonímia explora sempre alguma relação lógica entre os termos. Essa substituição pode ser dada da seguinte maneira:

- O autor pela obra:

Todos gostam de ler Jorge Amado.

Monet está sendo exibido no Brasil.

- O efeito pela causa e vice-versa:

Viver do trabalho.

Ela é a felicidade dos pais.

Os aviões semearam a morte.

- O continente pelo conteúdo e vice-versa:

Bebi dois copos de leite.

Como a cerveja estava gelada, bebi duas garrafas.

- A marca pelo produto:

Faz a barba com Gilete.

Ela está usando um Dior.

- A parte pelo todo ou vice-versa:

Com cinco bocas para sustentar, tenho que fazer dois turnos de trabalho.

"Senhoras, partem tão tristes
meus olhos por vós meu bem."

Ela estava vestida de vison.

Os sem-teto se rebelaram.

- O gênero pela espécie e vice-versa:

Os mortais de tudo são capazes.
(mortais = homens)

Estamos na estação das rosas. (rosas = primavera)

- O lugar pelo produto:

Como aperitivo, um porto vai bem.

Depois fuma-se um havana.

- O símbolo pelo significado:

A redonda foi colocada no meio do gramado.

- **Catacrese:** ocorre quando, por falta de um termo específico para designar um conceito, toma-se outro por empréstimo. Entretanto, devido ao uso contínuo, não mais se percebe que ele está sendo empregado em sentido figurado.

O pé da mesa estava quebrado.

Ele vai ficar de quarentena.
(apenas por alguns dias)

Todos embarcaram no avião.

- **Perífrase:** consiste em substituir um nome por uma expressão que o identifique com facilidade.

...os quatro rapazes de Liverpool
(em vez de os Beatles) (antonomásia)*
Astro rei (Sol)

Satélite natural da Terra (Lua)

- **Antonomásia** é o nome dado a perífrases que se referem a pessoas.

- **Sinestesia:** trata-se de mesclar, numa expressão, sensações percebidas por diferentes órgãos do sentido.

"Ouvi sua tosse gorda." (auditiva/visual)

"Só a leve esperança em toda a vida..."
(material/imaterial)

"Nossos olhos trocaram desejos". (visão/emoção)

VÍCIOS DE LINGUAGEM

A Gramática é um conjunto de regras que estabelecem um determinado uso da língua, denominado norma culta ou língua padrão. Acontece que as normas estabelecidas pela gramática normativa nem sempre são obedecidas pelo falante. Quando o falante se desvia do padrão para alcançar uma maior expressividade, ocorrem as figuras de linguagem. Quando o desvio se dá pelo não-conhecimento da norma culta, temos os chamados vícios de linguagem.

- **Barbarismo:** consiste em grafar ou pronunciar uma palavra em desacordo com a norma culta.

pesquiza (em vez de pesquisa)

prototipo (em vez de protótipo)

- **Solecismo:** consiste em desviar-se da norma culta na construção sintática.

Fazem dois meses que ele não aparece.
(em vez de faz ; desvio na sintaxe de concordância)

- **Ambiguidade ou anfibologia:** trata-se de construir a frase de um modo tal que ela apresente mais de um sentido.

O guarda deteve o suspeito em sua casa.
(na casa de quem: do guarda ou do suspeito?)

- **Cacófato**: consiste no mau som produzido pela junção de palavras.

Paguei cinco mil reais por cada.

- **Pleonasmo:** consiste na repetição desnecessária de uma ideia.

A brisa matinal da manhã deixava-o satisfeito.

Há dez anos atrás, tudo era lindo.

- **Neologismo:** é a criação desnecessária de palavras novas.

Segundo Mário Prata, se adolescente é aquele que está entre a infância e a idade adulta, envelhescente é aquele que está entre a idade adulta e a velhice.

Era horrível a solidão.

- **Arcaísmo:** consiste na utilização de palavras que já caíram em desuso.

Vossa Mercê me permite falar? (em vez de você)

Deu à moça um vidro de cheiro.

- **Eco:** trata-se da repetição de palavras terminadas pelo mesmo som.

O menino repetente mente alegremente.

Para acabar com a corrupção,
basta a união da população.

FUNÇÕES DE LINGUAGEM

Para se entender com clareza as funções da linguagem, é bom primeiramente conhecermos as etapas da comunicação.

Ao contrário do que muitos pensam, a comunicação não acontece somente quando falamos, estabelecemos um diálogo ou redigimos um texto, ela se faz presente em todos (ou quase todos) os momentos.

No ato de comunicação, é possível perceber a existência de alguns elementos, são eles:

- **emissor (locutor ou signatário):** é aquele que envia a mensagem (pode ser uma única pessoa ou um grupo de pessoas).

- **receptor: (alocutário ou destinatário)** é aquele a quem a mensagem é endereçada (um indivíduo ou um grupo).

• OBSERVAÇÃO

Ao longo do discurso, emissor e receptor podem oscilar seus papéis.

- **canal de comunicação:** é o meio pelo qual a mensagem é transmitida.

- **código:** é o conjunto de signos e de regras de combinação desses signos utilizado para elaborar a mensagem: o emissor codifica aquilo que o receptor irá decodificar. O código pode ser verbal (língua) ou não-verbal.

- **ruído:** qualquer tipo de interferência na comunicação.

- **contexto:** é o objeto ou a situação a que a mensagem se refere.

Partindo desses elementos, existem seis funções de linguagem, que são:

1 **Função referencial ou informativa:** o referente é o objeto ou situação de que a mensagem trata. A função referencial privilegia justamente o referente da mensagem, buscando transmitir informações objetivas sobre ele. Essa função predomina nos textos de caráter científico e é privilegiada nos textos jornalísticos. Note, no texto abaixo, a predominância do caráter informativo.

Uma das crenças mais estranhas do ativismo ecológico é a de que a existência da humanidade representa uma vil distorção da natureza. Na década de 80, o ecologista americano David Foreman, fundador da organização radical Primeiro a Terra, declarava que a humanidade era "um câncer sobre o planeta". Foremam achava que uma nova era glacial seria até bem-vinda, na medida em que mataria bilhões de pessoas e faria com que a população humana retornasse aos níveis da era pleistocênica. É claro que a multiplicação humana se tornou delirante e ameaçadora. Mas só uma mente alarmista e ingênua imaginaria que a explosão populacional vá prosseguir no mesmo ritmo até que não haja mais ar, água e comida para todos. O mais provável é que algum dia a idade da devastação apareça nos livros de história como uma curiosidade equiparável à Idade do Bronze, um evento perdido na História do planeta.

Atualmente, ninguém consegue imaginar a economia rodando sem o grande vilão poluidor, o petróleo. Mas um século atrás, quando a principal fonte de energia ainda era a madeira e o carvão, não se pensava num mundo tocado a reservas petrolíferas. No mundo de hoje, já começa a fazer sentido a especulação em torno de fontes limpas de energia, como a solar ou a dos ventos. Por mais estranho que possa parecer, as alterações provocadas pelo homem na natureza são apenas uma parte da equação. A natureza, acredita-se, precisa da mudança para subsistir. Estima-se que 99% de todas as espécies de vida surgidas na Terra até hoje estão extintas – não pela mão do homem, acrescente-se. Mesmo quando essa mão humana provoca desastres, a ação natural pode consertá-los de forma surpreendente.

Tome-se um caso bem conhecido, o do derramamento de óleo no Canal de Prince William, no Alasca, pelo petroleiro Exxon Valdez, em 1989. Considerado um dos maiores desastres ecológicos do século, o derramamento cobriu uma região de natureza ainda intocada com 11 milhões de galões de óleo cru. Um dano irrecuperável para sempre, segundo diziam na época os ecologistas. Pesquisas recentes mostram o contrário. A natureza se recuperou por completo na área. No ano seguinte ao acidente, o Canal de Prince William teve a melhor temporada de pesca de todos os tempos. Além disso, ficou provado que os maiores estragos foram causados pela operação de limpeza promovida pela Exxon, companhia dona do navio. Eles foram bem piores do que os gerados pela própria tragédia. Nessa operação, de 2 bilhões de dólares, a Exxon lavou parte da região com jatos de água fervente para dissolver o óleo derramado. O ca-

lor esterilizou vastas porções de praias, matando os microrganismos que alimentavam a cadeia biológica da região. Nas praias em que não houve a faxina da Exxon, a natureza mostra-se hoje tão exuberante quando antes do acidente. Muitos cientistas acham que, em vez de promover a limpeza – destinada a retocar sua imagem –, a Exxon teria gasto melhor os 2 bilhões de dólares comprando florestas para criar parques em outras regiões.

Qual é o maior problema ecológico do planeta neste final de século? Nos países pobres, 1,3 bilhão de pessoas vivem em zonas de ar "perigosamente inseguro" segundo os padrões adotados mundialmente pelos serviços de controle da qualidade do ar. Outro bilhão de pessoas não tem água tratada. Conclusão: o que está matando as pessoas não é a destruição da camada de ozônio, nem o aquecimento global, nem o consumo de alimentos com agrotóxicos, mas a diarreia e a fumaça envenenada dos países pobres. Eric Chivian, professor da Harvard Medical School é um dos autores do estudo "Critical condition: human health and the environment" , diz que a degradação das condições de vida no Terceiro Mundo é de longe maior que todos os problemas ecológicos do Primeiro Mundo combinados. "Eu tenho tido uma grande dificuldade em chamar a atenção das organizações ambientalistas para a saúde humana nos países pobres", afirma Chivian. "Elas querem conversar sobre florestas e diversidade das espécies no mundo em desenvolvimento, mas têm pouquíssimo interesse na saúde humana nessa parte do mundo."

(Adaptado de: Laurentino Gomes, VEJA, São Paulo, ano 28, n.º22, 31-05-95.)

2 **Função emotiva (ou expressiva):** por meio dessa função, o emissor imprime no texto as marcas de sua atitude pessoal: emoções, avaliações, opiniões. O leitor sente no texto a presença do emissor. No texto abaixo, o autor usa a primeira pessoa para se inserir no discurso e mostrar suas avaliações.

Não foi há tanto tempo assim. Cheguei à praia com minhas filhas e encontrei um aglomerado de cidadãos. Eles montavam guarda num pequeno trecho da areia, caras alarmadas, pior: pungidas. Não fui eu quem viu o grupo: foi o grupo que me viu e dois de seus membros vieram em minha direção, delicadamente me afastaram das meninas e comunicaram: – "Tire depressa suas filhas daqui!". As palavras foram duras mas o tom era ameno, cúmplice. Quis saber por quê. Em voz baixa, conspiratória, um dos cidadãos me comunicou que ali na arrebentação, boiando como uma anêmona, alga desprendida das profundezas oceânicas, havia uma camisinha - que na época atendia pelo poético nome de "camisa de Vênus".

O grupo de cidadãos – num tempo em que direitos e deveres da cidadania ainda esperavam pela epifania de Betinho – ali estava desde cedo, alertando pais incautos, como se a camisinha fosse uma pastilha de material nuclear, uma cápsula de césio com pérfidas e letais emanações.

Não me lembro da reação que tive, é possível que tenha levado as meninas para outro canto, mas tenho certeza de que nem alarmado fiquei. Hoje, a camisinha aparece na televisão, é banal e inocente como um par de patins, um aparelho de barba.

Domingo último, levando minhas setters

à única praia em que são permitidos animais domésticos, encontrei um grupo de cidadãos em volta de uma coisa. Não, não era aquele monstro marinho que Fellini colocou no final de um de seus filmes. Tampouco era uma camisinha – que as praias estão cheias delas, mais numerosas que as conchas e os tatuís de antigamente. O motivo daquela expressão de cidadania era uma seringa que as águas despejaram na areia. Objeto na certa infectado, trazendo na ponta de sua agulha o vírus da Aids que algum viciado ali deixara, para contaminar inocentes e culpados. Daqui a dois, cinco anos, espero que a Aids não mais preocupe a humanidade. Mas os cidadãos continuarão alarmados, descobrindo novas misérias na efêmera eternidade das espumas.

(Carlos Heitor Cony.
Folha de São Paulo, p 1-2, 09.01.1994)

3 **Função conativa (ou apelativa):** essa função procura organizar o texto de forma a que se imponha sobre o receptor da mensagem, persuadindo-o, seduzindo-o. Nas mensagens em que predomina essa função, busca-se envolver o leitor com o conteúdo transmitido, levando-o a adotar este ou aquele comportamento. É típica dos textos publicitários, livros de autoajuda ou textos panfletários.

4 **Função fática:** a palavra fático significa "ruído, rumor". Foi utilizada inicialmente para designar certas formas que se usam para chamar a atenção (ruídos como psiu, ahn, ei). Essa função ocorre quando a mensagem se orienta sobre o canal de comunicação ou contato, buscando verificar e fortalecer sua eficiência.

A manchete, as diferenças no corpo de letra, os resumos antes de um texto podem ter finalidade fática, ou seja, objetivam estabelecer a comunicação.

5 **Função metalinguística:** quando a linguagem se volta sobre si mesma, transformando-se em seu próprio referente, ocorre a função metalinguística. No texto abaixo, o autor faz considerações sobre a Língua Portuguesa usando o próprio Português, o que caracteriza a ocorrência de metalinguagem.

Já não basta ficarem mexendo toda hora no valor e no nome do dinheiro? Nos juros, no crédito, nas alíquotas de importação, no câmbio, na Ufir e nas regras do imposto de renda? Já não basta mudarem as formas da Lua, as marés, a direção dos ventos e o mapa da Europa? E as regras das campanhas eleitorais, o ministério, o comprimento das saias, a largura das gravatas? Não basta os deputados mudarem de partido, homens virarem mulher, mulheres virarem homem e os economistas virarem lobisomem, quando saem do Banco Central e ingressam na banca privada?

Já não basta os prefeitos, como imperadores romanos, tentarem mudar o nome de avenidas cruciais, como a Vieira Souto, no Rio de Janeiro, ou se lançarem à aventura maluca de destruir largos pedaços da cidade para rasgar avenidas, como em São Paulo? Já não basta mudarem toda hora as teorias sobre o que engorda e o que emagrece? Não basta mudarem a capital federal, o número de estados, o número de municípios e até o nome do país, que já foi Estados Unidos do Brasil e depois virou República Federativa do Brasil?

Não, não basta. Lá vêm eles de novo, querendo mudar as regras de escrever o idioma. "Minha pátria é a língua portuguesa", escreveu Fernando Pessoa pela pena de um de seus heterônimos, Bernardo Soares, autor do Livro do Desassossego. "Desassossegados estamos. Querem mexer na pátria. Quando mexem no modo de escrever o idioma, põem a mão num espaço íntimo e sagrado como a terra de onde se vem, o clima a que se acostumou, o pão que se come."

Aprovou-se recentemente no Senado mais uma reforma ortográfica da Língua Portuguesa. É a terceira nos últimos 52 anos, depois das de 1943 e 1971 – muita reforma, para pouco tempo. Uma pessoa hoje com 60 anos aprendeu a escrever "idéa", depois, em 1943, mudou para "idéia", ficou feliz em 1971 porque "idéia" passou incólume, mas agora vai escrever "ideia", sem acento.

Reformas ortográficas são quase sempre um exercício vão, por dois motivos. Primeiro, porque tentam banhar de lógica o que, por natureza, possui extensas zonas infensas à lógica, como é o caso de um idioma. Escreve-se "Egito", e não "Egipto", mas "egípcio", e não "egício", e daí? Escreve-se "muito", mas em geral se fala "muinto". Segundo, porque, quando as reformas se regem pela obsessão de fazer coincidir a fala com a escrita, como é o caso das reformas da Língua Portuguesa, estão correndo atrás do inalcançável. A pronúncia muda no tempo e no espaço. A flor que já foi "azálea" está virando "azaléa" e não se pode dizer que esteja errado o que todo o povo vem consagrando. "Poder" se pronuncia "poder" no Sul do Brasil e "puder" no Brasil do Nordeste. Querer que a grafia coincida sempre com a pronúncia é como correr atrás do arco-íris, e a comparação não é fortuita, pois uma língua é uma coisa bela, mutável e misteriosa como um arco-íris.

Acresce que a atual reforma, além de vã, é frívola. Sua justificativa é unificar as grafias do Português do Brasil e de Portugal. Ora, no meio do caminho percebeu-se que seria uma violência fazer um português escrever "fato" quando fala "facto", ou "recepção" quando fala "receção", da mesma forma como seria cruel fazer um brasileiro escrever "facto" ou "receção" (que ele só conhece, e bem, com dois ss, no sentido de inferno astral da economia). Deixou-se, então, que cada um continuasse a escrever como está acostumado, no que se fez bem, mas, se a reforma era para unificar e não unifica, para que então fazê-la? Unifica um pouco, responderão os defensores da reforma. Mas, se é só um pouco, o que adianta? Aliás, para que unificar? O último argumento dos propugnadores da reforma é que, afinal, ela é pequena – mexe com a grafia de 600, entre as cerca de 110.000 palavras da Língua Portuguesa, ou apenas 0,54% do total. Se é tão pequena, volta a pergunta: para que fazê-la?

Fala-se que a reforma simplifica o idioma e, assim, torna mais fácil seu ensino. Engano. A representação escrita da língua é um bem que percorre as gerações, passando de uma à outra, e será tão mais bem transmitida quanto mais estável for, ou, pelo menos, quanto menos interferências arbitrárias sofrer. Não se mexa assim na língua. O preço disso é banalizá-la como já fizeram com a moeda, no Brasil.

(Roberto Pompeu de Toledo - Veja, 24.05.05)

6 **Função poética:** quando a mensagem é elaborada de forma inovadora e imprevista, utilizando combinações sonoras ou rítmicas, jogos de imagem ou de ideias, temos a manifestação da função poética da linguagem. Essa função é capaz de despertar no leitor prazer estético e surpresa. É explorada na poesia, em textos publicitários ou em textos em prosa que combinam intencionalmente e de forma criativa as palavras. No texto a seguir, Guimarães Rosa reconstrói a linguagem ao descrever Minas Gerais.

Minas Gerais

Minas é montanha, montanhas, o espaço erguido, a constante emergência, a verticalidade esconsa, o esforço estático; a suspensa região – que se escala. Atrás de muralhas, através de desfiladeiros, - passa um, passa dois, passa quatro, passa três... – por caminhos retorcidos, ela começa, como um desafio de serenidade. Aguarda-nos amparada, dada em neblinas, coroada de frimas, espada de epítetos: Alterosas, Estado montanhês, Estado mediterrâneo, Centro, Chave da Abóbada, Suíça brasileira, Coração do Brasil, Capitania do Ouro, a Heróica Província, Formosa Província. O quanto que envaidece e intranquiliza, entidade tão vasta, feita de celebridade e lucidez, de cordilheira e História. De que jeito dizê-la? MINAS: patriazinha. Minas – a gente olha, se lembra, sente, pensa. Minas – a gente não sabe.

Sei um pouco, seu facies, a natureza física – muros montes e ultramontes, vales escorregados, os andantes belos rios, as linhas de cumeeiras, a aeroplanície ou cimos profundamente altos, azuis que já estão nos sonhos – a teoria dessa passagem. (...)

Pois Minas Gerais é muitas. São, pelo menos, várias Minas.

A que via geral se divulga e mais se refere, é a Minas antiga, colonial, das comarcas mineradoras. (...)

Essa – tradicional, pessimista ainda talvez, às vezes casmurra, ascética, reconcentrada, professa em sedições – a Minas geratriz, a do ouro, que evoca e informa, e que lhe tinge o nome; primeira a povoar-se e a ter nacional e universal presença, surgida dos arraiais de acampar dos bandeirantes e dos arruados de fixação do reinol, em capitania e província que, de golpe, no Setecentos, se proveu de gente vinda em multidão de todas as regiões vivas do país, mas que, por conta do ouro e dos diamantes, por prolongado tempo se ligou diretamente à Metrópole de além-mar, como que através de especial tubulatura, fluindo apartada do Brasil restante. Aí plasmado dos paulistas pioneiros, de lusos aferrados, de baianos trazedores de bois, de numerosíssimos judeus manipuladores de ouro, de africanos das estirpes mais finas, negros reais, aproveitados na rica indústria, se fez a criatura que é o mineiro inveterado, o mineiro mineirão, mineiro da gema, com seus males e bens.

Se são tantas Minas, porém, e contudo uma, será o que a determina, então, apenas uma atmosfera, sendo o mineiro o homem em estado minasgerais? (...)

Sendo assim, o mineiro há. Essa raça ou variedade, que, faz já bem tempo, acharam que existia. (...)

Aí está Minas: a mineiridade.

De Minas, tudo é possível. Viram como é de lá que mais se noticiam as ciosas sensacionais ou esdrúxulas, os fenômenos? O diabo aparece, regularmente, homens e mulheres mudam automaticamente de sexo, ocorrem terremotos, trombas-d'água, enchentes monstras, corridas-

-de-terreno, enormes ravinamentos que desabam serras, aparições meteóricas, tudo o que aberra e espanta. (...)

Só que o mineiro não se move de graça. Ele permanece e conserva. Ele espia, escuta, indaga, protela ou palia, se sopita, tolera, remancheia, perrengueia, sorri, escapole, se retarda, faz véspera, tempera, cala a boca, matuta, destorce, engambela, pauteia, se prepara. Mas, sendo a vez, sendo a hora, Minas entende, atende, toma tento, avança, peleja e faz.

Sempre assim foi. Ares e modos. Assim seja.

Só, e no mais: sem ti, jamais nunca! – Minas, Minas Gerais. (...) Minas assombrada, salubre e salutar, assombrada, municipal, minicipalíssima, paroquial, marília e heliodora, de pedra-sabão, de hematita compacta, da sabedoria, de Borba Gato, Minas Joãopinheira, Minas plural, dos horizontes, de terra antiga, das lapas e cavernas, da Gruta de Maquiné, (...) espiritual, arrieira, boiadeira, urucuiana, cordisburguesa, paraopebana, fluminense-das-velhas, barbacenense, leopoldinense, além-paraibana, itaguarense, curvelana, belorizontina, do ar, do lar, da saudade, doceira, do queijo, do tutu, do milho e do porco, do angu, do frango com quiabo, Minas magra, capioa, enxuta, groteira, garimpeira, sussurrada, sibilada, Minas plenária, imo e âmago, chapadeira, veredeira, zebuzeira, burreira, bovina, vacum, forjadora, nativa, simplíssima, sabida, sem desordem, sem inveja, sem realce, tempestiva, legalista, legal, governista, revoltosa, vaqueira, geralista, generalista, de não navios, de não ver navios, longe do mar, Minas sem mar, Minas em mim: Minas comigo. Minas.

(ROSA, J. Guimarães. Ave Palavra. In: Seleta de João Guimarães Rosa. Livraria José Olympio Editora: Rio de Janeiro, 1973)

• OBSERVAÇÃO

Essas funções não são exploradas isoladamente. De modo geral, ocorre a sobreposição de várias delas. Há, no entanto, aquela que se sobressai, assim pode-se identificar a finalidade principal do texto a partir de sua função predominante ou essencial.

TIPOS DE DISCURSO

DISCURSO DIRETO

É denominado de discurso direto aquele em que não há narrador.

Suas marcas típicas são:

- vem introduzido por verbo que anuncia a fala do personagem (murmurou, disse). Esses verbos são chamados de verbos de dizer (dizer, responder, retrucar, afirmar, falar).
- normalmente, antes da fala do personagem, há dois pontos ou travessão.
- os pronomes, o tempo verbal e palavras que dependem de situação são usados literalmente, determinados pelo contexto.

DISCURSO INDIRETO

É denominado de discurso indireto aquele em que o narrador enuncia a fala.

Suas marcas são:

- discurso indireto também é introduzido por verbo de dizer.
- vem separado da fala do narrador por uma partícula introdutória, normalmente as conjunções ***que*** ou ***se***.
- os pronomes, o tempo verbal e elementos que dependem de situação são determinados pelo contexto do narrador: o verbo ocorre sempre em 3ª pessoa.

VEJAMOS UM CONFRONTO DOS DISCURSOS DIRETO E INDIRETO

Discurso direto

D. Ana disse: – Daqui a duas horas tudo estará concluído.

Discurso indireto

D. Ana disse que dali a duas horas tudo estaria concluído.

Na conversão do discurso direto para o indireto, as frases interrogativas, exclamativas e imperativas passam todas para a forma declarativa.

DISCURSO INDIRETO LIVRE

Nesse tipo de discurso, não se conseguem observar os limites entre a fala do narrador e a do personagem. Nota-se que o discurso indireto livre é um discurso que exclui os verbos de dizer e a partícula introdutória.

Pedro me ama. Sabia disso.

No exemplo, não se consegue saber se o sujeito de "sabia" é Pedro ou o narrador-personagem. Essa ambiguidade discursiva caracteriza o discurso indireto livre.

EFEITOS DE SENTIDO

Quanto à citação do discurso alheio, cada citação assume um papel distinto no interior do texto.

- Ao escolher o discurso direto, cria-se um efeito de verdade, dando a impressão de preservar a integridade do discurso.
- Já a opção pelo discurso indireto cria diferentes efeitos de sentido:
  - O primeiro, que elimina elementos emocionais ou afetivos, gera um efeito de sentido de objetividade analítica, depreendendo apenas o que o personagem diz e não como diz.
  - O segundo tipo serve para analisar as palavras e o modo de dizer dos outros e não somente o conteúdo de sua comunicação.
- E o discurso indireto livre mescla a fala do narrador e do personagem. Do ponto de vista gramatical, o discurso é do narrador; do ponto de vista do significado, o discurso é do personagem.
  - O efeito de sentido do discurso indireto livre está entre a subjetividade e a objetividade.

• OBSERVAÇÃO

Não confunda discurso indireto livre com discurso direto e indireto. Este combina apenas o discurso direto e o indireto em um mesmo texto. Aquele não diferencia os limites entre narrador e personagem.

FATORES DE TEXTUALIDADE

O texto "é uma unidade da língua em uso" e a textualidade é definida como propriedade que deriva do fato de que o texto funciona como unidade em relação a seu contexto e que envolve, além das relações semânticas de coesão, internas ao texto, a consistência do registro, constitutiva da coerência do texto quanto ao contexto. Essa visão dá à coesão um caráter fundamental na construção da textualidade. Assim, um texto sem coesão seria um não-texto. A textualidade está ligada a diversos fatores fundamentais como ***coesão***, ***coerência***, ***intencionalidade***, ***aceitabilidade***, ***informatividade***, ***situacionalidade*** e ***intertextualidade***.

COESÃO

A coesão é entendida como os mecanismos utilizados ao longo do texto para sinalizar relações entre os elementos da superfície textual. Entender a coesão como mecanismos sinalizadores de relações potencializa a interação como um fator de textualidade, já que a coesão em si não é decisiva.

COERÊNCIA

A coerência é definida como concernente aos modos como os componentes do "mundo textual" – os conceitos e as relações que subjazem à superfície textual – são mutuamente acessíveis e relevantes. A coerência não é um mero traço dos textos, mas sim o resultado de processos cognitivos entre os usuários do texto, ou seja, ela é construída por operações de inferência; um texto não tem sentido em si mesmo, mas faz sentido pela interação entre os conhecimentos que apresenta e o conhecimento de mundo dos usuários.

PAPEL DO LEITOR

Os outros princípios de textualidade são noções centradas nos receptores do texto, ou seja, nos leitores, e têm a ver com a atividade de comunicação em geral, por parte tanto do produtor quanto do recebedor.

A **intencionalidade** e a aceitabilidade são definidas como concernentes às atitudes, aos objetivos e às expectativas do produtor e do recebedor, respectivamente.

A **informatividade** também não deve ser entendida como uma característica do texto em si, mas é avaliada em função das expectativas e conhecimentos dos usuários. Assim, um grau mediano de informatividade seria o mais confortável para o leitor, pois permitiria a ele se apoiar no conhecido para processar o novo. Vê-se, pois, que a informatividade não é pensada como característica absoluta nem inerente ao texto em si, mas como um fator a ser considerado em função dos usuários e da situação em que o texto ocorre.

A **situacionalidade** aparece, então, como um princípio importante para a constituição da textualidade, já que a coesão, a coerência, a informatividade e as atitudes/disposições do produtor e recebedor (intencionalidade e aceitabilidade) são funções do modo como os usuários interpretam as relações entre o texto e sua situação de ocorrência: o sentido e o uso do texto são decididos pela situação comunicativa. Essas ações discursivas não se prendem só às evidências perceptíveis, mas sobretudo às perspectivas, crenças, planos e metas dos usuários. A aceitabilidade de um texto dependeria menos de sua correção em termos de correspondência ao mundo real e mais da credibilidade e relevância que lhe são atribuídas numa determinada situação.

A **intertextualidade** é entendida como concernente aos fatores que fazem a produção e a recepção de um texto depender do conhecimento de outros textos. Desse modo, a construção e a avaliação da textualidade de um determinado texto se fazem mediante as relações que se estabelecem entre esse texto e outros do mesmo tipo. Os modos de manifestação e processamento da coesão, da coerência, da intencionalidade, da informatividade, por exemplo, costumam diferir conforme o tipo de texto: normalmente, não se espera que o modo de manifestação desses princípios seja idêntico em uma poesia e em um texto científico.

Assim, o texto deve ser compreendido como um sistema – isto é, um conjunto de elementos funcionando juntos. Enquanto a língua seria um sistema virtual de opções disponíveis, o texto se-

ria um sistema atual, efetivo, no qual as opções feitas a partir do repertório oferecido pela língua foram utilizadas numa estrutura particular.

A textualidade consiste, portanto, num conjunto de procedimentos ou critérios que transformam uma sequência de palavras ou de orações num texto. A sequência linguística é considerada texto quando pode ser entendida pelo receptor como uma unidade que traz uma mensagem completa dentro de um determinado contexto, sem o qual não há texto. É a coerência que proporciona a eficiência dos mecanismos da textualidade.

ALGUNS FATORES DE TEXTUALIDADE

A coesão é o processo de ligação entre elementos da textura ou tessitura textual: orações entre si formando períodos; períodos entre si formando parágrafos; parágrafos entre si formando capítulos; capítulos entre si formando um imenso texto, como um romance, por exemplo. A coesão pode ser considerada um mecanismo da coerência, porque pode ser gramatical, lexical ou semântico.

Coesão referencial por substituição

A coesão referencial por substituição tem elemento coesivo (ou referido) que remete a um termo ou ideia anteriores denominada referente, de forma que o texto deve prosseguir coerente. O referido é quase sempre pronome ou advérbio: " Eu amo Ana. Isso me obriga a voltar". **Isso** é o referido que remete a expressão anterior. "Moro na capital e você no interior. **Lá** a vida é agitada, aqui é calma". **Lá** remete à capital e **aqui** remete a interior. Ainda se pode ter um referido zero, ou elíptico: "Jonas e Ananias são inimigos. Vivem discutindo". O referido zero **(eles)** ficou elíptico, isto é, oculto.

Coesão referencial por reiteração (lexical)

Ocorre com sinônimo, hiperônimo, nome genérico ou expressão nominal: "Tive medo. O pavor foi tanto que fiquei mudo". **Pavor** (referido) remete a **medo** (referente). Nesse caso, usou-se a coesão referencial sinonímia. Agora vejamos um caso de hiperônimo: " Chamei o médico da cidade mais próxima. O **doutor** foi muito simpático em nos atender. Também pode haver coesão por termo genérico: "Vimos uma alma do outro mundo. A **coisa** parecia flutuar".

Coesão sequencial

A coesão sequencial é mais complexa. Ela é feita no encadeamento das ideias. Adiantamos que a coesão sequencial pode ocorrer quando a ligação entre os segmentos acrescenta, por exemplo, uma ideia nova, sem recorrência alguma: "Você virá quando eu quiser". O elemento coesivo **quando** deu prosseguimento ao texto, acrescentando-lhe a ideia de tempo. Assim, a coesão sequencial explora conectores.

Conhecimento linguístico

A Linguística de Texto é uma ciência que estuda o texto, a textualidade e a coerência numa visão diferente da gramaticalidade que até há pouco tempo regia a produção textual. Os elementos gramaticais são vistos como instrumentos dos critérios da textualidade, no campo semântico, sem necessariamente se ter que nomeá-los ou enquadrá-los em regras gramaticais.

Conhecimento de mundo

Um texto transmite informações ou conhecimentos que permeiam o mundo do produtor (fa-

lante ou leitor) que deve pertencer igualmente ao mundo do receptor (ouvinte ou leitor) para que haja decodificação, incluindo interpretação em níveis mais profundos.

Conhecimento compartilhado

É justamente esse intercâmbio de conhecimentos que deverá interagir no ato da leitura, quando produtor e receptor dominam a mesma área de conhecimento.

Inferências

O leitor tenta decodificar ideias que lhe parecem profundas ou inatingíveis utilizando seus conhecimentos de mundo e cognitivos: uns menos, outros mais, de acordo com seus níveis de conhecimento. As inferências dependem de aspectos linguísticos e extra-linguísticos.

Situacionalidade

Compreende as condições que contribuirão para o entendimento do texto como a quem é dirigido, que nível de linguagem será usado, que grau de conhecimento o receptor tem para poder interagir etc.

Intencionalidade e aceitabilidade

O que se pretende escrever, o que se quer comunicar, adaptá-lo ao entendimento do ouvinte ou leitor, se a terminologia adotada pertence ao seu vocabulário, à sua profissão, à sua visão de mundo são condições de aceitabilidade e intencionabilidade. Essa preocupação do produtor do texto com o poder de decodificação do receptor define muito bem os dois critérios.

Informatividade

Diz respeito às informações implícitas que estão nas entrelinhas do texto, de forma que o próprio autor as desconhece e, às vezes, escreve sem percebê-las. A informatividade está relacionada aos conhecimentos prévios do produtor e do receptor do texto. Nesse sentido, ela é construída a partir da disposição entre os agentes comunicativos em compartilhar informações por meio da produção e recepção de um texto.

TIPOLOGIAS TEXTUAIS E FOCALIZAÇÃO

Para se avaliar um texto, devem-se levar em consideração os elementos de sua produção.

Características essenciais à análise de um texto:

- **finalidades discursivas:** manifestar forma de pensar a respeito de determinada matéria lida, divulgar determinados serviços buscando seduzir possíveis clientes, convencer a respeito de determinadas interpretações de dados, obter notícias sobre determinado assunto, informar sobre determinado assunto, estabelecer normas de comportamento, influenciar em outros posicionamentos...

- **interlocutores diversos:** leitores de um determinado veículo da mídia impressa (jornal, revista), transeuntes de determinados locais (vias de circulação, rodoviária etc.), colegas de trabalho, leitores de determinada revista acadêmico-científica ou de determinado tipo de livro, um parente próximo ou um amigo, um possível contratante...

- **lugares de circulação determinados:** mídia impressa, academia, família ou círculo de amizades, determinada empresa (esfera profissional), vias públicas de grande circulação de veículos e pessoas...

- **gêneros discursivos específicos:** carta de leitores, anúncio, folheto de propaganda, outdoor, artigo acadêmico-científico, carta pessoal, editorial, crônica, conto, ensaio, tirinha, xilogravura...

> Os elementos de produção determinam o tipo de leitura que se deve fazer acerca do texto.

TIPOLOGIAS TEXTUAIS

Há cinco tipologias textuais relacionadas diretamente à forma de apresentação de um texto, bem como à sua intencionalidade e às suas estruturas linguísticas.

Tipologia Descritiva

Esse tipo de enunciado textual tem uma estrutura simples, com verbo estático no presente ou no pretérito. Em geral, apresenta um complemento e uma indicação circunstancial de lugar ou de tempo.

Os textos descritivos mais comuns são gráficos, tabelas, reportagens, dados estatísticos ou descrições literárias de personagens e/ou cenários.

Tipologia Narrativa

Esse tipo de enunciado textual tem verbo de mudança no passado, circunstancial de tempo e lugar. Por sua referência temporal e local, esse enunciado é designado como enunciado indicativo de ação. Há sempre sequenciadores indicando a mudança de tempo. Uma narrativa pode ser linear ou apresentar sobreposição temporal.

Os textos narrativos mais frequentes são crônicas, notícias, tirinhas, contos, novelas, romances, fábulas, e afins.

Tipologia Expositiva

A exposição sintética ocorre pelo processo da composição. Aparece um sujeito, um predicado (no presente) e um complemento com um grupo nominal. Trata-se de um enunciado de identificação de fenômenos (base conceitual).

A exposição analítica ocorre pelo processo de decomposição. Também é uma estrutura com um sujeito, um verbo da família do verbo ter (ou verbos como: "contém", "consiste", "compreende") e um complemento que estabelece com o sujeito uma relação parte-todo. O texto expositivo, em geral, tem base conceitual. Os textos expositivos mais recorrentes são esclarecimentos, pareceres, exposição de conceitos, notas, entre outros.

Tipologia Argumentativa / Dissertativa

Têm-se, em geral, nesse tipo de texto, formas verbais com o verbo ser no presente e um complemento (que no caso é um adjetivo). Trata-se de um enunciado de atribuição de qualidade, estado, juízo de valor do locutor em relação ao tema abordado. O texto de caráter dissertativo tem base opinativa.

Os textos dissertativos mais comuns são editoriais, artigos de opinião, ensaios, crônicas argumentativas, entre outros.

Tipologia Injuntiva

Vem representada, em geral, por um verbo no imperativo. Esses são os enunciados incitadores à ação. Esse tipo de texto pode sofrer certas modificações significativas na forma e assumir, por exemplo, a configuração mais longa onde o imperativo é substituído por um "deve" ou outras construções de aconselhamento ou orientação.

Os textos injuntivos mais frequentes são leis, bulas de remédio, cartilhas, textos de autoajuda, entre outros.

RESUMINDO...

Um elemento central na organização de textos narrativos é a sequência temporal. Já no caso de textos descritivos predominam as sequências de localização. Os textos expositivos apresentam o predomínio de sequências analíticas ou então explicitamente explicativas. Os textos argumentativos se dão pelo predomínio de sequências contrastivas explícitas. Por fim, os textos injuntivos apresentam o predomínio de sequências imperativas.

FOCALIZAÇÃO DISCURSIVA

A focalização discursiva diz respeito à pessoa gramatical em que um texto é escrito e aos efeitos de sentido que a escolha do locutor/autor produz sobre a base argumentativa do texto.

- **1ª do singular:** texto subjetivo, visão centrada no autor, baixa credibilidade argumentativa.

- **1ª do plural:** traços de subjetividade, o texto tende à objetividade. Autor e leitor são projetados no texto, há compartilhamento da argumentação com o leitor, alta credibilidade argumentativa.

- **3ª do singular ou plural:** texto objetivo, impessoal, não há marcas do autor, nem do leitor, alta credibilidade social. O autor apresenta o argumento de forma asseverada (afirmativa).

• OBSERVAÇÃO

A **1ª do plural** e a **3ª pessoa** podem ser equivalentes em termos argumentativos, se o texto apresentar uma base argumentativa genérica.

EXERCÍCIOS

1 Assinale a alternativa que possa ser comprovada pelo texto abaixo.

"Ao detentor, exclusivamente, de cargo em comissão declarado de livre nomeação e exoneração ou de função pública não-estável fica assegurada a conversão em espécie das férias-prêmio não-gozadas, a título de indenização, por motivo de exoneração, desde que não seja reconduzido ao serviço público estadual no prazo de noventa dias contados da data da exoneração".

a) Garante-se aos detentores de funções e cargos públicos a conversão em espécie do período de férias-prêmio a que têm direito.
b) Somente as férias-prêmio não-gozadas a título de indenização podem ser objeto de conversão em espécie.
c) A conversão de férias-prêmio em espécie é efetuada como forma de indenização aos servidores, sempre que estes forem exonerados.
d) Nem todo servidor público exonerado tem direito à conversão em espécie de férias-prêmio.

2 Assinale a alternativa que possa ser comprovada pelo texto abaixo, transcrito da constituição do Estado de Minas Gerais.

"Art.99 – um quinto dos lugares dos tribunais de segundo grau será composto de membros do Ministério Público com mais dez anos de carreira e de advogados de notório saber jurídico e de reputação ilibada, com mais de dez anos de efetiva atividade profissional, indicados pelos órgãos de representação das respectivas classes em lista sêxtupla. Parágrafo único – Recebidas as indicações, o Tribunal formará lista tríplice e a enviará ao Governador do Estado, que, nos vinte dias subsequentes, escolherá um de seus integrantes para nomeação".

a) No Tribunal de Justiça, 20% dos desembargadores são, originalmente, membros do Ministério Público ou advogados.
b) A principal exigência para se concorrer a uma vaga em tribunais é ter, no mínimo, dez anos de experiência profissional.
c) Os órgãos de representação dos advogados e do Ministério Público escolhem qual de seus membros deverá ocupar vaga nos tribunais.
d) A escolha do membro do Ministério Público ou advogado que ocupará vaga nos tribunais de segundo grau cabe, exclusivamente, ao Governador do Estado.

3 Assinale a alternativa que possa ser comprovada pelo texto abaixo.

"Cada período de cinco anos de efetivo exercício dá ao servidor direito adicional de dez por cento sobre seu vencimento e gratificação inerente ao exercício de cargo ou função, o qual a estes se incorpora para o efeito de aposentadoria, ao passo que, no magistério estadual, o adicional de quinquênio será, no mínimo, de dez por cento".

a) De cinco em cinco anos, os servidores têm direito a adicional de 10% sobre sua remuneração.
b) Os servidores lotados em instituições de ensino têm adicional quinquenal de, pelo menos, dez por cento.
c) Os adicionais quinquenais conquistados pelo servidor ao longo de sua carreira continuam integrando sua remuneração após aposentadoria.
d) Apenas para efeito de aposentadoria, incorporam-se aos vencimentos do servidor os adicionais por tempo de serviço a que fez jus.

Atenção: As questões de **04** a **10** devem ser respondidas com base no texto abaixo. Leia atentamente todo o texto antes de responder a elas.

O contrato de casamento

Na semana passada, comemorei trinta anos de casamento.

Recebemos dezenas de congratulações de nossos amigos, algumas com o seguinte adendo assustador: "Coisa rara hoje em dia". De fato, 40% de meus amigos de infância já se separaram, e o filme ainda nem terminou.

Pelo jeito, estamos nos esquecendo da essência do contrato de casamento, que é a promessa de amar o outro para sempre. Muitos casais no altar acreditam que estão prometendo amar um ao outro enquanto o casamento durar. Mas isso não é um contrato. Recentemente, vi um filme em que o mocinho terminava o namoro dizendo "vou sempre amar você", como se fosse um prêmio de consolação. Banalizamos a frase mais importante do casamento. Hoje, promete-se amar o cônjuge até o dia em que alguém mais interessante apareça. "Eu amarei você para sempre" deixou de ser uma promessa social e passou a ser simplesmente uma frase dita para enganar o outro. Contratos, inclusive os de casamento, são realizados justamente porque o futuro é incerto e imprevisível. Antigamente, os casamentos eram feitos aos 20 anos de idade, depois de uns três anos de namoro.

A chance de você encontrar sua alma gêmea nesse curto período de pesquisa era de somente 10%, enquanto 90% das mulheres e homens de sua vida você iria conhecer provavelmente já depois de casado. Estatisticamente, o homem ou a mulher "ideal" para você aparecerá somente, de fato, depois do casamento, não antes. Isso significa que provavelmente seu "verdadeiro amor" estará no grupo que você ainda não conhece, e não no grupinho de cerca de noventa amigos da adolescência, do qual saiu seu par. E aí, o que fazer? Pedir divórcio, separar-se também dos filhos, só porque deu azar? O contrato de casamento foi feito para resolver justamente esse problema. Nunca temos na vida todas as informações necessárias para tomar as decisões corretas. As promessas e os contratos preenchem essa lacuna, preenchem essa incerteza, sem a qual ficaríamos todos paralisados à espera de mais informação.

Quando você promete amar alguém para sempre, está prometendo o seguinte: "Eu sei que nós dois somos jovens e que vamos viver até os 80 anos de idade. Sei que inexoravelmente encontrarei centenas de mulheres mais bonitas e mais inteligentes que você ao longo de minha vida e que você encontrará dezenas de homens mais bonitos e mais inteligentes que eu. É justamente por isso que prometo amar você para sempre e abrir mão desde já dessas dezenas de oportunidades conjugais que surgirão em meu futuro. Não quero ficar morrendo de ciúme cada vez que você conversar com um homem sensual nem ficar preocupado com o futuro de nosso relacionamento. Nem você vai querer ficar preocupada cada vez que eu conversar com uma mulher provocante. Prometo amar você para sempre, para que possamos nos casar e viver em harmonia." Homens e mulheres que conheceram alguém "melhor" e acham agora que cometeram enorme erro quando se casaram com o atual cônjuge esqueceram a premissa básica e o espírito do contrato de casamento. O objetivo do casamento não é escolher o melhor par possível mundo afora, mas construir o melhor relacionamento possível com quem você prometeu amar para sempre. Um dia, vocês terão filhos e, ao colocá-los na cama, dirão a mesma frase: "que irão amá-los para sempre".

Não conheço pais que pensam em trocar os filhos pelos filhos mais comportados do vizinho. Não conheço filho que aceite, de início, a separação dos pais e, quando estes se separam, não sonhe com a reconciliação da família. Nem conheço filho que queira trocar os pais por outros "melhores". Eles aprendem a conviver com os pais que têm.

Casamento é o compromisso de aprender a resolver as brigas e as rusgas do dia a dia de forma construtiva, o que muitos casais não aprendem, e alguns nem tentam aprender. Obviamente, se sua esposa se transformou numa megera ou seu marido num monstro, ou se fizeram propaganda enganosa, a situação muda. Para aqueles que querem ter vantagem em tudo na vida, talvez a saída seja postergar o casamento até os 80 anos. Aí, você terá certeza de tudo.

(KANITZ, Stephen. Ponto de Vista. VEJA,Rio de Janeiro, 29 set. 2004 p.22 - Texto adaptado)

4 Com base na leitura do texto, é **CORRETO** afirmar que a noção de contrato nele defendida é a de

a) documento formal e oficial resultante de um acordo entre duas ou mais pessoas que se associam.
b) acordo entre pessoas que transferem uma à outra algum direito e que se sujeitam a algumas obrigações.
c) pacto em que as partes revelam inabilidade e incapacidade de assumir obrigações recíprocas.
d) compromisso assumido por duas pessoas, que depende do futuro para se firmar e aperfeiçoar.

5 Com base na leitura feita, é **CORRETO** afirmar que o objetivo principal do texto é

a) informar as vantagens de um casamento sólido, de muitos anos.
b) demonstrar as razões por que as pessoas devem se casar.
c) provocar reflexão sobre o compromisso firmado no casamento.
d) denunciar alguns perigos gerados por casamentos precoces.

6 Assinale a alternativa em que a palavra destacada **NÃO** pode ser substituída pela palavra entre colchetes, porque essa substituição altera o sentido original do texto.

a) Recebemos dezenas de congratulações de nossos amigos, algumas com o seguinte <u>adendo</u> assustador... [ACRÉSCIMO]
b) Homens e mulheres que conheceram alguém melhor. [...] esqueceram a <u>premissa</u> básica e o espírito do contrato de casamento. (linhas 62-66) [DEDUÇÃO]
c) Sei que <u>inexoravelmente</u> encontrarei centenas de mulheres mais bonitas e mais inteligentes que você ao longo de minha vida... [FATALMENTE]
d) Para aqueles que querem ter vantagem em tudo na vida, talvez a saída seja <u>postergar</u> o casamento até os 80 anos. (linhas 85-87) [ADIAR]

7 Assinale a alternativa em que o trecho transcrito **NÃO** apresenta uma opinião.

a) Nunca temos na vida todas as informações necessárias para tomar as decisões corretas.
b) Antigamente, os casamentos eram feitos aos 20 anos de idade, depois de uns três anos de namoro.
c) Obviamente, se sua esposa se transformou numa megera ou seu marido num monstro, [...] a situação muda.
d) Casamento é o compromisso de aprender a resolver as brigas e as rusgas do dia a dia de forma construtiva...

8 Considerando-se as informações do texto, é **CORRETO** afirmar que a relação entre casamento e contrato é apresentada com o objetivo de

a) dizer que o amor não é mais tão importante nos casamentos da atualidade.
b) apontar a falta de sinceridade dos noivos ao jurar amor ao marido ou à esposa.
c) mostrar que o casamento contemporâneo é celebrado com prazo determinado.
d) demonstrar que o casamento requer compromisso previamente definido.

9 É CORRETO afirmar que, entre os recursos empregados no desenvolvimento do texto, **NÃO** se inclui

a) o emprego de marcas de interação com o leitor.
b) a exposição de resultados dos contratos de casamento.
c) o uso de argumentos baseados em dados numéricos.
d) a inserção de perguntas sem respostas precisas.

10 É CORRETO afirmar que, entre as funções do emprego de aspas no texto, **NÃO** se inclui a de

a) explicar um ponto de vista mais detalhadamente.
b) chamar a atenção do leitor para o termo destacado.
c) indicar pausa de reflexão da fala de outra pessoa.
d) demarcar a interrupção da argumentação do autor.

Gabarito
| 1-d | 2-d | 3 -d | 4-b | 5-c | 6-b | 7-b | 8-d | 9-b | 10-c |

FOCALIZAÇÃO DISCURSIVA		
PRIMEIRA PESSOA DO SINGULAR	**PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL**	**TERCEIRA PESSOA (SING./PLURAL)**
• Texto muito subjetivo. • Intensa carga emocional. • Baixa credibilidade social: o simples fato de o texto estar escrito em 1º pessoa o torna de baixa credibilidade social. • O autor se projeta explicitamente no texto por meio de pronomes e verbos. • Argumentação pessoal, intimista, particular.	• O texto possui traços de subjetividade, ou seja, ainda não é totalmente objetivo. Está entre a objetividade e a subjetividade. • Tende à objetividade. • Argumentação compartilhada/adesão do leitor/interação com o leitor/insere o leitor no texto, compartilhando a argumentação. Assim, o autor responsabiliza o leitor pelo conteúdo. É uma argumentação social, ou seja, divide a argumentação entre autor e leitor. Convida o leitor a participar ativamente do texto. • Alta credibilidade argumentativa: apresenta uma perspectiva socializadora, ao incluir o leitor na argumentação.	• Objetividade: não há traços de subjetividade. • Impessoalidade. • O autor não se manifesta explicitamente no texto. • Alta credibilidade argumentativa. • Maior nível de formalidade linguística. OBSERVAÇÃO: Entre a 3ª e a 1ª do plural, há equivalência argumentativa. Ocorre apenas oscilação no nível de formalidade.

OBSERVAÇÕES SOBRE FOCALIZAÇÃO DISCURSIVA
2ª pessoa- interação com o leitor: o uso da 2ª pessoa, de formas imperativas, de vocativos ou de pronomes de tratamento aproxima o texto do leitor. Diminui a formalidade do texto, tornando-o mais acessível aos leitores.
Uso de adjetivos: adjetivos conferem subjetividade ao texto e marcam intensa carga emocional. A opinião sempre marca um traço de subjetividade.
Uso de perguntas no texto: perguntas diminuem o nível de formalidade no texto. Marcam interação com o leitor. Ademais, o uso de perguntas no texto confere efeito retórico, ou seja, as perguntas não precisam ser respondidas explicitamente, são mencionadas apenas como reforço (retórica), pois implicitamente já estão respondidas no contexto.
Repetição vocabular ou de ideias: as repetições intencionais conferem ênfase à produção de texto.
Escolha vocabular (seleção lexical): léxico é palavra, vocabulário. O vocabulário escolhido pelo autor pode alterar o sentido básico do texto.
Equivalência: há formas argumentativas que são equivalentes. 3ª pessoa e 1ª pessoa do plural mantêm o mesmo nível de credibilidade argumentativa. Ocorre apenas uma oscilação no nível de formalidade, pois a 3ª pessoa é mais formal que a 1ª do plural. 1ª pessoa do plural e 3ª pessoa são formas equivalentes de argumentação, pois ambas têm alta credibilidade social. O valor de credibilidade argumentativa é o mesmo, mas o nível de formalidade varia.

FIGURAS DE LINGUAGEM
FIGURAS DE CONSTRUÇÃO: DIFERENCIAM A BASE SINTÁTICA DO TEXTO
Elipse: omissão de termo facilmente identificável pelo contexto. - Somos felizes. (omissão do termo "Nós")
Zeugma: é um tipo de elipse. É a omissão de termo explícito anteriormente, em geral verbo. Pedro me ama; José, também. (me ama)
Pleonasmo: repetição de uma ideia. Obs.: Toda repetição tem valor enfático. O pleonasmo não deve ser usado na norma culta. - Entra para dentro agora, menino!
Inversão ou hipérbato (ou sintaxe complexa): é a alteração da ordem canônica (ou ordem direta) da frase: sujeito + verbo + complemento verbal. - Novidade havia. O verbo haver com o sentido de existir forma uma oração sem sujeito. Portanto, o verbo na frase é VTD e o termo "novidade" é o OD.)
Silepse: consiste na concordância com o que está implícito. - A criançada chegou bem cedo. Às dez horas, já estavam na cama. (silepse de número) Todos somos felizes. (silepse de pessoa).
Anacoluto: consiste em deixar um termo solto na estrutura da frase. Normalmente, isso ocorre porque se inicia uma determinada construção sintática e depois se opta por outra. O termo solto na frase não tem função sintática. Geralmente, marca a mudança da estrutura da frase. - A vida, não sei como aproveitá-la.
Anáfora: consiste na repetição de uma mesma palavra no início de versos, frases ou parágrafos. - É pau, é pedra, é o fim do caminho. Toda repetição tem valor enfático. Obs.: não confunda com anafórico, que é um termo de retomada.
FIGURAS DE PENSAMENTO: SÃO RECURSOS ESTILÍSTICOS DE IDEIA
Antítese: consiste na aproximação de termos/palavras contrárias. São palavras que se opõem pelo sentido. Termos antônimos. - "Os jardins têm vida e morte".
Ironia: usar uma palavra com sentido oposto ao real. *Sacarmos: confere efeito de humor negro ao texto, pode ser confundido com ironia. - Ela tem um pezinho de lancha.
Hipérbole: exagero. - O mundo inteiro está unido pela paz.
Eufemismo: consiste em suavizar uma expressão que se evita na língua. Confere polidez ao texto. - O governo faltou com a verdade. (o governo mentiu).
Prosopopeia (ou personificação): consiste em atribuir características humanas a seres inanimados (inclui os animais). – Baleia, a cachorrinha, sonhava com uma vida melhor para sua família.
Gradação (ou clímax): é a apresentação de ideias em progressão ascendente (clímax) ou decrescente (anticlímax). É uma hierarquia de termos. É uma enumeração hierarquizada de termos. -Um mês, um ano, uma vida não bastaria.
Apóstrofe: consiste na interpelação enfática a alguém (ou alguma coisa personificada). Funciona como um vocativo. - Deus, olhai por nós.
Paradoxo: consiste em uma oposição no plano das ideias. É a apresentação de uma ideia contraditória. - Ela era uma boa pessoa, mas tinha atitudes ruins. (Há antítese e paradoxo.). Ela era uma boa pessoa, mas não fazia o bem. (Há apenas paradoxo. Não há antítese.)
Alegoria: é um conjunto de metáforas, utilização de uma linguagem metafórica, associada a outras figuras de linguagem. - A vida nos oferece portas e janelas, mas nunca sabemos o que abrir, onde entrar ou como sair. (metáfora: a vida é como portas e janelas. / nunca: hipérbole. / entrar e sair: antítese)

FIGURAS DE LINGUAGEM
FIGURAS DE SOM: CONFEREM AO TEXTO MUSICALIDADE
Aliteração: é a repetição de sons consonantais. – Vai, vento, vai, voar vadio.
Assonância: é a repetição de sons vocálicos. - Amanhã há de ser alegre.
Paronomásia: é aproximação e a repetição de palavras com sons parecidos, mas de significados distintos. É a ocorrência simultânea de aliteração e assonância. – Há tanto tempo tento tanto.
Cacofonia: som desagradável. Não é propriamente uma figura de linguagem, trata-se de um vício de linguagem (defeito de construção). - Vou-me já.
Onomatopeia: é a reprodução de sons de animais, ruídos ou coisas. Trata-se, pois, da reprodução de sons de seres inanimados. - tic-tac, kkkkkkk...
FIGURAS DE PALAVRAS: TRABALHAM A COMBINAÇÃO DE PALAVRAS
Polissíndeto: é a repetição do mesmo conector. - Ou você estuda, ou você arruma um marido rico, ou não há solução.
Assíndeto: trata-se da ausência de conectores. - Choveu, fez sol, nada mudou.
Catacrese: é uma personificação cristalizada pelo uso. – O pé da mesa está quebrado.
Metáfora: comparação implícita. É uma relação subjetiva entre termos. De uma maneira geral, não tem conectores. - A vida é um mar de ilusões.
Comparação (ou símile): é a relação entre termos utilizando conectores. Nem toda comparação apresenta efeito figurado. - Ela é bonita como a irmã.
Perífrase: substituição de um termo por outro equivalente (igual). - Rainha dos Baixinhos (Xuxa); Estádio Governador Magalhães Pinto (Mineirão). A professora de português chegou. (a Flávia chegou). *Antonomásia é o nome dado à perífrase relativa a nome de pessoa. Toda antonomásia é um tipo de perífrase. Pelé (rei do futebol).
Metonímia: substituição de um termo por outro relacionado. Representa um encurtamento da frase. - A sala aplaudiu o professor. / Lia Machado de Assis na infância.
Sinestesia: mistura de sentidos (exploração de sentidos). - Perfume doce.
Obs.: Pode haver mais de uma figura de linguagem em uma mesma frase. Obs.: Analogia não é propriamente uma figura de linguagem. Analogia é uma forma de estruturação de texto, ou seja, uma estratégia de argumentação. Analogia é uma comparação inusitada, ou seja, esdrúxula.

INTERTEXTUALIDADE

INTERTEXTUALIDADE É O DIÁLOGO ENTRE TEXTOS. É FAZER REFERÊNCIA A UM TEXTO DENTRO DE OUTRO.

Todo processo intertextual é uma referenciação entre texto primário e texto secundário: A interpretação adequada do texto secundário depende de conhecimento das referências do texto primário. O leitor pode atribuir sentido ao texto secundário, sem garantia de adequação. A interpretação de um texto intertextual depende de conhecimento prévio do leitor.

TIPOS DE INTERTEXTUALIDADE

Há seis tipos de intertextualidade: as três primeiras modalidades representam a intertextualidade em um trecho de texto. As demais, em geral, se aplicam ao texto como um todo.

Citação: transcrição fiel de trecho de outro texto. Geralmente, aumenta a credibilidade do texto. É considerada um argumento de autoridade.

Alusão ou citação indireta: o produtor secundário reproduz as ideias do produtor primário ou faz referência ao texto, ao seu autor, a personagens...

Epígrafe: é uma citação inicial, fora do corpo do texto, que se relaciona com o seu conteúdo.

Paráfrase: consiste em reescrever o texto, mantendo-se o seu sentido. Pode-se acrescer ou retirar ideias, só não pode alterar o sentido básico.

Paródia: reescrever o texto, alterando o seu sentido básico. Pode ter conotação humorística, dependendo da finalidade do texto.

Pastiche: consiste em reproduzir o estilo do autor de um determinado texto. Não se copia o texto, mas sim o estilo do escritor. Pode ter uma conotação agressiva ou somente plástica.

TIPOS DE DISCURSO

TIPOS DE DISCURSO	CARACTERÍSTICAS
DISCURSO DIRETO	Não apresenta narrador. As falas dos personagens são literais, ou seja, sem adaptações. Possui marcas gráficas como itálico, aspas, dois-pontos e travessão. Confere à cena narrada maior vivacidade.
DISCURSO INDIRETO	É intermediado pelo narrador. Vem introduzido por conjunção integrante (que, se). Apresenta verbo dicente (dizer, responder, falar, murmurar...). Todas as frases são declarativas e se apresentam em 3ª. pessoa.
DISCURSO DIRETO E INDIRETO	Trata-se da oscilação do discurso direto e do indireto ao longo do texto.
DISCURSO INDIRETO LIVRE	Trata-se da fusão entre narrador e personagem na abordagem narrativa. Do ponto de vista gramatical, o narrador assume o discurso. Semanticamente, o discurso é atribuído ao personagem. Existe sempre um certo nível de ambiguidade na utilização do discurso indireto livre. Não apresenta marcas gráficas, nem partículas introdutórias.

TIPOS DE LINGUAGEM

TIPOS DE LINGUAGEM	CARACTERÍSTICAS
VERBAL	Utiliza a língua como código. É representada por meio de palavras, expressões ou letras. Pode ser oral (fala espontânea), oralizada (fala não-espontânea) ou escrita (texto monitorado).
NÃO-VERBAL	Utiliza códigos alternativos: cores, imagens, símbolos etc.
MISTA	Trata-se da associação da linguagem verbal à linguagem não-verbal.

COESÃO TEXTUAL

Trata-se do encadeamento lógico-discursivo das ideias apresentadas em um texto.

Lexical: diz respeito ao uso de vocabulário (sinônimos, antônimos, hipônimos e hiperônimos). Quando um termo de outra classe é transformado em substantivo, a coesão lexical pode ser chamada de coesão nominal.

*Amava a vida. O **amor** era o motivo de tudo.* ⇒ o verbo amar foi transformado em nome.

*O **medo** de amar paralisa o homem. Esse **temor** nem sempre é positivo.* ⇒ coesão por sinônimo.

*Amava ouvir **bem-te-vi** pela manhã. O **passarinho** lhe trazia sorte.* ⇒ coesão por hiperônimo.

*Tinha um **pássaro** da sorte. O **bem-te-vi** lhe fazia bem.* ⇒ coesão por hipônimo.

Sequencial: diz respeito ao uso de conectores (conjunções).

*As pessoas são boas, **mas** o mundo é ruim.* ⇒ coesão sequencial, vez que utiliza de conector.

Referencial: diz respeito ao uso de pronomes ou advérbios para o encadeamento das ideias. Há dois tipos de referentes: anafóricos ou catafóricos.

- ***Anafórico** - relacionado com o que foi dito antes.*
- ***Catafórico** - relacionado ao que foi falado depois do pronome ou fora do texto.*

***Portugal** é um bom lugar para se viver, mas **lá** as pessoas não são felizes como **aqui**.* ⇒ "lá"= advérbio (anafórico). "aqui" = advérbio (catafórico). Ambos evidenciam o uso de coesão referencial.

VÍCIOS DE LINGUAGEM

Barbarismo: consiste em grafar ou pronunciar uma palavra em desacordo com a norma culta.

Solecismo: consiste em desviar-se da norma culta na construção sintática.

Pleonasmo: consiste na repetição desnecessária de uma ideia.

Ambiguidade ou anfibologia: trata-se de construir a frase de um modo tal que ela apresente mais de um sentido.

Cacófato: consiste no mau som produzido pela junção de palavras.

Neologismo: é a criação de palavras novas com função semântica específica.

Arcaísmo: consiste na utilização de palavras que já caíram em desuso.

Eco: trata-se da repetição de palavras terminadas pelo mesmo som.

POLIFONIA

Trata-se da utilização de várias vozes dentro do texto. O autor utiliza a polifonia, em geral, para marcar sua isenção em relação ao discurso ou para ampliar a credibilidade do texto.

*A notícia **divulgada pela mídia** comoveu a população.*

***Segundo o Ministério da Educação**, o problema foi resolvido.*

*A mulher, que **teria matado** o marido, fugiu.*

FUNÇÕES DE LINGUAGEM

FUNÇÃO REFERENCIAL
- Centrada na informação.
- Em geral, o texto é escrito de modo impessoal.
- Apresenta natureza informativa.
- É típica de textos jornalísticos formais.

FUNÇÃO EMOTIVA
- Centrada no emissor.
- Há carga semântica com base subjetiva na exposição das ideias.
- Normalmente, o texto está escrito em primeira pessoa.

FUNÇÃO CONATIVA
- Trata-se de um texto com função persuasiva.
- Objetiva convencer o leitor.
- Faz uso constante de imperativos e outras estratégias argumentativas.

FUNÇÃO FÁTICA
- Visa a iniciar ou manter a comunicação.
- A função fática está embasada em ruídos para a manutenção do discurso.
- Não há propriamente uma mensagem no texto, mas apenas a abertura ou continuidade do canal.

FUNÇÃO POÉTICA
- Trata-se de uma combinação estética de palavras.
- Ocorrem arranjos lexicais, sonoros ou semânticos que contribuem para a construção do texto.

FUNÇÃO METALINGUÍSTICA
- Os elementos da comunicação tentam explicar a si mesmos.
- Trata-se de um texto falando de seus elementos constitutivos.
- Termos de natureza explicativa ou de síntese também apresentam função metalinguística.

EXERCÍCIOS
Treinando por Provas Completas

PROVA I
ESAF-MINISTÉRIO DA FAZENDA-2009

01 Assinale a opção que contém compreensão **ERRADA** do trecho abaixo.

Os anos 1980 costumam ser lembrados no Brasil como "década perdida". Estultícia. Economicamente, o período é antes de ajustes que de perda. Quadro internacional adverso, desatualização e gigantismo do Estado, avanço do processo de globalização. Claro: as condições internacionais não permitiam a continuidade da disparada desenvolvimentista dos anos 1970. Mesmo assim, a economia brasileira cresceu 33,5% no período 1980-1989 Nada de espetacular, comparativamente à década anterior. Mas evoluir um terço na magnitude da economia não é perder. É apenas avançar menos rapidamente. Além disso, chamar de década perdida o período em que o país reconquistou e consolidou a democracia é sobrepor o econômico a tudo. Até mesmo à liberdade.

(Ronaldo Costa Couto, "De 1964 ao Governo Sarney". Em: Oliveira Bastos (org.).Sarney: o outro lado da História. Rio: Nova Fronteira, 2001, p.111, adaptado)

a) Segundo o autor, é um disparate considerar a década de 80 como "perdida".
b) O autor considera inapropriado e inadequado, diante do contexto político e social da época, avaliar os anos 80 como tendo sido negativos para o País.
c) O crescimento da economia, na década de 80, foi menor do que no período 1970-1979.
d) Fatores internos e externos contribuíram para que a economia da década de 80 avançasse a passos mais lentos.
e) A despeito das condições internacionais adversas, a economia dos anos 80 cresceu de modo espetacular.

02 Recentemente, a imprensa divulgou uma proposta de financiar as universidades por meio da Lei de Incentivos Fiscais. Seriam permitidas deduções do Imposto de Renda de entidades que investirem em bolsas de estudo, reformas, pesquisas e outras ações. A proposta seguiria o mesmo princípio da Lei Rouanet, que já garante isenção de tributos para empresários que destinam seus impostos a atividades culturais e esportivas. Fica difícil decifrar o que está por trás desse projeto. Aos desavisados, a proposta soará como ideia brilhante que salvaria a pesquisa e o ensino superior do Brasil. Aos conhecedores das motivações escusas da política cultural vigente, fica a dúvida: a trama pode estar envolta em ingenuidade e boa-fé, mas pode também ser fruto de estratégias voltadas à privatização total e definitiva do ensino superior, cada vez mais tratado como mercadoria.

(Jorge Antunes, "O financiamento das universidades e a tramóia dos privatistas". Correio Braziliense, 16/3/2009, p 13, adaptado)

Sobre a proposta de financiar as universidades por meio da Lei de Incentivos Fiscais, depreende-se do texto acima que

a) há o temor de que as deduções dos tributos sejam desviadas para outras finalidades que não o financiamento das universidades.
b) os que não foram avisados da proposta buscam uma forma de salvar as universidades públicas do Brasil.
c) os que tomaram conhecimento da proposta duvidam das motivações escusas da política cultural vigente.
d) não está claro qual é o verdadeiro propósito de tal proposta e não vai ser fácil descobrir que interesses estão por trás dessa ideia.
e) a renúncia fiscal vai fortalecer as pesquisas voltadas à privatização do ensino superior.

03 O exame da linguagem corrente hoje no Brasil constata uma curiosa oposição entre os termos sociedade e social. Isso ocorre, em particular, no seu uso por parte de empresários, políticos e jornalistas – para começarmos por uma caracterização profissional. Mas também sucede, para passarmos a uma determinação política, que, porém, se sobrepõe à primeira, por parte dos setores mais à direita. Estes últimos anos, no discurso dos governantes ou no dos economistas, "a sociedade" veio a designar o conjunto dos que detêm o poder econômico, ao passo que "social" remete, na fala dos mesmos governantes ou dos publicistas, a uma política que procura minorar a miséria.

(Renato Janine, em: http://www.renatojanine.pro.br/Livros/asociedade.html)

A compreensão **CORRETA** da oposição apresentada no texto acima cria correlação com o par opositivo.

a) uma política dos setores direitistas e uma política de oposição ao governo
b) categorias profissionais e categorias empresariais
c) o discurso dos governantes e o discurso dos publicistas
d) a elite econômica e as classes pobres
e) as classes dominantes e o conjunto dos detentores do poder econômico

04 Assinale a opção que apresenta continuação **COESA** e **COERENTE** para o texto a seguir.

A Embraer é um dos orgulhos da indústria brasileira. Resultado da conjugação de esforços de desenvolvimento tecnológico de centros de pesquisas que receberam apoio decisivo da Aeronáutica, a empresa ganhou forte impulso quando passou a ser gerida como companhia privada. É visível a contribuição desse crescimento da Embraer para a transformação da região que vai de Taubaté a São José dos Campos, no trecho paulista do Vale do Paraíba. A Embraer disputa nada menos com um grande grupo canadense (Bombardier) a posição de terceira maior fabricante de aviões comerciais. Seus jatos de 50 a 90 lugares estão em todas as partes do mundo, e a carteira de aviões executivos segue nessa mesma direção.

(O Globo, Editorial, 3/3/2009)

a) Se algo pode ser feito para minimizar esses problemas da Embraer é viabilizar, com condições adequadas, um aumento de encomendas de aviões pelas companhias aéreas nacionais que hoje acham mais vantajoso compor suas frotas com aeronaves de maior porte importadas.
b) Contanto que, em face das características da aviação comercial brasileira, cujo movimento se concentra entre as maiores capitais do país, a Embraer teve de se voltar essencialmente para a exportação, da qual obtém cerca de 90% de suas receitas.
c) Entretanto, não é possível deixar de tratar a Embraer como uma empresa que precisa investir permanentemente grandes somas de capital para se manter afinada com o avanço tecnológico, o que só é possível se a companhia continuar lucrativa.

d) Como a legislação trabalhista brasileira é anacrônica, presta-se a interpretações confusas, e não por acaso que isso seja apontado como um dos inibidores da criação de empregos formais no Brasil.
e) O impacto social dessa iniciativa para toda essa região mencionada é de fato preocupante, embora, como se trata de mão de obra qualificada, a possibilidade de recontratação ou recolocação em outras indústrias é considerável.

05 Assinale a opção que continua de forma **COESA** e **COERENTE** o trecho a seguir.

A recessão poderá terminar neste ano ainda, se for restaurada alguma estabilidade no sistema financeiro. Nesse caso, 2010 será um ano de recuperação. A previsão, a mais otimista desde o início do ano, foi apresentada no Senado pelo presidente do Banco Central dos Estados Unidos (Federal Reserve, Fed), o economista Ben Bernanke. Quando a maior parte dos analistas se mostra insegura quanto à duração da crise, a indicação de um prazo relativamente curto para o início da retomada é animadora. Mas o otimismo é sujeito a uma condição importante e nada fácil de se cumprir.

(O Estado de S. Paulo, 26/2/2009)

a) Há dúvidas se o governo deverá estatizar algumas instituições temporariamente - ideia rejeitada por Bernanke, que admite, apenas, a participação minoritária do governo no capital dos bancos - e o trabalho de reabilitação está apenas no começo.
b) Foi esse, aparentemente, o objetivo central do presidente em seu primeiro discurso ao Congresso a respeito do Estado da União. Ele voltou a descrever os problemas da economia americana, mas apontou também as possibilidades de reativação e as inovações políticas contidas no pacote.
c) Essa restrição apontada por Bernanke não é uma novidade. Foi apontada por vários economistas e governantes, incluído o primeiro-ministro da Rússia, Vladimir Putin, empenhado em justificar a ajuda aos bancos em seu país.
d) Mas é uma lembrança oportuna, quando o governo americano se dispõe a pôr em prática o pacote de estímulo fiscal de US$ 787 bilhões aprovado neste mês pelo Congresso. Depois de haver trabalhado muito pela aprovação dessa proposta, o presidente Barack Obama ainda tem de se esforçar para transmitir algum entusiasmo aos políticos, empresários e consumidores.
e) A economia só voltará a funcionar razoavelmente quando a arrumação do sistema financeiro der algum resultado. Isso dependerá não só de uma regulamentação mais severa do mercado, mas também, e preliminarmente, da recapitalização dos grandes bancos.

06 Em relação ao texto, assinale a opção **CORRETA**.

A OAB nacional está pedindo ao Supremo Tribunal Federal uma súmula vinculante que discipline o uso do segredo de Justiça, prerrogativa que tem sido utilizada por juízes nem sempre em defesa do interesse público, mas, em alguns casos, na proteção a suspeitos de falcatruas. A legislação brasileira diz que o instrumento só pode ser decretado em dois casos excepcionais previstos: um, quando há risco de exposição pública de questões privadas do investigado ou réu, como relacionamentos amorosos e doenças; e, outro, quando o processo contém documentos sigilosos, como extratos bancários ou escutas telefônicas. Mas, na prática, tem sido diferente: por motivos nem sempre claros, especialmente em processos que envolvem autoridades, alguns juízes privam a sociedade de saber a verdade. Os atos públicos, em especial os que envolvem procedimentos judiciais, têm como regra básica a transparência, a publicidade sem restrições e o acesso dos cidadãos. O contrário – ou seja, o sigilo – é sempre a exceção.

(Zero Hora, 27/2/2009)

a) O emprego do subjuntivo em "discipline" justifica-se por se tratar de uma informação categórica, de uma afirmação indiscutível.
b) A palavra "falcatruas" está sendo empregada com o sentido de ações honestas e confere ao texto um traço de formalidade.
c) A forma verbal "têm" está no plural porque concorda com "Os atos públicos".
d) O sinal de dois-pontos após "previstos" justifica-se por marcar a introdução de um diálogo.
e) A expressão "o instrumento" retoma o antecedente "defesa do interesse público".

07 Assinale a opção que está **INCORRETA** em relação às estruturas linguísticas do texto a seguir.

O presidente Barack Obama pode ver frustradas todas as suas políticas, mas já se sabe que pelo menos ele tentou seriamente pô-las em prática. O orçamento apresentado pela nova administração chamou a atenção por vários fatores pouco comuns no cotidiano do jogo de poder americano. O mais importante deles é algo simples: o presidente está empenhado em cumprir suas promessas de campanha. As consequências desse fato são igualmente relevantes. Obama quer acabar com a era do perdão de impostos para os mais ricos, que produziu nos últimos anos de explosão do crescimento econômico e de hipertrofia do sistema financeiro uma migração da renda da nação para os milionários. O sistema de saúde americano é parte desse problema, e impostos maiores para os ricos levarão dinheiro para a tentativa de se estabelecer uma cobertura mais ampla e mais equitativa. Se não fosse pouco tentar metas tão ambiciosas, Obama acrescentou ao orçamento a intenção de cobrar imposto sobre as empresas que mais poluem, a criação de um esquema para o comércio de carbono e o investimento de bilhões de dólares em energias alternativas.

(Valor Econômico, 3/3/2009)

a) Em "pô-las", o pronome "-las" retoma o antecedente "todas as suas políticas".
b) A expressão "desse problema" se refere à seguinte informação antecedente: "explosão do crescimento econômico".
c) Em "As consequências desse fato", a expressão "desse fato" retoma o antecedente "o presidente está empenhado em cumprir suas promessas de campanha".
d) Em "O mais importante deles", "deles" se refere ao antecedente "fatores".
e) A expressão "metas tão ambiciosas"retoma e comenta informações apresentadas nos períodos anteriores.

08 Assinale a proposição **CORRETA**, quanto aos elementos linguísticos e semânticos do texto.

Feliz aniversário, Darwin!

Charles Darwin completaria hoje 200 anos, não fosse pela seleção natural. Ela, afinal, é a maior responsável pelo barroco processo de desenvolvimento que leva os organismos complexos inexoravelmente à morte– conceito que não se aplica muito a bactérias e arqueobactérias, seres que se reproduzem gerando clones de si próprios, partilham identidades com a transferência horizontal de genes e podem ficar milênios em vida suspensa (no gelo, por exemplo). A contribuição de Darwin para a ciência e para a história, porém, continua viva, e muito viva, exatamente com a ideia de seleção natural. Só por isso ele já merece os parabéns. Feliz aniversário, Darwin.

(Marcelo Leite, em: http://cienciaemdia.folha.blog.uol.com.br/arch2009-02-08)

a) A forma verbal "completaria" se refere a uma ação que vai ocorrer no futuro, a menos que acontecimentos no tempo presente o impeçam.
b) É o mesmo o sujeito gramatical dos verbos: reproduzem, gerando e partilham.
c) A palavra "conceito"se refere à expressão: organismos complexos.

d) "Inexoravelmente" é advérbio derivado de inexorável, adjetivo que significa: inadvertido.
e) O conetivo adversativo "porém" se opõe, no contexto, à ideia de que a contribuição de Darwin para a história e para a ciência foi pequena.

Atenção: O texto a seguir é base para as questões **09** e **10**.

Sem uma pesquisa sistemática sobre o assunto, parece, à primeira vista, que os jornais cariocas são mais prolíficos em notícias de crime do que os paulistas. É alarmante a escalada da anomia em seu território. Em menos de uma semana, invadiram-se duas instalações militares para roubar armas, com êxito absoluto. Os tiroteios são cotidianos nas vias de acesso ao centro urbano e mesmo nesse centro, onde quadrilhas organizam "bondes" para tomar de assalto pedestres e motoristas. Nem mesmo membros das famigeradas "milícias" estão inteiramente a salvo: na semana passada, roubou-se a moto de um miliciano encarregado de vigiar uma rua num subúrbio. Ou seja, as quadrilhas vitimizam-se mutuamente, do mesmo modo como costuma acontecer com as batalhas pelo controle de pontos de droga.

(Muniz Sodré, Ruas de presas e de caçadores, 17/3/2009, (com cortes), em:http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=529JDB002)

09 Assinale a proposição **FALSA** a respeito do vocabulário do texto.
a) O termo "bondes", no contexto, está sendo empregado no sentido de "veículo de transporte coletivo urbano e suburbano, que se move sobre trilhos".
b) O termo "anomia", no contexto, significa: ausência de leis, situação em que não se reconhecem regras de conduta.
c) O adjetivo "prolíficos" quer dizer: que produzem ou geram muito.
d) A expressão "tomar de assalto" tem mais força semântica que "assaltar".
e) O adjetivo "famigeradas" se aplica também a pessoas "famosas, célebres, muito conhecidas", como em: famigeradas atrizes das telenovelas brasileiras.

10 Assinale a afirmação **FALSA** a respeito dos elementos linguísticos do texto.
a) A expressão "Nem mesmo" pode ser substituída por "Até mesmo", sem prejuízo do significado do texto.
b) Entende-se um predicado oculto em: Os tiroteios são cotidianos nas vias de acesso ao centro urbano e [são cotidianos] mesmo nesse centro...
c) "Invadiram-se duas instalações militares" pode ser substituída por: "duas instalações militares foram invadidas", sem prejuízo da correção gramatical.
d) O autor evita afirmar com plena certeza que os jornais cariocas são mais prolíficos em notícias de crime do que os paulistas.
e) O advérbio "mutuamente" significa: reciprocamente.

11 Em relação ao texto abaixo, assinale a opção **INCORRETA**.

Os mercados financeiros entraram em março assombrados pelo maior prejuízo trimestral da história corporativa dos **Estados Unidos** – a perda de US$ 61,7 bilhões contabilizada pela seguradora American International Group (AIG) no quarto trimestre de 2008.

No ano, o prejuízo chegou a US$ 99,3 bilhões. O Tesouro americano anunciou a disposição de injetar mais US$ 30 bilhões na seguradora, **já socorrida** em setembro com dinheiro do contribuinte. Na **Europa**, a notícia ruim para as bolsas foi a redução de 70% do lucro anual do Banco HSBC, de US$ 19,1 bilhões para US$ 5,7 bilhões.

Enquanto suas ações caíam 15%, o banco informava o fechamento das operações de financiamento ao consumidor nos Estados Unidos, com dispensa de 6.100 funcionários. Com demissões de milhares e perdas de bilhões dominando o noticiário de negócios no dia a dia, os sinais de reativação da economia mundial continuam fora do radar. E isso não é o pior. No fim do ano passado, havia a esperança de se iniciar 2009 com a crise financeira contida. Se isso tivesse acontecido, os governos poderiam **concentrar-se** no combate à retração econômica e **ao desemprego**. Aquela esperança foi logo desfeita.

(O Estado de S. Paulo, 3/3/2009)

a) O travessão após "Estados Unidos" pode ser substituído por sinal de dois-pontos sem prejuízo para a correção gramatical do período.
b) Em "concentrar-se", o "-se" indica sujeito indeterminado.
c) O emprego de vírgula após "Europa" justifica-se porque isola adjunto adverbial de lugar no início do período.
d) Preservam-se a correção gramatical do período e a informação original se a expressão "já socorrida" for substituída por **que já tinha sido socorrida.**
e) A presença de preposição em "ao desemprego" justifica-se pela regência de "combate".

12 Assinale o trecho adaptado do Jornal do Commercio (PE), 1/3/2009, que **APRESENTA ERRO** gramatical.

a) Jogou-se fora um patrimônio construído a duras penas por um país de pouco capital. Tudo isso se usando o argumento da modernidade. Que modernidade? Se trens, metrôs e até bondes urbanos são vistos e bem usados nas metrópoles civilizadas do mundo? Tardiamente, enfim, decidiram-se dar vez aos trens urbanos, ao metrô, quando o trânsito em nossas grandes cidades já caminhavam para o engarrafamento final.
b) A perda de um horizonte de interesses nacionais levou administrações submissas às mais estranhas pressões ao sucateamento de ferrovias construídas, desde o tempo do Barão de Mauá, ao esfacelamento da tecnologia que havíamos adquirido na construção e reparos de locomotivas, vagões e das próprias estradas de ferro.
c) Um dos piores resultados do descaso de sucessivos governos do pós-guerra com a rede de transportes do País é a deterioração da malha ferroviária brasileira, realidade que vai no sentido inverso do que ocorre nos países desenvolvidos, principalmente naqueles de dimensões continentais, como os Estados Unidos e o Canadá.
d) O que está por trás de uma ação impatriótica típica de padrões nacionais é o lobby da indústria automobilística, que queria um compromisso quase exclusivo do governo com a construção de rodovias para a circulação de suas "carroças" (como designou Collor). Um equívoco que só prosperou em nosso País.
e) Nos EUA, pátria da indústria automobilística, nunca se sacrificou o transporte ferroviário. Ferrovias cortam o país da costa Leste à costa Oeste, do Norte ao Sul. Como acontece na Rússia, onde se viaja de trem e se carregam cargas de Moscou ao Extremo Oriente.

13 Assinale a opção que preenche **CORRETAMENTE** as lacunas do texto.

A chegada da crise financeira mundial __1__ pequenos municípios exibe mais uma face perversa do abalo global que já fez tremer os gigantes do crédito internacional. A população mais pobre dessas comunidades começa a pagar preço alto ao __2__ situar no lado mais fraco das contas públicas brasileiras. A desaceleração da atividade econômica já seria suficiente __3__ provocar uma expressiva perda de arrecadação em todos os níveis da administração pública. Mas __4__ um complicador a mais para os municípios pequenos. Forçado __5__

conceder desonerações tributárias para ajudar a manutenção de empregos, o governo federal abriu mão de parte do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), um dos principais formadores do Fundo de Participação dos Municípios (FPM). Por causa da excessiva proliferação de cidades, muitas vezes, emancipadas apenas para atender a interesses de grupos políticos locais, é imensa a quantidade de orçamentos dessas comunidades em todo o país que dependem quase __6__ exclusivamente desse fundo.

(Estado de Minas, 3/3/2009)

	1	2	3	4	5	6
a)	nos	o	ao	a	em	que
b)	aos	se	para	há	a	que
c)	a	a	de	é	de	em
d)	por	lhe	por	existe	por	de
e)	em	o	ao	é	por	de

14 Assinale a opção que preenche **CORRETAMENTE** as lacunas do texto.

Não levou muito tempo __1__ tese do desacoplamento das economias emergentes em relação _2__ países desenvolvidos ser destroçada, tamanha a rapidez __3__ os efeitos recessivos da paralisia do sistema globalizado de crédito, a partir da falência do Lehman Brothers, __4__ propagaram. Ali ficou claro que Brasil, China, Índia e outras economias em estágio equivalente de desenvolvimento não teriam condições de compensar o desaquecimento __5__ Estados Unidos, União Europeia e Japão.

	1	2	3	4	5
a)	para que a	nos	de que	lhe	dos
b)	da	a	para	a	pelos
c)	na	em	que	o	com os
d)	para a	aos	com que	se	nos
e)	pela	com os	a qual	os	em

15 Indique a opção que completa, com correção gramatical, os espaços do trecho abaixo.

Uma nova forma de gerenciamento chega ao mercado: a quarteirização. Ela pode ser entendida como a contratação de um executivo que administra os contratos e atividades de terceiros. Para as organizações que são abertas __1__ realidade e __2__ mudanças, que __3__ muito __4__ delegando para terceiros aquelas atividades intermediárias de sua empresa, a quarteirização é uma ótima opção.

(Adaptado de http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp040149pdf)

	1	2	3	4
a)	a	as	a	vem
b)	à	a	há	vem
c)	à	as	à	veem
d)	à	às	há	vêm
e)	a	a	a	vêm

16 Assinale a opção que corresponde a **ERRO** gramatical ou de grafia.

A economia brasileira entrou na crise internacional em melhores condições **do que**(1) no passado, mas a exportação caiu, a atividade recuou **desde o**(2) fim de 2008 e o desemprego **tem**(3) crescido. As primeiras tentativas de reativar a economia por meio de facilidades fiscais deram resultado modesto, **mas já**(4) afetaram a arrecadação tributária. Além disso, o manejo da política orçamentária foi limitado pelo aumento de gastos com pessoal. É preciso continuar usando os estímulos fiscais, mas com melhor planejamento e com mais esforço de **contensão**(5) das despesas improdutivas.

(O Estado de S. Paulo, 3/3/2009)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

17 Assinale o segmento do texto inteiramente **CORRETO** quanto às normas da língua escrita formal.

a) O termo "quarteirização" designa um método de resolução de problemas de que a modernidade trouxe e muitas empresas ainda não se deram conta.

b) Essa estratégia possibilita aos empresários de se dedicarem apenas ao seu negócio, sua atividade-fim, deixando os diversos trâmites administrativos nas mãos de uma empresa especializada.

c) Um exemplo para se entender a quarteirização e como ela funciona está na Rodoviária Tietê, na cidade de São Paulo, pertencente à prefeitura. Como essa não dispõe do conhecimento necessário para administrar a rodoviária, contrata uma empresa que subcontratará outras para o serviço de segurança, alimentação, limpeza etc.

d) A quarteirização é o próximo estágio da terceirização, uma estratégia de otimização dos mercados produtores que buscam um quarto elemento da cadeia produtiva os parceiros prestadores de serviços nas áreas que não são primordiais à sua atividade.

e) A quarteirização advem da utilização das empresas já terceirizados, dos serviços profissionais e qualificados de uma quarta empresa, que desenvolverá serviços à empresa prestadora, ajudando-lhe e garantindo melhor desempenho na prestação de serviços do cliente final.

(Adaptado de http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp040149pdf)

18 Assinale a opção gramaticalmente **CORRETA** quanto à concordância e regência.

a) A corrida em busca da fluência em outra língua pode ser medida pela quantidade de brasileiros que viajam para o exterior com o fim específico de estudá-la.

b) A exigência nos bons empregos, agora, é que se tenham fluência ao conversar numa língua estrangeira.

c) Antigamente, nas empresas, eram poucos os funcionários que dominavam um idioma estrangeiro, e com eles recorriam os colegas quando precisavam traduzir uma palavra ou um texto.

d) A primeira pergunta que surge a quem se impõe ao desafio de falar outro idioma fluentemente é: será preciso passar um tempo no exterior?

e) Não necessariamente. Um bom começo é identificar as estratégias que funciona melhor para cada tipo de pessoa.

(Renata Moraes, "A corrida pelo domínio da língua". Veja, 4/3/2009, p.97/98)

19 Os trechos a seguir constituem um texto adaptado de Zero Hora, 28/2/2009, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses conforme a posição no texto final e indique a opção correspondente.

( ) A emergência e a multiplicidade desses planos e desses pacotes de estímulo estão preocupando até mesmo o diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI), Dominique Strauss-Kahn, para quem essas manifestações desconexas e parciais não representam soluções e, ao contrário, podem tornar-se parte da crise.

( ) A questão do protecionismo, tema central nos debates sobre o comércio internacional nas últimas décadas, ganha agora uma renovada atualidade em decorrência das medidas que, nos países ricos e nas nações em desenvolvimento, os governos têm adotado para enfrentar os efeitos da crise global.

( ) Exemplos dessas medidas pontuais e restritas são, entre outras, a proposta subordinada ao slogan buy American, pela qual os consumidores dos Estados Unidos são convocados a comprar produtos locais, e as que o governo de Buenos Aires está adotando para proteger a in-

dústria argentina contra a presença de produtos estrangeiros, mesmo do Mercosul. Alguns dos itens brasileiros só entram na Argentina pagando taxas que vão a 413%.

( ) A ausência de medidas planetárias para enfrentar esse problema que tem tal dimensão estimula soluções parciais e limitadas, que se multiplicam de país para país, que levam à adoção de pacotes de estímulos distintos e que acabam por dar força a tentativas quase acionalistas de defesa de interesses.

( ) Para ele, esse é o risco de uma política de "empobrecer o vizinho", que é a que transparece das decisões de países importantes, a começar pelos da União Europeia, dos Estados Unidos e do Japão. A globalização que ocorreu nas últimas três décadas, mesmo que agora surja como um fenômeno em retração por causa da crise, é ainda um elemento fundamental para o entendimento do interrelacionamento econômico e financeiro internacional e para avaliar os efeitos devastadores e abrangentes da atual crise.

a) 2, 3, 5, 1, 4
b) 4, 1, 3, 2, 5
c) 1, 5, 4, 3, 2
d) 3, 4, 2, 5, 1
e) 5, 2, 1, 4, 3

20 As frases abaixo empregam corretamente os sinais de pontuação, **EXCETO** uma. Indique-a.

a) Desertos irão aumentar; oásis, morrer; e fluxo de rios, diminuir, algumas vezes com resultados catastróficos.
b) Desertos irão aumentar. Oásis irão morrer e o fluxo de rios vai diminuir – algumas vezes com resultados catastróficos.
c) Desertos irão aumentar. Oásis, morrer. Fluxo de rios, diminuir. Algumas vezes, os resultados serão catastróficos.
d) Desertos irão aumentar, oásis vão morrer e o fluxo de rios vai diminuir, algumas vezes com resultados catastróficos.
e) Desertos, irão aumentar; oásis, morrer, e fluxo de rios; diminuir – algumas vezes com resultados catastróficos.

(Adaptado de O Aquecimento Global, de Fred Pearce (Publifolha, 2002),em trecho que trata dos efeitos que a seca pode provocar no interior dos continentes, no próximo século)

GABARITO

01-E	02-D	03-D	04-C	05-E	06-C	07-B
08-B	09-A	10-A	11-B	12-A	13-B	14-D
15-D	16-E	17-C	18-A	19-B	20-E	

PROVA II
ESAF-RECEITA FEDERAL-2009

01 Em relação às informações do texto, assinale a opção **CORRETA.**

A produção brasileira de petróleo e gás certamente dará um salto quando estiverem em operação os campos já descobertos na chamada camada do pré-sal. Embora essa expansão só possa ser efetivamente assegurada quando forem delimitadas as reservas, e os testes de longa duração confirmarem a produtividade provável dos campos, simulações indicam que o Brasil terá um saldo positivo na balança comercial do petróleo (exportações menos importações), da ordem de 1 milhão de barris diários.Com isso, o petróleo deverá liderar a lista dos produtos que o Brasil estará exportando mais ao fim da próxima década. O petróleo é negociado para pagamento a vista menos de 90 dias). Então, é um volume de recursos que pode ter, de fato, forte impacto nas finanças externas do país. Como é uma riqueza finita, a prudência e a experiência econômica recomendam que o Brasil tente poupar ao máximo essa renda adicional proveniente das exportações de petróleo. O mecanismo mais usual é conhecido

como fundo soberano, por meio do qual as divisas são mantidas em aplicações seguras que proporcionem, preferencialmente, bom retorno e ainda contribuam positivamente para o desenvolvimento da economia brasileira. Os resultados dessas aplicações devem ser direcionados para investimentos internos que possibilitem avanços sociais importantes (educação, infraestrutura, meio ambiente, ciência e tecnologia).

(O Globo, Editorial, 13/10/2009)

a) É indiscutível que, quando estiverem em operação os campos da camada do pré-sal, o Brasil terá um saldo na balança comercial do petróleo da ordem de 1 milhão de barris diários.
b) A renda adicional proveniente da exportação do petróleo da camada do pré-sal deverá ser aplicada diretamente em investimentos com repercussão na área social.
c) Somente quando estiverem em operação os campos da camada do pré-sal, o petróleo será negociado para pagamento a vista.
d) Estima-se que, no final da próxima década, com os campos do pré-sal já em operação, o Brasil lidere a lista dos países importadores de petróleo, com forte impacto na balança comercial.
e) É recomendável que os recursos arrecadados com a exploração do petróleo da camada do pré-sal sejam mantidos num fundo seguro, que proporcione retorno garantido e contribua favoravelmente para o desenvolvimento da economia brasileira.

02 Assinale a opção **CORRETA** a respeito do texto.

Aferrado à valorização do aqui e agora, o sábio indiano Svâmi garante que "só o presente é real", o que equivale a considerar o passado e o futuro como puras ilusões. Viver no presente implica aceitar o primado da ação (o ato) sobre a esperança, o que equivale a trocar a passividade do estado de espera pela manifestação ativa da vontade de fazer. Em outras palavras, importa a flecha mais do que o alvo, o ato mais do que a expectativa. Como bem acentua Comte-Sponville, a ausência pura e simples de esperança não corresponde à mágoa, traduzida na acepção comum da palavra desespero. O desespero/desesperança é, antes, o grau zero da expectativa, portanto um regime de acolhimento do real sem temor, sem desengano, sem tristeza. Esse regime, ou essa regência, pode ser chamado de beatitude ou de alegria: uma aceitação e uma experiência da plenitude do presente.

(Muniz Sodré. As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006, p.206)

a) O autor do texto defende a ideia de que o ser humano, ao criar expectativas em relação ao futuro, não deve desesperar-se, mas, sim, manter-se passivo no estado de espera.
b) Uma das ideias desenvolvidas no texto é a de que o real só é, de fato, apreendido quando o indivíduo compreende o passado e o futuro como ilusões.
c) Uma das ideias secundárias desenvolvidas no texto é a de que os fins justificam os meios, como se depreende do trecho "importa a flecha mais do que o alvo".
d) A ideia central desenvolvida no texto baseia-se no pressuposto de que se vive, atualmente, uma era em que predomina o desespero.
e) Para sustentar a ideia apresentada no primeiro parágrafo, o autor do texto argumenta que é o medo do futuro que motiva os indivíduos a viverem intensamenteo aqui e agora.

03 Assinale a opção que apresenta **CORRETAMENTE** ideia contida no trecho abaixo.

O período a que, hoje, assistimos se caracteriza pela perda de legitimidade dos governos e dos modelos neoliberais, mas, ao mesmo tempo, por dificuldades de construção de projetos alternativos. Uma das barreiras para a construção de tais projetos é o próprio

fato de esses governos estarem engajados em uma estratégia de disputa hegemônica contínua, convivendo com o poder privado da grande burguesia – das grandes empresas privadas, nacionais e estrangeiras, dos bancos, dos grandes exportadores do agronegócio, da mídia privada. Se essa elite econômica não dispõe de grande apoio interno, conta com grandes aliados no plano internacional, especialmente entre os países globalizadores.

(Emir Sader. A nova toupeira: os caminhos da esquerda latino-americana.São Paulo: Boitempo, 2009)

a) O poder hegemônico dos países globalizadores dificulta o avanço de projetos que visem à superação dos modelos neoliberais.
b) A elite econômica de um país globalizado prescinde de apoio interno para manter seu poder hegemônico sobre os governos carentes de legitimidade.
c) Quanto maior o engajamento de um país em disputas por hegemonia, maior a crise de legitimidade das políticas neoliberais por ele desenvolvidas.
d) A maior dificuldade dos governos de países globalizados é enfrentar a aliança da mídia privada com os países globalizadores.
e) Na elite econômica de um país, é a mídia privada que mais poder exerce sobre o governo de um país.

04 Assinale a opção que reproduz **CORRETAMENTE** ideia contida no trecho abaixo.

A realidade dos juros não se restringe ao mundo das finanças, como supõe o senso comum, mas permeia as mais diversas e surpreendentes esferas da vida prática, social e espiritual. A face mais visível dos juros monetários – os juros fixados pelos bancos centrais e os praticados nos mercados de crédito – representa apenas um aspecto, ou seja, não mais que uma diminuta e peculiar constelação no vasto universo das trocas intertemporais em que valores presentes e futuros medem forças. Pode-se, por exemplo, examinar a moderna teoria biológica do envelhecimento como uma troca intertemporal cuja síntese é "viver agora, pagar depois". A senescência dos organismos é a conta de juros decorrente do redobrado vigor e aptidão juvenis.

(Texto adaptado de Eduardo Giannetti. O valor do amanhã: ensaio sobre a natureza dos juros. São Paulo: Companhia das Letras, 2005)

a) Ao se fazer analogia entre os juros pagos em transações financeiras e os pagos em relações sociais, verifica-se que, apesar de, nestas, eles estarem embutidos, não há interesse da sociedade em desvelar esse fato.
b) A moderna teoria biológica prioriza as análises que abordam as mudanças no corpo do ser humano como trocas intertemporais às quais é inerente o pagamento de juros.
c) Prevalecendo a característica dos juros de que eles sempre envolvem uma troca intertemporal, a aplicação do conceito de juros pode ser estendida a outras situações da vida dos indivíduos.
d) O conceito de juros tem sido aplicado restritamente às situações do mercado financeiro porque, via de regra, prevalecem, nas sociedades, as noções estabelecidas pelo senso comum.
e) Os juros mais altos pagos pelos cidadãos são aqueles que, sorrateiramente, resultam da própria natureza finita dos seres humanos, determinada pelo irreversível envelhecimento do corpo.

05 Nas opções, são apresentadas propostas de continuidade do parágrafo abaixo. Assinale aquela em que foram atendidos plenamente os princípios de **COESÃO** e **COERÊNCIA** textuais.

Duas ameaças simétricas rondam a determinação dos termos de troca entre presente e futuro. A

miopia temporal envolve a atribuição de um valor demasiado ao que está próximo de nós no tempo, em detrimento do que se encontra mais afastado. A hipermetropia é a atribuição de um valor excessivo ao amanhã, em prejuízo das demandas e interesses correntes.

(Eduardo Giannetti. O valor do amanhã: ensaio sobre a natureza dos juros. São Paulo: Companhia das Letras, 2005)

a) Contudo, a miopia temporal nos leva a subestimar o futuro, e a hipermetropia a supervalorizar o futuro, o que desfaz, em parte, a referida simetria.
b) Diante dessas ameaças, cabe perguntar se existe um ponto certo – um equilíbrio estável e exato – entre os extremos da fuga do futuro (miopia) e da fuga para o futuro (hipermetropia).
c) Apesar dessa simetria, não existe uma posição credora – pagar agora, viver depois –, mesmo porque sempre abrimos mão de algo no presente sem a expectativa de recebermos algo no futuro.
d) Por serem ameaças cujo resultado é idêntico, tanto a miopia temporal quanto a hipermetropia tornam irrelevante o fenômeno dos juros nas situações de troca entre presente e futuro.
e) Essa simetria conduz, portanto, à conclusão de que vale mais a pena subordinar o presente ao futuro, e não, o contrário, o que nos fará atribuir valor excessivo ao futuro, sem risco de incorrermos em hipermetropia temporal.

06 Assinale a opção que constitui continuação coesa, coerente e gramaticalmente **CORRETA** para o texto de Luiz Gonzaga Beluzzo, adaptado do Valor Econômico de 14 de outubro de 2009.

A marca registrada das crises capitaneadas pela finança é o colapso dos critérios de avaliação da riqueza que vinham prevalecendo. As expectativas dos possuidores de riqueza capitulam diante da incerteza e não é mais possível precificar os ativos. Os métodos habituais que permitem avaliar a relação risco/rendimento dos ativos sucumbem diante do medo do futuro. A obscuridade total paralisa as decisões e nega os novos fluxos de gasto.

a) Essa decisão pela corrida privada para as formas imaginárias, mas socialmente incontornáveis do valor e da riqueza vai afetar negativamente a valorização e a reprodução da verdadeira riqueza social, ou seja, a demanda de ativos reprodutivos e de trabalhadores.
b) Em contraposição a esse fenômeno, depois do colapso financeiro deflagrado pela quebra do Lehman Brothers, os preços dos ativos privados foram atropelados pelos mercados em pânico, na busca impossível da desalavancagem coletiva. Vendedores em fúria e compradores em fuga fizeram evaporar a liquidez dos mercados e prometiam uma deflação de ativos digna da Grande Depressão dos anos trinta.
c) Em tais circunstâncias, a tentativa de redução do endividamento e dos gastos de empresas e famílias em busca da liquidez e do reequilíbrio patrimonial é uma decisão "racional" do ponto de vista microeconômico, mas danosa para o conjunto da economia, pois leva necessariamente à deterioração dos balanços. É o paradoxo da "desalavancagem".
d) Essas intervenções dos bancos centrais e dos Tesouros, sobretudo nos Estados Unidos, conseguiram, aos trancos, barrancos e trombadas legais, estancar na rápida deterioração das expectativas. Contrariando os augúrios mais pessimistas, a ação das autoridades foi capaz de afetar positivamente as taxas do interbancário e restabelecer as condições mínimas de funcionamentos dos mercados monetários.
e) Contanto que a reação das autoridades dos países desenvolvidos foi menos eficaz para restabelecer a oferta de crédito no volume desejado e impotente para reanimar o dispêndio das famílias e dos negócios. Empresas e consumidores trataram de cortar os gastos (e, portanto

a demanda de crédito) para ajustar o endividamento contraído no passado à renda que imaginam obter num ambiente de desaceleração da economia e de queda do emprego.

07 Os trechos abaixo constituem um texto adaptado de Muniz Sodré (As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política), mas estão desordenados. Ordene-os, indique a ordem dentro dos parênteses e assinale a opção que corresponde à ordem **CORRETA.**

( ) Ao redor do que se tem chamado de "imprensa de opinião" ou de "publicismo", organizaram-se os espaços públicos das democracias inaugurais na modernidade ocidental.

( ) O espaço público realiza, modernamente, a mediação dos interesses particulares da sociedade civil, visando principalmente a preservar as garantias dos direitos individuais frente ao poder do Estado. É aí fundamental o papel da imprensa.

( ) É preciso deixar claro, contudo, que, a despeito de sua grande importância, a imprensa não define o espaço público. Ele não é um puro espaço de comunicação e, sim, uma potência de conversão do individual em comum, o que não deixa de comportar zonas de sombras ou de opacidades não necessariamente comunicativas.

( ) Assim, a ampliação técnica da tradicional esfera pública pelo advento da mídia ou de todas as tecnologias da informação não implica necessariamente o alargamento da ação política.

( ) Por outro lado, vem definhando a representação popular, que era o motor político do espaço público e base da sociedade democrática, fenômeno que remonta ao século XIX, quando a experiência da soberania popular se converteu em puro diálogo, senão em mera encenação espetacular.

a) 2, 4, 1, 3, 5
b) 2, 1, 3, 5, 4
c) 1, 2, 4, 5, 3
d) 2, 1, 5, 4, 3
e) 3, 5, 1, 2, 4

08 Os trechos a seguir constituem um texto adaptado de O Globo, Editorial, 14/10/2009, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e indique a sequência **CORRETA.**

( ) Esse quadro se alterou significativamente: em volume, a produção nacional de petróleo vem se mantendo próxima aos patamares de consumo doméstico. A redução dessa dependência no campo da energia foi acompanhada por um salto expressivo nas exportações brasileiras (que cresceram uma vez e meia na última década), com razoável equilíbrio entre produtos básicos e manufaturados na pauta de vendas.

( ) Apesar de a economia brasileira ter ainda um grau de abertura relativamente pequeno para o exterior — se comparado à média internacional —, o câmbio sempre foi apontado com um dos fatores mais vulneráveis do país. No passado, o Brasil era muito dependente de petróleo importado e de insumos essenciais para a indústria.

( ) Além desse equilíbrio, os programas de ajuste macroeconômico têm garantido uma estabilidade monetária que ampliou o horizonte de investimentos e as possibilidades de um desenvolvimento sustentável de longo prazo.

( ) Tal promoção foi reforçada pela capacidade de reação da economia brasileira à recente crise financeira, a mais grave que o mundo atravessou desde o fim da Segunda Guerra Mundial.

( ) Assim, as principais agências classificadoras de risco promoveram a economia brasileira para a categoria daquelas que não oferecem risco cambial aos investidores estrangeiros.

a) 3, 2, 1, 4, 5
b) 5, 3, 4, 1, 2
c) 4, 5, 2, 3, 1
d) 2, 1, 3, 5, 4
e) 4, 1, 2, 3, 5

09 Assinale a opção que preenche **CORRETAMENTE** as lacunas do texto adaptado do Jornal do Brasil, Editorial, 7/10/2009.

Vários, e de distintos naipes, foram os questionamentos __1__ construção do IDH como tal. Por que não mortalidade infantil de crianças abaixo de 5 anos de idade em vez de expectativa de vida? Por que não incluir outros indicadores, tais como nível de pobreza, déficit habitacional, acesso __2__ água potável e saneamento básico? Por que não acrescentar outras dimensões relacionadas __3__ meio ambiente (que afeta o padrão de vida desta e das próximas gerações), aos direitos civis e políticos, __4__ segurança pessoal e no trabalho, __5__ facilidade de locomoção? Qual a confiabilidade dos dados fornecidos por quase duas centenas de países? Há uma escassez de informação em relação __6__ maioria das dimensões sugeridas para uma comparação internacional, sem contar __7__ confiabilidade dos dados.

	1	2	3	4	5	6	7
a)	na	da	no	na	de	a	uma
b)	da	à	com o	com a	da	com a	da
c)	a	a	pelo	da	na	da	à
d)	à	a	ao	à	à	à	a
e)	pela	de	a	em	com a	pela	com a

10 Em relação ao texto, assinale a opção **CORRETA.**

Sintoma do arrefecimento da ideologia nos mais variados âmbitos da vida social, há uma distinção, presente no meio acadêmico, segundo a qual, enquanto nas décadas passadas as grandes celeumas intelectuais tinham como pano de fundo embates ideológicos, hoje as disputas girariam basicamente em torno de divergências metodológicas. A discussão em torno do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) – cujo ranking divulgado este ano mostra um ligeiro avanço da pontuação do Brasil, embora o país continue na 75ª colocação – não poderia fugir à regra. Criado pelos economistas Mahbubul Haq e Amartya Sem e calculado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), o Índice de desenvolvimento Humano, ao longo dos anos, vem recebendo uma série de críticas da comunidade científica internacional. Críticas metodológicas, por pressuposto. Baseado em três dimensões fundamentais do desenvolvimento humano, o IDH combina indicadores socioeconômicos, relacionados à renda (medida pelo Produto Interno Bruto per capita), à saúde (entendida como a capacidade de se levar uma vida longa e saudável, expressa pela expectativa de vida ao nascer) e à educação (medida pela alfabetização da população acima de 15 anos associada às taxas de matrícula do ensino fundamental ao superior).

(Jornal do Brasil, Editorial, 7/10/2009)

a) A expressão "arrefecimento" está sendo empregada com o sentido de aquecimento, fortalecimento.
b) A palavra "celeumas" está sendo empregada com o sentido de consenso.
c) Pelos sentidos do texto, percebe-se que há unanimidade na comunidade científica internacional quanto à correção da metodologia adotada para determinar o Índice de Desenvolvimento Humano.
d) No meio acadêmico, os atuais embates ideológicos passam ao largo das divergências metodológicas.
e) O cálculo do IDH leva em consideração índices relativos à renda, à saúde e à educação no país.

11 Assinale a justificativa **CORRETA** para o emprego de vírgula.

A economia real nos Estados Unidos e na Europa segue em compasso de espera. Isso significa que o produto e o emprego seguem em declínio, (1) mas a uma velocidade menor. Seja como for, as injeções de liquidez, os programas de compra de ativos podres,(2) as garantias oferecidas pelas autoridades e a capitalização das instituições financeiras não fi-

zeram pouco. Além de construir um piso para a deflação de ativos, as intervenções de provimento de liquidez suscitaram,(3) diriam os keynesianos,(3) um movimento global no interior da circulação financeira. O inchaço da circulação financeira teve efeitos mesquinhos sobre a circulação industrial ,(4) ou seja,(4) sobre a movimentação do crédito e da moeda destinada a impulsionar a produção e o emprego. Observa-se,(5) no entanto,(5) um rearranjo dentro do estoque de riqueza que responde aos preços esperados dos ativos "especulativos" por parte dos investidores que sobreviveram ao colapso da liquidez. Agarrados aos salva-vidas lançados com generosidade pelo gestor em última instância do dinheiro — esse bem público objeto da cobiça privada — os senhores da finança tratam de restaurar as práticas e operações de "normalização dos mercados", isto é, aquelas que levaram à crise.

(Luiz Gonzaga Beluzzo, adaptado do Valor Econômico de 14 de outubro de 2009)

a) (1) A vírgula separa oração coordenada assindética.
b) (2) A vírgula separa elementos de mesma função sintática componentes de uma enumeração.
c) (3) As vírgulas isolam uma expressão apositiva.
d) (4) As vírgulas isolam conjunção coordenativa conclusiva.
e) (5) As vírgulas isolam conjunção subordinativa concessiva intercalada na oração principal.

12 Em relação aos elementos do texto, assinale a opção **CORRETA.**

Um ano após o agravamento da crise financeira, o Brasil tem mais de US$ 230 bilhões em reservas. Tanto o Tesouro como grandes empresas voltaram a lançar títulos no exterior, com sucesso. A valorização do real se tornou, então, um fenômeno inevitável, que reflete o enfraquecimento do dólar no mercado internacional e o fluxo positivo de capitais no país. **No entanto,** dado o ritmo de crescimento projetado para o ano que vem, o mais provável é que a demanda por importações **aumente** e a pressão em favor do real **diminua. Enquanto isso,** além de uma paulatina liberalização do câmbio, o que pode ser feito no curto prazo é a continuidade da acumulação de reservas cambiais, como Banco Central comprando no mercado excedentes de divisas. Qualquer **invencionice** só **estimularia** operações especulativas no câmbio, que acabariam provocando uma valorização ainda mais indesejável da moeda nacional.

(O Globo, Editorial, 14/10/2009, adaptado.)

a) A expressão "No entanto" estabelece, no texto, uma relação de comparação.
b) O emprego do subjuntivo em "aumente" e em "diminua" justifica-se por se tratar de fatos de realização garantida.
c) A expressão "Enquanto isso" estabelece no texto uma relação de condição.
d) A palavra "invencionice" está sendo empregadano sentido de iniciativa rotineira, previsível.
e) O emprego do futuro do pretérito em "estimularia" indica um acontecimento futuro em relação a um ato passado que se configura no fato relacionado aos termos "Qualquer invencionice".

13 Em relação à função do "se", assinale a opção **CORRETA.**

A queda de rentabilidade das exportações **se agrava(1)** a cada dia em razão da valorização do real. Tudo indica que a moeda nacional deve continuar a **se valorizar(2)** e o Banco Central (BC), apesar das suas intervenções cada vez maiores, está impotente diante dessa valorização, que torna mais difícil a exportação e favorece a importação, ameaçando o crescimento da indústria nacional. O governo **se mostra(3)** incapaz de encontrar um modo de compensar esse efeito. **Está-se(4)** observando também uma queda no quantum das exportações de manufaturados, de 17,4% nos sete

primeiros meses do ano, junto com uma queda de preços de 5,5%, enquanto nos produtos básicos um aumento de 6,5% no quantum correspondeu a uma queda de 16,1% nos preços. Não **se pode(5)** pensar que o fluxo de dólares possa diminuir nos próximos anos e, assim, criar um ambiente muito favorável a uma desvalorização, pois os Investimentos Diretos Estrangeiros devem crescer, a Bolsa de Valores acompanhará a melhora da economia e a produção de petróleo, apesar da criação de um fundo especial, aumentará as receitas.

(O Estado de S. Paulo, Editorial, 14/10/2009)

a) (1) Indica voz passiva analítica.
b) (2) Indica sujeito indeterminado.
c) (3) Funciona como objeto indireto.
d) (4) Indica voz reflexiva.
e) (5) Indica sujeito indeterminado.

14 Assinale a opção que apresenta proposta de substituição **CORRETA** de palavra ou trecho do texto.

Há sociedades que têm a vocação do crescimento, mas sem a vocação da espera. E a resultante, quando não é inflação ou crise do balanço de pagamentos, é uma só: juros altos. O conflito entre as demandas do presente vivido e as exigências do futuro sonhado é um traço permanente da condição humana. Evitar excessos e inconsistências dos dois lados é um dos maiores desafios em qualquer sociedade. No afã de querer o melhor de dois mundos, o grande risco é terminar sem chegar a mundo algum: a cigarra triste e a formiga pobre.

(Texto adaptado de Eduardo Giannetti. O valor do amanhã: ensaiosobre a natureza dos juros. São Paulo: Companhia das Letras, 2005)

a) "Há" por "Existe".
b) "que têm a vocação do crescimento" por "cuja vocação de crescimento".
c) "mas sem a vocação da espera" por "mas não, a da espera".
d) "E a resultante, quando não é" por "E se caso a resultante não seja".
e) "No afã de querer" por "No equívoco de visar".

15 Com relação a aspectos semânticos e sintáticos do texto, assinale a opção **CORRETA**.

Aconteceu poucos dias após o início do governo Collor, a partir do congelamento dos depósitos bancários. Estávamos na longa e irritante fila de um grande banco, em busca da minguada nota de cinquenta a que cada um tinha direito. Uma fila pode ser tomada como um exercício de psicologia comparada. Se, por absurdo, uma fila assim tivesse de ser formada em um banco americano, aposto que nela reinaria a frustração controlada e a incomunicação. A cena no banco brasileiro era diferente. Quase todos conversavam animadamente, irmanados na dor de ver seu dinheiro distanciar-se para, quem sabe, não mais retornar. Havia os ministros da Fazenda, que mediam as possibilidades incertas de recuperar os depósitos, havia os conformados, que aceitavam tudo, se esse fosse o preço a ser pago pela morte do dragão inflacionário. Havia os que ficavam especulando sobre as alternativas que poderiam ter adotado para escapar ao sequestro. A opção mais aceita punha nas nuvens o português dono de padaria. Ele, sim, fizera o certo, guardando seu dinheiro debaixo do colchão.

(Boris Fausto. Memória e História. São Paulo: Graal Ltda., 2005)

a) Como o verbo da primeira oração do texto é impessoal, não há expressão que exerça a função de sujeito, o que não acarreta prejuízo semântico nem sintático para o parágrafo, porque, no período seguinte, é explicitado o fato narrado pelo autor do texto.
b) Atendidos os preceitos gramaticais, é uma construção alternativa para a oração "a que cada um tinha direito": a qual cada um de nós tínhamos direito.
c) São duas formas corretas de substituição do segmento "pode ser tomada como": pode suscitar; pode ser comparada a.

d) Atendidas as prescrições gramaticais, o 2º período do 2º parágrafo assim poderia ser reescrito: Aposto que, se, por absurdo, tal fila tivesse sido formada em um banco dos Estados Unidos, teriam, nela, reinado a frustração controlada e o silêncio.

e) São exemplos de expressões empregadas no texto com sentido denotativo e conotativo, respectivamente: "os ministros da Fazenda" e "morte do dragão inflacionário".

16 Os trechos abaixo constituem um texto adaptado de Luiz Gonzaga Beluzzo, Valor Econômico de 14 de outubro de 2009. Assinale a opção que apresenta **ERRO** gramatical.

a) Nas circunstâncias atuais, a realocação de carteiras favorecem as bolsas, as moedas dos emergentes e as commodities, enquanto o dólar segue uma trajetória de declínio, depois da valorização observada nos primeiros meses de crise.

b) Diante do frenesi que ora turbina as bolsas, as moedas dos emergentes e as commodities não faltam prognósticos que anunciam o fim da crise e preconizam uma recuperação rápida da economia global, liderada pelos emergentes.

c) Os movimentos observados no interior da circulação financeira, em si mesmos, não prometem à economia global uma recuperação rápida e brilhante, mas indicam que os mercados não temem a formação de novas bolhas de ativos nos mercados emergentes.

d) No rol de vencedores da batalha contra a depressão global, figuram, em posição de respeito, a China, a Índia e o Brasil, cada qual com suas forças e fragilidades.

e) Entre as fragilidades, sobressaem a pressão para valorização das moedas nacionais e as ações de esterilização dos governos, com efeitos indesejáveis sobre a dinâmica da dívida pública dos países receptores da "chuva de dinheiro externo".

17 Assinale a opção que corresponde a **ERRO** gramatical.

O IDH é um índice que, pela simplicidade, **se (1)** disseminou mundialmente, **tornando-se (2)** um parâmetro de avaliação de políticas públicas na área social, o que não é pouco, levando-se em consideração que há respaldo científico. No entanto, para além das filigranas metodológicas, é preciso **não se perder (3)** de vista o ponto fundamental do IDH, que é medir a qualidade de vida para além de indicadores econômicos. Nesse sentido, ele é uma bem-sucedida alternativa ideológica do indicador puro e simples do Produto Interno Bruto, **no qual (4)** pode camuflar o real nível de bem-estar da maioria da população. Com o IDH, medir desenvolvimento humano passou a ser tão ou mais importante que **aferir (5)** o mero, e às vezes enganador, desenvolvimento econômico.

(Jornal do Brasil, Editorial, 7/10/2009, adaptado.)

a) (1)
b) (2)
c) (3)
d) (4)
e) (5)

18 Assinale o trecho do texto adaptado de Maria Rita Kehl *(O tempo e o cão: a atualidade das depressões. São Paulo: Boitempo, 2009)* em que, na transcrição, foram plenamente atendidas as regras de concordância e regência da norma escrita formal da Língua Portuguesa.

a) Desligado do frágil fio que ata o presente à experiência passada, voltado, sofregamente, para o futuro, o indivíduo sofre com o encurtamento da duração. Assim, desvalorizam-se o tempo vivido e o saber que sustenta os atos significativos da existência.

b) A vivência contemporânea da temporalidade é dominada por um subproduto das ideologias da produtividade, às quais reza que se devem aproveitar, ao máximo, cada momento da vida.

c) Paradoxalmente, as mesmas inovações tecnoló-

gicas destinadas a nos poupar o tempo de certas tarefas manuais e aumentar o tempo ocioso vem produzindo um sentimento crescente de encurtamento à temporalidade. Tal sentimento talvez esteja relacionado com o encolhimento da duração.

d) Segundo Bergson, a duração se mede pela sensação de continuidade entre o instante presente, o passado imediato e o futuro próximos; no entanto, nada indica que o registro psíquico dessas duas formas do tempo que alongam o presente devam limitar-se em curtos períodos antes e depois do brevíssimo instante.

e) Talvez a medida do transcorrer do tempo não individual não se assemelhe com o desenrolar de um fio, mas do tecer de uma rede que abriga e embala um grande número de pessoas ligado entre si pela experiência.

19 Assinale a opção em que o trecho do texto de Emir Sader (A nova toupeira: os caminhos da esquerda latino-americana) foi transcrito com correção gramatical.

a) Atualmente, as alternativas de contraposição a hegemonia enfrentam os dois pilares centrais do sistema dominante: o modelo neoliberal e a hegemonia imperial estadunidense. É no confronto com aqueles que se tem de medir o processo de construção de "outro mundo possível", para se analisar seus avanços, revezes, obstáculos e perspectivas.

b) De certa maneira, pode-se resumir os eixos que articulam o poder atual no mundo à partir de três grandes monopólios: o das armas, o do dinheiro e o da palavra. O primeiro reflete a política de militarização dos conflitos, em que os Estados Unidos acreditam dispor de superioridade inquestionável.

c) O segundo retrata a política neoliberal de mercantilização de todas as relações sociais e dos recursos naturais, que tem buscado produzir um mundo em que tudo tem preço, tudo se vende, tudo se compra e cuja utopia são os grandes centros de compras.

d) O terceiro trata-se do monopólio da mídia privada no processo – profundamente seletivo e antidemocrático – de formação da opinião pública. Palco inicial da implantação do modelo neoliberal e sua vítima privilegiada, a América Latina passa por uma espécie de ressaca do neoliberalismo, com governos que rompem com o modelo e com outros que buscam readequações que lhe permitam não sucumbir com ele.

e) A região tem-se mostrado refratária a política de guerra infinita promovida pelos Estados Unidos. Internamente, a Colômbia, epicentro regional da política estadunidense, permanece isolada. No entanto, em seu conjunto, a América Latina produziu espaços de autonomia relativa no tocante a hegemonia econômica e política dos Estados Unidos, o que a torna o elo mais frágil da cadeia neoliberal no século XXI.

20 Assinale o trecho do texto adaptado de Boris Fausto *(Memória e História)* em que, na transcrição, foram plenamente atendidas as regras de pontuação.

a) Em uma fila no banco, na época em que, no Brasil, houve congelamento dos depósitos bancários, uma jovem, de traços orientais, permanecia calada e, aparentemente, atenta aos movimentos de todos, como se a qualquer momento, alguém pudesse passar à sua frente.

b) De repente, sua voz se ergueu enigmática: "A culpa de tudo isso é do meu avô." Nos segundos seguintes, a melhor hipótese que me passou pela cabeça, foi a de um avô conservador, aconselhando a neta a poupar, em vez de gastar, apoiado em uma versão japonesa da fábula da cigarra e da formiga.

c) Não era nada disso. A jovem decifrou o enigma, em tom suspiroso, explicando que, no começo dos anos de 1930, grande parte da família decidira emigrar para a Califórnia, mas seu avô meio aventureiro, optara infelizmente, pelo Brasil.

d) Tentei esboçar um discurso sociológico, ponderando, que os imigrantes japoneses localiza-

dos na costa do Pacífico, tinham atravessado momentos adversos, especialmente, no curso da Segunda Guerra Mundial, quando muitos deles foram transferidos para campos de confinamento no meio-oeste americano.

e) Pensei, ainda, em lembrá-la de que, por outro lado, a experiência dos japoneses no Brasil estava longe de representar um desastre. No entanto, bastou olhar para a neta do sol nascente e, logo, perceber que ela se transportara para outras esferas, alheia à fila e a tudo o mais que a rodeava.

GABARITO

1-E	2-B	3-A	4-C	5-B
6-C	7-B	8-D	9-D	10E
11-B	12-E	13-E	14-C	15-D
16-A	17-D	18-A	19-C	20-E

PROVA III
FCC-TRE/AMAZONAS-2010

ATENÇÃO: As questões de números **1** e **2** referem-se à charge abaixo.

(Folha de S. Paulo, 9 de dez. de 2009, Opinião, A2)

01 Na charge, o efeito de humor deve-se prioritariamente

a) à deselegância do garçom ao anunciar, em tom coloquial e em voz alta, a falta de gelo.
b) ao descabido uso de fones pelas personagens que compõem a cena.
c) à possibilidade de se entender a fala do garçom como alusão a questões climáticas do planeta.
d) à indiferença da plateia diante da inesperada notícia.
e) à inadequação de bebidas serem servidas em reunião de líderes das principais nações do mundo.

02 A frase que traduz corretamente o que se tem na charge é: O garçom disse que o gelo

a) havia acabado.
b) estava para acabar.
c) acabaria fatalmente, em breve espaço de tempo.
d) acaba logo.
e) havia acabado naquele exato instante.

ATENÇÃO: As questões de números **03** a **07** referem-se ao texto apresentado abaixo.

E se uma droga derivada do alcaçuz fosse capaz de salvar as nossas recordações? Segundo um estudo da Universidade de Edimburgo (Escócia), a carbenoxolona melhora as capacidades mentais dos idosos, incluindo a memória, que vai se deteriorando com o passar dos anos. Essa substância – na realidade, um agente derivado da raiz do alcaçuz – poderá ser útil para combater o mal de Alzheimer e talvez também para melhorar nossa performance nos exames. "As memórias são um 'fato' químico", confirma Nancy Ip, diretora de Instituto de Pesquisa em Hong Kong: "Recentemente, nós identificamos a proteína que contribui para a sobrevivência e para o desenvolvimento das células nervosas e que poderia oferecer recursos para criar medicamentos contra doenças que afetam a memória".

Enquanto se espera que os estudos possam conduzir a resultados mais concretos, o que podemos fazer para melhorar a nossa capacidade mental? A memória é a capacidade de adquirir, armazenar e

recuperar informações disponíveis. Ela não é monolítica, mas constituída de diversas atividades e funções. Uma importante distinção a ser feita é entre a memória de curto e a de longo prazo. A primeira, que é encarregada de reter as informações por pouco tempo, localiza-se no lobo parietal inferior e no lobo frontal do cérebro, enquanto a memória de longo prazo é ligada ao hipocampo e às áreas vizinhas.

De acordo com Alan Baddelay, da universidade inglesa de York, a memória de curto prazo tem espaço limitado, podendo reter de cinco a nove unidades de informação: palavras, datas, números. Já a memória de longo prazo é ilimitada. O problema é arquivar a informação na memória de longo prazo, para recordar quando necessário. Como? "Quanto mais a pessoa souber, mais fácil será recordar", diz Baddelay. Em suma, a memória não é um recipiente que é totalmente preenchido: ao contrário, ela sempre possibilita o ingresso de novas informações. Quem usa uma linguagem rica e articulada recorda-se melhor. Da mesma forma, quem sabe vários idiomas tem mais facilidade para aprender um novo.

(Adaptado de Fabíola Musarra, "Memória: segredos para explorar todo o seu poder". In. Planeta: conheça o mundo, descubra você. Ed. Três. Edição 447, Ano 37, Dez/2009, p.41-42)

03 Considerado o primeiro parágrafo do texto, é **CORRETO** afirmar

a) A frase inicial levanta hipótese que, embora expressando um desejo humano, se revela fantasiosa, pois não tem apoio algum na realidade atual.
b) A carbenoxolona é a nova droga que garantirá imunidade contra o mal de Alzheimer.
c) A capacidade mental mais afetada com o passar dos anos é a memória, conforme estudo realizado com idosos em universidade escocesa.
d) Pessoas que não apresentam bom desempenho em exames podem ser potenciais portadores de doenças como o mal de Alzheimer.
e) Na base da memória está um mecanismo químico que a ciência começa a conhecer.

04 No segundo parágrafo do texto, a autora,

a) ao definir o que é a memória, expressa seu desacordo com o entendimento de Nancy Ip sobre essa capacidade mental.
b) ao afirmar que a memória não é monolítica, quer dizer que a memória não se compõe de um único elemento.
c) ao mencionar a *importante distinção*, refere-se a uma diferença que os pesquisadores citados têm deixado de lado em seus trabalhos.
d) ao caracterizar a memória de curta e a de longa duração, revela que a primeira é a que a maioria das pessoas apresenta, e a segunda, só cérebros privilegiados.
e) ao caracterizar a memória de curta e a de longa duração, mostra que a segunda é a menos conhecida pelos pesquisadores.

05 Considerado o terceiro parágrafo, é **CORRETO** afirmar

a) O emprego da expressão **podendo reter** evidencia que afirmações sobre a memória de curto prazo são unicamente suposições.
b) Palavras, datas e números fixam-se de modo exclusivo na memória de curto prazo.
c) A memória de longo prazo já ultrapassou, na contemporaneidade, todo o seu limite.
d) O desafio a enfrentar não é a limitação do espaço da memória de longo prazo, mas o arquivamento das informações para posterior utilização.
e) A autora apresenta um problema para o qual ainda não existem soluções possíveis.

06 Em suma, a memória não é um recipiente que é totalmente preenchido: ao contrário, ela sempre possibilita o ingresso de novas informações. Quem usa uma linguagem rica e articulada recorda-se melhor. Da mesma forma, quem sabe vários idiomas tem mais facilidade para aprender um novo.

A redação que, **CLARA** e **CORRETA**, preserva o sentido original de um segmento do trecho acima transcrito é

a) Suscintamente dizendo a memória não é vaso preenchível, quando ela possibilita a adição de novas informações.
b) De modo resumido, a memória não é própria para ser preenchida em plenitude, pois, contrariamente, é passível a receber informações sequenciais.
c) Sintetizando: opostamente a memória admite informações originais, em vez de constituir objeto a ser preenchido.
d) Aquele que faz uso de idioma articulado e rico, pode ter recordação fácil.
e) O aprendizado de um novo idioma dá-se de maneira mais fácil para as pessoas que já conhecem outras línguas.

07 Uma análise do texto permite afirmar com correção que

a) Caso se tratasse de mais de uma substância, além da carbenoxolona, a concordância estaria correta assim "Essas substâncias [...] podem ser útil para combater o mal de Alzheimer".
b) O emprego dos parênteses, na linha 3, é exigido pela natureza da informação: o maior rigor na especificação do local.
c) A vírgula depois de memória (linha 5) é optativa pois, se for retirada, o sentido original da frase não se altera.
d) Construções como as nossas recordações e nossa performance constituem marcas da subjetividade do autor ao tratar do tema.
e) Na frase **A memória é a capacidade de adquirir, armazenar e recuperar informações disponíveis,** o emprego de armazenar constitui redundância inadequada, pois essa palavra nada acrescenta ao sentido de adquirir.

ATENÇÃO: As questões de números **8** a **14** referem-se ao texto apresentado abaixo.

EXAME MÉDICO

Reforçam-se as evidências da baixa qualidade de ensino em cursos de medicina do país. Esse retrato vem sendo confirmado anualmente desde 2005, quando o Cremesp (Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo) decidiu implementar uma prova de avaliação, facultativa, dos conhecimentos dos futuros médicos. Neste ano, 56% dos formandos que prestaram o exame foram reprovados. O número já é expressivo, mas é razoável supor que a proporção de estudantes despreparados seja maior. A prova não é obrigatória, e os responsáveis por sua execução avaliam que muitos dos maus alunos boicotam o exame, frequentemente estimulados por suas faculdades. A prova da Ordem dos Advogados do Brasil pode fornecer um parâmetro, ainda que imperfeito. Na primeira fase do exame da OAB neste ano, o índice de reprovados na seccional paulista chegou a 88%. A vantagem do teste entre advogados está em sua obrigatoriedade. Trata-se de uma prova de habilitação, ou seja, a aprovação é indispensável para o exercício da profissão. É do interesse da sociedade, da saúde pública e de seus futuros pacientes que os alunos de medicina também sejam submetidos a uma prova de habilitação obrigatória O Cremesp, que defende o exame compulsório, diz, no entanto, que a aplicação de testes teóricos, aos moldes do que faz a OAB, seria insuficiente. Devido ao caráter prático da atividade médica, seria imprescindível, firma a entidade, a realização de provas que averigúem essa capacidade entre os recém-formados. Se implementado nesses moldes, um exame obrigatório nacional cumpriria dupla função: impediria o acesso à profissão de recém-formados despreparados e ao longo do tempo, estimularia uma melhora gradual dos cursos universitários de medicina.

(Editorial da Folha de S. Paulo, 17 de dez. de 2009, Opinião, A2)

08 Considere as afirmações abaixo sobre o editorial.

I. Faz sugestivo jogo de palavras: usa a expressão **Exame médico**, que remete à inspeção feita no corpo de um indivíduo para chegar a um diag-

nóstico sobre seu estado de saúde, para referir uma prova de avaliação a ser realizada por formandos em medicina.

II. Aproxima a área médica e a área do direito, acerca da avaliação dos indivíduos que desejam exercer as respectivas profissões, de modo a evidenciar o reconhecimento, em plano mundial, da fragilidade da formação desses futuros profissionais.

III. Critica a imperfeição do sistema de avaliação dos formados em direito, considerando essa falha como fator que tira da prova realizada pela Ordem dos Advogados do Brasil a possibilidade de ser tomada como padrão para outras áreas do conhecimento.

Está correto o que se afirma **APENAS** em

a) I.
b) I e II.
c) I e III.
d) II.
e) II e III.

09 Considerado o contexto, está **CORRETAMENTE** entendido o seguinte segmento.

a) decidiu implementar uma prova de avaliação [...] dos conhecimentos dos futuros médicos / determinou que uma das partes do exame acerca dos conhecimentos dos futuros médicos fosse mais rigorosa.
b) é razoável supor que a proporção de estudantes despreparados seja maior / suficientes razões permitem a suspeita de que a porcentagem de estudantes despreparados seja maior.
c) muitos dos maus alunos boicotam o exame / a maior parte dos alunos, mal preparados, é responsável pela baixíssima média das notas do exame.
d) defende o exame compulsório / opta por realizar exame mais abrangente no que se refere aos temas de saúde.
e) seria imprescindível [...] a realização de provas / seria inoportuna a exigência de provas.

10 O Cremesp, que defende o exame compulsório, diz, **no entanto**, que a aplicação de testes teóricos, aos moldes do que faz a OAB, seria insuficiente. Considerado o contexto, a locução destacada acima equivale a

a) a propósito.
b) ainda.
c) todavia.
d) por isso.
e) nesse sentido.

11 O Cremesp, que defende o exame compulsório, diz, no entanto, que a aplicação de testes teóricos, <u>aos moldes do que faz a OAB</u>, seria insuficiente.Considerado o contexto, traduz-se **CORRETAMENTE**, e em conformidade com o padrão culto escrito, o que está acima sublinhado, em

a) definidos sob o controle dos dirigentes da OAB.
b) em respeito com as diretrizes impostas pela OAB.
c) idênticos com os já aplicados pela OAB.
d) de modo semelhante ao adotado pela OAB.
e) idealizados a partir do que a OAB direciona.

12 A forma ou locução verbal que expressa ação totalmente realizada no passado é a destacada em

a) <u>Reforçam-se</u> as evidências da baixa qualidade de ensino em cursos de medicina do país.
b) Esse retrato <u>vem sendo confirmado</u> anualmente desde 2005
c) ... quando o Cremesp (Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo) <u>decidiu implementar</u> uma prova de avaliação, facultativa, dos conhecimentos dos futuros médicos.
d) ... é razoável supor que a proporção de estudantes despreparados <u>seja</u> maior.
e) ... <u>seria</u> imprescindível [...] a realização de provas...

13 Está totalmente clara, e em conformidade com a norma culta escrita, a seguinte reformulação da frase: Esse retrato vem sendo confirmado anualmente desde 2005.

a) Esse retrato vem sendo confirmado anualmente a mais de três anos.
b) Devem fazer uns quatro anos que se confirma anualmente esse retrato.
c) Se faz confirmações anuais desse retrato, de 2005, em seguida.
d) Vindo de 2005, a confirmação desse retrato é anual.
e) Confirma-se esse retrato anualmente, desde o ano de 2005

14 Se implementado nesses moldes, um exame obrigatório nacional cumpriria dupla função: impediria o acesso à profissão de recém-formados despreparados e, ao longo do tempo, estimularia uma melhora gradual dos cursos universitários de medicina.

Considerados o trecho acima e o respeito ao padrão culto escrito, é **CORRETO** afirmar
a) No início do trecho, está implícita a forma verbal "fosse"; caso estivesse subentendida a forma "for", deveria ser usada a forma "cumprirá".
b) A forma verbal cumpriria foi empregada para expressar fato futuro tomado como certo e próximo de se realizar.
c) Os dois-pontos anunciam ideias que, consideradas de grande importância, não haviam recebido nenhuma referência anteriormente.
d) O uso do sinal indicativo da crase manteria sua correção se o segmento fosse: "impediria o acesso à mais de um cargo que exige boa formação profissional".
e) Assim como profissão, está adequadamente grafado o vocábulo "assensão".

15 A frase que **NÃO** apresenta ambiguidade é
a) O coordenador informou ao grupo que sua proposta não tinha sido aceita.
b) A briga entre Pedro e Miguel foi séria, por isso lhe disse que era melhor não insistir na viagem.
c) De presente de aniversário, a menina pediu muito ousada fantasia de fada.
d) Ator e diretor se desentenderam, mas, posteriormente, o ator reconheceu suas próprias falhas.
e) Maria assinou o projeto e o orçamento, cujo prazo de entrega estava se esgotando.

16 A frase em que a concordância está em total conformidade com o padrão culto escrito é
a) Tintas e pincéis novos estavam sendo usados pela artista novata, ainda que os últimos não lhes pertencessem.
b) Debateram sobre a utilidade de vários acessórios e concluíram que muitos não eram, de fato, nada acessível.
c) O produto derramado atingiu muitas árvores, mas não as comprometeram de modo irreversível.
d) As mais vultosas doações para o programa de emergência já haviam sido feitas, por isso as expectativas de que a arrecadação fosse muito mais alta não tinha fundamento.
e) São muitos os aspectos do documento que merecem detida análise do advogado, mas tudo indica que não haverá alterações significativas.

17 O segmento grifado está empregado em conformidade com o padrão culto escrito em
a) O apego <u>nos</u> bens que julgava lhe pertencerem provocou muitas discórdias.
b) Estou convicto <u>de que</u> as melhores providências já foram tomadas.
c) Sua ambição <u>com o</u> poder colocou-o em situação difícil.
d) Apresentou, <u>perante a</u> todos, suas desculpas pelo perigoso equívoco.
e) Medroso <u>com tudo</u> que lhe era desconhecido, não aceitou o cargo no exterior.

18 A frase pontuada em conformidade com a norma culta escrita é
a) Entendam todos, que a questão não está resolvida, e que assim que for possível, voltaremos ao debate.

b) Através da janela embaçada vislumbravam-se, pinheiros de vários tipos, árvores frutíferas de várias espécies e ainda, o topo da igreja centenária.
c) O autor alerta na introdução, sobre a necessidade de a leitura ser feita em ritmo lento, compatível com a gravidade do assunto.
d) Ela conquistava as glórias, eu, as antipatias; assim fomos construindo nossa vida de comerciantes, até que, um dia, as coisas se inverteram.
e) Do que foi discutido, uma conclusão evidente; todos terão direito de expor suas expectativas, desde que o façam, com absoluta civilidade.

19 A frase em que a grafia respeita totalmente o padrão culto escrito é
a) À exceção dos que se abstiveram de opinar sobre a qualidade dos serviços, os participantes da pesquisa puderam usufruir gratuitamente de um dia de lazer no hotel.
b) A escursão prometida não ocorreu, pois o número de interessados foi excessivo; mas até isso colaborou para o explendor da viagem, pois o desconto oferecido surpreendeu.
c) Casualmente encontraram-se no saguão; ela parecia advinhar o que ele tinha a lhe dizer, por isso não lhe deu oportunidade de ser posta em cheque.
d) Considerou ultrage o comentário adivindo do seu sucessor, mas, para preservar-se, abdicou de dar-lhe resposta à altura.
e) Com a dispensa abarrotada de produtos nobres, não exitou um minuto ao negar um jantar aos participantes do programa de inclusão social.

20 A frase que atende integralmente ao padrão culto escrito é
a) Vossa Excelência, é certo que vossa presença está sendo reclamada: todos querem que continua prestar apoio ao grupo de trabalho.
b) As alterações que provirem da reunião com o prefeito serão bem recebidas, se contemplarem os direitos de todos os cidadãos da comunidade.
c) Os guardas-florestais requereram revisão do acordo feito com empresas que não respeitam as normas ambientais.
d) Se o manual contesse todas as informações necessárias, não haveria necessidade de eu estar solicitando mais esclarecimentos.
e) Se você o ver ainda hoje, avise que o prazo para entrega do documento expirará amanhã.

GABARITO

01 – C	02 – A	03 – E	04 – B	05 – D
06 – E	07 – D	08 – A	09 – B	10 – C
11 – D	12 – C	13 – E	14 – A	15 – D
16 – E	17 – B	18 – D	19 – A	20 – C

PROVA IV
FCC - TRE/AMAZONAS - 2010

ATENÇÃO: As questões de números **1** a **10** referem-se ao texto seguinte.

ENTRE A CRUZ E A CALDEIRINHA

"Quantas divisões tem o Papa?", teria dito Stalin quando alguém lhe sugeriu que talvez valesse a pena ser mais tolerante com os católicos soviéticos, a fim de ganhar a simpatia de Pio XI. Efetivamente, além de um punhado de multicoloridos guardas suíços, o poder papal não é palpável. Ainda assim, como bem observa o escritor Elias Canetti, "perto da Igreja, todos os poderosos do mundo parecem diletantes".

Há estatísticas controvertidas sobre esse poder eclesiástico. Ao mesmo tempo que uma pesquisa da Fundação Getúlio Vargas indica que, a cada geração, cai o número de católicos no Brasil, outra, da mesma instituição, revela que, para os brasileiros,

a única instituição democrática que funciona é a Igreja Católica, com créditos muito superiores aos dados à classe política. Daí os sentimentos mistos que acompanharam a visita do papa Bento XVI ao Brasil. "O Brasil é estratégico para a Igreja Católica.

Está sendo preparada uma Concordata entre o Vaticano e o nosso país. Nela, todo o relacionamento entre as duas formas de poder (religioso e civil) será revisado. Tudo o que depender da Igreja será feito no sentido de conseguir concessões vantajosas para o seu pastoreio, inclusive com repercussões no direito comum interno ao Brasil (pesquisas com células-tronco, por exemplo, aborto, e outras questões árduas)", avalia o filósofo Roberto Romano. E prossegue: "Não são incomuns atos religiosos que são usados para fins políticos ou diplomáticos da Igreja. Quem olha o Cristo Redentor, no Rio, dificilmente saberá que a estátua significa a consagração do Brasil à soberania espiritual da Igreja, algo que corresponde à política eclesiástica de denúncia do laicismo, do modernismo e da democracia liberal.

A educadora da USP Roseli Fischman, no artigo "Ameaça ao Estado laico", avisa que a Concordata poderá incluir o retorno do ensino religioso às escolas públicas. "O súbito chamamento do MEC para tratar do ensino religioso tem repercussão quanto à violação de direitos, em particular de minorias religiosas e dos que têm praticado todas as formas de consciência e crença neste país, desde a República", acredita a pesquisadora.Por sua vez, o professor de Teologia da PUC-SP Luiz Felipe Pondé responde assim àquela famosa pergunta de Stalin: "Quem precisa de divisões tendo como exército a eternidade?"

(Adaptado de Carlos Haag, Pesquisa FAPESP n. 134, 2007)

01 A expressão entre a cruz e a caldeirinha indica uma opção muito difícil de se fazer. Justifica-se, assim, sua utilização como título de um texto que, tratando da atuação da Igreja, enfatiza a dificuldade de se considerar em separado

a) a ingerência eclesiástica nas atividades comerciais e nas diplomáticas.
b) a instância do poder espiritual e o campo das posições políticas.
c) o crescente prestígio do ensino religioso e a decadência do ensino laico.
d) os efetivos militares à disposição do Papa e a força do pontificado.
e) as denúncias papais do laicismo e os valores da democracia liberal.

02 Atente para as seguintes afirmações:

I. As frases de Stalin e de Elias Canetti, citadas no 1º parágrafo, revelam critérios e posições distintas na avaliação de uma mesma questão.
II. Na Concordata (referida no 3º parágrafo), a Igreja pretende valer-se de dispositivos constitucionais que lhe atribuem plena autonomia legislativa.
III. A educadora Roseli Fischman propõe (4º parágrafo) que o ensino religioso privilegie, sob a gestão direta do MEC, minorias que professem outra fé que não a católica.

Em relação ao texto, está **CORRETO APENAS** o que se afirma em

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) II e III.

03 Considerado o contexto, traduz-se adequadamente o sentido de um segmento em

a) o poder papal não é palpável = o Papa não dispõe de poder considerável.
b) parecem diletantes = arvoram-se em militantes.
c) com créditos muito superiores = de muito maior confiabilidade.
d) repercussões no direito comum interno = efeitos sobre o direito canônico.
e) denúncia do laicismo = condenação dos ateus.

04 Ao se referir ao poder da Igreja, Elias Canetti e Luis Felipe Pondé

a) admitem que ele vem enfraquecendo consideravelmente ao longo dos últimos anos.
b) consideram que, na atualidade, ele só se manterá o mesmo caso seja amparado por governos fortes.
c) afirmam que nunca ele esteve tão bem constituído quanto agora, armado da fé para se aliar aos fortes.
d) lembram que a energia de um papado não provém da instituição eclesiástica, mas da autoridade moral do Papa.
e) advertem que ele não depende da força militar, uma vez que se afirma historicamente como poder espiritual.

05 Na frase **Quem precisa de divisões <u>tendo como exército a eternidade?</u>**, o segmento sublinhado pode ser substituído, sem prejuízo para o sentido e a correção, por
a) ao ter no exército sua eternidade?
b) fazendo do exército sua eternidade?
c) contando na eternidade com o exército?
d) dispondo da eternidade como exército?
e) provendo o exército assim como a eternidade?

06 As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na frase
a) Deve-se firmar alguns acordos entre o Vaticano e o Brasil durante as discussões da Concordata.
b) Nunca chegou a preocupar Stalin, naturalmente, os guardas suíços que constituem a segurança do Vaticano.
c) Ao se deterem na estátua Cristo Redentor, no Rio de Janeiro, os olhos de um turista não verão o que de fato ela consagra.
d) As concessões vantajosas que pretendem obter, nas discussões da Concordata, a Igreja Católica, dizem respeito a questões polêmicas.
e) Muitas repercussões passarão a haver no direito interno, caso a Concordata consagre os acordos que constituem o principal interesse da Igreja.

07 Está **CORRETA** a flexão de todas as formas verbais da frase
a) Tudo o que advir como poder da Igreja tem correspondência com o plano simbólico e espiritual.
b) O poder civil e a esfera religiosa nem sempre conviram quanto à busca de um sereno estabelecimento de acordos.
c) Ao longo da História, nações e igrejas muitas vezes se absteram de buscar a convergência de seus interesses.
d) A pergunta de Stalin proveu de sua convicção quanto ao que torna de fato competitivo um país beligerante.
e) Ciente da fragilidade militar da Igreja, o ditador não se conteve e interveio na História com a famosa frase.

08 A frase que admite transposição para a **VOZ PASSIVA** é
a) Perto da Igreja, todos os poderosos do mundo parecem diletantes.
b) A Concordata poderá incluir o retorno do ensino religioso.
c) Há estatísticas controvertidas sobre esse poder eclesiástico.
d) Não são incomuns atos religiosos com finalidade política.
e) O Brasil é um país estratégico para a Igreja Católica.

09 Está **CLARA** e **CORRETA** a redação deste livre comentário sobre o texto
a) Deve de ser preocupante para os católicos, que eles venham caindo de número nas estatísticas, em conformidade com a Fundação Getúlio Vargas.
b) Mau-grado seu desempenho nas estatísticas da FGV, esta mesma instituição considera que a Igreja tem mais prestígio que outras classes.
c) A mesma Fundação em que se abona o papel da Igreja como democrática, é também a instituição em que avalia seu decréscimo de fiéis.

d) Não obstante esteja decrescendo o número de fiéis, a Igreja, segundo a Fundação Getúlio Vargas, é prestigiada como instituição democrática.
e) A FGV, em pesquisas atinentes da Igreja Católica, chegou a resultados algo controversos, seja pelo prestígio, seja pela contingência dos seus fiéis.

10 Está adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase
a) Se o Papa dispusesse de inúmeras e bem armadas divisões, talvez Stalin reconsiderasse sua decisão e buscasse angariar a simpatia de Pio XI.
b) Como alguém lhe perguntou se não é o caso de ganhar a simpatia de Pio XI, Stalin lhe respondera que ignorava com quantas divisões conta o Papa.
c) Caso o Brasil não fosse um país estratégico para a Igreja, a Concordata não se revestirá da importância que lhe atribuíram os eclesiásticos.
d) São tão delicadas as questões a serem discutidas na Concordata que será bem possível que levassem muito tempo para desdobrar todos os aspectos.
e) Roberto Romano lembra-nos de que já houve, na História, atos religiosos que acabassem por atender a uma finalidade política que é prevista.

ATENÇÃO: As questões de números **11** a **15** referem-se ao texto seguinte.

A leitura dos clássicos

Os clássicos são livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, preservando-se no inconsciente. Por isso, deveria existir um tempo na vida adulta dedicado a revisitar as leituras mais importantes da juventude. Se os livros permaneceram os mesmos (mas também eles mudam, à luz de uma perspectiva histórica diferente), nós com certeza mudamos, e o encontro é um acontecimento totalmente novo. Portanto, usar o verbo ler ou o verbo reler não tem muita importância. De fato, poderíamos dizer: toda releitura de um clássico é uma leitura de descoberta, como a primeira.

(Ítalo Calvino, "Por que ler os clássicos")

11 Da leitura do texto depreende-se que os **clássicos**
a) exercem grande efeito sobre nós, a menos quando se infiltram nas regiões do nosso inconsciente.
b) adquirem especial sentido quando lidos na adolescência, idade em que nos revelam toda a sua grandeza.
c) podem ser relidos sem que percam, por isso, o poder de revelação que demonstraram na primeira leitura.
d) mudam de valor a cada vez que os lemos, já que o tempo vai esmaecendo a importância de cada leitura.
e) gravam-se em nossa memória segundo a importância que tiveram para as gerações precedentes.

12 Atente para as seguintes afirmações
I. A releitura de uma obra clássica é reconfortante pela recuperação exata do sentido que já lhe atribuímos no passado.
II. Uma nova perspectiva histórica pode ser determinante para uma nova compreensão de uma mesma obra clássica.
III. Assim como nós podemos permanecer os mesmos ao longo do tempo, o sentido de uma obra clássica pereniza-se na história.

Em relação ao texto, **APENAS** está **CORRETO** o que se afirma em
a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) II e III.

13 O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do **PLURAL** para preencher corretamente a lacuna da frase

a) .....-se (**atribuir**) aos clássicos a propriedade de nos encantar em qualquer tempo ou idade que os busquemos.

b) .....-se (**distinguir**) os clássicos pelo fato de conservarem o mesmo poder de revelação ao longo do tempo.

c) .....-nos (**impressionar**) nos clássicos o sentido de uma perenidade que não implica cristalização.

d) .....-se (**queixar**) dos clássicos apenas quem os lê com a desatenção ou o desamor das tarefas obrigatórias.

e) .....-nos (**confortar**) nos clássicos a companhia dos mais altos valores humanos que põem à nossa disposição.

14 *...toda releitura de um clássico é uma leitura de descoberta, como a primeira.* Uma nova, **CLARA** e **CORRETA** redação da frase acima apresenta- se em

a) Tal como a primeira, as outras leituras de um clássico sempre constituem uma revelação.

b) Sendo de um clássico, todas as outras leituras são como de primeiras descobertas.

c) É como se fosse uma primeira leitura de um clássico todas as descobertas que ele nos proporciona.

d) Assim como é uma descoberta a leitura de um clássico, outras leituras também serão como a primeira.

e) Todas as leituras de um clássico, haja vista a primeira, têm aquela mesma revelação.

15 Está **CORRETO** o emprego do elemento sublinhado na frase:

a) Os clássicos são livros em cuja particular influência torna-os inesquecíveis.

b) As dobras da memória, aonde se ocultam imagens dos clássicos, são o refúgio do inconsciente.

c) Há um tempo na vida adulta no qual poderíamos utilizar para uma redescoberta dos clássicos.

d) A perspectiva histórica é determinante, por cuja os clássicos ganham um novo significado.

e) O poder de revelação de que se imbuem os clássicos acaba por nos revelar para nós mesmos.

GABARITO

01 – B	02 – A	03 – C	04 – E	05 – D
06 – C	07 – E	08 – B	09 – D	10 – A
11 – C	12 – D	13 – B	14 – A	15 – E

PROVA V
FUNDEP-ANALISTA MUNCIPAL/OP-2010

ATENÇÃO: As questões de **01** a **18** relacionam-se com o texto abaixo. Leia atentamente todo o texto antes de responder a elas.

O pecado da intolerância

Numa escola de uma capital brasileira, alguns pais reclamam com a direção: não querem seus filhos estudando ao lado de dois meninos estrangeiros, de um país que consideram "atrasado e fanático". A direção, a meu ver, pecando por compactuar com a intolerância, agravada pelo fato de envolver crianças, pede aos pais que resolvam o assunto entre eles. Resultado: os pais dos meninos estrangeiros, pressionados de um lado e desamparados de outro, tiram os filhos da escola. Diga-se que o pai em questão é um executivo com um currículo invejável e a mãe, professora universitária. Mas, ainda que fossem pessoas simples, seus direitos teriam sido igualmente feridos.

***

Num restaurante de classe média, pessoas torcem o nariz e pagam a conta antecipadamente, sem con-

cluir a refeição, porque, na mesa ao lado, se senta um casal negro, com uma filha e um filho adolescentes. Ninguém comenta ou reclama de que se trata de uma demonstração criminosa de racismo, não comprovável, mas evidente. A adolescente discriminada põe-se a chorar e pede aos pais para irem embora também. A família comemorava ali o 14º aniversário dela.

***

Um rapaz decide largar os estudos superiores e empregar-se numa empresa decente. O salário não é alto, mas a situação lhe convém: ele prefere experiência a diploma, e é isso que lhe está sendo oferecido. O pai resolve não falar mais com ele, nega-lhe qualquer ajuda monetária e só não o expulsa de casa devido aos apelos da mãe. Porém, em todas as ocasiões em que é possível, deixa claro que o filho é "a sua grande decepção".

Uma mulher decide sair de um casamento infeliz e pede a separação. O marido, que, certamente, também não está feliz, recusa qualquer combinação amigável e quer uma separação litigiosa. As duas filhas moças tomam o partido do pai, como se, de repente, a mãe que delas cuidara por mais de vinte anos tivesse se transformado em alguém desprezível, irreconhecível e inaceitável. Nenhuma das duas lhe pergunta os seus motivos; ninguém deseja saber de suas dores; nenhuma das duas jovens mulheres lhe dá a menor chance de explicação, o menor apoio. Parece-lhes natural que, diante de um passo tão grave da parte de quem as criara, educara, vestira, acarinhara e acompanhara devotamente por toda a vida, fosse negado qualquer apoio, carinho e respeito.

***

Os casos se multiplicam, são muito mais cruéis do que esses, existem em meu bairro, em seu bairro. Nossa postura diante do inesperado, do diferente, raramente é de atenção, abertura, escuta. Pouco nos interessam os motivos, o bem, as angústias e buscas, direitos e razão de quem infringe as regras da nossa acomodação, frivolidade ou egoísmo. Queremos todos os privilégios para nós, a liberdade, a esperança. Para os outros, mesmo se antes eram muito próximos, queremos a imobilidade, a distância. Cassamos sem respeitar os seus direitos humanos mais básicos. A intolerância, que talvez não conste no índex das religiões mais castradoras, é, com certeza, um feio pecado capital. Do qual talvez nenhum de nós escape, se examinarmos bem.

LUFT, Lya. VEJA, 15 dez. 2004 p. 22

01 É **CORRETO** afirmar que, entre os exemplos de discriminação tratados nesse texto, **NÃO** se inclui um que tem por motivo a

a) doença.
b) escolaridade.
c) etnia.
d) nacionalidade.

2 É **CORRETO** afirmar que os comentários que compõem a conclusão desse texto estão estruturados numa forma

a) descritiva.
b) dissertativa.
c) exortativa.
d) narrativa.

3 "A direção [...] pede aos pais que resolvam o assunto entre eles."

Considerando-se as informações do texto, é **CORRETO** afirmar que o comportamento da Diretoria da escola, expresso nessa frase, revela uma atitude de

a) elitismo.
b) hostilidade.
c) indiferença.
d) orgulho.

4 "Ninguém comenta ou reclama de que se trata de uma demonstração criminosa de racismo, não comprovável, mas evidente."

É **CORRETO** afirmar que, nessa frase, se configura uma atitude de

a) desatenção.
b) discrição.
c) observação.
d) omissão.

5 "O pai resolve não falar mais com ele, nega-lhe qualquer ajuda monetária e só não o expulsa de casa devido aos apelos da mãe."

É **CORRETO** afirmar que a reação do pai aos atos do filho, explicitada nessa frase, revela, por parte daquele, uma atitude de

a) admoestação.
b) apreensão.
c) rejeição.
d) tensão.

6 "Parece-lhes natural que, diante de um passo tão grave da parte de quem as criara [...] e acompanhara devotamente por toda a vida, fosse negado qualquer apoio, carinho e respeito."

A leitura desse trecho permite concluir que a atitude das filhas em relação à mãe, narrada nessa frase, se acha bem caracterizada em um ditado popular muito conhecido.

Assinale a alternativa que apresenta **corretamente** esse ditado popular.

a) "Acender uma vela a Deus e outra ao diabo."
b) "Cuspir no prato em que comeu."
c) "Desvestir um santo para vestir outro."
d) "Procurar sarna para se coçar."

7 "Diga-se que o pai em questão é ***um executivo com um currículo invejável...***"

É **CORRETO** afirmar que a expressão destacada nessa frase é inadequada para designar alguém cujo perfil profissional se caracteriza por uma

a) carreira em constante ascensão.
b) experiência em diferentes áreas.
c) formação intelectual primorosa.
d) resistência a ideias avançadas.

8 "Num restaurante de classe média, pessoas ***torcem o nariz*** [...] porque, na mesa ao lado, se senta um casal negro..."

É **CORRETO** afirmar que a expressão destacada nessa frase é usada, ***habitualmente,*** na linguagem

a) acadêmica.
b) informal.
c) oratória.
d) poética.

9 "A intolerância [...] é, com certeza, um feio pecado ***capital.***"

É **CORRETO** afirmar que, entre os sentidos que se podem atribuir à palavra destacada nessa frase, **NÃO** se inclui o de

a) fundamental.
b) humilhante.
c) principal.
d) relevante.

10 "O salário não é alto, mas a situação lhe convém: ele prefere experiência a diploma, e é isso que lhe está sendo oferecido."

É **CORRETO** afirmar que, nessa frase, o acento agudo usado em algumas palavras se justifica, em todos os casos, por

a) apenas uma regra de acentuação.
b) duas regras de acentuação.
c) três regras de acentuação.
d) quatro regras de acentuação.

11 "Mas, ainda que ***fossem*** pessoas simples, seus direitos teriam sido igualmente feridos." (linhas 13 - 14)

É **CORRETO** afirmar que a forma verbal destacada nessa frase está flexionada no

a) imperativo.
b) indicativo.
c) infinitivo.
d) subjuntivo.

12 "Nenhuma das duas ***lhe*** pergunta os seus motivos..."

Considerando-se o trecho do texto em que se insere essa frase, é **CORRETO** afirmar que o pronome nela destacado se refere, ***especificamente,***

a) a alguém desprezível.
b) a uma mulher.
c) à mãe.
d) ao pai.

13 "O marido, que, certamente, também não está feliz, recusa qualquer combinação amigável e quer uma separação litigiosa."

Considerando-se apenas as palavras que indicam qualidade, é **CORRETO** afirmar que, nessa frase, há

a) duas delas.
b) três delas.
c) quatro delas.
d) mais de quatro delas.

14 . "Parece-lhes natural que, diante de um passo tão grave da parte de quem as ***criara*** [...] fosse negado qualquer apoio, carinho e respeito."

É **CORRETO** afirmar que, sem se alterar o sentido original dessa frase, a forma verbal nela destacada pode ser substituída por

a) tenha criado.
b) teria criado.
c) tinha criado.
d) tivesse criado.

15 "Nossa postura diante do inesperado, do diferente, ***raramente*** é de atenção, abertura, escuta."

É **CORRETO** afirmar que, nessa frase, a palavra destacada exerce uma função

a) adjetiva.
b) adverbial.
c) conectiva.
d) substantiva.

16 "Queremos todos os privilégios para nós, a liberdade, a esperança. Para os outros [...] queremos a imobilidade, a distância."

É **CORRETO** afirmar que esses ***dois*** períodos podem ser reunidos em ***apenas um***, sem sofrerem qualquer alteração de sentido ou qualquer outra alteração de forma, utilizando-se o conectivo

a) conquanto.
b) enquanto.
c) portanto.
d) tanto.

17 "Cassamos ***sem respeitar os seus direitos humanos mais básicos.***"

É **CORRETO** afirmar que a oração destacada nesse período veicula uma ideia de

a) causa.
b) consequência.
c) finalidade.
d) modo.

18 "A intolerância [...] é, com certeza, um feio pecado capital. Do qual talvez nenhum de nós escape, ***se examinarmos bem.***"

É **CORRETO** afirmar que, nesse trecho, a oração destacada se liga à que a precede, estabelecendo uma relação de

a) comparação.
b) concessão.
c) condição.
d) consecução.

GABARITO

01 – A	02 – B	03 – C	04 – D	05 – C	06 – B
07 – D	08 – B	09 – B	10 – D	11 – D	12 – C
13 – B	14 – C	15 – B	16 – B	17 – D	18 – C

PROVA VI
FUNDEP-TRIBUNAL DE JUSTIÇA/MG
2009

ATENÇÃO: As questões de **01** a **18** relacionam-se com o texto abaixo. Leia atentamente todo o texto antes de responder a elas.

História da Cidadania
(Introdução)

Afinal, o que é ser cidadão? Ser cidadão é ter direito à vida, à liberdade, à propriedade, à igualdade perante a lei: é, em resumo, ter direitos civis. É também participar no destino da sociedade, votar, ser votado, ter direitos políticos. Os direitos civis e políticos não asseguram a democracia sem os direitos sociais, aqueles que garantem a participacão do indivíduo na riqueza coletiva: o direito à educação, ao trabalho, ao salário justo, à saúde, a uma velhice tranquila. Exercer a cidadania plena é ter direitos civis, políticos e sociais. [...]

Cidadania não é uma definição estanque, mas um conceito histórico, o que significa que seu sentido varia no tempo e no espaço. É muito diferente ser cidadão na Alemanha, nos Estados Unidos ou no Brasil (para não falar dos países em que a palavra é tabu), não apenas pelas regras que definem quem é ou não titular da cidadania (por direito territorial ou de sangue), mas também pelos direitos e deveres distintos que caracterizam o cidadão em cada um dos Estados-nacionais contemporâneos. Mesmo dentro de cada Estado-nacional, o conceito e a prática da cidadania vêm se alterando ao longo dos últimos duzentos ou trezentos anos. Isso ocorre tanto em relação a uma abertura maior ou menor do estatuto de cidadão para sua população (por exemplo, pela maior ou menor incorporação dos imigrantes à cidadania), ao grau de participação política de diferentes grupos (o voto da mulher, do analfabeto), quanto aos direitos sociais, à proteção social oferecida pelos Estados aos que dela necessitam.

A aceleração do tempo histórico nos últimos séculos e a consequente rapidez das mudanças faz com que aquilo que, num momento, podia ser considerado subversão perigosa da ordem, no seguinte, seja algo corriqueiro, "natural" (de fato, não é nada natural, é perfeitamente social).

Não há democracia ocidental em que a mulher não tenha, hoje, direito ao voto, mas isso já foi considerado absurdo, até muito pouco tempo atrás, mesmo em países tão desenvolvidos da Europa como a Suíça. Esse mesmo direito ao voto já esteve vinculado à propriedade de bens, à titularidade de cargos ou funções, ao fato de se pertencer ou não a determinada etnia, etc. Ainda há países em que os candidatos a presidente devem pertencer a determinada religião (Carlos Menem se converteu ao catolicismo para poder governar a Argentina), outros em que nem filho de imigrante tem direito a voto e por aí afora. A ideia de que o Poder Público deve garantir um mínimo de renda a todos os cidadãos e o acesso a bens coletivos, como saúde, educação e previdência, deixa ainda muita gente arrepiada, pois se confunde facilmente o simples assistencialismo com dever do Estado. Não se pode, portanto, imaginar uma sequência única, determinista e necessária para a evolução da cidadania em todos os países. [...] Isso não nos permite, contudo, dizer que inexiste um processo de evolução que marcha da ausência de direitos para sua ampliação, ao longo da história.

A cidadania instaura-se a partir dos processos de lutas que culminaram na Declaração dos Direitos Humanos, dos Estados Unidos da América do Norte, e na Revolução Francesa. Esses dois eventos romperam o princípio de legitimidade que vigia até então, baseado nos deveres dos súditos, e passaram a estruturá-lo com base nos direitos do cidadão. Desse momento em diante, todos os tipos de luta foram travados para que se ampliasse o conceito e a prática de cidadania e o mundo ocidental os estendesse para mulheres, crianças, minorias nacionais, étnicas, sexuais, etárias. Nesse sentido, pode-se afirmar que, na sua acepção mais ampla, cidadania é a expressão concreta do exercício da democracia.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (Orgs.). História da cidadania. São Paulo: Contexto, 2003 p. 9-10 (Texto adaptado)

01 "Afinal, o que é ser cidadão?"
É **CORRETO** afirmar que a resposta a essa pergunta, que introduz o texto, é construída sob a forma de uma
a) admoestação.
b) citação.
c) definição.
d) reiteração.

02 "Os direitos civis e políticos não asseguram a democracia sem os direitos sociais..."
Com base na leitura do texto, é **CORRETO** afirmar que, nessa frase, se confere aos direitos sociais, numa democracia, **PRINCIPALMENTE**, um papel
a) coadjuvante.
b) essencial.
c) expressivo.
d) intermediário.

03 "Cidadania não é uma definição estanque, mas ***um conceito histórico***..."
Com base na leitura do texto, é **CORRETO** afirmar que a expressão destacada nessa frase autoriza considerar-se cidadania como um conceito
a) absoluto.
b) indefinido.
c) ilimitado.
d) relativo.

04 Considerando-se as informações do texto, é **CORRETO** afirmar que a prática da cidadania **NÃO** é
a) diferenciada.
b) evolutiva.
c) homogênea.
d) multifacetada.

05 "Esse mesmo direito ao voto já esteve vinculado à propriedade de bens, à titularidade de cargos ou funções, ao fato de se pertencer ou não a determinada etnia, etc."
É **CORRETO** afirmar que as informações contidas nesse trecho permitem inferir que as instituições políticas **NEM SEMPRE** são
a) confiáveis.
b) exequíveis.
c) imutáveis.
d) presumíveis.

06 "Isso não nos permite, contudo, dizer que inexiste um processo de evolução que marcha da ausência de direitos para sua ampliação, ao longo da história."
É **CORRETO** afirmar que as informações contidas nesse trecho são, ***no texto***,
a) criticadas.
b) fundamentadas.
c) refutadas.
d) subestimadas.

07 "Esses dois eventos romperam o princípio de legitimidade que vigia até então, baseado nos deveres dos súditos, e passaram a estruturá-lo com base nos direitos do cidadão."
Com base nas informações desse trecho, é **CORRETO** afirmar que os direitos de cidadania orientam um processo de
a) elitização.
b) hierarquização.
c) moderação.
d) modernização.

08 "... todos os tipos de luta foram travados para que se ampliasse o conceito e a prática de cidadania..."
Com base na leitura desse trecho, é **CORRETO** afirmar que o conceito e a prática de cidadania podem ser considerados
a) ambíguos.
b) contraditórios.
c) deterministas.
d) dinâmicos.

09 "... pode-se afirmar que, na sua acepção mais ampla, cidadania é a expressão concreta do exercício da democracia."
É **CORRETO** afirmar que as informações contidas nessa frase permitem inferir que cidadania e democracia se
a) excluem.
b) implicam.
c) parecem.
d) projetam.

10 "A ideia de que o Poder Público deve garantir um mínimo de renda a todos os cidadãos [...] deixa ainda ***muita gente arrepiada...***" (linhas 51-55)

É **CORRETO** afirmar que, nessa frase, a expressão destacada configura o emprego de uma linguagem

a) erudita.
b) figurada.
c) hermética.
d) incorreta.

11 "É também participar no destino da sociedade, ***votar, ser votado***, ter direitos políticos."

É **CORRETO** afirmar que, quanto ao seu emprego, as ***duas*** formas verbais destacadas diferem

a) na pessoa.
b) na voz.
c) no modo.
d) no tempo.

12 "Cidadania não é uma definição estanque, ***mas*** um conceito histórico..."

É **CORRETO** afirmar que, nesse período, a palavra destacada estabelece entre as orações uma relação de

a) alternância.
b) comparação.
c) concomitância.
d) oposição.

13 "É muito diferente ser cidadão na Alemanha, [...] ou no Brasil [...] ***não apenas*** pelas regras que definem quem é ou não titular da cidadania [...] ***mas também*** pelos direitos e deveres distintos que caracterizam o cidadão em cada um dos Estados-nacionais contemporâneos."

É **CORRETO** afirmar que, nesse período, as expressões destacadas estabelecem entre orações uma relação de

a) adição.
b) causalidade.
c) conformação.
d) finalidade.

14 "Não se pode, ***portanto***, imaginar uma sequência única [...] para a evolução da cidadania em todos os países."

É **CORRETO** afirmar que, nessa frase, a palavra destacada veicula um sentido de

a) concessão.
b) conclusão.
c) consecução.
d) explicação.

15 "Esses dois eventos romperam o princípio de legitimidade que vigia até então, baseado nos deveres dos súditos, e passaram a estruturá-lo com base nos direitos do cidadão."

Considerando-se as formas verbais presentes nesse período, é **CORRETO** afirmar que

a) uma delas pertence a verbo da terceira conjugação.
b) duas delas pertencem a verbos da segunda conjugação.
c) três delas estão empregadas em formas de plural.
d) todas elas estão empregadas em tempo pretérito.

16 Assinale a alternativa em que, na frase transcrita, a palavra destacada se classifica como pronome relativo.

a) "A aceleração do tempo histórico [...] faz com ***que*** aquilo que, num momento, podia ser considerado subversão perigosa da ordem, no seguinte, seja algo corriqueiro..."
b) "A ideia de ***que*** o Poder Público deve garantir um mínimo de renda a todos os cidadãos [...] deixa ainda muita gente arrepiada..."
c) "Ainda há países em ***que*** os candidatos a presidente devem pertencer a determinada religião..."
d) "... todos os tipos de luta foram travados para ***que*** se ampliasse o conceito e a prática de cidadania..."

17 "Os direitos civis e políticos não asseguram a democracia sem os direitos sociais [...]: o direito à educação, [...] a uma velhice tranquila."

É **CORRETO** afirmar que o sinal gráfico empregado na palavra destacada nessa frase é denominado

a) acento agudo.
b) acento grave.
c) crase.
d) trema.

18 "Desse momento em diante, todos os tipos de luta foram travados para que se ampliasse o conceito e a prática de cidadania e o mundo ocidental os estendesse para mulheres, crianças, minorias nacionais..."

É **CORRETO** afirmar que o gênero e o número do pronome destacado nesse período se devem ao fato de que ele substitui a expressão

a) "mulheres, crianças, minorias nacionais".
b) "o conceito e a prática da cidadania".
c) "o mundo ocidental".
d) "todos os tipos de luta".

GABARITO

01 – C	02 – B	03 – D	04 – C	05 – C	06 – B
07 – D	08 – D	09 – B	10 – B	11 – B	12 – D
13 – A	14 – B	15 – B	16 – C	17 – B	18 – B

PROVA VII
FUNDEP-ASSEMBLEIA/MG-2008

INSTRUÇÃO: As questões de **01** a **18** devem ser respondidas com base no texto abaixo.

SOBRE A VERDADE

O que é a verdade? O dicionário (Aurélio) nos diz que verdade é "conformidade com o real". Complicado isso, já que determinar o que é ou não "real" não é trivial. O que é real para uns, por exemplo, anjos, fadas e duendes, pode não ser para outros. Segundo essa definição, para determinar o que é verdadeiro, temos que conhecer bem a realidade.

E como fazer isso? Como distinguir, além da subjetividade humana, o que é real ou não? Esse é o problema, separar fato de opinião, o que é real "de verdade" do que é apenas fruto de uma visão pessoal ou de crenças de um grupo de pessoas.

Se tudo o que fazemos está ligado de um modo ou outro a quem somos, como, então, definir o que é verdade?

Uma possibilidade é estabelecer categorias de verdade. No topo, ficam as verdades absolutas, que transcendem o elemento humano.

Elas independem de opinião, de afiliação partidária, de religião, de contexto histórico ou de geografia. São as verdades matemáticas, as que podem ser afirmadas categoricamente como, por exemplo: $2 + 2 = 4$. Essa afirmação, uma vez compreendidos os símbolos, é tida como verdadeira.

Ela é verdadeira para nós, para os monges de um monastério no Tibet, para sacerdotes egípcios que viveram há quatro mil anos, ou para supostas inteligências alienígenas que existam pelo cosmo afora. Como esta, existem muitas outras, baseadas em asserções matemáticas que dependem da percepção de objetos no mundo.

Se vemos uma pedra podemos associar uma unidade a ela ("uma" pedra). Se vemos uma podemos ver mais de uma e, com isso, construir uma aritmética.

São muito úteis essas verdades matemáticas, mas menos interessantes. Não que a matemática pura seja pouco interessante, pelo contrário.

Existem complicações mesmo nela, inclusive ao nível mais elementar. [...] Mas, por serem verdades absolutas e, portanto, longe da confusa realidade humana, não dão muito espaço para a polêmica.

A coisa fica complicada quando se discute, por exemplo, a realidade física. O Universo, ou melhor, nossa concepção dele, mudou muito nos últimos 500 anos. Para uma pessoa da Renascença, antes de Nicolau Copérnico (1473-1543), o cosmo era finito, com a Terra imóvel no centro. O céu, a morada de Deus, ficava além da esfera das estrelas fixas. Era ela que marcava o fim do espaço.

Após Copérnico e, principalmente, após Johannes Kepler (1571-1630) e Galileu Galilei (1564-1642) nas primeiras décadas do século 17, o Sol passou a ser o centro do cosmo e a Terra um mero planeta. O que era "verdade" para alguém de 1520 não era para alguém de 1650.

E o universo em que vivemos hoje, gigantesco, com centenas de bilhões de galáxias se afastando uma das outras, é completamente diferente do de uma pessoa de 1650. Qual dessas várias cosmologias é verdadeira?

Todas e nenhuma delas. Se definimos como verdade o que construímos com o conhecimento científico que detemos num determinado momento, todas essas versões são verdadeiras. Mas nenhuma delas é a verdade.

Dado que jamais poderemos medir com absoluta precisão todas as facetas do cosmo e da Natureza, é essencialmente impossível obter uma versão absoluta do que seja a realidade física. Consequentemente, a ciência jamais poderá encontrar a verdade.

O que podemos fazer — e o fazemos maravilhosamente bem — é usar nossa razão e nossos instrumentos para nos aproximar cada vez mais dessa verdade intangível. É essa limitação que enobrece a ciência, dando-lhe sua dimensão humana.

GLEISER, Marcelo. Folha de S.Paulo. 15 abr. 2007
(Texto adaptado)

01 A leitura do texto permite afirmar que, nele, são considerados, **principalmente**, os conhecimentos obtidos por meio

a) da intuição.
b) da razão.
c) das emoções.
d) das práticas.

02 "[...] determinar o que é [...] 'real' não é **trivial**."
É **CORRETO** afirmar que, nessa frase, a palavra destacada significa

a) ambíguo.
b) estranho.
c) incomum.
d) simples.

03 "São as verdades matemáticas, as que podem ser afirmadas **categoricamente** [...]"
É **CORRETO** afirmar que, nessa frase, a palavra destacada significa

a) evasivamente.
b) infusivamente.
c) irrefutavelmente.
d) ordenadamente.

04 "Como esta [afirmação], existem outras, baseadas em **asserções** matemáticas..."
É **CORRETO** afirmar que, no texto, a palavra destacada tem o sentido de

a) argumentações.
b) correlações.
c) enumerações.
d) proposições.

05 "Uma possibilidade é **estabelecer categorias de verdade**."
É **CORRETO** afirmar que "estabelecer categorias de verdade" é uma atividade mental cujo resultado é uma

a) classificação.
b) harmonização.
c) modificação.
d) simbolização.

06 "O que é real para uns [...] pode não ser para outros."

É **CORRETO** afirmar que, nessa frase, a noção de realidade acha-se

a) definida.
b) otimizada.
c) relativizada.
d) resumida.

07 "Esse é o problema, separar fato de opinião, [...]"

Considerando-se as ideias explicitadas no texto, é **CORRETO** afirmar que, nessa frase, está expresso o difícil relacionamento entre

a) individualidade e coletividade.
b) perenidade e transitoriedade.
c) subjetividade e objetividade.
d) unidade e pluralidade.

08 "Elas independem de opinião, de afiliação partidária, de religião, de contexto histórico ou de geografia."

É **CORRETO** afirmar que, no texto, a frase transcrita refere-se às verdades

a) absolutas.
b) físicas.
c) particulares.
d) provisórias.

09 "[...] existem muitas outras [afirmações] baseadas em asserções matemáticas que dependem da percepção de objetos no mundo."

Considerando as ideias expressas nessa frase, assinale a alternativa que apresenta um elemento fundamental para se chegar a verdades matemáticas.

a) A consciência de si.
b) A estrutura do ser.
c) A imaginação criadora.
d) A realidade física.

10 Assinale a alternativa que apresenta uma frase cujo sentido **NÃO** pode ser comprovado pelo que está expresso no texto.

a) A verdade independe das cosmologias que existiram.
b) As conquistas científicas ultrapassam a mera dimensão humana.
c) As várias cosmologias são verdadeiras em seu tempo.
d) O conhecimento total ainda está vedado à ciência.

11 "O que é real para **uns** [...] pode não ser para **outros**."

Assinale a alternativa em que o sentido das palavras destacadas nessa frase está **CORRETAMENTE** identificado.

a) Definição
b) Indeterminação
c) Qualificação
d) Quantificação

12 Assinale a alternativa em que o pronome assinalado **NÃO** preenche, na frase em que se encontra, a mesma função sintática exercida pelos que estão destacados nas demais frases.

a) "E o universo em **que** vivemos hoje [...] é [...] diferente do de uma pessoa de 1650."
b) "Ela é verdadeira [...] para sacerdotes egípcios **que** viveram há quatro mil anos."
c) "No topo, ficam as verdades absolutas, **que** transcendem o elemento humano."
d) "São as verdades matemáticas, as **que** podem ser afirmadas categoricamente."

13 "Como esta [afirmação], **existem** muitas outras [...]"
"Ela é verdadeira [...] para supostas inteligências alienígenas que **existam** pelo cosmo afora."

É **CORRETO** afirmar que as formas verbais destacadas nessa frase **NÃO** pertencem

a) à mesma pessoa.
b) ao mesmo modo.
c) ao mesmo número.
d) ao mesmo tempo.

14 "Existem **complicações** mesmo nela [...]"
"No topo, ficam **as verdades absolutas** [...]"
"São muito úteis **essas verdades matemáticas** [...]"

É **CORRETO** afirmar que a palavra e as expressões destacadas exercem, nessas frases, a função sintática de

a) agentes da passiva.
b) objetos diretos.
c) predicativos.
d) sujeitos.

15 "Mas, **por serem verdades absolutas** [...] não dão muito espaço para a polêmica."

É **CORRETO** afirmar que a oração destacada nesse período tem o sentido de uma

a) causal.
b) comparativa.
c) condicional.
d) consecutiva.

16 "O céu, a **morada de Deus**, ficava além da esfera das estrelas fixas."

Assinale a alternativa em que a expressão destacada nessa frase está **CORRETAMENTE** analisada.

a) Adjunto adnominal
b) Adjunto adverbial
c) Aposto
d) Complemento nominal

17 "[...] é essencialmente impossível obter uma versão absoluta do que seja a realidade física.")

É **CORRETO** afirmar que, nessa frase, o número de palavras polissílabas é de

a) apenas uma palavra.
b) duas palavras.
c) três palavras.
d) quatro palavras.

Atenção: As questões de **18** a **20** devem ser respondidas com base no texto abaixo.

Normas de convivência em condomínio

Seu vizinho está há meses sem pagar o condomínio e, para custear as despesas do prédio, o valor da taxa será aumentado. A moradora do apartamento de baixo incomoda a todos com o volume do som. O cachorro da porta ao lado late a noite inteira e ninguém consegue dormir. **Quem nunca viveu — ou ainda vive — situações semelhantes no edifício onde mora?** O ideal seria que elas não acontecessem, ou que as soluções viessem de forma amigável. Mas nem sempre, ou quase nunca, isso é possível.

Para evitar normas diferenciadas e trazer soluções uniformes, são várias as leis em vigor hoje no Brasil, além do Código Civil que, reformulado em 2002, trouxe novas regras para a convivência entre aqueles que são obrigados a dividir o mesmo espaço. A maior e mais criticada inovação diz respeito à cobrança de multa dos inadimplentes. Se antes o encargo chegava a até 20%, hoje não pode passar de 2%, além de juros mensais de 1%. [...]

Certo é que não há, pelo menos de imediato, como forçar o vizinho a pagar a taxa. A lei não permite sanções como, por exemplo, impedi-lo de utilizar o elevador ou desligar a luz de seu andar. **E é bom tomar cuidado com a divulgação dos nomes dos inadimplentes dentro do condomínio.** [...]

O problema da inadimplência então não tem solução? Tem. Mas demora um pouco: a via judicial. A alternativa é ajuizar uma ação de cobrança, que tem levado em média de dois a três anos para seu julgamento. Por isso, o ideal seria, antes, negociar diretamente com o devedor. Sem acordo, recorre-se ao Judiciário, que poderá determinar a penhora de seus bens até o montante da dívida, corrigida monetariamente.

CONVENÇÃO Para evitar problemas futuros, todas as regras de convivência no condomínio devem estar presentes na convenção (aprovada com pelos menos dois terços dos moradores). Demais assuntos que surgirem serão pauta das assembléias ordinárias ou extraordinárias (aprovados por maioria simples). Vale lembrar que o Código Civil retirou o poder de voto dos inadimplentes.

É também na convenção que poderá ser estabelecido o que é o "vizinho antissocial", quando os moradores poderão definir quais atitudes praticadas pelos moradores poderão ser alvo de multas. [...]

O Código Civil também trouxe duas regras referentes à área usada pelo morador. Em primeiro lugar, a taxa de condomínio deverá ser proporcional à fração ideal de cada unidade — o que significa que os proprietários de coberturas ou apartamentos que tenham mais vagas de garagem poderão pagar valor superior. Há ainda a possibilidade de venda das vagas de garagem, que passaram a ser tratadas como unidades autônomas.

(SOUTO, Isabela. Estado de Minas. 23 abril 2007; com adaptação)

18 Assinale a alternativa que apresenta uma afirmação que **NÃO** pode ser comprovada pelo texto.

a) As convenções de condomínio devem oferecer aos moradores os parâmetros para uma convivência tranquila.
b) No Código Civil, estão princípios que asseguram a equidade das normas de convivência nos diversos condomínios.
c) No Código Civil, são omitidas as regras referentes a problemas específicos do funcionamento de condomínios.
d) O poder judiciário possibilita solucionar problemas de convivência entre os moradores de condomínios.

19 "Quem nunca viveu — ou ainda vive — situações semelhantes no edifício onde mora?" (linhas 7-8)

É **CORRETO** afirmar que, no texto, as situações a que se refere a frase transcrita são

a) ambíguas.
b) constrangedoras.
c) inconcebíveis.
d) irreais.

20 "E é bom tomar cuidado com a divulgação dos nomes dos inadimplentes dentro do condomínio."

Nessa frase, explicita-se que, antes de agir contra quem, de certo modo, prejudica a vida dos condôminos, é preciso ter

a) audácia.
b) cautela.
c) energia.
d) malícia.

GABARITO

01 – B	02 – D	03 – C	04 – D	05 – A
06 – C	07 – C	08 – A	09 – D	10 – B
11 – B	12 – A	13 – B	14 – D	15 – A
16 – C	17 – D	18 – C	19 – B	20 – B

PROVA VIII
FUNDEP
TRIBUNAL DE JUSTIÇA/MG-2009

ATENÇÃO: As questões de **01** a **16** relacionam-se com o texto abaixo. Leia-o com atenção antes de responder a elas.

Como o rei de um país chuvoso

Um espectro ronda o mundo atual: o espectro do tédio. Ele se manifesta de diversas maneiras. Algumas de suas vítimas invadem o "shopping center" e, empunhando um cartão de crédito, comprometem o futuro do marido ou da mulher e dos filhos. A maioria opta por ficar horas diante da TV, assistindo a "reality shows", os quais, por razões que me escapam, tornam interessante para seu público a vida comum de estranhos, ou seja, algo idêntico à própria rotina considerada vazia, claustrofóbica.

O mal ataca hoje em dia faixas etárias que, uma ou duas gerações atrás, julgávamos naturalmente imunizadas a seu contágio. Crianças sempre foram capazes de se divertir umas com as outras ou até sozinhas. Dotadas de cérebros que, como esponjas, tudo absorvem e de um ambiente, qualquer um, no qual tudo é novo, tudo é infinito, nunca lhes faltam informação e dados a processar. Elas não precisam ser entretidas pelos adultos, pois o que quer que estes façam ou deixem de fazer lhes desperta, por definição, a curiosidade natural e aguça seus instintos analíticos. E, todavia, os pais se vêem cada vez mais compelidos a inventar maneiras de distrair seus filhos durante as horas ociosas destes, um conceito que, na minha infância, não existia. É a ideia de que, se a família os ocupar com atividades, os filhos terão mais facilidades na vida.

Sendo assim, os pais, simplesmente, não deixam os filhos pararem.

Se o mal em si nada tem de original e, ao que tudo indica, surgiu, assim como o medo, o nojo e a raiva, junto com nossa espécie ou, quem sabe, antes, também é verdade que, por milênios, somente uma minoria dispunha das precondições necessárias para sofrer dele. Falamos do homem cujas refeições da semana dependiam do que conseguiria caçar na segunda-feira, antes de, na terça, estar fraco o bastante para se converter em caça e de uma mulher que, de sol a sol, trabalhava com a enxada ou o pilão. Nenhum deles tinha tempo de sentir o tédio, que pressupõe ócio abundante e sistemático para se manifestar em grande escala. Ninguém lhe oferecia facilidades. Por isso é que, até onde a memória coletiva alcança, o problema quase sempre se restringia ao topo da pirâmide social, a reis, nobres, magnatas, aos membros privilegiados de sociedades que, organizadas e avançadas, transformavam a faina abusiva da maioria no luxo de pouquíssimos eleitos.

O tédio, portanto, foi um produto de luxo, e isso até tão recentemente que Baudelaire, para, há século e meio, descrevê-lo, comparou-se ao rei de um país chuvoso, como se experimentar delicadeza tão refinada elevasse socialmente quem não passava de "aristocrata de espírito".

Coube à Revolução Industrial a produção em massa daquilo que, previamente, eram raridades reservadas a uma elite mínima. E, se houve um produto que se difundiu com sucesso notável pelos mais inesperados andares e recantos do edifício social, esse produto foi o tédio. Nem se requer uma fartura de Primeiro Mundo para se chegar à sua massificação. Basta, a rigor, que à satisfação do biologicamente básico se associe o cerceamento de outras possibilidades (como, inclusive, a da fuga ou da emigração), para que o tempo ocioso ou inútil se encarregue do resto. Foi assim que, após as emoções fornecidas por Stalin e Hitler, os países socialistas se revelaram exímios fabricantes de tédio, único bem em cuja produção competiram à altura com seus rivais capitalistas. O tédio não é piada, nem um problema menor. Ele é central. Se não existisse o tédio, não haveria, por exemplo, tantas empresas de entretenimento e tantas fortunas decorrentes delas. Seja como for, nem esta nem soluções tradicionais (a alta cultura, a religião organizada) resolverão seus impasses. Que fazer com essa novidade histórica, as massas de crianças e jovens perpetuamente

desempregados, funcionários, gente aposentada e cidadãos em geral ameaçados não pela fome, guerra ou epidemias, mas pelo tédio, algo que ainda ontem afetava apenas alguns monarcas?

ASCHER, Nélson, Folha de S. Paulo, 9 abr. 2007, Ilustrada. (Texto adaptado)

01 "Como o rei de um país chuvoso"
O título do texto contém, **sobretudo**,

a) uma alusão à antítese entre a facilidade de provimento das necessidades materiais e o vazio decorrente do ócio e da monotonia pela ausência de motivos por que lutar.
b) uma comparação que trata da dificuldade de convivência entre a opulência do poder e a manipulação decorrente do consumismo exacerbado.
c) uma metáfora relacionada à coabitação da angústia existencial contemporânea com a busca de sentidos para a vida, especialmente entre os membros da aristocracia.
d) uma referência ao conflito advindo da solidão do poder, especialmente no que se refere ao desânimo oriundo da ausência de perspectivas para a vida em sociedade.

02 O texto **NÃO** menciona como causa para a presença do tédio na sociedade moderna

a) a ausência de atividades físicas compulsórias relacionadas com a sobrevivência.
b) a facilidade de acesso aos bens que provêem as necessidades físicas primárias.
c) a limitação da mobilidade física e privação de certas liberdades.
d) a proliferação de empresas e de espaços de lazer e de consumo.

03 A alternativa em que o termo destacado **NÃO** está **corretamente** explicado entre parênteses é

a) "[...] aos membros privilegiados de sociedades que [...] transformavam **a faina** abusiva da maioria no luxo de pouquíssimos eleitos." (A CARÊNCIA, A MISÉRIA)
b) "Basta [...] que à satisfação do biologicamente básico se associe **o cerceamento** de outras possibilidades [...]" (A RESTRIÇÃO, A SUPRESSÃO)
c) "[...] os países socialistas se revelaram **exímios** fabricantes do tédio[...]" (EMINENTES, PERFEITOS)
d) "**Um espectro** ronda o mundo atual: o espectro do tédio." (UM FANTASMA, UMA AMEAÇA)

04 "O mal ataca hoje em dia faixas etárias que, **uma ou duas gerações atrás**, julgávamos naturalmente imunizadas a seu contágio."

A expressão destacada pode ser substituída sem alteração significativa do sentido por

a) a uma ou duas gerações.
b) acerca de duas gerações.
c) há uma ou duas gerações.
d) por uma ou duas gerações.

05 "Se não existisse o tédio, não haveria, por exemplo, tantas empresas de entretenimento e tantas fortunas decorrentes delas." (linhas 74-76)

Alterando-se os tempos verbais, haverá **ERRO** de coesão em

a) Não existindo o tédio, não haveria, por exemplo, tantas empresas de entretenimento e tantas fortunas decorrentes delas.
b) Se não existe o tédio, não terá havido, por exemplo, tantas empresas de entretenimento e tantas fortunas decorrentes delas.
c) Se não existir o tédio, não vai haver, por exemplo, tantas empresas de entretenimento e tantas fortunas decorrentes delas.
d) Se não tivesse existido o tédio, não teria havido, por exemplo, tantas empresas de entretenimento e tantas fortunas decorrentes delas.

06 A supressão da vírgula implica alteração do sentido em

a) "Coube à Revolução Industrial a produção em massa daquilo que, previamente, eram raridades reservadas a uma elite mínima."

Coube à Revolução Industrial a produção em massa daquilo que previamente eram raridades reservadas a uma elite mínima.

b) "Nenhum deles tinha tempo de sentir o tédio, que pressupõe ócio abundante e sistemático [...]"
Nenhum deles tinha tempo de sentir o tédio que pressupõe ócio abundante e sistemático [...]

c) "O tédio não é piada, nem um problema menor."
O tédio não é piada nem um problema menor.

d) "[...] também é verdade que, por milênios, somente uma minoria dispunha das precondições necessárias [...]"
[...] também é verdade que por milênios somente uma minoria dispunha das precondições necessárias [...]

07 A alteração da colocação pronominal acarreta **ERRO** em

a) "E, todavia, os pais se veem cada vez mais compelidos [...]"
E, todavia, os pais veem-se cada vez mais compelidos [...]

b) "[...] que Baudelaire, para, há século e meio, descrevê-lo, comparou-se [...]"
[...] que Baudelaire, para o descrever, há século e meio, comparou-se [...]

c) "[...] se a família os ocupar com atividades, os filhos terão mais facilidades na vida."
[...] se a família ocupá-los com atividades, os filhos terão mais facilidades na vida.

d) "[...] sentir o tédio [...] para se manifestar em grande escala."
[...] sentir o tédio [...] para manifestar-se em grande escala.

08 O pronome utilizado na expressão entre parênteses está **CORRETO** e corresponde ao termo destacado em

a) "A maioria [...] assistindo **a 'reality shows'** [...]" (ASSISTINDO-OS)

b) "Algumas de suas vítimas [...] comprometem **o futuro do marido ou da mulher e dos filhos.**" (COMPROMETEM-NOS)

c) "Seja como for, nem esta nem soluções tradicionais [...] resolverão **seus impasses.**" (RESOLVER-LHES-ÃO)

d) "[...] os quais [...] tornam interessante para seu público **a vida comum de estranhos** [...]" (TORNAM-NA INTERESSANTE PARA SEU PÚBLICO)

09 A substituição da forma verbal destacada pela que se encontra entre parênteses **NÃO** implica **erro** em

a) "Nenhum deles **tinha** tempo de sentir o tédio [...]" (TINHAM)

b) "[...] para que o tempo ocioso ou inútil se **encarregue** do resto." (ENCARREGUEM)

c) "Se não existisse o tédio, não **haveria**, por exemplo, tantas empresas de entretenimento [...]" (HAVERIAM)

d) "[...] tudo é infinito, nunca lhes **faltam** informação e dados a processar." (FALTA)

10 A forma ativa correspondente a "[...] Elas não precisam ser entretidas pelos adultos [...]" é

a) Não se precisou entreter as crianças.

b) Os adultos não as entretêm.

c) Os adultos não as vão entreter.

d) Os adultos não precisam entretê-las.

11 "[...] o tédio [...] **pressupõe** ócio abundante e sistemático [...]"

O verbo **pressupor** está utilizado de forma errada em

a) O tédio pressupôs ócio abundante e sistemático.

b) O tédio pressupusera ócio abundante e sistemático.

c) Quando o tédio pressupor ócio abundante e sistemático.

d) Se o tédio pressupusesse ócio abundante e sistemático.

12 "O tédio, **portanto**, foi um produto de luxo, e isso até tão recentemente que Baudelaire, para, há meio século e meio, descrevê-lo, comparou-se ao rei de um país chuvoso [...]"

O termo destacado apresenta uma ideia de

a) causa.
b) concessão.
c) conclusão.
d) consequência.

13 "A maioria opta por ficar horas diante da TV, assistindo a 'reality shows', os quais, por razões que me escapam, tornam interessante para seu público a vida comum de estranhos, ou seja, algo idêntico à própria rotina considerada vazia, claustrofóbica."

A redação que **NÃO** apresenta erro gramatical é

a) Algo idêntico a própria rotina considerada vazia, claustrofóbica, ou seja, a vida comum de estranhos, torna-se interessante para o público da TV, cuja maioria opta por ficar horas diante dela assistindo, por razões, que me escapam, "reality shows".
b) A vida comum de estranhos, ou seja, algo idêntico à própria rotina considerada vazia, claustrofóbica, tornam-se, por razões que me escapam, interessante para a maioria do público o qual opta por ficar horas diante da TV assistindo a "reality shows".
c) Escapa-me as razões pelas quais os "reality shows", que a maioria assiste, optando por ficar horas diante da TV, tornam interessante para seu público a vida comum de estranhos, ou seja, algo idêntico à própria rotina considerada vazia, claustrofóbica.
d) Os "reality shows", aos quais a maioria, ficando horas diante da TV, opta por assistir, tornam, por razões que me escapam, interessante para seu público a vida comum de estranhos, ou seja, algo idêntico à própria rotina considerada vazia, claustrofóbica.

14 A expressão entre parênteses **NÃO** corresponde ao termo destacado em

a) "[...] aos membros privilegiados de sociedades **que**, organizadas e avançadas, transformavam a faina abusiva da maioria [...]" (MEMBROS PRIVILEGIADOS DE SOCIEDADES)
b) "E, todavia, os pais se vêem cada vez mais compelidos a inventar maneiras de distrair seus filhos durante as horas ociosas **destes,** [...]" (DE SEUS FILHOS)
c) "O mal ataca hoje em dia faixas etárias que, uma ou duas gerações atrás, julgávamos naturalmente imunizadas a **seu** contágio." (O MAL)
d) "Se não existisse, não haveria, por exemplo, tantas empresas de entretenimento e tantas fortunas decorrentes **delas.**" (DE TANTAS EMPRESAS DE ENTRETENIMENTO)

15 "**Um espectro** ronda o mundo atual: o espectro do tédio."

A alternativa em que o termo destacado exerce a mesma função sintática que a expressão sublinhada no período acima é

a) "Coube **à Revolução Industrial** a produção em massa daquilo que, previamente, [...]"
b) "Dotadas de cérebro que, como esponjas, **tudo** absorvem e de um ambiente [...]"
c) "E se houve **um produto** que se difundiu com sucesso notável pelos mais inesperados andares e recantos [...]"
d) "Se não existisse **o tédio**, não haveria, por exemplo, tantas empresas de entretenimento [...]"

16 "**Falamos do homem cujas refeições da semana** dependiam do que conseguiria caçar na segunda-feira, antes de, na terça, [...]"

A redação que **NÃO** apresenta erro gramatical é

a) as refeições da semana do homem do qual falamos dependiam do que ele conseguiria caçar na segunda-feira, antes de, na terça, [...]
b) das refeições da semana do qual homem falamos dependia aquilo que conseguiria caçar na segunda-feira, antes de, na terça, [...]
c) falamos do homem de cujas as refeições da semana dependia aquilo que conseguiria caçar na

segunda-feira, antes de, na terça [...]

d) falamos do homem que as refeições dele da semana dependiam do que ele conseguiria caçar na segunda-feira, antes de, na terça [...]

GABARITO

01 – A	02 – D	03 – A	04 – C	05 – B	06 – B
07 – C	08 – D	09 – D	10 – D	11 – C	12 – C
13 – D	14 – A	15 – D	16 – A		

PROVA IX
FUNDEP
ANALISTA JUDICIÁRIO/MG- 2010

ATENÇÃO: As questões de **01** a **10** relacionam-se com o texto abaixo. Leia-o com atenção antes de responder a elas.

NOTÍCIAS NA TV

Em Roma como os romanos, na enchente como os molhados. O repórter nunca se contentaria em apenas mostrar as ruas transformadas em rios, os automóveis em jangadas, as casas em aquários. Precipita-se, intrépido, no aguaceiro e, molhado até o joelho, ei-lo, de microfone na mão, a desempenhar sua tarefa, árdua tarefa, não apenas in loco, ao vivo e em cores, mas com os efeitos do dilúvio a castigá-lo na pele. É o jornalismo de imersão na notícia em uma de suas mais completas versões. Melhor, só se o repórter transmitisse do fundo da água.

Se se tratasse de um vendaval, o ideal seria que pudesse se mostrar fustigado com tal ferocidade que tivesse de se abraçar a um poste para não alçar voo como uma pipa, o corpo já despregado do solo, os pés flutuando no espaço. À falta disso, pelo menos que se mostrasse com os cabelos ao vento. Sem cabelos ao vento, não há cobertura digna de vendaval. É imperioso escolher para a missão repórteres cujos cabelos sejam passíveis de esvoaçar ao vento. Na enchente como os molhados, na ventania como os ventados.

Agora a notícia é sobre a prisão dos implicados no último escândalo de caixa dois/suborno/desvio de verbas/lavagem de dinheiro/formação de quadrilha e, tanto quanto a polícia é a TV que vai prender o suspeito. A TV madruga à porta do suspeito. O suspeito abre a porta, sonolento. A TV pespega-lhe as algemas. Ouve-se o clec das algemas se fechando. A TV encaminha o suspeito ao camburão.

Força-o à laboriosa empreitada de entrar no carro manobrando o traseiro, dada a impossibilidade de contar com as mãos. O carro parte em disparada. Não basta reportar a realidade. Realidade é para os "reality shows". A ordem é radicalizar o real. No próximo bloco: disparam os preços dos legumes – e o que fazer para proteger seu dinheiro em tempos de crise.

Se o réu agora são as leguminosas, vai-se flagrá-las igualmente em seu habitat. A repórter percorre o supermercado, empurrando um carrinho. Pepino – cinquenta por cento de aumento. Ela pega um pepino da prateleira, põe-no no carrinho. Abobrinha – setenta por cento; berinjela – cem por cento; rabanete – cento e cinquenta por cento. Nesse momento uma freguesa, com seu carrinho, aproxima-se da repórter. Que freguesa distraída. Não viu que estavam gravando?

Não viu as câmeras, não atentou para as luzes? Enquanto a repórter continua a elencar os pepinos e respectivos índices de aumento, a freguesa segue impassível, a escarafunchar as prateleiras, bem ali ao lado, e levar um ou outro produto ao carrinho. A repórter enfim lhe interrompe a rotina. O que a senhora achou dos preços dos legumes? Um escândalo! Estão muito mais altos do que na semana passada. Que sorte a freguesa ter aparecido bem nessa hora. Faltava à notícia o toque de drama doméstico que só a voz do consumidor é capaz de conferir.

Volta para o estúdio. Os âncoras fecham a cara. Estão bravos com o aumento de preços. E o que fazer para proteger o seu dinheiro? A reportagem é agora

com um economista, que, compenetrado, surge fazendo cálculos na calculadora. A regra é clara: se a entrevista é com um escritor, tem de ter no fundo uma estante de livros; se com um biólogo, tem de mostrá-lo com um olho pregado no microscópio; se com economista, tem de ter calculadora. E o que fazer, em tempo de crise? Agora sim, ele levanta os olhos da calculadora e dá seu recado.

Prudência nos investimentos. Não gastar mais do que se tem. Calcular os juros antes de comprar a prazo. Não comprar a prazo se se pode pagar à vista. (Ô economista! Precisava de tanto cálculo, para chegar a essas conclusões?) No próximo bloco: futebol. E o âncora sorri. É preciso sorrir quando a notícia é de futebol. Assim o público fica avisado de que esse é um assunto ameno.

São mostrados os gols da rodada. Segue-se reportagem sobre os nordestinos que se revelaram exímios fazedores de sushi nos restaurantes japoneses de São Paulo. Começa com a repórter passeando entre as mesas do restaurante. De forma mais espantosa ainda do que a freguesa do supermercado, ninguém parece se dar conta da presença da câmera. Continuam os clientes todos a conversar uns com o outros, entre uma manobra e outra com os hashis. (Ô produtor de telejornal, meu semelhante, meu irmão: de tanto caprichar na realidade, não estarias criando uma obra de ficção?) A repórter chega ao balcão, mostra o moço franzino cortando o salmão com perícia de esgrimista. O moço diz que veio do Piauí e que nunca antes tinha ouvido falar de sushi. Esplêndido: ele diz tudo o que se espera de um piauiense que vira fazedor de sushi. Volta ao estúdio. Os âncoras sorriem. O jornal termina com uma nota alegre e uma história de sucesso, como deve. Boa noite.

TOLEDO, R. P. Veja, Rio de janeiro, v. n. jun.2009
(Texto adaptado)

01 Relativamente aos noticiários de televisão, assinale a afirmativa que **NÃO** está presente no texto.

a) A veiculação de notícias é caracterizada por certa teatralização de que o repórter se torna personagem.

b) As diferentes reações dos âncoras dos noticiários, de alegria ou de indignação, vão ao encontro do conteúdo das informações divulgadas.

c) Em busca do aumento da audiência, mesmo em detrimento do padrão de qualidade, cultiva-se um realismo semelhante aos chamados *reality shows*, em que a improvisação e a espontaneidade se fazem presentes.

d) Os noticiários não se limitam a relatar o fato e a mostrar as imagens relativas a ele.

02 Assinale a afirmativa que **NÃO** se encontra explicitada no texto.

a) A análise que o texto faz dos noticiários de televisão é marcada por um tom bem-humorado e irônico.

b) Em algumas situações a televisão parece atuar como instituição que detém poder para julgar e até prender personagens envolvidos na notícia.

c) O autor, com invocações, formula questões diretas a alguns atores envolvidos no noticiário.

d) Os noticiários perdem a credibilidade quando expõem de forma exagerada a opinião e o sentimento dos repórteres e âncoras.

03 A alternativa em que a norma culta admite a alteração da colocação do pronome oblíquo é

a) "À falta disso, pelo menos que se mostrasse com os cabelos ao vento."
À falta disso, pelo menos que mostrasse-se com os cabelos ao vento.

b) "O repórter nunca se contentaria em apenas mostrar as ruas transformadas em rios [...]"
O repórter nunca contentar-se-ia em apenas mostrar as ruas transformadas em rios [...]

c) "Se se tratasse de um vendaval, o ideal seria que pudesse se mostrar fustigado com tal ferocidade [...]"
Se se tratasse de um vendaval, o ideal seria que pudesse mostrar-se fustigado com tal ferocidade [...]

d) "Segue-se reportagem sobre os nordestinos que se revelaram exímios fazedores de *sushi* nos

restaurantes japoneses de São Paulo."
Segue-se reportagem sobre os nordestinos que revelaram-se exímios fazedores de *sushi* nos restaurantes japoneses de São Paulo.

04 "É imperioso escolher para a missão repórteres cujos cabelos sejam passíveis de esvoaçar ao vento."
Assinale a alternativa em que a nova redação **MANTÉM** a correção gramatical, ainda que provoque alteração semântica.

a) É imperioso escolher para a missão repórteres dos quais os cabelos deles sejam passíveis de esvoaçar ao vento.
b) É imperioso escolher para a missão repórteres em cujos cabelos seja passível esvoaçar ao vento.
c) É imperioso escolher para a missão repórteres por cujos cabelos o vento passe, fazendo-os esvoaçar.
d) É imperioso escolher para a missão repórteres que os cabelos deles sejam passíveis de esvoaçar ao vento.

05 A redação que **NÃO** contém erro pela utilização ou pela ausência de sinal indicativo de crase é

a) "À falta disso, pelo menos que se mostrasse com os cabelos ao vento."
A falta disso, pelo menos que se mostrasse com os cabelos ao vento.
b) "Faltava à notícia o toque de drama doméstico que só a voz do consumidor é capaz de conferir."
Faltava à toda notícia o toque de drama doméstico que só a voz do consumidor é capaz de conferir.
c) "Não comprar a prazo se se pode pagar à vista."
Não comprar à prazo se se pode pagar a vista.
d) "(Ô economista! Precisava de tanto cálculo, para chegar a essas conclusões?)"
(Ô economista! Precisava de tanto cálculo para chegar àquelas conclusões?)

06 "Se se tratasse de um vendaval, o ideal seria que pudesse se mostrar fustigado com tal ferocidade que tivesse de se abraçar a um poste para não alçar voo como uma pipa, o corpo já despregado do solo, os pés flutuando no espaço."
O período acima **NÃO** apresenta oração com ideia de

a) causa.
b) conclusão.
c) consequência.
d) hipótese.

07 A alternativa em que a nova redação apresenta erro gramatical é

a) "[...] a freguesa segue impassível, a escarafunchar as prateleiras. [...] A repórter enfim lhe interrompe a rotina."
[...] a freguesa segue impassível, a escarafunchar as prateleiras. [...] A repórter enfim a interrompe em sua rotina.
b) "O repórter nunca se contentaria em apenas [...] mas com os efeitos do dilúvio a castigá-lo na pele."
O repórter nunca se contentaria em apenas [...] mas com os efeitos do dilúvio a castigar-lhe a pele.
c) "O suspeito abre a porta, sonolento. A TV pespega-lhe as algemas."
O suspeito abre a porta, sonolento. A TV pespega as algemas nele.
d) "Precipita-se, intrépido, no aguaceiro e, molhado até o joelho, ei-lo, de microfone na mão, a desempenhar sua tarefa [...]"
Precipita-se, intrépido, no aguaceiro e, molhado até o joelho, eis-lhe, de microfone na mão, a desempenhar sua tarefa [...]

08 Não há correspondência do tempo ou da forma verbal na transposição da voz do verbo em

a) "É imperioso escolher para a missão repórteres cujos cabelos sejam passíveis de esvoaçar ao vento."
É imperioso serem escolhidos para a missão repórteres cujos cabelos sejam passíveis de esvoaçar ao vento.

b) "E o que fazer para proteger o seu dinheiro?"
E o que fazer para que seu dinheiro seja protegido?

c) "O suspeito abre a porta, sonolento."
A porta é aberta pelo suspeito, sonolento.

d) "Se o réu agora são as leguminosas, vai-se flagrá-las igualmente em seu *habitat*."
Se o réu agora são as leguminosas, elas vão ser flagradas igualmente em seu *habitat*.

09 A alternativa em que a correspondência singular/plural apresenta **ERRO** gramatical é

a) "Ela pega um pepino da prateleira, põe-no no carrinho."
Elas pegam pepinos da prateleira, põem-nos nos carrinhos.

b) "Faltava à notícia o toque de drama doméstico [...]"
Faltavam às notícias toques de dramas domésticos [...]

c) "Se se tratasse de um vendaval [...]".
Se se tratassem de vendavais [...]

d) "Segue-se reportagem sobre os nordestinos [...]"
Seguem-se reportagens sobre os nordestinos [...]

10 A alternativa em que as alterações implicaram **ERRO** na utilização dos sinais de pontuação é

a) "Abobrinha – setenta por cento; berinjela – cem por cento; rabanete – cento e cinquenta por cento."
Abobrinha: setenta por cento, berinjela: cem por cento, rabanete: cento e cinquenta por cento.

b) "Continuam os clientes todos a conversar uns com os outros, entre uma manobra e outra com os hashis."
Continuam, os clientes todos, a conversar uns com os outros, entre uma manobra e outra, com os hashis.

c) "Enquanto a repórter continua a elencar os pepinos e respectivos índices de aumento, a freguesa segue impassível, a escarafunchar as prateleiras, bem ali ao lado, e levar um ou outro produto ao carrinho."
A freguesa, bem ali ao lado, segue impassível a escarafunchar as prateleiras e a levar um ou outro produto ao carrinho, enquanto a repórter continua a elencar os pepinos e respectivos índices de aumento.

d) "Precipita-se, intrépido, no aguaceiro e, molhado até o joelho, ei-lo, de microfone na mão, a desempenhar sua tarefa, árdua tarefa, não apenas in loco, ao vivo e em cores, mas com os efeitos do dilúvio a castigá-lo na pele."
Precipita-se – intrépido – no aguaceiro e, molhado até o joelho, ei-lo de microfone na mão a desempenhar sua tarefa – árdua tarefa – não apenas in loco, ao vivo e em cores, mas com os efeitos do dilúvio a castigá-lo na pele.

GABARITO

01 – C	02 – D	03 – C	04 – C	05 – D
06 – B	07 – D	08 – B	09 – C	10 –B

PROVA X
FUNDEP- ANALISTA DE SISTEMAS/ PRODABEL-2009

ATENÇÃO: As questões de **1** a **15** relacionam-se com o texto abaixo. Leia-o com atenção antes de responder a elas.

VOCÊ SABE O QUE ESTÃO ENSINANDO A ELE?

Vamos falar sem rodeios. Em boa parte dos lares brasileiros, uma conversa em família flui com muito mais vigor e participação quando se decide a assinatura de novos canais a cabo, o destino das próximas férias ou a hora de trocar de carro do que quando se discute sobre o que exatamente o Júnior está aprendendo na escola. Quando e se esse assunto é levantado, ele se resumirá às notas obtidas e a algum evento extraordinário de mau comportamento, como ter sido pego fumando no corredor ou ter beliscado o traseiro da professora de geografia. O quadro acima é

um tanto anedótico, mas tem muito de verdadeiro. De modo geral, com as nobilíssimas exceções que todos conhecemos, os pais brasileiros de todas as classes não se envolvem como deveriam na vida escolar dos filhos. Os mais pobres dão graças aos céus pelo fato de a escola fornecer merenda, segurança e livros didáticos gratuitos. Os pais de classe média se animam com as quadras esportivas, a limpeza e a manifesta tolerância dos filhos quanto às exigências acadêmicas muitas vezes calibradas justamente para não forçar o ritmo dos menos capazes.

Uma pesquisa recente traduz essa situação em números. Para 89% dos pais com filhos em escolas particulares, o dinheiro é bem gasto e tem bom retorno. No outro campo, 90% dos professores se consideram bem preparados para a tarefa de ensinar. Sob sua plácida superfície, essa satisfação esconde o abismo da dura realidade — o ensino no Brasil é péssimo, está formando alunos despreparados para o mundo atual, competitivo, mutante e globalizado. Em comparações internacionais, os melhores alunos brasileiros ficam nas últimas colocações — abaixo da quinquagésima posição em competições com apenas 57 países.

Em Procura da Poesia, o grande Carlos Drummond de Andrade provê uma metáfora eficiente do que o desafio de melhorar a qualidade da educação exigirá da atual geração de brasileiros: "O que pensas e sentes, isso ainda não é poesia". Uniformizar, alimentar, dar livros didáticos aos jovens e perguntar como foi o dia na escola é fundamental, mas isso ainda não é educação para o século XXI. "Chega mais perto e contempla as palavras. Cada uma tem mil faces secretas sob a face neutra e te pergunta, sem interesse pela resposta, pobre ou terrível, que lhe deres: Trouxeste a chave?", continua nosso maior poeta, morto em 1987. Outra metáfora exata. Os jovens estudantes são como as palavras, com mil faces secretas sob a face neutra e esperando as chaves que lhes abram os portais de uma vida pessoal e profissional plena.

Isso só se conseguirá quando o otimismo com o desempenho do sistema, que é também compartilhado pelos alunos, for transformado em radical inconformismo. A fagulha de mudança pode ser acendida com a constatação de que as escolas que pais, alunos e professores tanto elogiam são as mesmas que devolvem à sociedade jovens incapazes de ler e entender um texto, que se embaralham com as ordens de grandeza e confiam cegamente em suas calculadoras digitais para não apenas fazer contas mas substituir o pensamento lógico. Mais uma vez abusa-se do recurso da generalização para que o mérito individual de alguns poucos não dilua a constatação de que o complexo educacional brasileiro é medíocre e não se enxerga como tal. Quando um conselho de notáveis americanos fez a célebre condenação do sistema de ensino do país ("parece ter sido concebido pelo pior inimigo dos Estados Unidos..."), as pesquisas de opinião mostravam que a maioria dos americanos estava plenamente satisfeita com suas escolas. A comissão viu mais longe e soou o alarme. Agora no Brasil o mesmo senso de realidade e urgência se faz necessário, como resume Cláudio de Moura Castro, ensaísta, pesquisador e colunista: "Uma crise, uma crise profunda. Só isso salva nossa educação".

VEJA, 20 ago. 2008 p. 74 (Texto adaptado)

01 A alternativa que **NÃO** contém uma afirmativa condizente com o texto é

a) A escola se adapta, muitas vezes, ao aluno, para não forçá-lo nem exigir muito dele.
b) Os pais em geral estão pouco engajados e se satisfazem com aspectos periféricos à educação.
c) Falta autocrítica ao sistema educacional brasileiro.
d) Os jovens têm responsabilidade direta pelas mazelas da educação.

02 A alternativa que contém o provérbio popular que melhor retrata a visão que o texto apresenta da educação brasileira é

a) O pior cego é o que não quer ver.
b) Pau que nasce torto morre torto.
c) Quem desdenha quer comprar.
d) Quem espera sempre alcança.

03 "Para 89% dos pais com filhos em escolas particulares, o dinheiro é bem gasto e tem bom retorno. No outro campo, 90% dos professores se consideram bem preparados para a tarefa de ensinar."

Em relação aos dados apresentados pela pesquisa, o texto tem uma posição

a) ambígua.
b) cética.
c) otimista.
d) ufanista.

04 Em relação às melhorias na educação, a metáfora utilizada por Carlos Drummond de Andrade pode ser associada de forma direta à necessidade de

a) atitudes, soluções.
b) debates, reflexões.
c) interação entre pais, alunos e professores.
d) destinação de vultosos recursos materiais.

05 [...] ("parece ter sido concebido pelo pior inimigo dos Estados Unidos ..."), [...]

As aspas utilizadas no trecho entre parênteses se justificam por

a) destacar o trecho chamando a atenção para a relevância do conteúdo.
b) se tratar de uma transcrição.
c) tecer um comentário desabonador para a educação americana.
d) revelar, com certa ironia, uma opinião oposta à do autor.

06 "A fagulha de mudança pode ser acendida com a constatação de que as escolas <u>que pais, alunos e professores tanto elogiam</u> são as mesmas [...]"

A substituição da oração destacada acarreta erro de regência em

a) a que pais, alunos e professores tanto precisam.
b) de que pais, alunos e professores tanto gostam.
c) em que pais, alunos e professores tanto confiam.
d) por que pais, alunos e professores tanto batalham.

07 "Quando e se esse assunto é levantado, ele se resumirá às notas obtidas e a algum evento extraordinário de mau comportamento, como ter sido pego fumando no corredor [...]"

O período acima contém ideias de natureza

a) comparativa, concessiva e condicional.
b) comparativa, condicional e temporal.
c) concessiva, condicional e temporal.
d) comparativa, concessiva e temporal.

08 A alternativa em que cada vocábulo é acentuado graficamente em função de uma regra diferente é

a) nobilíssima, anedótico, urgência.
b) céus, só, provê.
c) notáveis, superfície, férias.
d) resumirá, você, quinquagésima.

09 A alternativa em que se pode determinar o sujeito sintático da forma verbal destacada é a) "Você sabe o que <u>estão ensinando</u> a ele?"

b) "[...] do que quando se <u>discute</u> sobre o que exatamente o Júnior está aprendendo na escola".
c) "Mais uma vez <u>abusa</u>-se do recurso da generalização para que o mérito individual de alguns não dilua [...]"
d) "[...] a constatação de que o complexo educacional brasileiro é medíocre e não se <u>enxerga</u> como tal."

10 "[...] ele se resumirá às notas obtidas e a algum evento extraordinário de mau comportamento [...]"

No que se refere ao uso do sinal indicativo da crase, a alternativa que contém uma adaptação correta do trecho acima é

a) [...] ele se resumirá a questões referentes às notas obtidas e a quaisquer eventos extraordinários de mau comportamento [...]
b) [...] ele se resumirá à uma discussão sobre as notas obtidas e à todo evento extraordinário de

mau comportamento [...]

c) [...] ele se resumirá à discutir as notas obtidas e às conversas sobre algum evento extraordinário de mau comportamento [...]

d) [...] ele se resumirá à discussão das notas obtidas e à diferentes formas de eventos extraordinários de mau comportamento [...]

11 A alteração da colocação pronominal só é possível em

a) "[...] os pais brasileiros de todas as classes não se envolvem como deveriam [...]" [NÃO ENVOLVEM-SE]

b) "Mais uma vez abusa-se do recurso da generalização [...]" [MAIS UMA VEZ SE ABUSA]

c) "Isso só se conseguirá, quando o otimismo com o desempenho [...]" [ISSO SÓ CONSEGUIRÁ-SE]

d) "Os jovens estudantes [...], sob a face neutra e esperando as chaves que lhes abram as portas [...]" [QUE ABRAM-LHES AS PORTAS]

12 *"Chega mais perto e contempla as palavras. Cada uma tem mil faces secretas sob a face neutra e te pergunta, sem interesse pela resposta, pobre ou terrível, que lhe deres: Trouxeste a chave?"*

O poema de Drummond reproduzido no texto foi elaborado com a interlocução em segunda pessoa. Utilizando-se o tratamento você, ter-se-iam as seguintes adaptações.

a) chegue, contemple, lhe, der, trouxe

b) chegues, contemples, o, der, trouxestes

c) chegue, contemples, o, deres, trouxestes

d) chegues, contemple, lhe, deres, trouxe

13 "Uma pesquisa recente traduz essa situação em números".

A forma passiva correspondente ao período acima é

a) Essa situação era traduzida em números por uma pesquisa recente.

b) Essa situação foi traduzida em números por uma pesquisa recente.

c) Essa situação é traduzida em números por uma pesquisa recente.

d) Essa situação fora traduzida em números por uma pesquisa recente.

14 "A fagulha de mudança pode ser acendida com a constatação de que as escolas que pais, alunos e professores tanto elogiam são as mesmas que devolvem à sociedade jovens incapazes de ler e entender um texto, que se embaralham com as ordens de grandeza [...]"

Os pronomes destacados no trecho acima substituem, respectivamente, os termos

a) escolas; jovens.

b) pais, alunos e professores; texto.

c) pais, alunos e professores; jovens.

d) escolas; texto.

15 A alternativa em que **NÃO** aparece erro de concordância é

a) Em boa parte dos lares brasileiros, a assinatura de novos canais a cabo são decididos em conversa de família.

b) A maioria dos americanos estavam plenamente satisfeitos com suas escolas.

c) 90% dos professores se considera bem preparados para a tarefa.

d) A classe média - à qual pertence a maior parte dos pais - se animam com as quadras esportivas e a limpeza.

PROVA X

01 – D	02 – A	03 – B	04 – A	05 – A
06 – A	07 – B	08 – B	09 – D	10 – A
11 – B	12 – A	13 – C	14 – A	15 – B

EXERCÍCIOS
Treinando por Temas

FONÉTICA / ACENTUAÇÃO GRÁFICA / DIVISÃO SILÁBICA

1 Em que par só uma das palavras deveria receber o acento?
a) cinquenta, aguentar
b) quinquenio, interim
c) transito, linguistica
d) unguento, frequente
e) linguiça, guerra

2 Todas as palavras abaixo obedecem à mesma regra de acentuação, **EXCETO**
a) já
b) nós
c) pés
d) dói
e) há

3 Assinale a alternativa em que todas as palavras estão **CORRETAS** quanto à acentuação gráfica.
a) Grajaú, balaustre, urubús
b) árduo, língua, raíz
c) raízes, fúteis, água
d) heroico, assembleia, côroa
e) túneis, apôio, equilíbrio

4 Nenhum dos vocábulos abaixo deve receber acento gráfico, **EXCETO**
a) maligno
b) gratuito
c) degrau
d) interim
e) item

5 Assinale a alternativa em que nenhuma palavra deve receber acento gráfico.
a) o governo, o juri, a garoa
b) preto, fossil, seres
c) itens, polens, erros
d) item, polen, cedo

6 À luz de seu magnífico ..... do sol, ..., parece uma cidade ..... .
Assinale a opção **CORRETA**.
a) pôr, Paranavaí, trânquila
b) por, Paranavai, tranquila
c) pôr, Paranavaí, tranquila
d) pôr, Paranavai, tranquila

7 A sequência de palavras cujas sílabas estão separadas **CORRETAMENTE** é
a) a-dje-ti-va-ção / im-per-do-á-vel / bo-ia-dei-ro
b) in-ter-ve-io / tec-no-lo-gi-a / su-bli-nhar
c) in-tu-i-to / co-ro-i-nha / pers-pec-ti-va
d) co-ro-lá-rio / subs-tan-ti-vo / bis-a-vó
e) flui-do / at-mos-fe-ra / in-ter-vei-o

8 Assinale a sequência em que todas as palavras estão partidas **CORRETAMENTE**
a) trans-a-tlân-ti-co, fi-el, sub-ro-gar
b) bis-a-vô, du-e-lo, fo-ga-réu
c) sub-lin-gual, bis-ne-to, de-ses-pe-rar
d) des-li-gar, sub-ju-gar, sub-scre-ver
e) cis-an-di-no, es-pé-cie, a-teu

9 As sílabas das palavras **psicossocial** e **traído** estão **CORRETAMENTE** separadas em
a) psi-cos-so-ci-al / tra-í-do
b) p-si-cos-so-cial / tra-í-do
c) psi-co-sso-ci-al / traí-do
d) p-si-co-sso-cial / tra-í-do
e) psi-co-sso-cial / tra-í-do

10 Na frase "No restaurante, onde entrei arrastando os cascos como um dromedário, resolvi me ver livre das galochas", existem
a) dois ditongos, sendo um crescente e um decrescente e um ditongo fonético.
b) três ditongos, sendo dois crescentes e um decrescente.
c) três ditongos, sendo um crescente e dois decrescentes e um ditongo fonético.
d) quatro ditongos, sendo dois crescentes e dois decrescentes.
e) quatro ditongos, sendo três crescentes e um decrescente.

11 Nesta relação, as sílabas tônicas estão sublinhadas. Uma delas, porém, está sublinhada **INCORRETAMENTE**. Assinale-a.
a) ín-te-rim
b) pu-di-co
c) ru-bri-ca
d) gra-tui-to
e) i-nau-di-to

12 "O bom tempo passou e vieram as chuvas. Os animais todos, arrepiados, passavam os dias cochilando." No trecho, temos
a) dois ditongos e três hiatos
b) cinco ditongos e dois hiatos
c) quatro ditongos e três hiatos
d) três ditongos e três hiatos
e) quatro ditongos e dois hiatos

13 Assinale a alternativa **CORRETA** melhor resposta. Em papagaio, temos
a) um ditongo
b) um trissílabo
c) um dígrafo
d) um proparoxítono
e) um ditongo + um hiato

14 Assinale a alternativa em que pelo menos um vocábulo não seja acentuado
a) orfão, taxi, balaustre, interim
b) itens, parabens, alguem, tambem
c) textil, amago, cortex, roi
d) papeis, onix, bau, ambar
e) hifen, cipos, obtem, pe

15 Assinale a série em que todas as palavras estão acentuadas **CORRETAMENTE**
a) ideia, urubú, suíno, ênclise
b) bíceps, heroico, ítem, fóssil
c) tênis, fósseis, caiste, japonesa
d) fútil, hífen, ânsia, decaído
e) apoia, tapête, órfã, ruína

16 Assinale a afirmativa **FALSA**.
a) Rúbrica é acentuada graficamente.
b) Há acento indevido em raíz.
c) Falta acento em ruina.
d) Têm está acentuada por indicar plural.
e) Funil não deve ser acentuada graficamente.

17 Único segmento **ERRADO** quanto à acentuação gráfica: Tens ideia de quanto é inútil bancar o mártir? Nesse rítmo, acabas perdendo o juízo.
a) ideia
b) inútil
c) mártir
d) rítmo
e) juízo

18 Assinale a opção com as duas palavras grafadas **INCORRETAMENTE.**
a) repôr, ítem
b) contínuo, órgão
c) atribuía, alô
d) revólver, parabéns
e) apoio, jaburú

19 Assinale a alternativa em que todas as palavras são paroxítonas (foram omitidos os acentos).
a) rubrica - avaro - pegada - recorde
b) mister - filantropo - misantropo - condor
c) pegaso - prototipo - arquetipo - rubrica
d) necromancia - quiromancia - ibero - nobel
e) nenhuma das anteriores

20 Assinale o trecho que apresenta **ERRO** de acentuação gráfica.
a) Inequivocamente, estudos sociológicos mostram que, para ser eficaz, o chicote, anátema da sociedade colonial, não precisava bater sobre as costas de todos os escravos.
b) A diferença de ótica entre os díspares movimentos que reivindicam um mesmo amor à natureza se enraízam para além das firulas das discussões político-partidárias.
c) No âmago do famoso santuário, erguido sob a égide dos conquistadores, repousam enormes caixas cilíndricas de oração em forma de mantras, onde o novel na fé se purifica.
d) O alvo da diatribe, o fenômeno da reprovação escolar, é uma tolice inaceitável, mesmo em um paradígma de educação deficitária em relação aos menos favorecidos.
e) Assustada por antigas endemias rurais, a, até então, álacre sociedade brasileira tem, enfim, consciência do horror que seria pôr filhos em um mundo tão inóspito.

GABARITO

01 – C	02 – D	03 – C	04 – D	05 – C
06 – C	07 – E	08 – C	09 – A	10 – C
11 – C	12 – C	13 – A	14 – B	15 – D
16 – A	17 – D	18 – A	19 – A	20 – D

ORTOGRAFIA

1 A única série de palavras **CORRETAMENTE** grafadas é
a) cortume, gorgeio, picina, piche
b) tribo, tabuada, bueiro, defeza
c) êmbulo, florescer, figadal, quiz
d) xadrez, pílula, exceção, invés
e) abrazar, pagé, páteo, desliza

2 Indique a alternativa **CORRETA.**
a) O ladrão foi apanhado em flagrante.
b) Ponto é a intercessão de duas linhas.
c) As despesas de mudança serão vultuosas.
d) Assistimos a um violenta coalizão de caminhões.
e) O artigo incerto na Revista das Ciências foi lido por todos nós.

3 A ..... a ser desenvolvida visava à ..... de objetivos bastante ..... . Assinale a alternativa **CORRETA.**
a) pesquisa, consecução, pretensiosos
b) pesquisa, consecussão, pretenciosos
c) pesquisa, consecução, pretenciosos
d) pesquiza, consecução, pretenciosos
e) pesquiza, consecução, pretensiosos

4 Assinale a alternativa em que não há **ERRO** de grafia:
a) espontâneo, catorze, alisar, prazeirosamente
b) obsessão, obceno, deslisar, sacerdotisa
c) cansaço, atraso, tocha, pajem
d) angar, ombro, harém, hexágono
e) exaurir, desonra, hesitar, rehaver

5 "A solidão é um retiro de ....., mas ninguém vive sempre em trégua, ... só, ... o preguiçoso, eternamente em repouso." Assinale a alternativa **CORRETA.**
a) descanço, tampouco, exceto
b) descanso, tãopouco, exceto
c) descanço, tão pouco, esceto
d) descanso, tampouco, exceto
e) descanso, tão pouco, esceto

6 Assinale a alternativa em que todas as palavras estejam **CORRETAMENTE** grafadas
a) tecer, vazar, aborígene, tecitura, maisena
b) rigidez, garage, dissenção, rigeza, cafuzo
c) minissaia, paralisar, extravasar, abscissa, cosseno
d) abscesso, rechaçar, indu, soçobrar, coalizão
e) lambujem, advinhar, atarraxar, bússola, usofruto

7 Pelas nossas convenções ortográficas, certas palavras são escritas com u, como pau e vau (trecho raso do rio ou mar); outras são grafadas com l, como tal e val (variante de forma verbal vale). Das opções abaixo, assinale a única em que a lacuna deve ser preenchida com a letra ***u*** e não com a letra ***l***.
a) As crianças vão ma... da saúde.
b) Quebrou o sa...to do sapato.
c) Coloque uma pá de ca... na massa.
d) Não a...tenticou a fotocópia.
e) Entornou a ca...da do doce.

8 As questões da prova eram ....., ... de ..... . Assinale a alternativa **CORRETA.**
a) suscintas - apesar - difíceis
b) sucintas - apezar - difíceis
c) suscintas - apezar - dificeis
d) sucintas - apesar - difíceis
e) sucintas - apezar - dificeis

9 "Durante a ..... solene era ..... o desinteresse do mestre diante da ..... demonstrada pelo político." Assinale a alternativa **CORRETA.**
a) seção - fragrante - incipiência
b) sessão - flagrante - insipiência
c) sessão - fragrante - incipiência
d) cessão - flagrante - incipiência
e) seção - flagrante - insipiência

10 Assinale a alternativa em que a vogal completa **CORRETAMENTE** os vocábulos.
a) i. d...stilar, pr...vilégio, cr...ação, d...senteria
b) e. quas..., ...mpecilho, cand...eiro, crân...o
c) o. cap...eira, g...ela, b...eiro, b...lir
d) u. táb...a. jab...ticaba, ch...visco, b...liçoso
e) i. s...quer, efetu..., cr...ador, pát...o

11 Se substituirmos a palavra sublinhada pela palavra entre parênteses não alteramos o sentido dos enunciados, **EXCETO** em
a) É o que descrevemos nos cultos de <u>procedência</u> banto. (proveniência)
b) Torna-se difícil <u>cindir</u> magia e religião em suas origens. (fundir)
c) A forma de magia <u>evocatória</u> confunde-se com o próprio ritual religioso. (invocatória)
d) Alguns povos fazem <u>distinção</u> entre o sacerdote e o feiticeiro clandestino. (escuso)
e) Em geral, magia e ritual religioso <u>se fusionam</u>. (amalgamam)

12 Na ..... plenária estudou-se a ..... de direitos territoriais a ..... . Assinale a alternativa **CORRETA.**
a) sessão - cessão - estrangeiros
b) seção - cessão - estrangeiros
c) secção - sessão - extrangeiros
d) sessão - seção - estrangeiros
e) seção - sessão - estrangeiros

13 Em um dos casos abaixo, todas as palavras se grafariam com "s". Assinale-o.
a) anali...ar, fregue...ia, e...amine, camur...a
b) ga...o...o, fu...elagem, e...ta...e, parali...ia
c) an...iar, e...pontâneo, repre...a, abu...ão
d) e...tranho, ê...odo, a...ia, e...umar
e) fu...ível, ga...eteiro, gui...ado, hebrai...ar

14 Assinale a alternativa em que todas as palavras estão grafadas **CORRETAMENTE.**
a) paralisar, pesquisar, ironizar, deslizar
b) alteza, empreza, francesa, miudeza
c) cuscus, chimpazé, encharcar, encher
d) incenso, abcesso, obcessão, Luís
e) chineza, marquês, garrucha, meretriz

15 Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas em "A ..... presidencial ..... de uma campanha que ..... esclarecedora."
a) suceção, nececita, seja
b) sucessão, necessita, seje
c) sucessão, nececita, seja
d) suceção, necessita, seje
e) sucessão, necessita, seja

16 Dentre as palavras abaixo, indique um sinônimo de **ermo**:
a) descampado
b) campo
c) campina
d) limiar
e) ermida

17 O termo **místico** designa um indivíduo
a) criador de mitos
b) falaz
c) devoto
d) céptico
e) alienado

18 Na junção dos elementos seguintes, para formar uma só palavra, indique a alternativa que corresponde ao emprego ou não do hífen.
super + homem
pan + americano
sub + reptício
infra + estrutura

a) sim, não, não, sim
b) não, não, não, não
c) sim, sim, sim, sim
d) sim, sim, sim, não
e) sim, sim, não, sim

19 Fez um esforço ..... para vencer o campeonato ..... . Assinale a alternativa **CORRETA.**
a) sobre-humano, inter-regional
b) sobrehumano, interregional
c) sobreumano, interregional
d) sobrehumano, inter-regional
e) sobre-humano, interegional

20 Considerando-se que o hífen é empregado corretamente: nos compostos, cujos elementos, reduzidos ou não, perderam a sua significação própria; nos compostos com o primeiro elemento de forma adjetiva, reduzida ou não. Assinale a alternativa que contém apenas exemplos certos, de acordo com a regra.
a) extraordinário, sobre-mesa, anti-higiênico
b) maleducado, mal-humorado, subreino
c) arco-íris, tenente-coronel, luso-brasileiro
d) paraquedista, panamericano, bel-prazer

GABARITO

01 – D	02 – A	03 – A	04 – C	05 – D
06 – C	07 – D	08 – D	09 – B	10 – D
11 – B	12 – A	13 – C	14 – A	15 – E
16 – A	17 – C	18 – D	19 – A	20 – C

RELAÇÃO DETERMINANTE-DETERMINADO

1 O vocabulário destacado só não tem valor de adjetivo em
a) Aqueles homens gostam de ficar <u>sós</u>.
b) Já lhe falei, <u>bastantes</u> vezes, que não irei.
c) No Natal, as lojas vendem muito <u>caro</u>.
d) Após a greve de fome, ela ficará <u>macérrima</u>.
e) Espera-se que todos façam uma hora <u>extra</u>.

2 Em todas as opções, o termo sublinhado modifica um substantivo, **EXCETO** em
a) "... esse efeito, por sua vez, estimula respostas de <u>alta</u> magnitude."
b) "... passou por testes rigorosos <u>de laboratório</u>."
c) "... isso faz com que o comportamento <u>agressivo</u> se torne mais frequente."
d) "... são a aprendizagem social, a desinibição da agressão e o despertar <u>emocional</u>."
e) "... Vários estudos têm provado que as crianças ficam <u>de fato</u> despertas..."

3 O adjetivo está substantivado em
a) A beleza das plantas estava nas suas cores vivas.
b) Estavam bastante tristes e não sabiam a razão.
c) O rio passava silencioso, calmo nas suas dores.
d) Ouviu-se, no profundo da terra, a voz ameaçadora.
e) Por aquele tempo, o homem andava muito desesperado.

4 Há correlação entre os termos destacados em todas as opções, **EXCETO** em
a) Ele era um indivíduo que nem estava satisfeito.
b) Aquele caminho antes estreito, estava com muita modificação.
c) As mulheres organizavam festas muito satisfeitas.
d) Crianças, que são reprimidas pelos pais, ficam revoltadas.
e) Mariana e Luíza encontraram seus pais nervosas.

5 O adjetivo sublinhado está em função substantiva na opção
a) "(...) cumpre a sua missão humana".
b) "(...) o barro vil da própria vida (...)".
c) "(...) que tanto pode ser o tosco abrigo (...)".
d) "(...) ao comezinho conforto material (...)".
e) "(...) o pote em que se coze o alimento dos simples".

6 A classificação da palavra sublinhada está **CORRETA** em
a) Na manhã de sábado, mais treze corpos foram encontrados. (advérbio)
b) Ninguém acredita mais em milagre econômico. (pronome)
c) Matar o elefante é fácil, o duro é remover o cadáver. (substantivo)
d) Outros tempos vieram, morria o Império, a República nascia mal. (adjetivo)
e) Diante do fato consumado, o porta voz do presidente encaminhou o documento. (verbo)

7 Assinale a opção em que a palavra destacada é um advérbio.
a) Um som de clarineta trêmula perdido no ar.
b) A canção se recolhe dolorida.
c) Loucas, as fontes falarão de amor.
d) Devagar, o raio tecerá ninhos.
e) Rápidos, os vaga-lumes quebrarão a sombra.

8 Apresenta um termo substantivado a estrutura:
a) "Dagoberto estirou o olhar por cima das mangueiras..."
b) "Uma ressurreição de cemitérios antigos..."
c) "Não tinham pressa em chegar..."
d) "... e o sol guiava-os nesse forçado nomadismo..."
e) "... eram comidos pela própria fome..."

9 Assinale a alternativa em que ambos os vocábulos sublinhados - graficamente idênticos - são da mesma classe morfológica.
a) "... o pintor suspendeu o trabalho."/ O pintor teria pensado: " Trabalho a partir das cinco e meia e acabo logo a tabuleta."
b) "... reconcilou-se com a forma." / Império forma uma oposição com a república.
c) "... alguns rapazes que a tinham visto, ao passar na rua, quiseram rasgá-la."/ Teria pensado Custódio: "Visto um casaco de alpaca e vou à Rua da Assembleia.
d) "...quando se lembrou dela, viu que era preciso sustar a pintura."/ Custódio teria pensado: Preciso sustar a pintura!"
e) "... no meio do espanto, esqueceu-lhe a tabuleta."/ Diria o Aires: Espanto-o se proponho Confeitaria do Custódio."

10 Em todas as citações, o termo sublinhado desempenha a função adverbial, **EXCETO** em
a) "Vivos, vivíssimos só no olhar."
b) "Mais mortos do que vivos."
c) "Não tinham idade, nem sexo."
d) "... não sabiam aonde iam."
e) "Andavam devagar."

11 Em todas as alternativas, há correlação entre os termos destacados, **EXCETO** em
a) A situação foi considerada gravíssima.
b) Todos procederam educados.
c) Este carro deve ter custado caro.
d) Alegre e comunicativo, o menino chegou.
e) Meu tio foi nomeado embaixador.

12 Em que caso a palavra destacada não tem valor adjetivo?
a) Um branco, velho, pedia esmolas.
b) Um velho, branco, pedia esmolas.
c) Só Deus, onipotente, me pode socorrer.
d) Os viajantes dormiram tranquilos.
e) O sabão usado desbotou o verde da camisa.

13 Assinale a frase em que o vocábulo **MEIO** funciona como o advérbio.
a) Só quero meio quilo de linguiça.
b) Achei-o meio triste.
c) Descobri o meio de acertar.
d) Parou no meio da rua.
e) Comprou um metro e meio de tecido.

14 Em todas as opções, há correlação entre os termos destacados, **EXCETO** em
a) Tinham passado a noite em claro, ouvindo **Pedro** remexer-se **inquieto**.
b) **O índio** sentou-se **pachorrento**, junto da porta, e contou-lhes uma história.
c) Chegou a noite e **as duas mulheres** atiraram-se no chão, **extenuadas**.
d) Os castelhanos têm **tudo** que querem, **fácil e ligeiro**.
e) **Amaral** brincava, meio **impaciente**, com a argola do rebenque.

15 O termo destacado é um nome desempenhando função de adjetivo em
a) Às vezes, iam com ele alguns companheiros; às vezes ele ia **só**.
b) Dentro em pouco uma fumacinha apontava **longe**.
c) Ele apanhou a estrada **bastante** movimentada.
d) Então, ganhava **rápido** a superfície, sabendo que um segundo mais morreria.
e) Olhava para o próprio sexo que **mal** tocava a superfície.

16 "Os leigos sempre se medicaram por conta própria, já que de médico e louco todos temos um pouco - mas, esse problema jamais adquiriu contornos tão preocupantes no Brasil..."
(MEDEIROS, Geraldo - Veja, 18 de dezembro, 1985).
Assinale a alternativa **INCORRETA.**
a) "jamais" modifica o vocábulo "adquiriu".
b) "tão" modifica o vocábulo "preocupantes".
c) "preocupantes" modifica o vocábulo "contornos".
d) "própria" modifica o vocábulo "conta".
e) "sempre" modifica o vocábulo "leigos".

17 Em todas opções há correlações entre os termos em destaque, **EXCETO** em
a) Era **uma mulher** extremamente **bela e maliciosa**.
b) Nunca **ele** sabia por que era tão **confuso e nervoso**.
c) **Deixaram** todos os homens, daquele lugar, **completamente** surpresos.
d) Certamente **nós** haveríamos de vencer, **corajosos**, a tal batalha.
e) **Ninguém**, naquele fim de mundo, poderia ser **singelo**.

18 Sublinhou-se um termo que modifica o verbo em
a) "... os dois ficassem entre amigos."
b) "... estou desolado com tudo isso."
c) "O regulamento do prédio é explícito..."
d) "Todos esses números são comportados e silenciosos."
e) "... a vida é curta."

19 Desempenha função adjetiva o termo sublinhado em
a) "Expulso de seu paraíso por espadas de fogo."
b) " ... cresciam, como se o vento os levantasse."
c) "... em vez de ser levado por ela."
d) "... olhando para trás, como quem quer voltar."
e) "... o cheiro enjoativo do melado que lhes exarcebava os estômagos jejunos.

20 Há um adjetivo substantivado em
a) Aos poucos foi sentindo crescer o estranho predomínio de Joaquim José sobre o seu espírito, foi sentindo o peso daquela censura silenciosa.
b) Meia légua adiante, Joaquim José deixava o trilho e ganhava de novo a estrada, para ficar à espera do irmão, tiritando de frio.
c) Sua coragem era instintiva, enfrentava o perigo inconscientemente, obedecia a uma força interior, desconhecida e misteriosa.
d) Os grandes olhos úmidos de meiguice, o doce sorriso, a tez delicada em que o moreno se misturava ao róseo, tudo nela enlouquecia- o.
e) Compreendia a revolta do filho e admirava-lhe o espírito de justiça, a bondade inata, o horror à violência.

GABARITO

01 – C	02 – E	03 – D	04 – C	05 – E
06 – C	07 – D	08 – A	09 – C	10 – C
11 – C	12 – E	13 – B	14 – D	15 – A
16 – E	17 – C	18 – A	19 – A	20 – D

CLASSES DE PALAVRAS

1 Assinale a frase em que "**MEIO**" funciona como advérbio.
a) Só quero meio dia de paz.
b) Achei-o meio confuso.
c) Descobri o meio de acertar a questão.
d) Parou no meio da rua.
e) Comprou um metro e meio de linho.

2 Assinale a alternativa **CORRETA**.
a) Seiscentismo se refere ao século XVI.
b) O algarismo romano da frase anterior se lê: décimo sexto.
c) Duodécuplo significa duas vezes; dodécuplo, doze vezes.
d) Ambos os dois é forma enfática.
e) Quadragésimo, quarentena, quadragésima, quaresma só aparentemente se referem a quarenta.

3 "Podem acusar-me: estou com a consciência tranquila." Os dois pontos do período acima poderiam ser substituídos por vírgula, explicando-se o nexo entre as duas orações pela conjunção
a) portanto
b) e
c) como
d) pois
e) embora

4 Classifique as palavras **como** nas construções seguintes, numerando, convenientemente, os parênteses
1) preposição
2) conj. subord. causal
3) conj. subord. conformativa
4) conj. coord. aditiva
5) adv. interrogativo de modo

( ) Indagamos **como** chegaste aqui.
( ) Percorrera as casas **como** eu pedi.
( ) Tinha-o **como** um filho.

( ) **Como** estivesse frio, fiquei em casa.
( ) Tanto ele **como** o pai são meus amigos.

a) 2 - 4 - 5 - 3 - 1
b) 4 - 5 - 3 - 1 - 2
c) 5 - 3 - 1 - 2 - 4
d) 3 - 1 - 2 - 4 - 5
e) 1 - 2 - 4 - 5 - 3

5 Em "A maneira como respondeu é estranha", a palavra grifada é
a) advérbio
b) pronome relativo
c) pronome indefinido
d) conjunção subordinada causal
e) conjunção subordinada comparativa

6 Talvez seja bom que o proprietário do imóvel possa desconfiar de que ele não é tão imóvel assim. A palavra destacada é, **RESPECTIVAMENTE,**
a) substantivo e substantivo
b) substantivo e adjetivo
c) adjetivo e verbo
d) advérbio e adjetivo
e) adjetivo e advérbio

7 Assinale a alternativa correspondente à classe gramatical da palavra **a**, respectivamente: Esta gravata é **a** que recebi; Estou disposto **a** tudo; Fiquei contente com **a** nota; Comprei-a logo que **a** vi.
a) artigo - artigo - preposição - preposição
b) preposição - artigo - pronome demonstrativo - artigo
c) pronome demonstrativo - preposição - artigo - pronome pessoal
d) pronome pessoal - preposição - artigo - pronome pessoal
e) nenhuma das alternativas

8 No trecho: "Todo romancista, todo poeta, quaisquer que sejam os rodeios que possa fazer a teoria literária, deve falar de ... o mundo e o escritor fala, **eis** a literatura." A palavra destacada é:
a) advérbio de inclusão
b) advérbio de designação
c) conjunção subordinativa
d) palavra denotadora de inclusão
e) palavra denotadora de designação

9 Assinale a opção em que o **A** é, respectivamente, artigo, pronome pessoal e preposição.
a) Esta é a significação a que me referi e não a que entendeste.
b) A dificuldade é grande e sei que a resolverei a curto prazo.
c) A escrava declarou que preferia a morte à escravidão,
d) Esta é a casa que comprei e não a que vendi a ele.
e) A que cometeu a falta receberá a punição.

10 Assinale a alternativa cuja relação esteja **INCORRETA**.
a) Sorria às crianças **que** passavam - pronome relativo
b) Declararam **que** nada sabem - conjunção integrante
c) **Que** alegre manifestação a sua - advérbio de intensidade
d) **Que** enigmas há nesta vida - pronome adjetivo indefinido
e) Uma ilha **que** não consta no mapa - conjunção coord. explicativa

11 Assinale a única alternativa em que há **ERRO**.
a) Nem todas opiniões são valiosas.
b) Disse-me que conhece todo o Brasil.
c) Leu todos os dez romances do escritor.
d) Andou por Portugal todo.
e) Todas as cinco, menos uma, estão corretas.

12 Triplo e tríplice são numerais
a) ordinal o primeiro e multiplicativo o segundo
b) ambos ordinais
c) ambos cardinais
d) ambos multiplicativos
e) multiplicativo o primeiro e ordinal o segundo

13 Assinale a oração em que o termo **cego(s)** é um adjetivo.
a) Os cegos habitantes de um mundo esquemático, sabem onde ir...
b) O cego de Ipanema representava naquele momento todas as alegorias da noite escura da alma ...
c) Todos os cálculos do cego se desfaziam na turbulência do álcool.
d) Naquele instante era só um pobre cego.
e) ... da Terra que é um globo cego girando no caos.

14 Há o **ERRO** quanto ao emprego do artigo em
a) Em certos momentos, as pessoas as mais corajosas se acovardam.
b) Em certos momentos, as pessoas mais corajosas se acovardam.
c) Em certos momentos, pessoas as mais corajosas se acovardam.
d) Em certos momentos, as mais corajosas pessoas se acovardam.

15 Assinale a alternativa em que aparece a conjunção final **que**.
a) Não sei que digo a você.
b) Cinco dias são passados que dali saímos.
c) Peço a Deus que te faça venturoso.
d) Crio estas crianças, que vês, que refrigério sejam da minha velhice.

16 Em "A gente não pode dormir / <u>com os oradores e os pernilongos</u>", a expressão sublinhada pode indicar ideia de
a) companhia
b) instrumento
c) consequência
d) modo
e) causa

17 Em "Vem caindo devagar / Tão devagar vem caindo / **Que** dá tempo a um passarinho... ."
A palavra **que** dá ideia de
a) comparação
b) oposição
c) condição
d) causa
e) consequência

18 Assinale a alternativa em que a palavra em destaque é pronome .
a) O homem <u>que</u> chegou é meu amigo.
b) Notei um <u>quê</u> de tristeza em seu rosto.
c) Importa <u>que</u> compareçamos.
d) Ele é <u>que</u> disse isso!
e) Vão ter <u>que</u> dizer a verdade.

19 "Ele era um bom profissional, no entanto não o contrataram." Começando-se com "Não o contrataram, ..." teríamos a seguinte conjunção subordinativa:
a) por isso
b) mas
c) uma vez que
d) entretanto
e) ainda que

20 Ele assumiu a chefia do cargo, embora não estivesse preparado para isso. Começando-se com "Ele não estava... " teríamos a seguinte conjunção coordenativa:
a) todavia
b) de forma que
c) porquanto
d) desde que
e) conforme

GABARITO

01 – B	02 – D	03 – D	04 – C	05 – B
06 – B	07 – C	08 – E	09 – B	10 – E
11 – A	12 – D	13 – E	14 – A	15 – C
16 – E	17 – E	18 – A	19 – E	20 – A

FORMAÇÃO DE PALAVRAS

1 Nas palavras: **emagrecer, automóvel, perímetro,** temos, respectivamente, os seguintes processos de formação das palavras
a) parassíntese, hibridismo, prefixação
b) aglutinação, justaposição, sufixação
c) sufixação, aglutinação, justaposição
d) justaposição, prefixação, parassíntese
e) hibridismo, parassíntese, hibridismo

2 Em qual dos itens abaixo está presente um caso de derivação parassintética ?
a) operaçãozinha
b) conversinha
c) principalmente
d) assustadora
e) obrigadinho

3 "O embarque dos passageiros será feito no aterro". Os dois termos sublinhados representam, **RESPECTIVAMENTE**, casos de
a) palavra primitiva e palavra primitiva
b) conversão e formação regressiva
c) formação regressiva e conversão
d) derivação prefixal e palavra primitiva
e) formação regressiva e formação regressiva

4 O vocábulo **átomo**, do ponto de vista de sua formação é
a) primitivo
b) composto por aglutinação
c) derivação prefixal
d) parassintético
e) derivado regressivo de catedrático

5 A formação do vocábulo sublinhado na expressão "o canto das sereias" é
a) composição por justaposição
b) derivação regressiva
c) derivação prefixal
d) derivação sufixal
e) palavra primitiva

6 Todos os verbos seguintes são formados por parassíntese (derivação parassintética), **EXCETO**
a) endireitar
b) ensolarado
c) enlouquecer
d) emagrecimento
e) soterrar

7 Assinale a alternativa em que a primeira palavra apresenta sufixo formador de advérbio e, a segunda, sufixo formador de substantivo
a) perfeitamente, varrendo
b) provavelmente, erro
c) lentamente, explicação
d) atrevimento, ignorância
e) proveniente, furtado

8 As palavras adivinhar, adivinho e adivinhação têm a mesma raiz, por isso são cognatas. Assinale a alternativa em que não ocorrem três cognatos.
a) alguém - algo - algum
b) ler - leitura - lição
c) ensinar - ensino - ensinamento
d) viver - vida - vidente

9 As palavras **expatriar, amoral, aguardente** são formadas por
a) derivação parassintética, prefixal, composição por aglutinação
b) derivação sufixal, prefixal, composição por aglutinação
c) derivação prefixal, prefixal, composição por justaposição
d) derivação parassintética, sufixal, composição por aglutinação
e) derivação prefixal, prefixal, composição por justaposição

10 As palavras **entardecer**, **desprestígio** e **oneroso** são formadas, respectivamente, por
a) prefixação, sufixação e parassíntese
b) sufixação, prefixação e parassíntese
c) parassíntese, sufixação e prefixação
d) sufixação, parassíntese e prefixação
e) parassíntese, prefixação e sufixação

11 Foram formadas pelo mesmo processo as seguintes palavras
a) vendavais, naufrágios, polêmicas
b) descompõem, desempregados, desejava
c) estendendo, escritório, espírito
d) quietação, sabonete, nadador
e) religião, irmão, solidão

12 O adjetivo formato a partir de **inveja** é
a) invejozo
b) invejeiro
c) invejado
d) invejoso
e) invejador

13 Assinale a alternativa que indique corretamente o processo de formação das palavras sem-terra, sertanista e desconhecido
a) composição por justaposição, derivação por sufixação, derivação por prefixação e sufixação
b) composição por aglutinação, derivação por sufixação e derivação por parassíntese
c) composição por aglutinação, derivação por sufixação e derivação por sufixação
d) composição por justaposição, derivação por sufixação e composição por aglutinação
e) composição por aglutinação, derivação por sufixação e derivação por prefixação

14 Assinale a alternativa que registra a palavra que tem o sufixo formador de advérbio.
a) desesperança
b) pessimismo
c) empobrecimento
d) extremamente
e) sociedade

15 Os vocábulos **aprimorar** e **encerrar** classificam-se, quanto ao processo de formação de palavras, respectivamente, em
a) parassíntese - prefixação
b) parassíntese - parassíntese
c) prefixação - parassíntese
d) sufixação - prefixação e sufixação
e) prefixação e sufixação - prefixação

16 Considerando o processo de formação de palavras, relacione a coluna da direita com a da esquerda.

(1) derivação imprópria	( ) desenredo
(2) prefixação	( ) narrador
(3) prefixação e sufixação	( ) infinitamente
(4) sufixação	( ) o voar
(5) composição por justaposição	( ) pão de mel

a) 3, 4, 2, 5, 1
b) 2, 4, 3, 1, 5
c) 4, 1, 5, 3, 2
d) 2, 4, 3, 5, 1
e) 4, 1, 5, 2, 3

17 Assinale a alternativa em que as duas palavras são formadas por parassíntese.
a) indisciplinado - desperdiçar
b) incineração - indescritível
c) despedaçar - compostagem
d) endeusado - envergonhar
e) descamisado - desonestidade

18 Assinale a alternativa **CORRETA** quanto à formação das seguintes palavras: girassol, destampado, vinagre, irreal.
a) sufixação, parassíntese, aglutinação, prefixação
b) justaposição, prefixação e sufixação, aglutinação, prefixação
c) justaposição, prefixação e sufixação, sufixação, parassíntese
d) sufixação, parassíntese, derivação regressiva, sufixação

e) aglutinação, prefixação, aglutinação, justaposição

19 As palavras **esquartejar, desculpa** e **irreconhecível** foram formadas, respectivamente, pelos processos de
a) sufixação - prefixação - parassíntese
b) sufixação - derivação regressiva - prefixação
c) composição por aglutinação - prefixação - sufixação
d) parassíntese - derivação regressiva - prefixação
e) parassíntese - derivação imprópria - parassíntese

20 A palavra **engrossar** apresenta o mesmo processo de formação de
a) embalançar
b) abstrair
c) encaixotar
d) encobrir
e) perfurar

GABARITO

01 – A	02 – D	03 – E	04 – C	05 – B
06 – D	07 – C	08 – D	09 – A	10 – E
11 – D	12 – D	13 – A	14 – D	15 – A
16 – B	17 – D	18 – B	19 – D	20 – C

PRONOME

1 A única frase em que há **ERRO** no emprego do pronome oblíquo é
a) Eu o conheço muito bem.
b) Devemos preveni-lo do perigo.
c) Faltava-lhe experiência.
d) A mãe amava-a muito.
e) Farei tudo para livrar-lhe desta situação.

2 "**Alguém**, antes que Pedro **o** fizesse, teve vontade de falar **o que** foi dito." Os pronomes assinalados dispõem-se nesta ordem
a) de tratamento, pessoal, oblíquo, demonstrativo
b) indefinido, relativo, pessoal, relativo
c) demonstrativo, relativo, pessoal, indefinido
d) indefinido, relativo, demonstrativo, relativo
e) indefinido, demonstrativo, demonstrativo, relativo

3 Na frase: "Chegou Pedro, Maria e o seu filho **dela**", o pronome possessivo está reforçado para:
a) ênfase
b) elegância e estilo
c) figura de harmonia
d) clareza

4 Assinale a alternativa em que o pronome pessoal está empregado **CORRETAMENTE**.
a) Este é um problema para mim resolver.
b) Entre eu e tu não há mais nada.
c) A questão deve ser resolvida por eu e você.
d) Para mim, viajar de avião é um suplício.
e) Ela só pensava nela mesma.

5 Suponha que você deseje dirigir-se a personalidades eminentes, cujos títulos são: papa, juiz, cardeal, reitor e coronel. Assinale a alternativa que contém a abreviatura **CORRETA** da "expressão de tratamento" correspondente ao título enumerado.
a) Papa ..... V. Sa
b) Juiz ..... V. Ema
c) Cardeal ..... V.M.
d) Reitor ..... V. Maga
e) Coronel ..... V. A.

6 Assinale o item em que há **ERRO** quanto ao emprego de pronomes.
a) Feriu-se quando brincava com o revólver e o virou para si.
b) Ele só cuidava de si.
c) Quando V. Sa vier, traga consigo a informação pedida.
d) Ele se arroga o direito de vetar tais artigos.
e) Espere um momento, pois tenho de falar contigo.

7 Assinale a alternativa que preencha **CORRETAMENTE** as lacunas da frase ao lado: "_____ da terra natal, _____ para as antigas sensações adormecidas."
a) Nos lembrando - despertamos-nos
b) Nos lembrando - despertamo-nos
c) Lembrando-nos - despertamos-nos
d) Nos lembrando - nos despertamos
e) Lembrando-nos - despertamo-nos

8 Indique em que alternativa os pronomes estão bem empregados.
a) Deixou ele sair.
b) Mandou-lhe ficar de guarda.
c) Permitiu-lhe, a ele, fazer a ronda.
d) Procuram-o por toda a parte.

9 Assinale a alternativa **INCORRETA**.
a) Aquela não era casa para mim, comprá-la com que dinheiro?
b) Entre eu e ela nada ficou acertado.
c) Estava falando com nós dois.
d) Aquela viagem, quem não a faria?
e) Viram-no, mas não o chamaram.

10 Os técnicos ____ bem para os jogos, mas, ____ contra nova derrota, pediam que treinasse ainda mais. Assinale a alternativa **CORRETA**.
a) o haviam preparado - se tentando precaver
b) haviam preparado-o - se tentando precaver
c) haviam preparado-o - tentando precaver-se
d) haviam-no preparado - se tentando precaver
e) haviam-no preparado - tentando precaver-se

11 Nas frases abaixo
I. Os miúdos corriam barulhentos, me pedindo dinheiro.
II. Dizia ele cousas engraçadas, coçando-se todo.
III. Ficarei no lugar onde encontro-me. Tem sombra.
IV. Quando me vi sozinho, tremi de medo.

A ênclise e a próclise foram corretamente empregadas
a) nas orações I e II
b) nas orações III e IV
c) nas orações I e III
d) nas orações II e IV
e) em todas as orações

12 Devemos ..... da tempestade.
Assinale a alternativa **CORRETA**.
a) resguardar-mo-nos
b) resguardar-nos
c) resguardarmos-nos
d) resguardarmo-nos
e) resguardar-mos

13 Assinale a alternativa em que a colocação pronominal **NÃO** corresponde ao que preceitua a gramática.
a) Há muitas estrelas que nos atraem a atenção.
b) Jamais dar-te-ia tanta explicação, se não fosses pessoa de tanto merecimento.
c) A este compete, em se tratando do corpo da Pátria, revigorá-lo com o sangue do trabalho.
d) Não o realizaria, entretanto, se a árvore não se mantivesse verde sob a neve.

14 Assinale a alternativa **CORRETA**.
Os projetos que ..... estão em ordem; ..... ainda hoje, conforme ..... .
a) enviaram-me, devolvê-los-ei, lhes prometi
b) enviaram-me, os devolverei, lhes prometi
c) enviaram-me, os devolverei, prometi-lhes
d) me enviaram, os devolverei, prometi-lhes
e) me enviaram, devolvê-los-ei, lhes prometi

15 Assinale a alternativa **CORRETA**.
Quando ..... as provas, ... imediatamente.
a) lhes entregarem, corrijam-as
b) lhes entregarem, corrijam
c) lhes entregarem, corrijam-nas
d) entregarem-lhes, corrijam-as
e) entregarem-lhes, as corrijam

16 Assinale a alternativa **CORRETA**.
Quem ..... estragado que ..... de ..... .
a) o trouxe - encarregue-se - consertá-lo
b) o trouxe - se encarregue - consertá-lo
c) trouxe-o - se encarregue - o consertar
d) trouxe-o - se encarregue - consertá-lo
e) trouxe-o - encarregue-se - o consertar

17 Aponte a sentença que deverá ser corrigida.
a) Poderá resolver-se o caso imediatamente.
b) Sabes o que se deverá dizer ao professor?
c) Poder-se-á resolver o caso imediatamente.
d) Sabe o que deverá dizer-se ao professor?
e) Poderá-se resolver o caso imediatamente.

18 Assinale a única alternativa em que haja **ERRO** no emprego dos pronomes.
a) Vossa Excelência e seus convidados.
b) Mandou-me embora mais cedo.
c) Vou estar consigo amanhã.
d) Vós e vossa família estais convidados para a festa.
e) Deixei-o encarregado da turma.

19 Observe os períodos abaixo
I. Nunca soubemos quem roubava-nos nas medidas.
II. Pouco se sabe a respeito de novas fontes energéticas.
III. Nada chegava a impressioná-lo na juventude.
IV. Dar-lhe-emos novas oportunidades.
V. Eles apressaram-se a convidar-nos para a festa.
a) Estão corretas I, II, III
b) Estão corretas II, III, IV, V
c) Estão corretas III, IV, V
d) Estão corretas II, III, IV
e) Estão corretas I, III, IV

20 Assinale a alternativa **ERRADA** quanto à colocação pronominal.
a) Apesar de se contrariarem, não me fariam mudar de ideia.
b) Que Deus te acompanhe por toda parte.
c) Isso não me admira: eu também contrariei-me com o caso.
d) Conforme foi decidido, espero que todos se compenetrem de seu dever.

GABARITO

01 – E	02 – E	03 – D	04 – D	05 – D
06 – E	07 – E	08 – C	09 – B	10 – E
11 – D	12 – B	13 – B	14 – E	15 – C
16 – B	17 – E	18 – C	19 – B	20 – C

VERBO

1 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** a lacuna abaixo.
Se quiseres vencer o jogo, _____ bem.
a) prepara-se
b) prepara-te
c) preparas-te
d) prepare-se
e) prepare-te

2 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** as lacunas abaixo.
Necessito de tua cooperação. _____ cá e _____-me. Não _____ de atender-me.
a) vem, ajude, deixe
b) venhas, ajudes, deixas
c) vem, ajuda, deixes
d) venha, ajudes, deixes
e) venha, ajuda, deixes

3 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** a lacuna.
Faça o que lhe recomendamos e não _____.
a) te arrependerás
b) se arrependerá
c) se arrependerão
d) te arrependereis
e) vos arrependereis

4 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** a lacuna.
Embora _____ esforçado, não conseguirás fazer o trabalho sozinho.
a) seja
b) és
c) fosses
d) sejas
e) sejais

5 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** a lacuna.
Não _____ e diga a verdade.
a) titubeia
b) titubeie
c) titubeiem
d) titubeias
e) titubeiais

6 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** a lacuna.
Quando _____, vem à minha casa.
a) puder
b) puderdes
c) puderes
d) pudesses
e) poderes

7 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** as lacunas das frases abaixo.
Se nos ____ ao que nos diz respeito, não lhe daremos margem a nos ____ algo que nos _____.
a) ativermos – propuserem – humilha
b) atermos – propuserem – humilhe
c) ativermos – proporem – humilhe
d) atermos – propuserem – humilha
e) ativermos – propuserem – humilhe

8 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** as lacunas.
Se _____ outra questão, em lugar desta que te agrada mais, estás autorizado, _____.
a) propor – propõe-na
b) propuser – proponha-a
c) propuser – propõe-na
d) propor – proponha-la
e) propuseres – propõe-na

9 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** as lacunas.
O garoto se _____ olhando as figuras, até que os colegas se _____ a partir.
a) entreteve – disporam
b) entretem – dispuseram
c) entreteu – dispuseram
d) entreteve – dispuseram
e) entreteu – dispuseram

10 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** as lacunas.
Se você _____ um recurso, talvez _____ a propriedade.
a) interpor – reavenha
b) interpõe – reavesse
c) interpuser – reaveja
d) interpusesse – reouvesse
e) interpor – reaveja

11 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** as lacunas.
Quando todos se _____ a trabalhar juntos, _____ um fato que _____ seu ímpeto.
a) dispuseram – sobreviu – deteve
b) disporam – sobreveio – deteu
c) dispuseram – sobreveio – deteve
d) disporam – sobreviu – deteve
e) dispuseram – sobreviu – deteu

12 Preencha as lacunas com a forma adequada do verbo entre parênteses e a seguir assinale a opção **CORRETA**.

1) Muito zangada, a mãe ordenou à filha: "_____ (cerzir) já estas meias, ou não te deixarei sair de casa".
2) Contando o caso, o policial relatou: "Assim os capangas _____ (intervir), ele _____ (reaver) o revólver que deixara cair e consegui prendê-los".
3) Mesmo que tu, ela e eu _____ (provir) de classes abastadas (o que não é verdade), nada justificaria esses desperdícios.
4) Não _____ (permitir), Senhor, que nos _____ (ater-se) aos que vos magoam.
5) Ordenei: " _____ (agir) de acordo com tua consciência e não a _____ (antepor) às vaidades pessoais".

a) cirze, intervieram, reouve, proviéssemos, permitais, atenhamos, age, anteponhas.
b) cerze, interviram, reouve, provissem, permitais, atenhamos, age, antepõe.
c) cirza, interviram, reouve, provêssemos, permitais, atenhamos, age, anteponhas.
d) cerze, intervieram, reavi, proviessem, permitais, atenhamos, age, anteponhas.
e) cirze, intervieram, reouve, proviéssemos, permitais, atenhamos, age, anteponde.

13 Assinale a frase em que os verbos estão empregados **CORRETAMENTE**.

a) Fora ele benquisto e não teria sido expulso.
b) Precavenha-se dos que te bajulam.
c) Não o tinham morto propositalmente, mas um suspeito fora preso.
d) Quando se perfazerem os quinhentos, substitua-os.
e) É imprescindível que reaveja o dinheiro mal gasto.

14 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** as lacunas.

Ao lugar de onde eles _____, _____ diversas romarias.

a) provém, afluem
b) provém, aflue
c) provém, aflui
d) proveem, afluem
e) provêm, afluem

15 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** as lacunas.

Se você vem para apoiá-lo, _____ por outra razão: já que ele _____ no caso, os amigos não se _____.

a) viemos, interveio, desaviram
b) vimos, interveio, desavieram
c) vimos, interviu, desavieram
d) viemos, interviu, desaviram
e) viemos, interviu, desavinham

16 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** as lacunas.

Os sentimentos altruístas _____ e _____ a aperfeiçoar-se, à medida que o homem se _____ tornando um ser social.

a) nasceram, continuarão, foi
b) nasceram, continuaram, for
c) nascem, continuam, vai
d) nascem, continuam, foi
e) nasceram, continuam, ia

17 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** as lacunas.

_____ tranquilo se esta palavra _____ todos os documentos.

a) ficaria, continha
b) ficaria, contivesse
c) ficava, continha
d) ficaria, contesse
e) ficarei, conter

18 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** as lacunas.
Ainda que _____ e, portanto, nossas opiniões _____ não é justo que se _____, daí, termos agido de má fé.

a) dissentimos, divirjam, infere
b) dissentimos, divergem, infere
c) dissintamos, divergem, infira
d) dissintamos, divirjam, infira
e) dissintamos, divirjam, infere

19 Preencha os espaços em branco com os verbos dos parênteses, nos tempos e modos indicados e, em seguida, assinale a alternativa **CORRETA**.
1) Estas alunas _____ aqui todos os dias. (vir – presente do indicativo)
2) São parentes que não se _____ há muitos anos. (ver – presente do indicativo)
3) Mônica, prepare-se, pois nós _____ aqui para trazer-lhe más notícias (vir – presente do indicativo).
4) Carlos e Alberto esperam que eu e você _____ as passagens para eles. (providenciar – presente do subjuntivo).
5) Acredito mesmo que Judite e Marisa _____ comigo naquele carro. (ir – presente do subjuntivo).

a) veem, vêm, vimos, providenciamos, vão.
b) veem, veem, viemos, providenciamos, vão.
c) vem, vêm, viemos, providenciemos, vão.
d) vêm, veem, vimos, providenciemos, vão.
e) veem, vêm, viremos, providenciamos, vai.

20 Preencha os espaços com os verbos dos parênteses, nos tempos e modos indicados e, em seguida, assinale a alternativa **CORRETA.**
1) Eu ainda não _____ as provas. (corrigir – pretérito mais-que-perfeito simples do indicativo)
2) Creio que os noivos já _____. (chegar – pretérito perfeito composto do subjuntivo)
3) Venham, amigos, que eu _____ por suas companhias (ansiar – presente do indicativo)
4) Se não chegássemos cedo, não _____ lugar para sentar. (encontrar – futuro do pretérito composto do indicativo)
5) Os gafanhotos _____ muitos estragos naquela lavoura. (fazer – pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo)

a) corrigira, tenham chegado, anseio, teríamos encontrado, tinham feito;
b) corrigiu, tenha chegado, anseio, teremos encontrado, tinham feito;
c) corrigira, tenham chegado, anseio, teremos encontrado, tinham feito;
d) corrigira, tinha chegado, anseio, teríamos encontrado, tivera feito;
e) corrigi, tenho chegado, anseia, teríamos encontrado, tivera feito.

GABARITO

01 – B	02 – C	03 – B	04 – D	05 – B
06 – C	07 – E	08 – E	09 – D	10 – D
11 – C	12 – A	13 – A	14 – E	15 – B
16 – C	17 – B	18 – D	19 – D	20 – A

ANÁLISE SINTÁTICA

1 Das expressões sublinhadas abaixo, com as ideias de tempo ou lugar, a única que tem a função sintática do adjunto adverbial é
a) "Já ouvi os poetas <u>de Aracaju</u>"
b) "atravessar os subúrbios <u>escuros</u> e sujos"
c) "passar a noite <u>de inverno</u> debaixo da ponte"
d) "Queria agora caminhar com os ladrões <u>pela noite</u>"
e) "sentindo no coração as pancadas dos pés das mulheres <u>da noite</u>"

2 A classificação dos verbos sublinhados, quanto à predicação, foi feita **CORRETAMENTE** em
a) "Não nos olhou o rosto. A vergonha foi enorme." - transitivo direto e indireto
b) "Procura insistentemente perturbar-me a memória." - transitivo direto
c) "Fiquei, durante as férias, no sítio de meus avós." - de ligação
d) "Para conseguir o prêmio, Mário reconheceu-nos imediatamente." - transitivo indireto
e) "Ela nos encontrará, portanto é só fazer o pedido." - transitivo indireto

3 "Ele observou-a e achou aquele gesto feio, grosseiro, masculinizado." Os termos sublinhados são
a) predicativos do objeto
b) objetos diretos
c) predicativos do sujeito
d) adjuntos adverbiais de modo
e) adjuntos adnominais

4 "Lembro-me de que ele só usava camisas brancas." A oração sublinhada é
a) subordinada substantiva completiva nominal
b) subordinada substantiva objetiva indireta
c) subordinada substantiva predicativa
d) subordinada substantiva subjetiva
e) subordinada substantiva objetiva direta

5 Na passagem "O receio é substituído pelo pavor, pelo respeito, pela emoção, que emudece e paralisa." Os termos sublinhados são
a) complementos nominais; oração subordinada adverbial concessiva
b) adjuntos adnominais; oração subordinada adverbial comparativa
c) agentes da passiva; oração subordinada adjetiva
d) objetos diretos; oração subordinada adjetiva
e) objetos indiretos; oração subordinada adverbial comparativa

6 Observe os termos sublinhados na passagem "O rio vai às margens. Vem com força de açude arrombado." Os termos sublinhados são, **RESPECTIVAMENTE**
a) predicativo do sujeito e adjunto adnominal de modo
b) adjunto adverbial de modo e adjunto adnominal
c) adjunto adverbial de lugar e adjunto adverbial de modo
d) adjunto adverbial de modo e objeto indireto
e) adjunto adverbial de lugar e complemento nominal

7 No período "Ela saiu chorando pela rua," o gerundio sugere:
a) a condição
b) a explicação
c) o modo
d) a finalidade
e) a consequência

8 "O corpo, a alma do carpinteiro não podem ser mais brutos do que a madeira." A função sintática dos termos sublinhados é, pela ordem,
a) objeto direto - predicativo do sujeito
b) sujeito - sujeito
c) predicativo do sujeito - sujeito
d) objeto direto - predicativo do sujeito
e) predicativo do sujeito - predicativo do sujeito

9 Em todos os períodos, há orações subordinadas substantivas, **EXCETO** em
a) O fato era que a escravatura do Santa Fé não andava nas festas do Pilar, não vivia no coco como a do Santa Rosa.
b) Não lhe tocara no assunto, mas teve vontade de tomar o trem e ir valer-se do presidente.
c) Um dia aquele Lula faria o mesmo com a sua filha, faria o mesmo com o engenho que ele fundara com o suor de seu rosto.
d) O oficial perguntou de onde vinha, e se não sabia notícias de Antônio Silvino.
e) Era difícil para o ladrão procurar os engenhos da várzea, ou meter-se para os lados de Goiana

10 "Não se sabe se é verdade ou não." Os dois "ses" que aparecem no texto são, conforme a sua colocação,

a) partícula apassivadora - pronome reflexivo, sujeito
b) partícula apassivadora - conjunção integrante
c) partícula integrante do verbo - conjunção condicional
d) índice de indeterminação do sujeito - partícula de realce
e) partícula integrante do verbo - conjunção integrante

11 Classifique as palavras **como** nas construções seguintes, numerando, convenientemente, os parênteses. Em seguida, assinale a sequência **CORRETA.**

1) preposição
2) conj. subord. causal
3) conj. subord. conformativa
4) conj. coord. aditiva
5) adv. interrogativo de modo

( ) Perguntamos <u>como</u> isso aconteceu.
( ) Percorrera o local <u>como</u> eu mandara.
( ) Tinha-o <u>como</u> um pai.
( ) <u>Como</u> estivesse frio, fiquei embaixo das cobertas
( ) Tanto ele <u>como</u> o irmão eram pessoas honestas.

a) 2 - 4 - 5 - 3 - 1
b) 4 - 5 - 3 - 1 - 2
c) 5 - 3 - 1 - 2 - 4
d) 3 - 1 - 2 - 4 - 5
e) 1 - 2 - 4 - 5 - 3

12 A respeito do seguinte texto, faça o que se pede:
"O lotação ia de Copacabana para o centro, com lugares vazios, cada passageiro pensando na vida; é o gênero de transporte onde menos viceja a flor da comunicação humana. Quando, em Botafogo, ouvia-se a voz de um senhor atrás:
- Olhe aqui, vou atender a você, mas não faça mais isso, ouviu? É muito feio pedir dinheiro para os outros. Na sua idade eu já dava duro e ajudava em casa." (Drummond)
A vírgula separando a expressão **em Botafogo** foi usada para isolar

a) palavra de mesma função sintática
b) uma expressão explicativa
c) aposto
d) oração adverbial com verbo oculto
e) adjunto adverbial deslocado

13 Em "Há enganos <u>que nos deleitam</u>", a oração grifada é

a) substantiva subjetiva
b) substantiva objetiva direta
c) substantiva completiva nominal
d) substantiva apositiva
e) adjetiva restritiva

14 Observe a estrofe: "Lembra-me que, em certo dia / Na rua, ao sol de verão, envenenado morria / Um pobre cão." Aparece aí a inversão do

a) objeto direto: um pobre cão
b) sujeito: um pobre cão
c) sujeito: certo dia
d) predicado: lembra-me
e) predicativo do sujeito: me

15 Considerando como conjunção integrante aquela que inicia uma oração subordinada substantiva, indique em qual das opções nenhum **se** tem esta função.

a) Se subiu, ninguém sabe, ninguém viu.
b) Comenta-se que ele se feria de propósito.
c) Se vai ou fica é o que eu gostaria de saber.
d) Saberia me dizer se ele já foi?

16 Na oração "Esboroou-se o balsâmico indianismo de Alencar ao advento dos Romanos", a classificação do sujeito é

a) oculto
b) inexistente
c) simples
d) composto
e) indeterminado

17 Em "O Brasil se tornou um país de poucas oportunidades para os mais pobres",
a) o predicado é nominal.
b) o predicado é verbo-nominal.
c) o predicado é verbal.
d) o verbo é transitivo direto.

18 Em "E quando o brotinho lhe telefonou, dias depois, comunicando que estudava o modernismo, e dentro do modernismo sua obra, para que o professor lhe sugerira contato pessoal com o autor, ficou assanhadíssimo e paternal a um tempo", os verbos assinalados são, **RESPECTIVAMENTE**
a) transitivo direto, transitivo indireto, de ligação, transitivo direto e indireto
b) transitivo direto e indireto, transitivo direto, transitivo indireto, de ligação
c) transitivo indireto, transitivo direto e indireto, transitivo direto, de ligação
d) transitivo indireto, transitivo direto, transitivo direto e indireto, de ligação
e) transitivo indireto, transitivo direto e indireto, de ligação, transitivo direto

19 Nas frases abaixo, o pronome oblíquo está corretamente classificado, **EXCETO** em
a) "Fugia-lhe, e certo, metia o papel no bolso ..." (objeto indireto)
b) "... ou pedir-me à noite a bênção do costume" (objeto indireto)
c) "Todas essas ações eram repulsivas: eu tolerava-as ..." (objeto direto)
d) "... que vivia mais perto de mim que ninguém" (objeto indireto)
e) "... eu jurava matá-los a ambos ..." (objeto direto)

20 Na frase "Fugia-lhe, e certo, metia o papel no bolso, corria a casa, fechava-se, não abria as vidraças, chegava a fechar os olhos", são adjuntos adverbiais
a) no bolso - a casa - não - e certo
b) no bolso - não - e certo
c) e certo - no bolso - a casa - se - não
d) lhe - e certo - no bolso - a casa - se - não
e) e certo - no bolso - a casa - não - a fechar

GABARITO

01 – D	02 – B	03 – A	04 – B	05 – C
06 – C	07 – C	08 – B	09 – C	10 – B
11 – C	12 – E	13 – E	14 – B	15 – B
16 – C	17 – A	18 – D	19 – D	20 – A

CONCORDÂNCIA

1 Indique a série que corresponde às formas apropriadas para os enunciados abaixo.
As diferenças existentes entre homens e mulheres ..... ser um fato indiscutível.
1 parece 2 parecem

Alguns cientistas, desenvolvendo uma nova pesquisa sobre a estrutura do cérebro, os efeitos dos hormônios e a psicologia infantil, ... que as diferenças entre homens e mulheres não se devem apenas à educação.
3 propõe 4 propõem

..... diferenças cerebrais condicionadoras das aptidões tidas como tipicamente masculinas ou femininas.
5 Haveria 6 Haveriam

..... ainda pesquisadores que consideram os machos mais agressivos, em virtude de sua constituição hormonal.
7 Existe 8 Existem

Como sempre, discute-se se é a força da Biolo-

gia, ou meramente a Educação, que ..... sobre o comportamento humano.

9 predomina 10 predominam

a) 2, 4, 5, 8, 9
d) 2, 3, 5, 8, 10
b) 1, 4, 6, 8, 9
e) 2, 4, 6, 7, 9
c) 2, 4, 6, 7, 10

2 Em um dos períodos seguintes não se observa a concordância prescrita pela gramática. Indique-o.
a) Não se apanham moscas com vinagre.
b) Casamento e mortalha no céu se talha.
c) Quem ama o feio bonito lhe parece.
d) De boas ceias, as sepulturas estão cheias.
e) Quem cabras não tem e cabritos vende, de algum lugar lhe vêm.

3 ..... dez horas que se ..... iniciado os trabalhos de apuração dos votos sem que se ..... quais seriam os candidatos vitoriosos. Assinale a alternativa **CORRETA.**
a) Fazia, haviam, previsse
d) Faziam, havia, previssem
b) Faziam, haviam, prevesse
e) Fazia, haviam, prevessem
c) Fazia, havia, previsse

4 Aponte a alternativa **CORRETA.**
a) Considerou perigosos o argumento e a decisão.
b) É um relógio que torna inesquecível todas as horas.
c) Já faziam meses que ela não a via.
d) Os atentados que houveram deixaram perplexa a população.
e) A quem pertence essas canetas?

5 Indique a alternativa **CORRETA.**
a) Filmes, novelas, boas conversas, nada o tiravam da apatia.
b) A pátria não é ninguém: são todos.
c) Se não vier as chuvas como faremos?
d) É precaríssima as condições do prédio.
e) Vossa Senhoria vos preocupais demasiadamente com a vossa imagem.

6 Vão ..... à carta várias fotografias. Paisagens as mais belas ..... . Ela estava ..... narcotizada. Assinale a alternativa **CORRETA.**
a) anexas - possíveis - meio
b) anexas - possível - meio
c) anexo - possíveis - meia
d) anexo - possível - meio
e) anexo - possível - meia

7 Vai ..... à carta minha fotografia. Essas pessoas cometeram crime de .....-patriotismo. Elas ..... não quiseram colaborar. Assinale a alternativa **CORRETA.**
a) incluso - leso - mesmo
b) inclusa - leso - mesmas
c) inclusa - lesa - mesmas
d) incluso - leso - mesmas
e) inclusas - lesa - mesmo

8 Assinale a alternativa em que há **ERRO** de concordância.
a) Tinha os olhos e a boca abertos.
b) Haviam ratos no porão.
c) Tu e ele permanecereis na mesma sala.
d) Separamo-nos ela e eu.
e) Ouviam-se passos lá fora.

9 No grupo, ... os trabalhos. Assinale a alternativa **CORRETA.**
a) sou eu que coordena
b) é eu que coordena
c) é eu quem coordena
d) é eu quem coordeno
e) sou eu que coordeno

10 O verbo está no plural porque o sujeito é composto em
a) À autora e à maioria das pessoas não interessam as vantagens da morte.
b) Os sentimentos de gratidão e de amor só conseguem ser eternos enquanto duram.
c) Amigos e amigas, não me chamem de inesquecível.
d) Pedaços de dor e de saudade cobrem a minha alma esbagaçada.
e) Limpos estão os meus olhos e o meu coração.

11 Assinale a alternativa **CORRETA** quanto à concordância verbal.
a) Sou eu que primeiro saio.
b) É cinco horas da tarde.
c) Da cidade à praia é dois quilômetros.
d) Dois metros de tecido são pouco para o terno.

12 Assinale o item que apresenta **ERRO** de concordância.
a) Prepararam-se as tarefas conforme havia sido combinado.
b) Deve haver pessoas interessadas na discussão do problema.
c) Fazem cem anos que Memórias Póstumas de Brás Cubas teve sua primeira edição.
d) Devem existir razões para ele retirar-se do grupo.
e) Um e outro descendiam de famílias ilustres.

13 Assinale o item que **NÃO** apresenta **ERRO** de concordância.
a) Ainda resta cerca de vinte alunos.
b) Haviam inúmeros assistentes na reunião.
c) Tu e ele saireis juntos.
d) Foi eu quem paguei as suas dívidas.
e) Há de existir professores esforçados.

14 Enumere (verbo posposto):
(1) cantamos (2) cantais (3) cantam

( ) Ele e ela .....
( ) Eu e tu .....
( ) Ele e eu .....
( ) Eu e ela .....
( ) Tu e ele .....

a) 3 - 1 - 1 - 1 - 2
b) 3 - 3 - 3 - 1 - 2
c) 3 - 2 - 1 - 1 - 2
d) 3 - 1 - 1 - 1 - 3
e) 1 - 2 - 3 - 1 - 2

15 Assinale a alternativa **INCORRETA.**
a) Precisam-se alunos especializados.
b) Precisa-se de alunos especializados.
c) Precisam-se de alunos competentes.
d) Assiste-se a filmes nacionais.
e) Obedeça-se aos regulamentos.

16 Apenas uma das frases está **CORRETA**. Assinale-a.
a) Nesta casa, consertam-se televisores e precisa-se de técnicos em eletrônica.
b) Nesta casa, conserta-se televisores e precisam-se de técnicos em eletrônica.
c) Nesta casa, conserta-se televisores e precisa-se de técnicos em eletrônica.
d) Nesta casa, consertam-se televisores e precisam-se de técnicos em eletrônica.
e) Nesta casa, consertam-se televisores e precisa-se técnicos em eletrônica.

17 Dadas as sentenças:

1 Eram duas horas da tarde.
2 Fui eu que resolvi o problema.
3 Hoje são sete de março.

Deduzimos que:
a) apenas a sentença número 1 está correta.
b) apenas a sentença número 2 está correta.
c) apenas a sentença número 3 está correta.
d) todas estão corretas.

18 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** as lacunas.
Sr. Professor, peço ao Sr. a fineza de me ..... a quinta lição, e ..... a ..... anterior decisão.
a) enviar - reconsiderar - sua
b) enviardes - reconsiderardes - vossa
c) enviar - reconsiderar - vossa
d) enviardes - reconsiderardes - sua
e) enviardes - reconsiderar - vossa

19 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** as lacunas.
..... Vossa Excelência, se não me apresento pessoalmente ....., embora aqui esteja, sempre ..... .
a) Perdoai-me - a vós - a vosso dispor
b) Perdoe-me - ao Sr. - ao seu dispor
c) Perdoai-me - a Vossa Excelência - a seu dispor
d) Perdoe-me - a Vossa Excelência - a seu dispor
e) Perdoai-me - a Vossa Excelência - ao dispor de Vossa Excelência

20 Assinale a opção em que houver **ERRO** gramatical.
a) A maioria das mulheres é inteligente.
b) A maioria das mulheres são inteligentes.
c) Uma e outra forma estão certas.
d) Ainda vai haver noites frescas.
e) Pedimos que Vossa Senhoria vos digneis a receber-nos.

GABARITO

01 – A	02 – B	03 – A	04 – A	05 – B
06 – A	07 – B	08 – B	09 – E	10 – E
11 – A	12 – C	13 – C	14 – A	15 – C
16 – A	17 – D	18 – A	19 – B	20 – E

CRASE

1 Assinale a alternativa em que **NÃO** deve haver o sinal da crase.
a) O sonho de todo astronauta é voltar a Terra.
b) As vezes, as verdades são duras de se ouvir.
c) Enriqueço, a medida que trabalho.
d) Filiei-me a entidade, sem querer.
e) O sonho de todo marinheiro é voltar a terra.

2 De ..... muito, ele se desinteressou em chegar a ocupar cargo tão importante. ..... coisas mais simples na vida e que valem mais que a posse momentânea de certos postos de relevo ..... que tantos ambicionam por amor ..... ostentação.
Assinale a alternativa **CORRETA.**
a) a - Há - à - à
b) há - As - a - a
c) há - Há - a - à
d) a - Hão - a - à
e) há - A - a - a

3 ..... tarde, acampadas já ..... horas, as tropas verificaram ..... perdas sofridas.
Assinale a alternativa **CORRETA.**
a) Há - a - às
b) À - há - as
c) À - a - às
d) Há - à - as
e) A - há - as

4 Dizer ..... toda gente o que pensava ..... respeito das coisas era sua maior ambição, mas não ..... confessava sequer ..... sua melhor amiga.
Assinale a alternativa **CORRETA.**
a) a, à, a, à
b) à, à, a, a
c) a, a, a, a
d) a, à, à, à
e) à, a, a, a

5 A amiga, ... quem devia tanta atenção, não chegou ..... ouvir os agradecimentos que ..... muito esperava. Assinale a alternativa **CORRETA.**
a) a, a, a
b) a, a, há
c) à, à, há
d) à, à, a
e) à, a, a

6 Estarei ..... frente do prédio, ... poucos metros daqui; chegue, exatamente ..... uma hora.
Assinale a alternativa **CORRETA.**
a) à, há, à
b) a, à, à
c) à, a, à
d) à, a, a
e) à, há, a

7 Dizem que vencer ..... si mesmo é mais do que vencer o mundo; portanto, vençamos, pela prática da virtude, ... todos os nossos defeitos, por isso visamos ..... perfeição. Assinale a alternativa **CORRETA.**
a) à, a, à
b) a, a, à
c) a, à, à
d) a, a, a
e) à, à, à

8 Quando for ..... Bahia, quero visitar ..... igreja do Bonfim e assistir ..... uma missa para dar cumprimento ..... promessa que fiz. Assinale a alternativa **CORRETA.**
a) a, a, à, à
b) à, à, a, a
c) a, à, a, à
d) à, a, a, à
e) a, a, a, a

9 Qual das alternativas completa **CORRETAMENTE** os espaços vazios?
"E entre o sono e o medo, ouviu como se fosse de verdade o apito de um trem igual ..... que ouvia em Limoeiro." *(José Lins do Rego)*
"Habituara-se ..... boa vida, tendo de tudo, regalada." *(J. Amado)*
"Os adultos são gente crescida que vive sempre dizendo pra gente fazer isso e não fazer ..... ." *(M. Fernandes)*
a) àquele, aquela, aquilo
b) àquele, àquela, àquilo
c) àquele, àquela, aquilo
d) aquele, àquela, aquilo
e) aquele, aquela, aquilo

10 Assinale a alternativa que completa, **CORRETAMENTE**, as lacunas da frase inicial: Nesta oportunidade, volto ..... referir-me ..... problemas já expostos ..... Vossa Senhoria ..... alguns dias.
a) à, àqueles, a, há
b) a, àqueles, a, há
c) a, aqueles, à, a
d) à, àqueles, a, a
e) a, aqueles, à, há

11 A alternativa que preenche **CORRETAMENTE** as lacunas da frase, é: "..... muito tempo, devido ..... condições político-econômicas do país, não é dado ..... população o direito de viver ..... salvo de sobressaltos financeiros", é
a) a, as, à, à
b) à, às, à, a
c) há, às, à, a
d) há, às, à, à
e) à, as, à, a

12 O pobre homem fica ..... meditar, ... tarde, indiferente ..... que acontece ao seu redor. Assinale a alternativa **CORRETA.**
a) à, a, aquilo
b) a, a, aquilo
c) a, à, àquilo
d) à, à, aquilo
e) à, à, àquilo

13 Não me refiro ..... essa peça, mas ..... que assistimos sábado ..... noite. Assinale a alternativa **CORRETA.**
a) a, àquela, à
b) a, aquela, a
c) à, aquela, à
d) à, àquela, a
e) à, àquela, à

14 Fique ..... vontade e confie ..... mim tudo que tem ..... dizer. Assinale a alternativa **CORRETA.**
a) a, a, à
b) à, a, a
c) à, a, à
d) à, à ,à
e) a, à, a

15 Assinale a alternativa que completa a frase: Trouxe ..... mensagem ..... Vossa Senhoria e aguardo ..... resposta, ... fim de levá-la ..... pessoa que me enviou.
a) a, a, à, a, a
b) a, à, a, à, a
c) à, à, à, à, a
d) a, a, a, a, à
e) à, a, a, a, a

16 Foi ..... mais de um século que, numa região de escritores, se propôs a maldição do cientista que reduziria o arco-íris ..... matéria: era uma ameaça ..... poesia. Assinale a alternativa **CORRETA.**

a) a, a, à
b) há, à, a
c) há, à, à
d) a, a, a
e) há, a, à

17 Assinale a alternativa que preenche adequadamente as lacunas do texto: "Chegar cedo ..... repartição. Lá ..... de estar outra vez o Horácio conversando ..... uma das portas com Clementino."

a) à - há - a
b) à - há - à
c) a - há - a
d) à - a - a
e) a - a - à

18 O progresso chegou inesperadamente ..... subúrbio. Daqui ..... poucos anos, nenhum dos seus moradores se lembrará mais das casinhas que, ... tão pouco tempo, marcavam a paisagem familiar. Assinale a alternativa **CORRETA.**

a) aquele, a ,a
b) àquele, a, há
c) àquele, à, há
d) aquele, à, há
e) àquele, à, à

19 Diga ..... elas que estejam daqui ..... pouco ..... porta da biblioteca. Assinale a alternativa **CORRETA.**

a) à, há, a
b) a, há, a
c) a, a, a
d) à, a, a
e) a, a, à

20 Assinale a frase gramaticalmente **CORRETA.**

a) O papa caminhava à passo firme.
b) Dirigiu-se ao tribunal disposto à falar ao juiz.
c) Chegou à noite, precisamente as 10 horas.
d) Esta é a casa à qual me referi ontem às pressas.
e) Ora aspirava a isto, ora aquilo, ora a nada.

GABARITO

01 – E	02 – C	03 – B	04 – C	05 – B
06 – C	07 – B	08 – D	09 – C	10 – B
11 – C	12 – C	13 – A	14 – B	15 – D
16 – C	17 – A	18 – B	19 – E	20 – D

REGÊNCIA

1 Assinale a alternativa gramaticalmente **CORRETA.**

a) Não tenham dúvidas que ele vencerá.
b) O escravo ama e obedece o seu senhor.
c) Prefiro estudar do que trabalhar.
d) O livro que te referes é célebre.
e) Se lhe disserem que não o respeito, enganam-no.

2 Assinale o período em que foi empregado o pronome relativo inadequado.

a) O livro a que eu me refiro é Tarde da Noite.
b) Ele é uma pessoa de cuja honestidade ninguém duvida.
c) O livro em cujos dados nos apoiamos é este.
d) A pessoa perante a qual comparecemos foi muito agradável.
e) O moço de cujo lhe falei ontem é este.

3 Assinale a alternativa que preencha **CORRETAMENTE** as lacunas abaixo.
1 Veja bem estes olhos ..... se tem ouvido falar.
2 Veja bem estes olhos ..... se dedicaram muitos versos.
3 Veja bem estes olhos ..... brilho fala o poeta.
4 Veja bem estes olhos ..... se extraem confissões e promessas.
a) de que - a que - sobre o qual - dos quais
b) que - que - sobre o qual - que
c) sobre os quais - que - de que - de onde
d) dos quais - aos quais - sobre cujo - dos quais
e) em quais - aos quais - a cujo - que

4 São excelentes técnicos, ... colaboração não podemos prescindir.
Assinale a alternativa que preenche **ADEQUADAMENTE** as lacunas acima.
a) cuja
b) de cuja
c) que a
d) de que a
e) dos quais a

5 Assinale a alternativa **CORRETA**.
a) Preferia brincar do que trabalhar.
b) Preferia mais brincar a trabalhar.
c) Preferia brincar a trabalhar.
d) Preferia brincar à trabalhar.
e) Preferia mais brincar que trabalhar.

6 Assinale a frase em que o pronome relativo está empregado **CORRETAMENTE**.
a) É um cidadão em cuja honestidade se pode confiar.
b) Feliz o pai cujo os filhos são ajuizados.
c) Comprou uma casa maravilhosa, cuja casa lhe custou uma fortuna.
d) Preciso de um pincel delicado, sem o cujo não poderei terminar meu quadro.
e) Os jovens, cujos pais conversei com eles, prometeram mudar de atitude.

7 Sendo o carnaval uma das festas ..... mais gosto, achei preferível ir ao baile ..... viajar para a praia. A alternativa **CORRETA** é:
a) que - à
b) que - do que
c) das quais - que
d) de que - a
e) de que - do que

8 Embora pobre e falto ..... recursos, foi fiel ..... ele, que ..... queria bem com igual constância. A alternativa **CORRETA** é:
a) em - a - o
b) em - para - o
c) de - para - o
d) de - a - lhe
e) de - para - lhe

9 As palavras ansioso, contemporâneo e misericordioso regem, respectivamente, as preposições:
a) em - de - para
b) de - a - de
c) por - de - com
d) de - com - para com
e) com - a - a

10 Indique a alternativa que completa **CORRETAMENTE** as lacunas do seguinte período: "Era um tique peculiar ..... cavalariço o de deixar caído, ... canto da boca, o cachimbo vazio ..... fumo, enquanto alheio ..... tudo e solícito apenas ..... animais, prosseguia ..... seu serviço."
a) ao - ao - de - a - com os - em
b) do - no - em - de - dos - para
c) para o - no - de - com - pelos - a
d) ao - pelo - do - por - sobre - em
e) do - para o - no - para - para com os - no

11 Observe o verbo que se repete: "aspirou o ar" e "aspirou à glória". Tal verbo
a) apresenta a mesma regência e o mesmo sentido nas duas orações.
b) embora apresente regências diferentes, ele tem sentido equivalente nas duas orações.

c) poderia vir regido de preposição também na primeira oração sem que se modificasse o sentido dela.
d) apresenta regência e sentidos diferentes nas duas orações.
e) embora tenha o mesmo sentido nas duas orações, ele apresenta regência diferente em cada uma delas.

12 Assinale o item em que a regência do verbo **proceder** contraria a norma culta da língua.
a) O juiz procedeu ao julgamento.
b) Não procede este argumento.
c) Procedo um inquérito.
d) Procedia de uma boa família.
e) Procede-se cautelosamente em tais situações.

13 I - Certifiquei-o ..... que uma pessoa muito querida aniversaria neste mês;
II -Lembre-se ..... que, baseada em caprichos, não obterá bons resultados;
III - Cientificaram-lhe ..... que aquela imagem refletia a alvura de seu mundo interno.
De acordo com a regência verbal, a preposição **de** cabe
a) nos períodos I e II.
b) apenas no período II.
c) nos períodos I e III.
d) em nenhum dos três períodos.
e) nos três períodos.

14 Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche **CORRETAMENTE** as lacunas da frase apresentada: O projeto, ... realização sempre duvidara, exigiria toda a dedicação ..... fosse capaz.
a) do qual a, que
b) cuja a, da qual
c) de cuja, de que
d) que sua, de cuja
e) cuja, a qual

15 Quando implicar tem sentido de "acarretar", "produzir como consequência", constrói-se a oração como objeto direto, como se vê em
a) Quando era pequeno, todos sempre implicavam comigo.
b) Muitas patroas costumam implicar com as empregadas domésticas.
c) Pelo que diz o assessor, isso implica em gastar mais dinheiro.
d) O banqueiro implicou-se em negócios escusos.
e) Um novo congelamento de salários implicará uma reação dos trabalhadores.

16 Assinale a única alternativa **INCORRETA** quanto à regência do verbo.
a) Perdoou nosso atraso no imposto.
b) Lembrou ao amigo que já era tarde.
c) Moraram na rua da Paz.
d) Meu amigo perdoou ao pai.
e) Lembrou de todos os momentos felizes.

17 Assinale a alternativa que corresponde às frases **CORRETAS**.
I. Visando apenas os seus próprios interesses, ele, involuntariamente, prejudicou toda uma família.
II. Como era orgulhoso, preferiu declarar falida a firma a aceitar qualquer ajuda do sogro.
III. Desde criança sempre aspirava a uma posição de destaque, embora fosse tão humilde.
IV. Aspirando o perfume das centenas de flores que enfeitavam a sala, desmaiou.
a) II - III - IV
b) I - II - III
c) I - III - IV
d) I - III
e) I - II

18 Há **ERRO** de regência no item
a) Algumas ideias vinham ao encontro das reivindicações dos funcionários, contentando-os, outras não.
b) Todos aspiravam a uma promoção funcional, entretanto poucos se dedicavam àquele trabalho, por ser desgastante.

c) Continuaram em silêncio, enquanto o relator procedia à leitura do texto final.
d) No momento este Departamento não pode prescindir de seus serviços devido ao grande volume de trabalho.
e) Informamos a Vossa Senhoria sobre os prazos de entrega das novas propostas, às quais devem ser respondidas com urgência.

19 Assinale a alternativa em que a regência verbal está **CORRETA**.
a) Prefiro mais a cidade que o campo.
b) Chegamos finalmente em Santo André.
c) Esta é a cidade que mais gosto.
d) Assisti ao concerto de que você tanto gostou.
e) Ainda não paguei o médico.

20 Assinale, abaixo, a exata regência do verbo chamar.
a) Chamamo-lo inteligente.
b) Chamamo-lo de inteligente.
c) Chamamos-lhe inteligente.
d) Chamamos-lhe de inteligente.
e) Todas as regências acima estão corretas.

GABARITO

01 – E	02 – E	03 – D	04 – B	05 – C
06 – A	07 – D	08 – D	09 – C	10 – A
11 – D	12 – C	13 – A	14 – C	15 – E
16 – E	17 – A	18 – E	19 – D	20 – E

PONTUAÇÃO

1 Assinale a alternativa em que a pontuação está **ADEQUADA** às normas da língua padrão.
a) Em suma poderia haver algumas atenções, mas, não devia um real ninguém.
b) Em suma, poderia dever algumas atenções, mas não devia um real ninguém.
c) Em suma poderia dever algumas atenções, mas não devia um real a ninguém.
d) Em suma poderia dever, algumas atenções, mas não devia um real a ninguém.
e) Em suma, poderia dever, algumas atenções, mas, não devia um real a ninguém.

2 Assinale a alternativa em que a pontuação está **ADEQUADA** às normas da língua padrão.
a) A velhice ridícula é, porventura, a mais triste e derradeira surpresa da natureza humana.
b) A velhice ridícula é porventura a mais triste e, derradeira surpresa da natureza humana.
c) A velhice ridícula é, porventura a mais triste, e derradeira surpresa da natureza humana.
d) A velhice ridícula é porventura, a mais triste e, derradeira surpresa da natureza humana.
e) A velhice ridícula é, porventura, a mais triste e, derradeira surpresa da natureza humana.

3 Assinale a alternativa em que a pontuação está **ADEQUADA** às normas da língua padrão.
a) Um deles muito menor, que todos, apegava-se às calças de outro taludo.
b) Um deles, muito menor que todos, apegava-se às calças de outro, taludo.
c) Um deles, muito menor que todos apegava-se, às calças de outro, taludo.
d) Um deles - muito menor - que todos, apegava-se às calças de outro taludo.
e) Um deles muito menor que todos, apegava-se, às calças de outro taludo.

4 Assinale a alternativa em que a pontuação está **ADEQUADA** às normas da língua padrão.
a) Ensina-o a, converter cada espinho, em flor.
b) Ensina-o, a converter, cada espinho em flor.
c) Ensina-o a converter, cada espinho em flor.
d) Ensina-o, a converter cada espinho, em flor.
e) Ensina-o a converter cada espinho em flor.

5 Os períodos abaixo apresentam diferenças de pontuação. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação **CORRETA**.
a) Hoje, eu daria o mesmo conselho, menos doutrina e, mais análise.
b) Hoje eu daria o mesmo conselho: menos doutrina e mais análise.
c) Hoje, eu, daria o mesmo conselho, menos doutrina e mais análise.
d) Hoje eu daria o mesmo conselho menos doutrina e mais análise.
e) Hoje eu, daria o mesmo conselho: menos doutrina, e, mais análise.

6 Os períodos abaixo apresentam diferenças de pontuação. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação **CORRETA**.
a) Precisando de meu auxílio por favor não hesite em chamar-me.
b) Precisando, de meu auxílio, por favor não hesite em chamar-me.
c) Precisando de meu auxílio, por favor, não hesite em chamar-me.
d) Precisando de meu auxílio por favor não hesite, em chamar-me.
e) Precisando, de meu auxílio por favor, não hesite, em chamar-me.

7 Os períodos abaixo apresentam diferenças de pontuação. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação **CORRETA**.
a) Cada qual tem o ar que Deus lhe deu.
b) Cada qual, tem o ar que Deus, lhe deu.
c) Cada qual, tem o ar, que Deus lhe deu.
d) Cada qual tem o ar, que Deus, lhe deu.
e) Cada qual tem, o ar que Deus lhe deu.

8 Os períodos abaixo apresentam diferenças de pontuação. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação **CORRETA**.
a) Apesar de toda a atenção o fato passou despercebido a todos.
b) Apesar de, toda a atenção, o fato, passou despercebido a todos.
c) Apesar de, toda a atenção o fato passou, despercebido a todos.
d) Apesar de toda a atenção o fato, passou despercebido, a todos.
e) Apesar de toda a atenção, o fato passou despercebido a todos.

9 Assinale a alternativa em que o texto está pontuado **CORRETAMENTE**.
a) Matias, cônego honorário e pregador efetivo, estava compondo um sermão quando começou o idílio psíquico.
b) Matias cônego honorário, e pregador efetivo estava compondo um sermão quando começou o idílio psíquico.
c) Matias, cônego honorário, e pregador efetivo, estava compondo um sermão, quandocomeçou o idílio psíquico.
d) Matias cônego honorário e pregador efetivo, estava compondo um sermão, quando começou, o idílio psíquico.
e) Matias, cônego honorário e, pregador efetivo, estava compondo um sermão quando começou o idílio psíquico.

10 Assinale o período que está pontuado **CORRETAMENTE**.
a) Solicitamos aos candidatos que respondam às perguntas a seguir, importantes para efeito de pesquisas relativas aos vestibulares.
b) Solicitamos aos candidatos, que respondam, às perguntas a seguir importantes para efeito de pesquisas relativas aos vestibulares.
c) Solicitamos aos candidatos, que respondam às perguntas, a seguir importantes para efeito de pesquisas relativas aos vestibulares.
d) Solicitamos, aos candidatos que respondam às perguntas a seguir importantes para efeito de pesquisas relativas aos vestibulares.
e) Solicitamos aos candidatos, que respondam às perguntas, a seguir, importantes para efeito de pesquisas relativas aos vestibulares.

11 Assinale a alternativa em que o texto esteja **CORRETAMENTE** pontuado.
a) Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo sem chapéu trazendo pela mão, uma menina de quatro anos.
b) Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja um sujeito, baixo, sem chapéu, trazendo pela mão, uma menina de quatro anos.
c) Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo, sem chapéu, trazendo pela mão uma menina de quatro anos.
d) Enquanto eu, fazia comigo mesmo, aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo sem chapéu, trazendo pela mão uma menina de quatro anos.
e) Enquanto eu fazia comigo mesmo, aquela reflexão, entrou na loja, um sujeito baixo, sem chapéu trazendo, pela mão, uma menina de quatro anos.

12 Assinale a **CORRETA**.
a) O fogo, está apagado; defendeu-se a moça; mas, o almoço está pronto.
b) O fogo está apagado, defendeu-se a moça. Mas, o almoço, está pronto.
c) O fogo está apagado... defendeu-se, a moça; mas o almoço está pronto.
d) O fogo está apagado? Defendeu-se a moça. Mas o almoço, está pronto.
e) O fogo está apagado - defendeu-se a moça. Mas o almoço está pronto.

13 Observe as frases:
I - Ele foi, logo eu não fui.
II - O menino, disse ele, não vai.
III - Deus, que é Pai, não nos abandona.
IV - Saindo ele e os demais, os meninos ficarão sós.
Assinale a afirmativa **CORRETA.**
a) Em I há erro de pontuação.
b) Em II e III as vírgulas podem ser retiradas sem que haja erro.
c) Na I, se se mudar a vírgula de posição, muda-se o sentido da frase.
d) Na II, faltam dois pontos depois de disse.

14 Assinale a opção em que está **CORRETAMENTE** indicada a ordem dos sinais de pontuação que devem preencher as lacunas da frase abaixo: Quando se trata de trabalho científico ___ duas coisas devem ser consideradas ___ uma é a contribuição que o trabalho oferece ___ a outra é o valor prático que possa ter.
a) dois-pontos, ponto e vírgula, ponto e vírgula
b) dois-pontos, vírgula, ponto e vírgula
c) vírgula, dois-pontos, ponto e vírgula
d) ponto e vírgula, dois-pontos, ponto e vírgula
e) ponto e vírgula, vírgula e vírgula

15 Assinale a alternativa em que o período proposto está **CORRETAMENTE** pontuado.
a) Neste ponto viúva amiga, é natural que lhe perguntes, a propósito da Inglaterra como é que se explica, a vitória eleitoral de Gladstone.
b) Neste ponto, viúva amiga, é natural que lhe perguntes, a propósito da Inglaterra, como é que se explica a vitória eleitoral de Gladstone.
c) Neste ponto, viúva amiga é natural que, lhe perguntes a propósito da Inglaterra, como é que se explica a vitória eleitoral, de Gladstone?
d) Neste ponto, viúva amiga, é natural, que lhe perguntes a propósito da Inglaterra, como é que, se explica a vitória eleitoral de Gladstone.
e) Neste ponto viúva amiga, é natural que lhe perguntes a propósito da Inglaterra como é, que se explica, a vitória eleitoral de Gladstone?

16 Assinale a alternativa em que o texto é apresentado com a pontuação mais **ADEQUADA**.
a) Depois que há algumas gerações, o arsênico deixou de ser vendido, em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio, ou envenenamento criminoso, mas aumentou - e quanto ... o número de ratos.
b) Depois que há algumas gerações o arsênico, deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou: e quanto o número de ratos.
c) Depois que, há algumas gerações, o arsênico deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou – e quanto – o número de ratos.
d) Depois que há algumas gerações o arsênico deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de - suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou - e quanto - o número de ratos.
e) Depois que, há algumas gerações o arsênico deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou; e quanto, o número de ratos.

17 Os períodos abaixo apresentam diferenças de pontuação. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação **CORRETA**.
a) Quem foi, que me disse, que o Pedro estava à procura, de uma gramática de alemão?
b) Quem foi que, me disse, que o Pedro, estava à procura de uma gramática, de alemão?
c) Quem foi que, me disse que o Pedro estava à procura de uma gramática de alemão?
d) Quem foi que me disse que o Pedro estava à procura de uma gramática de alemão?
e) Quem foi, que me disse que o Pedro, estava à procura de uma gramática, de alemão?

18 Os períodos abaixo apresentam diferenças de pontuação. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação **CORRETA**.
a) Cada qual, busca a salvar-se a si próprio.
b) Cada qual busca, a salvar-se a si próprio.
c) Cada qual, busca a salvar-se a si, próprio.
d) Cada qual busca, a salvar-se, a si próprio.
e) Cada qual busca a salvar-se a si próprio.

19 Os períodos abaixo apresentam diferenças de pontuação. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação **CORRETA**.
a) Justamente no momento em que as coisas iam melhorar, ele pôs tudo a perder.
b) Justamente no momento em que as coisas iam melhorar, ele pôs tudo, a perder.
c) Justamente, no momento, em que as coisas iam melhorar, ele pôs tudo a perder.
d) Justamente no momento, em que as coisas iam melhorar, ele pôs tudo, a perder.
e) Justamente, no momento em que as coisas iam melhorar ele pôs tudo, a perder.

20 Os períodos abaixo apresentam diferenças de pontuação. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação **CORRETA**.
a) Prezados colegas deixemos agora a boa conversa, de lado!
b) Prezados colegas deixemos agora, a boa conversa de lado!
c) Prezados colegas, deixemos agora, a boa conversa de lado!
d) Prezados colegas deixemos agora a boa conversa de lado!
e) Prezados colegas, deixemos agora a boa conversa de lado!

GABARITO

01 – B	02 – A	03 – B	04 – E	05 – B
06 – C	07 – A	08 – E	09 – A	10 – A
11 – C	12 – E	13 – C	14 – C	15 – B
16 – C	17 – D	18 – E	19 – A	20 – E

ELEMENTOS DE COESÃO

01 Em todas as alternativas, as orações guardam entre si uma relação de adição, **EXCETO** em
a) Faz menção de afastar-se, João Paz agarra-lhe o braço.
b) O prefeito suspirou fundo, pensou nas suas orquídeas.
c) O suor escorre pelo rosto do delegado, empapa-lhe a camisa.
d) O som do piano enche a sala, escapa-se pela janela.
e) Vivaldino começa a suar, enxuga a testa com a manga do pijama.

02 Em todos os períodos, o termo destacado indica adição, **EXCETO** em

a) Garantiram-me que o diretor não estava **e** que não voltaria.
b) O médico examinou-o com cuidado **e**, finalmente, receitou-lhe esses remédios.
c) O presidente prometeu-nos que viria inaugurar a nova creche **e** não veio.
d) Depois de consultar o arquivo, preparou o texto **e** datilografou-o com cuidado.
e) Estudou com atenção os originais **e** prometeu publicar o livro em breve.

03 Em todas as alternativas, há uma oração que expressa a ideia de tempo, **EXCETO** em

a) Mas, assim saíram os estudantes, Beirão acercou-se de mim.
b) Ao retornar estes apontamentos, tive minhas recaídas e dúvidas.
c) A viagem ao Rio, marcada para janeiro, não se realizou até hoje.
d) Deus permitiu que, sendo tu viva ainda, eu tivesse podido voltar para casa.
e) Ao mesmo tempo em que tive raiva, me veio o desejo incontido de rir.

04 Em todas as opções, as frases contêm uma relação de causa e efeito, **EXCETO** em

a) As polêmicas de fundo ético-religioso acabam lançando sombras confusas sobre o trabalho dos geneticistas.
b) Causou sensação a afirmação sobre a possibilidade técnica de um cruzamento entre homem e chimpanzé.
c) É inviável colar metade do DNA de uma moça à metade do DNA de um peixe e ainda por cima inserir esse DNA numa célula.
d) O chimpanzomem resultante do acasalamento entre homem e chimpanzé poderia vir a ser o patriarca de uma sub-raça.
e) Os avanços da Engenharia Genética provocam contrariedades entre aqueles que a encaram com certa desconfiança.

05 Em todas as opções, as frases contêm fatos hipotéticos, **EXCETO** em

a) Meia receita de frango ao molho pardo com meia receita de pudim de ovos não dá nem um frango com ovos nem um pudim ao molho pardo.
b) Nesse cenário de ficção científica, os pais escolheriam não só o sexo, mas a cor dos olhos ou quaisquer outras características hereditárias dos filhos.
c) O chimpanzomem não seria fruto de alguma irresponsável manipulação do DNA, mas de inseminação natural, artificial ou em proveta.
d) O chimpanzomem poderia vir a ser o patriarca de uma sub-raça de escravos ou de fornecedores de órgãos para transplantes.
e) Os oponentes da Engenharia Genética se inquietam com a possibilidade de que os avanços acabem propiciando a criação de seres humanos ao gosto do freguês.

06 Assinale a opção em que a conjunção **e** está empregada com valor adversativo.

a) Deixou viúva e órfãos miúdos.
b) Para diminuir a mortalidade e aumentar a produção, proibi a aguardente.
c) Tenho visto criaturas que trabalham demais e não progridem.
d) Iniciei a pomicultura e a avicultura.
e) Perdi dois caboclos e levei um tiro de emboscada.

07 Por definição, "oração coordenada que se prende à anterior por conectivo é denominada sindética e é classificada pelo nome da conjunção que a encabeça." Assinale a alternativa em que aparece uma coordenada sindética explicativa, conforme a definição.

a) A casaca dele estava remendada mas estava limpa.
b) Ambos se amavam, contudo não se falavam.
c) Todo mundo trabalhando: ou varrendo o chão ou lavando as vidraças.

d) Chora, que lágrimas lavam a dor.
e) O time ora atacava, ora defendia e no placar aparecia o resultado favorável.

08 Combinando os conjuntos
1 - O advogado que é pintor ficará uns dias aqui.
2 - O advogado, que é pintor, ficará uns dias aqui.

( ) Refere-se a mais de um advogado.
( ) Os outros advogados não são pintores.
( ) Refere-se a um advogado apenas.
( ) Há um advogado e ele é pintor.
( ) Refere-se a mais de um pintor.

A sequência correta é
a) 2, 2, 1, 1, nada.
b) 1, 2, 1, 1, nada.
c) nada, 1, 2, 2, 1.
d) 1, 1, 2, 2, nada.
e) nada, 1, 1, 2, 2.

09 "De outras ovelhas cuidarei, que não de vós." (Garrett)
A oração acima, é
a) coordenada sindética aditiva.
b) coordenada sindética adversativa.
c) coordenada sindética explicativa.
d) coordenada sindética conclusiva.
e) coordenada assindética.

10 Nos itens abaixo, apresentamos alguns períodos e considerações sobre eles. Em que alternativa essas considerações são **ERRADAS**?

a) *1. Isso aconteceu porque você não me ouviu.*
2. Alguma coisa aconteceu porque você está muito assustado.

No período 1, a oração sublinhada expressa a causa do que se informa na oração principal.
No período 2, a oração sublinhada não expressa a causa do que se informa na principal.

b) *1. A casa de Mário, que foi construída em 1945, conserva, até hoje, sua pintura primitiva.*
2. A casa de Mário que foi construída em 1945 conserva, até hoje, sua pintura primitiva.

Os dois períodos têm sentidos diferentes.
No período 1, podemos concluir que Mário tem uma casa apenas.
No período 2, indica-se que Mário tem mais de uma casa.

c) *1. Como tivesse terminado a apuração das eleições, os políticos vencedores festejaram, euforicamente, sua vitória.*
2. Mal terminou a apuração das eleições, os políticos vencedores festejaram, euforicamente, sua vitória.

Nos dois períodos, observa-se entre a oração subordinada (destacada) e a principal uma relação de concessão.

d) *1. Mesmo não tendo obtido um bom resultado, conseguimos a aprovação.*
2. Apesar de não ter obtido um bom resultado, conseguimos a aprovação.

Nos dois períodos, observa-se entre a oração subordinada (destacada) e a principal uma relação de concessão.

e) *1. A menos que sejam tomadas providências imediatas, toda a riqueza florestal da Amazônia será devastada.*
2. Caso não sejam tomadas providências imediatas, toda a riqueza florestal da Amazônia será devastada.

Nos dois períodos, observa-se entre a oração subordinada (destacada) e a principal uma relação de condição.

11 Assinale a alternativa que apresenta orações de mesma classificação que as deste período: *Não se descobriu o erro, e Fabiano perdeu os estribos.*

a) Pouco a pouco o ferro do proprietário queimava os bichos de Fabiano.
b) Foi até a esquina, parou, tomou fôlego.
c) Depois que aconteceu aquela miséria, temia passar ali.
d) Tomavam-lhe o gado quase de graça e ainda inventavam juro.
e) Não podia dizer em voz alta que aquilo era um furto, mas era.

12 Dentre os períodos transcritos do texto, um é composto por coordenação e contém uma oração coordenada sindética adversativa. Assinale a alternativa correspondente a esse período.

a) A frustração cresce e a desesperança não cede.
b) O que dizer sem resvalar para o pessimismo, a crítica pungente ou a autoabsolvição?
c) É também ocioso pensar que nós, da tal elite, temos riqueza suficiente para distribuir.
d) Em termos mundiais, somos irrelevantes como potência econômica, mas ao mesmo tempo extremamente representativos como população.

13 Chamando de

I. período composto por coordenação sindética.
II. período composto por coordenação assindética.

Assinale a alternativa **CORRETA**.

a) Colhemos frutos, jogamos bola. (I)
b) Bem depressa chegou o trem; despedimo-nos sem demora. (I)
c) Os dois anos de serviço acabaram em 1855, e o escravo ficou livre, mas continuou o ofício. (I)
d) Dormi tarde mas acordei cedo. (II)
e) Fui bem em Física mas não acertei nada em Química. (II)

14 "Mauro não estudou nada e foi aprovado!" Apesar do "e", normalmente aditivo, a oração desatacada é"

a) adversativa.
b) conclusiva.
c) explicativa.
d) alternativa.
e) causal.

15 Assinale a alternativa em que a subordinada **NÃO** traduza ideia de consequência, comparação, concessão e causa.

a) Porquanto não fosse um ancião convencional, enterrou-se de sobrecasaca e polainas.
b) Desde que era um ancião convencional, enterrou-se de sobrecasaca e polainas.
c) Ele era um ancião tão convencional que se enterrou de sobrecasaca e polainas.
d) Ele era um ancião mais convencional do que o que se enterrou de sobrecasaca e polainas.
e) Ele era um ancião convencional, na medida em que se enterrou de sobrecasaca e polainas.

16 Na frase "Entrando na faculdade, procurarei emprego.", a oração subordinada indica ideia de

a) concessão.
b) oposição.
c) condição.
d) tempo.
e) consequência.

17 Na frase: "Trabalhou-**se** com prazer.", a palavra **se** é

a) partícula de realce.
b) conjunção integrante.
c) pronome reflexivo.
d) índice de indeterminação do sujeito.
e) conjunção coordenativa explicativa.

18 O **que** não é pronome relativo na opção:
a) Não há mina de água que não o chame pelo nome, com arrulhos de namorada.
b) Não há porteira de curral que não se ria para ele, com risadinha asmática de velha regateira.
c) "Me espere em casa, que eu ainda vou dar uma espiada na novilhada parida da vereda."
d) "Tenho uma corrente de prata lá em casa que anda atrás de uma trenheira destas para pendurar na ponta."
e) "Quem seria aquele sujeito que estava de pé, encostado ao balcão, todo importante no terno de casimira?"

19 No trecho "Cecília... viu, do lado oposto do rochedo, Peri, que a olhava com uma admiração ardente", a oração grifada expressa uma
a) causa.
b) oposição.
c) condição.
d) lugar.
e) explicação.

20 Leia, com atenção, os períodos abaixo:
Caso haja justiça social, haverá paz.
Embora a televisão ofereça imagens concretas, ela não fornece uma reprodução fiel da realidade.
Como todas aquelas pessoas estavam concentradas, não se escutou um único ruído.

Assinale a alternativa que apresenta, **RESPECTIVAMENTE**, as circunstâncias indicadas pelas orações sublinhadas.
a) tempo, concessão, comparação
b) tempo, causa, concessão
c) condição, consequência, comparação
d) condição, concessão, causa
e) concessão, causa, conformidade

GABARITO

01 – A	02 – C	03 – A	04 – C	05 – A
06 – C	07 – D	08 – D	09 – B	10 – C
11 – D	12 – D	13 – C	14 – A	15 – B
16 – D	17 – D	18 – C	19 – E	20 – D

FIGURAS DE LINGUAGEM

1 Identifique a figura de linguagem **PREDOMINANTE** na sentença abaixo.
Não o entendo a ele; não me entende ele a mim.
a) pleonasmo
b) ambiguidade
c) sinestesia
d) anacoluto

2 Identifique a figura de linguagem que **NÃO** se encontra na sentença abaixo.
Tive um professor que bagunça ele não admita de jeito nenhum.
a) hipérbato
b) anacoluto
c) pleonasmo
d) antítese

3 Identifique a figura de linguagem **PREDOMINANTE** na sentença abaixo.
Coisa curiosa é gente jovem como falam!
a) silepse de gênero
b) hipérbato
c) silepse de número
d) catáfora

4 Identifique a figura de linguagem **PREDOMINANTE** na sentença abaixo.
As crianças, todos devemos amá-las.
a) eufemismo
b) ironia
c) antonomásia
d) pleonasmo

5 Identifique a figura de linguagem **PREDOMINANTE** na sentença abaixo.
A maior parte dos meus amigos já são formados.
a) hipérbato
b) anacoluto
c) hiponímia
d) silepse de pessoa
e) silepse de número

6 Identifique a figura de linguagem **PREDOMINANTE** na sentença abaixo.
Casos tristes, é melhor não recordar.
a) aposição
b) zeugma
c) hipérbole
d) anástrofe
e) hipérbato

7 Identifique a figura de linguagem **PREDOMINANTE** na sentença abaixo.
Esta é a primeira vez que você me decepciona. E espero que tenha sido a última.
a) zeugma
b) elipse
c) anacoluto
d) perífrase
e) antonomásia

8 Identifique a figura de linguagem **PREDOMINANTE** na sentença abaixo.
São José do Rio Preto é linda, muito gostosa.
a) silepse de gênero
b) metonímia
c) metáfora
d) hipérbato
e) eufemismo

9 Identifique a figura de linguagem **PREDOMINANTE** na sentença abaixo.
Sentíamos do vento a carícia roçar-nos o rosto.
a) anástrofe
b) catáfora
c) anáfora
d) zeugma
e) elipse

10 Identifique a figura de linguagem **PREDOMINANTE** na sentença abaixo.
O ladrão me roubou primeiro; depois, a meus amigos.
a) zeugma
b) metáfora
c) silepse
d) hipérbole

11 Assinale a alternativa em que ocorre um exemplo de eufemismo.
a) Quando teu pai partir desta para a outra, vais sentir sua falta.
b) Buscas a vida, eu, a morte. Buscas a terra, eu, os céus.
c) A morte para os justos será a porta para um destino glorioso.
d) A morte é a curva da estrada. Morrer é só não ser visto.
e) O anjo da morte te buscará à meia-noite e tu sorrirás feliz.

12 A expressão "última flor do Lácio" foi utilizada por Olavo Bilac num poema, significando – para ele – que a língua portuguesa foi a última língua gerada do latim, língua oriunda da antiga região do Lácio. Logo, "última flor do Lácio" é igual a "língua portuguesa".
Que figura de linguagem existe aí?
a) metáfora
b) metonímia
c) perífrase
d) catacrese
e) ironia

13 Leia o texto abaixo:

As nuvens são cabelos
crescendo como rios;
são os gestos brancos
da cantora muda;
São estátuas em voo
à beira de um mar;
a flora e a fauna leves
de países de vento;
São o olho pintado
escorrendo imóvel;
a mulher que se debruça
nas varandas do sono.

Esse poema, de João Cabral, é rico em imagens. O poeta descreve as nuvens salientando sua fluidez e movimentos; capta num momento a fugacidade das formas e atribui significado a elas; alcança o efeito poético através de figuras de linguagem.

Há, no trecho, todas as seguintes figuras, **EXCETO**
a) metáfora
b) comparação
c) sinestesia
d) hipérbole

14 Leia o poema abaixo:
Anjo no nome, Angélica na cara!
.....
Vejo, que por bela, e por galharda,
Posto que os anjos nunca dão pesares,
Sois Anjo, que me tenta, e não me guarda.
(Gregório de Matos)

Há, no texto, um predomínio de
a) metáforas
b) antíteses
c) ironias
d) sinestesia
e) alegorias

15 Marque a única alternativa **CORRETA** sobre o texto abaixo:

"Cárcere das almas

Ah! Toda alma num cárcere anda presa,
Solução nas trevas entre as grades
Do calabouço olhando imensidades,
Mares, estrelas, tardes, natureza."

Nessa estrofe, está fortemente caracterizado um tema simbolista bem ao gosto de Cruz e Sousa. Trata-se de
a) sofrimento metafísico.
b) espírito de renúncia.
c) tristeza diante de amores impossíveis.
d) sofrimento em decorrência da pobreza material.
e) temor diante da injustiça humana.

16

O último poema

Assim eu quereria o meu último poema
Que fosse terno dizendo as coisas mais
[simples e menos intencionais
Que fosse ardente como um soluço
[sem lágrimas
Que tivesse a beleza das flores quase
[sem perfume
A pureza da chama em que se consomem
[os diamantes mais límpidos
A paixão dos suicidas que se matam
[sem explicação.
(Manuel Bandeira, Libertinagem)

Neste texto, ao indicar as qualidades que deseja para o "último poema", o poeta retoma dois temas centrais de sua poesia. Um deles é a valorização da simplicidade; o outro é
a) a verificação da inutilidade da poesia diante da morte.
b) a coincidência da morte com o máximo de intensidade vital.
c) a capacidade, própria da poesia, de eliminar a dor.
d) a autodestruição da poesia em um meio hostil à arte.
e) a aspiração a uma poesia pura e lapidar, afastada da vida.

Atenção: As questões **17** a **20** referem-se ao texto abaixo:

"Sete Quedas por nós passaram / E não soubemos amá-las / E todas sete foram mortas, / E todas sete somem no ar. / Sete fantasmas, sete crimes / Dos vivos golpeando a vida / Que nunca mais renascerá."
(Carlos Drummond de Andrade)

17 Por fantasmas, no texto, entende-se
a) entes sobrenaturais que aparecem aos vivos.
b) imagens dos que existem no além.
c) imagens de culpa que iremos carregar.
d) imagens que assombram e causam medo.
e) frutos da imaginação doentia do homem.

18 A repetição do conectivo "e" tem efeito de marcar:
a) que existe uma sequência cronológica dos fatos
b) um exagero do conectivo.
c) que existe uma descontinuidade de fatos.
d) que existe uma implicação natural de consequência dos dois últimos fatos em relação ao primeiro.
e) que existe uma coordenação entre as três orações.

19 A afirmação: "Sete Quedas por nós passaram / E não soubemos amá-las." permite entender que
a) só agora nos damos conta do valor daquilo que perdemos.
b) enquanto era possível, não passávamos por Sete Quedas.
c) Sete Quedas pertence agora ao passado.
d) todos, antigamente, podiam apreciar o espetáculo; agora não.
e) os brasileiros costumam desprezar a natureza .

20 Na passagem "E todas sete foram mortas, / E todas sete somem no ar." O uso de **todas sete** se justifica
a) como referência ao número de quedas que existiram no rio Paraná.
b) para representar todo conjunto das quedas que desaparece.
c) para destacar o valor individual de cada uma das quedas.
d) para confirmar que a perda foi parcial.
e) pela necessidade de concordância nominal.

GABARITO

01 – A	02 – D	03 – C	04 – D	05 – E
06 – E	07 – B	08 – A	09 – E	10 – A
11 – A	12 – C	13 – D	14 – B	15 – A
16 – C	17 – C	18 – D	19 – A	20 – C

EXERCÍCIOS
Treinando por Bancas

QUESTÕES DA FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

ATENÇÃO: Para responder às questões de números **1** a **10**, considere o texto abaixo.

As indústrias culturais, e mais especificamente a do cinema, **criaram** uma nova figura, "mágica", absolutamente moderna: a estrela. Depressa ela desempenhou um papel importante no sucesso de massa que o cinema **alcançou**. E isso **continua**. Mas o sistema, por muito tempo restrito apenas à tela grande, estendeu-se progressivamente, com o desenvolvimento das indústrias culturais, a outros domínios, ligados primeiro aos setores do espetáculo, da televisão, do show business. Mas alguns sinais já demonstravam que o sistema estava prestes a se espalhar e a invadir todos os domínios: imagens como as de Gandhi ou Che Guevara, indo de fotos a pôsteres, no mundo inteiro, **anunciavam** a planetarização de um sistema que o capitalismo de hiperconsumo hoje **vê triunfar**.

O que caracteriza o star-system em uma era hipermoderna é, de fato, sua expansão para todos os domínios. Em todo o domínio da cultura, na política, na religião, na ciência, na arte, na imprensa, na literatura, na filosofia, até na cozinha, tem-se uma economia do estrelato, um mercado do nome e do renome. A própria literatura consagra escritores no mercado internacional, os quais negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema que prevalece nas indústrias do espetáculo. Todas as áreas da cultura valem-se de paradas de sucesso (hit-parades), dos mais vendidos (best-sellers), de prêmios e listas dos mais populares, assim como de recordes de venda, de frequência e de audiência destes últimos.

A extensão do star-system não se dá sem uma forma de banalização ou mesmo de degradação – da figura pura da estrela, trazendo consigo uma imagem de eternidade, chega-se à vedete do momento, à figura fugidia da celebridade do dia; do ícone único e insubstituível, passa-se a uma comunidade internacional de pessoas conhecidas, "celebrizadas", das quais revistas especializadas divulgam as fotos, contam os segredos, perseguem a intimidade. Da glória, própria dos homens ilustres da Antiguidade e que era como o horizonte resplandecente da grande cultura clássica, passou-se às estrelas – forma ainda heroicizada pela sublimação de que eram portadoras –, depois, com a rapidez de duas ou três décadas de hipermodernidade, às pessoas célebres, às personalidades conhecidas, às "pessoas". Deslocamento progressivo que não é mais que o sinal de

um novo triunfo da forma moda, conseguindo tornar efêmeras e consumíveis as próprias estrelas da notoriedade.

(Adap. de Gilles Lipovetsky e Jean Serroy. Uma cultura de celebridades: a universalização do estrelato. In A cultura – mundo: resposta a uma sociedade desorientada. Trad: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p.81 a 83)

1 No texto, os autores
a) tecem elogios às indústrias culturais, assinalando como positivo o desempenho delas na constituição de sociedades modernas.
b) advogam o reconhecimento do papel exclusivo do cinema na criação e disseminação da figura da estrela.
c) atribuem às estrelas do cinema a massificação dessa arte, em um sistema que permanece unicamente por força da atuação das atrizes de alta categoria.
d) condenam a expansão do sistema que equivocadamente se constituiu no passado em torno da figura da estrela, porque ele tornou obrigatória a figura intermediária do agente.
e) apontam a hipermodernidade como era que adota, de modo generalizante, práticas que na modernidade mais se associavam às indústrias do espetáculo.

2 Os autores referem-se a Gandhi ou Che Guevara com o objetivo de
a) insinuar que, na modernidade, a imagem independe do valor que efetivamente um homem representa.
b) recriminar, em aparte irrelevante para a argumentação principal, a falta de critério na exposição da figura de um líder, que acarreta o uso corriqueiro de sua imagem – numa foto ou pôster.
c) comprovar que o sistema associado à figura da estrela estava ligado aos setores do espetáculo, da televisão, do show business.
d) conferir dignidade à indústria cultural, demonstrando que essa indústria tem também a função de dar visibilidade à imagem de grandes líderes.
e) demonstrar, por meio de particularização, que antes da era hipermoderna já havia sinais de que o starsystem invadiria todos os domínios.

3 Mas o sistema, **por muito tempo restrito apenas à tela grande**, estendeu-se progressivamente, com o desenvolvimento das indústrias culturais, a outros domínios, ligados primeiro aos setores do espetáculo, da televisão, do show business.
Na frase acima, o segmento destacado equivale a
a) por conta de ter ficado muito tempo restrito.
b) ainda que tenha ficado muito tempo restrito.
c) em vez de ter ficado muito tempo restrito.
d) ficando há muito tempo restrito.
e) conforme tendo ficado muito tempo restrito.

4 A extensão do star-system não se dá sem uma forma de banalização ou mesmo de degradação – da figura pura da estrela, trazendo consigo uma imagem de eternidade, chega-se à vedete do momento, à figura fugidia da celebridade do dia; do ícone único e insubstituível, passa-se a uma comunidade internacional de pessoas conhecidas, "celebrizadas", das quais revistas especializadas divulgam as fotos, contam os segredos, perseguem a intimidade.

Considerado o fragmento acima, em seu contexto, é **CORRETO** afirmar
a) A expressão **ou mesmo** indica que os autores atribuem à palavra degradação um sentido de rebaixamento mais intenso do que atribuem à palavra banalização.
b) A substituição de **não se dá sem uma forma de banalização** por "procede de um tipo de atitude trivial" mantém o sentido original.
c) A forma **trazendo** expressa, na frase, sentido

de condicionalidade, equivalendo a "se trouxer".

d) O contexto exige que se compreendam os segmentos **da figura pura da estrela** e **do ícone único e insubstituível** como expressões de sentidos opostos.

e) A substituição de **das quais** por "cujas" mantém a correção e o sentido originais.

5 Da glória, própria dos homens ilustres da Antiguidade e que era como o horizonte resplandecente da grande cultura clássica, passou-se às estrelas – forma ainda heroicizada pela sublimação de que eram portadoras – , depois, com a rapidez de duas ou três décadas de hipermodernidade, às pessoas célebres, às personalidades conhecidas, às "pessoas". Deslocamento progressivo que não é mais que o sinal de um novo triunfo da formamoda, conseguindo tornar efêmeras e consumíveis as próprias estrelas da notoriedade.

Levando em conta o acima transcrito, em seu contexto, assinale a afirmação **CORRETA**.

a) No segmento que se encontra entre vírgulas, imediatamente depois de Da glória, somente uma das declarações destina-se a caracterizar "glória".

b) É legítimo entender-se do fragmento: as estrelas ostentavam, e pelas mesmas razões, a aura de heroísmo que representava a glória dos homens ilustres da Antiguidade.

c) No segmento que descreve a segunda parte do processo de deslocamento, introduzida por depois, a expressão que está subentendida é Da glória.

d) As aspas, em "pessoas", chamam a atenção para o particular sentido em que a palavra foi usada: como sinônimo das duas expressões imediatamente anteriores.

e) A forma efêmeras e consumíveis obtém sua força expressiva pela repetição de uma mesma ideia, repetição que se dá sem acréscimo de traço de sentido.

6 Em certas passagens do primeiro parágrafo, os autores referem-se a certas ações pretéritas que consideravam contínuas. A forma verbal que demonstra essa atitude é

a) criaram.
b) alcançou.
c) continua.
d) anunciavam.
e) vê triunfar.

7 Considere as afirmações que seguem.

I. A sequência **na política, na religião, na ciência, na arte, na imprensa, na literatura, na filosofia, até na cozinha** constitui elenco de profissões que tiveram de se associar ao domínio da cultura para atingir a economia do estrelato.

II. Em A própria literatura consagra escritores no mercado internacional, **os quais** negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema que prevalece nas indústrias do espetáculo, a expressão em destaque foi obrigatoriamente empregada para evitar a ambiguidade que ocorreria se, em seu lugar, fosse usado o pronome "que".

III. Em A própria literatura consagra escritores no mercado internacional, os quais negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema **que prevalece** nas indústrias do espetáculo, o segmento destacado poderia ser substituído por "prevalecente", sem prejuízo do sentido e da correção originais.

O texto legitima

a) I, somente.
b) II, somente.
c) III, somente.
d) I e III, somente.
e) I, II e III.

8 ...imagens como as de Gandhi ou Che Guevara, indo de fotos a pôsteres, no mundo inteiro, anunciavam a planetarização de um sistema

que o capitalismo de hiperconsumo hoje vê triunfar.

Outra redação, **CLARA** e **CORRETA**, para o segmento acima é

a) ...no mundo inteiro, Gandhi ou Che Guevara em imagens de fotos ou pôsteres, anunciavam a planetarização do sistema que hoje se vê triunfar segundo o capitalismo de hiperconsumo.

b) ...tanto Gandhi e também Che Guevara, com imagens indo de fotos a pôsteres no mundo inteiro anunciavam aquilo que o capitalismo de hiperconsumo chama planetarização de um sistema.

c) ...indo de fotos a pôsteres, no mundo inteiro, imagens tais como a de Gandhi ou Che Guevara anunciavam que havia se planetarizado o sistema que o capitalismo de hiperconsumo, hoje, vê triunfar.

d) ...planetarizou-se o sistema – aquele que o capitalismo de consumo hoje vê o triunfo – o que foi anunciado com as imagens de Gandhi e Che Guevara indo pelo mundo com fotos a pôsteres.

e) ...um sistema que o capitalismo de hiperconsumo hoje vê seu triunfo teve anunciado sua planetarização por Gandhi ou também Che Guevara, com sua ida pelo mundo, por fotos e pôsteres.

9 Está **CORRETA** a seguinte frase:

a) Ainda que os méritos pela execução do projeto não coubessem àquele engenheiro, foram-lhe logo atribuídos, mas ele, com humildade, não hesitou em recusá-los.

b) Parecia haver muitas razões para que seus estudos de metereologia não convencesse, mas a mais excêntrica era inventar pretextos inverossímeis para seus erros.

c) Devem fazer mais de seis meses que ele não constroe nenhuma maquete, talvez por estresse; por isso, muitos são a favor de que lhe seja concedido as férias acumuladas.

d) Ele é especialista em vegetais euros-siberianos, motivo das suas análizes serem feitas em extensa faixa da Europa e dele viajar tão à vontade.

e) Ao que me disseram, tratam-se de questões totalmente irrelevante para o pesquisador, mas, mesmo assim, jornalistas tentam assessorá-lo na divulgação delas.

10 A alternativa que apresenta frase **CORRETA** é

a) – Senhor Ministro, peço sua licença para advertir que Vossa Excelência se equivocais no julgamento dessa lei tão polêmica.

b) Seus companheiros, até os recém-contratados, não lhe atribuem nenhum deslize e creem que esse é mais um injusto empecilho entre tantos com que ele já se defrontou.

c) Se eles não satisfazerem todas as exigências, não se têm como contratá-los sem enveredar pelo caminho da irregularidade.

d) O traumático episódio gerou grande ansiedade, excitação desmedida que lhe fez xingar e investir contra a pessoa mais cumpridora com seus deveres.

e) Caso ele venha a se opor, será uma compulsão a que ninguém deve compartilhar, sob perigo de todos os envolvidos se virem em situação de risco na empresa.

ATENÇÃO: As questões de números **11** a **16** referem-se ao texto abaixo.

Nas ilhas Mascarenhas – Maurício, Reunião e Rodriguez –, localizadas a leste de Madagáscar, no oceano Índico, muitas espécies de pássaros desapareceram como resultado direto ou indireto da atividade humana. Mas aquela que é o protótipo e a tataravó de todas as extinções também ocorreu nessa localidade, com a morte de todas as espécies de uma família singular de pombos que não voavam – o solitário da ilha Rodriguez, visto pela última vez na década de 1790; o solitário da ilha Reunião, desaparecido por volta de 1746; e o célebre dodô da ilha Maurício, encontrado pela última vez no início da década de 1680 e quase certamente extinto antes

de 1690.

Os volumosos dodôs pesavam mais de vinte quilos. Uma plumagem cinza-azulada cobria seu corpo quadrado e de pernas curtas, em cujo topo se alojava uma cabeça avantajada, sem penas, com um bico grande de ponta bem recurvada. As asas eram pequenas e, ao que tudo indica, inúteis (pelo menos no que diz respeito a qualquer forma de voo). Os dodôs punham apenas um ovo de cada vez, em ninhos construídos no chão.

Que presa poderia revelar-se mais fácil do que um pesado pombo gigante incapaz de voar? Ainda assim, provavelmente não foi a captura para o consumo pelo homem o que selou o destino do dodô, pois sua extinção ocorreu sobretudo pelos efeitos indiretos da perturbação humana. Os primeiros navegadores trouxeram porcos e macacos para as ilhas Mascarenhas, e ambos se multiplicaram de maneira prodigiosa. Ao que tudo indica, as duas espécies se regalaram com os ovos do dodô, alcançados com facilidade nos ninhos desprotegidos no chão – e muitos naturalistas atribuem um número maior de mortes à chegada desses animais do que à ação humana direta. De todo modo, passados os primeiros anos da década de 1680, ninguém jamais voltou a ver um dodô vivo na ilha Maurício. Em 1693, o explorador francês Leguat, que passou vários meses no local, empenhou-se na procura dos dodôs e não encontrou nenhum.

(Extraído de Stephen Jay Gould. "O Dodô na corrida de comitê", A montanha de moluscos de Leonardo da Vinci. São Paulo, Cia. das Letras, 2003, pp. 286-8)

11 Mas aquela que é o protótipo e a tataravó de todas as extinções também ocorreu nessa localidade... (1° parágrafo)

A frase acima transcrita deve ser entendida como indicação de que a extinção das espécies de pombos que não voavam das ilhas Mascarenhas

a) seria um modelo a ser utilizado pelos homens no futuro, quando decididos a erradicar espécies inúteis ou prejudiciais.
b) é uma das primeiras extinções de animais vinculadas à ação direta ou indireta dos homens de que se tem notícia.
c) teria ocorrido muito tempo antes do verdadeiro início da extinção de espécies por conta de ações humanas diretas ou indiretas.
d) é um episódio tão antigo na história das relações entre homens e animais que pode ser considerado singular e ultrapassado.
e) deu origem a um padrão para as futuras extinções de animais, que estariam sempre ligadas à colonização humana de novas terras.

12 As asas eram pequenas e, <u>ao que tudo indica</u>, inúteis... (2° parágrafo)
<u>Ao que tudo indica</u>, as duas espécies se regalaram com os ovos do dodô, alcançados com facilidade nos ninhos desprotegidos no chão... (último parágrafo)

A expressão grifada nas frases acima transcritas deixa transparecer, em relação às afirmações feitas,

a) a sua comprovação científica irrefutável.
b) a certeza absoluta que o autor quer partilhar com o leitor.
c) o receio do autor ao formular um paradoxo.
d) a sua pequena probabilidade.
e) o seu caráter de hipótese bastante provável.

13 Estão empregados no texto com idêntica regência os verbos grifados em

a) Os dodôs <u>punham</u>... (2° parágrafo) / ... sua extinção <u>ocorreu</u>... (último parágrafo)
b) ... muitas espécies de pássaros <u>desapareceram</u>... (1° parágrafo) / Os primeiros navegadores <u>trouxeram</u>... (último parágrafo)
c) Uma plumagem cinza-azulada <u>cobria</u>... (2° parágrafo) / ... e não <u>encontrou</u> nenhum. (último parágrafo)
d) Os volumosos dodôs <u>pesavam</u> ... (2° parágrafo) / ... não <u>foi</u> a captura... (último parágrafo)
e) ... a tataravó de todas as extinções também <u>ocorreu</u>... (1° parágrafo) / ... e muitos naturalistas <u>atribuem</u>... (último parágrafo)

14 Ainda assim, provavelmente não foi a captura para o consumo pelo homem o que selou o destino do dodô, pois sua extinção ocorreu sobretudo pelos efeitos indiretos da perturbação humana.

Os elementos grifados na frase acima podem ser substituídos, sem prejuízo para o sentido e a correção, respectivamente, por
a) Contudo – não obstante.
b) Conquanto – por que.
c) Em que pese isso – embora.
d) Apesar disso – visto que.
e) Por isso – porquanto.

15 O segmento cujo sentido está **CORRETAMENTE** expresso em outras palavras é:
a) se multiplicaram de maneira prodigiosa = cresceram ilusoriamente.
b) as duas espécies se regalaram = os dois gêneros se empanturraram.
c) uma família singular = um conjunto variegado.
d) que selou o destino = que indigitou a fatalidade.
e) empenhou-se na procura = dedicou-se com afinco à busca.

16 Leia as afirmações abaixo sobre a pontuação utilizada no texto.
I. Em – **Maurício, Reunião e Rodriguez** –, os travessões poderiam ser substituídos por parênteses, sem prejuízo para o sentido e a coesão da frase.
II. O travessão empregado imediatamente depois de **voavam** (1o parágrafo) pode ser substituído por dois pontos, sem prejuízo para o sentido e a coesão da frase.
III. Em o **explorador francês Leguat, que passou vários meses no local, empenhou-se na procura dos dodôs**, a retirada das vírgulas não implica prejuízo para o sentido e a correção da frase.

Está **CORRETO** o que se afirma em
a) I, apenas.
b) I e II, apenas.
c) II e III, apenas.
d) III, apenas.
e) I, II e III.

ATENÇÃO: As questões de números **17** a **19** referem-se ao texto abaixo.

Lavadeiras de Moçoró

As lavadeiras de Moçoró, cada uma tem sua pedra no rio; cada pedra é herança de família, passando de mãe a filha, de filha a neta, como vão passando as águas no tempo. As pedras têm um polimento que revela a ação de muitos dias e muitas lavadeiras. Servem de espelho a suas donas. E suas formas diferentes também correspondem de certo modo à figura física de quem as usa. Umas são arredondadas e cheias, aquelas magras e angulosas, e todas têm ar próprio, que não se presta a confusão.

A lavadeira e a pedra formam um ente especial, que se divide e se unifica ao sabor do trabalho. Se a mulher entoa uma canção, percebe-se que a pedra a acompanha em surdina. Outras vezes, parece que o canto murmurante vem da pedra, e a lavadeira lhe dá volume e desenvolvimento.

Na pobreza natural das lavadeiras, as pedras são uma fortuna, jóias que elas não precisam levar para casa. Ninguém as rouba, nem elas, de tão fiéis, se deixariam seduzir por estranhos.

Obs.: manteve-se a grafia original, constante da obra citada.

(Carlos Drummond de Andrade. Contos plausíveis, in Prosa Seleta. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003, p.128)

17 Evidencia-se no texto
a) a presença da pedra como símbolo da rotina pesada de uma vida sem perspectivas de melhora da maioria das mulheres brasileiras.

b) o primitivismo das condições de trabalho em alguns lugares, que impede a necessária alteração dos costumes familiares.
c) a extrema pobreza em que vivem muitas famílias brasileiras, sem qualquer condição de sobrevivência mais digna.
d) a associação íntima e até mesmo afetiva entre ser humano e elemento da natureza, identificados por um tipo de trabalho diário.
e) a identificação entre o rio e a pedra, prefigurando os obstáculos sociais que impedem a ascensão econômica de muitos brasileiros.

18 Umas são **arredondadas e cheias, aquelas magras e angulosas**, e todas têm ar próprio, que não se presta a confusão. (1° parágrafo)
A relação semântica existente entre as expressões grifadas na afirmativa acima é percebida também entre os dois elementos grifados em:
a) que revela a ação de muitos dias e muitas lavadeiras.
b) um ente especial, que se divide e se unifica ao sabor do trabalho.
c) a pedra a acompanha em surdina... parece que o canto murmurante vem da pedra.
d) e a lavadeira lhe dá volume e desenvolvimento.
e) as pedras são uma fortuna, jóias que elas não precisam levar para casa.

19 Considere as observações seguintes sobre a associação de palavras no texto e o sentido decorrente dessa associação:
I. No segmento **passando de mãe a filha, de filha a neta, como vão passando as águas no tempo** há uma comparação, que associa a transmissão de costumes ao fluxo das águas do rio.
II. As referências às pedras, especialmente no 2° parágrafo, atribuem a elas qualidades humanas.
III. Na frase **Servem de espelho a suas donas** é possível entender o sentido literal, como referência ao reflexo da água sobre as pedras, e o sentido contextual, como identidade e cumplicidade entre a mulher e a pedra.

Está **CORRETO** o que se afirma em:
a) II, apenas.
b) I e II, apenas.
c) I e III, apenas.
d) II e III, apenas.
e) I, II e III.

ATENÇÃO: As questões de números **20** a **23** referem-se ao texto abaixo.

Gesso

Esta minha estatuazinha de gesso, quando nova
– O gesso muito branco, as linhas muito puras –
Mal sugeria imagem de vida
(Embora a figura chorasse).

Há muitos anos tenho-a comigo.
O tempo envelheceu-a, carcomeu-a, manchou-a de pátina
[amarelo-suja.

Os meus olhos, de tanto a olharem,
Impregnaram-na da minha humanidade irônica de tísico.

Um dia mão estúpida
Inadvertidamente a derrubou e partiu.
Então ajoelhei com raiva, recolhi aqueles tristes fragmentos,
[recompus a figurinha que chorava.
E o tempo sobre as feridas escureceu ainda mais o sujo
[mordente da pátina...

Hoje este gessozinho comercial
É tocante e vive, e me fez agora refletir
Que só é verdadeiramente vivo o que já sofreu.

Manuel Bandeira

20 A ação do tempo sobre a estátua de gesso é vista pelo poeta como

a) o que acabou por torná-la mais vivaz e expressiva, pelo menos até que um acidente a fizesse perder essa vivacidade.
b) responsável por danos que levaram uma obra de arte a perder sua pureza e vivacidade originais.
c) um elemento que, juntamente com os danos causados por um acidente, dá vida e singularidade ao que era inexpressivo e vulgar.
d) o causador irremediável do envelhecimento das coisas e da consequente desvalorização dos objetos pessoais mais valiosos.
e) capaz de transformar um simples objeto comercial em uma obra de arte que parece ter sido criada por um escultor genial.

21 Mal sugeria imagem de vida
(Embora a figura chorasse).

É **CORRETO** afirmar que a frase entre parênteses tem sentido

a) adversativo.
b) concessivo.
c) conclusivo.
d) condicional.
e) temporal.

22 Um dia mão estúpida
Inadvertidamente a derrubou e partiu.
Então ajoelhei com raiva, recolhi aqueles tristes fragmentos, [recompus a figurinha que chorava.
E o tempo sobre as feridas escureceu ainda mais o sujo [mordente da pátina...

Sobre os versos acima transcritos é **INCORRETO** afirmar:

a) **mão estúpida** pode ser alusão do poeta a si próprio e carregaria assim algum matiz da raiva que o teria acometido quando derrubou a estátua.
b) **Inadvertidamente** tem o sentido de "de modo descuidado", indicando o caráter acidental do episódio.
c) em **recompus a figurinha que chorava**, o poeta se vale de uma ambiguidade para sugerir o sofrimento da estátua com a queda.
d) com a alusão às feridas causadas à estátua, o poeta se refere aos sinais visíveis da junção dos pedaços dela depois de reconstituída.
e) com a expressão o **sujo mordente da pátina**, o poeta alude à transformação da estátua de sofredora em causadora de sofrimento.

23 O valor que atribuímos ..... coisas é resultado, não raro, de uma história pessoal e intransferível, de uma relação construída em meio a acidentes e percalços fundamentais. Assim, nosso apreço por elas não corresponde absolutamente ..... valorização que alcançariam no mercado, esse deus todo-poderoso, que, no entanto, resta impotente quando ao valor econômico se superpõe ..... afeição.

Preenchem **CORRETAMENTE** as lacunas da frase acima, na ordem dada,

a) às - à - a
b) as - à - a
c) as - a - à
d) às - a - a
e) às - à - à

24 Embora pudesse estar na primeira página de um jornal, a manchete fictícia que traz deslize quanto à concordância verbal é

a) Economistas afirmam que em 2011 haverá ainda mais oportunidades de emprego na indústria e no comércio do que em 2010.
b) "Os que insistem na minha culpa haverão de se arrepender pela injustiça cometida", declara o secretário exonerado.
c) Expectativas em relação ao aumento da inflação faz bolsas caírem ao menor nível este ano.
d) Crescem no Brasil a venda e o comércio de produtos importados ilegalmente.

e) "Ergueram-se mais edifícios nos últimos dois anos do que nos cinco anos anteriores", constata estudo sobre o mercado imobiliário.

ATENÇÃO: As questões de números **25** a **27** referem-se ao texto abaixo.

De volta à Antártida

A Rússia planeja lançar cinco novos navios de pesquisa polar como parte de um esforço de US$ 975 milhões para reafirmar a sua presença na Antártida na próxima década. Segundo o blog Science Insider, da revista Science, um documento do governo estabelece uma agenda de prioridades para o continente gelado até 2020. A principal delas é a reconstrução de cinco estações de pesquisa na Antártida, para realizar estudos sobre mudanças climáticas, recursos pesqueiros e navegação por satélite, entre outros. A primeira expedição da extinta União Soviética à Antártida aconteceu em 1955 e, nas três décadas seguintes, a potência comunista construiu sete estações de pesquisa no continente. A Rússia herdou as estações em 1991, após o colapso da União Soviética, mas pouco conseguiu investir em pesquisa polar depois disso. O documento afirma que Moscou deve trabalhar com outras nações para preservar a "paz e a estabilidade" na Antártida, mas salienta que o país tem de se posicionar para tirar vantagem dos recursos naturais caso haja um desmembramento territorial do continente.

(Pesquisa Fapesp, dezembro de 2010, no 178, p. 23)

25 A principal delas é a reconstrução de cinco estações de pesquisa na Antártida, <u>para realizar</u> estudos sobre mudanças climáticas, recursos pesqueiros e navegação por satélite, entre outros.
O segmento grifado na frase acima tem sentido
a) adversativo.
b) de consequência.
c) de finalidade.
d) de proporção.
e) concessivo.

26 Em "paz e a estabilidade", na última frase do texto, o emprego das aspas
a) indica que esse segmento é transcrição literal do documento do governo russo mencionado no início do texto.
b) sugere a desconfiança do autor do artigo com relação aos supostos propósitos da Rússia de manter a paz na Antártida.
c) revela ser esse o principal objetivo do governo russo ao reconstruir estações de pesquisa na Antártida que datam do período soviético.
d) aponta para o sentido figurado desses vocábulos, que não devem ser entendidos em sentido literal, como o constante dos dicionários.
e) justifica-se pela sinonímia existente entre paz e estabilidade, o que torna impensável a existência de uma sem a outra.

27 Há exemplos de palavras ou expressões empregadas no texto para retomar outras já utilizadas sem repeti-las literalmente, como ocorre em:
I. o continente gelado = a Antártida
II. Moscou = a Rússia
III. a revista Science = o blog Science Insider
IV. a potência comunista = a União Soviética
Atende **CORRETAMENTE** ao enunciado da questão o que está em
a) I e III, apenas.
b) I e IV, apenas.
c) II e III, apenas.
d) I, II e IV, apenas.
e) I, II, III e IV.

ATENÇÃO: As questões de números **28** a **30** referem-se ao texto abaixo.

Quando eu sair daqui, vamos começar vida nova numa cidade antiga, onde todos se cumprimentam e ninguém nos conheça. Vou lhe ensinar a fa-

lar direito, a usar os diferentes talheres e copos de vinho, escolherei a dedo seu guarda-roupa e livros sérios para você ler. Sinto que você leva jeito porque é aplicada, tem meigas mãos, não faz cara ruim nem quando me lava, em suma, parece uma moça digna apesar da origem humilde. Minha outra mulher teve uma educação rigorosa, mas mesmo assim mamãe nunca entendeu por que eu escolhera justamente aquela, entre tantas meninas de uma família distinta.

(Chico Buarque. Leite derramado, São Paulo, Cia. das Letras,2009, p. 29)

28 Leia atentamente as afirmações abaixo sobre o texto.

I. Ao expressar o desejo de viver numa cidade onde todos se cumprimentam e ninguém nos conheça, o narrador incorre numa evidente e insolúvel contradição.

II A afirmação de que a outra mulher teve uma educação rigorosa é reafirmação, por contraste, de que aquela a quem o narrador se dirige não a teve, o que já estava implícito no propósito de lhe ensinar a falar direito, a usar os diferentes talheres e copos de vinho etc.

III. Ao dizer que sua interlocutora parece uma moça digna apesar da origem humilde, o narrador sugere, por meio da concessiva, que a dignidade não costuma ser característica daqueles cuja origem é humilde.

Está **CORRETO** o que se afirma em
a) I, II e III.
b) II e III, apenas.
c) I e III, apenas.
d) I e II, apenas.
e) II, apenas.

29 ... escolherei <u>a dedo</u> seu guarda-roupa e livros sérios para você ler.
A expressão grifada na frase acima pode ser substituída, sem prejuízo para o sentido original, por
a) pessoalmente.
b) de modo incisivo.
c) apontando.
d) entre outras coisas.
e) cuidadosamente.

30 Minha outra mulher teve uma educação rigorosa, mas mesmo assim mamãe nunca entendeu por que eu <u>escolhera</u> justamente aquela, entre tantas meninas de uma família distinta.
O verbo grifado na frase acima pode ser substituído, sem que se altere o sentido e a correção originais, e o modo verbal, por:
a) escolheria.
b) havia escolhido.
c) houvera escolhido.
d) escolhesse.
e) teria escolhido.

ATENÇÃO: As questões de números **31** a **34** referem-se ao texto abaixo.

Cartão de Natal

Pois que reinaugurando essa criança
pensam os homens
reinaugurar a sua vida
e começar novo caderno,
fresco como o pão do dia;
pois que nestes dias a aventura
parece em ponto de voo, e parece
que vão enfim poder
explodir suas sementes:

que desta vez não perca esse caderno
sua atração núbil para o dente;
que o entusiasmo conserve vivas
suas molas,
e possa enfim o ferro
comer a ferrugem
o sim comer o não.

João Cabral de Melo Neto

31 No poema, João Cabral
a) critica o egoísmo, e manifesta o desejo de que na passagem do Natal as pessoas se tornem generosas e façam o sim comer o não.
b) demonstra a sua aversão às festividades natalinas, pois nestes dias a aventura parece em ponto de voo, mas depois a rotina segue como sempre.
c) critica a atração núbil para o dente daqueles que transformam o Natal em uma apologia ao consumo e se esquecem do seu caráter religioso.
d) observa com otimismo que o Natal é um momento de renovação em que os homens se transformam para melhor e fazem o ferro comer a ferrugem.
e) manifesta a esperança de que o Natal traga, de fato, uma transformação, e que, ao contrário de outros natais, seja possível começar novo caderno.

32 É **CORRETO** perceber no poema uma equivalência entre
a) ferrugem e aventura.
b) dente e entusiasmo.
c) caderno e vida.
d) sementes e pão do dia.
e) ferro e atração núbil.

33 "Pois que reinaugurando essa criança..."

O segmento grifado acima pode ser substituído, no contexto, por
a) Mesmo que estejam.
b) Apesar de estarem.
c) Ainda que estejam.
d) Como estão.
e) Mas estão.

34 "...que desta vez não perca esse caderno..."

Com a frase acima, o poeta
a) alude a uma impossibilidade.
b) exprime um desejo.
c) demonstra estar confuso.
d) revela sua hesitação.
e) manifesta desconfiança.

ATENÇÃO: As questões de números **35** a **44** referem-se ao texto seguinte.

Pensando os blogs

Há não muito tempo, falava-se em imprensa escrita, falada e televisada quando se desejava abarcar todas as possibilidades da comunicação jornalística. Os jornais e as revistas, o rádio e a televisão constituíam o pleno espaço público das informações. Tinham em comum o que se pode chamar de "autoria institucional": dizia-se, por exemplo, que tal notícia "deu no Diário Popular", ou "foi ouvida na rádio Cacique", ou "passou no telejornal da TV Excelsior". Funcionava como prova de veracidade do fato.

Hoje a autoria institucional enfrenta séria concorrência dos autores anônimos, ou semi- anônimos, que se valem dos recursos da internet, entre eles os incontáveis blogs. Considerados uma espécie de cadernos pessoais abertos, os blogs possibilitam intervenção imediata do público e exploram em seu espaço virtual as mais distintas formas de linguagem: textos, desenhos, gravuras, fotos, músicas, vídeos, ilustrações, reportagens, entrevistas, arquivos importados etc. etc. A novidade maior dos blogs está nessa imediata conexão que podem realizar entre o que seria essencialmente privado e o que seria essencialmente público. Até mesmo alguns velhos jornalistas mantêm com regularidade esses espaços abertos da internet, sem prejuízo para suas colunas nos jornais tradicionais. A diferença é que, em seus blogs, eles se permitem depoimentos subjetivos e apreciações pessoais que não teriam lugar numa Folha de S. Paulo ou num O Globo, por exemplo. São capazes de narrar a cerimônia de posse do presidente da República incluindo os apartes e as impressões dos filhos pequenos que também acompanhavam e comentavam o evento.

Qualquer cidadão pode resolver sair da casca e dizer ao mundo o que pensa da seleção brasileira, ou da mulher que o abandonou, ou da falta de oportu-

nidades no seu ramo de negócio. Artistas plásticos trocam figurinhas em seus blogs diante de um largo público de espectadores, escritores adiantam um capítulo do próximo romance, um músico resolve divulgar sua nova canção já acompanhada de cifras para acompanhamento no violão. É só abrir um espaço na internet.

Outro dia, num blog de algum sucesso, o autor gabavase de promover democraticamente, entre os incontáveis seguidores seus, uma discussão sobre as mesmas questões que preocupavam a roda fechada e cerimoniosa dos filósofos companheiros de Platão. Isso sim, argumentava ele, é que é um diálogo verdadeiro. Tal atrevimento supõe que quantidade implicaria qualidade, e que democracia é uma soma infinita das impressões e opiniões de todo mundo...

Não importa a extensão das descobertas tecnológicas, sempre será imprescindível a atuação do nosso espírito crítico diante de cada fato novo que se imponha à nossa atenção.

(Belarmino Braga, inédito)

35 Considerando-se o contexto, deve-se entender por "autoria institucional" uma atribuição que se aplica a

a) grupos de pessoas que participam regularmente de um mesmo blog.
b) informações publicadas em conhecidos órgãos da imprensa.
c) linguagens jornalísticas criadas para concorrer com as dos blogs.
d) matérias publicadas em série sucessiva num mesmo órgão da imprensa.
e) reportagens assinadas por jornalistas devidamente credenciados.

36 De acordo com texto, os blogs têm como característica

I. a abertura para participação autoral de leitores interessados em se manifestar num espaço virtual já constituído;
II. a reversão de matérias que seriam, a princípio, de interesse público em matérias de interesse exclusivamente privado;
III. a exploração de diferentes gêneros literários e linguagens outras que não a verbal, além da plena liberdade na eleição dos temas a serem tratados.

Em relação ao texto, é **CORRETO** depreender o que se afirma em

a) I, II e III.
b) I e II, apenas.
c) I e III, apenas.
d) II e III, apenas.
e) I, apenas.

37 Ao final do texto, o autor desaprova, precisamente, o fácil entusiasmo de quem considera os blogs

a) irrefutáveis evidências das vantagens tecnológicas de que muitos podem usufruir.
b) exemplos incontestes da superioridade da inteligência artificial em relação à humana.
c) válidos desafios, que podem e devem estimular a nossa reação e análise críticas.
d) diálogos espontâneos e, por isso, verdadeiros, em consonância com a tradição dos diálogos platônicos.
e) espaços generosos que multiplicam debates de nível superior aos diálogos dos pensadores clássicos.

38 Considerando-se o contexto, traduz-se adequadamente o sentido de um segmento em:

a) abarcar todas as possibilidades (1° parágrafo) = incrementar todas as hipóteses.
b) prova de veracidade do fato (1° parágrafo) = aprovação da verossimilhança da ocorrência.
c) possibilitam intervenção imediata do público (2° parágrafo) = consignam o imediatismo do público participante.
d) a roda fechada e cerimoniosa dos filósofos (4° parágrafo) = o círculo restrito e solene dos pensadores.

e) atuação do nosso espírito crítico (5° parágrafo) = apropriação de nossa sensibilidade intuitiva.

39 A expressão cadernos pessoais abertos (2° parágrafo), no contexto,

a) assinala a conexão que os blogs promovem entre a esfera do privado e a esfera pública.
b) refere-se ao caráter acidental e transitório que marca a vigência dos blogs como espaço virtual.
c) indica o primarismo um tanto escolar que costuma caracterizar as linguagens exploradas nos blogs.
d) enfatiza a contradição que impede os blogs de constituírem um espaço de discussão democrática.
e) ressalta o improviso e a superficialidade das confidências que habitualmente se fazem nos blogs.

40 As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na frase

a) No passado, com as qualificações escrita, falada e televisada pretendiam-se designar toda a abrangência das formas de comunicação jornalística.
b) A multiplicação de tantos autores anônimos de blogs acabaram por representar uma séria concorrência para os profissionais da comunicação.
c) Em nossos dias, cabem a quaisquer cidadãos tomar a iniciativa de criar um blog para neles desenvolverem seus temas e pontos de vista.
d) Já não se opõem, num blog, a instância do que seja de interesse privado e a instância do que seja de interesse público.
e) Permitem-se aos seguidores de um blog levantar discordância quanto às linhas de argumentação desenvolvidas por seu autor.

41 Está **CLARA** e **CORRETA** a redação deste livre comentário sobre o texto

a) Nos blogs há uma subjetividade da qual os outros meios de comunicação jornalística se ressentem, uma vez que não é de sua característica contemplála.
b) O autor do texto exime-se ao diferenciar autoria institucional de outras modalidades autorais, presumindo que a primeira obtém maior crédito.
c) Para muitos, os blogs são um recurso de comunicação de eficácia nunca antes alcançada, suplantando em extensão e profundidade os diálogos platônicos.
d) Ainda que possam ser benvindos, os blogs não devem constituir uma obcessão tal que remova seus usuários de diligenciarem outras formas de linguagem.
e) A democratização do pensamento não pode ficar presa à uma forma de comunicação, visto que são os conteúdos que determinam sua consumação.

42 No contexto do 3o parágrafo, a frase final **É só abrir um espaço na internet** tem como sentido implícito o que enuncia este segmento

a) e assim se comprovará como é possível superar Platão.
b) para corporificar essas iniciativas na linguagem de um blog.
c) e advirão as reações que costuma provocar a autoria institucional.
d) para se comprovar a efemeridade das informações de um blog.
e) para que um blog passe a enfrentar severa reação crítica.

43 Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase

a) Os recursos da internet, <u>dos quais</u> podemos nos valer a qualquer momento, permitem veicular mensagens <u>por cujo</u> conteúdo seremos responsáveis.
b) Artistas plásticos, <u>que</u> suas obras lhes interessa divulgar, frequentam os espaços da

internet, mediante aos quais promovem a divulgação de seu trabalho.

c) Jornalistas veteranos, de cujas colunas tantos leitores já frequentaram, passaram a criar seus próprios blogs, pelos quais acrescentam uma dose de subjetivismo.

d) É comum que, num blog, os assuntos públicos, a cujo interesse social ninguém duvida, coabitem aos assuntos particulares, que a poucos interessará.

e) As múltiplas formas de linguagem com que o autor de um blog pode lançar mão obrigam-no a se familiarizar com técnicas de que jamais cogitou dominar.

44 Transpondo-se para a voz passiva a frase *Hoje a autoria institucional enfrenta séria concorrência dos autores anônimos,* obter-se-á a seguinte forma verbal:

a) são enfrentados.
b) tem enfrentado.
c) tem sido enfrentada.
d) têm sido enfrentados.
e) é enfrentada.

ATENÇÃO: As questões de números **45** a **49** referem-se ao texto seguinte.

Leis religiosas e leis civis

As leis religiosas têm mais sublimidade; as leis civis dispõem de mais extensão.

As leis de perfeição, extraídas da religião, têm por objeto mais a bondade do homem que as segue do que a da sociedade na qual são observadas; ao contrário, as leis civis versam mais sobre a bondade moral dos homens em geral do que sobre a dos indivíduos.

Deste modo, por respeitáveis que sejam os ideais que nascem imediatamente da religião, não devem sempre servir de princípio às leis civis, porque é outro o princípio destas, que é o bem geral da sociedade.

(Montesquieu, Do espírito das leis)

45 Atentando-se para a primeira frase e considerando-se o conjunto do texto, os termos **sublimidade** e **extensão** dizem respeito, respectivamente, ao caráter

a) místico dos evangelhos canônicos e materialista dos textos da jurisprudência.
b) de espiritualidade das normas religiosas e de abrangência social do direito civil.
c) dogmático das convicções de fé e libertário das legislações constitucionais.
d) divino dos postulados cristãos e humanista da declaração dos direitos humanos.
e) de profundidade das certezas místicas e de superficialidade da ordem jurídica.

46 Atente para as seguintes afirmações

I. A bondade do indivíduo e as virtudes coletivas são instâncias que se ligam entre si, de modo inextricável e em recíproca dependência.
II. A diferença de princípios permite distinguir entre o que há de respeitável nos ideais religiosos e o que se elege como um bem comum nas leis civis.
III. Tanto no âmbito das leis civis quanto no das religiosas, o objetivo último é o mesmo: o aprimoramento moral do indivíduo.

Em relação ao texto, está **CORRETO** o que se afirma em

a) I, II e III.
b) I e II, apenas.
c) II e III, apenas.
d) I e III, apenas.
e) II, apenas.

47 As leis religiosas têm mais sublimidade; as leis civis dispõem de mais extensão.

A respeito da construção da frase acima, é **CORRETO** afirmar que

a) o verbo dispor foi empregado no mesmo sentido que assume na frase A solidão dispõe o homem à melancolia.
b) da comparação entre leis civis e leis religio-

sas, expressa pelo termo mais, resulta a superioridade inconteste de uma delas.

c) entre os dois segmentos separados pelo ponto e vírgula estabelece-se uma relação de sentido equivalente ao da expressão ao passo que.

d) entre os dois segmentos separados por ponto e vírgula estabelece-se uma relação de sentido equivalente ao da expressão por conseguinte.

e) o verbo dispor foi empregado no mesmo sentido que assume na frase O sacristão dispôs o altar para a missa.

48 Está plenamente adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase

a) As leis de perfeição teriam por objeto mais a bondade do homem que as seguisse do que a da sociedade na qual fossem observadas.

b) As leis de perfeição tinham por objeto mais a bondade dos homens que as seguir do que a da sociedade na qual serão observadas.

c) As leis de perfeição terão por objeto mais a bondade dos homens que as tivessem seguido do que a da sociedade na qual terão sido observadas.

d) As leis de perfeição teriam por objeto mais a bondade do homem que as siga do que a da sociedade na qual têm sido observadas.

e) As leis de perfeição terão tido por objeto mais a bondade do homem que viesse a segui-las do que a da sociedade na qual fossem observadas.

49 O verbo indicado entre parênteses deverá ser flexionado numa forma do plural para preencher de modo **CORRETO** a lacuna da frase

a) Às bondades individuais ..... (dever) seguir um benefício que se estenda ao conjunto de uma sociedade.

b) Nem sempre ..... (haver) de respeitar as leis da religião quem se curva às leis civis.

c) Não se ..... (respeitar) as leis civis por bondade, nem as religiosas por espírito cívico.

d) Não se ..... (opor) o princípio da religião ao da ordem civil, embora as instâncias de uma e outra sejam distintas.

e) ..... (ser) de se notar, entre as leis civis e as religiosas, a diferença dos princípios que as regem.

50 As normas de concordância estão inteiramente respeitadas na frase

a) Muitos julgam imprescindíveis que se consulte os especialistas para que se avalie com precisão os livros de uma velha biblioteca.

b) Qualquer um dos que entram desprevenidos numa velha biblioteca podem se defrontar com surpresas de que jamais se esquecerá.

c) Mesmo que hajam passado cem anos, as fotos revelam instantâneos de um presente perdido, no qual não se contava com os efeitos do tempo.

d) Nada do que se lê nos grandes livros, mesmo quando extinta a época em que foram escritos, parecem envelhecidos para quem os compreende.

e) Lá estão, como se fosse hoje, a imagem das jovens e sorridentes senhorinhas daqueles tempos, inteiramente alheias ao passar do tempo.

GABARITO

1E	2E	3B	4A	5D
6D	7C	8C	9A	10B
11B	12E	13C	14D	15E
16B	17D	18B	19E	20C
21B	22E	23A	24C	25C
26A	27D	28B	29E	30B
31E	32C	33D	34B	35B
36C	37E	38D	39A	40D
41C	42B	43A	44E	45B
46E	47C	48A	49C	50C

QUESTÕES DA FUMARC

ATENÇÃO:

Caro candidato, a seguir, você encontrará sete textos. O primeiro, uma xilografia, do artista Katsushika Hokusai; o segundo, uma charge de João Montanaro, jovem cartunista de 15 anos, publicada no jornal Folha de S.Paulo, que provocou grande repercussão, com opiniões favoráveis a ela e contra ela. O terceiro e o quarto, cartas de leitores sobre a charge de Montanaro. O quinto, um comentário crítico (texto adaptado) de Diogo Bercito, também publicado na Folha. O sexto, charge de Angeli, retirada do google, também impressa na Folha. O sétimo, publicação no site http://notapajos.globo.com/lernoticias.asp, sobre piadas desagradáveis relativamente ao tsunami vivido pelos japoneses.

Leia os textos de I a VII com atenção. As questões de número **01** a **13** referem-se a eles; consulte-os sempre que necessário.

TEXTO I

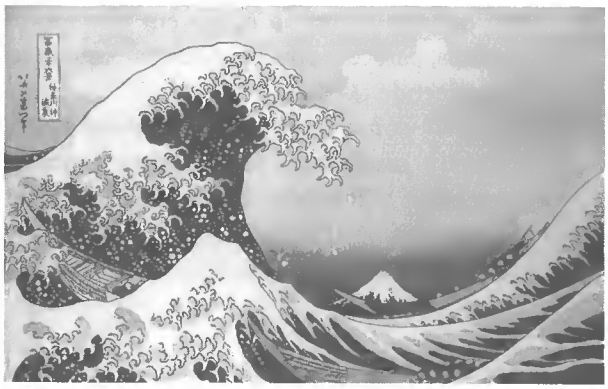

Xilogravura "A Grande Onda de Kanagawa", de Katsushika Hokusai (1760-1849)

TEXTO II

Reprodução - Charge de João Montanaro, publicada na Folha de S.Paulo, 12/03/2011, um dia depois da tragédia que assolou o Japão.

01 Sobre as relações entre os textos I e II, **NÃO** é possível afirmar:

a) para que haja produção de sentido quando da leitura do texto II, faz-se necessário o (re) conhecimento do texto I.

b) o deslocamento da xilogravura de Hokusai , o que se dá pela associação a novos elementos, produz efeito de tragicidade.

c) a leitura do texto II pressupõe um rico repertório de leituras, tanto da xilogravura quanto de fatos recentes no noticiário internacional.

d) há, no texto II, reprodução do estilo do autor do texto I, o que confere à charge menor intensidade emocional.

02 O movimento realizado pelo leitor no processo de (re)produção do diálogo entre a charge de Montanaro e a xilogravura de Hokusai se confirma, **EXCETO**

a) pelo acréscimo de informações inusitadas sobre o texto I.

b) pela supressão de elementos significativos na composição do texto I.

c) pela substituição de elementos triviais por fundamentais.

d) pela transposição de conhecimentos não pertencentes à xilografura.

03 Quanto à produção dos textos I e II, só **NÃO** é possível afirmar

a) são diferentes manifestações textuais, pois sua forma de estruturação e de circulação é distinta.

b) sua compreensão depende da primazia dada à produção individual relativamente ao caráter social dos textos.

c) são práticas sociocomunicativas que atendem a intencionalidades diferentes: efeito estético e denúncia.

d) sua leitura é orientada por competências do leitor, por exemplo, a de discernir a composição dos textos.

TEXTO III

Uma boa charge política não precisa de exegese, exatamente como uma boa piada dispensa explicação. Portanto as palavras do cartunista Laerte (painel do Leitor, 15/03) em defesa do colega João Montanaro, de 15 anos, só me convenceram de que a obra chocante talvez seja candidata a ser pendurada num museu qualquer ou numa galeria. Montanaro é menor de idade. Quem foi o maior de idade que o contratou para exercer uma função tão significativa no dia a dia de qualquer jornal que se preza e que respeita os seus leitores?

(Paula Mavienko-sikar, São Carlos, SP, in Painel do Leitor, 18/03/2011)

04 Sobre a composição do texto III, é **INCORRETO** afirmar que

a) a primeira frase funciona como introdução às ideias discutidas e compõe-se de uma analogia.
b) o conectivo 'portanto' poderia ser substituído por 'sendo assim', sem prejuízo do sentido proposto e estabelecendo a coesão textual.
c) a expressão 'de 15 anos' vem desnecessariamente entre vírgulas, pois traz informação redundante.
d) a interrogação contribui para que se possa inferir a intenção de responsabilizar o problema para outrem que não o chargista Montanaro.

TEXTO IV

Fico impressionada com os comentários maldosos contra o cartunista João Montanaro. Ao ver a charge, não a li como uma sátira. Meus olhos apenas a receberam como uma realidade.

Quem imaginaria que a xilogravura do artista Hokusai serviria de base para reforçar uma tragédia que ocorreu no Japão? Que me conste, estamos no ano 2011 e a liberdade de expressão é direito de qualquer ser humano. João Montanaro apenas retratou o que acontece hoje no mundo em que vivemos, e nós, habitantes deste planeta, somos os responsáveis pelas tragédias que ocorrem e ocorrerão.

(Maria Rita Marinho, gerente da Secretaria Geral de Fundação Bienal, São Paulo, SP)

05 Marque (V) para Verdadeiro ou (F) para Falso diante de cada afirmativa sobre o texto IV.

( ) O texto é carregado de elementos que desnudam o grau de estupefação de seu enunciador, como se vê pelo uso de "impressionada".
( ) O autor se revela estrategicamente em intensa carga significativa, por exemplo por meio da repetição do vocábulo "tragédias".
( ) O uso da metonímia presente em "meus olhos" promove a coesão com a frase anterior, onde está presente o verbo "ver".
( ) A palavra 'apenas', no primeiro parágrafo, promove sentido diferente daquele presente no último – somente e unicamente, respectivamente.

Assinale a sequência **CORRETA**, de cima para baixo:

a) F; F; F; V.
b) F; V; F; V.
c) V; V; V; F.
d) V; F; V; F.

06 (Adaptada) Quanto à coesão entre as ideias do texto IV, é possível afirmar que

a) As frases que compõem o primeiro parágrafo se associam porque a segunda explica a primeira, e a terceira se contrapõe à segunda.
b) As duas primeiras frases do segundo parágrafo, embora não apresentem conexão explícita, são ordenadas de forma que, associadas, produzam a ideia de que a liberdade de expressão se apresenta em circunstâncias inimagináveis.
c) Caso a autora optasse por trocar a ordem das orações que compõem o último parágrafo,

haveria prejuízo na produção de sentido, pois trata-se de ideias que se somam sem primazia na ordem em que foram colocadas.

d) A segunda frase do segundo parágrafo não tem a função de ser uma resposta à interrogação que, realizada anteriormente a ela, tendo em vista que a interrogação, ali, não promove a intenção de perguntar, procurar resposta.

07 Assinale a alternativa em que a reconstrução de trechos da carta de Maria Rita Marinho, no texto IV, **NÃO** apresenta coesão adequada à produção de sentido.

a) Fico impressionada com os comentários maldosos contra o cartunista João Montanaro, pois, ao ver a charge, não a li como uma sátira e meus olhos apenas a receberam como uma realidade.

b) Quem imaginaria que a xilogravura do artista Hokusai serviria de base para reforçar uma tragédia que ocorreu no Japão, embora, que me conste, estamos no ano 2011 e a liberdade de expressão é direito de qualquer ser humano?

c) João Montanaro apenas retratou o que acontece hoje no mundo em que vivemos. E nós, habitantes deste planeta, somos os responsáveis pelas tragédias que ocorrem e ocorrerão.

d) Fico impressionada com os comentários maldosos contra o cartunista João Montanaro. Ao ver a charge, não a li como uma sátira, pois meus olhos apenas a receberam como uma realidade.

TEXTO V

Contra a maré

Cartunistas avaliam charge de João Montanaro, na Folha, que causou desconforto por retratar tsunami.

João Montanaro já tinha decidido qual seria o tema da charge de sábado quando acordou na sexta-feira. Então, viu na televisão imagens de prédios se desfazendo em meio ao mar que avançava.

"Não dava para fazer um desenho sobre política!", diz.

Ao decidir retratar o tsunami, Montanaro lembrou-se da xilogravura de Katsushika Hokusai. Foi uma das opções que ele enviou à Folha para aprovação e publicação.

"Fiquei surpreso com as críticas", diz. "Acho que não entenderam a charge."

Apesar da má recepção, inclusive na escola, o garoto diz estar seguro da escolha. "Fiz o certo, minha intenção não era fazer uma piada."

O ilustrador Adão Iturrusgarai, que publica na Ilustrada, defende Montanaro.

"É um desenho superimparcial. É inocente como o ilustrador, que é um jovenzinho", diz. "De mau gosto foi a tragédia em si." E completa: "O humor funciona por conta dessa contraonda, desse mau humor e da burrice dos críticos".

Para o artista Allan Sieber, que também publica na Ilustrada, Montanaro "fez o trabalho dele e a escolha da ilustração valeu a pena".

O pesquisador Gonçalo Junior, autor do livro "A Guerra dos Gibis" (Companhia das Letras), afirma que quem perdeu o bom senso, no caso da charge, foram os leitores que se manifestaram contra.

"Vivemos na era da chatice e do politicamente correto. É uma reação paranoica, o desenho retrata as mesmas coisas que todos esses vídeos que estão no YouTube."

Exagerada ou não, a recepção da charge de Montanaro foi semelhante à vista na Malásia nesta semana.

O desenho de Mohamad Zohri Sukimi, publicado no jornal "Berita Harian", mostrava o herói japo-

nês Ultraman fugindo de uma onda . Uma petição on-line rodou o mundo. O jornal se retratou.

"Apesar de o desenho de Montanaro não ter me incomodado, consigo entender por que alguns leitores se sentiram desconfortáveis", diz Sidney Gusman, editor-chefe do site Universo HQ. "Fico imaginando como eu reagiria se tivesse perdido alguém nesse desastre."

Outra razão apontada para a má recepção é o desconhecimento do desenho original.

"Quando vi o rascunho, perguntei a ele se as pessoas não iriam se chocar", diz Mario Sergio Barbosa, pai de Montanaro. "Mas eu não conhecia a referência dele."

Há também a possibilidade de o leitor não estar acostumado ao gênero da charge.

"As pessoas ligam a palavra "charge" a coisas alegres, mas a ideia é ser um convite ao pensamento", diz o quadrinista Mauricio de Sousa.

O jornalista e professor de letras da Unifesp (Universidade Federal de São Paulo) Paulo Ramos concorda.

"Quem está acostumado entende melhor desenhos como o de Montanaro. Outros veem as charges como necessariamente uma piada e, por isso, se incomodam."

Spacca, 46, que fez parte do rodízio de ilustradores da página A2 entre 1986 e 1995, diz: "Os cartunistas constroem uma imagem de irreverentes, de livres criadores, que podem fazer qualquer coisa.... Mas todo comunicador tem de antecipar a reação do público e medir o que vai causar. Nem tudo é permitido".

Para Jal, presidente da Associação dos Cartunistas do Brasil, "é nesses momentos de tragédia que temos de fazer críticas".

DIOGO BERCITO, de São Paulo
(texto adaptado), 17/03/2011

08 Observando os quatro textos em análise, **SÓ** se pode afirmar que

a) o reaproveitamento de um símbolo da cultura japonesa é o alvo da crítica, e não a charge em si.
b) o chargista faz uma comparação isenta de valores entre a xilogravura e a realidade.
c) os leitores que não aceitaram a charge levaram mais em conta sua subjetividade do que o conceito de charge.
d) o que choca os leitores é o fato de a realidade ser mais impactante que a arte.

09 Assinale a alternativa, cujas alterações linguísticas mudam o efeito de sentido original:

a) João Montanaro já tinha decidido qual seria o tema da charge de sábado quando acordou na sexta-feira. Então, viu na televisão imagens de prédios se desfazendo em meio ao mar que avançava. "Não dava para fazer um desenho sobre política!", diz.
- João Montanaro já tinha decidido qual seria o tema da charge de sábado ao acordar na sexta-feira. Mas viu na televisão imagens de prédios se desfazendo em meio ao mar que avançava. "Não dava para fazer um desenho sobre política!", diz.
b) E completa: "O humor funciona por conta dessa contraonda, desse mau humor e da burrice dos críticos".
- E completa: "O humor funciona tendo em vista essa contraonda, desse mau humor e da burrice dos críticos".
c) Apesar da má recepção, inclusive na escola, o garoto diz estar seguro da escolha. "Fiz o certo, minha intenção não era fazer uma piada."
- Apesar da má recepção, inclusive na escola, o garoto diz estar seguro da escolha. "Fiz o certo, pois minha intenção não era fazer uma piada."
d) "Apesar de o desenho de Montanaro não ter me incomodado, consigo entender por que alguns leitores se sentiram desconfortáveis", diz Sidney Gusman, editor-chefe do site Universo HQ. "Fico imaginando como eu reagiria se tivesse perdido alguém nesse

desastre."

- "Apesar de o desenho de Montanaro não ter me incomodado, consigo entender por que alguns leitores se sentiram desconfortáveis", diz Sidney Gusman, editor-chefe do site Universo HQ. "Fico imaginando se eu reagiria caso tivesse perdido alguém nesse desastre."

10 Só **NÃO** se pode inferir do título "Contra a maré"

a) é motivado pelo elemento tematizado na xilogravura, uma onda impulsionada pela maré.
b) traduz um posicionamento desfavorável à criação de Montanaro, por parte do autor.
c) aponta para o diálogo entre a xilografura e a charge, ambas tradutoras da força da maré.
d) dialoga conotativamente com a expressão usual 'remar contra a maré'.

11 Assinale a alternativa que **NÃO** apresenta informação correta no que se refere à coesão textual que se verifica no trecho em destaque, parte do texto de Diogo Bercito.

João Montanaro já tinha decidido qual seria o tema da charge de sábado quando acordou na sexta-feira. Então, viu na televisão imagens de prédios se desfazendo em meio ao mar que avançava. "Não dava para fazer um desenho sobre política!", diz.

Ao decidir retratar o tsunami, Montanaro lembrou-se da xilogravura de Katsushika Hokusai. Foi uma das opções que ele enviou à Folha para aprovação e publicação.

"Fiquei surpreso com as críticas", diz. "Acho que não entenderam a charge." Apesar da má recepção, inclusive na escola, o garoto diz estar seguro da escolha. "Fiz o certo, minha intenção não era fazer uma piada."

O ilustrador Adão Iturrusgarai, que publica na Ilustrada, defende Montanaro. "É um desenho super imparcial. É inocente como o ilustrador, que é um jovenzinho", diz. "De mau gosto foi a tragédia em si." E completa: "O humor funciona por conta dessa contraonda, desse mau humor e da burrice dos críticos".

(...)

Exagerada ou não, a recepção da charge de Montanaro foi semelhante à vista na Malásia nesta semana.

O desenho de Mohamad Zohri Sukimi, publicado no jornal "Berita Harian", mostrava o herói japonês Ultraman fugindo de uma onda. Uma petição on-line rodou o mundo. O jornal se retratou.

a) A palavra **tsunami** retoma a expressão imagens de prédios se desfazendo em meio ao mar que avançava.
b) O termo **má recepção** retoma o termo as críticas.
c) A primeira frase do 4º parágrafo retoma o parágrafo anterior e anuncia o que virá.
d) O penúltimo parágrafo anuncia o conteúdo do último parágrafo.

12 Observe a charge abaixo, de Angeli.

TEXTO VI

http://www.google.com.br/imgres?imgurl=http://4bp.blogspot.com/_QjZPqpfyGJs/R4qUdXZKFRI/AAAAAAAAASs/Bcqdmv-13/04/2011, 10h35

Um dos comentários presentes no texto V referentes à charge de Montanaro pode ser também aplicado à charge acima, de Angeli. O profissional que faz esse comentário é:

a) Maurício de Souza, quando ele afirma: "As pessoas ligam a palavra "charge" a coisas alegres, mas a ideia é ser um convite ao pensamento."
b) Orlando, quando ele declara: "Com um desenho mais sofisticado, todo mundo acharia lindo, mas ele está aprendendo, ainda está cru."
c) Adão Iturrusgarai, que analisa: "É um desenho super imparcial. É inocente como o ilustrador, que é um jovenzinho."
d) Spacca, que diz: "(...) todo comunicador tem de antecipar a reação do público e medir o que vai causar. Nem tudo é permitido."

13 Observe o trecho em destaque e assinale a alternativa **CORRETA**.

TEXTO VII

(...) os autores de comentários considerados ofensivos são pessoas que já eram famosas. Um deles é Alec Sulkin, roteirista do seriado de comédia americano "Family Guy". Ele pediu desculpas depois de fazer piada ligando o terremoto ao ataque japonês à base americana de Pearl Harbor, no Havaí, em 1941. Cerca de 2,5 mil pessoas morreram no ataque ."Se você quiser se sentir melhor sobre o terremoto no Japão, dê um Google em 'número de mortos em Pearl Harbor", escreveu no Twitter. Após críticas, ele apagou a mensagem e se justificou. "O número de mortos ontem era de 200, hoje é de 10.000. Me desculpe pelo tweet insensível. Foi apagado", escreveu.

http://notapajos.globo.com/lernoticias.asp

a) Comparando a charge de Montanaro e a piada, percebe-se a intenção que ambas têm de ironizar a cultura japonesa, denunciar sua fragilidade.
b) Que o número maior de mortos no Tsunami em relação ao de Pearl Harbor não deveria ser a justificativa ética para a retirada da piada.
c) O uso da expressão 'dê um Google', coloquial, denuncia o tom de deboche com que a piada é lançada.
d) O fato de o autor da mensagem postada no Twitter ser um comediante justifica sua postura de fazer piada sobre qualquer pessoa ou situação.

ATENÇÃO:

Caro candidato, leia com atenção a peça publicitária em destaque e responda às questões **14** e **15** a ela referentes.

http://www.multisolution.art.br/2011/noticias/ver/noticia/grupo-petropolis-presta-homenagem-no-dia-mundial-da-agua/id/684/language/pt_BR, 03/04/2011, 19h52min

(*) Trecho ampliado:

O Grupo Petrópolis tem um compromisso com o meio ambiente, e por isso, pratica programas visando à conservação de toda a água utilizada em seus processos produtivos. Além disso, conta com o Projeto AMA, uma iniciativa que, através do plantio de 1,1 milhão de mudas de árvores nativas, protege grandes áreas de mata atlântica e do cerrado, preserva 36 bilhões de litros de água por ano e atua na remoção de mais de 85 mil toneladas de CO_2 da atmosfera. Afinal, para nós, dia de preservar a água é todo dia.

14 A expressão 'como o Grupo Petrópolis', presente na frase em destaque da peça publicitária, vem entre vírgulas. Essa pontuação

a) leva a expressão a exercer a função de exemplo.
b) determina que a expressão restrinja-se a efeito de comparação.
c) conota um tom irônico àqueles que não atuam como o Grupo Petrópolis.
d) ressalta de forma restritiva as ações da empresa de cuidar da água.

15 Sobre os numerais presentes no trecho, que vem abaixo da frase destaque (ver o trecho em letra ampliada logo abaixo da peça publicitária), é possível afirmar que têm a função de:

a) ilustrar a situação deplorável do planeta Terra, enumerando seus problemas.
b) promover a valorização das ações da empresa, elucidando seus feitos.
c) distorcer uma leitura correta da realidade ecológica, usando de hipérboles.
d) provocar sensacionalismo, reiterando os números exageradamente.

ATENÇÃO:

As questões de **16** a **20** referem-se ao texto a seguir. Leia-o antes de responder a elas.

Existe um diagnóstico sobre a interface entre energia, meio ambiente e sociedade?

(Claudio J. D. Sales)

A construção de uma usina para geração de energia elétrica, seja ela hidrelétrica, seja termelétrica, interfere, sim, na vida das pessoas que vivem nas regiões de influência dos rios e de outros ecossistemas. A realidade precisa ser encarada: apesar da necessidade de gerar energia para abastecer o País, a chegada desses empreendimentos provoca o deslocamento compulsório de famílias. E isso não tem preço.

O desafio de formuladores de políticas públicas e de empreendedores é acabar com a frase "uma minoria precisa se sacrificar para beneficiar a maioria". Muito fácil dizer isso quando se está do lado da maioria.

É urgente um debate objetivo e despolitizado sobre como tem evoluído o respeito às populações no entorno dos empreendimentos de geração de eletricidade. Afinal, quais são os mecanismos legais e os programas que têm sido implantados para amenizar o inevitável "sentimento de perda" das comunidades, que precisam rever seus costumes e valores em prazos muito curtos?

A história da eletricidade no Brasil tem 125 anos. Começa em 1883, com a pequena usina hidrelétrica de Ribeirão do Inferno, com 0,5 MW de potência, no município mineiro de Diamantina. Na ocasião, foram indenizados apenas os proprietários de terras inundadas pela barragem. Foi assim por 100 anos.

Em 1983, com uma enchente extraordinária do rio Paraná, a CESP (Centrais Elétricas de São Paulo) reassentou as primeiras famílias não proprietárias de terra: posseiros, meeiros e arrendatários. A agenda do setor passa, então, a incorporar um olhar mais amplo sobre modos de vida, de produção e de geração de renda.

Nosso País requer, todos os anos, cerca de 3000 MW médios adicionais para atender ao crescimento de sua economia. A construção de novas usinas traz consigo coisas boas. As mais visíveis são novos postos de trabalho e o aumento de arrecadação de impostos para municípios, estados e a União, que podem usar esses recursos para saúde, educação e

segurança.

É fácil visualizar os benefícios para a maioria. Mas e a minoria? O que acontece com as comunidades locais, em termos concretos, no curto e no longo prazo? A vida dessas pessoas melhora ou piora?

Estima-se que foram remanejadas 200 mil famílias devido à construção de usinas. E desde 1983, quando foram remanejadas as primeiras famílias, a preocupação com os impactos sociais dos empreendimentos cresceu. Essa evolução foi provocada ora pelo poder público, ora pelos empreendedores, estatais ou privados.

A voz da população tem sido formalmente ouvida. O Conselho Nacional de Meio Ambiente (Conama) estabeleceu, na década de 80, a necessidade de submeter os estudos de impacto ambiental a audiências públicas. Também com o objetivo de dar transparência ao processo foi criado o Foro de Negociação onde, sob coordenação do Ibama, lideranças locais, Ministério Público, governo federal e empreendedores buscam soluções de consenso para o remanejamento da população.

Mas só um novo pedaço de chão não resolve o problema das famílias. Além de terra e orientação técnica, era preciso acesso a crédito rural para o desenvolvimento adequado da atividade agrícola. Com baixas taxas de juros e seguro contra perda da safra, a partir de 1998 as famílias que moram em reassentamentos passam a ter acesso aos recursos do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), que permitiu o aumento da produção e da renda familiar.

A evolução continua. Em 2006, uma iniciativa pioneira no Sul do País coloca à disposição da região da usina um Fundo de Desenvolvimento Rural. Com o apoio de técnicos do Sebrae, recursos dos empreendedores financiam projetos para agregar valor aos produtos agrícolas, aumentando a renda das famílias da região dos empreendimentos. É um belo projeto, que prevê que as amortizações dos financiamentos retornem ao próprio fundo para financiar novos projetos, criando um ciclo autossustentado que viabiliza a permanência desses produtores no campo, em atividades que fazem parte da realidade local.

Embora haja relevantes avanços, é fundamental aprimorar e fortalecer os mecanismos legais e de comunicação com as comunidades. Ouvir as pessoas e seus anseios, tratando-as como indivíduos e não como estatísticas, diminui a ansiedade e os temores que as mudanças trazem.

O mais importante no processo de realocação das famílias é o respeito aos valores individuais e coletivos para que seja possível a construção de um diálogo aberto e direto, sem intermediários, entre comunidades e empreendedores. Esse é o caminho para demolir as fronteiras entre "maiorias" e "minorias" e para que todos passem a enxergar esses empreendimentos como oportunidades de transformação e inclusão social.

(Adaptado de: <http://portal2tcu.gov.br/portal/pls/portal/docs/.PDF>. Acesso em 20 out. 2010)

16 Em todas as alternativas, as reformulações propostas para o trecho transcrito entre parênteses implicam erro ou mudança de sentido, **EXCETO**

a) É preciso que a realidade seja encarada: não obstante a necessidade de gerar energia para abastecer o País, a chegada desses empreendimentos ocasiona o deslocamento compulsório de famílias; e isso não tem preço. (A realidade precisa ser encarada: apesar da necessidade de gerar energia para abastecer o País, a chegada desses empreendimentos provoca o deslocamento compulsório de famílias. E isso não tem preço. – 1º §)

b) É eminente uma discussão objetiva e despolitizada a cerca de como se tem evoluído o respeito às populações nas imediações dos empreendimentos de geração de eletricidade. (É urgente um debate objetivo e despoli-

tizado sobre como tem evoluído o respeito às populações no entorno dos empreendimentos de geração de eletricidade. – 3º §)

c) Finalmente, que são os mecanismos legais e os programas os quais vêm sendo implantados a fim de mitigar o incontornável "sentimento de perda" das comunidades, as quais precisam rever seus costumes e valores em prazos muito exíguos?
(Afinal, quais são os mecanismos legais e os programas que têm sido implantados para amenizar o inevitável "sentimento de perda" das comunidades, que precisam rever seus costumes e valores em prazos muito curtos? – 3º §)

d) Apesar de existir significativos avanços, é primordial aprimorar e fortalecer os mecanismos legais e de comunicação entre as comunidades. (Embora haja relevantes avanços, é fundamental aprimorar e fortalecer os mecanismos legais e de comunicação com as comunidades. – 12º §)

17 Assinale a alternativa em que o referente da expressão em destaque tenha sido **CORRETAMENTE** identificado entre parênteses.

a) O desafio de formuladores de políticas públicas e de empreendedores é acabar com a frase "uma minoria precisa se sacrificar para beneficiar a maioria". Muito fácil dizer **isso** quando se está do lado da maioria. (uma minoria precisa se sacrificar – 2º §)

b) As mais visíveis são novos postos de trabalho e o aumento de arrecadação de impostos para municípios, estados e a União, que podem usar **esses** recursos para saúde, educação e segurança. (novos postos e aumento – 6º §)

c) A realidade precisa ser encarada: apesar da necessidade de gerar energia para abastecer o País, a chegada desses empreendimentos provoca o deslocamento compulsório de famílias. E **isso** não tem preço. (a necessidade de gerar energia para abastecer o País – 1º §)

d) **Esse** é o caminho para demolir as fronteiras entre "maiorias" e "minorias" e para que todos passem a enxergar esses empreendimentos como oportunidades de transformação e inclusão social. (o respeito aos valores individuais e coletivos – 13º §)

18 I A afirmação contida no primeiro período do texto traz em si indicação de que não se trata de opinião consensual.

II Durante a maior parte do século XX, quando se construía uma nova usina hidrelétrica, somente se indenizavam os proprietários de terras inundadas pela barragem.

III Segundo o texto, o poder público deve não só cuidar do reassentamento de proprietários de terras inundadas, mas, sobretudo, buscar a preservação dos valores e da cultura das populações afetadas pela construção de hidrelétricas.

Dentre as afirmativas acima, são **CORRETAS**

a) apenas I e II.
b) todas.
c) apenas I e III.
d) apenas II e III.

19 I O autor se mostra otimista com relação às medidas tomadas nos últimos anos para garantir melhores condições de vida às populações que habitam o entorno de hidrelétricas.

II O texto defende o ponto de vista de que o interesse da coletividade não pode se sobrepor ao dos indivíduos.

III O sentimento de perda a que se refere o autor (3º §), diz respeito aos prejuízos materiais decorrentes do abandono de terras a que se veem forçados os moradores de áreas vizinhas a hidrelétricas.

Dentre as afirmativas acima, são **INCORRETAS**:
a) apenas I e III.
b) apenas I e II.
c) apenas II e III.
d) todas.

20 Assinale a alternativa que apresenta **INCORREÇÃO**.
a) Em que pesem as opiniões divergentes, as condições de trabalho naquele local são não apenas penosas e insalubres, mas sub-humanas.
b) Os contracheques se encontram à disposição de V. Sas. em sua agência bancária, localizada no subsolo deste edifício.
c) Quando reverem as filmagens do evento, os peritos dar-se-ão conta, seguramente, de que houve uma falha no equipamento.
d) O encontro realizar-se-á no próximo dia 20, data em que se discutirá a nova agenda do partido.

21 Assinale a alternativa que **NÃO** apresenta incorreção.
a) As sessões de pôsteres organizar-se-ão em um formato interativo e analizar-se-ão pesquisas e/ou a implementação e aplicação das metodologias ativas de aprendizagem na educação básica ou superior.
b) Considerando-se a inter-relação entre conhecimento e informação, poder-se-á considerar, despretensiosamente, que adentramos a Era da Revolução Pedagógica.
c) Procedeu-se, à época, o reassentamento das famílias de agricultores afetados pela construção da represa.
d) Quanto à suas fotografias, não se lembrava de haver mencionado-as em nenhuma dos encontros a que estivera presente.

ATENÇÃO:
As questões **22** e **23** tomam como referência o texto a seguir. Leia-o antes de respondê-las.

O futuro do pretérito também é usado pelos meios de comunicação para introduzir um argumento sem responsabilizar-se por ele. [...] É como se os fatos se narrassem a si mesmos, sem interferência do locutor. O jornalista não se compromete, não assume a responsabilidade do fato noticiado: quem o afirma é "alguém", alguma fonte autorizada, enfim, outra voz introduzida no discurso (não sou eu que o digo, ouvi dizer, alguém falou).

(Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com>. Acesso em: 18 out. 2010)

22 Assinale a alternativa em que o futuro do pretérito tenha sido utilizado com a função descrita no texto.
a) Aqueles que têm interesse na discussão desse tópico poderiam se dirigir para o auditório principal da faculdade?
b) Não se sabe, até o momento, qual poderia ter sido o destino dado aos arquivos desaparecidos.
c) Se eu afirmasse que não chorei nas derrotas de meu time, que isso me é indiferente, estaria mentindo.
d) O cantor, que estaria sendo vítima de extorsão por parte de seu empresário, fez acusações a alguns de seus colaboradores, mas voltou atrás dias depois.

23 Em todas as alternativas, emprega-se recurso com a mesma função assumida pelo futuro do pretérito, tal como descrito no texto, **EXCETO**:
a) Nunca tinha suposto que tais coisas pudessem acontecer tão inesperadamente.
b) Polícia investiga suposto envolvimento de político no desaparecimento da menor.
c) No Senado, a alardeada CPI da Petrobras, instalada para apurar alegadas irregularida-

des na gestão da estatal, terminou melancolicamente.

d) Ao que parece, o conjecturado extraterrestre foi visto pela primeira vez na cidade mineira de Varginha.

24 A mudança na regência verbal **NÃO** implica mudança de sentido em

a) O nome do funcionário não constou do relatório de atividades.
O nome do funcionário não constou no relatório de atividades.

b) Segundo o chefe do cerimonial, poucos convidados beberam o vinho.
Segundo o chefe do cerimonial, poucos convidados beberam do vinho.

c) Conforme se comprovou posteriormente, os dois rapazes visavam os cheques.
Conforme se comprovou posteriormente, os dois rapazes visavam aos cheques.

d) Durante a mesa-redonda, falou com colegas do curso de Engenharia.
Durante a mesa-redonda, falou a colegas do curso de Engenharia.

25 A concordância verbal está **CORRETA** em

a) Durante a entressafra, dadas essas circunstâncias, poderão haver oscilações nos preços dos alimentos.

b) O consumo indiscriminado desse tipo de medicamentos podem levar a alterações de comportamento.

c) A publicação de rumores sobre o mau desempenho das empresas preocuparam os acionistas.

d) Alguns dos engenheiros do setor solicitaram à secretária que os inscrevesse no evento.

26 I. A empresa investiu na expansão de sua rede de transporte local, **visando** à ampliação da capacidade de anéis ópticos. (objetivando)

II. O trabalho dos funcionários tem permitido à **empresa** crescer de maneira mais sustentável. (nossa empresa)

III. Para **acesso** às Atas de Registro de Preços, clicar no ícone a seguir. (acessar)

IV. Os acionistas referiram-se à **mudança** empreendida pela direção da empresa. (essa mudança)

Nas frases acima, substituindo-se a expressão em destaque pela indicada entre parênteses, o acento grave deverá ser eliminado em

a) II, III e IV
b) I, III e IV
c) I, II e III
d) I, II e IV

27 Assinale a alternativa em que a pontuação esteja **CORRETA**

a) Antes do Acordo de 1990, não integravam o abecedário vernáculo oficialmente o k (cá; capa), o w (dáblio; vê duplo; vê dobrado) e o y (ípsilon; ipsilone)... Letras estranhas à grafia portuguesa eram usadas só em casos especiais e situavam-se, respectivamente, entre j e l, v e x, x e z.

b) Antes do Acordo de 1990, não integravam o abecedário vernáculo – oficialmente – o k (cá, capa), o w (dáblio, vê duplo, vê dobrado) e o y (ípsilon, ipsilone). Letras estranhas à grafia portuguesa,eram usadas, só em casos especiais e situavam-se, respectivamente entre j e l; v e x; x e z.

c) Antes do Acordo de 1990, não integravam o abecedário vernáculo, oficialmente, o k (cá, capa), o w (dáblio, vê duplo, vê dobrado) e o y (ípsilon, ipsilone). Letras estranhas à grafia portuguesa, eram usadas só em casos especiais e situavam-se, respectivamente, entre j e l, v e x, x e z.

d) Antes do Acordo de 1990 não integravam o abecedário vernáculo, oficialmente, o k (cá, capa), o w (dáblio, vê duplo; vê dobrado) e o y (ípsilon, ipsilone); letras estranhas à grafia portuguesa eram usadas – só em casos especiais – e situavam-se, respectivamente, entre j e l, v e x, x e z.

ATENÇÃO:
As questões de **28** a **37** referem-se ao texto a seguir. Leia-o antes de responder a elas.

(_____)

Carlos Heitor Cony

No meu tempo, dizia Machado de Assis, já havia velhos, mas poucos. Parodiando o mestre, direi que, no meu tempo, já existiam chatos, mas relativamente poucos. E não eram tão espalhafatosos e onipresentes. Quando Cristo expulsou Satanás de um endemoniado, perguntou-lhe o nome. Satanás respondeu: "Meu nome é Legião". Os chatos de agora são também uma legião, a internet ampliou-os em número, frequência e virulência.

Todos os meus amigos – e até mesmo alguns que não chegam a isso – reclamam das mensagens, das sugestões e, sobretudo, das denúncias do interesse de cada um. Do prefeito que não asfaltou a rua, do emprego que alguém não obteve, do concurso que o reprovou.

O e-mail, que deu oportunidade à comunicação de forma surpreendente, se, de um lado, está servindo na busca e na troca de informações para aproximar pessoas, de outro, está produzindo chatos em massa, em escala industrial.

Desocupados, embriões de gênios que desejariam ser comentaristas de política, de esportes, de economia e de cultura, ditando regras disso ou daquilo, encontraram afinal a tribuna, o mini espaço que buscavam e não conseguiam.

Entram na internet com tempo e garra suficientes para tentar criar um mundo à sua imagem e semelhança, mundo que felizmente não existe, a não ser na cabeça desses novos Petrônios informatizados.

E, ao contrário de Deus, que, quando criou todas as coisas, o céu e a Terra, o Sol e as estrelas, descansou no sétimo dia, o chato eletrônico não descansa, trabalha em tempo integral, todos os dias, sábados, domingos e feriados, não tira férias, não adoece. E como ninguém toma as providências que ele reclama, o chato adota um moralismo pedestre, primário, tentando mudar o mundo que insiste em rejeitá-lo.

(Folha de São Paulo, 16 mar. 2008)

28 Tendo em conta a argumentação desenvolvida pelo autor, todos os títulos abaixo são adequados a esse texto, **EXCETO**
a) A praga dos e-mails
b) Legião de internautas
c) O nome deles é legião
d) Da multiplicação dos chatos

29 Tendo em vista o contexto em que ocorrem, todas as palavras abaixo foram satisfatoriamente explicadas, **EXCETO**
a) onipresentes (1º §): que estão em todos os lugares, ubíquos.
b) espalhafatosos (1º §): sem medida, imoderados.
c) virulência (1º §): infestação, opulência.
d) pedestre (6º §): primitivo, rústico.

30 Em todas as alternativas, a reformulação do trecho que se encontra entre parênteses implica erro ou mudança de sentido, **EXCETO** em
a) Em meu tempo, dizia Machado de Assis, já existia velhos, porém eram poucos.
(No meu tempo, dizia Machado de Assis, já havia velhos, mas poucos. – 1º §)
b) Parodiando o mestre, direi que, no meu tempo, já haviam chatos, todavia eram relativamente poucos.
(Parodiando o mestre, direi que, no meu tempo, já existiam chatos, mas relativamente poucos. – 1º §)
c) Todos meus amigos (e mesmo alguns que não chegam a isto) reclamam contra as mensagens, as sugestões e, principalmente, as de-

núncias que são do interesse de cada um. (Todos os meus amigos – e até mesmo alguns que não chegam a isso – reclamam das mensagens, das sugestões e, sobretudo, das denúncias do interesse de cada um. – 2º §)

d) E como ninguém toma as medidas reclamadas por ele, o chato adota um moralismo pedestre, primário, tentando transformar o mundo que insiste em rejeitá-lo.
(E como ninguém toma as providências que ele reclama, o chato adota um moralismo pedestre, primário, tentando mudar o mundo que insiste em rejeitá-lo. – 6º §)

31 Os chatos de agora são também uma legião, a internet ampliou-os em número, frequência e virulência. (1º §)
As duas orações acima podem ser vinculadas por meio de todos os conectivos abaixo, **EXCETO**
a) pois
b) já que
c) visto que
d) se bem que

32 Em todas as alternativas, o elemento ao qual se refere o pronome em destaque foi devidamente identificado entre parênteses, **EXCETO** em
a) Todos os meus amigos – e até mesmo alguns **que** não chegam a isso – reclamam das mensagens, [...] – 2º § (amigos)
b) Desocupados, embriões de gênios **que** desejariam ser comentaristas de política, de esportes, [...] – 4º § (embriões)
c) E, ao contrário de Deus, **que**, quando criou todas as coisas, o céu e a Terra, o Sol e as estrelas, [...] – 6º § (Deus)
d) E como ninguém toma as providências **que** ele reclama, o chato adota um moralismo pedestre, primário, [...] – 6º § (providências)

33 Em todas as alternativas, a palavra **até** foi utilizada com o mesmo valor que apresenta no segundo parágrafo do texto, **EXCETO**
a) Segundo os dermatologistas, o protetor solar deve ser usado sempre; até no inverno.
b) Procuro emprego ou até estágio na área de administração de redes Windows ou Linux.
c) Com o dinheiro da bolsa, ele poderá permanecer na Inglaterra até novembro ou dezembro.
d) Al Gore, Leonardo Di Caprio e até Os Simpsons estão levando os problemas ambientais para as telas do cinema.

34 Parodiando o mestre, direi que, no meu tempo, já existiam chatos, mas relativamente poucos. (1º §)Assinale a alternativa que apresente os sinônimos mais adequados para o verbo parodiar, tendo em conta seu emprego no trecho acima transcrito.
a) imitando, copiando
b) imitando, ridicularizando
c) ridicularizando, decalcando
d) arremedando de forma caricatural, depreciando

I. Visão integralmente negativa da internet e, em particular, do correio eletrônico.
II. Referências intertextuais.
III. Crítica ao obscurantismo reinante nos dias atuais.
IV. Passadismo, saudosismo.

Tendo em conta as características acima listadas, aplicam-se ao texto de Cony
a) II e III, apenas.
b) II e IV, apenas.
c) I, II e IV, apenas.
d) I, II, III e IV.

36 Em todas as alternativas, o trecho em destaque tem a função de explicar ou reformular um elemento anteriormente mencionado, **EXCETO** em
a) O e-mail [...] está produzindo chatos em

massa, em escala industrial. (3º §)

b) E, ao contrário de Deus, que, quando criou todas as coisas, o céu e a Terra, o Sol e as estrelas, descansou no sétimo dia, [...] (6º §)

c) [...] o chato eletrônico não descansa, trabalha em tempo integral, todos os dias, sábados, domingos e feriados, [...] (6º §)

d) [...] o chato adota um moralismo pedestre, primário, tentando mudar o mundo que insiste em rejeitá-lo. (6º §)

37 Todos os meus amigos – e até mesmo alguns que não chegam a isso – reclamam das mensagens, das sugestões e, sobretudo, das denúncias do interesse de cada um. Do prefeito que não asfaltou a rua, do emprego que alguém não obteve, do concurso que o reprovou. (2º §)

Assinale a alternativa em que as alterações na pontuação do trecho acima transcrito **NÃO** impliquem erro ou mudança de sentido.

a) Todos os meus amigos (e até mesmo alguns que não chegam a isso) reclamam das mensagens, das sugestões e, sobretudo, das denúncias do interesse de cada um: do prefeito que não asfaltou a rua, do emprego que alguém não obteve, do concurso que o reprovou [...]

b) Todos os meus amigos – e até mesmo alguns, que não chegam a isso – reclamam das mensagens, das sugestões, e sobretudo das denúncias do interesse de cada um. Do prefeito, que não asfaltou a rua; do emprego, que alguém não obteve; do concurso, que o reprovou [...]

c) Todos os meus amigos (e até mesmo alguns que não chegam a isso), reclamam das mensagens, das sugestões e, sobretudo, das denúncias do interesse de cada um. Do prefeito que não asfaltou a rua, do emprego que alguém não obteve, do concurso que o reprovou.

d) Todos os meus amigos e até mesmo alguns que não chegam a isso, reclamam das mensagens, das sugestões e, sobretudo, das denúncias do interesse de cada um: do prefeito que não asfaltou a rua; do emprego que alguém não obteve; do concurso, que o reprovou.

38 Tendo em conta a adequação das formas de tratamento empregadas para o destinatário, na correspondência oficial, assinale a afirmativa **INCORRETA**.

a) Para deputados estaduais: V. Exa.

b) Para membros dos tribunais superiores: V. MM.

c) Para o Governador do Estado: Vossa Excelência.

d) Para presidentes de câmaras municipais: Vossa Excelência.

39 A colocação pronominal está **INCORRETA** em

a) O pai deu a entender à filha que faria-lhe todas as vontades.

b) Se tudo corresse bem, o encontro se realizaria em novembro próximo.

c) Se se dispusessem a cooperar, os funcionários seriam recompensados.

d) O presidente do partido observou que os candidatos não devem decidir-se precipitadamente.

40 Assinale a alternativa em que a divisão silábica (indicada por pontos) e a grafia estejam **CORRETAS**.

a) pneu.mo.nia – mi.sé.ria – pré-his.tó.ria

b) as.ces.so.ris.ta – e.clíp.se – re.in.vin.di.ca.ção

c) a.po.ca.líp.ti.co – as.ses.so.ri.a – oc.to.ge.ná.rias

d) con.tra-che.que – se.xa.ge.ná.ri.a – psi.co.lo.gi.a

41 A flexão verbal está **CORRETA** em

a) O agente que a deteu suspeitou que ela estivesse envolvida no assalto ao banco.

b) Em caso de demissão de professores, o sindicato sempre intermedeia os acertos de contas.

c) Àquela altura dos acontecimentos, quando

os ânimos já estavam tão acirrados, se a polícia intervisse, seria muito pior.

d) A construção do muro de arrimo é um paliativo, que remedia apenas em parte a situação das famílias que moram na região.

42 Em todas as alternativas, ocorre inadequação vocabular, **EXCETO** em

a) Não ficou claro o porquê de ele não haver relevado os erros cometidos por sua equipe.

b) Venho manifestar minha indignação a atentá-lo para que tais fatos não voltem a se repetir.

c) Para preservar seus direitos, o vereador viu-se compungido a impetrar um mandado de segurança.

d) É em razão da complexidade das relações vividas atualmente por pais, alunos e professores que a escola prescinde do serviço de Psicologia Educacional.

43 Refiro-me à influência dos cometas sobre nossas vidas. Todos os corpos celestes influem de algum modo em certos fenômenos físicos.
Para reunir as duas orações acima num único período, todos os conectivos abaixo são adequados, **EXCETO**

a) visto que

b) porquanto

c) dado que

d) uma vez que

44 Tendo em conta a regência verbal no padrão culto escrito, assinale a frase **INCORRETA**.

a) Não obstante todas as negociações, a prefeitura, até a presente data, ainda não pagou a seus servidores.

b) O relatório dos auditores veio deixar claro que a empresa não obedecera criteriosamente às determinações da Receita Federal.

c) O porta-voz da empresa simplesmente comunicou os presentes de que a reunião fora adiada para a semana subsequente.

d) Um dos filmes da campanha que assistimos apresenta erro de português, segundo os professores aos quais consultamos.

45 Tendo em conta as regras de utilização do acento indicador de crase, assinale a alternativa em que o emprego desse acento seja obrigatório.

a) O prefeito informou a sua assessora que o projeto fora suspenso.

b) Deixou de responder a questão 7 e a 9, mas, ainda assim, foi aprovado.

c) O diretor agradeceu as suas colaboradoras mais próximas e retirou-se.

d) A partir de agora, não mais se exigirá resposta a essa espécie de questionamento.

46 Assinale a alternativa em que ambas as grafias estejam **CORRETAS**.

a) cinquenta ou cincoenta

b) questionário ou questionario

c) cãimbra ou câibra

d) quatorze ou catorze

47 Assinale a alternativa em que a concordância nominal esteja **INCORRETA**.

a) A empresa importava sobretudo automóveis e motos alemãs.

b) A empresa importava sobretudo motos e automóveis alemães.

c) O plano prevê a cobertura integral de despesas médicas-odontológicas desse tipo.

d) Conforme anteriormente anunciado, a comissão de examinadores incumbir-se-á das avaliações parciais e final.

Você se considera um empreendedor?

Ricardo Melo*

Muitas pessoas, ao ouvirem essa pergunta, respondem imediatamente que não, pois não são empresários ou comerciantes.

Fato curioso essa associação imediata da ideia empreendedora a essas opções profissionais e o esquecimento de como a competência empreendedora está intimamente ligada a muitas outras escolhas e posturas.

O verbo empreender vem do latim emprehen-

do ou impraehendo e quer dizer – a habilidade de executar uma tarefa. Com o tempo passou a ser sinônimo de ousadia, coragem e visão de futuro. Seja como for, é importante você parar para pensar em como é possível viver essa postura empreendedora.

Quando ouvimos falar de um estudante que vem do interior para a capital, ou de um jovem casal que assume o matrimônio, mesmo sem tantas facilidades materiais, estamos falando de atitudes empreendedoras em relação a vida.

Essa essência é a mesma que leva pessoas arrojadas a abrirem negócios, a se arriscarem em inúmeras situações em que haja ou não ganho material, mas que proporcione um senso de realização. Sendo assim, creio que todo ser humano é um pouco empreendedor, embora poucas pessoas tenham essa consciência e se esforcem por desenvolver essa habilidade.

E em momentos históricos como o nosso, em que se costuma falar de crise, nada melhor que alimentar nossa energia empreendedora e dela tirar substrato para construir uma mentalidade empreendedora. Pensar como um empreendedor é sempre procurar novos caminhos ou novas e melhores formas de caminhar.

É olhar para o horizonte, ver o que todos veem, mas enxergar o que poucos enxergam. É dar-se o direito de sonhar e agir para concretizar o sonho. E, acima de tudo, aliar persistência ao bom senso de se divertir enquanto vai em busca do que tanto deseja.

Utopia? Para algumas pessoas, sim, mas para quem realmente ama a vida e deseja vivê-la com intensidade é apenas mais uma postura mental a ser cultivada, que propiciará a seu portador grandes possibilidades de construir a sua própria história .

Você se considera um empreendedor? Ou, talvez, melhor: o que você pode fazer, a partir de agora para ser uma pessoa com pensamentos e atitudes mais empreendedoras?

*(*Ricardo Melo é escritor, consultor e palestrante e especialista em coaching.)*

48 A afirmativa que **NÃO** está de acordo com o texto é:

a) o verbo empreender, no texto, significa a habilidade de dar vida aos próprios projetos.
b) um empreendedor pode ser considerado aquele que tem dentro de si o dom de ousar, quebrar regras.
c) o autor compara um empreendedor a um profissional preso a rituais e burocracias hierárquicas.
d) as atitudes e competências de um empreendedor estão ligadas aos sonhos de realização.

49 O título "Você se Considera um Empreendedor?" tem o objetivo de

a) colocar em prática ideias nunca antes discutidas culturalmente.
b) valorizar o novo perfil dos profissionais que ocupam cargos de hierarquia.
c) persuadir o leitor sobre a necessidade de acompanhar as mudanças e quebra de paradigmas na área profissional.
d) descrever situações empresariais, confrontando o velho e o arcaico sistema empresarial ao novo perfil mercadológico.

50 Observe o fragmento

"É olhar para o horizonte, ver o que todos veem, mas enxergar o que poucos enxergam".

O verbo "ver", nesse contexto, obedece à mudança gráfica:

a) das palavras paroxítonas terminadas em "e", "o", seguidas das consoantes nasais e que se formam por encontro vocálico.
b) das formas verbais paroxítonas que contêm um "e" tônico oral fechado em hiato com a terminação "em" da 3ª pessoa do plural do presente do indicativo.
c) dos vocábulos, em cujas vogais tônicas fechadas dos ditongos, que aparecem com formas verbais em 3ª pessoa do plural.

d) Das palavras paroxítonas que, tendo respectivamente vogal tônica aberta ou fechada, são homógrafas, ou seja, têm a mesma grafia, de artigos, contrações, preposições e conjunções átonas.

GABARITO

1D	2C	3B	4C	5C
6B	7B	8C	9D	10B
11C	12A	13B	14A	15B
16A	17D	18B	19C	20C
21B	22D	23A	24A	25D
26B	27C	28B	29C	30D
31D	32A	33C	34A	35B
36D	37A	38B	39A	40C
41B	42A	43C	44D	45C
46D	47C	48C	49C	50B

QUESTÕES DA FUNDEP

Ministério da Saúde exige notificação obrigatória

Estados e municípios devem, a partir desta quarta-feira, notificar os casos graves e as mortes suspeitas por dengue em até 24 horas ao Ministério da Saúde. É o que estabelece a portaria publicada no Diário Oficial da União, oficializando decisão anunciada pelo Ministro da Saúde na semana passada.

Os casos de dengue seguem o fluxo rotineiro de notificação semanal, porém óbito, casos graves, casos produzidos pelo sorotipo DEN-4 necessitam de melhor acompanhamento, o que justifica a sua inclusão entre as doenças de notificação imediata. Essa medida possibilitará a identificação precoce de introdução de novo sorotipo e de alterações no comportamento epidemiológico da dengue, com a adoção imediata das medidas necessárias por parte do Ministério da Saúde e das Secretarias Estaduais e Municipais de Saúde. Com a inclusão na portaria, será possível identificar, de maneira precoce, alterações na letalidade da dengue, o que permitirá uma melhor investigação epidemiológica e a adoção de mudanças na rede assistencial para evitar novas mortes.

Todas as unidades de saúde da rede pública ou privada devem informar casos graves e mortes suspeitas por dengue às Secretarias Estaduais e Municipais de Saúde, que repassam os dados ao Ministério da Saúde. A notificação imediata pode ser feita por telefone, e-mail ou diretamente ao "site" da Secretaria de Vigilância em Saúde do Ministério, de acordo com instrumentos e fluxos já amplamente utilizados no Sistema Único de Saúde. A regra vale, ainda, para casos ocorridos em fins de semana e feriados.

"A mudança na portaria permitirá um conhecimento melhor e mais rápido de como está se comportando a dengue, propiciando uma ação de prevenção e de controle mais oportuna", explica o Secretário de Vigilância em Saúde do Ministério, Jarbas Barbosa.

Além disso, também foi publicada a adequação da portaria à nova legislação brasileira, tornando as violências doméstica, sexual e/ou outras violências de notificação universal, por toda a rede de assistência à saúde, e não apenas por unidades sentinelas, como anteriormente.

A notificação compulsória pelos serviços de saúde de qualquer suspeita ou confirmação de violência contra crianças, adolescentes, mulheres e pessoas idosas já está prevista na legislação. Com isso, a maioria das Secretarias Estaduais e Municipais de Saúde já estava em processo de expansão para outras unidades de saúde além das sentinelas, incluindo para as Unidades de Saúde da Família e outros serviços de saúde.

Devido à ocorrência de casos importados de sarampo em 2010 e à ampla vacinação realizada contra rubéola em 2008, o Ministério também incluiu todo caso de sarampo e rubéola como de notificação imediata, independentemente de ter história de viagem ou vínculo com viajante internacional. Esta medida foi adotada para detectar casos suspeitos de

forma oportuna para adoção de medidas de controle em tempo hábil.

No ano de 2010, foi incorporada ao calendário básico de vacinação a vacina pneumocócica 10 valente. Diante disso, faz-se necessário o estabelecimento de medidas de monitoramento do comportamento das pneumonias no País, que passam a ser notificadas em unidades sentinelas que integram essa rede de vigilância específica. A nova portaria passa a ter 45 eventos de notificação obrigatória, com fluxos e periodicidades distintos, de acordo com a situação epidemiológica de cada um. Todos os casos notificados são registrados no Sistema de Informação de Agravos de Notificação, pelas Secretarias Estaduais e Municipais de Saúde. A nova lista de doenças de notificação compulsória e imediata está em consonância com o novo Regulamento Sanitário Internacional.

Em setembro de 2010, a lista de notificação compulsória incluíra cinco novos itens, entre os quais acidentes com animais peçonhentos, como cobras, escorpiões e aranhas; atendimento antirrábico após ataque de cães, gatos e morcegos; intoxicações por substâncias químicas, incluindo agrotóxicos e metais pesados; síndrome do corrimento uretral masculino e sífilis adquirida. A atual portaria (104/2011) mantém na lista de notificação imediata doenças como cólera, dengue pelo sorotipo DEN-4, doença de Chagas aguda, febre amarela, poliomielite, raiva humana, influenza por novo subtipo viral, entre outras. "A notificação dessas doenças possibilita que os gestores, sejam dos estados, municípios ou o próprio Ministério, monitorem e planejem ações de prevenção de controle, avaliem tendências e impacto das intervenções e indiquem riscos para a população", explica Jarbas Barbosa.

http://portal.saude.gov.br (texto adaptado)

1 Assinale a alternativa que contém uma afirmativa que pode ser confirmada pelo texto.

a) A portaria restringe-se a organizar os mecanismos de comunicação aos órgãos de saúde de doenças caracterizadas como de risco epidemiológico.
b) As atribuições prescritas na portaria circunscrevem todas as responsabilidades atribuídas aos órgãos de saúde das prefeituras municipais.
c) Quanto à notificação referente aos casos de violência, a portaria tão somente disciplina um comando já previsto em norma legal.
d) Várias doenças, listadas em outras oportunidades, foram mantidas na portaria de que trata o texto, enquanto outras eram excluídas.

2 A determinação do Ministério da Saúde tem como um de seus objetivos a possibilidade da adoção de medidas

a) coercitivas.
b) paliativas.
c) preventivas.
d) punitivas.

3 Assinale a alternativa em que o vocábulo sublinhado **NÃO** foi corretamente explicado entre parênteses.

a) "A notificação **compulsória** pelos serviços de saúde [...] já está prevista na legislação." (OBRIGATÓRIA, COMPELIDA)
b) "Além disso, também foi publicada a adequação da **portaria** à nova legislação brasileira [...]" (DOCUMENTO CONTENDO NORMAS DE EXECUÇÃO)
c) "Em setembro de 2010, a lista de notificação compulsória incluíra cinco novos itens, entre os quais acidentes com animais **peçonhentos** [...]" (VENENOSOS, MALÉFICOS)
d) "[...] será possível identificar, de maneira precoce, alterações na **letalidade** da dengue, o que permitirá uma melhor investigação epidemiológica [...]" (SERIEDADE, GRAVIDADE)

4 "Estados e municípios devem, a partir desta quarta-feira, notificar os casos graves e as mortes suspeitas por dengue em até 24 horas ao Ministério da Saúde."

Assinale a alternativa em que a nova redação, na voz passiva, preserva o sentido e ainda a forma e o tempo verbais.

a) A partir desta quarta-feira, o Ministério da Saúde será notificado, em até 24 horas, por estados e municípios de casos graves e de mortes suspeitas por dengue.
b) Estados e municípios deverão ser notificados, em até 24 horas, pelo Ministério da Saúde de casos graves e mortes suspeitas de dengue, a partir desta quarta-feira.
c) O Ministério da Saúde deve, a partir desta quarta-feira, notificar estados e municípios, em até 24 horas, dos casos graves e das mortes suspeitas de dengue.
d) Os casos graves e as mortes suspeitas por dengue devem ser notificados, em até 24 horas, ao Ministério da Saúde por estados e municípios, a partir desta quarta-feira.

5 "A mudança na portaria permitirá um conhecimento melhor e mais rápido de como está se comportando a dengue, propiciando uma ação de prevenção e de controle mais oportuna", explica o Secretário de Vigilância em Saúde do Ministério, Jarbas Barbosa.

O uso das aspas no trecho acima pretende

a) apresentar, de certa forma, uma sutil e leve ironia relativa àquele contexto.
b) destacar um trecho em função da relevância da advertência que é feita.
c) identificar o objetivo da portaria e seu significado para a prevenção da dengue.
d) registrar que se trata de citação textual da fala de alguém.

6 "Em setembro de 2010, a lista de notificação compulsória incluíra cinco novos itens, entre os quais acidentes com animais peçonhentos [...]"

Mantêm-se o sentido original, o tempo e o modo verbal se substituirmos a forma verbal sublinhada por

a) havia incluído.
b) inclui.
c) incluía.
d) teria incluído.

7 "Além disso, também foi publicada a adequação da portaria à nova legislação brasileira, tornando as violências doméstica, sexual e/ou outras violências de notificação universal, por toda a rede de assistência à saúde, e não apenas por unidades sentinelas, como anteriormente." (linhas 23 a 25)

Desconsideradas as alterações de sentido, mantém-se a obrigatoriedade do uso do acento indicativo de crase **em ambos os casos**, se as expressões sublinhadas forem substituídas, **RESPECTIVAMENTE**, por

a) a toda legislação brasileira; a saúde física e mental do cidadão.
b) as leis recentemente promulgadas; a preservação da saúde.
c) a um conjunto de normas recentemente aprovadas; a qualquer forma de vida.
d) a normas referentes à saúde; a todos os aspectos da saúde.

8 Desconsideradas as alterações de sentido, assinale a alternativa em que se preserva a correção quanto à concordância, de acordo com os preceitos da norma culta.

a) "Com a inclusão na portaria, será possível identificar, de maneira precoce, alterações na letalidade da dengue, o que permitirá uma melhor investigação epidemiológica e a adoção de mudanças na rede assistencial para evitar novas mortes." /Serão possíveis, com a inclusão da portaria, identificar de maneira precoce alterações na letalidade da dengue e isso permitirão melhores investigações epidemiológica e adoção de mudanças na rede assistencial para evitar novas mortes.
b) "Com isso, a maioria das Secretarias Estaduais e Municipais de Saúde já estava em

processo de expansão para outras unidades de saúde além das sentinelas [...]." /A maioria das Secretarias Estaduais e Municipais de Saúde já estavam, com isso, em processo de expansão para outras unidades de saúde além das sentinelas [...].

c) "Estados e municípios devem, a partir desta quarta-feira, notificar os casos graves e as mortes suspeitas por dengue em até 24 horas ao Ministério da Saúde."/ Deve, a partir desta quarta-feira, tanto estados quanto municípios notificarem em 24 horas ao Ministério Saúde os casos suspeitos de dengue.

d) "A mudança na portaria permitirá um conhecimento melhor e mais rápido de como está se comportando a dengue, propiciando uma ação de prevenção e de controle mais oportuna."/ A mudança nas portarias permitirão conhecimento melhor e mais rápido de como está se comportando a dengue, o que propiciam ações de prevenção e de controle mais oportunas.

9 "Diante disso, faz-se necessário o estabelecimento de medidas de monitoramento do comportamento das pneumonias no País, que passam a ser notificadas em unidades sentinelas que integram essa rede de vigilância específica."

O pronome sublinhado no trecho acima se refere ao termo

a) comportamento.
b) medidas.
c) País.
d) pneumonias.

10 "Em setembro de 2010, a lista de notificação compulsória incluíra cinco novos itens, entre os quais acidentes com animais peçonhentos, como cobras, escorpiões e aranhas [...]."
Desconsideradas eventuais alterações de sentido, assinale a alternativa em que a substituição do trecho sublinhado acarretaria **ERRO** gramatical

a) aos quais o Ministério tem estado especialmente atento.
b) com os quais a saúde pública precisa tomar cuidados especiais.
c) cujos os quais necessitam de monitoramento específico.
d) que a saúde pública deve acompanhar e controlar de perto.

Sobrecarga fiscal e visão de futuro

A preservação do atual regime fiscal, que há mais de 15 anos vem exigindo aumento sem fim da carga tributária, põe em risco a sustentação do dinamismo da economia brasileira. Se não for possível conter a expansão do gasto público dos três níveis de governo, o aprofundamento requerido da extração fiscal acabará por sufocar aos poucos o crescimento econômico do País. São conclusões que advêm da análise agregada dos dados. Essa perspectiva do problema, contudo, pode e deve ser complementada por visões mais específicas, micro economicamente, de como a sobrecarga fiscal, que hoje recai sobre a economia brasileira, conspira contra o futuro do Brasil.

Estima-se que a carga tributária bruta esteja hoje em torno de 35% do PIB. Mas isso é apenas uma média. Há segmentos da economia que arcam com taxação muito mais pesada. A carga fiscal que recai, por exemplo, sobre serviços de telecomunicação e certos produtos importados é muito maior. E deixa patente a deplorável visão de futuro que permanece entranhada no sistema tributário brasileiro.

No Rio de Janeiro, o ICMS onera os serviços de comunicação em quase 43%. Em São Paulo, em 33,3%. E ainda há de se ter em conta todos os outros tributos que incidem sobre o setor de telecomunicações e acabam repassados, em boa parte, às tarifas. Em 2005, a carga tributária do setor, estimada com base nas contas nacionais, correspondia a mais de 57% do valor dos serviços.

É curioso que, nesse quadro de absurda sobrecarga fiscal, o governo ainda esteja em busca da razão primordial pela qual a disseminação do acesso à internet em banda larga avançou tão pouco até agora. É lamentável que o País esteja entrando

na segunda década do século 21 com tributação tão escorchante de serviços de telecomunicação, tendo em vista sua crescente importância econômica e social.

Desde a Constituição de 1988, quando passaram a cobrar ICMS sobre tais serviços, os Estados vêm mantendo uma extração fiscal extremada no setor, tirando o melhor proveito possível das exíguas possibilidades de sonegação que lhe são inerentes. No tempo em que telefone era considerado "coisa de rico", ainda havia quem se dispusesse a arguir que essa taxação tão pesada estaria contribuindo para tornar a carga tributária menos regressiva. Mas já não há mais qualquer espaço para esse tipo de argumento.

O quadro mudou da água para o vinho desde a segunda metade dos anos 90. Na esteira da privatização, o acesso ao telefone vem sendo universalizado. Há hoje mais de 190 milhões de aparelhos celulares no País, 82% pré-pagos. É sobre o povão, portanto, que boa parte da sobrecarga fiscal vem recaindo, mesmo que ele não a perceba. Por outro lado, as comunicações passaram a abranger uma gama de serviços muito mais complexos que vão muito além da velha telefonia. O que se vê agora é o País taxando pesadamente seu futuro.

A mesma visão de futuro equivocada e arcaica que permanece entranhada na tributação das telecomunicações fica também evidenciada na taxação de certos produtos importados. Basta ver o que vem ocorrendo com dois produtos emblemáticos das novas tendências tecnológicas na área de informática. Os chamados "tablets", como o iPad, da Apple, e os leitores de livros digitais, como o Kindle, da Amazon.

Um levantamento recente constatou que, entre 20 países pesquisados, é no Brasil que o iPad é mais caro (O Globo, 9/1/2011). Após a incidência de seis tributos, o produto chega ao consumidor brasileiro 84% mais caro do que nos EUA. Já o Kindle, que nos EUA custa US$ 189, pode ser entregue no Brasil, se o cliente estiver disposto a arcar com um frete de US$ 20,98 e encargos fiscais que a própria Amazon estima em nada menos que US$ 199,73 o que perfaz um total de US$ 409,71 São níveis de tributação completamente injustificáveis, fora de qualquer padrão de razoabilidade, advindos de um furacão arrecadador que avança como autômato, alheio ao processo de modernização do País.

(Rogério L. F. Werneck, O ESTADO DE S. PAULO, 21/01/2011, texto adaptado)

11 Assinale a afirmativa que **NÃO** pode ser confirmada pelo texto.

a) A dificuldade de democratização da banda larga relaciona-se com os impostos elevados dos serviços de telecomunicação.
b) Contemporaneamente, os impostos sobre os serviços telefônicos constituem um instrumento para se exercitar, de certa forma, a justiça social.
c) Não é fácil sonegar impostos incidentes sobre os serviços de telefonia.
d) Os estados federados são responsáveis por pelo menos um dos exemplos em que a taxação é considerada abusiva.

12 O texto traz um tom de

a) análise e advertência.
b) denúncia e ironia.
c) destempero e ceticismo.
d) ufanismo e crítica.

13 Assinale a afirmativa que **NÃO** condiz com o texto.

a) A forma como se dão os mecanismos de tributação de certos produtos está na contramão do processo evolutivo da economia do País.
b) Apesar de exprimir um alerta geral, o artigo concentra suas ilustrações em segmentos específicos da economia brasileira.
c) O País tem apresentado um crescimento econômico pífio, por estar atado a uma política de tributação ineficiente, que retira o dinamismo e a força da economia.
d) Quando se comparam diferentes setores da

economia, conclui-se que não existe uniformidade quanto à carga tributária aplicada.

14 "É sobre o povão, portanto, que boa parte da sobrecarga fiscal vem recaindo [...]."
Assinale a alternativa em que a nova redação **NÃO** preserva o sentido básico do trecho acima.
a) Assim sendo, é sobre o povão que boa parte da sobrecarga fiscal vem recaindo [...].
b) É, não obstante, sobre o povão que boa parte da sobrecarga fiscal vem recaindo [...].
c) É sobre o povão, pois, que boa parte da sobrecarga vem recaindo [...].
d) Logo é sobre o povão que boa parte da sobrecarga vem recaindo [...].

15 Desconsiderando-se eventuais alterações de sentido, a nova redação que contém **ERRO** na conjugação verbal é
a) "[...] os Estados vêm mantendo uma extração fiscal extremada no setor, tirando o melhor proveito [...]"
[...] os Estados mantêm uma extração fiscal extremada no setor, tirando o melhor proveito [...]
b) "O que se vê agora é o País taxando pesadamente seu futuro."
Agora se veem cada vez mais taxas e impostos comprometendo o futuro do País.
c) "São conclusões que advêm da análise global dos dados."
É uma conclusão que advém da análise global dos dados.
d) "Se não for possível conter a expansão do gasto público dos três níveis de governo [...]"
Se não se conter a expansão do gasto público dos três níveis de governo [...]

16 "A preservação do atual regime fiscal, <u>que há mais de 15 anos vem exigindo aumento sem fim da carga tributária</u>, põe em risco a sustentação do dinamismo da economia brasileira."
Assinale a alternativa que **NÃO** pode substituir o trecho destacado, por implicar erro gramatical.
a) com que a sociedade vem lidando há tempos
b) contra o qual o empresariado sempre se manifesta
c) cuja a qual só aumenta a carga tributária
d) do qual tão mal se fala

17 "Em 2005, a carga tributária do setor, estimada com base nas contas nacionais, **correspondia a mais de 57% do valor dos serviços**."
A substituição da expressão destacada **NÃO** acarreta erro na utilização do sinal indicativo da crase na alternativa
a) à uma quantia significativa em relação ao valor dos serviços.
b) à metade, aproximadamente, do valor dos serviços.
c) à valor altamente elevado em relação ao tipo de serviço.
d) à taxas cobradas por esse serviço pelos países mais caros do mundo.

18 "Essa perspectiva do problema, contudo, pode e deve ser complementada por visões mais específicas, microeconomicamente, de como a sobrecarga fiscal, que hoje recai sobre a economia brasileira, conspira contra o futuro do Brasil."
Assinale a alternativa em que a forma verbal destacada está redigida na voz ativa, mantendo-se o sentido, a forma e os tempos verbais.
a) Complementariam, contudo, essa perspectiva do problema, visões mais específicas, microeconomicamente, do problema de como a sobrecarga fiscal, que tem recaído sobre a economia brasileira, tem conspirado contra o futuro do Brasil.
b) Contudo, podem e devem complementar essa perspectiva do problema visões mais específicas, microeconomicamente, de como a sobrecarga fiscal, que hoje recai sobre a economia brasileira, conspira contra o futuro do Brasil.
c) Poderão e deverão, contudo, complementar

essa perspectiva do problema visões mais específicas, economicamente, de como a sobrecarga fiscal, que hoje recairia sobre a economia brasileira, tem conspirado contra o futuro do Brasil.

d) Visões mais específicas, microeconomicamente, são complementadas, contudo, por visões dessa perspectiva do problema, no que se refere ao modo como a sobrecarga que hoje recai sobre a economia brasileira estará conspirando contra o futuro do Brasil.

19 Desconsideradas as alterações de sentido, assinale a alternativa em que a nova redação **NÃO** apresenta erro de concordância, de acordo com padrão formal culto.

a) "A carga fiscal que recai, por exemplo, sobre serviços de telecomunicação e certos produtos importados é muito maior."
Por exemplo, a carga fiscal que recaem sobre os serviços de telecomunicações e certos produtos importados são muito maiores.

b) "Desde a Constituição de 1988, quando passaram a cobrar ICMS sobre tais serviços, os Estados vêm mantendo uma extração fiscal extremada no setor, tirando o melhor proveito possível das exíguas possibilidades de sonegação que lhe são inerentes."
Desde a Constituição de 1988, quando cada Estado passou a cobrar ICMS sobre tais serviços, cada um deles vem mantendo uma extração fiscal extremada no setor, tirando melhor proveito possível da exígua possibilidade de sonegação que lhe é inerente.

c) "E ainda há de se ter em conta todos os outros tributos que incidem sobre o setor de telecomunicações e acabam repassados, em boa parte, às tarifas."
Hão de ser considerados também todos os outros tributos que, sobre o setor de telecomunicações, incide e acaba repassado, em boa parte, às tarifas.

d) "Em 2005, a carga tributária do setor, estimada com base nas contas nacionais, correspondia a mais de 57% do valor dos serviços."
A carga tributária do setor, em 2005, estimadas com base nas contas nacionais, correspondiam a mais de 57% do valor dos serviços.

20 Assinale a alternativa em que o termo transcrito entre parênteses **NÃO** se refere ao pronome destacado.

a) "Desde a Constituição de 1988, quando passaram a cobrar ICMS sobre <u>tais</u> serviços [...]" (DE TELECOMUNICAÇÃO)

b) "E deixa patente a deplorável visão de futuro <u>que</u> permanece entranhada no sistema tributário brasileiro." (VISÃO DE FUTURO)

c) "É sobre o povão, portanto, que boa parte da sobrecarga fiscal vem recaindo, mesmo que ele não <u>a</u> perceba." (SOBRECARGA FISCAL)

d) "[...] os Estados vêm mantendo uma extração fiscal extremada no setor, tirando o melhor proveito das exíguas possibilidades de sonegação que <u>lhe</u> são inerentes." (AOS ESTADOS)

ATENÇÃO: As questões de **21** a **35** relacionam-se com o texto abaixo. Leia atentamente todo o texto antes de responder a elas.

Um idoso na fila do Detran

"O senhor aqui é idoso", gritava a senhora para o guarda, no meio da confusão na porta do Detran da Avenida Presidente Vargas, apontando com o dedo o tal "senhor". Como ninguém protestasse, o policial abriu o caminho para que o velhinho enfim passasse à frente de todo mundo para buscar a sua carteira.

Olhei em volta e procurei com os olhos o velhinho, mas nada. De repente, percebi que o "idoso" que a dama solidária queria proteger do empurra-empurra não era outro senão eu.

Até hoje não me refiz do choque, eu que já tinha me acostumado a vários e traumáticos ritos de passagem para a maturidade: dos 40, quando em crise se entra pela primeira vez nos "enta"; dos 50,

quando, deprimido, se sente que jamais vai-se fazer outros 50 (a gente acha que pode chegar aos 80, mas aos 100?); e dos 60, quando um eufemismo diz que a gente entrou na "terceira idade". Nunca passou pela minha cabeça que houvesse uma outra passagem, um outro marco, aos 65 anos. E, muito menos, nunca achei que viesse a ser chamado, tão cedo, de "idoso", ainda mais numa fila do Detran.

Na hora, tive vontade de pedir à tal senhora que falasse mais baixo. Na verdade, tive vontade mesmo foi de lhe dizer: "idoso" é o senhor seu pai. O que mais me irritava era a ausência total de hesitação ou dúvida. Como é que ela tinha tanta certeza? Que ousadia! Quem lhe garantia que eu tinha 65 anos, se nem pediu pra ver minha identidade? E o guarda paspalhão, por que não criou um caso, exigindo prova e documentos? Será que era tão evidente assim? Como, além de idoso, eu era um recém-operado, acabei aceitando ser colocado pela porta adentro. Mas confesso que furei a fila sonhando com a massa gritando, revoltada: "esse coroa tá furando a fila! Ele não é idoso! Manda ele lá pro fim!" Mas, que nada, nem um pio.

O silêncio de aprovação aumentava o sentimento de que eu era ao mesmo tempo privilegiado e vítima do tempo. Me lembrei da manhã em que acordei fazendo 60 anos: "Isso é uma sacanagem comigo", me disse, "eu não mereço." Há poucos dias, ao revelar minha idade, uma jovem universitária reagira assim: "Mas ninguém lhe dá isso." Respondi que, em matéria de idade, o triste é que ninguém precisa dar para você ter. De qualquer maneira, era um gentil consolo da linda jovem. Ali na porta do Detran, nem isso, nenhuma alma caridosa me "dava" um pouco menos.

Subi e a mocinha da mesa de informações apontou para os balcões 15 e 16, onde havia um cartaz avisando: "Gestantes, deficientes físicos e pessoas idosas." Hesitei um pouco e ela, já impaciente, perguntou: "O senhor não tem mais de 65 anos? Não é idoso?"

— Não, sou gestante — tive vontade de responder, mas percebi que não carregava nenhum sinal aparente de que tinha amamentado ou estava prestes a amamentar alguém. Saí resmungando: "não tenho mais, tenho só 65 anos."

O ridículo, a partir de uma certa idade, é como você fica avaro em matéria de tempo: briga por causa de um mês, de um dia. "Você nasceu no dia 14, eu sou do dia 15", já ouvi essa discussão.

Enquanto espero ser chamado, vou tentando me lembrar de quem me faz companhia nesse triste transe. Aí, se não me falha a memória — e essa é a segunda coisa que mais falha nessa idade —, me lembro de que Fernando Henrique, Maluf e Chico Anysio estariam sentados ali comigo. Por associação de ideias, ou de idades, vou recordando também que só no jornalismo, entre companheiros de geração, há um respeitável time dos que não entram mais em fila do Detran, ou estão quase não entrando: Ziraldo, Gullar, Milton Coelho, Jânio de Freitas. (Lemos, Cony, Barreto, Armando e Figueiró já andam de graça em ônibus há um bom tempo). Sei que devo estar cometendo injustiça com um ou com outro — de ano, meses ou dias —, e eles vão ficar bravos. Mas não perdem por esperar: é questão de tempo.

Ah, sim, onde é que eu estava mesmo? "No Detran", diz uma voz. Ah, sim. "E o atendimento?" Ah, sim, está mais civilizado, há mais ordem e limpeza. Mas, mesmo sem entrar em fila, passa-se um dia para renovar a carteira. Pelo menos alguma coisa se renova nessa idade.

(Ventura, Z. *As cem melhores crônicas brasileiras*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007, p. 265 - Texto adaptado).

21 Assinale a alternativa que **NÃO** pode ser confirmada pelo texto.

a) O cronista não se sente efetivamente um idoso e nem acha que sua aparência revele a idade que tem.

b) O tom da crônica é de depressão, angústia e indignação pela falta de respeito e pelo descumprimento das leis que regem as relações com os mais idosos.

c) Os mais velhos contam a idade com precisão e não admitem que se atribua a eles mais idade do que a que efetivamente têm, fazendo questão de cada dia.
d) Uma das reações do cronista ao ser chamado pela funcionária do Detran é a expectativa de alguma indignação por parte de outras pessoas presentes.

22 "Aí, se não me falha a memória — e essa é a segunda coisa que mais falha nessa idade —, me lembro de que Fernando Henrique, Maluf e Chico Anysio estariam sentados ali comigo."
O trecho sublinhado sugere, com sutileza, eventuais dificuldades dos mais idosos com relação a questões de natureza
a) moral.
b) política.
c) sexual.
d) social.

23 "Até hoje não me refiz do choque, eu que já tinha me acostumado a vários e traumáticos ritos de passagem para a maturidade: dos 40, quando em crise se entra pela primeira vez nos 'enta'; dos 50, quando, deprimido, se sente que jamais vai-se fazer outros 50 (a gente acha que pode chegar aos 80, mas aos 100?); e dos 60, quando um eufemismo diz que a gente entrou na 'terceira idade'."

O sentido do trecho sublinhado se relaciona com
a) a utilização de uma palavra com o significado de outra em função de uma relação de semelhança.
b) um exagero intencional com a finalidade de tornar mais expressiva a ideia.
c) uma inversão dos sentidos por se afirmar o contrário do que se pensa.
d) uma suavização de palavras ou expressões que são, de alguma forma, desagradáveis.

24 "Isso é uma sacanagem comigo", me disse, "eu não mereço."

O responsável pela ação do verbo sublinhado é
a) a jovem universitária.
b) a senhora do Detran.
c) o próprio cronista, em primeira pessoa.
d) um indivíduo não determinado.

25 "Como ninguém protestasse, o policial abriu o caminho para que o velhinho enfim passasse à frente de todo mundo para buscar a sua carteira."

Assinale a alternativa em que a nova redação alteraria substancialmente o sentido do trecho destacado.
a) Conquanto ninguém tivesse protestado
b) Já que ninguém protestou
c) Porquanto ninguém protestasse
d) Uma vez que ninguém protestou

26 "Na hora, tive vontade de pedir à tal senhora que falasse mais baixo."

No que se refere à utilização do acento grave indicativo de crase, a alternativa que substitui **CORRETAMENTE** a expressão sublinhada é
a) à alguma daquelas senhoras.
b) àquela senhora.
c) à essa senhora.
d) à uma determinada senhora.

27 Assinale a alternativa em que a nova redação provoca alteração de sentido, mas **NÃO** contém erro na pontuação.
a) "De repente, percebi que o "idoso" que a dama solidária queria proteger do empurra-empurra não era outro senão eu."
De repente percebi que o idoso, que a dama solidária queria proteger do empurra-empurra, não era outro senão eu.
b) "Hesitei um pouco e ela, já impaciente, perguntou: 'O senhor não tem mais de 65

anos?' Hesitei um pouco, e ela já impaciente, perguntou, 'O senhor não tem mais de 65 anos.'

c) "— Não, sou gestante — tive vontade de responder, mas percebi que não carregava nenhum sinal aparente de que tinha amamentado ou estava prestes a amamentar alguém."
Tive vontade de responder "não sou gestante"; percebi, porém, que não carregava nenhum sinal aparente, de que tinha amamentado, ou estava prestes a amamentar alguém.

d) "Nunca passou pela minha cabeça que houvesse uma outra passagem, um outro marco, aos 65 anos."
Nunca passou, pela minha cabeça que houvesse, uma outra passagem – um outro marco – aos 65 anos.

28 "O silêncio de aprovação aumentava o sentimento de que eu era ao mesmo tempo privilegiado e vítima do tempo."
Assinale a alternativa em que a redação na voz passiva preserva o sentido, bem como o tempo e o modo da forma verbal sublinhada.

a) O silêncio de aprovação era aumentado pelo sentimento de que eu era ao mesmo tempo privilegiado e vítima do tempo.

b) O silêncio de aprovação foi aumentado pelo sentimento de que eu era ao mesmo tempo privilegiado e vítima do tempo.

c) O sentimento de que eu era ao mesmo tempo privilegiado e vítima do tempo era aumentado pelo silêncio de aprovação.

d) O sentimento de que eu era, ao mesmo tempo, privilegiado e vítima do tempo foi aumentado pelo silêncio de aprovação.

29 Assinale a alternativa em que a expressão entre colchetes se refere ao pronome sublinhado.

a) "Mas ninguém lhe dá isso."
[A JOVEM UNIVERSITÁRIA]

b) "Na verdade, tive vontade mesmo foi de lhe dizer: 'idoso' é o senhor seu pai."
[A TAL SENHORA]

c) "[...] o policial abriu o caminho para que o velhinho enfim passasse à frente de todo mundo para buscar a sua carteira."
[DO POLICIAL]

d) "Quem lhe garantia que eu tinha 65 anos [...]"
[O GUARDA PASPALHÃO]

30 "Subi e a mocinha da mesa de informações apontou para os balcões 15 e 16, onde havia um cartaz avisando: "'Gestantes, deficientes físicos e pessoas idosas'."
O vocábulo sublinhado pode ser **CORRETAMENTE** substituído pelo pronome

a) aonde.

b) de que.

c) em cujos.

d) nos quais.

31 Assinale a alternativa em que a nova redação **NÃO** apresenta erro de concordância.

a) "Ali na porta do Detran, nem isso, nenhuma alma caridosa me 'dava' um pouco menos."
Ali na porta do Detran, nem isso, nenhuma daquelas almas caridosas me 'davam' um pouco menos.

b) "[...] me lembro de que Fernando Henrique, Maluf e Chico Anysio estariam sentados ali comigo.'
[...] me lembro de que estaria sentado ali comigo Fernando Henrique, Maluf e Chico Anysio.

c) "Nunca passou pela minha cabeça que houvesse uma outra passagem, um outro marco, aos 65 anos."
Nunca passou pela minha cabeça que ocorresse outras passagens e outros marcos, aos 65 anos.

d) "O que mais me irritava era a ausência total de hesitação ou dúvida."
A ausência total de hesitação ou dúvidas me irritavam.

32 "De repente, percebi que o "idoso" que a dama solidária queria proteger do empurra-empurra não era outro senão eu."
Assinale a alternativa que contém uma oração que **NÃO** poderia substituir o trecho destacado por acarretar erro gramatical.
a) a que a dama solidária fazia referência
b) com o qual a dama solidária tanto se preocupava
c) de que a dama solidária falava
d) pelo qual a dama solidária observava tão atentamente

33 "E o guarda paspalhão, por que não criou um caso, exigindo prova e documentos?"
Assinale a alternativa em que a nova redação apresenta **ERRO** de ortografia.
a) Gostaria de saber porque o guarda paspalhão não criou um caso, exigindo prova e documentos.
b) O guarda paspalhão não criou um caso, exigindo prova e documentos, por quê?
c) Por que motivo o guarda paspalhão não criou um caso, exigindo prova e documentos.
d) Quero saber o porquê de o guarda paspalhão não ter criado um caso, exigindo prova e documentos.

34 "Há poucos dias, ao revelar minha idade, uma jovem universitária reagira assim [...]"
Assinale a alternativa em que se preservam o sentido, o tempo e o modo da forma verbal sublinhada.
a) havia reagido
b) reagiu
c) terá reagido
d) teria reagido

35 Assinale a alternativa em que **NÃO** aparece uma estrutura ou expressão característica da linguagem coloquial.
a) "[...] esse coroa tá furando a fila! Ele não é idoso! Manda ele lá pro fim!" (linha 21)
b) "Me lembrei da manhã em que acordei fazendo 60 anos: 'Isso é uma sacanagem comigo', me disse, 'eu não mereço'."
c) " - Não, sou gestante - tive vontade de responder, mas percebi que não carregava nenhum sinal aparente de que tinha amamentado ou estava prestes a amamentar alguém."
d) "[...], se sente que jamais vai-se fazer outros 50 (a gente acha que pode chegar aos 80, mas aos 100?)"

ATENÇÃO: As questões de **36** a **50** relacionam-se com os textos abaixo. Leia-os com atenção antes de responder a elas.

Não foi há tanto tempo assim. Cheguei à praia com minhas filhas e encontrei um aglomerado de cidadãos. Eles montavam guarda num pequeno trecho da areia, caras alarmadas, pior: pungidas. Não fui eu quem viu o grupo: foi o grupo que me viu e dois de seus membros vieram em minha direção, delicadamente me afastaram das meninas e comunicaram: - "Tire depressa suas filhas daqui!". As palavras foram duras mas o tom era ameno, cúmplice. Quis saber por quê. Em voz baixa, conspiratória, um dos cidadãos me comunicou que ali na arrebentação, boiando como uma anêmona, alga desprendida das profundezas oceânicas, havia uma camisinha - que na época atendia pelo poético nome de "camisa de Vênus".

O grupo de cidadãos - num tempo em que direitos e deveres da cidadania ainda esperavam pela epifania de Betinho - ali estava desde cedo, alertando pais incautos, como se a camisinha fosse uma pastilha de material nuclear, uma cápsula de césio com pérfidas e letais emanações.

Não me lembro da reação que tive, é possível que tenha levado as meninas para outro canto, mas tenho certeza de que nem alarmado fiquei. Hoje, a camisinha aparece na televisão, é banal e inocente como um par de patins, um aparelho de barba.

Domingo último, levando minhas setters à única praia em que são permitidos animais domésticos, encontrei um grupo de cidadãos em volta de uma coisa. Não, não era aquele monstro marinho

que Fellini colocou no final de um de seus filmes. Tampouco era uma camisinha - que as praias estão cheias delas, mais numerosas que as conchas e os tatuís de antigamente. O motivo daquela expressão de cidadania era uma seringa que as águas despejaram na areia. Objeto na certa infectado, trazendo na ponta de sua agulha o vírus da Aids que algum viciado ali deixara, para contaminar inocentes e culpados. Daqui a dois, cinco anos, espero que a Aids não mais preocupe a humanidade. Mas os cidadãos continuarão alarmados, descobrindo novas misérias na efêmera eternidade das espumas.

(Carlos Heitor Cony. Folha de São Paulo, p 1-2, 09011994)

36 Assinale a alternativa que apresenta o título mais apropriado para o texto.
a) A camisinha: passado, presente e futuro.
b) A importância das descobertas da humanidade.
c) O caráter efêmero das preocupações humanas.
d) O vírus da Aids: um perigo para a humanidade.

37 Todas as alternativas apresentam afirmações que podem ser confirmadas pelo texto, **EXCETO**
a) A humanidade encontra razão para alarme em todas as épocas.
b) As preocupações da humanidade mudam, mas existem sempre.
c) As preocupações do presente são mais sérias do que as do passado.
d) Os cidadãos de hoje estão preocupados com o vírus da Aids e suas consequências.

38 Todas as alternativas contêm afirmações corretas sobre o texto, **EXCETO**
a) O autor usa dois fatos, para fazer reflexões sobre o ser humano.
b) O cronista tece considerações sobre o futuro da humanidade.
c) O narrador sugere que o sexo vai continuar sendo um tabu entre os homens.
d) O texto contrapõe passado e presente, mostrando, no entanto, a semelhança entre essas épocas.

39 Todas as alternativas contêm afirmações corretas sobre a construção do texto, **EXCETO**
a) O autor usa a exemplificação, para evidenciar diferentes posturas em relação ao conceito de cidadania.
b) O autor usa o diálogo, para dar vivacidade à cena narrada.
c) O autor utiliza elementos temporais, para caracterizar diferentes momentos da transformação da sociedade.
d) O autor utiliza uma linguagem concisa, para garantir objetividade nas suas avaliações.

40 Em todas as alternativas, o significado das palavras destacadas está corretamente identificado, **EXCETO** em
a) ... como se a camisinha fosse (...) uma cápsula de césio com pérfidas e letais <u>emanações</u>. (emanações = contaminações)
b) ... como se a camisinha fosse (...) uma cápsula de césio com pérfidas e <u>letais</u> emanações. (letais = mortais)
c) Eles montavam guarda num pequeno trecho da areia, caras alarmadas, pior: <u>pungidas</u>. (pungidas = atormentadas)
d) O grupo de cidadãos (...) ali estava desde cedo, alertando pais <u>incautos</u>... (incautos = desavisados)

41 "O motivo daquela expressão de cidadania era uma seringa que as águas despejaram na areia". Na passagem acima, o autor se mostra
a) alarmado.
b) deprimido.
c) indignado.
d) irônico.

42 "Tampouco era uma camisinha - que as praias estão cheias delas, mais numerosas que as conchas e os tatuís de antigamente."
A alternativa que apresenta a interpretação correta da palavra destacada é
a) Tampouco era uma camisinha - cujas praias estão cheias delas ...
b) Tampouco era uma camisinha - logo as praias estão cheias delas...
c) Tampouco era uma camisinha - no entanto as praias estão cheias delas ...
d) Tampouco era uma camisinha - uma vez que as praias estão cheias delas ...

43 Em todas as alternativas, a mudança de ordem das palavras não altera o significado básico das passagens, **EXCETO** em
a) Daqui a dois, cinco anos, espero que a Aids não mais preocupe a humanidade.
Daqui a dois, cinco anos, espero que a Aids não preocupe mais a humanidade.
b) Em voz baixa, conspiratória, um dos cidadãos me comunicou que ali (...) havia uma camisinha.
Um dos cidadãos, em voz baixa, conspiratória, me comunicou que ali (...) havia uma camisinha.
c) Hoje, a camisinha aparece na televisão, é banal e inocente como um par de patins, um aparelho de barba.
A camisinha, hoje, aparece na televisão, é banal e inocente como um par de patins, um aparelho de barba.
d) Objeto na certa infectado, trazendo na ponta de sua agulha o vírus da Aids, que algum viciado ali deixara...
Objeto na certa infectado, trazendo na ponta de sua agulha o vírus da Aids, que viciado algum ali deixara...

44 Em todas as alternativas, está presente a relação de ideias identificada entre parênteses, **EXCETO** em
a) As palavras foram duras mas o tom era ameno, cúmplice. (oposição)
b) Levando minhas setters à (...) praia (...), encontrei um grupo de cidadãos em volta de uma coisa. (temporalidade)
c) Não fui eu quem viu o grupo: foi o grupo que me viu. (comparação)
d) Objeto na certa infectado, trazendo na ponta de sua agulha o vírus da Aids que algum viciado ali deixara para contaminar inocentes e culpados. (finalidade)

45 Em todas as alternativas, a palavra destacada está corretamente interpretada, **EXCETO** em
a) Em voz baixa, conspiratória, um dos cidadãos me comunicou que ali na arrebentação (...) havia uma camisinha.
(que = um dos cidadãos)
b) Não me lembro da reação que tive, é possível que tenha levado as meninas para outro canto...
(que = a reação)
c) Não, não era aquele monstro marinho que Fellini colocou no final de um de seus filmes.
(que = aquele monstro marinho)
d) O motivo daquela expressão de cidadania era uma seringa que as águas despejaram na areia.
(que = uma seringa)

A cara do médico não é boa, mas a cara dos médicos, do outro lado da mesa, é sempre enigmática, faz parte da consulta, da profissão e dos honorários: o jeito é o paciente ficar paciente e aguardar os exames. Mas até os exames há os hieróglifos que ele procura decifrar. Há nomes com raízes gregas e desinências latinas, ele não entende nada, sabe apenas que um pedaço de sua carne será retirado e irá para as provetas, os reagentes, o diabo. Por falar no diabo, passa pela igreja e tem vontade de entrar, acender velas, pedir qualquer coisa. Mas pedir o quê, exatamente? Mesmo assim entra na igreja. Está escura, vazia, somente uma velha, lá na frente, deve estar pedindo também alguma coisa. Pelo jeito, ela deve saber o que está pedindo - o que não é o caso dele.

E vem de volta a cara do médico: "Se tudo correr bem, podemos salvar a vista. Sejamos otimistas, o senhor ficará bom!" Ali na igreja a frase é uma espécie de oração às avessas. O que significa "ficar bom"? Significa ser como antes, e ele nunca fora bom. Olhar as coisas, o mar, as crianças, a noite, a velha lá na frente.

Sim, o senhor ficará bom, mas pode haver raízes gregas e declinações latinas e tudo ficará complicado. Não importa, agora. Está numa igreja onde se adora um Deus em que ele não acredita. Mas precisa acreditar, ao menos no laboratório. Novamente na rua, confere o endereço, entra em números errados, toma elevadores equivocados, desce em andares estranhos. Até que vê a porta de vidro com o nome gravado em azul: "análises clínicas". É ali. A enfermeira começa a preparar as pinças, as placas de vidro. Em breve, uma gota de seu sangue será uma pitanga muito vermelha pousada numa delas. A solução - não a salvação de todos os enigmas. Brevemente, o mundo acabará para seus olhos. E as mulheres, as crianças, o mar, os livros que gostaria de ler - tudo será a mancha tão escura e estranha como a velha que rezava na igreja.

Pela janela, vê o ônibus fazendo a curva na praça. Tem um pensamento idiota: será essa a última imagem que ficará em seus olhos? De que adiantou ter visto a fachada de Santa Maria dei Fiori, as mulheres que amou? De que adiantou...? O pagamento é adiantado. Seu nome no cheque o surpreende: não é mais ele.

(Carlos Heitor Cony. Folha de São Paulo, p. 1-2, 28.01.1994)

46 Todas as alternativas apresentam passagens que mostram a perturbação em que se encontra o protagonista, **EXCETO**

a) Em breve, uma gota de seu sangue será uma pitanga muito vermelha pousada numa delas.

b) ... entra em números errados, toma elevadores equivocados, desce em andares estranhos.

c) Pelo jeito, ela deve saber o que está pedindo: o que não é o caso dele.

d) ... tem vontade de entrar, acender velas, pedir qualquer coisa. Mas pedir o quê, exatamente?

47 Em todas as passagens, o autor joga com o duplo sentido de palavras, **EXCETO** em

a) A cara do médico não é boa, mas a cara dos médicos, do outro lado da mesa, é sempre enigmática...

b) De que adiantou ter visto a fachada de Santa Maria dei Fiori (...)? De que adiantou...? O pagamento é adiantado.

c) O jeito é o paciente ficar paciente e aguardar os exames.

d) Sejamos otimistas, o senhor ficará bom. (...) O que significa "ficar bom"? Significa ser como antes e ele nunca fora bom.

48 Em todas as alternativas, está presente a relação de ideias identificada entre parênteses, **EXCETO** em

a) ... faz parte da consulta, da profissão e dos honorários: o jeito é o paciente ficar paciente... (conclusão)

b) Pelo jeito, ela deve saber o que está pedindo - o que não é o caso dele. (oposição)

c) Se tudo correr bem, podemos salvar a vista. (condição)

d) ... tudo será a mancha tão escura e estranha como a velha que rezava na igreja. (consequência)

49 Em todas as alternativas, o emprego das expressões ou termos destacados está corretamente identificado, **EXCETO** em

a) ... ele não entende nada, sabe **apenas** que um pedaço de sua carne será retirado... (limitação)

b) Está escura, vazia, somente uma velha, **lá** na frente, deve estar pedindo também alguma coisa. (localização)

c) Mas **até** os exames há os hieróglifos que ele

procura decifrar. (inclusão)

d) Mas pedir o quê, exatamente? **Mesmo assim** entra na igreja. (concessão)

50 Em todas as alternativas, a palavra destacada explicita a relação entre as ideias, mantendo o significado básico das passagens do texto, **EXCETO** em

a) ... a cara dos médicos, do outro lado da mesa, é sempre enigmática, portanto faz parte da consulta, da profissão e dos honorários...

b) ... a cara dos médicos (...) é sempre enigmática, faz parte da consulta, da profissão e dos honorários: o jeito é, então, o paciente ficar paciente...

c) O que significa "ficar bom"? Significa ser como antes, (...) mas ele nunca fora bom.

d) Seu nome no cheque o surpreende, entretanto não é mais ele.

GABARITO

1C	2C	3D	4D	5D
6A	7B	8B	9D	10C
11B	12A	13C	14B	15D
16C	17B	18B	19B	20D
21B	22C	23D	24C	25A
26B	27A	28C	29B	30D
31B	32D	33A	34A	35C
36C	37C	38C	39D	40D
41D	42D	43D	44C	45A
46A	47A	48D	49C	50D

QUESTÕES DO CESPE

Medir a desigualdade de uma troca desigual e avaliar até que ponto ela é determinante na forma como afeta as condições de vida e as trajetórias das pessoas ou dos grupos envolvidos não é tarefa fácil, sobretudo porque as relações de poder não ocorrem isoladas, mas em cadeias, em sequências ou em constelações. Em determinada situação de exercício de poder, pode dar-se uma convergência entre elos da cadeia de desigualdade tão diversos como raça, sexo, classe, idade, nacionalidade, recursos educativos etc., e, embora a situação seja quase sempre organizada e enquadrada discursivamente pelo elo mais próximo ou por aquele que funciona no modo de alta tensão, o elo mais próximo pode não ser necessariamente o mais desigual ou o mais determinante no conjunto de desigualdades que constituem as trajetórias de vida e as oportunidades de uma dada pessoa ou de um grupo social. Pela mesma razão, aquilo que interacionalmente surge em determinação externa de uma dada relação de poder é quase sempre uma manifestação da mesma constelação de poder em um de seus elos anteriores e mais remotos. É por isso que as pessoas frequentemente aceitam como sendo troca igual aquilo que, de fato, é uma troca desigual. É evidente que a máscara de igualdade que o poder assume é uma ilusão, mas, por ser necessária como ilusão, tem o seu "quê" de verdade.

(Boaventura de Souza Santos. A crítica da razão indolente. São Paulo: Cortez, 2007, p. 267 - com adaptações)

ATENÇÃO: Julgue os itens de **1** a **6**, a respeito da organização das estruturas linguísticas no desenvolvimento do texto acima.

1 O uso do singular em "não é tarefa fácil" (L.4-5) ressalta a ideia de que aquilo que poderia ser considerado duas tarefas isoladas, "Medir" (L.1) e "avaliar" (L.2), caso se optasse pelo uso da flexão de plural, não são tarefas fáceis, constitui, na verdade, uma integração de tarefas ou uma tarefa em duas partes.

2 A preposição em "pelo elo" (L.14) é exigida pelo termo "organizada" (L.13); e a preposição

em "por aquele" (L.15) é exigida por "enquadrada" (L.13); o que mostra o paralelismo que se estabelece entre as ideias de organizar e "Medir" (L.1), por um lado, e enquadrar e "avaliar" (L.2), por outro.

3 Pela organização dos argumentos e das estruturas sintáticas, subentende-se, no desenvolvimento das ideias do texto, que a inserção do termo **do que outros** depois de "desigual" (L.17) ou de "determinante" (L.18) preservaria a coerência e a correção gramatical do texto.

4 No contexto da argumentação desenvolvida, a palavra "trajetórias" (L.19) admite, sem prejuízo para a correção gramatical nem para a coerência textual, ser substituída pela palavra **escolhas**.

5 O trecho "as trajetórias de vida e as oportunidades de uma dada pessoa ou de um grupo social" (L.19-21) admite ser considerado complemento da forma verbal "constituem" (L.19).

6 O conector "por isso" (L.26) explicita uma relação lógica entre duas ideias do texto: as pessoas aceitarem como igual uma relação de desigualdade (efeito) e a máscara da igualdade ser uma ilusão (causa).

1 Em geral, o chamado 'multiculturalismo'
2 apoia-se em um vago e benevolente apelo à
3 tolerância e ao respeito para com a diversi-
4 dade e a diferença (...) Parece difícil que uma
5 perspectiva que se limita a proclamar a exis-
6 tência da diversidade possa servir de base para
7 uma pedagogia que coloque no seu centro a
8 crítica política da identidade e da diferença.
9 Na perspectiva da diversidade, a diferença e
10 a identidade tendem a ser neutralizadas, cris-
11 talizadas, essencializadas. São tomadas como
12 dados ou fatos da vida social diante dos quais
13 se deve tomar posição. Em geral a posição so-
14 cialmente aceita e recomendada é de respeito
15 e tolerância para com a diversidade e a dife-
16 rença. Mas será que as questões da identidade
17 e da diferença se esgotam nessa posição libe-
18 ral?"

(Tomaz Tadeu da Silva. Identidade e diferença. Petrópolis, RJ. Vozes, 2000. P. 73 - com adaptação)

ATENÇÃO: A partir da organização do texto acima, julgue os itens de **7** a **11**.

7 O desenvolvimento das ideias no texto faz subentender uma relação explicativa entre o segundo e o terceiro períodos sintáticos, situados entre as linhas 4 e 12; por isso, ligá-los pela conjunção **porque**, fazendo-se os necessários ajustes na pontuação e nas letras maiúsculas, preservaria a correção e a coerência textual.

8 No desenvolvimento das ideias do texto, o uso da forma verbal de indicativo "limita" (L.5) representa uma opção pela ideia de declaração, em contraste com a ideia de hipótese, que seria corretamente expressa pelo uso do modo subjuntivo: limite.

9 Para manter o respeito ao padrão culto da língua portuguesa e preservar a correção gramatical do texto e a coerência entre os argumentos, deve-se evitar o neologismo "essencializadas" (L.11), substituindo-o por essenciais.

10 O uso da voz passiva nas duas orações do mesmo período, "São tomadas" (L.11) e "se deve tomar posição" (L.13), deixa subentender, como agente das duas ações, o "multiculturalismo" (L.1).

11 Por finalizar a argumentação do parágrafo, a pergunta retórica, que não exige resposta, pois serve apenas de orientação para a organização e aceitação dos argumentos, admite a substitui-

ção do ponto de interrogação que a encerra, na linha 18, pelo sinal de ponto, sem prejudicar a correção nem a coerência da argumentação.

1 Os indivíduos, evidentemente, não exis-
2 tem à margem da sociedade. O próprio Ro-
3 binson Crusoé, antes de sobreviver isolado
4 na sua ilha, precisou formar-se no convívio
5 organizado com outras pessoas: teve de se
6 socializar, aprendendo uma série de coisas
7 imprescindíveis à sua capacidade de subsis-
8 tir, sozinho. O indivíduo, então, como dizia
9 Marx, é o ser social; ele é tão intrinsecamen-
10 te social que somente ao longo de sua his-
11 tória em sociedade é que o homem, depois
12 de muitos séculos, chegou a se individuali-
13 zar (já que, nas comunidades mais primiti-
14 vas, os indivíduos não contavam e existiam
15 exclusivamente em função da coletividade a
16 que pertenciam). Essa compreensão que os
17 indivíduos estão adquirindo cada vez mais
18 concretamente do seu valor intrínseco não
19 enfraquece o reconhecimento da necessida-
20 de de se associarem, mas cria importantes
21 exigências, novas, quanto ao caráter das as-
22 sociações.

Leandro Konder. O que é dialética. São Paulo: Brasiliense, 1982, p. 79-80 (com adaptações).

ATENÇÃO: No que se refere ao uso das estruturas linguísticas na organização das ideias no texto acima, julgue os itens de **12** a **17**.

12 O sinal indicativo de crase em "à margem" (L.2) indica que o sentido com que está empregado o verbo **existir** exige a preposição **a** na sua complementação.

13 A relação entre a citação de que o "indivíduo, (...), é o ser social" (L.8-9) e as ideias do texto mostram que, de forma resumida, a argumentação trata da relação entre homem e sociedade, destacando os processos de individualização e de socialização ao longo da história.

14 O fato de que "os indivíduos não contavam" (L.14) nas sociedades primitivas configura a razão pela qual a humanidade vivia em função da coletividade.

15 Preservam-se a coerência e a correção gramatical do período ao se trocar de lugar os termos nas linhas de 16 a 17, iniciando-se o período sintático: Os indivíduos estão adquirindo essa compreensão cada vez mais concretamente do seu valor intrínseco (...).

16 O desenvolvimento dos argumentos permite a inserção da preposição **de** antes do trecho "que os indivíduos estão adquirindo" (L.16), sem se prejudicar a coerência nem a correção gramatical do texto.

17 O uso de duas vírgulas demarcando o adjetivo "novas" (L.21), gramaticalmente opcional, sugere ênfase à qualidade da ideia expressa em **importantes exigências**.

1 Os primeiros anos do século XIX assis-
2 tiram à consumação de um processo inicia-
3 do dois séculos antes, de reestruturação das
4 instituições políticas a partir do conceito,
5 cada vez mais central, de cidadania. Nesse
6 processo, toda a concepção de mundo que
7 legitimava a velha ordem, fundada na subor-
8 dinação dos indivíduos e seus interesses ao
9 conjunto da sociedade, na desigualdade e na
10 hierarquia, foi sendo substituída pela visão
11 individualista, pela ideia fundamental de os
12 indivíduos serem livres e iguais em direitos.
13 Concomitantemente, a ideia de a ordem
14 social ser dada, preexistindo aos seus inte-
15 grantes, destituídos de poder sobre seus fun-
16 damentos, foi sendo substituída pela imagem
17 do contrato social. A sociedade surge por

18 decisão consciente dos contratantes, inte-
19 ressados em escapar dos inconvenientes do
20 isolamento.

(Roberto Freire, Vilma Figueiredo e Caetano E. P. de Araújo. Contemporâneos do futuro. Brasília: EdUnB, 1997, p. 50 - com adaptações).

ATENÇÃO: A partir da organização das do texto acima, itens de **18** a **25**.

18 Representa uma reescrita gramaticalmente correta do primeiro período sintático do texto o seguinte: No início do século XIX, as pessoas participaram do processo de reestruturação das instituições políticas, que tinha como foco a noção de cidadania

19 Para que o texto utilize linguagem mais clara e adequada ao tipo argumentativo, deve ser explicitado o sujeito da estrutura sintático-semântica da primeira oração, inserindo, por exemplo, **as pessoas** antes de "assistiram" (L.1).

20 Na linha 7, a inserção da preposição **de** antes de "seus interesses" preservaria a correção gramatical e a coerência do texto, além de ressaltar que se trata de elemento coordenado com "dos indivíduos" e não com "subordinação".

21 No desenvolvimento da argumentação, a ideia de "velha ordem" (L.7) opõe-se a "visão individualista" (L.10-11).

22 A retirada do gerúndio em "foi sendo" (L.10) preservaria a correção gramatical do texto, mas deixaria de ressaltar a ideia de processo gradativo da ação e enfraqueceria a relação entre os argumentos.

23 Na linha 11, não se usa a contração da preposição "de" com o artigo, formando dos, porque o termo "os indivíduos" tem a função de sujeito sintático.

24 Preservam-se a correção gramatical e a coerência textual, na linha 12, ao se usar o infinitivo não flexionado em lugar de "serem", já que a estrutura sintática deixa clara a referência a "indivíduos".

25 O uso do termo "Concomitantemente" (L.13) ressalta a ideia de que a "imagem do contrato social" (L.16-17) deve ser considerada equivalente a "visão individualista" (L.10-11), no que se refere ao valor semântico e argumentativo das duas expressões no texto.

1 Os grandes centros urbanos sempre foram
2 considerados os maiores vilões das relações
3 interpessoais. Mas agora há uma corrente de
4 pensadores que sustenta o oposto. Liderados
5 pelo psicólogo norte-americano John Cacio-
6 ppo, um grupo de acadêmicos tem defendi-
7 do que metrópoles do porte de Nova Iorque,
8 Tóquio e São Paulo não contribuem para o
9 distanciamento de seus moradores. Pelo con-
10 trário, estimulam a vida em sociedade graças à
11 sua efervescência. Segundo Cacioppo, assim
12 como a fome, a solidão é um tipo de alarme,
13 que soa sempre que a coesão do grupo se tor-
14 na necessária. "Nossos ancestrais reuniam-se
15 para se defender de ataques de predadores",
16 diz o pesquisador. "Hoje, nos estressamos
17 por razões diferentes e precisamos dos ou-
18 tros por motivos distintos, como para orga-
19 nizar nossa rotina, para prosperar ou mesmo
20 sobreviver". Viver só não significa estar con-
21 denado à solidão. O saudável é equilibrar os
22 momentos de isolamento e reclusão com os
23 de interação com a família e amigos. Assim,
24 é possível ser feliz sozinho.

Istoé. 28/10/2009 (com adaptações).

ATENÇÃO: Julgue os itens de **26** a **31**, a respeito da organização das estruturas linguísticas do texto acima.

26 A argumentação desenvolvida no texto mostra, resumidamente, como os grandes centros urbanos, antes considerados "vilões das relações interpessoais" (L.2-3), contribuem para minimizar a sensação de solidão nas grandes metrópoles.

27 Seriam mantidas a correção gramatical e a coerência textual se, em lugar da flexão de plural em "Liderados" (L.4), fosse usada a flexão de singular.

28 Por meio do conectivo "assim como" (L.11), o texto estabelece uma comparação entre a vida efervescente em sociedade e os estados de fome e solidão.

29 O desenvolvimento das ideias do texto permite que se considere o termo "sua efervescência" (L.11) de maneira generalizada; nesse caso, a ausência do sinal indicativo de crase em "à" (L.10) preservaria a coerência e a correção gramatical do texto.

30 Apesar de seu caráter predominantemente argumentativo, o texto apresenta trechos descritivos na reprodução das falas de Cacioppo, nas linhas 14-15 e 16-20.

31 Na linha 20, o deslocamento de "só" para depois de "significa" preservaria a correção gramatical do texto e a coerência entre as ideias, apesar de deslocar a ênfase para "estar condenado" (L.20).

1 A luta pela recuperação do ser huma-
2 no como sujeito pressupõe uma diferença
3 entre os conceitos de "ser humano" e "su-
4 jeito". Se não estabelecemos claramente
5 essa diferença, podemos cair no equívoco
6 de criticar a situação vigente com base na
7 ideia de que sistemas de dominação objeti-
8 vam o ser humano. Essa crítica pressupõe
9 a possibilidade de uma relação não objeti-
10 vante no interior de um sistema ou de uma
11 instituição. Ora, sistemas ou instituições
12 funcionam porque as pessoas que fazem
13 parte deles cumprem papéis sociais que são
14 esperados delas. Em outras palavras, não é
15 possível que instituições funcionem sem ne-
16 nhum processo de objetivação de seres hu-
17 manos, ou sem que a própria dinâmica do
18 sistema ou da instituição determine ou deli-
19 mite os papéis a serem vividos pelas pessoas
20 que fazem parte delas. O problema não con-
21 siste em determinação ou objetivação inevi-
22 táveis em todo o sistema, mas sim na redu-
23 ção do ser humano a determinados papéis.
24 Redução que nega outras potencialidades do
25 ser humano.

Jung Mo Sung. Para além do sistema. In: Educação e Psicologia. Editora Segmento, vol. 1, p. 56 (com adaptações).

ATENÇÃO: Julgue os itens de **32** a **38**, a respeito da organização das estruturas linguísticas do texto acima.

32 A conjunção "Se" (L.3) introduz uma condição — estabelecer claramente essa diferença — que evita uma crítica equivocada em torno de qual seja o objeto de trabalho dos sistemas de dominação.

33 Preservam-se a correção gramatical e a coerência entre as relações semânticas do texto ao se usar, em lugar do verbo "objetivam" (L.7), uma expressão que dê ênfase à oração: têm por objetivo.

34 Preservam-se as relações de sentido entre as ideias do texto com o uso da expressão **Ademais** em lugar de "Em outras palavras" (L.14).

35 O uso do modo verbal em "funcionem" (L.15) ressalta a ideia de possibilidade ou probabilidade, em oposição à de existência ou constatação, que seria corretamente expressa no texto pelo modo indicativo: instituições funcionam.

36 Preservam-se a coerência textual, a clareza de ideias e a correção gramatical ao se substituir o termo "delas" (L.20) por **deles**, uma vez que seu antecedente também pode ser "seres humanos" (L.14).

37 O uso da preposição **em**, nos termos "em determinação" (L.21) e "na redução" (L.22), é exigido pela acepção com que o verbo consistir está empregado no texto.

38 Preservam-se a correção gramatical e a coerência entre os argumentos, além de tornarem-se explícitas as relações de coesão entre os termos do texto, ao se inserir, na linha 24, o pronome **esta** depois de "Redução".

1 As relações sociais institucionalizadas
2 pela participação do homem nas diversas
3 comunidades da contemporaneidade não
4 degradam ou deformam a consciência in-
5 dividual, porém interagem e pressionam o
6 nível e o caráter da sua socialização, o que
7 conserva, para sua sobrevivência, o potencial
8 individual do eu dentro dos fatos, deveres,
9 direitos, níveis de conhecimento e da ética,
10 sempre em correspondência com as caracte-
11 rísticas das sociedades, em um processo de
12 interação estabelecido pelas condições con-
13 cretas de tempo, espaço, desenvolvimento
14 sociocultural e posturas políticas dos envol-
15 vidos nele.

(Juan F. S. Mederos. Essência, possibilidades e projeções da comunicação política na sociedade. In: Polifonia. Mato Grosso: FAPEMAT, n.o 11, 2005-2006, p. 92 - com adaptações).

ATENÇÃO: Julgue os itens de **39** a **43**, a respeito da organização do texto acima.

39 A argumentação desenvolvida no texto centra-se na ideia de que a identidade individual do homem encontra-se em constante interação com as identidades coletivas no seio da sociedade.

40. Depreende-se, a partir das ideias desenvolvidas no texto, que as "relações sociais institucionalizadas" (L.1) contribuem para a manutenção do *status* da individualidade, uma vez que são vitais para o indivíduo.

41 A preposição por, usada em "pela participação do homem" (L.1-2), tem a função de introduzir um agente para a institucionalização das "relações sociais" (L.1).

42 Por fazer parte de uma estrutura sintática negativa, a conjunção "ou", em "não degradam ou deformam" (L.3-4), equivale semanticamente a **nem**.

43 Nas relações de coesão textual, o vocábulo "nele" (L.15) retoma, como antecedente, "desenvolvimento" (L.13).

1 A relação que acontece entre valores e
2 avaliações necessita de um procedimento ge-
3 nealógico (avaliar um valor no próprio sur-
4 gimento) para que saibamos o que são tais
5 construções. O pressuposto válido é um só,
6 porque a vida não está centrada em nenhum
7 lugar além dos fenômenos entendidos como
8 aquilo que é aparente, ou melhor: como
9 aquilo que aparece. Portanto, um projeto
10 ético desponta de tudo isso e pretende fun-
11 dar-se em uma cosmologia que diz o seguin-
12 te: não há outra vida fora desta e, se existe
13 uma vida eterna, a mesma é a própria vida
14 terrena. Aquilo que seria "vir-a-ser" é trans-
15 formado imediatamente em "ser": o ser que
16 se é, que não indica outra coisa fora a vida
17 como vontade de poder (relações de forças).
18 Por esse olhar temos o ser no devir.

Filosofia contemporânea e a existência humana. In: Ciência e Vida, n.o 8, edição especial, ano II, p. 36 (com adaptações).

ATENÇÃO: Com base no texto acima, julgue os itens de **44** a **49**.

44 A argumentação do texto centra-se na ideia de que um projeto ético válido deve ter dois focos: a relação entre os "valores e avaliações" (L.1) e a pressuposição de que a vida está centrada em fenômenos pertencentes ao aqui e ao agora.

45 Os parênteses utilizados nas linhas 2 e 3 têm a função de inserir uma informação que explicita como "um procedimento genealógico" (L.2) deve ser compreendido; por isso, a sua substituição por dois travessões preservaria a correção e a coerência do texto.

46 Subentende-se, no desenvolvimento das ideias do texto, que a expressão "tais construções" (L.4-5) retoma dois antecedentes: "valores" e "avaliações", ambos na linha 1

47 Preserva-se o respeito à correção gramatical e à coerência entre os argumentos ao se utilizar o sinal de dois-pontos em lugar da vírgula depois de "só" (L.5).

48 No desenvolvimento do texto, os valores semânticos e argumentativos de "além" (L.7) e "fora" (L.16) estão tão estreitamente relacionados que a troca de posição entre as duas palavras preservaria tanto a coerência quanto a correção gramatical do texto, desde que "a vida" (L.15) fosse substituída por **da vida**.

49 A expressão "ou melhor" (L.8), seguida de dois-pontos, estabelece uma relação de significados entre "aquilo que é aparente" (L.8) e "aquilo que aparece" (L.9) que, no desenvolvimento da argumentação, torna as duas estruturas intercambiáveis.

50 Na organização das ideias de uma redação oficial, o redator deve fazer uso de marcar idiossincráticas para se expressar ao longo da produção.

GABARITO

1C	2E	3E	4C	5C
6E	7C	8C	9E	10E
11E	12E	13C	14E	15E
16E	17C	18C	19E	20.C
21C	22C	23C	24E	25E
26C	27C	28E	29C	30.E
31E	32C	33E	34E	35E
36E	37C	38C	39C	40.C
41C	42C	43E	44C	45C
46C	47E	48C	49C	50.E

QUESTÕES DO CETRO

ATENÇÃO: Leia o fragmento do texto "O perigo mora ao lado", publicado na revista *Rolling Stone*, número 16, de janeiro de 2008, para responder às questões de **1** a **4**

As minas terrestres são um flagelo no mundo todo. Em 2006 foram reportados acidentes em 68 países – e sete áreas não reconhecidas como nações independentes – em todos os continentes.

É impossível saber quais são os países com maiores campos minados, já que os exércitos e grupos armados não mantêm registros confiáveis. Angola, por sua extensão territorial e décadas de luta pela independência e guerra civil, certamente está entre os primeiros, junto ao Camboja e ao Afeganistão.

Os três países receberam em 2006 um total de US$ 165,3 milhões, destinados ao suporte para atividades antiminas – somente no Afeganistão, sete ONGs nacionais e diversas entidades internacionais

como *Halo Trust, Danish Demining Group* (DDG) e *Monitoring, Evaluation and Training Agency* (META) atuam na desminagem. Desde 1991, apenas dois anos depois de os mujahedins expulsarem os últimos soldados soviéticos, já foram doados mais de US$ 500 milhões para atividades antiminas no país, que possui uma das mais antigas missões da ONU com esse objetivo. Já o Camboja recebeu metade desses recursos nos últimos 16 anos, sendo que uma mina não é plantada no país desde meados dos anos 70.

Na América Latina, por outro lado, apenas três países apareceram na lista preparada pelo Landmine Monitor com os trinta maiores recebedores de recursos para ações antiminas em 2006: Nicarágua, com US$ 5,72 milhões; Colômbia, com US$ 4,33 milhões; e Chile, com US$ 2,33 milhões.

Com tão poucos recursos, um tenso conflito interno sem solução à vista e a informação de que uma mina não detonada fica ativa no solo por até 60 anos, sendo que os grupos armados que atuam na Colômbia usam esses artefatos explosivos mais intensamente há 17 anos, seria fácil prever há alguns anos que o país tomaria rapidamente a ponta do ranking mundial em vítimas de minas, com a possibilidade bastante real de ocupar esse posto por décadas.

01 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que, no primeiro parágrafo do texto, no

a) primeiro período, a palavra "flagelo" significa "problema".
b) segundo período, é proibido isolar a expressão "Em 2006" por vírgulas.
c) segundo período, os travessões isolam um aposto.
d) segundo período, os travessões podem ser trocados por vírgulas.
e) segundo período, a forma verbal "foram reportados" pode ser trocada por "reportou-se".

02 Assinale a alternativa em que a reescritura do trecho "É impossível saber quais são os países com maiores campos minados, já que os exércitos e grupos armados não mantêm registros confiáveis" preserva o sentido original do texto e está de acordo com a norma culta.

a) Exércitos e grupos armados não mantêm registros confiáveis, porque é impossível saber quais são os países com maiores campos minados.
b) Não se sabe quais são os países com maiores campos minados, ainda que os exércitos e grupos armados não mantenham registros confiáveis.
c) É impossível saber quais são os países com maiores campos minados, já que registros confiáveis não são mantidos pelos exércitos e grupos armados.
d) É impossível saber quais são os países com maiores campos minados, posto que os exércitos e grupos armados não mantenham registros confiáveis.
e) Exércitos e grupos armados não mantêm registros confiáveis, porquanto é impossível saber quais são os países com maiores campos minados.

03 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) no trecho "**somente** no Afeganistão, sete ONGs nacionais e diversas entidades internacionais (...) atuam na desminagem", do terceiro parágrafo, o termo destacado, por ser advérbio, pode ser deslocado para antes ou depois da vírgula, sem que ocorra prejuízo semântico.
b) o trecho "apenas dois anos depois de os mujahedins expulsarem os últimos soldados soviéticos", do terceiro parágrafo, pode, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico, ser reescrito da seguinte maneira: "apenas dois anos depois dos mujahedins expulsarem os últimos soldados soviéticos".

c) nos trechos "já foram doados mais de US$ 500 milhões para atividades antiminas no país" e "Já o Camboja recebeu metade desses recursos", ambos do terceiro parágrafo, as duas ocorrências da palavra sublinhada têm o mesmo valor semântico.

d) no trecho "já foram doados mais de US$ 500 milhões para atividades antiminas no país, que possui uma das mais antigas missões da ONU com esse objetivo", do terceiro parágrafo, a supressão da vírgula não comprometeria o sentido do texto.

e) no trecho "sendo que uma mina não é plantada no país desde meados dos anos 70", do último período do terceiro parágrafo, a expressão sublinhada não tem nenhum valor circunstancial e pode comprometer a compreensão do fragmento do texto.

04 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que, no trecho

a) "Na América Latina, **por outro lado**, apenas três países apareceram na lista", do quarto parágrafo, por meio da expressão destacada, enfatiza-se a diferença entre a situação vivida, no que diz respeito ao suporte para atividades antiminas, por Angola, Camboja e Afeganistão, de um lado, e Nicarágua, Colômbia e Chile, de outro.

b) "**Nicarágua**, com US$ 5,72 milhões; **Colômbia**, com US$ 4,33 milhões; e **Chile**, com US$ 2,33 milhões", do quarto parágrafo, os termos destacados são núcleos do sujeito cujo verbo está implícito.

c) "um tenso conflito interno sem solução à vista e a informação **de** que uma mina não detonada fica ativa no solo por até 60 anos", do último parágrafo, a palavra destacada deve ser suprimida.

d) "**sendo que** os grupos armados que atuam na Colômbia usam esses artefatos explosivos mais intensamente há 17 anos", do último parágrafo, a expressão destacada, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico, pode ser substituída por "porque".

e) "o país tomaria rapidamente a ponta do ranking mundial em vítimas de minas, com a possibilidade bastante real de **ocupar** esse posto por décadas", do último parágrafo, a forma verbal destacada poderia ter sido flexionada na terceira pessoa do plural – "ocuparem" –, concordando com o termo "vítimas de minas", sem que ocorresse prejuízo semântico ou erro gramatical.

ATENÇÃO: Leia o texto "Falta o mais óbvio", publicado no jornal *Folha de São Paulo*, de 09 de fevereiro de 2008, para responder às questões de **5** a **10**.

A exemplo do que ocorreu com o tratamento da Aids, o Brasil aparece como destaque positivo no mais recente relatório da Organização Mundial da Saúde (OMS) sobre o controle do fumo.

Das seis medidas preconizadas pela entidade para conter a epidemia – políticas de prevenção, leis que criem áreas livres de fumo, alertas sobre os males do cigarro, restrições à publicidade, disponibilidade de tratamentos de cessação do tabagismo e elevação dos impostos sobre produtos fumígenos –, o país cumpre quatro. Não é pouco. Nenhuma nação em desenvolvimento conseguiu ainda combinar todas as seis e, no plano mundial, apenas 5% da população estão protegidos por elas.

Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório por seu modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo e por oferecer na rede pública de saúde terapias de interrupção do tabagismo. Diante de tantos esforços – alguns dos quais custosos política e financeiramente – é incrível que o país ainda relute em adotar a mais óbvia das medidas, que é a elevação dos tributos incidentes sobre o cigarro, compensada por alívio fiscal em outros setores. Segundo a OMS, em países em desenvolvimento, um aumento de 10% nas taxas resulta em redução de 8% no consumo.

A alegação do governo para desdenhar da medida é que um aumento de impostos estimularia o

contrabando. O vínculo entre carga fiscal e tendência à fraude é inegável, mas isso não justifica o imobilismo. A Espanha, que também tinha um problema grave de contrabando, conseguiu reduzi-lo ao mesmo tempo em que elevou as taxas.

É o caso de aumentar a taxa e combater o contrabando pela via convencional, que é a polícia. O país só tem a ganhar se menos jovens se tornarem tabagistas.

05 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) o trecho "A exemplo do que ocorreu com o tratamento da Aids", do primeiro parágrafo, o termo sublinhado, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico, pode ser substituído por "Há exemplos do que ocorreu com o tratamento da Aids".

b) segundo as afirmações feitas no primeiro parágrafo, o Brasil merece destaque positivo no mais recente relatório da Organização Mundial da Saúde devido ao sucesso obtido pelo país no tratamento da Aids.

c) no trecho "Das seis medidas preconizadas pela entidade para conter a epidemia", do primeiro período do segundo parágrafo, o termo destacado pode ser substituído, sem que ocorra prejuízo semântico, por "criadas".

d) no trecho "Das seis medidas preconizadas pela entidade para conter a epidemia", do primeiro período do segundo parágrafo, o termo destacado pode ser substituído, sem que ocorra prejuízo semântico, por "afim de".

e) no trecho "elevação dos impostos sobre produtos fumígenos –, o país cumpre quatro", do primeiro período do segundo parágrafo, o travessão, seguido corretamente de uma vírgula, foi utilizado para isolar aposto.

06 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) no trecho "elevação dos impostos sobre produtos fumígenos –, o país cumpre quatro", do primeiro período do segundo parágrafo, a expressão sublinhada pode ser substituída, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico, por "produtos para fumantes".

b) no trecho "Nenhuma nação em desenvolvimento conseguiu ainda combinar todas as seis e, no plano mundial, apenas 5% da população estão protegidos por elas", do terceiro período do segundo parágrafo, é correto incluir uma vírgula antes da conjunção "e".

c) o trecho "apenas 5% da população estão protegidos por elas", do terceiro período do segundo parágrafo, deve obrigatoriamente ser reescrito da seguinte maneira, para evitar erro gramatical: "apenas 5% da população está protegido por elas".

d) o trecho "o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório por seu modelo de maços", do terceiro parágrafo, pode ser reescrito da seguinte maneira, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico: "o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório devido à seu modelo de maços".

e) os vocábulos "relatório", "moléstias", "pública" e "saúde", todos extraídos do terceiro parágrafo do texto, foram acentuados pelo mesmo motivo: todos eles são proparoxítonos reais ou proparoxítonos eventuais.

07 Na famosa obra *Comunicação em prosa moderna*, Othon M. Garcia afirma que "quaisquer elementos da frase – sejam orações sejam termos dela –, coordenados entre si devam, em princípio pelo menos, apresentar estrutura gramatical idêntica, pois não se podem coordenar frases que não comportem constituintes do mesmo tipo".

Assinale a alternativa em que a reescritura do terceiro parágrafo respeita a recomendação do

famoso estudioso.

a) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório não só por seu modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo, mas também por oferecer na rede pública de saúde terapias de interrupção do tabagismo.
b) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório não só por ter um modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo, mas também pelo oferecimento, na rede pública de saúde, de terapias de interrupção do tabagismo.
c) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório por seu modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo e pelo oferecimento, na rede pública de saúde, de terapias de interrupção do tabagismo.
d) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório por ter um modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo e pelo oferecimento na rede pública de saúde terapias de interrupção do tabagismo.
e) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório não apenas por seu modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo como também por oferecer na rede pública de saúde terapias de interrupção do tabagismo.

08 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) o trecho "Diante de tantos esforços – alguns dos quais custosos política e financeiramente", do quarto parágrafo, pode ser reescrito da seguinte maneira, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico: "Diante de tantos esforços – alguns dos quais, a custosa política, e financeiramente".
b) o trecho "é incrível que o país ainda relute em adotar a mais óbvia das medidas, que é a elevação dos tributos incidentes sobre o cigarro", do quarto parágrafo, pode ser reescrito da seguinte maneira, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico: "é incrível que o país ainda relute em adotar a mais óbvia das medidas: a elevação dos tributos incidentes sobre o cigarro".
c) o trecho "A alegação do governo para <u>desdenhar</u> da medida é...", do quinto parágrafo, deve ser obrigatoriamente reescrito da seguinte maneira, para evitar erro gramatical: "A alegação do governo para desdenhar a medida é...".
d) nos trechos "A alegação do governo para desdenhar da medida é <u>que</u>" e "A Espanha, <u>que</u> também tinha um problema grave de contrabando", ambos do quinto parágrafo, as duas ocorrências da palavra sublinhada cumprem a mesma função sintática e pertencem à mesma classe gramatical.
e) o trecho "O vínculo entre carga fiscal e tendência à fraude é inegável, mas isso não justifica o imobilismo", do quinto parágrafo, pode ser reescrito da seguinte maneira, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico: "Embora o vínculo entre carga fiscal e tendência à fraude seja inegável, o que não justifica o imobilismo".

09 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que, no trecho

a) "A Espanha, que também tinha um problema grave de contrabando, conseguiu reduzi-lo ao mesmo tempo em que elevou as taxas", do quinto parágrafo, as vírgulas, meramente enfáticas, podem ser suprimidas, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico.
b) "A alegação do governo para desdenhar <u>da medida</u> é que", do quinto parágrafo, o termo destacado refere-se ao termo "redução de 8% no consumo", do final do parágrafo anterior.
c) "um aumento de impostos <u>estimularia</u> o

contrabando", do quinto parágrafo, a forma verbal destacada está flexionada no futuro do pretérito do indicativo para expressar uma hipótese que, segundo o autor do texto, é verdadeira, o que se confirma com o trecho "O vínculo entre carga fiscal e tendência à fraude é inegável".

d) "O vínculo entre carga fiscal e tendência à fraude é inegável, mas isso não justifica o imobilismo", do quinto parágrafo, o pronome destacado refere-se apenas ao termo "tendência à fraude".

e) "isso não justifica o imobilismo. A Espanha, que também tinha um problema grave de contrabando, conseguiu reduzi-lo", do quinto parágrafo, o pronome destacado refere-se ao antecedente "imobilismo".

10 Levando em consideração as afirmações do texto, é **CORRETO** afirmar que

a) para o autor, o fato de o Brasil cumprir quatro das seis medidas preconizadas pela OMS para conter o tabagismo não é suficiente para que o país receba as menções elogiosas que foram feitas pela entidade de saúde.

b) a utilização dos termos "epidemia", "tratamentos", "moléstias" e "terapias", no segundo e no terceiro parágrafos, não permite a inferência de que, na perspectiva adotada pelo autor, o problema do tabagismo está diretamente associado à saúde.

c) segundo o autor, a elevação de 10% nos tributos incidentes sobre o cigarro é uma medida custosa em termos políticos e financeiros, mas resulta em redução de 8% no consumo desse produto.

d) segundo o autor, o fato de o aumento dos tributos incidentes sobre o cigarro estimular o contrabando é condição suficiente para que se adotem outras medidas preconizadas pela Organização Mundial da Saúde para conter a epidemia do tabagismo.

e) a proposta do autor para aprimorar o combate ao fumo no Brasil é a elevação dos impostos sobre produtos fumígenos associada ao combate ao contrabando pela via convencional.

ATENÇÃO: Leia o texto abaixo, um fragmento do livro *Verdade Tropical*, de Caetano Veloso, para responder às questões **11** e **12**.

Glauber Rocha, o jovem diretor baiano, tinha se tornado, a essa altura, um verdadeiro líder cultural. Depois de rodar *Barravento*, quando ainda morava na Bahia, ele impressionou diretores e críticos europeus com *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, filme cheio de uma selvagem beleza que nos excitou a todos com a possibilidade de um grande cinema nacional. Não se tratava de uma conquista de padrão de qualidade: essa tinha sido a meta da Vera Cruz, produtora criada pelo empresário paulista Franco Zampari, que construiu um estúdio bem estruturado onde se produziram, até metade dos anos 50, filmes de bom acabamento. Para dirigir o empreendimento, Zampari convidou Alberto Cavalcanti, o cineasta brasileiro que atuara com sucesso na Inglaterra e na França e voltava ao Brasil atendendo a esse convite da elite brasileira para instituir uma indústria cinematográfica de alto nível entre nós. Era uma tentativa de superar o estágio primitivo do cinema comercial brasileiro, representado pelas comédias carnavalescas cariocas conhecidas como "chanchadas", uma fórmula inaugurada com sucesso nos anos 30. O movimento do Cinema Novo, na primeira metade dos anos 60, opôs-se tanto ao academicismo das produções respeitáveis da Vera Cruz quanto ao primarismo das chanchadas. A vitória de prestígio do movimento sobre essas duas tendências não foi atingida sem dificuldade, e não se pode dizer que a desatenção – quase hostilidade – a produções como *O cangaceiro* (Vera Cruz) ou *O homem do Sputnik* (chanchada) não pareçam hoje francamente injustas.

11 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) no trecho "essa tinha sido a meta da Vera Cruz, produtora criada pelo empresário paulista Franco Zampari, que construiu um estúdio", os três termos destacados exercem a função sintática de sujeito.

b) no trecho "Franco Zampari, que construiu um estúdio bem estruturado onde se produziram, até metade dos anos 50, filmes de bom acabamento", o termo destacado pode ser trocado por "aonde".

c) o trecho "um estúdio bem estruturado onde se produziram, até metade dos anos 50, filmes de bom acabamento", o termo destacado não pode ser flexionado no singular.

d) as expressões "estúdio bem estruturado", "indústria cinematográfica de alto nível", "academismo" e "produções respeitáveis" referem-se, no texto, ao empreendimento de Franco Zampari, a produtora Vera Cruz, cujo trabalho serviu de referência para o alto padrão de qualidade alcançado e almejado por Glauber Rocha.

e) as expressões "estágio primitivo do cinema comercial brasileiro", "comédias carnavalescas cariocas", "prestígio do movimento" e "primarismo" referem-se, no texto, às chanchadas, fórmula cinematográfica de sucesso nos anos 30, cujo trabalho serviu de referência para o alto padrão de qualidade alcançado por Glauber Rocha.

Atenção: Leia o texto abaixo, o fragmento inicial do texto "Vida rumo canção e semiótica", do livro *Todos entoam*, de Luiz Tatit, para responder às questões de **13** a **16**.

Dois presentes de avô, um rádio de pilha aos dez anos e um violão aos doze, lançaram-me no mundo da canção e livraram-me em parte do tédio e dos temores da infância. Até então imaginava que a vida dividia-se em escola, que mais tarde desembocaria numa profissão, e futebol, que bem logo, segundo os adultos, cederia lugar a coisas mais importantes. Nada mais. O rádio foi para mim um contato direto com o sublime. Ouvia as canções e os cantores como se fossem personagens de uma história de fascínio em que todos disputavam o papel de sedutor-mor.

As paradas de sucessos, com suas indefectíveis classificações, confirmavam-me plenamente essa impressão. Nutria uma admiração imensa pelos intérpretes que arrebatavam os primeiros postos e até hoje não sei se venciam porque cantavam minhas canções preferidas ou se eu que acabava preferindo as canções vitoriosas. De todo modo, estava ali, dentro do rádio, um mistério que por essa época me bastava conservar. O desejo de decifrar viria bem depois.

12 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que, no trecho

a) inicial "Dois presentes de avô, um rádio de pilha aos dez anos e um violão aos doze, lançaram-me no mundo da canção e livraram-me em parte do tédio e dos temores da infância", é proibido isolar o termo destacado por vírgulas.

b) inicial "Dois presentes de avô, um rádio de pilha aos dez anos e um violão aos doze, lançaram-me no mundo da canção e livraram-me em parte do tédio e dos temores da infância", as duas ocorrências destacadas do pronome pessoal exercem a função sintática de objeto indireto.

c) "lançaram-me no mundo da canção e livraram-me em parte do tédio e dos temores da infância", as duas primeiras ocorrências destacadas da preposição "de" – contraídas, respectivamente, com os artigos "o" e "os" – são frutos da regência nominal de "parte"; a última, contraída com o artigo "a", é fruto da regência de "temores".

d) "Até então imaginava que a vida dividia-se em escola", do segundo período do texto, a forma verbal está flexionada na terceira pessoa do singular do pretérito imperfeito do indicativo, porque seu sujeito é oculto.

e) "Até então imaginava que a vida dividia-se em escola, que mais tarde desembocaria

numa profissão, e futebol, que bem logo, segundo os adultos, cederia lugar a coisas mais importantes", a supressão das três primeiras ocorrências da vírgula é proibida, para que se preserve o sentido proposto pelo autor do texto.

13 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) a oração "O rádio foi para mim um contato direto com o sublime" expressa o rompimento com "o tédio e os temores da infância", descritos no segundo período do texto.
b) no trecho "personagens de uma história de fascínio em que todos disputavam o papel de sedutor-mor", é recomendada a supressão da preposição destacada.
c) no trecho "personagens de uma história de fascínio em que todos disputavam o papel de sedutor-mor", é recomendada a troca da expressão destacada pelo pronome relativo "onde".
d) no trecho "As paradas de sucessos, com suas indefectíveis classificações, confirmavam-me plenamente essa impressão", a palavra destacada significa "incríveis".
e) no trecho "As paradas de sucessos, com suasindefectíveis classificações, confirmavam-me plenamente essa impressão", o termo destacado é objeto direto.

14 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que, no trecho

a) "Nutria uma admiração imensa pelos intérpretes que arrebatavam os primeiros postos", a forma verbal destacada está na terceira pessoa do singular para concordar com o antecedente "essa impressão".
b) "intérpretes que arrebatavam os primeiros postos e até hoje não sei se venciam porque cantavam minhas canções preferidas ou se eu que acabava preferindo as canções vitoriosas", os termos destacados são conjunções subordinativas condicionais.
c) "não sei se venciam porque cantavam minhas canções preferidas ou se eu que acabava preferindo as canções vitoriosas", o termo destacado pode ser suprimido, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico.
d) "Nutria uma admiração imensa pelos intérpretes que arrebatavam os primeiros postos e até hoje não sei se venciam", a conjunção destacada pode ser trocada, dispensando outras alterações, por "embora", sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico.
e) "até hoje não sei se venciam porque cantavam minhas canções preferidas ou se eu que acabava preferindo as canções vitoriosas", o fragmento destacado pode ser trocado, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico, por "conquanto cantassem".

15 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) para o autor do texto, as canções e os cantores eram autores de uma história de fascínio cujas personagens disputavam as paradas de sucessos, o que se confirmava definitivamente por meio das classificações das músicas.
b) as paradas de sucessos confirmavam ao autor do texto a impressão de que as canções e os cantores eram personagens de uma história de fascínio em que todos disputavam o papel de sedutor-mor.
c) segundo as afirmações do texto, as canções interpretadas pelos vencedores das paradas de sucessos eram as grandes premiadas exatamente porque eram as preferidas do autor do texto, o que permite a inferência de que já desde pequeno ele apresentava aptidão para a carreira de músico.
d) segundo as afirmações do texto, as canções prediletas do autor do texto eram as grandes premiadas exatamente porque ele acabava

sempre gostando mais das primeiras colocadas, o que permite a inferência de que as tendências apresentadas pela mídia influenciam no gosto dos ouvintes.

e) segundo o texto, a fuga ao tédio e aos temores da infância, características marcantes do autor do texto, sobretudo depois que ele ganhou o rádio do avô, determinou sua busca pela decifração das canções.

ATENÇÃO: Leia o pequeno conto abaixo, de Carlos Drummond de Andrade, extraído do livro *Contos Plausíveis*, para responder às questões de **17** a **20**.

Casos de baleias

A baleia telegrafou ao Superintendente da Pesca, queixando-se de que estava sendo caçada demais, e a continuar assim sua espécie desapareceria com prejuízo geral do meio ambiente e dos usuários.

O Superintendente, em ofício, respondeu à baleia que não podia fazer nada senão recomendar que de duas baleias uma fosse poupada, e esta ganhasse número de registro para identificar-se.

Em face dessa resolução, todas as baleias providenciaram registro, e o obtiveram pela maneira como se obtêm essas coisas, à margem dos regulamentos. O mar ficou coalhado de números, que rabeavam alegremente, e o esguicho dos cetáceos, formando verdadeiros festivais no alto oceano, dava ideia de imenso jardim explodindo em repuxos, dourados de sol, ou prateados de lua.

Um inspetor da Superintendência, intrigado com o fato de que ninguém mais conseguia caçar baleia, pôs-se a examinar os livros e verificou que havia infinidade de números repetidos. Cancelou-se o registro, e os funcionários responsáveis pela fraude, jogados ao mar, foram devorados pelas baleias, que passaram a ser caçadas indiscriminadamente. A recomendação internacional para suspender a caça por tempo indeterminado só alcançará duas baleias vivas, escondidas e fantasiadas de rochedo no litoral do Espírito Santo.

16 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) no trecho "A baleia telegrafou ao Superintendente da Pesca", do primeiro parágrafo, o verbo destacado é transitivo direto e indireto.

b) no trecho "queixando-se de que estava sendo caçada demais", do primeiro parágrafo, o verbo destacado é pronominal, mas o uso do pronome oblíquo não é obrigatório.

c) no trecho "queixando-se de que estava sendo caçada demais", do primeiro parágrafo, o uso da locução verbal destacada é inadequado.

d) a oração "a continuar assim", do primeiro parágrafo, expressa a circunstância de condição e poderia estar isolada entre vírgulas.

e) no trecho "O Superintendente, em ofício, respondeu à baleia que não podia fazer nada", do segundo parágrafo, os dois termos destacados não são frutos da regência do mesmo verbo.

17 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que o trecho "respondeu à baleia que não podia fazer nada senão recomendar que de duas baleias uma fosse poupada" pode ser reescrito da seguinte maneira, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico:

a) respondeu a baleia que não podia fazer nada, se não recomendasse que de duas baleias uma fosse poupada.

b) respondeu à baleia que não podia fazer nada a não ser recomendar que de duas baleias uma fosse poupada.

c) respondeu à baleia que não podia fazer nada se não recomendar que de duas baleias uma fosse poupada.

d) respondeu a baleia que não podia fazer nada, mas que recomendaria que de duas baleias uma fosse poupada.

e) respondeu à baleia que não podia fazer nada, com o senão de recomendar que de duas baleias uma fosse poupada.

18 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) no trecho "Em face dessa resolução, todas as baleias providenciaram registro, e o obtiveram pela maneira como se obtêm essas coisas, à margem dos regulamentos", do terceiro parágrafo, a forma verbal destacada está na terceira pessoa do plural porque seu sujeito é o termo "todas as baleias".

b) no trecho "Em face dessa resolução, todas as baleias providenciaram registro, e o obtiveram pela maneira como se obtêm essas coisas, à margem dos regulamentos", do terceiro parágrafo, a última ocorrência da vírgula não pode ser trocada por dois pontos, porque haverá alteração de sentido do texto original.

c) no trecho "o esguicho dos cetáceos, formando verdadeiros festivais no alto oceano, dava ideia de imenso jardim explodindo em repuxos, dourados de sol, ou prateados de lua", do terceiro parágrafo, a forma verbal destacada pode ser flexionada na terceira pessoa do plural, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico.

d) a atribuição de ações humanas a animais ("A baleia telegrafou ao Superintendente da Pesca"), a resposta fria do Superintendente da pesca e o subterfúgio "à margem dos regulamentos" utilizado pelas baleias podem ser considerados, no texto, elementos de humor e, ao mesmo tempo, de crítica à burocracia.

e) no trecho "Um inspetor da Superintendência, intrigado com o fato de que ninguém mais conseguia caçar baleia", do último parágrafo do texto, a palavra destacada pode ser suprimida, de acordo com as orientações da gramática tradicional, por ser meramente enfática, sobretudo quando a oração em que está inserida é reduzida de infinitivo.

19 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) no trecho "Um inspetor da Superintendência, intrigado com o fato de que ninguém mais conseguia caçar baleia, pôs-se a examinar os livros e verificou que havia infinidade de números repetidos", as regras que justificam a acentuação dos vocábulos destacados são, respectivamente, a do acento diferencial e a de acentuação de todos os paroxítonos terminados em o.

b) o trecho "pôs-se a examinar os livros e verificou que havia infinidade de números repetidos", do último parágrafo, pode ser reescrito da seguinte maneira, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico: "pôs-se a examinar os livros e verificou que haviam infinidades de números repetidos".

c) o trecho "Cancelou-se o registro, e os funcionários responsáveis pela fraude, jogados ao mar, foram devorados pelas baleias", do último parágrafo, pode ser reescrito da seguinte maneira, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico: "Cancelaram-se o registro e os funcionários responsáveis pela fraude, jogados ao mar, foram devorados pelas baleias".

d) no trecho "os funcionários responsáveis pela fraude, jogados ao mar, foram devorados pelas baleias, que passaram a ser caçadas indiscriminadamente", do último parágrafo, a palavra destacada significa "sem discriminação", "sem diferenciação".

e) o trecho "A recomendação internacional para suspender a caça por tempo indeterminado só alcançará duas baleias vivas", do último parágrafo, pode ser reescrito da seguinte maneira, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico: "A recomendação internacional para suspender a caça por tempo indeterminado, alcançará, apenas, duas baleias vivas".

20 Assinale a alternativa em que todas as palavras estão acentuadas **CORRETAMENTE**.
a) abóbada – hífens – rúbrica - vaivém.
b) debenture – tênue – jóquei - armazéns.
c) avaro – fortuito – fluido – maquinaria.
d) colibri – gratuito – constroem - nú.
e) cairmos – arcaico – destroem - juri.

21 Em todas as palavras das alternativas abaixo, a letra "x" tem som sibilante sonoro, isto é, tem som de "z". Assinale a alternativa que contém uma palavra em que a letra "x" não tem o som de "z".
a) exagero – exercício - exortar.
b) exaltar – exército -inexaurível.
c) executar – exílio - inexistente.
d) exequível – êxito - excreção.
e) exercer – exorbitar - exonerar.

22 Assinale a alternativa em que todas as palavras estejam grafadas corretamente.
a) análise – assessoria – atraso – embelezar- lisonjeiro – vulgarizar – síntese.
b) abalisado – apaziguar – amortisar – dramatizar – prazeroso – suspicaz – paralisia.
c) caixote – debuxo – enxugar – taxativo – excitador – pecha – brocha – extrangeiro.
d) excessão – excesso – êxito – materializar – mobilisar – vultuoso – evazão.
e) êxito – racionalizar – sensibilisar – vultoso – gostosura – decizão – eutanázia.

23 Cada um dos itens abaixo contém trechos adaptados de textos publicados no jornal O Estado de São Paulo (http://www.estadao.com.br/economia/not_eco128264,0.htm) de 21 de fevereiro de 2008 Em todos eles, **EXCETO** em um, foi introduzido pelo menos um erro gramatical. Assinale a alternativa que respeita as regras da gramática normativa tradicional.
a) Pela primeira vez, o Brasil, em suas reservas internacionais, têm dinheiro suficiente para quitar toda a dívida externa - pública e privada. O cálculo é do Banco Central e consta de um relatório divulgado nesta quinta-feira, 21, pela instituição, ressaltando a evolução recente dos indicadores de sustentabilidade externa do País.
b) De acordo com o documento, a projeção do BC, indica que em janeiro as reservas internacionais superaram a dívida externa em US$ 4 bilhões. Isso não significa, contudo, que o País vá quitar sua dívida, tampouco a das empresas, mas esta condição melhora a credibilidade do Brasil no exterior. O resultado das contas externas de janeiro será divulgado na próxima semana.
c) No documento intitulado "Indicadores de Sustentabilidade Externa do Brasil, Evolução Recente", o BC lembra que a posição devedora do Brasil era de US$ 165,2 bilhões ao final de 2003 Ao longo dos últimos quatro anos, o fortalecimento das reservas internacionais e o programa de recompra da dívida externa e de antecipação de pagamentos resultaram na redução desse montante.
d) Apenas no ano passado, as reservas internacionais cresceram 110% e chegaram à US$ 180,3 bilhões no final de dezembro. Para o BC, as reservas apresentaram "evolução sem precedentes nos últimos anos". Na avaliação da autoridade monetária, "o principal fator responsável por essa ampliação foi o superávit no mercado cambial, que acumulou US$ 150,6 bilhões de 2003 a 2007".
e) No relatório, o BC avalia que a compra feita pela própria instituição no mercado cambial respeita a política de câmbio flutuante. "Ou seja, não adicionando volatilidade (oscilação) ao mercado e não definindo pisos nem tendências", cita o documento. As compras líquidas de dólar feitas pelo BC alcançou US$ 141,3 bilhões nos últimos cinco anos, dos quais 55,6% apenas em 2007

24 Assinale a alternativa em que a flexão, a concordância e a grafia das formas verbais estejam **CORRETAS**.

a) Se fazer todas as tarefas rapidamente, ao longo do ano letivo, não for sua prioridade, a dedicação de seus pais no pagamento das mensalidades não servirá para nada.

b) Parece que não houveram ocorrências relevantes ao longo de todo o mês passado. Quando os diretores revirem as estatísticas, saberão, portanto, observar esse progresso.

c) Se você vir o filme que estou comentando e ir àquelas regiões onde ele foi filmado, ficará encantada com o que eventualmente poder encontrar.

d) Não espero que deem atenção àquelas críticas irresponsáveis, porque eles tem condições de superar as adversidades e trazer muitas contribuições ao nosso empreendimento.

e) Quando, nos períodos mais confusos do ano, você compor a equipe de modo apressado, lê as orientações deixadas na intranet para que possa obter melhores resultados.

ATENÇÃO: Para responder às questões de **25** a **30**, leia o texto abaixo, escrito por José Sergio Gabrielli de Azevedo, Presidente da Petrobras; trata-se do texto de apresentação do *Código de Ética do Sistema Petrobras*, disponível no site oficial da Liquigás.

O Sistema Petrobras vem a público apresentar seu Código de Ética. A presente versão é resultado de uma ampla revisão, realizada num processo participativo e representativo, que envolveu empregados e empregadas das diversas Unidades do Sistema, em todas as regiões do País, em seminários de formação e em participações por meio eletrônico.

O objetivo deste Código de Ética é definir com clareza os princípios éticos que norteiam as ações do Sistema Petrobras e os compromissos de conduta do Sistema, tanto da parte institucional como da parte dos seus empregados e empregadas, explicitando o sentido ético de sua Missão, Visão e Plano Estratégico.

Expressando a busca de coerência entre o discurso e a prática, este Código de Ética apresenta-se também como um compromisso público do Sistema Petrobras de fazer valer estes princípios em práticas concretas cotidianas.

Assim sendo, o Sistema Petrobras posiciona-se ao lado das melhores práticas de empresas do setor no mercado internacional, que se empenham pelo desenvolvimento sustentável e comprometem-se em fazer dos empreendimentos econômicos iniciativas que também promovam o desenvolvimento ambiental, social, cultural e ético das sociedades. Este compromisso ético levou a Petrobras a conquistar, em setembro de 2006, o direito de compor o Índice Mundial Dow Jones de Sustentabilidade, usado como parâmetro para análise dos investidores sócio e ambientalmente responsáveis. Nesse mesmo sentido, pode ser considerado também uma continuidade da adesão que, em outubro de 2003, a Petrobras fez com relação aos Princípios do Pacto Global da ONU.

Estou certo de que a apresentação pública deste Código de Ética e seu cumprimento contribuirão para fortalecer uma nova cultura empresarial, voltada para o desenvolvimento sustentável, com responsabilidade social e ambiental, no Brasil e nos países onde o Sistema Petrobras atua.

25 Assinale a alternativa que contenha afirmações coerentes com as apresentadas no texto de José Sergio Gabrielli de Azevedo.

a) Dentre outros aspectos, o Código de Ética da Petrobras se destaca porque, desde sua primeira versão, foi formulado com a participação de seus colaboradores, por meio de um processo participativo e representativo.

b) Empresas como a Petrobras acreditam que práticas associadas ao desenvolvimento sustentável e iniciativas que promovem o desenvolvimento ambiental, social, cultural e ético das sociedades precedem os interesses meramente econômicos e a obtenção de lucros.

c) Por meio do Código de Ética do Sistema Petrobras, aspira-se à coerência entre discurso e prática; o documento é um compromisso público do Sistema Petrobras, por mais que

revele a vontade da corporação em fazer valer estes princípios em práticas concretas cotidianas.

d) O direito de compor o Índice Mundial Dow Jones de Sustentabilidade e a adesão da Petrobras, em outubro de 2003, aos Princípios do Pacto Global da ONU são indicadores claros de seu compromisso com valores como a responsabilidade social e ambiental.

e) A publicação da mais nova versão do Código de Ética do Sistema Petrobras faz que a empresa seja líder no que diz respeito às melhores práticas de empresas do setor no mercado internacional.

26 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) a oração "A presente versão é resultado de uma ampla revisão", do primeiro parágrafo, pode ser reescrita, preservando-se o sentido do texto original, sem que ocorra erro gramatical, da seguinte maneira: "A presente versão é resultado de ampla revisão".

b) no trecho "realizada num processo participativo e representativo, que envolveu empregados e empregadas das diversas Unidades do Sistema", do primeiro parágrafo, o pronome destacado refere-se ao aposto que o antecede.

c) no trecho "O objetivo deste Código de Ética é definir com clareza os princípios éticos", do segundo parágrafo, o termo sublinhado, segundo a gramática normativa, deveria ser substituído por "desse".

d) o trecho "definir com clareza os princípios éticos que norteiam as ações do Sistema Petrobras", do segundo parágrafo, pode ser reescrito, preservando se o sentido do texto original, sem que ocorra erro gramatical, da seguinte maneira: "definir com clareza os princípios éticos, que norteiam as ações do Sistema Petrobras".

e) o trecho "tanto da parte institucional como da parte dos seus empregados e empregadas", do segundo parágrafo, sofrerá alteração de sentido se for reescrito da seguinte maneira: "tanto da parte institucional como da parte de seus empregados e empregadas".

27 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) a oração "Expressando a busca de coerência entre o discurso e a prática", que abre o terceiro parágrafo, pode ser reescrita, preservando-se o sentido do texto original, sem que ocorra erro gramatical, da seguinte maneira: "Conquanto expresse a busca de coerência entre o discurso e a prática".

b) na oração "Expressando a busca de coerência entre o discurso e a prática", que abre o terceiro parágrafo, se a palavra destacada for substituída por "por", haverá intensificação da ideia de empenho ou esforço no ato de buscar.

c) no terceiro parágrafo, as palavras "coerência", "prática", "Código", "Ética", "também" e "princípios" foram acentuadas de acordo com a mesma regra.

d) a oração "fazer valer estes princípios em práticas concretas cotidianas", do terceiro parágrafo, não pode ser reescrita da seguinte maneira, de acordo com as regras da gramática normativa: "fazer estes princípios valerem em práticas concretas cotidianas".

e) se quisermos, na frase "fazer valer estes princípios em práticas concretas cotidianas", do terceiro parágrafo, substituir o termo destacado por pronome, utilizaremos, obrigatoriamente, um pronome pessoal do caso reto, já que o termo exerce a função de sujeito da segunda oração.

28 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) na oração "que se empenham pelo desenvolvimento sustentável e comprometem-se em

fazer dos empreendimentos econômicos", do quarto parágrafo, os verbos destacados são pronominais, mas a supressão dos pronomes não terá implicações semânticas.

b) na oração "que se empenham pelo desenvolvimento sustentável e comprometem-se em fazer dos empreendimentos econômicos", do quarto parágrafo, as formas verbais destacadas foram flexionadas no plural de acordo com o termo "melhores práticas", antecedente do pronome relativo "que".

c) o trecho "comprometem-se em fazer dos empreendimentos econômicos iniciativas que também promovam o desenvolvimento ambiental", do quarto parágrafo, pode ser reescrito, preservando-se o sentido do texto original, sem que ocorra erro gramatical, da seguinte maneira: "comprometem-se em fazer que os empreendimentos econômicos sejam iniciativas que também promovam o desenvolvimento ambiental".

d) o trecho "Este compromisso ético levou a Petrobras a conquistar, em setembro de 2006, o direito de compor o Índice Mundial *Dow Jones*", do quarto parágrafo, pode ser reescrito, preservando-se o sentido do texto original, sem que ocorra erro gramatical, da seguinte maneira: "Este compromisso ético levou a Petrobras a conquista, em setembro de 2006, do direito de compor o Índice Mundial *Dow Jones*".

e) nos trechos "promovam o desenvolvimento ambiental, social, cultural e ético das sociedades" e "parâmetro para análise dos investidores sócio e ambientalmente responsáveis", do quarto parágrafo, as palavras destacadas são adjetivos.

29 Levando em consideração o texto como um todo e as orientações da gramática normativa tradicional, a respeito do seguinte período, o último do quarto parágrafo: "Nesse mesmo sentido, pode ser considerado também uma continuidade da adesão que, em outubro de 2003, a Petrobras fez com relação aos Princípios do Pacto Global da ONU.", é **CORRETO** afirmar que

a) a locução verbal "pode ser considerado" deveria ter sido flexionada, de acordo com a coerência do texto, da seguinte maneira: "pode ser considerada".

b) a locução verbal "pode ser considerado" está flexionada de acordo com o antecedente "parâmetro para análise dos investidores sócio e ambientalmente responsáveis", do período anterior.

c) a locução verbal "pode ser considerado", que está na voz passiva analítica, pode ser flexionada, sem que ocorra erro gramatical, preservando-se o sentido do texto original, na voz passiva sintética: "pode considerar-se".

d) a expressão "Nesse mesmo sentido" alude ao "desenvolvimento ambiental, social, cultural e ético das sociedades", do primeiro período do quarto parágrafo.

e) o fragmento final "uma continuidade (...) Princípios do Pacto Global da ONU" pode ser reescrito, sem que ocorra erro gramatical, preservando-se o sentido do texto original, da seguinte maneira: "uma continuidade da adesão da Petrobras, em outubro de 2003, aos Princípios do Pacto Global da ONU".

30 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) no trecho "Estou certo de que a apresentação pública deste Código de Ética", do último parágrafo, a supressão da palavra destacada é recomendada pelos gramáticos, já que, sem essa preposição, não há mudança do sentido do texto.

b) no último parágrafo, a utilização da primeira pessoa do singular na primeira oração enfraquece a argumentação apresentada pelo autor, porque é proibido pela gramática o uso da primeira pessoa do singular em textos argumentativos.

c) no trecho "no Brasil e nos países onde o Sistema Petrobras atua", o pronome relativo destacado pode ser trocado, sem que ocorra erro gramatical, preservando-se o sentido do texto original, por "em que".
d) no trecho "Estou certo de que a apresentação pública deste Código de Ética e seu cumprimento" é possível, de acordo com a gramática normativa, incluir uma vírgula depois do termo destacado.
e) no trecho "Estou certo de que a apresentação pública deste Código de Ética e seu cumprimento contribuirão para fortalecer uma nova cultura" é possível, de acordo com a gramática normativa, incluir uma vírgula antes do termo destacado.

ATENÇÃO: Leia o texto abaixo, extraído do livro *A cabeça do brasileiro*, de Alberto Carlos Almeida, para responder às questões de **31** a **36**.

Existe destino e grande parte dele está nas mãos de Deus. Somente a família é confiável. Se o governo não faz a parte dele, então não há por que fazer a sua parte.

Essas frases expressam fatalismo, uma visão familista e falta de espírito público. Características que já foram identificadas por cientistas sociais como atributos marcantes nas sociedades mediterrâneas e ibéricas.

No caso do Brasil, apesar da mistura de raças, o país é, com certeza, uma invenção portuguesa. E, como tal, herdou o fatalismo religioso de origem católica, a noção de importância da família nas relações sociais e a ideia de que o espaço público não é de ninguém. Essas concepções também povoam nossas interpretações sobre a sociedade.

Há grande contraste com a matriz social anglo-saxã de origem protestante. A predestinação calvinista fez com que povos como o norte-americano agissem no mundo por meio do trabalho. Nos países anglo-saxões, o indivíduo tudo pode, principalmente quando em associação com outros indivíduos. Sua extrema mobilidade geográfica só é possível porque os laços familiares, quando comparados a outras relações de confiança, não são demasiado fortes. Nesses países, a palavra community tem um significado bem diferente da nossa "comunidade", muitas vezes eufemismo para favela ou área de moradias populares. Community, para os anglo-saxões, é um espaço sobre o qual todos têm responsabilidade.

Tais noções, que podem ser atribuídas ao molde religioso – católico versus protestante –, podem também ser associadas ao esforço educacional. Nesse sentido, os anglo-saxões empreenderam uma das maiores mobilizações sócio-religiosas de que se tem notícia. Segundo versões massificadas da teologia protestante, a ignorância é obra do demônio, é prima-irmã de Satanás.

Em sociedades pouco escolarizadas, ao contrário, é onde se encontram mais frequentemente fatalistas avessos à noção republicana de espaço público. É o que acontece no Brasil, onde essa é a visão dominante entre a população: simplesmente 1/3 dos adultos acredita que Deus decide o destino dos homens, sem espaço para a mão humana.

Esse contingente, somado aos 28% que acham que, apesar do destino estar nas mãos de Deus, o homem tem uma pequena capacidade de modificá-lo, resulta que 60% da população acreditam que grande parte do que acontece com os homens está fora de seu controle. No extremo oposto, apenas 14% da população adulta brasileira acreditam que não há nenhum desígnio além da capacidade humana de definir sua própria vida.

(ALMEIDA, Alberto Carlos. A cabeça do brasileiro. Rio de Janeiro: Record, 2007)

31 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que
a) no período "Existe destino e grande parte dele está nas mãos de Deus", do primeiro parágrafo, é proibida a utilização de uma vírgula depois do termo "destino".
b) no período "Se o governo não faz a parte dele, então não há por que fazer a sua parte", do primeiro parágrafo, a palavra sublinhada

não pode ser trocada por "já que", porque, com essa substituição, perder-se-ia o sentido do texto original.

c) as afirmações dos três períodos do primeiro parágrafo expressam o ponto de vista defendido pelo autor ao longo de todo o fragmento de texto.

d) o último período do primeiro parágrafo, sem que se altere o sentido do texto original e sem que ocorra erro gramatical, pode ser reescrito da seguinte maneira: "Tratam-se de características que já foram identificadas...".

e) o último período do primeiro parágrafo, sem que se altere o sentido do texto original e sem que ocorra erro gramatical, pode ser reescrito da seguinte maneira: "Cientistas sociais já identificaram essas características como atributos marcantes nas sociedades mediterrâneas e ibéricas".

32 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) o fragmento "No caso do Brasil, apesar da mistura de raças", do início do segundo parágrafo, pode ser reescrito, sem que ocorra erro gramatical, preservando-se o sentido do texto original, por: "No caso do Brasil, apesar de haverem raça misturadas".

b) segundo as afirmações apresentadas pelo autor no segundo parágrafo, no Brasil, ocorrem o fatalismo religioso católico, a visão familista e a falta de espírito público devido à herança portuguesa.

c) o fragmento "a ideia de que o espaço público não é de ninguém" pode ser reescrito, sem que ocorra erro gramatical, preservando-se o sentido do texto original, por: "a ideia do espaço público não ser de ninguém".

d) na oração "<u>Há grande contraste</u> com a matriz social anglo-saxã de origem protestante", do início do terceiro parágrafo, o termo sublinhado é sujeito, o que levou o verbo "haver" à terceira pessoa do singular.

e) na oração "A predestinação calvinista fez <u>com</u> que povos como o norte-americano agissem no mundo", do terceiro parágrafo, a palavra sublinhada não pode ser suprimida, sem que ocorra erro gramatical.

33 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) na oração "Nos países anglo-saxões, o <u>indivíduo</u> tudo pode", do terceiro parágrafo, devido à inversão dos termos da oração, deveria haver uma vírgula depois do termo destacado.

b) segundo o autor do texto, no terceiro parágrafo, os laços afetivos dos anglo-saxões são tão frágeis que, entre esses povos, a mobilidade geográfica é encarada como indício de falta de fatalismo.

c) uma inferência possível a partir das afirmações do terceiro parágrafo é a de que a diferença de significado entre *community* e comunidade é reveladora de diferenças culturais de brasileiros e povos anglo-saxões.

d) a expressão "Tais noções", do início do quarto parágrafo, refere-se ao fatalismo religioso católico, à visão familista e à falta de espírito público.

e) na oração "Tais noções, que podem ser atribuídas ao molde religioso – católico versus protestante –, podem também ser associadas", do quarto parágrafo, é incorreto o uso da vírgula após a segunda ocorrência do travessão.

34 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) a oração "Tais noções, que podem ser atribuídas ao molde religioso – católico *versus* protestante –, podem também ser associadas", do quarto parágrafo, pode ser reescrita, sem que ocorra erro gramatical, preservando-se o sentido do texto original, da seguinte maneira: "Essas noções que podem ser atribuídas

ao molde religioso – católico versus protestante – podem também ser associadas".

b) na oração "os anglo-saxões empreenderam uma das maiores mobilizações sócio-religiosas de que se tem notícia", do quarto parágrafo, a palavra destacada tem sido grafada, nos dicionários, da seguinte maneira: sociorreligiosas.

c) na oração "os anglo-saxões empreenderam uma das maiores mobilizações sócio-religiosas de que se tem notícia", do quarto parágrafo, a forma verbal destacada deveria ter sido flexionada no plural: "têm".

d) no fragmento "Em sociedades pouco escolarizadas, ao contrário, é onde se encontram mais frequentemente fatalistas avessos à noção republicana de espaço público", do quinto parágrafo, a supressão da expressão sublinhada, mesmo com o pronome "se" em posição enclítica, prejudicaria sensivelmente o sentido do texto original e resultaria em erro gramatical.

e) a oração "é onde se encontram mais frequentemente fatalistas avessos à noção republicana de espaço público", do quinto parágrafo, pode ser reescrita, sem que ocorra erro gramatical, preservando-se o sentido do texto original, da seguinte maneira: "é onde mais frequentemente são encontrados fatalistas avessos à noções republicanas de espaço público".

35 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) no trecho "É o que acontece no Brasil, onde essa é a visão dominante entre a população", do quinto parágrafo, as palavras sublinhadas tem a mesma função sintática e pertencem à mesma classe gramatical.

b) no trecho "simplesmente 1/3 dos adultos acredita que Deus decide o destino dos homens", do quinto parágrafo, o verbo destacado é transitivo indireto.

c) o início do primeiro período do sexto parágrafo pode ser redigido da seguinte maneira, preservando-se o sentido do texto original e respeitando as regras gramaticais: "A soma desse contingente aos 28% que acham que – apesar do destino estar nas mãos de Deus – o homem tem uma pequena capacidade de modificá-lo resulta que..."

d) o início do primeiro período do sexto parágrafo pode ser redigido da seguinte maneira, preservando-se o sentido do texto original e respeitando as regras gramaticais: "A soma desse contingente aos 28% que acham que – apesar de o destino estar nas mãos de Deus – o homem tem uma pequena capacidade de modificá-lo resulta que..."

e) nos trechos "60% da população acreditam" e "apenas 14% da população adulta brasileira acreditam", é proibida a flexão das formas verbais destacadas no singular.

36 A respeito do fragmento do texto de Alberto Carlos Almeida, é **CORRETO** afirmar que

a) o fatalismo, a visão familista e a falta de espírito público são características inerentes ao povo brasileiro que, apesar de gerarem alguns problemas, como a falta de responsabilidade de nossa população pelo espaço coletivo, não podem ser mudadas.

b) a matriz social anglo-saxã, de origem protestante, e a predestinação calvinista foram fundamentais para que os povos anglo-saxões, especialmente os norteamericanos, valorizassem o trabalho e rejeitassem os laços familiares, o que lhes deu mobilidade geográfica notável.

c) a comparação entre sociedades mediterrâneas e ibéricas, de um lado, e anglo-saxãs, de outro, revela que há a seguinte correlação entre valorização da educação e fatalismo: quanto maior a importância da educação na sociedade, menor será o número de indivíduos fatalistas.

d) a comparação entre sociedades mediterrâneas e ibéricas, de um lado, e anglo-saxãs, de outro, é fundamental para a compreensão do texto, cuja finalidade é persuadir o leitor de que é preciso fugir às raízes mediterrâneas e ibéricas para que o Brasil se modernize.
e) a função da comparação entre sociedades mediterrâneas e ibéricas, de um lado, e anglo-saxãs, de outro, é apenas valorizar traços culturais autenticamente brasileiros. Em outras palavras, o autor admira a matriz cultural nacional, apesar de ver nela algumas consequências nefastas.

37 Cada um dos itens abaixo contém trechos adaptados de textos publicados no site oficial da Liquigás. Em todos eles, exceto em um, foi introduzido pelo menos um erro gramatical. Assinale a alternativa que respeita as regras da gramática normativa tradicional.
a) O projeto Efluente Zero é uma das iniciativas estratégicas da Gerência Geral de Saúde, Meio Ambiente e Segurança (GGSMS), e tem, como finalidade eliminar o descarte no ambiente dos efluentes gerados nas atividades dos Centros Operativos da Liquigás.
b) A implantação de sistemas de tratamento capazes de gerar água com a qualidade requerida para reuso no próprio processo produtivo é o princípio desse projeto inovador, cuja importância para o meio ambiente é indiscutível.
c) O reaproveitamento da água tratada nos processos internos e a ausência de descarte no ambiente traz dois grandes benefícios no aspecto ambiental: contribui para a prevenção da poluição e para a redução da captação de água, preservando os recursos naturais.
d) A primeira fase do projeto consistiu da definição das diretrizes e da implantação de dois pilotos em Natal e Cascavel. Com a conclusão desses dois pilotos e a comprovação do bom funcionamento do sistema, GGSMS iniciou a elaboração de um projeto capaz de subsidiar à implantação nos demais Centros Operativos.
e) O projeto Efluente Zero, consolida a posição da Liquigás como uma empresa socialmente e ambientalmente responsável, agregando a preservação ambiental à melhoria da eficiência operacional da Companhia.

ATENÇÃO: Para responder às questões **38** e **39**, leia o primeiro parágrafo do romance *Budapeste*, de Chico Buarque.

Devia ser proibido debochar de quem se aventura em língua estrangeira. Certa manhã, ao deixar o metrô por engano numa estação azul igual à dela, com um nome semelhante à estação da casa dela, telefonei da rua e disse: aí estou chegando quase. Desconfiei na mesma hora que tinha falado besteira, porque a professora me pediu para repetir a sentença. Aí estou chegando quase... havia provavelmente algum problema com a palavra quase. Só que, em vez de apontar o erro, ela me fez repeti-lo, repeti-lo, repeti-lo, depois caiu numa gargalhada que me levou a bater o fone. Ao me ver à sua porta teve novo acesso, e quanto mais prendia o riso na boca, mais se sacudia de rir com o corpo inteiro. Disse enfim ter entendido que eu chegaria pouco a pouco, primeiro o nariz, depois uma orelha, depois um joelho, e a piada nem tinha essa graça toda. Tanto é verdade que Kriska ficou meio triste e, sem saber pedir desculpas, roçou com a ponta dos dedos meus lábios trêmulos. Hoje porém posso dizer que falo o húngaro com perfeição, ou quase. Quando de noite começo a murmurar sozinho, a suspeita de um ligeiríssimo sotaque aqui e ali muito me aflige. Nos ambientes que frequento, onde discorro em voz alta sobre temas nacionais, emprego verbos raros e corrijo pessoas cultas, um súbito acento estranho seria desastroso. Para tirar a cisma, só posso recorrer a Kriska, que tampouco é muito confiável; a fim de me segurar ali comendo em sua mão, como talvez deseje, sempre me negará a última migalha. Ainda assim, volta e meia lhe pergunto em segredo: perdi o sotaque? Tinhosa, ela responde: pouco a pouco,

primeiro o nariz, depois uma orelha... E morre de rir, depois se arrepende, passa as mãos no meu pescoço e por aí vai.

(BUARQUE, Chico. Budapeste. São Paulo: Companhia das Letras, 2003)

38 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) nas orações "ao deixar o metrô por engano numa estação azul igual à dela, com um nome semelhante à estação da casa dela" e "porque a professora me pediu para repetir a sentença", os termos sublinhados não se referem à mesma personagem.

b) na oração "ao deixar o metrô por engano numa estação azul igual à dela", o uso do acento grave no termo destacado se deve à fusão de preposição regida por verbo com um artigo definido.

c) a leitura do texto permite inferir que a frase "aí estou chegando quase" foi proferida, durante conversa telefônica, pelo narrador e em língua portuguesa, o que causou estranheza à professora.

d) para a tradição gramatical, a regência do verbo "pedir", na frase "porque a professora me pediu para repetir a sentença" é viciosa.

e) nas duas ocorrências nas frases "a professora me pediu para repetir a sentença" e "Ao me ver à sua porta teve novo acesso", o pronome destacado exerce a mesma função sintática.

39 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é correto afirmar que

a) na frase "Hoje **porém** posso dizer que falo o húngaro com perfeição", é proibido que a conjunção destacada seja isolada por vírgulas.

b) na frase "Nos ambientes **que** frequento", o pronome relativo destacado deveria ter sido antecedido pela preposição "em".

c) a frase "roçou com a ponta dos dedos meus lábios trêmulos" estará inadequada gramaticalmente e fugirá ao sentido do texto original, se for reescrita da seguinte maneira: "roçou-me os lábios trêmulos com a ponta dos dedos".

d) as frases "comendo em sua mão" e "sempre me negará a última migalha", podem ser entendidas, respectivamente, como "dependendo das lições dela" e "sempre me negará uma explicação definitiva".

e) no trecho "sempre **me** negará a última migalha. Ainda assim, volta e meia **lhe** pergunto", os pronomes destacados não exercem a mesma função sintática.

ATENÇÃO: Leia o texto com atenção e responda às questões **40** a **44**.

Vigiar e punir

Na França, como na maior parte dos países europeus – com a notável exceção da Inglaterra – todo o processo criminal, até à sentença, permanecia secreto: ou seja, opaco não só para o público, mas para o próprio acusado. O processo se desenrolava sem ele, ou pelo menos sem que ele pudesse conhecer a acusação, as imputações, os depoimentos, as provas. Na ordem da justiça criminal, o saber era privilégio absoluto da acusação. "O mais diligente e o mais secretamente que se puder fazer", dizia, a respeito da instrução, o edito de 1498 De acordo com a ordenação de 1670, que resumia, e em alguns pontos reforçava, a severidade da época precedente, era impossível ao acusado ter acesso às peças do processo, impossível conhecer a identidade dos denunciadores, impossível saber o sentido dos depoimentos antes de recusar as testemunhas, impossível fazer valer, até os últimos momentos do processo, os fatos justificativos, impossível ter um advogado, seja para verificar a regularidade do processo, seja para participar da defesa. Por seu lado, o magistrado tinha o direito de receber denúncias anônimas, de esconder ao acusado a natureza da causa, de interrogá-lo de

maneira capciosa, de usar insinuações. Ele constituía, sozinho e com pleno poder, uma verdade com a qual investia o acusado; e essa verdade, os juízes a recebiam pronta, sob a forma de peças e de relatórios escritos; para eles, esses documentos sozinhos comprovavam; só encontravam o acusado uma vez para interrogá-lo antes de dar a sentença. A forma secreta e escrita do processo confere com princípio de que em matéria criminal o estabelecimento da verdade era para o soberano e seus juízes um direito absoluto e um poder exclusivo. Ayrault supunha que esse procedimento (já estabelecido no que tange ao essencial no século XVI) tinha por origem o medo dos tumultos, das gritarias e aclamações que o povo normalmente faz, o medo de que houvesse desordem, violência e impetuosidade contra as partes, talvez até mesmo contra os juízes; o rei queria mostrar com isso que a "força soberana" de que se origina o direito de punir não pode em caso algum pertencer à "multidão".

Diante da justiça do soberano, todas as vozes devem se calar.

(Michel Foucault)

40 Michel Foucault, pensador e epistemólogo francês contemporâneo, nesse trecho de sua obra Vigiar e Punir, trata

a) do julgamento da consciência histórica da civilização.
b) do direito penal, na atualidade, obedecendo aos princípios do respeito à pessoa e liberdade humana.
c) da legislação penal utilizada no julgamento de acusados em passado remoto até a atualidade.
d) da análise da justiça criminal, do sistema judiciário e seus meios coercitivos de julgamento em séculos passados.
e) da preocupação das autoridades judiciárias no passado em considerar com polidez e senso humanitário os criminosos.

41 No período histórico abordado, o processo criminal era tratado secretamente. Isso queria dizer que

a) a Inglaterra não aderira a esse estilo de processo por ser secreto.
b) era direito dos advogados de defesa terem acesso às acusações.
c) a matéria criminal era um direito de exclusividade do soberano e dos juízes.
d) somente o soberano e os juízes poderiam fazer uso de seus poderes para mostrar ao povo o desenrolar dos processos criminais.
e) o acusado tinha seus direitos preservados porque sua privacidade não era exposta.

42 No último trecho, que diz "Diante da justiça do soberano, todas as vozes devem se calar.", entende-se que

a) o direito de punir pertencia ao soberano e não à "multidão".
b) Ayrault tinha medo de tumulto, inclusive do soberano contra ele.
c) imaginária / relativo ao tato.
d) a transparência da justiça adotada pelo soberano fazia com que houvesse respeito por sua pessoa.
e) o direito de punir pertencia tão somente aos juízes.

43 No trecho "O mais **diligente** e o mais secretamente que se puder fazer", dizia, a respeito da instrução, o **edito** de 1498", os termos destacados significam

a) rápido / jornal.
b) militar / revista.
c) processual / publicitário.
d) punitivo / estudioso.
e) zeloso / decreto.

44 No trecho "Na ordem da justiça criminal, o saber era privilégio absoluto da acusação", significa que

a) o acusado tinha direito de defesa.
b) o acusado tinha acesso às acusações e provas, entre outros.
c) a acusação tinha acesso à forma secreta do

processo.
d) a multidão praticava sabiamente a acusação.
e) a multidão, os juízes e o soberano podiam praticar acusações.

45 Assinale a alternativa em que todas as palavras estejam acentuadas **CORRETAMENTE** e que seguem a mesma regra de acentuação da palavra "saída".
a) saúde - raínha - egoísmo
b) moído - baú - Itaú
c) saída - reúne - próton
d) faísca - vôo - crê
e) elétron - juíz - ímã

46 Preencha as lacunas e assinale a alternativa correta: "_____ muitos dias que não chove. _____ muitas frutas no pomar."
a) Faz / Há
b) Faz / Haviam
c) Fazem / Havia
d) Fazem / Haviam
e) Fazem / Há

47 Identifique a alternativa que completa corretamente a frase quanto à regência verbal. "Sr. Vicente aspira _____ cargo de advogado. Para tanto, ele assiste _____ todas as audiências. Ele visa _____ promoção imediata.
a) o / a / à
b) ao / - / à
c) o / - / a
d) ao / a / à
e) o / a / a

48 Assinale a alternativa **CORRETA** quanto à concordância verbal.
a) Deu quatro horas.
b) É zero hora em Piracicaba.
c) O bando de moleques picharam a fachada da escola.
d) Mais de uma abelha picaram o rosto do garoto.
e) Vende-se vários imóveis.

49 Escolha a alternativa que preenche **respectivamente** os espaços da frase: "Ela _____ desistiu do projeto. Trouxe _____ as cópias de desistência."
a) mesma - inclusas
b) mesma - inclusa
c) mesma - incluso
d) mesmo - inclusas
e) mesmo - inclusa

50 Assinale a alternativa que apresenta o uso **CORRETO** do pronome.
a) Logo ao chegar, cumprimentou-lhe pela vitória.
b) Forçou a visão, mas não avistou-o mais.
c) Nunca lhe ocorrera uma sorte tão grande.
d) Me comunicaram a chegada do navio ontem.
e) Você venha logo, que te conto o que ocorreu.

GABARITO

1D	2C	3E	4A	5E
6B	7C	8B	9C	10E
11C	12E	13A	14C	15B
16D	17B	18D	19D	20C
21D	22A	23C	24A	25D
26A	27B	28C	29E	30C
31E	32B	33C	34B	35D
36C	37B	38D	39D	40D
41C	42A	43E	44C	45B
46A	47D	48B	49A	50C

QUESTÕES DA ESAF

ATENÇÃO: Considere o texto abaixo para responder às questões **1** e **2**.

Entrevistador - O que caracteriza o capitalismo brasileiro atual, que explica os rumos que ele vem tomando desde a crise financeira internacional em 2008?

Ladislau Dowbor – O capitalismo brasileiro des-

cobriu o mercado interno e a importância de responder às necessidades internas do país. O segundo eixo é que ele descobriu que nós não podemos explorar indefinidamente os recursos naturais sem prejudicar a sustentabilidade a médio e longo prazo. Essa tomada de consciência na área do grande capital, de que há necessidades da população insatisfeitas - e isso pode ser um problema, mas pode ser uma oportunidade em termos de expansão de fronteiras -, e a tomada de consciência da problemática ambiental são os principais eixos de mudança. É lógico do ponto de vista do capitalista individual pensar que o aumento do salário mínimo tornará a mão de obra mais cara. Só que, ao multiplicar em todas as empresas essa atitude, não teremos desenvolvimento do mercado interno e todo mundo entra em crise. Quando se pensa fora de uma unidade empresarial, entendemos que esse aumento do salário mínimo e dos direitos sociais gera capacidade de compra por parte dos trabalhadores. E essa capacidade de compra dinamiza o mercado. Todos vão poder produzir mais. É justamente esse o "casamento estranho" que as pessoas não imaginavam, de que ajudar a parte de baixo da sociedade também ajuda na parte de cima. Entendemos que temos que generalizar o bem-estar para toda a sociedade e não só para alguns. E isso tem que ser feito de maneira sustentável.

(Adaptado da entrevista de Ladislau Dowbor a IHU On-line. http://www. ihuonline.unisinos.br – acesso em 20 de outubro de 2010)

1 Provoca-se **ERRO** gramatical e, consequentemente, incoerência textual ao

a) tornar a ideia indeterminada pelo pronome se, escrevendo tornar-se-á, em lugar de "tornará" .
b) enfatizar as relações de coesão, inserindo **a** antes de "de que há".
c) manter a ideia de tempo, substituindo "ao multiplicar" por multiplicando.
d) incluir o leitor na argumentação, substituindo "se pensa" por pensamos.
e) substituir "tem que" por "tem de", escrevendo tem de ser feito.

2 A argumentação do texto se organiza como uma "tomada de consciência"(L.11) em torno de dois eixos; assinale a opção que caracteriza, **RESPECTIVAMENTE**, esses dois eixos.

	primeiro eixo	segundo eixo
a)	Descoberta de que o modelo capitalista atende às necessidades individuais e coletivas do país.	Descoberta de mecanismos econômicos que tornam possível explorar os vastos recursos naturais brasileiros.
b)	Utilização da lógica do ponto de vista individual e empresarial para controlar os salários e os direitos sociais.	Utilização da lógica do ponto de vista coletivo e social para aumentar os salários e o poder de compra dos trabalhadores.
c)	Reconhecimento de que o atual modelo dá importância apenas às necessidades internas do país individuais da população.	Reconhecimento de que a expansão de fronteiras cria necessidades para a população que o grande capital não satisfaz.
d)	Necessidade de o capital interno generalizar o bem estar tanto para as camadas de baixo como para a parte de cima da sociedade.	Necessidade de exploração consciente dos recursos naturais em prol da valorização do homem e não do capital.
e)	Dinamização do mercado por meio de revitalização do grande capital, valorizando a produção e o poder de compra das camadas de baixo da sociedade.	Dinamização do capital interno por meio da valorização do mercado e do setor de produção, para atender às necessidades da população de modo generalizado.

3 Analise os seguintes trechos transcritos e adaptados do Correio Braziliense, de 21 de outubro de 2010, quanto à correção gramatical.

I. Assim como ocorreu na *15ª Conferência das Partes sobre Mudanças Climáticas*, na Dinamarca a questão econômica

tornou-se o centro das discussões na *10ª Conferência das Partes sobre Diversidade Biológica*, no Japão. O estabelecimento de novas metas de preservação das espécies pode não seguir a diante devido a impasse que coloca em confronto entre os países em desenvolvimento – os donos de grandes reservas naturais – e as nações ricas.

II. O primeiro grupo, tendo o Brasil como líder, defende a adoção de compensações financeiras pagas pelos países industrializados devido ao uso da biodiversidade. Uma das tentativas de flexibilizar a posição dos países foi a divulgação do relatório *A Economia dos Ecossistemas de Biodiversidade*. O documento mostra que preservar o meio ambiente pode ser economicamente rentável.

III. De acordo com esse estudo, é preciso que os tomadores de decisão levem em conta o que será gasto no futuro por causa dos problemas ambientais, como a extinção de espécies e o aquecimento global. Isso pode redefinir os atuais padrões econômicos e iniciar uma nova era, na qual o valor dos serviços da natureza passa a ser visível e se torna uma parte crítica da tomada de decisões na política e nas empresas.

Na transcrição, manteve-se o respeito à correção gramatical e à coerência textual apenas em

a) I
b) I e II
c) II
d) II e III
e) III

4 Assinale a opção segundo a qual provoca-se **INCOERÊNCIA** entre os argumentos e/ou **INCORREÇÃO** gramatical ao fazer a alteração sugerida na pontuação do texto.

A institucionalização de alguns aspectos morais da sociedade é capaz de transformar completamente uma sociedade, é fato. Transformar certas atitudes e preceitos em hábitos nos leva ao passo contrário do questionamento e da capacidade de reinventar o cotidiano. Por aqui, potencializou-se no decorrer dos anos a necessidade de ostentação.

Patrimônio no Brasil se compreende como quantos carros, móveis e imóveis se possui. Pior, o brasileiro quer possuir esses bens ainda que seus pagamentos sejam arrastados durante anos, num ciclo completamente automatizado. Isso não é construir patrimônio. Pense que essa estratégia envolve diversos custos e que, para manter tal raciocínio vicioso, você precisará estar sempre se vendo assalariado ou com uma fonte fixa de renda. Não sou contra o emprego, sou contra a acomodação. Onde fica a qualidade de vida?

Seu maior patrimônio é você mesmo. Qualidade de vida é ter o que você merece, mas também ter responsabilidade e preparo para poder lutar pelo que merece. Qualidade de vida é gastar seu dinheiro com você, desde que você não entre em conflito com você mesmo.

(Adaptado de Conrado Navarro. Educação financeira e qualidade de vida. http://dinheirama.com/blog/2007/09/19/educacao-financeira-e-qualidadede- vida, acesso em 20 de outubro de 2010)

a) Reescrever o final do primeiro período do texto, na linha 3, como: [...] uma sociedade; isso é fato.
b) Isolar por vírgulas a expressão "no decorrer dos anos".
c) Substituir a conjunção em "Pense que essa estratégia" pelo sinal de dois pontos, escrevendo: Pense: essa estratégia.
d) Substituir a vírgula depois de "Pior"pelo sinal de dois pontos.
e) Inserir um travessão antes de "ou com uma fonte".

ATENÇÃO: As questões **5** e **6** tomam por base o seguinte texto.

Tradicional defensor de instrumentos ortodoxos de política econômica, o Fundo Monetário Internacional (FMI) admitiu o uso de controles de capital para combater a formação de bolhas financeiras e o fluxo exagerado de investimentos estrangeiros que valorizam excessivamente as moedas nacionais em relação ao dólar. Entre as opções, está a tributação do ingresso de recursos, caminho escolhido pelo Brasil, que elevou de 4% para 6% a alíquota do imposto de operações financeiras (IOF) nas aplicações de renda fixa. Outra possibilidade é a proibição de retirada do dinheiro por um tempo determinado, como fez o Chile. Por enquanto a equipe econômica brasileira resiste em adotar este passo, pois, para o economista americano J. L., o reforço no balanço orçamentário e as ações de caráter mais estrutural são, muitas vezes, as respostas mais adequadas para o aumento de fluxos. "Mas pode haver circunstâncias em que os controles cambiais sejam úteis, numa medida temporária, para lidar com esse crescimento de capital", afirma.

(Adaptado de Correio Braziliense, 19 de outubro de 2010)

5 Na organização das relações de **coesão** e **coerência** no texto, a expressão

a) "caminho escolhido pelo Brasil" retoma a ideia de "tributação do ingresso de recursos".
b) "fluxo exagerado de investimentos estrangeiros" retoma a ideia de "bolhas financeiras".
c) "ações de caráter mais estrutural"retoma a ideia de "bolhas financeiras".
d) "controles cambiais" retoma a ideia de "ações de caráter mais estrutural".
e) "esse crescimento de capital" retoma a ideia de "aplicações de renda fixa".

6 Assinale a opção **CORRETA** a respeito do uso das estruturas linguísticas no texto.

a) Por integrar um termo que complementa "combater", o artigo em "a formação" poderia receber o sinal indicativo de crase, o que indicaria a inserção da preposição **a** no texto.
b) Apesar da extensão do período sintático, a inserção de uma vírgula depois de "estrangeiros" provocaria erro gramatical e incoerência textual.
c) Como a expressão "imposto de operações financeiras" está escrita, no texto, com iniciais minúsculas, sua sigla também deveria ser grafada com letras minúsculas para atender às regras de ortografia.
d) O uso do modo subjuntivo em "sejam" ressalta a ideia de uma hipótese, uma possibilidade; para se fazer uma afirmação, o desenvolvimento textual admitiria a forma de indicativo: **são** ou **serão**.
e) Preserva-se a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto ao usar o verbo **existir** em lugar de "haver", desde que sefaça a concordância adequada, escrevendo **pode existirem circunstâncias**.

7 Assinale a opção em que ocorre **ERRO** na transcrição e adaptação do texto de *Conjuntura Econômica*, de setembro de 2010 – vol. 64 – n. 9

O mecanismo de câmbio flutuante, quando acompanhado de razoável mobilidade de capitais, provê um meio automático através do qual o equilíbrio **se configura(a)**. Elevações de consumo ou investimento da parte de residentes geram pequenas elevações de juros que majoram a entrada de capitais externos, desta forma **valorizando(b)** a moeda doméstica. Tal valorização reduz as exportações e aumenta as importações, meio **pelos quais(c)** se compensa, liquidamente, a preços possivelmente constantes, o acréscimo inicial de procura por bens e serviços provocado por possíveis expansões de absorção interna. Tudo pode ocorrer muito bem até o ponto **em que(d)** os déficits na conta corrente do balanço de pagamentos **passem(e)** a gerar um montante do passivo externo líquido do país, que dá iní-

cio a um processo de desconfiança dos provedores de crédito líquido em moeda estrangeira. Quando isso ocorre, há uma necessidade de reverter tais déficits, configurando, em última instância, que o sucesso no combate à inflação no período inicial pode ter significado, em boa parte, uma transferência de problemas para o futuro.

a) a
b) b
c) c
d) d
e) e

8 Assinale a opção que, na sequência, preenche **CORRETAMENTE** as lacunas do texto, de modo a manter a **coesão** e a **coerência** entre as ideias.

Quando uma pessoa compra uma ação de uma empresa, torna-se sócia dessa companhia. Significa que ___(1)___ se beneficia de seu sucesso ou sofre as consequências ___(2)___ fracasso. Funciona assim: ao ganhar dinheiro, uma corporação com ações cotadas em bolsa remunera melhor seus acionistas. O inverso também é verdadeiro.

No mercado acionário, é impossível dizer _(3)_ um investimento dará retorno líquido e certo. Uma série de fatores ____(4)____ levada em conta. Desde ____(5)____ que a empresa pode controlar (lançamento de produtos e projetos de sucesso, boa performance financeira) até aspectos externos (crise global, acidentes), ____(6)____ muitas vezes independem de uma boa administração da companhia.

(Adaptado de ISTOÉ, 15/9/2010)

	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)
a)	esta	do	se	será	os	os quais
b)	esta	de seu	quando	deverão ser	àqueles	o que
c)	ela	desse	quando	deverão ser	os	que
d)	o sócio	desse	que	deverão ser	àqueles	o que
e)	ela	de seu	se	deverá ser	aqueles	que

9 Assinale a opção que, ao preencher as lacunas do texto provoca **ERRO** gramatical.

Baixo em termos internacionais, o salário brasileiro é apontado pelas empresas multinacionais como um dos atrativos para os investimentos no mercado nacional, além da perspectiva de crescimento doméstico acima da média global, ____(a)_____ também pelos investimentos, mas principalmente pela alta salarial em massa, responsável por mais de 85% do PIB, o mercado interno em ebulição, segundo os economistas, foi um fator decisivo para o Brasil _____(b)_____da crise que eclodiu em setembro de 2008 E os salários mais robustos, por sua vez, _____(c)_____como um colchão para garantir a recuperação acelerada do nível de atividade econômica. Aumentos salariais são importantes porque elevam o consumo e o crescimento econômico. Mas do ponto de vista macroeconômico é importante que _____(d)_____ em linha com os ganhos de produtividade. Caso contrário, a tendência é que eventuais excessos _____(e)_____aos preços.

(Adaptado de Carta Capital, 20 de outubro de 2010)

a) sustentado
b) se recuperar
c) acontecem
d) funcionaram
e) sejam repassados

10 Assinale o trecho em que a transcrição do texto adaptado de *Conjuntura Econômica*, de setembro de 2010, vol. 64, n. 9, **DESRESPEITA** as regras gramaticais no uso das estruturas linguísticas.

a) Há evidências de que a economia brasileira passa por um processo de transformação estrutural, em direção a um juro neutro mais baixo. Na verdade, a maior dificuldade para se projetar a trajetória de juros no Brasil é o desempenho da economia do resto do mundo.

b) Caso haja, de fato, um segundo mergulho ressessivo nos Estados Unidos, como previnham importantes analistas, os efeitos deflacionários seriam consideráveis e iriam além das fronteiras americanas.
c) Se isso ocorrer, é provável que contribua para reduzir a taxa de juros do Brasil no curto e médio prazo. Não há absolutamente nada de trivial no atual momento da política monetária.
d) É importante ter em mente, por outro lado, que a dificuldade, neste caso, não deve ser tomada de forma dramática. A economia brasileira passa por uma excelente fase cíclica, em que o crescimento não é acompanhado por nenhuma grande ameaça de explosão inflacionária ou de crise nas contas externas no horizonte visível.
e) Na verdade, o cenário externo é mais preocupante do que o interno. Em uma situação desse tipo, os erros e os acertos devem ser encarados mais como uma "sintonia fina" de um momento amplamente favorável do que como decisões que podem "salvar o país".

11 De acordo com as ideias do texto, assinale a afirmativa **CORRETA**.

Face mais cruel de qualquer período recessivo na economia, o desemprego é chaga social que propaga desalento coletivo, além de contribuir para a formação do círculo vicioso que começa com a queda do consumo, passa pela inibição da produção e termina em mais desemprego. Mas é exatamente nesse setor que as previsões mais otimistas para 2010 começam a se confirmar. Dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), divulgados pelo Ministério do Trabalho, mostram que o saldo entre a admissão e a demissão de empregados com carteira assinada somou 181419 vagas, um recorde que deixou longe os até então festejados 142 mil empregos formais registrados em janeiro de 2008, último mês de expansão antes da crise mundial.
Detalhes reforçam o otimismo quanto à continuidade desse desempenho. Em janeiro de 2010, quando 1410462 postos formais de trabalho foram preenchidos, a indústria de transformação voltou a dar sinais de forte retomada. O setor tinha sido o mais atingido pela recessão, mas compareceu com 68920 contratações, 17% acima do recorde anterior, de janeiro de 2008.

(Estado de Minas, Editorial, 19/02/2010, com adaptações)

a) O Brasil não apresentou taxa de desemprego durante a crise econômica de 2008/2009.
b) O desemprego contribui para o círculo vicioso constituído pela queda do consumo, da produção e novamente pelo aumento do desemprego.
c) A indústria de transformação continua a demonstrar sinais da recessão e não apresenta retomada de crescimento.
d) Em janeiro de 2008 as taxas de emprego do Brasil foram as mais altas da história.
e) A demissão de empregados com carteira assinada chegou quase a 200.000 vagas em janeiro de 2010.

ATENÇÃO: Leia o texto abaixo para responder às questões **12** e **13**.

A segunda metade dos anos 1990 foi caracterizada por crises nos países emergentes: México, Rússia, Brasil e Argentina. Em todos os casos, os países recorreram ao Fundo Monetário Internacional (FMI) para resolver seus problemas de endividamento externo e tiveram que se submeter a rigorosos programas de ajuste fiscal (redução de gastos públicos e aumento de impostos) e das contas externas exigidos pela organização. Após o período de retração do nível de atividade e aumento do desemprego, duran-

te o qual a relação dívida/PIB e os déficits fiscais se acomodaram em níveis compatíveis com a capacidade de financiamento, todos os países, à exceção da Argentina, entraram em trajetória de crescimento, com estabilidade de preços. Como os fundamentos fiscais e monetários destes países estavam fortes, com equilíbrio fiscal, relação dívida/ PIB e inflação sob controle, seus governos e bancos centrais puderam adotar políticas fiscais, monetárias, de crédito mais frouxas, que reverteram a trajetória de queda já no segundo trimestre de 2009.

(José Márcio Camargo, Tragédia grega. IstoÉ, 10/02/2010, com adaptações)

12 Assinale a relação lógico-semântica que se infere a partir da argumentação do texto.

a) Para todos os países que se submetem aos rigorosos programas do FMI, é válido dizer que ele chega a uma trajetória de crescimento que o leva a superar a crises.
b) Quanto maior a obediência aos rigorosos programas de ajuste fiscal impostos pelo FMI, maior a possibilidades de um país conhecer crises financeiras.
c) Enquanto existirem crises nos países emergentes, os problemas de endividamento externo e a necessidade de ajustes fiscais continuarão a provocar crises financeiras.
d) Sem a acomodação dos déficits fiscais não há aumento da capacidade de financiamento; sem esta não há crédito, estabilidade de preços ou crescimento.
e) Se um país tem fortes fundamentos fiscais e monetários, então ele tem condições de adotar as políticas necessárias para reverter a trajetória da queda já em 2009.

13 Assinale a opção em que os três termos remetem, por coesão textual, ao mesmo referente.

a) "países emergentes"(L.2) – "os países"(L.4) – "se"(L.6)
b) "todos os casos"(L.3) – "problemas de endividamento externo"(L.5-6) "seus"(L.19)
c) "Fundo Monetário internacional"(L.4-5) – "seus"(L.5) – "organização"(L.9)
d) "desemprego"(L.11) – "o qual"(L.11) – "se"(L.12)
e) "equilíbrio fiscal"(L.18) – "políticas...de crédito"(L.20-21) – "que"(L.21)

14 O texto **Raio X do mercado**, de Luiz Alberto Marinho, publicado na *Revista GOL*, novembro de 2009, p. 138, foi adaptado para compor os fragmentos abaixo. Numere-os, de acordo com a ordem em que devem ser dispostos para formar um texto **COESO** e **COERENTE**.

( ) Outra tendência fala de "identidade e auto-estima". Isso significa que essas pessoas estão mais conscientes da sua importância para a economia, mas não querem abrir mão de suas origens, história e características.
( ) Portanto, para vender para pessoas de todas classes sociais, será preciso antes afastar ideias preconcebidas e entender melhor quem são, o que querem e como compram os brasileiros.
( ) O instituto de pesquisa Data Popular, especializado na baixa renda, apresentou um conjunto de dez tendências que vão impactar os negócios na classe C.
( ) Uma terceira tendência explica o papel da beleza como fator de inclusão: afinal, estar bem-arrumado ajuda a diminuir as barreiras sociais.
( ) Entre elas, está o "consumo de inclusão", que mostra que o mercado emergente desenvolveu um jeito diferente e inclusivo de comprar.

A sequência **CORRETA** é

a) 1, 2, 5, 4, 3
b) 3, 5, 1, 4, 2
c) 3, 1, 2, 5, 4
d) 4, 2, 1, 5, 3
e) 4, 5, 2, 3, 1

15 Assinale a opção que constitui continuação **COESA**, **COERENTE** e gramaticalmente **CORRETA** para o trecho a seguir.

No Brasil, tudo indica que o endividamento pessoal vai crescer nos próximos anos: uma ligeira melhora de rendimentos se traduz, em nosso país, por um aumento desproporcional do endividamento, em razão do uso disseminado dos cartões de crédito que o sistema financeiro incentiva.

(O Estado de S. Paulo, Editorial, 18/02/2010, com adaptações)

a) Por isso conseguimos até agora escapar de um surto de desemprego de grande proporção, o que permite que o consumo continue crescendo.
b) Sendo assim, esse exemplo dos Estados Unidos mostra que, num período de crise, com crescimento do desemprego, têm registrado forte queda do consumo e aumento da inadimplência.
c) Mas isso se traduz por uma ampliação involuntária da poupança com a forte redução do uso dos cartões de crédito.
d) Além desse fator, a expansão dos financiamentos imobiliários nas instituições financeiras essencialmente públicas também contribui para o aumento do endividamento de longo prazo.
e) Isso é consequência de uma campanha em favor de uma poupança maior, que certamente tem por efeito uma redução dos custos e um crescimento dos investimentos.

16 Em relação às ideias e estruturas linguísticas do texto, assinale a opção **INCORRETA**.

As exportações brasileiras de serviços têm sido uma atividade limitada praticamente às grandes empresas de construção pesada. Com a experiência adquirida no País, elas ganhavam concorrências internacionais para execução de obras de infraestrutura em países em desenvolvimento da América Latina, do Oriente Médio e da África, valendo-se do "know-how" de trabalhar nos trópicos, em condições muitas vezes inóspitas, com mão de obra local e prontificando-se também a transferir tecnologia para os países contratantes.

Essas construtoras brasileiras continuam muito ativas no mercado externo, agora não apenas nos países em desenvolvimento, mas também nos mais desenvolvidos. Além disso, deixaram de ser as únicas exportadoras de serviços.

Com a internacionalização da economia, está em curso uma significativa expansão, no exterior, de empresas brasileiras de Tecnologia da Informação (TI) e de instituições financeiras. Em menor escala, de empresas da área de logística e transporte, de arquitetura e engenharia, redes de franquias etc.

Recente estudo sobre comércio internacional da Comissão Econômica para a América Latina (Cepal) revela que o avanço do Brasil nas exportações de serviços, nos últimos anos, só perde para as da China e da Índia entre os países emergentes.

(O Estado de S. Paulo, Editorial, 17/02/2010, com adaptações).

a) Depreende-se das informações do texto que na atualidade os bancos brasileiros e empresas de Tecnologia da Informação estão se expandindo significativamente no exterior.
b) A forma verbal "têm" está flexionada no plural para concordar com "As exportações brasileiras de serviços".
c) O emprego do acento grave indicativo de crase em "às grandes" justifica-se pela presença de preposição exigida pela regência de "atividade" e pelo emprego de artigo definido feminino.
d) O emprego de vírgula após "nos países em desenvolvimento" justifica-se porque ante-

cede conjunção coordenativa adversativa.

e) Em "para as da China" subentende-se, após "as", a elipse da expressão exportações de serviços.

17 Assinale a opção **CORRETA** a respeito do uso das estruturas linguísticas na organização das ideias do texto.

Segundo pesquisa da Fundação Getúlio Vargas, índices de renda, emprego e mobilidade social retornaram aos mesmos patamares de antes da queda. Em uma analogia com uma partida de futebol, o coordenador da pesquisa afirmou que o Brasil teve um "tropeço no começo do jogo", mas depois conseguiu se recuperar: "Podemos dizer que é um empate com muitos gols. Começamos o ano levando uma goleada, mas depois nos recuperamos.
Foi um empate generalizado: desigualdade, pobreza, mobilidade." O índice de mobilidade social foi um dos destaques do levantamento.

(Correio Braziliense, 11 de fevereiro, 2010, com adaptações)

a) De maneira a explicitar as relações entre as ideias do primeiro período sintático, subentendem-se, depois de "patamares", os termos que **tinha**.

b) Por retomar um termo já presente no texto, o nome "Brasil", o pronome "se" admite ser omitido, sem prejudicar a coerência da argumentação ou a correção gramatical do texto.

c) Como a comparação com o jogo de futebol ressalta o "empate", para efeito de argumentação, é irrelevante se a expressão "muitos gols" for substituída por **alguns gols** ou por **poucos gols**.

d) A relação de explicação que o período iniciado por "Começamos" estabelece com o período que o antecede permite substituir o ponto depois de "gols" pelo sinal de dois pontos, fazendo os devidos ajustes na letra inicial maiúscula desse verbo.

e) A relação de sentidos entre a fala do coordenador da pesquisa e a última oração do texto permite iniciá-la pelo conectivo **Por isso**, fazendo ajustes na pontuação e nas letras maiúsculas, escrevendo-se: **Por isso, o índice**.

18 Julgue como verdadeiras (V) ou falsas (F) as afirmações a respeito do uso das estruturas linguísticas no texto abaixo. Em seguida, assinale a opção **CORRETA**.

Houve uma grande queda da taxa de natalidade a partir de meados da década de 80. Vinte anos depois, tal fenômeno praticamente ausente dos debates econômicos resultou noutra tendência: a redução da população mais jovem. O efeito tem sido uma menor pressão por empregos, o que vai levar a aumento dos salários reais. Produtividade maior na economia, mais renda e melhores empregos estão promovendo uma revolução ainda pouco compreendida e estudada.

(Antônio Machado, Mundo invisível. Correio Braziliense, 14 de fevereiro de 2010, com adaptações)

( ) Mantém-se a coerência entre os argumentos, mas provoca-se erro gramatical, ao usar o termo "uma grande queda" no plural sem o artigo indefinido: **grandes quedas**.

( ) Provoca-se erro gramatical e, por consequência prejudica- se a coerência textual, ao inserir uma vírgula antes de "praticamente" e outra depois de "econômicos".

( ) Explicitam-se relações de sentido entre os termos, preservando a coerência e a correção gramatical do texto ao substituir "O efeito" por **Um dos efeitos dessa redução**.

( ) Alteram-se as relações de sentido no período sintático, mas preserva-se a coerência textual e o respeito às regras gramaticais ao retirar o pronome do termo "o que".
( ) Preservam-se as relações gramaticais, bem como a coerência textual, ao deslocar "na economia" para depois de "promovendo", desde que se coloque tal termo entre vírgulas.

A sequência obtida é
a) V, F, F, V, V
b) V, F, V, V, F
c) F, V, V, F, F
d) F, V, F, F, V
e) F, F, V, V, V

19 Assinale a opção **INCORRETA** a respeito das relações de concordância no texto abaixo.

Quando se pensa em classe A, vem logo à cabeça a lembrança de gente milionária, que passa todos os fins de semana em Paris e compra as melhores marcas do mundo. No entanto, nossa classe A representa apenas 5% da população e possui rendimentos bem menores do que muita gente imagina. O que acontece frequentemente é uma confusão entre o brasileiro classe A e o consumidor de luxo, este sim cliente de marcas sofisticadas que movimenta um mercado de R$ 6 bilhões anuais.

(Luiz Alberto Marinho, Raio X do mercado. Revista GOL, novembro de 2009, p. 138)

a) Preserva-se a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto ao substituir "gente milionária" por **milionários**, desde que se flexionasse também "passa e "compra"no plural, **passam** e **compram**.
b) A forma verbal "possui" estabelece concordância com "da população"; no entanto, também estaria correta a concordância com "5%", com o uso da flexão de plural, sem prejudicar a coerência do texto.
c) Preserva-se a coerência na argumentação, bem como a correção nas relações gramaticais do texto, ao retirar o termo "nossa classe A" do texto, deixando-o apenas subentendido na flexão de "representa".
d) Seria preservada a coerência na argumentação com a substituição de "uma confusão" por **confusões**, desde que o verbo ser fosse usado também no plural: são confusões.
e) A opção pelo uso da flexão de plural em "movimenta", **movimentam**, preservaria a correção gramatical do texto, mas alteraria as relações significativas entre os argumentos.

Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam é de índices sobre macroeconomia, números abstratos que indicam a situação geral da economia, mas não revelam o que se passa em seu interior. A internet, por exemplo, apareceu em grande escala em 1992, e o mundo se deu conta da revolução que ela fizera nos negócios, na cultura e na vida das pessoas 10 anos depois.

(Antônio Machado, Mundo invisível. Correio Braziliense, 14 de fevereiro de 2010, com adaptações)

20 No texto acima, provoca-se **ERRO** gramatical ou **incoerência** na argumentação do texto ao
a) inserir os antes de "economistas" e de "políticos".
b) retirar "é".
c) retirar o pronome "o", do termo "o que".
d) substituir "fizera" por havia feito.
e) inserir apenas depois de "pessoas".

21 Assinale a opção que ao substituir a oração sublinhada, no texto abaixo, provoca **ERRO** gramatical e/ou **INCOERÊNCIA** textual.

Sem vitória ou derrota, na comparação entre o pré e o pós-crise, a turbulência financeira que abalou o mundo trouxe perdas ao Brasil, mas no

decorrer de 2009 os prejuízos foram recuperados e, se o país não cresceu, conseguiu ao menos fazer com que importantes indicadores econômicos e sociais empatassem com os que eram registrados em 2008 – ano do pico de desenvolvimento brasileiro.

(Correio Braziliense, 11 de fevereiro, 2010, com adaptações)

a) caso o país não cresceu
b) apesar de o país não crescer
c) mesmo o país não crescendo
d) embora o país não crescesse
e) ainda que o país não tenha crescido

22 Em relação às estruturas linguísticas do texto, assinale a opção **CORRETA**.

Dados do Sine — uma rede pública de agências de emprego, associada ao Ministério do Trabalho — mostram que apenas 39% das vagas **ali** oferecidas em 2009 foram preenchidas. Em 2008, na mesma rede, 42% haviam sido ocupadas; no ano anterior, 48%. Ou seja, mesmo com um índice de desemprego ainda relativamente alto, de 8,9% no ano passado, o país vive o paradoxo de criar vagas e não encontrar profissionais que as preencham.

A explicação, dizem **as** empresas, está, sobretudo, na escolaridade precária dos trabalhadores.

O fenômeno já se fazia sentir com força, no final de2009, na procura por engenheiros. Agora se vê que a carência de profissionais **se espraia** para vários níveis de formação - sobram vagas para farmacêuticos, mas também para eletricistas e torneiros.

Trata-se de um problema grave, para o qual não há solução simples nem imediata. A rede educacional do país, com suas falhas e **distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade, mostra-se** incapaz de oferecer ao mercado de trabalho mão de obra competente.

(Folha de S. Paulo, Editorial, 17/02/2010, com adaptações)

a) Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir os travessões das linhas 1 e 3 por vírgulas.
b) O termo "ali"(L.3) retoma o antecedente "Ministério do Trabalho"(L.2).
c) O termo "as"(L.9) funciona como pronome e retoma o antecedente "vagas"(L.8).
d) Em "se espraia"(L.14) o termo "se" funciona como indicador de sujeito indeterminado.
e) A forma verbal "mostra-se"(L.21) tem como sujeito "distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade"(L.19 e 20).

23 Os trechos a seguir constituem um texto adaptado do Correio Braziliense, Editorial, 18/02/2010 Assinale a opção transcrita com **ERRO** gramatical.

a) Operação destinada a facilitar a vida do contribuinte coloca a Receita Federal na vanguarda das iniciativas que, ao longo dos últimos anos, objetivam reduzir a ineficiência operacional de agências públicas. É o que se materializa agora com as medidas que desobrigam cerca de 10 milhões de brasileiros de prestar declaração de renda.
b) A inovação é aplicável aos rendimentos auferidos em 2010 (ano-base 2009) e aos que serão obtidos em 2011 (ano-base 2010). Os principais beneficiários das novas regras são sócios de empresas ou pessoas que tenham patrimônio inferior a R$ 300 mil. Basta que os ganhos estejam dentro do limite de isenção (R$ 17215,08, em 2009, e de R$ 22487,25, em 2010).
c) Há outras condicionantes que, previstas nas mudanças, não chegam a alterar os efeitos práticos. Foram obrigadas a explicar-se ao fisco, por serem qualificadas como integrantes de sociedades comerciais, em 2009, nada menos de 5 milhões de pessoas. Agora, estão livres da obrigação, segundo o supervisor nacional do Programa do IR.
d) Os trabalhadores com remuneração anual abaixo do teto de isenção previsto para 2010

desde logo estão dispensados de entregar a declaração. Apenas deverão fazê-lo os que tivessem IR retido na fonte e pleiteam restituição.

e) Outra mudança importante: este ano será o último em que a Receita aceitará formulários de papel. Também é decisão compatível com a necessidade de elevar os padrões operacionais do órgão. Hoje, apenas 127 mil pessoas físicas optam por semelhante forma de declarar a renda.

24 Assinale a opção em que o texto foi transcrito com **ERRO** gramatical no termo sublinhado.

A historiografia econômica já explorou detidamente os mecanismos pelos quais(A) as eras históricas, que são nomeadas pelos respectivos sistemas de produção, ganharam uma fisionomia própria, uma identidade, entraram em crise, sendo(B) enfim substituídas implacavelmente em escala mundial. O feudalismo foi dissolvido pelo capital mercantil, e este, passado o processo de acumulação, deu lugar ao capitalismo industrial. O imperialismo é o ápice do processo capitalista e, até a bem(C) pouco tempo, o pensamento de esquerda ancorava-se na certeza de que o socialismo universalizado tomaria o lugar dos imperialismos em luta de morte. As dúvidas são hoje graves, mas a hipótese de que(D) as fases não só se encadeiam mas se ultrapassam é ainda um cânon de leitura poderoso, parecendo imbatível quando se examinam(E) os períodos de transição.

(Alfredo Bosi, O tempo e os tempos. In: Adauto Novaes (org.), Tempo e História. São Paulo: Companhia das Letras,1992, p.21, com adaptações)

a) (A)
b) (B)
c) (C)
d) (D)
e) (E)

25 Os trechos a seguir constituem um texto adaptado de *O Estado de S. Paulo, Editorial,* 18/02/2010 Assinale a opção gramaticalmente **CORRETA**.

a) A decisão da Agência de Proteção Ambiental (EPA) dos Estados Unidos de considerar o etanol produzido à partir da cana-de-açúcar um biocombustível avançado, que reduz a emissão de dióxido de carbono em pelo menos 40% na comparação com a gasolina, derruba uma das principais barreiras à entrada do álcool brasileiro no mercado americano e, desse modo, pode representar a abertura do mercado global para o produto nacional.

b) Para entrar no mercado americano, no entanto o etanol brasileiro precisa vencer outros obstáculos, alguns criados pela política externa do Brasil, como a aproximação ao Irã, que causou a perda do apoio ao produto brasileiro até agora dada pelo Congresso Americano.

c) A certificação do etanol de cana como biocombustível avançado pela EPA é importante para o Brasil. O Ato de Segurança e Independência Energética, de 2007, que define regras para os EUA alcançarem as metas de segurança energética e redução da emissão de gases de efeito estufa, estabelecem um consumo mínimo de biocombustíveis de 45 bilhões de litros em 2010 e de 136 bilhões de litros daqui a 12 anos.

d) Do total de biocombustíveis a ser consumido em 2022, 80 bilhões de litros está reservado para os avançados, que são o celulósico (ainda em fase experimental) e o diesel de biomassa, entre outros. A EPA incluiu o etanol de cana-de-açúcar entre os biocombustíveis avançados, ao reconhecerem que, em relação à gasolina, ele reduz a emissão de dióxido de carbono em 61%, bem mais que o mínimo exigido de 40%.

e) Por isso, do total de 80 bilhões que serão consumidos anualmente daqui a 12 anos, o etanol

responderá por 15 bilhões de litros. Esse volume corresponde a três vezes o total exportado pelo Brasil em 2008 Em decisão anterior, a EPA contabilizara os efeitos de emissões associadas ao desmatamento provocado pela expansão das áreas plantadas com cana, e considerara que a redução da emissão de dióxido de carbono em relação à gasolina seria de apenas 26%.

26 Assinale a opção que corresponde a **ERRO** gramatical ou de grafia de palavra inserido no texto.

A manutenção dos empregos é um atestado **de que(1)** os agentes econômicos, **embora(2)** assustados com as **repecurssões(3)** da crise nos países mais desenvolvidos, não perderam a confiança na economia brasileira. Não foi sem motivo. Graças aos sinais emitidos pelo próprio governo de que a crise seria encarada sem abalos na estrutura do combate **à(4)** inflação, no câmbio flutuante e com o menor sacrifício possível da política de superávits primários, já se sabia que a economia brasileira teria condições inéditas de escapar dos piores efeitos da situação. Mesmo tendo **enfrentado(5)** uma recessão, caracterizada pelo desempenho negativo do PIB por dois semestres seguidos, e de sofrer forte pressão por mudanças no câmbio, o governo sustentou a política econômica.

(Adaptado de Estado de Minas, Editorial, 19/02/2010)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

27 Assinale a opção que completa corretamente a sequência de lacunas no texto abaixo.
O que aconteceria no mundo ___(1)___, num determinado período, nada, nem pessoas, nem patrimônios, nem atividades econômicas tivessem a cobertura de uma apólice de seguro? Se isso ___(2)____, os aviões não levantariam vôo, os navios não deixariam os portos e o transporte de pessoas não funcionaria ___(3)___falta de proteção da sua vida. Milhares de atendimentos médico-hospitalares deixariam de ser feitos sem seguro saúde. Milhares de veículos provavelmente não circulariam ____(4)____ seus proprietários não correriam o risco de acidentes sem o seguro de automóveis. Consequentemente, milhares de oficinas e seus empregados não teriam trabalho e poucos carros novos seriam vendidos. As grandes indústrias parariam de produzir porque os empresários, certamente, não iriam admitir que seus investimentos e empregados ficassem expostos ____(5)____ riscos de trabalhar sem a proteção do seguro.

(Discurso de João Elisio Ferraz de Campos no Senado. Viver Seguro, http://www.fenaseg.org.br acesso: 11/02/2010)

	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
a)	se	acontecer	por	pois	em
b)	caso	acontecer	devido à	por que	a
c)	onde	acontecesse	em relação a	pois	a
d)	se	acontecesse	pela	porque	aos
e)	caso	aconteceria	devido à	porque	em

28 Assinale a opção que preenche, de maneira coerente e gramaticalmente **CORRETA**, as lacunas do texto.

O que contribui para fortalecer o mercado formal de trabalho não ___1___ imposições legais, mas sim a liberação dos caminhos ___2___ aumento da produção e mais qualificação da mão de obra. Dados do próprio Ministério do Trabalho, recém divulgados, confirmam que 1,66 milhão de postos oferecidos no ano passado não foram preenchidos simplesmente devido ___3___ ausência da qualificação mínima exigida por parte dos pretendentes. Isso significa

que o país deve persistir na busca de taxa de juros e carga fiscal baixas, ___4___de investimentos continuados em formação e treinamento de profissionais, ___5___a população possa aproveitar ao máximo as oportunidades abertas por este ano de projeções particularmente tão favoráveis.

(Adaptado de Zero Hora (RS), Editorial, 19/02/2010)

	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
a)	se tratam de	ao	uma	e mesmo	de forma que
b)	caso	no	em	e também	de modo que
c)	onde	com um	a	além	de jeito que
d)	se	para um	à	mas também	para que
e)	caso	do	com	e ainda	e

29 Assinale a opção que apresenta trecho adequado para ser inserido, de forma gramaticalmente **CORRETA**, coesa e coerente, na lacuna do texto abaixo.

Bancos públicos e privados do País se expandem no mercado externo. A rede de bancos de capital nacional no exterior ampliou-se a partir da década de 1990, buscando, inicialmente, atrair depósitos e aplicações de imigrantes brasileiros espalhados pelo mundo, responsáveis por um volume considerável de remessas financeiras para suas famílias, ou mesmo para seus negócios, no Brasil .... Já é clara, assim, a tendência para uma expansão global. O objetivo é claro: há todo o interesse dos bancos em acompanhar um número crescente de clientes empresariais brasileiros que já atuam nos quatro cantos do mundo, além de buscar novos negócios onde quer que se instalem.

(O Estado de S. Paulo, Editorial, 17/02/2010, com adaptações).

a) Posteriormente, houve uma tendência para a regionalização das operações dos bancos, tendo por base o Mercosul, com a abertura de escritórios e agências. E os bancos brasileiros, mais recentemente, têm feito aquisições de instituições financeiras em outros países, para onde levam a sua marca.
b) Diferentemente do que ocorre com essa infraestrutura de transportes, que apresenta ainda graves deficiências, o setor financeiro e de mercado de capitais no Brasil conta com estrutura para atrair investidores.
c) Criou-se, assim, um ambiente favorável para que médias e grandes empresas do Brasil da área de Tecnologia da Informação, com subsidiárias em outros países, principalmente a Argentina e o México, possam competir com êxito com grandes multinacionais.
d) Prevendo-se que o mercado mundial de tecnologia tenha um crescimento de 4,6% em 2010, que deverá ser liderado pelos países emergentes, a associação brasileira do setor estima que as vendas externas de softwares e serviços de comunicação e tecnologia possam atingir US$ 5 bilhões este ano.
e) Além desse bem-vindo estímulo governamental ao empreendedorismo o desafio do Brasil nessa área, como em tantas outras, é a formação de mão de obra qualificada em quantidade suficiente para continuar avançando.

30 Assinale a opção que corresponde a **ERRO** gramatical inserido no texto.

O etanol ainda está longe de ter um mercado global. Apresentado **desde o(1)** início da década como a grande solução energética para o mundo, para substituir uma fonte não renovável (o petróleo) e reduzir a **emissão(2)** de poluentes, o etanol ainda não conquistou os fabricantes de veículos e os consumidores do mundo inteiro. Falta uma padronização internacional para **transformar-lhe(3)** em uma

commodity facilmente comercializável nos diferentes mercados e ainda persistem barreiras protecionistas em muitos países. Nos EUA, por exemplo, há uma tarifa de importação de US$ 0,54 por galão. Para entrar na União Europeia, o etanol brasileiro paga 19 centavos de euro por litro.

É grande o potencial de mercado para o etanol brasileiro nos EUA. Na União Europeia, o potencial é menor, **pois lá(4)** o programa energético prevê a utilização de 10% de combustíveis renováveis no consumo total em 2020.

Cálculos da União da Indústria da Cana-de-Açúcar — Única indicam que isso resultaria na demanda de 14 bilhões de litros de etanol por ano (outra parte **seria atendida(5)** por biodiesel).

(O Estado de S. Paulo, Editorial, 18/02/2010, com adaptações)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

31 Assinale a opção **CORRETA** em relação ao texto.

O Programa Nacional de Desenvolvimento dos Recursos Hídricos – PROAGUA Nacional é um programa do Governo Brasileiro financiado pelo Banco Mundial. O Programa originou-se da exitosa experiência do PROAGUA / Semiárido e mantém sua missão estruturante, com ênfase no fortalecimento institucional de todos os atores envolvidos com a gestão dos recursos hídricos no Brasil e na implantação de infraestruturas hídricas viáveis do ponto de vista técnico, financeiro, econômico, ambiental e social, promovendo, assim, o uso racional dos recursos hídricos.

(http://proagua.ana.gov.br/proagua)

a) O PROAGUA / Semiárido é um dos subprojetos derivados do PROAGUA/Nacional.
b) A expressão "sua missão estruturante" refere-se a "Banco Mundial".
c) A ênfase no fortalecimento institucional de todos os atores envolvidos com a gestão de recursos hídricos é exclusiva do PROAGUA/ Semiárido.
d) Tanto o PROAGUA/Semiárido como o PROAGUA/ Nacional promovem o uso racional dos recursos hídricos.
e) A implantação de infraestruturas hídricas viáveis do ponto de vista técnico, financeiro, econômico, ambiental e social é exclusiva do PROAGUA/Nacional.

32 Assinale a opção que corresponde a **ERRO** gramatical.

O Brasil possui **cerca de(1)** 4 milhões de hectares irrigados: área que pode ser triplicada **em(2)** 20 anos. É um dos países mais **importantes(3)** na produção de alimentos, mas, **apesar de(4)** sua vocação para a agricultura irrigada, ainda são necessárias estratégias para explorar racionalmente esse potencial. Hoje, a captação e o consumo de água para a irrigação **representa(5)**, respectivamente, 46% e 69% dos valores totais captados e consumidos.

(Adaptado de Denise Caputo http://www.ana.gov.br/SalaImprensa/noticias)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

33 Assinale a opção que preenche **CORRETAMENTE** as lacunas do texto.

Havia um sério conflito pelo uso das águas da bacia do Rio Piracicaba _____1_____ população da própria bacia (cerca de 4 milhões de

habitantes) e a da Região Metropolitana de São Paulo (cerca de 18 milhões de habitantes). Parcela significativa do abastecimento da capital paulista e suprida ___2____ água da bacia do Rio Piracicaba, _____3_____
Sistema Cantareira (transposição de águas da bacia, por meio de reservatórios e túneis ate a Região Metropolitana de São Paulo). Tal intervenção hidráulica na bacia era desprovida de critérios de uso da água ____4_____ contemplassem as necessidades da população local. A ação reguladora da ANA se deu ____5_____ definição de critérios técnicos operacionais e de outorga.

(José Machado http://www.ana.gov.br/ SalaImprensa/artigos/ set.2008pdf)

	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
a)	na	de	do	se	cuja
b)	pela	no	com o	os quais	da
c)	com a	pela	no	cujos	na
d)	da	na	pelo	pelos quais	com a
e)	entre a	com	por meio de	que	pela

34 Em relação ao texto abaixo, assinale a opção **INCORRETA**.

O tratamento de esgotos é fundamental para qualquer programa de despoluição das águas. Em grande parte das situações, a viabilidade econômica das estações de tratamento de esgotos (ETE) e reconhecidamente reduzida, em razão dos altos investimentos iniciais necessários a sua construção e, em alguns casos, dos altos custos operacionais. Por esses motivos que mesmo os países desenvolvidos têm incentivado financeiramente os investimentos de Prestadores de Serviços em ETE, como os Estados Unidos e países da Comunidade Europeia. No Brasil, o problema de viabilidade econômica do investimento público torna-se ainda mais agudo, devido à elevada parcela de população de baixa renda. No entanto, vale ressaltar que a água de qualidade também e um fator de exclusão social, uma vez que a população de baixa renda dificilmente tem condições de comprar água de qualidade para beber ou até mesmo de pagar assistência médica para remediar as doenças de veiculação hídrica, decorrentes da ausência de saneamento básico.

(http://www.ana.gov.br/prodes/prodes.asp)

a) O emprego do sinal indicativo de crase em "a sua construção" é opcional porque é opcional a presença de artigo definido singular feminino antes de "sua".
b) Em "torna-se", o "-se" indica sujeito indeterminado.
c) A forma verbal "tem" está no plural porque concorda com "os países desenvolvidos".
d) Mantém-se a correção gramatical do período se a conjunção "No entanto" for substituída por qualquer uma das seguintes: **Porém, Todavia, Entretanto, Contudo.**
e) Estaria gramaticalmente correta a substituição de "uma vez que" por **porquanto**.

35 Em relação ao texto, assinale a opção **INCORRETA**.

A outorga de direito de uso da água é um dos principais instrumentos da política nacional de recursos hídricos, instituída pela Lei n. 9433/97, por meio da qual o poder público autoriza o usuário de água, sob condições preestabelecidas, a utilizar ou realizar interferências hidráulicas nos recursos hídricos necessários à sua atividade, garantindo o direito de acesso a esses recursos e tendo em conta que a água é um bem de domínio público.
Os rios e lagos que banham mais de uma unidade da federação e as águas armazenadas em reservatórios de propriedade federal são de domínio da União. Nesses casos, a outorga é emitida pela Agência Nacional de Águas (ANA).

Os demais rios, lagos, reservatórios e as águas subterrâneas são de domínio estadual ou distrital, sendo a outorga emitida pela respectiva autoridade local.

(José Machado http://www.ana.gov.br/ SalaImprensa/artigos/ set.2008pdf)

a) O emprego de sinal indicativo de crase em "a sua atividade" justifica-se pela regência de "recursos", que exige preposição "a" e pela presença de artigo definido feminino antes de "sua".
b) A expressão "da qual" refere-se a "outorga de direito de uso da água".
c) Mantém-se a informação original do período substituindo-se "tendo em conta" por considerando.
d) O segmento "que banham mais de uma unidade da federação" é uma oração adjetiva restritiva.
e) O verbo "autorizar" está empregado, no texto, com a mesma predicação verbal que apresenta na frase: O diretor autorizou-nos a tirar férias em fevereiro.

36 Em relação ao texto, assinale a opção **CORRETA**.

O Rio Paraíba do Sul tem cerca de 2/3 de suas águas retiradas do seu leito por uma obra de transposição em Santa Cecilia (RJ). Essas águas são utilizadas para gerar energia elétrica e para abastecer a Região Metropolitana do Rio de Janeiro (cerca de 8 milhões de pessoas). Havia conflitos pelo uso dessas águas entre as diferentes regiões. Também nesse caso, a ação da ANA se pautou por definir um arcabouço técnico e institucional, estabelecendo regras de operação para o reservatório e de vazão mínima a ser liberada a jusante (rio abaixo), em determinadas épocas do ano, de forma a compatibilizar os usos.

(José Machadohttp://www.ana.gov.br/ SalaImprensa/artigos/ set.2008pdf)

a) A substituição de "cerca de" por **acerca de** mantém a correção gramatical do período.
b) A eliminação de "para" antes de "abastecer" prejudica a correção gramatical do período.
c) A palavra "arcabouço" está sendo empregada com o sentido de **estrutura, esquema**.
d) A substituição de "se pautou" por se **orientou** prejudica a correção gramatical do período.
e) A palavra "jusante" tem o mesmo significado de **montante**.

37 Assinale a opção em que o trecho do texto esta reescrito de forma gramaticalmente **ERRADA**.

Os fundamentos da Lei n. 9433/97, conhecida como Lei das Águas, resultaram de décadas de discussões e basearam-se nas experiências adotadas pelas unidades federadas desde a década de 70, além de estarem sintonizados com os discursos dos mais significativos fóruns internacionais. Esses fundamentos estabelecem que a água é um bem de domínio público e um recurso natural limitado, dotado de valor econômico. Além disso, apregoam que, em situações de escassez, a água deve ser usada prioritariamente para o consumo humano e a dessedentação de animais; que sua gestão deve sempre proporcionar o uso múltiplo; que a bacia hidrográfica e a unidade territorial para a implementação da Politica Nacional de Recursos Hídricos; e que essa gestão deve ser descentralizada e contar com a participação do Poder Público, dos usuários e das comunidades.

(Adaptado de http://www.ana.gov.br/ SalaImprensa/artigos)

a) Asseveram ainda que a gestão hídrica deve ser descentralizada e contar com a participação do Poder Público, dos usuários e das comunidades, e que a bacia hidrográfica e a unidade territorial para a implementação da

Política Nacional de Recursos Hídricos.

b) Estão sintonizados com os discursos dos mais significativos fóruns internacionais.

c) Esses fundamentos estabelecem que a água é um bem de domínio público, dotado de valor econômico, e um recurso natural limitado.

d) Apregoam também que a gestão da água deve sempre proporcionar o uso múltiplo e que, em situações de escassez, a água deve ser usada prioritariamente para o consumo humano e a dessedentação de animais.

e) Os fundamentos da lei conhecida como Lei das Águas (Lei n. 9433/97), basearam-se nas experiências adotadas pelas unidades federadas desde a década de 70 e resultou de décadas de discussões.

38 Julgue se os itens estão gramaticalmente **CORRETOS** e assinale a opção correspondente.

I. A visão pan-americana sobre os desafios que envolvem o tema água constitui a Mensagem de Foz do Iguaçu, documento lançado na cidade paranaense, durante o encerramento do Fórum de Águas das Américas.

II. O Fórum visa diagnosticar a politica e a gestão da água na América e propor políticas adequadas para enfrentar os desafios globais relacionados a água, entre cujos as mudanças climáticas e o crescimento da população mundial.

III. Após um debate democrático, várias ideias foram escolhidas para compor a Mensagem de Foz do Iguaçu. Há desde temas que abrangem todo o continente americano, até propostas que contemplam uma região específica.

IV. A Mensagem será enviada para o Fórum Mundial da Água que ocorrera em marco de 2009, em Istambul Turquia.

(Adaptado de Raylton Alves http://www.ana.gov.br/SalaImprensa/noticiasExibe.asp?ID_Noticia=6119)

Estão **CORRETOS** apenas os itens:

a) I e III

b) I e II

c) II e III

d) II e IV

e) III e IV

39 Os segmentos a seguir constituem um texto retirado, com adaptações, de http://www.ana.gov.br/SalaImprensa/ artigos/ set.2008.pdf. Assinale a opção que apresenta **ERRO** gramatical.

a) O Rio Piranhas-Açu nasce na Paraíba e desagua em Macau, no Rio Grande do Norte.

b) Ambos os Estados tem nesse manancial uma das principais fontes de abastecimento de suas populações e de atividades econômicas, como a piscicultura.

c) O marco definiu um compromisso de entrega de água pela Paraíba conquanto o Rio Grande do Norte, estabelecendo quotas máximas de uso de água por finalidade e por trecho de rio.

d) O conflito que havia foi atenuado por meio do marco regulatório de uso das águas do Rio Piranhas-Açu, instituído pela ANA, em articulação com os órgãos estaduais e com o Departamento Nacional de Obras contra as Secas.

e) Definiu, também, regras de operação dos reservatórios existentes e programas de monitoramento da quantidade e qualidade da água.

40 Os trechos abaixo constituem um texto adaptado de *http://www.ana.gov.br/prodes/prodes.asp*, mas estão desordenados. Ordene-os e assinale a opção **CORRETA**.

( ) Tal incremento da carga orgânica poluidora nos corpos d'água leva à escassez de água com boa qualidade, fato já verificado em algumas regiões do país.

( ) Entre os maiores desafios da gestão de recursos hídricos no Brasil está a redução das cargas poluidoras que degradam os corpos d'água.

( ) Tanto é assim que menos de 20% do esgoto urbano recebe algum tipo de tratamento, o restante é lançado nos corpos d'água "in natura", colocando em risco a saúde do ecossistema e da população local.
( ) Nesse cenário, os efluentes domésticos representam uma das principais fontes de degradação dos ecossistemas aquáticos do território nacional.
( ) Principalmente em regiões metropolitanas, essa degradação da qualidade da água vem criando situações insustentáveis do ponto de vista de desenvolvimento.

a) 2, 1, 4, 5, 3
b) 3, 2, 4, 5, 1
c) 3, 5, 4, 2, 1
d) 5, 1, 4, 3, 2
e) 4, 3, 2, 1, 5

41 Assinale a opção em que o trecho constitui continuação **coesa** e **coerente** para o texto a seguir.

O Projeto de Integração do Rio São Francisco com Bacias Hidrográficas do Nordeste Setentrional (PISF) procura o desenvolvimento regional, com a perspectiva de conseguir benefícios que se estendam para além de 2025, e visa ao desenvolvimento sustentável de uma das áreas de maior concentração populacional do Semiárido, mediante o atendimento a múltiplos usos da água, com garantia adequada.

(http://www.ana.gov.br/SalaImprensa/anexos)

a) Entretanto, em termos de infraestrutura, propõe obras de bombeamento e construção de adutoras, que promoverão a transferência de água do Rio São Francisco para o semiárido do Nordeste Setentrional.
b) Considerou-se, nessa proposição, a evolução das demandas por água no Nordeste Setentrional, associadas não só ao abastecimento urbano e doméstico de água, mas, também, aos usos produtivos da água e a produção de alimentos.
c) Contudo, o PISF e motivado pela busca da garantia na disponibilidade da água, inclusive para abastecimento doméstico, necessária ao desenvolvimento sustentável da região a ser atendida pelas obras de adução e por suas derivações.
d) A medida que, na condição de agência reguladora do uso das águas de domínio da União, a ANA concedeu ao empreendedor, o Ministério da Integração Nacional, o Certificado de Sustentabilidade Hídrica (Certoh) e a respectiva outorga de direito de uso das águas do Rio São Francisco para tal propósito.
e) O processo de concessão desses dois diplomas legais foi cercado de extremo zelo técnico, após detalhada análise e depois do cumprimento de exigências feitas ao empreendedor, seguindo processo decisório independente e transparente.

42 Em relação à pontuação do texto, assinale a opção **CORRETA**.

A água pode ter diversas finalidades, como: abastecimento humano, dessedentação animal, irrigação, indústria, geração de energia elétrica, lazer, navegação etc. Muitas vezes, esses usos podem ser concorrentes, o que gera conflitos entre setores usuários ou mesmo impactos ambientais.

Nesse sentido, e necessário gerir e regular os recursos hídricos, acomodando as demandas econômicas, sociais e ambientais por água em níveis sustentáveis, para permitir a convivência dos usos atuais e futuros da água sem conflitos. Por isso, a outorga é fundamental, pois, ordenando e regularizando o uso da água, é possível assegurar ao usuário o efetivo acesso a ela, bem como realizar o controle quantitativo e qualitativo dos usos desse precioso recurso.

(José Machado http://www.ana.gov.br/SalaImprensa/artigos/ set.2008pdf)

a) As vírgulas da linha dois justificam-se porque isolam elementos de mesma função gramatical componentes de uma enumeração.
b) O emprego do sinal de dois-pontos justifica-se por anteceder oração subordinada adjetiva restritiva.
c) A vírgula apos "Muitas vezes" justifica -se para isolar conjunção temporal.
d) O emprego de vírgula após "hídricos" justifica-se para isolar oração subordinada adverbial comparativa.
e) O emprego de vírgula após "fundamental" justifica-se por isolar oração subordinada adverbial condicional.

43 Em relação às informações do texto, assinale a opção **CORRETA**.

A produção brasileira de petróleo e gás certamente dará um salto quando estiverem em operação os campos já descobertos na chamada camada do pré-sal. Embora essa expansão só possa ser efetivamente assegurada quando forem delimitadas as reservas, e os testes de longa duração confirmarem a produtividade provável dos campos, simulações indicam que o Brasil terá um saldo positivo na balança comercial do petróleo (exportações menos importações), da ordem de 1 milhão de barris diários.
Com isso, o petróleo deverá liderar a lista dos produtos que o Brasil estará exportando mais ao fim da próxima década.
O petróleo é negociado para pagamento a vista (menos de 90 dias). Então, é um volume de recursos que pode ter, de fato, forte impacto nas finanças externas do país.
Como é uma riqueza finita, a prudência e a experiência econômica recomendam que o Brasil tente poupar ao máximo essa renda adicional proveniente das exportações de petróleo. O mecanismo mais usual é conhecido como fundo soberano, por meio do qual as divisas são mantidas em aplicações seguras que proporcionem, preferencialmente, bom retorno e ainda contribuam positivamente para o desenvolvimento da economia brasileira. Os resultados dessas aplicações devem ser direcionados para investimentos internos que possibilitem avanços sociais importantes (educação, infraestrutura, meio ambiente, ciência e tecnologia).

(O Globo, Editorial, 13/10/2009)

a) É indiscutível que, quando estiverem em operação os campos da camada do pré-sal, o Brasil terá um saldo na balança comercial do petróleo da ordem de 1 milhão de barris diários.
b) É recomendável que os recursos arrecadados com a exploração do petróleo da camada do pré-sal sejam mantidos num fundo seguro, que proporcione retorno garantido e contribua favoravelmente para o desenvolvimento da economia brasileira.
c) Somente quando estiverem em operação os campos da camada do pré-sal, o petróleo será negociado para pagamento a vista.
d) Estima-se que, no final da próxima década, com os campos do pré-sal já em operação, o Brasil lidere a lista dos países importadores de petróleo, com forte impacto na balança comercial.
e) A renda adicional proveniente da exportação do petróleo da camada do pré-sal deverá ser aplicada diretamente em investimentos com repercussão na área social.

44 Assinale a opção **CORRETA** a respeito do texto.

Aferrado à valorização do aqui e agora, o sábio indiano Svâmi garante que "só o presente é real", o que equivale a considerar o passado e o futuro como puras ilusões. Viver no presente implica aceitar o primado da ação (o ato) sobre a esperança, o que equivale a trocar a passividade do estado de espera pela manifestação ativa da vontade de fazer. Em outras

palavras, importa a flecha mais do que o alvo, o ato mais do que a expectativa.
Como bem acentua Comte-Sponville, a ausência pura e simples de esperança não corresponde à mágoa, traduzida na acepção comum da palavra desespero. O desespero/desesperança é, antes, o grau zero da expectativa, portanto um regime de acolhimento do real sem temor, sem desengano, sem tristeza. Esse regime, ou essa regência, pode ser chamado de beatitude ou de alegria: uma aceitação e uma experiência da plenitude do presente.

(Muniz Sodré. As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006, p.206)

a) O autor do texto defende a ideia de que o ser humano, ao criar expectativas em relação ao futuro, não deve desesperar-se, mas, sim, manter-se passivo no estado de espera.
b) A ideia central desenvolvida no texto baseia-se no pressuposto de que se vive, atualmente, uma era em que predomina o desespero.
c) Uma das ideias secundárias desenvolvidas no texto é a de que os fins justificam os meios, como se depreende do trecho "importa a flecha mais do que o alvo".
d) Uma das ideias desenvolvidas no texto é a de que o real só é, de fato, apreendido quando o indivíduo compreende o passado e o futuro como ilusões.
e) Para sustentar a ideia apresentada no primeiro parágrafo, o autor do texto argumenta que é o medo do futuro que motiva os indivíduos a viverem intensamente o aqui e agora.

45 Assinale a opção que apresenta **CORRETAMENTE** ideia contida no trecho abaixo.
O período a que, hoje, assistimos se caracteriza pela perda de legitimidade dos governos e dos modelos neoliberais, mas, ao mesmo tempo, por dificuldades de construção de projetos alternativos. Uma das barreiras para a construção de tais projetos é o próprio fato de esses governos estarem engajados em uma estratégia de disputa hegemônica contínua, convivendo com o poder privado da grande burguesia – das grandes empresas privadas, nacionais e estrangeiras, dos bancos, dos grandes exportadores do agronegócio, da mídia privada. Se essa elite econômica não dispõe de grande apoio interno, conta com grandes aliados no plano internacional, especialmente entre os países globalizadores.

(Emir Sader. A nova toupeira: os caminhos da esquerda latinoamericana. São Paulo: Boitempo, 2009)

a) Quanto maior o engajamento de um país em disputas por hegemonia, maior a crise de legitimidade das políticas neoliberais por ele desenvolvidas.
b) A elite econômica de um país globalizado prescinde de apoio interno para manter seu poder hegemônico sobre os governos carentes de legitimidade.
c) O poder hegemônico dos países globalizadores dificulta o avanço de projetos que visem à superação dos modelos neoliberais.
d) A maior dificuldade dos governos de países globalizados é enfrentar a aliança da mídia privada com os países globalizadores.
e) Na elite econômica de um país, é a mídia privada que mais poder exerce sobre o governo de um país.

46 Assinale a opção que reproduz **CORRETAMENTE** ideia contida no trecho abaixo.

A realidade dos juros não se restringe ao mundo das finanças, como supõe o senso comum, mas permeia as mais diversas e surpreendentes esferas da vida prática, social e espiritual.
A face mais visível dos juros monetários – os juros fixados pelos bancos centrais e os praticados nos mercados de crédito – representa apenas um aspecto, ou seja, não mais que uma diminuta e peculiar constelação no vasto uni-

verso das trocas intertemporais em que valores presentes e futuros medem forças.
Pode-se, por exemplo, examinar a moderna teoria biológica do envelhecimento como uma troca intertemporal cuja síntese é "viver agora, pagar depois". A senescência dos organismos é a conta de juros decorrente do redobrado vigor e aptidão juvenis.

(Texto adaptado de Eduardo Giannetti. O valor do amanhã: ensaio sobre a natureza dos juros. São Paulo: Companhia das Letras, 2005)

a) Ao se fazer analogia entre os juros pagos em transações financeiras e os pagos em relações sociais, verifica-se que, apesar de, nestas, eles estarem embutidos, não há interesse da sociedade em desvelar esse fato.
b) A moderna teoria biológica prioriza as análises que abordam as mudanças no corpo do ser humano como trocas intertemporais às quais é inerente o pagamento de juros.
c) Os juros mais altos pagos pelos cidadãos são aqueles que, sorrateiramente, resultam da própria natureza finita dos seres humanos, determinada pelo irreversível envelhecimento do corpo.
d) O conceito de juros tem sido aplicado restritamente às situações do mercado financeiro porque, via de regra, prevalecem, nas sociedades, as noções estabelecidas pelo senso comum.
e) Prevalecendo a característica dos juros de que eles sempre envolvem uma troca intertemporal, a aplicação do conceito de juros pode ser estendida a outras situações da vida dos indivíduos.

47 Nas opções, são apresentadas propostas de continuidade do parágrafo abaixo. Assinale aquela em que foram atendidos plenamente os princípios de **coesão** e **coerência** textuais.

Duas ameaças simétricas rondam a determinação dos termos de troca entre presente e futuro. A miopia temporal envolve a atribuição de um valor demasiado ao que está próximo de nós no tempo, em detrimento do que se encontra mais afastado. A hipermetropia é a atribuição de um valor excessivo ao amanhã, em prejuízo das demandas e interesses correntes.

(Eduardo Giannetti. O valor do amanhã: ensaio sobre a natureza dos juros. São Paulo: Companhia das Letras, 2005)

a) Contudo, a miopia temporal nos leva a subestimar o futuro, e a hipermetropia a supervalorizar o futuro, o que desfaz, em parte, a referida simetria.
b) Por serem ameaças cujo resultado é idêntico, tanto a miopia temporal quanto a hipermetropia tornam irrelevante o fenômeno dos juros nas situações de troca entre presente e futuro.
c) Apesar dessa simetria, não existe uma posição credora – pagar agora, viver depois –, mesmo porque sempre abrimos mão de algo no presente sem a expectativa de recebermos algo no futuro.
d) Diante dessas ameaças, cabe perguntar se existe um ponto certo – um equilíbrio estável e exato – entre os extremos da fuga do futuro (miopia) e da fuga para o futuro (hipermetropia).
e) Essa simetria conduz, portanto, à conclusão de que vale mais a pena subordinar o presente ao futuro, e não, o contrário, o que nos fará atribuir valor excessivo ao futuro, sem risco de incorrermos em hipermetropia temporal.

48 Assinale a opção que constitui continuação **coesa**, **coerente** e gramaticalmente **correta** para o texto de Luiz Gonzaga Beluzzo, adaptado do *Valor Econômico* de 14 de outubro de 2009.

A marca registrada das crises capitaneadas pela finança é o colapso dos critérios de avaliação da riqueza que vinham prevalecendo. As expectativas dos possuidores de riqueza capitulam diante da incerteza e não é mais possível precificar os ativos. Os métodos habituais que permitem avaliar a relação risco/rendimento dos ativos sucumbem diante do medo do futuro. A obscuridade total paralisa as decisões e nega os novos fluxos de gasto.

a) Essa decisão pela corrida privada para as formas imaginárias, mas socialmente incontornáveis do valor e da riqueza vai afetar negativamente a valorização e a reprodução da verdadeira riqueza social, ou seja, a demanda de ativos reprodutivos e de trabalhadores.
b) Em contraposição a esse fenômeno, depois do colapso financeiro deflagrado pela quebra do Lehman Brothers, os preços dos ativos privados foram atropelados pelos mercados em pânico, na busca impossível da desalavancagem coletiva. Vendedores em fúria e compradores em fuga fizeram evaporar a liquidez dos mercados e prometiam uma deflação de ativos digna da Grande Depressão dos anos trinta.
c) Contanto que a reação das autoridades dos países desenvolvidos foi menos eficaz para restabelecer a oferta de crédito no volume desejado e impotente para reanimar o dispêndio das famílias e dos negócios. Empresas e consumidores trataram de cortar os gastos (e, portanto a demanda de crédito) para ajustar o endividamento contraído no passado à renda que imaginam obter num ambiente de desaceleração da economia e de queda do emprego.
d) Essas intervenções dos bancos centrais e dos Tesouros, sobretudo nos Estados Unidos, conseguiram, aos trancos, barrancos e trombadas legais, estancar a rápida deterioração das expectativas. Contrariando os augúrios mais pessimistas, a ação das autoridades foi capaz de afetar positivamente as taxas do interbancário e restabelecer as condições mínimas de funcionamentos dos mercados monetários.
e) Em tais circunstâncias, a tentativa de redução do endividamento e dos gastos de empresas e famílias em busca da liquidez e do reequilíbrio patrimonial é uma decisão "racional" do ponto de vista microeconômico, mas danosa para o conjunto da economia, pois leva necessariamente à deterioração dos balanços. É o paradoxo da "desalavancagem".

49 Os trechos abaixo constituem um texto adaptado de Muniz Sodré *(As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política),* mas estão desordenados. Ordene-os, indique a ordem dentro dos parênteses e assinale a opção que corresponde à ordem **CORRETA**.

( ) Ao redor do que se tem chamado de "imprensa de opinião" ou de "publicismo", organizaram-se os espaços públicos das democracias inaugurais na modernidade ocidental.
( ) O espaço público realiza, modernamente, a mediação dos interesses particulares da sociedade civil, visando principalmente a preservar as garantias dos direitos individuais frente ao poder do Estado. É aí fundamental o papel da imprensa.
( ) É preciso deixar claro, contudo, que, a despeito de sua grande importância, a imprensa não define o espaço público. Ele não é um puro espaço de comunicação e, sim, uma potência de conversão do individual em comum, o que não deixa de comportar zonas de sombras ou de opacidades não necessariamente comunicativas.
( ) Assim, a ampliação técnica da tradicional esfera pública pelo advento da mídia ou de todas as tecnologias da informação não implica necessariamente o alargamento da ação política.
( ) Por outro lado, vem definhando a representação popular, que era o motor político

do espaço público e base da sociedade democrática, fenômeno que remonta ao século XIX, quando a experiência da soberania popular se converteu em puro diálogo, senão em mera encenação espetacular.

a) 2, 4, 1, 3, 5
b) 2, 1, 5, 4, 3
c) 1, 2, 4, 5, 3
d) 2, 1, 3, 5, 4
e) 3, 5, 1, 2, 4

50 Os trechos a seguir constituem um texto adaptado de *O Globo, Editorial*, 14/10/2009, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e indique a sequência **CORRETA**.

( ) Esse quadro se alterou significativamente: em volume, a produção nacional de petróleo vem se mantendo próxima aos patamares de consumo doméstico. A redução dessa dependência no campo da energia foi acompanhada por um salto expressivo nas exportações brasileiras (que cresceram uma vez e meia na última década), com razoável equilíbrio entre produtos básicos e manufaturados na pauta de vendas.

( ) Apesar de a economia brasileira ter ainda um grau de abertura relativamente pequeno para o exterior — se comparado à média internacional —, o câmbio sempre foi apontado com um dos fatores mais vulneráveis do país. No passado, o Brasil era muito dependente de petróleo importado e de insumos essenciais para a indústria.

( ) Além desse equilíbrio, os programas de ajuste macroeconômico têm garantido uma estabilidade monetária que ampliou o horizonte de investimentos e as possibilidades de um desenvolvimento sustentável de longo prazo.

( ) Tal promoção foi reforçada pela capacidade de reação da economia brasileira à recente crise financeira, a mais grave que o mundo atravessou desde o fim da Segunda Guerra Mundial.

( ) Assim, as principais agências classificadoras de risco promoveram a economia brasileira para a categoria daquelas que não oferecem risco cambial aos investidores estrangeiros.

a) 2, 1, 3, 5, 4
b) 5, 3, 4, 1, 2
c) 4, 5, 2, 3, 1
d) 3, 2, 1, 4, 5
e) 4, 1, 2, 3, 5

GABARITO

1A	2E	3D	4C	5C
6D	7C	8E	9B	10B
11B	12E	13A	14B	15D
16C	17D	18E	19B	20C
21A	22C	23D	24C	25E
26C	27D	28D	29A	30C
31D	32E	33E	34B	35A
36C	37E	38A	39C	40D
41B	42A	43B	44D	45C
46E	47D	48E	49D	50A

APÊNDICE

REDAÇÃO OFICIAL

http://www4.planalto.gov.br/manual-de-redacao-pdf. O texto foi extraído do Manual de Redação Parlamentar da Presidência da República (com pequenas adaptações).

O QUE É REDAÇÃO OFICIAL?

Em uma frase, pode-se dizer que redação oficial é a maneira pela qual o Poder Público redige atos normativos e comunicações. Interessa-nos tratá-la do ponto de vista do Poder Executivo.

A redação oficial deve caracterizar-se pela impessoalidade, uso do padrão culto de linguagem, clareza, concisão, formalidade e uniformidade. Fundamentalmente esses atributos decorrem da Constituição, que dispõe, no artigo 37: "A administração pública direta, indireta ou fundacional, de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios obedecerá aos princípios de legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência (...)". Sendo a publicidade e a impessoalidade princípios fundamentais de toda administração pública, claro está que devem igualmente nortear a elaboração dos atos e comunicações oficiais.

Não se concebe que um ato normativo de qualquer natureza seja redigido de forma obscura, que dificulte ou impossibilite sua compreensão. A transparência do sentido dos atos normativos, bem como sua inteligibilidade, são requisitos do próprio Estado de Direito: é inaceitável que um texto legal não seja entendido pelos cidadãos. A publicidade implica, pois, necessariamente, clareza e concisão.

Além de atender à disposição constitucional, a forma dos atos normativos obedece a certa tradição. Há normas para sua elaboração que remontam ao período de nossa história imperial, como, por exemplo, a obrigatoriedade – estabelecida por decreto imperial de 10 de dezembro de 1822 – de que se aponha, ao final desses atos, o número de anos transcorridos desde a Independência. Essa prática foi mantida no período republicano.

Esses mesmos princípios (impessoalidade, clareza, uniformidade, concisão e uso de linguagem formal) aplicam-se às comunicações oficiais: elas devem sempre permitir uma única interpretação e ser estritamente impessoais e uniformes, o que exige o uso de certo nível de linguagem.

Nesse contexto, fica claro também que as comunicações oficiais são necessariamente uniformes, pois há sempre um único comunicador (o Serviço Público) e o receptor dessas comunicações ou é o próprio Serviço Público (no caso de expedientes dirigidos por um órgão a outro) – ou o conjunto dos cidadãos ou instituições tratados de forma homogênea (o público).

Outros procedimentos rotineiros na redação de comunicações oficiais foram incorporados ao longo do tempo, como as formas de tratamento e de cortesia, certos clichês de redação, a estrutura dos expedientes etc. Mencione-se, por exemplo, a fixação dos fechos para comunicações oficiais,

regulados pela Portaria nº 1 do Ministro de Estado da Justiça, de 8 de julho de 1937, que, após mais de meio século de vigência, foi revogado pelo Decreto que aprovou a primeira edição do Manual de Redação da Presidência.

Acrescente-se, por fim, que a identificação que se buscou fazer das características específicas da forma oficial de redigir não deve ensejar o entendimento de que se proponha a criação – ou se aceite a existência – de uma forma específica de linguagem administrativa, o que coloquialmente e pejorativamente se chama burocratês. Este é antes uma distorção do que deve ser a redação oficial, e se caracteriza pelo abuso de expressões e clichês do jargão burocrático e de formas arcaícas de construção de frases.

A redação oficial não é, portanto, necessariamente árida e infensa à evolução da língua. É que sua finalidade básica – comunicar com impessoalidade e máxima clareza – impõe certos parâmetros ao uso que se faz da língua, de maneira diversa daquele da literatura, do texto jornalístico, da correspondência particular, etc.

Apresentadas essas características fundamentais da redação oficial passemos à análise pormenorizada de cada uma delas.

A IMPESSOALIDADE

A finalidade da língua é comunicar, quer pela fala, quer pela escrita. Para que haja comunicação, são necessários: a) alguém que comunique, b) algo a ser comunicado, e c) alguém que receba essa comunicação. No caso da redação oficial, quem comunica é sempre o Serviço Público (este ou aquele Ministério, Secretaria, Departamento, Divisão, Serviço, Seção); o que se comunica é sempre algum assunto relativo às atribuições do órgão que comunica; o destinatário dessa comunicação ou é o público, o conjunto dos cidadãos, ou outro órgão público, do Executivo ou dos outros Poderes da União.

Percebe-se, assim, que o tratamento impessoal que deve ser dado aos assuntos que constam das comunicações oficiais decorre:

a) da ausência de impressões individuais de quem comunica: embora se trate, por exemplo, de um expediente assinado por Chefe de determinada Seção, é sempre em nome do Serviço Público que é feita a comunicação. Obtém-se, assim, uma desejável padronização, que permite que comunicações elaboradas em diferentes setores da Administração guardem entre si certa uniformidade;

b) da impessoalidade de quem recebe a comunicação, com duas possibilidades: ela pode ser dirigida a um cidadão, sempre concebido como público, ou a outro órgão público. Nos dois casos, temos um destinatário concebido de forma homogênea e impessoal;

c) do caráter impessoal do próprio assunto tratado: se o universo temático das comunicações oficiais se restringe a questões que dizem respeito ao interesse público, é natural que não cabe qualquer tom particular ou pessoal.

Dessa forma, não há lugar na redação oficial para impressões pessoais, como as que, por exemplo, constam de uma carta a um amigo, ou de um artigo assinado de jornal, ou mesmo de um texto literário. A redação oficial deve ser isenta da interferência da individualidade que a elabora.

A concisão, a clareza, a objetividade e a formalidade de que nos valemos para elaborar os expedientes oficiais contribuem, ainda, para que seja alcançada a necessária impessoalidade.

A LINGUAGEM DOS ATOS E COMUNICAÇÕES OFICIAIS

A necessidade de empregar determinado nível de linguagem nos atos e expedientes oficiais decorre, de um lado, do próprio caráter público desses atos e comunicações; de outro, de sua finalidade. Os atos oficiais, entendidos como atos de caráter normativo, ou estabelecem regras para a conduta dos cidadãos, ou regulam o funcionamento dos órgãos públicos, o que só é alcançado se em sua elaboração for empregada a linguagem adequada. O mesmo se dá com os expedientes oficiais, cuja finalidade precípua é a de informar com clareza e objetividade.

As comunicações que partem dos órgãos públicos federais devem ser compreendidas por todo e qualquer cidadão brasileiro. Para atingir esse objetivo, há que evitar o uso de uma linguagem restrita a determinados grupos. Não há dúvida que um texto marcado por expressões de circulação restrita, como a gíria, os regionalismos vocabulares ou o jargão técnico, tem sua compreensão dificultada.

Ressalte-se que há necessariamente uma distância entre a língua falada e a escrita. Aquela é extremamente dinâmica, reflete de forma imediata qualquer alteração de costumes, e pode eventualmente contar com outros elementos que auxiliem a sua compreensão, como os gestos, a entoação, etc., para mencionar apenas alguns dos fatores responsáveis por essa distância. Já a língua escrita incorpora mais lentamente as transformações, tem maior vocação para a permanência, e vale-se apenas de si mesma para comunicar.

A língua escrita, como a falada, compreende diferentes níveis, de acordo com o uso que dela se faça. Por exemplo, em uma carta a um amigo, podemos nos valer de determinado padrão de linguagem que incorpore expressões extremamente pessoais ou coloquiais; em um parecer jurídico, não se há de estranhar a presença do vocabulário técnico correspondente. Nos dois casos, há um padrão de linguagem que atende ao uso que se faz da língua, a finalidade com que a empregamos.

O mesmo ocorre com os textos oficiais: por seu caráter impessoal, por sua finalidade de informar com o máximo de clareza e concisão, eles requerem o uso do padrão culto da língua. Há consenso de que o padrão culto é aquele em que a) se observam as regras da gramática formal, e b) se emprega um vocabulário comum ao conjunto dos usuários do idioma. É importante ressaltar que a obrigatoriedade do uso do padrão culto na redação oficial decorre do fato de que ele está acima das diferenças lexicais, morfológicas ou sintáticas regionais, dos modismos vocabulares, das idiossincrasias linguísticas, permitindo, por essa razão, que se atinja a pretendida compreensão por todos os cidadãos.

Lembre-se que o padrão culto nada tem contra a simplicidade de expressão, desde que não seja confundida com pobreza de expressão. De nenhuma forma o uso do padrão culto implica emprego de linguagem rebuscada, nem dos contorcionismos sintáticos e figuras de linguagem próprios da língua literária.

Pode-se concluir, então, que não existe propriamente um "padrão oficial de linguagem"; o que há é o uso do padrão culto nos atos e comunicações oficiais. É claro que haverá preferência pelo uso de determinadas expressões, ou será obedecida certa tradição no emprego das formas sintáticas, mas isso não implica, necessariamente, que se consagre a utilização de uma forma de linguagem burocrática. O jargão burocrático, como

todo jargão, deve ser evitado, pois terá sempre sua compreensão limitada.

A linguagem técnica deve ser empregada apenas em situações que a exijam, devendo se evitar o seu uso indiscriminado. Certos rebuscamentos acadêmicos, e mesmo o vocabulário próprio a determinada área, são de difícil entendimento por quem não esteja com eles familiarizado. Deve-se ter o cuidado, portanto, de explicitá-los em comunicações encaminhadas a outros órgãos da administração e em expedientes dirigidos aos cidadãos.

FORMALIDADE E PADRONIZAÇÃO

As comunicações oficiais devem ser sempre formais, isto é, obedecem a certas regras de forma: além das já mencionadas exigências de impessoalidade e uso do padrão culto de linguagem, é imperativo, ainda, certa formalidade de tratamento. Não se trata somente da dúvida quanto ao correto emprego deste ou daquele pronome de tratamento para uma autoridade de certo nível, mais do que isso, a formalidade diz respeito à polidez, à civilidade no próprio enfoque dado ao assunto do qual cuida a comunicação.

A formalidade de tratamento vincula-se, também, à necessária uniformidade das comunicações. Ora, se a administração federal é una, é natural que as comunicações que expede sigam um mesmo padrão. O estabelecimento desse padrão, uma das metas das redações oficiais, exige que se atente para todas as suas características e que se cuide, ainda, da apresentação do texto.

A clareza datilográfica, o uso de papéis uniformes para o texto definitivo e a correta diagramação do texto são indispensáveis para a padronização.

CONCISÃO E CLAREZA

A concisão é antes uma qualidade do que uma característica do texto oficial. Conciso é o texto que consegue transmitir um máximo de informações com um mínimo de palavras. Para que se redija com essa qualidade, é fundamental que se tenha, além de conhecimento do assunto sobre o qual se escreve, o necessário tempo para revisar o texto depois de pronto. É nessa releitura que muitas vezes se percebem eventuais redundâncias ou repetições desnecessárias de ideias.

O esforço de sermos concisos atende, basicamente ao princípio de economia linguística, à mencionada fórmula de empregar o mínimo de palavras para informar o máximo. Não se deve de forma alguma entendê-la como economia de pensamento, isto é, não se devem eliminar passagens substanciais do texto no afã de reduzi-lo em tamanho. Trata-se exclusivamente de cortar palavras inúteis, redundâncias, passagens que nada acrescentem ao que já foi dito.

Procure perceber certa hierarquia de ideias que existe em todo texto de alguma complexidade: ideias fundamentais e ideias secundárias. Estas últimas podem esclarecer o sentido daquelas, detalhá-las, exemplificá-las; mas existem também ideias secundárias que não acrescentam informação alguma ao texto, nem têm maior relação com as fundamentais, podendo, por isso, ser dispensadas.

A clareza deve ser a qualidade básica de todo texto oficial. Pode-se definir como claro aquele texto que possibilita imediata compreensão pelo leitor. No entanto, a clareza não é algo que se atinja por si só: ela depende estritamente das demais características da redação oficial. Para ela concorrem:

a) a impessoalidade, que evita a duplicidade de interpretações que poderia decorrer de um tratamento personalista dado ao texto;

b) o uso do padrão culto de linguagem, em princípio, de entendimento geral e por definição avesso a vocábulos de circulação restrita, como a gíria e o jargão;

c) a formalidade e a padronização, que possibilitam a imprescindível uniformidade dos textos;

d) a concisão, que faz desaparecer do texto os excessos linguísticos que nada lhe acrescentam.

É pela correta observação dessas características que se redige com clareza. Contribuirá, ainda, a indispensável releitura de todo texto redigido. A ocorrência, em textos oficiais, de trechos obscuros e de erros gramaticais provém principalmente da falta da releitura que torna possível sua correção.

Na revisão de um expediente, deve-se avaliar, ainda, se ele será de fácil compreensão por seu destinatário. O que nos parece óbvio pode ser desconhecido por terceiros. O domínio que adquirimos sobre certos assuntos em decorrência de nossa experiência profissional muitas vezes faz com que os tomemos como de conhecimento geral, o que nem sempre é verdade. Explicite, desenvolva, esclareça, precise os termos técnicos, o significado das siglas e abreviações e os conceitos específicos que não possam ser dispensados.

A revisão atenta exige, necessariamente, tempo. A pressa com que são elaboradas certas comunicações quase sempre compromete sua clareza. Não se deve proceder à redação de um texto que não seja seguida por sua revisão.

PRONOMES E FORMAS DE TRATAMENTO

CONCORDÂNCIA COM OS PRONOMES DE TRATAMENTO

Os pronomes de tratamento (ou de segunda pessoa indireta) apresentam certas peculiaridades quanto à concordância verbal, nominal e pronominal. Embora se refiram à segunda pessoa gramatical (à pessoa com quem se fala, ou a quem se dirige a comunicação), levam a concordância para a terceira pessoa. É que o verbo concorda com o substantivo que integra a locução como seu núcleo sintático: "Vossa Senhoria nomeará o substituto"; "Vossa Excelência conhece o assunto".

Da mesma forma, os pronomes possessivos referidos a pronomes de tratamento são sempre os da terceira pessoa: "Vossa Senhoria nomeará seu substituto" (e não "Vossa ... vosso...").

Já quanto aos adjetivos referidos a esses pronomes, o gênero gramatical deve coincidir com o sexo da pessoa a que se refere, e não com o substantivo que compõe a locução. Assim, se nosso interlocutor for homem, o correto é "Vossa Excelência está atarefado", "Vossa Senhoria deve estar satisfeito"; se for mulher, "Vossa Excelência está atarefada", "Vossa Senhoria deve estar satisfeita".

EMPREGO DOS PRONOMES DE TRATAMENTO

Como visto, o emprego dos pronomes de tratamento obedece a secular tradição. São de uso consagrado:

Vossa Excelência, para as seguintes autoridades:

a) **do Poder Executivo:**
- Presidente da República;
- Vice-Presidente da República;
- Ministros de Estado;
- Governadores e Vice-Governadores de Estado e do Distrito Federal;
- Oficiais-Generais das Forças Armadas;
- Embaixadores;
- Secretários-Executivos de Ministérios e demais ocupantes de cargos de natureza especial;
- Secretários de Estado dos Governos Estaduais;
- Prefeitos Municipais.

b) **do Poder Legislativo:**
- Deputados Federais e Senadores;
- Ministros do Tribunal de Contas da União;
- Deputados Estaduais e Distritais;
- Conselheiros dos Tribunais de Contas Estaduais;
- Presidentes das Câmaras Legislativas Municipais.

c) **do Poder Judiciário:**
- Ministros dos Tribunais Superiores;
- Membros de Tribunais;
- Juízes;
- Auditores da Justiça Militar.

O vocativo a ser empregado em comunicações dirigidas aos Chefes de Poder é Excelentíssimo Senhor, seguido do cargo respectivo:

Excelentíssimo Senhor Presidente da República,
Excelentíssimo Senhor Presidente do Congresso Nacional,
Excelentíssimo Senhor Presidente do Supremo Tribunal Federal.

As demais autoridades serão tratadas com o vocativo Senhor, seguido do cargo respectivo:

Senhor Senador,
Senhor Juiz,
Senhor Ministro,
Senhor Governador,

No envelope, o endereçamento das comunicações dirigidas às autoridades tratadas por *Vossa Excelência*, terá a seguinte forma:

A Sua Excelência o Senhor
Fulano de Tal
Ministro de Estado da Justiça
70064-900 – Brasília. DF

A Sua Excelência o Senhor
Senador Fulano de Tal
Senado Federal
70165-900 – Brasília. DF

A Sua Excelência o Senhor
Fulano de Tal
Juiz de Direito da 10ª Vara Cível
Rua ABC, no 123
01010-000 – São Paulo. SP

Em comunicações oficiais, está abolido o uso do tratamento digníssimo (DD), às autoridades arroladas na lista anterior. A dignidade é pressuposto para que se ocupe qualquer cargo público, sendo desnecessária sua repetida evocação.

Vossa Senhoria é empregado para as demais autoridades e para particulares. O vocativo adequado é:

Senhor Fulano de Tal,
(...)

No envelope, deve constar do endereçamento:

Ao Senhor
Fulano de Tal
Rua ABC, nº 123
12345-000 – Curitiba. PR

Como se depreende do exemplo anterior, fica dispensado o emprego do superlativo ilustríssimo para as autoridades que recebem o tratamento de Vossa Senhoria e para particulares. É suficiente o uso do pronome de tratamento Senhor.

Acrescente-se que doutor não é forma de tratamento, e sim título acadêmico. Evite usá-lo indiscriminadamente. Como regra geral, empregue-o apenas em comunicações dirigidas a pessoas que tenham tal grau por terem concluído curso universitário de doutorado. É costume designar por doutor os bacharéis, especialmente os bacharéis em Direito e em Medicina. Nos demais casos, o tratamento Senhor confere a desejada formalidade às comunicações.

Mencionemos, ainda, a forma Vossa Magnificência, empregada por força da tradição, em comunicações dirigidas a reitores de universidade. Corresponde-lhe o vocativo:

Magnífico Reitor,
(...)

Os pronomes de tratamento para religiosos, de acordo com a hierarquia eclesiástica, são:

Vossa Santidade, em comunicações dirigidas ao Papa. O vocativo correspondente é:

Santíssimo Padre,
(...)

Vossa Eminência ou Vossa Eminência Reverendíssima, em comunicações aos Cardeais. Corresponde-lhe o vocativo:

Eminentíssimo Senhor Cardeal, ou
Eminentíssimo e Reverendíssimo Senhor Cardeal,
(...)

Vossa Excelência Reverendíssima é usado em comunicações dirigidas a Arcebispos e Bispos; Vossa Reverendíssima ou Vossa Senhoria Reverendíssima para Monsenhores, Cônegos e superiores religiosos. Vossa Reverência é empregado para sacerdotes, clérigos e demais religiosos.

FECHOS PARA COMUNICAÇÕES

O fecho das comunicações oficiais possui, além da finalidade óbvia de arrematar o texto, a de saudar o destinatário. Os modelos para fecho que vinham sendo utilizados foram regulados pela Portaria nº 1 do Ministério da Justiça, de 1937, que estabelecia quinze padrões. Com o fito de simplificá-los e uniformizá-los, o manual da Presidência estabelece o emprego de somente dois fechos diferentes para todas as modalidades de comunicação oficial:

a) para autoridades superiores, inclusive o Presidente da República:

Respeitosamente,

b) para autoridades de mesma hierarquia ou de hierarquia inferior:

Atenciosamente,

Ficam excluídas dessa fórmula as comunicações dirigidas a autoridades estrangeiras, que atendem a rito e tradição próprios, devidamente disciplinados no Manual de Redação do Ministério das Relações Exteriores.

IDENTIFICAÇÃO DO SIGNATÁRIO

Excluídas as comunicações assinadas pelo Presidente da República, todas as demais comunicações oficiais devem trazer o nome e o cargo da autoridade

que as expede, abaixo do local de sua assinatura. A forma da identificação deve ser a seguinte:

(espaço para assinatura)
Nome
Chefe da Secretaria-Geral da Presidência da República

(espaço para assinatura)
Nome
Ministro de Estado da Justiça

Para evitar equívocos, recomenda-se não deixar a assinatura em página isolada do expediente. Transfira para essa página ao menos a última frase anterior ao fecho.

O PADRÃO OFÍCIO

Há três tipos de expedientes que se diferenciam antes pela finalidade do que pela forma: o ofício, o aviso e o memorando. Com a intenção de uniformizá-los, pode-se adotar uma diagramação única, que siga o que chamamos de padrão ofício. As peculiaridades de cada um serão tratadas adiante; por ora busquemos as suas semelhanças.

O aviso, o ofício e o memorando devem conter as seguintes partes:

a) tipo e número do expediente, seguido da sigla do órgão que o expede.

Mem. 123/2010-MF
Aviso 123/2010-SG
Of. 123/2010-MME

b) local e data em que foi assinado, por extenso, com alinhamento à direita.

Brasília, 15 de março de 2011.

c) assunto: resumo do teor do documento.

Assunto: Produtividade do órgão em 2011.

Assunto: Necessidade de aquisição de novos computadores.

d) destinatário: o nome e o cargo da pessoa a quem é dirigida a comunicação. No caso do ofício, deve ser incluído também o endereço.

e) texto: nos casos em que não for de mero encaminhamento de documentos, o expediente deve conter a seguinte estrutura:

- introdução, que se estrutura no parágrafo de abertura, no qual é apresentado o assunto que motiva a comunicação. Evite o uso das formas: "Tenho a honra de", "Tenho o prazer de", "Cumpre-me informar que", empregue a forma direta;
- desenvolvimento, no qual o assunto é detalhado; se o texto contiver mais de uma ideia sobre o assunto, elas devem ser tratadas em parágrafos distintos, o que confere maior clareza à exposição;
- conclusão, em que é reafirmada ou simplesmente reapresentada a posição recomendada sobre o assunto.

OBSERVAÇÕES

Os parágrafos do texto devem ser numerados, exceto nos casos em que estes estejam organizados em itens ou títulos e subtítulos.

Já quando se tratar de mero encaminhamento de documentos a estrutura é a seguinte:

- introdução: deve iniciar com referência ao expediente que solicitou o encaminhamento. Se

a remessa do documento não tiver sido solicitada, deve iniciar com a informação do motivo da comunicação, que é encaminhar, indicando a seguir os dados completos do documento encaminhado (tipo, data, origem ou signatário, e assunto de que trata), e a razão pela qual está sendo encaminhado, segundo a seguinte fórmula:

"Em resposta ao Aviso nº 12, de 1º de fevereiro de 2011, encaminho, anexa, cópia do Ofício nº 34, de 3 de abril de 2010, do Departamento Geral de Administração, que trata da requisição do servidor Fulano de Tal."

ou

"Encaminho, para exame e pronunciamento, a anexa cópia do telegrama no 12, de 1º de fevereiro de 2011, do Presidente da Confederação Nacional de Agricultura, a respeito de projeto de modernização de técnicas agrícolas na região Nordeste."

– desenvolvimento: se o autor da comunicação desejar fazer algum comentário a respeito do documento que encaminha, poderá acrescentar parágrafos de desenvolvimento; em caso contrário, não há parágrafos de desenvolvimento em aviso ou ofício de mero encaminhamento.

f) fecho.

g) assinatura do autor da comunicação.

h) identificação do signatário.

FORMA DE DIAGRAMAÇÃO

Os documentos do Padrão Ofício devem obedecer à seguinte forma de apresentação:

a) deve ser utilizada fonte do tipo Times New Roman de corpo 12 no texto em geral, 11 nas citações, e 10 nas notas de rodapé;

b) para símbolos não existentes na fonte Times New Roman poder-se-á utilizar as fontes Symbol e Wingdings;

c) é obrigatório constar a partir da segunda página o número da página;

d) os ofícios, memorandos e anexos destes poderão ser impressos em ambas as faces do papel. Nesse caso, as margens esquerda e direita terão as distâncias invertidas nas páginas pares ("margem espelho");

e) o início de cada parágrafo do texto deve ter 2,5 cm de distância da margem esquerda;

f) o campo destinado à margem lateral esquerda terá, no mínimo, 3,0 cm de largura;

g) o campo destinado à margem lateral direita terá 1,5 cm;

h) deve ser utilizado espaçamento simples entre as linhas e de 6 pontos após cada parágrafo, ou, se o editor de texto utilizado não comportar tal recurso, de uma linha em branco;

i) não deve haver abuso no uso de negrito, itálico, sublinhado, letras maiúsculas, sombreado, sombra, relevo, bordas ou qualquer outra forma de formatação que afete a elegância e a sobriedade do documento;

j) a impressão dos textos deve ser feita na cor preta em papel branco. A impressão colorida deve ser usada apenas para gráficos e ilustrações;

k) todos os tipos de documentos do Padrão Ofício devem ser impressos em papel de tamanho A-4, ou seja, 29,7 x 21,0 cm;

l) deve ser utilizado, preferencialmente, o formato de arquivo Rich Text nos documentos de texto;

m) dentro do possível, todos os documentos elaborados devem ter o arquivo de texto preservado para consulta posterior ou aproveitamento de trechos para casos análogos;

n) para facilitar a localização, os nomes dos arquivos devem ser formados da seguinte maneira:
tipo do documento + número do documento + palavras-chaves do conteúdo:

"Of. 123 - relatório produtividade ano 2011."

TIPOS DE TEXTO OFICIAL

AVISO E OFÍCIO

Aviso e ofício são modalidades de comunicação oficial praticamente idênticas. A única diferença entre eles é que o aviso é expedido exclusivamente por Ministros de Estado, para autoridades de mesma hierarquia, ao passo que o ofício é expedido para e pelas demais autoridades. Ambos têm como finalidade o tratamento de assuntos oficiais pelos órgãos da Administração Pública entre si e, no caso do ofício, também com particulares.

Quanto a sua forma, aviso e ofício seguem o modelo do padrão ofício, com acréscimo do vocativo, que invoca o destinatário, seguido de vírgula.

Excelentíssimo Senhor Presidente da República,
Senhora Ministra,
Senhor Chefe de Gabinete,

Devem constar do cabeçalho ou do rodapé do ofício as seguintes informações do remetente:

- nome do órgão ou setor;
- endereço postal;
- telefone e endereço de correio eletrônico.

MEMORANDO

O memorando é a modalidade de comunicação entre unidades administrativas de um mesmo órgão, que podem estar hierarquicamente em mesmo nível ou em níveis diferentes. Trata-se, portanto, de uma forma de comunicação eminentemente interna.

Pode ter caráter meramente administrativo, ou ser empregado para a exposição de projetos, ideias, diretrizes etc. a serem adotados por determinado setor do serviço público.

Sua característica principal é a agilidade. A tramitação do memorando em qualquer órgão deve pautar-se pela rapidez e pela simplicidade de procedimentos burocráticos. Para evitar desnecessário aumento do número de comunicações, os despachos ao memorando devem ser dados no próprio documento e, no caso de falta de espaço, em folha de continuação. Esse procedimento permite formar uma espécie de processo simplificado, assegurando maior transparência à tomada de decisões, e permitindo que se historie o andamento da matéria tratada no memorando.

Quanto a sua forma, o memorando segue o modelo do padrão ofício, com a diferença de que o seu destinatário deve ser mencionado pelo cargo que ocupa.

Ao Sr. Chefe do Departamento de Administração
Ao Sr. Subchefe para Assuntos Jurídicos

Exemplo de Ofício

5 cm

[Ministério]
[Secretaria/Departamento/Setor/Entidade]
[Endereço para correspondência].
[Endereço - continuação]
[Telefone e Endereço de Correio Eletrônico]

Ofício nº 524/2011/SG-PR

Brasília, 27 de maio de 2011.

A Sua Excelência o Senhor
Deputado [Nome]
Câmara dos Deputados
70.160-900 – Brasília – DF

Assunto: **Demarcação de terras indígenas.**

3 cm 1,5

2,5 cm

Senhor Deputado,

1. Em complemento às observações transmitidas pelo telegrama no 154, de 24 de abril último, informo Vossa Excelência de que as medidas mencionadas em sua carta no 6708, dirigida ao Senhor Presidente da República, estão amparadas pelo procedimento administrativo de demarcação de terras indígenas instituído pelo Decreto no 22, de 4 de fevereiro de 1991 (cópia anexa).

2. Em sua comunicação, Vossa Excelência ressalva a necessidade de que – na definição e demarcação das terras indígenas – fossem levadas em consideração as características socioeconômicas regionais.

3. Nos termos do Decreto no 22, a demarcação de terras indígenas deverá ser precedida de estudos e levantamentos técnicos que atendam ao disposto no art. 231, § 1º, da Constituição Federal. Os estudos deverão incluir os aspectos etno-históricos, sociológicos, cartográficos e fundiários. O exame deste último aspecto deverá ser feito conjuntamente com o órgão federal ou estadual competente.

4. Os órgãos públicos federais, estaduais e municipais deverão encaminhar as informações que julgarem pertinentes sobre a área em estudo. É igualmente assegurada a manifestação de entidades representativas da sociedade civil.

1,5 cm

Exemplo de Ofício (continuação)

3,5 cm

5. Como Vossa Excelência pode verificar, o procedimento estabelecido assegura que a decisão a ser baixada pelo Ministro de Estado da Justiça sobre os limites e a demarcação de terras indígenas seja informada de todos os elementos necessários, inclusive daqueles assinalados em sua carta, com a necessária transparência e agilidade.

Atenciosamente,

[Nome]
[cargo]

3 cm

1,5

2

1,5 cm

Exemplo de Aviso

5 cm

Aviso no 45/SCT-PR

Brasília, 27 de fevereiro de 2011.

A Sua Excelência o Senhor

[Nome e cargo]

Assunto: **Seminário sobre uso de energia no setor público.**

Senhor Ministro,

3 cm 2,5 cm 1,5

1. Convido Vossa Excelência a participar da sessão de abertura do Primeiro Seminário Regional sobre o Uso Eficiente de Energia no Setor Público, a ser realizado em 5 de março próximo, às 9 horas, no auditório da Escola Nacional de Administração Pública – ENAP, localizada no Setor de Áreas Isoladas Sul, nesta capital.

2. O Seminário mencionado inclui-se nas atividades do *Programa Nacional das Comissões Internas de Conservação de Energia em Órgão Públicos*, instituído pelo Decreto no 99.656, de 26 de outubro de 1990.

Atenciosamente,

[nome do signatário]

[cargo do signatário]

1,5 cm

Exemplo de Memorando

5 cm

Mem. 118/DJ

Em 12 de abril de 2011.

Ao Sr. Chefe do Departamento de Administração

Assunto: **Administração. Instalação de microcomputadores.**

1. Nos termos do Plano Geral de informatização, solicito a Vossa Senhoria verificar a possibilidade de que sejam instalados três microcomputadores neste Departamento.

2. Sem descer a maiores detalhes técnicos, acrescento, apenas, que o ideal seria que o equipamento fosse dotado de disco rígido e de monitor padrão EGA. Quanto a programas, haveria necessidade de dois tipos: um processador de textos e outro gerenciador de banco de dados.

3. O treinamento de pessoal para operação dos micros poderia ficar a cargo da Seção de Treinamento do Departamento de Modernização, cuja chefia já manifestou seu acordo a respeito.

3 cm 1,5

4. Devo mencionar, por fim, que a informatização dos trabalhos deste Departamento ensejará racional distribuição de tarefas entre os servidores e, sobretudo, uma melhoria na qualidade dos serviços prestados.

Atenciosamente,

[nome do signatário]
[cargo do signatário]

1,5 cm

CORREIO ELETRÔNICO

O correio eletrônico ("e-mail"), por seu baixo custo e celeridade, transformou-se na principal forma de comunicação para transmissão de documentos.

Um dos atrativos de comunicação por correio eletrônico é sua flexibilidade. Assim, não interessa definir forma rígida para sua estrutura. Entretanto, deve-se evitar o uso de linguagem incompatível com uma comunicação oficial.

O campo assunto do formulário de correio eletrônico deve ser preenchido de modo a facilitar a organização documental tanto do destinatário quanto do remetente.

Para os arquivos anexados à mensagem deve ser utilizado, preferencialmente, o formato Rich Text. A mensagem que encaminha algum arquivo deve trazer informações mínimas sobre seu conteúdo.

Sempre que disponível, deve-se utilizar recurso de confirmação de leitura. Caso não seja disponível, deve constar da mensagem pedido de confirmação de recebimento.

Nos termos da legislação em vigor, para que a mensagem de correio eletrônico tenha valor documental, para que possa ser aceita como documento original, é necessário existir certificação digital que ateste a identidade do remetente, na forma estabelecida em lei.

OUTROS TIPOS DE TEXTOS

REQUERIMENTO

É utilizado para solicitar alguma coisa a uma autoridade pública. É, pois, um documento que pode ser elaborado tanto por funcionário público, como por particulares (neste caso não pode ser tomado como oficial).

O requerimento deve ser exigido à autoridade competente para o atendimento do pedido. Esta autoridade poderá ser o Diretor de Departamento, o Coordenador ou o Secretário de Estado, conforme a legislação estabelecer.

Quando, porém, o requerimento parte de um funcionário ou servidor público, seu encaminhamento será feito por meio do superior imediato.

Estrutura

Vocativo: Título funcional, sem o nome do ocupante do cargo, mas precedido pelo tratamento adequado.

Espaço: (08 linhas ou espaços duplos)

Corpo do Requerimento: Dados pessoais do requerente.

Contexto: Motivos, fundamentação legal e a solicitação, citação de documentos anexos (se houver), declaração se é pedido inicial ou se há processo anterior (indicar o nº do processo); o contexto deve estar contido num único parágrafo.

Fecho:

Nestes termos,
pede-se deferimento.
Local e data
Assinatura.

• OBSERVAÇÕES

No caso dos Tribunais Federais, orienta-se que constem os seguintes dados pessoais do requerente: nome completo, R.G., nacionalidade, estado civil, residência, cargo ou função, respectivo padrão, jornada de trabalho e se de controle de frequência, órgão de classificação e aquele em que se encontra em exercício, Cidade do Órgão, Região do Órgão.

Exemplo de Requerimento

Ilmo. Sr. Diretor da Divisão de Pessoal do Tribunal Regional Eleitoral

(08 linhas e 08 espaços duplos)

Newton Souza Aguiar, R.G. nº 776 984, brasileiro, solteiro, residente na Rua Pantanal, nº 43, na Capital, Auxiliar Judiciário, Efetivo, Padrão 24-A , em jornada parcial de trabalho, com sede de controle de frequência neste órgão federal, solicita a V.Sa. autorização para frequentar o "Treinamento Análise Organizacional", a ser realizado no período de 12 a17 de setembro, das 8 às 17 horas no campus da UNESP, em Marília.

Nestes termos,
pede-se deferimento.
São Paulo, 27 de maio de 2011.

NOME

CARTA

A carta é um documento semioficial, utilizado no Serviço Público. A correspondência pode ser endereçada à pessoa não pertencente aos quadros do funcionalismo ou, ainda, com a finalidade de corresponder a uma cortesia, fazer uma solicitação, convite ou externar agradecimentos. Depreende-se daí que a carta é, frequentemente, expedida por autoridade, não no exercício de suas funções.

A carta, no Serviço Público, não difere da correspondência privada, exceto pelo tom cerimonioso em que é vazada. Cabe ainda lembrar que a frequência da utilização da carta na correspondência oficial é cada vez menor, já que vem sendo progressivamente substituída pelo ofício, mesmo quando sua finalidade é eminentemente social.

Embora mostrem grande variabilidade de formas, em virtude da multiplicidade de motivos que determinam sua expedição, a carta apresenta, geralmente, os seguintes elementos: cabeçalho, data, numeração, destinatário, vocativo, contexto, despedida, assinatura e identificação do autor.

Como se pode verificar, sua estrutura é muito semelhante à do ofício. Varia apenas o lugar ocupado pelo destinatário na ordem dos elementos constituintes. Este, na carta, aparece na parte superior do papel, entre a numeração do documento e o vocativo.

O tom da carta, como dissemos, é mais cerimonioso do que na correspondência comum. Por esta razão, deve-se evitar, na medida do possível, tratamento como "Prezado", "Caro", "Querido" etc.

Exemplo de Carta

Belo Horizonte, 26 de maio de 2011.

Ao Senhor
Fulano de tal
Rua Caxambu, nº 46
Belo Horizonte - MG

Em atenção à sua carta, vimos informar-lhes que os Certificados emitidos por este Centro de Treinamento do DRHU só foram entregues aos participantes que obtiveram frequência mínima de 85%, motivo pelo qual não podemos atender à sua solicitação.

NOME
Diretor do CTDRHU

INFORMAÇÃO OU RELATÓRIO

É o instrumento que proporciona os esclarecimentos necessários à emissão de Parecer ou Despacho referente à determinada matéria.

Uma informação deve ser clara, precisa e objetiva. Para tanto, deve restringir-se ao imprescindível para a solução do que consta no processo e estar isenta de parcialidade.

Quando o processo exigir apreciação quanto ao mérito, a informação deve ser fundamentada com indicação dos dispositivos legais pertinentes e, também, a emissão da opinião sobre a matéria, desde que para isso o informante esteja autorizado.

Compõe-se a informação de: cabeçalho, numeração, emenda, contexto, data, assinatura e identificação.

Exemplo de Informação

Armas Cabeçalho

Processo : SE nº 19 / 11
Interessado : Maurício Mattar
Assunto : Horário de estudante

Informação SIP nº 10 / 11

O servidor acima solicita, por meio de requerimento, beneficiar-se do horário de estudante, em virtude de estar matriculado no curso de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte - MG.

Em face do exposto e de conformidade com o artigo 1º do Decreto nº 52810, de 06 de outubro de 1971, seu pedido pode ser deferido.

Belo Horizonte, 26 de maio de 2011.

NOME
Chefe de Seção de Informação de Pessoal

Os elementos constituintes da informação são bem conhecidos, não se tornando necessários, portanto, muitos esclarecimentos adicionais.

A emenda, que é dispensável na maioria dos demais atos, consta de uma pequena expressão acerca de seu conteúdo, antecedida, geralmente, do número do processo analisado e do nome do interessado.

ATA

É o registro fiel dos atos acontecidos numa reunião. Deve ser lavrada (redigida) de modo que nada possa ser acrescido ou modificado, ou seja, sem deixar possibilidade para fraude. Se o secretário cometer algum engano, deve escrever "digo" e fazer a retificação. Se o engano for descoberto depois, mas antes do encerramento da reunião, o secretário deve escrever "Em tempo: Onde se lê ... leia-se ... ." Os números devem ser escritos por extenso. Partes de uma Ata:

a) título: (ex. Ata da Décima Segunda reunião ordinária, da Associação de Pais e Mestres da EEPG Vila das Flores);

b) texto: além das ocorrências, discussões, propostas e resoluções, uma ata deve conter:
   - a data, por extenso, no início;
   - local da reunião;
   - a convocação (reunião ordinária ou extraordinária);
   - os nomes dos presentes, ou referências que os identifique;
   - nome do coordenador (ou presidente) da reunião;
   - nome do secretário;
   - fecho ("Nada mais havendo a tratar, o senhor coordenador declarou encerrada

a sessão, de que eu, ..., secretário, lavrei a presente ata, a qual vai devidamente assinada".)

• OBSERVAÇÕES

- *As atas são redigidas sem deixar espaços, sem fazer parágrafo para impossibilitar acréscimos.*
- *As atas devem ser assinadas por todos os presentes na ocasião.*

Exemplo de Ata

Ata da trigésima reunião ordinária da Associação de Pais e Mestres de EEPG "Vila das Flores", realizada em 21 de julho de 2011.

Aos vinte e um dias do mês de julho de dois mil e três, às vinte horas, na sala vinte e três, da Escola de Primeiro Grau "Vila das Flores", localizada na Rua Margarida Cravo, número cem, em São Paulo, realizou-se a trigésima reunião ordinária da Associação de Pais e Mestres da Escola de Primeiro Grau "Vila das Flores", sob a presidência do Senhor Lírio Branco Jardim e secretariada pelo Senhor Hortêncio Primavera, estando presentes os Senhores Conselheiros José da Mata, Antônio Floresta, Pedro Capim e a Senhora Rosa Bom Canteiro. Participou da reunião a Senhora Diretora do estabelecimento, professora Liz Jasmim, como convidada. Tendo verificado haver quórum, o Senhor Presidente abriu a sessão, solicitando a leitura da ata da reunião anterior, que foi discutida, aprovada e assinada pelos presentes. Em prosseguimento, efetuou-se a leitura dos termos do Edital de concorrência para exploração da cantina escolar. Após discussão, verificou-se a aprovação unânime dos termos do Edital, sendo o mesmo encaminhado para publicação. Em seguida, o Senhor Presidente liberou a palavra para quem quisesse usá-la para tratar de outros assuntos do interesse da Associação. Não tendo ninguém feito uso da palavra, às vinte e duas horas, declarou o Senhor Presidente encerrada a reunião agradecendo a presença de todos. Nada mais havendo a tratar, eu, Hortêncio Primavera, secretário da presente reunião, lavro a presente Ata, que, lida, discutida e aprovada, vai assinada por todos os presentes – São Paulo, 21 de julho de 2011.

Assinatura dos presentes.

ATESTADO OU CERTIDÃO

É o documento firmado por uma pessoa a favor de outra, declarando a verdade acerca do fato de que tenha conhecimento, em decorrência de apontamento existente em arquivo ou cadastro.

Esse ato difere da maioria dos demais, visto que a palavra atestado aí aparece tal como um título, centralizado em relação às margens, datilografado com maiúsculas e, frequentemente com espaçamento entre letras.

As partes componentes do atestado são: cabeçalho, título, contexto, data, assinatura e identificação.

Como pode-se ver, a elaboração de um atestado constitui tarefa extremamente simples. Em decorrência, porém, dessa simplicidade, frequentemente são acrescentadas aos atestados, expressões desnecessárias, tais como "para os devidos fins". Essas deverão ser mencionadas somente quando forem específicas; caso contrário o atestado deverá restringir-se à declaração do fato que motivou sua elaboração.

Exemplo de Atestado

Armas Cabeçalho

ATESTADO

Atesto que KELLY CHRISTINE GANDRA é aluna deste estabelecimento de ensino, cursando a 3ª série A do 2º grau, nada sabendo que a desabone.

Recife, 07 de outubro de 2011.

NOME
Diretora da Escola

DECLARAÇÃO

É um ato escrito, por meio do qual se esclarece ou completa a decisão obscura, contraditória ou omissa. É aconselhável que se expresse a finalidade da declaração.

Partes ou a estrutura da declaração: cabeçalho, título, corpo, data, assinatura e identificação.

Exemplo de Declaração

Armas Cabeçalho

DECLARAÇÃO

Declaro, para fins de obtenção de financiamento, que SOLANGE RODRIGUES, R.G. 3488.908 é secretária deste estabelecimento de ensino e que se encontrará em gozo de licença-prêmio até 07 de junho de 2011

Belo Horizonte, 10 de abril de 2011.

NOME
Diretor da Escola

• OBSERVAÇÕES

Diferença entre atestado e declaração:

- *Atestado: afirma a veracidade de um fato, com base em documentos e sempre é assinado por uma autoridade.*
- *Declaração: é um documento no qual se manifesta a opinião ou a observação a respeito de um assunto ou pessoa.*

EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS

Exposição de motivos é o expediente dirigido ao Presidente da República ou ao Vice-Presidente para:

a) informá-lo de determinado assunto;

b) propor alguma medida; ou

c) submeter a sua consideração projeto de ato normativo.

Em regra, a exposição de motivos é dirigida ao Presidente da República por um Ministro de Estado.

Nos casos em que o assunto tratado envolva mais de um Ministério, a exposição de motivos deverá ser assinada por todos os Ministros envolvidos, sendo, por essa razão, chamada de interministerial.

Forma e Estrutura:

Formalmente, a exposição de motivos tem a apresentação do padrão ofício. O anexo que acompanha a exposição de motivos que proponha alguma medida ou apresente projeto de ato normativo, segue o modelo descrito adiante.

A exposição de motivos, de acordo com sua finalidade, apresenta duas formas básicas de estrutura: uma para aquela que tenha caráter exclusivamente informativo e outra para a que proponha alguma medida ou submeta projeto de ato normativo.

No primeiro caso, o da exposição de motivos que simplesmente leva algum assunto ao conhecimento do Presidente da República, sua estrutura segue o modelo antes referido para o padrão ofício.

No segundo, seguem-se as orientações próprias dos textos jurídicos.

MENSAGEM

É o instrumento de comunicação oficial entre os Chefes dos Poderes Públicos, notadamente as mensagens enviadas pelo Chefe do Poder Executivo ao Poder Legislativo para informar sobre fato da Administração Pública; expor o plano de governo por ocasião da abertura de sessão legislativa; submeter ao Congresso Nacional matérias que dependem de deliberação de suas Casas; apresentar veto; enfim, fazer e agradecer comunicações de tudo quanto seja de interesse dos poderes públicos e da Nação.

Minuta de mensagem pode ser encaminhada pelos Ministérios à Presidência da República, a cujas assessorias caberá a redação final.

As mensagens mais usuais do Poder Executivo ao Congresso Nacional têm as seguintes finalidades:

a) **encaminhamento de projeto de lei ordinária, complementar ou financeira.**

Os projetos de lei ordinária ou complementar são enviados em regime normal (Constituição, art. 61) ou de urgência (Constituição, art. 64, §§ 1º a 4º). Cabe lembrar que o projeto pode ser encaminhado sob o regime normal e mais tarde ser objeto de nova mensagem, com solicitação de urgência.

Em ambos os casos, a mensagem se dirige aos Membros do Congresso Nacional, mas é encaminhada com aviso do Chefe da Casa Civil da Presidência da República ao Primeiro Secretário da Câmara dos Deputados, para que tenha início sua tramitação (Constituição, art. 64, caput).

Quanto aos projetos de lei financeira (que compreendem plano plurianual, diretrizes orçamentárias, orçamentos anuais e créditos adicionais), as mensagens de encaminhamento dirigem-se aos Membros do Congresso Nacional, e os respectivos avisos são endereçados ao Primeiro Secretário do Senado Federal.

A razão é que o art. 166 da Constituição impõe a deliberação congressual sobre as leis financeiras em sessão conjunta, mais precisamente, "na forma do regimento comum". E à frente da Mesa do Congresso Nacional está o Presidente do Senado Federal (Constituição, art. 57, § 5º), que comanda as sessões conjuntas.

As mensagens aqui tratadas versam sobre o processo desenvolvido no âmbito do Poder Executivo, que abrange minucioso exame técnico, jurídico e econômico-financeiro das matérias objeto das proposições por elas encaminhadas.

Tais exames materializam-se em pareceres dos diversos órgãos interessados no assunto das proposições, entre eles o da Advocacia-Geral da União. Mas, na origem das propostas, as análises necessárias constam da exposição de motivos do órgão onde se geraram (v. 31 Exposição de Motivos) – exposição que acompanhará, por cópia, a mensagem de encaminhamento ao Congresso.

b) **encaminhamento de medida provisória.**

Para dar cumprimento ao disposto no art. 62 da Constituição, o Presidente da República encaminha mensagem ao Congresso, dirigida a seus membros, com aviso para o Primeiro Secretário do Senado Federal, juntando cópia da medida provisória, autenticada pela Coordenação de Documentação da Presidência da República.

c) indicação de autoridades.

As mensagens que submetem ao Senado Federal a indicação de pessoas para ocuparem determinados cargos (magistrados dos Tribunais Superiores, Ministros do TCU, Presidentes e Diretores do Banco Central, Procurador-Geral da República, Chefes de Missão Diplomática, etc.) têm em vista que a Constituição, no seu art. 52, incisos III e IV, atribui àquela Casa do Congresso Nacional competência privativa para aprovar a indicação. O curriculum vitae do indicado, devidamente assinado, acompanha a mensagem.

d) pedido de autorização para o Presidente ou o Vice-Presidente da República se ausentarem do País por mais de 15 dias.

Trata-se de exigência constitucional (Constituição, art. 49, III, e 83), e a autorização é da competência privativa do Congresso Nacional.

O Presidente da República, tradicionalmente, por cortesia, quando a ausência é por prazo inferior a 15 dias, faz uma comunicação a cada Casa do Congresso, enviando-lhes mensagens idênticas.

e) encaminhamento de atos de concessão e renovação de concessão de emissoras de rádio e TV.

A obrigação de submeter tais atos à apreciação do Congresso Nacional consta no inciso XII do artigo 49 da Constituição. Somente produzirão efeitos legais a outorga ou renovação da concessão após deliberação do Congresso Nacional (Constituição, art. 223, § 3º). Descabe pedir na mensagem a urgência prevista no art. 64 da Constituição, porquanto o § 1º do art. 223 já define o prazo da tramitação.

Além do ato de outorga ou renovação, acompanha a mensagem o correspondente processo administrativo.

f) encaminhamento das contas referentes ao exercício anterior.

O Presidente da República tem o prazo de sessenta dias após a abertura da sessão legislativa para enviar ao Congresso Nacional as contas referentes ao exercício anterior (Constituição, art. 84, XXIV), para exame e parecer da Comissão Mista permanente (Constituição, art. 166, § 1º), sob pena de a Câmara dos Deputados realizar a tomada de contas (Constituição, art. 51, II), em procedimento disciplinado no art. 215 do seu Regimento Interno.

g) mensagem de abertura da sessão legislativa.

Ela deve conter o plano de governo, exposição sobre a situação do País e solicitação de providências que julgar necessárias (Constituição, art. 84, XI).

O portador da mensagem é o Chefe da Casa Civil da Presidência da República. Esta mensagem difere das demais porque vai encadernada e é distribuída a todos os Congressistas em forma de livro.

h) comunicação de sanção (com restituição de autógrafos).

Esta mensagem é dirigida aos Membros do Congresso Nacional, encaminhada por Aviso ao Primeiro Secretário da Casa onde se originaram os autógrafos. Nela se informa o número que tomou a lei e se restituem dois exemplares dos três autógrafos recebidos, nos quais o Presidente da República terá aposto o despacho de sanção.

i) **comunicação de veto.**

Dirigida ao Presidente do Senado Federal (Constituição, art. 66, § 1º), a mensagem informa sobre a decisão de vetar, se o veto é parcial, quais as disposições vetadas, e as razões do veto. Seu texto vai publicado na íntegra no Diário Oficial da União, ao contrário das demais mensagens, cuja publicação se restringe à notícia do seu envio ao Poder Legislativo.

Outras mensagens.

Também são remetidas ao Legislativo com regular frequência mensagens com:

- encaminhamento de atos internacionais que acarretam encargos ou compromissos gravosos (Constituição, art. 49, I);
- pedido de estabelecimento de alíquotas aplicáveis às operações e prestações interestaduais e de exportação (Constituição, art. 155, § 2º, IV);
- proposta de fixação de limites globais para o montante da dívida consolidada (Constituição, art. 52, VI);
- pedido de autorização para operações financeiras externas (Constituição, art. 52, V); e outros.

Entre as mensagens menos comuns estão as de:

- convocação extraordinária do Congresso Nacional (Constituição, art. 57, § 6º);
- pedido de autorização para exonerar o Procurador-Geral da República (art. 52, XI, e 128, § 2º);
- pedido de autorização para declarar guerra e decretar mobilização nacional (Constituição, art. 84, XIX);
- pedido de autorização ou referendo para celebrar a paz (Constituição, art. 84, XX);
- justificativa para decretação do estado de defesa ou de sua prorrogação (Constituição, art. 136, § 4º);
- pedido de autorização para decretar o estado de sítio (Constituição, art. 137);
- relato das medidas praticadas na vigência do estado de sítio ou de defesa (Constituição, art. 141, parágrafo único);
- proposta de modificação de projetos de leis financeiras (Constituição, art. 166, § 5º);
- pedido de autorização para utilizar recursos que ficarem sem despesas correspondentes, em decorrência de veto, emenda ou rejeição do projeto de lei orçamentária anual (Constituição, art. 166, § 8º);
- pedido de autorização para alienar ou conceder terras públicas com área superior a 2500 ha (Constituição, art. 188, § 1º) etc.

Forma e Estrutura das Mensagens

As mensagens contêm:

a) a indicação do tipo de expediente e de seu número, horizontalmente, no início da margem esquerda.

Mensagem nº

b) vocativo, de acordo com o pronome de tratamento e o cargo do destinatário, horizontalmente, no início da margem esquerda.

Excelentíssimo Senhor Presidente do Senado Federal,

c) o texto, iniciando a 2,0 cm do vocativo;

d) o local e a data, verticalmente a 2,0 cm do final do texto, e horizontalmente fazendo coincidir seu final com a margem direita.

A mensagem, como os demais atos assinados pelo Presidente da República, não traz identificação do signatário.

TELEGRAMA

Com o fito de uniformizar a terminologia e simplificar os procedimentos burocráticos, passa a receber o título de telegrama toda comunicação oficial expedida por meio de telegrafia, telex etc.

Por tratar-se de forma de comunicação dispendiosa aos cofres públicos e tecnologicamente superada, deve restringir-se o uso do telegrama apenas àquelas situações que não seja possível o uso de correio eletrônico ou fax e que a urgência justifique sua utilização e, também em razão de seu custo elevado, esta forma de comunicação deve pautar-se pela concisão.

Forma e Estrutura do Telegrama

Não há padrão rígido, devendo-se seguir a forma e a estrutura dos formulários disponíveis nas agências dos Correios e em seu sítio na Internet.

EXERCÍCIOS

Atenção: Instrução para as questões **01**, **02** e **03**.
Cada um dos itens abaixo apresenta trechos de texto que devem ser julgados quanto a sua adequação a correspondências oficiais, em **CERTO** ou **ERRADO**.

1 Vimos informar que as inscrições para o Concurso Público de Provas e Títulos para o Cargo de Analista de Sistemas começam dia 15 de abril de 2008, das oito da manhã às 6 horas da tarde, no subsolo do edifício-sede desta companhia. Estamos querendo pontualidade na entrega dos documentos.

2 A seleção para o cargo de que trata este edital compreenderá o exame de habilidades e conhecimentos, mediante a aplicação de provas objetivas e de prova discursiva, todas de caráter eliminatório e classificatório.

3 Na redação de documento oficial, como um relatório ou ata, por exemplo, o parágrafo final do texto respeitaria o registro formal da língua se assim fosse escrito: O relatório destaca a proporção de assalariadas terem subido de quarenta e um vírgula oito porcento para quarenta e seis ponto quatro porcento.

4 São características básicas de todo texto oficial, **EXCETO:**
a) impessoalidade.
b) imparcialidade.
c) coerência.
d) clareza.
e) concisão.

Atenção: Com relação às normas gerais e específicas das correspondências oficiais, julgue os itens **05**, **06**, **07**, **08** e **09** como **CORRETOS** ou **ERRADOS**.

5 A Constituição Federal expressa a publicidade e a impessoalidade como princípios fundamentais de toda a administração pública. Esses princípios devem nortear igualmente a elaboração dos atos e comunicações oficiais.

6 A identificação das características específicas da forma oficial de redigir visa à criação de uma forma específica de linguagem administrativa.

7 A obrigatoriedade do uso do padrão culto na redação oficial decorre do fato de que ele está acima das diferenças lexicais, morfológicas ou sintáticas regionais, dos modismos vocabulares, das idiossincrasias linguísticas, permitindo, por essa razão, que todos os cidadãos compreendam o texto oficial.

8 Para oficiais-generais das forças armadas e para auditores da justiça militar, deve ser usado, nas redações oficiais, o pronome de tratamento Vossa Excelência.

9 Podem-se encerrar as comunicações oficiais com o uso de apenas dois fechos: respeitosamente, para autoridades de hierarquia superior, e atenciosamente, para autoridades de mesma hierarquia ou de hierarquia inferior.

10 Com base no Manual de Redação da Presidência, analise as afirmativas a seguir:

I. Em comunicações oficiais, está abolido o uso do tratamento "digníssimo". A dignidade é pressuposto para que se ocupe qualquer cargo público, sendo desnecessária sua repetida evocação.
II. É recomendável evitar expressões como "Tenho a honra de".

Assinale:

a) se somente a afirmativa I estiver correta.
b) se somente a afirmativa II estiver correta.
c) se todas as afirmativas estiverem corretas.
d) se nenhuma afirmativa estiver correta.

Gabarito

| 1-e | 2-c | 3 -e | 4-b | 5-c | 6-e | 7-c | 8-c | 9-c | 10-c |

APÊNDICE

PRODUÇÃO DE TEXTO DISSERTATIVO

NOÇÕES BÁSICAS

ITENS NECESSÁRIOS À PRODUÇÃO DE PARÁGRAFOS

PARÁGRAFOS

São blocos de texto cuja primeira linha inicia-se em margem especial, maior do que a margem normal do texto. Concentram sempre uma ideia-núcleo relacionada diretamente ao tema da redação.

Não há moldes rígidos para a construção de um parágrafo. O ideal é que em cada parágrafo haja dois ou três períodos, usando pontos continuativos (na mesma linha) intermediários.

A divisão em parágrafos é indicativa de que o leitor encontrará, em cada um deles, um tópico do que o autor pretende transmitir. Essa delimitação deve estar esquematizada desde antes do rascunho, no momento do planejamento estrutural, assim a redação apresentará mais coerência.

PROCESSOS DE DESENVOLVIMENTO DO PARÁGRAFO

Desenvolver parágrafo consiste numa técnica que tem várias vertentes e, à medida que se obtém o domínio desses recursos, consegue-se, consequentemente, produzir textos de qualidade. Cada um deles tem sua fundamentação na explanação da ideia principal, de forma clara e convincente, de modo persuasivo, seja por meio da imagem apresentada (descrição), seja por meio do fato bem comentado (narração) ou por meio das afirmativas bem fundamentadas (dissertação). Há diversos processos de desenvolvimento do parágrafo, como enumeração de detalhes, confronto, contraste, analogia e/ou comparação, citação de exemplos, causação e/ou motivação, divisão e explanação de ideias, definição, entre outros.

TÓPICO FRASAL

Tópico frasal é o tema do parágrafo, portanto o objetivo deste. Na dissertação, consiste num adiantamento da explanação de determinada ideia, deixando em suspense maiores esclarecimentos e argumentações, justamente porque visa a provocar no leitor a expectativa e o desejo de se aprofundar na leitura.

ETAPAS NECESSÁRIAS À REDAÇÃO DE UM PARÁGRAFO

1 escolha do assunto
2 delimitação do assunto
3 determinação do objetivo (intencionalidade do texto)
4 redação da frase-núcleo (tópico frasal)
5 elaboração do plano de desenvolvimento (estratégia argumentativa)

- seleção dos aspectos a serem abordados
- ordenação dos aspectos selecionados

6 redação do desenvolvimento

7 redação da frase de conclusão

QUALIDADES DE UM TEXTO

O texto deve ser sempre bem claro, conciso e objetivo. A coerência é um aspecto de grande importância para a eficiência de uma redação, pois não deve haver pormenores excessivos ou explicações desnecessárias. Todas as ideias apresentadas devem ser relevantes para o tema proposto e relacionadas diretamente a ele.

A originalidade demonstra sua segurança e faz um diferencial em meio aos demais textos. Só não se pode, em aspecto nenhum, abandonar o tema proposto.

Toda redação deve ter início, meio e fim, que são designados por introdução, desenvolvimento e conclusão, respectivamente. As ideias distribuem-se de forma lógica, sem haver fragmentação da mesma ideia em vários parágrafos.

Elementos de coesão: Algumas palavras e expressões facilitam a ligação entre as ideias, estejam elas em um mesmo parágrafo ou não. O emprego dessas expressões é essencial para que um texto tenha qualidade. Seguem algumas sugestões e suas respectivas relações:

- **assim, desse modo** - têm valor exemplificativo e complementar. A sequência introduzida por eles serve normalmente para explicitar, confirmar e complementar o que se disse anteriormente.

- **ainda** - serve, entre outras coisas, para introduzir mais um argumento a favor de determinada conclusão; ou para incluir um elemento a mais dentro de um conjunto de ideias qualquer.

- **aliás, além do mais, além disso** - introduzem um argumento decisivo, apresentado como acréscimo.

- **mas, porém, todavia, contudo, entretanto... (conj. adversativas)** - marcam oposição entre dois enunciados.

- **embora, ainda que, mesmo que** - servem para admitir um dado contrário para depois negar seu valor de argumento, diminuir sua importância. Trata-se de um recurso dissertativo muito bom, pois sem negar as possíveis objeções, afirma-se um ponto de vista contrário.

- **este, esse e aquele** - são chamados termos anafóricos e podem fazer referência a termos anteriormente expressos, inclusive para estabelecer semelhanças e/ou diferenças entre eles.

O QUE É DISSERTAÇÃO?

Dissertar é o ato de defender um posicionamento por meio de argumentos consistentes.

A dissertação implica discussão de ideias, argumentação, organização do pensamento, defesa de pontos de vista, descoberta de soluções. É, entretanto, necessário conhecimento do assunto que se vai abordar, aliado a uma tomada de posição diante desse assunto.

ARGUMENTAÇÃO

A base de uma dissertação é a fundamentação de seu ponto de vista, sua opinião sobre o assunto. Para tanto, deve-se atentar para as relações de causa-consequência e pontos favoráveis e desfavoráveis, muito usadas nesse processo.

Algumas expressões indicadoras de causa e consequência:

causa: *por causa de, graças a, em virtude de, em vista de, devido a, por motivo de...*

consequência: *consequentemente, em decorrência, como resultado, efeito de...*

Algumas expressões que podem ser usadas para abordar temas com divergência de opiniões: *em contrapartida, se por um lado... / por outro... , xxx é um fenômeno ambíguo, enquanto uns afirmam... / outros dizem que...*

Mesmo quando se destacam características positivas, é bom utilizar ponto negativo. Nesse caso, destaca-se que a importância dos pontos positivos minimizam a negatividade do outro argumento.

PARTES DE UMA DISSERTAÇÃO

INTRODUÇÃO

Constitui o parágrafo inicial do texto e deve ter, em média, cinco linhas. É composta por uma sinopse do assunto a ser tratado no texto. Não se pode, entretanto, começar as explicações antes do tempo. Todas as ideias devem ser apresentadas de forma sintética, pois é no desenvolvimento que serão detalhadas.

A construção da introdução pode ser feita de várias maneiras:

- **Constatação do problema**

  O aumento progressivo dos índices de violência nos grandes centros urbanos está promovendo uma mobilização político-social.

- **Delimitação do assunto**

  A cidade do Rio de Janeiro, um dos núcleos urbanos mais atrativos turisticamente no Brasil, aparece nos meios de comunicação também como foco de violência urbana.

- **Definição do tema**

  Como um dos mais problemáticos fenômenos sociais, a violência está mobilizando não só o governo brasileiro, mas também toda a população num esforço para sua erradicação.

Na construção da introdução, a utilização de um dos métodos apresentados não seria suficiente. Deve-se, em um segundo período, lançar as ideias a serem explicitadas no desenvolvimento. Para tanto, devemos apresentar a linha argumentativa do texto, causas e consequências, prós e contras, etc. Lembre-se de que as explicações e respectivas fundamentações de cada uma dessas ideias cabem somente ao desenvolvimento.

Observe alguns exemplos:

A televisão - Se por um lado esse popular veículo de comunicação pode influenciar o espectador, também se constitui num excelente divulgador de informações com potencial até mesmo pedagógico.

(as três ideias: manipulador de opiniões, divulgador de informações e instrumento educacional.)

Escassez de energia elétrica - Destacam-se como fatores preponderantes para esse processo o aumento populacional e a má distribuição de energia que podem acarretar novo racionamento.

(as três ideias: crescimento da população e da demanda de energia, problemas com distribuição da energia gerada no Brasil e a consequência do racionamento do uso de energia)

DESENVOLVIMENTO

Esta segunda parte de uma redação, também chamada de argumentação, representa o corpo do texto. Aqui serão desenvolvidas as ideias propostas na introdução. É o momento em que se defende o ponto de vista acerca do tema proposto. De-

ve-se atentar para não deixar de abordar nenhum item proposto na introdução.

Pode estar dividido em dois ou três parágrafos e corresponde a umas vinte linhas, aproximadamente.

A abordagem depende da técnica definida na introdução: três argumentos, causas e consequências ou prós e contras. O conceito de argumento é importante, pois ele é a base da dissertação. Causas, consequências, prós, contras são todos tipos de argumentos; logo pode-se apresentar três causas, por exemplo, em um texto.

A reflexão sobre o tema proposto não pode ser superficial, para aprofundar essa abordagem buscam-se sempre os porquês. De modo prático o procedimento é:

- levantar os argumentos referentes ao tema proposto;
- fazer a pergunta ***por quê?*** a cada um deles, relacionando-o diretamente ao tema e à sociedade brasileira atual.

A distribuição da argumentação em parágrafos depende, também, da técnica adotada:

- três argumentos: um parágrafo explica cada um dos argumentos;
- causas e consequências: podem estar distribuídas em dois ou três parágrafos. Ou agrupam-se causas e consequências, constituindo dois parágrafos; ou associa-se uma causa a uma consequência e com cada grupo constroem-se dois ou três parágrafos;
- prós e contras: são as mesmas opções da técnica de causas e consequências, substituídas por prós e contras.
- abordagem histórica: compara-se o antes e o hoje, elucidando os motivos e consequências dessas transformações. Cuidado com dados como datas, nomes, etc. de que não se tenha certeza.
- abordagem comparativa: usam-se duas ideias centrais para serem relacionadas no decorrer do texto. A relação destacada pode ser de identificação, de comparação ou as duas ao mesmo tempo.

É muito importante manter uma abordagem mais ampla, mostrar os dois lados da questão. O texto esquematizado previamente reflete organização e técnica, valorizando bastante a redação. Logo, um texto equilibrado tem mais chances de receber melhores conceitos dos avaliadores, por demonstrar que o candidato se empenhou para construí-lo.

OBSERVAÇÕES

Recurso adicional - para elucidar uma ideia e demonstrar atualização, pode-se apresentar de forma bastante objetiva e breve um exemplo relacionado ao assunto.

CONCLUSÃO

Representa o fecho do texto e vai gerar a impressão final do avaliador. Deve conter, assim como a introdução, em torno de cinco linhas. Pode-se fazer uma reafirmação do tema e dar-lhe um fecho ou apresentar possíveis soluções para o problema apresentado. Apesar de ser um parecer pessoal, jamais se inclua (use a 3ª pessoa). Evite começar com palavras e expressões como: concluindo, para finalizar, conclui-se que, enfim... Elas têm caráter redundante no texto.

OBSERVAÇÕES

Evitar numa dissertação:

- Após o título de uma redação, não coloque ponto.
- Ao terminar o texto, não coloque qualquer coisa escrita ou riscos de qualquer natureza, que possam identificar seu texto.
- Prefira usar palavras da língua portuguesa a estrangeirismos.
- Não use chavões, provérbios, ditos populares ou frases feitas.
- Não use questionamentos em seu texto, sobretudo em sua conclusão.
- Jamais use a primeira pessoa do singular, a menos que haja solicitação no tema.
- Evite usar palavras como "coisa" e "algo", por terem sentido vago.
- Repetir muitas vezes as mesmas palavras empobrece o texto. Lance mão de sinônimos e expressões que representem a ideia em questão.
- Só cite exemplos de domínio público, sem narrar seu desenrolar. Faça somente uma breve menção.
- A emoção não pode perpassar nem mesmo num adjetivo empregado no texto. Atenção à imparcialidade.
- Evite o uso de etc. e jamais abrevie palavras.
- Não analise assuntos polêmicos sob apenas um dos lados da questão.

ESTRUTURA TEXTUAL DISSERTATIVA

BASES CONCEITUAIS
– O CONTEÚDO DA REDAÇÃO

a) Apresentação Textual

- Legibilidade e erro: escreva sempre com letra legível.
- Prefira a letra cursiva.
- A letra de imprensa poderá ser usada desde que se distinga bem as iniciais maiúsculas e minúsculas. No caso de erro, risque com um traço simples, o trecho ou o sinal gráfico e escreva o respectivo substituto.
  Atenção: não use parênteses para esse fim.
- Respeito às margens e às indicações dos parágrafos.
- Para dar início aos parágrafos, o espaço de mais ou menos dois centímetros é suficiente.
- Observe as margens esquerda e direita na folha para o texto definitivo. Não crie outras. Não deixe "buracos" no texto.
- Na translineação, obedeça às regras de divisão silábica.
- Limite máximo de linhas:
  Além de escrever seu texto em local devido (folha definitiva), respeite o limite máximo de linhas destinadas a cada parte da prova, conforme orientação da banca.
  As linhas que ultrapassarem o limite máximo serão desconsideradas ou qualquer texto que ultrapassar a extensão máxima será totalmente desconsiderado.

b) Eliminação do candidato

Seu texto poderá ser desconsiderado nas seguintes situações:

- Ultrapassagem do limite máximo de linhas.
- Ausência de texto: quando o candidato não

faz seu texto na folha para o texto definitivo.

- Fuga total ao tema: analise cuidadosamente a proposta apresentada. Estruture seu texto em conformidade com as orientações explicitadas no caderno da prova discursiva.
- Registros indevidos: anotações personalizadas, rubricas e desenhos.

ESTRUTURA CLÁSSICA DO TEXTO DISSERTATIVO

a) Introdução adequada ao tema / posicionamento

Apresenta a ideia que vai ser discutida, a tese a ser defendida. Cabe à introdução situar o leitor a respeito da postura ideológica de quem o redige acerca de determinado assunto. Deve conter a tese e as generalidades que serão aprofundadas ao longo do desenvolvimento do texto. O importante é que a sua introdução seja completa e esteja em consonância com os critérios de paragrafação. Não misture ideias.

b) Desenvolvimento

Apresenta cada um dos argumentos ordenadamente, analisando detidamente as ideias e exemplificando de maneira rica e suficiente o pensamento. Nele, organizamos o pensamento em favor da tese. Cada parágrafo (e o texto) pode ser organizado de diferentes maneiras:

Estabelecimento das relações de causa e efeito: motivos, razões, fundamentos, alicerces, os porquês/ consequências, efeitos, repercussões, reflexos;

Estabelecimento de comparações e contrastes: diferenças e semelhanças entre elementos – de um lado, de outro lado, em contraste, ao contrário;

Enumerações e exemplificações: indicação de fatores, funções ou elementos que esclarecem ou reforçam uma afirmação.

c) Fechamento do texto de forma coerente

Retoma ou reafirma todas as ideias apresentadas e discutidas no desenvolvimento, tomando uma posição acerca do problema, da tese. É também um momento de expansão, desde que se mantenha uma conexão lógica entre as ideias.

DESENVOLVIMENTO DO TEMA

Estabelecimento de conexões lógicas entre os argumentos

Apresentação dos argumentos de forma ordenada, com análise detida das ideias e exemplificação de maneira rica e suficiente do pensamento. Para garantir as devidas conexões entre períodos, parágrafos e argumentos, empregar os elementos responsáveis pela coerência e unicidade, tais como operadores de sequenciação, conectores, pronomes. Procurar garantir a unidade temática.

Objetividade de argumentação frente ao tema / posicionamento

O texto precisa ser articulado com base nas informações essenciais que desenvolverão o tema proposto. Dispensar as ideias excessivas e periféricas. Planejar previamente a redação definindo antecipadamente o que deve ser feito. Estabelecer a tese que será defendida.

Estabelecimento de uma progressividade textual em relação à sequência lógica do pensamento

O texto deve apresentar coerência sequencial satisfatória. Quando se proceder à seleção dos argumentos no banco de ideias, deve-se classificá-los segundo a força para convencer o leitor, partindo dos menos fortes para os mais fortes.

• OBSERVAÇÕES

A redação elaborada a partir de esquema permite desenvolver o texto com sequência lógica, de acordo com os critérios exigidos no comando da questão (número de linhas, por exemplo), atendendo aos aspectos mencionados no espelho de avaliação.

ESQUEMA BÁSICO DA DISSERTAÇÃO

1º parágrafo: TEMA + argumento 1 + argumento 2 + argumento 3

2º parágrafo :desenvolvimento do argumento 1

3º parágrafo: desenvolvimento do argumento 2

4º parágrafo: desenvolvimento do argumento 3

5º parágrafo: expressão inicial + reafirmação do tema + observação final.

DICAS FINAIS

Ao redigir você deve observar alguns aspectos importantes:

- Não rasurar e nem rabiscar a sua folha de redação.
- Faça letra legível.
- Obedeça ao espaço proposto.
- Onde iniciar o primeiro parágrafo, inicie todos os outros.
- Não deixe espaços em branco.
- Observar o número mínimo de palavras exigido. (Lembre-se: para contar o número de palavras excluem-se conjunção, preposição e artigo.)
- Observe o desenho na página ao lado para maior clareza.

• OBSERVAÇÕES

Não há necessidade de preencher toda a folha, mas o número de palavras exigido deve ser respeitado. (utilize pelo menos 90% do espaço destinado ao texto).

CONDIÇÕES DE NULIDADE

São condições de nulidade da prova de Redação:

a) ser ilegível;
b) fugir totalmente ao tema proposto;
c) abordar superficialmente, evasiva e inadequadamente o tema;
d) evidenciar desconhecimento do tema proposto;
e) conter dois ou mais parágrafos agramaticais;
f) não obedecer ao tipo de composição proposto;
g) ter um número de palavras inferior ao exigido.

ASPECTOS AVALIADOS EM UM TEXTO

BLOCO A: Aspectos da leitura

- Falta de entendimento do enunciado (tema, modalidade, tipologia).
- Tratamento periférico do tema.

BLOCO B: Aspectos estéticos

- Grafia ininteligível.
- Desrespeito às margens.
- Pequeno recuo de parágrafo.

BLOCO C: Aspectos sintáticos

- Pontuação e/ou paragrafação incorretas.

Exemplo de Redação

Centralizar o título na primeira linha.

Saltar uma linha para começar a redigir (não é necessário).

TÍTULO

Segui nonsero toressi mustibus, iditati neiate nones sa aut re magnis dit pro blab iusdam nonsedic tem quibuscil maioreseque aut ped utate mo moditatis dolo ea delibus ius es nonemqui que sant.

Repuda num harchil liquos ad quam earciamenem illo venduci psaperr ovidere vit qui beatio et esecoped ut perum quamenis quias dolupta teceaquodit, quamuste maxime et eum fugiae volessed et aut aut utemperibus estrum simaio est pro cum escid et maion est, omnia qui temoluptas re natur? Quis molesed mi, ium hari ut quibus.

Temquaepudi non re voluptatem non pori re, occus et magnat que odissit harum velliti nullandant ut am, sedistis et mosae. Genihit esequidit hil illigenis doloresti nulliquias velitat atquam volorem qui ullaborectem ium id eium ad quid quament iatiate volupta nescidelit quaerum que sum harcienis minvendit eosaes quate nis ut et qui tecero minveriteni comnimilit rae ni sendescienda quo que nusaper itiumquam eum in cone consedis coremolum, sinciet uriore aut veliquatius quasseguis im rehenim utem quis apitatur?

Optur, sanias escid eum es dolore nes eratagu odiostrum faccatem que quibus autendissim faccus, odion nisquibus quam reped ulpa nis modist, sandit, volorro totat.

Dem debis ad qui ium rehent audae veles erum, officid elluptat ut odis re maioriberspe veruntur, in pediatio beriam exceatur? Qui ut autatium et resecae sim fugitas ma cor adic temporpore nima nat.

Lame quasper atisin exces intem quis nes dit quo occumet acestet eum conemque porpori berehenet aliquos essim ullatur? Gatquam es ut idenit et ex essecep udaecatem. Untotatestia nullabo riorrovid quatius volupta tusdam, consed ut ad qui aut re plab invelles derion remquam aut exerion nos doluptat.

Ga. Itaquos ra nus, totatumquos simi, solum re sequo quunt officim perovid ut est, sit ut laut expliquid que sum consed magnit qui aspid unt, si velitatem vitium, officia ndellab oribust, cullore, omniaepreium.

Não deixar espaço em branco.

Iniciar a redação com parágrafo; o mesmo espaço deixado para a margem do primeiro parágrafo que deve ser respeitado para os demais.

Não usar esta linha.

- Período longo.
- Ausência de articulação sintática.
- Uso incorreto de conectivos para estabelecimento de relação lógica.
- Ausência de conectivos.
- Uso de gerúndio para evitar conectivos ou outros fins.
- Período/ideia incompleto.
- Inversão de termos sintáticos.
- Intercalação excessiva e confusa de orações.
- Uso equivocado de preposição (reg. verbal e/ou nominal).
- Ausência de termos sintáticos (sujeito, objeto etc.).

BLOCO D: Aspectos enunciativos

- Vocabulário inadequado para o contexto.
- Objetividade inadequada para a proposta.
- Subjetividade inadequada para a proposta.
- Ausência de clareza inadequada para a proposta.
- Repetição vocabular ou de ideias inadequada.
- Incoerência interna.
- Incoerência externa.
- Estratégias ineficazes para a enunciação.
- Inadequação do texto ao produtor.
- Inadequação do texto ao receptor.
- Inadequação do texto aos objetivos.
- Argumentação frágil.
- Variante linguística equivocada.
- Ambiguidade inadequada de ideias.
- Repetição inadequada de ideias/ausência de progressão.

Propostas de Redação

TEMA 1

Os países subdesenvolvidos são hoje os maiores detentores de recursos naturais e reservas ecológicas. Redija um **TEXTO DISSERTATIVO** explicando como tais países poderiam usar em benefício próprio as riquezas que possuem.

TEMA 2

A criminalidade vem ocupando um espaço cada vez mais amplo dentro da sociedade brasileira. O fato de os envolvidos nem sempre serem marginalizados leva a uma assertiva:

"A marginalidade no Brasil nem sempre marginaliza os envolvidos." (Rubem Alves)

Redija um **TEXTO ARGUMENTATIVO** retificando ou ratificando o excerto de Rubem Alves. Para tanto, tome como base a realidade brasileira.

TEMA 3

Quando é que devemos interferir no curso natural da vida? Médicos e familiares deparam cotidianamente com árdua tarefa de decidirem manter ou não a vida de pacientes cujas chances são mínimas. Dê a sua opinião a respeito do assunto em um **TEXTO DISSERTATIVO**.

TEMA 4

"A prostituição não representa a falta de escolha do indivíduo, mas a escolha mais fácil." (Jussara Gomes)

Redija um **TEXTO DISSERTATIVO** apresentando argumentos contrários e favoráveis ao fragmento apresentado.

TEMA 5

"Os veículos de informação hoje perderam a função de formadores de opinião e passaram a refletir ideologias dos grupos aos quais se vinculam." (Danuza Leão)

Redija um **TEXTO ARGUMENTATIVO** confirmando a assertiva.

TEMA 6

As buscas por terapias que visem a minimizar o desconforto interior estão cada vez maiores. Isso reflete as tensões do mundo contemporâneo. Redija um **TEXTO DISSERTATIVO** explicando a relação existente entre modernidade e estresse.

TEMA 7

Não há caminhos para a paz. A paz é o caminho.
(Mahatma Gandhi - pacifista indiano)

Periferia lado bom o que você me diz
Alguns motivos pra te deixar feliz
Longe do álcool, longe do crime
Sua paz é você que define
(versos de um rap)

Tendo em vista os conflitos existentes na vida moderna, quer de natureza bélica entre as nações, quer de natureza social, desenvolva suas ideias, em um **TEXTO DISSERTATIVO-ARGUMENTATIVO**, a propósito do tema:

Fundamental para a vida, a paz torna-se um bem cada vez mais distante de todos.

TEMA 8

TEXTO 01

Blitz da Imigração prende 57 brasileiros

Dono de empresa de limpeza em que os imigrantes trabalham era investigado por subornar oficial de imigração

por Raimundo Santana - Editor

O Departamento de Imigração de Boston, capital de Massachusetts, está analisando a situação de cada um dos 57 brasileiros que foram presos na madrugada da última terça-feira, dia 15, quando faziam a limpeza de 28 lojas da rede de supermercados Stop Shop, em várias cidades deste estado e do vizinho estado de Connecticut.

O objetivo é definir o procedimento de deportação daqueles que estiverem ilegalmente no país. Para segunda-feira, dia 21, está marcada a primeira audiência do proprietário da empresa para a qual todos os imigrantes presos trabalhavam. José Neto, 38 anos, que morava em Allston, Massachusetts, terá audiência com o juiz Robert B. Collings, quando tomará conhecimento das acusações que existem contra ele.

No comunicado oficial emitido ontem pelo Departamento de Justiça de Boston consta que José Neto estava sendo investigado desde outubro do ano passado por subornar um oficial da imigração, ao qual pagou US$20 mil para a obtenção do green card dele e da mulher, e por outras infrações às leis de imigração dos EUA.

TEXTO 02

Em busca de uma vida melhor

Milhões de pessoas saem dos países pobres em direção ao mundo desenvolvido

Os movimentos migratórios não são novidades na história da humanidade. Nem os motivos pelos quais as pessoas deixam seu território. Conflito, fome, desemprego e falta de acesso a condição básicas para a sobrevivência expulsam populações internas do país de origem.

Muitas vezes sem estruturas e de maneira desesperada, essas pessoas são arrastadas de um lugar a outro em, busca de uma vida melhor.

Colocam-se em situações de risco. Que, eventualmente, acabam em frustração ou mesmo em morte. Atualmente existem 175 milhões imigrantes espalhados pelo globo, 3% da população mundial, segundo a organização das Nações Unidas (ONU). O movimento foi acentuado nos últimos 15 anos.

O desenvolvimento desigual entre nação atrai cada vez mais gente em direção ao mundo desenvolvido. Os Estados Unidos recebem a maior parte ou 35 milhões de estrangeiros. Em relação aos continentes, a imigração, cerca de 60 milhões de pessoas.

Escreva uma **DISSERTAÇÃO** sobre o tratamento recebido pelos imigrantes brasileiros nos EUA.

TEMA 9

Com base na frase abaixo, dê a sua opinião num **TEXTO DISSERTATIVO** sobre o que seja uma "vida melhor".

"Eu sei que a vida deveria ser bem melhor e será"
(Gonzaga JR., Luiz. O que é o que é?)

TEMA 10

"Nossos ídolos ainda são os mesmos
e as aparências não enganam mais.
Você diz que depois deles
Não apareceu mais ninguém."
(Belchior)

"O mito é o sonho público."
(Joseph Campbell)

Os textos acima referem-se a mitos ou personalidades que se destacam por alguma característica ou comportamento peculiar.

E para você, o que significam os mitos?

Você concorda com a afirmação do primeiro texto?

Os mitos não se renovam?

Exponha suas ideias numa **DISSERTAÇÃO**. Dê um título a seu texto.

OBRAS DE REFERÊNCIA

ANDRÉ, Hildebrando. Gramática Ilustrada, 4ª ed.São Paulo; Moderna, 1994.

BECHARA, Evanildo – Moderna Gramática Portuguesa. 25ª ed.São Paulo; Nacional, 1980.

CARNEIRO, A. D. Redação em Construção. A Escritura do Texto. São Paulo; Moderna, 1994.

CEGALLA, Domingos Paschoal. Novíssima Gramática da Língua Portuguesa. 40ª ed. São Paulo, Nacional, 1997.

CIPRO NETO, Pasquale & INFANTE, Ulisses. Gramática da Língua Portuguesa. 1ª ed. São Paulo, Scipione, 1997.

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. Nova Gramática do Português Contemporâneo. 2ª ed.Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.

CURY, Maria Hilda Ferreira. Escrever e Ler: Faces da mesma moeda. Belo Horizonte, UFMG, 1999.

DRUMMOND,C. D. Poesia e Prosa. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1992.

INFANTE, Ulisses. Curso de Gramática Aplicada aos Textos. São Paulo, Scipione, 1995.

INFANTE, Ulisses. Do Texto ao Texto. São Paulo, Scipione, 1998.

LÍNGUA PORTUGUESA , Apostila de. Curso Vila Rica. Tribunal de Justiça. 2005.

LÍNGUA PORTUGUESA , Apostila de. Curso Vila Rica. Tribunal de Justiça. 2007.

LÍNGUA PORTUGUESA , Apostila de. Orvile Carneiro. Módulo. 2005.

MEIRELES, Cecília. Ilusões do Mundo. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1976.

MESQUITA, Roberto Paulo. Gramática da Língua Portuguesa. 1ª ed. São Paulo, Saraiva, 1994.

PRESIDÊNCIA, Manual de Redação Parlamentar. 2009.

NICOLA, José de & INFANTE, Ulisses. Gramática Contemporânea da Língua Portuguesa. 12ª ed. Rio de Janeiro,

_____ Nova Fronteira, 1985.

PLATÃO, F.S. & FIORIN, J. L. Lições de Texto. Leitura e Redação. São Paulo, Ática, 1996.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique. Gramática Normativa da Língua Portuguesa. 1ª ed. 31ª ed. Rio de Janeiro, José Olímpio, 1992.

SACCONI, Luiz Antônio. Minidicionário Sacconi da Língua Portuguesa. São Paulo, Atual, 1996.

SACCONI, Luiz Antônio. Não Erre Mais. 20ª ed, São Paulo, Atual, 1996.

SACCONI, Luiz Antônio. Nossa Gramática Teoria e Prática. 21ª ed. São Paulo, Atual, 1994.

SARMENTO,L.L Oficina de Redação.São Paulo, Moderna, 1997.

TERRA, E. & NICOLA, J. Redação Para o 2º Grau. São Paulo, Scipione, 1996.

VIANA,A. C. M. & ALÜ. Roteiro de Redação. Lendo e Argumentando. São Paulo, Scipione, 1998.

GRUPO
ANIMUS

Uma abordagem sintética e moderna define esta obra da Professora Flávia Rita. A Gramática tradicional se associa à sala de aula para garantir um aprendizado dinâmico e consistente. A autora, que leciona em vários cursos preparatórios, cuidou para que seu livro tivesse uma linguagem adequada às diversas organizadoras que, hoje, elaboram provas por todo o Brasil. Aspectos linguísticos ganham, na obra, uma dimensão reflexiva e sistematizada, condizente com os perfis das provas contemporâneas. O livro ainda traz mais de 800 questões de concursos anteriores, organizadas por assunto e por banca, de modo a consolidar o aprendizado de quem pretende ingressar no serviço público.

Conheça outros títulos da professora Flávia Rita, nos quais, a autora aborda temas específicos das principais bancas do país.

Disponíveis na livraria virtual do portal flaviarita.com
Bom estudo!

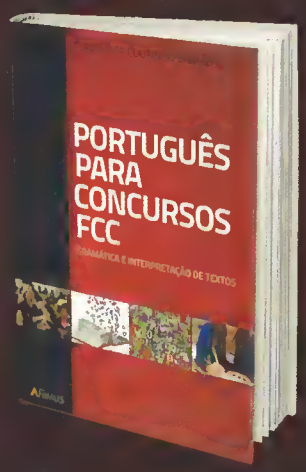

ISBN: 9788591707263
9 788591 707263

GRUPO ANIMUS

Flávia Rita Coutinho Sarmento

PORTUGUÊS

. DESCOMPLICADO .

Gramática e Interpretação de Textos
para Concursos Públicos

4ª edição

GRUPO ANIMUS

PORTUGUÊS

. DESCOMPLICADO .

Gramática e Interpretação de Textos
para Concursos Públicos

Para Júlia, Víctor e Tatá.
Sem vocês, meu mundo seria cinza.
Obrigada por encherem de cor os meus dias, por fazerem bagunça,
por falarem alto, espalharem as coisas, por pedirem o possível
e o impossível... por serem o meu momento mágico do dia,
por fazerem de mim
a mãe mais realizada e completa que poderia desejar ser.

Para minha mãe, sempre.
Sem o seu amor, eu não conseguiria... Ainda me entristeço, às vezes
até me ressinto de não tê-la mais comigo. Mas, aceito os planos de
Deus e agradeço pela bênção que você foi em minha vida.

Para Cassinha, minha irmã tão dedicada. Sempre me mandando
mensagens carinhosas, telefonando-me para saber como estou...
Puxando a minha orelha quando trabalho demais ou desapareço!

Para Luana, minha eterna amiga. Sempre disponível e bem-
-humorada.

Para Pedro, meu amigo fiel. Quem mais poderia me fazer rir
quando estou triste? Quem mais poderia me levar ao zoológico para
ver o gorila? Obrigada por estar sempre por perto.

Para Rose, por cuidar de mim, da minha casa e dos meus filhos.

AGRADECIMENTOS

Ana Karinne Senra
Ana Paula Marcati
Andreia Ferreira Noronha
Carolina Sales de Araújo
Curso Orvile Carneiro (MG)
Curso Praetorium (MG)
Curso Pro Labore (MG)
Curso Multiplus (RJ)
Curso Papa Concursos (RS)
Daniele A. S. Cabral
Eudson Justiniano Cardoso da Silva
Faculdade Anhanguera
Fernanda Oliveira
Fernanda Resende
Fernanda Souza
Gabi
Kathleen Fernandes
Layla Fabel Gontijo
Luana Marina Alves
Luciana Paula Rincon
Mariana Assíria
Pablo Leonardo Ribeiro da Silva
Pedro Henrique Menezes Ferreira
Pleno Preparatório
Professor Marcelo Sobral
Rede de Ensino Pitágoras
Rede Interasat
Roberta Zampeti
Rosilene Ponciano Souza
Silvânia Souza
Supremo Concursos

APRESENTAÇÃO

O ensino da Língua Materna tem se tornado um desafio para os docentes da área. Cada vez menos teóricas, as provas de concursos públicos ganham dimensão reflexiva e verificam habilidades linguísticas adquiridas ao longo da vida escolar do candidato.

Os manuais de gramática não devem ser esquecidos, mas as provas revelam um discurso muito mais pautado na análise linguística que propriamente na apreensão isolada de regras. O fato de os itens de gramática serem formulados a partir de textos presentes na própria prova revela um avanço na avaliação dos concursandos. Instituições como UNB, FUNDEP, FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS e FUMARC formulam as questões de gramática a partir dos textos das provas, ou seja, os elementos linguísticos dos suportes empregados na construção da prova é que "ditam" as questões.

Conteúdos tradicionais continuam a ser cobrados. O verbo e suas flexões figuram os programas de reconhecidas instituições, mas há espaço para questões mais práticas como as da FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS, que normalmente opta por explorar as relações entre tempos verbais. A UNB também apresenta sempre pelo menos um item sobre o tema, mas com uma nuance semântica. Nota-se uma preocupação das instituições contemporâneas em verificar o conhecimento do candidato a partir da língua em uso. Mais do que saber qual é o tempo e o modo de uma forma verbal, o candidato deve demonstrar conhecimento sobre o emprego de tal mecanismo linguístico. Planejar os estudos a partir da banca organizadora do concurso é um diferencial que garante o sucesso de muitos candidatos.

A noção de certo e errado não é a única referência para o aprendizado da língua. Por isso, considerar as variações do Português se faz necessário em nossa prática pedagógica. Não raro, os programas atuais contemplam o tópico "Variação Linguística". Tomando com base tal conteúdo, uma construção pode estar adequada a um determinado gênero textual, mas não ser compatível com outro. Na NCE, por exemplo, as questões de Redação Oficial exploram construções do texto-base, também utilizado na elaboração dos demais itens. Solicita-se ao candidato que verifique a possibilidade de uma determinada sentença figurar ou não em uma Redação Oficial. O aluno deve, portanto, analisar as construções propostas e assinalar a que estiver mais adequada aos padrões do gênero textual. A variação linguística vai além da dicotomia 'certo' e 'errado', pois explora as possibilidades contextuais da língua.

Nós, professores de Português, temos, então, um grande desafio se pensarmos a língua como um fenômeno cultural não estático e cheio de implicações. Dessa forma, somos convidados a transformar a nossa sala de aula em uma espécie de laboratório real dos estudos que envolvem a linguagem. É preciso apresentar aos alunos conteúdos que serão efetivamente cobrados pelas diversas bancas organizadoras e refletir sobre o perfil de cada instituição. Faz-se necessário efetivar conceitos linguísticos e verificá-los por meio de exercícios que privilegiem a análise em detrimento da memorização. Os concursos públicos, hoje em dia, partem da premissa de que o candidato deve ter acesso ao conhecimento linguístico de forma reflexiva e contextualizada. Nessa nova perspectiva, tenho tentado conduzir minhas aulas. Certa de que todos "perseguem" seus objetivos, estarei sempre em busca das melhores formas de ensinar e aprender no ambiente da sala de aula.

A autora.

SUMÁRIO

Introdução
Linguagem, Língua e Fala **13**

Unidade I
Fonologia **14**
Noções de Fonética 14
Acentuação Gráfica 16
Reforma Ortográfica 18
Exercícios 22

Unidade II
Ortografia **26**
Algumas Orientações Ortográficas 26
Dificuldades Ortográficas 27
Palavras que Oferecem Dúvida Quanto à Sílaba Tônica 29
Variantes Linguísticas 29
Emprego das Letras 30
Emprego das Iniciais Maiúsculas 31
Semântica, Sinonímia, Antonímia 31
Exercícios 35

Unidade III
Morfologia (Classes de Palavras) **44**
Relação Determinante/Determinado 44
Classes de Palavras 45
Substantivos 46
Adjetivos 52
Advérbios 54
Preposições 55
Conjunções 57
Interjeições 58
Artigos 58
Pronomes 59
Verbos 80
Numerais 101
Exercícios 102

Unidade IV
Morfologia (Formação de Palavras) **120**
Conceitos Básicos 120
Processo de Formação de Palavras 122
Exercícios 124

Unidade V
Análise Sintática **130**
Conceitos Básicos 130
Período Simples 130
Período Composto 139
Exercícios 160

Unidade VI
Regência **164**
Conceito 164
Regência Nominal 164
Regência Verbal 166
Casos de Regência 170
Exercícios 174

Unidade VII
Crase **180**
Conceito 180
Casos Proibidos de Crase 181
Casos Especiais de Crase 182
Casos Facultativos de Crase 183
Casos Obrigatórios de Crase 184
Exercícios 184

Unidade VIII
Concordância **188**
Concordância Nominal 188
Concordância Verbal 192
Exercícios 198

Unidade IX
Pontuação **204**
Pré-requisitos para o Estudo da Vírgula 204
Outros Sinais de Pontuação 210
Exercícios 214

Unidade X
Algumas Questões Gramaticais **220**
Vocábulo QUE 220
Vocábulo SE 221
Análise Sintática
(Termos do Período Simples) 223
Flexão do Infinitivo 227
Exercícios 229

Unidade XI
Estilística – Compreensão e interpretação de textos **234**
Noções Básicas de Interpretação 234
Significação Contextual de Palavras e Expressões 239
Variação Linguística: Modalidade do Uso da Língua e Adequação Linguística 240
Denotação e Conotação 242
Estilística 242
Figuras de Linguagem 242
Vícios de Linguagem 247
Funções de Linguagem 248
Tipos de Discurso 254
Fatores de Textualidade 255
Exercícios 261

Unidade XII
Exercícios (Treinando por Provas Completas)
Prova I (Esaf – Ministério da Fazenda) 270
Prova II (Esaf – Receita Federal) 278
Prova III (FCC-TRE/Amazonas) 288
Prova IV (FCC-TRE/Amazonas) 293
Prova V (Fundep – Analista Municipal/OP) 297
Prova VI (Fundep – Tribunal de Justiça/MG) 301
Prova VII (Fundep – Assembleia/MG) 304
Prova VIII (Fundep – Tribunal de Justiça/MG) 309
Prova IX (Fundep – Analista Judiciário/MG) 313
Prova X (Fundep – Analista de Sistemas/Prodabel) 316

Unidade XIII
Exercícios (Treinando por Temas) **320**
Fonética / Acentuação Gráfica / Divisão Silábica 320
Ortografia 322
Relação Determinante-Determinado 324
Classes de Palavras 327
Formação de Palavras 330
Pronome 332
Verbo 334
Análise Sintática 337
Concordância 340
Crase 343
Regência 345
Pontuação 348
Elementos de Coesão 351
Figuras de Linguagem 355

Unidade XIV
Exercícios (Treinando por Bancas) **359**
Questões da Fundação Carlos Chagas 359
Questões da Fumarc 374
Questões da Fundep 390
Questões do Cespe 404
Questões do Cetro 410
Questões da Esaf 430

Apêndice
Redação Oficial **455**
O que é Redação Oficial? 455
Pronomes e Formas de Tratamento 459
Fechos para Comunicações 461
Identificação do Signatário 461
O Padrão Ofício 462
Forma de Diagramação 463
Tipos de Texto Oficial 464
Outros Tipos de Textos 469
Exercícios 477
Produção de Texto Dissertativo **479**
Noções Básicas 479
Qualidades de um Texto 480
O que é Dissertação? 480
Estrutura Clássica do Texto Dissertativo 484
Dicas Finais 485
Propostas de Redação 487

Obras de Referência 490

ÍNDICE REMISSIVO DE QUADROS SINÓPTICOS

ACENTUAÇÃO GRÁFICA 25
ADJETIVOS PÁTRIOS 104
ANÁLISE SINTÁTICA – DICAS GERAIS 162
CLASSIFICAÇÃO DOS VERBOS 115
COESÃO TEXTUAL 268
COLOCAÇÃO PRONOMINAL 109
COLOCAÇÃO PRONOMINAL – RESUMO 112
COMPARATIVOS E
SUPERLATIVOS IRREGULARES 107
CONCORDÂNCIA NOMINAL 202
CONCORDÂNCIA VERBAL 200
CONJUGAÇÃO – DICAS GERAIS 114
CONJUNÇÕES 107
CONSIDERAÇÕES SOBRE PRONÚNCIA 42
CORRELAÇÕES DE INFINITIVO 163
CRASE 186
DIFICULDADES ORTOGRÁFICAS 40
DIVISÃO SILÁBICA 25
ESQUEMA DE TERMINAÇÕES VERBAIS 117
FOCALIZAÇÃO DISCURSIVA 264
FONÉTICA 24
FORMAS REDUZIDAS DE
ALGUNS ADJETIVOS PÁTRIOS 106
FUNÇÕES DE LINGUAGEM 266
GRAU DOS ADJETIVOS 106
INTERTEXTUALIDADE 267
ORAÇÕES ADJETIVAS 163
ORAÇÕES SUBSTANTIVAS 163
OUTROS SINAIS DE PONTUAÇÃO 218
PARONÍMIA E HOMONÍMIA 36
PLURAL DAS PALAVRAS
TERMINADAS EM ÃO 104
POLIFONIA 269
PONTUAÇÃO – VÍRGULA 216
PREDICADO 163
PREFIXOS DE ORIGEM GREGA 127
PREFIXOS DE ORIGEM LATINA 128
PRONOMES ÁTONOS EM
LOCUÇÕES VERBAIS – EMPREGO 111
PRONOMES ÁTONOS EM
TEMPOS COMPOSTOS – EMPREGO 110
PRONOMES DEMONSTRATIVOS
– EMPREGO 113
PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS ÁTONOS
– FUNÇÕES SINTÁTICAS 108
PRONOMES RELATIVOS
– EMPREGO 108
PRONÚNCIA ADEQUADA
DE ALGUNS VOCÁBULOS 41
PROSÓDIA 43
QUE – TIPOS 230
RADICAIS DE ORIGEM GREGA 126
RADICAIS DE ORIGEM LATINA 129
REGÊNCIA NOMINAL – EXEMPLOS 179
REGÊNCIA VERBAL – ESQUEMA 176
REGÊNCIA VERBAL – EXEMPLOS 178
SE – FUNÇÕES 231
SE (CONJUNÇÃO) – TIPOS 232
SE (PRONOME) – TIPOS 232
TABELA DE BASES VERBAIS 117
TEMPOS COMPOSTOS 116
TEMPOS PRIMITIVOS E TEMPOS DERIVADOS 113
TIPOS DE DISCURSO 267
TIPOS DE LINGUAGEM 268
VERBOS IRREGULARES – BASES 114
VERBOS QUE APRESENTAM
DIFICULDADES DE CONJUGAÇÃO 118
VÍCIOS DE LINGUAGEM 268
VOZES VERBAIS 116

INTRODUÇÃO

LINGUAGEM, LÍNGUA E FALA

A linguagem torna o homem capaz de comunicar-se e o distingue dos seres irracionais, porque é por meio dela que se transmite a cultura não só no tempo como no espaço. O resultado disso é a evolução.

Língua ou idioma é uma instituição. É um instrumento social à disposição do falante. É um dos veículos que o homem criou para traduzir a linguagem. É um sistema de sinais (signos linguísticos) convencionais e organizados.

A utilização da língua pelos diferentes falantes constitui o discurso ou fala. Portanto, fala é a parte individual da língua: varia conforme a escolha de cada um, o que resulta em vários níveis.

NÍVEIS DA FALA – Estes podem ser: culto, coloquial ou literário.

A língua culta ou língua-padrão requer estudo profundo, conhecimento das normas gramaticais. A Gramática Normativa apresenta as regras a serem obedecidas para se escrever bem, fator indispensável para assegurar a unidade linguística.

Em concursos públicos, avaliam-se não apenas as normas da língua como também os recursos de que ela dispõe.

A gramática normativa é dividida em cinco partes:

I. **FONOLOGIA:** estudo dos sons e de suas representações gráficas.

II. **MORFOLOGIA:** estudo da palavra em sua estrutura e formação, em suas flexões e em seu agrupamento em classes.

III. **SINTAXE:** estudo das palavras associadas em orações e das orações agrupadas em períodos.

IV. **SEMÂNTICA:** estudo dos significados das palavras em determinado contexto discursivo.

V. **ESTILÍSTICA:** estudo do aspecto estético e emocional da linguagem, principalmente na literatura. Nesse item, a Gramática se atém de modo mais enfático à linguagem figurada.

FONOLOGIA

NOÇÕES DE FONÉTICA

FONEMA

Fonema é a menor unidade sonora que entra na constituição da palavra. Sendo o fonema uma unidade sonora, só pode ser percebido pelos nossos ouvidos.

- **Fonema é de natureza sonora;** representa, pois, cada som por nós emitido.
- **Letra é a representação gráfica do fonema;** é, portanto, a tentativa que fazemos de representar graficamente o som que emitimos.

Nem sempre há coincidência entre o número de letras e de fonemas.

Em **chave,** escrevemos 5 letras - *c h a v e* - e pronunciamos 4 sons - *x a v e* - porque ***ch*** possui apenas o som de **x**.

Em **boxe,** escrevemos 4 letras - *b o x e* - e pronunciamos 5 sons - *bokse* - porque o x possui o som de **ks**.

ENCONTRO VOCÁLICO

Existem palavras em que os sons ou fonemas ***a, e, i , o, u*** são pronunciados com maior ou menor intensidade, imediatamente um após o outro, constituindo os encontros vocálicos.

Encontros vocálicos	Como acontecem	Exemplos
Ditongo	Encontro de dois sons vocálicos na mesma sílaba, pronunciados de uma só vez.	pei-xe trou-xa hós-tia lí-rio
Tritongo	Encontro de três sons vocálicos na mesma sílaba, pronunciados de uma só vez.	i-guais sa-guão a-ve-ri-guei Pa-ra-guai
Hiato	Encontro de sons vocálicos em sílabas diferentes, pronunciados separadamente.	po-e-ta sa-ú-de ca-í-da ru-im

No aparecimento dos encontros vocálicos *ditongo* e *tritongo,* ocorrem dois tipos de fonemas: **vogal** e **semivogal.**

Semivogal

É o fonema pronunciado mais fracamente que a vogal; é outro som elementar da voz humana; quando pronunciado vem acompanhado de leve ruído consonantal. São os fonemas / y / e / w / que se agrupam com uma vogal, formando sílaba.

Na escrita, é representada por **e, i, o, u.**

Nunca aparece sozinha. Entra na formação dos seguintes encontros vocálicos: *ditongo* e *tritongo.*

Caixa	Ameixa
A: vogal	*E: vogal*
I: semivogal	*I: semivogal*

Ditongo

Encontro de uma *vogal* com uma *semivogal.*

azuis *síria* *água*

Conforme a posição da vogal e da semivogal, o ditongo é classificado em **crescente** ou **decrescente**.

Quanto ao papel das cavidades bucal e nasal, o ditongo pode ser **oral** ou **nasal**.

- **Ditongo crescente:** quando a semivogal vem antes da vogal.

dolência ⟶ *do-lên-cia*

SV V

- **Ditongo decrescente:** quando a semivogal vem depois da vogal.

ágeis ⟶ *á - geis*

V SV

O ditongo decrescente pode ser oral ou nasal.

- **Oral:** quando o ar sai apenas pela boca: *saudosos, faixa, trouxa, peixe, coronéis, jiboia, véu...*

- **Nasal:** quando o ar sai pela boca e pelo nariz: *Coração, amam, bênção, órgão, hífen...*

Os ditongos nasais apresentam ***-m, -n*** ou ***til***.

ATENÇÃO! Também podem ser considerados ditongos os grupos ***em, am, en, an, on, al, el, ol,*** em palavras como: *porém, amam, tremem (trêmei/tremeim), palma, hífen...*

Tritongo

Encontro de semivogal + vogal + semivogal.

Pa- ra- guai

- **Tritongos orais**

a-de-quai *a-guai* *a-pa-zi-guei*
a-ve-ri-gueis *ave-ri-guou* *ra-diou-vin-te*

- **Tritongos nasais**

de-sá-guem *sa-guões*

Hiato

Encontro de duas vogais em sílabas separadas.

har - mo - ni - a *ru - a*
ba - ú *sa - í - da*

DÍGRAFO

É o conjunto de duas letras que representam um único fonema.

ss: massa	*qu: quilo*
rr: arroz	*gu: águia*
lh: ilha	*sc: piscina*
nh: ninho	*sç: nasça*
ch: chave	*xc: exceção*

ATENÇÃO! Em palavras como ***quatro***, ***guaraná*** e ***escola***, não encontramos dígrafos, porque ***qu, gu*** e ***sc*** representam dois sons.

Nos grupos am, an, en, em, im etc., em palavras como bambu, linda, monte etc., o ***m*** ou o ***n*** não são pronunciados, apenas nasalizam a vogal anterior, por isso são considerados dígrafos vocálicos.

Bambu *(bãbu)*

ENCONTRO CONSONANTAL

É o encontro de duas consoantes numa mesma palavra.

plangentes	*sombras*	*tremem*
emblema	*plasma*	*asco*
astro	*istmo*	*teste*

ENCONTRO CONSONANTAL

- **Perfeito**: mesma sílaba

  pro - ble - ma

- **Imperfeito**: sílabas distintas

  tes - te

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

TONICIDADE

- **Oxítonas**

  A última sílaba é tônica.

  MA/RA/BÁ

MA	RA	**BÁ**

  Jabá - mocotó - sapê - você

- **Paroxítonas**

  A penúltima sílaba é tônica.

  HIS/TÓ/RIA

HIS	**TÓ**	RIA

  lápis - remédio - órfão - ímã

- **Proparoxítonas**

  A antepenúltima sílaba é tônica.

  RÁ/PI/DO

RÁ	PI	DO

  lâmpada - síndico - pêssego - ínterim

- **Monossílabas Tônicas**

  Possuem apenas uma sílaba e ela é tônica.

  gás - má - cá - pá - dó - ré - mês

A classificação das sílabas se observa da direita para a esquerda da palavra (do final para o princípio do vocábulo).

REGRAS DE ACENTUAÇÃO

Acentuam-se os monossílabos tônicos terminados em	Exemplos
A(s)	más, pá, vá, Brás, chá
E(s)	fê, vê, mês, Sé, três, pé
O(s)	nó, pós, dó, pôs, só

• *OBSERVAÇÕES*

- Também recebem acento as formas verbais terminadas em ***o - e - a*** tônicas, seguidas de pronome ***(lo, los, la, las): trá-lo, fá-lo, vê-lo, pô-los, vê-los...***
- Certas formas verbais pronominais apresentam dois monossílabos tônicos acentuados:

  vê-lo-ás
  - monossílabo tônico terminado em **a** (s)
  - monossílabo tônico terminado em **e** (s)

  fá-lo-á
  - monossílabo tônico terminado em **a**(s)
  - monossílabo tônico terminados em **a**(s)

Acentuam-se as oxítonas terminadas em	Exemplos
EM/ENS	também, parabéns, alguém
O(s)	retrós, compôs, cipó, mocotó
E(s)	jacaré, vocês, café, dendê
A(s)	Carajás, vatapá, verás, guaraná

ATENÇÃO!

Acentuam-se todos os vocábulos **proparoxítonos**: *bígamo, bárbaro, cálice, chácara, cândido, chávena, cônjugue, cúpula, diácono, déspota, êxodo, féretro, gélido...*

• OBSERVAÇÃO

Termos proparoxítonos podem ser encontrados fazendo parte de formas verbais pronominais:

entregá-lo-íamos
└─proparoxítona
└─oxítona terminado em **a**

Acentuam-se as paroxítonas terminadas em	Exemplos
PS	bíceps, tríceps, fórceps, Quéops
I(s)	júri, táxis, biquíni, tênis, lápis
R	fêmur, dólar, caráter, Víctor
N	Nélson, hímen, cânon, abdômen
Ã(s)	ímã, órfãs, dólmã
ÃO(s)	órfão, bênção, acórdãos
US	Vênus, bônus, vírus, lótus
EI(s)	pônei, louváveis, úteis, jóquei
UM(uns)	fórum, álbuns, médiuns
L	útil, notável, automóvel, fácil
X	tórax, fênix, Félix, ônix
Ditongo crescente	família, Vitória, cárie, vácuo, níveo
Ditongo Decrescente	amáveis, favoráveis, notáveis

ATENÇÃO!

Vocábulos paroxítonos terminados em ***A(S) E(S), O(S)*** e ***EM (ENS)*** não são acentuados.

hífen - hifens *hímen - himens*

Regras Especiais

- Acentuam-se os **hiatos tônicos *I* e *U*,** sozinhos ou com ***S***:

- O "I" e o "U", quando forem a segunda vogal tônica de um hiato, não estando seguidos de ***nh***, recebem acento: *saúva, ruína, saíres, baú, país, baús, caíste, balaústre, Esaú, juízes...*

- sem acento (com l, m, n, r, z ou seguidos de nh): *Raul, ruim, juiz, cair, saindo, amendoim, bainha, tainha...*

- Coloca-se acento circunflexo na sílaba tônica das formas verbais de terceira pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos ***ter*** e ***vir*** e de seus derivados:

Ter	*Vir*
ele tem	*ele vem*
*eles **têm***	*eles **vêm***

- Os derivados recebem acento agudo no singular e acento circunflexo no plural.

Derivados (Regra de Oxítona)

ele contém	*ele intervém*
eles contêm	*eles intervêm*
ele retém	*ele sobrevém*
eles retêm	*eles sobrevêm*

- Acentuam-se os **ditongos abertos *éi, éu, ói*** em final de palavra.

coronéis, chapéu, véus, lençóis...

Acento Diferencial

Recebem o **acento diferencial** (circunflexo) os vocábulos tônicos que apresentam a mesma escrita que os **átonos** (chamados de homógrafos).

por (preposição) X pôr (verbo)
pode (presente) X pôde (pretérito)

RESUMINDO...

Recebem acento		
Proparoxítonos	todos	
Monossílabos tônicos	terminados em	a(s) - e(s) - o(s)
Oxítonos	terminados em	a(s) - e(s) - o(s) - em - ens
Paroxítonos	diferentes de	
Hiatos tônicos	i(s) - u(s)	
Ditongos abertos	em final de palavra	éi - ói - éu

Grafia do Porquê

a) Escreve-se separado e sem acento: **por que**

- *preposição **por** + pronome interrogativo **que**,* na introdução de orações interrogativas diretas ou indiretas.
  ***Por que** saíste?* (interrogativa direta)
  Diga-me **por que** saíste. (interrogativa indireta)

- *preposição **por** + pronome relativo **que**, referindo-se a um substantivo.*
  Não sei o motivo **por que** saíste. (= pelo qual)
  Dê-me uma razão **por que** não posso sair. (= pela qual)

- *preposição **por** + conjunção integrante **que**.*
  Anseio **por que** você saia. (= para que)

b) Escreve-se separado e com acento: **por quê**
preposição **por** + pronome interrogativo **que** no final das interrogativas.
*Saíste **por quê**?* (= por que razão)

c) Escreve-se junto e sem acento: **porque** como conjunção, qualquer que seja. (causal ou explicativa)
*Saí **porque** eu quis. (= pois)*

d) Escreve-se junto e com acento: **porquê** como substantivo.
*Não interessa o **porquê** da minha saída.*
(= motivo)

REFORMA ORTOGRÁFICA

1 - TREMA

ANTES	ATUALMENTE
Usávamos o trema na vogal "U" (pronunciada e átona), antecedida de **Q** ou **G** e seguida de **E** ou **I**. O objetivo do trema era distinguir a vogal "U" muda (= não pronunciada) da vogal "U" pronunciada: **lingüiça, freqüência, qüinqüênio, seqüestro, tranqüilo, qüinquagésimo, delinqüente, pingüim, entre tantas outras.**	**(sem trema)** **LINGUIÇA, FREQUÊNCIA, QUINQUÊNIO, SEQUESTRO, TRANQUILO, QUINQUAGÉSIMO, DELINQUENTE, PINGUIM...**

2 - REGRA DO ACENTO DIFERENCIAL (PARCIALMENTE ABOLIDA)

ANTES	ATUALMENTE
Recebiam acento gráfico: • "ELE **PÁRA**" (do verbo **PARAR**, só a 3ª. pessoa do singular do presente do indicativo); • "EU **PÉLO**, "TU **PÉLAS**" e "ELE **PÉLA**" (do verbo **PELAR**); • "O **PÊLO**", "OS **PÊLOS**" (substantivo = cabelo, penugem); • "A **PÊRA**" (substantivo = fruta); • "O **PÓLO**", "OS **PÓLOS**" (substantivo = jogo ou extremidade).	**(sem acento)** • "ELE **PARA aqui todos os dias**"; • "EU **PELO**", "TU **PELAS**" E "ELE **PELA**"; • "O **PELO**", "OS **PELOS**"; • "A **PERA**"; • "O **POLO**", "OS **POLOS**".

O QUE NÃO MUDA:

(PÔR X POR)	
• **PÔR** (só o infinitivo do verbo) "Ele deve **PÔR** em prática tudo que aprendeu".	• **POR** (preposição) "Ele deve ir **POR** este caminho".
VERBO PODER	
• **PÔDE** É a 3ª. pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. "Ontem ele não **PÔDE** resolver o problema".	• **PODE** É a 3ª. pessoa do singular do presente do indicativo. "Agora ele não **PODE** sair".
Outros exemplos	
I - VERBO • Isto é para **PÔR** aqui, Mariana? • Todos os dias você deve **PÔR** ração para os pombos, certo? • No mês passado você não **PÔDE** pagar a conta, neste você **PODE**?	**II - PREPOSIÇÃO** • Eles passam **POR** aqui todos os dias. • **POR** Deus, o que aconteceu, Flavinho? • Ela é feliz **POR** ter a Júlia e o Víctor em sua vida.

Só é possível identificar a palavra como **verbo** ou **preposição** verificando o **contexto** (toda a construção da frase).

Em **FÔRMA** (substantivo), o acento diferencial é facultativo.

3 – REGRAS DOS DITONGOS ABERTOS "ÉU", "ÉI" E "ÓI" (PARCIALMENTE ABOLIDA)

ANTES	ATUALMENTE
Acentuavam-se todas as palavras que apresentavam os ditongos abertos ÉU / ÉI / ÓI. CÉU, RÉU, CHAPÉU, TROFÉUS, PAPÉIS, ANÉIS, IDÉIA, ASSEMBLÉIA, DÓI, HERÓI, EU APÓIO... **NOTA:** Não se acentuam os ditongos fechados: **EU**: SEU, ATEU, JUDEU, EUROPEU... **EI**: LEI, ALHEIO, FEIA... **OI**: BOI, COISA, O APOIO...	Perderam o acento agudo somente as palavras PAROXÍTONAS. I-**DEI**-A, **BOI**-A, JI-**BOI**-A, ESFE-**ROI**-DE, HE-**ROI**-CO, EU A-**POI**-O, ELE A-**POI**-A... **O QUE NÃO MUDA:** O acento agudo permanece nas palavras **MONOSSÍLABAS** (UMA SÓ SÍLABA) E NAS **ÓXITONAS** (ÚLTIMA SÍLABA TÔNICA): **MONOSSÍLABAS:** DÓI, MÓI, RÓI, CÉU, RÉU... **OXÍTONAS:** HERÓI, ANÉIS, PAPÉIS, PASTÉIS, TROFÉU, CHAPÉUS...

4 – REGRA DO "U" E DO "I" (PARCIALMENTE ABOLIDA)

ANTES	ATUALMENTE
FEI-Ú-RA, BAI-Ú-CA, BO-CAI-Ú-VA	As palavras em que as vogais "I" e "U" não formam hiato com a semivogal do ditongo anterior perderam o acento agudo (falso hiato). FEI-U-RA, BAI-U-CA, BO-CAI-U-VA

O QUE NÃO MUDA:

As vogais "I" e "U" recebem acento agudo sempre que formam hiato com a vogal anterior, desde que sozinhas na sílaba ou com "S" e distantes do dígrafo "-NH".

Gra-ja-**ú**	ba-**ú**	a-tra-**í**-do	con-te-**ú**-do	pa-**ís**	fa-**ís**-ca
ca-**ís**-te	dis-tri-bu-**í**-do	sa-**ú**-de	ra-**í**-zes	ju-**í**-za	ca-**í**-mos

5 – OUTRAS REGRAS

A) Não se acentua mais a letra "U" nas formas verbais GUE, QUE, GUI, QUI, dos verbos apaziguar, averiguar, arguir e obliquar.

ANTES	ATUALMENTE
ARGÚI, APAZIGÚE, AVERIGÚE, OBLIQÚE	ARGUI, APAZIGUE, AVERIGUE, OBLIQUE

B) Os hiatos "OO" e "EE" não são mais acentuados.

ANTES	ATUALMENTE
abençôo - enjôo - perdôo - vôo - corôo - côo môo - povôo - lêem - dêem - crêem - vêem descrêem - relêem - revêem...	abençoo - enjoo - perdoo - voo - coroo - coo moo - povoo - leem - deem - creem - veem descreem - releem - reveem...

6 - HIFENIZAÇÃO

A) **HÍFEN – RR e SS:** O hífen não é mais utilizado em palavras formadas de prefixo terminado em vogal + palavra iniciada por "R" ou "S", sendo que essas letras devem ser dobradas.

ANTES			ATUALMENTE		
ante-sala	ante-sacristia	auto-retrato	antessala	antessacristia	autorretrato
anti-social	anti-rugas	arqui-romântico	antissocial	antirrugas	arquirromântico
arqui-rivalidade	contra-senso	contra-regra	arquirrivalidade	contrassenso	contrarregra
extra-sístole	extra-seco	infra-som	extrassístole	extrasseco	infrassom
semi-sintético	semi-real	ultra-sonografia	semissintético	semirreal	ultrassonografia

NOTA: Nos prefixos **SUB, HIPER, INTER e SUPER**, permanece o hífen se a palavra seguinte for iniciada por "H" ou"R":

sub-hepático	hiper-realista	inter-racial	inter-relação
hiper-requintado	hiper-requisitado	inter-regional	super-racional
super-realista	hiper-história	super-homem	inter-hospitalar

B) **HÍFEN – MESMA VOGAL:** Agora se utiliza o hífen quando a palavra é formada por um prefixo terminado em vogal + palavra iniciada pela **mesma** vogal.

ANTES		ATUALMENTE	
Microondas	microônibus	Micro-ondas	micro-ônibus
Antiibérico	antiinflamatório	Anti-ibérico	anti-inflamatório
Antiinflacionário	antiimperialista	Anti-inflacionário	anti-imperialista
Arquiinimigo	microorgânico	Arqui-inimigo	micro-orgânico

NOTA: São exceções os prefixos "CO" e "RE", que permanecem sem hífen diante de vogal idêntica.

cooperação	coobrigar	coordenar
reelaborar	reestruturar	reeleger

C) **HÍFEN – VOGAL DIFERENTE:** Não se utiliza mais o hífen em palavras formadas por um prefixo terminado em vogal + palavra iniciada por outra vogal.

ANTES		ATUALMENTE	
auto-afirmação	auto-ajuda	autoafirmação	autoajuda
auto-aprendizagem	auto-escola	autoaprendizagem	autoescola
auto-estrada	auto-instrução	autoestrada	autoinstrução
contra-exemplo	contra-indicação	contraexemplo	contraindicação
extra-oficial	infra-estrutura	extraoficial	infraestrutura
intra-ocular	intra-uterino	intraocular	intrauterino
neo-expressionista	neo-imperialista	neoexpressionista	neoimperialista
semi-aberto	semi-árido	semiaberto	semiárido
semi-automático	semi-embriagado	semiautomático	semiembriagado
semi-obscuridade	supra-ocular	semiobscuridade	supraocular
ultra-elevado	micro-esfera	ultraelevado	microesfera

NOTA: Esta regra não se encaixa quando a palavra seguinte se iniciar por "H".

anti-herói	anti-higiênico	extra-humano	semi-herbáceo

D) Não se usa mais hífen em compostos que, pelo uso, perderam a noção de composição ou que tenham termo de ligação.

ANTES		ATUALMENTE	
manda-chuva	pára-quedas	mandachuva	paraquedas
pára-quedista	pára-lama	paraquedista	paralama
pára-brisa	pára-choque	parabrisa	parachoque

NOTA: O uso do hífen permanece em palavras compostas que não contêm elementos de ligação e constituem unidade sintagmática e semântica, bem como naquelas que designam espécies botânicas e zoológicas.

beija-flor	couve-flor	erva-doce	conta-gotas	segunda-feira	bem-te-vi
ano-luz	azul-escuro	médico-cirurgião	guarda-chuva	mal-me-quer	tenente-coronel

CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O HÍFEN:

- Em palavras formadas com prefixos "PRÉ", "PRÓ", "PÓS" (quando acentuados graficamente), "EX" (no sentido de "passado"), "VICE", "SOTO", "SOTA", "ALÊM", "AQUÉM", "RECÉM" e "SEM", usa-se o hífen.

pré-natal	pró-europeu	pós-graduação	ex-presidente	vice-prefeito	soto-mestre
além-mar	aquém-oceano	recém-nascido	sem-teto	vice-rei	pré-vestibular

- Em palavras formadas por "CIRCUM" e "PAN" + palavras iniciadas em VOGAL, H, M ou N, usa-se o hífen.

pan-americano	circum-navegação	circum-murado	circum-hospitalar

- Com os sufixos de origem tupi-guarani "AÇU", "GUAÇU" e "MIRIM", que representam formas adjetivas, usa-se o hífen.

amoré-guaçu	anajá-mirim	capim-açu

EXERCÍCIOS

1 Assinale a opção em que todas as palavras são acentuadas pela mesma regra de "alguém", "inverossímil" e "caráter", **RESPECTIVAMENTE**:

a) hífen, também, útil

b) armazém, útil, éter

c) têm, anéis, éter

d) há, impossível, crítico

e) pólen, magnólias, nós

2 Assinale a alternativa de vocábulo **INCORRETAMENTE** grafado.

a) hifen

b) item

c) itens

d) ritmo

3 Indique a única alternativa em que **NENHUMA** palavra é acentuada graficamente.

a) lapis, canoa, abacaxi, jovens

b) ruim, sozinho, aquele, traiu

c) saudade, onix, grau, orquidea

d) voo, legua, assim, tenis

e) flores, açucar, alguns, virus

4 Indique a única alternativa em que **NENHUMA** palavra é acentuada graficamente.

a) bonus, tenis, aquele, virus

b) repolho, carvalho, onix, grau

c) juiz, saudades, flores, assim

d) levedo, carater, condor, ontem

e) caju, virus, niquel, ecloga

5 A palavra abaixo que **NÃO** deve receber acento gráfico é

a) constroi

b) orfã

c) filantropo

d) textil

6 As silabadas, ou erros de prosódia, são frequentes no uso da língua. Assinale a alternativa onde **NÃO** ocorre nenhuma silabada.

a) Eis aí um prototipo de rúbrica de um homem vaidoso.

b) Para mim a humanidade está dividida em duas metades: a dos filantropos e a dos misantropos.

c) Os arquétipos de ibero são mais púdicos que se pensa.

d) Ávaro de informações, segui todas as pegadas do éfebo.

7 Assinale a alternativa que completa **CORRETAMENTE** as frases:

1 Cada qual faz como melhor lhe _____.

2 O que _____ estes fracos?

3 Neste momento, os teóricos _____ os conceitos.

4 Eles _____ a casa do necessário.

a) convém / contêm / reveem / proveem

b) convém / contém / reveem / provêm

c) convém / contém / revêm / provêm

d) convêm / contém / reveem / proveem

e) convêm / contêm / reveem/ proveem

8 Todas as palavras a seguir devem ser acentuadas graficamente, **EXCETO**

a) hifen

b) biquini

c) item

d) juizes

9 Todas as palavras a seguir apresentam o mesmo número de sílabas e são paroxítonas, **EXCETO**:

a) silencio

b) gratuito

c) insensível

d) melodia

10 Em algumas palavras, a posição da sílaba tônica não é tão nitidamente marcada, decorrendo daí pronúncias desencontradas. Nesses casos, a Gramática propõe como correta a forma que está de acordo com o uso culto. Quando há hesitação no próprio uso culto, a Gramática admite como corretas as diferentes pronúncias. Assim, é correto tanto acrobata como acróbata (trata-se de formas variantes). As palavras que seguem apresentam problemas de acentuação gráfica, decorrente da sua pronúncia hesitante. Assinale a alternativa em que todas as palavras estão grafadas de acordo com a pronúncia culta.

a) pudico, rúbrica, ínterim

b) lêvedo, boemia, íbero

c) avaro, aerolito, batavo

d) filantropo, gratuito, aziago

e) alacre, ímprobo, protótipo

Gabarito

| 1-b | 2-a | 3 -b | 4-c | 5-c | 6-b | 7-a | 8-c | 9-b | 10-d |

DICAS GERAIS

1 - Em palavras como ***i - dei - a*** e ***pla - tei - a***, não há hiato. Observe que, como o ditongo é decrescente, **não** há encontro de **vogais** em sílabas distintas. Logo, tais palavras apresentam ditongo e falso hiato.

2 - Os monossílabos tônicos são semanticamente completos, por isso são representados por substantivos, adjetivos, advérbios, verbos e pronomes tônicos. Preposições, conjunções, artigos e pronomes átonos constituem monossílabos átonos.

3 - Em palavras como **história** e **grêmio**, há instabilidade fonética no ditongo. Dessa forma, alguns autores consideram a possibilidade de divisão do ditongo (proparoxítonas eventuais).

his - tó - ri . a ***grê - mi . o***

FONÉTICA

FONEMA: é a representação sonora de uma letra ou de um conjunto de letras.

- A letra "x" pode, ocasionalmente, ter o som de "ks".
- Não se pode fazer a inclusão de vogais após consoantes não sonoras.

CONSIDERAÇÕES SOBRE FONEMA

- O número de letras de um vocábulo pode ser igual, maior ou menor que o número de fonemas.
- As letras "m" e "n" podem, ocasionalmente, indicar apenas a nasalização da vogal anterior ou emitir sons de semivogal.

DÍGRAFO (DIGRAMA): é o encontro de duas letras que produzem um único fonema.

- **Dígrafo vocálico: vogal + m/n.**
- **Dígrafo consonantal: nh, ch, lh, rr, ss** (serão sempre dígrafos), xc, cç, qu, gu... (dependendo da palavra).

ENCONTRO CONSONANTAL: é o encontro de duas consoantes que produzem dois sons distintos.

Encontro consonantal perfeito: na mesma sílaba.

Encontro consonantal imperfeito: em sílabas distintas.

ENCONTRO VOCÁLICO: é o encontro de duas vogais ou de vogal + semivogal.

<u>Escala</u>:

- A letra "A" é sempre vogal.
- O: pode ser vogal ou semivogal.
- E: pode ser vogal ou semivogal.
- I/U: podem ser vogais ou semivogais.
- Ü (som, pois o trema não existe mais): sempre semivogal.
- Toda semivogal acontece associada a uma vogal.

A (vogal)
↑
– O
– E
– I / U
Ü (semivogal)

DITONGO: é o encontro de vogal + semivogal ou de semivogal + vogal na mesma sílaba.

Ditongo crescente: semivogal + vogal.

Ditongo decrescente: vogal + semivogal.

Ditongo aberto: a pronúncia é aberta. Portanto, o som é de acento agudo.

Ditongo fechado: a pronúncia será fechada. Logo, o som é de acento circunflexo.

Ditongos orais: pronúncia pela boca.

Ditongos nasais: pronúncia pelo nariz. São aqueles que possuem N/M/TIL.

As letras M, N e L podem formar encontros vocálicos quando produzirem sons de semivogais (i/u).

TRITONGO: é o encontro de semivogal + vogal + semivogal na mesma sílaba.

HIATO: é o encontro de duas vogais em sílabas distintas.

A palavra "muito" apresenta ditongo nasal em caráter excepcional.

DIVISÃO SILÁBICA

Não existe sílaba sem vogal.
Consoante "sozinha" fica em sílaba anterior.
Os **prefixos** ab, ob, ex, bis, trans, sob, sub... , quando acompanhados de vogal, formam sílaba. Por outro lado, quando acompanhados de consoante, não formam sílaba.
Os **dígrafos** NH, LH e CH ficam sempre na mesma sílaba.
Letras duplicadas ficam sempre em sílabas separadas.
As vogais dos **hiatos** ficam em sílabas separadas.
Ditongos e **tritongos** não se separam.
Observação: As palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente podem admitir uma divisão fonética do ditongo.

ATENÇÃO

Palavras terminadas em dois sons vocálicos crescentes

- Sílaba anterior acentuada - final junto: his-tó-ria, di-á-rio
- Sílaba anterior sem acento - final separado: a-le-gri-a, di-a

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

REGRAS GERAIS
Acentuam-se os monossílabos tônicos terminados em A(s), E(s), O(s). São monossílabos tônicos substantivos, adjetivos, advérbios, verbos e pronomes tônicos.
Acentuam-se as oxítonas terminadas em A(s), E(s), O(s), EM e ENS.
Não se acentuam as paroxítonas terminadas em A(s), E(s), O(s), EM e ENS.
Acentuam-se as paroxítonas terminadas em: -L, -N, -R, -X, -I, -UM, - US, -ÃO, -Ã, -PS e DITONGO. => NUMPSLEIRUSXÃO
Acentuam-se as paroxítonas terminadas em ditongo crescente.
Todas as proparoxítonas são acentuadas.
CASOS ESPECIAIS
Acentuam-se as vogais –i e –u dos hiatos em 2ª posição, tônicas, sozinhas ou seguidas de –S e longe de –NH (condições simultâneas).
Acentuam-se os ditongos abertos OI, EU e EI em final de palavra (oxítona ou monossílaba).
Emprega-se o acento diferencial nos seguintes vocábulos: pôr (verbo) para diferenciar de por (preposição), **pôde (pretérito)** para diferenciar de pode (presente).
OBSERVAÇÕES
• Os derivados de ter e vir apresentam acento circunflexo no plural e acento agudo no singular. • Dobram a letra "e" no plural: crer, dar, ler, ver e derivados (sem acento). • Em caso de verbos associados a formas pronominais, são usadas as regras normais de acentuação. Parti-lo (oxítona terminada em "i"), substituí-lo (hiato), apoiá-lo (oxítona), vendê-lo (oxítona), contrariá-lo (oxítona), vendê-lo-íamos.

ORTOGRAFIA

ALGUMAS ORIENTAÇÕES ORTOGRÁFICAS

Antes de qualquer informação, é necessário observar:

Toda palavra derivada conserva as letras da palavra primitiva.

Palavra primitiva	Palavras derivadas
cereja	cerejeira
varejo	varejista
cortês	cortesia
cerveja	cervejeiro
anjo	anjinho
canja	canjica
jeito	ajeitar, rejeitar, sujeitar
tesouro	tesoureiro, tesouraria

Obs.: Para formar o diminutivo no plural, faz-se, primeiramente, o plural do substantivo no grau normal, depois acrescenta-se o sufixo **zinho** e, em seguida o **s**, de plural.

papel → *papéis* → *papeizinhos*
flor → *flores* → *florezinhas*
anzol → *anzóis* → *anzoizinhos*

FORMAÇÃO DE SUBSTANTIVOS A PARTIR DE VERBOS

S

imeRGir	imersão
exPELir	expulsão
diveRTir	diversão
aspeRGiR	aspersão
inCORRer	incursão
imPELir	impulsão
inveRTer	inversão
disCORRer	discurso
asceNDer	ascensão
compreeNDer	compreensão

Conclusão: Escrevem-se com ***S*** os substantivos e adjetivos derivados de VERBOS cujos radicais terminem em RG, RT, ND, PEL e CORR.

Outros exemplos:

converter	conversão
descender	descensão
pretender	pretensão
compelir	compelisão
concorrer	concurso

SS

conCEDer	concessão
subMETER	submissão
opriMIR	opressão
aCEDer	acesso
permiTIR	permissão
admiTIR	admissão
impriMIR	impressão
proMETER	promessa
aGREDir	agressão

Conclusão: São escritos com ***SS*** os substantivos derivados de verbos cuja terminação é CEDER, MIR, TIR, METER, GREDIR.

Outros exemplos:

reprimir	repressão
discutir	discussão
progredir	progressão
remeter	remessa
retroceder	retrocesso

Ç

deTER	detenção
aTER	atenção
conTER	contenção

Conclusão: Escrevem-se com ***ç*** os substantivos derivados de verbos que se originam de TER (verbo).

Outros exemplos:

obter	obtenção
abster	abstenção

Observação: A maioria dos substantivos abstratos derivados de verbos são escritos com ***ção***.

VERBO	SUBSTANTIVO ABSTRATO
obrigar	obrigação
descrever	descrição
informar	informação
redigir	redação
reter	retenção
aceitar	aceitação
continuar	continuação

DIFICULDADES ORTOGRÁFICAS

Que / Quê

QUE Monossílabo átono	QUÊ Monossílabo tônico
a) No meio da frase: *Não sei o que ele fez.* b) No início da frase: *Que trabalho é este?* *O que fazer?* c) Como conjunção: *Todos dizem que isso é mentira.*	a) Quando vem no final da frase: *Então, você fez o quê?* b) Quando é substantivo: *Ela tem um quê angelical.* c) Como interjeição: *Quê! Você já chegou?!*

Por que / Por quê / Porque / Porquê

POR QUE
a) Nas frases interrogativas: **Diretas** - *Por que você o ofendeu?* **Indiretas** – depois dos verbos "dicendi" (que indicam dizer): *Ele me perguntou por que você o agradeceu.* b) Como pronome relativo (= pelo qual): *Esta não me parece a vida por que ele luta.*

POR QUÊ
Usado no final das frases interrogativas diretas ou indiretas: *Você o defendeu por quê?* *Você o defendeu e não disse por quê.*

PORQUE
Conjunção: causal ou explicativa. *Ele está muito feliz porque passou no concurso.* – Causal. *Você está triste é porque não passou na prova?* – Causal na interrogativa. *Por favor, ajude-me, porque estou doente.* – Explicativa

PORQUÊ
É um substantivo. Vem precedido de determinante: *Ele não definiu o porquê de sua atitude.*

Mal / Mau

MAL ≠ bem	MAU ≠ bom
Ele chegou mal. *Ele chegou bem.* *O mal com o bem se paga.* *Mal saí, ele chegou. (conj)*	*Ele não é tão mau.* *Ele não é tão bom.* *Tem um mau humor.* *Tem um bom humor.*

Mas / Mais

MAS = porém	MAIS # menos
O país parece que está melhorando, mas ainda há inflação. (= porém ainda há inflação.)	*Foi ele quem mais trabalhou.* *Foi ele quem menos trabalhou.* *Estava mais aflito.* *Estava menos aflito.*

Onde / Aonde

ONDE (lugar em que, no qual)	AONDE (preposição a + onde)
Usado com verbos que pedem a preposição **em**. Esses verbos indicam permanência. *Moro onde fica a igreja.* *A casa onde ele reside é simples.*	É usado com verbos de movimento, que indicam "direção para" exigem **A**. *Vou aonde quero.* *Aonde vais?*

A / Há / À

A	HÁ
Artigo – Vem antes do substantivo feminino: a casa, a vida, a beleza... Preposição – Indica distância, tempo futuro, direção, destino, etc. *Não vamos a teatro.* *A casa fica a 200m.* *Só irei daqui a 2h.* *Vou a Paris.*	3ª pes. do sing. do pres. ind. do verbo haver. Sentido de tempo passado: *Isso aconteceu há pouco.* *Estou aqui há 2 horas.* Sentido de existir: *Hoje não há sessão.* *Ali há uma casa bem antiga.*

À (a prep. + artigo)	A (pronome pessoal = ela)
Vou a + a praia. *Vou à praia.* *Enviarei a correspondência à empresa.*	*Os pais já a encontraram.*
	A (pronome demonstrativo = aquela)
	Esta obra é a que indicaram no censo.

Ao encontro de / De encontro a

AO ENCONTRO DE ser favorável, estar de acordo	DE ENCONTRO A ser contra, opor-se
Sua decisão veio ao encontro das minhas expectativas, por isso estou feliz.	*Sua decisão veio de encontro às minhas expectativas, o que muito me decepcionou.*

Afim / A fim de

AFIM semelhante, igual	A FIM DE = para (locução prepositiva)
Descobri que tínhamos ideias afins.	*Estou aqui a fim de te ajudar.* *Sorria a fim de me alegrar.*

Demais / De mais

DEMAIS = muito	DE MAIS # de menos ou a mais
Ele ficou feliz demais. *(Ficou muito feliz.)*	*Não vejo nada de mais aqui.* *(Não vejo nada de menos aqui.)*

Senão / Se não

SENÃO de outro modo, do contrário, aliás, porém, exceto	SE NÃO caso não (condição)
Trabalha e estuda, senão nada conseguirás. (= do contrário) *Ninguém senão você poderá entender-me. (= exceto)* *Todos ficaram ricos.* *Ele não encontrou senão uma pequena esmeralda.* *(= apenas)*	*Se não ficou rico ainda, trabalhe mais.* *Ficaram muitos hóspedes no hotel,* *se não todos já estavam lá.* *Se não podes, por que vais?*

Tampouco / Tão pouco

TAMPOUCO Também não	TÃO POUCO Mais / intensidade
Não sei tudo, tampouco ele o sabe.	*Bebi tão pouco quanto ele.*

A cerca de / Acerca de

A CERCA DE aproximadamente	ACERCA DE a respeito de
O homem dirigiu-se a cerca de um milhão de fiéis.	*O homem falou acerca do aborto.*
Há cerca de → *só para referência a tempo*	

A par / Ao par

A PAR bem informado	AO PAR indica equivalência de valores financeiros
Não estou a par do assunto da conferência.	*As moedas fortes, como a libra, mantêm-se sempre ao par.*

PROSÓDIA OU SÍLABA

PALAVRAS QUE OFEREM DÚVIDA QUANTO À SÍLABA TÔNICA

OXÍTONAS	PAROXÍTONAS	PROPAROXÍTONAS
cateter, harém, Gibraltar, mister, Nobel, novel, refém, recém, ruim, sutil, ureter condor etc.	acórdão, misantropo, exegese, necropsia, filantropo, fortuito, gratuito, avaro, aziago, barbaria, pudico, Hungria, ibero, índex, dúplex, maquinaria efebo etc.	aeródromo, biótipo, anélito, íngreme arquétipo, bávaro, boêmia, ínterim, rubéola lêvedo, ímprobo síncope páraco tálamo etc.

Observação: Alguns dicionários já aceitam *levedo*, *duplex e boemia*. O VOLP já traz tais registros.

VARIANTES LINGUÍSTICAS

Palavras de grafia oscilante

assobiar	assoviar	acróbata	acrobata
bílis	bile	alópata	alopata
porcentagem	percentagem	ambrósia	ambrosia
aluguel	aluguer	anidridio	anídrido
cotidiano	quotidiano	biópsia	biopsia
cota	quota	homília	homilia
loura	loira	projétil	projetil
alpercata	alpargata	réptil	reptil
enfarto	enfarte	túlipa	tulipa
bêbedo	bêbado	cociente	quociente
catorze	quatorze	coisa	cousa etc...

EMPREGO DAS LETRAS

Grafam-se com *s*

a) Todas as palavras que tenham um verbo cognato (= da mesma raiz) terminado em ***ender*** e ***dir***:

defesa (defender) - **ilusão** (iludir)
pretensão (pretender) - **alusão** (de aludir)

b) Todas as palavras derivadas em que fique o ***s*** no radical da primitiva:

mesário (mesa) - **lapisinho** (lápis)

c) As formas dos verbos ***querer*** e ***pôr:***

quis, quiseram - puseste, puséssemos

Grafam-se com *z*

a) As palavras cognatas de outras grafadas com ***c, ç, g***:

audaz (audácia) - **amizade** (amigo)
reduzir (redução)

b) Todas as palavras derivadas em que não haja ***s*** no radical da primitiva:

bambuzal (de bambu) - **caquizeiro** (de caqui)

c) Os sufixos diminutivos ou aumentativos:

pezinho (pé) - **canzarrão** (cão)

Grafam-se com *ch*

a) Palavras derivadas de primitivas que tenham o ***ch***:

enchoçar (de choça) - **encharcar** (de charco)

b) O verbo ***encher*** e seus cognatos:

preencher, preenchido, enchido, enchimento

c) Palavras cognatas de outras grifadas com ***pl, fl, cl*** :

chumbo (plúmbeo) - **chave** (clave)
chama (flama)

Grafam-se com *x*

a) As palavras começadas por ***en*** e ***me***:

enxurrada - enxergar
mexer - mexicano

***Exceção: encher** e seus cognatos.*

b) Depois de ditongo decrescente:

caixa - trouxa - peixe - ameixa

Exceção: caucho, recauchutagem.

Grafam-se com *g*

a) As palavras derivadas de primitivas que tenham ***g*** (exceto antes de **a, o** e **u**):

rabugento (de rabugem)
homenagear (de homenagem)

Grafam-se com *j*

a) Todas as palavras derivadas de primitivas que tenham ***j***:

nojento (de nojo) - **lisonjear** (de lisonja)

b) As formas dos verbos em ***jar***:

viajei, viajem (verbo viajar)
encorajemos (encorajar)
babujeis (babujar)

***Atenção:** viagem (substantivo).*

Grafam-se com *ss*

a) As palavras ou radicais iniciados por ***s***, quando entram em derivadas ou compostas, se o fonema ***/s/*** se mantém entre vogais:

girassol (gira + sol)
homossexual (homo + sexual)

b) As terminações dos superlativos sintéticos e do imperfeito do subjuntivo de todos os verbos:

boníssimo - péssimo
amasse - vendêssemos

Grafam-se com *ç*

a) As palavras derivadas de primitivas que tenham *ç*:

pançudo (de pança)
embaçado (de embaço)

b) Os verbos em ***ecer/escer***, antes de ***a, o, u***:

amanheça (amanhecer)
enrubesço (enrubescer)

c) As palavras de origem árabe, indígena e africana:

muçulmano - açafrão - babaçu
paçoca - araçá - miçanga

EMPREGO DAS INICIAIS MAIÚSCULAS

Nos substantivos próprios

(pessoas, ruas, cidades, países, regiões etc.)

Paulo - Rua dos Caetés - Brasil
os povos do Norte - Via Láctea - Mantiqueira

Nos nomes de livros, jornais e revistas

Jubiabá - Dom Casmurro
Diário da Tarde - Folha de São Paulo
Medicina e Saúde - Eletrônica Popular

Nos nomes de agremiações, estabelecimentos públicos e particulares

Clube Atlético Mineiro - Instituto de Educação
Colégio Anchieta - Cemig

Nos substantivos comuns, quando personificados ou enfatizados

a Bondade - o Amor - o Vício
a Morte - o Lobo - o Cordeiro

• OBSERVAÇÕES

- Quando o substantivo estiver personificado, deve ser grafado com inicial maiúscula:

  *A **Virtude** fugiu do mundo.*

- Os logradouros **podem** ser grafados com maiúscula:

  *Moro na **Praça** Cairo.*

SEMÂNTICA, SINONÍMIA, ANTONÍMIA

Quanto à forma e à significação:
Sinônimos → mesmo sentido.
Antônimos → sentidos opostos.
Homônimos → mesma grafia e/ou mesmo som.
Parônimos → mesma grafia e/ou pronúncia similar.

Sinônimos

São aqueles diferentes na forma, mas semelhantes ou iguais na significação:

*O **céu** parece de algodão.*
*No **firmamento** brilham as estrelas.*

Nem sempre existe um sinônimo perfeito para a palavra empregada. Vale mais a aproximação de sentido (capacidade sinonímica).

morrer/ falecer	*Deus / Pai Eterno*
beija-flor / colibri	*careca / calvo*
porco / suíno	*casa / lar*
língua / idioma	*casamento / matrimônio*

Veja os exemplos abaixo:

*Muda-se de **casa**, mas o **lar** continua.*
*(A palavra **casa** foi tomada como elemento físico. Já o termo **lar** possui uma conotação espiritual.)*

*Alguns casais **se casam**, mas não contraem **matrimônio**.*
*(O verbo **casar-se** tem conotação jurídica. O substantivo **matrimônio** tem uma conotação religiosa.)*

Assim, pode-se concluir que a capacidade sinônimica de um termo não pode ser avaliada fora de contexto.

Antônimos

São aqueles diferentes na forma e contrários na significação:

altruísmo / egoísmo
análise / síntese
acessório / essencial
mesquinho / magnânimo
aziago / propício
prólogo / epílogo

Além das palavras que apresentam significação oposta no dicionário, existem outras cuja oposição está inserida no contexto, ou seja, a oposição se prende apenas ao texto.

"A vós correndo vou, **braços sagrados**,
Nessa cruz sacrossanta **descobertos**
Que para **receber-me**, estais **abertos**
E por não **castigar-me** estais **cravados**."

(Gregório de Matos)

Antônimas apenas no texto acima:

receber / castigar
abertos / cravados
sagrados / descobertos

braços abertos: livres, sem empecilho;
braços cravados: presos, fixados;
braços sagrados: braços descobertos.

A antononímia também pode originar-se de um prefixo de sentido oposto ou negativo:

bendizer, **mal**dizer	ativo, **in**ativo
simpático, **anti**pático	esperar, **des**esperar
progredir, **re**gredir	comunista, **anti**comunista
concórdia, **dis**córdia	simétrico, **as**simétrico
explícito, **im**plícito	pré-nupcial, **pós**-nupcial

Parônimos

Parônimos são palavras diferentes no sentido, mas com muita semelhança na escrita e na pronúncia:

infligir / infringir
retificar / ratificar
vultoso / vultuoso

Parônimos – emprego do *e* ou do *i*	
Arrear = pôr arreios a	**Arriar** = abaixar
Deferimento = concessão	**Diferimento** = adiamento
Deferir = conceder	**Diferir** = adiar
Delatar = denunciar	**Dilatar** = retardar, estender
Descrição = representação	**Discrição** = reserva
Descriminar = inocentar	**Discriminar** = distinguir
Despensa = compartimento	**Dispensa** = desobriga
Destratar = insultar	**Distratar** = desfazer (contrato)
Emergir = vir à tona	**Imergir** = mergulhar
Emigrante = o que sai do próprio país	**Imigrante** = o que entra em país estranho
Eminência = altura, excelência	**Iminência** = proximidade de ocorrência
Eminente = alto, excelente	**Iminente** = que ameaça ocorrer
Emitir = lançar fora de si	**Imitir** = fazer entrar
Enfestar = dobrar ao meio na sua largura	**Infestar** = assolar
Enformar = meter em fôrma, incorporar	**Informar** = avisar
Entender = compreender	**Intender** = exercer vigilância
Lenimento = suavizante	**Linimento** = medicamento para fricções
Peão = que anda a pé	**Pião** = espécie de brinquedo
Recrear = divertir	**Recriar** = criar de novo
Se = pronome átono, conjunção	**Si** = pronome tônico, nota musical
Vadear = passar a vau	**Vadiar** = passar vida ociosa
Venoso = relativo a veias	**Vinoso** = que produz vinho

Parônimos - emprego do *O* ou do *U*	
Açodar = instigar	**Açudar** = construir açudes
Assoar = limpar (o nariz)	**Assuar** = vaiar
Bocal = embocadura	**Bucal** = relativo à boca
Comprido = longo	**Cumprido** = executado
Comprimento = extensão	**Cumprimento** = saudação
Costear = navegar junto à costa	**Custear** = prover as despesas de
Cutícula = película	**Cutícola** = que vive na pele
Insolação = exposição ao sol	**Insulação** = isolamento
Insolar = expor ao sol	**Insular** = isolar
Ovular = semelhante a ovo	**Uvular** = relativo à úvula
Pontoar = marcar com ponto	**Pontuar** = empregar a pontuação em
Roborizar = fortalecer	**Ruborizar** = corar, envergonhar-se
Soar = dar ou produzir som, ecoar	**Suar** = transpirar
Soporativo = que produz sopor (modorra)	**Supurativo** = que produz supuração
Sortir = abastecer	**Surtir** = originar
Torvar = tornar-se carrancudo	**Turvar** = tornar turvo (opaco); toldar
Torvo = iracundo, enfurecido	**Turvo** = opaco, toldado
Vultoso = volumoso	**Vultuoso** = atacado de vultuosidade (congestão relativo à face)

Homônimos

Homônimos são palavras diferentes no sentido, mas que têm a mesma pronúncia. Dividem-se em homônimos perfeitos e homônimos imperfeitos.

Homônimos perfeitos são palavras diferentes no sentido, mas idênticas na escrita e na pronúncia.

*Homem **são** (adj.) / **São** João / **São** várias as causas.*
***Como** vais? / Eu **como** feijão.*

Homônimos imperfeitos, que se dividem em:

- **Homônimos homógrafos**, são palavras que apresentam mesma escrita e a mesma pronúncia, exceto a abertura da vogal tônica.

almoço (verbo)
almoço (substantivo)

- **Homônimos homófonos**, são palavras que apresentam mesma pronúncia, mas a grafia é diferente.

apreçar / apressar
sessão / seção / cessão

Homônimos e Parônimos - emprego do grupo *SC*	
Acender = pôr fogo a	**Ascender** = subir
Decente = decoroso, limpo	**Descente** = que desce, vazante
Discente = relativo a alunos	**Docente** = relativo a professores
Acético = relativo ao vinagre	**Ascético** = relativo ao ascetismo
	Asséptico = relativo à assepsia

Homônimos e Parônimos - emprego do *C*, *Ç*, *S* e *SS*	
Acento = inflexão da voz, sinal gráfico	**Assento** = lugar onde se assenta
Acessório = que não é fundamental	**Assessório** = relativo ao assessor
Anticé(p)tico = oposto aos céticos	**Antissé(p)tico** = desinfetante
Apreçar = marcar ou ver o preço de	**Apressar** = tornar rápido
Caçar = perseguir a caça	**Cassar** = anular
Cé(p)tico = que ou quem duvida	**Sé(p)tico** = que causa infecção
Cegar = fazer perder a vista a	**Segar** = ceifar, cortar
Cela = aposento de religiosos	**Sela** = arreio de cavalgadura
Celeiro = depósito de provisões	**Seleiro** = fabricante de selas
Cenário = decoração de teatro	**Senário** = que consta de seis unidades
Censo = recenseamento	**Senso** = juízo claro
Censual = relativo ao censo	**Sensual** = relativo aos sentidos
Cerração = nevoeiro espesso	**Serração** = ato de serrar
Cerrar = fechar	**Serrar** = cortar
Cervo = veado	**Servo** = servente
Cessação = ato de cessar	**Sessação** = ato de sessar
Cessar = interromper	**Sessar** = peneirar
Ciclo = período	**Siclo** = moeda judaica
Cilício = cinto para penitências	**Silício** = elemento químico
Cinemático = Relativo ao movimento mecânico	**Sinemático** = Relativo aos estames

(continua)

Círio = vela grande de cera	**Sírio** = da Síria
Concertar = harmonizar; combinar	**Consertar** = remendar, reparar
Corço = cabrito selvagem	**Corso** = natural da Córsega
Decertar = lutar	**Dissertar** = discorrer
Empoçar = formar poça	**Empossar** = dar posse a
Incerto = duvidoso	**Inserto** = inserido, incluído
Incipiente = principiante	**Insipiente** = Ignorante
Intenção ou tenção = propósito	**Intensão ou tensão** = intensidade
Intercessão = súplica	**Interse(c)ção** = ponto em que duas linhas se cortam
Laço = laçada	**Lasso** = cansado
Maça = clava	**Massa** = pasta
Maçudo = indigesto, monótono	**Massudo** = volumoso
Paço = palácio	**Passo** = passada
Ruço = pardacento, grisalho	**Russo** = natural da Rússia
Cessão = doação, anuência	**Secção ou seção** = corte, divisão
	Sessão = reunião
Cesta = utensílio de vara, com asas	**Sexta** = ordinal feminino de seis
	Sesta = hora de descanso
Indefesso = incansável	**Indefeso** = sem defesa
	Infenso = contrário

Homônimos e Parônimos – emprego do *S* ou do *Z*	
Asado = que tem asas	**Azado** = oportuno
Asar = guarnecer com asas	**Azar** = dar azar, má sorte
Coser = costurar	**Cozer** = cozinhar
Revezar = substituir alternadamente	**Revisar** = rever, corrigir
Vês = forma do verbo ver	**Vez** = ocasião
Fúsil = Que se pode fundir	**Fuzil** = carabina
	Fusível = resistência de fusibilidade calibrada

Homônimos e Parônimos – emprego do *S* ou do *X*	
Espiar = espreitar	**Expiar** = sofrer pena ou castigo
Espirar = soprar, respirar, estar vivo	**Expirar** = expelir (o ar), morrer

Estrato = camada sedimentar, tipo de nuvem	**Extrato** = o que foi tirado de dentro, fragmento
Esterno = osso do peito	**Externo** = exterior
	Hesterno = Relativo ao dia de ontem

Homônimos e Parônimos – emprego do *ch* ou do *X*	
Brocha = prego curto de cabeça larga e chata	**Broxa** = pincel
Bucho = estômago de animais	**Buxo** = arbusto ornamental
Cachão = borbotão, fervura	**Caixão** = caixa grande; féretro
Cachola = cabeça, bestunto	**Caixola** = pequena caixa
Cartucho = canudo de papel	**Cartuxo** = pertencente à ordem da Cartuxa
Chá = arbusto, infusão	**Xá** = título de soberano no Oriente
Chácara = quinta	**Xácara** = narrativa popular em verso
Chalé = casa campestre em estilo suíço	**Xale** = cobertura para os ombros
Cheque = ordem de pagamento	**Xeque** = incidente no jogo de xadrez, contratempo
Cocha = gamela	**Coxa** = parte da perna
Cocho = vasilha feita com um tronco de madeira escavada	**Coxo** = aquele que manca
Luchar = sujar	**Luxar** = deslocar, desconjuntar
Tacha = brocha, pequeno prego	**Taxa** = imposto, preço
Tachar = censurar, notar defeito em	**Taxar** = estabelecer o preço ou o imposto

EXERCÍCIOS

1 Assinale a alternativa que preencha **CORRETAMENTE** os espaços da frase abaixo.
A_____ do político depende muito da _____ do apoio popular.
a) ascensão, obtenção
b) ascensão, obtensão
c) ascenção, obtenção
d) ascenssão, obtensão
e) ascenssão, obtenção

2 Uma falsa meiguice encobria-lhe a _____ e a falta de _____. A sequência **CORRETA** é
a) regidês – compreenção.
b) rigidez – compreensão.
c) rijidez – compreensão.
d) rijidês – comprensão.
e) rigeza – compreenção.

3 Assinale a alternativa em que **NÃO** ocorre erro de grafia.
a) escasso, massa, carrocel, puzesse, senso
b) honradez, quizestes, ruço, dissertar, cessar
c) empossar, incipiente, obscecação, assessório, maçudo
d) celeiro, exegesse, cerração, intensão, disfarse
e) atraso, maça, ascensorista, exceção, obsessão

4 Assinale a alternativa que contém **ERRO** gráfico.
a) herege, extático, montês
b) extensão, destro, ironizar
c) bueiro, despender, imersão
d) empecilho, faxina, consenso
e) excêntrico, pretencioso, escassez

5 São grafadas com "s", "ss", "ç", **RESPECTIVAMENTE**, as palavras
a) incur___o / tor___ão / controvér___ia.
b) emi___ão / intromi___ão / exten___ão.
c) admi___ível / assun___ão / exten___ão.
d) preten___ioso / opre___ão / reten___ão.
e) cansa___o / conce___ão / an___ioso.

6 Assinale a alternativa em que todas as palavras estão escritas **CORRETAMENTE.**
a) paralisar – pesquisar – ironizar – deslizar
b) alteza – empreza – francesa – miudesa
c) cuscus – chimpanzé – encharcar – encher
d) incenso – absesso – Luís – compreensão
e) chineza – marquês – garrucha – meretriz

7 O _____ rendido pelas artes da _____, _____ na espreguiçadeira. A sequência **CORRETA** é
a) herói – cosinha – cochilava.
b) heroi – cosinha – coxilava.
c) heroi – cozinha – coxilava .
d) herói – cozinha – cochilava.
e) herói – cozinha – coxilava.

8 A certa altura do ritual, o _____ das _____ atingiu marcação _____. A sequência **CORRETA** é
a) ritmo – danças – alucinante.
b) ritmo – dansas – aluscinante.
c) rítimo – danças – aluscinante.
d) ritimo – danças – aluscinante.
e) rítmo – danças – alucinante.

9 Assinale a série de grafia **INCORRETA**.
a) usina – buzina
b) ombridade – hombro
c) úmido – humilde
d) erva – herbívoro
e) néscio – cônscio

10 Assinale a resposta que completa **CORRETAMENTE** os espaços abaixo.
Olhei, não _____ ninguém e tive um breve momento de _____.
a) encherguei – hexitação
b) enxerguei – hesitação
c) enxerguei – exitação
d) encherguei – exitação
e) encherguei – hesitação

Gabarito
| 1-a | 2-b | 3-e | 4-e | 5-d | 6-a | 7-d | 8-a | 9-b | 10-b |

PARONÍMIA E HOMONÍMIA

Relação de palavras homônimas e parônimas que com maior frequência provocam dúvidas quanto à grafia correta e pertinente numa dada frase.

Absolver: inocentar, relevar da culpa imputada: *O júri absolveu o réu.*
Absorver: embeber em si, esgotar: *O solo absorveu lentamente a água da chuva.*

Acender: atear (fogo), inflamar.
Ascender: subir, elevar-se.

Acento: sinal gráfico; inflexão vocal: *Vocábulo sem acento.*
Assento: banco, cadeira: *Tomar assento num cargo.*

Acerca de: sobre, a respeito de: *No discurso, o Presidente falou acerca de seus planos.*
A cerca de: a uma distância aproximada de: *O anexo fica a cerca de trinta metros do prédio principal. Estamos a cerca de um mês ou (ano) das eleições.*
Há cerca de: faz aproximadamente (tanto tempo): *Há cerca de um ano, tratamos de caso idêntico;* existem aproximadamente: *Há cerca de mil títulos no catálogo.*

Acidente: acontecimento casual; desastre: *A derrota foi um acidente na sua vida profissional. O súbito temporal provocou terrível acidente no parque.*
Incidente: episódio; que incide, que ocorre: *O incidente da demissão já foi superado.*

Adotar: escolher, preferir; assumir; pôr em prática.
Dotar: dar em doação, beneficiar.

Afim: que apresenta afinidade, semelhança, relação (de parentesco): *Se o assunto era afim, por que não foi tratado no mesmo parágrafo?*
A fim de: para, com a finalidade de, com o fito de: *O projeto foi encaminhado com quinze dias de antecedência a fim de permitir a necessária reflexão sobre sua pertinência.*

Alto: de grande extensão vertical; elevado, grande.
Auto: ato público, registro escrito de um ato, peça processual.

Aleatório: casual, fortuito, acidental.
Alheatório: que alheia, alienante, que desvia ou perturba.

Amoral: desprovido de moral, sem senso de moral.
Imoral: contrário à moral, aos bons costumes, devasso, indecente.

Ante (preposição): diante de, perante: *Ante tal situação, não teve alternativa.*
Ante- (prefixo): expressa anterioridade: antepor, antever, anteprojeto ante-diluviano.
Anti- (prefixo): expressa contrariedade; contra: anticientífico, antibiótico, anti-higiênico, anti-Marx.

Ao encontro de: para junto de; favorável a: *Foi ao encontro dos colegas. O projeto salarial veio ao encontro dos anseios dos trabalhadores.*
De encontro a: contra; em prejuízo de: *O carro foi de encontro a um muro. O governo não apoiou a medida, pois vinha de encontro aos interesses dos menores.*

Ao invés de: ao contrário de: *Ao invés de demitir dez funcionários, a empresa contratou mais vinte.* (Inaceitável o cruzamento *ao em vez de.)
Em vez de: em lugar de: *Em vez de demitir dez funcionário, a empresa demitiu vinte.*

A par: informado, ao corrente, ciente: *O Ministro está a par (var.: ao par) do assunto*; ao lado, junto; além de.
Ao par: de acordo com a convenção legal: *Fez a troca de mil dólares ao par.*

Aparte: interrupção, comentário à margem: *O deputado concedeu ao colega um aparte em seu pronunciamento.*
À parte: em separado, isoladamente, de lado: *O anexo ao projeto foi encaminhado por expediente à parte.*

Apreçar: avaliar, pôr preço: *O perito apreçou irrisoriamente o imóvel.*
Apressar: dar pressa a, acelerar: *Se o andamento das obras não for apressado, não será cumprido o cronograma.*

Área: superfície delimitada, região.
Ária: canto, melodia.

Aresto: acórdão, caso jurídico julgado: *Neste caso, o aresto é irrecorrível.*
Arresto: apreensão judicial, embargo: *Os bens do traficante preso foram todos arrestados.*

Arrochar: apertar com arrocho, apertar muito.
Arroxar: ou arroxear, roxear: tornar roxo.

Ás: exímio em sua atividade; carta do baralho.
Az (p. us.): esquadrão, ala do exército.

Atuar: agir, pôr em ação; pressionar.
Autuar: lavrar um auto; processar.

Auferir: obter, receber: Auferir lucros, vantagens.
Aferir: avaliar, cotejar, medir, conferir: Aferir valores, resultados.

Augurar: prognosticar, prever, auspiciar: *O Presidente augurou sucesso ao seu par americano.*
Agourar: pressagiar, predizer (geralmente no mau sentido): *Os técnicos agouram desastre na colheita.*

Avocar: atribuir-se, chamar: *Avocou a si competências de outrem.*
Evocar: lembrar, invocar: *Evocou no discurso o começo de sua carreira.*
Invocar: pedir (a ajuda de); chamar; proferir: *Ao final do discurso, invocou a ajuda de Deus.*

Caçar: perseguir, procurar, apanhar (geralmente animais).
Cassar: tornar nulo ou sem efeito, suspender, invalidar.

Carear: atrair, ganhar, granjear.
Cariar: criar cárie.
Carrear: conduzir em carro, carregar.

Casual: fortuito, aleatório, ocasional.
Causal: causativo, relativo à causa.
Cavaleiro: que anda a cavalo, cavalariano.
Cavalheiro: indivíduo distinto, gentil, nobre.

Censo: alistamento, recenseamento, contagem.
Senso: entendimento, juízo, tino.

Cerrar: fechar, encerrar, unir, juntar.
Serrar: cortar com serra, separar, dividir.

Cessão: ato de ceder: A cessão do local pelo município tornou possível a realização da obra.
Seção: setor, subdivisão de um todo, repartição, divisão: *Em qual seção do ministério ele trabalha?*
Sessão: espaço de tempo que dura uma reunião, um congresso; reunião; espaço de tempo durante o qual se realiza uma tarefa: *A próxima sessão legislativa será iniciada em 1o de agosto.*

Chá: planta, infusão.
Xá: antigo soberano persa.

Cheque: ordem de pagamento à vista.
Xeque: dirigente árabe; lance de xadrez; (fig.) perigo (pôr em xeque).

Círio: vela de cera.
Sírio: da Síria.

Cível: relativo à jurisdição dos tribunais civis.
Civil: relativo ao cidadão; cortês, polido (daí civilidade); não militar nem, eclesiástico.

Colidir: trombar, chocar; contrariar: *A nova proposta colide frontalmente com o entendimento havido.*
Coligir: colecionar, reunir, juntar: *As leis foram coligidas pelo Ministério da Justiça.*

Comprimento: medida, tamanho, extensão, altura.
Cumprimento: ato de cumprir, execução completa; saudação.

Concelho: circunscrição administrativa ou município (em Portugal).
Conselho: aviso, parecer, órgão colegiado.

Concerto: acerto, combinação, composição, harmonização (cp. concertar): *O concerto das nações... O concerto de Guarnieri...*
Conserto: reparo, remendo, restauração (cp. consertar): Certos problemas crônicos aparentemente não têm conserto.

Conje(c)tura: suspeita, hipótese, opinião.
Conjuntura: acontecimento, situação, ocasião, circunstância.

Contravenção: transgressão ou infração a normas estabelecidas.
Contraversão: versão contrária, inversão.

Coser: costurar, ligar, unir.
Cozer: cozinhar, preparar.

Costear: navegar junto à costa, contornar. *A fragata costeou inúmeras praias do litoral baiano antes de partir para alto-mar.*
Custear: pagar o custo de, prover, subsidiar. *Qual a empresa disposta a custear tal projeto?*
Custar: valer, necessitar, ser penoso. *Quanto custa o projeto? Custa-me crer que funcionará.*

Deferir: consentir, atender, despachar favoravelmente, conceder.
Diferir: ser diferente, discordar; adiar, retardar, dilatar.

Degradar: deteriorar, desgastar, diminuir, rebaixar.
Degredar: impor pena de degredo, desterrar, banir.

Delatar (delação): denunciar, revelar crime ou delito, acusar: *Os traficantes foram delatados por membro de quadrilha rival.*
Dilatar (dilação): alargar, estender; adiar, diferir: *A dilação do prazo de entrega das declarações depende de decisão do Diretor da Receita Federal.*

Derrogar: revogar parcialmente (uma lei), anular.
Derrocar: destruir, arrasar, desmoronar.

Descrição: ato de descrever, representação, definição.
Discrição: discernimento, reserva, prudência, recato.

Descriminar: absolver de crime, tirar a culpa de.
Discriminar: diferençar, separar, discernir.

Despensa: local em que se guardam mantimentos, depósito de provisões.
Dispensa: licença ou permissão para deixar de fazer algo a que se estava obrigado; demissão.

Despercebido: que não se notou, para o que não se atentou: *Apesar de sua importância, o projeto passou despercebido.*
Desapercebido: desprevenido, desacautelado: *Embarcou para a missão na Amazônia totalmente desapercebido dos desafios que lhe aguardavam.*

Dessecar: secar bem, enxugar, tornar seco.
Dissecar: analisar minuciosamente, dividir anatomicamente.

Destratar: insultar, maltratar com palavras.
Distratar: desfazer um trato, anular.

Distensão: ato ou efeito de distender, torção violenta dos ligamentos de uma articulação.
Distinção: elegância, nobreza, boa educação: *Todos devem portar-se com distinção.*
Dissensão: desavença, diferença de opiniões ou interesses: *A dissensão sobre a matéria impossibilitou o acordo.*

Elidir: suprimir, eliminar.
Ilidir: contestar, refutar, desmentir.

Emenda: correção de falta ou defeito, regeneração, remendo: *ao torná-lo mais claro e objetivo, a emenda melhorou o projeto.*
Ementa: apontamento, súmula de decisão judicial ou do objeto de uma lei. *Procuro uma lei cuja ementa é "dispõe sobre a propriedade industrial".*

Emergir: vir à tona, manifestar-se.
Imergir: mergulhar, afundar submergir), entrar.

Emigrar: deixar o país para residir em outro.
Imigrar: entrar em país estrangeiro para nele viver.

Eminente (eminência): alto, elevado, sublime.
Iminente (iminência): que está prestes a acontecer, pendente, próximo.

Emitir (emissão): produzir, expedir, publicar.
Imitir (imissão): fazer entrar, introduzir, investir.
Empoçar: reter em poço ou poça, formar poça.
Empossar: dar posse a, tomar posse, apoderar-se.

Encrostar: criar crosta.
Incrustar: cobrir de crosta, adornar, revestir, prender-se, arraigar-se.

Entender: compreender, perceber, deduzir.
Intender: (p. us): exercer vigilância, superintender.

Enumerar: numerar, enunciar, narrar, arrolar.
Inúmero: inumerável, sem conta, sem número.

Espectador: aquele que assiste qualquer ato ou espetáculo, testemunha.
Expectador: que tem expectativa, que espera.

Esperto: inteligente, vivo, ativo.
Experto: perito, especialista.

Espiar: espreitar, observar secretamente, olhar.
Expiar: cumprir pena, pagar, purgar.

Estada: ato de estar, permanência: *Nossa estada em São Paulo foi muito agradável.*
Estadia: prazo para carga e descarga de navio ancorado em porto: *O "Rio de Janeiro" foi autorizado a uma estadia de três dias.*

Estância: lugar onde se está, morada, recinto.
Instância: solicitação, pedido, rogo; foro, jurisdição, juízo.

Estrato: cada camada das rochas estratificadas.
Extrato: coisa que se extraiu de outra; pagamento, resumo, cópia; perfume.

Flagrante: ardente, acalorado; diz-se do ato que a pessoa é surpreendida a praticar (flagrante delito).
Fragrante: que tem fragrância ou perfume; cheiroso.

Florescente: que floresce, próspero, viçoso.
Fluorescente: que tem a propriedade da fluorescência.

Folhar: produzir folhas, ornar com folhagem, revestir lâminas.
Folhear: percorrer as folhas de um livro, compulsar, consultar.

Incerto: não certo, indeterminado, duvidoso, variável.
Inserto: introduzido, incluído, inserido.

Incipiente: iniciante, principiante.
Insipiente: ignorante, insensato.

Incontinente: imoderado, que não se contém, descontrolado.
Incontinenti: imediatamente, sem demora, logo, sem interrupção.

Induzir: causar, sugerir, aconselhar, levar a: *O réu declarou que havia sido induzido a cometer o delito.*
Aduzir: expor, apresentar: A defesa, então, aduziu novas provas.

Inflação: ato ou efeito de inflar; emissão exagerada de moeda, aumento persistente de preços.
Infração: ato ou efeito de infringir ou violar uma norma.

Infligir: cominar, aplicar (pena, castigo, repreensão, derrota): *O juiz infligiu pesada pena ao réu.*
Infringir: transgredir, violar, desrespeitar (lei, regulamento, etc.) (cp. infração): *A condenação decorreu de ter ele infringido um sem número de artigos do Código Penal.*

Inquerir: apertar (a carga de animais), encilhar.
Inquirir: procurar informações sobre, indagar, investigar, interrogar.

Intercessão: ato de interceder.
Interse(c)ção: ação de se(c)cionar, cortar; ponto em que se encontram duas linhas ou superfícies.

Inter- (prefixo): entre; preposição latina usada em locuções: *inter alia (entre outros), inter pares (entre iguais).*
Intra- (prefixo): interior, dentro de.

Judicial: que tem origem no Poder Judiciário ou que perante ele se realiza.
Judiciário: relativo ao direito processual ou à organização da Justiça.

Liberação: ato de liberar, quitação de dívida ou obrigação.
Libertação: ato de libertar ou libertar-se.

Lista: relação, catálogo; var. pop. de listra.
Listra: risca de cor diferente num tecido (var. pop. de lista).

Locador: que dá de aluguel, senhorio, arrendador.
Locatário: alugador, inquilino: *O locador reajustou o aluguel sem a concordância do locatário.*

Lustre: brilho, glória, fama; abajur.
Lustro: qüinqüênio; polimento.

Magistrado: juiz, desembargador, ministro.
Magistral: relativo a mestre (latim: magister); perfeito, completo; exemplar.

Mandado: garantia constitucional para proteger direito individual líquido e certo; ato de mandar; ordem escrita expedida por autoridade judicial ou administrativa: um mandado de segurança, mandado de prisão.
Mandato: autorização que alguém confere a outrem para praticar atos em seu nome; procuração; delegação: o mandato de um deputado, senador, do Presidente.

Mandante: que manda; aquele que outorga um mandato.
Mandatário: aquele que recebe um mandato, executor de mandato, representante, procurador.
Mandatório: obrigatório.

Obcecação: ato ou efeito de obcecar, teimosia, cegueira.
Obsessão: impertinência, perseguição, idéia fixa.

Ordinal: numeral que indica ordem ou série (primeiro, segundo, milésimo, etc.).
Ordinário: comum, freqüente, trivial, vulgar.

Original: com caráter próprio; inicial, primordial.
Originário: que provém de, oriundo; inicial, primitivo.

Paço: palácio real ou imperial; a corte.
Passo: ato de avançar ou recuar um pé para andar; caminho, etapa.
Pleito: questão em juízo, demanda, litígio, discussão: *O pleito por mais escolas na região foi muito bem formulado.*
Preito: sujeição, respeito, homenagem: *Os alunos renderam preito ao antigo reitor.*

Preceder: ir ou estar adiante de, anteceder, adiantar-se.

Proceder: originar-se, derivar, provir; levar a efeito, executar.

Pós- (prefixo): posterior a, que sucede, atrás de, após: pós-moderno, pós-operatório.
Pré- (prefixo): anterior a, que precede, à frente de, antes de: pré-modernista, pré-primário.
Pró (advérbio): em favor de, em defesa de. *A maioria manifestou-se contra, mas dei meu parecer pró.*

Preeminente: que ocupa lugar elevado, nobre, distinto.
Proeminente: alto, saliente, que se alteia acima do que o circunda.

Preposição: ato de prepor, preferência; palavra invariável que liga constituintes da frase.
Proposição: ato de propor, proposta; máxima, sentença; afirmativa, asserção.

Presar: capturar, agarrar, apresar.
Prezar: respeitar, estimar muito, acatar.

Prescrever: fixar limites, ordenar de modo explícito, determinar; ficar sem efeito, anular-se: *O prazo para entrada do processo prescreveu há dois meses.*
Proscrever: abolir, extinguir, proibir, terminar; desterrar. *O uso de várias substâncias psicotrópicas foi proscrito por recente portaria do Ministro.*

Prever: ver antecipadamente, profetizar; calcular: *A assessoria previu acertadamente o desfecho do caso.*
Prover: providenciar, dotar, abastecer, nomear para cargo: *O chefe do departamento de pessoal proveu os cargos vacantes.*
Provir: originar-se, proceder; resultar: *A dúvida provém (Os erros provêm) da falta de leitura.*

Prolatar: proferir sentença, promulgar.
Protelar: adiar, prorrogar.

Ratificar: validar, confirmar, comprovar.
Retificar: corrigir, emendar, alterar: *A diretoria ratificou a decisão após o texto ter sido retificado em suas passagens ambíguas.*

Recrear: proporcionar recreio, divertir, alegrar.
Recriar: criar de novo.

Reincidir: tornar a incidir, recair, repetir.
Rescindir: dissolver, invalidar, romper, desfazer: *Como ele reincidiu no erro, o contrato de trabalho foi rescindido.*

Remição: ato de remir, resgate, quitação.
Remissão: ato de remitir, intermissão, intervalo; perdão, expiação.

Repressão: ato de reprimir, contenção, impedimento, proibição.
Repreensão: ato de repreender, enérgica admoestação, censura, advertência.

Ruço: grisalho, desbotado.
Russo: referente à Rússia, nascido naquele país; língua falada na Rússia.

Sanção: confirmação, aprovação; pena imposta pela lei ou por contrato para punir sua infração.
Sansão: nome de personagem bíblico; certo tipo de guindaste.

Sedento: que tem sede; sequioso (var. p. us.: sedente).
Cedente: que cede, que dá.

Sobrescritar: endereçar, destinar, dirigir.
Subscritar: assinar, subscrever.

Sortir: variar, combinar, misturar.
Surtir: causar, originar, produzir (efeito).

Subentender: perceber o que não estava claramente exposto; supor.
Subintender: exercer função de subintendente, dirigir.
Subtender: estender por baixo.

Sustar: interromper, suspender; parar, interromper-se (sustar-se).
Suster: sustentar, manter; fazer parar, deter.

Tacha: pequeno prego; mancha, defeito, pecha.
Taxa: espécie de tributo, tarifa.
Tachar: censurar, qualificar, acoimar: tachar alguém (tachá-lo) de subversivo.
Taxar: fixar a taxa de; regular, regrar: taxar mercadorias.

Tapar: fechar, cobrir, abafar.
Tampar: pôr tampa em.

Tenção: intenção, plano (deriv.: tencionar); assunto, tema.
Tensão: estado de tenso, rigidez (deriv.: tensionar); diferencial elétrico.

Tráfego: trânsito de veículos, percurso, transporte.
Tráfico: negócio ilícito, comércio, negociação.

Trás: atrás, detrás, em seguida, após (cf. em locuções: de trás, por trás).
Traz: 3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo trazer.

Vestiário: guarda-roupa; local em que se trocam roupas.
Vestuário: as roupas que se vestem, traje.

Vultoso: de grande vulto, volumoso.
Vultuoso (p. us.): atacado de vultuosidade (congestão da face).

DIFICULDADES ORTOGRÁFICAS

abacaxi
abóbada
aborígine
açafrão
açaí
acarajé
açucena
adivinhar
alisar
almoço
almoxarife
ameixa
amenizar
ameno
anáfase
analisar
análise (substantivo)
analise (verbo)
anchova ou enchova
ansioso
aragem
arcabouço
azulejo
bandeja
baronesa
beiço
beneficência
beneficente
burguês
burguesa
cabeleireiro
cadarço
cafajeste
caixa
camponês
camponesa
canal
canalizar
canjica
caranguejo
catálise
catequese
catequizar
caxambu
coice
compleição
contracheque
contrassenso
cortês
de repente (expressão)
deslize
digladiar
disenteria
diurese
duquesa
egrégio
em cima
embaixo
empecilho
encharcar (charco)
encher (cheio)
enchiqueirar (chiqueiro)
enchouriçar (chouriço)
enchumaçar (chumaço)
enxada
enxaqueca
enxurrada
enxuto
escassez
exegese
espontaneidade
estágio
faixa
feição
ferrugem
foice
frouxo
fuligem
garagem
gêiser
gênese
hilaridade
hipnose
hipnotizar
hombridade
inigualável
jenipapo
jerimum
jiboia
lajem (variante de laje)
lambujem
liso
louça
lousa
macaxeira
maisena
majestade
malandragem
manteigueira
marquês
marquesa
mecha
meiose
meritíssimo
metáfase
metamorfose
meteorologista
mexer
mexerico
mexerica
mexida
mexilhão
misto
montês
mortadela
mendigo
náusea
obcecado
obsceno
obsessão
paçoca
pajé
pajem
papisa
paralisar
paralisia
pedágio
penugem
pesquisa
pesquisar
piche
pitonisa
poetisa
por isso (expressão)
prazerosamente
pretensioso
princesa
privilégio
profetisa
profetizar
que eles viajem (verbo)
ramagem
recauchutagem
recauchutar
reivindicar
rixa
selvagem
síntese
sintetizar
sobrancelha
solidez
superstição
touceira
trouxa
usufruto
vagem
vertigem
viger
xadrez
xampu
xangô
xavante
xerife
xingar

PRONÚNCIA ADEQUADA DE ALGUNS VOCÁBULOS		
Abóbada - e não abóboda	destilar - e não distilar	pexote - e não pixote
aleijar - pronuncie o **i**	digladiar - e não degladiar	pirulito - e não pirolito
advogado - o **d** é mudo	dignitário - e não dignatário	pousa - com o **o** fechado
Absoluto - o **b** é mudo	disenteria - e não desinteria	pneu - e não pineu ou peneu
Absurdo - o **b** é mudo	eu estouro - com o **o** fechado	prazeroso - sem **i**
aterrissar - som de **s**	estupro - e não estrupo	prazerosamente - sem **i**
arrabalde - e não arrebalde	estuprar - e não estrupar	privilégio - e não previlégio
aborígine - e não aborígene	empecilho - e não impecilho	problema - e não pobrema
babadouro - lugar para babar	engajamento - e não enganjamento	próprio - e não própio
bebedouro - lugar para beber	eletricista - e não eletrecista	propriedade - e não propiedade
bandeja - sem **i**	frustrar - e não fustrar	prostração - e não prostação
beneficente - sem **i**	hilaridade - e não hilariedade	prostrar - e não prostar
beneficência - sem **i**	homogeneidade - e não homogeniedade	recorde - sílaba tônica é **cor**
bueiro - e não boeiro	inigualável - e não inegualável	reivindicar - e não reinvindicar
bicarbonato - e não bicabornato	intitular - e não entitular	reincidência - e não reicindência
caderneta - e não cardeneta	irrequieto - e não irriquieto	retrógrado - e não retrógado
cabeçalho - com **lh**	jabuticaba - e não jaboticaba	eu roubo - com o **o** fechado
cabeleireiro - dois **ii**	lagarto - e não largato	salsicha - e não salchicha
caranguejo - sem **i**	lagartixa - e não largatixa	superstição - e não supertição
cataclismo - e não cataclisma	manteigueira - e não mantegueira	signatário - e não signitário
chimpanzé - e não chipanzé	mendigo - e não mendingo	surripiar - e não surrupiar
cinquenta - e não cincoenta	meritíssimo - e não meretíssimo	terraplenagem - e não terraplanagem
cuspir - e não guspir	meteorologia - e não metereologia	trouxe com som de **s**
cuspe - e não guspe	mortadela - e não mortandela	tóxico com som de **ks**

CONSIDERAÇÕES SOBRE PRONÚNCIA

Pronuncia-se o "u" das seguintes palavras: aguentar exíguo quingentésimo ambiguidade exiguidade quinquênio, apaziguar, unguento, quiproquó, arguição, consequência, tranquilo, bilíngue, delinquir, quinquagésimo, contiguidade, equidistante... (não se usa mais o trema)

Não se pronuncia o "u" das seguintes palavras: distinguir, aqueduto, extinguir, equitação, exangue, extorquir, adquirir, questão...

É facultativo pronunciar o "u" das seguintes palavras: antiguidade ou antigüidade, liquidar ou liqüidar, sanguíneo ou sangüíneo, liquidificação ou liqüidificação, equidade ou eqüidade, líquido ou líqüido equivalente ou eqüivalente, liquidificador ou liqüidificador... (não se usa mais o trema, apenas o som do **"ü"**)

O "e" das seguintes palavras deve ser pronunciado aberto: anelo, coleta, flagelo, servo, cetro, réu, confesso, ileso, obeso, cervo, duelo, obsoleto, sesta(descanso), destro, prelo, grelha...

O "e" das seguintes palavras deve ser pronunciado fechado: acervo, efebo, almejo, adrede, defeso, ginete, apedreja, alameda, escaravelho, interesse, boceja, amuleto, eu fecho, espelha, bofete, tu fechas, vespa, festejo, caminhonete, ele fecha...

O "o" das seguintes palavras deve ser pronunciado aberto: canoro, fornos, coldre, forros, dolo, suor, inodoro, tocos, probo, tropo...

O "o" das seguintes palavras deve ser pronunciado fechado: algoz, alcova, bodas, crosta, chope, poça, desporto, teor, filantropo, torpe...

Pronuncia-se o "x" como "z" nas seguintes palavras: exagero, exasperar, exaurir, exógeno, exalar, executar, exegese, exuberante, exame, inexorável, exilar, exótico, exangue, exequível, exímio, exumar...

Pronuncia-se o "x" como "s" nas seguintes palavras: auxílio, máximo, sintaxe, trouxe. Pronuncia-se o **"x"** como **"ks"** nas seguintes palavras: anexo, fluxo, ortodoxo, axila, índex, prolixo, complexo, léxico, paradoxo, convexo, nexo, sexagenário, fixo, ônix, praxe...

Muda-se o timbre da vogal tônica - de fechado para aberto - na pluralização das seguintes palavras: apostos, destroços, jogos, ovos, reforços, caroços, esforços, miolos, poços, rogos, chocos, fogos, mornos, porcos, tijolos, corcovos, fornos, mortos, portos, tortos, cornos, fossos, novos, postos, trocos, coros, grossos, olhos, povos, troços, despojos, impostos, ossos, rebordos, socorros... (metafonia)

Observação: Algumas palavras já aceitam mais de uma pronúncia em função do uso corrente.

PROSÓDIA

Algumas palavras que podem oferecer dúvidas quanto à posição correta da sílaba tônica:

acróbata ou **acrobata** – *dupla pronúncia aceita*
aeródromo – *proparoxítona aerólito – proparoxítona*
álacre – *proparoxítona*
Alcácer – *paroxítona*
algaravia – *paroxítona*
álibi – *proparoxítona*
âmago – *proparoxítona*
âmbar – *paroxítona*
ambrósia ou **ambrosia** – *dupla pronúncia aceita*
anátema – *proparoxítona*
Andronico (nome próprio) – *paroxítona*
anídrido ou **anidrido** – *dupla pronúncia aceita*
antífrase – *proparoxítona*
aríete – *proparoxítona*
arquétipo – *proparoxítona*
austero – *paroxítona*
autóctone – *proparoxítona*
avaro – *paroxítona*
azáfama – *proparoxítona*
azálea – *paroxítona*
aziago – *paroxítona*
Bálcãs ou **Balcãs** – *dupla pronúncia aceita*
barbárie – *paroxítona*
batavo – *paroxítona*
bávaro – *proparoxítona*
bímano – *proparoxítona*
boêmia – *paroxítona (O Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa registra também a forma boemia – paroxítona)*
bólido – *proparoxítona*
brâmane – *proparoxítona*
cânon – *paroxítona*
caracteres – *paroxítona*
cartomancia – *paroxítona*
cateter – *oxítona*
chávena – *proparoxítona*
ciclope – *paroxítona*
Cister – *oxítona*
cível – *paroxítona*
Cleópatra – *proparoxítona*
clímax – *paroxítona*
cômputo (s.) – *proparoxítona*
condor – *oxítona*
cotilédone – *proparoxítona*
crisântemo ou **crisantemo** – *dupla pronúncia aceita*
decano – *paroxítona*
díspar – *paroxítona*
edito (lei, decreto) – *paroxítona*
édito (ordem judicial) – *proparoxítona*
égide – *proparoxítona*
elétrodo – *proparoxítona (O Aurélio registra também a forma eletrodo – paroxítona)*
êmbolo – *proparoxítona*
epíteto (s.) – *proparoxítona*
estratégia – *paroxítona*
etíope – *proparoxítona*
fagócito – *proparoxítona*
filantropo – *paroxítona*
filatelia – *paroxítona*
flébil – *paroxítona*
fluido (s.) – *paroxítona*
fórceps – *paroxítona*
fortuito – *paroxítona*
geodésia ou geodesia – *dupla pronúncia aceita*
Gibraltar – *oxítona*
grácil – *paroxítona*
gratuito – *paroxítona*
hangar – *oxítona*
hieróglifo – *proparoxítona (O Aurélio registra também a forma hieroglifo – paroxítona)*
homília ou homilia – *dupla pronúncia aceita*
Hungria – *paroxítona*
ibero – *paroxítona*
idólatra (s.) – *proparoxítona*
impio (cruel) – *paroxítona*
ímpio (incrédulo) – *paroxítona*
ímprobo – *proparoxítona*
inaudito – *paroxítona*
íngreme – *proparoxítona*
ínterim – *proparoxítona*
leucócito – *proparoxítona*
lêvedo (adj.) – *proparoxítona*
levedo (s.) – *paroxítona*
Lúcifer – *proparoxítona*
maquinaria – *paroxítona*
meteorito – *paroxítona*
misantropo – *paroxítona (O Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa registra também a forma misântropo – proparoxítona)*
mister – *oxítona*
munícipe – *proparoxítona*
masseter – *oxítona*
necrópsia – *paroxítona – a pronúncia necropsia também é aceita.*
Niágara – *proparoxítona*
Nobel – *oxítona*
Normandia – *paroxítona*
novel – *oxítona*
obus – *oxítona*
Oceânia ou Oceania – *dupla pronúncia aceita*
ômega – *proparoxítona (O Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa registra também a forma omega – paroxítona)*
ônix – *paroxítona*
ortoépia ou ortoepia – *dupla pronúncia aceita*
páramo – *proparoxítona*
pegada – *paroxítona*
périplo – *proparoxítona*
perito – *paroxítona*
plêiade – *proparoxítona*
primata – *paroxítona*
projétil ou projetil – *dupla pronúncia aceita*
protótipo – *proparoxítona*
pudico – *paroxítona*
quadrúmano – *proparoxítona*
quiromancia – *paroxítona*
recém – *oxítona*
recorde – *paroxítona*
refém – *oxítona*
refrega – *paroxítona*
réptil ou reptil – *dupla pronúncia aceita*
rubrica – *paroxítona*
ruim – *oxítona*
sinonímia – *paroxítona*
sóror ou soror – *dupla pronúncia aceita*
sótão – *paroxítona*
sutil – *oxítona*
táctil – *paroxítona*
têxtil – *paroxítona*
trânsfuga – *proparoxítona*
transido – *paroxítona*
tulipa – *paroxítona (O Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa registra também a forma túlipa – proparoxítona)*
ureter – *oxítona*
xérox – *(paroxítona) ou xerox (oxítona) – dupla pronúncia aceita*
zângão – *(paroxítona) ou zangão (oxítona) – dupla pronúncia aceita*
zéfiro – *proparoxítona*

Fonte: br.geocities.com

MORFOLOGIA
Classes de palavras

RELAÇÃO DETERMINANTE / DETERMINADO

A Língua Portuguesa possui dez classes de palavras: substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome, verbo, advérbio, interjeição, conjunção e preposição.

Essas classes de palavras ficam, numa frase, relacionadas entre si, umas modificando, outras sendo modificadas e algumas servindo de elo entre as palavras.

As palavras que modificam são normalmente denominadas ***determinantes***, as que são modificadas, ***determinadas***; outras, por servirem apenas como elementos de ligação, são chamadas de ***conectivos***.

O **substantivo** normalmente é ***determinado***, isto é, geralmente aparece modificado por um pronome, adjetivo, artigo ou numeral.

__Os__ __nossos__ __dois__ __livros__ __velhos__ estão na biblioteca.
↑ ↑ ↑ ↓ ↑
art. pron. num. subst. adj.

O substantivo ***livro*** aparece modificado pelo artigo, pelo pronome, pelo numeral e por um adjetivo. Dizemos, então, que o substantivo é um elemento ***determinado***.

Já o artigo ***os***, o pronome ***nossos***, o numeral ***dois*** e o adjetivo ***velho*** aparecem referindo-se ao substantivo ***livro***. São chamados, pois, ***determinantes***.

> ***Nota:*** *O sentido das setas indica a relação entre determinante e determinado; elas vão do* ***determinante*** [↑] ***para o determinado***[↓].

Pode o substantivo passar a ser determinante.

Aquele parece ser o __médico__ __Baroni__.
↓ ↑
subst. subst.

O substantivo ***médico*** está sendo modificado por outro substantivo - ***Baroni***. Assim, o substantivo ***médico*** aparece como ***determinado***, e o substantivo ***Baroni*** como elemento ***determinante***.

O substantivo pode ser simultaneamente ***determinante*** e ***determinado***.

O mundo inteiro admirava __o__ __piloto__ __Sena__
↑ ↓ ↑
art. subst. subst.

O substantivo ***piloto*** está determinado pelo artigo ***o***, este é, pois, ***determinante***. Simultaneamente, está sendo modificado pelo substantivo ***Sena*** é que também o determina.

Piloto:
- determinado por *o*
- determinado por *Sena*

O advérbio aparece normalmente como determinante, expressando circunstância relacionada ao verbo, ao adjetivo ou a outro advérbio.

*Jonas saiu muito **bem** vestido.*

↓ verbo ↑ adv. ↓ adv. ↑ adj. ↓

O advérbio ***bem*** está modificando o sentido do adjetivo ***vestido***, exprimindo uma circunstância de modo.

O advérbio ***muito*** está modificando o sentido do advérbio ***bem***, exprimindo uma circunstância de intensidade.

Não choverá amanhã.

↑ adv. ↓ verbo ↑ adv.

Os advérbios ***não*** e ***amanhã*** modificam o sentido do verbo ***chover***, exprimindo, respectivamente, circunstância de negação e de tempo. São, pois, ***determinantes***. Já a forma verbal ***choverá*** é elemento ***determinado***.

Duas classes de palavras, por servirem de ligação entre dois termos ou duas orações, são chamadas de conectivos.

São elas as ***preposições*** e as ***conjunções***.

*Pedro **e** Maria estiveram **em** casa, **mas** eu não os vi.*

conj. → ligam termos; prep. → ligam termos; conj. → liga orações

> ***Nota:*** *São **determinantes** do substantivo **adjetivos, locuções adjetivas, pronomes, locuções pronominais, artigos e numerais.***

CLASSES DE PALAVRAS

artigo
adjetivo
numeral → Podem ter natureza substantiva ou adjetiva
pronome → Podem ter natureza substantiva ou adjetiva
→ normalmente determinantes

preposição → elementos de ligação
conjunção → elementos de ligação

interjeição [isolada na frase]

advérbio → verbo / adjetivo / advérbio
→ normalmente determinante

normalmente determinantes → substantivo – verbo (normalmente determinados) ← normalmente determinante

SUBSTANTIVO
- nomeia seres, coisas e ideias.

ADVÉRBIO
- modifica o verbo, o adjetivo ou outro advérbio e exprime circunstância.

NUMERAL
- indica quantidade de seres ou estabelece ordem.

INTERJEIÇÃO
- expressa sentimento, emoção súbita.

VERBO
- exprime ação, movimento, fenômeno, estado.

ARTIGO
- acompanha o substantivo, determinando-o, generalizando-o ou indefinindo-o.

CONJUNÇÃO
- relaciona duas orações ou dois termos da mesma oração.

ADJETIVO
- modifica o substantivo; exprime estado, qualidade, característica.

PREPOSIÇÃO
- liga dois termos da mesma oração.

PRONOME
- acompanha ou substitui o substantivo.

*Nossa, ele **gosta de olhar** tanto e **às escondidas** os dois belos machos **de mico-leão!***

interj.	Pron.	locução verbal auxiliar + principal	adv.	conj.	locução adverbial prep. + subst.	art.	num.	adj.	subst.	loc. adjetiva prep. + subst.

SUBSTANTIVOS

Substantivo é a palavra com que designamos os seres em geral.

Deus, Marta, alma, fada, quartzo, patriotismo, bondade, surdez, couro, Belo Horizonte, Pitangui...

Uma característica elementar do substantivo é admitir determinante.

CLASSIFICAÇÃO DOS SUBSTANTIVOS

Concretos

Designam os seres de existência independente ou que nossa imaginação aceita como tal, sejam reais ou imaginários (**pessoas, animais, vegetais, minerais, lugares, coisas, gases e entidades**).

homem, Júlia, onça, bicho, flor, ouro, prata, país, livro, oxigênio, Deus...

Abstratos

Designam os seres de existência dependente, isto é, que não existem em nosso mundo exterior. Só existem dependendo dos seres concretos. São **sentimentos, ações, qualidades, estados**, tomados como seres.

- **sentimentos**: *amor, ódio, raiva...*
- **ações**: *produção, progresso, colheita, viagem, brincadeira...*
- **estados**: *vida, morte, gaguez, medo, raiva, ânsia, nervosia...*
- **qualidades**: *beleza, grandeza, imensidão, honestidade, feiura...*

Comuns

São os que se aplicam a todos os seres de uma espécie ou designam uma abstração.

país, cidade, vaidade, homem, briga, sombrinha...

Próprios

São os que se aplicam a determinado ser da espécie.

Brasil, Paris, São Paulo, Pedro, Anete, Mantiqueira, Palácio da Alvorada, Terex, rua das Acácias, av. Pedro II...

Coletivos

São os substantivos comuns que, no singular, designam um conjunto de seres da mesma espécie. Os coletivos podem ser:

- **Específicos:** os que se aplicam a uma só espécie de seres:

  arvoredo, carrilhão, cordilheira, matilha, arquipélago.

- **Indeterminados:** os que se aplicam a diversas espécies de seres:

  manada *(de bois, búfalos, elefantes)*
  bando *(de aves, pessoas, marginais)*
  réstia *(de cebolas, de alhos)*

FORMAÇÃO DOS SUBSTANTIVOS

Primitivos

São os substantivos que não derivam de outros, pelo contrário, possibilitam a formação de novas palavras.

pedra, ferro, planta, folha, dente...

Derivados

São os substantivos que derivam de outras palavras, dado o acréscimo de prefixos e/ou sufixos.

pedrEIRA, ferrEIRO, plantaÇÃO, folhaGEM, DESlealDADE, dentISTA, INfeliz...

Simples

São aqueles que se formam a partir de um único radical.

vento, raio, escola, manga, água...

Compostos

São aqueles que se formam a partir da justaposição ou da aglutinação de dois ou mais radicais.

navio-escola, couve-flor, planalto, manga-espada, aguardente (água + ardente)...

FLEXÕES DOS SUBSTANTIVOS

O substantivo varia em **gênero, número e grau.**

Flexão de gênero

Gêneros: **masculino e feminino**. Alguns possuem uma única forma para os dois gêneros. São **UNIFORMES** e subdividem-se em três tipos:

- **Comuns-de-dois-gêneros**

  São designados de pessoas e apresentam uma só forma para masculino e feminino. Distingue-se o gênero pela anteposição ou posposição de um determinante.

  o pianista / a pianista
  o gerente / a gerente
  um telefonista / uma telefonista
  aquele cliente / aquela cliente
  estudante aplicado / estudante aplicada
  o líder / a líder

- **Epicenos**

  São alguns nomes de animais ou plantas que apresentam a distinção de sexo com o emprego dos adjetivos macho e fêmea.

  cobra macho / cobra fêmea
  jacaré macho / jacaré fêmea
  onça macho / onça fêmea
  pulga macho / pulga fêmea

- **Sobrecomuns**

  Não apresentam marca para diferenciar o gênero. A distinção é feita somente dentro do contexto.

  a criança, a vítima, a testemunha, o cônjuge, o carrasco, o indivíduo, a pessoa etc.

  *O **cônjuge** Maria Benedita requereu a pensão alimentícia para o filho.*

  *Ela foi **o meu carrasco** durante quarenta anos.*

São **biformes** os substantivos que possuem uma forma específica para o masculino e outra para o feminino (geralmente marcada pela desinência **a**).

professor – professora
prefeito – prefeita
presidente – presidenta (a presidente)
aluno – aluna
ministro – ministra
hóspede – hóspeda

a) Alguns deles são **heteroformes** (apresentam radicais diferentes para masculino e feminino).

pai – mãe
homem – mulher
genro – nora
boi – vaca
frei – sóror
zângão ou zangão – abelha

b) Outros têm feminino derivado de radical do masculino, pela substituição ou acréscimo de terminações muito variadas.

capiau – capioa
ator – atriz
judeu – judia
ateu – ateia
frade – freira
perdigão – perdiz
réu – ré
maestro – maestrina
embaixador – embaixadora, embaixatriz
marajá – marani, marâni

SUBSTANTIVOS QUE OFERECEM DÚVIDAS QUANTO AO GÊNERO

Há dificuldade na identificação do gênero de algumas palavras, por não haver, necessariamente, relação entre gênero gramatical e sexo.

A gramática registra, como correta, a forma fixada pelo uso culto.

São masculinos:	São femininos:
o apêndice	a alface
o champanha	a aluvião
o clã	a sentinela
o derma	a apendicite
o cataclismo	a bacanal
o dó	a cal
o eclipse	a comichão
o eczema	a derme
o formicida	a gênese
o guaraná	a libido
o herpes	a omoplata
o telefonema	a musse
o trema	a vernissagem
o tracoma	a panturrilha

ATENÇÃO!

Nem o uso culto da língua fixou o gênero de alguns substantivos. São aceitas, portanto, as duas formas (gênero flutuante):

o diabete ou (o diabetes) / a diabete
o personagem / a personagem
o laringe / a laringe
o usucapião / a usucapião
o cólera / a cólera
o agravante / a agravante
o xerox - xérox / a xerox - xérox
o atenuante / a atenuante
o omelete / a omelete
o cataplasma / a cataplasma

• OBSERVAÇÕES

- Há substantivos que mudam o significado ao mudarem de gênero.

o cura (o pároco) – a cura (restabelecimento)
o cisma (separação, dissidência) – a cisma (desconfiança)
o caixa (o funcionário) – a caixa (máquina registradora)

o cabeça *(o chefe)* – a cabeça *(parte do corpo, pessoa inteligente)*
o capital *(os bens)* – a capital *(cidade principal)*
o moral *(o ânimo)* – a moral *(os costumes)*
o guia *(o cicerone)* – a guia *(o documento, meio-fio)*
o crisma *(o óleo santo)* – a crisma *(cerimônia religiosa)*
o tormento *(a tortura)* – a tormenta *(temporal)*
o grama *(medida de massa)* – a grama *(capim)*
o polícia *(o policial)* – a polícia *(a corporação policial)*
o rádio *(o aparelho)* – a rádio *(estação, emissora)*

- As **SIGLAS** usadas como nome próprio têm o gênero do substantivo inicial:
  MEC = Ministério da Educação e Cultura

  O MEC não conseguiu resolver o problema da greve dos professores.

Outros exemplos: *o Cespe, a Ceasa, a Cemig...*

Flexão de número

Os substantivos ora se encontram no SINGULAR, ora se flexionam no PLURAL. A explicação da palavra "NÚMERO" se fundamenta na própria concepção numérica ou de quantidade dos seres. Assim, temos que DOIS ANOS representa forma pluralizada de UM ANO.

REGRAS DE PLURALIZAÇÃO DOS SUBSTANTIVOS

- **Regra geral:** pluralizam-se os substantivos com o simples acréscimo da desinência "s" ao singular, caso terminem por vogal ou ditongo.
  menino(s), parede(s), vida(s), praia(s), boneca(s), chapéu(s) ...

Casos particulares:

- Acrescenta-se "es" ao singular dos substantivos terminados em "R" ou "Z" para pluralizá-los.
  corEs, florEs, amorEs, barEs, pazEs, nozEs...
- Pluralizam-se os substantivos terminados em "AL", "EL", "OL", "UL", trocando-se o "L" final por "IS".
  Bananal(is), papel(is), anzol(is)...

ATENÇÃO!

São exceções os plurais de:

mal / males
Cônsul / Cônsules
real / réis (moeda) ou reais

- Caso os substantivos terminem em "IL", sua pluralização ocorrerá de duas maneiras:
  – sendo eles OXÍTONOS, troca-se o "L" final por "S".
  funiS, fuziS, aniS...
  – sendo eles PAROXÍTONOS, troca-se o "IL" final por "EIS".
  fóssEIs, réptEIs (ou reptis), projétEIs (ou projetis)...
- Pluralizam-se os substantivos terminados em "S" pelo acréscimo de "ES", caso sejam OXÍTONOS ou MONOSSÍLABOS. Todavia, se forem PAROXÍTONOS ou PROPAROXÍTONOS, permanecerão invariáveis, flexionado-se apenas o ARTIGO que os acompanha.
  a) *meses, reses, gases, obuses, fregueses, países, portugueses, deuses...*
  b) *o(s) pires, o(s) alferes, o(s) vírus, o(s) ônibus, o(s) bônus...*
- Caso os substantivos terminem em "M", troca-se a terminação por "NS".
  bomboNS, reféNS, álbuNS, nuveNS, iteNS, beNS, atuNS, hifeNS (ou hífenes), poleNS (ou pólenes)...

- Plural dos substantivos terminados em ÃO

Não existem regras fixas para o plural dos substantivos terminados em "ÃO". Alguns apresentam a forma pluralizada em "ÃOS", outros em ÕES e, às vezes, em "ÃES". (P.104)

a) Plural em "ÃOS"
PAROXÍTONOS: *órgão(s), bênção(s), órfão(s), sótão(s), gólfão(s), acórdão(s), cidadãos(s)...*

b) Plural em "ÕES"
limão – limões, botão – botões,
anão – anões, vulcão – vulcões,
espião – espiões, aldeão – aldeões,
mamão – mamões, melão – melões,
caixão – caixões, folião – foliões,
falcão – falcões, zangão – zangões...

c) Plural em "ÃES"
pão – pães, cão – cães, capitão – capitães, charlatão – charlatães, escrivão – escrivães, alemão – alemães, sacristão – sacristães, tabelião – tabeliães, guardião – guardiães, capelão – capelães...

• OBSERVAÇÃO

artesão (artífice) – artesãos
artesão (adorno arquitetônico) – artesões.

- PLURAL DOS SUBSTANTIVOS COMPOSTOS

Um substantivo é COMPOSTO quando se forma pela justaposição ou aglutinação de dois ou mais radicais. O plural desses substantivos se faz obedecendo-se às seguintes regras:

- VARIAM OS DOIS ELEMENTOS

a) Se o substantivo for formado por SUBSTANTIVO + SUBSTANTIVO.
couves-flores, mestres-salas, abelhas-mestras...

b) Se substantivo for formado por SUBSTANTIVO + ADJETIVO.
obras-primas, guardas-noturnos, amores-perfeitos, cachorros-quentes.

c) Se o substantivo for formado por ADJETIVO + SUBSTANTIVO.
boas-vindas, más-línguas, longas-metragens...

d) Se o substantivo for formado por NUMERAL + SUBSTANTIVO.
terças-feiras, quartos-zagueiros...

- VARIA APENAS O PRIMEIRO ELEMENTO

a) Sendo o substantivo formado por SUBSTANTIVO + PREPOSIÇÃO + SUBSTANTIVO.
escolas de samba, pés de moleque, flores de lis, pães de ló, mulas sem cabeça...

b) Se o substantivo composto formado por DOIS substantivos, desempenhando o SEGUNDO papel de ADJETIVO.
navio(s)-escola, peixe(s)-espada, pombo(s)-correio, manga(s)-rosa, banana(s)-prata, salário(s)-família...

• OBSERVAÇÃO

Alguns autores admitem a flexão em ambos os elementos, no caso de o segundo substantivo especificar ou delimitar o primeiro.

- VARIA APENAS O SEGUNDO ELEMENTO

a) Se o substantivo for formado por palavras repetidas.
tico-ticos, reco-recos, quero-queros...

b) Se o substantivo for formado por VERBO + SUBSTANTIVO.
beija-flores, guarda-roupas...

c) Se o substantivo for formado por PALAVRA INVARIÁVEL + PALAVRA VARIÁVEL.
sempre-vivas, ave-marias, abaixo-assinados...

d) Se os elementos dos substantivos NÃO forem ligados por hífen, formando uma só palavra.
aguardentes, girassóis, planaltos, fidalgos...

e) Se o substantivo for formado por REDUÇÃO + SUBSTANTIVO.
grão-mestres, bel-prazeres...

- PERMANECEM INVARIÁVEIS OS DOIS ELEMENTOS

a) Sendo o substantivo formado por VERBO + ADVÉRBIO.
o(s) bota-fora, o(s) pisa-mansinho...

b) Sendo o substantivo formado por VERBO + SUBSTANTIVO PLURAL.
o(s) troca-tintas, o(s) saca-rolhas, o(s) guarda-chaves, o(s) salva-vidas, o(s) porta-luvas...

FLEXÃO DE GRAU

O grau exprime as variações de tamanho dos seres. Assim, a partir da forma normal dos substantivos, aparecem os graus AUMENTATIVO e DIMINUTIVO.

mão – mãozinha – manzorra

GRAU AUMENTATIVO

Observe a frase abaixo:

"... e o Lobo Mau abriu a BOCARRA e comeu a vovozinha ..."

A palavra "BOCARRA" está no grau aumentativo, já que apresenta o tamanho exagerado do substantivo "BOCA".

O AUMENTATIVO dos substantivos se realiza com o acréscimos de SUFIXOS à forma normal dos substantivos primitivos.

Eis alguns SUFIXOS AUMENTATIVOS utilizados nesse processo:

ARRA = *bocarra, naviarra*
AÇA = *barcaça, barbaça, caraça*
ALHA = *muralha, fornalha*
AÇO = *calhamaço*
ÃO(ALHÃO / ZARRÃO / EIRÃO / ZÃO) = *casarão, vozeirão, garrafão, vagalhão*
ÁZIO = *copázio*
ONA = *vacona, mulherona*
ORRA = *cabeçorra, manzorra*
UÇA = *dentuça*
ARÉU = *fogaréu, povaréu*

GRAU DIMINUTIVO

Observe a frase abaixo:

"A reunião será na SALETA ao lado."

Veja que o substantivo "SALETA" está flexionado no DIMINUTIVO por representar o tamanho reduzido do substantivo "SALA".

Alistam-se abaixo alguns SUFIXOS formadores desses diminutivos:

ACHO = *riacho, penacho*
EJO = *lugarejo*
EBRE = *casebre*
ECO = *livreco, jornaleco*
ETO / ETA = *poemeto, saleta*
ICO = *burrico*
ÍCULO(A) (Erudito) = *película*
IM = *espadim, flautim*
INHO = *caderninho, pastinha*
ISCO = *chuvisco*
ITO(A) = *mosquito, cabrito, senhorita*
ZINHO = *papelzinho, irmãzinha*
OCA = *engenhoca*
OLA = *fazendola*
OTE = *velhote*
UCHO = *papelucho*
ULA (O) = *radícula, glóbulo*
ÚNCULO(A) (Erudito) = *homúnculo*

EMPREGOS SEMÂNTICOS DO DIMINUTIVO E DO AUMENTATIVO

- **Diminutivo afetivo:** *filhinho, amorzinho, mamãezinha...*
- **Diminutivo pejorativo:** *gentinha, mulherzinha, jornaleco, velhote...*
- **Aumentativo pejorativo:** *porcalhão, narigão, medicastro, atrevidaço...*

ADJETIVOS

Adjetivo é a palavra que se junta ao substantivo para precisar-lhe o significado.

Serve para indicar:
- qualidade (defeito ou virtude)
- modo de ser
- aspecto ou característica
- estado

- **Qualidade**: cantigas ***bonitas***, palavra ***gentil*** (virtudes). Estátua ***defeituosa***, pessoa ***chata*** (defeitos).
- **Modo de ser**: estrada ***pedregosa***, rua ***asfaltada***.
- **Aspecto, aparência, tipo**: faixa ***amarelo-laranja***, céu ***transparente***.
- **Estado**: natureza ***morta***, pessoa ***triste***, carne ***fresca***.

• OBSERVAÇÕES

1) ***Adjetivos substantivados***: *muitos adjetivos são usados com valor de substantivos, facilmente subentendidos.*

Os antepassados (os homens *antepassados*)

Os justos (os homens *justos*)

O circular (o ônibus *circular*)

2) ***Substantivos adjetivados***: *trata-se de substantivos usados com valor de adjetivos.*

*Vapor **cinza** = vapor de cor idêntica à da cinza*
↓
(resíduos de combustão)

*Comício **monstro** = comício monumental, grandioso*
↓
(ser disforme)

*Blusas **rosa** = blusas de cor idêntica à da rosa.*
↓
(designação de flor)

LOCUÇÃO ADJETIVA

É a expressão (formada de preposição + substantivo) que se refere ao outro substantivo atribuindo-lhe as mesmas características que o adjetivo atribui.

- cor **de chumbo** (aspecto, aparência) = plúmbeo
- criatura **sem mácula** = imaculada, intemerata
- pessoa **sem vergonha** (qualidade) = desavergonhada
- caráter **de ferro** = ferrenho
- estátua **de mármore** (tipo) = marmórea
- caminho **de ferro** = férreo
- hábitos **contra a moral** = imorais

> ***Nota:*** *Nem toda locução adjetiva pode ser reduzida a um adjetivo.*

CLASSIFICAÇÃO DOS ADJETIVOS

Quanto à **formação**, os adjetivos classificam-se em:

Primitivos

Aqueles que não derivam de outras palavras. Pelo contrário, a partir deles são formados os derivados.

útil, forte, bom, triste, fraco, mau ...

Derivados

Aqueles que derivam de substantivos ou verbos, apresentando sempre um prefixo e/ou sufixo.

teimoso, desleal, mulherengo, pontual, cabeludo, respeitado...

Simples

Aqueles que apresentam um único radical.

português, escuro, castanho...

Compostos

Aqueles que se formam a partir da união de DOIS ou MAIS radicais.

luso-brasileiro, verde-claro, castanho-escuro...

Adjetivos Pátrios

Também denominados gentílicos, os adjetivos pátrios designam a NATURALIDADE ou NACIONALIDADE DOS SERES.

Amazonas = amazonense

Brasília = brasiliense

Mato Grosso = mato-grossense

Rio de Janeiro (capital) = carioca

Rio de Janeiro (estado) = fluminense

Divinópolis = divinopolitano

S. João Del Rei = sanjoanense

FLEXÕES DOS ADJETIVOS

FLEXIONAR uma palavra é "variá-la", "transformá-la. Os ADJETIVOS se flexionam ou variam em GÊNERO, NÚMERO e GRAU, sempre de acordo com o SUBSTANTIVO caracterizado por eles.

Flexão de gênero

Quanto ao GÊNERO, os adjetivos se classificam em:

- **Biformes:** adjetivos que apresentam duas formas distintas, uma para designar o masculino e outra para o feminino.

passeio BOM / viagem BOA

aluno PREPARADO / aluna PREPARADA

rapaz JUDEU / moça JUDIA

corpo FRACO / mente FRACA

- **Uniformes:** adjetivos que apresentam uma única forma tanto para o masculino quanto para o feminino.

simples, capaz, saliente, útil, feroz, igual, forte, elegante, gentil, anterior, cortês, cruel ...

Flexão de número

O PLURAL dos adjetivos SIMPLES se faz da mesma forma com que se pluralizam os substantivos.

Os adjetivos compostos são constituídos de dois ou mais radicais. Sua pluralização segue as seguintes regras:

- Varia apenas o ÚLTIMO ELEMENTO se o adjetivo composto é formado por ADJETIVO + ADJETIVO.

cabelos castanho-escuros, lenços verde-claros, poemas herói-cômicos, folhas verde-escuras...

- O adjetivo *surdo-mudo* flexiona seus dois elementos.

Meninas surdas-mudas.

- Sendo o adjetivo composto por uma PALAVRA INVARIÁVEL (1º elemento) e o segundo VÁRIAVEL, apenas este será pluralizado.

mal-educados, semi-selvagens, recém-formados...

- Caso o adjetivo composto seja formado por um ADJETIVO + SUBSTANTIVO, os dois elementos permanecerão INVARIÁVEIS.

lençóis verde-oliva, tapetes azul-turquesa, camisas amarelo-ouro...

- Permanecerão também INVARIÁVEIS as locuções formadas de COR + DE + SUBSTANTIVO.

vestidos cor-de-rosa, calças cor-de-café...

- Permanecerão também INVARIÁVEIS os compostos azul-marinho, azul-celeste e azul-ferrete.

Flexão de grau

- **Grau comparativo de INFERIORIDADE (menos do que).**

Pesquisas revelam que os homens são MENOS fortes QUE as mulheres.

- **Grau comparativo de IGUALDADE (igual a, como, tanto quanto, tão quanto).**

Nós somos TÃO portugueses
QUANTO os próprios lusitanos.

- **Grau comparativo de SUPERIORIDADE (mais do que).**

Amigos sinceros são MAIS necessários
(DO) QUE o dinheiro.

- **Grau SUPERLATIVO**

ABSOLUTO SINTÉTICO (associação de prefixo ou sufixo)

A torre é altíSSIMA.
Capitu, você está lindÍSSIMA.
Nosso apartamento é ÓTIMO.

ABSOLUTO ANALÍTICO (associação a advérbio)

Ele é MUITO HUMILDE.
É MUITO GRANDE a responsabilidade
de um governante.
Isso é EXCESSIVAMENTE VALIOSO, rapaz.

- **GRAU SUPERLATIVO RELATIVO**

DE INFERIORIDADE (o menos)

Diríamos que ele é O MENOS preparado
da família.

DE SUPERIORIDADE (o mais)

Seria a Terra O MAIS belo dos planetas?

• OBSERVAÇÕES

• Quando se comparam duas qualidades de um mesmo ser, emprega-se a forma *ANALÍTICA* (mais grande, mais bom, mais pequeno, mais ruim...).

• Se a mesma qualidade se referir a seres diferentes, emprega-se a forma *SINTÉTICA* (maior, melhor, menor, pior...).

O professor é mais *GRANDE* que *GORDO*.

Aquela sala é *MAIOR* que esta.

Ele é *MENOR* que o irmão.

Ele é mais *PEQUENO* que *MAGRO*.

• Nas locuções comparativas, pode-se usar **que** ou **do que**.

ADVÉRBIOS

São palavras invariáveis em gênero e número, que modificam o sentido dos adjetivos, dos verbos, de outros advérbios e, ocasionalmente, até de frases inteiras, indicando uma circunstância.

- **de afirmação**: sim, certamente, realmente...
- **de negação**: não, nunca, jamais...
- **de dúvida**: talvez, caso, porventura, oxalá, quiçá...
- **de intensidade**: bastante, bem, mais, pouco, muito, extremamente, meio...
- **de lugar**: aí, ali, aqui, adiante, atrás, lá...
- **de modo**: assim, bem, depressa, devagar...
  de tempo: agora, ainda, cedo, depois, tarde, cedo...

LOCUÇÃO ADVERBIAL

Expressão que equivale a um advérbio.

As locuções adverbiais, no entanto, são variáveis

*Tudo correu **às mil maravilhas**.*
(maravilhosamente)

LOCUÇÕES ADVERBIAIS	
DE LUGAR	à distância, de longe, de perto, em cima, em volta, ao lado, à esquerda, à direita etc.
DE TEMPO	às vezes, à tarde, à noite, de manhã, de repente, de vez em quando, em breve, a qualquer momento, hoje em dia etc.
DE MODO	às pressas, às claras, à vontade, à toa, às escondidas, aos poucos, frente a frente, lado a lado, a pé, de ônibus, dessa maneira etc.
DE INTENSIDADE	em excesso, por completo, de todo etc.
DE DÚVIDA	quem sabe, se possível etc.
DE AFIRMAÇÃO	sem dúvida, com certeza, de fato, por certo etc.
DE NEGAÇÃO	de jeito nenhum, de modo algum etc.

• OBSERVAÇÃO

• Em uma sequência de advérbios terminados em ***mente***, o sufixo pode aparecer apenas no último elemento, ficando subentendido nos demais termos.

*Ela agiu **calma** e **gentilmente**.*

ADJETIVOS ADVERBIALIZADOS

O adjetivo, quando determinante do verbo, tem natureza e valor de advérbio, portanto, de **adjunto adverbial**. Passa a ser invariável como o advérbio e é classificado conforme a circunstância que acrescenta ao elemento a que se refere.

*Falem **baixo**.*

*Comprei **caro** os lotes.*

*Pensei **melhor** e resolvi falar **claro**.*

- **Os advérbios variam em grau exatamente como um adjetivo. (P. 53-54)**

ATENÇÃO!

O lugar do adjunto adverbial é depois do verbo ou do complemento do verbo. Se ele vier deslocado, será, em geral, separado por vírgula.

***Abaixo de Deus**, foi ele quem me salvou.*

PALAVRAS DENOTATIVAS

São palavras que se assemelham a um advérbio, mas não podem ser consideradas como tal, pois não modificam o verbo, o adjetivo ou o advérbio e sim uma **frase inteira** ou outras palavras como **pronomes** ou **substantivos**.

*Ele não fala, **apenas** murmura palavras.* → ***exclusão***

Então** ele disse toda a verdade.* → ***situação

Até** comprei uma roupa nova.* → ***inclusão

*Eu sei **lá** o que ele disse.* → ***realce***

ATENÇÃO!

Não só os advérbios mas também expressões e locuções adverbais determinam o verbo, o adjetivo ou outro advérbio.

Exemplos de expressões adverbiais:

Meio	→	*Viajei **de avião.***
Instrumento	→	*Escreve **a máquina.***
Assunto	→	*Falamos **sobre economia.***
Condição	→	Não irei ***sem você.***
Companhia	→	*A criança só sai **com a mãe.***
Concessão	→	***Embora triste,** sorria.*
Causa	→	*Adoeceu **de frio.***
Finalidade	→	*Trabalha **pela família.***

PREPOSIÇÕES

Termos invariáveis que servem de ligação entre palavras de uma mesma oração, ficando a primeira (antecedente) modificada ou completada pela segunda (consequente).

*Não voltei **para** casa.*

*Chorava **de** dor.*

*Concordo **com** você.*

PREPOSIÇÕES ESSENCIAIS

a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, per, perante, por, sem, sob, sobre, trás.

LOCUÇÕES PREPOSITIVAS

São expressões que terminam sempre em uma preposição essencial.

*Abaixo **de**, acerca **de**, acima **de**, devido **a**, a despeito **de**, adiante **de**, defronte **de**, embaixo **de**, em frente **de**, graças **a**, junto **de**, perto **de**, por **entre**, por trás **de**, quanto **a** etc.*

PREPOSIÇÕES ACIDENTAIS

São palavras de outras classes que podem exercer função de preposição.

afora, conforme (= de acordo com), consoante, durante, exceto, salvo, segundo, senão, mediante, que, visto (= devido a, por causa de) etc.

*Vestimo-nos **conforme** a situação e o momento.*
*Os heróis tiveram **como** prêmio aquela vida.*
***Mediante** meios escusos, ele conseguiu a vaga.*
*A moça dormiu **durante** a viagem.*

As preposições essenciais regem pronomes oblíquos tônicos. Já as preposições acidentais regem as formas retas dos pronomes pessoais. *Falei **sobre** ti. / Todos, **exceto** eu, vieram.*

• OBSERVAÇÃO

Observa-se que a última palavra da locução prepositiva é sempre uma preposição, enquanto a última palavra de uma locução adverbial nunca é preposição.

Loc. Adv.	Loc. Prepos.
à toa	*a fim de*
à tarde	*através de*
à noite	*devido a*
a pé	*ao lado de*

Quanto ao emprego, as preposições podem ser usadas em:

- **Combinação**: preposição + outra palavra sem perda fonética (ao/aos).
- **Contração:** preposição + outra palavra com perda fonética (na/àquela).
- não se deve contrair a preposição ao artigo ou ao pronome reto antes de verbo se o termo seguinte for sujeito.
  *Está na hora **de ele** falar.*
- a preposição **após** pode funcionar como advérbio (= atrás).
  *Terminada a festa, saíram logo **após**.*
- **Trás**, atualmente, só se usa em locuções adverbiais e prepositivas.
  por trás, para trás, por trás de etc.

• OBSERVAÇÃO

Quanto à diferença entre pronome pessoal oblíquo, preposição e artigo, deve-se observar que a preposição liga dois termos, sendo invariável, enquanto o pronome oblíquo substitui um substantivo. Já o artigo antecede o substantivo, determinando-o.

*Não **a** vi novamente. (pronome oblíquo)*
*Chegou **a** chorar. (preposição)*
*Conhecia **a** moça. (artigo)*

CARGA SEMÂNTICA DAS PREPOSIÇÕES

Isoladamente, as preposições são palavras vazias de sentido, embora algumas contenham uma vaga noção de tempo e lugar. Nas frases, exprimem diversas relações:

- **autoria** - *música de Caetano*
- **lugar** - *cair sobre o telhado, estar sob a mesa*
- **tempo** - *nascer a 08 de janeiro, viajar em uma hora, viajei durante as férias*
- **modo ou conformidade** - *chegar aos gritos, votar em branco*
- **causa** - *tremer de frio, preso por vadiagem*
- **assunto** - *falar sobre política*
- **fim ou finalidade** - *vir em socorro, vir para ficar*
- **instrumento** - *escrever a lápis, ferir-se com a faca*
- **companhia** - *sair com amigos*
- **meio** - *voltar a cavalo, viajar de ônibus*
- **matéria** - *anel de prata, pão com farinha*
- **posse** - *carro de João*
- **oposição** - *Flamengo contra Atlético*
- **conteúdo** - *copo de (com) vinho*
- **preço** - *vender a (por) R$ 300,00*
- **origem** - *descender de família humilde*
- **especialidade** - *formou-se em Medicina*
- **destino ou direção** - *ir a Roma, olhe para frente.*

CONJUNÇÕES

São termos invariáveis que servem para relacionar duas orações ou dois termos coordenados da mesma oração. As conjunções se dividem em coordenativas ou subordinativas.

a) **COORDENATIVAS**: ligam orações que não fazem parte de uma outra ou unem núcleos de um mesmo termo da oração. Podem ser:
- ***Aditivas***: *e, nem, bem como, não só, mas também, não apenas, como ainda etc.*
- ***Adversativas***: *mas, porém, todavia, contudo, não obstante, no entanto, entretanto etc.*
- ***Alternativas***: *ou, ou...ou, quer...quer, ora... ora, já...já, seja... seja etc.*
- ***Conclusivas***: *assim, logo, portanto, então, por isso, desse modo, por conseguinte, dessa forma, pois (deslocado) etc.*
- ***Explicativas***: *que, porque, pois (antes do verbo), porquanto etc.*

b) **SUBORDINATIVAS**: indicam a dependência de um elemento a outro.
- ***Causais***: *haja vista, que, porque, pois, porquanto, visto que, uma vez que etc.*
- ***Comparativas***: *como, que nem, que (depois de mais, menos, melhor, pior, maior) etc.*
- ***Concessivas***: *embora, conquanto, ainda que, mesmo que, em que pese, posto que etc.*
- ***Condicionais***: *se, desde que, caso, contanto que, a menos que, somente se etc.*
- ***Conformativas***: *conforme, como, segundo, de acordo com, consoante etc.*
- ***Consecutivas***: *que (depois de tal, tanto, tão) de modo que, de forma que, de sorte que etc.*
- ***Finais***: *para que, a fim de que etc.*
- ***Proporcionais***: *à proporção que, à medida que, quanto mais... mais, quanto menos... menos etc.*
- ***Temporais***: *quando, enquanto, assim que, até que, mal, logo que, desde que etc.*
- ***Integrantes***: *que, se, como etc.*

• OBSERVAÇÃO

As conjunções integrantes não apresentam carga semântica e introduzem sempre uma oração subordinada substantiva.

VALOR CONTEXTUAL DAS CONJUNÇÕES

"(...) e assim, quando mais tarde me procure / Quem sabe a morte, Eu possa me dizer do amor (que tive): / Que não seja imortal, ***posto que*** *é chama / Mas que seja infinito enquanto dure."* *Vinícius de Moraes*

Esse é um dos mais conhecidos e apreciados poemas de Vinícius. Entretanto, nota-se uma inadequação gramatical na utilização da expressão ***posto que*** com o **valor semântico de causa**. O poeta espera que o amor não seja imortal, já que é chama, o que revela uma contradição entre o valor habitual do conector (concessivo) e seu valor contextual.

A questão é que "POSTO QUE" tem valor concessivo, ou seja, indica oposição, tem o mesmo valor de "apesar de que, embora, ainda que, mesmo que", e não de "porque, já que, visto que". Então, o verso deveria ter sido construído assim: "Que não seja imortal, já que é chama", ou "porque é chama" ou ainda "visto que é chama".

Muitas são as expressões e as palavras que causam dúvidas ou apresentam problemas semânticos ao concursando. Vejamos algumas delas:

A conjunção "COMO" pode ter três valores semânticos: causa, comparação e conformidade.

- Na frase "**Como** estava chovendo, não saí de casa.", ela indica causa, pois poderia ser substituída por "já que".

- Em "Faço o trabalho **como** o regulamento prescreve.", indica conformidade, pois poderia ser substituída por "conforme".
- Em "Ele age **como** o pai.", indica comparação, pois poderia ser substituída por "igual a".

A conjunção "SE", além de ser condicional, pode ser causal ou iniciar oração subordinada substantiva com função de sujeito ou de objeto direto, sendo denominada, nesse último caso, de conjunção integrante.

- Na frase "Se você estudar, conseguirá seu intento.", ela indica condição, pois equivale a "caso".
- Em "Se você sabia que era proibido entrar lá, por que não me avisou?", indica causa, pois poderia ser substituída por "já que".
- Em "Não sei se ficarei aqui muito tempo.", há uma conjunção integrante, pois "se ficarei aqui muito tempo" funciona como objeto direto do verbo "saber".

INTERJEIÇÕES

São palavras invariáveis que, sozinhas, equivalem a uma frase, geralmente exprimindo sentimentos ou emoções súbitas.

Ah!, Oi!, Alô!, Tomara!, Puxa!, Psiu!, Caramba!, Arre!, Ó!, Upa!...

LOCUÇÕES INTERJETIVAS

Conjunto de palavras que atua como uma interjeição.

Meu Deus!, Ó de casa!, Que pena!, Bom dia!, Até logo!, Queira Deus!

ARTIGOS

Trata-se de termos que antepomos aos substantivos para determiná-los, indicando-lhes, ao mesmo tempo, o gênero e o número.

Os artigos definidos (o, a, os, as) determinam os substantivos de modo preciso, particular.

*Vi **o** rapaz. (um rapaz referido, conhecido, determinado)*

Os artigos indefinidos (um, uma, uns, umas) determinam os substantivos de modo vago, impreciso, geral.

*Vi **um** rapaz. (um rapaz não referido, desconhecido, indeterminado)*

O bicho

*Vi ontem **um** bicho.*
Na imundície do pátio
*Catando comida entre **os** detritos.*
Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.
***O** bicho não era **um** cão.*
*Não era **um** gato.*
*Não era **um** rato.*
***O** bicho, meu Deus, era **um** homem!*

Manuel Bandeira

As palavras acima destacadas são artigos, porque estão antepostas aos substantivos determinando-lhes o sentido precisa ou imprecisamente.

O artigo ***um*** serve para dar uma ideia de um ser desconhecido ou não especificado, ou seja, um ser qualquer.

O artigo **o** serve para especificar, particularizar o *ser* dando a ideia de que se trata de um ser já conhecido, definido.

o pátio, os detritos ⇒ seres particulares, conhecidos do autor.

Compare o emprego da palavra bicho no poema:

- no primeiro verso: "Vi ontem um bicho." (**Um bicho** qualquer, não identificado.)
- no último verso: "**O bicho**, meu Deus, era um homem!" (agora, o ser antes não identificado, já não é um bicho qualquer, foi identificado pelo autor.)

ATENÇÃO! ***Um homem*** *= ser desconhecido (nota-se o espanto do autor ao perceber tratar-se de um homem): " O bicho, meu Deus, era* ***um*** *homem! (sentido genérico)*

ATENÇÃO! *Toda palavra determinada por um artigo torna-se um substantivo:* ***um sim, um não, o porquê, os ii, os oo, o dez, o senão, o bom, o andar, a bebida.***

SUBSTANTIVAÇÃO

Consiste em transformar uma palavra de outra classe gramatical em substantivo, por meio de anteposição de um determinante.

*O **verde** das folhas.*
*O **andar** do homem.*
*O **mal** da humanidade.*

PRONOMES

São palavras que substituem ou acompanham um substantivo sempre em referência às três pessoas do discurso.

Pronomes - Resumo		
Pessoais	Indicam diretamente as três pessoas do discurso.	***Retos:*** eu, tu, ele, nós, vós, eles. ***Oblíquos átonos:*** me, te, se, lhe, nos, vos, o, a... ***Oblíquos tônicos:*** mim, ti, comigo, contigo, ele, nós, conosco, convosco... ***Reflexivos:*** me, te, se, si, consigo... ***De tratamento:*** você, senhor, V. Exª....
Demonstrativos	Indicam a posição dos seres no espaço, no tempo e no contexto.	este, esse, aquele, o, tal, mesmo, próprio, aquilo, semelhante, isto, isso...
Relativos	Relacionam-se a um antecedente, representando-o na oração seguinte.	que, quem, quanto, onde, o qual, cujo, como.
Indefinidos	Indicam o ser de forma indefinida ou expressam quantidade indefinida.	tudo, nada, algum, nenhum, muito, certo, pouco, mais, todo, vários, qualquer...
Interrogativos	Iniciam interrogações diretas e indiretas.	que, quem, qual, quanto.
Possessivos	Indicam posse.	meu, teu, seu, nosso, vosso...

FUNÇÃO DOS PRONOMES

Uns funcionam, na frase, substituindo o substantivo, outros só acompanham o substantivo, e a maioria ora acompanha o substantivo ora o substitui.

Pronomes substantivos

Quando desempenham a função de um substantivo (nesse caso, substituem um substantivo, isto é, comportam-se como se fossem substantivos).

*Não há **ninguém** em casa.*

- O pronome **ninguém** substitui um substantivo.

*De todas, levarei **esta** aqui.*

- O pronome **esta** substitui o substantivo.

Pronomes adjetivos

Quando desempenham a função de um adjetivo (nesse caso, acompanham um substantivo, ou seja, comportam-se como se fossem adjetivos).

*Este carro é de **seu** pai?*

- **este:** acompanha o substantivo *carro*, apontando-o, indicando-o.
- **seu:** acompanha o substantivo *pai*, exprimindo posse.

*–"Acabemos com **isto!**", – **ela me** disse.*
*E **eu** respondi-**lhe** assim: – "Pois acabemos!"*
*E fiz **o** que se faz em **tais** extremos:*
*Tomei do **meu** chapéu com fanfarrice.*

Observe que, nos trechos, são pronomes substantivos: **isto, ela, me, eu, lhe, o.**

Por outro lado, são pronomes adjetivos: **tais, meu.**

• OBSERVAÇÃO

Pronome Substantivo - substitui o substantivo
Pronome Adjetivo - acompanha o substantivo

EMPREGO DE PRONOMES

Pronomes adjetivos e pronomes substantivos – aplicação

ARRUFOS

*"Não há no mundo **quem** amantes visse*
***Que se** quisessem como **nos** queremos ...*
Um dia, uma questiúncula tivemos
Por um simples capricho, uma tolice.
.....!
*Nem **minha** mãe volvendo agora ao mundo."*

Arthur Azevedo

As palavras grifadas, no texto, são pronomes, porque estão substituindo ou acompanhando nomes (um substantivo).

Alguns deles:

QUEM ⇒ está substituindo um nome, isto é, está sendo usado em lugar de um substantivo.

*Não há no mundo **pessoa** que visse amantes que se quisessem.*

QUE ⇒ aparece em lugar de um substantivo; substitui, na 3ª oração, o substantivo **amantes.** Esse pronome foi usado para evitar que o substantivo **amantes** aparecesse repetido, prejudicando a construção frasal.

*Não há no mundo pessoa que visse amantes/**amantes** se quisessem...*

SE ⇒ também estão se referindo ao substantivo **amantes**, dando a ideia de reciprocidade.

(...) quisessem um amante ao outro amante (...)

Assim, **quem, que e se** são PRONOMES SUBSTANTIVOS no texto.

MINHA ⇒ está acompanhando o substantivo *mãe*, denotando ideia de posse, isto é, *a mãe* pertence ao eu-poético. Assim, **minha** é um PRONOME ADJETIVO.

FLEXÃO DOS PRONOMES

Os pronomes são palavras que podem variar para indicar gênero, número, pessoa e caso.

- **Gênero** (masculino e feminino)

*Visitei uma vila por **cujas** ruas andei tranquilamente.*
(fem.)

*Conheci um lugarejo em **cujos** vales há muitas flores.*
(masc.)

- **Número** (singular e plural)

*Você deve anotar **quaisquer** recados para o diretor.*
(plural)

***Todos** devem procurar **meu** talão agora.*
(plural) (sing.)

- **Pessoa** (1ª, 2ª, 3ª)

***Eu** aviso-**te** amanhã sobre **aquele** moço.*
(1ª) (2ª) (3ª)

PRONOMES PESSOAIS

São os que designam as três pessoas do discurso. Classificam-se como:

- **do caso reto** – funcionam como **sujeito** ou **predicativo**.
- **do caso oblíquo** – funcionam como **complemento** ou **adjunto**.

PRONOMES PESSOAIS RETOS			PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS	
			ÁTONOS (s/preposição)	TÔNICOS (c/preposição)
Singular	1ª	eu	me	mim, comigo
	2ª	tu	te	ti, contigo
	3ª	ele, ela	se, o, a, lhe	si, ele, ela, consigo
Plural	1ª	nós	nos	nós, conosco
	2ª	vós	vos	vós, convosco
	3ª	eles, elas	se, os, as, lhes	si, eles, elas

Oblíquos tônicos

Marcados com acento tônico; sempre precedidos de preposição.

preposição + *(a, de, em, por, para, sem etc.)*

mim
ti
si, ele, ela
nós
vós
si, eles, elas

*Basta a **mim** a tua palavra.*
*Reze por **mim**.*
*Cá entre **nós**.*
*Ficou fora de **si**.*
*Nunca saia sem **ela**.*
*Tenho dó de **ti**.*
*Leve-o para **ela**.*
*Confio em **vós**.*

preposição com +

mim = comigo
ti = contigo
si = consigo
nós = conosco
vós = convosco

*Mauro saiu **comigo**.*
*Ana ficará **conosco**.*

Oblíquos átonos

Desprovidos de acento tônico; nunca precedidos de preposição.

*Basta-**me** a tua palavra.*
*Não **nos** aborreça.*
*Mando-**lhe** depois.*
*Quero-**o** amanhã.*
*Vejo-**te** no escritório.*
*Passe-**me** o saleiro.*

ATENÇÃO!

1) *Todos os pronomes pessoais são pronomes substantivos.*
2) *A rigor, somente os pronomes **EU** e **TU** são considerados exclusivamente do caso reto, por não se poderem reger de preposição.*

__Eu__ quero agradecer-te o elogio.
__Tu__ necessitas de mim?

3) *Os pronomes **ele(s), ela(s), nós** e **vós** podem ser retos ou oblíquos, dependendo da função que exercem na frase.*

*Lutou contra **nós**. (oblíquo)*
__Nós__ venceremos isso. (reto)

O uso de *EU* e *TU*

*Traga o livro para **eu** ler.*
*Encomendei algo para **tu** usares.*

Em frases desse tipo, a preposição não está regendo os pronomes **eu** e **tu**. Na verdade, trata-se de duas orações, sendo a segunda reduzida de infinitivo.

*Traga o livro **para que eu leia.***
*Encomendei algo **para que uses.***

Assim, os pronomes **eu** e **tu** funcionam como sujeito de verbo no infinito, como ocorre nos exemplos abaixo:

*Ela pediu para **eu** e **tu** esperarmos aqui.*
*Comprei um perfume para **tu** usares.*
*Não há nada para **eu** ler agora.*

O uso de *MIM* e *TI*

*Traga o livro para **mim**.*
*Encomendei algo para **ti**.*

Não havendo verbo no infinitivo e estando os pronomes **eu** e **tu** regidos de qualquer preposição, devem ser trocados pelas formas oblíquas correspondentes (**mim** e **ti**).

*Ela pediu para **mim** e para **ti**.*
*Comprei um perfume para **ti**.*
*Não há nada para **mim** agora.*

COM NÓS X *CONOSCO*
COM VÓS X *CONVOSCO*

Usam-se **com nós** (em vez de conosco) e **com vós** (em lugar de convosco), quando vierem acompanhados de **ambos, mesmos, outros, todos, numeral** ou **outro determinante.**

*Deixaram o recado **conosco**.*
*Deixaram o recado **com nós mesmos**.*
*Estava **com nós outros**.*
*Isto se deu **com vós ambos**.*
*Falo **com vós quatro** mais tarde.*
*Ela está mal **com nós todos**.*

Também com aposto:
***Com nós, brasileiros,** não há tempo ruim.*

Também com oração objetiva:
*Isto aconteceria **com nós, que somos precavidos.***

Variações das formas *O, AS, OS, AS*

(Substituem termos sem preposição.)

*Pu-**la** na mesa.*
*Fi-**lo** no escritório.*

O pronome pessoal **o** pode assumir as formas **lo, la, no, na (e plurais)**:

a) Lo(s), la(s): depois de forma verbal terminada em r, s, z, sendo estas consoantes suprimidas.

R	*Vê-**lo** é um suplício. (Ver + o)*
S + lo(s), la(s):	*Achamo-**lo** em casa. (Achamos + o)*
Z	*João ainda não fez anos; fá-**los** hoje.*
↳ desaparecem	***(Faz + o)***

b) No(s), na(s): depois de forma verbal terminada em ditongo nasal.

M + no, na, nos, nas:	*Dão- **no**.*	*Tem-**nos**.*
~ *(til)*	*Põe-**na**.*	*Acharam-**nas**.*

c) Demais casos: **o, a, os, as.**

*Vi-**o**. Entreguei-**as**. Deu-**os**.*

Contração de pronomes oblíquos átonos

*Entreguei-**lho**.*

Os pronomes oblíquos **me, te, lhe, nos, vos** (em função de objeto indireto) podem combinar-se com **o, a, os, as** (objeto direito), gerando as formas **mo, to, lho, no-lo, vo-lo**.

*Entreguei **o dinheiro a ele.*** (o dinheiro = o: OD)(a ele = lhe: OI)

*Entreguei-**lho.*** (lhe + o)

*Você paga **a mim a dívida?*** (me - OI) (a dívida - OD)

*Você **ma** paga.* (me + a)

*Não deram **o** doce **a ti?** = Não **to** deram?*

*Ninguém **me** contou **a estória** = Ninguém **ma** contou.*

Combinações pronominais possíveis:

me	+	o	=	mo	me	+	a	=	ma
nos	+	o	=	no-lo	nos	+	a	=	no-la
te	+	o	=	to	te	+	a	=	ta
vos	+	o	=	vo-lo	vos	+	a	=	vo-la
lhe	+	o	=	lho	lhe	+	a	=	lha

Pronome oblíquo com função de sujeito

*Deixou-**me** falar.*

Em frases desse tipo, o pronome oblíquo não está funcionando como objeto do verbo anterior, mas como sujeito do verbo no infinitivo que faz parte de uma oração reduzida.

*Deixou-**me falar**. = Deixou **que eu falasse**.*

Tal fenômeno acontece com verbos do tipo **ver, ouvir, sentir, fazer, mandar, deixar + infinitivo**.

*Vi-**o** entrar.* — *Ouvi-**as** chegar.*

*Fi-**las** dormir.* — *Mandei-**os** sair.*

*Deixem-**no** brincar.* — *Esperei-**a** voltar.*

Tais verbos são denominados **causativos** ou **sensitivos**.

Pronome reto antes de infinitivo

*Está na hora de **eu** ir trabalhar.*

*É o momento de **eles** falarem.*

Ocorrendo os pronomes **eu** e **ele (ela, eles, elas) + infinitivo,** não haverá combinação com preposição, pois os pronomes servem de sujeito do verbo no infinitivo.

*É hora **de eles** voltarem.*

*Chegou o momento **de elas** desfilarem.*

*A ocasião **de eu** comemorar é agora.*

Pronome integrante ao verbo

*Arrependi-**me** do que fiz.*

Ocorrem com verbos pronominais essenciais que exprimem *sentimento, mudança de estado, movimento* etc.

Queixar-se	*Converter-se*	*Tornar-se*
Arrepender-se	*Atrever-se*	*Referir-se*
Alegrar-se	*Orgulhar-se*	*Suicidar-se*

Os pronomes, junto a esses verbos, não têm função sintática (são chamados de parte integrante do verbo).

*Maria queixa-**se** de fortes dores.*

*Arrependi-**me** do que fiz.*

*Não **te** atrevas a sair sem mim!*

Pronome reflexivo ou recíproco

*Ela **se** odeia.* ↓ Pronome reflexivo

*Elas **se** odeiam.* ↓ Pronome recíproco

Pronomes Reflexivos

São os pronomes **se, si, consigo**, e também as formas **me, te, nos** e **vos**, quando indicam que a ação do verbo recai na própria pessoa que a pratica.

*Ele fala de **si**.*

*Ela **se** odeia.*

*Nós não **nos** ferimos no acidente.*

ATENÇÃO! *As formas **si** e **consigo** são sempre reflexivas, só podem ser usadas em referência ao próprio sujeito.*

Errado:	Devem ser usadas as formas corretas:
Ana, preciso falar ***consigo.***	*Ana, preciso falar* ***com você.***
Ivan, conversamos muito sobre ***si*** *ontem.*	*Ivan, conversamos muito* ***sobre você*** *ontem.*
Desejo falar ***consigo.***	*Desejo falar* ***com você.***
Na reunião, fiquei fora ***de si.***	*Na reunião, fiquei fora* ***de mim.***

Pronomes recíprocos

São alguns pronomes reflexivos que, com valor de **um ao outro**, referem-se a sujeito plural ou composto (mais de uma pessoa).

Os lutadores ***se*** *estudaram, isto é, estudaram* ***um ao outro.***

Paulo e Ana não ***se*** *cumprimentam.* ***(uma e outra)***

Nós ***nos*** *abraçamos.* ***(um ao outro)***

Ela ***se*** *odeia.*
(Ela ***pratica*** *a ação sobre si mesma: reflexivo)*

Elas ***se*** *odeiam.*
*(****Cada uma pratica*** *a mesma ação sobre a outra: recíproco).*

Pronomes pessoais de tratamento

Usados no tratamento cerimonioso ou comercial.

a) Vossa: designa a pessoa a quem se fala (isto é, a 2ª).

Vossa Excelência *sabe que sou seu amigo.*
Vim até ***Vossa Senhoria*** *pedir-lhe um favor.*

Embora a forma **Vossa** seja de 2ª pessoa, exige os verbos e os outros pronomes na terceira pessoa.

b) Sua: designa a pessoa de quem se fala (isto é, a 3ª pessoa).

Sua Excelência*, o Presidente, falará ao povo hoje.*

Sua Santidade *João XXIII morreu em que ano?*

Convém conhecer as seguintes formas de tratamento e as abreviaturas com que são indicadas na escrita:

Abreviaturas	Tratamento	Usado para
V.A.	*Vossa Alteza*	*Príncipes, arquiduques, duques*
V. Ema.	*Vossa Eminência*	*Cardeais*
V. Exa.	*Vossa Excelência*	*Altas autoridades do Governo e das Forças Armadas*
V. M.	*Vossa Majestade*	*Reis, imperadores*
V. Maga.	*Vossa Magnificência*	*Reitores das Universidades*
V. Revma.	*Vossa Reverendíssima*	*Sacerdotes em geral*
V. Sa.	*Vossa Senhoria*	*Funcionários públicos graduados, oficiais até coronel, pessoas de cerimônia, tratamento comercial*
V. S.	*Vossa Santidade*	*Papas*
V. Exa.Revma.	*Vossa Excelência Reverendíssima*	*Bispos*

c) Abreviaturas das formas de tratamento usadas no plural

- Abreviaturas com letras dobradas:

singular	plural	singular	plural
V.M.	VV.MM.	V.A.	VV.AA.
S.M.	SS.MM.	S.S.	SS.SS.

Não se usa o tratamento **Vossa Santidade** no plural em referência ao Papa (VV.SS.), porquanto só existe um Papa vivo.

- Nas abreviaturas que terminam com a letra ***a***, acrescenta-se ***s***:

singular	plural
V. Exa.	V. Exas.
S. Ema.	S. Emas.
S. Exa.	S. Exas.
V. Exa. Revma.	V. Exas.Revmas.
V. Ema.	V. Emas.

Complemento do Quadro de Tratamento

Vossa / Sua Excelência	***Altas autoridades do Governo:*** *- Presidente da República* *- embaixadores* *- deputados federais e estaduais* *- juízes* *- senadores* *- ministros* *- governadores de Estado* *- prefeitos* *- secretários de Estado* *- vereadores* *- cônsules* ***Altas autoridades das Forças Armadas:*** *- ministro da Guerra* *- marechal* *- general* *- contra-almirante* *- almirante* *- vice-almirante* *- brigadeiro*
Vossa / Sua Paternidade	*- abade* *- prior* *- superior de convento*
Vossa / Sua Senhoria	*- oficiais até a patente de coronel* *- tenente-coronel* *- major* *- capitão* *- aspirante a oficial* *- diretor de repartição pública* *- chefe de seção*

ATENÇÃO!

1 - O tratamento dispensado ao Presidente da República sempre por extenso:

Excelentíssimo Senhor Presidente da República _____, Vossa Excelência está convidado a participar do 1º Seminário de Geriatria.

2 - O tratamento dispensado pessoalmente ao Juiz de Direito é Meritíssimo Juiz.

AUTORIDADES DE ESTADO		
Civis	**Vocativo**	**Usado para**
- Senadores *- Ministros* *- Governadores* *- Deputados* *- Prefeitos* *- Embaixadores*	* As normas do manual de Redação da Presidência nem sempre convergem com as da NGB ***Excelentíssimo Senhor (P.459)***	*- Senador* *- Ministro* *- Governador* *- Deputado* *- Prefeito* *- Embaixador*
- Chefes das Casas Civil e Militar *- Vereadores* *- Cônsul* *- Diretores de Autarquias*	***Senhor***	*- Chefe* *- Vereador* *- Cônsul* *- Diretor*
- Reitores	***Magnífico***	*- Reitor*
Judiciárias	**Vocativo**	**Usado para**
- Desembargador da Justiça *- Juízes de Direito* *- Curador* *- Promotor*	***Excelentíssimo Senhor***	*- Desembargador* *- Juiz* *- Curador* *- Promotor*

Militares	Vocativo
- *Ministro da Guerra* - *Marechal* - *General* - *Contra-Almirante* - *Almirante* - *Vice-Almirante* - *Brigadeiro*	***Excelentíssimo Senhor + patente***
- *Oficiais até Coronel* - *Tenente-coronel* - *Major* - *Capitão* - *Aspirante a oficial*	***Senhor + patente***
Autoridades Eclesiásticas	**Vocativo**
- *Papa* - *Cardeais* - *Arcebispos e Bispos*	*Santíssimo Padre* *Eminentíssimo Senhor* *Reverendíssimo Senhor*
Autoridades Monárquicas	**Vocativo**
- *Reis*	- *Sua Majestade Real*
- *Imperadores*	- *Sua Majestade Imperial*
- *Príncipes*	- *Sua Alteza Imperial* - *Sua Alteza Real* - *Sua Alteza Sereníssima*
Outros Títulos	**Vocativo**
- *Dom*	- *Digníssimo Dom*
- *Doutor*	- *Senhor Doutor*
- *Comendador*	- *Senhor Comendador*
- *Professor*	- *Senhor Professor*

ATENÇÃO!

*"**Seu**", na linguagem popular, pode aparecer em lugar do tratamento **Senhor**.*

__Seu__ garçom, traga a conta, por favor.
*(= **Senhor** garçom)*

__Seu__ Geraldo já chegou?
*(= **Senhor** Geraldo)*

PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Indicam a posição dos seres com relação às três pessoas gramaticais, situando-as no tempo ou no espaço.

PESSOAIS	VARIÁVEIS		INVARIÁVEIS
	MASCULINO	FEMININO	
1ª	*este, estes*	*esta, estas*	*isto*
2ª	*esse, esses*	*essa, essas*	*isso*
3ª	*aquele, aqueles*	*aquela, aquelas*	*aquilo*

este, **esta**, **isto** { ***próximo de quem fala***; ***tempo - presente (atual)*** }

esse, **essa**, **isso** { ***afastado de quem fala***; ***tempo*** { ***passado determinado***; ***passado indeterminado*** } }

aquele, **aquela**, **aquilo** { ***afastado de quem fala e de quem ouve***; ***tempo*** { ***distante*** *(remoto)*; ***passado incerto*** } }

Este, esta, isto

São usados em referência:

- **ao espaço** (indicando tudo que está próximo de quem fala).

  __Este__ lápis aqui é meu.
  Entrego-lhe __isto__ como prova.
  __Esta__ minha blusa está horrível.

- **ao tempo presente** (em que estamos vivendo).

  __Este__ ano está sendo o melhor de todos.
  __Nesta__ semana, vamos trabalhar mais.

- **ao contexto** (referindo-se ao último termo expresso anteriormente).

Encontrei Carlos e Celso na reunião.
***Este** pretende mudar-se para Curitiba. (Celso)*

Esse, essa, isso

Usados em referência:

- **ao espaço** (indica tudo que está afastado de quem fala e próximo de quem ouve).

  ***Essa** sua blusa ficou bem em você.*
  ***Esse** objeto que você carrega é perigoso.*
  *Que é **isso** aí, Mauro?*

- **ao tempo passado**:

  *Um dia **desses** estive em Salvador.*
  *Conversei com Magda uma noite **dessas**.*

- **ao que foi mencionado pela pessoa com quem se fala:**

  *Não sei o que você quer dizer com **isso**.*
  *Pressinto muita ironia **nessa** sua pergunta.*

- **àquilo de que desejamos distância:**

  *Não me fale mais **nisso**.*
  *O povo já não confia **nesses** políticos.*
  *Não combino muito com **esse** indivíduo.*

- **ao que já foi mencionado antes por quem fala:**

  *Fingir estar doente? **Isso** eu não faço.*
  *"Tem que dar certo". **Essas** palavras são muito ambíguas.*

Aquele, aquela, aquilo

Usam-se em referência:

- **ao espaço**: indicando tudo que está afastado de quem fala e de quem ouve:
  *Marciano, que é **aquilo** que está no alto da torre?*
  ***Aquela** bolsa ali é minha.*
  *Nossa! **Aquele** menino quase foi atropelado. Você viu?*

- **ao tempo remoto** (passado distante em que não vivemos):

  *"**Naquele** tempo, disse Jesus a seus apóstolos..."*

- **ao tempo vago, impreciso ou incerto:**

  *"Bons tempos **aqueles**!*
  ***Naquela** época eu contava apenas com uns quinze ou dezesseis anos.*
  Que aurora, que sol, que vida,
  Que noites de melodia
  ***Naquela** doce alegria*
  ***Naquele** ingênuo folgar".*

- **a um total afastamento afetivo** de quem não gostamos:

  *Não conheço **aquele** indivíduo.*

- **ao texto** referindo-se ao **primeiro termo expresso** anteriormente:

*Entre Inês e Mércia, prefiro **aquela** à última.*
(=Inês)

NOTAS SOBRE O EMPREGO DE PRONOMES DEMONSTRATIVOS

a) Emprego dos demonstrativos no contexto em referência a dois termos (duas pessoas ou duas coisas):

***Este** (e variações) para o último termo.*

***Aquele** (e variações) para o primeiro termo.*

(1º) (2º) (2º) (1º)
*Entre o Amazonas e o Nilo, acho **este** mais caudaloso que **aquele**.*
[este (2º) = Nilo / aquele (1º) = Amazonas]

(1º) (2º)
Conversando com Melissa e Giovani, notei que **aquela** *estava tensa e* ***este*** *mais tranquilo.*
(1º) (2º)

b) Emprego dos demonstrativos no texto em relação ao que se vai dizer e ao que já foi dito:

ESTE (e variações) para o que será exposto (será dito ou escrito):

Repare ***nestas*** *palavras: "Um de vós há de me trair".*

ESSE (e variações) para o que já foi exposto:

"O beijo, amigo, é a véspera do escarro". ***Essas*** *palavras amargas são do poeta Augusto dos Anjos.*

Levo martelo, grampos e arame. ***Esses*** *objetos são importantes aonde vou.*

c) O (OS, A, AS), MESMO, PRÓPRIO, TAL, SEMELHANTE podem ser pronomes demonstrativos:

- **O (OS, A, AS)** são demonstrativos quando equivalem a **aquele, aquela, aquilo**:

Nem tudo ***o*** *que dizes é verdade.(= aquilo)*
Não aprecio ***os*** *que são preguiçosos. (= aqueles)*
Onde ficam ***as*** *que muito considero? (= aquelas)*

- **MESMO, PRÓPRIO** são demonstrativos quando se equivalerem:

- Você é o Paulo? - ***O próprio.*** *(= mesmo)*
As janelas fecharam-se por ***si mesmas.****(= próprias)*
Eu ***próprio*** *preparei os convites.(= mesmo)*

ATENÇÃO!

Em alguns casos, ***o mesmo*** *equivale a* ***isso****:*

Se você gritar, também farei ***o mesmo****. (= isso)*

Vou dizer certas verdades a ele; diga ***o mesmo*** *também.(=isso)*

O pronome ***mesmo*** *não pode retomar palavras.*
A língua é importante, pois ***a mesma*** *organiza o pensamento. (errado)*

Para corrigir a frase, basta suprimir a forma pronominal: A língua é importante, pois organiza o pensamento.

d) TAL, SEMELHANTE são demonstrativos quando equivalerem a **este, esse, aquele** (e flexões).

Tal *episódio já me aconteceu. (= esse)*
Não disse ***semelhante*** *asneira. (= essa)*
Não creio em ***tal****. (= nisso)*

Contração dos pronomes demonstrativos

Os pronomes demonstrativos podem unir-se às preposições **a, em** e **de**.

a
- a + aquele = àquele
- a + aquela = àquela
- a + aquilo = àquilo
- a + aqueles = àqueles
- a + aquelas = àquelas

em
- em + aquele = naquele
- em + aquela = naquela
- em + aqueles = naqueles
- em + aquelas = naquelas
- em + aquilo = naquilo
- em + isso = nisso
- em + isto = nisto

de
- de + aquele = daquele
- de + aquela = daquela
- de + aqueles = daqueles
- de + aquelas = daquelas
- de + aquilo = daquilo
- de + isso = disso
- de + isto = disto

PRONOMES RELATIVOS

São assim chamados porque se referem a um substantivo ou a um pronome substantivo mencionado anteriormente.

O **nome** (substantivo ou pronome substantivo) a que ele se refere é chamado de **antecedente**.

VARIÁVEIS		INVARIÁVEIS
MASCULINO	FEMININO	
o qual, os quais, cujo, cujos, quanto, quantos	*a qual, as quais cuja, cujas, quanta, quantas*	*que quem onde como*

*O livro **que** me emprestaste não foi o que te pedi.*

*A ele, devo tudo **quanto** sou.*

*Não conheço a moça com **quem** falaste.*

*A rua **onde** moro está sendo asfaltada.*

*O aluno **cujo** preparo elogiei foi promovido.*

*Trazia guarda-chuva, sem **o qual** não saía.*

ATENÇÃO!

- ***Que, o qual, quem, quanto** e **onde** são pronomes substantivos. **Que, quem, quanto, onde** podem ser, em alguns contextos, trocados por **o qual**.*

  *O menino de **quem** falei está aí fora. (= do qual falei)*

  *O edifício onde **moro** fica no centro. (= no qual moro)*

- ***Cujo** funciona apenas como pronome adjetivo e concorda com a coisa possuída em gênero e número (termo consequente).*

  *A região Sudeste, sobre **cujas** riquezas nosso professor discorreu, é a mais próspera do país.*

- *Os pronomes relativos substituem, na oração em que estão, seu antecedente.*

  *Encontrei a sacola **que** havia perdido. (Encontrei **a sacola.** / Havia perdido **a sacola**.)*

  *Passei no local **onde** acontecera o acidente. (Passei **no local.** / O acidente acontecera **no local.**)*

Emprego dos pronomes relativos

- **QUE** – pode ter como antecedente pessoa, coisa ou objeto.

*Encontrei o menino **que** estava a minha procura.*
*Cão **que** late muito, pouco morde.*
*A cadeira **que** comprei quebrou-se.*

Atualmente, obedecendo à regência, o relativo **que** deve ser regido apenas de preposição monossilábica.

*A rua **em que** moro é bastante arborizada.*
*Comprei a revista **de que** você tanto fala bem.*
*Esta é a chave **com que** abri meu armário.*
*Aquela é a árvore **por que** brigamos tanto.*

Em alguns casos, o antecedente do relativo **que** é omitido.

*Não vejo **que** reclamar. (= Não vejo nada que reclamar.)*
*Não teve [coisa] **que** dizer.*

- **QUEM** – deve ter como antecedente pessoa.

*Éramos nós **quem** te chamávamos na rua.*
*Parecia ser você **quem** se afogava na piscina.*

O relativo **quem** aparece regido também de preposição monossilábica.

*Este é o Papa **a quem** mais admiro.*
*Ninguém conhece a pessoa por **quem** te enamoraste.*
*Não gostei da pessoa **a quem** você alude tanto.*

Em lugar de **sem que** (nem sempre bem aceito), deve-se usar *sem o qual*.

*Esperamos pelo professor, **sem o qual** não haverá aula.*

O relativo ***quem*** pode referir-se a um antecedente subentendido.

*"Viverás enquanto houver **quem** pulse o mágico instrumento..."* (Olavo Bilac)

***Quem** cala consente. (= Aquele que cala, consente.)*

*"Zombam. Não há **quem** dele se condoa!"*

(Raimundo Correia)

*(Não há ninguém **que** dele se condoa!)*

- **QUANTO** – pode sofrer flexões: **quantos, quanta, quantas**; seu antecedente deve ser um pronome indefinido ou demonstrativo.

*Esqueci-me de tudo **quanto** me foi ensinado.*

*Tudo **quanto** ganhei num mês perdi num dia.*

O relativo **quanto** pode ser empregado sem antecedente. Tal emprego é comum em certos documentos jurídicos.

*Saibam **quantos** lerem esta escritura...*
(= Saibam todos quantos lerem esta escritura.)

- **CUJO E VARIAÇÕES** – indicam posse, aparecem relacionando dois termos: possuidor e coisa possuída.

*O partido **cuja** plataforma for mais sólida vencerá as eleições.*

O relativo *cuja* está ligando *partido* com *plataforma*. [plataforma *(coisa possuída)* do partido *(possuidor)*]

Deve o relativo ***cujo*** concordar sempre com a coisa possuída, ou seja, com o consequente.

*A árvore **cujas** folhas amarelecem geralmente morre.*

Pode também o relativo **cujo** vir preposicionado.

*Este é o vilarejo **por cujos** caminhos nós já passamos.*

*Aluguei aquela casa em **cujas** dependências havia móveis.*

*O garoto **a cuja** inteligência todos se referem viajou.*

ATENÇÃO!

Não se deve usar artigo com o relativo cujo (e variações).

Está errado dizer:

*Os carros **cujos os** defeitos são muitos estragou. **(cujos defeitos)***

*A árvore **cujas as** folhas amarelecem geralmente morre. **(cujas folhas)***

- **ONDE** – é usado em referência a lugar.

*Conheci o povoado **onde** nasceu nosso supervisor.*

*Estarei num lugar **onde** nunca desejara estar.*

Também a exemplo dos outros relativos, pode vir preposicionado, assumindo, às vezes, as formas **aonde** e **donde**:

*Irei ao lugar **aonde** você foi ano passado.*

*Venho de uma região **donde** não desejaria vir.*

*Derrubaram a pinguela **por onde** passávamos perigosamente.*

O relativo **onde** pode ser usado sem antecedente. (O antecedente está implícito no contexto da frase.)

*O carro enguiçou **onde** não havia socorro. (num lugar onde)*

*"**Onde** me espetam, fico."(M. de Assis)*

*Quero ir **aonde** estás. (ao lugar)*

*Venha por **onde** eu passar.*

"Existe sim [a felicidade]: mas nós não a alcançamos
*Porque está sempre apenas **onde** a pomos*
*E nunca a pomos **onde** nós estamos."*

(Vicente de Carvalho)

- **O QUAL E VARIAÇÕES:** são usados em substituição aos outros relativos, exceto *cujo*, que não admite equivalente.

*É um passado **de que** (ou **do qual**) ninguém se lembra.*

*Fizeram-lhe acusações **de que** (ou **das quais** se defendeu com energia.*

Algumas vezes, seu uso é imprescindível para clareza de um período.

*Lá vai a moça do carro **que** precisa de água.*

O emprego do relativo *que* torna a frase ambígua, pois fica a dúvida acerca de que ou de quem precisa de água: a moça ou o carro?

Com o emprego do pronome **o qual,** fica desfeita a ambiguidade.

Se **a moça** precisa de água, usa-se **a qual.**

*Lá vai a moça do carro **a qual** precisa de água.*

Caso **o carro** necessite de água, coloca-se **o qual.**

*Lá vai a moça do carro **o qual** precisa de água.*

Veja outro exemplo:

Conversei com o pai da noiva que se acidentou. (quem?)

*Conversei com o pai da noiva **a qual** se acidentou. (noiva)*

*Conversei com o pai da noiva **o qual** se acidentou. (pai)*

• OBSERVAÇÃO

Quando não se consegue clareza com o pronome **o qual**, deve-se usar o relativo **cujo**.

*Falei com o sócio de José, **que** estava viajando.*

*Falei com o sócio de José, **o qual** estava viajando.*

Nos dois períodos citados fica a dúvida – quem estava viajando?

*Falei com José **cujo** sócio estava viajando.*

O relativo **cujo** dissipa a dúvida: o sócio de José está viajando.

No último período apresentado, relativo **o qual** pode aparecer precedido de preposição monossílaba, dissílaba ou qualquer outra.

*Conversei com o mecânico **contra o qual** você moveu o processo.*

*As mulheres **perante as quais** os homens se ajoelham são santas?*

*Este é o carro junto **do qual** ficamos conversando ontem.*

*A mangueira debaixo **da qual** nos abrigamos tanto é esta.*

*Esta é a mangueira **sob a qual** no abrigamos tantas vezes.*

*Esta é a pessoa **sem a qual** você não consegue viver?*

O relativo **o qual** é usado com pronomes indefinidos, numerais, expressões partitivas e expressões superlativas antepostos a ele.

*Ganhei quatro revistas, **duas das quais** eu já lera.*

*Percorri muitas cidades, **algumas das quais** muito limpas.*

*Comprei bastantes laranjas, **grande parte das quais** estragou-se.*

*Havia perto de mil pessoas, **metade das quais** era visitante.*

*Entrevistei duzentas pessoas, **a mais** radical **das quais** não fumava.*

DIFERENÇA			
sem acento		com acento	
o	que	um	quê
demonstrativo	*relativo*	*artigo*	*substantivo*

*Ela tem **um quê** de mistério.*
substantivo
artigo indefinido

*Não gostei **do que** ocorreu.*
pronome ralativo
prep.+pronome demonstrativo =(daquilo)

REFERENCIAÇÃO CONTEXTUAL DE PRONOMES RELATIVOS

Os pronomes relativos substituem (retomam) um termo antecedente com o qual mantêm relações de sentido.

*As pessoas a **que** nos referimos estiveram no local. (que = pessoas)*

*Países desenvolvidos e nações **que** buscam a autonomia econômica têm os mesmos direitos. (que = nações)*

*Jovens escolarizados e crianças **que** não tiveram acesso à educação formal disputam vagas no mercado de trabalho. (que = crianças)*

*O Brasil é um país **que** investe pouco em turismo. (que = país)*

*A criação do imposto **cuja** decretação ocorreu ontem levou anos. (cuja = imposto)*

*Duvidava do **que** havia ocorrido. (que = o)*

USO DE PREPOSIÇÃO ANTES DE PRONOMES RELATIVOS

Usa-se preposição antes do pronome relativo sempre que o termo posposto a ele exigir (ver regência).

*A mulher **a** cujos direitos **me refiro** deve ser colocada em liberdade.*

*Os cidadãos **de** cujos planos **falávamos** merecem respeito.*

• OBSERVAÇÃO

Os pronomes **que** e **quem** só admitem preposições monossilábicas.

*A pessoa **sobre** quem falávamos esteve no local. (errado/use: sobre qual)*

*A pessoa **contra** quem lutávamos. (errado/use: contra a qual)*

NOTA:
Em caso de preposições com mais de uma sílaba, use o *qual* (e variações).

O pronome **quem**, quando seguido de VTD, exige a preposição ***a*** para efeito de ajuste fonético. Nesse caso, ele forma objeto direto preposicionado.

*A mulher **que** conheci é especial. (OD)*

*A mulher **a quem** conheci é especial. (OD Prep.)*

Nos exemplos acima, a preposição ***a*** foi exigida pelo pronome **quem**. Não é caso de regência.

*A mulher **a quem** me refiro é interessante. (OI)*

No exemplo acima, a preposição ***a*** é uma exigência do verbo, não do pronome quem. É caso de regência.

PRONOMES INDEFINIDOS

São os que se aplicam à 3ª pessoa gramatical, quando considerada de um modo vago e indeterminado.

Principais pronomes indefinidos:

VARIÁVEIS				INVARIÁVEIS
Singular		Plural		
Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	
algum	alguma	alguns	algumas	alguém
nenhum	nenhuma	nenhuns	nenhumas	ninguém
todo	toda	todos	todas	tudo
outro	outra	outros	outras	outrem
muito	muita	muitos	muitas	nada
tanto	tanta	tantos	tantas	cada
quanto	quanta	quantos	quantas	quem
pouco	pouca	poucos	poucas	menos
vário	vária	vários	várias	mais
certo	certa	certos	certas	que
qualquer		quaisquer		
bastante		bastantes		
qual		quais		
tal		tais		

LOCUÇÃO PRONOMINAL INDEFINIDA

Grupo de palavras que equivale a pronomes indefinidos. Em geral, é formada por mais de um pronome.

cada qual	*outro qualquer*
todo aquele que	*seja quem for*
cada um	*qualquer outro*
fosse quem fosse	*seja qual for*

• OBSERVAÇÕES

a) *Pronomes indefinidos invariáveis* que funcionam como pronomes substantivos: **tudo, nada, alguém, ninguém, quem, algo, que, outrem.**

*Ninguém conseguiu dizer **nada**.*
(pronomes substantivos indefinidos)

b) *Pronomes indefinidos invariáveis* que funcionam como pronomes adjetivos: **cada, menos, mais.**

*Mais amor, **menos** confiança,*
é o que diz o provérbio.
(pronomes adjetivos indefinidos)

Cada coisa no seu lugar.

Tudo estava tão caro, que
*comprei **menos** do que precisava.*
(pronomes substantivos indefinidos)

c) *Os pronomes indefinidos variáveis* ora funcionam como pronomes substantivos ora como pronomes adjetivos.

*Todo dia deseja-se **bastante** dinheiro*
*com **pouco** esforço.*
(pronomes adjetivos indefinidos)

*Alguns falaram, **poucos** ouviram,*
*e **nenhum** fez aparte.*
(pronomes substantivos indefinidos)

d) Deve-se ficar atento à colocação de certos pronomes na frase, pois podem mudar de sentido e também de classe gramatical.

Certos homens valem a pena.
(pronome indefinido / = alguns)

*Homens **certos** valem a pena.*
(adjetivo / = adequados)

Bastante

- Anteposto ao substantivo: *pronome adjetivo indefinido.*

*Eles disseram **bastantes** asneiras. (= muitas)*

- Posposto ao substantivo: *adjetivo.*

Eles não foram homens *bastantes. (= suficientes)*
Bastantes adultos não são adultos **bastantes.**
[pron. adj. indefinido (=muitos): anteposto]
[adjetivo (= suficientes): posposto]

- **Bastante** pode ser advérbio se modificar o sentido de um verbo ou de um adjetivo.

*Você já falou **bastante** hoje.*
(modificando verbo)

*Ele está **bastante** molhado.*
(modificando adjetivo)

Todo

- Anteposto ao substantivo: *pronome adjetivo indefinido.*

***Todo** homem morre. (= qualquer)*

*Estudo **todo** dia. (= todos os dias, sem exceção)*

- Posposto ao substantivo: *adjetivo.*

*O homem **todo** morre. (= inteiro)*
*Estudo o dia **todo**. (= inteiro)*

- Todo é usado como advérbio, significando inteiramente, quando modifica o sentido de um adjetivo.

*O menino estava **todo** molhado. (=completamente)*

ATENÇÃO!

*Gramáticos, como Domingos Paschoal Cegalla e Evanildo Bechara, aceitam **todo** sendo advérbio flexionando-se em gênero e número. Entretanto, a norma não recomenda a flexão.*

*Elas estavam **todas** sujas.*

*Os meninos estavam **todos** molhados.*

Muito, pouco, mais, tanto, menos

- Podem ser *pronomes adjetivos indefinidos* (antepostos a substantivos).

*Muito pano, **pouca** camisa.*

*Mais chuva em **certos** dias.*

- Podem ser *advérbios* (modificando verbos, adjetivos ou outro advérbio).

*Ela fala **muito**, porque está **muito** alegre.*
(verbo) (adjetivo)

*Paula veste-se **muito** bem.*
(advérbio)

Certo / Certa / Certos / Certas

- Podem ser *pronomes adjetivos indefinidos* (anteposto a substantivo).

*Tinha **certo** ar de superioridade.*

*Conheci um **certo** Maurício das Cebolas.*

***Certos** exercícios valerão pontos.*

- Podem ser *adjetivos* (posposto a substantivo).

*Não somos pessoas **certas**.*

*Os exercícios **certos** valerão nota.*

- Podem ser *advérbios* quando estiver modificando o sentido de um verbo.

*Ele falou **certo**.*

*Deus escreve **certo** por linhas tortas.*

Vário / Vária / Vários / Várias

- Podem aparecer no singular, concordando com o substantivo.

*Ela está com **vária** dúvida.*

*Chega gente de **vário** lugar.*

*Chega gente de espécie **vária**.*

Algum / Alguns / Alguma / Algumas

- Quando antepostos ao substantivo, têm valor afirmativo, e, quando pospostos, valor negativo.

***Alguma** coisa me diz que*
(= qualquer - afirmativo)
*não sobrará coisa **alguma**.*
(= nenhuma - negativo)

ATENÇÃO!

*Posposto ao substantivo, **algum (alguma)** não admite plural.*

***Errado:** Ele não sabe coisas **algumas**.*

***Certo:** Ele não sabe coisa **alguma**.*

Cada / Cada um / Cada uma

- Não se usam tais formas sozinhas, são sempre *pronomes adjetivos.*

Certo: *Receberam dez pacotes **cada um**.*

Errado: *Receberam dez pacotes **cada**.*

Nenhum / Nenhuns / Nenhuma / Nenhumas

- Esses pronomes não podem ser usados no plural quando pospostos ao substantivo.

Errado: *Ele não sabe coisas **nenhumas**.*

Certo: *Ele não sabe coisa **nenhuma**.*

Um / Uma / Uma / Umas

- A palavra **um(a)** pode ser:

- numeral
- artigo indefinido
-pronome indefinido

- **UM é numeral quando seguido de só, somente, único, apenas ou indicar claramente quantidade:**

a) quando se percebe claramente que seu plural é **dois**;
b) quando se pode pospor a ele **só** ou **único;**
c) quando se pode antepor a ele **somente, só, apenas**;
d) quando a frase apresenta uma construção paralela empregando outro numeral.

*Tenho **um** irmão.* *Tenho **dois** irmãos.*

*Tenho **um** só irmão. = Tenho **um único** irmão.*

*Tenho **somente um** irmão. = Tenho **só um** irmão.*

*Tenho **um** irmão e **duas** irmãs.*

*Encontrei **uma** saída para o impasse.*
*Encontrei **duas** saídas para o impasse.*

*Encontrei **uma só** / **uma única** saída para o impasse.*

*Encontrei **somente** / **apenas** / **só** uma saída para o impasse.*

- **UM é artigo indefinido quando equivaler a qualquer:**

a) quando a ideia for de indeterminação do substantivo;

b) quando expressar a ideia de **qualquer** (pode-se trocá-lo pelo pronome **qualquer** ou pospor ao substantivo o pronome **qualquer).**

*Ganhei **um** livro de histórias. = Ganhei **qualquer** livro de histórias. **ou** Ganhei **um** livro de história **qualquer**. (Entenda-se dessa forma: **Ganhei um livro de histórias que não se quis especificar.**)*

*Fui abordado por **uma** mulher na rua. = Fui abordado por **qualquer** mulher na rua. **ou** Fui abordado por **uma** mulher **qualquer** na rua. (Entenda-se assim: **Fui abordado por uma mulher qualquer na rua que não se quis especificar.**)*

- **UM é pronome indefinido quando equivaler a algum:**

a) quando anteposto ao substantivo expressar ideia vaga, imprecisa;

b) quando for substituível pelo pronome **algum;**

c) quando vem geralmente empregado o pronome indefinido **outro.**

***Um** dia lhe digo o que aconteceu.*

***Algum** dia lhe digo o que aconteceu.*

***Uma** e outra bebida faz bem.*

***Alguma** e outra bebida fazem bem.*

***Um** gosta de futebol, outro de basquete.*

PRONOMES INTERROGATIVOS

Servem para introduzir uma pergunta.

VARIÁVEIS	INVARIÁVEIS
Qual...? Quais...?	Que...?
Quanto...? Quantas...?	Quem...?

Os interrogativos são usados nas interrogações diretas e indiretas.

__Que__ está fazendo?
__Quem__ disse tal coisa?
__Qual__ deles é mais estudioso?
} diretas (?)

*Quero saber **quantos** alunos vieram.*
*Pergunto **quais** os teus desejos.*
*Dize-me **quem** faltou.*
} indiretas (.)

- Os pronomes interrogativos são os mesmos pronomes indefinidos, com outra função na frase.
- Os pronomes interrogativos **que, quem** são pronomes substantivos.

***Que** queres? **Quem** está aí?*

- Os pronomes interrogativos **qual, quanto** podem ser pronomes substantivos ou pronomes adjetivos.

__Qual__ delas você escolheu? (pron. adj. inter.)
__Qual__ você quer? (pron. subst. inter.)

As interrogativas indiretas são introduzidas:

a) por expressões do tipo:

Quero saber / *Desejo saber* } **quem** quebrou a vidraça.

Queremos saber / *Desejamos saber* } **quantas** pessoas virão hoje.

Gostaria de saber / *Desejaria saber* } **que** achas da festa.

b) pelos verbos perguntar, indagar, dizer (verbos dicendi)

*Pergunto **quanto** custa.*
*Indago-te **quem** chegou.*
*Diga-me **que** horas são.*
*Dize **qual** das blusas tu queres.*

- **As perguntas diretas são marcadas pelo ponto de interrogação:**

__Quantos__ caixotes você trouxe?
__Quem__ pediu um sanduíche?

- Os pronomes **que, quem, quanto, qual** não introduzindo perguntas diretas ou indiretas podem ser pronomes indefinidos ou relativos.

*Diga-lhe **quem** faltou.* (= pedido ou ordem)
(pronome substantivo indefinido)

*Não seria ele **quem** gritava?* (= o qual)
(pronome relativo)

*Diga-me **quem** falou.*
(pergunta indireta = Quem falou?)
(pronome substantivo interrogativo)

PRONOMES POSSESSIVOS

São os que se referem às pessoas do discurso, indicando posse.

Singular	1ª. pessoa	meu, minha, meus, minhas
	2ª. pessoa	teu, tua, teus, tuas
	3ª. pessoa	seu, sua, seus, suas
Plural	1ª. pessoa	nosso, nossa, nossos,nossas
	2ª. pessoa	vosso, vossa, vossos, vossas
	3ª. pessoa	seu, sua, seus, suas

• OBSERVAÇÕES

a) *Concordam com o objeto possuído.*

__meu__ livro - __meus__ livros
__sua__ casa - __suas__ casas

b) *As formas __seu, sua__ aplicam-se indiferentemente ao possuidor da 3ª pessoa do singular ou da 3ª pessoa do plural.*

Ele perdeu __seu__ tempo esperando. (o tempo dele)
Eles perderam __seu__ tempo esperando.
(o tempo deles)

c) *Os pronomes possessivos podem ser substituídos pelos pronomes oblíquos __me, te, se, lhe (s), nos, vos.__*

João fitava-__me__ os olhos. (= os meus olhos)
Achei-__lhe__ o relógio. (= o seu relógio)
Tomaram-__nos__ o lugar. (= o nosso lugar)
Quero-__vos__ o carro. (= o vosso carro)

d) *Se se mudar a posição dos pronomes possessivos, muda-se ocasionalmente o sentido da frase.*

__Meu__ filho. (um só do sexo masculino)
Filho __meu__. (todos de ambos os sexos)
__Suas__ fotografias.
(fotografias pertencentes ao proprietário)
Fotografias __suas__.
(fotografias em que a pessoa é retratada)

COLOCAÇÃO PRONOMINAL

Colocação dos pronomes átonos em:

a) **Próclise:** pronomes átonos antes do verbo.

*Depois **te** contarei.*

b) **Mesóclise:** pronomes átonos intercalados ao verbo.

*Contar-**te**-ei.*

c) **Ênclise:** pronomes átonos após o verbo.

*Conto-**te** depois.*

Quando se usam os pronomes átonos perto de verbo, são possíveis três formas de colocação:

Próclise ⇒ verbo ⇐ Ênclise

⇑

Mesóclise

PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS ÁTONOS	
Oblíquos Átonos	me - te - se - nos vos - o(a) - lhe(s) (e variações)

Colocação com um verbo

PRÓCLISE
• Palavra negativa
• advérbio curto (sem vírgula)
• pronomes { indefinidos substantivos / demonstrativos substantivos / relativos }
• conjunções subordinativas
• gerúndio precedido da preposição **em**
• orações { interrogativas / exclamativas / optativas (=desejo) }
• infinitivo pessoal preposicionado

MESÓCLISE
• futuro do { presente / pretérito }
*Se NÃO houver caso de próclise

ÊNCLISE
• início de frase
• imperativo afirmativo
• advérbio virgulado
• gerúndio sem preposição **em**
• optativas com sujeito posposto

Colocação com dois verbos

em LOCUÇÕES VERBAIS	em TEMPOS COMPOSTOS
auxiliar + **principal** no { infintivo / gerúndio }	auxiliar + **part. passado** terminado em **DO, GO, TO, SO**
Sem Casos de Próclise	
ênclise no { auxiliar ou principal }	**ênclise** só no auxiliar
Com Casos de Próclise	
próclise no auxiliar ou **ênclise** no principal	**próclise** no auxiliar ou **próclise** no principal

Casos proibidos

1) Início de frase.
Se deixou levar pelo medo.
*(certo) Deixou-**se** levar pelo medo.*

2) Depois de ponto e vírgula.
*Falou pouco; **se** lembrou de tudo.*
*(certo) Falou pouco; lembrou-**se** de tudo.*

3) Depois de particípio.
*Tinha lembrado-**se** do fato.*
*(certo) Tinha **se** lembrado do fato.*

4) Depois de futuros do indicativo.
*Darei-**te** outra chance.*
*(certo) Dar-**te**-ei outra chance.*

Alguns exemplos de colocação:

__Não__ lhe digo nada.
(advérbio de negação ou palavra negativa)

Ele __nunca__ me contou.
(advérbio de tempo ou palavra negativa)

__Sempre__ me lembro dela.
(advérbio de tempo)

__Devagar__ ela nos respondeu.
(advérbio de modo)

Caramba, __tudo__ vos acontece!
(pronome indefinido)

Comprastes o livro __que__ vos pedi?
(pronome relativo)

__Alguém__ te mostrou o menino __que__ te agredira?
(pron. indefinido e pronome relativo)

Bons ventos o levem! (oração optativa)

Quanto se estuda inutilmente às vezes!
(oração exclamativa)

Quem te mandou aqui? (oração interrogativa)

__Quem__ te mandou aqui não conhece a escala de serviço.(pronome indefinido)

Acredito __que__ nos ligarão hoje.
(conjunção subordinativa integrante)

__Caso__ ele se calasse, tudo estaria bem.
(conjunção subordinativa condicional)

"Nesta terra, __em__ se __plantando__ tudo dá ..."
(gerúndio precedido da prep. em)

__Por__ te __queixares__ à toa, caístes no ridículo.
(infinitivo pessoal com preposição)

As ordens eram __para__ nos __levarem__ até você.
(infinitivo pessoal com preposição)

• OBSERVAÇÕES

a) *Nas frases optativas, se o sujeito vier depois do verbo (posposto), usa-se a ênclise:*

*Proteja-nos, **Deus!***
*Valha-me, **Nossa Senhora!***

b) *Se houver pausa (na escrita, vírgula) entre o advérbio e o verbo, recomenda-se a ênclise:*

Agora, negam-se a depor.
Aqui, consertam-se bicicletas.

Casos de mesóclise

A próclise prevalece sobre a mesóclise.

condição: verbo no futuro { do presente / do pretérito }

Obedecer-lhe-emos. (futuro do presente)
Obedecer-lhe-íamos. (futuro do pretérito)
Falar-te-ei depois. (futuro do presente)
Entregar-vos-ia, se pudesse. (futuro do pretérito)

• OBSERVAÇÕES

Mesmo com verbo no futuro do presente ou no futuro do pretérito, havendo casos que exijam a próclise, esta prevalece:

__Depois__ te falarei.
(o advérbio de tempo atrai o pronome)

__Não__ vos entregaria.
(o advérbio de negação atrai o pronome átono)

__Sempre__ lhe obedeceremos.
(o advérbio de tempo atrai o pronome)

__Talvez__ lhe obedeceríamos.
(o advérbio de dúvida atrai o pronome)

Casos de ênclise

a) No início de orações.
b) Com imperativo afirmativo.
c) Com gerúndio não precedido da preposição ***em.***
d) Com advérbio virgulado.

*Pedro, mexa-**se** rápido.*
(imperativo afirmativo)

*João entrou; sentou-**se**, contou-**me** algo horrível.*
(início de oração)

*Nesta terra, plantando-**se** tudo dá.*
(gerúndio sem preposição **em**)

*Lá adiante, saudava-**nos** o povo.*
(advérbio virgulado)

ATENÇÃO!

Não havendo exigência de próclise nem de ênclise, pode-se colocar o pronome átono antes ou depois do verbo.

*Os meninos **se** sentaram à mesa.*
(ou)
*Os meninos sentaram-**se** à mesa.*

Colocação Pronominal { em locuções verbais / em tempos compostos

Colocação Pronominal em locuções verbais { No infinitivo / No gerúndio

Verbo auxiliar + verbo principal

Com as locuções verbais (formadas de verbo auxiliar + verbo principal no infinitivo e no gerúndio), não havendo casos que exijam a próclise, pode-se colocar o pronome depois do verbo auxiliar ou depois do verbo principal.

Ênclise

a) Sem casos de próclise:

*Quero falar-**lhe** algo.* (ênclise no infinitivo)
*Quero-**lhe** falar agora.* (ênclise no auxiliar)
*Estou dizendo-**lhe** tudo.* (ênclise no gerúndio)
*Estou-**lhe** dizendo pouco.* (ênclise no auxiliar)
*Devemos-**lhe** dizer a verdade.* (ênclise no auxiliar)
*Devemos dizer-**lhe** verdade.*(ênclise no infinitivo)
*Vinham-**me** acompanhando.* (ênclise no auxiliar)
*Vinham acompanhando-**me**.* (ênclise no gerúndio)

b) Com casos de próclise:

*Agora **lhe** devemos dizer a verdade.*
(próclise no auxiliar)
*Agora devemos dizer-**lhe** a verdade.*
(ênclise ao principal)

*Todos **me** vinham acompanhando.*
(próclise no auxiliar)
*Todos vinham acompanhando-**me**.*
(ênclise ao principal)

ATENÇÃO!

Com infinitivos impessoais, a colocação será sempre facultativa.
*Devemos agora **lhe** dizer a verdade.*
*Devemos agora dizer-**lhe** a verdade.*

Colocação pronominal nos tempos compostos

Verbo auxiliar + particípio passado terminando em **DO, GO, TO, SO.**

Com os tempos compostos (formados de auxiliar + principal no particípio passado), coloca-se o pronome átono depois do verbo auxiliar, não havendo casos que exijam próclise.

*Haviam-**me** convidado ontem.*
*Tinham-**te** avisado.*

• OBSERVAÇÕES

Havendo, nos tempos compostos, casos que exijam a próclise, coloca-se o pronome átono antes do verbo auxiliar.

*Não **me** haviam convidado.*
(próclise com o adv. de negação)

*Já **te** tinham avisado.*
(próclise com o adv. de tempo)

*Alguns **se** tinham rebelado.*
(próclise com o pronome indefinido)

*Alguns não **se** tinham rebelado.*
(próclise com o adv. de negação ou palavra negativa)

A próclise em relação ao verbo principal também é possível.

*Não tinham **se** revelado na ocasião.*

VERBOS

Palavra variável em pessoa, número, tempo, modo e voz que exprime uma ação, um estado, um fenômeno, um fato, representados no tempo.

Quando lemos as seguintes frases

*O português **desbravou** os mares.*
*O capitão **estava** aflito.*
*Na Amazônia, **chove** muito.*
***Aconteceram** muitas mortes nesses últimos dias.*

entendemos que

*O português praticou determinada **ação**.*
*O capitão se encontrava em certo **estado**.*
*Na Amazônia, ocorre com frequência dado **fenômeno**.*
*O número de mortes é um **fato** concreto.*

Portanto, as palavras *desbravou, estava, chove* e *aconteceram* são verbos.

FLEXÕES DO VERBO

Número - singular (flexão de número)
Pessoa - 1ª pessoa (flexão de pessoa)
Modo - modo indicativo (flexão de modo)
Tempo - pretérito perfeito (flexão do tempo)

Ao conjunto de flexões verbais, dá-se o nome de **conjugação**.

Número

- **Singular** - quando o verbo se refere a uma pessoa ou coisa: estudo, estudas, estuda...
- **Plural** - quando o verbo tem por sujeito mais de uma pessoa ou coisa: estudamos, estudais, estudam...

Pessoa

O verbo flexiona-se para indicar as três pessoas do discurso no singular e no plural.

Singular	Plural
eu	1ª nós
tu	2ª vós
ele, ela	3ª eles, elas

Desinências

As flexões de pessoa e de número são indicadas por terminações, as desinências pessoais, também chamadas desinências número-pessoais ou, simplesmente, desinências verbais.

Presente do Indicativo		Pretérito Perfeito do Indicativo	
singular	plural	singular	plural
o	mos	i	mos
s	is / des	ste	stes
	m	u	ram

Modo

Chamam-se modos as diferentes formas que toma o verbo para indicar a atitude da pessoa que fala em relação ao fato que enuncia.

Há três modos em português:

- **Indicativo** - exprime atitude de certeza.

  Estudei muito para ser o que sou.

- **Subjuntivo** - exprime atitude de dúvida, desejo ou possibilidade.

  Se vieres a Belo Horizonte, vem visitar-me.

- **Imperativo** - exprime atitude de vontade (ordem, convite, conselho, súplica, pedido).

  *"Senhor, **tende** piedade de nós".*

FORMAS NOMINAIS DO VERBO

São formas nominais do verbo o infinitivo, o gerúndio e o particípio.

Recebem esse nome porque, além do valor verbal, podem ter a função de nomes (substantivo, adjetivo, advérbio).

- **Infinitivo** - é uma forma verbal que enuncia a ação, o estado, o fato ou o fenômeno de modo vago ou indefinido.

  a) Pessoal: ligado às pessoas do discurso. É conjugável.

andar eu	*andar**mos** nós*
*andar**es** tu*	*andar**des** vós*
andar ele	*andar**em** eles*
partir eu	*part**imos** nós*
*partir**es** tu*	*part**ides** vós*
partir ele	*part**irem** eles*

  b) Impessoal: não é flexionável. É o nome do verbo, servindo para indicar apenas a conjunção.

amar:	*1ª conjugação*
pôr / vender:	*2ª conjugação*
partir:	*3ª conjugação*

- **Infinitivo impessoal** - forma locuções verbais ou certas orações reduzidas.

- **Infinitivo pessoal** - só forma orações reduzidas.

• OBSERVAÇÃO

O infinitivo pode apresentar-se:

***a)** substantivado:*

*O **amar** é lutar. (impessoal)*

***b)** não-flexionado:*

*Os senhores podiam **empregar** meios menos cruéis. (impessoal)*

***c)** flexionado:*

*É para **aprenderem** que eu ensino. (pessoal)*

- **Gerúndio -NDO** - é uma forma verbal que apresenta o fato com valor durativo e equivale a um advérbio ou a um adjetivo.

  *" Saudade! Olhar de minha mãe **rezando***
  *E o pranto lento **deslizando** em fio ...*
  Saudade! Amor da minha terra ... o rio
  *Cantiga de águas claras **soluçando**".*

- **Particípio -ADO - IDO -DO -TO -GO -SO** é uma forma verbal que corresponde a um adjetivo e, como tal, pode flexionar-se, em certos casos, em número e gênero.

  *O Brasil foi **colonizado** pelos portugueses.*

  *Voltou da guerra com um dos braços **amputados**.*

  *Merecem ser **lidas** as obras de Machado de Assis.*

EMPREGO DOS TEMPOS VERBAIS

Tempo é a variação que indica o momento em que se dá o fato expresso pelo verbo.

Três são os tempos naturais:

presente - pretérito - futuro

Tempos do Indicativo

O **presente** enuncia o fato como atual.

***Sou** estudioso; os colegas de classe me **admiram**.*

***Leio** uma revista instrutiva.*

***Falamos** corretamente o vernáculo.*

• OBSERVAÇÃO

*O **Presente do Indicativo** pode expressar não só um fato atual, mas também*

*a) uma **ação habitual** ou uma faculdade do sujeito, dissociadas da ideia de tempo.*

*A terra **gira** em torno do Sol.*
(Está sempre girando.)

*b) uma **ação passada**, principalmente para dar maior vivacidade a certas narrações.*

*Caxias **assume** o comando e **derrota** o inimigo.*
(assumiu) (derrotou)

*c) uma **ação futura**.*

*Amanhã eu **falo** com você. (= falarei)*

- **Pretérito** se refere a fatos passados em relação ao momento em que falamos.
  perfeito - ação totalmente concluída.
  imperfeito - ação inacabada.
  mais-que-perfeito - ação anterior à outra ação passada.

- **Pretérito imperfeito:** indica, normalmente, uma ação anterior à atualidade, que não estava concluída quando se verificou outro fato passado.

***Cantava**, quando ela entrou na sala.*
***Lia** coisas boas.*
***Falávamos** corretamente nossa língua.*

• OBSERVAÇÃO

*O **Imperfeito do Indicativo**, a mais complexa em expressividade das formas do pretérito, denota, por vezes, apenas:*

a) uma ação durativa no passado.

***Ia** sozinha a moça.*

b) uma ação vaga.

Era uma vez, um lindo rapaz...

c) uma ação frequentativa, isto é, que se repetia no passado.

*Ana **acordava** cedo.*

- **Pretérito perfeito:** diz respeito a um fato já concluído em época passada.

***Fui** estudioso, os colegas da classe me aplaudiram.*

***Li** uma revista feminina.*

• OBSERVAÇÕES

*• O **Pretérito Perfeito do indicativo**, na forma simples, indica uma ação completamente acabada:*

***Estudei** a matéria e **fui** aprovado no concurso.*

• Quando composto, exprime geralmente a repetição de um fato ou a sua continuidade.

***Tenho lido** coisas úteis.*

***Tenho viajado** ultimamente.*

- **Pretérito mais-que-perfeito:** expressa um fato anterior a outro fato que também é passado.

*Cheguei à casa do rapaz, mas ele **já partira**.*
(fato passado) (fato passado, anterior ao primeiro fato)

(pretérito perfeito)

*Não **salvei** nada em casa,*
*porque a enchente **arrastara** tudo.*
(pretérito mais-que-perfeito)

• OBSERVAÇÃO

*O **Pretérito-mais-que-perfeito** do indicativo na forma simples, hoje pouco usada, pode equivaler também ao pretérito imperfeito do subjuntivo ou ao futuro do pretérito.*

*Se mais mundo **houvera** (houvesse),*
*lá **chegara** (chegaria).*

- **Futuro do presente:** enuncia um fato que deve realizar-se num tempo vindouro com relação ao momento presente.

*Serei feliz e **viverei** harmoniosamente.*

Viajaremos pelo Brasil em breve.

Conquistarei o mundo.

• OBSERVAÇÃO

*O **Futuro do Presente** pode ser usado com valor de imperativo.*

*Honrarás teu pai e tua mãe. Não **matarás**.*
(= Honre) (= mates)

- **Futuro do pretérito:** expressa um fato posterior com relação a outro fato já passado; frequentemente, o outro fato já passado é dependente do primeiro e inclui uma condição.

*Chegaríamos primeiro, **tivéssemos** condição.*
"chegaríamos" = fato posterior. "tivéssemos" = fato passado, dependente do primeiro e inclui condição.

• OBSERVAÇÃO

*O **Futuro do Presente** e o **Futuro do Pretérito** podem indicar incerteza sobre fatos presentes e passados, como se verifica em:*

*Naquela cidade, **haverá** umas cinquenta casinhas.*
(=haveria)

*No edifício, arruinado **haveria** uns doze apartamentos.*
(=haverá).

Tempos do Subjuntivo

- O **presente** traduz uma ação subordinada à outra, e que se desenvolve no momento atual; expressa dúvida, possibilidade, suposição; pode ainda formar frases isoladas, manifestando desejo (frases optativas).

*Espero que **passem** no vestibular.*

*Pode bem ser que o colega te **passe** a perna.*

Deixe o cansaço e você verá.

Seja feliz.

*Deus te **guie**.*

Passe bem.

- O **Pretérito imperfeito** diz uma ação passada, mas posterior e dependente de outra ação passada.

*O professor **receou** que eu **desistisse** do curso.*
(= ação passada) (= ação passada, mas posterior e dependente da primeira)

*Eu **duvidava** que ele **fizesse** a viagem.*
(ação passada) (ação passada, mas posterior e dependente da primeira)

• OBSERVAÇÃO

*O **Pretérito Imperfeito** expressa, frequentemente, condição (oração adverbial); forma, também, frases optativas.*

*Se **pudéssemos**, participaríamos do torneio. (condição)*
*Oxalá Deus me **ouvisse**. (optativa = desejo)*

- O **Futuro** expressa ação vindoura condicional, temporal ou conformativa dependente de outra ação também futura.

*Quando se **esgotarem** todos os recursos, apelaremos.*

*Se **for** preciso, nós te ajudaremos.*

*Faremos como **julgarmos** melhor.*

• OBSERVAÇÃO

*O **Futuro do Subjuntivo** pode ocorrer também em orações adjetivas.*

*Os alunos que **chegarem** atrasados serão punidos.*

*As pessoas a quem **ajudardes** vos ajudarão também.*

RESUMO: EMPREGO DE UM TEMPO PELO OUTRO

Presente pelo { *passado* / *futuro* / *imperativo*

Imperfeito pelo { *presente* / *futuro do pretérito*

Mais-que-perfeito pelo imperfeito subjuntivo.

Futuro pelo { *presente (dúvida)* / *imperativo*

Infinitivo { *impessoal (sem referente com suj. indeterminado ou em locução verbal)* / *pessoal (com sujeito próprio)* / *valor de imperativo*

Particípio { *regular: voz ativa (ter / haver)* / *irregular: voz passiva (ser /estar)*

TEMPOS PRIMITIVOS E TEMPOS DERIVADOS

Tempos Primitivos

São os que dão origem a outros tempos chamados derivados. Há dois tempos primitivos e uma forma nominal que dão origem aos outros tempos e outras formas nominais.

Presente do Indicativo

- 1ª pessoa do singular forma { *presente do subjuntivo* { imperativo negativo (completo) / imperativo afirmativo (**você, nós, vocês**)
- 2ª pessoa do singular forma imperativo afirmativo (**tu** sem a letra **s**)
- 2ª pessoa do plural forma imperativo afirmativo (**vós** sem a letra **s**)

Pretérito Perfeito do Indicativo

3ª pessoa do plural forma { Pretérito mais-que-perfeito do indicativo / Pretérito imperfeito do subjuntivo / Futuro do subjuntivo

Infinitivo Impessoal forma { Futuro do presente do indicativo / Futuro do pretérito do indicativo / Pretérito imperfeito do indicativo / Infinitivo pessoal / Gerúndio, Particípio } formas nominais

Para exemplificar, tomemos como modelo o verbo ***cantar***.

a) A primeira pessoa do singular do presente do indicativo forma todo o presente do subjuntivo.

Presente do Indicativo *(1ª pessoa singular)*	**Presente do Subjuntivo**
Canto- **o** + **e** (1ª conj.) / **a** (2ª, 3ª conj.)	Cante
Cantas	Cantes
Canta	Cante
Cantamos	Cantemos
Cantais	Canteis
Cantam	Cantem

b) A terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo forma o pretérito-mais-que-perfeito do indicativo, o pretérito imperfeito do subjuntivo e o futuro do subjuntivo.

Perfeito do Indicativo	**Mais-que-perfeito do Indicativo**	**Imperfeito do Subjuntivo**	**Futuro do Subjuntivo**
(3ª pes. pl.)	(desin.: **ra**)	(desin.: **sse**)	(desin.: **r**)
	cantara	cantasse	cantar
	cantaras	cantasses	cantares
	cantara	cantasse	cantar
	cantáramos	cantássemos	cantarmos
	cantáreis	cantásseis	cantardes
	cantaram	cantassem	cantarem
cantaram ➔	(- **m final**)	(- **ram** + **sse**)	(- **am**)

c) O infinitivo impessoal forma os tempos do pretérito imperfeito do indicativo, o futuro do presente do indicativo, o futuro do pretérito do indicativo e as formas nominais (infinitivo pessoal, gerúndio e particípio).

Infinitivo	Pretérito Imperfeito do Indicativo	Futuro do Presente do Indicativo	Futuro do Pretérito do Indicativo
	cantava	cantarei	cantaria
	cantavas	cantarás	cantarias
	cantava	cantará	cantaria
	cantávamos	cantaremos	cantaríamos
	cantáveis	cantareis	cantaríeis
	cantavam	cantarão	cantariam
cantar ➔	**(- R + VA)**	**(+ EI + ÁS)**	**(+ IA)**

Formação do Imperativo

1 - **Afirmativo**: as pessoas **TU** e **VÓS** vêm do presente do indicativo sem o **"s"** final.
O restante é formado a partir do presente do subjuntivo.

2 - **Negativo**: é o próprio presente do subjuntivo acompanhado da palavra **"não"**.

Passear

PRESENTE DO INDICATIVO	IMPERATIVO AFIRMATIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
passeio	---	passeie	---
passeias ⇒	passeia	passeies	não passeies
passeia	passeie	⇐ **passeie**	não passeie
passeamos	passeemos	⇐ **passeemos**	não passeemos
passeais ⇒	passeai	passeeis	não passeeis
passeiam	passeiem	⇐ **passeiem**	não passeiem

Fazer

PRESENTE DO INDICATIVO	IMPERATIVO AFIRMATIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO	Imperativo Negativo
faço	---	faça	---
fazes ⇒	faze tu	faças	não faças tu
faz	faça você	⇐ **faça**	não faça você
fazemos	façamos nós	⇐ **façamos**	não façamos nós
fazeis ⇒	fazei vós	façais	não façais vós
fazem	façam vocês	⇐ **façam**	não façam vocês

Ir

PRESENTE DO INDICATIVO	IMPERATIVO AFIRMATIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
vou	---	vá	---
vais ⇒	vai	vás	não vás
vai	vá	⇐ **vá**	não vá
vamos	vamos	⇐ **vamos**	não vamos
ides ⇒	ide	vades	não vades
vão	vão	⇐ **vão**	não vão

CLASSIFICAÇÃO DOS VERBOS

Verbos Abundantes

Em geral, possuem duas formas de particípio passado.

VERBOS NOTÁVEIS NO PARTICÍPIO PASSADO

Infinitivo	Particípio regular	Particípio irregular
absorver	absolvido	absolto
aceitar	aceitado	aceito
acender	acendido	aceso
assentar	assentado	assento
benzer	benzido	bento
corrigir	corrigido	correto
desenvolver	desenvolvido	desenvolto
dispersar	dispersado	disperso
distinguir	distinguido	distinto
eleger	elegido	eleito
emergir	emergido	emerso
encher	enchido	cheio
entregar	entregado	entregue
envolver	envolvido	envolto
enxugar	enxugado	enxuto
erigir	erigido	ereto
expelir	expelido	expulso
expressar	expressado	expresso
exprimir	exprimido	expresso
expulsar	expulsado	expulso
extinguir	extinguido	extinto
findar	findado	findo
fixar	fixado	fixo
frigir	frigido	frito

Infinitivo	Particípio regular	Particípio irregular
fritar	fritado	frito
tingir	tingido	tinto
ganhar	ganhado	ganho
vagar	vagado	vago
imergir	imergido	imerso
imprimir	imprimido	impresso
incorrer	incorrido	incurso
inserir	inserido	inserto
isentar	isentado	isento
juntar	juntado	junto
desenvolver	desenvolvido	desenvolto
limpar	limpado	limpo
malquerer	malquerido	malquisto
matar	matado	morto
misturar	misturado	misto
morrer	morrido	morto
murchar	murchado	murcho
ocultar	ocultado	oculto
omitir	omitido	omisso
prender	prendido	preso
romper	rompido	roto
salvar	salvado	salvo
secar	secado	seco
segurar	segurado	seguro
soltar	soltado	solto
submergir	submergido	submerso
sujeitar	sujeitado	sujeito
suprimir	suprimido	supresso
suspender	suspendido	suspenso

• OBSERVAÇÕES

a) Os particípios dos verbos abundantes recebem a seguinte classificação:
*• **regulares**: terminados em **ado** ou **ido**.*
*• **irregulares**: terminados em **go, to, so, do**.*

*b) Os particípios regulares são, geralmente, empregados na voz ativa com os auxiliares **ter** e **haver**.*

*O caçador **havia matado** o leão.*

*Todos **tinham acendido** suas tochas.*

*c) Os particípios irregulares são em geral empregados na voz passiva com os auxiliares **ser** e **estar**.*

*O leão havia **sido morto** pelo caçador.*
*Todas as tochas **foram acesas** imediatamente.*

d) Muitas vezes, as formas irregulares não passam de meros adjetivos.

*Vinho **tinto**.*
*Redação **correta**.*

*e) O verbo **trazer**, como a maioria dos verbos, só apresenta um particípio: **trazido**.*

f) Há verbos abundantes (termiandos em -zer) que apresentam duas formas de imperativo para a 2ª pessoa do singular.

Traz tu
Traze tu
Faz tu
Faze tu

Verbos Defectivos

São aqueles aos quais faltam certas formas.

Distribuem-se em:

1 - **Defectivos quanto à eufonia (1º grupo):** sem a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, sem todo o presente do subjuntivo e sem as formas do imperativo tomadas do presente do subjuntivo: *abolir, colorir, soer, banir, retorquir, exaurir, delinquir, puir etc.*

2 - **Defectivos quanto à eufonia (2º grupo):** sem as formas rizotônicas do presente do indicativo, sem todo o presente do subjuntivo e sem as formas do imperativo (com exceção da 2ª pessoas do plural): *reaver, explodir, precaver-se, falir, remir, adequar-se etc.*

3 - **Defectivos quanto à significação (1º grupo):** verbos sem sujeito ou verbos cujo sujeito normalmente só aparece na 3ª pessoa: *grassar, gear, ventar, trovejar etc.*

• OBSERVAÇÃO

*Há alguns verbos como caber, poder e querer que são defectivos do ponto de vista **semântico**, no que diz respeito às formas imperativas. Do ponto de vista gramatical, apresentam conjugação completa.*

Pode-se verificar a defectividade de um verbo conjugando-o na primeira pessoa do presente do indicativo. Se a pronúncia se confundir com a de outro verbo ou se não houver eufonia, trata-se de um verbo defectivo.

falir: eu falo (confunde-se com o verbo falar).

soer: eu soo (confunde-se com o verbo soar).

remir: eu remo (confunde-se com o verbo remar) ou eu rimo (confunde-se com o verbo rimar).

abolir: eu abulo (confunde-se com eu a bulo) (verbo bulir + o pronome átono a = eu mexo com ela).

CONJUGAÇÃO

Conjugar um verbo é fazê-lo passar por todas as modificações que denotam o modo, o tempo, a pessoa, o número e a voz.

A conjugação é constituída de radical (ou radicais) acrescido de características modais e temporais e de desinências pessoais e numéricas (flexões).

CONJUGAÇÃO DE VERBOS REGULARES

- Tempos Simples

Terminações dos tempos simples e formas nominais:

*1ª conjugação - tema em **a** - andar*

*2ª conjugação - tema em **e** - mover*

*3ª conjugação - tema em **i** - partir*

• OBSERVAÇÃO

Para conjugar qualquer verbo regular, você terá, apenas, que ajustar o seu radical às terminações da respectiva conjugação (1ª, 2ª, ou 3ª).

Para exemplificar, serão conjugados os verbos ***andar (1ª conjugação), mover (2ª conjugação)*** e ***partir (3ª conjugação).***

MODO INDICATIVO

	Presente	Pretérito imperfeito	Pretérito perfeito
1ª. and	o as a amos ais am	ava avas ava ávamos áveis avam	ei aste ou amos astes aram
2ª. mov	o es e emos eis em	ia ias ia íamos íeis iam	i este eu emos estes eram
3ª. part	o es e imos is em	ia ias ia íamos íeis iam	i este iu imos istes iram

	Pretérito mais-que-perfeito	Futuro do presente	Futuro do pretérito
1ª. and	ara aras ara áramos áreis aram	arei arás ará aremos areis arão	aria arias aria aríamos aríeis ariam
2ª. mov	era eras era êramos êreis eram	erei erás erá eremos ereis erão	eria erias eria eríamos eríeis eriam
3ª. part	ira iras ira íramos ireis iram	irei irás irá iremos ireis irão	iria irias iria iríamos iríeis iriam

MODO SUBJUNTIVO

	Presente	Pretérito imperfeito
1ª. and	e es e emos eis em	asse asses asse ássemos ásseis assem
2ª. mov	a as a amos ais am	esse esses esse êssemos êsseis essem
3ª. part	a as a amos ais am	isse isses isse íssemos ísseis issem

MODO IMPERATIVO

	Futuro	Afirmativo	Negativo
1ª. and	ar ares ar armos ardes arem	– a e emos ai em	– es e emos eis em
2ª. mov	er eres er ermos erdes erem	– e a amos ei am	– as a amos ais am
3ª. part	ir ires ir irmos irdes irem	– e a amos i am	– as a amos ais am

Conjugação	Infinitivo: Não flexionado	Infinitivo: Flexionado	Gerúndio	Particípio
1ª. and	ar	ar, ares, ar, armos, ardes arem	ando	ado
2ª. mov	er	er, eres, er, ermos, erdes, erem	endo	ido
3ª. part	ir	ir, ires, ir, irmos, irdes, irem	indo	ido

SUBSÍDIOS PARA CONJUGAÇÃO DE VERBOS REGULARES

cantar	bater	partir
Modo indicativo		
Presente		
canto	bato	parto
cantas	bates	partes
canta	bate	parte
cantamos	batemos	partimos
cantais	bateis	partis
cantam	batem	partem
Pretérito Imperfeito		
cantava	batia	partia
cantavas	batias	partias
cantava	batia	partia
cantávamos	batíamos	partíamos
cantáveis	batíeis	partíeis
cantavam	batiam	partiam
Pretérito Perfeito		
cantei	bati	parti
cantaste	bateste	partiste
cantou	bateu	partiu
cantamos	batemos	partimos
cantastes	batestes	partistes
cantaram	bateram	partiram

Pretérito mais-que-perfeito		
cantara	batera	partira
cantaras	bateras	partiras
cantara	batera	partira
cantáramos	batêramos	partíramos
cantáreis	batêreis	partíreis
cantaram	bateram	partiram
Futuro do Presente		
cantarei	baterei	partirei
cantarás	baterás	partirás
cantará	baterá	partirá
cantaremos	bateremos	partiremos
cantareis	batereis	partireis
cantarão	baterão	partirão
Futuro do Pretérito		
cantaria	bateria	partiria
cantarias	baterias	partirias
cantaria	bateria	partiria
cantaríamos	bateríamos	partiríamos
cantaríeis	bateríeis	partiríeis
cantariam	bateriam	partiriam
Modo subjuntivo		
Presente		
cante	bata	parta
cantes	batas	partas
cante	bata	parta
cantemos	batamos	partamos
canteis	batais	partais
cantem	batam	partam
Pretérito Imperfeito		
cantasse	batesse	partisse
cantasses	batesses	partisses
cantasse	batesse	partisse
cantássemos	batêssemos	partíssemos
cantásseis	batêsseis	partísseis
cantassem	batessem	partissem
Futuro		
cantar	bater	partir
cantares	bateres	partires
cantar	bater	partir
cantarmos	batermos	partirmos
cantardes	baterdes	partirdes
cantarem	baterem	partirem

Formas Nominais		
Gerúndio	Infinitivo	Particípio
cantando	cantar	cantado
batendo	bater	batido
partindo	partir	partido

Imperativo		
Afirmativo		
canta tu	bate tu	parte tu
cante você	bata você	parta você
cantemos nós	batamos nós	partamos nós
cantai vós	batei vós	parti vós
cantem vocês	batam vocês	partam vocês

Negativo			
Não	cantes tu	batas tu	partas tu
	cante você	bata você	parta você
	cantemos nós	batamos nós	partamos nós
	canteis vós	batais vós	partais vós
	cantem vocês	batam vocês	partam vocês

TEMPOS COMPOSTOS (ter/haver + particípio)

Modo indicativo			
Pretérito Perfeito Composto		Pretérito mais-que-perfeito Composto	
tenho		tinha	
tens	cantado	tinhas	cantado
tem	batido	tinha	batido
temos	partido	tínhamos	partido
tendes		tínheis	
têm		tinham	
Futuro do Presente Composto		Futuro do Pretérito Composto	
terei		teria	
terás	cantado	terias	cantado
terá	batido	teria	batido
teremos	partido	teríamos	partido
tereis		teríeis	
terão		teriam	

Modo Subjuntivo		
Pretérito Perfeito Composto		
que	tenha tenhas tenha tenhamos tendes têm	cantado batido partido
Pretérito mais-que-perfeito Composto		
se	tivesse tivesses tivesse tivéssemos tivésseis tivessem	cantado batido partido
Futuro Composto		
quando	tiver tiveres tiver tivermos tiverdes tiverem	cantado batido partido

Formas Nominais Compostas	
Infinitivo Composto	Gerúndio Composto
ter cantado ter batido ter partido	tendo cantado tendo batido tendo partido

TEMPOS COMPOSTOS

Quanto à formação, os tempos compostos da voz ativa constituem-se dos verbos auxiliares TER ou HAVER + particípio do verbo que se quer conjugar, dito principal.

No modo Indicativo, os tempos compostos são formados da seguinte maneira:

- **pretérito perfeito:** presente do indicativo do auxiliar + particípio do verbo principal.
- **pretérito mais-que-perfeito:** pretérito imperfeito do indicativo do auxiliar + particípio do verbo principal.
- **futuro do presente:** futuro do presente do indicativo do auxiliar + particípio do verbo principal.
- **futuro do pretérito:** futuro do pretérito indicativo do auxiliar + particípio do verbo principal.

No modo Subjuntivo, a formação se dá da seguinte maneira:

- **pretérito perfeito:** presente do subjuntivo do auxiliar + particípio do verbo principal.
- **pretérito mais-que-perfeito:** imperfeito do subjuntivo do auxiliar + particípio do verbo principal.
- **futuro composto:** futuro do subjuntivo do auxiliar + particípio do verbo principal.

Quanto às formas nominais, elas são formadas da seguinte maneira:

- **infinitivo composto:** infinitivo pessoal ou impessoal do auxiliar + particípio do verbo principal.
- **gerúndio composto:** gerúndio do auxiliar + particípio do verbo principal.

O modo subjuntivo apresenta três pretéritos, sendo o imperfeito na forma simples e o perfeito e o mais-que-perfeito nas formas compostas.

CLASSIFICAÇÃO DOS VERBOS

QUANTO À FUNÇÃO

- **AUXILIARES**

São aqueles que, na frase, não possuem sentido próprio, pois estão ajudando a compor uma **locução verbal** (verbo auxiliar + infinitivo ou gerúndio) ou um **tempo composto** (TER ou HAVER + particípio) ou **voz passiva** (ser / estar + particípio).

• OBSERVAÇÕES

Os verbos auxiliares podem indicar aspecto semântico.

*Ele **pode** viver. (possibilidade)*

***Continua** andando. (continuidade)*

- **PRINCIPAIS**

São aqueles que têm significado pleno na frase.

***Vendemos** a casa.*

*O trem **partiu** cedo.*

*Ela **ama** os filhos.*

QUANTO AO ASPECTO

- **AUMENTATIVO**

Transmite ideia de exagero, COM PREFIXO:

Esbravejar *Retorcer* *Alevantar*

- **DIMINUTIVO**

Ideia de ação menor em relação à normal, COM SUFIXO:

*Adoc**icar*** *Escrev**inhar***
*Beber**icar*** *Namor**icar***

- **INCOATIVO**

Ideia de início de ação ou fenômeno, COM SUFIXO:

*Amanhe**cer*** *Alvore**cer***
*Flore**scer*** *Amadure**cer***

- **FREQUENTATIVO**

Ideia de repetição da ação ou processo, COM SUFIXO:

*Chora**mingar*** *Pestane**jar***
*Esbrave**jar*** *Cabece**ar***

- **ONOMATOPAICO**

Pavonear (do pavão)	Engatinhar (de gato)	Patinhar (de pato)
Cavalgar (de cavalo)	Cricrilar (de grilo)	Serpentear (de serpente)

VERBOS REFLEXIVOS

São os que se conjugam com pronomes átonos do caso oblíquo (com função de objeto OD / OI), na pessoa idêntica à do sujeito:

*Eu **me** cortei.*
Eu (sujeito) - 1ª pessoa.
me (objeto) - 1ª pessoa.

*Ela **se dá** ares de importante.*
Ela (sujeito) - 3ª pessoa.
se (objeto) - 3ª pessoa.

No primeiro exemplo, o pronome exerce a função de objeto direto e, no segundo, de objeto indireto. Outros verbos reflexivos: *coçar-se, despedir-se, embonecar-se, enfeitar-se, enforcar-se, ferir-se, lavar-se, machucar-se, maquiar-se, pentear-se, pintar-se, trancar-se, vestir-se...*

VERBOS PRONOMINAIS

São os que se conjugam com pronomes átonos integrantes, ou seja, com pronomes que não exercem função sintática e fazem parte intrínseca do verbo.

esquecer-se, lembrar-se, tornar-se, avir-se, compadecer-se, condoer-se, dignar-se, esforçar-se, regozijar-se, suicidar-se, ufanar-se, zangar-se...

*Ela **se tornou** freira.*
*Ela **se lembrava** de tudo.*
*Eu **me arrependi** do que fiz.*
*Ela **se queixa** do frio.*

Nas frases acima os pronomes são integrantes, ou seja, não exercem fução sintática, por isso os verbos são pronominais.

A seguir, exemplos de **conjugação de um verbo reflexivo *(vestir-se)*** e **de um verbo pronominal *(zangar-se).***

VESTIR-SE

INDICATIVO

Presente: visto-me, vestes-te, veste-se, vestimo-nos, vestis-vos, vestem-se.
Pretérito Perfeito: vesti-me, vestiste-te, vestiu-se, vestimo-nos, vestistes-vos, vestiram-se.
Pretérito Imperfeito: vestia-me, vestias-te, vestia-se, vestíamo-nos, vestíeis-vos, vestiam-se.
Pretérito mais-que-perfeito: vestira-me, vestiras-te, vestira-se, vestíramos-nos, vestíreis-vos, vestiram-se.
Futuro do Presente: vestir-me-ei, vestir-te-ás, vestir-se-á, vestir-nos-emos, vestir-vos-eis, vestir-se-ão.
Futuro do Pretérito: vestir-me-ia, vestir-te-ias, vestir-se-ia, vestir-nos-íamos, vestir-vos-íeis, vestir-se-iam.

SUBJUNTIVO *(Nos tempos deste modo, o pronome aparece proclítico por causa das atrativas **que, se, quando.**)*

Presente: que me vista, que te vistas, que se vista, que nos vistamos, que vos vistais, que se vistam.
Pretérito Imperfeito: se me vestisse, se te vestisses, se se vestisse, se nos vestíssemos, se vos vestísseis, se se vestissem.
Futuro: quando me vestir, quando te vestires, quando se vestir, quando nos vestirmos, quando vos vestirdes, quando se vestirem.

IMPERATIVO

Imperativo Afirmativo: veste-te, vista-se, vistamo-nos, vesti-vos, vistam-se.
Imperativo Negativo: não te vista, não se vista, não nos vistamos, não vos vistais, não se vistam.
Infinitivo Impessoal: vestir-se.
Infinitivo Pessoal: vestir-se, vestires-te, vestir-se, vestirmo-nos, vestirdes-vos, vestirem-se.
Gerúndio: vestindo-se.
Particípio: (não se usa com pronome enclítico).

ZANGAR-SE

INDICATIVO

Presente: zango-me, zangas-te, zanga-se, zangamo-nos, zangais-vos, zangam-se.
Pretérito Perfeito: zanguei-me, zangaste-te, zangou-se, zangamo-nos, zangastes-vos, zangaram-se.
Pretérito Imperfeito: zangava-me, zangavas-te, zangava-se, zangávamo-nos, zangáveis-vos, zangavam-se.
Pretérito-mais-que-perfeito: zangara-me, zangaras-te, zangara-se, zangáramo-nos, zangáreis-vos, zangaram-se.
Futuro do Presente: zangar-me-ei, zangar-te-ás, zangar-se-á, zangar-nos-emos, zangar-vos-eis, zangar-se-ão.
Futuro do Pretérito: zangar-me-ia, zangar-te-ias, zangar-se-ia, zangar-nos-íamos, zangar-vos-íeis, zangar-se-iam.

SUBJUNTIVO *(Nos tempos deste modo, o pronome aparece proclítico por causa das atrativas **que, se, quando.**)*

Presente: que me zangue, que te zangues, que se zangue, que nos zanguemos, que vos zangueis, que se zanguem.
Pretérito Imperfeito: se me zangasse, se te zangasses, se se zangasse, se nos zangássemos, se vos zangásseis, se se zangassem.
Futuro: quando me zangar, quando te zangares, quando se zangar, quando nos zangarmos, quando vos zangardes, quando se zangarem.

IMPERATIVO

Imperativo Afirmativo: zanga-te, zangue-se, zanguemo-nos, zangai-vos, zanguem-se.
Imperativo Negativo: não te zangues, não se zangue, não nos zanguemos, não vos zangueis, não se zanguem.
Infinitivo Impessoal: zangar-se.
Infinitivo Pessoal: zangar-me, zangares-te, zangar-se, zangarmo-nos, zangardes-vos, zangarem-se.
Gerúndio: zangando-se.
Particípio: (não se usa com pronome enclítico).

O PROBLEMA DOS VERBOS DERIVADOS

entre	VER	ob	TER	ad	VIR
ante		entre		desa	
pre		man		inter	
re		re		pro	
		de		sobre	
		con		con	

PÔR e seus derivados:			
antepor	expor	dispor	apor
impor	propor	compor	indecompor
pressupor	contrapor	indispor	recompor
decompor	interpor	repor	depor
justapor	sotopor	descompor	opor
superpor	dispor	pospor	supor
entrepor	prepor	transpor	sobrepor

ALGUNS PADRÕES DE CONJUGAÇÃO

PRESENTE DO INDICATIVO			
Vir	Ver	Ter	Pôr
eu venho	eu vejo	eu tenho	eu ponho
tu vens	tu vês	tu tens	tu pões
ele **vem**	ele **vê**	ele **tem**	ele põe
nós **vimos**	nós vemos	nós temos	nós pomos
vós vindes	vós vedes	vós tendes	vós pondes
eles **vêm**	eles **veem**	eles **têm**	eles põem

PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO			
Vir	Ver	Ter	Pôr
eu vim	eu vi	eu tive	eu pus
tu vieste	tu viste	tu tiveste	tu puseste
ele **veio**	ele viu	ele teve	ele pôs
nós **viemos**	nós **vimos**	nós tivemos	nós pusemos
vós viestes	vós vistes	vós tivestes	vós pusestes
eles vieram	eles viram	eles tiveram	eles puseram

PRESENTE DO SUBJUNTIVO			
Vir	Ver	Ter	Pôr
que	*que*	*que*	*que*
eu venha	eu veja	eu tenha	eu ponha
tu venhas	tu vejas	tu tenhas	tu ponhas
ele venha	ele veja	ele tenha	ele ponha
nós venhamos	nós vejamos	nós tenhamos	nós ponhamos
vós venhais	vós vejais	vós tenhais	vós ponhais
eles venham	eles vejam	eles tenham	eles ponham

FUTURO DO SUBJUNTIVO			
Vir	Ver	Ter	Pôr
quando	*quando*	*quando*	*quando*
eu vier	eu vir	eu tiver	eu puser
tu vieres	tu vires	tu tiveres	tu puseres
ele vier	ele vir	ele tiver	ele puser
nós viermos	nós virmos	nós tivermos	nós pusermos
vós vierdes	vós virdes	vós tiverdes	vós puserdes
eles vierem	eles virem	eles tiverem	eles puserem

INFINITIVO			
vir	ver	ter	pôr

GERÚNDIO			
vindo	vendo	tendo	pondo

PARTICÍPIO			
vindo	visto	tido	posto

Tempos Compostos: formados a partir de um verbo auxiliar **(ter e haver)** mais um particípio do verbo principal.

MODO INDICATIVO			
1 - Pretérito Perfeito (auxiliar no presente)			
hei		tenho	
hás		tens	amado
há	ou	tem	vendido
havemos		temos	partido
haveis		tendes	
hão		têm	
2 - Pretérito mais-que-perfeito (auxiliar no pretérito imperfeito)			
havia		tinha	
havias		tinhas	
havia		tinha	amado
havíamos		tínhamos	vendido
havíeis		tínheis	partido
haviam		tinham	
3 - Futuro do Presente (auxiliar no futuro do presente)			
haverei		terei	
haverás		terás	
haverá		terá	amado
haveremos		teremos	vendido
havereis		tereis	partido
haverão		terão	
4 - Futuro do Pretérito (auxiliar no futuro do pretérito)			
haveria		teria	
haverias		terias	
haveria		teria	amado
haveríamos		teríamos	vendido
haveríeis		teríeis	partido
haveriam		teriam	

MODO SUBJUNTIVO		
5 - Pretérito Perfeito (auxiliar no presente)		
haja	tenha	
hajas	tenhas	
haja	tenha	amado
hajamos	tenhamos	vendido
hajai	tenhais	partido
hajam	tenham	
6 - Pretérito mais-que-perfeito (auxiliar no pretérito imperfeito)		
havia	tivesse	
havias	tivesses	
havia	tivesse	amado
havíamos	tivéssemos	vendido
havíeis	tivésseis	partido
haviam	tivessem	
7 - Futuro (auxiliar no futuro)		
houver	tiver	
houveres	tiveres	
houver	tiver	amado
houvermos	tivermos	vendido
houverdes	tiverdes	partido
houveram	tiveram	

FORMAS NOMINAIS	
8 - Infinitivo	9 - Gerúndio
ter ou haver	tendo ou havendo
amado, vendido, partido	amado, vendido, partido

FÓRMULA EQUIVALENTE

Tinha / Havia + part. = Pret.M.Q.Perf.(RA)

Tinha feito = fizera

Tinha estudado = estudara

No quadro a seguir, apresentamos as relações existentes entre tempos simples e compostos nos modos indicativo e subjuntivo.

	MODO INDICATIVO	MODO SUBJUNTIVO
Presente	**só tem forma simples:** fala, falas, fala...	**só tem forma simples:** fale, fales, fale...
Imperfeito	**só tem forma simples:** falava, falavas, falava...	**só tem forma simples:** falasse, falasses, falasse.
Perfeito	**forma simples:** falei, falaste, falou... **forma composta:** tenho falado, tens falado, tem falado...	**forma simples:** não existe **forma composta:** tenha falado, tenhas falado, tenha falado...
Mais-que-perfeito	**forma simples:** falara, falaras, falara... **forma composta:** tinhas falado, tinha falado, tinha falado...	**forma simples:** não existe. **forma composta:** tivesse falado, tivesses falado, tivesse falado...
Futuro	**do Presente**	**Do Subjuntivo**
	forma simples: falarei, falarás, falará... **forma composta:** terei falado, terás falado, terá falado...	**forma simples:** falar, falares, falar... **forma composta:** tiver falado, tiveres falado, tiver falado...
	do Pretérito	**do Pretérito**
	forma simples: falaria, falarias, falaria... **forma composta:** teria falado, terias falado, teria falado...	**forma simples:** não existe. **forma composta:** não existe.

Voz Passiva Analítica: formada a partir de dois verbos: **ser, estar, ficar, andar, viver, ver,** (auxiliares) + particípio passado (principal) terminando em: **DO, GO, TO, SO.**

A exemplo, será conjugado o verbo ***amar*** na voz passiva analítica.

Conjugação de um verbo { simples / composto } na voz passiva: **SER AMADO**

MODO INDICATIVO		
Tempos Simples	**Presente**	**Pretérito Imperfeito**
	sou és amado é somos sois amados são	era eras amado era éramos éreis amados eram
	Pretérito Perfeito	**Pret. mais-que-perfeito**
	fui foste amado foi fomos fostes amados foram	fora foras amado fora fôramos fôreis amados foram
	Futuro do Presente	**Futuro do Pretérito**
	serei serás amado será seremos sereis amados serão	seria serias amado seria seríamos seríeis amados seriam
Tempos Compostos	**Pretérito Perfeito**	**Pret. mais-que-perfeito**
	tenho tens sido amado tem temos tendes sido amados têm	tinha tinhas sido amado tinha tínhamos tínheis sido amados tinham
	Futuro do Presente	**Futuro do Pretérito**
	terei terás sido amado terá teremos tereis sido amados terão	teria terias sido amado teria teríamos teríeis sido amados teriam

MODO SUBJUNTIVO		
Tempos Simples	**Presente**	
	seja	
	sejas	amado
	seja	
	sejamos	
	sejais	amados
	sejam	
	Pretérito Imperfeito	
	fosse	
	fosses	amado
	fosse	
	fôssemos	
	fôsseis	amados
	fossem	
	Futuro	
	for	
	fores	amado
	for	
	formos	
	fordes	amados
	forem	
Tempos Compostos	**Pretérito Perfeito**	
	tenha	
	tenhas	sido amado
	tenha	
	tenhamos	
	tenhais	sido amados
	tenham	
	Pretérito Mais-que-perfeito	
	tivesse	
	tivesses	sido amado
	tivesse	
	tivéssemos	
	tivésseis	sido amados
	tivessem	
	Futuro Composto	
	tiver	
	tiveres	sido amado
	tiver	
	tivermos	
	tiverdes	sido amados
	tiverem	

FORMAS NOMINAIS		
Tempos Simples	**Infinitivo não flexionado**	
	ser amado	
	Infinitivo flexionado	
	ser	
	seres	amado
	ser	
	sermos	
	serdes	amados
	serem	
	Gerúndio	
	sendo amado	
Tempos Compostos	**Infinitivo não flexionado composto**	
	ter ser amado	
	Infinitivo flexionado composto	
	ter	
	teres	sido amado
	ter	
	termos	
	terdes	sido amados
	terem	
	Gerúndio Composto	
	tendo sido amado	

LOCUÇÕES VERBAIS

Por locução, entende-se a combinação de dois verbos; o primeiro é auxiliar (em sua forma simples ou composta) e o segundo é o verbo principal, o qual pode estar no infinitivo ou no gerúndio.

As mais importantes locuções verbais são:

1) **"Ter de" + verbo principal no infinitivo**, que expressa **obrigação**.

Tens de estudar para o vestibular.

*Você **terá de trabalhar** muito.*

2) **"Haver de" + verbo principal no infinitivo**, que expressa **intenção** ou **desejo**.

Hei de estudar para o concurso.
Haveremos de encontrar uma solução.

ATENÇÃO!

Nos dois primeiros casos, a preposição *de* pode ser substituída por ***que***.

3) **"Estar", "andar", "ir", "vir" + verbo principal no gerúndio**, que expressa **continuidade** da ação.

Estou lendo um romance.

*Você **anda estudando** para o concurso?*

*Vamos **vivendo** em paz.*

*Luana **vem descendo** a rua.*

4) Além das locuções verbais mencionadas, há outras. Normalmente, são formadas por um verbo auxiliar + verbo principal no infinitivo ou no gerúndio.

*À noite, **virei ouvir** música.*

*Fique tranquilo; o rapaz não **vai fugir**.*

- Na locução verbal, apenas o verbo auxiliar é flexionado em pessoa e número, modo e tempo. O verbo principal responde apenas pela regência da locução.

- Entre o verbo auxiliar e o infinitivo pode ou não haver preposição, dependendo do caso: **de, em, para, por, a...**).

Estou escrevendo a vocês.
Estou a escrever a vocês.

*Ana **anda falando** muito.*
*Ana **anda a falar** muito.*

Continuo escrevendo a vocês.
Continuo a escrever a vocês.

Comecei a escrever a vocês.
Desatei a escrever muito.

Principiei a ter calafrio.
Passei a sentir calafrio.

Estou terminando isso.
Estou para terminar isso.

*Ela **ia caindo** na rua.*
*Ela **ia cair** na rua.*

Acabo de escrever isso.
Parei de escrever isso.

Deixem de brigar à toa.
Desisti de falar com ela.

VERBOS CAUSATIVOS E SENSITIVOS

- Os verbos *deixar, fazer, mandar* (chamados causativos) e os verbos *ver, ouvir, sentir* (chamados sensitivos) não formam locução com infinitivo. O pronome átono que os acompanha funciona como sujeito, logo há duas orações.

*Deixe-**o** falar.*
sujeito de falar

*(= Deixe falar **o menino.**)*
sujeito de falar

*(= Deixe que **o menino** fale.)*
sujeito de falar

Cumpre lembrar a distinção entre locução verbal (na qual os verbos não se separam, formando um todo) e as orações reduzidas (em que o verbo na forma reduzida é separável do verbo anterior).

***Fiquei a ouvir** música até tarde.*

- **Locução verbal**: os dois verbos formam um todo inseparável.

***Esperei ouvir** música ao longe.*
*(= Esperei que **ouvisse música ao longe.**)*

- **Oração reduzida**: os dois verbos são separáveis, pertencendo cada um a uma oração distinta.

Esperei ⇒ oração principal
ouvir música ao longe ⇒ oração subordinada objetiva direta reduzida de infinitivo.

VOZES VERBAIS

Voz é a forma que o verbo assume para indicar a relação entre ele e o sujeito.

Três são as formas verbais:

- **Ativa** → sujeito agente
- **Passiva** → sujeito paciente
- **Reflexiva** → sujeito agente e paciente

Voz Ativa

Quando, normalmente, o sujeito exerce a ação expressa pelo verbo.

__Precisa-se__ de marceneiros.
O delegado __interrogou__ o preso.

Como se pode observar no segundo exemplo, o **delegado** é o sujeito (agente), porque praticou a ação de interrogar.

Voz Passiva

Quando o sujeito sofre a ação expressa pelo verbo.

A casa __fora construída__ pelo prefeito.
__Construiu-se__ a casa.

Nota-se, pelos exemplos dados, que a **casa** é o sujeito (paciente), porque recebe a ação centralizada pelo verbo.

Há duas maneiras de se construir a voz passiva:

1) Empregando-se dois verbos: passiva analítica.
2) Verbo + pronome **se**: passiva sintética.
(ambas se equivalem)

Este imóvel é vendido. = Vende-se este imóvel.

- **Passiva Analítica:**
  formada por **ser, estar (ou outro auxiliar)** + particípio do verbo principal.

A ponte	**foi demolida**	**pelos operários.**
⇑	⇑	⇑
sujeito (paciente)	verbo (ser + principal)	agente da passiva

O papel __foi cortado__ por mim.

A cama __será consertada__ por quem?

• OBSERVAÇÕES

Além do verbo **ser,** há outros auxiliares que, combinados com um particípio, podem formar a voz passiva.

Estão nesse caso verbos como: **estar, andar, viver, ficar, ir, vir**...

As tropas __estavam cercadas__ pelo inimigo.

Ela __ficou envelhecida__ pelos desgostos.

O presidente __vinha acompanhado__ de seus ministros.

- **Passiva Sintética:**
  também chamada passiva pronominal, é formada com um verbo na 3ª pessoa do singular ou plural + o pronome se.

Demoliu-se	**a ponte.**
⇑	⇑
verbo 3ª apassivador	sujeito
⇑	
pronome (paciente)	

__Cultiva-se__ o campo fértil.

__Alugam-se__ casas.

• OBSERVAÇÕES

1 *Com um verbo no infinitivo precedido de preposição, tem-se a __voz passiva de infinitivo__.*

Osso duro de __roer__. (= de ser roído)

O inimigo foi fácil de __vencer__. (= ser vencido)

Os índios levaram-no __a enterrar__.(= para ser enterrado)

2 *A voz passiva, de modo geral, só pode ser formada a partir de verbo transitivo direto ou verbo tansitivo direto e indireto.*

- Para se converter uma frase da voz passiva sintética para a voz passiva analítica, procede-se assim:

voz passiva sintética	Não se	destruiu	o prédio.
voz passiva analítica	Não foi	destruído	o prédio.
	*Troca-se o pronome **se** pelo verbo auxiliar conjugado na mesma forma em que estava o verbo da passiva sintética.*	*Passa-se o verbo da voz passiva sintética para o particípio.*	*O sujeito é o mesmo (paciente em ambos os casos).*

- Para se converter um verbo da voz ativa para a voz passiva analítica, coloca-se o verbo ativo no **particípio** e conjuga-se o verbo auxiliar **na mesma forma** em que estava o verbo ativo, fazendo a devida concordância com o sujeito.

Voz ativa	Os sociólogos ***recusaram*** os projetos.
Voz passiva	Os projetos foram ***recusados*** pelos sociólogos.

- Quando o verbo ativo vem precedido de um verbo auxiliar, este não sofre transformação na passagem para a voz passiva (exceto a exigida pela concordância).

  Como norma prática, pode-se proceder assim:
  a) Coloca-se o último verbo (o principal) no particípio.
  b) Conjuga-se o verbo ser na forma em que estava o verbo principal.

Voz ativa	O técnico ***está procurando*** uma solução.
Voz passiva	Uma solução ***está sendo procurada*** pelo técnico.

*O menino **atirou** uma pedra.* (Voz Ativa)

***Atirou-se** uma pedra.* (Voz Passiva Sintética)

*Uma pedra **foi atirada** pelo menino.* (Voz Passiva Analítica.)

Passando-se da ativa para a passiva sintética: troca-se o sujeito da ativa pelo se na passiva sintética.

Passando-se da ativa para a passiva analítica.

a) O complemento do verbo da voz ativa passa a ser sujeito na voz passiva analítica.

b) Coloca-se o verbo da voz ativa no particípio passado e usa-se o auxiliar (ser/estar) no mesmo tempo e pessoa do verbo ativo.

Voz Reflexiva

Quando o sujeito pratica e recebe ao mesmo tempo a ação expressa pelo verbo.

*Mariana **penteia-se** demoradamente.*

Cuida-te.
*Não **me penteio** bem.*

- Os pronomes reflexivos podem indicar reciprocidade.

Eles **se olharam** demoradamente.

• OBSERVAÇÕES

- A voz reflexiva é formada pela combinação de um verbo com o pronome oblíquo átono na mesma pessoa do sujeito.

- Com os **verbos** que indicam sentimentos, como **dignar-se, arrepender-se, queixar-se, atrever-se**, não há propriamente voz reflexiva, pois os **pronomes** integram o significado do verbo, sendo então classificados como **parte integrante** de um verbo pronominal, sem qualquer função sintática.
- Com os **verbos intransitivos**, como **ir-se, ajoelhar-se, sorrir-se etc.**, os pronomes aparecem apenas como realce, indicando muitas vezes espontaneidade de ação, não tendo também função sintática. **São partículas expletivas ou de realce.**

RESUMINDO...

VOZ VERBAL: é o modo pelo qual são acionados o sujeito e a ação expressa pelo verbo.

- **Ativa:** O sujeito é agente da ação.

*O menino **feriu** o irmão.*

- **Passiva:** O sujeito é paciente da ação.
  - **analítica:** verbo auxiliar + particípio passado.

*O irmão **foi ferido** pelo menino.*

  - **sintética**: verbo na 3ª pessoa e pronome apassivador SE.

Feriu-se o irmão.

- **Reflexiva:** O sujeito é agente e paciente da mesma ação.

*O menino imbecil **agredira-se.***

ACERCA DE VERBO:

- **Tempo Simples**: aquele em que o verbo é conjugado isoladamente, isto é, um só verbo é usado.

*Eu **cerco** tudo.*
*Tu **leras** muito.*
*Nós **ouviríamos** tudo...*

- **Tempo Composto**: formado de dois verbos: **ter, haver** (auxiliares) e outro verbo no particípio passado (principal).

*Eu **tenho cercado** tudo.*
*Tu **havias lido** muito.*
*Nós **teríamos ouvido** ...*

Observe a correspondência:

*Tu **leras*** (simples) = *Tu **havias lido*** (composto)
*Nós **ouviríamos*** (simples) = *Nós **teríamos ouvido*** (composto)

O tempo composto é um tipo de locução verbal.

- **Locução Verbal**: formada de dois verbos (auxiliar + principal no infinitivo ou no gerúndio).

*Eu **estou cercando** tudo.*
*Eu **estou a cercar** tudo.*

*Tu **andas lendo** muito.*
*Tu **tens de ler** muito.*

*Nós **vínhamos ouvindo...***
*Nós **estávamos a ouvir...***

- **Oração Reduzida**: aquela que não apresenta conjunção e traz o verbo reduzido nas formas normais de gerúndio, particípio, infinitivo.

Terminando
Terminada } a sessão, iremos todos a um restaurante.
Ao terminar

(= *Quando terminar* a sessão...)

- **Voz Passiva**: formada pelos verbos **"ser", "estar", "ficar" + verbo principal no particípio.**

*Toda ilha **é cercada** de água.*
*Ele **foi ferido** no acidente.*

NUMERAIS

São palavras que, de maneira precisa, indicam a quantidade em si ou servem para substituir ou modificar os nomes, denotando a quantidade dos seres ou apresentando-os como ordenados, multiplicados ou divididos.

Podem ser: cardinais, ordinais, multiplicativos e fracionários.

- **Cardinais:** designam a quantidade em si ou acompanham os substantivos indicando-lhe a quantidade.

  Dois e dois são quatro. Vinte dias.

- **Ordinais:** indicam a ordem de sucessão de seres numa dada série.

  Ele é o primeiro aluno da sala.

- **Multiplicativos:** indicam o aumento proporcional da quantidade, a sua multiplicação.

  Ela ganha o dobro do seu marido.

- **Fracionários:** indicam a diminuição proporcional da quantidade, a sua divisão.

  Vou comer um terço da pizza.

DICAS DE EMPREGO DE NUMERAIS

- Os ordinais como último, penúltimo, antepenúltimo, respectivos... não possuem cardinais correspondentes.

- Os fracionários têm como forma própria meio, metade e terço, todas as outras representações de divisão correspondem aos ordinais ou aos cardinais seguidos da palavra **avos** (quarto, décimo, milésimo, quinze avos).

- Designando séculos, reis, papas e capítulos, utiliza-se na leitura ordinal até décimo; a partir daí, usam-se os cardinais. (Luís XIV - quatorze, Papa Paulo II - segundo).

- Se o numeral vier antes do substantivo, será obrigatório o ordinal. (XX Bienal - vigésima, IV Semana de Cultura - quarta).

- **Zero** e **ambos(as)** também são numerais cardinais. 14 apresenta duas formas por extenso catorze e quatorze.

- A forma milhar é masculina, portanto não existe "algumas milhares de pessoas", e sim alguns milhares de pessoas.

- Alguns numerais coletivos: grosa (doze dúzias), lustro (período de cinco anos), sesquicentenário (150 anos).

- O numeral ***um*** indicando quantidade é artigo quando se opõe ao substantivo, indicando-o de forma indefinida.

EXERCÍCIOS

1 Há **ERRO** de flexão do substantivo em

a) Agora, as casas revelaram-se primitivas e paupérrimas, mas nas árvores, ainda persistentes, ficaram os bem-te-vis.

b) Da janela do trem, ouvindo o lento e ritmado som das máquinas, via os adeuses emocionados dos parentes...

c) Daqui posso ver o deserto das ruas e o céu imenso, repleto de estrelas, guardas-noturnos da minha solidão.

d) Irritou-se com a indiferença dos boas-vidas diante do sacrifício de seu filho.

e) Lembro-me disso: depois de cometida a injustiça, rebelaram-se todos os escrivães e tabeliões do município.

2 Observe os segmentos de frase do texto:
1) Aquelas pobres mulheres...
2) Um chinês muito velho...
3) A espontânea homenagem...
4) Naquela casa pequena...
5) Uma história inventada...

Transformando o adjetivo em substantivo, verifica-se **ERRO** de formação em

a) A pobreza daquelas mulheres...
b) A velhice de um chinês...
c) A espontaniedade da homenagem...
d) A pequenez daquela casa...
e) A invenção de uma história...

3 **NÃO** está efetuada a substituição do verbo da oração sublinhada por um nome correspondente em

a) "Dele esperamos **que resolva todos os problemas da relação.**"
"Dele esperamos a resolução de todos os problemas da relação."

b) "Qualquer filho descobre desde cedo **que os pais utilizam dois diálogos diferentes.**"
"Qualquer filho descobre desde cedo a utilização de dois diálogos diferentes pelos pais."

c) "Exige-se do paciente **que fale o tempo todo na terapia.**"
"Exige-se do paciente falar o tempo todo, na terapia."

d) "As boas freiras se esforçavam **para realizar em nós modelos de futuras dialogantes.**"
"As boas freiras se esforçavam para a realização em nós de modelos de futuras dialogantes."

e) "Temos oportunidades **de aplicar as coisas aprendidas.**"
"Temos oportunidade de aplicação das coisas aprendidas."

4 Assinale a alternativa em que a forma verbal em destaque tenha sido **CORRETAMENTE** empregada.

a) A babá **entretinha** os meninos enquanto eu cuidava do lanche.

b) A mãe **interviu** na briga e acalmou os ânimos.

c) Após o encontro, os operários **anteveram** uma melhora salarial.

d) **Preveu-se** que faria mau tempo no fim de semana.

5 Assinale a alternativa em que a classificação e a forma plural do termo sublinhado, indicadas entre parênteses, estejam **CORRETAS**.

a) O rapaz, que era **escrivão**, não tinha aprovação dos pais da noiva (adjetivo, escrivães)

b) Tomamos **bastante** cerveja na festa. (advérbio, bastantes)

c) Dei-lhes um **bom-dia** seco e saí. (substantivo composto, bons-dias)

d) Chego em **primeiríssimo** lugar. (numeral, primeiríssimos)

6 Todas as alternativas estão corretas com relação à colocação do pronome, **EXCETO**

a) Maria não vai casar-se outra vez.

b) Disseram-me que a joia era falsa.

c) Os presos já tinham rebelado-se mais de duas vezes no ano.

d) Vê-la-ia mais vezes se pudesse.

7 Na forma plural, todos os itens dos compostos grifados poderão ser flexionados, **EXCETO** em

a) Ele tenente-coronel.

b) Ganhei um vestido verde-claro.

c) O primeiro-ministro não quis gravar entrevista.

d) Você não come cachorro-quente?

8 Em todas as alternativas, o termo destacado restringe o significado do termo a que se refere, **EXCETO** em

a) Foi-me **penosa** a longa viagem pelo deserto.

b) Causou estranheza a sua **falsa** inocência.

c) Deslizava na montanha a **branca** neve.

d) Ficou na casa aquele móvel mais **velho**.

e) Considerou muito capaz o **jovem** aluno.

9 Em todas as alternativas, a forma destacada indica circunstância de modo, **EXCETO** em

a) É **extremamente** sóbria no que toca às suas despesas pessoais.

b) Devo ter me enrubescido **ridiculamente**, como donzela pudica.

c) Lucas Lesma passava **repetidamente** os dedos pela calva reluzente.

d) Da repartição foi **diretamente** para casa, evitando passar pelo bar.

e) Um pouco **maldosamente** observou que ela estava muito feliz.

10 O nome sublinhado modifica o verbo, funcionando, portanto, como advérbio, em todas as opções, **EXCETO**:

a) As primeiras mulheres pelas quais meu coração bateu forte eram estudantes **da USP**.

b) Vestem **solene** as calças ou as calcinhas.

c) O olhar vazio da maioria deitada **num sofá**, diz "eu sou bela, você não é".

d) O jeito da maioria **só** diz "eu sou bela, você não é."

e) Que **tanto** tomam banho, mudam de roupa, passam creme e fazem charme para as câmeras.

Gabarito

| 1-e | 2-c | 3 -c | 4-a | 5-c | 6-c | 7-b | 8-c | 9-a | 10-a |

PLURAL DAS PALAVRAS TERMINADAS EM ÃO

PRIMEIRO GRUPO – a maioria das palavras com "ão" no fim tem o plural com "ões": anfitriões, balões, botões, feijões, mamões, melões. Os aumentativos fazem parte deste grupo: facões, paredões, portões, narigões, piscinões.

SEGUNDO GRUPO – algumas poucas fazem "ães" no plural: alemães, cães, capelães, capitães, catalães, escrivães, tabeliães. Repare que neste grupo estão incluídas palavras que designam atividades profissionais (capitães, escrivães, tabeliães) e religiosas (capelães).

TERCEIRO GRUPO – um grupo pequeno alterna para "ãos" no plural: cidadãos, cortesãos, irmãos, cristãos, pagãos. Desse grupo, fazem parte as paroxítonas terminadas em "ão": acórdãos, bênçãos, órfãos, órgãos, sótãos.

QUARTO GRUPO – há palavras que aceitam duas ou três formas de plural, como aldeãos, aldeães, aldeões, anãos, anões, anciãos, anciães, anciões, castelãos, castelões, charlatães, charlatões, cirurgiães, cirurgiões, corrimãos, corrimões, ermitãos, ermitães, ermitões, faisães, faisões, guardiães, guardiões, refrãos, refrães, sacristãos, sacristães, verãos, verões, vilãos, vilães, vilões, vulcãos, vulcães, vulcões.

ALGUNS ADJETIVOS PÁTRIOS

LOCALIDADE	ADJETIVO PÁTRIO	LOCALIDADE	ADJETIVO PÁTRIO
Acre	acreano	**Cairo**	cairota
Afeganistão	afegane, afegão	**Calábria**	calabrês
Alagoas	alagoano	**Campinas**	campineiro, campinense
Amapá	amapaense	**Cartago**	cartaginês, púnico
Angola	angolano	**Catalunha**	catalão
Aracaju	aracajuense, aracajuano	**Chipre**	cipriota
Atenas	ateniense	**Córsega**	corso
Áustria	austríaco	**Costa Rica**	costariquenho
Belém (Palestina)	belemita	**Creta**	cretense
Belém (Pará)	belenense	**Croácia**	croata
Belo Horizonte	belo-horizontino	**Cuiabá**	cuiabano
Bizâncio	bizantino	**Curitiba**	curitibano
Boa Vista	boa-vistense	**El Salvador**	salvadorenho
Brasília	brasiliense	**Espírito Santo**	espírito-santense, capixaba
Buenos Aires	portenho	**Estados Unidos**	estadunidense, norte-americano, ianque
Cabo Frio	cabo-friense	**Etiópia**	etíope

LOCALIDADE	ADJETIVO PÁTRIO	LOCALIDADE	ADJETIVO PÁTRIO
Fernando de Noronha	noronhense	**Porto Alegre**	porto-alegrense
Flandres	flamengo	**Porto Rico**	porto-riquenho
Florença	florentino	**Porto Velho**	porto-velhense
Florianópolis	florianopolitano	**Preovença**	provençal
Fortaleza	fortalezense	**Provença**	provençal
Goiás	goiano	**Recife**	recifense
Grécia	grego, helênico	**Ribeirão Preto**	ribeirão-pretense, ribeirão--pretano, riberopretano
Havana	havanês	**Rio Branco**	rio-branquense
Índia	indiano, hindu	**Rio de Janeiro (cidade)**	carioca
Itapetininga	itapetiningano	**Rio de Janeiro (estado)**	fluminense
Itu	ituano	**Rio Grande do Norte**	rio-grandense-do-norte, norte-rio-grandense, poti-guar
Japão	japonês, nipônico	**Rio Grande do Sul**	rio-grandense-do-sul, sul--rio-grandense, gaúcho
Jerusalém	hierosolimitanom, hieroso-limita	**Rondônia**	rondoniense
João Pessoa	pessoense	**Roraima**	roraimense
Juiz de Fora	juiz-forense, juiz-forano	**Salvador**	salvadorense, soteropoli-tano
Macapá	macapaense	**Santa Catarina**	catarinese, barriga-verde
Maceió	maceioense	**São Luís**	são-luisense
Madagáscar /Madagascar	madagascarense, malgaxe	**São Paulo (cidade)**	paulistano
Manaus	manauense, manauara	**São Paulo (estado)**	paulista
Marajó	marajoara	**Sardenha**	sardo
Parma	parmesão	**Tocantins**	tocantinense
Pequim	pequinês	**Três Corações**	tricordiano
Petrópolis	petropolitano	**Vitória**	vitoriense

FORMAS REDUZIDAS DE ALGUNS ADJETIVOS PÁTRIOS			
LOCALIDADE	**ADJETIVO PÁTRIO**	**LOCALIDADE**	**ADJETIVO PÁTRIO**
África	afro-	**Europa**	euro-
Alemanha	germano- ou teuto-	**Finlândia**	fino-
América	américo-	**França**	franco-
Ásia	ásio-	**Galiza**	galaico- ou galego-
Austrália	australo-	**Grécia**	greco-
Áustria	austro-	**Índia**	indo-
Bélgica	belgo-	**Inglaterra**	anglo-
China	sino-	**Itália**	ítalo-
Dinamarca	dano-	**Japão**	nipo-
Espanha	hispano-	**Portugal**	luso-

GRAU DOS ADJETIVOS		
GRAU COMPARATIVO	**FORMAÇÃO**	**EXEMPLOS**
de superioridade	mais + adjetivo + que (do que)	*A garota é mais inteligente que seu irmão.*
de igualdade	tão + adjetivo + quanto (como)	*Ela é tão ágil quanto sua mãe.*
de inferioridade	menos + adjetivo + que (do que)	*O garoto é menos inteligente que sua irmã.*
GRAU SUPERLATIVO	**FORMAÇÃO**	**EXEMPLOS**
Absoluto sintético	acrescentam-se os sufixos -íssimo, -ílimo, -érrimo	*belíssimo, felicíssimo, facílimo, libérrimo*
Absoluto analítico	antepõem-se ao adjetivo os advérbios muito, bem, bastante, imensamente etc.	*muito fácil, bem pobre, bastante largo, imensamente bom*
Relativo de superioridade	antepõe-se o (a) ao comparativo de superioridade	*É o mais antigo prédio Foi a mais hábil professora.*
Relativo de inferioridade	antepõe-se o (a) ao comparativo de inferioridade	*O garoto é o menos inteligente da classe.*

COMPARATIVOS E SUPERLATIVOS IRREGULARES

GRAU DE ADJETIVOS			
COMPARATIVOS E SUPERLATIVOS IRREGULARES			
Adjetivo	Comparativo de Superioridade	Superlativo	
		Absoluto sintético	Relativo
bom	melhor	ótimo	o melhor
mau	pior	péssimo	o pior
grande	maior	máximo	o maior
pequeno	menor	mínimo	o menor
As formas sintéticas são usadas na comparação de substantivos. *Esta sala é **maior** que aquela.*			
As formas analíticas são usadas na comparação de adjetivos. *Esta sala é **mais grande** que confortável.*			
Com particípios, não se usam as formas sintéticas *melhor* e *pior*. Usam-se as formas analíticas *mais bem* e *mais mal.* *Ele está **mais bem preparado** para o concurso.*			
Nas relações de comparação, pode-se usar **que** ou **do que**. *Ela é mais bonita **que /do que** a mãe.*			

CONJUNÇÕES

CONJUNÇÕES COORDENATIVAS
01. de adição: e, nem, não só... mas também, não apenas... como ainda, não só...como também...
02. de adversidade (contraste/oposição): mas, contudo, entretanto, todavia, porém, no entanto, não obstante...
03. de alternância: ou, ou...ou, ora...ora, já...já, quer...quer, seja...seja...
04. de conclusão: portanto, logo, então, por isso, pois (posposto ao verbo), por conseguinte, assim, dessa forma, desse modo...
05. de explicação: que, porque, pois (anteposto ao verbo), porquanto...
CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS
06. de causa: visto que, já que, porque, como (em oração anteposta), haja vista, porquanto, uma vez que, dado que...
07. de consequência: tal que, tanto que, tão que, de modo que, de sorte que, de forma que..
08. de concessão (exceção à regra): embora, apesar de que, ainda que, mesmo que, em que pese, conquanto...
09. de conformidade: como, conforme, segundo, de acordo com...
10. de condição: se, caso, desde que, somente se, apenas se, a menos que, contanto que...
11. de tempo: já, agora, desde que, logo que, assim que, quando, enquanto, ao mesmo tempo que, mal...
12. de comparação: como, igual a, tanto quanto, mais...que, menos...que, tal qual...
13. de finalidade: a fim de, para que...
14. de proporcionalidade: à medida que, à proporção que, quanto mais...mais, quanto mais...menos...

PRONOMES RELATIVOS - EMPREGO	
PRONOME	**OBSERVAÇÃO**
PR	TODO PR retoma um termo antecedente com o qual mantém relações de sentido.
PR	Usa-se preposição antes de PR sempre que o termo posposto a ele exigir.
QUE / QUEM	Só devem ser precedidos de preposição monossilábica. Em caso de preposição com mais de uma sílaba, usa-se o qual (e variações).
QUEM	O pronome QUEM, quando seguido de VTD, será precedido da preposição A para efeitos de AJUSTE FONÉTICO. Trata-se de OD preposicionado.
	O pronome QUEM só pode ser usado para se referir a pessoas ou entes personificados.
ONDE	O pronome ONDE só pode ser usado para retomar lugar (não necessariamente geográfico). ONDE equivale a EM QUE.
CUJO	CUJO e variações devem ser empregados da seguinte forma: a) aparecem entre dois substantivos; b) indicam noção de posse (seu/sua); c) concordam com o termo consequente; d) retomam, como todo PR, um termo antecedente (perguntar de quem ao consequente); e) não admitem posposição de artigo; f) não apresentam sinônimos perfeitos (a frase demandará ajustes).
COMO	Só será PR depois das palavras FORMA, MANEIRA, JEITO, MODO ou sinônimos. Equivale a COM QUE.
QUANTO	Só é PR depois de pronomes indefinidos ou demonstrativos. Equivale a QUE / O QUE.
QUE / O QUAL	Os pronomes QUE e O QUAL (e variações) podem se referir a coisas, pessoas ou lugares. O QUAL e variações concordam com o antecedente e fazem combinação ou contração com preposição, pois são precedidos de artigos.

PR= PRONOME RELATIVO

PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS ÁTONOS - FUNÇÕES SINTÁTICAS RESUMO DAS FUNÇÕES POSSÍVEIS DOS PRONOMES PESSOAIS					
PRONOMES	**SUJEITO DE ORAÇÕES REDUZIDAS DOS VERBOS CAUSATIVOS (MANDAR, DEIXAR, FAZER) E SENSITIVOS (VER, OUVIR, SENTIR).**	**OD - VTD/VTDI**	**OI - VTI/VTDI**	**ADJUNTO ADNOMIMAL (POSSE)**	**COMPLEMENTO NOMINAL**
O, AS, OS, AS (e variações)	SIM	SIM	NÃO	NÃO	NÃO
LHE/LHES (A ELE, A ELA)	NÃO	NÃO	SIM	SIM	SIM
ME, TE, SE, NOS, VOS	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM

COLOCAÇÃO PRONOMINAL

Quadro das colocações dos pronomes átonos de acordo com a norma culta da Língua Portuguesa no Brasil e em Portugal.

CASOS PROIBIDOS

1. Não se usa pronome oblíquo átono no início de frase. – *Descuidou-se do fato.*
2. Não se usa pronome oblíquo átono depois de ponto e vírgula (;). – Não se esqueceu do fato; lembrava-se de tudo.
3. Não se usa pronome oblíquo átono depois de particípio. – Tinha se distraído com a questão.
4. Não se usa pronome oblíquo átono depois de futuros do indicativo. – Contar-me-ia a verdade.

PRÓCLISE

REGRAS DE EMPREGO	EXEMPLOS
Quando antes do verbo existe qualquer palavra de valor negativo.	- Nada nos impede de sair logo daqui. - Ninguém o viu.
Nas orações ou frases interrogativas, exclamativas e optativas (As orações optativas exprimem desejo).	- Por que o prenderam ali? - Quanto me custou aquela atitude! - Quem me dera poder ir à Europa!
Quando há, antes do verbo, um advérbio (sem pausa). Havendo pausa, usa-se a ênclise.	- Talvez nos encontremos ainda hoje. - Aqui se fabricam móveis de estilo. Enfim, vejo-te feliz.(adv. com pausa)
Quando há, na oração, um pronome relativo ou conjunção subordinativa.	- Mal se viram, começaram a discutir. -O ser humano ama o outro que o faz feliz. - Se me visse, eu ficaria constrangida.
Quando antes do verbo há outro pronome: demonstrativo, indefinido, de tratamento, relativo, interrogativo. Trata-se de um caso de próclise por eufonia.	- Alguns se admiraram com a beleza do pôr do sol. - Aquilo me deixou encantada. V.Sa. o recebeu.
Com o verbo no gerúndio, regido de preposição em.	- Em se tratando de dinheiro, dirija-se ao caixa.
Nas orações coordenadas alternativas.	- Ou você fala agora, ou se cala para sempre.
Com o infinitivo flexionado, regido de preposição.	- Por me ajudares, serás recompensado.

MESÓCLISE

REGRAS DE EMPREGO	EXEMPLOS
Só se usa no futuro do presente ou no futuro do pretérito, desde que não haja, na oração, um fator de próclise. **Obs.: Não se usa pronome átono enclítico com verbos no futuro do presente e no futuro do pretérito.** Dir-***lhe***-ei algo. (certo) Direi-***lhe*** algo. (errado)	*- A jovem sentir-se-á segura se você a acompanhar.* *- O tempo devolver-te-á a tranquilidade.* **Observe**, porém: Ninguém **te** perturbará. (palavra negativa) *Nós **lhe** diremos a verdade.* (pronome) Assim, se houver palavra atrativa, a próclise prevalecerá.

ÊNCLISE	
REGRAS DE EMPREGO	**EXEMPLOS**
Na língua culta, não se inicia a frase com pronome átono; portanto, se a frase começar com verbo, será de rigor a ênclise.	*- Falaram-me que o espetáculo foi maravilhoso.* *- "Trago-te flores, restos arrancados..."*
Também nas frases imperativas afirmativas, usa-se a ênclise. **Obs.: Não se usa o pronome enclítico ao verbo no particípio, como em:** *Tenho deliciado-**me** com a leitura dos clássicos. (errado)*	*- Por favor, ajude-me a solucionar este problema!* *- Cuida-te,rapaz!*
Com os verbos no infinitivo e gerúndio, se não houver fator de próclise.	*- Vim mostrar-lhe as provas. (infinitivo)* *- Parou, olhando-me desconfiado. (gerúndio)*
Com os pronomes **o, a, os, as** e verbo no infinitivo não-flexionado regido de preposição a, por eufonia, usa-se a ênclise. Estavam ali a observá-lo. *(Observe o som da frase construída com próclise: Estavam ali a o observar).*	*Obs.: O infinitivo impessoal regido de preposição admite a próclise ou a ênclise, mesmo havendo fator de próclise:* ***Para** defender-se, atacou-o.* ***Para** se defender, atacou-o.* ***Para não** defender-se, saiu.* ***Para não** se defender, saiu.*

EMPREGO DOS PRONOMES ÁTONOS NOS TEMPOS COMPOSTOS

Tempos compostos **TER** e **HAVER** + **VERBO PRINCIPAL**

↓ ↓ ↓

verbos auxiliares — no particípio

↓ ↓

Tinha — *escrito*

Havia — *visto*

Nos tempos compostos, são possíveis as seguintes colocações pronominais:

a) **Se a frase começa com verbo:**

Têm- me enviado muitas informações.
Ênclise ao verbo auxiliar ou solto entre os dois.

Haviam- no visto lá pelos lados do mercado.
Ênclise ao verbo auxiliar.

b) Quando há fator de próclise:

Ninguém me tinha visto mesmo.

Ninguém tinha me visto mesmo.

Obs.: Não se usa o pronome enclítico quando o verbo está no particípio.

EMPREGO DOS PRONOMES ÁTONOS EM LOCUÇÕES VERBAIS

LOCUÇÕES VERBAIS COM INFINITIVO

a) **Se a frase não começa com verbo:**

Ele me devia acolher naquela hora. ⟶ **Próclise ao verbo auxiliar**

Ele devia me acolher naquela hora. ⟶ **Solto entre o auxiliar e o principal**

Ele devia acolher-me naquela hora. ⟶ **Ênclise ao verbo principal**

b) **Se a frase começa com verbo:**

Preciso me calar. / *Preciso calar-me.* — **Pronome entre o verbo auxiliar e principal ou depois do verbo principal**

LOCUÇÕES VERBAIS COM GERÚNDIO

a) **Se a frase não começa com verbo:**

O combustível se foi esvaindo.⟶ **Próclise ao verbo auxiliar**

O combustível foi-se esvaindo.⟶ **Ênclise ao verbo auxiliar**

O combustível foi esvaindo-se.⟶ **Ênclise ao verbo principal**

b) **Se a frase começa com verbo:**

Estava se adaptando à cidade grande.⟶ **Pronome entre o verbo auxiliar e principal**

Estava adaptando-se à cidade grande.⟶ **Pronome enclítico ao verbo principal**

VERBO AUXILIAR + PREPOSIÇÃO + INFINITIVO

a) **Se a frase não começa com verbo:**

Ele há de se acostumar.⟶ **Próclise ao verbo auxiliar**

Ele há de acostumar-se.⟶ **Ênclise ao verbo principal**

Ele se há de acostumar.⟶ **Próclise ao verbo auxiliar**

b) **Se a frase começa com verbo:**

Hão de se ajeitar.⟶ **Próclise ao verbo principal**

Hão de ajeitar-se.⟶ **Ênclise ao verbo principal**

Observação: As normas de colocação pronominal, no Brasil, não devem ser tomadas como inflexíveis visto que são, muitas vezes, determinadas pela eufonia ou pela ênfase.
Há, ainda, na língua falada e escrita no Brasil uma nítida preferência pela próclise, enquanto, em Portugal, há preferência pela ênclise.

COLOCAÇÃO PRONOMINAL

	OBRIGATÓRIO	RECOMENDADO	CONSIDERAÇÕES GERAIS
PRÓCLISE	Palavra de sentido negativo	Pronomes demonstrativos ou indefinidos em função substantiva	**CASOS PROIBIDOS:** 1) Em início de frase. 2) Depois de ponto e vírgula (;). 3) Depois de particípio (ADO / IDO/DO/ GO/TO/SO). 4) Depois de futuros do indicativo.
PRÓCLISE	Conjunção subordinada	Frases interrogativas, exclamativas e optativas (desejo)	
PRÓCLISE	Pronome relativo		
PRÓCLISE	Advérbio curto sem vírgula	**OBSERVAÇÕES FINAIS:** 1) Infinitvo impessoal - em geral vem precedido de preposição: A, DE, PARA. Nesse caso, pode-se usar próclise ou ênclise. *Ela tem medo de **se** entregar.* *Ela tem medo de entregar-**se**.* 2) Futuro do subjuntivo: vem precedido de conjunção (quando, caso, se...) ⇒ caso obrigatório de próclise. *Quando **se** lembrar do fato, será tarde.* └ A conjucação obriga a próclise. 3) Havendo vírgula, a ênclise será preferencial. *Hoje, fala-se em liberdade sexual.* 4) Apossínclise: trata-se da POSSIBILIDADE de colocação do pronome entre duas palavras atrativas ou antes da palavra atrativa. *O governo **se não** referiu ao caso.* *A questão a que **se não** referiu o rapaz foi encerrada.* 5) Colocação de pronomes em locuções verbais: Seguem-se as mesmas regras de colocação. *O governo **se** deve lembrar do fato.* *O governo deve **se** lembrar do fato.* *O governo deve-**se** lembrar do fato.* *O governo deve lembrar-**se** do fato.*	
PRÓCLISE	Gerúndio precedido de EM		
MESÓCLISE	Só poderá ser usada se não houver caso de próclise		
MESÓCLISE	Só poderá ser usada com futuros do indicativo		
MESÓCLISE	Será obrigatória se o verbo no futuro do indicativo iniciar a frase		
MESÓCLISE	Se não houver caso obrigatório de próclise nem de mesóclise, ambas as colocações serão possíveis		
ÊNCLISE	A ênclise só será obrigatória se a próclise for proibida		
ÊNCLISE	Se não houver obrigatoriedade ou proibição, as duas colocações serão possíveis		

PRONOMES DEMONSTRATIVOS - EMPREGO			
PRONOMES	**ESTE (S), ESTA (S), ISTO**	**ESSE (S), ESSA (S), ISSO**	**AQUELES (S), AQUELA (S), AQUILO**
Pessoa	1ª	2ª	3ª
Espaço	Perto do emissor	Perto do receptor	Distante dos interlocutores
Tempo	Presente	Passado ou futuro próximo	Passado distante
Enumeração	Útimo elemento	Elemento intermediário	Primeiro elemento
Texto / Trecho	Vai ser dito	Já disse	

Para se referir a um termo descontextualizado, admite-se o uso de esse(s), essa(s), este(s), estas(s).

As mulheres tiveram muitas conquistas ao longo dos últimos anos. Estas / Essas estão, em geral, ligadas ao trabalho e à liberdade sexual.

TEMPOS PRIMITIVOS E TEMPOS DERIVADOS			
	TEMPO PRIMITIVO	**TEMPO DERIVADO**	**CONJUGAÇÃO**
GRUPO 1	Presente do indicativo Base = 1ª sing - O	Presente subjuntivo	Base + E(Conj. AR)/Base + A(Conj. ER/OR/IR)
		Imperativo afirmativo	Presente subjuntivo. Exceto TU e VÓS, que vêm do presente do indicativo sem o "S"
		Imperativo negativo	Não + presente subjuntivo
GRUPO 2	Presente Perfeito Indicativo Base = 3ª plural-RAM	Pretérito mais-que--perfeito do indicativo	Base + RA (todas) e RE (vós)
		Pretérito imperfeito do subjuntivo	Base + SSE (há conector: se, caso...)
		Futuro do subjuntivo	Base + R (há conector: se, caso...)
GRUPO 3	Infinitivo Impessoal Base 1 = verbo-R Base 2 = verbo-(vogal+R)	Futuro do presente do indicativo	rei, rás, rá, remos, reis, rão
		Futuro do pretérito do indicativo	ria, rias, ria, ríamos, ríeis, riam
		Pretérito imperfeito indicativo	va (ar), ia (er/ir), nha (ter, pôr, vir e derivados) No vós, usa-se "*e*"

VERBOS IRREGULARES - BASES

VERBOS	DERIVADOS	3ª PLURAL	BASE
VER	rever, entrever, antever, prever	VIRAM	VI
PRECAVER		PRECAVERAM	PRECAVE
PROVER		PROVERAM	PROVE
VIR	advir, desavir, intervir, provir, sobrevir, convir	VIERAM	VIE
TER	obter, entreter, manter, reter, deter, conter	TIVERAM	TIVE
PÔR	repor, anterpor, impor, interpor...	PUSERAM	PUSE
REQUERER		REQUERERAM	REQUERE
REAVER		REOUVERAM	REOUVE
APRAZER		APROUVERAM	APROUVE
CABER		COUBERAM	COUBE

CONJUGAÇÃO - DICAS GERAIS

MEDIAR, ANSIAR, REMEDIAR, INTERMEDIAR, INCENDIAR, ODIAR.

Tais verbos se conjugam com o verbo ODIAR (ODEIo, ODEIas, ODEIa, ODiamos, ODiais, ODEIam).

Espero que o governo mèdie situações de conflito. (correto: medeie)

Todas as formas de **querer** e **pôr** são grafadas com "S": quis, quisesse, pusesse...

Verbos terminados em -UIR são grafados com **I**: possuir - possui/contribuir - contribui...

Verbos terminados em -UAR são grafados com **E**: conceituar - conceitue/efetuar - efetue...

Adivinhar – não apresenta "**D**" mudo.

Reaver é um verbo defectivo e nunca apresenta **NH** ou **J**.

Espera-se que o governo reaveja o dinheiro investido.(errado)

Eu reavejo/reavenho.(errado)

*O verbo é defectivo. Tais formas não existem. Use sinônimos.

Precaver é um verbo defectivo e nunca apresenta **NH** ou **J**.

Não me prècavejo. (errado)

Não me precavénho.(errado)

*O verbo é defectivo. Tais formas não existem. Use sinônimos.

CLASSIFICAÇÃO DOS VERBOS		
VERBOS	**CONSIDERAÇÕES**	**EXEMPLOS**
REGULARES	Não apresentam alterações no radical nem no paradigma.	Cantar / Vender
IRREGULARES	Apresentam pequenas alterações no radical ou no paradigma.	caber - caib-o / valer - valh-o dormir - durm-o / perdir - peç-o fazer - faç-o / trazer - trag-o medir - meç-o / sorrir - sorri-o
ANÔMALOS	Apresentam profundas alterações no radical e no paradigma.	Ser /Ir
ABUNDANTES	Em geral, apresentam mais de uma forma de particípio. Regular (ado/ido) / Irregular (do/go/s/o).	Aceitado - aceito / acendido - aceso...
	Em geral, usa-se o particípio regular na voz ativa com os auxiliares TER e HAVER.	Ele tinha expressado seus sentimentos.
	Em geral, usa-se o particípio irregular na voz passiva com os auxiliares SER e ESTAR.	Seus sentimentos foram expressos.
	Alguns autores admitem as formas PAGO e GANHO também na voz ativa.	Ele tinha pagado / pago as contas. As contas foram pagas por ela.
	A maioria dos verbos apresenta apenas um particípio.	Trazer - trazido / fazer - feito / abrir - aberto
	Alguns particípios irregulares são usados apenas como adjetivos.	Vinho tinto. Menino bento.
DEFECTIVOS	Não apresentam algumas formas verbais.	colorir, adequar-se, precaver, reaver, explodir, falir, demolir
	Alguns verbos são considerados defectivos por questões semânticas.	latir, miar, nevar, chover
PRONOMINAIS	Apresentam pronome oblíquo átono integrante, ou seja, sem função sintática.	Ela se tornou uma boa mãe.
	A maioria dos verbos pronominais é VTI.	
REFLEXIVOS	Apresentam pronome oblíquo átono reflexivo com função sintática de OD ou OI.	Ela se vestia mal.
	O sujeito pratica e sofre a ação expressa pelo verbo.	Ela se considera gentil.
IMPESSOAIS	Constituem orações sem sujeito.	
	Em geral, permanecem sempre na 3ª pessoa singular. Apenas o verbo <u>ser</u> varia, concordando com o númeral a que se refere.	Haver (existencial) / fenômenos naturais / haver e fazer (tempo decorrido) / ser (hora/ data/distância).
VERBOS AUXILIARES	São empregados na construção de locuções verbais (mais de um verbo com um único sentido).	
	AUXILIAR - determina a CONCORDÂNCIA.	
	PRINCIPAL - determina a REGÊNCIA.	
	TEMPO COMPOSTO	ter/haver + particípio
	PASSIVA	ser/estar + particípio
	CARGA SEMÂNTICA	Poder/dever/ter/começar/precisar... + infinitivo/gerúndio
	TER + INFINITIVO	TER/HAVER + QUE/DE + INFINITIVO
FORMAS NOMINAIS	São empregadas em locuções verbais ou em orações reduzidas. Podem funcionar como substantivos, adjetivos ou advérbios.	Gerúndio (NDO) Particípio (ADO/IDO/OUTROS) / Infinitivo (AR/ER/OR/IR)

VOZES VERBAIS	
VOZ	**OBSERVAÇÃO**
VOZ ATIVA	O sujeito pratica a ação. Pode ser formada a partir de qualquer tipo de verbo. Admite como auxiliar os verbos TER e HAVER.
VOZ PASSIVA	O sujeito sofre a ação experessa pelo verbo. Só pode ser formada a partir de VTD ou VTDI. O objeto direto da voz ativa corresponderá sempre ao sujeito da passiva. O sujeito da voz ativa corresponderá sempre ao agente da passiva. O agente da passiva pratica a ação sobre o sujeito paciente. Trata-se de um termo facultativo introduzido pelas preposições por, pelo(a)/(s) ou de.
	Voz passiva analítica: locução verbal (ser/estar + particípio). Pode ocorrer com outro verbo auxiliar: continuar, ficar, permanecer.
	Voz passiva sintética: VTD/VTDI+SE(PA). O verbo deve, obrigatoriamente, concordar com o sujeito paciente.
VOZ REFLEXIVA	O sujeito é agente e paciente, ou seja, pratica e sofre a ação do verbo. Depende de um pronome reflexivo ou de uma construção reflexiva. Pode indicar reflexão ou reciprocidade.

TEMPOS COMPOSTOS		
FORMA COMPOSTA	**TEMPO COMPOSTO**	**EXEMPLO**
Presente do Indicativo+particípio	Pretérito Perfeito Composto do Indicativo	*Tenho estudado*
Pretérito Imperfeito do Indicativo+particípio	Pretérito mais-que-perfeito Composto do Indicativo	*Tinha estudado*
Futuro do Presente do Indicativo+particípio	Futuro do Presente do Composto Indicativo	*Terei estudado*
Futuro do Pretérito do Indicativo+particípio	Futuro do Pretérito Composto do Indicativo	*Teria estudado*
Presente do Subjuntivo+particípio	Pretérito Perfeito Composto do Subjuntivo	*Que tenha estudado*
Pretérito Imperfeito do Subjuntivo+particípio	Pretérito mais-que-perfeito Composto Subjuntivo	*Que tivesse estudado*
Futuro do Subjuntivo+particípio	Futuro Composto do Subjuntivo	*Que tiver estudado*
Infinitivo+particípio	Infinitivo Composto	*Ter estudado*
Gerúndio+particípio	Gerúndio Composto	*Tendo estudado*

TABELA DE BASES VERBAIS

PREFIXOS	VERBOS	BASES	ERRADO	CERTO
re, pre, ante, entre	Ver	VI	Se ele nos ver novamente (...)	Se ele nos **vir** novamente (...)
ad, con, inter, sobre, pro	Vir	VIE	Se alguém intervir no caso (...)	Se alguém **intervier** no caso (...)
ob, re, de, man, con, entre, abs...	Ter	TIVE	Se ninguém conter o rapaz (...)	Se ninguém **contiver** o rapaz (...)
re, de, pro, ante, com, inter, dis, su, sobre	Pôr	PUSE	Se o rapaz depor no caso (...)	Se o rapaz **depuser** no caso (...)
re, per	Fazer	FIZE	Se ela refazer a tarefa (...)	Se ela **refizer** a tarefa (...)
Ø	Prover	PROVE	Se as pessoas provissem suas famílias (...)	Se as pessoas **provessem** suas famílias (...)
Ø	Precaver	PRECAVE	Se ninguém se precavisse (...)	Se ninguém se **precavesse** (...)
Ø	Reaver	REOUVE	Ela não reaviu o dinheiro (...) (reavesse, reavisse)	Ela não **reouve** (...) / Se ela **reouvesse** (...)
Ø	Requerer	REQUERE	Se ninguém requisesse o documento (...)	Se ninguém **requeresse** o documento (...)

ESQUEMA DE TERMINAÇÕES

TEMPOS VERBAIS	DMT	TERMINAÇÕES					
	Desinências modo-temporais	EU	TU	ELE	NÓS	VÓS	ELES
Presente do Indicativo	Ø	o / ou / ei	s	a / e / i	mos	is	m / ão
Pretérito Perfeito do Indicativo	Ø	i / ei	ste	eu / iu / ou	mos	stes	ram
Pretérito MQP do Indicativo	RA	ra	ras	ra	ramos	reis	ram
Pretérito Imperfeito do Indicativo	VA / IA / NHA	va / ia / nha	vas / ias / nhas	va / ia / nha	vamos / íamos / nhamos	veis / eis / nheis	vam / iam / nham
Futuro do Presente do Indicativo	REI / RÁ	rei	rás	rá	remos	reis	rão
Futuro do Pretérito do Indicativo	RIA	ria	rias	ria	ríamos	ríeis	riam
Presente do Subjuntivo	AR → E	e	es	e	emos	eis	em
	ER / OR / IR → A	a	as	a	amos	ais	am
Pretérito Imperfeito do Subjuntivo	SSE	sse	sses	sse	ssemos	sseis	ssem
Futuro do Subjuntivo	R	r	res	r	rmos	rdes	rem
Imperativos	Idêntico ao presente do subjuntivo, EXCETO **tu** e **vós** do imperativo afirmativo (vêm do presente do indicativo - s)						

VERBOS QUE APRESENTAM DIFICULDADES NA CONJUGAÇÃO

ADVERTIR
PI : advirto, advertes, adverte, advertimos, advertis, advertem
PS: advirta, as, a, advirtamos, advirtais, advirtam

ASPERGIR
PI: asperjo(ê), asperges, asperge, aspergimos, aspergis, aspergem
PS: aspirja, aspírjas, aspirja, aspirjamos, aspirjais, aspirjam

CABER
PI: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem
PS: caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam
PPI: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam

CHOVER
PI : chove, chovem
PS: chova, chovam

COMPELIR
PI: compilo, compeles, compele, compelimos, compelis, compelem
PS: compila, compilas, compila, compilamos, compilais, compilam

DISCERNIR
PI : discirno, discernes, discerne, discernimos, discernis, discernem
PS: discirna, -as, -a etc.

EXPLODIR
PI: eu, explodes, explode, explodimos, explodis, explodem
PS : -

FALIR
PI: falimos, falis
PS: (só é conjugado quando após o "I" houver "i": falia, falias...- fali, faliste...- falira, faliras...)

FRIGIR
PI: frijo, freges, frege, frigimos, frigis, fregem
PS: frija, frijas, frija, frijamos, frijais, frijam

GERIR
PI : giro, geres, gere, gerimos, geris, gerem
PS : gira, -as, -a etc.

IMERGIR
PI: imerjo(ê), imerges, imerge, imergimos, imergis, imergem
PS: imerja, imerjas, imerja, etc.

MOSCAR
PI : musco, muscas, musca, moscamos, moscais, muscam
PS: musque, musques, musque, mosquemos, mosqueis, musquem

MUNIR
PI: muno, munes, mune, munimos, munis, munem
PS: muna, -as, -a etc.

POLIR
PI : pulo, pules, pule, polimos, polis, pulem
PS: pula, pulas, pula, pulamos, pulais, pulam

PRECAVER
PI : precavemos, precaveis
PPI: precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram
MQP: precavera
IS: precavesse

PREMIAR
PI: premio, premias, premia, premiamos, premiais, premiam
PS: premie, premies, premie, premiemos, premieis, premiem

PROVER
PI: provejo, provês, provê, provemos, provedes, provêem
PS: proveja, -as, -a etc.
PPI: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram

REAVER
PI : reavemos, reaveis
PS: -
PII: reavia, -as, -a, etc.

ARRUINAR
PI: arruino, arruinas, arruina, arruinamos, arruinais, arruínam
PS: arruine, arruines, arruinemos, arruineis, arruinem

AVERIGUAR
PI: averiguo, averiguas, averigua, averiguamos, averiguais, averiguam
PS: averigúe, averigúes, averigúe, averiguemos, averigueis, averigúem

APRAZER
PI : aprazo, aprazes, apraz, aprazemos, aprazeis, aprazem
PS: apraza, aprazes, apraza, aprazamos, aprazais, aprazam
PPI: aprouve, aprouveste, aprouve, aprouvemos, aprouvestes, aprouveram

MQP: aprouvera, aprouveras, aprouvera, aprouvéramos, aprouvéreis, aprouveram

COMERCIAR
PI: comercio, comercias, comercia, comerciamos, comerciais, comerciam
PS: comercie, comercies, comercie, comerciemos, comercieis, comerciem
PPI: comerciei, comerciaste, comerciou, comerciamos, comerciastes, comerciaram

CONSTRUIR
PI : construo, construis (ou constróis), construi (constrói), construímos, construís, construem /constroem)
PS: construa, -as, -a etc.

CUSPIR
PI: cuspo, cospes, cospe, cuspimos, cuspis, cospem
PS: cuspa, -as, -a, etc. (os demais tempos sempre com "u")

COLORIR
PI: eu, colores, colore, colorimos, coloris, colorem
PPI: colori, coloriste, coloriu etc. (só não possui aquelas pessoas em que, seguindo-se ao "r" teríamos "a" ou "o")

CEDER
PI : cedo, cedes, cede, cedemos, cedeis, cedem
PS: ceda, cedas, ceda, cedamos, cedais, cedam

CERZIR
PI: cirzo, cirzes, cirze, cerzimos, cerzis, cirzem
PS: cirza, cirzas, cirza, cirzamos, cirzais, cirzam (os demais tempos com "e")

CINGIR
PI : cinjo, cinges, cinge, cingimos, cingis, cingem
PS: cinja, cinjas, cinja, cinjamos, cinjais, cinjam

ESCAPULIR
PI : escapulo, escapoles, escapole, escapulimos, escapolis, escapolem
PS: escapula, -as, -a etc.

FERIR
PI : firo, feres, fere, ferimos, feris, ferem
PS : fira, -as, -a etc.

RESFOLEGAR e variante RESFOLGAR
PI: resfólego, resfólegas, resfólega, resfolegamos, resfólegam (resfolgo, resfolgas, resfolga, resfolgamos, resfolgais, resfolgam)
PS: resfólegue, resfólegues, resfólegue, resfoleguemos, resfolegueis, resfóleguem (resfolgue, resfolgues, resfolgue, resfoleguemos, resfolegueis, resfolguem)

SOAR
PI : soo, soas, soa, soamos, soais, soam
PS: soe, soes, soe, soemos, soeis, soem
PPI: soei, soaste, soou, soamos, soastes, soaram

SUAR
PI : suo, suas, sua, suamos, suais, suam
PS: sue, sues, sue, suemos, sueis, suem
PPI: suei, suaste, suou, suamos, suastes, suaram

VER
PI : vejo, vês, vê, vemos, vêdes, veem
PPI: vi, viste, viu, vimos, vistes, viram
PS: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam

VIR
PI : venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm
PS: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham
FUT. SUBJ.: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem
PPI: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram
FUT. IND.: virei, virás, virá, viremos, vireis, virão
IMP. SUBJ.: viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem

MORFOLOGIA
Formação de palavras

CONCEITOS BÁSICOS

MORFEMAS

São unidades estruturais que constituem uma palavra.

Radical ou Semantema

Parte da palavra responsável pela produção de sentido. Não é necessário que ele se mantenha igual em todos os derivados. Pode haver alteração como em pobre e paupérrimo, vida e vitalício...

Pedregulho – PEDR

Anoitecer – NOITE

Girassol – GIRA e SOL

Termos Cognatos

São cognatos palavras da mesma família etimológica. Elas apresentam o mesmo radical ou semantema e guardam alguma relação de sentido obrigatoriamente. Pode ser até o sentido oposto, mas deve haver uma relação de sentido, como em leal e desleal, uso e desuso...

terrestre / terrorista
– Não são cognatos e nem têm relação de sentido. (radicais TERRA/TERROR)

vida / vital / vitalício / vivência / viver – São cognatos.

uso / desuso / usual / usuário – São cognatos.

Desinências

Trata-se das flexões que uma palavra pode sofrer em função do contexto discursivo. Desinências não formam novas palavras. Vejamos um exemplo:

Amar e amamos não são cognatas e nem derivadas. São a mesma palavra, têm o mesmo sentido. "Amamos" é uma forma do verbo "amar" submetida a um processo flexional.

Há dois tipos de desinências – as nominais e as verbais.

Nominais				Verbais			
Gênero		Número		Modo-temporais		Número-pessoais	
Masculino	Feminino	Singular	Plural	Tempo	Modo	Número	Pessoa

Palavra	Radical	Vogal temática	Des. Gênero	Des. Número
Meninas	MENIN	–	A	S
Menino	MENIN	–	O	–
Mares	MAR	E	–	S
Jovem	JOVEM	–	–	–
Telefone	TELEFON	E	–	–

Conceito de **vogal temática**: liga o radical a uma desinência.

As **desinências verbais** podem ser:

• **Modo-temporais**: indicam o modo e o tempo no qual o verbo se encontra conjugado. **Os verbos conjugados em formas primitivas não apresentam desinências modo-temporais diretas.**

São **formas primitivas** do verbo:

– Infinitivo impessoal;

– Presente do indicativo;

– Pretérito perfeito do indicativo.

Nessas formas, o verbo apresentará desinências **número-pessoais**, com aspecto temporal.

A vogal temática dos verbos é definida pela conjugação:

AR →A

ER / OR →E

IR →I

Nem toda forma de conjugação verbal apresenta vogal temática.

Palavra	Radical	Vogal temática	DMT	DNP
Amávamos	AM	Á	VA	MOS
Deixou	DEIX	–	–	OU
Amo	AM	–	–	O
Amemos	AM	–	E	MOS
Cantava	CANT	A	VA	–
Cantaríamos	CANT	A	RÍA	MOS
Vendesse	VEND	E	SSE	–

Tema

Trata-se da junção do radical a uma vogal temática. Como nem toda palavra tem vogal temática, nem toda palavra apresentará tema.

Vendesse – tema: vende

Mares – tema: mare

Partiram – tema: parti

Afixos

São acréscimos feitos ao radical capazes de modificar o sentido da palavra e/ou sua classe.

São elementos distintos da desinência, porque formam novas palavras.

Os afixos são divididos em dois tipos: prefixos e sufixos.

– Prefixos – antes do radical.

– Sufixos – após o radical.

• OBSERVAÇÃO

*Algumas bancas denominam os **afixos** de **infixos**.*

Vejamos exemplos:

Feliz – adjetivo

Infeliz – a classe foi mantida, mas o sentido foi totalmente alterado: negação.

Felicidade – o sentido não foi significativamente alterado, mas a classe mudou (substantivo).

Infelizmente – mudou-se a classe e o sentido. A palavra é um advérbio com valor de negação.

Exemplos de prefixos:

***DES**leal, **IN**justo, **MAN**ter, **RE**ter.*

Exemplos de sufixos:

*comunica**ÇÃO**, comuni**CADO**, just**IÇA**, leal**MENTE**, gost**OSO**.*

Os sufixos costumam modificar mais a classe do que os prefixos. Estes normalmente alteram mais o sentido da palavra que sua classe.

Vogal ou Consoante de Ligação

São utilizados para ligar afixos ao radical ou radicais entre si.

Gira + sol = girassol – há um "-s" de ligação.

*A + crônico = **anacrônico** – há uma vogal e uma consoante de ligação. Nesse caso, pode-se dizer que há uma sílaba de ligação, porque **NA** forma uma sílaba.*

*Legal + dade = **legalidade***
(apresenta a vogal "i" de ligação)

PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

DERIVAÇÃO

Formação de palavras novas a partir de um vocábulo já existente, acrescentando-lhe afixos (prefixos e/ou sufixos) ou reduzindo-o (corte de elementos finais).

Há seis tipos de derivação:
- Prefixal ou prefixação
- Sufixal ou sufixação
- Prefixal e sufixal
- Parassintética ou parassíntese
- Regressiva
- Imprópria ou conversão

Derivação Prefixal

Acréscimo de prefixos à palavra primitiva.

***pré**-histórico, **dis**por, **des**leal, **ab**-rogar*
***super**-homem, **eu**fonia, **vice**-diretor,*
***semi**-círculo, **in**feliz, **re**fazer, **bi**nóculo...*

de	*depor*
com + por =	*compor*
im	*impor*
indecom	*indecompor*

Derivação Sufixal

Acréscimo de sufixos à palavra primitiva.

*planalt**ino**, leal**dade**, portugu**esa**, bon**íssimo**, mac**érrimo**, inquiet**ude**, manteigu**eira**, ram**agem**, sofr**imento**...*

Derivação Prefixal e Sufixal

Acréscimo independente de sufixos e de prefixos à palavra primitiva.

***deslealdade**, **in**quietude, **in**felicidade,*
***ultra**passagem, **re**consideração.*

Derivação Parassintética (ou Parassíntese)

Acréscimo simultâneo de sufixos e de prefixos à palavra primitiva.

*amolec**imento**, **en**tristecer, **des**almado,*
***en**velhecer, **re**patriado...*

ATENÇÃO!

Derivação prefixal e sufixal ≠ Derivação parassintética

Para que uma palavra seja formada por derivação prefixal e sufixal, é necessário que ela subsista, com sentido, depois de retirarmos o sufixo e/ou o prefixo. Assim:

deslealmente		***reconsideração***	
desleal // lealmente		*reconsiderar // consideração*	
deriv. prefixal	deriv. sufixal	deriv. prefixal	deriv. sufixal

Já as palavras ***emagrecer*** e ***entristecer*** são formadas por derivação parassintética, pois, se retirarmos qualquer um dos afixos, elas não subsistem com sentido.

emagrecer		***entristecer***
emagro // magrecer ⇐	*não existem* ⇒	*entriste // tristecer*

Derivação Regressiva

Criação de uma nova palavra por meio da supressão de elementos da palavra primitiva.

janta *(de jantar)*	**canto** *(de cantar)*
venda *(vender)*	**ataque** *(de atacar)*
defesa *(de defender)*	**compra** *(de comprar)*

ATENÇÃO!

A derivação regressiva forma, de modo geral, substantitvos abstratos agentivos a partir de verbos. Alguns autores consideram as reduções como derivações regressivas. Não é habitual na NGB.

Derivação Imprópria

Processo que consiste na mudança de classe gramatical das palavras.

a) substantivos próprios passam a comuns:
gilete (de Gillette) - lâmina x inventor
*Ele é o **judas** da turma.*
***bom-bril** (por palhinha de aço)*

b) substantivos comuns passam a próprios:
*José **Costa Coelho**, Nara **Leão**, Fernando Ferreira **Neto**...*

c) substantivos a adjetivos:
*comício **monstro** - mulher **gato** - camisa **rosa***

d) verbos a substantivos:
o ***jantar*** - o ***prazer*** - primeiro ***andar***

e) particípios a substantivos ou a adjetivos:
*a **bebida** - o **passado** - vinho **tinto***
(substantivos) (adjetivo)

ATENÇÃO!

*A **derivação imprórpia** também recebe o nome de **conversão.***

COMPOSIÇÃO

Criação de novas palavras com sentido novo, pela associação de duas ou mais palavras já existentes, com ou sem modificação de sua forma.

Há dois tipos de composição:
- **Por justaposição** (sem modificação da palavra)
- **Por aglutinação** (com modificação da palavra)

Composição por justaposição

Dois ou mais elementos que se unem formando uma só palavra, conservando autonomia de forma e acentuação própria.

amor-perfeito, pé de moleque, girassol, pau d'água, guarda-chuva, barco a vela, navio-escola, malmequer, bem-te-vi...

Composição por aglutinação

Dois ou mais elementos que se unem numa só palavra, subordinada a um só acento e com perda de autonomia de forma.

embora (em boa hora) *planalto (plano alto)*
petróleo (petra óleo) *aguardente (água ardente)*
vinagre (vinho agre) *você (vossa mercê)*

HIBRIDISMO

Formação de uma palavra composta, cujos elementos provêm de línguas diferentes.

televisão *(tele + visão)*
grego latim
alcoômetro *(álcool + metro)*
árabe grego
abreugrafia *(abreu + grafia)*
port. grego
sociologia *(socio + logia)*
latim grego
capim-meloso *(capim + meloso)*
tupi-guar. port.
burocracia *(bureau + cracia)*
francês grego
automóvel *(auto + móvel)*
grego latim

ATENÇÃO!

É preciso não confundir este processo com composição por aglutinação. Na composição, os elementos são de uma mesma língua: ***datilografia*** *(do grego).*
No hibridismo, de línguas diferentes: ***alcoômetro*** *(do árabe e do grego).*

OUTROS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Onomatopeia

Processo que consiste na criação de palavras imitativas.

Ocorre em dois casos:

- em vozes de animais: *au-au, miau, coaxar, piar, criciar, cri-cri, ronronar...*
- em sons ou ruídos de objetos ou coisas: *tilintar (dinheiro ou campainha) bimbalhar, dlim-dão, fon-fon, reco-reco...*

Redução

Criação de uma nova palavra com a supressão de parte da palavra primitiva.

pneu *(de pneumático),* ***foto*** *(de fotografia),* ***cine e cinema*** *(de cinematográfico),* ***pólio*** *(de poliomielite),* ***auto*** *(de automóvel),* ***moto*** *(motocicleta).*

ATENÇÃO!

É preciso não confundir este processo com a ***derivação regressiva****. Na redução, suprime-se a parte da palavra (às vezes uma palavra inteira):* ***pólio*** *(poliomielite);*
Na regressiva, suprimem-se os elementos finais da palavra: poda (de podar). Alguns autores admitem a associação dos dois casos.

EXERCÍCIOS

1 A palavra **ensolarada** tem o mesmo processo de formação da palavra

a) deslealdade

b) anoitecer

c) esperada

d) sonhada

e) amada

2 Os aparelhos ópticos denominados **estereoscópio, estetoscópio, caleidoscópio, periscópio, telescópio** têm relação direta, **RESPECTIVAMENTE**, com a ideia de

a) esterilidade, auscultação, beleza de formas, distância, relevo.

b) relevo, estética, visão ao redor, distância, beleza de formas.

c) esterilidade, relevo, distância, visão ao redor, beleza de formas.

d) relevo, auscultação, beleza de formas, visão ao redor, distância.

e) exterioridade, estética, calosidade, visão ao redor, auscultação.

3 Nas palavras **atenuado, televisão, percurso**, temos, **RESPECTIVAMENTE**, os seguinte processos de formação de palavras

a) parassíntese – hibridismo – prefixação

b) aglutinação – justaposição – sufixação

c) sufixação – aglutinação – justaposição

d) justaposição – prefixação – parassíntese

e) hibridismo – parassíntese – hibridismo

4 Todos os verbos seguintes são formados por parassíntese (derivação parassintética), **EXCETO**

a) endireitar

b) atormentar

c) enlouquecer

d) desvalorizar

e) soterrar

5 Assinale a única opção constituída por palavras formadas **APENAS** por sufixação.

a) agulha – diplomata – costureira

b) aglutinação – insuportável – saleta

c) ordinário – orgulhoso – caminho

d) costureira – silencioso – saleta

6 O item em que a palavra **NÃO** está **CORRETAMENTE** classificada quanto ao seu processo de formação é

a) ataque – derivação regressiva

b) fornalha – derivação por sufixação

c) acorrentar – derivação parassintética

d) antebraço – derivação prefixal

e) casebre – derivação imprópria

7 Em que alternativa a palavra em destaque resulta de derivação imprópria?

a) Às sete horas da manhã, começou o trabalho principal: a **votação**.

b) Pereirinha estava mesmo com a razão. Sigilo ... Voto secreto ...Bobagens, **bobagens**!

c) Sem radical **reforma** da lei eleitoral, as eleições continuariam sendo uma farsa!

d) Não chegaram a trocar um **isto** de prosa, e se entenderam.

e) Dr. Osmírio andaria **desorientado**, senão bufando de raiva.

8 As palavras **couve-flor, planalto, aguardente** são formadas por

a) derivação

b) onomatopeia

c) hibridismo

d) composição

e) prefixação

9 Em qual dos exemplos abaixo está presente um caso de derivação parassintética?

a) Lá vem ele, vitorioso do **combate**.

b) Ora, vá **plantar** batatas!

c) Começou o **ataque**.

d) Assustado, continuou a se **distanciar** do animal.

e) Não vou mais me **entristecer**, vou é cantar.

10 Assinale a alternativa cujas palavras são, **RESPECTIVAMENTE**, parassintética, onomatopaica e híbrida.

a) anoitecer – coaxar – televisão

b) deslealdade – chilrear – automóvel

c) fidalgo – zunzum – embarcar

d) descobrimento – tique-taque – decímetro

e) enriquecer – zás-trás – pernalta.

Gabarito

| 1-b | 2-d | 3 -a | 4-d | 5-d | 6-e | 7-d | 8-d | 9-e | 10-a |

RADICAIS DE ORIGEM GREGA		
RADICAL	**SIGNIFICADO**	**EXEMPLO**
acro	alto	acrofobia (medo de altura)
aero	ar	aeronáutica (navegação pelo ar)
agogo	o que conduz	demagogo (o que conduz o povo)
atropo	homem	antropologia (estudo dos grupos humanos)
arqueo	antigo	arqueologia (estudo de coisas antigas)
auto	de / por si mesmo	automóvel (que se move por si mesmo)
biblio	livro	biblioteca (coleção de livros)
bio	vida	biologia (estudo dos seres vivos)
caco	mal	cacofonia (mau som)
cali	belo	caligrafia (bela escrita)
cardio	coração	cardiologia (estudo do coração)
cefalo	cabeça	cefalalgia (dor de cabeça)
cosmo	mundo	cosmopolita (cidadão do mundo)
cracia	governo	democracia (governo do povo)
cromo	cor	acromia (ausência de cor)
demo	povo	`democracia (governo do povo)
etimo	origem	etimologia (estudo das origens)
etno	raça, povo	etnologia (estudo das raças)
fobia	medo, aversão	fotofobia (aversão à luz)
gastro	estômago	gastrite (inflamação do estômago)
geo	terra	geologia (estudo da terra)
grafia	escrita	ortografia (escrita correta)
hemo	sangue	hemorragia (derramamento de sangue)
hidro	água	hidrômetro (o que mede água)
hipno	sono	hipnofobia (medo de dormir)
hipo	cavalo	hipódromo (local onde correm cavalos)
homo	mesmo, igual	homógrafo (que tem a mesma escrita)
lito	pedra	litogravura (gravura feita em pedra)
mega	grande	megalópole (grande cidade)
metro	medida	cronômetro (o que mede o tempo)
micro	pequeno	micróbio (pequeno ser vivo)
morfo	forma	morfologia (estudo das formas)
necro	morto	necrologia (notícia de falecimento)
neo	novo	neologismo (palavra nova)
orto	certo, correto	ortografia (escrita correta)
pato	doença	patologia (estudo das doenças)
poli	muitos	polissílabo (que tem muitas sílabas)

RADICAL	SIGNIFICADO	EXEMPLO
pseudo	falso	pseudônimo (falso nome)
psico	alma	psicologia (estudo da alma)
taqui	rápido	taquigrafia (escrita rápida)
teca	coleção	mapoteca (coleção de mapas)
tele	longe	telefone (o que fala para longe)
teo	deus	teocracia (governo dos deuses)
termo	temperatura	termômetro (o que mede a temperatura)
trofia	desenvolvimento	atrofia (ausência de desenvolvimento)
xeno	estrangeiro	xenofobia (aversão ao estrangeiro)
zoo	animal	zoologia (estudo dos animais)

PREFIXOS DE ORIGEM GREGA		
RADICAL	SIGNIFICADO	EXEMPLO
a, an	negação, privação	ateu, anarquia
anfi	duplicidade, dualidade	anfíbio, anfiteatro
anti	ação contrária	antiaéreo, antipatia
arce, arqui	superioridade	arcebispo, arquiduque
dia	movimento através	diagona, diâmetro
dis	dificuldade	disenteria, dispnéia
endo	posição interior	endoscópio, endotérmico
epi	posição superior	epitáfio, epiderme
eu	bem, bom	eufemismo, eufonia
hemi	metade	hemiciclo, hemisfério
hiper	excesso	hipertrofia, hipertensão
meta	transformação	metamorfose, metáfora.
para	ao lado de	paralelo, parágrafo
peri	em torno de	perímetro, periscópio
sin	simultaneidade	sincrônico

RADICAIS DE ORIGEM LATINA		
RADICAL	**SIGNIFICADO**	**EXEMPLO**
agri	campo	agricultor (que cultiva o campo)
arbori	árvore	arborizar (plantar árvores)
avi	ave	avícola (local onde se vendem aves)
beli	guerra	belicoso (habituado à guerra)
capiti	cabeça	decapitar (cortar a cabeça)
cida	que mata	inseticida (que mata insetos)
cola	que cultiva	vinícola (que cultiva vinho)
fero	que contém	aurífero (que contém ou produz ouro)
fide	fé	fidedigno (digno de fé)
forme	forma	biforma (que possui duas formas)
frater	irmão	fraternidade (irmandade)
fugo	que foge	lucífugo (que foge da luz)
loco	lugar	localizar (fixar o lugar)
ludo	jogo	ludoterapia (tratamento através de jogos)
mater	mãe	materno (relativo a mãe)
multi	muito	multilateral (muitos lados)
oni	tudo, todo	onipresente (que está presente em tudo)
paro	que produz	ovíparo (que produz ovos)
pater	pai	paterno (relativo a pai)
pede	pé	pedestre (que anda a pé)
pisci	peixe	piscoso (cheio de peixes)
pluri	vários	pluricelular (que possui várias células)
puer	criança	pueril (infantil)
quadri	quatro	quadrimotor (que tem quatro motores)
silva	floresta	silvícola (que vive nas florestas)
umbra	sombra	penumbra (quase sombra)
voro	que come	carnívoro (que come carne)

PREFIXOS DE ORIGEM LATINA		
RADICAL	**SIGNIFICADO**	**EXEMPLO**
ambi	duplicidade	ambivalente, ambidestro
ante	anterioridade	antebraço, antepor
bi, bis	dois	bienal, bisavô
circum	movimento em torno	circunferência, circunavegação
cis	posição, aquém	cisplatino, cisapino
contra	oposição	contradizer, contra-ataque
infra	posição inferior, abaixo	infravermelho, infra-assinado
intra, intro	posição interior	intravenoso, introvertido
justa	posição ao lado	justapor, justalinear
mal, male	mal	malcriado, mal-humorado
multi	muitos	multinacional, multicolor
pen	quase	penumbra, península
per	movimento através	percorrer, perambular
pos	posição posterior	póstumo, postergar
pre	anterioridade	prefácio, preconceito
re	repetição	refazer, repensar
semi	etade, quase	semicírculo, seminu
trans	posição além de	transatlântico, transamazônica
tri	três	tricampeão, tricolor
vis, vice	substituição	visconde, vice-reitor

UNIDADE V

ANÁLISE SINTÁTICA

CONCEITOS BÁSICOS

A **análise sintática** é a parte da Gramática que estuda e classifica as orações e os termos de cada oração. Analisar sintaticamente um enunciado significa decompô-lo em partes e verificar a função das partes em relação ao todo.

Frase é todo enunciado capaz de transmitir novas ideias.

Uma lua clara iluminava o céu.

Puxa! Que frio!

Socorro!

Oração é toda frase construída em torno de um verbo.

Por favor, ***volte*** *para casa ainda hoje.*

Um lua clara ***iluminava*** *o céu.*

A triste notícia ***foi transmitida*** *de manhã.*

Período é a frase formada por uma ou mais orações. O período pode ser:

a) Simples: formado por uma única oração.

Naquele dia, todos voltaram cedo.

b) Composto: formado por duas ou mais orações.

Ele afirma / que você vencerá. (2 orações)

Ele tirou o brinquedo da gaveta / e verificou / que ele estava quebrado. (3 orações)

PERÍODO SIMPLES

SUJEITO E PREDICADO

Em um enunciado completo, sempre é dada uma informação (predicado) a respeito de alguém ou de alguma coisa (sujeito).

A	B
Ana	*dirigiu a palavra às classes menos favorecidas.*

O conjunto A recebe uma informação completa de B.

O conjunto B dá uma informação completa sobre o conjunto A.

RESUMINDO...

Sujeito é o termo da oração que recebe uma informação completa, que é dada pelo predicado.

Predicado é o termo da oração que dá informação completa a respeito do sujeito ou que se constitui a partir de um verbo impessoal.

Núcleo do sujeito: Dentro do conjunto do sujeito, quando este é formado de mais de um elemento, há sempre um termo de maior importância semântica, que funciona como núcleo da função.

sujeito	predicado
*O **mato***	*crescia irregular.*

núcleo

sujeito	predicado
Crianças, jovens e adultos	*andavam misturados.*

n1 n2 n3

Características do Sujeito

O verbo e o sujeito estão, em geral, concordando entre si.

Os gatos vadios ***dominavam*** *os becos.*

sujeito — verbo

concordam

Em um grande número de orações, o sujeito pode ser trocado por um dos seguintes pronomes: ele, ela, eles, elas.

Milhares de abelhas *invadiram a cidade.*

Elas *invadiram a cidade.*

sujeito

SUJEITO DETERMINADO

Quando a informação do predicado repousa num elemento que pode ser facilmente determinado.

sujeito	predicado
A mulher	*vivia rindo à vista de todos.*

CLASSIFICAÇÃO DO SUJEITO

a) **Simples**: quando tem um só núcleo.

sujeito	predicado
Clara	*atualizava seus conhecimentos.*

b) **Composto**: quando tem mais de um núcleo.

sujeito	predicado
Júlia, Víctor e Otávio	*andavam juntos.*

c) **Desinencial**: quando não vem expresso na oração, mas é possível determiná-lo por meio da desinência verbal.

sujeito	predicado
(Nós)	*Já nascemos bastante sofridos.*

sujeito	predicado
(Tu)	*Não porás mordaça ao homem.*

Nesses casos, o sujeito é simples, porém está subentendido no verbo.

SUJEITO INDETERMINADO

Quando a afirmação expressa pelo predicado repousa num elemento que não pode ser determinado dentro de um conjunto.

Há, em português, três maneiras de se indeterminar o sujeito:

a) Com verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito expresso. (efeito genérico)

sujeito	predicado
?	*Mataram o meu amigo.*

b) Com o verbo na 3ª pessoa do singular mais partícula SE (índice de indeterminação do sujeito).

sujeito	predicado
?	*Precisa-se do apoio de todos.*

Em geral, é formado por VT, VTI ou VLig.

ATENÇÃO!

Muitas vezes, temos o verbo na terceira pessoa do singular mais a partícula SE e o sujeito será determinado, estando presente na oração.
Existem, na Língua Portuguesa, duas construções bastante semelhantes no que se refere à função da palavra SE.
A palavra SE funciona, na voz passiva pronominal, como ***pronome apassivador****.*
Nesse caso, haverá sujeito expresso na frase.
O SE também pode exercer a função de ***índice de indeterminação do sujeito****.*

SE como pronome apassivador

O SE terá essa função quando aparecer ligado a um verbo na 3ª pessoa (do sing. ou pl.) e a oração admitir a transformação para a voz passiva analítica, isto é, para a voz passiva com dois verbos (verbo ser ou estar + verbo principal no particípio).

Voz Passiva Pronominal			Voz Passiva Analítica		
Divulgou-	se	o plano.	O plano	foi	divulgado.
verbo	*pronome apassivador*	*sujeito*	*sujeito*	*verbo auxiliar*	*verbo principal*

Observe que, nas duas frases, o sujeito é o mesmo: **o plano**. Na voz passiva pronominal, o SE indica que o sujeito recebe a ação, caracterizando uma voz passiva, por isso é denominado **pronome apassivador**.

Uma pergunta: se na frase **Divulgou-se o plano**, trocássemos o sujeito por **os planos**, o que deveria acontecer na forma verbal **divulgou**? Por quê?

A resposta: a forma verbal teria que ser colocada no plural, porque o sujeito e o verbo devem estar sempre concordando. A frase ficaria, então, assim:

pronome apassivador
↑
Divulgaram-se ***os planos.***
↓ ↓
verbo sujeito
Sujeito e verbo concordam entre si.

Outra pergunta: como ficaria essa nova frase na voz passiva analítica?

Ela ficaria assim:

Os planos *foram divulgados.*
↓ ↓
sujeito loc. Passiva

Na passiva, não há OD. Ele funciona como sujeito paciente nesse tipo de construção.

SE como índice de indeterminação do sujeito

A palavra SE terá essa função quando ela aparecer ligada a um verbo (sempre na 3ª pessoa do singular) em frases que não admitem a transformação para a voz passiva analítica.

Concordou	-se	com o plano.
verbo na 3ª pessoa do singular	*índice de indeterminação do sujeito*	*objeto indireto*

Essa frase nos diz que houve alguém, que não sabemos quem é (portanto, sujeito indeterminado), que concordou com o plano.

Observe que a transformação para a voz passiva analítica resultará em uma frase sem sentido, que não é gramaticalmente aceita:

Com os planos foram concordados.
(frase inaceitável)

Em geral (não sempre), o que impede a transformação da frase para a passiva analítica é uma preposição (no exemplo, a preposição com).

Esquematizando essas duas funções do SE:

Dada a frase em que se quer determinar a função do SE e/ou o sujeito, observe o seguinte:

A FRASE ADMITE A TRANSFORMAÇÃO PARA A PASSIVA ANALÍTICA?	
SIM: Então SE é pronome apassivador, e o sujeito está escrito na frase.	**NÃO:** Então SE é índice de indeterminação do sujeito, e o sujeito classifica-se como indeterminado.

SUJEITO INEXISTENTE (ORAÇÃO SEM SUJEITO)

Há, em Português, enunciados onde ocorre apenas a informação veiculada pelo predicado, sem que esta se refira especificamente a um sujeito. Dizemos, então, que se trata de uma oração sem sujeito ou que o sujeito é inexistente.

Ocorre sujeito inexistente nos seguintes casos:

a) Com o verbo HAVER no sentido de existir ou com referência a tempo.

sujeito	predicado
∅	***Havia** muitos alunos na classe.*

sujeito	predicado
∅	***Há** dois anos estive aqui.*

b) Com os verbos FAZER, SER, ESTAR com referência a tempo.

sujeito	predicado
∅	***Faz** dois anos que estive aqui.*

sujeito	predicado
∅	*Já **é** tarde.*

sujeito	predicado
∅	***Está** frio em São Paulo.*

c) Com os verbos que exprimem fenômenos naturais.

sujeito	predicado
∅	***Choveu** muito em São Paulo.*

sujeito	predicado
∅	***Anoiteceu** rapidamente.*

d) Construções do tipo: chega de, basta de e passa de.

sujeito	predicado
∅	***Chega de** palhaçada.*

• OBSERVAÇÕES

Quando temos orações sem sujeito, dizemos que o verbo de tais orações é ***IMPESSOAL.***

Os verbos impessoais, em geral, devem ficar na terceira pessoa do singular. *Assim, não se diz:*

Haviam muitas leis no país.
Fazem dois anos que nos conhecemos.

Corrija-se para:

Havia muitas leis no país.
Faz dois anos que nos conhecemos.

PREDICAÇÃO VERBAL

A predicação verbal trata do modo pelo qual os verbos formam o predicado, isto é, se exigem ou não complementos. Quando à predicação verbal, os verbos classificam-se em:

Intransitivos

São verbos que não reclamam complemento e, por isso, podem constituir sozinhos o predicado.

sujeito	predicado
José	*nasceu.*

Em geral, aparecem em frases com adjuntos adverbiais.

José	*nasceu*	***no Rio de Janeiro***	***em março.***
sujeito	VI	A. Adv. Lugar	A. Adv. de Tempo

Transitivos

São verbos que, por não possuírem sentido completo, exigem um complemento e, por isso, não conseguem sozinhos constituir o predicado. Os verbos transitivos subdividem-se em:

a) **Transitivos diretos:** quando exigem complemento sem preposição obrigatória.

Maria	*comprou*	*Ø*	*novas roupas.*
sujeito	VTD	prep.	complemento (OD)

b) **Transitivos indiretos:** quando exigem complemento com preposição obrigatória.

José	*gosta*	*de*	*coisas finas.*
sujeito	VTI	prep.	complemento (OI)

c) **Transitivos diretos e indiretos (ou bitransitivos):** quando exigem dois complementos: um sem e outro com preposição obrigatória.

Oferecemos	*flores*	*a*	*uma dama neurótica.*
VTD I	comp. s/ prep.	prep.	compl. c/ prep.

De Ligação

São aqueles que, não tendo conteúdo próprio, servem apenas como elemento de ligação entre o sujeito e um atributo do sujeito (predicativo).

Ela	*era*	*feliz.*
sujeito	VL	atributo do sujeito (predicativo)

Principais verbos de Ligação

ser, estar, permanecer, ficar, parecer, tornar-se, continuar, andar (=estar), viver (=estar) virar (=tornar-se)...

TERMOS QUE SE REFEREM AO VERBO

Objeto direto

É um termo da oração que se liga a um verbo (transitivo direto ou bitransitivo) sem preposição obrigatória, completando-lhe o sentido.

Ela	*comprou*	*Ø*	*um novo sapato.*
sujeito	VTD	prep.	OD

Objeto indireto

É o termo da oração que se liga a um verbo (transitivo indireto ou bitransitivo) por meio de preposição obrigatória, completando-lhe o sentido.

Ele	*pensava*	*em*	*coisas úteis.*
sujeito	VTI	prep.	OI

Agente da Passiva

É o termo da oração que sempre se refere a um verbo passivo por meio de preposição para indicar o elemento que executa ação verbal.

Ele	*foi amado*	*por*	*Maria.*
sujeito	verbo passivo	prep.	agente da passiva

Só admite as preposições **por**, **de**, **pelo** (e variações).

Objeto Direto Preposicionado

O objeto direto é o termo da oração que completa o sentido de um verbo transitivo sem preposição obrigatória. Algumas vezes, no entanto, o objeto direto poderá vir antecipado de preposição. Nesses casos, a preposição não é exigida pelo verbo.

pron. oblíquo tônico

Os amigos	*convidam*	*a*	*mim.*
sujeito	VTD	prep.	OD prep

Os amigos	*convidaram*	*ao*	*aluno.*
sujeito	VTD	prep. + artigo	OD

Verifique que, se tivéssemos objeto indireto, a preposição não desapareceria, pois é exigida pelo verbo.

Os amigos	*se referiam*	*a*	*mim.*
Os amigos	*se referiam*	*a*	*ela.*
Os amigos	*se referiram*	*a*	*pessoas especiais.*
sujeito	VTI	prep.	OI

Objeto Pleonástico

Muitas vezes, por questão de ênfase, antecipamos o objeto, colocando-o no início da frase e depois o repetimos por meio de um pronome oblíquo. A este objeto repetido, dá-se o nome de objeto pleonástico.

Os alunos,	*ninguém*	*os*	*viu.*
OD	sujeito	OD plen.	VTD

A mim,	*nada*	*me*	*importa.*
OI	sujeito	OI pleon.	VTI

Adjunto Adverbial

O adjunto adverbial se liga a um verbo exprimindo uma circunstância. Alguma vezes, o adjunto adverbial pode estar ligado a um adjetivo ou a um advérbio.

Maria	*é*	*muito*	*estudiosa.*
	v. lig.	adj. adv.	adjetivo

Maria	*fala*	*muito*	*bem.*
	VI	adj. adv.	advérbio

São inúmeras as circunstâncias que o adjunto adverbial pode indicar. Vejamos as mais comuns:

Moro ***em Belo Horizonte.*** (lugar)

Cheguei ***cedo.*** (tempo)

Falava ***sobre futebol.*** (assunto)

Cortou-se ***com a faca.*** (instrumento)

Falava ***bem.*** (modo)

Falava ***muito.*** (intensidade)

Morreu ***de fome.*** (causa)

Estudou ***para a prova.*** (fim)

DICAS GERAIS DE PREDICAÇÃO

- Nem todo verbo intransitivo tem sentido completo.
- Perguntas direcionadas ao verbo nem sempre são suficientes para identificar sua transitividade (use passiva ou outros recursos).
- Ser, estar, permanecer, etc. nem sempre são de ligação. Serão de ligação sempre que houver **predicativo do sujeito**.
- Nem todo termo preposicionado é objeto indireto. Considere a possibilidade de ser adjunto adverbial, complemento nominal ou outro termo de natureza preposicionada.
- A análise sintática do predicado deve ser iniciada pelos adjuntos adverbiais, evitando-se, assim, confundi-los com objetos indiretos.
- Se o verbo estiver seguido **exclusivamente** de adjuntos adverbiais, ele será intransitivo.
- Predicativo **não é exclusivo** de verbo de ligação. Pode acompanhar qualquer verbo e pode se referir tanto ao sujeito quanto ao objeto.
- A predicação / transitividade de um verbo pode variar em função do contexto.

CLASSIFICAÇÃO DO PREDICADO

O predicado é o conjunto de enunciados que, numa dada oração, contém uma informação nova para o ouvinte.

Nas orações sem sujeito, o predicado simplesmente enuncia um fato qualquer.

Chove muito nesta época do ano.

Houve problemas na reunião.

Nas orações em que há sujeito, o predicado é o que se declara a respeito desse sujeito.

Com exceção do vocativo, que é um termo à parte, tudo o que difere do sujeito numa oração é o seu predicado.

Os homens (sujeito) ***pedem amor às mulheres*** *(predicado).*

Passou-me *(predicado) uma ideia estranha (sujeito)* ***pelo pensamento*** *(predicado).*

Para o estudo do predicado, é necessário verificar se seu núcleo está num nome ou num verbo. Deve-se considerar também se as palavras que formam o predicado referem-se apenas ao verbo ou também ao sujeito da oração.

Os homens sensíveis (sujeito) ***pedem amor sincero às mulheres de opinião*** *(predicado).*

O predicado acima apresenta apenas uma palavra que se refere ao sujeito: *pedem*. As demais palavras ligam-se direta ou indiretamente ao verbo.

A existência (sujeito) é ***frágil*** *(predicado).*

O nome *frágil*, por intermédio do verbo, refere-se ao sujeito da oração. O verbo atua como elemento de ligação entre o sujeito e a palavra a ele relacionada.

O predicado verbal é aquele que tem como núcleo significativo um verbo.

Chove muito nesta época do ano.

Senti seu toque suave.

O velho prédio ***foi demolido.***

Os verbos acima são significativos, isto é, não servem apenas para indicar o estado do sujeito, mas indicam processos.

O predicado nominal é aquele que tem como núcleo significativo um nome; esse nome atribui

uma qualidade ou estado ao sujeito, por isso é chamado de predicativo do sujeito. O predicativo é um nome que se liga a outro nome da oração por meio de um verbo.

Nos predicados nominais, o verbo não é significativo, isto é, não indica um processo. O verbo une o sujeito ao predicativo, indicando circunstâncias referentes ao estado do sujeito.

*Ele **é senhor das suas mãos e das ferramentas.***

Na frase acima, o verbo *ser* poderia ser substituído por *estar, andar, ficar, parecer, permanecer* ou *continuar*, atuando como elemento de ligação entre o sujeito e as palavras a ele relacionadas.

A função de predicativo é exercida normalmente por um adjetivo ou substantivo.

O predicado verbo-nominal é aquele que apresenta dois núcleos significativos: um verbo e um nome. No predicado verbo-nominal, o predicativo pode referir-se ao sujeito ou ao complemento verbal.

O verbo do predicado verbo-nominal é sempre significativo, indicando processos. É também sempre por intermédio do verbo que o predicativo se relaciona com o termo a que se refere.

*O dia **amanheceu ensolarado.***

*As mulheres **julgam os homens inconstantes.***

No primeiro exemplo, o verbo *amanhecer* apresenta duas funções: a de verbo significativo e a de verbo de ligação. Esse predicado poderia ser desdobrado em dois, um verbal e outro nominal.

*O dia **amanheceu.***

*O dia **estava ensolarado.***

No segundo exemplo, é o verbo *julgar* que relaciona o complemento *homens* como o predicativo *inconstantes*.

TERMOS QUE SE REFEREM AO NOME

Adjunto Adnominal

É o termo da oração que se liga a um nome, sem mediação de verbo a fim de determiná-lo ou caracterizá-lo.

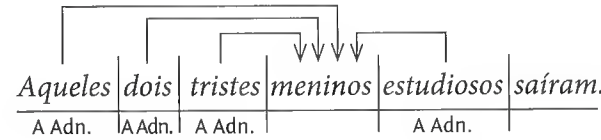

O adjunto adnominal pode ser representado por:

- artigo

- numeral

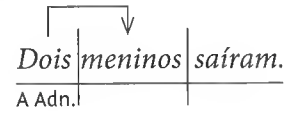

- pronome adjetivo

- adjetivos

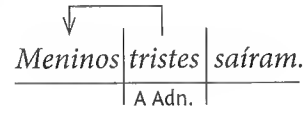

- locuções adjetivas

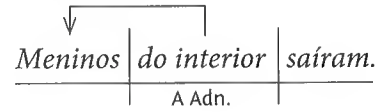

Complemento Nominal

É o termo da oração que se liga a um nome sempre por meio de preposição obrigatória, a fim de completar-lhe o sentido. Podemos dizer que o complemento nominal é o objeto do nome transitivo.

A	*resposta*	*ao*	*professor*	*foi satisfatória.*
	Nome	Prep.	CN	

NÃO CONFUNDA ADJUNTO ADNOMINAL COM COMPLEMENTO NOMINAL

Complemento nominal

- Completa nomes transitivos (substantivos abstratos, adjetivos ou advérbios).
- Substantivo abstrato: sentimento, ação, qualidade ou estado. Os sentimentos e as ações têm uma maior probabilidade de pedirem complemento.
- É obrigatoriamente preposicionado.
- Quando se refere a um substantivo abstrato, tem natureza passiva.

*O medo **da morte** aproxima as pessoas.*

Medo: substantivo abstrato; da morte: prep. "de"; tem natureza passiva (a morte é temida). É complemento nominal.

*Isso é favorável **ao país**.*

Favorável: adjetivo; preposição "ao"; ao país: complemento nominal.

Nota:
Palavras que completam adjetivos só podem ser complementos nominais.

*Agiu contrariamente **a seus princípios**.*

Contrariamente: advérbio; prep. "a"; a seus princípios: complemento nominal.

Nota:
Palavras que completam advérbios só podem ser complementos nominais.

*Amor **de mãe** é bom.*

Amor: substantivo abstrato; prep. "de"; a natureza é ativa – a mãe está amando. Então, o termo destacado não é complemento nominal, é adjunto adnominal, pois tem natureza ativa.

*Amor **à mãe** é bom.*

Amor: substantivo abstrato; prep. "a"; natureza passiva – a mãe está sendo amada. Então, o termo é complemento nominal, pois tem natureza passiva.

Adjunto adnominal

- Acompanha substantivos abstratos ou concretos.
- Pode ser representado por artigos, pronomes, numerais, adjetivos ou locuções adjetivas.
- Quando se refere a um substantivo abstrato, tem natureza ativa.

***As duas últimas** casas **de José** eram bonitas.*

As palavras destacadas funcionam como adjuntos adnominais do vocábulo CASA, que é um substantivo concreto.

EXPLICANDO...

*A crítica **do diretor** foi severa.*

Nesse caso, crítica é um substantivo abstrato e o termo ligado a ele sugere uma noção ativa. Então, **do diretor** é adjunto adnominal.

*A crítica **ao diretor** foi severa.*

Nesse caso, o diretor foi criticado, reforçando a natureza passiva do termo. Logo, trata-se de um complemento nominal.

Predicativo

É o termo da oração que se refere a um nome sempre por meio do verbo (de ligação ou não), a fim de caracterizá-lo. O predicativo pode ser:

a) **predicativo do sujeito**: liga-se a um nome (que sintaticamente funciona como sujeito) por meio de verbo (de ligação ou não), a fim de caracterizá-lo.

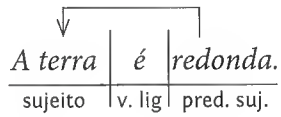

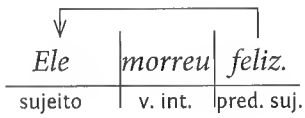

b) **predicativo do objeto**: liga-se a um nome (objeto) por meio de verbo, a fim de caracterizá-lo.

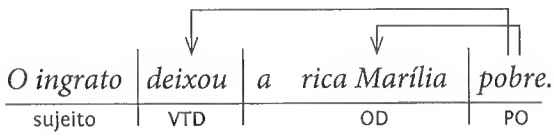

• OBSERVAÇÃO

O predicativo do objeto pode vir antes ou depois do objeto.
*Ela deixou o rapaz **nervoso**.*
*Ela deixou **nervoso** o rapaz.*

Aposto

O aposto é o termo da oração que se refere a um nome com função de explicá-lo, esclarecê-lo, identificá-lo. Normalmente, o aposto vem separado por vírgulas.

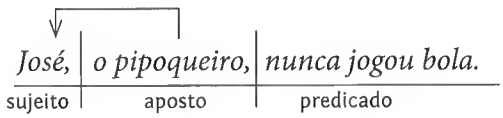

Vocativo

O vocativo constitui um termo independente da oração por não se articular a nenhum outro. Portanto, o vocativo não se refere ao sujeito, nem ao predicado.

Trata-se de um chamamento, direcionado ao ouvinte da frase.

Esse termo vem sempre isolado por sinais de pontuação.

***Caros eleitores,** votem com consciência.*

***Prezados concursandos,** estudem!*

*Vai, **Carlos,** viver a vida!*

PERÍODO COMPOSTO

O período composto é uma estrutura com sentido completo, constituída de duas ou mais orações.

***Cheguei** a casa, mas não me **demorei**, porque **recebi** um chamado urgente.*

1ª oração: *Cheguei a casa,*
2ª oração: *mas não me demorei,*
3ª oração: *porque recebi um chamado urgente.*

ATENÇÃO! DIVIDA CORRETAMENTE!

Na **divisão das orações** de um período, é necessário atentar no seguinte:

- marcar os verbos, as locuções verbais, as formas nominais do verbo (gerúndio, infinitivo, particípio), os conectivos (conjunções, pronomes relativos);
- atentar nos sinais de pontuação;
- observar o sentido de cada oração;
- pôr os marcos de separação.

__Voltando__ ao escritório, / Mário __ficou olhando__ para o quadro / __que__ tanto problema lhe __causara__.

1ª oração: *__Voltando__ ao escritório, (verbo reduzido, em lugar de conectivo)*

2ª oração: *Mário __ficou olhando__ para o quadro (sem conectivo e com locução verbal)*

3ª oração: *__que__ tanto problema lhe __causara__.(com conectivo e verbo)*

O período pode ser composto por:
- Coordenação (só orações coordenadas)
- Subordinação (principal + subordinada)
- Coordenação e Subordinação (simultaneamente coordenadas + subordinadas + principal)

PERÍODO COMPOSTO POR COORDENAÇÃO

As orações que dele fazem parte são **independentes** (cada uma tem sentido próprio com estrutura sintática completa).

O automóvel __corre__, a lembrança __morre__, o suor __escorre e molha__ a calçada...

Vejamos a distribuição das orações do período acima:

1ª oração: *o automóvel corre,*

2ª oração: *a lembrança morre,*

3ª oração: *o suor escorre*

4ª oração: *e molha a calçada...*

O período é formado por 4 orações.

Cada uma delas pode, por si, constituir outro período, chamado período simples, contendo oração com estrutura sintática completa (sujeito e predicado).

Assim, são independentes, por terem, cada uma, sentido próprio.

Podemos dizer que as orações são independentes, ou seja coordenadas entre si; sendo o período, portanto, composto por coordenação.

As orações de um período composto por coordenação podem ser:

Assindéticas – sem conjunção.

Sindéticas – com conjunção.

Vim, vi e venci.

As orações **"vim"** e **"vi"** estão colocadas lado a lado sem nenhuma conjunção as ligando. São **assindéticas**.

A terceira oração "e **venci**" está ligada a anterior pela conjunção **e**. Nesse caso, ela é chamada **sindética**.

Está frio; você deve agasalhar-se.

As duas orações do período estão justapostas, colocadas lado a lado sem conjunção que as ligue. **São coordenadas assindéticas.**

Está frio; você deve agasalhar-se, __pois__.

A primeira oração apresenta-se sem conjunção: **coordenada assindética**.

A segunda oração traz a conjunção **pois**, embora deslocada: **coordenada sindética**.

Diferença entre *frase optativa* e *frase imperativa:*

Sê maldito! (imperativo / sugere ordem)

Maldito sejas! (optativa - subjuntivo / sugere desejo): [= Que sejas maldito!]

• OBSERVAÇÃO

As orações coordenadas se apresentam com verbo no imperativo ou indicativo. Não apresentam verbo no subjuntivo, exceto quando a coordenação é feita entre as orações optativas.

*Bons ventos o **levem***
*e melhores ventos o **tragam**.*

coordenada assindética
coordenada sindética aditiva

As coordenadas sindéticas dividem-se, de acordo com o sentido e com as conjunções que as ligam, em:

Aditivas

Sentido: exprimem em relação à oração anterior uma **ideia de adição.** (Exprimem soma de pensamentos.)

Conjunções: e, nem (=não), como também, mas também, também, bem como, que (entre verbo repetido), mas ainda...

*Pedro entrou **e** foi dormir.*

*O médico não veio, **nem** me telefonou.*

*Não só é vaidosa, **mas também** inconveniente.*

*A água escorre **que** escorre.*

Adversativas

Sentido: expressam pensamentos que se opõem, que **contrastam com o anterior.** (Exprimem pensamentos opostos.)

Conjunções: mas, porém, contudo, todavia, entretanto, senão, não obstante, no entanto...

*Ouvi, **todavia** não compreendi.*

*Tomei cuidado, **não obstante** caí.*

*Fui ao banco, **entretanto** não fiz o saque.*

*Corri, **contudo** não alcancei o ônibus.*

*O jogo estava bom; os torcedores, **porém**, vaiaram os jogadores.*

As conjunções **e** e **mas** podem aparecer uma no lugar da outra.

*Acendi o cigarro, **e** não fumei.*
*(= **mas** não o fumei: sindética adversativa)*

*Acendi o cigarro **mas** fumei-o devagar.*
*(= **e** fumei-o devagar: sindética aditiva)*

Alternativas

Sentido: expressam em relação à oração anterior uma ideia de alternância ou de escolha. (Exprimem pensamentos que se excluem ou se alternam.)

Conjunções: ou, ou...ou, nem...nem, quer... quer, ora...ora, seja... seja...

***Ora** xinga, **ora** elogia.*

*Corra **ou** não alcançará o trem.*

*Pedro **nem** diz sim **nem** diz não,*
está sempre em cima do muro.

A conjunção **nem** (aditiva) aparece apenas uma vez e tem o sentido de **e não**; a conjunção **nem... nem** (alternativa) aparece repetida – uma em cada oração.

Maurício não estuda nem trabalha.
*(= **e não** trabalha: **aditiva**)*
*Maurício **nem** estuda **nem** trabalha.*
*(= repetida: **alternativa**)*

Conclusivas

Sentido: expressam pensamento que encerra uma **conclusão** acerca da oração anterior. (Exprimem uma conclusão.)

Conjunções: logo, portanto, por conseguinte, pois (após o verbo), por isso, assim, desse modo, então, dessa forma..

*Você é meu amigo; deve, **pois**, ajudar-me.*

*Ganho pouco, **logo** devo economizar.*

*O ingresso está muito caro, **por isso** não vou assistir ao show.*

Explicativas

Sentido: expressam pensamento que **explica**, justifica o anterior. (Explicam, esclarecem.)

Conjunções: **pois** (antes do verbo), porque, que, porquanto...

*Não pise a grama, **que** é proibido.*

*Alegra-te, **porque** vamos ajudá-lo.*

*Não desarrume a casa, **pois** sua mãe detesta isso.*

A conjunção **pois**	empregada antes do verbo, introduz oração sindética explicativa (= porque).
	empregada após o verbo, introduz oração sindética conclusiva (= portanto).

As orações coordenadas assindéticas não são introduzidas por conector, mas guardam entre si uma relação semântica.

Uns querem a paz; outros querem a guerra.

As duas orações que compõem o período são assindéticas, pois nenhuma delas é introduzida por conector. Nota-se, porém, que há, entre elas, uma relação de oposição, ainda que não haja conector.

As orações coordenadas assindéticas podem ser separadas por vírgula, ponto e vírgula ou dois-pontos, conforme a situação discursiva e o tipo de relação que se deseja estabelecer.

Brigam muito: querem o divórcio.

(valor conclusivo)

Ouviu um barulho, levantou-se, não era nada.

(valores conclusivo e adversativo, respectivamente)

PERÍODO COMPOSTO POR SUBORDINAÇÃO

As orações que dele fazem parte são **dependentes** (= interagem sintaticamente entre si).

Não sei como perdi o relógio.

Vejamos a distribuição das orações do período acima:

1ª oração: **Não sei**

2ª oração: **como perdi o relógio**.

O período é formado por duas orações.

A primeira oração interfere sintaticamente na segunda assim:

O verbo **saber** da primeira oração é transitivo direto, tendo seu sentido complementado pela segunda oração que exerce, portanto, a função de objeto direto.

Daí, o período ser composto por **subordinação**, por possuir oração dependente.

Todo período composto por subordinação possui, basicamente, dois tipos de orações:

- **Principal**
- **Subordinada**
  - a) Substantiva - com função sintática na principal
  - b) Adjetiva - refere-se a um termo da principal
  - c) Adverbial - exprime uma circunstância em relação à principal

As orações subordinadas podem ser desenvolvidas ou reduzidas.

- desenvolvidas
  - verbo conjugado + conector
- reduzidas
  - sem conector + forma nominal

ORAÇÃO PRINCIPAL

É a que subordina outra oração.

Características da Oração Principal

a) Em geral, não apresenta conectivo
- conjunção
- pronome relativo

b) Não contém verbo em forma reduzida (exceto se houver locução verbal)
- de gerúndio **(ndo)**
- de particípio **(do, go, to, so)**
- de infinitivo **(r)**

O verbo da oração principal, em geral, está no indicativo.

***Desconfio** de que você perderá seu lugar.*

Desconfio: oração principal - sem conjunção, sem forma verbal reduzida – o verbo está empregado no presente do indicativo.

ORAÇÃO SUBORDINADA

Características da Oração Subordinada

a) Apresenta conectivo ou contém verbo em forma **reduzida**.

b) Exerce função sintática na principal.

*Convém **aparecer tendo** folga.*

O período apresenta três orações:

1ª oração: ***Convém***: principal.

2ª oração: ***aparecer***: subordinada, reduzida de infinitivo – apresenta forma verbal no infinitivo e exerce a função de sujeito.

3ª oração: ***tendo*** folga: subordinada, reduzida de gerúndio - apresenta forma verbal no gerúndio, exerce a função de adjunto adverbial de tempo.

As duas subordinadas podem apresentar-se desenvolvidas (com conectivo).

Convém ***que** apareça / **quando** tiver folga.*

As orações subordinadas, conforme a função que desempenham, classificam-se em:

a) **substantivas:** *Espero **que ele seja feliz.***

b) **adjetivas:** *O rapaz **que conheci** é bonito.*

c) **adverbiais:** ***Se houver aula,** eu irei.*

ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA

Exerce a função desempenhada por um substantivo e subdivide-se em:

- subjetiva - função de sujeito.
- objetiva: direta ou indireta - função de complemento verbal.
- completiva nominal - complemento verbal.
- predicativa - função de predicativo.
- apositiva - função de aposto.
- agente da passiva - função de agente da passiva

As orações **subordinadas substantivas objetivas diretas, objetivas indiretas e predicativas** ligam-se ao verbo da principal ou da oração anterior.

Espero .....
Necessito de ..... } ***que voltes logo.***
Meu desejo é....

As orações **subordinadas substantivas completivas nominais** e **apositivas** ligam-se ao nome da principal ou da oração anterior.

*Tenho **receio** de **que me denuncies.***

*Não quero **isto: que me denuncies.***

As orações subordinadas substantivas **subjetivas** tanto podem ligar-se ao verbo quanto ao nome da principal ou da oração anterior.

*Convém **que regresses logo.***

*É meu desejo **que regresses logo.***

Exercem a função desempenhada por um substantivo.

CLASSIFICAÇÃO	FUNÇÃO SINTÁTICA
OBJETIVA DIRETA	OBJETO DIRETO
OBJETIVA INDIRETA	OBJETO INDIRETO
PREDICATIVA	PREDICATIVO
SUBJETIVA	SUJEITO
COMPL. NOMINAL	COMPL. NOMINAL
APOSITIVA	APOSTO

ligam-se ao VERBO da oração anterior

ligam-se ao NOME da oração anterior

• OBSERVAÇÃO

Qualquer oração subordinada substantiva pode ser introduzida por conjunção integrante (**que, se**), por pronome indefinido (**que, quem, quanto, qual**) ou por advérbio interrogativo (**onde, quando, como, por que, para que**).

*Não se sabe **se ela chegou.***
*Sei **que ele chegou.***

*Nunca se soube **como ele fugiu.***
*Não sabemos **quando ela voltou.***

*Não descobri **onde ele se escondeu.***

FUNÇÃO SINTÁTICA DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS

• **Subjetiva** - tem função de ***sujeito.***

*É preciso **que estudemos.***
[= *Nosso estudo* é preciso. (sujeito)]

• **Objetiva direta** - exerce a função de ***objeto direto.***

"Confesso **que me emocionei...**"
[= Confesso *minha emoção...* (objeto direto)]

• **Objetiva indireta** - exerce a função de ***objeto indireto.***

*Ele necessita **de que o ajudes.***
[= Ele necessita *de tua ajuda.* (objeto indireto)]

• **Predicativa** - exerce a função *de **predicativo.***

*A verdade é **que minha mãe era cândida.***
[=A verdade *é a candura de minha mãe.* (predicativo do sujeito)]

• **Completiva nominal** - função de ***complemento nominal.***

*Todos estavam convictos **de que seria aprovado.***
[= Todos estavam convictos de sua *aprovação.* (complemento nominal)]

• **Apositiva** - exerce a função de ***aposto.***

*Ela declarou apenas isto: **que lutará até o fim.***
[= Ela declarou apenas isto: *a luta até o fim.* (aposto)]

CLASSIFICAÇÃO DAS ORAÇÕES SUBSTANTIVAS

Subordinada Substantiva Subjetiva

Exerce a função de sujeito da oração anterior.

É certo ***que ele regresse logo.***

1ª oração:	2ª oração:
contém só o predicado	serve como sujeito da 1ª oração (o regresso dele logo)
principal	*subjetiva*

Como reconhecer a subordinada substantiva subjetiva:

O verbo da oração principal ou da oração anterior aparece na 3ª **pessoa do singular** e não admite sujeito dentro da própria oração em que ele está.

Não se sabe *quem quebrou as vidraças.*

A oração *"Não se sabe"* não aceita que se lhe coloque como sujeito o pronome **ele**, pois fica sem sentido. Isso porque o seu sujeito está representado pela oração seguinte: *"quem quebrou as vidraças"*, que é a subordinada substantiva subjetiva.

A oração subordinada substantiva subjetiva é introduzida pelas seguintes estruturas:

a) Predicado nominal
b) Voz passiva
c) Verbos unipessoais
} + subordinada substantiva (subjetiva)

a) Predicado nominal (com verbo na 3ª pessoa do singular).

- Verbos **ser, estar, ficar,** mais adjetivo ou substantivo: **é bom, é fato, é verdade, ficou claro, parece óbvio...**

Ficou claro
Parece evidente
Era duvidoso
} ***que você viria cedo.***

b) Voz Passiva

- ***Passiva sintética:*** (verbo na 3ª pessoa + **se**) *Sabe-se, conta-se, dir-se-ia, pede-se, diz-se...*
- ***Passiva analítica:*** (verbo *ser, estar* + part. passado).

Sabe-se
Ficou provado
Dir-se-ia
} ***que José não sabe ler.***

c) Verbos unipessoais: usados só na 3ª pessoa do singular. (são intransitivos)

- **de conveniência:** convém, cumpre, importa...
- **de ocorrência:** ocorre, acontece, sucede...
- **de efeito moral:** apraz, agrada, satisfaz...
- **de dúvida:** parece, consta, corre...

Urge
Importa
Apraz
} ***que você estude mais.***

Aconteceu
Parece
Consta
} ***que ele não disse nada.***

Substantiva Objetiva Direta

Exerce função de objeto direto da oração anterior.

Marcos afirmou **que voltaria dia dezoito.**

1ª oração:	2ª oração:
contém sujeito e verbo TD	serve como objeto direto da 1ª oração (sua volta dia dezoito)
principal	*objetiva direta*

DIFERENÇA ENTRE A SUBJETIVA E A OBJETIVA DIRETA

Subordinada Substantiva Subjetiva: a oração anterior aparece na 3ª pessoa do singular e não aceita sujeito.

*Pede-se **que você colabore.***

A oração **Pede-se** tem o verbo na 3ª pessoa do singular e não aceita como sujeito o pronome **ele**, porque fica sem sentido. (**Ele** pede-se que você colabore). [?]

Daí, a oração seguinte **que você colabore** exercer a função de sujeito, com o nome de ***substantiva subjetiva.***

Subordinada Substantiva Objetiva Direta: a oração anterior aparece com verbo em qualquer pessoa e aceita sujeito dentro da própria oração.

Quero **que você colabore.**
(= **Eu** quero a sua colaboração)
(sujeito) (objeto direto de querer)

Nós verificamos **quantos alunos faltaram.**
(sujeito) (objeto direto de verificar)

Ele não sabe **se há dinheiro em caixa.**
(sujeito) (objeto direto de saber)

(*) Peço-lhe **que não falte ao nosso encontro.**
sujeito: eu

(*) Avisaram-nos **que haverá prova amanhã.**
sujeito indeterminado

(*) Diga-me **quem provocou o quebra-quebra.**
sujeito: você objeto indireto: me
objeto direto: quem provocou o quebra-quebra

(*) VERBO TDI

A oração subordinada substantiva objetiva direta serve de complemento (**OD**) do verbo transitivo direto e do verbo transitivo direto e indireto da oração anterior.

*Espero **que traga o livro amanhã.***
TD **OD**

*Peço-lhe **que traga o livro amanhã.***
TDI OI **OD**

Subordinada Substantiva Objetiva Indireta

Funciona como objeto indireto da oração anterior.

Nem sempre vem preposicionada.

*Necessito **de que consertes meu televisor.***

1ª oração:	2ª oração:
contém sujeito e verbo TI *principal*	serve como objeto indireto da 1ª oração (do conserto do meu televisor) *objetiva indireta*

A preposição pode vir subentendida.

A oração *subordinada substantiva objetiva indireta* funciona como objeto indireto do verbo transitivo indireto ou transitivo direto e indireto da oração anterior.

*Preciso **de que me elogiem.***

*Gosto **de que me elogiem.***

*Anseio **por que passem.***

*Lembrei-me **de que já o vira.***

*Avisei-os **de que não haverá reunião.***

Subordinada Substantiva Completiva Nominal

Exerce a função de complemento nominal da anterior.

Aparece sempre com preposição.

*Tinha medo **de que me punissem.***

A oração *substantiva completiva nominal* completa o sentido de um nome (substantivo abstrato,

adjetivo, advérbio) contido na oração anterior.

Recebi *notícias* ***de que ela voltará breve.***

Fiquei com *receio* ***de que chovesse.***

Você era *digno* ***de que o demitissem.***

Estou *certo* ***de que choverá.***

Estavam *ansiosos* ***por que chegasse.***

ATENÇÃO!

Não confundir ***completiva nominal*** *com* ***objetiva indireta.***

- **Completiva nominal:** completa nome (adjetivo, substantivo abstrato, advérbio). Aparece neste esquema:

nome + preposição + *completiva nominal.*

Estou ***certo*** **de** que as coisas irão melhorar.

Não há ***certeza*** **sobre** quem recairá a culpa.

Estou *desejoso* de que você consiga o cargo de gerente.

- **Objetiva indireta:** completa verbo transitivo indireto. Apresenta-se neste esquema:

verbo + preposição + *objetiva indireta.*

Necessitamos **de** quem seja digitador.

Nada *obsta* a que você saia agora.

Subordinada Substantiva Predicativa

Exerce a função de predicativo da oração anterior. É introduzida pelo verbo **ser,** ou outro verbo de ligação.

A verdade *é* **que não descontamos o cheque.**

1ª oração:	2ª oração:
contém sujeito e verbo ser	serve de predicativo (= o não desconto do cheque) da 1ª oração
Oração principal	*Predicativa*

O melhor *será* **que estudem mais.**

Seu desespero *era* **que o gato morria.**

Sua alegria *seria* **que o irmão sarasse logo.**

Subordinada Substantiva Apositiva

Exerce função de aposto da oração anterior.

A *substantiva apositiva* aparece, normalmente, depois de nome com dois pontos (ou vírgula).

Contou-me algo horrível: **que Ana se casaria.**

1ª oração:	2ª oração:
o objeto direto está com o sentido truncado	desenvolve o sentido do objeto direto da 1ª oração
Oração principal	*Apositiva*

Ela pediu-me isto: **que o avisasse de tudo.**

Peço-te um favor: ***que não me denuncies.***

A necessidade da empresa é uma só: **que trabalhem duro.**

Verbo na 3ª pessoa do singular + se em orações substantivas.

1)

oração anterior contém **se** (pron.) e **verbo sem preposição**	→	oração seguinte é **substantiva subjetiva**

se { **anteposto** ao verbo
ou
posposto e ligado ao verbo pelo hífen

introduz

substantiva subjetiva

Não mais ***se fala*** que você era o culpado.

Falava-se que ele era o culpado.

Não ***se espera*** que o comércio venda bem.

Pede-se que se faça silêncio.

- A oração principal traz verbos transitivos diretos na voz passiva sintética.
- Não aceita sujeito, pois a oração seguinte é o seu sujeito.
- A partícula **SE** ligada ao verbo é pronome apassivador;
- A oração seguinte é *substantiva subjetiva.*

Não **se sabe** se ele chegou.
subjetiva

Sabe-se que ele chegou.
subjetiva

2)

oração anterior contém **se** (conj.) e **verbo sem preposição**	oração seguinte é **substantiva objetiva direta**

se posposto ao verbo sem estar a ele ligado por hífen

introduz

substantiva objetiva direta

Falava se você era o culpado.

Ninguém mais fala se ela fugiu.

Você sabe se ele chegou?

Desconheço se há alguém a par do acontecido.

- A oração anterior de cada período traz verbo transitivo direto.
- Cada oração anterior tem o seu sujeito:
  [**ele**] falava [**Ninguém**] mais fala
  [**você**] sabe [**eu**] desconheço;
- A partícula **se** é conjunção integrante e introduz oração *objetiva direta.*

3)

oração anterior contém **se** (pron.) e **verbo com preposição**	oração seguinte é **substantiva objetiva indireta**

se { **anteposto** ou **posposto**

introduz

substantiva objetiva indireta

Não ***se*** lembra **de** que ele era o culpado?

Precisa-**se de** quem tenha experiência.

Esqueça-**se de** quem lhe disse isso.

- A oração principal traz verbo transitivo indireto na voz ativa.
- O pronome **se** é índice de indeterminação do sujeito ou parte integrante do verdo.
- A oração seguinte é *substantiva objetiva indireta.*

Verbo na 3º pessoa do singular + outro pronome (que não o SE) em orações substantivas.

1)

oração anterior contém **pronome e verbo sem preposição**	oração seguinte é **substantiva objetiva direta**

pronome { **anteposto** ou **posposto**

me pediu

pediu-**me**

introduz

substantiva objetiva direta

Avisou-**me** que ela estava viajando.
TDI OI OD

Ninguém **me** avisou que haveria greve.
OI TDI OD

Peço-**te** que venha mais cedo.
TDI OI OD

Já **vos** falei que não daria certo.
OI TDI OD

- Verbo da oração principal é transitivo direto e indireto.
- cada oração principal tem o seu sujeito:
  [ele] avisou-me [Ninguém] me avisou
  [eu] peço-te [eu] já vos falei
- O pronome átono serve de objeto indireto.
- A oração seguinte é *substantiva objetiva direta.*

2)

oração anterior contém **pronome e verbo com preposição**	→	oração seguinte é **substantiva objetiva indireta**

pronome { **anteposto** ou **posposto**

introduz

substantiva objetiva indireta

Ninguém **me** convence **de** que ele é inocente.
OD TDI OI

Comuniquei-**o de** que não daria certo.
TDI OD OI

Não **o** aconselho **a** que trabalhe muito.
OD TDI OI

Informou-***me*** **de** que ela estava viajando.
TDI OD OI

- A oração principal traz verbo transitivo direto e indireto na voz ativa.
- Os pronomes ligados ao verbo exercem a função de objeto direto.
- A oração depois da preposição é subordinada *substantiva objetiva indireta.*

ESQUEMA

Para melhor compreensão deste esquema, seguir a direção indicada pelas setas.

Oração Subordinada Substantiva

Oração Principal ou anterior ⇒ introduz ⇒ Oração Subordinada tem:

⇓ ⇓

verbo ou nome:
- ser ou de ligação → subst. predicativa
- com preposição → subst. obj. indireta
- sem preposição, com sujeito → subst. obj. direta
- e não apresenta sujeito → subst. subjetiva

nome:
- com dois pontos ou vírgula → subst. apositiva
- com preposição → subst. completiva nominal

Nosso desejo **é** que pensem.
⇑ *predicativa*
verbo ser

Desejamos que pensem.
⇑ *objetiva direta*
verbo transitivo direto

Necessitamos de que pensem.
⇑ *objetiva indireta*
verbo transitivo (indireto com preposição)

É necessário que pensem.
⇑ *subjetiva*
não apresenta sujeito na oração principal

Desejamos apenas isto: que pensem.
⇑ *apositiva*
nome + dois pontos

Temos necessidade de que pensem.
⇑ *completiva nominal*
nome + preposição

ORAÇÃO SUBORDINADA ADJETIVA

Exerce a função de adjetivo ou locução adjetiva, referindo-se a substantivo ou pronome da oração principal ou anterior.

É introduzida pelos pronomes relativos: **que, quem, quanto, onde, o qual, cujo**.

ATENÇÃO!

Os pronomes **que, quanto, quem, onde, quanto e como** só serão relativos se retomarem um termo antecedente.

Recebi a encomenda ***que*** **me enviaste**.
(que = a encomenda)

Não conheço a rua ***onde*** **você mora**.
(onde = a rua)

Conforme seu valor, classifica-se em:
- ***Restritiva:*** sem pontuação.
- ***Explicativa:*** com pontuação.

SUBORDINADA ADJETIVA RESTRITIVA

É indispensável à compreensão do termo antecedente, ao qual se liga sem pausa; não havendo, portanto, necessidade de vírgula na escrita.

A causa ***por que*** **lutamos** é o nosso ideal.
(= pela qual)

O livro ***que*** **comprei** é excelente.
(= o qual)

O homem ***a quem*** **me refiro** viajou cedo.
(= ao qual)

Feliz é a nação ***cujo*** **governante é honesto**.
(**cujo** não apresenta sinônimo perfeito)

• OBSERVAÇÃO

A subordinada adjetiva restritiva possui valor de adjetivo, exercendo a função sintática de adjunto adnominal.

Pedro é um jovem ***que estuda muito.***
= adjetivo estudioso

função: *adjunto adnominal* do subst. *jovem*.

É teu tudo ***quanto existe aqui.***
= adjetivo existente [aqui.]

função: *adjunto adnominal* do pron. *tudo*

SUBORDINADA ADJETIVA EXPLICATIVA

Por ter valor secundário, dispensável do período, liga-se ao termo antecedente com uma pausa, marcada na escrita necessariamente por vírgula.

Os homens, **que são mortais**, dominam tudo.
(todos os homens)

Pedro, **que é muito rico**, ainda ficará mais rico.
(especificamente Pedro)

• OBSERVAÇÃO

A oração subordinada adjetiva explicativa equivale a um aposto.

A primavera, **que é a estação das flores**, chegou.

A primavera, *estação das flores*, chegou.
= aposto

ESQUEMA DE ORAÇÃO SUBORDINADA ADJETIVA

CLASSIFICAÇÃO	FUNÇÃO SINTÁTICA
adjetiva restritiva	adjunto adnominal
sem pontuação	
adjetiva explicativa	aposto
com pontuação	

referem-se a um **nome** ou **pronome** da oração anterior **(= antecedente)**

DIFERENÇA ENTRE AS ORAÇÕES ADJETIVAS RESTRITIVA E EXPLICATIVA

- A **adjetiva restritiva** individualiza um nome ou pronome anteriormente expresso; ela indica uma parte do todo. **Acrescenta uma nova ideia.**

*O homem **que é justo** perdoa.*

A oração **"que é justo"** restringe o sentido da palavra **"homem"**: não é todo homem que perdoa, mas somente aquele *que é justo.*

- A **adjetiva explicativa** repete uma ideia, merecedora de realce e que pertence à palavra anterior. **Indica uma qualidade inerente ao ser.**

*Deus, **que é justo,** perdoa.*

A oração **"que é justo"** não acrescenta nada de novo à palavra **Deus**; pois Deus por sua própria natureza tem de ser justo.

O fato de a **adjetiva explicativa** repetir algo que já está implícito na palavra anterior a torna dispensável do período, razão por que aparece com vírgula.

Diferença entre uma oração substantiva completiva nominal e uma oração adjetiva restritiva. **(ambas com preposição e sem pontuação)**

- A oração **adjetiva restritiva** pode ser trocada por um adjetivo.

- O conectivo que introduz a adjetiva restritiva é um pronome relativo.

*Não gostei da revista de **que** você tanto fala.*

= **falada**

= **da qual**
objeto indireto

*O medo a **que** fiz referência era infundado.*

= **referido**

= **ao qual**
complemento nominal

- O verbo da **completiva nominal** pode ser trocado por um substantivo.

- A completiva nominal pode ser trocada por um pronome substantivo.
- O conectivo que introduz a **completiva nominal** é uma conjunção que não faz referência a termo anterior. Também não exerce função sintática; é mero elemento de ligação.

*Tenho medo de **que** me julguem idiota.*

= **julgamento** (verbo *julgar* trocado por substantivo)

= **disso** (toda a oração trocada pelo pronome *isso*)

*Tenho certeza de **que** a situação do país melhorará.*

= **melhora**
(da situação do país)

= **disso** (toda a oração trocada pelo pronome *isso*)

FUNÇÃO SINTÁTICA DOS PRONOMES RELATIVOS

Os pronomes relativos exercem dupla função: a de **conectivo,** pois ligam duas orações, e a de **termo** da oração que introduzem, porque representam o nome anterior.

Os pronomes relativos podem ser substituídos, na oração em que estão, pelo nome que os precede.

Veja:

Adorei *as caixas* **que** me enviaram.

oraçãoprincipal — subordinada adjetiva restritiva

A oração adjetiva restritiva possui o verbo enviar (na forma *enviaram)*. Este verbo pede dois complementos - quem envia, envia **alguma coisa a alguém**. Dentro da oração, o pronome *me* serve de OI (a mim); falta o OD. Assim, o pronome *que* exerce esta função.

O pronome relativo *que* substitui, na frase em que está, o antecedente *as caixas*. Desse modo, a oração adjetiva fica assim, após a troca: *...enviaram-me **as caixas**.* (o termo em negrito funciona como objeto direto).

Função sintática	Exemplos
sujeito	O homem **que** é justo tem a consciência tranquila. antecedente = **o homem** é justo
adjunto adverbial de lugar	Esta é a cidade **onde** me criei. = me criei **na cidade**
adjunto adnominal	A mulher a **cujos** filhos fiz referência é especial. = fiz referência aos filhos **da mulher**
complemento nominal	A revista a **que** fiz alusão ainda não chegou. = fiz alusão **à revista**
objeto direto	A carne **que** comprei estava estragada. = comprei **a carne**
objeto indireto	Encontrei o rapaz por **quem** me apaixonei. = apaixonei-me **pelo rapaz**
predicativo	Você não é mais o amigo **que** sempre foi. = sempre foi **o amigo**

• OBSERVAÇÕES

- ***cujo e variações*** → em geral funcionam como **adjuntos adnominais**.
- ***onde*** → só funciona como **adjunto adverbial de lugar**.
- ***como*** → só funciona como **adjunto adverbial de modo**.

ORAÇÃO SUBORDINADA ADVERBIAL

Exerce a função de um advérbio.

Conforme a circunstância expressa, subdivide-se em:

- **Causal:** ideia de causa.
- **Comparativa:** ideia de comparação.
- **Consecutiva:** ideia de consequência.
- **Concessiva:** ideia de concessão.
- **Condicional:** ideia de condição.
- **Conformativa:** ideia de conformidade.
- **Final:** ideia de finalidade.
- **Proporcional:** ideia de proporção.
- **Temporal:** ideia de tempo.

A oração subordinada adverbial é introduzida por conjunção subordinativa.

- **Causal**

Sentido: expressa uma **circunstância de causa**, razão do que aconteceu anteriormente.

*Pedro foi reprovado **porque** não estudava.*

⇓

causa da reprovação de Pedro.

Conjunções: **porque**, porquanto, por isso que, pois que, pois, visto que, visto como, uma vez que, já que, como (antes da oração principal) etc.

Como chovia muito, fiquei em casa.

*Foi reprovado, **porquanto** não estudou.*

*O leão atacou o domador, **visto que** estava com fome.*

Uma vez que fui ofendido, revidei energicamente.

DIFERENÇA ENTRE ADVERBIAL CAUSAL E COORDENADA EXPLICATIVA

É muito difícil e sutil diferenciar uma adverbial causal de uma coordenada explicativa.

Alguns artifícios são empregados para tentar visualizar uma e outra. Normalmente, a adverbial *causal* não aceita os artifícios da coordenada *explicativa* e vice-versa.

- Toda oração será **coordenada explicativa** se o verbo da oração anterior estiver exprimindo ordem ou pedido (= imperativo ou outro tempo verbal que substitua ou que seja equivalente ao imperativo).

Não fume, **que** é proibido.

Estude muito; **porque** é preciso.

Levarei este casaco, **pois** gostei dele.

Não matarás, **que** é pecado. (= Não mates)

- A **adverbial causal**, por ser o motivo/a causa, pode vir em primeiro lugar no período.

*Ela gritou **porque** lhe pisaram o calo.*
ou
***Porque** lhe pisaram o calo, ela gritou.*

*Não fui ao show **uma vez que** chovia.*
ou
***Uma vez que** chovia, não fui ao show.*

- "**Porque** é Natal, oramos." (adverbial causal)

"Oremos, **porque** é Natal." (coordenada explicativa)

Qual é o fato gerador? O *Natal* ou *orar*?
O Natal é o fato gerador. Ora-se por causa do Natal.

Embora em ambos os exemplos a oração **porque é natal** exprime causa, a classificação das orações não é a mesma.

- No primeiro exemplo, tem-se uma oração **adverbial causal** porque ela antecede, é a primeira oração (observe que o verbo da oração principal está no indicativo).

- No segundo exemplo, embora se tenha o mesmo sentido do primeiro, a primeira oração traz o verbo no modo imperativo. Quando a oração anterior tem seu verbo no imperativo, a oração seguinte é coordenada sindética explicativa, pois ela apenas explica, esclarece a ordem dada anteriormente.

*Não fumei **porque** é proibido.*
(subordinada adverbial causal)

*Não fume, **porque** é proibido.*
(coordenada sindética explicativa)

*Não fumarás, **porque** é proibido.*
(coordenada sindética explicativa)

- No primeiro exemplo, o fato anterior, o fato gerador é a proibição. Assim, a oração *porque é proibido* ser adverbial causal.

- No segundo exemplo, pelo fato de a primeira oração possuir um verbo no modo imperativo, a segunda oração está apenas explicando, esclarecendo a ordem dada anteriormente. Então, ela é coordenada sindética explicativa.

- No terceiro exemplo, a primeira oração possui um verbo no modo indicativo equivalente ao imperativo (= Não fume); assim a segunda oração está apenas explicando, esclarecendo a ordem dada anteriormente. Então, ela é coordenada sindética explicativa.

- **Comparativa**

Sentido: expressa uma **comparação**; exprime o outro termo de uma comparação antes.

*Mário é tão esperto **quanto o pai.***
⇓ primeiro termo ⇓ outro termo da comparação

Conjunções: quanto, como, que, do que, bem como, assim como, tal como, qual, que nem...

*Aquela jovem é tão bela **quanto você.***

*A baleia é maior **do que o elefante**.*

*Juliana é tão esperta **como a mãe**.*

*Você é menos lento **que nós.***

Normalmente, a adverbial comparativa não possui verbo expresso por ser o mesmo da anterior. Assim, evita-se repetição desnecessária de termos.

*Adalberto é tão genioso **quanto o pai**.* (é)

Ângela é menos inteligente { ***(do) que Ana.*** (sem verbo) / ***(do) que Ana é.*** (verbo repetido) }

- **Consecutiva**

Sentido: exprime uma **consequência** do pensamento expresso na oração anterior.

*A moça chorou tanto, **que ficou doente.***
⇓
consequência de a moça ter chorado.

Conjunções: que, sem que (= que não), de modo que, de sorte que, de forma que, de maneira que (precedidas normalmente de tão, tanto, tamanho, tal)...

*Ela não pode ver palhaço, **sem que** chore.*

*Choveu, choveu, **que** inundou o lugarejo.*

Sempre que houver adverbial consecutiva, pode-se intercalar após a conjunção **que** a expressão **em consequência**.

*O susto foi tamanho **que** ele desmaiou.*
⇓
= que, **em consequência**, ele desmaiou

*Gritei tanto, tanto **que** resolveram ajudar me.*
⇓
= que, **em consequência**, resolveram ajudar me

DIFERENÇA ENTRE A COMPARATIVA E A CONSECUTIVA

Adverbial consecutiva - Comeu tanto **que nem** pode andar.

Verbo expresso é diferente do da anterior; expressa a consequência do fato anterior *(ter comido tanto)*.

*Comeu tanto **que, em consequência,** nem pôde andar.*

Adverbial comparativa - Comeu tanto **que nem** o pai.

Verbo não expresso, mas o mesmo da anterior *(que nem o pai **comeu**)*; expressa a comparação iniciada na oração anterior .

*Comeu tanto **que nem** o pai. (comeu)*

DIFERENÇA ENTRE ADVERBIAL CONSECUTIVA E ADJETIVA RESTRITIVA

Adjetiva restritiva

- restringe o sentido do termo anterior;
- é introduzida por pronome relativo;
- equivale a um adjetivo;
- exerce a função sintática de adjunto adnominal.

Os cães faziam um barulho ***que*** *era um desespero!*
(= o qual era um desespero)
(= barulho desesperado)

A oração **"que era um desespero"** está restringindo o substantivo **barulho,** sendo, pois, uma **subordinada adjetiva restritiva.**

Adverbial consecutiva

- exprime consequência;
- é introduzida por conjunção subordinativa;
- equivale a um advérbio.

Os cães faziam tanto barulho ***que*** *era um desespero!*
(=que, em consequência, era um desespero.)

A oração "**que** era um desespero" está exprimindo consequência pelo fato de os cães fazerem tanto barulho é, pois, **subordinada adverbial consecutiva.**

- **Concessiva**

Sentido: exprime uma **concessão** (= não haverá obstáculo ou impedimento para o que se declara), noção de exceção.

Foi trabalhar, ***embora*** *estivesse doente.*
⇓
concessão aberta

Conjunções: embora, ainda que, nem que, mesmo que, não obstante que, se bem que, posto que, conquanto, por pouco que, apesar de que, por mais que, por menos que, por maior que, suposto que, por pior que, por melhor que, que, sem que (= embora não) malgrado, em que pese...

Posto que *fosse feia, exalava simpatia.*

Gosto de maçãs, ***ainda que*** *verdes.*

- **Condicional**

Sentido: exprime uma **condição** de que depende a realização, ou não, do que se declara

Se não chover à tarde, *iremos ao clube.*
⇓
condição imposta

Conjunções: se, salvo se, exceto se, a menos que, sem que, a não ser que, desde que, contanto que, sem que...

Paulo será aprovado, ***contanto que*** *estude.*

Irei a São Paulo, ***desde que*** *o tempo melhore.*

Caso *o tempo melhore, continuaremos a viagem.*

- **Conformativa**

Sentido: exprime um fato em **conformidade** com outro.

Tudo se realizou ***conforme eu tinha previsto.***
⇓
em conformidade = de acordo

Conjunções: conforme, como, de modo que, segundo, consoante, de forma que...

*Ele fez o serviço, **como** foi combinado.*

*A tarefa, **consoante** as regras estabelecidas, foi realizada ontem.*

***Segundo** consta em nossos arquivos, Vossa Senhoria encontra-se inadimplente.*

- **Final**

Sentido: exprime a **finalidade** do que foi declarado.

*Faço votos **para que** sejam aprovados.*
⇓
finalidade do que foi declarado antes

Conjunções: para que, a fim de que, porque, que (com verbo no subjuntivo)...

*Parei-o, **a fim de que** me desse o cartão.*

*Todos lhe faziam gestos **para que** voltasse logo.*

A adverbial final pode ser introduzida pelas conjunções **porque** e **que,** se o verbo estiver no subjuntivo.

*"Orai **porque** não entreis em tentação."*
= para que — verbo no subjuntivo

*Senhor, dê licença **que** eu saia?*
= para que — verbo no subjuntivo

- **Proporcional**

Sentido: exprime **proporcionalidade** (= um fato que ocorre, aumenta ou diminui, simultaneamente àquilo que se declara).

***À medida que** andávamos, ele contava o caso.*
↖ ↗
fato simultâneo a outro

Conjunções: à medida que, à proporção que, ao passo que, (tanto mais)... quanto mais...

*Todos entravam, **à proporção que** eram chamados.*

***Quanto mais** se tem, mais se deseja.*

*Canso-me **ao passo que** subo a ladeira.*

***Quanto mais** falava, menos explicava.*

***À medida que estudo**, aprendo.*

- **Temporal**

Sentido: traduz o **tempo** da realização daquilo que é expresso em outra oração.

***Quando** saímos da estrada, perdemo-nos.*
⇓
tempo da realização

Conjunções: quando, enquanto, apenas, mal, logo que, antes que, depois que, sempre que, até que, desde que, assim que...

***Mal** o sol se escondeu, começaram a seresta.*

*Passo pela MG 5, **sempre que** posso.*

***Apenas** iniciaram os distúrbios, foi encerrada a reunião.*

A adverbial temporal pode ser introduzida pela conjunção **que,** antecedida de expressões do tipo **agora, a primeira vez, a única vez, a última vez** e outras idênticas.

*"**A primeira vez que** vi Teresa, achei que ela tinha as pernas estúpidas..."*

***A segunda vez que** errares, dar-te-ei um tapa.*

***Agora que** você está mais calmo, vamos conversar.*

ORAÇÃO REDUZIDA

É a oração que possui um verbo em uma de suas formas nominais: **gerúndio**, **particípio** ou **infinitivo.**

Formas nominais	Terminações	Exemplos
Gerúndio	*ndo*	Não **estudando**, fui reprovado.
Particípio	*ado, ido, do, go, to, so*	**Suprimida** a pena, voltaram ao serviço.
Infinitivo	*r* *ar* *er* *or* *ir*	Seria certo **ver** o trem?

CARACTERÍSTICAS DA ORAÇÃO REDUZIDA

Não é introduzida por conjunção ou pronome relativo.

Pode, em geral, ser desdobrada em uma oração com conjunção e verbo em forma finita (indicativo, subjuntivo ou imperativo).

Estudando sem método, seremos reprovados.
sem conjunção e com verbo reduzido

Desdobrando-a:

Se estudarmos sem método, seremos reprovados.
com conjunção e verbo finito

Daí a reduzida receber a mesma classificação da desenvolvida: **adverbial condicional**.

Reduzidas de Gerúndio

- Orações adverbiais causais, concessivas, condicionais e temporais.
- Orações adjetivas restritivas.
- Orações coordenadas entre si.

Mara caiu da cama, machucando-se.
coordenada assindética (= e machucou-se toda)

Estudando, passarão.
subord. adv. condicional (= se estudarem)

Temendo confusão, saí logo.
subord. adv. causal (= porque temia confusão)

Acabando a sessão, fomos ao clube.
subord. adv. temporal (= quando acabou a sessão)

Chegando ao mercado, vi comerciantes mudando o preço dos legumes.
Chegando ao mercado, ⇒ subord. adv. temporal
(= quando cheguei ao mercado)
vi comerciantes ⇒ principal
mudando o preço dos legumes. ⇒ subord. adjetiva restritiva
(= que mudavam o preço dos legumes)

LOCUÇÃO VERBAL X VERBO EM SUA FORMA NOMINAL

Verbo na sua forma nominal introduz oração subordinada reduzida de gerúndio, de particípio, de infinitivo.

***Chovendo**, não iremos ao clube.*

O verbo acima está apenas no gerúndio, introduzindo uma oração subordinada adverbial condicional, reduzida de gerúndio. (= se chover, não iremos ao clube).

***Está chovendo;** não iremos ao cinema.*

Verbos formando uma locução verbal e fazendo parte de uma oração coordenada assindética. (Não se trata, pois, de oração reduzida de gerúndio).

Está: auxiliar, **chovendo**: principal. Os dois equivalem a um só verbo: **chover (chove)**.

Reduzidas de Particípio

- Orações adverbiais causais, concessivas, condicionais, temporais.

- Orações adjetivas restritivas ou explicativas.

__Aprovada__ a ata, começamos os trabalhos.
subord. adverbial temporal (= **Quando** a ata foi aprovada)

__Perdida__ a página no vídeo, conseguiu retirá la da memória.
subord. adverbial concessiva (= **Embora** tivesse perdido)

__Prevista__ discussão, não iniciei a sessão.
subord. adverbial causal (= **Porque** previ discussão)

A decisão, __tomada pelo juiz__, agradou.
subord. adjetiva explicativa (= **que** foi tomada)

• OBSERVAÇÕES

- As orações adverbiais proporcionais e comparativas são sempre desenvolvidas.
- As adverbiais consecutivas e finais não aparecem reduzidas de gerúndio.
- Não há oração substantiva reduzida de gerúndio e de particípio.

Reduzidas de Infinitivo

- Orações substantivas.
- Orações adverbiais causais, concessivas, condicionais, finais e temporais.
- Orações adjetivas restritivas.

Não pedi para __trazerem__ os livros.
subord. substantiva objetiva direta (= **que** trouxessem os livros)

Urge __sairmos__ agora.
subord. substantiva subjetiva (= **que** saiamos agora)

Ela saiu __sem me agradecer__.
subord. adverbial concessiva (= sem que me agradecesse)

Vimos Pedro __sair rápido__.
subord. adjetiva restritiva (= que saía rápido)

Quero pedir lhe algo: __não discutir__ à toa.
subord. substantiva apositiva (= **que** não discuta à toa)

VERBO REDUZIDO DE INFINITIVO COM O FUTURO DO SUBJUNTIVO

- Com verbo reduzido de infinitivo, não há conjunção.

__A continuar__ a chuva, não sairemos.
(= se continuar a chuva)
subord. adverbial condicional, reduzida de infinitivo

- Com o futuro do subjuntivo, há conjunção subordinativa ou pronome relativo. (que, se, quando, enquanto...)

__Se continuar__ a chuva, não sairemos.
futuro do subjuntivo
subord. adverbial condicional (desenvolvida)

A CONJUNÇÃO "E" NO PERÍODO COMPOSTO POR COORDENAÇÃO E SUBORDINAÇÃO

- Imediatamente **após a principal,** introduz **coordenada sindética aditiva.**

Pedro ligou-me *e*
1ª

pediu-me encarecidamente
2ª

que o ajudasse.
3ª

1ª oração: principal.
2ª oração: coordenada sindética aditiva e principal de segundo grau em relação à 3ª oração (pois traz o verbo **pedir** que é transitivo direto e indireto e tem um de seus complementos em forma de oração).
3ª oração: subordinada substantiva objetiva direta (serve de objeto direto do verbo **pedir**).

- **Após** oração **subordinada**, introduz oração com o **mesmo nome da anterior** (trata-se de duas orações subordinadas coordenadas entre si).

Mariana disse
1ª
que compraria o colar
2ª
e o daria a você.
3ª

1ª **oração:** principal.
2ª **oração:** subordinada substantiva objetiva direta.
3ª **oração:** subordinada substantiva objetiva direta, coordenada à anterior e subordinada à primeira oração.

Mariana disse { que compraria o colar. / que o daria a você.

ALGUMAS CORRELAÇÕES DE ORAÇÃO REDUZIDA

- O **verbo no infinitivo** antecedido de preposição inicia orações com os seguintes valores semânticos: causa, tempo, finalidade e condição.
- Com a preposição **por**, a indicação será de causa:

Por estar acamado, *não irei à reunião*

- Com **para**, de finalidade:

Elas vieram ***para conversar.***

- Com **ao**, de tempo:

Ao chegar ao colégio, *encontrei meu amigo.*

- Com **a**, de condição:

A continuar assim, *você não conseguirá seu intento.*

- Com **apesar de**, de concessão:

Apesar de ser jovem, *era muito séria.*

ORAÇÕES INTERCALADAS

- São orações independentes que

não { fazem parte do período. / exercem função sintática (não se ligam sintaticamente a nenhuma outra).

- Intercalam-se no período, interrompendo-o por um instante para, como num aparte, introduzir uma citação, advertência, desejo, ressalva, opinião, enfim uma observação qualquer.
- Nada tem a ver com o período em que se intercalam.
- Também podem ser chamadas de **orações interferentes**.

As moças, ***creio eu,*** *não gostam de mim, que sou feio.*

O período é formado de duas orações:

- 1ª **oração:** As moças não gostam de mim *(principal)*
- 2ª **oração:** que sou feio *(subord. adverbial casual)*
- **"creio eu"** não faz parte do período, é, portanto, *oração intercalada.*

"- Por que não fumas?
*- **perguntou o comerciante.**"*

"- Porque a saúde é minha mãe.
*- **respondeu o filósofo.**"*

"Ela já viu isto?
*- **perguntei à parteira.**"*

As orações em negrito exemplificam casos de oração interferente.

As intercaladas podem aparecer entre { vírgulas / travessões ou / parênteses

• OBSERVAÇÃO

As orações colocadas no início do período podem introduzir uma fala, uma citação ou uma explicação, como nos exemplos a seguir :

*- Por que não fumas? - **perguntou o comerciante.***
oração intercalada

***Perguntou o comerciante:** "Porque não fumas?"*
fala

*O petróleo, **dizem os jornais,** vem subindo de preço.*
oração intercalada

***Dizem os jornais:** "O petróleo vem subindo de preço."*
citação

EXERCÍCIOS

1 *"Quando o enterro passou,*
Os homens que se achavam no café
Tiraram o chapéu maquinalmente."
(Manuel Bandeira)

A oração que se achavam no café é
a) subordinada adverbial condicional.
b) coordenada sindética adversativa.
c) subordinada substantiva subjetiva.
d) subordinada substantiva objetiva direta.
e) subordinada adjetiva restritiva.

2 Assinale o item em que há uma oração, quanto à classificação, idêntica à segunda do período ***Pernoitamos depois junto a um açude lamacento, onde patos nadavam.***
a) "As virilhas suadas ardiam-me, o chouto do animal sacolejava-me..."
b) "De onde vinham as figuras desconhecidas para encontrar-nos?"
c) "Fiz o resto da viagem com um moço alegre, que tentou explicar-me as chaminés dos banguês..."
d) "Os ais graúdos percebiam que a viagem era alegre."
e) "Surgiam, regatos, cresceram tanto que se transformaram em rios..."

3 Assinale o período que contenha uma oração reduzida com valor de adjetivo.
a) O ônibus parou na rua transversal para assustar os passageiros.
b) Correndo assustado, o menino foi chamar o guarda.
c) Os garotos vestindo camisetas velhas reclamavam apenas uma penca de bananas meio amassadas.
d) Faça das entranhas coração para obter, um dia, a rara felicidade dos humanos.
e) Moleques de carrinho dirigiam-se a várias direções, atropelando uns aos outros.

4 Assinale a opção em que a substituição da expressão destacada modifica o sentido básico da frase.
a) A maioria elabora comentários sobre fatos que não existiram.
A maioria elabora comentários sobre fatos irreais.
b) Eles são alguns dos que transitam pela avenida Paulista.
Eles são alguns dos transeuntes da avenida Paulista.
c) Os mais eloquentes nas bobagens que falam são os meninos.
Os mais eloquentes nas bobagens proferidas são os meninos.
d) Parece existir o sentimento generalizado de que tudo é possível neste País.
Parece existir o sentimento generalizado de toda a viabilidade deste País.
e) Trans-Piração é o programa a que aludiu o repórter.
Trans-Piração é o programa mencionado pelo repórter.

5 Em todas as opções, as duas orações estão corretamente relacionadas no período, **EXCETO** em

a) Falou-me de João Cabral. Eu já conhecia alguns poemas dele.
= Falou-me de João Cabral, que poemas eu já conhecia.

b) Você não estava passando bem. Não devia ter saído de casa.
= Se você não estava passando bem, não devia ter saído de casa.

c) O choque entre os dois ônibus foi muito violento. Vários passageiros sofreram fraturas sérias.
= O choque entre os dois ônibus foi tão violento que vários passageiros sofreram fraturas sérias.

d) É melhor dar o assunto por encerrado. Nada mais temos a tratar.
= É melhor dar o assunto por encerrado, já que nada mais temos a tratar.

e) Moram na mesma rua. Raramente se encontram.
= Embora morem na mesma rua, raramente se encontram.

6 Considere as seguintes frases:

I – João informou-o de que chegaram os livros.
II – João informou-lhe que chegaram os livros.
III – João informou-o que chegaram os livros.
IV – João informou-lhe de que chegaram os livros.

Podemos dizer, a respeito da regência do verbo informar, que as frases

a) II e IV estão corretas.
b) I e II estão corretas.
c) I, II e III estão corretas.
d) I e III estão corretas.

7 Em todas as opções, a expressão sublinhada foi corretamente substituída, **EXCETO** em

a) Ensinava redação técnica <u>aos alunos do curso de História</u>.
Ensinava-lhes redação técnica.

b) Precisamos de melhores recursos para ajudar <u>as populações carentes</u>.
Precisamos de melhores recursos para ajudá-las.

c) Agrediram <u>os homens</u>, pois eram desonestos.
Agrediram-nos, pois eram desonestos.

d) Assistiremos <u>aos melhores espetáculos</u>, porque temos ótimo gosto.
Assistiremo-lhes, porque temos ótimo gosto.

e) Mostrou grande interesse em namorar <u>a prima</u>.
Mostrou grande interesse em namorá-la.

8 A frase **CORRETA** em relação à regência é:

a) Contento-me com pouco; aspiro pouca coisa neste mundo.
b) Quem relatou o fato, assistiu-o.
c) Nunca esqueci das coisas que me disseste.
d) Estimo a meus pais; obedeço-os em tudo.
e) O rádio avisou ao povo os acontecimentos.

9 Segundo a norma culta, há **ERRO** de regência em

a) Há livros especializados que descrevem como a teoria se aplica à prática.
b) Em algumas tarefas, chega-se a solução quando um ponto crucial é resolvido.
c) Prefiro isso àquilo.
d) O médico não havia assistido o doente.

10 Assinale a alternativa em que o uso do verbo **custar NÃO** está de acordo com a norma culta.

a) Custou-me entender o fato.
b) Custou ao aluno entender o fato.
c) Custa-me resolver este problema.
d) O trabalho custou muito esforço ao aluno.
e) O aluno custou para entender o exercício.

Gabarito

| 1-e | 2-c | 3 -c | 4-d | 5-a | 6-b | 7-d | 8-e | 9-b | 10-e |

ANÁLISE SINTÁTICA - DICAS GERAIS

1. Inicie a análise sintática isolando o sujeito e identificando os adjuntos adverbiais.

Chegou de Londres.
VI *Adj. Adv. Lugar*

2. Adjuntos adverbiais são palavras ou expressões que exprimem CIRCUNSTÂNCIA (tempo, modo, causa, dúvida, lugar). Perguntas: Para quê? Por quê? Onde? Com quem? Como? Quanto? Quando?...

Gosto de Boston. Voltou de Boston.
VTI *OI* *VI* *Adj. Adv. Lugar*

3. Adjuntos adverbiais podem ou não ser preposicionados.

Compareceu ao encontro hoje.
VI *Adj. Adv. finalidade/lugar* *Adj. Adv. Tempo*

4. Se um verbo vier seguido apenas de adjuntos adverbiais, ele será sempre intransitivo.

As lojas vendem muito no Natal.
Suj. *VI* *Adj. Adv. Intensidade* *Adj. Adv. Tempo*

5. Nem todo termo preposicionado é objeto indireto.

Ela saiu com a amiga.
VI *Adj. Adv. Companhia*

6. Nem todo objeto indireto apresenta preposição explícita.

Jamais lhe obedecerei.
Adj. Adv. Negação *OI* *VTI*

7. Ser, estar, permanecer, ficar, continuar... nem sempre serão verbos de ligação.

Ela ficou em casa. Ela ficou triste.
Suj. VI Adj. Adv. Lugar *Suj . VLig Pred. Suj.*

Ela ficou com a herança. Ela ficou triste em casa.
Suj. VTI OI *Suj. VLig. Predicativo do suj. Adj. Adv. Lugar*

8. Adjunto adverbial pode acompanhar qualquer verbo.

9. Para um verbo ser de ligação, são necessárias duas condições SIMULTÂNEAS: estar na lista de verbos de ligação e ter predicativo do sujeito.

Ela está feliz. Ela acordou feliz.
Suj. VLig Pred. Suj. *Suj. VI Predicativo Suj.*

Ela acordou bem. Ela está bem.
Suj. VI Adj. Adv. Modo *Suj. VI Adj. Adv. Modo*

Ela permaneceu longe.
Suj. VI Adj. Adv. Lugar

10. Predicativo pode acompanhar qualquer tipo de verbo.

11. Predicativo pode se referir tanto ao sujeito quanto ao objeto.

As meninas encontraram os pais nervosas/nervosos.
Suj. *VTD* *OD* *Predicativo Sujeito* *Predicativo Objeto*

12. Predicativo nem sempre é representado por adjetivo.

Ela já é uma mulher.(subst.)
Suj. AAT VLig. Predicativo Sujeito

Fulana é outra.(pronome)
Suj. VLig. Predicativo Sujeito

13. Não confunda predicativo do sujeito com adjunto adverbial de modo (invariável).

Ela vive só. (Variável – sozinha, solitária)
Suj. VI Predicativo do Sujeito

Ela fala alto. (invariável)
Suj. VI Adj. Adv. Modo

O Governo permaneceu calado. (variável)
Suj. *VLig.* *Predicativo do Sujeito*

14. Não confunda verbo intransitivo com verbo transitivo direto. Isso ocorre porque a frase está invertida. Use os recursos de pronominalização no início da frase. VTD aceita passiva(ser/estar +particípio) e VI não aceita passiva.

(~~Ele~~)Resta outra opção. (outra opção é restada? Impossível)
VI *Suj.*

(~~Ele~~)Existia uma alternativa. (uma alternativa era existida? Impossível)
VI *Suj.*

(Ele)Encontrou outra opção. (Outra opção foi encontrada.)
VTD *OD* *Suj. Paciente*

(Ele)Buscava uma alternativa. (Uma alternativa era buscada.)
VTD *OD* *Suj. Paciente*

14. A transitividade de um verbo pode variar em função do contexto.

Ela fala muito.
Suj. VI Adj. Adv. Intensidade

Ela fala a você.
Suj. VTI OI

Ela fala coisas interessantes.
Suj. VTD OD

Ela fala coisas interessantes a você.
Suj. VTDI OD / OI

PREDICADO
Tipos de predicado

TIPO	VERBO	PREDICATIVO	SENTIDO
Verbal	VI, VTD, VTI, VTDI	Ø	Ação
Nominal	Verbo de Ligação	Predicativo do sujeito	Qualidade, Estado, Característica
Verbo-nominal	VI, VTD, VTI, VTDI	Predicativo do sujeito ou do objeto	Ação + Qualidade, Estado, Característica.
OBS.: Os destaques são os núcleos do predicado.			
• Em um predicado verbal, não há predicativo.			
• Toda vez que houver verbo de ligação, o predicado será nominal.			
• Se houver predicativo e não houver verbo de ligação, o predicado será verbo-nominal.			

ORAÇÕES SUBSTANTIVAS

ORAÇÃO SUBSTANTIVA	CARACTERÍSTICAS DA ORAÇÃO PRINCIPAL
Subjetiva	Verbo de Ligação + Predicativo Verbo Intransitivo VTD, VTDI + SE (Voz Passiva)
Objetiva Direta	VTD (sem passiva)
Objetiva Indireta	VTI
Completiva Nominal	Nome + Preposição
Apositiva	Dois-pontos ou vírgula
Predicativa	Sujeito + Verbo de Ligação
Agente da passiva	Voz passiva analítica (introduzida pelas preposições: por, pelo (a)/(s) ou de)

ORAÇÕES ADJETIVAS

EXPLICATIVAS: UM / TODOS	RESTRITIVAS: UM DOS / ALGUNS DOS
Vêm entre vírgulas. Referem-se a um conjunto unitário ou a uma generalização.	NÃO vêm entre vírgulas. Referem-se a uma parte de um conjunto maior.

CORRELAÇÕES DE INFINITIVO

COMBINAÇÃO	VALOR	CONECTOR USUAL
AO + Infinitivo	Temporal	Quando
A + Infinitivo	Condicional	Se / Caso
A fim de + Infinitivo	Final	A fim de que
Para + Infinitivo	Final	Para que
Por + Infinitivo	Causal	Porque / Como (início de frase)
Apesar de + Infinitivo	Concessão	Embora / Ainda que

UNIDADE VI

REGÊNCIA

CONCEITO

Regência é o estudo da relação de dependência que há entre a palavra dependente, **chamada regida,** e o termo a que ela se prende, **dito regente**.

Esta dependência pode ser direta, ou seja, sem preposição obrigatória, e pode ser indireta, isto é, com preposição indispensável. Assim, torna-se importante o estudo das preposições.

O homem tem necessidade ***de amor.***
(Regência nominal)
nome regente - termo regido (= complemento nominal)

A mulher necessita ***de amor.***
(Regência verbal).
verbo regente - termo regido (= objeto indireto)

O regente e o regido, intimamente relacionados, formam um todo significativo.

REGÊNCIA NOMINAL

Quando o termo regente é
- substantivo → ***Amor*** *ao estudo.*
- adjetivo → ***Difícil*** *de solucionar.*
- advérbio → ***Relativamente*** *ao assunto.*

Os termos regidos por nomes exercem a função de complemento nominal.

A criação **do homem** é obra **de Deus**.
(CN) (Adj. Adn.)

Observe que o primeiro termo em negrito completa um substantivo abstrato, sendo, portanto, complemento nominal. Já o segundo termo funciona como adjunto adnominal, não configurando caso de regência.

REGÊNCIA DE ALGUNS NOMES

Acessível a = aproximação, acesso / para = passagem
agradável a
amor a / para com
ânsia de / por
apaixonado de/ por
atenção a / sobre / com / para com
avaro de
atento a / em
avesso a
aversão a / para / por

Bom para

Capaz de
certo de
conforme a / com
contente de / com / em / por
cuidados com

cego a
comum a / de
contíguo a
cruel com / para com
curioso de / por

Desejoso de
devotado a
devoção a / por
devoto de / a
digno de
diferente de
dotado de
dúvida de / em /
sobre / acerca

Entendido em
empenho de / em / por
estima a / por = amizade /
de = consideração

Feliz com / de / em / por
firme em
furioso com
falta a / de / com / contra
favorável a
fértil de / em
fraco de
fiel a / em

Gosto a / de / para /
por / em
guerra a
grato a

Hábil em
horror a
habituado a
hostil a

Ida a
idêntico a
impróprio para
impossível de
imune a / de
incompreensível a
infatigável em
infiel a
insaciável de
incapaz de
indigno de
inferior a
inimigo de
inútil para

Jeito de / para
junto a / de

Lento em
longe de
livre de
luta contra

Maior de
mal de
mau com / para /
para com
morador em
manso de
menor de

Natural de
necessário a

Obediência a

Parecido a / com a
peculiar a
parco em / de

pobre de
pronto para
[1]próprio a = apropriado
[2]próprio de = peculiar
[3]próprio para = conveniente
próximo a / de

Rebelde a
rente a / de / com
responsável com / por
relativamente a
respeito a / de / com / por /
para com
rico de / em

Sedento de / por
simpatia a / por / para com
situado a / em / entre
suspeito a / de
semelhante a
sensível a
superior a

Temeroso de
traidor de

Último a / de / em
união a / de / em
útil a

Vazio de
visível a
versado em
vizinho a / de

Zangado com

REGÊNCIA VERBAL

Quando o regente é um verbo.

__Amar__ os estudos.
__Dificultar__ as coisas.
__Relacionar__ os erros mais comuns.

A regência verbal envolve conhecimento da predicação dos verbos.

Assim, vale a pena uma recapitulação.

Os verbos dividem-se em:

- **Intransitivos (VI)**
  Quando não necessitam de complemento (OD/OI).

  Fulano __morreu__.
  __Piam__ as aves.
  __Chegou__ um desconhecido.

  As expressões "fulano", "as aves", "um desconhecido" exercem a função de sujeito.

- **Transitivos Diretos (VTD)**
  Exigem um complemento (objeto direto), que se lhes prende diretamente, para juntos integralizarem o todo significativo.

  __Fizemos__ os exercícios.
  __Desenhamos__ um livro.
  Ninguém __ignora__ essas coisas.

  As expressões "os exercícios", "um livro", "essas coisas" têm função de objeto direto.

- **Transitivos Indiretos (VTI)**
  Necessitam de um complemento preposicionado (objeto indireto), a fim de formarem com ele o todo significativo.

  __Precisamos__ de coragem.
  __Gostaram__ das praias.
  __Assistimos__ ao festival.

  As expressões "de coragem", "das praias", "ao festival" são objetos indiretos.

- **Transitivos Diretos e Indiretos (VTDI)**
  Regem, conjuntamente, os dois complementos acima citados: objeto direto e objeto indireto.

  __Dei__ um livro ao colega.
  __Mandamos__ um recado ao amigo.

  "um livro", "um recado" - objetos diretos
  "ao colega", "ao amigo" - objetos indiretos

• OBSERVAÇÕES

1 Os pronomes **o(s)**, **a(s)** e as variantes **lo(s)**, **la(s)**, **no(s)**, **na(s)** podem funcionar como complemento de verbos transitivos diretos.

Esperava-__o__ ontem.
Entregamo-__los__ depois.

Os pronomes em destaque funcionam como objeto direto.

2 Os pronomes **lhe** e **lhes** funcionam como complemento de verbos transitivos indiretos, como adjunto adnominal ou como complemento nominal.

Perdoava-__lhe__ sempre.
Isto não __lhe__ pertence.

lhe = objeto indireto
(verbos transitivos indiretos)

Desejo-__lhe__ sorte.
Peço-__lhe__ silêncio.

lhe = objeto indireto
(verbos transitivo diretos e indiretos)

Quero-__lhe__ o relógio. (=seu)
Admiro-__lhe__ a coragem. (=sua)

lhe = adjunto adnominal
(verbos transitivos diretos)

A questão parece-__lhe__ justa.
A decisão foi-__lhe__ favorável.

lhe = complemento nominal
(verbos de ligação)

3 Os pronomes **me, te, se, nos, vos** podem também servir como complementos de verbos transitivos diretos, transitivos indiretos, transitivos diretos e indiretos e como adjuntos adnominais ou como complementos nominais.

*Eu vejo-**te** amanhã.*
*Ele feriu-**se** todo.*
pronomes: OD / verbos: TD

*Pago-**vos** amanhã.*
*Ela **nos** obedeceu.*
pronomes: OI / verbos: TI

*Pegou-**me** a mão. (=minha)*
*Quer-**nos** a casa. (=nossa)*
pronomes: ADJ.ADN. / verbos: TD

*Dê-**nos** dinheiro.*
*Peço-**te** licença.*
pronomes: OI / verbos: TDI

4 As formas **lho, lha, lhos, lhas** são complementos de verbos transitivos diretos e indiretos, bem como servem de adjunto adnominal.

*A blusa? Em casa **lha** dou.*
⇑
[= Em casa, darei a *blusa* a você.
lha = ***lhe*** *(OI)* + ***a*** *(OD)*
(= a você) (= a blusa)

*Não lhe sei o nome, nem que **lho** soubesse o diria.*
⇑
[= Nem que soubesse *o seu nome* o diria.]
lho = ***lhe*** *(ADJ. ADN.)* + ***o*** *(OD)*
(= seu) (= o nome)

5 Há verbos transitivos indiretos que não se usam com o pronome **lhe**, mas com os **pronomes oblíquos tônicos ele, ela, eles, elas,** antecedidos da preposição **a**: *aludir, aspirar (=desejar), assistir (=ver), tomar, recorrer, preferir, proceder, visar (=desejar).*

*Aludimos à religião. Aludimos **a ela.***
*Aspiramos a um cargo. Aspiramos **a ele.***
*Assistiram aos jogos. Assistiram **a eles.***
*Recorri ao diretor. Recorri **a ele.***
*Procederam ao sorteio. Procederam **a ele.***
*Viso a um cargo. Viso **a ele.***

REGÊNCIA DE ALGUNS VERBOS

A

aborrecer-se com
abster-se de
aconselhar-se a / com
ajuntar-se com
almejar por
antecipar-se a
apegar-se a
apiedar-se de
aproximar-se a / de
assentir a
atentar contra / em
atrair a
aviar-se de
absolver de
acercar-se de
ajuntar a
amercear-se de
apaixonar-se por
apelar para
apoderar-se de
arriscar-se a
assinalar com
ater-se a
ausentar-se de
avir-se com
acautelar-se com
acomodar-se a
admirar-se de
alimentar com / de
amofinar-se com
apartar de
aperceber-se de
apressar-se a / em / por
assemelhar a / com
atinar com
autorizar a
avizinhar-se de

B

bandear-se para
brigar com
batalhar com
bater em / a
baixar a
brindar (TD)
bastar a
blasfemar contra
brindar com
bater (TD)
bater a (TI)

C

cair em / sobre
casar-se com
chamar por / de
cingir de
clamar por
coincidir com
combinar com
comerciar com / em
competir com
comprometer-se a
concorrer a / com
conformar-se com / a
contrapor a
convir com / a / em
cotejar com
cruel com / para com
capitular com
ceder a
chamar (TD)
cingir-se a
cobrir de
coligar-se com
começar a / por
comparar a / com
comprazer-se em/com
comungar com
condescender com
consentir em
contribuir para / com
corresponder-se com
coxear de
curtir-se em
carecer de
certificar-se de
chegar-se a
circunscrever a
coexistir com
combater contra
comedir-se em
compelir a
comprazer a
comutar em
condoer-se de
conter-se em
converter em / a
corresponder a
cristalizar em
curar-se de

D

decidir-se sobre
dependurar em / de
desempenhar-se de
discrepar em
decidir sobre
desapegar-se de
deter-se em / com
distrair-se com
deleitar-se com / em / de
desavir-se com
dignar-se de / a
dotar com / em

E

embaraçar-se com
entreter-se com
enfurecer-se com / contra
envaidecer-se com / por
engalanar-se com / em
especular com / em
exceder a / em
engolgar-se com
estimular a / com
estribar-se em
empenhar-se por / em / com
ensaiar-se em / com
esforçar-se em / por / para
excusar de
exercitar-se em

F

faltar com / a
fiar-se de / em
feder a
franquear de / a
fartar com / de
folgar de / com
fincar-se em / de
fatigar-se de / com
fundar-se em
forrar de / com

G

gabar-se de
guardar-se de
gloriar-se de
guarnecer com
graduar-se em
guindar-se a

H

habilitar-se com / para
haver-se com
herdar de
hombrear-se com
harpejar
humilhar-se a

I

igualar com
incidir em
insistir sobre / em
imbuir-se de / em
impor a
inferir de
interessar-se por / em
impelir a
impedir a / de (TDI)
inflexível a
investir contra / com / em
impenetrável a
induzir a / em
irmanar com
intrometer-se em
incorrer em
injuriar com
isentar de
importunar com
indignar-se com
inquietar-se com / de
importar a (impessoal)⇒ de (país)⇒ em (quantia)?

J

jactar-se de
juntar-se a / com
jubilar com
juntar (TD)

L

lamentar-se de
ligar a / com / para
litigar com / contra
lastimar-se de
limitar-se a / com
lutar contra / com / por
lidar com
lisonjear-se de

M

maliciar de
matizar de
mesclar em
murmurar de
mancomunar-se com
mediar entre
meter-se a / em
mortificar-se com
manter-se com / em
meditar em / sobre
moderar sem

N

namorar (TD)
negar-se a
namorar-se de
nivelar-se a / com
nutri-se de / com
negociar em / com

O

obstar a
ofender (TD)
optar por / entre
obstinar-se em
ofender-se com / por
orar por
ocupar-se com / em / de
opinar sobre

P

pactuar com
pender de / para
persuadir a / de
porfiar em
prezar-se de
prevenir de / para / contra
pugnar por / contra
padecer de
permutar com / por
pleitear com / contra
preponderar sobre
prezar-se de
prostar por
participar de / em
perseverar em
precaver-se contra / de
prescindir de
prover a / de

Q

quadrar com
quebrantar-se com
qualificar de
queixar-se de / a

R

radicar-se em
rebaixar-se a / de
reincidir em
remontar a
residir em
restabelecer-se de
romper com
ralhar com
recrear-se com
relaxar-se em
render-se a
reptar para
rodear-se de / com
reconvir sobre
regalar-se com
rejubilar em
regozijar-se de / com
resultar de / em
rogar por
responder a

S

sacrificar-se a / por
salpicar de
servir-se a / parar / de
sujar-se com / de
safar-se de
segregar de
sub-rogar
suster com
sair-se de / com
satisfazer-se a / com
substabelecer em
sustentar-se de / com

T

tachar de
terminar em / por
traduzir em / para / de
tropeçar com / em
tardar em
traficar com / em
temer de / por
topar com
trasladar a / em / de
tiritar de

U

ufanar-se de / com
ultrajar com
unir a / com
ungir com
utilizar-se de

V

vacilar em
vazar em
viciar-se com / em
valer-se de
variar de / em
vincular a
vangloriar-se de / por
velar por / em
voltar de / a

Z

zangar-se com
zelar por
zombar de

CASOS DE REGÊNCIA

Um caso de regência trata da complementação de nomes e verbos. Essa complementação pode ser com ou sem preposição.

Necessitava (verbo) de apoio.
(Regência verbal).

Era favorável (adjetivo) a novas leis.
(Regência verbal).

Pensando...

As pessoas que apresentarem os sintomas da gripe H_1N_1 devem ***comparecer em*** *um posto de saúde.*

O verbo comparecer pede a preposição "a", portanto a frase está incorreta.

Esquecer de *coisas simples pode indicar alguma dificuldade de memória.*

O verbo **esquecer** tem duas possibilidades de regência: como VTI, com preposição e com pronome ou como VTD, sem preposição e sem pronome. Pode-se usar **esquecer-se de** ou simplesmente **esquecer algo**. Portanto, a frase está incorreta.

A ideia de que o homem é um ser social ***visa a*** *promover a convivência.*

Visar, no sentido de desejar, é verbo transitivo indireto e pede a preposição ***a***. A preposição pode ser suprimida quando se tratar de objeto oracional – "visa promover". Assim, é possível que a frase seja reescrita da seguinte forma:

A ideia de que o homem é um ser social visa promover a convivência.

Pensando mais...

A decisão do governo implicará recessão.

Seria possível, mantendo-se o sentido e a correção gramatical, inserir a preposição ***em*** logo após o verbo implicar?

O verbo implicar, no sentido de acarretar, é VTD e não pede nem admite preposição. Logo, não seria possível.

A lei a que se referiu foi mencionada no processo.

Seria possível, mantendo-se o sentido e a correção gramatical, substituir a expressão ***a que*** por ***a qual***?

Qual é um pronome relativo que vem precedido de artigo (a qual, as quais, o qual, os quais). O verbo ***referir-se*** pede a preposição ***a***. Logo, para manter a correção gramatical, seria necessário acento grave no a (à qual). Portanto, não seria possível.

Isso visa à resolução do caso.

Seria possível, mantendo-se o sentido e a correção gramatical, retirar o acento grave do período apresentado?

O verbo visar, no sentido de desejar, é VTI. Visar pede a preposição ***a***. Logo, não seria possível.

PRINCIPAIS CASOS DE REGÊNCIA VERBAL

Simpatizar, deparar, antipatizar, empatizar, implicar (no sentido de ser implicante)

- São VTI.
- Exigem a preposição ***com***.
- Não são pronominais.

Ele deparou ***com*** *uma nova situação.*

O governo não simpatizou ***com*** *a proposta.*

Chegar, ir, voltar, retornar, comparecer

- São VI.
- Exigem a preposição ***a*** quando seguidos de adjuntos adverbiais de lugar (destino).
- Não admitem a preposição ***em*** e variações.

*Os cidadãos devem retornar **ao** local de votação.*
*Voltaram **àquele** lugar.*
Admitem outras preposições com alterações de sentido ou de registro:
*Chegou **de** Londres. (origem)*
*Chegou **a** Londres. (destino)*
*Chegou **em** Londres. (coloquial)*
*Foi **a** Londres. (destino temporário)*
*Foi **para** Londres. (destino permanente)*
*Foi **em** Londres. (coloquial)*

Morar, residir, assistir (no sentido de morar) e domiciliar são VI.

Estar, ficar, permanecer e entregar variam a transitividade conforme o complemento.

- Quando seguidos de adjuntos adverbiais de lugar, os dois grupos exigem a preposição ***em***.

*Ela reside **na** rua Abre Campo.*
*A informação está **na** página 20.*
*Entrega-se **em** domicílio.*

Preferir

- Em geral, é VTDI.
- Exige a preposição ***a***.
- Não aceita ***que***, ***do que***, ***e não*** e ***nem***.
- Não aceita os advérbios ***mais*** e ***menos***.

*Preferia estudar **a** trabalhar.*
*Preferia o sossego do campo **à** agitação da cidade.*
*Preferia **mais** felicidade **a mais** dinheiro.*
(Nesse caso, mais não é advérbio. Trata-se de um pronome indefinido.)
*Preferia o trabalho **a** coisas fúteis.*

Obedecer/desobedecer

- São VTI.
- Exigem a preposição ***a***.

*Ela não obedece **a/às** ordens.*
*Não **lhe** (a ele) desobedecerei.*
*As pessoas não obedecem **às** leis de trânsito.*
*Desobedeceu **ao** regulamento do prédio.*

Referir-se

- É VTI.
- Exige a preposição ***a***.

*A mulher **a** cujos filhos me refiro esteve no local.*
*A decisão **à** qual o governo se referiu foi muito discutida.*

Implicar (no sentido de acarretar)

- É VTD.
- Não exige preposição.
- Não admite a preposição ***em*** e variações.

Isso implicará demissão de muitos funcionários.
A alta nos preços implicou recessão.

Implicar-se (= envolver-se) é VTI (em).
Ela se implicou em problemas.

Pisar

- É VTD.
- Não exige preposição.

Não pise a grama.
Não piso o chão que você pisa.

• OBSERVAÇÃO

De acordo com a NGB (Nomenclaturas Gramaticais Brasileiras), o verbo **pisar** é visto como um caso de mudança em progresso. Assim, alguns autores já aceitam tal verbo como intransitivo regido pela preposição ***em***.

*Não pise **na grama**.*

Namorar

- É VTD.
- Não exige preposição.
- Não admite a preposição ***com***.

Quer me namorar?

Quem ela namora, ninguém pode saber.

Assistir

- No sentido de socorrer/auxiliar, é VTD e não pede preposição.

O governo assiste os pobres.

- No sentido de ver, é VTI e pede a preposição ***a***.

*Assistimos **a** cenas de violência.*

- No sentido de caber, é VTI e pede a preposição ***a***.

*A decisão assiste **ao** governo.*

- No sentido de morar, é VI e pede a preposição ***em*** no adjunto adverbial de lugar.

*Nossos políticos assistem **em** Brasília.*

Visar

- No sentido de pôr visto, é VTD e não pede preposição.

O gerente visou os cheques roubados.

- No sentido de mirar, é VTD e não pede preposição.

Visou o alvo e atirou.

- No sentido de desejar/almejar, é VTI e exige a preposição ***a***.

O governo visa à reformulação do projeto.

*Visava **a** uma nova vida.*

Visava (a) resolver o problema. (objeto oracional - a preposição pode vir subentendida)

Aspirar

- No sentido de cheirar, é VTD e não pede preposição.

Aspirava o aroma das flores.

- No sentido de desejar, é VTI e pede a preposição ***a***.

*As pessoas aspiram **à** felicidade.*

Aspirava ao sucesso profissional.

Agradar

- No sentido de fazer agrados, é VTD e não pede preposição.

O governo procura agradar o povo.

- No sentido de satisfazer, é VTI e pede a preposição ***a***.

*A política de preços não agradou **aos** consumidores.*

Querer

- No sentido de desejar, é VTD e não pede preposição.

Queria um bom emprego.

- No sentido de estimar, é VTI e exige a preposição ***a***.

*Queria **aos** colegas de cursinho.*

Custar

- No sentido de ser custoso/ser difícil, é VTI.

Fica sempre na 3ª do singular + OI + sujeito oracional.

O governo custou para avaliar a proposta de investimento. **(errado)**
Custou (VTI) ao governo (OI) avaliar a proposta de investimento (suj. oracional). **(certo)**

(Nós) Custamos a entender a matéria. **(errado)**
Custou (VTI)-nos (OI) entender a matéria (suj. oracional). **(certo)**

- No sentido de acarretar, é VTDI e pede a preposição ***a***.

*O casamento custou sacrifícios **aos** noivos.*

- No sentido de custos/ônus, pode ser VI com adjunto adverbial de modo.

Aquelas roupas custam muito caro.

Chamar

- No sentido de convocar/convidar, é VTD e não pede preposição.

Chamaram o ministro para a reunião.

- No sentido de denominar/cognominar, é VTD ou VTI.
- Se VTD, não pede preposição e exige OD. Se VTI, pede a preposição ***a*** e apresenta OI.
- **Ambos** pedem predicativo do objeto, regido ou não pela preposição ***de***.
- Sendo a preposição ***de*** facultativa, não há alteração de sentido.

I. *Chamaram (VTD) o governo (OD) de corrupto (pred. do objeto). (Chamaram-no de corrupto.)*

II. *Chamaram (VTD) o governo (OD) corrupto (pred. do obj.). (Chamaram-no corrupto.)*

III. *Chamaram (VTI) ao governo (OI) de corrupto (pred. do obj.).*

IV. *Chamaram (VTI) ao governo (OI) corrupto (pred. do obj.).*

- Todas as frases estão de acordo com a norma culta.
- A retirada da preposição ***de***, na frase I, não modifica o sentido original do período. A preposição é facultativa, logo não há alteração de sentido. No entanto, fora do contexto, a frase pode ser considerada ambígua.
- Seria possível, na norma culta, substituir a forma ***-no*** (chamaram-no) por ***-lhe*** (chamaram-lhe), pois o verbo pode ser VTD ou VTI. Logo, a substituição não prejudica a correção gramatical.

Pagar, perdoar, agradecer

- São VTD com coisas e não pedem preposição.
- São VTI com pessoas e exigem a preposição ***a***.
- Podem ser VTDI.

O governo agradeceu a população pelo apoio. **(errado)**
O governo agradeceu (VTDI) à população (OI) o apoio (OD). **(certo)**

Pagou ao banco primeiro, pois os juros eram altos. (banco = pessoa jurídica)

Atender

- Pode ser VTD ou VTI (pede a preposição ***a***).
- É, preferencialmente, VTD com pessoas.
- É, preferencialmente, VTI com coisas.

*Atendeu **ao** pedido.* (melhor)

Atendeu o pedido.

Atendeu o cliente.

*Atendeu **ao** cliente.* (melhor)

Informar, avisar, notificar, cientificar, certificar...

- Em geral, são VTDI.
- Ocasionalmente, podem apresentar apenas um complemento (OD ou OI).
- Admitem as preposições ***a***, ***de*** ou ***sobre***.
- Exigem complementos distintos.

*Informaram **à** população (OI), diante do fato exposto, **sobre** as dificuldades do setor (OI).* **(errado)**

Formas corretas:

*Informaram **à** população (OI), diante do fato exposto, as dificuldades do setor (OD).*
*Informaram a população (OD), (...), **sobre** as dificuldades do setor (OI).*

o verbo ***comunicar*** deve ser usado, preferencialmente, com a preposição ***a*** em detrimento de ***sobre*** e ***de***, mas aceita as duas últimas.

Comunicou aos funcionários a data do evento.

Esquecer/lembrar

- VTD, sem preposição e sem pronome.

Esqueceu a data da prova.

Lembrei isso ontem.

- VTI, com pronome e com preposição (***de***). (Verbo pronominal: o pronome e o verbo devem estar na mesma pessoa.)

*Esqueceu-**se da** data da prova.*

*Lembrei-**me disso** ontem.*

• OBSERVAÇÃO

- Alguns autores consideram como transitivos diretos verbos transitivos indiretos seguidos de objeto oracional não-preposicionado.

***Pensei** que isso fosse fácil.*

Esquecer/lembrar

- Construção clássica.

VTI (3ª pessoa) + OI (nome ou pronome) + sujeito.

Verbo e pronome podem estar em pessoas distintas.

Esqueceu -me a data da prova.

Lembrou-nos isso ontem.

Ver, olhar, observar, presenciar

- São VTD e não admitem preposição.

Presenciamos cenas de violência.

Não vejo o que quero.

Observava a paisagem.

Os verbos ***amar***, ***odiar*** e ***adorar*** são usados, frequentemente, com objeto direto preposicionado.

Amava a Deus.

O verbo ***desejar*** pode ser VTDI.

Desejava-lhe sorte.

EXERCÍCIOS

1 Assinale a alternativa que apresenta **ERRO**.

a) Simpatizei com a nova diretoria e com as novas orientações.

b) Há alguns dos novos diretores com os quais não simpatizamos.

c) A firma toda não se simpatizou com as novas orientações.

d) Somente o tesoureiro não simpatizou com a nova diretoria.

e) Nenhum dos que estavam presentes, nem mesmo o filho do novo diretor, simpatizou com as novas orientações.

2 "... olhando para trás, como quem <u>**quer**</u> voltar."

Considerando os padrões da língua culta, usou-se o verbo sublinhado acima, mantendo-se correta a regência, **EXCETO** em

a) Minha filha, eu a quero muito bem.

b) Nós queremos um lugar ao sol.

c) Este é um trabalho duro para um organismo que está querendo repouso.

d) Nem nos momentos mais difíceis, quero o seu apoio.

e) Você quer ainda a pasta de documentos?

3 "Mas de que adiantam essas intenções se estamos impotentes para **assegurar** às pessoas o direito à vida, à sociedade, o direto de viver em paz...."

Quanto à predicação, o verbo destacado no trecho acima é

a) transitivo direto e indireto.
b) transitivo indireto.
c) transitivo direto.
d) intransitivo.
e) transitivo indireto.

4 Assinale a alternativa **CORRETA**, quanto à regência verbal.

a) Não costumo obedecer a ordens que não emanem de autoridade.
b) Assisti um espetáculo dantesco naquele dia.
c) Os jogadores brasileiros preferem jogar na Europa do que nos seus clubes de origem.
d) Dona Margarida foi intimada a comparecer na polícia porque não pagou o farmacêutico.
e) Custei a entender por que Adriano não se simpatizava comigo.

5 Entre os exemplos abaixo, frequentemente empregados na linguagem informal, apenas um está de acordo a norma culta da língua. Assinale-o.

a) Com quem você está namorando, agora?
b) Lá em casa somos em quatro filhos.
c) Tudo que o pai diz, a mãe acredita.
d) Meu amigo, isto implicará em sua suspensão.
e) O candidato residente na rua Cosme Velho não compareceu à prova.

6 Em todas as opções, a expressão destacada está empregada corretamente, conforme normas da língua padrão, **EXCETO** em

a) Os ingratos, mais uma vez, esqueceram-se **de quem** sempre os ajudara.
b) Não estou me referindo **a quem** começou a discussão.
c) Era meu pai a pessoa **em quem** eu mais acreditava.
d) Era realmente bela a moça **por quem** Abadias se apaixonara.
e) Laura, **com quem** Ivo namorava, na época, era-lhe muito dedicada.

7 Em todas as alternativas, o verbo destacado apresenta regência de acordo com a norma padrão, **EXCETO** em

a) **Assistimos**, impassíveis, ao massacre de crianças no Brasil.
b) Os cidadãos brasileiros **preferem** a omissão à justiça.
c) Alfredo de Almeida Jr. não **obedece** as leis do país.
d) Fazer justiça **implica** grande vontade política.
e) Os meninos de rua **aspiram** à cidadania.

8 Dependendo do contexto, um verbo normalmente intransitivo pode tornar-se transitivo. Assinale a alternativa em que ocorre um exemplo disso.

a) "Ponha intenções de quermesse em seus olhos ..."
b) "... e do céu descesse uma névoa de borboletas ..."
c) "... beba licor de contos de fadas ..."
d) "Ande como se o chão estivesse repleto de sons..."
e) "... sorria lírios para quem passe debaixo da janela."

9 A regência verbal está **CORRETA** em

a) A herança cultural que o texto se refere é o acervo de conhecimentos históricos.
b) Os acontecimentos históricos que assistimos devem servir-nos de exemplo.
c) Devem ser explicitados os objetivos que visamos ao estudar História.
d) A busca da verdade por que o historiador anseia atinge a todos os estudiosos.
e) Os usos práticos os quais não podemos esquivar-nos no estudo da História são numerosos.

10 Há **ERRO** de regência em

a) Ela o amava e lhe obedecia.
b) É ótimo o cargo a que aspira.
c) Nós lhe desejamos o melhor.
d) É necessário obedecer as leis.
e) Custa-nos acreditar no que dizes.

Gabarito
| 1-c | 2-a | 3 -a | 4-a | 5-e | 6-e | 7-c | 8-e | 9-d | 10-d |

REGÊNCIA VERBAL - ESQUEMA			
VERBO	**SENTIDO**	**TRANSITIVIDADE**	**OBSERVAÇÃO**
chamar	tachar / cognominar	VTD ou VTI - nunca VTDI	Pode vir com preposição DE (uso facultativo).
	convocar / convidar	VTD – nunca VTDI	Em geral, vem seguido de adjunto adverbial de finalidade.
informar / avisar **cientificar** **notificar / certificar** **comunicar**	Em geral são VTDI. Admitem as preposições **a**, **de** ou **sobre**. Exigem complementos distintos.		
pagar / perdoar / agradecer		VTD com COISA VTI(a) com PESSOA	Podem ser VTDI, desde que respeitem a complementação.
atender		É, preferencialmente, VTD com pessoas e VTI(a) com coisas	
responder	em resposta	VTD	Pode ser VTD ou VTI. Sendo VTDI, o OI será, preferencialmente, pessoa.
	dar resposta	VTI(a)	Nos sentidos de "dar resposta e em resposta", não há distinção semântica significativa.
assistir	socorrer / auxiliar	VTD	
	ver / presenciar	VTI (a)	
	caber	VTI (a)	
	morar / residir	VI (em)	
proceder	dar início	VTI (a)	
	ter fundamento	VI	
	comportar-se	VI + Adj. adv. modo	
	vir de / originar de	VI + Adj. adv. lugar	
visar	pôr visto / rubricar	VTD	Não existe "*vistar*" algum documento, o correto é visar.
	mirar	VTD	
	desejar / almejar	VTI (a)	
aspirar	cheirar	VTD	
	desejar / almejar	VTI(a)	
querer	desejar	VTD	
	estimar	VTI (a)	
agradar	fazer agrados	VTD	
	satisfazer	VTI(a)	
custar	ser custoso / ser difícil	VTI(a)	VTI(a) 3ª Pessoa / Sing. + OI - Nome/ Pronome +Suj. Oracional
	acarretar	VTDI (a)	

VERBO	SENTIDO	TRANSITIVIDADE	OBSERVAÇÃO
esquecer / lembrar		VTD	**SEM** preposição e **SEM** pronome
		VTI(Pronominal) - verbo e pronome na mesma pessoa	Com preposição (DE) e com pronome (ME, TE, SE, NOS, VOS).
		VTI (Construção Clássica Machadiana) - vir à memória	VTI(a) 3ª pessoa / Sing. + OI - Nome/ Pronome + **Sujeito**
obedecer / desobedecer		VTI(a)	
referir-se		VTI(a)	
namorar		VTD	Não admite **COM**.
implicar / acarretar		VTD	Não admite **EM**.
pisar		VTD	O verbo PISAR, atualmente, é entendido pelos falantes, como intransitivo. Por isso, alguns gramáticos já flexibilizam o uso da preposição EM junto a esse verbo.
convocar / convidar		VTD	Em geral, vem seguido de adjunto adverbial de finalidade.
ver / presenciar / olhar / observar		VTD	
amar / odiar / adorar / desejar		VTD	**Desejar** pode ser **VTDI**(a).
preferir		VTDI (em geral)	Exige a preposição A. Não admite: do que / que / e não. Não admite os advérbios: **MAIS** e **MENOS**.
chegar / ir / voltar / retornar / comparecer		VI (a)	Não admitem EM. Em geral, são seguidos de adjunto adverbial de lugar. Em caso de ideia DE DESTINO, apenas e somente a preposição A poderá ser usada.
morar / residir		VI (em)	Quando seguidos de adjunto adverbial de lugar, exigirão a preposição **EM**.
deparar / simpatizar **antipatizar / empatizar** **implicar (ser implicante)**		VTI(com)	Exigem a preposição **COM**. Não são pronominais. Portanto **NÃO** ACEITAM: me, te, se, nos, vos. **Deparar-se** (pron.) é regido pela preposição **a**.

REGÊNCIA VERBAL - EXEMPLOS

VERBO	SENTIDO	CLASSIFICAÇÃO	EXEMPLO
ASPIRAR	sorver, respirar pretender, desejar	VTD VTI (a)	*Ele aspirou muita fumaça durante o incêndio.* *Todas as pessoas aspiram ao sucesso.*
ASSISTIR	ver, presenciar, caber dar assistência morar	VTI (a) VTD VI	*Ele assistiu ao jogo na casa da sogra.* *O médico assistiu o doente com presteza.* *Naquela época, ele assistia em Pernambuco.*
AGRADAR	fazer carinho satisfazer	VTD VTI (a)	*Aproximou-se e tentou agradar o filho.* *O aumento no preço dos combustíveis não agradou ao consumidor.*
ESQUECER E LEMBRAR	quando não pronominais quando pronominais (exigem a preposição de)	VTD VTI (de)	*Esqueci o aniversário dele.* *Lembrei o nome dele.* *Esqueci-me do aniversário dele* *Lembrei-me do nome dele.*
CHEGAR E IR	exigem a preposição "a" quando indicam lugar	VI (a)	*Chegou ao casamento vinte minutos atrasado.* *Foi à festa na casa dos milionários.*
MORAR E RESIDIR	exigem adjunto adverbial com a preposição "em"	VI (em)	*Moro na rua São Paulo.* *Residia na Av. Bárbara Coelho de Brito, 983.*
CUSTAR	exigir, acarretar trabalho ser custoso, difícil	VTDI VTI (3ª pessoa do sing. + sujeito oracional)	*Este trabalho custou-me sacrifícios.* *Custou-me acreditar na sua história.*
IMPLICAR	acarretar ter implicância	VTD VTI (com)	*Sua atitude implicará demissão.* *O professor implicava com a aluna.*
INFORMAR (avisar, comunicar, cientificar)	dar notícias	VTDI (a, de, sobre)	*A diretoria informou ao funcionário a demissão.* *A diretoria informou o funcionário da demissão.*
NAMORAR	não aceita "com"	VTD	*Ele namora minha prima há dois anos.*
OBEDECER E DESOBEDECER	(exigem a preposição "a")	VTI (a)	*No Brasil, ninguém obedece à sinalização.* *Todos devem obedecer ao regulamento.*
PAGAR, PERDOAR E AGRADECER	(quando o objeto é coisa) (quando o objeto é pessoa)	VTD VTI (a)	*Paguei a conta.* *Perdoei a agressão.* *Agradeci o convite.* *Pagarei ao garçom.* *Perdoei ao meu namorado.* *Agradecemos ao gerente.*

VERBO	SENTIDO	CLASSIFICAÇÃO	EXEMPLO
PREFERIR	querer antes (não se usa a locução "do que" com este verbo)	VTDI (com a preposição "a")	*Prefiro o amor à guerra.* *Prefiro ficar em casa a sair com aquele troglodita.*
QUERER	desejar estimar	VTD VTI (a)	*Ele queria o carro a qualquer custo.* *Quero muito bem aos meus colegas.*
SIMPATIZAR ANTIPATIZAR	exigem a preposição "com"; não são pronominais)	VTI (com)	*Nunca simpatizei com a diretora da escola.*
VISAR	mirar dar visto objetivar	VTD VTD VTI (a)	*Visou o alvo e atirou.* *O agente acabou visando o cheque.* *As medidas visam a diminuir a inflação.*

REGÊNCIA NOMINAL - EXEMPLOS

VERBO	PREPOSIÇÃO	EXEMPLO
ACOSTUMADO	a, com	*Já estamos acostumados a essa situação.*
ADAPTADO	a	*Nunca esteve tão adaptado à função.*
AFLITO	com, por	*Não vale a pena ficar aflito com coisa tão insignificante.*
ALHEIO	a	*Alheio à vontade popular, o governo continua sem implantar a reforma agrária.*
ALIENADO	de	*Alienado dos problemas sociais, só pensava em ganhar dinheiro.*
ALUSÃO	a	*Assisti ontem ao filme a que fizeste alusão.*
AMOR	a, para, com, por	*Um elo liga filha a mãe: "amor a fazer compras".*
ANTIPATIA	a, contra, por	*Nutria verdadeira antipatia pelos negócios.*
APAIXONADO	por	*Eu sou apaixonado por poesia.*
APTO	para, a	*O aluno considerava-se apto para o cargo.*
COMPATÍVEL	com	*Este trabalho não é compatível com a sua função.*
GRATO	a	*Se o seu marido lhe comprar flores inesperadamente, mostre-se grata a ele.*
IGUAL	a	*Meu relatório acabou ficando igual ao seu.*
IMUNE	a	*Imune às críticas, ele continuava seu trabalho.*
PASSÍVEL	de	*Todos os projetos são passíveis de modificação.*
PREFERÍVEL	a	*O silêncio é preferível à leviandade das palavras.*
PROPENSO	a, para	*Não estava propenso a viajar tanto.*
RESIDENTE	em	*Pessoas residentes em centros urbanos sofrem com a poluição.*
VINCULADO	a	*Seu futuro na empresa estava vinculado ao da esposa.*

CRASE

CONCEITO

Crase é a fusão de duas vogais iguais.

A crase do ***a*** é assinalada com o uso de acento grave (à).

O acento da crase indica, pois, a existência das duas vogais:

a (preposição) + a / as (artigo feminino)

Crase é, também, a fusão de:

a (preposição) + a / as (=aquela / aquelas ⇒ pronome demonstrativo)

*Sua queixa é igual **à** de todos os trabalhadores.*

a (preposição) + a inicial dos pronomes demonstrativos aquele, aquela, aqueles, aquelas, aquilo e dos relativos a qual e as quais.

*Prefiro isto **à**quilo.*

*Dedico-me **à**quele trabalho de História.*

*Esta é a obra **à** qual o professor fez alusão ontem.*

O emprego do acento da crase depende da regência nominal ou verbal.

CONDIÇÕES DE OCORRÊNCIA

Trata-se da fusão de duas vogais de mesma natureza. No português brasileiro, ocorre crase entre a preposição ***a*** e um artigo definido ***a(s)*** ou pronome demonstrativo iniciado pela letra **a** (***aquele(s), aquela(s), aquilo, a, as).***

Condições de ocorrência:

- o termo regente exigir a preposição ***a***.
- o termo consequente admitir o artigo ***a*** ou ser um demonstrativo iniciado pela letra ***a***.

*Referiu-se (a+a) **à** mulher.*

*Referiu-se **a** (somente preposição) ela.*

*Conheci **a** (somente o artigo) mulher.*

Pensando...

*Comparou (VTDI) sua boca (OD) **à** boca de outras moças (OI).*

Nesse caso, a crase é obrigatória, pois se trata de um objeto indireto. Entre palavras repetidas que constituem expressão idiomática, a crase é proibida.

*Preferia (VTDI) dinheiro **a** felicidade.*

Por uma questão de paralelismo sintático, não se usa artigo antes de felicidade, pois não há artigo antes de dinheiro.

*A atitude dela foi igual **à** sua.*

A crase antes de pronomes possessivos é facultativa, desde que não subentenda palavra. Nesse caso é obrigatória, pois subentende a palavra ***atitude***.

*Candidatou-se **a** rainha de bateria.*

A expressão **rainha de bateria** foi tomada em sentido genérico. Logo não deve ser usada a crase.

*Eles chegaram **à** noite e resolveram a questão.*

À noite é adjunto adverbial de tempo, é uma locução adverbial feminina. A crase, nesse caso, justifica-se por tradição.

*Referiu-se **à** (àquela) que seria discutida no outro dia.*

A crase empregada no trecho marca a fusão entre a preposição ***a*** e o pronome demonstrativo ***a***.

CASOS PROIBIDOS DE CRASE

- **Antes de masculinos em geral.**

*O governo falava a **respeito** de políticas públicas.*

*Pagamentos a **prazo** devem ser negociados.*

- **Antes de verbos (não é palavra feminina, nem masculina).**

*A **partir** de hoje, não faça isso.*

*Com datas a **definir**, o governo não falou muita coisa.*

- **Antes de artigos indefinidos (*um, uma, uns, umas*).**

*Referiu-se a **uma** decisão do governo.*

*Era favorável a **uma** atitude mais severa.*

- **Entre palavras repetidas que constituam expressões idiomáticas.**

boca a boca

cara a cara

frente a frente

uma a uma

gota a gota

mês a mês...

- **Antes de numerais cardinais (exceto horas).**

*Minha casa fica a **dois** quilômetros daqui.*

*De **15** a **20** de novembro, haverá uma conferência no setor.*

*Da uma da tarde à **uma** da manhã. (indicação de horas)*

*Ele trabalha das cinco às **vinte horas**. (indicação de horas)*

*Chegou à **uma**, saiu às **três**. (indicação de horas)*

- **Antes de nomes próprios completos.**

*Referia-se a **Flávia Rita Coutinho Sarmento.***

- **Antes de uma palavra plural quando o "a" estiver no singular.**

*Os brasileiros não obedecem a **leis** de trânsito.*

*Os brasileiros não obedecem às (a+as) **leis** de trânsito.*

• OBSERVAÇÃO

Se o mesmo ***a*** vier seguido de *-s*, de plural, haverá crase.

*Era favorável **a** decisões justas.*

*Era favorável **às** (a+as) decisões justas.*

Pode ocorrer, nesse caso, sutil alteração de sentido.

- **Antes de palavras tomadas em sentindo genérico.**

*Esse tipo de tema interessa a **mulher** (termo genérico), não a **homem**.*

(Poderia haver crase, mas mudaria o sentido da frase. Nesse caso, a palavra **homem** deveria também vir precedida de artigo.)

*Esse tipo de comportamento é associado a **criança**, não a **adulto**.*

- **Depois de preposição (exceto até). (ante, perante, desde, para, contra...)**

*Jurou **perante** a Justiça dizer a verdade.*

***Desde** a última semana, nada mais foi falado sobre o caso.*

*A reunião foi marcada **para** as duas horas.*

- **Em sujeito.**

*As **vezes** em que ele esteve aqui foram boas.*

*A **medida** que o governo usou foi adequada.*

- **Em objeto direto.**

*Avisaram **a família** (OD) sobre as alternativas do rapaz (OI).*

*Informaram **a população** (OD), de acordo com o que foi definido em assembleia pelo governo, sobre as mudanças no orçamento (OI).*

- **Antes de pronomes pessoais.**

Eu, tu, ela, nós, vós, mim...

*Era favorável a **ela**, não a **mim**.*

- **Antes de pronome de tratamento (exceto senhora e senhorita).**

*Referiu-se a **Vossa Excelência** com respeito.*

*Dirigia-se a **Vossa Senhoria** na ocasião.*

*Enviou o texto a **Sua Senhoria**.*

- Antes de ***dona + nome próprio***.

Pode-se escrever ***dona*** com a inicial maiúscula ou minúscula, mas é preferível que se inicie com maiúscula.

*Dirigia-se a **Dona** Maria.*

*Dirigia-se à **dona** do bar.*
(sentido de posse adminte crase)

- **Antes de pronomes indefinidos. (*cada, alguma, nenhuma, qualquer, certo, tudo, pouco, nada...*)**

*Obedeceria a **alguma** daquelas ordens.*

*Preferia sua ideia a **cada** opinião dela.*

- **Antes de pronomes demonstrativos não iniciados pela letra *a* (*este, esta, isso, isto, essa...*).**

*Era favorável a **essa** atitude.*

*Jamais obedecerei a **esta** ordem.*

CASOS ESPECIAIS DE CRASE

- Antes das palavras ***casa***, ***terra*** e ***distância***.
- Haverá crase, se houver determinante.
- Não haverá crase, se não houver determinante.

*Jamais voltaria a **casa** depois de tudo o que aconteceu.*

*Os deputados voltaram à **Casa** para a votação.*

*Observava-os a **uma distância** de dez metros.*

*Educação a **distância** é uma tendência.*

*Voltaram à **terra natal** depois de alguns anos.*

- Antes de topônimos (nomes de lugar).
  Femininos: admitem crase. (da)
  Neutros: não admitem crase. (de)
  Neutros: especificados: admitem crase. (da)

*Voltaram à **Bahia** ontem.*
(Vou à Bahia, volto da Bahia)

*Referiu-se a **Campinas**.*

*Retornou a **Paris** pela manhã.*

*Voltou à **Paris** das luzes.*

*Voltou à **Belo Horizonte dos jardins encantados**.*

- **Antes de *que* e *de*.**
  Haverá crase se o "a" tiver valor de aquela ou subentender palavra feminina.

*Referia-se à **de** olhos claros.*

*Sua atitude era igual à (subentende **atitude**) de outras moças.*

*A peça a **que** assisti era interessante. (só preposição)*

- **Nas formas *a qual* e *as quais*.**
  Haverá crase sempre que o termo consequente exigir a preposição ***a***.

*As decisões **às quais** fomos favoráveis eram positivas para a população.*

*A lei **à qual** o homem se referiu já não tinha mais valor.*

*A decisão **a qual** desejava (VTD) tinha outras motivações.*

- **Crase e Paralelismo Sintático**

Todos têm direito a vida, liberdade, igualdade.

Não há artigo antes de **liberdade** e **igualdade**. Logo, não se coloca artigo antes de vida.

A sociedade é favorável a lei, ordem, regra.
ou
A sociedade é favorável à lei, à ordem, à regra.

- **Crase e Produção de Sentido**

Chegou a noite (sujeito = anoiteceu) e nada foi feito.

Chegou à noite (locução adverbial = período da noite) e nada foi feito.

Nos exemplos acima, ambos corretos, a crase alterou o sentido básico do enunciado.

CASOS FACULTATIVOS DE CRASE

- **Antes de pronomes possessivos femininos, no singular, que não subentendam palavras.** (O uso do artigo antes do pronome possessivo é facultativo. Logo, a crase também será.)

*Referiu-se a **suas** ideias. (caso proibido)*

*Referiu-se às **suas** ideias. (caso obrigatório)*

*Minha ideia era semelhante à **sua** (subentende ideia). (caso obrigatório)*

*Referiu-se a **sua** ideia. (caso facultativo)*

*Era favorável a **nossa** atitude. (caso facultativo)*

- **Depois da preposição *até*.**
  (Depois de **até**, a preposição ***a*** será facultativa.)

*Chegou **até** o colégio.*

*Chegou **até** ao colégio.*

*Foram **até** a escola.*

*Foram **até** à escola.*

Observa-se que o artigo é facultativo, como ocorreu diante da palavra masculina "colégio".

- **Antes de nomes próprios femininos (sem sobrenome).**

*Refiro-me a **Ana**.*

*Refiro-me à **Ana**.*

*Refiro-me à **Ana**, minha melhor amiga.*

*Refiro-me a **Ana**, uma colega de trabalho.*

Havendo contexto de intimidade, usa-se, obrigatoriamente, a crase. Havendo contexto de distanciamento, não se usa crase, é caso proibido. O artigo demonstra intimidade. Só é facultativa a crase quando não sabemos se há ou não intimidade.

CASOS OBRIGATÓRIOS DE CRASE

- **Se houver fusão entre a preposição *a* e um artigo definido "*a(s)*".**

*Dirigia-se à **direção** da escola.*

*O governo é favorável à **mudança**.*

- **Se houver fusão entre a preposição *a* e um pronome demonstrativo iniciado pela letra a (aquele, aquela, ...).**

*Preferia isso **àquele** produto.*

*Voltou **àquele** lugar.*

- **Em expressões adverbiais, prepositivas ou conjuntivas (circunstâncias) formadas por palavras femininas, emprega-se, por tradição linguística, o acento grave.**

À noite, à tarde, às vezes, à medida que, à proporção que, à procura, à espera, à direita, à esquerda,...

- **Em indicações de horas (tradição linguística).**

Chegou às duas horas.

Saiu às cinco. Voltou às dez..

- **Em expressões que subentendam as palavras *moda/maneira de*.**

Escrevia à Machado de Assis.
(à maneira de)

EXERCÍCIOS

1 A frase está **CORRETAMENTE** construída em
a) Não assisto à filmes de guerra.
b) A pintura foi executada à óleo.
c) Não vou a festas.
d) A roupa transpira à suor e à vinho.
e) Passeamos à pé todos os dias.

2 "Garanto ___ você que compete ___ ela, pelo menos ___ meu ver, tomar as providências para resolver o caso." Assinale a alternativa que preenche **CORRETAMENTE** as lacunas acima.
a) a – a – a
b) à – à – a
c) a – à – à
d) a – à – a
e) à – a – à

3 Assinale a alternativa que completa **CORRETAMENTE** as lacunas da frase abaixo.

"Ficaram frente ___ frente ___ se olharem, pensando no que dizer uma ___ outra."

a) à – à – a
b) a – à – a
c) a – a – à
d) à – a – a
e) à – a – à

4 Assinale a alternativa que completa **CORRETAMENTE** as lacunas no período abaixo.

"Agradeço ___ Vossa Senhoria ___ oportunidade para manifestar minha opinião ___ respeito."

a) à – a – à
b) à – a – a
c) a – a – a
d) à – à – à
e) à – à – a

5 "Sentou ___ máquina e pôs-se ___ reescrever uma ___ uma as páginas do relatório."
A alternativa **CORRETA** é
a) a – a – à
b) a – à – à
c) à – a – a
d) à – à – à
e) à – à – a

6 Em que frase está **CORRETO** o acento indicador da crase?
a) O material já foi entregue à aluna.
b) Chegamos à Ouro Preto.
c) Fomos à Sabará ontem.
d) Nunca voltarei à essa cidade.
e) Aproveito o ensejo para reiterar à V. Exa. os protestos de minha estima e consideração.

7 Marque a única frase **CORRETA** quanto ao uso do acento grave.
a) À noite, feriram o estrangeiro à bala.
b) Não gosto de comprar à prazo.
c) Pus-me a andar a toa.
d) Pedimos a menina que trouxesse feijoada à carioca.
e) Esta bicicleta é semelhante a que comprei.

8 Preencha as lacunas com a, à, as, às e marque a opção que contém a ordem **CORRETA**.
- Fui ___ praia e logo começou ___ chover.
- Gosto de apreciar ___ praças.
- Tivemos que assistir ___ comemoração da Independência.
- Contarei uma história ___ você.
- Fui ___ Roma e ___ Bahia.
- Ela não se dirige ___ pessoas frente ___ frente.

a) à - a - às - à - à - a - a - a - a
b) a - à - às - a - à - a - à - a - à
c) à - a - as - à - a - a - à - a - a
d) a - à - as - à - a - à - à - a - a
e) à - à - às - à - a - a - à - a - a

9 Marque a única opção em que **NÃO** pode haver o acento indicativo da crase.
a) Os marinheiros chegam a terra.
b) Vou a terra dos meus avós.
c) Dedicou-se a sua carreira.
d) Já voltaram a casa paterna.
e) Escrevi ontem uma carta a Elisabete.

10 Em que alternativa a crase é facultativa?
a) Chegando a casa, ela desmaiou.
b) Chegou até a montanha.
c) Dirija-se aquela sala.
d) Quando você voltará a Argentina?
e) A crise de hoje é semelhante a de anos anteriores.

Gabarito
| 1-c | 2-a | 3 -c | 4-c | 5-c | 6-a | 7-a | 8-c | 9-a | 10-b |

CRASE

CASOS PROIBIDOS	CASOS ESPECIAIS	CASOS OBRIGATÓRIOS
Antes de maculino em geral.	Antes de casa, terra e distância, haverá crase sempre que tais palavras estiverem especificadas.	Se houver fusão entre um "A" preposição e um "A"(S) artigo definido.
Antes de verbo.	Antes de topônimos (nome do lugar). a) Femininos: admitem crase. b) Neutros: não admitem crase. c) Neutros especificados: admitem crase.	Se houver fusão entre um "A" preposição e um pronome demonstrativo iniciado pela letra "A" (aquele, aquela, aquilo...).
Antes de numerais (exceto em indicação de horas).	Antes de QUE e DE, haverá crase sempre que o "A" tiver valor de AQUELA ou subentender palavra feminina.	TRADIÇÃO LINGUÍSTICA: Nas locuções adverbiais, prepositivas ou conjuntivas, formadas por palavras femininas. *à direita, à esquerda, às vezes, às pressas, à beira, à procura, à espera, à medida que, à proporção que, à disposição, à noite, à tarde...*
Antes de artigo indefinido (um, uma, uns, umas).	Nas formas a qual/as quais, haverá crase sempre que o consequente exigir preposição "A".	Indicação de horas (circunstâncias de tempo): DE-A / DAS-ÀS / DA-À
Antes de nome próprio completo.	Crase e produção de sentido. Quando houver ambiguidade / valor distintivo.	Se as expressões MODA DE, ou MANEIRA DE estiverem subentendidas.
Antes de uma palavra plural quando o "A" estiver no singular.	Crase e paralelismo sintático. Manutenção da coerência textual. Deve-se observar a padronização no uso de artigos. Observe: Todos têm direito a lei, ordem, regra. ou Todos têm direito à lei, à ordem, à regra. *Pode haver oscilação de sentido.	**OBS.:** Alguns autores não empregam acento grave nas locuções adverbiais de instrumento. Acreditam que só há preposição.
Antes de Dona + nome próprio.		**CASOS FACULTATIVOS**
Antes de pronomes pessoais.		Antes de pronomes possessivos femininos no singular, que não subentendem palavras.
Antes de pronome de tratamento (exceto senhora/senhorita).		Depois da preposição ATÉ.
Antes de pronomes indefinidos.		Antes de nomes próprios femininos SEM REFERÊNCIA.

CASOS PROIBIDOS	DICA
Antes de pronomes demonstrativos não iniciados com a letra "A". (este, isto, essa...).	Quem vai **à** e volta **da** coloca crase no **à** *Vou **à** Bahia.* *(Volto **da** Bahia)* Quem vai **a** e volta **de** coloca crase para quê ? Para errar! *Vou **a** Belo Horizonte.* *(Volto **de** Belo Horizonte)*
Entre palavras repetidas. (ano a ano, mês a mês...).	
Em sujeito.	
Em objeto direto.	
Depois de preposição (exceto até).	

CONCORDÂNCIA

CONCORDÂNCIA NOMINAL

A concordância nominal acontece quando o adjetivo, o pronome, o numeral e o artigo alteram suas desinências para se ajustarem ao substantivo a que se referem.

REGRA GERAL

O adjetivo, o pronome, o numeral e o artigo concordam em gênero e número com o substantivo a que se referem.

*Os seus dois **carros** novos chegaram.*

*Estes lindos **olhos** azuis me encantam.*

CASOS PARTICULARES

- **Adjetivo posposto a dois ou mais substantivos vai ao plural ou concorda com mais próximo.**
- Quando um adjetivo vem posposto a substantivos do mesmo gênero, conserva o gênero, indo ao plural ou concordando com o mais próximo.

Tenho uma prima e uma irmã

vaidosa - Adjetivo no singular, concorda com o substantivo próximo.

vaidosas - Adjetivo vai ao plural, concorda com todos os substantivos.

*Manoel comprou um cinto e colar **antigo**.*

ou

*Manoel comprou um cinto e colar **antigos**.*

*Tratava-se de momento e lugar **inoportuno**.*

ou

*Tratava-se de momento e lugar **inoportunos**.*

- Quando o adjetivo vem posposto a substantivos de gêneros diferentes, vai ao masculino plural ou concorda com o mais próximo.

Tenho um primo e uma irmã

vaidosa - Adjetivo no singular, concorda com o substantivo mais próximo.

vaidosos - Adjetivo vai ao plural, concorda com todos os substantivos.

*Ana recebeu uma pasta e um batom **importado**.*

ou

*Ana recebeu uma pasta e um batom **importados**.*

*Marta pediu um garfo e uma faca **cromada**.*

ou

*Marta pediu um garfo e uma faca **cromados**.*

- **Adjetivo posposto a substantivos em gradação, em sinonímia ou referindo-se a uma só pessoa concorda com o substantivo mais próximo.**

  - Quando o adjetivo vem posposto a dois ou mais substantivos alinhados em gradação concorda com o mais próximo.

    Um ser, uma força, uma inteligência ***suprema...***

    A inteligência, o esforço, a dedicação ***extraordinária*** *vence tudo.*

  - Quando o adjetivo vem posposto a dois ou mais substantivos sinônimos entre si, concorda com o mais próximo.

    Era um marido e companheiro ***exemplar****.*

    A aplicação e amor ***racional*** *faz bem.*

    Havia júbilo e alegria ***intensa*** *em casa.*

    As maldições se cumpriram no povo e gente ***hebreia.***

  - Quando o adjetivo vem posposto a dois ou mais substantivos referentes a uma só pessoa concorda com o mais próximo.

    O treinador e goleiro ***tranquilo*** *chegou.*

    O deputado e secretário da Educação ***mineiro****.*

ATENÇÃO!

Há casos em que a concordância atrativa será obrigatória, ou seja, o adjetivo terá de concordar com o substantivo mais próximo por causa do sentido.

Ganhei de presente relógio e frango ***saboroso****.*

Adjetivo posposto a mais de um substantivo (adjetivo com função de adjunto adnominal)		
OCORRÊNCIAS	CONCORDÂNCIA EFETUADA	EXEMPLOS
Substantivos de mesmo gênero + adjetivo	adjetivo concorda com o substantivo mais próximo ou vai ao plural	*Ganhei camisa e blusa* ***branca/brancas.*** *Comprei sofá e banco* ***usado/usados.***
Substantivos de gêneros diferentes + adjetivo	adjetivo concorda com o substantivo mais próximo ou vai ao plural no masculino	*Ganhei camisa e sapato* ***preto/pretos.*** *Comprei sofá e cama* ***usada/usados.*** *Tomo bebidas e leite* ***quente/quentes.***
Substantivos exprimindo *gradação* e *sinonímia*	adjetivo concorda com o substantivo mais próximo	*Tinha ideia e pensamento* ***fixo.*** *Tinha por ela amor e paixão* ***intensa.***
Substantivos referindo-se a uma *só pessoa*	adjetivo concorda com o substantivo mais próximo	*Ele é um esposo e companheiro* ***dedicado.*** *Conheci um cantor e ator* ***famoso.***

- **Adjetivo anteposto a dois ou mais substantivos.**

  - Quando um adjetivo se antepõe a dois ou mais substantivos comuns, concorda quase sempre com o mais próximo.

    Bela *floresta e rios.*

    Que assim mereça ***eterno*** *nome e glória.*

    Era dotado de ***extraordinária*** *coragem e talento.*

  - Adjetivo anteposto a nomes de parentescos ou nomes próprios de pessoas ou títulos, concorda com o conjunto.

*Os **preocupados** pai, mãe e tios chegaram.*

*Os **enigmáticos** Guimarães Rosa e Mário de Andrade são muito lidos.*

*Os **afortunados** Embaixador dos Estados Unidos e Primeira-Ministra de Israel escaparam ilesos.*

*Os **modernistas** Cecília Meirelles e Manuel Bandeira geralmente fazem bem à alma.*

Adjetivo anteposto a mais de um substantivo (adjetivo com função de adjunto adnominal)		
EXEMPLOS	OCORRÊNCIAS	CONCORDÂNCIA EFETUADA
Substantivos comuns	Adjetivo concorda com o substantivo mais próximo	*Conheci **belas** florestas e rios. Percorri **imensa** lagoa e vales.*
Substantivos próprios	Adjetivo vai ao plural	*Já li os **grandes** Rui e Machado. Os **Clássicos** Homero e Virgílio...*

- **Predicado nominal formado de "verbo ser + adjetivo predicativo".**
  (é bom, é proibido, é necessário, é claro, é evidente, é ótimo...)

  - Quando o sujeito do verbo ***ser*** é tomado em sua generalidade, sem determinante, o adjetivo em função de predicativo permanece invariável na forma masculina.

Substantivo na função de sujeito sem determinante (sem artigo, pronome ou numeral).

*Água mineral é **bom** para a saúde.*

*Cerveja quente é **péssimo**.*

*É **proibido** entrada.*

*Entrada é **proibido**.*

*Paciência é **necessário** neste trânsito louco.*

*Vitaminas, às refeições, não é **mau**.*

*Aplausos é **permitido**.*

*É **permitido** aplausos.*

- Quando o sujeito do verbo **ser** vem determinado, o adjetivo em função de predicativo concorda com o substantivo.

Substantivo na função de sujeito determinado por artigo, pronome ou numeral.

*A água mineral é **boa** para a saúde.*

*Toda cerveja quente é **péssima**.*

*Muitos aplausos são **permitidos**.*

*Algumas vitaminas, às refeições, são **necessárias**.*

*É **proibida a** entrada.*

*A entrada é **proibida**.*

REGRAS ESPECIAIS

- **Particípio realiza concordância com o seu referente.**

Dadas, em função de um problema específico, soluções para a questão, nada foi feito.

- ***Menos, abaixo, alerta* e *pseudo* são sempre invariáveis.**

*Os representantes do governo se mantiveram **alerta** durante a reunião.*

*Usou **pseudo** argumentos na ocasião.*

- ***Em anexo, em alerta, a sós, haja vista, em mão* são expressões invariáveis.**

Ele foi aprovado no concurso,
haja vista *o seu esforço.*

Os documentos seguem ***em anexo****. (sem a preposição, a palavra* ***anexo*** *varia normalmente)*

Eles estavam ***a sós****.*

> **Nota:**
> A expressão ***haja vista*** admite plural no verbo ***haver***.
> *Haja(m) vista os acontecimentos, chegou atrasado.*

- **Obrigado, quite, incluso, anexo, nenhum, vários e próprio são palavras variáveis, por isso concordam com o substantivo a que se referem.**

Muito ***obrigada****, disse a moça ao rapaz.*

Nós estamos ***quites*** *com o banco.*

Seguem ***anexos*** *os documentos.*

Vocês não são ***nenhuns*** *coitados.*

*"****Vária*** *vez, ouvi aquela mulher chorar."*
(Machado de Assis)

- **Tal qual: *tal* concorda com o antecedente e *qual* concorda com o consequente.**

As medidas do governo são ***tais quais*** *os seus interesses.*

O governo é ***tal qual*** *o povo.*

Eles eram ***tais qual*** *o pai.*

Os filhos eram ***tais qual*** *a mãe.*

- **O adjetivo possível, em expressões superlativas (o mais, o menos), concorda com o artigo que o precede.**

Eram alunos ***o*** *mais estudiosos* ***possível****.*

Eram alunos ***os*** *mais estudiosos* ***possíveis****.*

Eram pessoas ***o*** *mais respeitadas* ***possível****.*

- **Dois ou mais substantivos qualificados por um único adjetivo em função predicativa (verbo + adjetivo).**

- Adjetivo anteposto: concorda com o termo mais próximo ou com o conjunto.

Estava satisfeita *mãe e filho.*

Estavam satisfeitos *mãe e filho.*

Parecia clara *a decisão e a atitude do governo.*

Pareciam claras *a decisão e a atitude do governo.*

- Adjetivo posposto: concorda sempre com o conjunto.

Mãe e filho ***estavam satisfeitos****.*

A decisão e atitude do governo ***pareciam claras****.*

- **Expressões do tipo é bom, é necessário, é permitido, é preciso, é pouco, é muito, é suficiente, é proibido.**

- Com determinante, variam.

É permitida *a saída do funcionário.*

São proibidas *as músicas altas.*

Os dez reais ***são suficientes****.*

- Sem determinante, permanecem no masculino e no singular.

É permitido *saída do funcionário.*

É proibido *músicas altas.*

Dez reais ***é suficiente****.*

- **Muito, pouco, bastante, meio, só, alto, baixo, mesmo...**

- Variam quando se referem a um termo de natureza substantiva.

*Elas estavam **sós**.*
*Comeu **meia** maçã.*
*Havia **bastantes** opções.*

- Não variam quando funcionam como advérbios (modificam verbo, adjetivo ou o próprio advérbio).

*Elas **só** dizem a verdade.*
*Ela acordou **meio** nervosa.*

• OBSERVAÇÕES

- *Bastante* **vai para o plural quando for equivalente a muitos, muitas ou suficientes.**

Já tenho problemas bastantes.

- *Meio* **não varia com valor de *um pouco, mais ou menos*.**

*A presidenta está **meio** preocupada em relação ao futuro do país.*

- *Só* **varia com valor de sozinho/sozinha.**

*Ela estava **só**.*

*Elas estavam **sós**.*

- *Mesmo* **varia com valor de próprio.**

*Ela **mesma** resolve seus problemas.*

- **O vocábulo *mesmo* não pode ser usado para retomar termos substantivos (palavras, nomes próprios). Ele é empregado para dar ênfase ou retomar ideias.**

*Respeitava o projeto, pois o **mesmo** era inovador. (**errado**: está retomando a palavra)*

*A mulher **mesma** discutiu o tema. (**certo**: sugere ênfase)*

*Eu ajudei o rapaz, qualquer um faria o **mesmo**. (**certo**: está retomando a ideia, não a palavra)*

CONCORDÂNCIA VERBAL

REGRA GERAL

- **O verbo concorda em número e pessoa com o seu sujeito.**

***Falta** investimento.*

***Faltam** investimentos.*

*Pai e filho **reconheceram** o rapaz.*

*Qual de nós **sabe** a verdade?*

A nenhum de nós ____ essas tarefas.
(cabe / cabem)

Considerando que a frase está invertida, o certo seria ***cabem***, pois o sujeito da frase é ***essas tarefas***.

Não se _____ de fatos complexos.
(trata / tratam)

O correto seria ***trata***, pois a partícula ***se*** foi empregada para indeterminar o sujeito. Logo, o verbo fica no singular.

_____ aos alunos, nas suas diversas atividades, considerar o fato.
(cabe / cabem)

O correto seria ***cabe***, pois o verbo está regido por um sujeito oracional ***considerar o fato***.

_____ haver mudanças no setor.
(Precisa / Precisam)

O verbo haver está empregado com valor existencial, assim seu auxiliar se torna impessoal. Portanto, o correto seria ***Precisa***.

As mulheres tiveram várias conquistas, o que as _____ mais fortes. ***(fez / fizeram)***

O verbo deve concordar com o termo antecedente do relativo. No caso, concorda com o pronome ***o*** ficando, portanto, no singular ***fez***.

Nenhum de nós _____ tudo sobre a nossa essência. ***(sabe / sabemos)***

Nesse caso, o pronome ***nenhum*** é o núcleo do sujeito e o verbo deve, obrigatoriamente, ficar na 3ª pessoa do singular. Logo, o correto é ***sabe***.

Não se _____ a regras arbitrárias nos dias de hoje. ***(obedece / obedecem)***

Quando o verbo for VTI, o ***se*** será índice de indeterminação do sujeito. Nesse caso, o verbo sempre fica na 3ª pessoa do singular, portanto o correto é ***obedece***.

A maioria da população _____ problemas para dormir. ***(tem / têm)***

O verbo ***ter***, como está associado a uma expressão partitiva, poderia, no contexto da frase fazer concordância lógica ou atrativa. Na frase em análise, os dois termos, ***maioria*** e ***população***, estão no singular. Logo, o verbo só poderá ficar no singular ***tem***.

O governo tem muitos planos; a população, não.

A vírgula empregada no trecho torna as duas frases semanticamente dependentes porque substitui a expressão ***tem muitos planos***.

DICAS SOBRE SUJEITO

- O núcleo do sujeito não pode ser preposicionado.
- O sujeito pode estar posposto ao verbo.
- Não se separa sujeito de predicado por vírgula.
- Para identificar o sujeito na frase, use ***o quê?*** ou ***quem?***.

TIPOS DE CONCORDÂNCIA

Lógica: feita com o núcleo do sujeito.

*A **maioria** das pessoas **acredita** no amor.*

Atrativa: feita com o termo mais próximo.

*A maioria das **pessoas acreditam** no amor.*

Ideológica (silepse): feita com a ideia sugerida pelo termo.

*Todos **buscamos** a felicidade. (nós)*

CASOS DE CONCORDÂNCIA VERBAL

- **Expressões partitivas + determinante: lógica ou atrativa *(a maioria, grande parte, um pequeno número, um grupo ...).***

*A maioria dos adolescentes não **respeita / respeitam** normas.*

*Grande parte dos cidadãos **vive / vivem** com o mínimo.*

- **Coletivos + determinante: lógica ou atrativa.** *(grupo, turma, classe, conjunto, enxame...)*

*Um conjunto de engenheiros **resolveu / resolveram** o caso.*

*Um enxame de abelhas **atacou / atacaram** o rapaz.*

* Prefere-se o singular.

- **Numerais percentuais, decimais ou fracionários + determinante: lógica ou atrativa.**

*1% dos produtos **estragou / estragaram**.*

*50% da sociedade **acredita / acreditam**.*

Nota:

Sem determinante, o verbo concordará com o numeral.

Se houver um determinante antes do numeral, o verbo concordará, obrigatoriamente, com o numeral. Algumas bancas preferem a concordância atrativa.

*Os 50% da sociedade **acreditam**.*

*Este 1% dos produtos **estragou**.*

- ***Sujeito composto posposto ao verbo: lógica ou atrativa.***

***Falta / faltam** investimento e recurso no setor.*

***Basta / bastam** uma atitude e uma avaliação.*

- ***Um dos que/uma das que*: lógica ou atrativa.**

*O governo foi um dos que **investiu / investiram** no setor.*

*Ela foi uma das moças que se **manifestou / manifestaram**.*

* Há uma preferência pelo plural.

- **Pronome indefinido ou interrogativo (no plural) +*nós/vós*: lógica ou atrativa.**

*Quais de nós **sabem / sabemos** o que aconteceu?*

*Alguns de nós **sonham / sonhamos** com uma vida melhor.*

- **Pronome que, na função de sujeito: o verbo concorda com o antecedente.**

*Fomos nós que **fizemos** a tarefa.*

*Conhecia muitas pessoas, o que a **tornava** especial.*

- **Pronome quem, na função de sujeito: o verbo concorda com o antecedente ou fica na 3ª pessoa do singular, concordando com o próprio quem.**

*Fomos nós quem **fizemos / fez** a tarefa.*
*Foram as mulheres quem **decidiram / decidiu** tudo.*

- ***Bater, soar, tocar, dar, faltar, bastar, ...* + sujeito numérico: o verbo concorda com o sujeito numérico.**

***Bastam** cinco reais para resolver o caso.*

***Faltam** dois dias para a prova.*

*Na atual conjuntura da política econômica brasileira, **bastam** dois milhões (...).*

- **Ser *(hora/data/distância)*: o verbo concorda com o numeral. O verbo ser, nesse caso, forma oração sem sujeito, pois é impessoal.**

***São** duas horas.*
É meio-dia e meia.
*Já **é** uma e meia.*
*Hoje **são** cinco de março.*
*Hoje **é** dia cinco de março.*
***São** dois quilômetros até a minha casa.*

- **Expressões de quantidade aproximada sem determinante *(cerca de, perto de, mais de, menos de...)*: o verbo concorda com o numeral.**

Mais de um milhão foi gasto.

Menos de duas pessoas estiveram no local.

* Se houver determinante, poderá fazer concordância lógica ou atrativa.

- **Numeral sem determinante: o verbo concorda com o numeral.**

*50% **concordaram** com o governo.*

*Metade **concordou** com o governo.*

- **Sujeito representado por nome próprio plural:**
  - com artigo, usa-se o plural.
  - sem artigo, o verbo permanece no singular.

*Estados Unidos **representa** o mundo.*
*Os Estados Unidos **representam** o mundo.*

*As Minas Gerais **representam** o país.*
*Minas Gerais **representa** o país.*

- **Sujeitos representados por verbos no infinitivo:**

- com artigo, usa-se o plural.
- sem artigo, o verbo permanece no singular.

*Ler e escrever **representa** a base da educação.*
(sujeito oracional)

*O ler e o escrever **representam** a base da educação.*
(sujeito composto)

Em caso de antônimos, recomenda-se o plural.

*Amar e odiar **são** sentimentos contrastantes.*

- **Sujeitos unidos por *ou*:**

- se der ideia de inclusão, usa-se o plural.
- se der ideia de exclusão, usa-se o singular.

*Cigarro ou álcool **fazem** mal à saúde.*

*Atlético ou Flamengo **será** campeão brasileiro.*

*Teatro ou cinema **eram** as opções de lazer.*

*Teatro ou cinema **era** o programa da noite.*

- **Sujeitos unidos por *com*:**

- usa-se o plural. Admite-se o singular quando se deseja dar ênfase ao primeiro elemento.

*A professora com os alunos **decidiram** a data da prova.*

*A professora, com os alunos, **decidiu** a data da prova.*

- **Pronomes de tratamento:**
  embora sejam de 2ª pessoa, concordam com verbos e formas auxiliares em 3ª pessoa. Em gênero, concordam com o sexo da pessoa a que se referem.

*Vossa Excelência **está** preocup**ado** porque **sabe** de **suas** obrigações.*

*Preciso dizer a você que **o** amo.*

Pronomes de tratamento não admitem combinações com *teu, te, ti, vós, vosso, -ste, stes.*

- **Haver existencial: 3ª pessoa do singular.**
  (verbo impessoal / forma oração sem sujeito / VTD)

*Se **houvesse** soluções para o caso, eu saberia.*
*(Se **existissem** soluções para o caso, eu saberia.)*

***Havia** problemas estruturais no setor.*
*(**Existiam** problemas estruturais no setor.)*

O verbo ***existir*** não é impessoal, flexiona-se normalmente. É sempre VI.

***Haviam** discutido a proposta do governo*

***Houveram**-na por louca.*

O verbo ***haver***, em outros sentidos, varia normalmente, como nas duas frases acima.

*Na discussão, **teve** quem questionasse a decisão do governo. (certo: houve)*

O verbo ***ter*** não pode ser usado com valor existencial, logo a frase acima está errada de acordo com a norma culta.

- ***Haver* e *fazer* indicando tempo decorrido: 3ª pessoa do singular.**
  (verbos impessoais / formam oração sem sujeito)

***Havia** semanas que não se falavam.*

*Já **faz** cinco anos que ele esteve aqui.*

- **Verbos indicando fenômenos naturais: 3ª pessoa do singular.**
  (são verbos impessoais / formam oração sem sujeito)

  ***Choveu** em vários estados brasileiros.*

  ***Ventavam** folhas para todos os lados.*
  *(Em sentido figurado, o verbo varia. Portanto, o verbo **ventar** concordou com o seu sujeito sintático: **folhas**.)*

- **Auxiliares de verbos impessoais ficam sempre na 3ª pessoa do singular.**

  ***Deve haver** outras opções para o rapaz.*

  ***Vai fazer** dez anos que nos conhecemos.*

- ***Cada um (a) de/dos/das:* 3ª pessoa do singular.**

  *Cada uma das meninas **chegou** no horário.*

  *Cada um de nós **sabe o** que quer.*

- ***Nenhum (a) de/dos/das:* 3ª do singular.**

  *Nenhum de nós **criticou** o governo.*

  *Nenhuma delas **entendeu** o fato.*

- **Sujeito oracional**
  O verbo da oração principal fica sempre na 3ª pessoa do singular.

  ***Cabe** aos alunos das diversas universidades brasileiras discutir o tema.*

  ***Procura-se** resolver conflitos.*

  É importante que se diga a verdade.

- **Sujeitos em gradação: realizam concordância atrativa.**
  Ao se concordar com o conjunto, há descaracterização da gradação.

  *Um ano, um mês, uma semana não **muda** nada.*

  *Um olhar, um gesto, uma palavra **bastaria**.*

- **Sujeitos representados por núcleos sinônimos: realizam concordância atrativa.**

  *Amor e paixão ardente **faz*** bem à alma.*

  *Alegria e felicidade **move*** a vida.*

* A concordância com o conjunto descaracteriza a sinonímia.

- **Verbo parecer.**
  O ***parecer*** se flexiona em locuções verbais, seguido de infinitivo sem flexão.

  ***Pareciam compreender** a vida. (loc. verbal)*

  *Os governantes **parecem concordar** com o acordo. (loc. verbal)*

  O ***parecer*** permanece na 3ª pessoa do singular, seguido de infinitivo flexionado formando sujeito oracional. Nesse caso, há estruturação de período composto.

  ***Parecia compreenderem** a vida.*
  = Parecia que eles compreendiam a vida.

  *Os governantes **parece concordarem** com o acordo.*
  = Parece que os governantes concordaram com o acordo.

> É possível que ambos os verbos fiquem no singular. Entretanto, os dois jamais ocorrerão no plural.
> *Eles pareciam saberem a verdade. **(Errado)***

- **Em locuções verbais, apenas o auxiliar de um verbo no infinitivo pode se flexionar.**

*Elas **estão estudando**. (locução verbal)*

*Elas **vão estudar**. (locução verbal)*

- **Em períodos compostos, o infinitivo poderá ser flexionado, sobretudo se estiver precedido de preposição.**

*Elas pediram para **sair / saírem** mais tarde.*

*Elas têm receio de **se sentir / se sentirem** mal.*

• OBSERVAÇÕES

LOCUÇÃO VERBAL
X
PERÍODO COMPOSTO

Locução verbal:
- o infinitivo não varia.
- possui apenas um sujeito.

Período composto:
- o infinitivo pode variar.
- possui dois sujeitos que podem ser diferentes ou iguais.

*As pessoas têm medo de **se sentir** sozinhas ao longo da vida. **[ou se sentirem]***

*As pessoas devem, ao longo da vida, **reforçar** suas ideologias. **[não pode variar locução]***

*Os professores pediram para, na ocasião, sair mais cedo. **[ou saírem]***

*Os governantes têm que, em algum momento, **discutir** o fato. **[não pode variar locução]***

*Os governantes sentem necessidade de **refletir** sobre o fato. **[ou refletirem]***

- **Verbo ser (de ligação)**

O verbo ***ser*** concorda ora com o predicativo ora com o sujeito, seguindo a seguinte ordem de prevalência:

PRONOME RETO > PESSOA > PLURAL > OUTROS

*Você **sou** eu amanhã.*

*Meus sonhos **é** ela.*

*A vida **são** crianças brincando.*

Se houver pronome indefinido ou demonstrativo + plural, a concordância poderá ser feita com qualquer um dos termos.

*Isso **é / são** coisas da vida.*

*Tudo **é / são** flores.*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

- Em caso de concordância lógica e atrativa, sempre haverá alteração sutil de sentido ou de ênfase, sem necessariamente comprometer a coerência textual.

*A maioria dos políticos **cumpre / cumprem** suas promessas.*
(no singular, dá foco para a coletividade e, no plural, dá foco para a particularidade)

- Ordem de prevalência das pessoas gramaticais no Português Brasileiro:

- a 1ª pessoa prevalece sobre as demais.

- entre a 2ª e a 3ª pessoa, não há prevalência.

*Eu, tu e Ana **fomos** ao local.*

*Tu e Ana **foram / fostes** ao local.*

*Alguns autores recomendam a prevalência da 2ª pessoa.

EXERCÍCIOS

1 Os termos destacados estão corretamente flexionados, **EXCETO** em

a) Foi-me penosa a indecisão, o medo e a fraqueza.
b) Embora fosse tarde, saíram apressadas e sós.
c) Vinha com bolso e mãos cheios de dinheiro.
d) Felizmente, hoje está quites com seus credores.
e) Apesar da idade, não era homem de meias palavras.

2 Todas as concordâncias são referenciadas pela norma culta, **EXCETO** em

a) Estavam bastante desertas a vila, os bares e o tempo.
b) É necessário manter bastante limpas as ruas e os jardins.
c) Considerava as razões bastantes para acusar de corrupto o rei e a rainha.
d) Terão bastantes razões para considerar simpáticos o diretor e sua filha?
e) Serão bastante importantes as máquinas para que os homens se encantem com elas?

3 Até agora, já foram encontradas oito torres e um pedaço do grande muro que protegia a cidade.

Ocorreu um caso de concordância equivalente ao grifado acima em

a) Mandou-me, pelo emissário, livros e frutas maduras.
b) Perdido o orgulho e a fé, nada mais lhe restou senão a morte.
c) Foram reconhecidos, pelas famílias, o corpo e as vestes do morto no acidente.
d) São necessárias todas as providências, para que fatos dessa natureza não mais ocorram.
e) A rudez e a violência alheia assustam mais do que as nossas próprias.

4 "Vossa Excelência _____ ouvir a opinião dos jovens que _____ apoiaram durante _____ campanha." Assinale a alternativa que completa **CORRETAMENTE** as lacunas.

a) deveis, lhe, vossa.
b) deve, o, sua.
c) deve, lhe, sua.
d) deveis, vos, vossa.
e) deve, o, vossa.

5 Assinale a opção que **NÃO** se apresenta adequada à norma culta da língua padrão.

a) A maioria das pessoas está preferindo morar no meio urbano.
b) Nenhum de nós desconhece a importância de tua tese.
c) Quais de vocês viajariam para um deserto como a fazenda do matagal?
d) Quantos de vós me ensinareis a viver melhor a minha vida?
e) Qual de vocês têm algum juízo para me apontar caminhos?

6 Identifique a opção que pode ser completada **APENAS** com a primeira forma verbal proposta, segundo os padrões da língua culta.

a) Ainda hoje _____ haver muitas Elviras em nossa sociedade. (pode / podem)
b) Quais de vós _____ a primeira pedra em Elvira? (atirariam / atiraríeis)
c) A maioria dos amantes de Elvira _____ no subúrbio. (morava / moravam)
d) Não se _____ facilmente, em nosso peito, pessoas iguais a Elvira. (admite/admitem)

7 Todas as alternativas abaixo apresentam concordância verbal correta, **EXCETO**

a) A maior parte dos menores vive sob as marquises.
A maior parte dos menos vivem sob as marquises.
b) Faz anos que a questão do menor se agrava no Brasil.
Fazem anos que a questão do menor se agrava no Brasil.

c) Ilson Escóssia é um dos que apresenta suspeita de delinquência.
Ilson Escóssia é um dos que apresentam suspeita de delinquência.

d) Um bando de meninos morre a cada dia no País.
Um bando de meninos morrem a cada dia no País.

e) Quais de nós pensam nos meninos de rua?
Quais de nós pensamos nos meninos de rua?

8 Em todas as alternativas, a lacuna pode ser preenchida corretamente por ambas as formas entre parênteses, **EXCETO** em

a) A maioria das pessoas _____ comentários sobre fatos que não existiram. (elabora / elaboram)

b) Alguns de nós _____ profissionais autônomos. (são / somos)

c) Boa parte dos entrevistados _____ ao concerto de Villa Lobos. (assistiu/assistiram)

d) Mais de um _____ Ulysses Guimarães posando pelado numa revista. (viu/viram)

e) Na Avenida Paulista, _____ a burguesia e o populacho. (transita/transitam)

9 Assinale a frase que contém **ERRO**, tendo em vista a concordância verbal.

a) Eu, tu e vossos amigos fomos ao cinema.

b) Fui ao cinema eu, tu e vossos amigos.

c) Tu e teus amigos quisestes sair.

d) Tu e teus amigos quiseram sair.

e) Tu e teus amigos quiseste sair.

10 Em todas as opções, a lacuna pode ser preenchida apenas por uma das formas verbais indicadas, **EXCETO** em

a) _____ resultados completamente satisfatórios. (Havia/Haviam)

b) Os dias tristes, nem as horas longas, nada o _____ para outro lugar. (deslocava/deslocavam).

c) _____-lhe o juízo e o senso do ridículo, pois tinha medo de se exibir. (Sobrava/ Sobravam)

d) _____-lhe as propriedades e o dinheiro da herança misteriosa. (Faltava/Faltavam)

Gabarito

| 1-d | 2-a | 3 -b | 4-b | 5-e | 6-a | 7-b | 8-d | 9-e | 10-c |

CONCORDÂNCIA VERBAL - PRINCIPAIS CASOS

CASOS	CONCORDÂNCIA	TIPO
Expressões partitivas + determinante	Grande parte, a maioria, um pequeno número...	Lógica ou Atrativa
Coletivo + determinante	Uma coleção, um conjunto, uma turma...	Lógica ou Atrativa
Numerais + determinante	• Se o numeral vier precedido de determinante (artigo/pronome), o verbo concordará com o numeral. • Se o numeral não estiver determinado, o verbo concordará com o numeral.	Lógica ou Atrativa
Um(a) dos/das que	Há uma preferência pelo plural.	Lógica ou Atrativa
Pronomes indefinidos ou interrogativos, no plural, + nós ou vós	Se o pronome estiver no singular, o verbo ficará apenas no singular.	Lógica ou Atrativa
Sujeito composto posposto ao verbo	Em caso de sujeito anteposto, usa-se a concordância lógica.	Lógica ou Atrativa
Nem um / nem outro / um e outro	• Nem um / nem outro - preferencialmente singular. • Um e outro - preferencialmente plural. Nesse caso, o substantivo só pode ficar no singular e o adjetivo só pode ficar no plural.	Lógica ou Atrativa
Haver existencial	Impessoal, oração sem sujeito, VTD, não aceita passiva. Haver sem valor existencial varia. Não pode usar o verbo TER com valor existencial.	3ª Pessoa/Singular
Haver e fazer indicando tempo decorrido	Impessoal, oração sem sujeito, não aceita passiva.	3ª Pessoa/Singular
Fenomenos naturais	Impessoal, oração sem sujeito, não aceita passiva. ATENÇÃO: em sentido figurado, o verbo concordará como sujeito.	3ª Pessoa/Singular
Auxiliares de verbos impessoais	O verbo existir e seu auxiliares variam.	3ª Pessoa/Singular
Sujeito oracional	Amar é bom.	3ª Pessoa/Singular
Nenhum(a) de / dos / das	Nenhum de nós disse isso.	3ª Pessoa/Singular
Cada um(a) de / dos / das	Cada um de nós chegou.	3ª Pessoa/Singular
Aposto resumitivo / enumeração + tudo, nada, ninguém	Amor, amizade, dinheiro, nada lhe agradava.	3ª Pessoa Singular
Núcleos sinônimos *Altera-se o sentido.	Amor e paixão ardente <u>faz</u> bem à alma.	Atrativa
	Amor e paixão ardente <u>fazem</u> bem à alma. Nesse caso perdeu a noção de sinônimo.	3ª Pessoa
Núcleos em gradação	Um mês, um ano, <u>uma vida</u> não <u>bastaria</u> para...	Atrativa
	Um olhar, um gesto, uma palavra mudariam tudo. Perdeu-se a noção de gradação.	3ª Pessoa/Singular
Mais de um(a)	Exceções em caso de expressão duplicada ou ideia de reciprocidade.	3ª Pessoa/Singular
Soar, tocar, dar, bater, faltar, restar + sujeito numérico.	O verbo concordará com o sujeito numérico.	
Ser - hora / data / distância	O verbo concordará com o numeral que o acompanhar.	
Expressões de quantidade aproximada	• O verbo concordará com o numeral da expressão. • Se a expressão estiver seguida de determinante, a concordância atrativa também será aceita.	

CASOS	CONCORDÂNCIA	TIPO
Nomes próprios plurais	Com determinante	Plural
	Sem determinante	Singular
Partícula SE	Partícula Apassivadora - o verbo varia para concordar com o sujeito.	Lógica
	Índice de indeterminação do sujeito	3ª Pessoa Singular
	Para o CESPE, a partícula SE poderá ser IIS também com VTD ou VTDI. Isso ocorrerá quando o verbo (VTD/VTDI) estiver seguido de complemento plural. Nesse caso, o verbo só poderá ficar na 3ª pessoa do singular. 1) Procura-se (VTD - PA) soluções para o caso. Certa para o CESP e errada para qualquer banca. 2) Procuram-se (VTD - IIS) soluções para o caso. Certa para qualquer banca.	
Flexão de infinitivo	• Em locuções verbais, apenas o auxiliar varia, ou seja, o infinitivo não se flexiona. • Em períodos compostos com o mesmo sujeito, a flexão do infinitivo será facultativa, sobretudo se ele vier percedido de preposição. • Se o sujeito do infinitivo estiver explicito e for distinto da oração, a flexão será obrigatória.	
Verbo parecer	Parecer - 3ª singular + infinitivo flexionado - Período Composto Parecer flexionado + infinitivo impessoal (sem flexão) - Loc. Verbal	
Verbo Ser (de ligação)	O verbo ser (de ligação) poderá concordar ora com o sujeito ora com o predicativo do sujeito, respeitando a seguinte ordem de prevalência: 1) pronome reto - 2) pessoa - 3) plural - 4)outros. EXCEÇÃO: Pronome indefinido ou pronome demonstrativo + palavra plural, a concordância poderá ser realizada com qualquer um dos termor. *Tudo élsão flores.*	
Pronome de tratamento	Concorda sempre em 3ª pessoa com verbos e formas auxiliares.	
Sujeitos unidos por OU	Inclusão: plural / Exclusão: singular	
Sujeitos unidos por COM	Em geral, usa-se plural. Admite-se o singular para efeito de ênfase no primeiro elemento.	
Sujeito representado pelos pronomes relativos QUE ou QUEM	QUE - o verbo concordará sempre com o termo antecedente. QUEM - o verbo concordará com o antecedente ou permanecerá na 3ª pessoa do singular concordando com o próprio QUEM.	

CONCORDÂNCIA NOMINAL - PRINCIPAIS CASOS	
CASOS DE CONCORDÂNCIA	**REGRA ESPECÍFICA**
Menos, abaixo, alerta, pseudo	São sempre invariáveis. Alguns autores admitem a flexão do vocábulo **alerta** quando junto do nome.
Haja vista, em anexo, a sós, em alerta, a olhos vistos, a olhos nus, em mão	São sempre invariáveis. Alguns autores admitem a flexão da forma **haja(m)** quando seguida de palavra plural.
Tal qual	**Tal** concorda com o antecedente e **qual** concorda com o consequente.
Adjetivo possível em expressões superlativas	O adjetivo possível, em expressões superlativas, concorda com o artigo que o precede.
Particípio passado	Concorda sempre com o substantivo a que se refere.
É proibido, é permitido, é bom, é necessário, é pouco, é suficiente	Se houver determinante, a concordância será feita seguindo o padrão do determinante. Se não houver determinante, a expressão ficará no masculino, singular.
Obrigado, quite, incluso, leso, próprio, nenhum, vários, anexo...	Tais adjetivos concordam com o substantivo a que se referem.
Dois ou mais adjetivos qualificando um único substantivo	Usa-se artigo plural, seguido de substantivo plural e de adjetivos no singular. Ainda, pode-se usar artigos antes de todos os termos subentendendo o substantivo.
Dois ou mais substantivos qualificados por um único adjetivo em função predicativa	Adjetivo anteposto: mais próximo ou conjunto. Adjetivo posposto: conjunto.
Dois ou mais substantivos qualificados por um único adjetivo em função de adjunto adnominal	Adjetivo anteposto: mais próximo. Adjetivo posposto: mais próximo ou conjunto.
Em caso de nomes próprios	A concordância será feita com o conjunto.
Em caso de sinônimos	A concordância será feita com o termo mais próximo.
Em caso de gradação	A concordância será feita com o termo mais próximo.
Em caso de dos ou mais substantivos se referindo a um mesmo ser	A concordância será feita com o termo mais próximo.
Muito, pouco, alto, baixo, caro, barato, mesmo, só, meio, bastante...	São invariáveis quando funcionam como advérbios. Variam quando se referem a termo de natureza substantiva.

• OBSERVAÇÃO

Alguns autores admitem construções com os verbos **poder** e **dever**, seguidos de partícula **SE** e de **infinitivo impessoal**, como casos híbridos de sujeito oracional ou locução verbal. Em função da duplicidade de estrutura sintática, aceitam-se duas construções distintas:

Passiva sintética com sujeito oracional
(período composto)

Pode-se aceitar conselhos.
VTD (PA) Sujeito

Deve-se proteger os filhos.
VTD (PA) Sujeito

Passiva sintética com sujeito nominal
(Período simples com locução verbal)

(PA)
Podem-se aceitar conselhos.
V.Aux. Loc. Verbal VTD Sujeito

(PA)
Devem-se proteger os filhos.
V. Aux. Loc. Verbal VTD Sujeito

UNIDADE IX

PONTUAÇÃO

PRÉ-REQUISITOS PARA O ESTUDO DA VÍRGULA

Dizemos que os termos de uma oração estão em ordem direta quando eles se sucedem na sequência natural da fala, isto é, quando se dispõe na seguinte progressão:

sujeito → verbo → complemento do verbo → adjunto adverbial

Orações em ordem direta

As autoridades	*visitaram*	*o salão do automóvel*	*às dez horas.*
sujeito →	verbo →	complemento do verbo →	adjunto adverbial

Dizemos que **há ordem indireta** sempre que a progressão acima for alterada. Se, por exemplo, colocarmos o adjunto adverbial antes do sujeito ou entre o sujeito e o verbo, teremos um caso de ordem indireta.

Orações em ordem indireta

Às dez horas,	*as autoridades*	*visitaram*	*o salão do automóvel.*
adjunto adverbial →	sujeito →	verbo →	complemento do verbo

Os termos da oração ocorrem dispostos em ordem indireta quando

- há inversões;
- há intercalações;
- há omissão de termos que ficam ocultos na cadeia da frase.

Esses fenômenos, em geral, são marcados por vírgulas na escrita.

É preciso não incorrer numa pressuposição enganosa: que toda pausa na língua oral corresponde a uma vírgula na escrita. Se assim fosse, para o uso da vírgula, poderíamos confiar cegamente na intuição e não precisaríamos estudar regra alguma. É verdade que muitas pausas da língua oral correspondem à vírgula na escrita, mas a implicação não é necessária, sobretudo porque:

- a língua oral é livre de convenções e mais sujeita à individualidade do falante;
- a língua escrita é mais conservadora e mais apegada a usos adquiridos ao longo de uma tradição.

Disso decorre que:

- pode haver pausas na língua oral que não são marcadas por vírgula na escrita.

O desenvolvimento normal da personalidade	*pressupõe bom ambiente.*
sujeito →	predicado

Note que entre o sujeito e o predicado não se usa vírgula, embora, na fala, possa haver uma pausa, sobretudo quando o sujeito tem alguma extensão.

- pode haver vírgulas na escrita que não correspondem à pausa na língua oral.

Fique quieto, menino.
vocativo

Como se pode notar, no caso acima, não ocorre pausa na fala e ocorre vírgula na escrita.

Como conclusão, a gramática, baseada no uso culto que se têm feito da vírgula, propõe um conjunto de normas que devem ser seguidas por aqueles que desejam usar a escrita dentro do padrão formal.

USO DA VÍRGULA ENTRE OS TERMOS DA ORAÇÃO

No interior da oração, usa-se a vírgula:

Para marcar intercalação

- do adjunto adverbial.

*Ele, **com razão**, sustenta opinião contrária.*

- da conjunção coordenativa deslocada.

*Não há, **portanto**, nenhum risco no negócio.*

- das expressões explicativas ou corretivas.

*Todos se omitiram, **isto é**, colaboraram com os adversários.*

Para marcar inversões

- do adjunto adverbial (no início da oração).

***Por cautela**, deixamos um depósito.*

**Observação*: Pode-se omitir a vírgula, a menos que o adjunto adverbial tenha certa extensão.

- do complemento pleonástico antecipado ao verbo.

***Casos mais importantes**, já os apresentei.*

- do nome de lugar antecipado às datas.

Belo Horizonte, 9 de maio de 2011.

Para separar termos coordenados (em enumeração)

*O livro estava **sujo, rasgado, imprestável**.*

Para marcar elipse do verbo

Nós trabalhamos com os fatos, com hipóteses.
(trabalhamos com hipóteses)

Para isolar

- o vocativo.

*Não demores tanto, **meu filho**.*

- o aposto.

*O tempo, **nosso inimigo**, foge rápido.*

• OBSERVAÇÃO

RESUMO DO EMPREGO DE VÍRGULA E CONSIDERAÇÕES SEMÂNTICAS

Os sinais de pontuação servem para dar sentido aos textos escritos.

Logo, alterações na pontuação podem mudar o sentido de um texto ou de um trecho.

Vejamos exemplos de itens:

Os Estados Unidos, o Canadá, a China, entre outros países, participaram do acordo.

As vírgulas empregadas no trecho separam itens de enumeração coordenados entre si. (Afirmativa errada.)

O erro está no fato de que as duas primeiras vírgulas são de enumeração. Para ser enumeração, as palavras separadas devem pertencer à mesma classe gramatical. As vírgulas que isolam "entre outros países" cumprem outra função, a de separar termo de natureza explicativa.

A China (país de base ainda socialista), o Canadá e os Estados Unidos assinaram o acordo.

Os parênteses empregados no trecho poderiam ser substituídos por travessões. (Afirmativa correta.)

Em expressões de natureza explicativa, pode-se usar vírgula, parênteses ou travessões.

A sociedade que privilegia o coletivo se desenvolve expressivamente.

Seria possível empregar uma vírgula logo após "sociedade" e outra antes do pronome "se", porém haveria alteração de sentido. (Afirmativa correta.)

Sem as vírgulas, teríamos uma informação de caráter restritivo. Com as vírgulas, a informação seria de natureza explicativa.

A VÍRGULA EM ANÁLISE

Uso de Vírgula

A atual crise política brasileira (1) prejudica (2) a imagem (3) do país (4) no exterior.

Casos proibidos

1 Entre sujeito e predicado.
2 Entre verbo e complemento verbal.
3 Entre nome e complemento ou adjunto adnominal.

Observação: Na posição 4, a vírgula seria facultativa. O adjunto adverbial está em sua posição natural, que é o final de frase. A vírgula é permitida apenas para dar ênfase.

Casos de Vírgula

Observação: ordem natural/direta/canônica da frase: sujeito + verbo + complemento verbal + adjunto adverbial.

Se a frase está disposta na ordem direta, não é necessário usar vírgula, que marca exatamente a interrupção de tal ordem direta.

1 Isolar aposto (termo de natureza explicativa).

O aposto pode ser isolado por vírgulas, por travessões, por parênteses ou por dois pontos.

Referia-se a Ouro Preto, ***uma linda cidade histórica.***

2 Isolar vocativo (um chamamento).

Votem, ***caros eleitores,*** *com consciência.*

Não são possíveis as mesmas opções de substituição do aposto. Se o vocativo estivesse no início, poderíamos usar um ponto de exclamação ou interrogação.

3 Isolar expressões de natureza explicativa (ou seja, isto é, ou melhor, vale dizer, quer dizer etc).

O Brasil é um país rico, ***ou seja,*** *dispõe de muitos recursos naturais.*

*Algumas bancas denominam tais expressões de retificativas.

4 Isolar complemento pleonástico (aparece repetido dentro da estrutura frasal).

Esta questão, *já* ***a*** *discutimos outro dia.*

5 Separar palavras de retificação ou ênfase (principalmente, inclusive, só, menos, exceto etc).

Todos merecem ser aprovados no concurso, ***principalmente*** *eu.*

6 Separar itens de enumeração (palavras coordenadas entre si, termos da mesma classe gramatical que exercem a mesma função sintática).

As pessoas têm medo, ao longo da vida, ***da solidão, da morte, do abandono.***

Somente a 3ª e a 4ª vírgulas são de enumeração. A 1ª e a 2ª servem para isolar adjunto adverbial deslocado. Os termos enumerados são todos complementos nominais.

7 Indicar elipse ou zeugma de termos.

Na minha frente, uma enorme fila.

A vírgula marca a omissão de formas verbais que poderiam, gramaticalmente, ser representadas por **havia** ou **existia**.

O governo se posicionou sobre o fato.
A população, não.
(a população não se posicionou.)

8 Indicar deslocamento de adjuntos adverbiais, sobretudo se forem muito longos.

*A população brasileira, **hoje em dia,** está preocupada com o futuro do país.*

É um adjunto adverbial deslocado, pois está no meio da frase.
Para a Esaf e para o Cespe, as vírgulas são apenas recomendadas.

***Atualmente,** muitas nações buscam fontes limpas de energia.*

*O Brasil **ainda** não resolveu (...).*

O vocábulo **ainda** poderia vir entre vírgulas. Trata-se de um caso facultativo.

*O governo, **em geral**, não tem esse tipo de atitude.*

Nesse caso, as vírgulas não são facultativas, pois alteram o sentido da frase.

9 Indicar deslocamento de conjunções coordenativas *(portanto, entretanto, por isso, assim, então etc.)*. Geralmente, a conjunção coordenativa vem no início de oração (≠de início de período). Logo, a conjunção deslocada é aquela que está no interior de uma oração.

O país investe em educação,
***entretanto** não há resultados visíveis.*

O conector ***entretanto*** está no início da segunda oração. Logo, não está deslocado. Sendo assim, não é possível colocar uma vírgula após ***entretanto***.

Esquema:

- Conector no início da segunda oração, usa-se apenas uma vírgula antes do conector. Se as duas orações forem separadas por um ponto, o conector estará no início do período. Nesse caso, **pode se usar uma vírgula** após o conector.

- Colocando-se ponto e vírgula antes do conector, **pode se usar vírgula** após o conector.

Vejamos o conector deslocado, ou seja, no interior de uma oração:

*O país investe em educação; não há, **entretanto**, mudanças visíveis.*

Nesse caso, o conector está deslocado.

Quando o conector coordenativo estiver no interior de uma oração, virá, obrigatoriamente, entre vírgulas.

10 Separar orações coordenadas sindéticas ou assindéticas.
Coordenadas = independentes.
Sindéticas = com conjunção.
Assindéticas = sem conjunção.
Entre orações coordenadas, pode-se usar vírgula, ponto-final ou ponto e vírgula.

O governo investiu no projeto, entretanto não obteve o retorno esperado.

A vírgula pode ser substituída por ponto e vírgula ou ponto-final.
Obs.: em alguns casos, é possível usar dois-pontos.

Brigam muito, querem o divórcio.
Brigam muito: querem o divórcio.

É possível usar dois pontos, sobretudo quando porque há uma relação de explicação ou de conclusão.

11 Vírgula antes do conector ***e***.

- Sujeitos idênticos – **vírgula desnecessária.**

O governo decidiu o fato e comunicou-o à população.

O sujeito é o mesmo nas duas orações, então a vírgula não é necessária.

- Sujeitos diferentes – **vírgula recomendada.**

O governo fez o projeto, e a população o reprovou.

Conector com valor alterado (valor de "mas", por exemplo) – **vírgula facultativa.**

O governo iniciou o projeto, e não o concluiu. (=mas)

- Polissíndeto (repetição da mesma conjunção) – **vírgula obrigatória.**

Ela chorava, e gritava, e pedia, e implorava...

(Trata-se de uma enumeração.)

Observação: a vírgula antes de ***etc*** **é facultativa.**

12 Isolar oração subordinada substantiva apositiva (oração substantiva é introduzida por conjunção integrante). Esse caso admite também dois-pontos.

O governo queria apenas uma coisa: (,) que tudo se resolvesse.

13 Isolar oração subordinada explicativa (oração adjetiva é introduzida por pronome relativo).

Referiu-se ao governo, que era a base de tudo.

14 Isolar orações subordinadas adverbiais (exprimem circunstância) antecipadas ou intercaladas à principal.
A vírgula do adjunto adverbial pode ser facultativa. No caso de oração adverbial deslocada, é obrigatória.

*O governo, **se quiser**, poderá resolver a situação. (intercalada)*

***Se quiser**, o governo poderá resolver a situação. (antecipada)*

*O governo poderá resolver a situação **se quiser**. (posposta facultativa)*

NOTA:
Oração adverbial depois da principal – vírgula facultativa.

15 Isolar orações interferentes.
(Orações interferentes apresentam opinião do locutor, fala, explicação etc.)

O governo brasileiro, ***não que isso fosse positivo,*** *fez alianças com os Estados Unidos.*

O Brasil, **segundo afirmam,** *é o país do futuro.*

As orações interferentes podem vir, também, entre parênteses ou duplo travessão.

NÃO SE USA A VÍRGULA

Não se usa vírgula entre termos imediatos de uma mesma oração.

- Entre sujeito e predicado.

Todos os componentes da mesa recusaram a proposta.

- Entre verbo e seus complementos.

O trabalho custou sacrifício aos realizadores.

- Entre nome e complemento nominal ou adjunto adnominal.

A intrigante resposta do mestre ao aluno despertou reações.

USO DA VÍRGULA ENTRE AS ORAÇÕES DO PERÍODO

Subordinadas substantivas

Não se separam da oração principal por meio de vírgula. Faz exceção a substantiva apositiva, que se separa por dois-pontos ou por vírgula.

Não se imaginava (oração principal) | *que a propaganda seria tão agressiva.* (oração subordinada substantiva)

Subordinadas adjetivas

A adjetiva restritiva não se separa da principal por vírgula.

São raros os programas de TV (oração principal) | *que trazem algum proveito.* (oração subordinada adjetiva restritiva)

Pode ocorrer vírgula depois da oração subordinada adjetiva restritiva, sobretudo se ela tiver certa extensão ou se terminar em um verbo contíguo ao da oração seguinte. No entanto, não é um caso normativo.

Os empreendimentos | *que mais convinham* (oração subordinada adjetiva restritiva) | *foram entregues a outros.* (oração principal)

A adjetiva explicativa vem sempre isolada por vírgulas.

O juiz | *,que era integro,* (oração subordinada adjetiva explicativa) | *não se vendeu.* (oração principal)

Subordinadas adverbiais

Sempre é correto o uso da vírgula entre as subordinadas adverbiais e a oração principal.

Ainda que a situação fosse adversa, (oração subordinada adverbial) | *conseguimos bom resultado.* (oração principal)

Orações coordenadas

As orações coordenadas são separados por vírgula.

Pegou o recado, (oração coordenada assindética) | *leu-o,* (coordenada assindética) | *disparou para a rua.* (coordenada assindética)

"Penso, (coordenada assindética) | *logo existo."* (coordenada sindética conclusiva)

As coordenadas sindéticas introduzidas pela conjunção ***e*** podem separar-se por vírgula nos seguintes casos:

- Se os sujeitos forem diferentes.

Os responsáveis eram eles, | *e nós tivemos de assumir.*
coordenada assindética — sujeito: *os responsáveis*
coordenada sindética aditiva — sujeito: *nós*

- Se o ***e*** vier repetido várias vezes a título de ênfase.

E falou, e pediu, e insitiu.
(polissíndeto)

• OBSERVAÇÃO

Orações intercaladas: separam-se por vírgulas.

Não podemos, ***dizia ele****, pagar o bem com o mal.*

A oração intercalada pode vir também separada pelo duplo travessão ou por parênteses.

OUTROS SINAIS DE PONTUAÇÃO

PONTO E VÍRGULA

Como o próprio nome indica, o ponto e vírgula é um sinal intermediário entre a vírgula e o ponto-final. Indica um pausa mais marcante que a vírgula, mas não marca término do período como o ponto-final.

Essa posição intermediária confere ao ponto e vírgula um uso muito variado, sujeito a interpretações subjetivas e ao contexto, tornando difícil uma sistematização rigorosamente exata.

Apesar disso, algumas normas seguras podem ser depreendidas de seu uso:

Nunca se usa o ponto e vírgula para separar uma oração subordinada de sua principal.

Também não se usa ponto e vírgula entre os termos do período simples.

Usa-se o ponto e vírgula para separar orações coordenadas que tenham certa extensão.

Os dois primeiros depoimentos foram analisados com extremo cuidado; não encontraram nenhuma passagem que o implicasse.

Em uma sequência de orações coordenadas, usa-se o ponto e vírgula para separar blocos de orações que se opõem pelo sentido.

Uns pelejavam, esforçavam-se, exauriam-se; outros dispersavam-se, folgavam, divertiam-se.

(Note que, nesse exemplo, as três primeiras das seis orações opõem-se pelo sentido às três últimas. Para separá-las, três a três, a vírgula seria insuficiente e o ponto-final acarretaria a divisão em dois períodos distintos.)

Usa-se o ponto e vírgula para separar orações (ou conjunto de orações) que mantêm algum equilíbrio entre si: por possuírem a mesma estrutura, ou por terem em comum algum simetria.

O time brasileiro, mesmo cansado, pressionou a todo instante; o adversário, muito mais disposto, fechou-se na retranca.

Usa-se o ponto e vírgula para separar orações coordenadas que já vêm marcadas por vírgula no seu interior.

O inquilino quis recorrer à justiça; sua causa, porém, era perdida.

Usa-se o ponto e vírgula para separar os vários itens de um considerando.

Considerando:
a) o alto custo do material;
b) a exigência de pessoal habilitado;
c) a prioridade de outras obras;
decidimos desaconselhar a assinatura desse contrato.

DOIS-PONTOS

Os dois-pontos servem para indicar basicamente o seguinte: tudo o que vem à sua frente explica ou desenvolve melhor algum termo anterior.

Dentro desse princípio, usam-se os dois-pontos para:

- marcar citação alheia (normalmente depois de verbos: dizer, afirmar, responder, perguntar).

  Olhando o brilho das pedras, afirmou: "elas valem o preço que custam".

- dar início a uma sequência que explica, discrimina ou desenvolve melhor uma noção anterior.

  Tivemos uma ideia: esvaziar o pneu. (explicação)

  Entregou tudo aos pobres: dinheiro, propriedades, heranças. (discriminação)

  Catástrofe no oriente: Beirute em chamas! (desenvolvimento)

• OBSERVAÇÃO

No início de cartas ou requerimentos não oficiais, depois dos convencionais apelativos (Prezado Senhor, Exmo. Senhor e semelhantes), usa-se vírgula, dois pontos, ponto ou pontuação alguma.

- Prezado Senhor:
- Prezado Senhor,
- Prezado Senhor.
- Prezado Senhor

RETICÊNCIAS

As reticências servem, basicamente, para indicar que uma frase foi interrompida antes de seu término. São muitas as razões pelas quais ocorre essa interrupção. Acompanhe os exemplos que se seguem:

- É promessa, há de cumprir-se.

- "Sei que você fez promessa ... mas uma promessa assim ... não sei ... creio que, bem pensando ... Você acha que, prima Justina?" (M. Assis – apud Celso Cunha)

No caso, as interrupções marcadas pelas reticências refletem a hesitação de quem fala.

As reticências, portanto, marcam interrupções que refletem dúvidas, timidez, gagueira e estados semelhantes.

Observe este outro exemplo:

"Se mana Piedade tem casado com Quincas Borba, apenas, me daria um esperança colateral. Não casou; ambos morreram, e aqui está tudo comigo; de modo que o que parecia uma desgraça..." (M. Assis).

No caso, as reticências marcam a interrupção de uma frase que não foi concluída para que o leitor complemente segundo sua imaginação.

Além disso, a interrupção reflete certa censura que o personagem se impõe.

• OBSERVAÇÕES

- As reticências podem combinar-se tanto com o sinal de interrogação (?) quanto com o sinal de exclamação (!).

  Será que ... ?
  Elas sempre sabiam que no final daria tudo certo... !

- As reticências podem ter um valor meramente prático, sem força expressiva alguma. Nesses casos, servem apenas para marcar que uma frase foi truncada no seu início ou no seu término.

Entre as passagens do texto, a que mais se presta para justificar a questão proposta é a seguinte:
"... com a presença da máquina ali no largo, que, se um dia desabasse... "

(As reticências marcam a omissão de trechos do texto).

ASPAS

A função básica das aspas é isolar qualquer parte do texto que não pertença ao autor que o escreve.

Em decorrência disso, usam-se aspas:

- isolar, no texto, uma citação literal colhida de outra pessoa.

Os sentimentos contraditórios provocados pela máquina podem ser depreendidos dessa afirmação de Bertrand Russel: "As máquinas são adoradas porque são belas e detestadas porque são feias".

- isolar palavras ou expressões que são alheias ao idioma padrão.
  Entenda-se por palavras ou expressões alheias todas aquelas que se desviam do padrão culto de fala:
  - os estrangeirismos;
  - as gírias;
  - os modos populares da fala;
  - os arcaísmos etc.

Os políticos estudam com os juristas as possibilidades de reimplantação do "habeas corpus".

(Aspas para isolar uma expressão latina / estrangeirismo.)

Aí, "meu chapa", as coisas mudam de figura e, mesmo entre amigos, é necessário um pouco de cautela nos negócios.

(Aspas para isolar uma expressão de gíria.)

"Me perdoa", solicitou o itinerante com jeito de quem estava apressado e, por isso, ia esbarrando em todos e em tudo.

(Aspas para isolar uma expressão de caráter popular.)

Era tão velho o nosso amigo, que presenteava as namoradas com "vidro de cheiro".

(Aspas para isolar uma expressão arcaica em desuso.)

Não se trata de um simples habitante de um grupo social, mas de "um ser humano" com todos os sentimentos e direitos de um ser dessa espécie.

(Para dar ênfase a certas palavras ou expressões da frase.)

Isso nos leva à fábula da coruja que, envaidecida da grande "beleza" dos seus filhotes, acabou por prejudicá-los.

(Para manifestar o sentido irônico ou um segundo sentido que se queira atribuir a uma palavra.)

TRAVESSÃO

Há duas funções básicas para o travessão:
Marcar a mudança de interlocutor nos diálogos.
- *Por que saístes tão cedo?*
- *Porque esse trem ...*
- *O que acontece com o trem?*
- *Vem superlotado depois das seis.*

- Costuma-se usar o duplo travessão em lugar das vírgulas ou dos parênteses para destacar, de alguma forma, palavras ou expressões que se queiram enfatizar.

Esta interpretação – não há quem negue – desvia-se completamente do verdadeiro significado da obra.

PARÊNTESES

A função básica dos parênteses é isolar informações acessórias ou paralelas que não se encaixam na sequência lógica do enunciado. Dentro desse princípio geral, usam-se os parênteses para:

- isolar explicações, uma reflexão, um comentário à margem do que se está dizendo.

Em São Paulo (é o maior parque industrial da América Latina e um dos maiores do mundo), o problema da poluição tem atingido proporções alarmantes.

(Parênteses usados para isolar uma explicação marginal.)

Belo Horizonte (que absurdo) é uma monstruosa cidade quase inabitável.

(Parênteses para isolar uma reflexão ou uma emoção.)

- marcar definições ou traduções textuais de uma palavra anterior.

Introversão (do latim intro + vertere) é a tendência do indivíduo a dirigir sua preocupação para o mundo interior.

- marcar explicações.

"O amor (sentimento real e iconteste) move o mundo."

• OBSERVAÇÃO

Embora as normas de pontuação sejam claras e obedeçam a uma sistematização linguística, elas podem sofrer alguma flexibilização em função do caráter semântico envolvido no tema.

EXERCÍCIOS

1 A frase pontuada **CORRETAMENTE** é:

a) Enquanto não estudava sofria; agora, que sabe muito, sofre mais pois, a consciência de tudo a atormenta.

b) Enquanto não estudava, sofria; agora, que sabe muito, sofre mais, pois a consciência de tudo a atormenta.

c) Enquanto não estudava sofria, agora, que sabe muito, sofre mais, pois, a consciência de tudo a atormenta.

d) Enquanto não estudava, sofria; agora, que sabe muito, sofre, mais, pois a consciência de tudo a atormenta.

e) Enquanto não estudava, sofria agora, que sabe muito, sofre mais, pois a consciência de tudo a atormenta.

2 A vírgula foi usada para separar uma oração subordinada adverbial em

a) Destinava-se a uma cidade maior, mas o trem permaneceu na antepenúltima estação.

b) Aos poucos, acalmou-se, aceitou a flor e deu-lhe um beijo rápido.

c) Levantei-me devagar, e ela se dirigiu à sala de reuniões da secretaria.

d) Depois de uma convivência maior, descobri que sua mania era agradar ao próximo.

e) Se a um deles não ocorresse uma sugestão, teríamos permanecido no impasse.

3 Indique a pontuação **CORRETA**.

a) O candidato promete, se eleito mudar toda a estrutura atual da agremiação.

b) O candidato promete, se eleito, mudar toda a estrutura atual da agremiação.

c) O candidato promete, se eleito mudar, toda a estrutura atual da agremiação.

d) O candidato, promete se eleito, mudar toda a estrutura atual da agremiação.

e) O candidato promete se, eleito mudar toda a estrutura, atual, da agremiação.

4 Leia o texto abaixo.

"Disse um autor inglês com a graça que caracteriza os escritores do seu país uma menina deve aprender com as condições sociais a coser a cozinhar a ser benévola e não desperdiçar o tempo como se vê esse autor fez uma salada espirituosa."

A opção **INCORRETA** quanto à pontuação da frase é:

a) dois-pontos depois de **país**.

b) vírgula depois de **aprender** e **sociais**.

c) vírgula depois de **coser**, **cozinhar** e **benévola**.

d) ponto-final depois de **tempo**; com ajustes necessários.

e) vírgula depois de **vê**.

5 Assinale a frase pontuada **CORRETAMENTE**.

a) Embora não tivesse recebido convite o candidato conseguiu apresentar-se, ao Ministro da Marinha.

b) Dizem, que, depois da 2ª Guerra Mundial, o Japão conseguiu um milagre econômico à custa do caráter do povo.

c) Formavam um estranho conjunto na árida paisagem, aquelas duas árvores.

d) Dom Casmurro, uma das melhores obras de Machado de Assis, conta uma história de amor e de sofrimento, pois apesar de alguns capítulos de felicidade, não há final feliz.

e) A fronte do sacerdote se verga para o cálice sagrado. A do lavrador, para a terra.

6 Existem, no texto abaixo, vírgulas que se justificam por uma das alternativas. Assinale a alternativa **CORRETA**.

"A cor da água, que parece olho baço, a cor da relva, a cor do eucalipto, a cor do firmamento que era uma cor de líquido azul."

a) separam oração subordinada adjetiva e enumeração

b) separam orações subordinadas adjetivas

c) separam orações subordinadas adverbiais

d) separam orações coordenadas assindéticas

e) indicam enumeração

7 "Um peixe resvalou à flor da água: do céu baixou um raio de sol e feriu o dorso do animal".
Indique o porquê dos dois-pontos.
a) citação
b) enumeração
c) aposto discriminativo
d) explicação ou continuidade do pensamento
e) necessidade de pausa

8 Assinale a alternativa em que o texto está **CORRETAMENTE** pontuado.
a) Fundamentalmente, esses fatores são de dois tipos: ponderáveis e imponderáveis, ou em outras palavras, concretos e abstratos.
b) Fundamentalmente esses fatores, são de dois tipos, ponderáveis e imponderáveis ou em outras palavras, concretos e abstratos.
c) Fundamentalmente esses fatores são de dois tipos, ponderáveis e imponderáveis ou em outras palavras concretos e abstratos.
d) Fundamentalmente, esses fatores, são de dois tipos: ponderáveis e imponderáveis ou, em outras palavras concretos e abstratos.
e) Fundamentalmente, esses fatores são de dois tipos: ponderáveis e imponderáveis ou, em outras palavras, concretos e abstratos.

9 Assinale a alternativa em que o texto está **CORRETAMENTE** pontuado.
a) Era tão vaidoso: estava tão certo, de seu imenso saber, que os realmente informados não tinham dúvida: era um tolo perfeito.
b) Era tão vaidoso: estava tão certo de seu imenso saber; que os realmente informados não tinham dúvida. Era um tolo perfeito.
c) Era tão vaidoso. Estava tão certo de seu imenso saber; que os realmente informados não tinham dúvida. Era um tolo perfeito.
d) Era tão vaidoso, estava tão certo de seu imenso saber, que os realmente informados não tinham dúvida: era um tolo perfeito.
e) Era tão vaidoso, estava tão certo, de seu imenso saber, que os, realmente, informados não tinham duvida: era um tolo perfeito.

10 Assinale a alternativa **CORRETA** em relação ao emprego de sinais de pontuação.
a) Realmente a ser verdade, o que pensavam, não haveria ingratidão mais negra do que a do Leonardo, para com aquela gente, que tão benignamente, o acolhera.
b) Realmente a ser verdade o que pensavam, não haveria ingratidão mais negra, do que a do Leonardo para com aquela gente que tão benignamente o acolhera.
c) Realmente, a ser verdade (o que pensavam), não haveria ingratidão, mais negra do que a do Leonardo, para com aquela gente, que, tão benignamente, o acolhera.
d) Realmente, a ser verdade o que pensavam, não haveria ingratidão mais negra do que a do Leonardo para com aquela gente, que tão benignamente o acolhera.
e) Realmente, a ser verdade – o que pensavam – não haveria ingratidão mais negra, do que a do Leonardo para com aquela gente, que tão benignamente o acolhera.

Gabarito
| 1-b | 2-e | 3 -b | 4-c | 5-e | 6-a | 7-d | 8-e | 9-d | 10-d |

PONTUAÇÃO - VÍRGULA

- Os sinais de pontuação servem para dar sentido aos textos escritos.
- Os sinais de pontuação podem alterar o sentido de um texto.

CASOS PROIBIDOS DE VÍRGULA

- Não se usa vírgula entre sujeito e predicado (verbo).
- Não se usa vírgula entre verbo e complemento.
- Não se usa vírgula entre nome e complemento ou adjunto adnominal.

CASOS DE VÍRGULA

1. Isolar aposto (termo de natureza explicativa).
   Ouro Preto, um centro histórico mineiro, recebe muitos turistas.

2. Isolar vocativo (um chamamento).
   Eleitores, votem com consciência.

3. Isolar expressão de natureza explicativa (ou seja, isto é, vale dizer, quer dizer, ou melhor, ou ainda...).
   O Brasil é um país rico, ou seja, dispõe de muitos recursos.

4. Separar expressões enfáticas (principalmente, inclusive, até) ou retificativas (menos, exceto).
   Todos merecem ser aprovados, principalmente eu.
   Todos merecem ser aprovados, exceto ele.

5. Separar itens de enumeração (termos coordenados/ mesma classe/ mesma função).
   O Brasil enfrenta problemas econômicos, políticos, sociais.

6. Isolar complemento pleonástico (repetido na frase).
   Quanto ao problema, já o resolvemos.

7. Indicar elipse ou zeugma de termos (omissão).
   Uns querem a paz; outros, a guerra. (zeugma – há referenciação expressa)
   Na minha frente, uma enorme fila. (elipse – não há referenciação expressa)

8. Separar local de data.
   Belo Horizonte, 20 de abril de 2011.

9. Indicar deslocamento de adjuntos adverbiais, sobretudo os de grande extensão.
   (Caso de vírgula recomendada.)
   Cespe/Esaf: aceitam como caso facultativo.
   FCC, Fundep, Fumarc: entendem a vírgula como obrigatória.
   O Brasil, <u>ainda</u>, não definiu essas questões. (adj. adv. de pequena extensão)

   Esse tipo de caso, <u>em países como o Brasil</u>, não é resolvido.

Obs.: Em alguns casos, o uso da vírgula em adjuntos adverbiais está condicionado à produção de sentido. Nesses casos, não se pode dizer que se trata de um uso facultativo.

O governo brasileiro, <u>em geral</u>, não participa desse tipo de projeto. (Nesse caso, o uso das vírgulas altera o sentido.)

10. Indicar deslocamento de conjunções coordenativas (no entanto, então, por isso, assim, logo, portanto...)

    [O governo investiu em educação][O1], *[no entanto os resultados ainda não foram percebidos.]*[O2]

    - Conector no início de oração: usa-se uma vírgula para separar as orações. É proibido colocar o termo entre, pois o conector não está deslocado.
    - Conector após (;): aceita-se vírgula após o conector.
    - Conector em início de período: aceita-se vírgula após o conector.

    O governo investiu em educação. Os resultados, no entanto, ainda não foram percebidos.
    - Conector no interior de oração: obrigatoriamente entre vírgulas.

11. Separar orações coordenadas (sindéticas ou assindéticas).
"*Penso, logo existo.*" (coordenadas assindética e sindética)
Verificou os documentos, assinou o contrato. (coordenadas assindéticas)
- Pode ser usado (;)

12. Separar orações coordenadas unidas por "e" com sujeitos distintos.
- É um caso recomendado, pode haver atenuantes (frase pequena, correspondência à mesma pessoa).

Pedro entrou, e José saiu.
A população pede reformas, e o povo cobra medidas.
O governo é responsável pelo povo, e suas medidas devem visar ao bem comum.

13. Separar orações coordenadas por "e" com valor adversativo.
- É um caso recomendado.

O governo prometeu que viria e não veio
O governo prometeu resolver o caso, e suas atitudes demonstraram o contrário.
- (Sujeitos diferentes com valor adversativo.)

14. Separar orações coordenadas unidas por "e" em polissíndeto (sequência de orações iniciadas pelo mesmo conector).
- Caso obrigatório por constituir enumeração.

Ela chorava, e pedia, e clamava, e implorava, e desejava.

15. Separar oração subordinada apositiva da principal.
- Pode-se usar (,) ou (:).
- O que é uma conjunção integrante.

Queria apenas uma coisa, que os problemas do país fossem resolvidos.

16. Isolar oração adjetiva explicativa.
- O que é pronome relativo

Queria a verdade, que só seria dita sob pressão.
Caso clássico de mudança de sentido.

17. Isolar oração adverbial (exprime uma circunstância: tempo, causa...) anteposta ou intercalada à principal.
- É caso obrigatório.

Se quisesse, o governo resolveria o problema.

Obs.: Se a oração adverbial vier depois da principal, a vírgula será facultativa.

O governo tomará atitudes acertadas, quando conhecer melhor a realidade da população local.

18. Isolar oração interferente.
- Em geral, traz uma opinião do autor.
- Não é coordenada, nem subordinada.

O governo, não que fosse positivo para o país, tomou atitudes severas no mercado.

OUTROS SINAIS DE PONTUAÇÃO

PONTO E VÍRGULA

- Não se usa em período simples.
- Não se usa para separar oração subordinada de principal.
- Em geral, pode ser substituído por ponto final, mas altera-se a relação de dependência entre as orações.

Recomenda-se o uso de (;):

- entre orações coordenadas longas;
- entre orações coordenadas opostas pelo sentido;
- entre orações coordenadas simétricas;
- entre orações coordenadas que já tenham vírgula no interior;
- entre orações coordenadas agrupadas entre si;
- para separar "considerandos" de uma enumeração translinear (de uma linha para outra).

DOIS-PONTOS

São utilizados para:

- introduzir citação textual;
- fala de personagem;
- enumeração;
- explicação;
- conclusão;
- desenvolvimento de uma ideia.

ASPAS

São empregadas nos seguintes casos:

- ironia;
- ênfase;
- estrangeirismo;
- neologismo (palavra inventada);
- arcaísmo (palavra em desuso);
- gíria;
- coloquialismo;
- linguagem figurada;
- fala de personagem;
- citação;
- entre outras formas de marcar trechos.

PARÊNTESES

Toda informação entre parênteses apresenta caráter acessório, marginal, ou seja, por mais que haja muitos parênteses no texto, eles podem ser suprimidos que não haverá prejuízo da informação central do texto. São usados para isolar explicações, siglas, posicionamentos enunciativos, desdobramentos de informação (consequência, reflexo).

TRAVESSÕES

- Travessão simples indica mudança de discurso (fala de personagem).
- Duplo travessão é aplicado no mesmo caso de entre vírgulas, sugere mais ênfase.

RETICÊNCIAS

São empregadas em três situações discursivas:

- indicar continuidade de uma ideia/ enumeração;
- indicar suspensão de uma ideia por censura - moral ou conhecimento prévio do locutor;
- indicar hesitação do falante.

Obs.: Em caso de supressão de texto, as reticências devem vir entre parênteses ou colchetes. Para suprimir um parágrafo, deve-se usar uma linha pontilhada, sem parênteses ou colchetes.

• *CURIOSIDADE*

O SURGIMENTO DOS SINAIS DE PONTUAÇÃO

O surgimento e a história do sistema de pontuação têm acompanhado o desenvolvimento da escrita. No começo, os textos eram redigidos em letra maiúscula e de forma contínua, sem espaços sequer entre os vocábulos.

Zénodoto de Éfeso (320-240 a.C.), responsável pela Biblioteca de Alexandria, foi o primeiro a separar os textos de autores diferentes ao copiar um manuscrito.

Seu pupilo, Aristófanes de Bizâncio, consolidou o alfabeto grego e criou o primeiro sistema de pontuação: um ponto no alto para indicar o fim de um grupo de palavras, um ponto no meio da altura da letra para indicar que seria adicionado algo ao significado corrente e um ponto na base para indicar que o significado da frase se completaria adiante.

Uma ordem lógica do texto escrito surgiu entre os séculos 4 e 9 d.C., quando os livros passaram a ser feitos em minúsculo. Isso incorreu na aproximação das letras, o que possibilitou o reconhecimento do desenho das palavras como uma unidade.

Naquela época, os escribas também passaram a adicionar notas auxiliares às cópias, explicando como deveria ser recitado um verso ou pronunciado um termo. Esse código, utilizado como um instrumento de organização, era chamado ponto. Eis a origem da palavra pontuação.

A maioria dos sinais que conhecemos hoje apareceu entre os séculos 14 e 17. O surgimento da imprensa foi o principal responsável pela evolução e popularização da pontuação. Com ela, as marcações deixaram de ser dirigidas a quem escreve e se voltaram a quem lê, destinando-se a facilitar a compreensão do texto. A impressão tipográfica também exigiu que houvesse uma padronização e simplificação dos sinais.

Há pouca diferença de usos da pontuação ao redor do mundo. Ela é ajustada à língua pelas regras gramaticais. Um exemplo é a interrogação, que, em espanhol, aparece no início e no fim da frase, ao contrário do que acontece no português. (em que o sinal é empregado apenas no fim da frase).

ALGUMAS QUESTÕES GRAMATICAIS

VOCÁBULO QUE

PRONOME RELATIVO

- Substitui um termo antecedente.
- Une duas orações.
- Introduz oração subordinada adjetiva.

*A história **que** ele contou é verdadeira.*

*Não sei o (aquilo – demonstrativo) **que** (relativo) aconteceu.*

*Gostou do (daquilo – demonstrativo) **que** (relativo) foi dito.*

CONJUNÇÃO INTEGRANTE

- Une orações, sem retomar termos.
- Introduz oração subordinada substantiva.

*É fato **que** o governo brasileiro não estava preparado.*

*A ideia de **que** o mundo muda é antiga.*

PREPOSIÇÃO ACIDENTAL

- Ocorre entre o verbo ***ter*** + infinitivo.
- Nesse tipo de locução, pode-se usar ***que*** ou ***de***.

O governo tem que resolver a situação.

*As pessoas **têm**, em algum momento, **que refletir** sobre a vida.*

CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONSECUTIVA

- Une orações adverbiais.
- Exprime ideia de consequência.
- Vem precedida de intensificador (tão, tal, tanto, tamanho...).

*O governo investiu **tanto** em educação **que** os resultados foram percebidos na base social. (consequência)*

*As pessoas têm **tanto** medo do futuro **que** tentam antecipá-lo. (consequência)*

CONJUNÇÃO COORDENATIVA EXPLICATIVA

- Une orações coordenadas, estabelecendo entre elas uma relação de explicação.
- Em geral, vem após imperativo.
- Equivale-se a ***pois/porque***.

*Estudem, **que** a prova pode estar difícil.*

*Chora, **que** as lágrimas lavam a dor.*

CONJUNÇÃO COORDENATIVA ADITIVA

- Une duas orações coordenadas, estabelecendo entre elas ideia de adição.
- Vem entre verbos repetidos.

*O governo promete **que** promete. (promete e promete novamente)*

*As pessoas falam **que** falam. (falam e falam novamente)*

PRONOME INTERROGATIVO

- Aparece em construções interrogativas.
- A pergunta pode ser formulada a partir do vocábulo ***que*** ou da expressão ***o que***.

***O que** houve com ele?*
***Que** houve com ele?*

PARTÍCULA EXPLETIVA OU DE REALCE

- Trata-se de um termo sem função sintática ou semântica na frase.
- Pode aparecer apenas o vocábulo ***que*** ou as expressões ***é que, foi que, será que...***

***Que** coisa interessante!*

*As mulheres **é que** vão dominar o mundo.*

*É você **que** eu amo.*

SUBSTANTIVO

- Aparece precedido de determinante.
- Vem acentuado.

*Ela tem um **quê** de tristeza.*

LOCUÇÕES CONJUNTIVAS FORMADAS A PARTIR DO VOCÁBULO *QUE*

Visto que: causa
Para que: finalidade
Posto que: concessão
A fim de que: finalidade
Mesmo que: concessão
Ainda que: concessão
(entre outras)

VOCÁBULO SE

PARTÍCULA APASSIVADORA

- Condição: VTD/VTDI.
- Voz passiva sintética.
- Na voz passiva nunca haverá OD, pois ele se torna sujeito paciente.
- A frase admite voz passiva analítica (ser/estar + particípio).
- O verbo concorda com o seu sujeito paciente.

Buscam (VTD)-se (PA) soluções para o caso (sujeito paciente).
(=Soluções para o caso são buscadas.)

Justifica (VTD)-se (PA) o fato (sujeito paciente).
(=O fato é justificado.)

ÍNDICE DE INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO

- Condição: não pode haver sujeito explícito ou subentendido (ele) no contexto da frase.
- Voz ativa.
- Em geral, ocorre com VTI, VI ou VL.
- O verbo fica sempre na 3ª pessoa do singular.

Precisa (VTI)-se (IIS) de ajudantes (OI).
Assiste (VTI)-se (IIS) a cenas de violência (OI).
Vive (VI)-se (IIS) bem (adjunto adverbial de modo) em Belo Horizonte (adjunto adverbial de lugar).

• OBSERVAÇÃO

Busca (VTD)-se (PA) a felicidade (sujeito paciente). [singular/singular]

Buscam (VTD)-se (PA) coisas positivas (sujeito paciente). [plural/plural]

Busca-se coisas positivas. [não há concordância]

Para o Cespe: Não havendo concordância, o ***se*** será IIS com VTD ou VTDI.

Para outras bancas: A frase está errada, o correto seria: "Buscam-se coisas positivas".

Busca (VTD)-se (IIS) os sucessos e as realizações (OD). [certa apenas para o Cespe.]

Buscam (VTD)-se (PA) alternativas de trabalho (sujeito paciente). [certa para todas as bancas]

Analisando...

Para o Cespe, VTD ou VTDI podem ser acompanhados de ***se***, índice de indeterminação ou partícula apassivadora. O ***se*** será **partícula apassivadora** se houver concordância entre o verbo e o termo paciente da ação verbal (considera-se concordância singular com singular e plural com plural).

O ***se*** será **índice de indeterminação do sujeito** quando o verbo estiver no singular e o termo paciente estiver no plural.

Observou-se (IIS) as mudanças (OD).

Para outras bancas, com VTD ou VTDI, o ***se*** será sempre **partícula apassivadora**. Logo, se não houver concordância, a frase estará errada.

Discute (VTD)-se formas alternativas de energia. (Certa para o Cespe / Errada para outras bancas.)

Resumindo...

- Partícula apassivadora (concordância obrigatória): pode ser formada a partir de VTD ou VTDI.
- Índice de indeterminação do sujeito (3ª do singular obrigatória).
- Cespe: VI, VTI, VL, VTD, VTDI.
- Outras bancas: VI, VTI, VL.

PRONOME REFLEXIVO

- **Condição: indicar reflexão ou reciprocidade.**
- A ação recai sobre o próprio sujeito.
- Todo pronome reflexivo exerce função sintática de OD ou OI.
- O sujeito da frase estará explícito ou implícito no contexto.

Ela (sujeito) se (OD) via (VTD) mais velha a cada ano.

Deu (VTDI)-se (OI) uma nova oportunidade (OD).

PARTE INTEGRANTE DO VERBO

- **Condição: o pronome integra o verbo, portanto o acompanha em todas as suas flexões.**
- Parte integrante nunca desempenha função sintática. .
- O sujeito da frase estará explícito ou implícito no contexto.

Ela (sujeito) se (parte integrante do verbo) tornou (VL) uma pessoa responsável.

(Ele) Preocupava (VTI)-se (parte integrante do verbo) com o fato (OI).

PARTÍCULA EXPLETIVA OU PARTÍCULA DE REALCE

- **Condição: não ser classificado como partícula apassivadora, índice de indeterminação do sujeito, pronome reflexivo ou parte integrante do verbo.**
- Do ponto de vista sintático, a partícula expletiva é desnecessária.

Vão (VI)-se os anéis (sujeito), ficam (VI)-se os dedos (sujeito).

Foi (VI)-se o tempo (sujeito) em que os homens eram gentis.

SE – CONJUNÇÃO

Conjunção condicional: sugere ideia de condição.

- Equivale a ***caso***.

Se *ele voltar ao Brasil, comunicarei a todos.*

Conjunção integrante: apenas liga orações.

- Não apresenta carga semântica.

Se *ele voltará ao Brasil, ninguém sabe dizer.*

Pensando...

Não se pode confiar que as coisas permanecerão.

O verbo é VTI.

O sujeito é indeterminado.

Logo, o ***se*** é índice de indeterminação do sujeito.

Foi-se o tempo em que o brasileiro tinha direito à renda.

O verbo é intransitivo.

Há sujeito.

Não é PA, IIS, pronome reflexivo, nem parte integrante do verbo.

Logo, o ***se*** é partícula expletiva.

Não se discute a situação do salário mínimo.

O verbo é VTD.

O sujeito é paciente.

Logo, o ***se*** é partícula apassivadora.

Trata-se de um fato ainda pouco discutido.

O verbo é VTI.

O sujeito é indeterminado.

Logo, o ***se*** é índice de indeterminação do sujeito.

Dedicou-se a problemas do dia a dia.

O verbo é VTI.

O sujeito é desinencial.

Não pode ser PA, IIS, nem pronome reflexivo.

Logo, o ***se*** é parte integrante do verbo.

Não se pode resolver a vida com uma fórmula mágica.

O verbo é VTD.

Há sujeito paciente.

Logo, o ***se*** é partícula apassivadora.

Tornar-se uma pessoa justa é o objetivo de muitos.

O verbo é de ligação.

É um verbo pronominal.

Logo, o ***se*** é parte integrante do verbo.

Todos se salvaram nadando.

O verbo é VTD.

Não há sujeito paciente.

A ação recai sobre o sujeito. Logo, o ***se*** é pronome reflexivo.

ANÁLISE SINTÁTICA TERMOS DO PERÍODO SIMPLES

TERMOS DO PREDICADO

Adjuntos Adverbiais

- Podem acompanhar qualquer tipo de verbo (VI, VTD, VTI, VTDI, VL).
- Exprimem circunstância (modo, tempo, intensidade, causa, negação...).
- Podem ser representados por advérbios (são invariáveis quando aparecem sozinhos) ou locuções adverbiais (variáveis, pois aparecem com mais de uma palavra).
- Podem ou não vir preposicionados.
- Perguntas para identificar o adjunto adverbial: ***Onde? Quando? Quanto? Como? Com quem? Por quê? Para quê?***
- Os advérbios podem ser flexionados em grau, ou seja, podem ter acréscimo de sufixo.

cedo – cedíssimo

Porém, não aceitam flexão de gênero e número.

Morreu (VI) de tuberculose (adjunto adverbial de causa) ontem (adjunto adverbial de tempo) em São Paulo (adjunto adverbial de lugar).

Encontrava (VTD) as pessoas (OD) em lugares diferentes (adjunto adverbial de lugar).

Predicativos

- Podem acompanhar qualquer tipo de verbo.
- Exprimem qualidade, característica ou estado.
- Podem ser representados por adjetivos, substantivos, pronomes, numerais, locuções ou orações (estrutura verbal).
- Podem se referir ao sujeito ou ao objeto.

O problema (sujeito) é (VL) esse (predicativo do sujeito).

O fato (sujeito) é (VL) que ninguém se manifestou (oração predicativa).

Você (sujeito) sou (VL) eu (predicativo do sujeito) amanhã (adjunto adverbial de tempo).

(Nós) Somos (VL) quatro filhos (predicativo do sujeito).

Ele (sujeito) já é (VL) um homem (predicativo do sujeito).

Ela (sujeito) acordou (VI – ato de acordar) preocupada (predicativo do sujeito; não é advérbio porque a palavra varia).

- Os predicativos nem sempre se associam a um verbo de ligação.

Objetos Diretos

- Complementam verbos que não exigem preposição.
- Tornam-se sujeito paciente na voz passiva.
- Principais perguntas: ***algo? ou alguém?***
- Podem ser representados por nomes (estrutura substantiva), pronomes ou orações (estrutura verbal).

Não (adjunto adverbial de negação) o (OD) encontraram (VTD) no local (adjunto adverbial de lugar).

Admite passiva: Ele não foi encontrado no local.

Ela resolveu (VTD) o problema (OD).

Admite passiva: O problema foi resolvido por ela.

Sabia (VTD) que tudo mudaria com o tempo (OD).

Admite passiva: Era sabido que tudo mudaria com o tempo.

Havia (VTD) outra solução para ele (OD).

Não admite voz passiva, pois é verbo impessoal.

Objetos Diretos Preposicionados

- A preposição aparece ora com função estilística (pode ser retirada), ora como exigência do próprio complemento (não pode ser retirada).

Esperava (VTD) por uma chance (ODP).

O verbo não pede a preposição, mas ela foi colocada com função estilística.

Esperava (VTD) por ela (ODP).

No caso, a preposição ***por*** não é estilística, pois não pode ser retirada. Trata-se de uma preposição exigida pelo pronome oblíquo tônico.

Amava (VTD) a Deus (ODP).

Não ama (VTD) a mim (ODP).

Objetos Diretos Pleonásticos

- Trata-se da repetição de um mesmo objeto na estrutura da frase (valor enfático, não é erro).

Quanto ao fato (OD), já o (OD) discutimos.

A supressão de qualquer um deles descaracteriza o pleonasmo, é necessária a presença dos dois.

Objetos Diretos Intrínsecos ou Cognatos

- O objeto apresenta o mesmo radical do verbo.

Viveu (VTD) uma vida interessante (OD).

Sonhou (VTD) um sonho louco (OD).

O objeto direto é intrínseco, tem o mesmo radical do verbo.

Objetos Indiretos

- Completam verbos que exigem preposição.
- Podem ser representados por nomes, pronomes ou orações.
- Principais perguntas: ***a, de, em, por, para, sem, sobre, com, contra + algo? ou alguém?***
- Em caso de objetos oracionais ou pronominais, a preposição poderá vir subentendida (desde que não haja prejuízo fonético para a frase).

Necessitava (VTI) de apoio profissional (OI).

Não (adjunto adverbial de negação) lhe (OI) obedeceria (VTI) na ocasião (adjunto adverbial de tempo).

Confiava (VTI) que as coisas mudariam (OI).

Nesse caso, a colocação do "em" causaria uma cacofonia na frase.

Gostava (VTI) de quem estivesse ao seu lado (OI).

A preposição não pode ser suprimida porque causaria prejuízo fonético.

Visava (VTI) a uma vida melhor (OI).

A preposição é obrigatória e não pode ser suprimida, pois o objeto não é oracional.

Visava (VTI) resolver seus problemas (OI).

A preposição é facultativa e pode ser suprimida, pois o objeto é oracional e não há prejuízo fonético.

Objeto Indireto Pleonástico

- Aparece repetido na estrutura da frase, em geral sob a forma de um pronome (valor enfático, não é erro).

A mim (OI), nada me (OI) interessa (VTI).

PREDICAÇÃO VERBAL

Verbos Intransitivos

- Não apresentam OD, nem OI.
- Podem ou não ter sentido completo.
- Podem vir seguidos de adjuntos adverbiais e/ou predicativos.

Resta (VI) outra opção para ele (sujeito).

A frase está invertida: *Outra opção para ele resta.* Confunde-se o verbo com VTD, mas não há OD na oração.

Ela (sujeito) estava (VI) no local do acidente (adjunto adverbial de lugar).

Confunde-se com verbo de ligação, mas não há predicativo, logo o verbo não será de ligação.

Compareceu (VI) ao hospital (adjunto adverbial de lugar) para avaliação (adjunto adverbial de finalidade).

Confunde-se com VTI, mas não há OI na oração. Os termos preposicionados na frase são adjuntos adverbiais.

Verbos de Ligação

- Unem o sujeito a um predicativo do sujeito.

> - Podem funcionar como verbos de ligação, desde que seguidos de um predicativo: ***ser, estar, permanecer, continuar, tornar-se, parecer, ficar, viver (=estar), andar (=estar), virar (=tornar-se)...***

Estava (VI) na sala (adjunto adverbial de lugar).
Estava (VL) preocupado (predicativo).
Acordou (VI) preocupado (predicativo).

> - Ocasionalmente, verbos transitivos podem funcionar como verbos de ligação:
>
> *Ela **deu** uma bela noiva.*
>
> - (Observe que o verbo **dar** foi utilizado em sentido figurado.)

Verbos Transitivos Diretos

- Exigem objeto direto.

O governo não assiste (VTD) os pobres (OD).

O gerente visou (VTD) os cheques roubados (OD).
(visar no sentido de rubricar, dar visto)

Verbos Transitivos Indiretos

- Exigem objeto indireto.
- A preposição pode estar implícita se o objeto for oracional ou pronominal.

Assistimos (VTI) a cenas de violência (OI).
(Assistir no sentido de ver)

As obras visam (VTI) ao desenvolvimento (OI).

Isso não me (OI) interessa (VTI).

Verbos Transitivos Diretos e Indiretos

- Exigem objeto direto e objeto indireto (OD + OI ou OI + OD).

Avisaram (VTDI) a família (OD) sobre o acordo (OI).

Se a preposição ***sobre*** for suprimida, deverá ser colocada crase no ***a*** para garantir a correção gramatical do texto. Caso contrário, haveria dois objetos diretos na frase.

Não lhe (OI) informei sobre o ocorrido (OI).

Esta frase está gramaticalmente incorreta. Seria necessário um OD e um OI para que ela ficasse correta:

Não o informei sobre o ocorrido.
Não lhe informei o ocorrido.

CONSIDERAÇÕES BÁSICAS SOBRE PREDICAÇÃO

- Nem todo verbo intransitivo tem sentido completo.
- Perguntas nem sempre são suficientes para identificar a transitividade de um verbo (use passiva ou outros recursos).
- ***Ser, estar, permanecer, etc.***, nem sempre são verbos de ligação. Serão de ligação sempre que houver predicativo do sujeito.
- Nem todo termo preposicionado é OI. Considere a possibilidade de ser adjunto adverbial.
- Inicie a análise sintática isolando o sujeito e identificando os adjuntos adverbiais.
- Se o verbo estiver seguido exclusivamente de adjuntos adverbiais, ele será intransitivo.
- Predicativo não é exclusivo de verbo de ligação. Pode acompanhar qualquer verbo e pode se referir tanto ao sujeito quanto ao objeto. Em geral, entre vírgulas.
- A predicação/transitividade de um verbo pode variar em função do contexto.

Resumindo...

Termos / Verbos	Adj. Adv.	OD	OI	Predicativo
VI	P	I	I	P
VTD	P	O	I	P
VTI	P	I	O	P
VTDI	P	O	O	P
V Lig	P	I	I	O

P = Possível I = Impossível O = Obrigatório

- Um verbo de ligação precisa estar na lista (p.225) e ter predicativo do sujeito.

TERMOS LIGADOS AO NOME

Complementos Nominais

- Completa nomes transitivos (substantivos abstratos, adjetivos ou advérbios).

Substantivo abstrato: sentimento, ação, qualidade ou estado. Os sentimentos e ações têm uma maior probabilidade de pedirem complemento.

- São obrigatoriamente preposicionados.
- Quando se referem a um substantivo abstrato, têm natureza passiva.

O medo do amor aproxima as pessoas.

Medo: substantivo abstrato; da amor: prep. "de"; tem natureza passiva (o amor é temido). É complemento nominal.

Isso é favorável ao rapaz.

Favorável: adjetivo; preposição "ao".

Palavras que completam adjetivos só podem ser complementos nominais.

Agiu contrariamente a seus interesses.

Contrariamente: advérbio; prep. "a".

Palavras que completam advérbios são sempre complementos nominais.

Amor de homem é bom.

Amor: substantivo abstrato; prep. "de"; a natureza é ativa – o homem está amando. Então, o termo não é complemento nominal, é adjunto adnominal.

Amor ao homem é bom.

Amor: substantivo abstrato; prep. "a"; natureza passiva (o homem está sendo amado). Logo, o termo é complemento nominal.

Adjuntos Adnominais

- Acompanham substantivos abstratos ou concretos.
- Podem ser representados por artigos, pronomes, numerais, adjetivos ou locuções adjetivas.
- Quando se referem a um substantivo abstrato, têm natureza ativa.

***As duas últimas** semanas **de aula** foram positivas.*

APOSTO EXPLICATIVO

Termo de natureza nominal que explica um antecedente.

*Maria, **uma boa mãe**, merece respeito.*

*O diretor da empresa, **Júlio Santos**, resolveu o problema.*

VOCATIVO

O vocativo constitui um termo isolado da oração por não se articular a nenhum outro. Trata-se de um chamamento. Vem isolado por sinais de pontuação. Em geral, entre vírgulas.

***Caros eleitores**, votem com consciência.*

FLEXÃO DE INFINITIVO

O Infinitivo Pessoal Flexionado

Por sua própria essência e natureza, o infinitivo é uma expressão verbal que não comporta flexão – é o chamado infinitivo impessoal, que não possui sujeito próprio ou apresenta sujeito indeterminado e geralmente, corresponde a um substantivo:

Trabalhar é bom = O trabalho é bom;
Amar é sofrer = O amor é sofrimento.

No entanto, a Língua Portuguesa tem a peculiaridade de poder (e às vezes dever) flexionar o infinitivo, que passa a ser chamado de infinitivo pessoal.

Flexionar quer dizer conjugar em todas as pessoas, por exemplo: ***vender eu, venderes tu, vender ele, vendermos nós, venderdes vós, venderem eles.***

Esse infinitivo pessoal, que apresenta um fato ou uma ação de modo geral, está ligado a uma preposição e aparece em períodos compostos.

CASOS DE FLEXÃO DO INFINITIVO

1. Quando tem sujeito claramente expresso, ou seja, quando o pronome pessoal ou substantivo vem ao lado do infinitivo. É o único caso de flexão obrigatória.

Pediu para nós irmos embora já.

Convém os homens saírem em primeiro lugar.

Não é interessante os pais receberem tantos elogios.

Farei o possível para as crianças terem o conforto que tinham em casa.

2. Quando se refere a um sujeito não expresso que se quer dar a conhecer pela desinência verbal.

Ficaremos mais satisfeitos a cada novo texto que lermos.

Mencionei a intenção de vendermos a casa.

É melhor saíres agora.

Está na hora de irmos ao local.

Observe que as mesmas frases, sem a flexão, não deixariam claro o sujeito: "Mencionei a intenção de vender o carro." poderia significar "eu vender" ou qualquer outra pessoa.

Flexão não-obrigatória

A flexão é desnecessária quando o sujeito do infinitivo é o mesmo que o sujeito ou objeto da oração principal. Tendo sido expresso na primeira oração, o sujeito já está claro, não precisando figurar outra vez no mesmo período. Quando o sujeito não vem expresso ao lado do infinitivo, deve-se recorrer à flexão somente em caso de ambiguidade. Nesse caso, não se recomenda a flexão, embora ela não seja gramaticalmente errada.

A linguagem é o meio de que dispomos para exprimir nosso pensamento.

Cometeram irregularidades só para agradar ao patrão.

Convidou os colegas a participar do debate.

Não temos interesse em adiar a decisão.

De qualquer maneira, é bom que se diga que, quando não há sujeito expresso (em outros termos: quando o substantivo ou o pronome pessoal vem antes da preposição), pode-se usar ou não o verbo no plural.

Os nomes servem para guiar/guiarem a comunicação entre as pessoas.

Reuniram-se os juízes a fim de deliberar/deliberarem sobre o caso.

Todos discutiram uma forma de se proteger/protegerem da chuva.

O diretor obrigava os candidatos a se definir/definirem até março.

Mulher ajuda deficientes a superar/superarem seus limites.

Pessoas comuns auxiliam outras a ter/terem qualidade de vida.

Empresas colaboram com a arte sem nada cobrar/cobrarem por isso.

3. Em locuções verbais, o infinitivo **NÃO** deve ser flexionado. Nesse caso, apenas o verbo auxiliar deve variar.

*As pessoas **devem** lutar por seus sonhos.*

***Temos** de resolver nossos problemas.*

***Podem** ocorrer muitas coisas na vida de um homem.*

***Começaram** a falar no assunto.*

EXERCÍCIOS

1 Não há correspondência na classificação do **QUE** em

a) Gosto de bailes, longes que sejam. (pronome relativo)
b) Disseram que o avião caiu. (conjunção integrante)
c) Faço votos que vocês sejam felizes. (conj. subord. final)
d) Tenha calma, que o ajudarei. (conj. coord. explicativa)
e) O cãozinho treme que treme. (conj. coord. aditiva)

2 A função sintática do **QUE** só está **INCORRETA** em

a) Eles pegaram não vi bem **o quê**. (objeto direto)
b) "Passarinho **que** na água se cria por ela pia". (sujeito)
c) **Que** ideias você teve! (adjunto adnominal)
d) **Que** bondoso foi o senhor que me socorreu! (adj. adv. intensidade)
e) Esta é a causa de **que** ele falava. (objeto indireto)

3 O "**QUE**" é objeto direto em

a) Este é o homem que sabe toda a verdade sobre o caso.
b) Sou um homem que gosta de mulheres bonitas.
c) Este é o livro de que preciso.
d) Gostei dos livros que comprei.
e) O rapaz a que fiz referência está aqui.

4 Em todos os períodos, o **QUE** é objeto direto, **EXCETO**

a) "As rugas são leitos que os deuses cavam para as nossas lágrimas".
b) A maior alegria da vida é aquilo que levamos desta vida.
c) A fazenda que o pai de Marcos comprou fica perto de Dom Silvério.
d) A lágrima que derramei é o testemunho de minha tristeza.
e) A rosa que abrirá amanhã não foi a mesma que abriu ontem.

5 Na frase: "O latim tem **seus quês**," a palavra destacada é

a) objeto direto.
b) objeto indireto.
c) adjunto adverbial de lugar.
d) aposto.
e) complemento nominal.

6 Na frase "As loucuras **que** fizemos ontem chegaram ao limite.", o tempo grifado tem função de

a) sujeito simples.
b) objeto indireto.
c) objeto direto.
d) complemento nominal.
e) predicativo.

7 Em "É feliz o homem **que** trabalha", o vocábulo **que** desempenha função de

a) sujeito.
b) objeto indireto.
c) objeto direto.
d) complemento nominal.
e) predicativo.

8 Na frase "O esforço que fizera para erguer meio corpo não durou muito.", assinale a única opção **INCORRETA.**

a) que – sujeito de fizera.
b) esforço – sujeito de durou.
c) muito – adjunto adverbial de intensidade.
d) meio – adjunto adnominal de "corpo".
e) não – adjunto adverbial de negação.

9 Em que opção o artigo definido denota familiaridade?

a) O Amazonas é um rio imenso.
b) D. Manoel, o Venturoso, era bastante esperto.
c) O Antônio comunicou-se com o Japão.
d) O professor João Ribeiro está doente.
e) Os "Lusíadas" são um poema épico.

10 Indique a alternativa em que é **ERRADO** colocar, junto à palavra destacada, o artigo definido.

a) Afundou na lama **AMBOS** os pés.

b) **TODOS** os dias passava por lá, sem vê-la.

c) **TODA** a noite gotejou a torneira; não pude dormir.

d) A **TODO** o passante perguntei, nenhum me informou.

e) Fiz trabalhos os **MAIS** corretos possíveis.

Gabarito

| 1-a | 2-c | 3 -d | 4-e | 5-a | 6-c | 7-a | 8-a | 9-c | 10-d |

QUE - TIPOS		
CLASSIFICAÇÃO	**CARACTERÍSTICAS**	**EXEMPLO**
Pronome relativo	Substitui um termo antecedente. Une orações, estabelecendo entre elas relação de explicação ou de restrição. Introduz apenas oração subordinada adjetiva. *Não se esqueça do caso DR: sequência de pronome demonstrativo e relativo. (o que, os que, no que, etc) = aquilo, naquilo. Obs.: "o" é pronome demonstrativo e "que" é pronome relativo.	*Não disse o **que** seria feito no local.* *A moça **que** conhecemos era interessante.*
Partícula expletiva/ partícula de realce:	Não apresenta função sintática nem semântica na frase. Apenas melhora a eufonia do enunciado. Pode ser retirada. Pode aparecer "que" ou "é que". Ocasionalmente pode aparecer até de outras formas, combinadas com o verbo ser. Ex.: foi que, será que, era que.	*As crianças **é que** sabem das coisas.* ***Foi** em Londres **que** tudo aconteceu.*
Conjunção integrante	Une orações sem estabelecer entre elas relação de sentido. Não retoma termos. Introduz oração subordinada substantiva.	*A moça disse **que** terminaria o trabalho.* *Luana esperava **que** as coisas fossem fáceis.*
Preposição acidental	Une verbos que constituem locução verbal. Logo, não introduz oração. Ocorre entre TER/HAVER + Infinitivo. Pode ser substituída pela preposição "DE". Forma período simples com locução verbal.	*Temos **que** administrar nossas vidas.* *O governo tem **que** resolver o caso rapidamente.*
Conjunção consecutiva	Introduz oração subordinativa adverbial consecutiva. Vem precedido de intensificador (tão, tal, tanto, tamanho). Sugere ideia de consequência.	*A ideia foi **tão** debatida **que** chegaram a uma conclusão.* *Pensamos **tanto** no futuro **que** nos esquecemos do presente.*

CLASSIFICAÇÃO	CARACTERÍSTICAS	EXEMPLO
Conjunção comparativa	Introduz oração subordinada adverbial comparativa. Pode aparecer "que" ou "do que". Sugere ideia de comparação. Vem precedido de "mais", "menos", "maior", "melhor"...	*Ela estudou **mais** (do) **que** qualquer um.* *Isso foi **menos** discutido (do) **que** outras coisas.*
Conjunção aditiva	Introduz oração coordenada aditiva. Sugere ideia de adição. Vem sempre entre verbos repetidos.	*Os homens mentem **que** mentem.* *As mulheres sonham **que** sonham.*
Conjunção explicativa	Introduz oração coordenada explicativa. Sugere ideia de explicação. Em geral, aparece após imperativo. Equivale-se a pois/porque/ já que.	*Estude, **que** as provas estão difíceis.* *Cresce, amadurece, **que** já é hora.*
Pronome interrogativo	Usado para perguntas diretas. Pode aparecer "que" ou "o que". Obs.: "O que" é mais eufônico.	*(O) **Que** houve com o rapaz?* *(O) **Que** aconteceu naquele lugar?*
Substantivo	Aceita determinante (artigo, pronome, adjetivo ou numeral). Vem sempre acentuado.	*Ela tem um **quê** de otimismo.* *Todos temos um **quê** de sábio.*

Há outros tipos de "que" que dependem de fatores contextuais.

Que bondoso era aquele rapaz. (advérbio de intensidade. O "que" se refere ao adjetivo bondoso.)

*Esteve aqui **para que** o problema fosse resolvido.* (conjunção adverbial final.)

*Fez tudo certo, **de modo que** não se arrependesse.* (conjunção adverbial consecutiva.)

***Ainda que** o problema seja simples, não será resolvido.* (conjunção concessiva.)

SE - FUNÇÕES

Para "SE" como pronome:

1) Há ideia de reciprocidade?
- Sim ⇒ Pronome reflexivo.
- Não ⇒ 2º passo.

2) Qual é a transitividade do verbo? Só há duas respostas possíveis, pois só há dois grupos.
- VTD/VTDI: só pode ser partícula apassivadora.
- Outras (VI, VTI, VL,) -> 3º passo.

3) O sujeito está explicito?
- Não ⇒ índice de indeterminação do sujeito.
- Sim ⇒ 4º passo

4) O verbo é pronominal?
- Sim ⇒ Parte integrante do verbo.
- Não ⇒ Partícula expletiva.

SE (PRONOME) - TIPOS					
CLASSIFICAÇÃO	CONDIÇÃO	VERBO	SUJEITO	CONCORDÂNCIA	VOZ
PARTÍCULA APASSIVADORA (PA)	VTD/VTDI não haverá OD, pois ele vira sujeito paciente	VTD VTDI	expresso e paciente	o verbo concordará com o sujeito	passiva
ÍNDICE INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO (ISS)	não haverá sujeito expresso ou subentendido	VI VL VTI	sujeito indeterminado	o verbo ficará sempre na 3ª pessoa do singular	ativa
PRONOME REFLEXIVO (PR)	indicar reflexão ter função de OD / OI	VTD VTI VTDI	expresso ou subentendido	o verbo concordará com o sujeito	reflexiva
PARTE INTEGRANTE DO VERBO (ME,TE,SE, NOS,VOS) (PI)	o verbo deve ser pronominal o pronome não tem função sintática	qualquer um mais comum com VTI	expresso ou subentendido	o verbo concordará com o sujeito	ativa
PARTÍCULA EXPLETIVA OU PARTÍCULA DE REALCE (PE)	não ser P.A. ind.ind.sujeito pron.reflexivo pron.integrante do verbo)	qualquer um mais comum com VI	expresso ou subentendido	o verbo concordará com o sujeito	ativa

SE (CONJUNÇÃO) - TIPOS

Há ideia de condição?

- Sim ⇒ conjunção condicional.
- Não ⇒ conjunção integrante.

PARTÍCULA SE - CONJUNÇÃO	CARACTERÍSTICAS
CONJUNÇÃO INTEGRANTE (CI)	Introduz oração substantiva objetiva direta ou subjetiva. Não possui carga semântica.
CONJUNÇÃO CONDICIONAL (CC)	Introduz oração adverbial condicional. Estabelece relação de condição. Equivale ao conector "caso". O conector "caso" não admite verbo no futuro do subjuntivo.

• RESUMINDO

FLEXÃO DO INFINITIVO

Algumas considerações:

O **infinitivo** tanto pode ser **impessoal**, assim considerado pelo fato de se referir apenas ao processo verbal em si, como pode ser pessoal, fazendo referência a uma pessoa gramatical, em específico. Assim, afirma-se que tal forma se insere entre os mais discutidos assuntos relacionados à língua e, sobretudo, **questionados** por boa parte dos usuários. Nesse sentido, seguem algumas situações sobre o tema de forma resumida:

Não flexão do infinitivo impessoal

• Não se flexiona o infinitivo impessoal quando ele é utilizado de forma indeterminada, assumindo, assim, um valor substantivo:
Amar faz bem à saúde.

• Nos casos em que tal forma assume um valor imperativo:
- Lutar, Lutar!– bradavam os atleticanos.

• Em casos em que atua como verbo principal de uma locução verbal:
Eu não vou voltar tão cedo.

• Quando é empregado numa oração reduzida que complementa um verbo auxiliar causativo (mandar, deixar, fazer, etc.) ou sensitivo (sentir, perceber, ver, etc.), tendo como sujeito um pronome oblíquo:
Mande-os entrar.
Fizeram-nos sair imediatamente.
Não os vi chegar.

Flexão (ou não) do infinitivo pessoal

• Nos casos em que há sujeito distinto daquele pertencente à oração anterior, a flexão é obrigatória:
(nós) Acreditamos serem eles os causadores de tamanha confusão.

• Em casos em que a oração reduzida que complementa um auxiliar causativo ou sensitivo se constituir de um sujeito expresso por um substantivo, a flexão do infinitivo é opcional:
Deixe as crianças entrar/entrarem no parque.
Percebi as pessoas sair/saírem.

• Diante do verbo "parecer", a flexão pode se dar ou não:
Eles parecem gostar de mim.
Eles parece gostarem de mim.

Observe que, no primeiro enunciado, o verbo "parecer" funciona como auxiliar do verbo "gostar". Já no segundo, temos um período composto em que "parece" atua como verbo de uma oração principal cujo sujeito é a subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo, ou seja: eles gostarem.

Dessa forma, tal oração, quando desdobrada, torna-se assim expressa:
Parece que eles gostam de mim.

• A flexão se torna desnecessária (caso facultativo) nos casos em que o sujeito da oração reduzida de infinitivo for o mesmo da oração anterior:
Nós iremos ao colégio para apresentar/apresentarmos a peça teatral.
Elas pediram para sair/saírem mais cedo hoje.

• Nos casos referentes a um sujeito elíptico (reconhecido pela desinência verbal), a flexão torna-se necessária:
É essencial obedecermos aos nossos pais. (sujeito elíptico "nós")

• Nas circunstâncias em que, regido de preposição*, é empregado como complemento de um adjetivo, verbo ou advérbio, a flexão será facultativa:
Foram convidados a sair/saírem.
Impediram-nos de nos aproximar/aproximarmos do diretor.

***Caso mais comum em prova.**

ESTILÍSTICA
Compreensão e interpretação de textos

NOÇÕES BÁSICAS DE INTERPRETAÇÃO

A interpretação de texto depende quase que exclusivamente da experiência do candidato, de sua vivência, de sua leitura, da agilidade de seu raciocínio, da maior ou menor facilidade com que, em decorrência de todos esses fatores, ele entende o que lê. São também relevantes para bem interpretar: o conhecimento do assunto sobre o qual versa o texto e o domínio do vocabulário específico das diversas áreas do conhecimento.

A leitura é indispensável para desenvolver a capacidade de compreensão, sem a qual não se consegue fazer uma boa interpretação. Para que a leitura possa produzir os resultados desejados, impõe-se levar em consideração que as maneiras de ler dependem do objetivo a alcançar e que a experiência cultural e vivência do leitor são essenciais para a compreensão do texto. De modo geral, quando lemos um texto, inicialmente olhamos o conjunto, depois vemos os títulos e os subtítulos e, por último, lemos os detalhes, procurando participar ativamente do processo de construção do significado do texto. E dentro desse processo, deve-se também observar quais são os níveis de compreensão do texto, conforme o objetivo da leitura.

Por exemplo, se queremos depreender o sentido geral do texto, usamos a compreensão geral. Se nossa intenção é analisar as ideias principais, aplicamos a compreensão detalhada ou intensiva. É importante saber que cada texto é constituído a partir de um esquema (estrutura) que lhe dá sustentação, forma, direção. As ideias são arrumadas conforme estrutura própria a partir do objeto que se quer alcançar. Se conseguirmos identificar o esquema, a estrutura básica do texto, mais fácil será a compreensão das ideias trabalhadas nele.

Para tanto, deve-se fazer uma leitura atenta do texto, a fim de tomar conhecimento das ideias principais, sublinhando as palavras-chave, que marcam as ideias fundamentais para a compreensão. Ficar também atento às palavras de ligação que estabelecem a estrutura lógica dos raciocínios (assim sendo, além do mais, pois, porque, por conseguinte, em decorrência etc) é importante.

Interpretar é perceber o que o autor quis dizer: as ideias e os pensamentos que ele procurou transmitir ao leitor. É também a habilidade de compreender, ou seja, de entender a ideia do trabalho como um todo, em algum nível desejado de generalidade. Envolve uma reordenação, um novo

arranjo ou visão do texto. Há de se distinguir, porém, a análise estilístico-literária – que exige vastos conhecimentos da matéria – da interpretação pura e simples de textos, que nos interessa mais de perto, e que requer do candidato, tão somente, uma leitura mais cuidadosa, sem preocupações técnicas que são próprias das críticas literárias. Para interpretar, portanto, torna-se necessário: conhecer previamente o vocabulário do texto, procurar o significado das palavras e seu melhor emprego na leitura em pauta, identificar o sentido das expressões ou frases de maior destaque contidas no texto, bem como analisar os ensinamentos de fundo moral, cívico ou cultural que o autor tenha revelado ao longo da produção.

NOÇÕES DE LEITURA

- Ler com a máxima atenção o texto a interpretar.
- Reler cuidadosamente cada parágrafo do texto, colocando as orações na ordem direta, que reflete a ordem natural do pensamento, isto é: sujeito, verbo, complementos e adjuntos.
- Estabelecer o vocabulário das palavras cujo significado seja desconhecido.
- Atentar para todas as figuras, especialmente para as metáforas, que, por sua força expressiva, são largamente usadas pelos escritores. Atente-se também para as comparações ou analogias.
- Estabelecer as condições de causa e efeito para todas as ideias expostas pelo autor. Atentar para as palavras que sugerem outras (campo semântico).
- Observar a interação dos sinônimos, antônimos e parônimos usados pelo autor, com o propósito de conseguir um máximo de eficiência na comunicação linguística.
- Procurar mentalizar a ideia central do texto e situá-lo no contexto, logrando, assim, atingir a temática principal da produção (avalie sempre a conclusão do texto).

PARTES DO TEXTO

O conhecimento da estrutura do parágrafo facilita a compreensão das ideias nele expostas.

O parágrafo é a unidade fundamental de uma composição. Constitui-se de um ou mais períodos, devendo conter uma ideia central e as ideias secundárias a ela intimamente relacionadas pelo sentido e logicamente dela decorrentes.

Em um parágrafo, a ideia principal está no tópico frasal, que é constituído, ordinariamente, por um ou dois períodos curtos iniciais. O tópico frasal vem, normalmente, no início do parágrafo e pode assumir a forma de declaração inicial, definição ou divisão.

Vejam-se os seguintes exemplos:

"A origem da linguagem é questão debatida em todos os tempos. Pretendem uns que ela tenha sido devido a uma tardia e artificial invenção humana; afirmam outros que foi revelada totalmente aos primeiros homens por Deus; há quem a explique por um instinto e, finalmente, surge a opinião daqueles para quem a linguagem se formou por uma evolução progressiva da linguagem natural."

(Eduardo Pinheiro)

No parágrafo apresentado, a declaração contida no tópico frasal, constituído pelo primeiro período, vem devidamente justificada nos períodos que se lhe seguem.

O tópico frasal encerra a ideia-núcleo, a ideia principal, em forma de generalização. A ideia principal (as controvérsias sobre a origem da linguagem) vem especificada no desenvolvimento do parágrafo, no qual se expressam, portanto, as ideias secundárias.

Se o tópico frasal vier no início, o parágrafo estará desenvolvido segundo o método dedutivo (da generalização para as especificações). Se, pelo contrário, vier no fim, o parágrafo estará desenvolvido pelo método indutivo. O parágrafo apresentado se inicia com a generalização (as controvérsias sobre a origem da linguagem) e continua com as especificações que fundamentam a declaração que o introduz. Na elaboração do parágrafo, seguiu o autor, portanto, o método dedutivo.

O parágrafo abaixo foi constituído segundo o método indutivo (primeiro as especificações e depois a generalização). O tópico frasal vem no fim, o que pode ocorrer, embora menos usual.

"Há nuvens esgarçadas espreguiçando-se pelo céu azul. O vento varre a praça. Folhas dança no redemoinho, fugindo dela, amontoam-se nas sarjetas dos becos estreitos que ladeiam a Matriz, dando voltas e reviravoltas loucas na atmosfera translúcida. O inverno vai sumindo aos poucos."

(Adaptado de Heloísa Assumpção Nascimento)

O tópico frasal pode ser também feito a partir de uma definição, como no exemplo abaixo:

"Rima é a identidade, ou semelhança, de sons dentro de um verso, ou no final de um verso em relação a outro. Admite-se que tenha sido introduzida no século IX, pelo poeta religioso Otfried, monge beneditino na baixa Alsácia, autor do Livro dos Evangelhos, poema da vida de Cristo. Vulgarizavam-na na Espanha os árabes e, mais tarde, os trovadores provençais, adaptaram-na às línguas românicas."

(Rocha Lima)

O tópico frasal pode ainda revestir a forma de uma divisão, como segue:

"Dois são os tipos principais de contrato de seguro: o seguro a prêmio e o seguro mútuo. Seguro a prêmio é aquele em que o segurador estipula, para preço de risco que assume, uma quantia fixa chamada prêmio, paga pelo segurado. Seguro mútuo é aquele em que várias pessoas, expostas ao mesmo risco, se associam para se garantirem reciprocamente contra esses riscos."

(João Guimarães)

Algumas vezes, o tópico frasal está diluído no parágrafo, como no seguinte exemplo:

"A grande São Paulo – isto é, a capital paulista e as cidades que a circundam – já representa a décima parte da população brasileira. Apesar da alta arrecadação do município e das obras custosas que se multiplicam a olhos vistos, apenas um terço da cidade tem esgotos. Metade da capital paulista serve-se de água proveniente de poços domiciliares. A rede de hospitais é notoriamente deficiente para a população, ameaçada por uma taxa de poluição

que técnicos internacionais consideram superior à de Chicago. O trânsito é um tormento, pois o acréscimo de novos veículos supera a capacidade de dar solução de urbanismo ao problema. Em média, o paulista perde três horas do seu dia para ir e voltar, entre a casa e o trabalho."

(Jornal do Brasil)

No parágrafo acima, o tópico frasal, se estivesse explícito, poderia assumir a feição da seguinte declaração inicial: São Paulo enfrenta graves problemas urbanos.

Nem todos os parágrafos, entretanto, são iniciados por um tópico frasal. Um parágrafo pode ser iniciado também por uma alusão a fatos históricos, lendas, tradições, crendices, anedotas ou episódios de que alguém tenha participado ou que tenha alguém presenciado ou imaginado. Veja o exemplo a seguir:

"É mais fácil comer a caça que eu vizinho matou, trocando-a por um cacho de banana, do que disputá-la com ele – deve ter pensado algum iluminado homem pré-histórico, cansado de guerrear para sobreviver. o que esse Brucutu talvez não soubesse é que, naquele momento, ele havia inventado o dinheiro. Porque dinheiro, segundo os teóricos, não é apenas a moeda ou papel-moeda, mas tudo que possa ser utilizado como troca numa operação comercial. "

(Revista DESED)

No parágrafo acima, a ideia principal (o conceito de dinheiro) vem introduzida por alusão a um episódio imaginário. Há, ainda, parágrafos iniciados por uma interrogação, que alguns autores consideram como uma quarta feição do tópico frasal (as outras são declaração inicial, definição e divisão).

"Para que, pois, este aluno aprende língua portuguesa em sua variedade culta? Sabemos, e compartilhamos com todos os educadores, que o pleno acesso aos bens culturais não depende do que possa fazer a escola, mas julgamos que nesta é possível lutar contra as diferenças. No que concerne ao ensino da língua portuguesa, então, objeto último é possibilitar aos alunos, a todos eles, o domínio da língua de cultura para que este primeiro obstáculo possa ser transposto."

(Diretrizes para o aperfeiçoamento do ensino/ aprendizagem da língua portuguesa/MEC)

A ideia-núcleo está contida na interrogação, que pode ser indireta, como no parágrafo a seguir:

"Se me perguntarem qual o brasileiro que mais contribuiu para o progresso material econômico do Brasil, responderei se a mais leve hesitação: Irineu Evangelista de Souza, Visconde de Mauá. Ninguém de sua época, ou talvez depois dele, conseguiu acumular o breve interregno da existência terrena com igual acervo de realizações."

(Enor de Almeida Carneiro)

Facilmente se pode converter uma interrogação em uma declaração inicial: Irineu Evangelista de Souza, Visconde de Mauá, foi o brasileiro que mais contribuiu para o progresso material e econômico do Brasil.

Uma vez conhecida a estrutura do parágrafo, cabe, agora, mostrar algumas noções sobre as seus principais recursos, que são **unidade** e **coerência**.

Unidade

Consiste a unidade em analisar o parágrafo de maneira que dele só conste uma ideia predominante.

Para obtê-la, devem-se observar as seguintes recomendações:

- explicitar, sempre que possível, o tópico frasal. Assim se evitará a inclusão no parágrafo de ideias que não se reportem àquela expressa no tópico frasal.
- eliminar, na leitura, por menores impertinentes, acumulações e redundâncias.
- analisar, em parágrafos diferentes, ideias igualmente relevantes, relacionando-as por meio de expressões coesivas presentes no texto.

As ideias centrais, muitas vezes, não estão relacionadas por expressões adequadas à transição, em prejuízo da coerência e, portanto, da unidade, já que esta também depende, em grande parte, daquela.

Desmembrando o parágrafo em tantos quantos forem os tópicos frasais que neles se observarem as ideias secundárias e as centrais, ou estas entre si, palavras de referência e partículas de transição poderão ser interpretadas corretamente.

Coerência

Consiste a coerência em ordenar e relacionar clara e logicamente as ideias secundárias de um parágrafo com a sua ideia central. Para obtê-la, deve-se observar a ordem espacial na descrição, a ordem cronológica na narração e a ordem lógica na dissertação.

Observa-se a ordem espacial quando se descreve objeto dos detalhes mais próximos para os mais remotos, ou vice-versa; de cima para baixo, ou vice-versa etc; da direita para a esquerda, ou vice-versa etc.

Observa-se a ordem cronológica quando se narram os fatos segundo a ordem de sucessão no tempo. Observa-se a ordem lógica quando de dispõem as ideias segundo o processo dedutivo (de uma generalização para uma especificação) ou o processo indutivo (de uma especificação para uma generalização). É ainda importante notar no texto a coerência, a partir da propriedade vocabular, das partículas de transição e das palavras de referência.

- Propriedade vocabular é a aproximação das palavras com a palavra central do tema.
- Partículas de transição são os conectivos (preposições, conjunções e pronomes relativos).
- Palavras de referência são os pronomes em geral, certas partículas e, em determinadas situações, os advérbios, as locuções adverbiais e até mesmo orações e períodos.

Devidamente relacionados por partículas de transição e palavras de referência, observe os elementos destacados na "leitura" do parágrafo seguinte:

Com o considerável aumento do volume de negócios nesta praça, fomos obrigados a ocupar o último andar do prédio onde esta agência atualmente funciona. Pelo mesmo motivo, também solicitamos a ampliação do quadro para admitir novos funcionários. Por outro lado, a adoção de uma política de incremento da aplicações do Banco nesta região determinou o oferecimento à praça de várias linhas de crédito em que antes não operávamos. Em virtu-

de desses fatores, nossas dependências tornaram-se acanhadas a ponto de já estarem prejudicando a boa marcha dos serviços. Assim, tomamos a liberdade de sugerir a instalação de uma metropolitana, se não preferir essa sede fazer construir, em terreno a ser adquirido, um prédio maior para esta agência.

Observe que foram destacados, no texto, elementos responsáveis pela produção de sentido e pelo encadeamento das ideias.

DICAS BÁSICAS DE LEITURA

1 - Ater-se exclusivamente ao texto.
2 - Ler todas as alternativas (entre duas mais aceitáveis, uma será mais completa).
3 - Proceder por eliminação de hipótese.
4 - Comparar o sentido das palavras (às vezes, uma palavra decide a melhor resposta).
5 - Buscar o tópico frasal (a frase que melhor resume o sentido básico do texto ou do parágrafo).
6 - Excluir alternativas iguais.

As alternativas que devem ser eliminadas apresentam os seguintes tipos de erro:

- ausência de informações essenciais (carência);
- presença de informações contraditórias em relação ao texto (inversão);
- presença de informações alheias ao texto, não constante do texto (acréscimo).

INTERTEXTUALIDADE

A intertextualidade ocorre quando há referências a textos de outros autores no texto produzido. De acordo com vários teóricos atuais, não há texto sem intertextualidade, pois não há um texto completamente isento de referências.

Entre os principais recursos intertextuais estão a citação, a paráfrase, a paródia e a alusão.

Na citação, trechos de outros textos são utilizados para desenvolver o texto inicial. As citações são argumentos de autoridade no texto.

Na paráfrase, há uma reescritura do texto. As ideias originais do autor são mantidas; podem, entretanto, haver inclusões ou supressões.

Na paródia, as ideias do texto são reformuladas de modo a romper com o texto original. Trata-se, portanto, de um novo texto, com outros elementos e outro sentido.

A alusão consite em uma referência explícita ou implícita no texto secundário.

SIGNIFICAÇÃO CONTEXTUAL DE PALAVRAS E EXPRESSÕES

SENTIDO E CONTEXTO

Pressuposição

Por "semântica" entende-se, comumente, a ciência das "significações das línguas naturais".

Devemos distinguir entre os sentidos virtuais que uma palavra possui enquanto unidade léxica memorizável, elemento de competência linguística dos falantes nativos de uma língua, e o sentido que ela adquire ao nível manifestativo da performance linguística, quando figura em determinado contexto.

Na realidade, o sentido não é uma evidência, sendo o plano dos significantes a única manifestação linguística. O sentido, em si, é sempre o resultado de uma interpretação, dependente de fatores externos e internos, do ponto de vista da linguagem.

TEXTO LITERÁRIO E NÃO-LITERÁRIO

A construção de um texto literário não obedece, com rigor, ao mesmo tipo de organização de um texto ensaístico (não-literário). Apesar de o autor mostrar uma parte da realidade e defender ideias, isso se dá de forma encoberta, menos direta, mais figurada. A história contada vai revelar, por meio de sua trama, as ideias e os valores que o autor defende e que nos cabe buscar no texto. Para tanto, da forma explicada a seguir.

Em primeiro lugar, fazemos a leitura emocional, envolvendo-nos com o assunto.

Em segundo lugar, é fazer o levantamento do nível denotativo do texto, isto é, o significado imediato, literal do texto. Para isso, fazemos um resumo do enredo ou trama do texto, ou seja, contar, em poucas palavras, a história apresentada no texto, mantendo apenas os detalhes importantes para que se compreenda a situação e atuação dos personagens, caso haja.

Em terceiro lugar, procedemos e levantamento do plano conotativo ou figurativo, do texto: que tema o autor está discutindo, que ideias, valores a produção simboliza? Assim, temos mais chances de interpretar adequadamente um texto não-literário.

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: MODALIDADES DO USO DA LÍNGUA ADEQUAÇÃO LINGUÍSTICA

A língua não é usada de modo homogêneo por todos os seus falantes. O uso de uma língua varia de época para época, de região para região, de classe social para classe social, e assim por diante. Nem individualmente podemos afirmar que o uso seja uniforme. Dependendo da situação, uma mesma pessoa pode usar diferentes variedades de uma só forma da língua.

Ao trabalhar com o conceito de variação linguística, estamos pretendendo demonstrar:

- que a Língua Portuguesa, como todas as línguas do mundo, não se apresenta de maneira uniforme no território brasileiro;

  "Nenhuma língua permanece a mesma em todo o seu domínio e, ainda num só local, apresenta um sem-número de diferenciações.(...) Mas essas variedades de ordem geográfica, de ordem social e até individual, pois cada um procura utilizar o sistema idiomático da forma que melhor lhe exprime o gosto e o pensamento, não prejudicam a unidade superior da língua, nem a consciência que têm os que a falam diversamente de se servirem de um mesmo instrumento de comunicação, de manifestação e de emoção."

  (Celso Cunha, em Uma política do idioma)

- que a variação linguística manifesta-se em todos os níveis de funcionamento da linguagem;
- que a variação da língua se dá em função do emissor e em função do receptor ;
- que diversos fatores, como região, faixa etária, classe social e profissão, são responsáveis pela variação da língua;
- que não há hierarquia entre os usos variados da língua, assim como não há uso linguisticamente melhor que outro. Em uma mesma comunidade linguística, portanto, coexistem usos diferentes, não existindo um padrão de linguagem que possa ser considerado superior. O que determina a escolha de uma variedade é a situação concreta de comunicação.
- que a possibilidade de variação da língua expressa a variedade cultural existente em

qualquer grupo. Basta observar, por exemplo, no Brasil, que, dependendo do tipo de colonização a que uma determinada região foi exposta, os reflexos dessa colonização estarão presentes de maneira indiscutível.

NÍVEIS DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

É importante observar que o processo de variação ocorre em todos os níveis de funcionamento da linguagem, sendo mais perceptível na pronúncia e no vocabulário. Esse fenômeno da variação se torna mais complexo porque os níveis não se apresentam de maneira estanque, eles se sobrepõem.

- Nível fonológico - por exemplo, o **l** final de sílaba é pronunciado como consoante pelos gaúchos, enquanto em quase todo o restante do Brasil é vocalizado, ou seja, pronunciado como um **u**; o **r** caipira; o **s** chiado do carioca.
- Nível morfossintático - muitas vezes, por analogia, por exemplo, algumas pessoas conjugam verbos irregulares como se fossem regulares: "manteu" em vez de "manteve", "ansio" em vez de "anseio"; certos segmentos sociais não realizam a concordância entre sujeito e verbo, e isto ocorre com mais frequência se o sujeito está posposto ao verbo. Há ainda variedade em termos de regência: "eu lhe vi" em vez de "eu o vi".
- Nível vocabular - algumas palavras são empregadas em um sentido específico de acordo com a localidade. Exemplos: em Portugal diz-se "miúdo", ao passo que no Brasil usa-se " moleque", "garoto", "menino", "guri"; as gírias são, tipicamente, um processo de variação vocabular.

TIPOS DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Travaglia (1996), discutindo questões relativas ao ensino da gramática no primeiro e segundo graus, apresenta, com base em Halliday, McIntosh e Strevens (1974), um quadro bastante claro sobre as possibilidades de variação linguística, chamando a atenção para o fato de que, apesar de reconhecer a existência dessas variedades, a sociedade continua a privilegiar apenas a norma culta, em detrimento das outras.

Existem **dois tipos de variedades linguísticas:** os **dialetos** (variedades que ocorrem em função das pessoas que utilizam a língua, ou seja, os emissores); os **registros** (variedades que ocorrem em função do uso que se faz da língua, as quais dependem do receptor, da mensagem e da situação).

Variação Dialetal

- Variação Regional
- Variação Social
- Variação Etária
- Variação Profissional
- Variação Idioletal
- Variação de Sexo
- Variação Histórica

Variação de Registro

- Grau de Formalismo
- Modalidade de Uso
- Sintonia

GÍRIA

A gíria é uma forma de linguagem baseada em um vocabulário especialmente criado por um determinado grupo ou categoria social com o objetivo de servir de emblema para os membros do grupo, distinguindo-os dos demais fa-

lantes da língua. A gíria, ao mesmo tempo que contribui para definir a identidade do grupo que a utiliza, funciona como um meio de exclusão dos indivíduos externos a esse grupo, uma vez que costuma resultar em uma linguagem ininteligível.

A gíria tem um caráter contestador por natureza e, por esse motivo, costuma acompanhar outros comportamentos de crítica, transgressão e/ou contestação dos padrões sociais vigentes. Há, assim, a gíria de grupos de jovens, de surfistas, de "rappers", de "funkers", de marginais, de presidiários etc.

DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO

Uma mensagem não é tão simples, como possa parecer. Ela possui significados diferentes para diversas pessoas, como também formas diferentes de significados. Há, portanto, o sentido denotativo, mais objetivo, mais ou menos, igual para todas as pessoas, sentido literal, do dicionário.

Há também o sentido conotativo: o significado subjetivo (emocional ou avaliativo), de acordo com as experiências de cada um e o seu emprego na linguagem usual.

*No acidente, ele machucou a **cabeça**.*
(= denotação)

*Ele foi o **cabeça** do movimento.*
(= conotação)

*A **estrela** brilhou no céu.*
(= denotação)

*A artista foi a **estrela** do espetáculo.*
(= conotação)

ESTILÍSTICA

FIGURAS DE LINGUAGEM

A par da linguagem intelectiva, denotativa ou informativa, que usa o padrão culto da língua e as palavras em seu significado próprio (= de dicionário), e da qual o falante se vale para a comunicação mais formal, em textos técnicos, científicos e na correspondência oficial, existe ainda a linguagem de caráter afetivo, conotativa. Essa linguagem permite a quem fala ou escreve inúmeras possibilidades de sugerir conteúdos emotivos e intuitivos por meio de expressões cujos significados são diferentes daqueles de dicionário.

Esses significados são atribuídos à palavra pelo autor, no momento da criação literária. Mas não são só as palavras que passam a ter novos usos, também a sua organização no texto pode ser livre e variada, dependendo da emoção e da vontade do escritor.

A estilística é o estudo dessas possibilidades de criação, que fogem ao âmbito dos fatos gramaticais. A essa linguagem livre e emotiva, dá-se o nome de conotação ou linguagem figurada.

Um bom exemplo da intenção do poeta, ao recriar a linguagem em sua obra, é o poema abaixo, de Gilberto Gil, em que ele mostra como o poeta é capaz de modificar os sentidos convencionais das palavras, ampliando-os para outras possibilidades expressivas.

Metáfora

Uma lata existe para conter algo,
Mas quando o poeta diz lata
Pode estar querendo dizer o incontível.

Uma meta existe para ser alvo,
Mas quando o poeta diz meta
Pode estar querendo dizer o inatingível.

Por isso não se meta a exigir do poeta
Que determine o conteúdo em sua lata.
Na lata do poeta tudo-nada cabe,
Pois ao poeta cabe fazer
Com que na Lata venha caber
O incabível.

Deixe a meta do poeta, não discuta,
Deixe sua meta fora da disputa
Meta dentro e fora, lata absoluta
Deixe-a simplesmente metáfora.

(Gilberto Gil)

A linguagem figurada, como se vê, pode explorar diferentes recursos da palavra e/ou da frase. No texto, Gilberto Gil reconstrói a ideia de metáfora e conotação, ao utilizar diferentes recursos de figuração.

FIGURAS DE SOM

- **Aliteração**: consiste na repetição ordenada de mesmos sons consonantais.

"Esperando, parada, pregada na pedra do porto."

"Na messe que enlourece
Estremece a quermesse"

O som, nessa sequência, sugere o ruído do vento no trigal.

"Vozes veladas, veludosas vozes
Volúpias dos violões, vozes veladas.
Vagam nos velhos vórtices velozes
Dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas".

A repetição do som ***v*** sugere vozes sussurrantes, misturadas com os sons do violão.

- **Assonância:** consiste na repetição ordenada de sons vocálicos idênticos.

"Sou um mulato nato no sentido lato
mulato democrático do litoral."

"E bamboleando em ronda
Dançam bambos, tontos bandos de pirilampos".

A repetição dos sons redondos de ***o*** e ***a*** sugere o movimento em círculos dos pirilampos.

- **Paronomásia:** consiste na aproximação de palavras de sons parecidos, mas de significados distintos.

"Eu que passo, penso e peço."

"Tanto tempo tento tanto."

- **Onomatopeia:** consiste na tentativa de reproduzir, com palavras, os sons e ruídos emitidos por animais, objetos ou pela natureza.

"Esperando o trem que já vem, que já vem,
que já vem..."

tique-taque, toque-toques, snif...

FIGURAS DE CONSTRUÇÃO

- **Elipse:** consiste na omissão de um termo facilmente identificável pelo contexto.

"Na sala, apenas quatro ou cinco convidados."
(omissão de havia)

"Cheguei cedo hoje."
(omissão de eu)

- **Zeugma:** consiste na elipse de um termo que já apareceu antes.

Ele prefere cinema; eu, teatro.
(omissão de prefiro)

Alguns estudam; outros, não.
(omissão de estudam)

Ele me deu carinho; eu a ele, desprezo.
(omissão de dei)

- **Polissíndeto:** consiste na repetição de conectivos ligando termos da oração ou elementos do período.

"E sob as ondas ritmadas
e sob as nuvens e os ventos
e sob as pontes e sob o sarcasmo"

Confere ao trecho mais ênfase.

- **Assíndeto:** trata-se da ausência de conector.

"Chegou, arrumou tudo, saiu."

Confere ao discurso maior abertura interpretativa.

- **Inversão ou hipérbato:** consiste em mudar a ordem normal dos termos na frase com a finalidade de dar ênfase àquele que é colocado em posição anterior.

"De tudo ficou um pouco.
Do meu medo. Do teu asco."

A inversão simples, que não compromete o sentido da frase, recebe o nome de **anástrofe**. A inversão complexa, que dificulta o sentido, recebe o nome de **sínquise**.

"Ouviram do Ipiranga as margens plácidas de um povo heróico o brado retumbante".
(sínquise)

"Somos do mundo a esperança".
(anástrofe)

• OBSERVAÇÃO

Na prosa informativa, essas inversões violentas constituem vícios de linguagem e devem ser evitadas.

- **Silepse:** consiste na concordância não com o que vem expresso, mas com o que se sebentende, com o que está implícito. A silepse pode ser:

  - De gênero

Vossa Excelência está preocupado.

  - De número

Os lusíadas glorificou nossa literatura.

  - De pessoa

"O que me parece inexplicável é que os brasileiros persistamos em comer essa coisinha verde e mole que se derrete na boca."

Outros exemplos:

A criançada chegou bem cedo à fazenda e gastou muita energia. Às dez horas, já estavam na cama. (silepse de número)

São Paulo continua muito poluída.
(silepse de gênero)

Aquela é a Ouro Preto dos meus sonhos.
(silepse de gênero)

Os cinco viajamos de automóvel.
(silepse de pessoa)

- **Anacoluto:** consiste em deixar um termo solto na frase. Normalmente, isso ocorre porque se inicia uma determinada construção sintática e depois se opta por outra.

A vida, não sei realmente se ela vale alguma coisa.

"Eu, enganaram-me todos os amigos."

"Morrer, todos haveremos de morrer."

- **Pleonasmo:** consiste numa redundância cuja finalidade é reforçar a mensagem.

"E rir meu riso e derramar meu pranto."

Vi com estes meus olhos que a terra há de comer.

Vou matá-lo com estas minhas mãos.

A mim, enganaram-me todos.

- **Anáfora:** consiste na repetição de uma mesma palavra no início de versos, frases ou parágrafos.

" Amor é um fogo que arde sem se ver
É ferida que dói e não se sente
É um contentamento descontente
É dor que desatina sem doer"

FIGURAS DE PENSAMENTO

- **Antítese:** consiste na aproximação de termos contrários, de palavras que se opõem pelo sentido.

"Os jardins têm vida e morte."

"Toda a saudade é presença da ausência."

"Súbito o não toma forma de sim."

- **Ironia:** é a figura que apresenta um termo em sentido oposto ao usual, obtendo-se, com isso, efeito crítico ou humorístico.

"A excelente Dona Inácia era mestra na arte de judiar de crianças."

A Transamazônica é uma bela obra de engenharia, que serve para ligar nada a lugar nenhum.

Aquele era mesmo um gênio: conseguiu passar da segunda série.

- **Eufemismo:** consiste em substituir uma expressão por outra menos brusca; em síntese, procura-se suavizar alguma afirmação desagradável.

Ele enriqueceu por meios ilícitos.
(em vez de ele roubou)

Falta-lhe inteligência para entender filosofia.

O pobre já entregou a alma a Deus.

- **Hipérbole:** trata-se de exagerar uma ideia com finalidade enfática.

Estou morrendo de sede.
(em vez de estou com muita sede)

Já lhe disse mais de mil vezes que não vou.

Se cem vidas tivesse, eu as daria para salvá-los.

Foi um mar de lama que o escândalo descobriu.

- **Prosopopeia ou personificação:** consiste em atribuir a seres inanimados predicativos que são próprios de seres animados.

O jardim olhava as crianças sem dizer nada.

"A floresta gesticulava nervosamente diante do fogo que a devorava."

"A lua banha a solitária estrada".

- **Gradação ou clímax:** é a apresentação de ideias em progressão ascendente (clímax) ou descendente (anticlímax).

"Um coração chagado de desejos
Latejando, batendo, restrugindo."

- **Apóstrofe:** consiste na interpelação enfática a

alguém (ou alguma coisa personificada).

"Senhor Deus, onde estás?
Dizei-me vós, Senhor Deus!"

- **Paradoxo:** consiste em uma oposição no plano das ideias.

"Amor é fogo que arde sem se ver
É ferida que dói e não se sente."

FIGURAS DE PALAVRAS

- **Metáfora:** consiste em empregar um termo com significado diferente do habitual, com base numa relação de similaridade entre o sentido próprio e o sentido figurado. A metáfora implica, pois, uma comparação em que o conectivo comparativo fica, geralmente, subentendido.

"Meu pensamento é um rio subterrâneo."

A Amazônia é o pulmão do mundo.

"Toda donzela tem um pai que é uma fera".

"Toda saudade é um capuz transparente".

- **Comparação ou símile:** consiste em uma comparação explícita, evidenciada pelo uso de conector.

"A vida é como uma onda."

"As pessoas são tais qual a vida que levam."

- **Alegoria:** trata-se da apresentação de um trecho construído a partir de várias metáforas ou de várias figuras de linguagem associadas.

"Essa vida é um deserto em que se vive a morte em busca de sorte."

"Uma mulher é uma joia sem destino, um caminho torto, uma profusão de sentidos e medos."

- **Metonímia:** consiste numa transposição de significado, ou seja, uma palavra que usualmente significa uma coisa passa a ser usada com outro significado. A metonímia explora sempre alguma relação lógica entre os termos. Essa substituição pode ser dada da seguinte maneira:

- O autor pela obra:

Todos gostam de ler Jorge Amado.

Monet está sendo exibido no Brasil.

- O efeito pela causa e vice-versa:

Viver do trabalho.

Ela é a felicidade dos pais.

Os aviões semearam a morte.

- O continente pelo conteúdo e vice-versa:

Bebi dois copos de leite.

Como a cerveja estava gelada, bebi duas garrafas.

- A marca pelo produto:

Faz a barba com Gilete.

Ela está usando um Dior.

- A parte pelo todo ou vice-versa:

Com cinco bocas para sustentar, tenho que fazer dois turnos de trabalho.

"Senhoras, partem tão tristes
meus olhos por vós meu bem."

Ela estava vestida de vison.

Os sem-teto se rebelaram.

- O gênero pela espécie e vice-versa:

Os mortais de tudo são capazes.
(mortais = homens)

Estamos na estação das rosas. (rosas = primavera)

- O lugar pelo produto:

Como aperitivo, um porto vai bem.

Depois fuma-se um havana.

- O símbolo pelo significado:

A redonda foi colocada no meio do gramado.

- **Catacrese:** ocorre quando, por falta de um termo específico para designar um conceito, toma-se outro por empréstimo. Entretanto, devido ao uso contínuo, não mais se percebe que ele está sendo empregado em sentido figurado.

O pé da mesa estava quebrado.

Ele vai ficar de quarentena.
(apenas por alguns dias)

Todos embarcaram no avião.

- **Perífrase:** consiste em substituir um nome por uma expressão que o identifique com facilidade.

...os quatro rapazes de Liverpool
(em vez de os Beatles) (antonomásia)*
Astro rei (Sol)

Satélite natural da Terra (Lua)

- **Antonomásia** é o nome dado a perífrases que se referem a pessoas.

- **Sinestesia:** trata-se de mesclar, numa expressão, sensações percebidas por diferentes órgãos do sentido.

"Ouvi sua tosse gorda." (auditiva/visual)

"Só a leve esperança em toda a vida..."
(material/imaterial)

"Nossos olhos trocaram desejos". (visão/emoção)

VÍCIOS DE LINGUAGEM

A Gramática é um conjunto de regras que estabelecem um determinado uso da língua, denominado norma culta ou língua padrão. Acontece que as normas estabelecidas pela gramática normativa nem sempre são obedecidas pelo falante. Quando o falante se desvia do padrão para alcançar uma maior expressividade, ocorrem as figuras de linguagem. Quando o desvio se dá pelo não-conhecimento da norma culta, temos os chamados vícios de linguagem.

- **Barbarismo:** consiste em grafar ou pronunciar uma palavra em desacordo com a norma culta.

pesquiza (em vez de pesquisa)

prototipo (em vez de protótipo)

- **Solecismo:** consiste em desviar-se da norma culta na construção sintática.

Fazem dois meses que ele não aparece.
(em vez de faz ; desvio na sintaxe de concordância)

- **Ambiguidade ou anfibologia:** trata-se de construir a frase de um modo tal que ela apresente mais de um sentido.

O guarda deteve o suspeito em sua casa.
(na casa de quem: do guarda ou do suspeito?)

- **Cacófato**: consiste no mau som produzido pela junção de palavras.

Paguei cinco mil reais por cada.

- **Pleonasmo:** consiste na repetição desnecessária de uma ideia.

A brisa matinal da manhã deixava-o satisfeito.

Há dez anos atrás, tudo era lindo.

- **Neologismo:** é a criação desnecessária de palavras novas.

Segundo Mário Prata, se adolescente é aquele que está entre a infância e a idade adulta, envelhescente é aquele que está entre a idade adulta e a velhice.

Era horrível a solidão.

- **Arcaísmo:** consiste na utilização de palavras que já caíram em desuso.

Vossa Mercê me permite falar? (em vez de você)

Deu à moça um vidro de cheiro.

- **Eco:** trata-se da repetição de palavras terminadas pelo mesmo som.

O menino repetente mente alegremente.

Para acabar com a corrupção,
basta a união da população.

FUNÇÕES DE LINGUAGEM

Para se entender com clareza as funções da linguagem, é bom primeiramente conhecermos as etapas da comunicação.

Ao contrário do que muitos pensam, a comunicação não acontece somente quando falamos, estabelecemos um diálogo ou redigimos um texto, ela se faz presente em todos (ou quase todos) os momentos.

No ato de comunicação, é possível perceber a existência de alguns elementos, são eles:

- **emissor (locutor ou signatário):** é aquele que envia a mensagem (pode ser uma única pessoa ou um grupo de pessoas).

- **receptor: (alocutário ou destinatário)** é aquele a quem a mensagem é endereçada (um indivíduo ou um grupo).

• OBSERVAÇÃO

Ao longo do discurso, emissor e receptor podem oscilar seus papéis.

- **canal de comunicação:** é o meio pelo qual a mensagem é transmitida.

- **código:** é o conjunto de signos e de regras de combinação desses signos utilizado para elaborar a mensagem: o emissor codifica aquilo que o receptor irá decodificar. O código pode ser verbal (língua) ou não-verbal.

- **ruído:** qualquer tipo de interferência na comunicação.

- **contexto:** é o objeto ou a situação a que a mensagem se refere.

Partindo desses elementos, existem seis funções de linguagem, que são:

1 **Função referencial ou informativa:** o referente é o objeto ou situação de que a mensagem trata. A função referencial privilegia justamente o referente da mensagem, buscando transmitir informações objetivas sobre ele. Essa função predomina nos textos de caráter científico e é privilegiada nos textos jornalísticos. Note, no texto abaixo, a predominância do caráter informativo.

Uma das crenças mais estranhas do ativismo ecológico é a de que a existência da humanidade representa uma vil distorção da natureza. Na década de 80, o ecologista americano David Foreman, fundador da organização radical Primeiro a Terra, declarava que a humanidade era "um câncer sobre o planeta". Foremam achava que uma nova era glacial seria até bem-vinda, na medida em que mataria bilhões de pessoas e faria com que a população humana retornasse aos níveis da era pleistocênica. É claro que a multiplicação humana se tornou delirante e ameaçadora. Mas só uma mente alarmista e ingênua imaginaria que a explosão populacional vá prosseguir no mesmo ritmo até que não haja mais ar, água e comida para todos. O mais provável é que algum dia a idade da devastação apareça nos livros de história como uma curiosidade equiparável à Idade do Bronze, um evento perdido na História do planeta.

Atualmente, ninguém consegue imaginar a economia rodando sem o grande vilão poluidor, o petróleo. Mas um século atrás, quando a principal fonte de energia ainda era a madeira e o carvão, não se pensava num mundo tocado a reservas petrolíferas. No mundo de hoje, já começa a fazer sentido a especulação em torno de fontes limpas de energia, como a solar ou a dos ventos. Por mais estranho que possa parecer, as alterações provocadas pelo homem na natureza são apenas uma parte da equação. A natureza, acredita-se, precisa da mudança para subsistir. Estima-se que 99% de todas as espécies de vida surgidas na Terra até hoje estão extintas – não pela mão do homem, acrescente-se. Mesmo quando essa mão humana provoca desastres, a ação natural pode consertá-los de forma surpreendente.

Tome-se um caso bem conhecido, o do derramamento de óleo no Canal de Prince William, no Alasca, pelo petroleiro Exxon Valdez, em 1989. Considerado um dos maiores desastres ecológicos do século, o derramamento cobriu uma região de natureza ainda intocada com 11 milhões de galões de óleo cru. Um dano irrecuperável para sempre, segundo diziam na época os ecologistas. Pesquisas recentes mostram o contrário. A natureza se recuperou por completo na área. No ano seguinte ao acidente, o Canal de Prince William teve a melhor temporada de pesca de todos os tempos. Além disso, ficou provado que os maiores estragos foram causados pela operação de limpeza promovida pela Exxon, companhia dona do navio. Eles foram bem piores do que os gerados pela própria tragédia. Nessa operação, de 2 bilhões de dólares, a Exxon lavou parte da região com jatos de água fervente para dissolver o óleo derramado. O ca-

lor esterilizou vastas porções de praias, matando os microrganismos que alimentavam a cadeia biológica da região. Nas praias em que não houve a faxina da Exxon, a natureza mostra-se hoje tão exuberante quando antes do acidente. Muitos cientistas acham que, em vez de promover a limpeza – destinada a retocar sua imagem –, a Exxon teria gasto melhor os 2 bilhões de dólares comprando florestas para criar parques em outras regiões.

Qual é o maior problema ecológico do planeta neste final de século? Nos países pobres, 1,3 bilhão de pessoas vivem em zonas de ar "perigosamente inseguro" segundo os padrões adotados mundialmente pelos serviços de controle da qualidade do ar. Outro bilhão de pessoas não tem água tratada. Conclusão: o que está matando as pessoas não é a destruição da camada de ozônio, nem o aquecimento global, nem o consumo de alimentos com agrotóxicos, mas a diarreia e a fumaça envenenada dos países pobres. Eric Chivian, professor da Harvard Medical School é um dos autores do estudo "Critical condition: human health and the environment" , diz que a degradação das condições de vida no Terceiro Mundo é de longe maior que todos os problemas ecológicos do Primeiro Mundo combinados. "Eu tenho tido uma grande dificuldade em chamar a atenção das organizações ambientalistas para a saúde humana nos países pobres", afirma Chivian. "Elas querem conversar sobre florestas e diversidade das espécies no mundo em desenvolvimento, mas têm pouquíssimo interesse na saúde humana nessa parte do mundo."

(Adaptado de: Laurentino Gomes, VEJA, São Paulo, ano 28, n.º22, 31-05-95.)

2 **Função emotiva (ou expressiva):** por meio dessa função, o emissor imprime no texto as marcas de sua atitude pessoal: emoções, avaliações, opiniões. O leitor sente no texto a presença do emissor. No texto abaixo, o autor usa a primeira pessoa para se inserir no discurso e mostrar suas avaliações.

Não foi há tanto tempo assim. Cheguei à praia com minhas filhas e encontrei um aglomerado de cidadãos. Eles montavam guarda num pequeno trecho da areia, caras alarmadas, pior: pungidas. Não fui eu quem viu o grupo: foi o grupo que me viu e dois de seus membros vieram em minha direção, delicadamente me afastaram das meninas e comunicaram: – "Tire depressa suas filhas daqui!". As palavras foram duras mas o tom era ameno, cúmplice. Quis saber por quê. Em voz baixa, conspiratória, um dos cidadãos me comunicou que ali na arrebentação, boiando como uma anêmona, alga desprendida das profundezas oceânicas, havia uma camisinha - que na época atendia pelo poético nome de "camisa de Vênus".

O grupo de cidadãos – num tempo em que direitos e deveres da cidadania ainda esperavam pela epifania de Betinho – ali estava desde cedo, alertando pais incautos, como se a camisinha fosse uma pastilha de material nuclear, uma cápsula de césio com pérfidas e letais emanações.

Não me lembro da reação que tive, é possível que tenha levado as meninas para outro canto, mas tenho certeza de que nem alarmado fiquei. Hoje, a camisinha aparece na televisão, é banal e inocente como um par de patins, um aparelho de barba.

Domingo último, levando minhas setters

à única praia em que são permitidos animais domésticos, encontrei um grupo de cidadãos em volta de uma coisa. Não, não era aquele monstro marinho que Fellini colocou no final de um de seus filmes. Tampouco era uma camisinha – que as praias estão cheias delas, mais numerosas que as conchas e os tatuís de antigamente. O motivo daquela expressão de cidadania era uma seringa que as águas despejaram na areia. Objeto na certa infectado, trazendo na ponta de sua agulha o vírus da Aids que algum viciado ali deixara, para contaminar inocentes e culpados. Daqui a dois, cinco anos, espero que a Aids não mais preocupe a humanidade. Mas os cidadãos continuarão alarmados, descobrindo novas misérias na efêmera eternidade das espumas.

(Carlos Heitor Cony.
Folha de São Paulo, p 1-2, 09.01.1994)

3 **Função conativa (ou apelativa):** essa função procura organizar o texto de forma a que se imponha sobre o receptor da mensagem, persuadindo-o, seduzindo-o. Nas mensagens em que predomina essa função, busca-se envolver o leitor com o conteúdo transmitido, levando-o a adotar este ou aquele comportamento. É típica dos textos publicitários, livros de autoajuda ou textos panfletários.

4 **Função fática:** a palavra fático significa "ruído, rumor". Foi utilizada inicialmente para designar certas formas que se usam para chamar a atenção (ruídos como psiu, ahn, ei). Essa função ocorre quando a mensagem se orienta sobre o canal de comunicação ou contato, buscando verificar e fortalecer sua eficiência.

A manchete, as diferenças no corpo de letra, os resumos antes de um texto podem ter finalidade fática, ou seja, objetivam estabelecer a comunicação.

5 **Função metalinguística:** quando a linguagem se volta sobre si mesma, transformando-se em seu próprio referente, ocorre a função metalinguística. No texto abaixo, o autor faz considerações sobre a Língua Portuguesa usando o próprio Português, o que caracteriza a ocorrência de metalinguagem.

Já não basta ficarem mexendo toda hora no valor e no nome do dinheiro? Nos juros, no crédito, nas alíquotas de importação, no câmbio, na Ufir e nas regras do imposto de renda? Já não basta mudarem as formas da Lua, as marés, a direção dos ventos e o mapa da Europa? E as regras das campanhas eleitorais, o ministério, o comprimento das saias, a largura das gravatas? Não basta os deputados mudarem de partido, homens virarem mulher, mulheres virarem homem e os economistas virarem lobisomem, quando saem do Banco Central e ingressam na banca privada?

Já não basta os prefeitos, como imperadores romanos, tentarem mudar o nome de avenidas cruciais, como a Vieira Souto, no Rio de Janeiro, ou se lançarem à aventura maluca de destruir largos pedaços da cidade para rasgar avenidas, como em São Paulo? Já não basta mudarem toda hora as teorias sobre o que engorda e o que emagrece? Não basta mudarem a capital federal, o número de estados, o número de municípios e até o nome do país, que já foi Estados Unidos do Brasil e depois virou República Federativa do Brasil?

Não, não basta. Lá vêm eles de novo, querendo mudar as regras de escrever o idioma. "Minha pátria é a língua portuguesa", escreveu Fernando Pessoa pela pena de um de seus heterônimos, Bernardo Soares, autor do Livro do Desassossego. "Desassossegados estamos. Querem mexer na pátria. Quando mexem no modo de escrever o idioma, põem a mão num espaço íntimo e sagrado como a terra de onde se vem, o clima a que se acostumou, o pão que se come."

Aprovou-se recentemente no Senado mais uma reforma ortográfica da Língua Portuguesa. É a terceira nos últimos 52 anos, depois das de 1943 e 1971 – muita reforma, para pouco tempo. Uma pessoa hoje com 60 anos aprendeu a escrever "idéa", depois, em 1943, mudou para "idéia", ficou feliz em 1971 porque "idéia" passou incólume, mas agora vai escrever "ideia", sem acento.

Reformas ortográficas são quase sempre um exercício vão, por dois motivos. Primeiro, porque tentam banhar de lógica o que, por natureza, possui extensas zonas infensas à lógica, como é o caso de um idioma. Escreve-se "Egito", e não "Egipto", mas "egípcio", e não "egício", e daí? Escreve-se "muito", mas em geral se fala "muinto". Segundo, porque, quando as reformas se regem pela obsessão de fazer coincidir a fala com a escrita, como é o caso das reformas da Língua Portuguesa, estão correndo atrás do inalcançável. A pronúncia muda no tempo e no espaço. A flor que já foi "azálea" está virando "azaléa" e não se pode dizer que esteja errado o que todo o povo vem consagrando. "Poder" se pronuncia "poder" no Sul do Brasil e "puder" no Brasil do Nordeste. Querer que a grafia coincida sempre com a pronúncia é como correr atrás do arco-íris, e a comparação não é fortuita, pois uma língua é uma coisa bela, mutável e misteriosa como um arco-íris.

Acresce que a atual reforma, além de vã, é frívola. Sua justificativa é unificar as grafias do Português do Brasil e de Portugal. Ora, no meio do caminho percebeu-se que seria uma violência fazer um português escrever "fato" quando fala "facto", ou "recepção" quando fala "receção", da mesma forma como seria cruel fazer um brasileiro escrever "facto" ou "receção" (que ele só conhece, e bem, com dois ss, no sentido de inferno astral da economia). Deixou-se, então, que cada um continuasse a escrever como está acostumado, no que se fez bem, mas, se a reforma era para unificar e não unifica, para que então fazê-la? Unifica um pouco, responderão os defensores da reforma. Mas, se é só um pouco, o que adianta? Aliás, para que unificar? O último argumento dos propugnadores da reforma é que, afinal, ela é pequena – mexe com a grafia de 600, entre as cerca de 110.000 palavras da Língua Portuguesa, ou apenas 0,54% do total. Se é tão pequena, volta a pergunta: para que fazê-la?

Fala-se que a reforma simplifica o idioma e, assim, torna mais fácil seu ensino. Engano. A representação escrita da língua é um bem que percorre as gerações, passando de uma à outra, e será tão mais bem transmitida quanto mais estável for, ou, pelo menos, quanto menos interferências arbitrárias sofrer. Não se mexa assim na língua. O preço disso é banalizá-la como já fizeram com a moeda, no Brasil.

(Roberto Pompeu de Toledo - Veja, 24.05.05)

6 **Função poética:** quando a mensagem é elaborada de forma inovadora e imprevista, utilizando combinações sonoras ou rítmicas, jogos de imagem ou de ideias, temos a manifestação da função poética da linguagem. Essa função é capaz de despertar no leitor prazer estético e surpresa. É explorada na poesia, em textos publicitários ou em textos em prosa que combinam intencionalmente e de forma criativa as palavras. No texto a seguir, Guimarães Rosa reconstrói a linguagem ao descrever Minas Gerais.

Minas Gerais

Minas é montanha, montanhas, o espaço erguido, a constante emergência, a verticalidade esconsa, o esforço estático; a suspensa região – que se escala. Atrás de muralhas, através de desfiladeiros, - passa um, passa dois, passa quatro, passa três... – por caminhos retorcidos, ela começa, como um desafio de serenidade. Aguarda-nos amparada, dada em neblinas, coroada de frimas, espada de epítetos: Alterosas, Estado montanhês, Estado mediterrâneo, Centro, Chave da Abóbada, Suíça brasileira, Coração do Brasil, Capitania do Ouro, a Heróica Província, Formosa Província. O quanto que envaidece e intranquiliza, entidade tão vasta, feita de celebridade e lucidez, de cordilheira e História. De que jeito dizê-la? MINAS: patriazinha. Minas – a gente olha, se lembra, sente, pensa. Minas – a gente não sabe.

Sei um pouco, seu facies, a natureza física – muros montes e ultramontes, vales escorregados, os andantes belos rios, as linhas de cumeeiras, a aeroplanície ou cimos profundamente altos, azuis que já estão nos sonhos – a teoria dessa passagem. (...)

Pois Minas Gerais é muitas. São, pelo menos, várias Minas.

A que via geral se divulga e mais se refere, é a Minas antiga, colonial, das comarcas mineradoras. (...)

Essa – tradicional, pessimista ainda talvez, às vezes casmurra, ascética, reconcentrada, professa em sedições – a Minas geratriz, a do ouro, que evoca e informa, e que lhe tinge o nome; primeira a povoar-se e a ter nacional e universal presença, surgida dos arraiais de acampar dos bandeirantes e dos arruados de fixação do reinol, em capitania e província que, de golpe, no Setecentos, se proveu de gente vinda em multidão de todas as regiões vivas do país, mas que, por conta do ouro e dos diamantes, por prolongado tempo se ligou diretamente à Metrópole de além-mar, como que através de especial tubulatura, fluindo apartada do Brasil restante. Aí plasmado dos paulistas pioneiros, de lusos aferrados, de baianos trazedores de bois, de numerosíssimos judeus manipuladores de ouro, de africanos das estirpes mais finas, negros reais, aproveitados na rica indústria, se fez a criatura que é o mineiro inveterado, o mineiro mineirão, mineiro da gema, com seus males e bens.

Se são tantas Minas, porém, e contudo uma, será o que a determina, então, apenas uma atmosfera, sendo o mineiro o homem em estado minasgerais? (...)

Sendo assim, o mineiro há. Essa raça ou variedade, que, faz já bem tempo, acharam que existia. (...)

Aí está Minas: a mineiridade.

De Minas, tudo é possível. Viram como é de lá que mais se noticiam as ciosas sensacionais ou esdrúxulas, os fenômenos? O diabo aparece, regularmente, homens e mulheres mudam automaticamente de sexo, ocorrem terremotos, trombas-d'água, enchentes monstras, corridas-

-de-terreno, enormes ravinamentos que desabam serras, aparições meteóricas, tudo o que aberra e espanta. (...)

Só que o mineiro não se move de graça. Ele permanece e conserva. Ele espia, escuta, indaga, protela ou palia, se sopita, tolera, remancheia, perrengueia, sorri, escapole, se retarda, faz véspera, tempera, cala a boca, matuta, destorce, engambela, pauteia, se prepara. Mas, sendo a vez, sendo a hora, Minas entende, atende, toma tento, avança, peleja e faz.

Sempre assim foi. Ares e modos. Assim seja.

Só, e no mais: sem ti, jamais nunca! – Minas, Minas Gerais. (...) Minas assombrada, salubre e salutar, assombrada, municipal, minicipalíssima, paroquial, marília e heliodora, de pedra-sabão, de hematita compacta, da sabedoria, de Borba Gato, Minas Joãopinheira, Minas plural, dos horizontes, de terra antiga, das lapas e cavernas, da Gruta de Maquiné, (...) espiritual, arrieira, boiadeira, urucuiana, cordisburguesa, paraopebana, fluminense-das-velhas, barbacenense, leopoldinense, além-paraibana, itaguarense, curvelana, belorizontina, do ar, do lar, da saudade, doceira, do queijo, do tutu, do milho e do porco, do angu, do frango com quiabo, Minas magra, capioa, enxuta, groteira, garimpeira, sussurrada, sibilada, Minas plenária, imo e âmago, chapadeira, veredeira, zebuzeira, burreira, bovina, vacum, forjadora, nativa, simplíssima, sabida, sem desordem, sem inveja, sem realce, tempestiva, legalista, legal, governista, revoltosa, vaqueira, geralista, generalista, de não navios, de não ver navios, longe do mar, Minas sem mar, Minas em mim: Minas comigo. Minas.

(ROSA, J. Guimarães. Ave Palavra. In: Seleta de João Guimarães Rosa. Livraria José Olympio Editora: Rio de Janeiro, 1973)

• OBSERVAÇÃO

Essas funções não são exploradas isoladamente. De modo geral, ocorre a sobreposição de várias delas. Há, no entanto, aquela que se sobressai, assim pode-se identificar a finalidade principal do texto a partir de sua função predominante ou essencial.

TIPOS DE DISCURSO

DISCURSO DIRETO

É denominado de discurso direto aquele em que não há narrador.

Suas marcas típicas são:

- vem introduzido por verbo que anuncia a fala do personagem (murmurou, disse). Esses verbos são chamados de verbos de dizer (dizer, responder, retrucar, afirmar, falar).
- normalmente, antes da fala do personagem, há dois pontos ou travessão.
- os pronomes, o tempo verbal e palavras que dependem de situação são usados literalmente, determinados pelo contexto.

DISCURSO INDIRETO

É denominado de discurso indireto aquele em que o narrador enuncia a fala.

Suas marcas são:

- discurso indireto também é introduzido por verbo de dizer.
- vem separado da fala do narrador por uma partícula introdutória, normalmente as conjunções ***que*** ou ***se***.
- os pronomes, o tempo verbal e elementos que dependem de situação são determinados pelo contexto do narrador: o verbo ocorre sempre em 3ª pessoa.

VEJAMOS UM CONFRONTO DOS DISCURSOS DIRETO E INDIRETO

Discurso direto

D. Ana disse: – Daqui a duas horas tudo estará concluído.

Discurso indireto

D. Ana disse que dali a duas horas tudo estaria concluído.

Na conversão do discurso direto para o indireto, as frases interrogativas, exclamativas e imperativas passam todas para a forma declarativa.

DISCURSO INDIRETO LIVRE

Nesse tipo de discurso, não se conseguem observar os limites entre a fala do narrador e a do personagem. Nota-se que o discurso indireto livre é um discurso que exclui os verbos de dizer e a partícula introdutória.

Pedro me ama. Sabia disso.

No exemplo, não se consegue saber se o sujeito de "sabia" é Pedro ou o narrador-personagem. Essa ambiguidade discursiva caracteriza o discurso indireto livre.

EFEITOS DE SENTIDO

Quanto à citação do discurso alheio, cada citação assume um papel distinto no interior do texto.

- Ao escolher o discurso direto, cria-se um efeito de verdade, dando a impressão de preservar a integridade do discurso.
- Já a opção pelo discurso indireto cria diferentes efeitos de sentido:
  - O primeiro, que elimina elementos emocionais ou afetivos, gera um efeito de sentido de objetividade analítica, depreendendo apenas o que o personagem diz e não como diz.
  - O segundo tipo serve para analisar as palavras e o modo de dizer dos outros e não somente o conteúdo de sua comunicação.
- E o discurso indireto livre mescla a fala do narrador e do personagem. Do ponto de vista gramatical, o discurso é do narrador; do ponto de vista do significado, o discurso é do personagem.
  - O efeito de sentido do discurso indireto livre está entre a subjetividade e a objetividade.

• OBSERVAÇÃO

Não confunda discurso indireto livre com discurso direto e indireto. Este combina apenas o discurso direto e o indireto em um mesmo texto. Aquele não diferencia os limites entre narrador e personagem.

FATORES DE TEXTUALIDADE

O texto "é uma unidade da língua em uso" e a textualidade é definida como propriedade que deriva do fato de que o texto funciona como unidade em relação a seu contexto e que envolve, além das relações semânticas de coesão, internas ao texto, a consistência do registro, constitutiva da coerência do texto quanto ao contexto. Essa visão dá à coesão um caráter fundamental na construção da textualidade. Assim, um texto sem coesão seria um não-texto. A textualidade está ligada a diversos fatores fundamentais como ***coesão***, ***coerência***, ***intencionalidade***, ***aceitabilidade***, ***informatividade***, ***situacionalidade*** e ***intertextualidade***.

COESÃO

A coesão é entendida como os mecanismos utilizados ao longo do texto para sinalizar relações entre os elementos da superfície textual. Entender a coesão como mecanismos sinalizadores de relações potencializa a interação como um fator de textualidade, já que a coesão em si não é decisiva.

COERÊNCIA

A coerência é definida como concernente aos modos como os componentes do "mundo textual" – os conceitos e as relações que subjazem à superfície textual – são mutuamente acessíveis e relevantes. A coerência não é um mero traço dos textos, mas sim o resultado de processos cognitivos entre os usuários do texto, ou seja, ela é construída por operações de inferência; um texto não tem sentido em si mesmo, mas faz sentido pela interação entre os conhecimentos que apresenta e o conhecimento de mundo dos usuários.

PAPEL DO LEITOR

Os outros princípios de textualidade são noções centradas nos receptores do texto, ou seja, nos leitores, e têm a ver com a atividade de comunicação em geral, por parte tanto do produtor quanto do recebedor.

A **intencionalidade** e a aceitabilidade são definidas como concernentes às atitudes, aos objetivos e às expectativas do produtor e do recebedor, respectivamente.

A **informatividade** também não deve ser entendida como uma característica do texto em si, mas é avaliada em função das expectativas e conhecimentos dos usuários. Assim, um grau mediano de informatividade seria o mais confortável para o leitor, pois permitiria a ele se apoiar no conhecido para processar o novo. Vê-se, pois, que a informatividade não é pensada como característica absoluta nem inerente ao texto em si, mas como um fator a ser considerado em função dos usuários e da situação em que o texto ocorre.

A **situacionalidade** aparece, então, como um princípio importante para a constituição da textualidade, já que a coesão, a coerência, a informatividade e as atitudes/disposições do produtor e recebedor (intencionalidade e aceitabilidade) são funções do modo como os usuários interpretam as relações entre o texto e sua situação de ocorrência: o sentido e o uso do texto são decididos pela situação comunicativa. Essas ações discursivas não se prendem só às evidências perceptíveis, mas sobretudo às perspectivas, crenças, planos e metas dos usuários. A aceitabilidade de um texto dependeria menos de sua correção em termos de correspondência ao mundo real e mais da credibilidade e relevância que lhe são atribuídas numa determinada situação.

A **intertextualidade** é entendida como concernente aos fatores que fazem a produção e a recepção de um texto depender do conhecimento de outros textos. Desse modo, a construção e a avaliação da textualidade de um determinado texto se fazem mediante as relações que se estabelecem entre esse texto e outros do mesmo tipo. Os modos de manifestação e processamento da coesão, da coerência, da intencionalidade, da informatividade, por exemplo, costumam diferir conforme o tipo de texto: normalmente, não se espera que o modo de manifestação desses princípios seja idêntico em uma poesia e em um texto científico.

Assim, o texto deve ser compreendido como um sistema – isto é, um conjunto de elementos funcionando juntos. Enquanto a língua seria um sistema virtual de opções disponíveis, o texto se-

ria um sistema atual, efetivo, no qual as opções feitas a partir do repertório oferecido pela língua foram utilizadas numa estrutura particular.

A textualidade consiste, portanto, num conjunto de procedimentos ou critérios que transformam uma sequência de palavras ou de orações num texto. A sequência linguística é considerada texto quando pode ser entendida pelo receptor como uma unidade que traz uma mensagem completa dentro de um determinado contexto, sem o qual não há texto. É a coerência que proporciona a eficiência dos mecanismos da textualidade.

ALGUNS FATORES DE TEXTUALIDADE

A coesão é o processo de ligação entre elementos da textura ou tessitura textual: orações entre si formando períodos; períodos entre si formando parágrafos; parágrafos entre si formando capítulos; capítulos entre si formando um imenso texto, como um romance, por exemplo. A coesão pode ser considerada um mecanismo da coerência, porque pode ser gramatical, lexical ou semântico.

Coesão referencial por substituição

A coesão referencial por substituição tem elemento coesivo (ou referido) que remete a um termo ou ideia anteriores denominada referente, de forma que o texto deve prosseguir coerente. O referido é quase sempre pronome ou advérbio: " Eu amo Ana. Isso me obriga a voltar". **Isso** é o referido que remete a expressão anterior. "Moro na capital e você no interior. **Lá** a vida é agitada, aqui é calma". **Lá** remete à capital e **aqui** remete a interior. Ainda se pode ter um referido zero, ou elíptico: "Jonas e Ananias são inimigos. Vivem discutindo". O referido zero **(eles)** ficou elíptico, isto é, oculto.

Coesão referencial por reiteração (lexical)

Ocorre com sinônimo, hiperônimo, nome genérico ou expressão nominal: "Tive medo. O pavor foi tanto que fiquei mudo". **Pavor** (referido) remete a **medo** (referente). Nesse caso, usou-se a coesão referencial sinonímia. Agora vejamos um caso de hiperônimo: " Chamei o médico da cidade mais próxima. O **doutor** foi muito simpático em nos atender. Também pode haver coesão por termo genérico: "Vimos uma alma do outro mundo. A **coisa** parecia flutuar".

Coesão sequencial

A coesão sequencial é mais complexa. Ela é feita no encadeamento das ideias. Adiantamos que a coesão sequencial pode ocorrer quando a ligação entre os segmentos acrescenta, por exemplo, uma ideia nova, sem recorrência alguma: "Você virá quando eu quiser". O elemento coesivo **quando** deu prosseguimento ao texto, acrescentando-lhe a ideia de tempo. Assim, a coesão sequencial explora conectores.

Conhecimento linguístico

A Linguística de Texto é uma ciência que estuda o texto, a textualidade e a coerência numa visão diferente da gramaticalidade que até há pouco tempo regia a produção textual. Os elementos gramaticais são vistos como instrumentos dos critérios da textualidade, no campo semântico, sem necessariamente se ter que nomeá-los ou enquadrá-los em regras gramaticais.

Conhecimento de mundo

Um texto transmite informações ou conhecimentos que permeiam o mundo do produtor (fa-

lante ou leitor) que deve pertencer igualmente ao mundo do receptor (ouvinte ou leitor) para que haja decodificação, incluindo interpretação em níveis mais profundos.

Conhecimento compartilhado

É justamente esse intercâmbio de conhecimentos que deverá interagir no ato da leitura, quando produtor e receptor dominam a mesma área de conhecimento.

Inferências

O leitor tenta decodificar ideias que lhe parecem profundas ou inatingíveis utilizando seus conhecimentos de mundo e cognitivos: uns menos, outros mais, de acordo com seus níveis de conhecimento. As inferências dependem de aspectos linguísticos e extra-linguísticos.

Situacionalidade

Compreende as condições que contribuirão para o entendimento do texto como a quem é dirigido, que nível de linguagem será usado, que grau de conhecimento o receptor tem para poder interagir etc.

Intencionalidade e aceitabilidade

O que se pretende escrever, o que se quer comunicar, adaptá-lo ao entendimento do ouvinte ou leitor, se a terminologia adotada pertence ao seu vocabulário, à sua profissão, à sua visão de mundo são condições de aceitabilidade e intencionabilidade. Essa preocupação do produtor do texto com o poder de decodificação do receptor define muito bem os dois critérios.

Informatividade

Diz respeito às informações implícitas que estão nas entrelinhas do texto, de forma que o próprio autor as desconhece e, às vezes, escreve sem percebê-las. A informatividade está relacionada aos conhecimentos prévios do produtor e do receptor do texto. Nesse sentido, ela é construída a partir da disposição entre os agentes comunicativos em compartilhar informações por meio da produção e recepção de um texto.

TIPOLOGIAS TEXTUAIS E FOCALIZAÇÃO

Para se avaliar um texto, devem-se levar em consideração os elementos de sua produção.

Características essenciais à análise de um texto:

- **finalidades discursivas:** manifestar forma de pensar a respeito de determinada matéria lida, divulgar determinados serviços buscando seduzir possíveis clientes, convencer a respeito de determinadas interpretações de dados, obter notícias sobre determinado assunto, informar sobre determinado assunto, estabelecer normas de comportamento, influenciar em outros posicionamentos...

- **interlocutores diversos:** leitores de um determinado veículo da mídia impressa (jornal, revista), transeuntes de determinados locais (vias de circulação, rodoviária etc.), colegas de trabalho, leitores de determinada revista acadêmico-científica ou de determinado tipo de livro, um parente próximo ou um amigo, um possível contratante...

- **lugares de circulação determinados:** mídia impressa, academia, família ou círculo de amizades, determinada empresa (esfera profissional), vias públicas de grande circulação de veículos e pessoas...

- **gêneros discursivos específicos:** carta de leitores, anúncio, folheto de propaganda, outdoor, artigo acadêmico-científico, carta pessoal, editorial, crônica, conto, ensaio, tirinha, xilogravura...

> Os elementos de produção determinam o tipo de leitura que se deve fazer acerca do texto.

TIPOLOGIAS TEXTUAIS

Há cinco tipologias textuais relacionadas diretamente à forma de apresentação de um texto, bem como à sua intencionalidade e às suas estruturas linguísticas.

Tipologia Descritiva

Esse tipo de enunciado textual tem uma estrutura simples, com verbo estático no presente ou no pretérito. Em geral, apresenta um complemento e uma indicação circunstancial de lugar ou de tempo.

Os textos descritivos mais comuns são gráficos, tabelas, reportagens, dados estatísticos ou descrições literárias de personagens e/ou cenários.

Tipologia Narrativa

Esse tipo de enunciado textual tem verbo de mudança no passado, circunstancial de tempo e lugar. Por sua referência temporal e local, esse enunciado é designado como enunciado indicativo de ação. Há sempre sequenciadores indicando a mudança de tempo. Uma narrativa pode ser linear ou apresentar sobreposição temporal.

Os textos narrativos mais frequentes são crônicas, notícias, tirinhas, contos, novelas, romances, fábulas, e afins.

Tipologia Expositiva

A exposição sintética ocorre pelo processo da composição. Aparece um sujeito, um predicado (no presente) e um complemento com um grupo nominal. Trata-se de um enunciado de identificação de fenômenos (base conceitual).

A exposição analítica ocorre pelo processo de decomposição. Também é uma estrutura com um sujeito, um verbo da família do verbo ter (ou verbos como: "contém", "consiste", "compreende") e um complemento que estabelece com o sujeito uma relação parte-todo. O texto expositivo, em geral, tem base conceitual. Os textos expositivos mais recorrentes são esclarecimentos, pareceres, exposição de conceitos, notas, entre outros.

Tipologia Argumentativa / Dissertativa

Têm-se, em geral, nesse tipo de texto, formas verbais com o verbo ser no presente e um complemento (que no caso é um adjetivo). Trata-se de um enunciado de atribuição de qualidade, estado, juízo de valor do locutor em relação ao tema abordado. O texto de caráter dissertativo tem base opinativa.

Os textos dissertativos mais comuns são editoriais, artigos de opinião, ensaios, crônicas argumentativas, entre outros.

Tipologia Injuntiva

Vem representada, em geral, por um verbo no imperativo. Esses são os enunciados incitadores à ação. Esse tipo de texto pode sofrer certas modificações significativas na forma e assumir, por exemplo, a configuração mais longa onde o imperativo é substituído por um "deve" ou outras construções de aconselhamento ou orientação.

Os textos injuntivos mais frequentes são leis, bulas de remédio, cartilhas, textos de autoajuda, entre outros.

RESUMINDO...

Um elemento central na organização de textos narrativos é a sequência temporal. Já no caso de textos descritivos predominam as sequências de localização. Os textos expositivos apresentam o predomínio de sequências analíticas ou então explicitamente explicativas. Os textos argumentativos se dão pelo predomínio de sequências contrastivas explícitas. Por fim, os textos injuntivos apresentam o predomínio de sequências imperativas.

FOCALIZAÇÃO DISCURSIVA

A focalização discursiva diz respeito à pessoa gramatical em que um texto é escrito e aos efeitos de sentido que a escolha do locutor/autor produz sobre a base argumentativa do texto.

- **1ª do singular:** texto subjetivo, visão centrada no autor, baixa credibilidade argumentativa.

- **1ª do plural:** traços de subjetividade, o texto tende à objetividade. Autor e leitor são projetados no texto, há compartilhamento da argumentação com o leitor, alta credibilidade argumentativa.

- **3ª do singular ou plural:** texto objetivo, impessoal, não há marcas do autor, nem do leitor, alta credibilidade social. O autor apresenta o argumento de forma asseverada (afirmativa).

• OBSERVAÇÃO

A **1ª do plural** e a **3ª pessoa** podem ser equivalentes em termos argumentativos, se o texto apresentar uma base argumentativa genérica.

EXERCÍCIOS

1 Assinale a alternativa que possa ser comprovada pelo texto abaixo.

"Ao detentor, exclusivamente, de cargo em comissão declarado de livre nomeação e exoneração ou de função pública não-estável fica assegurada a conversão em espécie das férias-prêmio não-gozadas, a título de indenização, por motivo de exoneração, desde que não seja reconduzido ao serviço público estadual no prazo de noventa dias contados da data da exoneração".

a) Garante-se aos detentores de funções e cargos públicos a conversão em espécie do período de férias-prêmio a que têm direito.
b) Somente as férias-prêmio não-gozadas a título de indenização podem ser objeto de conversão em espécie.
c) A conversão de férias-prêmio em espécie é efetuada como forma de indenização aos servidores, sempre que estes forem exonerados.
d) Nem todo servidor público exonerado tem direito à conversão em espécie de férias-prêmio.

2 Assinale a alternativa que possa ser comprovada pelo texto abaixo, transcrito da constituição do Estado de Minas Gerais.

"Art.99 – um quinto dos lugares dos tribunais de segundo grau será composto de membros do Ministério Público com mais dez anos de carreira e de advogados de notório saber jurídico e de reputação ilibada, com mais de dez anos de efetiva atividade profissional, indicados pelos órgãos de representação das respectivas classes em lista sêxtupla. Parágrafo único – Recebidas as indicações, o Tribunal formará lista tríplice e a enviará ao Governador do Estado, que, nos vinte dias subsequentes, escolherá um de seus integrantes para nomeação".

a) No Tribunal de Justiça, 20% dos desembargadores são, originalmente, membros do Ministério Público ou advogados.
b) A principal exigência para se concorrer a uma vaga em tribunais é ter, no mínimo, dez anos de experiência profissional.
c) Os órgãos de representação dos advogados e do Ministério Público escolhem qual de seus membros deverá ocupar vaga nos tribunais.
d) A escolha do membro do Ministério Público ou advogado que ocupará vaga nos tribunais de segundo grau cabe, exclusivamente, ao Governador do Estado.

3 Assinale a alternativa que possa ser comprovada pelo texto abaixo.

"Cada período de cinco anos de efetivo exercício dá ao servidor direito adicional de dez por cento sobre seu vencimento e gratificação inerente ao exercício de cargo ou função, o qual a estes se incorpora para o efeito de aposentadoria, ao passo que, no magistério estadual, o adicional de quinquênio será, no mínimo, de dez por cento".

a) De cinco em cinco anos, os servidores têm direito a adicional de 10% sobre sua remuneração.
b) Os servidores lotados em instituições de ensino têm adicional quinquenal de, pelo menos, dez por cento.
c) Os adicionais quinquenais conquistados pelo servidor ao longo de sua carreira continuam integrando sua remuneração após aposentadoria.
d) Apenas para efeito de aposentadoria, incorporam-se aos vencimentos do servidor os adicionais por tempo de serviço a que fez jus.

Atenção: As questões de **04** a **10** devem ser respondidas com base no texto abaixo. Leia atentamente todo o texto antes de responder a elas.

O contrato de casamento

Na semana passada, comemorei trinta anos de casamento.

Recebemos dezenas de congratulações de nossos amigos, algumas com o seguinte adendo assustador: "Coisa rara hoje em dia". De fato, 40% de meus amigos de infância já se separaram, e o filme ainda nem terminou.

Pelo jeito, estamos nos esquecendo da essência do contrato de casamento, que é a promessa de amar o outro para sempre. Muitos casais no altar acreditam que estão prometendo amar um ao outro enquanto o casamento durar. Mas isso não é um contrato. Recentemente, vi um filme em que o mocinho terminava o namoro dizendo "vou sempre amar você", como se fosse um prêmio de consolação. Banalizamos a frase mais importante do casamento. Hoje, promete-se amar o cônjuge até o dia em que alguém mais interessante apareça. "Eu amarei você para sempre" deixou de ser uma promessa social e passou a ser simplesmente uma frase dita para enganar o outro. Contratos, inclusive os de casamento, são realizados justamente porque o futuro é incerto e imprevisível. Antigamente, os casamentos eram feitos aos 20 anos de idade, depois de uns três anos de namoro.

A chance de você encontrar sua alma gêmea nesse curto período de pesquisa era de somente 10%, enquanto 90% das mulheres e homens de sua vida você iria conhecer provavelmente já depois de casado. Estatisticamente, o homem ou a mulher "ideal" para você aparecerá somente, de fato, depois do casamento, não antes. Isso significa que provavelmente seu "verdadeiro amor" estará no grupo que você ainda não conhece, e não no grupinho de cerca de noventa amigos da adolescência, do qual saiu seu par. E aí, o que fazer? Pedir divórcio, separar-se também dos filhos, só porque deu azar? O contrato de casamento foi feito para resolver justamente esse problema. Nunca temos na vida todas as informações necessárias para tomar as decisões corretas. As promessas e os contratos preenchem essa lacuna, preenchem essa incerteza, sem a qual ficaríamos todos paralisados à espera de mais informação.

Quando você promete amar alguém para sempre, está prometendo o seguinte: "Eu sei que nós dois somos jovens e que vamos viver até os 80 anos de idade. Sei que inexoravelmente encontrarei centenas de mulheres mais bonitas e mais inteligentes que você ao longo de minha vida e que você encontrará dezenas de homens mais bonitos e mais inteligentes que eu. É justamente por isso que prometo amar você para sempre e abrir mão desde já dessas dezenas de oportunidades conjugais que surgirão em meu futuro. Não quero ficar morrendo de ciúme cada vez que você conversar com um homem sensual nem ficar preocupado com o futuro de nosso relacionamento. Nem você vai querer ficar preocupada cada vez que eu conversar com uma mulher provocante. Prometo amar você para sempre, para que possamos nos casar e viver em harmonia." Homens e mulheres que conheceram alguém "melhor" e acham agora que cometeram enorme erro quando se casaram com o atual cônjuge esqueceram a premissa básica e o espírito do contrato de casamento. O objetivo do casamento não é escolher o melhor par possível mundo afora, mas construir o melhor relacionamento possível com quem você prometeu amar para sempre. Um dia, vocês terão filhos e, ao colocá-los na cama, dirão a mesma frase: "que irão amá-los para sempre".

Não conheço pais que pensam em trocar os filhos pelos filhos mais comportados do vizinho. Não conheço filho que aceite, de início, a separação dos pais e, quando estes se separam, não sonhe com a reconciliação da família. Nem conheço filho que queira trocar os pais por outros "melhores". Eles aprendem a conviver com os pais que têm.

Casamento é o compromisso de aprender a resolver as brigas e as rusgas do dia a dia de forma construtiva, o que muitos casais não aprendem, e alguns nem tentam aprender. Obviamente, se sua esposa se transformou numa megera ou seu marido num monstro, ou se fizeram propaganda enganosa, a situação muda. Para aqueles que querem ter vantagem em tudo na vida, talvez a saída seja postergar o casamento até os 80 anos. Aí, você terá certeza de tudo.

(KANITZ, Stephen. Ponto de Vista. VEJA,Rio de Janeiro, 29 set. 2004 p.22 - Texto adaptado)

4 Com base na leitura do texto, é **CORRETO** afirmar que a noção de contrato nele defendida é a de

a) documento formal e oficial resultante de um acordo entre duas ou mais pessoas que se associam.
b) acordo entre pessoas que transferem uma à outra algum direito e que se sujeitam a algumas obrigações.
c) pacto em que as partes revelam inabilidade e incapacidade de assumir obrigações recíprocas.
d) compromisso assumido por duas pessoas, que depende do futuro para se firmar e aperfeiçoar.

5 Com base na leitura feita, é **CORRETO** afirmar que o objetivo principal do texto é

a) informar as vantagens de um casamento sólido, de muitos anos.
b) demonstrar as razões por que as pessoas devem se casar.
c) provocar reflexão sobre o compromisso firmado no casamento.
d) denunciar alguns perigos gerados por casamentos precoces.

6 Assinale a alternativa em que a palavra destacada **NÃO** pode ser substituída pela palavra entre colchetes, porque essa substituição altera o sentido original do texto.

a) Recebemos dezenas de congratulações de nossos amigos, algumas com o seguinte <u>adendo</u> assustador... [ACRÉSCIMO]
b) Homens e mulheres que conheceram alguém melhor. [...] esqueceram a <u>premissa</u> básica e o espírito do contrato de casamento. (linhas 62-66) [DEDUÇÃO]
c) Sei que <u>inexoravelmente</u> encontrarei centenas de mulheres mais bonitas e mais inteligentes que você ao longo de minha vida... [FATALMENTE]
d) Para aqueles que querem ter vantagem em tudo na vida, talvez a saída seja <u>postergar</u> o casamento até os 80 anos. (linhas 85-87) [ADIAR]

7 Assinale a alternativa em que o trecho transcrito **NÃO** apresenta uma opinião.

a) Nunca temos na vida todas as informações necessárias para tomar as decisões corretas.
b) Antigamente, os casamentos eram feitos aos 20 anos de idade, depois de uns três anos de namoro.
c) Obviamente, se sua esposa se transformou numa megera ou seu marido num monstro, [...] a situação muda.
d) Casamento é o compromisso de aprender a resolver as brigas e as rusgas do dia a dia de forma construtiva...

8 Considerando-se as informações do texto, é **CORRETO** afirmar que a relação entre casamento e contrato é apresentada com o objetivo de

a) dizer que o amor não é mais tão importante nos casamentos da atualidade.
b) apontar a falta de sinceridade dos noivos ao jurar amor ao marido ou à esposa.
c) mostrar que o casamento contemporâneo é celebrado com prazo determinado.
d) demonstrar que o casamento requer compromisso previamente definido.

9 É CORRETO afirmar que, entre os recursos empregados no desenvolvimento do texto, **NÃO** se inclui

a) o emprego de marcas de interação com o leitor.
b) a exposição de resultados dos contratos de casamento.
c) o uso de argumentos baseados em dados numéricos.
d) a inserção de perguntas sem respostas precisas.

10 É CORRETO afirmar que, entre as funções do emprego de aspas no texto, **NÃO** se inclui a de

a) explicar um ponto de vista mais detalhadamente.
b) chamar a atenção do leitor para o termo destacado.
c) indicar pausa de reflexão da fala de outra pessoa.
d) demarcar a interrupção da argumentação do autor.

Gabarito
| 1-d | 2-d | 3 -d | 4-b | 5-c | 6-b | 7-b | 8-d | 9-b | 10-c |

FOCALIZAÇÃO DISCURSIVA		
PRIMEIRA PESSOA DO SINGULAR	**PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL**	**TERCEIRA PESSOA (SING./PLURAL)**
• Texto muito subjetivo. • Intensa carga emocional. • Baixa credibilidade social: o simples fato de o texto estar escrito em 1º pessoa o torna de baixa credibilidade social. • O autor se projeta explicitamente no texto por meio de pronomes e verbos. • Argumentação pessoal, intimista, particular.	• O texto possui traços de subjetividade, ou seja, ainda não é totalmente objetivo. Está entre a objetividade e a subjetividade. • Tende à objetividade. • Argumentação compartilhada/adesão do leitor/interação com o leitor/insere o leitor no texto, compartilhando a argumentação. Assim, o autor responsabiliza o leitor pelo conteúdo. É uma argumentação social, ou seja, divide a argumentação entre autor e leitor. Convida o leitor a participar ativamente do texto. • Alta credibilidade argumentativa: apresenta uma perspectiva socializadora, ao incluir o leitor na argumentação.	• Objetividade: não há traços de subjetividade. • Impessoalidade. • O autor não se manifesta explicitamente no texto. • Alta credibilidade argumentativa. • Maior nível de formalidade linguística. OBSERVAÇÃO: Entre a 3ª e a 1ª do plural, há equivalência argumentativa. Ocorre apenas oscilação no nível de formalidade.

OBSERVAÇÕES SOBRE FOCALIZAÇÃO DISCURSIVA
2ª pessoa- interação com o leitor: o uso da 2ª pessoa, de formas imperativas, de vocativos ou de pronomes de tratamento aproxima o texto do leitor. Diminui a formalidade do texto, tornando-o mais acessível aos leitores.
Uso de adjetivos: adjetivos conferem subjetividade ao texto e marcam intensa carga emocional. A opinião sempre marca um traço de subjetividade.
Uso de perguntas no texto: perguntas diminuem o nível de formalidade no texto. Marcam interação com o leitor. Ademais, o uso de perguntas no texto confere efeito retórico, ou seja, as perguntas não precisam ser respondidas explicitamente, são mencionadas apenas como reforço (retórica), pois implicitamente já estão respondidas no contexto.
Repetição vocabular ou de ideias: as repetições intencionais conferem ênfase à produção de texto.
Escolha vocabular (seleção lexical): léxico é palavra, vocabulário. O vocabulário escolhido pelo autor pode alterar o sentido básico do texto.
Equivalência: há formas argumentativas que são equivalentes. 3ª pessoa e 1ª pessoa do plural mantêm o mesmo nível de credibilidade argumentativa. Ocorre apenas uma oscilação no nível de formalidade, pois a 3ª pessoa é mais formal que a 1ª do plural. 1ª pessoa do plural e 3ª pessoa são formas equivalentes de argumentação, pois ambas têm alta credibilidade social. O valor de credibilidade argumentativa é o mesmo, mas o nível de formalidade varia.

FIGURAS DE LINGUAGEM
FIGURAS DE CONSTRUÇÃO: DIFERENCIAM A BASE SINTÁTICA DO TEXTO
Elipse: omissão de termo facilmente identificável pelo contexto. - Somos felizes. (omissão do termo "Nós")
Zeugma: é um tipo de elipse. É a omissão de termo explícito anteriormente, em geral verbo. Pedro me ama; José, também. (me ama)
Pleonasmo: repetição de uma ideia. Obs.: Toda repetição tem valor enfático. O pleonasmo não deve ser usado na norma culta. - Entra para dentro agora, menino!
Inversão ou hipérbato (ou sintaxe complexa): é a alteração da ordem canônica (ou ordem direta) da frase: sujeito + verbo + complemento verbal. - Novidade havia. O verbo haver com o sentido de existir forma uma oração sem sujeito. Portanto, o verbo na frase é VTD e o termo "novidade" é o OD.)
Silepse: consiste na concordância com o que está implícito. - A criançada chegou bem cedo. Às dez horas, já estavam na cama. (silepse de número) Todos somos felizes. (silepse de pessoa).
Anacoluto: consiste em deixar um termo solto na estrutura da frase. Normalmente, isso ocorre porque se inicia uma determinada construção sintática e depois se opta por outra. O termo solto na frase não tem função sintática. Geralmente, marca a mudança da estrutura da frase. - A vida, não sei como aproveitá-la.
Anáfora: consiste na repetição de uma mesma palavra no início de versos, frases ou parágrafos. - É pau, é pedra, é o fim do caminho. Toda repetição tem valor enfático. Obs.: não confunda com anafórico, que é um termo de retomada.
FIGURAS DE PENSAMENTO: SÃO RECURSOS ESTILÍSTICOS DE IDEIA
Antítese: consiste na aproximação de termos/palavras contrárias. São palavras que se opõem pelo sentido. Termos antônimos. - "Os jardins têm vida e morte".
Ironia: usar uma palavra com sentido oposto ao real. *Sacarmos: confere efeito de humor negro ao texto, pode ser confundido com ironia. - Ela tem um pezinho de lancha.
Hipérbole: exagero. - O mundo inteiro está unido pela paz.
Eufemismo: consiste em suavizar uma expressão que se evita na língua. Confere polidez ao texto. - O governo faltou com a verdade. (o governo mentiu).
Prosopopeia (ou personificação): consiste em atribuir características humanas a seres inanimados (inclui os animais). – Baleia, a cachorrinha, sonhava com uma vida melhor para sua família.
Gradação (ou clímax): é a apresentação de ideias em progressão ascendente (clímax) ou decrescente (anticlímax). É uma hierarquia de termos. É uma enumeração hierarquizada de termos. -Um mês, um ano, uma vida não bastaria.
Apóstrofe: consiste na interpelação enfática a alguém (ou alguma coisa personificada). Funciona como um vocativo. - Deus, olhai por nós.
Paradoxo: consiste em uma oposição no plano das ideias. É a apresentação de uma ideia contraditória. - Ela era uma boa pessoa, mas tinha atitudes ruins. (Há antítese e paradoxo.). Ela era uma boa pessoa, mas não fazia o bem. (Há apenas paradoxo. Não há antítese.)
Alegoria: é um conjunto de metáforas, utilização de uma linguagem metafórica, associada a outras figuras de linguagem. - A vida nos oferece portas e janelas, mas nunca sabemos o que abrir, onde entrar ou como sair. (metáfora: a vida é como portas e janelas. / nunca: hipérbole. / entrar e sair: antítese)

FIGURAS DE LINGUAGEM
FIGURAS DE SOM: CONFEREM AO TEXTO MUSICALIDADE
Aliteração: é a repetição de sons consonantais. – Vai, vento, vai, voar vadio.
Assonância: é a repetição de sons vocálicos. - Amanhã há de ser alegre.
Paronomásia: é aproximação e a repetição de palavras com sons parecidos, mas de significados distintos. É a ocorrência simultânea de aliteração e assonância. – Há tanto tempo tento tanto.
Cacofonia: som desagradável. Não é propriamente uma figura de linguagem, trata-se de um vício de linguagem (defeito de construção). - Vou-me já.
Onomatopeia: é a reprodução de sons de animais, ruídos ou coisas. Trata-se, pois, da reprodução de sons de seres inanimados. - tic-tac, kkkkkkk...
FIGURAS DE PALAVRAS: TRABALHAM A COMBINAÇÃO DE PALAVRAS
Polissíndeto: é a repetição do mesmo conector. - Ou você estuda, ou você arruma um marido rico, ou não há solução.
Assíndeto: trata-se da ausência de conectores. - Choveu, fez sol, nada mudou.
Catacrese: é uma personificação cristalizada pelo uso. – O pé da mesa está quebrado.
Metáfora: comparação implícita. É uma relação subjetiva entre termos. De uma maneira geral, não tem conectores. - A vida é um mar de ilusões.
Comparação (ou símile): é a relação entre termos utilizando conectores. Nem toda comparação apresenta efeito figurado. - Ela é bonita como a irmã.
Perífrase: substituição de um termo por outro equivalente (igual). - Rainha dos Baixinhos (Xuxa); Estádio Governador Magalhães Pinto (Mineirão). A professora de português chegou. (a Flávia chegou). *Antonomásia é o nome dado à perífrase relativa a nome de pessoa. Toda antonomásia é um tipo de perífrase. Pelé (rei do futebol).
Metonímia: substituição de um termo por outro relacionado. Representa um encurtamento da frase. - A sala aplaudiu o professor. / Lia Machado de Assis na infância.
Sinestesia: mistura de sentidos (exploração de sentidos). - Perfume doce.
Obs.: Pode haver mais de uma figura de linguagem em uma mesma frase. Obs.: Analogia não é propriamente uma figura de linguagem. Analogia é uma forma de estruturação de texto, ou seja, uma estratégia de argumentação. Analogia é uma comparação inusitada, ou seja, esdrúxula.

INTERTEXTUALIDADE

INTERTEXTUALIDADE É O DIÁLOGO ENTRE TEXTOS. É FAZER REFERÊNCIA A UM TEXTO DENTRO DE OUTRO.

Todo processo intertextual é uma referenciação entre texto primário e texto secundário: A interpretação adequada do texto secundário depende de conhecimento das referências do texto primário. O leitor pode atribuir sentido ao texto secundário, sem garantia de adequação. A interpretação de um texto intertextual depende de conhecimento prévio do leitor.

TIPOS DE INTERTEXTUALIDADE

Há seis tipos de intertextualidade: as três primeiras modalidades representam a intertextualidade em um trecho de texto. As demais, em geral, se aplicam ao texto como um todo.

Citação: transcrição fiel de trecho de outro texto. Geralmente, aumenta a credibilidade do texto. É considerada um argumento de autoridade.

Alusão ou citação indireta: o produtor secundário reproduz as ideias do produtor primário ou faz referência ao texto, ao seu autor, a personagens...

Epígrafe: é uma citação inicial, fora do corpo do texto, que se relaciona com o seu conteúdo.

Paráfrase: consiste em reescrever o texto, mantendo-se o seu sentido. Pode-se acrescer ou retirar ideias, só não pode alterar o sentido básico.

Paródia: reescrever o texto, alterando o seu sentido básico. Pode ter conotação humorística, dependendo da finalidade do texto.

Pastiche: consiste em reproduzir o estilo do autor de um determinado texto. Não se copia o texto, mas sim o estilo do escritor. Pode ter uma conotação agressiva ou somente plástica.

TIPOS DE DISCURSO

TIPOS DE DISCURSO	CARACTERÍSTICAS
DISCURSO DIRETO	Não apresenta narrador. As falas dos personagens são literais, ou seja, sem adaptações. Possui marcas gráficas como itálico, aspas, dois-pontos e travessão. Confere à cena narrada maior vivacidade.
DISCURSO INDIRETO	É intermediado pelo narrador. Vem introduzido por conjunção integrante (que, se). Apresenta verbo dicente (dizer, responder, falar, murmurar...). Todas as frases são declarativas e se apresentam em 3ª. pessoa.
DISCURSO DIRETO E INDIRETO	Trata-se da oscilação do discurso direto e do indireto ao longo do texto.
DISCURSO INDIRETO LIVRE	Trata-se da fusão entre narrador e personagem na abordagem narrativa. Do ponto de vista gramatical, o narrador assume o discurso. Semanticamente, o discurso é atribuído ao personagem. Existe sempre um certo nível de ambiguidade na utilização do discurso indireto livre. Não apresenta marcas gráficas, nem partículas introdutórias.

TIPOS DE LINGUAGEM

TIPOS DE LINGUAGEM	CARACTERÍSTICAS
VERBAL	Utiliza a língua como código. É representada por meio de palavras, expressões ou letras. Pode ser oral (fala espontânea), oralizada (fala não-espontânea) ou escrita (texto monitorado).
NÃO-VERBAL	Utiliza códigos alternativos: cores, imagens, símbolos etc.
MISTA	Trata-se da associação da linguagem verbal à linguagem não-verbal.

COESÃO TEXTUAL

Trata-se do encadeamento lógico-discursivo das ideias apresentadas em um texto.

Lexical: diz respeito ao uso de vocabulário (sinônimos, antônimos, hipônimos e hiperônimos). Quando um termo de outra classe é transformado em substantivo, a coesão lexical pode ser chamada de coesão nominal.

*Amava a vida. O **amor** era o motivo de tudo.* ⇒ o verbo amar foi transformado em nome.

*O **medo** de amar paralisa o homem. Esse **temor** nem sempre é positivo.* ⇒ coesão por sinônimo.

*Amava ouvir **bem-te-vi** pela manhã. O **passarinho** lhe trazia sorte.* ⇒ coesão por hiperônimo.

*Tinha um **pássaro** da sorte. O **bem-te-vi** lhe fazia bem.* ⇒ coesão por hipônimo.

Sequencial: diz respeito ao uso de conectores (conjunções).

*As pessoas são boas, **mas** o mundo é ruim.* ⇒ coesão sequencial, vez que utiliza de conector.

Referencial: diz respeito ao uso de pronomes ou advérbios para o encadeamento das ideias. Há dois tipos de referentes: anafóricos ou catafóricos.

- ***Anafórico** - relacionado com o que foi dito antes.*
- ***Catafórico** - relacionado ao que foi falado depois do pronome ou fora do texto.*

***Portugal** é um bom lugar para se viver, mas **lá** as pessoas não são felizes como **aqui**.* ⇒ "lá"= advérbio (anafórico). "aqui" = advérbio (catafórico). Ambos evidenciam o uso de coesão referencial.

VÍCIOS DE LINGUAGEM

Barbarismo: consiste em grafar ou pronunciar uma palavra em desacordo com a norma culta.

Solecismo: consiste em desviar-se da norma culta na construção sintática.

Pleonasmo: consiste na repetição desnecessária de uma ideia.

Ambiguidade ou anfibologia: trata-se de construir a frase de um modo tal que ela apresente mais de um sentido.

Cacófato: consiste no mau som produzido pela junção de palavras.

Neologismo: é a criação de palavras novas com função semântica específica.

Arcaísmo: consiste na utilização de palavras que já caíram em desuso.

Eco: trata-se da repetição de palavras terminadas pelo mesmo som.

POLIFONIA

Trata-se da utilização de várias vozes dentro do texto. O autor utiliza a polifonia, em geral, para marcar sua isenção em relação ao discurso ou para ampliar a credibilidade do texto.

*A notícia **divulgada pela mídia** comoveu a população.*

***Segundo o Ministério da Educação**, o problema foi resolvido.*

*A mulher, que **teria matado** o marido, fugiu.*

FUNÇÕES DE LINGUAGEM

FUNÇÃO REFERENCIAL
- Centrada na informação.
- Em geral, o texto é escrito de modo impessoal.
- Apresenta natureza informativa.
- É típica de textos jornalísticos formais.

FUNÇÃO EMOTIVA
- Centrada no emissor.
- Há carga semântica com base subjetiva na exposição das ideias.
- Normalmente, o texto está escrito em primeira pessoa.

FUNÇÃO CONATIVA
- Trata-se de um texto com função persuasiva.
- Objetiva convencer o leitor.
- Faz uso constante de imperativos e outras estratégias argumentativas.

FUNÇÃO FÁTICA
- Visa a iniciar ou manter a comunicação.
- A função fática está embasada em ruídos para a manutenção do discurso.
- Não há propriamente uma mensagem no texto, mas apenas a abertura ou continuidade do canal.

FUNÇÃO POÉTICA
- Trata-se de uma combinação estética de palavras.
- Ocorrem arranjos lexicais, sonoros ou semânticos que contribuem para a construção do texto.

FUNÇÃO METALINGUÍSTICA
- Os elementos da comunicação tentam explicar a si mesmos.
- Trata-se de um texto falando de seus elementos constitutivos.
- Termos de natureza explicativa ou de síntese também apresentam função metalinguística.

EXERCÍCIOS
Treinando por Provas Completas

PROVA I
ESAF-MINISTÉRIO DA FAZENDA-2009

01 Assinale a opção que contém compreensão **ERRADA** do trecho abaixo.

Os anos 1980 costumam ser lembrados no Brasil como "década perdida". Estultícia. Economicamente, o período é antes de ajustes que de perda. Quadro internacional adverso, desatualização e gigantismo do Estado, avanço do processo de globalização. Claro: as condições internacionais não permitiam a continuidade da disparada desenvolvimentista dos anos 1970. Mesmo assim, a economia brasileira cresceu 33,5% no período 1980-1989 Nada de espetacular, comparativamente à década anterior. Mas evoluir um terço na magnitude da economia não é perder. É apenas avançar menos rapidamente. Além disso, chamar de década perdida o período em que o país reconquistou e consolidou a democracia é sobrepor o econômico a tudo. Até mesmo à liberdade.

(Ronaldo Costa Couto, "De 1964 ao Governo Sarney". Em: Oliveira Bastos (org.).Sarney: o outro lado da História. Rio: Nova Fronteira, 2001, p.111, adaptado)

a) Segundo o autor, é um disparate considerar a década de 80 como "perdida".
b) O autor considera inapropriado e inadequado, diante do contexto político e social da época, avaliar os anos 80 como tendo sido negativos para o País.
c) O crescimento da economia, na década de 80, foi menor do que no período 1970-1979.
d) Fatores internos e externos contribuíram para que a economia da década de 80 avançasse a passos mais lentos.
e) A despeito das condições internacionais adversas, a economia dos anos 80 cresceu de modo espetacular.

02 Recentemente, a imprensa divulgou uma proposta de financiar as universidades por meio da Lei de Incentivos Fiscais. Seriam permitidas deduções do Imposto de Renda de entidades que investirem em bolsas de estudo, reformas, pesquisas e outras ações. A proposta seguiria o mesmo princípio da Lei Rouanet, que já garante isenção de tributos para empresários que destinam seus impostos a atividades culturais e esportivas. Fica difícil decifrar o que está por trás desse projeto. Aos desavisados, a proposta soará como ideia brilhante que salvaria a pesquisa e o ensino superior do Brasil. Aos conhecedores das motivações escusas da política cultural vigente, fica a dúvida: a trama pode estar envolta em ingenuidade e boa-fé, mas pode também ser fruto de estratégias voltadas à privatização total e definitiva do ensino superior, cada vez mais tratado como mercadoria.

(Jorge Antunes, "O financiamento das universidades e a tramóia dos privatistas". Correio Braziliense, 16/3/2009, p 13, adaptado)

Sobre a proposta de financiar as universidades por meio da Lei de Incentivos Fiscais, depreende-se do texto acima que

a) há o temor de que as deduções dos tributos sejam desviadas para outras finalidades que não o financiamento das universidades.
b) os que não foram avisados da proposta buscam uma forma de salvar as universidades públicas do Brasil.
c) os que tomaram conhecimento da proposta duvidam das motivações escusas da política cultural vigente.
d) não está claro qual é o verdadeiro propósito de tal proposta e não vai ser fácil descobrir que interesses estão por trás dessa ideia.
e) a renúncia fiscal vai fortalecer as pesquisas voltadas à privatização do ensino superior.

03 O exame da linguagem corrente hoje no Brasil constata uma curiosa oposição entre os termos sociedade e social. Isso ocorre, em particular, no seu uso por parte de empresários, políticos e jornalistas – para começarmos por uma caracterização profissional. Mas também sucede, para passarmos a uma determinação política, que, porém, se sobrepõe à primeira, por parte dos setores mais à direita. Estes últimos anos, no discurso dos governantes ou no dos economistas, "a sociedade" veio a designar o conjunto dos que detêm o poder econômico, ao passo que "social" remete, na fala dos mesmos governantes ou dos publicistas, a uma política que procura minorar a miséria.

(Renato Janine, em: http://www.renatojanine.pro.br/Livros/asociedade.html)

A compreensão **CORRETA** da oposição apresentada no texto acima cria correlação com o par opositivo.

a) uma política dos setores direitistas e uma política de oposição ao governo
b) categorias profissionais e categorias empresariais
c) o discurso dos governantes e o discurso dos publicistas
d) a elite econômica e as classes pobres
e) as classes dominantes e o conjunto dos detentores do poder econômico

04 Assinale a opção que apresenta continuação **COESA** e **COERENTE** para o texto a seguir.

A Embraer é um dos orgulhos da indústria brasileira. Resultado da conjugação de esforços de desenvolvimento tecnológico de centros de pesquisas que receberam apoio decisivo da Aeronáutica, a empresa ganhou forte impulso quando passou a ser gerida como companhia privada. É visível a contribuição desse crescimento da Embraer para a transformação da região que vai de Taubaté a São José dos Campos, no trecho paulista do Vale do Paraíba. A Embraer disputa nada menos com um grande grupo canadense (Bombardier) a posição de terceira maior fabricante de aviões comerciais. Seus jatos de 50 a 90 lugares estão em todas as partes do mundo, e a carteira de aviões executivos segue nessa mesma direção.

(O Globo, Editorial, 3/3/2009)

a) Se algo pode ser feito para minimizar esses problemas da Embraer é viabilizar, com condições adequadas, um aumento de encomendas de aviões pelas companhias aéreas nacionais que hoje acham mais vantajoso compor suas frotas com aeronaves de maior porte importadas.
b) Contanto que, em face das características da aviação comercial brasileira, cujo movimento se concentra entre as maiores capitais do país, a Embraer teve de se voltar essencialmente para a exportação, da qual obtém cerca de 90% de suas receitas.
c) Entretanto, não é possível deixar de tratar a Embraer como uma empresa que precisa investir permanentemente grandes somas de capital para se manter afinada com o avanço tecnológico, o que só é possível se a companhia continuar lucrativa.

d) Como a legislação trabalhista brasileira é anacrônica, presta-se a interpretações confusas, e não por acaso que isso seja apontado como um dos inibidores da criação de empregos formais no Brasil.
e) O impacto social dessa iniciativa para toda essa região mencionada é de fato preocupante, embora, como se trata de mão de obra qualificada, a possibilidade de recontratação ou recolocação em outras indústrias é considerável.

05 Assinale a opção que continua de forma **COESA** e **COERENTE** o trecho a seguir.

A recessão poderá terminar neste ano ainda, se for restaurada alguma estabilidade no sistema financeiro. Nesse caso, 2010 será um ano de recuperação. A previsão, a mais otimista desde o início do ano, foi apresentada no Senado pelo presidente do Banco Central dos Estados Unidos (Federal Reserve, Fed), o economista Ben Bernanke. Quando a maior parte dos analistas se mostra insegura quanto à duração da crise, a indicação de um prazo relativamente curto para o início da retomada é animadora. Mas o otimismo é sujeito a uma condição importante e nada fácil de se cumprir.

(O Estado de S. Paulo, 26/2/2009)

a) Há dúvidas se o governo deverá estatizar algumas instituições temporariamente - ideia rejeitada por Bernanke, que admite, apenas, a participação minoritária do governo no capital dos bancos - e o trabalho de reabilitação está apenas no começo.
b) Foi esse, aparentemente, o objetivo central do presidente em seu primeiro discurso ao Congresso a respeito do Estado da União. Ele voltou a descrever os problemas da economia americana, mas apontou também as possibilidades de reativação e as inovações políticas contidas no pacote.
c) Essa restrição apontada por Bernanke não é uma novidade. Foi apontada por vários economistas e governantes, incluído o primeiro-ministro da Rússia, Vladimir Putin, empenhado em justificar a ajuda aos bancos em seu país.
d) Mas é uma lembrança oportuna, quando o governo americano se dispõe a pôr em prática o pacote de estímulo fiscal de US$ 787 bilhões aprovado neste mês pelo Congresso. Depois de haver trabalhado muito pela aprovação dessa proposta, o presidente Barack Obama ainda tem de se esforçar para transmitir algum entusiasmo aos políticos, empresários e consumidores.
e) A economia só voltará a funcionar razoavelmente quando a arrumação do sistema financeiro der algum resultado. Isso dependerá não só de uma regulamentação mais severa do mercado, mas também, e preliminarmente, da recapitalização dos grandes bancos.

06 Em relação ao texto, assinale a opção **CORRETA**.

A OAB nacional está pedindo ao Supremo Tribunal Federal uma súmula vinculante que discipline o uso do segredo de Justiça, prerrogativa que tem sido utilizada por juízes nem sempre em defesa do interesse público, mas, em alguns casos, na proteção a suspeitos de falcatruas. A legislação brasileira diz que o instrumento só pode ser decretado em dois casos excepcionais previstos: um, quando há risco de exposição pública de questões privadas do investigado ou réu, como relacionamentos amorosos e doenças; e, outro, quando o processo contém documentos sigilosos, como extratos bancários ou escutas telefônicas. Mas, na prática, tem sido diferente: por motivos nem sempre claros, especialmente em processos que envolvem autoridades, alguns juízes privam a sociedade de saber a verdade. Os atos públicos, em especial os que envolvem procedimentos judiciais, têm como regra básica a transparência, a publicidade sem restrições e o acesso dos cidadãos. O contrário – ou seja, o sigilo – é sempre a exceção.

(Zero Hora, 27/2/2009)

a) O emprego do subjuntivo em "discipline" justifica-se por se tratar de uma informação categórica, de uma afirmação indiscutível.
b) A palavra "falcatruas" está sendo empregada com o sentido de ações honestas e confere ao texto um traço de formalidade.
c) A forma verbal "têm" está no plural porque concorda com "Os atos públicos".
d) O sinal de dois-pontos após "previstos" justifica-se por marcar a introdução de um diálogo.
e) A expressão "o instrumento" retoma o antecedente "defesa do interesse público".

07 Assinale a opção que está **INCORRETA** em relação às estruturas linguísticas do texto a seguir.

O presidente Barack Obama pode ver frustradas todas as suas políticas, mas já se sabe que pelo menos ele tentou seriamente pô-las em prática. O orçamento apresentado pela nova administração chamou a atenção por vários fatores pouco comuns no cotidiano do jogo de poder americano. O mais importante deles é algo simples: o presidente está empenhado em cumprir suas promessas de campanha. As consequências desse fato são igualmente relevantes. Obama quer acabar com a era do perdão de impostos para os mais ricos, que produziu nos últimos anos de explosão do crescimento econômico e de hipertrofia do sistema financeiro uma migração da renda da nação para os milionários. O sistema de saúde americano é parte desse problema, e impostos maiores para os ricos levarão dinheiro para a tentativa de se estabelecer uma cobertura mais ampla e mais equitativa. Se não fosse pouco tentar metas tão ambiciosas, Obama acrescentou ao orçamento a intenção de cobrar imposto sobre as empresas que mais poluem, a criação de um esquema para o comércio de carbono e o investimento de bilhões de dólares em energias alternativas.

(Valor Econômico, 3/3/2009)

a) Em "pô-las", o pronome "-las" retoma o antecedente "todas as suas políticas".
b) A expressão "desse problema" se refere à seguinte informação antecedente: "explosão do crescimento econômico".
c) Em "As consequências desse fato", a expressão "desse fato" retoma o antecedente "o presidente está empenhado em cumprir suas promessas de campanha".
d) Em "O mais importante deles", "deles" se refere ao antecedente "fatores".
e) A expressão "metas tão ambiciosas"retoma e comenta informações apresentadas nos períodos anteriores.

08 Assinale a proposição **CORRETA**, quanto aos elementos linguísticos e semânticos do texto.

Feliz aniversário, Darwin!

Charles Darwin completaria hoje 200 anos, não fosse pela seleção natural. Ela, afinal, é a maior responsável pelo barroco processo de desenvolvimento que leva os organismos complexos inexoravelmente à morte– conceito que não se aplica muito a bactérias e arqueobactérias, seres que se reproduzem gerando clones de si próprios, partilham identidades com a transferência horizontal de genes e podem ficar milênios em vida suspensa (no gelo, por exemplo). A contribuição de Darwin para a ciência e para a história, porém, continua viva, e muito viva, exatamente com a ideia de seleção natural. Só por isso ele já merece os parabéns. Feliz aniversário, Darwin.

(Marcelo Leite, em: http://cienciaemdia.folha.blog.uol.com.br/arch2009-02-08)

a) A forma verbal "completaria" se refere a uma ação que vai ocorrer no futuro, a menos que acontecimentos no tempo presente o impeçam.
b) É o mesmo o sujeito gramatical dos verbos: reproduzem, gerando e partilham.
c) A palavra "conceito"se refere à expressão: organismos complexos.

d) "Inexoravelmente" é advérbio derivado de inexorável, adjetivo que significa: inadvertido.
e) O conetivo adversativo "porém" se opõe, no contexto, à ideia de que a contribuição de Darwin para a história e para a ciência foi pequena.

Atenção: O texto a seguir é base para as questões **09** e **10**.

Sem uma pesquisa sistemática sobre o assunto, parece, à primeira vista, que os jornais cariocas são mais prolíficos em notícias de crime do que os paulistas. É alarmante a escalada da anomia em seu território. Em menos de uma semana, invadiram-se duas instalações militares para roubar armas, com êxito absoluto. Os tiroteios são cotidianos nas vias de acesso ao centro urbano e mesmo nesse centro, onde quadrilhas organizam "bondes" para tomar de assalto pedestres e motoristas. Nem mesmo membros das famigeradas "milícias" estão inteiramente a salvo: na semana passada, roubou-se a moto de um miliciano encarregado de vigiar uma rua num subúrbio. Ou seja, as quadrilhas vitimizam-se mutuamente, do mesmo modo como costuma acontecer com as batalhas pelo controle de pontos de droga.

(Muniz Sodré, Ruas de presas e de caçadores, 17/3/2009, (com cortes), em:http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=529JDB002)

09 Assinale a proposição **FALSA** a respeito do vocabulário do texto.
a) O termo "bondes", no contexto, está sendo empregado no sentido de "veículo de transporte coletivo urbano e suburbano, que se move sobre trilhos".
b) O termo "anomia", no contexto, significa: ausência de leis, situação em que não se reconhecem regras de conduta.
c) O adjetivo "prolíficos" quer dizer: que produzem ou geram muito.
d) A expressão "tomar de assalto" tem mais força semântica que "assaltar".
e) O adjetivo "famigeradas" se aplica também a pessoas "famosas, célebres, muito conhecidas", como em: famigeradas atrizes das telenovelas brasileiras.

10 Assinale a afirmação **FALSA** a respeito dos elementos linguísticos do texto.
a) A expressão "Nem mesmo" pode ser substituída por "Até mesmo", sem prejuízo do significado do texto.
b) Entende-se um predicado oculto em: Os tiroteios são cotidianos nas vias de acesso ao centro urbano e [são cotidianos] mesmo nesse centro...
c) "Invadiram-se duas instalações militares" pode ser substituída por: "duas instalações militares foram invadidas", sem prejuízo da correção gramatical.
d) O autor evita afirmar com plena certeza que os jornais cariocas são mais prolíficos em notícias de crime do que os paulistas.
e) O advérbio "mutuamente" significa: reciprocamente.

11 Em relação ao texto abaixo, assinale a opção **INCORRETA**.

Os mercados financeiros entraram em março assombrados pelo maior prejuízo trimestral da história corporativa dos **Estados Unidos** – a perda de US$ 61,7 bilhões contabilizada pela seguradora American International Group (AIG) no quarto trimestre de 2008.

No ano, o prejuízo chegou a US$ 99,3 bilhões. O Tesouro americano anunciou a disposição de injetar mais US$ 30 bilhões na seguradora, **já socorrida** em setembro com dinheiro do contribuinte. Na **Europa**, a notícia ruim para as bolsas foi a redução de 70% do lucro anual do Banco HSBC, de US$ 19,1 bilhões para US$ 5,7 bilhões.

Enquanto suas ações caíam 15%, o banco informava o fechamento das operações de financiamento ao consumidor nos Estados Unidos, com dispensa de 6.100 funcionários. Com demissões de milhares e perdas de bilhões dominando o noticiário de negócios no dia a dia, os sinais de reativação da economia mundial continuam fora do radar. E isso não é o pior. No fim do ano passado, havia a esperança de se iniciar 2009 com a crise financeira contida. Se isso tivesse acontecido, os governos poderiam **concentrar-se** no combate à retração econômica e **ao desemprego**. Aquela esperança foi logo desfeita.

(O Estado de S. Paulo, 3/3/2009)

a) O travessão após "Estados Unidos" pode ser substituído por sinal de dois-pontos sem prejuízo para a correção gramatical do período.
b) Em "concentrar-se", o "-se" indica sujeito indeterminado.
c) O emprego de vírgula após "Europa" justifica-se porque isola adjunto adverbial de lugar no início do período.
d) Preservam-se a correção gramatical do período e a informação original se a expressão "já socorrida" for substituída por **que já tinha sido socorrida.**
e) A presença de preposição em "ao desemprego" justifica-se pela regência de "combate".

12 Assinale o trecho adaptado do Jornal do Commercio (PE), 1/3/2009, que **APRESENTA ERRO** gramatical.

a) Jogou-se fora um patrimônio construído a duras penas por um país de pouco capital. Tudo isso se usando o argumento da modernidade. Que modernidade? Se trens, metrôs e até bondes urbanos são vistos e bem usados nas metrópoles civilizadas do mundo? Tardiamente, enfim, decidiram-se dar vez aos trens urbanos, ao metrô, quando o trânsito em nossas grandes cidades já caminhavam para o engarrafamento final.
b) A perda de um horizonte de interesses nacionais levou administrações submissas às mais estranhas pressões ao sucateamento de ferrovias construídas, desde o tempo do Barão de Mauá, ao esfacelamento da tecnologia que havíamos adquirido na construção e reparos de locomotivas, vagões e das próprias estradas de ferro.
c) Um dos piores resultados do descaso de sucessivos governos do pós-guerra com a rede de transportes do País é a deterioração da malha ferroviária brasileira, realidade que vai no sentido inverso do que ocorre nos países desenvolvidos, principalmente naqueles de dimensões continentais, como os Estados Unidos e o Canadá.
d) O que está por trás de uma ação impatriótica típica de padrões nacionais é o lobby da indústria automobilística, que queria um compromisso quase exclusivo do governo com a construção de rodovias para a circulação de suas "carroças" (como designou Collor). Um equívoco que só prosperou em nosso País.
e) Nos EUA, pátria da indústria automobilística, nunca se sacrificou o transporte ferroviário. Ferrovias cortam o país da costa Leste à costa Oeste, do Norte ao Sul. Como acontece na Rússia, onde se viaja de trem e se carregam cargas de Moscou ao Extremo Oriente.

13 Assinale a opção que preenche **CORRETAMENTE** as lacunas do texto.

A chegada da crise financeira mundial __1__ pequenos municípios exibe mais uma face perversa do abalo global que já fez tremer os gigantes do crédito internacional. A população mais pobre dessas comunidades começa a pagar preço alto ao __2__ situar no lado mais fraco das contas públicas brasileiras. A desaceleração da atividade econômica já seria suficiente __3__ provocar uma expressiva perda de arrecadação em todos os níveis da administração pública. Mas __4__ um complicador a mais para os municípios pequenos. Forçado __5__

conceder desonerações tributárias para ajudar a manutenção de empregos, o governo federal abriu mão de parte do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), um dos principais formadores do Fundo de Participação dos Municípios (FPM). Por causa da excessiva proliferação de cidades, muitas vezes, emancipadas apenas para atender a interesses de grupos políticos locais, é imensa a quantidade de orçamentos dessas comunidades em todo o país que dependem quase __6__ exclusivamente desse fundo.

(Estado de Minas, 3/3/2009)

	1	2	3	4	5	6
a)	nos	o	ao	a	em	que
b)	aos	se	para	há	a	que
c)	a	a	de	é	de	em
d)	por	lhe	por	existe	por	de
e)	em	o	ao	é	por	de

14 Assinale a opção que preenche **CORRETAMENTE** as lacunas do texto.

Não levou muito tempo __1__ tese do desacoplamento das economias emergentes em relação _2__ países desenvolvidos ser destroçada, tamanha a rapidez __3__ os efeitos recessivos da paralisia do sistema globalizado de crédito, a partir da falência do Lehman Brothers, __4__ propagaram. Ali ficou claro que Brasil, China, Índia e outras economias em estágio equivalente de desenvolvimento não teriam condições de compensar o desaquecimento __5__ Estados Unidos, União Europeia e Japão.

	1	2	3	4	5
a)	para que a	nos	de que	lhe	dos
b)	da	a	para	a	pelos
c)	na	em	que	o	com os
d)	para a	aos	com que	se	nos
e)	pela	com os	a qual	os	em

15 Indique a opção que completa, com correção gramatical, os espaços do trecho abaixo.

Uma nova forma de gerenciamento chega ao mercado: a quarteirização. Ela pode ser entendida como a contratação de um executivo que administra os contratos e atividades de terceiros. Para as organizações que são abertas __1__ realidade e __2__ mudanças, que __3__ muito __4__ delegando para terceiros aquelas atividades intermediárias de sua empresa, a quarteirização é uma ótima opção.

(Adaptado de http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp040149pdf)

	1	2	3	4
a)	a	as	a	vem
b)	à	a	há	vem
c)	à	as	à	veem
d)	à	às	há	vêm
e)	a	a	a	vêm

16 Assinale a opção que corresponde a **ERRO** gramatical ou de grafia.

A economia brasileira entrou na crise internacional em melhores condições **do que**(1) no passado, mas a exportação caiu, a atividade recuou **desde o**(2) fim de 2008 e o desemprego **tem**(3) crescido. As primeiras tentativas de reativar a economia por meio de facilidades fiscais deram resultado modesto, **mas já**(4) afetaram a arrecadação tributária. Além disso, o manejo da política orçamentária foi limitado pelo aumento de gastos com pessoal. É preciso continuar usando os estímulos fiscais, mas com melhor planejamento e com mais esforço de **contensão**(5) das despesas improdutivas.

(O Estado de S. Paulo, 3/3/2009)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

17 Assinale o segmento do texto inteiramente **CORRETO** quanto às normas da língua escrita formal.

a) O termo "quarteirização" designa um método de resolução de problemas de que a modernidade trouxe e muitas empresas ainda não se deram conta.

b) Essa estratégia possibilita aos empresários de se dedicarem apenas ao seu negócio, sua atividade-fim, deixando os diversos trâmites administrativos nas mãos de uma empresa especializada.

c) Um exemplo para se entender a quarteirização e como ela funciona está na Rodoviária Tietê, na cidade de São Paulo, pertencente à prefeitura. Como essa não dispõe do conhecimento necessário para administrar a rodoviária, contrata uma empresa que subcontratará outras para o serviço de segurança, alimentação, limpeza etc.

d) A quarteirização é o próximo estágio da terceirização, uma estratégia de otimização dos mercados produtores que buscam um quarto elemento da cadeia produtiva os parceiros prestadores de serviços nas áreas que não são primordiais à sua atividade.

e) A quarteirização advem da utilização das empresas já terceirizados, dos serviços profissionais e qualificados de uma quarta empresa, que desenvolverá serviços à empresa prestadora, ajudando-lhe e garantindo melhor desempenho na prestação de serviços do cliente final.

(Adaptado de http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp040149pdf)

18 Assinale a opção gramaticalmente **CORRETA** quanto à concordância e regência.

a) A corrida em busca da fluência em outra língua pode ser medida pela quantidade de brasileiros que viajam para o exterior com o fim específico de estudá-la.

b) A exigência nos bons empregos, agora, é que se tenham fluência ao conversar numa língua estrangeira.

c) Antigamente, nas empresas, eram poucos os funcionários que dominavam um idioma estrangeiro, e com eles recorriam os colegas quando precisavam traduzir uma palavra ou um texto.

d) A primeira pergunta que surge a quem se impõe ao desafio de falar outro idioma fluentemente é: será preciso passar um tempo no exterior?

e) Não necessariamente. Um bom começo é identificar as estratégias que funciona melhor para cada tipo de pessoa.

(Renata Moraes, "A corrida pelo domínio da língua". Veja, 4/3/2009, p.97/98)

19 Os trechos a seguir constituem um texto adaptado de Zero Hora, 28/2/2009, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses conforme a posição no texto final e indique a opção correspondente.

( ) A emergência e a multiplicidade desses planos e desses pacotes de estímulo estão preocupando até mesmo o diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI), Dominique Strauss-Kahn, para quem essas manifestações desconexas e parciais não representam soluções e, ao contrário, podem tornar-se parte da crise.

( ) A questão do protecionismo, tema central nos debates sobre o comércio internacional nas últimas décadas, ganha agora uma renovada atualidade em decorrência das medidas que, nos países ricos e nas nações em desenvolvimento, os governos têm adotado para enfrentar os efeitos da crise global.

( ) Exemplos dessas medidas pontuais e restritas são, entre outras, a proposta subordinada ao slogan buy American, pela qual os consumidores dos Estados Unidos são convocados a comprar produtos locais, e as que o governo de Buenos Aires está adotando para proteger a in-

dústria argentina contra a presença de produtos estrangeiros, mesmo do Mercosul. Alguns dos itens brasileiros só entram na Argentina pagando taxas que vão a 413%.

( ) A ausência de medidas planetárias para enfrentar esse problema que tem tal dimensão estimula soluções parciais e limitadas, que se multiplicam de país para país, que levam à adoção de pacotes de estímulos distintos e que acabam por dar força a tentativas quase acionalistas de defesa de interesses.

( ) Para ele, esse é o risco de uma política de "empobrecer o vizinho", que é a que transparece das decisões de países importantes, a começar pelos da União Europeia, dos Estados Unidos e do Japão. A globalização que ocorreu nas últimas três décadas, mesmo que agora surja como um fenômeno em retração por causa da crise, é ainda um elemento fundamental para o entendimento do interrelacionamento econômico e financeiro internacional e para avaliar os efeitos devastadores e abrangentes da atual crise.

a) 2, 3, 5, 1, 4
b) 4, 1, 3, 2, 5
c) 1, 5, 4, 3, 2
d) 3, 4, 2, 5, 1
e) 5, 2, 1, 4, 3

20 As frases abaixo empregam corretamente os sinais de pontuação, **EXCETO** uma. Indique-a.

a) Desertos irão aumentar; oásis, morrer; e fluxo de rios, diminuir, algumas vezes com resultados catastróficos.
b) Desertos irão aumentar. Oásis irão morrer e o fluxo de rios vai diminuir – algumas vezes com resultados catastróficos.
c) Desertos irão aumentar. Oásis, morrer. Fluxo de rios, diminuir. Algumas vezes, os resultados serão catastróficos.
d) Desertos irão aumentar, oásis vão morrer e o fluxo de rios vai diminuir, algumas vezes com resultados catastróficos.
e) Desertos, irão aumentar; oásis, morrer, e fluxo de rios; diminuir – algumas vezes com resultados catastróficos.

(Adaptado de O Aquecimento Global, de Fred Pearce (Publifolha, 2002),em trecho que trata dos efeitos que a seca pode provocar no interior dos continentes, no próximo século)

GABARITO

01-E	02-D	03-D	04-C	05-E	06-C	07-B
08-B	09-A	10-A	11-B	12-A	13-B	14-D
15-D	16-E	17-C	18-A	19-B	20-E	

PROVA II
ESAF-RECEITA FEDERAL-2009

01 Em relação às informações do texto, assinale a opção **CORRETA.**

A produção brasileira de petróleo e gás certamente dará um salto quando estiverem em operação os campos já descobertos na chamada camada do pré-sal. Embora essa expansão só possa ser efetivamente assegurada quando forem delimitadas as reservas, e os testes de longa duração confirmarem a produtividade provável dos campos, simulações indicam que o Brasil terá um saldo positivo na balança comercial do petróleo (exportações menos importações), da ordem de 1 milhão de barris diários.Com isso, o petróleo deverá liderar a lista dos produtos que o Brasil estará exportando mais ao fim da próxima década. O petróleo é negociado para pagamento a vista menos de 90 dias). Então, é um volume de recursos que pode ter, de fato, forte impacto nas finanças externas do país. Como é uma riqueza finita, a prudência e a experiência econômica recomendam que o Brasil tente poupar ao máximo essa renda adicional proveniente das exportações de petróleo. O mecanismo mais usual é conhecido

como fundo soberano, por meio do qual as divisas são mantidas em aplicações seguras que proporcionem, preferencialmente, bom retorno e ainda contribuam positivamente para o desenvolvimento da economia brasileira. Os resultados dessas aplicações devem ser direcionados para investimentos internos que possibilitem avanços sociais importantes (educação, infraestrutura, meio ambiente, ciência e tecnologia).

(O Globo, Editorial, 13/10/2009)

a) É indiscutível que, quando estiverem em operação os campos da camada do pré-sal, o Brasil terá um saldo na balança comercial do petróleo da ordem de 1 milhão de barris diários.
b) A renda adicional proveniente da exportação do petróleo da camada do pré-sal deverá ser aplicada diretamente em investimentos com repercussão na área social.
c) Somente quando estiverem em operação os campos da camada do pré-sal, o petróleo será negociado para pagamento a vista.
d) Estima-se que, no final da próxima década, com os campos do pré-sal já em operação, o Brasil lidere a lista dos países importadores de petróleo, com forte impacto na balança comercial.
e) É recomendável que os recursos arrecadados com a exploração do petróleo da camada do pré-sal sejam mantidos num fundo seguro, que proporcione retorno garantido e contribua favoravelmente para o desenvolvimento da economia brasileira.

02 Assinale a opção **CORRETA** a respeito do texto.

Aferrado à valorização do aqui e agora, o sábio indiano Svâmi garante que "só o presente é real", o que equivale a considerar o passado e o futuro como puras ilusões. Viver no presente implica aceitar o primado da ação (o ato) sobre a esperança, o que equivale a trocar a passividade do estado de espera pela manifestação ativa da vontade de fazer. Em outras palavras, importa a flecha mais do que o alvo, o ato mais do que a expectativa. Como bem acentua Comte-Sponville, a ausência pura e simples de esperança não corresponde à mágoa, traduzida na acepção comum da palavra desespero. O desespero/desesperança é, antes, o grau zero da expectativa, portanto um regime de acolhimento do real sem temor, sem desengano, sem tristeza. Esse regime, ou essa regência, pode ser chamado de beatitude ou de alegria: uma aceitação e uma experiência da plenitude do presente.

(Muniz Sodré. As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006, p.206)

a) O autor do texto defende a ideia de que o ser humano, ao criar expectativas em relação ao futuro, não deve desesperar-se, mas, sim, manter-se passivo no estado de espera.
b) Uma das ideias desenvolvidas no texto é a de que o real só é, de fato, apreendido quando o indivíduo compreende o passado e o futuro como ilusões.
c) Uma das ideias secundárias desenvolvidas no texto é a de que os fins justificam os meios, como se depreende do trecho "importa a flecha mais do que o alvo".
d) A ideia central desenvolvida no texto baseia-se no pressuposto de que se vive, atualmente, uma era em que predomina o desespero.
e) Para sustentar a ideia apresentada no primeiro parágrafo, o autor do texto argumenta que é o medo do futuro que motiva os indivíduos a viverem intensamenteo aqui e agora.

03 Assinale a opção que apresenta **CORRETAMENTE** ideia contida no trecho abaixo.

O período a que, hoje, assistimos se caracteriza pela perda de legitimidade dos governos e dos modelos neoliberais, mas, ao mesmo tempo, por dificuldades de construção de projetos alternativos. Uma das barreiras para a construção de tais projetos é o próprio

fato de esses governos estarem engajados em uma estratégia de disputa hegemônica contínua, convivendo com o poder privado da grande burguesia – das grandes empresas privadas, nacionais e estrangeiras, dos bancos, dos grandes exportadores do agronegócio, da mídia privada. Se essa elite econômica não dispõe de grande apoio interno, conta com grandes aliados no plano internacional, especialmente entre os países globalizadores.

(Emir Sader. A nova toupeira: os caminhos da esquerda latino-americana.São Paulo: Boitempo, 2009)

a) O poder hegemônico dos países globalizadores dificulta o avanço de projetos que visem à superação dos modelos neoliberais.
b) A elite econômica de um país globalizado prescinde de apoio interno para manter seu poder hegemônico sobre os governos carentes de legitimidade.
c) Quanto maior o engajamento de um país em disputas por hegemonia, maior a crise de legitimidade das políticas neoliberais por ele desenvolvidas.
d) A maior dificuldade dos governos de países globalizados é enfrentar a aliança da mídia privada com os países globalizadores.
e) Na elite econômica de um país, é a mídia privada que mais poder exerce sobre o governo de um país.

04 Assinale a opção que reproduz **CORRETAMENTE** ideia contida no trecho abaixo.

A realidade dos juros não se restringe ao mundo das finanças, como supõe o senso comum, mas permeia as mais diversas e surpreendentes esferas da vida prática, social e espiritual. A face mais visível dos juros monetários – os juros fixados pelos bancos centrais e os praticados nos mercados de crédito – representa apenas um aspecto, ou seja, não mais que uma diminuta e peculiar constelação no vasto universo das trocas intertemporais em que valores presentes e futuros medem forças. Pode-se, por exemplo, examinar a moderna teoria biológica do envelhecimento como uma troca intertemporal cuja síntese é "viver agora, pagar depois". A senescência dos organismos é a conta de juros decorrente do redobrado vigor e aptidão juvenis.

(Texto adaptado de Eduardo Giannetti. O valor do amanhã: ensaio sobre a natureza dos juros. São Paulo: Companhia das Letras, 2005)

a) Ao se fazer analogia entre os juros pagos em transações financeiras e os pagos em relações sociais, verifica-se que, apesar de, nestas, eles estarem embutidos, não há interesse da sociedade em desvelar esse fato.
b) A moderna teoria biológica prioriza as análises que abordam as mudanças no corpo do ser humano como trocas intertemporais às quais é inerente o pagamento de juros.
c) Prevalecendo a característica dos juros de que eles sempre envolvem uma troca intertemporal, a aplicação do conceito de juros pode ser estendida a outras situações da vida dos indivíduos.
d) O conceito de juros tem sido aplicado restritamente às situações do mercado financeiro porque, via de regra, prevalecem, nas sociedades, as noções estabelecidas pelo senso comum.
e) Os juros mais altos pagos pelos cidadãos são aqueles que, sorrateiramente, resultam da própria natureza finita dos seres humanos, determinada pelo irreversível envelhecimento do corpo.

05 Nas opções, são apresentadas propostas de continuidade do parágrafo abaixo. Assinale aquela em que foram atendidos plenamente os princípios de **COESÃO** e **COERÊNCIA** textuais.

Duas ameaças simétricas rondam a determinação dos termos de troca entre presente e futuro. A

miopia temporal envolve a atribuição de um valor demasiado ao que está próximo de nós no tempo, em detrimento do que se encontra mais afastado. A hipermetropia é a atribuição de um valor excessivo ao amanhã, em prejuízo das demandas e interesses correntes.

(Eduardo Giannetti. O valor do amanhã: ensaio sobre a natureza dos juros. São Paulo: Companhia das Letras, 2005)

a) Contudo, a miopia temporal nos leva a subestimar o futuro, e a hipermetropia a supervalorizar o futuro, o que desfaz, em parte, a referida simetria.
b) Diante dessas ameaças, cabe perguntar se existe um ponto certo – um equilíbrio estável e exato – entre os extremos da fuga do futuro (miopia) e da fuga para o futuro (hipermetropia).
c) Apesar dessa simetria, não existe uma posição credora – pagar agora, viver depois –, mesmo porque sempre abrimos mão de algo no presente sem a expectativa de recebermos algo no futuro.
d) Por serem ameaças cujo resultado é idêntico, tanto a miopia temporal quanto a hipermetropia tornam irrelevante o fenômeno dos juros nas situações de troca entre presente e futuro.
e) Essa simetria conduz, portanto, à conclusão de que vale mais a pena subordinar o presente ao futuro, e não, o contrário, o que nos fará atribuir valor excessivo ao futuro, sem risco de incorrermos em hipermetropia temporal.

06 Assinale a opção que constitui continuação coesa, coerente e gramaticalmente **CORRETA** para o texto de Luiz Gonzaga Beluzzo, adaptado do Valor Econômico de 14 de outubro de 2009.

A marca registrada das crises capitaneadas pela finança é o colapso dos critérios de avaliação da riqueza que vinham prevalecendo. As expectativas dos possuidores de riqueza capitulam diante da incerteza e não é mais possível precificar os ativos. Os métodos habituais que permitem avaliar a relação risco/rendimento dos ativos sucumbem diante do medo do futuro. A obscuridade total paralisa as decisões e nega os novos fluxos de gasto.

a) Essa decisão pela corrida privada para as formas imaginárias, mas socialmente incontornáveis do valor e da riqueza vai afetar negativamente a valorização e a reprodução da verdadeira riqueza social, ou seja, a demanda de ativos reprodutivos e de trabalhadores.
b) Em contraposição a esse fenômeno, depois do colapso financeiro deflagrado pela quebra do Lehman Brothers, os preços dos ativos privados foram atropelados pelos mercados em pânico, na busca impossível da desalavancagem coletiva. Vendedores em fúria e compradores em fuga fizeram evaporar a liquidez dos mercados e prometiam uma deflação de ativos digna da Grande Depressão dos anos trinta.
c) Em tais circunstâncias, a tentativa de redução do endividamento e dos gastos de empresas e famílias em busca da liquidez e do reequilíbrio patrimonial é uma decisão "racional" do ponto de vista microeconômico, mas danosa para o conjunto da economia, pois leva necessariamente à deterioração dos balanços. É o paradoxo da "desalavancagem".
d) Essas intervenções dos bancos centrais e dos Tesouros, sobretudo nos Estados Unidos, conseguiram, aos trancos, barrancos e trombadas legais, estancar na rápida deterioração das expectativas. Contrariando os augúrios mais pessimistas, a ação das autoridades foi capaz de afetar positivamente as taxas do interbancário e restabelecer as condições mínimas de funcionamentos dos mercados monetários.
e) Contanto que a reação das autoridades dos países desenvolvidos foi menos eficaz para restabelecer a oferta de crédito no volume desejado e impotente para reanimar o dispêndio das famílias e dos negócios. Empresas e consumidores trataram de cortar os gastos (e, portanto

a demanda de crédito) para ajustar o endividamento contraído no passado à renda que imaginam obter num ambiente de desaceleração da economia e de queda do emprego.

07 Os trechos abaixo constituem um texto adaptado de Muniz Sodré (As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política), mas estão desordenados. Ordene-os, indique a ordem dentro dos parênteses e assinale a opção que corresponde à ordem **CORRETA.**

( ) Ao redor do que se tem chamado de "imprensa de opinião" ou de "publicismo", organizaram-se os espaços públicos das democracias inaugurais na modernidade ocidental.

( ) O espaço público realiza, modernamente, a mediação dos interesses particulares da sociedade civil, visando principalmente a preservar as garantias dos direitos individuais frente ao poder do Estado. É aí fundamental o papel da imprensa.

( ) É preciso deixar claro, contudo, que, a despeito de sua grande importância, a imprensa não define o espaço público. Ele não é um puro espaço de comunicação e, sim, uma potência de conversão do individual em comum, o que não deixa de comportar zonas de sombras ou de opacidades não necessariamente comunicativas.

( ) Assim, a ampliação técnica da tradicional esfera pública pelo advento da mídia ou de todas as tecnologias da informação não implica necessariamente o alargamento da ação política.

( ) Por outro lado, vem definhando a representação popular, que era o motor político do espaço público e base da sociedade democrática, fenômeno que remonta ao século XIX, quando a experiência da soberania popular se converteu em puro diálogo, senão em mera encenação espetacular.

a) 2, 4, 1, 3, 5
b) 2, 1, 3, 5, 4
c) 1, 2, 4, 5, 3
d) 2, 1, 5, 4, 3
e) 3, 5, 1, 2, 4

08 Os trechos a seguir constituem um texto adaptado de O Globo, Editorial, 14/10/2009, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e indique a sequência **CORRETA.**

( ) Esse quadro se alterou significativamente: em volume, a produção nacional de petróleo vem se mantendo próxima aos patamares de consumo doméstico. A redução dessa dependência no campo da energia foi acompanhada por um salto expressivo nas exportações brasileiras (que cresceram uma vez e meia na última década), com razoável equilíbrio entre produtos básicos e manufaturados na pauta de vendas.

( ) Apesar de a economia brasileira ter ainda um grau de abertura relativamente pequeno para o exterior — se comparado à média internacional —, o câmbio sempre foi apontado com um dos fatores mais vulneráveis do país. No passado, o Brasil era muito dependente de petróleo importado e de insumos essenciais para a indústria.

( ) Além desse equilíbrio, os programas de ajuste macroeconômico têm garantido uma estabilidade monetária que ampliou o horizonte de investimentos e as possibilidades de um desenvolvimento sustentável de longo prazo.

( ) Tal promoção foi reforçada pela capacidade de reação da economia brasileira à recente crise financeira, a mais grave que o mundo atravessou desde o fim da Segunda Guerra Mundial.

( ) Assim, as principais agências classificadoras de risco promoveram a economia brasileira para a categoria daquelas que não oferecem risco cambial aos investidores estrangeiros.

a) 3, 2, 1, 4, 5
b) 5, 3, 4, 1, 2
c) 4, 5, 2, 3, 1
d) 2, 1, 3, 5, 4
e) 4, 1, 2, 3, 5

09 Assinale a opção que preenche **CORRETAMENTE** as lacunas do texto adaptado do Jornal do Brasil, Editorial, 7/10/2009.

Vários, e de distintos naipes, foram os questionamentos __1__ construção do IDH como tal. Por que não mortalidade infantil de crianças abaixo de 5 anos de idade em vez de expectativa de vida? Por que não incluir outros indicadores, tais como nível de pobreza, déficit habitacional, acesso __2__ água potável e saneamento básico? Por que não acrescentar outras dimensões relacionadas __3__ meio ambiente (que afeta o padrão de vida desta e das próximas gerações), aos direitos civis e políticos, __4__ segurança pessoal e no trabalho, __5__ facilidade de locomoção? Qual a confiabilidade dos dados fornecidos por quase duas centenas de países? Há uma escassez de informação em relação __6__ maioria das dimensões sugeridas para uma comparação internacional, sem contar __7__ confiabilidade dos dados.

	1	2	3	4	5	6	7
a)	na	da	no	na	de	a	uma
b)	da	à	com o	com a	da	com a	da
c)	a	a	pelo	da	na	da	à
d)	à	a	ao	à	à	à	a
e)	pela	de	a	em	com a	pela	com a

10 Em relação ao texto, assinale a opção **CORRETA.**

Sintoma do arrefecimento da ideologia nos mais variados âmbitos da vida social, há uma distinção, presente no meio acadêmico, segundo a qual, enquanto nas décadas passadas as grandes celeumas intelectuais tinham como pano de fundo embates ideológicos, hoje as disputas girariam basicamente em torno de divergências metodológicas. A discussão em torno do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) – cujo ranking divulgado este ano mostra um ligeiro avanço da pontuação do Brasil, embora o país continue na 75ª colocação – não poderia fugir à regra. Criado pelos economistas Mahbubul Haq e Amartya Sem e calculado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), o Índice de desenvolvimento Humano, ao longo dos anos, vem recebendo uma série de críticas da comunidade científica internacional. Críticas metodológicas, por pressuposto. Baseado em três dimensões fundamentais do desenvolvimento humano, o IDH combina indicadores socioeconômicos, relacionados à renda (medida pelo Produto Interno Bruto per capita), à saúde (entendida como a capacidade de se levar uma vida longa e saudável, expressa pela expectativa de vida ao nascer) e à educação (medida pela alfabetização da população acima de 15 anos associada às taxas de matrícula do ensino fundamental ao superior).

(Jornal do Brasil, Editorial, 7/10/2009)

a) A expressão "arrefecimento" está sendo empregada com o sentido de aquecimento, fortalecimento.
b) A palavra "celeumas" está sendo empregada com o sentido de consenso.
c) Pelos sentidos do texto, percebe-se que há unanimidade na comunidade científica internacional quanto à correção da metodologia adotada para determinar o Índice de Desenvolvimento Humano.
d) No meio acadêmico, os atuais embates ideológicos passam ao largo das divergências metodológicas.
e) O cálculo do IDH leva em consideração índices relativos à renda, à saúde e à educação no país.

11 Assinale a justificativa **CORRETA** para o emprego de vírgula.

A economia real nos Estados Unidos e na Europa segue em compasso de espera. Isso significa que o produto e o emprego seguem em declínio, (1) mas a uma velocidade menor. Seja como for, as injeções de liquidez, os programas de compra de ativos podres,(2) as garantias oferecidas pelas autoridades e a capitalização das instituições financeiras não fi-

zeram pouco. Além de construir um piso para a deflação de ativos, as intervenções de provimento de liquidez suscitaram,(3) diriam os keynesianos,(3) um movimento global no interior da circulação financeira. O inchaço da circulação financeira teve efeitos mesquinhos sobre a circulação industrial ,(4) ou seja,(4) sobre a movimentação do crédito e da moeda destinada a impulsionar a produção e o emprego. Observa-se,(5) no entanto,(5) um rearranjo dentro do estoque de riqueza que responde aos preços esperados dos ativos "especulativos" por parte dos investidores que sobreviveram ao colapso da liquidez. Agarrados aos salva-vidas lançados com generosidade pelo gestor em última instância do dinheiro — esse bem público objeto da cobiça privada — os senhores da finança tratam de restaurar as práticas e operações de "normalização dos mercados", isto é, aquelas que levaram à crise.

(Luiz Gonzaga Beluzzo, adaptado do Valor Econômico de 14 de outubro de 2009)

a) (1) A vírgula separa oração coordenada assindética.
b) (2) A vírgula separa elementos de mesma função sintática componentes de uma enumeração.
c) (3) As vírgulas isolam uma expressão apositiva.
d) (4) As vírgulas isolam conjunção coordenativa conclusiva.
e) (5) As vírgulas isolam conjunção subordinativa concessiva intercalada na oração principal.

12 Em relação aos elementos do texto, assinale a opção **CORRETA.**

Um ano após o agravamento da crise financeira, o Brasil tem mais de US$ 230 bilhões em reservas. Tanto o Tesouro como grandes empresas voltaram a lançar títulos no exterior, com sucesso. A valorização do real se tornou, então, um fenômeno inevitável, que reflete o enfraquecimento do dólar no mercado internacional e o fluxo positivo de capitais no país. **No entanto,** dado o ritmo de crescimento projetado para o ano que vem, o mais provável é que a demanda por importações **aumente** e a pressão em favor do real **diminua. Enquanto isso,** além de uma paulatina liberalização do câmbio, o que pode ser feito no curto prazo é a continuidade da acumulação de reservas cambiais, como Banco Central comprando no mercado excedentes de divisas. Qualquer **invencionice** só **estimularia** operações especulativas no câmbio, que acabariam provocando uma valorização ainda mais indesejável da moeda nacional.

(O Globo, Editorial, 14/10/2009, adaptado.)

a) A expressão "No entanto" estabelece, no texto, uma relação de comparação.
b) O emprego do subjuntivo em "aumente" e em "diminua" justifica-se por se tratar de fatos de realização garantida.
c) A expressão "Enquanto isso" estabelece no texto uma relação de condição.
d) A palavra "invencionice" está sendo empregadano sentido de iniciativa rotineira, previsível.
e) O emprego do futuro do pretérito em "estimularia" indica um acontecimento futuro em relação a um ato passado que se configura no fato relacionado aos termos "Qualquer invencionice".

13 Em relação à função do "se", assinale a opção **CORRETA.**

A queda de rentabilidade das exportações **se agrava(1)** a cada dia em razão da valorização do real. Tudo indica que a moeda nacional deve continuar a **se valorizar(2)** e o Banco Central (BC), apesar das suas intervenções cada vez maiores, está impotente diante dessa valorização, que torna mais difícil a exportação e favorece a importação, ameaçando o crescimento da indústria nacional. O governo **se mostra(3)** incapaz de encontrar um modo de compensar esse efeito. **Está-se(4)** observando também uma queda no quantum das exportações de manufaturados, de 17,4% nos sete

primeiros meses do ano, junto com uma queda de preços de 5,5%, enquanto nos produtos básicos um aumento de 6,5% no quantum correspondeu a uma queda de 16,1% nos preços. Não **se pode(5)** pensar que o fluxo de dólares possa diminuir nos próximos anos e, assim, criar um ambiente muito favorável a uma desvalorização, pois os Investimentos Diretos Estrangeiros devem crescer, a Bolsa de Valores acompanhará a melhora da economia e a produção de petróleo, apesar da criação de um fundo especial, aumentará as receitas.

(O Estado de S. Paulo, Editorial, 14/10/2009)

a) (1) Indica voz passiva analítica.
b) (2) Indica sujeito indeterminado.
c) (3) Funciona como objeto indireto.
d) (4) Indica voz reflexiva.
e) (5) Indica sujeito indeterminado.

14 Assinale a opção que apresenta proposta de substituição **CORRETA** de palavra ou trecho do texto.

Há sociedades que têm a vocação do crescimento, mas sem a vocação da espera. E a resultante, quando não é inflação ou crise do balanço de pagamentos, é uma só: juros altos. O conflito entre as demandas do presente vivido e as exigências do futuro sonhado é um traço permanente da condição humana. Evitar excessos e inconsistências dos dois lados é um dos maiores desafios em qualquer sociedade. No afã de querer o melhor de dois mundos, o grande risco é terminar sem chegar a mundo algum: a cigarra triste e a formiga pobre.

(Texto adaptado de Eduardo Giannetti. O valor do amanhã: ensaiosobre a natureza dos juros. São Paulo: Companhia das Letras, 2005)

a) "Há" por "Existe".
b) "que têm a vocação do crescimento" por "cuja vocação de crescimento".
c) "mas sem a vocação da espera" por "mas não, a da espera".
d) "E a resultante, quando não é" por "E se caso a resultante não seja".
e) "No afã de querer" por "No equívoco de visar".

15 Com relação a aspectos semânticos e sintáticos do texto, assinale a opção **CORRETA**.

Aconteceu poucos dias após o início do governo Collor, a partir do congelamento dos depósitos bancários. Estávamos na longa e irritante fila de um grande banco, em busca da minguada nota de cinquenta a que cada um tinha direito. Uma fila pode ser tomada como um exercício de psicologia comparada. Se, por absurdo, uma fila assim tivesse de ser formada em um banco americano, aposto que nela reinaria a frustração controlada e a incomunicação. A cena no banco brasileiro era diferente. Quase todos conversavam animadamente, irmanados na dor de ver seu dinheiro distanciar-se para, quem sabe, não mais retornar. Havia os ministros da Fazenda, que mediam as possibilidades incertas de recuperar os depósitos, havia os conformados, que aceitavam tudo, se esse fosse o preço a ser pago pela morte do dragão inflacionário. Havia os que ficavam especulando sobre as alternativas que poderiam ter adotado para escapar ao sequestro. A opção mais aceita punha nas nuvens o português dono de padaria. Ele, sim, fizera o certo, guardando seu dinheiro debaixo do colchão.

(Boris Fausto. Memória e História. São Paulo: Graal Ltda., 2005)

a) Como o verbo da primeira oração do texto é impessoal, não há expressão que exerça a função de sujeito, o que não acarreta prejuízo semântico nem sintático para o parágrafo, porque, no período seguinte, é explicitado o fato narrado pelo autor do texto.
b) Atendidos os preceitos gramaticais, é uma construção alternativa para a oração "a que cada um tinha direito": a qual cada um de nós tínhamos direito.
c) São duas formas corretas de substituição do segmento "pode ser tomada como": pode suscitar; pode ser comparada a.

d) Atendidas as prescrições gramaticais, o 2º período do 2º parágrafo assim poderia ser reescrito: Aposto que, se, por absurdo, tal fila tivesse sido formada em um banco dos Estados Unidos, teriam, nela, reinado a frustração controlada e o silêncio.

e) São exemplos de expressões empregadas no texto com sentido denotativo e conotativo, respectivamente: "os ministros da Fazenda" e "morte do dragão inflacionário".

16 Os trechos abaixo constituem um texto adaptado de Luiz Gonzaga Beluzzo, Valor Econômico de 14 de outubro de 2009. Assinale a opção que apresenta **ERRO** gramatical.

a) Nas circunstâncias atuais, a realocação de carteiras favorecem as bolsas, as moedas dos emergentes e as commodities, enquanto o dólar segue uma trajetória de declínio, depois da valorização observada nos primeiros meses de crise.

b) Diante do frenesi que ora turbina as bolsas, as moedas dos emergentes e as commodities não faltam prognósticos que anunciam o fim da crise e preconizam uma recuperação rápida da economia global, liderada pelos emergentes.

c) Os movimentos observados no interior da circulação financeira, em si mesmos, não prometem à economia global uma recuperação rápida e brilhante, mas indicam que os mercados não temem a formação de novas bolhas de ativos nos mercados emergentes.

d) No rol de vencedores da batalha contra a depressão global, figuram, em posição de respeito, a China, a Índia e o Brasil, cada qual com suas forças e fragilidades.

e) Entre as fragilidades, sobressaem a pressão para valorização das moedas nacionais e as ações de esterilização dos governos, com efeitos indesejáveis sobre a dinâmica da dívida pública dos países receptores da "chuva de dinheiro externo".

17 Assinale a opção que corresponde a **ERRO** gramatical.

O IDH é um índice que, pela simplicidade, **se (1)** disseminou mundialmente, **tornando-se (2)** um parâmetro de avaliação de políticas públicas na área social, o que não é pouco, levando-se em consideração que há respaldo científico. No entanto, para além das filigranas metodológicas, é preciso **não se perder (3)** de vista o ponto fundamental do IDH, que é medir a qualidade de vida para além de indicadores econômicos. Nesse sentido, ele é uma bem-sucedida alternativa ideológica do indicador puro e simples do Produto Interno Bruto, **no qual (4)** pode camuflar o real nível de bem-estar da maioria da população. Com o IDH, medir desenvolvimento humano passou a ser tão ou mais importante que **aferir (5)** o mero, e às vezes enganador, desenvolvimento econômico.

(Jornal do Brasil, Editorial, 7/10/2009, adaptado.)

a) (1)
b) (2)
c) (3)
d) (4)
e) (5)

18 Assinale o trecho do texto adaptado de Maria Rita Kehl *(O tempo e o cão: a atualidade das depressões. São Paulo: Boitempo, 2009)* em que, na transcrição, foram plenamente atendidas as regras de concordância e regência da norma escrita formal da Língua Portuguesa.

a) Desligado do frágil fio que ata o presente à experiência passada, voltado, sofregamente, para o futuro, o indivíduo sofre com o encurtamento da duração. Assim, desvalorizam-se o tempo vivido e o saber que sustenta os atos significativos da existência.

b) A vivência contemporânea da temporalidade é dominada por um subproduto das ideologias da produtividade, às quais reza que se devem aproveitar, ao máximo, cada momento da vida.

c) Paradoxalmente, as mesmas inovações tecnoló-

gicas destinadas a nos poupar o tempo de certas tarefas manuais e aumentar o tempo ocioso vem produzindo um sentimento crescente de encurtamento à temporalidade. Tal sentimento talvez esteja relacionado com o encolhimento da duração.

d) Segundo Bergson, a duração se mede pela sensação de continuidade entre o instante presente, o passado imediato e o futuro próximos; no entanto, nada indica que o registro psíquico dessas duas formas do tempo que alongam o presente devam limitar-se em curtos períodos antes e depois do brevíssimo instante.

e) Talvez a medida do transcorrer do tempo não individual não se assemelhe com o desenrolar de um fio, mas do tecer de uma rede que abriga e embala um grande número de pessoas ligado entre si pela experiência.

19 Assinale a opção em que o trecho do texto de Emir Sader (A nova toupeira: os caminhos da esquerda latino-americana) foi transcrito com correção gramatical.

a) Atualmente, as alternativas de contraposição a hegemonia enfrentam os dois pilares centrais do sistema dominante: o modelo neoliberal e a hegemonia imperial estadunidense. É no confronto com aqueles que se tem de medir o processo de construção de "outro mundo possível", para se analisar seus avanços, revezes, obstáculos e perspectivas.

b) De certa maneira, pode-se resumir os eixos que articulam o poder atual no mundo à partir de três grandes monopólios: o das armas, o do dinheiro e o da palavra. O primeiro reflete a política de militarização dos conflitos, em que os Estados Unidos acreditam dispor de superioridade inquestionável.

c) O segundo retrata a política neoliberal de mercantilização de todas as relações sociais e dos recursos naturais, que tem buscado produzir um mundo em que tudo tem preço, tudo se vende, tudo se compra e cuja utopia são os grandes centros de compras.

d) O terceiro trata-se do monopólio da mídia privada no processo – profundamente seletivo e antidemocrático – de formação da opinião pública. Palco inicial da implantação do modelo neoliberal e sua vítima privilegiada, a América Latina passa por uma espécie de ressaca do neoliberalismo, com governos que rompem com o modelo e com outros que buscam readequações que lhe permitam não sucumbir com ele.

e) A região tem-se mostrado refratária a política de guerra infinita promovida pelos Estados Unidos. Internamente, a Colômbia, epicentro regional da política estadunidense, permanece isolada. No entanto, em seu conjunto, a América Latina produziu espaços de autonomia relativa no tocante a hegemonia econômica e política dos Estados Unidos, o que a torna o elo mais frágil da cadeia neoliberal no século XXI.

20 Assinale o trecho do texto adaptado de Boris Fausto *(Memória e História)* em que, na transcrição, foram plenamente atendidas as regras de pontuação.

a) Em uma fila no banco, na época em que, no Brasil, houve congelamento dos depósitos bancários, uma jovem, de traços orientais, permanecia calada e, aparentemente, atenta aos movimentos de todos, como se a qualquer momento, alguém pudesse passar à sua frente.

b) De repente, sua voz se ergueu enigmática: "A culpa de tudo isso é do meu avô." Nos segundos seguintes, a melhor hipótese que me passou pela cabeça, foi a de um avô conservador, aconselhando a neta a poupar, em vez de gastar, apoiado em uma versão japonesa da fábula da cigarra e da formiga.

c) Não era nada disso. A jovem decifrou o enigma, em tom suspiroso, explicando que, no começo dos anos de 1930, grande parte da família decidira emigrar para a Califórnia, mas seu avô meio aventureiro, optara infelizmente, pelo Brasil.

d) Tentei esboçar um discurso sociológico, ponderando, que os imigrantes japoneses localiza-

dos na costa do Pacífico, tinham atravessado momentos adversos, especialmente, no curso da Segunda Guerra Mundial, quando muitos deles foram transferidos para campos de confinamento no meio-oeste americano.

e) Pensei, ainda, em lembrá-la de que, por outro lado, a experiência dos japoneses no Brasil estava longe de representar um desastre. No entanto, bastou olhar para a neta do sol nascente e, logo, perceber que ela se transportara para outras esferas, alheia à fila e a tudo o mais que a rodeava.

GABARITO

1-E	2-B	3-A	4-C	5-B
6-C	7-B	8-D	9-D	10E
11-B	12-E	13-E	14-C	15-D
16-A	17-D	18-A	19-C	20-E

PROVA III
FCC-TRE/AMAZONAS-2010

ATENÇÃO: As questões de números **1** e **2** referem-se à charge abaixo.

(Folha de S. Paulo, 9 de dez. de 2009, Opinião, A2)

01 Na charge, o efeito de humor deve-se prioritariamente

a) à deselegância do garçom ao anunciar, em tom coloquial e em voz alta, a falta de gelo.
b) ao descabido uso de fones pelas personagens que compõem a cena.
c) à possibilidade de se entender a fala do garçom como alusão a questões climáticas do planeta.
d) à indiferença da plateia diante da inesperada notícia.
e) à inadequação de bebidas serem servidas em reunião de líderes das principais nações do mundo.

02 A frase que traduz corretamente o que se tem na charge é: O garçom disse que o gelo

a) havia acabado.
b) estava para acabar.
c) acabaria fatalmente, em breve espaço de tempo.
d) acaba logo.
e) havia acabado naquele exato instante.

ATENÇÃO: As questões de números **03** a **07** referem-se ao texto apresentado abaixo.

E se uma droga derivada do alcaçuz fosse capaz de salvar as nossas recordações? Segundo um estudo da Universidade de Edimburgo (Escócia), a carbenoxolona melhora as capacidades mentais dos idosos, incluindo a memória, que vai se deteriorando com o passar dos anos. Essa substância – na realidade, um agente derivado da raiz do alcaçuz – poderá ser útil para combater o mal de Alzheimer e talvez também para melhorar nossa performance nos exames. "As memórias são um 'fato' químico", confirma Nancy Ip, diretora de Instituto de Pesquisa em Hong Kong: "Recentemente, nós identificamos a proteína que contribui para a sobrevivência e para o desenvolvimento das células nervosas e que poderia oferecer recursos para criar medicamentos contra doenças que afetam a memória".

Enquanto se espera que os estudos possam conduzir a resultados mais concretos, o que podemos fazer para melhorar a nossa capacidade mental? A memória é a capacidade de adquirir, armazenar e

recuperar informações disponíveis. Ela não é monolítica, mas constituída de diversas atividades e funções. Uma importante distinção a ser feita é entre a memória de curto e a de longo prazo. A primeira, que é encarregada de reter as informações por pouco tempo, localiza-se no lobo parietal inferior e no lobo frontal do cérebro, enquanto a memória de longo prazo é ligada ao hipocampo e às áreas vizinhas.

De acordo com Alan Baddelay, da universidade inglesa de York, a memória de curto prazo tem espaço limitado, podendo reter de cinco a nove unidades de informação: palavras, datas, números. Já a memória de longo prazo é ilimitada. O problema é arquivar a informação na memória de longo prazo, para recordar quando necessário. Como? "Quanto mais a pessoa souber, mais fácil será recordar", diz Baddelay. Em suma, a memória não é um recipiente que é totalmente preenchido: ao contrário, ela sempre possibilita o ingresso de novas informações. Quem usa uma linguagem rica e articulada recorda-se melhor. Da mesma forma, quem sabe vários idiomas tem mais facilidade para aprender um novo.

(Adaptado de Fabíola Musarra, "Memória: segredos para explorar todo o seu poder". In. Planeta: conheça o mundo, descubra você. Ed. Três. Edição 447, Ano 37, Dez/2009, p.41-42)

03 Considerado o primeiro parágrafo do texto, é **CORRETO** afirmar

a) A frase inicial levanta hipótese que, embora expressando um desejo humano, se revela fantasiosa, pois não tem apoio algum na realidade atual.
b) A carbenoxolona é a nova droga que garantirá imunidade contra o mal de Alzheimer.
c) A capacidade mental mais afetada com o passar dos anos é a memória, conforme estudo realizado com idosos em universidade escocesa.
d) Pessoas que não apresentam bom desempenho em exames podem ser potenciais portadores de doenças como o mal de Alzheimer.
e) Na base da memória está um mecanismo químico que a ciência começa a conhecer.

04 No segundo parágrafo do texto, a autora,

a) ao definir o que é a memória, expressa seu desacordo com o entendimento de Nancy Ip sobre essa capacidade mental.
b) ao afirmar que a memória não é monolítica, quer dizer que a memória não se compõe de um único elemento.
c) ao mencionar a *importante distinção*, refere-se a uma diferença que os pesquisadores citados têm deixado de lado em seus trabalhos.
d) ao caracterizar a memória de curta e a de longa duração, revela que a primeira é a que a maioria das pessoas apresenta, e a segunda, só cérebros privilegiados.
e) ao caracterizar a memória de curta e a de longa duração, mostra que a segunda é a menos conhecida pelos pesquisadores.

05 Considerado o terceiro parágrafo, é **CORRETO** afirmar

a) O emprego da expressão **podendo reter** evidencia que afirmações sobre a memória de curto prazo são unicamente suposições.
b) Palavras, datas e números fixam-se de modo exclusivo na memória de curto prazo.
c) A memória de longo prazo já ultrapassou, na contemporaneidade, todo o seu limite.
d) O desafio a enfrentar não é a limitação do espaço da memória de longo prazo, mas o arquivamento das informações para posterior utilização.
e) A autora apresenta um problema para o qual ainda não existem soluções possíveis.

06 Em suma, a memória não é um recipiente que é totalmente preenchido: ao contrário, ela sempre possibilita o ingresso de novas informações. Quem usa uma linguagem rica e articulada recorda-se melhor. Da mesma forma, quem sabe vários idiomas tem mais facilidade para aprender um novo.

A redação que, **CLARA** e **CORRETA**, preserva o sentido original de um segmento do trecho acima transcrito é

a) Suscintamente dizendo a memória não é vaso preenchível, quando ela possibilita a adição de novas informações.
b) De modo resumido, a memória não é própria para ser preenchida em plenitude, pois, contrariamente, é passível a receber informações sequenciais.
c) Sintetizando: opostamente a memória admite informações originais, em vez de constituir objeto a ser preenchido.
d) Aquele que faz uso de idioma articulado e rico, pode ter recordação fácil.
e) O aprendizado de um novo idioma dá-se de maneira mais fácil para as pessoas que já conhecem outras línguas.

07 Uma análise do texto permite afirmar com correção que

a) Caso se tratasse de mais de uma substância, além da carbenoxolona, a concordância estaria correta assim "Essas substâncias [...] podem ser útil para combater o mal de Alzheimer".
b) O emprego dos parênteses, na linha 3, é exigido pela natureza da informação: o maior rigor na especificação do local.
c) A vírgula depois de memória (linha 5) é optativa pois, se for retirada, o sentido original da frase não se altera.
d) Construções como as nossas recordações e nossa performance constituem marcas da subjetividade do autor ao tratar do tema.
e) Na frase **A memória é a capacidade de adquirir, armazenar e recuperar informações disponíveis,** o emprego de armazenar constitui redundância inadequada, pois essa palavra nada acrescenta ao sentido de adquirir.

ATENÇÃO: As questões de números **8** a **14** referem-se ao texto apresentado abaixo.

EXAME MÉDICO

Reforçam-se as evidências da baixa qualidade de ensino em cursos de medicina do país. Esse retrato vem sendo confirmado anualmente desde 2005, quando o Cremesp (Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo) decidiu implementar uma prova de avaliação, facultativa, dos conhecimentos dos futuros médicos. Neste ano, 56% dos formandos que prestaram o exame foram reprovados. O número já é expressivo, mas é razoável supor que a proporção de estudantes despreparados seja maior. A prova não é obrigatória, e os responsáveis por sua execução avaliam que muitos dos maus alunos boicotam o exame, frequentemente estimulados por suas faculdades. A prova da Ordem dos Advogados do Brasil pode fornecer um parâmetro, ainda que imperfeito. Na primeira fase do exame da OAB neste ano, o índice de reprovados na seccional paulista chegou a 88%. A vantagem do teste entre advogados está em sua obrigatoriedade. Trata-se de uma prova de habilitação, ou seja, a aprovação é indispensável para o exercício da profissão. É do interesse da sociedade, da saúde pública e de seus futuros pacientes que os alunos de medicina também sejam submetidos a uma prova de habilitação obrigatória O Cremesp, que defende o exame compulsório, diz, no entanto, que a aplicação de testes teóricos, aos moldes do que faz a OAB, seria insuficiente. Devido ao caráter prático da atividade médica, seria imprescindível, firma a entidade, a realização de provas que averigúem essa capacidade entre os recém-formados. Se implementado nesses moldes, um exame obrigatório nacional cumpriria dupla função: impediria o acesso à profissão de recém-formados despreparados e ao longo do tempo, estimularia uma melhora gradual dos cursos universitários de medicina.

(Editorial da Folha de S. Paulo, 17 de dez. de 2009, Opinião, A2)

08 Considere as afirmações abaixo sobre o editorial.

I. Faz sugestivo jogo de palavras: usa a expressão **Exame médico**, que remete à inspeção feita no corpo de um indivíduo para chegar a um diag-

nóstico sobre seu estado de saúde, para referir uma prova de avaliação a ser realizada por formandos em medicina.

II. Aproxima a área médica e a área do direito, acerca da avaliação dos indivíduos que desejam exercer as respectivas profissões, de modo a evidenciar o reconhecimento, em plano mundial, da fragilidade da formação desses futuros profissionais.

III. Critica a imperfeição do sistema de avaliação dos formados em direito, considerando essa falha como fator que tira da prova realizada pela Ordem dos Advogados do Brasil a possibilidade de ser tomada como padrão para outras áreas do conhecimento.

Está correto o que se afirma **APENAS** em

a) I.
b) I e II.
c) I e III.
d) II.
e) II e III.

09 Considerado o contexto, está **CORRETAMENTE** entendido o seguinte segmento.

a) decidiu implementar uma prova de avaliação [...] dos conhecimentos dos futuros médicos / determinou que uma das partes do exame acerca dos conhecimentos dos futuros médicos fosse mais rigorosa.
b) é razoável supor que a proporção de estudantes despreparados seja maior / suficientes razões permitem a suspeita de que a porcentagem de estudantes despreparados seja maior.
c) muitos dos maus alunos boicotam o exame / a maior parte dos alunos, mal preparados, é responsável pela baixíssima média das notas do exame.
d) defende o exame compulsório / opta por realizar exame mais abrangente no que se refere aos temas de saúde.
e) seria imprescindível [...] a realização de provas / seria inoportuna a exigência de provas.

10 O Cremesp, que defende o exame compulsório, diz, **no entanto**, que a aplicação de testes teóricos, aos moldes do que faz a OAB, seria insuficiente. Considerado o contexto, a locução destacada acima equivale a

a) a propósito.
b) ainda.
c) todavia.
d) por isso.
e) nesse sentido.

11 O Cremesp, que defende o exame compulsório, diz, no entanto, que a aplicação de testes teóricos, <u>aos moldes do que faz a OAB</u>, seria insuficiente.Considerado o contexto, traduz-se **CORRETAMENTE**, e em conformidade com o padrão culto escrito, o que está acima sublinhado, em

a) definidos sob o controle dos dirigentes da OAB.
b) em respeito com as diretrizes impostas pela OAB.
c) idênticos com os já aplicados pela OAB.
d) de modo semelhante ao adotado pela OAB.
e) idealizados a partir do que a OAB direciona.

12 A forma ou locução verbal que expressa ação totalmente realizada no passado é a destacada em

a) <u>Reforçam-se</u> as evidências da baixa qualidade de ensino em cursos de medicina do país.
b) Esse retrato <u>vem sendo confirmado</u> anualmente desde 2005
c) ... quando o Cremesp (Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo) <u>decidiu implementar</u> uma prova de avaliação, facultativa, dos conhecimentos dos futuros médicos.
d) ... é razoável supor que a proporção de estudantes despreparados <u>seja</u> maior.
e) ... <u>seria</u> imprescindível [...] a realização de provas...

13 Está totalmente clara, e em conformidade com a norma culta escrita, a seguinte reformulação da frase: Esse retrato vem sendo confirmado anualmente desde 2005.

a) Esse retrato vem sendo confirmado anualmente a mais de três anos.
b) Devem fazer uns quatro anos que se confirma anualmente esse retrato.
c) Se faz confirmações anuais desse retrato, de 2005, em seguida.
d) Vindo de 2005, a confirmação desse retrato é anual.
e) Confirma-se esse retrato anualmente, desde o ano de 2005

14 Se implementado nesses moldes, um exame obrigatório nacional cumpriria dupla função: impediria o acesso à profissão de recém-formados despreparados e, ao longo do tempo, estimularia uma melhora gradual dos cursos universitários de medicina.

Considerados o trecho acima e o respeito ao padrão culto escrito, é **CORRETO** afirmar
a) No início do trecho, está implícita a forma verbal "fosse"; caso estivesse subentendida a forma "for", deveria ser usada a forma "cumprirá".
b) A forma verbal cumpriria foi empregada para expressar fato futuro tomado como certo e próximo de se realizar.
c) Os dois-pontos anunciam ideias que, consideradas de grande importância, não haviam recebido nenhuma referência anteriormente.
d) O uso do sinal indicativo da crase manteria sua correção se o segmento fosse: "impediria o acesso à mais de um cargo que exige boa formação profissional".
e) Assim como profissão, está adequadamente grafado o vocábulo "assensão".

15 A frase que **NÃO** apresenta ambiguidade é
a) O coordenador informou ao grupo que sua proposta não tinha sido aceita.
b) A briga entre Pedro e Miguel foi séria, por isso lhe disse que era melhor não insistir na viagem.
c) De presente de aniversário, a menina pediu muito ousada fantasia de fada.
d) Ator e diretor se desentenderam, mas, posteriormente, o ator reconheceu suas próprias falhas.
e) Maria assinou o projeto e o orçamento, cujo prazo de entrega estava se esgotando.

16 A frase em que a concordância está em total conformidade com o padrão culto escrito é
a) Tintas e pincéis novos estavam sendo usados pela artista novata, ainda que os últimos não lhes pertencessem.
b) Debateram sobre a utilidade de vários acessórios e concluíram que muitos não eram, de fato, nada acessível.
c) O produto derramado atingiu muitas árvores, mas não as comprometeram de modo irreversível.
d) As mais vultosas doações para o programa de emergência já haviam sido feitas, por isso as expectativas de que a arrecadação fosse muito mais alta não tinha fundamento.
e) São muitos os aspectos do documento que merecem detida análise do advogado, mas tudo indica que não haverá alterações significativas.

17 O segmento grifado está empregado em conformidade com o padrão culto escrito em
a) O apego <u>nos</u> bens que julgava lhe pertencerem provocou muitas discórdias.
b) Estou convicto <u>de que</u> as melhores providências já foram tomadas.
c) Sua ambição <u>com o</u> poder colocou-o em situação difícil.
d) Apresentou, <u>perante a</u> todos, suas desculpas pelo perigoso equívoco.
e) Medroso <u>com tudo</u> que lhe era desconhecido, não aceitou o cargo no exterior.

18 A frase pontuada em conformidade com a norma culta escrita é
a) Entendam todos, que a questão não está resolvida, e que assim que for possível, voltaremos ao debate.

b) Através da janela embaçada vislumbravam-se, pinheiros de vários tipos, árvores frutíferas de várias espécies e ainda, o topo da igreja centenária.
c) O autor alerta na introdução, sobre a necessidade de a leitura ser feita em ritmo lento, compatível com a gravidade do assunto.
d) Ela conquistava as glórias, eu, as antipatias; assim fomos construindo nossa vida de comerciantes, até que, um dia, as coisas se inverteram.
e) Do que foi discutido, uma conclusão evidente; todos terão direito de expor suas expectativas, desde que o façam, com absoluta civilidade.

19 A frase em que a grafia respeita totalmente o padrão culto escrito é
a) À exceção dos que se abstiveram de opinar sobre a qualidade dos serviços, os participantes da pesquisa puderam usufruir gratuitamente de um dia de lazer no hotel.
b) A escursão prometida não ocorreu, pois o número de interessados foi excessivo; mas até isso colaborou para o explendor da viagem, pois o desconto oferecido surpreendeu.
c) Casualmente encontraram-se no saguão; ela parecia advinhar o que ele tinha a lhe dizer, por isso não lhe deu oportunidade de ser posta em cheque.
d) Considerou ultrage o comentário adivindo do seu sucessor, mas, para preservar-se, abdicou de dar-lhe resposta à altura.
e) Com a dispensa abarrotada de produtos nobres, não exitou um minuto ao negar um jantar aos participantes do programa de inclusão social.

20 A frase que atende integralmente ao padrão culto escrito é
a) Vossa Excelência, é certo que vossa presença está sendo reclamada: todos querem que continua prestar apoio ao grupo de trabalho.
b) As alterações que provirem da reunião com o prefeito serão bem recebidas, se contemplarem os direitos de todos os cidadãos da comunidade.
c) Os guardas-florestais requereram revisão do acordo feito com empresas que não respeitam as normas ambientais.
d) Se o manual contesse todas as informações necessárias, não haveria necessidade de eu estar solicitando mais esclarecimentos.
e) Se você o ver ainda hoje, avise que o prazo para entrega do documento expirará amanhã.

GABARITO

01 – C	02 – A	03 – E	04 – B	05 – D
06 – E	07 – D	08 – A	09 – B	10 – C
11 – D	12 – C	13 – E	14 – A	15 – D
16 – E	17 – B	18 – D	19 – A	20 – C

PROVA IV
FCC - TRE/AMAZONAS - 2010

ATENÇÃO: As questões de números **1** a **10** referem-se ao texto seguinte.

ENTRE A CRUZ E A CALDEIRINHA

"Quantas divisões tem o Papa?", teria dito Stalin quando alguém lhe sugeriu que talvez valesse a pena ser mais tolerante com os católicos soviéticos, a fim de ganhar a simpatia de Pio XI. Efetivamente, além de um punhado de multicoloridos guardas suíços, o poder papal não é palpável. Ainda assim, como bem observa o escritor Elias Canetti, "perto da Igreja, todos os poderosos do mundo parecem diletantes".

Há estatísticas controvertidas sobre esse poder eclesiástico. Ao mesmo tempo que uma pesquisa da Fundação Getúlio Vargas indica que, a cada geração, cai o número de católicos no Brasil, outra, da mesma instituição, revela que, para os brasileiros,

a única instituição democrática que funciona é a Igreja Católica, com créditos muito superiores aos dados à classe política. Daí os sentimentos mistos que acompanharam a visita do papa Bento XVI ao Brasil. "O Brasil é estratégico para a Igreja Católica.

Está sendo preparada uma Concordata entre o Vaticano e o nosso país. Nela, todo o relacionamento entre as duas formas de poder (religioso e civil) será revisado. Tudo o que depender da Igreja será feito no sentido de conseguir concessões vantajosas para o seu pastoreio, inclusive com repercussões no direito comum interno ao Brasil (pesquisas com células-tronco, por exemplo, aborto, e outras questões árduas)", avalia o filósofo Roberto Romano. E prossegue: "Não são incomuns atos religiosos que são usados para fins políticos ou diplomáticos da Igreja. Quem olha o Cristo Redentor, no Rio, dificilmente saberá que a estátua significa a consagração do Brasil à soberania espiritual da Igreja, algo que corresponde à política eclesiástica de denúncia do laicismo, do modernismo e da democracia liberal.

A educadora da USP Roseli Fischman, no artigo "Ameaça ao Estado laico", avisa que a Concordata poderá incluir o retorno do ensino religioso às escolas públicas. "O súbito chamamento do MEC para tratar do ensino religioso tem repercussão quanto à violação de direitos, em particular de minorias religiosas e dos que têm praticado todas as formas de consciência e crença neste país, desde a República", acredita a pesquisadora.Por sua vez, o professor de Teologia da PUC-SP Luiz Felipe Pondé responde assim àquela famosa pergunta de Stalin: "Quem precisa de divisões tendo como exército a eternidade?"

(Adaptado de Carlos Haag, Pesquisa FAPESP n. 134, 2007)

01 A expressão entre a cruz e a caldeirinha indica uma opção muito difícil de se fazer. Justifica-se, assim, sua utilização como título de um texto que, tratando da atuação da Igreja, enfatiza a dificuldade de se considerar em separado

a) a ingerência eclesiástica nas atividades comerciais e nas diplomáticas.
b) a instância do poder espiritual e o campo das posições políticas.
c) o crescente prestígio do ensino religioso e a decadência do ensino laico.
d) os efetivos militares à disposição do Papa e a força do pontificado.
e) as denúncias papais do laicismo e os valores da democracia liberal.

02 Atente para as seguintes afirmações:

I. As frases de Stalin e de Elias Canetti, citadas no 1º parágrafo, revelam critérios e posições distintas na avaliação de uma mesma questão.
II. Na Concordata (referida no 3º parágrafo), a Igreja pretende valer-se de dispositivos constitucionais que lhe atribuem plena autonomia legislativa.
III. A educadora Roseli Fischman propõe (4º parágrafo) que o ensino religioso privilegie, sob a gestão direta do MEC, minorias que professem outra fé que não a católica.

Em relação ao texto, está **CORRETO APENAS** o que se afirma em

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) II e III.

03 Considerado o contexto, traduz-se adequadamente o sentido de um segmento em

a) o poder papal não é palpável = o Papa não dispõe de poder considerável.
b) parecem diletantes = arvoram-se em militantes.
c) com créditos muito superiores = de muito maior confiabilidade.
d) repercussões no direito comum interno = efeitos sobre o direito canônico.
e) denúncia do laicismo = condenação dos ateus.

04 Ao se referir ao poder da Igreja, Elias Canetti e Luis Felipe Pondé

a) admitem que ele vem enfraquecendo consideravelmente ao longo dos últimos anos.
b) consideram que, na atualidade, ele só se manterá o mesmo caso seja amparado por governos fortes.
c) afirmam que nunca ele esteve tão bem constituído quanto agora, armado da fé para se aliar aos fortes.
d) lembram que a energia de um papado não provém da instituição eclesiástica, mas da autoridade moral do Papa.
e) advertem que ele não depende da força militar, uma vez que se afirma historicamente como poder espiritual.

05 Na frase **Quem precisa de divisões <u>tendo como exército a eternidade?</u>**, o segmento sublinhado pode ser substituído, sem prejuízo para o sentido e a correção, por
a) ao ter no exército sua eternidade?
b) fazendo do exército sua eternidade?
c) contando na eternidade com o exército?
d) dispondo da eternidade como exército?
e) provendo o exército assim como a eternidade?

06 As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na frase
a) Deve-se firmar alguns acordos entre o Vaticano e o Brasil durante as discussões da Concordata.
b) Nunca chegou a preocupar Stalin, naturalmente, os guardas suíços que constituem a segurança do Vaticano.
c) Ao se deterem na estátua Cristo Redentor, no Rio de Janeiro, os olhos de um turista não verão o que de fato ela consagra.
d) As concessões vantajosas que pretendem obter, nas discussões da Concordata, a Igreja Católica, dizem respeito a questões polêmicas.
e) Muitas repercussões passarão a haver no direito interno, caso a Concordata consagre os acordos que constituem o principal interesse da Igreja.

07 Está **CORRETA** a flexão de todas as formas verbais da frase
a) Tudo o que advir como poder da Igreja tem correspondência com o plano simbólico e espiritual.
b) O poder civil e a esfera religiosa nem sempre conviram quanto à busca de um sereno estabelecimento de acordos.
c) Ao longo da História, nações e igrejas muitas vezes se absteram de buscar a convergência de seus interesses.
d) A pergunta de Stalin proveu de sua convicção quanto ao que torna de fato competitivo um país beligerante.
e) Ciente da fragilidade militar da Igreja, o ditador não se conteve e interveio na História com a famosa frase.

08 A frase que admite transposição para a **VOZ PASSIVA** é
a) Perto da Igreja, todos os poderosos do mundo parecem diletantes.
b) A Concordata poderá incluir o retorno do ensino religioso.
c) Há estatísticas controvertidas sobre esse poder eclesiástico.
d) Não são incomuns atos religiosos com finalidade política.
e) O Brasil é um país estratégico para a Igreja Católica.

09 Está **CLARA** e **CORRETA** a redação deste livre comentário sobre o texto
a) Deve de ser preocupante para os católicos, que eles venham caindo de número nas estatísticas, em conformidade com a Fundação Getúlio Vargas.
b) Mau-grado seu desempenho nas estatísticas da FGV, esta mesma instituição considera que a Igreja tem mais prestígio que outras classes.
c) A mesma Fundação em que se abona o papel da Igreja como democrática, é também a instituição em que avalia seu decréscimo de fiéis.

d) Não obstante esteja decrescendo o número de fiéis, a Igreja, segundo a Fundação Getúlio Vargas, é prestigiada como instituição democrática.
e) A FGV, em pesquisas atinentes da Igreja Católica, chegou a resultados algo controversos, seja pelo prestígio, seja pela contingência dos seus fiéis.

10 Está adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase
a) Se o Papa dispusesse de inúmeras e bem armadas divisões, talvez Stalin reconsiderasse sua decisão e buscasse angariar a simpatia de Pio XI.
b) Como alguém lhe perguntou se não é o caso de ganhar a simpatia de Pio XI, Stalin lhe respondera que ignorava com quantas divisões conta o Papa.
c) Caso o Brasil não fosse um país estratégico para a Igreja, a Concordata não se revestirá da importância que lhe atribuíram os eclesiásticos.
d) São tão delicadas as questões a serem discutidas na Concordata que será bem possível que levassem muito tempo para desdobrar todos os aspectos.
e) Roberto Romano lembra-nos de que já houve, na História, atos religiosos que acabassem por atender a uma finalidade política que é prevista.

ATENÇÃO: As questões de números **11** a **15** referem-se ao texto seguinte.

A leitura dos clássicos

Os clássicos são livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, preservando-se no inconsciente. Por isso, deveria existir um tempo na vida adulta dedicado a revisitar as leituras mais importantes da juventude. Se os livros permaneceram os mesmos (mas também eles mudam, à luz de uma perspectiva histórica diferente), nós com certeza mudamos, e o encontro é um acontecimento totalmente novo. Portanto, usar o verbo ler ou o verbo reler não tem muita importância. De fato, poderíamos dizer: toda releitura de um clássico é uma leitura de descoberta, como a primeira.

(Ítalo Calvino, "Por que ler os clássicos")

11 Da leitura do texto depreende-se que os **clássicos**
a) exercem grande efeito sobre nós, a menos quando se infiltram nas regiões do nosso inconsciente.
b) adquirem especial sentido quando lidos na adolescência, idade em que nos revelam toda a sua grandeza.
c) podem ser relidos sem que percam, por isso, o poder de revelação que demonstraram na primeira leitura.
d) mudam de valor a cada vez que os lemos, já que o tempo vai esmaecendo a importância de cada leitura.
e) gravam-se em nossa memória segundo a importância que tiveram para as gerações precedentes.

12 Atente para as seguintes afirmações
I. A releitura de uma obra clássica é reconfortante pela recuperação exata do sentido que já lhe atribuímos no passado.
II. Uma nova perspectiva histórica pode ser determinante para uma nova compreensão de uma mesma obra clássica.
III. Assim como nós podemos permanecer os mesmos ao longo do tempo, o sentido de uma obra clássica pereniza-se na história.

Em relação ao texto, **APENAS** está **CORRETO** o que se afirma em
a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) II e III.

13 O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do **PLURAL** para preencher corretamente a lacuna da frase

a) .....-se (**atribuir**) aos clássicos a propriedade de nos encantar em qualquer tempo ou idade que os busquemos.

b) .....-se (**distinguir**) os clássicos pelo fato de conservarem o mesmo poder de revelação ao longo do tempo.

c) .....-nos (**impressionar**) nos clássicos o sentido de uma perenidade que não implica cristalização.

d) .....-se (**queixar**) dos clássicos apenas quem os lê com a desatenção ou o desamor das tarefas obrigatórias.

e) .....-nos (**confortar**) nos clássicos a companhia dos mais altos valores humanos que põem à nossa disposição.

14 *...toda releitura de um clássico é uma leitura de descoberta, como a primeira.* Uma nova, **CLARA** e **CORRETA** redação da frase acima apresenta- se em

a) Tal como a primeira, as outras leituras de um clássico sempre constituem uma revelação.

b) Sendo de um clássico, todas as outras leituras são como de primeiras descobertas.

c) É como se fosse uma primeira leitura de um clássico todas as descobertas que ele nos proporciona.

d) Assim como é uma descoberta a leitura de um clássico, outras leituras também serão como a primeira.

e) Todas as leituras de um clássico, haja vista a primeira, têm aquela mesma revelação.

15 Está **CORRETO** o emprego do elemento sublinhado na frase:

a) Os clássicos são livros em cuja particular influência torna-os inesquecíveis.

b) As dobras da memória, aonde se ocultam imagens dos clássicos, são o refúgio do inconsciente.

c) Há um tempo na vida adulta no qual poderíamos utilizar para uma redescoberta dos clássicos.

d) A perspectiva histórica é determinante, por cuja os clássicos ganham um novo significado.

e) O poder de revelação de que se imbuem os clássicos acaba por nos revelar para nós mesmos.

GABARITO

01 – B	02 – A	03 – C	04 – E	05 – D
06 – C	07 – E	08 – B	09 – D	10 – A
11 – C	12 – D	13 – B	14 – A	15 – E

PROVA V
FUNDEP-ANALISTA MUNCIPAL/OP-2010

ATENÇÃO: As questões de **01** a **18** relacionam-se com o texto abaixo. Leia atentamente todo o texto antes de responder a elas.

O pecado da intolerância

Numa escola de uma capital brasileira, alguns pais reclamam com a direção: não querem seus filhos estudando ao lado de dois meninos estrangeiros, de um país que consideram "atrasado e fanático". A direção, a meu ver, pecando por compactuar com a intolerância, agravada pelo fato de envolver crianças, pede aos pais que resolvam o assunto entre eles. Resultado: os pais dos meninos estrangeiros, pressionados de um lado e desamparados de outro, tiram os filhos da escola. Diga-se que o pai em questão é um executivo com um currículo invejável e a mãe, professora universitária. Mas, ainda que fossem pessoas simples, seus direitos teriam sido igualmente feridos.

***

Num restaurante de classe média, pessoas torcem o nariz e pagam a conta antecipadamente, sem con-

cluir a refeição, porque, na mesa ao lado, se senta um casal negro, com uma filha e um filho adolescentes. Ninguém comenta ou reclama de que se trata de uma demonstração criminosa de racismo, não comprovável, mas evidente. A adolescente discriminada põe-se a chorar e pede aos pais para irem embora também. A família comemorava ali o 14º aniversário dela.

***

Um rapaz decide largar os estudos superiores e empregar-se numa empresa decente. O salário não é alto, mas a situação lhe convém: ele prefere experiência a diploma, e é isso que lhe está sendo oferecido. O pai resolve não falar mais com ele, nega-lhe qualquer ajuda monetária e só não o expulsa de casa devido aos apelos da mãe. Porém, em todas as ocasiões em que é possível, deixa claro que o filho é "a sua grande decepção".

Uma mulher decide sair de um casamento infeliz e pede a separação. O marido, que, certamente, também não está feliz, recusa qualquer combinação amigável e quer uma separação litigiosa. As duas filhas moças tomam o partido do pai, como se, de repente, a mãe que delas cuidara por mais de vinte anos tivesse se transformado em alguém desprezível, irreconhecível e inaceitável. Nenhuma das duas lhe pergunta os seus motivos; ninguém deseja saber de suas dores; nenhuma das duas jovens mulheres lhe dá a menor chance de explicação, o menor apoio. Parece-lhes natural que, diante de um passo tão grave da parte de quem as criara, educara, vestira, acarinhara e acompanhara devotamente por toda a vida, fosse negado qualquer apoio, carinho e respeito.

***

Os casos se multiplicam, são muito mais cruéis do que esses, existem em meu bairro, em seu bairro. Nossa postura diante do inesperado, do diferente, raramente é de atenção, abertura, escuta. Pouco nos interessam os motivos, o bem, as angústias e buscas, direitos e razão de quem infringe as regras da nossa acomodação, frivolidade ou egoísmo. Queremos todos os privilégios para nós, a liberdade, a esperança. Para os outros, mesmo se antes eram muito próximos, queremos a imobilidade, a distância. Cassamos sem respeitar os seus direitos humanos mais básicos. A intolerância, que talvez não conste no índex das religiões mais castradoras, é, com certeza, um feio pecado capital. Do qual talvez nenhum de nós escape, se examinarmos bem.

LUFT, Lya. VEJA, 15 dez. 2004 p. 22

01 É **CORRETO** afirmar que, entre os exemplos de discriminação tratados nesse texto, **NÃO** se inclui um que tem por motivo a

a) doença.
b) escolaridade.
c) etnia.
d) nacionalidade.

2 É **CORRETO** afirmar que os comentários que compõem a conclusão desse texto estão estruturados numa forma

a) descritiva.
b) dissertativa.
c) exortativa.
d) narrativa.

3 "A direção [...] pede aos pais que resolvam o assunto entre eles."

Considerando-se as informações do texto, é **CORRETO** afirmar que o comportamento da Diretoria da escola, expresso nessa frase, revela uma atitude de

a) elitismo.
b) hostilidade.
c) indiferença.
d) orgulho.

4 "Ninguém comenta ou reclama de que se trata de uma demonstração criminosa de racismo, não comprovável, mas evidente."

É **CORRETO** afirmar que, nessa frase, se configura uma atitude de

a) desatenção.
b) discrição.
c) observação.
d) omissão.

5 "O pai resolve não falar mais com ele, nega-lhe qualquer ajuda monetária e só não o expulsa de casa devido aos apelos da mãe."

É **CORRETO** afirmar que a reação do pai aos atos do filho, explicitada nessa frase, revela, por parte daquele, uma atitude de

a) admoestação.
b) apreensão.
c) rejeição.
d) tensão.

6 "Parece-lhes natural que, diante de um passo tão grave da parte de quem as criara [...] e acompanhara devotamente por toda a vida, fosse negado qualquer apoio, carinho e respeito."

A leitura desse trecho permite concluir que a atitude das filhas em relação à mãe, narrada nessa frase, se acha bem caracterizada em um ditado popular muito conhecido.

Assinale a alternativa que apresenta **corretamente** esse ditado popular.

a) "Acender uma vela a Deus e outra ao diabo."
b) "Cuspir no prato em que comeu."
c) "Desvestir um santo para vestir outro."
d) "Procurar sarna para se coçar."

7 "Diga-se que o pai em questão é ***um executivo com um currículo invejável...***"

É **CORRETO** afirmar que a expressão destacada nessa frase é inadequada para designar alguém cujo perfil profissional se caracteriza por uma

a) carreira em constante ascensão.
b) experiência em diferentes áreas.
c) formação intelectual primorosa.
d) resistência a ideias avançadas.

8 "Num restaurante de classe média, pessoas ***torcem o nariz*** [...] porque, na mesa ao lado, se senta um casal negro..."

É **CORRETO** afirmar que a expressão destacada nessa frase é usada, ***habitualmente,*** na linguagem

a) acadêmica.
b) informal.
c) oratória.
d) poética.

9 "A intolerância [...] é, com certeza, um feio pecado ***capital.***"

É **CORRETO** afirmar que, entre os sentidos que se podem atribuir à palavra destacada nessa frase, **NÃO** se inclui o de

a) fundamental.
b) humilhante.
c) principal.
d) relevante.

10 "O salário não é alto, mas a situação lhe convém: ele prefere experiência a diploma, e é isso que lhe está sendo oferecido."

É **CORRETO** afirmar que, nessa frase, o acento agudo usado em algumas palavras se justifica, em todos os casos, por

a) apenas uma regra de acentuação.
b) duas regras de acentuação.
c) três regras de acentuação.
d) quatro regras de acentuação.

11 "Mas, ainda que ***fossem*** pessoas simples, seus direitos teriam sido igualmente feridos." (linhas 13 - 14)

É **CORRETO** afirmar que a forma verbal destacada nessa frase está flexionada no

a) imperativo.
b) indicativo.
c) infinitivo.
d) subjuntivo.

12 "Nenhuma das duas ***lhe*** pergunta os seus motivos..."

Considerando-se o trecho do texto em que se insere essa frase, é **CORRETO** afirmar que o pronome nela destacado se refere, ***especificamente,***

a) a alguém desprezível.
b) a uma mulher.
c) à mãe.
d) ao pai.

13 "O marido, que, certamente, também não está feliz, recusa qualquer combinação amigável e quer uma separação litigiosa."

Considerando-se apenas as palavras que indicam qualidade, é **CORRETO** afirmar que, nessa frase, há

a) duas delas.
b) três delas.
c) quatro delas.
d) mais de quatro delas.

14 . "Parece-lhes natural que, diante de um passo tão grave da parte de quem as ***criara*** [...] fosse negado qualquer apoio, carinho e respeito."

É **CORRETO** afirmar que, sem se alterar o sentido original dessa frase, a forma verbal nela destacada pode ser substituída por

a) tenha criado.
b) teria criado.
c) tinha criado.
d) tivesse criado.

15 "Nossa postura diante do inesperado, do diferente, ***raramente*** é de atenção, abertura, escuta."

É **CORRETO** afirmar que, nessa frase, a palavra destacada exerce uma função

a) adjetiva.
b) adverbial.
c) conectiva.
d) substantiva.

16 "Queremos todos os privilégios para nós, a liberdade, a esperança. Para os outros [...] queremos a imobilidade, a distância."

É **CORRETO** afirmar que esses ***dois*** períodos podem ser reunidos em ***apenas um***, sem sofrerem qualquer alteração de sentido ou qualquer outra alteração de forma, utilizando-se o conectivo

a) conquanto.
b) enquanto.
c) portanto.
d) tanto.

17 "Cassamos ***sem respeitar os seus direitos humanos mais básicos.***"

É **CORRETO** afirmar que a oração destacada nesse período veicula uma ideia de

a) causa.
b) consequência.
c) finalidade.
d) modo.

18 "A intolerância [...] é, com certeza, um feio pecado capital. Do qual talvez nenhum de nós escape, ***se examinarmos bem.***"

É **CORRETO** afirmar que, nesse trecho, a oração destacada se liga à que a precede, estabelecendo uma relação de

a) comparação.
b) concessão.
c) condição.
d) consecução.

GABARITO

01 – A	02 – B	03 – C	04 – D	05 – C	06 – B
07 – D	08 – B	09 – B	10 – D	11 – D	12 – C
13 – B	14 – C	15 – B	16 – B	17 – D	18 – C

PROVA VI
FUNDEP-TRIBUNAL DE JUSTIÇA/MG
2009

ATENÇÃO: As questões de **01** a **18** relacionam-se com o texto abaixo. Leia atentamente todo o texto antes de responder a elas.

História da Cidadania
(Introdução)

Afinal, o que é ser cidadão? Ser cidadão é ter direito à vida, à liberdade, à propriedade, à igualdade perante a lei: é, em resumo, ter direitos civis. É também participar no destino da sociedade, votar, ser votado, ter direitos políticos. Os direitos civis e políticos não asseguram a democracia sem os direitos sociais, aqueles que garantem a participacão do indivíduo na riqueza coletiva: o direito à educação, ao trabalho, ao salário justo, à saúde, a uma velhice tranquila. Exercer a cidadania plena é ter direitos civis, políticos e sociais. [...]

Cidadania não é uma definição estanque, mas um conceito histórico, o que significa que seu sentido varia no tempo e no espaço. É muito diferente ser cidadão na Alemanha, nos Estados Unidos ou no Brasil (para não falar dos países em que a palavra é tabu), não apenas pelas regras que definem quem é ou não titular da cidadania (por direito territorial ou de sangue), mas também pelos direitos e deveres distintos que caracterizam o cidadão em cada um dos Estados-nacionais contemporâneos. Mesmo dentro de cada Estado-nacional, o conceito e a prática da cidadania vêm se alterando ao longo dos últimos duzentos ou trezentos anos. Isso ocorre tanto em relação a uma abertura maior ou menor do estatuto de cidadão para sua população (por exemplo, pela maior ou menor incorporação dos imigrantes à cidadania), ao grau de participação política de diferentes grupos (o voto da mulher, do analfabeto), quanto aos direitos sociais, à proteção social oferecida pelos Estados aos que dela necessitam.

A aceleração do tempo histórico nos últimos séculos e a consequente rapidez das mudanças faz com que aquilo que, num momento, podia ser considerado subversão perigosa da ordem, no seguinte, seja algo corriqueiro, "natural" (de fato, não é nada natural, é perfeitamente social).

Não há democracia ocidental em que a mulher não tenha, hoje, direito ao voto, mas isso já foi considerado absurdo, até muito pouco tempo atrás, mesmo em países tão desenvolvidos da Europa como a Suíça. Esse mesmo direito ao voto já esteve vinculado à propriedade de bens, à titularidade de cargos ou funções, ao fato de se pertencer ou não a determinada etnia, etc. Ainda há países em que os candidatos a presidente devem pertencer a determinada religião (Carlos Menem se converteu ao catolicismo para poder governar a Argentina), outros em que nem filho de imigrante tem direito a voto e por aí afora. A ideia de que o Poder Público deve garantir um mínimo de renda a todos os cidadãos e o acesso a bens coletivos, como saúde, educação e previdência, deixa ainda muita gente arrepiada, pois se confunde facilmente o simples assistencialismo com dever do Estado. Não se pode, portanto, imaginar uma sequência única, determinista e necessária para a evolução da cidadania em todos os países. [...] Isso não nos permite, contudo, dizer que inexiste um processo de evolução que marcha da ausência de direitos para sua ampliação, ao longo da história.

A cidadania instaura-se a partir dos processos de lutas que culminaram na Declaração dos Direitos Humanos, dos Estados Unidos da América do Norte, e na Revolução Francesa. Esses dois eventos romperam o princípio de legitimidade que vigia até então, baseado nos deveres dos súditos, e passaram a estruturá-lo com base nos direitos do cidadão. Desse momento em diante, todos os tipos de luta foram travados para que se ampliasse o conceito e a prática de cidadania e o mundo ocidental os estendesse para mulheres, crianças, minorias nacionais, étnicas, sexuais, etárias. Nesse sentido, pode-se afirmar que, na sua acepção mais ampla, cidadania é a expressão concreta do exercício da democracia.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (Orgs.). História da cidadania. São Paulo: Contexto, 2003 p. 9-10 (Texto adaptado)

01 "Afinal, o que é ser cidadão?"
É **CORRETO** afirmar que a resposta a essa pergunta, que introduz o texto, é construída sob a forma de uma
a) admoestação.
b) citação.
c) definição.
d) reiteração.

02 "Os direitos civis e políticos não asseguram a democracia sem os direitos sociais..."
Com base na leitura do texto, é **CORRETO** afirmar que, nessa frase, se confere aos direitos sociais, numa democracia, **PRINCIPALMENTE**, um papel
a) coadjuvante.
b) essencial.
c) expressivo.
d) intermediário.

03 "Cidadania não é uma definição estanque, mas ***um conceito histórico***..."
Com base na leitura do texto, é **CORRETO** afirmar que a expressão destacada nessa frase autoriza considerar-se cidadania como um conceito
a) absoluto.
b) indefinido.
c) ilimitado.
d) relativo.

04 Considerando-se as informações do texto, é **CORRETO** afirmar que a prática da cidadania **NÃO** é
a) diferenciada.
b) evolutiva.
c) homogênea.
d) multifacetada.

05 "Esse mesmo direito ao voto já esteve vinculado à propriedade de bens, à titularidade de cargos ou funções, ao fato de se pertencer ou não a determinada etnia, etc."
É **CORRETO** afirmar que as informações contidas nesse trecho permitem inferir que as instituições políticas **NEM SEMPRE** são
a) confiáveis.
b) exequíveis.
c) imutáveis.
d) presumíveis.

06 "Isso não nos permite, contudo, dizer que inexiste um processo de evolução que marcha da ausência de direitos para sua ampliação, ao longo da história."
É **CORRETO** afirmar que as informações contidas nesse trecho são, ***no texto***,
a) criticadas.
b) fundamentadas.
c) refutadas.
d) subestimadas.

07 "Esses dois eventos romperam o princípio de legitimidade que vigia até então, baseado nos deveres dos súditos, e passaram a estruturá-lo com base nos direitos do cidadão."
Com base nas informações desse trecho, é **CORRETO** afirmar que os direitos de cidadania orientam um processo de
a) elitização.
b) hierarquização.
c) moderação.
d) modernização.

08 "... todos os tipos de luta foram travados para que se ampliasse o conceito e a prática de cidadania..."
Com base na leitura desse trecho, é **CORRETO** afirmar que o conceito e a prática de cidadania podem ser considerados
a) ambíguos.
b) contraditórios.
c) deterministas.
d) dinâmicos.

09 "... pode-se afirmar que, na sua acepção mais ampla, cidadania é a expressão concreta do exercício da democracia."
É **CORRETO** afirmar que as informações contidas nessa frase permitem inferir que cidadania e democracia se
a) excluem.
b) implicam.
c) parecem.
d) projetam.

10 "A ideia de que o Poder Público deve garantir um mínimo de renda a todos os cidadãos [...] deixa ainda ***muita gente arrepiada...***" (linhas 51-55)

É **CORRETO** afirmar que, nessa frase, a expressão destacada configura o emprego de uma linguagem

a) erudita.
b) figurada.
c) hermética.
d) incorreta.

11 "É também participar no destino da sociedade, ***votar, ser votado***, ter direitos políticos."

É **CORRETO** afirmar que, quanto ao seu emprego, as ***duas*** formas verbais destacadas diferem

a) na pessoa.
b) na voz.
c) no modo.
d) no tempo.

12 "Cidadania não é uma definição estanque, ***mas*** um conceito histórico..."

É **CORRETO** afirmar que, nesse período, a palavra destacada estabelece entre as orações uma relação de

a) alternância.
b) comparação.
c) concomitância.
d) oposição.

13 "É muito diferente ser cidadão na Alemanha, [...] ou no Brasil [...] ***não apenas*** pelas regras que definem quem é ou não titular da cidadania [...] ***mas também*** pelos direitos e deveres distintos que caracterizam o cidadão em cada um dos Estados-nacionais contemporâneos."

É **CORRETO** afirmar que, nesse período, as expressões destacadas estabelecem entre orações uma relação de

a) adição.
b) causalidade.
c) conformação.
d) finalidade.

14 "Não se pode, ***portanto***, imaginar uma sequência única [...] para a evolução da cidadania em todos os países."

É **CORRETO** afirmar que, nessa frase, a palavra destacada veicula um sentido de

a) concessão.
b) conclusão.
c) consecução.
d) explicação.

15 "Esses dois eventos romperam o princípio de legitimidade que vigia até então, baseado nos deveres dos súditos, e passaram a estruturá-lo com base nos direitos do cidadão."

Considerando-se as formas verbais presentes nesse período, é **CORRETO** afirmar que

a) uma delas pertence a verbo da terceira conjugação.
b) duas delas pertencem a verbos da segunda conjugação.
c) três delas estão empregadas em formas de plural.
d) todas elas estão empregadas em tempo pretérito.

16 Assinale a alternativa em que, na frase transcrita, a palavra destacada se classifica como pronome relativo.

a) "A aceleração do tempo histórico [...] faz com ***que*** aquilo que, num momento, podia ser considerado subversão perigosa da ordem, no seguinte, seja algo corriqueiro..."
b) "A ideia de ***que*** o Poder Público deve garantir um mínimo de renda a todos os cidadãos [...] deixa ainda muita gente arrepiada..."
c) "Ainda há países em ***que*** os candidatos a presidente devem pertencer a determinada religião..."
d) "... todos os tipos de luta foram travados para ***que*** se ampliasse o conceito e a prática de cidadania..."

17 "Os direitos civis e políticos não asseguram a democracia sem os direitos sociais [...]: o direito à educação, [...] a uma velhice tranquila."

É **CORRETO** afirmar que o sinal gráfico empregado na palavra destacada nessa frase é denominado

a) acento agudo.
b) acento grave.
c) crase.
d) trema.

18 "Desse momento em diante, todos os tipos de luta foram travados para que se ampliasse o conceito e a prática de cidadania e o mundo ocidental os estendesse para mulheres, crianças, minorias nacionais..."

É **CORRETO** afirmar que o gênero e o número do pronome destacado nesse período se devem ao fato de que ele substitui a expressão

a) "mulheres, crianças, minorias nacionais".
b) "o conceito e a prática da cidadania".
c) "o mundo ocidental".
d) "todos os tipos de luta".

GABARITO

01 – C	02 – B	03 – D	04 – C	05 – C	06 – B
07 – D	08 – D	09 – B	10 – B	11 – B	12 – D
13 – A	14 – B	15 – B	16 – C	17 – B	18 – B

PROVA VII
FUNDEP-ASSEMBLEIA/MG-2008

INSTRUÇÃO: As questões de **01** a **18** devem ser respondidas com base no texto abaixo.

SOBRE A VERDADE

O que é a verdade? O dicionário (Aurélio) nos diz que verdade é "conformidade com o real". Complicado isso, já que determinar o que é ou não "real" não é trivial. O que é real para uns, por exemplo, anjos, fadas e duendes, pode não ser para outros. Segundo essa definição, para determinar o que é verdadeiro, temos que conhecer bem a realidade.

E como fazer isso? Como distinguir, além da subjetividade humana, o que é real ou não? Esse é o problema, separar fato de opinião, o que é real "de verdade" do que é apenas fruto de uma visão pessoal ou de crenças de um grupo de pessoas.

Se tudo o que fazemos está ligado de um modo ou outro a quem somos, como, então, definir o que é verdade?

Uma possibilidade é estabelecer categorias de verdade. No topo, ficam as verdades absolutas, que transcendem o elemento humano.

Elas independem de opinião, de afiliação partidária, de religião, de contexto histórico ou de geografia. São as verdades matemáticas, as que podem ser afirmadas categoricamente como, por exemplo: $2 + 2 = 4$. Essa afirmação, uma vez compreendidos os símbolos, é tida como verdadeira.

Ela é verdadeira para nós, para os monges de um monastério no Tibet, para sacerdotes egípcios que viveram há quatro mil anos, ou para supostas inteligências alienígenas que existam pelo cosmo afora. Como esta, existem muitas outras, baseadas em asserções matemáticas que dependem da percepção de objetos no mundo.

Se vemos uma pedra podemos associar uma unidade a ela ("uma" pedra). Se vemos uma podemos ver mais de uma e, com isso, construir uma aritmética.

São muito úteis essas verdades matemáticas, mas menos interessantes. Não que a matemática pura seja pouco interessante, pelo contrário.

Existem complicações mesmo nela, inclusive ao nível mais elementar. [...] Mas, por serem verdades absolutas e, portanto, longe da confusa realidade humana, não dão muito espaço para a polêmica.

A coisa fica complicada quando se discute, por exemplo, a realidade física. O Universo, ou melhor, nossa concepção dele, mudou muito nos últimos 500 anos. Para uma pessoa da Renascença, antes de Nicolau Copérnico (1473-1543), o cosmo era finito, com a Terra imóvel no centro. O céu, a morada de Deus, ficava além da esfera das estrelas fixas. Era ela que marcava o fim do espaço.

Após Copérnico e, principalmente, após Johannes Kepler (1571-1630) e Galileu Galilei (1564-1642) nas primeiras décadas do século 17, o Sol passou a ser o centro do cosmo e a Terra um mero planeta. O que era "verdade" para alguém de 1520 não era para alguém de 1650.

E o universo em que vivemos hoje, gigantesco, com centenas de bilhões de galáxias se afastando uma das outras, é completamente diferente do de uma pessoa de 1650. Qual dessas várias cosmologias é verdadeira?

Todas e nenhuma delas. Se definimos como verdade o que construímos com o conhecimento científico que detemos num determinado momento, todas essas versões são verdadeiras. Mas nenhuma delas é a verdade.

Dado que jamais poderemos medir com absoluta precisão todas as facetas do cosmo e da Natureza, é essencialmente impossível obter uma versão absoluta do que seja a realidade física. Consequentemente, a ciência jamais poderá encontrar a verdade.

O que podemos fazer — e o fazemos maravilhosamente bem — é usar nossa razão e nossos instrumentos para nos aproximar cada vez mais dessa verdade intangível. É essa limitação que enobrece a ciência, dando-lhe sua dimensão humana.

GLEISER, Marcelo. Folha de S.Paulo. 15 abr. 2007
(Texto adaptado)

01 A leitura do texto permite afirmar que, nele, são considerados, **principalmente**, os conhecimentos obtidos por meio

a) da intuição.
b) da razão.
c) das emoções.
d) das práticas.

02 "[...] determinar o que é [...] 'real' não é **trivial**."
É **CORRETO** afirmar que, nessa frase, a palavra destacada significa

a) ambíguo.
b) estranho.
c) incomum.
d) simples.

03 "São as verdades matemáticas, as que podem ser afirmadas **categoricamente** [...]"
É **CORRETO** afirmar que, nessa frase, a palavra destacada significa

a) evasivamente.
b) infusivamente.
c) irrefutavelmente.
d) ordenadamente.

04 "Como esta [afirmação], existem outras, baseadas em **asserções** matemáticas..."
É **CORRETO** afirmar que, no texto, a palavra destacada tem o sentido de

a) argumentações.
b) correlações.
c) enumerações.
d) proposições.

05 "Uma possibilidade é **estabelecer categorias de verdade**."
É **CORRETO** afirmar que "estabelecer categorias de verdade" é uma atividade mental cujo resultado é uma

a) classificação.
b) harmonização.
c) modificação.
d) simbolização.

06 "O que é real para uns [...] pode não ser para outros."

É **CORRETO** afirmar que, nessa frase, a noção de realidade acha-se

a) definida.
b) otimizada.
c) relativizada.
d) resumida.

07 "Esse é o problema, separar fato de opinião, [...]"

Considerando-se as ideias explicitadas no texto, é **CORRETO** afirmar que, nessa frase, está expresso o difícil relacionamento entre

a) individualidade e coletividade.
b) perenidade e transitoriedade.
c) subjetividade e objetividade.
d) unidade e pluralidade.

08 "Elas independem de opinião, de afiliação partidária, de religião, de contexto histórico ou de geografia."

É **CORRETO** afirmar que, no texto, a frase transcrita refere-se às verdades

a) absolutas.
b) físicas.
c) particulares.
d) provisórias.

09 "[...] existem muitas outras [afirmações] baseadas em asserções matemáticas que dependem da percepção de objetos no mundo."

Considerando as ideias expressas nessa frase, assinale a alternativa que apresenta um elemento fundamental para se chegar a verdades matemáticas.

a) A consciência de si.
b) A estrutura do ser.
c) A imaginação criadora.
d) A realidade física.

10 Assinale a alternativa que apresenta uma frase cujo sentido **NÃO** pode ser comprovado pelo que está expresso no texto.

a) A verdade independe das cosmologias que existiram.
b) As conquistas científicas ultrapassam a mera dimensão humana.
c) As várias cosmologias são verdadeiras em seu tempo.
d) O conhecimento total ainda está vedado à ciência.

11 "O que é real para **uns** [...] pode não ser para **outros**."

Assinale a alternativa em que o sentido das palavras destacadas nessa frase está **CORRETAMENTE** identificado.

a) Definição
b) Indeterminação
c) Qualificação
d) Quantificação

12 Assinale a alternativa em que o pronome assinalado **NÃO** preenche, na frase em que se encontra, a mesma função sintática exercida pelos que estão destacados nas demais frases.

a) "E o universo em **que** vivemos hoje [...] é [...] diferente do de uma pessoa de 1650."
b) "Ela é verdadeira [...] para sacerdotes egípcios **que** viveram há quatro mil anos."
c) "No topo, ficam as verdades absolutas, **que** transcendem o elemento humano."
d) "São as verdades matemáticas, as **que** podem ser afirmadas categoricamente."

13 "Como esta [afirmação], **existem** muitas outras [...]"
"Ela é verdadeira [...] para supostas inteligências alienígenas que **existam** pelo cosmo afora."

É **CORRETO** afirmar que as formas verbais destacadas nessa frase **NÃO** pertencem

a) à mesma pessoa.
b) ao mesmo modo.
c) ao mesmo número.
d) ao mesmo tempo.

14 "Existem **complicações** mesmo nela [...]"
"No topo, ficam **as verdades absolutas** [...]"
"São muito úteis **essas verdades matemáticas** [...]"

É **CORRETO** afirmar que a palavra e as expressões destacadas exercem, nessas frases, a função sintática de

a) agentes da passiva.
b) objetos diretos.
c) predicativos.
d) sujeitos.

15 "Mas, **por serem verdades absolutas** [...] não dão muito espaço para a polêmica."

É **CORRETO** afirmar que a oração destacada nesse período tem o sentido de uma

a) causal.
b) comparativa.
c) condicional.
d) consecutiva.

16 "O céu, a **morada de Deus**, ficava além da esfera das estrelas fixas."

Assinale a alternativa em que a expressão destacada nessa frase está **CORRETAMENTE** analisada.

a) Adjunto adnominal
b) Adjunto adverbial
c) Aposto
d) Complemento nominal

17 "[...] é essencialmente impossível obter uma versão absoluta do que seja a realidade física.")

É **CORRETO** afirmar que, nessa frase, o número de palavras polissílabas é de

a) apenas uma palavra.
b) duas palavras.
c) três palavras.
d) quatro palavras.

Atenção: As questões de **18** a **20** devem ser respondidas com base no texto abaixo.

Normas de convivência em condomínio

Seu vizinho está há meses sem pagar o condomínio e, para custear as despesas do prédio, o valor da taxa será aumentado. A moradora do apartamento de baixo incomoda a todos com o volume do som. O cachorro da porta ao lado late a noite inteira e ninguém consegue dormir. **Quem nunca viveu — ou ainda vive — situações semelhantes no edifício onde mora?** O ideal seria que elas não acontecessem, ou que as soluções viessem de forma amigável. Mas nem sempre, ou quase nunca, isso é possível.

Para evitar normas diferenciadas e trazer soluções uniformes, são várias as leis em vigor hoje no Brasil, além do Código Civil que, reformulado em 2002, trouxe novas regras para a convivência entre aqueles que são obrigados a dividir o mesmo espaço. A maior e mais criticada inovação diz respeito à cobrança de multa dos inadimplentes. Se antes o encargo chegava a até 20%, hoje não pode passar de 2%, além de juros mensais de 1%. [...]

Certo é que não há, pelo menos de imediato, como forçar o vizinho a pagar a taxa. A lei não permite sanções como, por exemplo, impedi-lo de utilizar o elevador ou desligar a luz de seu andar. **E é bom tomar cuidado com a divulgação dos nomes dos inadimplentes dentro do condomínio.** [...]

O problema da inadimplência então não tem solução? Tem. Mas demora um pouco: a via judicial. A alternativa é ajuizar uma ação de cobrança, que tem levado em média de dois a três anos para seu julgamento. Por isso, o ideal seria, antes, negociar diretamente com o devedor. Sem acordo, recorre-se ao Judiciário, que poderá determinar a penhora de seus bens até o montante da dívida, corrigida monetariamente.

CONVENÇÃO Para evitar problemas futuros, todas as regras de convivência no condomínio devem estar presentes na convenção (aprovada com pelos menos dois terços dos moradores). Demais assuntos que surgirem serão pauta das assembléias ordinárias ou extraordinárias (aprovados por maioria simples). Vale lembrar que o Código Civil retirou o poder de voto dos inadimplentes.

É também na convenção que poderá ser estabelecido o que é o "vizinho antissocial", quando os moradores poderão definir quais atitudes praticadas pelos moradores poderão ser alvo de multas. [...]

O Código Civil também trouxe duas regras referentes à área usada pelo morador. Em primeiro lugar, a taxa de condomínio deverá ser proporcional à fração ideal de cada unidade — o que significa que os proprietários de coberturas ou apartamentos que tenham mais vagas de garagem poderão pagar valor superior. Há ainda a possibilidade de venda das vagas de garagem, que passaram a ser tratadas como unidades autônomas.

(SOUTO, Isabela. Estado de Minas. 23 abril 2007; com adaptação)

18 Assinale a alternativa que apresenta uma afirmação que **NÃO** pode ser comprovada pelo texto.

a) As convenções de condomínio devem oferecer aos moradores os parâmetros para uma convivência tranquila.
b) No Código Civil, estão princípios que asseguram a equidade das normas de convivência nos diversos condomínios.
c) No Código Civil, são omitidas as regras referentes a problemas específicos do funcionamento de condomínios.
d) O poder judiciário possibilita solucionar problemas de convivência entre os moradores de condomínios.

19 "Quem nunca viveu — ou ainda vive — situações semelhantes no edifício onde mora?" (linhas 7-8)

É **CORRETO** afirmar que, no texto, as situações a que se refere a frase transcrita são

a) ambíguas.
b) constrangedoras.
c) inconcebíveis.
d) irreais.

20 "E é bom tomar cuidado com a divulgação dos nomes dos inadimplentes dentro do condomínio."

Nessa frase, explicita-se que, antes de agir contra quem, de certo modo, prejudica a vida dos condôminos, é preciso ter

a) audácia.
b) cautela.
c) energia.
d) malícia.

GABARITO

01 – B	02 – D	03 – C	04 – D	05 – A
06 – C	07 – C	08 – A	09 – D	10 – B
11 – B	12 – A	13 – B	14 – D	15 – A
16 – C	17 – D	18 – C	19 – B	20 – B

PROVA VIII
FUNDEP
TRIBUNAL DE JUSTIÇA/MG-2009

ATENÇÃO: As questões de **01** a **16** relacionam-se com o texto abaixo. Leia-o com atenção antes de responder a elas.

Como o rei de um país chuvoso

Um espectro ronda o mundo atual: o espectro do tédio. Ele se manifesta de diversas maneiras. Algumas de suas vítimas invadem o "shopping center" e, empunhando um cartão de crédito, comprometem o futuro do marido ou da mulher e dos filhos. A maioria opta por ficar horas diante da TV, assistindo a "reality shows", os quais, por razões que me escapam, tornam interessante para seu público a vida comum de estranhos, ou seja, algo idêntico à própria rotina considerada vazia, claustrofóbica.

O mal ataca hoje em dia faixas etárias que, uma ou duas gerações atrás, julgávamos naturalmente imunizadas a seu contágio. Crianças sempre foram capazes de se divertir umas com as outras ou até sozinhas. Dotadas de cérebros que, como esponjas, tudo absorvem e de um ambiente, qualquer um, no qual tudo é novo, tudo é infinito, nunca lhes faltam informação e dados a processar. Elas não precisam ser entretidas pelos adultos, pois o que quer que estes façam ou deixem de fazer lhes desperta, por definição, a curiosidade natural e aguça seus instintos analíticos. E, todavia, os pais se vêem cada vez mais compelidos a inventar maneiras de distrair seus filhos durante as horas ociosas destes, um conceito que, na minha infância, não existia. É a ideia de que, se a família os ocupar com atividades, os filhos terão mais facilidades na vida.

Sendo assim, os pais, simplesmente, não deixam os filhos pararem.

Se o mal em si nada tem de original e, ao que tudo indica, surgiu, assim como o medo, o nojo e a raiva, junto com nossa espécie ou, quem sabe, antes, também é verdade que, por milênios, somente uma minoria dispunha das precondições necessárias para sofrer dele. Falamos do homem cujas refeições da semana dependiam do que conseguiria caçar na segunda-feira, antes de, na terça, estar fraco o bastante para se converter em caça e de uma mulher que, de sol a sol, trabalhava com a enxada ou o pilão. Nenhum deles tinha tempo de sentir o tédio, que pressupõe ócio abundante e sistemático para se manifestar em grande escala. Ninguém lhe oferecia facilidades. Por isso é que, até onde a memória coletiva alcança, o problema quase sempre se restringia ao topo da pirâmide social, a reis, nobres, magnatas, aos membros privilegiados de sociedades que, organizadas e avançadas, transformavam a faina abusiva da maioria no luxo de pouquíssimos eleitos.

O tédio, portanto, foi um produto de luxo, e isso até tão recentemente que Baudelaire, para, há século e meio, descrevê-lo, comparou-se ao rei de um país chuvoso, como se experimentar delicadeza tão refinada elevasse socialmente quem não passava de "aristocrata de espírito".

Coube à Revolução Industrial a produção em massa daquilo que, previamente, eram raridades reservadas a uma elite mínima. E, se houve um produto que se difundiu com sucesso notável pelos mais inesperados andares e recantos do edifício social, esse produto foi o tédio. Nem se requer uma fartura de Primeiro Mundo para se chegar à sua massificação. Basta, a rigor, que à satisfação do biologicamente básico se associe o cerceamento de outras possibilidades (como, inclusive, a da fuga ou da emigração), para que o tempo ocioso ou inútil se encarregue do resto. Foi assim que, após as emoções fornecidas por Stalin e Hitler, os países socialistas se revelaram exímios fabricantes de tédio, único bem em cuja produção competiram à altura com seus rivais capitalistas. O tédio não é piada, nem um problema menor. Ele é central. Se não existisse o tédio, não haveria, por exemplo, tantas empresas de entretenimento e tantas fortunas decorrentes delas. Seja como for, nem esta nem soluções tradicionais (a alta cultura, a religião organizada) resolverão seus impasses. Que fazer com essa novidade histórica, as massas de crianças e jovens perpetuamente

desempregados, funcionários, gente aposentada e cidadãos em geral ameaçados não pela fome, guerra ou epidemias, mas pelo tédio, algo que ainda ontem afetava apenas alguns monarcas?

ASCHER, Nélson, Folha de S. Paulo, 9 abr. 2007, Ilustrada. (Texto adaptado)

01 "Como o rei de um país chuvoso"
O título do texto contém, **sobretudo**,

a) uma alusão à antítese entre a facilidade de provimento das necessidades materiais e o vazio decorrente do ócio e da monotonia pela ausência de motivos por que lutar.
b) uma comparação que trata da dificuldade de convivência entre a opulência do poder e a manipulação decorrente do consumismo exacerbado.
c) uma metáfora relacionada à coabitação da angústia existencial contemporânea com a busca de sentidos para a vida, especialmente entre os membros da aristocracia.
d) uma referência ao conflito advindo da solidão do poder, especialmente no que se refere ao desânimo oriundo da ausência de perspectivas para a vida em sociedade.

02 O texto **NÃO** menciona como causa para a presença do tédio na sociedade moderna

a) a ausência de atividades físicas compulsórias relacionadas com a sobrevivência.
b) a facilidade de acesso aos bens que provêem as necessidades físicas primárias.
c) a limitação da mobilidade física e privação de certas liberdades.
d) a proliferação de empresas e de espaços de lazer e de consumo.

03 A alternativa em que o termo destacado **NÃO** está **corretamente** explicado entre parênteses é

a) "[...] aos membros privilegiados de sociedades que [...] transformavam **a faina** abusiva da maioria no luxo de pouquíssimos eleitos." (A CARÊNCIA, A MISÉRIA)
b) "Basta [...] que à satisfação do biologicamente básico se associe **o cerceamento** de outras possibilidades [...]" (A RESTRIÇÃO, A SUPRESSÃO)
c) "[...] os países socialistas se revelaram **exímios** fabricantes do tédio[...]" (EMINENTES, PERFEITOS)
d) "**Um espectro** ronda o mundo atual: o espectro do tédio." (UM FANTASMA, UMA AMEAÇA)

04 "O mal ataca hoje em dia faixas etárias que, **uma ou duas gerações atrás**, julgávamos naturalmente imunizadas a seu contágio."

A expressão destacada pode ser substituída sem alteração significativa do sentido por

a) a uma ou duas gerações.
b) acerca de duas gerações.
c) há uma ou duas gerações.
d) por uma ou duas gerações.

05 "Se não existisse o tédio, não haveria, por exemplo, tantas empresas de entretenimento e tantas fortunas decorrentes delas." (linhas 74-76)

Alterando-se os tempos verbais, haverá **ERRO** de coesão em

a) Não existindo o tédio, não haveria, por exemplo, tantas empresas de entretenimento e tantas fortunas decorrentes delas.
b) Se não existe o tédio, não terá havido, por exemplo, tantas empresas de entretenimento e tantas fortunas decorrentes delas.
c) Se não existir o tédio, não vai haver, por exemplo, tantas empresas de entretenimento e tantas fortunas decorrentes delas.
d) Se não tivesse existido o tédio, não teria havido, por exemplo, tantas empresas de entretenimento e tantas fortunas decorrentes delas.

06 A supressão da vírgula implica alteração do sentido em

a) "Coube à Revolução Industrial a produção em massa daquilo que, previamente, eram raridades reservadas a uma elite mínima."

Coube à Revolução Industrial a produção em massa daquilo que previamente eram raridades reservadas a uma elite mínima.

b) "Nenhum deles tinha tempo de sentir o tédio, que pressupõe ócio abundante e sistemático [...]"
Nenhum deles tinha tempo de sentir o tédio que pressupõe ócio abundante e sistemático [...]

c) "O tédio não é piada, nem um problema menor."
O tédio não é piada nem um problema menor.

d) "[...] também é verdade que, por milênios, somente uma minoria dispunha das precondições necessárias [...]"
[...] também é verdade que por milênios somente uma minoria dispunha das precondições necessárias [...]

07 A alteração da colocação pronominal acarreta **ERRO** em

a) "E, todavia, os pais se veem cada vez mais compelidos [...]"
E, todavia, os pais veem-se cada vez mais compelidos [...]

b) "[...] que Baudelaire, para, há século e meio, descrevê-lo, comparou-se [...]"
[...] que Baudelaire, para o descrever, há século e meio, comparou-se [...]

c) "[...] se a família os ocupar com atividades, os filhos terão mais facilidades na vida."
[...] se a família ocupá-los com atividades, os filhos terão mais facilidades na vida.

d) "[...] sentir o tédio [...] para se manifestar em grande escala."
[...] sentir o tédio [...] para manifestar-se em grande escala.

08 O pronome utilizado na expressão entre parênteses está **CORRETO** e corresponde ao termo destacado em

a) "A maioria [...] assistindo **a 'reality shows'** [...]" (ASSISTINDO-OS)

b) "Algumas de suas vítimas [...] comprometem **o futuro do marido ou da mulher e dos filhos.**" (COMPROMETEM-NOS)

c) "Seja como for, nem esta nem soluções tradicionais [...] resolverão **seus impasses.**" (RESOLVER-LHES-ÃO)

d) "[...] os quais [...] tornam interessante para seu público **a vida comum de estranhos** [...]" (TORNAM-NA INTERESSANTE PARA SEU PÚBLICO)

09 A substituição da forma verbal destacada pela que se encontra entre parênteses **NÃO** implica **erro** em

a) "Nenhum deles **tinha** tempo de sentir o tédio [...]" (TINHAM)

b) "[...] para que o tempo ocioso ou inútil se **encarregue** do resto." (ENCARREGUEM)

c) "Se não existisse o tédio, não **haveria**, por exemplo, tantas empresas de entretenimento [...]" (HAVERIAM)

d) "[...] tudo é infinito, nunca lhes **faltam** informação e dados a processar." (FALTA)

10 A forma ativa correspondente a "[...] Elas não precisam ser entretidas pelos adultos [...]" é

a) Não se precisou entreter as crianças.

b) Os adultos não as entretêm.

c) Os adultos não as vão entreter.

d) Os adultos não precisam entretê-las.

11 "[...] o tédio [...] **pressupõe** ócio abundante e sistemático [...]"

O verbo **pressupor** está utilizado de forma errada em

a) O tédio pressupôs ócio abundante e sistemático.

b) O tédio pressupusera ócio abundante e sistemático.

c) Quando o tédio pressupor ócio abundante e sistemático.

d) Se o tédio pressupusesse ócio abundante e sistemático.

12 "O tédio, **portanto**, foi um produto de luxo, e isso até tão recentemente que Baudelaire, para, há meio século e meio, descrevê-lo, comparou-se ao rei de um país chuvoso [...]"

O termo destacado apresenta uma ideia de

a) causa.
b) concessão.
c) conclusão.
d) consequência.

13 "A maioria opta por ficar horas diante da TV, assistindo a 'reality shows', os quais, por razões que me escapam, tornam interessante para seu público a vida comum de estranhos, ou seja, algo idêntico à própria rotina considerada vazia, claustrofóbica."

A redação que **NÃO** apresenta erro gramatical é

a) Algo idêntico a própria rotina considerada vazia, claustrofóbica, ou seja, a vida comum de estranhos, torna-se interessante para o público da TV, cuja maioria opta por ficar horas diante dela assistindo, por razões, que me escapam, "reality shows".
b) A vida comum de estranhos, ou seja, algo idêntico à própria rotina considerada vazia, claustrofóbica, tornam-se, por razões que me escapam, interessante para a maioria do público o qual opta por ficar horas diante da TV assistindo a "reality shows".
c) Escapa-me as razões pelas quais os "reality shows", que a maioria assiste, optando por ficar horas diante da TV, tornam interessante para seu público a vida comum de estranhos, ou seja, algo idêntico à própria rotina considerada vazia, claustrofóbica.
d) Os "reality shows", aos quais a maioria, ficando horas diante da TV, opta por assistir, tornam, por razões que me escapam, interessante para seu público a vida comum de estranhos, ou seja, algo idêntico à própria rotina considerada vazia, claustrofóbica.

14 A expressão entre parênteses **NÃO** corresponde ao termo destacado em

a) "[...] aos membros privilegiados de sociedades **que**, organizadas e avançadas, transformavam a faina abusiva da maioria [...]" (MEMBROS PRIVILEGIADOS DE SOCIEDADES)
b) "E, todavia, os pais se vêem cada vez mais compelidos a inventar maneiras de distrair seus filhos durante as horas ociosas **destes,** [...]" (DE SEUS FILHOS)
c) "O mal ataca hoje em dia faixas etárias que, uma ou duas gerações atrás, julgávamos naturalmente imunizadas a **seu** contágio." (O MAL)
d) "Se não existisse, não haveria, por exemplo, tantas empresas de entretenimento e tantas fortunas decorrentes **delas.**" (DE TANTAS EMPRESAS DE ENTRETENIMENTO)

15 "**Um espectro** ronda o mundo atual: o espectro do tédio."

A alternativa em que o termo destacado exerce a mesma função sintática que a expressão sublinhada no período acima é

a) "Coube **à Revolução Industrial** a produção em massa daquilo que, previamente, [...]"
b) "Dotadas de cérebro que, como esponjas, **tudo** absorvem e de um ambiente [...]"
c) "E se houve **um produto** que se difundiu com sucesso notável pelos mais inesperados andares e recantos [...]"
d) "Se não existisse **o tédio**, não haveria, por exemplo, tantas empresas de entretenimento [...]"

16 "**Falamos do homem cujas refeições da semana** dependiam do que conseguiria caçar na segunda-feira, antes de, na terça, [...]"

A redação que **NÃO** apresenta erro gramatical é

a) as refeições da semana do homem do qual falamos dependiam do que ele conseguiria caçar na segunda-feira, antes de, na terça, [...]
b) das refeições da semana do qual homem falamos dependia aquilo que conseguiria caçar na segunda-feira, antes de, na terça, [...]
c) falamos do homem de cujas as refeições da semana dependia aquilo que conseguiria caçar na

segunda-feira, antes de, na terça [...]

d) falamos do homem que as refeições dele da semana dependiam do que ele conseguiria caçar na segunda-feira, antes de, na terça [...]

GABARITO

01 – A	02 – D	03 – A	04 – C	05 – B	06 – B
07 – C	08 – D	09 – D	10 – D	11 – C	12 – C
13 – D	14 – A	15 – D	16 – A		

PROVA IX
FUNDEP
ANALISTA JUDICIÁRIO/MG- 2010

ATENÇÃO: As questões de **01** a **10** relacionam-se com o texto abaixo. Leia-o com atenção antes de responder a elas.

NOTÍCIAS NA TV

Em Roma como os romanos, na enchente como os molhados. O repórter nunca se contentaria em apenas mostrar as ruas transformadas em rios, os automóveis em jangadas, as casas em aquários. Precipita-se, intrépido, no aguaceiro e, molhado até o joelho, ei-lo, de microfone na mão, a desempenhar sua tarefa, árdua tarefa, não apenas in loco, ao vivo e em cores, mas com os efeitos do dilúvio a castigá-lo na pele. É o jornalismo de imersão na notícia em uma de suas mais completas versões. Melhor, só se o repórter transmitisse do fundo da água.

Se se tratasse de um vendaval, o ideal seria que pudesse se mostrar fustigado com tal ferocidade que tivesse de se abraçar a um poste para não alçar voo como uma pipa, o corpo já despregado do solo, os pés flutuando no espaço. À falta disso, pelo menos que se mostrasse com os cabelos ao vento. Sem cabelos ao vento, não há cobertura digna de vendaval. É imperioso escolher para a missão repórteres cujos cabelos sejam passíveis de esvoaçar ao vento. Na enchente como os molhados, na ventania como os ventados.

Agora a notícia é sobre a prisão dos implicados no último escândalo de caixa dois/suborno/desvio de verbas/lavagem de dinheiro/formação de quadrilha e, tanto quanto a polícia é a TV que vai prender o suspeito. A TV madruga à porta do suspeito. O suspeito abre a porta, sonolento. A TV pespega-lhe as algemas. Ouve-se o clec das algemas se fechando. A TV encaminha o suspeito ao camburão.

Força-o à laboriosa empreitada de entrar no carro manobrando o traseiro, dada a impossibilidade de contar com as mãos. O carro parte em disparada. Não basta reportar a realidade. Realidade é para os "reality shows". A ordem é radicalizar o real. No próximo bloco: disparam os preços dos legumes – e o que fazer para proteger seu dinheiro em tempos de crise.

Se o réu agora são as leguminosas, vai-se flagrá-las igualmente em seu habitat. A repórter percorre o supermercado, empurrando um carrinho. Pepino – cinquenta por cento de aumento. Ela pega um pepino da prateleira, põe-no no carrinho. Abobrinha – setenta por cento; berinjela – cem por cento; rabanete – cento e cinquenta por cento. Nesse momento uma freguesa, com seu carrinho, aproxima-se da repórter. Que freguesa distraída. Não viu que estavam gravando?

Não viu as câmeras, não atentou para as luzes? Enquanto a repórter continua a elencar os pepinos e respectivos índices de aumento, a freguesa segue impassível, a escarafunchar as prateleiras, bem ali ao lado, e levar um ou outro produto ao carrinho. A repórter enfim lhe interrompe a rotina. O que a senhora achou dos preços dos legumes? Um escândalo! Estão muito mais altos do que na semana passada. Que sorte a freguesa ter aparecido bem nessa hora. Faltava à notícia o toque de drama doméstico que só a voz do consumidor é capaz de conferir.

Volta para o estúdio. Os âncoras fecham a cara. Estão bravos com o aumento de preços. E o que fazer para proteger o seu dinheiro? A reportagem é agora

com um economista, que, compenetrado, surge fazendo cálculos na calculadora. A regra é clara: se a entrevista é com um escritor, tem de ter no fundo uma estante de livros; se com um biólogo, tem de mostrá-lo com um olho pregado no microscópio; se com economista, tem de ter calculadora. E o que fazer, em tempo de crise? Agora sim, ele levanta os olhos da calculadora e dá seu recado.

Prudência nos investimentos. Não gastar mais do que se tem. Calcular os juros antes de comprar a prazo. Não comprar a prazo se se pode pagar à vista. (Ô economista! Precisava de tanto cálculo, para chegar a essas conclusões?) No próximo bloco: futebol. E o âncora sorri. É preciso sorrir quando a notícia é de futebol. Assim o público fica avisado de que esse é um assunto ameno.

São mostrados os gols da rodada. Segue-se reportagem sobre os nordestinos que se revelaram exímios fazedores de sushi nos restaurantes japoneses de São Paulo. Começa com a repórter passeando entre as mesas do restaurante. De forma mais espantosa ainda do que a freguesa do supermercado, ninguém parece se dar conta da presença da câmera. Continuam os clientes todos a conversar uns com o outros, entre uma manobra e outra com os hashis. (Ô produtor de telejornal, meu semelhante, meu irmão: de tanto caprichar na realidade, não estarias criando uma obra de ficção?) A repórter chega ao balcão, mostra o moço franzino cortando o salmão com perícia de esgrimista. O moço diz que veio do Piauí e que nunca antes tinha ouvido falar de sushi. Esplêndido: ele diz tudo o que se espera de um piauiense que vira fazedor de sushi. Volta ao estúdio. Os âncoras sorriem. O jornal termina com uma nota alegre e uma história de sucesso, como deve. Boa noite.

TOLEDO, R. P. Veja, Rio de janeiro, v. n. jun.2009
(Texto adaptado)

01 Relativamente aos noticiários de televisão, assinale a afirmativa que **NÃO** está presente no texto.

a) A veiculação de notícias é caracterizada por certa teatralização de que o repórter se torna personagem.

b) As diferentes reações dos âncoras dos noticiários, de alegria ou de indignação, vão ao encontro do conteúdo das informações divulgadas.

c) Em busca do aumento da audiência, mesmo em detrimento do padrão de qualidade, cultiva-se um realismo semelhante aos chamados *reality shows*, em que a improvisação e a espontaneidade se fazem presentes.

d) Os noticiários não se limitam a relatar o fato e a mostrar as imagens relativas a ele.

02 Assinale a afirmativa que **NÃO** se encontra explicitada no texto.

a) A análise que o texto faz dos noticiários de televisão é marcada por um tom bem-humorado e irônico.

b) Em algumas situações a televisão parece atuar como instituição que detém poder para julgar e até prender personagens envolvidos na notícia.

c) O autor, com invocações, formula questões diretas a alguns atores envolvidos no noticiário.

d) Os noticiários perdem a credibilidade quando expõem de forma exagerada a opinião e o sentimento dos repórteres e âncoras.

03 A alternativa em que a norma culta admite a alteração da colocação do pronome oblíquo é

a) "À falta disso, pelo menos que se mostrasse com os cabelos ao vento."
À falta disso, pelo menos que mostrasse-se com os cabelos ao vento.

b) "O repórter nunca se contentaria em apenas mostrar as ruas transformadas em rios [...]"
O repórter nunca contentar-se-ia em apenas mostrar as ruas transformadas em rios [...]

c) "Se se tratasse de um vendaval, o ideal seria que pudesse se mostrar fustigado com tal ferocidade [...]"
Se se tratasse de um vendaval, o ideal seria que pudesse mostrar-se fustigado com tal ferocidade [...]

d) "Segue-se reportagem sobre os nordestinos que se revelaram exímios fazedores de *sushi* nos

restaurantes japoneses de São Paulo."
Segue-se reportagem sobre os nordestinos que revelaram-se exímios fazedores de *sushi* nos restaurantes japoneses de São Paulo.

04 "É imperioso escolher para a missão repórteres cujos cabelos sejam passíveis de esvoaçar ao vento."
Assinale a alternativa em que a nova redação **MANTÉM** a correção gramatical, ainda que provoque alteração semântica.

a) É imperioso escolher para a missão repórteres dos quais os cabelos deles sejam passíveis de esvoaçar ao vento.
b) É imperioso escolher para a missão repórteres em cujos cabelos seja passível esvoaçar ao vento.
c) É imperioso escolher para a missão repórteres por cujos cabelos o vento passe, fazendo-os esvoaçar.
d) É imperioso escolher para a missão repórteres que os cabelos deles sejam passíveis de esvoaçar ao vento.

05 A redação que **NÃO** contém erro pela utilização ou pela ausência de sinal indicativo de crase é

a) "À falta disso, pelo menos que se mostrasse com os cabelos ao vento."
A falta disso, pelo menos que se mostrasse com os cabelos ao vento.
b) "Faltava à notícia o toque de drama doméstico que só a voz do consumidor é capaz de conferir."
Faltava à toda notícia o toque de drama doméstico que só a voz do consumidor é capaz de conferir.
c) "Não comprar a prazo se se pode pagar à vista."
Não comprar à prazo se se pode pagar a vista.
d) "(Ô economista! Precisava de tanto cálculo, para chegar a essas conclusões?)"
(Ô economista! Precisava de tanto cálculo para chegar àquelas conclusões?)

06 "Se se tratasse de um vendaval, o ideal seria que pudesse se mostrar fustigado com tal ferocidade que tivesse de se abraçar a um poste para não alçar voo como uma pipa, o corpo já despregado do solo, os pés flutuando no espaço."
O período acima **NÃO** apresenta oração com ideia de

a) causa.
b) conclusão.
c) consequência.
d) hipótese.

07 A alternativa em que a nova redação apresenta erro gramatical é

a) "[...] a freguesa segue impassível, a escarafunchar as prateleiras. [...] A repórter enfim lhe interrompe a rotina."
[...] a freguesa segue impassível, a escarafunchar as prateleiras. [...] A repórter enfim a interrompe em sua rotina.
b) "O repórter nunca se contentaria em apenas [...] mas com os efeitos do dilúvio a castigá-lo na pele."
O repórter nunca se contentaria em apenas [...] mas com os efeitos do dilúvio a castigar-lhe a pele.
c) "O suspeito abre a porta, sonolento. A TV pespega-lhe as algemas."
O suspeito abre a porta, sonolento. A TV pespega as algemas nele.
d) "Precipita-se, intrépido, no aguaceiro e, molhado até o joelho, ei-lo, de microfone na mão, a desempenhar sua tarefa [...]"
Precipita-se, intrépido, no aguaceiro e, molhado até o joelho, eis-lhe, de microfone na mão, a desempenhar sua tarefa [...]

08 Não há correspondência do tempo ou da forma verbal na transposição da voz do verbo em

a) "É imperioso escolher para a missão repórteres cujos cabelos sejam passíveis de esvoaçar ao vento."
É imperioso serem escolhidos para a missão repórteres cujos cabelos sejam passíveis de esvoaçar ao vento.

b) "E o que fazer para proteger o seu dinheiro?"
E o que fazer para que seu dinheiro seja protegido?

c) "O suspeito abre a porta, sonolento."
A porta é aberta pelo suspeito, sonolento.

d) "Se o réu agora são as leguminosas, vai-se flagrá-las igualmente em seu *habitat*."
Se o réu agora são as leguminosas, elas vão ser flagradas igualmente em seu *habitat*.

09 A alternativa em que a correspondência singular/plural apresenta **ERRO** gramatical é

a) "Ela pega um pepino da prateleira, põe-no no carrinho."
Elas pegam pepinos da prateleira, põem-nos nos carrinhos.

b) "Faltava à notícia o toque de drama doméstico [...]"
Faltavam às notícias toques de dramas domésticos [...]

c) "Se se tratasse de um vendaval [...]".
Se se tratassem de vendavais [...]

d) "Segue-se reportagem sobre os nordestinos [...]"
Seguem-se reportagens sobre os nordestinos [...]

10 A alternativa em que as alterações implicaram **ERRO** na utilização dos sinais de pontuação é

a) "Abobrinha – setenta por cento; berinjela – cem por cento; rabanete – cento e cinquenta por cento."
Abobrinha: setenta por cento, berinjela: cem por cento, rabanete: cento e cinquenta por cento.

b) "Continuam os clientes todos a conversar uns com os outros, entre uma manobra e outra com os hashis."
Continuam, os clientes todos, a conversar uns com os outros, entre uma manobra e outra, com os hashis.

c) "Enquanto a repórter continua a elencar os pepinos e respectivos índices de aumento, a freguesa segue impassível, a escarafunchar as prateleiras, bem ali ao lado, e levar um ou outro produto ao carrinho."
A freguesa, bem ali ao lado, segue impassível a escarafunchar as prateleiras e a levar um ou outro produto ao carrinho, enquanto a repórter continua a elencar os pepinos e respectivos índices de aumento.

d) "Precipita-se, intrépido, no aguaceiro e, molhado até o joelho, ei-lo, de microfone na mão, a desempenhar sua tarefa, árdua tarefa, não apenas in loco, ao vivo e em cores, mas com os efeitos do dilúvio a castigá-lo na pele."
Precipita-se – intrépido – no aguaceiro e, molhado até o joelho, ei-lo de microfone na mão a desempenhar sua tarefa – árdua tarefa – não apenas in loco, ao vivo e em cores, mas com os efeitos do dilúvio a castigá-lo na pele.

GABARITO

01 – C	02 – D	03 – C	04 – C	05 – D
06 – B	07 – D	08 – B	09 – C	10 –B

PROVA X
FUNDEP- ANALISTA DE SISTEMAS/ PRODABEL-2009

ATENÇÃO: As questões de **1** a **15** relacionam-se com o texto abaixo. Leia-o com atenção antes de responder a elas.

VOCÊ SABE O QUE ESTÃO ENSINANDO A ELE?

Vamos falar sem rodeios. Em boa parte dos lares brasileiros, uma conversa em família flui com muito mais vigor e participação quando se decide a assinatura de novos canais a cabo, o destino das próximas férias ou a hora de trocar de carro do que quando se discute sobre o que exatamente o Júnior está aprendendo na escola. Quando e se esse assunto é levantado, ele se resumirá às notas obtidas e a algum evento extraordinário de mau comportamento, como ter sido pego fumando no corredor ou ter beliscado o traseiro da professora de geografia. O quadro acima é

um tanto anedótico, mas tem muito de verdadeiro. De modo geral, com as nobilíssimas exceções que todos conhecemos, os pais brasileiros de todas as classes não se envolvem como deveriam na vida escolar dos filhos. Os mais pobres dão graças aos céus pelo fato de a escola fornecer merenda, segurança e livros didáticos gratuitos. Os pais de classe média se animam com as quadras esportivas, a limpeza e a manifesta tolerância dos filhos quanto às exigências acadêmicas muitas vezes calibradas justamente para não forçar o ritmo dos menos capazes.

Uma pesquisa recente traduz essa situação em números. Para 89% dos pais com filhos em escolas particulares, o dinheiro é bem gasto e tem bom retorno. No outro campo, 90% dos professores se consideram bem preparados para a tarefa de ensinar. Sob sua plácida superfície, essa satisfação esconde o abismo da dura realidade — o ensino no Brasil é péssimo, está formando alunos despreparados para o mundo atual, competitivo, mutante e globalizado. Em comparações internacionais, os melhores alunos brasileiros ficam nas últimas colocações — abaixo da quinquagésima posição em competições com apenas 57 países.

Em Procura da Poesia, o grande Carlos Drummond de Andrade provê uma metáfora eficiente do que o desafio de melhorar a qualidade da educação exigirá da atual geração de brasileiros: "O que pensas e sentes, isso ainda não é poesia". Uniformizar, alimentar, dar livros didáticos aos jovens e perguntar como foi o dia na escola é fundamental, mas isso ainda não é educação para o século XXI. "Chega mais perto e contempla as palavras. Cada uma tem mil faces secretas sob a face neutra e te pergunta, sem interesse pela resposta, pobre ou terrível, que lhe deres: Trouxeste a chave?", continua nosso maior poeta, morto em 1987. Outra metáfora exata. Os jovens estudantes são como as palavras, com mil faces secretas sob a face neutra e esperando as chaves que lhes abram os portais de uma vida pessoal e profissional plena.

Isso só se conseguirá quando o otimismo com o desempenho do sistema, que é também compartilhado pelos alunos, for transformado em radical inconformismo. A fagulha de mudança pode ser acendida com a constatação de que as escolas que pais, alunos e professores tanto elogiam são as mesmas que devolvem à sociedade jovens incapazes de ler e entender um texto, que se embaralham com as ordens de grandeza e confiam cegamente em suas calculadoras digitais para não apenas fazer contas mas substituir o pensamento lógico. Mais uma vez abusa-se do recurso da generalização para que o mérito individual de alguns poucos não dilua a constatação de que o complexo educacional brasileiro é medíocre e não se enxerga como tal. Quando um conselho de notáveis americanos fez a célebre condenação do sistema de ensino do país ("parece ter sido concebido pelo pior inimigo dos Estados Unidos..."), as pesquisas de opinião mostravam que a maioria dos americanos estava plenamente satisfeita com suas escolas. A comissão viu mais longe e soou o alarme. Agora no Brasil o mesmo senso de realidade e urgência se faz necessário, como resume Cláudio de Moura Castro, ensaísta, pesquisador e colunista: "Uma crise, uma crise profunda. Só isso salva nossa educação".

VEJA, 20 ago. 2008 p. 74 (Texto adaptado)

01 A alternativa que **NÃO** contém uma afirmativa condizente com o texto é

a) A escola se adapta, muitas vezes, ao aluno, para não forçá-lo nem exigir muito dele.
b) Os pais em geral estão pouco engajados e se satisfazem com aspectos periféricos à educação.
c) Falta autocrítica ao sistema educacional brasileiro.
d) Os jovens têm responsabilidade direta pelas mazelas da educação.

02 A alternativa que contém o provérbio popular que melhor retrata a visão que o texto apresenta da educação brasileira é

a) O pior cego é o que não quer ver.
b) Pau que nasce torto morre torto.
c) Quem desdenha quer comprar.
d) Quem espera sempre alcança.

03 "Para 89% dos pais com filhos em escolas particulares, o dinheiro é bem gasto e tem bom retorno. No outro campo, 90% dos professores se consideram bem preparados para a tarefa de ensinar."

Em relação aos dados apresentados pela pesquisa, o texto tem uma posição

a) ambígua.
b) cética.
c) otimista.
d) ufanista.

04 Em relação às melhorias na educação, a metáfora utilizada por Carlos Drummond de Andrade pode ser associada de forma direta à necessidade de

a) atitudes, soluções.
b) debates, reflexões.
c) interação entre pais, alunos e professores.
d) destinação de vultosos recursos materiais.

05 [...] ("parece ter sido concebido pelo pior inimigo dos Estados Unidos ..."), [...]

As aspas utilizadas no trecho entre parênteses se justificam por

a) destacar o trecho chamando a atenção para a relevância do conteúdo.
b) se tratar de uma transcrição.
c) tecer um comentário desabonador para a educação americana.
d) revelar, com certa ironia, uma opinião oposta à do autor.

06 "A fagulha de mudança pode ser acendida com a constatação de que as escolas <u>que pais, alunos e professores tanto elogiam</u> são as mesmas [...]"

A substituição da oração destacada acarreta erro de regência em

a) a que pais, alunos e professores tanto precisam.
b) de que pais, alunos e professores tanto gostam.
c) em que pais, alunos e professores tanto confiam.
d) por que pais, alunos e professores tanto batalham.

07 "Quando e se esse assunto é levantado, ele se resumirá às notas obtidas e a algum evento extraordinário de mau comportamento, como ter sido pego fumando no corredor [...]"

O período acima contém ideias de natureza

a) comparativa, concessiva e condicional.
b) comparativa, condicional e temporal.
c) concessiva, condicional e temporal.
d) comparativa, concessiva e temporal.

08 A alternativa em que cada vocábulo é acentuado graficamente em função de uma regra diferente é

a) nobilíssima, anedótico, urgência.
b) céus, só, provê.
c) notáveis, superfície, férias.
d) resumirá, você, quinquagésima.

09 A alternativa em que se pode determinar o sujeito sintático da forma verbal destacada é a) "Você sabe o que <u>estão ensinando</u> a ele?"

b) "[...] do que quando se <u>discute</u> sobre o que exatamente o Júnior está aprendendo na escola".
c) "Mais uma vez <u>abusa</u>-se do recurso da generalização para que o mérito individual de alguns não dilua [...]"
d) "[...] a constatação de que o complexo educacional brasileiro é medíocre e não se <u>enxerga</u> como tal."

10 "[...] ele se resumirá às notas obtidas e a algum evento extraordinário de mau comportamento [...]"

No que se refere ao uso do sinal indicativo da crase, a alternativa que contém uma adaptação correta do trecho acima é

a) [...] ele se resumirá a questões referentes às notas obtidas e a quaisquer eventos extraordinários de mau comportamento [...]
b) [...] ele se resumirá à uma discussão sobre as notas obtidas e à todo evento extraordinário de

mau comportamento [...]

c) [...] ele se resumirá à discutir as notas obtidas e às conversas sobre algum evento extraordinário de mau comportamento [...]

d) [...] ele se resumirá à discussão das notas obtidas e à diferentes formas de eventos extraordinários de mau comportamento [...]

11 A alteração da colocação pronominal só é possível em

a) "[...] os pais brasileiros de todas as classes não se envolvem como deveriam [...]" [NÃO ENVOLVEM-SE]

b) "Mais uma vez abusa-se do recurso da generalização [...]" [MAIS UMA VEZ SE ABUSA]

c) "Isso só se conseguirá, quando o otimismo com o desempenho [...]" [ISSO SÓ CONSEGUIRÁ-SE]

d) "Os jovens estudantes [...], sob a face neutra e esperando as chaves que lhes abram as portas [...]" [QUE ABRAM-LHES AS PORTAS]

12 *"Chega mais perto e contempla as palavras. Cada uma tem mil faces secretas sob a face neutra e te pergunta, sem interesse pela resposta, pobre ou terrível, que lhe deres: Trouxeste a chave?"*

O poema de Drummond reproduzido no texto foi elaborado com a interlocução em segunda pessoa. Utilizando-se o tratamento você, ter-se-iam as seguintes adaptações.

a) chegue, contemple, lhe, der, trouxe

b) chegues, contemples, o, der, trouxestes

c) chegue, contemples, o, deres, trouxestes

d) chegues, contemple, lhe, deres, trouxe

13 "Uma pesquisa recente traduz essa situação em números".

A forma passiva correspondente ao período acima é

a) Essa situação era traduzida em números por uma pesquisa recente.

b) Essa situação foi traduzida em números por uma pesquisa recente.

c) Essa situação é traduzida em números por uma pesquisa recente.

d) Essa situação fora traduzida em números por uma pesquisa recente.

14 "A fagulha de mudança pode ser acendida com a constatação de que as escolas que pais, alunos e professores tanto elogiam são as mesmas que devolvem à sociedade jovens incapazes de ler e entender um texto, que se embaralham com as ordens de grandeza [...]"

Os pronomes destacados no trecho acima substituem, respectivamente, os termos

a) escolas; jovens.

b) pais, alunos e professores; texto.

c) pais, alunos e professores; jovens.

d) escolas; texto.

15 A alternativa em que **NÃO** aparece erro de concordância é

a) Em boa parte dos lares brasileiros, a assinatura de novos canais a cabo são decididos em conversa de família.

b) A maioria dos americanos estavam plenamente satisfeitos com suas escolas.

c) 90% dos professores se considera bem preparados para a tarefa.

d) A classe média - à qual pertence a maior parte dos pais - se animam com as quadras esportivas e a limpeza.

PROVA X

01 – D	02 – A	03 – B	04 – A	05 – A
06 – A	07 – B	08 – B	09 – D	10 – A
11 – B	12 – A	13 – C	14 – A	15 – B

EXERCÍCIOS
Treinando por Temas

FONÉTICA / ACENTUAÇÃO GRÁFICA / DIVISÃO SILÁBICA

1 Em que par só uma das palavras deveria receber o acento?
a) cinquenta, aguentar
b) quinquenio, interim
c) transito, linguistica
d) unguento, frequente
e) linguiça, guerra

2 Todas as palavras abaixo obedecem à mesma regra de acentuação, **EXCETO**
a) já
b) nós
c) pés
d) dói
e) há

3 Assinale a alternativa em que todas as palavras estão **CORRETAS** quanto à acentuação gráfica.
a) Grajaú, balaustre, urubús
b) árduo, língua, raíz
c) raízes, fúteis, água
d) heroico, assembleia, côroa
e) túneis, apôio, equilíbrio

4 Nenhum dos vocábulos abaixo deve receber acento gráfico, **EXCETO**
a) maligno
b) gratuito
c) degrau
d) interim
e) item

5 Assinale a alternativa em que nenhuma palavra deve receber acento gráfico.
a) o governo, o juri, a garoa
b) preto, fossil, seres
c) itens, polens, erros
d) item, polen, cedo

6 À luz de seu magnífico ..... do sol, ..., parece uma cidade ..... .
Assinale a opção **CORRETA**.
a) pôr, Paranavaí, trânquila
b) por, Paranavai, tranquila
c) pôr, Paranavaí, tranquila
d) pôr, Paranavai, tranquila

7 A sequência de palavras cujas sílabas estão separadas **CORRETAMENTE** é
a) a-dje-ti-va-ção / im-per-do-á-vel / bo-ia-dei-ro
b) in-ter-ve-io / tec-no-lo-gi-a / su-bli-nhar
c) in-tu-i-to / co-ro-i-nha / pers-pec-ti-va
d) co-ro-lá-rio / subs-tan-ti-vo / bis-a-vó
e) flui-do / at-mos-fe-ra / in-ter-vei-o

8 Assinale a sequência em que todas as palavras estão partidas **CORRETAMENTE**
a) trans-a-tlân-ti-co, fi-el, sub-ro-gar
b) bis-a-vô, du-e-lo, fo-ga-réu
c) sub-lin-gual, bis-ne-to, de-ses-pe-rar
d) des-li-gar, sub-ju-gar, sub-scre-ver
e) cis-an-di-no, es-pé-cie, a-teu

9 As sílabas das palavras **psicossocial** e **traído** estão **CORRETAMENTE** separadas em
a) psi-cos-so-ci-al / tra-í-do
b) p-si-cos-so-cial / tra-í-do
c) psi-co-sso-ci-al / traí-do
d) p-si-co-sso-cial / tra-í-do
e) psi-co-sso-cial / tra-í-do

10 Na frase "No restaurante, onde entrei arrastando os cascos como um dromedário, resolvi me ver livre das galochas", existem
a) dois ditongos, sendo um crescente e um decrescente e um ditongo fonético.
b) três ditongos, sendo dois crescentes e um decrescente.
c) três ditongos, sendo um crescente e dois decrescentes e um ditongo fonético.
d) quatro ditongos, sendo dois crescentes e dois decrescentes.
e) quatro ditongos, sendo três crescentes e um decrescente.

11 Nesta relação, as sílabas tônicas estão sublinhadas. Uma delas, porém, está sublinhada **INCORRETAMENTE**. Assinale-a.
a) ín-te-rim
b) pu-di-co
c) ru-bri-ca
d) gra-tui-to
e) i-nau-di-to

12 "O bom tempo passou e vieram as chuvas. Os animais todos, arrepiados, passavam os dias cochilando." No trecho, temos
a) dois ditongos e três hiatos
b) cinco ditongos e dois hiatos
c) quatro ditongos e três hiatos
d) três ditongos e três hiatos
e) quatro ditongos e dois hiatos

13 Assinale a alternativa **CORRETA** melhor resposta. Em papagaio, temos
a) um ditongo
b) um trissílabo
c) um dígrafo
d) um proparoxítono
e) um ditongo + um hiato

14 Assinale a alternativa em que pelo menos um vocábulo não seja acentuado
a) orfão, taxi, balaustre, interim
b) itens, parabens, alguem, tambem
c) textil, amago, cortex, roi
d) papeis, onix, bau, ambar
e) hifen, cipos, obtem, pe

15 Assinale a série em que todas as palavras estão acentuadas **CORRETAMENTE**
a) ideia, urubú, suíno, ênclise
b) bíceps, heroico, ítem, fóssil
c) tênis, fósseis, caiste, japonesa
d) fútil, hífen, ânsia, decaído
e) apoia, tapête, órfã, ruína

16 Assinale a afirmativa **FALSA**.
a) Rúbrica é acentuada graficamente.
b) Há acento indevido em raíz.
c) Falta acento em ruina.
d) Têm está acentuada por indicar plural.
e) Funil não deve ser acentuada graficamente.

17 Único segmento **ERRADO** quanto à acentuação gráfica: Tens ideia de quanto é inútil bancar o mártir? Nesse rítmo, acabas perdendo o juízo.
a) ideia
b) inútil
c) mártir
d) rítmo
e) juízo

18 Assinale a opção com as duas palavras grafadas **INCORRETAMENTE.**
a) repôr, ítem
b) contínuo, órgão
c) atribuía, alô
d) revólver, parabéns
e) apoio, jaburú

19 Assinale a alternativa em que todas as palavras são paroxítonas (foram omitidos os acentos).
a) rubrica - avaro - pegada - recorde
b) mister - filantropo - misantropo - condor
c) pegaso - prototipo - arquetipo - rubrica
d) necromancia - quiromancia - ibero - nobel
e) nenhuma das anteriores

20 Assinale o trecho que apresenta **ERRO** de acentuação gráfica.
a) Inequivocamente, estudos sociológicos mostram que, para ser eficaz, o chicote, anátema da sociedade colonial, não precisava bater sobre as costas de todos os escravos.
b) A diferença de ótica entre os díspares movimentos que reivindicam um mesmo amor à natureza se enraízam para além das firulas das discussões político-partidárias.
c) No âmago do famoso santuário, erguido sob a égide dos conquistadores, repousam enormes caixas cilíndricas de oração em forma de mantras, onde o novel na fé se purifica.
d) O alvo da diatribe, o fenômeno da reprovação escolar, é uma tolice inaceitável, mesmo em um paradígma de educação deficitária em relação aos menos favorecidos.
e) Assustada por antigas endemias rurais, a, até então, álacre sociedade brasileira tem, enfim, consciência do horror que seria pôr filhos em um mundo tão inóspito.

GABARITO

01 – C	02 – D	03 – C	04 – D	05 – C
06 – C	07 – E	08 – C	09 – A	10 – C
11 – C	12 – C	13 – A	14 – B	15 – D
16 – A	17 – D	18 – A	19 – A	20 – D

ORTOGRAFIA

1 A única série de palavras **CORRETAMENTE** grafadas é
a) cortume, gorgeio, picina, piche
b) tribo, tabuada, bueiro, defeza
c) êmbulo, florescer, figadal, quiz
d) xadrez, pílula, exceção, invés
e) abrazar, pagé, páteo, desliza

2 Indique a alternativa **CORRETA.**
a) O ladrão foi apanhado em flagrante.
b) Ponto é a intercessão de duas linhas.
c) As despesas de mudança serão vultuosas.
d) Assistimos a um violenta coalizão de caminhões.
e) O artigo incerto na Revista das Ciências foi lido por todos nós.

3 A ..... a ser desenvolvida visava à ..... de objetivos bastante ..... . Assinale a alternativa **CORRETA.**
a) pesquisa, consecução, pretensiosos
b) pesquisa, consecussão, pretenciosos
c) pesquisa, consecução, pretenciosos
d) pesquiza, consecução, pretenciosos
e) pesquiza, consecução, pretensiosos

4 Assinale a alternativa em que não há **ERRO** de grafia:
a) espontâneo, catorze, alisar, prazeirosamente
b) obsessão, obceno, deslisar, sacerdotisa
c) cansaço, atraso, tocha, pajem
d) angar, ombro, harém, hexágono
e) exaurir, desonra, hesitar, rehaver

5 "A solidão é um retiro de ....., mas ninguém vive sempre em trégua, ... só, ... o preguiçoso, eternamente em repouso." Assinale a alternativa **CORRETA.**
a) descanço, tampouco, exceto
b) descanso, tãopouco, exceto
c) descanço, tão pouco, esceto
d) descanso, tampouco, exceto
e) descanso, tão pouco, esceto

6 Assinale a alternativa em que todas as palavras estejam **CORRETAMENTE** grafadas
a) tecer, vazar, aborígene, tecitura, maisena
b) rigidez, garage, dissenção, rigeza, cafuzo
c) minissaia, paralisar, extravasar, abscissa, cosseno
d) abscesso, rechaçar, indu, soçobrar, coalizão
e) lambujem, advinhar, atarraxar, bússola, usofruto

7 Pelas nossas convenções ortográficas, certas palavras são escritas com u, como pau e vau (trecho raso do rio ou mar); outras são grafadas com l, como tal e val (variante de forma verbal vale). Das opções abaixo, assinale a única em que a lacuna deve ser preenchida com a letra ***u*** e não com a letra ***l***.
a) As crianças vão ma... da saúde.
b) Quebrou o sa...to do sapato.
c) Coloque uma pá de ca... na massa.
d) Não a...tenticou a fotocópia.
e) Entornou a ca...da do doce.

8 As questões da prova eram ....., ... de ..... . Assinale a alternativa **CORRETA.**
a) suscintas - apesar - difíceis
b) sucintas - apezar - difíceis
c) suscintas - apezar - dificeis
d) sucintas - apesar - difíceis
e) sucintas - apezar - dificeis

9 "Durante a ..... solene era ..... o desinteresse do mestre diante da ..... demonstrada pelo político." Assinale a alternativa **CORRETA.**
a) seção - fragrante - incipiência
b) sessão - flagrante - insipiência
c) sessão - fragrante - incipiência
d) cessão - flagrante - incipiência
e) seção - flagrante - insipiência

10 Assinale a alternativa em que a vogal completa **CORRETAMENTE** os vocábulos.
a) i. d...stilar, pr...vilégio, cr...ação, d...senteria
b) e. quas..., ...mpecilho, cand...eiro, crân...o
c) o. cap...eira, g...ela, b...eiro, b...lir
d) u. táb...a. jab...ticaba, ch...visco, b...liçoso
e) i. s...quer, efetu..., cr...ador, pát...o

11 Se substituirmos a palavra sublinhada pela palavra entre parênteses não alteramos o sentido dos enunciados, **EXCETO** em
a) É o que descrevemos nos cultos de <u>procedência</u> banto. (proveniência)
b) Torna-se difícil <u>cindir</u> magia e religião em suas origens. (fundir)
c) A forma de magia <u>evocatória</u> confunde-se com o próprio ritual religioso. (invocatória)
d) Alguns povos fazem <u>distinção</u> entre o sacerdote e o feiticeiro clandestino. (escuso)
e) Em geral, magia e ritual religioso <u>se fusionam</u>. (amalgamam)

12 Na ..... plenária estudou-se a ..... de direitos territoriais a ..... . Assinale a alternativa **CORRETA.**
a) sessão - cessão - estrangeiros
b) seção - cessão - estrangeiros
c) secção - sessão - extrangeiros
d) sessão - seção - estrangeiros
e) seção - sessão - estrangeiros

13 Em um dos casos abaixo, todas as palavras se grafariam com "s". Assinale-o.
a) anali...ar, fregue...ia, e...amine, camur...a
b) ga...o...o, fu...elagem, e...ta...e, parali...ia
c) an...iar, e...pontâneo, repre...a, abu...ão
d) e...tranho, ê...odo, a...ia, e...umar
e) fu...ível, ga...eteiro, gui...ado, hebrai...ar

14 Assinale a alternativa em que todas as palavras estão grafadas **CORRETAMENTE.**
a) paralisar, pesquisar, ironizar, deslizar
b) alteza, empreza, francesa, miudeza
c) cuscus, chimpazé, encharcar, encher
d) incenso, abcesso, obcessão, Luís
e) chineza, marquês, garrucha, meretriz

15 Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas em "A ..... presidencial ..... de uma campanha que ..... esclarecedora."
a) suceção, nececita, seja
b) sucessão, necessita, seje
c) sucessão, nececita, seja
d) suceção, necessita, seje
e) sucessão, necessita, seja

16 Dentre as palavras abaixo, indique um sinônimo de **ermo**:
a) descampado
b) campo
c) campina
d) limiar
e) ermida

17 O termo **místico** designa um indivíduo
a) criador de mitos
b) falaz
c) devoto
d) céptico
e) alienado

18 Na junção dos elementos seguintes, para formar uma só palavra, indique a alternativa que corresponde ao emprego ou não do hífen.
super + homem
pan + americano
sub + reptício
infra + estrutura

a) sim, não, não, sim
b) não, não, não, não
c) sim, sim, sim, sim
d) sim, sim, sim, não
e) sim, sim, não, sim

19 Fez um esforço ..... para vencer o campeonato ..... . Assinale a alternativa **CORRETA.**
a) sobre-humano, inter-regional
b) sobrehumano, interregional
c) sobreumano, interregional
d) sobrehumano, inter-regional
e) sobre-humano, interegional

20 Considerando-se que o hífen é empregado corretamente: nos compostos, cujos elementos, reduzidos ou não, perderam a sua significação própria; nos compostos com o primeiro elemento de forma adjetiva, reduzida ou não. Assinale a alternativa que contém apenas exemplos certos, de acordo com a regra.
a) extraordinário, sobre-mesa, anti-higiênico
b) maleducado, mal-humorado, subreino
c) arco-íris, tenente-coronel, luso-brasileiro
d) paraquedista, panamericano, bel-prazer

GABARITO

01 – D	02 – A	03 – A	04 – C	05 – D
06 – C	07 – D	08 – D	09 – B	10 – D
11 – B	12 – A	13 – C	14 – A	15 – E
16 – A	17 – C	18 – D	19 – A	20 – C

RELAÇÃO DETERMINANTE-DETERMINADO

1 O vocabulário destacado só não tem valor de adjetivo em
a) Aqueles homens gostam de ficar <u>sós</u>.
b) Já lhe falei, <u>bastantes</u> vezes, que não irei.
c) No Natal, as lojas vendem muito <u>caro</u>.
d) Após a greve de fome, ela ficará <u>macérrima</u>.
e) Espera-se que todos façam uma hora <u>extra</u>.

2 Em todas as opções, o termo sublinhado modifica um substantivo, **EXCETO** em
a) "... esse efeito, por sua vez, estimula respostas de <u>alta</u> magnitude."
b) "... passou por testes rigorosos <u>de laboratório</u>."
c) "... isso faz com que o comportamento <u>agressivo</u> se torne mais frequente."
d) "... são a aprendizagem social, a desinibição da agressão e o despertar <u>emocional</u>."
e) "... Vários estudos têm provado que as crianças ficam <u>de fato</u> despertas..."

3 O adjetivo está substantivado em
a) A beleza das plantas estava nas suas cores vivas.
b) Estavam bastante tristes e não sabiam a razão.
c) O rio passava silencioso, calmo nas suas dores.
d) Ouviu-se, no profundo da terra, a voz ameaçadora.
e) Por aquele tempo, o homem andava muito desesperado.

4 Há correlação entre os termos destacados em todas as opções, **EXCETO** em
a) Ele era um indivíduo que nem estava satisfeito.
b) Aquele caminho antes estreito, estava com muita modificação.
c) As mulheres organizavam festas muito satisfeitas.
d) Crianças, que são reprimidas pelos pais, ficam revoltadas.
e) Mariana e Luíza encontraram seus pais nervosas.

5 O adjetivo sublinhado está em função substantiva na opção
a) "(...) cumpre a sua missão humana".
b) "(...) o barro vil da própria vida (...)".
c) "(...) que tanto pode ser o tosco abrigo (...)".
d) "(...) ao comezinho conforto material (...)".
e) "(...) o pote em que se coze o alimento dos simples".

6 A classificação da palavra sublinhada está **CORRETA** em
a) Na manhã de sábado, mais treze corpos foram encontrados. (advérbio)
b) Ninguém acredita mais em milagre econômico. (pronome)
c) Matar o elefante é fácil, o duro é remover o cadáver. (substantivo)
d) Outros tempos vieram, morria o Império, a República nascia mal. (adjetivo)
e) Diante do fato consumado, o porta voz do presidente encaminhou o documento. (verbo)

7 Assinale a opção em que a palavra destacada é um advérbio.
a) Um som de clarineta trêmula perdido no ar.
b) A canção se recolhe dolorida.
c) Loucas, as fontes falarão de amor.
d) Devagar, o raio tecerá ninhos.
e) Rápidos, os vaga-lumes quebrarão a sombra.

8 Apresenta um termo substantivado a estrutura:
a) "Dagoberto estirou o olhar por cima das mangueiras..."
b) "Uma ressurreição de cemitérios antigos..."
c) "Não tinham pressa em chegar..."
d) "... e o sol guiava-os nesse forçado nomadismo..."
e) "... eram comidos pela própria fome..."

9 Assinale a alternativa em que ambos os vocábulos sublinhados - graficamente idênticos - são da mesma classe morfológica.
a) "... o pintor suspendeu o trabalho."/ O pintor teria pensado: " Trabalho a partir das cinco e meia e acabo logo a tabuleta."
b) "... reconcilou-se com a forma." / Império forma uma oposição com a república.
c) "... alguns rapazes que a tinham visto, ao passar na rua, quiseram rasgá-la."/ Teria pensado Custódio: "Visto um casaco de alpaca e vou à Rua da Assembleia.
d) "...quando se lembrou dela, viu que era preciso sustar a pintura."/ Custódio teria pensado: Preciso sustar a pintura!"
e) "... no meio do espanto, esqueceu-lhe a tabuleta."/ Diria o Aires: Espanto-o se proponho Confeitaria do Custódio."

10 Em todas as citações, o termo sublinhado desempenha a função adverbial, **EXCETO** em
a) "Vivos, vivíssimos só no olhar."
b) "Mais mortos do que vivos."
c) "Não tinham idade, nem sexo."
d) "... não sabiam aonde iam."
e) "Andavam devagar."

11 Em todas as alternativas, há correlação entre os termos destacados, **EXCETO** em
a) A situação foi considerada gravíssima.
b) Todos procederam educados.
c) Este carro deve ter custado caro.
d) Alegre e comunicativo, o menino chegou.
e) Meu tio foi nomeado embaixador.

12 Em que caso a palavra destacada não tem valor adjetivo?
a) Um branco, velho, pedia esmolas.
b) Um velho, branco, pedia esmolas.
c) Só Deus, onipotente, me pode socorrer.
d) Os viajantes dormiram tranquilos.
e) O sabão usado desbotou o verde da camisa.

13 Assinale a frase em que o vocábulo **MEIO** funciona como o advérbio.
a) Só quero meio quilo de linguiça.
b) Achei-o meio triste.
c) Descobri o meio de acertar.
d) Parou no meio da rua.
e) Comprou um metro e meio de tecido.

14 Em todas as opções, há correlação entre os termos destacados, **EXCETO** em
a) Tinham passado a noite em claro, ouvindo **Pedro** remexer-se **inquieto**.
b) **O índio** sentou-se **pachorrento**, junto da porta, e contou-lhes uma história.
c) Chegou a noite e **as duas mulheres** atiraram-se no chão, **extenuadas**.
d) Os castelhanos têm **tudo** que querem, **fácil e ligeiro**.
e) **Amaral** brincava, meio **impaciente**, com a argola do rebenque.

15 O termo destacado é um nome desempenhando função de adjetivo em
a) Às vezes, iam com ele alguns companheiros; às vezes ele ia **só**.
b) Dentro em pouco uma fumacinha apontava **longe**.
c) Ele apanhou a estrada **bastante** movimentada.
d) Então, ganhava **rápido** a superfície, sabendo que um segundo mais morreria.
e) Olhava para o próprio sexo que **mal** tocava a superfície.

16 "Os leigos sempre se medicaram por conta própria, já que de médico e louco todos temos um pouco - mas, esse problema jamais adquiriu contornos tão preocupantes no Brasil..."
(MEDEIROS, Geraldo - Veja, 18 de dezembro, 1985).
Assinale a alternativa **INCORRETA.**
a) "jamais" modifica o vocábulo "adquiriu".
b) "tão" modifica o vocábulo "preocupantes".
c) "preocupantes" modifica o vocábulo "contornos".
d) "própria" modifica o vocábulo "conta".
e) "sempre" modifica o vocábulo "leigos".

17 Em todas opções há correlações entre os termos em destaque, **EXCETO** em
a) Era **uma mulher** extremamente **bela e maliciosa**.
b) Nunca **ele** sabia por que era tão **confuso e nervoso**.
c) **Deixaram** todos os homens, daquele lugar, **completamente** surpresos.
d) Certamente **nós** haveríamos de vencer, **corajosos**, a tal batalha.
e) **Ninguém**, naquele fim de mundo, poderia ser **singelo**.

18 Sublinhou-se um termo que modifica o verbo em
a) "... os dois ficassem entre amigos."
b) "... estou desolado com tudo isso."
c) "O regulamento do prédio é explícito..."
d) "Todos esses números são comportados e silenciosos."
e) "... a vida é curta."

19 Desempenha função adjetiva o termo sublinhado em
a) "Expulso de seu paraíso por espadas de fogo."
b) " ... cresciam, como se o vento os levantasse."
c) "... em vez de ser levado por ela."
d) "... olhando para trás, como quem quer voltar."
e) "... o cheiro enjoativo do melado que lhes exarcebava os estômagos jejunos.

20 Há um adjetivo substantivado em
a) Aos poucos foi sentindo crescer o estranho predomínio de Joaquim José sobre o seu espírito, foi sentindo o peso daquela censura silenciosa.
b) Meia légua adiante, Joaquim José deixava o trilho e ganhava de novo a estrada, para ficar à espera do irmão, tiritando de frio.
c) Sua coragem era instintiva, enfrentava o perigo inconscientemente, obedecia a uma força interior, desconhecida e misteriosa.
d) Os grandes olhos úmidos de meiguice, o doce sorriso, a tez delicada em que o moreno se misturava ao róseo, tudo nela enlouquecia- o.
e) Compreendia a revolta do filho e admirava-lhe o espírito de justiça, a bondade inata, o horror à violência.

GABARITO

01 – C	02 – E	03 – D	04 – C	05 – E
06 – C	07 – D	08 – A	09 – C	10 – C
11 – C	12 – E	13 – B	14 – D	15 – A
16 – E	17 – C	18 – A	19 – A	20 – D

CLASSES DE PALAVRAS

1 Assinale a frase em que "**MEIO**" funciona como advérbio.
a) Só quero meio dia de paz.
b) Achei-o meio confuso.
c) Descobri o meio de acertar a questão.
d) Parou no meio da rua.
e) Comprou um metro e meio de linho.

2 Assinale a alternativa **CORRETA**.
a) Seiscentismo se refere ao século XVI.
b) O algarismo romano da frase anterior se lê: décimo sexto.
c) Duodécuplo significa duas vezes; dodécuplo, doze vezes.
d) Ambos os dois é forma enfática.
e) Quadragésimo, quarentena, quadragésima, quaresma só aparentemente se referem a quarenta.

3 "Podem acusar-me: estou com a consciência tranquila." Os dois pontos do período acima poderiam ser substituídos por vírgula, explicando-se o nexo entre as duas orações pela conjunção
a) portanto
b) e
c) como
d) pois
e) embora

4 Classifique as palavras **como** nas construções seguintes, numerando, convenientemente, os parênteses
1) preposição
2) conj. subord. causal
3) conj. subord. conformativa
4) conj. coord. aditiva
5) adv. interrogativo de modo

( ) Indagamos **como** chegaste aqui.
( ) Percorrera as casas **como** eu pedi.
( ) Tinha-o **como** um filho.

( ) **Como** estivesse frio, fiquei em casa.
( ) Tanto ele **como** o pai são meus amigos.

a) 2 - 4 - 5 - 3 - 1
b) 4 - 5 - 3 - 1 - 2
c) 5 - 3 - 1 - 2 - 4
d) 3 - 1 - 2 - 4 - 5
e) 1 - 2 - 4 - 5 - 3

5 Em "A maneira como respondeu é estranha", a palavra grifada é
a) advérbio
b) pronome relativo
c) pronome indefinido
d) conjunção subordinada causal
e) conjunção subordinada comparativa

6 Talvez seja bom que o proprietário do imóvel possa desconfiar de que ele não é tão imóvel assim. A palavra destacada é, **RESPECTIVAMENTE,**
a) substantivo e substantivo
b) substantivo e adjetivo
c) adjetivo e verbo
d) advérbio e adjetivo
e) adjetivo e advérbio

7 Assinale a alternativa correspondente à classe gramatical da palavra **a**, respectivamente: Esta gravata é **a** que recebi; Estou disposto **a** tudo; Fiquei contente com **a** nota; Comprei-a logo que **a** vi.
a) artigo - artigo - preposição - preposição
b) preposição - artigo - pronome demonstrativo - artigo
c) pronome demonstrativo - preposição - artigo - pronome pessoal
d) pronome pessoal - preposição - artigo - pronome pessoal
e) nenhuma das alternativas

8 No trecho: "Todo romancista, todo poeta, quaisquer que sejam os rodeios que possa fazer a teoria literária, deve falar de ... o mundo e o escritor fala, **eis** a literatura." A palavra destacada é:
a) advérbio de inclusão
b) advérbio de designação
c) conjunção subordinativa
d) palavra denotadora de inclusão
e) palavra denotadora de designação

9 Assinale a opção em que o **A** é, respectivamente, artigo, pronome pessoal e preposição.
a) Esta é a significação a que me referi e não a que entendeste.
b) A dificuldade é grande e sei que a resolverei a curto prazo.
c) A escrava declarou que preferia a morte à escravidão,
d) Esta é a casa que comprei e não a que vendi a ele.
e) A que cometeu a falta receberá a punição.

10 Assinale a alternativa cuja relação esteja **INCORRETA**.
a) Sorria às crianças **que** passavam - pronome relativo
b) Declararam **que** nada sabem - conjunção integrante
c) **Que** alegre manifestação a sua - advérbio de intensidade
d) **Que** enigmas há nesta vida - pronome adjetivo indefinido
e) Uma ilha **que** não consta no mapa - conjunção coord. explicativa

11 Assinale a única alternativa em que há **ERRO**.
a) Nem todas opiniões são valiosas.
b) Disse-me que conhece todo o Brasil.
c) Leu todos os dez romances do escritor.
d) Andou por Portugal todo.
e) Todas as cinco, menos uma, estão corretas.

12 Triplo e tríplice são numerais
a) ordinal o primeiro e multiplicativo o segundo
b) ambos ordinais
c) ambos cardinais
d) ambos multiplicativos
e) multiplicativo o primeiro e ordinal o segundo

13 Assinale a oração em que o termo **cego(s)** é um adjetivo.
a) Os cegos habitantes de um mundo esquemático, sabem onde ir...
b) O cego de Ipanema representava naquele momento todas as alegorias da noite escura da alma ...
c) Todos os cálculos do cego se desfaziam na turbulência do álcool.
d) Naquele instante era só um pobre cego.
e) ... da Terra que é um globo cego girando no caos.

14 Há o **ERRO** quanto ao emprego do artigo em
a) Em certos momentos, as pessoas as mais corajosas se acovardam.
b) Em certos momentos, as pessoas mais corajosas se acovardam.
c) Em certos momentos, pessoas as mais corajosas se acovardam.
d) Em certos momentos, as mais corajosas pessoas se acovardam.

15 Assinale a alternativa em que aparece a conjunção final **que**.
a) Não sei que digo a você.
b) Cinco dias são passados que dali saímos.
c) Peço a Deus que te faça venturoso.
d) Crio estas crianças, que vês, que refrigério sejam da minha velhice.

16 Em "A gente não pode dormir / <u>com os oradores e os pernilongos</u>", a expressão sublinhada pode indicar ideia de
a) companhia
b) instrumento
c) consequência
d) modo
e) causa

17 Em "Vem caindo devagar / Tão devagar vem caindo / **Que** dá tempo a um passarinho... ."
A palavra **que** dá ideia de
a) comparação
b) oposição
c) condição
d) causa
e) consequência

18 Assinale a alternativa em que a palavra em destaque é pronome .
a) O homem <u>que</u> chegou é meu amigo.
b) Notei um <u>quê</u> de tristeza em seu rosto.
c) Importa <u>que</u> compareçamos.
d) Ele é <u>que</u> disse isso!
e) Vão ter <u>que</u> dizer a verdade.

19 "Ele era um bom profissional, no entanto não o contrataram." Começando-se com "Não o contrataram, ..." teríamos a seguinte conjunção subordinativa:
a) por isso
b) mas
c) uma vez que
d) entretanto
e) ainda que

20 Ele assumiu a chefia do cargo, embora não estivesse preparado para isso. Começando-se com "Ele não estava... " teríamos a seguinte conjunção coordenativa:
a) todavia
b) de forma que
c) porquanto
d) desde que
e) conforme

GABARITO

01 – B	02 – D	03 – D	04 – C	05 – B
06 – B	07 – C	08 – E	09 – B	10 – E
11 – A	12 – D	13 – E	14 – A	15 – C
16 – E	17 – E	18 – A	19 – E	20 – A

FORMAÇÃO DE PALAVRAS

1 Nas palavras: **emagrecer, automóvel, perímetro,** temos, respectivamente, os seguintes processos de formação das palavras
a) parassíntese, hibridismo, prefixação
b) aglutinação, justaposição, sufixação
c) sufixação, aglutinação, justaposição
d) justaposição, prefixação, parassíntese
e) hibridismo, parassíntese, hibridismo

2 Em qual dos itens abaixo está presente um caso de derivação parassintética ?
a) operaçãozinha
b) conversinha
c) principalmente
d) assustadora
e) obrigadinho

3 "O embarque dos passageiros será feito no aterro". Os dois termos sublinhados representam, **RESPECTIVAMENTE**, casos de
a) palavra primitiva e palavra primitiva
b) conversão e formação regressiva
c) formação regressiva e conversão
d) derivação prefixal e palavra primitiva
e) formação regressiva e formação regressiva

4 O vocábulo **átomo**, do ponto de vista de sua formação é
a) primitivo
b) composto por aglutinação
c) derivação prefixal
d) parassintético
e) derivado regressivo de catedrático

5 A formação do vocábulo sublinhado na expressão "o canto das sereias" é
a) composição por justaposição
b) derivação regressiva
c) derivação prefixal
d) derivação sufixal
e) palavra primitiva

6 Todos os verbos seguintes são formados por parassíntese (derivação parassintética), **EXCETO**
a) endireitar
b) ensolarado
c) enlouquecer
d) emagrecimento
e) soterrar

7 Assinale a alternativa em que a primeira palavra apresenta sufixo formador de advérbio e, a segunda, sufixo formador de substantivo
a) perfeitamente, varrendo
b) provavelmente, erro
c) lentamente, explicação
d) atrevimento, ignorância
e) proveniente, furtado

8 As palavras adivinhar, adivinho e adivinhação têm a mesma raiz, por isso são cognatas. Assinale a alternativa em que não ocorrem três cognatos.
a) alguém - algo - algum
b) ler - leitura - lição
c) ensinar - ensino - ensinamento
d) viver - vida - vidente

9 As palavras **expatriar, amoral, aguardente** são formadas por
a) derivação parassintética, prefixal, composição por aglutinação
b) derivação sufixal, prefixal, composição por aglutinação
c) derivação prefixal, prefixal, composição por justaposição
d) derivação parassintética, sufixal, composição por aglutinação
e) derivação prefixal, prefixal, composição por justaposição

10 As palavras **entardecer**, **desprestígio** e **oneroso** são formadas, respectivamente, por
a) prefixação, sufixação e parassíntese
b) sufixação, prefixação e parassíntese
c) parassíntese, sufixação e prefixação
d) sufixação, parassíntese e prefixação
e) parassíntese, prefixação e sufixação

11 Foram formadas pelo mesmo processo as seguintes palavras
a) vendavais, naufrágios, polêmicas
b) descompõem, desempregados, desejava
c) estendendo, escritório, espírito
d) quietação, sabonete, nadador
e) religião, irmão, solidão

12 O adjetivo formato a partir de **inveja** é
a) invejozo
b) invejeiro
c) invejado
d) invejoso
e) invejador

13 Assinale a alternativa que indique corretamente o processo de formação das palavras sem-terra, sertanista e desconhecido
a) composição por justaposição, derivação por sufixação, derivação por prefixação e sufixação
b) composição por aglutinação, derivação por sufixação e derivação por parassíntese
c) composição por aglutinação, derivação por sufixação e derivação por sufixação
d) composição por justaposição, derivação por sufixação e composição por aglutinação
e) composição por aglutinação, derivação por sufixação e derivação por prefixação

14 Assinale a alternativa que registra a palavra que tem o sufixo formador de advérbio.
a) desesperança
b) pessimismo
c) empobrecimento
d) extremamente
e) sociedade

15 Os vocábulos **aprimorar** e **encerrar** classificam-se, quanto ao processo de formação de palavras, respectivamente, em
a) parassíntese - prefixação
b) parassíntese - parassíntese
c) prefixação - parassíntese
d) sufixação - prefixação e sufixação
e) prefixação e sufixação - prefixação

16 Considerando o processo de formação de palavras, relacione a coluna da direita com a da esquerda.

(1) derivação imprópria	( ) desenredo
(2) prefixação	( ) narrador
(3) prefixação e sufixação	( ) infinitamente
(4) sufixação	( ) o voar
(5) composição por justaposição	( ) pão de mel

a) 3, 4, 2, 5, 1
b) 2, 4, 3, 1, 5
c) 4, 1, 5, 3, 2
d) 2, 4, 3, 5, 1
e) 4, 1, 5, 2, 3

17 Assinale a alternativa em que as duas palavras são formadas por parassíntese.
a) indisciplinado - desperdiçar
b) incineração - indescritível
c) despedaçar - compostagem
d) endeusado - envergonhar
e) descamisado - desonestidade

18 Assinale a alternativa **CORRETA** quanto à formação das seguintes palavras: girassol, destampado, vinagre, irreal.
a) sufixação, parassíntese, aglutinação, prefixação
b) justaposição, prefixação e sufixação, aglutinação, prefixação
c) justaposição, prefixação e sufixação, sufixação, parassíntese
d) sufixação, parassíntese, derivação regressiva, sufixação

e) aglutinação, prefixação, aglutinação, justaposição

19 As palavras **esquartejar, desculpa** e **irreconhecível** foram formadas, respectivamente, pelos processos de
a) sufixação - prefixação - parassíntese
b) sufixação - derivação regressiva - prefixação
c) composição por aglutinação - prefixação - sufixação
d) parassíntese - derivação regressiva - prefixação
e) parassíntese - derivação imprópria - parassíntese

20 A palavra **engrossar** apresenta o mesmo processo de formação de
a) embalançar
b) abstrair
c) encaixotar
d) encobrir
e) perfurar

GABARITO

01 – A	02 – D	03 – E	04 – C	05 – B
06 – D	07 – C	08 – D	09 – A	10 – E
11 – D	12 – D	13 – A	14 – D	15 – A
16 – B	17 – D	18 – B	19 – D	20 – C

PRONOME

1 A única frase em que há **ERRO** no emprego do pronome oblíquo é
a) Eu o conheço muito bem.
b) Devemos preveni-lo do perigo.
c) Faltava-lhe experiência.
d) A mãe amava-a muito.
e) Farei tudo para livrar-lhe desta situação.

2 "**Alguém**, antes que Pedro **o** fizesse, teve vontade de falar **o que** foi dito." Os pronomes assinalados dispõem-se nesta ordem
a) de tratamento, pessoal, oblíquo, demonstrativo
b) indefinido, relativo, pessoal, relativo
c) demonstrativo, relativo, pessoal, indefinido
d) indefinido, relativo, demonstrativo, relativo
e) indefinido, demonstrativo, demonstrativo, relativo

3 Na frase: "Chegou Pedro, Maria e o seu filho **dela**", o pronome possessivo está reforçado para:
a) ênfase
b) elegância e estilo
c) figura de harmonia
d) clareza

4 Assinale a alternativa em que o pronome pessoal está empregado **CORRETAMENTE**.
a) Este é um problema para mim resolver.
b) Entre eu e tu não há mais nada.
c) A questão deve ser resolvida por eu e você.
d) Para mim, viajar de avião é um suplício.
e) Ela só pensava nela mesma.

5 Suponha que você deseje dirigir-se a personalidades eminentes, cujos títulos são: papa, juiz, cardeal, reitor e coronel. Assinale a alternativa que contém a abreviatura **CORRETA** da "expressão de tratamento" correspondente ao título enumerado.
a) Papa ..... V. Sa
b) Juiz ..... V. Ema
c) Cardeal ..... V.M.
d) Reitor ..... V. Maga
e) Coronel ..... V. A.

6 Assinale o item em que há **ERRO** quanto ao emprego de pronomes.
a) Feriu-se quando brincava com o revólver e o virou para si.
b) Ele só cuidava de si.
c) Quando V. Sa vier, traga consigo a informação pedida.
d) Ele se arroga o direito de vetar tais artigos.
e) Espere um momento, pois tenho de falar contigo.

7 Assinale a alternativa que preencha **CORRETAMENTE** as lacunas da frase ao lado: "_____ da terra natal, _____ para as antigas sensações adormecidas."
a) Nos lembrando - despertamos-nos
b) Nos lembrando - despertamo-nos
c) Lembrando-nos - despertamos-nos
d) Nos lembrando - nos despertamos
e) Lembrando-nos - despertamo-nos

8 Indique em que alternativa os pronomes estão bem empregados.
a) Deixou ele sair.
b) Mandou-lhe ficar de guarda.
c) Permitiu-lhe, a ele, fazer a ronda.
d) Procuram-o por toda a parte.

9 Assinale a alternativa **INCORRETA**.
a) Aquela não era casa para mim, comprá-la com que dinheiro?
b) Entre eu e ela nada ficou acertado.
c) Estava falando com nós dois.
d) Aquela viagem, quem não a faria?
e) Viram-no, mas não o chamaram.

10 Os técnicos ____ bem para os jogos, mas, ____ contra nova derrota, pediam que treinasse ainda mais. Assinale a alternativa **CORRETA**.
a) o haviam preparado - se tentando precaver
b) haviam preparado-o - se tentando precaver
c) haviam preparado-o - tentando precaver-se
d) haviam-no preparado - se tentando precaver
e) haviam-no preparado - tentando precaver-se

11 Nas frases abaixo
I. Os miúdos corriam barulhentos, me pedindo dinheiro.
II. Dizia ele cousas engraçadas, coçando-se todo.
III. Ficarei no lugar onde encontro-me. Tem sombra.
IV. Quando me vi sozinho, tremi de medo.

A ênclise e a próclise foram corretamente empregadas
a) nas orações I e II
b) nas orações III e IV
c) nas orações I e III
d) nas orações II e IV
e) em todas as orações

12 Devemos ..... da tempestade.
Assinale a alternativa **CORRETA**.
a) resguardar-mo-nos
b) resguardar-nos
c) resguardarmos-nos
d) resguardarmo-nos
e) resguardar-mos

13 Assinale a alternativa em que a colocação pronominal **NÃO** corresponde ao que preceitua a gramática.
a) Há muitas estrelas que nos atraem a atenção.
b) Jamais dar-te-ia tanta explicação, se não fosses pessoa de tanto merecimento.
c) A este compete, em se tratando do corpo da Pátria, revigorá-lo com o sangue do trabalho.
d) Não o realizaria, entretanto, se a árvore não se mantivesse verde sob a neve.

14 Assinale a alternativa **CORRETA**.
Os projetos que ..... estão em ordem; ..... ainda hoje, conforme ..... .
a) enviaram-me, devolvê-los-ei, lhes prometi
b) enviaram-me, os devolverei, lhes prometi
c) enviaram-me, os devolverei, prometi-lhes
d) me enviaram, os devolverei, prometi-lhes
e) me enviaram, devolvê-los-ei, lhes prometi

15 Assinale a alternativa **CORRETA**.
Quando ..... as provas, ... imediatamente.
a) lhes entregarem, corrijam-as
b) lhes entregarem, corrijam
c) lhes entregarem, corrijam-nas
d) entregarem-lhes, corrijam-as
e) entregarem-lhes, as corrijam

16 Assinale a alternativa **CORRETA**.
Quem ..... estragado que ..... de ..... .
a) o trouxe - encarregue-se - consertá-lo
b) o trouxe - se encarregue - consertá-lo
c) trouxe-o - se encarregue - o consertar
d) trouxe-o - se encarregue - consertá-lo
e) trouxe-o - encarregue-se - o consertar

17 Aponte a sentença que deverá ser corrigida.
a) Poderá resolver-se o caso imediatamente.
b) Sabes o que se deverá dizer ao professor?
c) Poder-se-á resolver o caso imediatamente.
d) Sabe o que deverá dizer-se ao professor?
e) Poderá-se resolver o caso imediatamente.

18 Assinale a única alternativa em que haja **ERRO** no emprego dos pronomes.
a) Vossa Excelência e seus convidados.
b) Mandou-me embora mais cedo.
c) Vou estar consigo amanhã.
d) Vós e vossa família estais convidados para a festa.
e) Deixei-o encarregado da turma.

19 Observe os períodos abaixo
I. Nunca soubemos quem roubava-nos nas medidas.
II. Pouco se sabe a respeito de novas fontes energéticas.
III. Nada chegava a impressioná-lo na juventude.
IV. Dar-lhe-emos novas oportunidades.
V. Eles apressaram-se a convidar-nos para a festa.
a) Estão corretas I, II, III
b) Estão corretas II, III, IV, V
c) Estão corretas III, IV, V
d) Estão corretas II, III, IV
e) Estão corretas I, III, IV

20 Assinale a alternativa **ERRADA** quanto à colocação pronominal.
a) Apesar de se contrariarem, não me fariam mudar de ideia.
b) Que Deus te acompanhe por toda parte.
c) Isso não me admira: eu também contrariei-me com o caso.
d) Conforme foi decidido, espero que todos se compenetrem de seu dever.

GABARITO

01 – E	02 – E	03 – D	04 – D	05 – D
06 – E	07 – E	08 – C	09 – B	10 – E
11 – D	12 – B	13 – B	14 – E	15 – C
16 – B	17 – E	18 – C	19 – B	20 – C

VERBO

1 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** a lacuna abaixo.
Se quiseres vencer o jogo, _____ bem.
a) prepara-se
b) prepara-te
c) preparas-te
d) prepare-se
e) prepare-te

2 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** as lacunas abaixo.
Necessito de tua cooperação. _____ cá e _____-me. Não _____ de atender-me.
a) vem, ajude, deixe
b) venhas, ajudes, deixas
c) vem, ajuda, deixes
d) venha, ajudes, deixes
e) venha, ajuda, deixes

3 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** a lacuna.
Faça o que lhe recomendamos e não _____.
a) te arrependerás
b) se arrependerá
c) se arrependerão
d) te arrependereis
e) vos arrependereis

4 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** a lacuna.
Embora _____ esforçado, não conseguirás fazer o trabalho sozinho.
a) seja
b) és
c) fosses
d) sejas
e) sejais

5 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** a lacuna.
Não _____ e diga a verdade.
a) titubeia
b) titubeie
c) titubeiem
d) titubeias
e) titubeiais

6 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** a lacuna.
Quando _____, vem à minha casa.
a) puder
b) puderdes
c) puderes
d) pudesses
e) poderes

7 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** as lacunas das frases abaixo.
Se nos ____ ao que nos diz respeito, não lhe daremos margem a nos ____ algo que nos _____.
a) ativermos – propuserem – humilha
b) atermos – propuserem – humilhe
c) ativermos – proporem – humilhe
d) atermos – propuserem – humilha
e) ativermos – propuserem – humilhe

8 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** as lacunas.
Se _____ outra questão, em lugar desta que te agrada mais, estás autorizado, _____.
a) propor – propõe-na
b) propuser – proponha-a
c) propuser – propõe-na
d) propor – proponha-la
e) propuseres – propõe-na

9 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** as lacunas.
O garoto se _____ olhando as figuras, até que os colegas se _____ a partir.
a) entreteve – disporam
b) entretem – dispuseram
c) entreteu – dispuseram
d) entreteve – dispuseram
e) entreteu – dispuseram

10 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** as lacunas.
Se você _____ um recurso, talvez _____ a propriedade.
a) interpor – reavenha
b) interpõe – reavesse
c) interpuser – reaveja
d) interpusesse – reouvesse
e) interpor – reaveja

11 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** as lacunas.
Quando todos se _____ a trabalhar juntos, _____ um fato que _____ seu ímpeto.
a) dispuseram – sobreviu – deteve
b) disporam – sobreveio – deteu
c) dispuseram – sobreveio – deteve
d) disporam – sobreviu – deteve
e) dispuseram – sobreviu – deteu

12 Preencha as lacunas com a forma adequada do verbo entre parênteses e a seguir assinale a opção **CORRETA**.

1) Muito zangada, a mãe ordenou à filha: "_____ (cerzir) já estas meias, ou não te deixarei sair de casa".
2) Contando o caso, o policial relatou: "Assim os capangas _____ (intervir), ele _____ (reaver) o revólver que deixara cair e consegui prendê-los".
3) Mesmo que tu, ela e eu _____ (provir) de classes abastadas (o que não é verdade), nada justificaria esses desperdícios.
4) Não _____ (permitir), Senhor, que nos _____ (ater-se) aos que vos magoam.
5) Ordenei: " _____ (agir) de acordo com tua consciência e não a _____ (antepor) às vaidades pessoais".

a) cirze, intervieram, reouve, proviéssemos, permitais, atenhamos, age, anteponhas.
b) cerze, interviram, reouve, provissem, permitais, atenhamos, age, antepõe.
c) cirza, interviram, reouve, provêssemos, permitais, atenhamos, age, anteponhas.
d) cerze, intervieram, reavi, proviessem, permitais, atenhamos, age, anteponhas.
e) cirze, intervieram, reouve, proviéssemos, permitais, atenhamos, age, anteponde.

13 Assinale a frase em que os verbos estão empregados **CORRETAMENTE**.

a) Fora ele benquisto e não teria sido expulso.
b) Precavenha-se dos que te bajulam.
c) Não o tinham morto propositalmente, mas um suspeito fora preso.
d) Quando se perfazerem os quinhentos, substitua-os.
e) É imprescindível que reaveja o dinheiro mal gasto.

14 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** as lacunas.

Ao lugar de onde eles _____, _____ diversas romarias.

a) provém, afluem
b) provém, aflue
c) provém, aflui
d) proveem, afluem
e) provêm, afluem

15 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** as lacunas.

Se você vem para apoiá-lo, _____ por outra razão: já que ele _____ no caso, os amigos não se _____.

a) viemos, interveio, desaviram
b) vimos, interveio, desavieram
c) vimos, interviu, desavieram
d) viemos, interviu, desaviram
e) viemos, interviu, desavinham

16 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** as lacunas.

Os sentimentos altruístas _____ e _____ a aperfeiçoar-se, à medida que o homem se _____ tornando um ser social.

a) nasceram, continuarão, foi
b) nasceram, continuaram, for
c) nascem, continuam, vai
d) nascem, continuam, foi
e) nasceram, continuam, ia

17 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** as lacunas.

_____ tranquilo se esta palavra _____ todos os documentos.

a) ficaria, continha
b) ficaria, contivesse
c) ficava, continha
d) ficaria, contesse
e) ficarei, conter

18 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** as lacunas.
Ainda que _____ e, portanto, nossas opiniões _____ não é justo que se _____, daí, termos agido de má fé.

a) dissentimos, divirjam, infere
b) dissentimos, divergem, infere
c) dissintamos, divergem, infira
d) dissintamos, divirjam, infira
e) dissintamos, divirjam, infere

19 Preencha os espaços em branco com os verbos dos parênteses, nos tempos e modos indicados e, em seguida, assinale a alternativa **CORRETA**.
1) Estas alunas _____ aqui todos os dias. (vir – presente do indicativo)
2) São parentes que não se _____ há muitos anos. (ver – presente do indicativo)
3) Mônica, prepare-se, pois nós _____ aqui para trazer-lhe más notícias (vir – presente do indicativo).
4) Carlos e Alberto esperam que eu e você _____ as passagens para eles. (providenciar – presente do subjuntivo).
5) Acredito mesmo que Judite e Marisa _____ comigo naquele carro. (ir – presente do subjuntivo).

a) veem, vêm, vimos, providenciamos, vão.
b) veem, veem, viemos, providenciamos, vão.
c) vem, vêm, viemos, providenciemos, vão.
d) vêm, veem, vimos, providenciemos, vão.
e) veem, vêm, viremos, providenciamos, vai.

20 Preencha os espaços com os verbos dos parênteses, nos tempos e modos indicados e, em seguida, assinale a alternativa **CORRETA.**
1) Eu ainda não _____ as provas. (corrigir – pretérito mais-que-perfeito simples do indicativo)
2) Creio que os noivos já _____. (chegar – pretérito perfeito composto do subjuntivo)
3) Venham, amigos, que eu _____ por suas companhias (ansiar – presente do indicativo)
4) Se não chegássemos cedo, não _____ lugar para sentar. (encontrar – futuro do pretérito composto do indicativo)
5) Os gafanhotos _____ muitos estragos naquela lavoura. (fazer – pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo)

a) corrigira, tenham chegado, anseio, teríamos encontrado, tinham feito;
b) corrigiu, tenha chegado, anseio, teremos encontrado, tinham feito;
c) corrigira, tenham chegado, anseio, teremos encontrado, tinham feito;
d) corrigira, tinha chegado, anseio, teríamos encontrado, tivera feito;
e) corrigi, tenho chegado, anseia, teríamos encontrado, tivera feito.

GABARITO

01 – B	02 – C	03 – B	04 – D	05 – B
06 – C	07 – E	08 – E	09 – D	10 – D
11 – C	12 – A	13 – A	14 – E	15 – B
16 – C	17 – B	18 – D	19 – D	20 – A

ANÁLISE SINTÁTICA

1 Das expressões sublinhadas abaixo, com as ideias de tempo ou lugar, a única que tem a função sintática do adjunto adverbial é
a) "Já ouvi os poetas <u>de Aracaju</u>"
b) "atravessar os subúrbios <u>escuros</u> e sujos"
c) "passar a noite <u>de inverno</u> debaixo da ponte"
d) "Queria agora caminhar com os ladrões <u>pela noite</u>"
e) "sentindo no coração as pancadas dos pés das mulheres <u>da noite</u>"

2 A classificação dos verbos sublinhados, quanto à predicação, foi feita **CORRETAMENTE** em
a) "Não nos olhou o rosto. A vergonha foi enorme." - transitivo direto e indireto
b) "Procura insistentemente perturbar-me a memória." - transitivo direto
c) "Fiquei, durante as férias, no sítio de meus avós." - de ligação
d) "Para conseguir o prêmio, Mário reconheceu-nos imediatamente." - transitivo indireto
e) "Ela nos encontrará, portanto é só fazer o pedido." - transitivo indireto

3 "Ele observou-a e achou aquele gesto feio, grosseiro, masculinizado." Os termos sublinhados são
a) predicativos do objeto
b) objetos diretos
c) predicativos do sujeito
d) adjuntos adverbiais de modo
e) adjuntos adnominais

4 "Lembro-me de que ele só usava camisas brancas." A oração sublinhada é
a) subordinada substantiva completiva nominal
b) subordinada substantiva objetiva indireta
c) subordinada substantiva predicativa
d) subordinada substantiva subjetiva
e) subordinada substantiva objetiva direta

5 Na passagem "O receio é substituído pelo pavor, pelo respeito, pela emoção, que emudece e paralisa." Os termos sublinhados são
a) complementos nominais; oração subordinada adverbial concessiva
b) adjuntos adnominais; oração subordinada adverbial comparativa
c) agentes da passiva; oração subordinada adjetiva
d) objetos diretos; oração subordinada adjetiva
e) objetos indiretos; oração subordinada adverbial comparativa

6 Observe os termos sublinhados na passagem "O rio vai às margens. Vem com força de açude arrombado." Os termos sublinhados são, **RESPECTIVAMENTE**
a) predicativo do sujeito e adjunto adnominal de modo
b) adjunto adverbial de modo e adjunto adnominal
c) adjunto adverbial de lugar e adjunto adverbial de modo
d) adjunto adverbial de modo e objeto indireto
e) adjunto adverbial de lugar e complemento nominal

7 No período "Ela saiu chorando pela rua," o gerundio sugere:
a) a condição
b) a explicação
c) o modo
d) a finalidade
e) a consequência

8 "O corpo, a alma do carpinteiro não podem ser mais brutos do que a madeira." A função sintática dos termos sublinhados é, pela ordem,
a) objeto direto - predicativo do sujeito
b) sujeito - sujeito
c) predicativo do sujeito - sujeito
d) objeto direto - predicativo do sujeito
e) predicativo do sujeito - predicativo do sujeito

9 Em todos os períodos, há orações subordinadas substantivas, **EXCETO** em
a) O fato era que a escravatura do Santa Fé não andava nas festas do Pilar, não vivia no coco como a do Santa Rosa.
b) Não lhe tocara no assunto, mas teve vontade de tomar o trem e ir valer-se do presidente.
c) Um dia aquele Lula faria o mesmo com a sua filha, faria o mesmo com o engenho que ele fundara com o suor de seu rosto.
d) O oficial perguntou de onde vinha, e se não sabia notícias de Antônio Silvino.
e) Era difícil para o ladrão procurar os engenhos da várzea, ou meter-se para os lados de Goiana

10 "Não se sabe se é verdade ou não." Os dois "ses" que aparecem no texto são, conforme a sua colocação,

a) partícula apassivadora - pronome reflexivo, sujeito
b) partícula apassivadora - conjunção integrante
c) partícula integrante do verbo - conjunção condicional
d) índice de indeterminação do sujeito - partícula de realce
e) partícula integrante do verbo - conjunção integrante

11 Classifique as palavras **como** nas construções seguintes, numerando, convenientemente, os parênteses. Em seguida, assinale a sequência **CORRETA.**

1) preposição
2) conj. subord. causal
3) conj. subord. conformativa
4) conj. coord. aditiva
5) adv. interrogativo de modo

( ) Perguntamos <u>como</u> isso aconteceu.
( ) Percorrera o local <u>como</u> eu mandara.
( ) Tinha-o <u>como</u> um pai.
( ) <u>Como</u> estivesse frio, fiquei embaixo das cobertas
( ) Tanto ele <u>como</u> o irmão eram pessoas honestas.

a) 2 - 4 - 5 - 3 - 1
b) 4 - 5 - 3 - 1 - 2
c) 5 - 3 - 1 - 2 - 4
d) 3 - 1 - 2 - 4 - 5
e) 1 - 2 - 4 - 5 - 3

12 A respeito do seguinte texto, faça o que se pede:
"O lotação ia de Copacabana para o centro, com lugares vazios, cada passageiro pensando na vida; é o gênero de transporte onde menos viceja a flor da comunicação humana. Quando, em Botafogo, ouvia-se a voz de um senhor atrás:
- Olhe aqui, vou atender a você, mas não faça mais isso, ouviu? É muito feio pedir dinheiro para os outros. Na sua idade eu já dava duro e ajudava em casa." (Drummond)
A vírgula separando a expressão **em Botafogo** foi usada para isolar

a) palavra de mesma função sintática
b) uma expressão explicativa
c) aposto
d) oração adverbial com verbo oculto
e) adjunto adverbial deslocado

13 Em "Há enganos <u>que nos deleitam</u>", a oração grifada é

a) substantiva subjetiva
b) substantiva objetiva direta
c) substantiva completiva nominal
d) substantiva apositiva
e) adjetiva restritiva

14 Observe a estrofe: "Lembra-me que, em certo dia / Na rua, ao sol de verão, envenenado morria / Um pobre cão." Aparece aí a inversão do

a) objeto direto: um pobre cão
b) sujeito: um pobre cão
c) sujeito: certo dia
d) predicado: lembra-me
e) predicativo do sujeito: me

15 Considerando como conjunção integrante aquela que inicia uma oração subordinada substantiva, indique em qual das opções nenhum **se** tem esta função.

a) Se subiu, ninguém sabe, ninguém viu.
b) Comenta-se que ele se feria de propósito.
c) Se vai ou fica é o que eu gostaria de saber.
d) Saberia me dizer se ele já foi?

16 Na oração "Esboroou-se o balsâmico indianismo de Alencar ao advento dos Romanos", a classificação do sujeito é

a) oculto
b) inexistente
c) simples
d) composto
e) indeterminado

17 Em "O Brasil se tornou um país de poucas oportunidades para os mais pobres",
a) o predicado é nominal.
b) o predicado é verbo-nominal.
c) o predicado é verbal.
d) o verbo é transitivo direto.

18 Em "E quando o brotinho lhe telefonou, dias depois, comunicando que estudava o modernismo, e dentro do modernismo sua obra, para que o professor lhe sugerira contato pessoal com o autor, ficou assanhadíssimo e paternal a um tempo", os verbos assinalados são, **RESPECTIVAMENTE**
a) transitivo direto, transitivo indireto, de ligação, transitivo direto e indireto
b) transitivo direto e indireto, transitivo direto, transitivo indireto, de ligação
c) transitivo indireto, transitivo direto e indireto, transitivo direto, de ligação
d) transitivo indireto, transitivo direto, transitivo direto e indireto, de ligação
e) transitivo indireto, transitivo direto e indireto, de ligação, transitivo direto

19 Nas frases abaixo, o pronome oblíquo está corretamente classificado, **EXCETO** em
a) "Fugia-lhe, e certo, metia o papel no bolso ..." (objeto indireto)
b) "... ou pedir-me à noite a bênção do costume" (objeto indireto)
c) "Todas essas ações eram repulsivas: eu tolerava-as ..." (objeto direto)
d) "... que vivia mais perto de mim que ninguém" (objeto indireto)
e) "... eu jurava matá-los a ambos ..." (objeto direto)

20 Na frase "Fugia-lhe, e certo, metia o papel no bolso, corria a casa, fechava-se, não abria as vidraças, chegava a fechar os olhos", são adjuntos adverbiais
a) no bolso - a casa - não - e certo
b) no bolso - não - e certo
c) e certo - no bolso - a casa - se - não
d) lhe - e certo - no bolso - a casa - se - não
e) e certo - no bolso - a casa - não - a fechar

GABARITO

01 – D	02 – B	03 – A	04 – B	05 – C
06 – C	07 – C	08 – B	09 – C	10 – B
11 – C	12 – E	13 – E	14 – B	15 – B
16 – C	17 – A	18 – D	19 – D	20 – A

CONCORDÂNCIA

1 Indique a série que corresponde às formas apropriadas para os enunciados abaixo.
As diferenças existentes entre homens e mulheres ..... ser um fato indiscutível.
1 parece 2 parecem

Alguns cientistas, desenvolvendo uma nova pesquisa sobre a estrutura do cérebro, os efeitos dos hormônios e a psicologia infantil, ... que as diferenças entre homens e mulheres não se devem apenas à educação.
3 propõe 4 propõem

..... diferenças cerebrais condicionadoras das aptidões tidas como tipicamente masculinas ou femininas.
5 Haveria 6 Haveriam

..... ainda pesquisadores que consideram os machos mais agressivos, em virtude de sua constituição hormonal.
7 Existe 8 Existem

Como sempre, discute-se se é a força da Biolo-

gia, ou meramente a Educação, que ..... sobre o comportamento humano.

9 predomina 10 predominam

a) 2, 4, 5, 8, 9
d) 2, 3, 5, 8, 10
b) 1, 4, 6, 8, 9
e) 2, 4, 6, 7, 9
c) 2, 4, 6, 7, 10

2 Em um dos períodos seguintes não se observa a concordância prescrita pela gramática. Indique-o.
a) Não se apanham moscas com vinagre.
b) Casamento e mortalha no céu se talha.
c) Quem ama o feio bonito lhe parece.
d) De boas ceias, as sepulturas estão cheias.
e) Quem cabras não tem e cabritos vende, de algum lugar lhe vêm.

3 ..... dez horas que se ..... iniciado os trabalhos de apuração dos votos sem que se ..... quais seriam os candidatos vitoriosos. Assinale a alternativa **CORRETA.**
a) Fazia, haviam, previsse
d) Faziam, havia, previssem
b) Faziam, haviam, prevesse
e) Fazia, haviam, prevessem
c) Fazia, havia, previsse

4 Aponte a alternativa **CORRETA.**
a) Considerou perigosos o argumento e a decisão.
b) É um relógio que torna inesquecível todas as horas.
c) Já faziam meses que ela não a via.
d) Os atentados que houveram deixaram perplexa a população.
e) A quem pertence essas canetas?

5 Indique a alternativa **CORRETA.**
a) Filmes, novelas, boas conversas, nada o tiravam da apatia.
b) A pátria não é ninguém: são todos.
c) Se não vier as chuvas como faremos?
d) É precaríssima as condições do prédio.
e) Vossa Senhoria vos preocupais demasiadamente com a vossa imagem.

6 Vão ..... à carta várias fotografias. Paisagens as mais belas ..... . Ela estava ..... narcotizada. Assinale a alternativa **CORRETA.**
a) anexas - possíveis - meio
b) anexas - possível - meio
c) anexo - possíveis - meia
d) anexo - possível - meio
e) anexo - possível - meia

7 Vai ..... à carta minha fotografia. Essas pessoas cometeram crime de .....-patriotismo. Elas ..... não quiseram colaborar. Assinale a alternativa **CORRETA.**
a) incluso - leso - mesmo
b) inclusa - leso - mesmas
c) inclusa - lesa - mesmas
d) incluso - leso - mesmas
e) inclusas - lesa - mesmo

8 Assinale a alternativa em que há **ERRO** de concordância.
a) Tinha os olhos e a boca abertos.
b) Haviam ratos no porão.
c) Tu e ele permanecereis na mesma sala.
d) Separamo-nos ela e eu.
e) Ouviam-se passos lá fora.

9 No grupo, ... os trabalhos. Assinale a alternativa **CORRETA.**
a) sou eu que coordena
b) é eu que coordena
c) é eu quem coordena
d) é eu quem coordeno
e) sou eu que coordeno

10 O verbo está no plural porque o sujeito é composto em
a) À autora e à maioria das pessoas não interessam as vantagens da morte.
b) Os sentimentos de gratidão e de amor só conseguem ser eternos enquanto duram.
c) Amigos e amigas, não me chamem de inesquecível.
d) Pedaços de dor e de saudade cobrem a minha alma esbagaçada.
e) Limpos estão os meus olhos e o meu coração.

11 Assinale a alternativa **CORRETA** quanto à concordância verbal.
a) Sou eu que primeiro saio.
b) É cinco horas da tarde.
c) Da cidade à praia é dois quilômetros.
d) Dois metros de tecido são pouco para o terno.

12 Assinale o item que apresenta **ERRO** de concordância.
a) Prepararam-se as tarefas conforme havia sido combinado.
b) Deve haver pessoas interessadas na discussão do problema.
c) Fazem cem anos que Memórias Póstumas de Brás Cubas teve sua primeira edição.
d) Devem existir razões para ele retirar-se do grupo.
e) Um e outro descendiam de famílias ilustres.

13 Assinale o item que **NÃO** apresenta **ERRO** de concordância.
a) Ainda resta cerca de vinte alunos.
b) Haviam inúmeros assistentes na reunião.
c) Tu e ele saireis juntos.
d) Foi eu quem paguei as suas dívidas.
e) Há de existir professores esforçados.

14 Enumere (verbo posposto):
(1) cantamos (2) cantais (3) cantam

( ) Ele e ela .....
( ) Eu e tu .....
( ) Ele e eu .....
( ) Eu e ela .....
( ) Tu e ele .....

a) 3 - 1 - 1 - 1 - 2
b) 3 - 3 - 3 - 1 - 2
c) 3 - 2 - 1 - 1 - 2
d) 3 - 1 - 1 - 1 - 3
e) 1 - 2 - 3 - 1 - 2

15 Assinale a alternativa **INCORRETA.**
a) Precisam-se alunos especializados.
b) Precisa-se de alunos especializados.
c) Precisam-se de alunos competentes.
d) Assiste-se a filmes nacionais.
e) Obedeça-se aos regulamentos.

16 Apenas uma das frases está **CORRETA**. Assinale-a.
a) Nesta casa, consertam-se televisores e precisa-se de técnicos em eletrônica.
b) Nesta casa, conserta-se televisores e precisam-se de técnicos em eletrônica.
c) Nesta casa, conserta-se televisores e precisa-se de técnicos em eletrônica.
d) Nesta casa, consertam-se televisores e precisam-se de técnicos em eletrônica.
e) Nesta casa, consertam-se televisores e precisa-se técnicos em eletrônica.

17 Dadas as sentenças:

1 Eram duas horas da tarde.
2 Fui eu que resolvi o problema.
3 Hoje são sete de março.

Deduzimos que:
a) apenas a sentença número 1 está correta.
b) apenas a sentença número 2 está correta.
c) apenas a sentença número 3 está correta.
d) todas estão corretas.

18 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** as lacunas.
Sr. Professor, peço ao Sr. a fineza de me ..... a quinta lição, e ..... a ..... anterior decisão.
a) enviar - reconsiderar - sua
b) enviardes - reconsiderardes - vossa
c) enviar - reconsiderar - vossa
d) enviardes - reconsiderardes - sua
e) enviardes - reconsiderar - vossa

19 Assinale a opção que completa **CORRETAMENTE** as lacunas.
..... Vossa Excelência, se não me apresento pessoalmente ....., embora aqui esteja, sempre ..... .
a) Perdoai-me - a vós - a vosso dispor
b) Perdoe-me - ao Sr. - ao seu dispor
c) Perdoai-me - a Vossa Excelência - a seu dispor
d) Perdoe-me - a Vossa Excelência - a seu dispor
e) Perdoai-me - a Vossa Excelência - ao dispor de Vossa Excelência

20 Assinale a opção em que houver **ERRO** gramatical.
a) A maioria das mulheres é inteligente.
b) A maioria das mulheres são inteligentes.
c) Uma e outra forma estão certas.
d) Ainda vai haver noites frescas.
e) Pedimos que Vossa Senhoria vos digneis a receber-nos.

GABARITO

01 – A	02 – B	03 – A	04 – A	05 – B
06 – A	07 – B	08 – B	09 – E	10 – E
11 – A	12 – C	13 – C	14 – A	15 – C
16 – A	17 – D	18 – A	19 – B	20 – E

CRASE

1 Assinale a alternativa em que **NÃO** deve haver o sinal da crase.
a) O sonho de todo astronauta é voltar a Terra.
b) As vezes, as verdades são duras de se ouvir.
c) Enriqueço, a medida que trabalho.
d) Filiei-me a entidade, sem querer.
e) O sonho de todo marinheiro é voltar a terra.

2 De ..... muito, ele se desinteressou em chegar a ocupar cargo tão importante. ..... coisas mais simples na vida e que valem mais que a posse momentânea de certos postos de relevo ..... que tantos ambicionam por amor ..... ostentação.
Assinale a alternativa **CORRETA.**
a) a - Há - à - à
b) há - As - a - a
c) há - Há - a - à
d) a - Hão - a - à
e) há - A - a - a

3 ..... tarde, acampadas já ..... horas, as tropas verificaram ..... perdas sofridas.
Assinale a alternativa **CORRETA.**
a) Há - a - às
b) À - há - as
c) À - a - às
d) Há - à - as
e) A - há - as

4 Dizer ..... toda gente o que pensava ..... respeito das coisas era sua maior ambição, mas não ..... confessava sequer ..... sua melhor amiga.
Assinale a alternativa **CORRETA.**
a) a, à, a, à
b) à, à, a, a
c) a, a, a, a
d) a, à, à, à
e) à, a, a, a

5 A amiga, ... quem devia tanta atenção, não chegou ..... ouvir os agradecimentos que ..... muito esperava. Assinale a alternativa **CORRETA.**
a) a, a, a
b) a, a, há
c) à, à, há
d) à, à, a
e) à, a, a

6 Estarei ..... frente do prédio, ... poucos metros daqui; chegue, exatamente ..... uma hora.
Assinale a alternativa **CORRETA.**
a) à, há, à
b) a, à, à
c) à, a, à
d) à, a, a
e) à, há, a

7 Dizem que vencer ..... si mesmo é mais do que vencer o mundo; portanto, vençamos, pela prática da virtude, ... todos os nossos defeitos, por isso visamos ..... perfeição. Assinale a alternativa **CORRETA.**
a) à, a, à
b) a, a, à
c) a, à, à
d) a, a, a
e) à, à, à

8 Quando for ..... Bahia, quero visitar ..... igreja do Bonfim e assistir ..... uma missa para dar cumprimento ..... promessa que fiz. Assinale a alternativa **CORRETA.**
a) a, a, à, à
b) à, à, a, a
c) a, à, a, à
d) à, a, a, à
e) a, a, a, a

9 Qual das alternativas completa **CORRETAMENTE** os espaços vazios?
"E entre o sono e o medo, ouviu como se fosse de verdade o apito de um trem igual ..... que ouvia em Limoeiro." *(José Lins do Rego)*
"Habituara-se ..... boa vida, tendo de tudo, regalada." *(J. Amado)*
"Os adultos são gente crescida que vive sempre dizendo pra gente fazer isso e não fazer ..... ." *(M. Fernandes)*
a) àquele, aquela, aquilo
b) àquele, àquela, àquilo
c) àquele, àquela, aquilo
d) aquele, àquela, aquilo
e) aquele, aquela, aquilo

10 Assinale a alternativa que completa, **CORRETAMENTE**, as lacunas da frase inicial: Nesta oportunidade, volto ..... referir-me ..... problemas já expostos ..... Vossa Senhoria ..... alguns dias.
a) à, àqueles, a, há
b) a, àqueles, a, há
c) a, aqueles, à, a
d) à, àqueles, a, a
e) a, aqueles, à, há

11 A alternativa que preenche **CORRETAMENTE** as lacunas da frase, é: "..... muito tempo, devido ..... condições político-econômicas do país, não é dado ..... população o direito de viver ..... salvo de sobressaltos financeiros", é
a) a, as, à, à
b) à, às, à, a
c) há, às, à, a
d) há, às, à, à
e) à, as, à, a

12 O pobre homem fica ..... meditar, ... tarde, indiferente ..... que acontece ao seu redor. Assinale a alternativa **CORRETA.**
a) à, a, aquilo
b) a, a, aquilo
c) a, à, àquilo
d) à, à, aquilo
e) à, à, àquilo

13 Não me refiro ..... essa peça, mas ..... que assistimos sábado ..... noite. Assinale a alternativa **CORRETA.**
a) a, àquela, à
b) a, aquela, a
c) à, aquela, à
d) à, àquela, a
e) à, àquela, à

14 Fique ..... vontade e confie ..... mim tudo que tem ..... dizer. Assinale a alternativa **CORRETA.**
a) a, a, à
b) à, a, a
c) à, a, à
d) à, à ,à
e) a, à, a

15 Assinale a alternativa que completa a frase: Trouxe ..... mensagem ..... Vossa Senhoria e aguardo ..... resposta, ... fim de levá-la ..... pessoa que me enviou.
a) a, a, à, a, a
b) a, à, a, à, a
c) à, à, à, à, a
d) a, a, a, a, à
e) à, a, a, a, a

16 Foi ..... mais de um século que, numa região de escritores, se propôs a maldição do cientista que reduziria o arco-íris ..... matéria: era uma ameaça ..... poesia. Assinale a alternativa **CORRETA.**

a) a, a, à
b) há, à, a
c) há, à, à
d) a, a, a
e) há, a, à

17 Assinale a alternativa que preenche adequadamente as lacunas do texto: "Chegar cedo ..... repartição. Lá ..... de estar outra vez o Horácio conversando ..... uma das portas com Clementino."

a) à - há - a
b) à - há - à
c) a - há - a
d) à - a - a
e) a - a - à

18 O progresso chegou inesperadamente ..... subúrbio. Daqui ..... poucos anos, nenhum dos seus moradores se lembrará mais das casinhas que, ... tão pouco tempo, marcavam a paisagem familiar. Assinale a alternativa **CORRETA.**

a) aquele, a ,a
b) àquele, a, há
c) àquele, à, há
d) aquele, à, há
e) àquele, à, à

19 Diga ..... elas que estejam daqui ..... pouco ..... porta da biblioteca. Assinale a alternativa **CORRETA.**

a) à, há, a
b) a, há, a
c) a, a, a
d) à, a, a
e) a, a, à

20 Assinale a frase gramaticalmente **CORRETA.**

a) O papa caminhava à passo firme.
b) Dirigiu-se ao tribunal disposto à falar ao juiz.
c) Chegou à noite, precisamente as 10 horas.
d) Esta é a casa à qual me referi ontem às pressas.
e) Ora aspirava a isto, ora aquilo, ora a nada.

GABARITO

01 – E	02 – C	03 – B	04 – C	05 – B
06 – C	07 – B	08 – D	09 – C	10 – B
11 – C	12 – C	13 – A	14 – B	15 – D
16 – C	17 – A	18 – B	19 – E	20 – D

REGÊNCIA

1 Assinale a alternativa gramaticalmente **CORRETA.**

a) Não tenham dúvidas que ele vencerá.
b) O escravo ama e obedece o seu senhor.
c) Prefiro estudar do que trabalhar.
d) O livro que te referes é célebre.
e) Se lhe disserem que não o respeito, enganam-no.

2 Assinale o período em que foi empregado o pronome relativo inadequado.

a) O livro a que eu me refiro é Tarde da Noite.
b) Ele é uma pessoa de cuja honestidade ninguém duvida.
c) O livro em cujos dados nos apoiamos é este.
d) A pessoa perante a qual comparecemos foi muito agradável.
e) O moço de cujo lhe falei ontem é este.

3 Assinale a alternativa que preencha **CORRETAMENTE** as lacunas abaixo.
1 Veja bem estes olhos ..... se tem ouvido falar.
2 Veja bem estes olhos ..... se dedicaram muitos versos.
3 Veja bem estes olhos ..... brilho fala o poeta.
4 Veja bem estes olhos ..... se extraem confissões e promessas.
a) de que - a que - sobre o qual - dos quais
b) que - que - sobre o qual - que
c) sobre os quais - que - de que - de onde
d) dos quais - aos quais - sobre cujo - dos quais
e) em quais - aos quais - a cujo - que

4 São excelentes técnicos, ... colaboração não podemos prescindir.
Assinale a alternativa que preenche **ADEQUADAMENTE** as lacunas acima.
a) cuja
b) de cuja
c) que a
d) de que a
e) dos quais a

5 Assinale a alternativa **CORRETA**.
a) Preferia brincar do que trabalhar.
b) Preferia mais brincar a trabalhar.
c) Preferia brincar a trabalhar.
d) Preferia brincar à trabalhar.
e) Preferia mais brincar que trabalhar.

6 Assinale a frase em que o pronome relativo está empregado **CORRETAMENTE**.
a) É um cidadão em cuja honestidade se pode confiar.
b) Feliz o pai cujo os filhos são ajuizados.
c) Comprou uma casa maravilhosa, cuja casa lhe custou uma fortuna.
d) Preciso de um pincel delicado, sem o cujo não poderei terminar meu quadro.
e) Os jovens, cujos pais conversei com eles, prometeram mudar de atitude.

7 Sendo o carnaval uma das festas ..... mais gosto, achei preferível ir ao baile ..... viajar para a praia. A alternativa **CORRETA** é:
a) que - à
b) que - do que
c) das quais - que
d) de que - a
e) de que - do que

8 Embora pobre e falto ..... recursos, foi fiel ..... ele, que ..... queria bem com igual constância. A alternativa **CORRETA** é:
a) em - a - o
b) em - para - o
c) de - para - o
d) de - a - lhe
e) de - para - lhe

9 As palavras ansioso, contemporâneo e misericordioso regem, respectivamente, as preposições:
a) em - de - para
b) de - a - de
c) por - de - com
d) de - com - para com
e) com - a - a

10 Indique a alternativa que completa **CORRETAMENTE** as lacunas do seguinte período: "Era um tique peculiar ..... cavalariço o de deixar caído, ... canto da boca, o cachimbo vazio ..... fumo, enquanto alheio ..... tudo e solícito apenas ..... animais, prosseguia ..... seu serviço."
a) ao - ao - de - a - com os - em
b) do - no - em - de - dos - para
c) para o - no - de - com - pelos - a
d) ao - pelo - do - por - sobre - em
e) do - para o - no - para - para com os - no

11 Observe o verbo que se repete: "aspirou o ar" e "aspirou à glória". Tal verbo
a) apresenta a mesma regência e o mesmo sentido nas duas orações.
b) embora apresente regências diferentes, ele tem sentido equivalente nas duas orações.

c) poderia vir regido de preposição também na primeira oração sem que se modificasse o sentido dela.
d) apresenta regência e sentidos diferentes nas duas orações.
e) embora tenha o mesmo sentido nas duas orações, ele apresenta regência diferente em cada uma delas.

12 Assinale o item em que a regência do verbo **proceder** contraria a norma culta da língua.
a) O juiz procedeu ao julgamento.
b) Não procede este argumento.
c) Procedo um inquérito.
d) Procedia de uma boa família.
e) Procede-se cautelosamente em tais situações.

13 I - Certifiquei-o ..... que uma pessoa muito querida aniversaria neste mês;
II -Lembre-se ..... que, baseada em caprichos, não obterá bons resultados;
III - Cientificaram-lhe ..... que aquela imagem refletia a alvura de seu mundo interno.
De acordo com a regência verbal, a preposição **de** cabe
a) nos períodos I e II.
b) apenas no período II.
c) nos períodos I e III.
d) em nenhum dos três períodos.
e) nos três períodos.

14 Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche **CORRETAMENTE** as lacunas da frase apresentada: O projeto, ... realização sempre duvidara, exigiria toda a dedicação ..... fosse capaz.
a) do qual a, que
b) cuja a, da qual
c) de cuja, de que
d) que sua, de cuja
e) cuja, a qual

15 Quando implicar tem sentido de "acarretar", "produzir como consequência", constrói-se a oração como objeto direto, como se vê em
a) Quando era pequeno, todos sempre implicavam comigo.
b) Muitas patroas costumam implicar com as empregadas domésticas.
c) Pelo que diz o assessor, isso implica em gastar mais dinheiro.
d) O banqueiro implicou-se em negócios escusos.
e) Um novo congelamento de salários implicará uma reação dos trabalhadores.

16 Assinale a única alternativa **INCORRETA** quanto à regência do verbo.
a) Perdoou nosso atraso no imposto.
b) Lembrou ao amigo que já era tarde.
c) Moraram na rua da Paz.
d) Meu amigo perdoou ao pai.
e) Lembrou de todos os momentos felizes.

17 Assinale a alternativa que corresponde às frases **CORRETAS**.
I. Visando apenas os seus próprios interesses, ele, involuntariamente, prejudicou toda uma família.
II. Como era orgulhoso, preferiu declarar falida a firma a aceitar qualquer ajuda do sogro.
III. Desde criança sempre aspirava a uma posição de destaque, embora fosse tão humilde.
IV. Aspirando o perfume das centenas de flores que enfeitavam a sala, desmaiou.
a) II - III - IV
b) I - II - III
c) I - III - IV
d) I - III
e) I - II

18 Há **ERRO** de regência no item
a) Algumas ideias vinham ao encontro das reivindicações dos funcionários, contentando-os, outras não.
b) Todos aspiravam a uma promoção funcional, entretanto poucos se dedicavam àquele trabalho, por ser desgastante.

c) Continuaram em silêncio, enquanto o relator procedia à leitura do texto final.
d) No momento este Departamento não pode prescindir de seus serviços devido ao grande volume de trabalho.
e) Informamos a Vossa Senhoria sobre os prazos de entrega das novas propostas, às quais devem ser respondidas com urgência.

19 Assinale a alternativa em que a regência verbal está **CORRETA**.
a) Prefiro mais a cidade que o campo.
b) Chegamos finalmente em Santo André.
c) Esta é a cidade que mais gosto.
d) Assisti ao concerto de que você tanto gostou.
e) Ainda não paguei o médico.

20 Assinale, abaixo, a exata regência do verbo chamar.
a) Chamamo-lo inteligente.
b) Chamamo-lo de inteligente.
c) Chamamos-lhe inteligente.
d) Chamamos-lhe de inteligente.
e) Todas as regências acima estão corretas.

GABARITO

01 – E	02 – E	03 – D	04 – B	05 – C
06 – A	07 – D	08 – D	09 – C	10 – A
11 – D	12 – C	13 – A	14 – C	15 – E
16 – E	17 – A	18 – E	19 – D	20 – E

PONTUAÇÃO

1 Assinale a alternativa em que a pontuação está **ADEQUADA** às normas da língua padrão.
a) Em suma poderia haver algumas atenções, mas, não devia um real ninguém.
b) Em suma, poderia dever algumas atenções, mas não devia um real ninguém.
c) Em suma poderia dever algumas atenções, mas não devia um real a ninguém.
d) Em suma poderia dever, algumas atenções, mas não devia um real a ninguém.
e) Em suma, poderia dever, algumas atenções, mas, não devia um real a ninguém.

2 Assinale a alternativa em que a pontuação está **ADEQUADA** às normas da língua padrão.
a) A velhice ridícula é, porventura, a mais triste e derradeira surpresa da natureza humana.
b) A velhice ridícula é porventura a mais triste e, derradeira surpresa da natureza humana.
c) A velhice ridícula é, porventura a mais triste, e derradeira surpresa da natureza humana.
d) A velhice ridícula é porventura, a mais triste e, derradeira surpresa da natureza humana.
e) A velhice ridícula é, porventura, a mais triste e, derradeira surpresa da natureza humana.

3 Assinale a alternativa em que a pontuação está **ADEQUADA** às normas da língua padrão.
a) Um deles muito menor, que todos, apegava-se às calças de outro taludo.
b) Um deles, muito menor que todos, apegava-se às calças de outro, taludo.
c) Um deles, muito menor que todos apegava-se, às calças de outro, taludo.
d) Um deles - muito menor - que todos, apegava-se às calças de outro taludo.
e) Um deles muito menor que todos, apegava-se, às calças de outro taludo.

4 Assinale a alternativa em que a pontuação está **ADEQUADA** às normas da língua padrão.
a) Ensina-o a, converter cada espinho, em flor.
b) Ensina-o, a converter, cada espinho em flor.
c) Ensina-o a converter, cada espinho em flor.
d) Ensina-o, a converter cada espinho, em flor.
e) Ensina-o a converter cada espinho em flor.

5 Os períodos abaixo apresentam diferenças de pontuação. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação **CORRETA**.
a) Hoje, eu daria o mesmo conselho, menos doutrina e, mais análise.
b) Hoje eu daria o mesmo conselho: menos doutrina e mais análise.
c) Hoje, eu, daria o mesmo conselho, menos doutrina e mais análise.
d) Hoje eu daria o mesmo conselho menos doutrina e mais análise.
e) Hoje eu, daria o mesmo conselho: menos doutrina, e, mais análise.

6 Os períodos abaixo apresentam diferenças de pontuação. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação **CORRETA**.
a) Precisando de meu auxílio por favor não hesite em chamar-me.
b) Precisando, de meu auxílio, por favor não hesite em chamar-me.
c) Precisando de meu auxílio, por favor, não hesite em chamar-me.
d) Precisando de meu auxílio por favor não hesite, em chamar-me.
e) Precisando, de meu auxílio por favor, não hesite, em chamar-me.

7 Os períodos abaixo apresentam diferenças de pontuação. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação **CORRETA**.
a) Cada qual tem o ar que Deus lhe deu.
b) Cada qual, tem o ar que Deus, lhe deu.
c) Cada qual, tem o ar, que Deus lhe deu.
d) Cada qual tem o ar, que Deus, lhe deu.
e) Cada qual tem, o ar que Deus lhe deu.

8 Os períodos abaixo apresentam diferenças de pontuação. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação **CORRETA**.
a) Apesar de toda a atenção o fato passou despercebido a todos.
b) Apesar de, toda a atenção, o fato, passou despercebido a todos.
c) Apesar de, toda a atenção o fato passou, despercebido a todos.
d) Apesar de toda a atenção o fato, passou despercebido, a todos.
e) Apesar de toda a atenção, o fato passou despercebido a todos.

9 Assinale a alternativa em que o texto está pontuado **CORRETAMENTE**.
a) Matias, cônego honorário e pregador efetivo, estava compondo um sermão quando começou o idílio psíquico.
b) Matias cônego honorário, e pregador efetivo estava compondo um sermão quando começou o idílio psíquico.
c) Matias, cônego honorário, e pregador efetivo, estava compondo um sermão, quandocomeçou o idílio psíquico.
d) Matias cônego honorário e pregador efetivo, estava compondo um sermão, quando começou, o idílio psíquico.
e) Matias, cônego honorário e, pregador efetivo, estava compondo um sermão quando começou o idílio psíquico.

10 Assinale o período que está pontuado **CORRETAMENTE**.
a) Solicitamos aos candidatos que respondam às perguntas a seguir, importantes para efeito de pesquisas relativas aos vestibulares.
b) Solicitamos aos candidatos, que respondam, às perguntas a seguir importantes para efeito de pesquisas relativas aos vestibulares.
c) Solicitamos aos candidatos, que respondam às perguntas, a seguir importantes para efeito de pesquisas relativas aos vestibulares.
d) Solicitamos, aos candidatos que respondam às perguntas a seguir importantes para efeito de pesquisas relativas aos vestibulares.
e) Solicitamos aos candidatos, que respondam às perguntas, a seguir, importantes para efeito de pesquisas relativas aos vestibulares.

11 Assinale a alternativa em que o texto esteja **CORRETAMENTE** pontuado.
a) Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo sem chapéu trazendo pela mão, uma menina de quatro anos.
b) Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja um sujeito, baixo, sem chapéu, trazendo pela mão, uma menina de quatro anos.
c) Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo, sem chapéu, trazendo pela mão uma menina de quatro anos.
d) Enquanto eu, fazia comigo mesmo, aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo sem chapéu, trazendo pela mão uma menina de quatro anos.
e) Enquanto eu fazia comigo mesmo, aquela reflexão, entrou na loja, um sujeito baixo, sem chapéu trazendo, pela mão, uma menina de quatro anos.

12 Assinale a **CORRETA**.
a) O fogo, está apagado; defendeu-se a moça; mas, o almoço está pronto.
b) O fogo está apagado, defendeu-se a moça. Mas, o almoço, está pronto.
c) O fogo está apagado... defendeu-se, a moça; mas o almoço está pronto.
d) O fogo está apagado? Defendeu-se a moça. Mas o almoço, está pronto.
e) O fogo está apagado - defendeu-se a moça. Mas o almoço está pronto.

13 Observe as frases:
I - Ele foi, logo eu não fui.
II - O menino, disse ele, não vai.
III - Deus, que é Pai, não nos abandona.
IV - Saindo ele e os demais, os meninos ficarão sós.
Assinale a afirmativa **CORRETA.**
a) Em I há erro de pontuação.
b) Em II e III as vírgulas podem ser retiradas sem que haja erro.
c) Na I, se se mudar a vírgula de posição, muda-se o sentido da frase.
d) Na II, faltam dois pontos depois de disse.

14 Assinale a opção em que está **CORRETAMENTE** indicada a ordem dos sinais de pontuação que devem preencher as lacunas da frase abaixo: Quando se trata de trabalho científico ___ duas coisas devem ser consideradas ___ uma é a contribuição que o trabalho oferece ___ a outra é o valor prático que possa ter.
a) dois-pontos, ponto e vírgula, ponto e vírgula
b) dois-pontos, vírgula, ponto e vírgula
c) vírgula, dois-pontos, ponto e vírgula
d) ponto e vírgula, dois-pontos, ponto e vírgula
e) ponto e vírgula, vírgula e vírgula

15 Assinale a alternativa em que o período proposto está **CORRETAMENTE** pontuado.
a) Neste ponto viúva amiga, é natural que lhe perguntes, a propósito da Inglaterra como é que se explica, a vitória eleitoral de Gladstone.
b) Neste ponto, viúva amiga, é natural que lhe perguntes, a propósito da Inglaterra, como é que se explica a vitória eleitoral de Gladstone.
c) Neste ponto, viúva amiga é natural que, lhe perguntes a propósito da Inglaterra, como é que se explica a vitória eleitoral, de Gladstone?
d) Neste ponto, viúva amiga, é natural, que lhe perguntes a propósito da Inglaterra, como é que, se explica a vitória eleitoral de Gladstone.
e) Neste ponto viúva amiga, é natural que lhe perguntes a propósito da Inglaterra como é, que se explica, a vitória eleitoral de Gladstone?

16 Assinale a alternativa em que o texto é apresentado com a pontuação mais **ADEQUADA**.
a) Depois que há algumas gerações, o arsênico deixou de ser vendido, em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio, ou envenenamento criminoso, mas aumentou - e quanto ... o número de ratos.
b) Depois que há algumas gerações o arsênico, deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou: e quanto o número de ratos.
c) Depois que, há algumas gerações, o arsênico deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou – e quanto – o número de ratos.
d) Depois que há algumas gerações o arsênico deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de - suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou - e quanto - o número de ratos.
e) Depois que, há algumas gerações o arsênico deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou; e quanto, o número de ratos.

17 Os períodos abaixo apresentam diferenças de pontuação. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação **CORRETA**.
a) Quem foi, que me disse, que o Pedro estava à procura, de uma gramática de alemão?
b) Quem foi que, me disse, que o Pedro, estava à procura de uma gramática, de alemão?
c) Quem foi que, me disse que o Pedro estava à procura de uma gramática de alemão?
d) Quem foi que me disse que o Pedro estava à procura de uma gramática de alemão?
e) Quem foi, que me disse que o Pedro, estava à procura de uma gramática, de alemão?

18 Os períodos abaixo apresentam diferenças de pontuação. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação **CORRETA**.
a) Cada qual, busca a salvar-se a si próprio.
b) Cada qual busca, a salvar-se a si próprio.
c) Cada qual, busca a salvar-se a si, próprio.
d) Cada qual busca, a salvar-se, a si próprio.
e) Cada qual busca a salvar-se a si próprio.

19 Os períodos abaixo apresentam diferenças de pontuação. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação **CORRETA**.
a) Justamente no momento em que as coisas iam melhorar, ele pôs tudo a perder.
b) Justamente no momento em que as coisas iam melhorar, ele pôs tudo, a perder.
c) Justamente, no momento, em que as coisas iam melhorar, ele pôs tudo a perder.
d) Justamente no momento, em que as coisas iam melhorar, ele pôs tudo, a perder.
e) Justamente, no momento em que as coisas iam melhorar ele pôs tudo, a perder.

20 Os períodos abaixo apresentam diferenças de pontuação. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação **CORRETA**.
a) Prezados colegas deixemos agora a boa conversa, de lado!
b) Prezados colegas deixemos agora, a boa conversa de lado!
c) Prezados colegas, deixemos agora, a boa conversa de lado!
d) Prezados colegas deixemos agora a boa conversa de lado!
e) Prezados colegas, deixemos agora a boa conversa de lado!

GABARITO

01 – B	02 – A	03 – B	04 – E	05 – B
06 – C	07 – A	08 – E	09 – A	10 – A
11 – C	12 – E	13 – C	14 – C	15 – B
16 – C	17 – D	18 – E	19 – A	20 – E

ELEMENTOS DE COESÃO

01 Em todas as alternativas, as orações guardam entre si uma relação de adição, **EXCETO** em
a) Faz menção de afastar-se, João Paz agarra-lhe o braço.
b) O prefeito suspirou fundo, pensou nas suas orquídeas.
c) O suor escorre pelo rosto do delegado, empapa-lhe a camisa.
d) O som do piano enche a sala, escapa-se pela janela.
e) Vivaldino começa a suar, enxuga a testa com a manga do pijama.

02 Em todos os períodos, o termo destacado indica adição, **EXCETO** em

a) Garantiram-me que o diretor não estava **e** que não voltaria.
b) O médico examinou-o com cuidado **e**, finalmente, receitou-lhe esses remédios.
c) O presidente prometeu-nos que viria inaugurar a nova creche **e** não veio.
d) Depois de consultar o arquivo, preparou o texto **e** datilografou-o com cuidado.
e) Estudou com atenção os originais **e** prometeu publicar o livro em breve.

03 Em todas as alternativas, há uma oração que expressa a ideia de tempo, **EXCETO** em

a) Mas, assim saíram os estudantes, Beirão acercou-se de mim.
b) Ao retornar estes apontamentos, tive minhas recaídas e dúvidas.
c) A viagem ao Rio, marcada para janeiro, não se realizou até hoje.
d) Deus permitiu que, sendo tu viva ainda, eu tivesse podido voltar para casa.
e) Ao mesmo tempo em que tive raiva, me veio o desejo incontido de rir.

04 Em todas as opções, as frases contêm uma relação de causa e efeito, **EXCETO** em

a) As polêmicas de fundo ético-religioso acabam lançando sombras confusas sobre o trabalho dos geneticistas.
b) Causou sensação a afirmação sobre a possibilidade técnica de um cruzamento entre homem e chimpanzé.
c) É inviável colar metade do DNA de uma moça à metade do DNA de um peixe e ainda por cima inserir esse DNA numa célula.
d) O chimpanzomem resultante do acasalamento entre homem e chimpanzé poderia vir a ser o patriarca de uma sub-raça.
e) Os avanços da Engenharia Genética provocam contrariedades entre aqueles que a encaram com certa desconfiança.

05 Em todas as opções, as frases contêm fatos hipotéticos, **EXCETO** em

a) Meia receita de frango ao molho pardo com meia receita de pudim de ovos não dá nem um frango com ovos nem um pudim ao molho pardo.
b) Nesse cenário de ficção científica, os pais escolheriam não só o sexo, mas a cor dos olhos ou quaisquer outras características hereditárias dos filhos.
c) O chimpanzomem não seria fruto de alguma irresponsável manipulação do DNA, mas de inseminação natural, artificial ou em proveta.
d) O chimpanzomem poderia vir a ser o patriarca de uma sub-raça de escravos ou de fornecedores de órgãos para transplantes.
e) Os oponentes da Engenharia Genética se inquietam com a possibilidade de que os avanços acabem propiciando a criação de seres humanos ao gosto do freguês.

06 Assinale a opção em que a conjunção **e** está empregada com valor adversativo.

a) Deixou viúva e órfãos miúdos.
b) Para diminuir a mortalidade e aumentar a produção, proibi a aguardente.
c) Tenho visto criaturas que trabalham demais e não progridem.
d) Iniciei a pomicultura e a avicultura.
e) Perdi dois caboclos e levei um tiro de emboscada.

07 Por definição, "oração coordenada que se prende à anterior por conectivo é denominada sindética e é classificada pelo nome da conjunção que a encabeça." Assinale a alternativa em que aparece uma coordenada sindética explicativa, conforme a definição.

a) A casaca dele estava remendada mas estava limpa.
b) Ambos se amavam, contudo não se falavam.
c) Todo mundo trabalhando: ou varrendo o chão ou lavando as vidraças.

d) Chora, que lágrimas lavam a dor.
e) O time ora atacava, ora defendia e no placar aparecia o resultado favorável.

08 Combinando os conjuntos
1 - O advogado que é pintor ficará uns dias aqui.
2 - O advogado, que é pintor, ficará uns dias aqui.

( ) Refere-se a mais de um advogado.
( ) Os outros advogados não são pintores.
( ) Refere-se a um advogado apenas.
( ) Há um advogado e ele é pintor.
( ) Refere-se a mais de um pintor.

A sequência correta é
a) 2, 2, 1, 1, nada.
b) 1, 2, 1, 1, nada.
c) nada, 1, 2, 2, 1.
d) 1, 1, 2, 2, nada.
e) nada, 1, 1, 2, 2.

09 "De outras ovelhas cuidarei, que não de vós." (Garrett)
A oração acima, é
a) coordenada sindética aditiva.
b) coordenada sindética adversativa.
c) coordenada sindética explicativa.
d) coordenada sindética conclusiva.
e) coordenada assindética.

10 Nos itens abaixo, apresentamos alguns períodos e considerações sobre eles. Em que alternativa essas considerações são **ERRADAS**?

a) *1. Isso aconteceu porque você não me ouviu.*
2. Alguma coisa aconteceu porque você está muito assustado.

No período 1, a oração sublinhada expressa a causa do que se informa na oração principal.
No período 2, a oração sublinhada não expressa a causa do que se informa na principal.

b) *1. A casa de Mário, que foi construída em 1945, conserva, até hoje, sua pintura primitiva.*
2. A casa de Mário que foi construída em 1945 conserva, até hoje, sua pintura primitiva.

Os dois períodos têm sentidos diferentes.
No período 1, podemos concluir que Mário tem uma casa apenas.
No período 2, indica-se que Mário tem mais de uma casa.

c) *1. Como tivesse terminado a apuração das eleições, os políticos vencedores festejaram, euforicamente, sua vitória.*
2. Mal terminou a apuração das eleições, os políticos vencedores festejaram, euforicamente, sua vitória.

Nos dois períodos, observa-se entre a oração subordinada (destacada) e a principal uma relação de concessão.

d) *1. Mesmo não tendo obtido um bom resultado, conseguimos a aprovação.*
2. Apesar de não ter obtido um bom resultado, conseguimos a aprovação.

Nos dois períodos, observa-se entre a oração subordinada (destacada) e a principal uma relação de concessão.

e) *1. A menos que sejam tomadas providências imediatas, toda a riqueza florestal da Amazônia será devastada.*
2. Caso não sejam tomadas providências imediatas, toda a riqueza florestal da Amazônia será devastada.

Nos dois períodos, observa-se entre a oração subordinada (destacada) e a principal uma relação de condição.

11 Assinale a alternativa que apresenta orações de mesma classificação que as deste período: *Não se descobriu o erro, e Fabiano perdeu os estribos.*

a) Pouco a pouco o ferro do proprietário queimava os bichos de Fabiano.
b) Foi até a esquina, parou, tomou fôlego.
c) Depois que aconteceu aquela miséria, temia passar ali.
d) Tomavam-lhe o gado quase de graça e ainda inventavam juro.
e) Não podia dizer em voz alta que aquilo era um furto, mas era.

12 Dentre os períodos transcritos do texto, um é composto por coordenação e contém uma oração coordenada sindética adversativa. Assinale a alternativa correspondente a esse período.

a) A frustração cresce e a desesperança não cede.
b) O que dizer sem resvalar para o pessimismo, a crítica pungente ou a autoabsolvição?
c) É também ocioso pensar que nós, da tal elite, temos riqueza suficiente para distribuir.
d) Em termos mundiais, somos irrelevantes como potência econômica, mas ao mesmo tempo extremamente representativos como população.

13 Chamando de

I. período composto por coordenação sindética.
II. período composto por coordenação assindética.

Assinale a alternativa **CORRETA**.

a) Colhemos frutos, jogamos bola. (I)
b) Bem depressa chegou o trem; despedimo-nos sem demora. (I)
c) Os dois anos de serviço acabaram em 1855, e o escravo ficou livre, mas continuou o ofício. (I)
d) Dormi tarde mas acordei cedo. (II)
e) Fui bem em Física mas não acertei nada em Química. (II)

14 "Mauro não estudou nada e foi aprovado!" Apesar do "e", normalmente aditivo, a oração desatacada é"

a) adversativa.
b) conclusiva.
c) explicativa.
d) alternativa.
e) causal.

15 Assinale a alternativa em que a subordinada **NÃO** traduza ideia de consequência, comparação, concessão e causa.

a) Porquanto não fosse um ancião convencional, enterrou-se de sobrecasaca e polainas.
b) Desde que era um ancião convencional, enterrou-se de sobrecasaca e polainas.
c) Ele era um ancião tão convencional que se enterrou de sobrecasaca e polainas.
d) Ele era um ancião mais convencional do que o que se enterrou de sobrecasaca e polainas.
e) Ele era um ancião convencional, na medida em que se enterrou de sobrecasaca e polainas.

16 Na frase "Entrando na faculdade, procurarei emprego.", a oração subordinada indica ideia de

a) concessão.
b) oposição.
c) condição.
d) tempo.
e) consequência.

17 Na frase: "Trabalhou-**se** com prazer.", a palavra **se** é

a) partícula de realce.
b) conjunção integrante.
c) pronome reflexivo.
d) índice de indeterminação do sujeito.
e) conjunção coordenativa explicativa.

18 O **que** não é pronome relativo na opção:
a) Não há mina de água que não o chame pelo nome, com arrulhos de namorada.
b) Não há porteira de curral que não se ria para ele, com risadinha asmática de velha regateira.
c) "Me espere em casa, que eu ainda vou dar uma espiada na novilhada parida da vereda."
d) "Tenho uma corrente de prata lá em casa que anda atrás de uma trenheira destas para pendurar na ponta."
e) "Quem seria aquele sujeito que estava de pé, encostado ao balcão, todo importante no terno de casimira?"

19 No trecho "Cecília... viu, do lado oposto do rochedo, Peri, que a olhava com uma admiração ardente", a oração grifada expressa uma
a) causa.
b) oposição.
c) condição.
d) lugar.
e) explicação.

20 Leia, com atenção, os períodos abaixo:
Caso haja justiça social, haverá paz.
Embora a televisão ofereça imagens concretas, ela não fornece uma reprodução fiel da realidade.
Como todas aquelas pessoas estavam concentradas, não se escutou um único ruído.

Assinale a alternativa que apresenta, **RESPECTIVAMENTE**, as circunstâncias indicadas pelas orações sublinhadas.
a) tempo, concessão, comparação
b) tempo, causa, concessão
c) condição, consequência, comparação
d) condição, concessão, causa
e) concessão, causa, conformidade

GABARITO

01 – A	02 – C	03 – A	04 – C	05 – A
06 – C	07 – D	08 – D	09 – B	10 – C
11 – D	12 – D	13 – C	14 – A	15 – B
16 – D	17 – D	18 – C	19 – E	20 – D

FIGURAS DE LINGUAGEM

1 Identifique a figura de linguagem **PREDOMINANTE** na sentença abaixo.
Não o entendo a ele; não me entende ele a mim.
a) pleonasmo
b) ambiguidade
c) sinestesia
d) anacoluto

2 Identifique a figura de linguagem que **NÃO** se encontra na sentença abaixo.
Tive um professor que bagunça ele não admita de jeito nenhum.
a) hipérbato
b) anacoluto
c) pleonasmo
d) antítese

3 Identifique a figura de linguagem **PREDOMINANTE** na sentença abaixo.
Coisa curiosa é gente jovem como falam!
a) silepse de gênero
b) hipérbato
c) silepse de número
d) catáfora

4 Identifique a figura de linguagem **PREDOMINANTE** na sentença abaixo.
As crianças, todos devemos amá-las.
a) eufemismo
b) ironia
c) antonomásia
d) pleonasmo

5 Identifique a figura de linguagem **PREDOMINANTE** na sentença abaixo.
A maior parte dos meus amigos já são formados.
a) hipérbato
b) anacoluto
c) hiponímia
d) silepse de pessoa
e) silepse de número

6 Identifique a figura de linguagem **PREDOMINANTE** na sentença abaixo.
Casos tristes, é melhor não recordar.
a) aposição
b) zeugma
c) hipérbole
d) anástrofe
e) hipérbato

7 Identifique a figura de linguagem **PREDOMINANTE** na sentença abaixo.
Esta é a primeira vez que você me decepciona. E espero que tenha sido a última.
a) zeugma
b) elipse
c) anacoluto
d) perífrase
e) antonomásia

8 Identifique a figura de linguagem **PREDOMINANTE** na sentença abaixo.
São José do Rio Preto é linda, muito gostosa.
a) silepse de gênero
b) metonímia
c) metáfora
d) hipérbato
e) eufemismo

9 Identifique a figura de linguagem **PREDOMINANTE** na sentença abaixo.
Sentíamos do vento a carícia roçar-nos o rosto.
a) anástrofe
b) catáfora
c) anáfora
d) zeugma
e) elipse

10 Identifique a figura de linguagem **PREDOMINANTE** na sentença abaixo.
O ladrão me roubou primeiro; depois, a meus amigos.
a) zeugma
b) metáfora
c) silepse
d) hipérbole

11 Assinale a alternativa em que ocorre um exemplo de eufemismo.
a) Quando teu pai partir desta para a outra, vais sentir sua falta.
b) Buscas a vida, eu, a morte. Buscas a terra, eu, os céus.
c) A morte para os justos será a porta para um destino glorioso.
d) A morte é a curva da estrada. Morrer é só não ser visto.
e) O anjo da morte te buscará à meia-noite e tu sorrirás feliz.

12 A expressão "última flor do Lácio" foi utilizada por Olavo Bilac num poema, significando – para ele – que a língua portuguesa foi a última língua gerada do latim, língua oriunda da antiga região do Lácio. Logo, "última flor do Lácio" é igual a "língua portuguesa".
Que figura de linguagem existe aí?
a) metáfora
b) metonímia
c) perífrase
d) catacrese
e) ironia

13 Leia o texto abaixo:

As nuvens são cabelos
crescendo como rios;
são os gestos brancos
da cantora muda;
São estátuas em voo
à beira de um mar;
a flora e a fauna leves
de países de vento;
São o olho pintado
escorrendo imóvel;
a mulher que se debruça
nas varandas do sono.

Esse poema, de João Cabral, é rico em imagens. O poeta descreve as nuvens salientando sua fluidez e movimentos; capta num momento a fugacidade das formas e atribui significado a elas; alcança o efeito poético através de figuras de linguagem.

Há, no trecho, todas as seguintes figuras, **EXCETO**
a) metáfora
b) comparação
c) sinestesia
d) hipérbole

14 Leia o poema abaixo:
Anjo no nome, Angélica na cara!
.....
Vejo, que por bela, e por galharda,
Posto que os anjos nunca dão pesares,
Sois Anjo, que me tenta, e não me guarda.
(Gregório de Matos)

Há, no texto, um predomínio de
a) metáforas
b) antíteses
c) ironias
d) sinestesia
e) alegorias

15 Marque a única alternativa **CORRETA** sobre o texto abaixo:

"Cárcere das almas

Ah! Toda alma num cárcere anda presa,
Solução nas trevas entre as grades
Do calabouço olhando imensidades,
Mares, estrelas, tardes, natureza."

Nessa estrofe, está fortemente caracterizado um tema simbolista bem ao gosto de Cruz e Sousa. Trata-se de
a) sofrimento metafísico.
b) espírito de renúncia.
c) tristeza diante de amores impossíveis.
d) sofrimento em decorrência da pobreza material.
e) temor diante da injustiça humana.

16

O último poema

Assim eu quereria o meu último poema
Que fosse terno dizendo as coisas mais
[simples e menos intencionais
Que fosse ardente como um soluço
[sem lágrimas
Que tivesse a beleza das flores quase
[sem perfume
A pureza da chama em que se consomem
[os diamantes mais límpidos
A paixão dos suicidas que se matam
[sem explicação.
(Manuel Bandeira, Libertinagem)

Neste texto, ao indicar as qualidades que deseja para o "último poema", o poeta retoma dois temas centrais de sua poesia. Um deles é a valorização da simplicidade; o outro é
a) a verificação da inutilidade da poesia diante da morte.
b) a coincidência da morte com o máximo de intensidade vital.
c) a capacidade, própria da poesia, de eliminar a dor.
d) a autodestruição da poesia em um meio hostil à arte.
e) a aspiração a uma poesia pura e lapidar, afastada da vida.

Atenção: As questões **17** a **20** referem-se ao texto abaixo:

"Sete Quedas por nós passaram / E não soubemos amá-las / E todas sete foram mortas, / E todas sete somem no ar. / Sete fantasmas, sete crimes / Dos vivos golpeando a vida / Que nunca mais renascerá."
(Carlos Drummond de Andrade)

17 Por fantasmas, no texto, entende-se
a) entes sobrenaturais que aparecem aos vivos.
b) imagens dos que existem no além.
c) imagens de culpa que iremos carregar.
d) imagens que assombram e causam medo.
e) frutos da imaginação doentia do homem.

18 A repetição do conectivo "e" tem efeito de marcar:
a) que existe uma sequência cronológica dos fatos
b) um exagero do conectivo.
c) que existe uma descontinuidade de fatos.
d) que existe uma implicação natural de consequência dos dois últimos fatos em relação ao primeiro.
e) que existe uma coordenação entre as três orações.

19 A afirmação: "Sete Quedas por nós passaram / E não soubemos amá-las." permite entender que
a) só agora nos damos conta do valor daquilo que perdemos.
b) enquanto era possível, não passávamos por Sete Quedas.
c) Sete Quedas pertence agora ao passado.
d) todos, antigamente, podiam apreciar o espetáculo; agora não.
e) os brasileiros costumam desprezar a natureza .

20 Na passagem "E todas sete foram mortas, / E todas sete somem no ar." O uso de **todas sete** se justifica
a) como referência ao número de quedas que existiram no rio Paraná.
b) para representar todo conjunto das quedas que desaparece.
c) para destacar o valor individual de cada uma das quedas.
d) para confirmar que a perda foi parcial.
e) pela necessidade de concordância nominal.

GABARITO

01 – A	02 – D	03 – C	04 – D	05 – E
06 – E	07 – B	08 – A	09 – E	10 – A
11 – A	12 – C	13 – D	14 – B	15 – A
16 – C	17 – C	18 – D	19 – A	20 – C

EXERCÍCIOS
Treinando por Bancas

QUESTÕES DA FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

ATENÇÃO: Para responder às questões de números **1** a **10**, considere o texto abaixo.

As indústrias culturais, e mais especificamente a do cinema, **criaram** uma nova figura, "mágica", absolutamente moderna: a estrela. Depressa ela desempenhou um papel importante no sucesso de massa que o cinema **alcançou**. E isso **continua**. Mas o sistema, por muito tempo restrito apenas à tela grande, estendeu-se progressivamente, com o desenvolvimento das indústrias culturais, a outros domínios, ligados primeiro aos setores do espetáculo, da televisão, do show business. Mas alguns sinais já demonstravam que o sistema estava prestes a se espalhar e a invadir todos os domínios: imagens como as de Gandhi ou Che Guevara, indo de fotos a pôsteres, no mundo inteiro, **anunciavam** a planetarização de um sistema que o capitalismo de hiperconsumo hoje **vê triunfar**.

O que caracteriza o star-system em uma era hipermoderna é, de fato, sua expansão para todos os domínios. Em todo o domínio da cultura, na política, na religião, na ciência, na arte, na imprensa, na literatura, na filosofia, até na cozinha, tem-se uma economia do estrelato, um mercado do nome e do renome. A própria literatura consagra escritores no mercado internacional, os quais negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema que prevalece nas indústrias do espetáculo. Todas as áreas da cultura valem-se de paradas de sucesso (hit-parades), dos mais vendidos (best-sellers), de prêmios e listas dos mais populares, assim como de recordes de venda, de frequência e de audiência destes últimos.

A extensão do star-system não se dá sem uma forma de banalização ou mesmo de degradação – da figura pura da estrela, trazendo consigo uma imagem de eternidade, chega-se à vedete do momento, à figura fugidia da celebridade do dia; do ícone único e insubstituível, passa-se a uma comunidade internacional de pessoas conhecidas, "celebrizadas", das quais revistas especializadas divulgam as fotos, contam os segredos, perseguem a intimidade. Da glória, própria dos homens ilustres da Antiguidade e que era como o horizonte resplandecente da grande cultura clássica, passou-se às estrelas – forma ainda heroicizada pela sublimação de que eram portadoras –, depois, com a rapidez de duas ou três décadas de hipermodernidade, às pessoas célebres, às personalidades conhecidas, às "pessoas". Deslocamento progressivo que não é mais que o sinal de

um novo triunfo da forma moda, conseguindo tornar efêmeras e consumíveis as próprias estrelas da notoriedade.

(Adap. de Gilles Lipovetsky e Jean Serroy. Uma cultura de celebridades: a universalização do estrelato. In A cultura – mundo: resposta a uma sociedade desorientada. Trad: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p.81 a 83)

1 No texto, os autores
a) tecem elogios às indústrias culturais, assinalando como positivo o desempenho delas na constituição de sociedades modernas.
b) advogam o reconhecimento do papel exclusivo do cinema na criação e disseminação da figura da estrela.
c) atribuem às estrelas do cinema a massificação dessa arte, em um sistema que permanece unicamente por força da atuação das atrizes de alta categoria.
d) condenam a expansão do sistema que equivocadamente se constituiu no passado em torno da figura da estrela, porque ele tornou obrigatória a figura intermediária do agente.
e) apontam a hipermodernidade como era que adota, de modo generalizante, práticas que na modernidade mais se associavam às indústrias do espetáculo.

2 Os autores referem-se a Gandhi ou Che Guevara com o objetivo de
a) insinuar que, na modernidade, a imagem independe do valor que efetivamente um homem representa.
b) recriminar, em aparte irrelevante para a argumentação principal, a falta de critério na exposição da figura de um líder, que acarreta o uso corriqueiro de sua imagem – numa foto ou pôster.
c) comprovar que o sistema associado à figura da estrela estava ligado aos setores do espetáculo, da televisão, do show business.
d) conferir dignidade à indústria cultural, demonstrando que essa indústria tem também a função de dar visibilidade à imagem de grandes líderes.
e) demonstrar, por meio de particularização, que antes da era hipermoderna já havia sinais de que o starsystem invadiria todos os domínios.

3 Mas o sistema, **por muito tempo restrito apenas à tela grande**, estendeu-se progressivamente, com o desenvolvimento das indústrias culturais, a outros domínios, ligados primeiro aos setores do espetáculo, da televisão, do show business.
Na frase acima, o segmento destacado equivale a
a) por conta de ter ficado muito tempo restrito.
b) ainda que tenha ficado muito tempo restrito.
c) em vez de ter ficado muito tempo restrito.
d) ficando há muito tempo restrito.
e) conforme tendo ficado muito tempo restrito.

4 A extensão do star-system não se dá sem uma forma de banalização ou mesmo de degradação – da figura pura da estrela, trazendo consigo uma imagem de eternidade, chega-se à vedete do momento, à figura fugidia da celebridade do dia; do ícone único e insubstituível, passa-se a uma comunidade internacional de pessoas conhecidas, "celebrizadas", das quais revistas especializadas divulgam as fotos, contam os segredos, perseguem a intimidade.

Considerado o fragmento acima, em seu contexto, é **CORRETO** afirmar
a) A expressão **ou mesmo** indica que os autores atribuem à palavra degradação um sentido de rebaixamento mais intenso do que atribuem à palavra banalização.
b) A substituição de **não se dá sem uma forma de banalização** por "procede de um tipo de atitude trivial" mantém o sentido original.
c) A forma **trazendo** expressa, na frase, sentido

de condicionalidade, equivalendo a "se trouxer".

d) O contexto exige que se compreendam os segmentos **da figura pura da estrela** e **do ícone único e insubstituível** como expressões de sentidos opostos.

e) A substituição de **das quais** por "cujas" mantém a correção e o sentido originais.

5 Da glória, própria dos homens ilustres da Antiguidade e que era como o horizonte resplandecente da grande cultura clássica, passou-se às estrelas – forma ainda heroicizada pela sublimação de que eram portadoras – , depois, com a rapidez de duas ou três décadas de hipermodernidade, às pessoas célebres, às personalidades conhecidas, às "pessoas". Deslocamento progressivo que não é mais que o sinal de um novo triunfo da formamoda, conseguindo tornar efêmeras e consumíveis as próprias estrelas da notoriedade.

Levando em conta o acima transcrito, em seu contexto, assinale a afirmação **CORRETA**.

a) No segmento que se encontra entre vírgulas, imediatamente depois de Da glória, somente uma das declarações destina-se a caracterizar "glória".

b) É legítimo entender-se do fragmento: as estrelas ostentavam, e pelas mesmas razões, a aura de heroísmo que representava a glória dos homens ilustres da Antiguidade.

c) No segmento que descreve a segunda parte do processo de deslocamento, introduzida por depois, a expressão que está subentendida é Da glória.

d) As aspas, em "pessoas", chamam a atenção para o particular sentido em que a palavra foi usada: como sinônimo das duas expressões imediatamente anteriores.

e) A forma efêmeras e consumíveis obtém sua força expressiva pela repetição de uma mesma ideia, repetição que se dá sem acréscimo de traço de sentido.

6 Em certas passagens do primeiro parágrafo, os autores referem-se a certas ações pretéritas que consideravam contínuas. A forma verbal que demonstra essa atitude é

a) criaram.
b) alcançou.
c) continua.
d) anunciavam.
e) vê triunfar.

7 Considere as afirmações que seguem.

I. A sequência **na política, na religião, na ciência, na arte, na imprensa, na literatura, na filosofia, até na cozinha** constitui elenco de profissões que tiveram de se associar ao domínio da cultura para atingir a economia do estrelato.

II. Em A própria literatura consagra escritores no mercado internacional, **os quais** negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema que prevalece nas indústrias do espetáculo, a expressão em destaque foi obrigatoriamente empregada para evitar a ambiguidade que ocorreria se, em seu lugar, fosse usado o pronome "que".

III. Em A própria literatura consagra escritores no mercado internacional, os quais negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema **que prevalece** nas indústrias do espetáculo, o segmento destacado poderia ser substituído por "prevalecente", sem prejuízo do sentido e da correção originais.

O texto legitima

a) I, somente.
b) II, somente.
c) III, somente.
d) I e III, somente.
e) I, II e III.

8 ...imagens como as de Gandhi ou Che Guevara, indo de fotos a pôsteres, no mundo inteiro, anunciavam a planetarização de um sistema

que o capitalismo de hiperconsumo hoje vê triunfar.

Outra redação, **CLARA** e **CORRETA**, para o segmento acima é

a) ...no mundo inteiro, Gandhi ou Che Guevara em imagens de fotos ou pôsteres, anunciavam a planetarização do sistema que hoje se vê triunfar segundo o capitalismo de hiperconsumo.

b) ...tanto Gandhi e também Che Guevara, com imagens indo de fotos a pôsteres no mundo inteiro anunciavam aquilo que o capitalismo de hiperconsumo chama planetarização de um sistema.

c) ...indo de fotos a pôsteres, no mundo inteiro, imagens tais como a de Gandhi ou Che Guevara anunciavam que havia se planetarizado o sistema que o capitalismo de hiperconsumo, hoje, vê triunfar.

d) ...planetarizou-se o sistema – aquele que o capitalismo de consumo hoje vê o triunfo – o que foi anunciado com as imagens de Gandhi e Che Guevara indo pelo mundo com fotos a pôsteres.

e) ...um sistema que o capitalismo de hiperconsumo hoje vê seu triunfo teve anunciado sua planetarização por Gandhi ou também Che Guevara, com sua ida pelo mundo, por fotos e pôsteres.

9 Está **CORRETA** a seguinte frase:

a) Ainda que os méritos pela execução do projeto não coubessem àquele engenheiro, foram-lhe logo atribuídos, mas ele, com humildade, não hesitou em recusá-los.

b) Parecia haver muitas razões para que seus estudos de metereologia não convencesse, mas a mais excêntrica era inventar pretextos inverossímeis para seus erros.

c) Devem fazer mais de seis meses que ele não constroe nenhuma maquete, talvez por estresse; por isso, muitos são a favor de que lhe seja concedido as férias acumuladas.

d) Ele é especialista em vegetais euros-siberianos, motivo das suas análizes serem feitas em extensa faixa da Europa e dele viajar tão à vontade.

e) Ao que me disseram, tratam-se de questões totalmente irrelevante para o pesquisador, mas, mesmo assim, jornalistas tentam assessorá-lo na divulgação delas.

10 A alternativa que apresenta frase **CORRETA** é

a) – Senhor Ministro, peço sua licença para advertir que Vossa Excelência se equivocais no julgamento dessa lei tão polêmica.

b) Seus companheiros, até os recém-contratados, não lhe atribuem nenhum deslize e creem que esse é mais um injusto empecilho entre tantos com que ele já se defrontou.

c) Se eles não satisfazerem todas as exigências, não se têm como contratá-los sem enveredar pelo caminho da irregularidade.

d) O traumático episódio gerou grande ansiedade, excitação desmedida que lhe fez xingar e investir contra a pessoa mais cumpridora com seus deveres.

e) Caso ele venha a se opor, será uma compulsão a que ninguém deve compartilhar, sob perigo de todos os envolvidos se virem em situação de risco na empresa.

ATENÇÃO: As questões de números **11** a **16** referem-se ao texto abaixo.

Nas ilhas Mascarenhas – Maurício, Reunião e Rodriguez –, localizadas a leste de Madagáscar, no oceano Índico, muitas espécies de pássaros desapareceram como resultado direto ou indireto da atividade humana. Mas aquela que é o protótipo e a tataravó de todas as extinções também ocorreu nessa localidade, com a morte de todas as espécies de uma família singular de pombos que não voavam – o solitário da ilha Rodriguez, visto pela última vez na década de 1790; o solitário da ilha Reunião, desaparecido por volta de 1746; e o célebre dodô da ilha Maurício, encontrado pela última vez no início da década de 1680 e quase certamente extinto antes

de 1690.

Os volumosos dodôs pesavam mais de vinte quilos. Uma plumagem cinza-azulada cobria seu corpo quadrado e de pernas curtas, em cujo topo se alojava uma cabeça avantajada, sem penas, com um bico grande de ponta bem recurvada. As asas eram pequenas e, ao que tudo indica, inúteis (pelo menos no que diz respeito a qualquer forma de voo). Os dodôs punham apenas um ovo de cada vez, em ninhos construídos no chão.

Que presa poderia revelar-se mais fácil do que um pesado pombo gigante incapaz de voar? Ainda assim, provavelmente não foi a captura para o consumo pelo homem o que selou o destino do dodô, pois sua extinção ocorreu sobretudo pelos efeitos indiretos da perturbação humana. Os primeiros navegadores trouxeram porcos e macacos para as ilhas Mascarenhas, e ambos se multiplicaram de maneira prodigiosa. Ao que tudo indica, as duas espécies se regalaram com os ovos do dodô, alcançados com facilidade nos ninhos desprotegidos no chão – e muitos naturalistas atribuem um número maior de mortes à chegada desses animais do que à ação humana direta. De todo modo, passados os primeiros anos da década de 1680, ninguém jamais voltou a ver um dodô vivo na ilha Maurício. Em 1693, o explorador francês Leguat, que passou vários meses no local, empenhou-se na procura dos dodôs e não encontrou nenhum.

(Extraído de Stephen Jay Gould. "O Dodô na corrida de comitê", A montanha de moluscos de Leonardo da Vinci. São Paulo, Cia. das Letras, 2003, pp. 286-8)

11 Mas aquela que é o protótipo e a tataravó de todas as extinções também ocorreu nessa localidade... (1° parágrafo)

A frase acima transcrita deve ser entendida como indicação de que a extinção das espécies de pombos que não voavam das ilhas Mascarenhas

a) seria um modelo a ser utilizado pelos homens no futuro, quando decididos a erradicar espécies inúteis ou prejudiciais.
b) é uma das primeiras extinções de animais vinculadas à ação direta ou indireta dos homens de que se tem notícia.
c) teria ocorrido muito tempo antes do verdadeiro início da extinção de espécies por conta de ações humanas diretas ou indiretas.
d) é um episódio tão antigo na história das relações entre homens e animais que pode ser considerado singular e ultrapassado.
e) deu origem a um padrão para as futuras extinções de animais, que estariam sempre ligadas à colonização humana de novas terras.

12 As asas eram pequenas e, <u>ao que tudo indica</u>, inúteis... (2° parágrafo)
<u>Ao que tudo indica</u>, as duas espécies se regalaram com os ovos do dodô, alcançados com facilidade nos ninhos desprotegidos no chão... (último parágrafo)

A expressão grifada nas frases acima transcritas deixa transparecer, em relação às afirmações feitas,

a) a sua comprovação científica irrefutável.
b) a certeza absoluta que o autor quer partilhar com o leitor.
c) o receio do autor ao formular um paradoxo.
d) a sua pequena probabilidade.
e) o seu caráter de hipótese bastante provável.

13 Estão empregados no texto com idêntica regência os verbos grifados em

a) Os dodôs <u>punham</u>... (2° parágrafo) / ... sua extinção <u>ocorreu</u>... (último parágrafo)
b) ... muitas espécies de pássaros <u>desapareceram</u>... (1° parágrafo) / Os primeiros navegadores <u>trouxeram</u>... (último parágrafo)
c) Uma plumagem cinza-azulada <u>cobria</u>... (2° parágrafo) / ... e não <u>encontrou</u> nenhum. (último parágrafo)
d) Os volumosos dodôs <u>pesavam</u> ... (2° parágrafo) / ... não <u>foi</u> a captura... (último parágrafo)
e) ... a tataravó de todas as extinções também <u>ocorreu</u>... (1° parágrafo) / ... e muitos naturalistas <u>atribuem</u>... (último parágrafo)

14 Ainda assim, provavelmente não foi a captura para o consumo pelo homem o que selou o destino do dodô, pois sua extinção ocorreu sobretudo pelos efeitos indiretos da perturbação humana.

Os elementos grifados na frase acima podem ser substituídos, sem prejuízo para o sentido e a correção, respectivamente, por
a) Contudo – não obstante.
b) Conquanto – por que.
c) Em que pese isso – embora.
d) Apesar disso – visto que.
e) Por isso – porquanto.

15 O segmento cujo sentido está **CORRETAMENTE** expresso em outras palavras é:
a) se multiplicaram de maneira prodigiosa = cresceram ilusoriamente.
b) as duas espécies se regalaram = os dois gêneros se empanturraram.
c) uma família singular = um conjunto variegado.
d) que selou o destino = que indigitou a fatalidade.
e) empenhou-se na procura = dedicou-se com afinco à busca.

16 Leia as afirmações abaixo sobre a pontuação utilizada no texto.
I. Em – **Maurício, Reunião e Rodriguez** –, os travessões poderiam ser substituídos por parênteses, sem prejuízo para o sentido e a coesão da frase.
II. O travessão empregado imediatamente depois de **voavam** (1o parágrafo) pode ser substituído por dois pontos, sem prejuízo para o sentido e a coesão da frase.
III. Em o **explorador francês Leguat, que passou vários meses no local, empenhou-se na procura dos dodôs**, a retirada das vírgulas não implica prejuízo para o sentido e a correção da frase.

Está **CORRETO** o que se afirma em
a) I, apenas.
b) I e II, apenas.
c) II e III, apenas.
d) III, apenas.
e) I, II e III.

ATENÇÃO: As questões de números **17** a **19** referem-se ao texto abaixo.

Lavadeiras de Moçoró

As lavadeiras de Moçoró, cada uma tem sua pedra no rio; cada pedra é herança de família, passando de mãe a filha, de filha a neta, como vão passando as águas no tempo. As pedras têm um polimento que revela a ação de muitos dias e muitas lavadeiras. Servem de espelho a suas donas. E suas formas diferentes também correspondem de certo modo à figura física de quem as usa. Umas são arredondadas e cheias, aquelas magras e angulosas, e todas têm ar próprio, que não se presta a confusão.

A lavadeira e a pedra formam um ente especial, que se divide e se unifica ao sabor do trabalho. Se a mulher entoa uma canção, percebe-se que a pedra a acompanha em surdina. Outras vezes, parece que o canto murmurante vem da pedra, e a lavadeira lhe dá volume e desenvolvimento.

Na pobreza natural das lavadeiras, as pedras são uma fortuna, jóias que elas não precisam levar para casa. Ninguém as rouba, nem elas, de tão fiéis, se deixariam seduzir por estranhos.

Obs.: manteve-se a grafia original, constante da obra citada.

(Carlos Drummond de Andrade. Contos plausíveis, in Prosa Seleta. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003, p.128)

17 Evidencia-se no texto
a) a presença da pedra como símbolo da rotina pesada de uma vida sem perspectivas de melhora da maioria das mulheres brasileiras.

b) o primitivismo das condições de trabalho em alguns lugares, que impede a necessária alteração dos costumes familiares.
c) a extrema pobreza em que vivem muitas famílias brasileiras, sem qualquer condição de sobrevivência mais digna.
d) a associação íntima e até mesmo afetiva entre ser humano e elemento da natureza, identificados por um tipo de trabalho diário.
e) a identificação entre o rio e a pedra, prefigurando os obstáculos sociais que impedem a ascensão econômica de muitos brasileiros.

18 Umas são **arredondadas e cheias, aquelas magras e angulosas**, e todas têm ar próprio, que não se presta a confusão. (1° parágrafo)
A relação semântica existente entre as expressões grifadas na afirmativa acima é percebida também entre os dois elementos grifados em:
a) que revela a ação de muitos dias e muitas lavadeiras.
b) um ente especial, que se divide e se unifica ao sabor do trabalho.
c) a pedra a acompanha em surdina... parece que o canto murmurante vem da pedra.
d) e a lavadeira lhe dá volume e desenvolvimento.
e) as pedras são uma fortuna, jóias que elas não precisam levar para casa.

19 Considere as observações seguintes sobre a associação de palavras no texto e o sentido decorrente dessa associação:
I. No segmento **passando de mãe a filha, de filha a neta, como vão passando as águas no tempo** há uma comparação, que associa a transmissão de costumes ao fluxo das águas do rio.
II. As referências às pedras, especialmente no 2° parágrafo, atribuem a elas qualidades humanas.
III. Na frase **Servem de espelho a suas donas** é possível entender o sentido literal, como referência ao reflexo da água sobre as pedras, e o sentido contextual, como identidade e cumplicidade entre a mulher e a pedra.

Está **CORRETO** o que se afirma em:
a) II, apenas.
b) I e II, apenas.
c) I e III, apenas.
d) II e III, apenas.
e) I, II e III.

ATENÇÃO: As questões de números **20** a **23** referem-se ao texto abaixo.

Gesso

Esta minha estatuazinha de gesso, quando nova
– O gesso muito branco, as linhas muito puras –
Mal sugeria imagem de vida
(Embora a figura chorasse).

Há muitos anos tenho-a comigo.
O tempo envelheceu-a, carcomeu-a, manchou-a de pátina
[amarelo-suja.

Os meus olhos, de tanto a olharem,
Impregnaram-na da minha humanidade irônica de tísico.

Um dia mão estúpida
Inadvertidamente a derrubou e partiu.
Então ajoelhei com raiva, recolhi aqueles tristes fragmentos,
[recompus a figurinha que chorava.
E o tempo sobre as feridas escureceu ainda mais o sujo
[mordente da pátina...

Hoje este gessozinho comercial
É tocante e vive, e me fez agora refletir
Que só é verdadeiramente vivo o que já sofreu.

Manuel Bandeira

20 A ação do tempo sobre a estátua de gesso é vista pelo poeta como

a) o que acabou por torná-la mais vivaz e expressiva, pelo menos até que um acidente a fizesse perder essa vivacidade.
b) responsável por danos que levaram uma obra de arte a perder sua pureza e vivacidade originais.
c) um elemento que, juntamente com os danos causados por um acidente, dá vida e singularidade ao que era inexpressivo e vulgar.
d) o causador irremediável do envelhecimento das coisas e da consequente desvalorização dos objetos pessoais mais valiosos.
e) capaz de transformar um simples objeto comercial em uma obra de arte que parece ter sido criada por um escultor genial.

21 Mal sugeria imagem de vida
(Embora a figura chorasse).

É **CORRETO** afirmar que a frase entre parênteses tem sentido

a) adversativo.
b) concessivo.
c) conclusivo.
d) condicional.
e) temporal.

22 Um dia mão estúpida
Inadvertidamente a derrubou e partiu.
Então ajoelhei com raiva, recolhi aqueles tristes fragmentos, [recompus a figurinha que chorava.
E o tempo sobre as feridas escureceu ainda mais o sujo [mordente da pátina...

Sobre os versos acima transcritos é **INCORRETO** afirmar:

a) **mão estúpida** pode ser alusão do poeta a si próprio e carregaria assim algum matiz da raiva que o teria acometido quando derrubou a estátua.
b) **Inadvertidamente** tem o sentido de "de modo descuidado", indicando o caráter acidental do episódio.
c) em **recompus a figurinha que chorava**, o poeta se vale de uma ambiguidade para sugerir o sofrimento da estátua com a queda.
d) com a alusão às feridas causadas à estátua, o poeta se refere aos sinais visíveis da junção dos pedaços dela depois de reconstituída.
e) com a expressão o **sujo mordente da pátina**, o poeta alude à transformação da estátua de sofredora em causadora de sofrimento.

23 O valor que atribuímos ..... coisas é resultado, não raro, de uma história pessoal e intransferível, de uma relação construída em meio a acidentes e percalços fundamentais. Assim, nosso apreço por elas não corresponde absolutamente ..... valorização que alcançariam no mercado, esse deus todo-poderoso, que, no entanto, resta impotente quando ao valor econômico se superpõe ..... afeição.

Preenchem **CORRETAMENTE** as lacunas da frase acima, na ordem dada,

a) às - à - a
b) as - à - a
c) as - a - à
d) às - a - a
e) às - à - à

24 Embora pudesse estar na primeira página de um jornal, a manchete fictícia que traz deslize quanto à concordância verbal é

a) Economistas afirmam que em 2011 haverá ainda mais oportunidades de emprego na indústria e no comércio do que em 2010.
b) "Os que insistem na minha culpa haverão de se arrepender pela injustiça cometida", declara o secretário exonerado.
c) Expectativas em relação ao aumento da inflação faz bolsas caírem ao menor nível este ano.
d) Crescem no Brasil a venda e o comércio de produtos importados ilegalmente.

e) "Ergueram-se mais edifícios nos últimos dois anos do que nos cinco anos anteriores", constata estudo sobre o mercado imobiliário.

ATENÇÃO: As questões de números **25** a **27** referem-se ao texto abaixo.

De volta à Antártida

A Rússia planeja lançar cinco novos navios de pesquisa polar como parte de um esforço de US$ 975 milhões para reafirmar a sua presença na Antártida na próxima década. Segundo o blog Science Insider, da revista Science, um documento do governo estabelece uma agenda de prioridades para o continente gelado até 2020. A principal delas é a reconstrução de cinco estações de pesquisa na Antártida, para realizar estudos sobre mudanças climáticas, recursos pesqueiros e navegação por satélite, entre outros. A primeira expedição da extinta União Soviética à Antártida aconteceu em 1955 e, nas três décadas seguintes, a potência comunista construiu sete estações de pesquisa no continente. A Rússia herdou as estações em 1991, após o colapso da União Soviética, mas pouco conseguiu investir em pesquisa polar depois disso. O documento afirma que Moscou deve trabalhar com outras nações para preservar a "paz e a estabilidade" na Antártida, mas salienta que o país tem de se posicionar para tirar vantagem dos recursos naturais caso haja um desmembramento territorial do continente.

(Pesquisa Fapesp, dezembro de 2010, no 178, p. 23)

25 A principal delas é a reconstrução de cinco estações de pesquisa na Antártida, <u>para realizar</u> estudos sobre mudanças climáticas, recursos pesqueiros e navegação por satélite, entre outros.
O segmento grifado na frase acima tem sentido
a) adversativo.
b) de consequência.
c) de finalidade.
d) de proporção.
e) concessivo.

26 Em "paz e a estabilidade", na última frase do texto, o emprego das aspas
a) indica que esse segmento é transcrição literal do documento do governo russo mencionado no início do texto.
b) sugere a desconfiança do autor do artigo com relação aos supostos propósitos da Rússia de manter a paz na Antártida.
c) revela ser esse o principal objetivo do governo russo ao reconstruir estações de pesquisa na Antártida que datam do período soviético.
d) aponta para o sentido figurado desses vocábulos, que não devem ser entendidos em sentido literal, como o constante dos dicionários.
e) justifica-se pela sinonímia existente entre paz e estabilidade, o que torna impensável a existência de uma sem a outra.

27 Há exemplos de palavras ou expressões empregadas no texto para retomar outras já utilizadas sem repeti-las literalmente, como ocorre em:
I. o continente gelado = a Antártida
II. Moscou = a Rússia
III. a revista Science = o blog Science Insider
IV. a potência comunista = a União Soviética
Atende **CORRETAMENTE** ao enunciado da questão o que está em
a) I e III, apenas.
b) I e IV, apenas.
c) II e III, apenas.
d) I, II e IV, apenas.
e) I, II, III e IV.

ATENÇÃO: As questões de números **28** a **30** referem-se ao texto abaixo.

Quando eu sair daqui, vamos começar vida nova numa cidade antiga, onde todos se cumprimentam e ninguém nos conheça. Vou lhe ensinar a fa-

lar direito, a usar os diferentes talheres e copos de vinho, escolherei a dedo seu guarda-roupa e livros sérios para você ler. Sinto que você leva jeito porque é aplicada, tem meigas mãos, não faz cara ruim nem quando me lava, em suma, parece uma moça digna apesar da origem humilde. Minha outra mulher teve uma educação rigorosa, mas mesmo assim mamãe nunca entendeu por que eu escolhera justamente aquela, entre tantas meninas de uma família distinta.

(Chico Buarque. Leite derramado, São Paulo, Cia. das Letras,2009, p. 29)

28 Leia atentamente as afirmações abaixo sobre o texto.

I. Ao expressar o desejo de viver numa cidade onde todos se cumprimentam e ninguém nos conheça, o narrador incorre numa evidente e insolúvel contradição.

II A afirmação de que a outra mulher teve uma educação rigorosa é reafirmação, por contraste, de que aquela a quem o narrador se dirige não a teve, o que já estava implícito no propósito de lhe ensinar a falar direito, a usar os diferentes talheres e copos de vinho etc.

III. Ao dizer que sua interlocutora parece uma moça digna apesar da origem humilde, o narrador sugere, por meio da concessiva, que a dignidade não costuma ser característica daqueles cuja origem é humilde.

Está **CORRETO** o que se afirma em
a) I, II e III.
b) II e III, apenas.
c) I e III, apenas.
d) I e II, apenas.
e) II, apenas.

29 ... escolherei <u>a dedo</u> seu guarda-roupa e livros sérios para você ler.
A expressão grifada na frase acima pode ser substituída, sem prejuízo para o sentido original, por
a) pessoalmente.
b) de modo incisivo.
c) apontando.
d) entre outras coisas.
e) cuidadosamente.

30 Minha outra mulher teve uma educação rigorosa, mas mesmo assim mamãe nunca entendeu por que eu <u>escolhera</u> justamente aquela, entre tantas meninas de uma família distinta.
O verbo grifado na frase acima pode ser substituído, sem que se altere o sentido e a correção originais, e o modo verbal, por:
a) escolheria.
b) havia escolhido.
c) houvera escolhido.
d) escolhesse.
e) teria escolhido.

ATENÇÃO: As questões de números **31** a **34** referem-se ao texto abaixo.

Cartão de Natal

Pois que reinaugurando essa criança
pensam os homens
reinaugurar a sua vida
e começar novo caderno,
fresco como o pão do dia;
pois que nestes dias a aventura
parece em ponto de voo, e parece
que vão enfim poder
explodir suas sementes:

que desta vez não perca esse caderno
sua atração núbil para o dente;
que o entusiasmo conserve vivas
suas molas,
e possa enfim o ferro
comer a ferrugem
o sim comer o não.

João Cabral de Melo Neto

31 No poema, João Cabral
a) critica o egoísmo, e manifesta o desejo de que na passagem do Natal as pessoas se tornem generosas e façam o sim comer o não.
b) demonstra a sua aversão às festividades natalinas, pois nestes dias a aventura parece em ponto de voo, mas depois a rotina segue como sempre.
c) critica a atração núbil para o dente daqueles que transformam o Natal em uma apologia ao consumo e se esquecem do seu caráter religioso.
d) observa com otimismo que o Natal é um momento de renovação em que os homens se transformam para melhor e fazem o ferro comer a ferrugem.
e) manifesta a esperança de que o Natal traga, de fato, uma transformação, e que, ao contrário de outros natais, seja possível começar novo caderno.

32 É **CORRETO** perceber no poema uma equivalência entre
a) ferrugem e aventura.
b) dente e entusiasmo.
c) caderno e vida.
d) sementes e pão do dia.
e) ferro e atração núbil.

33 "Pois que reinaugurando essa criança..."

O segmento grifado acima pode ser substituído, no contexto, por
a) Mesmo que estejam.
b) Apesar de estarem.
c) Ainda que estejam.
d) Como estão.
e) Mas estão.

34 "...que desta vez não perca esse caderno..."

Com a frase acima, o poeta
a) alude a uma impossibilidade.
b) exprime um desejo.
c) demonstra estar confuso.
d) revela sua hesitação.
e) manifesta desconfiança.

ATENÇÃO: As questões de números **35** a **44** referem-se ao texto seguinte.

Pensando os blogs

Há não muito tempo, falava-se em imprensa escrita, falada e televisada quando se desejava abarcar todas as possibilidades da comunicação jornalística. Os jornais e as revistas, o rádio e a televisão constituíam o pleno espaço público das informações. Tinham em comum o que se pode chamar de "autoria institucional": dizia-se, por exemplo, que tal notícia "deu no Diário Popular", ou "foi ouvida na rádio Cacique", ou "passou no telejornal da TV Excelsior". Funcionava como prova de veracidade do fato.

Hoje a autoria institucional enfrenta séria concorrência dos autores anônimos, ou semi- anônimos, que se valem dos recursos da internet, entre eles os incontáveis blogs. Considerados uma espécie de cadernos pessoais abertos, os blogs possibilitam intervenção imediata do público e exploram em seu espaço virtual as mais distintas formas de linguagem: textos, desenhos, gravuras, fotos, músicas, vídeos, ilustrações, reportagens, entrevistas, arquivos importados etc. etc. A novidade maior dos blogs está nessa imediata conexão que podem realizar entre o que seria essencialmente privado e o que seria essencialmente público. Até mesmo alguns velhos jornalistas mantêm com regularidade esses espaços abertos da internet, sem prejuízo para suas colunas nos jornais tradicionais. A diferença é que, em seus blogs, eles se permitem depoimentos subjetivos e apreciações pessoais que não teriam lugar numa Folha de S. Paulo ou num O Globo, por exemplo. São capazes de narrar a cerimônia de posse do presidente da República incluindo os apartes e as impressões dos filhos pequenos que também acompanhavam e comentavam o evento.

Qualquer cidadão pode resolver sair da casca e dizer ao mundo o que pensa da seleção brasileira, ou da mulher que o abandonou, ou da falta de oportu-

nidades no seu ramo de negócio. Artistas plásticos trocam figurinhas em seus blogs diante de um largo público de espectadores, escritores adiantam um capítulo do próximo romance, um músico resolve divulgar sua nova canção já acompanhada de cifras para acompanhamento no violão. É só abrir um espaço na internet.

Outro dia, num blog de algum sucesso, o autor gabavase de promover democraticamente, entre os incontáveis seguidores seus, uma discussão sobre as mesmas questões que preocupavam a roda fechada e cerimoniosa dos filósofos companheiros de Platão. Isso sim, argumentava ele, é que é um diálogo verdadeiro. Tal atrevimento supõe que quantidade implicaria qualidade, e que democracia é uma soma infinita das impressões e opiniões de todo mundo...

Não importa a extensão das descobertas tecnológicas, sempre será imprescindível a atuação do nosso espírito crítico diante de cada fato novo que se imponha à nossa atenção.

(Belarmino Braga, inédito)

35 Considerando-se o contexto, deve-se entender por "autoria institucional" uma atribuição que se aplica a

a) grupos de pessoas que participam regularmente de um mesmo blog.
b) informações publicadas em conhecidos órgãos da imprensa.
c) linguagens jornalísticas criadas para concorrer com as dos blogs.
d) matérias publicadas em série sucessiva num mesmo órgão da imprensa.
e) reportagens assinadas por jornalistas devidamente credenciados.

36 De acordo com texto, os blogs têm como característica

I. a abertura para participação autoral de leitores interessados em se manifestar num espaço virtual já constituído;
II. a reversão de matérias que seriam, a princípio, de interesse público em matérias de interesse exclusivamente privado;
III. a exploração de diferentes gêneros literários e linguagens outras que não a verbal, além da plena liberdade na eleição dos temas a serem tratados.

Em relação ao texto, é **CORRETO** depreender o que se afirma em

a) I, II e III.
b) I e II, apenas.
c) I e III, apenas.
d) II e III, apenas.
e) I, apenas.

37 Ao final do texto, o autor desaprova, precisamente, o fácil entusiasmo de quem considera os blogs

a) irrefutáveis evidências das vantagens tecnológicas de que muitos podem usufruir.
b) exemplos incontestes da superioridade da inteligência artificial em relação à humana.
c) válidos desafios, que podem e devem estimular a nossa reação e análise críticas.
d) diálogos espontâneos e, por isso, verdadeiros, em consonância com a tradição dos diálogos platônicos.
e) espaços generosos que multiplicam debates de nível superior aos diálogos dos pensadores clássicos.

38 Considerando-se o contexto, traduz-se adequadamente o sentido de um segmento em:

a) abarcar todas as possibilidades (1° parágrafo) = incrementar todas as hipóteses.
b) prova de veracidade do fato (1° parágrafo) = aprovação da verossimilhança da ocorrência.
c) possibilitam intervenção imediata do público (2° parágrafo) = consignam o imediatismo do público participante.
d) a roda fechada e cerimoniosa dos filósofos (4° parágrafo) = o círculo restrito e solene dos pensadores.

e) atuação do nosso espírito crítico (5° parágrafo) = apropriação de nossa sensibilidade intuitiva.

39 A expressão cadernos pessoais abertos (2° parágrafo), no contexto,

a) assinala a conexão que os blogs promovem entre a esfera do privado e a esfera pública.
b) refere-se ao caráter acidental e transitório que marca a vigência dos blogs como espaço virtual.
c) indica o primarismo um tanto escolar que costuma caracterizar as linguagens exploradas nos blogs.
d) enfatiza a contradição que impede os blogs de constituírem um espaço de discussão democrática.
e) ressalta o improviso e a superficialidade das confidências que habitualmente se fazem nos blogs.

40 As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na frase

a) No passado, com as qualificações escrita, falada e televisada pretendiam-se designar toda a abrangência das formas de comunicação jornalística.
b) A multiplicação de tantos autores anônimos de blogs acabaram por representar uma séria concorrência para os profissionais da comunicação.
c) Em nossos dias, cabem a quaisquer cidadãos tomar a iniciativa de criar um blog para neles desenvolverem seus temas e pontos de vista.
d) Já não se opõem, num blog, a instância do que seja de interesse privado e a instância do que seja de interesse público.
e) Permitem-se aos seguidores de um blog levantar discordância quanto às linhas de argumentação desenvolvidas por seu autor.

41 Está **CLARA** e **CORRETA** a redação deste livre comentário sobre o texto

a) Nos blogs há uma subjetividade da qual os outros meios de comunicação jornalística se ressentem, uma vez que não é de sua característica contemplála.
b) O autor do texto exime-se ao diferenciar autoria institucional de outras modalidades autorais, presumindo que a primeira obtém maior crédito.
c) Para muitos, os blogs são um recurso de comunicação de eficácia nunca antes alcançada, suplantando em extensão e profundidade os diálogos platônicos.
d) Ainda que possam ser benvindos, os blogs não devem constituir uma obcessão tal que remova seus usuários de diligenciarem outras formas de linguagem.
e) A democratização do pensamento não pode ficar presa à uma forma de comunicação, visto que são os conteúdos que determinam sua consumação.

42 No contexto do 3o parágrafo, a frase final **É só abrir um espaço na internet** tem como sentido implícito o que enuncia este segmento

a) e assim se comprovará como é possível superar Platão.
b) para corporificar essas iniciativas na linguagem de um blog.
c) e advirão as reações que costuma provocar a autoria institucional.
d) para se comprovar a efemeridade das informações de um blog.
e) para que um blog passe a enfrentar severa reação crítica.

43 Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase

a) Os recursos da internet, <u>dos quais</u> podemos nos valer a qualquer momento, permitem veicular mensagens <u>por cujo</u> conteúdo seremos responsáveis.
b) Artistas plásticos, <u>que</u> suas obras lhes interessa divulgar, frequentam os espaços da

internet, mediante aos quais promovem a divulgação de seu trabalho.

c) Jornalistas veteranos, de cujas colunas tantos leitores já frequentaram, passaram a criar seus próprios blogs, pelos quais acrescentam uma dose de subjetivismo.

d) É comum que, num blog, os assuntos públicos, a cujo interesse social ninguém duvida, coabitem aos assuntos particulares, que a poucos interessará.

e) As múltiplas formas de linguagem com que o autor de um blog pode lançar mão obrigam-no a se familiarizar com técnicas de que jamais cogitou dominar.

44 Transpondo-se para a voz passiva a frase *Hoje a autoria institucional enfrenta séria concorrência dos autores anônimos,* obter-se-á a seguinte forma verbal:

a) são enfrentados.
b) tem enfrentado.
c) tem sido enfrentada.
d) têm sido enfrentados.
e) é enfrentada.

ATENÇÃO: As questões de números **45** a **49** referem-se ao texto seguinte.

Leis religiosas e leis civis

As leis religiosas têm mais sublimidade; as leis civis dispõem de mais extensão.

As leis de perfeição, extraídas da religião, têm por objeto mais a bondade do homem que as segue do que a da sociedade na qual são observadas; ao contrário, as leis civis versam mais sobre a bondade moral dos homens em geral do que sobre a dos indivíduos.

Deste modo, por respeitáveis que sejam os ideais que nascem imediatamente da religião, não devem sempre servir de princípio às leis civis, porque é outro o princípio destas, que é o bem geral da sociedade.

(Montesquieu, Do espírito das leis)

45 Atentando-se para a primeira frase e considerando-se o conjunto do texto, os termos **sublimidade** e **extensão** dizem respeito, respectivamente, ao caráter

a) místico dos evangelhos canônicos e materialista dos textos da jurisprudência.
b) de espiritualidade das normas religiosas e de abrangência social do direito civil.
c) dogmático das convicções de fé e libertário das legislações constitucionais.
d) divino dos postulados cristãos e humanista da declaração dos direitos humanos.
e) de profundidade das certezas místicas e de superficialidade da ordem jurídica.

46 Atente para as seguintes afirmações

I. A bondade do indivíduo e as virtudes coletivas são instâncias que se ligam entre si, de modo inextricável e em recíproca dependência.
II. A diferença de princípios permite distinguir entre o que há de respeitável nos ideais religiosos e o que se elege como um bem comum nas leis civis.
III. Tanto no âmbito das leis civis quanto no das religiosas, o objetivo último é o mesmo: o aprimoramento moral do indivíduo.

Em relação ao texto, está **CORRETO** o que se afirma em

a) I, II e III.
b) I e II, apenas.
c) II e III, apenas.
d) I e III, apenas.
e) II, apenas.

47 As leis religiosas têm mais sublimidade; as leis civis dispõem de mais extensão.

A respeito da construção da frase acima, é **CORRETO** afirmar que

a) o verbo dispor foi empregado no mesmo sentido que assume na frase A solidão dispõe o homem à melancolia.
b) da comparação entre leis civis e leis religio-

sas, expressa pelo termo mais, resulta a superioridade inconteste de uma delas.

c) entre os dois segmentos separados pelo ponto e vírgula estabelece-se uma relação de sentido equivalente ao da expressão ao passo que.

d) entre os dois segmentos separados por ponto e vírgula estabelece-se uma relação de sentido equivalente ao da expressão por conseguinte.

e) o verbo dispor foi empregado no mesmo sentido que assume na frase O sacristão dispôs o altar para a missa.

48 Está plenamente adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase

a) As leis de perfeição teriam por objeto mais a bondade do homem que as seguisse do que a da sociedade na qual fossem observadas.

b) As leis de perfeição tinham por objeto mais a bondade dos homens que as seguir do que a da sociedade na qual serão observadas.

c) As leis de perfeição terão por objeto mais a bondade dos homens que as tivessem seguido do que a da sociedade na qual terão sido observadas.

d) As leis de perfeição teriam por objeto mais a bondade do homem que as siga do que a da sociedade na qual têm sido observadas.

e) As leis de perfeição terão tido por objeto mais a bondade do homem que viesse a segui-las do que a da sociedade na qual fossem observadas.

49 O verbo indicado entre parênteses deverá ser flexionado numa forma do plural para preencher de modo **CORRETO** a lacuna da frase

a) Às bondades individuais ..... (dever) seguir um benefício que se estenda ao conjunto de uma sociedade.

b) Nem sempre ..... (haver) de respeitar as leis da religião quem se curva às leis civis.

c) Não se ..... (respeitar) as leis civis por bondade, nem as religiosas por espírito cívico.

d) Não se ..... (opor) o princípio da religião ao da ordem civil, embora as instâncias de uma e outra sejam distintas.

e) ..... (ser) de se notar, entre as leis civis e as religiosas, a diferença dos princípios que as regem.

50 As normas de concordância estão inteiramente respeitadas na frase

a) Muitos julgam imprescindíveis que se consulte os especialistas para que se avalie com precisão os livros de uma velha biblioteca.

b) Qualquer um dos que entram desprevenidos numa velha biblioteca podem se defrontar com surpresas de que jamais se esquecerá.

c) Mesmo que hajam passado cem anos, as fotos revelam instantâneos de um presente perdido, no qual não se contava com os efeitos do tempo.

d) Nada do que se lê nos grandes livros, mesmo quando extinta a época em que foram escritos, parecem envelhecidos para quem os compreende.

e) Lá estão, como se fosse hoje, a imagem das jovens e sorridentes senhorinhas daqueles tempos, inteiramente alheias ao passar do tempo.

GABARITO

1E	2E	3B	4A	5D
6D	7C	8C	9A	10B
11B	12E	13C	14D	15E
16B	17D	18B	19E	20C
21B	22E	23A	24C	25C
26A	27D	28B	29E	30B
31E	32C	33D	34B	35B
36C	37E	38D	39A	40D
41C	42B	43A	44E	45B
46E	47C	48A	49C	50C

QUESTÕES DA FUMARC

ATENÇÃO:

Caro candidato, a seguir, você encontrará sete textos. O primeiro, uma xilografia, do artista Katsushika Hokusai; o segundo, uma charge de João Montanaro, jovem cartunista de 15 anos, publicada no jornal Folha de S.Paulo, que provocou grande repercussão, com opiniões favoráveis a ela e contra ela. O terceiro e o quarto, cartas de leitores sobre a charge de Montanaro. O quinto, um comentário crítico (texto adaptado) de Diogo Bercito, também publicado na Folha. O sexto, charge de Angeli, retirada do google, também impressa na Folha. O sétimo, publicação no site http://notapajos.globo.com/lernoticias.asp, sobre piadas desagradáveis relativamente ao tsunami vivido pelos japoneses.

Leia os textos de I a VII com atenção. As questões de número **01** a **13** referem-se a eles; consulte-os sempre que necessário.

TEXTO I

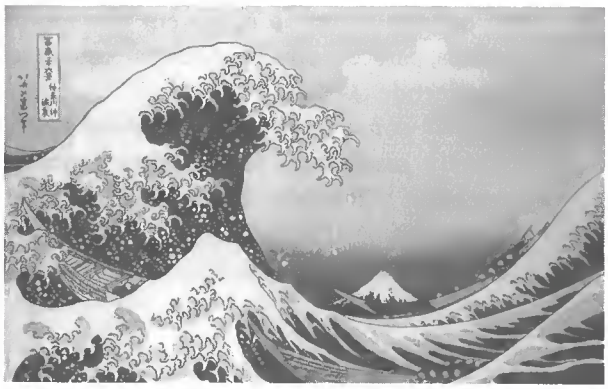

Xilogravura "A Grande Onda de Kanagawa", de Katsushika Hokusai (1760-1849)

TEXTO II

Reprodução - Charge de João Montanaro, publicada na Folha de S.Paulo, 12/03/2011, um dia depois da tragédia que assolou o Japão.

01 Sobre as relações entre os textos I e II, **NÃO** é possível afirmar:

a) para que haja produção de sentido quando da leitura do texto II, faz-se necessário o (re) conhecimento do texto I.

b) o deslocamento da xilogravura de Hokusai , o que se dá pela associação a novos elementos, produz efeito de tragicidade.

c) a leitura do texto II pressupõe um rico repertório de leituras, tanto da xilogravura quanto de fatos recentes no noticiário internacional.

d) há, no texto II, reprodução do estilo do autor do texto I, o que confere à charge menor intensidade emocional.

02 O movimento realizado pelo leitor no processo de (re)produção do diálogo entre a charge de Montanaro e a xilogravura de Hokusai se confirma, **EXCETO**

a) pelo acréscimo de informações inusitadas sobre o texto I.

b) pela supressão de elementos significativos na composição do texto I.

c) pela substituição de elementos triviais por fundamentais.

d) pela transposição de conhecimentos não pertencentes à xilografura.

03 Quanto à produção dos textos I e II, só **NÃO** é possível afirmar

a) são diferentes manifestações textuais, pois sua forma de estruturação e de circulação é distinta.

b) sua compreensão depende da primazia dada à produção individual relativamente ao caráter social dos textos.

c) são práticas sociocomunicativas que atendem a intencionalidades diferentes: efeito estético e denúncia.

d) sua leitura é orientada por competências do leitor, por exemplo, a de discernir a composição dos textos.

TEXTO III

Uma boa charge política não precisa de exegese, exatamente como uma boa piada dispensa explicação. Portanto as palavras do cartunista Laerte (painel do Leitor, 15/03) em defesa do colega João Montanaro, de 15 anos, só me convenceram de que a obra chocante talvez seja candidata a ser pendurada num museu qualquer ou numa galeria. Montanaro é menor de idade. Quem foi o maior de idade que o contratou para exercer uma função tão significativa no dia a dia de qualquer jornal que se preza e que respeita os seus leitores?

(Paula Mavienko-sikar, São Carlos, SP, in Painel do Leitor, 18/03/2011)

04 Sobre a composição do texto III, é **INCORRETO** afirmar que

a) a primeira frase funciona como introdução às ideias discutidas e compõe-se de uma analogia.
b) o conectivo 'portanto' poderia ser substituído por 'sendo assim', sem prejuízo do sentido proposto e estabelecendo a coesão textual.
c) a expressão 'de 15 anos' vem desnecessariamente entre vírgulas, pois traz informação redundante.
d) a interrogação contribui para que se possa inferir a intenção de responsabilizar o problema para outrem que não o chargista Montanaro.

TEXTO IV

Fico impressionada com os comentários maldosos contra o cartunista João Montanaro. Ao ver a charge, não a li como uma sátira. Meus olhos apenas a receberam como uma realidade.

Quem imaginaria que a xilogravura do artista Hokusai serviria de base para reforçar uma tragédia que ocorreu no Japão? Que me conste, estamos no ano 2011 e a liberdade de expressão é direito de qualquer ser humano. João Montanaro apenas retratou o que acontece hoje no mundo em que vivemos, e nós, habitantes deste planeta, somos os responsáveis pelas tragédias que ocorrem e ocorrerão.

(Maria Rita Marinho, gerente da Secretaria Geral de Fundação Bienal, São Paulo, SP)

05 Marque (V) para Verdadeiro ou (F) para Falso diante de cada afirmativa sobre o texto IV.

( ) O texto é carregado de elementos que desnudam o grau de estupefação de seu enunciador, como se vê pelo uso de "impressionada".
( ) O autor se revela estrategicamente em intensa carga significativa, por exemplo por meio da repetição do vocábulo "tragédias".
( ) O uso da metonímia presente em "meus olhos" promove a coesão com a frase anterior, onde está presente o verbo "ver".
( ) A palavra 'apenas', no primeiro parágrafo, promove sentido diferente daquele presente no último – somente e unicamente, respectivamente.

Assinale a sequência **CORRETA**, de cima para baixo:

a) F; F; F; V.
b) F; V; F; V.
c) V; V; V; F.
d) V; F; V; F.

06 (Adaptada) Quanto à coesão entre as ideias do texto IV, é possível afirmar que

a) As frases que compõem o primeiro parágrafo se associam porque a segunda explica a primeira, e a terceira se contrapõe à segunda.
b) As duas primeiras frases do segundo parágrafo, embora não apresentem conexão explícita, são ordenadas de forma que, associadas, produzam a ideia de que a liberdade de expressão se apresenta em circunstâncias inimagináveis.
c) Caso a autora optasse por trocar a ordem das orações que compõem o último parágrafo,

haveria prejuízo na produção de sentido, pois trata-se de ideias que se somam sem primazia na ordem em que foram colocadas.

d) A segunda frase do segundo parágrafo não tem a função de ser uma resposta à interrogação que, realizada anteriormente a ela, tendo em vista que a interrogação, ali, não promove a intenção de perguntar, procurar resposta.

07 Assinale a alternativa em que a reconstrução de trechos da carta de Maria Rita Marinho, no texto IV, **NÃO** apresenta coesão adequada à produção de sentido.

a) Fico impressionada com os comentários maldosos contra o cartunista João Montanaro, pois, ao ver a charge, não a li como uma sátira e meus olhos apenas a receberam como uma realidade.

b) Quem imaginaria que a xilogravura do artista Hokusai serviria de base para reforçar uma tragédia que ocorreu no Japão, embora, que me conste, estamos no ano 2011 e a liberdade de expressão é direito de qualquer ser humano?

c) João Montanaro apenas retratou o que acontece hoje no mundo em que vivemos. E nós, habitantes deste planeta, somos os responsáveis pelas tragédias que ocorrem e ocorrerão.

d) Fico impressionada com os comentários maldosos contra o cartunista João Montanaro. Ao ver a charge, não a li como uma sátira, pois meus olhos apenas a receberam como uma realidade.

TEXTO V

Contra a maré

Cartunistas avaliam charge de João Montanaro, na Folha, que causou desconforto por retratar tsunami.

João Montanaro já tinha decidido qual seria o tema da charge de sábado quando acordou na sexta-feira. Então, viu na televisão imagens de prédios se desfazendo em meio ao mar que avançava.

"Não dava para fazer um desenho sobre política!", diz.

Ao decidir retratar o tsunami, Montanaro lembrou-se da xilogravura de Katsushika Hokusai. Foi uma das opções que ele enviou à Folha para aprovação e publicação.

"Fiquei surpreso com as críticas", diz. "Acho que não entenderam a charge."

Apesar da má recepção, inclusive na escola, o garoto diz estar seguro da escolha. "Fiz o certo, minha intenção não era fazer uma piada."

O ilustrador Adão Iturrusgarai, que publica na Ilustrada, defende Montanaro.

"É um desenho superimparcial. É inocente como o ilustrador, que é um jovenzinho", diz. "De mau gosto foi a tragédia em si." E completa: "O humor funciona por conta dessa contraonda, desse mau humor e da burrice dos críticos".

Para o artista Allan Sieber, que também publica na Ilustrada, Montanaro "fez o trabalho dele e a escolha da ilustração valeu a pena".

O pesquisador Gonçalo Junior, autor do livro "A Guerra dos Gibis" (Companhia das Letras), afirma que quem perdeu o bom senso, no caso da charge, foram os leitores que se manifestaram contra.

"Vivemos na era da chatice e do politicamente correto. É uma reação paranoica, o desenho retrata as mesmas coisas que todos esses vídeos que estão no YouTube."

Exagerada ou não, a recepção da charge de Montanaro foi semelhante à vista na Malásia nesta semana.

O desenho de Mohamad Zohri Sukimi, publicado no jornal "Berita Harian", mostrava o herói japo-

nês Ultraman fugindo de uma onda . Uma petição on-line rodou o mundo. O jornal se retratou.

"Apesar de o desenho de Montanaro não ter me incomodado, consigo entender por que alguns leitores se sentiram desconfortáveis", diz Sidney Gusman, editor-chefe do site Universo HQ. "Fico imaginando como eu reagiria se tivesse perdido alguém nesse desastre."

Outra razão apontada para a má recepção é o desconhecimento do desenho original.

"Quando vi o rascunho, perguntei a ele se as pessoas não iriam se chocar", diz Mario Sergio Barbosa, pai de Montanaro. "Mas eu não conhecia a referência dele."

Há também a possibilidade de o leitor não estar acostumado ao gênero da charge.

"As pessoas ligam a palavra "charge" a coisas alegres, mas a ideia é ser um convite ao pensamento", diz o quadrinista Mauricio de Sousa.

O jornalista e professor de letras da Unifesp (Universidade Federal de São Paulo) Paulo Ramos concorda.

"Quem está acostumado entende melhor desenhos como o de Montanaro. Outros veem as charges como necessariamente uma piada e, por isso, se incomodam."

Spacca, 46, que fez parte do rodízio de ilustradores da página A2 entre 1986 e 1995, diz: "Os cartunistas constroem uma imagem de irreverentes, de livres criadores, que podem fazer qualquer coisa.... Mas todo comunicador tem de antecipar a reação do público e medir o que vai causar. Nem tudo é permitido".

Para Jal, presidente da Associação dos Cartunistas do Brasil, "é nesses momentos de tragédia que temos de fazer críticas".

DIOGO BERCITO, de São Paulo
(texto adaptado), 17/03/2011

08 Observando os quatro textos em análise, **SÓ** se pode afirmar que

a) o reaproveitamento de um símbolo da cultura japonesa é o alvo da crítica, e não a charge em si.
b) o chargista faz uma comparação isenta de valores entre a xilogravura e a realidade.
c) os leitores que não aceitaram a charge levaram mais em conta sua subjetividade do que o conceito de charge.
d) o que choca os leitores é o fato de a realidade ser mais impactante que a arte.

09 Assinale a alternativa, cujas alterações linguísticas mudam o efeito de sentido original:

a) João Montanaro já tinha decidido qual seria o tema da charge de sábado quando acordou na sexta-feira. Então, viu na televisão imagens de prédios se desfazendo em meio ao mar que avançava. "Não dava para fazer um desenho sobre política!", diz.
- João Montanaro já tinha decidido qual seria o tema da charge de sábado ao acordar na sexta-feira. Mas viu na televisão imagens de prédios se desfazendo em meio ao mar que avançava. "Não dava para fazer um desenho sobre política!", diz.
b) E completa: "O humor funciona por conta dessa contraonda, desse mau humor e da burrice dos críticos".
- E completa: "O humor funciona tendo em vista essa contraonda, desse mau humor e da burrice dos críticos".
c) Apesar da má recepção, inclusive na escola, o garoto diz estar seguro da escolha. "Fiz o certo, minha intenção não era fazer uma piada."
- Apesar da má recepção, inclusive na escola, o garoto diz estar seguro da escolha. "Fiz o certo, pois minha intenção não era fazer uma piada."
d) "Apesar de o desenho de Montanaro não ter me incomodado, consigo entender por que alguns leitores se sentiram desconfortáveis", diz Sidney Gusman, editor-chefe do site Universo HQ. "Fico imaginando como eu reagiria se tivesse perdido alguém nesse

desastre."

- "Apesar de o desenho de Montanaro não ter me incomodado, consigo entender por que alguns leitores se sentiram desconfortáveis", diz Sidney Gusman, editor-chefe do site Universo HQ. "Fico imaginando se eu reagiria caso tivesse perdido alguém nesse desastre."

10 Só **NÃO** se pode inferir do título "Contra a maré"

a) é motivado pelo elemento tematizado na xilogravura, uma onda impulsionada pela maré.
b) traduz um posicionamento desfavorável à criação de Montanaro, por parte do autor.
c) aponta para o diálogo entre a xilografura e a charge, ambas tradutoras da força da maré.
d) dialoga conotativamente com a expressão usual 'remar contra a maré'.

11 Assinale a alternativa que **NÃO** apresenta informação correta no que se refere à coesão textual que se verifica no trecho em destaque, parte do texto de Diogo Bercito.

João Montanaro já tinha decidido qual seria o tema da charge de sábado quando acordou na sexta-feira. Então, viu na televisão imagens de prédios se desfazendo em meio ao mar que avançava. "Não dava para fazer um desenho sobre política!", diz.

Ao decidir retratar o tsunami, Montanaro lembrou-se da xilogravura de Katsushika Hokusai. Foi uma das opções que ele enviou à Folha para aprovação e publicação.

"Fiquei surpreso com as críticas", diz. "Acho que não entenderam a charge." Apesar da má recepção, inclusive na escola, o garoto diz estar seguro da escolha. "Fiz o certo, minha intenção não era fazer uma piada."

O ilustrador Adão Iturrusgarai, que publica na Ilustrada, defende Montanaro. "É um desenho super imparcial. É inocente como o ilustrador, que é um jovenzinho", diz. "De mau gosto foi a tragédia em si." E completa: "O humor funciona por conta dessa contraonda, desse mau humor e da burrice dos críticos".

(...)

Exagerada ou não, a recepção da charge de Montanaro foi semelhante à vista na Malásia nesta semana.

O desenho de Mohamad Zohri Sukimi, publicado no jornal "Berita Harian", mostrava o herói japonês Ultraman fugindo de uma onda. Uma petição on-line rodou o mundo. O jornal se retratou.

a) A palavra **tsunami** retoma a expressão imagens de prédios se desfazendo em meio ao mar que avançava.
b) O termo **má recepção** retoma o termo as críticas.
c) A primeira frase do 4º parágrafo retoma o parágrafo anterior e anuncia o que virá.
d) O penúltimo parágrafo anuncia o conteúdo do último parágrafo.

12 Observe a charge abaixo, de Angeli.

TEXTO VI

http://www.google.com.br/imgres?imgurl=http://4bp.blogspot.com/_QjZPqpfyGJs/R4qUdXZKFRI/AAAAAAAAASs/Bcqdmv-13/04/2011, 10h35

Um dos comentários presentes no texto V referentes à charge de Montanaro pode ser também aplicado à charge acima, de Angeli. O profissional que faz esse comentário é:

a) Maurício de Souza, quando ele afirma: "As pessoas ligam a palavra "charge" a coisas alegres, mas a ideia é ser um convite ao pensamento."
b) Orlando, quando ele declara: "Com um desenho mais sofisticado, todo mundo acharia lindo, mas ele está aprendendo, ainda está cru."
c) Adão Iturrusgarai, que analisa: "É um desenho super imparcial. É inocente como o ilustrador, que é um jovenzinho."
d) Spacca, que diz: "(...) todo comunicador tem de antecipar a reação do público e medir o que vai causar. Nem tudo é permitido."

13 Observe o trecho em destaque e assinale a alternativa **CORRETA**.

TEXTO VII

(...) os autores de comentários considerados ofensivos são pessoas que já eram famosas. Um deles é Alec Sulkin, roteirista do seriado de comédia americano "Family Guy". Ele pediu desculpas depois de fazer piada ligando o terremoto ao ataque japonês à base americana de Pearl Harbor, no Havaí, em 1941. Cerca de 2,5 mil pessoas morreram no ataque ."Se você quiser se sentir melhor sobre o terremoto no Japão, dê um Google em 'número de mortos em Pearl Harbor", escreveu no Twitter. Após críticas, ele apagou a mensagem e se justificou. "O número de mortos ontem era de 200, hoje é de 10.000. Me desculpe pelo tweet insensível. Foi apagado", escreveu.

http://notapajos.globo.com/lernoticias.asp

a) Comparando a charge de Montanaro e a piada, percebe-se a intenção que ambas têm de ironizar a cultura japonesa, denunciar sua fragilidade.
b) Que o número maior de mortos no Tsunami em relação ao de Pearl Harbor não deveria ser a justificativa ética para a retirada da piada.
c) O uso da expressão 'dê um Google', coloquial, denuncia o tom de deboche com que a piada é lançada.
d) O fato de o autor da mensagem postada no Twitter ser um comediante justifica sua postura de fazer piada sobre qualquer pessoa ou situação.

ATENÇÃO:

Caro candidato, leia com atenção a peça publicitária em destaque e responda às questões **14** e **15** a ela referentes.

http://www.multisolution.art.br/2011/noticias/ver/noticia/grupo-petropolis-presta-homenagem-no-dia-mundial-da-agua/id/684/language/pt_BR, 03/04/2011, 19h52min

(*) Trecho ampliado:

O Grupo Petrópolis tem um compromisso com o meio ambiente, e por isso, pratica programas visando à conservação de toda a água utilizada em seus processos produtivos. Além disso, conta com o Projeto AMA, uma iniciativa que, através do plantio de 1,1 milhão de mudas de árvores nativas, protege grandes áreas de mata atlântica e do cerrado, preserva 36 bilhões de litros de água por ano e atua na remoção de mais de 85 mil toneladas de CO_2 da atmosfera. Afinal, para nós, dia de preservar a água é todo dia.

14 A expressão 'como o Grupo Petrópolis', presente na frase em destaque da peça publicitária, vem entre vírgulas. Essa pontuação

a) leva a expressão a exercer a função de exemplo.
b) determina que a expressão restrinja-se a efeito de comparação.
c) conota um tom irônico àqueles que não atuam como o Grupo Petrópolis.
d) ressalta de forma restritiva as ações da empresa de cuidar da água.

15 Sobre os numerais presentes no trecho, que vem abaixo da frase destaque (ver o trecho em letra ampliada logo abaixo da peça publicitária), é possível afirmar que têm a função de:

a) ilustrar a situação deplorável do planeta Terra, enumerando seus problemas.
b) promover a valorização das ações da empresa, elucidando seus feitos.
c) distorcer uma leitura correta da realidade ecológica, usando de hipérboles.
d) provocar sensacionalismo, reiterando os números exageradamente.

ATENÇÃO:

As questões de **16** a **20** referem-se ao texto a seguir. Leia-o antes de responder a elas.

Existe um diagnóstico sobre a interface entre energia, meio ambiente e sociedade?

(Claudio J. D. Sales)

A construção de uma usina para geração de energia elétrica, seja ela hidrelétrica, seja termelétrica, interfere, sim, na vida das pessoas que vivem nas regiões de influência dos rios e de outros ecossistemas. A realidade precisa ser encarada: apesar da necessidade de gerar energia para abastecer o País, a chegada desses empreendimentos provoca o deslocamento compulsório de famílias. E isso não tem preço.

O desafio de formuladores de políticas públicas e de empreendedores é acabar com a frase "uma minoria precisa se sacrificar para beneficiar a maioria". Muito fácil dizer isso quando se está do lado da maioria.

É urgente um debate objetivo e despolitizado sobre como tem evoluído o respeito às populações no entorno dos empreendimentos de geração de eletricidade. Afinal, quais são os mecanismos legais e os programas que têm sido implantados para amenizar o inevitável "sentimento de perda" das comunidades, que precisam rever seus costumes e valores em prazos muito curtos?

A história da eletricidade no Brasil tem 125 anos. Começa em 1883, com a pequena usina hidrelétrica de Ribeirão do Inferno, com 0,5 MW de potência, no município mineiro de Diamantina. Na ocasião, foram indenizados apenas os proprietários de terras inundadas pela barragem. Foi assim por 100 anos.

Em 1983, com uma enchente extraordinária do rio Paraná, a CESP (Centrais Elétricas de São Paulo) reassentou as primeiras famílias não proprietárias de terra: posseiros, meeiros e arrendatários. A agenda do setor passa, então, a incorporar um olhar mais amplo sobre modos de vida, de produção e de geração de renda.

Nosso País requer, todos os anos, cerca de 3000 MW médios adicionais para atender ao crescimento de sua economia. A construção de novas usinas traz consigo coisas boas. As mais visíveis são novos postos de trabalho e o aumento de arrecadação de impostos para municípios, estados e a União, que podem usar esses recursos para saúde, educação e

segurança.

É fácil visualizar os benefícios para a maioria. Mas e a minoria? O que acontece com as comunidades locais, em termos concretos, no curto e no longo prazo? A vida dessas pessoas melhora ou piora?

Estima-se que foram remanejadas 200 mil famílias devido à construção de usinas. E desde 1983, quando foram remanejadas as primeiras famílias, a preocupação com os impactos sociais dos empreendimentos cresceu. Essa evolução foi provocada ora pelo poder público, ora pelos empreendedores, estatais ou privados.

A voz da população tem sido formalmente ouvida. O Conselho Nacional de Meio Ambiente (Conama) estabeleceu, na década de 80, a necessidade de submeter os estudos de impacto ambiental a audiências públicas. Também com o objetivo de dar transparência ao processo foi criado o Foro de Negociação onde, sob coordenação do Ibama, lideranças locais, Ministério Público, governo federal e empreendedores buscam soluções de consenso para o remanejamento da população.

Mas só um novo pedaço de chão não resolve o problema das famílias. Além de terra e orientação técnica, era preciso acesso a crédito rural para o desenvolvimento adequado da atividade agrícola. Com baixas taxas de juros e seguro contra perda da safra, a partir de 1998 as famílias que moram em reassentamentos passam a ter acesso aos recursos do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), que permitiu o aumento da produção e da renda familiar.

A evolução continua. Em 2006, uma iniciativa pioneira no Sul do País coloca à disposição da região da usina um Fundo de Desenvolvimento Rural. Com o apoio de técnicos do Sebrae, recursos dos empreendedores financiam projetos para agregar valor aos produtos agrícolas, aumentando a renda das famílias da região dos empreendimentos. É um belo projeto, que prevê que as amortizações dos financiamentos retornem ao próprio fundo para financiar novos projetos, criando um ciclo autossustentado que viabiliza a permanência desses produtores no campo, em atividades que fazem parte da realidade local.

Embora haja relevantes avanços, é fundamental aprimorar e fortalecer os mecanismos legais e de comunicação com as comunidades. Ouvir as pessoas e seus anseios, tratando-as como indivíduos e não como estatísticas, diminui a ansiedade e os temores que as mudanças trazem.

O mais importante no processo de realocação das famílias é o respeito aos valores individuais e coletivos para que seja possível a construção de um diálogo aberto e direto, sem intermediários, entre comunidades e empreendedores. Esse é o caminho para demolir as fronteiras entre "maiorias" e "minorias" e para que todos passem a enxergar esses empreendimentos como oportunidades de transformação e inclusão social.

(Adaptado de: <http://portal2tcu.gov.br/portal/pls/portal/docs/.PDF>. Acesso em 20 out. 2010)

16 Em todas as alternativas, as reformulações propostas para o trecho transcrito entre parênteses implicam erro ou mudança de sentido, **EXCETO**

a) É preciso que a realidade seja encarada: não obstante a necessidade de gerar energia para abastecer o País, a chegada desses empreendimentos ocasiona o deslocamento compulsório de famílias; e isso não tem preço. (A realidade precisa ser encarada: apesar da necessidade de gerar energia para abastecer o País, a chegada desses empreendimentos provoca o deslocamento compulsório de famílias. E isso não tem preço. – 1º §)

b) É eminente uma discussão objetiva e despolitizada a cerca de como se tem evoluído o respeito às populações nas imediações dos empreendimentos de geração de eletricidade. (É urgente um debate objetivo e despoli-

tizado sobre como tem evoluído o respeito às populações no entorno dos empreendimentos de geração de eletricidade. – 3º §)

c) Finalmente, que são os mecanismos legais e os programas os quais vêm sendo implantados a fim de mitigar o incontornável "sentimento de perda" das comunidades, as quais precisam rever seus costumes e valores em prazos muito exíguos?
(Afinal, quais são os mecanismos legais e os programas que têm sido implantados para amenizar o inevitável "sentimento de perda" das comunidades, que precisam rever seus costumes e valores em prazos muito curtos? – 3º §)

d) Apesar de existir significativos avanços, é primordial aprimorar e fortalecer os mecanismos legais e de comunicação entre as comunidades. (Embora haja relevantes avanços, é fundamental aprimorar e fortalecer os mecanismos legais e de comunicação com as comunidades. – 12º §)

17 Assinale a alternativa em que o referente da expressão em destaque tenha sido **CORRETAMENTE** identificado entre parênteses.

a) O desafio de formuladores de políticas públicas e de empreendedores é acabar com a frase "uma minoria precisa se sacrificar para beneficiar a maioria". Muito fácil dizer **isso** quando se está do lado da maioria. (uma minoria precisa se sacrificar – 2º §)

b) As mais visíveis são novos postos de trabalho e o aumento de arrecadação de impostos para municípios, estados e a União, que podem usar **esses** recursos para saúde, educação e segurança. (novos postos e aumento – 6º §)

c) A realidade precisa ser encarada: apesar da necessidade de gerar energia para abastecer o País, a chegada desses empreendimentos provoca o deslocamento compulsório de famílias. E **isso** não tem preço. (a necessidade de gerar energia para abastecer o País – 1º §)

d) **Esse** é o caminho para demolir as fronteiras entre "maiorias" e "minorias" e para que todos passem a enxergar esses empreendimentos como oportunidades de transformação e inclusão social. (o respeito aos valores individuais e coletivos – 13º §)

18 I A afirmação contida no primeiro período do texto traz em si indicação de que não se trata de opinião consensual.

II Durante a maior parte do século XX, quando se construía uma nova usina hidrelétrica, somente se indenizavam os proprietários de terras inundadas pela barragem.

III Segundo o texto, o poder público deve não só cuidar do reassentamento de proprietários de terras inundadas, mas, sobretudo, buscar a preservação dos valores e da cultura das populações afetadas pela construção de hidrelétricas.

Dentre as afirmativas acima, são **CORRETAS**

a) apenas I e II.
b) todas.
c) apenas I e III.
d) apenas II e III.

19 I O autor se mostra otimista com relação às medidas tomadas nos últimos anos para garantir melhores condições de vida às populações que habitam o entorno de hidrelétricas.

II O texto defende o ponto de vista de que o interesse da coletividade não pode se sobrepor ao dos indivíduos.

III O sentimento de perda a que se refere o autor (3º §), diz respeito aos prejuízos materiais decorrentes do abandono de terras a que se veem forçados os moradores de áreas vizinhas a hidrelétricas.

Dentre as afirmativas acima, são **INCORRETAS**:
a) apenas I e III.
b) apenas I e II.
c) apenas II e III.
d) todas.

20 Assinale a alternativa que apresenta **INCORREÇÃO**.
a) Em que pesem as opiniões divergentes, as condições de trabalho naquele local são não apenas penosas e insalubres, mas sub-humanas.
b) Os contracheques se encontram à disposição de V. Sas. em sua agência bancária, localizada no subsolo deste edifício.
c) Quando reverem as filmagens do evento, os peritos dar-se-ão conta, seguramente, de que houve uma falha no equipamento.
d) O encontro realizar-se-á no próximo dia 20, data em que se discutirá a nova agenda do partido.

21 Assinale a alternativa que **NÃO** apresenta incorreção.
a) As sessões de pôsteres organizar-se-ão em um formato interativo e analizar-se-ão pesquisas e/ou a implementação e aplicação das metodologias ativas de aprendizagem na educação básica ou superior.
b) Considerando-se a inter-relação entre conhecimento e informação, poder-se-á considerar, despretensiosamente, que adentramos a Era da Revolução Pedagógica.
c) Procedeu-se, à época, o reassentamento das famílias de agricultores afetados pela construção da represa.
d) Quanto à suas fotografias, não se lembrava de haver mencionado-as em nenhuma dos encontros a que estivera presente.

ATENÇÃO:
As questões **22** e **23** tomam como referência o texto a seguir. Leia-o antes de respondê-las.

O futuro do pretérito também é usado pelos meios de comunicação para introduzir um argumento sem responsabilizar-se por ele. [...] É como se os fatos se narrassem a si mesmos, sem interferência do locutor. O jornalista não se compromete, não assume a responsabilidade do fato noticiado: quem o afirma é "alguém", alguma fonte autorizada, enfim, outra voz introduzida no discurso (não sou eu que o digo, ouvi dizer, alguém falou).

(Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com>. Acesso em: 18 out. 2010)

22 Assinale a alternativa em que o futuro do pretérito tenha sido utilizado com a função descrita no texto.
a) Aqueles que têm interesse na discussão desse tópico poderiam se dirigir para o auditório principal da faculdade?
b) Não se sabe, até o momento, qual poderia ter sido o destino dado aos arquivos desaparecidos.
c) Se eu afirmasse que não chorei nas derrotas de meu time, que isso me é indiferente, estaria mentindo.
d) O cantor, que estaria sendo vítima de extorsão por parte de seu empresário, fez acusações a alguns de seus colaboradores, mas voltou atrás dias depois.

23 Em todas as alternativas, emprega-se recurso com a mesma função assumida pelo futuro do pretérito, tal como descrito no texto, **EXCETO**:
a) Nunca tinha suposto que tais coisas pudessem acontecer tão inesperadamente.
b) Polícia investiga suposto envolvimento de político no desaparecimento da menor.
c) No Senado, a alardeada CPI da Petrobras, instalada para apurar alegadas irregularida-

des na gestão da estatal, terminou melancolicamente.

d) Ao que parece, o conjecturado extraterrestre foi visto pela primeira vez na cidade mineira de Varginha.

24 A mudança na regência verbal **NÃO** implica mudança de sentido em

a) O nome do funcionário não constou do relatório de atividades.
O nome do funcionário não constou no relatório de atividades.

b) Segundo o chefe do cerimonial, poucos convidados beberam o vinho.
Segundo o chefe do cerimonial, poucos convidados beberam do vinho.

c) Conforme se comprovou posteriormente, os dois rapazes visavam os cheques.
Conforme se comprovou posteriormente, os dois rapazes visavam aos cheques.

d) Durante a mesa-redonda, falou com colegas do curso de Engenharia.
Durante a mesa-redonda, falou a colegas do curso de Engenharia.

25 A concordância verbal está **CORRETA** em

a) Durante a entressafra, dadas essas circunstâncias, poderão haver oscilações nos preços dos alimentos.

b) O consumo indiscriminado desse tipo de medicamentos podem levar a alterações de comportamento.

c) A publicação de rumores sobre o mau desempenho das empresas preocuparam os acionistas.

d) Alguns dos engenheiros do setor solicitaram à secretária que os inscrevesse no evento.

26 I. A empresa investiu na expansão de sua rede de transporte local, **visando** à ampliação da capacidade de anéis ópticos. (objetivando)

II. O trabalho dos funcionários tem permitido à **empresa** crescer de maneira mais sustentável. (nossa empresa)

III. Para **acesso** às Atas de Registro de Preços, clicar no ícone a seguir. (acessar)

IV. Os acionistas referiram-se à **mudança** empreendida pela direção da empresa. (essa mudança)

Nas frases acima, substituindo-se a expressão em destaque pela indicada entre parênteses, o acento grave deverá ser eliminado em

a) II, III e IV
b) I, III e IV
c) I, II e III
d) I, II e IV

27 Assinale a alternativa em que a pontuação esteja **CORRETA**

a) Antes do Acordo de 1990, não integravam o abecedário vernáculo oficialmente o k (cá; capa), o w (dáblio; vê duplo; vê dobrado) e o y (ípsilon; ipsilone)... Letras estranhas à grafia portuguesa eram usadas só em casos especiais e situavam-se, respectivamente, entre j e l, v e x, x e z.

b) Antes do Acordo de 1990, não integravam o abecedário vernáculo – oficialmente – o k (cá, capa), o w (dáblio, vê duplo, vê dobrado) e o y (ípsilon, ipsilone). Letras estranhas à grafia portuguesa,eram usadas, só em casos especiais e situavam-se, respectivamente entre j e l; v e x; x e z.

c) Antes do Acordo de 1990, não integravam o abecedário vernáculo, oficialmente, o k (cá, capa), o w (dáblio, vê duplo, vê dobrado) e o y (ípsilon, ipsilone). Letras estranhas à grafia portuguesa, eram usadas só em casos especiais e situavam-se, respectivamente, entre j e l, v e x, x e z.

d) Antes do Acordo de 1990 não integravam o abecedário vernáculo, oficialmente, o k (cá, capa), o w (dáblio, vê duplo; vê dobrado) e o y (ípsilon, ipsilone); letras estranhas à grafia portuguesa eram usadas – só em casos especiais – e situavam-se, respectivamente, entre j e l, v e x, x e z.

ATENÇÃO:
As questões de **28** a **37** referem-se ao texto a seguir. Leia-o antes de responder a elas.

(_____)

Carlos Heitor Cony

No meu tempo, dizia Machado de Assis, já havia velhos, mas poucos. Parodiando o mestre, direi que, no meu tempo, já existiam chatos, mas relativamente poucos. E não eram tão espalhafatosos e onipresentes. Quando Cristo expulsou Satanás de um endemoniado, perguntou-lhe o nome. Satanás respondeu: "Meu nome é Legião". Os chatos de agora são também uma legião, a internet ampliou-os em número, frequência e virulência.

Todos os meus amigos – e até mesmo alguns que não chegam a isso – reclamam das mensagens, das sugestões e, sobretudo, das denúncias do interesse de cada um. Do prefeito que não asfaltou a rua, do emprego que alguém não obteve, do concurso que o reprovou.

O e-mail, que deu oportunidade à comunicação de forma surpreendente, se, de um lado, está servindo na busca e na troca de informações para aproximar pessoas, de outro, está produzindo chatos em massa, em escala industrial.

Desocupados, embriões de gênios que desejariam ser comentaristas de política, de esportes, de economia e de cultura, ditando regras disso ou daquilo, encontraram afinal a tribuna, o mini espaço que buscavam e não conseguiam.

Entram na internet com tempo e garra suficientes para tentar criar um mundo à sua imagem e semelhança, mundo que felizmente não existe, a não ser na cabeça desses novos Petrônios informatizados.

E, ao contrário de Deus, que, quando criou todas as coisas, o céu e a Terra, o Sol e as estrelas, descansou no sétimo dia, o chato eletrônico não descansa, trabalha em tempo integral, todos os dias, sábados, domingos e feriados, não tira férias, não adoece. E como ninguém toma as providências que ele reclama, o chato adota um moralismo pedestre, primário, tentando mudar o mundo que insiste em rejeitá-lo.

(Folha de São Paulo, 16 mar. 2008)

28 Tendo em conta a argumentação desenvolvida pelo autor, todos os títulos abaixo são adequados a esse texto, **EXCETO**
a) A praga dos e-mails
b) Legião de internautas
c) O nome deles é legião
d) Da multiplicação dos chatos

29 Tendo em vista o contexto em que ocorrem, todas as palavras abaixo foram satisfatoriamente explicadas, **EXCETO**
a) onipresentes (1º §): que estão em todos os lugares, ubíquos.
b) espalhafatosos (1º §): sem medida, imoderados.
c) virulência (1º §): infestação, opulência.
d) pedestre (6º §): primitivo, rústico.

30 Em todas as alternativas, a reformulação do trecho que se encontra entre parênteses implica erro ou mudança de sentido, **EXCETO** em
a) Em meu tempo, dizia Machado de Assis, já existia velhos, porém eram poucos.
(No meu tempo, dizia Machado de Assis, já havia velhos, mas poucos. – 1º §)
b) Parodiando o mestre, direi que, no meu tempo, já haviam chatos, todavia eram relativamente poucos.
(Parodiando o mestre, direi que, no meu tempo, já existiam chatos, mas relativamente poucos. – 1º §)
c) Todos meus amigos (e mesmo alguns que não chegam a isto) reclamam contra as mensagens, as sugestões e, principalmente, as de-

núncias que são do interesse de cada um. (Todos os meus amigos – e até mesmo alguns que não chegam a isso – reclamam das mensagens, das sugestões e, sobretudo, das denúncias do interesse de cada um. – 2º §)

d) E como ninguém toma as medidas reclamadas por ele, o chato adota um moralismo pedestre, primário, tentando transformar o mundo que insiste em rejeitá-lo.
(E como ninguém toma as providências que ele reclama, o chato adota um moralismo pedestre, primário, tentando mudar o mundo que insiste em rejeitá-lo. – 6º §)

31 Os chatos de agora são também uma legião, a internet ampliou-os em número, frequência e virulência. (1º §)
As duas orações acima podem ser vinculadas por meio de todos os conectivos abaixo, **EXCETO**
a) pois
b) já que
c) visto que
d) se bem que

32 Em todas as alternativas, o elemento ao qual se refere o pronome em destaque foi devidamente identificado entre parênteses, **EXCETO** em
a) Todos os meus amigos – e até mesmo alguns **que** não chegam a isso – reclamam das mensagens, [...] – 2º § (amigos)
b) Desocupados, embriões de gênios **que** desejariam ser comentaristas de política, de esportes, [...] – 4º § (embriões)
c) E, ao contrário de Deus, **que**, quando criou todas as coisas, o céu e a Terra, o Sol e as estrelas, [...] – 6º § (Deus)
d) E como ninguém toma as providências **que** ele reclama, o chato adota um moralismo pedestre, primário, [...] – 6º § (providências)

33 Em todas as alternativas, a palavra **até** foi utilizada com o mesmo valor que apresenta no segundo parágrafo do texto, **EXCETO**
a) Segundo os dermatologistas, o protetor solar deve ser usado sempre; até no inverno.
b) Procuro emprego ou até estágio na área de administração de redes Windows ou Linux.
c) Com o dinheiro da bolsa, ele poderá permanecer na Inglaterra até novembro ou dezembro.
d) Al Gore, Leonardo Di Caprio e até Os Simpsons estão levando os problemas ambientais para as telas do cinema.

34 Parodiando o mestre, direi que, no meu tempo, já existiam chatos, mas relativamente poucos. (1º §)Assinale a alternativa que apresente os sinônimos mais adequados para o verbo parodiar, tendo em conta seu emprego no trecho acima transcrito.
a) imitando, copiando
b) imitando, ridicularizando
c) ridicularizando, decalcando
d) arremedando de forma caricatural, depreciando

I. Visão integralmente negativa da internet e, em particular, do correio eletrônico.
II. Referências intertextuais.
III. Crítica ao obscurantismo reinante nos dias atuais.
IV. Passadismo, saudosismo.

Tendo em conta as características acima listadas, aplicam-se ao texto de Cony
a) II e III, apenas.
b) II e IV, apenas.
c) I, II e IV, apenas.
d) I, II, III e IV.

36 Em todas as alternativas, o trecho em destaque tem a função de explicar ou reformular um elemento anteriormente mencionado, **EXCETO** em
a) O e-mail [...] está produzindo chatos em

massa, em escala industrial. (3º §)

b) E, ao contrário de Deus, que, quando criou todas as coisas, o céu e a Terra, o Sol e as estrelas, descansou no sétimo dia, [...] (6º §)

c) [...] o chato eletrônico não descansa, trabalha em tempo integral, todos os dias, sábados, domingos e feriados, [...] (6º §)

d) [...] o chato adota um moralismo pedestre, primário, tentando mudar o mundo que insiste em rejeitá-lo. (6º §)

37 Todos os meus amigos – e até mesmo alguns que não chegam a isso – reclamam das mensagens, das sugestões e, sobretudo, das denúncias do interesse de cada um. Do prefeito que não asfaltou a rua, do emprego que alguém não obteve, do concurso que o reprovou. (2º §)

Assinale a alternativa em que as alterações na pontuação do trecho acima transcrito **NÃO** impliquem erro ou mudança de sentido.

a) Todos os meus amigos (e até mesmo alguns que não chegam a isso) reclamam das mensagens, das sugestões e, sobretudo, das denúncias do interesse de cada um: do prefeito que não asfaltou a rua, do emprego que alguém não obteve, do concurso que o reprovou [...]

b) Todos os meus amigos – e até mesmo alguns, que não chegam a isso – reclamam das mensagens, das sugestões, e sobretudo das denúncias do interesse de cada um. Do prefeito, que não asfaltou a rua; do emprego, que alguém não obteve; do concurso, que o reprovou [...]

c) Todos os meus amigos (e até mesmo alguns que não chegam a isso), reclamam das mensagens, das sugestões e, sobretudo, das denúncias do interesse de cada um. Do prefeito que não asfaltou a rua, do emprego que alguém não obteve, do concurso que o reprovou.

d) Todos os meus amigos e até mesmo alguns que não chegam a isso, reclamam das mensagens, das sugestões e, sobretudo, das denúncias do interesse de cada um: do prefeito que não asfaltou a rua; do emprego que alguém não obteve; do concurso, que o reprovou.

38 Tendo em conta a adequação das formas de tratamento empregadas para o destinatário, na correspondência oficial, assinale a afirmativa **INCORRETA**.

a) Para deputados estaduais: V. Exa.

b) Para membros dos tribunais superiores: V. MM.

c) Para o Governador do Estado: Vossa Excelência.

d) Para presidentes de câmaras municipais: Vossa Excelência.

39 A colocação pronominal está **INCORRETA** em

a) O pai deu a entender à filha que faria-lhe todas as vontades.

b) Se tudo corresse bem, o encontro se realizaria em novembro próximo.

c) Se se dispusessem a cooperar, os funcionários seriam recompensados.

d) O presidente do partido observou que os candidatos não devem decidir-se precipitadamente.

40 Assinale a alternativa em que a divisão silábica (indicada por pontos) e a grafia estejam **CORRETAS**.

a) pneu.mo.nia – mi.sé.ria – pré-his.tó.ria

b) as.ces.so.ris.ta – e.clíp.se – re.in.vin.di.ca.ção

c) a.po.ca.líp.ti.co – as.ses.so.ri.a – oc.to.ge.ná.rias

d) con.tra-che.que – se.xa.ge.ná.ri.a – psi.co.lo.gi.a

41 A flexão verbal está **CORRETA** em

a) O agente que a deteu suspeitou que ela estivesse envolvida no assalto ao banco.

b) Em caso de demissão de professores, o sindicato sempre intermedeia os acertos de contas.

c) Àquela altura dos acontecimentos, quando

os ânimos já estavam tão acirrados, se a polícia intervisse, seria muito pior.

d) A construção do muro de arrimo é um paliativo, que remedia apenas em parte a situação das famílias que moram na região.

42 Em todas as alternativas, ocorre inadequação vocabular, **EXCETO** em

a) Não ficou claro o porquê de ele não haver relevado os erros cometidos por sua equipe.

b) Venho manifestar minha indignação a atentá-lo para que tais fatos não voltem a se repetir.

c) Para preservar seus direitos, o vereador viu-se compungido a impetrar um mandado de segurança.

d) É em razão da complexidade das relações vividas atualmente por pais, alunos e professores que a escola prescinde do serviço de Psicologia Educacional.

43 Refiro-me à influência dos cometas sobre nossas vidas. Todos os corpos celestes influem de algum modo em certos fenômenos físicos.
Para reunir as duas orações acima num único período, todos os conectivos abaixo são adequados, **EXCETO**

a) visto que

b) porquanto

c) dado que

d) uma vez que

44 Tendo em conta a regência verbal no padrão culto escrito, assinale a frase **INCORRETA**.

a) Não obstante todas as negociações, a prefeitura, até a presente data, ainda não pagou a seus servidores.

b) O relatório dos auditores veio deixar claro que a empresa não obedecera criteriosamente às determinações da Receita Federal.

c) O porta-voz da empresa simplesmente comunicou os presentes de que a reunião fora adiada para a semana subsequente.

d) Um dos filmes da campanha que assistimos apresenta erro de português, segundo os professores aos quais consultamos.

45 Tendo em conta as regras de utilização do acento indicador de crase, assinale a alternativa em que o emprego desse acento seja obrigatório.

a) O prefeito informou a sua assessora que o projeto fora suspenso.

b) Deixou de responder a questão 7 e a 9, mas, ainda assim, foi aprovado.

c) O diretor agradeceu as suas colaboradoras mais próximas e retirou-se.

d) A partir de agora, não mais se exigirá resposta a essa espécie de questionamento.

46 Assinale a alternativa em que ambas as grafias estejam **CORRETAS**.

a) cinquenta ou cincoenta

b) questionário ou questionario

c) cãimbra ou câibra

d) quatorze ou catorze

47 Assinale a alternativa em que a concordância nominal esteja **INCORRETA**.

a) A empresa importava sobretudo automóveis e motos alemãs.

b) A empresa importava sobretudo motos e automóveis alemães.

c) O plano prevê a cobertura integral de despesas médicas-odontológicas desse tipo.

d) Conforme anteriormente anunciado, a comissão de examinadores incumbir-se-á das avaliações parciais e final.

Você se considera um empreendedor?

Ricardo Melo*

Muitas pessoas, ao ouvirem essa pergunta, respondem imediatamente que não, pois não são empresários ou comerciantes.

Fato curioso essa associação imediata da ideia empreendedora a essas opções profissionais e o esquecimento de como a competência empreendedora está intimamente ligada a muitas outras escolhas e posturas.

O verbo empreender vem do latim emprehen-

do ou impraehendo e quer dizer – a habilidade de executar uma tarefa. Com o tempo passou a ser sinônimo de ousadia, coragem e visão de futuro. Seja como for, é importante você parar para pensar em como é possível viver essa postura empreendedora.

Quando ouvimos falar de um estudante que vem do interior para a capital, ou de um jovem casal que assume o matrimônio, mesmo sem tantas facilidades materiais, estamos falando de atitudes empreendedoras em relação a vida.

Essa essência é a mesma que leva pessoas arrojadas a abrirem negócios, a se arriscarem em inúmeras situações em que haja ou não ganho material, mas que proporcione um senso de realização. Sendo assim, creio que todo ser humano é um pouco empreendedor, embora poucas pessoas tenham essa consciência e se esforcem por desenvolver essa habilidade.

E em momentos históricos como o nosso, em que se costuma falar de crise, nada melhor que alimentar nossa energia empreendedora e dela tirar substrato para construir uma mentalidade empreendedora. Pensar como um empreendedor é sempre procurar novos caminhos ou novas e melhores formas de caminhar.

É olhar para o horizonte, ver o que todos veem, mas enxergar o que poucos enxergam. É dar-se o direito de sonhar e agir para concretizar o sonho. E, acima de tudo, aliar persistência ao bom senso de se divertir enquanto vai em busca do que tanto deseja.

Utopia? Para algumas pessoas, sim, mas para quem realmente ama a vida e deseja vivê-la com intensidade é apenas mais uma postura mental a ser cultivada, que propiciará a seu portador grandes possibilidades de construir a sua própria história .

Você se considera um empreendedor? Ou, talvez, melhor: o que você pode fazer, a partir de agora para ser uma pessoa com pensamentos e atitudes mais empreendedoras?

*(*Ricardo Melo é escritor, consultor e palestrante e especialista em coaching.)*

48 A afirmativa que **NÃO** está de acordo com o texto é:

a) o verbo empreender, no texto, significa a habilidade de dar vida aos próprios projetos.
b) um empreendedor pode ser considerado aquele que tem dentro de si o dom de ousar, quebrar regras.
c) o autor compara um empreendedor a um profissional preso a rituais e burocracias hierárquicas.
d) as atitudes e competências de um empreendedor estão ligadas aos sonhos de realização.

49 O título "Você se Considera um Empreendedor?" tem o objetivo de

a) colocar em prática ideias nunca antes discutidas culturalmente.
b) valorizar o novo perfil dos profissionais que ocupam cargos de hierarquia.
c) persuadir o leitor sobre a necessidade de acompanhar as mudanças e quebra de paradigmas na área profissional.
d) descrever situações empresariais, confrontando o velho e o arcaico sistema empresarial ao novo perfil mercadológico.

50 Observe o fragmento

"É olhar para o horizonte, ver o que todos veem, mas enxergar o que poucos enxergam".

O verbo "ver", nesse contexto, obedece à mudança gráfica:

a) das palavras paroxítonas terminadas em "e", "o", seguidas das consoantes nasais e que se formam por encontro vocálico.
b) das formas verbais paroxítonas que contêm um "e" tônico oral fechado em hiato com a terminação "em" da 3ª pessoa do plural do presente do indicativo.
c) dos vocábulos, em cujas vogais tônicas fechadas dos ditongos, que aparecem com formas verbais em 3ª pessoa do plural.

d) Das palavras paroxítonas que, tendo respectivamente vogal tônica aberta ou fechada, são homógrafas, ou seja, têm a mesma grafia, de artigos, contrações, preposições e conjunções átonas.

GABARITO

1D	2C	3B	4C	5C
6B	7B	8C	9D	10B
11C	12A	13B	14A	15B
16A	17D	18B	19C	20C
21B	22D	23A	24A	25D
26B	27C	28B	29C	30D
31D	32A	33C	34A	35B
36D	37A	38B	39A	40C
41B	42A	43C	44D	45C
46D	47C	48C	49C	50B

QUESTÕES DA FUNDEP

Ministério da Saúde exige notificação obrigatória

Estados e municípios devem, a partir desta quarta-feira, notificar os casos graves e as mortes suspeitas por dengue em até 24 horas ao Ministério da Saúde. É o que estabelece a portaria publicada no Diário Oficial da União, oficializando decisão anunciada pelo Ministro da Saúde na semana passada.

Os casos de dengue seguem o fluxo rotineiro de notificação semanal, porém óbito, casos graves, casos produzidos pelo sorotipo DEN-4 necessitam de melhor acompanhamento, o que justifica a sua inclusão entre as doenças de notificação imediata. Essa medida possibilitará a identificação precoce de introdução de novo sorotipo e de alterações no comportamento epidemiológico da dengue, com a adoção imediata das medidas necessárias por parte do Ministério da Saúde e das Secretarias Estaduais e Municipais de Saúde. Com a inclusão na portaria, será possível identificar, de maneira precoce, alterações na letalidade da dengue, o que permitirá uma melhor investigação epidemiológica e a adoção de mudanças na rede assistencial para evitar novas mortes.

Todas as unidades de saúde da rede pública ou privada devem informar casos graves e mortes suspeitas por dengue às Secretarias Estaduais e Municipais de Saúde, que repassam os dados ao Ministério da Saúde. A notificação imediata pode ser feita por telefone, e-mail ou diretamente ao "site" da Secretaria de Vigilância em Saúde do Ministério, de acordo com instrumentos e fluxos já amplamente utilizados no Sistema Único de Saúde. A regra vale, ainda, para casos ocorridos em fins de semana e feriados.

"A mudança na portaria permitirá um conhecimento melhor e mais rápido de como está se comportando a dengue, propiciando uma ação de prevenção e de controle mais oportuna", explica o Secretário de Vigilância em Saúde do Ministério, Jarbas Barbosa.

Além disso, também foi publicada a adequação da portaria à nova legislação brasileira, tornando as violências doméstica, sexual e/ou outras violências de notificação universal, por toda a rede de assistência à saúde, e não apenas por unidades sentinelas, como anteriormente.

A notificação compulsória pelos serviços de saúde de qualquer suspeita ou confirmação de violência contra crianças, adolescentes, mulheres e pessoas idosas já está prevista na legislação. Com isso, a maioria das Secretarias Estaduais e Municipais de Saúde já estava em processo de expansão para outras unidades de saúde além das sentinelas, incluindo para as Unidades de Saúde da Família e outros serviços de saúde.

Devido à ocorrência de casos importados de sarampo em 2010 e à ampla vacinação realizada contra rubéola em 2008, o Ministério também incluiu todo caso de sarampo e rubéola como de notificação imediata, independentemente de ter história de viagem ou vínculo com viajante internacional. Esta medida foi adotada para detectar casos suspeitos de

forma oportuna para adoção de medidas de controle em tempo hábil.

No ano de 2010, foi incorporada ao calendário básico de vacinação a vacina pneumocócica 10 valente. Diante disso, faz-se necessário o estabelecimento de medidas de monitoramento do comportamento das pneumonias no País, que passam a ser notificadas em unidades sentinelas que integram essa rede de vigilância específica. A nova portaria passa a ter 45 eventos de notificação obrigatória, com fluxos e periodicidades distintos, de acordo com a situação epidemiológica de cada um. Todos os casos notificados são registrados no Sistema de Informação de Agravos de Notificação, pelas Secretarias Estaduais e Municipais de Saúde. A nova lista de doenças de notificação compulsória e imediata está em consonância com o novo Regulamento Sanitário Internacional.

Em setembro de 2010, a lista de notificação compulsória incluíra cinco novos itens, entre os quais acidentes com animais peçonhentos, como cobras, escorpiões e aranhas; atendimento antirrábico após ataque de cães, gatos e morcegos; intoxicações por substâncias químicas, incluindo agrotóxicos e metais pesados; síndrome do corrimento uretral masculino e sífilis adquirida. A atual portaria (104/2011) mantém na lista de notificação imediata doenças como cólera, dengue pelo sorotipo DEN-4, doença de Chagas aguda, febre amarela, poliomielite, raiva humana, influenza por novo subtipo viral, entre outras. "A notificação dessas doenças possibilita que os gestores, sejam dos estados, municípios ou o próprio Ministério, monitorem e planejem ações de prevenção de controle, avaliem tendências e impacto das intervenções e indiquem riscos para a população", explica Jarbas Barbosa.

http://portal.saude.gov.br (texto adaptado)

1 Assinale a alternativa que contém uma afirmativa que pode ser confirmada pelo texto.

a) A portaria restringe-se a organizar os mecanismos de comunicação aos órgãos de saúde de doenças caracterizadas como de risco epidemiológico.
b) As atribuições prescritas na portaria circunscrevem todas as responsabilidades atribuídas aos órgãos de saúde das prefeituras municipais.
c) Quanto à notificação referente aos casos de violência, a portaria tão somente disciplina um comando já previsto em norma legal.
d) Várias doenças, listadas em outras oportunidades, foram mantidas na portaria de que trata o texto, enquanto outras eram excluídas.

2 A determinação do Ministério da Saúde tem como um de seus objetivos a possibilidade da adoção de medidas

a) coercitivas.
b) paliativas.
c) preventivas.
d) punitivas.

3 Assinale a alternativa em que o vocábulo sublinhado **NÃO** foi corretamente explicado entre parênteses.

a) "A notificação **compulsória** pelos serviços de saúde [...] já está prevista na legislação." (OBRIGATÓRIA, COMPELIDA)
b) "Além disso, também foi publicada a adequação da **portaria** à nova legislação brasileira [...]" (DOCUMENTO CONTENDO NORMAS DE EXECUÇÃO)
c) "Em setembro de 2010, a lista de notificação compulsória incluíra cinco novos itens, entre os quais acidentes com animais **peçonhentos** [...]" (VENENOSOS, MALÉFICOS)
d) "[...] será possível identificar, de maneira precoce, alterações na **letalidade** da dengue, o que permitirá uma melhor investigação epidemiológica [...]" (SERIEDADE, GRAVIDADE)

4 "Estados e municípios devem, a partir desta quarta-feira, notificar os casos graves e as mortes suspeitas por dengue em até 24 horas ao Ministério da Saúde."

Assinale a alternativa em que a nova redação, na voz passiva, preserva o sentido e ainda a forma e o tempo verbais.

a) A partir desta quarta-feira, o Ministério da Saúde será notificado, em até 24 horas, por estados e municípios de casos graves e de mortes suspeitas por dengue.
b) Estados e municípios deverão ser notificados, em até 24 horas, pelo Ministério da Saúde de casos graves e mortes suspeitas de dengue, a partir desta quarta-feira.
c) O Ministério da Saúde deve, a partir desta quarta-feira, notificar estados e municípios, em até 24 horas, dos casos graves e das mortes suspeitas de dengue.
d) Os casos graves e as mortes suspeitas por dengue devem ser notificados, em até 24 horas, ao Ministério da Saúde por estados e municípios, a partir desta quarta-feira.

5 "A mudança na portaria permitirá um conhecimento melhor e mais rápido de como está se comportando a dengue, propiciando uma ação de prevenção e de controle mais oportuna", explica o Secretário de Vigilância em Saúde do Ministério, Jarbas Barbosa.

O uso das aspas no trecho acima pretende

a) apresentar, de certa forma, uma sutil e leve ironia relativa àquele contexto.
b) destacar um trecho em função da relevância da advertência que é feita.
c) identificar o objetivo da portaria e seu significado para a prevenção da dengue.
d) registrar que se trata de citação textual da fala de alguém.

6 "Em setembro de 2010, a lista de notificação compulsória incluíra cinco novos itens, entre os quais acidentes com animais peçonhentos [...]"

Mantêm-se o sentido original, o tempo e o modo verbal se substituirmos a forma verbal sublinhada por

a) havia incluído.
b) inclui.
c) incluía.
d) teria incluído.

7 "Além disso, também foi publicada a adequação da portaria à nova legislação brasileira, tornando as violências doméstica, sexual e/ou outras violências de notificação universal, por toda a rede de assistência à saúde, e não apenas por unidades sentinelas, como anteriormente." (linhas 23 a 25)

Desconsideradas as alterações de sentido, mantém-se a obrigatoriedade do uso do acento indicativo de crase **em ambos os casos**, se as expressões sublinhadas forem substituídas, **RESPECTIVAMENTE**, por

a) a toda legislação brasileira; a saúde física e mental do cidadão.
b) as leis recentemente promulgadas; a preservação da saúde.
c) a um conjunto de normas recentemente aprovadas; a qualquer forma de vida.
d) a normas referentes à saúde; a todos os aspectos da saúde.

8 Desconsideradas as alterações de sentido, assinale a alternativa em que se preserva a correção quanto à concordância, de acordo com os preceitos da norma culta.

a) "Com a inclusão na portaria, será possível identificar, de maneira precoce, alterações na letalidade da dengue, o que permitirá uma melhor investigação epidemiológica e a adoção de mudanças na rede assistencial para evitar novas mortes." /Serão possíveis, com a inclusão da portaria, identificar de maneira precoce alterações na letalidade da dengue e isso permitirão melhores investigações epidemiológica e adoção de mudanças na rede assistencial para evitar novas mortes.
b) "Com isso, a maioria das Secretarias Estaduais e Municipais de Saúde já estava em

processo de expansão para outras unidades de saúde além das sentinelas [...]." /A maioria das Secretarias Estaduais e Municipais de Saúde já estavam, com isso, em processo de expansão para outras unidades de saúde além das sentinelas [...].

c) "Estados e municípios devem, a partir desta quarta-feira, notificar os casos graves e as mortes suspeitas por dengue em até 24 horas ao Ministério da Saúde."/ Deve, a partir desta quarta-feira, tanto estados quanto municípios notificarem em 24 horas ao Ministério Saúde os casos suspeitos de dengue.

d) "A mudança na portaria permitirá um conhecimento melhor e mais rápido de como está se comportando a dengue, propiciando uma ação de prevenção e de controle mais oportuna."/ A mudança nas portarias permitirão conhecimento melhor e mais rápido de como está se comportando a dengue, o que propiciam ações de prevenção e de controle mais oportunas.

9 "Diante disso, faz-se necessário o estabelecimento de medidas de monitoramento do comportamento das pneumonias no País, que passam a ser notificadas em unidades sentinelas que integram essa rede de vigilância específica."

O pronome sublinhado no trecho acima se refere ao termo

a) comportamento.
b) medidas.
c) País.
d) pneumonias.

10 "Em setembro de 2010, a lista de notificação compulsória incluíra cinco novos itens, entre os quais acidentes com animais peçonhentos, como cobras, escorpiões e aranhas [...]."
Desconsideradas eventuais alterações de sentido, assinale a alternativa em que a substituição do trecho sublinhado acarretaria **ERRO** gramatical

a) aos quais o Ministério tem estado especialmente atento.
b) com os quais a saúde pública precisa tomar cuidados especiais.
c) cujos os quais necessitam de monitoramento específico.
d) que a saúde pública deve acompanhar e controlar de perto.

Sobrecarga fiscal e visão de futuro

A preservação do atual regime fiscal, que há mais de 15 anos vem exigindo aumento sem fim da carga tributária, põe em risco a sustentação do dinamismo da economia brasileira. Se não for possível conter a expansão do gasto público dos três níveis de governo, o aprofundamento requerido da extração fiscal acabará por sufocar aos poucos o crescimento econômico do País. São conclusões que advêm da análise agregada dos dados. Essa perspectiva do problema, contudo, pode e deve ser complementada por visões mais específicas, micro economicamente, de como a sobrecarga fiscal, que hoje recai sobre a economia brasileira, conspira contra o futuro do Brasil.

Estima-se que a carga tributária bruta esteja hoje em torno de 35% do PIB. Mas isso é apenas uma média. Há segmentos da economia que arcam com taxação muito mais pesada. A carga fiscal que recai, por exemplo, sobre serviços de telecomunicação e certos produtos importados é muito maior. E deixa patente a deplorável visão de futuro que permanece entranhada no sistema tributário brasileiro.

No Rio de Janeiro, o ICMS onera os serviços de comunicação em quase 43%. Em São Paulo, em 33,3%. E ainda há de se ter em conta todos os outros tributos que incidem sobre o setor de telecomunicações e acabam repassados, em boa parte, às tarifas. Em 2005, a carga tributária do setor, estimada com base nas contas nacionais, correspondia a mais de 57% do valor dos serviços.

É curioso que, nesse quadro de absurda sobrecarga fiscal, o governo ainda esteja em busca da razão primordial pela qual a disseminação do acesso à internet em banda larga avançou tão pouco até agora. É lamentável que o País esteja entrando

na segunda década do século 21 com tributação tão escorchante de serviços de telecomunicação, tendo em vista sua crescente importância econômica e social.

Desde a Constituição de 1988, quando passaram a cobrar ICMS sobre tais serviços, os Estados vêm mantendo uma extração fiscal extremada no setor, tirando o melhor proveito possível das exíguas possibilidades de sonegação que lhe são inerentes. No tempo em que telefone era considerado "coisa de rico", ainda havia quem se dispusesse a arguir que essa taxação tão pesada estaria contribuindo para tornar a carga tributária menos regressiva. Mas já não há mais qualquer espaço para esse tipo de argumento.

O quadro mudou da água para o vinho desde a segunda metade dos anos 90. Na esteira da privatização, o acesso ao telefone vem sendo universalizado. Há hoje mais de 190 milhões de aparelhos celulares no País, 82% pré-pagos. É sobre o povão, portanto, que boa parte da sobrecarga fiscal vem recaindo, mesmo que ele não a perceba. Por outro lado, as comunicações passaram a abranger uma gama de serviços muito mais complexos que vão muito além da velha telefonia. O que se vê agora é o País taxando pesadamente seu futuro.

A mesma visão de futuro equivocada e arcaica que permanece entranhada na tributação das telecomunicações fica também evidenciada na taxação de certos produtos importados. Basta ver o que vem ocorrendo com dois produtos emblemáticos das novas tendências tecnológicas na área de informática. Os chamados "tablets", como o iPad, da Apple, e os leitores de livros digitais, como o Kindle, da Amazon.

Um levantamento recente constatou que, entre 20 países pesquisados, é no Brasil que o iPad é mais caro (O Globo, 9/1/2011). Após a incidência de seis tributos, o produto chega ao consumidor brasileiro 84% mais caro do que nos EUA. Já o Kindle, que nos EUA custa US$ 189, pode ser entregue no Brasil, se o cliente estiver disposto a arcar com um frete de US$ 20,98 e encargos fiscais que a própria Amazon estima em nada menos que US$ 199,73 o que perfaz um total de US$ 409,71 São níveis de tributação completamente injustificáveis, fora de qualquer padrão de razoabilidade, advindos de um furacão arrecadador que avança como autômato, alheio ao processo de modernização do País.

(Rogério L. F. Werneck, O ESTADO DE S. PAULO, 21/01/2011, texto adaptado)

11 Assinale a afirmativa que **NÃO** pode ser confirmada pelo texto.

a) A dificuldade de democratização da banda larga relaciona-se com os impostos elevados dos serviços de telecomunicação.
b) Contemporaneamente, os impostos sobre os serviços telefônicos constituem um instrumento para se exercitar, de certa forma, a justiça social.
c) Não é fácil sonegar impostos incidentes sobre os serviços de telefonia.
d) Os estados federados são responsáveis por pelo menos um dos exemplos em que a taxação é considerada abusiva.

12 O texto traz um tom de

a) análise e advertência.
b) denúncia e ironia.
c) destempero e ceticismo.
d) ufanismo e crítica.

13 Assinale a afirmativa que **NÃO** condiz com o texto.

a) A forma como se dão os mecanismos de tributação de certos produtos está na contramão do processo evolutivo da economia do País.
b) Apesar de exprimir um alerta geral, o artigo concentra suas ilustrações em segmentos específicos da economia brasileira.
c) O País tem apresentado um crescimento econômico pífio, por estar atado a uma política de tributação ineficiente, que retira o dinamismo e a força da economia.
d) Quando se comparam diferentes setores da

economia, conclui-se que não existe uniformidade quanto à carga tributária aplicada.

14 "É sobre o povão, portanto, que boa parte da sobrecarga fiscal vem recaindo [...]."
Assinale a alternativa em que a nova redação **NÃO** preserva o sentido básico do trecho acima.
a) Assim sendo, é sobre o povão que boa parte da sobrecarga fiscal vem recaindo [...].
b) É, não obstante, sobre o povão que boa parte da sobrecarga fiscal vem recaindo [...].
c) É sobre o povão, pois, que boa parte da sobrecarga vem recaindo [...].
d) Logo é sobre o povão que boa parte da sobrecarga vem recaindo [...].

15 Desconsiderando-se eventuais alterações de sentido, a nova redação que contém **ERRO** na conjugação verbal é
a) "[...] os Estados vêm mantendo uma extração fiscal extremada no setor, tirando o melhor proveito [...]"
[...] os Estados mantêm uma extração fiscal extremada no setor, tirando o melhor proveito [...]
b) "O que se vê agora é o País taxando pesadamente seu futuro."
Agora se veem cada vez mais taxas e impostos comprometendo o futuro do País.
c) "São conclusões que advêm da análise global dos dados."
É uma conclusão que advém da análise global dos dados.
d) "Se não for possível conter a expansão do gasto público dos três níveis de governo [...]"
Se não se conter a expansão do gasto público dos três níveis de governo [...]

16 "A preservação do atual regime fiscal, <u>que há mais de 15 anos vem exigindo aumento sem fim da carga tributária</u>, põe em risco a sustentação do dinamismo da economia brasileira."
Assinale a alternativa que **NÃO** pode substituir o trecho destacado, por implicar erro gramatical.
a) com que a sociedade vem lidando há tempos
b) contra o qual o empresariado sempre se manifesta
c) cuja a qual só aumenta a carga tributária
d) do qual tão mal se fala

17 "Em 2005, a carga tributária do setor, estimada com base nas contas nacionais, **correspondia a mais de 57% do valor dos serviços**."
A substituição da expressão destacada **NÃO** acarreta erro na utilização do sinal indicativo da crase na alternativa
a) à uma quantia significativa em relação ao valor dos serviços.
b) à metade, aproximadamente, do valor dos serviços.
c) à valor altamente elevado em relação ao tipo de serviço.
d) à taxas cobradas por esse serviço pelos países mais caros do mundo.

18 "Essa perspectiva do problema, contudo, pode e deve ser complementada por visões mais específicas, microeconomicamente, de como a sobrecarga fiscal, que hoje recai sobre a economia brasileira, conspira contra o futuro do Brasil."
Assinale a alternativa em que a forma verbal destacada está redigida na voz ativa, mantendo-se o sentido, a forma e os tempos verbais.
a) Complementariam, contudo, essa perspectiva do problema, visões mais específicas, microeconomicamente, do problema de como a sobrecarga fiscal, que tem recaído sobre a economia brasileira, tem conspirado contra o futuro do Brasil.
b) Contudo, podem e devem complementar essa perspectiva do problema visões mais específicas, microeconomicamente, de como a sobrecarga fiscal, que hoje recai sobre a economia brasileira, conspira contra o futuro do Brasil.
c) Poderão e deverão, contudo, complementar

essa perspectiva do problema visões mais específicas, economicamente, de como a sobrecarga fiscal, que hoje recairia sobre a economia brasileira, tem conspirado contra o futuro do Brasil.

d) Visões mais específicas, microeconomicamente, são complementadas, contudo, por visões dessa perspectiva do problema, no que se refere ao modo como a sobrecarga que hoje recai sobre a economia brasileira estará conspirando contra o futuro do Brasil.

19 Desconsideradas as alterações de sentido, assinale a alternativa em que a nova redação **NÃO** apresenta erro de concordância, de acordo com padrão formal culto.

a) "A carga fiscal que recai, por exemplo, sobre serviços de telecomunicação e certos produtos importados é muito maior."
Por exemplo, a carga fiscal que recaem sobre os serviços de telecomunicações e certos produtos importados são muito maiores.

b) "Desde a Constituição de 1988, quando passaram a cobrar ICMS sobre tais serviços, os Estados vêm mantendo uma extração fiscal extremada no setor, tirando o melhor proveito possível das exíguas possibilidades de sonegação que lhe são inerentes."
Desde a Constituição de 1988, quando cada Estado passou a cobrar ICMS sobre tais serviços, cada um deles vem mantendo uma extração fiscal extremada no setor, tirando melhor proveito possível da exígua possibilidade de sonegação que lhe é inerente.

c) "E ainda há de se ter em conta todos os outros tributos que incidem sobre o setor de telecomunicações e acabam repassados, em boa parte, às tarifas."
Hão de ser considerados também todos os outros tributos que, sobre o setor de telecomunicações, incide e acaba repassado, em boa parte, às tarifas.

d) "Em 2005, a carga tributária do setor, estimada com base nas contas nacionais, correspondia a mais de 57% do valor dos serviços."
A carga tributária do setor, em 2005, estimadas com base nas contas nacionais, correspondiam a mais de 57% do valor dos serviços.

20 Assinale a alternativa em que o termo transcrito entre parênteses **NÃO** se refere ao pronome destacado.

a) "Desde a Constituição de 1988, quando passaram a cobrar ICMS sobre <u>tais</u> serviços [...]" (DE TELECOMUNICAÇÃO)

b) "E deixa patente a deplorável visão de futuro <u>que</u> permanece entranhada no sistema tributário brasileiro." (VISÃO DE FUTURO)

c) "É sobre o povão, portanto, que boa parte da sobrecarga fiscal vem recaindo, mesmo que ele não <u>a</u> perceba." (SOBRECARGA FISCAL)

d) "[...] os Estados vêm mantendo uma extração fiscal extremada no setor, tirando o melhor proveito das exíguas possibilidades de sonegação que <u>lhe</u> são inerentes." (AOS ESTADOS)

ATENÇÃO: As questões de **21** a **35** relacionam-se com o texto abaixo. Leia atentamente todo o texto antes de responder a elas.

Um idoso na fila do Detran

"O senhor aqui é idoso", gritava a senhora para o guarda, no meio da confusão na porta do Detran da Avenida Presidente Vargas, apontando com o dedo o tal "senhor". Como ninguém protestasse, o policial abriu o caminho para que o velhinho enfim passasse à frente de todo mundo para buscar a sua carteira.

Olhei em volta e procurei com os olhos o velhinho, mas nada. De repente, percebi que o "idoso" que a dama solidária queria proteger do empurra-empurra não era outro senão eu.

Até hoje não me refiz do choque, eu que já tinha me acostumado a vários e traumáticos ritos de passagem para a maturidade: dos 40, quando em crise se entra pela primeira vez nos "enta"; dos 50,

quando, deprimido, se sente que jamais vai-se fazer outros 50 (a gente acha que pode chegar aos 80, mas aos 100?); e dos 60, quando um eufemismo diz que a gente entrou na "terceira idade". Nunca passou pela minha cabeça que houvesse uma outra passagem, um outro marco, aos 65 anos. E, muito menos, nunca achei que viesse a ser chamado, tão cedo, de "idoso", ainda mais numa fila do Detran.

Na hora, tive vontade de pedir à tal senhora que falasse mais baixo. Na verdade, tive vontade mesmo foi de lhe dizer: "idoso" é o senhor seu pai. O que mais me irritava era a ausência total de hesitação ou dúvida. Como é que ela tinha tanta certeza? Que ousadia! Quem lhe garantia que eu tinha 65 anos, se nem pediu pra ver minha identidade? E o guarda paspalhão, por que não criou um caso, exigindo prova e documentos? Será que era tão evidente assim? Como, além de idoso, eu era um recém-operado, acabei aceitando ser colocado pela porta adentro. Mas confesso que furei a fila sonhando com a massa gritando, revoltada: "esse coroa tá furando a fila! Ele não é idoso! Manda ele lá pro fim!" Mas, que nada, nem um pio.

O silêncio de aprovação aumentava o sentimento de que eu era ao mesmo tempo privilegiado e vítima do tempo. Me lembrei da manhã em que acordei fazendo 60 anos: "Isso é uma sacanagem comigo", me disse, "eu não mereço." Há poucos dias, ao revelar minha idade, uma jovem universitária reagira assim: "Mas ninguém lhe dá isso." Respondi que, em matéria de idade, o triste é que ninguém precisa dar para você ter. De qualquer maneira, era um gentil consolo da linda jovem. Ali na porta do Detran, nem isso, nenhuma alma caridosa me "dava" um pouco menos.

Subi e a mocinha da mesa de informações apontou para os balcões 15 e 16, onde havia um cartaz avisando: "Gestantes, deficientes físicos e pessoas idosas." Hesitei um pouco e ela, já impaciente, perguntou: "O senhor não tem mais de 65 anos? Não é idoso?"

— Não, sou gestante — tive vontade de responder, mas percebi que não carregava nenhum sinal aparente de que tinha amamentado ou estava prestes a amamentar alguém. Saí resmungando: "não tenho mais, tenho só 65 anos."

O ridículo, a partir de uma certa idade, é como você fica avaro em matéria de tempo: briga por causa de um mês, de um dia. "Você nasceu no dia 14, eu sou do dia 15", já ouvi essa discussão.

Enquanto espero ser chamado, vou tentando me lembrar de quem me faz companhia nesse triste transe. Aí, se não me falha a memória — e essa é a segunda coisa que mais falha nessa idade —, me lembro de que Fernando Henrique, Maluf e Chico Anysio estariam sentados ali comigo. Por associação de ideias, ou de idades, vou recordando também que só no jornalismo, entre companheiros de geração, há um respeitável time dos que não entram mais em fila do Detran, ou estão quase não entrando: Ziraldo, Gullar, Milton Coelho, Jânio de Freitas. (Lemos, Cony, Barreto, Armando e Figueiró já andam de graça em ônibus há um bom tempo). Sei que devo estar cometendo injustiça com um ou com outro — de ano, meses ou dias —, e eles vão ficar bravos. Mas não perdem por esperar: é questão de tempo.

Ah, sim, onde é que eu estava mesmo? "No Detran", diz uma voz. Ah, sim. "E o atendimento?" Ah, sim, está mais civilizado, há mais ordem e limpeza. Mas, mesmo sem entrar em fila, passa-se um dia para renovar a carteira. Pelo menos alguma coisa se renova nessa idade.

(Ventura, Z. *As cem melhores crônicas brasileiras*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007, p. 265 - Texto adaptado).

21 Assinale a alternativa que **NÃO** pode ser confirmada pelo texto.

a) O cronista não se sente efetivamente um idoso e nem acha que sua aparência revele a idade que tem.

b) O tom da crônica é de depressão, angústia e indignação pela falta de respeito e pelo descumprimento das leis que regem as relações com os mais idosos.

c) Os mais velhos contam a idade com precisão e não admitem que se atribua a eles mais idade do que a que efetivamente têm, fazendo questão de cada dia.
d) Uma das reações do cronista ao ser chamado pela funcionária do Detran é a expectativa de alguma indignação por parte de outras pessoas presentes.

22 "Aí, se não me falha a memória — e essa é a segunda coisa que mais falha nessa idade —, me lembro de que Fernando Henrique, Maluf e Chico Anysio estariam sentados ali comigo."
O trecho sublinhado sugere, com sutileza, eventuais dificuldades dos mais idosos com relação a questões de natureza
a) moral.
b) política.
c) sexual.
d) social.

23 "Até hoje não me refiz do choque, eu que já tinha me acostumado a vários e traumáticos ritos de passagem para a maturidade: dos 40, quando em crise se entra pela primeira vez nos 'enta'; dos 50, quando, deprimido, se sente que jamais vai-se fazer outros 50 (a gente acha que pode chegar aos 80, mas aos 100?); e dos 60, quando um eufemismo diz que a gente entrou na 'terceira idade'."

O sentido do trecho sublinhado se relaciona com
a) a utilização de uma palavra com o significado de outra em função de uma relação de semelhança.
b) um exagero intencional com a finalidade de tornar mais expressiva a ideia.
c) uma inversão dos sentidos por se afirmar o contrário do que se pensa.
d) uma suavização de palavras ou expressões que são, de alguma forma, desagradáveis.

24 "Isso é uma sacanagem comigo", me disse, "eu não mereço."

O responsável pela ação do verbo sublinhado é
a) a jovem universitária.
b) a senhora do Detran.
c) o próprio cronista, em primeira pessoa.
d) um indivíduo não determinado.

25 "Como ninguém protestasse, o policial abriu o caminho para que o velhinho enfim passasse à frente de todo mundo para buscar a sua carteira."

Assinale a alternativa em que a nova redação alteraria substancialmente o sentido do trecho destacado.
a) Conquanto ninguém tivesse protestado
b) Já que ninguém protestou
c) Porquanto ninguém protestasse
d) Uma vez que ninguém protestou

26 "Na hora, tive vontade de pedir à tal senhora que falasse mais baixo."

No que se refere à utilização do acento grave indicativo de crase, a alternativa que substitui **CORRETAMENTE** a expressão sublinhada é
a) à alguma daquelas senhoras.
b) àquela senhora.
c) à essa senhora.
d) à uma determinada senhora.

27 Assinale a alternativa em que a nova redação provoca alteração de sentido, mas **NÃO** contém erro na pontuação.
a) "De repente, percebi que o "idoso" que a dama solidária queria proteger do empurra-empurra não era outro senão eu."
De repente percebi que o idoso, que a dama solidária queria proteger do empurra-empurra, não era outro senão eu.
b) "Hesitei um pouco e ela, já impaciente, perguntou: 'O senhor não tem mais de 65

anos?' Hesitei um pouco, e ela já impaciente, perguntou, 'O senhor não tem mais de 65 anos.'

c) "— Não, sou gestante — tive vontade de responder, mas percebi que não carregava nenhum sinal aparente de que tinha amamentado ou estava prestes a amamentar alguém."
Tive vontade de responder "não sou gestante"; percebi, porém, que não carregava nenhum sinal aparente, de que tinha amamentado, ou estava prestes a amamentar alguém.

d) "Nunca passou pela minha cabeça que houvesse uma outra passagem, um outro marco, aos 65 anos."
Nunca passou, pela minha cabeça que houvesse, uma outra passagem – um outro marco – aos 65 anos.

28 "O silêncio de aprovação aumentava o sentimento de que eu era ao mesmo tempo privilegiado e vítima do tempo."
Assinale a alternativa em que a redação na voz passiva preserva o sentido, bem como o tempo e o modo da forma verbal sublinhada.

a) O silêncio de aprovação era aumentado pelo sentimento de que eu era ao mesmo tempo privilegiado e vítima do tempo.

b) O silêncio de aprovação foi aumentado pelo sentimento de que eu era ao mesmo tempo privilegiado e vítima do tempo.

c) O sentimento de que eu era ao mesmo tempo privilegiado e vítima do tempo era aumentado pelo silêncio de aprovação.

d) O sentimento de que eu era, ao mesmo tempo, privilegiado e vítima do tempo foi aumentado pelo silêncio de aprovação.

29 Assinale a alternativa em que a expressão entre colchetes se refere ao pronome sublinhado.

a) "Mas ninguém lhe dá isso."
[A JOVEM UNIVERSITÁRIA]

b) "Na verdade, tive vontade mesmo foi de lhe dizer: 'idoso' é o senhor seu pai."
[A TAL SENHORA]

c) "[...] o policial abriu o caminho para que o velhinho enfim passasse à frente de todo mundo para buscar a sua carteira."
[DO POLICIAL]

d) "Quem lhe garantia que eu tinha 65 anos [...]"
[O GUARDA PASPALHÃO]

30 "Subi e a mocinha da mesa de informações apontou para os balcões 15 e 16, onde havia um cartaz avisando: "'Gestantes, deficientes físicos e pessoas idosas'."
O vocábulo sublinhado pode ser **CORRETAMENTE** substituído pelo pronome

a) aonde.

b) de que.

c) em cujos.

d) nos quais.

31 Assinale a alternativa em que a nova redação **NÃO** apresenta erro de concordância.

a) "Ali na porta do Detran, nem isso, nenhuma alma caridosa me 'dava' um pouco menos."
Ali na porta do Detran, nem isso, nenhuma daquelas almas caridosas me 'davam' um pouco menos.

b) "[...] me lembro de que Fernando Henrique, Maluf e Chico Anysio estariam sentados ali comigo.'
[...] me lembro de que estaria sentado ali comigo Fernando Henrique, Maluf e Chico Anysio.

c) "Nunca passou pela minha cabeça que houvesse uma outra passagem, um outro marco, aos 65 anos."
Nunca passou pela minha cabeça que ocorresse outras passagens e outros marcos, aos 65 anos.

d) "O que mais me irritava era a ausência total de hesitação ou dúvida."
A ausência total de hesitação ou dúvidas me irritavam.

32 "De repente, percebi que o "idoso" que a dama solidária queria proteger do empurra-empurra não era outro senão eu."
Assinale a alternativa que contém uma oração que **NÃO** poderia substituir o trecho destacado por acarretar erro gramatical.
a) a que a dama solidária fazia referência
b) com o qual a dama solidária tanto se preocupava
c) de que a dama solidária falava
d) pelo qual a dama solidária observava tão atentamente

33 "E o guarda paspalhão, por que não criou um caso, exigindo prova e documentos?"
Assinale a alternativa em que a nova redação apresenta **ERRO** de ortografia.
a) Gostaria de saber porque o guarda paspalhão não criou um caso, exigindo prova e documentos.
b) O guarda paspalhão não criou um caso, exigindo prova e documentos, por quê?
c) Por que motivo o guarda paspalhão não criou um caso, exigindo prova e documentos.
d) Quero saber o porquê de o guarda paspalhão não ter criado um caso, exigindo prova e documentos.

34 "Há poucos dias, ao revelar minha idade, uma jovem universitária reagira assim [...]"
Assinale a alternativa em que se preservam o sentido, o tempo e o modo da forma verbal sublinhada.
a) havia reagido
b) reagiu
c) terá reagido
d) teria reagido

35 Assinale a alternativa em que **NÃO** aparece uma estrutura ou expressão característica da linguagem coloquial.
a) "[...] esse coroa tá furando a fila! Ele não é idoso! Manda ele lá pro fim!" (linha 21)
b) "Me lembrei da manhã em que acordei fazendo 60 anos: 'Isso é uma sacanagem comigo', me disse, 'eu não mereço'."
c) " - Não, sou gestante - tive vontade de responder, mas percebi que não carregava nenhum sinal aparente de que tinha amamentado ou estava prestes a amamentar alguém."
d) "[...], se sente que jamais vai-se fazer outros 50 (a gente acha que pode chegar aos 80, mas aos 100?)"

ATENÇÃO: As questões de **36** a **50** relacionam-se com os textos abaixo. Leia-os com atenção antes de responder a elas.

Não foi há tanto tempo assim. Cheguei à praia com minhas filhas e encontrei um aglomerado de cidadãos. Eles montavam guarda num pequeno trecho da areia, caras alarmadas, pior: pungidas. Não fui eu quem viu o grupo: foi o grupo que me viu e dois de seus membros vieram em minha direção, delicadamente me afastaram das meninas e comunicaram: - "Tire depressa suas filhas daqui!". As palavras foram duras mas o tom era ameno, cúmplice. Quis saber por quê. Em voz baixa, conspiratória, um dos cidadãos me comunicou que ali na arrebentação, boiando como uma anêmona, alga desprendida das profundezas oceânicas, havia uma camisinha - que na época atendia pelo poético nome de "camisa de Vênus".

O grupo de cidadãos - num tempo em que direitos e deveres da cidadania ainda esperavam pela epifania de Betinho - ali estava desde cedo, alertando pais incautos, como se a camisinha fosse uma pastilha de material nuclear, uma cápsula de césio com pérfidas e letais emanações.

Não me lembro da reação que tive, é possível que tenha levado as meninas para outro canto, mas tenho certeza de que nem alarmado fiquei. Hoje, a camisinha aparece na televisão, é banal e inocente como um par de patins, um aparelho de barba.

Domingo último, levando minhas setters à única praia em que são permitidos animais domésticos, encontrei um grupo de cidadãos em volta de uma coisa. Não, não era aquele monstro marinho

que Fellini colocou no final de um de seus filmes. Tampouco era uma camisinha - que as praias estão cheias delas, mais numerosas que as conchas e os tatuís de antigamente. O motivo daquela expressão de cidadania era uma seringa que as águas despejaram na areia. Objeto na certa infectado, trazendo na ponta de sua agulha o vírus da Aids que algum viciado ali deixara, para contaminar inocentes e culpados. Daqui a dois, cinco anos, espero que a Aids não mais preocupe a humanidade. Mas os cidadãos continuarão alarmados, descobrindo novas misérias na efêmera eternidade das espumas.

(Carlos Heitor Cony. Folha de São Paulo, p 1-2, 09011994)

36 Assinale a alternativa que apresenta o título mais apropriado para o texto.
a) A camisinha: passado, presente e futuro.
b) A importância das descobertas da humanidade.
c) O caráter efêmero das preocupações humanas.
d) O vírus da Aids: um perigo para a humanidade.

37 Todas as alternativas apresentam afirmações que podem ser confirmadas pelo texto, **EXCETO**
a) A humanidade encontra razão para alarme em todas as épocas.
b) As preocupações da humanidade mudam, mas existem sempre.
c) As preocupações do presente são mais sérias do que as do passado.
d) Os cidadãos de hoje estão preocupados com o vírus da Aids e suas consequências.

38 Todas as alternativas contêm afirmações corretas sobre o texto, **EXCETO**
a) O autor usa dois fatos, para fazer reflexões sobre o ser humano.
b) O cronista tece considerações sobre o futuro da humanidade.
c) O narrador sugere que o sexo vai continuar sendo um tabu entre os homens.
d) O texto contrapõe passado e presente, mostrando, no entanto, a semelhança entre essas épocas.

39 Todas as alternativas contêm afirmações corretas sobre a construção do texto, **EXCETO**
a) O autor usa a exemplificação, para evidenciar diferentes posturas em relação ao conceito de cidadania.
b) O autor usa o diálogo, para dar vivacidade à cena narrada.
c) O autor utiliza elementos temporais, para caracterizar diferentes momentos da transformação da sociedade.
d) O autor utiliza uma linguagem concisa, para garantir objetividade nas suas avaliações.

40 Em todas as alternativas, o significado das palavras destacadas está corretamente identificado, **EXCETO** em
a) ... como se a camisinha fosse (...) uma cápsula de césio com pérfidas e letais <u>emanações</u>. (emanações = contaminações)
b) ... como se a camisinha fosse (...) uma cápsula de césio com pérfidas e <u>letais</u> emanações. (letais = mortais)
c) Eles montavam guarda num pequeno trecho da areia, caras alarmadas, pior: <u>pungidas</u>. (pungidas = atormentadas)
d) O grupo de cidadãos (...) ali estava desde cedo, alertando pais <u>incautos</u>... (incautos = desavisados)

41 "O motivo daquela expressão de cidadania era uma seringa que as águas despejaram na areia". Na passagem acima, o autor se mostra
a) alarmado.
b) deprimido.
c) indignado.
d) irônico.

42 "Tampouco era uma camisinha - que as praias estão cheias delas, mais numerosas que as conchas e os tatuís de antigamente."
A alternativa que apresenta a interpretação correta da palavra destacada é
a) Tampouco era uma camisinha - cujas praias estão cheias delas ...
b) Tampouco era uma camisinha - logo as praias estão cheias delas...
c) Tampouco era uma camisinha - no entanto as praias estão cheias delas ...
d) Tampouco era uma camisinha - uma vez que as praias estão cheias delas ...

43 Em todas as alternativas, a mudança de ordem das palavras não altera o significado básico das passagens, **EXCETO** em
a) Daqui a dois, cinco anos, espero que a Aids não mais preocupe a humanidade.
Daqui a dois, cinco anos, espero que a Aids não preocupe mais a humanidade.
b) Em voz baixa, conspiratória, um dos cidadãos me comunicou que ali (...) havia uma camisinha.
Um dos cidadãos, em voz baixa, conspiratória, me comunicou que ali (...) havia uma camisinha.
c) Hoje, a camisinha aparece na televisão, é banal e inocente como um par de patins, um aparelho de barba.
A camisinha, hoje, aparece na televisão, é banal e inocente como um par de patins, um aparelho de barba.
d) Objeto na certa infectado, trazendo na ponta de sua agulha o vírus da Aids, que algum viciado ali deixara...
Objeto na certa infectado, trazendo na ponta de sua agulha o vírus da Aids, que viciado algum ali deixara...

44 Em todas as alternativas, está presente a relação de ideias identificada entre parênteses, **EXCETO** em
a) As palavras foram duras mas o tom era ameno, cúmplice. (oposição)
b) Levando minhas setters à (...) praia (...), encontrei um grupo de cidadãos em volta de uma coisa. (temporalidade)
c) Não fui eu quem viu o grupo: foi o grupo que me viu. (comparação)
d) Objeto na certa infectado, trazendo na ponta de sua agulha o vírus da Aids que algum viciado ali deixara para contaminar inocentes e culpados. (finalidade)

45 Em todas as alternativas, a palavra destacada está corretamente interpretada, **EXCETO** em
a) Em voz baixa, conspiratória, um dos cidadãos me comunicou que ali na arrebentação (...) havia uma camisinha.
(que = um dos cidadãos)
b) Não me lembro da reação que tive, é possível que tenha levado as meninas para outro canto...
(que = a reação)
c) Não, não era aquele monstro marinho que Fellini colocou no final de um de seus filmes.
(que = aquele monstro marinho)
d) O motivo daquela expressão de cidadania era uma seringa que as águas despejaram na areia.
(que = uma seringa)

A cara do médico não é boa, mas a cara dos médicos, do outro lado da mesa, é sempre enigmática, faz parte da consulta, da profissão e dos honorários: o jeito é o paciente ficar paciente e aguardar os exames. Mas até os exames há os hieróglifos que ele procura decifrar. Há nomes com raízes gregas e desinências latinas, ele não entende nada, sabe apenas que um pedaço de sua carne será retirado e irá para as provetas, os reagentes, o diabo. Por falar no diabo, passa pela igreja e tem vontade de entrar, acender velas, pedir qualquer coisa. Mas pedir o quê, exatamente? Mesmo assim entra na igreja. Está escura, vazia, somente uma velha, lá na frente, deve estar pedindo também alguma coisa. Pelo jeito, ela deve saber o que está pedindo - o que não é o caso dele.

E vem de volta a cara do médico: "Se tudo correr bem, podemos salvar a vista. Sejamos otimistas, o senhor ficará bom!" Ali na igreja a frase é uma espécie de oração às avessas. O que significa "ficar bom"? Significa ser como antes, e ele nunca fora bom. Olhar as coisas, o mar, as crianças, a noite, a velha lá na frente.

Sim, o senhor ficará bom, mas pode haver raízes gregas e declinações latinas e tudo ficará complicado. Não importa, agora. Está numa igreja onde se adora um Deus em que ele não acredita. Mas precisa acreditar, ao menos no laboratório. Novamente na rua, confere o endereço, entra em números errados, toma elevadores equivocados, desce em andares estranhos. Até que vê a porta de vidro com o nome gravado em azul: "análises clínicas". É ali. A enfermeira começa a preparar as pinças, as placas de vidro. Em breve, uma gota de seu sangue será uma pitanga muito vermelha pousada numa delas. A solução - não a salvação de todos os enigmas. Brevemente, o mundo acabará para seus olhos. E as mulheres, as crianças, o mar, os livros que gostaria de ler - tudo será a mancha tão escura e estranha como a velha que rezava na igreja.

Pela janela, vê o ônibus fazendo a curva na praça. Tem um pensamento idiota: será essa a última imagem que ficará em seus olhos? De que adiantou ter visto a fachada de Santa Maria dei Fiori, as mulheres que amou? De que adiantou...? O pagamento é adiantado. Seu nome no cheque o surpreende: não é mais ele.

(Carlos Heitor Cony. Folha de São Paulo, p. 1-2, 28.01.1994)

46 Todas as alternativas apresentam passagens que mostram a perturbação em que se encontra o protagonista, **EXCETO**

a) Em breve, uma gota de seu sangue será uma pitanga muito vermelha pousada numa delas.

b) ... entra em números errados, toma elevadores equivocados, desce em andares estranhos.

c) Pelo jeito, ela deve saber o que está pedindo: o que não é o caso dele.

d) ... tem vontade de entrar, acender velas, pedir qualquer coisa. Mas pedir o quê, exatamente?

47 Em todas as passagens, o autor joga com o duplo sentido de palavras, **EXCETO** em

a) A cara do médico não é boa, mas a cara dos médicos, do outro lado da mesa, é sempre enigmática...

b) De que adiantou ter visto a fachada de Santa Maria dei Fiori (...)? De que adiantou...? O pagamento é adiantado.

c) O jeito é o paciente ficar paciente e aguardar os exames.

d) Sejamos otimistas, o senhor ficará bom. (...) O que significa "ficar bom"? Significa ser como antes e ele nunca fora bom.

48 Em todas as alternativas, está presente a relação de ideias identificada entre parênteses, **EXCETO** em

a) ... faz parte da consulta, da profissão e dos honorários: o jeito é o paciente ficar paciente... (conclusão)

b) Pelo jeito, ela deve saber o que está pedindo - o que não é o caso dele. (oposição)

c) Se tudo correr bem, podemos salvar a vista. (condição)

d) ... tudo será a mancha tão escura e estranha como a velha que rezava na igreja. (consequência)

49 Em todas as alternativas, o emprego das expressões ou termos destacados está corretamente identificado, **EXCETO** em

a) ... ele não entende nada, sabe **apenas** que um pedaço de sua carne será retirado... (limitação)

b) Está escura, vazia, somente uma velha, **lá** na frente, deve estar pedindo também alguma coisa. (localização)

c) Mas **até** os exames há os hieróglifos que ele

procura decifrar. (inclusão)

d) Mas pedir o quê, exatamente? **Mesmo assim** entra na igreja. (concessão)

50 Em todas as alternativas, a palavra destacada explicita a relação entre as ideias, mantendo o significado básico das passagens do texto, **EXCETO** em

a) ... a cara dos médicos, do outro lado da mesa, é sempre enigmática, portanto faz parte da consulta, da profissão e dos honorários...

b) ... a cara dos médicos (...) é sempre enigmática, faz parte da consulta, da profissão e dos honorários: o jeito é, então, o paciente ficar paciente...

c) O que significa "ficar bom"? Significa ser como antes, (...) mas ele nunca fora bom.

d) Seu nome no cheque o surpreende, entretanto não é mais ele.

GABARITO

1C	2C	3D	4D	5D
6A	7B	8B	9D	10C
11B	12A	13C	14B	15D
16C	17B	18B	19B	20D
21B	22C	23D	24C	25A
26B	27A	28C	29B	30D
31B	32D	33A	34A	35C
36C	37C	38C	39D	40D
41D	42D	43D	44C	45A
46A	47A	48D	49C	50D

QUESTÕES DO CESPE

Medir a desigualdade de uma troca desigual e avaliar até que ponto ela é determinante na forma como afeta as condições de vida e as trajetórias das pessoas ou dos grupos envolvidos não é tarefa fácil, sobretudo porque as relações de poder não ocorrem isoladas, mas em cadeias, em sequências ou em constelações. Em determinada situação de exercício de poder, pode dar-se uma convergência entre elos da cadeia de desigualdade tão diversos como raça, sexo, classe, idade, nacionalidade, recursos educativos etc., e, embora a situação seja quase sempre organizada e enquadrada discursivamente pelo elo mais próximo ou por aquele que funciona no modo de alta tensão, o elo mais próximo pode não ser necessariamente o mais desigual ou o mais determinante no conjunto de desigualdades que constituem as trajetórias de vida e as oportunidades de uma dada pessoa ou de um grupo social. Pela mesma razão, aquilo que interacionalmente surge em determinação externa de uma dada relação de poder é quase sempre uma manifestação da mesma constelação de poder em um de seus elos anteriores e mais remotos. É por isso que as pessoas frequentemente aceitam como sendo troca igual aquilo que, de fato, é uma troca desigual. É evidente que a máscara de igualdade que o poder assume é uma ilusão, mas, por ser necessária como ilusão, tem o seu "quê" de verdade.

(Boaventura de Souza Santos. A crítica da razão indolente. São Paulo: Cortez, 2007, p. 267 - com adaptações)

ATENÇÃO: Julgue os itens de **1** a **6**, a respeito da organização das estruturas linguísticas no desenvolvimento do texto acima.

1 O uso do singular em "não é tarefa fácil" (L.4-5) ressalta a ideia de que aquilo que poderia ser considerado duas tarefas isoladas, "Medir" (L.1) e "avaliar" (L.2), caso se optasse pelo uso da flexão de plural, não são tarefas fáceis, constitui, na verdade, uma integração de tarefas ou uma tarefa em duas partes.

2 A preposição em "pelo elo" (L.14) é exigida pelo termo "organizada" (L.13); e a preposição

em "por aquele" (L.15) é exigida por "enquadrada" (L.13); o que mostra o paralelismo que se estabelece entre as ideias de organizar e "Medir" (L.1), por um lado, e enquadrar e "avaliar" (L.2), por outro.

3 Pela organização dos argumentos e das estruturas sintáticas, subentende-se, no desenvolvimento das ideias do texto, que a inserção do termo **do que outros** depois de "desigual" (L.17) ou de "determinante" (L.18) preservaria a coerência e a correção gramatical do texto.

4 No contexto da argumentação desenvolvida, a palavra "trajetórias" (L.19) admite, sem prejuízo para a correção gramatical nem para a coerência textual, ser substituída pela palavra **escolhas**.

5 O trecho "as trajetórias de vida e as oportunidades de uma dada pessoa ou de um grupo social" (L.19-21) admite ser considerado complemento da forma verbal "constituem" (L.19).

6 O conector "por isso" (L.26) explicita uma relação lógica entre duas ideias do texto: as pessoas aceitarem como igual uma relação de desigualdade (efeito) e a máscara da igualdade ser uma ilusão (causa).

1 Em geral, o chamado 'multiculturalismo'
2 apoia-se em um vago e benevolente apelo à
3 tolerância e ao respeito para com a diversi-
4 dade e a diferença (...) Parece difícil que uma
5 perspectiva que se limita a proclamar a exis-
6 tência da diversidade possa servir de base para
7 uma pedagogia que coloque no seu centro a
8 crítica política da identidade e da diferença.
9 Na perspectiva da diversidade, a diferença e
10 a identidade tendem a ser neutralizadas, cris-
11 talizadas, essencializadas. São tomadas como
12 dados ou fatos da vida social diante dos quais
13 se deve tomar posição. Em geral a posição so-
14 cialmente aceita e recomendada é de respeito
15 e tolerância para com a diversidade e a dife-
16 rença. Mas será que as questões da identidade
17 e da diferença se esgotam nessa posição libe-
18 ral?"

(Tomaz Tadeu da Silva. Identidade e diferença. Petrópolis, RJ. Vozes, 2000. P. 73 - com adaptação)

ATENÇÃO: A partir da organização do texto acima, julgue os itens de **7** a **11**.

7 O desenvolvimento das ideias no texto faz subentender uma relação explicativa entre o segundo e o terceiro períodos sintáticos, situados entre as linhas 4 e 12; por isso, ligá-los pela conjunção **porque**, fazendo-se os necessários ajustes na pontuação e nas letras maiúsculas, preservaria a correção e a coerência textual.

8 No desenvolvimento das ideias do texto, o uso da forma verbal de indicativo "limita" (L.5) representa uma opção pela ideia de declaração, em contraste com a ideia de hipótese, que seria corretamente expressa pelo uso do modo subjuntivo: limite.

9 Para manter o respeito ao padrão culto da língua portuguesa e preservar a correção gramatical do texto e a coerência entre os argumentos, deve-se evitar o neologismo "essencializadas" (L.11), substituindo-o por essenciais.

10 O uso da voz passiva nas duas orações do mesmo período, "São tomadas" (L.11) e "se deve tomar posição" (L.13), deixa subentender, como agente das duas ações, o "multiculturalismo" (L.1).

11 Por finalizar a argumentação do parágrafo, a pergunta retórica, que não exige resposta, pois serve apenas de orientação para a organização e aceitação dos argumentos, admite a substitui-

ção do ponto de interrogação que a encerra, na linha 18, pelo sinal de ponto, sem prejudicar a correção nem a coerência da argumentação.

1 Os indivíduos, evidentemente, não exis-
2 tem à margem da sociedade. O próprio Ro-
3 binson Crusoé, antes de sobreviver isolado
4 na sua ilha, precisou formar-se no convívio
5 organizado com outras pessoas: teve de se
6 socializar, aprendendo uma série de coisas
7 imprescindíveis à sua capacidade de subsis-
8 tir, sozinho. O indivíduo, então, como dizia
9 Marx, é o ser social; ele é tão intrinsecamen-
10 te social que somente ao longo de sua his-
11 tória em sociedade é que o homem, depois
12 de muitos séculos, chegou a se individuali-
13 zar (já que, nas comunidades mais primiti-
14 vas, os indivíduos não contavam e existiam
15 exclusivamente em função da coletividade a
16 que pertenciam). Essa compreensão que os
17 indivíduos estão adquirindo cada vez mais
18 concretamente do seu valor intrínseco não
19 enfraquece o reconhecimento da necessida-
20 de de se associarem, mas cria importantes
21 exigências, novas, quanto ao caráter das as-
22 sociações.

Leandro Konder. O que é dialética. São Paulo: Brasiliense, 1982, p. 79-80 (com adaptações).

ATENÇÃO: No que se refere ao uso das estruturas linguísticas na organização das ideias no texto acima, julgue os itens de **12** a **17**.

12 O sinal indicativo de crase em "à margem" (L.2) indica que o sentido com que está empregado o verbo **existir** exige a preposição **a** na sua complementação.

13 A relação entre a citação de que o "indivíduo, (...), é o ser social" (L.8-9) e as ideias do texto mostram que, de forma resumida, a argumentação trata da relação entre homem e sociedade, destacando os processos de individualização e de socialização ao longo da história.

14 O fato de que "os indivíduos não contavam" (L.14) nas sociedades primitivas configura a razão pela qual a humanidade vivia em função da coletividade.

15 Preservam-se a coerência e a correção gramatical do período ao se trocar de lugar os termos nas linhas de 16 a 17, iniciando-se o período sintático: Os indivíduos estão adquirindo essa compreensão cada vez mais concretamente do seu valor intrínseco (...).

16 O desenvolvimento dos argumentos permite a inserção da preposição **de** antes do trecho "que os indivíduos estão adquirindo" (L.16), sem se prejudicar a coerência nem a correção gramatical do texto.

17 O uso de duas vírgulas demarcando o adjetivo "novas" (L.21), gramaticalmente opcional, sugere ênfase à qualidade da ideia expressa em **importantes exigências**.

1 Os primeiros anos do século XIX assis-
2 tiram à consumação de um processo inicia-
3 do dois séculos antes, de reestruturação das
4 instituições políticas a partir do conceito,
5 cada vez mais central, de cidadania. Nesse
6 processo, toda a concepção de mundo que
7 legitimava a velha ordem, fundada na subor-
8 dinação dos indivíduos e seus interesses ao
9 conjunto da sociedade, na desigualdade e na
10 hierarquia, foi sendo substituída pela visão
11 individualista, pela ideia fundamental de os
12 indivíduos serem livres e iguais em direitos.
13 Concomitantemente, a ideia de a ordem
14 social ser dada, preexistindo aos seus inte-
15 grantes, destituídos de poder sobre seus fun-
16 damentos, foi sendo substituída pela imagem
17 do contrato social. A sociedade surge por

18 decisão consciente dos contratantes, inte-
19 ressados em escapar dos inconvenientes do
20 isolamento.

(Roberto Freire, Vilma Figueiredo e Caetano E. P. de Araújo. Contemporâneos do futuro. Brasília: EdUnB, 1997, p. 50 - com adaptações).

ATENÇÃO: A partir da organização das do texto acima, itens de **18** a **25**.

18 Representa uma reescrita gramaticalmente correta do primeiro período sintático do texto o seguinte: No início do século XIX, as pessoas participaram do processo de reestruturação das instituições políticas, que tinha como foco a noção de cidadania

19 Para que o texto utilize linguagem mais clara e adequada ao tipo argumentativo, deve ser explicitado o sujeito da estrutura sintático-semântica da primeira oração, inserindo, por exemplo, **as pessoas** antes de "assistiram" (L.1).

20 Na linha 7, a inserção da preposição **de** antes de "seus interesses" preservaria a correção gramatical e a coerência do texto, além de ressaltar que se trata de elemento coordenado com "dos indivíduos" e não com "subordinação".

21 No desenvolvimento da argumentação, a ideia de "velha ordem" (L.7) opõe-se a "visão individualista" (L.10-11).

22 A retirada do gerúndio em "foi sendo" (L.10) preservaria a correção gramatical do texto, mas deixaria de ressaltar a ideia de processo gradativo da ação e enfraqueceria a relação entre os argumentos.

23 Na linha 11, não se usa a contração da preposição "de" com o artigo, formando dos, porque o termo "os indivíduos" tem a função de sujeito sintático.

24 Preservam-se a correção gramatical e a coerência textual, na linha 12, ao se usar o infinitivo não flexionado em lugar de "serem", já que a estrutura sintática deixa clara a referência a "indivíduos".

25 O uso do termo "Concomitantemente" (L.13) ressalta a ideia de que a "imagem do contrato social" (L.16-17) deve ser considerada equivalente a "visão individualista" (L.10-11), no que se refere ao valor semântico e argumentativo das duas expressões no texto.

1 Os grandes centros urbanos sempre foram
2 considerados os maiores vilões das relações
3 interpessoais. Mas agora há uma corrente de
4 pensadores que sustenta o oposto. Liderados
5 pelo psicólogo norte-americano John Cacio-
6 ppo, um grupo de acadêmicos tem defendi-
7 do que metrópoles do porte de Nova Iorque,
8 Tóquio e São Paulo não contribuem para o
9 distanciamento de seus moradores. Pelo con-
10 trário, estimulam a vida em sociedade graças à
11 sua efervescência. Segundo Cacioppo, assim
12 como a fome, a solidão é um tipo de alarme,
13 que soa sempre que a coesão do grupo se tor-
14 na necessária. "Nossos ancestrais reuniam-se
15 para se defender de ataques de predadores",
16 diz o pesquisador. "Hoje, nos estressamos
17 por razões diferentes e precisamos dos ou-
18 tros por motivos distintos, como para orga-
19 nizar nossa rotina, para prosperar ou mesmo
20 sobreviver". Viver só não significa estar con-
21 denado à solidão. O saudável é equilibrar os
22 momentos de isolamento e reclusão com os
23 de interação com a família e amigos. Assim,
24 é possível ser feliz sozinho.

Istoé. 28/10/2009 (com adaptações).

ATENÇÃO: Julgue os itens de **26** a **31**, a respeito da organização das estruturas linguísticas do texto acima.

26 A argumentação desenvolvida no texto mostra, resumidamente, como os grandes centros urbanos, antes considerados "vilões das relações interpessoais" (L.2-3), contribuem para minimizar a sensação de solidão nas grandes metrópoles.

27 Seriam mantidas a correção gramatical e a coerência textual se, em lugar da flexão de plural em "Liderados" (L.4), fosse usada a flexão de singular.

28 Por meio do conectivo "assim como" (L.11), o texto estabelece uma comparação entre a vida efervescente em sociedade e os estados de fome e solidão.

29 O desenvolvimento das ideias do texto permite que se considere o termo "sua efervescência" (L.11) de maneira generalizada; nesse caso, a ausência do sinal indicativo de crase em "à" (L.10) preservaria a coerência e a correção gramatical do texto.

30 Apesar de seu caráter predominantemente argumentativo, o texto apresenta trechos descritivos na reprodução das falas de Cacioppo, nas linhas 14-15 e 16-20.

31 Na linha 20, o deslocamento de "só" para depois de "significa" preservaria a correção gramatical do texto e a coerência entre as ideias, apesar de deslocar a ênfase para "estar condenado" (L.20).

1 A luta pela recuperação do ser huma-
2 no como sujeito pressupõe uma diferença
3 entre os conceitos de "ser humano" e "su-
4 jeito". Se não estabelecemos claramente
5 essa diferença, podemos cair no equívoco
6 de criticar a situação vigente com base na
7 ideia de que sistemas de dominação objeti-
8 vam o ser humano. Essa crítica pressupõe
9 a possibilidade de uma relação não objeti-
10 vante no interior de um sistema ou de uma
11 instituição. Ora, sistemas ou instituições
12 funcionam porque as pessoas que fazem
13 parte deles cumprem papéis sociais que são
14 esperados delas. Em outras palavras, não é
15 possível que instituições funcionem sem ne-
16 nhum processo de objetivação de seres hu-
17 manos, ou sem que a própria dinâmica do
18 sistema ou da instituição determine ou deli-
19 mite os papéis a serem vividos pelas pessoas
20 que fazem parte delas. O problema não con-
21 siste em determinação ou objetivação inevi-
22 táveis em todo o sistema, mas sim na redu-
23 ção do ser humano a determinados papéis.
24 Redução que nega outras potencialidades do
25 ser humano.

Jung Mo Sung. Para além do sistema. In: Educação e Psicologia. Editora Segmento, vol. 1, p. 56 (com adaptações).

ATENÇÃO: Julgue os itens de **32** a **38**, a respeito da organização das estruturas linguísticas do texto acima.

32 A conjunção "Se" (L.3) introduz uma condição — estabelecer claramente essa diferença — que evita uma crítica equivocada em torno de qual seja o objeto de trabalho dos sistemas de dominação.

33 Preservam-se a correção gramatical e a coerência entre as relações semânticas do texto ao se usar, em lugar do verbo "objetivam" (L.7), uma expressão que dê ênfase à oração: têm por objetivo.

34 Preservam-se as relações de sentido entre as ideias do texto com o uso da expressão **Ademais** em lugar de "Em outras palavras" (L.14).

35 O uso do modo verbal em "funcionem" (L.15) ressalta a ideia de possibilidade ou probabilidade, em oposição à de existência ou constatação, que seria corretamente expressa no texto pelo modo indicativo: instituições funcionam.

36 Preservam-se a coerência textual, a clareza de ideias e a correção gramatical ao se substituir o termo "delas" (L.20) por **deles**, uma vez que seu antecedente também pode ser "seres humanos" (L.14).

37 O uso da preposição **em**, nos termos "em determinação" (L.21) e "na redução" (L.22), é exigido pela acepção com que o verbo consistir está empregado no texto.

38 Preservam-se a correção gramatical e a coerência entre os argumentos, além de tornarem-se explícitas as relações de coesão entre os termos do texto, ao se inserir, na linha 24, o pronome **esta** depois de "Redução".

1 As relações sociais institucionalizadas
2 pela participação do homem nas diversas
3 comunidades da contemporaneidade não
4 degradam ou deformam a consciência in-
5 dividual, porém interagem e pressionam o
6 nível e o caráter da sua socialização, o que
7 conserva, para sua sobrevivência, o potencial
8 individual do eu dentro dos fatos, deveres,
9 direitos, níveis de conhecimento e da ética,
10 sempre em correspondência com as caracte-
11 rísticas das sociedades, em um processo de
12 interação estabelecido pelas condições con-
13 cretas de tempo, espaço, desenvolvimento
14 sociocultural e posturas políticas dos envol-
15 vidos nele.

(Juan F. S. Mederos. Essência, possibilidades e projeções da comunicação política na sociedade. In: Polifonia. Mato Grosso: FAPEMAT, n.o 11, 2005-2006, p. 92 - com adaptações).

ATENÇÃO: Julgue os itens de **39** a **43**, a respeito da organização do texto acima.

39 A argumentação desenvolvida no texto centra-se na ideia de que a identidade individual do homem encontra-se em constante interação com as identidades coletivas no seio da sociedade.

40. Depreende-se, a partir das ideias desenvolvidas no texto, que as "relações sociais institucionalizadas" (L.1) contribuem para a manutenção do *status* da individualidade, uma vez que são vitais para o indivíduo.

41 A preposição por, usada em "pela participação do homem" (L.1-2), tem a função de introduzir um agente para a institucionalização das "relações sociais" (L.1).

42 Por fazer parte de uma estrutura sintática negativa, a conjunção "ou", em "não degradam ou deformam" (L.3-4), equivale semanticamente a **nem**.

43 Nas relações de coesão textual, o vocábulo "nele" (L.15) retoma, como antecedente, "desenvolvimento" (L.13).

1 A relação que acontece entre valores e
2 avaliações necessita de um procedimento ge-
3 nealógico (avaliar um valor no próprio sur-
4 gimento) para que saibamos o que são tais
5 construções. O pressuposto válido é um só,
6 porque a vida não está centrada em nenhum
7 lugar além dos fenômenos entendidos como
8 aquilo que é aparente, ou melhor: como
9 aquilo que aparece. Portanto, um projeto
10 ético desponta de tudo isso e pretende fun-
11 dar-se em uma cosmologia que diz o seguin-
12 te: não há outra vida fora desta e, se existe
13 uma vida eterna, a mesma é a própria vida
14 terrena. Aquilo que seria "vir-a-ser" é trans-
15 formado imediatamente em "ser": o ser que
16 se é, que não indica outra coisa fora a vida
17 como vontade de poder (relações de forças).
18 Por esse olhar temos o ser no devir.

Filosofia contemporânea e a existência humana. In: Ciência e Vida, n.o 8, edição especial, ano II, p. 36 (com adaptações).

ATENÇÃO: Com base no texto acima, julgue os itens de **44** a **49**.

44 A argumentação do texto centra-se na ideia de que um projeto ético válido deve ter dois focos: a relação entre os "valores e avaliações" (L.1) e a pressuposição de que a vida está centrada em fenômenos pertencentes ao aqui e ao agora.

45 Os parênteses utilizados nas linhas 2 e 3 têm a função de inserir uma informação que explicita como "um procedimento genealógico" (L.2) deve ser compreendido; por isso, a sua substituição por dois travessões preservaria a correção e a coerência do texto.

46 Subentende-se, no desenvolvimento das ideias do texto, que a expressão "tais construções" (L.4-5) retoma dois antecedentes: "valores" e "avaliações", ambos na linha 1

47 Preserva-se o respeito à correção gramatical e à coerência entre os argumentos ao se utilizar o sinal de dois-pontos em lugar da vírgula depois de "só" (L.5).

48 No desenvolvimento do texto, os valores semânticos e argumentativos de "além" (L.7) e "fora" (L.16) estão tão estreitamente relacionados que a troca de posição entre as duas palavras preservaria tanto a coerência quanto a correção gramatical do texto, desde que "a vida" (L.15) fosse substituída por **da vida**.

49 A expressão "ou melhor" (L.8), seguida de dois-pontos, estabelece uma relação de significados entre "aquilo que é aparente" (L.8) e "aquilo que aparece" (L.9) que, no desenvolvimento da argumentação, torna as duas estruturas intercambiáveis.

50 Na organização das ideias de uma redação oficial, o redator deve fazer uso de marcar idiossincráticas para se expressar ao longo da produção.

GABARITO

1C	2E	3E	4C	5C
6E	7C	8C	9E	10E
11E	12E	13C	14E	15E
16E	17C	18C	19E	20.C
21C	22C	23C	24E	25E
26C	27C	28E	29C	30.E
31E	32C	33E	34E	35E
36E	37C	38C	39C	40.C
41C	42C	43E	44C	45C
46C	47E	48C	49C	50.E

QUESTÕES DO CETRO

ATENÇÃO: Leia o fragmento do texto "O perigo mora ao lado", publicado na revista *Rolling Stone*, número 16, de janeiro de 2008, para responder às questões de **1** a **4**

As minas terrestres são um flagelo no mundo todo. Em 2006 foram reportados acidentes em 68 países – e sete áreas não reconhecidas como nações independentes – em todos os continentes.

É impossível saber quais são os países com maiores campos minados, já que os exércitos e grupos armados não mantêm registros confiáveis. Angola, por sua extensão territorial e décadas de luta pela independência e guerra civil, certamente está entre os primeiros, junto ao Camboja e ao Afeganistão.

Os três países receberam em 2006 um total de US$ 165,3 milhões, destinados ao suporte para atividades antiminas – somente no Afeganistão, sete ONGs nacionais e diversas entidades internacionais

como *Halo Trust, Danish Demining Group* (DDG) e *Monitoring, Evaluation and Training Agency* (META) atuam na desminagem. Desde 1991, apenas dois anos depois de os mujahedins expulsarem os últimos soldados soviéticos, já foram doados mais de US$ 500 milhões para atividades antiminas no país, que possui uma das mais antigas missões da ONU com esse objetivo. Já o Camboja recebeu metade desses recursos nos últimos 16 anos, sendo que uma mina não é plantada no país desde meados dos anos 70.

Na América Latina, por outro lado, apenas três países apareceram na lista preparada pelo Landmine Monitor com os trinta maiores recebedores de recursos para ações antiminas em 2006: Nicarágua, com US$ 5,72 milhões; Colômbia, com US$ 4,33 milhões; e Chile, com US$ 2,33 milhões.

Com tão poucos recursos, um tenso conflito interno sem solução à vista e a informação de que uma mina não detonada fica ativa no solo por até 60 anos, sendo que os grupos armados que atuam na Colômbia usam esses artefatos explosivos mais intensamente há 17 anos, seria fácil prever há alguns anos que o país tomaria rapidamente a ponta do ranking mundial em vítimas de minas, com a possibilidade bastante real de ocupar esse posto por décadas.

01 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que, no primeiro parágrafo do texto, no

a) primeiro período, a palavra "flagelo" significa "problema".
b) segundo período, é proibido isolar a expressão "Em 2006" por vírgulas.
c) segundo período, os travessões isolam um aposto.
d) segundo período, os travessões podem ser trocados por vírgulas.
e) segundo período, a forma verbal "foram reportados" pode ser trocada por "reportou-se".

02 Assinale a alternativa em que a reescritura do trecho "É impossível saber quais são os países com maiores campos minados, já que os exércitos e grupos armados não mantêm registros confiáveis" preserva o sentido original do texto e está de acordo com a norma culta.

a) Exércitos e grupos armados não mantêm registros confiáveis, porque é impossível saber quais são os países com maiores campos minados.
b) Não se sabe quais são os países com maiores campos minados, ainda que os exércitos e grupos armados não mantenham registros confiáveis.
c) É impossível saber quais são os países com maiores campos minados, já que registros confiáveis não são mantidos pelos exércitos e grupos armados.
d) É impossível saber quais são os países com maiores campos minados, posto que os exércitos e grupos armados não mantenham registros confiáveis.
e) Exércitos e grupos armados não mantêm registros confiáveis, porquanto é impossível saber quais são os países com maiores campos minados.

03 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) no trecho "**somente** no Afeganistão, sete ONGs nacionais e diversas entidades internacionais (...) atuam na desminagem", do terceiro parágrafo, o termo destacado, por ser advérbio, pode ser deslocado para antes ou depois da vírgula, sem que ocorra prejuízo semântico.
b) o trecho "apenas dois anos depois de os mujahedins expulsarem os últimos soldados soviéticos", do terceiro parágrafo, pode, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico, ser reescrito da seguinte maneira: "apenas dois anos depois dos mujahedins expulsarem os últimos soldados soviéticos".

c) nos trechos "já foram doados mais de US$ 500 milhões para atividades antiminas no país" e "Já o Camboja recebeu metade desses recursos", ambos do terceiro parágrafo, as duas ocorrências da palavra sublinhada têm o mesmo valor semântico.

d) no trecho "já foram doados mais de US$ 500 milhões para atividades antiminas no país, que possui uma das mais antigas missões da ONU com esse objetivo", do terceiro parágrafo, a supressão da vírgula não comprometeria o sentido do texto.

e) no trecho "sendo que uma mina não é plantada no país desde meados dos anos 70", do último período do terceiro parágrafo, a expressão sublinhada não tem nenhum valor circunstancial e pode comprometer a compreensão do fragmento do texto.

04 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que, no trecho

a) "Na América Latina, **por outro lado**, apenas três países apareceram na lista", do quarto parágrafo, por meio da expressão destacada, enfatiza-se a diferença entre a situação vivida, no que diz respeito ao suporte para atividades antiminas, por Angola, Camboja e Afeganistão, de um lado, e Nicarágua, Colômbia e Chile, de outro.

b) "**Nicarágua**, com US$ 5,72 milhões; **Colômbia**, com US$ 4,33 milhões; e **Chile**, com US$ 2,33 milhões", do quarto parágrafo, os termos destacados são núcleos do sujeito cujo verbo está implícito.

c) "um tenso conflito interno sem solução à vista e a informação **de** que uma mina não detonada fica ativa no solo por até 60 anos", do último parágrafo, a palavra destacada deve ser suprimida.

d) "**sendo que** os grupos armados que atuam na Colômbia usam esses artefatos explosivos mais intensamente há 17 anos", do último parágrafo, a expressão destacada, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico, pode ser substituída por "porque".

e) "o país tomaria rapidamente a ponta do ranking mundial em vítimas de minas, com a possibilidade bastante real de **ocupar** esse posto por décadas", do último parágrafo, a forma verbal destacada poderia ter sido flexionada na terceira pessoa do plural – "ocuparem" –, concordando com o termo "vítimas de minas", sem que ocorresse prejuízo semântico ou erro gramatical.

ATENÇÃO: Leia o texto "Falta o mais óbvio", publicado no jornal *Folha de São Paulo*, de 09 de fevereiro de 2008, para responder às questões de **5** a **10**.

A exemplo do que ocorreu com o tratamento da Aids, o Brasil aparece como destaque positivo no mais recente relatório da Organização Mundial da Saúde (OMS) sobre o controle do fumo.

Das seis medidas preconizadas pela entidade para conter a epidemia – políticas de prevenção, leis que criem áreas livres de fumo, alertas sobre os males do cigarro, restrições à publicidade, disponibilidade de tratamentos de cessação do tabagismo e elevação dos impostos sobre produtos fumígenos –, o país cumpre quatro. Não é pouco. Nenhuma nação em desenvolvimento conseguiu ainda combinar todas as seis e, no plano mundial, apenas 5% da população estão protegidos por elas.

Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório por seu modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo e por oferecer na rede pública de saúde terapias de interrupção do tabagismo. Diante de tantos esforços – alguns dos quais custosos política e financeiramente – é incrível que o país ainda relute em adotar a mais óbvia das medidas, que é a elevação dos tributos incidentes sobre o cigarro, compensada por alívio fiscal em outros setores. Segundo a OMS, em países em desenvolvimento, um aumento de 10% nas taxas resulta em redução de 8% no consumo.

A alegação do governo para desdenhar da medida é que um aumento de impostos estimularia o

contrabando. O vínculo entre carga fiscal e tendência à fraude é inegável, mas isso não justifica o imobilismo. A Espanha, que também tinha um problema grave de contrabando, conseguiu reduzi-lo ao mesmo tempo em que elevou as taxas.

É o caso de aumentar a taxa e combater o contrabando pela via convencional, que é a polícia. O país só tem a ganhar se menos jovens se tornarem tabagistas.

05 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) o trecho "A exemplo do que ocorreu com o tratamento da Aids", do primeiro parágrafo, o termo sublinhado, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico, pode ser substituído por "Há exemplos do que ocorreu com o tratamento da Aids".

b) segundo as afirmações feitas no primeiro parágrafo, o Brasil merece destaque positivo no mais recente relatório da Organização Mundial da Saúde devido ao sucesso obtido pelo país no tratamento da Aids.

c) no trecho "Das seis medidas preconizadas pela entidade para conter a epidemia", do primeiro período do segundo parágrafo, o termo destacado pode ser substituído, sem que ocorra prejuízo semântico, por "criadas".

d) no trecho "Das seis medidas preconizadas pela entidade para conter a epidemia", do primeiro período do segundo parágrafo, o termo destacado pode ser substituído, sem que ocorra prejuízo semântico, por "afim de".

e) no trecho "elevação dos impostos sobre produtos fumígenos –, o país cumpre quatro", do primeiro período do segundo parágrafo, o travessão, seguido corretamente de uma vírgula, foi utilizado para isolar aposto.

06 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) no trecho "elevação dos impostos sobre produtos fumígenos –, o país cumpre quatro", do primeiro período do segundo parágrafo, a expressão sublinhada pode ser substituída, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico, por "produtos para fumantes".

b) no trecho "Nenhuma nação em desenvolvimento conseguiu ainda combinar todas as seis e, no plano mundial, apenas 5% da população estão protegidos por elas", do terceiro período do segundo parágrafo, é correto incluir uma vírgula antes da conjunção "e".

c) o trecho "apenas 5% da população estão protegidos por elas", do terceiro período do segundo parágrafo, deve obrigatoriamente ser reescrito da seguinte maneira, para evitar erro gramatical: "apenas 5% da população está protegido por elas".

d) o trecho "o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório por seu modelo de maços", do terceiro parágrafo, pode ser reescrito da seguinte maneira, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico: "o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório devido à seu modelo de maços".

e) os vocábulos "relatório", "moléstias", "pública" e "saúde", todos extraídos do terceiro parágrafo do texto, foram acentuados pelo mesmo motivo: todos eles são proparoxítonos reais ou proparoxítonos eventuais.

07 Na famosa obra *Comunicação em prosa moderna*, Othon M. Garcia afirma que "quaisquer elementos da frase – sejam orações sejam termos dela –, coordenados entre si devam, em princípio pelo menos, apresentar estrutura gramatical idêntica, pois não se podem coordenar frases que não comportem constituintes do mesmo tipo".

Assinale a alternativa em que a reescritura do terceiro parágrafo respeita a recomendação do

famoso estudioso.

a) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório não só por seu modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo, mas também por oferecer na rede pública de saúde terapias de interrupção do tabagismo.
b) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório não só por ter um modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo, mas também pelo oferecimento, na rede pública de saúde, de terapias de interrupção do tabagismo.
c) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório por seu modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo e pelo oferecimento, na rede pública de saúde, de terapias de interrupção do tabagismo.
d) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório por ter um modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo e pelo oferecimento na rede pública de saúde terapias de interrupção do tabagismo.
e) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório não apenas por seu modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo como também por oferecer na rede pública de saúde terapias de interrupção do tabagismo.

08 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) o trecho "Diante de tantos esforços – alguns dos quais custosos política e financeiramente", do quarto parágrafo, pode ser reescrito da seguinte maneira, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico: "Diante de tantos esforços – alguns dos quais, a custosa política, e financeiramente".
b) o trecho "é incrível que o país ainda relute em adotar a mais óbvia das medidas, que é a elevação dos tributos incidentes sobre o cigarro", do quarto parágrafo, pode ser reescrito da seguinte maneira, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico: "é incrível que o país ainda relute em adotar a mais óbvia das medidas: a elevação dos tributos incidentes sobre o cigarro".
c) o trecho "A alegação do governo para <u>desdenhar</u> da medida é...", do quinto parágrafo, deve ser obrigatoriamente reescrito da seguinte maneira, para evitar erro gramatical: "A alegação do governo para desdenhar a medida é...".
d) nos trechos "A alegação do governo para desdenhar da medida é <u>que</u>" e "A Espanha, <u>que</u> também tinha um problema grave de contrabando", ambos do quinto parágrafo, as duas ocorrências da palavra sublinhada cumprem a mesma função sintática e pertencem à mesma classe gramatical.
e) o trecho "O vínculo entre carga fiscal e tendência à fraude é inegável, mas isso não justifica o imobilismo", do quinto parágrafo, pode ser reescrito da seguinte maneira, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico: "Embora o vínculo entre carga fiscal e tendência à fraude seja inegável, o que não justifica o imobilismo".

09 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que, no trecho

a) "A Espanha, que também tinha um problema grave de contrabando, conseguiu reduzi-lo ao mesmo tempo em que elevou as taxas", do quinto parágrafo, as vírgulas, meramente enfáticas, podem ser suprimidas, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico.
b) "A alegação do governo para desdenhar <u>da medida</u> é que", do quinto parágrafo, o termo destacado refere-se ao termo "redução de 8% no consumo", do final do parágrafo anterior.
c) "um aumento de impostos <u>estimularia</u> o

contrabando", do quinto parágrafo, a forma verbal destacada está flexionada no futuro do pretérito do indicativo para expressar uma hipótese que, segundo o autor do texto, é verdadeira, o que se confirma com o trecho "O vínculo entre carga fiscal e tendência à fraude é inegável".

d) "O vínculo entre carga fiscal e tendência à fraude é inegável, mas isso não justifica o imobilismo", do quinto parágrafo, o pronome destacado refere-se apenas ao termo "tendência à fraude".

e) "isso não justifica o imobilismo. A Espanha, que também tinha um problema grave de contrabando, conseguiu reduzi-lo", do quinto parágrafo, o pronome destacado refere-se ao antecedente "imobilismo".

10 Levando em consideração as afirmações do texto, é **CORRETO** afirmar que

a) para o autor, o fato de o Brasil cumprir quatro das seis medidas preconizadas pela OMS para conter o tabagismo não é suficiente para que o país receba as menções elogiosas que foram feitas pela entidade de saúde.

b) a utilização dos termos "epidemia", "tratamentos", "moléstias" e "terapias", no segundo e no terceiro parágrafos, não permite a inferência de que, na perspectiva adotada pelo autor, o problema do tabagismo está diretamente associado à saúde.

c) segundo o autor, a elevação de 10% nos tributos incidentes sobre o cigarro é uma medida custosa em termos políticos e financeiros, mas resulta em redução de 8% no consumo desse produto.

d) segundo o autor, o fato de o aumento dos tributos incidentes sobre o cigarro estimular o contrabando é condição suficiente para que se adotem outras medidas preconizadas pela Organização Mundial da Saúde para conter a epidemia do tabagismo.

e) a proposta do autor para aprimorar o combate ao fumo no Brasil é a elevação dos impostos sobre produtos fumígenos associada ao combate ao contrabando pela via convencional.

ATENÇÃO: Leia o texto abaixo, um fragmento do livro *Verdade Tropical*, de Caetano Veloso, para responder às questões **11** e **12**.

Glauber Rocha, o jovem diretor baiano, tinha se tornado, a essa altura, um verdadeiro líder cultural. Depois de rodar *Barravento*, quando ainda morava na Bahia, ele impressionou diretores e críticos europeus com *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, filme cheio de uma selvagem beleza que nos excitou a todos com a possibilidade de um grande cinema nacional. Não se tratava de uma conquista de padrão de qualidade: essa tinha sido a meta da Vera Cruz, produtora criada pelo empresário paulista Franco Zampari, que construiu um estúdio bem estruturado onde se produziram, até metade dos anos 50, filmes de bom acabamento. Para dirigir o empreendimento, Zampari convidou Alberto Cavalcanti, o cineasta brasileiro que atuara com sucesso na Inglaterra e na França e voltava ao Brasil atendendo a esse convite da elite brasileira para instituir uma indústria cinematográfica de alto nível entre nós. Era uma tentativa de superar o estágio primitivo do cinema comercial brasileiro, representado pelas comédias carnavalescas cariocas conhecidas como "chanchadas", uma fórmula inaugurada com sucesso nos anos 30. O movimento do Cinema Novo, na primeira metade dos anos 60, opôs-se tanto ao academicismo das produções respeitáveis da Vera Cruz quanto ao primarismo das chanchadas. A vitória de prestígio do movimento sobre essas duas tendências não foi atingida sem dificuldade, e não se pode dizer que a desatenção – quase hostilidade – a produções como *O cangaceiro* (Vera Cruz) ou *O homem do Sputnik* (chanchada) não pareçam hoje francamente injustas.

11 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) no trecho "essa tinha sido a meta da Vera Cruz, produtora criada pelo empresário paulista Franco Zampari, que construiu um estúdio", os três termos destacados exercem a função sintática de sujeito.

b) no trecho "Franco Zampari, que construiu um estúdio bem estruturado onde se produziram, até metade dos anos 50, filmes de bom acabamento", o termo destacado pode ser trocado por "aonde".

c) o trecho "um estúdio bem estruturado onde se produziram, até metade dos anos 50, filmes de bom acabamento", o termo destacado não pode ser flexionado no singular.

d) as expressões "estúdio bem estruturado", "indústria cinematográfica de alto nível", "academismo" e "produções respeitáveis" referem-se, no texto, ao empreendimento de Franco Zampari, a produtora Vera Cruz, cujo trabalho serviu de referência para o alto padrão de qualidade alcançado e almejado por Glauber Rocha.

e) as expressões "estágio primitivo do cinema comercial brasileiro", "comédias carnavalescas cariocas", "prestígio do movimento" e "primarismo" referem-se, no texto, às chanchadas, fórmula cinematográfica de sucesso nos anos 30, cujo trabalho serviu de referência para o alto padrão de qualidade alcançado por Glauber Rocha.

Atenção: Leia o texto abaixo, o fragmento inicial do texto "Vida rumo canção e semiótica", do livro *Todos entoam*, de Luiz Tatit, para responder às questões de **13** a **16**.

Dois presentes de avô, um rádio de pilha aos dez anos e um violão aos doze, lançaram-me no mundo da canção e livraram-me em parte do tédio e dos temores da infância. Até então imaginava que a vida dividia-se em escola, que mais tarde desembocaria numa profissão, e futebol, que bem logo, segundo os adultos, cederia lugar a coisas mais importantes. Nada mais. O rádio foi para mim um contato direto com o sublime. Ouvia as canções e os cantores como se fossem personagens de uma história de fascínio em que todos disputavam o papel de sedutor-mor.

As paradas de sucessos, com suas indefectíveis classificações, confirmavam-me plenamente essa impressão. Nutria uma admiração imensa pelos intérpretes que arrebatavam os primeiros postos e até hoje não sei se venciam porque cantavam minhas canções preferidas ou se eu que acabava preferindo as canções vitoriosas. De todo modo, estava ali, dentro do rádio, um mistério que por essa época me bastava conservar. O desejo de decifrar viria bem depois.

12 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que, no trecho

a) inicial "Dois presentes de avô, um rádio de pilha aos dez anos e um violão aos doze, lançaram-me no mundo da canção e livraram-me em parte do tédio e dos temores da infância", é proibido isolar o termo destacado por vírgulas.

b) inicial "Dois presentes de avô, um rádio de pilha aos dez anos e um violão aos doze, lançaram-me no mundo da canção e livraram-me em parte do tédio e dos temores da infância", as duas ocorrências destacadas do pronome pessoal exercem a função sintática de objeto indireto.

c) "lançaram-me no mundo da canção e livraram-me em parte do tédio e dos temores da infância", as duas primeiras ocorrências destacadas da preposição "de" – contraídas, respectivamente, com os artigos "o" e "os" – são frutos da regência nominal de "parte"; a última, contraída com o artigo "a", é fruto da regência de "temores".

d) "Até então imaginava que a vida dividia-se em escola", do segundo período do texto, a forma verbal está flexionada na terceira pessoa do singular do pretérito imperfeito do indicativo, porque seu sujeito é oculto.

e) "Até então imaginava que a vida dividia-se em escola, que mais tarde desembocaria

numa profissão, e futebol, que bem logo, segundo os adultos, cederia lugar a coisas mais importantes", a supressão das três primeiras ocorrências da vírgula é proibida, para que se preserve o sentido proposto pelo autor do texto.

13 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) a oração "O rádio foi para mim um contato direto com o sublime" expressa o rompimento com "o tédio e os temores da infância", descritos no segundo período do texto.
b) no trecho "personagens de uma história de fascínio em que todos disputavam o papel de sedutor-mor", é recomendada a supressão da preposição destacada.
c) no trecho "personagens de uma história de fascínio em que todos disputavam o papel de sedutor-mor", é recomendada a troca da expressão destacada pelo pronome relativo "onde".
d) no trecho "As paradas de sucessos, com suas indefectíveis classificações, confirmavam-me plenamente essa impressão", a palavra destacada significa "incríveis".
e) no trecho "As paradas de sucessos, com suasindefectíveis classificações, confirmavam-me plenamente essa impressão", o termo destacado é objeto direto.

14 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que, no trecho

a) "Nutria uma admiração imensa pelos intérpretes que arrebatavam os primeiros postos", a forma verbal destacada está na terceira pessoa do singular para concordar com o antecedente "essa impressão".
b) "intérpretes que arrebatavam os primeiros postos e até hoje não sei se venciam porque cantavam minhas canções preferidas ou se eu que acabava preferindo as canções vitoriosas", os termos destacados são conjunções subordinativas condicionais.
c) "não sei se venciam porque cantavam minhas canções preferidas ou se eu que acabava preferindo as canções vitoriosas", o termo destacado pode ser suprimido, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico.
d) "Nutria uma admiração imensa pelos intérpretes que arrebatavam os primeiros postos e até hoje não sei se venciam", a conjunção destacada pode ser trocada, dispensando outras alterações, por "embora", sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico.
e) "até hoje não sei se venciam porque cantavam minhas canções preferidas ou se eu que acabava preferindo as canções vitoriosas", o fragmento destacado pode ser trocado, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico, por "conquanto cantassem".

15 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) para o autor do texto, as canções e os cantores eram autores de uma história de fascínio cujas personagens disputavam as paradas de sucessos, o que se confirmava definitivamente por meio das classificações das músicas.
b) as paradas de sucessos confirmavam ao autor do texto a impressão de que as canções e os cantores eram personagens de uma história de fascínio em que todos disputavam o papel de sedutor-mor.
c) segundo as afirmações do texto, as canções interpretadas pelos vencedores das paradas de sucessos eram as grandes premiadas exatamente porque eram as preferidas do autor do texto, o que permite a inferência de que já desde pequeno ele apresentava aptidão para a carreira de músico.
d) segundo as afirmações do texto, as canções prediletas do autor do texto eram as grandes premiadas exatamente porque ele acabava

sempre gostando mais das primeiras colocadas, o que permite a inferência de que as tendências apresentadas pela mídia influenciam no gosto dos ouvintes.

e) segundo o texto, a fuga ao tédio e aos temores da infância, características marcantes do autor do texto, sobretudo depois que ele ganhou o rádio do avô, determinou sua busca pela decifração das canções.

ATENÇÃO: Leia o pequeno conto abaixo, de Carlos Drummond de Andrade, extraído do livro *Contos Plausíveis*, para responder às questões de **17** a **20**.

Casos de baleias

A baleia telegrafou ao Superintendente da Pesca, queixando-se de que estava sendo caçada demais, e a continuar assim sua espécie desapareceria com prejuízo geral do meio ambiente e dos usuários.

O Superintendente, em ofício, respondeu à baleia que não podia fazer nada senão recomendar que de duas baleias uma fosse poupada, e esta ganhasse número de registro para identificar-se.

Em face dessa resolução, todas as baleias providenciaram registro, e o obtiveram pela maneira como se obtêm essas coisas, à margem dos regulamentos. O mar ficou coalhado de números, que rabeavam alegremente, e o esguicho dos cetáceos, formando verdadeiros festivais no alto oceano, dava ideia de imenso jardim explodindo em repuxos, dourados de sol, ou prateados de lua.

Um inspetor da Superintendência, intrigado com o fato de que ninguém mais conseguia caçar baleia, pôs-se a examinar os livros e verificou que havia infinidade de números repetidos. Cancelou-se o registro, e os funcionários responsáveis pela fraude, jogados ao mar, foram devorados pelas baleias, que passaram a ser caçadas indiscriminadamente. A recomendação internacional para suspender a caça por tempo indeterminado só alcançará duas baleias vivas, escondidas e fantasiadas de rochedo no litoral do Espírito Santo.

16 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) no trecho "A baleia telegrafou ao Superintendente da Pesca", do primeiro parágrafo, o verbo destacado é transitivo direto e indireto.

b) no trecho "queixando-se de que estava sendo caçada demais", do primeiro parágrafo, o verbo destacado é pronominal, mas o uso do pronome oblíquo não é obrigatório.

c) no trecho "queixando-se de que estava sendo caçada demais", do primeiro parágrafo, o uso da locução verbal destacada é inadequado.

d) a oração "a continuar assim", do primeiro parágrafo, expressa a circunstância de condição e poderia estar isolada entre vírgulas.

e) no trecho "O Superintendente, em ofício, respondeu à baleia que não podia fazer nada", do segundo parágrafo, os dois termos destacados não são frutos da regência do mesmo verbo.

17 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que o trecho "respondeu à baleia que não podia fazer nada senão recomendar que de duas baleias uma fosse poupada" pode ser reescrito da seguinte maneira, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico:

a) respondeu a baleia que não podia fazer nada, se não recomendasse que de duas baleias uma fosse poupada.

b) respondeu à baleia que não podia fazer nada a não ser recomendar que de duas baleias uma fosse poupada.

c) respondeu à baleia que não podia fazer nada se não recomendar que de duas baleias uma fosse poupada.

d) respondeu a baleia que não podia fazer nada, mas que recomendaria que de duas baleias uma fosse poupada.

e) respondeu à baleia que não podia fazer nada, com o senão de recomendar que de duas baleias uma fosse poupada.

18 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) no trecho "Em face dessa resolução, todas as baleias providenciaram registro, e o obtiveram pela maneira como se obtêm essas coisas, à margem dos regulamentos", do terceiro parágrafo, a forma verbal destacada está na terceira pessoa do plural porque seu sujeito é o termo "todas as baleias".

b) no trecho "Em face dessa resolução, todas as baleias providenciaram registro, e o obtiveram pela maneira como se obtêm essas coisas, à margem dos regulamentos", do terceiro parágrafo, a última ocorrência da vírgula não pode ser trocada por dois pontos, porque haverá alteração de sentido do texto original.

c) no trecho "o esguicho dos cetáceos, formando verdadeiros festivais no alto oceano, dava ideia de imenso jardim explodindo em repuxos, dourados de sol, ou prateados de lua", do terceiro parágrafo, a forma verbal destacada pode ser flexionada na terceira pessoa do plural, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico.

d) a atribuição de ações humanas a animais ("A baleia telegrafou ao Superintendente da Pesca"), a resposta fria do Superintendente da pesca e o subterfúgio "à margem dos regulamentos" utilizado pelas baleias podem ser considerados, no texto, elementos de humor e, ao mesmo tempo, de crítica à burocracia.

e) no trecho "Um inspetor da Superintendência, intrigado com o fato de que ninguém mais conseguia caçar baleia", do último parágrafo do texto, a palavra destacada pode ser suprimida, de acordo com as orientações da gramática tradicional, por ser meramente enfática, sobretudo quando a oração em que está inserida é reduzida de infinitivo.

19 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) no trecho "Um inspetor da Superintendência, intrigado com o fato de que ninguém mais conseguia caçar baleia, pôs-se a examinar os livros e verificou que havia infinidade de números repetidos", as regras que justificam a acentuação dos vocábulos destacados são, respectivamente, a do acento diferencial e a de acentuação de todos os paroxítonos terminados em o.

b) o trecho "pôs-se a examinar os livros e verificou que havia infinidade de números repetidos", do último parágrafo, pode ser reescrito da seguinte maneira, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico: "pôs-se a examinar os livros e verificou que haviam infinidades de números repetidos".

c) o trecho "Cancelou-se o registro, e os funcionários responsáveis pela fraude, jogados ao mar, foram devorados pelas baleias", do último parágrafo, pode ser reescrito da seguinte maneira, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico: "Cancelaram-se o registro e os funcionários responsáveis pela fraude, jogados ao mar, foram devorados pelas baleias".

d) no trecho "os funcionários responsáveis pela fraude, jogados ao mar, foram devorados pelas baleias, que passaram a ser caçadas indiscriminadamente", do último parágrafo, a palavra destacada significa "sem discriminação", "sem diferenciação".

e) o trecho "A recomendação internacional para suspender a caça por tempo indeterminado só alcançará duas baleias vivas", do último parágrafo, pode ser reescrito da seguinte maneira, sem que ocorra erro gramatical ou prejuízo semântico: "A recomendação internacional para suspender a caça por tempo indeterminado, alcançará, apenas, duas baleias vivas".

20 Assinale a alternativa em que todas as palavras estão acentuadas **CORRETAMENTE**.
a) abóbada – hífens – rúbrica - vaivém.
b) debenture – tênue – jóquei - armazéns.
c) avaro – fortuito – fluido – maquinaria.
d) colibri – gratuito – constroem - nú.
e) cairmos – arcaico – destroem - juri.

21 Em todas as palavras das alternativas abaixo, a letra "x" tem som sibilante sonoro, isto é, tem som de "z". Assinale a alternativa que contém uma palavra em que a letra "x" não tem o som de "z".
a) exagero – exercício - exortar.
b) exaltar – exército -inexaurível.
c) executar – exílio - inexistente.
d) exequível – êxito - excreção.
e) exercer – exorbitar - exonerar.

22 Assinale a alternativa em que todas as palavras estejam grafadas corretamente.
a) análise – assessoria – atraso – embelezar- lisonjeiro – vulgarizar – síntese.
b) abalisado – apaziguar – amortisar – dramatizar – prazeroso – suspicaz – paralisia.
c) caixote – debuxo – enxugar – taxativo – excitador – pecha – brocha – extrangeiro.
d) excessão – excesso – êxito – materializar – mobilisar – vultuoso – evazão.
e) êxito – racionalizar – sensibilisar – vultoso – gostosura – decizão – eutanázia.

23 Cada um dos itens abaixo contém trechos adaptados de textos publicados no jornal O Estado de São Paulo (http://www.estadao.com.br/economia/not_eco128264,0.htm) de 21 de fevereiro de 2008 Em todos eles, **EXCETO** em um, foi introduzido pelo menos um erro gramatical. Assinale a alternativa que respeita as regras da gramática normativa tradicional.
a) Pela primeira vez, o Brasil, em suas reservas internacionais, têm dinheiro suficiente para quitar toda a dívida externa - pública e privada. O cálculo é do Banco Central e consta de um relatório divulgado nesta quinta-feira, 21, pela instituição, ressaltando a evolução recente dos indicadores de sustentabilidade externa do País.
b) De acordo com o documento, a projeção do BC, indica que em janeiro as reservas internacionais superaram a dívida externa em US$ 4 bilhões. Isso não significa, contudo, que o País vá quitar sua dívida, tampouco a das empresas, mas esta condição melhora a credibilidade do Brasil no exterior. O resultado das contas externas de janeiro será divulgado na próxima semana.
c) No documento intitulado "Indicadores de Sustentabilidade Externa do Brasil, Evolução Recente", o BC lembra que a posição devedora do Brasil era de US$ 165,2 bilhões ao final de 2003 Ao longo dos últimos quatro anos, o fortalecimento das reservas internacionais e o programa de recompra da dívida externa e de antecipação de pagamentos resultaram na redução desse montante.
d) Apenas no ano passado, as reservas internacionais cresceram 110% e chegaram à US$ 180,3 bilhões no final de dezembro. Para o BC, as reservas apresentaram "evolução sem precedentes nos últimos anos". Na avaliação da autoridade monetária, "o principal fator responsável por essa ampliação foi o superávit no mercado cambial, que acumulou US$ 150,6 bilhões de 2003 a 2007".
e) No relatório, o BC avalia que a compra feita pela própria instituição no mercado cambial respeita a política de câmbio flutuante. "Ou seja, não adicionando volatilidade (oscilação) ao mercado e não definindo pisos nem tendências", cita o documento. As compras líquidas de dólar feitas pelo BC alcançou US$ 141,3 bilhões nos últimos cinco anos, dos quais 55,6% apenas em 2007

24 Assinale a alternativa em que a flexão, a concordância e a grafia das formas verbais estejam **CORRETAS**.

a) Se fazer todas as tarefas rapidamente, ao longo do ano letivo, não for sua prioridade, a dedicação de seus pais no pagamento das mensalidades não servirá para nada.

b) Parece que não houveram ocorrências relevantes ao longo de todo o mês passado. Quando os diretores revirem as estatísticas, saberão, portanto, observar esse progresso.

c) Se você vir o filme que estou comentando e ir àquelas regiões onde ele foi filmado, ficará encantada com o que eventualmente poder encontrar.

d) Não espero que deem atenção àquelas críticas irresponsáveis, porque eles tem condições de superar as adversidades e trazer muitas contribuições ao nosso empreendimento.

e) Quando, nos períodos mais confusos do ano, você compor a equipe de modo apressado, lê as orientações deixadas na intranet para que possa obter melhores resultados.

ATENÇÃO: Para responder às questões de **25** a **30**, leia o texto abaixo, escrito por José Sergio Gabrielli de Azevedo, Presidente da Petrobras; trata-se do texto de apresentação do *Código de Ética do Sistema Petrobras*, disponível no site oficial da Liquigás.

O Sistema Petrobras vem a público apresentar seu Código de Ética. A presente versão é resultado de uma ampla revisão, realizada num processo participativo e representativo, que envolveu empregados e empregadas das diversas Unidades do Sistema, em todas as regiões do País, em seminários de formação e em participações por meio eletrônico.

O objetivo deste Código de Ética é definir com clareza os princípios éticos que norteiam as ações do Sistema Petrobras e os compromissos de conduta do Sistema, tanto da parte institucional como da parte dos seus empregados e empregadas, explicitando o sentido ético de sua Missão, Visão e Plano Estratégico.

Expressando a busca de coerência entre o discurso e a prática, este Código de Ética apresenta-se também como um compromisso público do Sistema Petrobras de fazer valer estes princípios em práticas concretas cotidianas.

Assim sendo, o Sistema Petrobras posiciona-se ao lado das melhores práticas de empresas do setor no mercado internacional, que se empenham pelo desenvolvimento sustentável e comprometem-se em fazer dos empreendimentos econômicos iniciativas que também promovam o desenvolvimento ambiental, social, cultural e ético das sociedades. Este compromisso ético levou a Petrobras a conquistar, em setembro de 2006, o direito de compor o Índice Mundial Dow Jones de Sustentabilidade, usado como parâmetro para análise dos investidores sócio e ambientalmente responsáveis. Nesse mesmo sentido, pode ser considerado também uma continuidade da adesão que, em outubro de 2003, a Petrobras fez com relação aos Princípios do Pacto Global da ONU.

Estou certo de que a apresentação pública deste Código de Ética e seu cumprimento contribuirão para fortalecer uma nova cultura empresarial, voltada para o desenvolvimento sustentável, com responsabilidade social e ambiental, no Brasil e nos países onde o Sistema Petrobras atua.

25 Assinale a alternativa que contenha afirmações coerentes com as apresentadas no texto de José Sergio Gabrielli de Azevedo.

a) Dentre outros aspectos, o Código de Ética da Petrobras se destaca porque, desde sua primeira versão, foi formulado com a participação de seus colaboradores, por meio de um processo participativo e representativo.

b) Empresas como a Petrobras acreditam que práticas associadas ao desenvolvimento sustentável e iniciativas que promovem o desenvolvimento ambiental, social, cultural e ético das sociedades precedem os interesses meramente econômicos e a obtenção de lucros.

c) Por meio do Código de Ética do Sistema Petrobras, aspira-se à coerência entre discurso e prática; o documento é um compromisso público do Sistema Petrobras, por mais que

revele a vontade da corporação em fazer valer estes princípios em práticas concretas cotidianas.

d) O direito de compor o Índice Mundial Dow Jones de Sustentabilidade e a adesão da Petrobras, em outubro de 2003, aos Princípios do Pacto Global da ONU são indicadores claros de seu compromisso com valores como a responsabilidade social e ambiental.

e) A publicação da mais nova versão do Código de Ética do Sistema Petrobras faz que a empresa seja líder no que diz respeito às melhores práticas de empresas do setor no mercado internacional.

26 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) a oração "A presente versão é resultado de uma ampla revisão", do primeiro parágrafo, pode ser reescrita, preservando-se o sentido do texto original, sem que ocorra erro gramatical, da seguinte maneira: "A presente versão é resultado de ampla revisão".

b) no trecho "realizada num processo participativo e representativo, que envolveu empregados e empregadas das diversas Unidades do Sistema", do primeiro parágrafo, o pronome destacado refere-se ao aposto que o antecede.

c) no trecho "O objetivo deste Código de Ética é definir com clareza os princípios éticos", do segundo parágrafo, o termo sublinhado, segundo a gramática normativa, deveria ser substituído por "desse".

d) o trecho "definir com clareza os princípios éticos que norteiam as ações do Sistema Petrobras", do segundo parágrafo, pode ser reescrito, preservando se o sentido do texto original, sem que ocorra erro gramatical, da seguinte maneira: "definir com clareza os princípios éticos, que norteiam as ações do Sistema Petrobras".

e) o trecho "tanto da parte institucional como da parte dos seus empregados e empregadas", do segundo parágrafo, sofrerá alteração de sentido se for reescrito da seguinte maneira: "tanto da parte institucional como da parte de seus empregados e empregadas".

27 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) a oração "Expressando a busca de coerência entre o discurso e a prática", que abre o terceiro parágrafo, pode ser reescrita, preservando-se o sentido do texto original, sem que ocorra erro gramatical, da seguinte maneira: "Conquanto expresse a busca de coerência entre o discurso e a prática".

b) na oração "Expressando a busca de coerência entre o discurso e a prática", que abre o terceiro parágrafo, se a palavra destacada for substituída por "por", haverá intensificação da ideia de empenho ou esforço no ato de buscar.

c) no terceiro parágrafo, as palavras "coerência", "prática", "Código", "Ética", "também" e "princípios" foram acentuadas de acordo com a mesma regra.

d) a oração "fazer valer estes princípios em práticas concretas cotidianas", do terceiro parágrafo, não pode ser reescrita da seguinte maneira, de acordo com as regras da gramática normativa: "fazer estes princípios valerem em práticas concretas cotidianas".

e) se quisermos, na frase "fazer valer estes princípios em práticas concretas cotidianas", do terceiro parágrafo, substituir o termo destacado por pronome, utilizaremos, obrigatoriamente, um pronome pessoal do caso reto, já que o termo exerce a função de sujeito da segunda oração.

28 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) na oração "que se empenham pelo desenvolvimento sustentável e comprometem-se em

fazer dos empreendimentos econômicos", do quarto parágrafo, os verbos destacados são pronominais, mas a supressão dos pronomes não terá implicações semânticas.

b) na oração "que se empenham pelo desenvolvimento sustentável e comprometem-se em fazer dos empreendimentos econômicos", do quarto parágrafo, as formas verbais destacadas foram flexionadas no plural de acordo com o termo "melhores práticas", antecedente do pronome relativo "que".

c) o trecho "comprometem-se em fazer dos empreendimentos econômicos iniciativas que também promovam o desenvolvimento ambiental", do quarto parágrafo, pode ser reescrito, preservando-se o sentido do texto original, sem que ocorra erro gramatical, da seguinte maneira: "comprometem-se em fazer que os empreendimentos econômicos sejam iniciativas que também promovam o desenvolvimento ambiental".

d) o trecho "Este compromisso ético levou a Petrobras a conquistar, em setembro de 2006, o direito de compor o Índice Mundial *Dow Jones*", do quarto parágrafo, pode ser reescrito, preservando-se o sentido do texto original, sem que ocorra erro gramatical, da seguinte maneira: "Este compromisso ético levou a Petrobras a conquista, em setembro de 2006, do direito de compor o Índice Mundial *Dow Jones*".

e) nos trechos "promovam o desenvolvimento ambiental, social, cultural e ético das sociedades" e "parâmetro para análise dos investidores sócio e ambientalmente responsáveis", do quarto parágrafo, as palavras destacadas são adjetivos.

29 Levando em consideração o texto como um todo e as orientações da gramática normativa tradicional, a respeito do seguinte período, o último do quarto parágrafo: "Nesse mesmo sentido, pode ser considerado também uma continuidade da adesão que, em outubro de 2003, a Petrobras fez com relação aos Princípios do Pacto Global da ONU.", é **CORRETO** afirmar que

a) a locução verbal "pode ser considerado" deveria ter sido flexionada, de acordo com a coerência do texto, da seguinte maneira: "pode ser considerada".

b) a locução verbal "pode ser considerado" está flexionada de acordo com o antecedente "parâmetro para análise dos investidores sócio e ambientalmente responsáveis", do período anterior.

c) a locução verbal "pode ser considerado", que está na voz passiva analítica, pode ser flexionada, sem que ocorra erro gramatical, preservando-se o sentido do texto original, na voz passiva sintética: "pode considerar-se".

d) a expressão "Nesse mesmo sentido" alude ao "desenvolvimento ambiental, social, cultural e ético das sociedades", do primeiro período do quarto parágrafo.

e) o fragmento final "uma continuidade (...) Princípios do Pacto Global da ONU" pode ser reescrito, sem que ocorra erro gramatical, preservando-se o sentido do texto original, da seguinte maneira: "uma continuidade da adesão da Petrobras, em outubro de 2003, aos Princípios do Pacto Global da ONU".

30 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) no trecho "Estou certo de que a apresentação pública deste Código de Ética", do último parágrafo, a supressão da palavra destacada é recomendada pelos gramáticos, já que, sem essa preposição, não há mudança do sentido do texto.

b) no último parágrafo, a utilização da primeira pessoa do singular na primeira oração enfraquece a argumentação apresentada pelo autor, porque é proibido pela gramática o uso da primeira pessoa do singular em textos argumentativos.

c) no trecho "no Brasil e nos países onde o Sistema Petrobras atua", o pronome relativo destacado pode ser trocado, sem que ocorra erro gramatical, preservando-se o sentido do texto original, por "em que".
d) no trecho "Estou certo de que a apresentação pública deste Código de Ética e seu cumprimento" é possível, de acordo com a gramática normativa, incluir uma vírgula depois do termo destacado.
e) no trecho "Estou certo de que a apresentação pública deste Código de Ética e seu cumprimento contribuirão para fortalecer uma nova cultura" é possível, de acordo com a gramática normativa, incluir uma vírgula antes do termo destacado.

ATENÇÃO: Leia o texto abaixo, extraído do livro *A cabeça do brasileiro*, de Alberto Carlos Almeida, para responder às questões de **31** a **36**.

Existe destino e grande parte dele está nas mãos de Deus. Somente a família é confiável. Se o governo não faz a parte dele, então não há por que fazer a sua parte.

Essas frases expressam fatalismo, uma visão familista e falta de espírito público. Características que já foram identificadas por cientistas sociais como atributos marcantes nas sociedades mediterrâneas e ibéricas.

No caso do Brasil, apesar da mistura de raças, o país é, com certeza, uma invenção portuguesa. E, como tal, herdou o fatalismo religioso de origem católica, a noção de importância da família nas relações sociais e a ideia de que o espaço público não é de ninguém. Essas concepções também povoam nossas interpretações sobre a sociedade.

Há grande contraste com a matriz social anglo-saxã de origem protestante. A predestinação calvinista fez com que povos como o norte-americano agissem no mundo por meio do trabalho. Nos países anglo-saxões, o indivíduo tudo pode, principalmente quando em associação com outros indivíduos. Sua extrema mobilidade geográfica só é possível porque os laços familiares, quando comparados a outras relações de confiança, não são demasiado fortes. Nesses países, a palavra community tem um significado bem diferente da nossa "comunidade", muitas vezes eufemismo para favela ou área de moradias populares. Community, para os anglo-saxões, é um espaço sobre o qual todos têm responsabilidade.

Tais noções, que podem ser atribuídas ao molde religioso – católico versus protestante –, podem também ser associadas ao esforço educacional. Nesse sentido, os anglo-saxões empreenderam uma das maiores mobilizações sócio-religiosas de que se tem notícia. Segundo versões massificadas da teologia protestante, a ignorância é obra do demônio, é prima-irmã de Satanás.

Em sociedades pouco escolarizadas, ao contrário, é onde se encontram mais frequentemente fatalistas avessos à noção republicana de espaço público. É o que acontece no Brasil, onde essa é a visão dominante entre a população: simplesmente 1/3 dos adultos acredita que Deus decide o destino dos homens, sem espaço para a mão humana.

Esse contingente, somado aos 28% que acham que, apesar do destino estar nas mãos de Deus, o homem tem uma pequena capacidade de modificá-lo, resulta que 60% da população acreditam que grande parte do que acontece com os homens está fora de seu controle. No extremo oposto, apenas 14% da população adulta brasileira acreditam que não há nenhum desígnio além da capacidade humana de definir sua própria vida.

(ALMEIDA, Alberto Carlos. A cabeça do brasileiro. Rio de Janeiro: Record, 2007)

31 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que
a) no período "Existe destino e grande parte dele está nas mãos de Deus", do primeiro parágrafo, é proibida a utilização de uma vírgula depois do termo "destino".
b) no período "Se o governo não faz a parte dele, então não há por que fazer a sua parte", do primeiro parágrafo, a palavra sublinhada

não pode ser trocada por "já que", porque, com essa substituição, perder-se-ia o sentido do texto original.

c) as afirmações dos três períodos do primeiro parágrafo expressam o ponto de vista defendido pelo autor ao longo de todo o fragmento de texto.

d) o último período do primeiro parágrafo, sem que se altere o sentido do texto original e sem que ocorra erro gramatical, pode ser reescrito da seguinte maneira: "Tratam-se de características que já foram identificadas...".

e) o último período do primeiro parágrafo, sem que se altere o sentido do texto original e sem que ocorra erro gramatical, pode ser reescrito da seguinte maneira: "Cientistas sociais já identificaram essas características como atributos marcantes nas sociedades mediterrâneas e ibéricas".

32 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) o fragmento "No caso do Brasil, apesar da mistura de raças", do início do segundo parágrafo, pode ser reescrito, sem que ocorra erro gramatical, preservando-se o sentido do texto original, por: "No caso do Brasil, apesar de haverem raça misturadas".

b) segundo as afirmações apresentadas pelo autor no segundo parágrafo, no Brasil, ocorrem o fatalismo religioso católico, a visão familista e a falta de espírito público devido à herança portuguesa.

c) o fragmento "a ideia de que o espaço público não é de ninguém" pode ser reescrito, sem que ocorra erro gramatical, preservando-se o sentido do texto original, por: "a ideia do espaço público não ser de ninguém".

d) na oração "<u>Há grande contraste</u> com a matriz social anglo-saxã de origem protestante", do início do terceiro parágrafo, o termo sublinhado é sujeito, o que levou o verbo "haver" à terceira pessoa do singular.

e) na oração "A predestinação calvinista fez <u>com</u> que povos como o norte-americano agissem no mundo", do terceiro parágrafo, a palavra sublinhada não pode ser suprimida, sem que ocorra erro gramatical.

33 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) na oração "Nos países anglo-saxões, o <u>indivíduo</u> tudo pode", do terceiro parágrafo, devido à inversão dos termos da oração, deveria haver uma vírgula depois do termo destacado.

b) segundo o autor do texto, no terceiro parágrafo, os laços afetivos dos anglo-saxões são tão frágeis que, entre esses povos, a mobilidade geográfica é encarada como indício de falta de fatalismo.

c) uma inferência possível a partir das afirmações do terceiro parágrafo é a de que a diferença de significado entre *community* e comunidade é reveladora de diferenças culturais de brasileiros e povos anglo-saxões.

d) a expressão "Tais noções", do início do quarto parágrafo, refere-se ao fatalismo religioso católico, à visão familista e à falta de espírito público.

e) na oração "Tais noções, que podem ser atribuídas ao molde religioso – católico versus protestante –, podem também ser associadas", do quarto parágrafo, é incorreto o uso da vírgula após a segunda ocorrência do travessão.

34 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) a oração "Tais noções, que podem ser atribuídas ao molde religioso – católico *versus* protestante –, podem também ser associadas", do quarto parágrafo, pode ser reescrita, sem que ocorra erro gramatical, preservando-se o sentido do texto original, da seguinte maneira: "Essas noções que podem ser atribuídas

ao molde religioso – católico versus protestante – podem também ser associadas".

b) na oração "os anglo-saxões empreenderam uma das maiores mobilizações sócio-religiosas de que se tem notícia", do quarto parágrafo, a palavra destacada tem sido grafada, nos dicionários, da seguinte maneira: sociorreligiosas.

c) na oração "os anglo-saxões empreenderam uma das maiores mobilizações sócio-religiosas de que se tem notícia", do quarto parágrafo, a forma verbal destacada deveria ter sido flexionada no plural: "têm".

d) no fragmento "Em sociedades pouco escolarizadas, ao contrário, é onde se encontram mais frequentemente fatalistas avessos à noção republicana de espaço público", do quinto parágrafo, a supressão da expressão sublinhada, mesmo com o pronome "se" em posição enclítica, prejudicaria sensivelmente o sentido do texto original e resultaria em erro gramatical.

e) a oração "é onde se encontram mais frequentemente fatalistas avessos à noção republicana de espaço público", do quinto parágrafo, pode ser reescrita, sem que ocorra erro gramatical, preservando-se o sentido do texto original, da seguinte maneira: "é onde mais frequentemente são encontrados fatalistas avessos à noções republicanas de espaço público".

35 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) no trecho "É o que acontece no Brasil, onde essa é a visão dominante entre a população", do quinto parágrafo, as palavras sublinhadas tem a mesma função sintática e pertencem à mesma classe gramatical.

b) no trecho "simplesmente 1/3 dos adultos acredita que Deus decide o destino dos homens", do quinto parágrafo, o verbo destacado é transitivo indireto.

c) o início do primeiro período do sexto parágrafo pode ser redigido da seguinte maneira, preservando-se o sentido do texto original e respeitando as regras gramaticais: "A soma desse contingente aos 28% que acham que – apesar do destino estar nas mãos de Deus – o homem tem uma pequena capacidade de modificá-lo resulta que..."

d) o início do primeiro período do sexto parágrafo pode ser redigido da seguinte maneira, preservando-se o sentido do texto original e respeitando as regras gramaticais: "A soma desse contingente aos 28% que acham que – apesar de o destino estar nas mãos de Deus – o homem tem uma pequena capacidade de modificá-lo resulta que..."

e) nos trechos "60% da população acreditam" e "apenas 14% da população adulta brasileira acreditam", é proibida a flexão das formas verbais destacadas no singular.

36 A respeito do fragmento do texto de Alberto Carlos Almeida, é **CORRETO** afirmar que

a) o fatalismo, a visão familista e a falta de espírito público são características inerentes ao povo brasileiro que, apesar de gerarem alguns problemas, como a falta de responsabilidade de nossa população pelo espaço coletivo, não podem ser mudadas.

b) a matriz social anglo-saxã, de origem protestante, e a predestinação calvinista foram fundamentais para que os povos anglo-saxões, especialmente os norteamericanos, valorizassem o trabalho e rejeitassem os laços familiares, o que lhes deu mobilidade geográfica notável.

c) a comparação entre sociedades mediterrâneas e ibéricas, de um lado, e anglo-saxãs, de outro, revela que há a seguinte correlação entre valorização da educação e fatalismo: quanto maior a importância da educação na sociedade, menor será o número de indivíduos fatalistas.

d) a comparação entre sociedades mediterrâneas e ibéricas, de um lado, e anglo-saxãs, de outro, é fundamental para a compreensão do texto, cuja finalidade é persuadir o leitor de que é preciso fugir às raízes mediterrâneas e ibéricas para que o Brasil se modernize.
e) a função da comparação entre sociedades mediterrâneas e ibéricas, de um lado, e anglo-saxãs, de outro, é apenas valorizar traços culturais autenticamente brasileiros. Em outras palavras, o autor admira a matriz cultural nacional, apesar de ver nela algumas consequências nefastas.

37 Cada um dos itens abaixo contém trechos adaptados de textos publicados no site oficial da Liquigás. Em todos eles, exceto em um, foi introduzido pelo menos um erro gramatical. Assinale a alternativa que respeita as regras da gramática normativa tradicional.
a) O projeto Efluente Zero é uma das iniciativas estratégicas da Gerência Geral de Saúde, Meio Ambiente e Segurança (GGSMS), e tem, como finalidade eliminar o descarte no ambiente dos efluentes gerados nas atividades dos Centros Operativos da Liquigás.
b) A implantação de sistemas de tratamento capazes de gerar água com a qualidade requerida para reuso no próprio processo produtivo é o princípio desse projeto inovador, cuja importância para o meio ambiente é indiscutível.
c) O reaproveitamento da água tratada nos processos internos e a ausência de descarte no ambiente traz dois grandes benefícios no aspecto ambiental: contribui para a prevenção da poluição e para a redução da captação de água, preservando os recursos naturais.
d) A primeira fase do projeto consistiu da definição das diretrizes e da implantação de dois pilotos em Natal e Cascavel. Com a conclusão desses dois pilotos e a comprovação do bom funcionamento do sistema, GGSMS iniciou a elaboração de um projeto capaz de subsidiar à implantação nos demais Centros Operativos.
e) O projeto Efluente Zero, consolida a posição da Liquigás como uma empresa socialmente e ambientalmente responsável, agregando a preservação ambiental à melhoria da eficiência operacional da Companhia.

ATENÇÃO: Para responder às questões **38** e **39**, leia o primeiro parágrafo do romance *Budapeste*, de Chico Buarque.

Devia ser proibido debochar de quem se aventura em língua estrangeira. Certa manhã, ao deixar o metrô por engano numa estação azul igual à dela, com um nome semelhante à estação da casa dela, telefonei da rua e disse: aí estou chegando quase. Desconfiei na mesma hora que tinha falado besteira, porque a professora me pediu para repetir a sentença. Aí estou chegando quase... havia provavelmente algum problema com a palavra quase. Só que, em vez de apontar o erro, ela me fez repeti-lo, repeti-lo, repeti-lo, depois caiu numa gargalhada que me levou a bater o fone. Ao me ver à sua porta teve novo acesso, e quanto mais prendia o riso na boca, mais se sacudia de rir com o corpo inteiro. Disse enfim ter entendido que eu chegaria pouco a pouco, primeiro o nariz, depois uma orelha, depois um joelho, e a piada nem tinha essa graça toda. Tanto é verdade que Kriska ficou meio triste e, sem saber pedir desculpas, roçou com a ponta dos dedos meus lábios trêmulos. Hoje porém posso dizer que falo o húngaro com perfeição, ou quase. Quando de noite começo a murmurar sozinho, a suspeita de um ligeiríssimo sotaque aqui e ali muito me aflige. Nos ambientes que frequento, onde discorro em voz alta sobre temas nacionais, emprego verbos raros e corrijo pessoas cultas, um súbito acento estranho seria desastroso. Para tirar a cisma, só posso recorrer a Kriska, que tampouco é muito confiável; a fim de me segurar ali comendo em sua mão, como talvez deseje, sempre me negará a última migalha. Ainda assim, volta e meia lhe pergunto em segredo: perdi o sotaque? Tinhosa, ela responde: pouco a pouco,

primeiro o nariz, depois uma orelha... E morre de rir, depois se arrepende, passa as mãos no meu pescoço e por aí vai.

(BUARQUE, Chico. Budapeste. São Paulo: Companhia das Letras, 2003)

38 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é **CORRETO** afirmar que

a) nas orações "ao deixar o metrô por engano numa estação azul igual à dela, com um nome semelhante à estação da casa dela" e "porque a professora me pediu para repetir a sentença", os termos sublinhados não se referem à mesma personagem.

b) na oração "ao deixar o metrô por engano numa estação azul igual à dela", o uso do acento grave no termo destacado se deve à fusão de preposição regida por verbo com um artigo definido.

c) a leitura do texto permite inferir que a frase "aí estou chegando quase" foi proferida, durante conversa telefônica, pelo narrador e em língua portuguesa, o que causou estranheza à professora.

d) para a tradição gramatical, a regência do verbo "pedir", na frase "porque a professora me pediu para repetir a sentença" é viciosa.

e) nas duas ocorrências nas frases "a professora me pediu para repetir a sentença" e "Ao me ver à sua porta teve novo acesso", o pronome destacado exerce a mesma função sintática.

39 Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é correto afirmar que

a) na frase "Hoje **porém** posso dizer que falo o húngaro com perfeição", é proibido que a conjunção destacada seja isolada por vírgulas.

b) na frase "Nos ambientes **que** frequento", o pronome relativo destacado deveria ter sido antecedido pela preposição "em".

c) a frase "roçou com a ponta dos dedos meus lábios trêmulos" estará inadequada gramaticalmente e fugirá ao sentido do texto original, se for reescrita da seguinte maneira: "roçou-me os lábios trêmulos com a ponta dos dedos".

d) as frases "comendo em sua mão" e "sempre me negará a última migalha", podem ser entendidas, respectivamente, como "dependendo das lições dela" e "sempre me negará uma explicação definitiva".

e) no trecho "sempre **me** negará a última migalha. Ainda assim, volta e meia **lhe** pergunto", os pronomes destacados não exercem a mesma função sintática.

ATENÇÃO: Leia o texto com atenção e responda às questões **40** a **44**.

Vigiar e punir

Na França, como na maior parte dos países europeus – com a notável exceção da Inglaterra – todo o processo criminal, até à sentença, permanecia secreto: ou seja, opaco não só para o público, mas para o próprio acusado. O processo se desenrolava sem ele, ou pelo menos sem que ele pudesse conhecer a acusação, as imputações, os depoimentos, as provas. Na ordem da justiça criminal, o saber era privilégio absoluto da acusação. "O mais diligente e o mais secretamente que se puder fazer", dizia, a respeito da instrução, o edito de 1498 De acordo com a ordenação de 1670, que resumia, e em alguns pontos reforçava, a severidade da época precedente, era impossível ao acusado ter acesso às peças do processo, impossível conhecer a identidade dos denunciadores, impossível saber o sentido dos depoimentos antes de recusar as testemunhas, impossível fazer valer, até os últimos momentos do processo, os fatos justificativos, impossível ter um advogado, seja para verificar a regularidade do processo, seja para participar da defesa. Por seu lado, o magistrado tinha o direito de receber denúncias anônimas, de esconder ao acusado a natureza da causa, de interrogá-lo de

maneira capciosa, de usar insinuações. Ele constituía, sozinho e com pleno poder, uma verdade com a qual investia o acusado; e essa verdade, os juízes a recebiam pronta, sob a forma de peças e de relatórios escritos; para eles, esses documentos sozinhos comprovavam; só encontravam o acusado uma vez para interrogá-lo antes de dar a sentença. A forma secreta e escrita do processo confere com princípio de que em matéria criminal o estabelecimento da verdade era para o soberano e seus juízes um direito absoluto e um poder exclusivo. Ayrault supunha que esse procedimento (já estabelecido no que tange ao essencial no século XVI) tinha por origem o medo dos tumultos, das gritarias e aclamações que o povo normalmente faz, o medo de que houvesse desordem, violência e impetuosidade contra as partes, talvez até mesmo contra os juízes; o rei queria mostrar com isso que a "força soberana" de que se origina o direito de punir não pode em caso algum pertencer à "multidão".

Diante da justiça do soberano, todas as vozes devem se calar.

(Michel Foucault)

40 Michel Foucault, pensador e epistemólogo francês contemporâneo, nesse trecho de sua obra Vigiar e Punir, trata

a) do julgamento da consciência histórica da civilização.
b) do direito penal, na atualidade, obedecendo aos princípios do respeito à pessoa e liberdade humana.
c) da legislação penal utilizada no julgamento de acusados em passado remoto até a atualidade.
d) da análise da justiça criminal, do sistema judiciário e seus meios coercitivos de julgamento em séculos passados.
e) da preocupação das autoridades judiciárias no passado em considerar com polidez e senso humanitário os criminosos.

41 No período histórico abordado, o processo criminal era tratado secretamente. Isso queria dizer que

a) a Inglaterra não aderira a esse estilo de processo por ser secreto.
b) era direito dos advogados de defesa terem acesso às acusações.
c) a matéria criminal era um direito de exclusividade do soberano e dos juízes.
d) somente o soberano e os juízes poderiam fazer uso de seus poderes para mostrar ao povo o desenrolar dos processos criminais.
e) o acusado tinha seus direitos preservados porque sua privacidade não era exposta.

42 No último trecho, que diz "Diante da justiça do soberano, todas as vozes devem se calar.", entende-se que

a) o direito de punir pertencia ao soberano e não à "multidão".
b) Ayrault tinha medo de tumulto, inclusive do soberano contra ele.
c) imaginária / relativo ao tato.
d) a transparência da justiça adotada pelo soberano fazia com que houvesse respeito por sua pessoa.
e) o direito de punir pertencia tão somente aos juízes.

43 No trecho "O mais **diligente** e o mais secretamente que se puder fazer", dizia, a respeito da instrução, o **edito** de 1498", os termos destacados significam

a) rápido / jornal.
b) militar / revista.
c) processual / publicitário.
d) punitivo / estudioso.
e) zeloso / decreto.

44 No trecho "Na ordem da justiça criminal, o saber era privilégio absoluto da acusação", significa que

a) o acusado tinha direito de defesa.
b) o acusado tinha acesso às acusações e provas, entre outros.
c) a acusação tinha acesso à forma secreta do

processo.
d) a multidão praticava sabiamente a acusação.
e) a multidão, os juízes e o soberano podiam praticar acusações.

45 Assinale a alternativa em que todas as palavras estejam acentuadas **CORRETAMENTE** e que seguem a mesma regra de acentuação da palavra "saída".
a) saúde - raínha - egoísmo
b) moído - baú - Itaú
c) saída - reúne - próton
d) faísca - vôo - crê
e) elétron - juíz - ímã

46 Preencha as lacunas e assinale a alternativa correta: "_____ muitos dias que não chove. _____ muitas frutas no pomar."
a) Faz / Há
b) Faz / Haviam
c) Fazem / Havia
d) Fazem / Haviam
e) Fazem / Há

47 Identifique a alternativa que completa corretamente a frase quanto à regência verbal. "Sr. Vicente aspira _____ cargo de advogado. Para tanto, ele assiste _____ todas as audiências. Ele visa _____ promoção imediata.
a) o / a / à
b) ao / - / à
c) o / - / a
d) ao / a / à
e) o / a / a

48 Assinale a alternativa **CORRETA** quanto à concordância verbal.
a) Deu quatro horas.
b) É zero hora em Piracicaba.
c) O bando de moleques picharam a fachada da escola.
d) Mais de uma abelha picaram o rosto do garoto.
e) Vende-se vários imóveis.

49 Escolha a alternativa que preenche **respectivamente** os espaços da frase: "Ela _____ desistiu do projeto. Trouxe _____ as cópias de desistência."
a) mesma - inclusas
b) mesma - inclusa
c) mesma - incluso
d) mesmo - inclusas
e) mesmo - inclusa

50 Assinale a alternativa que apresenta o uso **CORRETO** do pronome.
a) Logo ao chegar, cumprimentou-lhe pela vitória.
b) Forçou a visão, mas não avistou-o mais.
c) Nunca lhe ocorrera uma sorte tão grande.
d) Me comunicaram a chegada do navio ontem.
e) Você venha logo, que te conto o que ocorreu.

GABARITO

1D	2C	3E	4A	5E
6B	7C	8B	9C	10E
11C	12E	13A	14C	15B
16D	17B	18D	19D	20C
21D	22A	23C	24A	25D
26A	27B	28C	29E	30C
31E	32B	33C	34B	35D
36C	37B	38D	39D	40D
41C	42A	43E	44C	45B
46A	47D	48B	49A	50C

QUESTÕES DA ESAF

ATENÇÃO: Considere o texto abaixo para responder às questões **1** e **2**.

Entrevistador - O que caracteriza o capitalismo brasileiro atual, que explica os rumos que ele vem tomando desde a crise financeira internacional em 2008?

Ladislau Dowbor – O capitalismo brasileiro des-

cobriu o mercado interno e a importância de responder às necessidades internas do país. O segundo eixo é que ele descobriu que nós não podemos explorar indefinidamente os recursos naturais sem prejudicar a sustentabilidade a médio e longo prazo. Essa tomada de consciência na área do grande capital, de que há necessidades da população insatisfeitas - e isso pode ser um problema, mas pode ser uma oportunidade em termos de expansão de fronteiras -, e a tomada de consciência da problemática ambiental são os principais eixos de mudança. É lógico do ponto de vista do capitalista individual pensar que o aumento do salário mínimo tornará a mão de obra mais cara. Só que, ao multiplicar em todas as empresas essa atitude, não teremos desenvolvimento do mercado interno e todo mundo entra em crise. Quando se pensa fora de uma unidade empresarial, entendemos que esse aumento do salário mínimo e dos direitos sociais gera capacidade de compra por parte dos trabalhadores. E essa capacidade de compra dinamiza o mercado. Todos vão poder produzir mais. É justamente esse o "casamento estranho" que as pessoas não imaginavam, de que ajudar a parte de baixo da sociedade também ajuda na parte de cima. Entendemos que temos que generalizar o bem-estar para toda a sociedade e não só para alguns. E isso tem que ser feito de maneira sustentável.

(Adaptado da entrevista de Ladislau Dowbor a IHU On-line. http://www. ihuonline.unisinos.br – acesso em 20 de outubro de 2010)

1 Provoca-se **ERRO** gramatical e, consequentemente, incoerência textual ao

a) tornar a ideia indeterminada pelo pronome se, escrevendo tornar-se-á, em lugar de "tornará" .
b) enfatizar as relações de coesão, inserindo **a** antes de "de que há".
c) manter a ideia de tempo, substituindo "ao multiplicar" por multiplicando.
d) incluir o leitor na argumentação, substituindo "se pensa" por pensamos.
e) substituir "tem que" por "tem de", escrevendo tem de ser feito.

2 A argumentação do texto se organiza como uma "tomada de consciência"(L.11) em torno de dois eixos; assinale a opção que caracteriza, **RESPECTIVAMENTE**, esses dois eixos.

	primeiro eixo	segundo eixo
a)	Descoberta de que o modelo capitalista atende às necessidades individuais e coletivas do país.	Descoberta de mecanismos econômicos que tornam possível explorar os vastos recursos naturais brasileiros.
b)	Utilização da lógica do ponto de vista individual e empresarial para controlar os salários e os direitos sociais.	Utilização da lógica do ponto de vista coletivo e social para aumentar os salários e o poder de compra dos trabalhadores.
c)	Reconhecimento de que o atual modelo dá importância apenas às necessidades internas do país individuais da população.	Reconhecimento de que a expansão de fronteiras cria necessidades para a população que o grande capital não satisfaz.
d)	Necessidade de o capital interno generalizar o bem estar tanto para as camadas de baixo como para a parte de cima da sociedade.	Necessidade de exploração consciente dos recursos naturais em prol da valorização do homem e não do capital.
e)	Dinamização do mercado por meio de revitalização do grande capital, valorizando a produção e o poder de compra das camadas de baixo da sociedade.	Dinamização do capital interno por meio da valorização do mercado e do setor de produção, para atender às necessidades da população de modo generalizado.

3 Analise os seguintes trechos transcritos e adaptados do Correio Braziliense, de 21 de outubro de 2010, quanto à correção gramatical.

I. Assim como ocorreu na *15ª Conferência das Partes sobre Mudanças Climáticas*, na Dinamarca a questão econômica

tornou-se o centro das discussões na *10ª Conferência das Partes sobre Diversidade Biológica*, no Japão. O estabelecimento de novas metas de preservação das espécies pode não seguir a diante devido a impasse que coloca em confronto entre os países em desenvolvimento – os donos de grandes reservas naturais – e as nações ricas.

II. O primeiro grupo, tendo o Brasil como líder, defende a adoção de compensações financeiras pagas pelos países industrializados devido ao uso da biodiversidade. Uma das tentativas de flexibilizar a posição dos países foi a divulgação do relatório *A Economia dos Ecossistemas de Biodiversidade*. O documento mostra que preservar o meio ambiente pode ser economicamente rentável.

III. De acordo com esse estudo, é preciso que os tomadores de decisão levem em conta o que será gasto no futuro por causa dos problemas ambientais, como a extinção de espécies e o aquecimento global. Isso pode redefinir os atuais padrões econômicos e iniciar uma nova era, na qual o valor dos serviços da natureza passa a ser visível e se torna uma parte crítica da tomada de decisões na política e nas empresas.

Na transcrição, manteve-se o respeito à correção gramatical e à coerência textual apenas em

a) I
b) I e II
c) II
d) II e III
e) III

4 Assinale a opção segundo a qual provoca-se **INCOERÊNCIA** entre os argumentos e/ou **INCORREÇÃO** gramatical ao fazer a alteração sugerida na pontuação do texto.

A institucionalização de alguns aspectos morais da sociedade é capaz de transformar completamente uma sociedade, é fato. Transformar certas atitudes e preceitos em hábitos nos leva ao passo contrário do questionamento e da capacidade de reinventar o cotidiano. Por aqui, potencializou-se no decorrer dos anos a necessidade de ostentação.

Patrimônio no Brasil se compreende como quantos carros, móveis e imóveis se possui. Pior, o brasileiro quer possuir esses bens ainda que seus pagamentos sejam arrastados durante anos, num ciclo completamente automatizado. Isso não é construir patrimônio. Pense que essa estratégia envolve diversos custos e que, para manter tal raciocínio vicioso, você precisará estar sempre se vendo assalariado ou com uma fonte fixa de renda. Não sou contra o emprego, sou contra a acomodação. Onde fica a qualidade de vida?

Seu maior patrimônio é você mesmo. Qualidade de vida é ter o que você merece, mas também ter responsabilidade e preparo para poder lutar pelo que merece. Qualidade de vida é gastar seu dinheiro com você, desde que você não entre em conflito com você mesmo.

(Adaptado de Conrado Navarro. Educação financeira e qualidade de vida. http://dinheirama.com/blog/2007/09/19/educacao-financeira-e-qualidadede- vida, acesso em 20 de outubro de 2010)

a) Reescrever o final do primeiro período do texto, na linha 3, como: [...] uma sociedade; isso é fato.
b) Isolar por vírgulas a expressão "no decorrer dos anos".
c) Substituir a conjunção em "Pense que essa estratégia" pelo sinal de dois pontos, escrevendo: Pense: essa estratégia.
d) Substituir a vírgula depois de "Pior"pelo sinal de dois pontos.
e) Inserir um travessão antes de "ou com uma fonte".

ATENÇÃO: As questões **5** e **6** tomam por base o seguinte texto.

Tradicional defensor de instrumentos ortodoxos de política econômica, o Fundo Monetário Internacional (FMI) admitiu o uso de controles de capital para combater a formação de bolhas financeiras e o fluxo exagerado de investimentos estrangeiros que valorizam excessivamente as moedas nacionais em relação ao dólar. Entre as opções, está a tributação do ingresso de recursos, caminho escolhido pelo Brasil, que elevou de 4% para 6% a alíquota do imposto de operações financeiras (IOF) nas aplicações de renda fixa. Outra possibilidade é a proibição de retirada do dinheiro por um tempo determinado, como fez o Chile. Por enquanto a equipe econômica brasileira resiste em adotar este passo, pois, para o economista americano J. L., o reforço no balanço orçamentário e as ações de caráter mais estrutural são, muitas vezes, as respostas mais adequadas para o aumento de fluxos. "Mas pode haver circunstâncias em que os controles cambiais sejam úteis, numa medida temporária, para lidar com esse crescimento de capital", afirma.

(Adaptado de Correio Braziliense, 19 de outubro de 2010)

5 Na organização das relações de **coesão** e **coerência** no texto, a expressão

a) "caminho escolhido pelo Brasil" retoma a ideia de "tributação do ingresso de recursos".
b) "fluxo exagerado de investimentos estrangeiros" retoma a ideia de "bolhas financeiras".
c) "ações de caráter mais estrutural"retoma a ideia de "bolhas financeiras".
d) "controles cambiais" retoma a ideia de "ações de caráter mais estrutural".
e) "esse crescimento de capital" retoma a ideia de "aplicações de renda fixa".

6 Assinale a opção **CORRETA** a respeito do uso das estruturas linguísticas no texto.

a) Por integrar um termo que complementa "combater", o artigo em "a formação" poderia receber o sinal indicativo de crase, o que indicaria a inserção da preposição **a** no texto.
b) Apesar da extensão do período sintático, a inserção de uma vírgula depois de "estrangeiros" provocaria erro gramatical e incoerência textual.
c) Como a expressão "imposto de operações financeiras" está escrita, no texto, com iniciais minúsculas, sua sigla também deveria ser grafada com letras minúsculas para atender às regras de ortografia.
d) O uso do modo subjuntivo em "sejam" ressalta a ideia de uma hipótese, uma possibilidade; para se fazer uma afirmação, o desenvolvimento textual admitiria a forma de indicativo: **são** ou **serão**.
e) Preserva-se a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto ao usar o verbo **existir** em lugar de "haver", desde que sefaça a concordância adequada, escrevendo **pode existirem circunstâncias**.

7 Assinale a opção em que ocorre **ERRO** na transcrição e adaptação do texto de *Conjuntura Econômica*, de setembro de 2010 – vol. 64 – n. 9

O mecanismo de câmbio flutuante, quando acompanhado de razoável mobilidade de capitais, provê um meio automático através do qual o equilíbrio **se configura(a)**. Elevações de consumo ou investimento da parte de residentes geram pequenas elevações de juros que majoram a entrada de capitais externos, desta forma **valorizando(b)** a moeda doméstica. Tal valorização reduz as exportações e aumenta as importações, meio **pelos quais(c)** se compensa, liquidamente, a preços possivelmente constantes, o acréscimo inicial de procura por bens e serviços provocado por possíveis expansões de absorção interna. Tudo pode ocorrer muito bem até o ponto **em que(d)** os déficits na conta corrente do balanço de pagamentos **passem(e)** a gerar um montante do passivo externo líquido do país, que dá iní-

cio a um processo de desconfiança dos provedores de crédito líquido em moeda estrangeira. Quando isso ocorre, há uma necessidade de reverter tais déficits, configurando, em última instância, que o sucesso no combate à inflação no período inicial pode ter significado, em boa parte, uma transferência de problemas para o futuro.

a) a
b) b
c) c
d) d
e) e

8 Assinale a opção que, na sequência, preenche **CORRETAMENTE** as lacunas do texto, de modo a manter a **coesão** e a **coerência** entre as ideias.

Quando uma pessoa compra uma ação de uma empresa, torna-se sócia dessa companhia. Significa que ___(1)___ se beneficia de seu sucesso ou sofre as consequências ___(2)___ fracasso. Funciona assim: ao ganhar dinheiro, uma corporação com ações cotadas em bolsa remunera melhor seus acionistas. O inverso também é verdadeiro.

No mercado acionário, é impossível dizer _(3)_ um investimento dará retorno líquido e certo. Uma série de fatores ____(4)____ levada em conta. Desde ____(5)____ que a empresa pode controlar (lançamento de produtos e projetos de sucesso, boa performance financeira) até aspectos externos (crise global, acidentes), ____(6)____ muitas vezes independem de uma boa administração da companhia.

(Adaptado de ISTOÉ, 15/9/2010)

	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)
a)	esta	do	se	será	os	os quais
b)	esta	de seu	quando	deverão ser	àqueles	o que
c)	ela	desse	quando	deverão ser	os	que
d)	o sócio	desse	que	deverão ser	àqueles	o que
e)	ela	de seu	se	deverá ser	aqueles	que

9 Assinale a opção que, ao preencher as lacunas do texto provoca **ERRO** gramatical.

Baixo em termos internacionais, o salário brasileiro é apontado pelas empresas multinacionais como um dos atrativos para os investimentos no mercado nacional, além da perspectiva de crescimento doméstico acima da média global, ____(a)_____ também pelos investimentos, mas principalmente pela alta salarial em massa, responsável por mais de 85% do PIB, o mercado interno em ebulição, segundo os economistas, foi um fator decisivo para o Brasil _____(b)_____da crise que eclodiu em setembro de 2008 E os salários mais robustos, por sua vez, _____(c)_____como um colchão para garantir a recuperação acelerada do nível de atividade econômica. Aumentos salariais são importantes porque elevam o consumo e o crescimento econômico. Mas do ponto de vista macroeconômico é importante que _____(d)_____ em linha com os ganhos de produtividade. Caso contrário, a tendência é que eventuais excessos _____(e)_____aos preços.

(Adaptado de Carta Capital, 20 de outubro de 2010)

a) sustentado
b) se recuperar
c) acontecem
d) funcionaram
e) sejam repassados

10 Assinale o trecho em que a transcrição do texto adaptado de *Conjuntura Econômica*, de setembro de 2010, vol. 64, n. 9, **DESRESPEITA** as regras gramaticais no uso das estruturas linguísticas.

a) Há evidências de que a economia brasileira passa por um processo de transformação estrutural, em direção a um juro neutro mais baixo. Na verdade, a maior dificuldade para se projetar a trajetória de juros no Brasil é o desempenho da economia do resto do mundo.

b) Caso haja, de fato, um segundo mergulho ressessivo nos Estados Unidos, como previnham importantes analistas, os efeitos deflacionários seriam consideráveis e iriam além das fronteiras americanas.
c) Se isso ocorrer, é provável que contribua para reduzir a taxa de juros do Brasil no curto e médio prazo. Não há absolutamente nada de trivial no atual momento da política monetária.
d) É importante ter em mente, por outro lado, que a dificuldade, neste caso, não deve ser tomada de forma dramática. A economia brasileira passa por uma excelente fase cíclica, em que o crescimento não é acompanhado por nenhuma grande ameaça de explosão inflacionária ou de crise nas contas externas no horizonte visível.
e) Na verdade, o cenário externo é mais preocupante do que o interno. Em uma situação desse tipo, os erros e os acertos devem ser encarados mais como uma "sintonia fina" de um momento amplamente favorável do que como decisões que podem "salvar o país".

11 De acordo com as ideias do texto, assinale a afirmativa **CORRETA**.

Face mais cruel de qualquer período recessivo na economia, o desemprego é chaga social que propaga desalento coletivo, além de contribuir para a formação do círculo vicioso que começa com a queda do consumo, passa pela inibição da produção e termina em mais desemprego. Mas é exatamente nesse setor que as previsões mais otimistas para 2010 começam a se confirmar. Dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), divulgados pelo Ministério do Trabalho, mostram que o saldo entre a admissão e a demissão de empregados com carteira assinada somou 181419 vagas, um recorde que deixou longe os até então festejados 142 mil empregos formais registrados em janeiro de 2008, último mês de expansão antes da crise mundial.
Detalhes reforçam o otimismo quanto à continuidade desse desempenho. Em janeiro de 2010, quando 1410462 postos formais de trabalho foram preenchidos, a indústria de transformação voltou a dar sinais de forte retomada. O setor tinha sido o mais atingido pela recessão, mas compareceu com 68920 contratações, 17% acima do recorde anterior, de janeiro de 2008.

(Estado de Minas, Editorial, 19/02/2010, com adaptações)

a) O Brasil não apresentou taxa de desemprego durante a crise econômica de 2008/2009.
b) O desemprego contribui para o círculo vicioso constituído pela queda do consumo, da produção e novamente pelo aumento do desemprego.
c) A indústria de transformação continua a demonstrar sinais da recessão e não apresenta retomada de crescimento.
d) Em janeiro de 2008 as taxas de emprego do Brasil foram as mais altas da história.
e) A demissão de empregados com carteira assinada chegou quase a 200.000 vagas em janeiro de 2010.

ATENÇÃO: Leia o texto abaixo para responder às questões **12** e **13**.

A segunda metade dos anos 1990 foi caracterizada por crises nos países emergentes: México, Rússia, Brasil e Argentina. Em todos os casos, os países recorreram ao Fundo Monetário Internacional (FMI) para resolver seus problemas de endividamento externo e tiveram que se submeter a rigorosos programas de ajuste fiscal (redução de gastos públicos e aumento de impostos) e das contas externas exigidos pela organização. Após o período de retração do nível de atividade e aumento do desemprego, duran-

te o qual a relação dívida/PIB e os déficits fiscais se acomodaram em níveis compatíveis com a capacidade de financiamento, todos os países, à exceção da Argentina, entraram em trajetória de crescimento, com estabilidade de preços. Como os fundamentos fiscais e monetários destes países estavam fortes, com equilíbrio fiscal, relação dívida/ PIB e inflação sob controle, seus governos e bancos centrais puderam adotar políticas fiscais, monetárias, de crédito mais frouxas, que reverteram a trajetória de queda já no segundo trimestre de 2009.

(José Márcio Camargo, Tragédia grega. IstoÉ, 10/02/2010, com adaptações)

12 Assinale a relação lógico-semântica que se infere a partir da argumentação do texto.

a) Para todos os países que se submetem aos rigorosos programas do FMI, é válido dizer que ele chega a uma trajetória de crescimento que o leva a superar a crises.
b) Quanto maior a obediência aos rigorosos programas de ajuste fiscal impostos pelo FMI, maior a possibilidades de um país conhecer crises financeiras.
c) Enquanto existirem crises nos países emergentes, os problemas de endividamento externo e a necessidade de ajustes fiscais continuarão a provocar crises financeiras.
d) Sem a acomodação dos déficits fiscais não há aumento da capacidade de financiamento; sem esta não há crédito, estabilidade de preços ou crescimento.
e) Se um país tem fortes fundamentos fiscais e monetários, então ele tem condições de adotar as políticas necessárias para reverter a trajetória da queda já em 2009.

13 Assinale a opção em que os três termos remetem, por coesão textual, ao mesmo referente.

a) "países emergentes"(L.2) – "os países"(L.4) – "se"(L.6)
b) "todos os casos"(L.3) – "problemas de endividamento externo"(L.5-6) "seus"(L.19)
c) "Fundo Monetário internacional"(L.4-5) – "seus"(L.5) – "organização"(L.9)
d) "desemprego"(L.11) – "o qual"(L.11) – "se"(L.12)
e) "equilíbrio fiscal"(L.18) – "políticas...de crédito"(L.20-21) – "que"(L.21)

14 O texto **Raio X do mercado**, de Luiz Alberto Marinho, publicado na *Revista GOL*, novembro de 2009, p. 138, foi adaptado para compor os fragmentos abaixo. Numere-os, de acordo com a ordem em que devem ser dispostos para formar um texto **COESO** e **COERENTE**.

( ) Outra tendência fala de "identidade e auto-estima". Isso significa que essas pessoas estão mais conscientes da sua importância para a economia, mas não querem abrir mão de suas origens, história e características.
( ) Portanto, para vender para pessoas de todas classes sociais, será preciso antes afastar ideias preconcebidas e entender melhor quem são, o que querem e como compram os brasileiros.
( ) O instituto de pesquisa Data Popular, especializado na baixa renda, apresentou um conjunto de dez tendências que vão impactar os negócios na classe C.
( ) Uma terceira tendência explica o papel da beleza como fator de inclusão: afinal, estar bem-arrumado ajuda a diminuir as barreiras sociais.
( ) Entre elas, está o "consumo de inclusão", que mostra que o mercado emergente desenvolveu um jeito diferente e inclusivo de comprar.

A sequência **CORRETA** é

a) 1, 2, 5, 4, 3
b) 3, 5, 1, 4, 2
c) 3, 1, 2, 5, 4
d) 4, 2, 1, 5, 3
e) 4, 5, 2, 3, 1

15 Assinale a opção que constitui continuação **COESA**, **COERENTE** e gramaticalmente **CORRETA** para o trecho a seguir.

No Brasil, tudo indica que o endividamento pessoal vai crescer nos próximos anos: uma ligeira melhora de rendimentos se traduz, em nosso país, por um aumento desproporcional do endividamento, em razão do uso disseminado dos cartões de crédito que o sistema financeiro incentiva.

(O Estado de S. Paulo, Editorial, 18/02/2010, com adaptações)

a) Por isso conseguimos até agora escapar de um surto de desemprego de grande proporção, o que permite que o consumo continue crescendo.
b) Sendo assim, esse exemplo dos Estados Unidos mostra que, num período de crise, com crescimento do desemprego, têm registrado forte queda do consumo e aumento da inadimplência.
c) Mas isso se traduz por uma ampliação involuntária da poupança com a forte redução do uso dos cartões de crédito.
d) Além desse fator, a expansão dos financiamentos imobiliários nas instituições financeiras essencialmente públicas também contribui para o aumento do endividamento de longo prazo.
e) Isso é consequência de uma campanha em favor de uma poupança maior, que certamente tem por efeito uma redução dos custos e um crescimento dos investimentos.

16 Em relação às ideias e estruturas linguísticas do texto, assinale a opção **INCORRETA**.

As exportações brasileiras de serviços têm sido uma atividade limitada praticamente às grandes empresas de construção pesada. Com a experiência adquirida no País, elas ganhavam concorrências internacionais para execução de obras de infraestrutura em países em desenvolvimento da América Latina, do Oriente Médio e da África, valendo-se do "know-how" de trabalhar nos trópicos, em condições muitas vezes inóspitas, com mão de obra local e prontificando-se também a transferir tecnologia para os países contratantes.

Essas construtoras brasileiras continuam muito ativas no mercado externo, agora não apenas nos países em desenvolvimento, mas também nos mais desenvolvidos. Além disso, deixaram de ser as únicas exportadoras de serviços.

Com a internacionalização da economia, está em curso uma significativa expansão, no exterior, de empresas brasileiras de Tecnologia da Informação (TI) e de instituições financeiras. Em menor escala, de empresas da área de logística e transporte, de arquitetura e engenharia, redes de franquias etc.

Recente estudo sobre comércio internacional da Comissão Econômica para a América Latina (Cepal) revela que o avanço do Brasil nas exportações de serviços, nos últimos anos, só perde para as da China e da Índia entre os países emergentes.

(O Estado de S. Paulo, Editorial, 17/02/2010, com adaptações).

a) Depreende-se das informações do texto que na atualidade os bancos brasileiros e empresas de Tecnologia da Informação estão se expandindo significativamente no exterior.
b) A forma verbal "têm" está flexionada no plural para concordar com "As exportações brasileiras de serviços".
c) O emprego do acento grave indicativo de crase em "às grandes" justifica-se pela presença de preposição exigida pela regência de "atividade" e pelo emprego de artigo definido feminino.
d) O emprego de vírgula após "nos países em desenvolvimento" justifica-se porque ante-

cede conjunção coordenativa adversativa.

e) Em "para as da China" subentende-se, após "as", a elipse da expressão exportações de serviços.

17 Assinale a opção **CORRETA** a respeito do uso das estruturas linguísticas na organização das ideias do texto.

Segundo pesquisa da Fundação Getúlio Vargas, índices de renda, emprego e mobilidade social retornaram aos mesmos patamares de antes da queda. Em uma analogia com uma partida de futebol, o coordenador da pesquisa afirmou que o Brasil teve um "tropeço no começo do jogo", mas depois conseguiu se recuperar: "Podemos dizer que é um empate com muitos gols. Começamos o ano levando uma goleada, mas depois nos recuperamos.
Foi um empate generalizado: desigualdade, pobreza, mobilidade." O índice de mobilidade social foi um dos destaques do levantamento.

(Correio Braziliense, 11 de fevereiro, 2010, com adaptações)

a) De maneira a explicitar as relações entre as ideias do primeiro período sintático, subentendem-se, depois de "patamares", os termos que **tinha**.

b) Por retomar um termo já presente no texto, o nome "Brasil", o pronome "se" admite ser omitido, sem prejudicar a coerência da argumentação ou a correção gramatical do texto.

c) Como a comparação com o jogo de futebol ressalta o "empate", para efeito de argumentação, é irrelevante se a expressão "muitos gols" for substituída por **alguns gols** ou por **poucos gols**.

d) A relação de explicação que o período iniciado por "Começamos" estabelece com o período que o antecede permite substituir o ponto depois de "gols" pelo sinal de dois pontos, fazendo os devidos ajustes na letra inicial maiúscula desse verbo.

e) A relação de sentidos entre a fala do coordenador da pesquisa e a última oração do texto permite iniciá-la pelo conectivo **Por isso**, fazendo ajustes na pontuação e nas letras maiúsculas, escrevendo-se: **Por isso, o índice**.

18 Julgue como verdadeiras (V) ou falsas (F) as afirmações a respeito do uso das estruturas linguísticas no texto abaixo. Em seguida, assinale a opção **CORRETA**.

Houve uma grande queda da taxa de natalidade a partir de meados da década de 80. Vinte anos depois, tal fenômeno praticamente ausente dos debates econômicos resultou noutra tendência: a redução da população mais jovem. O efeito tem sido uma menor pressão por empregos, o que vai levar a aumento dos salários reais. Produtividade maior na economia, mais renda e melhores empregos estão promovendo uma revolução ainda pouco compreendida e estudada.

(Antônio Machado, Mundo invisível. Correio Braziliense, 14 de fevereiro de 2010, com adaptações)

( ) Mantém-se a coerência entre os argumentos, mas provoca-se erro gramatical, ao usar o termo "uma grande queda" no plural sem o artigo indefinido: **grandes quedas**.

( ) Provoca-se erro gramatical e, por consequência prejudica- se a coerência textual, ao inserir uma vírgula antes de "praticamente" e outra depois de "econômicos".

( ) Explicitam-se relações de sentido entre os termos, preservando a coerência e a correção gramatical do texto ao substituir "O efeito" por **Um dos efeitos dessa redução**.

( ) Alteram-se as relações de sentido no período sintático, mas preserva-se a coerência textual e o respeito às regras gramaticais ao retirar o pronome do termo "o que".
( ) Preservam-se as relações gramaticais, bem como a coerência textual, ao deslocar "na economia" para depois de "promovendo", desde que se coloque tal termo entre vírgulas.

A sequência obtida é
a) V, F, F, V, V
b) V, F, V, V, F
c) F, V, V, F, F
d) F, V, F, F, V
e) F, F, V, V, V

19 Assinale a opção **INCORRETA** a respeito das relações de concordância no texto abaixo.

Quando se pensa em classe A, vem logo à cabeça a lembrança de gente milionária, que passa todos os fins de semana em Paris e compra as melhores marcas do mundo. No entanto, nossa classe A representa apenas 5% da população e possui rendimentos bem menores do que muita gente imagina. O que acontece frequentemente é uma confusão entre o brasileiro classe A e o consumidor de luxo, este sim cliente de marcas sofisticadas que movimenta um mercado de R$ 6 bilhões anuais.

(Luiz Alberto Marinho, Raio X do mercado. Revista GOL, novembro de 2009, p. 138)

a) Preserva-se a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto ao substituir "gente milionária" por **milionários**, desde que se flexionasse também "passa e "compra"no plural, **passam** e **compram**.
b) A forma verbal "possui" estabelece concordância com "da população"; no entanto, também estaria correta a concordância com "5%", com o uso da flexão de plural, sem prejudicar a coerência do texto.
c) Preserva-se a coerência na argumentação, bem como a correção nas relações gramaticais do texto, ao retirar o termo "nossa classe A" do texto, deixando-o apenas subentendido na flexão de "representa".
d) Seria preservada a coerência na argumentação com a substituição de "uma confusão" por **confusões**, desde que o verbo ser fosse usado também no plural: são confusões.
e) A opção pelo uso da flexão de plural em "movimenta", **movimentam**, preservaria a correção gramatical do texto, mas alteraria as relações significativas entre os argumentos.

Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam é de índices sobre macroeconomia, números abstratos que indicam a situação geral da economia, mas não revelam o que se passa em seu interior. A internet, por exemplo, apareceu em grande escala em 1992, e o mundo se deu conta da revolução que ela fizera nos negócios, na cultura e na vida das pessoas 10 anos depois.

(Antônio Machado, Mundo invisível. Correio Braziliense, 14 de fevereiro de 2010, com adaptações)

20 No texto acima, provoca-se **ERRO** gramatical ou **incoerência** na argumentação do texto ao
a) inserir os antes de "economistas" e de "políticos".
b) retirar "é".
c) retirar o pronome "o", do termo "o que".
d) substituir "fizera" por havia feito.
e) inserir apenas depois de "pessoas".

21 Assinale a opção que ao substituir a oração sublinhada, no texto abaixo, provoca **ERRO** gramatical e/ou **INCOERÊNCIA** textual.

Sem vitória ou derrota, na comparação entre o pré e o pós-crise, a turbulência financeira que abalou o mundo trouxe perdas ao Brasil, mas no

decorrer de 2009 os prejuízos foram recuperados e, se o país não cresceu, conseguiu ao menos fazer com que importantes indicadores econômicos e sociais empatassem com os que eram registrados em 2008 – ano do pico de desenvolvimento brasileiro.

(Correio Braziliense, 11 de fevereiro, 2010, com adaptações)

a) caso o país não cresceu
b) apesar de o país não crescer
c) mesmo o país não crescendo
d) embora o país não crescesse
e) ainda que o país não tenha crescido

22 Em relação às estruturas linguísticas do texto, assinale a opção **CORRETA**.

Dados do Sine — uma rede pública de agências de emprego, associada ao Ministério do Trabalho — mostram que apenas 39% das vagas **ali** oferecidas em 2009 foram preenchidas. Em 2008, na mesma rede, 42% haviam sido ocupadas; no ano anterior, 48%. Ou seja, mesmo com um índice de desemprego ainda relativamente alto, de 8,9% no ano passado, o país vive o paradoxo de criar vagas e não encontrar profissionais que as preencham.

A explicação, dizem **as** empresas, está, sobretudo, na escolaridade precária dos trabalhadores.

O fenômeno já se fazia sentir com força, no final de2009, na procura por engenheiros. Agora se vê que a carência de profissionais **se espraia** para vários níveis de formação - sobram vagas para farmacêuticos, mas também para eletricistas e torneiros.

Trata-se de um problema grave, para o qual não há solução simples nem imediata. A rede educacional do país, com suas falhas e **distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade, mostra-se** incapaz de oferecer ao mercado de trabalho mão de obra competente.

(Folha de S. Paulo, Editorial, 17/02/2010, com adaptações)

a) Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir os travessões das linhas 1 e 3 por vírgulas.
b) O termo "ali"(L.3) retoma o antecedente "Ministério do Trabalho"(L.2).
c) O termo "as"(L.9) funciona como pronome e retoma o antecedente "vagas"(L.8).
d) Em "se espraia"(L.14) o termo "se" funciona como indicador de sujeito indeterminado.
e) A forma verbal "mostra-se"(L.21) tem como sujeito "distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade"(L.19 e 20).

23 Os trechos a seguir constituem um texto adaptado do Correio Braziliense, Editorial, 18/02/2010 Assinale a opção transcrita com **ERRO** gramatical.

a) Operação destinada a facilitar a vida do contribuinte coloca a Receita Federal na vanguarda das iniciativas que, ao longo dos últimos anos, objetivam reduzir a ineficiência operacional de agências públicas. É o que se materializa agora com as medidas que desobrigam cerca de 10 milhões de brasileiros de prestar declaração de renda.
b) A inovação é aplicável aos rendimentos auferidos em 2010 (ano-base 2009) e aos que serão obtidos em 2011 (ano-base 2010). Os principais beneficiários das novas regras são sócios de empresas ou pessoas que tenham patrimônio inferior a R$ 300 mil. Basta que os ganhos estejam dentro do limite de isenção (R$ 17215,08, em 2009, e de R$ 22487,25, em 2010).
c) Há outras condicionantes que, previstas nas mudanças, não chegam a alterar os efeitos práticos. Foram obrigadas a explicar-se ao fisco, por serem qualificadas como integrantes de sociedades comerciais, em 2009, nada menos de 5 milhões de pessoas. Agora, estão livres da obrigação, segundo o supervisor nacional do Programa do IR.
d) Os trabalhadores com remuneração anual abaixo do teto de isenção previsto para 2010

desde logo estão dispensados de entregar a declaração. Apenas deverão fazê-lo os que tivessem IR retido na fonte e pleiteam restituição.

e) Outra mudança importante: este ano será o último em que a Receita aceitará formulários de papel. Também é decisão compatível com a necessidade de elevar os padrões operacionais do órgão. Hoje, apenas 127 mil pessoas físicas optam por semelhante forma de declarar a renda.

24 Assinale a opção em que o texto foi transcrito com **ERRO** gramatical no termo sublinhado.

A historiografia econômica já explorou detidamente os mecanismos pelos quais(A) as eras históricas, que são nomeadas pelos respectivos sistemas de produção, ganharam uma fisionomia própria, uma identidade, entraram em crise, sendo(B) enfim substituídas implacavelmente em escala mundial. O feudalismo foi dissolvido pelo capital mercantil, e este, passado o processo de acumulação, deu lugar ao capitalismo industrial. O imperialismo é o ápice do processo capitalista e, até a bem(C) pouco tempo, o pensamento de esquerda ancorava-se na certeza de que o socialismo universalizado tomaria o lugar dos imperialismos em luta de morte. As dúvidas são hoje graves, mas a hipótese de que(D) as fases não só se encadeiam mas se ultrapassam é ainda um cânon de leitura poderoso, parecendo imbatível quando se examinam(E) os períodos de transição.

(Alfredo Bosi, O tempo e os tempos. In: Adauto Novaes (org.), Tempo e História. São Paulo: Companhia das Letras,1992, p.21, com adaptações)

a) (A)
b) (B)
c) (C)
d) (D)
e) (E)

25 Os trechos a seguir constituem um texto adaptado de *O Estado de S. Paulo, Editorial,* 18/02/2010 Assinale a opção gramaticalmente **CORRETA**.

a) A decisão da Agência de Proteção Ambiental (EPA) dos Estados Unidos de considerar o etanol produzido à partir da cana-de-açúcar um biocombustível avançado, que reduz a emissão de dióxido de carbono em pelo menos 40% na comparação com a gasolina, derruba uma das principais barreiras à entrada do álcool brasileiro no mercado americano e, desse modo, pode representar a abertura do mercado global para o produto nacional.

b) Para entrar no mercado americano, no entanto o etanol brasileiro precisa vencer outros obstáculos, alguns criados pela política externa do Brasil, como a aproximação ao Irã, que causou a perda do apoio ao produto brasileiro até agora dada pelo Congresso Americano.

c) A certificação do etanol de cana como biocombustível avançado pela EPA é importante para o Brasil. O Ato de Segurança e Independência Energética, de 2007, que define regras para os EUA alcançarem as metas de segurança energética e redução da emissão de gases de efeito estufa, estabelecem um consumo mínimo de biocombustíveis de 45 bilhões de litros em 2010 e de 136 bilhões de litros daqui a 12 anos.

d) Do total de biocombustíveis a ser consumido em 2022, 80 bilhões de litros está reservado para os avançados, que são o celulósico (ainda em fase experimental) e o diesel de biomassa, entre outros. A EPA incluiu o etanol de cana-de-açúcar entre os biocombustíveis avançados, ao reconhecerem que, em relação à gasolina, ele reduz a emissão de dióxido de carbono em 61%, bem mais que o mínimo exigido de 40%.

e) Por isso, do total de 80 bilhões que serão consumidos anualmente daqui a 12 anos, o etanol

responderá por 15 bilhões de litros. Esse volume corresponde a três vezes o total exportado pelo Brasil em 2008 Em decisão anterior, a EPA contabilizara os efeitos de emissões associadas ao desmatamento provocado pela expansão das áreas plantadas com cana, e considerara que a redução da emissão de dióxido de carbono em relação à gasolina seria de apenas 26%.

26 Assinale a opção que corresponde a **ERRO** gramatical ou de grafia de palavra inserido no texto.

A manutenção dos empregos é um atestado **de que(1)** os agentes econômicos, **embora(2)** assustados com as **repecurssões(3)** da crise nos países mais desenvolvidos, não perderam a confiança na economia brasileira. Não foi sem motivo. Graças aos sinais emitidos pelo próprio governo de que a crise seria encarada sem abalos na estrutura do combate **à(4)** inflação, no câmbio flutuante e com o menor sacrifício possível da política de superávits primários, já se sabia que a economia brasileira teria condições inéditas de escapar dos piores efeitos da situação. Mesmo tendo **enfrentado(5)** uma recessão, caracterizada pelo desempenho negativo do PIB por dois semestres seguidos, e de sofrer forte pressão por mudanças no câmbio, o governo sustentou a política econômica.

(Adaptado de Estado de Minas, Editorial, 19/02/2010)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

27 Assinale a opção que completa corretamente a sequência de lacunas no texto abaixo.
O que aconteceria no mundo ___(1)___, num determinado período, nada, nem pessoas, nem patrimônios, nem atividades econômicas tivessem a cobertura de uma apólice de seguro? Se isso ___(2)____, os aviões não levantariam vôo, os navios não deixariam os portos e o transporte de pessoas não funcionaria ___(3)___falta de proteção da sua vida. Milhares de atendimentos médico-hospitalares deixariam de ser feitos sem seguro saúde. Milhares de veículos provavelmente não circulariam ____(4)____ seus proprietários não correriam o risco de acidentes sem o seguro de automóveis. Consequentemente, milhares de oficinas e seus empregados não teriam trabalho e poucos carros novos seriam vendidos. As grandes indústrias parariam de produzir porque os empresários, certamente, não iriam admitir que seus investimentos e empregados ficassem expostos ____(5)____ riscos de trabalhar sem a proteção do seguro.

(Discurso de João Elisio Ferraz de Campos no Senado. Viver Seguro, http://www.fenaseg.org.br acesso: 11/02/2010)

	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
a)	se	acontecer	por	pois	em
b)	caso	acontecer	devido à	por que	a
c)	onde	acontecesse	em relação a	pois	a
d)	se	acontecesse	pela	porque	aos
e)	caso	aconteceria	devido à	porque	em

28 Assinale a opção que preenche, de maneira coerente e gramaticalmente **CORRETA**, as lacunas do texto.

O que contribui para fortalecer o mercado formal de trabalho não ___1___ imposições legais, mas sim a liberação dos caminhos ___2___ aumento da produção e mais qualificação da mão de obra. Dados do próprio Ministério do Trabalho, recém divulgados, confirmam que 1,66 milhão de postos oferecidos no ano passado não foram preenchidos simplesmente devido ___3___ ausência da qualificação mínima exigida por parte dos pretendentes. Isso significa

que o país deve persistir na busca de taxa de juros e carga fiscal baixas, ___4___de investimentos continuados em formação e treinamento de profissionais, ___5___a população possa aproveitar ao máximo as oportunidades abertas por este ano de projeções particularmente tão favoráveis.

(Adaptado de Zero Hora (RS), Editorial, 19/02/2010)

	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
a)	se tratam de	ao	uma	e mesmo	de forma que
b)	caso	no	em	e também	de modo que
c)	onde	com um	a	além	de jeito que
d)	se	para um	à	mas também	para que
e)	caso	do	com	e ainda	e

29 Assinale a opção que apresenta trecho adequado para ser inserido, de forma gramaticalmente **CORRETA**, coesa e coerente, na lacuna do texto abaixo.

Bancos públicos e privados do País se expandem no mercado externo. A rede de bancos de capital nacional no exterior ampliou-se a partir da década de 1990, buscando, inicialmente, atrair depósitos e aplicações de imigrantes brasileiros espalhados pelo mundo, responsáveis por um volume considerável de remessas financeiras para suas famílias, ou mesmo para seus negócios, no Brasil .... Já é clara, assim, a tendência para uma expansão global. O objetivo é claro: há todo o interesse dos bancos em acompanhar um número crescente de clientes empresariais brasileiros que já atuam nos quatro cantos do mundo, além de buscar novos negócios onde quer que se instalem.

(O Estado de S. Paulo, Editorial, 17/02/2010, com adaptações).

a) Posteriormente, houve uma tendência para a regionalização das operações dos bancos, tendo por base o Mercosul, com a abertura de escritórios e agências. E os bancos brasileiros, mais recentemente, têm feito aquisições de instituições financeiras em outros países, para onde levam a sua marca.
b) Diferentemente do que ocorre com essa infraestrutura de transportes, que apresenta ainda graves deficiências, o setor financeiro e de mercado de capitais no Brasil conta com estrutura para atrair investidores.
c) Criou-se, assim, um ambiente favorável para que médias e grandes empresas do Brasil da área de Tecnologia da Informação, com subsidiárias em outros países, principalmente a Argentina e o México, possam competir com êxito com grandes multinacionais.
d) Prevendo-se que o mercado mundial de tecnologia tenha um crescimento de 4,6% em 2010, que deverá ser liderado pelos países emergentes, a associação brasileira do setor estima que as vendas externas de softwares e serviços de comunicação e tecnologia possam atingir US$ 5 bilhões este ano.
e) Além desse bem-vindo estímulo governamental ao empreendedorismo o desafio do Brasil nessa área, como em tantas outras, é a formação de mão de obra qualificada em quantidade suficiente para continuar avançando.

30 Assinale a opção que corresponde a **ERRO** gramatical inserido no texto.

O etanol ainda está longe de ter um mercado global. Apresentado **desde o(1)** início da década como a grande solução energética para o mundo, para substituir uma fonte não renovável (o petróleo) e reduzir a **emissão(2)** de poluentes, o etanol ainda não conquistou os fabricantes de veículos e os consumidores do mundo inteiro. Falta uma padronização internacional para **transformar-lhe(3)** em uma

commodity facilmente comercializável nos diferentes mercados e ainda persistem barreiras protecionistas em muitos países. Nos EUA, por exemplo, há uma tarifa de importação de US$ 0,54 por galão. Para entrar na União Europeia, o etanol brasileiro paga 19 centavos de euro por litro.

É grande o potencial de mercado para o etanol brasileiro nos EUA. Na União Europeia, o potencial é menor, **pois lá(4)** o programa energético prevê a utilização de 10% de combustíveis renováveis no consumo total em 2020.

Cálculos da União da Indústria da Cana-de-Açúcar — Única indicam que isso resultaria na demanda de 14 bilhões de litros de etanol por ano (outra parte **seria atendida(5)** por biodiesel).

(O Estado de S. Paulo, Editorial, 18/02/2010, com adaptações)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

31 Assinale a opção **CORRETA** em relação ao texto.

O Programa Nacional de Desenvolvimento dos Recursos Hídricos – PROAGUA Nacional é um programa do Governo Brasileiro financiado pelo Banco Mundial. O Programa originou-se da exitosa experiência do PROAGUA / Semiárido e mantém sua missão estruturante, com ênfase no fortalecimento institucional de todos os atores envolvidos com a gestão dos recursos hídricos no Brasil e na implantação de infraestruturas hídricas viáveis do ponto de vista técnico, financeiro, econômico, ambiental e social, promovendo, assim, o uso racional dos recursos hídricos.

(http://proagua.ana.gov.br/proagua)

a) O PROAGUA / Semiárido é um dos subprojetos derivados do PROAGUA/Nacional.
b) A expressão "sua missão estruturante" refere-se a "Banco Mundial".
c) A ênfase no fortalecimento institucional de todos os atores envolvidos com a gestão de recursos hídricos é exclusiva do PROAGUA/ Semiárido.
d) Tanto o PROAGUA/Semiárido como o PROAGUA/ Nacional promovem o uso racional dos recursos hídricos.
e) A implantação de infraestruturas hídricas viáveis do ponto de vista técnico, financeiro, econômico, ambiental e social é exclusiva do PROAGUA/Nacional.

32 Assinale a opção que corresponde a **ERRO** gramatical.

O Brasil possui **cerca de(1)** 4 milhões de hectares irrigados: área que pode ser triplicada **em(2)** 20 anos. É um dos países mais **importantes(3)** na produção de alimentos, mas, **apesar de(4)** sua vocação para a agricultura irrigada, ainda são necessárias estratégias para explorar racionalmente esse potencial. Hoje, a captação e o consumo de água para a irrigação **representa(5)**, respectivamente, 46% e 69% dos valores totais captados e consumidos.

(Adaptado de Denise Caputo http://www.ana.gov.br/SalaImprensa/noticias)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

33 Assinale a opção que preenche **CORRETAMENTE** as lacunas do texto.

Havia um sério conflito pelo uso das águas da bacia do Rio Piracicaba _____1_____ população da própria bacia (cerca de 4 milhões de

habitantes) e a da Região Metropolitana de São Paulo (cerca de 18 milhões de habitantes). Parcela significativa do abastecimento da capital paulista e suprida ___2____ água da bacia do Rio Piracicaba, _____3_____
Sistema Cantareira (transposição de águas da bacia, por meio de reservatórios e túneis ate a Região Metropolitana de São Paulo). Tal intervenção hidráulica na bacia era desprovida de critérios de uso da água ____4_____ contemplassem as necessidades da população local. A ação reguladora da ANA se deu ____5_____ definição de critérios técnicos operacionais e de outorga.

(José Machado http://www.ana.gov.br/ SalaImprensa/artigos/ set.2008pdf)

	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
a)	na	de	do	se	cuja
b)	pela	no	com o	os quais	da
c)	com a	pela	no	cujos	na
d)	da	na	pelo	pelos quais	com a
e)	entre a	com	por meio de	que	pela

34 Em relação ao texto abaixo, assinale a opção **INCORRETA**.

O tratamento de esgotos é fundamental para qualquer programa de despoluição das águas. Em grande parte das situações, a viabilidade econômica das estações de tratamento de esgotos (ETE) e reconhecidamente reduzida, em razão dos altos investimentos iniciais necessários a sua construção e, em alguns casos, dos altos custos operacionais. Por esses motivos que mesmo os países desenvolvidos têm incentivado financeiramente os investimentos de Prestadores de Serviços em ETE, como os Estados Unidos e países da Comunidade Europeia. No Brasil, o problema de viabilidade econômica do investimento público torna-se ainda mais agudo, devido à elevada parcela de população de baixa renda. No entanto, vale ressaltar que a água de qualidade também e um fator de exclusão social, uma vez que a população de baixa renda dificilmente tem condições de comprar água de qualidade para beber ou até mesmo de pagar assistência médica para remediar as doenças de veiculação hídrica, decorrentes da ausência de saneamento básico.

(http://www.ana.gov.br/prodes/prodes.asp)

a) O emprego do sinal indicativo de crase em "a sua construção" é opcional porque é opcional a presença de artigo definido singular feminino antes de "sua".
b) Em "torna-se", o "-se" indica sujeito indeterminado.
c) A forma verbal "tem" está no plural porque concorda com "os países desenvolvidos".
d) Mantém-se a correção gramatical do período se a conjunção "No entanto" for substituída por qualquer uma das seguintes: **Porém, Todavia, Entretanto, Contudo.**
e) Estaria gramaticalmente correta a substituição de "uma vez que" por **porquanto**.

35 Em relação ao texto, assinale a opção **INCORRETA**.

A outorga de direito de uso da água é um dos principais instrumentos da política nacional de recursos hídricos, instituída pela Lei n. 9433/97, por meio da qual o poder público autoriza o usuário de água, sob condições preestabelecidas, a utilizar ou realizar interferências hidráulicas nos recursos hídricos necessários à sua atividade, garantindo o direito de acesso a esses recursos e tendo em conta que a água é um bem de domínio público.
Os rios e lagos que banham mais de uma unidade da federação e as águas armazenadas em reservatórios de propriedade federal são de domínio da União. Nesses casos, a outorga é emitida pela Agência Nacional de Águas (ANA).

Os demais rios, lagos, reservatórios e as águas subterrâneas são de domínio estadual ou distrital, sendo a outorga emitida pela respectiva autoridade local.

(José Machado http://www.ana.gov.br/ SalaImprensa/artigos/ set.2008pdf)

a) O emprego de sinal indicativo de crase em "a sua atividade" justifica-se pela regência de "recursos", que exige preposição "a" e pela presença de artigo definido feminino antes de "sua".
b) A expressão "da qual" refere-se a "outorga de direito de uso da água".
c) Mantém-se a informação original do período substituindo-se "tendo em conta" por considerando.
d) O segmento "que banham mais de uma unidade da federação" é uma oração adjetiva restritiva.
e) O verbo "autorizar" está empregado, no texto, com a mesma predicação verbal que apresenta na frase: O diretor autorizou-nos a tirar férias em fevereiro.

36 Em relação ao texto, assinale a opção **CORRETA**.

O Rio Paraíba do Sul tem cerca de 2/3 de suas águas retiradas do seu leito por uma obra de transposição em Santa Cecilia (RJ). Essas águas são utilizadas para gerar energia elétrica e para abastecer a Região Metropolitana do Rio de Janeiro (cerca de 8 milhões de pessoas). Havia conflitos pelo uso dessas águas entre as diferentes regiões. Também nesse caso, a ação da ANA se pautou por definir um arcabouço técnico e institucional, estabelecendo regras de operação para o reservatório e de vazão mínima a ser liberada a jusante (rio abaixo), em determinadas épocas do ano, de forma a compatibilizar os usos.

(José Machadohttp://www.ana.gov.br/ SalaImprensa/artigos/ set.2008pdf)

a) A substituição de "cerca de" por **acerca de** mantém a correção gramatical do período.
b) A eliminação de "para" antes de "abastecer" prejudica a correção gramatical do período.
c) A palavra "arcabouço" está sendo empregada com o sentido de **estrutura, esquema**.
d) A substituição de "se pautou" por se **orientou** prejudica a correção gramatical do período.
e) A palavra "jusante" tem o mesmo significado de **montante**.

37 Assinale a opção em que o trecho do texto esta reescrito de forma gramaticalmente **ERRADA**.

Os fundamentos da Lei n. 9433/97, conhecida como Lei das Águas, resultaram de décadas de discussões e basearam-se nas experiências adotadas pelas unidades federadas desde a década de 70, além de estarem sintonizados com os discursos dos mais significativos fóruns internacionais. Esses fundamentos estabelecem que a água é um bem de domínio público e um recurso natural limitado, dotado de valor econômico. Além disso, apregoam que, em situações de escassez, a água deve ser usada prioritariamente para o consumo humano e a dessedentação de animais; que sua gestão deve sempre proporcionar o uso múltiplo; que a bacia hidrográfica e a unidade territorial para a implementação da Politica Nacional de Recursos Hídricos; e que essa gestão deve ser descentralizada e contar com a participação do Poder Público, dos usuários e das comunidades.

(Adaptado de http://www.ana.gov.br/ SalaImprensa/artigos)

a) Asseveram ainda que a gestão hídrica deve ser descentralizada e contar com a participação do Poder Público, dos usuários e das comunidades, e que a bacia hidrográfica e a unidade territorial para a implementação da

Política Nacional de Recursos Hídricos.

b) Estão sintonizados com os discursos dos mais significativos fóruns internacionais.

c) Esses fundamentos estabelecem que a água é um bem de domínio público, dotado de valor econômico, e um recurso natural limitado.

d) Apregoam também que a gestão da água deve sempre proporcionar o uso múltiplo e que, em situações de escassez, a água deve ser usada prioritariamente para o consumo humano e a dessedentação de animais.

e) Os fundamentos da lei conhecida como Lei das Águas (Lei n. 9433/97), basearam-se nas experiências adotadas pelas unidades federadas desde a década de 70 e resultou de décadas de discussões.

38 Julgue se os itens estão gramaticalmente **CORRETOS** e assinale a opção correspondente.

I. A visão pan-americana sobre os desafios que envolvem o tema água constitui a Mensagem de Foz do Iguaçu, documento lançado na cidade paranaense, durante o encerramento do Fórum de Águas das Américas.

II. O Fórum visa diagnosticar a politica e a gestão da água na América e propor políticas adequadas para enfrentar os desafios globais relacionados a água, entre cujos as mudanças climáticas e o crescimento da população mundial.

III. Após um debate democrático, várias ideias foram escolhidas para compor a Mensagem de Foz do Iguaçu. Há desde temas que abrangem todo o continente americano, até propostas que contemplam uma região específica.

IV. A Mensagem será enviada para o Fórum Mundial da Água que ocorrera em marco de 2009, em Istambul Turquia.

(Adaptado de Raylton Alves http://www.ana.gov.br/SalaImprensa/noticiasExibe.asp?ID_Noticia=6119)

Estão **CORRETOS** apenas os itens:

a) I e III

b) I e II

c) II e III

d) II e IV

e) III e IV

39 Os segmentos a seguir constituem um texto retirado, com adaptações, de http://www.ana.gov.br/SalaImprensa/ artigos/ set.2008.pdf. Assinale a opção que apresenta **ERRO** gramatical.

a) O Rio Piranhas-Açu nasce na Paraíba e desagua em Macau, no Rio Grande do Norte.

b) Ambos os Estados tem nesse manancial uma das principais fontes de abastecimento de suas populações e de atividades econômicas, como a piscicultura.

c) O marco definiu um compromisso de entrega de água pela Paraíba conquanto o Rio Grande do Norte, estabelecendo quotas máximas de uso de água por finalidade e por trecho de rio.

d) O conflito que havia foi atenuado por meio do marco regulatório de uso das águas do Rio Piranhas-Açu, instituído pela ANA, em articulação com os órgãos estaduais e com o Departamento Nacional de Obras contra as Secas.

e) Definiu, também, regras de operação dos reservatórios existentes e programas de monitoramento da quantidade e qualidade da água.

40 Os trechos abaixo constituem um texto adaptado de *http://www.ana.gov.br/prodes/prodes.asp*, mas estão desordenados. Ordene-os e assinale a opção **CORRETA**.

( ) Tal incremento da carga orgânica poluidora nos corpos d'água leva à escassez de água com boa qualidade, fato já verificado em algumas regiões do país.

( ) Entre os maiores desafios da gestão de recursos hídricos no Brasil está a redução das cargas poluidoras que degradam os corpos d'água.

( ) Tanto é assim que menos de 20% do esgoto urbano recebe algum tipo de tratamento, o restante é lançado nos corpos d'água "in natura", colocando em risco a saúde do ecossistema e da população local.
( ) Nesse cenário, os efluentes domésticos representam uma das principais fontes de degradação dos ecossistemas aquáticos do território nacional.
( ) Principalmente em regiões metropolitanas, essa degradação da qualidade da água vem criando situações insustentáveis do ponto de vista de desenvolvimento.

a) 2, 1, 4, 5, 3
b) 3, 2, 4, 5, 1
c) 3, 5, 4, 2, 1
d) 5, 1, 4, 3, 2
e) 4, 3, 2, 1, 5

41 Assinale a opção em que o trecho constitui continuação **coesa** e **coerente** para o texto a seguir.

O Projeto de Integração do Rio São Francisco com Bacias Hidrográficas do Nordeste Setentrional (PISF) procura o desenvolvimento regional, com a perspectiva de conseguir benefícios que se estendam para além de 2025, e visa ao desenvolvimento sustentável de uma das áreas de maior concentração populacional do Semiárido, mediante o atendimento a múltiplos usos da água, com garantia adequada.

(http://www.ana.gov.br/SalaImprensa/anexos)

a) Entretanto, em termos de infraestrutura, propõe obras de bombeamento e construção de adutoras, que promoverão a transferência de água do Rio São Francisco para o semiárido do Nordeste Setentrional.
b) Considerou-se, nessa proposição, a evolução das demandas por água no Nordeste Setentrional, associadas não só ao abastecimento urbano e doméstico de água, mas, também, aos usos produtivos da água e a produção de alimentos.
c) Contudo, o PISF e motivado pela busca da garantia na disponibilidade da água, inclusive para abastecimento doméstico, necessária ao desenvolvimento sustentável da região a ser atendida pelas obras de adução e por suas derivações.
d) A medida que, na condição de agência reguladora do uso das águas de domínio da União, a ANA concedeu ao empreendedor, o Ministério da Integração Nacional, o Certificado de Sustentabilidade Hídrica (Certoh) e a respectiva outorga de direito de uso das águas do Rio São Francisco para tal propósito.
e) O processo de concessão desses dois diplomas legais foi cercado de extremo zelo técnico, após detalhada análise e depois do cumprimento de exigências feitas ao empreendedor, seguindo processo decisório independente e transparente.

42 Em relação à pontuação do texto, assinale a opção **CORRETA**.

A água pode ter diversas finalidades, como: abastecimento humano, dessedentação animal, irrigação, indústria, geração de energia elétrica, lazer, navegação etc. Muitas vezes, esses usos podem ser concorrentes, o que gera conflitos entre setores usuários ou mesmo impactos ambientais.

Nesse sentido, e necessário gerir e regular os recursos hídricos, acomodando as demandas econômicas, sociais e ambientais por água em níveis sustentáveis, para permitir a convivência dos usos atuais e futuros da água sem conflitos. Por isso, a outorga é fundamental, pois, ordenando e regularizando o uso da água, é possível assegurar ao usuário o efetivo acesso a ela, bem como realizar o controle quantitativo e qualitativo dos usos desse precioso recurso.

(José Machado http://www.ana.gov.br/SalaImprensa/artigos/ set.2008pdf)

a) As vírgulas da linha dois justificam-se porque isolam elementos de mesma função gramatical componentes de uma enumeração.
b) O emprego do sinal de dois-pontos justifica-se por anteceder oração subordinada adjetiva restritiva.
c) A vírgula apos "Muitas vezes" justifica -se para isolar conjunção temporal.
d) O emprego de vírgula após "hídricos" justifica-se para isolar oração subordinada adverbial comparativa.
e) O emprego de vírgula após "fundamental" justifica-se por isolar oração subordinada adverbial condicional.

43 Em relação às informações do texto, assinale a opção **CORRETA**.

A produção brasileira de petróleo e gás certamente dará um salto quando estiverem em operação os campos já descobertos na chamada camada do pré-sal. Embora essa expansão só possa ser efetivamente assegurada quando forem delimitadas as reservas, e os testes de longa duração confirmarem a produtividade provável dos campos, simulações indicam que o Brasil terá um saldo positivo na balança comercial do petróleo (exportações menos importações), da ordem de 1 milhão de barris diários.
Com isso, o petróleo deverá liderar a lista dos produtos que o Brasil estará exportando mais ao fim da próxima década.
O petróleo é negociado para pagamento a vista (menos de 90 dias). Então, é um volume de recursos que pode ter, de fato, forte impacto nas finanças externas do país.
Como é uma riqueza finita, a prudência e a experiência econômica recomendam que o Brasil tente poupar ao máximo essa renda adicional proveniente das exportações de petróleo. O mecanismo mais usual é conhecido como fundo soberano, por meio do qual as divisas são mantidas em aplicações seguras que proporcionem, preferencialmente, bom retorno e ainda contribuam positivamente para o desenvolvimento da economia brasileira. Os resultados dessas aplicações devem ser direcionados para investimentos internos que possibilitem avanços sociais importantes (educação, infraestrutura, meio ambiente, ciência e tecnologia).

(O Globo, Editorial, 13/10/2009)

a) É indiscutível que, quando estiverem em operação os campos da camada do pré-sal, o Brasil terá um saldo na balança comercial do petróleo da ordem de 1 milhão de barris diários.
b) É recomendável que os recursos arrecadados com a exploração do petróleo da camada do pré-sal sejam mantidos num fundo seguro, que proporcione retorno garantido e contribua favoravelmente para o desenvolvimento da economia brasileira.
c) Somente quando estiverem em operação os campos da camada do pré-sal, o petróleo será negociado para pagamento a vista.
d) Estima-se que, no final da próxima década, com os campos do pré-sal já em operação, o Brasil lidere a lista dos países importadores de petróleo, com forte impacto na balança comercial.
e) A renda adicional proveniente da exportação do petróleo da camada do pré-sal deverá ser aplicada diretamente em investimentos com repercussão na área social.

44 Assinale a opção **CORRETA** a respeito do texto.

Aferrado à valorização do aqui e agora, o sábio indiano Svâmi garante que "só o presente é real", o que equivale a considerar o passado e o futuro como puras ilusões. Viver no presente implica aceitar o primado da ação (o ato) sobre a esperança, o que equivale a trocar a passividade do estado de espera pela manifestação ativa da vontade de fazer. Em outras

palavras, importa a flecha mais do que o alvo, o ato mais do que a expectativa.
Como bem acentua Comte-Sponville, a ausência pura e simples de esperança não corresponde à mágoa, traduzida na acepção comum da palavra desespero. O desespero/desesperança é, antes, o grau zero da expectativa, portanto um regime de acolhimento do real sem temor, sem desengano, sem tristeza. Esse regime, ou essa regência, pode ser chamado de beatitude ou de alegria: uma aceitação e uma experiência da plenitude do presente.

(Muniz Sodré. As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006, p.206)

a) O autor do texto defende a ideia de que o ser humano, ao criar expectativas em relação ao futuro, não deve desesperar-se, mas, sim, manter-se passivo no estado de espera.
b) A ideia central desenvolvida no texto baseia-se no pressuposto de que se vive, atualmente, uma era em que predomina o desespero.
c) Uma das ideias secundárias desenvolvidas no texto é a de que os fins justificam os meios, como se depreende do trecho "importa a flecha mais do que o alvo".
d) Uma das ideias desenvolvidas no texto é a de que o real só é, de fato, apreendido quando o indivíduo compreende o passado e o futuro como ilusões.
e) Para sustentar a ideia apresentada no primeiro parágrafo, o autor do texto argumenta que é o medo do futuro que motiva os indivíduos a viverem intensamente o aqui e agora.

45 Assinale a opção que apresenta **CORRETAMENTE** ideia contida no trecho abaixo.
O período a que, hoje, assistimos se caracteriza pela perda de legitimidade dos governos e dos modelos neoliberais, mas, ao mesmo tempo, por dificuldades de construção de projetos alternativos. Uma das barreiras para a construção de tais projetos é o próprio fato de esses governos estarem engajados em uma estratégia de disputa hegemônica contínua, convivendo com o poder privado da grande burguesia – das grandes empresas privadas, nacionais e estrangeiras, dos bancos, dos grandes exportadores do agronegócio, da mídia privada. Se essa elite econômica não dispõe de grande apoio interno, conta com grandes aliados no plano internacional, especialmente entre os países globalizadores.

(Emir Sader. A nova toupeira: os caminhos da esquerda latinoamericana. São Paulo: Boitempo, 2009)

a) Quanto maior o engajamento de um país em disputas por hegemonia, maior a crise de legitimidade das políticas neoliberais por ele desenvolvidas.
b) A elite econômica de um país globalizado prescinde de apoio interno para manter seu poder hegemônico sobre os governos carentes de legitimidade.
c) O poder hegemônico dos países globalizadores dificulta o avanço de projetos que visem à superação dos modelos neoliberais.
d) A maior dificuldade dos governos de países globalizados é enfrentar a aliança da mídia privada com os países globalizadores.
e) Na elite econômica de um país, é a mídia privada que mais poder exerce sobre o governo de um país.

46 Assinale a opção que reproduz **CORRETAMENTE** ideia contida no trecho abaixo.

A realidade dos juros não se restringe ao mundo das finanças, como supõe o senso comum, mas permeia as mais diversas e surpreendentes esferas da vida prática, social e espiritual.
A face mais visível dos juros monetários – os juros fixados pelos bancos centrais e os praticados nos mercados de crédito – representa apenas um aspecto, ou seja, não mais que uma diminuta e peculiar constelação no vasto uni-

verso das trocas intertemporais em que valores presentes e futuros medem forças.
Pode-se, por exemplo, examinar a moderna teoria biológica do envelhecimento como uma troca intertemporal cuja síntese é "viver agora, pagar depois". A senescência dos organismos é a conta de juros decorrente do redobrado vigor e aptidão juvenis.

(Texto adaptado de Eduardo Giannetti. O valor do amanhã: ensaio sobre a natureza dos juros. São Paulo: Companhia das Letras, 2005)

a) Ao se fazer analogia entre os juros pagos em transações financeiras e os pagos em relações sociais, verifica-se que, apesar de, nestas, eles estarem embutidos, não há interesse da sociedade em desvelar esse fato.
b) A moderna teoria biológica prioriza as análises que abordam as mudanças no corpo do ser humano como trocas intertemporais às quais é inerente o pagamento de juros.
c) Os juros mais altos pagos pelos cidadãos são aqueles que, sorrateiramente, resultam da própria natureza finita dos seres humanos, determinada pelo irreversível envelhecimento do corpo.
d) O conceito de juros tem sido aplicado restritamente às situações do mercado financeiro porque, via de regra, prevalecem, nas sociedades, as noções estabelecidas pelo senso comum.
e) Prevalecendo a característica dos juros de que eles sempre envolvem uma troca intertemporal, a aplicação do conceito de juros pode ser estendida a outras situações da vida dos indivíduos.

47 Nas opções, são apresentadas propostas de continuidade do parágrafo abaixo. Assinale aquela em que foram atendidos plenamente os princípios de **coesão** e **coerência** textuais.

Duas ameaças simétricas rondam a determinação dos termos de troca entre presente e futuro. A miopia temporal envolve a atribuição de um valor demasiado ao que está próximo de nós no tempo, em detrimento do que se encontra mais afastado. A hipermetropia é a atribuição de um valor excessivo ao amanhã, em prejuízo das demandas e interesses correntes.

(Eduardo Giannetti. O valor do amanhã: ensaio sobre a natureza dos juros. São Paulo: Companhia das Letras, 2005)

a) Contudo, a miopia temporal nos leva a subestimar o futuro, e a hipermetropia a supervalorizar o futuro, o que desfaz, em parte, a referida simetria.
b) Por serem ameaças cujo resultado é idêntico, tanto a miopia temporal quanto a hipermetropia tornam irrelevante o fenômeno dos juros nas situações de troca entre presente e futuro.
c) Apesar dessa simetria, não existe uma posição credora – pagar agora, viver depois –, mesmo porque sempre abrimos mão de algo no presente sem a expectativa de recebermos algo no futuro.
d) Diante dessas ameaças, cabe perguntar se existe um ponto certo – um equilíbrio estável e exato – entre os extremos da fuga do futuro (miopia) e da fuga para o futuro (hipermetropia).
e) Essa simetria conduz, portanto, à conclusão de que vale mais a pena subordinar o presente ao futuro, e não, o contrário, o que nos fará atribuir valor excessivo ao futuro, sem risco de incorrermos em hipermetropia temporal.

48 Assinale a opção que constitui continuação **coesa**, **coerente** e gramaticalmente **correta** para o texto de Luiz Gonzaga Beluzzo, adaptado do *Valor Econômico* de 14 de outubro de 2009.

A marca registrada das crises capitaneadas pela finança é o colapso dos critérios de avaliação da riqueza que vinham prevalecendo. As expectativas dos possuidores de riqueza capitulam diante da incerteza e não é mais possível precificar os ativos. Os métodos habituais que permitem avaliar a relação risco/rendimento dos ativos sucumbem diante do medo do futuro. A obscuridade total paralisa as decisões e nega os novos fluxos de gasto.

a) Essa decisão pela corrida privada para as formas imaginárias, mas socialmente incontornáveis do valor e da riqueza vai afetar negativamente a valorização e a reprodução da verdadeira riqueza social, ou seja, a demanda de ativos reprodutivos e de trabalhadores.
b) Em contraposição a esse fenômeno, depois do colapso financeiro deflagrado pela quebra do Lehman Brothers, os preços dos ativos privados foram atropelados pelos mercados em pânico, na busca impossível da desalavancagem coletiva. Vendedores em fúria e compradores em fuga fizeram evaporar a liquidez dos mercados e prometiam uma deflação de ativos digna da Grande Depressão dos anos trinta.
c) Contanto que a reação das autoridades dos países desenvolvidos foi menos eficaz para restabelecer a oferta de crédito no volume desejado e impotente para reanimar o dispêndio das famílias e dos negócios. Empresas e consumidores trataram de cortar os gastos (e, portanto a demanda de crédito) para ajustar o endividamento contraído no passado à renda que imaginam obter num ambiente de desaceleração da economia e de queda do emprego.
d) Essas intervenções dos bancos centrais e dos Tesouros, sobretudo nos Estados Unidos, conseguiram, aos trancos, barrancos e trombadas legais, estancar a rápida deterioração das expectativas. Contrariando os augúrios mais pessimistas, a ação das autoridades foi capaz de afetar positivamente as taxas do interbancário e restabelecer as condições mínimas de funcionamentos dos mercados monetários.
e) Em tais circunstâncias, a tentativa de redução do endividamento e dos gastos de empresas e famílias em busca da liquidez e do reequilíbrio patrimonial é uma decisão "racional" do ponto de vista microeconômico, mas danosa para o conjunto da economia, pois leva necessariamente à deterioração dos balanços. É o paradoxo da "desalavancagem".

49 Os trechos abaixo constituem um texto adaptado de Muniz Sodré *(As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política),* mas estão desordenados. Ordene-os, indique a ordem dentro dos parênteses e assinale a opção que corresponde à ordem **CORRETA**.

( ) Ao redor do que se tem chamado de "imprensa de opinião" ou de "publicismo", organizaram-se os espaços públicos das democracias inaugurais na modernidade ocidental.
( ) O espaço público realiza, modernamente, a mediação dos interesses particulares da sociedade civil, visando principalmente a preservar as garantias dos direitos individuais frente ao poder do Estado. É aí fundamental o papel da imprensa.
( ) É preciso deixar claro, contudo, que, a despeito de sua grande importância, a imprensa não define o espaço público. Ele não é um puro espaço de comunicação e, sim, uma potência de conversão do individual em comum, o que não deixa de comportar zonas de sombras ou de opacidades não necessariamente comunicativas.
( ) Assim, a ampliação técnica da tradicional esfera pública pelo advento da mídia ou de todas as tecnologias da informação não implica necessariamente o alargamento da ação política.
( ) Por outro lado, vem definhando a representação popular, que era o motor político

do espaço público e base da sociedade democrática, fenômeno que remonta ao século XIX, quando a experiência da soberania popular se converteu em puro diálogo, senão em mera encenação espetacular.

a) 2, 4, 1, 3, 5
b) 2, 1, 5, 4, 3
c) 1, 2, 4, 5, 3
d) 2, 1, 3, 5, 4
e) 3, 5, 1, 2, 4

50 Os trechos a seguir constituem um texto adaptado de *O Globo, Editorial*, 14/10/2009, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e indique a sequência **CORRETA**.

( ) Esse quadro se alterou significativamente: em volume, a produção nacional de petróleo vem se mantendo próxima aos patamares de consumo doméstico. A redução dessa dependência no campo da energia foi acompanhada por um salto expressivo nas exportações brasileiras (que cresceram uma vez e meia na última década), com razoável equilíbrio entre produtos básicos e manufaturados na pauta de vendas.

( ) Apesar de a economia brasileira ter ainda um grau de abertura relativamente pequeno para o exterior — se comparado à média internacional —, o câmbio sempre foi apontado com um dos fatores mais vulneráveis do país. No passado, o Brasil era muito dependente de petróleo importado e de insumos essenciais para a indústria.

( ) Além desse equilíbrio, os programas de ajuste macroeconômico têm garantido uma estabilidade monetária que ampliou o horizonte de investimentos e as possibilidades de um desenvolvimento sustentável de longo prazo.

( ) Tal promoção foi reforçada pela capacidade de reação da economia brasileira à recente crise financeira, a mais grave que o mundo atravessou desde o fim da Segunda Guerra Mundial.

( ) Assim, as principais agências classificadoras de risco promoveram a economia brasileira para a categoria daquelas que não oferecem risco cambial aos investidores estrangeiros.

a) 2, 1, 3, 5, 4
b) 5, 3, 4, 1, 2
c) 4, 5, 2, 3, 1
d) 3, 2, 1, 4, 5
e) 4, 1, 2, 3, 5

GABARITO

1A	2E	3D	4C	5C
6D	7C	8E	9B	10B
11B	12E	13A	14B	15D
16C	17D	18E	19B	20C
21A	22C	23D	24C	25E
26C	27D	28D	29A	30C
31D	32E	33E	34B	35A
36C	37E	38A	39C	40D
41B	42A	43B	44D	45C
46E	47D	48E	49D	50A

APÊNDICE

REDAÇÃO OFICIAL

http://www4.planalto.gov.br/manual-de-redacao-pdf. O texto foi extraído do Manual de Redação Parlamentar da Presidência da República (com pequenas adaptações).

O QUE É REDAÇÃO OFICIAL?

Em uma frase, pode-se dizer que redação oficial é a maneira pela qual o Poder Público redige atos normativos e comunicações. Interessa-nos tratá-la do ponto de vista do Poder Executivo.

A redação oficial deve caracterizar-se pela impessoalidade, uso do padrão culto de linguagem, clareza, concisão, formalidade e uniformidade. Fundamentalmente esses atributos decorrem da Constituição, que dispõe, no artigo 37: "A administração pública direta, indireta ou fundacional, de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios obedecerá aos princípios de legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência (...)". Sendo a publicidade e a impessoalidade princípios fundamentais de toda administração pública, claro está que devem igualmente nortear a elaboração dos atos e comunicações oficiais.

Não se concebe que um ato normativo de qualquer natureza seja redigido de forma obscura, que dificulte ou impossibilite sua compreensão. A transparência do sentido dos atos normativos, bem como sua inteligibilidade, são requisitos do próprio Estado de Direito: é inaceitável que um texto legal não seja entendido pelos cidadãos. A publicidade implica, pois, necessariamente, clareza e concisão.

Além de atender à disposição constitucional, a forma dos atos normativos obedece a certa tradição. Há normas para sua elaboração que remontam ao período de nossa história imperial, como, por exemplo, a obrigatoriedade – estabelecida por decreto imperial de 10 de dezembro de 1822 – de que se aponha, ao final desses atos, o número de anos transcorridos desde a Independência. Essa prática foi mantida no período republicano.

Esses mesmos princípios (impessoalidade, clareza, uniformidade, concisão e uso de linguagem formal) aplicam-se às comunicações oficiais: elas devem sempre permitir uma única interpretação e ser estritamente impessoais e uniformes, o que exige o uso de certo nível de linguagem.

Nesse contexto, fica claro também que as comunicações oficiais são necessariamente uniformes, pois há sempre um único comunicador (o Serviço Público) e o receptor dessas comunicações ou é o próprio Serviço Público (no caso de expedientes dirigidos por um órgão a outro) – ou o conjunto dos cidadãos ou instituições tratados de forma homogênea (o público).

Outros procedimentos rotineiros na redação de comunicações oficiais foram incorporados ao longo do tempo, como as formas de tratamento e de cortesia, certos clichês de redação, a estrutura dos expedientes etc. Mencione-se, por exemplo, a fixação dos fechos para comunicações oficiais,

regulados pela Portaria nº 1 do Ministro de Estado da Justiça, de 8 de julho de 1937, que, após mais de meio século de vigência, foi revogado pelo Decreto que aprovou a primeira edição do Manual de Redação da Presidência.

Acrescente-se, por fim, que a identificação que se buscou fazer das características específicas da forma oficial de redigir não deve ensejar o entendimento de que se proponha a criação – ou se aceite a existência – de uma forma específica de linguagem administrativa, o que coloquialmente e pejorativamente se chama burocratês. Este é antes uma distorção do que deve ser a redação oficial, e se caracteriza pelo abuso de expressões e clichês do jargão burocrático e de formas arcaícas de construção de frases.

A redação oficial não é, portanto, necessariamente árida e infensa à evolução da língua. É que sua finalidade básica – comunicar com impessoalidade e máxima clareza – impõe certos parâmetros ao uso que se faz da língua, de maneira diversa daquele da literatura, do texto jornalístico, da correspondência particular, etc.

Apresentadas essas características fundamentais da redação oficial passemos à análise pormenorizada de cada uma delas.

A IMPESSOALIDADE

A finalidade da língua é comunicar, quer pela fala, quer pela escrita. Para que haja comunicação, são necessários: a) alguém que comunique, b) algo a ser comunicado, e c) alguém que receba essa comunicação. No caso da redação oficial, quem comunica é sempre o Serviço Público (este ou aquele Ministério, Secretaria, Departamento, Divisão, Serviço, Seção); o que se comunica é sempre algum assunto relativo às atribuições do órgão que comunica; o destinatário dessa comunicação ou é o público, o conjunto dos cidadãos, ou outro órgão público, do Executivo ou dos outros Poderes da União.

Percebe-se, assim, que o tratamento impessoal que deve ser dado aos assuntos que constam das comunicações oficiais decorre:

a) da ausência de impressões individuais de quem comunica: embora se trate, por exemplo, de um expediente assinado por Chefe de determinada Seção, é sempre em nome do Serviço Público que é feita a comunicação. Obtém-se, assim, uma desejável padronização, que permite que comunicações elaboradas em diferentes setores da Administração guardem entre si certa uniformidade;

b) da impessoalidade de quem recebe a comunicação, com duas possibilidades: ela pode ser dirigida a um cidadão, sempre concebido como público, ou a outro órgão público. Nos dois casos, temos um destinatário concebido de forma homogênea e impessoal;

c) do caráter impessoal do próprio assunto tratado: se o universo temático das comunicações oficiais se restringe a questões que dizem respeito ao interesse público, é natural que não cabe qualquer tom particular ou pessoal.

Dessa forma, não há lugar na redação oficial para impressões pessoais, como as que, por exemplo, constam de uma carta a um amigo, ou de um artigo assinado de jornal, ou mesmo de um texto literário. A redação oficial deve ser isenta da interferência da individualidade que a elabora.

A concisão, a clareza, a objetividade e a formalidade de que nos valemos para elaborar os expedientes oficiais contribuem, ainda, para que seja alcançada a necessária impessoalidade.

A LINGUAGEM DOS ATOS E COMUNICAÇÕES OFICIAIS

A necessidade de empregar determinado nível de linguagem nos atos e expedientes oficiais decorre, de um lado, do próprio caráter público desses atos e comunicações; de outro, de sua finalidade. Os atos oficiais, entendidos como atos de caráter normativo, ou estabelecem regras para a conduta dos cidadãos, ou regulam o funcionamento dos órgãos públicos, o que só é alcançado se em sua elaboração for empregada a linguagem adequada. O mesmo se dá com os expedientes oficiais, cuja finalidade precípua é a de informar com clareza e objetividade.

As comunicações que partem dos órgãos públicos federais devem ser compreendidas por todo e qualquer cidadão brasileiro. Para atingir esse objetivo, há que evitar o uso de uma linguagem restrita a determinados grupos. Não há dúvida que um texto marcado por expressões de circulação restrita, como a gíria, os regionalismos vocabulares ou o jargão técnico, tem sua compreensão dificultada.

Ressalte-se que há necessariamente uma distância entre a língua falada e a escrita. Aquela é extremamente dinâmica, reflete de forma imediata qualquer alteração de costumes, e pode eventualmente contar com outros elementos que auxiliem a sua compreensão, como os gestos, a entoação, etc., para mencionar apenas alguns dos fatores responsáveis por essa distância. Já a língua escrita incorpora mais lentamente as transformações, tem maior vocação para a permanência, e vale-se apenas de si mesma para comunicar.

A língua escrita, como a falada, compreende diferentes níveis, de acordo com o uso que dela se faça. Por exemplo, em uma carta a um amigo, podemos nos valer de determinado padrão de linguagem que incorpore expressões extremamente pessoais ou coloquiais; em um parecer jurídico, não se há de estranhar a presença do vocabulário técnico correspondente. Nos dois casos, há um padrão de linguagem que atende ao uso que se faz da língua, a finalidade com que a empregamos.

O mesmo ocorre com os textos oficiais: por seu caráter impessoal, por sua finalidade de informar com o máximo de clareza e concisão, eles requerem o uso do padrão culto da língua. Há consenso de que o padrão culto é aquele em que a) se observam as regras da gramática formal, e b) se emprega um vocabulário comum ao conjunto dos usuários do idioma. É importante ressaltar que a obrigatoriedade do uso do padrão culto na redação oficial decorre do fato de que ele está acima das diferenças lexicais, morfológicas ou sintáticas regionais, dos modismos vocabulares, das idiossincrasias linguísticas, permitindo, por essa razão, que se atinja a pretendida compreensão por todos os cidadãos.

Lembre-se que o padrão culto nada tem contra a simplicidade de expressão, desde que não seja confundida com pobreza de expressão. De nenhuma forma o uso do padrão culto implica emprego de linguagem rebuscada, nem dos contorcionismos sintáticos e figuras de linguagem próprios da língua literária.

Pode-se concluir, então, que não existe propriamente um "padrão oficial de linguagem"; o que há é o uso do padrão culto nos atos e comunicações oficiais. É claro que haverá preferência pelo uso de determinadas expressões, ou será obedecida certa tradição no emprego das formas sintáticas, mas isso não implica, necessariamente, que se consagre a utilização de uma forma de linguagem burocrática. O jargão burocrático, como

todo jargão, deve ser evitado, pois terá sempre sua compreensão limitada.

A linguagem técnica deve ser empregada apenas em situações que a exijam, devendo se evitar o seu uso indiscriminado. Certos rebuscamentos acadêmicos, e mesmo o vocabulário próprio a determinada área, são de difícil entendimento por quem não esteja com eles familiarizado. Deve-se ter o cuidado, portanto, de explicitá-los em comunicações encaminhadas a outros órgãos da administração e em expedientes dirigidos aos cidadãos.

FORMALIDADE E PADRONIZAÇÃO

As comunicações oficiais devem ser sempre formais, isto é, obedecem a certas regras de forma: além das já mencionadas exigências de impessoalidade e uso do padrão culto de linguagem, é imperativo, ainda, certa formalidade de tratamento. Não se trata somente da dúvida quanto ao correto emprego deste ou daquele pronome de tratamento para uma autoridade de certo nível, mais do que isso, a formalidade diz respeito à polidez, à civilidade no próprio enfoque dado ao assunto do qual cuida a comunicação.

A formalidade de tratamento vincula-se, também, à necessária uniformidade das comunicações. Ora, se a administração federal é una, é natural que as comunicações que expede sigam um mesmo padrão. O estabelecimento desse padrão, uma das metas das redações oficiais, exige que se atente para todas as suas características e que se cuide, ainda, da apresentação do texto.

A clareza datilográfica, o uso de papéis uniformes para o texto definitivo e a correta diagramação do texto são indispensáveis para a padronização.

CONCISÃO E CLAREZA

A concisão é antes uma qualidade do que uma característica do texto oficial. Conciso é o texto que consegue transmitir um máximo de informações com um mínimo de palavras. Para que se redija com essa qualidade, é fundamental que se tenha, além de conhecimento do assunto sobre o qual se escreve, o necessário tempo para revisar o texto depois de pronto. É nessa releitura que muitas vezes se percebem eventuais redundâncias ou repetições desnecessárias de ideias.

O esforço de sermos concisos atende, basicamente ao princípio de economia linguística, à mencionada fórmula de empregar o mínimo de palavras para informar o máximo. Não se deve de forma alguma entendê-la como economia de pensamento, isto é, não se devem eliminar passagens substanciais do texto no afã de reduzi-lo em tamanho. Trata-se exclusivamente de cortar palavras inúteis, redundâncias, passagens que nada acrescentem ao que já foi dito.

Procure perceber certa hierarquia de ideias que existe em todo texto de alguma complexidade: ideias fundamentais e ideias secundárias. Estas últimas podem esclarecer o sentido daquelas, detalhá-las, exemplificá-las; mas existem também ideias secundárias que não acrescentam informação alguma ao texto, nem têm maior relação com as fundamentais, podendo, por isso, ser dispensadas.

A clareza deve ser a qualidade básica de todo texto oficial. Pode-se definir como claro aquele texto que possibilita imediata compreensão pelo leitor. No entanto, a clareza não é algo que se atinja por si só: ela depende estritamente das demais características da redação oficial. Para ela concorrem:

a) a impessoalidade, que evita a duplicidade de interpretações que poderia decorrer de um tratamento personalista dado ao texto;

b) o uso do padrão culto de linguagem, em princípio, de entendimento geral e por definição avesso a vocábulos de circulação restrita, como a gíria e o jargão;

c) a formalidade e a padronização, que possibilitam a imprescindível uniformidade dos textos;

d) a concisão, que faz desaparecer do texto os excessos linguísticos que nada lhe acrescentam.

É pela correta observação dessas características que se redige com clareza. Contribuirá, ainda, a indispensável releitura de todo texto redigido. A ocorrência, em textos oficiais, de trechos obscuros e de erros gramaticais provém principalmente da falta da releitura que torna possível sua correção.

Na revisão de um expediente, deve-se avaliar, ainda, se ele será de fácil compreensão por seu destinatário. O que nos parece óbvio pode ser desconhecido por terceiros. O domínio que adquirimos sobre certos assuntos em decorrência de nossa experiência profissional muitas vezes faz com que os tomemos como de conhecimento geral, o que nem sempre é verdade. Explicite, desenvolva, esclareça, precise os termos técnicos, o significado das siglas e abreviações e os conceitos específicos que não possam ser dispensados.

A revisão atenta exige, necessariamente, tempo. A pressa com que são elaboradas certas comunicações quase sempre compromete sua clareza. Não se deve proceder à redação de um texto que não seja seguida por sua revisão.

PRONOMES E FORMAS DE TRATAMENTO

CONCORDÂNCIA COM OS PRONOMES DE TRATAMENTO

Os pronomes de tratamento (ou de segunda pessoa indireta) apresentam certas peculiaridades quanto à concordância verbal, nominal e pronominal. Embora se refiram à segunda pessoa gramatical (à pessoa com quem se fala, ou a quem se dirige a comunicação), levam a concordância para a terceira pessoa. É que o verbo concorda com o substantivo que integra a locução como seu núcleo sintático: "Vossa Senhoria nomeará o substituto"; "Vossa Excelência conhece o assunto".

Da mesma forma, os pronomes possessivos referidos a pronomes de tratamento são sempre os da terceira pessoa: "Vossa Senhoria nomeará seu substituto" (e não "Vossa ... vosso...").

Já quanto aos adjetivos referidos a esses pronomes, o gênero gramatical deve coincidir com o sexo da pessoa a que se refere, e não com o substantivo que compõe a locução. Assim, se nosso interlocutor for homem, o correto é "Vossa Excelência está atarefado", "Vossa Senhoria deve estar satisfeito"; se for mulher, "Vossa Excelência está atarefada", "Vossa Senhoria deve estar satisfeita".

EMPREGO DOS PRONOMES DE TRATAMENTO

Como visto, o emprego dos pronomes de tratamento obedece a secular tradição. São de uso consagrado:

Vossa Excelência, para as seguintes autoridades:

a) **do Poder Executivo:**
- Presidente da República;
- Vice-Presidente da República;
- Ministros de Estado;
- Governadores e Vice-Governadores de Estado e do Distrito Federal;
- Oficiais-Generais das Forças Armadas;
- Embaixadores;
- Secretários-Executivos de Ministérios e demais ocupantes de cargos de natureza especial;
- Secretários de Estado dos Governos Estaduais;
- Prefeitos Municipais.

b) **do Poder Legislativo:**
- Deputados Federais e Senadores;
- Ministros do Tribunal de Contas da União;
- Deputados Estaduais e Distritais;
- Conselheiros dos Tribunais de Contas Estaduais;
- Presidentes das Câmaras Legislativas Municipais.

c) **do Poder Judiciário:**
- Ministros dos Tribunais Superiores;
- Membros de Tribunais;
- Juízes;
- Auditores da Justiça Militar.

O vocativo a ser empregado em comunicações dirigidas aos Chefes de Poder é Excelentíssimo Senhor, seguido do cargo respectivo:

Excelentíssimo Senhor Presidente da República,
Excelentíssimo Senhor Presidente do Congresso Nacional,
Excelentíssimo Senhor Presidente do Supremo Tribunal Federal.

As demais autoridades serão tratadas com o vocativo Senhor, seguido do cargo respectivo:

Senhor Senador,
Senhor Juiz,
Senhor Ministro,
Senhor Governador,

No envelope, o endereçamento das comunicações dirigidas às autoridades tratadas por *Vossa Excelência*, terá a seguinte forma:

A Sua Excelência o Senhor
Fulano de Tal
Ministro de Estado da Justiça
70064-900 – Brasília. DF

A Sua Excelência o Senhor
Senador Fulano de Tal
Senado Federal
70165-900 – Brasília. DF

A Sua Excelência o Senhor
Fulano de Tal
Juiz de Direito da 10ª Vara Cível
Rua ABC, no 123
01010-000 – São Paulo. SP

Em comunicações oficiais, está abolido o uso do tratamento digníssimo (DD), às autoridades arroladas na lista anterior. A dignidade é pressuposto para que se ocupe qualquer cargo público, sendo desnecessária sua repetida evocação.

Vossa Senhoria é empregado para as demais autoridades e para particulares. O vocativo adequado é:

Senhor Fulano de Tal,
(...)

No envelope, deve constar do endereçamento:

Ao Senhor
Fulano de Tal
Rua ABC, nº 123
12345-000 – Curitiba. PR

Como se depreende do exemplo anterior, fica dispensado o emprego do superlativo ilustríssimo para as autoridades que recebem o tratamento de Vossa Senhoria e para particulares. É suficiente o uso do pronome de tratamento Senhor.

Acrescente-se que doutor não é forma de tratamento, e sim título acadêmico. Evite usá-lo indiscriminadamente. Como regra geral, empregue-o apenas em comunicações dirigidas a pessoas que tenham tal grau por terem concluído curso universitário de doutorado. É costume designar por doutor os bacharéis, especialmente os bacharéis em Direito e em Medicina. Nos demais casos, o tratamento Senhor confere a desejada formalidade às comunicações.

Mencionemos, ainda, a forma Vossa Magnificência, empregada por força da tradição, em comunicações dirigidas a reitores de universidade. Corresponde-lhe o vocativo:

Magnífico Reitor,
(...)

Os pronomes de tratamento para religiosos, de acordo com a hierarquia eclesiástica, são:

Vossa Santidade, em comunicações dirigidas ao Papa. O vocativo correspondente é:

Santíssimo Padre,
(...)

Vossa Eminência ou Vossa Eminência Reverendíssima, em comunicações aos Cardeais. Corresponde-lhe o vocativo:

Eminentíssimo Senhor Cardeal, ou
Eminentíssimo e Reverendíssimo Senhor Cardeal,
(...)

Vossa Excelência Reverendíssima é usado em comunicações dirigidas a Arcebispos e Bispos; Vossa Reverendíssima ou Vossa Senhoria Reverendíssima para Monsenhores, Cônegos e superiores religiosos. Vossa Reverência é empregado para sacerdotes, clérigos e demais religiosos.

FECHOS PARA COMUNICAÇÕES

O fecho das comunicações oficiais possui, além da finalidade óbvia de arrematar o texto, a de saudar o destinatário. Os modelos para fecho que vinham sendo utilizados foram regulados pela Portaria nº 1 do Ministério da Justiça, de 1937, que estabelecia quinze padrões. Com o fito de simplificá-los e uniformizá-los, o manual da Presidência estabelece o emprego de somente dois fechos diferentes para todas as modalidades de comunicação oficial:

a) para autoridades superiores, inclusive o Presidente da República:

Respeitosamente,

b) para autoridades de mesma hierarquia ou de hierarquia inferior:

Atenciosamente,

Ficam excluídas dessa fórmula as comunicações dirigidas a autoridades estrangeiras, que atendem a rito e tradição próprios, devidamente disciplinados no Manual de Redação do Ministério das Relações Exteriores.

IDENTIFICAÇÃO DO SIGNATÁRIO

Excluídas as comunicações assinadas pelo Presidente da República, todas as demais comunicações oficiais devem trazer o nome e o cargo da autoridade

que as expede, abaixo do local de sua assinatura. A forma da identificação deve ser a seguinte:

(espaço para assinatura)
Nome
Chefe da Secretaria-Geral da Presidência da República

(espaço para assinatura)
Nome
Ministro de Estado da Justiça

Para evitar equívocos, recomenda-se não deixar a assinatura em página isolada do expediente. Transfira para essa página ao menos a última frase anterior ao fecho.

O PADRÃO OFÍCIO

Há três tipos de expedientes que se diferenciam antes pela finalidade do que pela forma: o ofício, o aviso e o memorando. Com a intenção de uniformizá-los, pode-se adotar uma diagramação única, que siga o que chamamos de padrão ofício. As peculiaridades de cada um serão tratadas adiante; por ora busquemos as suas semelhanças.

O aviso, o ofício e o memorando devem conter as seguintes partes:

a) tipo e número do expediente, seguido da sigla do órgão que o expede.

Mem. 123/2010-MF
Aviso 123/2010-SG
Of. 123/2010-MME

b) local e data em que foi assinado, por extenso, com alinhamento à direita.

Brasília, 15 de março de 2011.

c) assunto: resumo do teor do documento.

Assunto: Produtividade do órgão em 2011.

Assunto: Necessidade de aquisição de novos computadores.

d) destinatário: o nome e o cargo da pessoa a quem é dirigida a comunicação. No caso do ofício, deve ser incluído também o endereço.

e) texto: nos casos em que não for de mero encaminhamento de documentos, o expediente deve conter a seguinte estrutura:

- introdução, que se estrutura no parágrafo de abertura, no qual é apresentado o assunto que motiva a comunicação. Evite o uso das formas: "Tenho a honra de", "Tenho o prazer de", "Cumpre-me informar que", empregue a forma direta;
- desenvolvimento, no qual o assunto é detalhado; se o texto contiver mais de uma ideia sobre o assunto, elas devem ser tratadas em parágrafos distintos, o que confere maior clareza à exposição;
- conclusão, em que é reafirmada ou simplesmente reapresentada a posição recomendada sobre o assunto.

OBSERVAÇÕES

Os parágrafos do texto devem ser numerados, exceto nos casos em que estes estejam organizados em itens ou títulos e subtítulos.

Já quando se tratar de mero encaminhamento de documentos a estrutura é a seguinte:

- introdução: deve iniciar com referência ao expediente que solicitou o encaminhamento. Se

a remessa do documento não tiver sido solicitada, deve iniciar com a informação do motivo da comunicação, que é encaminhar, indicando a seguir os dados completos do documento encaminhado (tipo, data, origem ou signatário, e assunto de que trata), e a razão pela qual está sendo encaminhado, segundo a seguinte fórmula:

"Em resposta ao Aviso nº 12, de 1º de fevereiro de 2011, encaminho, anexa, cópia do Ofício nº 34, de 3 de abril de 2010, do Departamento Geral de Administração, que trata da requisição do servidor Fulano de Tal."

ou

"Encaminho, para exame e pronunciamento, a anexa cópia do telegrama no 12, de 1º de fevereiro de 2011, do Presidente da Confederação Nacional de Agricultura, a respeito de projeto de modernização de técnicas agrícolas na região Nordeste."

– desenvolvimento: se o autor da comunicação desejar fazer algum comentário a respeito do documento que encaminha, poderá acrescentar parágrafos de desenvolvimento; em caso contrário, não há parágrafos de desenvolvimento em aviso ou ofício de mero encaminhamento.

f) fecho.

g) assinatura do autor da comunicação.

h) identificação do signatário.

FORMA DE DIAGRAMAÇÃO

Os documentos do Padrão Ofício devem obedecer à seguinte forma de apresentação:

a) deve ser utilizada fonte do tipo Times New Roman de corpo 12 no texto em geral, 11 nas citações, e 10 nas notas de rodapé;

b) para símbolos não existentes na fonte Times New Roman poder-se-á utilizar as fontes Symbol e Wingdings;

c) é obrigatório constar a partir da segunda página o número da página;

d) os ofícios, memorandos e anexos destes poderão ser impressos em ambas as faces do papel. Nesse caso, as margens esquerda e direita terão as distâncias invertidas nas páginas pares ("margem espelho");

e) o início de cada parágrafo do texto deve ter 2,5 cm de distância da margem esquerda;

f) o campo destinado à margem lateral esquerda terá, no mínimo, 3,0 cm de largura;

g) o campo destinado à margem lateral direita terá 1,5 cm;

h) deve ser utilizado espaçamento simples entre as linhas e de 6 pontos após cada parágrafo, ou, se o editor de texto utilizado não comportar tal recurso, de uma linha em branco;

i) não deve haver abuso no uso de negrito, itálico, sublinhado, letras maiúsculas, sombreado, sombra, relevo, bordas ou qualquer outra forma de formatação que afete a elegância e a sobriedade do documento;

j) a impressão dos textos deve ser feita na cor preta em papel branco. A impressão colorida deve ser usada apenas para gráficos e ilustrações;

k) todos os tipos de documentos do Padrão Ofício devem ser impressos em papel de tamanho A-4, ou seja, 29,7 x 21,0 cm;

l) deve ser utilizado, preferencialmente, o formato de arquivo Rich Text nos documentos de texto;

m) dentro do possível, todos os documentos elaborados devem ter o arquivo de texto preservado para consulta posterior ou aproveitamento de trechos para casos análogos;

n) para facilitar a localização, os nomes dos arquivos devem ser formados da seguinte maneira:
tipo do documento + número do documento + palavras-chaves do conteúdo:

"Of. 123 - relatório produtividade ano 2011."

TIPOS DE TEXTO OFICIAL

AVISO E OFÍCIO

Aviso e ofício são modalidades de comunicação oficial praticamente idênticas. A única diferença entre eles é que o aviso é expedido exclusivamente por Ministros de Estado, para autoridades de mesma hierarquia, ao passo que o ofício é expedido para e pelas demais autoridades. Ambos têm como finalidade o tratamento de assuntos oficiais pelos órgãos da Administração Pública entre si e, no caso do ofício, também com particulares.

Quanto a sua forma, aviso e ofício seguem o modelo do padrão ofício, com acréscimo do vocativo, que invoca o destinatário, seguido de vírgula.

Excelentíssimo Senhor Presidente da República,
Senhora Ministra,
Senhor Chefe de Gabinete,

Devem constar do cabeçalho ou do rodapé do ofício as seguintes informações do remetente:

- nome do órgão ou setor;
- endereço postal;
- telefone e endereço de correio eletrônico.

MEMORANDO

O memorando é a modalidade de comunicação entre unidades administrativas de um mesmo órgão, que podem estar hierarquicamente em mesmo nível ou em níveis diferentes. Trata-se, portanto, de uma forma de comunicação eminentemente interna.

Pode ter caráter meramente administrativo, ou ser empregado para a exposição de projetos, ideias, diretrizes etc. a serem adotados por determinado setor do serviço público.

Sua característica principal é a agilidade. A tramitação do memorando em qualquer órgão deve pautar-se pela rapidez e pela simplicidade de procedimentos burocráticos. Para evitar desnecessário aumento do número de comunicações, os despachos ao memorando devem ser dados no próprio documento e, no caso de falta de espaço, em folha de continuação. Esse procedimento permite formar uma espécie de processo simplificado, assegurando maior transparência à tomada de decisões, e permitindo que se historie o andamento da matéria tratada no memorando.

Quanto a sua forma, o memorando segue o modelo do padrão ofício, com a diferença de que o seu destinatário deve ser mencionado pelo cargo que ocupa.

Ao Sr. Chefe do Departamento de Administração
Ao Sr. Subchefe para Assuntos Jurídicos

Exemplo de Ofício

5 cm

[Ministério]
[Secretaria/Departamento/Setor/Entidade]
[Endereço para correspondência].
[Endereço - continuação]
[Telefone e Endereço de Correio Eletrônico]

Ofício nº 524/2011/SG-PR

Brasília, 27 de maio de 2011.

A Sua Excelência o Senhor
Deputado [Nome]
Câmara dos Deputados
70.160-900 – Brasília – DF

Assunto: **Demarcação de terras indígenas.**

3 cm 1,5

2,5 cm

Senhor Deputado,

1. Em complemento às observações transmitidas pelo telegrama no 154, de 24 de abril último, informo Vossa Excelência de que as medidas mencionadas em sua carta no 6708, dirigida ao Senhor Presidente da República, estão amparadas pelo procedimento administrativo de demarcação de terras indígenas instituído pelo Decreto no 22, de 4 de fevereiro de 1991 (cópia anexa).

2. Em sua comunicação, Vossa Excelência ressalva a necessidade de que – na definição e demarcação das terras indígenas – fossem levadas em consideração as características socioeconômicas regionais.

3. Nos termos do Decreto no 22, a demarcação de terras indígenas deverá ser precedida de estudos e levantamentos técnicos que atendam ao disposto no art. 231, § 1º, da Constituição Federal. Os estudos deverão incluir os aspectos etno-históricos, sociológicos, cartográficos e fundiários. O exame deste último aspecto deverá ser feito conjuntamente com o órgão federal ou estadual competente.

4. Os órgãos públicos federais, estaduais e municipais deverão encaminhar as informações que julgarem pertinentes sobre a área em estudo. É igualmente assegurada a manifestação de entidades representativas da sociedade civil.

1,5 cm

Exemplo de Ofício (continuação)

3,5 cm

5. Como Vossa Excelência pode verificar, o procedimento estabelecido assegura que a decisão a ser baixada pelo Ministro de Estado da Justiça sobre os limites e a demarcação de terras indígenas seja informada de todos os elementos necessários, inclusive daqueles assinalados em sua carta, com a necessária transparência e agilidade.

Atenciosamente,

[Nome]
[cargo]

3 cm

1,5

2

1,5 cm

Exemplo de Aviso

5 cm

Aviso no 45/SCT-PR

Brasília, 27 de fevereiro de 2011.

A Sua Excelência o Senhor

[Nome e cargo]

Assunto: **Seminário sobre uso de energia no setor público.**

Senhor Ministro,

3 cm 2,5 cm 1,5

1. Convido Vossa Excelência a participar da sessão de abertura do Primeiro Seminário Regional sobre o Uso Eficiente de Energia no Setor Público, a ser realizado em 5 de março próximo, às 9 horas, no auditório da Escola Nacional de Administração Pública – ENAP, localizada no Setor de Áreas Isoladas Sul, nesta capital.

2. O Seminário mencionado inclui-se nas atividades do *Programa Nacional das Comissões Internas de Conservação de Energia em Órgão Públicos*, instituído pelo Decreto no 99.656, de 26 de outubro de 1990.

Atenciosamente,

[nome do signatário]

[cargo do signatário]

1,5 cm

Exemplo de Memorando

5 cm

Mem. 118/DJ

Em 12 de abril de 2011.

Ao Sr. Chefe do Departamento de Administração

Assunto: **Administração. Instalação de microcomputadores.**

1. Nos termos do Plano Geral de informatização, solicito a Vossa Senhoria verificar a possibilidade de que sejam instalados três microcomputadores neste Departamento.

2. Sem descer a maiores detalhes técnicos, acrescento, apenas, que o ideal seria que o equipamento fosse dotado de disco rígido e de monitor padrão EGA. Quanto a programas, haveria necessidade de dois tipos: um processador de textos e outro gerenciador de banco de dados.

3. O treinamento de pessoal para operação dos micros poderia ficar a cargo da Seção de Treinamento do Departamento de Modernização, cuja chefia já manifestou seu acordo a respeito.

3 cm 1,5

4. Devo mencionar, por fim, que a informatização dos trabalhos deste Departamento ensejará racional distribuição de tarefas entre os servidores e, sobretudo, uma melhoria na qualidade dos serviços prestados.

Atenciosamente,

[nome do signatário]
[cargo do signatário]

1,5 cm

CORREIO ELETRÔNICO

O correio eletrônico ("e-mail"), por seu baixo custo e celeridade, transformou-se na principal forma de comunicação para transmissão de documentos.

Um dos atrativos de comunicação por correio eletrônico é sua flexibilidade. Assim, não interessa definir forma rígida para sua estrutura. Entretanto, deve-se evitar o uso de linguagem incompatível com uma comunicação oficial.

O campo assunto do formulário de correio eletrônico deve ser preenchido de modo a facilitar a organização documental tanto do destinatário quanto do remetente.

Para os arquivos anexados à mensagem deve ser utilizado, preferencialmente, o formato Rich Text. A mensagem que encaminha algum arquivo deve trazer informações mínimas sobre seu conteúdo.

Sempre que disponível, deve-se utilizar recurso de confirmação de leitura. Caso não seja disponível, deve constar da mensagem pedido de confirmação de recebimento.

Nos termos da legislação em vigor, para que a mensagem de correio eletrônico tenha valor documental, para que possa ser aceita como documento original, é necessário existir certificação digital que ateste a identidade do remetente, na forma estabelecida em lei.

OUTROS TIPOS DE TEXTOS

REQUERIMENTO

É utilizado para solicitar alguma coisa a uma autoridade pública. É, pois, um documento que pode ser elaborado tanto por funcionário público, como por particulares (neste caso não pode ser tomado como oficial).

O requerimento deve ser exigido à autoridade competente para o atendimento do pedido. Esta autoridade poderá ser o Diretor de Departamento, o Coordenador ou o Secretário de Estado, conforme a legislação estabelecer.

Quando, porém, o requerimento parte de um funcionário ou servidor público, seu encaminhamento será feito por meio do superior imediato.

Estrutura

Vocativo: Título funcional, sem o nome do ocupante do cargo, mas precedido pelo tratamento adequado.

Espaço: (08 linhas ou espaços duplos)

Corpo do Requerimento: Dados pessoais do requerente.

Contexto: Motivos, fundamentação legal e a solicitação, citação de documentos anexos (se houver), declaração se é pedido inicial ou se há processo anterior (indicar o nº do processo); o contexto deve estar contido num único parágrafo.

Fecho:

Nestes termos,
pede-se deferimento.
Local e data
Assinatura.

• OBSERVAÇÕES

No caso dos Tribunais Federais, orienta-se que constem os seguintes dados pessoais do requerente: nome completo, R.G., nacionalidade, estado civil, residência, cargo ou função, respectivo padrão, jornada de trabalho e se de controle de frequência, órgão de classificação e aquele em que se encontra em exercício, Cidade do Órgão, Região do Órgão.

Exemplo de Requerimento

Ilmo. Sr. Diretor da Divisão de Pessoal do Tribunal Regional Eleitoral

(08 linhas e 08 espaços duplos)

Newton Souza Aguiar, R.G. nº 776 984, brasileiro, solteiro, residente na Rua Pantanal, nº 43, na Capital, Auxiliar Judiciário, Efetivo, Padrão 24-A , em jornada parcial de trabalho, com sede de controle de frequência neste órgão federal, solicita a V.Sa. autorização para frequentar o "Treinamento Análise Organizacional", a ser realizado no período de 12 a17 de setembro, das 8 às 17 horas no campus da UNESP, em Marília.

Nestes termos,
pede-se deferimento.
São Paulo, 27 de maio de 2011.

NOME

CARTA

A carta é um documento semioficial, utilizado no Serviço Público. A correspondência pode ser endereçada à pessoa não pertencente aos quadros do funcionalismo ou, ainda, com a finalidade de corresponder a uma cortesia, fazer uma solicitação, convite ou externar agradecimentos. Depreende-se daí que a carta é, frequentemente, expedida por autoridade, não no exercício de suas funções.

A carta, no Serviço Público, não difere da correspondência privada, exceto pelo tom cerimonioso em que é vazada. Cabe ainda lembrar que a frequência da utilização da carta na correspondência oficial é cada vez menor, já que vem sendo progressivamente substituída pelo ofício, mesmo quando sua finalidade é eminentemente social.

Embora mostrem grande variabilidade de formas, em virtude da multiplicidade de motivos que determinam sua expedição, a carta apresenta, geralmente, os seguintes elementos: cabeçalho, data, numeração, destinatário, vocativo, contexto, despedida, assinatura e identificação do autor.

Como se pode verificar, sua estrutura é muito semelhante à do ofício. Varia apenas o lugar ocupado pelo destinatário na ordem dos elementos constituintes. Este, na carta, aparece na parte superior do papel, entre a numeração do documento e o vocativo.

O tom da carta, como dissemos, é mais cerimonioso do que na correspondência comum. Por esta razão, deve-se evitar, na medida do possível, tratamento como "Prezado", "Caro", "Querido" etc.

Exemplo de Carta

Belo Horizonte, 26 de maio de 2011.

Ao Senhor
Fulano de tal
Rua Caxambu, nº 46
Belo Horizonte - MG

Em atenção à sua carta, vimos informar-lhes que os Certificados emitidos por este Centro de Treinamento do DRHU só foram entregues aos participantes que obtiveram frequência mínima de 85%, motivo pelo qual não podemos atender à sua solicitação.

NOME
Diretor do CTDRHU

INFORMAÇÃO OU RELATÓRIO

É o instrumento que proporciona os esclarecimentos necessários à emissão de Parecer ou Despacho referente à determinada matéria.

Uma informação deve ser clara, precisa e objetiva. Para tanto, deve restringir-se ao imprescindível para a solução do que consta no processo e estar isenta de parcialidade.

Quando o processo exigir apreciação quanto ao mérito, a informação deve ser fundamentada com indicação dos dispositivos legais pertinentes e, também, a emissão da opinião sobre a matéria, desde que para isso o informante esteja autorizado.

Compõe-se a informação de: cabeçalho, numeração, emenda, contexto, data, assinatura e identificação.

Exemplo de Informação

Armas Cabeçalho

Processo : SE nº 19 / 11
Interessado : Maurício Mattar
Assunto : Horário de estudante

Informação SIP nº 10 / 11

O servidor acima solicita, por meio de requerimento, beneficiar-se do horário de estudante, em virtude de estar matriculado no curso de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte - MG.

Em face do exposto e de conformidade com o artigo 1º do Decreto nº 52810, de 06 de outubro de 1971, seu pedido pode ser deferido.

Belo Horizonte, 26 de maio de 2011.

NOME
Chefe de Seção de Informação de Pessoal

Os elementos constituintes da informação são bem conhecidos, não se tornando necessários, portanto, muitos esclarecimentos adicionais.

A emenda, que é dispensável na maioria dos demais atos, consta de uma pequena expressão acerca de seu conteúdo, antecedida, geralmente, do número do processo analisado e do nome do interessado.

ATA

É o registro fiel dos atos acontecidos numa reunião. Deve ser lavrada (redigida) de modo que nada possa ser acrescido ou modificado, ou seja, sem deixar possibilidade para fraude. Se o secretário cometer algum engano, deve escrever "digo" e fazer a retificação. Se o engano for descoberto depois, mas antes do encerramento da reunião, o secretário deve escrever "Em tempo: Onde se lê ... leia-se ... ." Os números devem ser escritos por extenso. Partes de uma Ata:

a) título: (ex. Ata da Décima Segunda reunião ordinária, da Associação de Pais e Mestres da EEPG Vila das Flores);

b) texto: além das ocorrências, discussões, propostas e resoluções, uma ata deve conter:
   - a data, por extenso, no início;
   - local da reunião;
   - a convocação (reunião ordinária ou extraordinária);
   - os nomes dos presentes, ou referências que os identifique;
   - nome do coordenador (ou presidente) da reunião;
   - nome do secretário;
   - fecho ("Nada mais havendo a tratar, o senhor coordenador declarou encerrada

a sessão, de que eu, ..., secretário, lavrei a presente ata, a qual vai devidamente assinada".)

• OBSERVAÇÕES

- *As atas são redigidas sem deixar espaços, sem fazer parágrafo para impossibilitar acréscimos.*
- *As atas devem ser assinadas por todos os presentes na ocasião.*

Exemplo de Ata

Ata da trigésima reunião ordinária da Associação de Pais e Mestres de EEPG "Vila das Flores", realizada em 21 de julho de 2011.

Aos vinte e um dias do mês de julho de dois mil e três, às vinte horas, na sala vinte e três, da Escola de Primeiro Grau "Vila das Flores", localizada na Rua Margarida Cravo, número cem, em São Paulo, realizou-se a trigésima reunião ordinária da Associação de Pais e Mestres da Escola de Primeiro Grau "Vila das Flores", sob a presidência do Senhor Lírio Branco Jardim e secretariada pelo Senhor Hortêncio Primavera, estando presentes os Senhores Conselheiros José da Mata, Antônio Floresta, Pedro Capim e a Senhora Rosa Bom Canteiro. Participou da reunião a Senhora Diretora do estabelecimento, professora Liz Jasmim, como convidada. Tendo verificado haver quórum, o Senhor Presidente abriu a sessão, solicitando a leitura da ata da reunião anterior, que foi discutida, aprovada e assinada pelos presentes. Em prosseguimento, efetuou-se a leitura dos termos do Edital de concorrência para exploração da cantina escolar. Após discussão, verificou-se a aprovação unânime dos termos do Edital, sendo o mesmo encaminhado para publicação. Em seguida, o Senhor Presidente liberou a palavra para quem quisesse usá-la para tratar de outros assuntos do interesse da Associação. Não tendo ninguém feito uso da palavra, às vinte e duas horas, declarou o Senhor Presidente encerrada a reunião agradecendo a presença de todos. Nada mais havendo a tratar, eu, Hortêncio Primavera, secretário da presente reunião, lavro a presente Ata, que, lida, discutida e aprovada, vai assinada por todos os presentes – São Paulo, 21 de julho de 2011.

Assinatura dos presentes.

ATESTADO OU CERTIDÃO

É o documento firmado por uma pessoa a favor de outra, declarando a verdade acerca do fato de que tenha conhecimento, em decorrência de apontamento existente em arquivo ou cadastro.

Esse ato difere da maioria dos demais, visto que a palavra atestado aí aparece tal como um título, centralizado em relação às margens, datilografado com maiúsculas e, frequentemente com espaçamento entre letras.

As partes componentes do atestado são: cabeçalho, título, contexto, data, assinatura e identificação.

Como pode-se ver, a elaboração de um atestado constitui tarefa extremamente simples. Em decorrência, porém, dessa simplicidade, frequentemente são acrescentadas aos atestados, expressões desnecessárias, tais como "para os devidos fins". Essas deverão ser mencionadas somente quando forem específicas; caso contrário o atestado deverá restringir-se à declaração do fato que motivou sua elaboração.

Exemplo de Atestado

Armas Cabeçalho

ATESTADO

Atesto que KELLY CHRISTINE GANDRA é aluna deste estabelecimento de ensino, cursando a 3ª série A do 2º grau, nada sabendo que a desabone.

Recife, 07 de outubro de 2011.

NOME
Diretora da Escola

DECLARAÇÃO

É um ato escrito, por meio do qual se esclarece ou completa a decisão obscura, contraditória ou omissa. É aconselhável que se expresse a finalidade da declaração.

Partes ou a estrutura da declaração: cabeçalho, título, corpo, data, assinatura e identificação.

Exemplo de Declaração

Armas Cabeçalho

DECLARAÇÃO

Declaro, para fins de obtenção de financiamento, que SOLANGE RODRIGUES, R.G. 3488.908 é secretária deste estabelecimento de ensino e que se encontrará em gozo de licença-prêmio até 07 de junho de 2011

Belo Horizonte, 10 de abril de 2011.

NOME
Diretor da Escola

• OBSERVAÇÕES

Diferença entre atestado e declaração:

- *Atestado: afirma a veracidade de um fato, com base em documentos e sempre é assinado por uma autoridade.*
- *Declaração: é um documento no qual se manifesta a opinião ou a observação a respeito de um assunto ou pessoa.*

EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS

Exposição de motivos é o expediente dirigido ao Presidente da República ou ao Vice-Presidente para:

a) informá-lo de determinado assunto;

b) propor alguma medida; ou

c) submeter a sua consideração projeto de ato normativo.

Em regra, a exposição de motivos é dirigida ao Presidente da República por um Ministro de Estado.

Nos casos em que o assunto tratado envolva mais de um Ministério, a exposição de motivos deverá ser assinada por todos os Ministros envolvidos, sendo, por essa razão, chamada de interministerial.

Forma e Estrutura:

Formalmente, a exposição de motivos tem a apresentação do padrão ofício. O anexo que acompanha a exposição de motivos que proponha alguma medida ou apresente projeto de ato normativo, segue o modelo descrito adiante.

A exposição de motivos, de acordo com sua finalidade, apresenta duas formas básicas de estrutura: uma para aquela que tenha caráter exclusivamente informativo e outra para a que proponha alguma medida ou submeta projeto de ato normativo.

No primeiro caso, o da exposição de motivos que simplesmente leva algum assunto ao conhecimento do Presidente da República, sua estrutura segue o modelo antes referido para o padrão ofício.

No segundo, seguem-se as orientações próprias dos textos jurídicos.

MENSAGEM

É o instrumento de comunicação oficial entre os Chefes dos Poderes Públicos, notadamente as mensagens enviadas pelo Chefe do Poder Executivo ao Poder Legislativo para informar sobre fato da Administração Pública; expor o plano de governo por ocasião da abertura de sessão legislativa; submeter ao Congresso Nacional matérias que dependem de deliberação de suas Casas; apresentar veto; enfim, fazer e agradecer comunicações de tudo quanto seja de interesse dos poderes públicos e da Nação.

Minuta de mensagem pode ser encaminhada pelos Ministérios à Presidência da República, a cujas assessorias caberá a redação final.

As mensagens mais usuais do Poder Executivo ao Congresso Nacional têm as seguintes finalidades:

a) **encaminhamento de projeto de lei ordinária, complementar ou financeira.**

Os projetos de lei ordinária ou complementar são enviados em regime normal (Constituição, art. 61) ou de urgência (Constituição, art. 64, §§ 1º a 4º). Cabe lembrar que o projeto pode ser encaminhado sob o regime normal e mais tarde ser objeto de nova mensagem, com solicitação de urgência.

Em ambos os casos, a mensagem se dirige aos Membros do Congresso Nacional, mas é encaminhada com aviso do Chefe da Casa Civil da Presidência da República ao Primeiro Secretário da Câmara dos Deputados, para que tenha início sua tramitação (Constituição, art. 64, caput).

Quanto aos projetos de lei financeira (que compreendem plano plurianual, diretrizes orçamentárias, orçamentos anuais e créditos adicionais), as mensagens de encaminhamento dirigem-se aos Membros do Congresso Nacional, e os respectivos avisos são endereçados ao Primeiro Secretário do Senado Federal.

A razão é que o art. 166 da Constituição impõe a deliberação congressual sobre as leis financeiras em sessão conjunta, mais precisamente, "na forma do regimento comum". E à frente da Mesa do Congresso Nacional está o Presidente do Senado Federal (Constituição, art. 57, § 5º), que comanda as sessões conjuntas.

As mensagens aqui tratadas versam sobre o processo desenvolvido no âmbito do Poder Executivo, que abrange minucioso exame técnico, jurídico e econômico-financeiro das matérias objeto das proposições por elas encaminhadas.

Tais exames materializam-se em pareceres dos diversos órgãos interessados no assunto das proposições, entre eles o da Advocacia-Geral da União. Mas, na origem das propostas, as análises necessárias constam da exposição de motivos do órgão onde se geraram (v. 31 Exposição de Motivos) – exposição que acompanhará, por cópia, a mensagem de encaminhamento ao Congresso.

b) **encaminhamento de medida provisória.**

Para dar cumprimento ao disposto no art. 62 da Constituição, o Presidente da República encaminha mensagem ao Congresso, dirigida a seus membros, com aviso para o Primeiro Secretário do Senado Federal, juntando cópia da medida provisória, autenticada pela Coordenação de Documentação da Presidência da República.

c) indicação de autoridades.

As mensagens que submetem ao Senado Federal a indicação de pessoas para ocuparem determinados cargos (magistrados dos Tribunais Superiores, Ministros do TCU, Presidentes e Diretores do Banco Central, Procurador-Geral da República, Chefes de Missão Diplomática, etc.) têm em vista que a Constituição, no seu art. 52, incisos III e IV, atribui àquela Casa do Congresso Nacional competência privativa para aprovar a indicação. O curriculum vitae do indicado, devidamente assinado, acompanha a mensagem.

d) pedido de autorização para o Presidente ou o Vice-Presidente da República se ausentarem do País por mais de 15 dias.

Trata-se de exigência constitucional (Constituição, art. 49, III, e 83), e a autorização é da competência privativa do Congresso Nacional.

O Presidente da República, tradicionalmente, por cortesia, quando a ausência é por prazo inferior a 15 dias, faz uma comunicação a cada Casa do Congresso, enviando-lhes mensagens idênticas.

e) encaminhamento de atos de concessão e renovação de concessão de emissoras de rádio e TV.

A obrigação de submeter tais atos à apreciação do Congresso Nacional consta no inciso XII do artigo 49 da Constituição. Somente produzirão efeitos legais a outorga ou renovação da concessão após deliberação do Congresso Nacional (Constituição, art. 223, § 3º). Descabe pedir na mensagem a urgência prevista no art. 64 da Constituição, porquanto o § 1º do art. 223 já define o prazo da tramitação.

Além do ato de outorga ou renovação, acompanha a mensagem o correspondente processo administrativo.

f) encaminhamento das contas referentes ao exercício anterior.

O Presidente da República tem o prazo de sessenta dias após a abertura da sessão legislativa para enviar ao Congresso Nacional as contas referentes ao exercício anterior (Constituição, art. 84, XXIV), para exame e parecer da Comissão Mista permanente (Constituição, art. 166, § 1º), sob pena de a Câmara dos Deputados realizar a tomada de contas (Constituição, art. 51, II), em procedimento disciplinado no art. 215 do seu Regimento Interno.

g) mensagem de abertura da sessão legislativa.

Ela deve conter o plano de governo, exposição sobre a situação do País e solicitação de providências que julgar necessárias (Constituição, art. 84, XI).

O portador da mensagem é o Chefe da Casa Civil da Presidência da República. Esta mensagem difere das demais porque vai encadernada e é distribuída a todos os Congressistas em forma de livro.

h) comunicação de sanção (com restituição de autógrafos).

Esta mensagem é dirigida aos Membros do Congresso Nacional, encaminhada por Aviso ao Primeiro Secretário da Casa onde se originaram os autógrafos. Nela se informa o número que tomou a lei e se restituem dois exemplares dos três autógrafos recebidos, nos quais o Presidente da República terá aposto o despacho de sanção.

i) **comunicação de veto.**

Dirigida ao Presidente do Senado Federal (Constituição, art. 66, § 1º), a mensagem informa sobre a decisão de vetar, se o veto é parcial, quais as disposições vetadas, e as razões do veto. Seu texto vai publicado na íntegra no Diário Oficial da União, ao contrário das demais mensagens, cuja publicação se restringe à notícia do seu envio ao Poder Legislativo.

Outras mensagens.

Também são remetidas ao Legislativo com regular frequência mensagens com:

- encaminhamento de atos internacionais que acarretam encargos ou compromissos gravosos (Constituição, art. 49, I);
- pedido de estabelecimento de alíquotas aplicáveis às operações e prestações interestaduais e de exportação (Constituição, art. 155, § 2º, IV);
- proposta de fixação de limites globais para o montante da dívida consolidada (Constituição, art. 52, VI);
- pedido de autorização para operações financeiras externas (Constituição, art. 52, V); e outros.

Entre as mensagens menos comuns estão as de:

- convocação extraordinária do Congresso Nacional (Constituição, art. 57, § 6º);
- pedido de autorização para exonerar o Procurador-Geral da República (art. 52, XI, e 128, § 2º);
- pedido de autorização para declarar guerra e decretar mobilização nacional (Constituição, art. 84, XIX);
- pedido de autorização ou referendo para celebrar a paz (Constituição, art. 84, XX);
- justificativa para decretação do estado de defesa ou de sua prorrogação (Constituição, art. 136, § 4º);
- pedido de autorização para decretar o estado de sítio (Constituição, art. 137);
- relato das medidas praticadas na vigência do estado de sítio ou de defesa (Constituição, art. 141, parágrafo único);
- proposta de modificação de projetos de leis financeiras (Constituição, art. 166, § 5º);
- pedido de autorização para utilizar recursos que ficarem sem despesas correspondentes, em decorrência de veto, emenda ou rejeição do projeto de lei orçamentária anual (Constituição, art. 166, § 8º);
- pedido de autorização para alienar ou conceder terras públicas com área superior a 2500 ha (Constituição, art. 188, § 1º) etc.

Forma e Estrutura das Mensagens

As mensagens contêm:

a) a indicação do tipo de expediente e de seu número, horizontalmente, no início da margem esquerda.

Mensagem nº

b) vocativo, de acordo com o pronome de tratamento e o cargo do destinatário, horizontalmente, no início da margem esquerda.

Excelentíssimo Senhor Presidente do Senado Federal,

c) o texto, iniciando a 2,0 cm do vocativo;

d) o local e a data, verticalmente a 2,0 cm do final do texto, e horizontalmente fazendo coincidir seu final com a margem direita.

A mensagem, como os demais atos assinados pelo Presidente da República, não traz identificação do signatário.

TELEGRAMA

Com o fito de uniformizar a terminologia e simplificar os procedimentos burocráticos, passa a receber o título de telegrama toda comunicação oficial expedida por meio de telegrafia, telex etc.

Por tratar-se de forma de comunicação dispendiosa aos cofres públicos e tecnologicamente superada, deve restringir-se o uso do telegrama apenas àquelas situações que não seja possível o uso de correio eletrônico ou fax e que a urgência justifique sua utilização e, também em razão de seu custo elevado, esta forma de comunicação deve pautar-se pela concisão.

Forma e Estrutura do Telegrama

Não há padrão rígido, devendo-se seguir a forma e a estrutura dos formulários disponíveis nas agências dos Correios e em seu sítio na Internet.

EXERCÍCIOS

Atenção: Instrução para as questões **01**, **02** e **03**.
Cada um dos itens abaixo apresenta trechos de texto que devem ser julgados quanto a sua adequação a correspondências oficiais, em **CERTO** ou **ERRADO**.

1 Vimos informar que as inscrições para o Concurso Público de Provas e Títulos para o Cargo de Analista de Sistemas começam dia 15 de abril de 2008, das oito da manhã às 6 horas da tarde, no subsolo do edifício-sede desta companhia. Estamos querendo pontualidade na entrega dos documentos.

2 A seleção para o cargo de que trata este edital compreenderá o exame de habilidades e conhecimentos, mediante a aplicação de provas objetivas e de prova discursiva, todas de caráter eliminatório e classificatório.

3 Na redação de documento oficial, como um relatório ou ata, por exemplo, o parágrafo final do texto respeitaria o registro formal da língua se assim fosse escrito: O relatório destaca a proporção de assalariadas terem subido de quarenta e um vírgula oito porcento para quarenta e seis ponto quatro porcento.

4 São características básicas de todo texto oficial, **EXCETO:**
a) impessoalidade.
b) imparcialidade.
c) coerência.
d) clareza.
e) concisão.

Atenção: Com relação às normas gerais e específicas das correspondências oficiais, julgue os itens **05**, **06**, **07**, **08** e **09** como **CORRETOS** ou **ERRADOS**.

5 A Constituição Federal expressa a publicidade e a impessoalidade como princípios fundamentais de toda a administração pública. Esses princípios devem nortear igualmente a elaboração dos atos e comunicações oficiais.

6 A identificação das características específicas da forma oficial de redigir visa à criação de uma forma específica de linguagem administrativa.

7 A obrigatoriedade do uso do padrão culto na redação oficial decorre do fato de que ele está acima das diferenças lexicais, morfológicas ou sintáticas regionais, dos modismos vocabulares, das idiossincrasias linguísticas, permitindo, por essa razão, que todos os cidadãos compreendam o texto oficial.

8 Para oficiais-generais das forças armadas e para auditores da justiça militar, deve ser usado, nas redações oficiais, o pronome de tratamento Vossa Excelência.

9 Podem-se encerrar as comunicações oficiais com o uso de apenas dois fechos: respeitosamente, para autoridades de hierarquia superior, e atenciosamente, para autoridades de mesma hierarquia ou de hierarquia inferior.

10 Com base no Manual de Redação da Presidência, analise as afirmativas a seguir:

I. Em comunicações oficiais, está abolido o uso do tratamento "digníssimo". A dignidade é pressuposto para que se ocupe qualquer cargo público, sendo desnecessária sua repetida evocação.
II. É recomendável evitar expressões como "Tenho a honra de".

Assinale:

a) se somente a afirmativa I estiver correta.
b) se somente a afirmativa II estiver correta.
c) se todas as afirmativas estiverem corretas.
d) se nenhuma afirmativa estiver correta.

Gabarito

| 1-e | 2-c | 3 -e | 4-b | 5-c | 6-e | 7-c | 8-c | 9-c | 10-c |

APÊNDICE

PRODUÇÃO DE TEXTO DISSERTATIVO

NOÇÕES BÁSICAS

ITENS NECESSÁRIOS À PRODUÇÃO DE PARÁGRAFOS

PARÁGRAFOS

São blocos de texto cuja primeira linha inicia-se em margem especial, maior do que a margem normal do texto. Concentram sempre uma ideia-núcleo relacionada diretamente ao tema da redação.

Não há moldes rígidos para a construção de um parágrafo. O ideal é que em cada parágrafo haja dois ou três períodos, usando pontos continuativos (na mesma linha) intermediários.

A divisão em parágrafos é indicativa de que o leitor encontrará, em cada um deles, um tópico do que o autor pretende transmitir. Essa delimitação deve estar esquematizada desde antes do rascunho, no momento do planejamento estrutural, assim a redação apresentará mais coerência.

PROCESSOS DE DESENVOLVIMENTO DO PARÁGRAFO

Desenvolver parágrafo consiste numa técnica que tem várias vertentes e, à medida que se obtém o domínio desses recursos, consegue-se, consequentemente, produzir textos de qualidade. Cada um deles tem sua fundamentação na explanação da ideia principal, de forma clara e convincente, de modo persuasivo, seja por meio da imagem apresentada (descrição), seja por meio do fato bem comentado (narração) ou por meio das afirmativas bem fundamentadas (dissertação). Há diversos processos de desenvolvimento do parágrafo, como enumeração de detalhes, confronto, contraste, analogia e/ou comparação, citação de exemplos, causação e/ou motivação, divisão e explanação de ideias, definição, entre outros.

TÓPICO FRASAL

Tópico frasal é o tema do parágrafo, portanto o objetivo deste. Na dissertação, consiste num adiantamento da explanação de determinada ideia, deixando em suspense maiores esclarecimentos e argumentações, justamente porque visa a provocar no leitor a expectativa e o desejo de se aprofundar na leitura.

ETAPAS NECESSÁRIAS À REDAÇÃO DE UM PARÁGRAFO

1 escolha do assunto
2 delimitação do assunto
3 determinação do objetivo (intencionalidade do texto)
4 redação da frase-núcleo (tópico frasal)
5 elaboração do plano de desenvolvimento (estratégia argumentativa)

- seleção dos aspectos a serem abordados
- ordenação dos aspectos selecionados

6 redação do desenvolvimento

7 redação da frase de conclusão

QUALIDADES DE UM TEXTO

O texto deve ser sempre bem claro, conciso e objetivo. A coerência é um aspecto de grande importância para a eficiência de uma redação, pois não deve haver pormenores excessivos ou explicações desnecessárias. Todas as ideias apresentadas devem ser relevantes para o tema proposto e relacionadas diretamente a ele.

A originalidade demonstra sua segurança e faz um diferencial em meio aos demais textos. Só não se pode, em aspecto nenhum, abandonar o tema proposto.

Toda redação deve ter início, meio e fim, que são designados por introdução, desenvolvimento e conclusão, respectivamente. As ideias distribuem-se de forma lógica, sem haver fragmentação da mesma ideia em vários parágrafos.

Elementos de coesão: Algumas palavras e expressões facilitam a ligação entre as ideias, estejam elas em um mesmo parágrafo ou não. O emprego dessas expressões é essencial para que um texto tenha qualidade. Seguem algumas sugestões e suas respectivas relações:

- **assim, desse modo** - têm valor exemplificativo e complementar. A sequência introduzida por eles serve normalmente para explicitar, confirmar e complementar o que se disse anteriormente.

- **ainda** - serve, entre outras coisas, para introduzir mais um argumento a favor de determinada conclusão; ou para incluir um elemento a mais dentro de um conjunto de ideias qualquer.

- **aliás, além do mais, além disso** - introduzem um argumento decisivo, apresentado como acréscimo.

- **mas, porém, todavia, contudo, entretanto... (conj. adversativas)** - marcam oposição entre dois enunciados.

- **embora, ainda que, mesmo que** - servem para admitir um dado contrário para depois negar seu valor de argumento, diminuir sua importância. Trata-se de um recurso dissertativo muito bom, pois sem negar as possíveis objeções, afirma-se um ponto de vista contrário.

- **este, esse e aquele** - são chamados termos anafóricos e podem fazer referência a termos anteriormente expressos, inclusive para estabelecer semelhanças e/ou diferenças entre eles.

O QUE É DISSERTAÇÃO?

Dissertar é o ato de defender um posicionamento por meio de argumentos consistentes.

A dissertação implica discussão de ideias, argumentação, organização do pensamento, defesa de pontos de vista, descoberta de soluções. É, entretanto, necessário conhecimento do assunto que se vai abordar, aliado a uma tomada de posição diante desse assunto.

ARGUMENTAÇÃO

A base de uma dissertação é a fundamentação de seu ponto de vista, sua opinião sobre o assunto. Para tanto, deve-se atentar para as relações de causa-consequência e pontos favoráveis e desfavoráveis, muito usadas nesse processo.

Algumas expressões indicadoras de causa e consequência:

causa: *por causa de, graças a, em virtude de, em vista de, devido a, por motivo de...*

consequência: *consequentemente, em decorrência, como resultado, efeito de...*

Algumas expressões que podem ser usadas para abordar temas com divergência de opiniões: *em contrapartida, se por um lado... / por outro... , xxx é um fenômeno ambíguo, enquanto uns afirmam... / outros dizem que...*

Mesmo quando se destacam características positivas, é bom utilizar ponto negativo. Nesse caso, destaca-se que a importância dos pontos positivos minimizam a negatividade do outro argumento.

PARTES DE UMA DISSERTAÇÃO

INTRODUÇÃO

Constitui o parágrafo inicial do texto e deve ter, em média, cinco linhas. É composta por uma sinopse do assunto a ser tratado no texto. Não se pode, entretanto, começar as explicações antes do tempo. Todas as ideias devem ser apresentadas de forma sintética, pois é no desenvolvimento que serão detalhadas.

A construção da introdução pode ser feita de várias maneiras:

- **Constatação do problema**

  O aumento progressivo dos índices de violência nos grandes centros urbanos está promovendo uma mobilização político-social.

- **Delimitação do assunto**

  A cidade do Rio de Janeiro, um dos núcleos urbanos mais atrativos turisticamente no Brasil, aparece nos meios de comunicação também como foco de violência urbana.

- **Definição do tema**

  Como um dos mais problemáticos fenômenos sociais, a violência está mobilizando não só o governo brasileiro, mas também toda a população num esforço para sua erradicação.

Na construção da introdução, a utilização de um dos métodos apresentados não seria suficiente. Deve-se, em um segundo período, lançar as ideias a serem explicitadas no desenvolvimento. Para tanto, devemos apresentar a linha argumentativa do texto, causas e consequências, prós e contras, etc. Lembre-se de que as explicações e respectivas fundamentações de cada uma dessas ideias cabem somente ao desenvolvimento.

Observe alguns exemplos:

A televisão - Se por um lado esse popular veículo de comunicação pode influenciar o espectador, também se constitui num excelente divulgador de informações com potencial até mesmo pedagógico.

(as três ideias: manipulador de opiniões, divulgador de informações e instrumento educacional.)

Escassez de energia elétrica - Destacam-se como fatores preponderantes para esse processo o aumento populacional e a má distribuição de energia que podem acarretar novo racionamento.

(as três ideias: crescimento da população e da demanda de energia, problemas com distribuição da energia gerada no Brasil e a consequência do racionamento do uso de energia)

DESENVOLVIMENTO

Esta segunda parte de uma redação, também chamada de argumentação, representa o corpo do texto. Aqui serão desenvolvidas as ideias propostas na introdução. É o momento em que se defende o ponto de vista acerca do tema proposto. De-

ve-se atentar para não deixar de abordar nenhum item proposto na introdução.

Pode estar dividido em dois ou três parágrafos e corresponde a umas vinte linhas, aproximadamente.

A abordagem depende da técnica definida na introdução: três argumentos, causas e consequências ou prós e contras. O conceito de argumento é importante, pois ele é a base da dissertação. Causas, consequências, prós, contras são todos tipos de argumentos; logo pode-se apresentar três causas, por exemplo, em um texto.

A reflexão sobre o tema proposto não pode ser superficial, para aprofundar essa abordagem buscam-se sempre os porquês. De modo prático o procedimento é:

- levantar os argumentos referentes ao tema proposto;
- fazer a pergunta ***por quê?*** a cada um deles, relacionando-o diretamente ao tema e à sociedade brasileira atual.

A distribuição da argumentação em parágrafos depende, também, da técnica adotada:

- três argumentos: um parágrafo explica cada um dos argumentos;
- causas e consequências: podem estar distribuídas em dois ou três parágrafos. Ou agrupam-se causas e consequências, constituindo dois parágrafos; ou associa-se uma causa a uma consequência e com cada grupo constroem-se dois ou três parágrafos;
- prós e contras: são as mesmas opções da técnica de causas e consequências, substituídas por prós e contras.
- abordagem histórica: compara-se o antes e o hoje, elucidando os motivos e consequências dessas transformações. Cuidado com dados como datas, nomes, etc. de que não se tenha certeza.
- abordagem comparativa: usam-se duas ideias centrais para serem relacionadas no decorrer do texto. A relação destacada pode ser de identificação, de comparação ou as duas ao mesmo tempo.

É muito importante manter uma abordagem mais ampla, mostrar os dois lados da questão. O texto esquematizado previamente reflete organização e técnica, valorizando bastante a redação. Logo, um texto equilibrado tem mais chances de receber melhores conceitos dos avaliadores, por demonstrar que o candidato se empenhou para construí-lo.

OBSERVAÇÕES

Recurso adicional - para elucidar uma ideia e demonstrar atualização, pode-se apresentar de forma bastante objetiva e breve um exemplo relacionado ao assunto.

CONCLUSÃO

Representa o fecho do texto e vai gerar a impressão final do avaliador. Deve conter, assim como a introdução, em torno de cinco linhas. Pode-se fazer uma reafirmação do tema e dar-lhe um fecho ou apresentar possíveis soluções para o problema apresentado. Apesar de ser um parecer pessoal, jamais se inclua (use a 3ª pessoa). Evite começar com palavras e expressões como: concluindo, para finalizar, conclui-se que, enfim... Elas têm caráter redundante no texto.

OBSERVAÇÕES

Evitar numa dissertação:

- Após o título de uma redação, não coloque ponto.
- Ao terminar o texto, não coloque qualquer coisa escrita ou riscos de qualquer natureza, que possam identificar seu texto.
- Prefira usar palavras da língua portuguesa a estrangeirismos.
- Não use chavões, provérbios, ditos populares ou frases feitas.
- Não use questionamentos em seu texto, sobretudo em sua conclusão.
- Jamais use a primeira pessoa do singular, a menos que haja solicitação no tema.
- Evite usar palavras como "coisa" e "algo", por terem sentido vago.
- Repetir muitas vezes as mesmas palavras empobrece o texto. Lance mão de sinônimos e expressões que representem a ideia em questão.
- Só cite exemplos de domínio público, sem narrar seu desenrolar. Faça somente uma breve menção.
- A emoção não pode perpassar nem mesmo num adjetivo empregado no texto. Atenção à imparcialidade.
- Evite o uso de etc. e jamais abrevie palavras.
- Não analise assuntos polêmicos sob apenas um dos lados da questão.

ESTRUTURA TEXTUAL DISSERTATIVA

BASES CONCEITUAIS
– O CONTEÚDO DA REDAÇÃO

a) Apresentação Textual

- Legibilidade e erro: escreva sempre com letra legível.
- Prefira a letra cursiva.
- A letra de imprensa poderá ser usada desde que se distinga bem as iniciais maiúsculas e minúsculas. No caso de erro, risque com um traço simples, o trecho ou o sinal gráfico e escreva o respectivo substituto.
  Atenção: não use parênteses para esse fim.
- Respeito às margens e às indicações dos parágrafos.
- Para dar início aos parágrafos, o espaço de mais ou menos dois centímetros é suficiente.
- Observe as margens esquerda e direita na folha para o texto definitivo. Não crie outras. Não deixe "buracos" no texto.
- Na translineação, obedeça às regras de divisão silábica.
- Limite máximo de linhas:
  Além de escrever seu texto em local devido (folha definitiva), respeite o limite máximo de linhas destinadas a cada parte da prova, conforme orientação da banca.
  As linhas que ultrapassarem o limite máximo serão desconsideradas ou qualquer texto que ultrapassar a extensão máxima será totalmente desconsiderado.

b) Eliminação do candidato

Seu texto poderá ser desconsiderado nas seguintes situações:

- Ultrapassagem do limite máximo de linhas.
- Ausência de texto: quando o candidato não

faz seu texto na folha para o texto definitivo.

- Fuga total ao tema: analise cuidadosamente a proposta apresentada. Estruture seu texto em conformidade com as orientações explicitadas no caderno da prova discursiva.
- Registros indevidos: anotações personalizadas, rubricas e desenhos.

ESTRUTURA CLÁSSICA DO TEXTO DISSERTATIVO

a) Introdução adequada ao tema / posicionamento

Apresenta a ideia que vai ser discutida, a tese a ser defendida. Cabe à introdução situar o leitor a respeito da postura ideológica de quem o redige acerca de determinado assunto. Deve conter a tese e as generalidades que serão aprofundadas ao longo do desenvolvimento do texto. O importante é que a sua introdução seja completa e esteja em consonância com os critérios de paragrafação. Não misture ideias.

b) Desenvolvimento

Apresenta cada um dos argumentos ordenadamente, analisando detidamente as ideias e exemplificando de maneira rica e suficiente o pensamento. Nele, organizamos o pensamento em favor da tese. Cada parágrafo (e o texto) pode ser organizado de diferentes maneiras:

Estabelecimento das relações de causa e efeito: motivos, razões, fundamentos, alicerces, os porquês/ consequências, efeitos, repercussões, reflexos;

Estabelecimento de comparações e contrastes: diferenças e semelhanças entre elementos – de um lado, de outro lado, em contraste, ao contrário;

Enumerações e exemplificações: indicação de fatores, funções ou elementos que esclarecem ou reforçam uma afirmação.

c) Fechamento do texto de forma coerente

Retoma ou reafirma todas as ideias apresentadas e discutidas no desenvolvimento, tomando uma posição acerca do problema, da tese. É também um momento de expansão, desde que se mantenha uma conexão lógica entre as ideias.

DESENVOLVIMENTO DO TEMA

Estabelecimento de conexões lógicas entre os argumentos

Apresentação dos argumentos de forma ordenada, com análise detida das ideias e exemplificação de maneira rica e suficiente do pensamento. Para garantir as devidas conexões entre períodos, parágrafos e argumentos, empregar os elementos responsáveis pela coerência e unicidade, tais como operadores de sequenciação, conectores, pronomes. Procurar garantir a unidade temática.

Objetividade de argumentação frente ao tema / posicionamento

O texto precisa ser articulado com base nas informações essenciais que desenvolverão o tema proposto. Dispensar as ideias excessivas e periféricas. Planejar previamente a redação definindo antecipadamente o que deve ser feito. Estabelecer a tese que será defendida.

Estabelecimento de uma progressividade textual em relação à sequência lógica do pensamento

O texto deve apresentar coerência sequencial satisfatória. Quando se proceder à seleção dos argumentos no banco de ideias, deve-se classificá-los segundo a força para convencer o leitor, partindo dos menos fortes para os mais fortes.

• OBSERVAÇÕES

A redação elaborada a partir de esquema permite desenvolver o texto com sequência lógica, de acordo com os critérios exigidos no comando da questão (número de linhas, por exemplo), atendendo aos aspectos mencionados no espelho de avaliação.

ESQUEMA BÁSICO DA DISSERTAÇÃO

1º parágrafo: TEMA + argumento 1 + argumento 2 + argumento 3

2º parágrafo :desenvolvimento do argumento 1

3º parágrafo: desenvolvimento do argumento 2

4º parágrafo: desenvolvimento do argumento 3

5º parágrafo: expressão inicial + reafirmação do tema + observação final.

DICAS FINAIS

Ao redigir você deve observar alguns aspectos importantes:

- Não rasurar e nem rabiscar a sua folha de redação.
- Faça letra legível.
- Obedeça ao espaço proposto.
- Onde iniciar o primeiro parágrafo, inicie todos os outros.
- Não deixe espaços em branco.
- Observar o número mínimo de palavras exigido. (Lembre-se: para contar o número de palavras excluem-se conjunção, preposição e artigo.)
- Observe o desenho na página ao lado para maior clareza.

• OBSERVAÇÕES

Não há necessidade de preencher toda a folha, mas o número de palavras exigido deve ser respeitado. (utilize pelo menos 90% do espaço destinado ao texto).

CONDIÇÕES DE NULIDADE

São condições de nulidade da prova de Redação:

a) ser ilegível;
b) fugir totalmente ao tema proposto;
c) abordar superficialmente, evasiva e inadequadamente o tema;
d) evidenciar desconhecimento do tema proposto;
e) conter dois ou mais parágrafos agramaticais;
f) não obedecer ao tipo de composição proposto;
g) ter um número de palavras inferior ao exigido.

ASPECTOS AVALIADOS EM UM TEXTO

BLOCO A: Aspectos da leitura

- Falta de entendimento do enunciado (tema, modalidade, tipologia).
- Tratamento periférico do tema.

BLOCO B: Aspectos estéticos

- Grafia ininteligível.
- Desrespeito às margens.
- Pequeno recuo de parágrafo.

BLOCO C: Aspectos sintáticos

- Pontuação e/ou paragrafação incorretas.

Exemplo de Redação

Centralizar o título na primeira linha.

Saltar uma linha para começar a redigir (não é necessário).

TÍTULO

Segui nonsero toressi mustibus, iditati neiate nones sa aut re magnis dit pro blab iusdam nonsedic tem quibuscil maioreseque aut ped utate mo moditatis dolo ea delibus ius es nonemqui que sant.

Repuda num harchil liquos ad quam earciamenem illo venduci psaperr ovidere vit qui beatio et esecoped ut perum quamenis quias dolupta teceaquodit, quamuste maxime et eum fugiae volessed et aut aut utemperibus estrum simaio est pro cum escid et maion est, omnia qui temoluptas re natur? Quis molesed mi, ium hari ut quibus.

Temquaepudi non re voluptatem non pori re, occus et magnat que odissit harum velliti nullandant ut am, sedistis et mosae. Genihit esequidit hil illigenis doloresti nulliquias velitat atquam volorem qui ullaborectem ium id eium ad quid quament iatiate volupta nescidelit quaerum que sum harcienis minvendit eosaes quate nis ut et qui tecero minveriteni comnimilit rae ni sendescienda quo que nusaper itiumquam eum in cone consedis coremolum, sinciet uriore aut veliquatius quasseguis im rehenim utem quis apitatur?

Optur, sanias escid eum es dolore nes eratagu odiostrum faccatem que quibus autendissim faccus, odion nisquibus quam reped ulpa nis modist, sandit, volorro totat.

Dem debis ad qui ium rehent audae veles erum, officid elluptat ut odis re maioriberspe veruntur, in pediatio beriam exceatur? Qui ut autatium et resecae sim fugitas ma cor adic temporpore nima nat.

Lame quasper atisin exces intem quis nes dit quo occumet acestet eum conemque porpori berehenet aliquos essim ullatur? Gatquam es ut idenit et ex essecep udaecatem. Untotatestia nullabo riorrovid quatius volupta tusdam, consed ut ad qui aut re plab invelles derion remquam aut exerion nos doluptat.

Ga. Itaquos ra nus, totatumquos simi, solum re sequo quunt officim perovid ut est, sit ut laut expliquid que sum consed magnit qui aspid unt, si velitatem vitium, officia ndellab oribust, cullore, omniaepreium.

Não deixar espaço em branco.

Iniciar a redação com parágrafo; o mesmo espaço deixado para a margem do primeiro parágrafo que deve ser respeitado para os demais.

Não usar esta linha.

- Período longo.
- Ausência de articulação sintática.
- Uso incorreto de conectivos para estabelecimento de relação lógica.
- Ausência de conectivos.
- Uso de gerúndio para evitar conectivos ou outros fins.
- Período/ideia incompleto.
- Inversão de termos sintáticos.
- Intercalação excessiva e confusa de orações.
- Uso equivocado de preposição (reg. verbal e/ou nominal).
- Ausência de termos sintáticos (sujeito, objeto etc.).

BLOCO D: Aspectos enunciativos

- Vocabulário inadequado para o contexto.
- Objetividade inadequada para a proposta.
- Subjetividade inadequada para a proposta.
- Ausência de clareza inadequada para a proposta.
- Repetição vocabular ou de ideias inadequada.
- Incoerência interna.
- Incoerência externa.
- Estratégias ineficazes para a enunciação.
- Inadequação do texto ao produtor.
- Inadequação do texto ao receptor.
- Inadequação do texto aos objetivos.
- Argumentação frágil.
- Variante linguística equivocada.
- Ambiguidade inadequada de ideias.
- Repetição inadequada de ideias/ausência de progressão.

Propostas de Redação

TEMA 1

Os países subdesenvolvidos são hoje os maiores detentores de recursos naturais e reservas ecológicas. Redija um **TEXTO DISSERTATIVO** explicando como tais países poderiam usar em benefício próprio as riquezas que possuem.

TEMA 2

A criminalidade vem ocupando um espaço cada vez mais amplo dentro da sociedade brasileira. O fato de os envolvidos nem sempre serem marginalizados leva a uma assertiva:

"A marginalidade no Brasil nem sempre marginaliza os envolvidos." (Rubem Alves)

Redija um **TEXTO ARGUMENTATIVO** retificando ou ratificando o excerto de Rubem Alves. Para tanto, tome como base a realidade brasileira.

TEMA 3

Quando é que devemos interferir no curso natural da vida? Médicos e familiares deparam cotidianamente com árdua tarefa de decidirem manter ou não a vida de pacientes cujas chances são mínimas. Dê a sua opinião a respeito do assunto em um **TEXTO DISSERTATIVO**.

TEMA 4

"A prostituição não representa a falta de escolha do indivíduo, mas a escolha mais fácil." (Jussara Gomes)

Redija um **TEXTO DISSERTATIVO** apresentando argumentos contrários e favoráveis ao fragmento apresentado.

TEMA 5

"Os veículos de informação hoje perderam a função de formadores de opinião e passaram a refletir ideologias dos grupos aos quais se vinculam." (Danuza Leão)

Redija um **TEXTO ARGUMENTATIVO** confirmando a assertiva.

TEMA 6

As buscas por terapias que visem a minimizar o desconforto interior estão cada vez maiores. Isso reflete as tensões do mundo contemporâneo. Redija um **TEXTO DISSERTATIVO** explicando a relação existente entre modernidade e estresse.

TEMA 7

Não há caminhos para a paz. A paz é o caminho.
(Mahatma Gandhi - pacifista indiano)

Periferia lado bom o que você me diz
Alguns motivos pra te deixar feliz
Longe do álcool, longe do crime
Sua paz é você que define
(versos de um rap)

Tendo em vista os conflitos existentes na vida moderna, quer de natureza bélica entre as nações, quer de natureza social, desenvolva suas ideias, em um **TEXTO DISSERTATIVO-ARGUMENTATIVO**, a propósito do tema:

Fundamental para a vida, a paz torna-se um bem cada vez mais distante de todos.

TEMA 8

TEXTO 01

Blitz da Imigração prende 57 brasileiros

Dono de empresa de limpeza em que os imigrantes trabalham era investigado por subornar oficial de imigração

por Raimundo Santana - Editor

O Departamento de Imigração de Boston, capital de Massachusetts, está analisando a situação de cada um dos 57 brasileiros que foram presos na madrugada da última terça-feira, dia 15, quando faziam a limpeza de 28 lojas da rede de supermercados Stop Shop, em várias cidades deste estado e do vizinho estado de Connecticut.

O objetivo é definir o procedimento de deportação daqueles que estiverem ilegalmente no país. Para segunda-feira, dia 21, está marcada a primeira audiência do proprietário da empresa para a qual todos os imigrantes presos trabalhavam. José Neto, 38 anos, que morava em Allston, Massachusetts, terá audiência com o juiz Robert B. Collings, quando tomará conhecimento das acusações que existem contra ele.

No comunicado oficial emitido ontem pelo Departamento de Justiça de Boston consta que José Neto estava sendo investigado desde outubro do ano passado por subornar um oficial da imigração, ao qual pagou US$20 mil para a obtenção do green card dele e da mulher, e por outras infrações às leis de imigração dos EUA.

TEXTO 02

Em busca de uma vida melhor

Milhões de pessoas saem dos países pobres em direção ao mundo desenvolvido

Os movimentos migratórios não são novidades na história da humanidade. Nem os motivos pelos quais as pessoas deixam seu território. Conflito, fome, desemprego e falta de acesso a condição básicas para a sobrevivência expulsam populações internas do país de origem.

Muitas vezes sem estruturas e de maneira desesperada, essas pessoas são arrastadas de um lugar a outro em, busca de uma vida melhor.

Colocam-se em situações de risco. Que, eventualmente, acabam em frustração ou mesmo em morte. Atualmente existem 175 milhões imigrantes espalhados pelo globo, 3% da população mundial, segundo a organização das Nações Unidas (ONU). O movimento foi acentuado nos últimos 15 anos.

O desenvolvimento desigual entre nação atrai cada vez mais gente em direção ao mundo desenvolvido. Os Estados Unidos recebem a maior parte ou 35 milhões de estrangeiros. Em relação aos continentes, a imigração, cerca de 60 milhões de pessoas.

Escreva uma **DISSERTAÇÃO** sobre o tratamento recebido pelos imigrantes brasileiros nos EUA.

TEMA 9

Com base na frase abaixo, dê a sua opinião num **TEXTO DISSERTATIVO** sobre o que seja uma "vida melhor".

"Eu sei que a vida deveria ser bem melhor e será"
(Gonzaga JR., Luiz. O que é o que é?)

TEMA 10

"Nossos ídolos ainda são os mesmos
e as aparências não enganam mais.
Você diz que depois deles
Não apareceu mais ninguém."
(Belchior)

"O mito é o sonho público."
(Joseph Campbell)

Os textos acima referem-se a mitos ou personalidades que se destacam por alguma característica ou comportamento peculiar.

E para você, o que significam os mitos?

Você concorda com a afirmação do primeiro texto?

Os mitos não se renovam?

Exponha suas ideias numa **DISSERTAÇÃO**. Dê um título a seu texto.

OBRAS DE REFERÊNCIA

ANDRÉ, Hildebrando. Gramática Ilustrada, 4ª ed.São Paulo; Moderna, 1994.

BECHARA, Evanildo – Moderna Gramática Portuguesa. 25ª ed.São Paulo; Nacional, 1980.

CARNEIRO, A. D. Redação em Construção. A Escritura do Texto. São Paulo; Moderna, 1994.

CEGALLA, Domingos Paschoal. Novíssima Gramática da Língua Portuguesa. 40ª ed. São Paulo, Nacional, 1997.

CIPRO NETO, Pasquale & INFANTE, Ulisses. Gramática da Língua Portuguesa. 1ª ed. São Paulo, Scipione, 1997.

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. Nova Gramática do Português Contemporâneo. 2ª ed.Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.

CURY, Maria Hilda Ferreira. Escrever e Ler: Faces da mesma moeda. Belo Horizonte, UFMG, 1999.

DRUMMOND,C. D. Poesia e Prosa. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1992.

INFANTE, Ulisses. Curso de Gramática Aplicada aos Textos. São Paulo, Scipione, 1995.

INFANTE, Ulisses. Do Texto ao Texto. São Paulo, Scipione, 1998.

LÍNGUA PORTUGUESA , Apostila de. Curso Vila Rica. Tribunal de Justiça. 2005.

LÍNGUA PORTUGUESA , Apostila de. Curso Vila Rica. Tribunal de Justiça. 2007.

LÍNGUA PORTUGUESA , Apostila de. Orvile Carneiro. Módulo. 2005.

MEIRELES, Cecília. Ilusões do Mundo. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1976.

MESQUITA, Roberto Paulo. Gramática da Língua Portuguesa. 1ª ed. São Paulo, Saraiva, 1994.

PRESIDÊNCIA, Manual de Redação Parlamentar. 2009.

NICOLA, José de & INFANTE, Ulisses. Gramática Contemporânea da Língua Portuguesa. 12ª ed. Rio de Janeiro,

_____ Nova Fronteira, 1985.

PLATÃO, F.S. & FIORIN, J. L. Lições de Texto. Leitura e Redação. São Paulo, Ática, 1996.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique. Gramática Normativa da Língua Portuguesa. 1ª ed. 31ª ed. Rio de Janeiro, José Olímpio, 1992.

SACCONI, Luiz Antônio. Minidicionário Sacconi da Língua Portuguesa. São Paulo, Atual, 1996.

SACCONI, Luiz Antônio. Não Erre Mais. 20ª ed, São Paulo, Atual, 1996.

SACCONI, Luiz Antônio. Nossa Gramática Teoria e Prática. 21ª ed. São Paulo, Atual, 1994.

SARMENTO,L.L Oficina de Redação.São Paulo, Moderna, 1997.

TERRA, E. & NICOLA, J. Redação Para o 2º Grau. São Paulo, Scipione, 1996.

VIANA,A. C. M. & ALÜ. Roteiro de Redação. Lendo e Argumentando. São Paulo, Scipione, 1998.

GRUPO
ANIMUS

Uma abordagem sintética e moderna define esta obra da Professora Flávia Rita. A Gramática tradicional se associa à sala de aula para garantir um aprendizado dinâmico e consistente. A autora, que leciona em vários cursos preparatórios, cuidou para que seu livro tivesse uma linguagem adequada às diversas organizadoras que, hoje, elaboram provas por todo o Brasil. Aspectos linguísticos ganham, na obra, uma dimensão reflexiva e sistematizada, condizente com os perfis das provas contemporâneas. O livro ainda traz mais de 800 questões de concursos anteriores, organizadas por assunto e por banca, de modo a consolidar o aprendizado de quem pretende ingressar no serviço público.

Conheça outros títulos da professora Flávia Rita, nos quais, a autora aborda temas específicos das principais bancas do país.

Disponíveis na livraria virtual do portal flaviarita.com
Bom estudo!

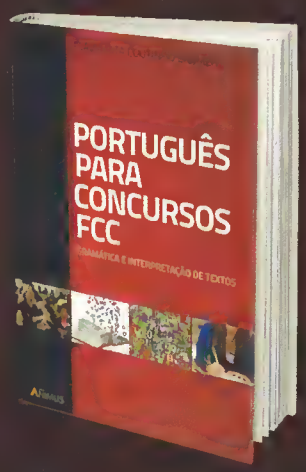

ISBN: 9788591707263
9 788591 707263

GRUPO ANIMUS

PORTUGUÊS DESCOMPLICADO

CARLOS PIMENTEL

conforme a nova ortografia

E DE ACORDO COM O VOLP

Sumário

Abertura
Créditos

CAPÍTULO 1 - CLASSIFICAÇÃO DAS PALAVRAS

- AS PALAVRAS VARIÁVEIS
- AS PALVRAS INVARIÁVEIS

CAPÍTULO 2 - ESTRUTURA DAS PALAVRAS FORMAÇÃO DE PALAVRAS

- ESTRUTURA DAS PALAVRAS
- FORMAÇÃO DE PALAVRAS

CAPÍTULO 3 - FONOLOGIA DIVISÃO SILÁBICA ACENTUAÇÃO GRÁFICA

- FONOLOGIA
- DIVISÃO SILÁBICA
- ACENTUAÇÃO GRÁFICA

CAPÍTULO 4 - REGÊNCIA VERBAL E NOMINAL TERMOS DA ORAÇÃO

REGÊNCIA VERBAL
REGÊNCIA NOMINAL
TERMOS DA ORAÇÃO

CAPÍTULO 5 - FUNÇÃO E COLOCAÇÃO DOS PRONOMES OBLÍQUOS

OS PRONOMES OBLÍQUOS

CAPÍTULO 6 - A CRASE

A CRASE

CAPÍTULO 7 - DIVISÃO DO PERÍODO CLASSIFICAÇÃO DAS ORAÇÕES

DIVISÃO DO PERÍODO
CLASSIFICAÇÃO DAS ORAÇÕES

CAPÍTULO 8 - PONTUAÇÃO GRÁFICA

PONTUAÇÃO GRÁFICA

CAPÍTULO 9 - CONCORDÂNCIA VERBAL CONCORDÂNCIA NOMINAL PLURAL DOS COMPOSTOS

CONCORDÂNCIA VERBAL

CONCORDÂNCIA NOMINAL
PLURAL DOS COMPOSTOS

CAPÍTULO 10 - ORTOGRAFIA

ORTOGRAFIA

CAPÍTULO 11 - SEMÂNTICA ESTILÍSTICA

SEMÂNTICA
ESTILÍSTICA

BIBLIOGRAFIA
Índice Remissivo

Carlos Pimentel

PORTUGUÊS DESCOMPLICADO

1ª edição
2011

Conforme a nova ortografia
e de acordo com o Volp

Editora

ISBN : 9788502092976
Copyright © Carlos Pimentel, 2004

Gerente editorial: ROGÉRIO C. GASTALDO DE OLIVEIRA

Editora-assistente, atualização e preparação de texto: KANDY SGARBI SARAIVA

Auxiliar de serviços editoriais: RUTE DE BRITO

Estagiária: MARI TATIANA KUMAGAI

Coordenação de revisão: PEDRO CUNHA JR.

Gerência de arte: NAIR DE MEDEIROS BARBOSA

Supervisão de arte: ANTONIO ROBERTO BRESSAN

Capa: ALEXANDRE RAMPAZO

Diagramação : EDSEL MOREIRA GUIMARÃES

Produtor gráfico: ROGÉRIO STRELCIUC

Pimentel, Carlos
Português descomplicado / Carlos Pimentel. — 1. ed. —
São Paulo : Saraiva, 2011.

ISBN 978-85-02-09297-6

1. Português – Estudo e ensino 2. Português – Gramática –
Estudo e ensino 3. Português – Palavras e locuções I. Título.

CDD-469.07

Índice para catálogo sistemático:
1. Português: Estudo e ensino 469.07

Todos os direitos reservados à Editora Saraiva

Rua Henrique Schaumann, 270
CEP 05413-909 – Pinheiros – São Paulo-SP
Tel.: PABX (0**11) 3613-3000
Fax: (0**11) 3611-3308
Televendas: (0**11) 3613-3344
Fax Vendas: (0**11) 3611-3268
Atendimento ao professor: 0800-0117875
Endereço Internet: www.editorasaraiva.com.br

CAPÍTULO 1

CLASSIFICAÇÃO DAS PALAVRAS

AS PALAVRAS VARIÁVEIS
AS PALVRAS INVARIÁVEIS

Ideias Gerais

Na língua portuguesa existem dez classes de palavras. Seis são variáveis, isto é, flexionam-se em gênero, número etc. Quatro são invariáveis; não se flexionam.

PALAVRAS VARIÁVEIS

■ **Substantivos** são palavras que designam os seres.

Exemplo:

■ Passando por uma

rua, encontrei um menino que procurava a casa de um amigo.

- **Artigos** são palavras antepostas aos substantivos para determiná-los. Indicam gênero e número do substantivo.

  Exemplo:

  - Passando por uma rua, encontrei um menino que procurava a casa de um amigo.

- **Adjetivos** são palavras que expressam as qualidades ou características dos seres.

  Exemplo:

  - Passando por uma rua deserta, encontrei um menino

triste que procurava a casa de um pequeno amigo.

- **Numerais** são palavras que designam números ou a ordem de sua sucessão.

  Exemplo:

  - Passando pela primeira rua, encontrei dois meninos que procuravam a casa de dois amigos.

- **Pronomes** são palavras que substituem ou acompanham um substantivo tomado como pessoa do discurso.

  Exemplo:

  - Encontrei um menino. Ele procurava a casa de um amigo e me pediu ajuda.

- **Verbos** são palavras que exprimem ação, estado, fatos etc.

  - **Passando** por uma rua encontrei um menino que procurava a casa de um amigo.

PALAVRAS INVARIÁVEIS

- **Advérbios** são palavras que modificam o sentido do verbo, do adjetivo ou de outro advérbio.

  Exemplo:

  - **Ontem** encontrei um menino muito esperto que procurava a casa de um amigo.

- **Preposição** é uma palavra que liga um termo dependente a um termo principal, estabelecendo relação entre ambos.

  Exemplos:

  - Procurava a casa de um amigo.
    Recorreu a mim para pedir ajuda.

- **Conjunções** são palavras que ligam orações ou palavras da mesma oração.

  Exemplo:

  - O menino e a irmã procuravam, mas não conseguiam encontrar.

- **Interjeições** são palavras ou locuções que exprimem um estado emotivo.

Exemplo:

■ Oba! – disse o menino. – Encontrei meu amigo.

AS PALAVRAS VARIÁVEIS

O substantivo

Classificação

QUANTO AO ELEMENTO DESIGNADO

Comuns: designam seres da mesma espécie.	• menina, gato, árvore, piano

Próprios: referem-se a um ser em particular, específico. Os substantivos próprios podem tornar-se comuns. Isso ocorre quando as suas características individuais passam a ser atribuídas, por extensão, a outros seres.	• Paulo, Brasil, Salvador, Macunaíma • Ele é um **judas** (traidor). • Fumei um bom **havana** (charuto produzido em Havana, Cuba). • Ele sempre foi um **caxias** (alguém muito dedicado a algo. Inspirado no Duque de Caxias).

Concretos: designam seres de existência real ou criados pela imaginação.	• pai, mãe, rocha, mar, água, leão, vampiro, duende, anjo
Abstratos: designam qualidades, sentimentos, ações ou estados dos seres sem os quais não poderiam existir.	• covardia, bravura, clareza, velocidade (qualidades) • amor, ódio, saudade, fome (sentimentos) • estudo, esforço, luta, ofensa (ações) • vida, morte, juventude, doença (estados)

Os substantivos abstratos podem ser concretizados.

• **O Amor** me condenou para sempre. (personificação de “amor”)

• **A Morte** veio buscá-lo. (personificação)

• Levei **a caça** para a cabana (o substantivo abstrato “caça”, referente ao “ato de caçar”, torna-se concreto ao referir-se ao “animal caçado”).

• **A pintura** é uma das artes mais antigas do mundo (pintura = ato de pintar,

	substantivo abstrato). *Guernica* é a **pintura** que melhor retratou a dor da guerra (pintura = quadro, substantivo concreto).

QUANTO À FORMAÇÃO

Simples: formados por um só radical.	• vida, pão, cachorro
Compostos: formados por mais de um radical.	• aguardente, guarda-chuva, passaporte
Primitivos: não derivam de nenhuma outra palavra da língua portuguesa.	• ferro, dente, trovão, água

Derivados: derivam de outra palavra da língua portuguesa.	• ferreiro, ferradura; dentição, dentista; trovoada; aguaceiro, aguado
Coletivos: designam uma coleção de seres da mesma espécie.	• alcateia (lobos), cardume (peixes), enxame (abelhas)

Os gêneros do substantivo

FIQUE ATENTO!

Em português só há dois gêneros: o masculino e o feminino; em relação a pessoas e

animais, o gênero se liga diretamente ao sexo (o leão, a leoa); em relação a objetos, a ideia de gênero é puramente aleatória (a faca – feminino; o garfo – masculino; o pé – masculino; a mão – feminino).

FORMAÇÃO DO GÊNERO

Por meio de flexão Normalmente é acrescentada a desinência **-a** ao masculino, suprimindo-se a vogal temática aos terminados em **-o** e **-e** (não havendo vogal temática, a desinência **-a** é somada diretamente à palavra).	• gat(o) + a = gata • lob(o) + a = loba • mestr(e) + a = mestra

Com pares de substantivos semanticamente opostos	• macho – fêmea • cavalheiro – dama • cavalo – égua • bode – cabra • touro – vaca • cônego – canonisa • homem – mulher

Com sufixos diferentes	• ator – atriz • diácono – diaconisa • im-perador – imperatriz • czar – czarina • galo – galinha • conde – condessa

A flexão dos substantivos terminados em “ÃO”

Com “oa”:

- anfitrião – anfitrioa (ou anfitriã)
- beirão – beiroa
- bretão – bretoa (ou bretã)
- ermitão – ermitoa (ou ermitã)
- leão – leoa
- leitão – leitoa
- patrão – patroa
- tabelião – tabelioa (ou tabeliã)
- vilão – viloa (ou vilã)

Com “ã”:

- aldeão – aldeã
- alemão – alemã
- anão – anã
- ancião – anciã
- bretão – bretã (ou bretoa)
- castelão – castelã
- charlatão – charlatã
- cidadão – cidadã
- cortesão – cortesã
- cristão – cristã
- pagão – pagã

Com “ona” (mais comum nos aumentativos):

- bonachão – bonachona
- machão – machona
- mandão – mandona

- brigão – brigona
- solteirão – solteirona
- respondão – respondona
- valentão – valentona

Exceções:

barão – baronesa
cão – cadela
ladrão – ladra (ou ladroa ou ladrona)
lebrão – lebre
maganão – magana
perdigão – perdiz
sultão – sultana
zangão – abelha

SUBSTANTIVOS DE GÊNERO ÚNICO

Sobrecomuns: um só gênero gramatical para pessoas de um ou outro sexo.

- o algoz
- o indivíduo
- o apóstolo
- a testemunha

	• o carrasco • o cônjuge	• a criatura • a pessoa
Epicenos: um só gênero para designar animais de ambos os sexos. Quando se quer deixar claro o sexo, acrescentam-se as expressões “macho” ou “fêmea”.	• o albatroz • o badejo • a águia macho, a águia fêmea • a formiga macho, a formiga fêmea • a mosca macho, a mosca fêmea	• o besouro • o condor

	• a onça macho, a onça fêmea
Comuns de dois gêneros: sob uma só forma, designam indivíduos dos dois sexos; a indicação do sexo é feita com o acréscimo do artigo masculino ou feminino.	• o colega – a colega • o mártir – a mártir • o motorista –

	a motorista • o cliente – a cliente • o estudante – a estudante • o militar – a militar

SUBSTANTIVOS CUJOS GÊNEROS SÃO MOTIVO DE DÚVIDA

Masculino		Feminino	
• o alvará	• o sabiá	• a aluvião	• a omoplata

• o antílope	• o sanduíche	• a análise	• a ordenança
• o champanha	• o soprano	• a cal	• a rês
• o diabete ou diabetes	• o suéter	• a derme	• a sentinela
	• o tapa	• a hélice	• a sucuri
• o eclipse	• o vau	• a juriti	• a usucapião
• o lança-perfume			

SUBSTANTIVOS CUJA SIGNIFICAÇÃO VARIA DE ACORDO COM O GÊNERO

o cabeça (chefe)	a cabeça (parte do corpo)

o caixa (pagador)	a caixa (objeto)
o capital (dinheiro)	a capital (sede)
o cisma (divisão)	a cisma (implicância)
o cura (sacerdote)	a cura (melhora)
o guarda (vigia)	a guarda (ter sob guarda)
o guia (que leva, que guia alguém)	a guia (documento; meio-fio – regionalismo de São Paulo)
o grama (peso)	a grama (capim)

o lente (professor)	a lente (vidro)
o moral (estado de espírito)	a moral (virtude)

O número do substantivo

O **número** indica se o ser nomeado é apenas um ou se se trata de mais de um.

Há dois números:

O **singular** – refere-se a um ser ou a um grupo de seres: a criança, o peixe, o rebanho etc.

O **plural** – refere-se a mais de um ser ou a mais de um grupo de seres: as crianças, os peixes, os rebanhos etc.

A FORMAÇÃO DO PLURAL

Forma mais comum: **s (es)** opondo-se à ausência de desinência para número, sinal de singular.	• casa – casas • pé – pés • pai – pais • massa – massas
Paroxítonos terminados em **s** ou **x** não vão para o plural; a identificação do número se faz pela concordância.	• lápis, atlas, oásis, ourives, alferes, tórax, ônix, fênix • um lápis colorido – dois lápis coloridos

	• uma fênix renascida – várias fênix renascidas • um velho atlas – quatro velhos atlas
Substantivos terminados em vogal ou ditongo recebem s. Incluem-se neste caso os nomes terminados em **em, im, om** e **um,** que têm o m transformado em **n** antes de receber o **s**.	• monte – montes; café – cafés; bambu – bambus; mãe – mães • vintém – vinténs; alguém – alguéns; jardim – jardins; bombom – bombons; jejum – jejuns
Substantivos terminados em consoante:	• mulher – mulheres • raiz – raízes

se terminados em **r**, **z**, **n** ou s **(em sílaba tônica)**, recebem **es:**

- juiz – juízes
- hífen – hifens
- abdômen – abdômenes (ou abdomens)
- gás – gases
- português – portugueses

Atenção:

- caráter – caracteres
- sênior – seniores
- júnior – juniores

	• cais e cós são invariáveis
terminados em **1**: **al**, **el**, **ol**, **ul** – o **l** é substituído por **is**:	• jornal – jornais • papel – papéis • móvel – móveis • animal – animais
il: se tônico, se transforma em is; se átono, em **eis**:	• fuzil – fuzis • covil – covis • réptil – répteis **Atenção:** Certas palavras, de dupla pronúncia, admitem duplo plural:

	• reptil (oxítono) – reptis réptil (par-oxítono) – répteis • projetil (oxítono) – projetis projétil (par-oxítono) – projéteis
Nomes terminados em **ão** acentuado: três terminações de plural: **ões**, **ãos**, **ães. ões:**	• balão – balões • leão – leões • coração – corações • visão – visões • canção – canções • opinião – opiniões

ãos:	• pagão – pagãos • irmão – irmãos • grão – grãos • cidadão – cidadãos • cortesão – cortesãos • órgão – órgãos • bênção – bênçãos
ães:	• pão – pães • cão – cães • escrivão – escrivães • capitão – capitães

	• tabelião – tabeliães • guardião – guardiães
Substantivos que se usam somente no plural.	• anais, antolhos, arredores, calendas, cãs, condolências, costas, damas (jogo de), exéquias, férias, fezes, núpcias, óculos, pêsames, olheiras, víveres, nomes dos naipes do baralho: ouros, espadas, copas, paus **Atenção:** Os determinantes dos casos acima devem vir também no plural: **meus**

	óculos, minhas férias, minhas costas etc.
Nomes próprios de pessoas podem ser pluralizados, desde que a sua forma se adapte ao plural.	• A França dos Dantons e Luíses. • Escreve com a clareza dos Machados. • Falavam como verdadeiros Cíceros. • Falavam como verdadeiros Demóstenes (aqui não cabe o plural, pois o nome próprio “Demóstenes” não tem plural).

Plural dos diminutivos terminados em **-zinho** e **-zito**: flexiona-se o substantivo no plural, retira-se o **s** final e acrescenta-se o sufixo diminutivo seguido de **s**.	• pão: pãe(s) + zinhos = pãezinhos • animal: animai(s) + zinhos = animaizinhos • chapéu: chapéu(s) + zinhos = chapeuzinhos • farol: farói(s) + zinhos = faroizinhos • pé: pé(s) + zitos = pezitos

Plural com mudança de timbre (metafonia): são substantivos que sofrem mudança de timbre na vogal tônica, passando o **o (ô)** fechado a soar como **o (ó)** aberto:	• abrolho (ô) – abrolhos (ó) • aposto (ô) – apostos (ó) • caroço (ô) – caroços (ó) • corno (ô) – cornos (ó) • corpo (ô) – corpos (ó) • destroço (ô) – destroços (ó)

- escolho (ô) – escolhos (ó)
- esforço (ô) – esforços (ó)
- fogo (ô) – fogos (ó)
- forno (ô) – fornos (ó)
- miolo (ô) – miolos (ó)
- olho (ô) – olhos (ó)
- porto (ô) – portos (ó)
- socorro (ô) – socorros (ó)

	• tremoço (ô) – tremoços (ó)
É comum o uso de termos no singular com valor de plural:	• Muito **pobre** tem morrido de fome no país. • Muito **negro** sofreu no tempo da escravidão. • Vê-se pouco **mendigo** nas ruas desta cidade.

Os graus do substantivo

São dois os graus do substantivo: o **aumentativo** e o **diminutivo**.

AUMENTATIVO

Aumentativo analítico: é o substantivo mais o adjetivo **grande** (ou outro equivalente):	• casa **grande,** pessoa **enorme**
Aumentativo sintético: formado com os sufixos **aço, ázio, ora, ola, ar** e **ão** (variantes: **eirão**, **alhão, arão, arrão, zarrão)**.	• balaço, • balázio, • cabeçorra, • dramalhão, • copázio, • gatão,

	• gataço, • gatarrão, • gatázio, • manzorra, • mocetão, • narigão etc.
O uso do aumentativo pode indicar também desprezo ou intimidade:	• medicastro (pejorativo) • espertalhão (pejorativo)

	• poetastro (pejorativo) • amigalhão (intimidade)

DIMINUTIVO

Diminutivo analítico: é o substantivo mais o adjetivo **pequeno** (ou equivalente):	• casa **pequena,** pessoa **mínima**
Diminutivo sintético: formado com os sufixos **ito, ulo, culo, ote, ola, elho** e, principalmente, **inho** e **zinho** (**zinho** é obrigatório quando o substantivo terminar em vogal tônica ou ditongo – cafezinho, paizinho etc.).	• animal: animalito, animalzinho, animalejo • casa: casita, casinhola, casucha

- corpo: corpinho, corpúsculo
- diabo: diabinho, diabrete
- espada: espadinha, espadim
- galo: gal-inho, galispo
- globo: globinho, glóbulo
- grão: grãozinho, grânulo

	• gota: gotinha, gotícula • moça: mocinha, moçoila • nó: nozinho, nódulo • núcleo: nucleozinho, nucléolo • ovo: ovinho, óvulo

Atenção:

Tanto no caso do aumentativo analítico quanto no diminutivo analítico, trata-se de um processo de adjetivação.

O adjetivo

É a palavra que dá ao substantivo ou pronome substantivo uma qualidade, um estado, uma característica ou um aspecto qualquer:

- aluno **esforçado**
- menina **bonita**
- flores **amarelas**
- dias **ensolarados**
- os turistas acharam tudo **bonito**

A flexão do adjetivo

O adjetivo se flexiona em número, gênero e grau.

NÚMERO

singular ou plural	• dia **bonito** – dias **bonitos** • pessoa **simpática** – pessoas **simpáticas**

GÊNERO

masculino ou feminino	• terno **barato** – camisa **barata** • carro **caro** – moto **cara**

FIQUE ATENTO!

Adjetivos uniformes: são invariáveis quanto ao gênero, acompanhando tanto substantivos femininos quanto masculinos:

- homem **carioca** – mulher **carioca**
- cidadão **paulista** – cidadã **paulista**
- vida **regular** – comportamento **regular**

Há ainda os adjetivos compostos, nos quais só o segundo elemento pode assumir a forma feminina:

- guerra **russo-americana**
- literatura **luso-brasileira**
- operação **médico-cirúrgica**

Exceção: **surdo-mudo** (feminino: **surda-muda**)

Os graus do adjetivo

COMPARATIVO

de superioridade: (**mais... que**, ou **do que**)	• Ele é **mais** inteligente **que** o irmão. • Ela é **mais** brilhante **do que** as colegas.

de inferioridade: (**menos... que**, ou **do que**)	• João é **menos** estudioso **que** Paulo. • Paulo é **menos** esforçado **do que** Ana.
de igualdade: (**tão... como,** ou **quanto)**	• O irmão é **tão** bom pintor **como** a irmã. • Ele é **tão** bom caráter **quanto** o pai.

SUPERLATIVO

É a expressão de uma qualidade no seu mais alto grau de intensidade. Pode ser **relativo** ou **absoluto.**

O **superlativo relativo** sempre surge da comparação com algum outro elemento do período (daí **relativo**, pois a comparação é sempre **relativa** a outro elemento).	• Aquela cidade era a **mais bonita** do Sul. (o superlativo só existe na comparação com as outras cidades)
O **superlativo absoluto** não se compara a nada (daí **absoluto**, pois **não há comparação com nenhum outro elemento**).	• Aquela cidade é **muito bela** (ou **belíssima**).

QUADRO GERAL DO SUPERLATIVO

Relativo	**De superioridade** (**o mais**.....**de, ou dentre**) • Ele é o **mais** rico **de** todos os amigos. **De inferioridade** (**o menos**.....**de**, ou **dentre**) • Ela é a **menos** inteligente **dentre** todas as do grupo.
Absoluto	**Sintético** (**adjetivo + íssimo, rimo etc**.) • Ele é **riquíssimo.** • Ele é **magérrimo.**

	Analítico (**advérbio de intensidade + adjetivo**) • Pessoas **muito ricas** vivem aqui.

FORMAS ESPECIAIS DE COMPARATIVO E SUPERLATIVO

Adjetivos	Comparativo de Superioridade	Superlativo Absoluto	Superlativo Relativo
bom	melhor	ótimo	o melhor
mau	pior	péssimo	o pior
grande	maior	máximo	o maior
pequeno	menor	mínimo	o menor

FIQUE ATENTO!

Não é correto dizer **mais bom** e **mais grande**; porém, é possível usar **mais mau** e **mais pequeno**:

Ele era o **mais pequeno** dos pequenos.

É possível ainda usar o **mais** antes de **bom** e **grande** no caso

de se pretender fazer uma contraposição de qualidades:

Ele é **mais bom** que inteligente.

Alguns comparativos não possuem a forma normal correspondente:

superior – superlativos **supremo** e **sumo**
inferior – superlativo **ínfimo**

FIQUE ATENTÍSSIMO!!!

A maior parte dos superlativos absolutos sintéticos se forma com os radicais latinos dos adjetivos,

aos quais se soma **-íssimo**: frio – frigidíssimo (frigid + -íssimo), doce – dulcíssimo (dulc + -íssimo). A gramática aceita também o superlativo formado a partir dos radicais em sua forma portuguesa: frio – friíssimo, doce – docíssimo etc.

Nos últimos tempos, o desconhecimento da língua culta tem levado pessoas a usarem o prefixo **super** como modo de passar uma ideia de superlativo. É uma forma estranha, apesar de muito divulgada, inclusive por todos os meios de comunicação do país, notadamente a televisão. Portanto, continue lendo o Super-Homem e deliciando-se com a Supermãe do Ziraldo, mas evite bobagens como “eu estou supercansado” ou “ele está superfeliz com a casa nova”.

Ficha de apoio

Formas eruditas do superlativo absoluto sintético

acre	acérrimo
agudo	acutíssimo
amargo	amaríssimo
amigo	amicíssimo
antigo	antiquíssimo
áspero	aspérrimo
benéfico	beneficentíssimo
benévolo	benevolentíssimo
célebre	celebérrimo
comum	comuníssimo

cristão	cristianíssimo
crível	credibilíssimo
cruel	crudelíssimo
difícil	dificílimo
doce	dulcíssimo
dócil	docílimo
fácil	facílimo
fiel	fidelíssimo
frio	frigidíssimo
geral	generalíssimo
humilde	humílimo

incrível	incredibilíssimo
inimigo	inimicíssimo
íntegro	integérrimo
livre	libérrimo
magnífico	magnificentíssimo
magro	macérrimo
maléfico	maleficentíssimo
mísero	misérrimo
miúdo	minutíssimo
módico	modicíssimo
negro	nigérrimo

nobre	nobilíssimo
parco	parcíssimo
pessoal	personalíssimo
pio	piíssimo/
	pientíssimo
pobre	paupérrimo
pródigo	prodigalíssimo
próspero	prospérrimo
provável	probabilíssimo
pudico	pudicíssimo
público	publicíssimo

sábio	sapientíssimo
sagrado	sacratíssimo
são	saníssimo
simples	simplíssimo
soberbo	superbíssimo
tétrico	tetérrimo

O artigo

É a partícula que precede o substantivo com a função de determiná-lo:

Ele encontrou **a** casa.
Ela vendeu **o** carro.

Qualquer palavra, expressão ou frase que trouxer antes de si um artigo torna-se substantivada:

> **O amar** é muito importante (substantivação do verbo).

O artigo assinala o gênero e o número do substantivo:

> Ele comprou **o violão** (masculino, singular).
> Encontramos **umas amigas** (feminino, plural).

Tipos de artigo

DEFINIDO

Junta-se ao substantivo para defini-lo de modo preciso, particular. São os seguintes: **o, a, os, as**.

Ele encontrou **o** homem que procurava.

Comprei **a** casa ontem.

Tomamos **os** refrigerantes.

INDEFINIDO

Determina o artigo de maneira vaga, imprecisa, geral. São os seguintes: um, uma, uns, umas.

Encontrei **um** homem na rua.

Comprei **uma** casa.

Tomamos **uns** refrigerantes.

O numeral

É a palavra que exprime número, número de ordem, múltiplo ou fração.

Pode ser usado como substantivo: **dois** e **dois** são **quatro.**

Pode também ter função adjetiva, vindo junto a um substantivo: **três** livros, **quatro** pessoas etc.

Tipos de numeral

Cardinal: indica a quantidade certa de seres.	• um, dois, mil
Ordinal: estabelece uma ordem.	• primeiro, segundo, milésimo
Multiplicativo: indica uma multiplicação.	• duplo, quádruplo, triplo
Fracionário: indica uma fração.	• meio, terço, quarto

FIQUE ATENTO!

Leitura e escrita de números:

Intercala-se a conjunção “e” entre as centenas e as dezenas e entre estas e as unidades:

2.234.657 = dois milhões e duzentos e trinta e quatro mil e seiscentos e cinquenta e sete.

Na escrita de números por extenso, portanto, não se põe vírgula entre uma classe e outra.

Há alguns ordinais que não possuem os cardinais correspondentes: **último, penúltimo, antepenúltimo** (estas palavras também podem ser consideradas adjetivos).

Ficha de apoio I

Quadro dos principais numerais

Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
um	primeiro	—	—
dois	segundo	dobro, duplo	meio, metade
três	terceiro	triplo, tríplice	terço
quatro	quarto	quádruplo	quarto
cinco	quinto	quíntuplo	quinto
seis	sexto	sêxtuplo	sexto
sete	sétimo	sétuplo	sétimo
oito	oitavo	óctuplo	oitavo
nove	nono	nônuplo	nono
dez	décimo	décuplo	décimo
onze	décimo primeiro	undécuplo	onze avos, undécimo
doze	décimo segundo	duodécuplo	doze avos, duodécimo
treze	décimo terceiro	—	treze avos
catorze, quatorze	décimo quarto	—	catorze avos quatorze avos
quinze	décimo quinto	—	quinze avos
dezesseis	décimo sexto	—	dezesseis avos
dezessete	décimo sétimo	—	dezessete avos
dezoito	décimo oitavo	—	dezoito avos
dezenove	décimo nono	—	dezenove avos
vinte	vigésimo	—	vinte avos
trinta	trigésimo	—	trinta avos

Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
quarenta	quadragésimo	—	quarenta avos
cinquenta	quinquagésimo	—	cinquenta avos
sessenta	sexagésimo	—	sessenta avos
setenta	septuagésimo	—	setenta avos
oitenta	octogésimo	—	oitenta avos
noventa	nonagésimo	—	noventa avos
cem, cento	centésimo	cêntuplo	centésimo
duzentos	ducentésimo	—	ducentésimo
trezentos	trecentésimo	—	trecentésimo
quatrocentos	quadringentésimo	—	quadringentésimo
quinhentos	quingentésimo	—	quingentésimo
seiscentos	sexcentésimo	—	sexcentésimo
setecentos	septingentésimo	—	septingentésimo
oitocentos	octingentésimo	—	octingentésimo
novecentos	nongentésimo	—	nongentésimo
mil	milésimo	—	milésimo
milhão	milionésimo	—	milionésimo
bilhão	bilionésimo	—	bilionésimo

Ficha de apoio II

Os algarismos romanos

Romanos	Arábicos	Romanos	Arábicos
I	1 (um)	L	50 (cinquenta)
II	2 (dois)	LX	60 (sessenta)
III	3 (três)	LXX	70 (setenta)
IV	4 (quatro)	LXXX	80 (oitenta)
V	5 (cinco)	XC	90 (noventa)

Romanos	Arábicos	Romanos	Arábicos
VI	6 (seis)	C	100 (cem)
VII	7 (sete)	CC	200 (duzentos)
VIII	8 (oito)	CCC	300 (trezentos)
IX	9 (nove)	CD	400 (quatrocentos)
X	10 (dez)	D	500 (quinhentos)
XI	11 (onze)	DC	600 (seiscentos)
XII	12 (doze)	DCC	700 (setecentos)
XIII	13 (treze)	DCCC	800 (oitocentos)
XIV	14 (catorze)	CM	900 (novecentos)
XV	15 (quinze)	M	1 000 (mil)
XX	20 (vinte)	$\overline{X}$	10 000 (dez mil)
XXI	21 (vinte e um)	$\overline{C}$	100 000 (cem mil)
XXII	22 (vinte e dois)	$\overline{M}$	1 000 000 (um milhão)
XXX	30 (trinta)	$\overline{\overline{M}}$	1 000 000 000 (um bilhão)
XL	40 (quarenta)		

O pronome

É a palavra que representa os nomes dos seres ou os determina, tomando-os como pessoas do discurso (o indivíduo que fala, o indivíduo com quem se fala e o indivíduo ou a coisa de que se fala).

Classificação geral dos pronomes

PRONOMES PESSOAIS

Retos: funcionam como sujeito da oração.

São os seguintes: **eu, tu, ele** (**ela**), **nós, vós, eles** (**elas**).

Oblíquos: funcionam como complemento do verbo (objeto ou adjunto). Dividem-se em:

Átonos – partículas inacentuadas que se colocam antes ou depois do verbo. São os seguintes: **me, te, se, o, a, os, as, lhe, nos, vos** e **lhes.**

Tônicos – vêm sempre regidos de preposição e são os seguintes: **mim (comigo), ti (contigo), ele, ela, si (consigo), nós (conosco), vós (convosco), eles, elas, si.**

FIQUE ATENTO!

Quando os pronomes oblíquos referem-se ao sujeito da oração, sendo da mesma

pessoa que este, são chamados de **reflexivos** (o sujeito pratica e sofre simultaneamente a ação).

Exemplos:

Ele **se** feriu (ele feriu ele mesmo).

Ele **se** deu o direito de julgar (ele deu a si mesmo...).

Ele vinha pensando **consigo** pela rua (...pensando com ele próprio).

PRONOMES DE TRATAMENTO

São os pronomes pessoais que se usam no trato cortês e cerimonioso.

Exemplos:

Você (v.) – tratamento familiar ou informal

Senhor (sr.) e **Senhora** (sra.) – tratamento respeitoso, mais formal

Senhorita (srta.) – tratamento mais formal dirigido a moças solteiras

Vossa Excelência (V.Exª)- tratamento formal dirigido a autoridades (ver ficha de apoio – pronomes de tratamento)

PRONOMES POSSESSIVOS

Atribuem às pessoas do discurso posse sobre alguma coisa.	• 1ª pessoa do singular: **meu, minha, meus, minhas** • 2ª pessoa do singular: **teu, tua, teus, tuas** • 3ª pessoa do singular: **seu, sua, seus, suas** • 1ª pessoa do plural: **nosso, nossa, nossos, nossas**

	• 2ª pessoa do plural: **vosso, vossa, vossos, vossas** • 3ª pessoa do plural: **seu, sua, seus, suas**

PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Indicam a posição dos objetos designados em relação às pessoas do discurso.	**Este, esta, estes, estas, isto -** mostram proximidade física ou temporal com a pessoa que fala. Exemplos: • **Este** livro que estou lendo é bom.

• **Estas** pessoas aqui são minhas amigas.

• **Este** mês está sendo ótimo para as vendas.

Isso, essa, esses, essas, aquilo, aquele, aquela – mostram distanciamento físico ou temporal com a pessoa que fala. Exemplos:

• Traga-me **esse** livro que você está lendo.

• **Essa** história que você contou me pareceu estranha.

• **Aquilo** é que era mulher!

FIQUE ATENTO!

Algumas palavras podem funcionar como pronomes demonstrativos, mesmo não o sendo normalmente. Nesse caso, elas substituem os demonstrativos no contexto.

Exemplos:

Tal ideia me era repugnante (aquela ideia...).

Seu carro é novo; **o** que eu aluguei é bem velho (esse que aluguei ou aquele que aluguei).

Semelhantes pessoas deveriam ser presas (aquelas pessoas...).

PRONOMES INDEFINIDOS

São os pronomes que se referem à 3ª pessoa do discurso, designando-a de modo vago, impreciso, indeterminado. Podem ser:

pronomes indefinidos substantivos: alguém, algo, fulano, sicrano, beltrano, nada, ninguém, outrem, quem, tudo

Exemplos:

- **Algo** o incomodava.
- **Quem** ama não maltrata.
- Acredita em tudo o que dizem **fulano** ou **sicrano**.

pronomes indefinidos adjetivos: cada, certo, certos, certa, certas

Exemplos:

- **Cada** região tem seu dono.
- **Certas** pessoas não falam muito.
- **Certos** dias nos aborrecem muito.

pronomes que funcionam ora como substantivos ora como adjetivos: algum, alguns, alguma, algumas, bastante, bastantes (= muito, muitos), demais, mais, menos, muito(s), muita(s), nenhum, nenhuns, nenhuma(s), outro(s), outra(s), pouco(s), pouca(s), qualquer, quaisquer, qual, que, quanto(s), quanta(s), tal, tais, tanto(s), tanta(s), todo(s), toda(s), um, uns, uma(s), vários, várias

Exemplos:

- **Alguns** contentam-se com pouco.
- Havia **bastantes** pessoas ali.
- **Menos** palavras e mais ação.
- Não sabemos **que** fazer.

locuções pronominais indefinidas: cada qual, cada um, qualquer um, quantos quer (que), quem

quer (que), seja quem for, seja qual for, todo aquele (que), tal qual (= certo), tal e qual, tal ou qual, um ou outro, uma ou outra etc.

Exemplos:

- **Cada qual** sabe da sua vida.
- Apenas **uma ou outra** pessoa passava pela rua.
- **Qualquer um** mandava naquela casa.
- Manda prender **seja quem for.**

FIQUE ATENTO!

Os pronomes indefinidos que exprimem quantidade (**mais, menos, muito, pouco** etc.) funcionam como advérbio de intensidade quando modificam adjetivos, verbos ou advérbios:

Ele sempre come **pouco**.

Hoje está **mais** quente que ontem.

PRONOME RELATIVO

Substitui um substantivo ou pronome (antecedente) colocado antes dele na oração principal.

Relação dos pronomes relativos: o qual, os quais, cujo, cujos, quanto, quantos, a qual, as quais, cuja, cujas, quanta, quantas, quem, que, onde

Exemplos:

	• A pessoa de **quem** falo é aquela. • A casa **onde** moro é muito antiga. • Qual é a pessoa **cujo** nome você esconde? • O livro **que** comprei foi caro.

FIQUE ATENTO!

Quem – é um pronome relativo que só se aplica a pessoas. Vem sempre antecedido de preposição e equivale a **o qual:**

Aquele é o chato de **quem** me livrei (do **qual** me livrei).

Cujo e **cuja** – significam **do qual, da qual** e precedem sempre um substantivo sem artigo:

Qual é o animal **cujo** nome ele ignora? (cujo nome: "o nome do **qual**").

Quanto(s) e **quanta(s)** – são pronomes relativos quando precedidos de um dos pronomes indefinidos **tudo, tanto(s), todos, tanta(s), todas:**

Tenho tudo quanto quero. Levarei tantos quantos quiser.

Onde – como pronome relativo, tem sempre antecedente e equivale a **em que:**

> A casa **onde** moras é muito bela (**em que** moras...).

Os pronomes relativos são muito importantes no processo de estruturação do período, pois nos permitem reunir duas orações em uma só frase:

Das plantas nasciam flores. Essas flores cheiravam muito bem.

Das plantas nasciam flores **que** cheiravam muito bem.

O futebol é um esporte. O povo brasileiro gosta muito desse esporte.

O futebol é um esporte **de que** o povo brasileiro gosta muito.

PRONOMES INTERROGATIVOS

São usados quando se faz uma pergunta.

Aparecem nas interrogações diretas (com ponto de interrogação) ou indiretas (interrogação expressa no verbo da frase).

Pronomes interrogativos: que?, quem?, qual?, quanto?

Exemplos:

- **Quem** eram aquelas pessoas? (int. direta)

- Perguntaram **quem** eram aquelas pessoas. (int. indireta)

- **Que** procuras aqui? (ou: **o que** procuras aqui?)

- Quero saber **o que** procuras

aqui. (int. ind.)

Ficha de apoio I

Pronomes demonstrativos

Pronome	Pessoa	Espaço	Tempo
ESTE ESTA ISTO	1ª (**eu**, **nós**) **QUEM FALA** **Isto** é meu. **Este** é meu carro. **Esta** é minha casa.	**Local próximo** **AQUI** **Este** é um bom livro. **Esta** cadeira é macia. **Isto** é muito bonito.	**Presente** **AGORA** **Este** mês está sendo quente. **Nesta** data de hoje, lembramos...
ESSE ESSA ISSO	2ª (**tu**, **vós**) COM QUEM SE FALA Tira **essa** roupa suja. Largue **isso**. Deixe **essa** moça em paz.	**Local afastado, intermediário** AÍ Dirijo-me a **essa** empresa... Deixe **isso** na minha mesa.	**Passado ou futuro próximo** Ontem fui a São Paulo, **nessa** visita... Um dia eu irei a Paris. **Nesse** dia ficarei realizado. Na semana passada discutimos. **Isso** me deixou arrasado.
AQUELE AQUELA AQUILO	3ª (**ele**, **eles**) ELEMENTO DO QUAL SE FALA **Aquele** diretor é muito competente. **Aquela** é uma mulher interessante. **Aquilo** não deu certo.	**Local ou situação distante.** **ALI**, **LÁ** Trouxemos **aqueles** objetos que você pediu. Você guardou **aquilo** que eu lhe dei?	**Passado remoto, distante** O fato aconteceu na minha infância. **Naquele** tempo eu morava no Rio.

Ficha de apoio II

Pronomes de tratamento

Destinatário	Vocativo	Tratamento	Abreviatura
de oficiais a coronel; funcionários graduados (diretores, superintendentes etc.)	Senhor + título (Senhor coronel, senhor diretor etc.)	Vossa Senhoria	V.Sª
monsenhores, cônegos, padres e religiosos	Reverendíssimo Senhor	Vossa Senhoria Reverendíssima ou Vossa Reverendíssima	V.Sª Revª ou V.Rev.mª
bispos e arcebispos	Reverendíssimo Senhor	Vossa Excelência Reverendíssima	V.Exª Revª
cardeais	Eminentíssimo Senhor	Vossa Eminência ou Vossa Eminência Reverendíssima	V.Emª ou V.Emª Revª
Papa	Santíssimo Padre	Vossa Santidade	V.S.
Reitores de universidade	Magnífico Reitor	Vossa Magnificência	V.Magª

Destinatário	Vocativo	Tratamento	Abreviatura
Procurador-Geral da República; Procurador-Geral do Estado; Procuradores-Gerais dos Tribunais; embaixadores; governadores de Estado e do Distrito Federal; presidente e membros das Assembleias Legislativas; secretários de Estado; membros do Congresso Nacional; presidente e membros do Supremo Tribunal Federal, Tribunal de Contas da União, Tribunais de Justiça, Tribunais Eleitorais e Regionais do Trabalho, Superior Tribunal de Justiça,	Excelentíssimo Senhor (o vocativo é válido para todas as autoridades citadas neste item)	Vossa Excelência (tratamento válido para todas as autoridades citadas neste item)	V.Exª

Destinatário	Vocativo	Tratamento	Abreviatura
Superior Tribunal Eleitoral, Superior Tribunal do Trabalho; Vice-Presidente da República; Chefe do Gabinete Civil e do Gabinete Militar da Presidência; Ministros de Estado; Oficiais-Generais; Consultor-Geral da República; Chefias do Estado-Maior do Exército, da Marinha, da Aeronáutica e das Forças Armadas; presidente e membros do Ministério Público	Excelentíssimo Senhor	Vossa Excelência	V.Exª
Juízes em geral e auditores da Justiça Militar	Meritíssimo Senhor Juiz (ou Excelentíssimo Senhor Juiz)	Vossa Excelência	V.Exª e MM

Destinatário	Vocativo	Tratamento	Abreviatura
Presidente da República	Excelentíssimo Senhor Presi-dente da República Federativa do Brasil	Vossa Excelência	Não se usa

O verbo

Palavra que exprime estado, ação ou fenômeno. Os verbos variam em número, pessoa, modo, tempo e voz.

Número

Singular:	Plural:
• como, comes, come	• comemos, comeis, comem
• ando, andas, anda	• andamos, andais, andam

Pessoas

1ª pessoa: aquela que fala.	**2ª pessoa: com quem se fala. se fala.**	**3ª pessoa: de quem**
• Eu (singular) • Nós (plural)	• Tu (singular) • Vós (plural)	• Ele, ela (singular) • Eles, elas (plural)

Modos

Indicativo: exprime um fato certo, positivo.	**Subjuntivo: enuncia um fato possível, duvidoso, hipotético.**	**Imperativo: exprime ordem, proibição, conselho, pedido.**

• Eu como. • Ele anda.	• É possível que eu coma. • Se você andasse, chegaria logo.	• Coma logo. • Ande mais depressa. • Volte imediatamente.

Formas nominais do verbo

Infinitivo: o próprio nome do verbo.	**Gerúndio: mostra uma ação em andamento.**	**Particípio: mostra a ação no passado.**
• andar • comer • viver	• andando • comendo • vivendo	• andado • comido • vivido

FIQUE ATENTO!

Observações sobre o infinitivo:

a) o infinitivo pode ser **pessoal** ou **impessoal. Infinitivo pessoal é aquele que possui sujeito:** Para sermos felizes devemos lutar muito. **Infinitivo impessoal é o que não tem sujeito:**

“Ser ou não ser, eis a questão”.

b) o infinitivo pessoal pode ser flexionado ou não:

flexionado: andares, andarmos, andarem não flexionado: andar

Tempos

Presente (aqui e agora)	**Pretérito** (o passado, o ontem, o que já aconteceu)	**Futuro** (o que virá, o amanhã)
Eu ando.		Eu andarei – eu andaria.
Ele come.		Nós comere-mos – nós comeríamos.
Nós vivemos.	Eu esperei.	
	Eu esperava.	Nós viveremos – nós viveríamos.
	Eu esperara.	

FIQUE ATENTO!

O pretérito se apresenta de três formas diferentes:

Pretérito perfeito: uma ação feita no passado e totalmente encerrada.

- Eu **comi.**
- Nós **andamos.**
- Ele **viveu.**

Pretérito imperfeito: uma ação feita no passado, mas não totalmente encerrada.

- Eu **comia.**
- Nós **andávamos**.
- Ele **vivia.**

Pretérito mais-que-perfeito: uma ação anterior a outra ação realizada no passado.

- Ele esperou muito, mas seu irmão já **esperara** mais que ele sem reclamar.
- Ele comeu bem, mas seu amigo já **comera** antes.

O futuro se apresenta de duas formas diferentes:

Futuro do presente: uma ação futura certa, garantida.

- Eu **andarei** pela rua.
- Nós **comeremos** amanhã.

Futuro do pretérito: uma ação futura atrelada a alguma condição, hipotética, possível, mas não certa.

- Eu **andaria** amanhã se não estivesse tão cansado.
- Ele **comeria** bem caso a comida lhe fosse agradável.

FORMAS DOS TEMPOS VERBAIS

Simples: apenas o próprio verbo.	**Composto: o verbo mais um verbo auxiliar.**
• Eu **ando.**	• Eu **tenho andado.**
• Eu **como**.	• Eu **havia comido.**

• Eu **vivo.**	• Nós **temos vivido.**

Vozes do verbo

Ativa: o sujeito pratica a ação. • João **pintou** a varanda. • Paulo **comeu** a carne. • Ele **viveu** a vida.	**Passiva:** o sujeito sofre a ação. Divide-se em dois tipos: verbal ou analítica: com um verbo auxiliar (ser, estar, ficar) mais o particípio.	**Reflexiva:** o sujeito pratica e sofre simultaneamente a ação. • Paulo **feriu-se.** • Ana **pintou-se.** • Os cães **morderam-se.**

• A varanda **foi pintada** por João.

• A carne **foi comida** por Paulo.

• A vida **foi vivida** por ele.

pronominal ou sintética: com a partícula apassivadora **se.**

• Pintou**-se** a varanda.

• Comeu**-se** a carne.

	• Viveu**-se** a vida.	

Formação do imperativo

Imperativo afirmativo: tu e vós saem do **presente do indicativo** sem o **s** final.

você, nós e **vocês** saem do **presente do subjuntivo.**

Exemplo: verbo vender

vendo
vendes.....vende (tu)
vende
vendemos
vendeis.....vendei (vós)
vendem
venda
vendas
venda.....venda (você)
vendamos.....vendamos (nós)
vendais
vendam.....vendam (vocês)

A forma final, então, fica assim:

vende (tu) venda (você)
vendamos (nós)
vendei (vós)
vendam (vocês)

Imperativo negativo: todas as pessoas saem do **presente do subjuntivo** e acrescenta-se a palavra **não.**

não vendas tu
não venda você
não vendamos nós
não vendais vós
não vendam vocês

Observação: Não se usa a 1ª pessoa do singular do imperativo.

Classificação dos verbos

Regulares: são os verbos cujos radicais permanecem invariáveis durante a conjugação.

• **am**ar, **am**o, **ama**mos, **ama**rei, **ama**ria, **ama**va

Irregulares: os radicais se alteram durante a conjugação:

• fazer, faço, faria, fiz, fez

Defectivos: não são conjugados em todas as pessoas, tempos ou modos.

Abolir, colorir, banir, extorquir, feder: não possuem a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e não se conjugam no presente do subjuntivo. Os outros tempos são completos.

Reaver, precaver-se, falir, remir, adequar: no presente do indicativo só se conjugam na 1ª e 2ª pessoas do plural e não se conjugam no presente do subjuntivo. Nos outros tempos são completos.

Doer, acontecer, ocorrer: conjugam-se em todos os tempos, mas somente nas 3as pessoas.

Abundantes: verbos que possuem duas ou mais formas equivalentes, normalmente no particípio:

• ganhar (ganho e ganhado), matar (morto e matado), eleger (eleito e elegido)

Anômalos: verbos formados por mais de um radical.

• Só existem dois: **ser** e **ir**.

Auxiliar: o primeiro verbo de uma locução verbal, aquele que se flexiona.

• **Resolvemos** fazer – **Estive** pensando – **Quero** comprar.

Principal: é o segundo verbo de uma locução, o que encerra o sentido básico do grupo. Está sempre numa forma nominal.

• Queremos **sair** – Resolvemos **fazer** – Estive **analisando.**

Unipessoais: só são empregados na 3ª pessoa do singular ou na 3ª pessoa do singular e do plural. São eles:

Verbos que exprimem fenômenos da natureza (chover, ventar, nevar, gear etc.) só surgem na 3ª pessoa do singular: chove, venta, neva etc. Verbos que exprimem as vozes dos animais (coaxar, latir, miar, grasnar etc.) só se empregam, normalmente, na 3ª pessoa do singular ou do plural: late, miam, cacarejam etc.

Pronominais: conjugados normalmente junto com um pronome oblíquo.

- Arrepender**-se,** queixar-**se,** suicidar**-se** etc.

Conjugações dos verbos

Primeira: vogal temática a	**Segunda: vogal temática e**	**Terceira: vogal temática i**
• cantar, andar, amar	• vender, ceder, comer **Obs.: pôr e seus derivados** pertencem à 2ª conjugação, mas sua vogal temática não aparece no infinitivo, embora surja quando	• sair, partir, sentir

	são conjugados: • põe, pões, pusesse etc.	

FORMAS RIZOTÔNICA E ARRIZOTÔNICA

Rizotônica: a vogal temática fica no radical.	**Arrizotônica: a vogal temática fica fora do radical.**
• ando, luto, faço	• esperamos, queri-am, voltarei

Ficha de apoio I

Conjugação completa dos verbos auxili-ares ser, estar, ter e haver

MODO INDICATIVO			
Presente			
sou	estou	tenho	hei
és	estás	tens	hás
é	está	tem	há
somos	estamos	temos	havemos
sois	estais	tendes	haveis
são	estão	têm	hão

Pretérito perfeito simples			
fui	estive	tive	houve
foste	estiveste	tiveste	houveste
foi	esteve	teve	houve
fomos	estivemos	tivemos	houvemos
fostes	estivestes	tivestes	houvestes
foram	estiveram	tiveram	houveram
Pretérito perfeito composto			
tenho sido	tenho estado	tenho tido	tenho havido
tens sido	tens estado	tens tido	tens havido
tem sido	tem estado	tem tido	tem havido
temos sido	temos estado	temos tido	temos havido
tendes sido	tendes estado	tendes tido	tendes havido
têm sido	têm estado	têm tido	têm havido
Pretérito imperfeito			
era	estava	tinha	havia
eras	estavas	tinhas	havias
era	estava	tinha	havia
éramos	estávamos	tínhamos	havíamos
éreis	estáveis	tínheis	havíeis
eram	estavam	tinham	haviam
Pretérito mais-que-perfeito simples			
fora	estivera	tivera	houvera
foras	estiveras	tiveras	houveras
fora	estivera	tivera	houvera
fôramos	estivéramos	tivéramos	houvéramos
fôreis	estivéreis	tivéreis	houvéreis
foram	estiveram	tiveram	houveram
Pretérito mais-que-perfeito composto			
tinha sido	tinha estado	tinha tido	tinha havido
tinhas sido	tinhas estado	tinhas tido	tinhas havido
tinha sido	tinha estado	tinha tido	tinha havido
tínhamos sido	tínhamos estado	tínhamos tido	tínhamos havido
tínheis sido	tínheis estado	tínheis tido	tínheis havido
tinham sido	tinham estado	tinham tido	tinham havido

Futuro do presente simples			
serei	estarei	terei	haverei
serás	estarás	terás	haverás
será	estará	terá	haverá
seremos	estaremos	teremos	haveremos
sereis	estareis	tereis	havereis
serão	estarão	terão	haverão
Futuro do presente composto			
terei sido	terei estado	terei tido	terei havido
terás sido	terás estado	terás tido	terás havido
terá sido	terá estado	terá tido	terá havido
teremos sido	teremos estado	teremos tido	teremos havido
tereis sido	tereis estado	tereis tido	tereis havido
terão sido	terão estado	terão tido	terão havido
Futuro do pretérito simples			
seria	estaria	teria	haveria
serias	estarias	terias	haverias
seria	estaria	teria	haveria
seríamos	estaríamos	teríamos	haveríamos
seríeis	estaríeis	teríeis	haveríeis
seriam	estariam	teriam	haveriam
Futuro do pretérito composto			
teria sido	teria estado	teria tido	teria havido
terias sido	terias estado	terias tido	terias havido
teria sido	teria estado	teria tido	teria havido
teríamos sido	teríamos estado	teríamos tido	teríamos havido
teríeis sido	teríeis estado	teríeis tido	teríeis havido
teriam sido	teriam estado	teriam tido	teriam havido

MODO SUBJUNTIVO			
Presente			
seja	esteja	tenha	haja
sejas	estejas	tenhas	hajas
seja	esteja	tenha	haja
sejamos	estejamos	tenhamos	hajamos
sejais	estejais	tenhais	hajais
sejam	estejam	tenham	hajam
Pretérito imperfeito			
fosse	estivesse	tivesse	houvesse
fosses	estivesses	tivesses	houvesses
fosse	estivesse	tivesse	houvesse
fôssemos	estivéssemos	tivéssemos	houvéssemos
fôsseis	estivésseis	tivésseis	houvésseis
fossem	estivessem	tivessem	houvessem
Pretérito mais-que-perfeito			
tivesse sido	tivesse estado	tivesse tido	tivesse havido
tivesses sido	tivesses estado	tivesses tido	tivesses havido
tivesse sido	tivesse estado	tivesse tido	tivesse havido
tivéssemos sido	tivéssemos estado	tivéssemos tido	tivéssemos havido
tivésseis sido	tivésseis estado	tivésseis tido	tivésseis havido
tivessem sido	tivessem estado	tivessem tido	tivessem havido
Futuro simples			
for	estiver	tiver	houver
fores	estiveres	tiveres	houveres
for	estiver	tiver	houver
formos	estivermos	tivermos	houvermos
fordes	estiverdes	tiverdes	houverdes
forem	estiverem	tiverem	houverem

Futuro composto			
tiver sido	tiver estado	tiver tido	tiver havido
tiveres sido	tiveres estado	tiveres tido	tiveres havido
tiver sido	tiver estado	tiver tido	tiver havido
tivermos sido	tivermos estado	tivermos tido	tivermos havido
tiverdes sido	tiverdes estado	tiverdes tido	tiverdes havido
tiverem sido	tiverem estado	tiverem tido	tiverem havido
MODO IMPERATIVO			
Afirmativo			
sê	está	tem	há
(tu)	(tu)	(tu)	(tu)
seja	esteja	tenha	haja
(você)	(você)	(você)	(você)
sejamos	estejamos	tenhamos	hajamos
(nós)	(nós)	(nós)	(nós)
sede	estai	tende	havei
(vós)	(vós)	(vós)	(vós)
sejam	estejam	tenham	hajam
(vocês)	(vocês)	(vocês)	(vocês)
Negativo			
não sejas	não estejas	não tenhas	não hajas
(tu)	(tu)	(tu)	(tu)
não seja	não esteja	não tenha	não haja
(você)	(você)	(você)	(você)
não sejamos	não estejamos	não tenhamos	não hajamos
(nós)	(nós)	(nós)	(nós)
não sejais	não estejais	não tenhais	não hajais
(vós)	(vós)	(vós)	(vós)
não sejam	não estejam	não tenham	não hajam
(vocês)	(vocês)	(vocês)	(vocês)
INFINITIVO			
Impessoal			
ser	estar	ter	haver

Pessoal			
ser	estar	ter	haver
seres	estares	teres	haveres
ser	estar	ter	haver
sermos	estarmos	termos	havermos
serdes	estardes	terdes	haverdes
serem	estarem	terem	haverem
GERÚNDIO			
sendo	estando	tendo	havendo
PARTICÍPIO			
sido	estado	tido	havido

Ficha de apoio II

Alguns verbos problemáticos

Caber, presente do indicativo: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem.

Valer, presente do indicativo: valho, vales, vale, valemos, valeis, valem.

Crer, pretérito perfeito: cri, creste, creu, cremos, crestes, creram.

Roubar, estourar, inteirar, dourar, aleijar etc., presente do indicativo: roubo, estouro, inteiro, douro, aleijo; esses verbos mantêm o ditongo do infinitivo.

Aderir, competir, impelir, expelir, divergir, discernir, preterir etc., presente do indicativo: adiro, aderes, adere; impilo, impeles,

impele; discirno, discernes, discerne; pretiro, preteres, pretere.

Aguar, desaguar, enxaguar, minguar, presente do indicativo: águo, águas, água, aguamos, aguais, águam (todos com essa pronúncia). No presente do subjuntivo, os verbos ficam assim: águe, águes, águe, aguemos, agueis, águem.

Alguns verbos problemáticos

Arguir, presente do indicativo: arguo, arguis, argui (todos com u tônico), arguimos, arguis, arguem (u tônico).

Averiguar, apaziguar, obliquar, presente do indicativo: averigue, averigues, averigue (todos com u tônico), averiguemos, averigueis, averiguem (u tônico).

Mobiliar, presente do indicativo: mobílio, mobílias, mobília, mobiliamos, mobiliais, mobíliam.

Mobiliar, presente do subjuntivo: mobílie, mobílies, mobílie, mobiliemos, mobilieis, mobíliem.

Polir, presente do indicativo: pulo, pules, pule, polimos, polis, pulem.

Polir, presente do subjuntivo: pula, pulas, pula, pulamos, pulais, pulam.

Passear, cear, recear, falsear, pentear, nomear (e demais verbos terminados em EAR), presente do indicativo: passeio, passeias, passeia, passeamos, passeais, passeiam.

Idem, presente do subjuntivo: passeie, passeies, passeie, passeemos, passeeis, passeiem.

Obs.: o ditongo EI só aparece nas formas rizotônicas, por isso

mesmo apenas nos dois presentes e no imperativo.

Mediar, ansiar, remediar, incendiar, odiar e intermediar, presente do indicativo: anseio, anseias, anseia, ansiamos, ansiais, anseiam. São os únicos terminados em IAR que apresentam o ditongo EI nas formas rizotônicas, a exemplo dos verbos terminados em EAR.

Reaver, presente do indicativo: reavemos, reaveis.

Idem, pretérito perfeito: reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram.

Idem, futuro do subjuntivo: reouver, reouveres, reouver, reouvermos, reouverdes, reouverem.

Saudar, amiudar, abaular, presente do indicativo: saúdo, saúdas, saúda, saudamos, saudais, saúdam.

Repor, impor, compor, depor, contrapor etc.: conjugam-se integralmente pelo verbo PÔR.

Componho, compões, compõe; impus, impuseste, impôs; depuser, depuseres, depuser.

Intervir, advir, provir, desavir, convir etc.: seguem a conjugação do verbo VIR.

Intervim, intervieste, interveio; provier, provieres, provier; advenha, advenhas, advenha.

Conter, manter, deter, reter etc.: conjugam-se da mesma forma que o verbo TER.

Contivera, contiveras, contivera; mantivesse, mantivesses, mantivesse; detive, detivestes, deteve.

Rever, prever, antever etc.: conjugados pelo verbo VER.

Prevejo, prevês, prevê; antevi, anteviste, anteviu; revir, revires, revir.

Prover: segue o verbo VER, menos no pretérito perfeito (provi, proveste, proveu), no pretérito mais-que-perfeito (provera, proveras, provera), no imperfeito do subjuntivo (provesse, provesses, provesse), no futuro do subjuntivo (prover, proveres, prover) e no particípio (provido).

Requerer: da mesma forma que prover, não segue o verbo primitivo no pretérito perfeito (requeri, requereste, requereu) e nos tempos dele derivados (requerera, requeresse, requerer); no presente do indicativo, faz requeiro, requeres, requer.

*Essa relação dos verbos complicados foi reproduzida literalmente do livro Português para Concursos, do professor Renato

Aquino, por especial cortesia do autor.

Ficha de apoio III

Verbos abundantes

Os verbos abundantes são aqueles que apresentam **duplo particípio**, como ganhar (ganho e ganhado), gastar (gasto e gastado) e outros mais.

Os particípios podem ser **regulares** (terminação em ado e ido – matado /elegido) e **irregulares** (terminação em to e do – morto/ eleito).

Os particípios regulares são usados com os auxiliares **ter** e **haver** na **voz ativa** (invariáveis); os irregulares são usados com os verbos **ser, estar** e **ficar** na **voz**

passiva (flexionam em número e gênero).

Verbos abundantes

aceitar	aceitado	aceito	• Eu havia **aceitado** o convite. • O convite foi **aceito** por mim.
acender	acendido	aceso	• Nós tínhamos **acendido** a fogueira. • O fogo foi **aceso** por todos.
completar	completado	completo	• Ela havia **completado** o álbum. • O álbum estava **completo**.
eleger	elegido	eleito	• Ele traiu o povo que o havia **elegido**. • Foi **eleito** com milhões de votos.
fartar	fartado	farto	• Havia se **fartado** no almoço. • Estava **farto** de tantos absurdos.
envolver	envolvido	envolto	• Ele havia **envolvido** os amigos no jogo. • Tudo estava **envolto** em sombras.
ganhar	ganhado	ganho	• Havia **ganhado** o jogo. • O jogo foi **ganho** nos primeiros minutos.
entregar	entregado	entregue	• Eu tinha **entregado** o material. • O material foi **entregue** lá em casa.
juntar	juntado	junto	• Ele havia **juntado** dinheiro a vida inteira. • Quando morreu, o dinheiro **junto** por ele foi para o governo.
findar	findado	findo	• O prazo havia **findado** há dias. • **Findo** o prazo, fomos embora.

isentar	isentado	isento	• O juiz o tinha **isentado** de qualquer culpa. • Ele estava realmente **isento** de culpa.
limpar	limpado	limpo	• Ela havia **limpado** a casa de manhã. • O material foi **limpo** antes da operação.

Existem ainda outros verbos abundantes, por exemplo: enxugar (enxugado e enxuto), desenvolver (desenvolvido e desenvolto), revolver (revolvido e revolto), suspender (suspendido e suspenso) etc.

Cuidado com três verbos que não são abundantes: **falar** (particípio: falado), **trazer** (particípio: trazido) e **chegar** (particípio: chegado).

Há uma grande discussão gramatical acerca do verbo **pegar.** Alguns gramáticos, como Rocha Lima, só aceitam a variante “pegado”; outros, como Domingos Paschoal Cegalla, o aceitam como

verbo abundante, mencionando os dois particípios “pegado” e “pego”. Em um concurso, caso haja bibliografia, siga a linha dos autores indicados; caso não haja, aceite o verbo como abundante.

AS PALVRAS INVARIÁVEIS

O advérbio

O advérbio é a palavra que modifica o sentido do verbo, do adjetivo e do próprio advérbio.

Classificação

de afirmação: sim, certamente, efetivamente, realmente etc.	• Ele **certamente** sabe o que faz. • Nós iremos à festa, **sim.** • Estou **realmente** cansado.
de dúvida: talvez, quiçá, possivelmente, provavelmente etc.	• **Talvez** chova no carnaval. • **Possivelmente** chegaremos tarde. • Eles **provavelmente** virão.

de intensidade: muito, pouco, bastante, mais, menos etc.	• Choveu **muito** durante a noite. • Eles estavam **bastante** cansados.
de lugar: aqui, lá, acolá, acima, dentro, fora etc.	• Ele morava **aqui.** • Encontrei-o **lá.**
de tempo: agora, já, hoje, amanhã, cedo, tarde etc.	• Quero ver o diretor **agora.** • **Amanhã** será tarde demais.

de modo: assim, bem, mal, depressa, devagar (e grande parte das palavras terminadas em -mente, como felizmente, solitariamente etc.)	• Tudo correu **bem.** • Ele passou **mal** durante o jantar. • Vivia a vida **solitariamente.**
de negação: não, nunca, tampouco etc.	• **Não** aceito suas desculpas. • **Não** aceito as desculpas e **tampouco** quero vê-la novamente.

LOCUÇÕES ADVERBIAIS

São duas ou mais palavras atuando com o valor de um advérbio.

Exemplos:

- Ele morreu **de fome.** (de causa)
- Comeu a carne **com as mãos.** (de instrumento)
- Conversamos **sobre música.** (de assunto)
- Sairei **com meus amigos.** (de companhia)
- Voltaram **apesar da chuva.** (de concessão)
- Só viajará **com permissão dos pais.** (de condição)
- Fez os trabalhos **conforme as instruções.** (de conformidade)
- Preparou-se **para a festa**. (de finalidade)
- Viajou **de ônibus.** (de meio)

ADVÉRBIOS INTERROGATIVOS

Onde, quando, como, quanto (quanta, quantas, quantos) e **por que** indicando lugar, tempo, modo e causa nas perguntas diretas e indiretas.

- **Onde** ele estuda? (direta)

- Quero saber **onde** ele estuda. (indireta)

- **Como** se vai a esse lugar? (direta)

- Informe **como** se vai a esse lugar. (indireta)

	• **Por que** ele não veio? (direta) • Pergunto-lhe **por que** ele não veio. (indireta)

Os graus do advérbio

COMPARATIVO

Comparativo de igualdade: Tão + advérbio + quanto (como) Chegou **tão tarde quanto** a irmã.	**Comparativo de superioridade: Mais + advérbio + (do) que** Ele chegou **mais tarde que** o amigo.

Comparativo de inferioridade: menos + advérbio + (do) que Ele chegou **menos tarde que** o amigo.

SUPERLATIVO

Sintético:	**Analítico:**
A presença do sufixo indica o grau.	A indicação de aumento é feita por outro advérbio.
• Cheguei **cedíssimo.** pessimamente.	• Eu cheguei **muito cedo.**
• Falou **pessimamente.**	• Ele falou **extrema-mente mal.**

Palavras denotativas

São palavras semelhantes a advérbios e que não possuem classificação especial.

Palavras denotativas de inclusão: até, inclusive, também etc.	• **Até** ele aderiu à corrupção. • Nós **também** fomos à festa.
Palavras denotativas de exclusão: apenas, salvo, exceto, menos etc.	• Todas, **exceto** ela, eram simpáticas. • **Salvo** um aluno, os outros serão aprovados.

Palavras e expressões denotativas de explicação e/ou retificação: isto é, por exemplo, a saber, ou seja, ou melhor, aliás etc.	• Você, **por exemplo**, é um bom sujeito. • O nosso país, **isto é**, o Brasil... • O chefe, **ou melhor**, aquele que ocupava temporariamente a chefia...
Palavras e expressões denotativas de realce (expletivas): cá, lá, é que etc.	• Eu **é que** não sei de nada. • E eu **lá** tenho algo a ver com isso?

Palavras denotativas de situação: agora, afinal, então etc.	• **Afinal**, quem era ele? • **Então**, o que você me diz?
Palavra denotativa de designação: eis.	• **Eis** o homem!

FIQUE ATENTO!

1. Os advérbios e as locuções adverbiais são classificados sintaticamente como adjuntos adverbiais.

Exemplo:

Você agiu **mal.**

Mal – advérbio de modo (classe da palavra).

Mal – adjunto adverbial de modo (função sintática).

2. Um mesmo advérbio pode ser classificado de modos diferentes, dependendo da circunstância que exprime.

Exemplos:

Vive-se **mal** em alguns lugares – **mal: advérbio de modo**.

Mal eu cheguei, começamos a reunião – **mal: advérbio de tempo.**

3. Quando há a coordenação de diversos advérbios terminados em **-mente,** pode-se usar o sufixo apenas no último advérbio.

Exemplo:

Ela dormia **tranquila, calma** e **sossegadamente.**

4. A palavra **só** é advérbio quando equivale a **somente.** Quando equivaler a **sozinho**(a), deve ser classificada como adjetivo.

Exemplos:

Eu **só** quero paz – advérbio (quero **somente** paz).

Ele vivia **só**, na floresta – adjetivo (**sozinho**).

A preposição

É a palavra que liga dois termos da oração ou da expressão, subordinando um ao outro.

Classificação

Preposições essenciais: a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por, sem, sob, sobre, trás.

Exemplos:

- Ele chegou **de** ônibus.
- Ele lutou **até*** a morte.
- Vivia **sob** as estrelas.

*Se a palavra **até** equivaler a **inclusive**, será palavra de inclusão e não preposição:

- Os sonhadores amam **até** quem os maltrata (inclusive...)

Preposições acidentais: palavras de outras classes funcionando eventualmente como preposições: que, conforme, segundo, como, salvo, fora, mediante, durante etc.

Exemplos:

- Eu tenho **que** decidir sozinho.
- Chegou **durante** a noite.

Locuções prepositivas: grupos de palavras que funcionam como preposições. Terminam sempre com uma preposição simples: abaixo de, acerca de, à frente de, a fim de, à espera de, à procura de, graças a, à beira de, de acordo com, junto de, junto a, através de etc. Exemplos: • Ele estava **à procura de** trabalho.

- Vivia a **fim de** incomodar os outros.
- Enxerguei-o **através da** janela.

FIQUE ATENTO!

As preposições podem unir-se a outras palavras, formando um só vocábulo.

Quando a preposição perde fonemas, temos uma **contração.**

Exemplos:

do (de + o), da (de + a), desta (de + esta).

Quando não há perda de fonemas, temos uma **combinação.**

Exemplos:

ao (a + o), aos (a + os), aonde (a + onde).

A conjunção

Palavra que liga duas orações ou duas palavras.

Classificação

Coordenativas: ligam orações coordenadas:	**Subordinativas:** ligam uma oração principal a uma subordinada:

Ele chegou **e** saiu apressado. Não estuda, **mas** trabalha muito.	Sei **que** ela voltará. Parece **que** tudo vai bem.

A interjeição

Palavra com a qual exprimimos sentimentos e emoções.

Quando os sentimentos ou emoções são expressos por grupos de palavras, temos as locuções interjetivas.

A interjeição é quase sempre seguida de ponto de exclamação.

Interjeições são consideradas palavras-frase, e não exercem função sintática.

Interjeições:	**Locuções interjetivas:**

Ah!, oba!, cuidado!, atenção!, passa!, eia!, bis!, olá!, ai!, ui!, hum!, hem!, psiu!	Ora bolas!, cruz credo!, se Deus quiser!, mais um!

CAPÍTULO 2

ESTRUTURA DAS PALAVRAS

FORMAÇÃO DE PALAVRAS

ESTRUTURA DAS PALAVRAS
FORMAÇÃO DE PALAVRAS

ESTRUTURA DAS PALAVRAS

Morfemas São os elementos significativos que formam a palavra.	**Vend-ê-sse-mos** – quatro morfemas: • **Vend-** – radical

	• **-e** – vogal temática • **-sse** – desinência modo- temporal • **-mos** – desinência número- pessoal
Radical É o elemento que encerra a base do significado da palavra. O radical é o elemento comum a palavras de uma mesma família. As palavras que contêm o mesmo radical são chamadas	• **ferr**o **pedr**a • **ferr**agem **pedr**eira • **ferr**eiro **pedr**egulho

palavras cognatas.	• **pedr**ada **ferr**ugem • pedra e pétreo.
Eventualmente, o radical pode apresentar **variantes (alomorfes),** mas isso não impede que continuem sendo cognatas.	
Afixos Elementos que se unem ao radical para criar novas	

palavras. Podem ser:	
Prefixos: quando vêm **antes** do radical.	• **inf**eliz, **i**mortal, **bis**neto, **re**fazer
Sufixos: quando vêm **após** o radical.	• feliz**mente**, leal**dade**, cozinh**eiro**
Vogal temática	**Casar**
É a vogal que se une ao radical, formando com ele o **tema** da palavra.	Vogal temática: **a** • tema: **casa**

Nos verbos, a vogal temática caracteriza a conjugação.	Cantar • vogal temática a – 1ª conjugação Beber • vogal temática e – 2ª conjugação Sair • vogal temática i – 3ª conjugação
Vogais e consoantes de ligação São fonemas que se inserem entre os	• silv-í-cola, cafe-t-eira, pe-z- inho, cafe-i-cultura, gas-ô- metro, cacau-i-cultor

elementos mórficos para unilos e facilitar a pronúncia.	
Desinências São os elementos terminais que indicam a flexão das palavras.	
Nominais: indicam gênero e número dos nomes.	• menin-o (masculino singular) • menin-as (feminino plural)

Verbais: indicam número, pessoa, modo e tempo dos verbos.	• am-o, ama-s, ama-mos, ama-is, ama-m • ama-va, ama-va-s, ama-va etc. A desinência -o, de am-o, é **número-pessoal** (indica 1ª pessoa do singular). A desinência -va, de **ama-va**, é **modo-temporal** (indica o pretérito imperfeito do indicativo da 1ª conjugação)

FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Classificação

Simples: apenas um radical:
céu, vida, rio, riso

Composta: mais de um radical:
beija-flor, passatempo, aguardente, guarda-noturno
*as palavras compostas podem ter seus elementos ligados ou não por hífen.

Primitiva: é a palavra que não deriva de nenhuma outra:
água, terra, fogo, mar

Derivada: é aquela que se formou de outra, geralmente por meio de um afixo:
aguaceiro, terrestre, fogaréu, maremoto

Processos de formação de palavras

POR DERIVAÇÃO

Prefixal: por meio de	**Sufixal: por meio de**	**Prefixal e sufixal:**
um prefixo.	um sufixo.	prefixo e sufixo.
Exemplos:	Exemplos:	Exemplos:
• **in**feliz	• felici**dade**	• **in**felici**dad**
• **des**leal	• leal**dade**	• **des**leal**dad**
• **i**mortal	• mor-tali**dade**	• **i**mortali**dad**

Parassintética: um prefixo e um sufixo colocados simultaneamente. Nem um nem outro podem ser retirados. Exemplos: • **em**pobrec**er** • **des**alm**ado** • **des**membr**ado**	**Regressiva:** há uma diminuição da palavra. Geralmente são substantivos derivados de verbos (também chamada derivação deverbal). Exemplos: • luta (de lutar) • canto (de cantar)	**Derivação imprópria:** mudança da classe gramatical de uma palavra com extensão da sua significação Exemplos: • os **bons**, os **maus** (adjetivos passam a substantivo

	• muda (de mudar) • choro (de chorar)	• o **passado** o **amado** (particípios passam a substantivo ou adjetivos • o viver, o andar (infinitivos passam a substantivo

POR COMPOSIÇÃO

Justaposição: os radicais se unem sem alteração fonética.	**Aglutinação: ocorre qualquer alteração fonética.**
Exemplos:	Exemplos:

• couve-flor	• fidalgo (filho de algo)
• caneta-tinteiro	• aguardente (água ardente)
• passatempo	• pernilongo (pernas longas)
• girassol	• planalto (plano alto)
• minissaia	

OUTROS PROCESSOS

Hibridismo: soma de elementos oriundos de línguas diferentes.

Exemplos:

- automóvel (auto: grego; móvel: latim)
- sociologia (socio: latim; logia: grego)
- televisão (tele: grego; visão: latim)

Onomatopeia: palavras que procuram reproduzir sons, ruídos e vozes dos seres.

Exemplos:

- tique-taque
- zum-zum
- cacarejar
- miar
- cri-cri
- sibilar

Abreviação ou redução: uso de uma forma reduzida que eventualmente chega a substituir a forma original.

Exemplos:

- foto (por fotografia)
- cine (por cinema)
- moto (por motocicleta)
- pólio (por poliomielite)
- pneu (por pneumático)

Ficha de apoio I

Radicais e prefixos latinos mais usados

Prefixos	Sentido	Exemplos
abs, ab	afastamento	abster, abstrair abdicar,

		aberrar, abjurar, abuso
acer, acri	azedo	acerbo, acrimônia
ad a (forma vernácula)	movimento para, aproximação	adjacente, adjunto, adorar, adventício, advogado abraçar amadurecer, avivar
agri	campo	agricultura, agricultor
algeo	ter frio	álgido
alius	outro	alienado, alienígena
alter, altri	outro	alteração, alterado

ambi	duplicidade	ambidestro, ambiente, ambiguidade
âmbulo	caminhar	sonâmbulo, ambulante
ango	apertar	angina, angústia
animi	alma; ânimo	anímico, animado, animação
ante	anterioridade, procedência	antebraço, anteceder, antedatar, anteontem, antepor antessala *em “antolhos” tem a forma **ant-**
apis	abelha	apicultura, apicultor

arbori	árvore	arborizar
argenti	prata	argentino, argênteo
audio	ouvir	audiência, audição
auri	ouro	aurífero, áureo
avi	ave	avicultor, aviação
beli	guerra	bélico, beligerância
bene, bem, ben	bem	benéfico, bene-ficência, benemerência
bis, bi	repetição	bisavô, biscoito bisneto, biênio, bimestre

bore	norte	boreal, hiperbóreo
cado	cair	cadente, decadência
caleo	esquentar	acalentar, caldo
calori	calor	caloria, calorífero
canus	branco	encanecer, candidato
capiti	cabeça	decapitar, capitão
celum	céu	celeste
cida	que mata	vermicida, formicida, homicida

circum, circun	movimento em torno	circunferência, circunlóquio, circumpolar, circunscrito *em “circuito” assume a forma **circu**
cis	posição aquém	cisatlântico, cis andino, cisplatino
cola	que habita	arborícola, silvícola
cole, colo	pescoço	colar, colarinho
color	cor, coloração	colorido, multicor
contra	oposição	contradizer, contrapeso, contrapor, contraveneno

cordi	coração	cordial, cordialidade
corni	chifre	cornudo, corno
credo	crer	incrédulo, credulidade
crimino	crime	criminoso, criminalidade
cum com, con, co, cor (formas vernáculas)	concomitância, reunião	cúmplice, cumprir, combater, combinar, consoante, condensar, correligionário, corroborar, coexistir, comover, colaborar, colégio
cura	cuidado	curativo, curador

de	movimento de cima para baixo	decapitar, decrescer, deformar, demolir, depenar
des	separação, privação, ação contrária, negação	desfazer, desfolhar, desleal, desmascarar, desonesto, desprotegido, desvalido
dis, di	movimento para diversos lados, ação contrária	discordar, discutir, disseminar, distender, diminuir, divagar, difícil
digiti	dedo	digital, digitar
disco	aprender	discípulo, disciplina

doceo	ensinar	docente, docilidade
edi	casa	edifício, edificação
ego	eu	egocentrismo, egocêntrico, egoísta
en, em	movimento para dentro, oposição	engarrafar, embate
equi	igual	equivalente, equivalência, equilíbrio
evo	idade	longevo, medievo

ex es, e (formas vernáculas)	movimento para fora, estado anterior	excêntrico, expatriar, expectorar, expor, exportar, esburacar, escorrer, estender, efusão, emigrar, eleger, evadir
extra	movimento para fora, excesso	extralinguístico extramuros, extraordinário
falor	enganar	falir, falsário
fero	que contém, que produz	aurífero, aquífero, mamífero
fico	que faz, que produz	frigorífico, maléfico
fide	fé	fidelidade, fidedigno

fili	filho	filiação, filial
fluvios	rio	fluvial, eflúvio
gero	que contém, que produz	belígero
gradu	grau, passo	graduação, gradual
herbi	erva	herbicida, herbívoro
homini	homem	homicídio
igni	fogo	ignição, ígneo

in, i: dois prefixos	movimento para dentro (contrário de **ex**) negação, privação	incrustar, ingerir, importar, imprimir, incapaz, incômodo, indecente, infeliz, impuro; irromper, irrigar, iludir, iluminar, imigrar, ilícito, imutável também aparece como **em:** enraizar, enterrar, entroncar

inter **entre** (forma vernácula)	posição no meio	interamericano, internacional, interplanetário, intervir; entreabrir, entreato, entrelaçar, entrelinha, entrever
intra	posição dentro de alguma coisa	intramuscular, intravenoso, intraverbal
intro	movimento para dentro	introduzir, intrometer, introspecção
jus, juri	direito	jurisdição, jurídico
labori	trabalho	elaborar, colaborar

lapidi	pedra	lapidar, lapidação
lego	ler	legível
litera	letra	literal, literatura
leni	brando, ameno	lenitivo
loquo	que fala	loquaz, eloquente
ludi	jogo	lúdico, prelúdio
magni	grande	magnífico, magnitude
male	mal	malefício, maledicência
mani	mão	manual, manicura

mater, matri	mãe, principal	maternidade, matriz
mini	muito pequeno	miniatura, mínimo
ob, o	posição em frente	obstáculo, obstar, obstruir, obter, obviar; ocorrer, ocupar, ofício, ofuscar, opor, oportuno, omissão
per	movimento através	percorrer, perdurar, perfurar perplexo, permeável
pre	anterioridade	preceder, precipitar, prefácio, prefixo, preliminar, prevenir

pro	movimento para a frente	progresso, promover, prometer, propelir, prorromper, prosseguir
re	movimento para trás, repetição	refluir, refrear, regredir, reatar, reaver, reconstruir, redizer, renascer
retro	movimento mais para trás	retroagir, retrocesso, retrógrado, retrospectivo
semi	metade	semicírculo, semideus, semimorto
super sobre	posição em cima	supercílio, supérfluo,

(forma vernácula)		superpor, superprodução; sobrescrito, sobreviver, sobrepor
supra	também posição em cima	supracitado, suprarrenal, supradito

sub, sus, su sob, so (formas vernáculas)	movimento para baixo, posição inferior	subjugar, submeter, subvertter, subdiretor, suboficial, submarino, subterrâneo; suscitar, suspender, sustentar, suster; suceder sufocar, sugerir; sobpor, sobgrave, soerguer, soterra *em “sorrir” deu-se a assimilação do **b** ao **r** (sob + rir)

trans, tras, tres, tra	passar além de	transbordar, transpor, transluzir; trasladar, transmudar, tresmalhar, tresnoitado, tradição, traduzir, transpassar (traspassar ou trespassar)
ultra	posição além do limite	ultraliberal, ultramarino, ultrapassar, ultrarrealista
vice	em lugar de	vice-cônsul, vice-presidente, vice-rei *em “visconde”

		altera-se para **vis**

Ficha de apoio II

Radicais e prefixos gregos mais usados

Radicais / Prefixos	Sentido	Exemplos
a (antes de consoante) **an** (antes de vogal)	privação, negação	anarquia, anômalo, anônimo, ateu, acéfalo, afônico
acro	alto, extremo	acrópole, acrofobia
era, aero	ar	aeronave, aeronáutica

agogo	o que conduz	pedagogo, demagogo
agro	campo	agricultura
algia	dor	nevralgia
andro	homem, macho	andropausa, andrógino
antropo	homem	antropologia, antropófago
amphi	de um e outro lado	anfíbio, anfibologia, anfiteatro, ânfora
aná	movimento de baixo para cima, inversão; repe tição	anagrama, análise, analogia, anástrofe, anabatista

anti	oposição	antagonista, antídoto, antipatia, antípoda, antítese, antiaéreo, anti-integralista
apó	afastamento	apogeu, apóstata, apóstolo, apoteose
árkhi	posição em cima	arcanjo, arcebispo, arquétipo, arquipélago, arquiteto
atmo	gás, vapor	atmosfera
baro	pressão	barômetro

biblio	livro	biblioteca
bio	vida	biologia
caco	mau	cacofonia, cacófato
calo	belo	caligrafia
cardio	coração	cardiologia
cefalo	cabeça	acéfalo, cefalgia
clepto	furto	cleptomania
cripto	oculto	criptograma, criptografia
datilo	dedo	datilografia
demo	povo	democracia

diá	movimento através	diâmetro, diáfano, diafragma, diagnóstico, diagonal
dys	dificuldade disenteria	dispneia, dispepsia,
ek (usa-se **ec** antes de consoante) **ex** (antes de vogal)	movimento para fora	eclipse, écloga exegese, êxodo, exorcismo
em	posição interna, movimento para dentro	encéfalo, energia, entusiasmo, embrião
epi	posição superior, movimento para cima	epiderme, epidemia, epitáfio,

		epíteto, epí-logo, epístola
eu	bom	eucaristia, eufemismo, eufonia *em “evan-gelho” e de-rivados tem a forma ev **figura em muitos nomes de pessoas: Eulália, Eugênio, Eusébio
fagia	ato de comer	antropofagia
farmaco	medicamento	farmacologia, farmácia

filo	amigo	filosofia
fobia	aversão, medo	aerofobia, homofobia
gastro	estômago	gastrologista
gene	origem	genética, genealogia geografia
geo	terra descrição,	
grafo	escrita	grafologia
hêmi	meio	hemisfério, hemiciclo, hemiplégico
hypér	sobre, além de	hipérbole, hipertrofia, hipercrítico

iatria	tratamento	pediatria
icono	imagem	iconoclasta
idio	próprio	idioma, idiota
katá	movimento de cima para baixo	cataclismo, catacumba, catapulta, cataplasma, catarro, catástrofe
latria	adoração	idolatria
leuco	branco	leucócito
lexico	palavra	lexicografia
macro	grande, longo	macróbio
mancia	adivinhação	quiromancia

mega, megalo	grandeza	megalomania
metá	mudança	metáfora, metamorfose, metonímia
micro	pequeno	micróbio
narco	entorpecimento	narcose, narcótico
neo	novo	neologismo
odonto	dente	odontologia
onco	tumor	oncologia
onto	ente	ontologia
orama	visão, espetáculo	panorama

ornito	pássaro	ornitologia
pará	ao lado de; proximidade, oposição	paralelo, paradigma, paradoxo, parasita, paródia, parônimo
perí	em torno de	periferia, perímetro, perifrase, período, peripécia
polis, pole	cidade	metrópole
porno	prostituta, obscenidade	pornografia
pró	posição em frente,	problema, pródromo, prognóstico,

	movimento para a frente	programa, prólogo
syn	simultaneidade, reunião	sincronismo, sinfonia, sílaba, silepse, simpatia, simetria, sintaxe, síntese
tanas, tanato	morte	eutanásia
taqui	rápido	taquicardia, taquígrafo
tea	espetáculo	teatro
teo	deus	teologia
topo	lugar	topografia

uro	urina	urologia
xeno	estranho, estrangeiro	xenofobia
xilo	madeira	xilogravura
zimo	fermento	enzima
zoo	animal	zoológico

Ficha de apoio III

Correspondência entre alguns prefixos gregos e latinos

Gregos	Latinos
a, an (acéfalo, anônimo)	**des, in** (desleal, incapaz)
amphí (anfíbio, anfiteatro)	**ambi** (ambidestro, ambivalente)

antí (antagonista, antídoto)	**contra** (contraven-eno, contradizer)
apó (apóstolo, apóstata)	**ab** (abuso, aberrar)
di (dígrafo, ditongo)	**bi-s** (bípede, bisneto)
diá (diáfano, diálogo)	**trans** (translúcido, transpassar)
ek, ex (êxodo, exorcismo)	**ex** (excêntrico, exportar)
en (encéfalo, energia)	**in** (ingerir, injetar)
éndon (endocár-dio, endocarpo)	**intra** (intravenoso, intramuscular)
epí (epiderme, epílogo)	**super** (superpor, supercílio)

eu (eufonia, evangelho)	**bene** (benefício, benévolo)
hêmi (hemisfério, hemiciclo)	**semi** (semicírculo, semimorto)
hypó (hipótese, hipoglosso)	**sub** (subsolo, submarino)
katá (cataclismo, catástrofe)	**de** (decapitar, demolir)
pará (paradigma, paradoxo)	**ad** (advogado, adjacente)
perí (periferia, perífrase)	**circum** (circum-polar, circunlóquio)
syn (simpatia, sincronia)	**cum** (cúmplice, colega)

Ficha de apoio IV

Sufixos latinos mais usados

ada (forma substantivos a partir de substantivos)	boiada, colherada, facada, laranjada, marmelada, goiabada, pedrada
agem (forma substantivos a partir de substantivos ou adjetivos)	aprendizagem, estiagem, ferragem, folhagem, malandragem, vadiagem
al (forma adjetivos e substantivos a partir de substantivos)	genial, mortal, pessoal, areal, arrozal, bananal, pastoral
ano, ão (formam adjetivos a partir de substantivos) cristão,	americano, mundano, republicano, romano, serrano, beirão, vilão

ão (ampliado em **alhão, arrão, eirão, zarrão,** figura na formação do aumentativo)	casarão, grandalhão, homenzarrão, toleirão, santarrão
aria, eria (formam substantivos a partir de substantivos)	alfaiataria, barbearia, drogaria, feitiçaria, pedraria, pirataria; correria, parceria, sorveteria, galeria
ário, eiro (formam substantivos a partir de substantivos)	boticário, campanário, estatuário; barbeiro, cajueiro, galinheiro, barbeiro, cajueiro, galinheiro, nevoeiro, toureiro
ato, ado (formam substantivos a partir de substantivos)	baronato, sindicato, tribunato; arcebispado, apostolado, consulado

dade (forma substantivos a partir de adjetivos)	bondade, castidade, curiosidade, crueldade, dignidade, falsidade
dor, tor, sor (formam substantivos a partir de verbos)	acusador, armador, carregador, comprador; instrutor, tradutor; ascensor, confessor
dura, tura, sura (formam substantivos a partir de verbos)	assadura, atadura, ditadura, fechadura; assinatura, abertura, cobertura; clausura, mensura
ear (forma verbos a partir de substantivos)	barbear, cartear, golpear, guerrear, pastorear, rodear
ecer (forma verbos a partir	amarelecer, amanhecer, escurecer, favorecer

de substantivos e adjetivos)	
edo (forma substantivos a partir de substantivos)	arvoredo, lajedo, olivedo, passaredo, rochedo, vinhedo
ejar (forma verbos a partir de substantivos)	cortejar, gotejar, lacrimejar, manejar, velejar, viajar
ense, ês (formam adjetivos a partir de substantivos)	ateniense, cearense, paraense, parisiense; cortês, português, montanhês
ez, eza (formam substantivos a partir de adjetivos)	altivez, estupidez, malvadez, sensatez, surdez; beleza, certeza, moleza, rudeza, tristeza

ficar (forma verbos a partir de substantivos e adjetivos)	petrificar, retificar, dignificar, falsificar, purificar
cie, ice (formam substantivos a partir de adjetivos ou substantivos)	calvície, planície; criancice, meninice, tolice, velhice
io (forma substantivos a partir de substantivos)	mulherio, poderio, senhorio
itar, inhar (formam verbos a partir de substantivos)	saltitar, cuspinhar, espezinhar
ivo (forma adjetivos a partir de de verbos)	afirmativo, comparativo, fugitivo, pensativo

mento (forma substantivos a partir de verbos)	casamento, conhecimento, esquecimento, fingimento
oso (forma adjetivos a partir de substantivos)	cheiroso, gostoso, montanhoso, orgulhoso, sigiloso
tório, douro (formam substantivos a partir de verbos) ***tório** forma também adjetivos	dormitório, laboratório, oratório, purgatório; ancoradouro, matadouro, bebedouro; divinatório, notório, satisfatório
tude, dão (formam substantivos a partir de adjetivos)	altitude, amplitude, latitude, longitude; certidão, escuridão, lassidão, imensidão

udo (forma adjetivos a partir de substantivos)	beiçudo, bicudo, narigudo, cabeçudo, carnudo
ura (forma substantivos a partir de adjetivos)	amargura, brancura, doçura, frescura, loucura, ternura
vel, bil (formam adjetivos a partir de verbos) ignóbil,	amável, detestável, discutível, louvável, removível, solúvel; flébil

Ficha de apoio V

Sufixos gregos mais usados

ia	astronomia, filosofia, geometria, energia, eufonia, profecia
ismo	aforismo, cataclismo, comunismo, jornalismo

ista	catequista, comunista, jornalista, modernista, nortista
ita	jesuíta, eremita, israelita, selenita
ite	bronquite, colite, dinamite, rinite
izar	batizar, catequizar, realizar, rivalizar, suavizar *não confundir com os verbos cujo radical termina em **iz** ou **is:** ajuizar, de juiz; enraizar, de raiz; avisar, de aviso; alisar, de liso
ose	esclerose, osteoporose, tuberculose
tério	batistério, monastério, necrotério

CAPÍTULO 3

FONOLOGIA

DIVISÃO SILÁBICA

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

FONOLOGIA
DIVISÃO SILÁBICA
ACENTUAÇÃO GRÁFICA

FONOLOGIA

Fonologia é a parte da gramática que estuda os sons próprios da língua (fonemas).

FONEMA é o som da letra.	**LETRA** é o símbolo representativo do som.

Divisão dos fonemas

Vogais: são fonemas que constituem um som isoladamente, sem se apoiarem em outros fonemas.

As vogais são as seguintes: a – ê – é – i – ô – ó – u – ã – ẽ – ĩ – õ – ũ

Consoantes: são fonemas que só constituem um som nítido quando apoiados em uma vogal.

Observação:

O h não possui som, não sendo considerado, portanto, uma consoante: é uma letra muda.

Semivogais: sempre que uma vogal se apoiar em outra, será chamada de semivogal. O i e o u podem ser muitas vezes considerados semivogais. O e e o o, quando têm som de i e u, também são considerados semivogais.

Exemplos:

- ca**i**xa – pe**i**xe – co**u**ro – o**u**tro – histór**i**a – sér**i**e – ág**u**a (i e u – semivogais)
- mágoa – Pásc**o**a – réd**e**a – gêm**e**o (o [som de u] e e [som de i] – semivogais)

Encontro de grupos de fonemas

ENCONTROS VOCÁLICOS

Ditongo: é o encontro de uma vogal e uma semivogal ou de uma semivogal e uma vogal na mesma sílaba.

Tipos de ditongos

Ditongo crescente: a semivogal aparece antes da vogal-base. Exemplos:	**Ditongo decrescente:** a semivogal aparece depois da vogal-base. Exemplos:

- **u**a – quatro, água
- **i**e – cárie, série
- **i**o – vários, ágio
- **u**e – tênue, aguenta
- **u**o – vácuo, árduo
- **u**ã – quando, quanto
- **o**a – mágoa, Páscoa
- **e**o – gêmeo, espontâneo
- a**i** – papai, aipo
- e**i** – leite, peixe
- o**i** (fechado) – boi, pois
- o**i** (aberto) – joia, jiboia
- ó**i** – herói, caubói
- a**u** – cacau, Mauro
- e**u** – europeu, Deus
- u**i** – ruivo, circuito

• **i**a – secretária, Márcia • **u**i – sagui, linguista • **e**a – fêmea, área	• i**u** – partiu, dormiu • ã**e** – mamãe, pães • õ**e** – põe, corações • é**u** – chapéu, véu • a**o** – caos, ao • a**e** – Caetano • e**i** – ideia
Ditongo oral: emitido apenas pela boca.	**Ditongo nasal:** o som é distribuído entre a boca e as fossas nasais.

Exemplos: • m**au**, c**éu**, her**ói**, p**ai**, t**our**o, gên**io**	Apresenta-se das seguintes maneiras: • com **til** – coraç**ão**, mam**ãe**, exp**õe**, c**ãi**bra • com **em** – por**ém**, jov**em** • com **en** – híf**en**, pól**en** • com **am** – vej**am**, escreveram • com **ui** nas palavras “m**ui**” e “m**ui**to”

Tritongo

A vogal (V) fica entre duas semivogais (SV) na mesma sílaba (SV + V + SV).

Exemplos: q**uai**s, averig**uei**, saguão

Os tritongos também podem ser orais ou nasais.

Tritongo oral:	Tritongo nasal:
uai – q**uai**s, q**uai**squer, ig**uai**s	Com **til:**
uei – averig**uei**, apazig**uei**	**ião** – sag**ião**
uou – averig**uou**, apazig**uou**	**iões** – sag**iões**
	Com **m** final: ming**uam**, deság**uam**, ág**uem**

Hiato

É o encontro de duas vogais pronunciadas em sílabas diferentes.

Exemplos:

- Saara, caatinga, aérea, Macaé, país, raiz, aonde, aorta, ataúde, saúva, teatro, seara, compreensão, veem

ENCONTROS CONSONANTAIS

Encontro consonantal é o agrupamento de consoantes em uma só palavra.

Pode ocorrer na mesma sílaba (encontro consonantal real) ou em sílabas diferentes (encontro consonantal puro e simples).

Exemplos:

- br (braço – real), bm (submeter), cr (escravo – real), fr (frango – real), pl (planeta – real), bd (subdelegado), bj (objeto), cl (clara - real), fl (flanela – real), gn (digno), pt (réptil).

Dígrafos

Encontro de duas letras que equivalem a um só fonema.

Exemplos: massa, carro, florescer, milho

Relação dos dígrafos da língua portuguesa

ss – massa, pássaro	**sc** – florescer, piscina	**om** – pomba, compra
rr – carro, carroça	**sç** – desçamos, cresço	**um** – rumba, atum
lh – milho, palha	**xc** – exceder, excelente	**an** – panda, Antares
ch – chama, chuva	**xs** – exsudar, exsudativo	**en** – enxoval, bengala
nh – ninho, manhã	**am** – âmbar, ampla	**in** – índio, vingança
qu – porque, quilate	**em** – lembrança, empada	**on** – bondade, ronco

gu – freguês, guitarra	**im** – limpo, ímpio	**un** – untar, unguento

DIVISÃO SILÁBICA

Noções básicas

DEVEM-SE SEPARAR

Os grupos formados por duas letras iguais (**cc** e cç, os dígrafos rr e ss, e os hiatos **aa,** ee, ii, oo e **uu**):

o**c-c**i-pi-tal
c**a-a**-tin-ga
fi**c-ç**ão
l**e-e**m
mo**r-r**o
n**i-i-**lis-mo
a**s-s**a**s-s**i-no
per-d**o-o**

Os dígrafos sc, sç, xc e xs:

pi**s-c**i-na
de**s-ç**o
e**x-c**e-len-te
e**x-s**u-dar

Todos os outros hiatos:

r**u-í**-na
d**u-o**-dé-ci-mo
as-s**o-a**-lho
s**a-ú**-de
L**u-í**s

NÃO SE DEVEM SEPARAR

Os ditongos e os tritongos:

l**ei-**te
q**uai**s-quer
in-dús-tr**ia**
co-mér-c**io**
Pa-ra-g**uai**

Observação: se houver um **ditongo mais uma vogal**, a vogal ficará **isolada**:

j**oi-a**
m**ei-o**
c**ui-a**

Os dígrafos lh, nh, ch, qu e gu:

ca-mi-**nh**o
gui-**lh**o-ti-na
cha-vei-ro
mi-**lh**o
re-**qu**e-ren-te

OUTRAS REGRAS

Se houver uma consoante entre duas vogais, a consoante ficará com a segunda vogal:

a-**b**a

o-**c**a

í-**m**ã

a-**t**o

Se houver duas consoantes entre duas vogais, a primeira consoante ficará com a primeira vogal e a segunda consoante ficará com a segunda vogal, desde que as duas sílabas não formem encontro consonantal real:

a**m-n**é-sia
le**s-t**e
su**b-d**e-se**n**-**v**o**l**-**v**i-do
a**d-v**o-ga-do

Se houver mais de duas consoantes entre duas vogais, a primeira vogal ficará com

todas as consoantes, menos com a última, desde que não formem encontro consonantal real:

pe**rs-p**i-caz
tra**ns-p**or-te
i**st-m**o
fe**lds-p**a-to
tu**ngs-t**ê-nio

A consoante inicial não seguida de vogal não pode ficar isolada, permanecendo sempre na mesma sílaba que a segue:

gno-mo

pneu

mne-mô-ni-co

Se os encontros consonantais bl, br e dl não formarem encontros reais, serão separados:

su**b-l**o-car

a**b-r**up-ta-men-te

a**d-l**i-gar

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

Noções básicas conforme a nova ortografia

CASOS	REGRAS	EXEMPLOS
Proparoxítonas (acento tônico na antepenúl-tima sílaba)	todas acentuadas	• f**ós**foro, **lâm**pada, **bê**bado, **grá**fica
Paroxítonas (acento tônico na penúltima sílaba) de	terminadas em **l, n, r, x, i, is, u, us, um, uns, ã, ãs, ão, ãos, am, ons, ditongos,** seguidos ou não **s**	• a**má**vel, ca**dá**ver, **gé**rmen, **tó**rax, **jú**ri, **bô**nus, **ál**bum, **ál**buns, **ór**gão, **í**mã, **ór**fãs, **jó**quei, **á**geis, **vá**cuo, **gê**nio

FIQUE ATENTO!

O Acordo Ortográfico de 1990, que entrou em vigor em 1°/1/2009 retirou o acento agudo das palavras paroxítonas formadas pelos ditongos ei ou oi. A pronúncia dessas palavras, entretanto, continua aberta:

id**ei**a
assembl**ei**a
gel**ei**a
colm**ei**a
espermatoz**oi**de
her**oi**co
andr**oi**de
mesoz**oi**co
j**oi**a
b**oi**a

O mesmo Acordo retirou das palavras paroxítonas o acento agudo das vogais tônicas i e u precedidas de ditongo: bai**u**ca, fei**u**ra, chei**i**nho, sai**i**nha etc.

CASOS	REGRAS	EXEMPLOS

Oxítonas (acento tônico na última sílaba)	terminadas em **a, e, o, em, ens**	• ca**já**, vata**pá**, ca**fé**, jaca**ré**, a**vó**, trisa**vô**, tam**bém,** vin**téns**
	terminadas em ditongo decrescente **éi, éu** e **ói,** seguidos ou não de **s**.	• pap**éi**s, an**éi**s, coron**éi**s, chap**éu**, es-carc**éu**s, her**ói**, anz**ói**s
	No caso de verbos seguid-os de pro-nomes ob-líquos, o pro-nome será ig-norado para efeito de acentuação.	• **Vê**-lo, ampa**rá**-la

Monossílabos tônicos	terminados em **a, e, o, eu** e **oi**	• **pá**, **pé, pó, céu, réu, dói**
Trema	extinto pelo Acordo Ortográfico de 1990, passa a ser utilizado apenas em nomes próprios estrangeiros e seus derivados	• Müller; Bünchen, Hübner • mülleriano; hübneriano

Hiatos	Acentuados o **u** e o **i** independentes ou seguidos de **s**. *Se o hiato for seguido de **nh,** não haverá acento.	• Ita**ú**, Piau**í**, ba**ú**, sa**í**da, ju**í**zes, Luís, gra**ú**do • ra**inh**a, ba**inh**a, ta**inh**a

FIQUE ATENTO!

O Acordo Ortográfico de 1990 extinguiu o acento dos hiatos oo e ee (da 3ª pessoa do plural dos verbos crer, dar, ler e derivados):

v**oo**
abençoo
enjoo
perdoo
creem
deem
leem
veem

Verbos “ter” “vir”, “ver” e outros	Se o verbo não tiver acento circunflexo no singular, terá no plural.	• ele vem – eles v**ê**m • ele tem – eles t**ê**m • ele mantém – eles mant**ê**m • ele convém – eles conv**ê**m

Acento diferencial

CASOS	REGRAS	EXEMPLOS

Homônimos homógrafos (palavras com a (palavras com a mesma grafia e pronúncia diferente)	**Perderam o acento diferencial,** segundo o Acordo Ortográfico de 1990	• pelo (subst. – pelo (verbo) • pera (fruta) – pera (prep. per + a) • para (prep.) – para (verbo) • polo (subst.) – polo (tipo de gavião)
	Exceções: os acentos permanecem	• por (preposição – pôr (verbo) • pode (pres. ind.) –

	pôde (pret. perf.)

CAPÍTULO 4

REGÊNCIA VERBAL E NOMINAL

TERMOS DA ORAÇÃO

REGÊNCIA VERBAL
REGÊNCIA NOMINAL
TERMOS DA ORAÇÃO

REGÊNCIA VERBAL

Regência é a relação de subordinação, ou seja, de dependência, de um termo em relação a outro. É a regência que determina a ligação entre os termos de uma oração.

A regência verbal é a relação de dependência estabelecida entre um verbo e seus complementos. Essa subordinação dá-se pelo uso

de uma preposição: por exemplo, o verbo “assistir”, no sentido de “ver, presenciar”, é regido pela preposição “a” (quem assiste assiste a alguma coisa):

- Ela assistiu a apenas uma cena da novela.

Verbos transitivos

Exigem um complemento essencial para terem sentido completo.

VERBOSTRANSITIVOSDIRETOS(VTD)

Não exigem preposição antes do complemento (objeto direto - **OD**).	• Queremos dinheiro. VTD OD
Eventualmente podem admitir preposição acidental (objeto direto preposicionado – **ODP**).	• Comemos o pão. VTD OD • Ele puxou da espada. VTD ODP

No objeto direto preposicionado, a preposição aparece puramente por razões de sentido. Observemos, por exemplo, os seguintes períodos:

a) Ele comeu o nosso pão e bebeu o nosso vinho.
b) Ele comeu do nosso pão e bebeu do nosso vinho.

Em “a”, percebe-se claramente que ele “comeu todo o nosso pão e bebeu todo o nosso vinho”. Em “b” o uso das preposições indica que ele “comeu parte do nosso pão e bebeu parte do nosso vinho”.

VERBOS TRANSITIVOS INDIRETOS(VTI)

Exigem preposição essencial antes do complemento (objeto indireto – **OI**).

- Nós gostamos dos amigos.
  VTI OI
- Eles precisam de vocês.
  VTI OI

FIQUE ATENTO!

Não confunda objeto indireto e objeto direto preposicionado.

No caso do objeto indireto, a preposição é essencial; sem ela a frase não faz sentido. Observe “a” e “b”:

a) Desistimos de tudo.
b) Devemos amar a Deus.

Se eu tirar a preposição “de” no primeiro exemplo, terei: “Desistimos tudo”, período claramente agramatical; se eu tirar a preposição “a” do segundo exemplo, terei: “Devemos amar Deus”, um período claro e correto gramaticalmente. No primeiro caso, “de tudo” é objeto indireto; no segundo, “a Deus” é objeto direto preposicionado.

VERBOS TRANSITIVOS DIRETOS E INDIRETOS (VTDI)

Exigem simultaneamente um objeto direto e um objeto indireto.	• Dissemos a verdade a ela. VTDI OD OI • Ela deu um presente ao irmão. VTDI OD OI

Verbos intransitivos

Têm sentido próprio.	• Eu existo.
Não necessitam de nenhum complemento.	• Chegamos.

Podem vir acompanhados por **advérbios.**	• Chegamos **agora.** (adj. adv. de tempo) • Chegamos **da rua.** (adj. adv. de lugar)
Podem eventualmente vir acompanhados por **predic-ativos.** (ver **predicativo** na página 101)	• Ela vive **cansada.** (pred. do sujeito) • Ele vive **triste.** (pred. do sujeito)

Podem ainda admitir **objetos diretos internos ou cognatos** – objetos que nascem do próprio sentido do verbo. Por exemplo:	• Ela vive **uma vida triste.** (OD Interno) • Sonhou **sonhos eróticos.** (OD Interno)
viver vida alegre, chorar lágrimas amargas etc. (ver **objeto direto** na página 102)	

FIQUE ATENTO!

Não confunda predicativo com adjunto adverbial.

O **predicativo** é representado sempre por um adjetivo ou uma locução adjetiva:

Ela é maravilhosa. (adjetivo)

Ele é **bom**. (adjetivo)

Ele é **do bem**. (locução adjetiva)

O **adjunto adverbial** é representado por um advérbio, palavra invariável (ao contrário do adjetivo, que é variável):

Ela vive **em Nova Iorque.** (adjunto adverbial de lugar)

Ela vive **bem.** (adjunto adverbial de modo)

Verbos de ligação (VL)

Ligam um termo (sujeito ou objeto) ao seu complemento (predicativo).	Ela é feia. (feia = pred. do sujeito) Ela ficou feia. (feia = pred. do sujeito)
Não têm sentido próprio. Exemplos de alguns verbos de ligação: ser, estar, parecer, ficar, tornar-se, andar, virar.	Ela continua feia. (feia = pred. do sujeito) Conheço uma pessoa que é inteligente. Obj. Direto Pred. do OD

FIQUE ATENTO!

1. A regência dos verbos pode variar de acordo com as mudanças de sentido que eles apresentarem.

Exemplos:

• Eu sou professor – “sou”: verbo de ligação; “professor”: predicativo do sujeito.

• “Eu sou!” – “sou”: verbo intransitivo (eu existo!)

• Ela anda doente – “anda”: verbo de ligação; “doente”: predicativo do sujeito.

• Ela anda depressa – “anda”: verbo intransitivo; “depressa”: adj. adv. de modo (não caminha).

• Os carros bateram – “bateram”: verbo intransitivo (chocaram-se).

• Ele bate no irmão – “bate”: transitivo indireto (espanca); “no irmão”: obj. ind.

• A empregada bateu um bolo – “bateu”: transitivo direto (fez); “um bolo”: obj. direto.

2. Como em regência não há “verdades absolutas”, é necessário sempre analisar o contexto em que o verbo se apresenta. Vejamos, por exemplo, estas duas normas de regência: “verbos transitivos diretos exigem sempre um objeto direto, eles só têm sentido

completo se acompanhados do seu objeto; verbos intransitivos têm sentido completo, portanto não precisam de nenhum complemento”.

Agora, analisemos os seguintes períodos:

a) Ele estuda – verbo intransitivo (não necessita de complemento).

b) Ele estuda português – verbo transitivo direto (“português” é objeto direto).

No exemplo “a” é bem clara a intransitividade do verbo; embora se possa imaginar um complemento (ele tem de estudar “alguma coisa”), esse não é essencial à compreensão da frase.

No exemplo “b” o complemento do verbo está explícito. A rigor, poderíamos continuar classificando o verbo como intransitivo, uma vez que – em tese – o complemento não é essencial. Mas no contexto o complemento assume enorme importância. Afinal, o centro da ideia não é simplesmente o ato de estudar, mas o ato de estudar aquela matéria específica.

c) Ela está feliz – “estar”: verbo de ligação; feliz: predicativo do sujeito.

d) Ela está em casa – “estar”: verbo intransitivo; “em casa”: adjunto adverbial de lugar.

e) Ela está mal – “estar”: verbo intransitivo; “mal”: adjunto adverbial de modo.

No exemplo “c”, “estar” é um verbo de ligação e é complementado pelo seu predicativo; nos exemplos “d” e “e”, “estar” é um verbo intransitivo, e aí surge uma incoerência em relação à ideia de que “o verbo intransitivo não necessita de complemento”. Afinal, se os advérbios forem retirados, as frases perderão totalmente o sentido. Isso mostra que muitas vezes os verbos intransitivos necessitam de um advérbio para terem sentido completo. O advérbio, nesses casos, deixa na realidade de ser um termo acessório e se torna praticamente um termo essencial.

3. Os pronomes o, a, os, as são sempre objeto direto:

• Eu a vi sair (Eu vi ela sair).

• Nós os encontramos ontem (Nós encontramos eles ontem).

Os pronomes lhe e lhes podem ser objeto indireto (a ele, a ela, a eles, a elas etc.) ou adjunto adnominal (dele, dela, deles, delas etc.):

• Eu lhe disse a verdade (Eu disse a verdade a ele – OI).

• Comprei-lhe o carro (Comprei o carro dele – adj. adn.).

Ficha de apoio

Regência de alguns verbos

Sentido	Regência	Exemplos
ASSISTIR		
ver, presenciar	transitivo indireto	• Eu **assisti** ao filme.
		• Ele **assistiu** à peça de teatro.

socorrer, ajudar, dar assistência	transitivo direto	• O médico **assiste** o doente.
		• A secretária **assistia** o diretor da empresa.
caber, competir	transitivo indireto	• Este direito não lhe **assiste.**
morar, residir	intransitivo	• Atualmente eu **assisto** em Salvador.
ASPIRAR		

inalar, respirar	transitivo direto	• Eu **aspiro** o ar da manhã. • Ela aspirava o perfume das flores.
desejar, objetivar	transitivo indireto	• Paulo **aspira** à Diretoria-Geral. • Todos **aspiram** aos mais altos cargos.
CHAMAR		
pedir a presença	transitivo direto	• **Chamei**-o ao escritório. • **Chamei** os meus amigos.

clamar, invocar	transitivo direto, podendo vir preposicionado	• Apavorado, ele chamou seus santos. • Apavorado, ele chamou por seus santos.
apelidar, qualificar apelidar, qualificar	transitivo direto ou indireto, com predicativo preposicionado ou não transitivo direto ou indireto, com predicativo preposicionado ou não	• **Chamou** a irmã de burra. • **Chamou**-a burra. • **Chamei**-a de burra. • **Chamou**-lhe de burra.

tocar (telefone ou campainha)	intransitivo	• Avon **chama.** • O telefone **chamou** várias vezes.
IMPLICAR		
enredar(-se), envolver(-se)	transitivo direto e indireto	• Más companhias o **implicaram** num crime. • **Implicou**-se num escândalo.

dar a entender, fazer supor, pressupor, acarretar, ocasionar, originar, importar	transitivo direto ou transitivo indireto	• Seu silêncio **implicava** consentimento • Seu silêncio **implicava** em consentimento
VISAR		
mirar, apontar	transitivo direto	• O arqueiro **visou** o alvo.
dar o visto	transitivo direto	• O escrivão **visou** o documento.
objetivar, pretender	transitivo indireto (preposição “a”)	• Todas as religiões **visam** ao bem. • Eles sempre **visaram** a

	(acompanhado por verbo no infinitivo, tende a surgir sem a preposição)	uma situação boa. • Este livro **visa ajudar** a aprender. • Ele **visou mostrar** todos os casos. • Nenhum curso **visa fabricar** escritores.
PROCEDER		
ter fundamento	intransitivo	• Seus argu-mentos não **procedem.**

portar-se, conduzir-se	intransitivo sempre com complemento de modo	• Ele **procedeu** mal. • Aquela moça sempre **procedeu** bem.
provir, originar-se, descender	transitivo indireto ou intransitivo com complemento de lugar	• Nós **procedemos** de uma família muito antiga. • O mau cheiro **procedia** do banheiro.
realizar alguma coisa, dar início a algo	transitivo indireto	• O professor **procedeu** à chamada. • O juiz **procedeu** ao inventário.

NAMORAR		
namorar alguém	transitivo direto	• Paulo **namora** Ana. • Luís **namora** Fernanda.
namorar com alguém	transitivo direto preposi-cionado Obs.: Alguns puris-tas condenam – sem razão – esse uso, já consagrado na língua.	• Ele sempre **namorou** com a mesma mulher. • João sempre quis **namorar** com Maria.
namorar	intransitivo	• Eles **namoram.**

REGÊNCIA NOMINAL

É a relação de subordinação, ou seja, de dependência, de um nome (substantivo, adjetivo, advérbio) e seu complemento. Tal dependência é estabelecida pelo uso de uma preposição: por exemplo, o adjetivo “consciente” é regido pela preposição “de”:

- Ele estava consciente de suas limitações.

Muitos adjetivos e substantivos exigem complementos regidos por diferentes preposições, por exemplo, o adjetivo “acostumado”:

- Ele está acostumado a estudar.
- Ele está acostumado com o calor.

Ficha de apoio

Regência nominal

Algumas palavras e as preposições que as regem

Exemplos

acessível a	• O prefeito era **acessível** a todos.
afável com, para	• Era **afável** apenas **com** os poderosos. • Sempre foi muito **afável para** as mulheres.
aflito com, por	• Estava **aflito com** os problemas.
	• Ele vive **aflito por** mais poder.
alheio a, de	Era totalmente **alheio** a tudo.
	• Vivia desligado de tudo, sempre **alheio de** si mesmo.

aliado a, com	• **Aliou-se aos** adversários e ganhou as eleições.
	• Estava **aliado com** os antigos inimigos.
amor a, por	• Tinha muito **amor a** tudo.
	• O **amor** de Romeu **por** Julieta foi maior que a morte.
análogo a	• Este projeto é **análogo** ao meu.
ansioso por, de, para	• Ele sempre foi **ansioso por** dinheiro.
	• Vivíamos **ansiosos de** boas notícias.

ansioso por, de, para	• Estava **ansioso para** trabalhar.
antipatia a, por	• Tenho **antipatia a** tudo que é ilegal.
	• Tinha grande **antipatia por** burocratas.
apego a, por	• Tem **apego** a tudo o que é seu.
	• Ele demonstra um grande **apego por** seus imóveis.
apto a, para	• Ele está totalmente **apto a** trabalhar.
	• Não fui considerado **apto para** servir o exército.

atento a, em	• Fique **atento** a tudo o que acontece.
	• Ele é sempre **atento em** descobrir coisas novas.
aversão a, por	• Sua **aversão às** mulheres o deixou malvisto.
	• Tinha **aversão por** dinheiro.
avesso a	• É **avesso** a mudanças.
capaz de	• É totalmente **capaz de** tudo.
certeza de	• Tenho **certeza de** que você virá.

cioso em, de	• Você parece muito **cioso em** atender bem.
	• Era muito **cioso de** seus deveres.
compaixão de, para com, por	• A **compaixão de** Cristo **para com** a humanidade levou-o à cruz.
	• Tem grande **compaixão pelos** pobres.
conforme a	• Agiu **conforme a** sua consciência.
contrário a	• É totalmente **contrário a** militares.

constituído de, por, com	• A sociedade é **constituída de** vários membros. • Sua empresa era **constituída** apenas **por** amigos. • O patrimônio da instituição foi **constituído com** uma doação.
contente em, por, de, com	• Estou **contente em** vê-lo. • Fico **contente por** vê-la com saúde.

	• Estava **contente de** ter conseguido tudo. • Você não parece ter ficado **contente com** o aumento.
cruel com, para, para com	• Você sempre parece **cruel com** os seus inimigos. • Ele foi muito **cruel para** a família. • Era **cruel para com** os inimigos.
curioso de, por, para	• Estou **curioso de** saber o que aconteceu. • Eu vivo **curioso por** saber o que está acontecendo.

	• Estava **curioso para** ler o livro.
desgostoso com, de	• Fiquei **desgostoso com** o acontecido. • Não fique assim **desgostoso da** vida.
desprezo a, por, de	• Tenho total **desprezo** à corrupção. • Tem **desprezo pelo** ser humano. • Sofre o **desprezo de** algumas pessoas porque mudou de país.

devoção a, para com, por	• Possui grande **devoção a** Nossa Senhora. • Minha única **devoção** é **para com** Deus. • É notória sua **devoção por** São Francisco.
devoto de, a	• É **devoto de** Nossa Senhora. • Elas eram **devotas a** Santa Filomena.
dúvida acerca de, de, em, sobre	• Minha **dúvida acerca daquela** questão foi resolvida. • Será que ela tem **dúvi-das de** você?

	• Você tem **dúvida** apenas em matemática? • Tem **dúvidas sobre** tudo.
empenho de, em, por	• O **empenho da** sua palavra é suficiente. • Farei todo **empenho em** resolver o seu caso. • Seu **empenho por** mim foi satisfatório.
fácil de, para	• É muito **fácil de** lidar. • Este livro não é muito **fácil de** ler. • A caixa não foi nada fácil **para** abrir.

falho de, em	• Seu livro é **falho de** boas informações. • O projeto é **falho em** muitos detalhes.
feliz com, de, em, por	• Ele estava **feliz com** sua companhia. • Ficou realmente **feliz** de ter ganhado o prêmio. • Eu estou muito **feliz com** minha nova casa. • Fico **feliz em** vê-la novamente. • Estamos **felizes pelo** seu sucesso.

fértil de, em	• Sua casa só era **fértil de** sujeira.
	• O livro era **fértil em** palavrões.
hostil a, para com	• Sempre foi **hostil a** qualquer novidade.
	• É muito **hostil para com** os pobres.
imune a, de	• Ele parece **imune a** doenças.
	• Agora meu sítio está **imune de** tudo.
junto a, de	• Pegue o livro que está **junto à** mesa.
	• Não sentarei mais **junto de** você.

lento em, **para**	• Ele é muito **lento em** decidir. • Foi **lento para** correr e perdeu o ônibus.
peculiar a	• Esta característica é **peculiar aos** povos orientais.
próximo a, de	• Você agora está mais **próximo a** mim. • Estou **próximo de** alcançar meus objetivos.
respeito a, com, de, para com, por	• Tenha **respeito a** todos os velhos. • Ele mostra muito **respeito com** as filhas.

	• Você merece o **respeito de** seus amigos. • Tem **respeito** apenas **para com** os poderosos. • Meu **respeito por** todos é igual.
simpatia a, para com, de, por	• Ela não tem **simpatia** a pessoas mesquinhas. • Sua **simpatia para com** o chefe deu o que falar. • A garota desperta a **simpatia de** vizinhos. • Tenho muita **simpatia por** todos.

situado (sito) em, entre	• O imóvel está **situado em** uma bela região. • O sítio fica **situado entre** duas represas muito bonitas.
vizinho a, de	• Seu apartamento é **vizinho ao** meu. • A sua casa é **vizinha da** minha.

TERMOS DA ORAÇÃO

Termos essenciais

SUJEITO

É o ser a respeito do qual se diz algo.

	Exemplos
Sujeito simples – apenas um núcleo	• **Nós** vivemos muito bem. • **Paulo** chegou ontem.
Sujeito composto – mais de um núcleo	• **Nós e nossos** amigos vivemos bem. • **Os animais e as plantas** devem ser respeitados.
Sujeito indeterminado – não pode ser identificado. Aparece de duas formas:	

a) com verbos **intransitivos ou transitivos indiretos,** na 3ª pessoa do singular, seguidos da partícula se.	• **Vive-se** mal em alguns lugares. • **Precisa-se** de bons empregados.
b) com **verbo na 3ªpessoa do plural**, sem referência anterior ao pronome “eles” ou “elas”.	• **Dizem** coisas horríveis sobre ela. • **Mataram** um boi para o banquete.
Oração sem sujeito – com os **verbos impessoais** (também é comum, nestes casos, a classificação **sujeito inexistente):**	

Haver, no sentido de existir.	• **Havia** muitas pessoas aqui.
Fazer, indicando tempo decorrido.	• **Faz** anos que não a vejo.
Verbos ligados a fenômenos meteorológicos. Verbo ser ligado a tempo.	• **Chove** violentamente. • Hoje **são** 17 de setembro.

Quando usados no sentido conotativo (figurado), os verbos ligados a fenômenos meteorológicos podem ter sujeito:

- Seus olhos relampejavam de ódio.
- Nossos estômagos trovejam de fome.
- Choveram palavrões na reunião.

Notas importantes sobre o sujeito

1. O sujeito simples pode aparecer implícito, ou seja, não ser representado por

qualquer termo, mas ser identificado pela desinência verbal. Nesse caso, as gramáticas o classificam com vários nomes: sujeito implícito, sujeito oculto, sujeito elíptico ou sujeito desinencial.

- Chegamos tarde. (nós)
- Aparecerei logo mais. (eu)
- Precisamos de você. (nós)

2. O que determina se o sujeito é simples ou composto é o seu núcleo, que é a parte central do sujeito, formada por um substantivo ou pronome. Se houver apenas um núcleo, o sujeito será simples; se houver mais de um, será composto:

- A casa é grande. (núcleo: casa = sujeito simples)
- A casa de Paulo é grande. (núcleo: casa = sujeito simples)
- A casa e o terreno ficam próximos à praia. (núcleos: casa e terreno = sujeito composto)

- Os livros e os discos desapareceram. (núcleos: livros e discos = sujeito composto)

3. O mais comum na nossa língua é a ordem direta, com o sujeito no início da oração. Quando a ordem é inversa, ou seja, o sujeito vem após o verbo, costuma haver alguma confusão. Os casos mais comuns de ordem inversa são os seguintes:

a) orações interrogativas iniciadas por que, onde, quanto, como, quando e por que:

- Que desejam vocês?
- Onde estão os presentes?

b) nas orações da voz passiva pronominal, construídas com verbos transitivos diretos mais a partícula se:

- Vendem-se carros. (Carros são vendidos.)

- Alugam-se apartamentos. (Apartamentos são alugados.)
- Consertam-se motocicletas. (Motocicletas são consertadas.)

c) nas orações que apresentam forma verbal no imperativo, sempre que para efeito de realce for enunciado o pronome pessoal sujeito:

- Eu não cumprirei estas ordens; cumpre-as tu.
- Eu não farei isso; faça-o você.

d) com os verbos dizer, perguntar, responder e todos os outros que introduzem fala, nos períodos em que surge primeiro o discurso e depois o seu autor.

- Eu jamais renunciarei, disse o presidente.
- Farei o que for possível, respondeu o ministro.
- Mas o que você diz – exclamou o juiz – é um crime.

e) nas orações iniciadas por advérbio:

- Lá vão os nossos amigos. • Aqui está ele.

f) com verbos intransitivos como aparecer, chegar, correr, ocorrer, urgir, constar, cumprir, restar etc.

- Ocorreu um grave acidente ontem à noite.
- Consta um erro grave neste relatório.
- Acontecem coisas terríveis.
- Chegou o nosso dia.

PREDICADO

É tudo o que se declara sobre o sujeito.

	Exemplos
Predicado nominal – verbo de ligação + predicativo do sujeito.	• Ele **estava irritado.** • Nós **ficamos aborrecidos.** • Ela **parecia feliz.**
Predicado verbal – verbo transitivo ou intransitivo.	• O chefe **fez** os trabalhos. • O grande dia **chegou.**
Predicado verbo-nominal – verbo	• O chefe **fez** os trabalhos **irritado**

transitivo ou intransitivo e um predicativo (do sujeito ou do objeto).	(equivale a dizer que “o chefe fez os trabalhos e estava irritado”).

PREDICATIVO

É o termo que dá qualidade a outro (sujeito, objeto direto e, raramente, objeto indireto).

Exemplos: • Paulo é estudioso. (pred. do sujeito)

- Nós a achamos inteligente. (pred. do OD)
- Eles lhe chamaram de imbecil. (pred. do OI)

FIQUE ATENTO!

Algumas incongruências sobre sujeito e predicado chamam a atenção:

a) Nove entre dez gramáticas aceitam sem pestanejar o conceito de que “o sujeito é um dos termos essenciais da oração”. No entanto, todas as gramáticas reconhecem a

existência da “oração sem sujeito”! Se existe a oração sem sujeito, obviamente o sujeito não é – pelo menos nesse caso – um “termo essencial”.

b) Ainda nove entre dez gramáticas pregam que “predicado é tudo o que se diz sobre o sujeito”. Voltamos então ao caso exposto em “a”. Se existe a oração sem sujeito, como afirmar que o seu predicado “diz algo sobre o sujeito”?

Nota:

O objetivo deste livro não é promover um questionamento acerca de determinadas incoerências gramaticais, mas sim ajudar o leitor a conhecer melhor as normas da língua culta e aplicá-las no seu dia a dia, bem como em concursos públicos e vestibulares.

Aos leitores que tiverem interesse em um questionamento maior sobre a nossa língua, recomendo a leitura do excelente Português ou brasileiro?, do professor Marcos Bagno (ver bibliografia).

Termos integrantes

OBJETO DIRETO

Completa o sentido de um verbo transitivo direto.

- Nós compramos a casa.
- Todos queriam o dinheiro.

	Exemplos
Objeto direto preposicionado – com preposição não essencial, normalmente por questões de sentido.	• Não coma **desse pão.** • O Mosqueteiro

	puxou da **espada**. • Ele sacou **da arma.**
Objeto direto interno ou cognato – surge com um verbo intransitivo do qual tira o seu sentido (o objeto é sempre do mesmo campo semântico ou linguístico do verbo).	• Ela chorou **lágrimas amargas.** • Viveu **uma vida feliz.** • Morreu **uma morte trágica.**

Objeto direto pleonástico – repetição do objeto direto, sempre em forma de pronome.	• Ele, ninguém **o** viu chegar. • A morte, eu não **a** temo.

OBJETO INDIRETO

Complementa o sentido de um verbo transitivo indireto.

- Eu preciso de você.
- Todos gostam de carinho.

O objeto indireto também pode ser pleonástico.

- Aos amigos, não lhes falta nada.
- A ela, dou-lhe apenas o desprezo.

COMPLEMENTO NOMINAL

É o termo preposicionado que complementa um substantivo, adjetivo ou advérbio.

- Tinha medo da vida.
- Estavam certos da vitória.
- Agiu contrariamente a nossos desejos.

AGENTE DA PASSIVA

É o termo que pratica a ação na voz passiva. Equivale ao sujeito na voz ativa e vem introduzido pelas preposições por (pelo, pela) ou de.

- O crime foi cometido pelo bandido (o bandido cometeu o crime).
- A licitação foi vencida pela nossa empresa (a nossa empresa venceu a licitação).

Termos acessórios

ADJUNTO ADNOMINAL

É o termo que qualifica, determina ou caracteriza um substantivo. Exerce sempre uma função adjetiva e pode ser representado por um adjetivo, uma locução adjetiva, um

artigo, um numeral adjetivo, um pronome adjetivo ou um pronome oblíquo.

- Meninos estudiosos. (estudiosos: adjetivo)
- Meninos da escola. (da escola: locução adjetiva)
- O menino chegou. (o: artigo)
- Dois meninos chegaram. (dois: numeral adjetivo)
- Aqueles meninos levaram minha bola. (aqueles e minha: pronomes adjetivos)
- Comprei-lhe o carro. (lhe: dele, pronome oblíquo)

FIQUE ATENTO!

É muito comum a confusão entre adjunto adnominal e complemento nominal quando o adjunto vem introduzido por preposição. Para não cometer erros, observe o seguinte:

Termo ligado a adjetivo ou advérbio é complemento nominal:

- Era favorável ao desquite. (favorável: adjetivo)
- Reagiu agradavelmente ao convite. (agradavelmente: advérbio)

Termo ligado a substantivo:

a) Quando o termo tiver sentido ativo, é adjunto adnominal:

• A resposta do aluno foi satisfatória (o aluno respondeu satisfatoriamente).

• O comentário do professor foi rápido (o professor comentou rapidamente).

b) Quando o termo tiver sentido passivo, é complemento nominal:

• A resposta ao aluno foi satisfatória (responderam ao aluno satisfatoriamente).

• A venda da casa foi rápida (venderam a casa rapidamente).

ADJUNTO ADVERBIAL

É o termo – preposicionado ou não – que se liga a um verbo, modificando-o.

	Exemplos
Os adjuntos adverbiais expressam infinitas circunstâncias; vejamos algumas:	
lugar:	• Moro **em Salvador.**
modo:	• Ele come **bem.**
causa:	• O pobre morria **de fome.**
tempo:	• Cheguei **tarde.**

intensidade:	• Chove **muito.**
finalidade:	• Estudamos **para a prova.**
instrumento:	• Comeu **com garfo e faca**.
afirmação:	• **Sim**, ele sabe tudo.
dúvida:	• **Talvez** eu vá à festa.
negação:	• **Não** concordo com você.

APOSTO

É o termo que explica, esclarece ou amplia o sentido de outro.

	Exemplos
Pode aparecer dos seguintes modos:	
entre vírgulas (ou travessão duplo):	• Luís, **nosso diretor**, chegou ontem.
após dois pontos:	• Desejo-lhe uma coisa: **felicidade.**
diretamente ligado ao termo, sem pontuação (aposto de especificação):	• A cidade **de São Paulo,** a Rua **Chile.**

VOCATIVO

É o termo usado para chamar ou interpelar alguém.

	Exemplos
Como não pertence à estrutura da oração, vem sempre isolado por vírgula.	• “**Deus, ó Deus**, onde estás que não respondes?” (Castro Alves) • **Cara Lúcia,** espero que tudo esteja bem... • **Oh, senhores!,** como se atrevem?!

CAPÍTULO 5

FUNÇÃO E COLOCAÇÃO DOS PRONOMES OBLÍQUOS

OS PRONOMES OBLÍQUOS

OS PRONOMES OBLÍQUOS

Funções sintáticas

PRONOMES	FUNÇÕES	EXEMPLOS
ME	**objeto direto** (eu)	• Você **me** viu aqui? (Você viu eu aqui?**-OD).

	objeto indireto (a mim)	• Não **me** desobedeça (Não desobedeça a mim – OI).
TE	**objeto direto** (tu)	• Ela aparentemente **te** odeia (Ela odeia tu** – OD).
	objeto indireto (a ti)	• “Eu **te** darei o céu, meu bem...” (Eu darei o céu a ti - OI).

SE	**objeto direto** (ele, ela etc.) **objeto indireto** (a si)	• Ela **se** machucou (machucou ela mesma – OD). • Ele **se** deu o direito de falar (deu a si mesmo... – OI).
O, A, OS, AS	**sempre objeto direto**	• Eu **a** vi chegar. • Nós **os** estimamos muito.

LHE, LHES	**objeto indireto** (a ele, a ela, a você, a vocês etc.)	• Eu **lhe** disse tudo (disse tudo a ele – OI). • Nós lhe demos um presente (demos um presente a ele – OI).
	adnominal adjunto (dele, dela, para ele, para ela etc.)	• Comprei-**lhe** o carro (o carro dele – adj. adn.). • Tomaram-**lhe** a casa (a casa dele – adj. adn.).

NOS	**objeto direto** (nós)	• Obrigaram-**nos** a recuar (obrigaram nós a recuar**).
	objeto indireto (a nós)	• Você deve **nos** dar o solicitado (dar o solicitado a nós – OI).
VOS	**objeto direto** (vós)	Eu **vos** idolatro (eu idolatro vós** – OD).
	objeto indireto (a vós)	Eu **vos** trago a paz (eu trago a paz a vós – OI).

**** Formas agramaticais**

Colocação pronominal

COLOCAÇÃO	REGRAS	EXEMPLO
Próclise (pronome antes do verbo)	No Brasil, a próclise constitui a grande tendência. Pode-se dizer que 99% dos casos de colocação pronominal, no português do Brasil, são de próclise.	• Não **me** de idiota. • Nunca **m** diga tal co • Quero qu **se** danem todos. • Ora, vá **s** catar!

	• Hoje **me** tregaram tudo. • Eu semp **lhes** dei atenção.
Casos de próclise obrigatória: - nas orações negativas (não, nem, nunca, nen-hum, nada, ja-mais etc.), desde que não haja pausa entre o verbo e as palav-ras negação.	• Não **me** cuse o fav • Ninguén **nos** convencer

		• Nunca **s** coisa tão f
		• Nada **m** fará muda ideia.
	- nas orações exclamativas e optativas	• Quanto barulho **se** por nada!
		• Deus **te** abençoe, f
	- nas orações iniciadas por pronomes ou advérbios interrogativos	• Quem **o** obrigou a
		• Por que magoas ta

		• Como **se** isso?
	- nas orações subordinadas	• Quando vejo sorrir fico feliz.
		• Espero q **me** receba hoje.
	- com advérbios e pronomes indefinidos	• Aqui **se** aprende a mandar.
		• Bem **me** seram tud
Ênclise (pro-nome após o verbo)	Usada para evitar que se inicie um período com o pronome oblíquo, o que	• Passe-**m** farofa.

	não é aceito gramaticalmente.	• Dê-**me** is • Sabendo vencedor, trouxe-**nos** prêmio.
	Opcional com o sujeito da frase e com os infinitivos pessoais (pode-se usar ênclise ou próclise).	• Eu **me** a pendo ou arrependo • Fez tudo para **lhe** o ecer ou Fe tudo para decer-**lhe.**

FIQUE ATENTO!

Com as formas do particípio e do futuro (do presente ou do pretérito) a ênclise é inviável:

Formas inviáveis:

Tinha falado-lhe. Tenho contado-lhe.
Falarei-lhe.
Contarei-lhe.

Possibilidades:

Tinha-lhe falado ou Tinha lhe falado.
Tenho-lhe contado ou Tenho lhe contado.
Eu lhe falarei ou Falar-lhe-ei.
Eu lhe contaria ou Contar-lhe-ia.

Mesóclise (pronome no meio do verbo)	Verbo no futuro do presente ou no futuro do pretérito.	• Mandar-**lhe**-ei um brinde. • Ver-**nos**-emos amanhã.

CONSIDERAÇÕES SOBRE COLOCAÇÃO PRONOMINAL

Verbos terminados em **-m**: sofrem o processo de nasalização, ou seja, por questões fonéticas, o objeto direto (**o**, **a**, **os**, **as**) ligado a eles por ênclise recebe o acréscimo da consoante **n**.	• Viram ela sair – Viram-**na** sair. • Encontraram ele ontem – Encontraram-**no** ontem.

	• Conheceram ela pelas costas – Conheceram-**na** pelas costas.
Verbos terminados em **r**, **s e z** – quando ligados em ênclise aos pronomes **o, a**, **os**, **as**, a consoante final desaparecerá e surgirá a consoante **l** ao lado do pronome; verbos terminados em s seguidos do pronome **nos**: o **s** desaparecerá.	• Vou comprar o carro — Vou com-prá-**lo.** • Vamos fazer isso — Vamos fazê-**lo.** • Fiz aquilo — Fi-**lo**. • Subscreve-mo-**las.**

	• Subscreve-mo-**nos** • Firmamo-**nos.**

Ficha de apoio

Colocação pronominal
A colocação dos pronomes nas locuções verbais

Caso I – Infinitivo

• Ela **me** deve ajudar.	Possível, mas não usual.

• Ela deve-**me** ajudar.	Português lusitano.
• Ela deve **me** ajudar.	Preferencial no Brasil. Possível,
• Ela deve ajudar-**me**.	mas não usual.

Os casos acima são viáveis com todos os pronomes, exceto **o, a, os, as.** Com esses pronomes, a colocação ficaria assim:

- Ela **o** deve ajudar (possível, mas não muito usual no Brasil).
- Ela deve-**o** ajudar (inviável).
- Ela deve **o** ajudar (inviável).

- Ela deve ajudá-**lo** (mais comum no português do Brasil).

Caso II – Particípio

• Ela **me** tem ajudado.	Possível, mas não usual.
• Ela tem-**me** ajudado.	Português lusitano.
• Ela tem **me** ajudado.	Preferencial no Brasil.
• Ela tem ajudado-**me**.	Inviável. Agramatical.

Com os pronomes **o, a, os, as**, as possibilidades seriam as seguintes:

- Ela o tem ajudado (mais comum no português do Brasil).
- Ela tem-**no** ajudado (português lusitano).
- Ela tem o ajudado (inviável).
- Ela tem ajudado-**o** (inviável. Agramatical).

Caso III – Gerúndio

• Ela **me** esteve ajudando.	Possível, mas não usual.
• Ela esteve-**me** ajudando.	Português lusitano.

• Ela esteve **me** ajudando.	Preferencial no Brasil.
• Ela esteve ajudando-**me**.	Pouco usada tanto no Brasil quanto em Portugal. Apesar de não ser um erro, é desaconselhável.

Colocação pronominal

Com os pronomes **o, a, os, as,** as possibilidades seriam as seguintes:

- Ela **a** esteve ajudando (possível, mas não usual no Brasil).

- Ela esteve**-a** ajudando (inviável. Agramatical).
- Ela esteve **a** ajudando (inviável. Agramatical).
- Ela esteve ajudando-**a** (mais comum no português do Brasil).

Com elementos ditos “atrativos” (advérbios, palavras de negação, pronomes relativos etc.) vale a regra da próclise, mas não se deve deixar de observar o bom-senso e o uso no Brasil. Sendo assim, os três casos a seguir são possíveis, mas o quarto é inviável:

- Ela não **me** pode ajudar.
- Ela não pode **me** ajudar.
- Ela não pode ajudar-**me**.
- Ela não pode-**me** ajudar.

CAPÍTULO 6

A CRASE

A CRASE

A CRASE

Noções básicas

Fusão do “A” preposição ao “A” artigo (A + A = À)

(Também possível fusão da preposição “a” à primeira letra do pronome demonstrativo – àquele, àquela, àquilo, àquelas, àqueles etc.).

Exemplos:

Ele se referiu **à** irmã. (preposição + artigo)
Refiro-me **àquela** que saiu. (preposição + pronome demonstrativo)

A crase é marca exclusiva de feminino.

Palavras masculinas ou neutras não receberão crase.

Os pronomes demonstrativos aquela, aquele e seus plurais admitem crase quando houver a fusão da preposição com o “a” inicial.

Exemplos:

- Dirigimo-nos à sala. (feminino)
- Dirigimo-nos a Vossa Excelência. (neutro)
- Conseguimos chegar a tempo. (masculino)
- Em relação àquela proposta, informamos que...
- Não me refiro àquele homem que chegou, mas àquela pessoa que saiu mais cedo.

(Os pronomes aquele, aqueles e aquilo são os únicos pronomes masculinos a admitir crase.)

Pronomes femininos que não admitem artigo também não admitem crase (**ela, essa, esta** etc.).	• Dirijo-me **a essa** empresa... • Com referência **a esta** carta... • Diga tudo **a ela.**
Não há crase após preposições **(de, com, para, em, entre, sob, sobre** etc.).	• Pegue o livro que está **sobre a** mesa. • Alguns animais vivem **sob a** terra.

Para haver crase, é necessário que haja a preposição a; logo, **verbos não regidos por tal preposição não admitirão crase**.	• Ele **obedece à** mãe. (VTI – obedecer a...) • Ele **ofendeu a** mãe. (VTD – ofender alguém...) • **Refiro-me** à festa de ontem. (VTI – referir-se a...) • **Detestei a** festa de ontem. (VTD - detestar alguma coisa ou alguém...)

CRASES OPCIONAIS

Pronomes possessivos femininos no singular (no plural, a crase será obrigatória se o artigo for utilizado).	• Vá **à** (a) minha sala para conversarmos. • Devo tudo **à** (a) minha melhor amiga. • Devo tudo **a minhas** amizades. (apenas preposição) • Devo tudo **às minhas** amizades. (preposição + artigo)

Nomes de mulher – o artigo pode ser usado (como ocorre no Sul do país), ou não (como acontece no Nordeste).	• Eu contei tudo **à** (a) Lúcia. • Disse toda a verdade **à** (a) Maria. • Contei a história **à** (a) Ana.

FIQUE ATENTO!

Observação: alguns gramáticos dão a crase como opcional diante da palavra de inclusão até. O caso não é exatamente de ser uma crase opcional, mas de ser uma crase usada, ou não, em razão da lógica da língua, do sentido da frase:

Romeu e Julieta amaram até à morte (locução adverbial – até o momento de morrer).

Os poetas românticos amaram até a morte (inclusive a morte).

A CRASE E OS NOMES DE LUGARES

Se o nome do lugar pede artigo, pedirá a crase.	• Vou **à** França no próximo ano (A França é maravilhosa). • Retornarei logo **à** Bahia (A Bahia é linda). • O Presidente foi **à** Colômbia (A Colômbia é um belo país).

Se o nome do lugar não pede artigo, também não admite a crase.	• Ele retornou **a** Itabuna (Itabuna é a terra de Jorge Amado). • Quem tem boca vai **a** Roma (Roma é a “cidade eterna”). • Nós sempre vamos **a** Paris no inverno (Paris é linda no inverno).

Quando o nome de lugar vier acompanhado de complemento específico, receberá a crase, mesmo que não a recebesse normalmente. (Quando se acrescenta um complemento, dá-se uma definição ao nome, ou seja, aparece um artigo definido.)	• Ele voltou **à** Itabuna de Jorge Amado. • Um dia voltarei **à** Roma dos Césares. • Você já foi **à** Ipanema de Tom Jobim?

A CRASE E O SENTIDO DAS FRASES

O uso da crase está muito ligado ao sentido das frases; se a crase for usada, a frase terá um determinado sentido; se não for, o sentido será diferente.

A presença da crase transforma substantivos em locuções (adverbiais, prepositivas,

conjuntivas) e, com isso, altera também o sentido das expressões transformadas.

Quando eu cheguei, **a noite** começava a cair. (**a noite:** substantivo)	Então está combinado: nós nos veremos **à noite.** **(à noite:** locução adverbial)
Há roupas de várias cores: você prefere **as claras ou as escuras? (as claras/as escuras -** substantivos)	Eu faço tudo às claras, mas há pessoas que só agem **às escuras. (às claras/às escuras:** locuções adverbiais)
A espera foi demorada e irritante. (**a espera**: substantivo)	Todos vivem à espera de uma oportunidade. (**à espera de:** locução prepositiva)

A procura durou toda a noite. (**a procura:** substantivo)	Toda a polícia está à **procura dos** criminosos. (**à procura de:** locução prepositiva)
Só o cozinheiro sabe **a proporção** de sal que deve usar. (**a proporção:** substantivo) **A medida** que mede o rico não é **a medida** que mede o pobre. (**a medida:** substantivo)	**À proporção que** o tempo passa, nós envelhecemos. (**à proporção** que: locução conjuntiva) **À medida que** come, engorda. (**à medida que:** locução conjuntiva)

NÃO SE USA A CRASE

Entre expressões repetidas.	• Ele lhe disse tudo cara **a** cara. • Finalmente nos vemos face **a** face.
Quando o **a** estiver no singular e o termo seguinte, no plural.	• Enviou currículos **a** várias empresas. • Não dou ouvidos **a** bobagens.
Quando há intenção de indeterminar o termo seguinte ao **a.**	• Dirigirás a palestra **a** homem ou **a** mulher? • Eu o vi aparecer **a** distância.

	• Jamais assisti a peça tão ruim.
(Mas, se houver a clara determinação do termo, a crase aparecerá.)	• Ele se dedica inteiramente **à** mulher (a mulher dele). • Eu o vi surgir **à** distância de 100 metros. • Você vai assistir **à** peça novamente?

OUTROS CASOS

Usa-se a crase mesmo se o termo feminino vier apenas subentendido.	• Não o achando na sua casa, vá **à** da irmã que o achará (à casa da...) • A festa estava tão chata que eu saí **à francesa** (à moda francesa). • Comprou móveis à **Luís XV** (à moda Luís XV).

Usa-se a crase diante da palavra **casa** apenas quando ela estiver determinada ou qualificada.	• Iremos amanhã **à casa dos amigos**. • Ele sempre se refere **à casa nova.** • Vou **a casa** para almoçar (registro basicamente lusitano; o brasileiro usa “vou em casa”).
Não se usa a crase diante da palavra **terra** quando ela tiver o sentido de oposição a **bordo.** Em outros	• Irei à **terra natal.** • O camponês dedica a vida **à terra.**

sentidos ela será usada normalmente.	• Os marujos foram **a terra** buscar mantimentos.

CAPÍTULO 7

DIVISÃO DO PERÍODO

CLASSIFICAÇÃO DAS ORAÇÕES

DIVISÃO DO PERÍODO
CLASSIFICAÇÃO DAS ORAÇÕES

DIVISÃO DO PERÍODO

Frase

É todo enunciado suficiente por si mesmo para estabelecer comunicação.

Uma frase pode ser formada por uma só palavra, desde que ela faça sentido em determinado contexto.

Uma frase não tem essencialmente que possuir verbo.

- Socorro!
- Que calor!
- Chove.
- Que horas são?
- Viva São João!

Oração

A oração encerra uma frase ou várias frases, completando um pensamento.

Uma oração é composta de sujeito e predicado (embora o sujeito eventualmente possa não existir).

A oração tem obrigatoriamente que possuir um verbo.

- Chove. (uma oração – uma frase)
- Quero / que você volte. (duas orações, uma só frase)
- “O amor tem feito coisas / que até mesmo Deus duvida.” (duas orações, uma frase)
- “Vim. Vi. Venci.” (três orações, três frases)

Período

É o nome que se dá ao conjunto de várias orações que formam uma única frase.

- Temos a mais absoluta certeza / de que ele virá ainda hoje.
- Embora jogando bem, / perdemos o jogo.

O período pode ser simples, com uma só oração, ou composto, com várias orações.

- Ontem choveu muito. (período simples)
- Ontem choveu / e nos molhamos. (período composto)

TIPOS DEPERIODO

Período simples

É formado por uma única oração.

- Chegamos.
- Chegamos da rua muito cansados.
- A vida é feita de muitas coisas importantes.

Período composto

É formado por várias orações. Há três tipos de períodos compostos: Período composto por subordinação: uma oração (subordinada)

depende sintática e semanticamente de outra (principal).

- Sabemos que tudo vai bem.
- A vida que ele levava era muito difícil.
- Temos certeza de que tudo correrá bem.

Período composto por coordenação: as orações estão juntas no mesmo período, mas mantêm independência sintática e semântica, ou seja, cada oração tem o seu sentido próprio, sem vínculo de subordinação.

- Ele chegou cansado e foi dormir.
- Estude muito, pois só assim será aprovado.
- Fizemos o possível, mas o projeto não foi adiante.

Período composto por coordenação e subordinação (período misto): aparecem orações coordenadas e subordinadas.

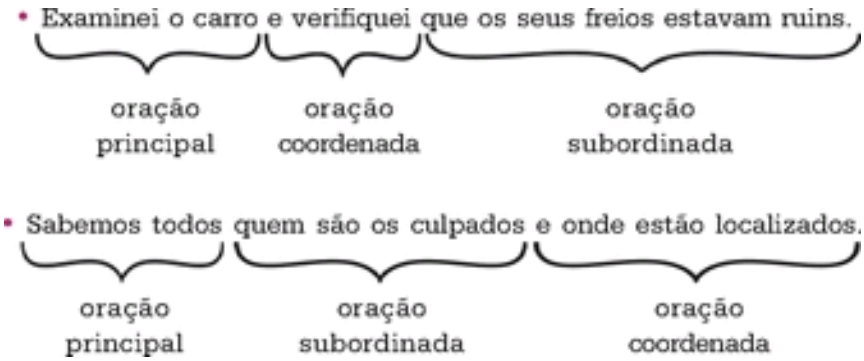

CLASSIFICAÇÃO DAS ORAÇÕES

Orações coordenadas

Uma não exerce função sintática em relação a outra. São independentes sintaticamente, embora ligadas pelo sentido. Podem ser: orações coordenadas sindéticas: introduzidas por conjunções; orações coordenadas assindéticas: sem conjunções.

ORAÇÕES COORDENADAS SINDÉTICAS

Aditivas	**soma, adição**	• Ele estuda **e trabalha.**

	Principais conjunções: e, nem, mas também, mas ainda	• Ele não estuda **nem trabalha.** • Ele não só estuda, **mas também trabalha.**
Adversativas	**adversidade, oposição, contraste** Principais conjunções: mas, porém, contudo, todavia, no entanto, entretanto	• Era um bom aluno, **mas foi reprovado.** • Era um bom aluno, **no entanto foi reprovado.** • Brigou muito, **porém apanhou.**

Alternativas	**alternância, escolha** Um fato exclui o outro. Principais conjunções: ou, ou...ou, ora...ora, quer...quer, já...já, seja...seja	• Vá logo, **ou você se atrasará.** • **Ou Paulo será eleito ou João será o indicado.** • **Ora ela acariciava os filhos, ora os espancava ferozmente.**

Conclusivas	**conclusão** Principais conjunções: logo, portanto, então, pois (posposto ao verbo)	• Não chegou na hora, **logo teve o ponto cortado.** • Não chegou na hora, **portanto teve o ponto cortado.** • Ele é seu amigo: **ouça, pois, os conselhos.**
Explicativas	**explicação, justificação, confirmação** Principais	• Venha depressa, **pois precisamos de você.**

	conjunções: pois (anteposto ao verbo), porque, que (com o sentido de porque)	• Estude, **que com certeza aprenderá.** • Estude, pois aprenderá.

Para entender a classificação das orações subordinadas, é essencial compreender a regência verbal. Se um substantivo, por exemplo, funciona como objeto direto de um verbo transitivo, a oração que complementar esse verbo terá a mesma função.

- Observei a beleza da paisagem.
  VTD OD
- Observei que a paisagem era bela.
  VTD oração subordinada substantiva objetiva direta
- Cheguei no começo da reunião.
  adjunto adverbial de tempo
- Cheguei quando a reunião começava.
  oração subordinada adverbial temporal
- Conheci o menino estudioso.
  adjetivo com função de adjunto adnominal
- Conheci o menino que estudava.
  oração subordinada adjetiva

A divisão das orações será sempre feita antes dos termos que introduzem as subordinadas (conjunção, pronome relativo ou pronome ou advérbio interrogativos).

Havendo preposição, a divisão será feita antes dela: Eu disse / que sairia logo – Necessitamos / de que nos ajudem.

ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIIVAS

Exercem as mesmas funções sintáticas do substantivo ou pronome: sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto e predicativo.

Subjetivas sujeito da oração principal	Não há sujeito explícito na oração principal (o sujeito da oração principal é a subordinada). Verbos sempre na 3ª pessoa do singular	• É provável **que ele venha**. • Convém **que faças tudo.** • Conta-se **que ele mentiu.** • Parece **que tudo mudou.**

		• Julgar-nos-á quem nos criou.

Formas de apresentação das orações subjetivas:

a) com os chamados verbos especiais (verbos que normalmente têm o sujeito posposto a eles): urge, consta, cumpre, importa, parece, acontece, ocorre, sucede, convém, basta, dói etc.:

- Urge que todos saiam.
- "Acontece que eu já não sei mais amar..."
- Ocorre que tudo foi um sonho.
- Dói no coração que sejas tão cruel.

b) com o pronome quem equivalendo ao sujeito.

- Julgar-me-á quem me criou.
- Acreditará em mim quem for meu amigo.

c) com verbo transitivo direto na 3ª pessoa do singular seguido de pronome “se”:

- Comenta-se que ela mudou.
- Conta-se que haverá novidades.

d) com verbo “ser” seguido de predicativo (na oração principal):

- É importante que todos venham.
- Parece necessário que haja consenso.

Objetivas diretas objeto direto da oração principal	Sempre após verbo transitivo direto	• Sabemos **q algo aconteceu.** • Não sei **se elas virão.**

		• Ignoro **que são os vencedores** • Desejo que jas feliz.
Objetivas indiretas objeto indireto da oração principal	Sempre após verbo transitivo indireto Sempre preposicionadas	• Aconselha- **que trabalh mais.** • Gostaria **d que me respondess**
Predicativas predicativo da oração principal	Após verbo de ligação (sujeito + verbo de ligação + oração predicativa)	• Meu sonho era **que aqu ocorresse.** • Minha esp ança é **que s jas feliz.**

Completivas nominais complemento nominal da oração principal	Após um nome (substantivo ou adjetivo) Verbo + nome + preposição Sempre preposicionadas	• Sou favorá **a que resolvam lo o caso.** • Tenho med de que desistam.
Apositivas aposto da oração principal	Normalmente, após dois pontos	• Desejo um coisa: **que s jas feliz.** • Espero ape as o seguint **que não ins am mais no assunto.** • Confesso u coisa: **eu sa de tudo.**

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS

Exercem a função de adjunto adnominal da oração principal.

Restritivas	Restringem a significação do nome a que se referem.	• O homem **que fuma** vive menos. • O sujeito **que trabalha** vence.
Explicativas	Dão uma explicação acerca do termo a que se referem. Normalmente entre vírgulas.	• O sol, **que brilhava inclemente,** queimou todos os banhistas. • O rei, **que estava dormindo**, acordou furioso.

As orações subordinadas adjetivas podem vir precedidas por preposição. Nesse caso, a divisão será feita antes da preposição:

- Aquela é a pessoa / à qual confiei minha vida. subordinada adjetiva restritiva
- Encontrei o livro / do qual precisava tanto. subordinada adjetiva restritiva

Para descobrir qual a função sintática do pronome que nas adjetivas, desloque o termo anterior a ele para o lugar do pronome. A função do termo anterior dentro da oração adjetiva será a mesma do que:

- Aquele é o rapaz / que precisa do emprego.

  (o rapaz [que] precisa do emprego – o rapaz: sujeito; que: sujeito)
- O Rei, que estava nu, não sabia da sua nudez.

  (O Rei [que] estava nu – o Rei: sujeito; que: sujeito)
- Comprei o carro que eu queria.

  (o carro [que] eu queria – o carro: objeto direto; que: objeto direto)

Quando o pronome que vier precedido do demonstrativo o, a divisão da oração será feita entre o pronome demonstrativo e o pronome que:

- Você deve fazer apenas o / que a sua consciência ditar.
- Nós com certeza somos os / que contam nesta história.
- Ela é a / que sempre fala a verdade.

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS

Funcionam como um advérbio em relação à oração principal.

Causais	**causa, motivo** Principais conjunções causais: porque, visto que, já que, uma vez que, como (igual a porque)	• Não viaja **porque choveu**. • **Já que choveu,** n viajamos.

		• **Como em janeiro,** to estavam de férias. • Ele não f admitido **v que não p sou nas provas.**
Comparativas	**comparação Principais** conjunções comparativas: como, que precedido de “mais” ou de “menos”), tanto/ quanto Normalmente o verbo da oração comparativa fica oculto.	• Comeu **como um porco** (com • Falava m **que um pa gaio** (fala)

		• Ela é me inteligente **que o irm** (é). • Bebeu **co um gamba** (bebe). • Paulo é r rico **que L** (é).
Consecutivas	**consequência (resultado de uma ação qualquer que aparece na principal)** Principais conjunções consecutivas: tal (na principal)/ que (na	• Era tão f **que assustava** • Levou ta susto, **que desmaiou**

	subordinada), tanto (na principal)/que (na subordinada), tamanho (na principal)/que (na subordinada), tão (na principal)/que (na subordinada) Os termos intensivos (tão, tanto, tal, tamanho) podem vir ocultos.	• Choveu tanto, **que casas desabaram** • Foi tama a surpresa

		que ele qu morreu. • Chovia, **c não se via céu.**
Concessivas	**concessão (permissão de algo apesar de algum impedimento)** Principais conjunções concessivas: embora, se bem que, ainda que, mesmo que, por mais que, por menos que, conquanto	• **Embora estudasse** passou. • Passou, **s bem que** **estudasse**

		• **Ainda qu não lutem** vencerão. • **Por mai que se es- force,** não consegue nada.
Condicionais	**condição** Principais conjunções condicionais: se, caso, contanto que, desde que, sem que (na subordinada)/não (na principal)	• **Se não chover**, iremos à festa • **Caso nã chova,** ire à festa.

		• Iremos à festa, **cont anto que chova.** • **Sem que estudes,** n serás aprovado.
Conformativas	**conformidade (acordo, adequação, não contradição, modo)** Principais conjunções conformativas: conforme, segundo, consoante, como (igual conforme)	• Choveu **forme se previa.** • Choveu, **como se previa.**

		• Choveu, **gundo se previa.** • Choveu, **soante afirmava meteorolo**
Finais	**finalidade (objetivo)** Principais conjunções finais: a fim de, para que, para + verbo no infinitivo	• Esperam bom tempo **para que pudéssem sair.** • Estudou muito **a fi de passar provas.** • Estudou **para pass nas prova**

Proporcionais	**proporção** Principais conjunções proporcionais: à proporção que, à medida que, quanto mais (na subordinada)/ mais (na principal), quanto menos (na subordinada)/ mais ou menos (na principal)	• Ela engo **à medida come.** • **À propo que come** engorda. • **Quanto mais com** mais engo • **Quanto menos se aborrece,** menos cho

		• **Quanto menos co** mais emagrece.
Temporais	**tempo** Principais conjunções temporais: quando, enquanto, logo que, desde que, assim que, mal	• Eles chegaram **sim que saímos.** • **Mal nós mos,** eles chegaram. • Resolveremos tud **assim que chegar.**

ORAÇÕES SUBORDINADAS REDUZIDAS

São orações que apresentam o verbo em uma das suas formas nominais: gerúndio, particípio ou infinitivo.

Para identificá-las, basta desenvolvê-las e classificá-las normalmente, como no quadro a seguir.

• Pensava **estar doente.** – sub. subst. obj. direta reduzida de infinitivo	• Pensava **que estava doente.** – sub. subst. obj. direta
• Havia pessoas **trabalhando no campo**. – sub. adj. restritiva reduzida de gerúndio	• Havia pessoas **que trabalhavam nos campos.** – sub. adj. restritiva
• **Terminada a festa,** saímos. – sub. subst. adv. temporal reduzida de particípio	• **Quando terminou a festa,** saímos. – sub. subst. adv. temporal

ORAÇÕES SUBORDINADAS JUSTAPOSTAS

São orações subordinadas que aparecem sem a presença de qualquer conectivo:

- Fosse o veículo mais rápido, ela seria atropelada. oração subordinada adverbial condicional justaposta
- De janeiro a fevereiro ninguém podia ir à praia, dava insolação. oração subordinada adverbial causal justaposta

ORAÇÕES INTERCALADAS

Orações independentes que não pertencem à sequência do período, portanto não podem ser classificadas como coordenadas. São utilizadas como um aparte ou esclarecimento; normalmente vêm entre vírgulas ou travessões:

- Sendo assim – disse o juiz – sou obrigado a multá-los.
- Diante deste fato – afirmou o delegado – minhas opiniões mudarão.
- Como nada se resolveu, retrucou ela, voltarei em outra oportunidade.

Ficha de apoio I

Funções do que

Classificação	Exemplos
Substantivo:	• Ele possui um quê de mistério.
Equivale a **alguma coisa.** Vem sempre acentuado.	• Seu perfume tem um **quê** de enjoado.
Preposição:	• Já é tarde, temos **que** sair.
Liga dois verbos de uma locução. Equivale a de.	• Ela tem **que** dar uma resposta imediata.
Interjeição:	• **Quê!** Ela ainda não chegou!
Exprime espanto, admiração,	• **O quê!** Você por aqui?

surpresa. Acentuado e seguido de exclamação. Variante: **O quê!**	• **Quê!** Você fez isso?!
Partícula expletiva ou de realce:	• Quase **que** não consigo chegar a tempo.
Pode ser retirada da frase sem prejuízo para o sentido. Não tem qualquer função sintática. Variante: **é que.**	• Ele quase **que** foi demitido por uma besteira. • Você é que sabe da sua vida.
Advérbio:	• **Que** lindo está o dia!

Quando modifica um adjetivo ou advérbio. Equivale a quão.	• **Que** longe fica a cidade! • **Que** brilhante ficou o seu trabalho!
Pronome relativo: Nas orações adjetivas. Retoma um termo da oração anterior e o projeta na que vem a seguir. Equivale a o qual (e flexões).	• Não encontramos as pessoas **que** saíram. • Este é o presente **que** eu escolhi para você. • O rei, **que** dormia profundamente, acordou irritado.

Veja nas orações adjetivas como identificar a função sintática do “que” pronome relativo.	
Pronome substantivo indefinido: Equivale a **que coisa.** É acentuado quando no final da oração. Ligado a um verbo.	• **Que** houve com você? • Você precisa **de quê?** • “Você tem fome **de quê?”**
Pronome adjetivo indefinido:	• **Que** vida é essa?

Vem determinando um substantivo. Aparece em orações exclamativas e interrogativas. Nas orações interrogativas é chamado de pronome interrogativo.	• **Que** dia é hoje? • **Que** livros você comprou? • **Que** presente você lhe deu? • **Que** língua, a nossa!
Conjunção: Liga duas orações. Não exerce função sintática.	• Venha logo, **que** o esperamos há horas. – conjunção coordenativa explicativa

Conjunção coordenativa: liga duas orações coordenadas (neste caso, toma o nome da oração coordenada que encabeça).

Conjunção subordinativa: liga duas orações subordinadas. Nas subordinadas adverbiais, ele toma o nome da subordinada; nas subordinadas substantivas, é conjunção subordinativa integrante.

• Comeu tanto **que** passou mal. - conjunção subordinativa consecutiva

• Cansados **que** estávamos, fomos dormir. – conjunção subordinativa causal

• Quero **que** você venha. – conjunção subordinativa integrante

• Desejo **que** sejas feliz. – conjunção

	subordinativa integrante

Ficha de apoio II

Funções do se

Classificação	Exemplos
Conjunção: Liga duas orações. Não exerce função sintática.	• Perguntamos **se** ela sabia de algo. – conjunção subordinativa integrante

Conjunção subordinativa integrante: inicia uma oração subordinada substantiva.	• Não sei **se** ele virá. – conjunção subordinativa integrante • **Se** você estudasse, passaria. – conjunção subordinativa condicional
Conjunção subordinativa condicional: inicia uma oração subordinada adverbial condicional (equivale a **caso**).	• **Se** tudo correr bem, eu irei amanhã. – conjunção subordinativa condicional
Partícula expletiva ou de realce:	• Ele **se** casou ontem.

Pode ser retirada da frase sem prejuízo ao sentido.	• Sente-**se** e conte o que aconteceu. • Passaram-**se** os dias e nada ocorreu.
Parte integrante do verbo: Com os verbos pronominais (verbos que têm o pronome como parte de si, não sendo conjugados sem ele).	• Arrependa-**se**, pois chegou a sua hora. • Ele **se** queixava de tudo. • Ajoelhou-se no chão e orou.

Pronome apassivador (ou partícula apassivadora): Com verbo transitivo direto, formando a voz passiva pronominal. O substantivo que se liga ao verbo será sempre o sujeito.	• Vendem-**se** casas. • Aluga-**se** um bom apartamento. • Compram-**se** bois. • Conserta-**se** geladeira.
Índice de indeterminação do sujeito:	• Vive-**se** bem no Sul. • Trabalha-**se** muito aqui.

Ligado a verbo intransitivo ou transitivo indireto. Torna o sujeito indeterminado.	• Precisa-**se** de empregados.
Pronome reflexivo: Pode assumir as seguintes funções sintáticas:	• Ela cortou-**se** com a faca. (Ela cortou ela mesma com a faca - OD)
Objeto direto (equivale a **ele mesmo, ela mesma** etc.) **Objeto indireto** (equivale a **a si mesmo, a si mesma** etc.) **Sujeito do infinitivo** (equivale **a ele ou ela**)	• Ela **se** dá o direito de mentir. (Ela dá a si mesma o direito de mentir – OI) • Ela deixou-**se** levar pelos amigos.

(Ela deixou ela levar pelos amigos – sujeito)

CAPÍTULO 8

PONTUAÇÃO GRÁFICA

PONTUAÇÃO GRÁFICA

PONTUAÇÃO GRÁFICA

Noções básicas

Não se separam os termos essenciais (sujeito, verbo, objetos e predicativo) com nenhum sinal de pontuação:

- Nós compramos a casa.
  suj. verbo OD
- Solicitamos a sua atenção.
  verbo OD
- Solicitamos uma audiência a S. Exª.
  verbo OD OI
- Solicitamos a S. Exª que nos dê uma audiência.
  verbo OI oração sub. subst. objetiva direta

Os termos acessórios são normalmente separados por vírgulas.	• Nós, **empresários,** compramos a casa. • Solicitamos, **Excelentíssimo Prefeito,** uma audiência. • O Brasil, **país do futuro,** precisa descobrir o presente.
Os **advérbios** podem ser separados ou não, é questão de estilo; o mais comum é separar os advérbios mais longos ou que se deseja enfatizar.	• Segue **antecipadamente** o material pedido. • Ele respondeu **claramente** o que foi perguntado.

	• Agiu **friamente e com toda a maldade**. • A empresa puniu, **de maneira absurda e desnecessária,** os funcionários em greve.
Advérbios deslocados para o início do período podem ser sempre separados por vírgula (no caso de advérbios curtos, a vírgula é opcional).	• **Hoje,** apresentamos os cheques. • **Hoje** apresentamos os cheques.

	• **Em 2015,** conseguiremos vencer. • **Em 2015** conseguiremos vencer.
Quando totalmente deslocados das suas posições, os advérbios devem ficar entre vírgulas.	• O país, **de fato**, vem apresentando significativas melhoras. • Nós todos, **periodicamente,** precisamos fazer sérios exames de consciência.

Emprego dos sinais de pontuação

VÍRGULA

Mostra a inversão na ordem do período (oração subordinada anteposta à principal).	• **Se tudo correr bem,** nós iremos à festa. • **Quando o material chegar,** avise-me imediatamente. • **Para que tudo se resolva,** precisamos nos reunir.
Isola acréscimos (apostos, vocativos, expressões exemplificativas e retificativas: aliás, isto é, por exemplo, ou seja, ou melhor etc.).	• Arafat, **o líder palestino,** foi um homem polêmico. • Queremos apenas, **senhores,** que colaborem.

	• O Brasil, **aliás,** avançou muito na medicina. • Você, **por exemplo,** é um bom aluno.
Indica a supressão de um ou mais termos na frase.	• Eu moro em Salvador; minha mãe, no Rio. • Ela gosta do carnaval; ele, do São João.
Separa termos da mesma função sintática (ou orações) em sequência.	• O rádio, o relógio, a TV, tudo quebrou ao mesmo tempo. • Você sobe a primeira rua, desce a segunda à

	esquerda, vira na terceira esquina, passa o primeiro sinal e pede informações ao primeiro que encontrar.
Isola orações intercaladas (orações que vêm no meio de outra oração, normalmente introduzidas por verbo que indica fala – disse, comentou, falou etc.).	• Sendo assim, **disse eu,** não quero mais vê-lo. • Como você não estudou, falou **o professor,** sou obrigado a reprová-lo.

Separa orações subordinadas adjetivas explicativas (orações que funcionam como se fossem um aposto, explicando um termo da oração principal).	• O Sol, **que é o centro do nosso universo,** nasce todos os dias. • Os meninos, **que se atrasaram muito,** perderam o jantar.
Antecede as conjunções adversativas e conclusivas.	• Ele iria à reunião, mas teve um problema. • Nós queremos a justiça, porém somos sempre traídos. • Lutou muito, pois nada tinha a perder.

Acompanha a conjunção e, nos seguintes casos: - quando vier seguida de sujeito diferente do da oração anterior;	• A mulher e os filhos menores ficaram na cidade, **e o marido** viajou com o filho mais velho. • O povo reclamou, lutou, exigiu seus direitos, **e a revolução** aconteceu finalmente.
- quando tiver peso adversativo, equivalendo a mas;	• Pedimos, imploramos, **e** não nos atenderam. • Estudamos, decoramos os assuntos, **e** mesmo assim fomos reprovados.
- quando houver uma série de	• Vocês insistem, e reclamam, **e**

orações coordenadas iniciadas por **e**.	pedem, **e** eu sempre os atendo. • E chove, **e** troveja, **e** neva.

FIQUE ATENTO!

Já é tradicional, principalmente na Redação Oficial, o uso da vírgula após o vocativo nas correspondências. Ela tanto aparece seguida de maiúscula quanto de minúscula. O uso da maiúscula é justificado apenas pelo espaço que fica entre o vocativo

e o início do texto, mas não tem fundamento gramatical.

Senhor Diretor,

Solicitamos o envio de duzentas caixas de papel carbono...

Senhor Diretor,

solicitamos o envio de duzentas caixas de papel carbono...

PONTO E VÍRGULA

Separa ideias diferentes dentro do mesmo período.	• “Milagres feitos devagar são obras da natureza; obras da natureza feitas depressa são milagres.” (Vieira) • Em relação à proposta, constatamos o seguinte: faltam alguns dados importantes; as certidões não foram apresentadas; as firmas não foram reconhecidas.

Pode substituir praticamente todas as conjunções.	• Ele era brilhante; o irmão não tinha a mesma competência. • Lutou com dificuldades; conseguiu vencê-las.
Pode substituir a vírgula antes de uma conjunção, para dar mais ênfase.	• Ele era brilhante; mas o irmão não tinha a mesma competência. • Cometeu erros; no entanto conseguiu corrigi-los.

DOIS-PONTOS

Introduzem discurso direto. Após os dois-pontos, neste caso, usa-se maiúscula.	• Emocionado, o deputado gritou: “Não aceitarei mais a corrupção!”. • Cristo disse: “Bem-aventurados os que têm sede de justiça”.
Nas correspondências, surgem após o vocativo (o texto em si é discurso direto, pois só se começa verdadeiramente o assunto após o vocativo).	• Senhor Diretor: Peço a gentileza de remeter, com a máxima urgência, o material que foi enviado ontem para a sua assinatura.

Introduzem explicações, enumerações, complementações etc.; neste caso, usa-se minúscula após os dois-pontos.	• O caso foi grave: os documentos foram fraudados, a assinatura foi falsificada e os cheques não tinham fundos. • Tudo aconteceu de repente: quando eu percebi, já havia batido no poste.

ASPAS

Usadas na transcrição de citações.	• “A maldade quase sempre é miséria ou ignorância.” (Jorge Amado) • “Quanto mais negra a madrugada, mais belo o amanhecer.” (Dom Hélder Câmara)
Caracterizam ironia ou ênfase.	• Você realmente é um “gênio”. • Todos conhecem bem a sua “honestidade”.

	• Preste atenção, mas “atenção” mesmo.
As aspas são usadas também para assinalar termos estrangeiros; mas os termos já consagrados pelo uso, praticamente incorporados à nossa língua, dispensam qualquer sinalização especial.	• Ele é especialista em “hardware”. • Vamos deixar as máquinas em “stand by”. • Nós não temos “know-how” (know-how) neste assunto.

No caso de termos estrangeiros, as aspas podem ser substituídas por negrito ou itálico. Termos latinos não devem vir entre aspas, mas em negrito, itálico ou simplesmente sublinhados.

• Vamos ao **shopping** comprar o material para o coffee-break.

• Nossa empresa agora está totalmente **on line.**

• Nosso **status** nos permite o que quisermos.

• Os campi do país devem ser melhorados.

FIQUE ATENTO!

O ideal é não usar termos estrangeiros – principalmente os termos em inglês que infestam atualmente a nossa língua – se houver termos equivalentes em português. Para que mandar fazer mil folders se você pode mandar fazer mil folhetos ou mil prospectos?

Assinalam expressões fora do nível linguístico predominante no texto (gírias, regionalismos, termos técnicos em textos não técnicos etc.).	• Se for encontrado “gato” na instalação, o proprietário será punido. • Ela é um “dragão”, mas seu irmão é

	“sarado”, um verdadeiro “gato”. • Eu fui a um “baba” lá na Pituba. • Ele adora as “peladas” do Aterro.
Podem substituir o travessão em diálogos.	• “Viu bem a cara deles?” • “Vi cara nenhuma. Parecia o fim do mundo...”

	• “E esse que te deu o soco?...” (*A* coleira do cão – Rubem Fonseca)

RETICÊNCIAS

Marcam interrupção intencional do discurso (continuidade, ironia, hesitação, suspense etc.).	• “De tudo ao meu amor serei atento...” • “... E o sol da liberdade em raios fúlgidos...”

	• Era tão bonita... que assustava as crianças. • Você sabe... não é que eu não queira... mas... é difícil explicar... • Então, eu olhei para o chefe e disse: “Por que o senhor não vai...”.

PARÊNTESES

Isolam passagens que se desviam da sequência natural do enunciado (comentários paralelos, explicações não essenciais, comentários subjetivos etc.). etc.).	• O dia 11 de setembro (dia do atentado terrorista aos Estados Unidos) ficou gravado na história. • A empresa é muito conhecida no país e todos falam bem dela (mas eu acho bom fazermos uma pesquisa mais profunda sobre os seus diretores). • O juiz ladrão (difícil é saber qual deles...) foi afastado pela Confederação.

TRAVESSÃO

Identifica as falas em um diálogo.	• “- Salve! - Como é que vai? - Amigo, há quanto tempo!...” (Aldir Blanc)
Dá ênfase a palavras ou expressões.	• Ele só queria uma coisa – ficar sozinho. • Nós deixamos tudo no lugar – móveis, máquinas, ferramentas.

TRAVESSÃO DUPLO

Recurso de estilo que dá mais ênfase a determinado ponto do texto.	• A aids – o grande mal dos séculos XX e XXI – ainda não está sob controle.
Usado também para separar o nome de uma	• A Coelba – Cia. de Eletricidade da Bahia – é uma das

entidade da sua sigla.	nossas antigas clientes.

EXCLAMAÇÃO

Marca espanto, susto, admiração.	• Você veio! Que bom! • Você!, eu sabia que você iria aparecer.

INTERROGAÇÃO

Usado nas interrogações diretas (nas indiretas a interrogação é feita por meio dos verbos).	• Por que você se atrasou? (direta) • Quero saber por que você se atrasou. (indireta)

FIQUE ATENTO!

Não há obrigatoriedade de usar maiúsculas após os pontos de exclamação e de interrogação. Se o texto após o ponto de interrogação ou exclamação for continuidade do anterior, a letra inicial será minúscula:

- Você!, eu tinha certeza de que ia encontrá-lo.
- O país? **o** país, meu caro, para o bem ou para o mal, continua o mesmo.

É comum o uso de interrogação e exclamação na mesma frase. Isso ocorre quando se quer demonstrar admiração fazendo-se uma pergunta ao mesmo tempo (normalmente a pergunta é retórica, ou seja, já se tem a sua resposta):

- Você veio, meu amigo?!
- Que dia bonito, hein, João?!

Ficha de apoio

Tipos de discurso

Discurso direto: é a reprodução literal do que foi dito por alguém.	
Características: Percebe-se claramente a fala do	• Paulo disse: “Farei tudo o que me pedirem”.

personagem.

Há geralmente a presença de um verbo dicendi (são os verbos que introduzem fala, como **dizer, falar, responder, retorquir, gritar, sussurrar, indagar, afirmar, perguntar** etc.). Quando não há nenhum verbo dicendi, aparece um recurso de pontuação que introduz o discurso direto (dois-pontos, travessão, aspas etc.).

É claro que, na maioria das vezes, os verbos dicendi

• “D. Camila levantou os ombros.

- Acho-lhe o nariz torto, disse.” (Machado de Assis)

• “... Jantou, saiu, caminhou para a rua da Mãe dos homens, onde reside, com um preto velho, pai José, que é a sua verdadeira mãe, e que neste momento conversa com uma vizinha.

- Mestre Romão lá vem, pai José, disse a vizinha.

aparecem juntamente com os sinais de pontuação.	- Eh! Eh! adeus, sinhá, até logo...” (Machado de Assis)
Discurso indireto: em vez de reproduzir literalmente a fala do personagem, com suas próprias palavras, o narrador intervém, falando no lugar do personagem.	
Características: Não é o personagem que fala; o narrador fala por ele, com as próprias palavras. Existe o verbo dicendi, mas normalmente introduzindo uma oração substantiva. Presença da 3ª	• Paulo disse que faria tudo o que lhe pedissem. • “... Afinal, disse-me que nenhum dos enfermeiros que tivera prestava para nada, dormiam muito, eram respondões...”

pessoa na oração substantiva.	(Machado de Assis)
Discurso indireto livre ou semi-indireto: é o discurso que mescla narrador e personagem. É como um devaneio no qual narrador e personagem se misturam a ponto de o leitor eventualmente não identificar quem é quem na narrativa. É um recurso basicamente literário.	
Características: Ausência de verbo dicendi ou pontuação característica de fala. Fala não visível dos personagens. Narrador e personagem se confundem, mas percebe-	“Entendia Alice que sua tarefa se complicava. Pensara antes nessas coisas, mas aquele era o momento de aprofundar. Por que Sapé, Alice? Parecia-lhe coisa do acaso. Por que estava ali, naquela noite, avaliando o

se que os pensamentos pertencem ao personagem. Períodos livres, sem elo subordinativo.	passado? Orgulhava-se do pai, que tivera, mas não dava para viver da sua memória...” (José Louzeiro)

Transposição do discurso direto para o indireto	
Discurso direto	**Discurso indireto**
Pronomes pessoa: pessoais – **1ª**	Pronomes pessoais **- 3ª** pessoa:
eu, me, mim, comigo nós, nos, conosco	**ele, ela, se, o, a, lhe, si, consigo eles, elas, os, as, lhes**
Verbos: presente do indicativo	Verbos: imperfeito do indicativo mais-que-perfeito do

perfeito do indicativo futuro do presente Verbos: presente do subjuntivo futuro do subjuntivo imperativo	indicativo futuro do pretérito do indicativo Verbo: imperfeito do subjuntivo
Pronomes: **este, esta, isto** Advérbios: **aqui, cá** Advérbios:	Pronomes: **aquele, aquela, aquilo** Advérbios: **ali, lá** Advérbios:

agora, hoje	**naquela ocasião, naquele dia** etc.
Exemplos	
Discurso direto	**Discurso indireto**
O médico disse-lhe: - **Eu** o conheço.	O médico disse-lhe que ele o conhecia.
Apontou para o carro e falou: - **Este aqui é** o melhor carro do mundo.	Apontou para o carro e falou que **aquele ali era** o melhor carro do mundo.
A professora lançou-lhe um olhar duro e ordenou-lhe: - **Pare** com **estas** brincadeiras.	A professora lançou-lhe um olhar duro e ordenou-lhe **que parasse** com **aquelas** brincadeiras.

Emocionado, o presidente disse: - **É** uma honra estar com **vocês neste** dia festivo.	Emocionado, o presidente disse que **era** uma honra estar com **eles naquele** dia festivo.

CAPÍTULO 9

CONCORDÂNCIA VERBAL

CONCORDÂNCIA NOMINAL

PLURAL DOS COMPOSTOS

CONCORDÂNCIA VERBAL
CONCORDÂNCIA NOMINAL
PLURAL DOS COMPOSTOS

CONCORDÂNCIA VERBAL

CASOS	REGRAS	EXEMPLO

Datas	Plural: concordância com a expressão numérica Singular: concordância com a palavra **dia**, implícita	• Hoje **são** de agosto. • Hoje **é** 14 agosto. • Amanhã **são** 15 de agosto. • Amanhã **s** 15 de agost

Sujeito neutro (tudo, nada, isso, aquilo etc.)	Concorda normalmente com o predicativo.	• Nem tudo vida **são** flo • Nada **era** verdades na suas palavra • Aquilo **era** bobagens passageiras
Verbo haver no sentido de "existir"	Impessoal – 3ª pessoa do singular	• Não **have** razões para críticas. • **Havia** muitas pess na festa.

no sentido de “existir” **em locuções verbais**	O auxiliar também se torna impessoal.	• Não **parec haver** muita gente ali. • Poderia haver problemas na reunião.
Verbo fazer indicando tempo decorrido. indicando tempo decorrido **em locuções verbais.**	Impessoal - 3ª pessoa do singular O auxiliar também se torna impessoal.	• **Faz** muito anos que nã vejo. • **Deve faze** dois anos qu eu trabalho aqui.

Verbos que exprimem fenômenos naturais	Impessoais – 3ª pessoa do singular No sentido figurado admitem o plural.	• **Choveu durante a** madrugada. • **Ventou e trovejou** durante toda a noite. • Seus olhos **relampejar** de raiva.
Horas	Concordância com o sujeito (o relógio ou equivalente) ou com o número de horas	• **Deram** 10 horas quando cheguei. • No meu relógio **são** exatamente 12 horas.

		• **Deu** meio em todos os relógios. • O meu rel gio marca 8 horas.
Sujeito composto posposto ao verbo	Concorda com o mais próximo ou vai para o plural.	• **Chegou** à minha casa amigo e sua esposa. • Chegaram minha casa amigo e **sua esposa.**

Sujeito composto com núcleos do mesmo campo semântico (sinônimos ou sentidos muito próximos)	**Plural ou singular**	• **A ira e o ódio dominava seu** coração. • A ternura e delicadeza **tornavam** especial.
Sujeito pluralizado (a expressão, no plural, refere-se a apenas um elemento)	Concordância com o artigo (plural); possível concordância ideológica (silepse de número) levando o verbo ao singular; com títulos de obras, concordância com o complemento	• Os Estados Unidos **estã** em grande decadência. • Os Estados Unidos **concordou** em assinar o Tratado.

	(normalmente singular)	• Campinas **vem** cresce muito. • As Cartas Portuguesas um livro qu marcou a lit atura romântica.
Expressões partitivas (mais de um, a maioria, a minoria, grande parte, a maior parte etc.)	Sozinhas exi-gem o singular; podem admitir o plural, con-cordando com o comple-mento; para a maioria dos gramáticos, o plural, apesar	• A maioria **concordou** comigo. • A maioria das pessoas **concordara** comigo.

	de correto, não é estilisticamente aconselhável.	• A maioria das pessoas **concordou** comigo. (aconselháv
Sujeitos unidos por "ou"	Exigem o singular se houver claramente exclusão de um dos sujeitos; se não houver exclusão, deve ser usado o plural.	• Ou ela ou irmã **ficará** com a heran • O cardeal brasileiro ou um dos cardeais lat nos **será** o próximo pap • A chuva fo no inverno

		o sol inclemente no verão **acaba** com as plantações.
Sujeitos unidos por “nem”	Singular quando exprime ação individual (fica claro que apenas um dos elementos é responsável pela ação); plural quando exprime a ç ã o conjunta (o s dois elementos unidos pelo “nem” são claramente responsáveis pela ação).	• Nem Paulo nem João **se** o novo presidente da empresa (só um cargo de presidente). • Nem as greves nem falsas acusações abalaram o prestígio do presidente (os dois elementos e conjunto não abalaram...)

Expressão “mais de um”	Normalmente pede singular; o plural só é usado para dar ideia de reciprocidade.	• Mais de u rei **foi** depo pelo povo. • Mais de u guerreiro **feriram-se** batalha.

Infinitivo	**Concorda normal**mente com o sujeito. Em locuções verbais só se flexiona o primeiro verbo. O verbo **parecer** admite dupla flexão.	• Foi triste v os homens **chorarem.** • Eles **resol eram comprar** a casa • Nós decid mos fazer o trabalho. • Elas **pare ciam ser** inteligentes • Elas **pare serem** inteligentes

Pronome relativo “que”	Concordância com o termo anterior a ele.	• Eu sou aquele que **clamou** das contas. • Nós somo que **sabem** tudo.

Pronome relativo “quem”	Regra geral: o verbo vai para a 3ª pessoa do singular.	• Não sou e quem **diz** is • Não saber quem **come eu** o crime.
	Com o verbo **ser** admite o plural.	• Quem **são** aquelas pessoas? • Não saber quem **são** aquelas pessoas.
	O verbo também pode concordar com o antecedente do pronome “quem”.	• Fui eu que **fez** (concord com “quem” • Fui eu que **fiz** (concord com “eu”).

Percentagem	Dupla concordância. Havendo um complemento, a tendência é concordar com ele.	• 10% **resol erá** o nosso problema. • 10% **resol erão** o noss problema. • 10% do m terial **desa- pareceu** do depósito. • 10% dos r cursos **fora** desviados.

Frações	Concordância com o numerador ou com o complemento.	• 1/3 do material **chegou** com atraso. • 1/3 das pessoas se **dizem** felizes. • 2/4 **devem ser** dissolvidos em água mineral. • 2/4 do livro bobagem pu

CONCORDÂNCIA NOMINAL

CASOS	REGRAS	EXEMPLO

Adjetivo + substantivo	O adjetivo concorda em gênero e número com o substantivo a que se refere.	• homem **alto** homens **altos** • mulher **boni** mulheres **bon**
Adjetivo + dois ou mais substantivos do mesmo gênero	Vai para o plural (concordância gramatical) ou concorda com o mais próximo (concordância atrativa).	• político e advogado **hones** • político e advogado **hones**

Adjetivo + substantivos de gêneros diferentes	Masculino plural ou mais próximo.	• Tinha cabelo barba **negros**
	Se o adjetivo vier antes do substantivo, ligando-se diretamente a ele, deverá concordar com o mais próximo.	• Tinha cabelo barba **negra.**
		• Tinha **longa** ba e bigode.
		• Conheci os **famosos** Luís João.

	No caso de nomes próprios ou de parentesco, o adjetivo vai ao plural. Quando o adjetivo está ligado claramente apenas ao último elemento, concorda apenas com ele.	• Chegaram a **simpáticas** ti sobrinha. • Possuía uma casa e um cachorro **velho.** • Morava com irmã e um pri **doente.**
Menos	Invariável (não existe **menas**)	• Eu estava co **menos** dispos que ontem.
Pseudo	Invariável	• Odeio os **pseudo**morali

Alerta	Como advérbio é invariável. Como adjetivo (atentos, espertos) é variável.	• Todos os gue reiros estavam **alerta**. • Todos os sol dos estavam a tas em seus postos.
Bastante	Pode ser advérbio (muito); neste caso é invariável. Pode também ser pronome adjetivo (muitos, vários etc.); neste caso é variável.	• Eram dias **bastante** que • Todos ficam **bastante** trist • Nós temos bastantes livr • Nomearam s bastantes procuradores.

Obrigado, anexo, quite, incluso, leso, mesmo e próprio	Variáveis: concordam com o sujeito.	• Ela responde “muito **obriga** • Seguem **ane** as cartas. • Nós estamos **quites** com no sos credores. • Eu finalmen estou **quite.** • Os selos está **inclusos** no preço. • Cometeu cri de **lesa-majestade.** • Ela **mesma** tudo.

		• Eles **mesmo** apresentaram • Eles **próprio** confirmaram o fato.
Meio	Pode ser advérbio (um pouco); neste caso é invariável. Pode ser numeral, significando “a metade de”; neste caso, é variável.	• Todos eles estavam **meio** tristes. • Aquelas instruções foram **meio** confusas • Eram exatamente **meio**-d **meia** (hora). • Estava com tanta fome qu comeu uma ja **meia** (meia ja

Haja vista	Invariável, mas alguns autores consideram válida a opção “hajam vista”.	• O Brasil muc muito, **haja vi** as últimas eleições.
Caro e barato	Como advérbios são invariáveis.	• Os livros custaram muit **caro.**
		• Comprou **ba** os carros novo
	Como adjetivos podem variar.	• Os livros era bons, mas mui **caros.**
Possível (adjetivo)	Concorda com o artigo.	• Carros os ma rápidos **possív**
		• Carro o mais loz **possível.**

		• Pessoas as m inteligentes **possíveis.**
Adjetivo usado com o verbo ser	Concorda com o sub-stantivo (se precedido do artigo). Vai para o masculino se não houver artigo.	• **É proibida** a trada de pesso estranhas. • **É proibido** a trada de pesso estranhas. • Ginástica **é** b para a saúde.

Pronomes de tratamento	Normalmente vão para o feminino. Podem concordar com o sexo da pessoa à qual se referem (silepse de **gênero).**	• V **.** Exª é **um ótima** pessoa. • Sua Santidade estava muito **abatida.** • Sua Santidade estava muito **abatido.**
Numerais (mais de um numeral ordinal referindo-se a um só substantivo)	O substantivo fica no plural. Se o substantivo estiver no final e os numerais estiverem precedidos de artigo, o substantivo pode ficar no	• 1°, 2° e 3° **volumes**. • O 1°, o 2°e o **volume.** • O 1°, o 2° e **volumes.**

	singular ou no plural.	
Tal qual	Variável (**tal** concorda com o sujeito; **qual**, com o termo referido).	• Ele era **tal q** o irmão. • Eles eram **ta quais** os irmã • Eles eram **ta qual** o amigo. • Ele era **tal quais** os amig

PLURAL DOS COMPOSTOS

VARIAM OS DOIS ELEMENTOS

Palavras compostas por substantivo + palavra variável (adjetivo, substantivo, numeral ou pronome).	• guarda-noturno – guardas-noturnos • quarta-feira – quarta**s**-feira**s** • meio-fio – meios-fio**s**

VARIA APENAS O PRIMEIRO ELEMENTO

Palavras compostas, com ou sem hífen (locuções), em que haja preposição clara ou oculta.	• grão-de-bico – grãos-de-bico • pé de moleque –

	pé**s** de moleque • cavalo-vapor – **cavalos-vapor**
Palavras compostas formadas por substantivos, quando o segundo determina o primeiro (ideia de fim ou semelhança). Alguns autores admitem a flexão dos dois elementos.	• manga-rosa – mangas-rosa (semelhantes a) • navio-escola – navios-escola (com a finalidade de) • salário-família – salários-

	família (para a)

VARIA APENAS O ULTIMO ELEMENTO

Palavras compostas formadas por adjetivos.	• luso-brasileiro – luso-brasileiros • afro-americano – afro-americanos ***Exceção:** surdo-mudo – surdos-mudos

Palavras compostas formadas pelas formas adjetivas **grão**, **grã** e **bel**.	• grão-vizir – grão-vizir**es** • grã-cruz – grã-cruz**es** • bel-prazer – bel-prazer**es**
Palavras compostas formadas por verbo ou elemento invariável (advérbio, interjeição, prefixo etc.) + substantivo ou adjetivo.	• beija-flor – beija-flor**es** • sempre-viva – sempre-viva**s** • vice-diretor –

	vice-diretor**es**
Palavras compostas formadas por palavras repetidas ou onomatopeia.	• reco-reco – reco-reco**s** • tique-taque – tique-taque**s** • zigue-zague – zigue-zague**s**
*onomatopeia: figura de linguagem que pretende repetir o som produzido por alguém ou alguma coisa.	• au-au – au-au**s**

**com verbos repetidos podem-se usar os dois elementos no plural.	• tim-tim – tim-tin**s** • corre-corre – corre-corre**s** ou corres-corres • pisca-pisca – pisca-pis-cas ou pis-ca**s**-pisca**s**
Palavras compostas de verbo seguido de substantivo no plural.	• saca-rol-has – os saca-rolhas • caça-fantasmas

	– os caça-fantasmas • troca-tintas – os troca-tintas

NÃO HÁ VARIAÇÃO DE QUALQUER ELEMENTO (PLURAL APENAS NO ARTIGO)

Palavras compostas formadas de verbos + palavra invariável.	• o ganha-pouco – os ganha-pouco • o bota-fora – os bota-fora • o cola-tudo – os cola-tudo

Palavras compostas de verbos de sentido oposto.	• o leva e traz – os leva e traz • o perde-ganha – os perde- ganha
Nas frases substantivas, ou melhor, nos substantivos frasais.	• o bumba meu boi – os bumba meu boi • o disse me disse – os disse me disse

FIQUE ATENTO!

Arco-íris, louva-a-deus, sem-vergonha e sem-terra (e suas variantes como sem-teto) são invariáveis.

- Vimos alguns belos arco-íris após a tempestade.
- Se os sem-terra e os sem-teto se unirem, algo mudará.

Alguns compostos admitem mais de um plural.

- padres-nossos ou padre-nossos
- pais-nossos ou pai-nossos
- salvos-condutos ou salvo-condutos
- **frutas-pães** ou **frutas-pão**
- **xeques-mates** ou xeques-mate
- **guardas-marinhas** ou guardas marinha

Casos especiais

- o bem-me-quer – os bem-me-queres
- o joão-ninguém – os joões-ninguém
- o lugar-tenente – os lugar-tenentes
- o mapa-múndi – os mapas-múndi

PLURAL DAS CORES

Quando a palavra é composta por dois adjetivos, o segundo varia.	• camisa verde-escura camisas verde-escuras • blusa azul-clara – blusas azul-claras
Exceções: azul-marinho e azul-celeste, invariáveis.	• carros **azul-marinho**, olhos **azul-celeste**

Se a palavra composta for usada como substantivo, variam os dois elementos.	• o verde-claro – os verdes-claros • o azul-celeste – os azuis-celestes
Palavra composta formada por adjetivo e substantivo ou vice-versa: nenhum dos elementos varia.	• camisas **amarelo-canário** • olho**s** **verde-esmeralda** • gravata**s** **cinza-claro**

Se a cor for representada por uma única palavra, essa irá para o plural se for um adjetivo e ficará no singular se for um substantivo.	• camisas cinzentas • camisas cinza

Ultravioleta e **infravermelho** são invariáveis.

CAPÍTULO 10

ORTOGRAFIA

ORTOGRAFIA

ORTOGRAFIA

EMPREGO DE LETRAS

	No final de algumas **interjeições.**	• o**h**!, a**h**!, i**h**!
	No início de algumas palavras, quando exigido pela etimologia.	• **h**ábil, **h**abitação, **h**ábito, **h**erói, **h**idro, **h**umano, **h**onesto

H	Há palavras nas quais se eliminou o **h** etimológico, mas ele pode aparecer em formas derivadas dessas palavras.	• erva (do latim ***h***erba, ae) – **h**erbáceo, **h**erbicida • andorinha (do latim ***h***irundo, inis) **h**irundino (relativo a andorinha) • inverno (do latim **h**ibernus, a, um) – **h**ibernação, **h**ibernar, **h**ibernal

	No interior de vocábulos, quando: a) faz parte dos dígrafos ch, lh, nh. b) nos compostos cujo segundo elemento, começando com h, se une ao primeiro por hífen.	• c**h**apéu, arc**h**ote, c**h**uva, mol**h**o, cal**h**a, pil**h**a, colarin**h**o • pré-**h**istória, anti-**h**igiênico, super-**h**omem

Bahia é escrito com **h** por tradição, mas seus derivados não: *baiano, baianidade, baianês*. O nome do acidente geográfico é escrito sem **h**: *Baía de Todos-os-Santos*.

Não existe, em português, **h** medial: *desonra, desumano, desabitado, inábil, lobisomem*.

Depois de **ditongos**	• coi**s**a, fai**s**ão, mau**s**oléu, mai**s**ena, lou**s**a, Cleu**s**a
Nos adjetivos terminados pelo sufixo **-oso(a),** indicador de estado pleno, abundância, e pelo sufixo **-ense,** formador de adjetivos.	cheiro**s**o, dengo**s**o, horroro**s**o, ga**s**oso, fluminen**s**e, palmeiren**s**e, canaden**s**e

Nos sufixos **-ês, -esa, -isa,** indicadores de título de nobreza, origem ou profissão.	• francê**s**, france**s**a, holandê**s**, holande**s**a, burguê**s**, calabrê**s**, calabre**s**a, poeti**s**a, sacerdoti**s**a, profeti**s**a
Nas formas dos verbos **pôr** e **querer.**	• pu**s**, pu**s**este, pu**s**er, qui**s**, qui**s**er, qui**s**éssemos

S	Nas palavras derivadas de outras cujo radical termina em **s.**	• ca**s**a: ca**s**inha, ca**s**ebre, ca**s**arão • atrá**s**: atra**s**ar, atra**s**ado • pesqui**s**a: pesqui**s**ar, pesqui**s**ado
	Nas seguintes correlações: **nd – ns** **pel – puls**	• prete**nd**er – prete**ns**ão • suspe**nd**er – suspe**ns**ão • im**pel**ir – im**pul**so, im**puls**ivo

		• re**pel**ir – re**puls**a, re**puls**ivo • ex**pel**ir – ex**puls**ão, ex**puls**ar

Atenção para estas duas formas: catequese e catequizar.

	Nas palavras derivadas de uma primitiva grafada com **z.**	• jui**z:** jui**z**ado, juí**z**a, aju**z**ar • desli**z**e: desli**z**ar, desli**z**ante • cru**z**: cruzeiro, cru**z**amento

Nos sufixos **-ez, -eza,** formadores de substantivos abstratos femininos a partir de adjetivos.	• insensato: insensate**z** • estúpido: estupide**z** • altivo: altive**z** • grande: grande**z**a

Z	No sufixo **-izar,** formador de verbo.	• hospital: hospitali**z**ar • canal: canali**z**ar • real: reali**z**ar • humano: humani**z**ar

	Nos verbos terminados em **-uzir**, e em suas formas em que ocorre o fonema /**z**/.	• aduzir: adu**z**o, adu**z**, adu**z**i • conduzir: condu**z**o, condu**z**iu • deduzir: dedu**z**o, dedu**z**iste • produzir: produ**z**o, produ**z**i

Nas palavras *anali**s**ar* e *avi**s**ar* não há sufixo **-izar**. A formação foi *análise* + *ar* = analisar, e *aviso* + *ar* = avisar.

Sufixos **-inho** e **-zinho**: Para formar o diminutivo, observe o seguinte: se a palavra primitiva terminar em s ou z, acrescente

-**inho(a)**; se ela apresentar outra terminação, acrescente **-zinho(a)**: pire**s** –

pire**s**inho; lápi**s** – lapi**s**inho; rai**z** – rai**z**inha; jui**z** – jui**z**inho; papel – papel**z**inho; pé – pe**z**inho; pai – pai**z**inho

	Nas seguintes correlações: **ced – cess**	• **ced**er, **cess**ão, **cess**ionário • con**ced**er, con**cess**ão
	gred – gress	• a**gred**ir – a**gress**ão, a**gress**ivo • pro**gred**ir, pro**gress**o, pro**gress**ivo

SS	**prim – press**	• im**prim**ir, im**press**ão, im**press**ora • o**prim**ir, o**press**ão, o**press**or
	tir – ssão	• admi**tir**, admi**ssão** • discu**tir**, dis-cu**ssão** • permi**tir**, permi**ssão**

Ç	Nas palavras de origem **árabe, tupi** ou **africana.**	• a**ç**afrão, a**ç**úcar, mu**ç**ulmano, ara**ç**á, pa**ç**oca, Ju**ç**ara, Pai**ç**andu, ca**ç**ula
	Após **ditongos.**	• lou**ç**a, fei**ç**ão, trai**ç**ão
	Na correlação **ter – -tenção**.	• abs**ter**, abs**tenção**; ob**ter**, ob**tenção**; con**ter**, con**tenção**
	Nos sufixos **-ação** e **-ção** formadores de substantivos a partir de verbos.	• formar, forma**ção**; exportar, export**ação**; destruir, destrui**ção**

	Nos sufixos **-aça(o)**, **-iça(o)**, **-uça(o)**.	• barc**aça**, carn**iça**, ric**aço**, can**iço**, dent**uça**
X	Palavras de origem **indígena** ou **africana.** Xangô	• **x**avante, abaca**x**i, ca**x**ambu, ori**x**á, **x**ará, **X**angô
	Normalmente depois de **ditongo.**	• cai**x**a, pei**x**e, amei**x**a, fai**x**a
	Depois das sílabas iniciais **en** e **me.**	• en**x**ada, en**x**oval, en**x**ame, en**x**aqueca • me**x**er, me**x**ilhão, me**x**icano

Recauchutar e recauchutagem derivam de caucho, palavra que designa uma espécie de árvore semelhante àquela de onde se extrai

o látex, e seu produto; por isso são grafadas com ch.

Encher e seus derivados são com ch: enchimento, enchido, enchente etc.

Quando o prefixo enjunta-se a um radical iniciado por ch, o ch permanece: encharcar, encharcado (de charco), enchumaçar, enchumaçado (de chumaço), enchocalhar (de chocalho). Mecha e seus derivados escrevem-se com ch.

Nas palavras derivadas de primitivas que se escrevem com **j**.	• a**j**eitar, a**j**eitado (de **j**eito), laran**j**eira, lar-an**j**al (de lar-an**j**a)
Nas palavras de origem **tupi**.	• **j**iboia, pa**j**é, **j**enipapo

J	Nas formas dos verbos terminados em **-jar**.	• arran**j**e, arran**j**ar, arran**j**emos, despe**j**aram, despe**j**ado etc.
	Na terminação **-aje.**	• l**aje**, tr**aje**, ultr**aje**
	Nas palavras derivadas de outras que já apresentam **g.**	• á**g**io, a**g**iota, a**g**iotagem
	As palavras terminadas em **-ágio, -égio, -ígio, -ógio, -úgio.**	• ped**ágio**, egr**égio**, lit**ígio**, rel**ógio**, ref**úgio**

G	Nos substantivos terminados em **-gem.**	• gara**gem**, cora**gem**, verti**gem**
	Geralmente depois de a inicial	• á**g**io, á**g**il, a**g**iota

Exceção: os substantivos pajem e lambujem (escritos com j).

	Nas formas dos verbos terminados em **-oar** e **-uar**.	• abençoar: abençoe, abençoes • perdoar: perdoe, perdoes

E		• continuar: continu**e**, continu**e**s
	Nos ditongos nasais **ãe, õe**.	• p**ãe**s, m**ãe**, c**ãe**s, casar**õe**s.
	No prefixo **ante-** (anterioridade).	• **ante**pasto, **ante**véspera, **ante**diluviano

Exceção: *câ**i**mbra* ou *cã**i**bra*, que se escrevem com **i**.

	Nas formas dos verbos terminados em **-air, -oer, -uir**.	• s**ai**r: s**ai**, s**aí**mos • c**air**: ca**i**, ca**i**s

I		• m**oer**: mó**i**, mó**i**s • poss**uir**: possu**i**s
	No prefixo anti- (ação contrária).	• **anti**aéreo, **anti**biótico, **anti**jurídico
	No verbo **criar e seus derivados.**	• cr**i**ar, cr**i**ação, cr**i**atura, mal-cr**i**ado

Ficha de apoio I

Usos do hífen conforme a nova ortografia*

1º ELEMENTO	2º ELEMENTO		
Prefixos / pseudoprefixos	Com hífen se iniciado por h ou mesma vogal	Sem hífen se iniciado por r ou s	Sem hífen se iniciado por letra diferente
aero, agro, hidro		aerossol, aerossondagem, agrossocial, hidrossanitário	aerodinâmica, aeroespacial, agroindustrial, hidroginástica
ante, anti, arqui	ante-histórico, anti-horário, anti-inflamatório, arqui-inimigo	antessala, antisséptico, arquirrival	antedata, anticristo, arquiepiscopado
auto	auto-hipnose, auto-observação	autorretrato, autossuficiente	autoadesivo, autoajuda, autodidata
contra	contra-ataque, contra-harmônico	contrarrevolução, contrassenso	contraindicação, contraordem
eletro	eletro-ótica	eletrorradiologia, eletrossiderurgia	eletroeletrônico, eletrodoméstico

*As palavras listadas nesta ficha de apoio são exemplos, não as únicas formadas com os prefixos ou pseudoprefixos indicados.

1º ELEMENTO	2º ELEMENTO		
Prefixos / pseudoprefixos	Com hífen se iniciado por h ou mesma vogal	Sem hífen se iniciado por r ou s	Sem hífen se iniciado por letra diferente
extra	extra-humano, extra-alcance	extrarregulamentar, extrassensível	extraoficial, extraclasse
infra, intra	infra-assinado, infra-hepático, intra-auricular	infrarrenal, infrassom, intrassociedade	infraestrutura, infravermelho, intraocular
macro, micro	macro-história, micro-ondas, micro-ônibus	macrorregião, microssistema	macroindústria, microempresa
mini	mini-hotel, mini-horta	minissaia, minirrádio	miniapartamento
multi	multi-infecção	multirracial, multissecular	multiangular, multicanal
neo	neo-historiador, neo-ortodoxo	neorromântico	neoidealismo
poli, pluri, proto	poli-insaturado, proto-história proto-orgânico	polissílabo, plurissignificado	polivalente, pluricultural, protomártir
pseudo	pseudo-hérnia	pseudossábio, pseudorrainha	pseudocientista, pseudoesfera
radio	rádio-opaco	radiorreceptor	radiopatrulha
semi	semi-herbáceo, semi-intensivo	semirreta, semissintético	semiárido, semicírculo
sobre	sobre-humano, sobre-exceder	sobrerrosado, sobressair	sobrecoxa, sobrescrito

1º ELEMENTO	2º ELEMENTO		
Prefixos / pseudoprefixos	Com hífen se iniciado por h ou mesma vogal	Sem hífen se iniciado por r ou s	Sem hífen se iniciado por letra diferente
supra	supra-axilar, supra-humano	suprarrenal, suprassumo	supralabial, supraocular
tele	tele-educação,	telerreceptor	telecinético
ultra	ultra-humano	ultrarrápido, ultrassensível	ultraeficiente
Exceção: co	cooperar, coocupar	correlato, cossecante	coerdeiro, coenzima
Exceção: re	reescrever	ressalgar	reocupar
OUTROS USOS			
Prefixos	Hífen antes de	Exemplos	Exemplos com palavras iniciadas com outras letras
ab, ad, ob, sub (*ad pede hífen também antes de d)	b ou r	ad-renal, ad-digital, ab-rogar, ob-rogar, sub-base, sub-região	abrupto, adnominal, oblongo, subdelegacia
circum, pan	vogal, m, n ou h	pan-americano, circum-hospitalar	circunvizinhança, panlogismo
super, hiper, inter	h ou r	super-homem, hiper-resistente, inter-racial	supersônico, hipertensão, internacional

SEMPRE COM HÍFEN

Prefixos	Exemplos
além, aquém, ex, nu-per, pós*, pré*, pró*, recém, sem, sota, soto, vice, vizo	além-mar, aquém-túmulo, ex-governador, pós-gravidez, pré-

(*tônicos acentuados)	vestibular, recém-casado

OUTRAS REGRAS

Casos	Exemplos
Nos compostos por justaposição com termo de ligação:	
1) mantém-se o hífen em:	
a) espécies botânicas	• ipê-do-cerrado, espada-de-são-jorge, feijão-de-corda
b) espécies zoológicas	• porco-da-índia, bem-te-vi, sabiá-de-barriga-vermelha

2) nos demais, não se usa hífen.	• pé de moleque, quarto e sala, quartas de final, bumba meu boi

FIQUE ATENTO!

As formas homógrafas, isto é, com mesma grafia de denominações botânicas e zoológicas mas com significação diferente, são grafadas sem hífen:

bico-de-papagaio (planta) ≠ **bico de papagaio** (saliência óssea)

As onomatopeias formadas por elementos repetidos passam a ser grafadas com hífen.	• ti-ti-ti, blá-blá-blá, bum-bum (som de pancada), lenga-lenga, tam-tam (som de tambor)
Não se usa hífen em palavras em que **não** e **quase** são prefixos.	• não fumante, quase irmão

Não se usa hífen em unidades fraseológicas (substantivos frasais).	• Foi um **deus nos acuda!** • Vamos brincar de **faz de conta?**

EXCEÇÕES

As exceções ao emprego do hífen em locuções e substantivos frasais foram limitadas às palavras explicitamente relacionadas no texto oficial do Acordo como já cristalizadas pelo uso. São sete:	• água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao deus-dará, à queima-roupa

Ficha de apoio II – os porquês

POR QUE	
Uso	**Exemplos**
Nas **interrogações diretas** (com ponto de interrogação). (É a preposição **por** seguida do pronome interrogativo **que**.)	• **Por que** você não foi? • **“Por que** me retiraste do abandono?...” (Chico Buarque) • **Por que** há tanto ódio no mundo?

Nas **interrogações indiretas** (sem ponto de interrogação. O sentido interrogativo é expresso pelo verbo ou pelo sentido geral da frase.)	• Gostaria de saber **por que** ela não veio. • Quero que você me explique **por que** tudo deu errado. • Conte-me logo **por que** ele foi preso.
Em qualquer frase, mesmo não sendo interrogativa, na qual ele tenha o sentido de **por que razão, por que motivo.**	• Não se sabe **por que** ele agiu assim. • Eu sei **por que** ele agiu assim.

Equivalendo a **pelo qual** e suas flexões. (É a preposição **por** seguida do pronome relativo **que**.)	• Ignoramos **por que** ele faltou. • Aquela foi a razão **por que** ele se demitiu. • Este é o caminho **por que** passamos todos os dias. • Aquele foi o filme **por que** me apaixonei.
POR QUÊ	
Uso	**Exemplos**

No final das interrogativas ou formando uma frase	• Você não compareceu **por quê**?
interrogativa isolada (o acento aparece porque o **que**	• Ele agiu de maneira tão estranha **por quê**?
em final de frase interrogativa é sempre acentuado).	• Vivemos hoje um momento muito confuso. **Por quê**? Ninguém sabe.
PORQUE	
Uso	**Exemplos**
Conjunção explicativa ou causal. Equivale a pois.	• Vejo que choveu, **porque** a rua

	está molhada. • A noite deve estar animada, **porque** hoje é sábado. • Foi aprovado **porque** estudou. • Ficou rico **porque** trabalhou muito.
PORQUÊ	
Uso	**Exemplos**

É substantivado e admite artigo ou pronome adjetivo. Equivale a **o motivo, a causa**, **a razão.**	• Quero saber **o porquê** de tudo. • Ignoro **o porquê** da sua atitude. • Procuro uma resposta aos **teus porquês.**

Ficha de apoio III – as abreviações

As siglas

As siglas são formadas por letras ou sílabas iniciais de nomes próprios:

- **INSS** – Instituto **N**acional de **S**eguro **S**ocial
- **Petrobras** – Petróleo Brasileiro

Nas siglas não se usam pontos abreviativos:

- **IBM** (e não I.B.M.)
- **CPF** (e não C.P.F.)

As siglas podem formar palavras derivadas:

- **ibemistas** (funcionários da IBM)
- **celetistas** (funcionários regidos pela CLT – Consolidação das Leis do Trabalho)

Maiúsculas e minúsculas

Grafadas todas em maiúsculas	Exemplos	Somente inicial maiúscula	Exemplos
Até 3 letras ou não formando palavra possível.	**CNI** **CPI** **IPVA**	Com mais de 3 letras e que formem palavra possível na língua.	**Sesi**, **Senai**, **Ceplac**, **Petrobras**, **Unesco**, **Unicef**

Plural das siglas

Apenas o **s** minúsculo ou plural apenas no artigo:

- Foram instauradas várias CPI**s**.
- A**s CPI** não deram em absolutamente nada.

Atenção: há um modismo, derivado da influência do inglês na nossa cultura, de usar um apóstrofo para fazer o plural de siglas. Isso não faz o menor sentido, sobretudo em português, uma vez que o apóstrofo, no inglês, é usado

como marca de possessivo, e não de plural.

Observação importante:

Ao se usar uma sigla em um texto, ela deve vir primeiro e sua designação por extenso depois, entre travessões:

- A **CNI – Confederação Nacional das Indústrias** – resolveu apoiar a campanha do Deputado...
- A **Ceplac – Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira** – é uma empresa de alta tecnologia.

Abreviatura

A abreviatura é a redução (seguida de ponto) da palavra, indicada pela letra inicial, pelas sílabas ou letras iniciais, ou, ainda, pelas letras médias e finais:

- Dec. (decreto)
- Dr. (doutor)
- Sr. (senhor)
- Exmo. (excelentíssimo)

A abreviatura não pode terminar em final de sílaba. Assim, por exemplo, a palavra “presente” só pode ser abreviada como pres. As abreviaturas “presen” ou “pre” são inadmissíveis.

Símbolo

É um sinal que representa uma palavra.
É usado sempre no singular, sem ponto abreviativo:
m (metros): A casa fica a 10 m do vizinho do lado.
g (grama): Traga-me 100 g de presunto.
h (hora): Vou encontrá-lo às 12h, na padaria.

min (minutos): Chegou às 12h30min e nem explicou o motivo do
atraso.

Observação:

Alguns gramáticos, entre eles Domingos Paschoal Cegalla, não usam a designação “símbolo” para os casos acima, mas os chamam de “abreviaturas de símbolos científicos”, mantendo as mesmas normas para eles.

Ficha de apoio IV

Siglas e abreviaturas mais usadas

ABI	Associação Brasileira de Imprensa
www.abi.org.br	

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
www.abnt.org.br	
Alca	Área de Livre Comércio
www.ftaa-alca.org	
Anac	Agência Nacional de Aviação Civil
www.anac.gov.br	
Anatel	Agência Nacional de Telecomunicações
www.anatel.gov.br	
ANEEL	Agência Nacional de Energia Elétrica
www.aneel.gov.br	

Av.	Avenida
BNDES	Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social www.bndes.gov.br
CD	compact disc
Cia.	companhia
CBF	Confederação Brasileira de Futebol www.cbf.com.br
CEF	Caixa Econômica Federal www.cef.gov.br
CEP	Código de Endereçamento Postal

www.correios.com.br/servicos/cep	
cm	centímetro(s)
CNI	Confederação Nacional das Indústrias www.cni.org.br
CNPJ	Código Nacional de Pessoas Jurídicas (ex-CGC) www.receita.fazenda.gov.br/GC/PessoaJuridica/cnpj/default.htm
CPF	Cadastro de Pessoa Física
CUT	Central Única dos Trabalhadores www.cut.org.br

DAC	Departamento de Aviação Civil www.dac.gov.br
DDD	discagem direta a distância
DDI	discagem direta internacional
dm	decímetro(s)
Dr.	Doutor
Drª	Doutora
ECT	Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (atualmente denominada Correios do Brasil S.A.) www.correios.com.br

ed.	edição
Embraer	Empresa Brasileira de Aeronáutica S.A. www.embraer.com.br
Embratel	Empresa Brasileira de Telecomunicações S.A. www.embratel.com.br
Embratur	Empresa Brasileira de Turismo www.embratur.org.br
EUA	Estados Unidos da América (também admitidos EEUU e USA – sigla em inglês)
Exmo.	Excelentíssimo

FAT	Fundo de Amparo ao Trabalhador
FGTS	Fundo de Garantia do Tempo de Serviço www.caixa.gov.br/fgts/index.asp
Fifa	Federação Internacional de *Football Association* www.fifa.com
fl. e **fls.**	folha e folhas
FMI	Fundo Monetário Internacional www.imf.org
Funai	Fundação Nacional do Índio www.funai.gov.br

g	grama(s)
h	hora(s)
ha	hectare(s)
ib.	*ibidem* (no mesmo lugar)
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística www.ibge.gov.br
Incra	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária www.incra.gov.br
Infraero	Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária www.infraero.gov.br

Inmetro	Instituto Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial
www.inmetro.gov.br	
INPI	Instituto Nacional de Propriedade Industrial
www.inpi.gov.br	
INSS	Instituto Nacional do Seguro Social
www.mpas.gov.br	
IPI	Imposto sobre Produtos Industrializados
www.receita.fazenda.gov.br/GC/PessoaJuridica/ipi/ipi.htm	

IPTU	Imposto Predial e Territorial Urbano
IPV	Índice de Preços no Varejo
IPVA	Imposto sobre a Propriedade de Veículos Automotores
IRPF	Imposto de Renda Pessoa Física www.receita.fazenda.gov.br
IRPJ	Imposto de Renda Pessoa Jurídica www.receita.fazenda.gov.br
ISS	Imposto Sobre Serviços
kg	quilograma(s) – abreviado popularmente para “quilo”

km	quilômetro(s)
kw	quilowatt(s)
l	litro(s)
lat.	latitude, latim
lb.	libra(s)
long.	longitude
Ltda.	Limitada (comercial)
m	metro(s)
m ou **min**	minuto(s)
mw	megawatt(s)
MEC	Ministério da Educação

www.mec.gov.br	
Mercosul	Mercado Comum do Cone Sul www.mercosul.org
N	Norte
NE	Nordeste
NO	Noroeste
O	Oeste
OEA	Organização dos Estados Americanos www.oas.org
OIT	Organização Internacional do Trabalho

www.ilo.org	
ONU www.un.org	Organização das Nações Unidas
op. cit.	*opus citatum* (obra citada)
Otan www.nato.int	Organização do Tratado do Atlântico Norte
pf	prato feito (popular)
pág. ou **págs.**	página, páginas
Pe.	Padre
PIS	Programa de Integração Social

www.caixa.gov.br/Voce/Social/Beneficios/pis/index.asp	
PS	*post scriptum* (depois de escrito)
QG	quartel-general
ql.	quilate(s)
R.	Rua
Remte.	remetente(s)
S	Sul
S.	São, Santo(a), Sul
S.A.	Sociedade Anônima
séc.	século

Senac	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial www.senac.br
Senai	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial www.senai.br
Sesc	Serviço Social do Comércio www.sesc.com.br
Sesi	Serviço Social da Indústria www.sesi.org.br
SFH	Sistema Financeiro da Habitação
SPC	Serviço de Proteção ao Crédito

SO	Sudoeste
SOS	*Save our souls* (salvai nossas almas: pedido internacional de socorro)
STF	Supremo Tribunal Federal www.stf.gov.br
STJ	Superior Tribunal de Justiça www.stj.gov.br
STM	Superior Tribunal Militar www.stm.gov.br
SUS	Sistema Único de Saúde www.datasus.gov.br

TCE	Tribunal de Contas do Estado
TCM	Tribunal de Contas do Município
TCU	Tribunal de Contas da União www.tcu.gov.br
TRE	Tribunal Regional Eleitoral
TRF	Tribunal Regional Federal
TRT	Tribunal Regional do Trabalho
TSE	Tribunal Superior Eleitoral www.tse.gov.br

TST	Tribunal Superior do Trabalho
www.tst.gov.br	
	União Nacional dos Estudantes
www.une.org.br	
Unesco	United Nations Educational Scientific and Cultural Organization (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura)
www.unesco.org.br	
Unicef	United Nations International Children's Emergency Fund (Fundo Internacional de Emergência para Assistência à Infância)

www.unicef.org/brazil/home.htm	
v	volt(s)
V.Exª	Vossa Excelência
V.Sª	Vossa Senhoria
V.S.	Vossa Santidade (o Papa)
w	watt(s)
wc	*water-closet* (banheiro)

Abreviaturas extintas – determinação do Manual de Redação da Presidência da República

Ilmo.	Ilustríssimo	**DD**	Digníssimo	**MD**	Muito Digno

Unidades da Federação

AC	Acre
AL	Alagoas
AM	Amazonas
AP	Amapá
BA	Bahia
CE	Ceará
ES	Distrito Federal
DF	Espírito Santo
GO	Goiás
MA	Maranhão
MG	Minas Gerais

MS	Mato Grosso do Sul
MT	Mato Grosso
PA	Pará
PB	Paraíba
PE	Pernambuco
PI	Piauí
PR	Paraná
RJ	Rio de Janeiro
RN	Rio Grande do Norte
RO	Rondônia
RR	Roraima

RS	Rio Grande do Sul
SC	Santa Catarina
SE	Sergipe
SP	São Paulo
TO	Tocantins

Ficha de apoio V

Grafia de palavras que costumam causar dúvidas

à beça
aborígene
abscesso
acesso
acrescentar
acréscimo

adivinhar
adolescente
advocacia
alçapão
amerissar
analisar
análise
ânsia
antediluviano
antipático
apaziguar
apesar
aquiescência
aquiescer
ascensão
ascensorista
assessor
asteca
aterrissagem
atrás
atraso
atrasado
através
atroz

auscultar
azia
aziago
baliza
bandeja
basílica
bem-vindo
beneficente
berinjela
bombacha
bueiro
burburinho
burguês
burguesia
buzina
cabeleireiro
cachaça
cachimbo
cafajeste
câimbra (cãibra)
camundongo
candeeiro
caniço
canjica

caranguejo
caramanchão
carcaça
carrossel
cassino
catequese
catequizar
cavalariça
censura
cérebro
cerimônia
cetim
charco
charque
chimpanzé
chuchu
chulear
chuleta
cinquenta
cisão
coalizão
cochilo
cocuruto
complementaridade

concessão
condescendência
confecção
consciência
consciente
conversão
convés
convicção
convulsão
coradouro
coriza
cortês
cortesia
crânio
cumeeira
depredar
depressão
deslize
destro
digladiar
dignitário
dilapidar
disciplina
disenteria

dissensão
distensão
dossel
eletricista
empecilho
empertigado
endemoninhado
entreter
enxada
enxaqueca
enxergar
enxoval
enxurrada
escapulir
escassez
esgotar
esgoto
espectador
esplêndido
espontaneidade
espontâneo
esquisito
estrangeiro
excelso

exceção
excesso
excitar
excursão
exegese
expansão
expulsão
êxtase
facínora
fantasia
fascinar
faxina
feitiço
femoral
ficção
figadal
fratricida
fricção
frisar
friso
garagem
gás
gasolina
gengiva

geringonça
gesso
ginga
girassol
giz
goela
gorjear
gorjeta
gozar
gozação
granja
granjear
grosa
guisado
guizo
harpa
heresia
herege
hesitar
hidráulica
hilaridade
hindu
hortênsia
idoneidade

improviso
improvisar
incandescente
incenso
inexorável
injeção
inserir
insosso
intitular
inversão
irascível
irrequieto
isenção
jazida
jazigo
jeito
jérsei
jiboia
jipe
jus
laje
lambujem
lassidão
lazer

lisonjeiro
má-criação
maciço
magazine
mágoa
maisena
majestade
manjedoura
manjerona
manjericão
manteiga
manteigueira
marceneiro
matiz
mazurca
meteorologia
miçanga
milanesa
mimeógrafo
mimetismo
mimetizar
miscelânea
míssil
misto

molambo
molambento
muamba
muxoxo
néscio
obcecado
óbolo
obséquio
obsessão
ojeriza
opróbrio
oscilar
pajé
pajem
pantomima
paralelepípedo
paralisar
paralisia
pátio
percurso
percussão
perspicaz
pesaroso
pesquisa

pesquisar
pêssego
piche
piscina
poleiro
pontiagudo
pôs
prazerosamente
presteza
pretensão
prevenido
privilégio
privilegiado
progresso
projétil
propensão
proprietário
propulsão
prosaico
prostrar
pus
puseste
puxar
querosene

quis
quiseste
rebuliço
rechaçar
regozijo
reivindicar
rejeitar
relaxar
repercussão
represa
rescisão
resina
ressarcir
ressuscitar
réstia
retrocesso
retrós
revés
revezamento
risoto
rodízio
salobra
sanguessuga
sarjeta

sazonal
seara
seiscentos
sensato
sequer
seringa
sessenta
sestear
sigilo
silvícola
sinusite
sósia
suadouro
suar
sucinto
superstição
tábua
tabuada
tachar (acusar)
tarraxa
terçol
têxtil
tigela
topázio

triz
ultraje
umedecer
vagem
varizes
vazão
vazar
vicissitude
víscera
xampu
xícara
xipófago
xingar
xucro
zigue-zague

Ficha de apoio VI

Uso das iniciais maiúsculas e minúsculas

MAIÚSCULAS

Casos	Exemplos
No começo de discurso, verso (não obrigatoriamente) ou citação direta, e após ponto final.	• **E**stamos certos de que venceremos. • “**D**e tudo ao meu amor serei atento...”.
Nos nomes próprios: pessoas (incluindo sobrenomes, apelidos, cognomes etc.);	• **A**lexandre, o **G**rande • **C**arlos **A**lberto **P**imentel
cidades, acidentes geográficos, logradouros, países etc.;	• a **R**ua **C**hile • a **A**venida da **P**iedade

	• o **B**rasil e a **A**rgentina • a **I**lha da **M**aré • a **P**raça **C**astro **A**lves
fatos históricos, comemorações, períodos literários;	• o **S**ete de **S**etembro • a **Q**ueda da **B**astilha • a **R**evolução **F**rancesa • o **B**arroco, o **R**omantismo
títulos de obras, nomes de ciên-cias, nomes de	• **B**anco do **B**rasil, **C**aixa **E**conômica **F**ederal, **E**difício

agremiações, repartições, prédios etc.	**C**entral, **M**inistério da **F**azenda.
Nomes que expressam conceitos políticos ou religiosos	• o **E**stado, a **N**ação, a **I**greja, a **M**esa (nas Assembleias, no sentido de “mesa diretora...”, ou seja, autoridades que participam da mesa que dirige os trabalhos)
Nomes de pontos cardeais ligados a regiões	• O **N**ordeste do Brasil precisa de ajuda. • O **N**orte sofre com as chuvas.
Expressões Fulano, Beltrano e Sicrano	• **F**ulano e **B**eltrano fazem o que querem.

Nos vocativos das correspondências	• **P**rezado **C**liente • **C**aro **A**migo • **S**enhor **D**iretor
Nas palavras, de qualquer categoria, referentes a nomes sagrados e nos nomes de festas religiosas	• **S**enhor, eu **O** conheço e **O** admiro... (“Senhor”, aqui, se refere a Deus.) • o **N**atal, a **P**áscoa, a **H**égira, o **Y**om-**K**ippur
Nos substantivos comuns tornados próprios por personificação ou individuação, e seres morais e fictícios	• a **C**igarra e a **F**ormiga • **C**hapeuzinho **V**ermelho e o **L**obo **M**au

	• “**Q**uerendo obrigar-me Amor depois de tanta afeição me pôs na palma da mão a discreta **B**itancor...” (Gregório de Matos) • **N**ão podemos perder de vista a **É**tica e a **H**onestidade.
Nomes que designam altos postos	• O **P**residente da **R**epública decidiu... • O **G**overnador, em reunião com seus **S**ecretários... • O **C**oronel João foi finalmente promovido a general.

Expressões de tratamento e suas abreviaturas	• **S**ua **E**xcelência (**S**. **Ex**ª.), o **M**eritíssimo **J**uiz (o **MM J**uiz), **S**ua **S**antidade, o **P**apa (**S.S.**)
Atos de autoridades em documentos oficiais	• **D**ecreto n°24, de 10/03/01 • **L**ei das **L**icitações, artigos 8° e 10.
MINÚSCULAS	
Casos	**Exemplos**
Nomes de meses	**m**aio, **j**ulho, **a**gosto
Nomes de dias da semana	**s**ábado, **s**egunda-feira
Nomes de estações do ano	a **p**rimavera, o **v**erão

Nomes gentílicos (nacionalidade e naturalidade)	**g**aúchos, **b**aianos, **a**rgentinos
Nomes de línguas	o **p**ortuguês, o **a**lemão, o **i**nglês
Nomes de festas populares	O **c**arnaval, o **b**umba meu boi
Nomes de pontos cardeais	**P**ercorreu o país de **s**ul a **n**orte.
Partículas monossilábicas e átonas no meio de nomes próprios.	Confederação Nacional **d**as Indústrias, *Incidente **e**m Antares*

Ficha de apoio VII

As grandes dúvidas do dia a dia

AONDE	ONDE	MAS	MAIS
Com verbos que dão ideia de movimento. Equivale a **para onde** ou **a que lugar**.	Com verbos que não dão ideia de movimento. Equivale a **em que lugar**.	Conjunção adversativa. Equivale a **porém**, **contudo**, **todavia**.	Pronome ou advérbio de intensidade
• **Aonde** você vai? • **Aonde** nos leva o trem?	• **Onde** estão os livros? • Não sei **onde** achá-la.	• Eu ia, **mas** não fui. • É rico, **mas** é infeliz.	• Hoje está **mais** quente que ontem. • Ele é **mais** vivo que ela.
MAU	**MAL**	**A**	**HÁ**
Adjetivo. Qualifica sempre um substantivo.	Advérbio de modo, conjunção temporal ou substantivo	Ligado a tempo, mostra ação futura.	Ligado a tempo, mostra ação no passado.
• Ele é um **mau** caráter. • Eu tive um **mau** dia. • Passamos por **maus** momentos.	• Vive-se **mal** ali. • **Mal** eu cheguei, ela saiu. • O **mal** é o que sai da boca do homem.	• Eu chegarei daqui **a** três dias. • Tudo será assinado de hoje **a** uma semana.	• Morreram **há** mais de três anos. • Eu a conheço **há** uns 8 anos.

As grandes dúvidas do dia a dia			
SENÃO	**SE NÃO**	**A FIM**	**AFIM**
Equivale a **caso contrário**. Como substantivo, tem o sentido de **mancha**, **mácula**, **entrave**.	Inicia orações adverbiais condicionais, com o sentido de **se por acaso não**.	Locução prepositiva que indica finalidade (com a finalidade de).	Adjetivo que indica semelhança, ligação ou parentesco.
• Volte logo, **senão** se arrependerá. • Trabalhe direito, **senão** será despedido. • Não havia nenhum **senão** à contratação daquele homem.	• **Se não** houver dúvidas, encerraremos o assunto. • **Se não** fizer calor, não iremos à praia.	• Estou **a fim** de sair e comer um filé. • Aquele rapaz está **a fim** de namorar aquela moça.	• Nós temos muitas ideias **afins**. • Fulano é muito **afim** a Beltrano.
AO ENCONTRO DE	**DE ENCONTRO A**	**EM VEZ DE**	**AO INVÉS DE**
Ideia positiva (a favor de)	Ideia negativa (contra alguma coisa)	No lugar de	Ao contrário de
• O projeto foi totalmente **ao encontro dos** nossos planos. • Eu vou **ao encontro dos** amigos.	• Recusei porque ia **de encontro aos** meus princípios. • O carro foi **de encontro ao** poste.	• **Em vez de** ir ao cinema, preferiu ficar em casa. • Prefere guaraná **em vez de** cerveja.	• **Ao invés do** que eles disseram tudo se resolveu. • Choveu muito, **ao invés do** que afirmou a meteorologia.

As grandes dúvidas do dia a dia			
BASTANTE	**BASTANTES**	**DEMAIS**	**DE MAIS**
Como advérbio, não tem plural; equivale a **muito(a)**.	Como adjetivo, acompanha um substantivo e se flexiona para concordar com ele. Equivale a **muitos(as)**, **suficientes**.	Advérbio de intensidade. Equivale a **muito**.	Locução prepositiva. Tem o sentido oposto a **de menos**.
• Nós nos divertimos **bastante**. • Ficamos **bastante** emocionados.	• Compramos **bastantes** doces para a festa. • Há **bastantes** leis relacionadas ao caso.	• Estava quente **demais** na sala. • Ele é rico **demais**.	• Não fiz nada **de mais**. • Não havia dinheiro de menos, nem **de mais**.
A PAR	**AO PAR**	**EM FIM**	**ENFIM**
Significa **estar ciente de**.	Termo contábil, significa **sem ágio no câmbio**, **pelo valor nominal**.	Estar **no final de**.	Finalmente
• Estou **a par** das suas dificuldades. • Vou colocá-lo **a par** de tudo.	• As ações foram cotadas **ao par**.	• Estes professores estão **em fim** de carreira.	• **Enfim** sós!

As grandes dúvidas do dia a dia			
A PRINCÍPIO	**EM PRINCÍPIO**	**ESTAR**	**ESTÁ**
No começo, inicialmente	Em tese	Infinitivo do verbo. Usado junto a outros verbos.	3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo estar. Usado com o sujeito da oração.
• **A princípio** eles foram muito felizes.	• **Em princípio** eu sou contra isso.	• Vamos **estar** sempre juntos. • É um prazer **estar** com você.	• O material **está** na sua mesa. • Ele **está** ótimo. • Tudo **está** claro agora.
RECORDARMOS	**RECORDAR-NOS**	**ESTE (NESTE ETC.)**	**ESSE (NESSE ETC.)**
O morfema **-mos** é parte do verbo e indica número e pessoa.	**Nos** é pronome oblíquo e deve ser separado por hífen.	O uso do **t** (este, neste, deste etc.) marca a proximidade física ou geográfica, o aqui e agora.	O uso do **ss** marca o distanciamento, o objeto distante ou a ação futura.
• É sempre bom recordar**mos** o passado. • É preciso fazer**mos** os exercícios.	• Ele veio recordar-**nos** o compromisso. • Isso deve fazer-**nos** bem.	• **Este** ano eu estou feliz. • Você gostou **deste** livro? • "Aqui **neste** mesmo lugar..."	• Dê-me **esse** livro que está aí. • Encontrá-lo-ei em 2015. **Nesse** ano lançarei um novo livro.

As grandes dúvidas do dia a dia			
CERCA DE	**A CERCA DE**	**ACERCA DE**	**HÁ CERCA DE**
Aproximadamente. Usado para números não definidos, sobre os quais há dúvidas.	Também ideia de aproximação. Mais usado para distância.	Sobre, relativo a, referente a	Usado no sentido de tempo decorrido. O **há** também pode ser usado como **existem**.
• Havia **cerca de** 10.000 manifestantes. • Comeu **cerca de** meio quilo de alimentos.	• A fazenda fica **a cerca de** um quilômetro daqui. • Ele mora **a cerca de** duas horas a pé.	• Na reunião, conversamos **acerca da** empresa. • Detesto conversar **acerca de** política.	• Isso ocorreu **há cerca de** dois anos. • Trabalho aqui **há cerca de** seis meses. • **Há cerca de** mil pessoas no auditório.

CAPÍTULO 11

SEMÂNTICA ESTILÍSTICA

SEMÂNTICA
ESTILÍSTICA

SEMÂNTICA

A Semântica é o estudo da evolução do sentido das palavras através do tempo e do espaço.

Divide-se em:

a) Semântica descritiva: estuda a significação atual das palavras em uma língua.
b) Semântica geral: estuda a relação entre as palavras e as coisas, ou seja,

entre a linguagem, o pensamento e a conduta.

c) Semântica histórica: estuda as mudanças de sentido das palavras no correr dos tempos.

CONCEITOS BÁSICOS

Denotação Denotação é a palavra em seu sentido próprio, primitivo, dicionarizado.	• A flor tem um delicioso perfume. • Ele construiu uma casa **de pedra.** • Durante a autópsia os médicos lhe extraíram o pulmão e o **coração.**

Conotação É a palavra usada em seu sentido figurado, um sentido especial que o autor pretende dar a ela naquele determinado contexto.	• Sua vida foi ceifada ainda **em flor.** • Aquela menina é **uma flor.** • O ditador tinha **um coração de pedra.**
Polissemia É a característica que as palavras apresentam de poderem assumir significações diferentes.	O verbo “fazer”, por exemplo, pode ter inúmeros sentidos: • Ele se **fez** na vida (se realizou).

Uma mesma palavra pode, dentro de um mesmo texto, ter vários significados distintos.	• Ela se **faz** de difícil (se finge). • “E a luz se **fez!”** (a luz surgiu). • O pedreiro **faz** belas casas (constrói). • Cigarros **fazem** mal à saúde (causam).
Sinonímia	• luz = claridade

É a característica de as palavras adquirirem, em determinados contextos, sentido idêntico, ou seja, tornarem-se “sinônimos”*.	• tranquilo = calmo • sábio = inteligente • barulho = ruído

FIQUE ATENTO!

*Rocha Lima e Evanildo Bechara evitam o termo “sinônimos” e usam a expressão “séries sinonímicas”, baseando-se no fato de que as identificações de sentido são ocasionais e, portanto, não se pode falar que uma

palavra é sinônimo de outra; o que se pode dizer é que, em determinado momento, uma palavra tem o mesmo sentido que outra.

A luz estava muito forte (neste contexto, luz é sinônimo de claridade).

Aquela mulher é a luz da minha vida (luz = razão de ser).

Ela deu à luz uma linda criança (luz = vida, existência).

Antonímia

É o fato de as palavras poderem adquirir sentidos contrários ou contraditórios entre si (nascer × morrer; beleza × feiura; riqueza × pobreza). Alguns autores usam o termo “antônimos”, outros – entre os quais Rocha Lima e Bechara – preferem a expressão “antonímia”.

Os antônimos podem surgir de três formas:

com palavras de radicais totalmente diferentes.	• bom × mau • claro × escuro • triste × alegre
com prefixos negativos antepostos a palavras de um mesmo radical.	• feliz × infeliz • elegante × deselegante • político × apolítico

com palavras cujos prefixos têm significação contrária.	• incluir × excluir • progredir × regredir • sobre-humano × sub-humano

Homônimos (palavras iguais com sentidos diferentes)

Homônimos perfeitos	Grafia e pronúncia totalmente iguais	• mato (substantivo) / mato (verbo) • cardeal (membro da Igreja Católica) / cardeal

		(ponto geográfico) / cardeal (pássaro)
Homônimos homógrafos	Mesma grafia; pronúncia diferente	• ele (pronome) / ele (som da letra) • força (substantivo) / força (verbo forçar)
Homônimos homófonos	Mesma pronúncia; grafia diferente	• passo (substantivo) / paço (palácio) • laço (substantivo) / lasso

(adjetivo: cansado)

Parônimos (palavras semelhantes – grafia e/ou pronúncia)

acidente	desastre	**incidente**	fato inesperado
atuar	agir	**autuar**	processar
auréola	círculo luminoso	**ourela**	beira (do tecido)
cervo	espécie de veado	**servo**	empregado
conjetura	hipótese	**conjuntura**	situação
docente	relativo a professor	**discente**	relativo a aluno
deferir	conceder	**diferir**	divergir
degradar	rebaixar	**degredar**	exilar
delatar	trair	**dilatar**	aumentar, inchar
descrição	ato de descrever	**discrição**	ser discreto
descriminar	inocentar	**discriminar**	diferenciar
despensa	depósito	**dispensa**	licença
destratar	tratar mal	**distratar**	rescindir contratos
emergir	vir à tona	**imergir**	mergulhar
eminente	importante, digno	**iminente**	imediato
estripar	tirar as tripas	**extirpar**	extrair
flagrante	evidente	**fragrante**	perfumado
fluir	correr	**fruir**	aproveitar, gozar
incontinente	imoderado, sensual	**incontinenti**	sem demora
lustre	candelabro, brilho	**lustro**	quinquênio
tráfego	trânsito	**tráfico**	comércio ilícito
vultoso	grande, elevado	**vultuoso**	inchado

ESTILÍSTICA

É o estudo da linguagem no que diz respeito à expressividade, ou seja, à capacidade de emocionar e sugestionar.

De modo geral, o estilo se refere mais à redação que à gramática, mas o fato é que redação e gramática se completam: a primeira jamais será perfeita se houver problemas com a segunda.

O objetivo, ao abordar aqui problemas estilísticos, foi contribuir um pouco mais para o aperfeiçoamento linguístico em todos os sentidos.

AS ARMADILHAS DO ESTILO

Problemas de estilo que podem comprometer a sua comunicação oral e escrita

Acumulação de pormenores	Consiste em encher o texto com pormenores que não têm a ver com a mensagem.	• “C che casa ami **lá p linh ao l daq mat tigo**

		hou **sas** **198** tran pess para
Ambiguidade	É a duplicidade de sentido sem função no texto, isto é, acidental. Nasce das palavras ou expressões que podem ser interpretadas com sentidos diferentes.	• “C aba vida para **priv** • Pa abo um falo **sua** nom tant refe Pau do a

Arcaísmos	Emprego de palavras antiquadas, fora de uso. São muito comuns na redação oficial.	• **“C** info ainc • **“I** forn mui cole
Cacofonia	Problema fonético. Consiste na junção de duas palavras criando uma palavra nova e inadequada.	• O **dad** • Da **sad** saín • El **boc** • “N ond **pita**

Chavões	São expressões antigas, consagradas pelo uso, que hoje já não têm sentido. São muito comuns na redação oficial.	• **Ve mei** • **Ve inte pre** • **N pró sad** • **Te mã** • **Se par mo** • **Sub nos nos**

Clichês	Também chamados de **lugares-comuns,** os clichês são aquelas expressões antigas, desgastadas pelo uso, cujo emprego denota no mínimo – falta de imaginação.	• ch **mas** • o (sol • es **até** • co **que ama** • co **do**
Conectivos (erro no emprego dos)	Emprego do conectivo inadequado à estrutura da frase	• Na onte falo os a • O **que**

		secr mui diss
Contradições e associações ilógicas ou absurdas	Frases secundárias que contrariam o tópico frasal ou que nada têm a ver com ele.	• So mer pen no F min ela ser casc que estu
Estrangeirismos (excesso de)	Se existe o termo em português, para que buscá-lo em outra língua?	• Es and **bac** staf pois **bre** mar **fold**

Excesso de “quês” e preposições	O texto se torna pesado e cansativo.	• Lo tele diss pera resc aqu diss resc
Falta de paralelismo	Pode ocorrer no nível semântico ou sintático. Consiste em comparar termos de grandeza diferente ou usar objetos iguais com verbos de diferentes regências.	• **A** dest culi qua **ale** exc mús se p para pop • **El** **obe** **pai** verb

		dire ece indi reto ama obe eles
Gerundismo	Consiste em usar vários verbos no lugar de um só. Problema mais ligado à comunicação oral, aparece também na linguagem escrita, principalmente em e-mails.	• **N** **esta** em o se • A **esta** **solv** prol pou

Má colocação das palavras	Em matemática “a ordem dos fatores não altera o produto”, mas em português...	• Al para func ven • Co peix gran fres
Modismos	É o uso de termos que estão na moda, e por isso todos os repetem, qual papa-gaios ensandecidos, sem sequer pensar no que estão falando ou escrevendo.	• A colo colo “en “esp

Neologismos não oficializados	É o uso de palavras novas, ainda não registradas oficialmente na língua.	• **Al** recu • Os **elem** rela • **Pr** clie
Óbvio, vazio, supérfluo	Para que dizer ao leitor o que ele já sabe?	• Ve pres • Se para mon • O é un ater terr ater pess

Oralidade	Ao escrever usamos a língua culta; ao falar, usamos a coloquial. Cuidado, pois, com o uso das expressões coloquiais no texto escrito.	• **Pr** prol terr prec • **Ta** todo têm mas tem **né?** **gen** tá ju acal terr
Palavras “muletas”	Palavras vazias que significam tudo e nada ao mesmo tempo.	• **co** **cio,**

Personalismo	Pode surgir por meio de expressões pessoais desnecessárias ou com o uso da subjetividade em textos que deveriam ser objetivos.	• **Eu** o te um • **N opi** com terr
Preenchimento de espaços a qualquer custo (problema comum em concursos públicos e vestibulares)	A obrigatoriedade de preen terminado número de linha mente estão pedindo entre leva as pessoas a usar de v cios para preencher os esp modo a completar o limite cido. Entre esses artifícios, comuns são os seguintes: f grandes, começar o parágr final da linha, usar de long para dizer o que se quer. T artifícios não levam a nada alham que ajudam. Preocu em atingir o limite mínimo com um bom texto; a partir vier será lucro... ou prejuíz	

Pleonasmos	Repetição desnecessária de uma expressão.	• A ceu uma **hen san** • Es grav **no**
Prolixidade	Consiste em falar demais ou em complicar desnecessariamente o texto, com o uso de termos pouco conhecidos.	• Eu preg tura mer uma ade mas ade É a enta do c vida No essa emb

		Ago pass tem ente o er mer tend vá h cad uma corp idad já e fisic preg que
Rima	Se você está fazendo poesia, pode rimar à vont-ade, mas evite as ri-mas nos textos em prosa.	• N uniâ da r pela que uma con

Termos inadequados	Só use uma palavra quando tiver absoluta certeza da sua grafia e do seu sentido.	• Is nad com (a v • Fu pess cil c (lida • O com e fic uma crav **gla** garg

Ficha de apoio I

Funções da linguagem

Referencial (ou denotativa ou cognitiva):	• Os **dias** se passavam

Mostra o sentido real das coisas e dos seres.	sem nada de novo acontecer.
Emotiva ou expressiva: Centra-se no emissor e busca criar ou expressar um sentimento verdadeiro ou simulado.	• Que **dia** maravilhoso!
Conativa (apelativa ou imperativa): Centra-se no receptor e é eminentemente persuasória.	• Ajuda-me a melhorar, querido **dia!**
Fática ou de contato: Visa estabelecer, prolongar ou interromper a comunicação e serve para testar a eficiência do canal.	• **Alô,** vocês que me ouvem neste dia lindo, tudo bem?

Metalinguística: É a linguagem falando de si mesma. Busca verificar se emissor e receptor estão usando o mesmo repertório.	• Um **dia** é um conjunto de 24 horas.
Poética: Centra-se na mensagem e tem como base a conotação e o subjetivismo.	• “Hoje é o **dia** da graça. Hoje é o **dia** da caça e do caçador”. (Chico Buarque)

Ficha de apoio II

Pequeno dicionário da linguagem figurada

Anacoluto: quebra da estrutura sintática, ficando um termo sem qualquer função.

“Eu, que era linda e pura, eis-me medonha e impura” – Manuel Bandeira

Aliteração: repetição de consoantes em vocábulos próximos, visando obter maior musicalidade no texto.

“Auriverde pendão da minha terra que a brisa do Brasil beija e balança...” – Castro Alves

“Vozes veladas, veludosas vozes, volúpias de violões, vozes veladas,

Vagam nos velhos vórtices dos ventos, vivas, vãs, galvanizadas...” - Cruz e Souza

Anticlímax: emprego de uma gradação decrescente marcada pelo tom de voz do orador, que diminuirá perceptivelmente à medida que o texto se aproxima do fim.

É modesto, apagado, um joão-ninguém. Dele podemos dizer que é tímido, assustado, covarde...

Assíndeto: omissão do conectivo e numa sequência de orações.

"Vim. Vi. Venci." – Júlio César

Antítese: trabalha com a oposição entre ideias ou palavras.

"Como é possível beleza e horror, vida e morte harmonizarem-se

assim no mesmo quadro? – Érico Verissimo

“Uma parte de mim é todo mundo.

Outra parte é ninguém fundo sem fundo...” – Ferreira Gullar

Pequeno dicionário da linguagem figurada

Catacrese: uso especial, por analogia, de uma palavra, normalmente à falta de expressão mais apropriada.

Comi um dente de alho.
Ele chegou na boca da noite.
Foi colocado no olho da rua.

Elipse: omissão de um termo que se pode facilmente subentender.

“João foi para os Estados Unidos, Teresa, para o convento...” (elipse do verbo ser

– Teresa foi para o convento)
– Carlos Drummond de Andrade

Eufemismo: suavização de ideias agressivas ou desagradáveis.

Frase agressiva: O ministro era um ladrão.

Eufemismo: O ministro tinha o péssimo hábito de se apropriar indevidamente dos recursos públicos.

Frase desagradável: Ele morreu.

Eufemismo: Ele passou desta para a melhor.

Hipérbato: inversão dos termos na frase (quando a inversão é muito forte, toma o nome de anástrofe).

“Sempre a razão vencida foi de Amor;

Mas, porque assim o podia o coração...” – Camões

*Um exemplo claro de anástrofe são os versos iniciais do Hino Nacional Brasileiro:

“Ouviram do Ipiranga as margens plácidas

De um povo heroico o brado retumbante...”

A ordem normal, eliminada a anástrofe, seria: “as margens plácidas do Ipiranga ouviram o brado retumbante de um povo heroico”.

Pequeno dicionário da linguagem figurada

Hipérbole: uso do exagero para valorizar uma ideia.

“Maior amor, nem mais estranho existe, que o meu, que não

sossega a coisa amada...” – Vinicius de Moraes

“Meu pranto rolou, mais do que água, na cachoeira...” – Vinicius de Moraes

Metáfora: é a comparação sem os elementos comparativos. Em vez de apenas comparar, atribuem-se ao ser características de outro, usando a linguagem conotativa.

“Iracema, a virgem dos lábios de mel” – (lábios doces como o mel) – José de Alencar

“Essa mulher é um mundo, uma cadela, talvez...” – Vinicius de Moraes

Metonímia: troca de uma palavra por outra, havendo entre elas uma relação real, objetiva.

a) a parte pelo todo: Ele não tem um teto onde morar. (um teto = uma casa)
b) o autor pela obra: Gosto de ler Fernando Pessoa.
c) o abstrato pelo concreto: Devemos proteger a infância.
d) o singular pelo plural: “O homem, bicho da terra tão pequeno, chateia-se na terra...” – Carlos Drummond de Andrade
e) o continente pelo conteúdo: Tome mais um copo antes de sair.
f) a matéria pelo objeto: Ao longe soava o bronze anunciando a missa.

Onomatopeia: emprego de palavras cuja pronúncia imita o som natural do ser em questão.

Só se ouviam o au-au dos cães e o zumbido dos mosquitos.

Obs.: Veja a ficha de apoio “usos do hífen conforme a nova ortografia”, p. 177.

Pequeno dicionário da linguagem figurada

Oxímoro: reunião de palavras aparentemente contraditórias. Causa normalmente um efeito muito forte em virtude da sua imprevisibilidade.

O orador nos surpreendeu com um silêncio eloquente. Tudo nele fa-lava da sua inocente culpa.

Paradoxo: jogo de opiniões ou ideias contrárias, aparentemente contraditórias, com imagens que ao mesmo tempo se negam e se completam.

“Amor é um fogo que arde sem se ver
É ferida que dói e não se sente.
É um contentamento descontente.
É dor que desatina sem doer.” – Camões

Polissíndeto: repetição intencional da conjunção nas diversas orações de um período.

E fala, e reclama, e insiste, e briga, e não faz nada de útil.

Prosopopeia ou personificação: atribuição de ações próprias do ser humano a seres inanimados, abstratos ou a animais.

Depois que quis Amor que eu só passasse
Quanto mal já por muitos repartiu,
Entregou-me à Fortuna, porque viu
Que não tinha mais mal que em mim mostrasse...” – Camões

Silepse: concordância ideológica (a concordância não é feita com a palavra ou expressão, mas com a ideia que há por trás dela).

a) silepse de gênero:

Sua Santidade estava muito cansado (concorda com o fato de

Sua Santidade ser um homem, o Papa, e não com a expressão, que é feminina).

Pequeno dicionário da linguagem figurada

b) silepse de número:

“O casal de patos nada disse, pois a voz das ipecas é só um sopro. Mas espadanaram, ruflaram e voaram embora” – Guimarães Rosa

c) silepse de pessoa: Todos os brasileiros somos alegres e cordiais.

Sinestesia: objetiva, por meio do uso de palavras, atingir os sentidos do leitor trabalhando com sons, cores, cheiros etc.

“Dói-me a imaginação não sei como, mas é ela que dói.

Declina dentro de mim o sol no alto do céu.

Começa a tender a entardecer o azul e nos meus nervos...” – Álvaro de Campos

BIBLIOGRAFIA

ALI, Manuel Said. Dificuldades da língua portuguesa. 2. ed. Rio de Janeiro: Typ. Besnard Frères, 1919.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. Gramática metódica da língua portuguesa. São Paulo: Saraiva, 1989.

ANDRÉ, Hildebrando A. de. Português, 1200 testes de vestibulares resolvidos. São Paulo: Moderna, 1974.

AQUINO, Renato. Português para concursos. Rio de Janeiro: Impetus, 2000.

BAGNO, Marcos. Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa. São Paulo: Parábola, 2001.

— . A língua de Eulália. São Paulo: Contexto, 2000. BECHARA, Evanildo. Moderna gramática portuguesa. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

CEGALLA, Domingos Paschoal. Novíssima Gramática da língua portuguesa. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1990.

CHERUBIM, Sebastião. Dicionário das figuras de linguagem. São Paulo: Pioneira, 1989.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindlay. Nova Gramática do português contemporâneo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

GARCIA, Othon M. Comunicação em prosa moderna. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1986.

GREGORIM, Clóvis Osvaldo. Melhoramentos gramática prática da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 1997.

HAYAKAWA, S. I. A linguagem no pensamento e na ação. São Paulo: Pioneira, 1977.

KURY, Adriano da Gama. Português básico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

— . Para falar e escrever melhor o português. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

LUFT, Celso Pedro. Novo manual de português. São Paulo: Globo, 1986.

MARTINS, Silveira Dileta; ZILBERKNOP, Lúbia Scliar. Português instrumental. Porto Alegre: Sagra-DC Luzzato, 1995.

MATTOSO CÂMARA JR., Joaquim. Manual de expressão oral e escrita. Rio de Janeiro: J. Ozon Editor, 1966.

NASCENTES, Antenor. Dicionário etimológico resumido. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura, 1966.

PENTEADO, J. R. Whitaker. A técnica da comunicação humana. São Paulo: Pioneira, 1989.

PIMENTEL, Carlos. Descomplicando a gramática. Salvador, Jornal Correio da Bahia, 2002.

RIBEIRO, Manoel P. Gramática aplicada da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Metáfora Editora, 1990.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. Gramática normativa da língua portuguesa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

SAVIOLI, Francisco Platão. Gramática em 44 lições. São Paulo: Ática, 1983.

TERRA, Ernani. Curso prático de Gramática. São Paulo: Scipione, 1996.

Índice Remissivo

A

a × há
a par (a par × ao par)
a princípio (a princípio × em princípio)
abreviações
abreviatura(s) extintas
acento diferencial
acentuação gráfica
acordo ortográfico de
adjetivo(s)
  compostos
  + dois ou mais substantivos do mesmo gênero, concordância nominal.
  flexão do
  graus do
  + substantivo, concordância nominal
  + substantivos de gêneros diferentes, concordância nominal
  uniformes
adjunto
  adnominal

adverbial
advérbio(s)
graus do interrogativos
afim (afim × a fim)
afixos
agente da passiva
aglutinação
alerta, concordância nominal
algarismos romanos
aliteração
ambiguidade
anacoluto
anexo, concordância nominal
anticlímax
antítese
antonímia
ao encontro de
ao invés de
aonde (aonde × onde)
aposto
arcaísmos
artigo
aspas
assíndeto
aumentativo

B

barato, concordância nominal
bastante
  concordância nominal
bastante × bastantes

C

Ç, emprego do
cacofonia
caro, concordância nominal
catacrese
cerca de (cerca de × a cerca de × acerca de × há cerca de)
chavões
clichês
colocação pronominal
comparativo
  grau do adjetivo
  grau do advérbio
complemento nominal

composição, formação de palavras por
compostos, plural dos
concordância
  nominal
  verbal
conectivos, erro no emprego dos
conjunção
conotação
consoantes
coordenadas, orações
  aditivas
  adversativas
  alternativas
  conclusivas
  explicativas
cores plural das
crase
  casos em que não se usa
  casos opcionais
  e nomes de lugares
  e sentido das frases
cujo, cuja

D

datas, concordância verbal
de encontro a
demais (demais × de mais)

denotação
derivação
  formação de palavras por
  imprópria
  parassintética
  prefixal
  prefixal e sufixal
  regressiva
  sufixal
desinências
dígrafos
diminutivo(s)
  plural dos
discurso
  direto
  indireto
  indireto livre ou semi-indireto
  tipos de
  transposição do direto para o indireto

ditongo(s)
  crescente
  decrescente
  nasal
  oral
divisão silábica
dois-pontos
dúvidas do dia a dia

E

E, emprego do
elipse
em fim (em fim × enfim)
em princípio
em vez de
ênclise
encontros consonantais
encontros vocálicos
esse, essa, isso
estar × está
este, esta, isto
estilística
estilo, armadilhas do

estrangeirismos, excesso de
eufemismo
expressões partitivas, concordância verbal

F

figuras de linguagem
fonema
fonologia
frações concordância verbal
frase

G

G, emprego do
gerúndio
gerundismo

H

H, emprego do

há (há × a)
haja vista, concordância nominal
hiato
hibridismo
hífen
hipérbato
hipérbole
homônimos
  homófonos
  homógrafos

  perfeitos
horas concordância verbal

I

I emprego do
imperativo formação do
incluso concordância nominal
infinitivo
  concordância verbal
interjeição

J

J emprego do
justaposição

L

leso concordância nominal
letra
letra “u” tônica
linguagem funções da
locuções
  adverbiais
  interjetivas
  verbais
  verbais colocação pronominal

M

“mais de um”, concordância verbal
maiúsculas e minúsculas

mal
mas (mas × mais)
mau (mau × mal)
meio, concordância nominal
menos, concordância nominal
mesmo, concordância nominal
mesóclise
metáfora
metonímia
modismos
monossílabos tônicos
morfemas
“muletas”

N

neologismos não oficializados
nova ortografia
numeral
  concordância nominal

O

objeto direto
  interno (ou cognato)

  pleonástico
  preposicionado
objeto indireto
obrigado, concordância nominal
onde
onomatopeia
oração(ões)
  coordenadas (vide coordenadas, orações)
  intercaladas
  sem sujeito
  subordinadas (*vide* subordinadas, orações)
  termos acessórios da

  termos essenciais da

  termos integrantes da
oralidade
ortografia

oxímoro
oxítonas

P

palavras
  compostas, plural das

  cuja grafia causa dúvida
  denotativas
  estrutura das
  formação de
  má colocação das
paradoxo
parênteses
parônimos
paroxítonas
particípio
percentagem, concordância verbal
período
  composto
  composto por coordenação
  composto por subordinação

divisão do
misto
simples
personalismo
pleonasmos
polissemia
polissíndeto
ponto de exclamação
ponto de interrogação
ponto e vírgula
pontuação
por que × por quê × porque × porquê
predicado
nominal
verbal
verbo-nominal
predicativo
prefixos
gregos e latinos, correspondência
gregos mais usados

latinos mais usados
com o uso do hífen
preposição
próclise

prolixidade
pronomes
  de tratamento

  demonstrativos
  indefinidos
  interrogativos
  oblíquos
  pessoais
  possessivos
  relativos
  retos
proparoxítonas
próprio, concordância nominal
prosopopeia ou personificação
pseudo, concordância nominal

Q

quase
que
  excesso de
  funções do

pronome relativo
quem, pronome relativo
concordância verbal
quite concordância nominal

R

radical(is)
gregos mais usados

latinos mais usados
recordarmos × recordarnos
regência
de alguns verbos
nominal
verbal
reticências
rima

S

S, emprego do

se, funções do
semântica
semivogais
senão (senão × se não)
siglas
  e abreviaturas mais usadas
  plural das
silepse
símbolo
sinestesia
sinonímia
SS, emprego do
subordinadas, orações
  adjetivas
    explicativas
    restritivas
  adverbiais
    causais
    comparativas
    concessivas
    condicionais
    conformativas
    consecutivas
    finais
    proporcionais

temporais
justapostas
reduzidas
substantivas
apositivas
completivas nominais
objetivas diretas

objetivas indiretas

predicativas
subjetivas
substantivo(s)
abstratos
coletivos
compostos
comuns
comuns de dois gêneros
concretos
cuja significação varia de acordo com o gênero
cujos gêneros são motivo de dúvida
derivados
epicenos

gênero do
graus do
plural dos
primitivos
próprios
simples
sobrecomuns
sufixos
gregos mais usados

latinos mais usados
sujeito(s)
composto
composto com núcleos do mesmo campo semântico, concordância verbal
composto posposto ao verbo, concordância verbal
desinencial
elíptico
implícito
indeterminado
inexistente
neutro
oculto

pluralizado
simples
unidos por “nem” concordância verbal
unidos por “ou”, concordância verbal
super
superlativo
absoluto
grau do adjetivo
grau do advérbio
relativo

T

tal qual, concordância nominal
tempos verbais formas dos
travessão
duplo
trema
tritongo
nasal
oral

U

unidades da Federação

V

verbo(s)
  abundantes
  anômalos
  auxiliares
  conjugações dos
  de ligação (VL)
  defectivos
  estar, conjugação completa
  fazer indicando tempo decorrido

  formas nominais
  formas rizotônica e arrizotônica
  haver
  impessoais
  intransitivo
  irregulares
  modos

número
pessoas
principal
problemáticos
pronominais
que exprimem fenômenos naturais
regulares
ser, conjugação completa
ter, conjugação completa
transitivo
transitivo direto (VTD)

transitivo direto e indireto (VTDI)
transitivo indireto (VTI)
unipessoais
vir, ver e outros
vozes do
vírgula
vocativo
vogal(is)
e consoantes de ligação
temática
voz
ativa

passiva
reflexiva

X

X, emprego do

Z

Z, emprego do

@Created by PDF to ePub

ELSEVIER

FERNANDO PESTANA

A Gramática para Concursos Públicos

Teoria profundamente completa e mais de 1.300 questões atuais e comentadas

SÉRIE PROVAS & CONCURSOS

- Indicado para TODOS os concursos.
- As mais recorrentes polêmicas gramaticais em concursos.
- Dicas, bizus e diferenças entre as principais bancas examinadoras.
- Comentários para todas as questões no site www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

CAMPUS CONCURSOS

FERNANDO PESTANA

A Gramática para Concursos Públicos

Teoria profundamente completa
e mais de 1.300 questões
atuais e comentadas

SÉRIE PROVAS
& CONCURSOS

ELSEVIER

CAMPUS
CONCURSOS

Selo de Qualidade
ANPAC
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PROTEÇÃO E APOIO AOS CONCURSOS

Cadastre-se em **www.elsevier.com.br** para conhecer nosso catálogo completo, ter acesso a serviços exclusivos no site e receber informações sobre nossos lançamentos e promoções.

© 2013, Elsevier Editora Ltda.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Copidesque: Isis Batista
Revisão: Hugo de Lima Corrêa
Editoração Eletrônica: SBNigri Artes e Textos Ltda.
Epub: SBNigri Artes e Textos Ltda.

Coordenador da Série: Sylvio Motta

Elsevier Editora Ltda.
Conhecimento sem Fronteiras
Rua Sete de Setembro, 111 – 16º andar
20050-006 – Centro – Rio de Janeiro – RJ – Brasil

Rua Quintana, 753 – 8º andar
04569-011 – Brooklin – São Paulo – SP – Brasil

Serviço de Atendimento ao Cliente
0800-0265340
atendimento1@elsevier.com

ISBN: 978-85-352-7097-6
ISBN (Versão Eletrônica): 978-85-352-7098-3

Nota: Muito zelo e técnica foram empregados na edição desta obra. No entanto, podem ocorrer erros de digitação, impressão ou dúvida conceitual. Em qualquer das hipóteses, solicitamos a comunicação ao nosso Serviço de Atendimento ao Cliente, para que possamos esclarecer ou encaminhar a questão.
Nem a editora nem o autor assumem qualquer responsabilidade por eventuais danos ou perdas a pessoas ou bens, originados do uso desta publicação.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Pestana, Fernando
A gramática para concursos públicos / Fernando Pestana. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.
1112 p. – (Provas e concursos)

P571g ISBN 978-85-352-7097-6

1. Língua portuguesa – Gramática. 2. Língua portuguesa – Problemas, questões, exercícios. 3. Serviço público – Brasil – Concursos. I. Título.

13-
01162

CDD: 469.5
CDU: 811.134.3'36

Dedicatória

Este livro não existiria sem o apoio de minha esposa (que acabou se tornando erudita de tanto pesquisar junto comigo). Juliana é mais do que um achado. É **O** achado da minha vida.

Agradecimentos

Sem Jeová (Javé ou Iavé, como queiram), simplesmente nada existiria. Portanto Ele é o responsável pela vida e pela disposição que tenho. Não menos importantes foram certas pessoas, como meus pais, meus amigos, meus alunos — principalmente os da EsPCEx (Brasil!) — e meus grandes mestres Sérgio Pachá e Danton Pedro dos Santos. Claudio Cezar Henriques, Marcelo Caetano, Roberto Lota, Vítor Campos, Sidney Martins, Bernardo Augusto, muito obrigado pelas discussões (e soluções)! Valeu pela moral, João Antonio!!! Será que perderei a amizade por não incluir alguns que me ajudaram tanto no trajeto? Ah, depois eu me redimo na segunda edição!

O Autor

- Formado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
- Ministra aulas de Língua Portuguesa há 12 anos.
- Já trabalhou ativamente com turmas pré-militares e pré-vestibulares no Sistema Elite de Ensino. Atualmente, dedica-se ao "universo dos concursos públicos" em cursos de educação a distância, como o EuVouPassar (videoaulas) e o Estratégia Concursos (cursos em PDF). Além disso, participa de um projeto de questões comentadas no "site" TEC Concursos. Presencialmente, é encontrado nos principais cursos do Rio de Janeiro, como o CELP, o Multiplus e o Pra Passar.

A Obra

Há algum tempo, estava eu avaliando colegas de Português num processo de seleção de um grande curso preparatório do Rio de Janeiro... Dentre os candidatos, um deles se destacou muito, impressionando-me vivamente por sua determinação e inquietação intelectual. Ele me afirmou que, nos lugares onde trabalhava, havia parceiros para bate-papos, festas, mas não para estudo e discussão da matéria. Assegurei-lhe que no nosso curso ia ser diferente, porque a cadeira de Português não se furtava à discussão de assuntos polêmicos. E assim foi durante o tempo em que trabalhamos juntos.

Ele sempre me disse que tinha grande vontade de escrever uma gramática. Estudou, estudou, estudou. Pesquisou autores antigos e novos, fez cursos, numa luta incessante para saber cada vez mais. E assim foi.

Animava-me tanta empolgação e eu já torcia pelo livro que viria inexoravelmente.

Ele foi além, como lhe é peculiar: examinou exaustivamente provas dos últimos anos de concursos públicos civis, militares e vestibulares. E com tamanho embasamento, teórico e prático, surgiu *A Gramática*.

Assim, sem fugir dos problemas mais complexos, ousando atrever-se por caminhos tortuosos, até conflitantes, apresentando frequentemente argumentos de renomadas autoridades da língua portuguesa, Pestana fez deste livro algo inédito: combinou tudo o que se julga excelente em uma gramática, do ponto de vista docente e discente.

Por isso, espera-se que, neste agradável passeio por substantivos, verbos, preposições e conjunções, por orações coordenadas e subordinadas, todos os candidatos a cargos públicos consigam o esclarecimento definitivo das dúvidas e passem a mergulhar profundamente nos meandros da língua.

Em matéria de gramática, este livro é definitivamente a tão aguardada resposta aos anseios dos concurseiros (e professores!), pois, além da sua teoria completa, segura e muito consistente, contém mais de 1.300 exercícios das últimas provas oficiais de concursos recentes, constituindo-se deste modo uma obra altamente indicada aos estudiosos da língua portuguesa.

Como é a vida... Depois de tantas obras lidas durante quase 50 anos, não tinha ideia de que poderia ainda me surpreender com algo tão original e pleno.

E aqui fico, pois A obra fala por si.

Danton Pedro dos Santos

Novembro/2012

Prefácio

Não aprendemos para a escola mas para a vida, diziam os Antigos, querendo com isto significar que o conhecimento adquirido na escola tem um valor intrínseco, que de longe transcende as circunstâncias e exigências do universo escolar.

Os tempos e as vontades mudaram. Atualmente, a preocupação que parece servir de norte a quase todo o ensino que se ministra entre nós é fazer o discente absorver e memorizar o maior número possível de informações, sem ordem nem hierarquia, de tal sorte que se sinta aparelhado a enfrentar, com boas possibilidades de êxito, o montão de charadas e perguntas de algibeira destinadas a eliminar o maior número possível de candidatos a poucas vagas: seja em exames vestibulares, seja em concursos para o preenchimento de cargos públicos.

Foi esta, portanto, a questão com que se deparou e a que teve de responder meu jovem colega, Fernando José Pestana, primeiro em sala de aula e logo diante da tela em branco de um computador: como ensinar Língua Portuguesa de maneira clara e bem ordenada, eficaz e honesta, e, ao mesmo tempo, sempre útil a quem dela necessite para transpor com segurança as corridas de obstáculos que encontrar no caminho da Universidade ou do serviço público? Por outras palavras: como ser professor de Português no Brasil de 2013 sem jamais vender a alma ao diabo?

A resposta é o livro que você tem em mãos. Abra-o. Leia-o devagar. Reflita sobre o que leu. Ponha em prática o que ele ensina. Nenhum livro se propõe ensinar-lhe ***tudo*** aquilo de que você necessita para conhecer a fundo nossa língua. Ensinar-lhe-á, no entanto, como se flexionam os blocos que a compõem e como estes se combinam para formar blocos maiores – os sintagmas, as orações e os períodos de que nos servimos para expressar nossas ideias e sentimentos. E também o induzirá a completar seu estudo, buscando, nas fontes mesmas da língua literária (também conhecida como norma culta do idioma), os grandes modelos que a ilustraram e engrandeceram ao longo de uma história multissecular de muitas glórias. Em o fazendo, meu jovem amigo, você estará desmentindo, por suas ações, o pragmatismo estéril de nosso tempo: você estará primacialmente aprendendo não para a escola, ou para o vestibular, ou para o concurso público, mas para a vida.

Sergio Pachá

Mestre em Língua Portuguesa

Ex-lexicógrafo-chefe da Academia Brasileira de Letras

Eis uma breve apresentação...

... porque não podemos perder tempo com palavras garbosas e blá-blá-blás. Um discurso polido e preciosista não me interessa nem deve interessar-lhe. Minha intenção é facilitar ao máximo sua vida, por isso a abordagem de *A Gramática* — que apresenta uma linguagem bem informal para ensinar o registro culto — visa principalmente a um propósito: fazer **você acertar as questões de qualquer prova de Língua Portuguesa** (independentemente do nível). Ponto.

Saiba que *A Gramática* está totalmente "antenada" com a linguagem dos concursos públicos, que vêm se valendo cada vez mais dos estudos linguísticos modernos. Coloque na sua cabeça o seguinte: foi-se o tempo em que as grandes bancas trabalhavam a gramática de modo superficial, por isso, em *A Gramática*, não há "mixaria" de informações. Hoje é preciso saber muito, pois as bancas estão cada vez mais "maldosas"! No devido grau, tudo aqui é pertinente, para que você se sinta sempre confiante no dia da prova. E, caso uma informação não tenha tanta relevância, você será avisado no corpo dos capítulos. Afinal, além de muita informação, precisamos de foco!

Entenda que, atualmente, as boas provas exploram muito a gramática textual, ou seja, o conhecimento de conteúdos gramaticais aplicados aos textos e, consequentemente, ao discurso. Hoje muitas questões (quase todas) tratam de trechos retirados de um texto, portanto não posso deixar de apegar-me aos valores discursivos das classes gramaticais e de certos aspectos da análise do discurso. Isso é algo primordial e **inovador**! Não foi por nada que me preocupei com os anseios dos concurseiros (e dos professores!).

Falando sério, quem não quer mais de 1.300 questões atuais co-men-ta-das (Comentários no site www.elsevier.com.br/agramatica_pestana)? Quem não quer inúmeras referências gramaticais para interpor recursos? Quem não quer teoria consistente em fácil linguagem? Quem não quer um professor que, embora detalhista, diga exatamente o que você deve ou não estudar, para otimizar seu tempo? Quem não quer ter contato com questões polêmicas sobre as quais mais de um gramático pensa diferente acerca da resolução delas? Quem não quer "aquela" gramática? Quando eu era concurseiro, eu queria muito tudo isso!

Enfim... existe *A Gramática*? Sim, e está em suas mãos! Há muito mais a perceber, mas agora é com você.

Eis ***A*** *Gramática*.

Como estudar para concurso público?

Não satisfeito, preparei algo inédito: a cada capítulo, imediatamente antes das questões de concursos, dou uma de "Mister M": revelo os assuntos que mais caem nas provas.

Para quem é **cru** em Português, leia *A Gramática* com muita calma — relaxado e tomando um suquinho de maracujá. Sem pressa, intercale a leitura com exercícios; é preciso pegar intimidade com os ensinos gramaticais. Faça vista grossa às inúmeras minúcias e polêmicas ao longo dos capítulos. Procure estudar os tópicos mais recorrentes, vistos em "O que cai mais na prova?".

Para quem já tem uma **noção legal** de Língua Portuguesa, faça questões das provas anteriores com *A Gramática* ao lado; você não ficará em pânico, sou seu assessor particular. Além disso, reitero: há mais de 1.300 questões comentadas aqui. "Self-service"! Não deixe de estudar os tópicos mais recorrentes, vistos em "O que cai mais na prova?". Megaimportante!

Para quem **saca muito** de Português, preste atenção nas observações, nas minúcias e nas referências a vários gramáticos (e suas opiniões plurais), pois *A Gramática* gosta de explorar as questões polêmicas de bancas que trabalham doutrinas gramaticais divergentes, como as temidas ESAF, CESPE e FCC.

Meu concurso é...

Bem... caso seu concurso seja de **nível fundamental**, estude estes assuntos recorrentes:

- fonologia;
- ortografia;
- acentuação;
- semântica (sinônimos, antônimos e fatos da língua culta);
- classes de palavras (mera identificação delas e conjunções);
- aspectos básicos da análise sintática, da concordância, da regência e da crase.

Hoje, a CONSULPLAN é uma das bancas que mais confeccionam provas para esse nível. Por isso, procure fazer questões dessa banca.

Caso seu concurso seja de **nível médio**, estude tudo com afinco, exceto fonologia, numeral,

interjeição (a chance de cair uma questão sobre esses assuntos beira a zero). Veja o que mais cai:

- tipologia textual (dissertação argumentativa e suas características);
- coesão e coerência (pronomes e conjunções);
- emprego e colocação de pronomes (pessoais, demonstrativos e relativos) e verbos (conjugação de certos verbos, correlação verbal, voz verbal, emprego de tempos e modos verbais);
- conjunções;
- preposições;
- sintaxe do período simples e composto;
- partícula SE (principalmente a apassivadora e a indeterminadora) e QUE (principalmente conjunção integrante e pronome relativo);
- pontuação (vírgula);
- concordância (verbal);
- regência (verbal);
- crase.

A CESGRANRIO, o CESPE/UnB, a FCC, a FGV, o NCE e a VUNESP são as principais bancas desse nível. A diferença entre o conteúdo de nível médio e de nível superior é mínima ou inexistente. O que de fato muda é o grau de dificuldade.

E... para você, **nível superior**, este é o "filé":

- tipologia textual (dissertação argumentativa e suas características);
- coesão e coerência (pronomes e conjunções);
- emprego e colocação de pronomes (pessoais, demonstrativos e relativos) e verbos (conjugação de certos verbos, correlação verbal, voz verbal, emprego de tempos e modos verbais);
- conjunções;
- preposições;
- sintaxe do período composto;
- partícula SE (principalmente a apassivadora e a indeterminadora) e QUE (principalmente conjunção integrante e pronome relativo);
- pontuação (vírgula);
- concordância (verbal);
- regência (verbal);
- crase.

O CESPE/UnB, a ESAF, a FCC, a CESGRANRIO, a FGV, o NCE e a VUNESP são as principais bancas desse nível. Eu me apego muito às quatro primeiras.

Obs.: Ao longo da leitura deste livro, você vai ver que me empolgo, colocando vários detalhes teóricos que caem raramente em prova (mas podem cair). Por que faço isso? Prefiro ser detalhista a deixar você ser surpreendido na prova por um detalhe que me escapou na teoria. No entanto, reitero: para otimizar seu tempo, criei um tópico, antes das questões de concursos de cada capítulo, chamado "**O que cai mais na prova?**". **Lá está o *bizu***!

Para atender às críticas

Não estou interessado em elogios. Elogios costumam amortecer a vontade de melhora. Além de encher a caixa de e-mails. Brincadeira... Na verdade, estou ávido por ouvir suas críticas construtivas (e nem tão construtivas assim) a respeito do livro, principalmente acerca de erros "bobos" – que às vezes nos escapam – de ortografia, digitação, espaçamento etc. Se até o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República* tem erros, certamente deverá haver um ou outro nesta obra. Antes, porém, coloque este "link" no Google e leia:

http://filosofarpreciso.blogspot.com.br/2009/02/critica-construtiva.html

Anote o e-mail para onde você vai enviar suas **críticas** (construtivas), visando à melhora do livro: **agramaticadopest@gmail.com**. Para quem já conhece meu e-mail pessoal, nem tente enviar para ele, senão vou enlouquecer!

AVISO: Muitas questões de concursos foram *reformatadas* por razões meramente didáticas, ok?

Sumário

Capa

Folha de Rosto

Cadastro

Créditos

Dedicatória

Agradecimentos

O Autor

A Obra

Prefácio

Eis uma breve apresentação...

Como estudar para concurso público?

- **Meu concurso é...**
- **Para atender às críticas**

Introdução – O que é Gramática Normativa, Norma Culta, Registro Culto etc.?

Capítulo 1 – Fonologia

- **Definição**

Fonema
Letra
Dígrafo e Difono
Classificação dos Fonemas
Vogais
Semivogais
Consoantes
Sílaba
Encontros Vocálicos
Hiato
Ditongo
Tritongo
Encontros Consonantais
Separação Silábica
Separam-se
Não se separam
Ortoepia e Prosódia
Algumas pronúncias e grafias duplas registradas em dicionários e/ou no VOLP
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 2 – Acentuação Gráfica
Definição
Sinais Diacríticos
Algumas Considerações Importantes

Regra de Acentuação para Monossílabas Tônicas
Regra de Acentuação para Proparoxítonas
Regra de Acentuação para Paroxítonas
Regra de Acentuação para Oxítonas
Regra de Acentuação para os Hiatos Tônicos (I e U)
Regra de Acentuação para os Ditongos Abertos
Regra de Acentuação para os Hiatos EEM e OO
Regra de Acentuação para o Trema
Regra de Acentuação para os Acentos Diferenciais
Algumas Formas Variantes na Grafia e na Pronúncia
Regras para o Uso do Hífen
Prefixo terminado em vogal
Prefixo terminado em consoante
Algumas Observações Importantes
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 3 – Ortografia
Definição
O Alfabeto
Emprego da Letra E
Emprego da Letra I
Emprego da Letra O
Emprego da Letra U
Emprego da Letra C
Emprego do Ç

Emprego da Letra G
Emprego da Letra J
Emprego da Letra H
Emprego da Letra S
Emprego do Dígrafo SS
Emprego do Dígrafo SC
Emprego do Dígrafo CH
Emprego da Letra X
Emprego da Letra Z
Emprego dos Verbos Terminados em -EAR e -IAR
Dupla Grafia
Emprego das Iniciais Maiúsculas ou Minúsculas
Abreviaturas
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 4 – Semântica e Lexicologia
Definição
Sinonímia
Antonímia
Homonímia
Paronímia
Polissemia
Hiponímia e Hiperonímia
Meronímia e Holonímia
Acronímia, Estrangeirismos, Toponímia, Antroponímia,

Axionímia e Oneonímia
Campo Lexical e Campo Semântico
Campo semântico
Campo lexical
Ambiguidade
Intertextualidade
Paráfrase
Paródia
Citação
Plágio
Alusão
Estilização
Epígrafe
Pastiche
Denotação e Conotação
Fatos e Dificuldades da Língua Culta
A Escolha das Palavras
Expressões Idiomáticas
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 5 – Morfologia

Capítulo 6 – Estrutura e Processo de Formação de Palavras
Definição
Morfema
Morfema Lexical

Morfema Derivacional

Morfema Flexional

Alomorfia

Vocábulos Cognatos

Radical

Radicais Gregos

Radicais Latinos

Afixos

Prefixos Gregos

Prefixos Latinos

Sufixos Greco-Latinos

Desinências

Nominais

Verbais

Vogal Temática

VTs nominais

VTs verbais

Letra de Ligação

Processo de Formação de Palavras

Derivação Prefixal, Sufixal, Parassintética (Circunfixação), Regressiva (Regressão) e Imprópria (Conversão)

Prefixal

Sufixal

Parassintética (Circunfixação)

Regressiva (Regressão)

Imprópria (Conversão)

Composição por Justaposição e por Aglutinação

Por Justaposição
Por Aglutinação
Onomatopeia
Abreviação (Redução)
Siglonimização
Hibridismo
Combinação (Amálgama ou Palavra-valise)
Neologismo
Neologismo mórfico
Neologismo Semântico
Estrangeirismos
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 7 – Substantivo
Definição
Identificação e Substantivação
Identificação do Substantivo
Substantivação
Recurso de Nominalização
Por Derivação Sufixal
Por Derivação Regressiva
Locução Substantiva
Classificação
Variação em Gênero
Tipos

Gêneros Confundíveis
Mudança de Sentido
Variação em Número
Regras dos Simples
Mudança de Sentido
Regras dos Compostos
Variação em Grau
Aumentativo
Diminutivo
Formas Estilísticas
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 8 – Adjetivo
Definição
Identificação e Adjetivação
Identificação
Adjetivação
Recurso de Nominalização
Classificação
Locução Adjetiva
Variação em Gênero
Variação em Número
Regra dos Simples
Regra dos Compostos

Variação em Grau
Grau Comparativo
Grau Superlativo
Formas Estilísticas
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 9 – Artigo
Definição
Classificação
Identificação
Emprego dos Artigos Definidos
Emprego dos Artigos Indefinidos
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 10 – Numeral
Definição
Identificação
Classificação
Emprego dos Numerais
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 11 – Pronome

Definição

Identificação

Classificação, Emprego e Colocação do Pronome Pessoal

Pronomes Retos

Pronomes Oblíquos Átonos

Colocação Pronominal

Próclise

Ênclise

Mesóclise

Casos Facultativos

Nas Locuções Verbais

Pronomes Oblíquos Tônicos

Pronomes de Tratamento

Classificação e Emprego do Pronome Possessivo

Classificação e Emprego do Pronome Indefinido

Locuções pronominais indefinidas

Classificação e Emprego do Pronome Interrogativo

Classificação e Emprego do Pronome Demonstrativo

Emprego dos demonstrativos (valor discursivo)

Valores estilísticos dos demonstrativos

Classificação e Emprego do Pronome Relativo

Emprego dos pronomes relativos

Valor Discursivo

Pronomes Pessoais

Pronomes Possessivos
Pronomes Indefinidos
Pronomes Interrogativos
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 12 – Verbo
Definição
Identificação
Flexões dos Verbos
Modo
Tempo
Número
Pessoa
Estrutura Verbal
Radical
Vogal Temática
Desinências Verbais
Locução Verbal
Aspecto Verbal
Formas Nominais dos Verbos
O Infinitivo
O Gerúndio
Conheça alguns empregos do gerúndio:
O Particípio
Voz Verbal

Voz Ativa
Voz Passiva
Transposição de Vozes
Passagem de Voz Ativa para Passiva Analítica
Passagem de voz ativa para passiva sintética
Passagem de Voz Passiva Analítica para Voz Passiva Sintética
Voz Reflexiva
Formação dos Tempos Primitivos e Derivados
Tempos Derivados do Presente do Indicativo
Tempos Derivados do Pretérito Perfeito do Indicativo
Tempos Derivados do Infinitivo Impessoal
Formação do Imperativo e Uniformidade de Tratamento
Formação dos Tempos Compostos
Emprego dos Tempos e Modos Verbais
O Modo Indicativo
O Modo Subjuntivo
O Modo Imperativo
Correlação Verbal
Classificação dos Verbos
Regulares
Irregulares
Anômalos
Defectivos
Abundantes
Pronominais
Reflexivos
Vicários

Paradigmas (Modelos) de Conjugação Verbal
Verbos Notáveis
Particularidades Gráficas e Fonéticas
Papéis Temáticos
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 13 – Advérbio
Definição
Identificação e Particularidades
Sobre Advérbios Terminados em -mente
Mais algumas particularidades...
Classificação dos Advérbios e das Locuções Adverbiais
Afirmação
Negação
Modo
Tempo
Lugar
Dúvida
Intensidade
Causa
Concessão
Conformidade
Finalidade
Condição

Meio
Instrumento
Assunto
Companhia
Preço
Quantidade
Referência
Ordem
Medida
Peso
Matéria
Proporção
Reciprocidade
Favor
Exclusão
Inclusão
Consequência/Conclusão
Palavras e Locuções Denotativas
Variação em Grau
Formas Estilísticas de Grau dos Advérbios
Valor Discursivo
Valores Anafórico, Catafórico ou Dêitico
Advérbios e Construção de Sentido
Já
Advérbios Modalizadores
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 14 – Preposição

Definição

Identificação

Classificação

Combinações e Contrações

Locução Prepositiva e Valores Semânticos

Valor Relacional e Nocional

Valor Relacional

Valor Nocional

Certas Particularidades

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 15 – Conjunção

Definição

Identificação

Locução Conjuntiva

Classificação

Coordenativas

Subordinativas

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 16 – Interjeição
- **Definição**
- **Identificação**
- **Locução Interjetiva**
- **Classificação**
- **Valor Discursivo**
- **O Que Cai Mais na Prova?**
- **Questões de Concursos**
- **Gabarito**

Capítulo 17 – Sintaxe

Capítulo 18 – Frase, Oração e Período

Capítulo 19 – Termos Essenciais da Oração
- **Definição**
- **Sujeito**
- **Classificação do Sujeito**
  - Simples
  - Oculto
  - Composto
  - Indeterminado
  - Oração sem Sujeito (sujeito inexistente)
  - Oracional
- **Predicado**
- **Predicação Verbal / Transitividade Verbal**
  - Verbo de Ligação
  - Intransitivo
  - Transitivo Direto

Transitivo Indireto
Transitivo Direto e Indireto
Predicativo do Sujeito e do Objeto
Classificação do Predicado
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 20 – Termos Integrantes da Oração
Definição
Objeto Direto
Objeto Direto X Sujeito
Objeto Indireto
Complemento Nominal
Complemento Nominal X Objeto Indireto
Agente da Passiva
Agente da Passiva X Complemento Nominal
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 21 – Termos Acessórios da Oração
Definição
Adjunto Adnominal
Adjunto Adnominal X Agente da Passiva
Adjunto Adnominal X Complemento Nominal
Adjunto Adnominal X Predicativo do Sujeito e do Objeto
Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos

Adjunto Adverbial
Adjunto Adverbial X Adjunto Adnominal
Adjunto Adverbial X Objeto Indireto
Adjunto Adverbial X Predicativo do Sujeito
Adjunto Adverbial X Agente da Passiva
Aposto
Classificação do Aposto
Aposto X Adjunto Adnominal
Aposto X Predicativo do Sujeito
Vocativo
Vocativo X Aposto
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 22 – Orações Coordenadas
Conceito de Coordenação
Orações Coordenadas Assindéticas e Sindéticas
Orações Coordenadas Sindéticas Aditivas
Orações Coordenadas Sindéticas Adversativas
Orações Coordenadas Sindéticas Alternativas
Orações Coordenadas Sindéticas Conclusivas
Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas
Paralelismo Sintático
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 23 – Orações Subordinadas

Conceito de Subordinação
Orações Subordinadas Substantivas
Orações Subordinadas Substantivas Subjetivas
Orações Subordinadas Substantivas Predicativas
Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Diretas
Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Indiretas
Orações Subordinadas Substantivas Completivas Nominais
Orações Subordinadas Substantivas Apositivas
Orações Subordinadas Substantivas Justapostas
Orações Subordinadas Adjetivas
Orações Subordinadas Adjetivas Restritivas
Orações Subordinadas Adjetivas Explicativas
Valores Circunstanciais das Orações Adjetivas
Orações Subordinadas Adjetivas Justapostas
Funções Sintáticas dos Pronomes Relativos
Orações Subordinadas Adverbiais
Orações Subordinadas Adverbiais Causais
Orações Subordinadas Adverbiais Causais X Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas
Orações Subordinadas Adverbiais Consecutivas
Orações Subordinadas Adverbiais Condicionais
Orações Subordinadas Adverbiais Concessivas
Orações Subordinadas Adverbiais Conformativas
Orações Subordinadas Adverbiais Comparativas
Orações Subordinadas Adverbiais Finais
Orações Subordinadas Adverbiais Proporcionais

Orações Subordinadas Adverbiais Temporais
Orações Subordinadas Adverbiais Modais
Orações Subordinadas Adverbiais Justapostas
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 24 – Orações Reduzidas
Definição
Orações Reduzidas de Infinitivo
Substantivas
Adjetivas
Adverbiais
Orações Reduzidas de Gerúndio
Coordenada Aditiva
Substantiva Apositiva
Adjetiva
Adverbial
Orações Reduzidas de Particípio
Adjetivas
Adverbiais
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 25 – Orações Intercaladas
Definição
Tipos

Capítulo 26 – Período Misto
- **Definição**
- **Possibilidades de Período Misto**
- **A Elipse na Análise Sintática**
- **Modelo de Análise de um Período Misto**
- **O Que Cai Mais na Prova?**
- **Questões de Concursos**
- **Gabarito**

Capítulo 27 – Pontuação
- **Definição**
- **Vírgula**
- **Ponto e Vírgula**
- **Dois-pontos**
- **Ponto**
- **Ponto de Interrogação**
- **Ponto de Exclamação**
- **Travessão**
- **Parênteses**
- **Aspas**
- **Reticências**
- **O Que Cai Mais na Prova?**
- **Questões de Concursos**
- **Gabarito**

Capítulo 28 – Concordância Verbal e Nominal
- **Definição**
- **Concordância Verbal com o Sujeito Simples**

Concordância Verbal com o Sujeito Composto
Concordância Verbal do Ser
Casos Especiais de Concordância Verbal
Silepse de Número e de Pessoa
Concordância Nominal com Adjetivos
Casos Especiais de Concordância Nominal
Silepse de Gênero e de Número
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 29 – Regência Verbal e Nominal
Definição e Particularidades
Regência Verbal
Pontos importantíssimos
Verbos com mais de uma regência sem mudança de sentido
Verbos que normalmente mudam de sentido devido à regência
Regência Nominal
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 30 – Crase
Definição
Casos Obrigatórios
Casos Proibitivos
Casos Facultativos
Casos Especiais

A Crase e Certas Implicações
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 31 – QUE, SE e COMO
Definição
O Vocábulo que e Suas Classificações
1) Substantivo
2) Interjeição
3) Advérbio
4) Preposição Acidental
5) Partícula Expletiva
6) Pronome Interrogativo
7) Pronome Indefinido
8) Pronome relativo
9) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa
Aditiva
Adversativa
Alternativa
Explicativa
Integrante
Causal
Consecutiva
Comparativa
Concessiva
Final

Temporal

O Vocábulo SE e Suas Classificações

1) Substantivo
2) Pronome Oblíquo Átono
   Pronome Reflexivo (ou Recíproco)
   Parte Integrante do Verbo
   Partícula Expletiva
   Partícula de Indeterminação do Sujeito
   Partícula Apassivadora
3) Conjunção Subordinativa
   Integrante
   Condicional
   Causal
   Concessiva
   Temporal

O Vocábulo como e Suas Classificações

1) Substantivo
2) Advérbio
3) Preposição Acidental
4) Interjeição
5) Verbo
6) Pronome Relativo
7) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa
   Aditiva
   Causal
   Comparativa
   Conformativa

O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 32 – Estilística
Definição
Figuras de Palavras (conceito)
Metáfora
Comparação
Metonímia
Catacrese
Perífrase
Sinestesia
Figuras de Sintaxe
Hipérbato
Pleonasmo
Anacoluto
Elipse
Zeugma
Assíndeto
Polissíndeto
Anáfora
Figuras de Pensamento
Antítese
Oxímoro (Paradoxo)
Hipérbole
Gradação

Eufemismo
Ironia
Prosopopeia (Personificação)
Figuras Fônicas
Aliteração
Assonância
Paranomásia
Onomatopeia
Paralelismo
Combinação de Figuras
Vícios de Linguagem
Ambiguidade (Anfibologia)
Arcaísmo
Barbarismo
Cacofonia
Colisão
Parequema
Eco
Hiato
Solecismo
Preciosismo
Plebeísmo
Redundância (Tautologia)
Estrangeirismo
Prolixidade
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 33 – Teoria da Comunicação

Definição

Elementos da Comunicação

Funções da Linguagem

Noções de Semiótica (ou Semiologia) e Linguística

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 34 – Compreensão/Interpretação de Textos e Tipologia Textual

Definição

Operadores Argumentativos

Pressupostos e Subentendidos

Pressupostos

Subentendidos

Tipologia Textual

Texto Narrativo e Tipos de Discurso

Tipos de Discurso

Texto Descritivo

Texto Injuntivo

Texto Dialogal

Texto Dissertativo

Dissertação Expositiva

Dissertação Argumentativa

Estratégias Argumentativas

Modalização
Exemplificação (fato-exemplo)
Enumeração
Fato histórico
Comparação
Contraposição
Causa e efeito
Dados estatísticos
Definição
Testemunho de autoridade
Contra-argumentação
Pergunta retórica
Métodos de Raciocínio
Silogismo
Método de Raciocínio Dedutivo
Método de Raciocínio Indutivo
Método de Raciocínio Dialético
Falácia
Gênero Textual
Estratégias para Compreensão/Interpretação de Textos
Análise de um Texto
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 35 – Coesão e Coerência
Definição

Coesão Referencial
Coesão Sequencial
Coesão Recorrencial
Fatores de Coerência
Manutenção temática
Conhecimento de mundo
Situação de comunicação
Mecanismos gramaticais e semânticos da língua
Intertextualidade
Intencionalidade
Coerência Narrativa
Coerência Argumentativa
Coerência Figurativa
Coerência Temporal
Coerência de Registro
Continuidade Textual
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 36 – Domínio do Registro Culto
Definição
Conceito de Erro
Registro Culto e Coloquial
Variações Linguísticas
Registros Linguísticos: Língua Falada e Língua Escrita
Acentuação

Ortografia
Emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos, principalmente)
Pontuação
Concordância
Regência
Crase
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 37 – Reescritura de Frases
Definição de Paráfrase
Mudança de Posição dos Vocábulos
Equivalência entre Locuções e Palavras e entre Conectivos
Substituição de Verbos por Advérbios e Vice-versa
Uso de Sinônimos
Substituição de Substantivos por Pronomes
Nominalização
Transformação de Oração Reduzida em Desenvolvida e Vice-versa
Reduzidas de gerúndio para desenvolvidas
Reduzidas de infinitivo para desenvolvidas
Reduzidas de particípio para desenvolvidas
Substituição de Pronome Relativo por Outro e Pronome Demonstrativo por Outro
Possibilidades de Paralelismo
Relação de Causa e Consequência

O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 38 – Questões Comentadas da Banca CQIP

Bibliografia

Mensagem final

Gabarito Comentado

Introdução

O que é Gramática Normativa, Norma Culta, Registro Culto etc.?

Leia isto (vai por mim!), pois tais conceitos são importantes para a sua prova!

A **gramática normativa** trata da sistematização do registro culto da língua, em seus níveis fonológico (som), mórfico (forma), sintático (organização), semântico (sentido) e léxico (vocabulário). Falarei também dos níveis discursivo (uso prático da língua) e estilístico (criatividade no uso da língua). Falaremos de tudo isso em *A Gramática*.

A **língua culta (ou registro culto)**, conforme dizia o conceituadíssimo gramático Celso Cunha, "trata de uma descrição do português atual na sua **forma culta**, isto é, da língua **como a têm utilizado** os escritores portugueses, brasileiros e africanos, do Romantismo para cá, dando naturalmente uma situação *privilegiada* aos autores dos nossos dias". Como se pôde perceber com os grifos que dei, é simplesmente a maneira como as pessoas que gozam de prestígio social usam a língua. Não é a língua **pura** ou **correta** (apesar de ainda muitos sustentarem tal discurso!), mas tão somente uma maneira de usar a língua. A partir do modelo de escrita de pessoas conceituadas, estudiosos dessa modalidade linguística criaram padrões de "bom uso" da língua. De modo simplista, é por isso que a língua culta é também chamada de **língua padrão**, ou **registro culto**, ou ainda **registro formal**. Em algumas provas atuais, como as da ESAF e da FCC, você ainda vai encontrar a expressão "erro gramatical", quando melhor seria dizer "desvio", "inadequação" ou "incorreção" do ponto de vista da língua culta.

A **gramática normativa**, segundo a concepção mais tradicional, portanto, é um conjunto de regras para escrever e falar **corretamente** uma língua, de acordo com o molde de uso dessa língua por pessoas *cultas*. Será que é por isso que se fala em *norma culta*? Certamente.

A **norma culta** é apenas uma das variedades de uso da língua. Infelizmente, ainda, muitos pensam que o padrão culto da língua é o melhor, o correto, o ideal de língua e, portanto, o que deve ser usado por todos. Mas saiba que ela é tão somente uma das variedades de uso da língua. Ela é normalmente ensinada pelas gramáticas escolares, que se baseiam nos registros escritos de pessoas consagradas na sociedade e tidas como cultas. E é normalmente usada em situações formais.

Abra qualquer gramática **tradicional** (**normativa, escolar, prescritiva** etc.), por exemplo, a

do Celso Cunha ou a do Bechara... Verá lá uma série de trechos retirados de livros de gente famosa, culta, influente e consagrada na sociedade. O modo como essas pessoas se expressavam linguisticamente pela escrita seguia um determinado modelo – com algumas variações, é claro, mas nada substancial – que, por sua vez, serviu de base para a feitura da **gramática normativa**, em que a língua padrão (culta) se torna o ideal do "bem falar e escrever".

Adendos e críticas à parte, devido à relevância que tem nas situações formais, a norma culta *deve* ser ensinada nas escolas (afinal, não a aprendemos na rua). É nesse ambiente institucionalizado que a aprendemos regularmente.

Pois bem... se o objetivo da língua é a comunicação e a interação, quero alistar aqui algumas vantagens do aprendizado do registro culto da língua:

- Assegura a unidade da língua nacional, pois é por meio do uso da língua culta que os livros didáticos, científicos e jurídicos, os documentos formais, os (tele)jornais consagrados, as grandes mídias etc. veiculam as informações de modo neutro e unificado para todo o país.
- Permite que uma pessoa ascenda profissionalmente, pois uma das exigências nas entrevistas de emprego ou nas provas de concursos públicos é o uso considerado *mais esmerado* da língua, por meio do qual pensamentos complexos são expressos, a saber: o registro culto da língua.
- Serve como um valioso instrumento em situações formais, para que circulemos bem em determinados ambientes sociolinguísticos. Por exemplo, ao nos dirigirmos a um juiz em um tribunal, a um presidente de uma empresa, enfim, a uma pessoa que ocupa um cargo social mais elevado que o nosso, sentimo-nos impelidos a usar a língua culta.

Assim, percebemos que, em termos práticos, precisamos aprender o registro culto da língua para nosso bem-estar social! E isso inclui o quê? **Acertar questões em provas de concurso público**, pois elas se baseiam na norma culta. Como esta gramática se destina a ensinar tal norma, visando à sua ascensão social, chega de papo! Sirva-se!

Capítulo 1

Fonologia

Definição

Quando usamos a língua falada, saem sons de nossa boca, certo? Esses sons se combinam e formam palavras, certo? Essas palavras, por sua vez, podem ter seu sentido modificado caso uma parte sonora seja modificada, certo? Ok, então.

A **Fonologia** é a parte da gramática que estuda os sons da língua, sua capacidade de combinação e sua capacidade de distinção. Ela se ocupa da função dos sons dentro da língua, os quais permitem aos falantes formar palavras e distinguir significados. É o estudo dela que nos interessa para as provas de concursos públicos. O estudo da Fonética não nos importa.

"Ah, então existe uma distinção entre Fonética e Fonologia?" Sim! A Fonética descreve os aspectos articulatórios e as propriedades físicas de todos os sons, ou seja, trata da produção dos sons, como eles se formam etc. "Poxa, Pestana, então você não vai mostrar todo o aparelho fonador, a boca, a língua, os dentes, a transcrição fonética etc. e tal?" E-xa-ta-men-te! Não vou falar nada disso. "Mas por quê?" Simples. Porque não cai em prova. Outra informação: não usarei símbolos de transcrição fonética nem barras para marcar um fonema; meu objetivo é facilitar e ir direto à linguagem das provas. Reitero: só os aspectos da Fonologia importam para provas de concursos públicos!

Em questões bem antigas (década de 80, 90), até havia questões sobre Fonética. Hoje em dia, você não precisa se preocupar com isso. Graças a Deus! Quanto menos tiver de saber detalhes da gramática para acertar uma questão na prova e ser feliz, melhor para você. Concorda? Encher linguiça não é minha praia. Preciso ser preciso. Então... vamos lá!

Fonema

O **fonema** é a menor unidade sonora da palavra e exerce duas funções: formar palavras e distinguir uma palavra da outra.

É mais simples do que parece: quando os fonemas se combinam, formam palavras, ou seja, C + A + S + A = CASA. Percebeu? Quatro fonemas (sons) se combinaram e formaram uma palavra. Se substituirmos agora o som S por P, haverá uma nova palavra, certo? CAPA.

A combinação de diferentes fonemas permite a formação de novas palavras com diferentes sentidos. Portanto, os fonemas de uma língua têm duas funções bem importantes: **formar palavras** e **distinguir uma palavra da outra**.

Ex.: **c**al / **G**al / **m**al / **s**al / **t**al...

moç**o** / moç**a** / m**a**ço / maç**a** / maç**ã**...

Com a troca de fonemas, novas palavras surgiram, com sentidos diferentes. Percebeu?

Letra

A **letra** é um símbolo que representa um som, é a representação gráfica dos fonemas da fala.

É bom saber dois aspectos da letra: **pode representar mais de um fonema** ou **pode simplesmente ajudar na pronúncia de um fonema**. Como assim?

Por exemplo, a letra X pode representar os sons X (*enxame*), Z (*exame*), S (*têxtil*) e KS (*sexo*; neste caso a letra X representa dois fonemas – K e S = KS). Ou seja, uma letra pode representar mais de um fonema.

Às vezes a letra é chamada de **diacrítica**, pois vem à direita de outra letra para representar um fonema só. Por exemplo, na palavra *cachaça*, a letra H não representa som algum, mas, nesta situação, ajuda-nos a perceber que CH tem som de X, como em *xaveco*.

Vale a pena dizer que nem sempre as palavras apresentam número idêntico de letras e fonemas.

Ex.: **m**ola > 4 letras, 4 fonemas

guia > 4 letras, 3 fonemas

Percebeu que o U em GU não tem som? É uma letra diacrítica. Agora, em *água*, o U é pronunciado, logo não é mais uma letra diacrítica. Simples assim.

Tome cuidado, pois existem algumas palavras em que se pode pronunciar o X como Z ou KS: *hexágono*. Logo, se fôssemos analisar o número de letras e de fonemas, diríamos que, se pronunciarmos o X com som de Z, haverá 8 letras e 7 fonemas; caso pronunciemos o X com som de KS, haverá 8 letras e 8 fonemas. O H não é pronunciado, óbvio.

Só de curiosidade: na palavra *inexorável*, o X tem som de Z, logo há 10 letras e 10 fonemas.

Dígrafo e Difono

O **dígrafo** constitui-se de duas letras representando um só fonema. A segunda letra é diacrítica, isto é, existe apenas para ajudar numa determinada pronúncia. Por exemplo, se dissermos *caro*, o R terá um som diferente de RR, em *carro*. Este segundo R, em *carro*, é uma letra diacrítica.

Há dois tipos:

- **consonantais**: **gu, qu, ch, lh, nh, rr, ss, sc, sç, xc, xs.**
  Ex.: **gu**erreiro, **qu**eda, **ch**ave, **lh**ama, **nh**oque, a**rr**astão, a**ss**ado, de**sc**endente, cre**sç**a, e**xc**itado, e**xs**udar.

- **vocálicos ou nasais**: **a, e, i, o, u** seguidos de **m** ou **n** na *mesma* sílaba (!)
  Ex.: c**am**po, **an**ta/**em**presa, **en**trada/**im**batível, cai**n**do/**om**bro, **on**da/**um**bigo, **un**tar.

Chamamos de **difono** o som KS representado pela letra X.

Ex.: tó**x**ico (tó**ks**ico), comple**x**o (comple**ks**o), tóra**x** (tóra**ks**)...

Cuidado!!!

1) O M e o N usados após as vogais, nasalizando-as, não são fonemas nem consoantes. Logo, se o "homem da banca" quiser dar uma "pernada" em você, ele vai dizer que ocorre o encontro de duas consoantes em *menta*, por exemplo. Não caia nessa! O M e o N são apenas marcas de nasalização da vogal, como se fossem um til (~). Se vierem, porém, antes da vogal (*na-ta-ção*) ou em outra sílaba (*Fa-bi-a-na*), aí sim são fonemas, são, de fato, consoantes.

2) Sempre que uma palavra tiver dígrafo, o número de letras será maior que o número de fonemas. Na palavra ***champanha***, há 9 letras e 6 fonemas, pois há dois dígrafos consonantais (ch, nh) e um vocálico (am).

3) Se as palavras terminam em -AM, -EM, -EN(S), tais terminações não são dígrafos vocálicos, mas sim ditongos decrescentes nasais. Falarei mais disso daqui a pouco.

4) Parece bobeira, mas não confunda, por exemplo, *pi**sc**ina* (***sc***: 1 som), *e**sc**ola* (***sc***: 2 sons). Outra informação: na antiga ortografia, os dígrafos GU e QU, que só são dígrafos se seguidos da letra E ou I, recebiam trema em algumas palavras, o que facilitava a nossa vida em palavras como ***qüi**proquó* (os *us* são pronunciados, **mesmo sem trema**: ***qui**proquó*). Hoje (com a nova ortografia), sem trema, algumas palavras podem dificultar nossa vida. Exemplo: como se pronuncia *liquidificador*? Pronunciando o U ou não? As duas formas são possíveis (qüi/qui), mas se acostume com a ausência do trema, que tanto facilitava nossa vida na pronúncia das palavras. Depois reclamavam dele! Vai deixar saudades...

5) A letra H é chamada de letra etimológica, pois se manteve do latim até o português atual. Não representa fonema algum.

6) Nunca é demais dizer que depois de M se usa P e B: *âmbar, amplexo, embromar, empréstimo etc.*

Classificação dos Fonemas

Os fonemas são de três tipos: **vogais**, **semivogais** e **consoantes**.

Vogais

São fonemas produzidos livremente, sem obstrução da passagem do ar. São mais tônicos, ou seja, têm a pronúncia mais forte que as semivogais. São o centro de toda sílaba. Podem ser **orais** (timbre aberto ou fechado) ou **nasais** (indicadas pelo ~, m, n). As vogais são A, E, I, O, U, que podem ser representadas pelas **letras** abaixo. Veja:

A: casa (oral), **cama** (nasal)
E: hélio (oral), **estrada** (oral, timbre fechado), **centro** (nasal)
I: amigo (oral), **índio** (nasal)
O: pode (oral), **olho** (oral, timbre fechado), **longe** (nasal)
U: saúde (oral), **untar** (nasal)
Y: hobby (oral)

Obs.: Os fonemas vocálicos representados pelas letras E e O são pronunciados, respectivamente, como I e U quando terminam palavra: *pente* (penti); *ovo* (ovu). No Sul do país, a pronúncia alterna. Outra informação importante: sempre que o acento agudo ou circunflexo estiver em cima de E, I, O, U, tais fonemas serão vogais; o **A** será sempre vogal!

Semivogais

Os **fonemas semivocálicos** (ou **semivogais**) têm o som de I e U (apoiados em uma vogal, na mesma sílaba). São menos tônicos (mais fracos na pronúncia) que as vogais. São representados pelas letras I, U, E, O, M, N, W, Y. Veja:

pai: note que a letra I representa uma semivogal, pois está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
mouro: note que a letra U representa uma semivogal, pois está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
mãe: note que a letra E representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
pão: note que a letra O representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
cantam: note que a letra M representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= cant**ãu**).

dancem: note que a letra M representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= danc**ẽi**).
hífen: note que a letra N representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= hífẽ**i**).
glutens: note que a letra N representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= glutẽ**i**s).
windsurf: note que a letra W representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
office boy: note que a letra Y representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.

Cuidado!!!

1) Celso Cunha, Sacconi e outros gramáticos, por exemplo, consideram a letra L uma semivogal em fim de sílaba (*sal, mal, sol, alto*...) por ter som de U. No Sul do Brasil, entretanto, mesmo nessa situação, o L tem som de L mesmo, predominantemente. Nunca vi em concurso algum tal exigência, mas... nunca se sabe... vai que...

2) Em um encontro vocálico, para saber qual fonema vocálico é vogal ou semivogal, sugiro substituir as vogais por valores de intensidade; assim: A=3, E=2, I=1, O=2, U=1. Por exemplo, em *vácuo* (u=1, o=2, logo U é semivogal e O é vogal). Saiba que o encontro vocálico ***-eo*** (*óleo*), por não se encaixar na minha sugestão, é analisado assim: semivogal (e) + vogal (o). Por fim, num encontro vocálico com I e U, o que vier após outro será, normalmente, vogal. Uma maneira de perceber isso é colocando um acento agudo **hipotético** em cima desses fonemas; Ex.: *partíu* (i, vogal; u, semivogal); *gratúito* (u, vogal; i, semivogal); *saguí* (u, semivogal; i, vogal). Esta última palavra é escrita com trema, segundo a antiga ortografia.

4) As palavras "windsurf" e "office boy", de origem estrangeira, já figuram nos dicionários de língua portuguesa do Brasil, por isso não podemos deixar de analisar as já consideradas letras do nosso alfabeto K, W e Y sob uma perspectiva fonológica. Só de curiosidade: Charles *Darwin* (*w* com som de *u*, semivogal).

Consoantes

São fonemas produzidos com interferência de um ou mais órgãos da boca (dentes, língua, lábios). Todas as demais letras do alfabeto representam, na escrita, os fonemas consonantais: B, C, D, F, G, H, J, K, L, M, N, P, Q, R, S, T, V, W (com som de V, *Wagner*), X, Z.

Sílaba

A **sílaba** é, normalmente, um grupo de fonemas centrados numa vogal. Toda sílaba é expressa numa só emissão de voz, havendo breves pausas entre cada sílaba. Isso fica mais perceptível quando pronunciamos uma palavra bem pausadamente. Por isso, intuitivamente, a melhor maneira de separar as sílabas é falar bem pausadamente a palavra. Exemplo: FO... NO... LO... GI... A. Percebeu?

Fique sabendo que a base da sílaba é a vogal e, sem ela, não há sílaba, ok? Há palavras com apenas uma vogal formando cada sílaba: *aí*, que se pronuncia a-í (duas sílabas).

Quanto ao **número** de sílabas, as palavras classificam-se em:

- **Monossílabas** (uma vogal, uma sílaba): m**ã**o.
- **Dissílabas** (duas vogais, duas sílabas): m**a**n-g**a.**
- **Trissílabas** (três vogais, três sílabas): m**a**n-gu**e**i-r**a.**
- **Polissílabas** (mais de três vogais, mais de três sílabas): m**a**n-gu**e**i-r**e**n-s**e.**

Ou quem sabe esta: pn**e**u-m**o**-**u**l-tr**a**-m**i**-cr**o**s-c**o**-p**i**-c**o**s-s**i**-l**i**-c**o**-v**u**l-c**a**-n**o**-c**o**-n**i**-**ó**-t**i**-c**o**.

Se eu ainda sei contar, são 20 vogais, logo 20 sílabas. Esta é polissílaba desde criancinha!

Quanto à **tonicidade**, há sílaba **tônica** (alta intensidade na pronúncia) e **átona** (baixa intensidade na pronúncia). Sempre há apenas uma (1) sílaba tônica por palavra, ok? Ela se encontra em uma das três sílabas finais da palavra (isto é, se a palavra apresentar três sílabas).

Bizu: se houver acento agudo ou circunflexo em uma das vogais, aí estará a sílaba tônica da palavra.

Qual seria, então, a sílaba tônica de *pneumoultramicroscopicossilicovulcanoconiótico*?

Moleza, não? Veja: *pneumoultramicroscopicossilicovulcanoconi**Ó**tico*.

Se não houver acento agudo ou circunflexo para facilitar a nossa vida, coloque um acento **hipotético** para identificar a sílaba tônica: **cás**telo, cas**té**lo ou caste**ló**? Como falamos? É claro que a sílaba tônica é a segunda: cas-**te**-lo.

Quanto à **posição** da sílaba tônica, as palavras só podem ser:

- **Oxítonas** (última sílaba tônica): con**dor.**
- **Paroxítonas** (penúltima sílaba tônica): ru**bri**ca.
- **Proparoxítonas** (antepenúltima sílaba tônica): **ín**terim.

Cuidado!!!

1) Conheça a posição da sílaba tônica de algumas palavras: *SÁbia, saBIa, sabiÁ, misTER, noBEL, ureTER, ruIM, filanTROpo, puDIco, reCORde, graTUIto, iBEro, LÊvedo, aRÍete, ZÊnite, QUÉops...*

2) Há palavras que têm dupla possibilidade de posição da sílaba tônica: *proJÉtil/projeTIL,*

RÉPtil/repTIL, XÉrox/XeROX... Note que há mudança na acentuação gráfica...

3) Só para relaxar: "A sábia não sabia que o sábio sabia que o sabiá sabia assobiar". E as sílabas tônicas?

Falaremos sobre **Prosódia** (assunto que trata, basicamente, da correta posição da sílaba tônica) com calma mais à frente. *Relax!*

Encontros Vocálicos

Como o nome sugere, é o contato entre fonemas vocálicos. Há três tipos:

Hiato

Ocorre hiato quando há o encontro de duas vogais, que acabam ficando em sílabas separadas (V – V), porque só pode haver uma vogal por sílaba.

Ex.: s**a**-**í**-da, r**a**-**i**-nha, b**a**-**ú**s, c**a**-**í**s-te, tu-cu-m**ã**-**í**, su-c**u**-**u**-ba, r**u**-**i**m, jú-n**i**-**o**r...

Cuidado!!!

1) Em palavras com a sequência V+SV+V, como *praia, meio, joio*, ocorre um falso hiato, vulgarmente falando. Isso ocorre porque ***prai-a***, por exemplo, apresenta semivogal (i) separada de vogal (a). Na realidade, o que ocorre é um fenômeno chamado **glide**, isto é, cada uma das palavras acima apresenta dois ditongos, pois a semivogal (i) se **prolonga** até a sílaba seguinte: (*pra**i-i**a, me**i-i**o*...). Nunca vi isso em prova de concurso, mas... nunca se sabe...

2) As palavras *rio, cio, mia, tia, dia* não são monossilábicas! São dissilábicas, pois apresentam hiato!

Ditongo

Existem dois tipos: crescente ou decrescente (oral ou nasal).

Crescente (SV + V, na mesma sílaba):

Ex.: magistér**io** (oral), sér**ie** (oral), várz**ea** (oral), q**uo**ta (oral), q**ua**torze (oral), enq**ua**nto (nasal), cinq**ue**nta (nasal), q**ui**nquênio (nasal)...

Decrescente (V + SV, na mesma sílaba):

Ex.: it**em** (nasal), am**am** (nasal), sêm**en** (nasal), c**ãi**bra (nasal), c**au**le (oral), **ou**ro (oral), v**ei**a (oral), fl**ui**do (oral), v**ai**dade (oral)...

Cuidado!!!

1) Os ditongos não são separados, mas os crescentes finais (-ea, -eo, -ia, -ie, -io, -oa, -ua, -ue, -uo) são vistos pela NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) e por muitos gramáticos como possíveis hiatos de palavras proparoxítonas *acidentais*, ou *eventuais*. Por exemplo: ***his-tó-ria*** (paroxítona/ditongo crescente) ou ***his-tó-ri-a*** (proparoxítona/hiato). Em concurso, é comuníssima a *primeira* análise, ou seja, ***áu-rea, plúm-beo, ca-lú-nia, sé-rie, co-lé-gio, má-goa, á-gua, tênue, tríduo***. Olho vivo!

2) Palavras terminadas em ***-am*** (verbo), ***-em*** (verbo ou não verbo), ***-en*** (nome), ***-en(s)*** (verbo ou não verbo) apresentam ditongo decrescente nasal (também chamado de ditongo

fonético). Exemplo: dança**m** (= ãu), beb**em** (= ẽi), s**em** (= ẽi), glút**en** (= ẽi), cont**é**ns (= ẽi), hif**en**s (= ẽi)... Mesmo com sufixo, o ditongo se mantém: tr**en***zinho*, vint**en***zinho*...

3) A palavra *m**ui**to* apresenta um ditongo decrescente nasal apesar da ausência de marca de nasalização. A Língua Portuguesa apresenta outras palavras assim: *El**ai**ne, and**ai**me, pl**ai**no, aç**ai**ma* (do verbo açaimar), *Ror**ai**ma* (também existe a pronúncia *Ror**á**ima*), etc.

4) Interessante é a palavra *ioiô*, que se separa em io-iô (há dois ditongos crescentes). Outras palavras podem apresentar mais de um encontro vocálico, como ***Pi-au-í*** (um hiato, um ditongo decrescente e um falso hiato). Cuidado também com as palavras *v**ai**dade* e *p**ai**sagem*, que apresentam ditongos decrescentes, e não hiatos!

Tritongo

O tritongo é a união de **SV** + **V** + **SV** na mesma sílaba; pode ser oral ou nasal.

Ex.: sag**ião** (nasal), Parag**uai** (oral), enxág**uem** (nasal), averig**uou** (oral), deság**uam** (nasal), ag**uei** (oral)...

Cuidado!!!

1) O M dos exemplos de tritongo é uma semivogal. Logo, não pense que, em *enxáguem* e *deságuam*, os encontros UEM e UAM formam ditongos crescentes nasais. São tritongos: SV+V+SV.

2) Há duas palavras perigosas: **se-quoi-a** e **ra-diou-vin-te**. Há tritongo nelas, hein!

3) Como eu já disse mais acima (em Hiato), palavras como *praia, joio, veia* não têm tritongo!

Encontros Consonantais

É a sequência de consoantes numa palavra. Existem os perfeitos (inseparáveis, pois ficam na mesma sílaba) e os imperfeitos (separáveis, pois não ficam na mesma sílaba). Geralmente, os encontros consonantais perfeitos apresentam **consoante** + **l** ou **r**.

Ex.: Flamengo (perfeito) > **Fl**a-men-go

Vasco (imperfeito) > Va**s**-**c**o

Obs.: Não confunda encontro consonantal com dígrafo consonantal! Exemplo: *campo* (o M nasaliza a vogal anterior; não é consoante, é só uma marca de nasalização; não forma encontro consonantal com P!).

Separação Silábica

Trata da adequada separação das sílabas de uma palavra. Lembre-se: toda sílaba tem de apresentar uma vogal.

Separam-se

Os **hiatos**: *va-ri-a-do*, *car-na-ú-ba*, *pa-ra-í-so*, *ru-í-na*, *cu-ri-o-so*, *ál-co-ois* (ou al-co-óis)...

Os **dígrafos** (rr, ss, sc, sç, xc, xs): *car-rei-ra*, *cas-sa-ção*, *nas-cer*, *des-ça*, *ex-ces-so*, *ex-si-car*...

Os **encontros consonantais** que não iniciam imediatamente as palavras (pç, bd, cc, cç, tn, bm, bst, bt, sp, ct, pt, sp, sc, sf, mn, br etc.): *op-ção*, *ab-di-car*, *oc-ci-pi-tal*, *fic-ção*, *ét-ni-co*, *sub-me-ter*, *abs-tra-to*, *ob-ten-ção*, *trans-por-te*, *in-tac-to*, *ap-ti-dão*, *ins-pi-rar*, *cons-pur-car*, *obs-cu-ro*, *at-mos-fe-ra*, *am-né-sia*, *ab-rup-to*...

Obs.: Quando a palavra for seguida de um conjunto de consoantes, separar-se-á a última da penúltima: *tungs-tê-nio, felds-pa-to, sols-tí-cio, pers-pi-caz*... **Cuidado**: *quart-zo, me-tem-psi-co-se*.

A **última consoante dos prefixos** (bis, dis, sub, cis, trans, super, ex, inter etc.), quando **seguida de vogal**, junta-se a ela: *bi-sa-vó*, *di-sen-te-ri-a*, *su-bem-pre-go*, *ci-sal-pi-no*, *tran-sa-tlân-ti-co*, *su-pe-res-pe-ci-al*, *e-xan-gue*, *in-te-res-ta-du-al*...

Obs.: É preciso atenção quando uma palavra PARECE ter prefixo. Exemplo: *suboficial* (a palavra *oficial* existe, logo "sub" é prefixo; assim: *su-bo-fi-ci-al*), mas *sublime* (a palavra *lime* não existe, logo "sub" pertence ao radical, não é prefixo; assim: *su-bli-me*).

Não se separam

Ditongos e tritongos: *a-rac-nói-de-o* ***(proparoxítona!)****, cau-sa, doi-do, a-fei-to, pleu-ra, bai-xa, cou-ro, gra-tui-to, men-tiu, a-guen-tar, bai-a-no, coi-o-te, fei-o-so, plêi-a-de, Cui-a-bá, boi-a-da, U-ru-guai, i-guais, en-xa-guou*...

Obs.: Muitos dicionários divergem quanto à separação do encontro vocálico **-io** no meio da palavra; analisam ora como ditongo, ora como hiato (ambas as formas estão adequadas, por falta de consenso). Exemplo: fi-s**i-o-**te-ra-pi-a (ou fi-s**io**-te-ra-pi-a).

Dígrafos (lh, nh, ch, qu, gu): *ve-lho, ba-nhei-ra, mar-cha, quei-jo, guer-ra*...

Encontros consonantais perfeitos no início de palavras, normalmente: *gno-mo, mne-mô-ni-co, pneu-má-ti-co, psi-có-lo-go, pro-ble-ma, cni-dá-rio...*

A ***última consoante dos prefixos*** (bis, dis, sub, cis, trans, super, ex, inter etc.), se seguida de consoante, não formará nova sílaba com ela: *bis-ne-to, dis-cor-dân-cia, sub-li-nhar (cai muito em prova!), cis-pla-ti-no, trans-por-tar, su-per-ho-mem, ex-car-ce-rar, in-ter-na-cio-nal...*

Cuidado!!!

A **translineação silábica** trata da separação das sílabas de uma linha para outra em um texto formal, como em uma Redação Oficial. Seguem as normas gramaticais estabelecidas para a divisão silábica em uma redação:

1) Deve-se evitar que a sílaba constituída de vogal fique isolada no fim ou no início de linha: *úmi-do*, e não ***ú***-*mido.*

2) Deve-se evitar que a translineação provoque a ocorrência de palavras chulas ou inadequadas: *apósto-lo*, e não *após-**tolo***; *dispu-ta*, e não *dis-**puta***.

O Novo Acordo Ortográfico recomenda, por clareza gráfica, quando o hífen de palavra composta, ou com prefixo, coincidir com o fim de linha, repeti-lo no início da linha seguinte:

.....A defesa pleiteou no pedido de *habeas corpus* a expedição de ***salvo--conduto*** para que o militar não fosse.....

Ortoepia e Prosódia

Ortoepia ou **Ortoépia** trata da pronúncia adequada das palavras. Já a **Prosódia** trata, basicamente, da correta acentuação tônica das palavras, ou seja, da posição adequada da sílaba tônica das palavras. Quando alguém comete um desvio de prosódia, damos a isso o nome de **silabada** – deslocamento da sílaba tônica.

Este assunto está ligado à fonologia, à ortografia e à acentuação, por isso revisite-o sempre. Não é incomum ouvirmos as pessoas dizendo *menDINgo, morTANdela, aDEvogado, PREvilégio ou RÉcorde, RÚbrica, inteRIM, gratuÍto* etc., certo? Até o mais conceituado apresentador de telejornal brasileiro diz *RÉcorde*! Preste atenção!

No entanto, sabemos que *mendigo, mortadela, advogado* e *privilégio* são as adequadas pronúncias, o que acaba influenciando a ortografia, percebe? Sabemos também que o adequado é *reCORde, ruBRIca, ÍNterim, graTUIto*. Beleza?

Nós, falantes cultos da língua, devemos nos preocupar muito em pronunciar adequadamente as palavras, sem acrescentar ou retirar partes das palavras, ou ainda deslocar a posição da sílaba tônica delas. Nossa ascensão social depende disso, seja em uma entrevista de emprego seja em uma prova de concurso. Fique ligado nisso!

Leia e releia os desvios mais clássicos:

ADEQUADO	**INADEQUADO**
Admissão	Adimissão*
Absoluto	Abissoluto
Advogado	Adevogado
Aforismo	Aforisma
Aleijar	Alejar
Aterrissagem	Aterrizagem
Adivinhar	Advinhar
Apropriado	Apropiado
Bandeja	Bandeija
Bugiganga	Buginganga
Beneficente	Beneficiente
Bebedouro	Bebedor
Bochecha	Buchecha
Boteco	Buteco
Braguilha	Barguilha
Bueiro	Boeiro
Cabeleireiro	Cabelereiro
Caranguejo	Carangueijo

Cutucar	Cotucar
Creolina	Criolina
Descarrilar	Descarrilhar
Digladiar	Degladiar
Disenteria	Desinteria
Empecilho	Impecilho
Engajamento	Enganjamento
Estourar	Estorar
Estupro	Estrupo
Esteja	Esteje
Etimologia	Etmologia
Fratricídio	Fatricídio
Freada	Freiada
Fragrância	Fragância
Frustração	Frustação
Intitular	Entitular
Lagarto	Largato
Lagartixa	Largatixa
Manteigueira	Mantegueira
Mendigo	Mendingo
Meritíssimo	Meretíssimo
Meteorologia	Meterologia
Mortadela	Mortandela
Prazerosamente	Prazeirosamente
Privilégio	Previlégio
Problema	Pobrema/Poblema
Proprietário	Propietário
Prostrar	Prostar
Reivindicar	Reinvidicar
Salsicha	Salchicha
Seja	Seje
Sobrancelha	Sombrancelha
Supetão	Sopetão
Superstição	Supertição
Tábua	Talba
Tóxico	Tóxico (ch)
Umbigo	Imbigo

Basculante	Vasculante

** Para os professores de plantão, não entrarei no mérito da epêntese e de outros fenômenos prosódicos, pois isso não cai em prova.*

Algumas pronúncias e grafias duplas registradas em dicionários e/ou no VOLP

acróbata ou *acrobata*/*aborígine* ou *aborígene/arteriosclerose* ou *aterosclerose/abóbada* ou *abóboda/assoviar* ou *assobiar/aterrissar* ou *aterrizar/boêmia* ou *boemia/infarto, infarte, enfarte* ou *enfarto/diabetes* ou *diabete/percentagem* ou *porcentagem/ambrósia* ou *ambrosia/hieróglifo* ou *hieroglifo/Oceânia* ou *Oceania/xerox* ou *xérox/zângão* ou *zangão/autopsia* ou *autópsia/biopsia* ou *biópsia/ortoepia* ou *ortoépia/projétil* ou *projetil/réptil* ou *reptil/sóror* ou *soror/homília* ou *homilia/Madagáscar* ou *Madagascar/elétrodo* ou *eletrodo/dúplex* ou *duplex (...)*

Quanto ao timbre da vogal, há muito desacordo entre os gramáticos. Tentei alistar algumas palavras em que há certo consenso, mas, cada vez que eu pesquisava mais profundamente, ficava mais desesperado. Há muuuuuita discordância! Você não tem ideia. Por isso minha lista é breve:

- **Com timbre aberto:** *ac**e**rbo, bad**e**jo, co**e**so, c**o**ldre, d**o**lo, gr**e**lha, inod**o**ro, il**e**so, l**e**so, m**o**lho* (feixe, conjunto), *ob**e**so, obsol**e**to, pil**o**ro, su**o**r*.
- **Com timbre fechado:** *ac**e**rvo, alc**o**va, alg**o**z, alg**o**zes* (pode ser com timbre aberto), *b**o**das, cr**o**sta, c**e**rda, escarav**e**lho, om**e**leta* (a pronúncia de omel**é**te é polêmica), *r**e**ses, t**o**rpe.*

O Que Cai Mais na Prova?

Se eu fosse você, estudaria a posição da sílaba tônica (proparoxítona, paroxítona, oxítona), os encontros vocálicos (hiato, ditongo, tritongo) e as separações silábicas.

Questões de Concursos

Veja agora quais bancas gostam de trabalhar questões de Fonologia. De uma coisa eu tenho certeza: a maioria das questões relacionadas à Fonologia, atualmente, não são trabalhadas pelas bancas de maior prestígio no universo dos concursos civis. Além disso, a maior parte das questões é de nível fundamental/médio.

Adaptei as questões antigas (antes de 2009) à **nova ortografia**, que agora foi adiada para 2016. Chega de papo! Vamos trabalhar!

1. (NCE/UFRJ – TRE/RJ – Auxiliar Judiciário – 2001) O item abaixo que apresenta erradamente uma separação de sílabas é:
   a) trans-o-ce-â-ni-co;
   b) cor-rup-te-la;
   c) sub-li-nhar;
   d) pneu-má-ti-co;
   e) e-co-no-mi-a.

2. (FGV – SPTRANS – Especialista em Transportes – 2001) Assinale a alternativa em que o *x* representa fonema igual ao de "exame".
   a) exceto.
   b) enxame.
   c) óxido.
   d) exequível.

3. (Vunesp – Prefeitura de São Paulo – Auxiliar de Zoonoses – 2002) Assinale a alternativa em que as sílabas de todas as palavras estão separadas corretamente.
   a) fi-ngem, no-rte, con-fu-nde.
   b) ex- pres- são, lín-gua, fo-ra.
   c) ali-men-tar, vi-vos, ga-mbá.
   d) qu-an-do, a-ta-ca-dos, i-sso.

4. (FUNDEC – TJ/MG – Oficial de Justiça – 2002) Todas as palavras a seguir apresentam o mesmo número de sílabas e são paroxítonas, **EXCETO**:
   a) gratuito;
   b) silencio;
   c) insensível;
   d) melodia.

5. (FUNDEC – TJ/MG – Oficial de Justiça – 2002) Assinale a alternativa **INCORRETA** quanto à descrição da palavra.
   a) distinguir: um encontro consonantal e dois dígrafos.
   b) cinquentão: dois encontros consonantais, um ditongo crescente e um ditongo decrescente.
   c) quiproquó: dois ditongos crescentes e um encontro consonantal.
   d) antiguidade: dois dígrafos e nenhum ditongo.

6. (FUNDEC – TJ/MG – Oficial de Justiça – 2002) Assinale a alternativa **CORRETA** quanto à divisão silábica, à ortografia e à análise da estrutura fonética da palavra em destaque.
   a) **se-ri-ís-si-mo** – vocábulo proparoxítono, com um hiato e um dígrafo.
   b) **ar-rit-mia** – vocábulo oxítono, com dois encontros consonantais e um ditongo crescente.
   c) **flu-i-dos** – vocábulo paroxítono, com um encontro consonantal e um hiato.
   d) **pre-ten-ci-o-so** – vocábulo paroxítono, com um encontro consonantal, um dígrafo e um hiato.

7. (FUMARC – BHTRANS – Assistente Administrativo – 2003) Ambas as palavras contêm exemplo de dígrafo em:
   a) questionário/recursos;
   b) perspectiva/descer;
   c) bairro/maravilhosa;
   d) passividade/telespectador.

8. (FUMARC – Câmara Municipal de Ouro Preto – Advogado – 2004) Ambas as palavras contêm exemplo de dígrafo em:
a) magma/massa;
b) nascer/exceto;
c) seccional/barro;
d) afta/minha.

9. (Cesgranrio – Assembleia Legislativa/TO – Auxiliar Legislativo (Manutenção e Conservação) – 2005) Há ERRO na separação silábica da palavra:
a) a-ver-me-lha-do;
b) pi-co-lé;
c) Ro-ra-i-ma;
d) nu-tri-ti-vo;
e) sil-ves-tre.

10. (OFFICIUM – TJ/RS – Auxiliar Judiciário – 2005) Assinale a alternativa em que os segmentos destacados representam o mesmo fonema (som).
a) desperdí**c**io – desperdi**ç**amos.
b) **j**úbilo – **g**argalo.
c) produ**ç**ão – do**s**es.
d) **r**eservamos – bu**r**ocracia.
e) e**xc**essos – **x**ampu.

11. (IPAD – COMPESA – Operador de Sistemas – 2006) Analise a divisão silábica das palavras abaixo.
1. convicção – con-vic-ção.
2. abstrato – ab-stra-to.
3. transparência – tran-spa-rên-ci-a.
4. nascimento – nas-ci-men-to.
Estão **corretas**:
a) 1, 2, 3 e 4.
b) 1 e 4, apenas.
c) 2 e 3, apenas.
d) 1, 3 e 4, apenas.
e) 2, 3 e 4, apenas.

12. (FCC – MPU – Analista de Saúde – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A gramática prescreve que o vocábulo **adjacentes** seja assim separado em sílabas: "a-dja-cen-tes".

13. (FEPESE – Prefeitura de Balneário de Camboriú – Arquiteto – 2008) Observe a frase, retirada do texto:
Entreabri os olhos e deparei com uma quantidade enorme de cascalho e areia.

Coloque dentro dos parênteses (coluna 2) o número que corresponda à classificação correta dos conjuntos destacados, de acordo com a coluna 1 (não é permitido repetir qualquer número).

Coluna 1		**Coluna 2**
1.	hiato	( ) a**br**i
2.	ditongo decrescente	( ) o**lh**os
3.	ditongo crescente	( ) q**ua**ntidade
4.	grupo consonantal	( ) depar**ei**
5.	dígrafo	( ) entr**ea**bri

Assinale agora a resposta que apresenta a sequência **correta**, de cima para baixo.
a) 1 – 4 – 3 – 2 – 5.
b) 4 – 5 – 3 – 1 – 2.
c) 4 – 5 – 3 – 2 – 1.
d) 5 – 4 – 3 – 2 – 1.
e) 5 – 4 – 2 – 3 – 1.

14. (Cespe/UnB – UEPA – Auxiliar de Laboratório – 2008) Assinale a opção em que as palavras apresentam, em sequência, ditongo / hiato / ditongo.
a) outra / comeu / coisa.

b) comeu / chorou / rainha.
c) diante / muito / teus.
d) meus / piavam / pai.

15. (Cespe/UnB – SGA – Auxiliar de Serviços Gerais – 2008) A letra **x**, em encaixar, representa o mesmo som que em asfixia, engraxar e luxo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – SEBRAE/BA – Assistente – 2008) A seguinte separação de palavras polissílabas do texto está correta: tes-tos-te-ro-na; neu-ro-lo-gis-ta; pu-dés-se-mos; sa-be-rí-a-mos.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (Cespe/UnB – CEHAP – Auxiliar de Serviços Administrativos – 2009) Assinale a opção que apresenta o vocábulo classificado **inadequadamente** quanto ao número de sílabas.
a) acredito – polissílabo.
b) comigo – trissílabo.
c) Rosinha – dissílabo.
d) eu – monossílabo.

18. (AOCP – Câmara de Paranavaí – Procurador – 2010) Assinale a alternativa correta quanto ao que se afirma a seguir.
a) Na palavra **humanos**, há 7 letras e 7 fonemas.
b) Na palavra **balança**, há 7 letras e 7 fonemas.
c) Na palavra **guerra**, há 6 letras e 4 fonemas.
d) Na palavra **campanha**, há 8 letras e 7 fonemas.
e) Na palavra **terras**, há 6 letras e 6 fonemas.

19. (AOCP – Câmara de Paranavaí – Procurador – 2010) Assinale a alternativa INCORRETA quanto ao que se afirma a seguir.
a) Na palavra **detalhamento**, há, respectivamente, um dígrafo consonantal e um dígrafo vocálico.
b) Na palavra **promessas**, há, respectivamente, um encontro consonantal e um dígrafo consonantal.
c) Na palavra **revanchismo**, há, respectivamente, um dígrafo vocálico e um dígrafo consonantal.
d) Na palavra **discussões**, há, respectivamente, um dígrafo consonantal e um dígrafo consonantal.
e) Na palavra **programa**, há, respectivamente, um encontro consonantal e um encontro consonantal.

A construção a seguir servirá de base para as questões seguintes:
"... é até um pecado acreditar que Deus, Nosso **Senhor**, lá do seu trono, no **Paraíso**, vai se preocupar em quebrar o salto do teu sapato e, por via disso, pôr fim a um caso de amor."

20. (Exames – Prefeitura de Itapororoca/PB – Procurador Jurídico – 2010) Na primeira palavra sublinhada, podemos perceber:
a) um encontro consonantal provido de sons distintos;
b) um tritongo;
c) um hiato;
d) um dígrafo;
e) um ditongo.

21. (Exames – Prefeitura de Itapororoca/PB – Procurador Jurídico – 2010) Na segunda palavra sublinhada, podemos identificar:
a) um encontro consonantal provido de sons distintos;
b) um tritongo;
c) um hiato;
d) um dígrafo;
e) um ditongo.

22. (AOCP – Prefeitura Municipal de Camaçari – Procurador Municipal – 2010) Assinale a alternativa em que todas as palavras são proparoxítonas.
a) documentos, dirigentes, pesquisadora.
b) públicas, pedagógico, física.
c) adicionais, levantamento, atividades.

d) contador, eliminados, escolas.
e) gestores, concentrassem, sistema.

23. (AOCP – Prefeitura Municipal de Camaçari – Procurador Municipal – 2010) Assinale a única alternativa que apresenta apenas um encontro vocálico.
a) relatórios.
b) violência.
c) regionais.
d) reuniões.
e) funcionários.

24. (Consulplan – Assessor Legislativo – 2010) Na palavra "barriga" há ocorrência de:
a) encontro vocálico;
b) tritongo;
c) dígrafo;
d) hiato;
e) ditongo crescente.

25. (Consulplan – Assistente Administrativo – 2010) Assinale a alternativa em que a palavra sublinhada é um ditongo oral crescente:
a) Você não contribuiu para a contaminação da água.
b) Após as chuvas, a cidade está um caos.
c) ... o processo inteiro passou por critérios de proteção ao meio ambiente.
d) ... os alimentos da estação costumam ser mais bonitos e gostosos.
e) A proteína é necessária para o organismo.

26. (Consulplan – Assistente Administrativo – 2010) Dadas as palavras com separação silábica:
1. plás–ti–co.
2. con–tri–bu–ir.
3. a–va–liar.
Está(ão) correta(s) apenas a(s) palavra(s):
a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 1 e 3.
e) 1 e 2.

27. (Consulplan – Profissional de Área Técnica (PRAT) – 2011) A palavra "horrores" apresenta:
a) ditongo;
b) dígrafo;
c) tritongo;
d) encontro vocálico;
e) hiato.

28. (Consulplan – Técnico em Informática – 2011) "Por trás de um pequeno homem talvez exista uma mulherzinha de nada." As palavras destacadas apresentam, respectivamente:
a) encontro vocálico / dígrafo / encontros vocálicos;
b) hiato / dígrafo / encontros consonantais;
c) encontro consonantal / ditongo / dígrafos;
d) tritongo / ditongo / dígrafos;
e) encontro consonantal / dígrafo / dígrafos.

29. (IPAD – SENAC/PE – Auxiliar Administrativo – 2011) O termo que se enquadra na mesma justificativa de **tênis**, quanto à tonicidade, é:
a) enfatizar;
b) acabar;
c) Natal;
d) consumismo;
e) espiritual.

30. (AOCP – CISMEPAR – Auxiliar de Serviços Gerais – 2011) Assinale a alternativa INCORRETA quanto ao número de sílabas.
a) Redução (trissílaba).
b) Acontece (polissílaba).
c) Hipertensão (polissílaba).
d) Lei (monossílaba).
e) Saúde (dissílaba).

31. (FUMARC – Prefeitura de Nova Lima/MG – Estagiário de Técnico em Administração – 2012) Considere estes grupos de palavras:
I. co – lé – gi – o; bra – si – le – i – ras; as – pe – ctos.
II. e – nig – ma; pror – ro – gar; ca – ná – rio.
III. due – lo; mi – ú – do; su – bli – nhar.
IV. in – con – tes – tá – vel; eu – ro – pei –a; i – guais.
A **correta** divisão silábica de todas as palavras pode ser observada:
a) apenas em II;
b) apenas em II e IV;
c) apenas em III e IV;
d) apenas em I e IV.

32. (FUMARC – Prefeitura de Nova Lima/MG – Engenheiro Civil – 2012) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
TEXTO I
Na escola dos meus sonhos, os professores são bem pagos e não precisam pular de colégio em colégio para se poderem manter. Pois é a escola de uma sociedade em que educação não é privilégio, mas direito universal, e o acesso a ela, graças a Deus, dever obrigatório.

TEXTO II

– No primeiro balão da tirinha observa-se a presença de hiato e encontro consonantal.
– No Texto I, as palavras “colégio” e “obrigatório” possuem ditongos decrescentes orais.

33. (CEPERJ – SEAP/RJ – Inspetor de Segurança e Administração Penitenciária – 2012) Na palavra “fazer”, notam-se 5 fonemas. O mesmo número de fonemas ocorre na palavra da seguinte alternativa:
a) tatuar.
b) quando.
c) doutor.
d) ainda.
e) além.

34. (QUADRIX – CFP – Analista Técnico (Psicologia) – 2012) Sobre a palavra “pessoa”, analise as seguintes informações:
I. Não possui dígrafos ou hiatos.
II. É uma paroxítona.
III. É trissílaba.
Está correto o que se afirma em:
a) somente I e II;
b) somente II e III;
c) somente I e III;
d) todas;
e) nenhuma.

35. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Observe:
*fr**e**-**a**r*: contém hiato
*p**ou**-co*: contém ditongo oral decrescente
Em qual alternativa a palavra **não** apresenta nenhuma das classificações acima?

a) aorta.
b) miolo.
c) vaidade.
d) quatro.

Gabarito

1. A.	8. B.	15. ERRADO.	22. B.	29. D.
2. D.	9. C.	16. CERTO.	23. A.	30. E.
3. B.	10. A.	17. C.	24. C.	31. B.
4. A.	11. B.	18. C.	25. A.	32. I- CORRETA.
5. B.	12. INCORRETO.	19. D.	26. E.	33. B.
6. A.	13. C.	20. D.	27. B.	34. B.
7. C.	14. D.	21. C.	28. E.	35. D.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página www.elsevier.com.br/agramatica_pestana">

Capítulo 2

Acentuação Gráfica

Definição

Às vezes, quando vamos escrever algumas palavras, dá uma agonia, não é? Como se escreve? Como se acentua? Qual é a sílaba tônica da "criança"? Só de pensar que existem mais de 380 mil palavras na língua portuguesa... *Aff*!

Bem, este capítulo não vai deixá-lo na mão, mas prepare-se para muita decoreba! O fato é que você terá a capacidade de acentuar adequadamente todas as palavras, ok? "Bem, mas o que é acentuação gráfica, Pest?" Não é nada complicado.

A **Acentuação Gráfica** trata da correta colocação de sinais gráficos nas palavras. Nas palavras de um conceituado gramático, "as regras de acentuação visam sistematizar a leitura dos vocábulos da língua; assim sendo, baseiam-se na posição da sílaba tônica, no timbre da vogal, nos padrões prosódicos menos comuns da língua, na compreensão dos conceitos de encontros vocálicos etc". Por isso recomendo que você releia os encontros vocálicos (Capítulo 1). Muito importante!

Para que você não erre uma questão de acentuação (que sempre cai em prova!), é preciso conhecer bem a posição da sílaba tônica das palavras. Por isso – vá por mim! –, reveja também Ortoepia e Prosódia (no Capítulo 1). E, é claro, não deixe de consultar um bom dicionário e, principalmente, o VOLP (encontrado no site da ABL, a Academia Brasileira de Letras).

Obs.: A nova ortografia, que iria entrar em vigor em 1º de janeiro de 2013, foi adiada para 2016 pelo governo federal. No entanto, como as bancas de concursos públicos vêm trabalhando as *lições* da nova ortografia em suas questões, optei por ensiná-las nas lições deste capítulo e do seguinte. Vamos ter bastante tempo agora para internalizar mais ainda as regras do Novo Acordo Ortográfico. Tomara que não decidam fazer uma "nova nova ortografia", senão a gente vai ficar maluco de tanto decorar regrinhas ortográficas.

Sinais Diacríticos

Os **sinais diacríticos**, também chamados de **notações léxicas**, servem para indicar, dentre outros aspectos, a pronúncia correta das palavras. Vejamos um por um:

– **Acento agudo**: marca a posição da sílaba tônica e o timbre aberto.
Ex.: **Já** cursei a Faculdade de Hist**ó**ria.

– **Acento circunflexo**: marca a posição da sílaba tônica e o timbre fechado.
Ex.: Meu av**ô** e meus tr**ê**s tios ainda são vivos.

– **Acento grave**: marca o fenômeno da crase.
Ex.: Sou leal **à** mulher da minha vida.

Obs.: Esses três primeiros são acentos gráficos. Os demais são sinais.

– **Til**: marca a nasalização das vogais **a** e **o**.
Ex.: Amanh**ã** convidarei muitos anci**õ**es para a reuni**ã**o.

– **Cedilha**: indica que o C tem som de SS.
Ex.: Toda a**ç**ão implica uma rea**ç**ão.

– **Apóstrofo**: indica a supressão de uma vogal.
Ex.: Devem-se limpar caixas d'água a cada 6 meses.

– **Trema**: marcava a semivocalização do ***u*** nos grupos ***gue, gui, que, qui***; na nova ortografia, só é usado em palavras estrangeiras.
Ex.: Lin**gui**ça, a**gue**nta e **quinquê**nio; Müller, mülleriano, Bündchen, Hübner, hübneriano, Schönberg...

– **Hífen**: marca a união de vocábulos, a ênclise, a mesóclise e a separação das sílabas.
Ex.: Água-de-colônia, hiper-realista, vê-lo, dar-te-ei, vai-da-de...

Algumas Considerações Importantes

– **Acento <u>prosódico</u>** (ou **tônico**) é diferente de **acento <u>gráfico</u>**. O primeiro marca a tonicidade, a força com que se pronuncia uma sílaba tônica, portanto está ligado à pronúncia, à fala. É o mesmo que "sílaba tônica". O segundo só pertence à escrita, como vimos nos exemplos do tópico anterior. Importante: enquanto a maioria das palavras da língua possuem **acento tônico**, apenas algumas apresentam **acento gráfico**.

– Vale dizer que cada vocábulo só pode receber apenas um (1) acento gráfico, que *stricto sensu* marca a posição da sílaba tônica! No entanto, bons dicionários, como Aulete e Priberam, grafam a palavra *démodé* (origem francesa) com dois acentos gráficos. Em *órfão*, o til não é considerado acento gráfico, mas tão somente marca de nasalização, portanto só há um acento gráfico mesmo. Em *Tupã*, coincidentemente, o sinal gráfico til (~) está na sílaba tônica, mas seu papel é apenas nasalizar a vogal. Não obstante, em palavras com pronomes mesoclíticos, pode haver dois acentos gráficos: *convid**á**-la-**í**amos e vend**ê**-lo-**á***, por exemplo. Segundo os filólogos, o ***-íamos** e o **-á*** são formas contraídas do verbo *haver*, que formou as desinências verbais do português. Então teríamos um acento para cada palavra (*convidar* + "haver"). Um pouquinho de história da língua nunca é demais...

– Algumas questões relacionadas à acentuação gráfica podem gerar falta de clareza, dependendo do contexto. Por exemplo, as palavras *secreta**ri**a, foto**gra**fo, ini**ci**o, histo**ri**a, nu**me**ro, **a**te, **ba**ba, ma**go**a, sa**bi**a, pu**bli**co, **a**mem, me**di**co, nego**ci**o, mu**si**ca, d**oi**do, contrib**ui**, fl**ui**do, fa**bri**ca, ana**li**se etc.* podem ter o significado e, até mesmo, a classe gramatical mudados, se forem acentuadas: *secretária, fotógrafo, início, história, número, até, babá, mágoa, sábia (sabiá), público, amém, médico, negócio, música, doído, contribuí, fluído, fábrica, análise etc.* Muitas questões de concursos podem ser criadas em cima dessas palavras, que, **sem** acento, têm uma análise fonológica, um sentido e uma classe gramatical; mas, **com** acento, têm outra análise fonológica, outro sentido e outra classe gramatical. Percebeu agora a importância dos acentos gráficos?

Exemplo de questão que trabalhou isso:

FAB – EEAr – SARGENTO – 2/2011

20. A ausência do acento gráfico pode modificar a classe gramatical de uma palavra. Em qual das alternativas há uma palavra que, se não for acentuada, deixa de ser um substantivo e passa a ser um verbo?
    a) inocência, ignorância, frequência
    b) carência, fragrância, polícia
    c) comício, fascínio, decência
    d) palácio, domínio, ciência

GABARITO: B. A forma verbal "policia" existe. É a 3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo "policiar". Veja: eu policio, tu policias, ele *policia* etc. "Polícia" é um substantivo.

– Quando uma palavra acentuada recebe sufixo ***-mente***, sufixo iniciado por ***z*** ou por qualquer outro sufixo, o acento gráfico (agudo ou circunflexo) sai da jogada e o acento prosódico (a sílaba tônica) se torna imediatamente a sílaba *seguinte*. Exemplo: he**rói** (heroi**z**inho), eco**nô**mica (economica**men**te), **Bu**da (Bu**dis**mo)... É importante dizer também que o *til* é o único sinal gráfico que não desaparece quando tais sufixos se unem à palavra: *irmãmente, orfãozinho...*

Regra de Acentuação para Monossílabas Tônicas

Acentuam-se as terminadas em ***-a(s), -e(s), -o(s)***.

Ex.: m**á**(s), tr**ás**, p**é**(s), m**ês**, s**ó**(s), p**ôs**...

Cuidado!!!

1) **Monossílabas átonas** não são acentuadas, porque não apresentam autonomia fonética e porque se apoiam em uma palavra. Geralmente apresentam modificação prosódica dos fonemas:

Ex.: "O (=U) garoto veio de (=di) carro."

São elas: **artigo** (o, a, os, as, um, uns), **pronome oblíquo átono** (o, a, os, as, lo, la, los, las, no, na, nos, nas, me, te, se, nos, vos, lhe, lhes e contrações), **pronome relativo** (que), **pronome indefinido** (que; quando não está acentuado), **preposição** (a, com, de, em, por, sem, sob e contrações, como à, do, na...), **conjunção** (e, nem, mas, ou, que, se), **advérbio** ("não"; antes do verbo) e **formas de tratamento** (dom, frei, são e seu).

2) Cuidado com o pronome indefinido/interrogativo "quê" em fim de frase ou imediatamente antes de pontuação. Vem sempre acentuado. O substantivo (assim como a interjeição) "quê" também é sempre acentuado.

Ex.: Você estava pensando em ***quê***? / Ela tem um ***quê*** de mistério. / ***Quê***! Você não viu?!

3) Quando se vai acentuar uma palavra conforme determinada regra, ignoram-se os pronomes oblíquos átonos, ou seja, eles não são contados como sílaba – sendo a palavra monossílaba ou não.

Ex.: dá-lo, vê-los, comprá-las, mantém-no, constituí-los...

Regra de Acentuação para Proparoxítonas

Todas são acentuadas. Esta regra prevalece sobre outras. Por exemplo, caso a banca diga que a palavra *friíssimo* é acentuada pela regra dos hiatos (I e U), isso estará errado, pois a palavra é proparoxítona; devido a isso, dizemos que ela é acentuada por ser proparoxítona. Parece bobo dizer tal coisa, mas, na hora da prova, o nervosismo pode atrapalhar você... e não queremos isso.

Ex.: **ál**cool, **ré**quiem, **más**cara, **zê**nite, **á**libi, **plêi**ade, **náu**frago, du**ún**viro, seri**ís**simo...

Obs.: "Deficit, superavit e habitat" devem agora ser escritas sem acento, segundo a nova ortografia, pois são latinismos invariáveis. *Além disso:* no plural, não há acréscimo de "s": o superavit, os superavit. Existe a variante aportuguesada "défice". Eita linguinha complicada!

Regra de Acentuação para Paroxítonas

Acentuam-se as terminadas em **ditongo crescente** ou **decrescente** (seguido ou não de *s*), **-ão(s)** e **-ã(s)**, **tritongo** e **qualquer outra terminação** *(l, n, um, r, ns, x, i, is, us, ps)*, **exceto** as terminadas em **-a(s), -e(s), -o(s), -em(-ens)**.

Ex.: his**tó**r**ia**, **cá**r**ies**, **jó**que**i(s)**; **ór**gã**o(s)**, **ór**fã, **í**mã**s**; **á**gua**m**, en**xá**gue**m**; **fá**ci**l**, **glú**te**n**, **fó**r**um**, ca**rá**te**r**, **pró**to**ns**, **tó**ra**x**, **jú**r**i**, **lá**pi**s**, **ví**r**us**, **fór**ce**ps**.

Cuidado!!!

1) A palavra *hífen* é acentuada por ser paroxítona terminada em **-n**. Já *hifens* não é acentuada por terminar em **-ens**. É bom dizer que palavras terminadas em **-n** têm dois tipos de plural (com **-s** ou **-es**), podendo, então, ser pluralizadas como proparoxítonas: *hífenes, pólenes, abdômenes*... Estas formas (hífen/hifens/hífenes), assim como outras terminadas em **-em** ou ***-n***, devem estar no seu sangue, hein!

2) Verbos paroxítonos terminados em ditongo **-am** também não são acentuados: *cant**am***, mex***am***...

3) Não se acentuam prefixos paroxítonos terminados em ***-r*** ou ***-i,*** exceto quando substantivados: ***hiper-*** (o *híper*), ***mini-*** (a *míni*).

4) Como vimos no capítulo de Fonologia, palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente podem ser analisadas como proparoxítonas eventuais, relativas ou acidentais. Isso já foi questão de concurso em 2012 (veja depois nas questões comentadas deste capítulo). Portanto, palavras como *paciência, miséria, colégio*, *série,* que normalmente são interpretadas como paroxítonas terminadas em ditongo crescente, podem ser tomadas como proparoxítonas. Logo, se cair na prova uma questão dizendo que tais palavras são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente ou por serem proparoxítonas (eventuais, relativas ou acidentais), não titubeie, pois está correto! Entretanto, a banca Cespe/UnB (STM – Técnico Judiciário – 2011) foi mais taxativa ao dizer que "aeroportuários" (paroxítona ou proparoxítona acidental) não segue a mesma regra de acentuação de "meteorológica" (proparoxítona). É bom saber como as bancas pensam!

Regra de Acentuação para Oxítonas

Acentuam-se as terminadas em **-a(s), -e(s), -o(s), -em(-ens)**.

Ex.: so***fá***(s), ax***é***(s)*, bon***gô***(s), vin***tém***(éns)...

Reitero: Quando se vai acentuar um verbo oxítono, ignoram-se os pronomes oblíquos átonos ligados a ele. Ex.: comprá-las, revê-lo, mantém-no... (oxítonas terminadas, respectivamente, em **-a, -e** e **-em**).

* Cuidado com "axe", pronuncia-se "akse", que significa "ferida" ou "eixo".

Regra de Acentuação para os Hiatos Tônicos (I e U)

Acentuam-se com acento agudo as vogais I e U tônicas (segunda vogal do hiato!), isoladas ou seguidas de S na mesma sílaba, quando formam hiatos.

Ex.: sa-**ú**-de, sa-**í**-da, ba-la-**ús**-tre, fa-**ís**-ca, ba-**ú**(s), a-ça-**í**(s)...

Cuidado!!!

1) As palavras *raiz* e *juiz*, erradamente acentuadas por muitos, não têm acento, porque o I no hiato tônico vem seguido de Z, e não de S: *ra-iz e ju-iz*.

2) Os hiatos em I seguidos de NH na sílaba seguinte não deverão ser acentuados: *ra-i-nha, ta-bu-i-nha, la-da-i-nha, cam-pa-i-nha*...

3) Quando há hiato I-I e U-U, não se pode acentuar (salvo os proparoxítonos): *xi-i-ta, va-di-i-ce, su-cu-u-ba*... (*i-í-di-che, ne-ces-sa-ri-ís-si-mo, du-ún-vi-ro*...)

4) Depois de ditongos decrescentes, **nas palavras oxítonas**, o I e o U são acentuados normalmente: *Pi-au-**í**, tui-ui-**ú**(s)*...

5) Segundo a nova ortografia, nas palavras **paroxítonas**, o I e o U não recebem acento depois de **ditongo decrescente**: *fei**u**ra*, *bocai**u**va*, *bai**u**ca*, *Sau**i**pe*... Todavia, se o ditongo for *crescente*, o acento é usado: *Guaí**r**a, Guaí**b**a, suaí**l**i*... (alguns dicionários separam *suaíli* assim: *su-a-í-li*).

6) Em verbos seguidos de pronomes oblíquos átonos, a regra dos hiatos continua valendo (ignore os pronomes e siga a regra): *atribu**í**-lo (a-tri-bu-Í), distribu**í**-lo (dis-tri-bu-Í)*...

Regra de Acentuação para os Ditongos Abertos

Acentuam-se os ditongos abertos ÉI, ÉU, ÓI, seguidos ou não de S.

Ex.: c**éu**, m**éis**, G**ói**s, coron**éis**, trof**éu**(s), her**ói**(s), M**éi**er, destr**ói**er, aracn**ói**deo...

Cuidado!!!

1) Segundo a nova ortografia, nas palavras **paroxítonas** com ditongos abertos, não há acento gráfico: ideia, Coreia, estreia, jiboia, paranoia, sequoia...; as únicas exceções são: *Méier* e *destróier*, pois seguem a regra das paroxítonas terminadas em **-r**.

2) *A-rac-n**ói-**de-o* é palavra proparoxítona.

3) Nunca é demais dizer que a pronúncia das palavras não mudou, só a grafia. Logo, palavras como ideia, heroico etc., mesmo sem acento, continuam com timbre aberto.

4) Só de curiosidade: a abreviação de Leonardo (Leo) não recebe acento agudo, porém o que mais vemos é o acento (Léo), não é mesmo? O fato é que nenhuma regra justifica o acento agudo nesta abreviação. O certo é **Leo**. Ponto.

Regra de Acentuação para os Hiatos EEM e OO

Não se acentuam mais os hiatos O-O e E-EM (nos verbos *crer, dar, ler, ver* e derivados).

Ex.: en-j**o-o**, v**o-o**, cr**e-em**, des-cr**e-em**, d**e-em**, re-l**e-em**, v**e-em**, pre-v**e-em**...

Regra de Acentuação para o Trema

Foi abolido na nova ortografia! Na antiga se usava nos grupos “gue, gui, que, qui”: agüei, lingüiça, cinqüenta, eqüino. Conserva-se, na nova ortografia, apenas nas palavras derivadas de nomes próprios estrangeiros que possuem esse sinal: *mülleriano* (derivado de Müller), *Bündchen, Hübner, hübneriano, Schönberg...*

Fique esperto, pois os verbos *distinguir, extinguir, adquirir, questionar* etc. já não registravam a pronúncia do U e por isso sempre foram – e ainda serão – grafados sem trema.

O que mudou foi só a GRAFIA. O som não mudou. Por exemplo, a palavra “liquidação” não será escrita mais com trema, no entanto, como antes da reforma havia a possibilidade de grafar com trema, a **pronúncia** é dupla: li**ki**dação ou li**kui**dação. Safo?

Regra de Acentuação para os Acentos Diferenciais

Os acentos diferenciais servem para marcar algumas distinções de classe gramatical, pronúncia e/ou sentido entre algumas palavras.

Não se usa mais o acento que diferenciava os seguintes pares:

1) ***Pára*** *(verbo)* ***/ para*** *(preposição):* Ele sempre ***para para*** assistir aos jogos do Flamengo.

Obs.: Na frase "Mais um engarrafamento **para** São Paulo.", há ambiguidade! Se ainda houvesse acento diferencial, não haveria ambiguidade. Fazer o quê...? "Bendita" reforma ortográfica...

2) ***Péla*** *(verbo)* ***/ pela*** *(contração da preposição per/por + a):* Ela ***pela*** as axilas só ***pela*** sexta-feira.

3) ***Pêlo*** *(substantivo)* ***/ pelo*** *(contração da preposição per/por + o):* Os ***pelos*** eriçados do gato costumam passar ***pelo*** pé do dono.

4) ***Pólo*** *(substantivo)* ***/ polo*** *(por+o (arcaísmo)* ***/ pôlo*** *(substantivo; filhote de gavião):* Os ***polos*** norte e sul são meras abstrações espaciais, por onde os ***polos*** não voam.

5) ***Pêra*** *(substantivo)* ***/ pera*** *(preposição arcaica):* ***Pera*** é uma fruta sem graça.

Cuidado!!!

1) Permanece o acento diferencial em **pôde/pode**. **Pôde** é a forma do passado do verbo **poder** (pretérito perfeito do indicativo), na 3.ª pessoa do singular. **Pode** é a forma do presente do indicativo, na 3.ª pessoa do singular.

Ex.: Ontem ele não **pôde** sair mais cedo, mas hoje ele **pode**.

2) Permanece o acento diferencial em **pôr/por**. **Pôr** é verbo. **Por** é preposição.

Ex.: Vou **pôr** o livro na estante que foi feita **por** mim.

3) Permanecem os acentos que diferenciam o singular do plural dos verbos **ter** e **vir**, assim como de seus derivados (*manter, deter, reter, conter, convir, intervir, advir* etc.).

Ele **tem** duas lanchas. / Eles **têm** duas lanchas.

Ele **vem** de Mato Grosso. / Eles **vêm** de Mato Grosso.

Ele **mantém** sua palavra. / Eles **mantêm** sua palavra.

Ele **intervém** em todas as reuniões. / Eles **intervêm** em todas as reuniões.

Por favor, tenha um cuidado muito especial com esses verbos. Questão de prova todo ano! A maldade das bancas FCC e Esaf, principalmente, é deslocar o sujeito do verbo, para que você não perceba que os verbos **vir** e **ter** estão no plural, fazendo-o errar uma questão de acentuação (ou concordância verbal).

Exemplo: “Os alunos, ainda que venham estudando muito para uma prova cuja banca mantém um nível de dificuldade mediano em suas questões, tem de colocar a humildade no coração para não desmerecer a importância do concurso.”

Essa frase está certa ou errada quanto à acentuação do verbo **ter**? Até o “Word” errou. Veja de novo:

“**Os alunos**, ainda que venham estudando muito para uma prova cuja banca mantém um nível de dificuldade mediano em suas questões, **TÊM** de colocar a humildade no coração para não desmerecer a importância do concurso.”

Percebeu a distância entre o sujeito e o verbo? É isso que o “homem da banca” vai fazer! Não se deixe enganar!

4) É facultativo o uso do acento circunflexo para diferenciar as palavras forma/fôrma, dêmos (presente do subjuntivo) e demos (pretérito perfeito do indicativo).

5) Não se usa mais o acento agudo no **u** tônico das formas (tu) arguis, (ele) argui, (eles) arguem, do presente do indicativo do verbo arguir. Isso vale para o seu composto redarguir. Não há mais o trema nas formas desses verbos, obviamente. De acordo com a antiga ortografia, a escrita era assim: argúis, argúi, argúem... Falarei mais sobre isso no capítulo Verbo.

6) Há uma variação na pronúncia dos verbos terminados em **-guar**, **-quar** e **-quir**, como aguar, averiguar, apaziguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir etc. Esses verbos admitem duas pronúncias em algumas formas do presente do indicativo, do presente do subjuntivo e também do imperativo. Veja:

a) Se forem pronunciadas com **a** ou **i** tônicos, essas formas devem ser acentuadas.

Enxaguar: enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam; enxágue, enxágues, enxáguem.

Delinquir: delínquo, delínques, delínque, delínquem; delínqua, delínquas, delínquam.

b) se forem pronunciadas com **u** tônico, essas formas deixam de ser acentuadas.

Enxaguar: enxaguo, enxaguas, enxagua, enxaguam; enxague, enxagues, enxaguem.

Delinquir: delinquo, delinques, delinque, delinquem; delinqua, delinquas, delinquam.

Atenção: No Brasil, a pronúncia mais corrente é a primeira, aquela com **a** e **i** tônicos.

Algumas Formas Variantes na Grafia e na Pronúncia

Fique atento!

acróbata ou acrobata / boêmia ou boemia / ambrósia ou ambrosia / hieróglifo ou hieroglifo / Oceânia ou Oceania / xerox ou xérox / zângão ou zangão / zênite ou zenite / autopsia ou autópsia / biopsia ou biópsia / necrópsia ou necropsia / ortoepia ou ortoépia / projétil ou projetil / réptil ou reptil / sóror ou soror / homília ou homilia / Madagáscar ou Madagascar / elétrodo ou eletrodo / anidrido ou anídrido / alópata ou alopata / transístor ou transistor / clitóris ou clítoris (...)

Obs.: Segundo o VOLP, não existe "ca**té**ter" nem "u**ré**ter", mas sim "cate**ter**" e "ure**ter**". Cuidado com a grafia e com a pronúncia!

Só de curiosidade: os nomes de pessoas (antropônimos) seguem as mesmas regras de acentuação gráfica e de ortografia. Não há diferença entre substantivo comum e substantivo próprio quanto às regras relativas à correta escrita das palavras. "Ah, mas o meu nome é Andreia, sem acento!" Parabéns! Antes da reforma ortográfica estava errado, mas agora está certo, por causa da regra dos ditongos abertos nas paroxítonas. "Ah, mas o meu nome é Fabio, sem acento!" Lamento! Está errado, pois paroxítonas terminadas em ditongo crescente são obrigatoriamente acentuadas! Deveria ser Fábio. Perdoe-me, Fábio!

Regras para o Uso do Hífen

Como já dito, o hífen (-) é um sinal gráfico usado normalmente para:

- unir elementos de palavras compostas e unir prefixos (ou falsos prefixos) a radicais (bem-te-vi e sub-humano);
- ligar verbos a pronomes (dir-me-ás);
- separar sílabas de palavras (ca-sa-men-to).

Vamos ao que interessa!

Usa-se o **hífen** nas seguintes situações:

1) Nas palavras compostas em que os elementos da composição têm acentuação tônica própria e formam uma unidade significativa, sem elementos de ligação: arco-íris, segunda-feira, mesa-redonda, guarda-costas, beija-flor, bem-te-vi, zum-zum-zum, reco-reco...

Cuidado!!!

1) **Não** se usa o hífen em certas palavras que perderam a noção de composição: girassol, madressilva, mandachuva, pontapé, paraquedas (e derivados).

2) **Não** se usa o hífen em vocábulos com elementos de ligação: azeite de dendê, lua de mel, água de coco, mula sem cabeça, pé de mesa, calcanhar de Aquiles, pé de vento, cor de burro quando foge, café com leite, pão de ló, pão de milho, pé de moleque, dia a dia, corpo a corpo, ponto e vírgula, fim de semana, cabeça de bagre, bicho de sete cabeças, leva e traz...

Exceções: água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, ao deus-dará, à queima-roupa, pé-de-meia, pé-d'água, pau-d'alho, gota-d'água, cola-de-sapateiro, pão-de-leite. Além desses, há os vocábulos que designam **espécies botânicas ou animais**: andorinha-da-serra, lebre-da-patagônia, dente-de-leão, olho-de-boi, pimenta-do-reino, cravo-da-índia, bico-de-papagio... Cuidado com cão de guarda (sem hífen)!

2) Com a partícula denotativa de designação **eis** seguida de **pronome pessoal átono**: **eis-me**, **eis-vos**, **eis-nos**, **ei-lo** (com a queda do **s**)...

3) Nos adjetivos compostos: surdo-mudo, nova-iorquino, verde-amarelo...Vale ressaltar que o hífen é obrigatório quando se unem dois vocábulos gentílicos ou pátrios: indo-europeu, luso-brasileiro, sino-americano, euro-asiático...

4) Na união de prefixos (ante, anti, arqui, auto, circum, contra, entre, extra, hiper, infra, inter, intra, semi, sobre, sub, super, supra, ultra…) e falsos prefixos (aero, foto, macro, maxi, micro, mini, neo, pan, proto, pseudo, retro, tele…): auto-hipnose, micro-ônibus e pan-negritude, por exemplo. Veja mais abaixo.

O Acordo Ortográfico de 1990 (que só foi assinado em setembro de 2008) visou

simplificar o emprego do hífen. Caso queira saber mais, consulte a Academia Brasileira de Letras: **www.academia.org.br**. Há uma parte no site que traz o derradeiro VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa). Eu me baseei principalmente nele, pois é a autoridade máxima quanto à grafia das palavras. As lições que seguem refletem a nova ortografia.

Basicamente, são **duas** as regras (chamadas de regra geral!) para emprego do hífen **com prefixos**:

- Por via de regra, quando o segundo elemento iniciar por **H**: *pré-**h**istória, super-**h**omem, mal-**h**umorado, mega-**h**omenagem...*
- Quando as letras no fim do prefixo e no início da palavra forem iguais: *ant**i-i**nflamatório (antes era sem hífen), micr**o-o**ndas (antes era sem hífen), hipe**r-r**ealismo, su**b-b**airro...*

Reitero que qualquer prefixo (ou falso prefixo) que, porventura, não for mencionado segue a regra geral, beleza?

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá. Qual é a diferença entre prefixo e falso prefixo? Poderiam justificar com alguns exemplos práticos? Muito agradecido!

Resposta: Os prefixos são partículas que se acrescentam ao início do radical de um vocábulo da língua. Ex.: contra-ataque, bilateral, reescrever, transpor. Já o falso prefixo é um radical, grego ou latino, que se coloca no início da palavra, acrescentando-lhe o seu significado. Ex.: videoarte, pseudocaule, microssistema, sociologia, micro-ondas. De nada, disponha.

Quer um conselho? Não entre na paranoia de querer decorar tudo! Vá devagar, sem pressa, assimilando aos poucos, até porque o assunto não aparece quase em prova nenhuma. Vejamos com mais profundidade agora.

Prefixo terminado em vogal

- Sem hífen diante de **vogal diferente**: autoescola, antiaéreo...
- Sem hífen diante de **consoante diferente de r e s**: anteprojeto, semicírculo...
- Sem hífen diante de **r** e **s**, dobram-se essas letras: co**rr**éu, anti**rr**acismo, contra**rr**eforma, anti**ss**ocial, ultra**ss**om, pseudo**ss**ábio...
- Com hífen diante de **mesma vogal**: contr**a-a**taque, micr**o-o**ndas, ultr**a-a**quecido, sem**i-i**nconsciência...

Prefixo terminado em consoante

- Com hífen diante de **mesma consoante**: inte**r-r**egional, su**b-b**ibliotecário...
- Sem hífen diante de **consoante diferente**: intermunicipal, supersônico...

• Sem hífen diante de **vogal**: interestadual, superinteressante...

Algumas Observações Importantes

1) Com o prefixo **sub**, além de **b**, usa-se o hífen também diante de palavra iniciada por **r**: sub-**r**egião, sub-**r**aça, sub-**r**eitor, sub-**r**eptício, sub-bairro etc. Palavras iniciadas por **h** perdem essa letra e juntam-se sem hífen: subumano (o VOLP registra sub-humano), subumanidade.

2) Com os prefixos **circum** e **pan**, usa-se o hífen diante de palavra iniciada por **m, n** e **vogal**: circum-**m**eridiano, circum-**n**avegação, pan-**a**mericano etc.

3) O prefixo ***co*** aglutina-se sempre com o segundo elemento: coobrigação, coordenar, cooperar, cooperação, cooptar, coocupante, coautor, coerdeiro, cosseno, coóspede.

4) Com os prefixos **vice**, **vizo**, **grã**, **grão**, **além**, **aquém**, **ex (anterior)**, **recém**, **sem**, **soto(a)**, **para (exceto paraquedas e derivados dele)**, usa-se sempre o hífen: vice-rei, vice-almirante, vizo-reinado, grã-duquesa, grão-mestre, além-mar (mas Alentejo, cidade de Portugal), aquém-mar, ex-aluno, recém-casado, sem-terra (mas sensabor, sem hífen), soto-pôr, sota-general, para-raios...

5) Não se usa nunca hífen com o prefixo **re**: reescrever, reescrita...

6) Com os prefixos **in-** e **des-** junto com palavras iniciadas por **h**, esta consoante "cai" e **não** se emprega hífen: inabilidade, desumano...

7) Na formação de palavras com **ab**, **ob**, **ad e sob**, usa-se o hífen diante de palavra começada por **b**, **d** ou **r**: ad-**d**igital, ad-**r**enal (ou adrenal), ob-**r**ogar, ab-**r**ogar, sob-**r**ojar...

8) Com **mal**, usa-se o hífen apenas quando a palavra seguinte começar por **vogal, h** ou **l**: mal-estar, mal-humorado, mal-limpo...; quando **mal** significa doença, usa-se o hífen se não houver elemento de ligação: mal-francês; se houver elemento de ligação, escreve-se sem o hífen: mal de lázaro, mal de sete dias. Exceção: mal-bruto. Vale ainda dizer que malcriação e má-criação são formas corretas.

9) Com **bem**, usa-se o hífen diante das vogais **a, e, i, o** e das consoantes **b, c, d, f, h, m, n, p, q, s, t, v**: bem-amado, bem-encarado, bem-intencionado, bem-ouvido, bem-bom, bem-criado, bem-ditoso, bem-falante, bem-humorado, bem-mandado, bem-nascido, bem-parado, bem-querer, bem-soante, bem-sucedido (antônimo: malsucedido), bem-talhado, bem-visto, bem-vindo... **Cuidado** com estas palavras: benfazer (o VOLP ainda registra o bem-fazer), benfeito, benfeitor, benfeitoria e benfazejo. Benquerer (o VOLP ainda registra o bem-querer), benquisto, benquerença (o VOLP ainda registra o bem-querença). Bendizer (o VOLP ainda registra bem-dizer), bendito (mas bem-ditoso, segundo o VOLP). Sublinho o "bemposta", sem hífen, segundo o VOLP.

10) Os prefixos **pós**, **pré** e **pró** (tônicos) unem-se por hífen a quaisquer palavras: pós-adolescência, pós-simbolismo, pré-vestibular, pré-simbolismo, pró-ativo (ou proativo),

pró-russo...; se a pronúncia do prefixo for átona, não há hífen: poscefálico, posfácio, pospor, prealegar, preanunciar, precondição, preconceito, predeterminar, predizer, preeminente, preestabelecer, preestipulado, preexistir, prejulgar, prenome, pré-requisito/prerrequisito (segundo o VOLP), pressupor, prever, procônsul, procriar, pronome, propor... consulte o VOLP, sempre.

11) Os vocábulos **quase** e **não**, funcionando como prefixos, dispensam o hífen: quase crime, quase posse, não conformismo, não pagamento...

12) Deve-se usar o hífen com os sufixos de origem tupi-guarani (**açu, guaçu** e **mirim**): amoré-guaçu, anajá-mirim, capim-açu.

13) Deve-se usar o hífen para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando não propriamente vocábulos, mas encadeamentos vocabulares: ponte Rio-Niterói, eixo Rio-São Paulo.

14) As palavras e expressões "tão só, tão somente, à toa" ficam **sem** hífen agora.

15) A presença ou a ausência do hífen têm implicações semânticas e morfológicas em muitas palavras: dente-de-leão, bico-de-papagaio, má-criação... Exemplo: "Já viu um **dente de leão**? É curioso... e grande." (aqui se está falando sobre o dente do animal leão, mas, se estivesse com hífen – dente-de-leão – seria uma planta, o que mudaria substancialmente o sentido da frase). Veja outro exemplo: "Sua **má-criação** (ou malcriação) não vai levá-lo a lugar algum nessa vida!" (má-criação é um substantivo composto). Agora: "A má criação das crianças pode levá-las a um desvio de conduta." (má criação é um adjetivo + um substantivo). Interessante, não?

O Que Cai Mais na Prova?

Se eu fosse você, estudaria com muita vontade todas as regras de acentuação gráfica, principalmente a dos verbos **vir** e **ter**. Não dê tanto valor à regra dos verbos terminados em **-uar** (aguar, obliquar...). Hífen é galho fraco, mas nunca se sabe... fico preocupado. Fique esperto!

Questões de Concursos

Comentarei, em algumas questões, apenas as opções relativas ao capítulo estudado. Por razões didáticas, algumas delas foram reformatadas. Adaptei as questões antigas (antes de 2009) à nova ortografia, que foi adiada para 2016.

Sempre observe o padrão de questões de uma banca! Ultimamente as bancas de maior prestígio (Cespe/UnB, Esaf e FCC) têm trabalhado acentuação gráfica em questões de redação adequada ao registro culto da língua e concordância. Fique atento! Vamos nessa?

1. (FDC – Professor de Português II – 2005) Marque a série em que o hífen está corretamente empregado nas cinco palavras:
   a) pré-nupcial, ante-diluviano, anti-Cristo, ultra-violeta, infra-vermelho.
   b) vice-almirante, ex-diretor, super-intendente, extrafino, infra-assinado.
   c) anti-alérgico, anti-rábico, ab-rupto, sub-rogar, antihigiênico.
   d) extraoficial, antessala, contrassenso, ultrarrealismo, contrarregra.
   e) co-seno, contra-cenar, sobre-comum, sub-humano, infra-mencionado.

" (...) Desde então, **vêm** se impondo, entre especialistas ou não, a **compreensão** sistêmica do ecossistema hipercomplexo em que vivemos e a **necessidade** de uma mudança nos comportamentos predatórios e irresponsáveis, individuais... (...)"

2. (Cespe/UnB – TCU – Analista de Controle Externo – 2007) A retirada do acento circunflexo na forma verbal "vêm" provoca incorreção gramatical no texto porque o sujeito a que essa forma verbal se refere tem dois núcleos: "compreensão" e "necessidade".
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

3. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2008) As palavras "líderes", "empréstimo", "Econômico" e "públicas" recebem acento gráfico com base na mesma justificativa gramatical.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

"(...) Foi graças ao acúmulo desses recursos que o Brasil pôde decretar o fim da sua dívida externa. (...)"

4. (Cespe/UnB – BB – Escriturário – 2008) O acento circunflexo em "pôde" indica que, além de a pronúncia da vogal ser fechada, como em ovo, por exemplo, o verbo está no pretérito, o que, por sua vez, indica que o fim da dívida externa foi decretado.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

5. (FCC – PGE-RJ – Técnico Superior de Procuradoria – 2009) (Adaptada) É adequado o emprego e correta a grafia de todas as palavras da frase abaixo?
   – Nenhuma distância dilui o afeto, pelo contrário: o reconhecimento da amada longeva avisinha-a de nós, fá-la mais próxima que nunca.

6. (Cesgranrio – Prefeitura de Salvador – Professor de Português – 2010) Quanto à acentuação gráfica, a relação de palavras em que todas estão conformes ao atual Acordo Ortográfico é:
   a) família – arcaico – espermatozóide – pólo;
   b) epopeia – voo – tranquilo – constrói;
   c) troféu – bilíngue – feiúra – entrevêem;
   d) decompor – agüentar – apóio – colmeia;
   e) linguística – joia – refém – assembléia.

7. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Julgue o item quanto à correção gramatical.
Todas as línguas indígenas em terras brasileiras tem menos de 40 mil falantes, sendo que a mais forte, a tikúna, falada no alto Solimões, apenas, ultrapassa os 30 mil. O aspecto mais grave é que muitas dessas línguas contam com menos de 1 mil falantes.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

8. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
   – Os consumidores pagam juros maiores porque obtém crédito com prazos maiores e prestações menores. Alguns fatos recentes estão contribuindo para um aumento da demanda, assim como, das pressões inflacionárias.

9. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
   – Cumpre associar o indivíduo ao poder industrial, ou seja o trabalhador ao processo de autoridade, inobstante excluir alguém de uma parcela do poder é forçosamente exclui-lo dos benefícios deste poder.

10. (Esaf – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) As frases abaixo estão corretas ou incorretas quanto à acentuação?
   – Constroe-se o espaço social de tal modo que os agentes ou grupos são aí distribuídos em razão de sua posição nas distribuições estatísticas de acordo com os dois princípios de diferenciação que, em sociedades mais desenvolvidas, são sem dúvida, os mais eficientes: o capital econômico e o capital cultural.
   – Na perspectiva em que se considere o peso relativo do capital econômico e do capital cultural no patrimonio dos agentes sociais, os professores – relativamente mais ricos em capital cultural que em capital econômico –, estão em oposição, nitidamente, aos empresários – relativamente mais ricos em capital econômico que em capital cultural.

11. (FCC – Casa Civil/SP – Executivo Público – 2010) (Adaptada) As frases abaixo estão corretas ou incorretas quanto à acentuação?
   – O espaço era exiguo, à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear a simpatia do padre inflingindo-lhe pratos que excitavam sua gula.
   – Tal era sua ogeriza pela política que se excedia em palavras e tons assim que algum desavisado puxava o assunto tabu, sem intenção alguma de ferí-lo.

12. (FCC – TRE/RS – Técnico Judiciário – 2010) (adaptada) As frases abaixo estão corretas ou incorretas quanto à acentuação?
   – É o caso de se por em discussão se ele realmente crê na veracidade dos dados.
   – Enquanto construimos esta ala, eles constroem a reservada aos aparelhos de rejuvenecimento.

13. (FUNIVERSA – CEB – Advogado – 2010) Assinale a alternativa em que todas as palavras são acentuadas pela mesma razão.
   a) “Brasília”, “prêmios”, “vitória”.
   b) “elétrica”, “hidráulica”, “responsáveis”.
   c) “sérios”, “potência”, “após”.
   d) “Goiás”, “já”, “vários”.
   e) “solidária”, “área”, “após”.

14. (FCC – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2011) Entre as frases que seguem, a única correta é:
   a) Ele se esqueceu de que?
   b) Era tão ruím aquele texto, que não deu para distribui-lo entre os presentes.
   c) Embora devessemos, não fomos excessivos nas críticas.
   d) O juíz nunca negou-se a atender às reivindicações dos funcionários.
   e) Não sei por que ele mereceria minha consideração.

15. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Administração e Controle Jr. – 2011) A frase em que ocorre ERRO quanto à acentuação gráfica é:
   a) Eles têm confiança no colega da equipe.
   b) Visitou as ruínas do Coliseu em Roma.
   c) O seu sustento provém da aposentadoria.
   d) Descoberta a verdade, ele ficou em maus lençóis.
   e) Alguns ítens do edital foram retificados.

16. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico de Contabilidade Jr. – 2011) Considere a frase abaixo.

O chefe de vários departamentos identifica a mudança no cenário da informática.

A palavra **identifica** pode ser substituída, mantendo o sentido da sentença, pelo verbo **ver**, flexionado de acordo com a norma-padrão, por:
   a) vêm;
   b) veem;
   c) vem;
   d) vê;
   e) viram.

17. (Cespe/UnB – EBC – Advocacia – 2011) Levando-se em consideração o que está previsto na ortografia oficial vigente, é correto afirmar que: o vocábulo "têxtil", que segue o padrão de flexão do vocábulo **pênsil**, é acentuado também na forma plural; "obsolescência" é vocábulo que segue o padrão do vocábulo **ciência**, no que se refere ao emprego de sinal de acentuação; a acentuação gráfica do vocábulo "déspotas" também é empregada quando o vocábulo é grafado na forma singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – Correios – Cargos de Nível Superior – 2011) As palavras "ônibus" e "invioláveis" são acentuadas de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário – 2011) Os vocábulos "analítica" e "teríamos" recebem acento gráfico com base na mesma regra de acentuação.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/ UnB – TJ/ES – Cargos de nível superior – 2011) Os vocábulos "países" e "áreas" são acentuados de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – PC/ES – Delegado de Polícia – 2011) Os vocábulos "público" e "caótico", que foram empregados no texto como adjetivos, obedecem à mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – PC/ES – Escrivão de Polícia – 2011) Os vocábulos "espécies", "difíceis" e "históricas" são acentuados de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – AFAU (Transportes) – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– As palavras "ninguém", "pé" e "você" são acentuadas pela mesma razão.

24. (FUNIVERSA – SEPLAG-DF – AFAU (Controle Ambiental) – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– As palavras "ponderará", "informática" e "possuía" são acentuadas pela mesma razão.

25. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Português – 2011) Conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, que só entrará plenamente em vigor a partir de 1º de janeiro de 2013, o hífen **NÃO** deve ser utilizado em:
a) formas compostas que designam espécies botânicas e zoológicas, estejam ou não ligadas por preposição ou qualquer outro elemento;
b) palavras formadas com o acréscimo de prefixos como **anti-**, **sub-**, em que o segundo elemento começa por **h**;
c) palavras formadas por prefixo que termina na mesma vogal em que se inicia o segundo elemento;
d) palavras formadas por prefixo terminado em vogal quando o 2º elemento começa por **r** ou **s**;
e) topônimos iniciados pelos adjetivos **grã**, **grão**.

26. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Português – 2011) Segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, "Não se acentuam graficamente os ditongos representados por **ei** e **oi** da sílaba tônica das palavras paroxítonas, dado que existe oscilação em muitos casos entre o fechamento e a abertura na sua articulação.".

Segundo essa regra, portanto, as palavras que eram acentuadas por terem o ditongo aberto **ei** ou **oi** não o são mais. São exemplos dessa mudança as palavras:
a) assembleia, aldeia, proteico;
b) cadeia, paranoico, introito;
c) heroi, boina, epopeico;
d) heroico, onomatopeico, plateia;
e) jiboia, comboio, papeis.

27. (FMP – Prefeitura de Porto Alegre/RS – Agente Fiscal da Receita – 2012) Analise a afirmativa abaixo.
– O substantivo PACIÊNCIA é acentuado por ser uma paroxítona terminada em ditongo crescente ou por ser uma proparoxítona eventual ou relativa.
Está correta?

28. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário (Analista de Sistemas) – 2012) Assinale a palavra que NÃO tenha sido acentuada pelo mesmo motivo que as demais.
a) substituído.
b) polícia.
c) jurisprudência.
d) saqueável.

29. (Funcab – MPE/RO – Analista (Administração) – 2012) Assinale a alternativa em que todos os substantivos devem ser acentuados.
a) lapis – bonus – bainha.
b) serie – aspecto – torax.
c) alcool – moinho – sucuri.
d) urubu – egoismo – magoa.
e) armazem– orgão – carater.

30. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
– Quando entrevisto candidatos, sempre os argúo acerca de sua descrição quanto a assuntos profissionais, pois esse é um dos quesitos avaliados no processo de ascenção na empresa.

31. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira (ADM) – 2012) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
– Ele é que mantem o arquivo em ordem, como se fosse um sentinela sempre alerta.

32. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira (ADM) – 2012) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
– Eram vários e bastante distintos os estudos acerca dessas produções populares, uma das quais, nas últimas semanas, vêm merecendo elogios e indicação para publicação.

33. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) Consideradas as prescrições do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, em vigor desde janeiro de 2009, a palavra em que o hífen foi empregado de modo INCORRETO é:
a) anti-higiênico;
b) hiper-realista;
c) aquém-fronteiras;
d) bem-visto;
e) anti-semita.

34. (Cespe/UnB – Ancine – Técnico Administrativo – 2012) Os vocábulos “indivíduo”, “diária” e “paciência” recebem acento gráfico com base na mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

35. (Cespe/UnB – MPE/PI – Cargos de Nível Superior – 2012) De acordo com a ortografia oficial vigente, o vocábulo “órgãos” segue a mesma regra de acentuação que o vocábulo “últimos”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

36. (Cespe/UnB – MPE/PI – Cargos de Nível Médio – 2012) Os verbos “comunicar”, “ensinar” e “comandar”, quando complementados pelo pronome **a,** acentuam-se da mesma forma que “constatá-las”, “designá-las” e “elevá-las”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cesgranrio – Liquigás – Profissional Jr. – 2012) De acordo com as regras de acentuação, o grupo de palavras que foi acentuado pela mesma razão é:
a) céu, já, troféu, baú;

b) herói, já, paraíso, pôde;
c) jóquei, oásis, saúde, têm;
d) baía, cafeína, exército, saúde;
e) amiúde, cafeína, graúdo, sanduíche.

38. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) Segundo os preceitos da gramática normativa do português do Brasil, a única palavra dentre as citadas abaixo que NÃO deve ser pronunciada com o acento tônico recaindo em posição idêntica àquela em que recai na palavra **avaro** é:
a) mister;
b) filantropo;
c) gratuito;
d) maquinaria;
e) ibero.

39. (Cesgranrio – CMB – Assistente Técnico Administrativo – 2012) Algumas palavras são acentuadas com o objetivo exclusivo de distingui-las de outras. Uma palavra acentuada com esse objetivo é a seguinte:
a) pôr.
b) ilhéu.
c) sábio.
d) também.
e) lâmpada.

40. (CEPERJ – Procon/RJ – Advogado – 2012) A palavra do texto que teve sua grafia alterada pelo mais recente acordo ortográfico é:
a) mídias.
b) álcool.
c) trás.
d) estresse.
e) ideia.

41. (IBFC – Câmara de Franca/SP – Técnico em Informática – 2012) Assinale a alternativa em que a palavra deve ser obrigatoriamente acentuada.
a) Angustia.
b) Critica.
c) Analise.
d) Escritorio.

Gabarito

1. D.	9. INCORRETO.	17. CERTO.	25. D.	33. E.
2. E.	10. INCORRETAS.	18. ERRADO.	26. D.	34. CERTO.
3. CERTO.	11. INCORRETAS.	19. CERTO.	27. CORRETO.	35. ERRADO.
4. CERTO.	12. INCORRETAS.	20. ERRADO.	28. A.	36. CERTO.
5. INCORRETO.	13. A.	21. CERTO.	29. E.	37. E.
6. B.	14. E.	22. ERRADO.	30. INCORRETO.	38. A.
7. ERRADO.	15. E.	23. INCORRETO.	31. INCORRETO.	39. A.
8. INCORRETO.	16. D.	24. INCORRETO.	32. INCORRETO.	40. E.
				41. D.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 3

Ortografia

Definição

Ao longo da história *moderna* da Língua Portuguesa (de 1911 para cá), houve muitas tentativas de reformulação da **ortografia – conjunto de regras destinadas a orientar a escrita culta (correta)**. Semiparafraseando o acordo ortográfico vigente, "o emprego correto das letras e das consoantes para a formação de uma palavra regula-se fundamentalmente pela etimologia e por particularidades da história das palavras. Assim se estabelecem variadíssimas grafias". As palavras são escritas desta ou daquela forma, levando-se em conta sua origem e algumas arbitrariedades. Brasileiros e portugueses "brigaram" muito para fazer valer sua ortografia. Mas isso é fofoca! Enfim... em 2009, houve mais uma reforma (parece que dessa vez o *negócio* foi sério...). Pegaram um Acordo Ortográfico já pronto desde 1990 e validaram o "garoto". No entanto, **o que entraria em vigor em 1º de janeiro de 2013 foi adiado pelo governo federal para 2016**. Vamos esperar para ver...

Gosto muito deste material da PUC/RS (se quiser, jogue no seu navegador este endereço e leia!):

http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/graduacao/article/viewFile/6690/4850

Falando sério agora: a intenção do Acordo é dar unidade intercontinental ao português, melhorando seu prestígio. Em resumo, o objetivo da reforma ortográfica é unificar, em tese, a escrita nos países que falam Português (Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Timor Leste (de tabela), Brasil e Portugal). Espero não ter esquecido ninguém. Bem, minha finalidade aqui é ajudar você a dirimir suas dúvidas para "matar" uma questão na prova, certo? Então chega de conversa fiada e vamos ao que interessa.

O aprendizado da Ortografia Oficial está ao seu alcance. Fique tranquilo. Como os concursos já estão adotando a nova ortografia em seus textos (e em algumas questões), prepare-se para aprender a **nova reforma ortográfica**. Venho escrevendo de acordo com ela há um tempo (espero que você faça igual, pois não podemos errar de bobeira uma questão de ortografia!). Se o *Word* não me "passar a perna", todas as palavras desta gramática estarão de acordo com a nova reforma. E, se quiser saber o assunto na íntegra, consulte a melhor fonte possível no assunto, a Academia Brasileira de Letras: **www.academia.org.br.** Lá estão o Documento Oficial (Ortografia Oficial) e o VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa). Neles você encontrará as derradeiras respostas a suas dúvidas ortográficas.

Obs.: Antes de começar a brincadeira séria, preciso falar algo importantíssimo: infelizmente as bancas de concurso nem sempre se apegam às palavras que se encaixam nas regras ortográficas contempladas pelas gramáticas normativas e manuais de redação oficiais. Isso porque nem todas as palavras da língua seguem tais regras. Não se desespere! As

regras abrangem apenas uma parte do vocabulário; existem exceções, é óbvio (quando não há?). Não se assuste! Só de curiosidade: existem mais de 380.000 palavras no estágio atual da língua portuguesa. As bancas, quando trabalham questões de ortografia, querem saber se você tem, além de conhecimento das regras ortográficas, boa memória visual. Cá entre nós, o mais interessante é que muitas palavras se repetem em questões de ortografia. Portanto, aqui vai uma recomendação: leia, leia, leia bastante, inclusive as questões de ortografia do seu concurso, antes de fazer a prova, pois você vai, provavelmente, esbarrar com uma questão de ortografia já conhecida. Siga as dicas!

O Alfabeto

Com **26 letras** agora, o alfabeto completo passa a ser:

Aa	**Hh**	**Oo**	**Vv**
Bb	**Ii**	**Pp**	**Ww**
Cc	**Jj**	**Qq**	**Xx**
Dd	**Kk**	**Rr**	**Yy**
Ee	**Ll**	**Ss**	**Zz**
Ff	**Mm**	**Tt**	
Gg	**Nn**	**Uu**	

As letras **k** (consoante), **w** (consoante ou semivogal) e **y** (vogal ou semivogal) são usadas em várias situações. Por exemplo:

- Na escrita de siglas e símbolos de unidades de medida de valor internacional: ***km (quilômetro), kg (quilograma), w (watt), kw (kilowatt)...***
- Na escrita de palavras estrangeiras (e seus derivados): ***quaker, show, playboy, playground, windsurf, kung fu, yin, yang, skate, kaiser, kafkiano, darwinismo...***
- Em antropônimos estrangeiros (nomes de pessoas) e topônimos estrangeiros (nomes de lugares) e derivados: ***Washington, Darwin (darwinismo), Kafka, Kant, Byron (byroniano), Kwanza, Kuwait, (kuwaitiano), Malawi (malawiano)...***

***Obs**.: A palavra Maláui (malauiano) já se encontra aportuguesada.*

Vejamos agora, sem mais *enrolações*, algumas regras ortográficas. Leia com calma, relaxadamente. **Sempre consulte um bom dicionário e leia muito!** Sua memória visual no dia da prova será mais importante do que a memorização de regras. No entanto não custa nada consultar as famigeradas regrinhas. Afinal, quantas vezes na vida ficaremos em dúvida se devemos escrever com E ou I, O ou U, C ou Ç, G ou J, H ou sem H, S ou Z, SS ou SC, X ou CH? Leia com calma as regras. E faça exercícios sobre o assunto, para fixar!

Então, vamos!

Emprego da Letra E

– Em formas dos verbos terminados em **-air** (3ª pessoa do plural do presente do indicativo), **-oar** (presente do subjuntivo), **-uar** (presente do subjuntivo) e **-uir** (3ª pessoa do plural do presente do indicativo): **caem, perdoem, continue, possuem...**

– Na 2ª e na 3ª pessoa do singular e na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos terminados em **-ir**, como **partir: partes, parte, partem...**

– Em ditongos nasais **-ãe(s)** e **-õe(s): aldeães, capitães, mãe, vilões, apõem, pospõe...**

– Em palavras com o prefixo ***ante-***, que indica anterioridade: **antebraço, antevéspera, antediluviano, antegozo, antessala...**

Obs.: Não confunda esse prefixo com seu semelhante (***anti-***, que indica contrariedade).

– Em palavras com o prefixo ***des-***, que indica ação contrária, valor contrário, negação, separação, mudança de estado, intensificação: **despentear, desfavorável, desleal, desmembrar, desfigurar, desinfeliz...**

Obs.: Muitas vezes, o prefixo **dis-** tem o mesmo sentido que o **des-**, portanto cuidado para não trocar as bolas. Veja algumas palavras com DIS-: dissidência, dissolver, difícil (às vezes o -s não aparece), dissimular, distenso, dislexia, dissimetria...

– Em substantivos terminados em **-dade** formados de adjetivos terminados em **-io**: **sério > seriedade; contrário > contrariedade; arbitrário > arbitrariedade; próprio > propriedade; solidário > solidariedade...**

– Conheça algumas palavras, escritas com **E**, que podem gerar dúvidas: *acareação*, *arrear* (pôr arreios ou ornamentar), *arrepiar*, *beneficência*, *carestia*, *cadeado*, *candeeiro*, *cemitério*, *corpóreo*, *creolina*, *cumeeira*, *desenfreado*, *desfrutar*, *descrição* (ato de descrever), *deferir* (ceder, aprovar), *delatar* (denunciar), *descriminação* (absolvição), *despensa* (onde se guardam mantimentos), *destrato* (desacato), *destilar*, *disenteria*, *empecilho*, *efetue*, *emergir* (vir à tona), *emigrar* (sair do país), *eminência* (elevação), *empestear* (empesteado), *entronizar*, encarnação, *enfarte* (enfarto, infarto ou infarte) *estrear*, *granjear*, *indígena*, *irrequieto*, *lacrimogêneo*, *mexerico*, *mimeógrafo*, *orquídea*, *páreo*, *parêntese* (ou parêntesis), *peão* (peça de xadrez e vaqueiro), *prazerosamente*, *quepe*, *senão*, *sequer*, *seringa*, *umedecer*, *vadear* (transpor rio), *veado* (animal ou homossexual – neste caso usado pejorativamente)...

Emprego da Letra I

– Na segunda e na terceira pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos terminados em **-air**, **-oer** e **-uir**: **atrais, atrai, corróis, corrói, possuis, possui...**

– Nos adjetivos e substantivos derivados em que entram os sufixos **-iano** e **-iense** antes da sílaba tônica: **Acre > acriano; Açores > açoriano/açoriense; Rosa (Guimarães Rosa) > Rosiano; Machado (Machado de Assis) > machadiano.** No entanto, na terminação de algumas palavras terminadas em **-e (tônico)** ou **-eu/-ei (tônicos)**, colocamos apenas o sufixo **-ano** ou **-ense**: **Daomé > daomeano; Guiné > guineense; Galileu > galileano; Coreia > coreano...**

– Em palavras iniciadas pelo prefixo **anti-**: **antídoto, anticristo, antipatia, antiabortivo, antiofídico, anti-infeccioso, antissepsia, antirrábico...**

– Em palavras terminadas em **-eo**, substitui-se a letra **O** por **I** antes do sufixo **-dade**: **espontâneo > espontaneidade; contemporâneo > contemporaneidade; momentâneo > momentaneidade; instantâneo > instantaneidade; idôneo > idoneidade...**

– O verbo viger é peculiar (cuidado com ele!) e os terminados em **-er**, na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo e em todas as formas do pretérito imperfeito do indicativo, recebem a vogal **I** no lugar da vogal **E**: **Eu vigi; Eu vigia, Tu vigias, Ele vigia, Nós vigíamos, Vós vigíeis, Eles vigiam....**

Obs.: Nas demais formas, a letra E se mantém: Tu vigeste, Ele vigeu, Nós vigemos, Vós vigestes, Eles vigeram (pretérito perfeito do indicativo).

– Conheça algumas palavras, escritas com **I**, que podem gerar dúvidas: *aborígine* (ou aborígene), *alumiar*, *aleijar*, *aleijado* (!), *arriar* (abaixar), *artifício*, *artimanha*, *calidoscópio* (ou caleidoscópio), *chilique*, *corrimão*, *crânio*, *crioulo*, *diferir* (diferenciar, discordar), *dilatar* (aumentar, inchar) *digladiar*, *displicência*, *displicente*, *dispensa* (de dispensar), *distrato* (desfazer um trato), *discricionário* (arbitrário, irrestrito), *erisipela*, *escárnio*, *feminino*, *frontispício*, *idiossincrasia*, *inclinação*, *incinerar*, *infestar*, *inigualável*, *invólucro*, *impigem* (ou impingem), *intemperança*, *imbróglio*, *lampião*, *meritíssimo*, *miscigenação*, *pátio*, *penicilina*, *pontiagudo*, *privilégio*, *pinicar*, *requisito*, *silvícola*, *terebintina*, *vadiar* (vagabundear)...

Recomendo que você perceba, no próximo capítulo (Semântica), a diferença de escrita em palavras muito semelhantes na grafia. Não deixe de ler a parte de Parônimos e Fatos da Língua Culta! Vá por mim! Você vai perceber que palavras escritas com **E** ou com **I**, apesar de semelhantes na grafia e na pronúncia, têm sentidos bem diferentes.

Emprego da Letra O

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *abolir*, *agrícola*, *abotoar*, *aroeira*, *assoar* (expelir secreção nasal), *boate*, *boeiro* (ave), *bobina*, *bolacha*, *boletim*, *botequim*, *boteco*, *bússola*, *chacoalhar*, *cochicho*, *comprimento* (extensão), *capoeira*, *chover*, *costume*, *coringa* (pessoa enfezada e feia), *encobrir*, *engolir*, *êmbolo*, *focinho*, *fosquinha*, *goela*, *lombriga*, *mágoa*, *magoar*, *mocambo*, *molambo*, *moela*, *moleque*, *mosquito*, *névoa*, *nódoa*, *óbolo*, *poleiro*, *polenta*, *polia*, *polir*, *ratoeira*, *rebotalho*, *Romênia*, *romeno*, *sortir* (abastecer; já vi muito na prova da FCC), *sortido* (variado), *sotaque*, *toalete*, *tostão*, *tribo*, *vinícola*, *vultoso* (volumoso), *zoar*...

Emprego da Letra U

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *assuar* (vaiar), *acudir*, *bugalho*, *bueiro* (buraco), *buliçoso*, *bulir*, *bulinando*, *burburinho*, *camundongo*, *chuviscar*, *chuvisco*, *cumbuca*, *cumprimentar*, *cumprimento* (saudação), *cúpula*, *curtume*, *curinga* (carta de baralho), *Curitiba* (cidade), *cutia* (animal), *curtume*, *cutucar*, *embutir*, *entupir*, *estripulia*, *esbugalhar*, *fuçar*, *íngua*, *jabuti*, *jabuticaba* (segundo o VOLP), *lóbulo*, *muamba*, *mutuca*, *mucamba* (mucama), *mulato*, *murmurinho*, *rebuliço*, *sinusite*, *tábua*, *tabuada*, *tabuleiro*, *trégua*, *tulipa*, *úmido*, *umidade* (e não húmido, humidade), *urtiga*, *usufruto*, *virulento*, *vultuoso* (congestão facial)...

Novamente recomendo que você consulte os parônimos (capítulo 4) que podem confundir sua cabeça. Você vai perceber que palavras escritas com **O** ou com **U**, apesar de semelhantes na grafia e na pronúncia, têm sentidos bem diferentes.

Emprego da Letra C

O **C**, seguido de **E** e **I**, tem som de **Ç** ou **SS**. Normalmente as pessoas confundem a grafia de palavras escritas com **C, Ç** ou **SS**. Isso pode atrapalhar sua vida na hora de grafar uma palavra, ou melhor... podia:

– Em vocábulos de origem indígena, africana ou árabe: **cipó, cacimba, Piracicaba, piracema, Araci, cacique, alface, acicate, acéquia, ceifa, cetim...**

– Em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-te/-to**: **marte > marcial, marciano; torto > torcer...**

– Depois de ditongos: **foice, fauce, coice, beicinho (de beiço), loucinha (de louça), boucelo...**

– Com as terminações **-ecer** e **-encer**: **empalidecer, entardecer, amanhecer, convencer, pertencer, vencer...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *acender* (iluminar), *acento* (sinal gráfico), *acelga*, *acervo*, *acepção*, *acessório*, *acetinado*, *arvorecer*, *cedilha*, *ceia*, *cela* (quarto), *celibato*, *celofane*, *censo* (contagem), *cerração* (nevoeiro), *certame* (ou certâmen), *cerzir*, *chacina*, *cirrose*, *cismar*, *concertar* (harmonizar), *concerto* (música), *cenáculo*, *cenário*, *censura*, *disfarce*, *displicência*, *displicente*, *empobrecer*, *focinho*, *intercessão*, *maledicência*, *maciço*, *mencionar*, *necessário*, *ócio*, *pacífico*, *quociente*, *rocio*, *saciar*, *saciação*, *taciturno*, *vacilo*, *vício*...

Emprego do Ç

Antes de mais nada, não se usa **Ç** (cê-cedilha ou cê-cedilhado) antes de **E** e **I**, mas sim de **A, O** e **U**. Guarde isso em sua cabecinha para não chorar depois!

– Em palavras de origem indígena, africana, árabe, italiana, francesa e exótica: **cachaça, açaí, açucena, açúcar, muçarela (ou mozarela), Juçara, Moçambique, maçom, miçanga, muçum...** Incluem-se nesta regra os sufixos **-guaçu**, **-açu**: **Paraguaçu, capim-açu...**

– Em palavras com **to** no radical: **ação (de ato), atenção (de atento), isenção (de isento), intenção (de intento), direção (de direto), exceção (de exceto), correção (de correto)...**

– Em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-tar/-tor** (principalmente!): **adoção (de adotar), infração (de infrator), tração (de trator), redação (de redator), seção (de setor), deserção (de desertor), produção (de produtor), redução (de redutor)...**

– Em substantivos e adjetivos advindos do verbo **ter** (e derivados): **detenção (de deter), retenção (de reter), contenção (de conter), abstenção (de abster)...**

– Em sufixos **-aça**, **-aço**, **-ção**, **-çar**, **-iça**, **-iço**, **-nça**, **-uça**, **-uço**: **barcaça, ricaço, armação, aguçar, carniça, sumiço, fiança, convalescença, dentuça, dentuço...** Fique atento a palavras derivadas de verbos dos quais se retira a desinência **r** e coloca-se o sufixo **ção: reeducação (de reeducar), importação (de importar), repartição (repartir), partição (de partir), fundição (de fundir)...**

– Em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-tivo: introspecção (de introspectivo), relação (de relativo), ação (de ativo), intuição (de intuitivo)...**

– Após **ditongos**: **feição, louça, eleição, traição, caiçara, precaução, arcabouço...**

– Conheça algumas palavras escritas com **Ç**: (à) *beça*, *absorção*, *acaçapar*, *açafrão*, *acepção*, *açucena*, *açude*, *assunção*, *adereço*, *alçapão*, *alicerçar*, *arruaça*, *asserção*, *babaçu*, *bagaço*, *boçal*, *buço*, *chumaço*, *cabaça*, *caçar*, *caçarola*, *calça*, *cansaço*, *carniça*, *coleção*, *descrição*, *eriçado*, *erupção*, *encaçapar*, *exibição*, *extinção*, *exceção*, *fuçar*, *guçar*, *hortaliça*, *içar*, *joça*, *laço*, *Moçambique*, *Moçoró*, *mormaço*, *maçaneta*, *maniçoba*, *muçarela* (!), *noviço*, *ouriço*, *pança*, *palhoça*, *pinça*, *quiçá*, *rechaçar*, *regaço*, *ruço* (pardacento, grisalho, surrado), *sanção* (ato de sancionar), *sumiço*, *superstição*, *soçobrar*, *tição*, *terça*, *terço*, *trançar*, *troça*, *troço*, *unção*, *viço*, *vidraça*, *vizinhança*...

Emprego da Letra G

A letra **G**, diante de **E** e **I**, se confunde com a letra **J** às vezes. Cuidado para não escrever uma em vez de outra. Usamos a letra **G**:

– Em palavras de origem estrangeira: **álgebra, ginete, algema, agiota, herege, sargento, ágio, doge, gengibre, geleia, gim...**

– Em palavras terminadas em **-agem**, **-igem**, **-ugem**; **-ege**, **-oge**; **-ágio**, **-égio**, **-ígio**, **-ógio**, **-úgio**: **malandragem, garagem, fuligem, vertigem, ferrugem, penugem; herege, bege, paragoge, doge; naufrágio, adágio, egrégio, colégio, vestígio, prodígio, relógio, martirológio, refúgio, subterfúgio...**

Exceções: laje (ou lagem), paje (ou pajem), lambujem. Cuidado com a palavra via**g**em (substantivo: Fizeste boa viagem?) e via**j**em (verbo: Talvez eles viajem hoje.).

– Em verbos terminados em **-ger** e **-gir**: **eleger, reger, proteger, correger, fingir, fugir, frigir, impingir, submergir, aspergir, corrigir...**

– Nos vocábulos gerir, gestão e derivados: **digerir, digestivo, ingestão, sugerir, sugestão, sugestivo...**

– Em palavras iniciadas por **A**: **agente, agência, agendar, agérrimo, ágil, agir, agitar, ágio...**

Exceções (verbos formados de substantivos que já apresentam J no radical): ajeirar (de jeira), ajeitar (de jeito), ajesuitar (de jesuíta), ajirauzado (de jirau)...

– Em palavras derivadas de outras que já apresentam **G**: **afugentar (de fugir), rigidez (de rígido), gelado (de gelo), impingem (de impingir), rabugento, rabugice (de rabugem), tingido (de tingir)...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *aborígine*, *abranger*, *adágio*, *adstringente*, *afugentar*, *agência*, *agenda*, *agente*, *agilidade*, *ágil*, *agiota*, *agiotagem*, *agitar*, *alergia*, *álgebra*, *algema*, *Angelina*, *algibeira*, *angina*, *apanágio*, *apogeu*, *aragem*, *Argélia*, *argila*, *auge*, *Bagé*, *beberagem*, *blindagem*, *congestão*, *digerir*, *digestão*, *divergente*, *esfinge*, *estágio*, *estratégia*, *estrangeiro*, *estrogênio*, *evangelho*, *exagero*, *ferrugem*, *flagelo*, *geada*, *gêiser*, *gérbera*, *gergelim*, *geringonça*, *gilete*, *girândola*, *gengibre*, *gesso*, *gibi*, *gigante*, *gim*, *higiene*, *ilegível*, *imagem*, *imaginação*, *imaginar*, *indigesto*, *impingem* (ou impigem), *indígena*, *legítimo*, *legista*, *legível*, *legenda*, *ligeiro*, *monge*, *megera*, *nigeriano*, *necrológio*, *ogiva*, *origem*, *penugem*, *pugilista*, *relógio*, *refrigerante*, *regurgitar*, *rugido*, *rígido*, *rigidez*, *selvagem*, *selvageria*, *sigilo*, *singelo*, *sugestão*, *sugestivo*, *tangerina*, *tangente*, *tangível*, *tragédia*, *tigela*, *urgente*, *vagem*, *vagina*, *vertigem*, *vigência*, *viagem* (substantivo)...

Emprego da Letra J

Usa-se o **J** seguido de qualquer vogal.

Há uma palavrinha que aparece direto em prova; que palavra é essa? Hojeriza? Hogeriza? Hogerisa? Ogeriza? Ojerisa? Ojeriza? Bizarro, não é? Bem, e a palavra certa é... O-JE-RI-ZA (OJERIZA)! Cuidado com ela! Ah! E aquele papinho da titia da escola de que se a palavra couber na tigela, nós a escrevemos com **J** é papo furado, hein! Nunca ouviu essa, não? Berinjela cabe na tigela, mas geleia também! Chega de besteira... Vamos às regras:

– Em palavras de origem indígena, africana, árabe ou exótica: **beiju, jirau, jerimum, jequitibá, alforje, jiboia, mujique, manjericão, manjerona, jiu-jítsu...**

– Em palavras derivadas de outras que já são, na sua formação, escritas com **J**: **anjinho (de anjo; porém angélico, que deriva de uma palavra latina que tinha G na raiz); canjica (de canja); encoraje, encorajem (do verbo encorajar); laranjeira, laranjinha (de laranja); lojista (de loja); lajedo (de laje); rijeza, enrijecer (de rijo; no entanto, cuidado com rigidez e rígido); viajei, viajemos, viajem (de viajar)...**

– Em verbos terminados em **-jar/-jear**; por exemplo, viajar e granjear: **viajo, viajas, viaja, viajamos, viajais, viajam ... viaje, viajes, viaje, viajemos, viajeis, viajem...; granjeio, granjeias, granjeia, granjeamos, granjeais, granjeiam ... granjeie, granjeies, granjeie, granjeemos, granjeeis, granjeiem...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *acarajé*, *adjetivo*, *adjunto*, *ajeitar*, *alforje*, *anjo*, *azulejo*, *azulejista*, *berinjela*, *brejeiro*, *brejo*, *cafajeste*, *canjica*, *caranguejeira*, *cerejeira*, *cervejeiro*, *desajeitado*, *enjeitado*, *enrijecer*, *gorjear*, *gorjeta*, *granjeiro*, *jeca*, *igreja*, *interjeição*, *injeção*, *Jeni*, *Jeová*, *jequitibá*, *jesuíta*, *jirau*, *laje*, *laranjeira*, *laranjinha*, *lisonjear*, *lisonjeiro*, *loja*, *lojista*, *majestade*, *majestoso*, *manjericão*, *manjedoura*, *Moji*, *objetivo*, *objeto*, *pajé*, *pajelança*, *projeção*, *projétil*, *projeto*, *rejeitar*, *rejeição*, *subjetivo*, *sujeira*, *sujeito*, *trejeito*, *ultraje*, *varejo*, *varejista*, *viajem* (verbo)...

Emprego da Letra H

A letra H não representa som algum, por isso é considerada consoante muda. É considerada uma letra etimológica, pois vem do latim (e do grego), em que era expirada, como em Tom **H**anks. Vejamos algumas regrinhas:

– No início de certas palavras de origem latina, grega ou inglesa: **hábil, hábito, habitar, heavy-metal, headfone, hebraico, hecatombe, hiato, hipótese, homérico, hipotaxe, hidrofobia, hora, hérnia...**

– Como letra diacrítica nos dígrafos **CH**, **LH**, **NH**: **chave, olhar, sonho...**

– No fim de certas interjeições: **ah!, eh!, ih!, oh!, uh!, hein!...**

– Após hífen nas palavras derivadas por prefixação ou nas compostas por justaposição: **sobre-humano, super-homem, anti-higiênico, pré-histórico, pan-hispânico, giga-hertz, neo-hebraico, pseudo-hermafrodita, mini-hotel, arqui-hipérbole...**

Obs.: Cuidado com estas palavras, pois os prefixos co-, des-, ex-, in-, sub-, re- dispensam o hífen e a letra H: coerdeiro, desarmonia, exaurir, inábil, subumano (ou sub-humano), reidratar, reaver; turboélice, lobisomem, filarmônico...

– Em toda a conjugação do verbo haver: **hei, hás, há, havemos/hemos, haveis, hão...**

– Por convenção, usa-se **H** ainda na palavra Bahia (o estado). Nos derivados, não há **H**: **baiano, baianinha, baianidade...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *haltere* (ou halter), *hangar*, *haurir*, *haxixe*, *hectare*, *hediondo*, *hélice*, *hera* (planta), *hermenêutica*, *hermético*, *híbrido*, *hipocondria*, *hirto*, *histologia*, *homeopatia*, *homilia* (ou homília), *homogeneidade*, *hóquei*, *hortênsia*, *horto*, *hosana*, *hóstia*, *hulha*, *húmus*...

Emprego da Letra S

Não confunda **S** com **SS, Z** ou **Ç**. Atenção às regrinhas!

– Em substantivos correspondentes a verbos terminados com **corr**, **d, nd, nt, pel, rg, rt** no radical: **concurso (de concorrer), discurso (discorrer), colisão (de colidir), alusão (de aludir), defesa, defensivo (de defender), pretensão, pretensioso (de pretender), compreensão, compreensivo (de compreender), difusão (de difundir), ascensão, ascensorista (de ascender), suspensão (de suspender), distensão (de distender), expansão (de expandir), senso, sensível (de sentir), expulso, expulsão (de expelir), compulsório (de compelir), imersão (de imergir), emersão (de emergir), inversão (de inverter), conversão (de converter), diversão (de divertir)...**

– Em adjetivos pátrios/gentílicos ou títulos de nobreza terminados em **-ês(a)** e **-ense**: **rio-grandense, paranaense, catarinense, fluminense, parisiense... camponês, japonês, pequinês, princesa, duquesa, inglesa, calabresa (de Calábria), milanesa (de Milão)...**

– Nos sufixos nominais terminados em **-oso(a)** e **-isa**: **gostoso, apetitoso, afetuoso, papisa, poetisa...; exceção: gozo (e derivados).**

– Com som de Z, após **ditongo**: **coisa, deusa, pausa, pouso, causa, lousa, maisena (!), paisagem...**

– Na conjugação dos verbos pôr e querer (pretérito perfeito e mais-que-perfeito do indicativo e pretérito imperfeito e futuro do subjuntivo), inclusive dos derivados do verbo pôr: **quiser, pus, quis, pusemos, quisemos, interpusemos, propusestes...**

O verbo **requerer** NÃO é derivado do verbo querer. Consulte a conjugação deste verbo!

– Em substantivos terminados em **ase, ese, ise, ose**: **frase, tese, crise, osmose, metamorfose, catequese...; exceções: deslize, gaze...**

– Nos verbos terminados em **isar,** se os nomes correspondentes tiverem **S** no radical: **pesquisar (de pesquisa), paralisar (de paralisia), improvisar (de improviso), avisar (de aviso), analisar (de análise), alisar (de liso)...; exceções: catequiZar (de catequese), batiZar (de batismo), hipnotiZar (de hipnose), sintetiZar (de síntese).**

– O sufixo **inho** vem acompanhado de **S** quando esta letra fizer parte do radical da palavra de origem (com **Z** quando a palavra de origem não tiver o radical terminado em **S**): **LuiSinho (de Luís), meSinha (de mesa), lapiSinho (de lápis)...; lugarZinho (de lugar), cafeZinho (de café)...**

Obs.: O bizu da manutenção do S no radical serve para, praticamente, todos os casos: baseado, basear, embasamento (de base)...

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *adversário*, *alisar*, *aguarrás*, *ânsia*, *ansiar*, *ansioso*, *apreensão*, *apoteose*, *através*, *apreensivo*, *aspersão*, *aspersório*, *autópsia*, *aversão*, *avulso*, *catalisar*, *cisão*, *colisão*, *cansaço*, *cansar*, *cansado*, *cansativo*, *canseira*, *compreensão*, *compreensível*, *compreensivo*, *compulsão*, *compulsório*, *convulsão*, *defensivo*, *defensor*, *descanso*, *dispersão*, *disperso*, *dose*, *enviesar*, *entrosar*, *entorse*, *emersão*, *escusável*, *expulsão*, *frasear*, *formosura*, *freguesa*, *fusível*, *gasoso*, *gris*, *grosa*, *glosa*, *impulso*, *imersão*, *imerso*, *improvisar*, *impulsionar*, *lesar*, *lisura*, *maisena*, *manusear*, *medusa*, *misantropo*, *misto* (de mistura), *pêsame*(s), *pesquisar*, *percurso*, *perversão*, *pretensão*, *rasura*, *revés*, *reveses*, *repulsão*, *senso* (percepção), *sessão* (reunião), *sósia*, *sassafrás*, *tenso*, *trás*, *usura*, *verso*, *verosímil*, *verosimilhança* (ou verossímil, verossimilhança), *zeloso*...

Emprego do Dígrafo SS

– Em verbos terminados em **primir, meter, mitir, cutir, ceder, gredir, sed(i)ar: impressão (de imprimir), depressão (de deprimir), promessa (de prometer), intromissão (de intrometer), admissão (de admitir), demissão (de demitir), percussão (de percutir), repercussão (de repercutir), excesso (de exceder), concessão (de conceder), agressão (de agredir), transgressão (de transgredir), obsessão (de obsed(i)ar)...**

Cuidado com a palavra **exceção**! Ela cai direto em prova. Consulte: Cesgranrio – Petrobras – Cargos de nível superior – 2010 – QUESTÃO 28.

– Prefixo terminado em vogal + palavra iniciada por **S**: **assimétrico (a + simétrico), ressurgir (re + surgir), autosserviço (auto + serviço), minissaia (mini + saia), parassíntese (para + síntese), pressentimento (pré + sentimento)...**

– Em todo o pretérito imperfeito do subjuntivo: **fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *acesso*, *acessível*, *acessório*, *assessor*, *assessoria*, *abadessa*, *abscesso*, *acessível*, *acessório*, *admissão*, *agressão*, *agressor*, *amassar*, *amerissar*, *amerissagem*, *antepassado*, *argamassa*, *assar*, *assalariado*, *assassinar*, *assédio*, *assalto*, *assassinato*, *assanhado*, *assíduo*, *assear*, *asseio*, *assinar*, *assinalar*, *assobiar* (assoviar), *assíduo*, *aterrissar*, *aterrissagem* (ou aterrizar, aterrizagem), *atravessar*, *avesso*, *bússola*, *colosso*, *compasso*, *concessão*, *demissão*, *dissensão*, *dissídio*, *endossar*, *escassez*, *escasso*, *excesso*, *excessivo*, *fotossíntese*, *ingresso*, *ingressar*, *missa*, *monossílabo*, *obsessão*, *pássaro*, *passeata*, *passeio*, *permissão*, *possessão*, *potássio*, *progresso*, *progressão*, *ressaca*, *ressurreição*, *ressuscitar*, *retrocesso*, *ultrapassado*, *verossímil*, *verossimilhança*, *vicissitude*...

Emprego do Dígrafo SC

O dígrafo **SC** era usado em muitas palavras do latim. Elas sofreram algumas mudanças ao longo dos séculos, mas o dígrafo foi conservado. Por isso conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *abscesso*, *abscissa*, *acrescentar*, *acréscimo*, *adolescência*, *apascentar*, *aquiescência*, *ascensorista*, *ascendente*, *discípulo*, *crescente*, *crescer* (cresço), *concupiscência*, *condescender*, *consciência*, *crescimento*, *convalescença*, *discernimento*, *discente*, *disciplina*, *efervescência*, *excrescência*, *fascículo*, *fascismo*, *florescente*, *fosforescente*, *imprescindível*, *isósceles*, *incandescente*, *intumescer*, *irascível*, *lascívia*, *miscelânea*, *miscigenação*, *nascimento*, *nascer*, *néscio*, *nascença*, *obsceno*, *onisciência*, *oscilação*, *plebiscito*, *piscicultura*, *presciência*, *recrudescer*, *reminiscência*, *rescindir*, *rescisão*, *ressuscitar*, *renascimento*, *seiscentos*, *susceptível*, *suscitar*, *transcendência*, *víscera*...

Emprego do Dígrafo CH

As palavras que apresentam este dígrafo têm origens diversas: latim, francês, espanhol, italiano, alemão, inglês, árabe etc.

– Veja algumas: **chave, cheirar, chuva; chassi, chalé, chefe, chuchu, deboche; apetrecho, mochila, trapiche; charlatão, espadachim, salsicha; chope, charuto, cheque, sanduíche; azeviche, chafariz, cherne, escabeche...**

– Em palavras derivadas de **cognatas (mesmo radical)**: **chinelada (de chinelo), chifrada (de chifre), chaveiro (de chave), chamariz (de chamar), enchente (de encher), encharcar (de charco), achincalhar (de chincalho), pichação (de piche)...**

– Em sufixos aumentativos ou diminutivos **-acho, -achão, -icho, -ucho**: **bonachão, rabicho, papelucho, riacho, barbicha, gorducho...**

– Depois de **-an**, **-en***, **-in**, **-on**, **-un**: **anchova, gancho, encher, preencher, inchaço, pechincha, concha, ponche, funcho, escarafunchar...**

* Na maioria das palavras com **-EN**, usa-se X: enxame, enxada, enxergar, enxugar, desenxabido...

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *achincalhar*, *anchova*, *apetrecho*, *bacharel*, *beliche*, *bochecha*, *bombacha*, *bolacha*, *brecha*, *brocha* (prego), *brochura*, *bucha*, *cacho*, *cachola*, *cachoeira*, *cachimbo*, *cartucho*, *chácara*, *chacina*, *chafariz*, *chalé*, *charuto*, *charque*, *cheque* (= dinheiro), *chicote*, *chiste*, *chuchu*, *chucrute*, *chumaço*, *coqueluche*, *cochicho*, *debochar*, *deboche*, *ducha*, *estrebuchar*, *fachada*, *ficha*, *fechar*, *garrancho*, *guache*, *inchado*, *lanche*, *mochila*, *pachorra*, *piche*, *pichação*, *pechincha*, *prancha*, *rocha*, *rachar*, *salsicha*, *tacha* (mancha ou prego pequeno), *tachar* (acusar), *tchau*, *tocha*, *trecho*, *trincheira*...

Emprego da Letra X

– Depois de **ditongo**: **caixa, peixe, frouxo, seixo, feixe...; exceção: caucho, recauchutar, recauchutagem, guache.**

– Depois da sílaba **en**: **enxadrista, enxugar, enxovalhar, enxoval, enxofre, desenxabido...; exceção**: enchente (de encher, cheio), encharcar (de charco), enchiqueirar (de chiqueiro), enchumaçar (de chumaço), enchova (ou anchova)...

– Depois da sílaba **me**: **mexerica, mexer, mexilhão, mexerica, mexeriqueiro...; exceção**: mecha (de cabelos) e derivados.

– Na vasta maioria das palavras depois das sílabas **bru, gra, la, li, lu**: **bruxa, bruxulear; graxa, graxeiro; laxante, laxo; lixa, lixo, lixiviação; luxo, luxação, luxamento...**

– Em palavras de **origem árabe, grega, latina, árabe, africana, espanhola, indígena, inglesa** etc.: **xá, Xerxes, luxação, rixa, taxar, xampu, Xangai, abacaxi, Erexim, muxoxo, xavante, xingar, almoxarife, enxaqueca, enxoval, xadrez, oxalá, lagartixa, xarope, xaveco, xerife, xeque-mate, xucro, xuá...**

– Em certas **interjeições**: **Xi!, Xô!**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvida: *abacaxi*, *afrouxar*, *almoxarife*, *atarraxar*, *Araxá*, *baixada*, *baixela*, *bauxita*, *bexiga*, *broxa* (pincel), *Bruxelas*, *bruxo*, *caixão*, *caixa*, *caixeiro*, *caixote*, *capixaba*, *caxumba*, *deixar*, *desleixo*, *elixir*, *encaixotar*, *engraxar*, *engraxate*, *enxada*, *enxame*, *enxergar*, *enxoval*, *enxotar*, *enxurrada*, *enxuto*, *faxina*, *faxineiro*, *feixe*, *frouxo*, *graxa*, *gueixa*, *luxo*, *luxúria*, *madeixa*, *macaxeira*, *mexer*, *mexida*, *orixá*, *praxe*, *puxão*, *Quixote*, *relaxado*, *relaxamento*, *rouxinol*, *taxa* (imposto), *vexame*, *Xapecó*, *xavante*, *xenofobia*, *xereta*, *xícara*, *xingar*, *xilindró*....

Obs.: Vale a pena dizer que, em muitas palavras escritas com **X**, tal letra tem som de **KS** (uxoricida, tóxico), **Z** (inexorável, êxito) ou **S** ou **SS** (têxtil, sintaxe). Alguns estudiosos insistem em dizer que, em sintaxe, o **X** tem som de **KS**, inclusive o dicionário Caldas Aulete abona essa pronúncia. Já o VOLP, que é a autoridade máxima no assunto, diz que o **X** tem som de **SS**. Bem-vindo à língua portuguesa!

Emprego da Letra Z

– No sufixo **ez(a),** em substantivos abstratos derivados de adjetivos: **acidez (de ácido), polidez (de polido), moleza (de mole), pobreza (de pobre), frieza (de frio)...**

– Em verbo terminado em **izar** derivado de palavra **sem S** no radical (e substantivo derivado deste verbo, com sufixo **ização**): **amenizar, amenização (de ameno), suavizar, suavização (de suave), concretizar, concretização (de concreto), hospitalizar, hospitalização (de hospital)...**

– Em palavras terminadas em **zado(a)**, **zal**, **zeiro**, **zinho(a)**, **zito**, derivadas de outras com **Z** no radical ou sem **S** no radical: **abalizada, cafezal, "caozeiro", açaizeiro, cajazeiro, jardinzito, cãozito, cãozinho, raizinha, florzinha, sozinho...**

Obs.: Dependendo do valor semântico-discursivo (contextual), algumas palavras terminadas em **(z)inho** podem ter dupla forma: *colherzinha/colherinha; florzinha/florinha; homenzinho/hominho.*

– Na maioria dos verbos terminados em **uzir**, **er** ou **ir**: **produzir, conduzir, reproduzir, deduzir, dizer, fazer, comprazer, jazer, luzir...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvida: *agonizar*, *agudeza*, *alazão*, *alcoolizado*, *alteza*, *Amazonas*, *Amazônia*, *anãozinho*, *armazém*, *avestruz*, *azedo*, *bendizer*, *capuz*, *certeza*, *cartaz*, *catequizar* (porém catequese), *dizer*, *correnteza*, *cozinhar*, *dramatização*, *escravizar*, *frieza*, *flacidez*, *horizonte*, *idealizar*, *lazer*, *legalizar*, *martirizar*, *neutralizar*, *nazismo*, *ozônio*, *Queluz*, *prezado*, *viuvez*, *vazio*, *verniz*, *vezes*, *vizinho*.

Emprego dos Verbos Terminados em -EAR e -IAR

No presente do indicativo e do subjuntivo (e no imperativo) de todos os verbos terminados em **ear**, como **pentear**, acrescenta-se a letra **I** depois da **E**, exceto na 1ª e na 2ª pessoa do plural.

Veja: **Eu penteio, Tu penteias, Ele penteia, Nós penteamos, Vós penteais, Eles penteiam** (presente do indicativo); **Que... eu penteie, tu penteies, ele penteie, nós penteemos, vós penteeis, eles penteiem** (presente do subjuntivo).

No imperativo afirmativo e negativo, respectivamente: **penteia (tu), penteie (você), penteemos (nós), penteai (vós), penteiem (vocês); não penteies (tu), não penteie (você), não penteemos (nós), não penteeis (vós), não penteiem (vocês).**

Agora, em verbos terminados em **iar**, como ***negociar***, a conjugação é regular, não há acréscimo nem decréscimo. Exemplo:

Eu negocio, Tu negocias, Ele negocia, Nós negociamos, Vós negociais, Eles negociam; Que... eu negocie, tu negocies, ele negocie, nós negociemos, vós negocieis, eles negociem...

Importante! No presente do indicativo e do subjuntivo dos verbos **Mediar, Ansiar, Remediar, Incendiar/Intermediar e Odiar (MARIO)**, a conjugação se dá com uma ditongação através da letra **E** antes do **I** em todas as formas, exceto na 1ª e na 2ª pessoa do plural.

Veja na prática: **Eu odeio, Tu odeias, Ele odeia, Nós odiamos, Vós odiais, Eles odeiam** (presente do indicativo)**. Que... eu odeie, tu odeies, ele odeie, nós odiemos, vós odieis, eles odeiem** (presente do subjuntivo). No imperativo afirmativo e no negativo, respectivamente: **odeia (tu), odeie (você), odiemos (nós), odiai (vós), odeiem (vocês); não odeies (tu), não odeie (você), não odiemos (nós), não odieis (vós), não odeiem (vocês).**

Sempre que for conjugar os verbos *mediar, ansiar, remediar, incendiar/intermediar*, siga o modelo do verbo *odiar*. A conjugação é igual! Exemplo: se "Eu odeio", "Eu medeio"; se "Tu odeias", "Tu intermedeias"... e por aí vai! Fica a dica, hein!

Cuidado com certos verbos terminados em **-ear** e **-iar**, de forma muito parecida, mas de sentido diverso:

- afear (de feio) e afiar (de fio);
- enfrear (de freio) e enfriar (de frio);
- estear (de esteio) e estiar (de estio);
- estrear (de estreia) e estriar (de estria);
- mear (de meio) e miar (de mio, miado);
- pear (de peia) e piar (de pio);
- arrear (de arreios) e arriar (de abaixar).

Cuidado!!!

"Descobri" um detalhe no texto do Novo Acordo Ortográfico (Base V, letra "e") que todos devem saber. Parece brincadeira de mau gosto (para não falar "sacanagem")! Veja você mesmo no sítio da ABL!

Quaisquer verbos terminados em **-iar**, como *negociar, premiar, intermediar, caluniar, odiar* podem ser conjugados de duas formas diferentes (em -io ou -eio): *eu negocio/negoceio, eu premio/premeio, eu intermedio/intermedeio, eu calunio/caluneio, eu odio/odeio etc.* Isso se dá porque esses verbos têm correspondência com substantivos terminados em **-io** e **-ia**: *negócio, prêmio, intermédio, calúnia, ódio.*

Pergunta derradeira do concurseiro: "Então o Tiririca estava certo esse tempo todo?! Pestana, afinal, como devo proceder na prova?!"

Resposta: "Leve as duas verdades para o dia da prova e marque a melhor resposta. Se der "chabu", teremos aí uma grande polêmica instaurada."

Cá entre nós... duvido que isso caia em prova! Tomara que eu não "queime a língua"...

Dupla Grafia

Vejamos algumas palavras que apresentam mais de uma grafia (você perceberá que algumas palavras são estranhas ao ouvido, pois nem todas são usuais ou aceitas unanimemente pelos gramáticos e dicionaristas):

Abaixar e baixar; abdome e abdômen; açoitar e açoite, açoutar e açoute; afeminado e efeminado; afoito e afouto; aluguel e aluguer; aritmética e arimética; arrebitar e rebitar; arremedar e remedar; assoalho e soalho; assobiar e assoviar; assoprar e soprar; azálea e azaleia; bêbado e bêbedo; besoiro e besouro; bilhão e bilião; bílis e bile; biscoito e biscouto; bombo e bumbo; bravo e brabo; cãibra e câimbra; cálice e cálix; carnegão e carnicão; carroçaria e carroceria; catinga e caatinga; catorze e quatorze; catucar e cutucar; chipanzé e chimpanzé; clina e crina; cociente e quociente; coice e couce; coisa e cousa; cota e quota; cotidiano e quotidiano; cotizar e quotizar; covarde e cobarde; cuspe e cuspo; dactilografia e datilografia; deficit e défice; degelar e desgelar; demonstrar e demostrar; dependurar e pendurar; desenxavido e desenxabido; diabete e diabetes; doido e doudo; doirar e dourar; dois e dous; emagrecer e esmagrecer; empanturrar e empaturrar; enfarte, enfarto, infarte e infarto; engambelar e engabelar; enlambuzar e lambuzar; entoação e entonação; entretenimento e entretimento; enumerar e numerar; espuma e escuma; estalar e estralar; este e leste; estoiro e estouro; exorcizar e exorcismar; flauta e frauta; flecha e frecha; fleuma e flegma; flocos e frocos; geringonça e gerigonça; gorila e gorilha; hemorroidas e hemorroides; humo e húmus; impingem e impigem; imundícia, imundície e imundice; intrincado e intricado; lantejoula e lentejoula; limpar e alimpar; lisonjear e lisonjar; louça e loiça; louro e loiro; macaxeira e macaxera; maçom e mação; maltrapilho e maltrapido; maquiagem e maquilagem; marimbondo e maribondo; marino e marinho; melancólico e merencório; menosprezo e menospreço; mobiliar, mobilhar e mobilar; neblina e nebrina; nenê, neném e nenen; oiro e ouro; olimpíada e olimpíade; parêntese e parêntesis; percentagem e porcentagem; peroba e perova; pitoresco e pinturesco; plancha e prancha; pólen e polem; quadriênio e quatriênio; rádio e radium; radioatividade e radiatividade; rastro e rasto; registro e registo; relampear, relampejar, relampadejar, relampaguear, relampadar e relampar; remoinho e redemoinho; ridiculizar e ridicularizar; salobra e salobre; seção e secção; selvageria e selvajaria; silueta e silhueta; sobressalente e sobresselente; sutil e subtil; surripiar e surrupiar; taberna e taverna; televisar e televisionar; terremoto e terramoto; tesoura e tesoira; tesouro e tesoiro; toiro e touro; toicinho e toucinho; transvestir e travestir; tríade e tríada; trilhão e trilião; várzea, várgea, vargem e varge; volibol e voleibol...

Caso queira saber mais, reveja o capítulo de Acentuação (Algumas Formas Variantes) e Fonologia (Ortoepia e Prosódia).

Emprego das Iniciais Maiúsculas ou Minúsculas

Esta parte é importante para quem faz provas discursivas. Fique atento! Eu me ative ao texto oficial da ABL, ao Manual de Redação da PUC/RS e ao Manual de Elaboração de Textos do Senado.

A letra minúscula inicial é usada:

a) Normalmente em todos os vocábulos da língua nos usos correntes, sem que haja, é claro, obrigatoriedade no uso da maiúscula.

b) Nos **nomes dos dias, meses, estações do ano**: **segunda-feira; outubro; primavera.**

c) Nos **pontos cardeais** (mas não nas suas abreviaturas): **norte, sul (mas: SW, de sudoeste).**

d) Nos substantivos (ou pronomes indefinidos para alguns) **fulano, sicrano** e **beltrano**, desde que não iniciem frase.

e) Depois de dois-pontos (**:**), a não ser quando a palavra é um substantivo próprio, uma citação direta ou uma palavra que deva seguir a regra de maiúsculas: "De você eu quero isto: **dedicação**!" **Mas**: "Há só uma gramática que traz questões da banca CQIP: **A Gramática**".

f) Em substantivos próprios que se tornaram comuns, sofrendo derivação imprópria (ou conversão): "Pegaram o Joãozinho para **cristo**, mas você é que não passa de um **judas**!"

Obs.: Neste caso, vale dizer que as frases substantivadas, que se tornam substantivos compostos são escritas com letra minúscula: comigo-ninguém-pode, arranca-rabo, bate-boca, bem-te-vi, bem-me-quer, desmancha-prazer...; lembre-se de que certos substantivos desse tipo perderam o hífen, como maria vai com as outras, bumba meu boi, leva e traz..

g) Em palavras derivadas de nomes estrangeiros: **bachiano, kantismo, beethoveniano, byronismo, freudiano...**

h) Na sequência de alíneas e de incisos, que devem ter início na altura do parágrafo do texto:

São benefícios concedidos pelo IPC:

a) **auxílio-doença**;

b) **auxílio-funeral**;

c) **pecúlio**.

A escolha de seus membros compete:

I – **ao Senado Federal**;

II – **à Assembleia Geral**;

III – **ao Conselho Deliberativo**.

i) Nas partículas intermediárias (palavras invariáveis e contrações) monossilábicas dos

onomásticos compostos (título de obras, acordos, conferências, congressos etc.): Crônicas **de** Risos **e** Lágrimas, Ninguém Escreve **ao** Coronel, Triste Fim **de** Policarpo Quaresma, II Congresso Nacional **de** Biblioteconomia, Pacto Internacional **dos** Direitos Civis **e** Políticos.

j) Nos adjetivos **gentílicos** e **pátrios** e na designação de **grupos étnicos**: **brasileiros, ingleses, xavantes, tamoios, paulistanos, mato-grossenses, mineiros...**

k) Nos **axiônimos** (títulos e outras formas especiais de tratamento), usa-se minúscula: **senhor doutor Joaquim da Silva, bacharel Mário Abrantes, o cardeal Bembo...**

l) Depois de interjeições, quando o nome for comum: **Oh! quanta miséria!; Nossa Senhora, que frio!; Ai! meu Deus!...**

m) Depois de ponto de exclamação ou de interrogação, quando o pensamento não estiver inteiramente completo ou quando se seguir uma oração de narrador: "**Que é isso? você enlouqueceu?"; "No mundo tereis tribulação, mas, coragem! eu venci o mundo."; "Que paisagem linda! exclamou Pedro."; "Que você dizia? indagou Lúcia."...**

A letra maiúscula inicial é usada:

a) No **início de períodos**, em **citações diretas** e **após o ponto final**: "**Hoje** disse algo que a chocou: '**Saia** daqui e não volte nunca mais.' **Ela** ficou desesperada".

b) Nos substantivos próprios de qualquer espécie **(nomes de pessoas, apelidos, alcunhas, entidades religiosas/governamentais, nomes de lugares, nomes de astros, nomes de personagens fictícios, nomes de tribos ou castas, nomes de comunidades religiosas ou políticas...)**: **Pedro Marques, D. João VI; Branca de Neve, D. Quixote, Alá, Deus, Messias, Oxum, Lisboa, Luanda, Maputo, Rio de Janeiro, Atlântida, Hespéria, Golfo Pérsico, Cabo da Boa Esperança, Oceano Atlântico, Monte Everest, Mar Morto, Mar Vermelho, Trópico de Câncer, Hemisfério Sul, Terra, Vênus, Marte, Júpiter, Adamastor, Mickey Mouse, Chapeuzinho Vermelho, Netuno, Aquiles, Tupinambás, Tamoios, Brâmanes, Sudras, Testemunhas de Jeová, Cristadelfianos, Nação, Estado, Pátria, Raça...**

Obs.: As palavras "Nação, Estado, Pátria e Raça" são escritas com letra maiúscula se tiverem sentido de entidade: "O **Estado** supre carências populares". Usamos minúscula quando estiverem determinadas, especificadas: "Devemos lutar pela nossa gentil **pátria**!" / "Eu moro no **estado** de São Paulo". A palavra "estado" (= situação/condição) se escreve com letra minúscula: "Ela se encontra em **estado** terminal". Se for o nome do jornal, letra maiúscula: "O Estado de São Paulo".

c) Nos nomes de **leis, decretos, atos** ou **diplomas oficiais**: **Decreto Federal nº 25.794;**

Portaria nº 1.054, de 17-9-1998; Lei dos Direitos Autorais nº 9.609; Parecer nº 03/00; Sessão nº 01/00; Resolução nº 3/87 CFE...

d) Nos nomes que designam **instituições (acadêmicas ou não), períodos notáveis, acontecimentos (históricos ou não)**: **Instituto de Pensões e Aposentadorias da Previdência Social, Faculdade de Letras da UFRJ, Jogos Olímpicos de Inverno, Copa do Mundo, Jornada Paulista de Radiologia, Idade Média, Revolução Francesa...**

e) Nos nomes de **festas** e **festividades**: **Natal, Páscoa, Ramadão, Todos os Santos, Carnaval...**

f) Nos **títulos de periódicos** e **jornais** (escreve-se em itálico, sem aspas): **O Globo, O Estado de São Paulo (ou S. Paulo), Folha de São Paulo...**

g) Nos **pontos cardeais** ou equivalentes, quando empregados absolutamente: **Nordeste, por nordeste do Brasil, Norte, por norte de Portugal, Ocidente, por ocidente europeu para cá, Oriente, por oriente asiático para lá...**

h) Em **siglas, símbolos** ou **abreviaturas** internacionais ou nacionalmente reguladas com maiúsculas, iniciais ou mediais ou finais ou o todo em maiúsculas: **FAO, NATO, ONU; H2O, Sr., V. Ex.ª.**

Obs.: As disposições sobre os usos das minúsculas e maiúsculas não obstam a que obras especializadas observem regras próprias, provindas de códigos ou normalizações específicas (terminologias antropológica, geológica, bibliológica, botânica, zoológica etc.), promanadas de entidades científicas ou normalizadoras, reconhecidas internacionalmente.

Casos Facultativos

a) Nos **bibliônimos** (nome de livro) – após o primeiro elemento, que é com maiúscula, os demais vocábulos podem ser escritos com minúscula, salvo nos nomes próprios neles contidos, tudo em grifo: **O Senhor do paço de Ninães ou O senhor do paço de Ninães, Menino de engenho ou Menino de Engenho, Árvore e Tambor ou Árvore e tambor.**

b) Nos **hagiônimos** (palavras sagradas e nomes próprios sagrados), usa-se maiúscula ou minúscula: **ressurreição (ou Ressureição), santa Filomena (ou Santa Filomena).**

c) Nos nomes que designam **domínios do saber, cursos** e **disciplinas** (opcionalmente, também com maiúscula): **português (ou Português), matemática (ou Matemática); línguas e literaturas modernas (ou Línguas e Literaturas Modernas).**

d) Opcionalmente, em palavras usadas reverencialmente, aulicamente (ref. à corte, palácio) ou hierarquicamente, em início de versos, em categorizações de logradouros públicos: **rua ou Rua da Liberdade, largo ou Largo dos Leões, igreja ou Igreja do Bonfim, templo ou**

Templo do Apostolado Positivista, palácio ou Palácio da Cultura, edifício ou Edifício Azevedo Cunha, túnel Rebouças ou Túnel Rebouças...

e) Nos intitulativos gerais de **doutrinas**, **correntes** e **escolas de pensamento**, **religiões** e **regimes políticos**: **positivismo ou Positivismo, romantismo ou Romantismo, barroco ou Barroco, marxismo ou Marxismo, catolicismo ou Catolicismo, cristianismo ou Cristianismo, parlamentarismo ou Parlamentarismo...**

f) Cargos políticos, religiosos e militares (recomendam-se as formas maiúsculas): **ministro ou Ministro, bispo ou Bispo, capitão ou Capitão...**

Abreviaturas

As abreviaturas não podem ser confundidas com abreviações. A primeira é a representação contraída de uma palavra ou locução, em que são retiradas várias letras, permanecendo geralmente as iniciais, que são seguidas de um ponto (.), chamado de ponto abreviativo: **pág. ou pg. ou p. (página)**. A segunda trata apenas da retirada de algumas sílabas até um determinado ponto; é possível pronunciar a palavra abreviada como uma palavra normal, sem prejuízo da pronúncia e do sentido da palavra; além disso, não há ponto abreviativo: **otorrino (otorrinolaringologista)**. Vou falar mais de abreviação vocabular no capítulo de Processo de Formação de Palavras.

Como as **abreviaturas** ocorrem? Vejamos os principais casos:

a) Escreve-se a primeira sílaba e a primeira letra da segunda sílaba, seguida de ponto abreviativo: **gram. (de gramática), al. (de alemão), num. (de numeral)...**

b) O acento presente na primeira sílaba se mantém: **gên. (de gênero), créd. (de crédito), lóg. (de lógica)...**

c) Se a segunda sílaba iniciar por duas consoantes, escrevem-se as duas: **pess. (de pessoa), constr. (de construção), secr. (de secretário)...**

d) As abreviaturas universais são escritas sem ponto e sem a letra S para indicar plural (medidas, pesos, distâncias...): **g (grama), m (metro), min (minuto), h (hora), km (quilômetro)...**

Obs.: O que a gente mais vê na rua é isto: "A loja abre às 14hs ou 14hs. ou 14hrs." É ou não é? O certo é "A loja abre às 14h".

e) Quando se quer acrescentar o S para indicar o plural, basta colocá-lo antes do ponto: **fs. ou fls. (folhas), caps. (capítulos), segs. (seguintes)...**

f) As abreviaturas de formas de tratamento são feitas sempre com inicial maiúscula: **C.^{el}, Cel. (coronel), Dep. (deputado), Des., Des.^{a}, Desa. (desembargador, desembargadora), Diác. (diácono)...**

Obs.: O plural das formas de tratamento varia, ou se coloca o S (autoridades universitárias, militares, judiciárias, eclesiásticas, civis) ou se duplica a letra da abreviatura (autoridades monárquicas): V.Em.^{as}, V.Emas. (Vossas Eminências), VV.MM (Vossas Majestades). Em alguns casos, a duplicação indica superlativação: DD (Digníssimo), MM (Meritíssimo), SS (Santíssimo).

f) Inúmeras palavras não seguem essas regras: **a. C. ou A.C. (de antes/Antes de Cristo), ap.,**

apart., apto. (de apartamento), cia. (de companhia), f., fl. ou fol. (de folha), h (de hora), seg (segundo)...

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo relativo ao emprego de letras é importante, principalmente quanto aos verbos terminados em -EAR e -IAR. Os demais assuntos (iniciais maiúsculas ou minúsculas e abreviaturas) são desimportantes em provas de concursos públicos. Não deixe de contar com sua memória visual caso não se lembre de uma regra. Importante: a banca que adora ortografia é a FCC! Fica aqui mais uma dica: observe as palavras que mais se repetem nas questões. Memorize-as!

Questões de Concursos

Adaptei as questões antigas (antes de 2009) à nova ortografia, que só vai valer de fato em 1º de janeiro de 2016. No ruim, vamos ter mais tempo para nos acostumar com as regras.

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2003) Indique o item em que todas as palavras estão corretamente empregadas e grafadas.
   a) A pirâmide carcerária assegura um contexto em que o poder de infringir punições legais a cidadãos aparece livre de qualquer excesso e violência.
   b) Nos presídios, os chefes e subchefes não devem ser exatamente nem juízes, nem professores, nem contramestres, nem suboficiais, nem "pais", porém avocam a si um pouco de tudo isso, num modo de intervenção específico.
   c) O carcerário, ao homogeinizar o poder legal de punir e o poder técnico de disciplinar, ilide o que possa haver de violento em um e de arbitrário no outro, atenuando os efeitos de revolta que ambos possam suscitar.
   d) No singular poder de punir, nada mais lembra o antigo poder do soberano iminente que vingava sua autoridade sobre o corpo dos supliciados.
   e) A existência de uma proibição legal cria em torno dela um campo de práticas ilegais, sob o qual se chega a exercer controle e aferir lucro ilícito, mas que se torna manejável por sua organização em delinqüência.

2. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2004) Assinale a opção que corresponde a palavra ou expressão do texto que contraria a prescrição gramatical.

No século XX, a arte cinematográfica introduziu um novo conceito de tempo. Não mais o conceito linear, histórico, que perspassa **(1)** a Bíblia e, também, as pinturas de Fra Angelico ou o *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes. No filme, predomina a simultaneidade **(2)**. Suprimem-se **(3)** as barreiras entre tempo e espaço. O tempo adquire caráter espacial, e o espaço, caráter temporal. No filme, o olhar da câmara e do espectador **(4)** passa, com toda a liberdade, do presente para o passado e, desse, para o futuro. Não há continuidade ininterrupta **(5)**.

(Adaptado de Frei Betto)

   a) 1.
   b) 2.
   c) 3.
   d) 4.
   e) 5.

3. (Cesgranrio – AL/TO – Assistente Legislativo – 2005) Marque a opção em que a palavra é escrita com **s**.
   a) Avare___a.
   b) Apra___ível.
   c) Ra___ão.
   d) De___ertas.
   e) Cafe___al.

4. (ACEP – BNB – Técnico de Nível Superior – 2006) Assinale a alternativa com palavras ortografadas corretamente de acordo com a sequência: "peixe", "anzol", "concessão".
   a) laxante – cataqueze – sessão.
   b) trouxer – catequizar – assento.
   c) broxa – analizar – passo.
   d) xácara – deleitozo – obsessão.
   e) taxa – catálize – admissão.

5. (NCE/UFRJ – MPE/RJ – Analista (Processual) – 2007) O adjetivo que os autores utilizam no título é uma das palavras que costumeiramente geram dúvidas ortográficas. Nos casos abaixo, a grafia de ambas as palavras só está correta em:
   a) mantegueira / aterrissagem;
   b) cataclismo / adivinhar;
   c) mortadela / meretíssimo;
   d) entitulado / embutido;
   e) prostração / beneficiente.

6. (Cespe/UnB – Analista de Comércio Exterior – 2008) Julgue o item a seguir levando em conta a correção gramatical (apegue-se apenas à ortografia):

Portanto, ao se iniciar a nova década, o ambiente que se formula e gerencia a política de comércio exterior brasileira é radicalmente diverso daquele que vigiu à época em que a CACEX atuava como superagência nessa área. A institucionalidade da política distanciou-se do modelo CACEX, mas é pouco nítido o modelo desejável e adequado aos novos condicionantes e objetivos.

( ) CERTO
( ) ERRADO

7. (FGV – Senado Federal – Analista de Relações Públicas – 2008) O vocábulo <u>*anabolizar*</u> está grafado corretamente. Assinale a alternativa em que haja pelo menos uma palavra com **erro** de grafia.
   a) profissionalizar – pesquisar.
   b) paralizar – realizar.
   c) hostilizar – analisar.
   d) indenizar – inferiorizar.
   e) informatizar – ironizar.

8. (Cespe/UnB – Ministério da Saúde – Área de Redação Oficial – 2008) De acordo com o padrão da língua portuguesa, são variantes da palavra "imundície" as seguintes formas: imundice e imundícia.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

9. (FCC – PGE/RJ – Técnico Assistente de Procuradoria – 2009) Todas as palavras estão escritas corretamente na frase:
   a) Intervensões governamentais massiças e até agora sem precedentes não conseguiram conter os impactos da crise financeira em diversos países.
   b) A permanência e a gravidade dos desdobramentos da crise financeira deicham dúvidas e originam expeculações em todo o mundo.
   c) A ganância por lucros cada vez maiores fez com que os riscos dos investimentos crecessem esponencialmente no mercado financeiro.
   d) A excessiva circulação de instrumentos financeiros imbutia imenço potencial de perigos redundando, como se viu, em enormes prejuízos.
   e) O êxito das resoluções tomadas em outros países depende de um maior controle das instituições financeiras, o que atinge interesses múltiplos e provoca resistência.

10. (FCC – TRT (16R) – Técnico Judiciário – 2009) A frase em que há palavras escritas de modo INCORRETO é:
   a) A aridez que sempre caracterizou as paisagens do Nordeste brasileiro aparece agora, para assombro de todos, na região Sul, comprometendo as safras de grãos.
   b) Alguns estudiosos reagem com sensatez às recentes explicações, considerando se o papel da bomba biótica é realmente crucial na circulação do ar.
   c) Se for comprovada a correção da nova teoria, a preservação das florestas torna-se essencial para garantir a qualidade de vida em todo o planeta.
   d) O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.
   e) Com ventos mais próximos ao mar, o ar úmido resultante da evaporação da água do oceano é puxado para o continente, distribuindo a chuva ao redor do planeta.

11. (FCC – MPE-AP – Técnico Administrativo – 2009) Está correta a grafia de todas as palavras da frase:
   a) Compadecido com a humilhação de seu velho servo, o rei Psamênito não conteu as lágrimas e as verteu abundantemente.
   b) O príncipe e a princesa ainda poderiam insurgir-se contra os persas, mas não o velho servo, cujas forças esmoresciam.
   c) Talvez Psamênito não previlegiasse o velho servo, talvez este tivesse sido a última gota de tanto sofrimento.
   d) As forças e a dignidade do rei egípcio apenas titubiaram quando se deparou com a imagem do velho servo.
   e) Há divergências quanto à interpretação do porquê de haver chorado o rei Psamênito, sucumbindo à visão do velho servo.

12. (FCC – PGE-RJ – Técnico Superior de Procuradoria – 2009) É adequado o emprego e correta a grafia de todas as palavras da frase:
   a) É prazeroso o reconhecimento de uma pessoa que, surgindo longínqua, parece então mais próxima que nunca – paradoxo pleno de poesia.
   b) A abstensão da proximidade de alguém não impede, segundo o cronista, que nossa afetividade aflore e haja para promover uma aproximação.

c) Nenhuma distância dilui o afeto, pelo contrário: o reconhecimento da amada longeva avisinha-a de nós, fá-la mais próxima que nunca.
d) O cronista ratifica o que diz um velho provérbio: a distância que os olhos acusam não exclue a proximidade que o nosso coração promove.
e) Os poetas românticos eram obsecados por imagens que, figurando a distância, expressavam com ela a gososa inatingibilidade de um ideal.

13. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2010) Não precisa ir ao sebo, LPs _____ vão voltar às lojas.
Obra do autor revela _____ pelo purgatório.
Boato de _____ piora o mau-humor dos norte-coreanos.
Decisão do tribunal é um marco e traz princípios _____
a) imprecindíveis … obseção … dezerção … balisadores;
b) imprescindíveis … obsessão … deserção … balizadores;
c) imprecindíveis … obsessão … dezerção … balizadores;
d) imprescindíveis … obseção … deserção … balisadores;
e) imprescindíveis … obsessão … dezerção … balisadores.

14. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à ortografia?
– Constroe-se o espaço social de tal modo que os agentes ou grupos são aí distribuídos em razão de sua posição nas distribuições estatísticas de acordo com os dois princípios de diferenciação que, em sociedades mais desenvolvidas, são sem dúvida, os mais eficientes: o capital econômico e o capital cultural.

15. (Cespe/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo – 2010) O uso das letras iniciais maiúsculas em "Império Romano", "Cristianismo" e "Revolução Francesa" são exemplos de que substantivo usado para designar ente singular deve ser grafado com inicial maiúscula, como, por exemplo, **Lei nº 8.888/1998.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (FCC – Casa CiviL/SP – Executivo Público – 2010) A frase em que a grafia respeita totalmente o padrão culto escrito é:
a) Muitas eram as reminiscências, algumas esdrúxulas, outras comuns, repetindo-se iguaizinhas de tempo em tempo, em circuito que não exorbitava os limites da fazenda.
b) O espaço era exiguo, à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear a simpatia do padre inflingindo-lhe pratos que excitavam sua gula.
c) Sabiam que pouco tempo teriam para descançar, mas ninguém quis alterar o trajeto, minuciosamente pensado e repensado durante meses.
d) Era tão grande a sua presunsão, que entendia como ato lisonjeiro até um breve aceno do mais distraído dos transeuntes de seu vilarejo.
e) Tal era sua ogeriza pela política que se excedia em palavras e tons assim que algum desavisado puxava o assunto tabu, sem intenção alguma de ferí-lo.

17. (FCC – TRE/AM –Técnico Judiciário – 2010) A frase em que a grafia respeita totalmente o padrão culto escrito é:
a) À exceção dos que se abstiveram de opinar sobre a qualidade dos serviços, os participantes da pesquisa puderam usufruir gratuitamente de um dia de lazer no hotel.
b) A escursão prometida não ocorreu, pois o número de interessados foi excessivo; mas até isso colaborou para o explendor da viagem, pois o desconto oferecido surpreendeu.
c) Casualmente encontraram-se no saguão; ela parecia advinhar o que ele tinha a lhe dizer, por isso não lhe deu oportunidade de ser posta em cheque.
d) Considerou ultrage o comentário adivindo do seu sucessor, mas, para preservar-se, abdicou de dar-lhe resposta à altura.
e) Com a dispensa abarrotada de produtos nobres, não exitou um minuto ao negar um jantar aos participantes do programa de inclusão social.

18. (Consulplan – CAPS – Assistente Social – 2011) Os sentidos e a correção da grafia das palavras do texto seriam mantidas caso se substituísse:
a) massacre por *assacinar;*
b) ampliar por *almentar;*
c) ostensivo por *esibido;*
d) precariedade por *deficiência;*
e) acessível por *alcanse.*

19. (Consulplan – IBGE – Supervisor de Pesquisas (Estatística) – 2011) Quanto à grafia marque a alternativa correta.
a) A sensasão de poder torna as pessoas autoritárias e exigentes.
b) A sociedade quer fazer contenção de despezas em relação a obras públicas.
c) Nabuco advinhou o que aconteceria no Brasil.
d) As classes mais desfavorecidas vencem os impecilhos impostos pelas elites.
e) As pessoas solidárias trabalharão em projetos beneficentes.

20. (FCC – TRT/AL (19ª R) – Técnico Judiciário – 2011) Estão grafadas corretamente todas as palavras da frase:
a) O mercado mais atraente é necessáriamente aquele que possue mais produtos disponíveis.
b) Com o adivento da internet, deparamos com uma imença cidade virtual, onde há os melhores preços do mercado.
c) A escacês de mercadorias no campo foi determinante para explicar o porque dos homens se agruparem nas cidades.
d) As empresas virtuais vêm se tornando concorrentes desleais das que se encontram no mundo físico.
e) O mercado de relacionamentos virtuais assistiu a um avanço discomunal com a consolidassão da internet.

21. (FCC – TRT/AL (19ª R) – Analista Judiciário – 2011) Quanto à ortografia, há INCORREÇÕES na frase:
a) O crescimento da classe C tem tido uma importância incomensurável para o comércio, mas vem ocasionando também uma elevação na taxa de inadimplência, o que é perturbador.
b) Milhões de pessoas têm sido beneficiadas com o crescimento econômico que se vê no país, saltando da classe D para a C, algo que há poucos anos não pareceria factível.
c) Alguns especialistas vêm disseminando a teoria de que, a partir da distribuição de riqueza por meio da geração de milhões de novos empregos, a classe E deixe de existir.
d) Os "consumidores emergentes", como vêm sendo chamados os novos integrantes da classe C, ainda têm dificuldade em poupar e adquirem grande parcela de produtos a crédito.
e) Sabe-se que a ascenção da classe D tem proporcionado um aumento expresivo do consumo de bens duráveis, o que pode acelerar sobremaneira esse mercado.

22. (FCC – TRT (14ª R) – Técnico Judiciário – 2011) Das frases abaixo só NÃO há erros de ortografia em:
a) Carbohidratos ricos em fibras são importantes aliados para manter estável o nivel de energia do organismo.
b) Sabe-se que uma substancia encontrada no guaraná pode estimular a função cerebral e auxiliar na concentrasão.
c) Consumir alimentos ricos em vitaminas e minerais pode ajudar a reduzir os efeitos negativos do estresse.
d) O consumo de proteínas e gorduras em exceço pode ser nossivo para o processo digestivo.
e) Manter o organismo mau hidratado pode prejudicar a eliminação de toxínas e provocar sérios problemas de saúde.

23. (FCC – TRF (1ª R) – Técnico Judiciário – 2011) As palavras estão corretamente grafadas na seguinte frase:
a) Que eles viajem sempre é muito bom, mas não é boa a ansiedade com que enfrentam o excesso de passageiros nos aeroportos.
b) Comete muitos deslises, talvez por sua espontaneidade, mas nada que ponha em cheque sua reputação de pessoa cortês.
c) Ele era rabugento e tinha ojeriza ao hábito do sócio de descançar após o almoço sob a frondoza árvore do pátio.
d) Não sei se isso influe, mas a persistência dessa mágoa pode estar sendo o grande impecilho na superação dessa sua crise.
e) O diretor exitou ao aprovar a retenção dessa alta quantia, mas não quiz ser taxado de conivente na concessão de privilégios ilegítimos.

24. (Cespe/UnB – PC/ES – Auxiliar de Perícia Médico-Legal – 2011) Julgue o item com referência à correção gramatical. (Preocupe-se apenas com a ortografia nesta questão.)
A mais recente investida do estado do Rio de Janeiro contra o narcotráfico foi à instalação de unidades de polícia pacificadora, as UPPs, em áreas que eram dominadas por narcotraficantes. O projeto de reocupar territórios tomados pelo crime basea-se em policiamento permanente, oferta de serviços e ações de promoção da cidadania. As favelas das UPPs já inauguraram um novo capítulo na historia dos conflitos entre as forças de segurança e o banditismo na cidade.
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. (Cespe/UnB – PC/ES – Auxiliar de Perícia Médico-Legal – 2011) Julgue o item com referência à correção gramatical. (Preocupe-se apenas com a ortografia nesta questão.)
Não há dúvida de que o caminho é perseverar, ampliar a presença da polícia nas ruas, avançar com as UPPs e ir ao encalso dos responsáveis pelos ataques; e não apenas da arraia miúda. São imensas, no entanto as dificuldades

em superar, desde a carência de efetivos e recursos policiais à extensão e a profundidade que o problema adquiriu.
( ) CERTO
( ) ERRADO

26. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) Em que frase o verbo está conjugado de acordo com a norma-padrão?
a) Não receiem os desafios da vida.
b) As crianças passeiaram no jardim.
c) É bom que vocês nomeem o novo diretor.
d) Ele sapatea como um dançarino americano.
e) É preciso que os carros freem lentamente.

27. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) A palavra corretamente grafada é:
a) admissão;
b) distenção;
c) discursão;
d) excessão;
e) extenção.

28. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) A frase que respeita a ortografia é:
a) Antes de cochilar, era-lhe natural fazer um exame de consciência e reiterar a si próprio seu empenho em vencer a itemperança.
b) O desleixo com que passou a manuzear os objetos da coleção fez o respeitado colecionador optar pela despensa do já antigo colaborador.
c) O debate recrudesceu, mas os mais bem-intencionados foram hábeis em dirimir as provocações, às vezes pungentes, das lideranças que se confrontavam.
d) Estava bastante ciente de que era à sua gulodice que podia creditar a desinteria que o abatera às vésperas do exótico casamento.
e) O poder descricionário dos ditadores, responsável por tantas atrocidades em tantas partes do mundo, é analisado na obra com um rigor admirável.

29. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) A frase correta do ponto de vista da grafia é:
a) Era grande a insidência de casos de enjoo quando era servido aquele alimento, por isso o episódio não foi tratado como exceção, atitude que garantiu o êxito das providências.
b) Em meio a tanta opulência da mansão leiloada, encontrou a geringonça que, tratada criativamente por ele, garantiu por anos seu apoio a entidades beneficientes.
c) Seus gestos desarmônicos às vezes eram mal compreendidos, mas seu jeito afável de falar, sem resquícios de mágoa, revelava sua intenção de restabelecer a paz entre os familiares.
d) Defendeu-se dizendo que nunca pretendeu axincalhar ninguém, mas as suas caçoadas realmente humilhavam e incitavam à malediscência.
e) Sempre ansiosos, desenrolaram no saguão apinhado a faixa com que brindavam os recém-formados, com os seguintes dizeres: "Viagem bastante e divirtam-se, nobres doutores".

30. (Consulplan – Prefeitura de Porto Velho/RO – Assistente Administrativo – 2012) "E **agiliza** o aprendizado." Assim como a palavra destacada, são escritas com "z" todas as palavras da seguinte alternativa:
a) reali___ar / pesqui___ar / fiscali___ar;
b) avi___ar / enrai___ar / legali___ar;
c) arbori___ar / anali___ar / suavi___ar;
d) generali___ar / utili___ar / u___ar;
e) hospitali___ar / civili___ar / humani___ar.

31. (FCC – METRÔ/SP – Assistente Administrativo Júnior – 2012) A frase que apresenta INCORREÇÕES quanto à ortografia é:
a) Quando jovem, o compositor demonstrava uma capacidade extraordinária de imitar vários estilos musicais.
b) Dizem que o músico era avesso à ideia de expressar sentimentos pessoais por meio de sua música.
c) Poucos estudiosos se despõem a discutir o empacto das composições do músico na cultura ocidental.
d) Salvo algumas exceções, a maioria das óperas do compositor termina em uma cena de reconciliação entre os personagens.

e) Alguns acreditam que o valor da obra do compositor se deve mais à árdua dedicação do que a arroubos de inspiração.

32. (Cespe/UnB – PM/CE – Soldado – 2012) O emprego da inicial maiúscula confere aos vocábulos "Pátria", "Nação" e "País" sentido particular e determinado, elevando-os à categoria de alto conceito político ou nacionalista.
( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – Banco da Amazônia – Técnico Científico – 2012) Mantém-se a correção gramatical do texto e suas informações originais ao se substituir o termo "percentual" por **percentil.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

34. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) O texto abaixo foi transcrito com adaptações. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia de palavra.

Em alguns países mais afetados pela crise global, como os Estados Unidos, a indústria buscou aumentar sua competitividade por meio da forçada redução dos custos de produção, **o que** (1) implicou demissões em massa. Mesmo com menos trabalhadores, a indústria manteve ou ampliou a produção, alcançando ganhos notáveis de produtividade. Mesmo que **aceitasse** (2) arcar com um custo social tão alto, dificilmente o Brasil **alcançaria** (3) resultados econômicos tão rápidos. O aumento da produtividade do trabalhador brasileiro é limitado, entre outros fatores, pela **defazagem** (4) nos investimentos em educação. Com **escassez** (5) de trabalhadores qualificados, exigidos cada vez mais pelo mercado de trabalho, os salários de determinadas funções tendem a subir bem mais do que a produtividade média do setor, o que afeta o preço dos bens finais.

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

35. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Contabilidade – 2012) No Texto I, aparecem substantivos grafados com **ç** que são derivados de verbos, como **produção**, **redução**, **desaceleração**, **projeção**. Os verbos a seguir formam substantivos com a mesma grafia:
a) admitir, agredir, intuir.
b) discutir, emitir, aferir.
c) inquirir, imprimir, perseguir.
d) obstruir, intervir, conduzir.
e) reduzir, omitir, extinguir.

36. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal – 2012) A frase em que a ortografia está adequada ao padrão culto escrito é:
a) À mínima contrariedade, exarcebava-se de tal maneira que seus excessos verbais eram já conhecidos de todos.
b) A expontaneidade com que se referiu ao local como "impesteado" fez que todo o auditório explodisse em risos.
c) Quanto à infraestrutura, será necessário reconstrui-la em prazo curto, mas sem que haja qualquer tipo de displiscência.
d) O docente não viu como retaliação a rasura no cartaz que afixara, mas sua intenção era advertir quanto ao desleixo com a coisa pública.
e) A obra faraônica será uma excressência naquela paisagem bucólica, mas ninguém teve hêsito em convencer os responsáveis da necessidade de revisão do projeto.

37. (Cesgranrio – CHESF – Engenheiro Civil – 2012) Ao escrever frases que deveriam estar de acordo com a norma-padrão, um funcionário se equivocou constantemente na ortografia. Ele só **NÃO** se enganou em:
a) O homem foi acusado de estuprar várias vítimas.
b) A belesa da duquesa era realmente de se admirar.
c) Porque o sapato deslisou na lama, a mulher foi ao chão.
d) Sem exitar, as crianças correram para os brinquedos do parque.
e) Sem maiores pretenções, o time venceu o jogo e se classificou para a final.

Gabarito

1. B.	9. E.	17. A.	25. ERRADO.	33. ERRADO.
2. A.	10. D.	18. D.	26. A.	34. D.
3. D.	11. E.	19. E.	27. A.	35. D.
4. B.	12. A.	20. D.	28. C.	36. D.
5. B.	13. B.	21. E.	29. C.	37. A.
6. ERRADO.	14. INCORRETO.	22. C.	30. E.	
7. B.	15. CERTO.	23. A.	31. C.	
8. CERTO.	16. A.	24. ERRADO.	32. CERTO.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 4

Semântica e Lexicologia

Definição

A **semântica** trata da significação das palavras, que podem estar isoladas ou contextualizadas. A diferença entre significado e sentido mais clássica é esta: o primeiro diz respeito à noção que a palavra apresenta (Um cachorro atravessou a rua. Comprei um cachorro lindo.); o segundo diz respeito à noção que a palavra pode apresentar (Ele é chato pra cachorro. Já que tive um sonho, amanhã vou jogar no cachorro.).

As palavras não só podem ter uma acepção primária, mas também diversas acepções; tudo dependerá do contexto. A princípio, quando pensamos em cachorro, imediatamente vem uma imagem à nossa cabeça: a de um cão, qualquer cão, um animal doméstico. Só que a **semântica** trata de todas as possibilidades de significação, envolvendo nosso conhecimento de mundo, experiência de vida e outros fatores extralinguísticos, como a região em que vivemos, a idade que temos, o grupo social ou profissional a que pertencemos etc. Tudo isso vai influenciar os matizes da palavra. A palavra isolada tem um significado primário; no entanto, tem vários sentidos secundários dentro de contextos específicos.

Vale dizer também que, em nossa língua, gramaticalmente falando, há inúmeros fatores que podem alterar o significado das palavras, como:

– a **acentuação gráfica/prosódia**: **sá**bia (mulher culta) e sabi**á** (ave);
– a **posição da sílaba tônica**: fa**bri**ca (paroxítona; forma do verbo fabricar) e **fá**brica (proparoxítona);
– o **timbre**: **mo**lho (/ô/; caldo) e **mo**lho (/ó/; conjunto de objetos unidos);
– o **número**: a letra (símbolo gráfico) e a**s** letra**s** (literatura);
– o **gênero**: **a** rádio (emissora) e **o** rádio (aparelho);
– o **acento grave** (crase): "Chegou **a** noite." (A noite chegou.) e "Chegou **à** noite." (Alguém chegou à noite.);
– a **posição de certas palavras**: **qualquer** mulher (alguma mulher) e mulher **qualquer** (mulher sem valor) / "Eu preciso aprender a ser **só**, e não a **só** ser." (sozinho/somente);
– o **contexto da conjunção**: "Nós estudamos, **mas** não passamos." (adversidade, oposição) e "Não só jogo vôlei, **mas** faço natação." (adição).
– o **contexto da preposição**: "**Para** mim, ele é um canalha." (opinião) e "Não dá **para** sair hoje." (possibilidade);
– o **contexto do advérbio**: "Fale **mais**!" (intensidade) e "Não fale **mais**!" (tempo).
– a **pontuação**: "Ele voltou logo**,** fiquei feliz." (vírgula depois de logo, ideia de tempo) e "Ele voltou**,** logo fiquei feliz." (vírgula antes de logo, ideia de conclusão);
– a **regência**: "João sempre **implica com** ela." (zombar) e "Ela **implicou em** um assalto o namorado." (envolver).

Por ora, quero dizer o seguinte: muito de semântica veremos ao longo da gramática, afinal,

sem semântica, não é possível estudar morfologia tampouco sintaxe. Os níveis linguísticos se cruzam, Ok? “Mas... e a tal da **lexicologia**?”

A **lexicologia** trata do estudo do **léxico** (vocábulo/palavra), basicamente quanto a sua formação e seu sentido, portanto esta parte da gramática está intrinsecamente ligada à morfologia e à semântica. A formação de uma palavra começa a partir de “pedaços” (chamados de morfemas) que a compõem, como radical, prefixo, sufixo e desinências. Esses morfemas se unem formando palavras. Existem vários processos de formação das palavras, como Derivação e Composição, mas deixaremos para ver isso melhor em Morfologia.

Ao conjunto de palavras damos o nome de **vocabulário**. O dicionário se ocupa exatamente disso. Fora dele, entretanto, as palavras passam a adquirir “vida própria”, afinal, elas não são vazias de significado. Portanto, a **lexicologia** se ocupa também das palavras em si e de seus sentidos. Apegando-se a isso, muitas questões são criadas para avaliar a capacidade de intelecção dos candidatos. O que se espera de você, muitas vezes, é a percepção da seleção/adequação vocabular dentro de um **contexto**. Como dizia Carlos Drummond de Andrade em *Procura da poesia:* “cada uma (a palavra) tem mil faces sob a face neutra”. Isso quer dizer que, por meio do contexto, pode-se atribuir significados diferentes a uma mesma palavra. Safo?

Veremos neste capítulo o cruzamento entre **semântica** e **lexicologia**, que andam lado a lado. Está claro isso? Então, vamos lá!

Sinonímia

Trata de palavras diferentes na forma, mas com sentidos iguais ou aproximados, ou seja, **sinônimos**. Não se iluda: não existe sinônimo perfeito. Tudo depende do contexto e da intenção do falante.

Por exemplo, se você encontrasse uma pessoa querida na rua, que não o vê há muito tempo, você iria falar isto: "Nossa! Você está com a **cara** "photoshopeada", hein!"? Dificilmente, não é?! Provavelmente, devido ao contexto, você vai falar isto: "Nossa! Você está com um **rosto** lindo, hein!". Eu não consigo visualizar os imortais da Academia Brasileira de Letras dizendo: "Você está com a **cara amarrada** hoje. **Rolou alguma parada**? Posso te dar uma **moral**?". Creio que eles devam falar assim, no mínimo: "Você está com o **semblante sério**. **Algo sucedeu**? Posso **acudi**-lo?".

Numa calorosa discussão, por exemplo, você não vai dizer: "**Vou agredi-lo**, **malédico**!", mas sim "**Vou te encher de porrada**, **seu #@$%***!". O uso de um léxico em substituição de outro raramente será perfeito. O contexto é tudo. Portanto, só o contexto e a intenção vão determinar qual é a escolha adequada do vocabulário (seleção vocabular).

Vale lembrar também que muitas palavras são sinônimas, se levarmos em conta as variações geográficas (aipim = macaxeira; mexerica = tangerina; pipa = papagaio; aipo = salsão...).

A **sinonímia** não trata apenas do **léxico** (palavra ou expressão), mas da frase também. Neste sentido, o uso de sinônimos é muito importante dentro de um texto – com eles, evitamos a repetição de vocábulos, porque eles servem para substituir palavras. Veremos mais sobre isso no capítulo de Coesão e Coerência, no entanto vejamos agora os exemplos de **sinonímia vocabular**:

– *A multidão teve de **clamar** em protesto. Ela só **bradou** devido ao descaso dos políticos.*

– *Graças a Deus conseguimos **extinguir** nossas dívidas. Se não as **saldássemos**, não sei o que faríamos.*

– *O jogo vai atrasar **em virtude d**o temporal. **Devido a** isso, teremos de aguardar.*

Ademais, como já foi dito, existe **sinonímia frasal**, ou seja, uma frase pode ser reescrita com outras palavras sem alteração de sentido.

– *Ela construiu esta casa. = **Esta residência foi edificada por ela**.*

– *Parece que tu estás certo sobre o assunto. = **Aparentemente a verdade sobre a questão está contigo**.*

Cuidado!!!

A FCC adora questões de sinonímia! Toda prova apresenta uma questão sobre expressões sinônimas. É claro que a banca não quer saber de você qual é o sinônimo de "bonito".

Quando a questão é formulada, a intenção é fazer você “suar a camisa”. Daí que o “homem da banca” vai criar uma questão exigindo de você o conhecimento do sinônimo de “idiossincrasia”. “Qual é?” Consulte um dicionário! Para ter facilidade neste assunto, é preciso ampliar seu vocabulário e perceber o contexto.

Antonímia

Trata de palavras, expressões ou frases diferentes na forma e com significações opostas, excludentes, ou seja, **antônimos**. Normalmente ocorre por meio de palavras de radicais diferentes, com prefixo negativo ou com prefixos de significação contrária. Veja estes exemplos:

– *O **chegar** e o **partir** são dois lados cruciais da vida.*

– *Você é meu **amigo** ou meu **inimigo**?*

– *Há menos **imigrantes** do que **emigrantes** no Brasil.*

– *Ela se molhou **de cima a baixo**.*

Só de curiosidade: qual é o antônimo de verde? Seria amarelo? "Antônimo de cor existe, Pestana?" Até onde se sabe, não! Como nem tudo é preto ou branco na língua portuguesa, os vocábulos preto (ausência de todas as cores) e branco (união de todas as cores) são antônimos. Verde só tem antônimo em sentido figurado. Exemplo: Esta fruta está verde. / Está fruta está madura (antônimo). Na verdade, o registro literário cria relações antonímicas interessantes! Por isso questão envolvendo poema é sempre perigosa...

Há **antonímia frasal**, desde que o conteúdo de uma frase ou oração esteja em conflito com o de outra:

– *Por **ter ficado calado durante anos**, aturando todos os tipos de maus-tratos, **resolveu berrar sem parar** em ataque a tudo e a todos.*

E... só "pra não dizer que não falei das flores", existem subtipos de antonímia, segundo o grande gramático José Carlos de Azeredo: a complementar, a polar, a distributiva e a reversa. Como esta minúcia não cai em prova, deixemo-la de lado, ok? (Gostou do *deixemo-la*?)

Só para fazer graça: o antônimo de um antônimo é um sinônimo?!

Homonímia

Trata de palavras iguais na pronúncia e/ou na grafia, mas com significados diferentes, ou seja, **homônimos**. Veja:

– ***São*** *Jorge já foi cantado por muitos artistas.*

– *Os alunos daqui* ***são*** *estudiosos.*

– *Finalmente o garoto ficou* ***são****.*

Existem três tipos de vocábulos homônimos: **homófonos, homógrafos** e **perfeitos**. Veja:

1) Homófonos: apresentam pronúncia igual e grafia diferente.

Acender (iluminar, pôr fogo em) / **Ascender** (subir, elevar)
Caçar (perseguir, capturar a caça) / **Cassar** (anular, revogar, proibir)
Cela (aposento de religiosos ou de prisioneiros) / **Sela** (arreio de cavalo)
Censo (recenseamento – estatística) / **Senso** (juízo claro, percepção)
Cerrar (fechar) / **Serrar** (cortar)
Concerto (apresentação musical) / **Conserto** (ato ou efeito de consertar, reparar)
Espectador (aquele que vê) / **Expectador** (o que está à espera de; e<u>x</u>pectativa (!))
Espiar (espreitar, olhar) / **Expiar** (redimir-se, pagar uma dívida)
Esperto (atento, perspicaz, ativo) / **Experto** (especialista, perito)
Estrato (camada social) / **Extrato** (extração, resumo)
Incipiente (principiante, iniciante) / **Insipiente** (ignorante, imprudente)
Seção (parte, divisão, departamento) / **Sessão** (reunião de pessoas para um determinado fim) / **Cessão** (doação, ato de ceder)
Saldar (pagar o saldo de, liquidar contas) / **Saudar** (cumprimentar, aclamar)
Tachar (censurar, acusar, botar defeito em (ideia depreciativa)) / **Taxar** (estabelecer uma taxa; avaliar positiva ou negativamente)
Trás (atrás, detrás; após, depois de) / **Traz** (forma do verbo trazer)

2) Homógrafos: apresentam grafia igual e pronúncia diferente.

Almoço (timbre fechado: refeição) / **Almoço** (timbre aberto: forma do verbo almoçar)
Conserto (timbre fechado: reparação, correção) / **Conserto** (timbre aberto: forma do verbo consertar)
Colher (timbre fechado: verbo) / **Colher** (timbre aberto: instrumento usado para comer)
Edito (decreto, lei) / **Édito** (ordem judicial)
Gosto (timbre fechado: sabor) / **Gosto** (timbre aberto: forma do verbo gostar)
Jogo (timbre fechado: recreação) / **Jogo** (timbre aberto: forma do verbo jogar)

Pôde (timbre fechado: verbo *poder* no passado) / **Pode** (timbre aberto: verbo *poder* no presente)
Sábia (mulher com sabedoria) / **Sabia** (forma do verbo saber)

Obs.: Nestes dois últimos casos, ignora-se o acento gráfico; o que importa é que as palavras apresentam a mesma grafia (mesmas letras). O único aspecto diferente é o timbre.

3) Perfeitos: apresentam grafia e pronúncia iguais.

Casa (lar, moradia) / **Casa** (forma do verbo casar)
Janta (refeição) / **Janta** (forma do verbo jantar)
Cedo (advérbio) / **Cedo** (forma do verbo ceder)
Livre (liberto, solto) / **Livre** (forma do verbo livrar)
Lima (ferramenta) / **Lima** (forma do verbo limar)
Manga (fruta) / **Manga** (parte da camisa) / **Manga** (forma do verbo mangar)
Somem (forma do verbo somar) / **Somem** (forma do verbo sumir)

Como são mais de 380.000 vocábulos na língua portuguesa, obviamente não foi possível colocar todos aqui. Nem me dei o trabalho, afinal, meu/minha nobre, você vai se lembrar de todos? Seria bom... mas o que importa, geralmente, no dia da prova, é a aplicação do conceito de **homônimo homófono, homógrafo** e **perfeito**. Beleza?

Paronímia

Trata, normalmente, de pares de palavras *parecidas* tanto na grafia quanto na pronúncia, mas com sentidos diferentes. Veja:

Abjeção (baixeza, degradação) / **Objeção** (contestação, obstáculo)
Absolver (absolvição) / **Absorver** (absorção)
Acidente (ocorrência casual grave) / **Incidente** (episódio casual sem gravidade, sem importância)
Aferir (conferir) / **Auferir** (colher, obter)
Amoral (descaso com as regras de moral) / **Imoral** (contrário à moral)
Arrear (colocar arreios em) / **Arriar** (abaixar)
Cível (relativo ao Direito Civil) / **Civil** (cortês, civilizado, polido; referente às relações dos cidadãos entre si)
Comprimento (uma das medidas de extensão – largura e altura) / **Cumprimento** (ato de cumprimentar alguém, ou cumprir algo)
Cavaleiro (homem a cavalo) / **Cavalheiro** (homem gentil)
Conjetura (suposição) / **Conjuntura** (momento)
Deferimento (concessão, atendimento) / **Diferimento** (adiamento, demora, discordância, distinção)
Delatar (denunciar) / **Dilatar** (adiar, alargar)
Descrição (ato de descrever) / **Discrição** (qualidade de quem é discreto)
Descriminar (inocentar, absolver) / **Discriminar** (distinguir, especificar, segregar)
Destratar (insultar) / **Distratar** (romper um trato, desfazer um contrato)
Defeso /ê/ (proibido) / **Defesso** /é/ (fatigado, cansado)
Desidioso (em que há desídia, preguiçoso, negligente) / **Dissidioso** (em que há dissídio, divisão; conflituoso, desarmonioso)
Despercebido (desatento, distraído) / **Desapercebido** (despreparado, desprevenido, desprovido)
Elidir (suprimir, excluir, eliminar) / **Ilidir** (rebater, contestar, refutar)
Eludir (evitar ou esquivar-se com astúcia ou com artifício) / **Iludir** (causar ilusão em, enganar, burlar)
Emenda (correção de falta ou defeito, alteração) / **Ementa** (resumo, síntese – de lei, decisão judicial etc.)
Emergir (vir à tona, surgir, manifestar-se) / **Imergir** (fazer submergir, mergulhar, afundar)
Emigrar (emigrante) (sair de um país para ir viver em outro) / **Imigrar** (imigrante) (entrar em outro país para nele viver)

Eminente (que se destaca, notável) / **Iminente** (que está prestes a ocorrer, pendente)
Flagrante (fato percebido no ato de uma ocorrência) / **Fragrante** (que exala cheiro agradável)
Fluir (transcorrer, passar) / **Fruir** (usufruir, desfrutar, gozar)
Inflação (ato de inflar, aumento de preços) / **Infração** (violação, transgressão)
Infligir (aplicar ou determinar uma punição) / **Infringir** (desobedecer, violar, transgredir)
Mandado (incumbência, ordem, missão) / **Mandato** (procuração, poder recebido para representar outrem)
Pleito (questão em juízo, discussão, eleição; pleitear: demandar em juízo; falar a favor de) / **Preito** (homenagem, respeito)
Preceder (anteceder, vir antes) / **Proceder** (vir, provir, originar-se)
Preeminente (que ocupa lugar mais elevado, superior) / **Proeminente** (que sobressai, que vem à frente)
Prescrever (prescrição) (preceituar, receitar) / **Proscrever** (proscrição) (banir, expulsar, vetar, proibir)
Relegar (pôr em segundo plano; deixar de lado) / **Renegar** (renunciar, rejeitar, negar)
Reincidir (reincidência) (tornar a incidir, recair em, repetir) / **Rescindir** (rescisão) (tornar nulo – um contrato –, cancelar)
Remição (ato ou efeito de remir "tornar a obter, resgatar", liberação de pena ou dívida) / **Remissão** (perdão; ação ou efeito de remeter)
Repreensão (censura, advertência) / **Repressão** (ação de reprimir, contenção, impedimento)
Ratificar (confirmar, corroborar) / **Retificar** (alterar, corrigir)
Sesta /é/ (período de descanso) / **Cesta** /ê/ (compartimento)
Soar (emitir som) / **Suar** (transpirar)
Sortir (abastecer, prover) / **Surtir** (ter como consequência, produzir, acarretar)
Sobrescrever ou **sobrescritar** (pôr nome e endereço do destinatário) / **Subscrever** ou **subscritar** (assinar)
Tráfego (movimento ou fluxo, trânsito) / **Tráfico** (negócio, comércio ilegal)
Vultoso (de grande vulto, nobre, volumoso) / **Vultuoso** (inchaço especialmente na face e nos lábios)
Usuário (o que usa alguma coisa) / **Usurário** (o que pratica a usura ou agiotagem)

Não fique louco de tanto decorar estes parônimos. **Entenda** o que é um **parônimo**! Na hora da prova, o que importa é se você consegue se lembrar do conceito de **paronímia**, e não a decoreba. Ok?

Saiba que principalmente a FCC “se amarra” em trabalhar questões de paronímia junto de flexão verbal. Veja esta questão:

16. (FCC – TRF/2R – Analista Judiciário (ADM) – 2012) O emprego, a grafia e a flexão dos verbos estão corretos em:

b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre renegada a um segundo plano, eis que ela imerge do esquecimento, em 1974.

c) A cada novo ciclo econômico retificava-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, sobreviram longos anos de esquecimento.

Deveriam ser reescritas assim:

b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre **relegada** a um segundo plano, eis que ela **emerge** do esquecimento, em 1974.

c) A cada novo ciclo econômico **ratificava**-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, **sobrevieram** longos anos de esquecimento.

Foi feita a diferença entre relegar/renegar, emergir/imergir, ratificar/retificar. Fique esperto!

Polissemia

Trata da pluralidade significativa de um mesmo vocábulo, que, a depender do contexto, terá uma significação diversa. Em palavras mais simples: a palavra polissêmica é aquela que, dependendo do contexto, muda de sentido (mas não muda de classe gramatical!).

Por exemplo, veja os sentidos de "peça": "peça de automóvel", "peça de teatro", "peça de bronze", "és uma boa peça", "uma peça de carne" etc. Só de curiosidade: a palavra *ponto* é a mais polissêmica da nossa língua! Consulte o dicionário e veja.

Agora, observe mais estes exemplos:

– *Desculpe o* ***bolo*** *que te dei ontem.*

– *Comemos um* ***bolo*** *delicioso na casa da Jéssica.*

– *Tenho um* ***bolo*** *de revistas lá em casa.*

Cuidado!!!

Não confundir **homônimos perfeitos** com vocábulos **polissêmicos**. Uma boa maneira de resolver a situação, normalmente, é perceber se há mudança na classe gramatical do vocábulo; se houver, a palavra **não** é polissêmica! Às vezes, é preciso analisar a homonímia e a polissemia partindo de uma descrição semântica mais profunda, pois há uma questão histórica nos significados das palavras. Por exemplo, *manga* (fruta) e *manga* (parte da camisa) não têm a mesma origem (o mesmo radical) e não pertencem ao mesmo campo de sentido, por isso são *homônimas perfeitas*.

Veja estas frases:

– *O peso está muito* ***leve*** *para mim.* (adjetivo)

– *Bateram* ***leve*** *à porta.* (advérbio)

– *Por favor,* ***leve*** *isso para ela.* (verbo)

Nestes casos, portanto, constatamos que "leve" não é vocábulo **polissêmico**, mas sim **homônimos perfeitos** (mesma grafia e pronúncia, mas classes gramaticais diferentes). Perceba nos exemplos do "'bolo" que a classe gramatical não mudou, ou seja, "bolo" é substantivo em todos os casos, o que muda é só o sentido. Mesma classe gramatical, diferente contexto, diferente sentido: palavra **polissêmica**. Ficou claro agora, não?

Curiosidade: a palavra "ponto" é uma das mais polissêmicas (senão "a mais") da língua portuguesa.

Hiponímia e Hiperonímia

Se você teve infância, com certeza já brincou de “adedaaaaaanha”! Você se lembra de que a gente colocava no alto da folha assim:

Homem	Mulher	Cor	Fruta	Animal	Objeto (...)

E, em baixo de cada um desses, colocamos nomes de homens, mulheres, cores, frutas, animais, objetos etc. Bem, voltamos à infância, não? O que eu quero falar com tudo isso? Em linguagem séria, estou falando de **hipônimos** e **hiperônimos**; você já brincou com **hipônimos** e **hiperônimos** na sua vida, sabia disso?

É o seguinte: o **hiperônimo** é uma palavra cuja significação inclui o sentido de diversas outras palavras, é uma palavra que se refere a todos os seres de uma “espécie”:

Animal é hiperônimo de gato, tartaruga, burro, boi etc.

Fruta é hiperônimo de laranja, uva, maçã, morango etc.

Já o **hipônimo** é uma palavra de significação específica dentro de um campo de sentido:

Fernando, José, Saulo são hipônimos de **homem**.

Azul, amarelo, branco são hipônimos de **cor**.

Portanto, o **hiperônimo** é uma palavra que *abarca* o sentido de outras palavras, é mais **abrangente**; o **hipônimo**, por sua vez, tem o sentido mais **restrito** em relação a um vocábulo de sentido mais genérico. Há entre esses conceitos, portanto, uma relação de hierarquia.

Meronímia e Holonímia

Este assunto não cai em prova (pelo menos eu nunca vi), mas meus dedos coçam. Se quiser "passar batido" por ele, fique à vontade! Caso contrário, aprenda mais um pouquinho.

O conceito de **meronímia** trata de palavras que representam a parte de um todo, ou seja, a palavra **pneu** mantém uma relação de sentido com a palavra **carro**, pois aquele constitui este. Portanto, assim como pneu é um **merônimo** de carro, dedo é de mão, braço é de corpo, tecla é de computador etc.

Adivinha quais são os **holônimos**! A **holonímia** trata de palavras que apresentam uma ideia de todo em relação a suas partes. Por exemplo, a palavra **porta** é holônima de **maçaneta**, que, por sua vez, é merônima.

Acronímia, Estrangeirismos, Toponímia, Antroponímia, Axionímia e Oneonímia

Desses conceitos, o que eu já vi em prova foi o **estrangeirismo**, portanto não se preocupe com os demais.

Só para começar, saiba que existem inúmeras nomenclaturas relativas a grupos de palavras; confira: http://www.myetymology.com/portuguese/-%C3%B4nimo.html.

Vejamos as mais conhecidas.

A **acronímia**, ou sigla, trata de palavras criadas a partir das iniciais de uma expressão: Petrobras (petróleo brasileiro), e-mail ("electronic mail"), Comlurb (Companhia Municipal de Limpeza Urbana) etc. Alguns estudiosos dizem que há uma diferença entre sigla e acrônimo: este é pronunciado como uma palavra só, respeitando a estrutura silábica da língua, aquela é pronunciada em soletração.

Os **estrangeirismos** são palavras de origem estrangeira, que podem ou não ser aportuguesadas, o que significa que tais palavras se submetem à ortografia e morfologia do português, por meio de leve adaptação ou tradução literal; checar ("check"), estresse ("stress"), banda ("band"), toalete ("toillet") etc.; alta costura ("haute couture"), centroavante ("center-forward"), cachorro-quente ("hot dog") etc. A recomendação é que grafemos entre aspas ou em itálico as palavras estrangeiras em sua forma original: "mouse", "drive-in", "personal trainer", "show" etc. Conhece o *Samba do Approach*, de Zeca Baleiro? Não?! Escute assim que puder!

A **toponímia** trata de palavras que representam lugares: Brasil, Rio de Janeiro, Jacarepaguá, Praça Seca etc.

A **antroponímia** trata de palavras que representam pessoas: Dilma, Fernando, José, João, Maria José etc.

A **axionímia** trata de palavras que constituem formas corteses de tratamento, expressões de reverência, títulos honoríficos etc.: Excelência, Doutor, Dom, Meritíssimo, senhor(a), Vossa Majestade, Sua Santidade etc.

A **oneonímia** diz respeito a palavras referentes a marcas ou artigos comerciais: Melhoral, Gelol, Anador, Nescafé, Bombril, Ricardo Eletro, Café Pilão etc.

Campo Lexical e Campo Semântico

Alguns estudiosos não fazem a distinção entre um conceito e outro, mas muitos (e consagrados!) o fazem, logo é o que farei aqui.

Campo semântico

É um conceito que trata de um conjunto de palavras que mantêm uma familiaridade de sentido por pertencerem à mesma área. Nosso conhecimento de mundo nos norteia quanto à escolha de palavras que se correlacionam.

Na informática, por exemplo, as seguintes palavras pertencem ao mesmo campo semântico: computador, monitor, impressora, teclado e tecnologia. Já na área do futebol, podemos dizer que as palavras árbitro, bola, gol, equipe, estádio, torcida, cartão, craque etc. pertencem ao mesmo campo. Como já disse, muitos estudiosos entendem que tais grupos de palavras ou expressões pertencem ao mesmo **campo semântico**. Campo semântico em torno do conceito de morte: falecer, bater as botas, ir desta para melhor, apagar-se etc.

Campo lexical

É um conceito que trata de um conjunto de palavras que mantêm uma familiaridade de sentido por terem o mesmo radical (também chamado de **família de palavras** ou **vocábulos cognatos**): mar, marinho, marinheiro, marítimo, maresia, amarar, amerissar, amaragem, amerissagem...

Nem doeu, não é? Muito fácil!

Ambiguidade

Trata da duplicidade de sentidos que pode haver em uma palavra, em uma expressão, em uma frase ou em um texto inteiro, em razão do contexto linguístico. A **ambiguidade** ou **anfibologia** pode ser causada por vários fatores. Veja alguns casos:

Distinção entre agente (adjunto adnominal) e paciente (complemento nominal)

– *A demissão* ***do ministro*** *causou celeuma.* (Ele demitiu ou foi demitido?)

Mau uso do pronome

– *Pedro e Marina vão desquitar-****se****.* (Um do outro ou de seus cônjuges?)

Má colocação de palavras

– *A professora deixou a turma* ***entusiasmada****.* (Ela ou a turma?)

Mau uso de pronomes relativos (dois antecedentes expressos)

– *Encontrei a menina e o menino de* ***que*** *lhe falei*. (Falou de quem?)

Não distinção entre pronome relativo e conjunção integrante

– *O cliente falou com a advogada* ***que*** *mora perto daqui*. (Quem mora perto?)

Indefinição de complementos

– *O pai quer o casamento logo, mas a filha não* ***quer****.* (Não quer casar ou não quer que seja logo?)

Mau uso das formas verbo-nominais

– *O advogado encontrou o réu* ***entrando*** *no tribunal*. (Quem entrava no tribunal?)

Mau uso dos possessivos

– *Chegaram João, Maria e* ***seu*** *filho*. (Filho de quem?)

Inversão sintática

– *Venceram* ***os flamenguistas os vascaínos****.* (Quem perdeu?)

Mau uso dos adjuntos adverbiais

– *Depois de difícil disputa, São Paulo vence o Avaí* ***em casa****.* (Na casa de quem?)

Polissemia

– *O* ***xadrez*** *está na moda*. (O jogo ou a roupa?)

Locução prepositiva ou preposição seguida de substantivo

– *Fui* ***ao encontro d****as turmas*. (Fui *em direção à*s turmas ou fui a uma *reunião* na qual se encontravam as turmas?)

Obs.: Às vezes, a ambiguidade – quando bem empregada – pode ter valor expressivo, criativo.

*Se o seu problema é **a vista**, nós vendemos a prazo. (Propaganda de uma ótica.)*

*– Doutor, já quebrei o braço em vários **lugares**.*

*– Se eu fosse o senhor, não voltava mais para esses **lugares**. (Piada... péssima)*

Intertextualidade

Sugiro que você leia as sábias palavras de Platão e Fiorin, autores do excelente livro *Lições de texto: leitura e redação*:

"Com muita frequência um texto retoma passagens de outro. Quando um texto de caráter científico cita outros textos, isto é feito de maneira explícita. O texto citado vem entre aspas e em nota indica-se o autor e o livro donde se extraiu a citação.

Num texto literário, a citação de outros textos é implícita, ou seja, um poeta ou romancista não indica o autor e a obra donde retira as passagens citadas, pois pressupõe que o leitor compartilhe com ele um mesmo conjunto de informações a respeito de obras que compõem um determinado universo cultural. Os dados a respeito dos textos literários, mitológicos, históricos são necessários, muitas vezes, para a compreensão global de um texto."

Em suma, a intertextualidade trata da relação de identidade e semelhança entre dois textos em que um cita o outro com referência implícita ou explícita. Um texto B faz menção, de algum modo, a um texto A.

A intertextualidade se apresenta, normalmente, nas provas de concursos públicos, pela **paráfrase** ou pela **paródia**. Alguns exemplos e suas explicações a seguir são baseados em algumas questão feitas pela banca do vestibular da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

Paráfrase

É uma reescritura em que se ratifica, positivamente, a ideologia do texto original, ou seja, é dizer o mesmo com outras palavras:

A escola, embora não tenha plena consciência do processo que desencadeia, é a base para a evolução profissional do ser humano.

As instituições de ensino, apesar de não se darem conta da interferência na psique alheia, são o alicerce do desenvolvimento secular do homem.

Paródia

É a intertextualidade em que se subverte ou se distorce a ideologia do texto original, normalmente com objetivo irônico:

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá;
As aves que aqui gorjeiam
Não gorjeiam como lá
(Gonçalves Dias)

Minha casa tem goteiras,
Pingam daqui pingam de lá;

Quando chove é uma tristeza,
Pegue um balde para ajudar.

(Abraão S. Dias)

Há outros tipos de intertextualidade, como a **citação**, o **plágio** e a **alusão**:

Citação

Como de costume, muitas definições dessa gramática se basearão no sensacional dicionário Caldas Aulete. Não poderia ser diferente agora. Segundo ele, "é uma frase ou passagem de obra escrita, reproduzida geralmente com indicação do autor original, como complementação, exemplo, ilustração, reforço ou abonação daquilo que quer dizer". Os dois-pontos e as aspas simples ou duplas (principalmente) costumam aparecer nas citações.

*Concordo com Machado de Assis quando disse: "**A vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal**".*

Plágio

É a apresentação de imitação ou cópia de obra intelectual ou artística alheia como sendo de própria autoria. As aspas são ignoradas, como se as palavras fossem autênticas e de sua autoria.

Segundo penso, ***a vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal***.

Alusão

É uma referência vaga, breve e indireta que se faz a/de alguma pessoa ou coisa. Às vezes é difícil perceber. É preciso que haja um bom conhecimento de mundo, uma boa "mina" cultural.

Meu partido
É um coração partido
*E **as ilusões estão todas perdidas***
Os meus sonhos foram todos vendidos
Tão barato que eu nem acredito
Eu nem acredito
Que aquele garoto que ia mudar o mundo
(Mudar o mundo)
(...)

(Cazuza e Frejat)

Este verso pode ser lido como uma **alusão** a um livro intitulado *Ilusões perdidas*, de Honoré de Balzac.

Para que eu não fique com a consciência pesada, cito mais três tipos de intertextualidade:

estilização, **epígrafe** e **pastiche.**

Estilização

Um texto, ao dialogar com outras manifestações culturais, pode estabelecer com elas diferentes relações de sentido. Esse tipo de intertextualidade complementa o sentido do texto original. Veja este texto de Rubem Alves, que amplia o lamento de Ravel:

Terminando a minha crônica do último domingo eu me referi a Ravel que, ao final da vida, dizia, como um lamento: "Mas há tantas músicas esperando ser escritas!". ***E acrescentei um comentário meu: "Com certeza o tempo não se detém para esperar que a beleza aconteça..." (...) A vida é como a vela: para iluminar é preciso queimar. A vela que ilumina é uma vela alegre. A luz é alegre. Mas a vela que ilumina é uma vela que morre. É preciso morrer para iluminar. Há uma tristeza na luz da vela. Razão por que ela, a vela, ao iluminar, chora. Chora lágrimas quentes que escorrem da sua chama. Há velas felizes cuja chama só se apaga quando toda a cera foi derretida. Mas há velas cuja chama é subitamente apagada por um golpe de vento... (...)***

Epígrafe

Literariamente falando, trata-se de um pequeno texto no início de um livro, conto, capítulo ou poema, para lhe dar apoio temático, ou resumir-lhe o sentido ou a motivação. Veja:

"Sou do tamanho daquilo que vejo e não do tamanho da minha altura." (Carlos Drummond de Andrade)

Após esse pequeno texto (epígrafe), segue-se um texto qualquer, que pode ser um conto, uma crônica, um poema, uma resenha etc.

Pastiche

É um trabalho literário ou artístico grosseiramente copiado de outro, normalmente feito de colagens, com viés cômico e, às vezes, crítico. O limite entre **pastiche** e **paródia** é tênue. Muitos estudiosos apresentam definições "supersemelhantes" a um e a outro tipo de intertextualidade. Veja um exemplo de **pastiche**, em que se mistura o Seu Madruga (Madruga é um clássico!) com o cantor da banda *The Doors*, Jim Morrison:

(Fonte desconhecida)

Denotação e Conotação

A essa altura do campeonato, você já percebeu que o contexto é determinante para que atribuamos este ou aquele sentido a uma palavra, certo? É por aí que os conceitos de **denotação** e **conotação** *passeiam* (usei o verbo *passear* com sentido conotativo, percebeu?).

A **denotação** trata do significado básico e objetivo de uma palavra; uma palavra com sentido denotativo está no seu sentido literal, primário, real.

– *Gosto de estudar à* ***noite****.*

A **conotação** é o avesso, pois trata do sentido figurado, simbólico, não literal das palavras.

– *Há dias que amanhecem* ***noite****.*

Note que o verbo amanhecer também está no sentido figurado, porque dias não amanhecem. O ato de amanhecer não depende de ser algum, pois amanhecer é um fenômeno natural.

Fatos e Dificuldades da Língua Culta

Há muitos pares (ou trios, ou quartetos) de palavras ou expressões cultas que nos deixam "de cabelo em pé", não é verdade? Quando usar uma ou outra forma? Sublinho que tudo abaixo cai todo ano em concursos diversos, principalmente os números 1, 2, 3 e 4.

Seus problemas acabaram agora!

1) Por que / Porque / Por quê / Porquê

A forma **por que** pode ser uma locução adverbial interrogativa de causa quando equivale a "por qual razão/motivo' ou 'a razão pela qual". Pode aparecer em frases interrogativas diretas (com o sinal "?") e indiretas (sem o sinal "?").

– ***Por que*** *você fez isso?*

– *Juro que eu não sei* ***por que*** *eu fiz isso.*

A forma **por que** pode ser apenas a combinação da preposição "por" + o pronome indefinido "que", equivalendo a "por qual".

– *Começo a entender* ***por que*** *motivo você fez isso.*

A forma **por que** pode ser apenas a combinação da preposição 'por', exigida por um termo + a conjunção integrante "que".

– *Eu sempre* <u>*ansiei*</u> ***por que*** *você me explicasse o motivo.*

A forma **por que** também pode ser a combinação da preposição "por" + o pronome relativo "que", equivalendo a "pelo qual" (e variações).

– *O motivo* ***por que*** *você fez isso não é mais surpresa para ninguém.*

A forma **porque** pode ser uma conjunção explicativa ou causal (equivalendo a *pois, visto que, já que, etc.*); para alguns gramáticos, como Luiz A. Sacconi, Pasquale C. Neto, Ulisses Infante etc., pode ser também uma conjunção final (equivalendo a "para que").

– *Você fez isso* ***porque*** *(pois) queria dinheiro, não é?*

– *Só fiz isso* ***porque*** *(para que) conseguisse dar-me bem, até* ***porque*** *(pois; ignore o "até") sou merecedor.*

Cuidado!!!

Em frases interrogativas diretas, a banca vai tentar influenciar você a marcar o uso de **por que** (separado, sem acento). Não caia nessa. Analise com calma a questão, pois, mesmo em frases interrogativas diretas, podemos usar a forma **porque**. Veja só um caso: "Será **porque** ele viajou mais de 20 horas na classe econômica que está cansado?". Observe que a substituição por "pois" não seria suficiente para batermos o martelo, até porque ia ficar estranha a frase: "Será *pois* (?!) ele viajou mais de 20 horas na classe econômica que está

cansado?". Como analisar, então, a frase "Será ***porque*** ele viajou mais de 20 horas na classe econômica que está cansado?". Ignore o verbo **ser** + **que**, que formam uma expressão expletiva (de realce), e a frase ficará assim, na ordem direta: "Ele está cansado ***porque*** (= pois) viajou mais de 20 horas na classe econômica?". Percebe que a forma ***porque*** está certíssima? Cuidado!!!

A forma **por quê** pode ser usada antes de pausa representada por sinal de pontuação, em fim de frase ou isolada.

– *Agora você soube **por quê**, certo?*

– *Sem seu esclarecimento, nunca entenderia **por quê**.*

– ***Por quê**?*

A forma **porquê** é um substantivo e vem comumente acompanhada de um determinante (artigo, pronome, numeral ou adjetivo/locução adjetiva). Esta "regrinha" anula a anterior, ou seja, por mais que a expressão esteja em fim de frase ou antes de pontuação, se vier acompanhada de determinante, será escrita "junto com acento". Pode ir ao plural, uma vez que se trata de um substantivo.

– *Preciso que você me explique pelo menos mais dois **porquês**, ok?*

– *Só vou dar este **porquê** a você; já o **porquê** de verdade não lhe cabe saber.*

2) Há / A

A forma verbal ***há***, para não ser confundida com a preposição ***a***, precisa ser entendida como indicadora de tempo passado ou decorrido (pode-se substituir por "faz" para facilitar). A preposição ***a***, por sua vez, indica tempo futuro ou distância.

– ***Há** meses venho fazendo provas de concurso.*

– *É por isso que você está **a** anos luz de mim.*

Obs.: Sobre "**Há** uns anos **atrás**...": a demolidora maioria dos linguistas (e é assim que se vê em prova de concurso) diz que não se usa o vocábulo "atrás", pois o **há** já indica tempo decorrido. Isso serve para a expressão "**há** cerca de dez anos **atrás**" (Isso me lembra a música do Raul Seixas: "Eu nasci há dez mil anos atrás...". Mas o homem tinha licença poética.). Só de curiosidade: usa-se **a** na expressão destacada "Não tem nada ***a*** ver, cara!".

3) Se não / Senão

Assinando embaixo da lição dada por Odilon Soares Leme (obrigado, mestre!) sobre o assunto, parafraseio muito – *senão* plagio – a explicação dele, der-ra-dei-ra!

A forma **se não** é constituída de conjunção condicional **se** + o advérbio de negação **não** (iniciando orações subordinadas adverbiais condicionais – normalmente os verbos dessa oração estão no modo subjuntivo e/ou indicando hipótese).

Bizu: se puder tirar o **não** da frase, usa-se **se não** (separado). E mais: podemos, neste caso, substituir **se não** por **caso não**.

– ***Se não*** *estudar, não passará. (Se estudar, passará. / Caso não estude, não passará.)*

A forma **se não** é constituída de conjunção integrante **se** + o advérbio de negação **não.**

– *Ele perguntou* ***se não*** *iríamos à festa. (Ele perguntou se iríamos à festa.)*

A forma **se não** é constituída de pronome oblíquo átono **se** (reflexivo, apassivador ou indeterminador do sujeito) + o advérbio de negação **não**. Tal caso ocorre em apossínclise, ou seja, quando o pronome fica, normalmente, entre o que e o não antes do verbo. Esse caso é raro; normalmente encontrado em escritos literários.

– *Existem pessoas que* ***se não*** *penteiam. (Normalmente dizemos: ... que não se penteiam; pronome reflexivo.)*
– *Há coisas que* ***se não*** *dizem. (Normalmente dizemos: ... que não se dizem; pronome apassivador.)*
– *Ele só mora em lugares onde* ***se não*** *vive tranquilamente. (Normalmente dizemos: ...onde não se vive tranquilamente; pronome indeterminador do sujeito.)*

A forma **senão** é usada nos seguintes casos: quando é uma **preposição acidental** indicando exceção (pode ser substituído por afora, exceto, salvo, a não ser); quando é uma **conjunção adversativa** (pode ser substituído por mas, mas sim; normalmente a oração introduzida por esta forma apresenta verbo implícito); quando é uma **conjunção aditiva** (vem depois de não só/não apenas/não somente, equivalendo a mas também); **substantivo** (com sentido de problema, falha, erro); quando vem depois de verbo no imperativo ou verbo indicando opinião, sugestão, recomendação (neste caso, o senão pode ser interpretado de duas maneiras: **conjunção condicional "se" aglutinada ao advérbio de negação "não"** (seguido de verbo da oração anterior implícito + outro verbo; equivalendo a do contrário) ou **conjunção alternativa** (seguido de verbo da oração anterior implícito, mas sem verbo algum depois; equivalendo a ou). Vejamos, respectivamente, os exemplos:

– *Nada pode derrubar minha confiança* ***senão*** *as palavras de minha amada, pois que coisa sou eu* ***senão*** *seu escravo? (= exceto, salvo, a não ser)*
– *Não quero seu amor,* ***senão*** *sua amizade. (= mas sim)*
– *Meu amigo, não só estudo,* ***senão*** *trabalho; não tenho esta vida fácil. (= mas também)*

– *Ele apontou não só um **senão**, mas vários **senões** na tramitação do processo. (= problema, falha)*
– *Estude, **senão** será reprovado! (= do contrário; Estude, se não estudar, será reprovado)*
– *Fala três línguas, **senão** quatro. (= ou; Fala três línguas, se não falar quatro)*

Obs.: Segundo o dicionário Aurélio, o filólogo Arnaldo Niskier e outros linguistas, "... se usará **se não** (separado), virgulando-o, se houver pausa enfática". Daí as duas possibilidades: "Lute, **senão** está perdido" ou "Lute; **se não** (lutar), está perdido.".

Há um **caso facultativo**: quando o **senão**, indicando alternativa, incerteza, imprecisão, equivaler a **ou**. Nestes casos, pode-se interpletar que o verbo está subentendido.
– *É muito difícil, **senão** (**se não** (for)) impossível, prever o resultado.*
– *João é rico, **senão** (**se não** (for)) riquíssimo.*
– *Comprarei duas TVs, **senão** (**se não** (comprar)) três.*
– *Compareceu a maioria dos convidados, **senão** (**se não** (compareceu)) todos.*

Meus dedos coçam. Preciso dar um exemplo de uma questão sobre o assunto. Veja!

UNIRIO – Técnico-Administrativo em Educação (Revisor de Texto) – 2008
(...)
Escrevi este primeiro parágrafo no mais irresponsável araque dactilográfico e só então resolvi parar para pensar, o que é sempre uma atitude condenável, acaba retirando o embalo da naturalidade em que a gente se vai arrastando, digamos, nas asas da inspiração. Parei para pensar só, não. Fui ao "pai dos burros", o velho Domingos de Azevedo dos meus tempos de ginásio. E ali como sempre aprendi o insuspeitado: pois, senão, vejamos. Abro até outro parágrafo, para que o texto respire uma pausa e, ao mesmo tempo, ganhe a necessária solenidade a minha recentíssima ciência vocabular.
(...)
5. A palavra sublinhada em "... pois, senão, vejamos." (§ 2º.) foi empregada com as mesmas características morfológica e semântica em:
a) A quem, ***senão* (exceto; preposição acidental)** ao nosso orientador, devemos recorrer, nos momentos de dúvidas, quanto ao desenvolvimento de uma monografia?
b) O jornalista não apenas considerou minuciosamente o fato, ***senão* (mas também; conjunção aditiva)** divulgou-o com cautela, para que se evitassem distorções.
c) O médico esperava que a epidemia fosse controlada com rapidez, ***senão (do contrário; conjunção condicional aglutinada ao advérbio 'não' ou conjunção alternativa; vem seguido de verbo implícito + verbo explícito)*** teria de adiar, para o mês seguinte, a palestra em São Paulo. – *O médico esperava que a epidemia fosse controlada com rapidez, **se não (fosse controlada), teria de adiar...***
d) Havia apenas aquele ***senão* (problema, falha, erro; substantivo)** em todo o texto escrito pelo candidato estrangeiro à vaga no curso de Biblioteconomia.
e) Gastou todo o salário do mês de março, ***senão* (ou; conjunção alternativa; não vem seguido de verbo explícito, só implícito)** mais, na compra de livros sobre psicologia, pois queria passar no concurso. – *Gastou todo o salário do mês de março, **senão** (gastou) **mais...***

4) Onde / Aonde / Donde

As formas **onde**, **aonde** e **donde** podem ser classificadas como advérbio de lugar ou pronome relativo (quando retoma um termo anterior). As duas últimas só ocorrem se houver as

combinações das preposições **a** e **de** (exigidas por um verbo ou por um nome) + **onde**. Veja:

– *Estou **onde** quero na empresa. (advérbio de lugar)*

– *O Exército, para **onde** fui, é minha casa. (Pronome relativo. Quem vai (no sentido de ir e permanecer), vai para algum lugar.)*

– ***Donde** você saiu para chegar **aonde** se encontra? (Advérbios de lugar. Quem sai, sai **de** algum lugar e quem chega, chega **a** algum lugar.)*

– *A cidade **donde** venho é muito pequena. (Pronome relativo. Quem vem, vem **de** algum lugar.)*

– *Meu coração, **aonde** a ida não é nada fácil, abriu-lhe a guarda. (Pronome Relativo. O substantivo "ida" exige a preposição **a.**)*

Cuidado!!!

1) Lembre-se de que a combinação da preposição **de** com **onde** é opcional, ou seja, podemos dizer (ou escrever): "O presídio **de onde** (ou **donde**) João Augusto saiu ficava bem distante de sua nova residência.".

2) Uma maneira prática para saber usar **onde** ou **aonde** é perceber se o verbo indica noção estática ou noção dinâmica. Veja: **Aonde** você mora? (errado) / **Onde** você mora? (certo; noção estática) / **Aonde** você está? (errado) / **Onde** você está?(certo; noção estática) / **Onde** você foi? (errado) / **Aonde** você foi? (certo; noção dinâmica). **Onde** você pretende chegar com essa atitude? (errado) / **Aonde** você pretende chegar com essa atitude? (certo; noção dinâmica)

3) A noção de lugar vale para espaços físicos, virtuais ou figurados. Portanto o **onde** (aonde ou donde), normalmente como pronome relativo em provas de concursos públicos, pode retomar palavras ou expressões que indiquem "colocação numa classificação, escala ou hierarquia; emprego, cargo; posição social; momento, ocasião, oportunidade; trecho dentro de um livro ou filme; direção, caminho, destino, espaço físico, emocional ou filosófico". Veja alguns exemplos:

– *O primeiro lugar do vestibular, **onde** ninguém esperava que eu ficasse, é meu!*

– *Você está **onde** na empresa? Eu estou na vice-presidência.*

– *Finalmente conseguimos entrar na classe B, **onde** todos um dia desejam, no mínimo, estar.*

– *Em seu ego, **onde** nunca dera oportunidades a sentimentos negativos, muita coisa mudou.*

– *No capítulo 24 do livro de Mateus, **onde** Jesus fala sobre os últimos dias, muitas profecias são anunciadas.*

– *Quanto a seu estado mental, atualmente não mais sabemos **onde** ele se encontra.*

– *O Budismo*, ***de onde*** *eu nunca deveria ter saído, me trazia paz de espírito.*

5) Mal / Mau

A forma **mal** pode ser um substantivo, um advérbio (antônimo de "bem") ou uma conjunção subordinativa temporal (equivalendo a "logo que, assim que"). Já **mau** pode ser um substantivo ou um adjetivo (equivalendo a "bom").

– *O* ***mal*** *de Parkinson é uma doença incômoda. (substantivo)*

– *A pessoa anda* ***mal****, fala* ***mal*** *etc. (advérbio, advérbio)*

– *Engraçado,* ***mal*** *toquei no assunto, eu me lembrei de uma coisa: os* ***maus*** *da humanidade sofreram disso, sabia? (conjunção subordinativa temporal, substantivo)*

– *Tenho um amigo que é muito* ***mau****, será que...? (adjetivo)*

6) Mais / Mas

A forma **mais** (normalmente advérbio ou pronome indefinido) está ligada à ideia de quantidade, intensidade ou tempo (neste caso, quando vem depois de uma negação). **Mas** é uma conjunção coordenativa adversativa, quando equivale a porém; é uma conjunção coordenativa aditiva, quando antes vêm as expressões "não só/não apenas/não somente". Só de curiosidade: a pronúncia é a mesma.

– *Sou* ***mais*** *feliz quando estou com você,* ***mas*** *você nunca está aqui. (advérbio de intensidade, conjunção coordenativa adversativa)*

– *Dedique* ***mais*** *tempo a sua esposa, e ela não vai* ***mais*** *cobrar nada de você. (pronome indefinido – quantidade –, advérbio de tempo)*

– *Não só fiquei* ***mais*** *contente,* ***mas*** *também extremamente realizado. (advérbio de intensidade, conjunção coordenativa aditiva)*

7) Afim / A fim de

A forma **afim** é um adjetivo que significa afinidade, semelhança, parentesco; **a fim de** é uma locução prepositiva que indica finalidade, propósito, intenção.

– *Apesar de ele ser meu parente* ***afim****, nós não temos ideias* ***afins****.*

– *Comecei a estudar* ***a fim de*** *fazer aquela famigerada prova.*

– *Está* ***a fim de*** *namorar comigo? (frase própria do registro coloquial)*

8) Em vez de / Ao invés de

A forma **ao invés de** é usada com termos antônimos na frase em que aparece; já **em vez de** equivale a no lugar de.

– ***Em vez de*** *estudar para a prova do TSE, estudou para a do AFT.*

– ***Ao invés de*** *ser elogiado pelo que disse, foi vaiado efusivamente.*

9) Acerca de / Há cerca de / (a) cerca de

A primeira forma equivale a sobre (assunto); a segunda indica número aproximado ou tempo decorrido aproximado; a terceira indica distância aproximada, tempo futuro aproximado ou quantidade aproximada.

– *Falamos **acerca de** futebol e de política.*

– ***Há cerca de** vinte mil pessoas habitando aquele bairro.*

– ***Há cerca de** uns anos venho estudando com vontade.*

– *Estou **(a) cerca de** um mês para a prova.*

– ***Cerca de** cem amigos presentearam-no quando se casou.*

10) Malgrado / (De) mau grado

A forma **malgrado** (preposição acidental: antes de verbo no infinitivo; ou conjunção subordinativa concessiva: antes de verbo no subjuntivo) equivale a "apesar de, embora"; já **(de) mau grado** é uma expressão formada por "(preposição) + adjetivo + substantivo" e indica má vontade, contra a vontade.

– ***Malgrado** não ter estudado suficientemente, passei em terceiro lugar.*

– ***Malgrado** não tenha estudado suficientemente, passei em terceiro lugar.*

– *O advogado fez as tarefas diárias **de mau grado**.*

– ***Mau grado** meu, trouxe o amigo consigo.*

11) Porventura / Por ventura

A forma **porventura** é um advérbio de dúvida e equivale a por acaso; já **por ventura**, a por sorte. Observe o diálogo:

– *"**Porventura** já fui desonesto com você ou com qualquer outro amigo nosso?"*

– *"**Por ventura** ainda não, pois, se fosse, iria arrepender-se amargamente."*

12) A baixo / Abaixo

Usa-se a forma **a baixo** quando, na frase, vem acompanhada da expressão de cima. Em outros casos, usa-se o **abaixo**.

– *Ela sempre me olha de cima **a baixo**.*

– ***Abaixo** dela não há mais ninguém na lista.*

13) De encontro a / Ao encontro de

A forma **de encontro a** está ligada à ideia de "choque, colisão, divergência, oposição". A segunda forma (**ao encontro de**) está relacionada à ideia de "algo favorável, aproximação positiva, pensamento convergente".

– *Nunca fui **de encontro à**s ideias dele, pois são ótimas.*

– *Resolvi ir **ao encontro d**ela, uma vez que valia a pena.*

*– Seu plano é excelente, pois vem **ao encontro do** que pensamos.*
*– O carro atravessou a pista e foi **de encontro à** mureta.*

14) A par de / Ao par de

A forma **a par de** é o mesmo que "estar ciente de"; **ao par de** equivale a "pareado", na área da economia.

*– Por que nunca fico **a par d**os assuntos desta empresa?*
*– Um dia, o Real estará, de fato, **ao par d**o Dólar?*

15) Com quanto / Conquanto

Com quanto refere-se à quantidade, valor; **conquanto** é uma conjunção subordinativa concessiva e equivale a "embora".

*– **Com quanto** dinheiro você pretende viajar para os EUA?*
*– **Conquanto** consiga boas notas nas provas mais difíceis, ele nunca fica satisfeito.*

16) Por quanto / Porquanto

Por quanto refere-se à quantidade, valor; **porquanto** é uma conjunção explicativa ou causal e equivale o mesmo que **pois**.

*– **Por quanto** vocês me venderiam este livro?*
*– Estudo cinco horas por dia, **porquanto** me é suficiente.*

17) De mais / Demais

De mais é uma locução adjetiva; normalmente essa expressão se liga a um substantivo. Já **demais** é um advérbio de intensidade ou um pronome indefinido.

*– Eles têm dinheiro **de mais**.*
*– O professor fala **demais**.*
*– Precisamos explicar os **demais** assuntos.*

18) Tampouco / Tão pouco

Tampouco é, tradicionalmente, um advérbio e equivale a "também não, nem"; **tão pouco** é uma expressão formada por advérbio de intensidade + advérbio de intensidade/pronome indefinido, indicando quantidade, normalmente.

*– O que você fez não foi certo, **tampouco** justo.*
*– Estudei **tão pouco**, mesmo assim, por sorte, me classifiquei.*
*– Seu aluno faz **tão pouco** exercício por quê?*

19) Nem um / Nenhum

Nem um equivale normalmente a sequer um; já **nenhum** é um pronome indefinido.

*– Ela não me deixou expor **nem um** pensamento.*

– ***Nenhum*** *homem será capaz de me dissuadir.*

20) Com tudo / Contudo

Com tudo indica quantidade; **contudo** é uma conjunção adversativa, equivale a porém.

– *Procuro um portal de notícias* ***com tudo*** *que acontece no país.*

– *O filme não me agrada,* ***contudo****, por ser crítico de cinema, preciso assistir.*

21) A princípio / Em princípio

A princípio equivale a "no início, inicialmente". **Em princípio** equivale a "em tese, conceitualmente". Em alguns momentos, uma ou outra expressão dará conta daquilo que se quer transmitir, portanto, nas duas últimas frases abaixo, o propósito do falante no discurso vai determinar o uso da expressão. Nenhuma delas, pois, estará equivocada. Dependerá do contexto.

– *Vou abordar apenas questões gramaticais* ***a princípio****.*

– ***Em princípio****, as gramáticas de ensino médio não deveriam polemizar.*

– ***Em princípio*** *não estamos interessados em vender este imóvel.*

– ***A princípio*** *não estamos interessados em vender este imóvel.*

22) Por tanto / Portanto

Por tanto indica causa e quantidade; **portanto** é uma conjunção coordenativa conclusiva, equivale a "então, por isso, logo" etc.

– ***Por tanto*** *que eu já te fiz, eu mereço uma chance de novo.*

– *Voltei a estudar como antes,* ***portanto*** *vou passar.*

23) Sobre tudo / Sobretudo

A primeira expressão equivale a "a respeito de tudo"; a segunda é o mesmo que "especialmente, principalmente"; pode ser uma vestimenta (casacão) também.

– *Eles conversam* ***sobre tudo*** *de que gostam.*

– *Estudamos muito nesta Gramática,* ***sobretudo*** *porque aspiramos à excelência.*

– *Comprei um* ***sobretudo*** *sensacional para a viagem de fim de ano à Europa.*

24) Ao nível de / Em nível de

A primeira expressão (**ao nível de**) tem a ideia de "à mesma altura"; a segunda (**em nível de**) exprime "hierarquia". A expressão "a nível de" é um equívoco.

– *Este artigo está* ***ao nível d****os melhores.*

– *Isto foi resolvido* ***em nível de*** *governo estadual.*

– *Isto foi resolvido* ***a nível de*** *governo estadual* ***(errado!)***

Obs.: Segundo o excepcional José Maria da Costa, em seu incrível *Manual de Redação*

Profissional, "o erro é tão comum, que, em 1998, foi realizado um congresso em uma capital da Amazônia com o seguinte título: 'O Direito Ambiental e seu Reflexo *a Nível* Internacional'; a correção de tal título, sem dúvida, há de ser: 'O Direito Ambiental e seu Reflexo *no Âmbito* Internacional', ou, simplesmente, 'O Direito Ambiental e seu Reflexo Internacional'. Não tem ela, a bem da verdade, os sentidos que lhe querem conferir, e são errôneas as seguintes construções: 'reunião *a nível de* desembargadores', 'discussão *a nível de* Órgão Especial'; em tais casos, o correto é dizer: 'reunião *de* desembargadores', 'discussão *da alçada do* Órgão Especial'". O *Manual de Redação da Presidência da República* desabona a construção "a nível de".

25) Por ora / Por hora

A expressão **por ora** significa "por enquanto, por agora, até então, até agora". Já **por hora** é o mesmo que "a cada sessenta minutos, pelo tempo de uma hora".

– ***Por ora**, não acredito nos políticos brasileiros.*
– *Não dispomos de policiais eficientes e honestos, **por ora**.*
– *Os cientistas, **por ora**, não conseguiram chegar à cura definitiva da AIDS.*
– *O professor particular de Português me cobrava R$111 **por hora**.*
– *Você viu que o carro passou a duzentos quilômetros **por hora?***

26) O mais das vezes / As mais das vezes / No mais das vezes

Mário Barreto, Cândido Jucá Filho e Domingos Paschoal Cegalla abonam tais construções. Todas indicam "a maior parte das vezes", sendo a primeira expressão mais usual na língua culta. Veja um exemplo do gramático Pasquale C. Neto:

– *Suas palavras são, **o mais das vezes** (ou **as mais das vezes**), meras repetições de discursos vazios, nos quais nem ele mesmo crê.*

27) À medida que / Na medida em que

A locução conjuntiva **à medida que** indica proporção e equivale a "à proporção que, ao passo que". Por outro lado, **na medida em que** indica causa e equivale a "visto que, já que, tendo em vista que".

– ***À medida que** o líder russo crescia no palco político, o mundo ia se habituando à sua personalidade descomunal.*
– *Do ponto de vista político, este ato é desastrado, **na medida em que** exprime um conflito entre o Estado e a Igreja.*

Obs.: Nunca é demais dizer que as expressões ***à medida em que*** e ***na medida que*** não existem.

28) Sequer / Se quer

Sobre **sequer**, é uma palavra que significa "ao menos, pelo menos". Muito usada em frases negativas, mas não substitui o "não" ou "nem", que devem aparecer antes de "sequer" em frases negativas; às vezes é precedida pela preposição "sem".

– *Não havia **sequer** um aluno em sala de aula.*

– *O homem nem **sequer** se dignou de responder a minha solicitação.*

– *Tudo se arranjaria se ambos tivessem **sequer** um pouco de boa vontade.*

– *Não deixou cair uma lágrima **sequer**.*

– *Sem **sequer** ter atravessado a rua direito, foi atropelado.*

– ***Sequer** um carro de polícia funcionava naquela maldita cidade. (errado!) / Nem **sequer** um carro de polícia funcionava naquela maldita cidade. (agora sim!)*

– *O pseudomédico **sequer** possuía diploma de ensino médio. (errado!) / O pseudomédico nem **sequer** possuía diploma de ensino médio. (agora sim!)*

Já **se quer** é a união da conjunção subordinativa condicional **se** + **quer** (3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo querer), equivalendo a "se desejar".

– ***Se quer** tanto aquela sonhada vaga, empenhe-se... e gaste dinheiro.*

– *Eu comprei aquele suco de que você falou; **se quer**, basta me avisar.*

29) A domicílio / Em domicílio

Segundo José Maria da Costa, o melhor, em realidade, parece ser distinguir, de modo efetivo, entre verbos ou vocábulos de significação estática ou dinâmica. Com os primeiros, que não exigem a preposição A, usa-se **em domicílio**; com os segundos, que exigem a preposição A, **a domicílio**.

– *Levam-se encomendas **a domicílio**.*

– *Leciona-se piano **em domicílio**.*

– "*Desembarcadas as mercadorias, o transportador não é obrigado a dar aviso ao destinatário, se assim não foi convencionado, dependendo também de ajuste a entrega **a domicílio**...*" (CC/2002, art. 752, "caput"). Corrija-se: *... entrega **em domicílio**...*

30) Fazer com que / Fazer que

Tanto faz. Vasco Botelho de Amaral, Domingos Paschoal Cegalla, Francisco Fernandes, Evanildo Bechara, Cláudio Moreno e muitos outros defendem ambas as formas como cultas, no sentido de "provocar, acarretar, influir, conseguir". A preposição é expletiva ao iniciar objeto direto.

– *A minha boa sorte **fez (com) que** não perdesse o avião...*

– *A presidenta do país **fez (com) que** os demais políticos mudassem de opinião.*

– *Esta postura só **fará (com) que** seus pais briguem com você.*

*– O professor **fazia (com) que** toda a matéria fosse fácil se assimilar.*

A Escolha das Palavras

Para que nosso texto ou discurso mantenha uma harmonia de sentido, devemos nos preocupar com a escolha das palavras. Selecionar bem um vocábulo é primordial para que não cometamos certas gafes. Já pensou se um jornal noticiasse o seguinte: "Governador carioca reúne-se hoje com governadores de outros estados".

Se você não percebeu a gafe, cuidado! O cargo de governador está relacionado ao Estado do Rio de Janeiro. Por isso, a palavra "carioca" foi mal selecionada; deveria ser: "Governador fluminense reúne-se hoje com governadores de outros estados". Se ainda fosse prefeito, tudo bem, pois ser prefeito significa cuidar da cidade do Rio de Janeiro. Aí a frase seria esta, bonitinha: "Prefeito carioca reúne-se hoje com prefeitos de outras cidades".

Outro caso interessante seria este: "Enquanto eu jantava, roubaram meu carro.". No entanto, "roubar" significa, no Código Penal, artigo 157, "subtrair coisa móvel alheia, para si ou para outrem, mediante grave ameaça ou violência à pessoa, ou depois de havê-la, por qualquer meio, reduzido à impossibilidade de resistência". Sendo assim, a frase inicial deveria ser: "Enquanto eu jantava, furtaram meu carro.". *Furtar* significa o mesmo que *roubar*, sem a parte sublinhada. Devemos tomar cuidado com as palavras que escolhemos.

Bem, sistematizando o assunto, vejamos os cuidados que devemos tomar quando selecionamos certos vocábulos para formar frases adequadas quanto ao sentido. Devemos selecionar as palavras, levando em conta basicamente dois critérios: **referente** e **situação de comunicação**.

Referente

Se você estiver falando sobre um cheiro desagradável, cuidado para não fazer isto:

"Nossa! A fragrância deste chorume é insuportável!"

A palavra *fragrância* remete a cheiro agradável das flores, plantas, frutas, perfumes etc. Logo, ela foi mal usada neste contexto. Para que houvesse adequação vocabular, como estamos usando o **referente** (*assunto*) "cheiro desagradável", o vocábulo bem selecionado seria: *fedor, fedentina, fetidez...*

Situação de Comunicação

Podemos dizer que a situação de comunicação está ligada a dois fatores: **a pessoa com quem falamos** (levando em consideração a profissão, idade, sexo, posição social, origem geográfica etc.) e **o ambiente em que nos encontramos** (igreja, *show*, um concerto de música clássica, estádio de futebol, bar, casa de outras pessoas etc.). Basicamente este ponto trata de uso da língua culta/formal e língua coloquial/informal.

Imagine que um homem esteja em um concerto de música clássica, observando uma mulher. Ele toma coragem e segue em direção a ela no fim do espetáculo. Diz assim diante dela: "Aí,

Nem... tô te querendo! Demorô lá em casa agora então?”.

Preciso dizer mais alguma coisa?

Por outro lado, imagine um rapaz que vai a um baile “funk” e diz assim para a mais bela do baile: “Por obséquio, dê-me o regozijo de dar-lhe um ósculo!”.

Preciso dizer mais alguma coisa?

Observe agora estas frases:

– *Consumidores da cidade de São Paulo, por serem **paulistas** exigentes por natureza, reclamaram do preço **caro** do pescado.*

– *Como as prateleiras estão vazias, ficou constatada a **escassez** do produto na cidade.*

– *Os cinco primeiros da fila acompanhem, por gentileza, a secretária; quanto ao **resto** peço que permaneçam aqui.*

– *Durante a blitz, ontem, na fronteira colombiana, a Polícia Federal **apreendeu** dois grandes traficantes de maconha, que tentavam fugir.*

– *O deputado confessou ter recebido 40 mil dólares da contravenção, alegando que o dinheiro era para ajudar ONGs que apoiam as vítimas da aids. Como ficou comprovado, isso **explica** o envolvimento de seu nome no jogo do bicho.*

– *Como o saneamento básico é precário, as águas da lagoa ficaram **poluídas** pelo vibrião do cólera.*

Certamente algumas o deixaram na dúvida quanto à seleção vocabular adequada ao contexto, certo? As frases deveriam ser redigidas assim:

– *Consumidores da cidade de São Paulo, por serem **paulistanos** exigentes por natureza, reclamaram do preço **alto** do pescado.*

– *Como as prateleiras estão vazias, ficou constatada a **falta** do produto na cidade.*

– *Os cinco primeiros da fila acompanhem, por gentileza, a secretária; quanto aos **demais** peço que permaneçam aqui.*

– *Durante a blitz, ontem, na fronteira, a Polícia Federal **capturou** dois grandes traficantes de maconha.*

– *O deputado confessou ter recebido 40 mil dólares da contravenção, alegando que o dinheiro era para ajudar ONGs que apoiam as vítimas da aids. Como ficou comprovado, isso **justifica** o envolvimento de seu nome no jogo do bicho.*

– *Como o saneamento básico é precário, as águas da lagoa ficaram **contaminadas** pelo vibrião do cólera.*

Na primeira frase, “paulista” é quem mora no Estado de São Paulo; **paulistano** é quem mora na cidade de São Paulo. “Caro” já significa “preço alto”, logo o adequado é dizer “preço **alto**”.

Na segunda frase, a palavra “escassez” (exiguidade, insuficiência) não tem o mesmo sentido

de **falta** (ausência, inexistência).

Na terceira frase, a palavra "resto" tem sentido depreciativo, pejorativo, já a palavra ***demais*** tem sentido neutro.

Na quarta frase, a palavra "apreender" é usada, em tese, para coisas, por isso, devido ao contexto, o mais adequado é **capturar/deter** (pessoas).

Na quinta frase, por causa do contexto, "explicar" tem sentido distinto de **justificar**. A leve diferença entre um termo e outro é que a ideia de justificativa está ligada à ideia de inocência e absolvição. Os dois verbos até poderiam ser considerados sinônimos. É aquela velha história do "explica, mas não justifica", ou seja, "dá para entender, mas não dá para desculpar". No caso do deputado, dá para desculpar, por isso justifica.

Na sexta frase, o vibrião do cólera não "polui" (degradar meio ambiente) nada, mas sim ***contamina*** (transmitir doença).

Interessante, não?

Vale dizer que o léxico da língua vai muito além de meras escolhas de palavras para comunicar algo. Certas "linguagens" servem para manter unidos certos grupos: as **gírias** (linguagem de um grupo social, como os gays: *"coió"*, *"arrasou"*, *"bofe"*...), os **regionalismos** (linguagem de um grupo geográfico, como os nordestinos: *"avexado", "bestar", "da peste"*...), os **jargões** (linguagem de um grupo profissional, como os militares: *"zaralho", "Brasil!", "selva!"*...), os **estrangeirismos** (linguagem estrangeira, como a dos americanos: *"yes", "fashion", "game"*...), os **arcaísmos** (linguagem antiga, como a do português arcaico: *"fremoso", "vosmecê", "ceroula"*...), os **neologismos** (linguagem inventada, como a partir da informática: *"baixar", "ciberpirata", "blogueiro"*)...

Expressões Idiomáticas

Expressões idiomáticas são locuções ou pequenas frases próprias de um idioma. No português, não poderia ser diferente. Há infinitas (inclusive gírias)! Vejamos algumas:

Expressão	**Significado**
Acertar na lata/mosca	Atingir alvo com precisão
Abotoar o paletó	Morrer
Acabar em pizza	Situação mal resolvida, sem resultados
Procurar chifre em cabeça de cavalo	Procurar problemas onde não existem
Procurar pelo em ovo	Buscar coisas impossíveis ou inexistentes
A dar com pau	Grande quantidade
Afogar o ganso	Fazer sexo (no caso do homem)
Agarrar com unhas e dentes	Agir de forma extrema para não perder
Água que passarinho não bebe	Bebida alcoólica (normalmente cachaça)
Amarrar o burro	Ficar descansado ou em zona de conforto
Amigo da onça	Falso amigo, traidor
Andar na linha/Perder a linha	Agir corretamente/Agir impulsivamente
Bater na mesma tecla	Insistir no mesmo assunto
Cara de pau	Descarado, atrevido, desavergonhado
Dormir no ponto	Perder uma oportunidade
Encher linguiça	Enrolar, embromar
Feito cego em tiroteio	Perdido, desorientado
Grosso modo (expressão latina)	De modo grosseiro (*a grosso modo* é erro)
Jogado para escanteio	Descartado
Lavar as mãos	Não se envolver
Meter o dedo na ferida	Arreliar, Intrometer-se
Na mão do palhaço	Em situação de perda de autocontrole
Onde Judas perdeu as botas	Em lugar bem distante
Pisar na bola	Cometer deslize
Quebrar o galho	Dar solução precária, improvisar
Riscar do mapa	Fazer desaparecer
Sem pé nem cabeça	Confuso, sem sentido
Trocar as bolas	Atrapalhar-se
Uma mão lava a outra	Ajuda mútua
Xisnovear	Delatar, alcaguetar

Consulte mais na Wikipédia ou em qualquer livro especializado, como *Expressões*

Idiomáticas da Língua Portuguesa, de Ítalo José Alves, ou no *Dicionário de Expressões Idiomáticas da Língua Portuguesa*, de Maria Helena Schambil e Peter Schambil.

O Que Cai Mais na Prova?

Frequentemente se veem questões relativas a **sinonímia, homonímia, paronímia, denotação e conotação** e **fatos e dificuldades da língua culta**. Nestes pontos, portanto, quero você "na ponta dos cascos", hein!

Questões de Concursos

Preocupe-se apenas com os assuntos relativos a este capítulo, beleza? Boa resolução para você! A FCC e a Cesgranrio gostam bastante de questões relativas à sinonímia. A Esaf e o Cespe já preferem trabalhar fatos da língua culta. A verdade é que devemos estar preparados para tudo.

1. (FCC – TRE-SP – Analista – 2004) O elemento sublinhado na frase:
   a) *É correta a disposição (...) de abandonar os planos de seu antecessor para descentralizar os recursos investidos na área* expressa uma **causalidade**;
   b) *Distribuir pouco dinheiro a muitos centros pode equivaler a desperdiçar toda a verba* constitui um **paradoxo**;
   c) *A pulverização das verbas pode atender a interesses populistas de políticos* tem o sentido de **compromissos populares**;
   d) *(...) cabe ao poder público colocar suas fichas em projetos com maior possibilidade de oferecer retorno* tem o sentido de **ir de encontro a**;
   e) *Não se trata de ser contra a descentralização como conceito* tem o sentido de **em tese**.

2. (FDC – Professor de Português II – 2005) Assinale a única frase que se completa com a segunda forma entre parênteses:
   a) Os culpados _____ as leis. (infringiram / infligiram).
   b) O _____ do senador termina no próximo ano. (mandado / mandato).
   c) Não saia, pois a chuva está _____. (iminente / eminente).
   d) Ladrão foi apanhado em _____. (flagrante / fragrante).
   e) Os requintes de educação caracterizam um perfeito _____. (cavalheiro / cavaleiro).

3. (Esaf – MPU – Analista – 2005) (Adaptada) Qual grupo de frases abaixo apresenta uma frase que não está gramaticalmente correta?
   I. Quando surgiu Euclides da Cunha, nossa literatura podia enumerar grandes nomes pertencentes ao "sistema" de que falei há pouco. / Quando surgiu Euclides da Cunha, nossa literatura podia enumerar grandes nomes pertencentes ao "sistema" de que faz pouco falei.
   II. No Brasil, a nacionalidade e a literatura formaram um "sistema" interessantíssimo, que a cerca de trezentos anos desenvolve-se. / No Brasil, a nacionalidade e a literatura formaram um "sistema" interessantíssimo, que há cerca de trezentos anos se desenvolve.

4. (FCC – SEFAZ/PB – Auditor Fiscal de Tributos Estaduais – 2006) Nas frases:
   I. O mau julgamento político de suas ações não preocupa os deputados corruptos. Para eles, o mal está na mídia impressa ou televisiva.
   II. Não há nenhum mau na utilização do Caixa 2. Os recursos não contabilizados não são um mau, porque todos os políticos o utilizam.
   III. É mau apenas lamentar a atitude dos políticos. O povo poderá puni-los com o voto nas eleições que se aproximam. Nesse momento, como diz o ditado popular, eles estarão em mal lençóis.
   O emprego dos termos ***mal*** e ***mau*** está correto APENAS em:
   a) I;
   b) I e II;
   c) II;
   d) III;
   e) I e III.

5. (FCC – TRF (2R) – Analista Judiciário – 2007) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à norma culta?
   e) Quando se considera a par do tema, ajuíza sem medo, mas, ao se compreender insipiente, pára tudo e pede aos especialistas que o catequizem no assunto para não passar por néscio.

6. (FCC – TCE-AL – Analista de Sistemas – 2008) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à norma culta?
   e) É prazeirosa a experiência de quem formula propósitos e promove ações que vão de encontro aos mesmos.

"Certamente você já se perguntou **por que** algumas pessoas têm tanto e outras tão pouco. Talvez a resposta não seja tão complicada quanto se pensa. (...)"

7. (Cespe/UnB – MEC – Agente Administrativo – 2009) Na indagação da linha 1, aparece a expressão "por que". Na resposta, a expressão correta seria **porque**, como aparece a seguir: *Algumas pessoas têm mais dinheiro do que outras porque sabem como aumentar sua riqueza.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

Com devoção e entusiasmo, o sul do mundo copia e multiplica os piores costumes do norte. E do norte não recebe as virtudes, mas o pior: torna sua **a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público** bem como **toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo**. E o sul também recebe, **de braços abertos**, as fábricas mais porcas, as mais inimigas da natureza, em troca de salários que dão saudade da escravidão.

No entanto, cada habitante do norte consome, em média, dez vezes mais petróleo, gás e carvão; e, **no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio**. **Gula e jejum do cardápio ambiental**: 75% da contaminação do mundo provêm de 25% da população.

8. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) Assinale a opção em que a expressão retirada do texto foi empregada em sentido denotativo.
a) "a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público";
b) "toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo";
c) "de braços abertos";
d) "no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio";
e) "Gula e jejum do cardápio ambiental".

9. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
(...) Criada em 2000 para "promover a defesa do interesse público na assistência suplementar à saúde e regular as operadoras setoriais, inclusive quanto às suas relações com prestadores (de serviços) e consumidores", a ANS opera **numa corda bamba**. (...)
c) A expressão "numa corda bamba" tem significação conotativa e confere um tom de informalidade ao texto.

10. (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
(...) A crise que se iniciou em 2008 nos EUA para depois atingir todas as economias, no quadro da globalização, ao contrário da de 1929, levou os governos a optarem pela intervenção pública para salvar o sistema bancário e para dar um impulso à economia. Isso se traduziu como forte pressão sobre as finanças públicas, que estão **acusando** *deficits* muito elevados.
e) A palavra "acusando" está sendo empregada com a acepção de **indicando, mostrando, revelando.**

11. (FCC – TJ/SE – Técnico Judiciário – 2009) Constituem **parônimos** os vocábulos grifados nas frases apresentadas em:
a) Constava do relatório a <u>descrição</u> pormenorizada da destruição do centro de treinamento decorrente da invasão de torcedores. / Com <u>discrição</u> e muita simpatia, o novo jogador logo conquistou a confiança da torcida.
b) O descontentamento dos torcedores culminou com um <u>protesto</u> no próprio estádio. / Como <u>protesto</u> contra as medidas tomadas pela diretoria, funcionários se recusaram a trabalhar.
c) Torcedores descontentes invadiram a <u>sede</u> do clube e a depredaram. / Com <u>sede</u> de vitória, os torcedores estimulavam o time ao ataque.
d) O recinto foi atacado por <u>bombas</u> de fabricação caseira. / Na festa junina soltaram-se <u>bombas</u> e fogos de artifício coloridos.
e) Os <u>feridos</u> no confronto foram encaminhados ao hospital mais próximo. / Vários espectadores ficaram <u>feridos</u> no último festival.

12. (FCC – TRT (16ª R) – Técnico Judiciário – 2009) A frase em que há palavras escritas de modo INCORRETO é:
a) A aridez que sempre caracterizou as paisagens do Nordeste brasileiro aparece agora, para assombro de todos, na região Sul, comprometendo as safras de grãos.
b) Alguns estudiosos reagem com sensatez às recentes explicações, considerando se o papel da bomba biótica é realmente crucial na circulação do ar.
c) Se for comprovada a correção da nova teoria, a preservação das florestas torna-se essencial para garantir a qualidade de vida em todo o planeta.
d) O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.
e) Com ventos mais próximos ao mar, o ar úmido resultante da evaporação da água do oceano é puxado para o continente, distribuindo a chuva ao redor do planeta.

13. (FCC – MPE/SE – Técnico do MP – 2009) Identificam-se parônimos no par de expressões transcritas em:

a) importância capital // importância fundamental;
b) tráfico de pessoas // tráfego de pessoas;
c) tecnologias de informação // comunicação tecnológica;
d) violações cometidas // violações reprimidas;
e) vida com liberdade // vida com dignidade.

14. Considere as frases abaixo:
I. Os horrores trazidos pela II Guerra Mundial marcaram o porquê da criação de um documento internacional que garantisse o respeito aos direitos humanos.
II. Sem conhecer seus direitos, os indivíduos não saberão dispor dos instrumentos nem apresentar razões porque reivindicar sua efetiva aplicação.
III. Por falta de divulgação dos termos previstos na Declaração Universal, grupos minoritários se tornam mais vulneráveis à violação de seus direitos, sem mesmo saber por quê.
IV. São inúmeros os benefícios trazidos pela Declaração Universal, embora exista desrespeito aos direitos nela previstos, como a persistência da pobreza, por que passa um terço da população mundial.
Estão escritos corretamente os termos que aparecem grifados em:
a) I, II, III e IV;
b) I, II e III, apenas;
c) I, III e IV, apenas;
d) II, III e IV, apenas;
e) I, II e IV, apenas.

15. (Cespe/UnB – TRT/RN (21R) – Técnico Judiciário – 2010) A expressão "em lugar" (Logo descobrimos que a tecnologia, na verdade, nos trazia uma carga maior de atribuições e, **em lugar** das 8 horas, passamos a trabalhar muito mais. Mas não foi só...) poderia ser substituída por **em vez**, sem prejuízo para o sentido e a clareza do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – ANEEL – Cargos de Nível Superior – 2010) O sentido da expressão "mal das pernas", característica da oralidade, seria prejudicado caso se substituísse "mal" por **mau**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (FCC – TRE/RS – Analista Judiciário – 2010) A frase em que a palavra destacada está empregada de modo equivocado é:
a) Inerme diante da ofensiva tão violenta, não lhe restou nada a fazer senão render-se.
b) Há quem proscreva construções linguísticas de cunho popular.
c) Fui informado do diferimento da reunião em que o fato seria analisado.
d) A descriminalização de algumas drogas é questão polêmica.
e) A flagrância do perfume inebriava a todos os convidados.

18. (FCC – TRE/AL – Analista Judiciário – 2010) Na frase *Eis por que o espectador não se sente em casa em parte alguma, porque o espetáculo está em toda parte*, os elementos sublinhados podem ser correta e respectivamente substituídos por:
a) *a razão pela qual* e *visto que*;
b) *por cujo motivo* e *visto que*;
c) *a finalidade pela qual* e *dado que*;
d) *o motivo por onde* e *conquanto*;
e) *a alegação de que* e *conquanto*.

19. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) Assinale a opção que indica onde o texto foi transcrito com erro gramatical.
A lição reafirmada pela crise é a da (1) instabilidade como pressuposto da economia de mercado, transmitida por dois canais. O primeiro é o da confiança dos agentes – aspecto crucial nas observações de John Maynard Keynes –, que é volúvel e sujeita a mudança repentina em momentos de incerteza. Tal instabilidade pode ainda ser catalisada (2) pelo canal financeiro, como ficou claro, de forma dramática, em 2008. Falhas de mercado e manifestações de irracionalidade são comuns no capitalismo, sem dúvida, mas a derrocada recente não repõe (3) a polarização entre Estado e mercado. Reforça, isso sim, a necessidade de aperfeiçoar instituições, afim de (4) preservar a funcionalidade dos mercados e a concorrência, bens públicos que o mercado, deixado à (5) própria sorte, é incapaz de prover.

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

20. (Cesgranrio – Petrobras – Todos os Cargos (Nível Médio) – 2010) O vocábulo destacado, quanto ao seu significado, está empregado, adequadamente, na seguinte frase:
a) Ações malsucedidas prenunciam um fracasso **eminente**.
b) Para **acender** profissionalmente, é preciso perseverança.
c) O profissional de sucesso **descrimina** as etapas de suas ações.
d) A **expectativa** do triunfo motiva o empreendedor.
e) É preciso saber **deferir** o amor do ódio.

21. (Cesgranrio – Petrobras – Todos os Cargos (Nível Superior) – 2010) O valor semântico atribuído ao verbo **dar**, apresentado entre parênteses, está INCORRETO na frase:
a) Lamentavelmente, deu pouco tempo do seu dia para uma reflexão. (dedicar).
b) Embora tivesse magoado algumas pessoas, não se deu conta. (percebeu).
c) Daqui a um tempo, dará por terminado o seu problema maior. (considerar).
d) O seu primeiro erro se deu quando tentou ajudar um amigo em apuros. (concedeu).
e) No presente, a vida se dá tão pessimista. (apresenta).

22. (Cesgranrio – EPE – Advogado – 2010) Dentre os trechos abaixo, aquele em que a palavra "até" tem um significado diferente do que apresenta nos demais é:
a) "... descobrir se o nome de um sujeito era com q ou com k às vezes demandava até pesquisa telefônica."
b) "os dicionários, enciclopédias e até papiros deteriorados estão a um par de cliques de distância..."
c) "Há cada vez mais felizardos que trabalham de bermuda, sem camisa e até à beira de uma piscina..."
d) "... se torna, para a turma mais radical, um risco desnecessário, uma coisa até meio *passée*..."
e) "Com certeza não chegarei até lá..."

23. (Cesgranrio – BNDES – Técnico Administrativo – 2010) Em "Devemos deixar de nos conformarmos em saber executar apenas uma atividade e conhecer várias outras, nas quais com interesse e dedicação podemos ser **diferenciados**", o vocábulo destacado pode ser substituído, sem alteração de sentido, por:
a) indiscriminados;
b) inatingíveis;
c) preteridos;
d) disseminados;
e) destacados.

24. (Cesgranrio – BNDES – Analista de Sistemas – 2010) Em "... esse futuro que concebemos deve estar sempre em **congruência** com nosso eu.", o vocábulo destacado pode ser substituído, sem alteração de sentido, por:
a) dissonância;
b) resistência;
c) correspondência;
d) relutância;
e) controvérsia;

25. (Cesgranrio – BNDES – Analista de Sistemas – 2010) Ao redigir respostas para "Por que quero conseguir um trabalho novo?", cometeu-se, segundo o registro culto e formal da língua, um erro de ortografia em:
a) Não quero passar a minha vida inteira só cumprindo ordens sem nunca entender por quê.
b) Alguns constrangimentos porque venho passando me obrigam a considerar outras opções.
c) Para mim, a realização profissional, no momento presente, é importante porque implica melhoria de vida.
d) Desse modo, eu poderei saber o motivo por que o sucesso de ontem não nos garante o de amanhã.
e) Um dia, atingindo o meu objetivo, eu talvez possa contar-lhe o porquê.

26. (Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico (Administração) – 2010) É melhor começar a exercitar a linguagem, _____ o seu relacionamento pode acabar mal. / A pesquisa recentemente realizada pela empresa foi _____ do estresse emocional do trabalhador. / Expliquei-lhe as exigências do atual mercado _____ ele se adaptasse melhor.
A sequência que completa corretamente as frases acima é:

a) se não – a cerca – a fim de que;
b) se não – acerca – afim de que;
c) se não – acerca – a fim de que;
d) senão – acerca – a fim de que;
e) senão – a cerca – afim de que.

27. (Cesgranrio – SEPLAG/BA – Professor Português – 2010) Estabelece relação de hiperonímia/hiponímia, nessa ordem, o seguinte par de palavras:
a) estrondo – ruído;
b) pescador – trabalhador;
c) pista – aeroporto;
d) piloto – comissário;
e) aeronave – jatinho.

*"(...) Daí a razão **por que**, segundo o filósofo, "a doutrina do direito e a doutrina da virtude distinguem-se menos pela diferença entre os deveres do que pela diferença de sua legislação, que vincula um ou outro motivo à lei". E exemplifica: "Cumprir uma promessa contratual é um dever exterior; **mas o mandamento de agir unicamente porque se trata de um dever**, sem levar em conta outro motivo, diz respeito apenas à legislação interior".*

28. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) Na linha 26, "por que" poderia, sem prejuízo para a correção gramatical, ser grafado **porque**, em razão de estar empregado como conjunção causal, tal como ocorre em "mas o mandamento de agir unicamente porque se trata de um dever".
( ) CERTO
( ) ERRADO

29. (FCC – TRE-RN – Analista – 2011) O segmento cujo sentido está corretamente expresso em outras palavras é:
a) *se multiplicaram de maneira prodigiosa* = cresceram ilusoriamente.
b) *as duas espécies se regalaram* = os dois gêneros se empanturraram.
c) *uma família singular* = um conjunto variegado.
d) *que selou o destino* = que indigitou a fatalidade.
e) *empenhou-se na procura* = dedicou-se com afinco à busca.

30. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) Observe a palavra **coral** no par de frases: *"[...] cantei em **coral**..." / Mergulhei e arranhei a perna num **coral**.* A relação existente entre as duas palavras é a mesma que se verifica em:
a) O perigo é **iminente**. / O **eminente** deputado fez uma declaração.
b) Passei em frente a seu **edifício** hoje. / Implodiram o **prédio** condenado.
c) A **manga** que comi estava docinha. / Rasguei a **manga** da camisa.
d) Comprei **figo** na feira, mas a **fruta** não estava boa.
e) A **sala** de aula estava lotada e a **escola** é um sucesso.

31. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) A sentença em que o verbo **tocar** está usado com o mesmo sentido que se verifica na sentença "Como acontece com todos os poetas e compositores, ele tocou cada pessoa de modo diferente." é:
a) Ele tocava na orquestra da capital.
b) O sino da igreja vai tocar às seis horas.
c) A equipe tocou o projeto rapidamente.
d) Não toque em nada que está sobre a mesa.
e) O sorriso de uma criança sempre me toca.

32. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) O emprego da palavra/expressão destacada está INCORRETO em:
a) Estava **mau-humorado** quando entrou no escritório.
b) Indaguei a razão **por que** se empenhou tanto na disputa pelo cargo.
c) Ninguém conseguiu entender **aonde** ela pretendia chegar com tanta pressa.
d) Não almejava mais nada da vida, **senão** dignidade.
e) Ultimamente, no ambiente profissional, só se fala **acerca de** eleição.

Texto

Bom para o sorveteiro

Por alguma razão inconsciente, eu fugia da notícia. Mas a notícia me perseguia. Até no avião, o único jornal abria na minha cara o drama da baleia encalhada na praia de Saquarema. Afinal, depois de quase três dias se debatendo na areia da praia e na tela da televisão, o filhote de jubarte conseguiu ser devolvido ao mar. Até a União Soviética acabou, como foi dito por locutores especializados em necrológio eufórico. Mas o drama da baleia não acabava. Centenas de curiosos foram lá apreciar aquela montanha de força a se esfalfar em vão na luta pela sobrevivência. Um belo espetáculo.

À noite, cessava o trabalho, ou a diversão. Mas já ao raiar do dia, sem recursos, com simples cordas e as próprias mãos, todos se empenhavam no lúcido objetivo comum. Comum, vírgula. O sorveteiro vendeu centenas de picolés. Por ele a baleia ficava encalhada por mais duas ou três semanas. Uma santa senhora teve a feliz ideia de levar pastéis e empadinhas para vender com ágio. Um malvado sugeriu que se desse por perdida a batalha e se começasse logo a repartir os bifes.

Em 1966, uma baleia adulta foi parar ali mesmo e em quinze minutos estava toda retalhada. Muitos se lembravam da alegria voraz com que foram disputadas as toneladas da vítima. Essa de agora teve mais sorte. Foi salva graças à religião ecológica que anda na moda e que por um momento estabeleceu uma trégua entre todos nós, animais de sangue quente ou de sangue frio.

Até que enfim chegou uma traineira da Petrobras. Logo uma estatal, ó céus, num momento em que é preciso dar provas da eficácia da empresa privada. De qualquer forma, eu já podia recolher a minha aflição. Metáfora fácil, lá se foi, espero que salva, a baleia de Saquarema. O maior animal do mundo, assim frágil, à mercê de curiosos. À noite, sonhei com o Brasil encalhado na areia diabólica da inflação. A bordo, uma tripulação de camelôs anunciava umas bugigangas. Tudo fala. Tudo é símbolo.

(Otto Lara Resende, **Folha de S. Paulo**)

33. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário (Área Administrativa) – 2012) Considerando-se o contexto, traduz-se adequadamente o sentido de um segmento em:

a) em necrológio eufórico (1º parágrafo) = em façanha mortal.

b) Comum, vírgula. (2º parágrafo) = Geral, mas nem tanto.

c) que se desse por perdida a batalha (2º parágrafo) = que se imaginasse o efeito de uma derrota.

d) estabeleceu uma trégua entre todos nós (3º parágrafo) = derrogou uma imunidade para nós todos.

e) é preciso dar provas da eficácia (4º parágrafo) = convém explicitar os bons propósitos.

A biosfera, o nome que a ciência dá à vida, parece algo enorme, que se espalha por toda parte, que nos cerca por cima, por baixo, pelos lados, andando, voando e nadando. Pois toda essa única maravilha se espreme por sobre uma camada ínfima do planeta. Quão ínfima? Toda a vida da Terra está contida em 0,5% de sua massa superficial. Metade de 1%. O restante é rocha estéril recobrindo o núcleo de ferro incandescente. Imagine uma metrópole do tamanho de São Paulo ou de Nova York totalmente deserta, quente demais ou fria demais para manter formas de vida, exceto por um único quarteirão.

A vida, ou a biosfera, torna-se uma reserva ainda mais enclausurada e única, quando se sabe que nenhuma forma de vida, mesmo a mais primitiva, jamais foi detectada fora dos limites da Terra. Se toda a biosfera terrestre se mantém em uma parte ínfima do planeta, este por sua vez é um grão de areia. Sem contar o Sol, a Terra responde por apenas 1/500 da massa total do sistema solar. Essa bolhinha azul e frágil que vaga pelo infinito recebe agora seu habitante número 7 bilhões, reavivando a imorredoura questão sobre até quando a população mundial poderá crescer sem produzir um colapso nos recursos naturais do planeta.

A questão se impõe porque o crescimento no uso desses recursos forma uma curva estatística impressionante. A estimativa é de que, em 2030, será necessário o equivalente a duas Terras para garantir o padrão de vida da humanidade. As perspectivas mais sombrias sobre a sustentabilidade do planeta não levam em conta a extraordinária capacidade de recuperação da natureza – e a do próprio ser humano – para superar as adversidades. A Terra já passou por cinco grandes extinções em massa e a vida sempre voltou ainda com mais força. Enquanto se procuram soluções para o equilíbrio entre crescimento populacional e preservação de recursos, a natureza manda suas mensagens de socorro. A espaçonave Terra é uma generosa Arca de Noé, mas ela tem limites.

(Filipe Vilicic, com reportagem de Alexandre Salvador. **Veja**, 2 de novembro de 2011. p.130-132, com adaptações)

34. O segmento cujo sentido está corretamente expresso com outras palavras é:

a) *uma reserva ainda mais enclausurada* = um território sempre inexplorado;

b) *em uma parte ínfima do planeta* = num ponto desconhecido da Terra;

c) *a imorredoura questão* = o problema de mais difícil solução;

d) *perspectivas mais sombrias* = visões menos animadoras;

e) *para superar as adversidades* = para atenuar situações incompreensíveis.

35. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Estabilidade Júnior – 2012) Na frase “foi criado sinteticamente em laboratório para

replicar essas moléculas encontradas na natureza.", a palavra destacada pode ser substituída, sem alterar o significado do trecho, por:
a) reestruturar;
b) reproduzir;
c) reservar;
d) restaurar;
e) retirar.

36. (FEC/UFF – PREF. Angra dos Reis/RJ – Administrador – 2012) Observe as frases.
I. O paciente submeteu-se a SESSÕES de sangria, utilizando-se de sanguessugas.
II. Encontrou, na SEÇÃO de remédios, o que procurava para o seu alívio.
O par de palavras SESSÃO/SEÇÃO relaciona-se ao estudo da:
a) homonímia;
b) sinonímia;
c) paronímia;
d) antonímia;
e) polissemia.

37. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) No texto acima, provoca-se erro gramatical ou incoerência na argumentação ao:
e) substituir a preposição "Para" pela locução **Afim de**.

38. (Vunesp – SEAP/SP – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – 2012) No trecho – Para especialistas, fica uma questão: até que ponto essa **exuberância** econômica no Brasil é sustentável ou é apenas mais uma bolha? – o termo em destaque tem como antônimo:
a) fortuna;
b) opulência;
c) riqueza;
d) escassez;
e) abundância.

39. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Assinale a alternativa em que os termos destacados em cada grupo de frases são parônimos.
a) 1. Tudo já está preparado para a cidade **empossar** o novo prefeito.
2. É preciso cuidar para o piso da varanda não **empoçar** água.
b) 1. Uma das grandes festas de apreço popular é a do **Círio** de Nazaré.
2. Chegou à hospedaria um homem; dizem que é **sírio**.
c) 1. Nas cidades europeias, após o almoço, a **sesta** põe tudo a dormir com as pessoas.
2. A menina, feliz, preparou uma grande **cesta** de Páscoa para sua avó.
d) 1. Espera-se que as delegações dos países **viajem** nesta semana para a realização dos jogos olímpicos.
2. Segundo o poeta, a **viagem** mais difícil é a que fazemos para dentro de nós mesmos.

40. (FEMPERJ – VALEC – Jornalista – 2012) Intertextualidade é a presença de um texto em outro; o pensamento abaixo que NÃO se fundamenta em intertextualidade é:
a) "Se tudo o que é bom dura pouco, eu já deveria ter morrido há muito tempo."
b) "Nariz é essa parte do corpo que brilha, espirra, coça e se mete onde não é chamada."
c) "Une-te aos bons e será um deles. Ou fica aqui com a gente mesmo!"
d) "Vamos fazer o feijão com arroz. Se puder botar um ovo, tudo bem."
e) "O Neymar é invendável, inegociável e imprestável."

Gabarito

1. E.	9. CORRETO.	17. E.	25. B.	33. B.
2. B.	10. CORRETO.	18. A.	26. D.	34. D.
3. I.	11. A.	19. D.	27. E.	35. B.
4. A.	12. D.	20. D.	28. ERRADO.	36. A.
5. CORRETO.	13. B.	21. D.	29. E.	37. E.
6. INCORRETO.	14. C.	22. E.	30. C.	38. D.
7. CERTO.	15. CERTO.	23. E.	31. E.	39. C.
8. D.	16. ERRADO.	24. C.	32. A.	40. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 5

Morfologia

Morfologia é a parte da gramática que estuda a **forma** dos vocábulos.

Mas como as palavras se formam? São constituídas de quê? Sofrem processos, mudanças? Dividem-se em grupos, classes? Todas essas perguntas serão respondidas a contento! Antes disso, porém, saiba que há uma diferença entre **vocábulo** e **palavra**.

Nem todo vocábulo é uma palavra, mas toda palavra é um vocábulo. Hã? Relaxa! Partindo do princípio que, por definição, **palavra** é a "unidade da língua que, na fala ou na escrita, tem significação própria e existência isolada", só podemos dizer que **palavra** é uma **palavra**, se ela puder ser usada neste contexto, por exemplo:

– Você vive em que país?

– **Brasil**.

Brasil é, portanto, uma palavra, pois "tem significação própria e existência isolada". Continuando o diálogo:

– Você gosta de lá?

– **Muito**.

Muito é, portanto, uma palavra, pois "tem significação própria e existência isolada".

A maioria dos linguistas concorda que **vocábulo** e **palavra** são conceitos próximos, mas a diferença é que a palavra "tem significação própria e existência isolada". Isso significa que o **vocábulo** não tem? Não é bem assim. Como eu disse antes, toda palavra é um vocábulo, logo alguns vocábulos são chamados de palavras quando "têm significação própria e existência isolada". E quando o vocábulo "***não*** tem significação própria e existência isolada"? Aí dizemos que não são palavras, mas sim apenas vocábulos. Semiparafraseando o eminente linguista brasileiro Joaquim Mattoso Câmara Jr., há três formas de vocábulos: **livres**, **dependentes** e **presas** (esta última também chamada de "não vocábulo").

A primeira tem autonomia semântica, ou seja, pode ser empregada isoladamente, pois estabelece comunicação (**formas livres**: substantivo, adjetivo, verbo, alguns advérbios e numerais). As formas livres constituem palavras. É neste caso que **vocábulo** e **palavra** se equivalem.

Vocábulos átonos normalmente dependem de formas livres, pois não estabelecem comunicação sozinhos, são dependentes (**formas dependentes**: artigo, conjunção, preposição,

pronomes átonos). Exemplo: "**O** homem **e a** mulher **do** jornal vieram **me** entrevistar".

Há, por último, as formas que aparecem fixas a um vocábulo, pois não existem isoladamente em enunciados (**formas presas**: afixos, radical, desinências, vogal temática). Exemplo: **in/constitu/cion/al/issim/a/mente**.

Para entendermos bem o que é morfologia, portanto, precisamos entender...

Como as palavras se formam?

Normalmente, as palavras se formam a partir da combinação de **formas presas**, já vistas.

Elas são constituídas de quê?

Normalmente, elas são constituídas de mais de um morfema (partes que a compõem, como prefixo, sufixo, radical, desinências, vogal temática, vogal ou consoante de ligação).

Obs.: Veremos tudo isso em detalhes no capítulo seguinte. Não se desespere caso não se lembre deste ou daquele nome ou conceito, ok? Farei questão de reiterá-los, quando necessário.

Elas sofrem processos, mudanças?

Sim, elas sofrem vários processos. Uma palavra pode se transformar em várias palavras, desde que acumulemos formas presas a elas: ***govern**o, govern**ante**, govern**amental**, govern**abilidade**, **in**govern**ável**, **des**govern**ado**, **anti**govern**ista**, **pseudo**govern**ador** etc.* Além disso, muitas palavras podem mudar de forma para indicar o sexo do ser ou a ideia de quantidade; exemplo: *garoto, garot**a**, garot**os**, garot**as***. Safo?

Elas se dividem em grupos, classes?

Sim, as palavras se dividem em tradicionais dez grupos: **substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção** e **interjeição**. Ainda há as **palavras denotativas**, que são postas à parte. Essas classes de palavras só existem porque muitas palavras têm semelhanças morfológicas. Por exemplo, *gato, cachorro* e *lobo* mudam de forma em gênero (*gata*, *cachorra* e *loba*) e número (*gatos/gatas*, *cachorros/cachorras* e *lobos/lobas*). Percebe que, morfologicamente, ou seja, do ponto de vista da forma, tais palavras variam? Então elas têm uma semelhança, certo? Por isso são enquadradas em um **grupo**, em uma **classe**. Nesse caso, os **substantivos**!

Sendo assim, de maneira didática, podemos dizer que a **morfologia** trata da **estrutura das palavras**, do **processo de formação das palavras** e das **classes de palavras**.

Muitos têm dificuldade em diferenciar **análise morfológica** de **análise sintática**. São dois conceitos bem diferentes. Se você tem dificuldade, é a hora de fazer a diferença aí na sua cabeça! Quando o enunciado é construído com as seguintes expressões: "analise

morfologicamente", "quanto à morfologia", "do ponto de vista morfológico", o que ele deseja é que você analise a palavra gramaticalmente, ou seja, aponte a **classe gramatical** (ou **classes de palavras**). Exemplo:

1) Caramba! 2) Os 3) meus 4) cinco 5) sensacionais 6) professores 7) vieram 8) do RJ 9) e palestraram 10) aqui.

1) Interjeição / 2) Artigo / 3) Pronome / 4) Numeral / 5) Adjetivo / 6) Substantivo / 7) Verbo / 8) Preposição / 9) Conjunção / 10) Advérbio

Pronto. Essa é uma análise gramatical, e não sintática.

É bom dizer que algumas classes gramaticais (**substantivo**, **adjetivo**, **artigo**, **pronome**, **numeral** e **verbo**) são precipuamente variáveis, porque mudam de forma (singular, plural, masculino, feminino etc.). Já outras (**advérbio**, **preposição**, **conjunção** e **interjeição**) são precipuamente invariáveis, porque não mudam de forma.

Quando a banca deseja que você saiba as **partes** que compõem a palavra ou como a palavra se formou, ela trabalha diretamente no enunciado assim: "Qual é a análise mórfica..." ou "Qual é o processo de formação das palavras?", ou algo bem parecido. Ok?

Obs.: Há muito mais a dizer. Só quero lembrar-lhe algo crucial: *A Gramática tem o abusado objetivo de não deixar ninguém desamparado*, por isso falo muito quando acho que devo falar, mas o maior termômetro daquilo que você realmente deve estudar são as questões da banca que irá elaborar seu concurso, por isso nada de ficar arrancando os cabelos. Aliás, a cada fim de capítulo eu friso "o que mais cai na prova"! Por conseguinte, não fique decorando tudo que nem um maluco! Beleza?

No próximo capítulo, muito será falado, mas você só vai realmente se aprofundar se tiver de fazer uma prova muito "cabeluda" ou quiser saber mais; caso contrário, siga somente aqueles passos que eu dou sobre o que você deve estudar, em "O que cai mais na prova?". Chega de papo! Vamos nessa!

Capítulo 6

Estrutura e Processo de Formação de Palavras

Definição

Como já vimos, as palavras se formam a partir de certas formas presas, a que damos o nome de afixos, radicais, desinências etc. Tais "pedaços" que compõem as palavras se unem formando mais e mais palavras. Por exemplo, "inconstitucionalissimamente". Falarei melhor sobre ela à frente.

Assim como um prédio, as palavras têm uma estrutura formada por uma "base" + outras partes que se ligam a ela. Por meio desse acúmulo de constituintes (partes), muitas palavras são formadas e modificadas. Não é por nada que existem mais de 380.000 palavras na língua portuguesa.

A parte de **Estrutura das Palavras** trata dos conceitos de **radical, prefixo, sufixo, desinência, vogal temática, vogal/consoante de ligação**.

Obs.: Este assunto é raro em prova, portanto, se já tiver certo domínio sobre ele, avance para "processo de formação de palavras", que costuma aparecer em algumas provas!

A parte de **Processo de Formação das Palavras** trata dos conceitos de **derivação, composição e outros processos**.

Vejamos como, por que e quais são as formas das palavras agora!

Morfema

Antes que você comece a se perguntar o que é **morfema**, não é nada de mais, é só mais uma palavrinha nova em seu vocabulário apreendido na leitura deste livro. O conceito é muito fácil. Fique calmo.

Morfema é a menor parte significativa que constitui uma palavra. Uma palavra pode apresentar vários morfemas (ou "pedaços"). Por exemplo, a palavra **supervalorização** tem quatro (4) partes: **super + valor + iza + ção**. A palavra que a gente viu lá atrás tem sete (7) partes: **in + constitu + cion + al + issim + a + mente**. E por aí vai!

Existem três tipos de morfema: **lexical**, **derivacional** e **flexional**. Vejamos um por um:

Morfema Lexical

O **morfema lexical** é aquele que não pode faltar nas palavras, é o morfema mais importante, é o principal! Por quê? Muito simples. Ele carrega o significado das palavras e serve de base para que outros morfemas se juntem a ele formando novas palavras. É por isso que, sem esse morfema, a palavra não existe. Raciocine comigo: se ela não tem autonomia semântica, não pode ser palavra, mas sim um mero vocábulo. Neste capítulo, deve interessar-nos a análise das **palavras**. Então, voltemos a elas.

Você já ouviu falar em **radical**? Então. O **morfema lexical** é nada mais, nada menos que o radical. "Sem radical, existe palavra?" Não! "O radical carrega o sentido básico das palavras?" Sim! "Posso formar novas palavras a partir do morfema lexical?" Só pode! É por isso que existem 10 bilhões de palavras (hipérbole!), pois inúmeras palavras se formam a partir da união de outros morfemas a este principal: o **morfema lexical**. Ficou claro?

Bem, os morfemas lexicais são indecomponíveis, ou seja, não podem ser fragmentados. Exemplo: **livreiro** (**livr-** é o morfema lexical – radical, pois posso formar outras palavras com este pedaço, como **livr**inho, **livr**aria, **livr**ete etc.). "Podemos fragmentar o radical? Separar em **li-** + **vr-**?" Claro que não, pois nenhuma palavra se forma a partir de **li-**, tampouco de **vr-**. Uma vez que tais pedaços nada representam, não têm sentido, não formam palavra alguma, não podem ser considerados morfemas.

"Agora, Pestana, que outros morfemas se unem ao morfema lexical (radical) para formar novas palavras?" Vejamos.

Morfema Derivacional

O **morfema derivacional** é aquele que se une ao morfema lexical para formar novas palavras. Se você já ouviu falar em **afixos**, ou seja, **prefixo** *e* **sufixo**, então já sabe o que é morfema derivacional.

"Ah! Entendi! Então quando dizemos que uma palavra é derivada de outra, isso significa

que ela foi acrescida de morfema derivacional?" Exatamente! "Tipo assim, **livreiro** é palavra derivada de **livro** porque recebeu o sufixo **-eiro**?" Exatamente! Para ficar claríssimo: livro + **eiro** = livr**eiro**; safado + **eza** = safad**eza**; **super** + homem = **super**-homem; **a** + normal = **a**normal.

Muitas vezes ocorre mudança de classe de palavras na formação de novas palavras pelo uso de afixos (em safado > safadeza, o sufixo alterou a classe – **adjetivo** > **substantivo**). Beleza? Falou em **morfema derivacional**, falou em **afixos** (prefixo e sufixo).

Morfema Flexional

Diz-se normalmente que uma palavra se flexiona quando não há troca de radical nem acréscimo de **afixos** (prefixo e sufixo), mas sim quando há uso de **desinências**, ou seja, morfemas que indicam o gênero e o número das palavras (no caso dos nomes) e que indicam o modo, o tempo, o número e a pessoa (no caso dos verbos) sem mudar a classe gramatical das palavras. O **morfema flexional**, portanto, é a parte da palavra que carrega conceitos relativos a conhecimentos de mundo (sexo/gênero e quantidade, no caso dos nomes; modo, tempo, número e pessoa, no caso dos verbos) e sintáticos, como concordância verbal e nominal.

Obs.: Para você que acha este assunto chato e desnecessário, por já ter certo domínio sobre ele, peço que avance direto para **Processo de Formação de Palavras**. Não perca seu tempo! Para você que teve uma base muito ruim, continue a leitura. "Perca" bem o seu tempo com o que segue!

Alomorfia

Alomorfia é uma mudança, uma variação, uma alteração em algum morfema para que a palavra seja bem pronunciada. Normalmente isso ocorre nos morfemas lexicais (radicais). Um exemplo disso é o verbo **fazer**, que apresenta alomorfia no radical **faz-** (**faç**o; **fez**; **fiz**era; **fa**rei; **fei**to). Percebeu quantas alomorfias? Alguém pronunciaria: "Eu **fazo** dez flexões na barra!"? Claro que não! Ocorre **alomorfia** para que haja **eufonia** – **eu-** (bom) **-fonia** (relativo ao som) –, ou seja, um bom som na língua.

Só de curiosidade: Você sabia que a palavra **difícil** é derivada de **fácil**? "Mas cadê o radical, Pestana?" Eis o radical alomórfico: di**fíc**il.

Não há alomorfia só no radical, mas há também em outros morfemas. Veremos isso ao longo deste capítulo. Toda vez que eu falar de **alomorfia** a partir de agora, fique esperto!

Vocábulos Cognatos

Os **vocábulos cognatos** (ou família de palavras) são um grupo de palavras que apresentam o mesmo morfema lexical. Exemplo: **corp**o, **corp**óreo, **corp**oral, **corp**anzil, en**corp**ado, **corp**oração, **corp**ulento, in**corp**orar, **corp**orativismo, in**corp**orado, des**corp**orificado etc.

Só tome cuidado com a **alomorfia**! Por exemplo, "**amig**o, **amig**ote, **amig**ueiro, in**imig**o" são vocábulos cognatos? "Ah, Pestana, claro que não, ora; o último vocábulo não tem o mesmo morfema lexical, pô!"

Você já ouviu falar em alomorfia, variação no morfema... Cuidado! Tais palavras pertencem, sim, à mesma família de palavras, pois apresentam radical igual. O fato de haver alomorfia não impede que os vocábulos sejam cognatos.

Importante: Para que vocábulos sejam cognatos, não basta semelhança entre si, é preciso haver ligação semântica, significados afins – ou agora vamos dizer que "café, cafezal, cafeína e **cafetina**" têm o mesmo radical?!?!

"E o que é **raiz**, Pestana? É o mesmo que **radical**?" Vamos ver agora, no próximo tópico!

Radical

Antes de qualquer coisa, é bom dizer que **raiz** e **radical** são conceitos levemente diferentes. A raiz é um radical mais antigo, ou seja, a raiz é um morfema que deu origem ao radical. Quando estudamos raiz, temos de olhar para o latim, para o grego e outras línguas. Por exemplo, veja estas palavras: **amarg**o, **amarg**or, **amarg**ura, **amarg**urar, **amarg**urado, **amar**íssimo. Percebeu que a última palavra apresenta o radical **amar-**? Por quê? Muito simples. No latim, **amargo** era **amar**us. Eis, portanto, a raiz da palavra **amargo**.

Esta análise é **diacrônica** (ao longo do tempo), ou seja, olhamos para o passado para observar a origem. A ciência que estuda a origem das palavras é a **etimologia** – as gramáticas bem antigas, como a de Júlio Ribeiro, tratavam dessa parte da língua. Em tese, hoje em dia "não precisamos estudar etimologia" para acertar uma questão específica sobre o assunto. As gramáticas atuais não tratam diretamente do assunto, pois há dicionários só sobre isso. Os bons dicionários "normais" também trazem a análise etimológica da maioria das palavras. O Aulete é muito bom, o Houaiss idem.

Bem... volte a "**amarg**o, **amarg**or, **amarg**ura, **amarg**urar, **amarg**urado, **amar**íssimo". Todas elas têm o mesmo **radical** (**amarg-**), exceto a última. Isso ocorre porque o adjetivo **amargo** no grau superlativo absoluto sintético vira **amaríssimo**, ou seja, usa-se a raiz **amar-** + o sufixo **-íssimo**. "Como encontrar, então, o radical de uma palavra?" Seria bom se todos conhecessem profundamente etimologia... mas calma! Vamos entender o conceito de **radical**.

Radical é o mesmo que **morfema lexical**, é a base da palavra, é a parte responsável pela significação principal de uma palavra e pela formação de novas palavras. Sem radical não há palavra(s).

Uma boa sugestão para identificarmos o **radical** é a seguinte: tente pensar na palavra primitiva, isto é, no estado em que a palavra ainda não sofreu modificação alguma. Por exemplo: casa. Agora comece a pensar em palavras que derivam de casa: **cas**arão, **cas**eiro, **cas**ar, **cas**amento, des**cas**ado, **cas**ebre... Percebeu que elas têm a mesma base? Esse pedaço, esse "morfema" (para falar bonitinho) é o famigerado radical!

Normalmente, as palavras da língua portuguesa vêm do latim e do grego, por isso é importante conhecer alguns radicais provindos dessas "línguas-mãe".

Radicais Gregos

Conheça alguns radicais que servem de 1º e 2º elemento de uma composição. Note que alguns radicais podem sofrer alomorfias.

– 1º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
acro-	alto, elevado	acrobata, acrofobia
aero-	ar	aeronave, aeronauta
agro-	campo	agronegócio, agrônomo
andro-	homem, macho	androfobia, andrógino
anemo-	vento	anemômetro, anemógrafo
antropo-	homem, ser humano	antropologia, antropofagia
aristo-	ótimo, o melhor	aristocracia, aristodemocracia
aritmo-	número	aritmética, aritmografia
arqueo-	antigo	arqueologia, arqueografia
asteno-	fraqueza, debilidade	astenospia, astenosfera
astro-	corpo celeste	astronomia, astrodinâmica
atmo-	gás, vapor	atmosfera, atmômetro
auto-	por/de si mesmo	autobiografia, autoajuda
baro-	pressão, peso	barômetro, barítono
biblio-	livro	biblioteca, bibliófilo
bio-	vida	biologia, biografia
caco-	feio, mau, desagradável	cacofonia, cacografia
cali-	belo	caligrafia, calidoscópio
cardio-	coração	cardiograma, cardiologia
cefalo-	cabeça, crânio	cefalídio, cefaleia
ciclo-	círculo, esfera	ciclismo, ciclomotor
cine-, cinemato-	movimento	cinética, cinematografia
cito-	célula	citologia, citoplasma
cosmo-	mundo, universo	cosmologia, cosmogênese
cromo-	cor	cromossomo, cromogravura
crono-	tempo	cronologia, cronograma
da(c)tilo-	dedo	dactilografia, datilografia
deca-	dez	decaedro, decâmetro
demo-	povo	democracia, demográfico
derma(to)-	pele	dermatologista, dermatite

di-	dois	dissílabo, ditongo
eco-	casa, habitat	ecologia, ecossistema
ele(c)tro-	(âmbar) eletricidade	eletroímã
ene(a)-	nove	eneagonal, eneágono
ergo-	trabalho	ergofobia, ergógrafo
esperma(to)-	semente, sêmen	espermograma, espermatozoide
etio-, etimo-	origem	etiologia, etimologia
etno-	raça, nação	etnologia, etonocentrismo
filo-	amigo, amante	filologia, filosofia, filantropo
fisio-	natureza (normalmente física)	fisionomia, fisiologia
fono-	voz, som	fonologia, fonógrafo
foto-	fogo, luz	fotosfera, fotografia
gamo-	casamento, união	gamogênese, gamomania
gastro-	estômago	gastrite, gastronomia
gen(o)(ese)-	origem, início, nascimento, família	biogênese, genocídio
geo-	terra	geografia, geoide
gino-, gineco-	mulher	ginecocracia, ginantropo
gono-	semente, esperma	gonorreia, gonócito
helio-	sol	heliocentrismo, heliografia
hemo-	sangue	hemorragia, hemograma
hepato-	fígado	hepatite, hepático
hepta-	sete	heptágono, heptacampeão
hetero-	outro, diferente	heterogêneo, heterossexual
hexa-	seis	hexágono, hexacampeão
hidro-	água	hidrogênio, hidrografia
higro-	umidade	higrômetro, higroscópio
hipno-	sono	hipnose, hipnotismo
hipo-	cavalo	hipopótamo, hipódromo
homeo-, homo-	semelhante	homeopatia, homossexual
icono-	imagem	iconoclasta, iconografia
ictio-	peixe	ictiologia, ictiofagia
iso-	igual	isósceles, isóbaro
laringo-	garganta, laringe	laringalgia, laríngeo
lito-	pedra, rocha	litografia, litogravura

macro-	grande, longo	macróbio, macrocosmo
mani-	loucura	manicômio
mega(lo)-	muito grande, imenso	megafone, megalomaníaco (**alguns dicionaristas entendem que é um prefixo ou falso prefixo**)
melo-	canto	melodia, melomania
meso-	meio	mesóclise, Mesopotâmia
metro-	relativo à mãe; matriz, útero; medida	metrópole; metrorragia; metrologia
micro-	pequeno	micróbio, microfone
miria-	dez mil, numeroso	miríade, miriâmetro
miso-	ódio, aversão, impureza	misantropia, misofilia
mito-	fábula, história	mitologia, mitomania
mnemo-	memória, lembrança	mnemônico, mnemonização
mono-	um só	monarca, monobloco
morfo-	forma	morfologia, morfossintaxe
necro-	Morto	necrotério, necrofilia
neo-	novo	neolatino, neologismo
neuro-, nevro-	nervo	neurônio, nevralgia
octo-	oito	octaedro
odonto-	dente	odontologia, odontalgia
oftalmo-	olho	oftalmologia, oftalmia
oligo-	pouco	oligarquia, oligopólio
onir(o)-	sonho	onírico, onirologia
onomato-	nome	onomatopeia, onomatomancia
ornito-	ave	ornitorrinco, ornitologia
orto-	reto, justo	ortodoxo, ortografia
oto-	ouvido	otite, otoscopia
oxi-	agudo, penetrante, ácido	oxítono, oxidação
paleo-	antigo	paleontologia, paleografia
pan-, pant(o)-	todos, tudo	pan-americano, panteísmo
pato-	doença	patologia, patogenia
penta-	cinco	pentágono, pentacampeão
piro-	fogo	pirotecnia, pirófago
pneumo; (ato)-	pulmão; ar, gás, espírito	pneumonia, pneumatologia
poli-	muito, vários	poliglota, polifonia

potamo-	rio	potamografia, Mesopotâmia
proto-	primeiro	protozoário, protótipo
pseudo-	falso	pseudônimo, pseudoliterário
psico-	alma, espírito	psicologia, psiquiatria
ptero-	asa, coluna	pterodáctilo, pterossauro
quilo-	mil	quilograma, quilômetro
quiro-	mão	quiromancia, quiromante
rino-	nariz	rinoceronte, rinite
rizo-	raiz	rizotônico, rizófago
sema-, semio-	sinal, significado	semáforo, semântica, semiologia
sidero-	ferro, aço	siderurgia, siderografia
sismo-	terremoto	sísmico, sismologia
somato-	corpo, matéria	somatologia, somatizar
tanato-	morte	tanatofobia, tanatofilia
taqui-	rápido	taquicardia, taquigrafia
tecno-	arte, ofício	tecnografia, tecnologia
tele-	distância	telefone, telégrafo
teo-	deus, divindade	teocentrismo, teocracia
termo-	calor, temperatura	termômetro, termostato
tetra-	quatro	tetraedro, tetracampeão
tipo-	figura, marca	tipografia, tipologia
topo-	lugar	topografia, topônimo
tri-	três	trissílabo, tricampeão
xeno-	estranho, estrangeiro	xenofobia, xenofilia
xero-	seco, sem umidade	xerografia, xeroderma
xilo-	madeira, árvore, celulose	xilogravura, xilofone
zoo-	animal	zoologia, zoomorfização

– 2º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
-agogo	que conduz	pedagogo, demagogo
-algia	dor	nevralgia, mialgia
-arca	que comanda; soberano	monarca, patriarca
-arquia	comando, governo	monarquia, anarquia
-astenia	fraqueza, esgotamento	neurastenia, ergastenia
-bata	que anda, que vive em	acrobata, nefelibata

-cefalo	cabeça	microcéfalo, autocéfalo
-ciclo	círculo, roda	triciclo, bicicleta
-cosmo	mundo, universo	macrocosmo, microcosmo
-cracia	poder	democracia, burocracia
-doxo	crença, opinião	ortodoxo, paradoxo
-dromo	lugar para correr, curso, caminho	hipódromo, sambódromo
-edro	base, fase	poliedro, pentaedro
-fagia	ato de comer	antropofagia, autofagia
-fago	que come	antropófago, necrófago
-filia, -filo	amizade, apreço	bibliofilia, cinefilia, pedófilo
-fobia	inimizade, ódio, temor, aversão	claustrofobia, xenofobia
-fobo	que odeia, inimigo; que teme	xenófobo, claustrofóbico
-foro	que leva ou conduz	fósforo, sinesíforo
-gamia	casamento, união	poligamia, monogamia
-gamo	casa	bígamo, polígamo
-gên(e)o	que gera; que provém de	heterogêneo, cancerígeno
-gino	relativo a mulher	exógino, andrógino
-glota; -glossa	língua	poliglota, isoglossa
-gono	ângulo	pentágono, polígono
-grafia	escrita, descrição	ortografia, caligrafia
-grafo	que escreve	calígrafo, geógrafo
-grama	escrito, peso	telegrama, quilograma
-latr(i)a	culto, veneração, vício	idolatria, chocólatra
-lito	pedra, rocha	aerólito, acrólito
-logia	discurso, estudo, coleção	arqueologia, antologia, biologia
-logo	que fala ou trata	diálogo, monólogo
-mancia	adivinhação	quiromancia, cartomancia
-mania	loucura	ninfomania, xenomania
-metria	medida	biometria, densitometria
-metro	que mede	pentâmetro, termômetro
-morfo, -morfia	que tem a forma	polimorfo, zoomorfo, alomorfia
-nomia	lei, regra, divisão	astronomia, taxonomia
-nomo	que regula, que age	autônomo, agrônomo
-ônimo	nome	sinônimo, antônimo
-pedia	educação, ensino	enciclopédia, ortopedia
-peia	ato de fazer	onomatopeia, epopeia

-pólis, -pole	cidade	Petrópolis, metrópole
-ptero	asa	helicóptero, calóptero
-scopia	ato de ver	macroscopia, artroscopia
-scópio	instrumento para ver	microscópio, telescópio
-sofia, -sofo	sabedoria, sábio	logosofia, filosofia
-soma(o)	corpo, matéria	cromossomo, tripanossoma
-stico	linha	macróstico, hemistíquio
-tanásia	morte	eutanásia, cacotanásia
-teca	lugar onde se guarda, coleção	biblioteca, discoteca
-terapia	cura	fisioterapia, musicoterapia
-tipo	marca, modelo	estereótipo, logotipo
-tomia	corte, divisão	dicotomia, lobotomia
-tono	tensão, tom	monótono, proparoxítono

Radicais Latinos

Conheça mais alguns radicais que servem de 1º e 2º elemento de uma composição. Note que alguns radicais podem sofrer alomorfias.

– 1º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
agri-	campo	agricultura
ambi-	ambos	ambidestro
arbori-	árvore	arborícola
bis-, bi-	duas vezes	bípede, bisavô
calori-	calor	calorífero
cruci-	cruz	crucifixo
curvi-	curvo	curvilíneo
duo-	dois	dual, duelo
equi-	igual	equilátero, equidistante
ferri-, ferro-	ferro	ferrífero, ferrovia
igni-	fogo	ignífero, ignição
loco-	lugar	locomotiva
morti-	morte	mortífero
multi-	muito	multiforme
olei-, oleo-	azeite, óleo	oleígeno, oleoduto
oni-	todo	onipotente
pedi-	pé	pedilúvio
pisci-	peixe	piscicultor
pluri-	muitos, vários	pluriforme
quadri-, quadru-	quatro	quadrúpede
reti-	reto	retilíneo
semi-	metade	semimorto
tri-	três	tricolor

– 2º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
-cida	que mata	suicida, homicida
-cola	que cultiva, ou habita	vinícola, silvícola
-cultura	ato de cultivar	piscicultura, apicultura
-fazer	tornar algo em, causar	liquefazer, estupefazer

-fero	que contém, ou produz	aurífero, carbonífero
-ficar	acarretar, transformar	beatificar, edificar
-fico	que faz, ou produz	benéfico, frigorífico
-forme	que tem forma de	uniforme, cuneiforme
-fugo	que foge, ou faz fugir	centrífugo, febrífugo
-gero	que contém, ou produz	belígero, armígero
-paro	que produz	ovíparo, multíparo
-pede	pé	velocípede, palmípede
-sono	que soa	uníssono, horríssono
-vomo	que expele	ignívomo, fumívomo
-voro	que come	carnívoro, herbívoro

Obs.: Todos os morfemas indicativos de número são considerados radicais para a maioria dos gramáticos, como Celso Cunha. Sobre **uni**, **bi/bis**, **tri**, muitos gramáticos (como Bechara) e dicionaristas os consideram prefixos latinos. Além disso, não há consenso quanto à origem (gregos ou latinos) de alguns morfemas numéricos. Portanto, não ache estranho se o mesmo radical estiver entre os gregos e os latinos e entre os prefixos! Na falta de consenso, busque sempre "a melhor resposta" na hora da prova. Veja uma questão sobre isso:

26. (FAB – EEAr – Sargento – 2007) A palavra que sofreu o mesmo processo de formação de **supra-sumo** é:
a) manga-rosa
b) trigêmeo
c) belas-artes
d) extra-oficial (gabarito)

Comentário: *Supra* e *extra* são prefixos, indiscutivelmente. Note que "tri" não foi considerado prefixo pela banca, mas sim radical, ficando com a visão do Celso Cunha. Marque sempre *a melhor resposta*! Detalhe: segundo a nova ortografia, "extra-oficial" não se escreve mais com hífen.

Afixos

Os **afixos** são morfemas derivacionais ligados ao radical e capazes de modificar o seu significado, formando palavras novas. Existem dois tipos: os **prefixos** e os **sufixos**.

O **prefixo** vem antes do radical para ampliar sua significação e formar nova palavra. É bom dizer também que o prefixo pode mudar de sentido e de forma (alomorfia), a depender do contexto.

Veja este exemplo: **des** + graça = **des**graça (normalmente o prefixo **des-** indica ideia contrária). Já na palavra **descair**, o prefixo **des-** indica movimento lento de cima para baixo (O Sol descaía no horizonte.). Na palavra **despedaçar**, o prefixo **des-** significa partir, quebrar, dividir; em **desinfeliz** e **desinquieto**, o **des-** indica ênfase, intensificação. Percebeu a mudança de sentido? Percebeu também que uma palavra pode ter mais de um prefixo (**des**/**in**/feliz, **des**/**in**/quieto)? Interessante, não?

Agora veja alguns casos de alomorfia do prefixo **des-**: **de**compor, **de**cair, **dis**tenso, **dis**simetria, **di**fundir, **di**fícil etc. Alguns gramáticos não encaram como alomorfia, mas prefixos diferentes. Isso, para nós, não importa no dia da prova, pois as bancas estão mais interessadas em saber se você consegue perceber o sentido de um morfema em relação a outros. Mais ainda: normalmente as provas desejam saber qual é o "processo de formação da palavra". Para que isso ocorra, precisamos ter uma boa base em cima do assunto do qual estamos tratando, ok? Continue firme!

"E o sufixo?" Bem... o **sufixo** vem depois do radical para ampliar seu sentido e formar nova palavra. Normalmente o sufixo modifica a classe gramatical da palavra primitiva – **Buda** (substantivo) > bud**ista** (adjetivo). Lembra-se da música *Zé Menin**gite***, do grupo de pagode *Revelação*? Então, relembre:

*Zé Meningite já teve bronqu**ite**, leptospirose,*
Cancro, sarampo, catapora,
*Varíola, caxumba e gastr**ite**.*
*Tétano e hepat**ite**, febre amarela e conjuntiv**ite**,*
*Derrame cerebral, coqueluche e celul**ite**.*
*Faring**ite**, doenças de chagas e labirint**ite**.*
(...)

O sufixo **-ite**, além de formador de palavras relativas à mineralogia (grafite, linhite, estalactite...), hoje é muito usado para indicar uma doença ou inflamação de algo, como bronqu**ite** (brônquio + **ite**; inflamação dos brônquios). Neste caso, o sufixo apenas formou nova palavra, ampliando o sentido da palavra primitiva, mas não houve mudança de classe gramatical: brônquio (substantivo) + **ite** = **bronquite** (substantivo). Ficou claro?

"Quantos prefixos e sufixos existem, Pest?" Vejamos agora.

Prefixos Gregos

Não entre na "pilha" de começar a decorar tudo. Não quero você enlouquecendo e odiando a gramática da língua portuguesa. Aos poucos, você vai se familiarizando com os prefixos gregos e latinos. Os prefixos com asteriscos (*) são bastante trabalhados em provas.

Prefixos	Sentido	Exemplos
*** a-, an-**	privação; negação	ateu, analfabeto, anestesia
ana-	repetição; separação; inversão; para cima	análise, anatomia, anáfora, anagrama
anfi-	duplicidade; ao redor; de ambos os lados	anfíbio, anfiteatro, anfibologia
*** anti-**	oposição, ação contrária	antibiótico, anti-higiênico, antitérmico, antítese, antípoda, anticristo
apo-	separação; afastamento; longe de	apogeu, apóstolo, apóstata
*** arqui-, arc(e)-**	posição superior; excesso; primazia	arquitetura, arquipélago, arcebispo, arcanjo
cata-	movimento para baixo; a partir de; de acordo com	catálise, catálogo, cataplasma, catadupa, catapulta
dia-	através de; ao longo de	diafragma, diagrama, diálogo, diagnóstico
di-	duas vezes	dipolo, dígrafo
*** dis-**	separação; negação, oposição; intensidade; ordem, arranjo; defeito, dificuldade; falta; dois	dissidência; difícil, discordar; dissimular; distribuir; dislexia, disenteria; dissimetria; dispermo
en-, em-, e-, endo-	posição interna; direção para dentro	encéfalo, emblema, elipse, endotérmico
ex-, ec-, exo-, ecto-	movimento para fora; posição exterior	expatriado, exportar, êxodo, ecdêmico, eclipse, ectoplasma
epi-	posição superior; acima de; posterioridade	epiderme, epílogo
eu-, ev-	excelência; perfeição; verdade	euforia, evangelho
*** hemi-**	metade	hemisfério
*** hiper-**	posição superior; intensidade	hipérbole, hipertensão
*** hipo-**	posição inferior; insuficiência	hipotrofia, hipotensão, hipodérmico
meta-	posteridade; através de; mudança	metamorfose, metabolismo, metáfora, metacarpo
*** para-**	proximidade; ao lado; oposto a	paradoxo, paralelo, paródia, parasita
peri-	em torno de	pericárdio, período, perímetro
poli-	multiplicidade; pluralidade	polinômio, poliedro
*** pro-**	posição anterior	prólogo, prognóstico
sin-, sim-	simultaneidade; reunião; resumo	sinfonia, simbiose, simpatia, sílaba

Obs.: Há uma leve diferença entre **a**moral (prefixo grego) e **i**moral (prefixo latino): a primeira palavra significa, segundo o Aulete, "carência de moral ou de senso de moralidade, seja por desconhecimento, seja por indiferença"; sobre a segunda, o mesmo

dicionário diz: “que contraria as regras da moralidade; que não é decente; indecente; vergonhoso”. Só de curiosidade: às vezes o prefixo **a-** é usado apenas por uma questão de eufonia, sem nada significar: *amostrar* é o mesmo que *mostrar*, por exemplo.

Prefixos Latinos

Veja agora os prefixos latinos e suas principais acepções com exemplos. Os prefixos com asteriscos (*) são bastante trabalhados em provas.

Prefixos	Sentido	Exemplos
*** ab-, abs-, a-**	exagero, afastamento; separação	abuso, abster-se, abdicar, amovível
ad-, a-	aproximação; tendência; direção	adjacente, adjunto, admirar, agregar
ambi-	duplicidade	ambivalência, ambidestro
*** ante-**	posição anterior	antebraço, anteontem, antepor
bene-, em-, bem-	bem; muito bom	benevolência, benfeitor, bem-vindo, bem-estar
*** bis-, bi-**	duas vezes	bisavô, biconvexo, bienal, bípede (**para Celso Cunha, é radical, não prefixo**)
circum(n)-	ao redor; movimento em torno	circunferência, circum-adjacente
cis-	posição aquém	cisandino, cisplatino, cisalpino
*** contra-**	oposição; ação contrária	contra-ataque, contradizer
com-, con-, co-	companhia; combinação	compartilhar, consoante, contemporâneo, coautor
***de-, des-, dis-**	movimento para baixo; afastamento; ação contrária; negação	decair, desacordo, desfazer, discordar, dissociar, decrescer
ex-, es-, e-	movimento para fora; mudança de estado; separação	exonerar, exportar, exumar, espreguiçar, emigrar, emitir, escorrer, estender
extra-	posição exterior; superioridade	extraoficial, extraordinário, extraviar
*** in-, im-, i-, em-, em-, intra-, intro-**	posição interna; passagem para um estado; movimento para dentro; tendência; direção para um ponto	incisão, inalar, injetar, embelezar, impor, imigrar, enlatar, enterrar, embalsamar, intravenoso, intrometer, intramuscular
*** in-, im-, i-**	negação; falta	intocável, impermeável, ilegal
inter-, entre-	posição intermediária; reciprocidade	intercâmbio, internacional, entrelaçar, entreabrir
justa-	proximidade	justapor, justalinear
ob-, o-	posição em frente, oposição	ob-reptício, ocorrer, opor
per-	movimento através	percorrer, perfurar
pos-	posição posterior; ulterioridade	pós-escrito, pospor, postônico
*** pre-**	anterioridade; superioridade; intensidade	prefixo, previsão, pré-história, prefácio
pro-	posição em frente; movimento para frente; em favor de	proclamar, progresso, pronome, prosseguir
*** re-**	repetição; intensidade; reciprocidade	realçar, rebolar, refrescar, reverter, refluir
retro-	para trás	retroativo, retroceder, retrospectivo
semi-	metade	semicírculo, semiconsoante, semianalfabeto
soto(a)-	posição inferior	soto-mestre, sota-vento
*** sub-, sob-,**		subconjunto, subcutâneo, subsolo, sobpor, soterrar,

su(s)-, so-	posição abaixo de; inferioridade; insuficiência	suster, supor
*** super-, sobre-, supra-, su-**	posição superior; excesso; além de	superpopulação, sobreloja, suprassumo, sobrecarga, superfície, surreal
trans-, tras-, tres-	através de; posição além de; mudança	transbordar, transcrever, traspassar, tresloucado, tresmalhar
ultra-	além de; excesso	ultrapassar, ultrassensível
vice-, vis-, vizo-	posição abaixo de; substituição	vice-reitor, visconde, vice-cônsul, vizo-rei

Seria excelente se as provas trabalhassem "sempre" a análise mórfica de uma palavra sob a visão **sincrônica**, isto é, no estágio atual da língua. "O que você está querendo dizer com isso?" Em outras palavras: normalmente as bancas pedem que se analise uma palavra com um prefixo que já se incorporou ao radical de tal maneira que ninguém mais consegue dissociar o prefixo do radical.

Por exemplo, a palavra **ignorante**. Você vê algum prefixo nela? Todos diremos que a palavra **ignorante** vem do verbo **ignorar**. Ponto final. Certo? É aí que está... Sincronicamente falando, ou seja, analisando a palavra do modo como ela é vista hoje, diríamos que a palavra **ignorar** recebeu apenas um sufixo [-(a)**nte**], formando a palavra ignor**ante**. Ela não recebeu prefixo nenhum!

O problema é que algumas bancas exigem de você o conhecimento **diacrônico** da palavra, ou seja, a história da palavra, a saber: **i-** (prefixo de negação) + **gno** (radical; de *gnôsis*, conhecimento, em grego) + -(a)**nte** (sufixo que indica ação ou estado). Ou seja, exigem de você um conhecimento que não lhe cabe saber, isto é: o-ri-gi-nal-men-te a palavra **ignorante** tinha prefixo de negação.

"Como proceder na prova?" Marque sempre a melhor opção. Exemplo: a banca pede para você marcar a palavra que tem prefixo e lhe dá estas palavras: a) etnologia, b) fonética, c) hemorragia, d) protótipo, e) ignorante. Qual você marca? Letra E, com certeza! Por quê? Porque não há sequer uma opção com prefixo, exceto a E.

Agora, "na boa", tente retirar o prefixo; a palavra vai ficar: **gnorante**. Existe esta palavra? Seria o **gnorante** aquele que <u>tem</u> conhecimento em comparação ao ***i/*gnorante**, que <u>não tem</u> conhecimento?!?! Pelo amor de Deus! Hoje em dia, ninguém deveria fazer esta análise diacrônica, ainda mais em prova de concurso.

Isso tudo serve para mostrar que <u>devemos</u> fazer a análise mórfica de acordo com os fatos linguísticos atuais: ignorante vem de ignorar; o antigo prefixo (**i-**) já não é visto como prefixo hoje em dia, pois não é possível dissociá-lo do radical, tanto que o radical é: **ignor-**, que forma ignorar, ignorável, ignorante, ignorância etc.

<u>Maaaaaaas</u>, no dia da prova, fique esperto com as pegadinhas e maldades das bancas!

Observe, por exemplo, esta questão:

7. (TJ/RS – Tribunal de Justiça – Juiz Estadual – 2009) O prefixo que ocorre na palavra **desativado** também está presente em:
a) reativado
b) ativismo
c) desastrado
d) demasiado
e) desventura

Comentário: O gabarito foi a letra E, como deveria ser mesmo! Esta banca foi sensata, trabalhou com a noção de **sincronia** e não **diacronia**. Não obstante, se fizéssemos uma análise **diacrônica** (histórica) da palavra, caberia recurso. A palavra **desastrado** também apresenta (originalmente) um prefixo. Saiba mais: a palavra **desastre** vem de **astro**. Houve uma junção do prefixo "**des-**, **dis-**" (com ideia de oposição) + **astro**. Um **desastre**, então, era lá na origem uma catástrofe, um infortúnio atribuído à posição desfavorável de um planeta, segundo a astrologia. Agora, "na boa", faz sentido dizer que **desastrado** tem prefixo, hoje em dia? **Desastrado** vem de **desastre**, e ponto final. O prefixo original (des-, dis-) já está incorporado ao radical de modo que **desastr-** é agora o radical! E, "para fechar o caixão", como já dizia o gramático Sacconi, "algumas palavras entram em nossa língua já com o prefixo, é o caso de **repetir**, não existe **petir**"!

Veja agora o quadro de **correspondência entre prefixos gregos e latinos**:

Prefixos Gregos	Prefixos Latinos	Sentido	Exemplos
a, an	**des, in**	privação, negação	anarquia, desigual, inativo
anti	**contra**	oposição, ação contrária	antibiótico, contraditório
anfi	**ambi**	duplicidade, no entorno	anfiteatro, ambivalente
apo	**ab**	afastamento, separação	apogeu, abstrair
di	**bi(s)**	duplicidade	dissílabo, bicampeão
dia, meta	**trans**	movimento através	diálogo, transmitir
e(n)(m)	**i(n)(m)**	movimento para dentro	encéfalo, ingerir, irromper
endo	**intra**	movimento para dentro, posição interior	endovenoso, intramuscular
e(c)(x)	**e(s)(x)**	movimento para fora, mudança de estado	êxodo, excêntrico, estender
epi, hiper	**super, supra**	posição superior, excesso	epílogo, supervisão, hipérbole, supradito
eu	**bene**	excelência, perfeição, bondade	eufemismo, benéfico
hemi	**semi**	divisão em duas partes	hemisfério, semicírculo
hipo	**sub**	posição inferior	hipodérmico, submarino
para	**ad**	proximidade, adjunção	paralelo, adjacência
peri	**circum**	em torno de	periferia, circunferência
pro	**pre, ante**	anterioridade	prólogo, preceder, anteceder

cata	**de**	movimento para baixo	catavento, derrubar
si(n)(m)	**cum**	simultaneidade, companhia	sinfonia, silogeu, cúmplice

Atualmente muitas palavras são formadas por derivação prefixal por meio de preposições (**sem**: sem-terra, sem-teto, sem-vergonha etc.) e advérbios (**quase, não**: quase contrato, quase delito, quase posse, não alinhado, não essencial, não agressão etc. – sem hífen com o **não-**, de acordo com o novo acordo ortográfico) que passaram a funcionar como prefixos.

Sufixos Greco-Latinos

Como já sabemos, o sufixo vem após o radical. Existem muitos sufixos. Não fique paranoico tentando gravar tudo. Vá aos poucos internalizando.

Existem sufixos nominais (formadores de substantivos e adjetivos), sufixos verbais (formadores de verbo) e sufixo adverbial. Pode haver mais de um sufixo na mesma palavra: lamentar + **-vel** = lamentável + **-mente** = lamenta**velmente**.

Em suma, eles podem ser: 1) aumentativos; 2) diminutivos; 3) sufixos que formam substantivos derivados de outros substantivos; 4) sufixos que formam substantivos abstratos derivados de adjetivos; 5) sufixos que formam substantivos abstratos derivados de outros substantivos e adjetivos; 6) sufixos que formam substantivos e adjetivos derivados de outros substantivos e adjetivos; 7) sufixos que formam substantivos e adjetivos derivados de verbos; 8) sufixos que formam verbos derivados de substantivos e de adjetivos; 9) sufixos que formam adjetivos derivados de substantivos; 10) sufixos que formam adjetivos derivados de verbos; 11) sufixos que indicam o superlativo dos adjetivos e 12) sufixo adverbial.

1) Aumentativos

–**aço(a)**: barcaça, louraça, morenaço
–**alho(a)**: muralha, gentalha, politicalho
–**alhão**: grandalhão, facalhão
–**ama**: poeirama, dinheirama
–**anzil**: corpanzil
–**(z)ão**: lobão, caldeirão, apertão, bofetão, calorão, bonzão, amarelão, azulão...
–**arra**: bocarra, bicarra
–**astro**: poetrasto, politicastro
–**arraz**: fatacaz, pratarraz
–**ázio**: copázio, balázio
–**aréu**: fogaréu, povaréu
–**eima**: guloseima, boleima
–**ento**: farturento, corpulento
–**eirão**: vozeirão, chapeirão
–**ola**: beiçola
–**orra**: cabeçorra, cachaporra
–**uço(a)**: dentuça, dentuço
–**udo**: pançudo, maçudo
–**zarrão**: homenzarrão, canzarrão

Obs.: Vale destacar que os sufixos aumentativos não só têm valor dimensivo, mas também

afetivo, expressivo, pejorativo, irônico etc., como você pôde perceber pelos exemplos. Principalmente nos registros coloquial e literário da língua, em que a estilística prevalece, tais sufixos (o **-ão**, precipuamente) podem se fixar a qualquer classe gramatical para indicar determinada ideia: "Ela tem **bundão**, **coxão** e **pernão**." / "É de **mulherão** assim que eu gosto." / "Ele é um **bundão**." / "Você é um **bobão**, chegou **cedão**." / "João tem um **carrão**". / "Eu amo você, meu **paizão**!". Falarei mais sobre isso no capítulo de substantivo.

2) Diminutivos

– **acho(a)**: riacho, fogacho
– **ebre**: casebre
– **eco(a)**: jornaleco, soneca, padreco
– **ela**: viela, rodela
– **(z)elho(a)**: fedelho, rapazelho
– **ejo**: lugarejo, vilarejo
– **ete**: artiguete, boquete, falsete
– **eto(a)**: saleta, boceta, folheto
– **ilha**: cartilha, esquadrilha
– **icho(a)**: cornicho, barbicha
– **(z)ito(a)**: Manuelito, cãozito, cabrita
– **ino(a)**: pequenina, violino
– **im**: espadim, flautim
– **(z)inho**: copinho, computadorzinho, amiguinho, beicinho, gracinha, filminho
– **isco**: asterisco, chuvisco
– **oca**: engenhoca, bitoca
– **ote(a)**: filhote, serrote, velhote
– **ola**: rapazola, fazendola, portinhola
– **usco(a)**: chamusco
– **ucho(a)**: gorducho, papelucho

Estes são **eruditos** (vindos diretamente de alguma língua, normalmente do latim):

– **ículo(a)**: cubículo, gotícula
– **ulo(a)**: glóbulo, grânulo
– **únculo(a)**: questiúncula, molécula
– **úsculo(a)**: corpúsculo, opúsculo

Obs.: Vale destacar que os sufixos diminutivos não só têm valor dimensivo, mas também afetivo, expressivo, pejorativo, irônico etc., como você pôde perceber pelos exemplos.

Principalmente nos registros coloquial e literário da língua, em que a estilística prevalece, tais sufixos (o **-inho**, precipuamente) podem se fixar a qualquer classe gramatical para indicar determinada ideia: "Esta **mulherzinha** não vale nada." / "Guarde esta **lembrancinha**." / "**Amorzinho**, dá para calar a **boquinha**?" / "Que **gatinha**!" / "Olha, **agorinha** vou te atender!" / "Ela é **branquinha**, né?" / "Que **timinho** de nada!". Falarei mais sobre isso no capítulo de substantivo.

3) Sufixos que formam substantivos derivados de outros substantivos

–ada: ação ou resultado de ação enérgica, coleção, golpe, marca feita com instrumento, produto alimentar, duração, porção: freada, unhada, bolada, papelada, facada, goiabada, laranjada, noitada, temporada, invernada, colherada, pincelada...

–ado, -ato: dignidade, cargo, jurisdição, instituição, corporação, classe: papado, almirantado, doutorado, bispado, califado, proletariado, baronato, cardinalato, condado...

–agem: ação ou resultado de ação, coleção: voragem, imagem, vadiagem, aprendizagem, folhagem, plumagem...

–al: coleção, quantidade, cultura de vegetais: areal, pantanal, pombal, arrozal, bananal...

–alha: coletivo (sentido pejorativo): canalha (de cães), gentalha, parentalha...

–ama, -ame: coleção, quantidade: dinheirama, gentama, courama, mulherame, cordame...

–ana: se junta ao nome de uma pessoa notável para indicar uma coleção dos seus pensamentos ou ditos, ou de várias edições das suas obras: A Biblioteca Nacional tem uma valiosa Camoniana; feminino de alguns nomes: sultana (de sultão), Sebastiana (de Sebastião), Juliana (de Julião), Adriana (de Adrião), Romana (de Romão), Joana (de João).

–aria, -eria: atividade, estabelecimento comercial, ramo de negócio, coleção, ação própria de certos indivíduos: cavalaria, chapelaria, livraria, pedraria, bruxaria, infantaria, patifaria, gritaria, leiteria, infantaria, sorveteria...

–ário, -eiro(a): profissão, ofício, ocupação, lugar onde se guardam coisas, coleção, relação, árvore, arbusto, intensidade, objeto de uso: operário, bancário, vestiário, rimário, anedotário, calcário, barbeiro, copeira, açucareiro, tinteiro, formigueiro, viveiro, abacateiro, laranjeira, coleira, pulseira...

–edo: plantação, lugar onde crescem vegetais, noção coletiva, objeto de grande vulto: arvoredo, vinhedo, passaredo, penedo, rochedo...

–ia: dignidade, profissão, cargo, lugar, afecção, moléstia, coleção: chefia, advocacia, coletoria, delegacia, oftalmia, miopia, confraria, diretoria...

–ite: designativo de doença inflamatória do órgão, tecido etc. a que se refere o radical: apendicite, artrite, amigdalite, bronquite, otite, gastrite...

–ugem: semelhança, porção, quantidade: rabugem, ferrugem, babugem, lanugem, pelugem...

–ume: coleção, ação ou resultado da ação, condição: cardume, negrume, azedume, curtume, queixume...

4) Sufixos que formam substantivos abstratos derivados de adjetivos (podem indicar ação, estado, qualidade, condição, sentimento, capacidade, conjunto, período)

–dade: bondade, criatividade, ruindade, normalidade, orfandade, lealdade, humanidade, mensalidade...

–(i)dão: gratidão, pretidão, mansidão, lassidão, solidão, retidão...

–ez: insensatez, surdez, mudez, altivez, honradez, mesquinhez,

–eza: beleza, avareza, riqueza, safadeza, tristeza, magreza...

–ia: alegria, euforia, acefalia, bulimia, burguesia, chefia, astronomia, procuradoria, anomalia...

–ice: doidice, meninice, velhice, tolice, babaquice, mineirice... Tal sufixo passa uma ideia pejorativa.

–ície: calvície, imundície...

–or: dulçor, negror, alvor, amargor...

–(i)tude: altitude, lassitude, juventude, magnitude...

–ura: alvura, doçura, negrura, formosura, ternura, brancura...

5) Sufixo que forma substantivos abstratos derivados de outros substantivos e adjetivos

–ismo: formador de nomes de doutrinas, princípios, teorias e sistemas filosóficos, religiosos, artísticos, científicos, econômicos e políticos ou de governo: animismo, existencialismo, instrumentalismo, materialismo, platonismo, pragmatismo, anabatismo, ateísmo, druidismo, espiritualismo, estruturalismo, classicismo, acidentalismo, humoralismo, capitalismo, comunismo, liberalismo, mercantilismo, neoliberalismo, absolutismo, anarquismo, fascismo, maquiavelismo, revisionismo, socialismo, cubismo, expressionismo, fovismo, futurismo, impressionismo, modernismo, romantismo, simbolismo, surrealismo, budismo, catolicismo, espiritismo, islamismo, judaísmo, metodismo, umbandismo, autoritarismo, descentralismo, feudalismo, parlamentarismo, pluripartidarismo, presidencialismo, castrismo, chaguismo, fidelismo, franquismo, getulismo, lacerdismo, salazarismo. Outras noções: “caráter ou qualidade de um povo, ou as características ou costumes que lhes são próprios”; “o sentimento de amor desse povo à sua pátria ou região (cidade, estado etc.)”; “ o conjunto dos indivíduos dessa nação, região, cidade etc.”: americanismo, baianismo, britanismo, espanholismo, mineirismo; “modo de escrever ou falar próprio de uma língua” ou “palavra, expressão ou estrutura característica de dada língua ou de uma variante/variedade linguística”: açorianismo, anglicismo, angolanismo, brasileirismo, galicismo, helenismo, latinismo, lusismo, regionalismo, tupinismo; “pronúncia viciosa”: lambdacismo, rotacismo; “comportamento, procedimento ou ação de”: acacianismo, aristocratismo, arrivista, banditismo, carolismo,

chaleirismo, companheirismo, fanatismo, heroísmo, inconformismo, machismo, mau-caratismo, radicalismo, vandalismo, vedetismo; “comportamento, condição, opção ou preferência sexual de”: bissexualismo, homossexualismo, lesbianismo; “dada ação ou comportamento que constitui proteção (ou favoritismo)”: aciolismo, afilhadismo, clientelismo, favoritismo, nepotismo, paternalismo, coronelismo; “ato ou prática de”: terrorismo; “esporte, prática ou modalidade esportiva”: aeromodelismo, atletismo, ciclismo, iatismo, pugilismo, skatismo; “doença, quadro ou estado mórbidos ou condição patológica”: acefalismo, atimismo, favismo, linfatismo, menierismo, parkinsonismo, raquitismo, reumatismo, sonambulismo; “vício ou estado patológico derivante de vício ou intoxicação (ou envenenamento)”: absintismo, alcoolismo, barbiturismo, ergotismo, iodismo, morfinismo, plumbismo, tabagismo; “qualidade, estado, característica ou condição de”: analfabetismo, automatismo, barbarismo, celibatarismo, irrealismo, laicismo, mutismo; “propriedade”: acromatismo, actinismo, antiferromagnetismo, aplanetismo, autotrofismo, ferromagnetismo; “sentimento ou estado de espírito de (indivíduo com dada qualidade)”: ceticismo, indiferentismo, macambuzismo, nervosismo, saudosismo; “amor (exacerbado ou não) ou devoção a”: chauvinismo, humanitarismo, narcisismo, patriotismo, tradicionalismo. (Fonte: Aulete)

6) Sufixo que forma substantivos e adjetivos derivados de outros substantivos e adjetivos

–ista: partidário ou simpatizante de doutrina, escola, seita, teoria ou princípio artístico, filosófico, político ou religioso; ocupação, ofício; nomes gentílicos**:** realista, positivista, anarquista, socialista, fascista, budista, batista, moralista, criticista, violinista, tenista, maquinista, dentista, artista, sulista, paulista, nortista, santista, calculista...

7) Sufixos que formam substantivos e adjetivos derivados de verbos

–ança, -ância, -ença, -ência: ação ou resultado da ação, estado: esperança, lembrança, matança, ocorrência, dolência, violência, vingança, ignorância, observância, tolerância, descrença, diferença, presença, ausência, anuência...

–nte: agente: despachante, estudante, navegante, combatente, ouvinte, pedinte, cadeirante (exceção)...

–ão, -ção, -são: ação ou resultado da ação: arranhão, puxão, traição, nomeação, extensão, agressão, visão, prisão...

–or(a), -eira: ofício, profissão, agente, instrumento de ação: armador, trabalhador, regador, espectador, inspetor, leitor, produtor, interruptor, professor, confessor, agressor, ascensor, espectadora, trabalhadora, arrumadeira, passadeira...

–douro, -tório: ação, lugar da ação, instrumento da ação: bebedouro, suadouro, lavatório, laboratório, vomitório, dormitório...

–(d)ura, -(t)ura, -(s)ura: ação, instrumento de ação, resultado de ação: semeadura, ligadura,

atadura, tintura, criatura, clausura, mensura, manufatura...
–mento: ação ou resultado da ação: acolhimento, juramento, ferimento, sentimento, sortimento...

8) Sufixos que formam verbos derivados de substantivos e de adjetivos

–ear, -ejar: transformação, repetição, mudança de estado: cabecear, balancear, verdear, folhear, gotejar, verdejar, velejar, pestanejar...
–açar: frequência, ação: envidraçar,
esvoaçar, espicaçar...
–ecer, -escer: transformação, mudança de estado: amanhecer, amarelecer, envelhecer, anoitecer, rejuvenescer, florescer...
–entar: qualidade, estado: apoquentar, amolentar, amamentar, afugentar, aformosentar...
–icar, -iscar: diminutivo, repetição: bebericar, adocicar, mordiscar, chuviscar, lambiscar...
–ilhar, -inhar: diminutivo, repetição: dedilhar, fervilhar, escrevinhar, cuspinhar...
–itar, -izar: diminutivo, repetição, causar mudança de estado: dormitar, saltitar, civilizar, utilizar, organizar, vulgarizar...

Obs.: Muitos gramáticos e dicionaristas entendem que a terminação **-ar** de um verbo advindo de uma palavra primitiva é um sufixo verbal: **forma + ar > form<u>ar</u>**, **pele/pelo + ar > pel<u>ar</u>.**

9) Sufixos que formam adjetivos derivados de substantivos

–aco: estado íntimo, natureza, origem: demoníaco, maníaco, austríaco, cardíaco...
–ado: provido de, quem tem caráter ou forma de: barbado, ciliado, desastrado, avermelhado, amarelado, acebolado...
–aico: referência, pertinência: judaico, prosaico, galaico, hebraico, arcaico...
–al, -ar: referência, típico de: genial, conjugal, papal, imortal, constitucional, escolar, familiar...
–ão, -ano: providência, origem, característica, ofício, profissão, relativo a, partidário de, adepto de: alemão, pagão, coimbrão, aldeão, romano, sergipano, darwiniano, byroniano...
–ário, -eiro: relação, posse, ofício, profissão, agente, instrumento de ação, lugar, árvore, intensificação, objeto, noção coletiva, origem: banqueiro, galinheiro, laranjeira, nevoeiro, cinzeiro, formigueiro, partidário, sectário, diário, fracionário, caseiro, mineiro, rueiro, festeiro, noveleiro, fofoqueiro... em alguns casos o sufixo **-eiro** passa uma ideia pejorativa.
–engo: relação, pertinência, posse: avoengo, molengo, mulherengo...
–enho: semelhança, procedência, origem: ferrenho, portenho, panamenho...
–eno: referência, origem: terreno, chileno, nazareno...

–**ense, -ês**: relação, procedência, origem: piauiense, maranhense, palmeirense, parisiense, fluminense, português, francês, chinês, pedrês, japonês...
–**âneo**: relativo a, em lugar, em tempo, em condição semelhante a: cutâneo, contemporâneo, litorâneo, instantâneo...
–**ento, -(l)ento**: provido ou cheio de, que tem o caráter de: barrento, virulento, poeirento, barulhento, ciumento, avarento, purulento, corpulento, peçonhento, melento, grudento... em alguns casos, o sufixo -ento para uma ideia pejorativa
–**eo:** relação, semelhança, matéria: róseo, férreo, argênteo, plúmbeo...
–**esco, -isco**: relação com, referência, qualidade: grotesco, quixotesco, parentesco, gigantesco, dantesco, mourisco, flandrisco...
–**ético**: relativo, próprio de, que sofre de: frenético, morfético, aidético...
–**este, -estre**: relação com: agreste, celeste, silvestre, terrestre, pedestre...
–**eu**: relação, origem, procedência, constituição: jubileu, europeu, judeu, hebreu, saduceu...
–**ício**: relação, referência: natalício, patrício, alimentício...
–**ico**: participação, referência, relação, procedência: quimérico, geométrico, melancólico, bíblico, aromático, rústico, asiático, problemático, britânico, ibérico...
–**il**: referência, relação: senhoril, febril, mulheril, servil...
–**ino**: semelhança, relação, origem, natureza: diamantino, cristalino, marroquino, londrino, albino...
–**ita**: origem, pertinência; mineralogia: israelita, jesuíta, saudita, iemenita; bauxita, azurita...
–**onho**: que causa ou produz, que pratica: medonho, enfadonho, risonho, tristonho...
–**oso**: provido ou cheio de; que provoca ou produz: medroso, saudoso, venenoso, apetitoso, assombroso, clamoroso, vergonhoso...
–**udo**: provido ou cheio de: carnudo, barbudo, peludo, pontudo, bicudo, narigudo...

10) Sufixos que formam adjetivos derivados de verbos

–**nte**: ação, qualidade, estado: amante, despachante, semelhante, tolerante, resistente, poente, crescente, ouvinte, constituinte, seguinte...
–**(á)vel, -(í)vel**: digno de, passível de praticar ou sofrer uma ação: durável, amável, palpável, louvável, desejável, perecível, punível, sensível, removível...
–**io, -iço, -ício, -ivo**: referência, modo de ser, tendência, aproximação: lavradio, erradio, escorregadiço, fugidio, escorregadiço, achadiço, movediço, acomodatício, prestativo, pensativo, lucrativo, fugitivo, afirmativo, negativo...
–**doiro, -douro, -tório**: pertinência, ação: casadoiro, vindoiro, vindouro, duradouro, morredouro, emigratório, satisfatório, expiatório, preparatório...

11) Sufixos que indicam o superlativo dos adjetivos

–**íssimo**: este sufixo tem grande vitalidade na língua: **lindo** + **íssimo** = **lindíssimo**; **inteligente**

+ **íssimo** = **inteligentíssimo**.

Obs.: Muitas vezes o adjetivo reassume a forma latina com o acréscimo deste sufixo. Os adjetivos terminados em **-vel**, por exemplo: **notável** (**notabilis**) + **íssimo** = nota**bilíssimo**; os terminados em **-z**: **feliz** (**felicis**) + **íssimo** = feli**císsimo**; os terminados em **-m**: **bom** (**bônus**) + **íssimo** = bo**níssimo**; os terminados em **-ão**: **pagão** (**paganus**) + **íssimo** = pag**aníssimo**. Quando o adjetivo em sua forma normal termina em **-io**, o sufixo **-íssimo** só elimina a última vogal; exemplo: **sério** + **íssimo** = ser**iíssimo**. Conheça outros adjetivos acompanhados deste sufixo no capítulo de adjetivos.

–(l)imo: **fácil** + **imo** = **facílimo**; **ágil** + **imo** = **agílimo**; também o sufixo é colocado junto a formas eruditas: **humilde** (**humilis**) + **imo** = **humílimo**.

Obs.: Vale a pena dizer que o sufixo mais usado no português é **-íssimo**, portanto podemos colocar tal sufixo ligado a quase todas as palavras; exemplo: agilíssimo, humildíssimo, negríssimo, magríssimo etc. Muitos gramáticos (Bechara, por exemplo) corroboram estas formas vernáculas.

–(r)imo: este sufixo se liga a formas latinas (= eruditas): **negro** (**niger**) + **(r)imo** = **nigérrimo**; **pobre (pauper)** + **(r)imo** = **paupérrimo**; **magro (macer)** + **(r)imo** = **macérrimo** (a forma **magérrimo** já encontra registro no VOLP, mas a maioria considera **brasileirismo**).

12) Sufixo adverbial (só há um): -mente

Por se tratar de uma forma feminina na sua origem latina, o sufixo **-mente** se junta a adjetivos femininos, a adjetivos uniformes e numerais femininos.

Adjetivos femininos: **bela** + **mente** = ***belamente***; **relaxada + mente = relaxadamente**

Adjetivos uniformes (apresentam apenas uma forma para o masculino e para o feminino): **suave + mente = suavemente**; **fiel + mente = fielmente**

Numerais femininos: **primeira + mente = primeiramente**; **segunda + mente = segundamente**

Obs.: Cegalla, Celso Cunha, Lindley Cintra e outros dizem que **portuguesmente** e **burguesmente** são formas corretas, pois derivam de adjetivos terminados em **-ês**. Estes últimos gramáticos adiantam ainda: "O fato tem explicação histórica: tais adjetivos eram outrora uniformes, uniformidade que alguns deles, como pedrês e montês, ainda hoje conservam. Assim: um galo pedrês, uma galinha pedrês; um cabrito montês, uma cabra montês. A formação adverbial continua a seguir o antigo modelo."

Ufa! Fechamos sufixos!

Ah! Antes que eu me esqueça: a vogal **-o** ou **-a** (desinências) que termina os sufixos pode indicar o gênero masculino ou feminino das palavras (lindíssimo, lindíssima). Fique atento a isso! Para quem não tem ideia do que seja **desinência**, continue lendo. Será explicado agora.

Desinências

Desinências são morfemas flexionais colocados **após** os radicais. Apenas indicam, no caso dos nomes, o gênero e o número das palavras; no caso dos verbos, indicam o modo, o tempo, o número e a pessoa. Tais morfemas não formam novas palavras, mas flexionam, variam, mudam levemente a forma da mesma palavra, indicando certos aspectos. Portanto, **não confunda desinência com sufixo**!

Elas podem ser **nominais** ou **verbais**.

Nominais

As desinências **-o** (masculino) e **-a** (feminino) indicam o **gênero**: alun**o** e alun**a**, gat**o** e gat**a**, lob**o** e lob**a**, cachorr**o** e cachorr**a**, menin**o** e menin**a** etc.

Tais desinências servem para indicar o sexo do ser (pessoa ou animal). Elas não só aparecem em substantivos, mas também em adjetivos, pronomes e numerais: bonito/bonita, nosso/nossa, primeiro/primeira etc.

Obs.: Aviso logo de cara: se você não está interessado em se aprofundar, nem leia esta observação toda, leia apenas o trecho em azul. Se quiser ler tudo, prepare-se! Gramáticos importantes (Mattoso Câmara Jr., Manoel P. Ribeiro, J. C. Azeredo, C. P. Luft, L. A. Sacconi, Evanildo Bechara, Rocha Lima etc.) entendem que não existe desinência de gênero masculino; o **-o** de ***menino*** seria, para eles, uma vogal temática. Eles argumentam que muitas palavras não terminam em **-o** e, mesmo assim, marcam o gênero masculino da palavra: mestre (mestra), elefante (elefanta), presidente (presidenta), cantor (cantora), juiz (juíza) etc. Essa análise faz sentido, pois, se não há terminação específica para indicar o gênero, por que encarar o **-o** como desinência de gênero? Ou, então, será preciso admitir que o **-e** também é desinência de gênero masculino. Trocando em miúdos, só existe a desinência de gênero feminino (**-a**). Assim como a palavra no singular não tem desinência para marcar o singular, o mesmo se dá com a palavra no masculino, isto é, sabe-se que uma palavra está no masculino porque há uma correspondência no feminino. Esta discussão é acadêmica, mas é bom ressaltar as duas visões, pois, se alguém da banca resolver trabalhar maldosamente em cima disso, muitos cairão, menos você, que agora sabe que **-o** pode ser 1) desinência de gênero masculino ou 2) vogal temática. Dependerá da visão do gramático. Além disso, nunca é demais dizer que existem palavras que fogem à "regra" da desinência: atriz, condessa, poetisa, czarina, chinesa (as terminações (sufixos, para alguns linguistas) **-riz, -essa, -isa, -ina, -esa** indicam o gênero feminino); avó (o timbre aberto indica o gênero feminino); cabra, vaca, nora, mulher (outro radical para indicar o gênero feminino;

heteronímia). Como se viu, não existem só as desinências de gênero como forma de marcar o gênero da palavra e, consequentemente, o sexo, no caso de ser humano ou animal, é claro.

A desinência **-s** (plural) indica o **número** (plural): alunos e alunas, gatos e gatas etc.

Tal desinência serve para indicar a quantidade (mais de um) de seres (pessoas e não pessoas). Ela não só aparece em substantivos, mas também em adjetivos, pronomes e numerais: bonitos/bonitas, nossos/nossas, primeiros/primeiras etc.

Fique atento, pois as palavras terminadas em **-r** e **-z** e algumas terminadas em **-l**, **-n**, **-s** apresentam ***-es*** como terminação de plural: hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses etc. Alguns estudiosos até se atrevem a dizer que **-es** é desinência de número, **mas a esmagadora maioria está convencida de que apenas -s é desinência de número!** Logo, em hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses etc., o **-e** é apenas uma vogal temática. "Mas o que é uma vogal temática?" Relaxa! Você vai entender o que é no próximo tópico.

Vale dizer que muitas palavras não variam em gênero: "prato, mata, povo, bolso etc." Existe prata (feminino de prato?), mato (masculino de mata?), pova (sem comentários!), bolsa (feminino de bolso?)? Isso vale também para a variação em número: "lápis, ônibus, atlas, pires etc." Tais palavras não variam em número (Ou existem lápises, ônibuses, átlases, píreses?!).

Verbais

Existem as **desinências modo-temporais** (DMTs) e as **desinências número-pessoais** (DNPs).

As DMTs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de *certeza, fato* (modo indicativo) e *incerteza, hipótese* (modo subjuntivo), tempo *passado* (pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito), *presente* e *futuro* (do presente e do pretérito).

Como você vai ver na tabela a seguir, além de não haver DMTs em todos os tempos e modos, algumas desinências alomórficas do modo indicativo estão entre parênteses.

Tempo	**Modo Indicativo**	**Modo Subjuntivo**	**Formas Nominais**
Presente (1ª conj.)	---	e	**Infinitivo**
Presente (2ª e 3ª conj.)	---	a	r
Perfeito	---	---	
Imperfeito (1ª conj.)	va (ve)	sse	**Gerúndio**
Imperfeito (2ª e 3ª conj.)	a (e)	sse	ndo

Mais-que-perfeito	ra (re) (átono)	---	
Futuro do presente	ra (re) (tôn.)	---	**Particípio**
Futuro do pretérito	ria (rie)	---	(a/i)do*
Futuro do subjuntivo		r	
As DMTs dos verbos no modo imperativo são iguais às do subjuntivo (**e/a**), aparecendo na 3ª pessoa do singular, na 1ª pessoa do plural e na 3ª pessoa do plural.			

* Para muitos gramáticos, o **a** e o **i** do particípio são vogais temáticas; a desinência de particípio (**-do**) pode sofrer alomorfia, dependendo do verbo (exemplo: pôr > pos**to**; imprimir > impre**sso**).

As DNPs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de quantidade (número) e emissor (1ª pessoa), receptor (2ª pessoa), referente (3ª pessoa). Vêm após as DMTs. Não há DNPs em todos os tempos e modos. Vejamos:

Tempo	Singular	Plural
Presente indicativo	1ª p.: o / 2ª p.: s	1ª p.: mos / 2ª p.: is / 3ª p.: m
Pretérito perfeito do indicativo	1ª p.: i / 2ª p.: ste 3ª p.: u	1ª p.: mos / 2ª p.: stes / 3ª p.: ram
Futuro do presente do indicativo	1ª p.: i / 2ª p.: s	1ª p.: mos / 2ª p.: is / 3ª p.: o
Futuro do subjuntivo e Infinitivo flexionado	2ª p.: es	1ª p.: mos / 2ª p.: des / 3ª p.: em
Imperativo afirmativo	---	ª p.: mos / 2ª p.: i, de

Obs.: Os tempos que aqui não foram mencionados (pretérito imperfeito, mais-que-perfeito, futuro do pretérito, presente do subjuntivo e pretérito imperfeito do subjuntivo) seguem um modelo (paradigma) de desinências: 2ª pessoa do singular: **-s**, 1ª pessoa do plural: **-mos**, 2ª pessoa do plural: **-is** e 3ª pessoa do plural: **-m**. Um detalhe importante: alguns estudiosos chamam (adequadamente, diga-se de passagem) as DNPs do pretérito perfeito do indicativo de "cumulativas", pois elas acumulam a função de marcar não só o número e a pessoa mas também o modo e o tempo, como se fossem DMTs. Eu falei "como se fossem"!

Vogal Temática

A **vogal temática** (VT) vem imediatamente após o radical para ligá-lo à desinência de número ou aos sufixos. Com ela, a palavra passa a ter um bom som (eufonia). Veja algumas informações importantes sobre VTs (nos nomes e nos verbos):

VTs nominais

O conjunto **radical + vogal temática** recebe o nome de **tema**: beij + o = beijo (tema).

As VTs **-a**, **-e**, **-o**, quando átonas finais, como em "cas**a**, lev**e**, pov**o**", são **vogais temáticas nominais**. É a essas VTs que se liga a desinência indicadora de plural ou sufixos: povo-**s**, leve-**s**, casa-**s**; povo-**ado**, leve-**mente**, casa-**mento**.

Obs.: 1) O **-a** só será desinência de gênero se opuser masculino a feminino (garoto/garot**a**). 2) As VTs **-e** e **-o** podem aparecer como semivogal de um ditongo (pã**o**/pã**e**s). 3) Tomando o **-o** como VT, ele pode aparecer num tema simples ou depois de um sufixo: leilã**o** > leilo*eir**o***.

Os nomes terminados em consoante ou em vogal tônica são **a**temáticos, ou seja, não formam temas, pois não têm VT: cor, raiz, cajá, Pelé, tupi, cipó, baú...

Breve "*déjà vu*": "Fique atento, pois as palavras terminadas em **-r** e **-z** e algumas terminadas em **-l**, **-n**, **-s** apresentam **-es** como terminação de plural: hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses etc. Alguns estudiosos até se atrevem a dizer que **-es** é desinência de número, **mas a esmagadora maioria está convencida de que apenas -s é desinência de número!** Logo, em hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses, o **-e** é apenas uma vogal temática". Interessante é a palavra **sal**, que, no plural, tem a vogal temática nominal alomórfica (de **e** para **i**): sal > sales > saes > sa**i**s...

VTs verbais

É uma vogal que vem após o radical (**a**, **e**, **i**), formando o tema e permitindo uma boa pronúncia do verbo. Indica como vai ser o modelo (paradigma) das conjugações (1ª conjugação: **-a** / 2ª conjugação: **-e** / 3ª conjugação: **-i**).

É bom dizer que não há VT na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e em nenhuma flexão do presente do subjuntivo (em "Eu am**o.**", o **-o** é DNP; em "Espero que ele volt**e.**" ou "Espero que ele beb**a.**", o **-e** e o **-a** são DMTs). Reveja o quadro de DMTs e DNPs, por favor.

Vejamos as VTs verbais:

amar: Eu amei, tu amaste, ele amou, nós amamos, vós amastes, eles amaram (pretérito perfeito do indicativo).

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 1ª e na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-a**.

comer: Eu comia, tu comias, ele comia, nós comíamos, vós comíeis, eles comiam (pretérito imperfeito do indicativo) / Eu havia comido (particípio).

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia em toda a conjugação do pretérito imperfeito do indicativo e no particípio. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-e**.

partir: Eu parto, tu partes, ele parte, nós partimos, vós partis, eles partem... (presente do indicativo).

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 2ª pessoa do singular e na 3ª do singular e do plural do presente do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-i**.

O verbo ***pôr*** e seus derivados são de 2ª conjugação, ou seja, vogal temática **-e**, uma vez que ***pôr*** vem do latim ***poer*** (a vogal temática aparece logo na 2ª pessoa do singular do presente do indicativo: eu ponho, tu pões, ele põe...).

Letra de Ligação

Não é morfema, pois não carrega sentido algum. Alguns, como Sacconi, chamam de **interfixos**. É apenas uma **letra (vogal ou consoante) de ligação**. O objetivo é só favorecer a **eufonia** (o bom som, a boa pronúncia), ligando radicais a prefixos, radicais a radicais, radicais a sufixos (mais frequentemente): in**e**narrável, pau**l**ada, mund**i**vidência, cha**l**eira, cafe**t**eira, cafe**z**al, frio**r**ento, pe**z**inho, sono**l**ento, pa**d**eiro...

Normalmente, a vogal **o** liga radicais gregos e a vogal **i** liga radicais latinos: gás + **ô** + metro, sarc + **ó** + fago; carn + **í** + voro, frut + **í** + fero.

Processo de Formação de Palavras

Meu Deus, nem eu acredito que terminei de falar sobre **Estrutura das Palavras**! É cansativo, não? Não obstante, meu caro leitor (como já dizia Machadão de Assis), tudo o que você aprendeu é a base daquilo que realmente cai em prova: **Processo de Formação de Palavras.**

Se você é uma pessoa que simplesmente deseja acertar uma questão na prova, nem dando bola para todas as minúcias que apresentei até agora, então é a hora! **Afinal de contas, o que cai em prova mesmo? Processo de Formação de Palavras!**

Existem algumas maneiras para a formação de novos vocábulos na língua, logo esta parte trata justamente dos diversos modos como as palavras se formam. Os principais processos são estes (dê muito valor aos dois primeiros, hein!): **derivação**, **composição**, **onomatopeia, abreviação (redução), siglonimização, hibridismo, palavra-valise**.

Antes de "chegarmos às vias de fato", entenda alguns conceitos básicos:

– Palavra **primitiva** é aquela que não resulta de outra na língua portuguesa, isto é, que não sofreu processo de derivação: cadáver*, flor, pedra, casa, verde, sol etc.

* Segundo o sensacional professor Cláudio Moreno, "**cadáver** vem do latim *cadere* ("tombar, cair para não mais levantar"). No entanto, foi muito difundida no passado a hipótese fantástica de que seria um vocábulo formado pela primeira sílaba das palavras que formam a frase latina "***CA**ro **DA**ta **VER**mibus*" ("carne dada aos vermes"). Esquecem que só no séc. XX começaram a surgir vocábulos a partir de siglas e de iniciais, como a famigerada **Gestapo** nazista (*Geheime Staats Polizei* – "Polícia Secreta do Estado"). Ainda há aqueles que acreditam que tal expressão aparecia nos túmulos romanos, mas – Adivinha? – não se encontrou até hoje nenhuma inscrição romana desse gênero. Doideira, não? Resumindo: *cadáver* é palavra primitiva.

– Palavra **derivada** é aquela que resulta de outra na língua portuguesa, isto é, que sofreu processo de derivação: cadavérico, florista, empedrado, descasamento, esverdeado, solar etc.

– Palavra **simples** é aquela que só tem um radical, isto é, que não sofreu processo de composição: flor, pedra, casa, verde, sol etc.

– Palavra **composta** é aquela que tem mais de um radical, isto é, que sofreu processo de composição: flor-amarela, pedra-sabão, casa-comum, verde-água, girassol, etc.

Obs.: Há ainda aquelas que são compostas, mas que um dos elementos sofreu processo de derivação: **pedreiro-livre**.

Derivação Prefixal, Sufixal, Parassintética (Circunfixação), Regressiva (Regressão) e Imprópria (Conversão)

Derivação é, como bem diz o Aulete, "um processo de multiplicação e reaproveitamento de um vocábulo **pelo acréscimo de sufixos e prefixos**". É por isso que alguns estudiosos defendem a ideia de que a derivação regressiva e a imprópria não são derivações, mas isso, apesar de eu concordar, não cai em prova, então vamos ao que interessa, ou seja, tradicionalmente há cinco tipos de derivação: **prefixal**, **sufixal**, **parassintética**, **regressiva** e **imprópria**.

Semiparafraseando o sensatíssimo professor Cláudio Moreno, na análise mórfica do processo de formação de uma palavra, podemos ter dois critérios de análise: 1) "Que processos de formação estão presentes nesta palavra desde a palavra primitiva?"; ou 2) "Qual foi o processo de formação que fez nascer esta palavra, ou seja, qual(is) foi(ram) o(s) morfema(s) colocado(s) por último?".

Para que você entenda isso melhor (prepare-se para as polêmicas), venha comigo!

Prefixal

A **derivação prefixal** se dá quando um prefixo é 1) colocado junto à palavra primitiva ou 2) colocado como último elemento de uma palavra que já havia sofrido algum processo de formação*. Veja três exemplos de cada caso, respectivamente:

– homem > **super-** + homem > **super-**homem
– duque > **arqui-** + duque > **arqui**duque
– pôr > **com-** + pôr > **com**por

– homem > hum**ano** > **super-** + humano > **super-**humano
– duque > duque**sa** > **arqui-** + duquesa > **arqui**duquesa
– pôr > **com**por > **de-** + compor > **de**compor

***Obs**.: É justamente neste segundo caso (exemplo: super-humano, arquiduquesa etc.) que muitos gramáticos dizem haver **derivação prefixal e sufixal**, como Rocha Lima, Ulisses Infante, Sacconi etc. Eles analisam dessa maneira, pois seguem aquele primeiro critério, a saber: "que processos de formação estão presentes nesta palavra desde a palavra primitiva?". Por exemplo, a palavra **reprodução** segue este passo a passo: produzir > **re**produzir > reprodu**ção**. Sabendo que a palavra *reprodução* é o ato ou o resultado de *reproduzir*, ela vem de *reproduzir*, ok? Percebeu, então, que, para a formação dessa palavra, houve dois processos? Derivação prefixal (reproduzir) e derivação sufixal (reprodução). É por isso que se diz que a palavra sofreu **derivação prefixal** *e* **sufixal**, pois, para a formação dela, houve o acréscimo de prefixo (**re-**) e de sufixo (**-ção**), não

simultaneamente. Esta é uma forma de analisar a palavra. E pode cair na prova!
Agora, se fôssemos analisar de acordo com o segundo critério, a saber: "Qual foi o processo de formação que fez nascer esta palavra, ou seja, qual(is) foi(ram) o(s) morfema(s) colocado(s) por último?", aí, meu/minha camarada, encararíamos a palavra **reprodução** como formada por derivação sufixal, uma vez que *reprodução* vem de *reproduzir*, isto é, o último elemento que entrou na palavra foi um sufixo (**-ção**): **reproduzir + ção = reprodução**. Derivação sufixal na cabeça! Esta é também uma maneira de analisar que vem caindo em prova de concurso. Quem abona tal análise é o gramático Evanildo Bechara, quando explica "constituintes imediatos" em sua gramática.
Portanto, há duas formas de analisar a mesma palavra!!! Atenção no dia da prova!!!

Sufixal

Ocorre derivação sufixal quando um sufixo é 1) colocado junto à palavra primitiva ou 2) colocado como último elemento de uma palavra que já havia sofrido algum processo de formação. Veja três exemplos de cada caso, respectivamente:
– pincel > pincel + **-ada** > pincel**ada**
– cabeça > cabeça + **-ear** > cabec**ear**
– sutil > sutil + **-mente** > sutil**mente**

– cobrir > **des**cobrir > descobrir + **-mento** > descobri**mento**[1]
– sexo > sexu**al** > **bis**sexual > bissexual + **-ismo** > bissexual**ismo**[2]
– barco > **em**barc**ar** > embarcar + **-ção** > embarca**ção**[3]

[1] Normalmente palavras terminadas em sufixo **-mento** sofreram derivação sufixal a partir de verbos: discernir + **mento** = **discernimento**; adiar + **mento** = **adiamento**.
[2] Na palavra **bissexualismo**, note que houve acréscimo de prefixo (**-bis**) e de sufixos (**-al** e **-ismo**), não simultaneamente. Partindo do princípio do processo de formação chamado **derivação prefixal** e **sufixal**, poderíamos dizer que a palavra sofreu tal processo, ok? Logo, dependendo do gramático, há duas análises: **derivação prefixal** e **sufixal** (Sacconi, por exemplo) ou **derivação sufixal** (Bechara, por exemplo). O Celso Cunha ainda considera **bi(s)-** um radical, logo haveria uma **composição**. Bem-vindo à língua portuguesa!
[3] Na palavra **embarcar**, note que houve acréscimo de prefixo e sufixo ao mesmo tempo: **em + barco + ar = embarcar**. Este tipo de derivação é chamado derivação parassintética (veremos a seguir com mais detalhes). Só depois o sufixo foi colocado em *embarcar* para formar a palavra **embarcação**: **embarcar + ção = embarcação**. Derivação sufixal na cabeça!

Portanto, fique atento(a) às maneiras como se pode analisar uma palavra e como as bancas trabalham isso!

Parassintética (Circunfixação)

A **derivação parassintética** ocorre quando há acréscimo simultâneo de prefixo e de sufixo a uma palavra primitiva (substantivo ou adjetivo). Como diz Margarida Basílio (no excelente texto *Teoria Lexical*), "nem todas as palavras que apresentam prefixo e sufixo em sua formação devem ser consideradas como de formação parassintética".

Normalmente a parassíntese forma **verbos** (1). Há, entretanto, alguns nomes **adjetivos** (2) formados por derivação parassintética. Veja:

1) **envelhecer** (en + velho + ecer), **aterrar** (a + terra + ar), **abençoar** (a + bênção + ar), **amanhecer** (a + manhã + ecer), **apedrejar** (a + pedra + ejar), **esfoliar** (es + fólio + ar), **embarcar** (em + barco + ar), **emagrecer** (e + magro + ecer), **amamentar** (a + mama + entar), **desterrar** (des + terra + ar), **emudecer** (e + mudo + ecer), **apadrinhar** (a + padrinho + ar) etc.
2) **desalmado** (des + alma + ado), **desbocado** (des + boca + ado), **desbundado** (des + bunda + ado), **subterrâneo** (sub + terra + âneo), **conterrâneo** (con + terra + âneo), **ensonado** (em + sono + ado), **descampado** (des + campo + ado), **envernizado** (em + verniz + ado), **acebolado** (a + cebola + ado), **avermelhado** (a + vermelho + ado), **abatatado** (a + batata + ado) etc.

Cuidado!!!

1) Uma maneira clássica de perceber se a palavra sofreu derivação parassintética é retirar o prefixo ou o sufixo. Se alguma palavra sobrar com a retirada de um dos afixos e fizer sentido, existindo na língua portuguesa, mantendo o sentido do radical, aí não houve derivação parassintética. Caso contrário, derivação parassintética certa! Exemplo: **enegrecer**: enegro (?) / negrecer (?); **descerebrado** (idiota, imbecil): descérebro (?) / cerebrado (?). Percebe que não é possível retirar os afixos dessas palavras, senão elas deixarão de existir? Logo, sofreram derivação parassintética.

2) **Recomendo que só leia isto, se você estiver em um nível avançado**. Temos de tomar muito cuidado com as palavras que sofreram derivação parassintética terminadas em **-ado**, pois este "sufixo" pode ser confundido com uma "desinência" de particípio. E, como já sabemos a esta altura do campeonato, desinência serve à flexão, não à derivação. Em outras palavras, se a palavra terminar em **-ado** e, no contexto, for um particípio, ela não sofreu derivação parassintética; não obstante, se **-ado** for um sufixo formador de adjetivo, a palavra sofreu derivação parassintética. Uma maneira fácil de perceber se a palavra é

tomada como adjetivo no contexto, para que digamos que ela sofreu derivação parassintética, é perceber seu sentido (adjetivo indica estado, característica, qualidade; verbo no particípio indica ação praticada por alguém).

Analise comigo: sobre o verbo **desalmar**, o dicionário Aulete diz: "tornar desalmado; desumanizar, perverter: "A política do heroísmo **desalmou** os seus chefes". (Rui Barbosa, Ruínas de um Governo, p. 6, 175, ed. 1931). Transpondo para a voz passiva tal frase de Rui Barbosa teríamos: "Os seus chefes foram **desalmados** pela política do heroísmo". Percebe que **desalmados** é um verbo no particípio? Portanto não há derivação na palavra, mas sim flexão, pois ela recebeu uma desinência de particípio (**desalmar + ado**). Se a palavra está no particípio, então **-ado** é uma desinência, e não um sufixo! Particípio é flexão do verbo, não derivação. Então, quando **desalmado** será palavra formada por derivação parassintética?

Desalmado só é formado por derivação parassintética como **adjetivo**: "Você é um homem muito **desalmado**!" Pronto. Agora desalmado (des + alma + ado) é um adjetivo. E **-ado** é um sufixo formador de adjetivo, e a palavra sofreu **derivação parassintética** (desalmado é aquele que não tem alma, figurativamente falando (sem compaixão, sem empatia)). Exceto em linguagem bem erudita, como a de Rui Barbosa, tal palavra é usada normalmente como um adjetivo. Sendo assim, os gramáticos dizem que ela sofreu derivação parassintética. Ponto.

3) Sacconi diz que a palavra **submarino** sofreu derivação parassintética. Entretanto, tal análise é passível de discussão séria, pois submarino vem de marino (palavra existente na língua), portanto, houve derivação prefixal. "Mas, Pestana, e se cair uma questão sobre derivação parassintética com a palavra submarino, o que eu faço?" Você analisa todas as opções e marca *a* **melhor resposta**. Afinal, se uma banca tem respaldo gramatical para não anular uma questão, não será pelos seus belos olhos que ela irá fazê-lo. E eu vou dizer mais (pasmem!)... já caiu uma questão sobre isso (que não foi anulada): FEC – LOTERJ/RJ – OPERADOR LOTÉRICO – 2010 – QUESTÃO 5. Por isso, prefiro ser detalhista a deixar meus "clientes" na mão.

4) Outra informação pertinente é que palavras terminadas em **-mento** são erradamente analisadas como parassintéticas por alguns professores (eu, inclusive, em início de carreira) e por algumas bancas de concurso. Nenhuma palavra da língua portuguesa terminada em **-mento** pode ser encarada como parassintética, pois esse sufixo é formador de substantivos a partir de verbos, logo: **alinhar + mento = alinhamento; desmatar + mento = desmatamento**. Erradamente, porém, por duas vezes, a banca da EEAr (Escola de Especialistas de Aeronáutica – CFS (1/2005 – turma B) e CFC (2009), respectivamente) validou estas questões:

12. Assinale a alternativa em que está corretamente indicado o processo de formação da palavra destacada.
a) O desmatamento das nossas florestas tem sido constante. (derivação parassintética)

13) Assinale a alternativa que indica correta e respectivamente os processos de derivação na formação das palavras em destaque:

*O **desmatamento** contribui **consideravelmente** para o aquecimento **global**. A **queima** de árvores lança carbono na atmosfera, e esse é o principal fator responsável pelas mudanças no clima da Terra.*
b) parassintética, sufixal, sufixal, regressiva

Na época, eu me lembro de que muitos entraram com recurso para anular a questão 12, mas ela não foi anulada. Incrível, não?

Confira o gabarito oficial comentado (e equivocado!) pela própria banca:

http://dc122.4shared.com/doc/YiMBtRsP/preview.html

http://www.cpab.com.br/CFC_2009prov.pdf

Não só bancas militares fazem bobagem, veja esta (famosinha, inclusive!):

Consulplan – Assistente Administrativo – 2011
– Assinale a opção na qual o vocábulo tem o mesmo processo de formação da palavra "endurecimento".
a) Descarregar.
b) Dentista.
c) Pescaria.
d) Desalmado.
e) Jogador.

Adivinha qual foi o gabarito (para variar, não anulado)? Letra D. Sem comentários! "Desalmado" realmente sofreu derivação parassintética, mas "endurecimento"? Fala sério! "Endurecer" sofreu derivação parassintética (*en* + *duro* + *ecer*), mas *endurecimento* não, pois vem de *endurecer* + *mento* = *endurecimento*! Derivação sufixal desde criancinha. Por que algumas bancas fazem isso com a gente?

Por outro lado, ainda bem que há bancas sensatas e conformes às regras gramaticais, como estas:

05. (FADESP – Pref. Pau D'Arco/PA – Agente Técnico Administrativo – 2009) No que respeita à formação das palavras, não é correto afirmar que:
d) "desmatamento" resulta de derivação parassintética. (gabarito)

15. (FEC – Pref. de São Mateus/ES – Biólogo – 2007) No trecho: "(...) para não quebrar o **encantamento**." (11º §), a palavra em negrito foi formada pelo seguinte processo:
c) derivação sufixal (gabarito)

5) (IPDEP – Pref. Duque de Caxias/RJ – Auxiliar de Enfermagem – 2007) Considerando os processos de formação de palavras, todos os itens estão corretos, EXCETO:
a) desaquecimento – derivação parassintética; (gabarito)

Palmas para essas bancas, por favor! \o/\o/\o/\o/\o/

5) Por favor, não confunda **derivação prefixal e sufixal** com **derivação parassintética**!

Exemplos clássicos de palavras formadas por derivação prefixal e sufixal: infelizmente, deslealdade, desvalorização, descortesia, inutilizar, analfabetização etc. Nessas palavras, não se sabe qual elemento entrou por último, mas se sabe que os afixos **NÃO entraram simultaneamente**, logo não sofreram derivação parassintética.

Para fechar, veja a análise de **reflorestamento**: floresta > floresta**r** > **re**florestar >

reflorestar + **mento** > reflorestamento (derivação sufixal para alguns gramáticos e, para outros, derivação prefixal e sufixal); outra análise possível para a mesma palavra: floresta > flores**tar** > floresta**mento** > **re-** + florestamento > reflorestamento (derivação prefixal para alguns gramáticos e, para outros, derivação prefixal e sufixal). Cuidado na hora da prova! E boa sorte!

Regressiva (Regressão)

Ocorre **derivação regressiva** quando um verbo que indica ação serve de base para a formação de um substantivo abstrato que igualmente indica ação ou resultado de uma ação – tal substantivo é chamado de **deverbal**, pois é derivado de verbo. A ideia de regressão (diminuição do vocábulo do ponto de vista estrutural e fonético) ocorre porque o verbo perde sempre sua terminação (vogal temática + desinência de infinitivo: **-ar, -er, -ir**) dando lugar à vogal temática nominal (**-a, -e, -o**). Veja alguns exemplos:

Verbo (ação)	Substantivo (abstrato)
Atrasar	Atraso
Demorar	Demora
Tossir	Tosse
Engasgar	Engasgo
Mergulhar	Mergulho
Escolher	Escolha
Embarcar	Embarque
Dançar	Dança
Pescar	Pesca
Resgatar	Resgate
Combater	Combate
Gargarejar	Gargarejo
Desmontar	Desmonte
Fugir	Fuga

Percebe que nesse tipo de derivação há decréscimo de elementos? Reitero: o verbo perde sempre sua terminação (vogal temática + desinência de infinitivo) dando lugar à vogal temática nominal. Não é por nada que o nome desse processo se chama **regressão**, isto é, há perda de elementos verbais para a formação de **nomes substantivos**. Falando nisso (e indo além), o gramático, doutor pela UFRJ e professor da UERJ, José Carlos de Azeredo diz que "de alguns verbos originam-se **adjetivos** derivados regressivamente: expresso (de expressar), isento (de isentar), eleito (de eleger), corrupto (de corromper), correto (de corrigir), submerso

(de submergir)", etc.

Algumas palavras que sofreram regressão podem ser masculinas ou femininas, sendo uma forma mais usual que outra hoje em dia:

Verbo (ação)	Substantivo (abstrato)
Pagar	Pago/Paga
Custar	Custo/Custa
Trocar	Troco/Troca
Ameaçar	Ameaço/Ameaça
Gritar	Grito/Grita

Numa linguagem mais informal, pode ocorrer derivação regressiva também:

Verbo (ação)	Substantivo (abstrato)
Amassar	Amasso
Agitar	Agito
Ferver	Fervo
Sufocar	Sufoco
Apertar	Aperto
Transar	Transa

Tome cuidado para não cair na "pegadinha" de palavras que parecem ter sofrido regressão. Substantivo concreto (indicando objeto ou substância) não é formado de verbo. Neste caso, o processo é contrário. Os verbos são formados de substantivos por sufixação, por meio do sufixo verbal **-ar**:

Substantivo (*não* abstrato)	Verbo (ação)
Azeite	Azeitar
Telefone	Telefonar
Âncora	Ancorar
Martelo	Martelar
Arquivo	Arquivar

Alguns gramáticos, como Rocha Lima, Ismael de Lima Coutinho e Sacconi, falam sobre **regressão nominal** (**sarampo** deriva de **sarampão**, **boteco** de **botequim** etc.). Atualmente, porém, os linguistas e gramáticos (Manoel Pinto Ribeiro, Olmar Guterres da Silveira, Ulisses Infante, José Carlos de Azeredo e outros) encaixam as palavras abaixo entre as que sofreram **abreviação vocabular**, pois, na derivação regressiva, há necessariamente mudança de classe gramatical, o que não ocorre na abreviação, enfim... polêmicas... Veja algumas:

Maracanã	**Maraca**
Cerveja	**Cerva**
Japonês	**Japa**
Português	**Portuga**
Delegado	**Delega**
Militar	**Milico**

Reitero: as palavras em negrito são atualmente analisadas como **abreviadas** (***abreviação***), não regressivas. É importante saber as diferentes visões dos gramáticos, pois a gente nunca sabe o que uma banca pode "aprontar". Falarei mais sobre **abreviação** à frente.

Imprópria (Conversão)

A **derivação imprópria** se dá pela mudança (daí **conversão**) de classificação morfológica de uma palavra, a depender do contexto. A palavra não muda absolutamente nada na forma; o que muda é sua classificação morfológica e seu sentido. É por isso que ela é chamada de **imprópria**, ou seja, ela não é propriamente uma derivação, pois não se usam morfemas (afixos) para mudar a forma da palavra.

Veja alguns exemplos de como isso ocorre:

Substantivação

A derivação imprópria se forma com muita vitalidade por meio da substantivação. Qualquer morfema, palavra, expressão ou frase pode se tornar um substantivo desde que esteja acompanhada de algum determinante (artigo, pronome, numeral, adjetivo, locução adjetiva) ou tenha valor substantivo (designador) no contexto:

– *Você tem aracno**fobia**? (radical) / Eu tenho muitas **fobias**. (substantivo)*
– *Sou muito **pró**-ativo. (prefixo) / Esta questão só tem um **pró**. (substantivo)*
– *Aquela blusa é **preta**? (adjetivo) / **Preta**, você me ama? (substantivo)*
– ***A** casa foi comprada ontem. (artigo) / Esse **a** da frase anterior é um artigo. (substantivo)*
– *Eu **me** amo, não posso mais viver sem mim. (pronome) / O **me**, o **te** e o **se** também funcionam como objetos diretos. (substantivos)*
– *Tenho **dois** filhos. (numeral) / O **dois** é um numeral cardinal. (substantivo)*
– ***Habite-se**! (verbo) / O **habite-se** foi concedido. (substantivo)*
– *Eu vou **amar** você e depois vou **partir** (verbos no infinitivo). / O **amar** e o **partir** fazem parte da vida. (substantivos)*
– *Havia **feito** uma prova dificílima. (verbo no particípio) / Mahatma Gandhi realizou um **feito** inédito na história! (substantivo)*
– ***Amanhã** te ligo. (advérbio) / Espero sempre por um **amanhã** melhor. (substantivo)*

– ***Só*** *ela me faz feliz. (palavra denotativa de exclusão) / O* ***só*** *pertence ao grupo de palavras denotativas. (substantivo)*

– *Precisamos fazer uma ação* ***contra*** *a violência. (preposição) / Estes* ***contras*** *que você está expondo não procedem. (substantivo)*

– *Estudo muito,* ***porém*** *não gosto,* ***porque*** *cansa. (conjunções) / Só tenho um* ***porém*** *a dizer; deixe o* ***porquê*** *para depois. (substantivo)*

– ***Ai****! Deixa de ser chato! (interjeição) / Nunca se ouviu sequer um* ***ai*** *naquela casa. (substantivos)*

– *O rapaz só abre a boca para falar: "****Fala sério****!" (frase) / É um* ***fala sério*** *para cá, um* ***fala sério*** *para lá... Que chatice! (locução substantiva)*

Outras conversões

– Substantivo se torna adjetivo: *Ele tem um jeito* ***moleque****.*

– Adjetivo se torna advérbio: *Esta cerveja desceu* ***redondo****.*

– Adjetivo se torna preposição acidental: *Todos se salvaram,* ***salvo*** *o idoso.*

– Particípio se torna adjetivo: *Vocês são muito* ***fingidos****.*

– Advérbio se torna preposição acidental: ***Afora*** *isso, estou de acordo com a decisão.*

– Conjunção se torna preposição acidental: *Tenho-o* ***como*** *amigo.*

– Pronome se torna preposição acidental: *Tenho* ***que*** *tomar uma decisão.*

– Substantivo, adjetivo, pronome, verbo, advérbio se tornam interjeições (obrigado pelos exemplos, Sacconi): ***Misericórdia****!,* ***Bravo****!,* ***Qual****!,* ***Viva****!,* ***Avante****!*

– Substantivo abstrato para concreto: *A* ***pintura*** *da parede demorou duas horas. (abstrato) / A* ***pintura*** *da parede está descascando. (concreto)*

– Substantivo comum para próprio e vice-versa: *O* ***planalto*** *tinha quase nenhuma ondulação. (comum) / O* ***Planalto*** *está cercado de corrupção. (próprio) /* ***Judas*** *traiu a Cristo por 30 moedas de prata. (próprio) / Você é um* ***judas*** *safado! (comum)*

– Mudança de gênero/mudança de sentido: *Comemos uma* ***banana*** *a cada três horas. (feminino/fruto) / Tu não passas de um* ***banana****. (masculino/covarde)*

Composição por Justaposição e por Aglutinação

Ocorre **composição** quando uma palavra é constituída por dois ou mais radicais. Há dois tipos de composição: por **justaposição** e por **aglutinação**. Vejamos!

Por Justaposição

Neste tipo de composição, **não há perda** de elementos estruturais e fonéticos nos radicais (normalmente separados por hífen): **pontapé** (ponta + pé), **vaivém** (vai + vem), **passatempo** (passa + tempo), **paraquedas** (para + quedas), **girassol** (gira + sol), **dezoito** (dez + oito), **joão-bobo** (João + bobo), **abelha-rainha** (abelha + rainha), **caixa-d'água** (caixa + água)*, **guarda-chuva** (guarda + chuva), **maria vai com as outras** (maria + vai + outras)*, **leva e traz** (leva + traz)* etc.

***Obs**.: As preposições e conjunções não são vistas como radicais, logo ignore-as na análise. Algumas palavras compostas não mais recebem hífen segundo o novo acordo ortográfico, como já vimos no capítulo de *Acentuação*! Além disso, peço que dê uma olhada no uso do hífen com os prefixos **bem** (bem-me-quer) e **mal** (malmequer).

Por Aglutinação

Neste tipo de composição, **há perda** de elementos estruturais e fonéticos nos radicais (não são separados por hífen): **boquiaberto** (boca + aberta), **mundividência** (mundo + vidência), **alvinegro** (alvo + negro), **fidalgo** (filho de algo), **embora** (em + boa + hora), **aguardente** (agua + ardente), **petróleo** (pedra + óleo), **noroeste** (norte + oeste), **vinagre** (vinho + acre), **lobisomem** (lobo + homem), **planalto** (plano + alto), **pernilongo** (perna + longa) etc.

Obs.: Pelo amor de Deus, a palavra **cadáver** é primitiva, pri-mi-ti-va. Está claro? Esse papo de "**ca**rne **da**da aos **ver**mes" é conversa fiada.

Onomatopeia

Este processo é caracterizado por formar palavras (verbos, substantivos, interjeições) que imitam/reproduzem sons de seres animados ou inanimados: **bangue-bangue**, **zum-zum-zum**, **blá-blá-blá**, **tique-taque**, **pingue-pongue**, **bem-te-vi**, **nhenhenhém**, **nheco-nheco**, **zás-trás**, **zumbir**, **rugir**, **mugir**, **miar**, **cacarejar** etc.

Obs.: Vale dizer que alguns gramáticos chamam de **reduplicação/redobro** a repetição de parte de uma palavra ou de toda ela com finalidade expressiva, como em *Lulu, babá, ioiô, reco-reco* e outras acima.

Abreviação (Redução)

Segundo Celso Cunha, a **abreviação** ocorre devido à dinâmica da vida; o ritmo acelerado do dia a dia nos influencia a agilizar a comunicação. Na linguagem virtual... nem se fala! Toda palavra que sofre abreviação é reduzida até certo ponto, de modo que a parte restante substitui o todo, mantendo, é claro, seu sentido original. Muitas palavras abreviadas são próprias do registro coloquial; muitas vezes vêm imbuídas de afetividade, preconceito, desprezo etc. Veja algumas:

Televisão	**Tevê**
Cinematógrafo	**Cinema > Cine**
Militar	**Milico**
Português	**Portuga**
Delegado	**Delega**
Botequim	**Boteco**
Professor	**Fessor**
Fernando	**Nando**
Florianópolis	**Floripa**
São Paulo	**Sampa**
Rio de Janeiro	**Rio**
Otorrinolaringologista	**Otorrino**
Neurose	**Neura**
Futebol de salão	**Futsal**
Analfabeto	**Analfa**
Comunista	**Comuna**
Pneumático	**Pneu**
Pornográfico	**Pornô**
Fotografia	**Foto**
Poliomielite	**Pólio**
Telefone	**Fone**
Metropolitano	**Metrô**
Vice-presidente	**Vice**
Ex-namorada	**Ex**
Flamengo	**Mengo**
Microcomputador	**Micro**
José	**Zé**
Pestana	**Pest**

Nunca é demais dizer que, de uma palavra abreviada, pode haver outro processo. Exemplo: *Zezinho* (*José* > *Zé* + *inho* > *Zezinho*). Percebeu que ocorreu abreviação e depois derivação sufixal? Resumindo: uma palavra pode sofrer mais de um processo de formação.

Observe a palavra que caiu na questão 8 da prova da UFRJ de 2008: **ex-cineclubista**. Gabarito oficial: "o vocábulo **ex-cineclubista** resulta da aplicação de quatro processos de formação de palavras: redução/abreviação vocabular (cine ← cinema), composição (cine + clube), derivação sufixal (cineclube + ista) e derivação prefixal (ex + cineclubista)". Interessante, não?

Siglonimização

Siglonimizar significa transformar uma expressão em sigla, isto é, valer-se das partes iniciais das palavras de uma expressão a fim de formar uma sigla: **MAM** (Museu de Arte Moderna), **ONU** (Organização das Nações Unidas), **UFRJ** (Universidade Federal do Rio de Janeiro), **PIB** (Produto Interno Bruto), **PT** (Partido dos Trabalhadores), **EsPCEx** (Escola Preparatória de Cadetes do Exército), **FCC** (Fundação Carlos Chagas), **ESAF** ou **Esaf** (Escola de Administração Fazendária), **CESPE** ou **Cespe** (Centro de Seleção e de Promoção de Eventos), **PETROBRAS** ou **Petrobras** (Petróleo Brasileiro S/A), **EMBRATEL** ou **Embratel** (Empresa Brasileira de Telecomunicações).

Sobre os quatro últimos exemplos, recomenda-se só a primeira letra em maiúscula – veja abaixo o item 2.

Cuidado!!!

Baseando-me no *Manual de Redação do Senado* e em gramáticos consagrados, há algumas regras a serem respeitadas quanto ao uso de siglas... e algumas curiosidades:

1) As siglas de até três letras devem ser escritas com letra maiúscula: PM, TV, CPF, BC, ONU, USP, PUC, PT, PV, PPS, DF, RJ, AC, MG etc.

2) As siglas e os acrônimos com quatro letras ou mais são grafados em maiúscula quando se pronuncia separadamente cada uma de suas letras ou partes, mas recebem apenas a inicial maiúscula – a partir da segunda aparição no texto – no caso de terem a pronúncia de vocábulo: CNBB, CPMF, BNDES, Uerj, Sudene, Comlurb, DETRAN, Masp, Caíque, Malu, Ciep etc.

3) Algumas siglas podem apresentar maiúsculas e minúsculas em sua formação: UnB, CNPq, EsSA, EEAr etc.

4) Algumas siglas já são dicionarizadas e, por isso, consideradas como **palavras** e não mais como siglas: aids, ibope, jipe, laser, radar, óvni etc.

5) Muitas siglas e palavras que já foram siglas servem como base para derivações sufixais: PFL (pefelista), PMDB (peemedebista), PT (petista), AIDS (aidético) etc.

6) O plural das siglas se faz com o acréscimo de um simples **s** minúsculo: *As UPP**s** e as UPA**s** têm sido de grande valia à população.*

7) Todos os manuais de redação que consultei dizem que deve vir a sigla entre travessões ou parênteses, se a intercalação não terminar a frase. Logo esta é a forma correta: "O Fundo Monetário Internacional – FMI – ajuda as nações". Entretanto, a banca Esaf (sabe-se lá por que razão) usa apenas um travessão antes de sigla, no meio da frase: "O Fundo Monetário Internacional – FMI ajuda as nações." Já enviei e-mail para a Esaf perguntando o porquê dessa postura doutrinal e até hoje não me responderam.

Hibridismo

É a formação de palavras com morfemas de línguas diferentes: **socio/logia (latim e grego)**, **auto/móvel** (grego e latim), **tele/visão** (grego e latim), **buro/cracia** (francês e grego), **banan/al** (africano e latim), **sambó/dromo** (africano e grego), **micro-ônibus** (grego + latim), **report/agem** (inglês + latim), **bi/cicleta** (latim + grego), **saga/rana** (alemão + tupi), **ciber/nauta** (inglês + latim) etc.

Combinação (Amálgama ou Palavra-valise)

A **combinação**, **amálgama** ou **palavra-valise** (há outros nomes para o mesmo processo, esses são os mais conhecidos) é um processo que consiste na criação de uma palavra a partir da junção de partes de duas ou mais palavras, como um cruzamento lexical. Geralmente se usa o início de uma e o final da outra.

O truncamento que há entre as palavras gera outra de caráter normalmente popular, jocoso, próprio do registro coloquial e literário. Muitas **palavras-valise** não estão dicionarizadas. Não confunda, portanto, com palavras formadas por composição por aglutinação, uma vez que estas já se encontram dicionarizadas e são encontradas no registro culto da língua – diferentemente das palavras que sofreram amálgama. Veja alguns exemplos:

Português + Espanhol	**Portunhol**
Tomate + Marte	**Tomarte**
Aborrecer + Adolescente	**Aborrecente**
Crédito + Telefone	**Credifone**
Copo + Companheiro	**Copoanheiro**
Brasileiro + Paraguaio	**Brasiguaio**
Grêmio + Internacional	**Grenal**
Show + Comício	**Showmício**
Atlético + Curitiba	**Atletiba**

O grande Millôr Fernandes criou muitas palavras-valise engraçadas no seu *Dicionovário* (dicionário + novo): “abacatimento, anãofabeto, cãodução, cartomente” etc. Muitas palavras-valise, por não serem dicionarizadas, são consideradas **neologismos**.

E o que é neologismo? Continue lendo, sem piscar, hein!

Neologismo

Sabemos que o léxico da nossa língua, ou seja, nosso repertório de palavras, está em constante processo de aumento. O neologismo é uma palavra nova, uma palavra inventada, que pode ou não vir a ser dicionarizada se cair nas graças do povo. Nem toda gíria é um neologismo. Por exemplo, a nova edição escolar do dicionário *Aurélio* traz expressões que estão na boca do povo, como "periguete, ricardão, sex shop, balada" etc. É verdade! Partindo do princípio que as palavras já estão no dicionário, não mais podemos encará-las como neologismos. Ah, as três últimas já constam do dicionário Aulete também!

Além disso, muitos gramáticos entendem que os estrangeirismos são neologismos, uma vez que palavras novas (mesmo que estrangeiras) podem ser incorporadas à nossa língua. Existem dois tipos de neologismo: mórfico e semântico. Vamos ver!

Neologismo mórfico

Os falantes se valem de vários processos de formação de palavras já existentes para a criação de novas palavras (inventarei algumas e usarei outras já conhecidas); note que algumas palavras até existem no VOLP, como "amasso, agito, aperto, troca-troca", mas, no dia a dia, elas têm muitas vezes sentidos figurados, o que constitui um neologismo semântico, o qual veremos daqui a pouco:

– **derivação prefixal**: superfeliz, antigay, desorgulhoso (esta palavra também poderia ser interpretada como um neologismo formado por derivação prefixal e sufixal).
– **derivação sufixal**: djavanear, viralizar, internetismo, obrigadaço, baba-ovice (de "baba-ovo").
– **derivação parassintética**: agordalhado, afamilhar, encachorrar.
– **derivação regressiva**: amasso, agito, aperto.
– **composição por justaposição**: namoródromo, bioterror, gordomóvel.
– **composição por aglutinação**: abusufruto, inteligentudo, desafogaréu.
– **onomatopeia** (reduplicação): tchutchuca, troca-troca, pocotó.
– **abreviação**: boa (boa tarde), tarde (boa tarde), apê (apartamento).
– **siglonimização**: CQIP (Centro de Questões Impossíveis do Pestana), ETS (Estudo Total e Sagaz), GDLP (Gramática Definitiva da Língua Portuguesa).
– **combinação** (amálgama/palavra-valise): criloura, adultescente, mesticigenados.

Veja esta questão da EEAR 1/2011 (prova para concurso militar). Trabalhou-se aqui um neologismo por sufixação.

05. Leia:

O acesso de jovens à internet consagrou uma bem-humorada modalidade de escrita: o

miguchês. Acompanhe o transcurso de criação dessa palavra:

amigo > migo > **migucho** > **miguchês**

Considerando-se apenas os elementos em negrito, é correto afirmar que *miguchês* foi formada por

a) aglutinação;

b) justaposição;

c) derivação sufixal;

d) derivação imprópria.

Gabarito oficial: "Considerando-se apenas os elementos destacados, a palavra *miguchês* foi formada por derivação sufixal, já que deriva da palavra *migucho* – diminutivo da palavra *migo* –, a qual sofreu acréscimo do sufixo **-ês**, que indica procedência, origem. Na internet circula outra variante desta mesma palavra, grafada com **x** (*miguxo*). Entretanto, essa grafia corresponde à forma no *miguchês*. Para a gramática oficial, a grafia correta respeita a forma com **-ch**, pois deriva do sufixo **-ucho** (diminutivo)."

Neologismo Semântico

Quando um vocábulo adquire novo significado, como em palavras metafóricas (sentido conotativo) ou em gírias, dizemos que ela é um **neologismo de sentido**. Por exemplo, gato (ligação elétrica ilegal), mala (pessoa chata), laranja (intermediário em negócios ilícitos), arroz (rapaz que acompanha moças, mas não namora nenhuma), rede (internet), partidão (não é uma partida grande, mas sim um homem digno, bonito e bem-sucedido), zebra (resultado inesperado) etc.

Estrangeirismos

Tais empréstimos vocabulares podem

1) manter sua autonomia sonora e mórfica, mas também podem

2) se adaptar à ortografia e à morfologia do Português.

Veja alguns:

1) pizza, byte, show-room, link, haloween, face, shopping center, teen, blog etc.

2) deletar, restaurante, abajur, bife, futebol, xampu, estresse, skatista, blogueiro etc.

"For *relax*", leia este sambinha do Zeca Baleiro:

Samba do Approach

Venha provar meu *brunch*

Saiba que eu tenho *approach*

Na hora do *lunch*

Eu ando de *ferryboat*...(2x)

Eu tenho *savoir-faire*
Meu temperamento é *light*
Minha casa é *hi-tech*
Toda hora rola um *insight*
Já fui fã do *Jethro Tull*
Hoje me amarro no *Slash*
Minha vida agora é *cool*
Meu passado é que foi *trash*...
Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*...(2x)
Fica ligado no *link*
Que eu vou confessar *my Love*
Depois do décimo *drink*
Só um bom e velho engov
Eu tirei o meu *green card*
E fui prá *Miami Beach*
Posso não ser *pop-star*
Mas já sou um *noveau-riche*...
Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*...(2x)
Eu tenho *sex-appeal*
Saca só meu *background*
Veloz como *Damon Hill*
Tenaz como *Fittipaldi*
Não dispenso um *happy end*
Quero jogar no *dream team*
De dia um *macho man*
E de noite, *drag queen*...
Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*...(7x)

(http://letras.terra.com.br/zecabaleiro/43674/)

O Que Cai Mais na Prova?

Saber o que cai mais na prova é essencial, concorda? Por isso, recomendo que domine **derivação** e **composição**. Estes dois assuntos são primordiais.

Questões de Concursos

1. (FGV – PC/RJ – Inspetor – 2008) Em *xenofobia*, há a seguinte combinação de sentidos: estrangeiro + aversão. Assinale a alternativa em que a explicação do sentido do elemento que antecede *-fobia* não tenha sido feita corretamente.
   a) pantofobia (pantera).
   b) estasiofobia (permanecer de pé).
   c) fotofobia (luz).
   d) ictiofobia (peixe).
   e) gamofobia (casamento).

2. (Consulplan – Analista de Informática (SDS-SC) – 2008) A alternativa em que todas as palavras são formadas pelo mesmo processo de formação é:
   a) responsabilidade, musicalidade, defeituoso;
   b) cativeiro, incorruptíveis, desfazer;
   c) deslealdade, colunista, incrível;
   d) anoitecer, festeiro, infeliz;
   e) reeducação, dignidade, enriquecer.

3. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2008) O recurso a processos de formação de palavras derivadas pode ser exemplificado em "habitável porém inabitado".
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

4. (FGV – TCM/PA – Auditor – 2008) (Adaptada) Julgue como correto ou incorreto o item a seguir no que diz respeito a estrutura do texto.
   "A palavra "financeirização" foi posta entre aspas por se tratar de um neologismo."

5. (Cespe/UnB – Ministério do Meio Ambiente – Analista Ambiental – 2008) A palavra "bicombustível" é formada por prefixação.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

6. (FGV – TJ/MS – Juiz de Direito (Substituto de Carreira) – 2008) Utilizou-se corretamente a regra moderna de grafia de siglas em OMC, ONU e FMI. Assinale a alternativa em que isso **não** tenha ocorrido.
   a) AGU.
   b) ADI.
   c) Emerj.
   d) EMATRA.
   e) PIS.

7. (Fadems – TJ/MS – Analista de Sistema Computacional – 2009) Assinale a alternativa em que o processo de formação de palavras está **corretamente** indicado:
   a) sociologia = derivação prefixal ou prefixação.
   b) "redondo" (em "Skol, a cerveja que desce redondo") = derivação sufixal ou sufixação.
   c) enlouquecer = parassíntese.
   d) combate (do verbo "combater") = derivação imprópria.
   e) "pobre" (em "O pobre merece ajuda") = derivação regressiva.

8. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Os vocábulos "instabilidade", "imperfeita", "inçados" e "impõe" são formados por prefixo cujo valor semântico denota privação ou negação.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

9. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) O vocábulo "inaturável" é formado por derivação e tem o mesmo radical do vocábulo **desnaturado**.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

10. O vocábulo "agravada" tem o mesmo radical que os vocábulos **gravidez** e **gravidade**.
   ( ) CERTO

( ) ERRADO

11. Denomina-se prefixação o processo de formação dos seguintes vocábulos: “anomalia”, “alacridade” e “arrebataram”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – PM/ES – Soldado – 2010) A formação dos vocábulos “lamentavelmente” e “plenamente” ocorre de maneira idêntica: a partir do acréscimo do sufixo **-mente** a um adjetivo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

13. (Instituto Zambini – Pref. Taboão da Serra/SP – Professor III – 2010) Assinale a alternativa em que a palavra não é formada por derivação parassintética.
a) enriquecer.
b) entardecer.
c) avermelhar.
d) descobrimento.
e) N.D.A.

14. (Ima – Pref. Boa Hora/PI – Procurador Municipal – 2010) No verso “**Para desentristecer, leãozinho**”, Caetano Veloso cria um neologismo. A opção que contém o processo de formação utilizado para formar a palavra nova e o tipo de derivação que a palavra primitiva foi formada respectivamente é:
a) derivação prefixal (des + entristecer); derivação parassintética (en + trist + ecer);
b) derivação sufixal (desentriste + cer); derivação imprópria (en + triste + cer);
c) derivação regressiva (des + entristecer); derivação parassintética (en + trist + ecer);
d) derivação parassintética (en + trist + ecer); derivação prefixal (des + entristecer);
e) derivação prefixal (en + trist + ecer); derivação parassintética (des + entristecer).

15. (Ima – Pref. Boa Hora/PI – Procurador Municipal – 2010) A palavra “**Olhar**” em (meu olhar) é um exemplo de palavra formada por derivação:
a) parassintética;
b) prefixal;
c) sufixal;
d) imprópria;
e) regressiva.

16. (Integri – Pref. Carapicuíba/SP – Procurador Municipal – 2010) Mas, em uma era de <u>globalização</u> e de <u>sociedades multiconfessionais</u>, a <u>criação</u> do capital exige não apenas tolerância, mas também o respeito pelas pessoas de outras confissões. As palavras sublinhadas são formadas pelo mesmo processo de derivação, exceto:
a) globalização;
b) sociedades;
c) criação;
d) multiconfessionais.

17. (FGV – Codesp – Arquiteto – 2010) Assinale o par de vocábulos em que seus elementos mórficos destacados **<u>NÃO</u>** tenham o mesmo sentido.
a) <u>metro</u>politana – <u>metro</u>logia.
b) <u>eco</u>nomia – <u>eco</u>logia.
c) <u>tele</u>comunicações – <u>tele</u>patia.
d) <u>petr</u>óleo – <u>petr</u>ificar.
e) <u>sin</u>tonia – <u>sin</u>ergia.

18. (FGV – SEAD/AP – Auditor da Receita Estadual – 2010) Com relação aos processos de formação de palavras, analise as afirmativas a seguir:
I. Na palavra *jeitinho*, o sufixo *-inho* significa “diminuição”.
II. Denomina-se composição o processo de formação da palavra *utilitarista*.
III. A palavra *analfabetismo* forma-se por derivação prefixal e sufixal, a partir do radical *alfabet-*.
Assinale:
a) se somente a afirmativa I estiver correta;
b) se somente a afirmativa II estiver correta;

c) se somente a afirmativa III estiver correta;
d) se somente as afirmativas II e III estiverem corretas;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

19. (FGV – CAERN – Agente Administrativo – 2010) Assinale a palavra que seja formada pelo mesmo processo que *megalópoles*.
a) internacional.
b) sustentabilidade.
c) saneamento.
d) obrigatoriedade.
e) olímpicos.

20. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) Assinale a palavra em que o prefixo tenha o mesmo valor semântico que o de *dissociação*.
a) dissolver.
b) dispor.
c) discordar.
d) disenteria.
e) dissimular.

21. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) Das palavras a seguir, a única formada por derivação prefixal e sufixal é:
a) destinação;
b) desocupação;
c) criminológico;
d) carcereiro;
e) preventivamente.

22. (Cespe/UnB – STM – Analista Judiciário – 2011) As palavras "desertor" e "integrantes" são ambas formadas por processo de derivação sufixal em que os respectivos sufixos evidenciam o sentido de agente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (Cespe/UnB – ECT – Agente dos Correios – 2011) A palavra "trem-bala" é composta por justaposição, tal qual o vocábulo:
a) governança;
b) ilimitado;
c) passatempo;
d) superprodução;
e) faturamento.

24. (Cespe/UnB – ECT – Formação: Letras – 2011) No processo de formação dos vocábulos "integração", "impulsiona", "indefectivelmente" e "imprudências", identifica-se o prefixo in-, que neles expressa a noção de mudança de estado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. O sufixo identificado na formação dos vocábulos "representantes" e "emergentes" expressa a noção de paciente das ações de *representar* e *emergir*, respectivamente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

26. Têm sentidos semelhantes o prefixo dos vocábulos "internacionalizados" e "intertemporais" e a preposição "entre".
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Funcab – Prefeitura Municipal de Valença – Biólogo – 2012) No processo de formação da palavra "desfavoravelmente", pode ser identificado o tipo de derivação:
a) sufixal;
b) prefixal e sufixal;
c) parassintética;
d) regressiva;
e) prefixal.

28. (INSPER – Vestibular – 2012) Leia a tirinha a seguir.

Os mesmos processos de formação dos termos em negrito aparecem, respectivamente, em:
a) anoitecer, votação, inútil, violação e tristemente;
b) retenção, suavidade, desmatamento, infelizmente e firmamento;
c) enlatado, ajuda, remissão, dignidade e abolição;
d) reação, geração, abstenção, lição e afrontamento;
e) magreza, medidor, firmamento, dignidade e violação.

29. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale a alternativa em que o elemento destacado NÃO tem o mesmo sentido que o de *trans-*, em *transvalorada*.
a) <u>trans</u>bordar.
b) <u>tras</u>antontem.
c) <u>tres</u>noitar.
d) <u>tras</u>tejar.

30. Assinale a palavra que tenha sido formada por processo DISTINTO do das demais.
a) teológica.
b) biografia.
c) narcotráfico.
d) desvalorizada.

31. (Instituto Ludus – Pref. Mun. Aroazes – Professor de Português II – 2012) *Doçura* e *interinidade* são substantivos abstratos derivados de adjetivo. Marque o item em que todos os substantivos são abstratos derivados de adjetivo.
a) Mortalidade, mesquinhez, umidade, escuridão.
b) Infância, paciência, publicidade, justiça.
c) Perfeição, baixeza, compensação, dificuldade.
d) Ambição, amor, mistério, oportunidade.
e) Alegria, amor, mistério, oportunidade.

32. (Consulplan – Pref. Barra Velha/SC – Agente Administrativo – 2012) Os termos *Ibama* (4º §) e *ararinha* (2º §) são formados, respectivamente, pelos processos de:
a) siglonimização e derivação sufixal;
b) derivação regressiva e onomatopeia;
c) derivação prefixal e abreviação;
d) derivação parassintética e derivação imprópria;
e) composição por justaposição e hibridismo.

33. (CEPERJ – Cedae – Operador de Tratamento de Água – 2012) A palavra formada pelo acréscimo de um sufixo é:
a) imprensa;
b) descobrir;
c) reforma;
d) irracional;
e) rigidez.

34. (CEPERJ – SEAP – Inspetor de Segurança e Administração Penitenciária – 2012) A palavra “descriminalizar” é formada pelo mesmo tipo de derivação observado na palavra da seguinte alternativa:
a) espetar.
b) familiarizar.

c) tatuar.
d) recusar.
e) reanimar.

35. (CEPERJ – Degase – Enfermeiro do Trabalho– 2012) Um exemplo do texto em que a palavra é formada pela adição de sufixo e prefixo é:
a) cotidianamente;
b) oportunidade;
c) responsáveis;
d) infelizmente;
e) sucateados.

36. (CEPERJ – SEFAZ – Analista de Controle Interno – 2012) Entre os vocábulos abaixo, aquele que possui uma formação diferente dos demais é:
a) repercussões;
b) desdobramentos;
c) favorável;
d) recentemente;
e) despreocupar.

37. (Funcab – Pref. Búzios/RJ – Administrador – 2012) O processo de formação do vocábulo sublinhado na expressão "[...] o dinheiro que <u>discretamente</u> [...]" é:
a) derivação prefixal e sufixal;
b) derivação regressiva;
c) derivação parassintética;
d) derivação sufixal;
e) derivação prefixal.

38. (Funcab – Pref. Magé/RJ – Administrador – 2012) Formam substantivos de adjetivos, exprimindo a noção de "estado ou qualidade de", ambos os sufixos destacados nas seguintes palavras do texto:
a) igual**dade** − sentiment**al**.
b) liga**mento** − esterilizaç**ão**.
c) sentimental**ismo** − govern**ante**.
d) pobr**eza** − hipocris**ia**.
e) jornalíst**ico**− adolesc**ente**.

39. (Funcab – Pref. Sooretama/ES – Administrador de Empresa – 2012) As palavras destacadas em "Tanto andam agora preocupados em definir o <u>conto</u> [...]" / "Uma <u>ternura</u> imensa, [...]" se formaram, respectivamente, por:
a) composição por aglutinação e derivação sufixal;
b) derivação regressiva e derivação regressiva;
c) composição por justaposição e derivação imprópria;
d) derivação regressiva e derivação sufixal;
e) composição por justaposição e derivação parassintética.

40. (Funcab – MPE/RO – Analista Administrativo – 2012) Aponte o significado do prefixo da palavra destacada em "(...) praticam o <u>exorcismo</u> em Kerala, (...)".
a) mudança.
b) separação.
c) para fora.
d) para trás.
e) através de.

Gabarito

1. A.	9. ERRADO.	17. A.	25. ERRADO.	33. E.
2. A.	10. CERTO.	18. C.	26. CERTO.	34. E.
3. CERTO.	11. ERRADO.	19. A.	27. B.	35. D.
4. CORRETO.	12. CERTO.	20. C.	28. E.	36. E.
5. CERTO.	13. D.	21. B.	29. D.	37. D.
6. D.	14. A.	22. CERTO.	30. D.	38. D.
7. C.	15. D.	23. C.	31. A.	39. D.
8. ERRADO.	16. D.	24. ERRADO.	32. A.	40. C.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 7

Substantivo

Definição

Vou definir todas as classes gramaticais a partir de três critérios: **semântico**, **morfológico** e **sintático**. Então, comecemos pelo substantivo – a classe gramatical mais importante para a construção de frases, junto com o verbo, é claro!

Do ponto de vista semântico, o substantivo é a palavra que **nomeia** tudo o que tem substância, tudo o que existe (céu, homem, mar, peixe, Rio de Janeiro, átomo, eletricidade etc.), tudo o que imaginamos existir (Deus, fada, vampiro, anjo, duende, lobisomem, inferno etc.) ou tudo o que é conceito abstrato (saudade, recreação, lealdade, riqueza etc.). Não é por nada que o substantivo é chamado de "nome, nomeador ou designador".

Imagine-se numa sala de aula agora. Você consegue dar nomes às coisas que estão a sua volta? Carteiras, quadro, gizes, paredes, janelas, chão, ar-condicionado (ou ares-condicionados, se mais de um), alunos, professor etc. Imagine agora que você esteja desatento ao que o professor diz, qual é o nome desse **estado**? "Desatenção". Enfim... você só conhece melhor o mundo a seu redor e a si mesmo se houver **nomeação** (que, por ser o **ato** de nomear, é um substantivo).

É bom dizer que não é só o verbo que indica ação ou fenômeno natural, não é só o adjetivo que indica estado ou qualidade. O substantivo pode indicar **ação** (desenvolvimento, vingança), **estado** (vida, doença), **condição** (pobreza, abastança), **qualidade** (fidelidade, maleabilidade), **sentimento** (amor, ódio), **acontecimento** (evento, sonho), **concepção/doutrina** (fé, naturismo).

Não me custa dizer que os substantivos com os sufixos abaixo são, normalmente, abstratos: –**aço**: buzinaço / **-ada**: largada / **-ado**: empresariado / **-ato**: estrelato / **-agem**: ajustagem / **-ia**: burguesia / **-dade**: casualidade / **-dão**: gratidão / **-ez**: altivez / **-eza**: beleza / **-ia**: chefia / **-ice**: doidice / **-ície**: imundície / **-or**: amargor / **-tude**: juventude / **-ura**: brancura / **-ismo**: antropocentrismo / **-nça**: esperança / **-ncia**: constância / **-ção**: correção / **-são**: agressão / **-mento**: casamento

Isso não significa que todos os substantivos abstratos terminam com esses sufixos. Claro que não. Falarei um pouco mais sobre a significação dos substantivos mais à frente.

Do ponto de vista morfológico, o substantivo é uma palavra que varia em gênero, número e grau, normalmente. Por exemplo, a palavra "garoto" varia em gênero (garota), em número (garotos) e em grau (supergaroto, minigaroto, garotão, garotinho). É por isso que se diz que o substantivo é uma palavra variável, porque muda de forma, por meio de desinências e de afixos.

Do ponto de vista sintático, o substantivo normalmente é o núcleo dos termos sintáticos. Se você não lembra quais são os termos sintáticos, refrescarei a sua memória agora: **sujeito, objetos direto e indireto, predicativos do sujeito e do objeto, complemento nominal,**

agente da passiva, adjuntos adnominal e adverbial, aposto e vocativo. O substantivo, comumente, é o núcleo desses termos sintáticos.

Para entendermos bem todas essas definições de substantivo, vamos analisar esta frase:

O *discurso* daquele aluno provocou grande alegria no professor.

Note, por exemplo, que a palavra ***discurso***:

1) **designa/nomeia** uma ação praticada por alguém: **discurso é uma manifestação oral, é o ato de discursar**;
2) **pode variar** de forma se a frase toda for pluralizada: *"Os **discursos** daqueles alunos provocaram..."*;
3) é **núcleo** do sujeito: *"O que provocou grande alegria no professor?" "O **discurso** daquele aluno"*.

Tudo bem até agora? Espero que sim, pois a partir de então vou abranger mais o assunto, hein... Venha comigo!

Chamamos de **sintagma nominal** o grupo de vocábulos que se ligam a um núcleo substantivo. Logo, "**O discurso daquele aluno**" é um sintagma nominal (uma expressão), pois apresenta termos periféricos (**o** e **daquele aluno**) indissociáveis do substantivo **discurso**. Se alguém pergunta a você "o que provocou grande alegria no professor", você não vai responder simplesmente que foi "o discurso", mas sim "o discurso daquele aluno", cujo núcleo da expressão (sintagma) é o substantivo, certo?

Percebeu? Precisamos ir a fundo na identificação dos substantivos e no conceito de **substantivação** (apesar de já termos visto bastante em derivação imprópria), porque isso cai com certa frequência nas provas! Você vai ver mais à frente que o substantivo tem uma vitalidade tão grande na língua portuguesa, que o encontramos como núcleo das locuções adjetivas (barco à vela ou barco a vela), adverbiais (de manhã), prepositivas (ao encontro de) e conjuntivas (à proporção que).

Inclusive, para variar, já vi questões em que a banca pediu que se marcasse a opção cuja oração destacada tinha valor/função de substantivo. Só que veremos isso com mais detalhes no capítulo de orações subordinadas substantivas. Caso queira dar um "pulão" até lá, fique à vontade, mas não recomendo ainda. Devagar também é pressa – percebeu que "devagar", nesse contexto, é substantivo?

Identificação e Substantivação

Antes de mais nada: qualquer vocábulo ou expressão pode se tornar um substantivo. Se quisermos reconhecer o substantivo dentro da frase – e isso é muito importante! –, precisaremos perceber, precipuamente, se ele vem na posição de núcleo dos termos sintáticos e/ou acompanhado de **determinante** (artigo, pronome, numeral, adjetivo e/ou locução adjetiva). Grave isso!

Identificação do Substantivo

Tive de transcrever um dos poemas mais críticos e pseudoeróticos de que mais gosto para ilustrar algo relativo à gramática. Nada contra as mulheres, hein! Observe que os substantivos (negrito) normalmente vêm acompanhados de determinantes ("azulito"):

O Cão e a Cadela

Bocage

Tinha de ***uma*** ***cadela*** ***um*** ***cão*** ***fome*** ***canina***.
Ele ***bom*** ***perdigueiro***, ela de ***casta*** ***fina***.
Mil ***foscas*** lhe fazia ***o terno*** ***maganão***,
Mas gastava ***o seu*** ***tempo***, ***o seu*** ***carinho*** em ***vão***.
Dando n***o*** ***chichisbéu*** ***dentada*** e ***mais*** ***dentada***,
A ***fêmea*** parecia ***uma*** ***cadela*** ***honrada***
E incapaz de ceder ***às*** ***pretensões*** ***de amor***.
Mas ***o*** ***amante*** ***infeliz*** enfim foi sabedor
De que a mesma*, em que via ***ações*** tão ***desabridas***,
Era co'***um*** ***torpe*** ***cão*** fagueira às ***escondidas***.
Se és sagaz, ***meu*** ***leitor***, talvez que tenhas visto
Cadelas ***de dois pés**** que também fazem isto.

É fácil identificar os substantivos acompanhados de determinantes: (uma) **cadela**, (um) **cão**, **fome** (canina), (bom) **perdigueiro**, **casta** (fina), (Mil) **foscas**, (o terno) **maganão**, (o seu) **tempo**, (o seu) **carinho**, (o) **chichisbéu**, (mais) **dentada**, (a) **fêmea**, (uma) **cadela** (honrada), (as) **pretensões** (de amor), (o) **amante** (infeliz), **ações** (desabridas), (um torpe) **cão**, (meu) **leitor**, **Cadelas** (de dois pés).

Só de curiosidade: De novo, o nome dado a essas estruturas em que o substantivo vem acompanhado de determinantes se chama **sintagma nominal**, ou seja, **determinante(s)** + **substantivo** = **sintagma nominal**; **substantivo** + **determinante(s)** = **sintagma nominal**; **determinante(s)** + **substantivo** + **determinante(s)** = **sintagma nominal**. O "sintagma

nominal" é um grupo de vocábulos centrados em um nome (substantivo); é uma expressão cujo núcleo é um nome substantivo.

Só peço que observe agora os substantivos que não estão acompanhados de determinantes: **vão** (em vão), **amor** (de amor), **escondidas** (às escondidas). Note que tais substantivos são os núcleos das expressões ou termos sintáticos: **em vão** (adjunto adverbial), **de amor** (adjunto adnominal), **às escondidas** (adjunto adverbial).

É bom saber um pouquinho de sintaxe até mesmo para identificar um substantivo, percebeu?

* **a mesma** ("mesma" é um pronome demonstrativo que vem antecedido de artigo, portanto cuidado, pois nem todas as palavras precedidas de artigo são automaticamente substantivos; falarei mais sobre isso no capítulo *Numeral*).
* Em "**cadelas de dois pés**", **de dois pés** é uma locução adjetiva (determinante) que caracteriza o substantivo **cadelas**; só que dentro da locução adjetiva há um substantivo como núcleo (pés), que está determinado pelo numeral (determinante) **dois**. Logo, **pés** é um substantivo, pois está acompanhado de determinante (**dois pés**). Beleza?

Relembre, agora, o que vimos em derivação imprópria (conversão) para fixar a ideia de que as palavras podem se tornar substantivos. Dessa vez, fiz questão de comentar uma por uma. Não pule esta etapa!

Substantivação

A **substantivação** é um tipo de "nominalização", pois ocorre mudança de muitas classes gramaticais, que se tornam substantivos. Qualquer morfema, palavra, expressão ou frase pode se tornar um substantivo desde que esteja acompanhada de algum determinante (artigo, pronome, numeral, adjetivo, locução adjetiva) ou tenha valor substantivo (designador) no contexto:

– *Você tem aracno**fobia**?* (Radical) / *Eu tenho muitas **fobias**.* (Substantivo. O pronome indefinido *muitas* atua como determinante.)

– *Sou muito **pró**-ativo.* (Prefixo) / *Esta questão só tem um **pró**.* (Substantivo. O numeral *um* atua como determinante.)

– *Aquela blusa é **preta**?* (Adjetivo) / ***Preta**, você me ama?* (Substantivo. Percebe que a palavra virou um substantivo porque está nomeando alguém por meio de um apelido?)

Obs.: Veja este exemplo de Celso Cunha & Lindley Cintra: Uma ***preta velha*** vendia laranjas. / Uma ***velha preta*** vendia laranjas. Note que os vocábulos **preta** e **velha** mudaram de classe gramatical com a mudança de posição no sintagma (substantivo + adjetivo /

substantivo + adjetivo). Isso é normal. Veremos mais exemplos no próximo capítulo (*Adjetivo*).

– *Estou tão* ***sem ânimo****...* (Locução adjetiva) / *Esse teu* ***sem ânimo*** *me desanimou.* (Locução substantiva. Os determinantes *esse* e *teu* substantivaram a locução adjetiva, transformando-a em locução substantiva.)*

* Veja uma questão em que caiu exatamente isso:
(NCE/UFRJ – TRT/9R – Técnico Judiciário – 1998)
Fragmento de texto:
(...) Mais adiante, para não achincalhar a todos, indistintamente, com a pecha infamante de "subdesenvolvido", premiou-se os melhores com **o gentil** "em desenvolvimento". Tais países não eram mais "sub", não estavam mais tão por baixo. Nos últimos anos, substituiu-se **o** "em desenvolvimento" por "emergente", palavra que igualmente se opõe ao "sub". (...)
A expressão "em desenvolvimento" apresenta valor:
a) adjetivo;
b) substantivo;
c) adverbial;
d) prepositivo;
e) conjuntivo.

Comentário: Note que há determinantes (grifados por mim) substantivando a expressão "em desenvolvimento", por isso o gabarito oficial foi, acertadamente, a opção B. Muito bacana a questão!

– ***A*** *casa foi comprada ontem.* (Artigo) / *Esse* ***a*** *da frase anterior é um artigo.* (Substantivo. O pronome demonstrativo *Esse* atua como determinante.)

– *Eu* ***me*** *amo, não posso mais viver sem mim.* (Pronome) / *O* ***me****, o* ***te*** *e o* ***se*** *também funcionam como objetos diretos.* (Substantivos. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Tenho* ***dois*** *filhos.* (Numeral) / *O* ***dois*** *é um numeral cardinal.* (Substantivo. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Eu vou* ***amar*** *você e depois vou* ***partir.*** (Verbos no infinitivo) / *O* ***amar*** *e o* ***partir*** *fazem parte da vida.* (Substantivos. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Havia* ***feito*** *uma prova dificílima.* (Verbo no particípio) / *Mahatma Gandhi realizou um* ***feito*** *inédito na história!* (Substantivo. O artigo indefinido *um* atua como determinante.)

– ***Amanhã*** *te ligo.* (Advérbio) / *Espero sempre por um* ***amanhã*** *melhor.* (Substantivo. O artigo indefinido *um* e o adjetivo *melhor* atuam como determinantes.)

– ***Só*** *ela me faz feliz.* (Palavra denotativa de exclusão) / *O* ***só*** *pertence ao grupo de palavras denotativas.* (Substantivo. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Precisamos fazer uma ação* ***contra*** *a violência.* (Preposição) / *Estes* ***contras*** *que você está expondo não procedem.* (Substantivo. O pronome demonstrativo *Estes* atua como

determinante.)

– *Estudo muito,* ***porém*** *não gosto,* ***porque*** *cansa.* (Conjunções) / *Só tenho um* ***porém*** *a dizer; deixe o* ***porquê*** *para depois.* (Substantivo. O numeral *um* e o artigo *o* atuam como determinantes.)

– ***Ai****! Se eu te pego!* (Interjeição) / *Nunca se ouviu sequer um* ***ai*** *naquela casa.* (Substantivo. O numeral *um* atua como determinante.)

– *O rapaz só abre a boca para falar isto: "****Fala sério****!"* (Frase verbal) / *É um* ***fala sério*** *para cá, um* ***fala sério*** *para lá... Que chatice!* (Locução substantiva. O artigo indefinido *um* atua como determinante, transformando a frase verbal em uma locução substantiva.)

– *Estamos chegando,* ***falta pouco****.* (Frase verbal) / *Estamos chegando, do verbo* ***falta pouco****.* (Locução substantiva, só que dessa vez não há artigo substantivando a frase; a própria frase tem valor de substantivo porque nomeia, especificando, o substantivo anterior *verbo*; para quem se lembra disto, trata-se de um aposto especificativo.)

Resumo da ópera: as palavras substantivadas variam normalmente, como um substantivo. Por exemplo: "Aqui não há **senões** nem **talvezes**, meu amigo!".

Cuidado!!!

Só leia isto se você quiser saber mais sobre a língua portuguesa, pois isso não cai em concurso público.

Celso Cunha, Bechara e outros grandes nomes nos ensinam o seguinte: um substantivo ou um adjetivo pode ser usado para caracterizar de maneira expressiva outro substantivo que vem depois da preposição "de". Entenda! Observe estas frases:

– *O* ***raio*** *do garoto só fala bobagens.*

– *O* ***bobo*** *do palhaço fez todos rirem.*

– *A* ***idiota*** *da mulher fez um escândalo no banco.*

– *A* ***pobre*** *da menina está carente.*

O substantivo ou o adjetivo substantivado antes da preposição "de" das estruturas formadas por **artigo + substantivo/adjetivo substantivado + preposição <u>de</u>** enfatizam o substantivo que vem a seguir. Logo, em "O raio do garoto", "O bobo do palhaço", "A idiota da mulher", "A pobre da menina", as estruturas "o raio (de)", "o bobo (de)", "a idiota (de)", "a pobre (de)" são expressões que realçam, respectivamente, os substantivos "garoto, palhaço, mulher e menina". Essas construções são carregadas de expressividade!

Nas últimas três frases, a preposição "<u>de</u>" é expletiva, ou seja, serve para realçar, enfatizar a expressão, podendo, assim, ser descartada. Com as devidas alterações, as frases podem ser reconstruídas, com o mesmo sentido, assim: "O bobo palhaço fez todos rirem / A mulher idiota fez um escândalo no banco / A pobre menina está carente".

Cuidado com certas ambiguidades: “A vaca da tua mãe está bem?”. Não se sabe se a mãe da pessoa está sendo xingada ou se o animal (vaca) que pertence à mãe está bem. Outro exemplo: “A droga do cliente chegou”, *droga* é uma qualificação do cliente ou é uma substância ilícita? Fique ligado... sem trocadilhos!

Recurso de Nominalização

Nominalizar é, normalmente, transformar uma estrutura verbal em uma estrutura nominal, ou seja, substituir um verbo por um substantivo de mesmo radical (às vezes, por um adjetivo), a fim de evitar o exagero no uso de verbos. Isso se dá por meio de derivação sufixal ou de derivação regressiva, normalmente.

Segundo Ulisses Infante, a nominalização "constitui um recurso eficaz no momento de redigir, pois passamos a contar com diferentes possibilidades para estruturar nossas frases". Ele está falando aqui sobre reescritura de frases, sobre a qual falarei mais detalhadamente no capítulo 37. Continua Infante: "O uso de substantivos é mais frequente em textos científicos e analíticos, em que os conceitos são mais utilizados do que as ações. Nos textos narrativos, as ações tendem a ser mais importantes do que os conceitos, o que acarreta predomínio de verbos".

Para você que vai fazer uma prova de redação, um texto dissertativo bem redigido é aquele que não abusa de verbos; um texto com mais nomes valoriza a concisão e a clareza.

Contando, também, com as informações essenciais da Prof.ª Dr.ª Maria Francisca Oliveira Santos, em seu trabalho *As nominalizações em sala de aula como marcas de não comprometimento do sujeito* (Revista do Gelne, Vol. 3, Nº 1, 2001), vejamos como isso ocorre na prática.

Por Derivação Sufixal

–ção/-são: fabricar > fabricação; ligar > ligação; adaptar > adaptação; expressar > expressão, ceder > cessão...

– ***Fabricar*** *produtos sustentáveis está na moda.* (Frase com dois verbos.)

– *A* ***fabricação*** *de produtos sustentáveis está na moda.* (Frase com um verbo.)

– ***Ceder*** *meus direitos autorais ao artista foi difícil.* (Frase com dois verbos.)

– *A* ***cessão*** *de meus direitos ao artista foi difícil.* (Frase com um verbo.)

Obs.: Note que, assim como o verbo exige dois complementos – cede-se algo (1) a alguém (2) –, o nome também exige – cessão de... (1) ao... (2). Falarei mais sobre a relação dos verbos e dos nomes com seus complementos no capítulo de *Regência*. Não se empolgue, fique por aqui, senão vai se enrolar!

–da: sair > saída; chamar > chamada; chegar > chegada...

– *Quando meu filho* ***chegou****, fiquei emocionada.* (Frase com dois verbos.)

– *A* ***chegada*** *do meu filho me emocionou.* (Frase com um verbo.)

–mento: conhecer > conhecimento; lançar > lançamento; surgir > surgimento...

– ***Surgiram*** *novos problemas em minha tese que me deixaram preocupado.* (Frase com dois verbos.)
– *O* ***surgimento*** *de novos problemas em minha tese me deixou preocupado.* (Frase com um verbo.)

Os demais sufixos seguem o mesmo paradigma (modelo):

–nça/-ncia: mudar > mudança; tolerar > tolerância; concordar > concordância...
–aria: pescar > pescaria; piratear > pirataria...
–agem: abordar > abordagem; filmar > filmagem; reciclar > reciclagem...
–dor: pescar > pescador; acusar > acusador; dever > devedor...
–nte: participar > participante; fabricar > fabricante...
–(t)ura: ler > leitura; candidatar > candidatura...
–eza: estar certo de > a certeza de...
–dade: ser difícil de > a dificuldade de...

Por Derivação Regressiva

Observe três exemplos em que ocorre nominalização:

– *Quem* ***canta*** *os males espanta.* (Frase com dois verbos.)
– *O* ***canto*** *espanta os males.* (Frase com um verbo.)
– *Ele* ***causou*** *o estardalhaço porque se revoltou com a postura dos políticos.* (Frase com dois verbos.)
– *A* ***causa*** *do estardalhaço foi sua* ***revolta*** *com a postura dos políticos.* (Frase com um verbo.)
– *Depois de* ***jantar*** *com a namorada, percebeu que foi um sucesso.* (Frase com três verbos.)
– *A* ***janta*** *com a namorada foi um sucesso.* (Frase com um verbo.)

Locução Substantiva

A locução é sempre um grupo de vocábulos que equivale a uma palavra só. Dizemos que uma locução é substantiva caso seja formada por um grupo de vocábulos, com valor de substantivo (não ligados por hífen): anjo da guarda, dona de casa, estrada de ferro, ponto de vista, cesta básica, papel almaço, fim de semana, sala de jantar, casa de saúde, Maria das Dores, Vasco da Gama, Cidade Universitária, Belo Horizonte, Nova Iguaçu etc.

Obs.: Na nova ortografia, muitos substantivos compostos perderam o hífen, logo é possível dizer que se tornaram locuções substantivas: "pé de moleque, mula sem cabeça, pôr do sol, leva e traz" etc. Afinal, para ser substantivo composto, é preciso, em tese, de hífen. Já os vocábulos que formam as locuções substantivas não são ligados por hífen. De qualquer modo, a regra de plural dos compostos ainda vale!!!

Classificação

Antes de qualquer coisa, é bom dizer que esta parte é 99,99% irrelevante para as bancas de concursos, que não cobram a classificação dos substantivos, por isso não tenho por que me estender. Esta parte só é importante para o conhecimento dos conceitos. Por exemplo, é bom saber identificar que um substantivo é coletivo ou partitivo, pois, no capítulo de *Concordância*, irei falar sobre eles. Portanto, leia esta parte, mas sem "aqueeeeeele" compromisso.

O substantivo pode ser classificado segundo sua **forma** e sua **significação**.

Quanto à forma, os substantivos podem ser **primitivos, derivados, simples** e **compostos.** Vejamos!

Tipo	Definição	Exemplo
Primitivo	Não apresenta afixos.	pedra, Marte, agenda
Derivado	Apresenta afixos.	pedreiro, marciano, extra-agenda
Simples	Apresenta apenas um radical.	samba, enredo, caixa, água
Composto	Apresenta mais de um radical.	samba-enredo, caixa-d'água

Quanto à significação, os substantivos podem ser **comuns, próprios, abstratos, concretos** e **coletivos**. Vejamos!

Tipo	Definição	Exemplo
Comum	Representa todos os seres de uma espécie.	homem, cidade, bairro, instituição, remédio, cão
Próprio	Representa apenas um ser de uma espécie[1].	Pedro, Salvador, Irajá, Aeronáutica, Sonrisal, Totó
Abstrato	Representa ações, estados, qualidades, sentimentos, resultados de ações, propriedades e concepções[2].	amaragem, empunhadura, ódio, tesão, intensidade, beijo, toque, protestantismo, alegria, doença, luto, abstração, entrada, fé, calor, ira
Concreto	Não representa ações, estados, qualidades, sentimentos, resultados de ações, propriedades e concepções.	luz, som, eco, chuva, DVD, relógio, rua, ilha, aldeia, fada, Deus, Diabo, chupa-cabra, capiroto, alma, pizza
Coletivo	Representa um grupo de seres da mesma espécie[3].....	girândola, atlas, cancioneiro*, pinacoteca, réstia, vara, horda, súcia

* Muitos coletivos são formados por sufixação. Veja: boiada, parentalha, livralhada, vasilhame, dinheirama, cavalaria, formigueiro, aparelhagem, ervilhal, humanidade, mulherio, vinhedo...

[1] São escritos sempre com letra maiúscula. É válido dizer que alguns substantivos próprios passaram a comuns e vice-versa pelo processo de conversão (derivação imprópria). Por exemplo: "Você não é um **don-juan** de verdade; falta-lhe a languidez.". (Don Juan – personagem literário) > don-juan – galanteador, mulherengo) / "Um **havana** ao som de um

estradivário é simplesmente maravilhoso.”. (Havana – cidade cubana > havana – charuto cubano; Stradivarius – sobrenome de um músico que inventou um violino > estradivário – a marca dum violino; por extensão, o violino em si)

[2] Leia mais sobre os sufixos formadores de substantivos abstratos na definição de substantivos e perceba que a maioria dos substantivos abstratos derivam de verbos ou de adjetivos. Alguns professores, sabiamente, visando a um aprendizado mais didático, ensinam que os substantivos abstratos não apresentam “formas” de modo que se possa “desenhá-los”. Por exemplo, é possível desenhar a “melancolia, o iluminismo, a infidelidade” etc.? No caso de “beijo”, é possível desenhar um casal se beijando, mas o beijo, em si, é uma ação-resultado de tocar os lábios em alguém/algo de modo normalmente afetuoso. É por isso que alguns perceptivos gramáticos definem substantivo abstrato como aquele que depende de alguém para existir, pois não tem existência independente, ou seja, para haver “beijo”, é preciso alguém que o faça. Para fechar: podemos tornar advérbios e verbos em substantivos abstratos por meio de substantivação: “o bem, o mal, o saber, o despertar” etc.

Outra coisa extremamente importante (!): o substantivo **abstrato** pode se tornar **concreto** quando 1) ele é personificado no contexto (muitas vezes, tomando-o como entidade) ou 2) tem como referente um ser concreto. Veja os exemplos:

– *A **morte** do pai o deixou deprimido.* (Abstrato; estado)

– *A **Morte** vai te pegar, hoje, amanhã ou daqui a cinquenta anos.* (Concreto; entidade)

– *A **construção** do prédio foi concluída.* (Abstrato; ato de construir)

– *A **construção** ficou muito majestosa.* (Concreto; a coisa construída, o prédio)

– *A hora da **saída** me deixou ansioso.* (Abstrato; ato de sair)

– *Encontrou uma **saída** para escapar do incêndio.* (Concreto; lugar por onde se sai)

– *A **plantação** de maconha gera muito lucro para os traficantes.* (Abstrato; ato de plantar)

– *A polícia mandou queimar a **plantação** de maconha.* (Concreto; maconhal)

Essas mudanças implicam, inclusive, uma análise sintática diferente. Falarei sobre isso em “diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal”. Fique esperto! Segure a curiosidade.

[3] Os coletivos podem ser **específicos**, **não específicos** (este último é também chamado de coletivo **geral** ou **genérico**) ou **partitivos**. Entenda:

Os primeiros são aqueles que indicam uma só espécie de seres: **esquadrilha** (grupo de aviões de pequeno porte), **cordilheira** (grupo de montanhas), **cáfila** (grupo de camelos), **panapaná** (grupo de borboletas), **mobília** (grupo de móveis), **caravana** (grupo de viajantes), **tripulação** (grupo de marinheiros) etc.

Os segundos são aqueles que indicam mais de uma espécie de seres, acompanhados de expressão especificadora para tornar claro o coletivo: **bando** de ladrões, de vagabundos, de

aves...; **falange** de heróis, de paramilitares, de espíritos...; **junta** de credores, de médicos, de examinadores...; **rebanho** de bois, de ovelhas, de cavalos...; **molho** de chaves, de cravos, de ossos...; **cacho** de uvas, de bananas, margaridas...; **grupo** de estudantes, de empresas, de golfinhos...

Os terceiros são aqueles que indicam a parte de um todo (pessoas, animais ou coisas); também vêm especificados por uma expressão "de + alguma coisa": "parte, porção, metade, maioria, minoria". Sobre o coletivo geral e o partitivo é bom dizer que, na frase, se vierem como sujeito, o verbo pode concordar com eles ou com seus especificadores. Exemplo: "Um **grupo** de **alunos** **reclamou**/**reclamaram** da nota.". / "A **maioria** dos **alunos** não **reclamou**/**reclamaram** da nota.".

É bom dizer que o mesmo substantivo pode ter mais de uma classificação. Por exemplo, a palavra "árvore" é um substantivo comum, concreto, primitivo e simples. Uma classificação não exclui outra, ok?

Variação em Gênero

Na medida em que sabemos que o substantivo pode variar de forma, vejamos como isso pode ocorrer, de-ta-lha-da-men-te.

Os substantivos só podem ser masculinos ou femininos. Serão reconhecidos pela terminação (alun**o**/alun**a**; gênero biforme) ou pelo determinante (**o** atleta/**a** atleta; gênero uniforme).

Não confunda, porém, gênero com sexo. O conceito de gênero diz respeito a um aspecto da gramática. O conceito de sexo diz respeito a um aspecto fisiológico. Em outras palavras, a palavra **criança** é um substantivo feminino, pois os determinantes que se ligam a ela indicam isso: João é **uma criança linda**. Por outro lado, essa palavra se refere a um ser do sexo masculino, João, mas poderia se referir a um ser do sexo feminino, se fosse Maria. Não confunda gênero com sexo.

Tipos

Existe o substantivo **uniforme** (não muda de forma para indicar gêneros diferentes) e o **biforme** (muda de forma para indicar gêneros diferentes).

Vejamos primeiro o **gênero biforme**:

Masculino	Troca de Terminação	Feminino
filho, gato, lobo, menino	-o / **-a**	filha, gata, loba, menina
elefante, monge, presidente, gigante	-e / **-a**	elefanta*, monja, presidenta*, giganta
bacharel, oficial, cantor, imperador, freguês, camponês, polonês, juiz, aprendiz; **terminado em** vogal tônica (peru, guri)	-l, -r, -s, -z, -u, -i / **-a**	bacharela, oficiala, cantora, imperadora, freguesa, camponesa, polonesa (ou polaca), juíza, aprendiza (não usual); perua, guria
capitão, alemão, leão, dragão, folião, valentão[1]	-ão / **-ã**, **-oa**, **-ona**	capitã, alemã, leoa, dragoa, foliona, valentona
ateu, plebeu, europeu, pigmeu, hebreu[2]	-eu / **-eia**	ateia, plebeia, europeia, pigmeia, hebreia
ilhéu, tabaréu (exceção: réu)	-éu / **-oa**	ilhoa, tabaroa (exceção: ré)
diácono, poeta, abade, conde, príncipe, cônsul, embaixador, obstetra, ator, herói, czar	terminações diversas / **-isa**, **-essa**, **-esa**, **-triz**, **-ina** (considerados sufixos)	diaconisa, poetisa, abadessa, condessa, princesa, consulesa, embaixatriz (esposa do embaixador), obstetriz, atriz, heroína, czarina
avô, capiau, dom, galo, marajá, maestro, rapaz, perdigão, jabuti, pardal, diabo, silfo	casos excepcionais	avó, capioa, dona, galinha, marani, maestrina, rapariga, perdiz, jabota, pardoca (ou pardaloca), diaba (ou diabra, ou diáboa), sílfide
homem, cavaleiro, cavalheiro, frei, padrinho, boi, cavalo, zangão, peixe-boi, cupim	heteronímia (a palavra tem outro radical para indicar o sexo)	mulher, amazona, dama, sóror (ou soror), madrinha, vaca, égua, abelha, peixe-mulher, arará

* O VOLP registra a forma “elefoa” como feminino de elefante. A forma “aliá” é o feminino de elefante asiático. É bom dizer que nem todos os substantivos masculinos terminados em -

e apresentam correspondente feminino. Veremos isso em "gêneros uniformes".

* Há muita discussão desnecessária em cima da palavra presidenta e outras, pois as palavras terminadas em **-ente** (agente, vidente, regente...) são comuns de dois gêneros, mas a verdade é que o órgão oficial responsável por dizer qual grafia é correta na nossa língua é a ABL, mais especificamente o VOLP, o qual registra presidenta, almiranta, generala, marechala, coronela, capitã, sargenta, marinheira, aspiranta, soldada, infanta (mulher de infante), alfaiata, mestra, parenta, hóspeda etc. Já brigadeira, majora, tenenta, comandanta, chefa, (sub)oficiala e caba são formas inexistentes na língua, segundo o VOLP. Alguns gramáticos, como Sacconi e Bechara, e alguns dicionários, como o Aulete e o Michaelis, registram a forma (sub)oficiala. Bechara ainda observa bem que "na hierarquia militar, parece não haver uma regra generalizada para denominar as mulheres da profissão", isto é, arbitrariamente os militares ignoram o VOLP por força da tradição e entendem tais patentes como substantivos uniformes (comum de dois): "A sargento Luísa concedeu uma entrevista ao jornal." ou "O sargento Luís concedeu uma entrevista ao jornal.". Veremos mais sobre isso à frente, em "gênero uniforme".

[1] **Exceções**: barão > baronesa; cão > cadela; ladrão > ladra (o VOLP registra ladrona e ladroa); sultão > sultana; aldeão > aldeã ou aldeoa; anfitrião > anfitriã, anfitrioa; varão > varoa, virago, matrona; vilão > vilã, viloa.

[2] **Exceções**: judeu > judia; sandeu > sandia.

→Por favor, não erre mais questões em que os substantivos "milhão, bilhão, trilhão" etc. e "milhares" são colocados como femininos. Eles não são femininos! Exemplo: "**Duas milhões** de pessoas assistiram ao filme." (Errado) / **Dois milhões** de pessoas assistiram ao filme. (Certo). O **determinante** ficará no masculino, hein! Falarei mais sobre isso no capítulo de *Concordância*.

Para quem interessar possa, creio que isto que você vai ler muda algumas "coisinhas" (reflita!):

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

CASA CIVIL

SUBCHEFIA PARA ASSUNTOS JURÍDICOS

LEI Nº 12.605, DE 3 DE ABRIL DE 2012.

Determina o emprego obrigatório da flexão de gênero para nomear profissão ou grau em diplomas.

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º As instituições de ensino públicas e privadas expedirão diplomas e certificados com a flexão de gênero correspondente ao sexo da pessoa diplomada, ao designar a profissão e o

grau obtido.

Art. 2º As pessoas já diplomadas poderão requerer das instituições referidas no art. 1º a reemissão gratuita dos diplomas, com a devida correção, segundo regulamento do respectivo sistema de ensino.

Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 3 de abril de 2012; 191º da Independência e 124º da República.

DILMA ROUSSEFF

Aloizio Mercadante

Eleonora Menicucci de Oliveira

Confira:

http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/lei%2012.605-2012?OpenDocument

Eh... agora se dirá "Fulana de Tal é torneira-mecânica ou bombeira-hidráulica".

"Mudando de pato pra ganso"... voltemos ao que interessa...

Existem substantivos que apresentam apenas uma forma para se referir a ambos os sexos (masculino ou feminino). O substantivo **comum de dois gêneros** só se refere a pessoas e tem seu gênero e sexo indicado por determinantes (masculinos e femininos). O substantivo **sobrecomum** só se refere a pessoas e tem seu gênero indicado por um determinante apenas (ou masculino, ou feminino), que serve para ambos os sexos. O substantivo **epiceno** refere-se a animais e plantas e tem seu gênero indicado por determinantes (masculinos e femininos; o sexo é indicado pelos adjetivos "macho" e "fêmea").

Vejamos agora o **gênero uniforme**:

Comum de dois[1]	Sobrecomum[2]	Epiceno[3]
o Darci / a Darci	o cônjuge	o jacaré macho/fêmea
um dentista / uma dentista	o carrasco	a pulga macho/fêmea
meu gerente / minha gerente	o ídolo	o tigre macho/fêmea*
algum cliente / alguma cliente	o algoz	o musgo macho/fêmea
quantos jovens / quantas jovens	a vítima	o mamoeiro macho/fêmea
estes colegas / estas colegas	a criatura	o pinheiro macho/fêmea
dois agentes / duas agentes	a testemunha	a cobra macho/fêmea
diplomata sério / diplomata séria	a pessoa	a barata macho/fêmea

[1] Os substantivos terminados em **-ista** são comuns de dois gêneros. Curiosidade: o/a personagem, o/a modelo, o/a manequim, o/a sósia; tanto faz. Nas corporações militares, diz-se o/a militar, o/a sargento, o/a tenente etc., mas o cabo e o major (sobrecomuns).

[2] Em linguagem popular, ou por razões estilísticas, encontramos a carrasca, a ídola, a chefa... Não são formas da língua culta!
[3] Podemos indicar o sexo também da seguinte maneira: *o macho do* rouxinol / *a fêmea do* rouxinol. Ah! *Tigresa* é a fêmea do *tigre*, segundo o VOLP.
* Um gramático diz que tigresa está mais para adjetivo, e o "comédia" do Sacconi (desculpe revelar, é ele) ainda me diz que tigresa é... a Camila Pitanga. Quando li a primeira vez, não cri, mas ri muito!

Gêneros Confundíveis

Algumas palavras podem gerar confusão, não é? Por exemplo, é **o** champanha ou **a** champanha? É um substantivo masculino. O VOLP diz que o substantivo champanh**e** pode ser masculino ou feminino. Tanto faz. Eu vou me basear no VOLP para alistar os substantivos, pois ele é o veículo oficial responsável por dizer como deve ser a grafia das palavras. Vejamos alguns:

Masculinos

o aneurisma, **o** apêndice, **o** champanha, **o** clã, **o** dó, **o** eclipse, **o** eczema, **o** guaraná, **o** magma, **o** matiz, **o** plasma, **o** gengibre, **o** clarinete, **o** mármore, **o** formicida, **o** herpes, **o** magazine, **o** maracujá, **o** lança-perfume, **o** pernoite, **o** púbis, **o** telefonema, **o** alvará, **o** estratagema, **o** pampa, **o** soprano...

Obs.: Os nomes de letra de alfabeto também são masculinos: **o** a, **o** b, **o** c...

Femininos

a musse, **a** picape, **a** faringe, **a** cólera (ira), **a** bacanal, **a** grafite, **a** libido, **a** aguardente, **a** alface, **a** couve, **a** cal, **a** comichão, **a** derme, **a** dinamite, **a** ênfase, **a** entorse, **a** gênese, **a** omoplata, **a** sentinela, **a** mascote, **a** apendicite, **a** pane, **a** ferrugem, **a** matinê, **a** echarpe...

Masculinos ou Femininos

o/a diabete(s), **o/a** pijama, **o/a** tapa, **o/a** suéter, **o/a** laringe, **o/a** cólera (doença), **o/a** dengue (doença), **o/a** agravante, **o/a** cataplasma, **o/a** gênesis, **o/a** omelete, **o/a** xérox, **o/a** usucapião, **o/a** ágape, **o/a** componente, **o/a** hélice (usual no fem.), **o/a** ordenança, **o/a** avestruz, **o/a** gambá, **o/a** sabiá, **o/a** amálgama, **o/a** travesti...

Obs.: Para substantivos epicenos, pode-se dizer também "o sabiá macho/fêmea" ou "a sabiá macho/fêmea".

Nunca é demais dizer que alguns substantivos são ou podem ser considerados de um

determinado gênero a partir de uma palavra que vem subentendida entre o artigo e o substantivo. Veja alguns exemplos:

– ***O*** *(rio) Amazonas é enorme.*

– ***A*** *saudosa (cidade) Petrópolis me inspira.*

– *Ontem eu peguei* ***a*** *(avenida) Brasil engarrafada.*

– ***A*** *(banca) Cespe/UnB cria provas bem complexas*.*

– *Eu gosto d****o*** *(vinho) champanha e d****o*** *(charuto) havana.*

– ***O*** *(gato) angorá é um bicho curioso.*

– ***A*** *(rede) Globo exerce grande influência nas pessoas.*

* O gramático Luiz Antonio Sacconi é rígido no caso das siglas. Diz ele que o determinante deve concordar em gênero com a primeira palavra da sigla, logo, segundo tal lição, deveria ser "O Cespe/UnB cria provas bem complexas", pois o C de Cespe refere-se a Centro.

Mudança de Sentido

Dependendo do gênero do mesmo substantivo, pode haver mudança de sentido.

Feminino	Masculino
a cabeça (parte do corpo)	o cabeça (líder, chefe)
a capital (cidade)	o capital (dinheiro, bens)
a lotação (capacidade)	o lotação (automóvel)
a moral (valor, ética, conclusão)	o moral (ânimo, autoestima)
a rádio (estação)	o rádio (objeto)
a caixa (objeto)	o caixa (funcionário)
a cisma (desconfiança)	o cisma (separação)
a crisma (cerimônia católica)	o crisma (óleo santo)
a águia (animal)	o águia (pessoa esperta)
a cabra (animal)	o cabra (pessoa valente)
a grama (relva)	o grama (unidade de peso)
a banana (fruta)	o banana (pessoa covarde, palerma)

Questões relativas ao gênero dos substantivos são bem raras. Em concurso militar, até se encontram algumas, como esta:

35. (FAB – EAGS – Sargento da Aeronáutica – 2010) Observe:

José,____ testemunha, chegou ao tribunal com ____ sósia como acompanhante e também com ____ champanha embaixo do braço. Resolveu dar ____ telefonema surpreendente, ocasião em que tropeçou, obtendo ____ entorse no joelho.

Qual alternativa preenche correta e respectivamente as lacunas do texto acima?

a) o, o, o, um, uma
b) o, a, a, uma, um
c) a, o, o, um, uma (gabarito!)
d) a, a, a, uma, um

Recado final: Preciso dizer que existem mais 380.000 palavras na língua e que, consequentemente, haverá muitas curiosidades envolvendo muitas palavras? Logo, sempre consulte o VOLP e os dicionários consagrados para dirimir suas dúvidas sobre o gênero delas.

Agora vamos conhecer um pouco mais sobre **variação em número.** O plural dos substantivos compostos ainda é cobrado em provas, então fique atento às regras à frente.

Variação em Número

O substantivo varia no plural, pelo acréscimo de desinência de número (**-s**), a fim de indicar quantidade. Carros indica mais de um carro; mistos-quentes indica mais de um misto-quente. **Essa é a regra geral**!

Veja mais exemplos: casa > casas, pele > peles, saci > sacis, cipó > cipós, chapéu > chapéus, troféu > troféus, degrau > degraus etc.

Há, porém, outras maneiras de pluralizar um substantivo. Vejamos agora as regras para os substantivos **simples** (aqueles que têm apenas um radical) e, depois, para os substantivos **compostos** (aqueles que têm mais de um radical).

Regras dos Simples

Singular	Terminação	Plural
chão, vão, mão, grão (exceto cão e pão); órgão, sótão, bênção, acórdão	-ão / **-s** (monossílabos e paroxítonos)	chãos, vãos, mãos, grãos (cães e pães); órgãos, sótãos, bênçãos, acórdãos
cristão, cidadão, irmão, pagão, demão	-ão / **-s** (oxítonos)	cristãos, cidadãos, irmãos, pagãos, demãos
alemão, capelão, capitão, escrivão, sacristão, tabelião, catalão	-ão / **-es** (oxítonos)	alemães, capelães, capitães, escrivães, sacristães, tabeliães, catalães
leão, sabão, caixão, canhão, folião, estação, visão, razão, limão, nação	-ão / **-ões** (oxítonos) – a maioria se faz assim	leões, sabões, caixões, canhões, foliões, estações, visões, razões, limões, nações
anão, ancião, aldeão, artesão, corrimão, cirurgião, charlatão, ermitão, faisão, guardião, refrão, sacristão, verão, vilão, zangão	-ão / **-s**, **-es**, **-ões** (oxítonos) – mais de uma forma de plural	anãos/ões, anciãos/es/ões, aldeãos/es/ões, artesãos/ões*, corrimãos/ões, cirurgiães/ões, charlatães/ões, ermitãos/es/ões, faisães/ões, guardiães/ões, refrães/ões, sacristães/ões, verãos/ões, vilão/es/ões, zangãos/ões
canal, quintal, anel, carretel, álcool, farol, paul, Raul	-al, -el, -ol, -ul / **-is**[1]	canais, quintais, anéis, carretéis, álcoois (ou alcoóis), faróis, pauis, Rauis
perfil, funil, barril, fóssil, têxtil, míssil	-il / **-s** (oxítonos), **-eis** (paroxítonos)[2]	perfis, funis, barris, fósseis, têxteis, mísseis
bombom, fim, refém, totem, dom	-m / **-ns**	bombons, fins, reféns, totens (ou tótemes, plural de tóteme), dons
abdômen, hífen, pólen, nêutron	-n / **-s**, **-es**[3]	abdomens ou abdômenes, hifens ou hífenes, polens ou pólenes, neutrons ou nêutrones
hambúrguer, *caráter*, par, *sênior*, *júnior*	-r / **-es** (em alguns, há deslocação da tônica)	hambúrgueres, *caracteres*, pares, *seniores, juniores*
lilás, mês, revés, obus / (o) pires, atlas (grande), (nosso) ônibus, (excelente) ourives, (um) cais, (um) xis / fezes, núpcias, óculos, víveres, pêsames	-s / **-es** (monossílabos e oxítonos) / pluralizados pelo determinante / sempre pluralizados (por formação)	lilases (ou os lilás), meses, reveses, obuses / os pires, atlas grandes, nossos ônibus, excelentes ourives, dois cais, dois xis / aquelas fezes, as núpcias, *meus* óculos, aqueles víveres, nossos pêsames
(uma) xérox, (meu) tórax, (a) ônix, (poderosa) fênix; *fax, sax e box**	-x / pluralizados pelo determinante	três xérox, meus tórax, as ônix, poderosas fênix; *faxes, saxes e boxes* (alguns estudiosos abonam!)
gravidez, arroz, giz, raiz, paz	-z / **-es**	gravidezes, arrozes, gizes, raízes, pazes

* **artesões** só será plural de **artesão** quando for "enfeite de abóbada".
[1] **Exceções**: **aval** (avais, avales), **cal** (cais, cales), **cônsul** (cônsules), **fel** (féis, feles), **gol** (gois, goles, *gols* (esta é mais usual e reconhecida pelo VOLP), **mal** (males), **mel** (méis, meles), **mol** (móis, moles, mols).
[2] Cuidado com **réptil** e **projétil**, pois tais palavras também podem ser oxítonas (**reptil** e **projetil**), logo há dois plurais para cada: **reptis/répteis**; **projetis/projéteis**. O plural de **til** é **tiles** ou **tis**.
[3] O plural de **cânon** é **cânones**, e de **éden**, **edens**.
* Existem alguns substantivos terminados em **-x** que apresentam formas variantes terminadas em **-ce**; nesses casos, não variamos a forma terminada em **-x**, mas variamos a outra: o cálix ou o cálice > os cálix ou os cálices; o códex ou o códice > os códex ou os códices; o córtex ou o córtice > os córtex ou os córtices; o índex ou o índice > os índex ou os índices; a fênix ou a fênice > as fênix ou as fênices; o clímax ou o clímace > os clímax ou os clímaces etc. Ainda, por força da tradição, se recomenda que tais palavras não variem!

Veja mais!

Plural de substantivos no diminutivo (zinhos/zitos)

Coloca-se a palavra no plural, retira-se o **-s**, junta o sufixo e "voilà"!

– **balão** > balões > balõe + zinhos = **balõezinhos**
– **cão** > cães > cãe + zitos = **cãezitos**
– **flor** > flores > flore + zinhas = **florezinhas**
– **português** > portugueses > portuguese + zinhos = **portuguesezinhos**
– **paz** > pazes > paze + zinhas = **pazezinhas**

Plural de substantivos próprios, de palavras substantivadas, de letras e de siglas

Os **substantivos próprios** variam normalmente:

– *Os **Fernandos** e os **Joões** normalmente chamam a atenção de todos (para o bem ou para o mal): Fernando Collor de Mello, Fernandinho Beira-Mar, Fernando Henrique Cardoso, Fernando Pestana, São João, Dom João VI, Joãozinho Trinta etc.*

Obs.: Segundo o excepcional Carlos Rocha, "em relação aos nomes que referem organizações e instituições de diferente natureza (religiosa, política, desportiva) ou marcas comerciais, a pluralização indicia uma metonímia, em que se transfere a sua aplicação para os membros dessas organizações ou para os itens dessa mesma marca comercial. Assim, os 'Jeovás' é uma designação de tom depreciativo que designa os membros das Testemunhas de Jeová; os 'Nokias' são os celulares da marca Nokia".

As **palavras substantivadas** variam normalmente:

– *Aquela aluna passou na prova dos **noves**, com dois **oitos** consecutivos. Não houve um **isso** que a reprovássemos.*

Obs.: Os numerais terminados em **-s** (três) e em **-z** (dez) não se pluralizam. Bechara abona "dezes".

As "letras", no plural, se dobram ou se escrevem por extenso:

– *Temos de colocar os pingos nos **ii** ou nos **is**? Tanto faz! Coloca logo esses pingos!*

As siglas se pluralizam com um modesto **s** minúsculo ao fim:

– *Comprei vinte **DVDs** para presentear meus parentes e amigos.*

Plural do substantivo em núcleo de locução adjetiva

O substantivo é colocado no plural quando a expressão sugerir que há mais de um elemento dentro de um objeto, lugar ou grupo: caixa de **fósforos**, talão de **cheques**, loja de **brinquedos**, cesta de **frutas**, grupo de **alunos**, par de **luvas** etc.

No entanto, se tal ideia não for sugerida, o substantivo de fora da locução ficará no plural para indicar a ideia plural: **discos** de platina, **sócios** da empresa, **canecas** de vinho, **taças** de cristal, **papéis** de embrulho etc.

Plural metafônico

Alguns substantivos no plural têm sua pronúncia modificada, como é o caso de ovo (**ô**vo) > ovos (**ó**vos). Veja alguns que ficam com o timbre aberto no plural: miolo, choro, corvo, despojo, destroço, caroço, poço, posto, forno, corno, fosso, coro, esforço, imposto, jogo, olho, osso, porco, porto, rogo, socorro, troco...; infelizmente alguns pensam que é aberto o timbre dos substantivos dorsos, bolsos, cachorros, morros, rolos, rostos, sogros... mas não são.

Não se pluralizam certos substantivos

Existem substantivos chamados de **não contáveis**, pois não podem ser enumerados. Normalmente, denotam alguns metais e alguns produtos alimentícios. Os abstratos, entretanto, são a maior parte desses substantivos não pluralizáveis. Vejamos alguns: cobre, prata, ferro, aço, ouro, sumo, vinho, água, açúcar, leite, coragem, eletricidade, saudade, amor, liberdade, fogo, norte, leste, oeste, fé etc.

Em linguagem figurada, podem tais palavras variar. É interessante dizer que "amores" e "liberdades", conotam, respectivamente, "carinho" e "intimidade": "Como estão, meus amores?" e "Eu não te dou essas liberdades, hein!".

Substantivos no singular com sentido plural

Quando certos substantivos são tomados com sentido genérico, a ideia é plural. Veja:

*– Definitivamente, o **homem** (= homens) precisa respeitar a mulher.*
*– O **índio** (= os índios) foi, está e continuará sendo massacrado?*
*– Sem dúvida nenhuma, a **mulher** (= as mulheres) já conquistou seu espaço.*

Plural dos substantivos estrangeiros

Segundo Cegalla, "substantivos ainda não aportuguesados devem ser escritos como na língua original, acrescentando-se-lhes um **s** (exceto quando terminam em **s** ou **z**). Exemplos: os shorts, os dancings, os shows etc.".

Mudança de Sentido

Dependendo do número do mesmo substantivo, pode haver mudança de sentido.

Singular	Plural
ar (substância atmosférica)	ares (condição climática, aparência)
bem (virtude)	bens (propriedades)
costa (litoral)	costas (dorso)
pau (pedaço de madeira)	paus (baralho)
sentimento (sensibilidade)	sentimentos (pêsames)
vencimento (validade)	vencimentos (salário)
vergonha (humilhação)	vergonhas (órgão sexual)
féria (remuneração diária)	férias (descanso)
letra (símbolo gráfico)	letras (literaturas)
fogo (elemento)	fogos (de artifício)

Se não me esqueci de nada importante, vamos à **variação em grau** agora! Ah...! Sabia que estava me esquecendo de alguma coisa... Uma das partes mais relevantes para os concursos: **plural dos substantivos compostos**. Venha comigo!

Regras dos Compostos

Em condições normais de temperatura e pressão, os **substantivos**, os **adjetivos**, os **numerais** e os **pronomes** que fazem parte do substantivo composto variam em número. Veja:
*– Os **tenentes-coronéis** (subst. + subst.) foram convidados para a reunião.*
*– Estes **alunos-mestres** (subst. + subst.) desempenham bem o papel de professor.*
*– Comprei dois **cachorros-quentes** (subst. + adj.) bem saborosos naquela barraca.*
*– Ah, os **arrozes-doces** (subst. + adj.) da mamãe! Quanta saudade!*
*– Os **capitães-mores** (subst. + adj.) eram autoridades que comandavam certas milícias.*
*– Os **baixos-relevos** (adj. + subst.) são bastante utilizados na decoração arquitetônica.*
*– Todos os **gentis-homens** (adj. + subst.) são sedutores.*

*– Não tenho tratos com **maus-caracteres** (adj. + subst.), meu nobre!*
*– Convidaram os **surdos-mudos** (adj. + adj.) para o discurso em LIBRAS.*
*– Quem não odeia todas as **segundas-feiras** (num. + subst.)?*
*– Dentre os **primeiros-ministros** (num. + subst.) ingleses, Churchill marcou a história.*
*– Os **meios-fios** (num. + subst.) estão muito mal conservados.*
*– Os **seus-vizinhos** (pron. + subst.) ficam entre o dedo médio e o mínimo.*
*– Fizeram **poucos-casos** (pron. + subst.) dos rapazes.*

– Se o substantivo composto formado por **subst. + subst.** indicar adição, como se houvesse um **e** entre eles, ambos irão variar: tenente-coronel (tenentes-coronéis), tio-avô (tios-avôs), abelha-mestra (abelhas-mestras), padre-mestre (padres-mestres), traqueia-artéria (traqueias-artérias), comandante-chefe (comandantes-chefes) etc. Consulte o VOLP para ter certeza do plural de substantivos compostos desse tipo.
– Certos pronomes invariáveis mantêm sua invariabilidade: "Vocês são dois **joões-ninguém**." ou "Esquecemos os **cola-tudo** na loja!". Mas: "Não me importam os **tudos-nadas** (ou tudo-nadas).".
– Se o substantivo for invariável, também não varia no composto: "Foram comprados cinco **porta-lápis**, depois mais um **porta-lápis**".

Agora, em condições normais de temperatura e pressão, as demais classes gramaticais **não** variam em número (**verbo, advérbio, conjunção, preposição, interjeição**). Veja:
*– Aquelas **porta-bandeiras** (verbo + subst.) sabem o que é samba.*
*– Nunca se viram **beija-flores** (verbo + subst.) tão garbosos como esses.*
*– Vamos lutar para os **abaixo-assinados** (adv. + adj.) serem aceitos.*
*– Os **alto-falantes** (adv. + adj.) foram desligados*.*
*– Não confie nestas três **leva e traz** (verbo + conjunção + verbo; sem hífen).*
*– Seus **cães de guarda** (subst. + prep. + subst.) continuam bem ferozes.*
*– O padre fez os garotos rezarem mais de dez **ave-marias** (interj. + subst.).*

* Nesta palavra, **alto** é visto como advérbio pelos gramáticos, por isso não varia.
– Não me custa relembrar que o verbo **parar** perdeu o acento, inclusive nos substantivos compostos: "para-choque, para-brisa, para-lama" etc. Em **paraquedas** e seus derivados, houve perda do hífen. Fique esperto!

Como nem tudo são flores nesta vida, há certas regrinhas especiais para os substantivos compostos. Precisamos falar delas, meu nobre. Cuidado com algumas palavras que perderam

o hífen! Vejamos:

1) Os **não separados por hífen** seguem as regras dos substantivos simples:

– **fidalgos**, **madressilvas**, **pontapés**, **girassóis**, **mandachuvas**, **vaivéns**, **malmequeres** (mas: bem-me-quer > **bem-me-queres**, com hífen)

2) Se o **2º** substantivo **delimitar** o **1º** indicando semelhança/finalidade, normalmente, ambos os elementos poderão variar (é normal que só o 1º varie nas provas de concurso):

– **peixes**-espada(s), **papéis**-moeda(s), **homens**-rã(s), **bananas**-maçã(s), **pombos**-correio(s), **salários**-família(s), **públicos**-alvo(s), **navio**-escola(s), **bombas**-relógio(s), **banhos**-maria(s)...

Obs.: Na contramão do que dizem 99,99% dos gramáticos, o VOLP diz que o plural de **couve-flor** é duplo: **couves-flor** ou **couves-flores**. Para os 99,99%, o plural é um só: **couves-flores**. Segundo o VOLP, o plural de **lugar-tenente** é **lugares-tenentes**; para Bechara, é **lugar-tenentes**. O plural de **mestre-sala** só é **mestres-salas**, segundo o VOLP e os principais dicionários, como o Aulete, o Houaiss etc. Tomara que essa "bagunça" não caia na prova! Vai dar M.

3) Se o substantivo composto estiver formado por **substantivo + preposição + substantivo**, só o 1º irá variar:

– **pés** de moleque, **mulas** sem cabeça, **comandantes** em chefe, **pores** do sol, **bolas** ao cesto, **calcanhares** de aquiles, **pais** dos burros, **bichos** de sete cabeças, **rosas** dos ventos, **mestres** de cerimônias etc.

Cuidado!!!

– As últimas quatro palavras já apresentam, no singular, o último elemento pluralizado por natureza: pai dos burros, bicho de sete cabeças, rosa dos ventos, mestre de cerimônias. Não obstante, aplica-se a regra: só o 1º elemento varia no plural.

– **Fora da lei** é invariável, pois fora é advérbio; pluraliza-se pelo determinante: "**Os fora da lei** foram presos.".

– Em **cavalo-vapor**, só o primeiro elemento varia (**cavalos-vapor**), pois está implícita a preposição **a** (cavalos **a** vapor).

– Mantêm o hífen os compostos relativos a espécies botânicas e zoológicas e certas exceções, no entanto nada muda quanto à pluralização: **pimentas-do-reino**, **copos-de-leite**, **galinhas-d'angola**, **abelhas-da-europa**, **águas-de-colônia**, **arcos-da-velha**, **cores-de-rosa** (quando cor-de-rosa é adjetivo composto, não varia). O substantivo louva-a-deus (inseto) só varia pelo determinante: **os louva-a-deus**, pois louva é verbo e não substantivo.

– A palavra **grão de bico/grão-de-bico** é interessante, pois a primeira grafia é a "pastinha" preparada com a semente; a segunda grafia é a semente (espécie botânica).O plural não muda: **grãos de bico** ou **grãos-de-bico.**

4) Os elementos abreviados **grã-**, **grão-**, **bel-, dom-, são-** são invariáveis; o outro elemento varia normalmente:

– **grã**-duquesas, **grã**-cruzes, **grão**-mestres, **grão**-priores, **bel**-prazeres, **bel**-valenses, **dom**-juanescos, **dom**-rodrigos, **são**-beneditenses, **são**-bernardos...

5) Se o substantivo indicar **origem**, só o 2º irá variar:

– nova-**iorquinos**, afro-**brasileiros**, ítalo-**americanos**, anglo-**americanos**, afro-**asiáticos**...

6) Em substantivos compostos por **verbos iguais**, ambos podem variar (em prova de concurso, é normal só o 2º variar):

– corre(s)-**corres**, ruge(s)-**ruges**, pega(s)-**pegas**, pisca(s)-**piscas**... mas: lambe-**lambes**.

7) Em substantivos formados por **onomatopeias**, só o último elemento varia:

– tique-**taques**, pingue-**pongues**, bangue-**bangues**, reco-**recos**, bem-te-**vis**...

8) Em substantivos compostos formados por **frases substantivadas**, não haverá pluralização de nenhum elemento; só o determinante indicará o plural:

– **as** maria vai com as outras, **os** bumba meu boi, **as** leva e traz, **os** entra e sai, **os** disse me disse, **os** chove não molha, **as** comigo-ninguém-pode (espécie botânica é com hífen).

Obs.: Segundo alguns gramáticos, como Bechara, os substantivos compostos formados por verbos de significação oposta não variam, por isso "leva e traz, perde-ganha, vai-volta, pega-larga" só se pluralizam pelo determinante: os leva e traz, os perde-ganha, os vai-volta, os pega-larga.

9) Se o substantivo composto estiver formado por **guarda** (verbo) + **substantivo**, só o 2º elemento irá variar; se **guarda** (subst.) + **adjetivo**, ambos variam:

– guarda-**chuvas**, guarda-**roupas**, guarda-**cartuchos**...; **guardas-civis**, **guardas-noturnos, guardas-florestais**...

Obs.: Segundo o VOLP, o plural de **guarda-marinha** é triplo: **guardas**-marinha, guarda-**marinhas** ou **guardas-marinhas**.

10) Alguns casos especiais: os arco-íris (os arcos-íris, segundo o VOLP), os sem-terra, os sem-teto, os sem-dinheiro, os sem-sal, os sem-vergonha (tais vocábulos não pluralizam, pois são adjetivos compostos substantivados), os mapas-múndi, claros-escuro(s), xeques-mate(s), padre(s)-nossos, salvo(s)-condutos, mal-estares, bem-estares, micos-leão-

dourados ou micos-leões-dourados, todo-poderosos (Todo-poderoso – invariável, Deus).

Obs.: O substantivo **toda-poderosa** não existe, a forma culta é **todo-poderosa**: "Fulana é a todo-poderosa da empresa.". Substantivo composto formado por prefixo, como **vice-campeão**, não deveria se encaixar na regra dos "compostos", pois prefixo forma palavra "derivada", não "composta". Deixando a crítica de lado, saiba que os prefixos não variam nunca, logo **vice-campeões** é o plural correto.

Curiosidade final:

ABL RESPONDE

Pergunta: Bom dia. Parece bobeira o que vou perguntar, mas elucidem de uma vez por todas, como se escreve aquela posição em que o jogador de futebol fica na lateral direita (com hífen ou sem hífen)? Por quê? E a jogadora (termo feminino) que fica nessa posição, como se chama, lateral-direita? Agradeço desde já os esclarecimentos.

Resposta: Prezado, há divergências entre dicionários quanto à grafia desta palavra [o Dicionário Aulete a considera assim: lateral-direito(a), lateral-esquerdo(a)] ou locução [o Dicionário Houaiss a trata assim: lateral direito(a), lateral esquerdo(a)]. O VOLP não considera como termo composto nem como locução, traz apenas a forma lateral. Enquanto não há um consenso, sugerimos obediência ao VOLP, isto é, o substantivo lateral acompanhado do adjetivo conveniente que poderá ser direito ou esquerdo.

Variação em Grau

De acordo com José R. Macambira, "toda palavra variável que aceita os sufixos **-inho** e **-ão**, correspondentes a **pequeno** e **grande**, pertence à classe dos substantivos: casa > casinha > casa pequena; casa > casarão > casa grande.

"Mas, enfim, o que é variação em grau?" O substantivo varia em grau quando exprime sua dimensão aumentada ou diminuída, a depender do uso de adjetivos e sufixos ligados a ele.

Existem dois graus dos substantivos: **aumentativo** (analítico e sintético) e **diminutivo** (analítico e sintético). A forma analítica se dá por meio do uso de adjetivos que aumentam ou diminuem o tamanho (ou intensidade) normal que exprime um substantivo. Já a forma sintética se dá, normalmente, por meio do uso de sufixos. É por isso que não se pode falar em flexão em grau dos substantivos, mas sim derivação, pois na gradação se usam afixos.

Aumentativo

Forma analítica (adjetivos): **celular** grande, **computador** enorme, **espaço** imenso, **engarrafamento** monstro, **festa** colossal, **obra** gigantesca, **luta** apoteótica, **sucesso** tremendo, **ritmo** vertiginoso, **previsão** incrível, **atrasos** homéricos etc.

Forma sintética (sufixos):

–**aço(a)**: barcaça, louraça, morenaço
–**alho(a)**: muralha, gentalha, politicalho
–**alhão**: grandalhão, facalhão
–**ama**: poeirama, dinheirama
–**anzil**: corpanzil
–**(z)ão**: lobão, caldeirão, apertão, bofetão, calorão, bonzão, amarelão, azulão...
–**arra**: bocarra, bicarra
–**astro**: poetrasto, politicastro
–**arraz**: fatacaz, pratarraz
–**ázio**: copázio, balázio
–**az**: lobaz, cabronaz
–**aréu**: fogaréu, povaréu
–**eima**: guloseima, boleima
–**ento**: farturento, corpulento
–**eirão**: vozeirão, chapeirão
–**ola**: beiçola
–**orra**: cabeçorra, cachaporra
–**uço(a)**: dentuça, dentuço
–**udo**: pançudo, maçudo

–**zarrão**: homenzarrão, canzarrão

Obs.: Muitos substantivos são formados por prefixação ou composição: maxissaia, maxidesvalorização, supermercado, hiperalimentação, supradivino, ultrassensível, megagrife etc.

Diminutivo

Forma analítica (adjetivos): **televisão** pequena, **cadeira** pequenina, **sala** minúscula, **estoque** ínfimo, **jardim** diminuto, **apoucado** recurso etc.

Forma Sintética (sufixos):

– **acho(a)**: riacho, fogacho
– **ebre**: casebre
– **eco(a)**: jornaleco, soneca, padreco
– **ela**: viela, rodela, ruela
– **(z)elho(a)**: fedelho, rapazelho
– **ejo**: lugarejo, vilarejo
– **ete**: artiguete, boquete, falsete
– **eto(a)**: saleta, boceta, folheto
– **ilha**: cartilha, esquadrilha
– **icho(a)**: cornicho, barbicha
– **(z)ito(a)**: Manuelito, cãozito, cabrita
– **ino(a)**: pequenina, violino
– **im**: espadim, flautim
– **(z)inho**: colherzinha (ou colherinha), florzinha (ou florinha),
– **isco**: asterisco, chuvisco
– **oca**: engenhoca, bitoca
– **ote(a)**: filhote, serrote, velhote
– **ola**: rapazola, fazendola, portinhola
– **usco(a)**: chamusco
– **ucho(a)**: gorducho, papelucho

Estes são **eruditos** (normalmente de origem latina):

– **ículo(a)**: cubículo, gotícula
– **ulo(a)**: glóbulo, grânulo
– **únculo(a)**: questiúncula, molécula
– **úsculo(a)**: corpúsculo, opúsculo

Obs.: Muitos substantivos são formados por composição: minissaia, minibiblioteca, minidicionário etc.

Formas Estilísticas

Formas estilísticas de grau dos substantivos são aquelas que fogem à ideia normal de grau, acrescentando sentidos extras a eles. Normalmente encontramos tais formas em registros mais informais e literários.

Os sufixos aumentativos (normalmente **-ão**) e diminutivos (normalmente **-(z)inho**) podem apresentar outras ideias, além de grandeza e pequenez. Carinho, afeto, admiração, ironia, desprezo, depreciação, vergonha e intensidade são valores que vêm embutidos em muitos substantivos, a depender do contexto. Veja:

– *Ok,* ***sabichão*** *e* ***sabichona****, vocês nunca erram.* (ironia)
– *Aquele homem não passa de um* ***padreco****!* (depreciação)
– *Nossa! Que* ***carrão****!* (admiração)
– ***Gatinha****, como faço para você fazer ronrom?* (afeto, carinho)
– *Aquele* ***timinho*** *só tem* ***mauricinho****.* (desprezo, deboche)
– *Não dou moral alguma para* ***gentalha****.* (desprezo)
– *Bebeu demais e fez um* ***papelão****.* (vergonha)
– *Eu te amo, meu* ***paizão***! (carinho, afeto)
– ***Amorzinho****, cala essa tua boquinha agora.* (ironia)
– ***Amorzinho****, que* ***boquinha*** *linda você tem.* (afeto, carinho)
– *Não leio* ***livrecos****; odeio literatura de massa.* (desprezo, depreciação)
– *Incrível! Estou para ver um* ***golaço*** *como este.* (admiração)
– *Amanda sempre foi um* ***mulherão****, mas agora está uma* ***mulheraça****!* (admiração)
– *Não tomo minha* ***cervejinha*** *com esse* ***frangote****.* (afeto/desprezo)
– *Enfim, comprei um* ***zerinho****! Que carro!* (intensidade)

Muito interessante isso, não? O que é mais interessante ainda é que tais sufixos, principalmente **-inho** e **-ão** (como em certa propaganda do "cervejão"), se fixam a adjetivos, pronomes, numerais, advérbios etc., porque têm enorme vitalidade na língua. Veja:

– *Ela é* ***lindinha****! Que nada, é* ***lindona****!* (adjetivo)
– *"Poxa, professor, mostra uma questão para mim..." "****Nenhuminha****!"*(pronome)
– ***Essazinha*** *não vale o que come...* (pronome)
– *Quero só um beijo,* ***unzinho*** *só.* (numeral)
– *Caramba, ele fala* ***rapidão****!* (advérbio)

Alguns **hipocorísticos** (qualquer palavra de forte valor afetivo, usado no trato familiar, que

representa uma simplificação ou modificação do nome) são criados com sufixos: Chiquinho, Nandinho, Xandão etc.

Obs.: Preciso dar este exemplo, ou não vou conseguir dormir. Eu (Pestana) tenho um amigo que é muito baixinho, quase do meu tamanho, e se chama Carlos. Por ironia, apelidaram-no de Carlão. Todo mundo passou a chamar o cara de Carlão. Pronto. Depois de um tempo... o sufixo **-ão** passou a fazer parte do radical, perdendo a ideia de grau (e de ironia). Os mais íntimos, sem trocadilhos, só o chamam hoje de Carlão**zinho**, por carinho, afetividade. Note que o sufixo diminutivo se ligou ao agora radical "Carlão". Eis a língua portuguesa... derivação em cima de derivação... Você deve ter um amigo que passou por esse "processo", não?

Outra forma estilística de grau se dá por meio da repetição da palavra ligada pela preposição **de**: "Danton Pedro dos Santos é o **mestre dos mestres**!". Ou como na Bíblia: "Jesus é o **Rei dos reis** e **Senhor dos senhores**!".

É bom dizer que alguns substantivos já perderam a ideia de grau: fogão, sapatão, cartão, cartaz, caixão, portão, caldeirão, colchão, calção, papelão, cartilha, calcinha, corpete, pastilha, folhinha (calendário), lingueta, cavalete, (o) lanterninha, (o) bandeirinha, sombrinha.

Hoje, você, eu e todo mundo dizemos assim: "Não deixe de fechar o **portãozinho** lá fora, por favor.". Percebe que o radical da palavra é **portão** (portão + zinho = portãozinho)? É isso aí. O **-ão**, um dia, fez parte do radical, mas, com o passar do tempo, tornou-se parte dele. "Muuuuuito" interessante, não é? Ou só eu que gosto dessas maluquices?

Veja agora uma questão sobre o valor estilístico do sufixo **-inho**:

5. (NCE/UFRJ – UFRJ – Técnico em Farmácia – 2009) "...vive pertinho do céu"; o valor do diminutivo no vocábulo sublinhado se repete em:
   a) A favela é um lugarzinho bonito;
   b) Os barracõezinhos das favelas cariocas são coloridos;
   c) A subida para os morros está coberta de papeizinhos;
   d) A polícia chegou rapidinho ao morro; (é um advérbio intensificado pelo sufixo)
   e) A lourinha ganhou o concurso de beleza.

A opção D é o gabarito, pois o sufixo **-inho**, quando ligado a adjetivos ou advérbios, indica intensidade. Rapidinho e pertinho equivalem a muito rápido e muito perto. Em a), o substantivo lugarzinho parece ter valor afetivo. Em b), idem. Agora, note o processo: barraco > barracão > barracõezinhos. Interessante! Em c), é papel pequeno. Em e), há um valor afetivo no substantivo.

Valor Discursivo

Se você nunca ouviu falar em **valor discursivo** de uma classe gramatical, é a hora!

Quando alguém produz um texto, na fala ou na escrita, ele está discursando. Dependendo da "intencionalidade discursiva", podemos perceber a função, o objetivo, o propósito da escolha das classes gramaticais na construção de um texto.

O substantivo tem o papel de nomear, certo? Mas, na construção do discurso, dependendo da intenção do produtor do texto na sua relação com seu interlocutor, o substantivo pode nomear de modo neutro ou de modo engajado.

Por exemplo, há uma diferença quando dizemos "Havia dois tipos de político naquela época: o ético e o antiético. O **antiético** não merecia nosso voto." para quando dizemos "Havia dois tipos de político naquela época: o ético e o antiético. O **canalha** não merecia nosso voto.". Percebe que a escolha do substantivo, em ambos os casos, revela a intenção do locutor do texto? Na primeira frase, usa-se o substantivo de modo neutro, sem engajamento, o que certamente não ocorre na segunda frase.

Portanto, os substantivos têm um papel não só nomeador, mas também revelador (por parte de quem o seleciona). A escolha do substantivo em um texto é realmente importante para indicar a verdadeira intenção de quem o produz.

Agora, mais do que isso, o substantivo tem um papel superimportante na **coesão textual**.

Muitas vezes, evita-se a repetição de um substantivo substituindo-o por outro substantivo (1) sinônimo, (2) homônimo, (3) hiperônimo ou (4) acompanhado de pronome demonstrativo. Tais vocábulos são **referenciadores**, pois fazem referência a um substantivo. Veja este texto:

"Gosto muito do **Flamengo**, mas **esse Flamengo** (4) de hoje vem me cansando. Saber que o **Mengão** (1) está em má fase provoca em mim uma revolta muito grande, pois meu grande **time** (3) é sinônimo de tradição e talento."

Ficou claro que o substantivo Flamengo foi substituído por outros para evitar a repetição e, assim, dar continuidade ao texto de maneira polida e clara?

Alguns **substantivos** podem ser usados com objetivo **resumitivo**. Por exemplo: "A mãe e o pai discutiam com a filha frequentemente por causa do namorado dela. O **imbróglio** se devia ao mau-caráter do rapaz.".

O substantivo **imbróglio** resume todo o período anterior. Interessante, não?

Em textos maiores, obviamente, encontramos mais referenciadores. Esta é a **função textual** de que tanto se fala hoje em dia nas provas, isto é, dentro do texto, qual é a função de uma palavra? No caso dos substantivos, adjetivos, artigos, pronomes, numerais e advérbios, a função é (trocando em miúdos) "fazer referência a palavras, substituir palavras para evitar a repetição".

Fiquemos por aqui! Falarei mais sobre isso no capítulo de *Coesão e Coerência*. Ah, nem

doeu, não é? Molezinha!

O Que Cai Mais na Prova?

De tudo que pode ser trabalhado em substantivo, fica claro que as bancas insistem em trabalhar **plural dos substantivos compostos**, portanto este é o filé! Em provas de nível fundamental preparadas por bancas de pouca expressão, cobram-se, normalmente, as classificações, o gênero e a quantidade de substantivos em um trecho.

Questões de Concursos

Mantive a ortografia não atual em questões antigas. Boa resolução!

1. (MPE-RJ (NCE) – Corregedoria Geral da Justiça/RJ – 1998) "Consistem meramente de demarcações..."; o vocábulo demarcação tem seu plural corretamente formado no texto. O item abaixo em que há um vocábulo cuja forma plural é unanimemente considerada como equivocada é:
   a) escrivães – tabeliães – cidadãos;
   b) aldeãos – aldeões – aldeães;
   c) artesãos – camaleões – vulcões;
   d) artesões – corrimãos – verões;
   e) guardiões – guardiães – charlatãos.

2. (FGV – SPTRANS – Especialista em Transporte – 2001) Os substantivos "prancheta, lobaz, muralha, nódulo" estão, respectivamente, nos graus:
   a) aumentativo, aumentativo, diminutivo, aumentativo;
   b) diminutivo, diminutivo, aumentativo, aumentativo;
   c) diminutivo, aumentativo, aumentativo, diminutivo;
   d) aumentativo, diminutivo, diminutivo, aumentativo.

3. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) "...por que passam milhões de crianças brasileiras..."; observe as formas abaixo:
   I. as milhões de crianças brasileiras.
   II. os milhões de crianças brasileiras.
   III. as milhares de crianças brasileiras.
   IV. os milhares de crianças brasileiras.
   As formas corretas são somente:
   a) I – II;
   b) I – III;
   c) II – IV;
   d) III – IV;
   e) I – II – III – IV.

4. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) Os vocábulos mão-de-obra, infanto-juvenil e bolsa-escola apresentam como formas plurais adequadas:
   a) mãos-de-obras / infanto-juvenis / bolsas-escolas;
   b) mãos-de-obra / infanto-juvenis / bolsas-escola;
   c) mão-de-obras / infantos-juvenis / bolsas-escolas;
   d) mão-de-obras / infantos-juvenis / bolsas-escola;
   e) mãos-de-obra / infantos-juvenis / bolsas-escola.

5. (NCE/UFRJ – MPE/RJ – Secretário de Procuradoria – 2002) A frase em que a substituição do verbo pelo substantivo cognato correspondente é feita de forma INCORRETA é:
   a) "Compreender como usar nossa força para superar nossa fraqueza..." – A compreensão de como usar nossa força para a superação de nossa fraqueza.
   b) "Estão prontas para crescer quando assegurarmos as condições para diminuir os juros e para simplificar os tributos." – Estão prontas para o crescimento quando assegurarmos as condições para a diminuição dos juros e para a simplicidade dos tributos.
   c) "E nossos bancos, entre os mais eficientes do mundo, têm tudo para mudar de ramo, passando a financiar a produção."

– E nossos bancos, entre os mais eficientes do mundo, têm tudo para a mudança de ramo, passando ao financiamento da produção.

d) "Nossas instituições ainda não estão organizadas para apoiar esse impulso construtivo." – Nossas instituições ainda não estão organizadas para o apoiamento desse impulso construtivo.

e) "...dá sinais de optar por ideal pequeno-burguês." – dá sinais de opção por ideal pequeno-burguês.

6. (FCC – TRT (20R) – Técnico Judiciário – 2002) Assinale a frase em que o plural do substantivo composto está INCORRETO:
   a) Os brasileiros não são cucas-frescas, como se pensa.
   b) Esses são pontos-chave para evitar o nervosismo.
   c) São coletes salvam-vidas contra os fatores de stress.
   d) Os chefes são geralmente todo-poderosos no serviço.
   e) As causas de sofrimento não são simples lugares-comuns.

7. (FCC – TRT (5R) – Auxiliar Judiciário – 2003) Na época em que alguns trabalhadores recebiam suas ..... não existiam os ..... .
   a) meia-tigelas – vale-refeições;
   b) meia-tigelas – valem-refeição;
   c) meias-tigelas – vales-refeições;
   d) meias-tigelas – valem-refeições;
   e) meias-tigela – vales-refeição.

8. (Cesgranrio – BNDES – Advogado – 2004) No título do artigo "A tal da demanda social", a classe de palavra de "tal" é:
   a) pronome;
   b) adjetivo;
   c) advérbio;
   d) substantivo;
   e) preposição.

9. (Cesgranrio – MPE/RO – Analista de Sistemas – 2005) Dentre os plurais dos nomes compostos, o único flexionado de modo adequado é:
   a) guarda-chuvas;
   b) olhos azuis-turquezas;
   c) escolas-modelos;
   d) surdo-mudos;
   e) pores-dos-sóis.

10. (FCC – TRT/MS (24R) – Auxiliar Judiciário – 2006) O município de Bonito é exemplo de preservação de suas belezas naturais, com ..... de visão magnífica, verdadeiros ..... .
    a) quedas d'água – cartões-postal;
    b) quedas d'água – cartões-postais;
    c) queda d'águas – cartões-postais;
    d) quedas d'água – cartão-postais;
    e) queda d'águas – cartão-postais.

11. (FCC – TRT (24R) – Técnico Judiciário – 2006) A forma correta de plural dos substantivos compostos *mico-leão-dourado* e *ararinha-azul* é:
    a) micos-leão-dourados e ararinhas-azul;
    b) micos-leão-dourado e ararinha-azuis;
    c) mico-leões-dourados e ararinha-azuis;
    d) mico-leão-dourados e ararinhas-azul;
    e) micos-leões-dourados e ararinhas-azuis.

O **ser** *humano não pode ser definido em relação a ele mesmo, porque não é um sujeito isolado, vive em relação com as coisas, com os outros e com o mundo, mesmo antes de* **pensar** *e de falar. Esta presença não é somente observável como também um fato vivido, isto é, quer dizer que o ser humano se manifesta no* **ser** *a cada instante. Nessa responsabilidade, inclui, às vezes, o eu e, às vezes, o outro, num equilíbrio que se faz de uma parte entre poder* **cuidar** *de si mesmo e, de outra, poder cuidar dos demais. Através dessa construção coletiva, os homens fazem e criam sua história e, nessa construção-criação, o cuidado torna-se um processo, não apenas um ato. Ato este que*

envolve o **cuidar** *de si e do outro, mais o cuidado como possibilidade de continuidade da espécie, gozar a vida com qualidade e com liberdade.*

12. (Esaf – CGU – Analista de Finanças – 2006) Assinale o termo sublinhado do texto que apresenta ambivalência, ou seja, para conferir coerência ao texto, tanto pode receber a interpretação de substantivação do verbo quanto a interpretação de substantivo concreto.
    a) "ser".
    b) "pensar".
    c) "ser".
    d) "cuidar".
    e) "cuidar".

13. (NCE/UFRJ – Eletrobras – Letras (Espanhol) – 2007) O vocábulo *telefonema* pertence ao gênero masculino, como mostra o texto. A alternativa abaixo que mostra um substantivo do gênero feminino é:
    a) champanha / clã;
    b) mármore / guaraná;
    c) apetite / suéter;
    d) pijama / saca-rolhas;
    e) milhar / cal.

14. (Instituto Ludus – CRO – Auxiliar de Serviços Gerais – 2008) Quantos substantivos há no período "Um anjo de asas azuis, todo vestido de luz, sussurrou-lhe num segredo os mistérios de outra vida"?
    a) seis.
    b) cinco.
    c) quatro.
    d) sete.
    e) três.

Fragmento de texto

O soldado e o marinheiro permutaram bofetadas, mais ou menos teóricas, numa esquina de minha rua por causa da namorada comum, que devia chamar-se Marlene. O ***duelo*** *durou vinte minutos, e cinquenta pessoas assistiram. (...)*

15. (Cespe – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2008) Acerca dos sentidos e dos elementos de coesão e de referenciação presentes no texto, julgue (C ou E) os itens subsequentes.
    – O substantivo "duelo" resume, com certa dose de ironia, o episódio narrado no primeiro período do texto.
    ( ) CERTO
    ( ) ERRADO

16. (Cesgranrio – Casa da Moeda – Advogado – 2009) Há três substantivos em:
    a) "... com sérias dificuldades financeiras.";
    b) "... não conseguiu prever nem a crise econômica atual.";
    c) "... vai tornar inúteis arquivos e bibliotecas).";
    d) "... precisa da confirmação e do endosso do 'impresso'";
    e) "Muitos dos *blogs* e *sites* mais influentes...".

O efeito da supervalorização cambial sobre a indústria atinge muito mais fortemente os níveis da produção e do emprego que os demais setores. ***Essa*** *é uma* ***situação que*** *precisa ser repensada. É claro que não se trata de um* ***problema*** *simples, que se resolva com providências rápidas, pois exige medidas que às vezes podem ser classificadas como heterodoxas. (...)*

17. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) (Adaptada) Julgue a alternativa a seguir como correta ou incorreta a respeito do uso das estruturas linguísticas no texto.
    I. Nas relações de coesão, a ideia explicitada na primeira oração do texto é várias vezes retomada: apontada pelo pronome "Essa", resumida por "situação", referida pelo pronome "que" e substituída pelo termo "problema".

18. (FCC – TRE/RS – Técnico Judiciário – 2010) Considerada a flexão, a frase que está em total concordância com o padrão culto escrito é:
    a) Os tabeliões reúnem-se sempre às quinta-feiras.
    b) Nos últimos botas-foras, houve grande confusão, pois a agência de turismo não reteu os que não possuíam ingresso.
    c) Na delegacia, não tinha ainda reavido os documentos que perdera, quando entrou o rapaz considerado a testemunha

mais importante de famoso crime.

d) Se não se conterem roubos de obras-primas, gerações futuras serão privadas de grandes realizações do espírito humano.

e) Os lusos-africanos ostentavam no braço fitinhas verde-amarela.

19. (Consulplan – Advogado – 2010) *"Que emigrado da roça não sentiu uma indefinível estranheza e talvez um secreto <u>mal-estar</u> a primeira vez..."*

Assinale a alternativa que faz o plural da mesma forma que a palavra sublinhada anteriormente:

a) guarda-civil;
b) amor-perfeito;
c) guarda-roupa;
d) obra-prima;
e) pombo-correio.

Leia o poema de Paulo Leminski

via sem saída
via bem

via aqui
via além
não via o trem

via sem saída
via tudo
não via a vida

via tudo que havia
não via a vida
a vida havia

20. (MP-SP – Analista de Promotoria I (Assistente Social) – 2011) Considere as afirmações que seguem.

I. A palavra via aparece no poema tanto como substantivo quanto como verbo.
II. O verbo via encontra-se no pretérito imperfeito do indicativo.

Está correto o que se afirma em:

a) somente I;
b) somente II;
c) I e II;
d) nenhuma.

21. (Consulplan – Carreira Univ. (Analista Administrativo) – 2011) *"[...] que foi moldada, durante anos, pela <u>ação</u> dos ventos e da água."* Se pluralizarmos o vocábulo em destaque obteremos a forma "ações". A alternativa que contém um vocábulo que admite duas formas de plural é:

a) construção;
b) verão;
c) cidadão;
d) especulação;
e) região.

22. (MP/PE – Penum (Estágo Nível Universitário) – 2011) O plural de cidadão, pastelzinho e paul é:

a) cidadões, pasteisinhos, pauls;
b) cidadãos, pasteisinhos, pauis;
c) cidadãos, pasteizinhos, pauis;
d) cidadãos, pasteizinhos, pauls;
e) cidadãos, pasteisinhos, pauis.

23. (MP/PE – Penum (Estágo Nível Universitário) – 2011) Os compostos estão corretamente pluralizados em:

a) pés-de-moleques, guarda-roupas, ex-diretores;
b) grão-duques, bananas-maçã, piscas-piscas;
c) pés-de-moleque, bananas-maçã, canetas-tinteiro;
d) pés-de-moleques, canetas tinteiros, tique-taques;

e) pés-de-cabras, pores do sol, porta-bandeiras.

24. (FCC – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2011) A palavra destacada que está empregada corretamente é:
a) Diante de tantos abaixos-assinados, teve de acatar a solicitação.
b) Considerando os incontestáveis contra-argumento, reconheceu a falha do projeto.
c) Ele é um dos mais antigos tabeliões deste cartório.
d) Os guardas-costas do artista foram agressivos com os jornalistas.
e) Os funcionários da manutenção já instalaram os corrimãos.

25. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Adm. e Controle Jr. – 2011) A flexão de número dos substantivos está correta em:
a) florezinhas – troféis;
b) salário-famílias – coraçãozinhos;
c) os vaivéns – anães;
d) paisezinhos – beija-flores;
e) limãos – abdômenes.

26. (Cesgranrio – FINEP – Analista Jurídica – 2011) A formação do plural da palavra **cartão-postal** é a mesma que ocorre em:
a) abaixo-assinado;
b) alto-falante;
c) porta-voz;
d) cavalo-vapor;
e) guarda-civil.

27. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011)Quanto à formação do plural de substantivos compostos, algumas normas devem ser observadas. O grupo de palavras compostas que seguem a mesma regra de flexão de número de **lugares-comuns** é:
a) obra-prima, navio-petroleiro, água-marinha;
b) amor-próprio, vice-presidente, beija-flor;
c) salário-mínimo, cartão-postal, sempre-viva;
d) segunda-feira, bate-boca, tenente-coronel;
e) vitória-régia, amor-perfeito, abaixo-assinado.

28. (Cespe/ UnB – Correios – Agente de Correios – 2011) No que se refere à estrutura gramatical do texto, assinale a opção correta.
a) O vocábulo "cidadão" apresenta duas formas corretas de plural: cidadãos e cidadões.
( ) CERTO
( ) ERRADO

29. (BIORIO – Pref. Mesquita/RJ – Agente Administrativo – 2012) Dado o período "A verdade é **que nunca fui muito bom de memória**.", a oração destacada exerce a mesma função de um:
a) adjetivo;
b) advérbio de lugar;
c) advérbio de modo;
d) substantivo;
e) advérbio de intensidade.

30. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) (adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Se Freud tivesse se referido a mais de um sentimento, o padrão culto escrito exigiria, no plural, a forma "os mal-estar".

31. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Contabilidade Júnior – 2012) A respeito da formação do plural dos substantivos compostos, quando os termos componentes se ligam por hífen, podem ser flexionados os dois termos ou apenas um deles. O substantivo composto que **NÃO** apresenta flexão de número como **matéria-prima** é:
a) água-benta;
b) batalha-naval;
c) bate-bola;
d) batata-doce;
e) obra-prima.

32. (CEPERJ – Degase – Técnico de Suporte e Comunicação – 2012) O plural dos nomes terminados em ão pode se fazer de

maneiras diferentes. Das palavras abaixo, retiradas do texto, a única que não possui, no plural, a mesma terminação que "prestações" é:
a) televisão;
b) mão;
c) produção;
d) organização;
e) conclusão.

33. (Funcab – Pref. Búzios/RJ – Administrador – 2012) O uso das formas sintéticas do diminutivo em "A NEGRINHA, contida na sua expectativa, olha a garrafa de Coca-Cola e o PRATINHO que o garçom deixou à sua frente.", no contexto, tem conotação:
a) afetiva;
b) depreciativa;
c) pejorativa;
d) objetiva;
e) negativa.

"O menino Joaquim Barbosa nunca se acomodou àquilo que o destino parecia lhe reservar. Filho de um pedreiro, cresceu ouvindo dos adultos que nas festas de aniversário de famílias mais abastadas deveria ficar sempre no fundo do salão. (...)"

34. (Fundação Sousândrade – Pref. Estreito/MA – Supervisor Escolar – 2012) Sobre as relações coesivas que estabeleçam no texto, o termo "O menino Joaquim Barbosa", do primeiro período, é retomado no segundo por um(a):
a) expressão sinonímica;
b) pronome relativo;
c) expressão nominal;
d) pronome oblíquo;
e) advérbio intensificador.

35. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Complete as lacunas com **o** ou **a** e, a seguir, assinale a alternativa com a sequência de substantivos masculino, feminino, masculino.
a) __ eclipse, __ dinamite, __ derme;
b) __ magma, __libido, __ pernoite;
c) __ aneurisma, __fonema, __ clã;
d) __ pane, __ ênfase, __ dó.

36. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Em qual alternativa não é possível identificar se o ser ao qual o substantivo em destaque se refere é masculino ou feminino?
a) A **agente** de turismo me garantiu que o hotel é excelente.
b) A **cliente** reclamou do péssimo atendimento ao gerente do banco.
c) O público aplaudiu muito a **intérprete** quando o espetáculo terminou.
d) Depois de várias ameaças anônimas, a **testemunha** passou a receber proteção policial.

Gabarito

1. E.	9. A.	17. CORRETO.	25. D.	33. A.
2. C.	10. B.	18. C.	26. E.	34. C.
3. C.	11. E.	19. C.	27. A.	35. B.
4. B.	12. C.	20. C.	28. Errado.	36. D.
5. B.	13. E.	21. B.	29. D.	
6. C.	14. A.	22. C.	30. INCORRETO.	
7. C.	15. CERTO.	23. C.	31. C.	
8. A.	16. D.	24. E.	32. B.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 8

Adjetivo

Definição

Do ponto de vista semântico, o adjetivo é um caracterizador, um modificador de sentido.

A vida sem adjetivo é impossível, pois, quando queremos descrever ou expor um ponto de vista sobre algo, usamos nada mais, nada menos que ad-je-ti-vos. Por exemplo, se alguém pede que você descreva a bandeira do Brasil, o que você irá dizer? "Ah, ela é **verde**, **amarela** e **azul**, basicamente." Beleza. Agora, se alguém pergunta a sua opinião sobre o estilo dela, o que você irá dizer? "Bem, eu acho a bandeira muito **bonita**, com simbolismos bem **sugestivos**." Percebeu os adjetivos que você usou? Os três primeiros foram adjetivos de caráter objetivo; os dois últimos, de caráter subjetivo. De qualquer modo, adjetivos precisam ser usados para entendermos melhor ainda o mundo à nossa volta, certo?

Do ponto de vista morfológico, normalmente o adjetivo varia em gênero, número e grau. Como você pôde perceber, os adjetivos destacados mudaram de gênero, número e/ou grau: **amarela**, (muito) **bonita**, (bem) **sugestivos**. Ele varia em grau normalmente pelo uso de advérbios de intensidade. Veremos melhor isso à frente. Ah! Vale também perceber os sufixos formadores de adjetivos no capítulo de estrutura de palavras, pois, quanto mais soubermos sobre eles, com mais facilidade identificaremos esta classe.

Do ponto de vista sintático, o adjetivo só exerce duas funções sintáticas na frase: **adjunto adnominal** ou **predicativo (do sujeito ou do objeto)**.

O adjetivo e a locução adjetiva têm função sintática de adjunto adnominal quando vêm dentro do sintagma nominal (se necessário, reveja este conceito na parte de definição do substantivo), mas, quando têm função de predicativo, vêm fora do sintagma nominal. Exemplificando para você entender logo: em "Aquela casa amarela é suntuosa", **amarela** funciona como adjunto adnominal, pois faz parte do sintagma nominal "Aquela casa amarela"; já **suntuosa** funciona como predicativo, pois está fora do sintagma.

Falando a língua do concurseiro menos experiente, aqui vai um "bizu": se você puder retirar o adjetivo da frase sem mudança substancial de sentido, normalmente ele terá função de adjunto adnominal. Veja estas duas frases: "Nós achamos a língua portuguesa **difícil.**" e "Preciso estudar esta matéria **difícil.**". Qual **difícil** pode sair da jogada? Claro que é o segundo, logo o adjetivo tem função de adjunto.

Agora grave isto: as classes gramaticais modificadas por um ***adjetivo*** são o **substantivo** (normalmente), o **pronome**, o **numeral**, **qualquer palavra de valor substantivo** (verbo no infinitivo, por exemplo) e até uma **oração substantiva**. Veja:

– ***Rocha Lima*** *e* ***Celso Cunha*** *eram* ***excelentes***.

– ***Eles*** *eram* ***excelentes***.

– *Os **dois** eram **excelentes**.*[1]
– ***Viver** é **excelente**.*
– *Acho **excelente** **resolver exercícios de Português**.*[2]

Cuidado!!!
[1] Apesar de não ser aula de substantivo nem de numeral, preciso explicar um detalhe: qualquer numeral só fica substantivado pelo artigo ou outro determinante quando está implícita a palavra "numeral" antes dele: "O **dois** indica quantidade correspondente a uma unidade mais uma". Agora, sim, é um substantivo.
[2] Substitua a oração "resolver exercícios de Português" por um substantivo (ou pelo pronome demonstrativo **isto**) e perceba mais facilmente o adjetivo: "Acho ***excelente** **a resolução** de exercícios de Português***". O que eu acho ***excelente***? Resposta: "a resolução de exercícios de Português". Ou: "Acho ***excelente** **isto*** (ou seja, 'resolver exercícios de Português')". Está claro que o adjetivo modifica a oração substantiva.
Inclusive, isso apareceu em questão de prova elaborada pela banca Consulplan (TSE/Técnico Judiciário/2012). Nela, o adjetivo ***bobagem*** modifica uma oração. Veja: "... ofereça ao presenteado algo de que ele goste, mas acha ***bobagem** **comprar***...". O presenteado acha ***isto/a compra** **bobagem***. Percebeu? Muito boa a questão! Falarei mais sobre isso no capítulo 19, em *Predicativo do Objeto*.

Para entendermos bem todas essas definições de adjetivo, vamos analisar por último esta frase:

Meus alunos conseguiram conquistar as vagas *concorridíssimas* no ano passado.

Note, por exemplo, que a palavra ***concorridíssimas:***

1) **caracteriza/modifica** uma palavra: ***concorridíssimas*** caracteriza *vagas;*
2) **variou** de forma (feminino, plural, superlativo): *"... as vagas **concorridíssimas**";*
3) é **núcleo** do adjunto adnominal; note que o adjetivo, como determinante que é, vem dentro do sintagma nominal "as vagas ***concorridíssimas***".

Tudo bem até agora, não é? Beleza...

Para fechar: Certamente você já ouviu falar em orações subordinadas adjetivas, não é? Então, elas são chamadas assim porque têm valor de adjetivo. Note que tanto o adjetivo quanto a oração adjetiva caracterizam um substantivo (indivíduos):
– *Os indivíduos **praianos** são felizes. / Os indivíduos **que residem na praia** são felizes.*

Isso já foi questão de prova, meu nobre!

Veremos isso com mais detalhes só no capítulo 23, de *Orações Subordinadas Adjetivas*, ok? Coloque sua curiosidade na coleira!

Identificação e Adjetivação

Algumas questões exigem do candidato o conhecimento básico de identificação de adjetivos. Mas como diferenciá-los das demais classes gramaticais, como substantivos ou advérbios?

Identificação

O adjetivo é uma palavra caracterizadora que modifica normalmente um substantivo, por isso, diante de uma frase, você deve notar qual palavra está atribuindo uma característica ao substantivo; muito possivelmente ela será um adjetivo. Há outros determinantes, é claro, como os artigos, os pronomes e os numerais (que não podem ser confundidos com um adjetivo, convenhamos!). Veja os adjetivos no texto *Paratodos*, de Chico Buarque:

> O meu pai era ***paulista***
> Meu avô, ***pernambucano***
> O meu bisavô, ***mineiro***
> Meu tataravô, ***baiano***
> Meu maestro ***soberano***
> Foi Antonio Brasileiro
> (...)
>
> Vou na estrada há muitos anos
> Sou um artista ***brasileiro***

Perceba que os adjetivos modificam, respectivamente, os substantivos "pai, avô, bisavô, tataravô, maestro e artista".

"Pestana, e Brasileiro? Não é adjetivo? Está modificando o substantivo Antonio, ora!" Meu nobre, note que "Brasileiro" está escrito com letra maiúscula, faz parte do nome do cara, é um sobre**nome**, logo é um **nome**ador, um... subs-tan-ti-vo. O segundo "brasileiro" (com letra minúscula), este, sim, está modificando, como um caracterizador, como um adjetivo de verdade, o substantivo "artista". Ok? Ah! A essa altura do campeonato, não é novidade para ninguém que o adjetivo pode virar substantivo, certo? Tudo depende do contexto... Fique esperto!

Note também que somente os dois últimos adjetivos exercem função sintática de adjunto adnominal, pois fazem parte dos seguintes sintagmas nominais: "Meu maestro **soberano**" e "um artista **brasileiro**". Os demais adjetivos estão **fora** do sintagma (ou separados pelo verbo **ser** ou por **vírgula**), por isso são adjetivos com função de predicativo. Não se desespere com essas funções sintáticas. Preciso mencioná-las agora para que você, digamos assim, comece a pegar intimidade...

Obs.: Meus dedos coçam para escrever o que vou escrever agora: "Pelo amor de Deus, grave isto: o adjetivo pode caracterizar uma oração inteira!". Eu sei que já falei isso, mas eu preciso reiterar. Em frases formadas por "ser + adjetivo + oração substantiva", o adjetivo que caracteriza a oração substantiva nunca varia de forma. Veja: "É ***válido*** *que as pessoas estudem muito.*". Note que o adjetivo "válido" caracteriza a oração "que as pessoas estudem muito" (= *Isto* é ***válido***). Agora posso dormir tranquilo. Essa você não erra mais no dia da prova!

Ainda acho que vale a pena comentar que alguns adjetivos não são físicos ou materiais. Muitos adjetivos descritivos podem apresentar um viés psicológico. Por exemplo, na primeira estrofe do poema *Retrato*, de Cecília Meireles, os adjetivos nele presentes descrevem as características **físicas** (magro) e **psicológicas** (calmo, triste, vazios, amargo...) do rosto, dos olhos e do lábio relacionadas ao envelhecimento percebido pelo eu-lírico:

Eu não tinha este rosto de hoje,
assim ***calmo****, assim* ***triste****, assim* ***magro****,*
nem estes olhos tão ***vazios****, nem o lábio* ***amargo****.*

Interessante, não?

Adjetivação

Há dois conceitos de adjetivação: 1) presença de muitos adjetivos em um texto ou 2) transformação de um substantivo em adjetivo.

Por exemplo, no texto que você acabou de ler, do Chico, ocorre adjetivação, ou seja, uso excessivo de adjetivos por razões estilísticas. Quando, por exemplo, dizemos assim: "Acho a minha namorada **linda**, **sedosa**, **cheirosa**, **gostosa**, **voluptuosa**, **quente**...", o propósito do excesso de adjetivos é o realce, a ênfase! Não confunda esse tipo de adjetivação com estruturas do tipo **adjetivo + adjetivo + substantivo** ***(novos*** *falsos picassos),* ou **adjetivo + substantivo + adjetivo** ***(pobre*** *menina rica),* ou **substantivo + adjetivo + adjetivo** *(físico nuclear* ***brasileiro****),* ou **adjetivo + substantivo + adjetivo + adjetivo** ***(atual*** *indústria naval japonesa)*. Nessas estruturas, há um adjetivo (negritado) modificando um substantivo que já havia sido modificado por um adjetivo ou mais (sublinhado).

Obs.: Há estruturas em que um **substantivo** é caracterizado por um **adjetivo** (1), por uma **locução adjetiva** (2) e por uma **oração adjetiva** (3) ao mesmo tempo. Veja: "O **inusitado** (1) **pouso que se espera suave** (3) **da economia norte-americana** (2) continua sendo pontuado por turbulências e temores.".

Fique atento no uso de adjetivos, pois, segundo o *Manual de Redação e Estilo*, por Eduardo Martins, "O texto noticioso (notícia, texto jornalístico) deve limitar-se aos adjetivos que definam um fato (*noticioso, pessoal, vizinho, próximo, sulino* etc.), evitando aqueles que envolvam avaliação ou encerrem carga elevada de subjetividade (*evidente, imponderável, belo, bom, ótimo, inteligente, infinito* etc.). Mesmo nas matérias opinativas, em que o autor tem maior necessidade de recorrer aos adjetivos, a parcimônia é boa conselheira. O jornalista pode sempre **mostrar** que um temporal foi *devastador* e um incêndio foi *violento*. Ou que uma peça constitui *retumbante* fracasso. Tudo isso sem poluir seu texto com dezenas de qualificativos.".

Interessante, não?

O que mais nos deve interessar para a prova, porém, é a transformação de um <u>substantivo</u> em <u>adjetivo</u>. Note estas frases:

– *Seu jeito **moleque** atrai as mulheres mais novas.*

– *Esta blusa **laranja** lembra a da seleção de futebol da Holanda.*

– *É preferível ter um cachorro **amigo** a um amigo **cachorro**.*

– *É muito **verdade** o que ele nos disse.*

– *David é muito **homem**!*

Em condições normais, os termos destacados não são caracterizadores (adjetivos) mas nomeadores (substantivos). No entanto... <u>nessas frases em itálico</u>... o papel deles é caracterizar, por isso se tornam **adjetivos**. Isso também é "adjetivação". Perceba que, nos dois últimos exemplos, os nomes verdade e homem estão sendo modificados por um advérbio (muito), logo se tornaram adjetivos. Está claro?

Obs.: Não confunda **mudança de classe gramatical** com **homônimos perfeitos**. Na questão a seguir, a palavra "exemplares" tem o mesmo som, a mesma grafia, mas tem classes gramaticais e sentidos diferentes, por isso são homônimas perfeitas. Neste caso, não podemos falar em mudança de classe gramatical motivada pelo contexto.

23. (FAB – EEAR – Sargento – 1/2003 a) Leia com atenção:

I. Os alunos homenageados tiveram comportamentos <u>exemplares</u>.

II. O autor terá diferentes <u>exemplares</u> de sua obra analisados pela editora.

III. As pedras eram realmente lindas! Jamais tais <u>exemplares</u> haviam sido vistos por alguém.

Nas frases acima, temos adjetivo em:

a) I e II.

c) III apenas.

b) I, II e III.

d) I apenas. (gabarito!)

Recurso de Nominalização

No caso dos adjetivos, a nominalização se dá pela transformação de orações subordinadas adjetivas em meros adjetivos. Veja alguns exemplos:

– *O aluno* ***que é inteligente*** *passou na prova.*

– *O aluno* ***inteligente*** *passou na prova.*

– *Comprei para a minha frota dois carros* ***que estavam novíssimos****.*

– *Comprei para a minha frota dois carros muito* ***novos****.*

Note nesses exemplos que houve uma redução no número de verbos, tornando a leitura mais concisa. Simples assim.

Classificação

Existem tipos de adjetivo que precisam ser estudados. Vejamos!

Tipo	Definição	Exemplo
Simples	Apresenta apenas um radical.	visão **social**, visão **econômica**
Composto	Apresenta mais de um radical.	visão **socioeconômica**
Primitivo	Não apresenta afixos.	sorriso **amarelo**
Derivado	Apresenta afixos.	sorriso **amarelado**
Restritivo[1]	Acrescenta um sentido não inerente ao ser.	carro **azul**, homem **feliz**, leite **quente**
Explicativo[2]	Apresenta um sentido inerente, próprio do ser.	carro **motorizado**, homem **mortal**, leite **branco**
Pátrio/Gentílico[3]	Refere-se a continentes, países, cidades, regiões (pátrio), raças e povos (gentílico), indicando a origem.	polaco, americano, afegão, mineiro, fluminense, panamenho, inglês, londrino, santista, vietnamita, espanhol, indígena, negro, branco...

[1] Tome cuidado com os adjetivos **restritivos**, pois a presença ou a ausência de algum sinal de pontuação (vírgula, travessão ou parênteses) pode mudar seu sentido:

– *O homem **feliz** entrou no bar e anunciou a todos seu casamento.*

– *O homem, **feliz**, entrou no bar e anunciou a todos seu casamento.*

Na primeira frase, não estamos falando de qualquer homem, mas do homem que é feliz por natureza, isto é, a felicidade é sua característica natural; na segunda, ele estava momentaneamente tomado de felicidade quando entrou no bar.

Reitero que, dependendo do uso da pontuação, principalmente das vírgulas, o sentido pode mudar: "O atleta **ansioso** não conseguiu concluir seu trabalho." / "O atleta, **ansioso**, não conseguiu concluir seu trabalho." "**Ansioso**, o atleta não conseguiu concluir seu trabalho." Percebeu a diferença? Na primeira frase, o atleta é inerentemente ansioso. Na segunda e na terceira, o atleta estava temporariamente ansioso.

[2] O adjetivo **explicativo** é sempre separado por pontuação (vírgula, travessão ou parênteses), pois informa sempre uma característica inerente e própria do ser, de modo que tal ser não pode ter seu sentido restringido. Em outras palavras, não faz sentido dizer "O homem **mortal** age muitas vezes como imortal", pois, sem estar separado por sinal de pontuação, o adjetivo dá a entender que existe algum homem não mortal. Isso não tem cabimento, uma vez que todo homem é mortal. Logo, a frase deve ser redigida assim: "O homem, mortal, age muitas vezes como imortal." Outro exemplo: "A gasolina inflamável é poluente." Meu Deus, que gasolina no mundo não é inflamável?! Logo, a frase deve ser reescrita assim: "A gasolina, inflamável, é poluente".

[3] A junção de dois ou mais adjetivos pátrios é feita pela união do menor adjetivo (com forma latina) ao maior: mulher **latino-americana**, arte **euro-americana**, língua **indo-europeia** etc.

Se os adjetivos tiverem o mesmo número de sílabas, orienta-se seguir a ordem alfabética: acordo **anglo-francês**. Não vou me ocupar de expor uma lista sobre isso, pois os concursos não mais querem saber do adjetivo correspondente a quem mora em Jerusalém, por exemplo. Ficou na curiosidade? Beleza... quem mora em Jerusalém é hierosolimita ou hierosolimitano. Bizarro, mas verdade verdadeira!

Não perca o tópico *Valor Discursivo e Estilístico*, mais à frente. Estou ansioso... por você! É porque, de tudo o que vem caindo ultimamente em prova sobre adjetivos, isso tem sido "a menina dos olhos" das bancas. Calma, daqui a pouco a gente chega lá.

Locução Adjetiva

A **locução adjetiva** é um grupo de vocábulos com valor de adjetivo formado por **preposição/locução prepositiva + substantivo/advérbio/pronome/verbo/numeral**.

Tal expressão **frequentemente** se liga a um substantivo:

briguinha **à toa**, pizza **a lenha** (ou à lenha), TV **em cores**, casa **sobre rodas**, homem **sem coragem**, vida **com limites**, caso **entre políticos**, coisa **sem pé nem cabeça**, viagem **ao redor do mundo**, chuva **em torno da casa**, mulher **em frente a mim**, jornal **de anteontem**, programa **de sempre**, notícia **de hoje**, curso **daqui**, casa **dela**, máquina **de lavar**, mulher **para casar**, dinheiro **das duas**...

Mas pode também se ligar a um pronome (ou locução pronominal) ou a um numeral:

as (= aquelas) ***da sala 1***, os (= aqueles) ***do Brasil***, todo o mundo ***do bairro***, os dois **sem graça**... Eles são ***sem caráter***, O copo era ***de cristal***, O menino ficou ***com fome*** este tempo todo?

Como se viu **nos três últimos exemplos**, a locução adjetiva nem sempre vem dentro do sintagma nominal, pode vir fora também; neste caso, terá função de predicativo.

Cuidado!!!

1) A maioria das locuções adjetivas podem ser substituídas por adjetivos correspondentes. Lembre-se: a maioria!

Ex.: homem **sem coragem** (medroso); amor **com limites** (limitado), povo **do Brasil** (brasileiro); mas: muro **de concreto** (concretal?), livro **do Pestana** (pestaneiro?), pessoa **sem graça** (desgraçada?).

2) Algumas locuções adjetivas são substituídas por adjetivos eruditos (de origem latina); nesse caso, estarão subentendidas expressões, como: "referente a", "relativo a", "semelhante a", "próprio de".

Ex.: cor **ígnea** (referente ao fogo), parte **setentrional** (relativo ao norte), nariz **aquilino** (semelhante ao bico da águia), comportamento **pueril/infantil** (próprio de criança). <u>Outros adjetivos eruditos</u>: ebúrneo (de marfim), argênteo (de prata), discente (relativo a aluno), docente (relativo a professor), pluvial (relativo a chuva), fluvial (relativo a rio), estival (de verão).

3) Não confunda **locução adjetiva** com locução adverbial.

– *Vi uma menina **em Minas Gerais***. (lugar onde se viu; locução adverbial)

– *Vi uma menina **de Minas Gerais***. (origem, procedência – mineira; locução adjetiva)

4) Não confunda **locução adjetiva** com **pseudolocução adjetiva**, que nada mais é que uma **preposição + um substantivo**. A locução adjetiva normalmente tem valor possessivo e/ou agente, mas a falsa locução (**prep. + subst.**) tem valor passivo ou especificador. Este

"bizuzinho" tem a ver com a diferença entre estas funções sintáticas: complemento nominal, aposto e adjunto adnominal.

– *Em criança, via a minha prima trocar de roupa pela pequena abertura* ***da porta****.* (ideia de posse; locução adjetiva)

– *Aquela abertura* ***de conta*** *no banco vai me ajudar bastante.* (a conta foi aberta; valor passivo; prep. + subst.)

– *O mês* ***de maio*** *é o mês* ***das mães****.* (especificando o mês – maio –, logo prep. + subst.; mês materno, ideia de posse, locução adjetiva)

5) Ainda na "vibe" da 4, cuidado com estruturas ambíguas, como "A reforma **da universidade** custou caro", em que não se sabe se a universidade praticou a ação de reformar (agente; locução adjetiva) ou se a universidade sofreu a ação de ser reformada (paciente; prep. + subst.).

6) Pode uma locução adjetiva modificar uma **oração inteira**.

– *Vocês julgam* ***sem importância*** *estudar por meio de videoaulas?* (A locução "sem importância" está ligada à oração "estudar por meio de videoaulas".)

Variação em Gênero

Existe o adjetivo **uniforme** (não muda de forma para indicar gêneros diferentes) e o **biforme** (muda de forma para indicar gêneros diferentes).

Vejamos primeiro o **gênero biforme**:

Masculino	Troca de Terminação	Feminino
lindo, saboroso, macio...	-o / **-a**	linda, saborosa (timbre aberto), macia...
ateu, europeu, galileu, saduceu, pigmeu, cananeu... *judeu, sandeu* (exceção)	-eu / **-eia**	ateia, europeia, galileia, saduceia, pigmeia, cananeia... *judia, sandia*
ilhéu, tabaréu...	-éu / **-oa**	ilhoa, tabaroa
mau, nu, francês, espanhol, jogador, *motor, trabalhador* (exceção)...[1]	-u, ês, -ol, -or / **-a**	má, nua, francesa, espanhola, jogadora... *motriz/motora, trabalhadora/trabalhadeira...*
vão, chorão... *ladrão* (exceção)	-ão / **-ã**, **-ona**	vã, chorona... ladra, ladroa, ladrona

[1] **<u>São invariáveis</u>**: hindu, anterior, posterior, inferior, superior*, interior, multicor, incolor, sensabor, melhor, pior, maior, menor etc.; é polêmico o plural de cortês, montês e pedrês, pois, para Celso Cunha, são invariáveis; para os dicionaristas, como Aulete, não. Polêmicas... sempre elas... ainda bem que isso é muito raro em prova.

* Superiora: substantivo que significa "freira que coordena as atividades de um convento"; chamada de priora, prioresa ou abadessa também. Pode-se usar como adjetivo: "madre **superiora**".

Os adjetivos de **gênero uniforme** são os terminados em **-a**, **-e**, **-l** (exceto **-ol**), **-m**, **-r**, **-s**, **-z**: agrícola, excelente, cruel, útil, ruim (exceção: bom > boa), exemplar, simples, capaz (exceção: andaluz > andaluza)...

Nos **adjetivos compostos**, só o **último elemento** varia: atividade lúdico-instrutiv<u>a</u>, bandeira verde-amarel<u>a</u>, literatura anglo-american<u>a</u>. Exceção: surdo-mudo > surda-muda e claro-escuro > clara-escura.

Variação em Número

O adjetivo varia de acordo com o substantivo ou qualquer outra daquelas classes.

Regra dos Simples

O adjetivo simples varia com o termo a que se refere (normalmente substantivo).

– *Herdei casas **extraordinárias** e carros **luxuosos**.*

– *Comi maçãs pela manhã e pela tarde. Elas são realmente **saborosas**.*

– *Gostei dos tons **lilases** usados na sala, ficou bem suave.*

Obs.: Qualquer substantivo usado como adjetivo fica **invariável**: reuniões **relâmpago**, homens **monstro**, moleques **piranha**, vestidos **laranja**, ternos **cinza**, blusas **creme**, calças **rosa**, tintas **salmão**, escovas **chocolate**, paredes **gelo,** tons **pastel**... exceto nos três primeiros, note que a expressão "cor de" está implícita. "Lilás" é o único substantivo usado como adjetivo que pode variar: **lilases**. Existe a forma variante "lilá" (você sabia?), cujo plural é "lilás". Nunca se sabe quando precisaremos dessa informação...

O que vou falar agora é trabalhado muito em questão de concordância, por isso vale a pena reiterar que, quando o adjetivo modificar uma oração substantiva, ficará no masculino singular. Veja:

– *Naquela ocasião, considerou-se muito **digno** que a documentação fosse assinada.* (O adjetivo *digno* modifica a oração substantiva "que a documentação fosse assinada".)

Regra dos Compostos

O **adjetivo composto** apresenta algumas regrinhas.

1) A regra geral é: varia-se apenas o <u>último elemento</u> do adjetivo composto, concordando com o termo de valor substantivo ao qual se refere, em gênero e número:

– *As intervenções médico-**cirúrgicas** foram um sucesso!*

– *Aquelas canecas **vermelho-claras** e **vermelho-escuras** já foram vendidas.*

– *Foram feitos acordos **afro-brasilo-lusitanos**.*

2) Se algum elemento do adjetivo composto for um substantivo, todo o adjetivo composto ficará <u>invariável</u>:

– *Eram blusas **verde-garrafa** que ele queria.*

– *Estes cordões **amarelo-ouro** vão chamar atenção, ainda mais sobre os camisões **marrom-café**...*

– *Prefira ternos **cinza-escuro**... mais sóbrios.*

– *Nossas fantasias* ***verde e rosa*** *fizeram sucesso.*

3) Os adjetivos compostos ***surdo(a/s)-mudo(a/s), pele(s)-vermelha(s)*** **e** ***claro(a/s)-escuro(a/s)*** são exceções. Variam ambos os elementos.

4) São <u>invariáveis</u> sempre: azul-marinho, azul-celeste, furta-cor, ultravioleta, sem-sal, sem-terra, verde-musgo, cor-de-rosa, zero-quilômetro etc.; a maioria dos gramáticos, como Napoleão M. de Almeida e Luiz A. Sacconi, diz que "infravermelho" varia.

Variação em Grau

Dizer que um adjetivo varia em grau significa dizer que, em algumas construções, ele terá seu **valor intensificado** – normalmente por um advérbio ou por um sufixo. Existem duas situações em que o adjetivo pode variar em grau: em uma estrutura de **comparação** ou em uma de **superlativação**.

Grau Comparativo

Compara-se uma qualidade, ou qualificação, entre dois seres ou duas qualidades de um mesmo ser. Há três tipos, com *construções peculiares* a elas:

- de **igualdade** (tão... quanto/como): Português é *tão* ***divertido*** *quanto* (ou como) Matemática.
- de **superioridade** (mais... (do) que): Português é *mais* ***divertido*** (do) *que* Matemática.
- de **inferioridade** (menos... (do) que): Português é *menos* ***divertido*** (do) *que* Matemática.

Ignorando a piada do *divertido*, perceba que o adjetivo destacado está sendo intensificado pelos advérbios *tão*, *mais* e *menos*. Já a ideia de comparação é marcada pelas conjunções *quanto* (ou *como*) e *que* (ou *do que* – o elemento *do* é facultativo).

Não me custa alertar que, quando se diz: "João é mais estudioso que Maria", deve-se entender que Maria é estudiosa também, mas não tanto quanto João. Tudo bem?

Mera curiosidade: Se negarmos as frases acima, o sentido mudará, mas a classificação não: "Português não é tão divertido quanto Matemática." (Matemática é mais divertido que Português.), "Português não é mais divertido que Matemática." (Matemática é mais divertido que Português.) etc. Tais construções não são analisadas pelos gramáticos tradicionais, logo a chance de isso cair em prova é 0,00000000000000000000000000001%!!!

Cuidado!!!

1) Os adjetivos **bom, mau/ruim, grande, pequeno** só têm formas sintéticas (**melhor, pior, maior, menor**) no grau comparativo de superioridade; veja:

– *Português é* ***mais bom*** *que Matemática.* (Errado!)

– *Português é* ***melhor*** *que Matemática.* (Ah, agora sim!)

Porém, em comparações feitas entre duas qualidades de um mesmo ser, devem-se usar as formas analíticas "mais bom, mais mau, mais grande e mais pequeno". Por exemplo:

– *Edmundo foi condenado de novo, mas ele é* ***mais boa*** *pessoa do que* ***má****.*

– *Minha casa é* ***mais grande*** *que* ***confortável****.*

Celso Cunha admite, porém, que "mais pequeno" é forma culta, mesmo comparando-se dois seres: "João é ***mais pequeno*** que Maria". Tal forma é comum em Portugal.

2) Determinados substantivos **podem** ser tomados como adjetivos em construções de grau

comparativo: “Sou mais **irmão** do diretor (do) que você”. Já em estruturas semelhantes à que segue, não há gradação, tampouco qualificação, mas tão somente ideia de quantidade indefinida: “Comprei mais **computadores** (do) que televisores”. O substantivo continua sendo substantivo, e o “mais” é um pronome indefinido.

Grau Superlativo

Ocorre um engrandecimento, uma intensificação da qualidade de um só ser; são dois os tipos de superlativo de um adjetivo (absoluto e relativo):

Absoluto

- **Analítico:** o adjetivo é modificado por um advérbio de intensidade.
  Ex.: *João é muito **inteligente** e bastante **humilde** mas extremamente **pobre.***
- **Sintético:** quando há o acréscimo de um sufixo (**-íssimo, -(r)imo, -(l)imo**).
  Ex.: *João é **inteligentíssimo**, mas é **paupérrimo** e **humílimo**.*

Cuidado!!!

1) Os adjetivos **bom, mau/ruim, grande** e **pequeno** apresentam as seguintes formas no grau superlativo absoluto sintético, respectivamente: **ótimo/boníssimo, péssimo/malíssimo, máximo/grandíssimo, mínimo/pequeníssimo.**

2) Na gradação sintética, os adjetivos mudam de forma:

– os terminados em **-a**, **-e**, **-o** perdem tais vogais e acrescenta-se o **-íssimo**: secretíssima, quentíssimo, belíssimo...

– os terminados em **-io** perdem a última vogal e acrescenta-se o **-íssimo**: seriíssimo, precariíssimo, necessariíssimo, friíssimo... Alguns gramáticos, como Bechara e Celso Cunha, dizem que algumas formas atuais, como seríssimo, precaríssimo e necessaríssimo são populares.

– os terminados em **-eio** perdem as duas últimas vogais e acrescenta-se o **-íssimo**: cheíssimo, alheíssimo... exceção: feíssimo/feiíssimo. Bechara aceita cheiíssimo.

– os terminados em **-vel** mudam para **-bil** e acrescenta-se o **-íssimo**: notabilíssimo, amabilíssimo, mobilíssimo...

– os terminados em **-z** mudam para **-c** e acrescenta-se o **-íssimo**: ferocíssimo, felicíssimo, voracíssimo...

– os terminados em **-m** e **-ão** passam a terminar em **-níssimo**: comuníssimo, vaníssimo, paganíssimo...

– alguns terminados em ***-co*** e **-go** podem terminar em **-quíssimo** e **-guíssimo** por acomodação fonética: fraquíssimo, riquíssimo, amarguíssimo, antiquíssimo... Consulte um bom dicionário!

– comumente os terminados em **-il** recebem **-imo**: agílimo, dificílimo, fragílimo, imbecílimo, verossimílimo...

– os terminados em **-ro** e **-re** mudam para a antiga forma latina e recebem **-rimo**: aspérrimo (áspero), misérrimo (mísero), prospérrimo (próspero), celebérrimo (célebre), libérrimo (livre)...

3) Veja a forma superlativa absoluta sintética de alguns adjetivos. A primeira forma é erudita/latina (antiga) e a segunda é vernacular (atual), sempre terminada em **-íssimo**.

– **alto** > supremo/sumo ou altíssimo
– **ágil** > agílimo ou agilíssimo
– **amargo** > amaríssimo ou amarguíssimo
– **baixo** > ínfimo ou baixíssimo
– **doce** > dulcíssimo ou docíssimo
– **frágil** > fragílimo ou fragilíssimo
– **frio** > frigidíssimo ou friíssimo
– **humilde** > humílimo ou humildíssimo
– **magro** > macérrimo ou magríssimo (magérrimo é forma coloquial, segundo a maioria dos gramáticos)
– **manso** > mansuetíssimo ou mansíssimo
– **miúdo** > minutíssimo ou miudíssimo
– **negro** > nigérrimo ou negríssimo
– **nobre** > nobilíssimo ou nobríssimo
– **pio** > pientíssimo ou piíssimo
– **pobre** > paupérrimo ou pobríssimo
– **recente** > nupérrimo ou recentíssimo
– **sábio** > sapientíssimo
– **sagrado** > sacratíssimo
– **semelhante** > simílimo ou semelhantíssimo
– **soberbo** > superbíssimo ou soberbíssimo

4) Nunca os adjetivos são terminados em **-ésimo** ou **-ssíssimo**, como a gente escuta por aí: homem elegantésimo, terno carésimo, mulher gostosésima, pessoa chiquésima, grandessíssimo idiota...

5) Certos adjetivos não mudam de grau, ou seja, mantêm seu grau normal devido a sua significação: imenso, enorme, fabuloso, intenso, grandioso, baita, puta... Os dois últimos adjetivos são invariáveis, inclusive em gênero e número, e usados em situações bem coloquiais: “Ele recebeu um **baita/puta** salário.”.

Relativo

- de **superioridade**: enaltecimento da qualidade de um ser dentre outros seres, por meio da construção **o/a mais + adjetivo + de/dentre**.
  Ex.: *João é o mais **inteligente** dentre todos da sala*.
- de **inferioridade**: desvalorização/minimização da qualidade de um ser dentre outros seres, por meio da construção **o/a menos + adjetivo + de/dentre**.
  Ex.: *Maria é a aluna menos **inteligente** do grupo.*

Cuidado!!!

1) Os adjetivos **bom, mau/ruim, grande** e **pequeno** apresentam as seguintes formas no grau superlativo relativo de superioridade: **o/a melhor, o/a pior, o/a maior** e **o/a menor.**

2) Prefere-se "O mais **poderoso** dos homens morreu" a "O **poderosíssimo** dos homens morreu", segundo Rocha Lima. É interessante dizer que o adjetivo **poderoso**, substantivado pelo artigo, ainda pode ser modificado pelo advérbio **mais** nesse tipo de estrutura. É como em "Os **muito magros** não são felizes.". O termo **magros**, substantivado pelo artigo, ainda continua sendo intensificado pelo advérbio **muito**.

3) O superlativo relativo pode apresentar ideia de "limite de possibilidade" em estruturas assim: "Eles são modelos **o mais** belos **possível.**", "Todos eram **os mais** honestos **que se podia.**".

Formas Estilísticas

Há inúmeras outras maneiras de conseguir o superlativo absoluto dos adjetivos:

- empregando-se prefixos que dão ideia de aumento: ***super**lindo, **ultra**linda* etc.
- repetindo-se o adjetivo: *Ela é linda, **linda**, **linda**.*
- mediante comparação curta (símile): *Ela é linda **como uma princesa**.*
- empregando-se certas expressões populares (idiomáticas): *Ela é linda **de morrer**.*
- usando-se o adjetivo com o sufixo aumentativo ou diminutivo: *rapid**inho**,rapid**ão**, rapid**aço**, rapid**ona*** etc.
- por meio da expressão *um(a) senhor(a)*: *Roberto* é ***um senhor** jogador*.

Obs.: Na linguagem da internet, percebemos que isso é feito por meio da repetição de um fonema ou caixa alta: "A cerveja estava **gelaaaaaaaaada.**" ou "A cerveja estava **GELADA**!".

Valor Discursivo

Chegou a hora! Tudo o que falarei tem caído muito em prova, por favor, preste atenção!

O adjetivo exerce um papel fundamental dentro do discurso. Seu objetivo não é apenas caracterizar, qualificar, descrever um termo. Mais do que isso!

1) Dependendo da posição do adjetivo, pode haver mudança de sentido e até de classe gramatical.

2) Dependendo da escolha do adjetivo, contextualmente a intenção do produtor do texto pode ser revelada. Chamamos isso de **modalização discursiva**.

3) Respeitando a relação de concordância em gênero e número com o substantivo, o adjetivo pode retomar termos, dando coesão ao texto.

Enfim, vejamos isso melhormente agora!

1) A mudança de posição do adjetivo pode implicar mudança de sentido ou de classe gramatical.

– *Ele é um **pobre** homem.* (coitado; adjetivo)
– *Ele é um homem **pobre.*** (sem recursos; adjetivo)
– *Ele é um **alto** funcionário.* (posição; adjetivo)
– *Ele é um funcionário **alto**.* (comprimento; adjetivo)
– *Um **belo** dia fui visitá-la.* (indeterminado; adjetivo)
– *Ontem foi um dia **belo**.* (bonito; adjetivo)
– *Francisca é uma **nobre** pessoa.* (digna; adjetivo)
– *Francisca é uma pessoa **nobre**.* (aristocrata; adjetivo)
– *O **bravo** capitão venceu muitas batalhas.* (corajoso; adjetivo)
– *O capitão **bravo** vai nos treinar de novo.* (sisudo/irritadiço; adjetivo)
– *Esta é uma **simples** questão.* (sem importância; adjetivo)
– *Esta é uma questão **simples**.* (fácil; adjetivo)
– *Sempre foste um **grande** homem.* (digno; adjetivo)
– *Sempre foste um homem **grande**.* (dimensão; adjetivo)
– *Elisa é uma **nova** mulher depois da cirurgia.* (renovada; adjetivo)
– *Elisa é uma mulher **nova**.* (jovem; adjetivo)
– *Um **velho** amigo não é o mesmo que um amigo **velho**.* (antigo/gasto, idoso; adjetivo)
– *O **único** sabor que senti no sorvete foi de açúcar.* (um só; adjetivo)
– *Este é um sabor **único** na história dos sorvetes.* (singular; adjetivo)
– *Aquele garoto não passa de um **falso** aluno.* (impostor; adjetivo)
– *Aquele garoto não passa de um aluno **falso**.* (fingido, desleal; adjetivo)

Veja agora mais exemplos:

– *Um amigo **médico** me disse para vir aqui.* (substantivo + adjetivo)
– *Já conheceu algum **médico** amigo?* (substantivo + adjetivo)
– *O italiano **fumante** perdeu a vida.* (substantivo + adjetivo)
– *O **fumante** italiano perdeu a vida.* (substantivo + adjetivo)
– *O inventor **brasileiro** criou o avião.* (substantivo + adjetivo)
– *O **brasileiro** inventor criou o avião.* (substantivo + adjetivo)
– *"Não sou propriamente um autor **defunto**, mas um **defunto** autor".* (substantivo + adjetivo)
– *Ele era um preso **político**, hoje é um **político** preso.* (substantivo + adjetivo)

Bechara e Celso Cunha dizem que a interpretação mais natural é encarar as estruturas em que se confundem substantivos com adjetivos assim: **substantivo + adjetivo**. Tais estruturas ainda permitem esta reescritura (pegarei a primeira frase como exemplo): "Um amigo ***que é médico*** me disse para vir aqui. / Já conheceu algum médico ***que é amigo***?". Se conseguir fazer isso, maravilha! Descobrirá a pólvora... ou melhor... o adjetivo.

No entanto, há alguns casos polêmicos... o que não é nenhuma novidade. Em "sábio indiano", não sabemos se se trata de um sábio (subst.) que é um indiano (adj.) ou um indiano (subst.) que é sábio (adj.). Há outros exemplos, como "velho careca, jovem repórter, pobre cego" etc. Nesses casos, reitero o que nos dizem Bechara e Celso: analise como **substantivo + adjetivo**, a não ser que o contexto exija interpretação diferente. Ok?

Obs.: Vale dizer ainda que a maioria dos adjetivos antepostos ao substantivo, senão todos, como pudemos ver nos exemplos acima, têm valor subjetivo, normalmente modalizadores. Podemos dizer que eles têm um valor que beira muitas vezes a conotação. Os que vêm pospostos têm normalmente valor objetivo, denotativo; são frequentemente descritivos.

2) O adjetivo pode expressar um ponto de vista, um juízo de valor*, uma avaliação por parte do locutor do texto. Isso é **modalização**. Nesse sentido, note que, se o adjetivo é modalizador, exprime uma opinião, logo pode ser refutado. Por exemplo, se eu digo: "Este programa é **ótimo**.", o adjetivo **ótimo** exprime meu julgamento; não se trata de uma verdade absoluta, logo você poderia contra-argumentar: "Ah, eu não concordo, acho **horrível**!". Neste caso, **horrível** também seria um adjetivo modalizador. Perceba que estamos no plano da argumentação, logo os adjetivos usados serão fatalmente modalizadores. Leia este texto e note os adjetivos modalizadores:

*Como se não bastasse a teatralização **manipuladora** das novelas globais – exibidas de segunda a sábado –, a população brasileira passou a conviver, a partir do início de 2002,*

*com uma nova forma de **nocivo** controle que vai ao ar de segunda a segunda durante alguns meses, com um curto intervalo entre um programa e outro: o "Big Brother Brasil". A consequência **óbvia** de assistir a este câncer é a imbecilidade mental, é **claro**. É muito **possível** que as pessoas continuem dando audiência a "isso", por mais que pessoas inteligentes compartilhem da tese de que é **necessário** parar de ver, caso contrário continuaremos sendo titereados. **Lamentável**, **asfixiante**, **surpreendente** é dar valor ao mundo da TV e seus **abjetos** e **desprezíveis** programas.*

* Não confunda juízo de valor com juízo de fato. O primeiro trata de opinião individual, por isso tem valor subjetivo, e o segundo trata de atestação, por isso tem valor objetivo.
Veja uma questão sobre termos modalizadores:

25. (ITA – Vestibular – 2011/2012) No texto, o segmento que NÃO expressa uma avaliação do autor é:
a) [...] à parte o gosto exacerbado dos paulistanos por levantar muros [...]
b) [...] a avenida ficou menos tétrica, quase bonita.
c) [...] a imagem do engarrafamento e da bagunça vira um desastre de relações públicas.
d) Em Istambul, monotrilhos foram instalados no nível da rua, como os "trams" das cidades alemãs e suíças.
e) Se forem como os antigos bondes, ótimo.

Comentário: O gabarito é a letra D, pois traz um trecho sem vocábulos modalizadores. Todas as demais alternativas contêm expressões que revelam a avaliação do autor. A: "... gosto *exacerbado*...". B: "... *quase bonita*". C: "... *bagunça... desastre*...". E: "... *ótimo*". Notou, em especial, os adjetivos das opções A e E?

3) Os adjetivos podem ser usados como instrumentos ou recursos coesivos dentro do texto. Em outras palavras, fazem referência a vocábulos dentro do texto para evitar a repetição e manter o sentido dele. Veja este breve texto:

*O homem e a mulher irromperam numa discussão ferrenha sobre quem era mais relevante no curso histórico. **Derrotado** após o embate, chegamos à conclusão de que a mulher ainda é a base de tudo!*

Note que o adjetivo **derrotado** (no masculino e no singular) só pode se referir ao **homem** (masculino e singular). Logo, a palavra *homem* não precisou ser repetida; coube ao adjetivo a função de retomada. Isso é coesão. As partes do texto estão "costuradas" mantendo uma harmonia de sentido.

O Que Cai Mais na Prova?

Definitivamente, você precisa 1) identificar os adjetivos e 2) dominar seu valor discursivo. Sabendo isso, é só alegria!

Questões de Concursos

"Para as finalidades empresariais, as fronteiras que separam uma nação da outra são tão reais como o equador. Consistem meramente de demarcações convenientes de entidades étnicas, linguísticas e culturais. Não definem necessidades empresariais nem tendência de consumidores. Uma vez que a administração compreenda e aceite essa economia mundial, a sua maneira de encarar a praça do mercado – e de planejá-la – necessariamente se expande." (Jacques Maisonrouge)

1. (MPE-RJ (NCE) – Corregedoria Geral da Justiça/RJ – 1998) No segundo período do texto, o termo que modaliza o conteúdo expresso é:
   a) meramente;
   b) convenientes;
   c) étnicas;
   d) linguísticas;
   e) culturais.

2. (MPE-RJ (NCE) – Auxiliar Superior Administrativo – 2001) O adjetivo abaixo de valor nitidamente subjetivo é:
   a) imprensa brasileira;
   b) proposta milionária;
   c) incitamento racista;
   d) jovem negro;
   e) brilhante futuro.

3. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) Entre os segmentos abaixo, aqueles cujos adjetivos mostram uma opinião da autora do texto são:
   I. a triste situação;
   II. milhões de crianças brasileiras;
   III. futuro incerto e infeliz;
   IV. grave problema social.
   a) I – III – IV;
   b) I – III;
   c) I – IV;
   d) III – IV;
   e) II – III.

4. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) No segmento "Mesmo assim, tal atividade deve ser reconhecidamente leve...", o vocábulo *leve* designa de forma adequada aquela atividade que não envolve grande esforço físico; o item abaixo em que há uma INADEQUAÇÃO vocabular, derivada de um mau emprego de um adjetivo que passa a ter valor negativo em lugar de uma ideia de delicadeza é:
   a) fogo brando;
   b) lençol macio;
   c) bolo mole;
   d) perfume suave;
   e) mar calmo.

"(...) é da felicidade desta operação, desta relação com a matéria pré-formada − em que ***imprevisível*** *dormita a história − que vão depender profundidade, força e complexidade dos resultados. São relações que nada têm de autoritário..."*

5. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2002) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – A palavra "imprevisível", pela inversão sintática, funciona como substantivo.
   "... do quadro ***político-institucional*** *que regula os conflitos federativos..."*

6. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2002) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – O plural do adjetivo composto "político-institucional" se faz adicionando a desinência de plural aos dois elementos.

Sei que grande parte da magistratura ***sem assento nos tribunais superiores*** *discorda dos que defendem a adoção da súmula vinculante, sob o fundamento de que o instituto pretendido engessaria os demais juízes, sobretudo os* ***de primeira instância****, no canteiro da qual começa a manifestar-se o espírito* ***da jurisprudência****. Penso* ***de outra forma****. Não vejo engessamento da ação do magistrado de instância inicial no resultado dessa medida* ***que se***

advoga como instrumento de agilização da Justiça.

7. (Esaf – MPU – Analista Processual – 2004) Assinale a expressão que, no texto, não tem valor de adjetivo por não denotar um atributo do nome a que se refere.
   a) "sem assento nos tribunais superiores".
   b) "de primeira instância".
   c) "da jurisprudência".
   d) "de outra forma".
   e) "que se advoga como instrumento de agilização da Justiça".

8. (NCE/UFRJ – SESPA – Contador – 2006) A alternativa em que ocorre a presença de um só adjetivo que se refere a um só substantivo é:
   a) "hierarquias, estruturas nem códigos canônicos";
   b) "lutas sociais e políticas";
   c) "disciplina mental e espiritual";
   d) "diferentes tradições religiosas";
   e) "vaidades e ambições desmedidas".

9. (FUNIVERSA – Analista Júnior – Jurídica – 2006) "Seu corpo como que se marca ainda na **velha** poltrona **da sala.**" Sobre os termos destacados, é correto afirmar:
   a) Os dois possuem valor de adjetivo.
   b) Os dois possuem valor de advérbio.
   c) Possuem valor de adjetivo e advérbio respectivamente.
   d) Possuem valor de advérbio e adjetivo respectivamente.
   e) Os dois possuem valor pronominal.

10. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – Em *Durante boa parte do século XIX*, o adjetivo exprime juízo de valor atribuído aos anos em que ocorreram os fatos mais significativos para a história do pensamento.

11. (NCE/UFRJ – CRA/RJ – Fiscal I – 2007) O autor do texto coloca suas opiniões no texto, entre outros processos, por meio de adjetivos; os adjetivos abaixo que expressam opinião são:
   a) "extraordinária beleza" / "esforço heróico";
   b) "esforço heróico" / planos vélicos";
   c) "planos vélicos" / avanços técnicos";
   d) "avanços técnicos" / descobrimentos marítimos";
   e) "descobrimentos marítimos" / "extraordinária beleza".

12. (MP/RJ – Técnico Administrativo – 2007) *Para fazer as pesquisas com o registro das aves, serpentes, répteis e batráquios, as equipes teriam o "curto prazo de dois dias".* A locução adjetiva usada aqui em "o registro das aves" tem como sinônimo erudito:
   a) ornitológico;
   b) ofiológico;
   c) entomológico;
   d) ictiológico;
   e) saurológico.

13. (FAB – EAGS/SAD – Sargento da Aeronáutica – 2008) Leia:
"Direitos humanos para os humanos direitos."
   I. Em "direitos humanos", "direitos" é adjetivo; "humanos" é substantivo.
   II. "Direitos humanos" e "humanos direitos" são substantivos compostos.
   III. Em "humanos direitos", "humanos" é substantivo; "direitos" é adjetivo.
   IV. Em "direitos humanos", "humanos" é adjetivo; "direitos" é substantivo.
   Estão corretas as afirmações:
   a) I e II.
   b) I e III.
   c) II e IV.
   d) III e IV.

14. (FAB – EAGS/SAD – Sargento da Aeronáutica – 2008) Leia as afirmações:
Quem nasce em:
I. Belém (Pará) é belenense.
II. São Luís é são-luisense.
III. Manaus é manauano.
Está(ão) correta(s) a(s) afirmação(ões):
a) I apenas.
b) II apenas.
c) I e III.
d) I e II.

15. (Consulplan – Técnico de Gestão Municipal – 2009) No trecho "os passarinhos estão mais lentos que a rotação da eternidade", tem-se:
a) um superlativo analítico de lento;
b) um comparativo de superioridade;
c) um superlativo absoluto;
d) um comparativo de igualdade;
e) um superlativo relativo de superioridade.

16. (Consulplan – Agente de Pesquisas e Mapeamento – 2009) Todos os termos destacados têm natureza adjetiva, EXCETO:
a) "algumas generosas";
b) "Meus ensaios têm colimado assuntos candentes e controvertidos.";
c) "seria de implantação inverossímil.";
d) "Sua imaginação criativa.";
e) "sobre a aborrecida lógica do texto".

Fragmento de texto
Pois como há de um crítico julgar? Quais as qualidades que formam, não o incidental, mas o crítico competente? Um conhecimento da arte e da literatura do passado, um gosto refinado por esse conhecimento, e um espírito ***judicioso*** *e imparcial. Qualquer coisa menos do que isto é fatal ao verdadeiro jogo das faculdades críticas. (...)*

17. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) O adjetivo "judicioso", que significa o mesmo que opinioso, é empregado com sentido irônico no texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
(...) É necessário investir em pesquisa...

18. (Cespe/UnB – MPU – Analista de Informática – 2010) Na linha 19, o emprego do adjetivo "necessário", no masculino, estabelece a concordância com a oração que a ele se segue;
( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Consulplan – Advogado – 2010) Assinale a alternativa em que o termo destacado NÃO pertence à mesma classe gramatical dos demais:
a) "camadas iletradas".
b) "direitos políticos".
c) "perpétuo exercício".
d) "ofício mecânico".
e) "precária condição".

Fragmento de texto
Foi tudo muito rápido. A executiva bem-sucedida sentiu uma pontada no peito, vacilou, cambaleou. Deu um gemido e apagou. Quando voltou a abrir os olhos, viu-se diante de um imenso portal. (...) Sem entender bem o que estava acontecendo, a executiva bem-sucedida abordou um dos passantes (...)
Apesar das óbvias evidências de nenhuma poluição, todo mundo sorrindo, ninguém usando telefone celular, custou um pouco à executiva bem-sucedida admitir que havia mesmo apitado na curva.

20. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Analista (ADM) – 2010) Com base em aspectos linguísticos do texto, assinale a

alternativa correta.

a) O termo de referência mais usado para a personagem principal do texto e construído por substantivo feminino qualificado por expressão composta de advérbio mais adjetivo, com o propósito de ironizar a profissional.

21. (FGV – SEAD/AP – Delegado de Polícia – 2010) Assinale a alternativa em que o termo sublinhado tenha função adjetiva.
a) Característica da nação.
b) Ameaça de colapso.
c) Deterioração de valores.
d) Instituição da escravidão.
e) Uso de violência.

22. (Cesgranrio – FINEP – Técnico – 2011) A terminação **-íssimo** costuma ser adicionada a adjetivos. No caso do texto I, em que ela é adicionada a um advérbio – "muitíssimo" –, traz a noção de:
a) ênfase;
b) qualidade;
c) autoridade;
d) formalismo;
e) estranhamento.

23. (FUNCAB – Pref. Várzea Grande/MT – Auditor-Municipal – 2011) Todas as afirmativas a respeito dos elementos da frase "Sou um ignorante, um pobre homem da cidade." estão corretas, EXCETO:
a) POBRE, nesse contexto, anteposto ao substantivo, significa "digno de pena, insignificante".
b) Se o adjetivo da frase estivesse posposto ao substantivo, adquiriria o sentido de "desprovido de recursos financeiros".
c) O gênero do substantivo IGNORANTE é marcado pela anteposição do artigo indefinido UM.
d) A expressão DA CIDADE é uma locução adjetiva e o seu adjetivo correspondente é CITADINO.
e) O deslocamento do adjetivo POBRE para depois do substantivo provocaria alteração em sua classificação sintática.

24. (Cesgranrio – CITEPE – Supervisor de Produção Têxtil – 2011) O adjetivo destacado em "...**fino** manto...", se deslocado para depois do substantivo "manto", sofre alteração de sentido, o que **NÃO** ocorre em:
a) Passamos por negras situações naquela época.
b) Aquele profissional é um pobre homem.
c) Ela era uma simples pessoa.
d) Recebi uma única oferta de trabalho.
e) Tornou-se, quando adulto, um grande homem.

25. (Consulplan – Técnico de Segurança do Trabalho – 2011) Em relação à classe de palavras, marque a relação INCORRETA.
a) "A pobreza pesava bastante sobre os ombros de meu pai." (verbo)
b) "Minha mãe puxando a cadeira,..." (pronome)
c) "Eu via seu desânimo em vencer a distância entre a cozinha e o caminho..." (preposição)
d) "Com escondida melancolia..." (adjetivo)
e) "Sem bravura, assentado na porta da rua..." (substantivo)

26. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal (TRANSP.) – 2011) (Adaptada) Sobre o texto abaixo a informação está correta ou incorreta?

A mudança de posição entre adjetivo e substantivo criaria estrutura incomum ou geraria alteração de sentido em todas as construções seguintes:
• "motivos biológicos";
• "setenta anos";
• "receita infalível";
• "melhor forma".

(...) Outras vezes, utiliza-se a palavra em seu sentido subjetivo, como na expressão "é o meu direito". Trata-se, como ensina Reale, da "**regra de direito** vista por dentro, como ação regulada".

(...)

O direito à saúde, ao apropriar-se da liberdade e da igualdade, caracteriza-se pelo equilíbrio instável desses valores. A história da humanidade é farta de exemplos do **movimento pendular** que ora busca a liberdade, ora a igualdade. Os homens sempre tiveram a consciência de que para nada serve _____ igualdade sob o **jugo do tirano** e de que a liberdade só existe entre iguais.

27. (MP/RS – Assessor – Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais – 2011) Considere as seguintes propostas de substituição de segmentos do texto.
1. *regra de direito* por *regra jurídica*.
2. *movimento pendular* por *movimento do pêndulo*.
3. *jugo do tirano* por *jugo tirânico*.
Quais propostas estão corretas e são contextualmente adequadas?
a) Apenas 1 e 3.
b) Apenas 2 e 3.
c) Apenas 1.
d) Apenas 2.
e) 1, 2 e 3.

28. (NCE/UFRJ – Técnico em Contabilidade – 2011) O item abaixo em que a mudança de posição do adjetivo em relação ao substantivo NÃO provoca qualquer alteração no sentido original do segmento é:
a) famílias pobres;
b) inocente cidadão;
c) qualquer artista;
d) jornais velhos;
e) golpe novo.

29. (FUNCAB – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Observe o uso do diminutivo nas frases:
1. "(...) E então pensou na traíra, sua TRAIRINHA, deslizando silenciosamente no tanque da pia, na casa escura.(...)"
2. "(...) – Uai, essa que você pegou estava VIVINHA na hora que eu cheguei, e você ainda esqueceu o tanque cheio d'água (...)"
A respeito da flexão sofrida pelas palavras em destaque, analise os itens a seguir:
I. O uso da forma sintética do diminutivo, na frase 1, atribui ao substantivo flexionado um sentido conotativo, contribuindo para a manifestação da afetividade do protagonista em relação ao peixe.
II. Na frase 2, o diminutivo intensifica a ideia de vivo. Vivinho = muito vivo, bem vivo, saudável.
III. Em ambas as frases os termos flexionados têm valor denotativo, pois o sufixo diminutivo atribui a eles sua significação normal, apesar de diminuída sua intensidade.
Assinale a alternativa que aponta o(s) item(ns) correto(s).
a) Somente o I está correto.
b) Somente o II está correto.
c) Somente I e II estão corretos.
d) Somente I e III estão corretos.
e) Somente II e III estão corretos.

30. (Consulplan – TSE – Técnico Judiciário – 2012) Assinale a alternativa em que a alteração da ordem das duas palavras implique mudança semântica.
a) diversas origens – origens diversas.
b) bom vinho – vinho bom.
c) restaurante chique – chique restaurante.
d) caríssimo jantar – jantar caríssimo.

31. (Pref. da Estância de São Roque – Inspetor de Alunos – 2012) A frase que contém um adjetivo é:
a) A necessidade fez isto do homem.
b) Todos lutam para ter a liberdade.
c) A televisão nos mostra o mundo.
d) Ele usa um topete escandaloso.
e) Gostaria de ficar com você.

32. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia – 2012) Todos os adjetivos em destaque estão empregados no texto para fazer a avaliação ou valoração pessoal de um fato, EXCETO o que se lê em:
a) "sua beleza SINGULAR";
b) "formas de integração SOCIAL com as favelas pacificadas";
c) "GRANDE contingente de pessoas";
d) "variedade EXTRAORDINÁRIA de manifestações";
e) "o MELHOR caminho para a adequação espacial dessas comunidades";

33. (Consulplan – Pref. Porto Velho/RO – Professor II (Letras) – 2012) “Pintores e fotógrafos (...) aquilo que lhes parece não só o mais estático dos seus aspectos, mas também o mais comunicável, o mais rico de sugestões...” Em “... o mais estático, ... o mais comunicável, ... o mais rico...” tem-se um:
a) comparativo de inferioridade;
b) comparativo de superioridade;
c) superlativo absoluto sintético;
d) superlativo relativo de superioridade;
e) superlativo absoluto analítico.

34. (CEPERJ – Procon/RJ – Advogado – 2012) O emprego de adjetivos pode expressar um julgamento que o autor do texto possui sobre determinado fato, ideia, pessoa etc.
O adjetivo está assinalando claramente uma opinião ou juízo do autor no seguinte exemplo:
a) “são estimulados a consumir de modo inconsequente.”;
b) “De pais e educadores a agentes do mercado global”;
c) “é chamado a participar do universo adulto”;
d) “os investimentos publicitários destinados à categoria de produtos infantis”;
e) “algo relacionado à esfera familiar”.

35. (Funcab – Guarda Municipal/ES – Ag. Comunitário de Segurança – 2012) A oração destacada no trecho abaixo exerce função própria de:
“[...] e circulam de bicicleta entre os milhares de veículos QUE DIARIAMENTE CONGESTIONAM AS RUAS.”
a) adjetivo;
b) advérbio;
c) verbo;
d) pronome;
e) substantivo.

36. (Fundação Sousândrade – Pref. Estreito/MA – Supervisor Escolar – 2012) A discutida ideia de que jornalistas não são observadores neutros ou passivos, mas sujeitos ativos na construção da realidade pode ser comprovada pelo juízo de valor expresso, mediante uso de adjetivo, no trecho:
a) “um dos mais marcantes capítulos”;
b) “o ministro Joaquim Barbosa, 58 anos”;
c) “o destino pareci lhe reservar”;
d) “Barbosa domina quatro idiomas”;
e) “Não alterou em nada a essência”.

37. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Marque a alternativa em que se destacam locução adjetiva e adjetivo nas frases.
a) “Certa hora **da tarde** era mais **perigosa**.”
b) “Desceu a **íngreme** escada, apegando-se **às cordas**.”
c) “Um dia, ao pino **do sol**, ela repousava em um **claro** da floresta.”
d) “Houve um momento **de silêncio**: todos os **rostos** empalideceram (...)”

38. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Leia:
*O **verde** da bandeira **brasileira** representa nossas matas, nossa vegetação. O **brasileiro** não tem noção da importância dessa **riqueza** natural, por isso não defende nosso território.*
De acordo com o contexto, qual das palavras em destaque classifica-se como adjetivo?
a) verde.
b) riqueza.
c) brasileiro.
d) brasileira.

39. (FBC – Pref. Guapimirim/RJ – Fiscal Cadastrador – 2012) Assinale entre as alternativas abaixo aquela em que o termo destacado não exerce função de adjetivo.
a) Um *cego* se aproximou e pediu uma ajuda.
b) Um homem *cego* pedia esmolas pelas ruas.
c) Ela é *cega* de nascença.
d) A menina *cega* chorava a falta do pai.
e) Ficou cego após um acidente e não podia mais ver as flores *vermelhas*.

Gabarito

1. B.	9. A.	17. ERRADO.	25. D.	33. D.
2. E.	10. INCORRETO.	18. CERTO.	26. INCORRETO.	34. A.
3. A.	11. A.	19. B.	27. A.	35. A.
4. C.	12. A.	20. A.	28. B.	36. A.
5. INCORRETO.	13. D.	21. A.	29. C.	37. A.
6. INCORRETO.	14. D.	22. A.	30. A.	38. D.
7. D.	15. B.	23. E.	31. D.	39. A.
8. A.	16. A.	24. A.	32. B.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 9

Artigo

Definição

Eis uma classe gramatical desprezada por muitas gramáticas... nem vou citar nomes... Tire suas conclusões, ao término deste capítulo, sobre se podemos desprezá-la... Agora, vamos à luta!

Do ponto de vista semântico, o artigo não tem valores embutidos em si, mas, quando se liga a um substantivo num determinado contexto, passa a desempenhar inúmeros papéis discursivos: **individualizar ou generalizar, indicar conhecimento ou desconhecimento, apreciação ou depreciação, determinação ou indeterminação, intimidade, aproximação numérica, intensificação, proximidade, diferenciar o gênero com implicações semânticas (o capital, a capital) etc.** Reitero: tudo irá depender do contexto. Veremos melhor tais matizes em "emprego dos artigos" e em "valor discursivo".

Do ponto de vista morfológico, o artigo é uma classe variável em gênero e número (**o, a, os, as; um, uns, uma, umas**). É um determinante que antecede o substantivo dentro do sintagma nominal (exemplo: ***o*** *aluno estudioso*). Desde já, vale a pena dizer que, **em 99% dos casos**, qualquer palavra que suceda o artigo se torna um substantivo.

Do ponto de vista sintático, o artigo é um termo que funciona sempre como adjunto adnominal.

Para entendermos bem todas as definições de artigo, vamos analisar por último esta frase:

Os leitores desta Gramática sabem que ela não é uma gramática... é A Gramática.

Note que

1) o primeiro vocábulo **individualiza** o substantivo *leitores*, o segundo **apresenta tom depreciativo** sobre o substantivo *gramática*, o terceiro **determina, com tom apreciativo e qualificador** o substantivo *Gramática*;
2) **variaram** de forma, em gênero e número: *"**Os** leitores... **uma** gramática... **A** Gramática";*
3) são **adjuntos adnominais** dentro dos respectivos sintagmas nominais *"**Os** leitores... **uma** gramática... **A** Gramática".*

E aí, consegue identificar um artigo? É isso que veremos um pouquinho mais à frente!

Classificação

Há dois tipos de artigo: **definidos** (o, a, os, as) e **indefinidos** (um, uns, uma, umas).

Os **definidos** se antepõem ao substantivo para indicar, normalmente, que se trata de um ser já conhecido pelo falante e pelo ouvinte, individualizando-o (a escola). Os **indefinidos** se antepõem ao substantivo para indicar, normalmente, que se trata de um ser desconhecido, indeterminando-o ou generalizando-o (uma escola).

Vale dizer também que os artigos se combinam ou se contraem com certas preposições: **a**, **de**, **em** e **por**, resultando em: **ao/aos**, **à/às***, **do/dos**, **da/das**, **dum/duns**, **duma/dumas**, **no/nos**, **na/nas**, **num/nuns**, **numa/numas**, **pelo/pelos**, **pela/pelas**. A contração de preposição com artigo indefinido não é uma incorreção, como se diz. Pode-se dizer corretamente "Morou em um lugar perigoso" ou "Morou num lugar perigoso". A prova disso é esta questão: ESAF - SET/RN – AUDITOR-FISCAL DO TESOURO ESTADUAL – 2005 – QUESTÃO 3. Mais do que isso, às vezes a não contração torna o texto incorreto: "Andou por as ruas do bairro". Acertado seria tão somente "Andou pelas ruas do bairro". Cuidado!

* A fusão da preposição **a** com o artigo **a(s)**, resultando em **à(s)**, se chama **crase**. **Crase** e **artigo** são assuntos contíguos. Por isso, ao estudar o capítulo *Crase*, é bom ter estudado antes este capítulo aqui.

Sobre a contração, vale dizer, desde já, duas "cositas":

1) Não se contrai preposição com qualquer artigo que faça parte do título de alguma obra (jornal, revista, livro etc.); no entanto, se a obra não for iniciada por artigo, usa-se o artigo antes dela:

– *Ontem eu li em **O Globo** um texto excelente do Zuenir Ventura.*

– *Preferia **Os Lusíadas** às (a + **as**) **Memórias do Cárcere**.*

Obs.: Muita gente fala assim (equivocadamente): "Ontem eu li no Globo...". Devemos respeitar a norma culta. No entanto, o próprio jornal, sem culpa, tem lá seu *slogan*: "Leia amanhã **no Globo**". Diferente, porém é dizer: "G1 é o portal de notícias **da Globo** na internet". Aí, beleza, pois está implícita a palavra *rede* antes de Globo. Para fechar: o uso do apóstrofo, ainda que seja uma opção prevista no Novo Acordo Ortográfico, não é moderno e soa estranho: "Vimos sua foto **n'O Globo**".

2) Não se contrai preposição com qualquer artigo antes de sujeito de verbo no infinitivo:

– *Em alguns programas televisivos, já se falou muito **do** futebol um dia ser suplantado pelo MMA.* (inadequado)

– *Em alguns programas televisivos, já se falou muito* ***de o*** *futebol um dia ser suplantado pelo MMA.* (adequado)

Obs.: Tal afirmação, porém, é vista de modo *flexível* por nomes de peso, como Evanildo Bechara, Domingos Paschoal Cegalla, Sílvio Elia, Souza da Silveira e outros. Esses gramáticos encaram ambas as construções frasais como certas. Se cair alguma questão assim na prova, cuidado! A quase esmagadora maioria dos gramáticos e das bancas só vê a segunda construção como certa; e é assim que costuma cair em prova. A Esaf considera ambas as formas corretas (com ou sem contração).

Identificação

Identificar um artigo é tarefa aparentemente boba, o problema é que ele pode ser confundido com 1) pronome oblíquo átono, 2) pronome demonstrativo, 3) preposição e 4) numeral. E aí? Moleza agora?

Bem, vejamos como identificar um artigo. Mais do que isso, vamos agora **desmitificar** o ensino de que toda e qualquer palavra que vem após um artigo se torna obrigatoriamente um substantivo. Depois falaremos sobre como diferençar as classes que podem gerar confusão.

Uma coisa é certa: o artigo vem antes do substantivo. Ponto pacífico! No entanto, isso significa que ele vem i-me-di-a-ta-men-te antes do substantivo? Claro que não! Veja:

– ***As*** *grandes e frequentes crises econômicas vêm atrapalhando certos países.*

Primeiro, note o sintagma nominal em que o artigo (As) se encontra: "As grandes e frequentes crises econômicas". Ok? Pergunto eu a você: "*Grandes* e *frequentes* se tornaram substantivos só porque o artigo veio antes?" Claro que não, pois *grandes* e *frequentes* são adjetivos que caracterizam o substantivo *crises*. É isso aí! Ou seja, o artigo vem antes do substantivo, mas não imediatamente antes, pois pode haver outros **determinantes** depois do **artigo** modificando um substantivo, como em: "***Os*** (artigo) *nossos* (pronome) *dois* (numeral) *lindos* (adjetivo) filhos (substantivo) nasceram!".

Continuando a linha de raciocínio... você me pergunta: "Bem... se um artigo vem antes de um substantivo... então, independentemente da distância, SEMPRE haverá um substantivo após o artigo, certo?". Errado, meu nobre!

Há alguns casos em que o artigo vem antes de **advérbio seguido de adjetivo** (grau superlativo relativo), antes de **numeral** (substituindo substantivo), antes de **forma de tratamento** (senhor(a), senhorita), antes de **pronome demonstrativo** (mesmo), antes de **pronome possessivo** (substituindo substantivo), antes de **pronome interrogativo** (que), antes de **pronome indefinido** (outro, demais), antes de **pronome relativo** (na locução pronominal relativa "o(a) qual") e antes de **conjunção comparativa** (do que; esta contração (do) é expletiva). Se não me falha a memória, é isso aí! Veja:

– *Ele é* ***o*** *mais divertido do programa.*

– *Pai, mãe e filha ceavam.* ***Os*** *três eram bastante humildes.*

– ***A*** *senhora se tornará muito rica com tal ideia.*

– *Marlene passou na prova.* ***O*** *mesmo não aconteceu com Arnaldo.*

– *Não direi nada a teu pai, mas a****o*** *meu.*

– ***O*** *que você tem a ver com isso?* (O artigo é expletivo, serve só de realce.)*

– *Referi-me a esta mulher, não* ***à*** *(a +* ***a****) outra. Sobre* ***as*** *demais, ignore.*

– *As mulheres* ***as*** *quais namorei eram burrinhas de dar dó.*

– *Xuxa tem mais personalidade d****o*** *que Angélica?*

* Alguns autores, como Napoleão Mendes de Almeida, veem "o que" como uma forma só, de modo que inferimos que o "o" da expressão pode não ser analisado isoladamente, isto é, analisa-se "o que" como uma locução pronominal interrogativa, segundo palavras da saudosa professora da Faculdade de Letras de Lisboa Teresa Álvares.

Note que todas as classes gramaticais mantêm seu caráter peculiar, isto é, elas não se tornam um substantivo só pelo fato de o artigo as preceder. O adjetivo continua a indicar característica, o numeral continua a indicar quantidade, o pronome de tratamento continua a indicar formalidade, respeito... e por aí vai. Logo, o artigo nem sempre vem antes de um substantivo.

"Ah, mas eu aprendi a vida inteira que, se uma palavra vier depois de um artigo, será um substantivo!" É verdade, eu também aprendi assim; até que eu resolvi estudar e me dei conta de que "o buraco é mais embaixo".

Bem... **normalmente** o artigo vem antes do substantivo e **normalmente** torna qualquer classe gramatical um substantivo. Isso foi visto, em parte, no capítulo de substantivos, mais precisamente em *substantivação*. Dê uma olhada lá de novo! Se bater uma preguiça, veja aqui mesmo alguns exemplos:

– ***O*** *brasileiro é, antes de tudo, um forte!* (O adjetivo foi substantivado.)

– *Estou entre* ***o*** *sim e* ***o*** *não.* (Os advérbios foram substantivados.)

– *O professor perguntou ao aluno: "Na frase 'A língua é coisa muito complexa',* ***o*** *a da frase é um artigo?"* (O artigo foi substantivado.)

– ***O*** *Aí eu vou pra galeeeeeera! é um bordão inesquecível.* (A frase foi substantivada.)

Tranquilo?

Bem, **chegou a hora de ver algo que cai muito em prova!**

Não confunda artigo com **1) pronome oblíquo átono, 2) pronome demonstrativo, 3) preposição, 4) numeral** ou **5) pronome indefinido**.

1) Artigo *versus* Pronome Oblíquo Átono

Os pronomes oblíquos átonos **o**, **a**, **os**, **as** atuam como complemento de verbo, logo acompanham um verbo, e não um substantivo.

– *Não via meus amigos há muitos anos; minha esposa também não via as amigas dela há muito tempo. Decidimos ligar para eles. Eu* ***os*** *convidei para um almoço, e depois ela* ***as*** *convidou para um jantar. Foi ótimo!*

O verbo *convidar* exige um complemento. O pronome **os** substitui *amigos* e **as** substitui *amigas*. Não há a mínima chance de ser artigo, pois o artigo vem antes de substantivo, determinando-o, e não junto ao verbo.

2) Artigo *versus* Pronome Demonstrativo

Os pronomes demonstrativos ***o, a, os, as*** aparecem em alguns casos: antes de pronome relativo **que**, antes da preposição **de** e quando substitui um termo ou uma frase inteira (só o demonstrativo **o** atua nesse terceiro caso, vindo normalmente acompanhado dos verbos **ser** ou **fazer**). Tais pronomes podem ser substituídos por **aquele(a/s)** ou **aquilo**.

– ***As*** *(= aquelas) que ficam na frente da sala são normalmente discriminadas, já* ***os*** *(= aqueles) do "fundão" são os carismáticos, sendo meninos ou meninas. A verdade é que uma turma só é boa se seus componentes também* ***o*** *(isso = bons) forem.*

Obs.: De todos os gramáticos que pesquisei, só Bechara e Luft dizem que **o**, **a os**, **as** (antes de substantivo **elíptico**) são artigos. Portanto, para eles, **As** e **os** são **artigos**. Veja uma questão bem polêmica sobre isso (Esaf – ATRFB – 2012 – QUESTÃO 5 – GABARITO 4). A Esaf fica com a opinião desses dois gramáticos, ignorando o que todos os demais afirmam. Incrível, não?! No entanto, a visão de 99% das bancas é encarar tais vocábulos como pronomes demonstrativos: CEPUERJ – DEFENSORIA PÚBLICA – TÉCNICO – 2010 – QUESTÃO 10 (D).

3) Artigo *versus* Preposição

A preposição **a** vem iniciando locução adjetiva (barco **a** vela), locução adverbial (**a** olhos vistos), locução prepositiva (**a** despeito de), ligando verbos e nomes a seus complementos (Viso **a** um bom cargo/Sou fiel **a** vós), ligando verbo a verbo (Voltei **a** estudar), iniciando orações (**A** persistirem os sintomas...) etc. e tal.

Bem fácil distinguir, portanto, uma classe de outra.

4) Artigo *versus* Numeral

O numeral **um** ou **uma** indica quantidade correspondente à unidade e admite o acompanhamento das palavras "só, somente ou apenas".

– *Acabei gastando* ***um*** *litro de gasolina para chegar aqui.* (... só/somente/apenas **um**...)

Em "Entrei na livraria para comprar **um** livro anteontem.", sem maior contexto, temos de entender tal vocábulo como artigo indefinido. "Ah, mas é possível colocar *só, somente ou apenas* antes de *um*!" É verdade. No entanto, só com tais palavras a ideia de número fica clara; sem essas palavras para ajudar e sem um contexto maior, teremos de encarar tal vocábulo como artigo indefinido. Observe agora este texto:

– ***Um*** *aluno do curso passou no concurso mais concorrido do Brasil, dentre mais de 8.000 alunos da rede.*

Pelo contexto, **um** só pode ser numeral, pois indica quantidade. Observe o contexto sempre!

5) Artigo *versus* Pronome Indefinido

Os pronomes indefinidos **um**, **uns**, **uma**, **umas** não vêm acompanhando um substantivo, vêm **substituindo-o**. Normalmente, na mesma frase, aparece o pronome **outro**.

– *Várias pessoas foram convidadas para a formatura.* ***Umas*** *apareceram,* ***outras*** *não. Ele, por exemplo, é* ***um*** *que nem foi convidado.*

Agora, sim, você está mais do que preparado para acertar qualquer questão relativa à identificação do artigo.

Emprego dos Artigos Definidos

Não entre na paranoia de querer gravar tudo, hein! Não se assuste. Vou pontuar exatamente aquilo de que você precisa para a prova, colocando um * ao lado de cada regra. Você vai perceber que junto ao emprego dos artigos, muitas vezes falarei sobre seus valores semânticos. Vejamos:

1) O artigo antecipa um substantivo, individualizando-o:

– *Encontrei **o** homem.*

2) O artigo pode ter valor de pronome demonstrativo (este, esse, aquele) para indicar que algo está próximo do falante e/ou algo é conhecido do ouvinte:

– *Finalmente o prefeito prometeu investir n**a** (= nesta, = naquela) região.*

3) O artigo pode ter valor de pronome possessivo (meu, teu, seu, nosso, vosso), normalmente quando se liga a substantivos que indicam partes do corpo, vestuário, objetos pessoais, faculdades do espírito e relações de parentesco:

– *Quando atuava como palhaço, eu tinha **o** (= meu) rosto coberto de maquiagem.*

– *Ela descosturou todo **o** (= seu) vestido para depois fazer uma saia.*

– *Por que jogou fora **a** (= minha) escova de dentes se ela estava nova?*

– *Vem cá, tu perdeste **o** (= teu) senso, rapaz?*

– *Nossa vida era uma felicidade só; **o** (= nosso) pai era um grande homem.*

***4) O artigo vem obrigatoriamente antes de pronome possessivo que *substitui* um substantivo, mas é <u>facultativo</u> antes de um pronome possessivo que *acompanha* um substantivo:**

– *Fizeram alusão a (*ou *a**os**) meus ideais, não a**os** seus.*

Obs.: <u>Omite-se</u> o artigo definido antes dos possessivos em três situações: 1) nas locuções com pronome possessivo (a meu ver, em meu ver, a meu modo, a meus pés, em seu favor, em minha opinião, a seu bel-prazer, por minha vontade etc.); 2) antes de pronomes ou formas de tratamento (Vossa Excelência, Sua Majestade, Nossa Senhora etc.); 3) em vocativos (Meu amor, eu te amo). No entanto, quando o pronome vier posposto ao substantivo, o artigo é obrigatório: "Quando a luz d**os** olhos meus e a luz d**os** olhos teus resolvem se encontrar..."

5) O artigo indica a totalidade de uma espécie:

– ***O** homem é um ser muito volúvel.* (todos os seres humanos)

***6) O artigo é dispensado quando atribui um sentido genérico ao substantivo, mesmo**

quando este é especificado:

– *Certos membros religiosos não vão a festas.* (qualquer tipo de festa; o **a** é só uma preposição)

– *A pesquisa não se refere a mulher casada, a homem casado, mas tão somente a solteiros.* (qualquer mulher casada, qualquer homem casado; o **a** é só uma preposição)

Obs.: O Cespe/UnB adora esse tipo de questão sobre crase! Veremos melhor isso em *Crase*.

7) O artigo é normalmente dispensado antes dos substantivos em provérbios:

– *Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.*

8) O artigo é dispensado antes de nomes de meses, a menos que estejam especificados:

– *É em setembro que eu faço aniversário, mas nunca me esquecerei d**o** setembro de 2000, pois foi meu primeiro beijo.*

9) O artigo é dispensado antes das datas do mês:

– *Milhares de pessoas desapareceram incrivelmente em 30 de março de 1549.*

Obs.: Se a data estiver especificada, o artigo será obrigatório: "Milhares de pessoas desapareceram incrivelmente n**o** fatídico 30 de março de 1549." Caso se trate de uma locução substantiva (datas célebres), o artigo será obrigatório: "Odeio **o** 7 de Setembro." Segundo Celso Cunha, "antes de datas mencionadas no curso de uma narração", usa-se o artigo: "A primeira missa se realizou a**os** 26 de abril de 1500 no país que viria a se chamar Brasil."

10) O artigo é usado antes de dias da semana:

– *A**os** domingos, os católicos vão à igreja.*

Obs.: Não raro, porém, o artigo é dispensado junto com a preposição: "Vou descansar **segunda-feira**". Como já dizia a música, "**sábado** à noite, tudo pode mudar" ou "**De segunda a sexta**, esporro do patrão; **sábado e domingo**, vou curtir com a Furacão." Este último exemplo é em homenagem ao *funk* carioca (está na veia do flamenguista aqui).

***11) O artigo é usado antes de horas, em expressões adverbiais de tempo:**

– *Os pescadores não devem pescar a**o** meio-dia, por causa do sol; a melhor pesca começa a partir d**as** seis horas da manhã.*

Obs.: Se a expressão de horas não tem valor adverbial, o artigo é dispensado: "Já é meio-

dia e meia".

12) O artigo é usado antes das quatro estações do ano:

– ***A*** *primavera,* ***o*** *verão,* ***o*** *outono e* ***o*** *inverno marcam as estações do ano.*

Obs.: O artigo é dispensado antes da preposição **de** que inicia locuções adjetivas: "Nada como uma noite **de verão**!". No entanto, se vier especificado, o artigo é obrigatório: "Tenho boas lembranças das noites *do verão passado.*".

13) O artigo é usado antes de nomes que indicam datas festivas:

– ***O*** *Carnaval,* ***o*** *Natal,* ***a*** *Páscoa e* ***a*** *Quaresma fazem parte de nossa cultura.*

Obs.: O artigo é dispensado antes da preposição **de** que inicia locuções adjetivas: "O primeiro dia *de Carnaval* é glorioso." No entanto, se vier especificado, o artigo é obrigatório: "A véspera *do Natal* deste ano terá surpresas.".

14) O artigo é usado em expressões de pesos e medidas:

– *Pagou-se R$100* ***o*** *metro de tecido.*

***15) O artigo só é usado antes da palavra "casa" quando ela vem especificada por um adjetivo, locução adjetiva ou oração adjetiva; quando significa *estabelecimento comercial*, também há artigo.**

– *Enfim conseguimos visitar* ***a*** *linda casa do bairro da qual todos falaram.*

– *Eles finalmente arrumaram o restaurante.* ***A*** *casa ficou linda e será um sucesso.*

Obs.: Se a palavra **casa** não vier especificada ou tiver sentido vago, genérico, o artigo é dispensado: "Chegamos **a** casa eu e ela por volta das sete horas da noite." (o **a** é só uma preposição exigida pelo verbo chegar); "Costumo morar em casa alugada"; "Sempre me chamam para ir **a** casas noturnas, mas sou um pai de família, ora!" (o **a** é só uma preposição exigida pelo verbo ir). Só de curiosidade: a presença do artigo na expressão "dona de casa" torna o sentido e a classificação morfológica diferente: a **dona de casa** (profissão/locução substantiva), a **dona da casa** (proprietária/subst. + loc. adj.). Um mero "artiguinho" faz toda a diferença no "status" social, não é?

***16) O artigo só vem antes da palavra "terra" se ela não estiver em oposição a bordo, se vier especificada ou se referir ao planeta:**

– *D****a*** *terra vieste, à (a +* ***a****) terra voltarás.* (A palavra terra não está em oposição a bordo.)

– *Depois que os navegantes retornaram a terra, cada um foi para **a** terra natal matar a saudade de todos os parentes.* (O primeiro **a** é só uma preposição exigida pelo verbo retornar; o segundo **a** é um artigo, pois a palavra terra vem especificada pelo adjetivo natal.)

– *Os astronautas chegaram **à** (a+**a**) Terra hoje de manhã.*

17) O artigo vem antes de estruturas superlativas, mas sua posição na frase pode variar:

– *Vou fazer **as** perguntas mais difíceis a ele.*

– *Vou fazer **as** mais difíceis perguntas a ele.*

– *Vou fazer perguntas **as** mais difíceis a ele.*

Obs.: No entanto, usar dois artigos é um erro: "Vou fazer **as** perguntas **as** mais difíceis a ele.".

***18) Diante de nome de pessoas, só se usa artigo para indicar afetividade, familiaridade, intimidade:**

– *Mandei uma carta a Fernando Henrique, na época em que ele era presidente.*

– ***Os** Portinaris tornam minha casa ainda mais chique.*

– ***O** João é uma ótima pessoa.*

Obs.: Em vocativos e antes de nomes de pessoas célebres da história (santos ou não), o artigo é dispensado: "**Fabiana**, por favor, venha aqui."; "A tese se reportou a **Carlota Joaquina** com desrespeito." (o **a** é só uma preposição exigida pelo verbo reportar-se); "Agradeço todos os dias a **Santa Clara** e a **São Cosme e Damião**." (os **as** são só uma preposição exigida pelo verbo agradecer). Diante de **Virgem Maria**, o artigo é obrigatório: "Já fiz muitos pedidos **à** (a + **a**) Virgem Maria.". Diante de nomes próprios femininos não célebres na história, o artigo é facultativo: "Os filhos costumam obedecer **à** (a + **a**) Joana (ou a Joana)."

19) O artigo é usado antes de alguns topônimos (nomes de lugares: países, regiões, continentes, montanhas, vulcões, desertos, constelações, rios, lagos, oceanos, mares e grupos de ilhas), mas não é usado antes de outros.** Como existem milhões de topônimos, não é possível colocá-los todos aqui. Por isso, vai aqui uma dica para identificar quando se usa ou não o artigo antes de algum topônimo: crie uma frase como esta: ***Gosto muito de _____. Faça um teste. Coloque os topônimos na lacuna. I) Se puder ser usado artigo antes do topônimo, maravilha! II) Não se esqueça de um detalhe: se o topônimo vier especificado, o artigo antes dele é obrigatório. III) Vale dizer que o artigo é facultativo

antes destes topônimos: *África, Ásia, Europa, Espanha, França, Holanda, Inglaterra, Escócia, Recife, Alagoas.*

*I: Gosto muito d**o** Cairo, d**o** Rio de Janeiro, d**a** Bahia, d**o** Porto, d**o** Brasil, de Portugal, de Paris, de São Paulo, de Copacabana, enfim... sou muito viajado.*

*II: Minha esposa só retornou a**o** Portugal dos avós dela depois de 20 anos.*

*III: (**O**) Recife é um lugar extremamente aconchegante e caloroso.*

Obs.: Não se usa artigo antes de nomes de planetas e estrelas: Urano, Plutão, Sírius, Canópus, Mercúrio etc. **Exceções**: **a** Terra e **o** Sol. Não se usa o artigo definido, em geral, com os nomes de cidades, de localidades e da maioria das ilhas: São Paulo, Visconde de Mauá, Malta, Cuba. **Exceção**: nomes de cidades que se formaram de substantivos comuns conservam o artigo: o Rio de Janeiro, o Porto, o Havre, o Cairo. Algumas ilhas também mantêm o artigo*:* a Córsega, a Sicília, a Sardenha, a Madeira, a Groenlândia.

20) O artigo vem antes dos pontos cardeais e colaterais, exceto quando indicam apenas direção:

*– Ah, os ventos! Os d**o** sul sempre são intrigantes.*

*– A comissão se dirigia para **o** norte.*

*– Está soprando **o** noroeste, brother!*

*– Segundo Graciliano Ramos, **o** nordeste não sopra.*

– Fizeram caminhadas de norte a sul, de leste a oeste.

21) O artigo vem antes dos pronomes indefinidos *outro* e *demais* só quando têm sentido determinado:

*– Chamei pel**os** outros, mas não vieram. Sobre **os** demais, nada tenho a dizer.*

22) Usa-se o artigo entre o numeral *ambos* e o elemento posterior, normalmente:

*– Ambos **os** atletas são capazes de conquistar o título.*

***23) O artigo é usado depois do pronome indefinido *todos* seguido de substantivo expresso; omitindo-se o substantivo, não se usa o artigo:**

*– Todos **os** quatro filhos acompanharam o pai.*

– O pai veio e saiu com todos quatro.

Obs.: Na frase "Todos os homens merecem uma segunda chance.", há uma ideia de generalização da espécie em "Todos os homens", por isso poderíamos reescrever esse trecho assim: "Todo homem merece uma segunda chance.", com o indefinido no singular,

equivalendo a "qualquer", sem artigo do lado. Estruturas diferentes, mesmo sentido.

***24) Quando o artigo é usado depois do pronome indefinido *todo*, este indicará inteireza/completude; a omissão do artigo fará *todo* indicar "qualquer":**

– *Esta carteira é válida em todo **o** território nacional.* (no território inteiro)

– *Esta carteira é válida em todo território nacional.* (esta carteira seria ótima, nem precisaríamos de passaporte, porque ela vale em qualquer território)

Obs.: Segundo Domingos Paschoal Cegalla, equivalendo a "todas as pessoas, toda a gente", a expressão **todo mundo** ou **todo o mundo** é válida, mas a segunda é preferencial. Ele diz ainda que o uso do artigo é obrigatório quando **mundo** se usa no sentido de **Terra** (O jogo será transmitido para *todo **o** mundo.*). Não se usa artigo antes de **todo** quando vem acompanhando um substantivo: *A toda pessoa chegou (???). Não confunda com o título "todo-poderoso", grafado assim mesmo: "Ele é **o** *todo-poderoso*".

***25) O artigo nunca aparece acompanhando o pronome relativo *cujo*:**

– *O homem cuja **a** persistência é grande logra êxito.* (Inadequado**!**)

– *O homem cuja persistência é grande logra êxito.* (Adequado**!**)

26) O artigo é usado antes de uma enumeração se o primeiro elemento dela vier precedido de artigo, inclusive numa série de superlativos relativos:

– *Como já dizia mais ou menos o Rei, "nem mesmo **o** céu, nem **as** estrelas, nem mesmo **o** mar e **o** infinito...".*

– ***O** mais sábio, **o** mais destemido, **o** mais puro dos homens foi Jesus Cristo.*

Obs.: Não se repete, porém, quando dois ou mais adjetivos caracterizam o mesmo ser, a não ser que os adjetivos sejam antônimos ou se queira enfatizar o substantivo: "**O** *mestre, amigo e futuro cunhado* Pestana veio me ajudar." / "***As** breves mas intensas* palavras do professor me motivaram." / "Visitamos ***a** moderna e **a** antiquada* Lisboa." (O artigo sempre vem antes de palavras antônimas!) / "***O** lindo, **o** inteligente, **o** rico e **o** mentiroso* apresentador de TV foi demitido depois de um escândalo."

27) O artigo pode ser usado para superlativar, intensificar o valor de um ser:

– *Confia em mim, o Dr. Jorge é **o** médico!*

28) O artigo é usado antes de nomes de idiomas, exceto quando vêm acompanhados de verbos relativos ao aprendizado:

– *Patrícia domina **o** português, **o** inglês e **o** espanhol.*

– *Precisa aprender agora francês e alemão.*

29) O artigo é comumente usado antes de substantivos abstratos, personificados ou não:

– *Amo **a** Justiça e **a** Compaixão; **as** virtudes precisam ser cultivadas.*

30) O artigo é dispensado antes do substantivo quando se quer dar uma ideia de acumulação e/ou rapidez ao discurso:

– *Chovem denúncias, corrupções, mentiras, negócios espúrios, sujeiras no Plenário.*

***31) O artigo é obrigatório depois da locução prepositiva "até a", só que às vezes a preposição "a" é dispensada da expressão, ficando só a preposição "até", por isso pode não haver crase:**

– *Fui até **à** (a + **a**) praia* ou *Fui até a praia.*

Obs.: Se "até a" tiver a significação de "até mesmo", deixa de ser locução prepositiva e o artigo passa a ser obrigatório: "Além das línguas germânicas, estudava até **as** línguas neolatinas."; "Eu estava muito feliz com a classificação, agradeci a bênção até **às** (a + **as**) faxineiras do curso.". Só de curiosidade: na frase "Eu fui até a (à) casa do João", pode ou não haver crase, pois "casa" está especificada, mas... em "Eu fui até a casa pegar um documento", a dispensa da preposição **a** gera uma construção no mínimo estranha: "Eu fui até casa". Logo, antes de "casa" (sem especificador), usa-se a locução prepositiva "até a" para evitar a estranheza.

Emprego dos Artigos Indefinidos

Só para relembrar, os artigos indefinidos são **um**, **uns**, **uma**, **umas**.

1) Serve para indicar desconhecimento ou generalização, basicamente:

– ***Uma*** *paciente sua passou aqui hoje de manhã, doutora.*

2) Por sua força generalizadora e indeterminadora, esse tipo de artigo é usado antes de um substantivo para indicar que se trata de uma espécie inteira:

– ***Um*** *homem não pode fraquejar diante de acusações contrárias a seus princípios.* (qualquer homem)

***3) Revela quantidade aproximada, ênfase, depreciação:**

– *Engordei* ***uns*** *dez quilos.*

– *Estou com* ***uma*** *fome!*

– *Ele é o homem, eu sou só* ***uma*** *mulher.*

4) Usado antes de nome próprio para realçar a qualidade de alguém:

– *Ela era* ***uma*** *Afrodite e* ***uma*** *Diana ao mesmo tempo.*

5) Usado para indicar que alguém pertence a uma família:

– *Dom Pedro I era um Bragança.*

6) Usado para designar obras de um artista:

– *Paguei bem caro por* ***um*** *Picasso.*

7) Usado antes de topônimos especificados:

– *Depois de 40 anos como taxista, Pedro chegou a conhecer* ***uma*** *Copacabana modesta mas charmosa.*

8) Não é usado antes de pronomes demonstrativos e indefinidos, mas pode ser usado antes de *semelhante* e *certo*, quando pospostos ao substantivo, pois viram substantivos:

– *Pai e filho tinham* ***um*** *jeito* <u>*semelhante*</u> *de falar.*

– *Fiz* ***um*** *negócio* <u>*certo*</u>*.*

* Na expressão "um(a) tal de", **tal** continua sendo pronome demonstrativo, segundo se entende do que diz o gramático Napoleão Mendes de Almeida a respeito dela.

9) Segundo a maioria dos gramáticos, omite-se, normalmente, o artigo indefinido em apostos explicativos:

– *Guimarães Rosa, (****um****) grande escritor brasileiro, mereceu todos os louros.*

10) Para precisar ou explicar melhor um ser anteriormente determinado por artigo

definido, o artigo indefinido pode ser usado:

– *Chegou a noite,* ***uma*** *noite límpida e sensual, mas tive de ficar em casa, infelizmente.*

Valor Discursivo

Provas bem elaboradas vêm trabalhando muito o valor discursivo dos artigos. Por isso, vamos entender melhor qual é o papel do artigo **dentro do texto**. Leia este diálogo entre dois interioranos:

*Fofoqueiro 1: – Aí, **o** João foi a**o** cinema d**o** bairro com **a** namorada, de novo!*
*Fofoqueiro 2: – Ih! Isso não vai dar certo. Da última vez que **um** cara daqui da cidade se atreveu a levar **uma** menina para o cinema, os pais d**a** garota ameaçaram **o** cara de morte.*
*Fofoqueiro 3: – Foi o que eu disse para ele... mas **o** homem não escuta ninguém.*

Antes de qualquer coisa, é preciso que você entenda que o artigo **definido** exerce duas funções discursivas: 1) indica que o ser do qual o falante está falando é também conhecido do ouvinte, logo ambos compartilham de um conhecimento prévio sobre o objeto da conversa ou da exposição e 2) serve para retomar ou relembrar termos anteriores, por inferência.

Igualmente, é preciso que você entenda que o artigo **indefinido** exerce uma função discursiva, basicamente: sempre que uma nova informação é apresentada, o artigo indefinido ajuda o interlocutor (ouvinte/leitor) a ficar atento no ser introduzido na cena, pois o prepara a fim de mais à frente ser tornado conhecido pelo artigo definido. Nas palavras de Celso Cunha, "O artigo indefinido serve para a apresentação de um ser ainda não conhecido do interlocutor. Uma vez apresentado o ser, não há mais razão para o emprego do artigo indefinido, e o locutor (escritor/falante/emissor) deverá usar daí por diante o artigo definido.".

Se você não entendeu muito bem o que eu quis dizer, relaxe, você vai entender melhor agora. Vejamos como analisar os artigos da cena (reprise comentada):

*Fofoqueiro 1 – Aí, **o** João foi a**o** cinema d**o** bairro com **a** namorada, de novo!*

Quando F1 diz "**o** João", é porque ele sabe que F2 o conhece. Ambos conhecem o tal João. Quando F1 diz a F2 "a**o** cinema d**o** bairro", é porque só há um cinema no bairro onde eles moram e conhecem. Quando F1 diz a F2 "com **a** namorada", ambos sabem quem é a dita cuja... e que só é uma. Percebe que há conhecimento compartilhado e prévio nesta parte do diálogo entre os interlocutores?

*Fofoqueiro 2 – Ih! Isso não vai dar certo. Da última vez que **um** cara daqui da cidade se atreveu a levar **uma** menina para o cinema, os pais d**a** garota ameaçaram **o** cara de morte.*

Olha aí o que disse o Celso! Usam-se inicialmente indefinidos para depois os definidos retomarem, por inferência, os termos anteriores (**um** cara – **o** cara; **uma** menina – (d)**a** garota). Os indefinidos são ótimos para apresentar seres e os definidos são ótimos para retomá-los visando à clareza.

*Fofoqueiro 3 – Foi o que eu disse para ele... mas **o** homem não escuta ninguém.*

Este artigo definido (**o** homem) faz referência ao João, lá do início.

Mais interessante que tudo isso é perceber que, se fossem usados artigos indefinidos no lugar de alguns definidos da primeira frase, haveria sensível mudança de sentido, não é? Veja só:

*Fofoqueiro 1 – Aí, **o** João foi a **um** cinema d**um** bairro com **uma** namorada, de novo!*

Agora nem F1 nem F2 sabem qual é o cinema, qual é o bairro, qual é a namorada (João tem mais de uma; isso a gente sabe). Ok?

Bem, é isso aí. Muito interessante, não? Chega de papo. Exercício na veia!

O Que Cai Mais na Prova?

E aí? Você ainda acha que podemos desprezar esta classe gramatical? Pode ser exatamente uma questão sobre artigo a “pedra no seu sapato”. E ainda há gramáticas no mercado trabalhando artigo “megasuperficialmente”... sem comentários... Recomendo que você estude a **identificação** do artigo, uma vez que ele pode ser confundido com vocábulos de outras classes gramaticais, e também que estude seu **valor discursivo**. Não ignoremos os **empregos mais importantes** também. Pense na sua vaga! Faça a sua parte!

Questões de Concursos

Conforme você já percebeu, mas não me custa reiterar, algumas questões só apresentam uma ou duas opções, e não todas. Isso ocorre, porque muitas bancas trabalham assuntos diversos em suas opções. Apeguei-me apenas às opções relativas ao assunto do capítulo, isto é: artigo. Isso vai ocorrer ao longo de todo o livro.

1. (Esaf – INSS – Auditor-Fiscal da Previdência Social – 2002) Em relação às lacunas do texto, assinale a opção correta.

A questão da Previdência Social deve ser recolocada na sucessão presidencial. Não é possível que uma questão dessa magnitude – o pacto entre gerações, que interessa às passadas, presentes e futuras – continue, como sempre aconteceu, fora da pauta da sucessão presidencial. Uma questão que **diz respeito** _____ 20 milhões de beneficiários – aposentados e pensionistas; _____ 26,7 milhões de contribuintes ativos, só no Sistema Geral de Previdência Social – o INSS; ____ 60,0 milhões de brasileiros que estão na População Economicamente Ativa – PEA, mas excluídos do INSS, entre os quais os 40 milhões da economia informal; ____ 4 milhões da Previdência Complementar aberta; _____ 6,6 milhões da Previdência Complementar fechada – 1,7 milhões de participantes ativos, 4,4 milhões de participantes dependentes e 558 mil participantes assistidos; _____ 10 milhões de servidores públicos civis e militares, da União (1,8 milhão), de estados (4,0 milhões, em 97) e municípios (4,0 milhões, em 97), aproximadamente.

a) Como são informações de natureza numérica, o artigo masculino é obrigatório.
b) Já que todas as informações têm a mesma função sintática, basta preencher as lacunas com o artigo feminino singular.
c) Devido à regência da forma verbal "diz" todas as lacunas devem ser preenchidas com a preposição de.
d) A regência da palavra "respeito" exige que as duas primeiras lacunas sejam preenchidas com em e as seguintes com de.
e) Todas as lacunas podem ser preenchidas com preposição e artigo masculino plural: aos.

2. (Cespe/UnB – SEFAZ – Técnico – 2002) Os três sinais indicativos de crase nas linhas 7 e 8 (Cumpre permitir à sociedade o acesso às informações relativas à boa ou má utilização das verbas públicas) podem ser suprimidos, sem que a coerência textual fique prejudicada, pois são três casos em que o artigo definido pode ser omitido.

( ) CERTO
( ) ERRADO

3. (FGV – BESC – Assistente Administrativo – 2004) "... por outro lado, ***a*** taxa Selic continuará ***a*** ser reduzida ***a*** partir do patamar de 16,5% ***a*** que chegou no fim do ano passado..."

Os termos grifados no trecho acima classificam-se, respectivamente, como:

a) artigo − artigo − preposição − preposição;
b) preposição − artigo − preposição − artigo;
c) artigo − preposição − preposição − artigo;
d) artigo − preposição − preposição − preposição;
e) preposição − preposição − artigo − artigo.

4. (Cespe – STM – Analista Judiciário – 2004) Preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se substituir a preposição ***em***, que rege "características pessoais" (... *forte influência nas características pessoais*...), pela preposição ***sobre***; mas, nesse caso, desfaz-se a contração e o artigo deverá ser escrito separadamente.

( ) CERTO
( ) ERRADO

5. (FGV – BESC – Advogado – 2004) Assinale a alternativa em que o termo grifado seja artigo definido.

a) "... o que *os* empurra a dar crédito para o setor privado e para as pessoas físicas."
b) "*O* que se faz?"
c) "*O* que está ocorrendo é que os interesses que prevaleceram..."
d) "... agora, o que se está fazendo é buscar "acalmar" *os* que temem perder lucros na fase de transição."
e) "Ou seja, há uma possibilidade, não desprezível, de *o* país perder, mais uma vez, uma janela de oportunidade."

6. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2004) Os vocábulos "dos" e "da" (... *valores que diferem nitidamente dos da Idade Média*...) provêm ambos da contração da preposição *de* com outro vocábulo: em "dos", com um pronome demonstrativo e, em "da", com um artigo definido.

( ) CERTO
( ) ERRADO

7. (Cespe/UnB – TRE/MT – Analista Judiciário – 2005) Assinale a opção em que as relações de dependência sintática entre os termos do texto VI mostram que o termo da opção não está acompanhado pelo artigo definido.
a) "na medida".
b) "a dimensão".
c) "às exigências de justiça".
d) "do perdão e do respeito".
e) "a toda pessoa".

8. (NCE/UFRJ – CEPEL – Auxiliar de Segurança Patrimonial – 2006) A frase abaixo que NÃO apresenta um numeral de qualquer tipo é:
a) "Foi assim na primeira metade do século passado".
b) "deu os primeiros passos da campanha".
c) "responsável hoje por 85% da produção nacional".
d) "para aprovar a Lei no 9.478".
e) "deixar estrangeiros explorarem o petróleo, uma riqueza finita".

9. (Cespe – MPE – Analista Ministerial – 2006) Preservando-se o sentido do texto III, uma opção gramaticalmente correta para a frase "poderá importar em um perigoso *recuo do Estado*" é: poderá importar num perigoso *recuo do Estado*.
( ) CERTO
( ) ERRADO

10. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2006) (Adaptada) Julgue como verdadeiro (V) ou falso (F) o item a respeito do texto abaixo.
*"(...) Antes de Luca Paccioli, **um comerciante** ou **produtor** que não pagasse suas dívidas poderia ter todos os bens pessoais, como casa, móveis e poupança, arrestados por um juiz ou credor. (...)"*
( ) Apesar de se classificar como **artigo** indefinido, o **artigo** "um" tem a função de determinar ou identificar, no texto, "comerciante" e "produtor".

11. (Esaf – ANEEL – Ténico Administrativo – 2006) Verifique quantas alterações propostas para o texto preservam sua coerência e correção gramatical.
*Não é a **violência** nem as **turbulências** da economia e muito menos a **saúde**. A maior preocupação do brasileiro é o trabalho. A conclusão é **resultado** de uma consulta realizada com 23,5 mil pessoas de 42 países. **Num** suposto ranking mundial de pessimismo em relação às **oportunidades** de trabalho, o brasileiro apareceria nas primeiras posições. Na média global, o emprego seguro é citado por 21% dos entrevistados, ficando em segundo lugar **entre** as preocupações de curto prazo, depois da economia.*
I. Retirar os artigos antes de "violência", "turbulências" e "saúde".
II. Substituir o sinal de ponto pelo de dois-pontos depois de "saúde", grafando a palavra seguinte com letra inicial minúscula.
III. Inserir a preposição *com* antes de "resultado".
IV. Substituir "Num" por *Em um*.
V. Retirar o artigo definido antes de "oportunidades", escrevendo apenas *à*.
VI. Substituir a preposição "entre" pela preposição *em*, o que resulta na contração *nas*.
A quantidade de itens corretos é:
a) 1;
b) 2;
c) 3;
d) 4;
e) 5.

*O acesso **às novas tecnologias** tornou-se um dos fatores determinantes para a criação e absorção de empregos. Há **uma profunda transformação** em curso nas comunicações, **potencializando** a revolução da cidadania e a redução da injustiça social. A continuidade dessas transformações reside menos em novas e radicais inovações tecnológicas e **muito** mais na universalização de seus benefícios para as camadas de baixa renda e para o grande universo de pequenas e médias empresas deste país, maiores geradoras de empregos.*

12. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2006) Julgue como falsas (F) ou verdadeiras (V) as seguintes afirmações a respeito do emprego das estruturas linguísticas no texto.
I. ( ) Preserva-se a correção gramatical ao substituir "às novas tecnologias" por **a novas tecnologias**, usando o termo de

maneira indeterminada, sem artigo.

II. ( ) Mantém-se a coerência textual e a correção gramatical também ao empregar "uma profunda transformação" generalizadamente no plural: **profundas transformações**.

III. ( ) O valor do gerúndio em "potencializando" corresponde ao de uma subordinada adjetiva: **que potencializa**.

IV. ( ) Por se tratar de advérbio que confere ênfase, "muito" pode ser suprimido do texto sem prejudicar a estrutura sintática.

A sequência obtida é:

a) V, F, F, V;
b) F, F, F, V;
c) V, F, V, F;
d) F, V, V, F;
e) V, V, V, V.

13. (UPENET/IAUPE – Pref. Olinda/PE – Assistente Social – 2006) Partindo-se do princípio de que CRASE é o fenômeno resultante da fusão da preposição "a" e do artigo "a", assinale a alternativa cujo termo sublinhado se classifica apenas como artigo, daí justificar a inexistência desse fenômeno.

a) "Todos os estudos feitos nos anos 1990 (...) continuam a mostrar..."
b) "... enquanto que 70 a 80 por cento das mulheres afirmam..."
c) "A exemplo de seu ancestral, ele quer ficar sentado em uma pedra..."
d) "... afirmam que a família é prioridade absoluta."

14. (ESPP – MGS – Analista de Sistemas – 2006) Considere o período: *Os dois passaram a discutir a questão da verba disponível.* Os termos destacados são, respectivamente:

a) preposição; artigo definido;
b) artigo definido; preposição;
c) pronome; artigo definido;
d) preposição; pronome.

15. (EsPCEx – Exército Brasileiro – Cadetes do Exército – 2007) Considere a frase: "Ele fez críticas a algumas pessoas". Assinale a alternativa em que o "a" possui a mesma classificação morfológica apresentada na frase acima.

a) Não a vi da janela.
b) Depois da chuva, voltei a casa.
c) A tardinha está deliciosa.
d) A noite é sempre assim: linda!
e) Voltamos com a sombra das nuvens.

16. (Moura Melo – Pref. São Bernardo Campo/SP – Técnico – 2007) Assinale a alternativa cujo contexto possui o uso incorreto do artigo:

a) Nunca penetrei na alma ressequida do meu tio.
b) A ilha a mais paradisíaca pede regulamentação.
c) A ilha deve ser selvagem o quanto possível.
d) NDA.

17. (FGV – FNDE – Técnico – 2007) "A primeira é tecnológica: a internet começou, há vários anos, a erodir a receita da indústria cultural."

No trecho acima, é correto afirmar que estão presentes:

a) três artigos definidos e duas preposições;
b) três artigos definidos e três preposições;
c) cinco artigos definidos e uma preposição;
d) três artigos definidos e uma preposição;
e) quatro artigos definidos e duas preposições.

18. (Cespe/UnB – Pref. São Luís/TO – Técnico Municipal – 2008) Na expressão "A expectativa de vida vem crescendo em todo o mundo", mantêm-se a coerência e a correção gramatical, bem como o sentido do texto, se for retirado o artigo "o".

( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – Pref. São Luís/TO – Técnico Municipal – 2008) Mantém-se o sentido original do texto se o trecho "aos medicamentos" (... ampliar o acesso da população aos medicamentos considerados essenciais...) for substituído por **a**

medicamentos.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – TJ – Analista Judiciário – 2008) Assinale a opção em que a partícula "o" sublinhada aparece com o mesmo emprego que se apresenta no seguinte trecho do texto: "A primeira é o que queremos dizer".
a) Eles devem realizar logo o projeto do grupo.
b) Responda-me: o que você tem com isso?
c) Seu sucesso depende de o livro ser aceito.
d) É preciso conhecer a rotina do laboratório.
e) Este livro foi o que você indicou.

21. (Consulplan – Analista de Informática (SDS-SC) – 2008) Observe as frases:
1. "Já com avião **a** catástrofe é cinematográfica..."
2. "... para não ser mais uma colunista **a** apontar os defeitos alheios..."
3. Os agentes **a** encontraram desacordada.
Os termos grifados são, respectivamente:
a) artigo, pronome, pronome;
b) artigo, preposição, prono,me;
c) artigo, pronome, preposição;
d) pronome, preposição, artigo;
e) preposição, artigo, pronome.

"(...) Em nosso continente, a colonização espanhola caracterizou-se largamente pelo que faltou à portuguesa: ***por uma*** *aplicação insistente em assegurar o predomínio militar. (...)"*

22. (Cespe/UnB – CEHAP – todos os cargos (SUPERIOR) – 2009) (Adaptada) Preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se escrever *pela* em lugar de "por uma"?

23. (Cespe/UnB – PM – SOLDADO – 2009) Em "acesso a" (O acesso a revólver, pistola...), "a" funciona como artigo feminino singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

24. (Esaf – ANA – Analista Administrativo – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"O tratamento de esgotos é fundamental para qualquer programa de despoluição das águas. Em grande parte das situações, a viabilidade econômica das estações de tratamento de esgotos (ETE) é reconhecidamente reduzida, em razão dos altos investimentos iniciais necessários ***à sua construção*** *e, em alguns casos, dos altos custos operacionais. (...)"*
- O emprego do sinal indicativo de crase em "à sua construção" é opcional porque é opcional a presença de **artigo definido** singular feminino antes de "sua".

25. (MOVENS – MDIC – Grupo I – 2010) Quanto ao emprego dos artigos no texto, julgue os itens abaixo como Verdadeiros (V) ou Falsos (F) e, em seguida, assinale a opção correta.
I. No trecho "Estamos a um passo dessa convergência", há dois artigos.
II. Em "O sol brilha em todo o mundo", a retirada do artigo que antecede a palavra "mundo" não acarretaria erro gramatical, mas mudaria o sentido do texto.
III. Na linha 11, em "O vento sopra pela Terra todo dia", há contração da preposição **por** com o artigo **a**.
A sequência correta é:
a) V, F, F;
b) V, F, V;
c) F, V, F;
d) F, V, V.

26. (FUNIVERSA – SESI – Assistente Pedagógico – 2010) (Adaptada) Considerando o período "Assim, a relação professor-aluno se torna tema fundamental de discussão nas reuniões de planejamento, nas escolas, nas universidades e em todos os lugares onde se debata melhoria da educação.", diga se a afirmação abaixo está correta ou incorreta:
– O vocábulo "nas", em todas as suas ocorrências, resulta da contração da preposição "em" com o artigo definido "as".

27. (Consulplan – Técnico Administrativo – 2010) (Adaptada) Quanto à classe de palavras, a classificação abaixo está correta

ou incorreta?
– "As economias sustentáveis, com tecnologias limpas, sepultarão antigas estruturas..." (artigo definido)

28. (Consulplan – Auxiliar Administrativo – 2010) Assinale a alternativa que apresenta ERRO quanto ao uso do artigo:
a) Avisei a ela que não haveria a reunião.
b) Feliz o pai cujos filhos são ajuizados.
c) Li a notícia no "Estado de Sergipe".
d) Ambos os casos merecem consideração.
e) Discutia os assuntos mais profundos.

29. (Consulplan – Educador de nível médio – 2010) Há ERRO quanto ao emprego do artigo na seguinte afirmativa:
a) O Brasil é um país maravilhoso.
b) O juiz solicitou a presença de ambos os cônjuges.
c) Esta é a mulher cujo o amigo desapareceu.
d) Faltaram uns dez alunos.
e) O menino fugiu.

(...) A palavra paraíso é de origem persa – *pairidaeza*, que quer dizer "jardim murado"; **e sua representação, seu símbolo, é um jardim**, o lugar onde se deu a criação, o país originário de Adão e Eva, enfim o centro do cosmos, que remete a um estado de perfeição. (...)

30. (Adaptada) A reescritura abaixo, no lugar do trecho destacado, estará correta ou incorreta?
– "... e a sua representação, o seu símbolo, é um jardim..."

31. (Consulplan – Técnico em Processamento de Dados – 2011) *"Receio que a gente esteja cometendo um triste engano."*
As palavras destacadas no trecho anterior são, respectivamente:
a) pronome, artigo indefinido, advérbio, substantivo;
b) artigo indefinido, adjetivo, pronome, substantivo;
c) artigo definido, artigo indefinido, adjetivo, substantivo;
d) pronome, artigo definido, adjetivo, substantivo;
e) artigo definido, adjetivo, advérbio, substantivo.

32. (Consulplan – Codificador Censitário – 2011) Está correta a afirmativa referente aos segmentos:
"Igual a como" / "Como a alegria"
a) O "a" pertence à mesma classe de palavras nos dois registros.
b) O primeiro "a" é classificado como artigo definido.
c) O vocábulo "como", nas duas ocorrências, pertence à classe de palavras dos adjetivos.
d) Na segunda ocorrência, o "a" é classificado como artigo definido, o que não ocorre para o primeiro registro.
e) A palavra "igual" não pode substituir "como" em "como a alegria".

33. (FDC – Pref. Itaboraí/RJ – Fiscal de Tributos – 2012) "**Um** homem entrou n**um** bar e pediu três doses de uísque. Bebeu depressa, uma depois da outra. Quando terminou a última, pediu mais três. **O** funcionário d**o** bar disse:
– Isso não lhe faz bem, sabe?
– Eu sei – respondeu **o** homem – especialmente com o que eu tenho.
– O que é que o senhor tem? – perguntou **o** garçom.
– Só um real.
(Andy Rooney, "Tribune Media Services")
A afirmativa correta sobre o emprego dos artigos negritados no texto acima é:
a) Nos termos "o funcionário" e "o homem", o emprego do artigo definido é justificado pela mesma razão.
b) Nos termos "o funcionário" e "o bar", os artigos definidos mostram que os termos determinados por eles já foram enunciados antes.
c) Termos como "um homem" e "um bar" nunca podem aparecer textualmente como termos que se referem a outros termos anteriores.
d) No termo "o funcionário", o emprego do artigo definido se justifica pelo fato de o termo determinado ter sido enunciado pela primeira vez.
e) Nos termos "um homem" e "um bar", o emprego do artigo indefinido indica, além do conhecimento dos seres determinados, a sua quantidade.

34. (FDC – Pref. Itaboraí/RJ – Fiscal de Tributos – 2012) O emprego do artigo negritado é optativo na seguinte frase:
a) "A descoberta do clarinete por Mozart foi uma contribuição maior do que toda a África nos deu até hoje." (Paulo

Francis)

b) “Nunca minta para o seu médico, para o seu confessor ou para o seu advogado.” (George Herbert)

c) “Não confio num banco que me empresta dinheiro sem a menor garantia.” (Robert Benchley)

d) “O Brasil é a melhor piada que já foi contada por um português.” (Fernando Pedreira)

e) “De dez em dez anos toda a burocracia precisa ser fuzilada e trocada.” (Stalin)

Gabarito

1. E.	9. CERTO.	17. E.	25. D.	33. C.
2. ERRADO.	10. F.	18. ERRADO.	26. CORRETO.	34. B.
3. D.	11. D.	19. CERTO.	27. CORRETO.	
4. CERTO.	12. E.	20. E.	28. C.	
5. E.	13. D.	21. B.	29. C.	
6. CERTO.	14. A.	22. CORRETO.	30. CORRETO.	
7. E.	15. B.	23. ERRADO.	31. C.	
8. E.	16. B.	24. CORRETO.	32. D.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 10

Numeral

Definição

Esta classe gramatical é pouquíssimo cobrada em concursos de bancas famosas, mas não custa passar os olhos, certo? Vai que...

Do ponto de vista semântico, o numeral indica, essencialmente, quantidade absoluta (cardinal), quantidade fracionária (fracionário), quantidade multiplicativa (multiplicativo) e ordem, sequência, posição (ordinal), de coisas ou pessoas.

Do ponto de vista morfológico e discursivo, o numeral é uma classe normalmente variável em gênero e número. É um determinante que acompanha o substantivo (neste caso, é chamado de numeral adjetivo, pois tem valor de adjetivo) ou o substitui (neste caso, é chamado de numeral substantivo, pois tem valor de substantivo).

"Ter valor de" não significa "ser". Logo, nestas frases: "**Dois** *estudantes* vieram me abraçar em agradecimento pela classificação. Reinaldo e Leandro eram seus nomes. Os ***dois*** eram merecedores!". Note que o último **dois** substitui "Reinaldo e Leandro", logo é um **numeral substantivo**. O primeiro **dois**, por sua vez, é um **numeral adjetivo,** pois está ligado a um substantivo (estudantes).

Sobre a variação em gênero e número, dê uma olhada básica:

– Os **numerais cardinais** que variam em gênero são "um (uma), dois (duas)" e as centenas a partir de duzentos: "Só **um** aluno e **uma** aluna da turma passaram na prova.". Cardinais como milhão, bilhão (ou bilião), trilhão (trilião) etc. variam em número: milhões, bilhões (ou biliões), trilhões (triliões) etc. Os demais cardinais são invariáveis.

– Os **numerais ordinais** variam em gênero e número: primeiro, primeira, primeiros, primeiras...

– Os **numerais multiplicativos** variam em gênero e em número quando acompanham substantivos: "Os saltos e piruetas **triplas** daquela ginasta deixaram-nos de queixo caído.".

– Os **numerais fracionários** variam em gênero e número: um **quarto**, dois **quartos**, duas **quartas**, **trinta e quatro avos**...

– **Ambos/ambas** são considerados **numerais duais**; muito empregados para retomar elementos citados anteriormente, por isso o gramático Bechara diz que eles podem ser vistos como pronomes: "Mateus e João foram apóstolos de Jesus Cristo. **Ambos** deixaram seus nomes na história." As expressões pleonásticas "ambos os dois" e "ambos de dois" são abonadas por uns (Sacconi, por exemplo) e desabonadas por outros (Cegalla, por exemplo).

Do ponto de vista sintático, o numeral é um termo que funciona como adjunto adnominal

quando acompanha um substantivo; quando substitui o substantivo, tem função substantiva (ou seja, funciona como núcleo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto, indireto, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adverbial e aposto).

Para entendermos bem todas as definições de numeral, vamos analisar por último esta frase:

Uma cerveja é pouco, duas é bom, três é... bom demais!

Note que os vocábulos ***Uma***, ***duas*** e ***três***

1) **indicam quantidade absoluta, logo são cardinais***;*
2) **variaram** (os dois primeiros) de forma: "**Uma** cerveja... **duas** é bom..."; o primeiro numeral é adjetivo, pois acompanha um substantivo e os demais são numerais substantivos, pois substituem um substantivo (cerveja);
3) funcionam como **adjunto adnominal** (o primeiro) e como **sujeitos** (o segundo e o terceiro).

Identificação

Identificar o numeral não é difícil, desde que você conheça os tipos (cardinal, ordinal, multiplicativo, fracionário e coletivo). Veja esta questão:

23. (EsSA – Exército Brasileiro – Sargento – 2006) No trecho "Os três atravessam o salão, cuidadosa mas resolutamente...", os vocábulos grifados são classificados, quanto à morfologia, respectivamente, em:
a) numeral e advérbio; (Este foi o gabarito oficial!)
b) advérbio e aposto;
c) substantivo e adjetivo; (Você marcaria esta... e erraria!)
d) vocativo e substantivo;
e) adjetivo e numeral.

Comentário: Note que *três* está substituindo substantivos não mencionados no trecho, mas que subentendemos que sejam três (*amigos, rapazes, irmãos etc*.). Além disso, *três* continua indicando quantidade, o que constitui um numeral. Não confunda numeral (!) com substantivo! Sobre isso, veja o exemplo do Bechara, na página 205, de sua *Moderna Gramática Portuguesa*.

Só peço que tome cuidado com os numerais que se tornam verdadeiros substantivos (processo de derivação imprópria). Isso se dá quando se denominam os números, de modo que eles não indicam quantidade ou ordem no contexto:

– *O número **sete** é ímpar.*
– *O numeral **primeiro** e o numeral **segundo** são ordinais.*
– *O **vinte e quatro** no jogo do bicho é veado, sendo associado pejorativamente, por isso, a homossexuais.*
– *A professora escreveu dois **oitos** no quadro, no entanto deveria escrever três **oitos**.*

Agora, há certo numeral que pode gerar confusão: **um(a).** Podemos confundir tal numeral com artigo indefinido ou com pronome indefinido. Ou melhor, podíamos. Veja agora a diferença entre eles, segundo o conceituado gramático José Rebouças Macambira:

1. Artigo indefinido: a forma **um** deve ser artigo indefinido:
– Se for omissível: "Morreu um grande poeta araçatubense.", que, omitido o artigo, se reduz a: "Morreu grande poeta araçatubense.".
– Se alternar com o artigo definido: "Um homem prevenido vale por dez." equivale a "O homem prevenido vale por dez.".

2. Pronome Indefinido: a forma **um** será pronome indefinido:
– Se ocorrer em paralelo com pronome indefinido: "Um filho estuda Direito, o outro Medicina.".

3. Numeral: a forma **um** será numeral:

– Se ocorrer em paralelo com outro numeral: “Escapou um preso, e dois foram mortos.”.
– Se responder à pergunta “quanto”: “Quantos filhos você tem?” “Um filho.”.
– Se vier articulado com “somente, apenas, só” ou “sequer”: “Tenho somente um amigo.”, “Nunca perdeu sequer uma discussão.”.
– Quando **um** puder ser expandido por **somente** ou qualquer outro sinônimo.“Existe um Deus no céu.” = “Existe somente um Deus no céu.”
– Se posposto a um substantivo, tiver o valor de ordinal: “Abra o livro na página um.” (isto é, na primeira página). Nesse caso, fica invariável; não se deve dizer na página uma ou vinte e uma.
– (Adendo meu) Nas expressões “um(a) dos(as) que”, **um(a)** é numeral.

Classificação

Nossos numerais são de origem árabe, por isso são algarismos **arábicos**. Há também os algarismos **romanos**. Veja alguns correspondentes:

Arábicos: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 30, 40, 50, 60, 70, 80, 90, 100, 200, 300, 400, 500, 600, 700, 800, 900, 1000.

Romanos: I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII, IX, X, XI, XII, XIII, XIV, XV, XVI, XVII, XVIII, XIX, XX, XXX, XL, L, LX, LXX, LXXX, XC, C, CC, CCC, CD, D, DC, DCC, DCCC, CM, M.

Vamos ao que interessa:

Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
zero	–	–	–
um*	primeiro[3]	–	–
dois	segundo	dobro, duplo, dúplice	meio[1], metade
três	terceiro	triplo, tríplice	terço
quatro	quarto	quádruplo	quarto
cinco	quinto	quíntuplo	quinto
seis	sexto	sêxtuplo	sexto
sete	sétimo	sétuplo	sétimo
oito	oitavo	óctuplo	oitavo
nove	nono	nônuplo	nono
dez	décimo	décuplo	décimo
onze	décimo primeiro	–	onze avos
doze	décimo segundo	–	doze avos
treze	décimo terceiro	–	treze avos
quatorze/catorze	décimo quarto	–	catorze avos
quinze	décimo quinto	–	quinze avos
dezesseis	décimo sexto	–	dezesseis avos
dezessete	décimo sétimo	–	dezessete avos
dezoito	décimo oitavo	–	dezoito avos
dezenove	décimo nono	–	dezenove avos
vinte	vigésimo	–	vinte avos
trinta	trigésimo	–	trinta avos
quarenta	quadragésimo	–	quarenta avos
cinquenta	quinquagésimo	–	cinquenta avos
sessenta	sexagésimo	–	sessenta avos
setenta	septuagésimo	–	setenta avos
oitenta	octogésimo	–	oitenta avos

noventa	nonagésimo	–	noventa avos
cem	centésimo	cêntuplo	centésimo
duzentos	ducentésimo	–	ducentésimo
trezentos	trecentésimo	–	trecentésimo
quatrocentos	quadringentésimo	–	quadringentésimo
quinhentos	quingentésimo	–	quingentésimo
seiscentos	sexcentésimo	–	sexcentésimo
setecentos	septingentésimo	–	septingentésimo
oitocentos	octingentésimo	–	octingentésimo
novecentos	non(in)gentésimo	–	nongentésimo
mil	milésimo	–	milésimo
milhão[2]	milionésimo	–	milionésimo
bilhão[2]	bilionésimo	–	bilionésimo
etc.			

Existem também os **numerais coletivos**, os quais indicam o número exato de seres ou objetos de um conjunto, flexionando em número, quando necessário: dúzia, cento, milhar, par, milheiro, dezena, centena, novena, grosa, lustro, década... Normalmente vêm especificados por uma locução adjetiva iniciada pela preposição de: "Comeram uma **dúzia** de bananas".

* Recomenda Cegalla: evite usar "um mil" ou "hum mil"; use "mil" apenas.

[1] O numeral fracionário **meio** (= metade) concorda em gênero com o substantivo a que se refere e pode ser numeral adjetivo ou numeral substantivo: "Comprou **meio** quilo de feijão."; "Cortou **meia** laranja-pera para comer."; "Finalizou a luta em um minuto e **meio** (minuto)."; "Terminou a disputa depois de duas horas e **meia** (hora)."; "Enfim, já é **meio**-dia e **meia** (hora).". O numeral fracionário é também percentual quando seguido por este símbolo: "%". Meio óbvio isso... Bem... vale ressaltar que esse vocábulo também pode ser um substantivo quando acompanhado de determinante(s): "Estamos no ***meio*** do verão.". Pode ser um advérbio de intensidade quando modifica um adjetivo ou outro advérbio: "Ela está **meio** chateada, porque já está **meio** tarde.". "Meia chateada" não existe porque advérbio não varia.

[2] Segundo muitos gramáticos e o VOLP, "milhão, bilhão, trilhão, quatrilhão, quintilhão" etc. são considerados numerais ou substantivos. Então, não se assuste se determinada banca marcar como correta a classificação de um desses vocábulos como numeral ou como substantivo. Mais importante que isso é saber o seguinte: tais vocábulos são masculinos e, por isso mesmo, levam outros determinantes dentro do sintagma nominal ao masculino: "*Os dois* ***milhões*** de mulheres de nosso país estavam *entusiasmados* (ou *entusiasmadas*).". A

mesma regra se aplica a “bilhão, trilhão, milhar(es)”. Aproveitando o ensejo, o verbo pode concordar com *milhão* (no singular) ou com seu especificador (no plural): “Um **milhão** de reais **foi** (foram) **gasto** (gastos) na construção da casa.”.

[3] Os vocábulos “último, penúltimo, antepenúltimo, derradeiro, posterior, anterior” etc. não são considerados numerais, e sim meros adjetivos. Segundo Celso Cunha, certos ordinais se tornam verdadeiros adjetivos, por conversão (derivação imprópria), em construções como estas: “Este é um artigo de **primeira/primeiríssima** qualidade.”; “Teu clube é de **segunda** categoria.”; “Um material de **terceira** ordem como esse não me interessa.”.

Emprego dos Numerais

Vejamos algumas regrinhas sobre os numerais:

1) Como bem nos instrui José Maria da Costa, em seu *Manual de Redação Profissional*, "Há diversas regras importantes e interessantes para a leitura dos numerais e para sua escrita por extenso, como, por exemplo, a que determina a interposição da conjunção *e* entre as centenas e as dezenas e entre estas e as unidades. Em decorrência dela é que o número *2.662.385* é lido e escrito por extenso do seguinte modo: *dois milhões seiscentos e sessenta e dois mil trezentos e oitenta e cinco*. No caso das consultas, o mais lógico é pensar, por primeiro, na existência de um modo mais conceitual e apurado de dizer e escrever: a) *83,47%*: *oitenta e três inteiros e quarenta e sete centésimos por cento*; b) *0,3%*: *três décimos por cento*. A par desse modo mais clássico, também se posta outro mais simples, direto e igualmente correto: a) *oitenta e três vírgula quarenta e sete por cento*; b) *zero vírgula três por cento*". Adendo meu: não se emprega a conjunção "e" entre os milhares e as centenas, exceto quando o número terminar em uma centena com dois zeros: "O ano 1500 (mil e quinhentos) foi decisivo.".

Ainda nos ajudando, Thaís Nicoleti diz: "A leitura dos ordinais não oferece dificuldade até que se chegue aos números com três, quatro ou mais algarismos. Como ler o ordinal 887º, por exemplo? *Octingentésimo octogésimo sétimo.* Se, entretanto, o número em questão ultrapassar 2.000, o primeiro algarismo será lido como cardinal. *Dois milésimo trecentésimo quadragésimo quinto* é a leitura correta de 2.345º, conforme a tradição do idioma. Quando o número é redondo, costumamos empregar somente o ordinal (2.000º lê-se como *segundo milésimo*).".

O gramático Cegalla não recomenda o uso das vírgulas para separar os numerais escritos por extenso tampouco os principais manuais de redação. Já Celso Cunha nada diz a respeito, mas grafa com vírgulas a separação.

2) Na designação de **soberanos (reis, príncipes, imperadores), papas, séculos, livros e partes de uma obra (capítulo, parágrafo, tomo etc.)**, quando o numeral é posposto ao substantivo, usam-se os numerais ordinais até décimo. Daí em diante, devem-se empregar os cardinais. Se estiver anteposto, o ordinal é obrigatório**.**

– *Ao papa Paulo VI (**sexto**) sucedeu João Paulo II (**segundo**). Tempos depois chegou o papa Bento XVI (**dezesseis**).*

– *No século XIX (**dezenove**), a Revolução Industrial revolucionou o mundo.*

– *Este é o livro 10º (**décimo**) da minha coleção.*

– *O rei Luís XV (**quinze**) e o rei Henrique IV (**quarto**) marcaram seus séculos.*

– *No capítulo III (**terceiro**) do livro de Lucas, há uma passagem interessante.*

– *Após o parágrafo IX (**nono**), há o parágrafo X (**décimo**)?*
– *O V (**quinto**) rei da dinastia suméria foi Hamurabi.*

3) Em textos legais, ou seja, na linguagem jurídica, os **artigos, incisos, decretos, portarias, regulamentos e parágrafos** numerados até nove são lidos como ordinais; do número dez em diante, são lidos como cardinais. Além disso, flexiona-se o numeral em gênero para a identificação de páginas e folhas, preferencialmente. Se estiver anteposto, o ordinal é obrigatório.

– *Antes do artigo 10 (**dez**) vem o artigo 9º (**nono**) da Constituição.*
– *Encontrei a explicação nas páginas vinte e **duas**.*
– *O 22º (**vigésimo segundo**) decreto foi revogado.*

4) Na identificação de **casas, apartamentos, páginas, dias**, que não em meio jurídico, empregam-se os cardinais. Se anteposto, usa-se cardinal.

– *Moro na casa **seis** da vila.*
– *Leia, por favor, na página **três**, a sinopse.*
– *Dia **quatro** de setembro é meu aniversário.*
– *Moro no 23º (**vigésimo terceiro**) apartamento do prédio.*

5) Em relação ao **primeiro dia do mês**, deve-se usar o ordinal:

– *Rio de Janeiro, 1º de dezembro de 2012.*

* Evanildo Bechara, porém, defende tanto o uso do ordinal como do cardinal.

6) Com relação às **datas**, podemos ou não usar **aos**, **a** ou **em**:

– *A presidenta tomou posse 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse a 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse em 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse aos 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse no dia 2 de janeiro de 2011.*

7) Não se usa o ponto entre os numerais quando estes designam datas. Nos demais casos, o ponto deve ser colocado entre as centenas e milhares.

– *Escrevi isto no dia 13 de junho de 2012.*
– *A Gramática tem mais de 1.500 questões comentadas! Incrível!*

Valor Discursivo

O numeral pode ser usado para atender a demandas estilísticas e a demandas meramente textuais. Em outras palavras, o autor de um texto, ao fazer uso de um numeral pode indicar outros valores que rompem a ideia de um simples numeral.

Por exemplo, muitas vezes o numeral é usado para enfatizar determinada ideia:

– *Já bati nessa tecla **mil** vezes.* (Na fala, dizemos "enevezes" ou "trocentas"; é o famoso numeral com valor hiperbólico – exagero na afirmação.)

– *Deus é **dez**.* (Neste caso, *dez* é um verdadeiro adjetivo.)

– *Vem cá, vamos trocar **duas** palavrinhas.* (Na verdade, é mais de uma.)

– *Vocês merecem **dez** pela educação.* (O numeral tem o valor de aprovação.)

Apesar de a gramática normativa não registrar a flexão de grau dos numerais, na linguagem coloquial (e em vários textos literários), os numerais são frequentemente flexionados em grau com acentuada expressividade (com tom afetivo ou irônico).

– *Paguei **cinquinho** por esta blusa.*

– *Quer me emprestar **milão**? Só um **milãozinho**...*

– *Pega leve, ele já é um **cinquentão**!*

– *Só vou tomar mais **umazinha**...*

– *O meu time foi para a **segundona** novamente.*

Mais importante que isso, porém, é a função textual dos numerais. Eles têm a função de retomar referentes substantivos, evitando a repetição no discurso. Às vezes também são usados para fazer referência a termos posteriores no texto. Veja:

– *Pelé, Zico, Romário, Ronaldo e, agora, Neymar são verdadeiros craques do futebol mundial. No entanto, apenas o **primeiro** e o **terceiro** já conseguiram marcar mais de 1.000 gols e só **um** desse grupo já foi campeão mundial pelo Mengão: o sensacional Zico!*

Perceba que *primeiro* e *terceiro* se referem a Pelé e Romário, substantivos resgatados pelos numerais dentro do texto. Não obstante, *um* se refere a um substantivo posterior: Zico. Sendo assim, os numerais são ótimos referenciadores para que evitemos desnecessárias repetições.

O Que Cai Mais na Prova?

Numeral é um assunto que tem 0,000000000000001% de chance de cair em provas realizadas por bancas de prestígio! Então, “na boa”... faça só o seu papel de concurseiro profissional e resolva as questões, sem “aqueeeele” compromisso. Quando alguém se atreve a fazer uma questão de numeral, é em cima de emprego de numeral cardinal e ordinal. Do mais, é só identificação e diferenciação com artigo, como já vimos no capítulo anterior. Numeral (coitado!) está de lado nos concursos importantes há muito tempo...

Questões de Concursos

Cá entre nós... sofri para encontrar questões recentes de numerais... Por consideração à minha pessoa, entretanto, não deixe de fazê-las!

1. (FGV – SPTRANS – Especialista em Transporte – 2001) O emprego do numeral está errado em:
   a) vá comprar duzentas gramas de mortadela;
   b) veja o exercício da página vinte e um;
   c) consulte o artigo segundo desse código;
   d) a cidade floresceu no século quinto.

2. (FAEPOL – SSP – Auxiliar de Necropsia – 2002) Na expressão "século XIX", lê-se o numeral em romanos como cardinal (= dezenove); o item abaixo que deve ser lido como ordinal é:
   a) livro XXIII;
   b) livro X;
   c) livro XI;
   d) livro XL;
   e) livro C.

3. (NCE/UFRJ – CGJ – Comissário de Justiça da Infância e da Juventude – 2002) "Mas estamos em pleno século XX..."; o item abaixo em que devemos ler o algarismo romano como ordinal é:
   a) no século XI antes de Cristo;
   b) o papa recebeu o nome de João XXIII;
   c) no século XII da nossa era;
   d) Inocêncio X foi papa;
   e) Luís XVI foi rei da França.

4. (Uniaraxá – Vestibular – 2003) Em "... **às** dez horas", "**sob** as olaias" e "**Ambos se** abanavam", as palavras grifadas são, respectivamente:
   a) artigo – preposição – pronome – numeral – pronome;
   b) artigo – preposição – pronome – numeral – conjunção;
   c) preposição – artigo – preposição – numeral – pronome;
   d) preposição – pronome – preposição – substantivo – conjunção;
   e) preposição – pronome – conjunção – substantivo – pronome.

5. (NCE/UFRJ – PC/DF – Policial Civil (Agente) – 2004) "Em oito anos, o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio – é alarmante esse grau crescente de insegurança"; quanto às referências numéricas presentes nesse primeiro parágrafo do texto pode-se dizer que representam numerais de dois tipos:
   a) cardinais e ordinais;
   b) cardinais e multiplicativos;
   c) multiplicativos e fracionários;
   d) cardinais e fracionários;
   e) ordinais e multiplicativos.

6. (NCE/UFRJ – Infraero – Advogado – 2004) O algarismo romano XIX é lido como numeral cardinal; o item em que o algarismo romano deve ser lido como ordinal é:
   a) Luís XVI;
   b) João XXIII;
   c) Pio X;
   d) século XXI;
   e) casa II.

Fragmento de texto (adaptado)

A Linguagem Brasileira de Sinais (Libras) passará a ter formação específica nos cursos de Pedagogia e de formação de professores e será uma das especializações dos cursos de Letras, como ***uma segunda*** *língua.*

*A determinação está no decreto apresentado nesta terça-feira pelo ministro da Educação, Fernando Haddad, e é parte da regulamentação da lei de **2002** que tornou a Libras uma forma nacional de comunicação.*

*As universidades terão **dez** anos para oferecerem o ensino de Libras em todos os seus cursos de formação de professores, mas nos próximos três anos já terão que ter a disciplina em pelo menos 20% dos cursos. Em **cinco** anos, 60% dos cursos precisarão ter a disciplina.*

7. (ACCESS – Pref. Teresópolis/RJ – Dinamizador de Educação Infantil – 2005) Assinale a alternativa em que a palavra não seja numeral.
   a) Uma.
   b) Segunda.
   c) 2002.
   d) Dez.
   e) Cinco.

8. (NCE/UFRJ – CEPEL – Auxiliar de Segurança Patrimonial – 2006) "e no monopólio em 1953"; o numeral relativo ao ano (1953) deve ser lido da seguinte forma:
   a) mil e novecentos e cinquenta e três;
   b) mil, novecentos e cinquenta e três;
   c) mil, novecentos e cinquenta três;
   d) um mil, novecentos e cinquenta três;
   e) mil e novecentos, cinquenta três.

9. (NCE/UFRJ – Eletronorte – Assistente Técnico de Engenharia – 2006) A expressão "mais de cem vezes" apresenta uma quantificação imprecisa; a alternativa que mostra uma forma mais precisa de quantificar é:
   a) cerca de 100 vezes;
   b) ambas as vezes;
   c) inúmeras vezes;
   d) uma meia dúzia de vezes;
   e) incontáveis vezes.

10. (NCE/UFRJ – Assembleia Legislativa – Taquígrafo Parlamentar – 2006) No texto há uma série de numerais de diferentes tipos; a frase abaixo que apresenta um numeral ordinal é:
    a) O investidor Warren Buffett tem 75 anos bem vividos.
    b) Warren decidiu doar 85% de seus bens.
    c) Para os americanos, fazer filantropia é prioridade *a*.
    d) Gates é dono de várias obras-primas.
    e) Cerca de três quartos da fortuna foram doados.

11. (FUNRIO – Pref. Maricá/RJ – Guarda-Vidas – 2007) No trecho "E já no seu **primeiro** jogo depois do pacto com o Diabo, Tinho assombrou. Fez **cinco** gols, **dois** com cada perna e o **quinto** com uma cabeceada perfeita.", os vocábulos em destaque são, respectivamente, numerais:
    a) ordinal, cardinal, cardinal e ordinal;
    b) cardinal, cardinal, ordinal e ordinal;
    c) cardinal, ordinal, ordinal e cardinal;
    d) cardinal, cardinal, cardinal e cardinal;
    e) ordinal, ordinal, ordinal e ordinal.

12. (NCE/UFRJ – Pref. Santana – Professor Educação Básica – 2007) O algarismo romano em "D. João VI" é lido como numeral ordinal; a alternativa abaixo em que o algarismo romano é lido como cardinal é:
    a) Pedro I;
    b) Henrique VIII;
    c) João Paulo II;
    d) Luís XVI;
    e) Nicolau III.

13. (FCC – TRF (2R) – Analista Judiciário – 2007) É correto afirmar:
    a) *século XIX*, de acordo com a norma padrão, deve ser escrito por extenso por meio do numeral cardinal – "dezenove" –, assim como deve ocorrer com "século VIII".

14. (Cespe/UnB – SERPRO – Analista – 2008) O desenvolvimento das ideias do texto permite que se substitua "uma dezena

de" pela expressão **cerca de dez**, sem prejuízo para a correção gramatical e a coerência entre os argumentos.
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (FEC – CLIN – Operador de Copiadora – 2008) Em "**Ambas** estão sendo empurradas...", a palavra grifada pertence à seguinte classe gramatical:
a) advérbio;
b) numeral;
c) pronome;
d) conjunção;
e) preposição.

16. (UFRR – Pref. Boa Vista/RR – Professor de Educação Básica – 2008) Uma onça suçuarana de quinze quilos foi morta ontem por três crianças, depois de atacar a menor delas, em Castelo do Piauí. As crianças estavam sozinhas em casa e a onça, atacou em primeiro lugar Basílio de seis anos. (Jornal da Tarde – adaptado para fins didáticos.)
As palavras grifadas no texto são numerais e podemos classificá-los, respectivamente, como:
a) cardinal e ordinal;
b) fracionário e cardinal;
c) ordinal e multiplicativo;
d) fracionário e multiplicativo;
e) fracionário e ordinal.

17. (FGV – Senado Federal – Policial Legislativo Federal – 2008) A palavra *centenário* corresponde a cem anos.
Assinale a alternativa em que **não** tenha havido correta associação da noção temporal à palavra indicada.
a) 400 anos – quadringentenário.
b) 400 anos – quadricentenário.
c) 600 anos – sesquicentenário.
d) 150 anos – tricinquentenário.
e) 7 anos – septenário.

Corações a Mil
(Gilberto Gil)
Minhas ambições são dez.
Dez corações de uma vez
pra eu poder me apaixonar
dez vezes a cada dia,
setenta a cada semana,
trezentas a cada mês.

18. (FIP – Câmara-SJC – Programador – 2009) Na primeira frase do texto, a palavra "dez", sublinhada, tem duplo sentido. São eles:
a) o sentido de serem dez ambições (no caso, "dez" seria um numeral) e o sentido de os corações serem apaixonados (no caso, "dez" seria um adjetivo);
b) o sentido de serem dez ambições e o sentido de serem dez corações (nos dois casos, "dez" seria um numeral);
c) o sentido de serem dez corações e o sentido de serem dez vezes a cada dia (nos dois casos, "dez" seria um numeral);
d) o sentido de serem dez ambições (no caso, "dez" seria um numeral) e o sentido de as ambições serem de extrema qualidade (no caso, "dez" seria um adjetivo);
e) o sentido de serem dez vontades boas (no caso, "dez" seria um substantivo) e o sentido de totalizarem dez as paixões ambiciosas (no caso, "dez" seria um adjetivo).

19. (FIP – Câmara-SJC – Programador – 2009) Pelos sentidos das frases "setenta a cada semana" e "trezentas a cada mês", no contexto da letra da canção, pode-se concluir que:
a) se cada semana tem setenta paixões, o mês deveria ter duzentas e oitenta e não trezentas;
b) a semana tem sete dias e o mês indicado, exatos trinta dias;
c) "setenta" e "trezentas" é só um recurso pleonástico, e o sentido numeral é irrelevante no caso;
d) cada dia do mês em questão tem dez horas, denotando o sentido ilusório da paixão;
e) há evidente comparação com a velocidade das paixões, semelhante a 70 km/h e 300 Km/h.

20. (Funcab – SESAU/RO – Técnico de Radiologia – 2009) Assinale a opção que apresenta, correta e respectivamente, a

classe gramatical a que pertencem as palavras grifadas no trecho abaixo.
"O brasileiro foi um dos primeiros no mundo a reconhecer a tese de que o mosquito era o causador da epidemia."
a) substantivo – numeral – preposição – artigo – artigo – substantivo.
b) adjetivo – artigo – artigo – pronome – pronome – adjetivo.
c) adjetivo – numeral – preposição – artigo – artigo – substantivo.
d) substantivo – artigo – artigo – artigo – artigo – substantivo.
e) substantivo – numeral – preposição – preposição – pronome – adjetivo.

21. (UFAL – Vestibular – 2009) Na oração "Andou dois quilômetros e meio a pé!", os termos destacados pertencem à classe gramatical:
a) dos substantivos;
b) dos pronomes;
c) dos numerais;
d) dos advérbios;
e) dos adjetivos.

22. (ZAMBINI – Pref. Campinas/SP – Motorista Especializado – 2009) Em: "Collor apresentou sete coletâneas de artigos, discursos e planos de governo", as palavras grifadas são respectivamente:
a) numeral, substantivo e conjunção;
b) numeral, artigo e preposição;
c) substantivo, artigo e conjunção;
d) pronome, artigo e preposição;
e) numeral, substantivo e preposição.

23. (UNIT – EAD – Vestibular – 2010) "Três perguntas costumam acompanhar a discussão em torno do aquecimento global." As palavras grifadas possuem, respectivamente, as seguintes classes gramaticais:
a) numeral – adjetivo – artigo;
b) substantivo – artigo – substantivo;
c) numeral – artigo – substantivo;
d) artigo – substantivo – numeral;
e) numeral – preposição – adjetivo.

24. (ADVISE – Pref. ST. Amaro das Brotas/SE – Carpinteiro – 2010) Na oração: "Uma criança engana **vinte e cinco** adultos." O termo sublinhado é um numeral:
a) ordinal;
b) cardinal;
c) fracionário;
d) multiplicativo;
e) coletivo.

25. (Consulplan – TSE – Técnico Judiciário – 2012) Assinale a palavra que, no texto, exerça papel adjetivo.
a) dois ("Sempre que misturamos os dois registros...").
b) mais ("... ou um perfume um pouco mais caro.").
c) bem ("... você ficará bem se levar...").
d) regido ("Enquanto o primeiro é regido por valores...").

26. (Vunesp – UNESP – Advogado – 2012) O emprego da palavra **meio**, como no trecho – ... em linhos de um meio-dia. –, repete-se, com o mesmo sentido, em:
a) ele encontrou na aspirina um meio de se livrar da dor de cabeça.
b) o poeta tomou apenas meio comprimido de aspirina e sentiu-se aliviado.
c) a indústria farmacêutica anda meio apurada com tanta demanda de remédios.
d) em meio à acirrada discussão, saiu do encontro com dor de cabeça.
e) as pessoas ficam meio dependentes dos efeitos químicos da medicação.

27. (Vunesp – UNESP – Vestibular – 2012) Assinale a alternativa cuja frase contém um numeral cardinal empregado como substantivo.
a) Há muitos anos que a política em Portugal apresenta...
b) Doze ou quinze homens, sempre os mesmos, alternadamente possuem o Poder...
c) ... os cinco que estão no Poder fazem tudo o que podem para continuar...

d) ... são tirados deste grupo de doze ou quinze indivíduos...
e) ... aos quatro cantos de uma sala...

28. (SOLER – Pref. Piraju/SP – Monitor de Projetos Sociais – 2012) A palavra um dos períodos abaixo constitui, respectivamente:

"Ele não gastava sequer um centavo de seu salário em luxos desnecessários."
"Um aceno era apenas o que ela esperava."
"Precisou somente de comprar um selo para a correspondência ser postada."

a) artigo, numeral e pronome;
b) numeral, numeral e numeral;
c) numeral, artigo e numeral;
d) artigo, pronome e numeral.

29. (MS Concursos – Pref. Santa Maria/RS – Auxiliar de Operações I – 2012) Leia as frases:

I. Paulo, Karen e eu organizamos a festa.
II. Nossa equipe foi a terceira colocada no torneio.
III. Ana ficou contente com a proposta de emprego.
IV. Este novo emprego me cansa muito.

Com relação à classe gramatical, as palavras grifadas são, respectivamente, classificadas como:

a) substantivo, pronome, adjetivo e numeral;
b) substantivo, numeral, pronome e substantivo;
c) pronome, numeral, adjetivo e substantivo;
d) pronome, numeral, adjetivo e verbo;
e) pronome, substantivo, adjetivo e substantivo.

Texto

Problemas

Ana Carolina

Qualquer distância entre nós
Virou abismo sem fim
Quando estranhei sua voz
Eu te procurei em mim
Ninguém vai resolver
Problemas de nós dois.
Se tá tão difícil agora
Se um minuto a mais demora
Nem olhando assim mais perto
Consigo ver por que tá tudo tão incerto
Será que foi alguma coisa que eu falei?
Ou algo que fiz que te roubou de mim?
Sempre que eu encontro uma saída
Você muda de sonho e mexe na minha vida (...)

30. As palavras "mim", "dois" e "sonho", retiradas do trecho da música acima, são morfológica e respectivamente classificadas como:

a) substantivo, numeral e verbo;
b) pronome, substantivo e substantivo;
c) pronome, substantivo e verbo;
d) pronome, numeral e substantivo;
e) substantivo, numeral e substantivo.

Gabarito

1. A.	7. A.	13. ERRADO.	19. B.	25. A.
2. B.	8. B.	14. ERRADO.	20. A.	26. B.
3. D.	9. B.	15. B.	21. C.	27. C.
4. C.	10. C.	16. A.	22. E.	28. B.
5. D.	11. A.	17. C.	23. C.	29. C.
6. C.	12. D.	18. D.	24. B.	30. D.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 11

Pronome

Definição

Simplesmente uma das classes gramaticais mais recorrentes em questões de concursos públicos. Tudo precisa estar no sangue, por isso coloquei mais de 50 questões para você treinar!

Do ponto de vista semântico, o pronome pode apresentar inúmeros sentidos, a depender do contexto: posse, indefinição, generalização, questionamento, apontamento, aproximação, afetividade, ironia, depreciação etc. Isso será visto em detalhes ao longo deste capítulo.

Do ponto de vista morfológico e discursivo, o pronome é uma classe de palavras normalmente variável em gênero e número e que se refere a elementos dentro e fora do discurso. É um determinante quando **acompanha** o substantivo (neste caso, é chamado de **pronome adjetivo**, pois tem valor de adjetivo). Quando **substitui** o substantivo, é chamado de **pronome substantivo**, pois tem valor de substantivo. Isso será melhor abordado em *Identificação*.

Muito importante é dizer que o pronome serve para indicar as pessoas do discurso*: 1ª (falante), 2ª (ouvinte) e 3ª (assunto). Exemplo: "Eu não te falei que ele era boa gente?"

*O **discurso** é um processo comunicativo, logo depende de um emissor (1ª pessoa do discurso), de um receptor (2ª pessoa do discurso) e de um referente (3ª pessoa do discurso, que pode ou não ser um indivíduo). No exemplo acima, quem fala é a 1ª pessoa (Eu), quem ouve é a 2ª pessoa (te) e sobre quem se fala é a 3ª pessoa (ele) do discurso. **Os pronomes servem, portanto, para marcar as pessoas do discurso.**

Do ponto de vista sintático, o pronome é um termo que funciona como adjunto adnominal quando **acompanha** um substantivo; quando o **substitui**, tem função substantiva (ou seja, funciona como núcleo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto, indireto, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adverbial, aposto e vocativo). Falarei muito sobre isso mais à frente, nos capítulos de sintaxe, principalmente no 21º capítulo, debaixo do subtópico *Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos*. Caso queira dar um pulinho até lá, fique à vontade...

Antecipo-lhe que será impossível deixar de falar de alguns aspectos sintáticos neste capítulo, pois morfologia e sintaxe (morfossintaxe) andam lado a lado quando o assunto é **pronome**. Fique atento!

Pois bem... para entendermos todas as definições de pronome, vamos analisar esta frase:

Tu não sabias quem era aquela mulher a qual minha mãe certa vez me apresentara?

Note que os vocábulos ***Tu***, ***quem***, ***aquela***, ***a qual***, ***minha*** ***e*** ***certa***

1) **indicam** uma **ideia de pessoa** (Tu), uma **ideia de pessoa indefinida** (quem), uma **ideia de referência a alguém** (aquela e a qual), uma **ideia de posse** (minha) e uma **ideia indefinida** (certa);
2) **variaram** (só os quatro últimos pronomes) de forma: **aquela** (mulher), **a qual**, **minha** (mãe), **certa** (vez). Tu (2ª pessoa; pronome substantivo), quem (3ª pessoa; pronome substantivo), aquela (3ª pessoa; pronome adjetivo), a qual (3ª pessoa; pronome substantivo), minha (1ª pessoa; pronome adjetivo), certa (3ª pessoa; pronome adjetivo);
3) funcionam como **adjunto adnominal** (o terceiro, o quinto e o sexto), como **sujeito** (o primeiro), como **predicativo do sujeito** (o segundo) e como **objeto direto** (o quarto).

Resumindo: **pronome** é o vocábulo que substitui ou acompanha o substantivo, relacionando-o às três pessoas do discurso.

Identificação

Como vimos, há dois tipos de pronomes: **pronomes substantivos** e **pronomes adjetivos**.

O **pronome substantivo** substitui um substantivo. Segundo Celso Cunha, Napoleão Mendes de Almeida e a vasta maioria dos gramáticos tradicionais, para que um pronome seja considerado **pronome substantivo**, basta que ele não esteja acompanhando substantivo algum. Isso significará que ele substitui um substantivo, e **não** que se refere a ele, acompanhando-o.

Para que você identifique um **pronome substantivo**, basta perceber que ele tem o papel de substituir um substantivo (e não de acompanhá-lo) dentro do discurso. Ficou claro? Então, veja:

– *Estes documentos são **nossos***, não **teus**.*

Note que os pronomes *nossos* e *teus* se referem ao substantivo *documentos*, substituindo-o, por isso são **pronomes substantivos**. É válido dizer que *nossos* se refere à 1ª pessoa do plural do discurso (o falante + alguém), e *teus*, à 2ª pessoa do singular do discurso (o ouvinte).

* O gramático Evanildo Bechara entende que *nossos* é um pronome adjetivo que se refere ao substantivo implícito *documentos*: "Estes documentos são *nossos* (*documentos*).". Porém, essa visão não é acolhida pela vasta maioria dos gramáticos.

Já o **pronome adjetivo** tem o papel de acompanhar um substantivo, determinando-o, como se fosse um adjetivo.

– *Os **vossos** amores não mais vivem para vós.*

Note agora que o pronome *vossos* se refere ao substantivo *amores*, acompanhando-o, por isso é um **pronome adjetivo**. É válido dizer que *vossos* é um pronome de 2ª pessoa do plural dentro do discurso, pois se refere a mais de um ouvinte.

É claro que, para você identificar um pronome, não basta saber que ele tem valor de substantivo ou de adjetivo, é preciso que você os conheça pelo que verdadeiramente são, isto é, eles podem ter seis (6) classificações: **pessoais**, **possessivos**, **indefinidos**, **interrogativos**, **demonstrativos** e **relativos**.

Vamos nessa!

Classificação, Emprego e Colocação do Pronome Pessoal

Os **pronomes pessoais** são aqueles que designam as três pessoas do discurso, no singular e no plural.

São sempre **pronomes substantivos** e se dividem em dois tipos. São chamados de **retos** porque exercem, normalmente, função de sujeito, e **oblíquos** porque exercem, normalmente, função de complemento verbal ou nominal.

Ainda há os **de tratamento**, que são considerados pessoais por fazerem alusão às pessoas do discurso de maneira cerimoniosa, normalmente.

Igual ao Jack... vamos por partes:

Pronomes Retos

1ª pessoa: **eu** (singular), **nós** (plural).
2ª pessoa: **tu** (singular), **vós** (plural).
3ª pessoa: **ele/ela** (singular), **eles/elas** (plural).

Esses pronomes normalmente conjugam verbos, por isso comumente exercem função de sujeito, mas também podem exercer função de predicativo do sujeito, vocativo, aposto e, raramente, objeto direto.

Palavra de cautela: por via de regra, o pronome reto não pode ocupar a posição de complemento do verbo, ou seja, não pode exercer função de objeto direto. O pronome que se ocupa disso é o oblíquo.

Vamos ver um por um e suas peculiaridades "right now"!

Eu

– *Raul Seixas já dizia: "**Eu** sou a mosca que pousou em tua sopa."*. (sujeito)
– *Que rei sou **eu**?* (sujeito)
– *Eu sou mais **eu**.* (predicativo do sujeito)
– *O Fernando Pestana, **eu** mesmo, é uma pessoa muito inquieta.* (aposto)

Cuidado!!!

1) Lembra-se da música "Beija eu, beija eu, beija eu, me beija..."? O pronome reto **eu** não ocupa posição de objeto dentro do registro culto da língua, logo ele não pode servir de complemento do verbo beijar. A frase deveria ser "Beija-me...", mas a sonoridade não ia ficar bacana, concorda? A Marisa Monte tem licença poética para transgredir a norma culta, você não, hein!

2) Não só o **eu**, mas todos os pronomes retos, que normalmente têm função de sujeito, podem

ser realçados pelos pronomes demonstrativos **mesmo** e **próprio**, pela partícula expletiva (ou de realce) **que** ou pela expressão expletiva formada pelo verbo **ser + que** (normalmente **é que**): "**Ela própria/mesma** me fez sofrer."; "**Tu que** me fizeste sofrer."; "**Eu é que** te faço sofrer agora.".

3) Por uma questão não só de estilo como de polidez e modéstia no discurso, evita-se o uso do pronome **eu**, pois seu emprego imoderado deixa escapar uma impressão negativa de falta de modéstia. A repetição do **eu** no discurso indica normalmente intensa subjetividade, pessoalidade. Pode até dar a impressão de petulância, arrogância e sentimentos afins: "Eu sou, eu faço, eu penso..." O uso de **nós** no lugar de **eu** evita tudo isso.

4) Os pronomes retos não podem vir preposicionados: "Entre **eu** e **tu** nunca vai haver nada." (construção equivocada). É por isso que se usa a forma oblíqua tônica neste tipo de construção: "Entre **mim** e **ti** nunca vai haver nada.". Só podem vir precedidos de preposição se continuarem exercendo função de sujeito: "Entre **eu** sair e **tu** saíres, saio eu.". Leia a obs. 4 do pronome reto **ele**.

5) Em exemplo semelhante a este: "A banca examinadora, depois de intensa discussão, finalmente escolheu: **eu**, o Fábio e a Bruna.", Evanildo Bechara (não encontrei outro gramático que diga isso) entende que está correto o emprego do pronome reto com função de objeto direto, após dois-pontos.

Tu

– *Viva Pixinguinha! "**Tu** és divina e graciosa, estátua majestosa..."* (sujeito)
– *Teu filho se tornou **tu**, da cabeça aos pés.* (predicativo do sujeito)
– *Tu nunca serás eu, e eu nunca serei **tu**.* (predicativo do sujeito)
– *Ó **tu**, Campeão dos campeões, ganhe a Libertadores para nós este ano!* (vocativo)

Obs.: No registro coloquial, esse pronome é muito usado atualmente, inclusive na parte sul do país, junto de verbos na 3ª pessoa, no entanto isso é um equívoco do ponto de vista da norma culta: "**Tu vai** aonde amanhã?". Deveria ser: "**Tu vais** aonde amanhã?".

Ele / Ela / Eles / Elas

– ***Eles** e **elas** continuam se digladiando.* (sujeito)
– *À noite ele vira **ela**.* (predicativo do sujeito)
– *Minha mãe, apenas **ela**, é a melhor mãe do mundo.* (aposto)

Cuidado!!!

1) Como os pronomes retos não exercem função de objeto direto, a frase "Pega **ele**, pega **ele**, é um ladrão!" constitui construção equivocada, devendo ser reescrita assim: "Pega-o, pega-o, é um ladrão!". No entanto, se os pronomes retos estiverem acompanhados de **todo(a/s)**, **só** (adjetivo), **apenas** ou **numeral**, permite-se que sejam postos em posição de objeto direto, segundo muitos gramáticos, como: Celso Cunha, Bechara, Faraco & Moura e Sacconi. O gramático Cegalla diz que as construções abaixo constituem "linguagem coloquial informal". Na hora da prova, se cair uma destas frases, analise a melhor opção dentre as alternativas, levando em conta o pedido do enunciado:

– *O que vi da vida até agora? Vi* ***toda ela*** *se esvaindo diante dos meus olhos.* (objeto direto)

– *Ajudei* ***todos eles*** *e ajudá-los-ia de novo, se fosse preciso.* (objeto direto)

– *Encontramos* ***ele só*** *na praia, pois a namorada o abandonara.* (objeto direto)

– *Finalmente os juízes classificaram* ***eles dois*** *para a última etapa do campeonato.* (objeto direto)

Tais construções valem para os demais pronomes retos, exceto **eu** e **tu**.

2) É comum e indicado que se usem pronomes de 3ª pessoa em requerimentos por deferência à pessoa a quem nos dirigimos, de modo que nosso discurso fique em tom cortês:

– ***Fernando Pestana****, autor de A Gramática,* ***requer*** *a V. S.ª se digne de conceder-****lhe****...*

Por outro lado, em situações normais, soa como pedantismo ou falsa modéstia falarmos de nós mesmos na 3ª pessoa, como faz Pelé e outras personalidades... O nome dele é Edson, mas quando ele se refere a si como Pelé, usa a 3ª pessoa. Edson fica **desprezado**, e Pelé fica **prezado** nesse modo de tratamento.

Tal tratamento, porém, não soa pedante quando se trata de Deus falando de si mesmo na 3ª pessoa (afinal, Deus é Deus, é o Alfa e o Ômega): "Todo este povo, no meio do qual estás, verá a obra de *Jeová*, porque coisa temível é o que vou fazer contigo." (Êxodo 34:10)

3) O mau uso deste pronome pode causar ambiguidade: "João e Pedro eram apóstolos. **Ele** teve um livro que leva seu nome na Bíblia." (???)

4) A maioria dos gramáticos não tolera a contração da preposição ou locução prepositiva com o artigo ou com o pronome (reto ou não) quando exerce função de sujeito de um verbo no infinitivo:

– *Em virtude* ***dela*** *viajar, tive de reprogramar minha vida.* (errado)

– *Em virtude de* ***ela*** *viajar, tive de reprogramar minha vida.* (certo)

No entanto, alguns gramáticos, como Evanildo Bechara, Domingos P. Cegalla, Adriano G. Kury, Sílvio Elia, Sousa da Silveira e Silveira Bueno, não invalidam a forma contraída da preposição com o pronome reto antes de verbo no infinitivo, de modo que ambas as construções acima estão acertadas. Há duas questões que caíram na Esaf trabalhando este

tema polêmico. Só vi essa banca fazendo tal coisa até hoje. Veja:

07. (Esaf – Pref. Fortaleza/CE – Auditor de Tributos Municipais – 1998) Marque o item em que um dos dois períodos está gramaticalmente incorreto.

d) No caso da Telebrás, se houverem processos judiciais contra uma das 13 empresas à venda, o leilão fica em suspenso. / No caso da Telebrás, se houver processo judicial contra uma das 13 empresas à venda, o leilão fica suspenso. (GABARITO)

e) No caso da Banda B da telefonia celular, a venda seqüencial possibilitou que envelopes de algumas áreas fossem abertos antes da disputa pelo interior de São Paulo parar nos tribunais. / No caso da Banda B da telefonia celular, a venda seqüencial possibilitou que envelopes de algumas áreas fossem abertos antes de a disputa pelo interior de São Paulo parar nos tribunais.

Comentário: Recortei a parte que nos interessa aqui. Segundo o enunciado, a letra E traz as duas construções como corretas: com contração (... *da disputa... parar...*) e sem contração (... *de a disputa... parar...*) da preposição com o artigo antes do sujeito do verbo no infinitivo (*parar*).

Veja agora uma questão mais recente:

"Durante muito tempo, a tributação foi vista apenas como um instrumento de receita do Estado. **Apesar desta missão ser**, por si só, relevante, (...)"

7. (Esaf – SMF – Pref. RJ – Fiscal de Rendas – 2010) **Preservam**-se a coerência textual e a **correção gramatical** ao substituir

a) exerça (l.5) por exercesse;
b) desta (l.3) por de esta; GABARITO!
c) se pode (l.11) por pode-se;
d) ser ressaltado (l.14) por ser ressaltada;
e) em instrumento (l.15) por de instrumento.

Comentário: Os grifos e o recorte da questão foram meus. Está claro que, se o enunciado diz "preservam-se", isso significa que a banca entende que tanto a contração (Apesar **desta** missão ser...) quanto a não contração (Apesar **de esta** missão ser...) respeitam a correção gramatical, isto é, estão adequadas à norma culta. Isso prova que a Esaf adora o Bechara!

Última palavra de cautela: **99% das bancas entendem que a contração é um erro**, portanto analise com calma todas as opções antes de marcar sua resposta. Dá vontade de matar um, não dá? Viva a polêmica!

Nós

– ***Nós*** *queremos paz!* (sujeito)

– *Vocês nunca serão* ***nós****, pois somos dos que não esmorecem.* (predicativo do sujeito)

– *Os brasileiros,* ***nós*** *próprios, toleram amiúde a corrupção.* (aposto)

Cuidado!!!

1) É comum o uso da 1ª pessoa do plural (nós, nos, nosso...) para evitar o tom impositivo, arrogante ou muito pessoal dentro do discurso. No lugar de **eu**, emprega-se **nós** a fim de imprimir um tom de modéstia ao discurso. Por isso, tal uso é chamado de **plural de**

modéstia:

– *Desde março de 2012, (**nós**) procuramos tornar A Gramática um livro que realmente ajudasse os que sempre ansiaram por uma publicação que atendesse à necessidade tanto dos alunos (pelo número grandioso de questões comentadas), como dos professores (pela quantidade de referências bibliográficas ao longo do texto). Por isso, (**nós**) acreditamos que muitos derivarão prazer desta obra tão bem pensada por **nós**, enchendo-**nos** de satisfação.*

Veja como ficaria meio "besta", meio soberbo, meio altivo ou pessoalizado demais este discurso:

– *Desde março de 2012, (**eu**) procurei tornar A Gramática um livro que realmente ajudasse os que sempre ansiaram por uma publicação que atendesse à necessidade tanto dos alunos (pelo número grandioso de questões comentadas), como dos professores (pela quantidade de referências bibliográficas ao longo do texto). Por isso, (**eu**) acredito que muitos derivarão prazer desta obra tão bem pensada por **mim**, enchendo-**me** de satisfação.*

Já vi algumas questões tratando disso em prova de concurso público (bancas FCC e Ceperj, por exemplo), hein! Fique esperto!

2) Antigamente, nobres usavam **nós** no lugar de **eu** para simbolizar glória ou poder; é o chamado plural de majestade: "**Nós**, o Imperador, decidimos o que é certo e o que é errado para o povo.".

3) O uso da expressão **a gente**, equivalendo a "nós", não faz parte do registro culto da língua, mas sim do coloquial. Ouvimos muito por aí: "A gente vamos à praia amanhã?" (construção totalmente equivocada). O verbo deve ficar na 3ª pessoa do singular: "A gente vai à praia amanhã?".

4) Dentro do texto, os pronomes de 1ª pessoa do plural (nós, nos, nosso) muitas vezes estabelecem uma proximidade, uma intimidade entre o narrador/locutor e o leitor/interlocutor, fazendo-o compartilhar fatos, questões e opiniões:

– *Até quando **nós** iremos **nos** abster de uma postura política que visa a uma mudança radical em nosso cenário governamental? Tomara que a **nossa** complacência não seja pior que o nível moral de nossos líderes.*

Veja mais sobre isso em **nos** (pronome oblíquo átono).

Vós

– *"**Vós** sois o sal da terra", disse o hebreu.* (sujeito)

– *Nós não somos **vós**, homens intolerantes.* (predicativo do sujeito)

– ***Vós**, que atendeis por professores, vede quantos alunos carentes!* (vocativo)

Obs.: No estágio atual da língua, este pronome caiu em desuso, tanto na fala como na escrita. Só encontramos em registro muito formal ou literário. Hoje usamos **vocês** no lugar de **vós**. Se você já ouviu falar em **plural de cerimônia**, saiba que é o nome que se dá ao uso da 2ª pessoa do plural para indicar um tratamento cerimonioso, respeitoso dirigido a um grupo de pessoas ou a uma pessoa só, como na Oração do Pai Nosso: "Pai Nosso, que (**vós**) **estais** no céu, santificado seja o **vosso** nome...".

Pronomes Oblíquos Átonos

1ª pessoa: **me** (singular), **nos** (plural).
2ª pessoa: **te** (singular), **vos** (plural).
3ª pessoa: **se** (singular ou plural), **lhe**, **lhes**, **o**, **a**, **os**, **as.**

Os pronomes oblíquos **me**, **te**, **se**, **nos**, **vos** podem exercer função de sujeito (raramente), objeto direto (normalmente), objeto indireto (normalmente), complemento nominal (raramente) e adjunto adnominal (raramente). Já **lhe**(**s**) pode exercer função de objeto indireto (normalmente), sujeito (raramente), complemento nominal (raramente) e adjunto adnominal (raramente). Por sua vez, os pronomes átonos **o**, **a**, **os**, **as** só exercem função de objeto direto (normalmente) ou sujeito (raramente).

Para saber mais detalhes a respeito da função sintática destes pronomes, leia *Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos*, no capítulo 21.

Vejamos o emprego dos pronomes que nos interessam neste momento!

Te

Há um princípio da língua culta que se chama **uniformidade de tratamento**. Falarei mais sobre ele no capítulo de verbos. Trocando em miúdos, você não pode usar formas de 3ª pessoa com formas de 2ª pessoa na mesma frase, ou se usa tudo na 2ª pessoa ou se usa tudo na 3ª pessoa. Exemplo:

– ***Você*** *nunca* ***fez*** *(3ª pessoa) mal a ninguém, por isso eu* ***te*** *(2ª pessoa) admiro.* (inadequado)
– ***Tu*** *nunca* ***fizeste*** *(2ª pessoa) mal a ninguém, por isso eu* ***te*** *(2ª pessoa) admiro.* (adequado)

Nos

Dentro do discurso, o **nos** (além das demais formas de 1ª pessoa do plural) pode cumprir os seguintes papéis:

– Designar um sujeito coletivo que se responsabiliza pelo que foi dito: *Nós já* ***nos*** *demos conta de nossos erros e corrigi-los-emos tão logo.*

– Incluir enunciador e leitor, para aproximá-los: *O Brasil ainda pode deixar de ser conhecido como um país corrupto se **nos** unirmos e usarmos bem nossa arma democrática mais preciosa: o voto.*
– Evitar a 1ª pessoa do singular como estratégia de polidez ou modéstia: *Nós só conseguimos realizar tal feito, pois **nos** empenhamos com muito vigor nesse projeto.*
– Marcar um sujeito "institucional" (representado por alguma instituição): *Nós, o BNDES, **nos** colocamos à disposição daqueles que querem investir em soluções realmente eficazes.*
– Indicar um enunciador coletivo (de modo vago): *Não é verdade que sempre **nos** tacharam de coniventes com a postura política de nosso país?*

Lhe / Lhes

O pronome oblíquo **lhe** pode ser substituído por "a ele(a/s), para ele(a/s), nele(a/s)", ou por qualquer pronome de tratamento após as preposições "a, para, em".
– *Agradecemos-**lhes** a ajuda sincera.* (Agradecemos **a eles**...)
– *A mãe **lhe** comprou uma boneca?* (... comprou uma boneca **para você**?)
– *Deus criou o homem e infundiu-**lhe** um espírito imortal.* (... infundiu **no homem**...)

O, a, os, as

Os pronomes oblíquos átonos de 3ª pessoa **o(s)**, **a(s)**, se estiverem ligados a verbos terminados em **-r, -s e -z**, viram **-lo(s)**, **-la(s)**. Se estiverem ligados a verbos terminados em ditongo nasal (**-am, -em, -ão, -õe**...), viram **-no(s)**, **-na(s)**:
– *Vou resolver uma questão. = Vou resolvê-**la**.*
– *Fiz o concurso porque quis o emprego de funcionário público. = Fi-**lo** porque qui-**lo.*** (ou ... porque **o** quis)
– *Apagaram nossos arquivos. = Apagaram-**nos**.*
– *Você põe a mão onde não deve. = Você põe-**na** onde não deve.*
– *Tu pões a mão onde não deves. = Tu põe-**la** onde não deves.*

Não confunda o **nos** (1ª pessoa do plural) e o **nos** (3ª pessoa do plural), pois o mau uso deles pode provocar ambiguidade.
– *Os jornais chamaram-**nos** de extorsores.* (Chamaram a eles ou a nós?)

Para desfazer a ambiguidade, basta colocar o pronome oblíquo átono antes do verbo: "Os jornais **nos** chamaram de extorsores. (1ª p. pl.) / Os jornais **os** chamaram de extorsores. (3ª p. pl.)". Já vi isso em prova: FAB – EAGS – SARGENTO – 2008 – QUESTÃO 6.

Construções arcaicas mas ainda figurando nas gramáticas e em registros superformais são aquelas em que o pronome átono se contrai com outro átono. Veja que contrações "bisonhas":
– *Basta de discussão sobre a roupa! Ele dar-**ma**-á de presente e pronto. = Ele dará a roupa (= a) para mim (= me)... (**me** + **a** = **ma**)*

– *Ele viu o carro e instou com o dono para que **lho** vendesse. = ... para que vendesse o carro (= o) a ele (= lhe)... (**lhe** + **o** = **lho**)*
– *Deram-**ta**! = Deram-te uma bela lição (= a)!... (**te** + **a** = **ta**)*

Colocação Pronominal

Também chamada de **Topologia** ou **Sínclise Pronominal**, é o nome que se dá à parte da Gramática que trata, basicamente, da adequada **posição dos pronomes oblíquos átonos** (POA) junto aos verbos: **próclise** (POA antes do verbo), **ênclise** (POA depois do verbo) e **mesóclise** (POA no meio do verbo).

Saiba que este assunto é extremamente recorrente em provas! E gerador de polêmicas às vezes...

Relembrando os pronomes oblíquos átonos (POAs):

- **O, a, os, as** (que viram **-lo, -la, -los, -las** diante de verbos terminados em **-r, -s** e **-z** ou viram **-no, -na, -nos, -nas** diante de verbos terminados em ditongo nasal (exceto os verbos no futuro do indicativo).
  Ex.: *Comprei uma casa. (Comprei-a.) / Vou comprar uma casa (Vou comprá-la.) / Eles compraram uma casa. (Eles compraram-na.) / Eles comprarão a casa. (Eles comprarão-na.* – INADEQUADO).

Você vai entender daqui a pouco por que está INADEQUADA esta última forma! Além desses, há: me, te, se, nos, vos, lhe(s).

Relembrados os POAs, vamos às regras?

Próclise

É o nome que se dá à colocação pronominal **antes** do verbo. É usada nestes casos:

1) Palavra de sentido negativo antes do verbo*

– ***Não** se esqueça de mim.*

** não, nunca, nada, ninguém, nem, jamais, tampouco, sequer etc.*

Obs.: Após pausa (vírgula, ponto e vírgula... entre qualquer palavra atrativa e o verbo), usa-se ênclise: *Não; esqueça-se de mim!*

2) Advérbio ou palavra denotativa antes do verbo*

– ***Agora** se negam a depor.*

** já, talvez, só, somente, apenas, ainda, sempre, talvez, também, até, inclusive, mesmo,*

exclusive, aqui, hoje, provavelmente, por que, onde, como, quando etc.

Obs.: Se houver pausa (vírgula, ponto e vírgula...) após o advérbio, usa-se a ênclise: "Agora**,** negam-se a depor". Segundo o gramático Rocha Lima, se houver repetição de pronomes átonos após pausas, em estrutura de coordenação, **pode-se** usar a próclise (ou a ênclise): "Ele se ajeitou, se concentrou, se arrumou e se despediu." Quando o pronome tem funções sintáticas diferentes ou quando se quer dar ênfase, a repetição é obrigatória: "Eu o examinei e lhe receitei um remédio."

3) Conjunções e locuções subordinativas antes do verbo*

– *Soube **que** me negariam.*

* *que, se, como, quando, assim que, para que, à medida que, já que, embora, consoante etc.*

Cuidado!!!

1) Ainda que a conjunção esteja oculta, haverá próclise: "Como não o achei, pedi-lhe (que) me procurasse."

2) Informação que cabe para qualquer caso de próclise: ignora-se a expressão intercalada, colocando o POA antes do verbo, pois seu antecedente ainda é uma palavra atrativa: "Mesmo **quem**, diante de situações precárias, se encontra calmo, padece." Sobre isso, ainda cabe a ênclise, segundo ensino da Academia Brasileira de Letras:

ABL RESPONDE

Pergunta: Oi. Após vírgula, pode o pronome ficar antes ou depois do verbo quando há distanciamento do termo atrativo ou do termo que permite o facultar da posição do clítico? Exemplos: "Os homens, a quem muito amei, me eram (eram-me) leais." ou "Nunca, mesmo depois da separação, me comuniquei (comuniquei-me) com ela.". Ambas as posições (próclise ou ênclise) estão certas? Obrigado!

Resposta: Prezado, ambos corretos, pode empregar a próclise ou a ênclise nos seus exemplos. De nada, disponha.

3) A próclise é recomendada por Bechara em orações subordinadas (substantivas, adjetivas ou adverbiais) cujo verbo está flexionado (sem vírgula separando a "palavra atrativa" do pronome átono): "Sabemos que a verdade **te** apetece. / A mulher cujo marido **nos** empregou é muito simpática. / Embora o programa **lhe** desse informações confiáveis, foi surpreendido um dia desses." Porém, não é assim que pensa José Maria da Costa em seu *Manual de Redação Profissional*. Para ele, tanto faz a colocação quando entre a palavra atrativa e o pronome houver um sujeito: "É verdade que meu pai aborrecia-**me.**" ou "É verdade que meu pai **me** aborrecia.".

Corroborando a visão do Bechara, veja esta questão:

6. (FCC – TRF (1ª R) – Técnico Judiciário – 2011) É **correto** afirmar:

c) o pronome *lhe* (linha 27), em *cuja forma lhe sugeria*, poderia ser deslocado para depois do verbo, sem comprometer a correção.

Comentário: A letra c) foi considerada errada pela banca. Inferimos disso que o pronome ***lhe***, em ***cuja forma lhe sugeria***, **NÃO** poderia ser deslocado para depois do verbo, pois iria, SIM, comprometer a correção gramatical, desrespeitando a norma culta.

Veja outra, na mesma linha do Bechara:

(Cespe/UnB – TJ/ES – Cargos de Nível Superior – 2011)

No trecho "enquanto os protestos se espalhavam pelas ruas da capital egípcia", a próclise do pronome "se" justifica-se pela natureza subordinada da oração, explicitada pela conjunção temporal "enquanto".

(X) CERTO

( ) ERRADO

4) Pronomes relativos antes do verbo*

– *Identificaram-se duas pessoas* ***que*** *se encontravam desaparecidas.*

* *que, o qual (e variações), cujo, quem, quanto (e variações), onde, como, quando.*

Obs.: Em linguagem literária, encontramos uma colocação raríssima (inexistente nos registros formais no estágio atual da língua) chamada de **apossínclise**, em que o POA vem antes da palavra negativa, normalmente: "Convidei duas pessoas que se não falavam há tempos."

5) Pronomes indefinidos antes do verbo*

– ***Poucos*** *te deram a oportunidade.*

* *alguns, todos, tudo, alguém, qualquer, outro, outrem etc.*

6) Pronomes interrogativos antes do verbo*

– ***Quem*** *te fez a encomenda?*

* *que, quem, qual, quanto.*

7) Entre a preposição *em* e o verbo no gerúndio

– ***Em*** *se* ***plantando*** *tudo dá.*

Obs.: O POA virá antes do gerúndio também se estiver modificado por um advérbio: "João não era ligado a dinheiro, **pouco** se importando com o conforto advindo dele."

8) Com certas conjunções coordenativas aditivas e certas alternativas antes do verbo*

– ***Ora*** *me ajuda,* ***ora*** *não me ajuda.*

– *Não foi **nem** se lembrou de ir.*

* *nem, não só/apenas/somente... mas/como (também/ainda/senão)..., tanto... quanto/como..., que, ou... ou, ora...ora, quer... quer..., já... já...*

9) Orações exclamativas e optativas (exprimem desejo)

– *Quanto se ofendem por nada, rapazes!*

– *Deus te proteja, meu filho, e que bons ventos o tragam logo.*

10) Com o infinitivo *flexionado* precedido de preposição

– *Foram ajudados **por** nos **trazerem** até aqui.*

11) Com formas verbais proparoxítonas

– *Nós lhes **desobedecíamos** sempre.*

12) Com o numeral *ambos*

– ***Ambos** te abraçaram com cuidado.*

Obs.: Celso Cunha defende tal doutrina de próclise. Outros gramáticos, porém, não a defendem, como Eduardo Carlos Pereira, logo podemos tratar tal caso como **facultativo**, como já caiu em uma prova do Cespe/UnB (Diplomata – Instituto Rio Branco – 2007). Confira a questão!

IMPORTANTE: Muitos gramáticos chamam de **palavras atrativas** os termos que antecedem um verbo, implicando a realização da próclise.

Ênclise

É o nome que se dá à colocação pronominal depois do verbo; ela é basicamente usada quando não há fator de próclise; veja:

1) Verbo no início da oração sem palavra atrativa

– ***Vou**-me embora daqui!*

Obs.: Com palavra atrativa: "**Já** me vou embora daqui!"

2) Pausa antes do verbo sem palavra atrativa

– *Se eu ganho na loteria**,** mudo-me hoje mesmo.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Se eu ganho na loteria, tão **logo** me mudo."

3) Verbo no imperativo afirmativo sem palavra atrativa

– *Quando eu der o sinal,* ***silenciem****-se todos.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Enquanto eu não avisar, **jamais** vos silenciem."

4) Verbo no infinitivo não flexionado sem palavra atrativa

– ***Machucar****-te não era minha intenção.*

Obs.: Os POAs "-lo, -la, -los, -las" virão sempre enclíticos aos infinitivos não flexionados antecedidos da preposição **a**: "Estou inclinado a **perdoá**-lo. / Apesar de tudo, continuo disposto a **ajudá**-la." Com palavra atrativa: ver *Casos Facultativos,* mais abaixo.

5) Verbo no gerúndio sem palavra atrativa

– *Recusou a proposta,* ***fazendo****-se de desentendida.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Recusou a proposta, **não** se fazendo de desentendida."

Mesóclise

É o nome que se dá à colocação pronominal no meio do verbo (extremamente formal); ela é usada nos seguintes casos:

1) Verbo no futuro do presente do indicativo sem palavra atrativa

– ***Realizar****-se****-á****, na próxima semana, um grande evento em prol da paz no mundo.*

Obs.: O POA sempre ficará entre o **r** do verbo e a terminação do verbo: "**Daremos** um beijo no teu rosto. = **Dar**-te-**emos** um beijo no rosto." Com palavra atrativa, a próclise é obrigatória: "**Talvez** se realizará, na próxima semana, um grande evento."

2) Verbo no futuro do pretérito do indicativo sem palavra atrativa

– *Não fosse o meu compromisso,* ***acompanhá****-la****-ia*** *nesta viagem.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Mesmo não havendo compromisso, **nunca** te acompanharia nesta viagem."

Casos Facultativos

1) Pronomes demonstrativos antes do verbo sem palavra atrativa.*

– ***Aquilo*** *me deixou triste /* ***Aquilo*** *deixou-me triste.*

* *este (e variações), isto; esse (e variações), isso; aquele (e variações), aquilo.*

Obs.: Acho que nem preciso dizer que a construção "Aquilo **me** deixou-**me** triste" é algo IMPOSSÍVEL! Seu Creysson...son, son, son, son...

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá, meus nobres! Sempre recorro a vocês em ajuda urgente. Então, vamos lá. Afinal de contas, o pronome demonstrativo exige próclise, ênclise ou é facultativo? Ou seja: "Aquilo me deixa triste.", "Aquilo deixa-me triste." ou tanto faz? Grande abraço a todos que prestam serviço tão maravilhoso!

Resposta: No seu exemplo, não há palavra que exija a próclise nem há impedimento para empregar a ênclise. O pronome demonstrativo não é fator de próclise, ao contrário do pronome relativo. No Brasil, a preferência é pela próclise. No seu exemplo, por eufonia, recomendamos a próclise, mas ambas estão adequadas. Abraços para você também, Fernando.

Para você sentir que a "pressão" é grande, saiba que os gramáticos bem modernos (Mauro Ferreira, Roberto Melo Mesquita e Marcelo M. Caetano) dizem que os pronomes demonstrativos são palavras atrativas, ou seja, constituem um fator de próclise. Polêmicas... mas, se a ABL disse, "tá" dito!

2) Conjunções coordenativas (exceto aquelas mencionadas nos casos de próclise) antes do verbo sem palavra atrativa.

– *Ele chegou **e** dirigiu-se a mim. / Ele chegou **e** se dirigiu a mim.*

– *Corri atrás da bola, **mas** me escapou. / Corri atrás da bola, **mas** escapou-me.*

3) Sujeito explícito com núcleo pronominal (pronome pessoal reto e de tratamento) antes do verbo sem palavra atrativa.

– ***Ele** se retirou. / **Ele** retirou-se.*

– ***Eu** te considerarei. / **Eu** considerar-te-ei.*

– ***Sua Excelência** se queixou de você. / **Sua Excelência** queixou-se de você.*

Obs.: Com verbos monossilábicos, a eufonia ordena que se use a próclise, segundo bem nos lembra Manoel Pinto Ribeiro: "Eu **a** vi ontem, e não Eu vi-**a** ontem."

4) Sujeito explícito com núcleo substantivo (ou numeral) antes do verbo sem palavra atrativa.

– ***Camila** te ama* ou ***Camila** ama-te. / Os **três** se amam* ou *Os **três** amam-se.*

5) Infinitivo não flexionado precedido de "palavras atrativas" ou das preposições "para, em, por, sem, de, até, a".

– *Meu desejo era **não** o incomodar. / Meu desejo era **não** incomodá-lo.*
– *Calei-me para **não** contrariá-lo. / Calei-me para **não** o contrariar.*
– *Corri **para** o defender. / Corri **para** defendê-lo.*
– *Acabou **de** se quebrar o painel. / Acabou **de** quebrar-se o painel.*
– ***Sem** lhe dar de comer, ele passará mal. / **Sem** dar-lhe de comer, ele passará mal.*
– ***Até** se formar, vai demorar muito. / **Até** formar-se, vai demorar muito.*
– *Erro agora **em** lhe permitir sair? / Erro agora **em** permitir-lhe sair?*
– ***Por** se fazer de bobo, enganou a muitos. / **Por** fazer-se de bobo, enganou a muitos.*
– *Estou pronto **a** te acompanhar. / Estou pronto **a** acompanhar-te.*

Nas Locuções Verbais

1) Quando o verbo principal for constituído por um particípio, o pronome oblíquo virá depois do verbo auxiliar.

– *Haviam-me **convidado** para a festa.*

Obs.: O hífen que liga o verbo auxiliar ao POA é facultativo, segundo muitos gramáticos de renome, como Domingos Paschoal Cegalla, Ulisses Infante e outros. No entanto, a rigidez da gramática tradicional ainda insiste no seu uso. Veja como cai em prova: Cespe – MI – Analista Administrativo – 2009 – Questão 11.

Se, antes do "tempo composto" (locução verbal formada por "ter/haver + particípio"), houver palavra atrativa, o pronome oblíquo ficará antes do verbo auxiliar.

– ***Não** me haviam convidado para a festa.*

Obs.: Se houver fator de próclise e depois uma intercalação, o pronome pode ficar antes ou depois do verbo auxiliar. Veja uma questão sobre isso:

26. (FUNDEP – MP/MG – Oficial – 2012) "Alega a vítima que Fulano de tal, o agressor, seu ex-amásio, a tem perseguido de forma constrangedora em via pública[...]" (linhas 16-17)
O trecho sublinhado pode ser corretamente substituído por:
a) tem perseguido-a;
b) lhe tem perseguido;
c) tem perseguido ela;
d) tem-na perseguido. (Gabarito!)

Se o verbo auxiliar estiver no futuro do presente ou no futuro do pretérito, ocorrerá a mesóclise, desde que não haja antes dele palavra atrativa.

– *Haver-me-iam convidado para a festa?*

2) Quando o verbo principal for constituído por um infinitivo ou um gerúndio, se não

houver palavra atrativa, o pronome oblíquo virá depois do verbo auxiliar (com hífen), antes do principal (sem hífen) ou depois do verbo principal (com hífen).

– *Devo-lhe esclarecer o ocorrido. / Devo lhe esclarecer o ocorrido. / Devo esclarecer-lhe o ocorrido.*

– *Estavam-me chamando pelo rádio. / Estavam me chamando pelo rádio. / Estavam chamando-me pelo rádio.*

Havendo palavra atrativa, o pronome poderá ser colocado antes do verbo auxiliar ou depois do verbo principal.

– *Não posso esclarecer-lhe o ocorrido. / Não lhe posso esclarecer mais nada.*

– *Não estavam chamando-me. / Não me estavam chamando.*

Obs.: Os casos facultativos permitem diferentes colocações pronominais com as locuções verbais: "**Ele** te vai xingar muito." ou "**Ele** vai(-)te xingar muito." ou "**Ele** vai xingar-te muito.".

Os gramáticos Domingos Paschoal Cegalla e José Carlos de Azeredo, com a ressalva de que tais estruturas são censuradas pela Gramática, registram como própria da língua portuguesa do Brasil a colocação do pronome **entre** os verbos da locução verbal, mesmo quando o pronome está antecedido de palavra atrativa (isso já caiu na prova da Esaf – SRFB – AUDITOR-FISCAL – 2012 – QUESTÃO 47 (P1/G1)):

– *Não me estavam chamando. / Não estavam **me** chamando. / Não estavam chamando-me.*

– *Não te havia insultado. / Não havia **te** insultado.*

IMPORTANTE: Por motivo de eufonia, a tradição gramatical diz que se elimina o **s** final dos verbos na 1ª pessoa do plural seguidos do pronome *nos*:

– *Inscrevemos + nos no curso = Inscrevemo-nos no curso.*

– *Conservamos + nos jovens = Conservamo-nos jovens.*

Obs.: De encontro à maioria dos gramáticos (sempre existe um engraçadinho...), Napoleão Mendes de Almeida, porém, diz que a supressão do **s** pode se dar com qualquer oblíquo que venha depois do verbo; por exemplo: "Enviamo-lhes convites". Até onde sei, nesse caso, a opinião dele não é levada em conta. Veja como cai em prova: CESPE/UNB – DPF – AGENTE DA POLÍCIA FEDERAL – 2009 – QUESTÃO 15.

Pronomes Oblíquos Tônicos

1ª pessoa: **mim**, **comigo** (singular); **nós**, **conosco** (plural).

2ª pessoa: **ti**, **contigo** (singular); **vós**, **convosco** (plural).
3ª pessoa: **si**, **consigo** (singular ou plural); **ele(a/s)** (singular ou plural).

São sempre precedidos de preposição! Podem exercer função sintática de objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adnominal, adjunto adverbial, dativo de opinião*.

– *Convidou-me e **a ela** também.* (objeto direto – preposicionado)
– *Ela não só aludiu **a mim** como **a vós** também.* (objeto indireto)
– *Estamos preocupados **contigo**.* (complemento nominal)
– *É muito bom quando a Argentina é derrotada **por nós**.* (agente da passiva)
– *A casa **deles** é enorme.* (adjunto adnominal)
– *Ontem eu saí **convosco** por causa dela.* (adjunto adverbial)
– ***Para mim**, ele não presta.* (dativo de opinião)

* Segundo Sacconi, tal expressão se configura num dativo de opinião, pois trata-se de um termo preposicionado que indica o ponto de vista do enunciador sobre um fato. O mesmo gramático chama de **objeto indireto <u>por extensão</u>**. De modo semelhante, Bechara trata do assunto. Foi questão recente de prova. Nunca vi isso a não ser nesta prova. Muita maldade da tal da banca AOCP.

4. (AOCP – BRDE – Assistente Administrativo – 2012) Em "Ora, <u>para mim</u> isso configura um crime.", a expressão destacada funciona como
a) introdutor de conformidade;
b) objeto indireto;
c) adjunto adnominal;
d) complemento nominal;
e) dativo de opinião. (GABARITO!)

E olha que foi nível médio! Os caras da banca pesaram a mão em um assunto que era, até então, ignorado pelas bancas! Como a questão foi polêmica demais, adivinha? Para a alegria dos candidatos, a **questão foi anulada**! Mas poderia não ter sido...

Vejamos as particularidades dos oblíquos tônicos:

Mim

– *Nunca houve nada entre **mim** e ti.*

Está adequado à norma culta ou não este uso do pronome? Adequadíssimo! Não estaria se estivesse assim: "Nunca houve nada entre eu e você.", como já vimos. O **eu** só poderia vir após a preposição se fosse sujeito de um verbo: "Entre eu sair e tu saíres, saio eu!". Agora está ótimo. Certo é que, nessa estrutura de reciprocidade, com a preposição **entre**, podemos usar **mim**, **ti**, **nós**, **vós**, **ele(a/s) e quaisquer pronomes de tratamento**.

E nesta frase abaixo, há incorreção gramatical?

– *Sempre foi muito complicado* ***para mim*** *entender português.*

Deu vontade de dizer "sim"? Que pena! A frase acima está perfeita. O **mim** pode ficar diante de verbo no infinitivo, sim! Cuidado com essa construção, meu amigo, pois ela pode sabotar você. O que não pode ocorrer é o **mim** ocupar posição de sujeito, ok? Veja:

– *Comprei vários livros* ***para mim*** *aprender finalmente português.*

Observe que neste caso o **mim** é sujeito do verbo aprender.

"Ah, Pestana, como eu vou saber isso?" Simples, observe a primeira frase (adequada) de novo:

Sempre foi muito complicado ***para mim*** *entender português.*

O que você deve perceber é: 1) se for possível apagar ou 2) deslocar a expressão **para mim**, isso é sinal de que o **mim** não funciona como sujeito do verbo no infinitivo. Logo, nestas condições, a expressão pode vir sem problemas diante do verbo. Veja como ficaria:

1) Sempre foi muito complicado ***( )*** *entender português.*

ou

2) ***Para mim*** *sempre foi muito complicado entender português.*

Agora tente aplicar esses macetes à frase "Comprei vários livros para mim aprender finalmente Português.". Não conseguiu, não é? Sabe por quê? Porque nessa frase o **mim** conjuga verbo e tem função de sujeito. Agora, como sabemos que ele está inadequado, consertemos:

Comprei vários livros ***para EU*** *aprender finalmente português.*

Essa lição também vale para outros pronomes oblíquos tônicos, ok?

Para fechar, vale dizer que se usam as formas retas **eu** e **tu**, só quando antes delas houver preposições acidentais ou palavras denotativas:

– *Ela chegou* <u>*até*</u> ***eu***. (Inadequado; deveria ser "até mim", pois o *até* é uma preposição essencial.)

– <u>*Fora*</u> ***tu****, todos são maltratados por ela.* (Adequado; o *fora* é uma preposição acidental.)

– *Ela maltrata* <u>*até*</u> ***eu***. (Adequado; o *até* indica "inclusive", logo não é uma preposição, mas sim uma palavra denotativa de inclusão.)

Si / Consigo

São pronomes reflexivos (ou reflexivos recíprocos), isto é, referem-se ao próprio sujeito do verbo, na 3ª pessoa.

– *Elisabete só fala de* <u>*si*</u> *mesma, levando* <u>*consigo*</u> *todo o crédito.*

Obs.: Cuidado com frases deste tipo: "Eu não te disse que não trouxesses consigo essa garota?". Note que o **consigo** se refere à 2ª pessoa do discurso, o que incorre em desvio gramatical, pois tal pronome oblíquo tônico só se refere à 3ª pessoa do discurso. Assim, para que se mantenha a correção gramatical, deve-se redigir a frase desta forma: "Eu não te disse que não trouxesses contigo essa garota?".

Usa-se **entre si** sempre que for possível a posposição do pronome *mesmos*, lembrando-se que o sujeito tem de ser da 3ª pessoa do plural; do contrário, usa-se **entre eles**.

– *Os irmãos discutiam entre si (mesmos).*

– *Nunca houve briga entre eles.*

Obs.: Quando o pronome se refere ao sujeito do verbo, não se usa **ele(a/s) mesmo(a/s)/próprio(a/s)**, segundo a tradição gramatical, mas sim o oblíquo tônico **si**, acompanhado ou não de **próprio/mesmo**: *Ele fez propaganda **dele mesmo**. (inadequado) / Ele fez propaganda **de si próprio/mesmo**. (adequado)*

Nós / Vós

Usam-se **com nós** e **com vós** quando estes são seguidos de "ambos, todos, outros, mesmos, próprios, um numeral, um aposto explicativo ou uma oração adjetiva"; caso contrário, usa-se **conosco** e **convosco**.

– *Viajou **com nós** ambos.*

– *Saiu **com vós** todos.*

– *Estava **com nós** outros.*

– ***Com nós** mesmos/próprios, vocês poderão contar.*

– ***Com vós** dois é que não quero jantar.*

– ***Com nós**, os brasileiros, sempre acontecem coisas inesperadas.*

– *Resistimos à tempestade **com vós**, que sois bravos, e com eles, que também são corajosos.*

– *As crianças irão **conosco** e não **convosco**.*

Ele (a/s)

Pode haver contração das preposições com **ele(a/s)**: de + ele(a/s) = dele(a/s); em + ele (a/s) = nele(a/s): *Além **dele**, ninguém mais me viu.*

Para não dizer que não falei das flores, veja esta questãozinha abordando algumas dessas particularidades:

FAB – EAGS – Sargento da Aeronáutica – 2010

Com relação ao emprego correto dos pronomes em destaque, marque **C** para certo, **E** para errado e, em seguida, assinale a alternativa com a sequência correta.

( ) Meu pai trouxe chocolates para mim comer.
( ) A professora ficou aborrecida com nós todos.
( ) É melhor que não pairem dúvidas entre ti e ele.
( ) Esse dinheiro é para ti pagares tua faculdade.

a) C-E-E-C
b) E-C-C-E (Gabarito!)
c) C-E-C-E
d) E-E-C-C

Pronomes de Tratamento

São pronomes muito usados no tratamento cortês e cerimonioso.

Sobre as palavras "senhor, senhora, senhorita, dom, dona, madame" (e outros termos que servem de títulos ou que são meramente respeitosos), é importante dizer que há uma polêmica muito grande a respeito do "encaixe" de tais palavras na nomenclatura **formas de tratamento** ou **pronomes de tratamento**. Alguns gramáticos dizem que são **formas de tratamento**, outros dizem que são **pronomes de tratamento**, ainda há outros que dizem que são meros **títulos**. A maneira que encontrei de resolver isso foi perguntando a opinião do órgão máximo relativo à língua portuguesa (a ABL) sobre a classificação de tais palavras, que é a seguinte: elas podem ser meros substantivos (*Ela é **dona** de si.*) ou **formas de tratamento** (e não pronomes de tratamento): ***Dona** Carlota Joaquina era polêmica*!

Por isso, neste último exemplo, **Dona** tem valor de substantivo e não de pronome, o que corrobora a análise da ABL, a saber: tais palavras têm valor **discursivo** de pronome de tratamento (são dirigidas a pessoas de prestígio na sociedade em situações formais) e valor **morfológico** de substantivo (pertence a essa classe gramatical). Palavra de ressalva: independentemente da polêmica, no dia da prova, marque a melhor opção.

Sobre **você**, os dicionários (inclusive o vocabulário VOLP) e as gramáticas o colocam na lista dos **pronomes de tratamento**. Pertencem a essa classe gramatical mesmo! No entanto, tal pronome tem um valor discursivo um pouco diferente, pois é usado em contextos **informais**.

Detalhe interessante: quando se quer dar um tom irônico ao discurso (como quando a sua mãe pede para você limpar o quintal, a louça, o carro, tudo no mesmo dia), diz-se com certa entonação debochada: "*Vossa Alteza* quer mais alguma coisa?". Tudo depende do contexto!

Vamos ao que interessa a respeito dos verdadeiros **pronomes de tratamento**. Olhe o quadro a seguir:

Pronomes	Abreviatura Singular	Abreviatura Plural	Usados para
Vossa Senhoria	V. S.ª	V. S.ªs	Pessoas com um grau de prestígio maior. Usualmente, os empregamos em textos escritos, como: correspondências, ofícios, requerimentos etc.

Vossa Excelência	V. Ex.ª	V. Ex.ªs	Pessoas com alta autoridade, militares e políticos, como: Presidente da República, Senadores, Deputados, Embaixadores, Oficiais de Patente Superior à de Coronel etc.
Vossa Excelência Reverendíssima	V. Ex.ª Rev.mª	V. Ex.ªs Rev.mªs	Bispos e arcebispos.
Vossa Eminência	V. Em.ª	V. Em.ªs	Cardeais.
Vossa Alteza	V. A.	VV. AA.	Príncipes, duques e arquiduques.
Vossa Santidade	V.S.	-	Papa.
Vossa Reverendíssima	V. Rev.mª	V. Rev.mªs	Sacerdotes em geral.
Vossa Paternidade	V. P.	VV. PP.	Abades, superiores de conventos.
Vossa Magnificência	V. Mag.ª	V. Mag.ªs	Reitores de universidades.
Vossa Majestade	V. M.	VV. MM.	Reis, rainhas e imperadores.

O que você precisa saber sobre esses pronomes é o seguinte:

1) Usa-se *Vossa* quando se fala com a pessoa; *Sua*, quando se fala sobre a pessoa.

No quarto da rainha:

– ***Vossa* Majestade** *precisa de algo?*

– *Sim. Um suco.*

Na cozinha:

– ***Sua* Majestade** *é cheia de mimos, não?*

– *Ela sempre foi assim.*

Obs.: Segundo Bechara e manuais de redação consagrados, como o da PUC/RS, com as **formas ou pronomes de tratamento** – apesar de femininas em sua formação –, faz-se a concordância com o sexo das pessoas a que se referem: *Vossa Senhoria está convidad**o** (homem) a assistir ao Seminário.*

Ainda: em "**Seu** bobo, para de palhaçada!", este **Seu** equivale ao "Seu" da frase: "**Seu** Manoel chegou.", ou seja, é a redução da forma de tratamento **Senhor**. Isso é marca de coloquialismo, ok?

2) Qualquer pronome de tratamento, apesar de se referir à 2ª pessoa do discurso, exige que verbos e pronomes estejam na forma de 3ª pessoa. Isso cai em prova, hein!

– *Sua Alteza* ***estuda*** *tanto para poder um dia governar* ***sua*** *nação.*

3) O pronome *você* não pode ser "misturado" com verbos ou pronomes de 2ª pessoa no mesmo contexto; é preciso haver uniformidade de tratamento; no entanto, o que mais

ocorre é a "desuniformidade" de tratamento, note:

– *Entre por essa porta agora e diga que me adora,* ***você*** *tem meia hora pra mudar a minha vida, vem, vambora... (Adriana Calcanhoto)*

A forma verbal **vem** está na 2ª pessoa do singular (vem tu); deveria ser: **venha** (venha você).

Obs.: Segundo o ótimo professor Cláudio Moreno, com pequenas interferências minhas, "não cabe um ***Vossa Meritíssima** (como alguns gramáticos andam ensinando por aí), assim como não cabe um ***Vossa Excelentíssima** (como alguns parlamentares andam usando por aí), pois se criaria uma exótica e inaceitável **sequência** [Vossa + adjetivo], que o nosso idioma desconhece. No mundo jurídico, é muito comum (e adequado) usar-se **Meritíssimo** como **adjetivo** de tratamento para magistrados. Ao nos dirigirmos diretamente a um juiz, podemos simplesmente utilizar **Meritíssimo** – ou **Meritíssima**, caso se trate de uma juíza. Nesse caso, tais vocábulos, com função vocativa, se tornarão substantivos. Quanto à abreviatura, usa-se MM.".

Classificação e Emprego do Pronome Possessivo

Os **pronomes possessivos** estabelecem relação de posse (normalmente) entre seres e conceitos e as pessoas do discurso. Você vai entender o porquê do "normalmente" no tópico 7, mais à frente.

1ª pessoa: **meu**(s), **minha**(s) / **nosso**(a/s).
2ª pessoa: **teu**(s), **tua**(s) / **vosso**(a/s).
3ª pessoa: **seu**(s), **sua**(s).
* *"Dele(a/s)" **não** é pronome possessivo.*

Eles variam (concordam) em gênero e número com o substantivo a que se ligam (João deixou uma herança vultosa para **suas** *mulheres.*) ou a que se referem (*Filhos*? Sempre estou atento aos **meus.**). Variar (concordar) é uma coisa. Referir-se a algo/alguém é outra. Note que o pronome possessivo, como todo pronome, faz referência às pessoas do discurso: o pronome adjetivo possessivo **suas** se refere à 3ª pessoa do discurso (João), mas concorda em gênero e número com mulheres; o pronome substantivo possessivo **meus** refere-se à 1ª pessoa do discurso (o falante), mas concorda em gênero e número com seu referente: Filhos. Divida isso na sua cabeça!

Vejamos o emprego de tais pronomes agora (nunca é demais repetir determinados ensinos):

1) Os pronomes de tratamento exigem os possessivos na 3ª pessoa:

– *Vossa Senhoria deve encaminhar **suas** reivindicações ao diretor.*

2) Em algumas construções, os pronomes pessoais oblíquos assumem valor de possessivos:

– *Vou seguir-lhe os passos. (Vou seguir os **seus** passos.)*
– *Apertou-me as coxas. (Apertou as **minhas** coxas.)*

Obs.: Muitos gramáticos entendem que os pronomes oblíquos átonos (com valor possessivo) exercem função sintática de adjunto adnominal. E é assim que vem caindo em prova. Outros gramáticos veem como objeto indireto com valor possessivo. Falarei mais sobre isso no capítulo 21.

3) Mudança de posição pode gerar mudança de sentido

– *Envio **tuas** fotos ainda hoje.* (Fotos tiradas por mim.)
– *Envio fotos **tuas** ainda hoje.* (Fotos em que estou presente.)
– ***Minha** mulher não anda com roupas indecentes.* (Só tem uma mulher.)

– *Mulher **minha** não anda com roupas indecentes.* (Qualquer mulher dele.)

4) O pronome possessivo "seu" (e variações) **pode causar ambiguidade.**

– *O PM prendeu o bandido em **sua** casa.* (Na casa de quem?)

– *João, Maria e **seu** filho saíram.* (Filho de quem?)

– *José contou-me que Rute perdeu **seus** documentos e ficou desesperada.* (Documentos de quem?)

– *A professora disse-lhe que acreditava em **sua** nomeação.* (Nomeação de quem?)

Para desfazer a ambiguidade e/ou tornar o valor possessivo mais forte, podem-se usar **vírgulas**, **próprio(a/s), (seu) dele(a/s), oração subordinada adjetiva.**

– *O PM**,** em sua **própria** casa**,** prendeu o bandido.*

– *João, Maria e o filho **dela** saíram.*

– *A professora disse-lhe que acreditava em **sua** nomeação **dele**.* (Forma estranha, mas culta.)

– *José contou-me que Rute**, cujos documentos perdera,** ficou desesperada.*

Obs.: É muito usado o pronome possessivo *seu*, de 3ª pessoa, para se referir à 2ª pessoa do discurso: "Você não deve deixar de considerar **suas** virtudes.".

5) O artigo definido é facultativo antes dos pronomes adjetivos possessivos, mas dos pronomes substantivos possessivos, o artigo é obrigatório.

– *Gosto de **meu** trabalho. / Gosto do **meu** trabalho.* / Gosto de meu trabalho, mas não do **teu**.

Obs.: Veja uma frase com os dois casos:

6) Como vimos, em plural de modéstia e plural de cerimônia, os pronomes "nosso(a/s)" (1ª pessoa do plural no lugar da 1ª pessoa do singular) e "vosso(a/s)" (2ª pessoa do plural no lugar da 2ª pessoa do singular) também participam desse contexto. Veja:

– *Não cabe a **nosso** intelecto desvendar todos os mistérios da gramática.*

– *Pai nosso que estais no céu, santificado seja o **vosso** nome.*

7) Os matizes de sentido, respectivamente, que podem ter os possessivos são: parentesco, estimativa, indefinição, ironia, cortesia/respeito, hábito, intimidade, simpatia, permanência, realce...

– *Como vão os **seus**, João?**

– *Roberto tem **seus** vinte e quatro anos.*

– *Eu sei que tu passas lá* ***teus*** *apertos.*
– ***Minha*** *querida, cala a boca!*
– *Deixe-me ajudar,* ***minha*** *boa senhora.*
– *No* ***seu*** *passo de tartaruga, devagar ia o homem.*
– ***Meu*** *filhinho, quero-lhe bem!*
– *O* ***meu*** *Mengão me dá muito orgulho ainda.*
– *Já falei para você ficar na* ***sua****.*
– *Mulher de amigo* ***meu*** *é homem.*

* Celso Cunha considera, nesta acepção e contexto, que o pronome possessivo foi substantivado. Antecedido da preposição ***de***, idem: "Ela não tinha um marido para chamar **de seu**".

Classificação e Emprego do Pronome Indefinido

Os **pronomes indefinidos** referem-se à 3ª pessoa do discurso de forma vaga, imprecisa ou genérica. Entenda melhor:

Na escola

Na escola de treinamento para homem-bomba, todos os alunos estão reunidos, muito concentrados na aula, quando o professor explica:

– Olha aqui, vocês prestem muita atenção, porque eu só vou fazer uma vez!

Percebe que *todos* carrega consigo uma ideia de indefinição ou quantidade indefinida? Logo, é um pronome indefinido.

Variáveis	Invariáveis
algum, alguma, alguns, algumas	algo
nenhum(ns), nenhuma(s)	tudo
todo, toda, todos, todas	nada
outro, outra, outros, outras	mais/menos[2]
muito, muita, muitos, muitas	quem
bastante, bastantes	alguém
pouco, pouca, poucos, poucas	ninguém
certo, certa, certos, certas	outrem
vário, vária, vários, várias[1]	(os) demais*
quanto, quanta, quantos, quantas	cada (é sempre pronome adjetivo)#
tanto, tanta, tantos, tantas	que
qualquer, quaisquer	
qual, quais	
um, uma, uns, umas	
tal, tais (= um: Ele diz as coisas de tal jeito...)	

[1] Este pronome e também seu sinônimo, **diverso(a/s)**, são considerados adjetivos pelo VOLP e pelo dicionário Aulete.

[2] Segundo Bechara, **mais** e **menos** podem se substantivar em expressões assim: o (as) mais das vezes, o menos.

Obs.: As palavras **fulano**, **sicrano** e **beltrano** não são pronomes indefinidos, mas substantivos, segundo o VOLP e todos os dicionários que consultei. Não obstante, Cegalla já diz que são indefinidos. Polêmicas...

* Não é substantivo, apesar de o artigo antecedê-lo.

A frase “Custará R$10 **cada**.” está inadequada à norma culta, pois este pronome é sempre adjetivo. Logo, o adequado é “Custará R$10 **cada uma**.”.

Locuções pronominais indefinidas

Grupos de vocábulos com valor de **pronome substantivo** indefinido.

Cada qual, cada um, quem quer que, seja quem for, seja qual for, tudo o mais, todo (o) mundo, um ou outro, nem um nem outro, qualquer um, fosse quem fosse...

– ***Cada um*** *é diferente.*
– ***Seja quem for*** *que me incomode pagará caro.*
– ***Todo o mundo*** *me respeita.*

Obs.: Cuidado com as locuções pronominais “quem quer que, seja quem for, seja qual for, fosse quem fosse”, pois tais locuções equivalem a um pronome indefinido, logo os supostos verbos que fazem parte da locução não são contados como orações. Vale dizer que “tudo isto, tudo isso, tudo aquilo” não constituem locuções pronominais indefinidas, mas sim **pronome indefinido (tudo) + pronome demonstrativo (isto, isso, aquilo)**.

O que você precisa saber sobre esses pronomes é o seguinte:

1) **A mudança de posição de alguns indefinidos poderá mudar ora sua classe, ora seu sentido.**
   – ***Qualquer*** *mulher merece respeito.* (sentido generalizador, pronome indefinido)[1]
   – *Ela não é uma mulher* ***qualquer.*** (sentido pejorativo, pronome indefinido)
   – ***Algum*** *amigo te traiu?* (sentido genérico, impreciso, pronome indefinido)
   – *Amigo* ***algum*** *me traiu.* (sentido negativo, equivale a nenhum, pronome indefinido)[2]
   – *Com essa dedicação, tem obtido* ***algum*** *elogio da crítica especializada.* (= pouco, pronome indefinido)
   – *Você tem* ***algum****?* (dinheiro, substantivo)
   – ***Certo*** *homem veio atrás de você.* (sentido genérico, pronome indefinido)
   – *Ele é o homem* ***certo****.* (sentido qualificativo, adjetivo, vem sempre à direita do substantivo)
   – ***Certo*** *perdeste o juízo.* (afirmação, advérbio)
   – *Ele falou* ***certo****.* (modo, advérbio)
   – ***Outra*** *mulher chegou.* (sentido indefinido, pronome indefinido)
   – *Agora ela é uma* ***outra*** *mulher.* (renovada, adjetivo)

Cuidado!!!

[1] A banca CONSUPLAN (TSE/Analista Judiciário/2012) elaborou uma questão equivocada – que, para variar, **não** foi anulada! – sobre o vocábulo **qualquer**. Dizia-se que este pronome não exercia papel pronominal neste trecho: "Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação **qualquer** na contramão do dever...". Aí eu pergunto: "Pode isso?". Em nenhuma gramática de autor respeitado e estudado nas Faculdades de Letras do Brasil, diz-se que o pronome **qualquer**, independentemente de sua posição na frase, deixa de ter valor pronominal. "Muito pelo contrário", como já dizia minha vó!

Celso Cunha classifica tal construção na categoria dos PRONOMES (Veja a *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, está lá):

Qualquer

Tem por vezes sentido pejorativo, particularmente quando precedido de artigo indefinido (...). A tonalidade depreciativa torna-se mais forte se o ***indefinido*** *vem posposto a um nome de pessoa: '... Hoje é isto que o senhor vê:* ***um Pestana qualquer****...' (grifo meu)*

Este exemplo é do Celso mesmo, não é sacanagem. Que coincidência o cara falar Pestana! Pois bem... o que importa é que o gramático classifica como PRO-NO-ME o vocábulo **qualquer**, por mais que venha depois do substantivo, com valor depreciativo!

Não satisfeito, enviei uma pergunta à ABL, baseando-me em um exemplo da única fonte consagrada que encontrei, a qual diz ser **qualquer** um **adjetivo**: o consagrado dicionário *Houaiss*. Só ele diz isso, até onde foi minha pesquisa. É **um** contra **mil**. Aí a banca me cria uma questão dessas?! Só pode ser brincadeira, não?! Vamos ao que disse a ABL:

ABL RESPONDE

Pergunta: O vocábulo "qualquer" é classificado morfologicamente como ADJETIVO ou como PRONOME INDEFINIDO nesta frase: "Este feijão não é um feijão qualquer."? Grato!

Resposta: É um **pronome** adjetivo **indefinido**. (grifo meu)

Esta é, portanto, a função morfológica de **qualquer**: **pronome indefinido**. Não é um adjetivo! E quem diz isso não sou eu. É um fato comprovado por quem mais entende de Português: a Academia Brasileira de Letras! Ponto final.

[2] Semiparafraseando Celso Cunha, "De regra, o indefinido **algum** adquire valor negativo em frases onde aparecem expressões negativas (não, nem, sem...): 'A sua crítica não obedecia a sistema **algum**.'". Esta dupla negação serve para realçar a ideia negativa; não é como na Matemática, em que – com – dá +. É bom dizer que, quando se invertem os termos da oração, o não sai da jogada, perdendo-se a dupla negação, mas ainda assim se conserva a ideia de negação: "A sistema **algum** (= nenhum) obedecia sua crítica.".

2) Todo, no singular e junto de artigo ou pronome demonstrativo, significa "inteiro"; sem artigo, significa "qualquer". No plural, sempre indica totalidade.

– ***Toda*** *mulher é bonita.* (qualquer mulher)

– *A/Essa mulher* ***toda*** *é bonita.* (a mulher inteira)

– ***Todos*** *os prédios desta cidade têm cinco andares.*

– *Esta carteira é válida em* ***todo*** *território nacional.*

– *Esta carteira é válida em* ***todo o*** *território nacional.*

Sobre os dois últimos exemplos, qual carteira é melhor? A primeira ou a segunda? Certamente a primeira, pois **todo** significa **qualquer**. Ou seja, em qualquer território, desde que seja uma nação, a carteira é válida. Diferente da segunda frase, em que **todo o** significa inteiro. Ou seja, a carteira só é válida no inteiro território nacional. Só aqui no Brasil, por exemplo. Entendeu? Uma pena que a nossa carteira de identidade apresenta **todo o...** acho que vou apagar o **o** da minha...

Obs.: Mesmo sem estar acompanhado de artigo ou pronome demonstrativo, o pronome **todo** pode indicar totalidade de maneira enfática, concordando com o ser ao qual se refere, como se houvesse uma intensificação: "Sandrinha era **toda** sorriso e simpatia". Bechara acrescenta que tal pronome pode ficar no feminino ao virar um advérbio modificador de adjetivo, quando o referente é um substantivo feminino: "Ela está **todo/toda** preocupada."

O pronome "todos" vem obrigatoriamente seguido de artigo quando a ele se segue um substantivo (Todos os amigos ajudaram). Se vier um numeral, não se usa artigo (Todos cinco ajudaram). Se vier um numeral entre eles, usa-se o artigo (Todos os cinco amigos ajudaram).

3) Nenhum varia normalmente quando anteposto ao substantivo.

– *Não havia* ***nenhumas*** *frutas na cesta.*

4) O pronome indefinido outro junto de artigo pode mudar de sentido.

– ***Outro*** *dia fui visitá-lo.* (tempo passado)

– *Fui visitá-lo no* ***outro*** *dia.* (tempo futuro; = no dia seguinte)

5) O pronome cada pode ter valor discriminativo ou intensivo.

– *Em* ***cada*** *lugar, há diversidade de beleza.*

– *Tu tens* ***cada*** *mania!*

6) O vocábulo um pode ser artigo indefinido, numeral ou pronome substantivo indefinido (alternando com "outro", normalmente).

– *Nunca deixou de ser **um** bom homem.* (artigo indefinido)
– *Ele é só **um**, deixe-o em paz, covarde!* (numeral)
– ***Um** chegou cedo; o **outro**, atrasado.* (pronome indefinido)

Cuidado!!!

Muitos pronomes indefinidos, dependendo do contexto, podem virar advérbios, desde que modifiquem verbos, adjetivos ou outros advérbios. É preciso perceber a relação entre as palavras para definirmos a classificação morfológica delas.

– *Tenha **mais** amor e **menos** desconfiança.* (pronomes indefinidos)
– *Aja **mais** e fale **menos**.* (advérbios modificando verbos)
– *Não quero **nada** de você.* (nenhuma coisa, pronome indefinido)
– *João não é **nada** bobo.* (nem um pouco, advérbio)
– ***Algo** me diz que ela está chegando.* (alguma coisa, pronome indefinido)
– *O paciente está **algo** doente.* (um pouco, advérbio)
– ***Bastantes** parentes vieram me visitar no hospital.* (muitos, pronome indefinido)
– *Sinto **bastante** por sua perda.* (muito, advérbio)
– ***Que** mulher!* (ênfase, pronome indefinido)*
– ***Que** linda!* (intensidade, advérbio)

O mesmo ocorre com os pronomes indefinidos "muito, pouco e tanto".

* Celso Cunha e outros gramáticos entendem que este "que" é pronome interrogativo com valor exclamativo. Há ainda o outro lado da moeda, como Manoel Pinto Ribeiro, que entende este pronome, neste contexto, como um mero pronome indefinido. É dessa última maneira que veem as bancas. Polêmicas...

Agora veja esta questão bonitinha sobre pronome indefinido da EAGS – SARGENTO DA AERONÁUTICA – 2011, para fechar este assunto com chave de ouro:

10. Assinale a alternativa em que o valor característico do pronome indefinido destacado está **incorreto**.
a) Algo de especial está para acontecer. (ausência de pessoa)
b) O garoto era todo gentilezas com a menina que lhe sorria. (totalidade, intensidade)
c) Estava madura. Apesar disso, havia ainda o seu jeito uma certa graça de quando moça. (ausência de particularização)
d) Andava a conversar aqui e acolá, buscando arranjar alguma coisa com que pagar o aluguel de seu quartinho. (significação afirmativa, positiva).

Comentário: *Algo* se refere a coisas, e não a pessoas, logo indica ausência de pessoa. *Todo* indica totalidade, intensidade neste contexto. *Certa* indica quantidade indefinida, e não ausência de particularização. *Alguma* à esquerda do substantivo tem valor positivo, à direita do substantivo, negativo. Gabarito: C.

Classificação e Emprego do Pronome Interrogativo

Os **pronomes interrogativos** exprimem questionamento direto (com ponto de interrogação) ou indireto (sem ponto de interrogação) em um contexto que sugere desconhecimento ou vontade de saber.

Que	**Quem**	**Qual** (Quais)	**Quanto**(a/s)

– ***Que*** *é isso**?*** (pergunta direta)
– *Quero saber **que** é isso.* (pergunta indireta: *Que é isso?*)
– ***Quem*** *é esse rapaz**?*** (pergunta direta)
– *Não sabemos **quem** é esse rapaz.* (pergunta indireta: *Quem é esse rapaz?*)
– *De **qual** pintura você está falando**?*** (pergunta direta)
– *Pergunta-se **qual** é a altura dela.* (pergunta indireta: *Qual é a altura dela?*)
– *Por **quanto** você vende esta garrafa**?*** (pergunta direta)
– *Verificaram **quanto** custava o conserto.* (pergunta indireta: *Quanto custava o conserto?*)

1) Não confunda pronome interrogativo (que) com conjunção integrante (que). Se der para fazer uma pergunta a partir do "que", este será interrogativo, e não conjunção integrante.

– *Não saberia jamais **que** horas são.* (***Que*** *horas são?* – Pergunta possível, pronome interrogativo.)
– *Não saberia jamais **que** ela é flamenguista.* (***Que*** *ela é flamenguista?* – Pergunta impossível, conjunção integrante.)

2) Nas frases interrogativas indiretas, os pronomes interrogativos vêm, normalmente, após os verbos "querer/desejar, saber, perguntar, indagar, ignorar, verificar, ver, responder"...

– *Quero saber (o) **que** devo fazer.* (*Que devo fazer?* – O artigo *o* antes de *que* é considerado expletivo. Alguns gramáticos entendem que faz parte da locução interrogativa "o que", tendo valor enfático ou de realce.)
– *Ignoro **quem** fez isso. (Quem fez isso?)*

Obs.: A expressão expletiva "é que" pode realçar também o interrogativo *que*: "***Que*** *<u>é que</u> ela quer com você?"* ou "*<u>O</u> que <u>é que</u> ela quer com você?"*.

3) A forma reduzida da expressão "que é (feito) de" é "cadê" (ou "quede", ou "quedê"), muito popular, mas não contemplada entre os gramáticos normativos como culta.

– ***Cadê*** *as pessoas que estavam aqui?*

4) “Qual” seguido da preposição *de* indica seleção.

– ***Qual*** *das duas você prefere?*

Classificação e Emprego do Pronome Demonstrativo

Os **pronomes demonstrativos** marcam a posição temporal ou espacial de um ser em relação a uma das três pessoas do discurso, fora do texto (exófora/dêixis) ou dentro de um texto (endófora – anáfora ou catáfora).

Não fique pasmo com esses nomes bonitinhos (exófora, dêixis, endófora, anáfora, catáfora), pois os conceitos deles são de facílima digestão.

Diferentemente dos demais pronomes, falarei do valor discursivo dos demonstrativos neste tópico mesmo.

Então, vamos lá!

Eis os principais demonstrativos:

1ª pessoa: **este(a/s)**, **isto**.
2ª pessoa: **esse(a/s)**, **isso**.
3ª pessoa: **aquele(a/s)**, **aquilo**.

Além desses, há outras palavras que são classificadas como pronomes demonstrativos:

1) Mesmo(a/s), próprio(a/s) com valor reforçativo ou junto de artigo, com o sentido de "igual, exato, idêntico, em pessoa".

– *Ela **própria** costura seus vestidos.* (= em pessoa)

– *A **mesma** mulher tem talento de sobra.* (= exata)

Obs.: Cuidado com a seguinte construção: "Aviso aos passageiros: antes de entrar no elevador, verifique se **o mesmo** encontra-se parado neste andar." (Lei 9502/97). Neste caso, o uso de **o mesmo** retomando um termo substantivo, como um típico demonstrativo, não está adequado à norma culta, segundo 99,99% dos gramáticos e manuais de redação. Só Bechara diz o contrário (para variar).

Só se usa **o mesmo** quando equivale a "a mesma coisa": "Ele não sabe nada de Direito Administrativo. O mesmo se dá com ela."

Ainda sobre o vocábulo **mesmo**, peço que tome cuidado com ele, pois apresenta outras classificações morfológicas, a depender do contexto. Exemplos: "Eu falo na cara mesmo." (= de fato, advérbio de afirmação) / "Mesmo a família negou-lhe ajuda." (= inclusive, palavra denotativa de inclusão) / Mesmo faminto, tive de me controlar (preposição acidental com valor concessivo). Alguns dicionaristas classificam **mesmo**, acompanhando substantivo, como mero **adjetivo**, mas não é assim que veem os gramáticos.

2) Tal(s), semelhante(s), quando aparecem no lugar de este(a/s), isto, aquilo, aquele(a/s)...

– ***Tal*** *absurdo eu não cometeria.*

– *Você precisa de teoria com bastantes questões. A solução para* ***tal*** *está em A Gramática.*

– *Nunca vi* ***semelhante*** *explicação, meu Deus!*

Obs.: Sobre **tal**, leia o gabarito da questão 8 do capítulo *Substantivo*. Tome cuidado, que **semelhante** pode ser adjetivo em outro contexto, como: "O filho é **semelhante** ao pai."

3) Pode haver contração entre os demonstrativos e as preposições "a, de, em": a + aquilo = àquilo; de + este = deste; em + essa = nessa etc.

4) o(s), a(s), quando substituíveis por "aquele(a/s), aquilo, isso". É importante dizer que tal situação ocorre em três casos, normalmente: antes de pronome relativo (normalmente, o *que*), antes de preposição (normalmente, a *de*) e junto ao verbo *ser* ou *fazer*, normalmente. Este último caso só se dá com o (= isso).

– *Somos* ***o*** *que somos. (Somos aquilo que somos.)*

– ***As*** *que chegaram atrasadas perderam a explicação. (Aquelas que chegaram atrasadas...)*

– *Estou fora de mim, alheio a****o*** *que pensem de mim. (... alheio àquilo que...)*

– *Ganhei duas vezes na loteria,* ***o*** *que me rendeu dois sequestros. (isso que me rendeu...)**

– *Ontem, convidei só* ***os*** *da Barra da Tijuca para o jogo, pois os demais amigos estavam sem dinheiro. (Convidei só* ***aqueles*** *da Barra...)**

– ***A*** *da esquerda está olhando para você, mas a menina da direita, para mim. (****Aquela*** *da esquerda...)**

– *Ela estudava, mas não* ***o*** *fazia com vontade. (Ela estudava, mas não fazia* ***isso*** *com vontade)*

– *Fora evangélico durante sua juventude; já não* ***o*** *é agora. (já não é* ***isso****)*

Atenção! Só leia isto se fizer algum concurso de nível superior das bancas Esaf ou Cespe

Obs.[1]: * Quando o **o**, antes da oração iniciada pelo pronome relativo **que**, puder ser substituído por **fato**, Bechara entende que se trata de um artigo substantivando a oração inteira. Até onde sei, só ele diz isso. Nunca vi em prova tal visão. Continuando com a polêmica, o homem apresenta exemplos em que tal vocábulo, ainda tomado como artigo definido, é posto antes da preposição *de* mesmo sem substantivo explícito, como na 5ª e na 6ª frase. Não só ele, como Celso P. Luft vão de encontro ao que diz a maioria dos gramáticos brasileiros, senão todos, a saber: os vocábulos "o, a, os, as" são pronomes demonstrativos

em todos os exemplos anteriores. **Reitero que**, de todos os gramáticos que pesquisei (mais de 40), só Bechara e Luft dizem que "o, a, os, as" (antes de substantivo **elíptico**, segundo eles) são artigos definidos. Portanto, para eles, **os** e **A** são artigos. Veja uma questão bem polêmica sobre isso (Esaf – ATRFB – 2012 – QUESTÃO 5 (P1/G4)). A Esaf fica com a opinião desses dois gramáticos, ignorando o que todos os demais afirmam. Como já falei, o Bechara e as suas polêmicas são um néctar para a Esaf.

Obs.²: Cegalla diz que o pronome demonstrativo **o** pode representar um termo da frase ou a frase toda, e é assim que as bancas cobram: "A obra era difícil, ele próprio **o** sabia." (o = que a obra era difícil); "Se existiu ali uma fonte, pouca coisa **o** indica." (o = isso = que ali existiu uma fonte); "Quando publicou sua obra, fê-**lo** em francês." (lo = isso = publicar sua obra); "Não sei se sou feliz nem se desejo sê-**lo.**" (lo = isso = feliz); Você continua estudioso, mas ele nunca **o** foi. (o = isso = estudioso).

Obs.³: Segundo Bechara, "por meio do pronome invariável **o** (= isso) repetimos pleonasticamente a oração objetiva que se antecipa de sua posição normal, ou, em sentido inverso, antecipa a oração objetiva do texto: 'Que todos iam sair cedo, eu **o** disse ontem.' / 'Eu **o** disse ontem que todos iam sair cedo.'". Aí você me pergunta: "Pest, por que você é tão minucioso? A chance de isso cair na prova é zero!". Será? Veja agora uma questãozinha fresquinha sobre isso:

Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012

– No período "Que Demócrito não risse, eu o provo", o verbo provar complementa-se com uma estrutura em forma de objeto direto pleonástico, com uma oração servindo de referente para um pronome.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Emprego dos demonstrativos (valor discursivo)

Chegou a hora de entendermos que significa **exófora**, **dêixis**, **endófora**, **anáfora**, **catáfora**. Beleza?

Exófora ou **dêixis**: conceitos que, linguisticamente, tratam do uso de vocábulos que se referem a elementos extratextuais ou extradiscursivos, ou seja, que se referem a elementos **fora** do texto, numa perspectiva espacial ou temporal.

Endófora (**anáfora** e **catáfora**): conceitos que, linguisticamente, tratam do uso de vocábulos que se referem a elementos intratextuais ou intradiscursivos, ou seja, que se referem a elementos **dentro** do texto; a **anáfora** trata da retomada de termos ou ideias, e a **catáfora** trata da antecipação de termos ou ideias.

Falarei melhor sobre isso agora!

1) **Numa perspectiva exofórica ou dêitica, ou seja, referindo-se a elementos extradiscursivos (fora do texto/discurso) dentro do espaço ou do tempo, procede-se assim:**

Função espacial

Os advérbios **aqui/cá** (proximidade à 1ª p.), **aí** (proximidade à 2ª p.), **ali/lá/acolá** (distância da 1ª p. e da 2ª p.), chamados de advérbios pronominais por terem valor díctico (ou dêitico), costumam reforçar a função discursiva dos pronomes demonstrativos.

Este (a/s), isto: refere-se a um ser que está próximo do falante ou que o falante toma como tal ou em referência à correspondência que enviamos.
– ***Esta*** *camisa aqui do Flamengo é minha.*
– ***Este*** *documento segue anexo aos demais.*
Esse(a/s), isso: refere-se a um ser que está próximo do ouvinte ou que o falante toma como tal
– ***Essa*** *camisa aí é tua?*
– *Saia do meio d**essa** rua, garoto!*
Obs.: Às vezes, pode haver dois demonstrativos para especificar melhor um substantivo: ***Essa*** *(ou Esta) moça é* ***aquela*** *de que falei agora há pouco.*
Aquele(a/s), aquilo: refere-se a um ser que está distante do ouvinte e do falante ou de algo que se encontra na pessoa de quem se fala
– ***Aquela*** *camisa lá é dele.*
– ***Aquele*** *país onde ele mora não presta.*
– ***Aquele*** *temperamento do Mano fez o Brasil perder a Copa.*
Obs.: Os vocábulos **mesmo** e **próprio** também ajudam no reforço: "É este aqui mesmo o ladrão!". Fique ligado, que pode haver contração de preposição com pronome demonstrativo e com advérbio pronominal (aí, aqui, lá etc.): "Saí **daquele** país **naquele** avião há dias, **daí** minha vida mudou.".

Função temporal

Este(a/s): presente, passado recente ou futuro (dentro de um espaço de tempo).
– ***Esta*** *é a hora da verdade.*
– ***Esta*** *noite foi sensacional.*
– ***Este*** *fim de semana será perfeito, pena que ainda é segunda.*
Esse(a/s): passado recente ou futuro.
– *Ninguém se esquecerá d**esse** carnaval.*
– *Depois da reunião, sei que **esses** dias serão diferentes.*
Aquele(a/s): passado ou tempo distante (vago).
– *Foi em 1500, n**aquele** ano, o Brasil surgiu.*

– *N**aquele** dia, no Seu dia, Deus fará justiça.*

2) Numa perspectiva endofórica (anafórica ou catafórica), ou seja, referindo-se a elementos intradiscursivos (dentro do texto), procede-se assim:

Função distributiva

Este, referindo-se ao mais próximo ou citado por último. **Aquele**, referindo-se ao mais afastado ou citado em 1º lugar. Ambos são anafóricos, pois substituem termos anteriores.
– *Todos nós conhecemos Lula e Dilma. A imagem d**esta** tem como reflexo **aquele**.*
Obs.: Não encontrei respaldo gramatical algum, entre todos os gramáticos normativos consagrados, sobre a possibilidade de retomada de três referentes com os pronomes "este, esse e aquele". Portanto, ou se usa **este** e **aquele,** ou se usam numerais para retomada. Enfim, por falta de respaldo, **não** está adequada esta estrutura: "Todos nós conhecemos Lula, Serra e Dilma. A imagem d**esta** tem como reflexo **aquele**, e não **esse**."

Função referencial

Este(a/s), isto referem-se normalmente a algo que será dito ou apresentado (valor catafórico). Pode também retomar um termo ou ideia antecedente (valor anafórico), segundo ensinam Bechara e Celso Cunha.
– ***Esta** sentença é verdadeira: "A vida é efêmera.". E n**isto** todos confiam.*
Obs.: Usa-se ***nisto*** também quando equivale a "então" ou "nesse momento": "Saí de casa cedo. **Nisto**, minha mulher me ligou."
Esse(a/s), isso referem-se sempre a algo já dito ou apresentado (valor anafórico).
– ***Isso** que você disse não está certo, amigo. É por **essas** e outras que nada funciona neste país.*
Obs.: Pode ser usado após o substantivo para reiterar uma ideia: "Li bons romances nas minhas viagens de avião, romances **esses** que me fazem falta."

Só de curiosidade: há certas expressões cristalizadas na língua com pronomes demonstrativos: por isso, isto é, além disso, isto de, ora essa.

Valores estilísticos dos demonstrativos

Os **pronomes demonstrativos** podem apresentar determinados matizes de sentido consoante o contexto; normalmente isso ocorre no registro coloquial.

– ***Aqueles**, sim, eram homens honrados.* (admiração)
– ***Isso** não! **Isso** não! Que absurdo!* (indignação)
– *Não dou d**essas**, não!* (desprezo)
– ***Essa** mulher... Ih...! Nem te conto...* (ironia)
– ***Isso** não passa de um idiota.* (repulsa, depreciação)
– ***Essa**, não!* (surpresa)
– *Você só pensa n**aquilo**...* (malícia)
– *Não consigo acreditar que ela tenha virado **aquilo.*** (pena, comiseração)
– *Ufa! Esta foi uma questão d**aquelas**...* (intensificação)
– ***Isso** mesmo, vai fundo!* (incentivo)

Classificação e Emprego do Pronome Relativo

Preste mais do que a costumeira atenção, meu caro leitor! Este é o campeão de aparições nas provas, portanto aproveite minha minuciosa abordagem acerca dele!

O **pronome relativo** é um elemento conector de caráter anafórico, isto é, refere-se a um termo antecedente explícito (substantivo (normalmente!), pronome substantivo, numeral substantivo, advérbio, verbo no infinitivo ou oração reduzida de infinitivo), substituindo-o. Sintaticamente falando, todo pronome relativo (sempre!) refere-se a um termo de outra oração ao introduzir oração subordinada adjetiva (restritiva ou explicativa).

– *O homem (apesar de certos contratempos)* ***que*** *veio aqui era o Presidente.*

– *Ninguém* ***que*** *esteve no Brasil desapontou-se.*

– *Apenas um,* ***que*** *compareceu à festa, estava bem trajado.*

– *Ali,* ***onde*** *você mora, não é o melhor lugar do mundo.*

– *Estudar* ***que*** *é bom ninguém acha legal.*

– *Procurar aprender Língua Portuguesa,* ***que*** *é importante, você não quer.*

Cuidado!!!

1) Visto que o seu objetivo é substituir um vocábulo para que este não se torne repetitivo, o pronome relativo nos permite reunir duas orações numa só.

– *O livro é espetacular + Estou lendo um livro = Estou lendo um livro* ***que*** *é espetacular (ou O livro* ***que*** *estou lendo é espetacular). Visitei um amigo + Eu tenho grande admiração por ele = Visitei um amigo* ***por quem*** *tenho grande admiração.*

2) Na linguagem coloquial, observa-se o uso pleonástico por um pronome oblíquo átono ou tônico após o relativo. **Não** está adequado à norma culta, pois o pronome relativo já retoma um termo.

– *Este ó livro que pretendemos comprá-****lo****. (Este é o livro que pretendemos comprar.)*

– *A prova é o meio de resolução de conflito, da qual o juiz irá extrair certos juízos* ***dela****. (A prova é o meio de resolução de conflito, da qual o juiz irá extrair certos juízos.)*

3) É importante dizer que, se um verbo ou um nome da oração subordinada adjetiva exigir a presença de uma preposição, esta ficará <u>obrigatoriamente</u> antes do pronome relativo. Preste atenção! Isso é questão de prova todo ano!

– *O filho,* ***<u>pelo</u> qual*** *a mãe tinha amor, era bom.* (Quem tem amor, tem amor **por.**)

Na linguagem coloquial, a ausência da preposição antes do relativo é comum. Cuidado!

– *Este é o carro que precisamos.* (INADEQUADO!)

Às vezes, ocorre migração da preposição com o pronome demonstrativo *o*. A frase "O de que mais gosto é ver filme." soa artificial, afetada e não reflete a realidade linguística atual,

apesar de correta, por isso é comum ocorrer o deslocamento da preposição para antes do referente: "Do que mais gosto é ver filme.".

Bechara diz algo muito importante: "... omite-se a preposição que pertence a rigor ao relativo, em virtude de já ter o seu antecedente a mesma preposição: 'Você só gosta das coisas que não deve (gostar)' por: das coisas de que não deve (gostar)".

4) É notório hoje em dia o uso não atento às normas gramaticais do pronome relativo. Por isso, faz-se necessário aos que se preocupam com as normas o conhecimento do registro formal.

– *Este é o livro* ***que*** *o autor é excelente.* (LINGUAGEM COLOQUIAL)

– *Este é o livro* ***cujo*** *autor é excelente.* (LINGUAGEM CULTA)

Pelamordedeus! Não se substitui **cujo** por **que**! Isso já foi questão de prova algumas vezes. Veja a prova disso:

11. (FEC – LOTERJ/RJ – Auditor – 2010) Quando se emprega o relativo "cujo", como fez o autor em "como naqueles comerciais de um refrigerante cujo nome me recuso a declinar" (§ 5), deve-se obedecer à orientação observada em todas as alternativas a seguir, EXCETO aquela em que se diz que o referido pronome:
a) admite, na língua escrita culta, substituição pelo pronome "que". (GABARITO)

5) A expressão ***queísmo*** já se popularizou. Trata-se de uma repetição viciosa do vocábulo *que*, principalmente do pronome relativo, ou do seu uso desnecessário: "O carro **que** eu comprei na concessionária **que** eu encontrei meu amigo **que** trabalhava lá era bom." / "O aluno **que** foi aprovado ficou satisfeito.". Veja como ficariam mais concisas e claras tais frases: "Comprei um bom carro em cuja concessionária meu amigo trabalhava." / "O aluno aprovado ficou satisfeito.".

Segundo a redação do competente site *www.portugueshoje.com.br*, há algumas maneiras de evitar determinadas construções com o vicioso pronome relativo *que*.

a) Substituição da oração adjetiva por substantivos seguidos de complemento.

– *O jornalista,* ***que redigiu*** *a matéria sobre as eleições presidenciais, foi bastante tendencioso.*

– *O jornalista,* ***autor*** *da matéria sobre as eleições presidenciais, foi bastante tendencioso.*

b) Substituição por adjetivo.

– *A política no Brasil é constituída por políticos* ***que não são honestos****.*

– *A política no Brasil é constituída por políticos* ***desonestos****.*

c) Substituição da oração desenvolvida por uma oração reduzida de gerúndio.

– *Publicou-se um relatório* ***que denuncia*** *a corrupção no governo.*

– *Publicou-se um relatório* ***denunciando*** *a corrupção no governo.*

d) Substituição da oração desenvolvida por uma oração reduzida de particípio.

– *Soube-se da corrupção no governo através de uma reportagem* ***que foi publicada***

pelo jornal.

– *Soube-se da corrupção no governo através de uma reportagem* ***publicada*** *pelo jornal.*

Interessante, não?

Emprego dos pronomes relativos

Que (substituível pelo variável ***o qual***)

- É invariável.
- Refere-se a pessoas ou coisas.
- É chamado de *relativo universal*, pois pode – geralmente – ser utilizado em substituição de todos os outros relativos.

– *As mulheres,* ***que*** *(=as quais) são geniosas por natureza, permanecem ótimas.*

– *Para rimar, o Mengão,* ***que*** *(= o qual) sempre será meu time de coração, é pentacampeão.*

– *Minha sogra,* ***a que*** *(= à qual) tenho grande aversão, está viva ainda.*

– *O Flamengo é o* ***que*** *(= aquilo) preocupa os vascaínos.*

– *Os dois,* ***que*** *(= os quais) você ajudou, já estão recuperados.*

– *Há uma boa variedade de atividades* ***de que*** *(= das quais) o professor também é um observador.*

Cuidado!!!

1) Numa série de orações adjetivas coordenadas, o *que* pode estar elíptico.

– *A sala estava cheia de alunos* ***que*** *conversavam, (!) riam, (!) dormiam.*

2) O relativo **que** só deve ser antecedido de preposição monossilábica ("a, com, de, em, por; exceto sem e sob"). Do contrário, usam-se os variáveis "o qual, os quais, a qual, as quais" (sem restrição quanto ao uso das preposições ou locuções prepositivas).

– *Este é o ponto* ***com que*** *concordo, mas foi este* ***sobre o qual*** *você falou?*

– *A pessoa* ***ao encontro da qual*** *deveria dirigir-me virou o rosto.*

3) Evite a ambiguidade usando o substituto do relativo **que**: ***o qual***.

– *Conheci o pai da garota* ***que*** *se acidentou. (Quem se acidentou?)*

– *Conheci o pai da garota* ***o qual*** *(ou* ***a qual****) se acidentou.* (sem ambiguidade)

Se vierem dois referentes masculinos anteriores, a construção terá de mudar (usa-se o relativo ***cujo***):

– *Conheci o pai cuja garota se acidentou. / Conheci a garota cujo pai se acidentou.*

Reitero: evite usar o *que* quando houver mais de um termo anterior, em prol da clareza: *Consegui retornar ao colégio do bairro* ***que*** *marcou minha vida*. O que marcou a vida? O

colégio ou o bairro?

Evite usar o ***que*** também quando seu referente estiver distante, pelo bem da clareza: *A bebida em excesso, apesar de provocar doenças no homem,* ***que*** *destrói vidas, deve ser evitada.* (construção ruim) / *A bebida em excesso, apesar de provocar doenças no homem,* ***a qual*** *destrói vidas, deve ser evitada.* (construção recomendada)

4) Cuidado para não confundir o relativo **que** (= o qual) com a conjunção integrante **que**, ou com o pronome interrogativo **que**, ou com a partícula expletiva **que** (que faz parte da expressão formada por ***ser + que***).

– *Encontrei o homem* ***que*** *estava devendo o curso.* (pronome relativo)

– *Eu disse ao homem* ***que*** *se afastasse dela.* (conjunção integrante)

– *Eu não soube pelo homem* ***que*** *era para fazer.* (pronome interrogativo/indefinido)

– *Foi este homem* ***que*** *nos agrediu, policial!* (partícula expletiva)

5) Observe esta estrutura única do relativo **o qual**, com valor partitivo, normalmente usado após numerais e certos pronomes indefinidos.

– *Ele escreveu mais de dez romances,* ***três dos quais*** *já foram traduzidos em vários idiomas.* (*os quais* retoma romances).

– *Há bons imóveis aqui,* ***muitos dos quais*** *estão valorizando cada vez mais.* (*os quais* retoma *imóveis*)

Quem

- É invariável.
- Refere-se a pessoas ou a algo personificado.
- A preposição *a* precederá o relativo *quem* normalmente, exceto se o verbo ou um nome da oração subordinada adjetiva exigir outra preposição. De qualquer forma, vem sempre preposicionado.

– *A Justiça* ***a quem*** *devo obediência é meu guia.*

– *Eis o homem* ***a quem*** *mais admiro.*

– *Conheci uma musa,* ***por quem*** *me apaixonei.*

– *Deus,* ***perante quem*** *me ajoelho, é importantíssimo.*

Cuidado!!!

1) Por motivo eufônico, evita-se o uso da preposição **sem** antes de **quem**; prefere-se **sem o qual** em vez de **sem quem**:

Esperávamos Maria, ***sem a qual*** *não sairíamos.*

2) É denominado **relativo indefinido** (ou **pronome relativo sem antecedente**), ou ainda, **pronome indefinido**, quando aparece sem antecedente e sem preposição. Alguns

gramáticos (como Adriano da Gama Kury, Bechara, Said Ali e Ulisses Infante) consideram o **quem** (nos casos abaixo) como um mero pronome indefinido e a oração iniciada por ele como substantiva; outros consideram que o **quem** equivale a **aquele que**, sendo um relativo sem antecedente (como Rocha Lima e Celso Cunha) e a oração iniciada por ele como adjetiva. Não encontrei até hoje sequer uma questão sobre isso em prova de concurso. Para

mim, é um pronome indefinido, mas, ao preparar um recurso, minha opinião não serve de nada, mas sim a dos gramáticos que constantemente cito.

– ***Quem*** *lê sabe mais.*

– ***Quem*** *despreza a razão odeia a si mesmo.*

– *A vingança era* ***quem*** *o impelia.*

3) É importante dizer que o **quem** pode ser também pronome interrogativo em outro contexto: "*Quem* é você?".

Cujo

- É um pronome adjetivo que vem, geralmente, entre dois nomes substantivos explícitos, entre o ser possuidor (antecedente) e o ser possuído (consequente).
- É variável, logo concorda em gênero e número com o nome consequente, o qual geralmente difere do antecedente.
- Nunca vem precedido ou seguido de artigo, é por isso que não há crase antes dele.
- Geralmente exprime valor semântico de posse.
- Equivale à preposição *de* + *antecedente*, se invertida a ordem dos termos.

– *O Flamengo,* ***cujo*** *passado é glorioso, continua alegrando.* (O passado do Flamengo...)

– *Esta é uma doença* ***contra cujos*** *males os médicos lutam.* (... contra os males da doença)

– *Vi o filme* ***a cujas*** *cenas você se referiu.* (... às cenas do filme)

– *O telefone,* ***cuja*** *invenção ajudou a sociedade, é útil.* (A invenção do telefone...)*

– *O registro formal, em que o grau de prudência é máximo, e* ***cujo*** *conteúdo é mais elaborado e complexo é o preferido dos professores de língua portuguesa.* (... o conteúdo do registro formal...)

Obs.: *Aqui não há relação de posse, mas sim valor passivo. Os gramáticos que corroboram esta análise são estes: Maria Helena de Moura Neves e Ulisses Infante. Por isso, neste caso, ele é analisado sintaticamente como complemento nominal. Falo mais sobre isso no capítulo 23.

QUANTO

- É variável.
- Aparece sempre após os pronomes "tudo, todo (e variações) e tanto (e variações)" seguidos ou não de substantivo ou pronome. Segundo o conceituado professor Carlos Rocha, não vem preposicionado, pois exerce função de sujeito e objeto direto apenas.

– *Ele encontrou tudo **quanto** procurava.*
– *Bebia toda a cerveja **quanta** lhe ofereciam.*
– *Todas **quantas** colaborarem serão beneficiadas.*
– *Aqui há tantos movimentos **quantos** se podem esperar.*
– *Explico tantas vezes **quantas** sejam necessárias.*

Obs.: É importante dizer que o **quanto** pode ser conjunção, pronome interrogativo ou indefinido em outros contextos. Nunca vi uma questão de prova sobre este pronome relativo!

Onde

- É invariável.
- Aparece com antecedente locativo real ou virtual.
- Substituível por *em que, no qual* (variações).
- Pode ser antecedido, principalmente, pelas preposições *a, de, por* e *para*. Aglutina-se com a preposição *a*, tornando-se *aonde*, e com a preposição *de*, tornando-se *donde*.

– *A cidade **onde** (= em que/na qual) moro é linda.*
– *Meu coração, **onde** tu habitas, é teu e de mais ninguém.*
– *O sítio **para onde** voltei evocava várias lembranças.*
– *As praias **aonde** fui eram simplesmente fantásticas.*
– *O lugar **donde** retornei não era tão bom quanto aqui.*
– *A casa **por onde** passamos ontem era minha.*
– *O adversário invadiu sua mente – **onde** ninguém antes havia entrado.*

Cuidado!!!

1) Há um uso indiscriminado do relativo **onde** na linguagem coloquial, retomando ideias não locativas. Isso costuma ser trabalhado em prova, a Esaf adora (ESAF – MRE – ASSISTENTE DE CHANCELARIA – 2004 – QUESTÃO 9 / ESAF – SMF/RJ – FISCAL DE RENDAS – 2010 – QUESTÃO 10 / ESAF – MI-CENAD – NÍVEL SUPERIOR – 2012 – QUESTÃO 14). Seguem exemplos abaixo:

– *Ontem, fomos recepcionados pela Camila **onde** nos acolheu com muito afeto.*

– *Esta instrução é excelente **onde** permite que a criança aproveite o máximo.*
– *A sala é bem espaçosa **onde** tornou possível as brincadeiras em grupo.*
– *Há uma boa variedade de atividades **onde** o professor também é um observador.*

No português padrão, os **"ondes"** acima devem ser substituídos, respectivamente, por ***a qual, pois, o que, das quais***, porque ***onde*** equivale a "**lugar em que**" ou simplesmente a "**em que**", quando se refere a um termo antecedente indicativo de lugar; seu uso não cabe, portanto, nas frases apresentadas acima.

Como

- É invariável.
- Precedido pelas palavras *modo, maneira, forma* e *jeito*.
- Equivale a "pelo qual", normalmente.

– *Acertei o jeito **como** fazer as coisas.*
– *Encontraram o modo **como** resolver a questão.*
– *A maneira **como** você se comportou é elogiável.*
– *Gosto da forma **como** aqueles atores contracenam.*

Obs.: É digno de nota que o vocábulo **como** pode ser classificado de diferentes formas a depender do contexto. Falarei sobre isso minuciosamente no capítulo 31.

Quando

- É invariável.
- Retoma antecedente que exprime valor temporal.
- Equivale a "em que".

– *Ele era do tempo **quando** se amarrava cachorro pelo rabo.*
– *É chegada a hora **quando** (= em que) todos devem se destacar.*

Obs.: Alguns gramáticos, como Bechara, o chamam de **advérbio relativo** (*onde* e *como* entram nessa classificação). Lembre-se de que este vocábulo (quando) pode ser uma conjunção temporal ou um advérbio interrogativo, em outro contexto.

Valor Discursivo

Começo esta parte do capítulo de maneira diferente.

2. (FGV – Potigás – Contador Jr. – 2006) *A diplomacia é exatamente **isto**: a arte de usar sinais e palavras para manifestar agrados e desagrados, defender interesses e estabelecer limites, construir respeito recíproco e negociar parcerias*. (L.37-40)

O pronome destacado no trecho acima exerce função:

a) anafórica.
b) dêitica.
c) epanafórica.
d) catafórica.
e) díctica.

Esta questão ilustra bem o que pode cair na prova, pois é o "resumo da ópera" sobre a função textual dos pronomes (ou seu valor discursivo). Ah! Não custa dizer que a FGV adora questões com esses "nomezinhos". O gabarito é a letra D, pois o pronome *isto* antecipa uma ideia ou se reporta a uma ideia pos-te-ri-or.

Apesar de já termos visto isso diluído ao longo de ***A** Gramática*, principalmente em pronomes demonstrativos, vamos sistematizar o assunto agora falando sobre os demais pronomes! Como já sabemos o que é ***exófora/dêixis*** e ***endófora (anáfora e catáfora)*** – conceitos vistos em pronomes demonstrativos (recapitule!) –, não percamos tempo.

Ah! O que é função **epanafórica**? Não é nada! "Ahn? Como assim, Pestana?" Simples. Para criar uma certa dificuldade (= confusão) na questão, o "homem da banca" trabalhou uma figura de linguagem chamada **epanáfora** no meio de recursos discursivos de coesão (ah, existe uma figura de linguagem chamada **anáfora**, mas não tem nada a ver com a anáfora de que falamos em pronomes demonstrativos, hein! Bem... deixa isso para lá... vou deixar para falar disso em *Figuras de Linguagem*). Voltando... a **epanáfora** diz respeito à repetição de vocábulos no início de versos ou frases. Isso não cai em prova, a FGV foi maldosa, colocou esse nome só para assustar os desavisados.

Vamos aos valores discursivos dos tipos de pronomes:

Pronomes Pessoais

Os pessoais retos, oblíquos e de tratamento colaboram para a boa compreensão da leitura de um texto, isto é, seu valor discursivo é ótimo para fazer referência a termos ou trechos inteiros **dentro do texto** (função endofórica – anafórica ou catafórica) ou para fazer referência a termos ou trechos inteiros **fora do texto** (função exofórica, dêitica ou díctica – é tudo a mesma coisa, são só nomes bonitinhos para dar medo).

Função endofórica

– *Aquele aluno passou na prova? Mas **ele** nem estudou...* (valor anafórico)

– ***Ela**... sempre **ela**... Como Clarice Lispector escrevia difícil!* (valor catafórico)

– *Nosso país tem um quê de alegria, por isso todos **o** amam.* (valor anafórico)
– *Chamá-**lo** de burro foi demais. João era um jumento!* (valor catafórico)
– *O Deputado depôs de novo, mas nada tenho contra **Sua Excelência**.* (valor anafórico)
– ***Sua Excelência** tem bons precedentes, logo Dilma será reeleita.* (valor catafórico)

Função exofórica (dêitica ou díctica)
– ***Nós** costumamos ajudá-lo, **Vossa Excelência**, mas agora foi a gota d'água.*

Obs.: Em **discurso relatado** (reprodução de falas de outras pessoas), é possível haver referenciação dentro do texto (função endofórica) por meio dos pronomes de 1ª pessoa e de 2ª pessoa, que normalmente se usam com função dêitica. Veja:
*(...) Por essa razão, **Assenoff** disse a **Meire-Anne**:*
– ***Eu** não posso mais trabalhar em Niterói, por mais que **tu** me implores.*
Note que *Eu* e *tu* retomam anaforicamente seus respectivos referentes: "Assenoff" e "Meire-Anne".

Pronomes Possessivos

Função endofórica
– *Em **suas** viagens, o professor sempre comprava lembrancinhas para **sua** esposa.* (valor catafórico e anafórico, respectivamente)

Pronomes Indefinidos

Função endofórica
– *Será gasto muito dinheiro na Copa, e **mais** nas Olimpíadas.* (valor anafórico)
– ***Ninguém** foi liberto da prisão: nem Beira-Mar nem Marcinho VP.* (valor catafórico)

Pronomes Interrogativos

Função endofórica
– *Ela e ele se classificaram, mas **qual** ficou realmente feliz?*
– ***Quem** é mais famoso: Rodrigo Santoro ou Wagner Moura?*

Obs.: Não falarei aqui da função textual (ou valor discursivo) dos demonstrativos, pois já falei na parte do emprego deles. Não falarei sobre o valor discursivo dos relativos, pois todos nós já sabemos que eles sempre têm valor anafórico. Ok?

Estude bem este capítulo, pois há muitas questões de coesão nele. O exercício delas te ajudará a chegar ao capítulo de *Coesão* com segurança e sem medinho.

O Que Cai Mais na Prova?

Esta é simplesmente a classe gramatical mais exigida em concursos, junto com verbo e conjunção. Simplesmente isso! Para ser mais específico: estude **pronome pessoal oblíquo átono (principalmente "colocação pronominal"), pronome demonstrativo e pronome relativo.** Estude tudo sobre **valor discursivo**! Tudo! Se fizer isso, a vaga é sua!

Questões de Concursos

Neste capítulo, precisei exagerar no número de questões, ok? Ah, concurseiro que é concurseiro nem liga para isso...

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) Qual afirmação abaixo está incorreta?

Estamos entrando no terço final de 2009 com uma visão mais clara sobre os fatores que levaram à crise financeira que nos atingiu a partir do colapso do banco Lehman Brothers. Um dos pontos centrais na ***sua construção*** *foi, certamente, a questão da regulação e controle das instituições financeiras. Mesmo não sendo a origem propriamente dita da crise, a regulação falha permitiu que os elementos de fragilidade no sistema assumissem enormes proporções. Depois de termos vivido um longo período* ***em que*** *prevaleceu a ilusão da racionalidade intrínseca aos mercados financeiros, hoje há novamente o reconhecimento das fragilidades e dos riscos sistêmicos associados a* ***seu funcionamento.***

I. A substituição de "em que" por **no qual** mantém a correção gramatical e as informações originais do período.

II. A expressão "sua construção" refere-se ao antecedente "banco Lehman Brothers".

III. A expressão "seu funcionamento" refere-se ao antecedente "mercados financeiros".

2. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) *(...) Se o Estado propicia segurança, educação, saúde, trabalho, previdência, moradia e transporte, o indivíduo tem as condições mínimas para atingir a felicidade,* a que *todos os homens tendem. No entanto, é preciso fazer a distinção entre fins e meios. (...)*

– A substituição de "a que" por **a qual** estaria correta ou incorreta?

3. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) Assinale como verdadeiras (V) ou falsas (F) as afirmações a respeito da organização do texto abaixo.

O ocidente europeu no período medievo foi um mundo ***onde*** *o poder estava dividido e sempre instável, sendo exercido de forma independente pelos chamados senhores feudais, geralmente possuidores de grandes extensões de terras. As relações entre vassalo (aquele que prestava homenagem) e suserano (aquele que recebia a homenagem) envolviam a cessão de direito, por parte do suserano, de uma geração de ganho para o vassalo em troca de alianças que visavam a uma consolidação do poder, sempre ameaçado por outros senhores. O objeto de onde provinha essa geração de ganho era chamado "feudo". Erroneamente* ***identificado*** *como sendo somente uma porção de terra, na verdade o feudo podia assumir vários aspectos, como, por exemplo, uma ponte ou uma estrada* ***onde*** *se cobrava pedágio.*

( ) Desrespeitam-se as relações entre os argumentos e provoca-se erro gramatical ao substituir "onde" por **em que**.

( ) Explicita-se a relação entre as ideias do texto ao iniciar o segundo período sintático do texto por um conectivo, escrevendo: **Conquanto** as relações.

( ) Explicita-se a relação entre as ideias do texto ao inserir, entre vírgulas, o conectivo **no entanto** depois de "identificado".

( ) Desrespeitam-se as relações entre os argumentos e provoca-se erro gramatical ao substituir "onde" por **a qual**.

A sequência obtida é:

a) F, F, V, V;
b) V, F, F, V;
c) F, V, V, F;
d) F, F, V, F;
e) V, V, F, V.

4. (Esaf – CVM – Agente Executivo – 2010) Em relação aos elementos coesivos do texto, assinale a opção correta.

Hoje não há mais dúvida a respeito do aquecimento global e de outros problemas gerados pelo consumo de energia e pela industrialização. Não se pode deter o desenvolvimento e não se pode ***mantê-lo*** *sem aumento do consumo global de energia. A principal fonte de energia hoje são os combustíveis fósseis e o maior vilão* ***dessa história*** *é a emissão de CO2 na atmosfera (embora não seja o único). Parece irreversível a tendência à* ***sua redução*** *pela adoção de novas e mais eficientes tecnologias e fontes de energia.*

Acabar drasticamente e de imediato com as emissões de CO2 e com a utilização de combustíveis fósseis não é possível. Por outro lado, adotar novas tecnologias que aumentem ou estimulem ainda mais o ***seu consumo****, nem pensar.*

O século XX viu a consolidação da Era do Petróleo, motor do desenvolvimento mundial desde o final do século XIX até hoje, no começo do século XXI. ***Esse ciclo*** *de predominância do petróleo deve ser aos poucos substituído por um predomínio do gás natural, (...)*

a) Em "mantê-lo", o pronome "-lo" retoma o antecedente "consumo".

b) A expressão “dessa história” retoma o antecedente “consumo global de energia”.
c) Em “seu consumo”, “seu” refere-se a “combustíveis fósseis”.
d) Em “sua redução”, “sua” refere-se a “industrialização”.
e) A expressão “Esse ciclo” retoma o antecedente “começo do século XXI”.

5. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

Energias renováveis limpas e naturais __1__ a energia eólica, a hidrelétrica, a solar, a de marés e correntes marítimas, e de gradientes de temperatura. __2__ fontes de energia crescem cada vez mais rapidamente e __3__ que venham a contribuir de modo cada vez mais significativo na matriz energética mundial. Mas quase todos os estudiosos concordam que __4__ não deverão substituir inteiramente as fontes de energia atuais. __5__ importantes complementos. No momento, poucos entusiastas discordam.

a) são / Essas / espera-se / elas / Serão;
b) é / Tais / espera-lhe / essas / São;
c) tais como / Certas / esperá-lo / tais / Sejam;
d) quais sejam / Algumas / esperamos / algumas / Seriam;
e) seriam / Diversas / esperavam / certas / Foram.

6. (Cespe/UnB – MPU – Técnico Administrativo – 2010) O deslocamento do pronome “se” para imediatamente após a forma verbal “concretizar” – **não deverá concretizar-se** – não prejudicaria a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

*Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam é de índices sobre macroeconomia, números abstratos que indicam a situação geral da economia, mas não revelam **o que** se passa em seu interior. (...)*

7. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) No texto acima, provoca-se erro gramatical ou incoerência na argumentação do texto ao retirar o pronome “o”, do termo “o que”?

Texto 1

São Paulo, 18 novembro 1925.
Carlos,
Dá-se isto: ontem me apareceu um dos redatores da Noite do Rio aqui em casa e além de me pedir uma entrevista pra tal propôs o seguinte: a Noite organiza um Mês Modernista. Durante um mês todos os dias o jornal publicará um artiguete de meia coluna assinado por um modernista qualquer. O artiguete poderá ser crítica, fantasia, versos, o que a gente quiser. Pagam 50$ por artigo. Os escolhidos são: Manuel Bandeira e Prudente de Morais no Rio, eu e Sérgio Milliet em São Paulo, você e o Martins de Almeida em Minas. Me mande com absoluta urgência uma linha sobre isto falando que aceitam, pra eu dispor as coisas logo. Estou esperando. Ciao.
Mário

Texto 2

Belo Horizonte, 20 novembro 1925.
Mário,
Salve. Recebi hoje tua expressa fazendo o amável – e gostoso – convite para escrever umas besteiras na Noite. Aceito. O Martins de Almeida, avisado, também aceitou. Diga para quando é a joça, que estamos prontos. E desde já te agradeço o reclame e os cobres, pois estou certo que foi você que se lembrou do meu nome.
Depois escreverei mais longamente.
Um abraço forte do
Carlos

8. (Cespe/UnB – EBC – Gestor de Atividade Jornalística – 2011) Os dois textos diferem quanto à colocação dos pronomes átonos: no texto 1, a colocação é livre, alternando-se usos prescritos e não prescritos pela norma culta; no texto 2, a posição dos pronomes átonos está de acordo com a norma culta.
( ) CERTO
( ) ERRADO

9. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) A colocação pronominal em “caracteriza-se” (Essa revolução caracteriza-se simultaneamente por uma série...) indica a escolha dos autores por um registro mais formal de linguagem; o emprego desse pronome antes da forma verbal, além de caracterizar desrespeito às regras gramaticais do registro padrão da linguagem, representaria, no contexto, uso inadequado da linguagem, dado o caráter institucional do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

*(...) A ciência moderna **ensinou-nos** a rejeitar o senso comum conservador, o que em si é positivo, mas insuficiente. (...) O conhecimento-emancipação só **se constitui** como tal na medida em que se converte em senso comum. (...) O conhecimento-emancipação, ao **tornar-se** senso comum, não despreza o conhecimento que produz tecnologia, (...)*

10. (Cespe/UnB – CNPQ – Analista Ciência Tecnologia Jr. – 2011) Devido à estrutura sintática em que ocorrem, o emprego dos pronomes após o verbo em "ensinou-nos" e em "tornar-se" é obrigatório; por isso, a correção gramatical do texto seria prejudicada se esses pronomes fossem utilizados como em "se constitui".
( ) CERTO
( ) ERRADO

*(...) **Oscar** não acredita em Papai do Céu, **nem que estará** um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso. Põe **ele**, como um verdadeiro homem, a felicidade do seu semelhante no aproveitamento das pastagens verdes da Terra; no exemplo do trabalho para o bem comum e na criação de condições urbanas e rurais, em estreita intercorrência, **que estimulem e desenvolvam este nobre fim**: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver. (...)*

11. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) A elipse em "nem que estará" e o emprego do pronome anafórico "ele" são mecanismos de coesão utilizados para referenciar o substantivo "Oscar".
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) Dada a propriedade que assume o pronome "este" nos mecanismos coesivos empregados no trecho "que estimulem e desenvolvam este nobre fim", não é facultada a seguinte reescrita: *que estimulem este nobre fim e o desenvolvam.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

*O fato de que o homem vê o mundo por meio de sua cultura tem como consequência a propensão do homem a considerar o seu modo de vida como o mais correto e o mais natural. Tal tendência, denominada etnocentrismo, é responsável, em seus casos extremos, pela ocorrência de numerosos conflitos sociais. O **etnocentrismo**, de fato, é um fenômeno universal. É comum a crença de que **sua** própria sociedade é o centro da humanidade, ou mesmo a **sua** única expressão. (...) Comportamentos etnocêntricos resultam também em apreciações negativas dos padrões culturais de povos diferentes. Práticas de outros sistemas culturais são catalogadas como absurdas, deprimentes e imorais.*

13. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Na organização textual, o pronome "**sua**" em ambas as ocorrências, retoma "etnocentrismo".
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

*Cultura de paz, para mim, não é um objeto profissional, é um meio de vida. Aprendi muito cedo em casa, com a família, que a paz é a coisa mais importante do mundo. **Sua cultura** tem base em tolerância e solidariedade. **Ela** respeita os direitos individuais, assegura e sustenta a liberdade de opinião e se empenha em prevenir conflitos...*

14. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) No desenvolvimento do texto, o pronome **"Ela"** remete a **"Sua cultura"**, que, por sua vez, refere-se à cultura de paz.

15. (FCC – TRT/MS (24R) – Técnico Judiciário – 2011) O emprego dos pronomes de tratamento está inteiramente correto na frase:
a) A Vossa Excelência, como Membro deste Tribunal, será encaminhado o processo em que devereis anexar vosso Parecer.
b) Esperamos que V. Sa, aceiteis o convite que ora lhe fazemos, e que nos honrará com vossa presença nesse evento.
c) V. Excia., Senhor Conselheiro deste Tribunal, deverá emitir a orientação a ser seguida por sua equipe de auxiliares.
d) Solicitamos a vós todos, nobres senhores Deputados, que vos unis a nós em defesa dos direitos estabelecidos pela Constituição.
e) É para vós, Vossa Senhoria, que dirigimos nossa solicitação, no sentido de nossa equipe ser recebida em vosso

escritório.

16. (FCC – Infraero – Administrador – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado em:
a) O Príncipe é um símbolo reincidente, a cujo nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento.
b) A necessidade de bajular o poder é um vício de que muita gente da imprensa não consegue se esquivar.
c) A trama com a qual o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso.
d) Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão na qual decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve.
e) Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação em que irão depender todas as demais.

17. (FCC – TRE/PE – Técnico Judiciário – 2011) ... nem por isso deixa de cultuar Delacroix ...
Cézanne admira a maestria plástica de Rubens ...
... já encontramos a chave do enigma cézanneano.
A substituição dos elementos grifados nas frases acima pelos pronomes correspondentes, com os necessários ajustes, terá como resultado, respectivamente:
a) nem por isso deixa de cultuar-lhe / Cézanne a admira / já a encontramos;
b) nem por isso deixa de cultuá-lo / Cézanne lhe admira / já lhe encontramos;
c) nem por isso deixa de lhe cultuar / Cézanne a admira / já encontramos-na;
d) nem por isso deixa de a cultuar / Cézanne lhe admira / já lhe encontramos;
e) nem por isso deixa de cultuá-lo / Cézanne a admira / já a encontramos.

18. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:
a) Não deu certo o tal do método prático em cuja eficiência Paulo Honório chegou a acreditar.
b) Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada em que nenhum escritor pode abdicar.
c) Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal de que jamais toleraria.
d) Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas de cujo brilho ninguém superaria.
e) A linguagem com que Paulo Honório de fato aspirava era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas.

19. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) "o cérebro é uma orquestra sinfônica **em que** os instrumentos vão se modificando à medida que são tocados".
A expressão pronominal ***em que***, grifada acima, preenche corretamente a lacuna da frase:
a) As questões ..... se preocupam os cientistas dizem respeito às alterações cerebrais devidas ao uso indiscriminado da internet.
b) É incalculável o número de informações, sobre os mais diversos temas, ... o cérebro humano é capaz de processar.
c) As hipóteses aventadas, ... se baseiam os especialistas, devem ainda ser comprovadas por exames acurados.
d) As implicações causadas pela onipresença da internet, ... está sujeito o cérebro humano, são objeto de preocupação de cientistas.
e) As informações ..... dispõem os usuários da comunicação eletrônica são múltiplas, embora sejam superficiais.

20. (FCC – BB – Escriturário – 2011) O segmento grifado que está sendo substituído de modo INCORRETO por um pronome, com as necessárias adaptações, é:
a) um recenseamento revelou a situação inédita = revelou-a;
b) milhares de pessoas trocavam as cidades do interior = trocavam-nas;
c) A tendência (...) definiu o Brasil do século XXI = lhe definiu;
d) era a que levava famílias inteiras do Nordeste = as levava;
e) que tem criado empregos = que os tem criado.

21. (FCC – Infraero – Auditor – 2011) A substituição do elemento grifado pelo pronome correspondente, com os necessários ajustes, foi realizada de modo INCORRETO em:
a) O tratamento que é dado aos temas = O tratamento que lhes é dado;
b) que circunscreve seus míticos personagens = que os circunscreve;
c) para começar a entender Guimarães Rosa = para começar a entendê-lo;
d) sua obra criou um âmbito próprio = sua obra criou-o;
e) Guimarães Rosa mantém seu estilo próprio = Guimarães Rosa lhe mantém.

22. (FCC – TRE/AP – Analista Judiciário – 2011) Considere as afirmações que seguem.
I. A sequência na política, na religião, na ciência, na arte, na imprensa, na literatura, na filosofia, até na cozinha constitui elenco de profissões que tiveram de se associar ao domínio da cultura para atingir a economia do estrelato.
II. Em *A própria literatura consagra escritores no mercado internacional,* ***os quais*** *negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema que prevalece nas indústrias do espetáculo*, a expressão em destaque

foi obrigatoriamente empregada para evitar a ambiguidade que ocorreria se, em seu lugar, fosse usado o pronome "que".

III. Em A própria literatura consagra escritores no mercado internacional, os quais negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema **que prevalece** nas indústrias do espetáculo, o segmento destacado poderia ser substituído por "prevalecente", sem prejuízo do sentido e da correção originais.

O texto legitima:

a) I, somente;
b) II, somente;
c) III, somente;
d) I e III, somente;
e) I, II e III.

23. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) A reconstrução de um segmento do texto, com um diferente emprego pronominal, que mantém a correção e o sentido originais é:

a) o corvo, então, tentou virá-lo = O corvo, então, lhe tentou virar;
b) pegando-as uma a uma = pegando-lhes uma a uma;
c) não havia meio de alcançá-la = não havia como alcançar-lhe;
d) o jarro era pesado demais para ele = o jarro lhe era por demais pesado;
e) atirando-as dentro do jarro = atirando-lhes para dentro do jarro.

24. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

a) A obsolescência e o anacronismo, atributos <u>nos quais</u> os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar <u>com a</u> expressão dez de setembro.
b) O estado de psicose, <u>ao qual</u> imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança <u>em cuja</u> radicalidade muitos recriminam.
c) A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo <u>ao qual</u> ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo <u>no qual</u> foram tomados tantos americanos.
d) Não é à descrença, sentimento <u>com que</u> nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é <u>na</u> esperança que queremos nos apegar.
e) Fatos como os de 11/9, <u>com que</u> ninguém espera se deparar, são também lições terríveis, <u>de cujo</u> significado não se deve esquecer.

25. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) A colocação do pronome átono destacado está **INCORRETA** em:

a) Quando se tem dúvida, é necessário refletir mais a respeito.
b) Tudo se disse e nada ficou acordado.
c) Disse que, por vezes, temos equivocado-nos nesse assunto.
d) Alguém nos informará o valor do prêmio.
e) Não devemos preocupar-nos tanto com ela.

O prazer da escrita

Escrever bem nunca deve ser encarado como uma obrigação. Ao menos, por dois motivos – imagino eu.

Em primeiro lugar, porque isso é uma necessidade da vida contemporânea.

Uma dissertação ruim num concurso público, um texto livre mal escrito numa seleção de emprego ou uma confusa carta de reclamação ao Procon podem fazer toda a diferença ***quando o que está em jogo é uma conquista de fato desejada por seu redator.***

Em segundo lugar, porque é um prazer a ser cultivado.

Um texto descuidado não chega a ser atestado de toda uma formação educacional frágil. ***Mas o é da forma como damos ênfase àquilo que fazemos*** *(como diria Drummond: "Que triste! Que triste são as coisas, consideradas sem ênfase."). Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas de escrita nos faça escrever melhor. Escrever, como ler, só será efetivamente um hábito qualificado se feito com prazer.*

É ao esculpir um texto que se percebe o quanto é insuficiente decorar regras de português ou macetes rápidos de construção retórica. Certamente, um bom texto denuncia o quanto a sério levamos o prazer de ler e escrever. ***O quanto a sério levamos tudo o que fazemos com efetiva entrega e delícia.***

Haverá, evidentemente, coordenadas a serem seguidas por um texto conceitual e argumentativo. Mas toda redação deve ser pensada como um processo de descobertas, um modo de articular o que se sabe para alcançar o que não necessariamente está dado desde o início.

Não se trata de padronizar o próprio texto, mas fazer aflorar o melhor de nosso raciocínio.

26. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) O termo em destaque funciona como um elemento de coesão referencial em relação ao termo entre colchetes em:
a) "Em primeiro lugar, porque isso é uma necessidade da vida contemporânea." [obrigação]
b) "... quando o que está em jogo é uma conquista de fato desejada por seu redator." [bom texto]
c) "Mas o é da forma como damos ênfase àquilo que fazemos." [atestado]
d) "O quanto a sério levamos tudo o que fazemos com efetiva entrega e delícia." [regras de português]
e) "Não se trata de padronizar o próprio texto, mas fazer aflorar o melhor do nosso raciocínio." [texto]

27. (FDC – CREMERJ – Administrador – 2011) "As drogas medicinais ou 'drogas da virtude', prescritas pelos físicos, odontólogos e médicos homeopatas ou alopatas eram manipuladas por boticários, que importavam remédios europeus e usavam produtos nativos em sua formulação."
No texto há um conjunto de elementos que se prendem a termos anteriores a fim de produzir coesão (ligações formais e semânticas) entre esses elementos. A indicação **INCORRETA** de um desses termos é:
a) o pronome possessivo *sua* tem como referente "remédios europeus";
b) o particípio *prescritas* refere-se às duas espécies de drogas mencionadas antes;
c) o conectivo *por* une a forma verbal *eram manipuladas* a seu agente;
d) a forma verbal *usavam* repete o mesmo sujeito de *importavam*;
e) o pronome relativo *que* refere-se a boticários.

28. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal de Atividades Urbanas – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Na construção "O que tais pessoas talvez nunca percebam", o pronome "tais" está empregado de modo informal, com significado de *brilhantes, grandiosas*.

29. (FUNIVERSA – SES/DF – Enfermeiro – 2011) Assinale a alternativa que apresenta reescrita correta de passagem do texto.
a) "Trata-se do único relato dessa natureza em toda biologia." (Trata-se do único relato dessa natureza em toda a biologia.);
b) "na sua cadeia genética" (em sua cadeia genética);
c) "por que ele iria suportar" (como ele iria suportar);
d) "mais população é resultado de mais consumo, o que significa mais devastação e mais lixo" (mais população, mais consumo, ou seja, mais devastação, mais lixo);
e) "suportar a dor das perdas prematuras a qual" (suportar a dor das perdas prematuras que).

30. (Cesgranrio – Petrobras – Analista de Sistemas Júnior – 2012) Aos trechos abaixo, retirados do texto, foram propostas alterações na colocação do pronome. Tal alteração está de acordo com a norma-padrão em:
a) "foram se fechando" – *foram fechando-se;*
b) "Pensa-se logo num palhaço" – *Se pensa logo num palhaço;*
c) "ninguém lhe esquece a tristeza" – *ninguém esquece-lhe a tristeza;*
d) "Trata-se na verdade" – *Se trata na verdade;*
e) "que quase se limita a olhar" – *que quase limita-se a olhar.*

31. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Está correto o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:
a) A argumentação <u>na qual</u> se valeu o ministro baseava-se numa analogia <u>em cuja</u> pretendia confundir função técnica com função política.
b) As funções para <u>cujo</u> desempenho exige-se alta habilitação jamais caberão <u>a quem</u> se promova apenas pela aclamação do voto.
c) Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto <u>do que</u> a promoção pelo mérito <u>onde</u> nem todos confiam.
d) A má reputação <u>de que</u> se imputa ao "assembleísmo" é análoga àquela <u>em que</u> se reveste a "meritocracia".
e) A convicção <u>de cuja</u> não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo <u>à</u> natureza do caso.

32. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) *Mas <u>isso</u> não tem de ser assim.* (3º parágrafo: *Sem dúvida, não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos. Análise rasa baseada em uma ótica ultrapassada, na qual projetos hidrelétricos provocam necessariamente impactos ambientais irrecuperáveis e não compensáveis, sugere que esse duplo objetivo é inatingível.* ***Mas <u>isso</u> não tem de ser assim****. Projetos hidrelétricos, quando instalados em áreas habitadas, podem constituir-se em vetores do desenvolvimento regional. Quando instalados em áreas não habitadas podem constituir-se em vetores de preservação dos ambientes naturais.*)

O pronome grifado acima refere-se, considerado o contexto,

a) às dificuldades que impedem a expansão da hidreletricidade no Brasil.
b) aos múltiplos interesses contrários à manutenção da biodiversidade da região amazônica.
c) aos vetores de desenvolvimento regional, com geração de empregos.
d) à impossibilidade de aliar construção de hidrelétricas e preservação da Amazônia.
e) a uma possível preferência por fontes alternativas de geração de eletricidade.

Também certos latino-americanos, como o brasileiro Caio Prado Jr., o trindadense Eric Williams e o argentino Sérgio Bagu, haviam chamado a atenção para a vinculação, desde a colônia, ***da sua região*** *com o capitalismo mundial.*

33. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– No segmento *da sua região*, o pronome remete às regiões indicadas tanto pelos adjetivos pátrios específicos, quanto pelo adjetivo pátrio que reporta ao processo de colonização.

34. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I – 2012) (Adaptada) Em "*Mesmo assim, muitos duvidam que essa falência seja real. Essas pessoas costumam achar que aconteceu algum acidente e que agora o dever é restaurar a ordem antiga...*", o demonstrativo *Essas* remete ao substantivo que será definido posteriormente, pois não há menção anterior alguma que o pronome possa retomar?

35. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) *Isso talvez nos explique por que os gregos, estes que teriam inventado a democracia ocidental com seus valores, na verdade, legaram-nos apenas um valor fundamental: a suspeita de si.*

Considerada a frase anterior, em seu contexto, o ÚNICO comentário que o texto NÃO legitima é o seguinte:

a) *Isso* remete ao que se expõe anteriormente na frase iniciada por *Por isso*.
b) A forma verbal *explique* é exigida por estar presente no enunciado uma ideia de possibilidade, não de certeza.
c) Na construção adotada no enunciado, o emprego da próclise pronominal – "nos legaram" – é legítimo.
d) A forma verbal *teriam inventado* exprime um fato suposto.
e) Está em conformidade com o padrão culto escrito esta redação alternativa à do segmento destacado: "o motivo dos gregos legarem-nos apenas um valor fundamental".

36. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2012) A inadequação no emprego do pronome de tratamento em "Morro de medo de comparecer diante de um Juiz. Emeretíssimo, dá licença de eu fumar?" é sanada pela escritora no período "Obrigada, Vossa Eminência.", o que evidencia o deliberado desrespeito a padrões normativos da língua portuguesa.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – TC/DF – Auditor de Controle Externo – 2012) O pronome "o" (... o poder do rei passou a ser um tanto limitado pelos nobres, que **o** obrigaram a...) retoma, por coesão, a expressão "o poder do rei".
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Da governalidade aos atos cotidianos, o mundo da vida no qual ética e moral se cindiram há ***muito*** *tempo transformou-se na sempre saqueável terra de ninguém. (...) A mesma polícia que combate o narcotráfico nas favelas das grandes cidades poderia ocupar o Congresso e* ***outros*** *espaços do governo* ***onde*** *a corrupção é a regra. (...) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação* ***qualquer*** *na contramão do dever, é porque no sistema da corrupção o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.*

38. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale a palavra que, no texto, NÃO exerça papel pronominal.

a) onde.
b) muito.
c) qualquer.
d) outros.

39. (Vunesp – Pref. São José dos Campos/SP – Analista em Gestão Municipal – 2012) Na frase – Os suspeitos são **os** de sempre... – a palavra em destaque tem o mesmo emprego que se verifica na palavra destacada em:

a) Os carros estavam em alta velocidade, quando policiais os interceptaram.
b) Quem poderia fazer o favor de me encomendar o novo dicionário?
c) Alguns funcionários perguntaram se os salários atrasariam naquele mês.
d) Todos os alunos fizeram a prova, mas só alguns assinaram a presença.

e) Aqueles que precisavam de mais informações foram auxiliados.

40. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Para preservar a coerência e a correção gramatical do texto, assinale a opção que corresponde ao termo a que se refere o elemento coesivo constituído pelo pronome "-la".

A **reciprocidade** de tratamento é tradicional princípio da **liturgia** diplomática. Esse pressuposto consagrado na relação entre as nações − econômicas e migratórias, entre outras − é determinante para estimular o equilíbrio e afastar a **tensão** na **convivência** entre os países, colaborando para mantê-**la** em desejável harmonia. É **hipocrisia**, por exemplo, cobrar de uma parceria obediência a normas de bom trato (ou de acolhimento) se o outro lado da fronteira não é contemplado com o respeito ao protocolo da civilidade.

a) "convivência".
b) "liturgia".
c) "reciprocidade".
d) "tensão".
e) "hipocrisia".

41. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

A fraqueza da produção manufatureira, nos últimos meses e anos, aqueceu o debate sobre o risco de desindustrialização no Brasil. No ano passado, ***seu*** *crescimento foi de apenas 0,3%, uma ninharia em comparação com a alta de 6,7% no varejo. (...)*

– O pronome "seu" retoma o antecedente "produção manufatureira".

Fragmento de texto

(...) A igualdade e a dignidade humana que uma sociedade pode produzir referem-se à possibilidade de **o cidadão** ter condições materiais e subjetivas à **sua** disposição, para que, atendidas **suas** necessidades básicas e diárias de bem-estar, **ele se** ocupe com questões outras que a sobrevivência. (...)

No entanto, a Finlândia tornou-se uma **sociedade tão igualitária** quanto apática. Pouco criativa, reproduz o mundo com extrema facilidade, mas **tem limitada capacidade transformadora**. A maioria de seus educados cidadãos são **seres** pouquíssimo críticos: questionam pouco a vida **que** levam e são fisicamente contidos. E **isso** não parece ter forte relação com o frio. É um acomodamento social, um respeito quase inexorável pelas regras. **Esse resultado** não foi causado, é evidente, pelo formato social igualitário. Em outros termos, não foi a igualdade que deixou o país apático. Ademais, sociedades desiguais podem ser tão ou mais acríticas e reprodutoras. O ponto que nos intriga é que a igualdade, o respeito e a dignidade dados a **todos** não levaram à autonomia, ao pensamento criativo e crítico, e a processos transformadores.

42. (Esaf – MI-CENAD – Engenheiro de Telecomunicações – 2012) Na organização das relações de coesão e coerência do texto,

a) O pronome "todos" retoma e sintetiza os termos da enumeração "a igualdade, o respeito e a dignidade".
b) a expressão "tem limitada capacidade transformadora" retoma, com outras palavras, a ideia de "reproduz o mundo com extrema facilidade".
c) o substantivo "seres" e o pronome "que" retomam a expressão "seus educados cidadãos".
d) a expressão "Esse resultado" retoma a ideia de "sociedade tão igualitária", já sintetizada em "isso".
e) os pronomes "sua", "suas", "ele" e "se" referem-se a "o cidadão".

43. (CEPERJ – ITERJ/RJ – Analista de Gestão Organizacional – 2012) "Antes de analisarmos as disposições da legislação brasileira sobre esse assunto, impõe-se, inicialmente, uma breve análise das diferentes questões sociopolíticas relativas à legalização do solo."

No fragmento acima reproduzido, o emprego da 1ª pessoa do plural tem o papel de:

a) designar um sujeito coletivo que se responsabiliza pelo que foi dito.
b) incluir enunciador e leitor, para aproximá-los.
c) evitar a 1ª pessoa do singular como estratégia de polidez.
d) marcar um sujeito institucional, representado pela universidade.
e) indicar um enunciador coletivo, mas difuso e amplificado.

Um conjunto recente de pesquisas na área da neurociência sugere uma reflexão acerca dos efeitos devastadores do computador sobre a tradição da escrita em papel. Por meio da observação do cérebro de crianças e adultos, verificou-se de forma bastante clara que a escrita de próprio punho provoca, na região dedicada ao processamento das informações armazenadas na memória, uma atividade significativamente mais intensa do que a da digitação, o que tem conexão direta com a elaboração e a expressão de ideias. (...)

44. (FCC – TRE/PR – Técnico Judiciário – 2012) ... *o que tem conexão direta com a elaboração e a expressão de ideias.*
No contexto, o pronome grifado acima substitui, especificamente:
a) um conjunto recente de pesquisas na área da neurociência;
b) uma reflexão acerca dos efeitos devastadores do computador;
c) a tradição da escrita em papel;
d) a observação do cérebro de crianças e adultos;
e) a escrita de próprio punho provoca (...) uma atividade significativamente mais intensa do que a da digitação.

45. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) Nos fragmentos abaixo, extraídos do texto, a colocação pronominal foi alterada. Assinale a única alternativa correta.
a) Ou que voltaram-se todos para o passado...
b) Maior do que esperaria-se...
c) Tradição é o que cultua-se por todos os lados...
d) E seguiu-se a manifestações antiformalistas...
e) Não trata-se de um tradicionalismo conservador...

46. (FUMARC – TJ/MG – Oficial Judiciário – 2012) Assinale a CORRETA correspondência entre o termo em negrito e o substantivo a que ele se refere:
a) "(...) tamanhos avanços tecnológicos provocam o distanciamento dos jovens em vez de aproximá-los..." § 6 (jovens).
b) "nos colégios e clubes, mesmo após meses de convívio, eles têm dificuldade de se aproximar dos colegas". § 6 (pais).
c) "(...) são incapazes de descobrir a viagem mágica no mergulho da boa leitura..." § 7 (colegas).
d) "Aí, certamente, haverá prazer de ler Machado de Assis, Ignácio de Loyola Brandão, Marina Colasanti, Adélia Prado, Nélida Piñon e muitos outros". § 9 (contos).

47. (FUMARC – TJ/MG – Técnico Judiciário – 2012) O elemento de ligação MAIS adequado para reunir, na mesma sequência, os pensamentos, é:
I. O nome da cidade é Nadópolis.
II. A população da cidade a respeita muito.
a) onde;
b) que;
c) cuja;
d) quanto.

48. (AOCP – BRDE – Assistente Administrativo – 2012) Com base no texto, julgue os itens a seguir.
I. O fragmento "minhas duas filhas estão se preparando" pode ser substituído por "estão preparando-se".
II. O fragmento "que se tratava de transposições" pode ser substituído por "se tratavam".
III. O fragmento "Não vou me deter" pode ser substituído por "Não deter-me-ei".
IV. A próclise, em "Aí tudo se torna" e "Já me deparei", ocorre devido à presença de expressões indefinidas.
Está(ão) correta(s):
a) apenas I;
b) apenas III;
c) apenas I e II;
d) apenas II e IV;
e) apenas II, III e IV.

"(...) Só duas loiras, parecidas entre si, estão por lá. São grandes as chances de o rapaz se interessar por uma das loiras, porque é mais fácil para o cérebro compará-las do que comparar dezenas de morenas

49. (PaqTcPB – UEPB – Técnico em Informática – 2012) Em "porque é mais fácil para o cérebro compará-**las**", o termo **-las** refere-se a:
a) uma das loiras;
b) uma loira e uma morena;
c) duas loiras;
d) dezenas de morenas;
e) uma das morenas.

50. (CEPERJ – Procon/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) "a sua fiel e querida boneca, que você não vê há três meses"
No exemplo acima, o vocábulo "que" substitui um termo antecedente ("boneca") e é classificado, por isso, como pronome relativo.

Outro exemplo no qual o vocábulo “que” funciona como pronome relativo está em:

a) “Sei que você sente muitas saudades”;
b) “Aposto que você nem sabia”;
c) “eletrodomésticos que não funcionavam”;
d) “ninguém mais fraco do que nós”;
e) “Não deveríamos aguardar resignadamente que decidissem”.

51. (CEPERJ – Procon/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) A substituição da expressão grifada por um pronome pessoal está corretamente realizada em:

a) assina esta coluna – assina-lhe;
b) formamos um grande grupo – formamo-nos;
c) vamos tomar o poder – vamos tomá-lo;
d) mudar o mundo – mudar-se;
e) preparando a revolução – preparando-na.

52. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) O restaurante Reis, ... o poeta era assíduo frequentador, ficava no velho centro do Rio.

Preenche corretamente a lacuna da frase acima:

a) o qual;
b) no qual;
c) de que;
d) de cujo;
e) em que.

Gabarito

1. II.	12. CERTO.	23. D.	34. Errado.	45. D.
2. INCORRETO.	13. ERRADO.	24. E.	35. E.	46. A.
3. A.	14. CERTO.	25. C.	36. ERRADO.	47. C.
4. C.	15. C.	26. C.	37. ERRADO.	48. A.
5. A.	16. B.	27. B.	38. C.	49. C.
6. CERTO.	17. E.	28. INCORRETO.	39. E.	50. C.
7. ERRO GRAMATICAL.	18. A.	29. B.	40. A.	51. C.
8. CERTO.	19. C.	30. A.	41. CORRETO.	52. C.
9. ERRADO.	20. C.	31. B.	42. E.	
10. ERRADO.	21. E.	32. D.	43. C.	
11. CERTO.	22. C.	33. CORRETO.	44. E.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 12

Verbo

Definição

Chegou a hora da verdade! Este capítulo me deu um trabalho danado... e tenho certeza de que você terá um trabalho maior ainda para internalizar as informações sobre este assunto. No entanto, *relax!* Antes das mais de 70 questões de verbos (!!!), eu digo para você o que realmente vale a pena saber para o dia da prova, beleza? Só estude *tudão*, a fundo, se dispuser de tempo, senão **caia dentro dos assuntos que mais aparecem nas provas** (veja isto no tópico "O que cai mais na prova?", ao fim deste capítulo).

Do ponto de vista semântico, o verbo normalmente indica uma ação ou um processo, mas pode indicar estado, mudança de estado ou fenômeno natural – *sempre* dentro de uma perspectiva temporal. Pode indicar também a noção de existência, volição (desejo), necessidade, etc. Veja alguns exemplos:

– *O aluno **estudou** muito.* (ação/passado)
– *A aluna **está** feliz.* (estado/presente)
– *A aluna **virou** professora.* (mudança de estado/passado)
– *Amanhã **choverá** muito na cidade do Rio de Janeiro.* (fenômeno natural/futuro)
– ***Há** dois amores na minha vida.* (existência/presente)
– ***Queria** o Pestana ao meu lado no dia da prova.* (volição/passado)
– ***Precisarei** de sua ajuda no próximo capítulo.* (necessidade/futuro)

Obs.: Frisei acima a "perspectiva temporal", porque substantivos (e adjetivos) podem indicar ação, estado, fenômeno natural etc.: *plantação* (ato de plantar), *morte* (estado), *chuva* (fenômeno natural), *satisfeito* (estado). Essas palavras não podem ser verbos, pois **não indicam tempo em si mesmas**, tampouco podem ser conjugadas, é claro, ok?

Do ponto de vista morfológico, o verbo varia em **modo, tempo, número e pessoa**, segundo a gramática tradicional; normalmente, **voz** e **aspecto** são conceitos analisados em separado. As quatro primeiras flexões combinadas formam o que chamamos de **conjugação verbal**, ou seja, para atender às necessidades dos falantes, o verbo muda de forma à medida que variamos a ideia de **modo, tempo, número e pessoa**.

Sabemos que um verbo varia quando ele "sai" de sua forma nominal infinitiva (terminada em **-ar** (amar), **-er** (vender), **-ir** (partir)). Falarei minuciosamente de cada tópico da variação verbal daqui a pouco.

Do ponto de vista sintático, o verbo tem um papel importantíssimo dentro da frase; sem ele (explícito ou implícito) não há orações na língua portuguesa, pois o verbo é o núcleo do predicado – percebeu que eu usei vários verbos para dizer o que eu acabei de dizer? O único caso em que o verbo não é o núcleo do predicado, segundo a gramática tradicional, é quando

há predicado nominal, mas mesmo assim ele está presente. Fique tranquilo, pois falarei bem disso.

Pois bem... para entendermos todas as definições de verbo, vamos analisar esta frase:

Toda vez que eu penso em você, sinto uma coisa diferente.

Note que os vocábulos ***penso*** e ***sinto***

1) **indicam** uma ideia de **ação** e **percepção (sensação ou experimentação)**;
2) **variaram** em modo, tempo, número, pessoa "saindo" de sua forma nominal (*pens<u>ar</u>* e *sent<u>ir</u>*); ambos os verbos estão na primeira **pessoa** do **singular** do **presente** do **indicativo**.
3) **funcionam** como **núcleo** do predicado verbal, como núcleo das orações.

Obs.: Note que, sem os verbos, nada faz sentido, porque a estrutura sintática fica comprometida, não refletindo o uso adequado da língua: *Toda vez que eu ( ) em você, ( ) uma coisa diferente. (???)*

Existem mais de 11.000 verbos na língua, segundo nos informa o gramático Cegalla. Mas antes que você se desespere pensando que vai ter de saber tudo sobre eles, saiba que, em conjugação verbal, só alguns verbos são re-al-men-te importantes na sua vida de concurseiro. *Ufa!*

Não reclama, não! São estes os frequentes em concursos: ***ser, ir, vir* (e derivados), *ver* (e derivados), *pôr* (e derivados), *ter* (e derivados), *caber, valer, adequar, haver, reaver, precaver-se, requerer, prover, viger, preterir, eleger, impugnar, trazer, os terminados em* -ear, -iar (Lembra-se do MARIO?), -uar etc**. Fique em paz mental! Mas não deixe de conjugá-los todo santo dia, pois caem em prova direto!

Identificação

O **verbo** é uma palavra que termina em **-ar** (levantar), **-er** (beber), **-ir** (cair) e que pode ser conjugada, normalmente por meio de pronomes pessoais retos (*eu levanto, tu levantas, ele levanta, nós levantamos, vós levantais, eles levantam... eu bebi, tu bebeste, ele bebeu, nós bebemos, vós bebestes, eles beberam... eu cairei, tu cairás, ele cairá, nós cairemos, vós caireis, eles cairão...*).

Pela forma, é possível identificar um verbo numa frase, desde que você conheça as terminações verbais, ou desinências verbais – já vistas no capítulo de *Estrutura das Palavras*. Lembra? Veja:

– *Nós* ***insistiremos*** *nessa questão, porque* ***cremos*** *em nosso ponto de vista.* (**re**: desinência modo-temporal; **mos**: desinência número-pessoal; ambos na voz ativa)

Insistir e **crer** são identificados como verbos, pois, formalmente falando, podem ser conjugados. Lembre-se de que conjugação é a flexão do verbo em modo, tempo, número, pessoa (e, para alguns gramáticos, voz).

Podemos identificar tais palavras como verbos, pois, como já se disse, não existe oração sem verbo. O verbo é o núcleo de uma oração. Sem ele, não há oração. Sem ele, a frase não tem sentido: *Nós nessa questão, porque em nosso ponto de vista (????!!!)*. Percebeu que o verbo é essencial para a construção do sentido?

Pois bem... vale a pena dizer também que o verbo é uma palavra que exprime um fato dentro do tempo, logo notamos a ideia de futuro e de presente, respectivamente, nos verbos do exemplo.

Obs.: A única forma verbal que não apresenta noção temporal é a forma nominal infinitiva (falar, crer, insistir). Por exemplo: *Ser, estar e ficar são comumente verbos de ligação*. Note que as palavras *ser, estar* e *ficar* servem para nomear um verbo, logo não indicam tempo, pois são verdadeiros substantivos nesse contexto. Se houver algum determinante antes de tais formas, novamente serão substantivos: *O Ser, o estar e o ficar são comumente verbos de ligação.* Não confunda verbo com substantivo, pois o infinitivo pode realmente ser um verbo no contexto: *Estudo para passar na prova*. Note que *passar* indica ação, mas a noção de tempo é atemporal. Falarei melhor disso em *Formas Nominais do Verbo*, ainda neste capítulo. Relaxe!

E se você acha que identificar um verbo é *mole*, não subestime a conjugação de alguns verbos, assunto que cai muito em prova (na FCC, então, nem se fala!).

Em sala de aula, eu sempre digo aos meus alunos assim: "Vem cá! Quer dizer que *geral* aqui é *safo* em verbo, não é? Então, *beleza*. Já que você é bom, qual frase a seguir apresenta

conjugação correta?”.

Aí os alunos *piram*, porque já sabem que lá vem história... Coloco no quadro as seguintes frases, normalmente:

1) As crianças ***se entreteram*** durante bom tempo no parque.

2) Depois que o assessor ***interviu***, os políticos ficaram tranquilos.

3) Quando nós ***propormos*** uma sugestão, aceite-a.

4) Sempre ***se precavenha*** de maus negócios.

Depois de cada um *chutar* uma conjugação, eu digo: “Ih... estão por fora! Sabe qual é a única conjugação correta? Ne-nhu-ma!”. A gargalhada corre solta...

“É isso mesmo! Quer saber a conjugação correta destes verbos? Veja!”

1) As crianças ***se entretiveram*** durante bom tempo no parque.

2) Depois que o assessor ***interveio***, os políticos ficaram tranquilos.

3) Quando nós ***propusermos*** uma sugestão, aceite-a.

4) Sempre ***se resguarde*** de maus negócios.

Sobre 1: O verbo ***entreter*** é derivado do verbo ***ter***, logo se conjuga como o verbo ***ter***.

Sobre 2: O verbo ***intervir*** é derivado do verbo ***vir***, logo se conjuga como o verbo ***vir***.

Sobre 3: O verbo ***propor*** é derivado do verbo ***pôr***, logo se conjuga como o verbo ***pôr***.

Sobre 4: O verbo ***precaver*** não se conjuga no presente do subjuntivo, logo usei um sinônimo.

“É, meu camarada, o buraco é mais embaixo!” A partir disso, todos *baixam a bola* e começamos a aprender mais sobre verbos, com a devida seriedade.

Conjugação verbal é algo muito cobrado em prova de concurso! Muito! Não vacile!

Flexões dos Verbos

Em *Emprego de Tempos e Modos Verbais* e *Voz Verbal*, pretendo esmiuçar ainda mais o que significa **modo, tempo, número e pessoa**, mas neste primeiro momento preciso que você entenda *de leve* tais conceitos. Esta abordagem inicial, não tão profunda, vai fazer você entender mais sobre as variações (ou flexões) verbais, de modo que os conhecimentos seguintes servirão de complemento ao que já foi visto paulatinamente por você. Resultado: você não vai perder o fio de raciocínio, não vai ficar "viajando na maionese". Relaxe, que vai dar tudo certo. Vamos lá, então...

Modo

É a maneira, a forma como o verbo se apresenta na frase para indicar uma atitude da pessoa que o usou.

Por exemplo, se você come um hambúrguer e gosta, você exclama: "Nossa! Como isso aqui ***está*** gostoso!". Percebe que o verbo *estar* se encontra em uma determinada forma, indicando **certeza, afirmação, convicção, constatação**? Então, dizemos que este "modo" como o verbo se apresenta indica que o falante põe certeza, verdade no que diz, certo? Este é o famoso modo **INDICATIVO**, o modo da certeza, do fato, da verdade!

Agora, em uma cena parecida, você vê uma pessoa comendo com vontade e diz: "Espero que ***esteja*** gostoso mesmo.". Percebe que a forma, o modo, a maneira como o verbo se apresenta mudou em relação ao do indicativo? Por que mudou? Para expressar outra ideia que o falante quer passar, a saber: **dúvida, suposição, incerteza, possibilidade**. Este é o igualmente famoso modo **SUBJUNTIVO**, o modo da subjetividade, da incerteza, da dúvida, da hipótese!

"***Coma*** este hambúrguer, você não vai querer outro." Note que, nessa frase, o verbo pode indicar **sugestão, ordem, pedido,**... dependendo do tom como ele é pronunciado. Um simples "Passe o sal." pode ser dito em tom de pedido, se o casal estiver no início do relacionamento, mas... se estiver casado há muitos anos... ih... a **ordem** é o expediente... Estou brincando, afinal, eu sou casado, e minha mulher me ama de paixão. Voltando à realidade... Dizemos que tal verbo se encontra no modo **IMPERATIVO**, o modo da **ordem, do pedido, da sugestão, da exortação, da advertência, da súplica**... tudo dependerá do tom! Falarei mais sobre a formação do imperativo à frente.

Tempo

O tempo indica o momento em que se dá o fato **expresso pelo verbo**.

Os seres humanos, em geral, entendem o tempo físico numa linha corrente, e é a partir disso que formulam suas frases, situando no tempo seu discurso. Nós – que estamos sempre no

tempo presente da **linha do tempo REAL** – podemos, pela **linha do tempo do DISCURSO**, voltar ao passado ou viajar ao futuro. “Como fazemos isso, Pestana?” Por meio dos verbos, ora bolas! Isso é fantástico... podemos planejar o futuro, transportando-nos para ele pela imaginação e pelos verbos, se quisermos verbalizar nossos pensamentos: “Amanhã *farei* isso, daqui a 30 anos *estarei* assim, assado...”. Podemos voltar ao passado: “Meu Deus, como eu *era* bonita na década de 70!”.

----------/	----------/	----------/	→
PASSADO	***PRESENTE***	***FUTURO***	

Entendendo melhor...

Você está lendo agora este texto, certo? Aí, chega alguém até você e começa a atrapalhar sua leitura, daí você diz: “Você não viu que eu ***estava*** lendo?”, como quem diz: “Volte para lá, seu chato!”. Percebeu que o verbo usado por você ficou no passado? Por quê? Pois você, no **presente real**, retornou, **por meio do discurso**, ao passado, ou seja, àquilo que você estava fazendo antes de o idiota interromper seu estudo.

Logo, as noções de passado, presente e futuro norteiam nossa vida, não só no tempo cronológico, real, físico, mas também no **tempo do discurso**. Isso é muito importante! Você entenderá isso melhor mais à frente! Percebeu que eu usei o verbo no futuro (*entenderá*)?

Como já dito, existem três tempos no modo indicativo (presente, passado e futuro), mas só o passado e o futuro apresentam subdivisões: **passado** (pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito), **futuro** (do presente e do pretérito). No subjuntivo, são três: **presente**, **pretérito imperfeito** e **futuro**. Explanarei em detalhes tudo isso mais à frente, em *Emprego de Tempos e Modos Verbais*. Segure aí...

Número

Este é fácil: singular e plural. *Eu amo*, mas *nós ama**mos***; *tu amas*, mas *vós ama**is***; *ele ama*, mas *eles ama**m***. Molezinha!

Pessoa

Fácil também: **1ª** pessoa (***eu** amei, **nós** amamos*); **2ª** pessoa (***tu** amaste, **vós** amastes*); **3ª** pessoa (***ele** amou, **eles** amaram*).

Estrutura Verbal

Esta explanação é um *déjà vu* importante de *Estrutura das Palavras*.

Na conjugação de um verbo, normalmente ocorre a combinação de alguns elementos, conhecidos como: **radical, vogal temática (VT), tema, desinência modo-temporal (DMT) e desinência número-pessoal (DNP)**.

É importante dizer que esses elementos verbais podem sofrer algumas mudanças na forma, chamadas tecnicamente de "alomorfias"; lembra? Fique ligado nisso quando eu apresentar os exemplos a seguir.

Radical

O **radical** é a base do verbo, cujo sentido está nele embutido. Sem este morfema, o verbo não existe.

– *Não **posso** **deixar** que isso **ocorra.***

Note que **poss-**, **deix-** e **ocorr-** são os radicais dos verbos ***poder***, ***deixar*** e ***ocorrer***. Deles, só o radical de poder (**pod-**) sofreu modificação (**poss-**), chamada de **alomorfia**. Isso se dá por uma questão de **eufonia** (bom som da língua). Saiba que a maioria dos verbos não sofre alomorfia no radical, mas, como são muitos, há os que sofrem (os irregulares). Falarei sobre isso à frente. Respire fundo...

Obs.: Importante saber sobre **radical**:
Formas rizotônicas*:* sílaba tônica do verbo se localiza **dentro** do radical: *Eu **a**mo muito minha esposa.*
Formas arrizotônicas: a sílaba tônica do verbo se localiza **fora** do radical: *Eu a**ma**va muito minha esposa.*

Vogal Temática

A **vogal temática** vem imediatamente após o radical por motivo eufônico (boa pronúncia) e/ou para ligá-lo às desinências, formando o **tema**. Veja agora algumas informações importantes sobre VTs verbais.

É uma vogal que vem após o radical, formando o tema e permitindo uma boa pronúncia do verbo; indica como vai ser o modelo (paradigma) das conjugações (1ª conjugação: **-a** / 2ª conjugação: **-e** / 3ª conjugação: **-i**).

É bom dizer que não há VT na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e em nenhuma flexão do presente do subjuntivo (em "Eu am**o.**", o **-o** é DNP; em "Espero que ele volt**e.**" ou "Espero que ele beb**a.**", o **-e** e o **-a** são DMTs). Reveja o quadro de DMTs e DNPs.

Vejamos as VTs verbais:

amar: Eu am**e**i, tu am**a**ste, ele am**o**u, nós am**a**mos, vós am**a**stes, eles am**a**ram. (pretérito perfeito do indicativo)

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 1ª e na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-a**.

comer: Eu com**i**a, tu com**i**as, ele com**i**a, nós com**í**amos, vós com**í**eis, eles com**i**am (pretérito imperfeito do indicativo) / Eu havia com**i**do. (particípio)

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia em toda a conjugação do pretérito imperfeito do indicativo e no particípio. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-e**.

PART**I**R: Eu part**o**, tu part**e**s, ele part**e**, nós part**i**mos, vós part**i**s, eles part**e**m. (presente do indicativo)

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 2ª pessoa do singular e na 3ª do singular e do plural do presente do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-i**.

O verbo **pôr** e seus derivados são de 2ª conjugação, ou seja, vogal temática **-e**, uma vez que ***pôr*** vem do latim ***poer*** (a vogal temática aparece logo na 2ª pessoa do singular do presente do indicativo: eu ponho, tu põ**e**s, ele põ**e**...).

Desinências Verbais

Existem as **desinências modo-temporais** (DMTs) e as **desinências número-pessoais** (DNPs).

As DMTs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de **certeza, fato** (modo indicativo) e **incerteza, hipótese** (modo subjuntivo), tempo **passado** (pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito), **presente** e **futuro** (do presente e do pretérito).

Como você vai ver na tabela a seguir, além de não haver DMTs em todos os tempos e modos, algumas desinências alomórficas do modo indicativo estão entre parênteses.

Tempo	Modo Indicativo	Modo Subjuntivo	Formas Nominais
presente (1ª conj.)	---	**e**	**infinitivo**

presente (2ª e 3ª conj.)	---	**a**	**r²**
perfeito	---	---	
imperfeito (1ª conj.)	**va** (ve)	**sse**	**gerúndio**
imperfeito (2ª e 3ª conj.)	**a** (e)	**sse**	**ndo**
mais-que-perfeito	**ra** (re) (átono)	---	
futuro do presente	**ra** (re) (tônico)	---	**particípio**
futuro do pretérito	**ria** (rie)	---	(a/i)**do¹**
futuro do subjuntivo			**r²**
*As DMts dos verbos no modo imperativo são iguais às do subjuntivo (**e/a**), aparecendo na 3ª pessoa do singular, na 1ª pessoa do plural e na 3ª pessoa do plural.*			

Obs.: ¹ Para muitos gramáticos, o **a** e o **i** do particípio são vogais temáticas; a desinência de particípio (**-do**) pode sofrer alomorfia, dependendo do verbo (exemplo: pôr > pos**to**; imprimir > impre**sso**).

² Não confunda verbo no infinitivo com futuro do subjuntivo, só porque a terminação é igual: Para eu **vencer**, preciso de você. / Enquanto eu **vencer**, precisarei de você. O verbo no futuro do subjuntivo vem antecedido de conjunção, normalmente, e o verbo no infinitivo vem antecedido de preposição, normalmente. Esse é o termômetro para a distinção.

As DNPs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de quantidade (número) e emissor (1ª pessoa), receptor (2ª pessoa), referente (3ª pessoa). Vêm após as DMTs. Não há DNPs em todos os tempos e modos. Vejamos:

Tempo	Singular	Plural
presente do indicativo	1ª p.: **o** / 2ª p.: **s**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **is** / 3ª p.: **m**
pretérito perfeito do indicativo	1ª p.: **i** / 2ª p.: **ste** / 3ª p.: **u**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **stes** / 3ª p.: **ram**
futuro do presente do indicativo	1ª p.: **i** / 2ª p.: **s**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **is** / 3ª p.: **o**
futuro do subjuntivo e infinitivo flexionado	2ª p.: **es**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **des** / 3ª p.: **em**
imperativo afirmativo	---	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **i**, **de**

Obs.: Os tempos que aqui não foram mencionados (pretérito imperfeito, mais-que-perfeito, futuro do pretérito, presente do subjuntivo e pretérito imperfeito do subjuntivo) seguem um modelo (paradigma) de desinências, que é: 2ª pessoa do singular: **-s**, 1ª pessoa do plural: **-mos**, 2ª pessoa do plural: **-is** e 3ª pessoa do plural: **-m**. Um detalhe importante: alguns estudiosos chamam (adequadamente, diga-se de passagem!) as DNPs do pretérito

perfeito do indicativo de "cumulativas", pois elas acumulam a função de marcar não só o número e a pessoa mas também o modo e o tempo, como se fossem DMTs. Eu falei "como se fossem".

Se você dominar esse conhecimento da estrutura dos verbos, conjugação verbal deixará de ser problema para você. Veja você mesmo:

FCC – TRE/CE – Analista Judiciário – 2012

... e ele pretendia fazer o terceiro filme seguido lá...

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:

a) *Houve um tempo em que eu...*
b) *... o sucesso crítico e financeiro de Match Point deu origem a outras possibilidades.*
c) *... mas você gostaria de fazer alguma observação?*
d) *... estava ligado em comédia...*
e) *Mas não sinto mais a mesma coisa.*

Comentário: O gabarito é a letra d) porque *pretendia* e *estava* estão no pretérito imperfeito do indicativo. Isso fica visível com as DMTs "**a**" (em *pretendia*) e "**va**" (em *estava*). Sobre as demais: a) não há DNP na 1ª pessoa do verbo haver (bem-vindo às exceções), está no pretérito perfeito do indicativo; b) pretérito perfeito do indicativo, fica claro pela DNP "**u**"; c) "**ria**" é a DMT do futuro do pretérito do indicativo; e) "**o**" é DNP de 1ª p. s. do presente do indicativo.

Fica a dica, hein!

Locução Verbal

Também chamada de **perífrase verbal**, a **locução verbal** é um grupo de verbos que tem uma só unidade de sentido, como se fosse um só verbo. É por isso que é contada como uma só oração na análise sintática.

Formada por **verbo auxiliar + verbo principal** (sempre no gerúndio, no infinitivo ou no particípio), a locução verbal representa uma só oração dentro da frase. Não se esqueça disto!

Outra coisa: para que você reconheça uma locução verbal, note que os verbos têm de se referir ao mesmo sujeito. Por exemplo, em "Vou estudar", quem vai? Eu. Quem estudará? Eu. Logo, se ambos os verbos se referem ao mesmo sujeito, estamos diante de uma locução verbal. Falarei sobre isso no quadro maior à frente, inclusive sobre as falsas locuções verbais. Leia com carinho.

"Pest, mas por que *auxiliar* e *principal*?"

Um verbo é chamado de **auxiliar** por um motivo óbvio: ele colabora (auxilia/ajuda) com a formação de uma locução verbal, concordando em número e pessoa com o sujeito. Só ele varia com o sujeito, o **principal** nunca varia! É interessante dizer que os verbos **auxiliares carregam aspectos ou durações diversas no processo verbal ampliando o sentido do verbo principal** e, reitero: sempre se flexionam com o sujeito, concordando em número e pessoa com ele.

O verbo da locução verbal chamado **principal** é aquele que carrega consigo o significado principal da locução e a noção de predicação verbal (verbo de ligação, intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto, transitivo direto e indireto; já ouviu falar nisso?).

Conheça agora os principais **auxiliares**, que formam locuções verbais:

Auxiliares de voz: formam a voz passiva (*ser, estar, ficar, viver, andar, ir, vir* + **particípio**). Muito importante saber isso!

– ***Fomos*** ***vistos*** *por ela.*

– ***Estive*** ***vencido*** *pelo cansaço, mas agora é diferente.*

– *O mestre* ***ficou*** ***rodeado*** *de alunos.*

– *Josete e Albertina* ***vivem*** ***cercadas*** *de estudantes.*

– *Toda a vizinhança* ***anda*** ***aterrorizada*** *pelos assaltantes.*

– *O preso* ***ia*** ***escoltado*** *pelos guardas.*

– *O carro* ***vinha*** ***pilotado*** *por um profissional.*

Obs.: São raras as locuções verbais que se iniciam por outros verbos (que não o ***ser***) para indicar a voz passiva. Quase sempre, portanto, uma locução verbal de voz passiva vem construída assim: ***ser*** **+ particípio** (*O problema* ***será resolvido*** *logo*.). É bom dizer que o

verbo principal no particípio concorda em gênero e número com o sujeito. Atente para isso!

Auxiliares de tempo composto: formam o tempo composto dos verbos (***ter/haver* + particípio**; locução muito exigida em provas de concurso público!). Falarei melhor disso à frente.

– *Espero que* ***tenha/haja começado*** *o jogo.*

– *Se nós* ***tivéssemos/houvéssemos vibrado*** *mais, talvez conquistaríamos a Copa.*

Obs.: Às vezes, esta construção vem com o verbo ***ser*** no particípio indicando passividade, entre o primeiro auxiliar e o principal. Isso mesmo, é possível haver mais de dois verbos na locução verbal, em que só o último será analisado como **principal**. Veremos isso melhor depois, mas vá lá, observe este exemplo: "*O cidadão* ***tinha sido advertido*** *pelo guarda duas vezes*.". Toda a estrutura em negrito é uma locução verbal, em que *tinha sido* são dois verbos auxiliares e *advertido*, o verbo principal. Esta construção é típica de voz passiva... falarei sobre isso à frente, em *voz verbal*... aguarde.

Auxiliares de aspecto (acurativos): precisam o momento em que a ação verbal se realiza.

– ***Passou/Começou/Pôs-se a estudar***. (início)

– ***Estou para (por) estudar***. (iminência)

– ***Fiquei/Ando/Estou (a) escrever/escrevendo***. ***Venho/Vou escrevendo.*** (continuidade)

– ***Tornamos/Voltamos a estudar***. ***Costumamos escrever***. (repetição)

– ***Acabaram/Deixaram/Cessaram/Pararam de estudar***. (cessação)

– ***Continuo/Permaneço estudando***. (permansivo)

Obs.: *Estar* ***a*** *escrever* é construção própria do português de Portugal, análoga a *estar escrevendo*, própria do português brasileiro. E... como se vê... o verbo auxiliar pode se ligar ao principal por meio de preposição.

Auxiliares de modo (modais): precisam o modelo como a ação verbal se realiza ou deixa de se realizar; os valores semânticos dos verbos variam no contexto discursivo.

– ***Tinha/Havia de estudar***. ***Preciso (de) estudar.*** (obrigação, necessidade, dever)

– ***Posso estudar***. (possibilidade, capacidade, permissão)

– *Você* ***pode começar a pagar*** *a dívida, senão vai preso!* (obrigação/imposição)

– *Não* ***pode estudar*** *aqui*. (imposição)

– ***Quero/Desejo estudar***. ***Hei de passar!*** (vontade, volição, intenção, confiança)

– ***Pretendo/Tento* estudar**. (tentativa, esforço)
– ***Devo* estudar**. (probabilidade, obrigação, necessidade, dever)
– ***Consegui* estudar**. (resultado, consecução)
– *Ele* ***parece* estudar**. (aparência, dúvida)
– ***Vou* estudar**. (intenção, movimento futuro)

Cuidado!!!

1) Os valores semânticos dos verbos modais dependerão do contexto. Veja esta questão da prova do ITA/2004:

23. Aponte o enunciado em que o verbo **poder** NÃO indica possibilidade.
a) De outro lado, a elaboração pessoal dos dados e a sua crítica poderão sofrer com a falta de um diálogo sustentado (...). (Texto 1, linha 11).
b) Poderemos ter especialistas cada vez mais peritos (...). (Texto 1, linha 17).
c) Estes, por definição, são bens cujo usufruto é necessariamente coletivo e não podem ser apropriados exclusivamente por ninguém em particular. (Texto 2, linha 9). (Gabarito!)
d) Quanto ao grau de abrangência, os bens públicos podem ser classificados em locais, nacionais ou universais. (Texto 2, linha 10).
e) As tecnologias podem ser "engenheiradas", transformando-se em produtos de mercado, (...). (Texto 2, linha 25).

Comentário: Em "São bens cujo usufruto é necessariamente coletivo e não **podem** ser apropriados...", o verbo *poder* indica *obrigatoriedade, imposição* (mesmo valor de *dever*: São bens cujo usufruto é necessariamente coletivo e não **devem** ser apropriados.).

2) Como já dito, a locução verbal pode ser constituída de mais de dois verbos, em que os primeiros são auxiliares, e o último, o principal: *Sorria! Você* ***está sendo filmado****. / O jogador* ***tem sido comparado*** *pelo olheiro ao Romário. / A dívida* ***deve começar a ser paga*** *antes que sejas preso.*

3) Cuidado com o **gerundismo**! Não sabe o que é isso? Nem mesmo o então Ministro da Saúde José Serra escapou deste vício de linguagem, quando disse: "... outra vacina que ***vamos estar aplicando*** amanhã". O grande professor Sírio

Possenti (UNICAMP) e outros(as) linguistas não veem problema algum nessa locução verbal, mas isso já foi questão de prova – em que o gerundismo foi condenado. Falo sobre isso no tópico *Formas Nominais do Verbo (Gerúndio)* mais à frente. Dê uma olhada lá para entender do que se trata.

4) Nunca é demais falar disto: os verbos *poder, dever* e *costumar*, quando acompanhados de partícula apassivadora, podem constituir uma locução verbal ou não. Logo, em "Pode/Deve/Costuma-se fazer isso", podemos encarar "Pode/Deve/Costuma-se fazer" como uma locução verbal ou como dois verbos (daí que não há mais locução), em que o verbo no infinitivo é sempre o sujeito dos verbos auxiliares *poder, dever* e *costumar*. O que acha da frase a seguir?

– ***Quando se pretende avaliar os efeitos de uma decisão, devem-se avaliar***

primeiramente os motivos dessa decisão.

Note que o verbo *dever* está no plural para concordar com o sujeito "os motivos dessa decisão" (= os motivos dessa decisão devem ser avaliados). Neste caso, há locução verbal, pois o verbo auxiliar sempre concorda com o sujeito em número e pessoa. Se o verbo estivesse no singular (... deve-se avaliar...), inferiríamos que o sujeito é oracional, isto é, o sujeito é o verbo no infinitivo: "... *avaliar primeiramente os motivos dessa decisão* deve-se.". Neste caso, não há locução verbal, há dois verbos.

5) **Toda provável locução verbal deve passar por determinados critérios. O mais importante critério é perceber se os verbos que formam uma provável locução têm o mesmo sujeito. Se sim, estamos mesmo diante de uma locução verbal. Não obstante, há algumas expressões verbais que podem ser analisadas como dois verbos formando duas orações; neste caso, não se trata de uma locução. De antemão, aceno que, *em poucos casos*, como o primeiro a seguir, a análise entre *locução verbal* e *grupo de verbos que não formam locução* é dúbia. Leia atentamente as considerações abaixo para entender.**

Parafraseando Bechara, nem sempre a aproximação de dois ou mais verbos constitui uma locução verbal; a intenção da pessoa que fala ou escreve é que determinará a existência da locução. "Por exemplo, na frase 'Queríamos colher rosas.', os verbos *queríamos* e *colher* constituirão expressão verbal se pretendo dizer que queríamos colher rosas e não outra flor, sendo *rosas* o objeto da declaração. Se, porém, pretendo dizer que o que nós queríamos era colher rosas e não fazer outra coisa, o objeto da declaração é *colher rosas* e a declaração principal se contém incompletamente em *queríamos*." (José Oiticica, em Manual de Análise, 202-203).

Cuidado, portanto, com o verbo *querer*. Com ele, pode-se interpretar que há a formação de uma locução verbal ou que há dois verbos, em que o segundo é o complemento do primeiro
Exemplo: *Quero beber* (locução verbal, uma oração) *água*. / *Quero* (um verbo, uma oração) + *beber* (outro verbo, outra oração, complementando a primeira) *água*. Duas possíveis análises.

Aparentemente este assunto é bobinho, mas quando a banca FGV, por exemplo, pede para você contar quantas orações há no trecho tal, se você não souber identificar uma locução verbal, parceiro(a), vai chorar! Então, cuidado com isso! Observe agora o verbo *parecer*:

– *Eles **parecem estudar** bastante.* (locução verbal, pois o verbo auxiliar concorda com o sujeito)
– *Eles **parece / estudarem** bastante.* (não é uma locução verbal; leia-se: "*Parece / que eles estudam bastante*.")

Cuidado agora com as *falsas locuções verbais*!

Os verbos **causativos** (mandar, deixar, fazer) e **sensitivos** (ver, ouvir, sentir) **nunca** formam locução verbal com o infinitivo ou gerúndio; são dois verbos, cada um com sua autonomia.

– *Já te **mandei ficar** quieto.* (Leia-se: *Eu já mandei que tu ficasses quieto.*)

– *Eu a **vejo passando** todos os dias por aqui.* (Leia-se: *Eu vejo que ela passa todos os dias por aqui.*)

Quando o infinitivo da **locução verbal** pode ser transformado em uma oração desenvolvida, iniciada por conectivo, em tese, não há locução verbal. Em "Não nos **compete realizar** (que realizemos) tarefas desagradáveis.", o sujeito do verbo *competir* é o infinitivo *realizar*, ou seja, "**Realizar** tarefas desagradáveis (sujeito) não nos **compete** (verbo).". Outro exemplo: "Sempre **falta explicar** um assunto.", em que *explicar* é o sujeito de *faltar*, ou seja, "**Explicar** um assunto (sujeito) sempre **falta** (verbo).". Nestes casos, **NÃO** há locução verbal!

Não obstante, fiquemos atentos ao que disseram Bechara e Oiticica no início deste tópico, os quais deram a possibilidade de **dupla análise**, quando o sujeito for o mesmo. Em tais frases abaixo, podemos encarar dois verbos não formando locução alguma ou podemos encarar como locução verbal, sim! Tais casos de dupla análise equivalem ao do verbo *querer*.

– *Eu **espero encontrar** o caminho.* (locução verbal)

– *Eu **espero encontrar** (que eu encontre) o caminho.* (dois verbos, em que o segundo é o complemento do primeiro)

– *Certas mulheres **admitem gostar** de homens mais novos.* (locução verbal)

– *Certas mulheres **admitem gostar** (que gostam) de homens mais novos.* (dois verbos, em que o segundo é o complemento do primeiro)

O fato de haver pronome oblíquo átono ligado à locução verbal não a impede de ser analisada como tal: "*Vou-**me** arrumar* para a festa." ou "*Vou **me** arrumar* para a festa." ou "*Vou arrumar-**me*** para a festa.". Todas as expressões em itálico são locuções verbais.

Vale dizer ainda que os verbos da locução verbal podem vir separados por expressões interferentes:

– *Hoje, **estou**, mais do que nunca, **estudando** muito para a minha prova.*

Veja esta questão, por favor!

2. (Fafipa – Pref. Cariacica/ES – Psicólogo – 2011) Assinale a alternativa cuja sequência de verbos destacada NÃO constitui uma locução verbal.

a) "Os imóveis não podem ser vendidos nem dados como garantia de empréstimos."
b) "Desde o ano passado, essa entidade vem tentando regularizar terrenos..."
c) "Passou a receber um salário-mínimo dos membros da Câmara..."
d) "O analista de sistemas João Carlos Belato, de 46 anos, conseguiu ganhar a posse da casa..."
e) "Primeiro, deve-se provar que o intuito do doador era dar a terra à Igreja, não ao santo."

Comentário: "O analista... *conseguiu* (VTD) *ganhar* a posse da casa (OD).". Se *ganhar a posse da casa* é o complemento do verbo *conseguir*, não pode formar uma locução verbal. É

parecido com o caso do verbo *querer*, como vimos no tópico 5. Não obstante, o gramático Bechara põe o verbo *conseguir* entre os verbos auxiliares, logo poderíamos interpretar *conseguiu ganhar* como uma locução verbal. Afinal, quem conseguiu? O analista. Quem ganhou? O analista. Isto é, ambos os verbos se referem ao mesmo sujeito. É um caso de dupla análise. Isso é um dos critérios para definirmos a locução verbal. Questão polêmica e merecedora de anulação! Veja que o gabarito pode ser a letra e) também. Com os verbos *dever*, *poder* e *costumar* acompanhados da partícula *se* apassivadora, podemos interpretar que há locução verbal ou dois verbos que não formam locução. Em *deve-se provar*, podemos entender que há ou não locução verbal. Como o *se* é apassivador, podemos entender que o sujeito do verbo *dever* é "*provar que ... Igreja*", caso em que ele (dever) não é auxiliar e não constitui locução verbal, mas podemos entender que *deve-se provar* é locução verbal e o sujeito dessa locução é *que o intuito do doador era*. Polêmicas... Falarei mais sobre essa construção no capítulo de *Concordância Verbal*. Aí eu me pergunto: Por que o cara da banca formulou uma questão dessas? Que vontade de xingar um, meu Deus!

6) Há uma diferença entre *ter de* e *ter que*. A construção "Você *tem que estudar.*" indica imposição ou necessidade, e o *que* é uma preposição acidental. Segundo a maioria dos gramáticos, como Manoel P. Ribeiro e Napoleão M. de Almeida, a forma culta é "Você *tem **de** estudar.*", em que *tem de estudar* é uma locução verbal culta, e *tem que estudar*, coloquial. Quando não indica imposição ou necessidade, a expressão *ter que* pode ser usada, mas a análise muda: em "*Tenho muito que estudar*.", o *que* é um pronome relativo que retoma o pronome indefinido *muito*. Logo, esta última construção não constitui locução verbal.

7) As locuções verbais formadas por **ir** + **ir** (vou ir, vai indo...) ou **vir** + **vir** (venho vindo, vem vindo...) são próprias do registro coloquial, segundo alguns estudiosos; já outros, como Cláudio Moreno e José Maria da Costa as abonam.

Aspecto Verbal

Alguns verbos têm peculiaridades semânticas dentro da perspectiva temporal, ou seja, dependendo da forma e do contexto em que se encontram podem indicar processos de duração verbal diferenciados ou sentidos bem peculiares. Por exemplo: "Eu ***comia*** hambúrgueres na minha adolescência." (o verbo indica que este hábito era costumeiro nessa fase da vida). Agora: "Eu ***comia*** um hambúrguer, quando ela me interrompeu." (o verbo indica que a ação verbal já havia iniciado, prosseguiu até um momento, mas não foi finalizada).

Veja só alguns aspectos, os mais comuns em prova de concurso, abaixo para você ter uma ideia (baseado nos exemplos do dicionário Caldas Aulete):

Aspecto durativo/cursivo: indica um processo continuado, uma ação que se prolonga por determinado tempo (p. Ex.: Ele estuda durante o verão.).
Aspecto habitual/iterativo: indica que uma ação ou uma situação se repete habitualmente (p. ex.: Eles lancham todos os dias.).
Aspecto pontual: que indica que um evento é momentâneo, não dura além de um momento (p. ex.: Ela espirrou.).

O **aspecto verbal** tem a ver com o tempo gasto na duração do processo verbal (início, meio e/ou fim). Conseguimos perceber o aspecto verbal pela semântica do verbo e pelo contexto, normalmente. **Poderia falar muito sobre este tópico, mas vou me ater apenas ao que é praxe, ao que interessa para sua prova, beleza?** A saber: formas simples e compostas dos verbos (locução verbal). Então, venha comigo!

1) **Aspecto pontual ou momentâneo**: não é apresentada a duração, pois o fato é *instantâneo*; o fato ocorre no momento da declaração.
   – *Eu **estou vendo** TV agora, depois a gente se fala.*
   – *O cachorro **pegou** o osso no ar.*
2) **Aspecto inceptivo, incoativo**: o processo verbal indica que algo está sendo apresentado em seu **início**.
   – *Meu filho **começou a andar**... **passou a falar**... daqui a pouco só vai fazer arte.*
   – ***Amanhece** em Copacabana um sol lindo, vivo.*
3) **Aspecto cursivo, durativo**: o processo verbal já teve um início e **continuou** ou **continua**, sem conclusão, num **movimento progressivo**.
   – *Eu **estava falando** ao telefone, e me interromperam.*
   – ***Temos exercitado** muito a Língua Portuguesa.*

Obs.: O **pretérito imperfeito (incompleto) do indicativo** se encaixa normalmente neste

aspecto, pois o processo não tem limites claros e seu prolongamento é impreciso.

4) **Aspecto cessativo, conclusivo**: o processo verbal é apresentado em sua totalidade, com começo, meio e fim; apresenta a **conclusão** de um fato.
   – ***Conseguimos ler*** *o texto todo.*
   – ***Malhei*** *durante duas horas ontem.*

Obs.: O **pretérito perfeito (completo) do indicativo** se encaixa normalmente neste aspecto, pois o processo está concluso, finalizado.

5) **Aspecto iterativo, frequentativo, reiterativo**: o processo verbal indica uma ideia de **repetição**, de **hábito**, de **costume**, de **frequência**.
   – *Ele me* ***beija*** *três vezes ao me ver.*
   – *Você* ***tem falado*** *muito sobre passar na prova.*
6) **Aspecto permansivo (permanência)**: o processo verbal já se concluiu, mas os efeitos **permanecem**.
   – *Só* ***aprendi*** *português no Ensino Médio.*
   – *Só* ***fiquei sabendo*** *Matemática mesmo na faculdade, porque antes...*
7) **Aspecto genérico, universal, atemporal**: este processo de duração verbal trabalha com verdades absolutas ou tomadas como tal, científica, religiosa ou culturalmente.
   – *Todo número par* ***será*** *divisível por dois.*
   – *Mulher* ***é*** *bicho difícil de entender.*
   – *Deus* ***existe****!*
   – *Quem* ***cala*** *consente.*
8) **Aspecto iminencial**: este processo indica que algo está prestes a ocorrer.
   – *Ele* ***está para viajar****.*
   – *Nós* ***vamos cair****!*

Observação Final: Dependendo do gramático, a nomenclatura usada para os aspectos verbais pode variar, mas o que as bancas querem saber é se você consegue perceber o valor semântico temporal do verbo no contexto em que se encontra.

Este assunto vem caindo muito em prova, junto com os conceitos de tempo e modo verbais. Por isso, imploro que leia com detida atenção o tópico *Emprego de Tempos e Modos Verbais*. Você vai perceber que esse conhecimento de aspecto verbal está diretamente atrelado a tempo e modo verbais. Antes, porém, para fechar com chave de ouro, veja esta questão bonitinha:

(Funrio – Sebrae/PA – Analista Técnico (Contabilidade) – 2010)

É comum a sensação de que o estudo dos verbos não dá conta de tudo aquilo de que precisamos para a expressão exata das ações em seus modos e configurações particulares. O português não tem uma flexão própria para indicar o aspecto, possível razão de a gramática tradicional não propor o seu estudo sistemático, mas é fato que, mesmo de maneira intuitiva, todos fazemos uso dessa categoria. O aspecto indica a duração de um processo verbal ou o modo da ação, que em português, expressa-se geralmente por meio de construções perifrásticas (ou locuções verbais), mas está presente também em alguns morfemas verbais, sufixos e prefixos.

(Fonte: Thais Nicoleti de Camargo. Folha de S.Paulo, 13/12/2001.)

Por exemplo, as frases "Ele tornou a dizer isso", "Ele pretendia dizer isso" e "Ele começou a dizer isso" mostram o uso de verbos auxiliares para representar, respectivamente, os seguintes valores aspectuais:

a) conativo, cessativo e perfectivo;
b) iterativo, desiderativo e incoativo; (Gabarito.)
c) habitual, durativo e progressivo;
d) imperfectivo, pontual e comunicativo;
e) cooperativo, optativo e imperativo.

Comentário: Note que a questão em si é uma breve aula de aspecto verbal, mostrando que é possível perceber o aspecto de um verbo pela sua forma, simples, composta (locução verbal) e, até mesmo, por meio de prefixos e sufixos. Mas parou por aí, criando uma questão em cima das locuções verbais. Estude de novo o capítulo de locução verbal e verbos auxiliares. Vai por mim! Pois bem... o gabarito é a letra B, pois *iterativo* é o mesmo que habitual, recorrente, repetitivo, reiterativo (tornou a dizer), *desiderativo*, apesar de não ser alistado como um aspecto verbal por alguns gramáticos, trata do verbo que indica desejo, vontade, volição (pretendia dizer) e *incoativo* é um aspecto que indica início de ação (começou a dizer). Boa a questão, não é?

Formas Nominais dos Verbos

As **formas nominais do verbo** são verbos que se comportam como nomes em certos contextos, no sentido de exercerem funções sintáticas próprias dos nomes substantivo, adjetivo ou advérbio. Exemplo:

– ***Pisar*** *a grama é expressamente proibido.* (Assim como o substantivo exerce função de sujeito, o infinitivo equivale a ele, pois exerce aqui função de sujeito.)

– *O garoto veio em minha direção* ***correndo****.* (Assim como o advérbio exerce função de adjunto adverbial de modo, o gerúndio equivale a ele, pois exerce aqui função de adjunto adverbial de modo.)

– *Alberto é um homem* ***marcado*** *pela sorte.* (Assim como o adjetivo exerce função sintática de adjunto adnominal, o particípio equivale a ele, pois exerce aqui função de adjunto adnominal.)

Há apenas três tipos de verbos que se encaixam entre as formas nominais: **infinitivo**, **gerúndio** e **particípio**. Vejamos cada um e suas peculiaridades.

O Infinitivo

É a forma verbal que nomeia um verbo. Por exemplo, quando alguém anda na sua frente e lhe pergunta o **nome** que se dá a essa ação, você diz: "andar". Às vezes, o infinitivo se comporta como um mero substantivo (nos casos de não flexão), daí ser chamado de forma nominal.

O infinitivo pode ser **pessoal** e **impessoal**.

É **impessoal** quando não admite variação de pessoa: *amar, vender, partir* (terminando sempre em **-ar**, **-er** ou **-ir**). É **pessoal**, quando tem como sujeito uma das pessoas gramaticais. Nesse caso, pode ser denominado **flexionado** e **não flexionado**. Falo mais sobre isso no capítulo de *Concordância*.

Se houver uma pessoa que o faz receber desinências, como se vê abaixo, flexiona-se normalmente:

Era para eu cantar.
*Era para tu cantar****es***
Era para ele cantar.
*Era para nós cantar****mos.***
*Era para vós cantar****des.***
*Era para eles cantar****em.***

Obs.: Infinito x Futuro do Subjuntivo
Este participa de orações iniciadas por conjunções, como *se* ou *quando*, indicando hipótese

condicional ou temporal, normalmente; aquele, de orações iniciadas geralmente por preposição (*a, de, para, por...*), indicando significado declarativo.

– *Quando eu* ***chegar****, quererei festa.* (futuro do subjuntivo)

– *Ao* ***chegar****, quererei festa.* (infinitivo)

– *A* ***persistirem*** *os sintomas, o médico deverá ser consultado.* (infinitivo)

– *Se* ***persistirem*** *os sintomas, o médico deverá ser consultado.* (futuro do subjuntivo)

Note que as formas são iguais, mas a classificação é diferente. Nunca use o infinitivo no lugar do futuro do subjuntivo, hein! Olha o que muita gente boa faz e pensa que está tudo certo: "Assim que eles ***proporem*** um acordo, começaremos a pensar.". Está certo isso? Primeiro: cuidado com o verbo *propor*, derivado do verbo *pôr* (conjugue o verbo *pôr* e seus derivados!). Segundo: repare que antes do verbo vem uma locução conjuntiva (assim que), e não uma preposição, logo o verbo **não** pode ficar na forma infinitiva, mas sim no futuro do subjuntivo. Por isso, a frase deve ser reescrita para que esteja de acordo com o registro culto da língua: "Assim que eles ***propuserem*** um acordo, começaremos a pensar.". Fique esperto!

As provas de hoje exigem que você domine conjugação verbal, portanto comece a conjugar aqueles verbos que sempre caem. É um trabalho braçal, mas vale a pena. Relembrando os verbos a serem conjugados: ***ser, ir, vir*** **(e derivados),** ***ver*** **(e derivados),** ***pôr*** **(e derivados),** ***ter*** **(e derivados),** ***caber, valer, adequar, haver, reaver, precaver-se, requerer, prover, viger, preterir, eleger, impugnar, trazer, os terminados em*** **-ear, -iar (Lembra-se do MARIO?)** ***e*** **-uar**.

Importante: Sobre os casos de flexão do infinitivo e outros detalhes a respeito desta forma nominal, vá ao capítulo de *Concordância* (em *Casos Especiais*).

O Gerúndio

Além de atuar como verbo nas locuções verbais, em tempos compostos e nas orações reduzidas, o **gerúndio** (verbo terminado em *-ndo*) pode desempenhar as funções de advérbio e de adjetivo.

Como verbo, indica normalmente um processo incompleto, prolongado, durativo:

– *Estava* ***lendo*** *o livro que você me emprestou.* (locução verbal)

– *Ando* ***lutando*** *para mudar minha vida financeira.* (locução verbal)

– ***Tendo feito*** *várias reclamações por escrito que não foram atendidas, resolvi vir pessoalmente aqui.* (locução verbal de tempo composto)

– ***Obtendo*** *a nota exigida na prova, resignou-se.* (oração reduzida)

Conheça alguns empregos do gerúndio:

1) Esta forma nominal pode e deve ser usada para expressar a) uma ação em curso, b) uma ação anterior, c) posterior ou d) simultânea a outra. Veja os respectivos exemplos:

– *Agora ele está* ***estudando****.*

– ***Deixando*** *a namorada em casa, voltou para a boemia. / Em se* ***plantando****, tudo dá.*

– *O balão subiu rapidamente,* ***desaparecendo*** *no ar.*

– *O jogador pulou* ***cabeceando*** *a bola.*

2) Combinado com os auxiliares *estar*, *andar*, *ir*, *vir*, o gerúndio marca uma ação durativa, com aspectos diferenciados:

O verbo **estar** seguido de gerúndio indica uma ação durativa num momento rigoroso: *O mundo* ***está mudando****.*

O verbo **andar** seguido de gerúndio indica uma ação durativa em que predomina a ideia de movimento reiterado: ***Andei buscando*** *uma pessoa melhor para mim.*

O verbo **ir** seguido de gerúndio expressa uma ação durativa que se realiza progressivamente ou por etapas sucessivas: *O sol* ***vai raiando****,* ***vai subindo****, potente como ele só.*

O verbo **vir**, seguido de gerúndio expressa uma ação durativa que se desenvolve gradualmente em direção à época ou ao lugar em que nos encontramos: "Não se explica como tal expressão ***vem sendo usada*** no Brasil.".

Cuidado!!!

1) Sua natureza adverbial indicando modo pode ser percebida em frases como esta, em que o gerúndio indica movimento simultâneo à ação do outro verbo.

– ***Chorando****, o menino se despediu do pai.*

– *Ele toma sopa* ***fazendo ruído****.*

2) O uso do gerúndio em função adjetiva é menos usual:

– *Tire essa água* ***fervendo*** *daqui!*

3) O gerúndio pode ter valor imperativo também:

– ***Circulando****,* ***circulando****!*

4) Conheça os valores semânticos circunstanciais (adverbiais) do gerúndio (oração reduzida):

– ***Varrendo*** *o quarto, não encontrou nada.* (tempo)

– *Mesmo* ***sendo*** *esperto, não conseguiu enganar a todos.* (concessão)

– *Você,* ***querendo****, chegará lá.* (condição)

– ***Tendo perdido*** *o trem, não cheguei na hora certa.* (causa)

– *As alunas entraram na sala* ***rindo****.* (modo)

Em algumas frases, a circunstância do gerúndio pode ficar ambígua:

– *A vela,* ***iluminando****, clareia tudo.* (causa, tempo, condição, proporção...)

Falarei mais sobre isso no capítulo de *Orações Reduzidas*.

5) O uso exagerado do gerúndio em redações não é bem visto pelas bancas corretoras, portanto evite o exagero. Quanto ao gerundismo, então, nem se fala... Saiba mais sobre o famigerado **gerundismo**!

*Você **pode estar enviando** os seus dados?*

*Eu **vou estar confirmando** os seus pedidos agora.*

O valor ***vai estar sendo*** debitado em conta-corrente.

Esta maneira de falar e de escrever parece vir do inglês, segundo alguns pesquisadores. Incorporou-se ao português brasileiro de tal modo que pessoas cultas a usam frequentemente. De acordo com a norma culta, porém, é correto dizer simplesmente:

*Você **pode enviar** os seus dados?*

*Eu **vou confirmar** os seus pedidos agora.*

O valor ***vai ser*** debitado em conta-corrente.

Aí você me pergunta: "É um equívoco pleno usarmos: *verbo (indicando futuro) + estar + gerúndio* ou *estar (indicando futuro) + gerúndio*?".

Dizer que o uso do **gerúndio** é errado só é verdade se ele for utilizado sem seu sentido de continuidade do tempo. Na frase "Eu estarei ligando para você hoje.", *ligar* não demanda tempo continuado, *ligar* exprime uma ação única, instantânea, não dá para você *ficar ligando* para uma pessoa, pois parece que você vai encher o saco dela, ininterruptamente, ligando sem parar, como um *taradão* do telefone. Logo, evite "Eu *vou estar ligando.*". Este é um mau do **gerúndio**, o que incorre em **gerundismo**. Basta dizer: "Eu *vou ligar* para você hoje.". Bem mais *clean*!

Porém, se a frase contiver tal ideia de continuidade, o uso do **gerúndio** é totalmente adequado: "Passa lá em casa à tarde, pois *vou estar/estarei estudando.*". Aqui se tem o fato de que estudar denota tempo contínuo, ou seja, estudar é um verbo que não indica instantaneidade mas continuidade, portanto o **gerúndio** é utilizado.

Em suma: não se pode misturar o gerúndio com outro verbo que indique movimento único, instantaneidade. Portanto, operadores e operadoras de *telemarketing*, vocês "vão estar enviando" ou vocês "vão enviar" o cartão de crédito para a minha casa? Espero que seja a segunda opção, senão meu nome vai para o SPC (Ou seria SERASA?).

5. (Vunesp –TJ/SP – Escrevente – 2004) O uso indiscriminado do gerúndio tem-se constituído num problema para a expressão culta da língua. Indique a única alternativa em que ele está empregado conforme o padrão culto.
   a) Após aquele treinamento, a corretora está falando muito bem.
   b) Nós vamos estar analisando seus dados cadastrais ainda hoje.
   c) Não haverá demora, o senhor pode estar aguardando na linha.
   d) No próximo sábado, procuraremos estar liberando o seu carro.
   e) Breve, queremos estar entregando as chaves de sua nova casa.

Comentário: Exceto em A, as demais opções apresentam construções próprias do

gerundismo: *vamos estar analisando, pode estar aguardando, procuraremos estar liberando, queremos estar entregando.*

Veja aqui mais uma questãozinha sobre o uso do gerúndio:

14. (Funcab – Pref. Anápolis/GO – Auditor-Fiscal de Tributos Municipais – 2012) Considere o uso do gerúndio nas frases abaixo e analise os itens.

1. "Estou falando isso para mostrar o tamanho do desafio para um jovem dos trópicos..."
2. "... floresta morrendo de falta de inteligência humana e boate fechando por falta de energia elétrica..."

I. Na frase 1, tem-se uma locução verbal construída com dois verbos auxiliares, o primeiro flexionado, e o segundo, no gerúndio.

II. Na frase 2, os dois verbos empregados no gerúndio têm valor adjetivo: "floresta morrendo" (= floresta morta) e "boate fechando" (= boate fechada).

III. Em ambas as frases, há a ocorrência de gerundismo nas três locuções verbais, o que corresponde ao uso de forma composta, preterindo, assim, a forma simples do verbo.

Assinale a alternativa que aponta os itens corretos:

a) Somente II e III estão corretos.
b) Somente I e III estão corretos.
c) Somente I e II estão corretos.
d) Somente I está correto.
e) Somente II está correto.

Comentário: A afirmação I é equivocada, pois só há um verbo auxiliar (Estou) na locução verbal "Estou falando". O comentário autoexplicativo de II está perfeito. Não há construção de gerundismo, logo a afirmação III não procede. **GABARITO: E.**

O Particípio

O **particípio** (verbo terminado em **-do**, normalmente) é considerado forma nominal do verbo porque por vezes se assemelha a um adjetivo, variando em gênero e número com o substantivo a que se refere. Sua natureza verbal, que normalmente indica passado, manifesta-se **sempre** nas locuções verbais de voz passiva, de tempos compostos e em orações reduzidas. Veja:

– *Não há nada que possa ser **feito**.* (locução verbal de voz passiva)
– *Se me tivesses **ajudado** teríamos conseguido.* (locução verbal de tempo composto)
– ***Terminadas** as obrigações, precisaremos sair depressa.* (oração reduzida)

Obs.: É bom dizer que o particípio na voz passiva analítica varia em gênero e número com o termo a que se refere: *Ela foi **despejada***. O particípio de tempo composto da voz ativa **não** varia em gênero e número com o termo a que se refere: *Ela tem **cantado** muito*. Mas, se o tempo composto estiver na voz passiva (ser + particípio), irá variar em gênero e número com o termo a que se refere: *Ela tem sido **elogiada***.

Falemos agora sobre algumas particularidades do particípio:

1) É visto como mero adjetivo, quando atua como caracterizador de substantivo. Por

outro lado, se puder ser desenvolvido em oração, podemos encarar também como verbo no particípio. Dupla análise. Vai depender do contexto.

– *Teve papel* ***destacado*** *naquele filme.* (= *que se destacou*; adjetivo ou verbo no particípio)

– *Pessoas* ***atormentadas*** *podem ser curadas.* (= *que são atormentadas*; adjetivo ou verbo no particípio)

– *A festa aconteceu no mês* ***passado****.* (= *que passou*; adjetivo ou verbo no particípio)

– *As meninas chegaram totalmente* ***molhadas*** *por causa da chuva.* (adjetivo)

– *Aquelas crianças só são* ***esfomeadas*** *pela má educação dada a elas.* (adjetivo)

Nestes dois últimos casos, note que as formas parecem particípios, mas, na verdade, são meros adjetivos. Uma prova disso é que não se pode desenvolver *molhadas* e *esfomeadas*. Ou seja, não é possível dizer: *As meninas chegaram totalmente* ***que foram molhadas*** *por causa da chuva. (???)*

Cuidado!!!

1) Quando aparece um agente da passiva explícito, só podemos encarar tais palavras como particípios:

– *Teve papel* ***destacado*** *pela mídia naquele filme.* (que foi destacado, particípio)

– *Pessoas* ***atormentadas*** *por espíritos podem ser curadas.* (que são perturbadas, particípio)

Veja o que mais disse a ABL sobre o assunto:

ABL RESPONDE

Pergunta: Boa tarde. Em "Ele é um rapaz ESFORÇADO (= que se esforça).", o termo destacado se encaixa em que classe gramatical: adjetivo ou verbo no particípio? O fato de podermos desenvolver todo vocábulo, como *esforçado*, em oração o torna um verbo no particípio ou não? Anseio pela resposta. Gratíssimo!

Resposta: Prezado, no seu exemplo, trata-se de um adjetivo participial, isto é, participa do nome e do verbo, daí poder ser considerado adjetivo, sem desenvolvê-lo, ou considerar particípio, equivalendo à oração "que se esforça". Para identificar se trata-se de verbo no particípio, perceba que o verbo pode funcionar como auxiliar na voz passiva, ex: "Ela *foi considerada* a mais bela miss.". Também pode ser auxiliar de tempo composto, ex: "*Tinha realizado* o trabalho.", "*Tinha realizado* a lição.". Se formar locução verbal com os verbos *ser, estar* (voz passiva)*, ter e haver* (voz ativa) será verbo no particípio.

2) Segundo os melhores gramáticos, a locução *haja vista*, em que *vista* é o particípio do verbo *ver*, é invariável. Alguns, como Faraco & Moura, toleram a variação do auxiliar da locução, (Hoje terminarei mais tarde a leitura *haja(m) vista* as observações que ainda

tenho de fazer). Falarei mais sobre esta expressão no capítulo de *Concordância*. Ah! Hoje em dia, o seu valor semântico (causa) equivale ao das locuções prepositivas *devido a*, *por conta de*, *por causa de*. Falo sobre isso no capítulo de *Conjunção*.

2) Não confunda adjetivo com particípio dentro de uma estrutura parecida com uma locução verbal, porque o particípio indica uma ação praticada por alguém e o adjetivo indica mera qualidade do substantivo.

– *O aluno foi* ***reprovado*** *no exame. (Reprovaram o aluno.* – locução verbal/ é particípio)

– *O aluno foi* ***resfriado*** *para escola. (Resfriaram o aluno?* – é adjetivo.)

Pelo que se viu, determinadas formas participiais deixam de ser classificadas como verbos quando não indicam ação, e passam a ser reais adjetivos quando indicam mera característica de um nome. Tudo bem até agora, não é?

Falarei sobre *duplo particípio* em verbos abundantes no tópico mais à frente: *Classificação dos Verbos*.

3) Conheça os valores semânticos circunstanciais (adverbiais) do particípio:

– ***Concluída*** *a obra, as vendas começaram.* (tempo)

– ***Cercado*** *de inimigos, não esmoreceu, mantendo sua fé.* (concessão)

– ***Pressionadas*** *pelo chefe, ficariam fazendo hora extra.* (condição)

– ***Surpreendido*** *pela tempestade, não pude sair de casa.* (causa)

Falarei mais sobre isso no capítulo de *Orações Reduzidas*.

Voz Verbal

Voz verbal é a forma como o verbo se encontra para indicar sua relação com o sujeito. Logo, não faz nenhum sentido dizer que há voz verbal em orações sem sujeito, diga-se de passagem.

Consoante sua forma, o verbo pode indicar uma ação praticada pelo sujeito (voz ativa), uma ação sofrida pelo sujeito (voz passiva) ou uma ação praticada e sofrida pelo sujeito (voz reflexiva). Vejamos uma por uma agora.

Voz Ativa

Segundo a gramática tradicional, ocorre **voz ativa** quando o verbo (ou locução verbal) indica uma **ação praticada pelo sujeito**. Veja:

– *João **pulou** da cama atrasado e **resolveu pegar** um táxi, mas não tinha dinheiro na carteira. Ele levou um susto e imediatamente ficou furioso. Precisava de dinheiro também para o almoço. **Teve de ir** a um banco ainda. **Chegou**, enfim, ao trabalho. Depois que o homem **resolveu** todas as pendências do dia, **informaram**-no "daquela" hora extra. Coitado. Adoeceu mais vinte anos.*

Obs.: Para você que quer aprofundar-se no assunto ou vai fazer concurso para diplomata, por exemplo, leia o que segue, senão pule essa etapa. Note que as formas verbais *tinha, ficou, precisava* e *adoeceu* não indicam, semanticamente, uma **ação** praticada pelo sujeito, mas sim *posse, estado, necessidade* e *mudança de estado*, respectivamente. Além disso, note que o sentido do verbo *levar* indica que o sujeito não praticou uma ação, mas a sofreu espontaneamente. Seria coerente com a gramática tradicional e com a NGB dizer, portanto, que não há voz verbal ativa nesses verbos, afinal, não indicam ação praticada pelo sujeito. Esta interpretação, inclusive, não é nova, pois o gramático Luiz A. Sacconi confirma isso. Ele diz: "Com os verbos neutros (nascer, viver, morrer, dormir, acordar, sonhar etc.), não se pode ver voz ativa, passiva nem reflexiva, porque o sujeito não pode ser visto como agente, paciente ou agente-paciente. Em 'Ele levou uma surra.' temos um verbo de sentido passivo, mas a voz não é passiva. Os verbos de sentido passivo também não podem ter voz ativa, passiva nem reflexiva.". Reforçando o time, Domingos P. Cegalla e Adriano G. Kury indicam que os verbos de ligação (*Sou* feliz.) e impessoais (*Chove* muito.) não constituem voz alguma. Resumindo a visão dos *caras*: **não** há voz ativa com verbos que indicam passividade, nem com verbos cujo sujeito não indica ação, nem com verbos de ligação, nem com verbos impessoais (verbos de oração sem sujeito).

Bechara, por outro lado, diz que a voz é considerada ativa, sim, com verbos de sentido

passivo, como *levar, ganhar, receber, tomar, aguentar, sofrer* etc., pois, segundo ele, o que importa é a **forma** do verbo, e não propriamente o sentido dele, por isso não confunda **voz ativa com verbo de sentido passivo** (Bechara chama isso de **passividade**) com **voz passiva**. Logo, só podemos distinguir com toda a propriedade do mundo quando há voz ativa, passiva ou reflexiva, segundo Bechara, pela **forma** em que o verbo se apresenta. Podemos inferir que, para o velho Becha, *é* **a ausência de marcas de voz passiva e reflexiva que indica que o verbo está na voz ativa**. Ok? Em toda a minha vida de professor, só vi esta grande polêmica sendo trabalhada em uma prova de concurso público cujo gramático apontado como referência bibliográfica era... adivinha?... Bechara. A chance de cair uma questão em concurso segundo esta visão é bem pequena. Por isso, voz verbal, nas provas de concursos, é um assunto normalmente fácil. Basta você saber o óbvio sobre cada tipo de voz.
Para você, que quer saber muito mais de língua portuguesa, veja a questão à la Bechara:

(FAB – EAGS – Sargento – 2001)

– Leia com atenção.

I. Lúcia apaixonou-se por João. – ***voz passiva sintética. Lúcia sofre a ação de apaixonar-se por alguém; uso do pronome apassivador "se".***

II. Os criminosos devem receber castigo por seus atos. – ***voz ativa com verbo de sentido passivo.***

III. Isso foi sabido de todos. – ***voz ativa; embora haja na oração locução verbal, não há agente da passiva.***

Não está(ão) correto(s) o(s) comentário(s) de

a) I e III. (Gabarito!)
b) II e III.
c) I apenas.
d) I, II e III.

Palavra de cautela: Tome cuidado com a locução verbal de tempo composto (ter/haver + particípio), que pode aparecer na voz ativa:
– *Eu* ***havia escalado*** *a montanha.* (voz ativa)
– *Nós* ***tínhamos comprado*** *uma casa.* (voz ativa)

Voz Passiva

Segundo a gramática tradicional, ocorre **voz passiva** quando o verbo indica uma **ação sofrida** ou **desfrutada pelo sujeito**. Veja:

– *Nosso amigo João já* ***está derrotado*** *pelo cansaço da rotina, mas (como todo brasileiro) ele não desiste fácil. Enfim conseguiu cumprir seu compromisso. Todavia surge a pergunta:* ***será recompensado*** *por seu patrão? Precisamos crer até o fim que* ***se recompensam*** *os esforçados.*

Note que, nos primeiro e segundo casos, há uma locução verbal passiva (normalmente formada pelo verbo ***ser/estar/ficar + particípio***: *"está derrotado", "será recompensado"*). É importante dizer que o verbo auxiliar deve concordar em número e pessoa com o sujeito, e o

particípio deve concordar em gênero e número com o sujeito. Esta locução verbal é a **marca principal** da **voz passiva analítica**.

Há como **traço** de passiva analítica também o **agente da passiva**: *pelo cansaço da rotina* e *por seu patrão*, normalmente iniciado pela preposição *por* e, mais raramente, pela preposição *de*, como em "*Estava acompanhado de alguns amigos*.". Veja mais sobre isso no capítulo de sintaxe *Termos Integrantes da Oração (Agente da Passiva)*.

No terceiro caso do exemplo do João, ocorre a chamada **voz passiva sintética**, cuja **marca principal** é a presença do pronome apassivador ***se***; não há agente da passiva explícito nessa voz, em 99,99% dos casos! A melhor maneira de descobrir se o *se* é apassivador é pela reescritura para a voz passiva analítica:

– *Precisamos crer até o fim que* ***se recompensam*** *os esforçados.* (voz passiva sintética)

– *Precisamos crer até o fim que os esforçados* ***são recompensados****.* (voz passiva analítica)

Se essa passagem for possível, você nunca mais errará a identificação do *se* apassivador.

Ah! Por favor, não confunda partícula apassivadora (PA) com partícula de indeterminação do sujeito (PIS), hein! Note sempre se o verbo é transitivo direto.

– *Ainda* ***se vive*** *num mundo de incertezas.* (PIS: Num mundo de incertezas é vivido?)

– *Ainda* ***se alimenta*** *a esperança.* (PA: A esperança ainda **é alimentada.**)

Percebeu que a reescritura para a voz passiva analítica na primeira frase ficou esdrúxula (para não dizer *escrota*)? "Ah, Pestana, mas eu já vi verbo transitivo direto ligado ao *se*, mas não era apassivador!" É verdade, mas esse VTD + *se* (PIS) vem sempre seguido de preposição, segundo a tradição gramatical:

– ***Louva-se*** *a Jesus aqui, irmãos! (PIS: A Jesus é louvado?)*

Percebeu que a reescritura, de novo, para a voz passiva analítica ficou escr... quer dizer... esdrúxula? É isso aí... prossigamos...

Resumo da ópera: há dois tipos de voz passiva.

1) **Voz Passiva Analítica:** sua marca principal é, normalmente, a locução verbal formada por ***ser/estar/ficar*** **+ particípio**; dica: as questões de concursos exploram quase sempre a construção ***ser*** **+ particípio**.

   – *Os resultados da pesquisa* ***foram apresentados*** *pela Instituição.*

Obs.¹: Há certas construções de voz passiva analítica com sentido ativo: "**É chegada** (= Chegou) a hora.".

Obs.²: Segundo Celso Cunha, não há voz passiva com verbo no imperativo. Já Domingos Paschoal Cegalla e Renira Lisboa de Moura Lima não concordam com o Celso, registrando voz passiva no imperativo, sendo o sujeito paciente um humano: *Não seja guiado por outros*! O mais importante: ainda não vi questão alguma sobre essa

"polêmica".

Obs.³: Só tome cuidado com a locução verbal de tempo composto (ter/haver + particípio), pois, na voz passiva analítica, ela será construída assim: *ter/haver + sido + particípio*: *João **tinha sido baleado** por bandidos num assalto.*

2) Voz Passiva Sintética (ou Pronominal): sua marca principal é o **verbo transitivo direto (VTD)** ou **transitivo direto e indireto (VTDI) acompanhado do pronome apassivador *se;*** o sujeito sempre vem explícito, e o verbo concorda com ele em número e pessoa.

– ***Apresentaram-se** os resultados da pesquisa.*

– ***Apresentaram-se** os resultados da pesquisa aos clientes.*

Por exemplo, se eu dissesse "Apresentou-se os resultados da pesquisa.", tal construção **não estaria de acordo com o registro culto da língua**, pois o sujeito está no plural (os resultados da pesquisa)... Logo, o verbo tem de figurar no plural!

Só o Bechara discorda disso, entre os gramáticos tredicionais. Veja o capítulo 19 (*em sujeito indeterminado*).

Obs.: Os verbos *chamar-se, batizar-se, operar-se* (no sentido cirúrgico), *vacinar-se* são geralmente considerados passivos pronominais (voz passiva pronominal). O pronome apassivador, nesses casos excepcionais, assume formas de 1ª e 2ª pessoas: Batizei-me aqui. (Fui batizado aqui.) / Chamas-te Maria? (É chamada de Maria?)

Palavra final: Alguns gramáticos, como Hildebrando André, dizem haver um 3º tipo de voz passiva, com a construção *adjetivo + de + **verbo** no infinitivo*: "Isso é fácil de entender (= de ser entendido).", ou em frases como esta: "Ela vai dar a mão a beijar (= para ser beijada).". Cândido Jucá Filho, por sua vez, diz que o verbo no infinitivo constitui voz ativa, devendo ser interpretada a construção da seguinte maneira: "Isso é fácil de (alguém) entender." e também "Ela vai dar a mão para (alguém) beijar.". Não me odeie pelas polêmicas... a culpa não é minha.

Transposição de Vozes

A mudança/transposição **de voz ativa para passiva** (e vice-versa) depende de alguns procedimentos.

Antes de qualquer coisa, costuma-se dizer que *voz* **ativa e voz passiva** são nada mais, nada menos que duas maneiras sintaticamente diversas de dizer a mesma coisa. Há casos, porém, em que a voz passiva é **semanticamente** distinta da voz ativa, contrariando a ideia de que a transformação de uma em outra também não altera o sentido. Pode ser que altere, sim!

Uma frase como "Todo o Brasil viu Ayrton Senna morto." tem sentido diferente do da sua correspondente passiva: "Ayrton Senna foi visto morto por todo o Brasil.", uma vez que "por

todo o Brasil" passa a ter sentido ambíguo, ou até ridículo, pois uma interpretação possível é que o piloto virou um fantasma e vive andando pelo Brasil.

Segundo o professor José Augusto Carvalho, a frase "'Eu tirei esta foto.' pode ser interpretada assim: 'Posei para esta fotografia.' ou 'Eu fui o fotógrafo responsável por esta fotografia.'. Mas a voz passiva correspondente – *Esta foto foi tirada por mim.* – só tem uma interpretação possível: a de que eu fui o responsável pela foto, isto é, a de que fui o fotógrafo. A frase 'Um só aluno não fez o dever.' não diz o mesmo que 'O dever não foi feito por um só aluno.'". Cuidado com essas mudanças de sentido na passagem de voz verbal, principalmente em questões de reescritura de frases, em que o enunciado pede a manutenção do sentido.

No entanto, para as provas, mais importante que isso tudo é a parte estrutural! A partir de agora, saiba o que é realmente importante para as questões sobre o assunto.

Passagem de Voz Ativa para Passiva Analítica

Primeiro de tudo: para haver passagem de voz ativa para passiva e vice-versa é preciso que o verbo seja transitivo direto (verbo que exige complemento sem preposição) ou transitivo direto e indireto (verbo que exige um complemento sem preposição e um com preposição), está claro? Com verbos de ligação, transitivos indiretos (99,99%) ou intransitivos, não há passagem! Veja:

– *O homem* ***acompanhou*** *todas as pendências do dia.* (voz ativa)

Passando para a voz passiva analítica: o objeto direto vira sujeito, o sujeito vira agente da passiva e o **verbo** vira uma locução verbal (normalmente, *ser* + *particípio*), *mantendo-se o tempo e o modo verbal*. A manutenção do tempo e modo verbal é muito importante, senão você erra! Note também que o particípio concorda em gênero e número com o sujeito. Veja:

– *Todas as pendências do dia* ***foram acompanhadas*** *pelo homem.* (voz passiva analítica)

Se o verbo for transitivo direto e indireto, o objeto direto vira sujeito e o objeto indireto continua com função sintática de objeto indireto na voz passiva analítica. Veja:

– *O patrão sempre* ***delegará*** *responsabilidades ao empregado.* (voz ativa)

– *Responsabilidades sempre* ***serão delegadas*** *pelo patrão ao empregado.* (voz passiva analítica)

Simples, não?

Cuidado!!!

1) Você agora deve estar perguntando-se: "Ok. Entendi. Mas não é possível passar a frase da ativa para a *passiva sintética*?".

Resposta: Sim, desde que o sujeito da ativa seja indeterminado. Veja: Comeram a banana > Comeu-se a banana.

Note que, na voz passiva sintética, o agente da passiva não aparece mais. Em registros arcaicos isso até ocorria (*Resolveram-se todas as pendências do dia pelo homem.*). É raríssimo encontrar uma questão sobre agente da passiva em voz passiva **sintética**.

Resumo da ópera: É possível transformar a voz ativa em passiva analítica ou sintética.

2) Preste atenção em como vai ficar a passagem de voz ativa para a passiva analítica quando houver locuções verbais com infinitivo e gerúndio e locuções verbais de tempos compostos. Note a seguir a conservação do tempo e modo verbal do verbo auxiliar e a estrutura de voz passiva *ser* + particípio (no infinitivo) e *sendo* + particípio (no gerúndio); note também como vai ficar o tempo composto na voz passiva: *ter/haver* + *sido* + particípio do verbo principal.

– ***Vou comprar*** *uma casa.* (voz ativa) */ Uma casa* ***vai ser comprada*** *por mim.* (voz passiva analítica)

– ***Estou comprando*** *uma casa.* (voz ativa) */ Uma casa* ***está sendo comprada*** *por mim.* (voz passiva analítica)

– *Espero que* ***tenham resolvido*** *as pendências.* (voz ativa) */ Espero que as pendências* ***tenham sido resolvidas****.* (voz passiva analítica)

Questãozinha esperta sobre passagem de voz verbal com locução verbal de tempo composto:

(Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico Judiciário – 2011)

– Empregando-se a voz ativa e mantendo-se os tempos verbais empregados, o trecho "O local das reuniões era a antiga cadeia pública, que, em 1808, havia sido remodelada pelo vice-rei conde dos Arcos" (l.24-25) seria, corretamente, reescrito da seguinte forma: *O local das reuniões era a antiga cadeia pública, que, em 1808, o vice-rei conde dos Arcos remodelou.*

( ) CERTO

(X) ERRADO (Gabarito!)

Comentário: Note que na primeira frase aparece a construção na voz passiva analítica "havia sido remodelada". Para passar para a voz ativa, precisamos apenas retirar o verbo ser no particípio (sido). Veja como deveria ficar a reescritura: *O local das reuniões era a antiga cadeia pública, que, em 1808, o vice-rei conde dos Arcos* ***havia remodelado****.*

3) Pode haver passagem de voz ativa para passiva quando o objeto direto na ativa é preposicionado, pois a preposição é expletiva: *Eu* ***cumpri*** *com o dever.* (voz ativa) > *O dever* ***foi cumprido*** *por mim.* (voz passiva analítica)

4) Mesmo sendo transitivos diretos, **não** ocorre passagem de voz verbal em alguns verbos de sentido passivo, como *levar, ganhar, receber, tomar, aguentar, sofrer,* e outros, como *pesar (de peso)*, *ter (e conter)*, que indicam posse, e *haver*, no sentido de existir, constituindo oração sem sujeito. Em todos esses casos, o sujeito não pratica a ação verbal ou não existe: *Maria pesa 50 quilos. / Houve briga.* Não é possível passar para a voz passiva, veja: *50 quilos é pesado por Maria. (???) / Briga foi havida (???).* Está claro?

5) Atenção! Polêmica à vista! Há certos verbos transitivos indiretos, como *apelar, assistir*

(= *ver*), *pagar/perdoar* (com complemento de pessoa), *responder* etc. em que há "concessões" para o uso da forma passiva, como diz Bechara. Napoleão Mendes de Almeida vai além, defendendo o uso na voz passiva de *assistir* (= *ver*). Veja:

– *Não apelaram da sentença. / A sentença não* ***foi apelada****.*

– *Muitas pessoas assistiram à missa. / A missa* ***foi assistida*** *por muitas pessoas.*

– *Pagamos às empregadas. / As empregadas* ***foram pagas*** *por nós.*

– *Todos lhe perdoaram. / Ele* ***foi perdoado*** *por todos.*

– *Reponder-se-ão às dúvidas. / As dúvidas* ***serão respondidas****.*

– *João abusou de Maria. / Maria* ***foi abusada*** *por João.*

Os verbos *obedecer* e *desobedecer*, apesar de hoje serem transitivos indiretos, eram considerados transitivos diretos antigamente. Por esse motivo, muitos gramáticos registram que tais verbos podem figurar na voz passiva: *A ordem da mãe não* ***foi obedecida*** */* ***Obedeceu-se*** *a ordem.*

Outra informação importante é que os verbos *assistir (= ajudar)* e *pagar/perdoar (com complemento de coisa)* podem ser passados para a voz passiva analítica normalmente, pois, nesses casos, eles são transitivos diretos:

– *O professor* ***continua assistindo*** *os alunos. / Os alunos* ***continuam sendo assistidos*** *pelo professor.*

– *Tomara que* ***tenham perdoado*** *toda a dívida. / Tomara que toda a dívida* ***tenha sido perdoada****.*

Mas a grande verdade é que a tradição da língua culta **NÃO** tolera que verbos transitivos indiretos sejam passados para a voz passiva. E é assim que 99,99% das bancas veem tal fato.

Dica de irmão: Para resolver, portanto, uma questão de voz verbal, veja qual opção traz um verbo transitivo direto (ou transitivo direto e indireto). Este é o *bizu*! Veja:

14. (Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico (Analista de Sist. e Sup.) – 2010) A passagem que NÃO admite, segundo o registro culto e formal da língua, a transposição para a voz passiva é:
    a) "'Este ano vou arranjar um bom trabalho.'"
    b) ...que para fazer uma vida nova..."
    c) "Ela responde aos porquês." (Gabarito!)
    d) "Fazemos isso o tempo todo com os outros,"
    e) "descobrimos coisas..."

Comentário: O verbo *responder* é transitivo indireto, logo não pode ser passado da voz ativa para a voz passiva analítica. Os demais são transitivos diretos, logo admitem passagem.

18. (Esaf – MPU – Analista – 2004) Com relação aos aspectos gramaticais e textuais do trecho abaixo, assinale a opção correta.

Fragmento de texto

(...) A tragédia de Édipo é um procedimento de pesquisa da verdade que obedece exatamente às práticas judiciárias gregas daquela época.

e) Seria mantida a correção do período caso a última oração estivesse assim expressa na voz passiva: que são obedecidas exatamente as práticas judiciárias gregas daquela época.

Comentário: A letra E não foi o gabarito, logo fica a lição da Esaf: o verbo *obedecer* não pode ser passado para a voz passiva.

Mais do que isso, não há passagem de voz ativa para passiva analítica se o verbo for intransitivo ou de ligação. Sobre isso, veja uma questão da FCC – TRE/PB – Analista Judiciário – 2007:

7. A construção que NÃO admite transposição para a voz passiva é:

a) Os astrônomos antigos colocaram-na no centro do universo.
b) A mensagem chegou com o título de "A Bela Azul". (Gabarito! / Verbo intransitivo.)
c) O coração coloca as razões do amor no centro do universo.
d) Anunciam os cientistas a agonia de nossa Bela Azul.
e) A presença da natureza por vezes nos desvia da leitura de um livro.

Para *fechar o caixão* sobre isso, veja: FCC – TRE/AM – Analista Judiciário – 2010:

8. A frase que admite transposição para a voz passiva é:

a) Perto da Igreja, todos os poderosos do mundo parecem diletantes.
b) A Concordata poderá incluir o retorno do ensino religioso.
c) Há estatísticas controvertidas sobre esse poder eclesiástico.
d) Não são incomuns atos religiosos com finalidade política.
e) O Brasil é um país estratégico para a Igreja Católica.

Comentário: a) *Parecem* é verbo de ligação. Não se pode passar para a voz passiva. b) **Eis o gabarito**, pois o verbo é transitivo direto: *O retorno do ensino religioso poderá ser incluso na Concordata.* c) Verbo *haver* (= *existir*), apesar de VTD, não sofre transposição. d) Verbo de ligação não sofre passagem de voz. e) Verbo de ligação não sofre passagem de voz.

Passagem de voz ativa para passiva sintética

Normalmente se passa da voz ativa para a passiva sintética se o sujeito da ativa estiver **indeterminado**, **verbo na 3ª pessoa do plural.** Ok? Veja:

– *Resolveram todas as pendências da empresa.* (Quem? / voz ativa)

Basta acrescentar agora o pronome apassivador *se* para que a construção sintática seja de voz passiva sintética:

– *Resolveram-se todas as pendências da empresa.* (voz passiva sintética)

Obs.: Na passiva analítica, o agente da passiva ficará igualmente indeterminado: *Todas as pendências da empresa foram resolvidas.* (voz passiva analítica)

Passagem de Voz Passiva Analítica para Voz Passiva Sintética

É fácil fazer esta transposição (ou passagem).

Veja o passo a passo:

– *Todas as pendências da empresa* ***foram resolvidas***.

1º: Elimina-se o verbo *ser* e passa-se o verbo principal para o mesmo modo, tempo e pessoa em que estava o verbo *ser*: ***Resolveram***.

2º: Junta-se o pronome *se* apassivador ao verbo, observando-se as regras de colocação dos pronomes: ***Resolveram-se***.

3º: O sujeito fica, normalmente, posposto ao verbo que com ele concorda: ***Resolveram-se todas as pendências da empresa.***

Obs.: Note que só dá para passar da passiva analítica para passiva sintética (e vice-versa) se o agente da passiva vier implícito na construção da frase.

Veja uma questão sobre isso:

19. (Fund. Dom Cintra (FDC) – Mapa – Analista de Sistemas – 2010) Abaixo foram transcritos trechos do texto 2 com orações na voz passiva e, ao lado de cada uma delas, foi feita a transposição para a voz ativa. Houve falha nessa transposição, pois foi mantida a voz passiva, na oração:

a) "Os testes foram realizados no Tribunal Superior Eleitoral, em Brasília." (1º parágrafo) / Realizaram-se os testes no Tribunal Superior Eleitoral, em Brasília. (Gabarito!)

Comentário: Não houve passagem da voz passiva para a ativa como exigia o enunciado, portanto houve falha nessa transposição, pois foi mantida a voz passiva – de analítica (foram realizados) para sintética (Realizaram-se). Fácil!

Voz Reflexiva

Segundo a gramática tradicional, ocorre **voz reflexiva** (também chamada de **média** ou **medial**, pois se situa como forma intermediária entre a ativa e a passiva) quando o verbo indica uma **ação praticada e sofrida pelo próprio sujeito**, ou seja, o sujeito é o **agente** e o **alvo** da ação, ao mesmo tempo – a ação que ele pratica reflete em si mesmo. Como os verbos são sempre VTDs ou VTDIs, o pronome reflexivo terá função de objeto direto ou indireto.

Dica: Os verbos indicativos de atos que podem ser executados em outra pessoa ou na própria pessoa que os pratica constituem voz reflexiva – se acompanhados de pronome reflexivo. Veja:

– *Eu* ***me barbeei*** *com esmero, mas acabei* ***me ferindo***. (é possível barbear alguém e feri-lo)

– *Tu* ***te maquiaste*** *muito bem.* (é possível maquiar alguém)

– *Depois de muito sofrer, João* ***se deu*** *o direito de tirar umas férias.* (é possível dar algo a alguém)

– *Nunca mais* ***se atribua*** *o título de Presidente.* (é possível atribuir algo a alguém)

– *Ela* ***se arrogou*** *o poder de decisão.* (é possível arrogar algo a alguém)

– *Infelizmente, às vezes,* ***colocamo-nos*** *em situação de risco.* (é possível colocar alguém em

situação de risco)

– *Vós **vos** impusestes uma condição de humildade muito louvável.* (é possível impor algo a alguém)

Cuidado!!!

1) Não confunda **reflexividade** com **voz reflexiva**. Na **voz reflexiva**, o verbo é transitivo direto (ou direto e indireto) e tem como objeto um dos pronomes oblíquos átonos (pronomes reflexivos) *me, te, se, nos, vos*. Ou seja, é preciso um pronome reflexivo ligado ao verbo para que batamos o martelo: "Voz reflexiva!". Para sabermos se é reflexivo, vai um *bizuzex*: basta acrescentar *a mim mesmo, a ti mesmo, a si mesmo, a nós mesmos, a vós mesmos,* respectivamente. A **reflexividade** aparece em estruturas diferentes, **sem** pronome oblíquo átono: "Deixaram atrás *de si* o passado sombrio.". Essa frase está na voz ativa.

Veja uma questão sobre voz reflexiva:

Cespe/UnB – Correios – Analista – 2011

– As formas verbais "dedicou-se" (*Erasmo dedicou-se mais à pintura...*) e "se afastar" (*... foi decisivo para Erasmo se afastar da filosofia...*) estão na voz reflexiva.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Comentário: Se for possível substituir o pronome oblíquo átono por um substantivo ou usar uma das expressões reforçativas – *a mim/ti/si/nós/vós mesmo(s)* –, a voz é reflexiva. É o que ocorre aqui.

Veja outra: FCC – TRT/PA e AP (8a R) – TÉCNICO JUDICIÁRIO – 2010 – QUESTÃO 14:

2) Este tópico só deve interessar a quem pretende se aprofundar no assunto; do contrário, ignore-o. No ensino de grandes estudiosos, como A. G. Kury e E. Bechara, a voz reflexiva é só um subtipo de voz medial. Há outros tipos de voz medial, que não a reflexiva. Nela, há verbos que denotam atos espontâneos ou sentimentos, sem agente ou causa aparente. Os verbos vêm acompanhados ora de parte integrante do verbo (em verbos pronominais), ora de pronome expletivo, nunca de pronomes reflexivos. Veja:

– *O dinheiro **se foi**.*

– *O sol **se pôs**.*

– *Nós **nos queixamos** muito da vida.*

– *Nunca **me arrependi** daquilo.*

– *Nunca mais **se atreva** a expor minha mulher ao ridículo.*

– *Não **me venha** com bobagens!*

– *João **se levantou**.*

3) Com o prefixo **auto-**, a voz é sempre reflexiva: "*Ele **se automutilou.***".

4) Sobre o exemplo "*O preso **suicidou-se.***", o gramático Cegalla diz que há voz reflexiva. A semântica do verbo já é reflexiva por natureza, pois sua etimologia latina (*sui* + *cida*) é reflexiva, mas alguns linguistas, como Claudio C. Henriques, pensam que sintaticamente é impossível que a voz seja reflexiva, pois o *se* não exerce função de objeto. Fico com o Claudio. Mas cuidado com as provas... nunca se sabe! Agora, em "*Ele **matou-se.***", há voz reflexiva certamente, pois ele matou alguém: a si mesmo.

Há outro tipo de voz reflexiva, segundo a tradição gramatical, que se chama **voz reflexiva recíproca**. Ocorre quando o verbo se encontra no plural (normalmente) e há pelo menos dois seres praticando a mesma ação verbal, um no outro. O verbo sempre vem acompanhado dos pronomes oblíquos átonos com **valor reflexivo recíproco** (*se, nos, vos*), que podem ter ao lado expressões reforçativas, como *um ao outro, uns aos outros, reciprocamente, mutuamente.* Há também muitos verbos cuja reciprocidade é visível pelo prefixo **entre-**.

– *Eles não **se cumprimentaram** nem **se falaram** mais.*

– *Nós **nos beijamos** efusiva e languidamente.*

– *Espero que vós **vos abraceis** em cena.*

– *Por que as pessoas não acreditam que a gente **se ama**?*

– *Foi péssimo quando o casal **se xingou** na frente de todos.*

– *Eles **se entreolharam**.*

Bônus: CESPE/UNB – TRT/RJ (1ª R) – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2008 – QUESTÃO 3 B).

Cuidado!!!

Com determinadas construções, devido ao contexto, é possível haver ambiguidade no pronome *se* de modo que a classificação das vozes verbais seja passiva sintética, reflexiva ou reflexiva recíproca. Veja:

– ***Julgou-se o homem mais inteligente do mundo***. (voz passiva = *O homem mais inteligente do mundo foi julgado.* / voz reflexiva = *Ele julgou a si mesmo o homem mais inteligente do mundo.*)

– ***Vestiram-se o ator e a atriz***. (voz passiva = *O ator e a atriz foram vestidos.* / voz reflexiva = *O ator vestiu a si mesmo e a atriz vestiu a si mesma.* / voz reflexiva recíproca = *O ator vestiu a atriz e a atriz vestiu o ator.*)

Para que o verbo possa ser considerado **reflexivo recíproco**, sem ambiguidades, temos às vezes que acrescentar alguma expressão de reciprocidade: *O ator e a atriz vestiram-se reciprocamente/um ao outro/a si próprios etc.*

Sensatamente, um dos primeiros gramáticos brasileiros, Júlio Ribeiro, ensina o seguinte:

só há ambiguidade entre voz passiva e reflexiva se o sujeito puder exercer a ação verbal. Em "*Consertam-se relógios.*", por exemplo, não há ambiguidade; a voz é passiva, pois *relógios* não podem praticar ação alguma.

Fechando o caixão sobre tudo o que se disse até agora

Segundo o grande mestre José Carlos de Azeredo: "O paradigma da chamada **voz ativa** é comum à ampla classe dos verbos, **sejam eles transitivos ou intransitivos** (grifo meu), já as formas **passiva e reflexiva** são típicas apenas dos verbos **transitivos** (grifo meu).".

Logo:

- **Voz ativa** – *Ele fugiu ontem à noite. / Ele lavou o rosto. / Ele respondeu às perguntas. / Ele forneceu ajuda aos necessitados.*
- **Voz Passiva** – *Ele foi eliminado do programa. / Reprovou-se o aluno.*
- **Voz Reflexiva** – *Ele embelezou-se.*
- **Voz Reflexiva Recíproca** – *Eles ofenderam-se mutuamente.*

E mais uma questãozinha – comentada pela própria banca do concurso (com pequeno acréscimo meu).

19. (FAB – EAGS – Sargento – 1/2010) Quanto à voz verbal, coloque (P) voz passiva, (a) voz ativa e (R) voz reflexiva para as frases abaixo. A seguir, assinale a alternativa com a sequência correta.

( ) O petróleo é formado da decomposição de matérias orgânicas, como animais e plantas soterrados.
( ) Com a descoberta do petróleo, criaram-se máquinas movidas a óleo, gasolina e querosene.
( ) Vários países neste século têm se esforçado na busca de alternativas para a escassez de petróleo.
( ) Devido ao crescente consumo mundial de petróleo, os países superpopulosos já se veem à margem do desenvolvimento.

a) A – R – P – R.
b) P – A – R – P.
c) A – R – R – A.
d) P – P – A – R.

RESOLUÇÃO

Resposta: D

Na voz ativa, o sujeito se diz agente, porque é praticante da ação verbal. Esse tipo de voz está presente em "*Vários países neste século têm se esforçado na busca de alternativas para a escassez de petróleo.*". O verbo *esforçam-se* indica ação do sujeito *Vários países*, e o pronome *se* não tem classificação sintática, uma vez que faz parte intrínseca do verbo *esforçar-se*. Na voz passiva, o sujeito se diz paciente, porque é recebedor da ação verbal. A voz passiva pode ser de dois tipos: *analítica*, formada com o verbo *ser* seguido de particípio, como ocorre em "*O petróleo é formado da decomposição de matérias orgânicas, como animais e plantas soterrados*; e *sintética.*", formada com verbo transitivo direto acompanhado do pronome apassivador *se*, como ocorre em "*Com a descoberta do petróleo,* ***criaram-se*** *máquinas movidas a óleo, gasolina e querosene.*". Note que em "*é*

formado ***da decomposição de matérias orgânicas***" o agente da passiva começa pela preposição *de*, o que é raro, mas acontece. A voz reflexiva é aquela em que o sujeito se diz agente e paciente, pois é, ao mesmo tempo, praticante e recebedor da ação verbal. Esse tipo de voz está presente em "*Devido ao crescente consumo mundial de petróleo, os países superpopulosos já se veem à margem do desenvolvimento.*". Aqui, o *se* é pronome reflexivo: *os países veem* (praticam a ação de) *a si mesmos / se* (recebem a ação de).
Agora, sim, fechamos bonito voz verbal! Graças a Deus!

Formação dos Tempos Primitivos e Derivados

Os tempos verbais são formados a partir de outros. Logo, podemos dividi-los em tempos primitivos e tempos derivados, sendo estes formados a partir daqueles. É um raciocínio lógico, certo?

Pois bem... os chamados **tempos primitivos** são: **presente do indicativo**, **pretérito perfeito do indicativo** e **infinitivo impessoal**. Vejamos, nas tabelas abaixo, como isso acontece.

Tempos Derivados do Presente do Indicativo

Conheça antes as conjugações dos verbos ***amar*** (1ª conjugação), ***vender*** (2ª conjugação) e ***partir*** (3ª conjugação) no presente do indicativo:

Amar: *amo*, *amas*, *ama*, *amamos*, *amais*, *amam*.

Vender: *vendo*, *vendes*, *vende*, *vendemos*, *vendeis*, *vendem*.

Partir: *parto*, *partes*, *parte*, *partimos*, *partis*, *partem*.

1) Presente do subjuntivo: forma-se a partir do radical da 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, acrescentando-se uma desinência de modo e tempo, que será **e** para a 1ª conjugação e **a** para as 2ª e 3ª conjugações; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMar	**VENDer**	**PARTir**
Ame	Vend**a**	Part**a**
Am**es**	Vend**as**	Part**as**
Ame	Vend**a**	Part**a**
Am**emos**	Vend**amos**	Part**amos**
Am**eis**	Vend**ais**	Part**ais**
Am**em**	Vend**am**	Part**am**

Obs.: Tais verbos não obedecem à regra anterior: *haver, ser, estar, dar, ir, querer* e *saber*, que fazem no presente do subjuntivo: *haja, seja, esteja, dê, vá, queira* e *saiba*. Não custa dizer o óbvio: alguns verbos que não se conjugam na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo também não se conjugam no presente do subjuntivo.

2) Imperativo afirmativo: faço questão de falar sobre a formação do imperativo à parte, mais à frente.

Tempos Derivados do Pretérito Perfeito do Indicativo

Conheça antes as conjugações dos verbos ***amar*** (1ª conjugação), ***vender*** (2ª conjugação) e ***partir*** (3ª conjugação) no pretérito perfeito do indicativo:

Amar*: amei, amaste, amou, amamos, amastes, amaram.*

Vender*: vendi, vendeste, vendeu, vendemos, vendestes, venderam.*

Partir*: parti, partiste, partiu, partimos, partistes, partiram.*

1) Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: forma-se a partir da terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo até **ra**: ***amara****m,* ***vendera****m,* ***partira****m...* depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente; detalhe importante: na 2ª pessoa do plural, **ra** vira **re***.

AMARAm	**VENDERAm**	**PARTIRAm**
Ama**ra**	Vende**ra**	Parti**ra**
Ama**ras**	Vende**ras**	Parti**ras**
Ama**ra**	Vende**ra**	Parti**ra**
Amá**ramos**	Vendê**ramos**	Partí**ramos**
*Amá**reis**	*Vendê**reis**	*Partí**reis**
Ama**ram**	Vende**ram**	Parti**ram**

2) Pretérito imperfeito do subjuntivo: forma-se a partir do tema (radical + vogal temática) da 2ª pessoa do singular seguido da desinência modo-temporal **sse**; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAste	**VENDEste**	**PARTIste**
Ama**sse**	Vende**sse**	Parti**sse**
Ama**sses**	Vende**sses**	Parti**sses**
Ama**sse**	Vende**sse**	Parti**sse**
Amá**ssemos**	Vendê**ssemos**	Partí**ssemos**
Amá**sseis**	Vendê**sseis**	Partí**sseis**
Ama**ssem**	Vende**ssem**	Parti**ssem**

3) Futuro do subjuntivo: forma-se a partir do tema (radical + vogal temática) da 2ª pessoa do singular seguido da desinência modo-temporal **r**; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAste	**VENDEste**	**PARTIste**
Ama**r**	Vende**r**	Parti**r**
Ama**res**	Vende**res**	Parti**res**

Ama**r**	Vende**r**	Parti**r**
Ama**rmos**	Vende**rmos**	Parti**rmos**
Ama**rdes**	Vende**rdes**	Parti**rdes**
Ama**rem**	Vende**rem**	Parti**rem**

Tempos Derivados do Infinitivo Impessoal

1) Futuro do presente do indicativo: forma-se a partir do tema seguido das desinências modo-temporais **re** e **ra**; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAr	VENDEr	PARTIr
Ama**rei**	Vende**rei**	Parti**rei**
Ama**rás**	Vende**rás**	Parti**rás**
Ama**rá**	Vende**rá**	Parti**rá**
Ama**remos**	Vende**remos**	Parti**remos**
Ama**reis**	Vende**reis**	Parti**reis**
Ama**rão**	Vende**rão**	Parti**rão**

2) Futuro do pretérito do indicativo: forma-se a partir do tema seguido das desinências modo-temporais **ria** e **rie*** (na 2ª pessoa do plural); depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAr	VENDEr	PARTIr
Ama**ria**	Vende**ria**	Parti**ria**
Ama**rias**	Vende**rias**	Parti**rias**
Ama**ria**	Vende**ria**	Parti**ria**
Ama**ríamos**	Vende**ríamos**	Parti**ríamos**
*Ama**ríeis**	*Vende**ríeis**	*Parti**ríeis**
Ama**riam**	Vende**riam**	Parti**riam**

Obs.: Não seguem esta regra os verbos *dizer, fazer* e *trazer*, cujas formas do futuro do presente e do pretérito são, respectivamente: *direi, diria; farei, faria; trarei, traria*.

3) Pretérito imperfeito do indicativo: forma-se a partir do tema seguido das desinências modo-temporais **va** e **ve*** (na 2ª pessoa do plural) nos verbos de 1ª conjugação; e de **a** e **e*** (na 2ª pessoa do plural) nos verbos de 2ª e de 3ª conjugação; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAr	VENDEr	PARTIr

Ama**va**	Vendi**a**	Parti**a**
Ama**vas**	Vendi**as**	Parti**as**
Ama**va**	Vendi**a**	Parti**a**
Amá**vamos**	Vendí**amos**	Partí**amos**
*Amá**veis**	*Vendí**eis**	*Partí**eis**
Ama**vam**	Vendi**am**	Parti**am**

Obs.: Nos verbos de 2ª conjugação, a vogal temática **e** vira **i**, por causa da eufonia. Fique atento aos verbos, *ser, ter, vir* e *pôr*, que fazem no imperfeito *era, tinha, vinha* e *punha*, respectivamente.

4) Infinitivo pessoal: forma-se a partir do infinitivo impessoal seguido das desinências número pessoais **-es** (2ª pessoa do singular), **-mos** (1ª pessoa do plural), **-des** (2ª pessoa do plural), **-em** (3ª pessoa do plural).

AMAR	VENDER	PARTIR
Amar	Vender	Partir
Amar**es**	Vender**es**	Partir**es**
Amar	Vender	Partir
Amar**mos**	Vender**mos**	Partir**mos**
Amar**des**	Vender**des**	Partir**des**
Amar**em**	Vender**em**	Partir**em**

Cuidado!!!

Normalmente, a conjugação do infinitivo pessoal é igual à do futuro do subjuntivo. Eu falei "normalmente" porque verbos como *fazer, dizer, pôr, ter, ver, vir* etc. não são iguais. Cuidado com tais verbos! É preciso saber a conjugação deles, pois caem muito em prova!

Não confunda um com outro!

O infinitivo pessoal vem normalmente antecedido de preposição ou locução prepositiva, mas o futuro do subjuntivo vem normalmente antecedido do pronome indefinido *quem* (equivalendo a "aquele que") ou de conjunção ou locução conjuntiva. Observe:

– *A vida vai mudar para quem* ***obter*** *boa nota no concurso.* (construção errada/infinitivo)

– *A vida vai mudar para quem* ***obtiver*** *boa nota no concurso.* (construção certa/futuro do subjuntivo)

O verbo *obter* é derivado do verbo *ter*, por isso deve seguir a mesma conjugação: *quem tiver = quem obtiver*. No futuro do subjuntivo! E agora?

– *A aluna comprou o meu material para* ***obter*** *boa nota no concurso* (construção certa/infinitivo)

Esdrúxulo seria dizer: *A aluna comprou o meu material para obtiver boa nota no concurso.*

Note agora:

– *Perderá pontos se não* ***rever*** *seu texto.* (construção inadequada/infinitivo)

– *Perderá pontos se não* ***revir*** *seu texto.* (construção adequada/futuro do subjuntivo)

O verbo *rever*, por ser derivado de *ver*, deve seguir a mesma conjugação. O futuro do subjuntivo do verbo *ver* é: (se) eu vir, (se) tu vires, (se) ele vir, (se) nós virmos, (se) vós virdes, (se) eles virem. Assim sendo, os verbos derivados (rever, prever, antever...) devem seguir a mesma conjugação.

Não podemos confundir *vir* com *vier*. A forma *vir* pode ser infinitivo (*Ela foi convidada para* ***vir*** *a Recife.*) ou futuro do subjuntivo do verbo *ver* (*Ele só comprará o material se* ***vir*** *a aula demonstrativa.*). A forma *vier* é futuro do subjuntivo do verbo *vir*: *"Ele só ficará satisfeito se você* ***vier*** *ao Rio de Janeiro."*.

Parece bobagem dizer essas coisas, mas quem é *concurseiro-ratão*, sabe o que estou dizendo! Isso cai direto em prova. DI-RE-TO! Consulte: FCC – TRE/AP – TÉCNICO JUDICIÁRIO – QUESTÃO 14.

Formação do Imperativo e Uniformidade de Tratamento

O **imperativo afirmativo** se forma a partir da 2ª pessoa do singular e do plural do presente do indicativo sem o **s** da 3ª pessoa do singular e das 1ª e 3ª pessoas do plural do presente do subjuntivo.

Já o **imperativo negativo** é a cópia do presente do subjuntivo: *Ctrl + C + Ctrl + V*. As formas do imperativo negativo sempre vêm antecedidas de termos negativos (*não, nem, tampouco, nunca...*).

Não existe a primeira pessoa do singular, pois não é possível, em tese, dar uma ordem para si mesmo.

Presente do Indicativo	**Imperativo Afirmativo**		**Presente do Subjuntivo**		**Imperativo Negativo**	
Eu amo		–		(Que) Eu ame		–
Tu amas	→	ama (tu)		Tu ames	→	*não* ames
Ele ama		ame (você)	←	Ele ame	→	*não* ame
Nós amamos		amemos (nós)	←	Nós amemos	→	*não* amemos
Vós amais	→	amai (vós)		Vós ameis	→	*não* ameis
Eles amam		amem (vocês)	←	Eles amem	→	*não* amem

Obs.: O verbo *ser* não se adapta perfeitamente a essa formação: no imperativo afirmativo, ele fica assim: *sê* (tu), *sede* (vós).

Existe algo extremamente importante a falar sobre o imperativo. Você já ouviu falar de **uniformidade de tratamento**? Não? Então, é a hora de saber, visto que muitos concursos vêm apelando para esse tipo de questão a fim de testar seu conhecimento do registro culto da língua.

Como o próprio nome sugere, o tratamento ou a pessoa do verbo deve ficar uniforme, ou seja, não pode mudar de forma numa frase. Caso se inicie uma frase em que alguém se refere ao interlocutor usando formas de 2ª pessoa, deve ele mantê-la. Caso se inicie uma frase em que alguém se refere ao interlocutor usando formas de 3ª pessoa, deve ele mantê-la. Sacou? Não pode haver mistura de formas, como **você** e **tu** na mesma frase. Cuidado com isso!

Quem não se lembra, por exemplo, do slogan da Caixa Econômica Federal? "Vem pra Caixa você também... Vem!" O *moço* que fez a propaganda (só chamando assim...) não se deu conta (acho eu) de que estava infringindo um princípio da língua culta, a saber: a **uniformidade de tratamento.**

Se ele diz "Vem", este verbo está na 2ª pessoa do singular do imperativo afirmativo –

encaixe o verbo *vir* lá na tabelinha para ver se ele não vacilou... é... como diz a música: "Vacilou, cachimbo cai!". O camarada publicitário "garoteou", fez uma **DESuniformidade de tratamento**.

Era preciso que a frase ficasse assim para manter **harmonia/uniformidade de tratamento**: "Vem pra Caixa tu também... Vem!". Hummmm... estranho, não? Será que é por isso que ele misturou o verbo de 2ª pessoa com o pronome *você* (3ª pessoa gramatical)? Pode ser...

O fato é que você não pode vacilar na prova. Adriana Calcanhoto também não fez uniformidade, mas ela tem licença poética... Veja:

(Ela começa com a terceira pessoa...)

Rasgue *(você) as minhas cartas*
E não me ***procure*** *(você) mais*
Assim será melhor
Meu bem!

(Estava bom demais para ser verdade... daí ela muda para a 2ª pessoa)

O retrato que eu ***te*** *(!) dei*
Se ainda ***tens*** *(!)*
Não sei!

(Como num passe de mágica ela retorna à 3ª pessoa... coisa linda!)

Mas se ***tiver***
Devolva*-me!*

Meu amigo, se um discurso começar com a 3ª pessoa, mantenha-o ATÉ O FIM! Se começar com a 2ª pessoa, IDEM! Combinado? Maravilha!
Veja uma questão sobre isso:

20. (Esaf – CGU – Técnico em Finanças e Controle – 2008) Abaixo estão recomendações para evitar o estresse. Assinale a opção na qual os verbos estão conjugados, corretamente, na terceira pessoa do singular.
a) Saboreie a vida, dai mais valor a suas experiências.
b) Aprende a dizer não. Peça ajuda sempre que necessário.
c) Pára e medite. Põe uma uva passa na boca. Note textura, cheiro e sabor.
d) Fique atenta à respiração. Inspira e expira lentamente.
e) Invista em prazeres: ouça música, leia, dê-se o direito de não fazer nada.
(Cristina Nabuco, "Para desacelerar", Cláudia, junho 2007, p. 227.)

E aí? Qual é o gabarito? Vamos ver se você está safo no assunto, comentando opção por opção (observe que todos os verbos estão no **imperativo**):

a) Saboreie (3ª pessoa do singular) a vida, dai (2ª pessoa do plural) mais valor a suas experiências.

b) Aprende (2ª pessoa do singular) a dizer não. Peça (3ª pessoa do singular) ajuda sempre que necessário.

c) Pára (2ª pessoa do singular) e medite (3ª pessoa do singular). Põe (2ª pessoa do singular) uma uva passa na boca. Note (3ª pessoa do singular) textura, cheiro e sabor.

d) Fique (3ª pessoa do singular) atenta à respiração. Inspira (2ª pessoa do singular) e expira (2ª pessoa do singular) lentamente.

e) Invista (3ª pessoa do singular) em prazeres: ouça (3ª pessoa do singular) música, leia (3ª pessoa do singular), dê-se (3ª pessoa do singular) o direito de não fazer nada. (Gabarito!)

Consulte esta: FGV – SEFAZ/RJ – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA – 2011 – QUESTÃO 16.

Palavra Final: Existem alguns verbos que, por seu sentido próprio, não admitem uso no imperativo, como ***caber***, ***querer*** (segundo Celso Cunha) e ***poder***, por exemplo.

Formação dos Tempos Compostos

Os **tempos compostos da voz ativa** são formados pelos verbos *ter/haver* + particípio, para indicar, normalmente, um fato acabado, repetido ou contínuo.

No modo indicativo:

- Pretérito perfeito composto: *Eu **tenho/hei decorado** a tabela.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *Tu **tinhas/havias decorado** a tabela.*
- Futuro do presente composto: *Ele **terá/haverá decorado** a tabela.*
- Futuro do pretérito composto: *Nós **teríamos/haveríamos decorado** a tabela.*

Obs.: Como se nota, não há locução verbal de tempo composto no presente do indicativo nem no pretérito imperfeito do indicativo. Note também que o **pretérito perfeito composto** é formado por **presente do indicativo** + **particípio** e o **pretérito mais-que-perfeito composto** é formado por **pretérito imperfeito do indicativo + particípio**.

No modo subjuntivo:

- Pretérito perfeito composto: *Espera-se que vós **tenhais/hajais decorado** a tabela.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *Se eles **tivessem/houvessem decorado** a tabela, não estariam chorando agora.*
- Futuro do subjuntivo composto: *Quando vocês **tiverem/houverem decorado** a tabela, verão sua importância.*

Nas formas nominais:

- Infinitivo: *Para nós **termos/havermos decorado** a tabela, precisou de tempo.*
- Gerúndio: ***Tendo/havendo decorado** a tabela, tudo ficará bem.*

Os ***tempos compostos da voz passiva*** são formados pelos verbos *ter/haver* + *sido* + particípio.

No modo indicativo:

- Pretérito perfeito composto: *A tabela **tem/há sido decorada** por mim.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *A tabela **tinha/havia sido decorada** por ti.*
- Futuro do presente composto: *A tabela **terá/haverá sido decorada** por ele.*
- Futuro do pretérito composto: *A tabela **teria/haveria sido decorada** por nós.*

No modo subjuntivo:

- Pretérito perfeito composto: *Espera-se que a tabela **tenha/haja sido decorada** por vós.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *Se a tabela **tivesse/houvesse sido decorada** por eles, não estariam chorando agora.*

- Futuro do subjuntivo composto: *Quando a tabela **tiver/houver sido decorada** por vocês, verão sua importância.*

Nas formas nominais:

- Infinitivo: *Para a tabela **ter/haver sido decorada** por nós, precisamos de tempo.*
- Gerúndio: ***Tendo/havendo sido decorada** a tabela, tudo ficará bem.*

Cuidado!!!

Observe uma **falsa** locução verbal de tempo composto:

– *O falastrão número um do UFC e rei das provocações gratuitas **tem pendurado** na parede de casa um diploma de graduação em Sociologia, pela Universidade de Oregon.*

Na verdade, há dois verbos e duas orações:

– *O falastrão número um do UFC e rei das provocações gratuitas **tem** um diploma de graduação em Sociologia, pela Universidade de Oregon, **pendurado** na parede de casa.*

Note que o particípio *pendurado*, que pode ser desenvolvido, se refere ao diploma: *"... diploma... <u>que está pendurado</u> na parede de casa".*

Emprego dos Tempos e Modos Verbais

Antes de qualquer coisa, saiba que todo ano este assunto cai nas bancas de mais prestígio atualmente: FCC, Esaf e Cespe/UnB. Estude!

Os diferentes **tempos verbais** atendem a necessidades distintas dos falantes. Eles indicam o momento em que o falante quer situar os fatos. Os **modos verbais** vão exprimir, normalmente, certeza (indicativo), incerteza (subjuntivo) e ordem (imperativo).

Vejamos primeiramente os tempos do modo indicativo, depois os do subjuntivo e, em seguida, falaremos do modo imperativo.

Obs.: Por favor, fique ligado nos tempos compostos correspondentes aos tempos simples! Tal correspondência é abordada em questão de prova. Preste atenção!

O Modo Indicativo

Os verbos no modo indicativo aparecem em orações coordenadas e orações principais, normalmente, mas podem figurar nas orações subordinadas também. Caso queira entender melhor o conceito de oração (e seus tipos), recorra ao capítulo de sintaxe.

Presente

1) Indica um fato que ocorre no momento em que se fala.

– ***Ouço*** *vozes estranhas que* ***vêm*** *lá de fora...*

– ***Estou ouvindo*** *música, e você?*

– *O Brasil* ***está jogando*** *contra a Argentina agora.*

2) Indica um fato habitual, corriqueiro, frequente.

– *Aos domingos,* ***vou*** *à missa.*

– *O galo sempre* ***canta*** *às 5 horas aqui perto.*

– *Você sabia que Pedro* ***fuma****?*

3) Indica um fato atemporal, uma verdade absoluta ou tomada como tal (aparece muito em ditados, máximas, leis etc.).

– ***Morre*** *todos os dias uma pessoa a cada 5 segundos.*

– *Água mole em pedra dura tanto* ***bate*** *até que fura.*

– *Deus* ***é*** *fiel!*

4) Indica um fato que já se iniciou e dura até o presente momento da declaração.

– *Os cientistas* ***estudam*** *a cura da AIDS ainda.*

– *A homofobia* ***vem proliferando*** *nas grandes cidades.*

– *Por que você, desde a madrugada,* ***assiste*** *a tantos programas de celebridades?*

Cuidado!!!

1) **O presente do indicativo pode ser usado no lugar do pretérito perfeito do indicativo**. Neste caso, ele é chamado de **presente histórico**, pois torna recente um fato passado, como se o estivesse atualizando a fim de torná-lo mais vivo. A ideia é aproximar, portanto, um fato passado à realidade imediata do interlocutor. Isso ocorre muito nas manchetes de jornais, nos livros didáticos de história e, principalmente, nas narrações, quando o narrador quer imprimir maior realidade à história, como se estivesse presenciando um fato.

   – *Flamengo **vence** (= venceu) o Vasco por 3x2 no Maracanã, em jogo disputadíssimo.*

   – *Em 1500, os portugueses **chegam** (= chegaram) ao nosso futuro Brasil e **começam** (= começaram) a explorar o local.*

   – ***É** (= Foi) nesse momento que o governo **começa** (= começou) a oprimir o povo.*

Veja uma questão sobre isso:

19. (FGV – PC/RJ – Piloto Policial – 2011) "*Fevereiro de 1876. O falido rei d. Luís I vasculha os cofres portugueses à procura de joias e outras peças de valor que possam ser vendidas para pagar dívidas. Na busca, ele encontra uma pepita de ouro de pouco mais de 20 quilos, do tamanho de um melão. Esquecida por décadas nos Tesouros Reais, a pedra retirada de solo brasileiro é o último remanescente de uma época de riqueza incalculável para o velho império lusitano*."

No fragmento acima, retirado do livro *Boa ventura – a corrida de ouro no Brasil (1697-1810)*, de Lucas Figueiredo, há uma parte inicial do modo de organização narrativa. Sobre esse segmento narrativo pode-se dizer que:

a) há um erro na escolha dos tempos verbais, pois, após localizar o fato narrado em 1876, o narrador emprega o presente do indicativo em *vasculha, encontra*. (Aqui a banca tenta te enrolar!)

c) a indicação de localização espacial e temporal dos fatos narrados procura dar mais verossimilhança ao que é relatado. (Gabarito!)

2) Além disso, **o presente pode ser usado no lugar do futuro do presente** para tornar o futuro mais próximo da realidade do falante, como se demonstrasse maior convicção de que o fato futuro vai se realizar, ou, como diz Celso Cunha, "empresta a certeza da atualidade a um fato por ocorrer".

   – ***Viajo** (= Viajarei) amanhã para SP, mas fiquem calmos, que eu **volto** (= voltarei) logo.*

3) **O presente pode substituir o futuro do subjuntivo** para impor mais certeza à declaração.

   – *Se alguém **precisa** (= precisar) de ajuda, posso ajudar.*

   – *Se não **existe** (= existir) esforço, não **existe** (= existirá) progresso.*

Note que, no segundo exemplo, o presente do indicativo substitui o futuro do subjuntivo e o futuro do presente do indicativo, uma vez que há correlação correta entre tais tempos futuros.

4) Às vezes, **o presente substitui a forma imperativa** para demonstrar mais polidez ou suavização de um pedido.

– *João, você me **serve** (= sirva-me) um cafezinho? Obrigado.*

– ***Quer** sentar-se?*

Vale dizer ainda que este tempo verbal é o tempo da certeza, da convicção, do fato, por isso mesmo muito usado nas dissertações argumentativas, em que se defende uma tese com uma tônica de verdade. Falarei mais sobre isso no tópico *Valor Discursivo*.

Essa substituição de um tempo verbal por outro se chama **enálage** (é uma figura de linguagem).

Pretérito Perfeito

1) Indica um fato ocorrido e concluído antes do momento em que se fala.

– *O Rock'n Rio **foi** um sucesso.*

– ***Comi** uma pizza deliciosa na zona sul.*

– *Nossa seleção **conquistou** mais um título mundial.*

2) Indica um fato já ocorrido cujos efeitos perduram até o presente.

– *A televisão me **deixou** confuso com tanta notícia conflitante.*

– *Foi na Igreja que eu **aprendi** a diferença entre o sim e o não.*

– *Naquele instante eu **soube** que você era a mulher da minha vida.*

3) Indica um fato atemporal, habitual (normalmente em máximas e ditados)

– *Quem **comeu** a carne, que roa os ossos.*

– *Aquele que **nasceu** para a forca não morre afogado.*

– *Quem **pariu** Mateus que o balance.*

Cuidado!!!

1) Frequentemente se usa o pretérito perfeito no lugar do pretérito mais-que-perfeito sem que isso implique mudança de sentido. Isso ocorre em orações temporais, segundo Bechara e Sacconi.

– *Depois que **viu** (= vira) a discussão dos pais, decidiu sair de casa.*

2) O pretérito perfeito pode substituir o presente para indicar ligeireza; normalmente isso acontece em linguagem informal, na internet, por exemplo.

– *"Você já está indo?" "**Fui!**"*

3) O pretérito perfeito pode substituir o imperativo para estimular o interlocutor; muito usado em propagandas.

– *"**Achou**, **ganhou**!"*

4) Pretérito perfeito composto do indicativo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **presente do indicativo + particípio**, indicando

fato que se inicia no passado e vem ocorrendo até o momento da declaração.

– *Eu **tenho estudado** muito.*

– *Nós **temos feito** todos os exercícios propostos.*

Não equivale à forma de pretérito perfeito simples, ou seja, ninguém diria que "Eu tenho estudado muito." equivale a "Eu estudei muito.", pois *estudei* indica que o fato já cessou, muito diferente de *tenho estudado*, que indica uma duração de um fato. Na verdade, a forma composta (por exemplo, *tenho estudado*) pode ser equiparada ao presente do indicativo do tempo simples (estudo ou estou estudando).

Bem interessante é o que diz Luiz Antonio Sacconi: "A forma composta é usada ainda para confirmar-se uma ordem, ou ao concluir-se um discurso. Ex.: ***Tenho lido***. ***Tenho concluído***. ***Tenho dito*** (acréscimo meu).".

No entanto... como nem tudo são flores... veja estas recentes questões polêmicas:

25. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) *Já tenho lido que ele usa uma língua misturada de italiano e português.*

No segmento grifado acima, Antonio Candido usou determinada forma verbal que poderia ser substituída, sem prejuízo para correção e a lógica, por:

a) li. (Gabarito!)
b) lia.
c) lera.
d) leria.
e) leio.

Marcou a e)? Pois é... errou. Por causa do advérbio de tempo *já*, a ideia de "ler" indica passado concluído, por isso a FCC considerou que a forma composta *tenho lido* equivale não a "leio", mas à forma simples "li", ou seja, a frase em questão equivale a "Já li que ele usa uma língua misturada de italiano e português.".

Leia o seguinte texto

A oferta total de crédito na economia brasileira dobrou nos últimos oito anos. A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito. Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e tem sido um dos principais dínamos do PIB.

8. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Provoca-se erro gramatical e/ou incoerência textual ao fazer a seguinte alteração nos verbos do fragmento acima.

b) têm contribuído em lugar de "contribuíram" (l. 3).
e) dobrara em lugar de "dobrou" (L.2). (O gabarito!)

O gabarito é a letra e) porque o pretérito mais-que-perfeito do indicativo (*dobrara*) nunca pode substituir o pretérito perfeito do indicativo (*dobrou*), sem que haja consequente mudança de sentido.

Agora, como a opção b) não foi considerada errada, inferimos que o pretérito perfeito simples (*contribuíram*), dependendo do contexto, pode ser substituído pelo pretérito perfeito composto (*têm contribuído*). Vamos entender isso melhor, analisando o contexto.

Note que o primeiro período diz "nos últimos oito anos". Isso significa que até o momento

da declaração contida no primeiro período isso ainda vem ocorrendo, ou seja, dizer que "A oferta total de crédito na economia brasileira **dobrou** nos últimos oito anos." equivale a dizer que "A oferta total de crédito na economia brasileira **tem dobrado** nos últimos oito anos.". No período seguinte, usa-se a forma *contribuíram*, como se indicasse um passado concluído, mas não faz sentido concluirmos que os fatores contributivos para o aumento da disponibilidade de crédito cessaram, ou seja, não mais apresentam sua contribuição para o aumento da disponibilidade de crédito. O que corrobora tal interpretação é a manutenção do aspecto durativo pela forma de pretérito perfeito composto do período seguinte: "Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e **tem sido** um dos principais dínamos do PIB.". Ou seja, se o fato contido no segundo período **tem sido** um dos principais dínamos do PIB, é porque **tem contribuído** para tanto. Desse modo, os contextos anterior e posterior ao segundo período (A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito.) indicam que o fato de "contribuir" se iniciou no passado e se estende até o momento da declaração, equivalendo a "têm contribuído".
Questão polêmica, complexa e digna da Esaf. É por isso que a simples decoreba de correspondência entre tempos simples e compostos pode derrubar um.

Pretérito Imperfeito

Na lição de Celso Cunha, "Por expressar, normalmente, um fato inacabado, impreciso, em contínua realização na linha do passado para o presente, o imperfeito é o tempo que melhor se presta a descrições e narrações.". Às vezes, no discurso indireto livre, de que falarei a alguns capítulos, pode levar à confusão, propositadamente, o leitor: "João vira uma linda mulher passando por ele. **Queria**-a de verdade! Precisou abaixar a cabeça de vergonha.". Quem ***queria***, o personagem ou o narrador? Interessante, não é?

Mais interessante ainda é você nunca confundir o pretérito perfeito (passado concluído) com o imperfeito (passado contínuo, progressivo). Bem... vamos ao que interessa.

1) **Indica um fato passado que então era presente, mas não concluído, incompleto, ou que apresenta certa duração.**
   – *Betinho **lutava** pela erradicação da fome.*
   – ***Estávamos conversando** animadamente, mas fomos interrompidos.*
   – *Ao passo que **subia** o morro, **ia admirando** a paisagem.*

2) **Indica um fato passado em curso que indica simultaneidade, concomitância a outro fato.**
   – *A velhinha foi atropelada quando eu **atravessava** a rua.*
   – *À medida que as sombras **cobriam** o dia, eu **largava** o trabalho.*

– *Enquanto eu **estudava**, ela me **atrapalhava**.*

3) Indica um fato habitual, iterativo, repetitivo, uma ação contínua.

– *Impressionante! Eu **chegava**, ela **saía**.*

– *Eu **fazia** musculação todo santo dia.*

– *Em toda despedida, **era** uma choradeira.*

Obs.: Veja uma questão sobre isso:

17. (FCC – TRE/PR – Técnico Judiciário – 2012)... baleias, que <u>forneciam</u> o óleo dos lampiões e lamparinas, <u>caiu</u> drasticamente. (1º parágrafo)
O emprego das formas verbais grifadas acima indica, respectivamente,
a) ação contínua no passado e fato consumado. (Gabarito!)

4) Normalmente usado em narrações para marcar descrições ou ideias temporais passadas.

– ***Era** 2008, quando encontrei minha esposa. Ela **estava** linda! **Vestia** um lindo vestido florido.*

5) Indica um fato passado de maneira vaga, fantasiosa, própria do universo das crianças, do mundo das lendas, dos contos infantis.

– ***Era** uma vez um rei e uma rainha...*

Cuidado!!!

1) O pretérito imperfeito pode indicar polidez, gentileza, cortesia ao ser usado no lugar do presente do indicativo:

– *Você **podia** (= pode) me ajudar?*

– *Mãe, eu **precisava** (= preciso) muito falar contigo.*

2) Pode ser usado no lugar do futuro do pretérito, exprimindo um fato categórico ou a segurança do narrador em relação aos acontecimentos futuros.

– *Meu irmão João era um homem muito bom, pois ia levar seu sobrinho para os EUA. Lá meu filho **entrava** (= entraria) para uma boa escola, **formava**-se (formar-se-ia), e depois **virava** (= viraria) doutor, dando-me muito orgulho. No entanto, João faleceu antes disso tudo ocorrer.*

Exceto quando em correlação com o pretérito imperfeito do subjuntivo (este caso constitui registro coloquial).

– *Se ele me atendesse bem, eu **comprava** o produto dele.* (errado)

– *Se ele me atendesse bem, eu **compraria** o produto dele.* (certo)

Esta correlação cai muito em prova!

Pretérito Mais-Que-Perfeito

1) Indica um fato passado anterior a outro fato também passado.

– *Depois que ela me **pedira** um favor, tive de sair de casa.*

– *Todos já **almoçaram** quando chegamos.*

– *Mal **entráramos**, todos fizeram aquela cara de espanto.*

2) Indica um fato passado vago.

– *O aluno **obtivera** nota dez na prova, mas **pensáramos** que isso era impossível.*

3) Indica desejo, vontade, em frases optativas.

– *Quem me **dera** passar na prova!*

– ***Quisera** eu conquistar aquela vaga!*

– ***Tomara** que todos nos aceitem como funcionários.*

Cuidado!!!

1) O pretérito mais-que-perfeito pode ser usado no lugar do futuro do pretérito e do pretérito imperfeito do subjuntivo (normalmente em registro literário).

– *Que **fora** (= seria) a vida, se nela não **houvera** (= houvesse) lágrimas? (Alexandre Herculano)*

2) O pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo

A forma composta é preferência nacional! É muito raro usarmos as formas simples desse pretérito. Pois bem, a forma composta é formada de verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **pretérito imperfeito do indicativo + particípio**, exprimindo o mesmo que o pretérito mais-que-perfeito do indicativo simples.

– *Eu já **havia estudado** (= estudara) em PDFs, quando conheci o seu livro.*

– ***Havíamos pensado** (= Pensáramos) que ela não voltaria.*

Veja aqui uma questão sobre pretérito mais-que-perfeito composto:

8. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) *Ela queria fazer justiça a Mankiewicz, que caíra em esquecimento, enquanto Welles entrara para a história com a reputação de gênio maldito, frequentemente reivindicando para si as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro – embora Pauline jurasse que Welles não escrevera nem sequer uma linha do script.*

Outra redação para o trecho destacado, que preserva o sentido e a correção originais, é:

a) a despeito de Pauline jurar que Welles não **tinha escrito** nem ao menos uma linha do script. **(gabarito!)**

Comentário: Pode-se substituir tranquilamente a forma composta pela forma simples e vice-versa: ***escrevera* <> *tinha escrito***.

Futuro do Presente

1) Indica um fato posterior ao momento da fala, mas certo de ocorrer

– ***Passarei*** *na prova. Fato!*

– *Tu te* ***classificarás*** *tão logo, meu nobre.*

– ***Serei*** *um homem mais sério ao seu lado, mulher.*

2) Indica um fato futuro incerto, hipotético (em perguntas, normalmente).

– ***Serão*** *pessoas felizes as que moram na periferia?*

– ***Suportará*** *Maria toda a traição de João? Não perca no próximo capítulo.*

– *Ela* ***terá*** *seus quarenta anos, no máximo.*

Obs.: Falando em perguntas, não se esqueça das perguntas retóricas, em que o verbo no futuro do presente provoca uma reflexão: "E se a ingratidão ressuscita o aborrecimento até nos mortos, como **achará** amor nos vivos?" (Padre Antônio Vieira).

Cuidado!!!

1) Pode substituir o imperativo (em leis), denotando mais força na lei de modo que ela seja entendida e atendida atemporalmente.

– *Não* ***matarás****, não* ***cobiçarás****...*

2) É preferência nacional o uso da locução verbal formada pelo verbo auxiliar *ir* (no presente do indicativo) **+ infinitivo** a fim de substituir o futuro do presente simples:

– *"Eu* ***vou estudar*** *muito amanhã."* no lugar de *"Eu* ***estudarei*** *muito amanhã."*.

Obs.: Como já visto em locução verbal, a construção *haver* + *de* + infinitivo carrega uma ideia de futuro e intenção/desejo: "Eu hei de vencer (= vencerei)!". Caiu uma questão sobre isso recentemente:

6. (FCC – Pref./SP – Auditor-Fiscal do Município – 2012) O texto legitima o seguinte comentário:

e) (linha 4) Em hão de alimentar, a forma verbal exprime, além da ideia de futuro, a de que o evento é desejado. (Gabarito!)

3) O futuro do presente pode ser substituído pelo presente do indicativo, num registro menos formal. Note abaixo que o futuro do subjuntivo mantém correlação com o futuro do presente do indicativo. Tal construção cai muito em prova. Lembre-se, porém, de que o registro formal exige o verbo no futuro do presente.

– *Quando o inverno chegar, eu* ***quero*** *(= quererei) estar junto a ti.*

– *Se os políticos brasileiros pararem de roubar,* ***passo*** *(= passarei) a votar neles.*

4) Futuro do presente composto do indicativo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver no* **futuro do presente simples do indicativo + particípio**, exprimindo 1) um fato futuro anterior a outro fato futuro, 2) fato futuro já iniciado no presente ou 3) fato futuro incerto (em perguntas, normalmente).

– *Quando você chegar, eu já **terei partido**.*
– *Daqui a dois meses, **terei absorvido** informações valiosas.*
– ***Terá** Maria **sabido** a verdade sobre João?*

Futuro do Pretérito

1) Indica um fato posterior (normalmente hipotético) a um fato no passado

– *Disseram (fato passado) que ela **chegaria** (fato futuro) logo.*
– *Você me prometeu que **passaria** de ano.*
– *Jamais **trairíamos** nossos amigos, mesmo depois da falha deles.*

Obs.: Veja duas questões sobre isso:

10. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) *A voz nova e solitária em seguida iria encontrar obstáculos na publicação de seus outros livros.*

O tempo verbal empregado pelo autor na frase acima indica
a) ação posterior a outra, ambas localizadas no passado. (Gabarito!)

4. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) *Muitos anos depois, ele morreria num acidente de helicóptero, em Angra dos Reis, no Rio, e seu corpo desapareceria no mar para sempre.*

Com relação aos verbos grifados acima, é correto dizer que o emprego do tempo e modo em que estão conjugados indica:
a) Ação posterior à época de que se fala. (Gabarito!)
b) Incerteza sobre fato passado.
c) Ação ocorrida antes de outra passada.
d) Fato que depende de certa condição.
e) Forma polida de abordar um fato trágico.

2) Indica uma consequência hipotética, atrelada a uma condição, que não chegou a realizar-se.

– *Eu **levaria** uma bronca se não fizesse os exercícios.*
– ***Faríamos** os exercícios caso não fôssemos interrompidos.*
– *Se encomendassem os nossos produtos, não **estariam** reclamando.*

Obs.: Interessante é dizer que a frase "Contanto que ela estudasse (condição), **passaria** fácil." pode significar que ela não estudou, por isso não passou ou que, se ela estudasse, no futuro, a vaga estaria garantida.

3) Indica incerteza sobre fatos passados ou futuros (normalmente em perguntas).

– ***Seria** o sol o causador destas queimaduras?*
– *O homem **aguentaria** mais esta decepção causada pelo filho?*
– ***Haveria** dez bandidos envolvidos no assalto.*

Cuidado!!!

1) O futuro do pretérito pode substituir o presente do indicativo, indicando polidez:

– ***Pediria*** *(= Peço) que todos saíssem. Grato.*

2) Pode indicar **impossibilidade** diante de um juízo de valor:

– *Eu lá* ***beijaria*** *aquela boca!*

3) Futuro do pretérito composto do indicativo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver no* **futuro do pretérito simples do indicativo + particípio**, exprimindo os mesmos valores que o futuro do pretérito simples.

– ***Teria feito*** *(= Faria) diferente se tivesse tempo.*

O Modo Subjuntivo

Lembra a *Tia Teteca*, lá na escolinha onde você estudava, quando começou a ter aula de conjugação verbal? Ela falava assim:

– Alunos, para conjugar o presente do subjuntivo, coloquem o *que* antes da conjugação. Assim, olha o verbo amar: "Que eu ame, que tu ames, que ele a...".

– "Me"!

– Isso aí, muito bem, que ele "A-ME", que nós A-ME-MOS etc.!

– Agora o pretérito imperfeito do subjuntivo. Coloquem o *se* antes da conjugação. Assim, olha o verbo vender: "Se eu vendesse, se tu vendesses, se ele vendesse, se nós vendêssemos, se vós..."

– "VENDÊSSEIS"!

– Muito bem, alunos! E olha que a 2ª pessoa do plural não é mole, hein!

– Vai. Para fechar... o futuro do subjuntivo. Coloquem o *quando* antes da conjugação. Assim, olha o verbo partir: "Quando eu partir, quando tu partires, quando ele partir, quando nós partirmos, quando vós partirdes, quando eles parti..."

– "REM"!

– Que lindo! Estou emocionada...

Direto... do túnel... do tempo...

Agora, na boa, falando sério... baseando-me no conceituado gramático Adriano da Gama Kury, vejamos os tempos do modo subjuntivo, os quais normalmente aparecem em orações subordinadas ou em orações optativas, raramente em orações principais. Caso queira entender melhor o conceito de oração (e seus tipos), recorra ao capítulo de sintaxe.

Presente

Geralmente utilizado quando desejamos expressar **desejos, possibilidades, suposições, conselho, oposição,** cuja concretização pode depender da realização de um outro

acontecimento.

– *Deus te **guie**.*

– *Nada de cerimônias: **pensem** que estão em sua casa.*

– *Talvez a realidade **seja** mais forte que a ficção.*

– *Receio que **aconteça** o pior.*

– *É provável que **surja** outra oportunidade.*

– *É preciso que **estudemos** suficientemente.*

– *Quer **chova**, quer **faça** sol, sairei daqui.*

– *De todos as informações, **destaque**-se que a última é determinante.*

Cuidado!!!

1) É de observar que, na fala das pessoas incultas, aparece o indicativo em lugar do subjuntivo. É comum ouvir "O senhor quer que eu **faço**?", por "O senhor quer que eu **faça**?" (forma acertada).

2) Segundo Bechara, acertadamente, sempre que se trate de uma possibilidade, de uma eventualidade, e não de uma certeza, usa-se o subjuntivo. Compare-se:

– *O cidadão que **ama** sua pátria engrandece-a.* (realidade)

– *O cidadão que **ame** sua pátria engrandece-a.* (conjectura)

No entanto, não há problema, por via de regra, em orações subordinadas adjetivas, usar o indicativo pelo subjuntivo, logo ambas as frases acima apresentam construção correta.

3) Pretérito perfeito composto do subjuntivo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **presente do subjuntivo + particípio**, indicando normalmente desejo de que algo já tenha ocorrido ou um fato futuro já terminado em relação a outro.

– *Espero que você **tenha estudado** essas classes gramaticais.*

– *Quando chegarmos, é provável que a palestra já **tenha acabado.***

Obs.: É de observar a presença da palavra **que** antes de quase todas as formas do subjuntivo dos exemplos, o que nos leva a usá-la na conjugação desse tempo verbal: *que eu faça, que tu faças* etc.

Pretérito Imperfeito

Este tempo, que expressa normalmente uma hipótese (no passado, presente ou futuro), se usa nas orações subordinadas. Expressa uma condição não realizável quando vem junto a uma ideia condicional:

– *Como **fizesse** (= fazia) parte da família há muito tempo, cometia certos abusos*.*

– *Ainda que **cobrisse** todas as despesas da casa, a mulher reclamava.*

– *Não admitia que se **fizesse** greve.*

– *Qualquer pessoa que **refletisse** votaria em outro candidato.*

– *Era provável que **surgisse** outra oportunidade.*

– *Proibiu que **revelassem** o acordo.*

– *Para que tudo **saísse** de acordo com o combinado, fizemos um contrato.*

– *Se **tivesses** paciência, obterias o que pretendes. (... mas não teve, logo nada obteve).*

* Nas orações que exprimem causa, o pretérito imperfeito do subjuntivo pode ficar no lugar do pretérito imperfeito do indicativo.

Cuidado!!!

1) É digna de nota a seguinte observação: o pretérito imperfeito do subjuntivo se correlaciona com o futuro do pretérito e não com o pretérito imperfeito do indicativo:

– *Desde que eu **completasse** as 300 horas de estágio, conseguiria pegar o diploma (e não conseguia).*

2) Pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **pretérito imperfeito do subjuntivo + particípio**, exprimindo, normalmente, o mesmo valor que o pretérito imperfeito do subjuntivo simples.

– *Teríamos ficado aqui, se você não **tivesse arrumado** problemas.*

Obs.: Nunca é demais falar o óbvio: perceba que a frase anterior, por causa do tempo composto, remete a ação obrigatoriamente para o passado. Note que a frase "Se eu tivesse dinheiro, **faria** um curso." é completamente diferente de "Se eu tivesse dinheiro, eu **teria feito** um curso.". Na primeira frase, há a possibilidade de transportarmos a hipótese para o futuro, o que não acontece na segunda frase, que só tem ideia de passado hipotético.

Futuro

Exprime uma ocorrência futura possível, eventual, normalmente. É um tempo verbal que ocorre sobretudo com orações iniciadas com conjunção temporal ou condicional, mas pode aparecer nas orações adverbiais que exprimem conformidade ou proporcionalidade (simultaneidade):

– *Quando **puderes**, vem visitar-nos.*

– *Assim que ele se **desocupar**, virá atendê-lo.*

– *Se (ou caso) ele **puder**, trará o livro.*

– *Escrevam como **quiserem**.*

– *Quanto maior **for** o tamanho do bicho, maior será sua queda.*

Cuidado!!!

1) Futuro composto do subjuntivo

Verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **futuro do subjuntivo simples + particípio**, exprimindo o mesmo valor que o futuro do subjuntivo simples.

– *Assim que você **tiver terminado** sua leitura, descanse um pouco.*

2) Nas orações subordinadas adverbiais temporais introduzidas por *antes que, assim que, até que, enquanto, depois que, logo que*, quando ocorrem nas indicações de possibilidade (e não de realidade, caso em que ocorre o indicativo), usa-se o subjuntivo:

– *Cuide dessa gripe, antes que ela se **transforme** em pneumonia.*

– *Amar-te-ei até que a morte nos **separe**.*

– *Enquanto o mundo **for** mundo, não te esquecerei.*

– *Só sairei depois que ele **chegar**.*

– *Logo que **termine** esta carta, vou atendê-lo.*

Compare:

– *Assim que **terminou** a carta, foi atendê-lo.*

– *Amaram-se até que a morte os **separou**.*

– *Nosso amor foi grande enquanto **durou**.*

(Nessas três frases, não se trata de uma eventualidade, mas de um fato real, acontecido, por isso o verbo está no indicativo.)

O Modo Imperativo

O uso do imperativo depende muito do tom de voz. O que pode parecer às vezes polido, como "**Faz** o favor de chegares aqui.", pode, dependendo da entonação, implicar deboche ou outro aspecto.

Nunca é demais dizer que a triste realidade de muitos casais está no uso do imperativo ao longo do relacionamento. Começa-se com um "***Passe*** o sal, por favor, amor.", depois "***Passe*** o sal, por favor.", depois "***Passe*** o sal!", depois "***Passe*** a droga do sal, seu imbecil!". E por aí vai...

Vamos ao que interessa...

1) Usado para expressar ordens, conselhos, exortações, pedidos, súplicas etc. Muito presente no gênero textual propaganda.

– ***Faça** já o dever de casa!*

– *"Que é que estava lendo?" "Não **diga**, já sei, é o romance dos Mosqueteiros." (Machado de Assis)*

– ***Estude** mais, isso fará seu futuro melhor.*

– ***Perdoai*** *as nossas ofensas, assim como...*

– *Por favor,* ***venha*** *comigo!*

Exemplo inesquecível de verbo no imperativo é aquele da propaganda do chocolate *Baton*: "COMPRE BATON, COMPRE BATON, COMPRE BATON, SEU FILHO MERECE BATON!"

2) O imperativo é normalmente usado com valor condicional em frases do tipo: *"**Trabalhe**, e será bem-sucedido." e "**Siga-**me, e terás o reino dos céus.".*

3) A locução verbal formada pelos auxiliares *ir/vir* no imperativo negativo + infinitivo realça a ideia de ordem, inclusive com tom ameaçador.

– *Nem* ***venha*** *me* ***dizer*** *que estava estudando, seu falso!*

4) Como bem nos ensina Celso Cunha, a língua nos oferece outros meios, digamos assim, para substituir o imperativo ou apresentar um tom imperativo (ordem, pedido etc.):

– ***Fogo****!* ***Avante****!* ***Silêncio****!* ***Mãos ao alto****!* (frases nominais)

– *Você* ***fica*** *no meu time.* (presente)

– ***Podia*** *chegar cedo amanhã?* (imperfeito do indicativo, para atenuar o pedido)*

– *Vocês* ***ficarão*** *aqui!* (futuro do presente)

– *Que tal se você* ***calasse*** *a boca e* ***fizesse*** *a questão?* (imperfeito do subjuntivo)

– *Favor não* ***sobrecarregar*** *o elevador.* (infinitivo)

– ***Circulando****, vagabundo,* ***circulando****!* (gerúndio)

* Para atenuar a ordem contida no uso do imperativo, os falantes da língua costumam usar certas expressões de cortesia ou polidez acompanhando os verbos: *por favor, por gentileza, tenha a bondade de, digne-se de...*

Obs.: O imperativo é tão interessante que pode indicar hipótese, a depender do contexto. Veja uma questão sobre isso: FAPERP – CAESB – Analista de Sistemas – 2012 – QUESTÃO 5.

Correlação Verbal

A **correlação entre tempos e modos verbais**, ou **uniformidade modo-temporal**, se dá por meio da ligação semântica entre os verbos de um período composto por subordinação de modo que haja uma harmonia de sentido na frase em que os verbos se encontram.

Imagine a seguinte frase: "Caso eu ***tivesse*** dinheiro, ***faço*** um curso.".

O que você diria dela? Há uma boa relação de sentido entre os verbos dessa frase? O verbo *ter* está no pretérito imperfeito do subjuntivo (*tivesse*), indicando hipótese, certo? O outro verbo, *fazer*, está no presente do indicativo, indicando certeza e ação atual, certo? Podemos misturar hipótese e certeza na mesma frase? Faz sentido? NENHUM!

Bem, acho que você já começou a entender. É preciso que determinados tempos e modos verbais se complementem na frase para que ela tenha um sentido harmônico, e isso se deve muito à **correlação entre tempos e modos verbais**. Veja como a frase acima deveria ficar, para haver harmonia de sentido:

– *Caso eu **tivesse** dinheiro, **faria** um curso.*

"Tivesse: hipótese. Faria: hipótese. Ah...! Agora sim...! Entendi, Pestana!"

É isso aí, meu nobre! Para haver harmonia é preciso que haja "dobradinhas" harmônicas entre os tempos verbais e os modos verbais.

Existem três modos verbais: **indicativo** (certeza, fato), **subjuntivo** (incerteza, hipótese) e **imperativo** (ordem, pedido). Existem três noções temporais: **passado** (pretérito perfeito/imperfeito/mais-que-perfeito), **presente** e **futuro** (presente/pretérito).

Vamos ao que interessa? Além de dois verbos de mesmo tempo e mesmo modo poderem se "combinar", há outras "combinações" possíveis. Ah! Não é para ficar que nem um louco devorador de tabelas; perceba a relação de sentido entre os verbos.

Antes de qualquer coisa, saiba que este assunto é bem frequente em provas! Abordarei os principais casos de correlação verbal, ok?

Conheça algumas possibilidades de "dobradinhas" verbais para que você não erre mais questões desse tipo:

Iniciando, na oração principal, com o tempo **presente.**

- presente do indicativo + presente do indicativo
  Ex.: *Hoje eu **sei** que **tenho** chances com aquela mulher.*
- presente do indicativo + pretérito perfeito do indicativo
  Ex.: *Hoje eu **sei** que **tive** chances com aquela mulher.*
- presente do indicativo + pretérito perfeito composto do indicativo
  Ex.: *Hoje ela **sabe** que **tenho lutado** por nosso amor.*
- presente do indicativo + pretérito imperfeito do indicativo

Ex.: *Hoje **vejo** que naquela época eu **tinha** chances com ela.*

- presente do indicativo + pretérito mais-que-perfeito do indicativo
  Ex.: *Só hoje eu **percebo** que ela **tivera** dó de mim.*
- presente do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo
  Ex.: *Só hoje eu **percebo** que ela **havia demonstrado** pena de mim.*
- presente do indicativo + futuro do presente do indicativo
  Ex.: **Sei** que você me **apresentará** àquela mulher.
- presente do indicativo + futuro do pretérito do indicativo
  Ex.: ***Sei** que você me **apresentaria** a ela, se não fosse o acaso a atrapalhar.*

Iniciando, normalmente* na oração principal, com o tempo **pretérito.**

- pretérito perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do indicativo
  Ex.: ***Notei** que você **ia** me apresentar àquela mulher.*
- pretérito perfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito do indicativo
  *Ex.: **Notei** que você o **apresentara** àquela mulher.*
- pretérito perfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo
  *Ex.: **Notei** que você o **havia apresentado** àquela mulher.*
- pretérito perfeito do indicativo + futuro do pretérito do indicativo
  *Ex.: **Disseram** que ela **seria apresentada** a mim.*
- pretérito imperfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo
  *Ex.: **Queria** que ela **tivesse sido apresentada** a mim.*
- pretérito mais-que-perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do subjuntivo
  *Ex.: **Apelara** que você me **apresentasse** àquela mulher.*
- pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito do indicativo
  *Ex.: *Se eu **passasse** por ela, **apresentaria** a você.*
- pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito composto do indicativo
  *Ex.: *Se eu **passasse** por ela, **teria apresentado** a você.*
- pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo + futuro do pretérito composto do indicativo
  *Ex.: *Se eu **tivesse passado** por ela, **teria apresentado** a você.*

Obs.: A grande verdade é que o verbo da subordinada substantiva pode estar em todos os tempos verbais do indicativo quando o verbo da principal estiver nos tempos pretéritos do indicativo. São muitas as possibilidades de correlação: "Ele **soube/sabia/soubera** que a escola **defende/defendeu/defendia/defendera/defenderá/defenderia** os

alunos.”.

Iniciando, na oração principal, com o tempo **futuro.**

- futuro do pretérito + pretérito imperfeito do subjuntivo
  *Ex.: **Desejaria** que me **apresentasse** àquela mulher.*
- futuro do pretérito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo
  *Ex.: **Gostaria** que você **tivesse visto** àquela mulher.*
- futuro do presente do indicativo + pretérito perfeito do indicativo
  *Ex.: Nós **obteremos** aquilo que nos **propuseram**.*
- futuro do subjuntivo + futuro do presente indicativo/presente do indicativo
  *Ex.: Quando eu **passar** por ela, **apresentarei/apresento** a você.*
- futuro do subjuntivo + futuro do presente composto do indicativo
  *Ex.: Quando **chegarmos** até ela, já **terá ido** embora.*

Mais alguns detalhes importantíssimos...

1) Como não dá para abordar todas as correlações aqui, saiba o seguinte: quando o verbo da oração principal estiver no presente do indicativo, no futuro do presente e no imperativo, o verbo da oração subordinada poderá estar em qualquer tempo do indicativo (simples ou composto). Veja:

– *Será verdade que o professor explica/explicou/explicava/explicara/explicará/explicaria tudo certo?*

2) Quando o primeiro verbo da correlação, normalmente na oração principal, indicar desejo, vontade, pedido ou permissão e estiver no presente do indicativo, futuro do presente ou imperativo, o segundo verbo da correlação estará no presente do subjuntivo. Isso vale para os tempos simples e compostos. Caso se encontre em um dos pretéritos do indicativo ou futuro do pretérito, o segundo verbo da correlação estará no pretérito imperfeito do subjuntivo. Isso vale para os tempos simples e compostos.

– ***Espero** que ele **tenha** te **apresentado** àquela mulher.*
– *Eu **permitirei** que você **conheça** minha filha.*
– ***Faça** que ele **venha** logo.*
– *Ele **queria** que ela **viesse** agora.*
– *Nós **ordenamos** que não o **deixassem** ficar.*
– *Vós **tínheis aconselhado** que o **homem** não viesse.*
– *Eles **iriam pedir** que você não **fosse** embora.*

3) As correlações mais abordadas em provas de concursos públicos são estas (olho vivo!):

– **presente do indicativo + presente do subjuntivo**
*Ex.: Não **é** certo que você **assedie** as pessoas assim.*

– **pretérito perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do subjuntivo**
*Ex.: **Esperei** durante horas que você me **ligasse**.*

– **futuro do subjuntivo + futuro do presente do indicativo**
*Ex.: Quando os governantes **resolverem** ser honestos, **serei** o primeiro a elevá-los.*

– **pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito do indicativo**
*Ex.: Se **fôssemos** pessoas perfeitas, **cometeríamos** atos falhos?*

Obs.: Devem ser levados em conta os tempos simples e compostos em tais correlações, hein, por isso estude a correspondência entre os tempos simples e compostos!

4) O verbo *haver* também está sujeito à consecução dos tempos, a não ser em casos em que se deseja deixar claro determinado fato:

– *Ele **está** casado **há** dois meses.*
– *Ele **estava** casado **havia** dois meses.*
– *"**Há** dezessete anos, o progresso material **desconhecia** a precisão dos cafés."* (Camilo)

Agora, sim! E aí, curtiu? Tenha certeza de que este material, apesar de extenso, vai ajudar você em qualquer concurso.

Classificação dos Verbos

A classificação dos verbos depende de suas características morfossintáticas. Entenda melhor:

Regulares

Segue um paradigma (modelo) em que o radical e as desinências permanecem inalterados. A maioria dos mais de 11.000 verbos são regulares.

Ex.: *Eu **am**o, tu **am**as, ele **am**a, nós **am**amos, vós **am**ais, eles **am**am.*

Irregulares

Não segue um paradigma (modelo) regular. Percebe-se a irregularidade *normalmente* na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, pois o radical ou as desinências são alterados.

Ex.: *Eu **caib**o* (radical alomórfico)*, tu **cab**es, ele **cab**e, nós **cab**emos, vós **cab**eis, eles **cab**em. / Eu est**ou*** (desinência número-pessoal alomórfica)*, tu está**s**, ele está, nós esta**mos**, vós esta**is**, eles estã**o*** (desinência número-pessoal alomórfica). */ Eu **quis**, tu **quis**este, ele **quis**, nós **quis**emos, vós **quis**estes, eles **quis**eram.*

Cuidado!!!

1) Alguns irregulares *famosinhos*, dos quais você precisa conhecer a conjugação: *requerer, polir, sortir, estar, fazer, dar, vir, pedir, poder, ter, pôr, caber, ferir* (Eu firo, tu feres, ele fere, nós ferimos, vós feris, eles ferem).*

* Conjugam-se como ferir: *aderir, advertir, competir, convergir, divergir, despir, digerir, expelir, gerir, impelir, mentir, perseguir, repelir, sugerir, transferir, vestir.*

O verbo *polir* é interessante, porque a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo é igual à do verbo regular ***pular***: *pulo*. Dependendo do contexto, pode haver até ambiguidade: "Eu pulo esse carro.". Ou seja, o cara *vai polir* o carro ou *vai pular* o carro? Como não é possível conjugar todos os verbos nesta gramática, recomendo que consulte um bom dicionário para saber mais.

2) Certos verbos sofrem alterações no radical para que seja mantida a regularidade sonora: *corrigir (corrijo), fingir (finjo), embarcar (que eu embarque), tocar (que eu toque)...*; tais alterações não tornam o verbo irregular, logo **são regulares**.

3) É bom dizer também que um verbo pode apresentar irregularidade em algumas partes da conjugação e, em outras, regularidade. Por exemplo, o verbo ***poder***, no presente do indicativo, apresenta irregularidade na 1a pessoa do singular (Eu posso); nas demais pessoas, regularidade (Tu podes, Ele pode, Nós podemos, Vós podeis, Eles podem). Isso não significa que ele deixa de ser irregular.

Anômalos

Apresenta mais de um radical diferente; existem dois apenas: ***ser*** e ***ir***. O verbo *ser* tem origem nos verbos latinos *esse* e *sedere*, e, por isso, apresenta radicais diferentes. Já o verbo *ir* provém de outros verbos latinos, como *ire* e *vadere*. Os iniciados com **f-** sofreram alomorfia.

Ex.: *Eu **s**ou, tu **é**s... eu **fu**i... eu **er**a... (que) eu **sej**a... (se) eu **fo**sse... (quando) eu **fo**r...*

Cuidado!!!

1) Esses dois verbos são idênticos na conjugação dos seguintes tempos: pretérito perfeito do indicativo (*fui, foste...*), pretérito mais-que-perfeito do indicativo (*fora, foras...*), pretérito imperfeito do subjuntivo (*fosse, fosses...*) e futuro do subjuntivo (*for, fores...*). Só conseguimos identificar um ou outro pelo contexto.

Ex: ***Fui** sargento durante cinco anos. (ser) / **Fui** à praia pela manhã. (ir)*

2) Alguns gramáticos consideram também que os verbos ***ser*** e ***ir*** são ***irregulares*** e que outros verbos (pôr, vir, estar, haver) são anômalos, mas isso não tem relevância em concurso.

Defectivos

São aqueles que não apresentam conjugação completa. Tal "defeito" ocorre no presente do indicativo e do subjuntivo e no imperativo. Por isso, mesmo defectivo, o verbo poderá ser conjugado **inteiramente** nos outros tempos e modos verbais. Os defectivos são estes (destaco os que mais aparecem em prova, até porque isso é uma gramática, não um dicionário):

- Verbos que só não possuem a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e, consequentemente, nenhuma das pessoas do presente do subjuntivo nem as formas do imperativo negativo, nem a 3ª pessoa do singular, 1ª pessoa do plural e 3ª pessoa do plural do imperativo afirmativo:
  abolir**, aturdir, **soer**, banir, colorir (colorar não é defectivo), delinquir, demolir, **emergir/imergir (polêmico; veja a conjugação dele mais à frente em *Verbos Notáveis*), *explodir, feder* (polêmica: o dicionário Aulete entende que é regular), *haurir, puir, ruir, exaurir, retorquir, extorquir, ungir, **viger**...*

- Verbos que, no presente do indicativo, só se conjugam nas 1ª e 2ª pessoas do plural, não possuindo forma alguma no presente do subjuntivo nem no imperativo negativo; só há a 2ª pessoa do plural do imperativo afirmativo:
  precaver-se**, **reaver**, **adequar* (polêmica: segundo o dicionário Houaiss, tem

conjugação completa: *adéquo, adéquas, adéqua... ou adequo, adequas, adequa.* – com o **u** tônico)*, aguerrir, combalir,* ***falir****, florir,* ***remir****, ressarcir...*

* Consulte: CESPE – CÂMARA DOS DEPUTADOS – ANALISTA – 2012 – QUESTÃO 4.

- Os que só aparecem na 3a pessoa do singular (chamados de ***unipessoais***):
  - – todos os **impessoais**, só nas orações sem sujeito (veremos mais sobre eles no capítulo de Termos Essenciais da Oração): haver, ter, fazer, ser, ir + para, bastar/chegar + de, estar e os que indicam fenômenos naturais (sentido denotativo);
  - – normalmente os verbos da oração principal de uma oração subordinada substantiva subjetiva (falarei mais sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas*, em *Sintaxe*): *cumprir, importar, convir, doer, prazer* (*aprazer* e *comprazer* têm conjugação completa), *parecer, saber, surtir* etc.;
  - – os verbos **onomatopaicos** e outros podem aparecer também na 3ª pessoa do plural: *cacarejar, coachar, zunir, miar, rugir, latir, surtir* etc.

Dever de casa: procure a conjugação desses verbos em bons dicionários!

- Apesar de o dicionário Houaiss e o gramático Bechara dizerem que *computar* é regular, todos os gramáticos que consultei dizem que ele é defectivo por causa da sonoridade (digamos assim... "erótica"), não apresentando as 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular, respectivamente: *eu computo, tu computas, ele computa*. Espero que ninguém me critique por dizer a verdade, nada mais que a verdade... Ah! Nem vou dizer como se conjuga *sacudir*, que estranhamente é considerado regular, por mais que a 1ª p. s. do presente do indicativo também tenha uma sonoridade peculiar. Coisas da língua portuguesa...

Obs.: Não são defectivos: ***caber****,* ***valer****,* ***redimir****,* ***polir****,* ***sortir****, rir, escapulir, entupir, sacudir*.

Abundantes

Possuem duas ou mais formas na mesma parte da conjugação. Geralmente isso ocorre no particípio.

Ex.: *havemos* ou *hemos, haveis* ou *heis (haver); construis* ou *constrói*s *(construir); destruis* ou *destrói*s *(destruir); comprazi* ou *comprouve (comprazer-se)* etc.

Obs.: ***Obstruir*** não é abundante como *construir* e *destruir*. Não existe *obstrói*! Como já

dizia o cômico Sacconi, “Se o zagueiro ‘**obstrói**’ a passagem do atacante, é falta.”.

Celso Cunha diz que os verbos *dizer*, *fazer* e *trazer*, na 2.ª pessoa do singular, apresentam no imperativo afirmativo duas formas: *dize* ou *diz, faze* ou *faz, traze* ou *traz*. O verbo *requerer* também entra nesse time.

Sobre os particípios duplos:

As formas regulares (particípio terminado em **-ado** ou **-ido**) são empregadas na voz ativa com os verbos auxiliares *ter* ou *haver*:

*Eu havia **pagado** o banco.*
*O banco havia **aceitado** o cheque.*
*Já havíamos **limpado** a casa.*
*Tenho **aceitado** trabalhos demais este ano.*
*Ainda não tínheis **acendido** a vela.*
*Ele tinha me **salvado** uma vez.*
*Ela tinha **pegado** pena perpétua.*
*O padre havia **benzido** o lugar.*
*Você podia ter **imprimido** o material antes.*
*Tínheis **entregado** vossa dignidade a outrem?*

As formas irregulares (particípio **não** terminado em **-ado** ou **-ido**) são usadas na voz passiva com os auxiliares *ser, estar* ou *ficar*, normalmente, ou com a locução de tempo composto na voz passiva (*ter/haver + sido + particípio irregular*); podem variar em gênero e número:

*Eu sou **pago** pelo banco.*
*O cheque foi **aceito** pelo banco.*
*A casa ficou **limpa** pela empregada.*
*Meus trabalhos foram **aceitos** pela agência.*
*A vela será **acesa** pelo coroinha.*
*O homem estava **salvo** por ele.*
*O ladrão foi **pego** em flagrante.*
*O fiel era **bento** pelo padre.*
*Aquele documento enfim ficou **impresso**.*
*Vossa dignidade tinha sido **entregue** por vós a outrem?*

Informações Importantes

1) Os verbos *trazer, chegar, abrir, cobrir* e *escrever* não são abundantes. Logo, as únicas formas no particípio são, respectivamente: *trazido, chegado, aberto, coberto, escrito*. Pelo amor de Deus! As formas *trago* e *chego* não são admitidas no registro culto da língua.

– *Ele tinha **chegado** tarde.* E não: *Ele tinha **chego** tarde.*

– *O pacote foi **trazido** na hora certa.* E não: *O pacote foi **trago** na hora.*

Obs.: *Chego* e *trago* são formas de 1ª pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos *chegar* e *trazer* (ou *tragar*, cujo único particípio é *tragado*).

2) O verbo *vir* tem como particípio *vindo*, a mesma forma que seu gerúndio, assim como seus derivados: *advindo, intervindo, provindo, sobrevindo*.

3) Não são poucos os estudiosos a dizer que os verbos *pagar, ganhar* e *gastar* podem ficar na forma regular ou irregular depois de *ter* ou *haver*:

– *Eu tinha **pagado/pago**.*

– *Eu tinha **ganhado/ganho**.*

– *Eu tinha **gastado/gasto**.*

Obs.: Consulte: FCC – MPE/SE – ANALISTA – 2009 – QUESTÃO 20.

4) Muitos verbos no particípio irregular se transformaram em verdadeiros adjetivos ou substantivos: *café **expresso**, o **expresso**, vinho **tinto**, um **tinto**, homem **cego**, o **cego**, roupa **seca**, a **seca**...*

Pronominais

Um **verbo pronominal** é aquele que está sempre acompanhado de um pronome, o qual pode apresentar valor reflexivo, valor recíproco ou ser mera "parte integrante do verbo". Já vimos sobre pronome **reflexivo** e **reflexivo recíproco** em voz verbal. Agora conheça os verbos **essencialmente pronominais**.

Os **essencialmente pronominais** são verbos que não podem ser conjugados sem a presença do pronome oblíquo átono com função de parte integrante do verbo. É como se este pronome fizesse parte do radical. Por exemplo, segundo a norma culta, ninguém diz: "Ele queixou do patrão.", mas sim "Ele queixou-**se** do patrão.". Percebeu? Não é possível conjugar um verbo pronominal sem sua parte integrante.

Fiz questão de pesquisar um por um (quase 400 verbos!) no *Dicionário de Verbos e Regimes*, de Francisco Fernandes, e no *Dicionário Prático de Regência Verbal*, de Celso P.

Luft. Alisto aqui apenas alguns recorrentes em provas, os quais, normalmente, indicam sentimento e mudança de estado: *arrepender-se, atrever-se, candidatar-se, dignar-se, engalfinhar-se, esforçar-se, persignar-se, queixar-se, refugiar-se, suicidar-se* etc.

Obs.: Veja uma questão sobre isso:

(Cesgranrio – Petrobras – todos os cargos (Superior) – 2010)

Em "... de que você possa arrepender-**se**" (título), o pronome destacado é parte integrante do verbo. Em qual das frases a seguir o "se" também é parte integrante do verbo?
a) Ninguém se queixou de problemas maiores. (Gabarito!)

Pense se estas frases refletem o uso da língua: *"Eu apaixonei pelo professor.", "Nós queixamos do professor.", "Ela suicidou do prédio."*.

Se sua resposta foi "não", parabéns! Está faltando o quê? O pronome oblíquo átono, pois o verbo é **pronominal**, ora... as frases adequadas ficam assim, portanto: *"Eu apaixonei-**me** pelo professor."; "Nós **nos** queixamos do professor.", "Ela suicidou-**se** do prédio."*. *Simples assim.*

Por outro lado, cuidado com os verbos *esquecer* e *lembrar*, pois, dentre outros, eles podem ser **acidentalmente pronominais**. Ou seja, quando são transitivos indiretos, normalmente, passam a ser conjugados com a presença da parte integrante do verbo. Ok? Veja o que quero dizer com isso: *"Ela esqueceu a informação* (VTD)*."* ou *"Ela esqueceu-se da informação* (VTI)*."*. Quando esses dois verbos (*lembrar* e *esquecer*) forem pronominais, exigirão um complemento preposicionado; percebe?

Importante: os pronomes desses verbos, por serem parte integrante do verbo, não exercem função sintática alguma.

Enfim, dizemos que tais verbos são **acidentalmente pronominais**, pois podem ser conjugados ora com a presença do pronome, ora sem. Veja alguns: *apoderar-se, alegrar-se, concentrar-se, tratar-se, sentar-se, levantar-se, ajoelhar-se, enganar-se, comportar-se, indignar-se, orgulhar-se, precaver-se* etc.

Os reflexivos também são **acidentalmente pronominais**, só que com "sutis" diferenças. Veja em seguida.

Reflexivos

Os verbos reflexivos são um subtipo de verbos pronominais, porque são conjugados com um pronome oblíquo átono também. No entanto, como são transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos, sempre acompanhados de pronomes reflexivos, os quais exercem

obrigatoriamente função sintática de objeto direto ou indireto, são postos à parte, como verbos reflexivos.

Segundo Bechara, o verbo reflexivo "faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou": "Ela sempre ***se anula.***". Diz-se que o pronome reflexivo, que acompanha tal verbo, é também recíproco quando há mais de um ser no sujeito e o verbo se encontra no plural: "Eles ***se falam*** por e-mail.". Mas já falei sobre isso em voz reflexiva e no capítulo de pronomes (sobre o ***se***), lembra? Confira!

Vicários

Verbos vicários são aqueles que substituem outros verbos, evitando a repetição. Normalmente são vicários os verbos *ser* e *fazer*. Normalmente vêm acompanhados de um pronome demonstrativo *o*. Entenda:

– *João vinha muito aqui, mas há anos que não o* ***faz.*** (*o faz = vem aqui*)

– *Se você não luta* ***é*** *porque tem medo.* (*é = não luta*)

Obs.: O verbo *ser* é especial, pois pode ser expletivo, ou seja, pode servir apenas para realçar um termo ou uma expressão. Assim sendo, pode ser retirado da frase sem prejuízo sintático ou semântico. Veja: "Ele falou ***é*** de Português, não de Matemática.". Note que o verbo ser pode ser retirado sem problema algum da frase: "Ele falou de Português, não de Matemática.". É importante dizer que tal verbo pode vir numa expressão junto com a também palavra expletiva *que*: "Ele ***é que*** falou de Português, não de Matemática." / "**Foi** ele **que** falou de Português, não de Matemática.". / "**Foram** os portugueses, os índios, os africanos e outros povos **que** tornaram o Brasil tão culturalmente plural.". O verbo *ser* expletivo não constitui oração, portanto, em todos esses exemplos anteriores, só há uma oração!

Paradigmas (Modelos) de Conjugação Verbal

É muito comum (!) as provas de concurso cobrarem o conhecimento da conjugação (tempos, modos, números e pessoas) de alguns verbos. Como a maioria deles é regular, sempre seguem um paradigma (modelo) na conjugação. Antes de tudo, porém, é bom antecipar alguns detalhes para você.

Na conjugação dos verbos, normalmente há esta estrutura: **radical + vogal temática + desinência modo-temporal + desinência número-pessoal**. Não obstante, alguns desses elementos não aparecem em toda a conjugação. Recomendo, por isso, que você releia a parte de estrutura verbal. Ok? Digo isso porque muita gente pensa que, por exemplo, a forma *cante*, em "Espero que você *cante* melhor.", apresenta vogal temática **e**, quando, na verdade, este **e** se trata de uma desinência modo-temporal. Parece bobagem, mas isso faz você identificar que o verbo está no presente do subjuntivo, e não em outro tempo verbal.

Caro leitor, aqui entre nós, baseie a conjugação de todo e qualquer verbo regular pelos verbos *amar* (1ª conjugação), *vender* (2ª conjugação) e *partir* (3ª conjugação). Beleza?

Veja o paradigma (modelo):

VERBO AMAR Indicativo							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
EU	**Am**	o	ei	ava	ara	arei	aria
TU	**Am**	as	aste	avas	aras	arás	arias
ELE	**Am**	a	ou	ava	ara	ará	aria
NÓS	**Am**	amos	amos	ávamos	áramos	aremos	aríamos
VÓS	**Am**	ais	astes	áveis	áreis	areis	aríeis
ELES	**Am**	am	aram	avam	aram	arão	ariam

VERBO AMAR Subjuntivo				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Am**	e	asse	ar
TU	**Am**	es	asses	ares
ELE	**Am**	e	asse	ar
NÓS	**Am**	emos	ássemos	armos
VÓS	**Am**	eis	ásseis	ardes
ELES	**Am**	em	assem	arem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Am	ar	ando	ado

VENDER Indicativo							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**

EU	**Vend**	o	i	ia	era	erei	eria
TU	**Vend**	es	este	ias	eras	erás	erias
ELE	**Vend**	e	eu	ia	era	erá	eria
NÓS	**Vend**	emos	emos	íamos	êramos	eremos	eríamos
VÓS	**Vend**	eis	estes	íeis	êreis	ereis	eríeis
ELES	**Vend**	em	eram	iam	eram	erão	eriam

VENDER **Subjuntivo**				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Vend**	a	esse	er
TU	**Vend**	as	esses	eres
ELE	**Vend**	a	esse	er
NÓS	**Vend**	amos	êssemos	ermos
VÓS	**Vend**	ais	êsseis	erdes
ELES	**Vend**	am	essem	erem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Vend	er	endo	ido

PARTIR **Indicativo**							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
EU	**Part**	o	i	ia	ira	irei	iria
TU	**Part**	es	iste	ias	iras	irás	irias
ELE	**Part**	e	iu	ia	ira	irá	iria
NÓS	**Part**	imos	imos	íamos	íramos	iremos	iríamos
VÓS	**Part**	is	istes	íeis	íreis	ireis	iríeis
ELES	**Part**	em	iram	iam	iram	irão	iriam

PARTIR **Subjuntivo**				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Part**	a	isse	ir
TU	**Part**	as	isses	ires
ELE	**Part**	a	isse	ir
NÓS	**Part**	amos	íssemos	irmos
VÓS	**Part**	ais	ísseis	irdes
ELES	**Part**	am	issem	irem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Part	**ir**	**indo**	**ido**

Você deve estar perguntando agora: “Ué, mas cadê o imperativo?”. Esses verbos se encaixam naquela tabela que já vimos no tópico *Formação do Imperativo*. Dê uma olhada lá!

Faço questão agora de apresentar a formação do verbo *pôr*, afinal ele e seus derivados são figurinhas repetidas nas questões de concursos. Como você já sabe, o verbo *pôr* e seus derivados (*apor, repor, compor, propor, pospor, antepor, sobrepor, impor, depor* etc.) pertencem à **segunda conjugação** porque *pôr* é verbo de 2ª conjugação, pois origina-se da forma latina *ponere* > *poer* (cuja vogal temática é **e**).

Veja agora a conjugação do verbo *supor* (mais um derivado deste importante verbo):

SUPOR Indicativo							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
EU	**Sup**	onho	us	unha	usera	orei	oria
TU	**Sup**	ões	useste	unhas	useras	orás	orias
ELE	**Sup**	õe	ôs	unha	usera	orá	oria
NÓS	**Sup**	omos	usemos	únhamos	uséramos	oremos	oríamos
VÓS	**Sup**	ondes	usestes	únheis	uséreis	oreis	oríeis
ELES	**Sup**	õem	useram	unham	useram	orão	oriam

SUPOR Subjuntivo				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Sup**	onha	usesse	user
TU	**Sup**	onhas	usesses	useres
ELE	**Sup**	onha	usesse	user
NÓS	**Sup**	onhamos	uséssemos	usermos
VÓS	**Sup**	onhais	usésseis	userdes
ELES	**Sup**	onham	usessem	userem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Supo	r	ndo	sto

Verbos Notáveis

Existem muitos verbos que são a pedra no sapato de qualquer concurseiro... ou melhor ERAM a pedra no sapato... Deixaram de ser neste exato momento! Aproveite! Vou conjugar a partir de agora alguns verbos *ultraimportantes*! Conjugarei só as formas simples, beleza? Mas saiba que as formas compostas (*ter/haver* + particípio) também existem, é lógico. Dê uma olhada depois em tempos compostos e conjugue os verbos abaixo nesses tempos. Afinal, não sou só eu que tenho de trabalhar nessa "bagaça", não! Brincadeira... é só para "forçá-lo" a conjugar. É muito importante. Confie em mim!

Aposto todas as minhas fichas nestes verbos (dos mais de 11.000, você só precisa dominar uns 30), com margem de segurança de mais de 90% (e não é retórica barata!):

***Abolir, soer, emergir/imergir, viger, ser, estar, pedir/medir* (e derivados), *ir, vir* (e derivados), *ver* (e derivados), *pôr (e derivados), ter* (e derivados), *caber, valer, adequar, haver, reaver, precaver-se, querer, requerer, prover, viger, preterir, eleger, impugnar, trazer,* os terminados em *-ear, -iar* (Lembra-se do MARIO?), *-oar* e *-uar*. Não necessariamente nesta ordem...**

1) Verbos terminados em -uar

São verbos regulares da 1ª conjugação. Como *apaziguar*, por exemplo, conjugam-se *averiguar, aguar, enxaguar*, *obliquar* etc. De acordo com o novo acordo ortográfico, não há mais trema nem acento agudo nos grupos *gue, gui, que, qui*. As formas rizotônicas são pronunciadas ***apazigu-e, apazigu-es...*** ou pronunciadas e escritas ***apazígue, apazígues...***

Presente do indicativo: apaziguo, apaziguas, apazigua, apaziguamos, apaziguais, apaziguam.
Pretérito perfeito do indicativo: apaziguei, apaziguaste, apaziguou, apaziguamos, apaziguastes, apaziguaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: apaziguava, apaziguavas, apaziguava, apaziguávamos, apaziguáveis, apaziguavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: apaziguara, apaziguaras, apaziguara, apaziguáramos, apaziguáreis, apaziguaram.
Futuro do presente do indicativo: apaziguarei, apaziguarás, apaziguará, apaziguaremos, apaziguareis, apaziguarão.
Futuro do pretérito do indicativo: apaziguaria, apaziguarias, apaziguaria, apaziguaríamos, apaziguaríeis, apaziguariam.
Presente do subjuntivo: apazigue/apazígue, apazigues/apazígues, apazigue/apazígue, apaziguemos, apazigueis, apaziguem/apazíguem
Pretérito imperfeito do subjuntivo: apaziguasse, apaziguasses, apaziguasse, apaziguássemos, apaziguásseis, apaziguassem.
Futuro do subjuntivo: apaziguar, apaziguares, apaziguar, apaziguarmos, apaziguardes, apaziguarem.
Imperativo afirmativo: apazigua, apazigue/apazígue, apaziguemos, apaziguai, apaziguem/apazíguem
Imperativo negativo: não apazigues/apazígues, não apazigue/apazígue, não apaziguemos, não apazigueis, não apaziguem/apazíguem.
Infinitivo pessoal: apaziguar, apaziguares, apaziguar, apaziguarmos, apaziguardes, apaziguarem.
Gerúndio: apaziguando.
Particípio: apaziguado.

Obs.: ***Aguar*, *enxaguar*** e ***desaguar*** *r*ecebem acento agudo no primeiro **a** das formas rizotônicas.
Presente do indicativo: *águo, águas, água, aguamos, aguais, águam.*
Presente do subjuntivo: *águe, águes, águe, aguemos, agueis, águem.*

2) Verbos terminados em -ear

No presente do indicativo, do subjuntivo e no imperativo, recebem a letra **i** nas formas rizotônicas (sílaba tônica no radical). Trocando em miúdos, o **i** vem após o **e**, exceto na 1ª e 2ª pessoas do plural. *Pentear* é um exemplo:

Presente do indicativo: pente**i**o, pente**i**as, pente**i**a, *penteamos*, *penteais*, pente**i**am.
Pretérito perfeito do indicativo: penteei, penteaste, penteou, penteamos, penteastes, pentearam.
Pretérito imperfeito do indicativo: penteava, penteavas, penteava, penteávamos, penteáveis, penteavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: penteara, pentearas, penteara, penteáramos, penteáreis, pentearam.
Futuro do presente do indicativo: pentearei, pentearás, penteará, pentearemos, penteareis, pentearão.
Futuro do pretérito do indicativo: pentearia, pentearias, pentearia, pentearíamos, pentearíeis, penteariam.
Presente do subjuntivo: pente**i**e, pente**i**es, pente**i**e, *penteemos*, *penteeis*, pente**i**em.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: penteasse, penteasses, penteasse, penteássemos, penteásseis, penteassem.
Futuro do subjuntivo: pentear, penteares, pentear, pentearmos, penteardes, pentearem.
Imperativo afirmativo: pente**i**a, pente**i**e, *penteemos, penteai*, pente**i**em.
Imperativo negativo: não pente**i**es, não pente**i**e, não *penteemos,* não *penteeis*, não pente**i**em.
Infinitivo pessoal: pentear, penteares, pentear, pentearmos, penteardes, pentearem.
Gerúndio: penteando.
Particípio: penteado.

3) Verbos terminados em -iar

Os verbos dessa terminação **são regulares**, ou seja, seguem a conjugação de *amar*. Um exemplo é o verbo *variar* (radical **vari-**): *eu vario, tu varias, varia, variamos, variais, variam*. Nada de "Eu vareio, tu vareias, ele vareia...". Assim você mata o papai...

Mas... como nem tudo são flores... há pelo menos **seis verbos** terminados em **-iar** que recebem a letra **e** antes do **i** nas formas rizotônicas (formas em que a sílaba tônica recai no

radical), do presente do indicativo e presente do subjuntivo, exceto na 1ª e 2ª pessoas do plural. Suas iniciais formam o anagrama **M-A-R-I-O** (Conhece? Piada inevitável...): ***Mediar, Ansiar, Remediar, Intermediar/Incendiar*** e ***Odiar***.

Vejamos a conjugação de um deles, o mais *cabuloso*, que serve, não obstante, de modelo para os demais:

Presente do indicativo: intermed**e**io, intermed**e**ias, intermed**e**ia, *intermediamos, intermediais*, intermed**e**iam.
Pretérito perfeito do indicativo: intermediei, intermediaste, intermediou, intermediamos, intermediastes, intermediaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: intermediava, intermediavas, intermediava, intermediávamos, intermediáveis, intermediavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: intermediara, intermediaras, intermediara, intermediáramos, intermediáreis, intermediaram.
Futuro do presente do indicativo: intermediarei, intermediarás, intermediará, intermediaremos, intermediareis, intermediarão.
Futuro do pretérito do indicativo: intermediaria, intermediarias, intermediaria, intermediaríamos, intermediaríeis, intermediariam.
Presente do subjuntivo: intermed**e**ie, intermed**e**ies, intermed**e**ie, *intermediemos, intermedieis*, intermed**e**iem.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: intermediasse, intermediasses, intermediasse, intermediássemos, intermediásseis, intermediassem.
Futuro do subjuntivo: intermediar, intermediares, intermediar, intermediarmos, intermediardes, intermediarem.
Imperativo afirmativo: intermed**e**ia, intermed**e**ie, *intermediemos, intermediai*, intermed**e**iem.
Imperativo negativo: não intermed**e**ies, não intermed**e**ie, não *intermediemos,* não *intermedieis*, não intermed**e**iem.
Infinitivo pessoal: intermediar, intermediares, intermediar, intermediarmos, intermediardes, intermediarem.
Gerúndio: intermediando.
Particípio: intermediado.

Obs.: Na boa... para agilizar sua vida, lembre-se da conjugação do verbo ***odiar***, o mais usado de todos no dia a dia. Também, ao falar de verbo durante várias páginas, quem não odeia? EU não odeio, gosto muito, e você tem de gostar também. Deixa a preguiça de lado. Vamos memorizar! Exercício ajuda!

Ah... como eu poderia me esquecer disso! O verbo ***mobiliar*** recebe acento agudo na sílaba

bi em algumas formas do presente do indicativo (*mobílio, mobílias, mobília, mobíliam*), em algumas do presente do subjuntivo (*mobílie, mobílies, mobílie, mobíliem*) e dos imperativos afirmativo e negativo (*mobília, mobílie, mobíliem / não mobílies, não mobílie, não mobíliem*). Agora sim.

4) Verbos terminados em -oar

Saiba que agora o acento circunflexo de **ôo**, *abençôo*, não mais existe, pelo novo acordo ortográfico vigente. Conheça o modelo dos verbos terminados em **-oar** pela conjugação de ***abençoar***:

Presente do indicativo: abençoo, abençoas, abençoa, abençoamos, abençoais, abençoam.
Pretérito perfeito do indicativo: abençoei, abençoaste, abençoou, abençoamos, abençoastes, abençoaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: abençoava, abençoavas, abençoava, abençoávamos, abençoáveis, abençoavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: abençoara, abençoaras, abençoara, abençoáramos, abençoáreis, abençoaram.
Futuro do presente do indicativo: abençoarei, abençoarás, abençoará, abençoaremos, abençoareis, abençoarão.
Futuro do pretérito do indicativo: abençoaria, abençoarias, abençoaria, abençoaríamos, abençoaríeis, abençoariam.
Presente do subjuntivo: abençoe, abençoes, abençoe, abençoemos, abençoeis, abençoem.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: abençoasse, abençoasses, abençoasse, abençoássemos, abençoásseis, abençoassem.
Futuro do subjuntivo: abençoar, abençoares, abençoar, abençoarmos, abençoardes, abençoarem.
Imperativo afirmativo: abençoa, abençoe, abençoemos, abençoai, abençoem.
Imperativo negativo: não abençoes, não abençoe, não abençoemos, não abençoeis, não abençoem.
Infinitivo pessoal: abençoar, abençoares, abençoar, abençoarmos, abençoardes, abençoarem.
Gerúndio: abençoando.
Particípio: abençoado.

5) Verbos querer e requerer

Apesar de parecido, não é derivado do verbo *querer*, principalmente no presente do indicativo e no presente do subjuntivo. Os demais tempos seguem o modelo regular de *vender*. Veja a conjugação de *querer* e *requerer*, respectivamente:

Presente do indicativo: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem.
Pretérito perfeito do indicativo: quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram.
Pretérito imperfeito do indicativo: queria, querias, queria, queríamos, queríeis, queriam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram.
Futuro do presente do indicativo: quererei, quererás, quererá, quereremos, quereres, quererão. (Feião, não é?)
Futuro do pretérito do indicativo: quereria, quererias, quereria, quereríamos, quereríeis, quereriam. (Feião, idem.)
Presente do subjuntivo: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram. (Radical diferente do presente do indicativo.)
Pretérito imperfeito do subjuntivo: quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem.
Futuro do subjuntivo: quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem.
Imperativo afirmativo: quer(e), queira, queiramos, querei, queiram.
Imperativo negativo: não queiras, não queira, não queiramos, não queirais, não queiram.
Infinitivo pessoal: querer, quereres, querer, querermos, quererdes, quererem.
Gerúndio: querendo.
Particípio: querido.

Obs.: Dado o seu significado, é raro seu uso no imperativo. Note que o infinitivo pessoal desse verbo é diferente do futuro do subjuntivo. Não confunda *querido* (verbo no particípio) com adjetivo. Além disso, os verbos *bem-querer* (ou *benquerer*) e *malquerer* têm os seguintes particípios: *benquisto* e *malquisto*.

Presente do indicativo: requeiro, requeres, requer, requeremos, requereis, requerem.
Pretérito perfeito do indicativo: requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram.
Pretérito imperfeito do indicativo: requeria, requerias, requeria, requeríamos, requeríeis, requeriam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: requerera, requereras, requerera, requerêramos, requerêreis, requereram.
Futuro do presente do indicativo: requererei, requererás, requererá, requereremos, requereres, requererão.
Futuro do pretérito do indicativo: requereria, requererias, requereria, requereríamos, requereríeis, requereriam.
Presente do subjuntivo: requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram.

Pretérito imperfeito do subjuntivo: requeresse, requeresses, requeresse, requerêssemos, requerêsseis, requeressem.
Futuro do subjuntivo: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.
Imperativo afirmativo: requer(e), requeira, requeiramos, requerei, requeiram.
Imperativo negativo: não requeiras, não requeira, não requeiramos, não requeirais, não requeiram.
Infinitivo pessoal: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.
Gerúndio: requerendo.
Particípio: requerido.

6) Verbo precaver(-se)

Não é derivado do verbo *ver* nem do verbo *vir*. É defectivo, logo, no presente do indicativo, só se conjuga nas 1ª e 2ª pessoas do plural: **nós *nos precavemos*, vós *vos precaveis***. Não há o presente do subjuntivo, pois não há a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, donde deriva o presente do subjuntivo, logo não há o imperativo negativo. No imperativo afirmativo, só há a 2ª pessoa do plural. Os demais tempos seguem o modelo de conjugação de *vender*.

Este verbo é normalmente pronominal, de modo que podemos conjugá-lo com o pronome oblíquo átono ou não. Para facilitar, vou conjugar sem o pronome.

Presente do indicativo: precavemos, precaveis.
Pretérito perfeito do indicativo: precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: precavia, precavias, precavia, precavíamos, precavíeis, precaviam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: precavera, precaveras, precavera, precavêramos, precavêreis, precaveram.
Futuro do presente do indicativo: precaverei, precaverás, precaverá, precaveremos, precavereis, precaverão.
Futuro do pretérito do indicativo: precaveria, precaverias, precaveria, precaveríamos, precaveríeis, precaveriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: precavesse, precavesses, precavesse, precavêssemos, precavêsseis, precavessem.
Futuro do subjuntivo: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.
Imperativo afirmativo: precavei.

Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.
Gerúndio: precavendo.
Particípio: precavido.

7) Verbos haver e reaver

Reaver é derivado do verbo *haver*, quando em sua conjugação houver a letra **v**. Logo você tem de saber a conjugação de um verbo para saber a do outro. No presente do indicativo, só existem as formas da 1ª e 2ª pessoas do plural: ***reavemos, reaveis***. Consequentemente, não há o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo. No imperativo afirmativo, só há a 2ª pessoa do plural, que vem do presente do indicativo. Os demais tempos seguem a conjugação de *haver*. Vejamos ambos os verbos, respectivamente:

Presente do indicativo: hei, hás, há, havemos/hemos, haveis/heis, hão (hemos e heis são formas antigas).
Pretérito perfeito do indicativo: houve, houveste, houve, houvemos, houvestes, houveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: havia, havias, havia, havíamos, havíeis, haviam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: houvera, houveras, houvera, houvéramos, houvéreis, houveram,
Futuro do presente do indicativo: haverei, haverás, haverá, haveremos, havereis, haverão.
Futuro do pretérito do indicativo: haveria, haverias, haveria, haveríamos, haveríeis, haveriam.
Presente do subjuntivo: haja, hajas, haja, hajamos, hajais, hajam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: houvesse, houvesses, houvesse, houvéssemos, houvésseis, houvessem.
Futuro do subjuntivo: houver, houveres, houver, houvermos, houverdes, houverem.
***Imperativo afirmativo**: haja, hajamos, havei, hajam.
Imperativo negativo: não hajas, não haja, não hajamos, não hajais, não hajam.
Infinitivo pessoal: haver, haveres, haver, havermos, haverdes, haverem.
Gerúndio: havendo.
Particípio: havido.

* Segundo Celso Cunha, a 2ª pessoa do singular (há) é desusada. Sacconi a registra.

Presente do indicativo: reavemos, reaveis.
Pretérito perfeito do indicativo: reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: reavia, reavias, reavia, reavíamos, reavíeis, reaviam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: reouvera, reouveras, reouvera, reouvéramos, reouvéreis, reouveram.
Futuro do presente do indicativo: reaverei, reaverás, reaverá, reaveremos, reavereis, reaverão.
Futuro do pretérito do indicativo: reaveria, reaverias, reaveria, reaveríamos, reaveríeis, reaveriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: reouvesse, reouvesses, reouvesse, reouvéssemos, reouvésseis, reouvessem.
Futuro do subjuntivo: reouver, reouveres, reouver, reouvermos, reouverdes, reouverem.
Imperativo afirmativo: reavei.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: reaver, reaveres, reaver, reavermos, reaverdes, reaverem.
Gerúndio: reavendo.
Particípio: reavido.

8) Verbos ver e prover

Prover não é derivado de *ver*, apesar de coincidir a conjugação no presente, no pretérito imperfeito, no futuro do presente, no futuro do pretérito do indicativo e no presente do subjuntivo. O resto da conjugação de *prover* é igual a *vender*. "**Pelamordedeus"*: grave a conjugação do futuro do subjuntivo do verbo ver. Vá por mim!*** Vejamos as respectivas conjugações:

Presente do indicativo: vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem*.
Pretérito perfeito do indicativo: vi, viste, viu, vimos, viestes, viram.
Pretérito imperfeito do indicativo: via, vias, via, víamos, víeis, viam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: vira, viras, vira, víramos, víreis, viram.
Futuro do presente do indicativo: verei, verás, verá, veremos, vereis, verão.
Futuro do pretérito do indicativo: veria, verias, veria, veríamos, veríeis, veriam.
Presente do subjuntivo: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem.
Futuro do subjuntivo: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem. (Cai muito em prova!)
Imperativo afirmativo: vê, veja, vejamos, vede, vejam.
Imperativo negativo: não vejas, não veja, não vejamos, não vejais, não vejam.
Infinitivo pessoal: ver, veres, ver, vermos, verdes, verem.
Gerúndio: vendo.
Particípio: visto.

* Agora sem acento no hiato ***ee!*** O mesmo vale para os verbos *crer, dar* e *ler* (e derivados). Ah! Última dica: fique ligado nos verbos derivados de *ver: prever, antever, rever...*

Presente do indicativo: provejo, provês, provê, provemos, provedes, proveem.
Pretérito perfeito do indicativo: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: provia, provias, provia, províamos, províeis, proviam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram.
Futuro do presente do indicativo: proverei, proverás, proverá, proveremos, provereis, proverão.
Futuro do pretérito do indicativo: proveria, proverias, proveria, proveríamos, proveríeis, proveriam.
Presente do subjuntivo: proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: provesse, provesses, provesse, provêssemos, provêsseis, provessem.
Futuro do subjuntivo: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.
Imperativo afirmativo: provê, proveja, provejamos, provede, provejam.
Imperativo negativo: não provejas, não proveja, não provejamos, não provejais, não provejam.
Infinitivo pessoal: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.
Gerúndio: provendo.
Particípio: provido.

9) Verbo viger

É defectivo. Não possui, portanto, no presente do indicativo, a 1ª pessoa do singular. Logo, não há presente do subjuntivo, tampouco algumas formas do imperativo afirmativo. O mais... conjuga-se como *vender*.

Presente do indicativo: viges, vige, vigemos, vigeis, vigem.
Pretérito perfeito do indicativo: vigi, vigeste, vigeu, vigemos, vigestes, vigeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: vigia, vigias, vigia, vigíamos, vigíeis, vigiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: vigera, vigeras, vigera, vigêramos, vigêreis, vigeram.
Futuro do presente do indicativo: vigerei, vigerás, vigerá, vigeremos, vigereis, vigerão.
Futuro do pretérito do indicativo: vigeria, vigerias, vigeria, vigeríamos, vigeríeis, vigeriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: vigesse, vigesses, vigesse, vigêssemos, vigêsseis, vigessem.

Futuro do subjuntivo: viger, vigeres, viger, vigermos, vigerdes, vigerem.
Imperativo afirmativo: *vige, vigei*.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: viger, vigeres, viger, vigermos, vigerdes, vigerem.
Gerúndio: vigendo.
Particípio: vigido.

Obs.: Se você quiser redigir este verbo numa redação e se esquecer de sua conjugação, conjugue *vigorar*, que é muito mais fácil, e corra para o abraço! Só um detalhe: *vigir* não existe na língua portuguesa, quanto mais *vigindo* ou qualquer *bicho* parecido com esse.

10) Verbo pôr

Este verbo, junto de *ter* e *vir*, é um dos que mais caem em provas de concurso público. Principalmente seus derivados: *apor, antepor, compor, depor, dispor, entrepor, expor, impor, interpor, justapor, pospor, propor, repor, sobpor, sobrepor, sotopor, subpor, superpor...* DE-CO-RE!

Presente do indicativo: ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem.
Pretérito perfeito do indicativo: pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram.
Pretérito imperfeito do indicativo: punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram.
Futuro do presente do indicativo: porei, porás, porá, poremos, poreis, porão.
Futuro do pretérito do indicativo: poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poriam.
Presente do subjuntivo: ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, puséssseis, pusessem.
Futuro do subjuntivo: puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem.
Imperativo afirmativo: põe, ponha, ponhamos, ponde, ponham.
Imperativo negativo: não ponhas, não ponha, não ponhamos, não ponhais, não ponham.
Infinitivo pessoal: pôr, pores, pôr, pormos, pordes, porem.
Gerúndio: pondo.
Particípio: posto.

11) Verbos vir e ter

Os verbos ***vir*** e ***ter*** (e derivados) caem muuuuuuuuuuuuito em provas diversas, em questões de acentuação gráfica, conjugação verbal e concordância verbal. Principalmente na 1ª pessoa

do plural e na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo, na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo e em todo o pretérito imperfeito do subjuntivo. Se eu fosse você, eu decoraria essas conjugações. Fica a dica!

Fique ligado também na conjugação de seus derivados: *avir-se, advir, convir, intervir, provir, sobrevir...; abster-se, ater-se, conter, deter, entreter, manter, obter, reter…*

Presente do indicativo: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm.
Pretérito perfeito do indicativo: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.
Pretérito imperfeito do indicativo: vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram.
Futuro do presente do indicativo: virei, virás, virá, viremos, vireis, virão.
Futuro do pretérito do indicativo: viria, virias, virias, viríamos, viríeis, viriam.
Presente do subjuntivo: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem.
Futuro do subjuntivo: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.
Imperativo afirmativo: vem, venha, venhamos, vinde, venham.
Imperativo negativo: não venhas, não venha, não venhamos, não venhais, não venham.
Infinitivo pessoal: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.
Gerúndio: vindo.
Particípio: vindo (é isso mesmo, o gerúndio e o particípio são iguais).

Presente do indicativo: tenho, tens, tem, temos, tendes, têm.
Pretérito perfeito do indicativo: tive, tiveste, teve, tivemos, tivestes, tiveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: tinha, tinhas, tinha, tínhamos, tínheis, tinham.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: tivera, tiveras, tivera, tivéramos, tivéreis, tiveram.
Futuro do presente do indicativo: terei, terás, terá, teremos, tereis, terão.
Futuro do pretérito do indicativo: teria, terias, teria, teríamos, teríeis, teriam.
Presente do subjuntivo: tenha, tenhas, tenha, tenhamos, tenhais, tenham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: tivesse, tivesses, tivesse, tivéssemos, tivésseis, tivessem.
Futuro do subjuntivo: tiver, tiveres, tiver, tivermos, tiverdes, tiverem.
Imperativo afirmativo: tem, tenha, tenhamos, tende, tenham.
Imperativo negativo: não tenhas, não tenha, não tenhamos, não tenhais, não tenham.
Infinitivo pessoal: ter, teres, ter, termos, terdes, terem.
Gerúndio: tendo.
Particípio: tido.

Obs.: Abater não é derivado do verbo ter, cuidado!!! Veja: FCC – SEFAZ/SP – AGENTE

12) Cuidado com advertir, aderir, aferir, competir, concernir, digerir, despir, divergir, discernir, expelir, ferir, gerir, interferir, inserir, ingerir, impelir, preterir, repelir!

Tais verbos se conjugam igualmente, mudando o **e** do infinitivo para **i** na primeira pessoa do singular do presente do indicativo e em todas as do presente do subjuntivo.

Presente do indicativo: adiro, aderes, adere, aderimos, aderis, aderem.
Pretérito perfeito do indicativo: aderi, aderiste, aderiu, aderimos, aderistes, aderiram.
Pretérito imperfeito do indicativo: aderia, aderias, aderia, aderíamos, aderíeis, aderiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: aderira, aderiras, aderira, aderíramos, aderíreis, aderiram.
Futuro do presente do indicativo: aderirei, aderirás, aderirá, aderiremos, aderireis, aderirão.
Futuro do pretérito do indicativo: aderiria, aderirias, aderiria, aderiríamos, aderiríeis, adeririam .
Presente do subjuntivo: adira, adiras, adira, adiramos, adirais, adiram.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: aderisse, aderisses, aderisse, aderíssemos, aderísseis, aderissem.
Futuro do subjuntivo: aderir, aderires, aderir, aderirmos, aderirdes, aderirem.
Imperativo afirmativo: adere, adira, adiramos, aderi, adiram.
Imperativo negativo: não adiras, não adira, não adiramos, não adirais, não adiram.
Infinitivo pessoal: aderir, aderires, aderir, aderirmos, aderirdes, aderirem.
Gerúndio: aderindo.
Particípio: aderido.

13) Verbos emergir e imergir

Nem Sacconi, nem Bechara, nem o dicionário Houaiss consideram tais verbos como defectivos, dizendo que se conjugam normalmente por *submergir/aspergir* (*eu submerjo/emerjo/imerjo, tu submerges/emerges/imerges, ele submerge/emerge/imerge, nós submergimos/emergimos/imergimos, vós submergis/emergis/imergis, eles submergem/emergem/imergem*). Celso Cunha e o dicionário Aulete consideram defectivos *emergir* e *imergir*, não havendo a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo. Este mesmo gramático diz que *submergir* (e *aspergir*) se conjuga diferente, havendo todas as formas. Como a polêmica não para, os dicionários de Portugal registram o seguinte: "a primeira pessoa do singular é *emirjo*, tal como acontece com verbos como *convergir* ou *divergir*". Ufa! Bem-vindo à Língua Portuguesa!

Como disse sensatamente o estudioso Nuno Carvalho, do Ciberdúvidas: "Com tal variedade de preceitos acerca da conjugação da primeira pessoa do singular do verbo *emergir*

no presente do indicativo (e, consequentemente, das formas do presente do subjuntivo e de algumas formas do imperativo), podemos dizer que qualquer das escolhas apresentadas é justificável, contanto que em cada texto se use a forma escolhida com coerência.”.

“Há um parâmetro, Pestana?” Sim. Pelo menos a Esaf ficou com a opinião do Celso Cunha (mega-autoridade consagradíssima!). Veja:

21. (Esaf – SFC – Analista de Finança e Controle – 2002) Assinale a proposição correta a respeito da estrutura morfossintática do texto abaixo.
b) Emergir é verbo defectivo, ao qual faltam as formas em que ao radical se seguiria o ou a.

Comentário: Tal afirmação procede, pois **não** há a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo (emerjo) nem, consequentemente, todo o presente do subjuntivo (emerja, emerjas, emerja, emerjamos, emerjais, emerjam).

Conheça agora a conjugação completa de *emergir* (e, por tabela, *imergir*):

Presente do indicativo: emerges, emerge, emergemos, emergeis, emergem.
Pretérito perfeito do indicativo: emergi, emergiste, emergiu, emergimos, emergistes, emergiram.
Pretérito imperfeito do indicativo: emergia, emergias, emergia, emergíamos, emergíeies, emergiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: emergira, emergiras, emergira, emergíramos, emergíreis, emergiram.
Futuro do presente do indicativo: emergirei, emergirás, emergirá, emergiremos, emergireis, emergirão.
Futuro do pretérito do indicativo: emergiria, emergirias, emergiria, emergiríamos, emergiríeis, emergiriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: emergisse, emergisses, emergisse, emergíssemos, emergísseis, emergissem.
Futuro do subjuntivo: emergir, emergires, emergir, emergirmos, emergirdes, emergirem.
Imperativo afirmativo: *emerge, emergei*.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: emergir, emergires, emergir, emergirmos, emergirdes, emergirem.
Gerúndio: emergindo.
Particípio: emergido/emerso.

Obs.: Outros verbos, não defectivos, terminados em **-gir** tem o **g** substituído por **j** antes de **o** e de **a**, na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, em todo o presente do

subjuntivo e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo: *fugir, agir, infringir, tingir...*

14) Verbo abolir

Como defectivo, não é conjugado na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, portanto não há o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo. O imperativo afirmativo passa a não ter todas as formas também.

Presente do indicativo: aboles, abole, abolimos, abolis, abolem.
Pretérito perfeito do indicativo: aboli, aboliste, aboliu, abolimos, abolistes, aboliram.
Pretérito imperfeito do indicativo: abolia, abolias, abolia, abolíamos, abolíeis, aboliam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: abolira, aboliras, abolira, abolíramos, abolíreis, aboliram.
Futuro do presente do indicativo: abolirei, abolirás, abolirá, aboliremos, abolireis, abolirão.
Futuro do pretérito do indicativo: aboliria, abolirias, aboliria, aboliríamos, aboliríeis, aboliriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: abolisse, abolisses, abolisse, abolíssemos, abolísseis, abolissem.
Futuro do subjuntivo: abolir, abolires, abolir, abolirmos, abolirdes, abolirem.
Imperativo afirmativo: *abole, aboli.*
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: abolir, abolires, abolir, abolirmos, abolirdes, abolirem.
Gerúndio: abolindo.
Particípio: abolido.

Obs.: Fique ligado também nos verbos *demolir, extorquir* e *explodir*, cuja conjugação segue o modelo de *abolir*. Tais verbos defectivos dão uma dor de cabeça, não é? Jesus!

15) Verbo soer

Como defectivo, não é conjugado na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, portanto não há o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo. O imperativo afirmativo passa a não ter todas as formas também. Este verbo, usado em linguagem extremamente formal, significa "ter por hábito, ou ser costumeiro; costumar".

Presente do indicativo: sóis, sói, soemos, soeis, soem.
Pretérito perfeito do indicativo: soí, soeste, soeu, soemos, soestes, soeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: soía, soías, soía, soíamos, soíeis, soíam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: soera, soeras, soera, soêramos, soêreis, soeram.
Futuro do presente do indicativo: soerei, soerás, soerá, soeremos, soereis, soerão.
Futuro do pretérito do indicativo: soeria, soerias, soeria, soeríamos, soeríeis, soeriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: soesse, soesses, soesse, soêssemos, soêsseis, soessem.
Futuro do subjuntivo: soer, soeres, soer, soermos, soerdes, soerem.
Imperativo afirmativo: *sói, soei*.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: soer, soeres, soer, soermos, soerdes, soerem.
Gerúndio: soendo.
Particípio: soído.

16) Verbo ser

Um dos verbos mais polêmicos da língua portuguesa. Não poderia deixar de lado... Eis sua conjugação anômala (cuidado com algumas igualdades de conjugação com o verbo *ir* e observe as segundas pessoas do imperativo afirmativo):

Presente do indicativo: sou, és, é, somos, sois, são.
Pretérito perfeito do indicativo: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.
Pretérito imperfeito do indicativo: era, eras, era, éramos, éreis, eram.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.
Futuro do presente do indicativo: serei, serás, será, seremos, sereis, serão.
Futuro do pretérito do indicativo: seria, serias, seria, seríamos, seríeis, seriam.
Presente do subjuntivo: seja, sejas, seja, sejamos, sejais, sejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.
Futuro do subjuntivo: for, fores, for, formos, fordes, forem.
Imperativo afirmativo: sê, seja, sejamos, sede, sejam.
Imperativo negativo: não sejas, não seja, não sejamos, não sejais, não sejam.
Infinitivo pessoal: ser, seres, ser, sermos, serdes, serem.
Gerúndio: sendo.
Particípio: sido.

Obs.: Muitas pessoas falam “seje”, no presente do subjuntivo. É registro coloquial, não culto.

17) Verbo ir

Este verbo anômalo é tão importante quanto o *ser*. Conheça sua conjugação:

Presente do indicativo: vou, vais, vai, vamos, ides, vão.
Pretérito perfeito do indicativo: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.
Pretérito imperfeito do indicativo: ia, ias, ia, íamos, íeis, iam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.
Futuro do presente do indicativo: irei, irás, irá, iremos, ireis, irão.
Futuro do pretérito do indicativo: iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam.
Presente do subjuntivo: vá, vás, vá, vamos, vades, vão.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.
Futuro do subjuntivo: for, fores, for, formos, fordes, forem.
Imperativo afirmativo: vai, vá, vamos, ide, vão.
Imperativo negativo: não vás, não vá, não vamos, não vades, não vão.
Infinitivo pessoal: ir, ires, ir, irmos, irdes, irem.
Gerúndio: indo.
Particípio: ido.

18) Verbo estar

Não há mistérios na conjugação deste verbo irregular, mas não o menospreze, pois muitos pensam estar certa a forma de presente do subjuntivo "esteje". Não caia nessa! Outra vacilação que alguns cometem é esta: "Se eu ***tivesse*** lá em Nova York, teria comprado um monte de coisas, mas eu não ***tô*** lá.". Na fala do dia a dia, às vezes a gente suprime pedaços da conjugação do verbo *estar* e de outros verbos. Cuidado! Essa frase deveria estar assim, para atender à norma culta: "Se eu ***estivesse*** lá em Nova York, teria comprado um monte de coisas, mas eu não ***estou*** lá.". Veja a conjugação culta agora:

Presente do indicativo: estou, estás, está, estamos, estais, estão.
Pretérito perfeito do indicativo: estive, estiveste, esteve, estivemos, estivestes, estiveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: estava, estavas, estava, estávamos, estáveis, estavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: estivera, estiveras, estivera, estivéramos, estivéreis, estiveram.
Futuro do presente do indicativo: estarei, estarás, estará, estaremos, estareis, estarão.
Futuro do pretérito do indicativo: estaria, estarias, estaria, estaríamos, estaríeis, estariam.
Presente do subjuntivo: esteja, estejas, esteja, estejamos, estejais, estejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: estivesse, estivesses, estivesse, estivéssemos, estivésseis, estivessem.
Futuro do subjuntivo: estiver, estiveres, estiver, estivermos, estiverdes, estiverem.
Imperativo afirmativo: está, esteja, estejamos, estai, estejam.
Imperativo negativo: não estejas, não esteja, não estejamos, não estejais, não estejam.

Infinitivo pessoal: estar, estares, estar, estarmos, estardes, estarem.
Gerúndio: estando.
Particípio: estado.

19) Verbos pedir e medir (e semelhantes)

Por *medir* conjuga-se *desmedir*. Conjugam-se por *pedir*, embora dele não sejam derivados, os verbos *despedir*, *expedir* e *impedir*, bem como os que destes se formam: *desimpedir*, *reexpedir* etc. Observe principalmente como é a conjugação de tais verbos na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, de onde deriva o presente do subjuntivo e partes do imperativo, pois o **d** vira **ç** antes de **o** e de **a**. Vou conjugar o *medir*, mas o *pedir* segue o mesmo paradigma.

Presente do indicativo: meço, medes, mede, medimos, medis, medem.
Pretérito perfeito do indicativo: medi, mediste, mediu, medimos, medistes, mediram.
Pretérito imperfeito do indicativo: media, medias, media, medíamos, medíeis, mediam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: medira, mediras, medira, medíramos, medíreis, mediram.
Futuro do presente do indicativo: medirei, medirás, medirá, mediremos, medireis, medirão.
Futuro do pretérito do indicativo: mediria, medirias, mediria, mediríamos, mediríeis, mediriam.
Presente do subjuntivo: meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: medisse, medisses, medisse, medíssemos, medísseis, medissem.
Futuro do subjuntivo: medir, medires, medir, medirmos, medirdes, medirem.
Imperativo afirmativo: mede, meça, meçamos, medi, meçam.
Imperativo negativo: não meças, não meça, não meçamos, não meçais, não meçam.
Infinitivo pessoal: medir, medires, medir, medirmos, medirdes, medirem.
Gerúndio: medindo.
Particípio: medido.

20) Verbo caber

Considere a conjugação com calma, pois há certas peculiaridades. Por exemplo, segundo Celso Cunha e outros, não há o imperativo deste verbo devido a seu sentido. Por outro lado, certos dicionários, como o Aulete, admitem a conjugação no imperativo. Fico com a posição do Celso, mas, se cair na prova o verbo *caber* no imperativo, saiba que existe mais de uma opinião.

Presente do indicativo: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem.
Pretérito perfeito do indicativo: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam.

Pretérito imperfeito do indicativo: cabia, cabias, cabia, cabíamos, cabíeis, cabiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam.
Futuro do presente do indicativo: caberei, caberás, caberá, caberemos, cabereis, caberão.
Futuro do pretérito do indicativo: caberia, caberias, caberia, caberíamos, caberíeis, caberiam .
Presente do subjuntivo: caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem.
Futuro do subjuntivo: couber, couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem.
Imperativo afirmativo: –
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: caber, caberes, caber, cabermos, caberdes, caberem.
Gerúndio: cabendo.
Particípio: cabido.

21) Verbo valer

Preste atenção na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, no presente do subjuntivo e no imperativo. Note que o **l** vira **lh** antes de **o** e de **a**.

Presente do indicativo: valho, vales, vale, valemos, valeis, valem.
Pretérito perfeito do indicativo: vali, valeste, valeu, valemos, valestes, valeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: valia, valias, valia, valíamos, valíeis, valiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: valera, valeras, valera, valêramos, valêreis, valeram.
Futuro do presente do indicativo: valerei, valerás, valerá, valeremos, valereis, valerão.
Futuro do pretérito do indicativo: valeria, valerias, valeria, valeríamos, valeríeis, valeriam.
Presente do subjuntivo: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: valesse, valesses, valesse, valêssemos, valêsseis, valessem.
Futuro do subjuntivo: valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valerem.
Imperativo afirmativo: vale, valha, valhamos, valei, valham.
Imperativo negativo: não valhas, valha, valhamos, valhais, valham.
Infinitivo pessoal: valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valerem.
Gerúndio: valendo.
Particípio: valido.

22) Verbo adequar

O verbo *adequar* é extremamente polêmico. Uns dizem que ele não é defectivo, sendo conjugado em todas pessoas do presente do indicativo e do subjuntivo. Outros dizem que é defectivo, sim, desde criancinha... e a polêmica continua. Sei que já falei muito sobre isso na parte de classificação dos verbos defectivos, mais atrás. No entanto, vou ficar com a visão tradicional, a saber: para a maioria dos nossos gramáticos, o verbo *adequar* é defectivo.

Na dúvida, use uma locução verbal ou um sinônimo: em vez de "É importante que nossa escola ***se adéque (adeque)***...", use "É importante que nossa escola ***se adapte ou fique adequada***...".

Pois bem... no presente do indicativo, só tem a primeira pessoa do plural (= *adequamos*) e a segunda pessoa do plural (= *adequais*); no presente do subjuntivo, não há pessoa alguma, logo o imperativo fica "defasado".

Presente do indicativo: *adequamos, adequais.*
Pretérito perfeito do indicativo: adequei, adequaste, adequou, adequamos, adequastes, adequaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: adequava, adequavas, adequava, adequávamos, adequáveis, adequavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: adequara, adequaras, adequara, adequáramos, adequáreis, adequaram.
Futuro do presente do indicativo: adequarei, adequarás, adequará, adequaremos, adequareis, adequarão.
Futuro do pretérito do indicativo: adequaria, adequarias, adequaria, adequaríamos, adequaríeis, adequariam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: adequasse, adequasses, adequasse, adequássemos, adequásseis, adequassem.
Futuro do subjuntivo: adequar, adequares, adequar, adequarmos, adequardes, adequarem.
Imperativo afirmativo: *adequai.*
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: adequar, adequares, adequar, adequarmos, adequardes, adequarem.
Gerúndio: adequando.
Particípio: adequado.

Obs.: Quando falei de verbos defectivos, mostrei uma questão do Cespe sobre isso. Não perca!

23) Verbo eleger

Na conjugação, o **g** vira **j** seguido de **a** ou de **o**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e no presente do subjuntivo ("respingando" no imperativo). Isso vale para outros verbos com **g** no radical.

Presente do indicativo: elejo, eleges, elege, elegemos, elegeis, elegem.
Pretérito perfeito do indicativo: elegi, elegeste, elegeu, elegemos, elegestes, elegeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: elegia, elegias, elegia, elegíamos, elegíeis, elegiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: elegera, elegeras, elegera, elegêramos, elegêreis, elegeram.
Futuro do presente do indicativo: elegerei, elegerás, elegerá, elegeremos, elegereis, elegerão.
Futuro do pretérito do indicativo: elegeria, elegerias, elegeria, elegeríamos, elegeríeis, elegeriam.
Presente do subjuntivo: eleja, elejas, eleja, elejamos, elejais, elejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: elegesse, elegesses, elegesse, elegêssemos, elegêsseis, elegessem.
Futuro do subjuntivo: eleger, elegeres, eleger, elegermos, elegerdes, elegerem.
Imperativo afirmativo: elege, eleja, elejamos, elegei, elejam.
Imperativo negativo: não elejas, eleja, elejamos, elejais, elejam.
Infinitivo pessoal: eleger, elegeres, eleger, elegermos, elegerdes, elegerem.
Gerúndio: elegendo.
Particípio: elegido/eleito.

24) Verbo impugnar e outros terminados em "gnar"

As vogais antes da letra **g** são sempre tônicas nas formas rizotônicas. Conheça alguns: *designar, consignar, estagnar, indignar, resignar* e *repugnar*. Vale dizer que tais verbos sempre se conjugam sem acento gráfico.

Presente do indicativo: im**pug**no, im**pug**nas, im**pug**na, impugnamos, impugnais, im**pug**nam.
Pretérito perfeito do indicativo: impugnei, impugnaste, impugnou, impugnamos, impugnastes, impugnaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: impugnava, impugnavas, impugnava, impugnávamos, impugnáveis, impugnaram.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: impugnara, impugnaras, impugnara, impugnáramos, impugnáreis, impugnaram.
Futuro do presente do indicativo: impugnarei, impugnarás, impugnará, impugnaremos, impugnareis, impugnarão.
Futuro do pretérito do indicativo: impugnaria, impugnarias, impugnaria, impugnaríamos,

impugnaríeis, impugnariam.
Presente do subjuntivo: im**pug**ne, im**pug**nes, im**pug**ne, impugnemos, impugneis, im**pug**nem.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: impugnasse, impugnasses, impugnasse, impugnássemos, impugnásseis, impugnassem.
Futuro do subjuntivo: impugnar, impugnares, impugnar, impugnarmos, impugnardes, impugnarem.
Imperativo afirmativo: im**pug**na, im**pug**ne, impugnemos, impugnai, im**pug**nem.
Imperativo negativo: não im**pug**nes, não im**pug**ne, não impugnemos, não impugneis, não im**pug**nem.
Infinitivo pessoal: impugnar, impugnares, impugnar, impugnarmos, impugnardes, impugnarem.
Gerúndio: impugnando.
Particípio: impugnado.

25) Verbo trazer

Não confunda a primeira pessoa do singular do presente do indicativo deste verbo com o verbo *tragar*. Observe o contexto, pois ambos se conjugam assim: "Eu trago". Olho vivo! Não descuide também da irregularidade do radical deste verbo.

Presente do indicativo: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem.
Pretérito perfeito do indicativo: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: trazia, trazias, trazia, trazíamos, trazíeis, traziam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram.
Futuro do presente do indicativo: trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão.
Futuro do pretérito do indicativo: traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam.
Presente do subjuntivo: traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem.
Futuro do subjuntivo: trouxer, trouxeres, trouxer, trouxermos, trouxerdes, trouxerem.
Imperativo afirmativo: traz(e), traga, tragamos, trazei, tragam.
Imperativo negativo: não tragas, não traga, não tragamos, não tragais, não tragam.
Infinitivo pessoal: trazer, trazeres, trazer, trazermos, trazerdes, trazerem.
Gerúndio: trazendo.
Particípio: trazido. (*trago* não existe na língua culta!)

26) Verbo dizer

Este verbo e seus derivados (*bendizer, condizer, contradizer, desdizer, maldizer, predizer*) mudam o **z** para **g** antes de **o** e de **a**. Só peço que você observe as mudanças que ocorrem no

radical deste verbo.

Presente do indicativo: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem.
Pretérito perfeito do indicativo: disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram.
Pretérito imperfeito do indicativo: dizia, dizias, dizia, dizíamos, dizíeis, diziam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: dissera, disseras, dissera, disséramos, dissére is, disseram.
Futuro do presente do indicativo: direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão.
Futuro do pretérito do indicativo: diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam.
Presente do subjuntivo: diga, digas, diga, digamos, digais, digam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem.
Futuro do subjuntivo: disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem.
Imperativo afirmativo: diz(e), diga, digamos, dizei, digam.
Imperativo negativo: não digas, não diga, não digamos, não digais, não digam.
Infinitivo pessoal: dizer, dizeres, dizer, dizermos, dizerdes, dizerem.
Gerúndio: dizendo.
Particípio: dito (só exite a forma irregular).

Obs.: Segundo o Manual de Redação da PUC/PR, os verbos terminados em **-zer** e **-zir** podem ainda perder, na segunda pessoa do singular do imperativo, o **e** final, quando o **z** não é precedido de consoante: *faze* (ou *faz*) tu, *dize* (ou *diz*) tu, *traduze* (ou *traduz*) tu; **mas** *cirze* tu. Logo, "***Dize***-me com quem andas, e eu te direi quem és." ou "***Diz***-me com quem andas, e eu te direi quem és.". Tanto faz. O que não pode ocorrer é a mistura de tratamentos, pois precisamos obedecer ao conceito de uniformidade de tratamento, lembra? Portanto, a frase a seguir se encontra equivocada: "Dizei-me com quem andas, e eu te direi quem és.", dado que *Dizei* é forma de 2ª pessoa do plural e as demais formas são de 2ª pessoa do singular. Para que tal frase estivesse correta, todas as formas deveriam estar na 2ª pessoa do plural, afinal, o discurso se refere à 2ª pessoa do plural: "Dizei-me com quem andais, e eu vos direi quem sois.". Bonito isso, não?

27) Verbos arguir e redarguir

Antes de qualquer coisa, apesar de terminar em **-uir**, há particularidades em sua conjugação. Vamos lá...

Não se usa mais o trema nos grupos ***gue, gui***, *que, qui*. Não se usa mais o acento gráfico agudo no **u** tônico das formas *(tu) arguis, (ele) argui, (eles) arguem*, do presente do indicativo dos verbos *arguir* e *redarguir*, mas o acento prosódico nas vogais continua, a saber: *eu*

argUo, tu argUis, ele argUi, nós arguImos, vós arguIs, eles argUem.

Preciso me estender, apesar de já haver falado muito sobre isso em acentuação gráfica. Seguindo a lição de Douglas Tufano, sobre a nova ortografia, precisamos saber o seguinte:

> *"Há uma variação na pronúncia dos verbos terminados em **guar**, **quar** e **quir**, como aguar, averiguar, apaziguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir etc. Esses verbos admitem duas pronúncias em algumas formas do presente do indicativo, do presente do subjuntivo e também do imperativo. Veja:*
>
> *a) se forem pronunciadas com **a** ou **i** tônicos, essas formas devem ser acentuadas. Exemplos:*
>
> *verbo enxaguar: enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam; enxágue, enxágues, enxáguem. verbo delinquir: delínquo, delínques, delínque, delínquem; delínqua, delínquas, delínquam.*
>
> *b) se forem pronunciadas com **u** tônico, essas formas deixam de ser acentuadas.Exemplos (a vogal sublinhada é tônica, isto é, deve ser pronunciada mais fortemente que as outras):*
>
> *verbo enxaguar: enxag<u>u</u>o, enxag<u>u</u>as, enxag<u>u</u>a, enxag<u>u</u>am; enxag<u>u</u>e, enxag<u>u</u>es, enxag<u>u</u>em. verbo delinquir: delinq<u>u</u>o, delinq<u>u</u>es, delinq<u>u</u>e, delinq<u>u</u>em; delinq<u>u</u>a, delinq<u>u</u>as, delinq<u>u</u>am.*
>
> ***Atenção**: no Brasil, a pronúncia mais corrente é a primeira, aquela com **a** e **i** tônicos."*

Agora sim, voltemos à conjugação de ***arguir***:

Presente do indicativo: arguo, arguis, argui, arguimos, arguis, arguem.
Pretérito perfeito do indicativo: arguí, arguiste, arguiu, arguimos, arguistes, arguiram.
Pretérito imperfeito do indicativo: arguia, arguias, arguia, arguíamos, arguíeis, arguiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: arguira, arguiras, arguira, arguíramos, arguíreis, arguiram.
Futuro do presente do indicativo: arguirei, arguirás, arguirá, arguiremos, arguireis, arguirão.
Futuro do pretérito do indicativo: arguiria, arguirias, arguiria, arguiríamos, arguiríeis, arguiriam.
Presente do subjuntivo: argua, arguas, argua, arguamos, arguais, arguam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: arguisse, arguisses, arguisse, arguíssemos, arguísseis, arguissem.
Futuro do subjuntivo: arguir, arguires, arguir, arguirmos, arguirdes, arguirem.
Imperativo afirmativo: argui, argua, arguamos, argui, arguam.
Imperativo negativo: não arguas, não argua, não arguamos, não arguais, não arguam.
Infinitivo pessoal: arguir, arguires, arguir, arguirmos, arguirdes, arguirem.

Gerúndio: arguindo.
Particípio: arguido.

Como é impossível que todos os verbos interessantes sejam conjugados aqui, como *crer* (*descrer*), *ler* (*reler, tresler*), *fazer* (*afazer, contrafazer, desfazer, liquefazer, perfazer, refazer, satisfazer*), *comprazer* e outros defectivos, peço que você os conjugue com um dicionário ao lado. Fica aí mais um dever de casa do tio Pest!

Particularidades Gráficas e Fonéticas

Apesar de já haver falado muito sobre tais particularidades ao longo do tópico anterior, na conjugação de **Verbos Notáveis**, outros verbos sofrem mudanças gráficas e fonéticas ao longo de sua conjugação. Além dos verbos que já vimos no tópico anterior, vejamos mais alguns relevantes.

1) Os verbos terminados em **-car** mudam o **c** para **qu** antes da letra **e**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, nas formas do presente do subjuntivo e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo. Peguemos o exemplo de ***dedicar***.

Pretérito perfeito do indicativo: ***dediquei***, dedicaste, dedicou, dedicamos, dedicastes, dedicaram.
Presente do subjuntivo: ***dedique, dediques, dedique, dediquemos, dediqueis, dediquem.***
Imperativo afirmativo: dedica, ***dedique***, ***dediquemos***, dedicai, ***dediquem.***
Imperativo negativo: *não* ***dediques****, não* ***dedique****, não* ***dediquemos****, não* ***dediqueis****, não* ***dediquem.***

2) Os verbos terminados em **-çar** perdem a cedilha antes da letra **e**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, nas formas do presente do subjuntivo, e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo. Peguemos o exemplo de ***caçar***.

Pretérito perfeito do indicativo: ***cacei***, caçaste, caçou, caçamos, caçastes, caçaram.
Presente do subjuntivo: ***cace***, ***caces***, ***cace***, ***cacemos***, ***caceis***, ***cacem.***
Imperativo afirmativo: caça, ***cace***, ***cacemos***, caçai, ***cacem.***
Imperativo negativo: não ***caces***, não ***cace***, não ***cacemos***, não ***caceis***, não ***cacem.***

3) Os verbos terminados em **-gar** ganham a letra **u** antes da letra **e**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, nas formas do presente do subjuntivo, e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo. Peguemos o exemplo de ***advogar***.

Pretérito perfeito do indicativo: ***advoguei***, advogaste, advogou, advogamos, advogastes, advogaram.
Presente do subjuntivo: ***advogue***, ***advogues***, ***advogue***, ***advoguemos***, ***advogueis***, ***advoguem.***
Imperativo afirmativo: advoga, ***advogue***, ***advoguemos***, advogai, ***advoguem.***
Imperativo negativo: não ***advogues***, não ***advogue***, não ***advoguemos***, não ***advogueis***, não ***advoguem.***

Papéis Temáticos

Você deve estar se perguntando assim: “Papéis temáticos? Nunca ouvi isso na minha vida, Pestana!”. Relaxa! Não é nada misterioso. Trata-se apenas da relação entre o **verbo** e outros termos dentro da frase.

O conhecimento disso nos ajuda muito a identificar quais são os papéis semânticos que os termos desempenham dentro da frase, o que acaba por nos ajudar a analisar melhor sintaticamente.

Segundo Rodolfo Ilari, os **papéis temáticos** mais comuns são:

1) O **agente** (o indivíduo que tem a iniciativa da ação, que tem controle sobre a realização da ação).
2) O **alvo** (o indivíduo ou objeto diretamente afetado pela ação).
3) O **instrumento** (o objeto de que o agente se serve para praticar a ação).
4) O **beneficiário** (o indivíduo a quem a ação traz proveito ou prejuízo);
5) O **experienciador** (o indivíduo que passa pelo estado psicológico descrito pelo verbo).

Para que você entenda melhor, analise comigo estas três frases:

– *O professor* (agente) ***apagou*** *o quadro* (o alvo) *com o apagador* (o instrumento).

– *O aluno* (o beneficiário) ***levou*** *nota dez.*

– *A aluna* (o experienciador) ***se surpreendeu*** *com a classificação.*

É claro que há outros papéis temáticos e muito a dizer sobre o assunto, mas, como isso ainda não cai em prova diretamente, fico por aqui...

Caso queira saber mais sobre tal assunto, recomendo a leitura da *Gramática do Português Brasileiro*, de Mário Perini.

Valor Discursivo

O verbo é extremamente importante para exprimir a **intenção** (grave essa palavra!) do autor de um texto. Logo não podemos deixar de falar sobre seu **valor discursivo**.

Pois bem... há basicamente quatro tipos de texto (ou modos/modalidades de organização discursiva): a **dissertação**, a **narração**, a **descrição** e a **injunção**. Você perceberá nesses tipos de textos que alguns tempos verbais são comuns. E isso não é gratuito. Entendamos o porquê analisando, respectivamente, as modalidades de organização discursiva abaixo e suas considerações em seguida.

A maioria dos problemas existentes em um país em desenvolvimento, como o nosso, ***podem ser resolvidos*** *com uma eficiente administração política, porque a força governamental certamente* ***se sobrepõe*** *a poderes paralelos, os quais – por negligência de nossos representantes –* ***vêm aterrorizando*** *as grandes metrópoles. Isso* ***fica*** *claro no confronto entre a força militar do RJ e os traficantes, o que* ***comprova*** *uma verdade simples: se uma mudança radical visando o bem-estar da população* ***for*** *o desejo dos políticos, isso* ***será*** *plenamente possível.* ***É*** *importante salientar que nunca* ***deveremos ficar*** *de mãos atadas à espera de uma atitude do governo esperando o caos se estabelecer; o povo* ***tem de colaborar*** *com uma cobrança efetiva.*

Note que a **dissertação** é um estilo de texto com posicionamentos pessoais e exposição de ideias, apresentada de forma lógica, com razoável grau de objetividade e total coerência a fim de defender um ponto de vista e convencer o interlocutor. Para tal, os verbos se encontram normalmente no presente do indicativo e no futuro do presente. Mais do que isso: tais verbos são modalizadores, normalmente. "E o que é isso?" Simples: são verbos que exprimem um engajamento por parte do locutor: *poder, dever, ter de* são os mais comuns. Falei sobre isso em *verbos auxiliares*; por favor, reveja.

Obs.: Importantes verbos modalizadores, segundo Faraco & Moura & Maruxo Jr.:

"1. A constatação: Eu **vejo** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

2. O saber: Eu **sei** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

3. A certeza:

a) Forte certeza: **Tenho certeza de** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

b) Média certeza: **Creio** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

c) Fraca certeza: **Não estou muito certo de** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

d) Pressentimento/suposição: Eu **desconfio** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

4. A apreciação: Eu **acho** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.
5. A obrigação: A literatura brasileira contemporânea **tem de ser** definida.
6. A possibilidade: **É possível** que a literatura brasileira contemporânea seja indefinível.
7. O desejo: Eu **gostaria** que a literatura brasileira contemporânea fosse indefinível.
8. A exigência: Eu **exijo** que a literatura brasileira contemporânea seja indefinível.
9. A declaração: Eu **declaro** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.
10. A confirmação: Eu **garanto** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

Observe como as expressões de modalização destacadas modificam completamente o sentido da afirmação "a literatura brasileira contemporânea é indefinível". Em todas essas formas, é possível deixar o enunciado menos carregado de subjetividade, apagando as marcas do eu, ou seja, de quem expressa a opinião. Assim, em vez de dizer "Eu **constato** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.", pode-se dizer "**Constata-se** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível". Note como, no segundo caso, a expressão da opinião assume tom mais generalizado, não recaindo exclusivamente sobre o eu. É o que chamamos de **neutralizar a expressão subjetiva**. Em um texto argumentativo, você pode optar entre modalizações mais subjetivas ou objetivas, de acordo com o tipo de argumentação que pretende construir (apelando mais para a razão ou para a emoção)."

Friso que é mais elegante e menos impositivo um texto dissertativo na 3ª pessoa, sem marcas de pessoalidade (marcas de 1ª pessoa).

Ah! Leve em conta que tais verbos modalizadores apresentam sinônimos, logo não são fixos.

A dissertação apresenta verbos predominantemente no presente, pois tal tempo marca uma ideia de verdade. É chamado por alguns estudiosos de **tempo do mundo comentado**, pois normalmente os comentários e as opiniões das pessoas são apresentados como verdade (ou tomados como tal). Daí o uso do presente do indicativo.

Veja agora outro tipo de texto:

*Numa noite chuvosa do mês de Agosto, Paulo e o irmão **caminhavam** pela rua mal-iluminada que **conduzia** à sua residência. **Tinham feito** uma longa caminhada, porque a rua **era** grande. Subitamente **foram abordados** por um homem estranho. **Pararam**, atemorizados, e **tentaram saber** o que o homem **queria**, receosos de que se tratasse de um assalto. Jamais **tremeriam** de medo, senão naquela circunstância inusitada. **Era**, entretanto, somente um bêbado que **tentava encontrar**, com dificuldade, o caminho de sua casa.*

Note que a **narração** é um estilo de texto que visa contar um fato, com narrador, personagens, noção espaço/tempo, enredo etc. Para tal, os verbos se encontram normalmente nos tempos pretéritos do indicativo, pois as narrações normalmente remetem a fatos que já

ocorreram.

Não raramente, encontramos trechos de textos narrativos cujo tempo verbal está no presente do indicativo. Isso pode indicar duas coisas: **o narrador parou de narrar para tecer um comentário** ou **o narrador decide contar a história dando vivacidade a ela, como se ela estivesse ocorrendo no momento em que ele a narra**. Inclusive, esta segunda ideia é própria de jogos de futebol, em que os eventos sucedem à medida que o locutor narra.

Veja este texto que serviu de base para uma questão da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, em 2002:

*(...) Sinha Vitória **tinha amanhecido** nos seus azeites. **Fora** de propósito, **dissera** ao marido umas inconveniências a respeito da cama de varas. Fabiano, que não **esperava** semelhante desatino, apenas **grunhira**: – "Hum! hum!" E **amunhecara**, porque realmente mulher **é** bicho difícil de entender, **deitara**-se na rede e **pegara** no sono. (...)*

(RAMOS, Graciliano. Vidas secas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.)

QUESTÃO 04

a) "realmente mulher é bicho difícil de entender," (l. 6 – 7)

Nesta passagem, o emprego do verbo no presente do indicativo contrasta com o restante das formas verbais, todas flexionadas no tempo passado.

Justifique esse emprego do presente do indicativo.

Gabarito da banca: Trata-se da reprodução de uma frase tomada como verdade absoluta (ou como fato do conhecimento de todos ou como realidade imutável).

Agora, indo além do que a banca disse sobre o emprego do presente do indicativo, podemos dizer, sem problemas, que os verbos estão predominantemente nos tempos pretéritos, o que constitui uma narração. Só há um trechinho em todo o texto (que não transcrevi aqui por falta de espaço) que apresenta o verbo no presente do indicativo, destoando. Por que o presente do indicativo? Porque neste momento o narrador sai do **mundo narrado** e tece um comentário, indo para o **mundo comentado**. Percebe que os tempos verbais dentro de um texto são primordiais para que você o entenda? Simples assim.

Acompanhe agora o uso dos tempos verbais no texto abaixo.

***Era** uma casa muito engraçada*
*Não **tinha** teto, não **tinha** nada*
Ninguém podia entrar nela, não
*Porque na casa não **tinha** chão*
Ninguém podia dormir na rede
*Porque na casa não **tinha** parede*
Ninguém podia fazer pipi

*Porque penico não **tinha** ali*
*Mas **era feita** com muito esmero*
Na rua dos bobos, número zero
(Vinícius de Moraes)

Percebe que se trata de uma **descrição**? Os tempos verbais mais frequentes são o presente do indicativo no comentário e o pretérito imperfeito do indicativo no relato, como é o caso do exemplo. Segundo Othon M. Garcia, "Descrição é a representação verbal de um objeto sensível (ser, coisa, paisagem), através da indicação dos seus aspectos mais característicos, dos pormenores que o individualizam, que o distinguem.". Fácil, não?

Para fechar, veja estes textos:

Impedidos do Alistamento Eleitoral (art. 5º do Código Eleitoral) *– Não **podem alistar-se** eleitores: os que não saibam exprimir-se na língua nacional, e os que estejam privados, temporária ou definitivamente dos direitos políticos. Os militares são alistáveis, desde que oficiais, aspirantes a oficiais, guardas-marinha, subtenentes ou suboficiais, sargentos ou alunos das escolas militares de ensino superior para formação de oficiais.*

Seção IV – Da Contingência na Votação – Art. 58. *Na hipótese de falha na urna, em qualquer momento da votação, o presidente da mesa receptora de votos, à vista dos fiscais presentes, **deverá desligar** e **religar** a urna, **digitando** o código de reinício da votação.*

O texto injuntivo, ou **injunção**, apresenta verbos no imperativo e verbos com tom imperativo (presente do indicativo, futuro do presente e infinitivo impessoal, por exemplo), pois esse tipo de texto indica como realizar uma ação, aconselha, impõe, instrui o interlocutor; chamado também de **instrucional**, é utilizado para predizer acontecimentos e comportamentos, nas leis jurídicas.

Fique atento aos tempos verbais. Falo mais sobre os tipos de texto e seus detalhes no capítulo 34. Fique Tranquilo! Ou dê um pulo até lá. Você decide!

O Que Cai Mais na Prova?

Na boa mesmo... CAI TUDO! Mas, se eu fosse você, ficaria ligado em *Emprego e Reconhecimento de Tempos e Modos Verbais, Correlação Verbal, Transposição de Voz Verbal e Conjugação Verbal*. Sabendo isso, você tem... sei lá... mais de 90% de chance de acertar uma questão de verbo. A vaga é sua!

Questões de Concursos

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Para piorar, as fontes de energia se tornaram mais "sujas", com o aumento de 122% do CO2 lançado na atmosfera, percentual muito acima dos 71% da ampliação da geração no período. (...)

– Em "se tornaram" o pronome "se" indica voz passiva.

2. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Esses números tornam a internet o segundo meio de comunicação mais abrangente do Brasil, atrás apenas da televisão. Chegou-se a dizer que esse é um meio elitizado, utilizado apenas pelas classes A e B. Mas uma pesquisa mostra que as classes C e D utilizam amplamente a internet. (...)

– Em "Chegou-se", o "-se" indica voz passiva.

3. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) Em relação aos elementos do texto, qual afirmação é a correta?

(...) No entanto, dado o ritmo de crescimento projetado para o ano que vem, o mais provável é que a demanda por importações aumente e a pressão em favor do real diminua. (...) Qualquer invencionice só estimularia operações especulativas no câmbio, que acabariam provocando uma valorização ainda mais indesejável da moeda nacional.

– O emprego do subjuntivo em "aumente" e em "diminua" justifica-se por se tratar de fatos de realização garantida.

– O emprego do futuro do pretérito em "estimularia" indica um acontecimento futuro em relação a um ato passado que se configura no fato relacionado aos termos "Qualquer invencionice".

4. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) Assinale a opção que, ao substituir elemento destacado no texto, acarreta <u>erro</u> gramatical.

Entre as diversas providências que o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) <u>vem tomando</u> com o objetivo de tornar mais transparente e eficiente a administração do Poder Judiciário, uma das mais simples começará a ser adotada brevemente. Trata-se da divulgação, pela internet, de todas as despesas de custeio e de investimento da Justiça Federal, da Justiça do Trabalho, das Justiças estaduais, da Justiça Eleitoral e da Justiça Militar. Até hoje, só alguns tribunais <u>vinham divulgando</u> suas contas. A medida, juntamente com os indicadores de desempenho funcional e as inspeções da Corregedoria Nacional de Justiça, <u>permitirá identificar</u> os casos de má gestão financeira, de arbitrariedades, de malversação de recursos públicos e de gastos perdulários. Por gastar excessivamente com a manutenção dos gabinetes de seus dirigentes, por exemplo, alguns Tribunais de Justiça estaduais não dispunham de recursos suficientes para manter as varas judiciais, <u>prejudicando com isso</u> o atendimento à população. <u>Contribuindo</u> para racionalizar a gestão dos recursos financeiros dos tribunais, as novas regras do CNJ ajudarão o Judiciário a melhorar sua imagem perante a opinião pública. Há dois meses, a pesquisa Índice Latino-americano de Transparência Orçamentária, realizada em 12 países, apontou o Judiciário como o mais "opaco" dos Três Poderes. Quanto mais transparente for a Justiça, maior será sua credibilidade.

a) "vem tomando" > tem tomado
b) "vinham divulgando" > tem divulgado
c) "permitirá identificar" > vai permitir que se identifiquem
d) "prejudicando com isso" > o que tem prejudicado
e) "Contribuindo" > Ao contribuir

5. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) (Adaptada) Em relação às estruturas do texto abaixo, julgue se a afirmativa é correta ou incorreta.

Para que a cobertura mínima oferecida pelos planos de saúde aos seus segurados inclua as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente, a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) acrescentou 73 novos procedimentos à lista de exames, consultas, cirurgias e outros serviços que as operadoras são obrigadas a oferecer. (...)

O emprego do modo subjuntivo em "inclua" justifica-se por se tratar de uma oração subordinada que apresenta um fato hipotético ou provável.

6. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) (Adaptada) Em relação aos elementos do texto, julgue se a afirmativa é correta ou incorreta.

(...) Isso se traduziu como forte pressão sobre as finanças públicas, que estão acusando déficits muito elevados.

A substituição de "se traduziu" por **foi traduzido** prejudica a correção gramatical do período.

7. (FDC – MAPA – Administrador – 2010) Observe a flexão do verbo MAPEAR no trecho "sendo o alicerce para que as empresas MAPEIEM seu roteiro futuro" (1º parágrafo). Em português, os verbos terminados no infinitivo em *-ear* e alguns terminados em *-iar* apresentam ditongação em determinadas formas. Nesse sentido, pode-se afirmar que está

INCORRETA a seguinte frase imperativa:
a) Não odeies teus inimigos.
b) Refreia os teus impulsos.
c) Não negoceies sem considerar teus princípios éticos.
d) Desnorteia quem te persegue.
e) Principia a frase com a letra de teu nome.

8. (FDC – FUNASA – Administrador – 2010) Com a forma verbal grifada em "Os estudos **serão apresentados** ao Ministério da Saúde...", o autor do texto pretende dizer ao leitor que os estudos referidos:
a) devem ser publicados e discutidos em congressos futuramente.
b) serão apresentados futuramente, ainda que sem data certa.
c) em futuro bem próximo, os estudos serão apresentados.
d) serão obrigatoriamente apresentados às autoridades.
e) serão apresentados em um ato oficial.

9. (FDC – FUNASA – Administrador – 2010) A frase "Os estudos serão apresentados ao Ministério da Saúde" equivale semanticamente a:
a) O Ministério da Saúde apresentará os estudos.
b) Apresentar-se-ão os estudos ao Ministério da Saúde.
c) Ao Ministério da Saúde cabe apresentar os estudos.
d) Por meio dos estudos, o Ministério da Saúde será informado.
e) O Ministério da Saúde será o encarregado de apresentar os estudos.

10. (FDC – Câmara Municipal de Petrópolis – Arquivista – 2010) Suponha que, quando os policiais chegaram ao local do incidente, flagraram uma pessoa a retirar pertence de Dario, dando ao larápio voz de prisão nos seguintes termos: "Levanta suas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexa em seus pertences. Passa teus documentos e considere-se preso". Para que a voz de prisão esteja rigorosamente de acordo com a norma culta da língua e em tratamento formal, os termos terão de ser expressos da seguinte forma:
a) Levanta suas mãos para o alto. Afasta-te da vítima e não mexa em teus pertences. Passa teus documentos e considere-se preso.
b) Levante tuas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexas em seus pertences. Passai teus documentos e considere-te preso.
c) Levante suas mãos para o alto. Afastai-vos da vítima e não mexais em seus pertences. Passe teus documentos e considere-se preso.
d) Levanta tuas mãos para o alto. Afasta-te da vítima e não mexas em seus pertences. Passa teus documentos e considera-te preso.
e) Levantai tuas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexe em teus pertences. Passe seus documentos e considera-te preso.

*(...) Por enquanto a equipe econômica brasileira resiste em adotar este passo, pois, para o economista americano J. L., o reforço no balanço orçamentário e as ações de caráter mais estrutural são, muitas vezes, as respostas mais adequadas para o aumento de fluxos. "Mas pode haver circunstâncias em que os controles cambiais **sejam** úteis, numa medida temporária, para lidar com esse crescimento de capital", afirma.*

11. (Esaf – CVM – Analista de Sistemas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O uso do modo subjuntivo em "sejam" ressalta a ideia de uma hipótese, uma possibilidade; para se fazer uma afirmação, o desenvolvimento textual admitiria a forma de indicativo: são ou serão.

*Durante muito tempo, a tributação foi vista apenas como um instrumento de receita do Estado. Apesar desta missão ser, por si só, relevante, na medida em que garante os recursos financeiros para que o Poder Público bem **exerça** seu mister, a verdade é que, pouco a pouco, descobriu-se outra faceta não menos importante na tributação. (...)*

12. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) Preservam-se a coerência textual e a correção gramatical ao substituir "exerça" por **exercesse**?

*Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam **é** de índices sobre macroeconomia, (...) A internet, por exemplo, apareceu em grande escala em 1992, e o mundo se deu conta da revolução que ela **fizera** nos negócios, na cultura e na vida das pessoas 10 anos depois.*

13. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) No texto acima, provoca-se erro gramatical ou incoerência na

argumentação do texto ao I- retirar "é" e II- substituir "fizera" por **havia feito**?

14. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) Seriam mantidos o sentido e a correção gramatical do texto se os infinitivos flexionados fossem substituídos pelas respectivas formas do infinitivo não flexionado no segmento "Ficamos a olhar o verde do jardim, *as gotas a evaporarem, as lesmas a prepararem os corpos para novas caminhadas*".
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Na linha 11 (*A indispensabilidade da teoria política viria dessa necessidade de autoconhecimento dos indivíduos*), o uso do futuro do pretérito em "viria" sugere a intenção do autor em manter distanciamento em relação à ideia da "necessidade de autoconhecimento dos indivíduos".
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) *"A questão da desigualdade, finalmente, está produzindo estudos focados em entender como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas – estejam elas no topo ou na base" (...)*

A obrigatoriedade do emprego da forma verbal **"estejam"**, no modo subjuntivo, decorre da relação sintática entre essa forma verbal e o trecho **"como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas"**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) *"A escola da era da globalização, tecnologia e informação **deve preparar** o educando para intervir criticamente na realidade e transformá-la, e não apenas para integrá-lo ao mercado de trabalho. Esse aluno **deverá ter** o perfil do cidadão engajado na luta pela justiça social" (...)*

Do ponto de vista argumentativo, o uso reiterado do verbo auxiliar dever, como em "deve preparar" e "deverá ter", indica grande probabilidade de os objetivos associados a essas formas verbais se tornarem realidade.
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) A substituição da forma verbal "tornava" (... tinha suas fraquezas e imperfeições, mas sabia que isso não o *tornava* menos humano e digno) por **tornasse** preservaria as regras gramaticais bem como a coesão e a coerência do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) (...) Ela é o nosso radar para o perigo. Se nós, ou nossos ancestrais, fôssemos aguardar que a mente racional tomasse uma decisão, teríamos, provavelmente, não só cometido erros, mas também desaparecido como espécie.

O emprego das formas verbais no subjuntivo "fôssemos" e "tomasse" deve-se à presença do elemento gramatical "Se".
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – STM – Analista Judiciário – 2011) (...) Quando a polícia reage, os vândalos voltam a se misturar à massa de gente que protesta pacificamente, na esperança de, com isso, provocar um tumulto e incitar outros manifestantes a entrar no confronto. (...)

As formas verbais infinitivas "misturar" e "provocar" poderiam ser corretamente substituídas por suas formas flexionadas, **misturarem** e **provocarem.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (...) O debate voltou à tona após policiais da Delegacia Antipirataria apreenderem, no mês passado, mais de duzentas pastas com textos para serem reproduzidos em uma universidade do Rio de Janeiro, sob a alegação de crime de direitos autorais. (...)

A forma verbal "apreenderem" poderia ser corretamente substituída pela forma verbal composta terem apreendido.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Da memória e da reminiscência

A fenomenologia da memória aqui proposta estrutura-se em torno de duas perguntas:

De que há lembrança? De quem é a memória?

Essas duas perguntas **são formuladas** dentro do espírito da fenomenologia husserliana. **Privilegiou-se**, nessa herança, a indagação colocada sob o adágio bem conhecido segundo o qual toda consciência é consciência de alguma coisa. (...) **Se** nos apressarmos a dizer que o sujeito da memória é o eu, na primeira pessoa do singular, a noção de memória coletiva poderá apenas desempenhar o papel analógico, ou até mesmo de corpo estranho na fenomenologia da memória. (...)

22. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Estaria mantida a correção gramatical se as formas verbais "são formuladas" e "Privilegiou-se" fossem substituídas, respectivamente, por **formulam-se** e **foi privilegiada.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Ainda com relação a esse texto, julgue os itens a seguir.

Se a conjunção "Se" fosse substituída por **Caso**, deveria ser alterado o tempo e mantido o modo verbal empregado na oração condicional.
( ) CERTO
( ) ERRADO

24. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) *(...) "A nova sociedade de redes favorecerá o advento de um mundo menos marcado pelos desequilíbrios sociais ou reforçará as desigualdades planetárias, criando excluídos da modernidade digital? (...)*

Ao empregar o futuro do presente do indicativo em "favorecerá" e "reforçará", o autor faz uma previsão de duas características que distinguirão da sociedade atual a "nova sociedade".
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) A locução verbal "havia imprimido" pode ser substituída por **imprimira**, sem prejuízo para a correção gramatical e para o sentido do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

26. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) *(...) "Nós vivemos na era da informação e as nações que quiserem realmente estar nesse tempo devem colocar cada vez mais informações na rede." (...)*

O emprego do modo subjuntivo em "quiserem" revela que, na construção da textualidade, a intenção do autor do argumento é sugerir que há nações que resistem a "estar nesse tempo".
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Cespe/UnB – FUB – Médico – 2011) Na oração "que tenha sido completamente formada na era da Internet", a forma verbal "tenha" poderia ser substituída por **haja**, sem alteração do sentido ou da correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

2º § No entanto, sem escala de valor está a vida de milhares de pessoas que faleceram e virão a sucumbir, vítimas das enchentes. Segundo dados da ONU (2005), em 1988 mais de 15 mil pessoas foram mortas em consequência de enchentes; em 1999, o número de vítimas subiu para quase 35 mil. Esse quadro é configurado como o mais dramático e triste do problema das inundações urbanas, pois a maioria dessas mortes, de alguma forma, poderiam ter sido evitadas.

6º § A quantidade de material suspenso na drenagem pluvial apresenta uma carga muito alta, considerando a vazão envolvida. Esse volume é mais significativo no início das enchentes. Os primeiros 25 mm de escoamento superficial geralmente transportam grande parte da carga poluente de origem pluvial.

28. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal de Atividades Urbanas – 2011) Assinale a alternativa correta acerca de fatos gramaticais e semânticos presentes no texto I.

a) Nas linhas 1 e 2 (2º §), os verbos falecer e vir a sucumbir expressam, respectivamente, uma ação concluída, observada no seu término, no seu resultado, e uma ação a ocorrer após o momento em que se enuncia o fato.

b) Na última linha do 2º §, a locução verbal 'poderiam ter sido evitadas' ficaria bem ajustada às normas gramaticais com o uso do verbo "ter" no plural, em concordância com o substantivo "mortes", que faz parte do sujeito da frase.

e) No 6º §, o termo "suspenso" pode ser trocado por suspendido, pois ambas as formas pertencem ao verbo suspender e são permutáveis sem reservas em contextos frasais que exijam o emprego do particípio.

Fragmento de texto

Por outro lado, para o cientista, não existe dúvida de que o aspecto mais notável da memória é o esquecimento. Afinal, se uma pessoa se ***lembrasse*** *de tudo, em todos os pormenores, não conseguiria pensar de forma genérica. Se as mulheres conseguissem reproduzir por completo os momentos da dor do parto, nenhuma teria mais de um filho.*

29. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal de Atividades Urbanas – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A troca de "lembrasse" por **lembrar** altera o sentido da frase e exige mudança em outro termo do enunciado.

30. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista (Direito) – 2011) No trecho "Se Mubarak caísse, o que viria em seu lugar", estaria mantida a correção gramatical do texto caso se substituíssem as formas verbais "caísse" e "viria" por **cair** e **virá**, respectivamente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) Estão plenamente adequadas a flexão e a correlação entre tempos e modos dos verbos na frase:
a) As ponderações de Kucinski seriam úteis se acatadas por todos os que estivessem envolvidos no campo de atuação que ele analisou.
b) Todo louvor aos que se disporem a assumir valores éticos, sem que se importassem com os sacrifícios que isso representaria.
c) Teria sido o mercado, e não a fraqueza moral de cada um, o fator que levará os jovens a uma competição cada vez mais violenta.
d) Os jovens jornalistas agem hoje como se nunca houvera necessidade de sobreviver ao tempo em que trabalhassem os veteranos.
e) Caso ninguém venha a se preocupar com a ética no trabalho, seria inútil que os velhos profissionais venham a nos lembrar o nome de Pulitzer.

32. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) *Paulo Honório (querer) contar a própria vida, mas, julgando que não o (conseguir), (pedir) ao jornalista Gondim que o (fazer).*

Os verbos indicados entre parênteses estarão adequadamente correlacionados na frase acima caso se flexionem nas seguintes formas:
a) quisera − conseguirá − pedisse − faria;
b) queria − conseguiria − pediu − fizesse;
c) queria − conseguisse − pedia − faça;
d) quis − consegue − pede − fizesse;
e) quis − conseguiu − pediu − faça.

33. A transposição para a voz ativa da frase *Foi assim que sempre se fez a literatura* tem como resultado:
a) Sempre foi assim que a literatura fez.
b) Assim é que sempre foi feita a literatura.
c) Terá sido feito sempre assim, a literatura.
d) Foi sempre assim que a literatura tem feito.
e) Foi assim que sempre fizeram a literatura.

34. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) *... a leitura em profundidade foi substituída pela massa de informações, em sua maioria superficiais...*

Com a transposição da frase acima para a voz ativa, o verbo passará a ser:
a) substituíram;
b) substituiu;
c) substituíra;
d) tinham substituído;
e) substituiriam.

35. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) *O ex-ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, afirma que os ganhos da produtividade na pecuária* <u>*poderiam*</u> *liberar terras suficientes para dobrar a área plantada com alimentos.*

O emprego da forma verbal grifada acima indica, considerando-se o contexto:
a) certeza que consolida a afirmativa feita;
b) ação habitual e repetitiva, em relação à pecuária;

c) fato histórico, constante no tempo;
d) realidade a ser confirmada num futuro imediato;
e) hipótese, a partir de certa condição implícita.

36. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) *A expectativa é de que o Brasil tenha de arcar com 40% desse aumento.*

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está também grifado na frase:

a) Embora domine as técnicas mais modernas, na média, a produtividade da agropecuária brasileira ainda está distante de alcançar seu pleno potencial.
b) Grosso modo, as pastagens brasileiras possuem uma unidade animal por hectare.
c) Para isso, terá dois caminhos ...
d) ... esse investimento muitas vezes não se justifica do ponto de vista estritamente econômico.
e) "Além disso, o Brasil ainda pode aumentar muito a produtividade de grãos, como o milho, o trigo e o feijão", afirma.

37. (FCC – TRT/AL (19R) – Técnico Judiciário – 2011) ... *que pouco conhecia sobre ciência.*

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o da frase acima está em:

a) ... embora uma corrente de autores continuem...
b) ... escritores do século XIX elogiaram as realizações de Leonardo...
c) Os relatos do século XIX sobre Leonardo enfatizavam o fato...
d) Pelo contrário, se ele não realizou coisa alguma...
e) O poderoso mito de Leonardo alcança esse patamar...

38. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) ... *viu pedrinhas ali perto.*

A passagem para a voz passiva da frase acima resulta na seguinte forma verbal:

a) viu-se;
b) é visto;
c) são vistas;
d) tinha visto;
e) foram vistas.

39. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) É comum que, durante suas brincadeiras, as crianças se ..... para um universo mágico e ..... a identidade de uma personagem admirada, ... um super-herói ou uma figura da realeza.

Preenche corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada, o que está em:

a) transportam – assumem – seja;
b) transportem – assumem – seria;
c) transportem – assumam – seja;
d) transportam – assumiriam – sendo;
e) transportariam – assumiriam – seria.

40. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) Observe o texto:

João e Maria
Agora eu era o herói
E o meu cavalo só falava inglês
A noiva do cowboy
Era você
Além das outras três
Eu enfrentava os batalhões
Os alemães e seus canhões
Guardava o meu bodoque
E ensaiava um rock
Para as matinês
(...)
Não, não fuja não
Finja que agora eu era o seu brinquedo
Eu era o seu pião
O seu bicho preferido
Sim, me dê a mão
A gente agora já não tinha medo
No tempo da maldade

Acho que a gente nem tinha nascido
Chico Buarque e Sivuca

I. Nos versos *Agora eu era o herói* e *A gente agora já não tinha medo*, o uso do advérbio agora mostra-se inadequado, pois os verbos conjugados no pretérito imperfeito designam fatos transcorridos no tempo passado.

II. Em *Finja que agora eu era o seu brinquedo e Sim, me dê a mão*, os verbos grifados estão flexionados no mesmo modo.

III. Substituindo-se a expressão *a gente* pelo pronome *nós* nos versos *A gente agora já não tinha medo* e *Acho que a gente nem tinha nascido*, a forma verbal resultante, sem alterar o contexto, será *teríamos*.

Está correto o que se afirma em:

a) I, apenas.
b) II, apenas.
c) III, apenas.
d) I e II, apenas.
e) I, II e III.

41. (FCC – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2011) Está corretamente empregada a palavra destacada na frase

a) Constitue uma grande tarefa transportar todo aquele material.
b) As pessoas mais conscientes requereram anulação daquele privilégio.
c) Os fiscais reteram o material dos artistas.
d) Quando ele vir até aqui, trataremos do assunto.
e) Se eles porem as pastas na caixa ainda hoje, pode despachá-la imediatamente.

42. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) *Tanto as fontes quanto a própria historiografia falavam a linguagem do poder...*

Transpondo-se a frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante será:

a) eram faladas;
b) foi falada;
c) se falaram;
d) era falada;
e) tinha-se falado.

43. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) O verbo corretamente empregado e flexionado está grifado em:

a) É de se imaginar que, se os viajantes setecentistas antevessem as dificuldades que iriam deparar, muitos deles desistiriam da aventura antes mesmo de embarcar.
b) O que quer que os compelisse, cabe admirar a coragem desses homens que partiam para o desconhecido sem saber o que os aguardava a cada volta do rio.
c) Caso não se surtisse com os mantimentos necessários para o longo percurso, o viajante corria o risco de literalmente morrer de fome antes de chegar ao destino.
d) Se não maldiziam os santos, é bastante provável que muitos dos viajantes maldizessem ao menos o destino diante das terríveis tribulações que deviam enfrentar.
e) Na história da humanidade, desbravadores foram não raro aqueles que sobreporam o desejo de enriquecer à relativa segurança de uma vida sedentária.

44. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) Em *há verbos supostamente ativos que não expressam ação realizada*, alterando a flexão dos verbos *haver* e *expressar* para o pretérito perfeito do indicativo, tem-se:

a) havia verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada;
b) houve verbos supostamente ativos que não expressaram ação realizada;
c) houveram verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada;
d) haviam verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada;
e) houve verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada.

45. (FCC – BB – Escriturário – 2011) *É irrelevante que entrem na faculdade, que ganhem muito ou pouco dinheiro, que sejam bem-sucedidos na profissão.* (3º parágrafo)

O emprego das formas verbais grifadas acima denota:

a) hipótese passível de realização;
b) fato real e definido no tempo;
c) condição de realização de um fato;
d) finalidade das ações apontadas no segmento;

e) temporalidade que situa as ações no passado.

46. (FCC – TRE/TO – Analista Judiciário – 2011) *Minha outra mulher teve uma educação rigorosa, mas mesmo assim mamãe nunca entendeu por que eu escolhera justamente aquela, entre tantas meninas de uma família distinta.*

O verbo grifado na frase acima pode ser substituído, sem que se altere o sentido e a correção originais, e o modo verbal, por:

a) escolheria;
b) havia escolhido;
c) houvera escolhido;
d) escolhesse;
e) teria escolhido.

47. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) Leia:

Sob Medida
Chico Buarque
Se você **crê** em Deus
Erga as mãos para os céus e **agradeça**
Quando me **cobiçou**
Sem querer **acertou** na cabeça

No fragmento acima, passando as formas verbais destacadas para a segunda pessoa do singular, a sequência correta é:

a) crês, ergues, agradecei, cobiçais, acertai;
b) crês, ergue, agradece, cobiçaste, acertaste;
c) credes, ergueis, agradeceis, cobiçaste, acertaste;
d) credes, ergas, agradeças, cobiçais, acertais;
e) creis, ergues, agradeces, cobiçaste, acertaste.

48. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) O trecho em que se encontra voz passiva pronominal é:

a) "feito *hamsters* que se alimentam de sua própria agitação.";
b) "Recolher-se em casa,";
c) "sinal de que não se arrumou ninguém";
d) "Mas, se a gente aprende a gostar (...)";
e) "nela a gente se refaz (...)";

49. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) A sentença em que o verbo entre parênteses está corretamente flexionado é:

a) O coordenador reveu as necessidades dos grupos. (rever)
b) A impaciência deteu as pessoas. (deter)
c) Eu reavejo minhas convicções diariamente. (reaver)
d) Quando você se opor à minha solidão, ficarei aborrecido. (opor)
e) Nós apreciamos os bons alunos. (apreciar)

50. (FCC – TRT/RS (4R) – Analista Judiciário – 2011) *A conciliação, antes de tudo, tem proporcionado às partes o efetivo acesso à Justiça, pois elas participam diretamente no resultado apaziguador do conflito.*

Transpondo o segmento destacado na frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante é:

a) têm proporcionado;
b) tem sido proporcionado;
c) tinham proporcionado;
d) era proporcionado;
e) foi proporcionado.

51. (FCC – TRT/RS (4R) – Analista Judiciário – 2011) Observe o texto:

Esta é uma história da Bossa Nova e dos dois *rapazes e moças que a fizeram, quando eles tinham entre quinze e trinta anos. É também um livro que se pretende o mais factual e objetivo possível. Evidente que,* ***tendo sido escrito*** *por alguém que* ***vem ouvindo*** *Bossa Nova desde que ela ganhou este nome (e que nunca se conformou quando o Brasil* ***começou a trocá-la*** *por exotismos), uma certa dose de paixão* ***acabou se intrometendo*** *na receita – sem interferir, espero, pró ou contra, na descrição da trajetória de qualquer personagem. Os seres humanos, assim como os LPs,* ***têm*** *lados A e B, e houve um esforço máximo para que ambos fossem mostrados. (...)*

O segmento que expressa uma ação durativa que se prolonga do passado até ao momento da fala do autor é:

a) *tendo sido escrito;*
b) *vem ouvindo;*

c) *começou a trocá-la;*
d) *acabou se intrometendo;*
e) *têm.*

52. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Está **inadequada** a correlação entre tempos e modos verbais no seguinte caso:
a) Muitos se lembrariam da alegria voraz com que eram disputadas as toneladas da vítima.
b) Foi salva graças à religião ecológica que andava na moda e que por um momento estabelecera uma trégua entre todos.
c) Um malvado sugere que se dê por perdida a batalha e comecemos logo a repartir os bifes.
d) Depois de se haver debatido por três dias na areia da praia a jubarte acabara sendo salva por uma traineira que vinha socorrê-la.
e) Já informado do salvamento da baleia, o cronista teve um sonho em que o animal lhe surgiu com a força de um símbolo.

53. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) *... em que as melhores cadências do samba e da canção se aliaram com naturalidade às deformações normais de português brasileiro...*
O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:
a) *São Paulo muda muito...*
b) *... para nos porem no Alto da Mooca...*
c) *Talvez João Rubinato não exista...*
d) *... Adoniran não a deixará acabar...*
e) *Mas a cidade que nossa geração conheceu...*

54. (FCC – TRF/2R – Analista Judiciário (ADM) – 2012) O emprego, a grafia e a flexão dos verbos estão corretos em:
a) A revalorização e a nova proeminência de Paraty não prescindiram e não requiseram mais do que o esquecimento e a passagem do tempo.
b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre renegada a um segundo plano, eis que ela imerge do esquecimento, em 1974.
c) A cada novo ciclo econômico retificava-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, sobreviram longos anos de esquecimento.
d) A Casa Azul envidará todos os esforços, refreando as ações predatórias, para que a cidade não sucumba aos atropelos do turismo selvagem.
e) Paraty imbuiu da sorte e do destino os meios para que obtesse, agora em definitivo, o prestígio de um polo turístico de inegável valor histórico.

55. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) *... deve cuidar para que os impactos ambientais sejam mitigados e compensados.*
O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está em:
a) *Quando se tem em conta ...*
b) *... ainda que nem todo o potencial lá existente venha a ser desenvolvido.*
c) *As questões que se contrapõem ...*
d) *... não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos.*
e) *... que podem ser feitos na direção de ...*

Fragmento de texto:
A discussão sobre "centro" e "periferia" no pensamento brasileiro ***vincula-se*** *a elaborações que se dão num âmbito mais amplo, latino-americano.*
(...)
No entanto, a elaboração anterior à CEPAL ***preocupava-se*** *principalmente com os países capitalistas avançados,* ***interessando-se*** *pelos países "atrasados" na medida em que desenvolvimentos ocorridos neles* ***repercutissem*** *para além deles.*
(...)
Assim, o marxismo, a teoria da modernização e a economia neoclássica tendiam a considerar que os mesmos caminhos seguidos pelas sociedades em que foram formulados ***teriam*** *que ser trilhados pelo resto do mundo, "atrasado".*

56. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) A única afirmação INCORRETA sobre a forma transcrita do texto é:
a) *vincula-se* / O tempo e o modo verbais indicam que a ideia é tomada como verdadeira.
b) *preocupava-se* / A forma verbal designa que o fato é concebido como contínuo.
c) *interessando-se* / Esse gerúndio, colocado depois do verbo principal − *preocupava-se* −, indica uma ação simultânea ou posterior, e pode ser legitimamente considerado equivalente a "e interessava-se".

d) *repercutissem* / Essa forma subjuntiva enuncia a ação do verbo como eventual.
e) *teriam* / Constitui forma polida de presente, atenuando a ideia de obrigação ou dever.

Fragmento de texto:

"Precisamos levar sempre em conta os traços culturais que nos caracterizam, que ***hão de alimentar*** *a busca de soluções endógenas, que nem sempre têm por que coincidir com as do mundo altamente industrializado".*

(...)

O que há de extraordinário nessa citação? Nada, exceto a data. Ela não ***foi redigida*** *no princípio do século XIX e sim no dia 29 de maio de 1993, exatamente um mês antes da redação deste artigo. Trata-se de um documento aprovado por vários intelectuais ibero-americanos, na Guatemala, como parte da preparação da III Conferência de Cúpula da região,* ***a realizar-se em Salvador****, na Bahia.*

(...)

Ao que parece, nada envelheceu nessas palavras. Quase todos os brasileiros ***se orgulhariam de repeti-las****, como se elas fossem novas e matinais, como se fôssemos contemporâneos do grito do Ipiranga.*

(...)

Só uma coisa não mudou: o nacionalismo cultural. ***Continuamos repetindo****, ritualmente, que a cultura brasileira (ou latino-americana) deve desfazer-se dos modelos importados e voltar-se para sua própria tradição cultural.*

57. (FCC – Prefeitura Municipal/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I (Gestão Tributária) – 2012) O texto legitima o seguinte comentário:
a) Em *Continuamos repetindo*, a ideia de ação em processo é decorrência exclusiva da forma *Continuamos*.
b) A forma verbal *foi redigida* exprime fato passado considerado contínuo.
c) A forma *a realizar-se em Salvador* exprime fato futuro em relação à data de redação do documento, mas passado em relação à data do artigo.
d) Em *se orgulhariam de repeti-las*, tem-se a expressão de um fato possível, mas considerado de pouca probabilidade.
e) Em *hão de alimentar*, a forma verbal exprime, além da ideia de futuro, a de que o evento é desejado.

58. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário (ADM) – 2012) *Há 40 anos, a mais célebre crítica de cinema dos Estados Unidos, Pauline Kael (1919-2001), publicava seu artigo mais famoso*.

Transpondo a frase destacada para a voz passiva, a forma verbal encontrada é:
a) publicaram;
b) havia sido publicado;
c) publicou-se;
d) tinha publicado;
e) era publicado.

59. (FDC – Prefeitura Itaboraí/RJ – Fiscal de Tributos – 2012) A frase que se encontra integralmente na voz ativa é:
a) "Talvez o Brasil já tenha acabado e a gente não perceba isso". *(Paulo Francis)*
b) "De dez em dez anos toda a burocracia precisa ser fuzilada e trocada". *(Stalin)*
c) "O Brasil é a melhor piada que já foi contada por um português". *(Fernando Pedreira)*
d) "Advogados são as únicas pessoas cuja ignorância da lei não é punida com cadeia". *(Jeremy Bentham)*
e) "O Brasil é um país perigosamente gasoso. Os problemas são detectados, mas ninguém sabe resolvê-los." *(Arnaldo Jabor)*

60. "Honrarás pai e mãe!" Esse é um mandamento da Igreja Católica, que poderia ser ampliado a todas as igrejas. Nesse caso, o emprego do futuro do presente do indicativo tem valor de:
a) incentivo;
b) conselho;
c) pedido;
d) alerta;
e) ordem.

61. (CEPERJ – Procon/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) Dentre os verbos irregulares há aqueles que apresentam alguma variação no radical, ou seja, na "base" da palavra.

Um exemplo de verbo irregular encontra-se no seguinte exemplo do texto:
a) "quem lhe escreve";
b) "vivi uma tremenda aventura";
c) "quanto tempo isso levaria";
d) "Éramos centenas ali";

e) “sempre falava nisso”;

62. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Da combinação inusitada do verbo **morrer**, flexionado no pretérito perfeito do indicativo, com a expressão adverbial “desde pequena” (Eu sei morrer. Morri desde pequena.) infere-se uma compreensão da morte diferente da que estaria implícita caso tivesse sido empregada a locução verbal **Venho morrendo.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento do poema
Ó grandes oportunistas... que calculais...(...)/Ó personagens solenes (...)/ Ó soberbos titulares

63. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) No poema, que apresenta uma denúncia de atos de abuso de poder, foram utilizados os seguintes recursos que permitem que a poeta se dirija diretamente a um interlocutor: emprego de vocativo nos versos 1, 9 e 33 e de verbos na segunda pessoa do plural, todos no imperativo afirmativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
Vestidos de palhaço, eles aproveitam o tempo dos carros parados no semáforo para cumprir essa missão. Com cartazes educativos, ocupam a faixa de pedestres, fazem performances e brincam com os motoristas.

64. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) Sem prejuízo semântico para o texto, as formas verbais “fazem” e “brincam” poderiam ser substituídas pelas formas *fazendo* e *brincando*, respectivamente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

65. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) Assinale a alternativa cuja sequência verbal destacada constitui um exemplo de tempo composto.
a) “Não <u>estou afirmando</u> que os poetas atuais são tradicionalistas”
b) “...um arquivo atemporal, ao qual recorre a produção poética para <u>continuar proliferando</u>”
c) “as formas poéticas <u>deixaram de ser</u> valores que cobram adesão à experiência histórica”
d) “<u>Pode parecer</u> um paradoxo que a poesia desse período, a mesma que tem continuidade”
e) “... <u>tenha passado a fazer</u> um uso relutantemente crítico, ou acrítico, da tradição”

66. (Funcab – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Em “(...) A empregada já HAVIA CHEGADO e estava no portão, olhando o <u>movimento</u>.(...)”, o tempo verbal mostra uma ação:
a) iniciada no passado, continuada no presente;
b) realizada em futuro próximo;
c) subordinada a uma ação futura;
d) repetida, independente da ação passada;
e) já terminada;

67. (Funcab – MPE/RO – Analista – 2012) Assinale a alternativa em que o verbo em destaque foi corretamente conjugado.
a) Se você INTERPOR um recurso, talvez consiga reverter a situação.
b) Ele INTERVIU assim que a situação piorou.
c) Se você VER que a situação piorou, volte para cá.
d) Quando você VIM para cá, traga a pasta da diretoria.
e) Você só será respeitado se se IMPUSER.

68. (FCC – TJ/PE – Técnico Judiciário – 2012) “No meu tempo, já existiam velhos, mas poucos”. A frase de Machado de Assis nos leva a supor que havia mais velhos quando ele próprio se tornou um velho. E hoje, muito mais ainda, embora os manuais de redação recomendem que não se fale mais em “velhos”, mas em “idosos”.
(Carlos Heitor Cony, “Prazo de validade”. Folha de S. Paulo, A2 opinião, 27/10/2011)
No fragmento acima, as formas verbais havia e se tornou foram empregadas para:
a) indicar, respectivamente, uma ação provável e uma ação efetivamente realizada no passado;
b) indicar, entre ações simultâneas passadas, uma que estava se processando quando sobreveio a outra;
c) denotar que ambas as ações tiveram a mesma duração momentânea;
d) substituir, ambas, o futuro do pretérito;
e) denotar fatos que foram um (o segundo) a consequência do outro (o primeiro).

69. (CEPERJ – Procon/RJ – Advogado – 2012) *“todos que são impactados pelas mídias de massa”*

O fragmento transcrito acima apresenta uma construção na voz passiva do verbo.
Outro exemplo de voz passiva encontra-se em:

a) "As crianças brasileiras influenciam 80% das decisões de compra de uma família"
b) "A publicidade na TV é a principal ferramenta do mercado para a persuasão do público infantil"
c) "evidenciaram outros fatores que influenciam as crianças brasileiras nas práticas de consumo."
d) "Elas são assediadas pelo mercado"
e) "valores distorcidos são de fato um problema de ordem ética"

70. (MPE/SC – MPE/SC – Promotor de Justiça – 2012) O verbo, quando usado no modo imperativo, torna o texto mais vigoroso e com forte teor de persuasão, porém precisa ser usado corretamente, de acordo com o sujeito a que se refere. Identifique, pois, a(s) alternativa(s) em que o sujeito apresentado correspondente à flexão do verbo:

I. Chora, grita, esperneia, mas demonstra alguma reação. (sujeito: você)
II. Confira detalhadamente toda a documentação anexa ao processo. (sujeito: você)
III. Não demonstres qualquer reação durante o depoimento das testemunhas. (sujeito: tu)
IV. Compreende que a decisão tomada pelo juiz foi bastante coerente. (sujeito: tu)
V. Sê cuidadoso com tudo o que é dito ou escrito. (sujeito: tu)

a) Apenas as assertivas I e II estão corretas.
b) Apenas as assertivas III, IV e V estão corretas.
c) Apenas as assertivas II, III, IV e V estão corretas.
d) Apenas as assertivas I, II, e IV estão corretas.
e) Todas as assertivas estão corretas.

71. (Esaf – MI-CENAD – Estatístico – 2012) Assinale a opção que, na sequência, preenche corretamente as lacunas do texto, de modo a manter o correto uso dos modos e tempos verbais e a coerência entre as ideias.

Assim que o governo divulgou o crescimento zero do produto interno bruto brasileiro no terceiro semestre, não faltaram prognósticos negativos a respeito da economia do país e houve até quem _____(1)_____ em risco de recessão no futuro próximo. Basta um olhar mais atento aos números de 2011 para _____(2)_____ que o pessimismo não se justifica. Entre os empresários não são poucas as vozes que_____(3)_____dos alarmistas. Não faltam motivos para supor que, em 2011, os números da economia brasileira_____(4)_____vir ainda mais fortes. Além dos juros menores, conforme_____(5)_____ a maioria dos economistas, do crédito em expansão, e dos incentivos fiscais, está previsto para janeiro um reajuste no salário mínimo, o que _____(6)_____ impactos significativos à renda dos trabalhadores e aposentados. Nesse ciclo, o mercado interno seguirá aquecido.

a) fale / percebermos / discordassem / possam / prevera / trará
b) falasse / perceberem / discordassem / pudessem / prevê / trouxera
c) falasse / perceber / discordam / possam / prevê / trará
d) falou / percebermos / discordaram / podem / prevera / traria
e) falou / perceberem / discordaram / podem / previssem / trouxera

[...]

Não sei se V. Exa. Revma. é como eu. Eu gosto de contemplar o passado, de viver a vida que foi, de pensar nos homens que antes de nós, ou honraram a cadeira que V. Exa. Revma. ocupa, ou espreitaram, como eu, as vidas alheias. Outras vezes estendo o olhar pelo futuro adiante, e vejo o que há de ser esta boa cidade de S. Sebastião, um século mais tarde, quando o bonde for um veículo tão desacreditado como a gôndola, e o atual chapéu masculino uma simples reminiscência histórica.

Podia contar-lhe em duas ou três colunas o que vejo no futuro e o que revejo no passado; mas, além de que não quisera tomar o precioso tempo de V. Exa. Reverendíssima, tenho pressa de chegar ao ponto principal desta carta, com que abro a minha crônica.

E vou já a ele.

72. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) Sobre a forma verbal indicada, é INCORRETO afirmar:

a) *honraram* / Exprime ação completamente concluída.
b) *for* / Indica um fato possível, considerado altamente provável.
c) *estendo* / Enuncia um fato que ocorre exclusivamente no momento em que o missivista se expressa.
d) *vou* / Marca um fato futuro, mas bastante próximo, como o confirma o emprego de já.
e) *podia* / Está empregado com valor de futuro do pretérito.

Gabarito

1. INCORRETO.	16. ERRADO.	31. A.	46. B.	61. D.
2. INCORRETO.	17. ERRADO.	32. B.	47. B.	62. CERTO.
3. CORRETO.	18. ERRADO.	33. E.	48. C.	63. ERRADO.
4. B.	19. CERTO.	34. B.	49. E.	64. CERTO.
5. CORRETO.	20. ERRADO.	35. E.	50. B.	65. E.
6. INCORRETO.	21. CERTO.	36. A.	51. B.	66. E.
7. C.	22. CERTO.	37. C.	52. D.	67. E.
8. B.	23. CERTO.	38. E.	53. E.	68. B.
9. B.	24. ERRADO.	39. C.	54. D.	69. D.
10. D.	25. CERTO.	40. B.	55. B.	70. C.
11. CORRETO.	26. ERRADO.	41. B.	56. E.	71. C.
12. INCORRETO.	27. CERTO.	42. D.	57. E.	72. C.
13. NENHUM.	28. A.	43. B.	58. E.	
14. CERTO.	29. CORRETO.	44. B.	59. A.	
15. CERTO.	30. CERTO.	45. A.	60. E.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 13

Advérbio

Definição

Do ponto de vista semântico, o advérbio é um modificador ou ampliador de sentido de certos vocábulos ou estruturas e, nessa relação, pode indicar algumas circunstâncias (ou valores semânticos), como **afirmação, acréscimo, negação, modo, lugar, tempo, dúvida, intensidade, causa, concessão, conformidade, finalidade, condição, meio, instrumento, assunto, companhia, preço, ordem** etc.

Muitas vezes, porém, o advérbio não exprime circunstância alguma, mas meramente expressa um caráter subjetivo ao enunciado, expressando uma opinião do emissor. Falarei melhor sobre isso mais à frente, em *Valor Discursivo*.

Vale a pena dizer, desde já, que muitos advérbios, pelo contexto, mudam seu valor semântico. Por exemplo, a palavra *bem* é normalmente um advérbio de modo (*Ele fala* ***bem.***), certo? Veja esta frase, então: *"Ele estava* ***bem*** *feliz."*. Agora, é um advérbio de intensidade. Ok? Ainda neste capítulo, veremos isso melhor em *Classificação*.

Do ponto de vista morfológico, o advérbio não se flexiona em gênero nem em número, por isso é chamado de palavra invariável. Só varia em grau por meio de derivação. No entanto, o que mais vemos no dia a dia são as pessoas falando e escrevendo:

– *A menina está* ***meia*** *chateada.*

– *A filha sempre foi* ***menas*** *paciente que a mãe.*

– *Ela está* ***toda*** *preocupada.*

– *Os policiais devem se manter* ***alertas*** *o tempo todo.*

No penúltimo exemplo, certos gramáticos, como Bechara, e dicionaristas, como Aulete, já abonam a variação do advérbio, devido à natureza pronominal deste vocábulo. No último exemplo, Bechara não abona a variação, mas alguns dicionaristas, como Aurélio, e certos gramáticos, como Napoleão Mendes de Almeida, abonam. Temos aí uma polêmica, não é? Cuidado com as provas, então.

Baseando-nos na visão ortodoxa, que é a que mais tem adeptos, o advérbio está sempre invariável, logo as frases acima deveriam ser construídas assim:

– *A menina está* ***meio*** *chateada.*

– *A filha sempre foi* ***menos*** *paciente que a mãe.*

– *Ela está* ***todo*** *preocupada.*

– *Os policiais devem se manter* ***alerta*** *o tempo todo.*

As duas últimas soam estranho, não é? *Deixa quieto...*

Do ponto de vista sintático, tradicionalmente falando, o advérbio se refere a um **verbo**, a um **adjetivo** (ou locução adjetiva), a outro **advérbio** (ou locução adverbial) ou a uma **oração inteira**, exercendo apenas uma função sintática na frase: adjunto adverbial.

– *Sempre acordou* ***cedo****.* (modifica o verbo)

– *Continuo **bastante** disposto.* (modifica o adjetivo)
– *Arrematou-se num leilão um carro **muito** fora de moda.* (modifica a locução adjetiva)
– *Dormiram **mais** tarde, porque não treinariam amanhã.* (modifica o advérbio)
– *Ninguém esperava que ele surgisse **tão** de repente.* (modifica a locução adverbial)
– ***Semestralmente** fazemos concursos.* (modifica a oração inteira; normalmente os advérbios terminados em **-mente**, iniciando uma oração, incidem sobre toda ela)*

Obs.: * Veja esta questão de prova sobre advérbio incidindo sobre uma oração inteira:

29. (ITA – Vestibular – 2007/2008) Qual dos advérbios terminados em **-mente** incide sobre o conteúdo de toda a frase?
a) fantasticamente (... aumenta fantasticamente...)
b) abertamente (... evito aderir abertamente...)
c) independentemente (... treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas, mas, independentemente disso, existem forças...)
d) psicologicamente (... psicologicamente preparado...)
e) imediatamente (... volte para o campo imediatamente...)

Comentário: O gabarito é C, pois o advérbio se relaciona com *(d)isso*, que se reporta ao conteúdo frasal anterior, a saber: "treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas". A: Modifica o verbo. B: Modifica o verbo. D: Modifica um adjetivo. E: Modifica o verbo.

Duas informações só para quem quer aprofundar-se em advérbio (se não for seu caso, nem leia!):

I – Certos gramáticos antigos, como José Marques da Cruz, e alguns modernos, como Maria Helena de Moura Neves, dizem que o advérbio pode modificar outras classes gramaticais, como substantivo, pronome, numeral, conjunção: *Férias **assim** são um sonho de consumo! / Vocês beberam **muito** pouca água. / De todos os alunos, **quase** cem foram aprovados. / **Muito** embora eu pudesse entrar, não o fiz.*

II – Além de adjunto adverbial, Evanildo Bechara diz que o advérbio pode também exercer função de sujeito ou predicativo do sujeito. Claudio Cezar Henriques diz que ele pode exercer função de predicativo do sujeito, sujeito e, até, objeto indireto: "Ali é bom." (suj.), "A vida é assim. (pred. suj.)", "Gosto daqui. (obj. ind.)".

Tradicionalmente falando, os gramáticos dizem que advérbios que modificam adjetivos ou outros advérbios são sempre de **intensidade**. E é assim que costuma cair em prova!
– *Sou **razoavelmente** discreto.*
– *Continuas **muito** arisca, menina!*

No entanto, estudos modernos dizem que isso não procede:
– *Tenho cabelos **quimicamente** tratados.* (modo)
– ***Não** raramente estudo Português.* (negação)

– *Ainda existem muitas doenças* ***sexualmente*** *transmissíveis*. (meio)

Para entendermos bem todas estas definições de advérbio, vamos analisar por último esta frase:

Os amigos das horas certas sempre ajudam os amigos das horas incertas.

Note que a palavra ***sempre***

1) apresenta uma **circunstância** (valor semântico) de tempo;
2) é **invariável**: não existe sempres ou sempra, por exemplo;
3) funciona como **adjunto adverbial** do verbo ajudar.

Certamente você já ouviu falar em orações subordinadas adverbiais, não é? Então, elas são chamadas assim porque têm valor de advérbio. Há muitas questões de prova sobre orações adverbiais. Veremos isso no capítulo de *Conjunção* e, principalmente, no de *Orações Subordinadas Adverbiais*, beleza?

Identificação e Particularidades

Identificamos que um advérbio é um advérbio basicamente pela sua relação com outros vocábulos, como **verbos, adjetivos** ou **advérbios**, normalmente. Por exemplo, jamais diríamos que o vocábulo *que* é um pronome ou uma conjunção na frase abaixo:

– ***Que*** *tolo você é por ter acreditado nas palavras de uma pessoa nitidamente volúvel.*

Percebe que o vocábulo *que* está ligado ao adjetivo *tolo*? Aí eu pergunto: Que palavra modifica um adjetivo? Só conheço uma: ad-vér-bio. Logo, esse *que* é um advérbio de intensidade, equivalendo a "quão".

Por exemplo, você diria que nas frases a seguir os vocábulos destacados são **adjetivos**?

– *Por favor, falem* ***baixo****!*

– *Esta cerveja desceu* ***redondo****.*

– *Ela o olhou* ***sério****.*

– *Não transcreva* ***errado*** *o texto.*

– ***Fácil*** *se vê que ela não demonstra honestidade alguma.*

– *Dessa vez você cortou* ***rente*** *o cabelo.*

É claro que não! Afinal, alguns adjetivos podem se tornar **advérbios de modo**, quando modificam verbos. É o que acontece nessas seis frases. Inclusive, podemos usar o sufixo **-mente** depois de alguns desses advérbios (*redondamente, seriamente, erradamente, facilmente*) para facilitar a visão de que se trata realmente de **advérbios**.

O numeral *primeiro* pode se tornar advérbio, segundo alguns gramáticos, como Sacconi:

– *Cheguei* ***primeiro****.*

Para a nossa alegria, veja uma questãozinha sobre adjetivos adverbializados, ou seja, adjetivos que se tornaram advérbio, por derivação imprópria:

71. (FAB – AFA – Oficial – 2011) No contexto do seguinte trecho, extraído do 7º parágrafo do texto, analise a classe gramatical a que pertencem os termos grifados:

"... para saber quem grita gol mais <u>alto</u> e <u>prolongado</u>."

Assinale a alternativa em que o termo sublinhado pertence àquela mesma classe.

a) "Não suporto mais ver <u>tantas</u> tragédias, crimes, violências..."
b) "Fala-se <u>muito</u>, mesmo com a bola rodando."
c) "Outra discussão <u>chata</u>, durante e após partidas..."
d) "Muitas parecem <u>iguais</u>, mas não são."

Comentário: O gabarito é a B. Note que *alto* e *prolongado* se referem ao verbo *gritar*, logo são <u>advérbios</u> assim como *muito*, que também modifica um verbo. **Não confunda adjetivo com advérbio e vice-versa!**

Sobre Advérbios Terminados em -mente

É bom dizer que os advérbios terminados em **-mente** são derivados de adjetivos (normalmente femininos), cujos acentos gráficos "caem" nesse processo, pois as sílabas tônicas mudam de posição com o acréscimo do sufixo. Por isso, não dê uma *garoteada* de escrever assim: "Ela está *eco**nô**micamente* bem."!

Outra coisa: nem todos os advérbios terminados em **-mente** são de **modo**, como ensinam alguns professores:

– ***Primeiramente**, pretendo falar de advérbio.* (ordem, sequência, segundo Celso Cunha)

– *Faço provas **bimestralmente**.* (tempo)

– *Ele **provavelmente** não retornará.* (dúvida)

– *Tomei uma cerveja **estupidamente** gelada.* (intensidade)

– ***Certamente** o Brasil será um país desenvolvido.* (afirmação)

Veja duas questõezinhas sobre isso:

16. (NCE/UFRJ – Arquivo Nacional – Agente Administrativo – 2006) Em todos os advérbios terminados em **-mente**, retirados do texto, vê-se claramente a sua formação a partir da forma feminina do adjetivo, EXCETO em:
    a) predominantemente; (vem de *predominante*, adjetivo uniforme) X
    b) basicamente;
    c) negativamente;
    d) diariamente;
    e) humanamente.

10. (NCE/UFRJ – Pref. Santana – Professor (Educação Básica) – 2007) A frase abaixo em que o advérbio terminado com o sufixo **-mente** NÃO é advérbio de modo, mas sim de <u>tempo</u>, é:
    a) Ela chegou rapidamente ao estacionamento;
    b) Os veículos estavam erradamente estacionados;
    c) Os funcionários trabalham conscientemente;
    d) O automóvel funcionava eficientemente;
    e) Os veículos estavam <u>temporariamente</u> parados. (temporária + mente) X

O advérbio ***absolutamente*** pode ser de intensidade, de afirmação ou de negação, segundo Napoleão M. de Almeida. Estes dois últimos podem ser reforçados pelos advérbios "sim" e "não":

– *Estou **absolutamente** melancólico hoje.* (intensidade)

– *"Vai à praia hoje?" "**Absolutamente (não)**! Odeio mar, areia..."* (negação)

– *"Vai à praia hoje?" "**Absolutamente** (sim)! Amo mar, areia..."* (afirmação)

Aparecendo vários advérbios na frase terminados em **-mente**, prefere-se, por concisão, que só o último receba o sufixo, no entanto, quando se quer dar ênfase à sentença, a repetição do sufixo não gera incorreção gramatical nem mudança do sentido:

– *O Brasil cresceu **econômica**, **política** e **administrativa<u>mente</u>**.*

– *O Brasil cresceu **economica<u>mente</u>, politica<u>mente</u>** e **administrativa<u>mente</u>**.*

Note que, apesar de os advérbios "econômica" e "política" aparentarem forma feminina

(semelhante a adjetivos), não há variação em gênero – o sufixo está implícito. Lembre-se de que o sufixo **-mente** forma advérbios derivados de adjetivos, normalmente femininos. Ok?

Mais algumas particularidades...

Quando, como, onde *e* ***por que*** são, respectivamente, advérbios interrogativos de **tempo, modo, lugar** e **causa**. Os três primeiros são chamados de **advérbios relativos** quando exercem papel de verdadeiros pronomes relativos. Veja isso no capítulo de pronomes relativos.

Podem aparecer nas orações interrogativas diretas ou indiretas:

– ***Quando*** *voltaremos?*

– *Ninguém soube me responder* ***como*** *voltaríamos.*[1]

– ***Aonde*** *você quer chegar com esse discurso polido?*[2]

– *Nunca entendi* ***por que*** *ela se veste assim.*

[1] O vocábulo ***como*** pode também ser um advérbio de intensidade em frases exclamativas: ***Como*** *ela é linda!*

[2] A preposição ***a***, exigida pelo verbo *chegar*, se une ao advérbio ***onde*** para formar ***aonde***.

Os gramáticos Faraco & Moura e J. C. Azeredo dizem que há, além da locução adverbial interrogativa de causa (*por que*), a locução adverbial interrogativa de finalidade (***Para que*** ela estuda tanto?). Não satisfeitos, dizem haver também advérbio interrogativo de preço (***Quanto*** custa a blusa?). Penso eu que existam diversas outras construções adverbiais interrogativas, mas minha opinião não interessa numa interposição de recurso de prova. Por isso, explicito em toda *A Gramática* as opiniões dos grandes mestres de renome.

Só de curiosidade: Caso queira conhecer expressões adverbiais (e não adverbiais) latinas, *jogue* este endereço no Google: *www.dicionariodelatim.com.br.*

Classificação dos Advérbios e das Locuções Adverbiais

Os **advérbios** e as **locuções adverbiais** são classificados segundo suas circunstâncias.

Para quem não sabe o que são **locuções adverbiais**, relaxe. É mole. Trata-se do conjunto de duas ou mais palavras com valor de advérbio – normalmente iniciadas por preposição (dê uma olhadinha básica no capítulo de *Preposição*, se for o caso): *às vezes, às duas, de repente, em princípio, por acaso, sem pressa, de modo nenhum, de maneira alguma, de uma vez por todas, aos trancos e barrancos, de quando em quando... algumas vezes, muitas vezes, certa vez, um dia, dentro em pouco, via de regra, dia a dia, pouco a pouco, frente a frente...* (as não iniciadas por preposição são de modo ou tempo). Note que o núcleo da locução pode variar, por ser normalmente formado por um substantivo.

Vejamos agora as circunstâncias abarcadas pelos gramáticos ortodoxos e não ortodoxos. Saiba que há muitas observações e *detalhezinhos* abaixo que vale a pena ser consultados. Peço que fique atento aos advérbios mais "estranhos" ou menos usuais, beleza? **Eles estão sublinhados**.

Ah! Não é para sair decorando, ok? É só para ter uma boa ideia. Cá entre nós, a mais pura verdade é que **só o contexto determinará o valor semântico da maioria dos advérbios. Mais do que isso: só o contexto determinará se eles são, de fato, advérbios**. Depois não diga que não avisei.

Vamos lá!

Antes de mais nada, a NGB apresenta apenas sete circunstâncias adverbiais: **afirmação, negação, modo, tempo, lugar, dúvida e intensidade**. No entanto, todos nós sabemos que existem (algumas) outras circunstâncias, como **causa, concessão, conformidade, finalidade, condição, meio, instrumento, assunto, companhia, preço, quantidade, referência, ordem, medida, peso, matéria, proporção, reciprocidade, substituição, favor, exclusão, inclusão, consequência/conclusão**. Estas circunstâncias são expressas, geralmente, por locuções adverbiais.

Vejamos uma por uma:

Afirmação

Advérbios: *sim, decerto, certo, mesmo, deveras...*

Locuções adverbiais: *com efeito, sem dúvida (alguma), com certeza, na realidade, de fato, por certo...*

Terminados em *-mente*: *certamente, positivamente, fatalmente, indubitavelmente, efetivamente, incontestavelmente, indiscutivelmente, verdadeiramente, realmente, seguramente...*

Obs.: A conjunção *e* seguida do advérbio *sim* muitas vezes abre uma correção do que foi dito, em tom claramente opositivo: *A mulher não quer sexo em primeiro lugar,* ***e sim*** *amor.*

Negação

Advérbios: *não, tampouco (= também não;* carrega uma ideia de inclusão + negação*), nem, sequer...*

Locuções adverbiais: *de modo algum, de maneira alguma, de forma alguma, de modo nenhum, por nada, de nada, em hipótese alguma...*

Terminados em -*mente*: *absolutamente.*

Cuidado!!!

1) Veja esta questãozinha que esclarece a circunstância do vocábulo ***sequer***.

02. (Esaf – SUSEP – Agente Executivo – 2006) Assinale a opção incorreta a respeito do emprego das estruturas linguísticas do texto.

e) O advérbio "sequer" (No seu isolamento, sequer uma atitude estóica de convívio com a dor lhe é permitida) assume no texto a função de negar a ação verbal da oração, função que os vocábulos nem ou nem sequer poderiam também assumir.

Comentário: Esta afirmação foi considerada correta, por isso a letra E não é o gabarito. Coloquei esta questão para mostrar a você que ***sequer*** é não só um advérbio, como é de negação, pois assume a função de negar a ação verbal (verbo *ser*).

2) O vocábulo ***não*** é superinteressante! Vejamos algumas particularidades dele:

– Sempre vem antes do verbo; quando isso não ocorre, a linguagem é popular: *Não vou. Não quero. Não posso. Minha mulher não deixa. / Vou* ***não****. Quero* ***não****. Posso* ***não****. Minha mulher não deixa* ***não****.* (Esta dupla negação é própria do coloquialismo.)

– Tem seu sentido esvaziado, servindo apenas como realce de uma oração normalmente exclamativa ou interrogativa. Isto é, a presença ou ausência do *não* numa frase não nega seu conteúdo: *Quantas vezes eu* ***não*** *te avisei que estudasse? (= Quantas vezes eu te avisei que estudasse?) / Perdi as contas de quantos homens ela já* ***não*** *fez sofrer! (= Perdi as contas de quantos homens ela já fez sofrer!).*

3) O advérbio ***nem***, além de negar, pode exprimir uma ideia de adição; quando indica adição, equivalendo a "e não", muda de classe gramatical, tornando-se uma conjunção aditiva: *É incrível que ele* ***nem*** *(= não) tenha feito a prova* ***nem*** *(=* ***e*** *que* ***não****) tenha estudado.*

4) O advérbio de tempo ***lá*** pode indicar um tom de realce e de negação ao mesmo tempo: *Eu sei* ***lá*** *se ela vai voltar aqui.*

Modo

Advérbios: *assim, bem, mal, tal, como, depressa, devagar, adrede* (de propósito, intencionalmente), *debalde* (inutilmente, em vão), *outrossim* (*do mesmo modo, igualmente*; dá ideia de acréscimo ou inclusão, equivalendo a "também"), *melhor, pior, alerta, máxime* (especialmente, principalmente)...

Locuções adverbiais: *com acinte, de propósito, à toa* (também pode ser locução adjetiva), *à vontade, ao contrário, com amor, de cor, em vão, gota a gota, por acaso, alto e bom som, grosso modo, a torto e a direito, aos trancos e barrancos, a olhos vistos, a esmo, à francesa, pouco a pouco, a pé, a cavalo*... (há uma infinidade delas)

Terminados em ***-mente***: *talqualmente*, deliberadamente, bondosamente, generosamente, cuidadosamente, paulatinamente, gradualmente, igualmente, especialmente* e muitos outros terminados em -mente...

* Segundo o dicionário Aulete, *talqualmente* pode ser uma conjunção conformativa. Recentemente a Esaf (sempre ela) formulou uma questão com tal palavra: SRF – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA FEDERAL – 2012 – QUESTÃO 47.

Cuidado!!!

1) Em certas frases, o advérbio de modo ***mal*** carrega uma ideia de quase negação consigo: *Ele mal consegue andar depois do esforço.*

2) O advérbio ***assim***, além de indicar modo, pode indicar conclusão, equivalendo a "portanto", "por isso", "desse modo"...; nesse caso, modernamente, ele é visto como conjunção conclusiva. Falarei mais sobre ele ainda neste capítulo em *Valor Discursivo*.

3) Veja esta questãozinha maliciosa:

15. (NCE/UFRJ – Eletrobras – Bacharel em Letras – 2002) "Os organismos geneticamente modificados..."; o item abaixo em que o advérbio sublinhado tem idêntico desempenho sintático ao da frase acima é:
a) O Brasil pretende produzir rapidamente soja transgênica;
b) Vários governos condenam veementemente os transgênicos;
c) Atualmente são muitas as pesquisas sobre transgênicos;
d) Os transgênicos são muito bem aceitos em vários países;
e) O Brasil deve pesquisar muito para usar os transgênicos.

Comentário: Deu uma vontade grande de marcar a letra A, não foi? Você deve ter pensado assim: "Bem... algo *geneticamente* modificado é o modo como algo foi modificado... então... bate com o advérbio *rapidamente* (= *de modo rápido*)". Cuidado com os enunciados, meu nobre! Observe de novo: "... o advérbio sublinhado tem *idêntico desempenho sintático*...", isto é, o cara quer saber qual advérbio está relacionado a um adjetivo, assim como *geneticamente* está ligado à forma adjetiva *modificados*. A questão não era sobre a semântica do advérbio, mas sobre a sintaxe. A única opção correta, portanto, é a D, pois *bem* está relacionado à forma adjetiva *aceitos*. Todos os demais advérbios se

referem aos verbos: *produzir rapidamente*, *condenam veementemente*, *atualmente* (refere-se à oração inteira), *pesquisar muito*.

3) Agora veja uma questão *old stile* da Esaf sobre o fato de locuções adverbiais poderem virar advérbios terminados em **-mente**. Essa correlação de construções é comum entre locuções adjetivas e adjetivos (*de graça* > *grátis*), lembra? O mesmo se dá entre locuções adverbiais em advérbios em **-mente** (*com delicadeza* > *delicadamente*).

8. (Esaf – MRE – Assistente de Chancelaria – 2004) Relacione as ações (1), (2), (3) e (4) com o advérbio semanticamente adequado, conforme mostra o modelo, e assinale, a seguir, a sequência correta.

Modelo: Falar *com orgulho e insolência*. / Falar *arrogantemente*.

(1) Exprimir-se com muitas palavras, com palavras em excesso. ( ) sutilmente
(2) Agir como criança. ( ) puerilmente
(3) Insinuar com perspicácia e delicadeza. ( ) prolixamente
(4) Eliminar sem se render a logros . ( ) inexoravelmente

A sequência correta é:

a) 4 3 2 1;
b) 1 2 3 4;
c) 3 4 1 2;
d) 4 2 1 3;
e) 3 2 1 4 (gabarito).

Tempo

Advérbios: *afinal, agora, amanhã, amiúde* (frequentemente), *antes, ontem, cedo, depois, enfim, entrementes* (enquanto isso), *hoje, jamais, nunca, sempre, outrora* (em tempos passados), *tarde, já, mais, doravante* (de agora em diante), *logo, embora, quando, anteontem, breve, então...*

Locuções adverbiais: *ao vivo, à noite, à tarde, de dia, de manhã, pela madrugada, em breve, de tempos em tempos, de vez em quando, um dia, certa vez, esta semana, no entretanto...*

Terminados em -mente: *atualmente, constantemente, imediatamente, provisoriamente, sucessivamente, eventualmente, concomitantemente, esporadicamente, oportunamente, terminantemente* (= *de vez*), *normalmente/geralmente* (frequência), *temporariamente, provisoriamente, transitoriamente, semestralmente, bimestralmente, semanalmente, finalmente...*

Cuidado!!!

1) Sacconi informa que *já* pode substituir *mais*, ambos advérbios de tempo, em frases negativas: *Não estudo **mais** há tempos. / **Já** não estudo há tempos*. Diz também que na língua cotidiana (registro coloquial) se veem os dois na mesma frase: ***Já** não estudo **mais** há tempos*. Corroborando isso, veja esta questão: Cespe/UnB – IPEA – Técnico de Desenvolvimento e Administração – 2008

No segmento "já não seja mais", verifica-se redundância no emprego concomitante dos advérbios *já* e *mais*, o que permitiria a supressão de qualquer um deles, sem prejuízo para a correção gramatical do trecho.
(X) CERTO ( ) ERRADO

Comentário: Perfeita a afirmação da banca, certíssima.

Se eu fosse você, consultaria o que diz o dicionário Aulete ou o Houaiss sobre o advérbio *já*. Ele cai muito em prova. Aos 45 do segundo tempo, vale dizer que *já* pode indicar contraposição, equivalendo a "por outro lado": *Ele estuda muito. Já ela não estuda nada.*

2) Polêmica! *Jamais* e *nunca* são considerados por alguns gramáticos (como Júlio Ribeiro, Maximino Maciel, Eduardo Carlos Pereira, Maria Helena de Moura Neves, Faraco & Moura e Samira Yousseff Campedelli.) como, além de advérbios de tempo, **advérbios de negação**; alguns, como Faraco & Moura, indicam o acúmulo desses dois valores semânticos no mesmo advérbio. Isso já caiu em prova, falando nisso:

24. (Vunesp – Câmara Municipal de Guarulhos – Taquígrafo – 2002) Assinale a alternativa em que o advérbio grifado expressa ideia de negação.
a) Quando vem aqui, ele sempre nos visita.
b) Ele sempre agiu diferentemente dos outros empregados.
c) Eu acredito que jamais ele nos daria apoio. (Gabarito!)
d) Casualmente encontramos a lei que você queria.
e) Ele talvez tenha mudado de opinião.

Veja agora um exemplo melhor ainda:

7. (MH Consultoria – Pref. Gararu – Auxiliar de Enfermagem Ambulatorial – 2011) Assinale a alternativa que contém uma frase em que o advérbio expressa simultaneamente ideias de tempo e negação.
a) Falei ontem com os embaixadores.
b) Não me pergunte as razões da minha atitude.
c) Eles sempre chegam atrasados.
d) Jamais acreditei que você viesse. (Gabarito!)
e) Agora seremos felizes.

3) *Afinal, enfim* e *finalmente* são advérbios (também chamados de operadores argumentativos) que indicam tempo, mas inegavelmente apresentam um matiz de conclusão, pois normalmente são usados para um desfecho de uma ideia. Posso provar com duas questõezinhas? Lá vão:

12. (Vunesp – Sptrans – Agente de Informação – 2007) Leia o texto.

Finalmente, a Lei de Uso e Ocupação do Solo privilegia uma ocupação mais horizontal da cidade, o que aumenta a necessidade de investimento por parte do poder público na construção de uma infra-estrutura que atenda satisfatoriamente a toda a região metropolitana.

Os advérbios *Finalmente*, *mais e satisfatoriamente* expressam, respectivamente, ideia de:
a) finalidade, modo, intensidade;
b) tempo, intensidade, modo; (Gabarito!)
c) finalidade, lugar, modo;
d) tempo, proporção, tempo;
e) consequência, intensidade, tempo.

5. (Cesgranrio – Petrobras – Cargos de Nível Superior – 2010) Em "afinal, sou humano..." (l. 14), o elemento destacado é um operador argumentativo de:
a) condição;

b) consequência;
c) conclusão; (Gabarito!)
d) conformidade;
e) concessão.

Lugar

Advérbios: *aqui, cá, ali, aí, lá, acolá, abaixo, acima, adentro, adiante, avante, afora, além, aquém, algures* (em algum lugar), *alhures* (em outro lugar), *nenhures* (em nenhum lugar), *atrás, fora, dentro, embaixo, longe, perto, detrás, defronte...*

Locuções Adverbiais: *em domicílio* (com verbos ou nomes estáticos), *a domicílio* (com verbos ou nomes dinâmicos), *de longe, de perto, por detrás, por perto, à direita, à esquerda, ao lado, de dentro, à distância, entre a cruz e a espada...*

Terminados em -mente: *externamente, internamente, interiormente, proximamente, lateralmente...*

Cuidado!!!

1) A ideia de lugar corresponde à pergunta com o advérbio interrogativo ***onde***: "Essas promessas vêm ***de onde***?" "Vêm ***de Deus***." / "Você não consegue tirá-la ***de onde***?" "Eu não consigo tirá-la ***do meu pensamento***." No último caso, percebe-se claramente a ideia de lugar **virtual ou figurado**.

2) Apesar de haver inúmeras referências no registro culto da língua sobre o uso do acento grave na locução adverbial "à distância", como atestam os gramáticos Cegalla, Celso Cunha, Lindley Cintra, Gama Kury, Hildebrando André e os dicionaristas Aulete, Houaiss e Aurélio, o acento indicativo de crase na locução adverbial "à distância" é proibido, ficando, assim: "a distância". Em *Crase*, abordo melhormente o tema.

3) Dos advérbios pronominais, *aqui, cá,* (relacionados à 1ª pessoa do discurso) *aí,* (relacionado à 1ª pessoa do discurso), *ali, lá, acolá* (relacionados à 3ª pessoa do discurso), ***aqui*** e ***aí*** podem indicar tempo também. Veja duas questões que exploraram isso:

11. (FUMARC – UEMG – Auxiliar Administrativo – 2002) Assinale a alternativa em que o termo destacado é usado como um marcador de tempo:
d) "Daí que o futuro da sociedade [...] será definido pelas escolhas que fizermos daqui para a frente."

Comentário: Perceba que *daqui* marca um espaço (ou um ponto) dentro da linha do tempo, equivalendo a "deste momento... para o futuro".

6. (NCE/UFRJ – IPJB – Assistente Administrativo – 2002) O item em que o valor do elemento sublinhado NÃO é indicado de forma correta é:
a) "Elas acumulam essas forças; daí as duas propriedades..." – lugar;

Comentário: O gabarito é a letra A, logo o advérbio *daí*, que normalmente indicaria lugar, nesse caso indica tempo: *daí = a partir desse momento* (tempo).

Dúvida

Advérbios: *acaso, porventura, talvez, quiçá...*

Locuções adverbiais: *por ventura, por acaso (Celso Cunha coloca 'por acaso' entre as de modo)...*

Terminados em -mente: *possivelmente, provavelmente, supostamente...*

Obs.: Não custa dizer que o advérbio ***talvez*** exige o verbo no subjuntivo quando vem anteposto. Veja uma questão sobre isso, do CESPE/UNB – TRT (6R) – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2002:

O advérbio "Talvez" (v.15) admite que a forma verbal "Consinta" (v.16) seja alterada para **Consente**, no modo indicativo.
( ) CERTO
(X) ERRADO (Gabarito!)

Quando vem posposto, usa-se o indicativo, indicando uma dúvida branda: *Parto hoje talvez.* No entanto, segundo os gramáticos Pasquale Cipro Neto e Maria Helena de Moura Neves, e os dicionários Aurélio e Houaiss, o uso de *talvez* seguido de verbo no modo **indicativo** é possível, mesmo anteposto. Passo a palavra ao gramático Pasquale:

"Para encerrar, vejamos o que fez Machado neste passo de "Memórias Póstumas" (do capítulo 11, "O Menino é Pai do Homem"): "Cresci; e nisso é que a família não interveio; cresci naturalmente, como crescem as magnólias e os gatos. Talvez os gatos são menos matreiros, e, com certeza, as magnólias são menos inquietas do que eu era na minha infância.". Percebeu? Machado empregou o indicativo em "talvez os gatos são", o que confirma o que o (con)texto prenuncia: quem cresce sem a intervenção da família e como crescem as magnólias e os gatos é mesmo mais matreiro que os bichanos. É isso."

Intensidade

Advérbios: *assaz, bastante, demais, mais, meio, todo, menos, nada, muito, tão, tanto, quanto, quão, quase, algo, pouco, sobremodo, sobremaneira, que, como...*

Locuções adverbiais: *de todo, de muito, de pouco, em excesso, por completo...*

Terminados em -mente: *demasiadamente, completamente, totalmente, extremamente, altamente, obviamente, absolutamente* (a maioria dos advérbios modificadores de outros advérbios e adjetivos são de intensidade).

Cuidado!!!

1) Não confunda advérbio de intensidade com pronome indefinido.

13. (FJPF – CONAB – Técnico Administrativo – 2006) A alternativa em que a palavra **muito** está sintaticamente empregada como em "parece **muito** mais fácil que o físico" é a seguinte:

a) Muitos dos que se dizem cidadãos não respeitam sequer as leis do trânsito.
b) Há muito ainda por realizar no Brasil.
c) É muito importante este aspecto da questão. (Gabarito!)
d) Ao evento compareceram muitos congressistas.
e) Muita saúva e pouca saúde os males do Brasil são.

Comentário: Note que o enunciado pede o emprego sintático do advérbio *muito*, que, além de ser **invariável**, tem função de adjunto adverbial, modificando o adjetivo fácil. A única opção correta é a C, pois *muito*, como um adjunto adverbial, modifica também um adjetivo (*importante*). a) Pronome indefinido. b) Há muito (= muita coisa/pronome indefinido) ainda por realizar no Brasil. d) Pronome indefinido. e) Pronome indefinido. Cuidado para não confundir. Veja a importância de identificar o advérbio a despeito de outras classes gramaticais, como o pronome indefinido!

2) Cuidado com os vocábulos *meio, mais, muito, pouco, bastante, nada, que* e outros que podem pertencer a outras classes gramaticais. Recomendo que estude este assunto no capítulo de *Pronomes Indefinidos* deste livro. Por exemplo, quando se diz "*Ele não correu nada.*", o ***nada*** é um advérbio de intensidade, pois modifica o verbo. Já na frase "*Nada lhe dei.*", trata-se de um pronome indefinido, pois é complemento direto do verbo *dar*, e não modificador do verbo. Veja agora a pluralidade de classificação do vocábulo *mais*, só para sentir a pressão:

Substantivo: O *mais* é um vocábulo interessante.
Pronome indefinido: Hoje eu ganhei *mais* presentes.
Advérbio de intensidade: Fale *mais*. / Sou *mais* inteligente que ele. / Chegue *mais* cedo.
Advérbio de tempo: Eu não volto *mais* aqui.
Conjunção aditiva (coloquial): João *mais* Maria foram ao bosque.

Causa

– ***De tanto amor aos homens****, Jesus deu sua vida.*
– *Ele estuda* ***por necessidade****.*
– *O homem suava* ***com aquele calor carioca****.*
– ***Graças ao sotaque nordestino****, pude reconhecê-lo.*

Obs.: Algumas locuções adverbiais causais são iniciadas pelas locuções prepositivas "em decorrência de" e "em consequência de": *Dados do Ministério da Saúde indicam que 54 mil brasileiros morreram em 2010* ***em decorrência do diabetes****.*

Concessão

– *Ele sempre chega,* ***apesar do trânsito****.*
– ***A despeito dos problemas****, tivemos êxito.*

– ***Não obstante seu hercúleo esforço**, o fim foi trágico.*
– ***Mesmo moribundo**, teve seu último desejo realizado.*

Obs.: Note que a **concessão** expressa um fato em oposição a outro sem anulá-lo.

Conformidade

– ***Segundo a moda atual**, devemos nos vestir livremente.*
– *Faça tudo **conforme os regulamentos**.*
– ***Consoante a dica do professor**, devemos decorar apenas a matéria da prova.*
– ***Em conformidade com o dito**, nada mais tenho a acrescentar.*

Finalidade

– *Ele viajou **a negócios**.*
– *Só estudo **por uma boa nota**.*
– ***Para a alegria da nação rubro-negra**, o camisa dez decidiu ficar.*
– *Esta menina só estuda **a fim do primeiro lugar**.*

Condição

– ***Na dúvida**, não ultrapasse.*
– ***Sem educação**, não há progresso.*
– *Só entrará **com autorização**.* (Bechara)

Meio

– *Já viajei muito **de trem** quando eu trabalhava em Nova Iguaçu.*
– ***Por meio da pesquisa**, novos resultados foram alcançados.*
– *Prefiro ir **de ônibus** a pegar avião.*
– ***Com o sangue de Jesus**, os cristãos têm acesso ao reino dos céus.*

Obs.: Às vezes a classificação de uma locução adverbial é tão polêmica que gera inúmeras análises. Veja o último exemplo de novo: poderíamos interpretar como **causa** ou **condição**, concorda?

Veja uma questão sobre esta circunstância adverbial.

1. (NCE/UFRJ – IPJB – Biólogo – 2002) A expressão sublinhada no segmento "Os americanos, <u>através do radar</u>...", indica:
   a) lugar;
   b) instrumento;
   c) meio; (Gabarito!)
   d) causa;
   e) condição.

Comentário: As locuções prepositivas que iniciam as locuções adverbiais de *meio* são, normalmente, "por meio de" e "através de", as quais são encaradas como sinônimas, modernamente, apesar de a segunda denotar a ideia de "atravessar". Num sentido conotativo (a ideia de conotação vem perdendo a força no registro culto contemporâneo), "através de" nunca introduz uma estrutura que expressa o valor semântico de **instrumento**. Por isso você não deveria marcar a letra B.

Instrumento

– *Cortei o pão* ***com a faca****.*
– *Escrevi quinhentas páginas* ***a caneta****.*
– *Machucou-se* ***com o martelo****.*
– *Fomos expulsos* ***a pedrada****.*

Obs.: A diferença entre *meio* e *instrumento* é muito sutil. Pelas minhas pesquisas, percebi que há um padrão nos exemplos dados sobre o valor semântico "instrumento". Todos os exemplos sugerem o <u>uso</u> de um <u>objeto</u> ou algo <u>concreto</u> para a realização de um fim. No caso do advérbio de *meio*, houve alguns exemplos tênues. No entanto, percebi duas asserções sobre *meio*: quando não se trata de meio de transporte, trata-se de um processo cujo recurso utilizado permite que se vá de um ponto a outro, num espaço-tempo real ou figurado. Sobre o uso ou não do acento grave em locuções adverbiais de meio ou instrumento, falarei no capítulo de *Crase*.

Assunto

– *Ele só fala* ***sobre política****.*
– ***A respeito dos problemas educacionais do país****, nada tendo a dizer.*
– *Todos os brasileiros se arvoram na posição máxima de falar* ***de futebol****.*
– *Nada disse* ***acerca de seus planos****.*

Companhia

– ***Contigo*** *eu vou a qualquer lugar, mas* ***com quem*** *você vai preferir jantar hoje?*
– *Passeei à noite* ***com minha namorada*** *pelo parque.*
– *O Presidente terá de viajar* ***sem seus ministros****.*
– ***Com ou sem você****, preciso prosseguir em minha jornada.*

Preço

– *Só vendo minha honra* ***por novecentos octilhões de dólares****.*

– *Meu carro não custou* ***caro***.
– *Paguei* ***barato*** *por aquele relógio.*
– *Aqui você compra três* ***por um real***.

Obs.: Com verbo de ligação, *barato* e *caro* são adjetivos: *Os carros estão baratos, mas as motos estão caras.*

Quantidade

– *Meu time nunca perdeu* ***por três a zero***.
– *Foi reduzida* ***a quatro por cento*** *a taxa sobre o valor dos prédios.*
– *O salário deve aumentar* ***entre dois e cinco reais***.
– *Foram desafiados* ***triplamente*** *pelos americanos, mas não cederam.*

Referência

– ***Comigo*** *as broncas são sempre intensas.*
– ***Com sua esposa****, aconteceu tudo diferente?*
– *Nunca fui bom aluno* ***em Matemática***.
– ***Quanto a meu projeto****, vai indo muito bem.*

Ordem

– *Meu aluno se classificou* ***em segundo lugar***.
– ***Primeiro****, queremos dizer a todos que vamos viajar.*
– ***Em terceiro lugar****, o esporte é igualmente importante para a socialização.*
– ***Por último****, só tenho a desejar o melhor a todos vocês.*

Medida

– *O homem mede* ***dois metros***.
– *Nossa empresa cava poços* ***até vinte metros***.
– *O atleta percorreu* ***dez quilômetros***.
– *Aqui você come* ***por quilo***.

Peso

– *O homem pesa* ***cem quilos***.
– *A criança pesa* ***cerca de vinte quilos***.
– *Sobrecarregamos* ***em trinta quilos*** *o elevador.*
– *Um avião comercial, que deve pesar* ***em torno de uma tonelada****, voa com facilidade.*

Matéria

– *Uma espécie de vinho foi feito* ***com maçã****.*

– *Fabricamos* ***com plástico*** *esses copos.*

– *Esta mesa é feita* ***de mármore****.*

– *Casas litorâneas vêm sendo construídas, por incrível que pareça,* ***de bambus****.*

Veja uma questão sobre isso.

9. (FGV – Senado Federal – Administração – 2012) *É questionável ainda a ideia de embalar comida com comida. (l. 31-32)*

Assinale a alternativa em que o termo sublinhado tenha classificação idêntica à do adjunto adverbial sublinhado no período acima.

a) Saíram mais cedo com os amigos.
b) Encheram a garrafa com funil.
c) Fizeram os ovos com manteiga.
d) Massageou os pés com maciez.
e) Construíram o muro com pedras.

Gabarito: E. O contexto de onde foi retirado o fragmento diz que sacolas de plástico estavam sendo substituídas por sacolas *feitas de milho*, o que poderia gerar paradoxalmente problemas na indústria alimentícia, em prol da sustentabilidade. Por isso se disse que "era questionável ainda a ideia de embalar comida com comida". Ou seja, o milho (comida) servia de *matéria* para a feitura das sacolas. A única opção que também apresenta um **adjunto adverbial de matéria** é a E: *Construíram o muro com pedras*. Isto é, utilizaram-se pedras como matéria para a feitura do muro. A: Companhia. B: Meio. C: Modo. D: Intensidade.

Proporção

– *A novela está* ***para o Brasil*** *assim como o cinema está* ***para os Estados Unidos****.*

Reciprocidade

– ***Entre mim e ti*** *sempre houve amor.*

Substituição

– *Tive de assinar o recibo* ***pelo chefe****, porque ele não estava presente.*

– *João compareceu à solenidade* ***em lugar de Maria****.*

– *Abandonou suas convicções* ***por privilégios****.*

– *Não compre gato* ***por lebre****.*

Favor

– ***Por obséquio****, saia daqui!*

– *Agora o advogado vai falar* ***pelo réu****.*
– *Sempre trabalhamos* ***em favor do povo****.*
– *Acordo cedo todos os dias* ***em prol do meu ideal****.*

Exclusão

– *Todos os alunos saíram para o intervalo,* ***exceto Mário****.*
– *Dedica-se* ***exclusivamente*** *à música.*
– ***Afora essa questão****, concordamos em tudo.*
– ***Só*** *responderemos a uma pergunta.*

Cuidado!!!

1) São advérbios de exclusão *só*, *apenas, somente* e *unicamente* quando modificam verbos, adjetivos, outros advérbios ou orações. Outras locuções adverbiais de exclusão podem ser iniciadas pelas preposições acidentais ou locuções prepositivas: *menos, salvo, fora, exclusive, à exceção de, com exceção de*. Cuidado com o vocábulo *só*, pois pode ser adjetivo quando equivale a *"sozinho"*: *Estou muito* <u>*só*</u> *nesta casa*.

2) Atenção! Agora observe estas frases e as explicações de Mário Perini sobre as implicações da mudança de posição do advérbio de exclusão (caso [2]) ou palavra denotativa, em [1, 3 e 4]*.

[1] ***Somente*** *a professora passou a palavra ao visitante.*
[2] A professora ***somente*** *passou a palavra ao visitante.*
[3] A professora passou ***somente*** *a palavra ao visitante.*
[4] A professora passou a palavra ***somente*** *ao visitante.*

Diz o gramático: "Essas quatro frases não significam a mesma coisa; as diferenças têm a ver com a porção da frase que *somente* modifica. [1] significa que a professora, e ninguém mais, passou a palavra ao visitante. [2] significa que a professora passou a palavra ao visitante, mas não fez nada mais. [3] significa que ela passou apenas a palavra, e nada mais, ao visitante. E [4] significa que ela passou a palavra ao visitante e a ninguém mais. (...) considerando as quatro frases acima, podemos dizer que *somente* <u>vale para o constituinte que o segue</u> <u>*imediatamente*</u>".

* Falarei de **palavras denotativas** mais à frente. Saiba de antemão que elas só podem ser consideradas advérbios se modificarem verbos, adjetivos, outros advérbios ou orações.

Inclusão

– *Tu, que és pai, és amigo* ***também****.*
– ***Até*** *tu Brutus? Por que me trais?*

– *Preencha todos os seus dados,* ***inclusive*** *telefone.*

– *Ela não gosta de estudar,* ***de mais a mais*** *não é afeita ao trabalho.*

Obs.: Outros advérbios e locuções adverbiais de inclusão: *ademais, mesmo, além disso, além do mais*.

Veja uma questão sobre isso.

6. (IESES – TJ – Técnico Judiciário – 2009) Assinale alternativa INCORRETA.

b) A palavra mesmo (Mas, mesmo quando aparecem supervírus, a fatalidade deles tem sido relativamente baixa) é advérbio e equivale a *até*.

O gabarito é outro, logo a afirmação contida em b) é verdadeira, isto é, *mesmo* (= *até*), indicando *inclusão*, é considerado pela banca como advérbio, e não palavra denotativa, pois modifica a oração "quando aparecem supervírus". Por essa banca, isso é uma prova do fim da polêmica que cerca as **palavras denotativas** e os **advérbios**. Na minha opinião, nenhuma banca deveria expor quaisquer polêmicas, mas minha opinião vale tanto quanto a sua, meu comum leitor.

Só de curiosidade:

A palavra *mesmo* e seus quatro valores semânticos e morfológicos:

Concessão: Mesmo chovendo, viajamos. (preposição acidental)

Afirmação: A natureza está mesmo doente. (advérbio)

Inclusão: Mesmo quem não comprou o convite, poderá ir à festa. (advérbio)

Precisão/Realce: Ela me beijou neste lugar mesmo. (palavra denotativa)

Inclusão: Mesmo ela me traiu. (palavra denotativa) / Mesmo de noite, ele sai para pescar. (advérbio)

Reitero: Saiba que as palavras denotativas só podem ser classificadas como advérbios, se modificarem verbos, adjetivos, outros advérbios ou orações.

Consequência/Conclusão

– *O consumo aumentou e,* ***consequentemente/conseguintemente****, a produção e as vendas subiram.*

Obs.: Conheça algumas locuções adverbiais elencadas por Othon Moacyr Garcia que atuam como conectivos indicando conclusão: *dessa forma, dessa maneira, desse modo.* Certos advérbios arcaicos, que podem funcionar como conectivos, têm valor conclusivo, como *dessarte* e *destarte.*

Sempre que encontrar um advérbio que gere dificuldade de compreensão, consulte um bom dicionário. Fica a dica.

Palavras e Locuções Denotativas

Apesar de se parecerem com advérbios, é tradição gramatical, desde José Oiticica, tomar as **palavras denotativas** como diferentes dos **advérbios**. No entanto, há uma divergência absurda entre os gramáticos sobre onde "encaixar" (Entre os advérbios ou entre as palavras denotativas?) tais palavras que já veremos abaixo.

De uma coisa não podemos discordar: tradicionalmente, o advérbio modifica o verbo, o adjetivo, outro advérbio ou uma oração inteira, logo não se pode considerar sensato encarar sempre a palavra *só*, por exemplo, como advérbio. Entenda:

– ***Só** ele explicou a matéria.* (Note que *só* modifica *ele*, logo não pode ser advérbio, mas sim uma palavra denotativa.)

– *Ele **só** explicou a matéria.* (Note que *só* modifica o verbo, logo tem de ser um advérbio.)

Abro aqui um adendo para dar voz ao mestre Bechara: "A Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) põe os denotadores de inclusão, exclusão, situação, retificação, designação, realce etc. à parte, sem nome especial.". Ampliando o assunto, Celso Cunha, baseando-se em José Oiticica, diz que tais palavras não se encaixam em nenhuma classe gramatical, por isso os vocábulos abaixo são chamados de **palavras denotativas**, o que explica o "à parte" usado por Bechara.

Os estudos modernos e algumas bancas de provas que vêm acompanhando tais estudos trabalham esse assunto do ponto de vista discursivo, ou seja, quando usamos palavras denotativas em nosso texto, em nosso discurso, isso tem um propósito. Sendo assim, muitas perguntas "camufladas" de interpretação de texto, são, na verdade, sobre palavras denotativas e seus valores argumentativos. Por exemplo, quando dizemos "A menina **que** jogou água no garoto, pai!", a **palavra denotativa expletiva** (ou de realce) *que* tem o papel argumentativo de realçar o termo anterior. Se disséssemos "A menina jogou água no garoto.", o sentido não mudaria, mas a ênfase dada à menina na frase com a palavra de realce *que* se perderia.

Conheça as palavras e locuções denotativas, enfim:

- **Designação**: serve para apresentar um ser ou um fato de modo repentino, inesperado ou entusiástico: *eis*.
  Ex.: *Eis-me aqui, envia-me!*

- **Exclusão**: exclui-se uma ideia, realçando outra: *apenas, salvo, só, somente, exceto, exclusive, afora, senão, menos, sequer, nem mesmo...*
  Ex.: *Tudo tem limite, exceto o meu amor por você.*

Obs.: A maioria dos gramáticos consideram *salvo, exceto, exclusive, afora, senão* e *menos* como preposições acidentais, quando introduzem locuções adverbiais: "*Salvo aquela canção*, todo o repertório do DVD ao vivo chamou a atenção do grande público.".

- **Inclusão**: dá uma ideia de adição, introduzindo no discurso o julgamento do enunciador: *até, inclusive, mesmo, também, ademais...*
  Ex.: *Até o chefe da seção notou minha inquietude.*

Obs.[1]: Para que classifiquemos um vocábulo ou para que entendamos o seu sentido, você já sabe que tudo depende do contexto, certo? Por exemplo, o *até* do exemplo anterior difere, quanto ao sentido, deste: "*O chefe da seção notou até minha inquietude*.". Perceba que o sentido não é definitivamente o mesmo. No exemplo fora desta "obs.", o sentido é que mais de uma pessoa notou a inquietude. Nesta frase, com o *até* deslocado, o chefe notou, além de outros sentimentos, a inquietude.

Obs.[2]: Não confunda *até*, palavra denotativa de inclusão (ou advérbio de inclusão, dependendo do contexto), com preposição. Veremos isso melhor no capítulo de *Preposição*. Veja uma questão sobre isso: FCC – BACEN – PROCURADOR – 2006 – QUESTÃO 8.

- **Explicação**: apresenta um esclarecimento para que não haja dúvidas: *isto é, ou melhor, por exemplo, a saber, ou seja, qual(is) seja(m)...*
  Ex.: *Este é um fato comum, a saber: todo professor é humano.*

- **Realce** (expletiva): serve para realçar/enfatizar determinados seres ou ideias: *cá, lá, é que, que, ora, sobretudo...*
  Ex.: *Eu é que sou mais eu. / Veja lá o que vai fazer!*

Obs.: Alguns advérbios podem vir acompanhados da palavra denotativa de realce *que*. Como o próprio nome sugere, tal partícula serve para tão somente enfatizar o termo ou a expressão adverbial: ***Certamente que ela*** *vai passar.* / ***Com certeza que*** *ela vai passar.* / ***Decerto que*** *ela vai passar.* / ***Provavelmente que*** *ela vai passar.* / ***Talvez que*** *com esforço ela vá passar em primeiro lugar.* / ***Quase que*** *ela não passa.* E, como toda boa palavra expletiva, o *que* pode ser retirado da frase sem prejuízo sintático ou semântico.

Sobre o vocábulo *ainda*, note que a banca Esaf não o considerou uma partícula expletiva, mas sim um advérbio, pois indica tempo (= até este momento, até agora).

2. (Esaf – MRE – Assistente de Chancelaria – 2004) Assinale a afirmativa errada a respeito do texto a seguir:

A administração pública brasileira é ainda um monstro disforme, em que convivem setores modernos, utilizando tecnologias avançadas e desenvolvendo a cultura de um Estado não executor, e setores montados sobre paradigmas antigos, desenvolvendo trabalhos desnecessários ou redundantes.

c) O advérbio "ainda" é, no contexto em que se encontra, partícula expletiva, podendo ser eliminado do trecho sem que se altere o sentido original. (Gabarito!)

- **Retificação**: expressa normalmente correção para introduzir determinado argumento inclusivo: *aliás, ou melhor, ou antes, isto é, digo, perdão...*

Ex.: *Faça silêncio, ou melhor, fale mais baixo.*

A palavra *aliás* é bem interessante, pois introduz argumentos. Veja o que diz o Aulete sobre ela:

adv.

1 Ou melhor; quer dizer; digo. (Os pecados capitais são oito; aliás, sete.)

2 A propósito; na verdade. ("... nunca mais ousei repetir essas experiências, aliás inúteis.") (Mário de Sá Carneiro, A confissão de Lúcio)

3 De outra forma. (Ganhou na loteria; aliás, não teria enriquecido sem esse pequeno detalhe.) [Us. tanto para retificar ou averiguar uma informação, como para confirmá-la ou aperfeiçoá-la.]

4 Além do mais. (Casou tarde; aliás, com uma mulher muito mais nova.)

5 No entretanto, não obstante, contudo. (Escrever poemas para ele é simples; aliás deve-se lembrar que começou há pouco.)

Veja uma questão bacana (UFSJ – PROGP – TÉCNICO LABORATORIAL – 2009):

Fragmento de texto

(...) Além das intervenções em saúde, segundo Waleska Caiaffa, professora da Faculdade de Medicina da UFMG e uma das coordenadoras do Observatório de Saúde Urbana de Belo Horizonte (Osubh), há que se pensar em intervenções urbanas não necessariamente relacionadas à saúde, mas que exercem sobre ela impacto positivo.

A busca de soluções para que as populações usufruam de mais qualidade de vida na cidade, ***aliás****, é uma das premissas do trabalho desenvolvido pelo Observatório. (...)*

7. A palavra "aliás", presente no terceiro parágrafo, pode ser analisada como:

a) um elemento de coesão ligando duas orações de sentidos opostos;
b) um elemento de valor argumentativo que valoriza o trabalho do Osubh; (Gabarito!)
c) uma circunstância para que sejam buscadas soluções para o usufruto da qualidade de vida;
d) uma interjeição que traz o sentimento da autora com relação à importância da qualidade de vida.

- **Situação**: usada normalmente na linguagem oral para abrir, normalmente, uma interrogação, iniciar um discurso: *afinal, agora, então*, mas...*

  Ex.: *Afinal, o que querem? / Agora, trabalhar que é bom ninguém quer. / Então... acho que hoje não conseguiremos sair, amorzinho. / Mas ela não é aquela garotinha da foto?*

* Houve uma questão (32) do vestibular do ITA (2011/2012) que apresentava na letra E esse "então", próprio da linguagem informal. Confira depois!

Variação em Grau

O advérbio é intensificado (grau) por outro advérbio ou por um afixo. São dois tipos: o comparativo e o superlativo.

O **comparativo** pode ser de:

- Igualdade: *Aquela menina escreve tão* ***depressa*** *quanto/como eu.*
- Superioridade: *Aquela menina escreve mais* ***depressa*** *(do) que eu.*
- Inferioridade: *Aquela menina escreve menos* ***depressa*** *(do) que eu.*

Obs.: Os advérbios *bem* e *mal*, no grau comparativo de superioridade, ficam *melhor* e *pior*:
Aquela menina escreve ***melhor/pior*** *do que eu.*

O grau **superlativo** pode ser apenas absoluto (sintético ou analítico):

- Sintético (uso de sufixo **-íssimo** ou **-issimamente**):
  Ex.: *Ele estava* ***muitíssimo*** *bêbado. / Ele acordou* ***apressadissimamente****.*
- Analítico (uso de advérbio de intensidade modificando outro advérbio, sem sufixo):
  Ex.: *Eu corri* ***muito bem*** *naquela prova. / Ela corre* ***bem mal****.*

Cuidado!!!

1) Os advérbios *bem* e *mal*, no grau superlativo absoluto sintético, viram *ótimo* e *péssimo: Eu corri* ***ótimo/otimamente*** *naquela prova. / Ela corre* ***péssimo/pessimamente****.*

2) Existe também o **grau superlativo intensivo**, que expressa os limites da possibilidade, cuja estrutura fixa é: *o mais/o menos* ou *o melhor/o pior* + *advérbio* + expressão de possibilidade.
– *Chegaremos* ***o mais rapidamente possível*** *(*ou *o mais rapidamente que pudermos).*

3) Antes de particípios ou adjetivos, *mais bem* (ou *melhor*) e *mais mal* (ou *pior*) são formas que podem ser usadas, de acordo com Bechara, Cegalla, Sousa e Silva, Celso P. Luft, Maria H. M. Neves, Vasco Botelho de Amaral, João Ribeiro, etc.: *Esta casa é* ***mais bem/melhor mobiliada*** *que a outra. / Estes alunos são* ***mais mal/pior educados*** *que aqueles.*

No entanto, a vastíssima maioria dos gramáticos e das bancas repudiam a visão, dizendo que a forma culta é tão somente esta: "só se usa *mais bem* ou *mais mal* antes de particípios ou adjetivos": *Esta casa é* ***mais bem mobiliada*** *que a outra. / Estes alunos são* ***mais mal educados*** *que aqueles.*

Note como essas bancas trataram do assunto em suas questões – privilegiando a forma analítica (*mais bem/mais mal*): CESPE/UNB – TRE/PA – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2005 – QUESTÃO 6 C) / FCC – MPU – ANALISTA DE SAÚDE – 2007 – QUESTÃO 5 E) /

CESPE/UNB – TCU – TÉCNICO DE CONTROLE EXTERNO – QUESTÃO 2 / FCC – TRE/RS – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2012 – QUESTÃO 15 E). / ESAF – CGU – TÉCNICO DE FINANÇAS E CONTROLE – 2008 – QUESTÃO 4 (Gabarito preliminar: A. Gabarito oficial: Anulada, pois poderia ser a opção E, segundo os gramáticos supracitados).

4) Se não forem seguidos de particípio ou adjetivo, usa-se *melhor* ou *pior* apenas: *Ninguém me conhece **melhor** que minha mãe.* / "Ninguém me conhece **mais bem** que minha mãe." (**Inadequadíssimo!**)

Formas Estilísticas de Grau dos Advérbios

Existem certas formas criativas, próprias do coloquialismo, que fazem a gradação (grau) dos advérbios. Veja:

- A repetição da forma adverbial gera a forma superlativa.
  Ex.: Volto ***já, já***. / Chegaremos ***logo, logo***.

- O prefixo (*super* e outros) ou o sufixo (aumentativo ou diminutivo) fazem a forma superlativa.
  Ex.: *Ele fez **super-rápido** a prova. / Ele fez **rapidão/rapidinho** a prova. / Já está **de manhãzinha**; preciso trabalhar.*

- Expressões metafóricas.
  Ex.: *Esta garota fala **pelos cotovelos**. / Anderson Silva luta **pra cara#@$%**!*

Valor Discursivo

O advérbio tem muitas funções discursivas, ou textuais. Vejamos:

Valores Anafórico, Catafórico ou Dêitico

Alguns advérbios de lugar:

– ***Aí*** *deve estar fazendo calor, mas* ***aqui*** *está um frio de doer.* (valor dêitico)

– *Tanto no Rio como em São Paulo há tráfico de drogas. Enquanto* ***aqui*** *as UPPs vêm melhorando o cenário carioca,* ***lá*** *há outras intervenções.* (valor anafórico)

– *Apenas* ***lá*** *é o lugar onde eu quero viver o fim da vida: Campos do Jordão.* (valor catafórico)

Alguns advérbios de tempo:

– ***Ontem****, muito sol;* ***hoje****, só chuva;* ***amanhã*** *será o quê?* (valor dêitico)

– *Reinaldo chegou às duas da manhã bêbado. Foi acordar às duas da tarde do dia seguinte; só* ***aí/então*** *se deu conta que tinha de ligar para sua mãe.* (valor anafórico)

Advérbio de modo *assim*:

– *As mulheres sempre foram* ***assim****: leais e vingativas.* (valor catafórico)

– *As meninas levavam os salgados, os rapazes levavam as bebidas e era* ***assim*** *que a gente fazia as festinhas.* (valor anafórico)

Percebemos com esses exemplos que os advérbios têm um papel coesivo muito importante dentro da construção do texto.

Advérbios e Construção de Sentido

Além do uso das palavras denotativas e de alguns advérbios, que podem mudar de sentido com a mudança de posição, fique de olho em dois: os advérbios *já* e *ainda*. Dentro de um contexto, podem mudar de sentido. Veja o que diz o Aulete sobre eles:

Já

adv.

1 Neste momento, agora. *(Já estamos a meio caminho de lá.)*

2 Em algum momento ou período no passado; anteriormente, antes. *(Já li muito suspense./ Encontrei a panela já aberta.)*

3 Imediatamente, agora mesmo. *(Desligue já essa televisão!)*

4 Logo, dentro em pouco. *(Diga que já o atendo.)*

5 Mais. *(Ele foi tão grosseiro, que ela já não queria vê-lo.)*

6 Em parte, até. *(Se ele aceitar o cargo, já é um progresso.)*

7 De antemão, com antecedência. *(Como terei visitas à noite, já deixei a casa arrumada.)*

8 Mas, entretanto. *(Ele malha muito, já ela não gosta nem um pouco.)*

Sobre a 8, consulte: FUNRIO – PRF – POLICIAL RODOVIÁRIO FEDERAL – 2009 – QUESTÃO 12.

De já hoje

1 Há muito, há muito tempo; desde muito.

2 Hoje; ainda hoje.

Desde já

1 A partir de agora, deste momento em diante; doravante.

2 Já neste momento (e antecipadamente em relação a algo). (*Agradeço desde já qualquer ajuda que possam conceder.*)

Já, já

1 Logo, imediatamente, sem demora.

Já que

1 Us. antes de se mencionar a causa de algo, aquilo que é motivo para se fazer ou querer alguma coisa, ou a razão para se pensar de determinado modo. *(Já que todos estão de acordo, podemos encerrar o debate)*

Ainda

adv.

1 Até este momento; até agora. *(A conferência ainda não começou. / Ainda hoje uso aquele colar.)*

2 Até certo tempo no passado já mencionado; até então; até aquele momento. *(Quando voltei do exterior, eles ainda não tinham se casado.)*

3 Até certo tempo (antes mencionado) no futuro. *(Quando você voltar, ainda estarei no início de minha viagem.)*

4 Em algum momento no futuro. *(Ela ainda chegará.)*

5 Realça a exiguidade de tempo decorrido. *(Ainda há cinco minutos falávamos de você.)*

6 Ao menos. *(Está sempre atrasado; se ainda fosse eficiente...)*

7 Também; além disso; inclusive. *(Ele canta e ainda dança.)*

8 Mais; além disso. *(Muito aplaudido ao final do show, cantou ainda uma canção.)*

9 Exatamente, precisamente. *(Saiu ainda agora.)*

10 Mesmo assim; não obstante. *(Ele já te devia um dinheirão e você ainda lhe emprestou mais!)*

11 Por fim; afinal. *(Depois de tantos anos, restou-lhe ainda uma lembrança.)*

12 Expressa reforço, aumento, incremento. *(Nosso medo ficou ainda maior.)*
13 Expressa continuidade de algo (mesmo em condições adversas). *("Sorris da minha dor, mas eu te quero ainda.")*

Ainda agora (intensifica o tempo)
1 Agorinha.

Ainda assim
1 Apesar disso. *(Não é minha atribuição; ainda assim, pretendo colaborar.)*

Ainda bem (que)
1 Felizmente.

Ainda por cima
1 Além de tudo isso; para culminar.

Ainda que
1 Mesmo que: *"Liberdade, ainda que tardia." (lema da Conjuração Mineira: "Libertas quae sera tamen.")*
2 Apesar de que; embora. *(Vou respeitar a decisão, ainda que não concorde.)*

Advérbios Modalizadores

Por força da tradição gramatical, os advérbios modalizadores são chamados de advérbios de afirmação, dúvida, modo ou intensidade. No entanto, estudos linguísticos avançados informam que muitos advérbios, em geral terminados em **-mente**, vão além dessas meras ideias, para exprimir determinados matizes de sentido dentro do discurso. E isso vem caindo em prova de concurso. Por isso, atenção!

Alguns advérbios são chamados de **modalizadores**, pois, basicamente, exprimem estado emocional ou ponto de vista: ***Infelizmente**, todos morreram. / **Lamentavelmente** a seleção brasileira de futebol não ganhará a Copa de 2014*.

O fato é que todo discurso está repleto de intencionalidades. O estudo dos modalizadores terminados em **-mente** é apenas uma pequena parte de todo um estudo do que se convencionou chamar "análise do discurso", matéria vista em Faculdades de Letras. Como estamos no capítulo de advérbios, trate de aprender sobre a modalização do discurso por meio dos advérbios.

Segundo os estudos de Castilho & Castilho, Maria Helena de Moura Neves e Christiana Lourenço Leal, vejamos as classes de advérbios modalizadores – modalidade epistêmica, deôntica, persuasiva e afetiva/atitudinal (os julgamentos de valor):

1) Modalização epistêmica: expressa uma avaliação sobre o valor de verdade do que se diz.

Compreende três subclasses:

– **Advérbios asseverativos**: normalmente conhecidos como advérbios de afirmação pela gramática tradicional, indicam que o falante considera verdadeiro o conteúdo do que se diz, numa afirmação ou numa negação: *realmente, evidentemente, naturalmente, efetivamente, fatalmente, certamente, absolutamente*, claro, certo, lógico, sem dúvida, mesmo, indubitavelmente* etc.*; de jeito nenhum, de forma alguma*, *de modo algum, absolutamente** etc.

– **Advérbios quase asseverativos**: normalmente conhecidos como advérbios de dúvida, pela gramática tradicional, indicam que o falante considera quase certo (relativiza) o conteúdo do que se diz; muitas vezes a intenção é "camuflar" um ponto de vista, abrandando o verdadeiro intento do enunciador: *talvez, assim, possivelmente, provavelmente, (não) propriamente, eventualmente, supostamente* etc.

– **Advérbios delimitadores**: normalmente conhecidos como advérbios de modo, estabelecem os limites dos quais se deve encarar o conteúdo do que se diz: *quase, um tipo de, uma espécie de, geograficamente, biologicamente, basicamente, humanamente, linguisticamente, praticamente, principalmente, sobretudo* etc. Quando se referem a uma ciência ou a um ser são parafraseáveis por "*do ponto de vista* + adjetivo": *do ponto de vista geográfico/biológico/humano...* Neste último caso, constitui estratégia do autor para orientar o interlocutor no processo de leitura do que será dito.

2) **Modalização deôntica**: normalmente conhecidos como advérbios de modo pela gramática tradicional, indicam que o falante considera obrigatório ou necessário o conteúdo do que diz: *obrigatoriamente, necessariamente, indispensavelmente, forçosamente* etc.

3) **Modalização persuasiva**: normalmente conhecidos como advérbios de intensidade pela gramática tradicional, realçam algo que já é de conhecimento geral de modo a convencer o interlocutor da veracidade do que está sendo dito: *completamente*, *totalmente, extremamente, altamente, obviamente, absolutamente* etc.

4) **Modalização afetiva**: normalmente conhecidos como advérbios de modo pela gramática tradicional, expressam tão somente a opinião emotiva do falante em face do que ele diz: *felizmente, infelizmente, curiosamente, surpreendentemente, espantosamente*, *agradavelmente*, *sinceramente, francamente, lamentavelmente, estranhamente, principalmente/sobretudo* (indica uma hierarquia subjetiva de valores: "Tudo isso graças, **principalmente**, aos nossos políticos demagogos.").

Existem alguns advérbios, chamados de **focalizadores**, que ainda não foram sistematicamente contemplados pela gramática tradicional. Não obstante, eles existem e servem para focalizar, realçar uma expressão dentro da frase: *especialmente*,

especificamente, *propriamente*, *principalmente*, *exatamente*, *justamente*, *unicamente*, *meramente, sobretudo* etc.

Cuidado!!!

1) Os modalizadores afetivos são os que eu mais vi cair em prova de concurso. Os demais são vistos como advérbios de afirmação (asseverativo), dúvida (quase asseverativo), modo (delimitador e deôntico) e intensidade (persuasivo).

2) Veja três questões sobre modalização!

21. (FAB – EEAR – Sargento – 2002) A maioria dos advérbios terminados em *-mente* são classificados como advérbios de modo. Quando aplicados ao texto, pode-se descobrir mais da relação que estabelecem com os termos da oração. Desse modo, relacione a coluna A com a coluna B, de acordo com o que se pede.

A

I. advérbio caracterizando finalidade descritiva

II. advérbio caracterizando juízo de valor

III. advérbio caracterizando avaliação de quem fala

IV. advérbio caracterizando um critério

B

( ) Lamentavelmente, não teremos como concluir os preparativos da festa no prazo previsto.

( ) "A noite obscenamente acesa/Sobre meu país dividido em classes." (Ferreira Gullar)

( ) Em primeiro lugar observemos o avô. Igualmente, lancemos um olhar para a avó.

( ) Sofregamente, o homem vertia na boca a água que lhe escorria pelo pescoço, pelo corpo, como a matar também a sede da alma.

A sequência correta será:

a) IV – II – III – I;

b) III – I – II – IV;

c) II – IV – I – III;

d) III – II – IV – I.

Comentário: A letra D é o gabarito. Segundo Pasquale Cipro Neto, "a caracterização dos advérbios pode ter finalidade descritiva, procurando representar objetivamente os dados da realidade. Quando se diz, por exemplo, que todos estavam 'dormindo profundamente', descreve-se a maneira intensa como todos dormiam. A caracterização adverbial pode, no entanto, indicar a subjetividade de quem analisa um evento: o advérbio deixa de ter papel descritivo e passa a traduzir sentimentos e julgamentos de valor de quem escreve ou fala". Há finalidade descritiva em "Em primeiro lugar observemos o avô. Igualmente, lancemos um olhar para a avó" e "Sofregamente, o homem vertia na boca a água que lhe escorria pelo pescoço,

pelo corpo, como a matar também a sede da alma". Há tradução de sentimentos e julgamentos de valor de quem escreve ou fala em "Lamentavelmente, não teremos como concluir os preparativos da festa no prazo previsto" e "A noite obscenamente acesa/Sobre meu país dividido em classes" (Ferreira Gullar).

3. (UERJ – 1º Exame de Qualificação – Vestibular – 2004) "Já se sentiu vítima de algum tipo de marginalização e/ou discriminação dentro de sua universidade?" "Infelizmente, devo dizer que sim."

O advérbio **infelizmente**, na resposta do entrevistado, exprime um ponto de vista ou julgamento a respeito dos fatos

relatados. A alternativa cujo elemento sublinhado desempenha essa mesma função é:
(a) "Já se sentiu vítima de algum tipo de marginalização (...)?"
(b) "que pertencem ao mesmo partido político etc. e que se apóiam mutuamente."
(c) "Mas, verdade seja dita, trata-se de uma hostilidade"
(d) "e continua apoiando as reformas que instituí em minha gestão."

Comentário: O gabarito é a letra C, pois assim como *infelizmente* expressa uma emoção ou ponto de vista sobre um fato, a expressão *verdade seja dita* representa o ponto de vista do enunciador com relação à discriminação (= hostilidade). As demais não expressam nenhuma opinião ou sentimento.

28. (NCE/UFRJ – Eletronorte – Assistente Administrativo – 2006) De todos os advérbios em *-mente* abaixo sublinhados, o que apresenta valor semântico distinto dos demais é:
a) "extremamente promissoras"; (Gabarito!)
b) "eticamente inaceitável";
c) "igualmente descartada";
d) 'o saldo final é, modestamente, bem positivo";
e) "levar os parlamentares a recuar rapidamente".

Comentário: Além de já ter sido falado que nem todo advérbio modificador de adjetivo é de intensidade, note mais detalhes nessa questão: A: Intensidade. B: Modo (pela visão tradicional da gramática normativa) / modalizador epistêmico (delimitador). C: Modo. D: Modo (pela visão tradicional da gramática normativa) / modalizador afetivo. E: Modo. Pelo menos a banca foi contra a visão tradicional de que advérbio ligado a adjetivo é só de intensidade.

O Que Cai Mais na Prova?

Apesar de não ser recorrente em prova, como pronome, verbo e conjunção, tudo pode cair sobre advérbio. Portanto, o *bizu* é estudar *tudão* – preocupe-se mais atentamente com a **identificação, seus valores circunstanciais e discursivos**, ok? Ah! As bancas de grande expressão não tratam muito de advérbio e, quando o fazem, é dentro de concordância nominal. Fique atento!

Questões de Concursos

1. (FUNIVERSA – APEX – Analista Sênior – 2006) “A **tão** difícil arte de amar bonito” / “Talvez seja **tão** simples, tolo e natural”. A respeito das palavras destacadas, assinale a alternativa correta.
   a) As duas são advérbios e modificam adjetivo.
   b) As duas são advérbios e modificam verbo.
   c) As duas são advérbios e modificam outro advérbio.
   d) As duas são adjetivos.
   e) As duas são pronomes de intensidade.

Tal *como está organizada, a sociedade gira em torno do mercado, de acordo com um sistema que alguns chamam de “economia de mercado”, e outros, de “capitalismo”.*

2. (FGV – SERC/MS – Fiscal de Rendas – 2006) A palavra **Tal** classifica-se como:
   a) adjetivo;
   b) advérbio;
   c) conjunção;
   d) pronome demonstrativo;
   e) pronome relativo.

Fragmento de texto

Para muita gente, esta é a semana mais difícil do ano. Você volta das férias, tenta se adaptar de novo à rotina e já pressente as surpresas que vai ter ao receber a conta do cartão de crédito. Quando se dá conta, é mais uma vítima da depressão pós-viagem. Eu só conheço uma maneira de sair dessa: começar a pensar já na próxima. Não, não é cedo demais. (...)

3. (MP-RJ – Técnico Administrativo – 2007) “Não, não é cedo demais”. O uso duplo da palavra negativa nesse trecho tem a finalidade de:
   a) responder de modo peremptório a uma pergunta anteriormente expressa;
   b) contradizer um argumento levantado pelo próprio autor;
   c) reforçar o tom de diálogo com o leitor, já introduzido no texto;
   d) negar uma opinião contrária expressa na frase anterior;
   e) chamar a atenção do leitor para o caráter ambíguo do que é dito.

Fragmento de texto

(...) Ao contornar a ilha principal em busca do Ninhal das Fragatas, nosso ponto de ancoragem, demos de cara com a exuberância da fauna, uma espécie de “Galápagos” do litoral paulista. (...)

4. (MP-RJ – Técnico Administrativo – 2007) No segundo parágrafo, o autor emprega a expressão “demos de cara”, forma popular que transmite a ideia de que a ação descrita ocorreu:
   a) subitamente;
   b) furtivamente;
   c) favoravelmente;
   d) efemeramente;
   e) mormente.

Fragmento de texto

Nos últimos cinquenta anos, a população mundial mais do que dobrou, indo de 2,5 bilhões (1950) para 6 bilhões (2000). Durante esse mesmo período, a industrialização permitiu que o consumo aumentasse exponencialmente; como consequência, a poluição e o lixo também aumentaram. (...)

5. (MP/RJ – Técnico Superior Administrativo – 2007) A ideia que a palavra “exponencialmente” expressa está mantida em:
   a) inversamente;
   b) irreversivelmente;
   c) intensamente;
   d) minimamente;
   e) adequadamente.

6. (MP/RJ – Técnico Superior Administrativo – 2007) “Dos três irmãos, dois fazem parte de um grupo cada vez mais comum na família brasileira contemporânea.”

Assinale a única opção em que a palavra "mais" está empregada com o mesmo valor gramatical da frase acima:

a) Eu espero por você o tempo que for; nós vamos estar juntos mais uma vez.
b) Não tenho mais dinheiro, atraso o aluguel, não compro alimento.
c) Estou tão cansado, mas não pra dizer que não acredito mais em você.
d) Espero que aquela jura não tenha ido para mais ninguém.
e) E quando o inverno tristonho chegar, mais amor eu vou ter pra lhe dar.

Fragmentos de texto

*A crise do sistema financeiro internacional, que ameaça lançar o mundo numa **profunda** recessão, revela a importância do papel do governo no funcionamento da economia em diferentes dimensões, sobretudo na promoção de uma **melhor** operação dos mercados, da estabilidade e do crescimento econômico. Entretanto, **após** algumas décadas de excessivo crescimento dos gastos governamentais e da crise financeira que se abateu sobre inúmeros governos... (...) Em primeiro lugar, não estão em xeque as inegáveis e insubstituíveis virtudes que os mercados possuem quando funcionam de maneira mais **livre**, sem interferências externas, na alocação dos recursos. (...) Certamente essas frases devem nos deixar **algo** perplexos...*

7. (FGV – Senado Federal – Analista de Informática Legislativa – 2008) Assinale a alternativa em que a palavra indicada, no texto, se classifique como advérbio.

a) livre.
b) profunda.
c) melhor.
d) algo.
e) após.

8. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O enunciado "aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção" contém pressuposto introduzido pelo advérbio ***já***.

Fragmentos de texto

*(...) A fascinação de sua pessoa e 'oeuvre' **só** deixou a alternativa... (...) Nenhuma das intuições desse pensador inesgotável apresentava-se como mera intuição. O sujeito, a quem pessoalmente cabiam todas as experiências fundantes que a filosofia oficial contemporânea apenas discute de modo formal, parecia ao mesmo tempo não ter nenhuma participação nelas, **mesmo porque** a sua maneira, sobretudo a arte da formulação instantânea − definitiva −, também se despojou do que, no sentido tradicional − é espontâneo e esfuziante (...)*

9. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) Considerado o contexto, qual afirmação abaixo está correta?

I. O emprego de *só* traz implícita uma ideia de exclusão.
II. O advérbio *mesmo*, em *mesmo porque*, introduz retificação acerca do afirmado anteriormente.

10. (IESES – TJ – Analista Judiciário – 2009) Assinale a alternativa INCORRETA, em relação ao vocábulo <u>mesmo</u> / <u>mesma</u>.

a) A norma culta da língua rejeita o mencionado vocábulo na substituição de pronomes pessoais, como em *O grupo formado por índios, portugueses e africanos influenciou a culinária maranhense e somos agradecidos ao mesmo*.
b) Em *As cerâmicas maranhenses chegam mesmo a ser vendidas no exterior* o vocábulo é advérbio e equivale a *até*.
c) Em *um aluno sem a mesma base precoce* o vocábulo acompanha o substantivo; é adjetivo e equivale a *idêntica*.
d) Está correta a frase: *O Bumba Meu Boi é manifestação folclórica diferente das demais do país; a mesma é mais espetacular.*

11. (IESES – TJ – Comissário de Justiça da Infância e da Juventude – 2009) (Adaptada) Qual afirmação abaixo está incorreta?

I. <u>Além disso</u> é advérbio e corresponde a <u>Outrossim</u>.
II. Não ocorrerá alteração no sentido e na estrutura da frase, se a expressão <u>Na realidade</u> (... oferecem garantia de transporte gratuito... Na realidade, o transporte é feito por ônibus em péssimas condições de conservação...) for substituída por <u>Realmente</u>.

12. (IESES – TJ – Comissário de Justiça da Infância e da Juventude – 2009) (Adaptada) Em relação à análise dos termos em destaque desta frase: *Muitas vezes, <u>aqueles</u> <u>que</u> reclamam das condições, ou tentam fugir, são vítimas <u>de surras</u>*, está correta ou incorreta a afirmação abaixo?

– A expressão <u>de surras</u> é uma locução adverbial de modo.

13. (Cespe/UnB – CEHAP – Auxiliar de Serviços Administrativos – 2009) Quanto à classificação e ao <u>emprego</u> das palavras

no texto, assinale a opção correta.

a) No trecho "ela ganhou carisma e visibilidade", a palavra 'carisma" é um adjetivo.

b) Na oração "A liberdade e a responsabilidade são nossas", o termo 'nossas' é uma interjeição.

c) Na expressão "falar mais de amor" o vocábulo 'mais' indica intensidade.

d) Em "Valéria sabe da influência que exerce sobre uma geração", o termo 'exerce' é um verbo no futuro.

Fragmentos de texto

"... nos dias de folia carnavalesca, onde a ingestão de bebidas alcoólicas se eleva..."

"... solicito... a presença... na praça do DI, reduto dos foliões mais intempestivos, onde se verificam muitas ocorrências..."

14. (Cespe/UnB – DETRAN/DF – Auxiliar de Trânsito – 2009) Considerando-se as duas ocorrências do advérbio 'onde', primeiro e terceiro parágrafos do documento, apenas na primeira se respeitam as normas do padrão escrito formal da língua portuguesa para o emprego desse advérbio.

( ) CERTO

( ) ERRADO

"(...) Aproveito o ensejo para manifestar-lhe também, outrossim, a intenção de retomar..."

15. (Cespe/UnB – DETRAN/DF – Analista de Trânsito – 2009) No segundo parágrafo, o advérbio "outrossim", frequente em expedientes oficiais, está empregado de forma redundante por estar antecedido do advérbio "também".

( ) CERTO

( ) ERRADO

Fragmento de texto

Consultado por um discípulo sobre as forças dominantes dos destinos dos homens, o grande sábio Pitágoras respondeu: "Os números governam o mundo!". Realmente. O pensamento mais simples não pode ser formulado sem nele se envolver, sob múltiplos aspectos, o conceito fundamental do número. (...)

16. (Cespe/UnB – INMETRO – Todos os Cargos – 2009) Por meio do advérbio "Realmente", o autor do texto exprime concordância com o enunciado de Pitágoras citado no primeiro parágrafo.

( ) CERTO

( ) ERRADO

Fragmento de texto

Quando as caravelas atracaram nas límpidas águas e areias do litoral brasileiro, que em pequena distância parecia infinito, algo impressionou ainda mais aqueles inegáveis exploradores: uma enorme ***muralha verde*** *parecia proteger aquelas terras.* ***Densas árvores****,* ***rica fauna****... Algo jamais visto, algo jamais imaginado. Aos poucos, os portugueses perceberam que* ***ali*** *estava a* ***verdadeira riqueza daquela terra*** *recém-conquistada. (...)*

17. (Cespe/UnB – ANTAQ – Técnico em Regulação – 2009) O advérbio "ali" situa na "muralha verde", constituída de "Densas árvores" e de "rica fauna", a "verdadeira riqueza daquela terra".

( ) CERTO

( ) ERRADO

18. (Esaf – MF – Assistente Técnico (Administrativo) – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O advérbio "mutuamente" significa: reciprocamente.

19. (Esaf – MF – Assistente Técnico (Administrativo) – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– "Inexoravelmente" é advérbio derivado de *inexorável*, adjetivo que significa: *inadvertido*.

20. (Cespe/UnB – UERN – Técnico de Nível Superior – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

I. O advérbio "displicentemente" tem sentido equivalente a **com disciplina**, expressão que pode substituí-lo corretamente no texto.

II. A palavra "bastante", em "que são bastante comuns em quintais", classifica-se como adjetivo; por isso, poderia ser corretamente flexionada no plural.

Fragmento de texto

(...) "Até umas três gerações atrás, boa parte da sustentação emocional e material das pessoas vinha dos familiares. Hoje convivemos muito mais com amigos e desconhecidos..." (...)

21. (FCC – DPE/SP – Agente de Defensoria – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O emprego da preposição *Até* indica um limite de tempo, que se opõe à afirmativa introduzida pelo advérbio *Hoje*.

22. (FUNIVERSA – MTUR – Agente Administrativo – 2010) O termo "mais", usado em "O *mais* renegado dos sete pecados capitais e uma emoção inerente à condição humana, por mais difícil que seja confessá-la.", tem o mesmo valor semântico e morfológico na frase.
    a) Não aguentava mais tanto barulho.
    b) E que tudo o mais vá pro inferno!
    c) Cinco mais dois são sete.
    d) Sem mais nem menos, ela sumiu.
    e) Com a chegada do irmão, ela ficou mais nervosa.

Fragmentos de texto

(...)

– Enfermeiro, eu preciso voltar urgente para o meu escritório, porque tenho um meeting importantíssimo. Aliás, acho que fui trazida para cá por engano, porque meu convênio médico é classe A, e isto aqui está me parecendo mais um pronto-socorro. Onde é que nós estamos?

(...)

... dali a uma semana, ela iria receber o bônus anual, além de estar fortemente cotada para assumir a posição de presidente do conselho de administração da empresa. E foi aí que o interlocutor sugeriu:

– Talvez seja melhor você conversar com Pedro, o síndico.

– É? E como é que eu marco uma audiência? Ele tem secretária?

– Não, não. Basta estalar os dedos, e ele aparece.

– Assim (...)?

– Pois não?

(...)

Logo, com seu brilhante currículo tecnocrático, a executiva poderia rapidamente assumir uma posição hierárquica, por assim dizer, celestial ali na organização...

23. (FUNIVERSA – SEPLAG-DF – Analista (ADM.) – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
    I. O advérbio indica lugar em todas as seguintes passagens: "fui trazida para cá"; "e isto aqui está me parecendo"; "E foi aí que o interlocutor sugeriu"; "ali na organização".
    II. O "não" (Pois não?) é um advérbio com valor semântico de negação, assim como o **não** repetido (Não, não...).

24. (FUNIVERSA – SEPLAG-DF – Analista (ADM.) – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
    – O advérbio na construção "reagiu rapidinho" foi usado de acordo com a norma padrão da língua portuguesa, com flexão de diminutivo.

Fragmento de texto

Era uma menina morena que chorava muito, ainda com o cordão umbilical, embrulhada em uma sacola de papel.

25. (FUNIVERSA – SEJUS/DFT – Ciências Contábeis – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
    – A substituição de "ainda" por **ainda que** modifica o sentido da frase em que se insere, porque, no original, o vocábulo "ainda" tem valor de tempo e, na reescrita, passa a estabelecer uma relação de oposição, de concessão.

26. (FUNIVERSA – SEJUS/DFT – Ciências Contábeis – 2010) A palavra "ainda" em "A entidade também relata as condições das prisões já divulgadas por meio dos mutirões do CNJ e o crescente número de prisões de pessoas acusadas de delitos menores e inocentes. É considerado grave **ainda** o fato de as detenções gerarem facções criminosas" está empregada com o mesmo sentido na frase:
    a) Estou preocupado com Jairo: ele ainda não voltou.
    b) Você ainda vai ser feliz, tenho certeza.
    c) Ninguém acreditou, mas o pássaro ainda voava até aquela hora.
    d) A jovem recebeu acusações injustas e, ainda, foi impedida de se explicar.
    e) Não tinha muito tempo; ainda assim foi visitar a mãe doente.

27. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2010) O termo destacado expressa uma circunstância de causa em:
    a) "entretanto, pelas inseguranças, medos e raivas,"
    b) "...que impactam pelo resto da vida,"
    c) "No direito e na medicina isso é mais complexo,"
    d) "pode ser perfeitamente aplicável daqui a um tempo."
    e) "...e, com absoluta certeza,"

28. (FUNDEP – Pref. Nova Lima – Assistente Social – 2010) "Não ficamos nas preposições, fomos igualmente aos advérbios". Assinale a alternativa em que se flexionou indevidamente, segundo o texto, um advérbio:
a) "[...] a língua é viva e muda o tempo todo." / [...] a língua é viva e muda toda hora;
b) "[...] a qualquer pretexto [...]" / [...] sob quaisquer pretextos;
c) "Afinal, bastante gente fala assim." / Afinal, bastantes pessoas falam assim;
d) "[...] o fato está todo escancarado para qualquer um ver." / [...] a coisa está toda escancarada para qualquer um ver.

29. (AOCP – Pref. Camaçari – Procurado Municipal – 2010) Em "Além disso, foram eliminados órgãos equivalentes às diretorias regionais de ensino.", a expressão destacada:
a) introduz uma explicação;
b) reitera um argumento citado;
c) aponta para uma conclusão;
d) adiciona um argumento;
e) aponta para uma causa.

30. (Vunesp – Fundação Casa – Agente Administrativo – 2010) Em – No Brasil, *talvez* mais que em outros países,... – o advérbio em destaque expressa sentido de:
a) causa;
b) afirmação;
c) negação;
d) modo;
e) dúvida.

Fragmentos de texto

(...) Nem todas as palavras representam "coisas" do mundo exterior à linguagem: palavras puramente gramaticais como preposições, conjunções e artigos são o cimento que une os tijolos da comunicação, como substantivos, adjetivos, verbos e advérbios. Estes são chamados de palavras lexicais, cheias ou exteroceptivas porque nos remetem ao "mundo", a vivências físicas ou mentais que abstraímos e guardamos na mente sob a forma de conceitos. ***Já*** *as palavras gramaticais são chamadas de vazias ou interoceptivas porque não representam conceitos, só exercem funções na própria língua, como conectar ou substituir palavras cheias. (...) Trata-se de constatar que não podemos conhecer o mundo em que vivemos sem a mediação dos signos. Alguns filósofos chegaram mesmo a supor que a própria realidade é uma ilusão criada pela linguagem e,* ***portanto****, o conhecimento em si é simplesmente impossível.* ***Aliás****, as únicas formas de conhecimento* a priori*, que independem da experiência, são a lógica e a matemática, justamente dois exemplos de linguagem formal.* ***Ou seja****, podemos lidar com a linguagem sem a realidade, mas não podemos lidar com a realidade sem a linguagem.*

31. (FADESP – SESPA/PA – Médico – 2010) Quanto às relações coesivas, é **incorreto** afirmar que o(a):
a) conjunção "portanto" sinaliza uma conclusão;
b) expressão "ou seja" retifica a informação anterior;
c) advérbio "aliás" introduz um elemento importante ao raciocínio do autor;
d) vocábulo "já" introduz, na explanação do autor, um elemento novo que se opõe ao anterior.

32. (FEC – MPA – Agente Administrativo – 2010) O advérbio em ***-mente*** que traduz uma atitude ou estado psicológico do autor diante do fato por ele enunciado encontra-se na alternativa:
a) Atualmente, tenho ido pescar na região de Ubatuba, em São Paulo.
b) Seguramente, tiveram tempo para embarcar ao menos duas ou três dezenas de peixes.
c) Felizmente, sabemos que a enchova é uma espécie que não corre risco de extinção.
d) Aparentemente, só trinta exemplares.
e) Principalmente quando se sabe que, no que depender da "colheita" feita por você nesse dia, ainda haverá bastante peixe para a próxima pescaria.

33. (FUNDEP – TJ/MG – Oficial de Apoio Judicial – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– "Todos estão ameaçados nesta bolota azul em que vivemos. Logo, repudiar a violência é tarefa comum." – O termo grifado é advérbio de tempo.

34. (ADVISE – SESC/SE – Biblioteconomista – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
O material didático ***mais*** *barato que existe na praça é o professor.*
– A palavra destacada na frase pertence à seguinte classe de palavra: advérbio.

Fragmento de textos

*(...) As operações de importação e exportação sofreram um impacto positivo **muito** grande...*

*(...) A informatização no segmento de comércio exterior é inevitável, **crescente** e, principalmente, **abrangente**. Integridade, agilidade e confiabilidade das informações, controle dos processos e acompanhamento detalhado das etapas de importação e exportação são benefícios da utilização dos* softwares*, que refletem diretamente em redução de custos, eliminação de erros, e **consequentes** multas...*

35. (MOVENS – MDIC – Tecnologia da Informação – 2010) A palavra "praticamente" está empregada no texto com valor adverbial, assim como o vocábulo:
    a) "crescente";
    b) "abrangente";
    c) "consequentes";
    d) "muito".

36. (UERJ – 1º Exame de Qualificação – Vestibular – 2011) As palavras classificadas como advérbios agregam noções diversas aos termos a que se ligam na frase, demarcando posições, relativizando ou reforçando sentidos, por exemplo. O advérbio destacado é empregado para relativizar o sentido da palavra a que se refere em:
    a) *utilizá-las em história presumivelmente verdadeira?*
    b) *Certamente me irão fazer falta,*
    c) *Afirmarei que sejam absolutamente exatas?*
    d) *desenterrarmos pacientemente as condições que a determinaram.*

Fragmentos de texto

*(...) **Muitas vezes**, emprega-se a palavra direito em sentido axiológico como sinônimo de justiça. (...)*

*(...) **De fato**, as normas jurídicas representam as limitações impostas (...) **Assim sendo**, a saúde, definida como direito, deve inevitavelmente conter aspectos sociais e individuais. (...) Essa é a razão das normas jurídicas que obrigam à vacinação, ao tratamento, e **mesmo** ao isolamento de certas doenças.*

37. (MP-RS – Assessor – Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais – 2011) Assinale com **V** (verdadeiro) ou **F** (falso) as afirmações abaixo, relativas ao sentido contextual de palavras e expressões do texto.
    ( ) A expressão ***Muitas vezes*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **Não raro**.
    ( ) A expressão ***De fato*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **Com efeito**.
    ( ) A expressão ***Assim sendo*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **De todo modo**.
    ( ) A palavra ***mesmo*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **igualmente**.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:
    a) F – V – F – V;
    b) V – V – F – F;
    c) V – F – F – V;
    d) F – F – V – V;
    e) V – V – V – F.

Fragmentos de texto

*... é certo que a adoção, na prática, dessa possibilidade vem se dando de forma **bastante** tímida, muito em razão das inúmeras...*

*...discussões sobre a ampliação legal do rol das possibilidades desse tipo de responsabilização penal ganhem cada vez **mais** espaço no Brasil.*

*...ciclos de debates acerca dos instrumentos de controle da administração empresarial, promovidos por empresas que pretendem implementar, o quanto **antes**, práticas administrativas voltadas à prevenção de qualquer tipo de responsabilidade penal. Dessa realidade legal e da tendência político-criminal que dela se pode inferir, ganham importância, no espectro de preocupação não **só** das empresas estrangeiras situadas no Brasil...*

*... sob pena de serem responsabilizadas **penal** e administrativamente. (...)*

38. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor – 2011) Assinale a palavra que, no texto, **NÃO** tenha valor adverbial.
    a) mais.
    b) bastante.
    c) penal.
    d) só.
    e) antes.

Fragmento de texto

*Um dia, um grupo de marketing e finanças foi visitar uma de nossas fábricas. No meio da estrada, a van da empresa pifou. Como isso foi antes do advento do milagre do celular, o jeito era confiar no especialista, o Cleto, motorista da van. E **aí** todos descobriram que o Cleto falava inglês, tinha noções de informática e possuía energia e criatividade. Sem mencionar que estava fazendo pós-graduação. **Só** que não sabia nem abrir o capô.*

39. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal – 2011) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
    I. A palavra "aí", de acordo com seu emprego, vale por *naquele lugar.*
    II. A palavra "Só" pode ser corretamente permutada por *Somente*.

40. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal (Transp.) – 2011) (Adaptada) Sobre o trecho *A leitura, disparado, é a melhor forma de exercitar a memória,* a afirmação abaixo está correta ou incorreta?
    – A construção do texto não seria aceita sob a ótica gramatical ou semântica caso fosse substituído o termo "disparado" por **em alta velocidade**.

41. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "...e **às vezes** lhe passava um recado ou uma correspondência." / "isso existe **às pampas**."

Quais as locuções destacadas que encerram, respectivamente, as mesmas circunstâncias das destacadas nos trechos transcritos acima?
a) Aos poucos, ele ia percebendo que não precisava mais dela. / Nada em volta causava mais surpresa.
b) Saiu às pressas porque tinha um compromisso. / De vez em quando, é preciso repensar as estratégias.
c) Vá em frente que você encontrará o que procura. / De modo algum aceitarei a proposta feita pelo meu superior.
d) Em breve, estarei terminando de escrever minha biografia. / Trabalhou em excesso para apresentar seu projeto final.
e) A notícia chegou de súbito causando, assim, um grande impacto. / Hoje em dia, as pessoas pensam mais nelas próprias.

42. (Cesgranrio – CITEPE – Supervisor de Produção Têxtil – 2011) Em "Diz **ainda** a lenda que a imperatriz fez um fino manto de seda para o imperador.", o elemento destacado é um conector de:
a) inclusão;
b) oposição;
c) comparação;
d) explicação;
e) retificação.

Fragmento de texto

(...) O menor problema do Brasil é se sua economia passará a do Reino Unido, como a mídia britânica noticiou. Um defeito grave por aqui continua sendo a falta de valores civilizatórios – e nenhum sinal de melhora desse cenário no médio prazo. (...)

43. (Vunesp – Pref. Sorocaba/SP – Procurador – 2012) Analise as afirmações.
    I. Na oração – ... parei **ontem** em frente à rodoviária de Brasília. – (1.º parágrafo), o advérbio em destaque é indicativo de tempo passado.
    II. Na oração – ... o Brasil termina este ano como a 6.ª maior economia **do mundo**. – (1.º parágrafo), a expressão em destaque está empregada com valor adverbial, indicativa de lugar.
    III. Na oração – Um defeito grave por **aqui** continua sendo a falta de valores civilizatórios... – (2.º parágrafo), o advérbio em destaque refere-se à cidade de Brasília.

    Está correto o que se afirma em:
    a) I, apenas;
    b) II, apenas;
    c) I e III, apenas;
    d) II e III, apenas;
    e) I, II e III.

44. (Vunesp – UNESP – Advogado – 2012) O emprego da palavra **meio**, como no trecho – ... em linhos de um meio-dia. –, repete-se, com o mesmo sentido, em:
a) Ele encontrou na aspirina um meio de se livrar da dor de cabeça.
b) O poeta tomou apenas meio comprimido de aspirina e sentiu-se aliviado.
c) A indústria farmacêutica anda meio apurada com tanta demanda de remédios.
d) Em meio à acirrada discussão, saiu do encontro com dor de cabeça.

e) As pessoas ficam meio dependentes dos efeitos químicos da medicação.

45. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Leia:

*"Viramundo **estranhamente** se recusava a comer. Afastara-se e contemplava **em silêncio** a paisagem. Havia nela algo **vagamente** familiar."*

Os advérbios destacados acima indicam, respectivamente, as circunstâncias de:

a) modo, intensidade, finalidade;
b) negação, lugar, intensidade;
c) modo, modo, intensidade;
d) negação, modo, negação;

Gabarito

1. A.	10. D.	19. INCORRETO.	28. D.	37. B.
2. B.	11. II.	20. I. INCORRETA. II. INCORRETA.	29. D.	38. A.
3. C.	12. INCORRETO.	21. CORRETO.	30. E.	39. I. INCORRETA. II. INCORRETA.
4. A.	13. C.	22. E.	31. B.	40. CORRETO.
5. C.	14. ERRADO.	23. I. INCORRETA. II. INCORRETA.	32. C.	41. D.
6. C.	15. CERTO.	24. INCORRETO.	33. INCORRETO.	42. A.
7. D.	16. CERTO.	25. CORRETO.	34. CORRETO.	43. A.
8. CORRETO.	17. CERTO.	26. D.	35. D.	44. B.
9. I.	18. CORRETO.	27. A.	36. A.	45. C.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 14

Preposição

Definição

Do ponto de vista semântico, a preposição estabelece determinadas relações de sentido, mas tudo dependerá do contexto, pois, em tese, elas são vazias de sentido fora de contexto. Note como o sentido da frase vai mudar com o uso diverso de preposição:

– *Falou **a** Lucas.*
– *Falou **ante** Lucas.*
– *Falou **após** Lucas.*
– *Falou **com** Lucas.*
– *Falou **contra** Lucas.*
– *Falou **de** Lucas.*
– *Falou **em** Lucas.*
– *Falou **para** Lucas.*
– *Falou **perante** Lucas.*
– *Falou **por** Lucas.*
– *Falou **sem** Lucas.*
– *Falou **sobre** Lucas.*

Obs.: Não é em todo contexto que a preposição pode apresentar sentido. Às vezes, a preposição não tem sentido algum, servindo como mero elemento conector.

Do ponto de vista morfológico, a preposição é uma palavra invariável que tem o papel de conector (ou conectivo), isto é, cumpre a função de ligar palavras entre si, palavras a orações ou orações entre si.

– ***Até** amanhã, vou ficar **em** Paris.**
– *Sairemos **com** você hoje.*
– *Ai **de** mim!*
– *Quem **de** nós dois...*
– *Estudo muito Português **para** passar logo!*

* Às vezes, a preposição não fica exatamente entre duas palavras ou orações, podendo iniciar uma frase. Na ordem direta, seria: "Vou ficar **até** amanhã em Paris.". Nota-se, portanto, que o deslocamento da preposição só se deu porque o adjunto adverbial *até amanhã* pode ficar deslocado na frase. Muitas expressões iniciadas por preposição podem ficar deslocadas na frase, ok? Isso é comum!

Do ponto de vista sintático, a preposição nunca exerce função sintática, mas participa no

sistema de transitividade, introduzindo complementos (verbais ou nominais), ou na construção de adjuntos (adnominais ou adverbiais). Muitos verbos, substantivos, adjetivos e advérbios exigem complemento preposicionado, por isso ela é um conectivo subordinativo:

– *Não concordo* ***com*** *atitudes precipitadas*.

– *Tenho admiração* ***por*** *quem é solidário*.

– *Bebida alcoólica é imprópria* ***para*** *menores*.

– *Paralelamente* ***às*** *apresentações, o cantor se destacou.*

Obs.: O papel da preposição é subordinar um termo a outro. Logo, o primeiro termo (anterior à preposição) é o subordinante, e o segundo termo (posterior à preposição) é o subordinado.

Pois bem... para entendermos todas as definições de preposição, vamos analisar esta frase:

Desde o ano passado, decidi estudar por videoaulas, pois simpatizei com o método.

Note que os vocábulos ***Desde***, ***por*** e ***com***

1) **indicam** uma ideia de **tempo** (desde) e **meio** (por), respectivamente; *com* nada significa, no contexto;
2) **não variam**;
3) **participam** na construção dos adjuntos adverbiais de tempo (*Desde o ano passado*) e de meio (*por videoaulas*); no sistema de transitividade do verbo simpatizar, exige objeto indireto iniciado pela preposição *com* (*com o método*).

Identificação

Identificar uma preposição é fácil. Basta, primeiro, decorar as preposições – que são poucas! – e, segundo, perceber em que contextos elas aparecem.

O fato é que as preposições ligam palavras entre si, palavras a orações ou orações entre si, podendo estar entre elas ou deslocadas:

– *Devemos visar **a** cargos públicos que pagam bem.*

– ***Para** saber a verdade **sobre** esta questão, é preciso muito estudo.*

Na primeira frase, liga-se o verbo *visar* ao substantivo *cargos* pela preposição *a*. Na segunda frase, note que a preposição *para* inicia o período. Se colocássemos na ordem direta, a frase ficaria assim: "Muito estudo é preciso **para** saber a verdade sobre esta questão.", em que *para* liga o nome *preciso* à oração "saber a verdade...".

Classificação

As preposições podem ser **essenciais** ou **acidentais**.

O primeiro grupo diz respeito às preposições propriamente ditas. O segundo diz respeito a palavras que são classificadas como preposições num determinado contexto, mas que pertencem a outras classes gramaticais. Normalmente iniciam adjuntos adverbiais.

Essenciais: *a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, per, perante, por, sem, sob, sobre, trás.*

– *Cheguei **a** comentar contigo **sobre** a festa?*

– *Ali estava, **ante** seus olhos, toda a prova **de** que a acusação era caluniosa.*

– ***Após** todos esses anos, como você pôde me enganar **até** este ponto?*

– *Quem não está **com** ele só pode estar **contra** ele.*

– *Vieste assim **desde** o bairro **de** teus avós?*

– ***Em** se tratando **de** polêmicas **entre** políticos, o Brasil é o grande centro.*

– ***Para** mim, o réu deve comparecer **perante** o juiz tão logo.*

– ***Por** tudo quanto é mais sagrado, não saia **sem** proteção.*

– ***Sob** a água ou **sobre** ela, o anfíbio é muito veloz.*

Acidentais: *como, conforme (*ou *segundo,* ou *consoante), durante, mediante, menos, salvo (ou salvante – não usual), exceto, afora (ou fora), tirante, senão, exclusive* (sentido exclusivo ou exceptivo), *inclusive, visto, malgrado, mesmo, que.*

– *Nós temos **como** lema Ordem, Amor e Progresso.* (= *na qualidade de* / = *por*)

– ***Conforme** o lucro auferido, a taxa será cobrada.* (ideia de conformidade)

– ***Durante** a explicação, o aluno dormia.* (ideia de tempo)

– *Só seria solto o bandido **mediante** fiança.* (ideia de meio)

– *Todos chegaram a tempo, **menos** os retardatários.* (ideia de exclusão)

– ***Salvo** aquela música, todo o disco é bom.* (ideia de exclusão)

– ***Exceto** as meninas, os meninos participaram da gincana.* (ideia de exclusão)

– ***Afora** seus familiares, todos o abandonaram.* (ideia de exclusão)

– *O filho era igual ao pai, **tirante** a cor dos olhos.* (ideia de exclusão; não se usa "tirando", pois é coloquialismo)

– *Do terraço, nada sentiam, **senão** uma brisa gostosa.* (ideia de exclusão)

– *Chame a todos, **exclusive** aqueles dois ali.* (ideia de exclusão)

– *Chame a todos, **inclusive** aqueles dois ali.* (ideia de inclusão)

– ***Visto** não ter se preparado, errou toda a sua apresentação.* (ideia de causa)

– ***Malgrado** a proibição do médico, o paciente comeu do bolo.* (ideia de concessão)

– ***Mesmo** feliz, separou-se dela.* (ideia de concessão)

– *Tenho **que** estudar mais!* (= *de*; sempre entre *ter* + infinitivo)

Cuidado!!!

1) As preposições ***per*** e ***trás*** ficaram de fora nos exemplos, pois elas caíram em desuso no estágio atual da língua. Para não dizer que deixaram de existir, ainda usamos tais vocábulos nas expressões *per si* ou *de per si* e nas expressões *por trás, para trás, por trás de*. Os linguistas dizem que as contrações *pelo, pela, pelos, pelas* são formadas pela preposição *per* + artigo *o, a, os, as*. No entanto, como *per* é arcaísmo, pode-se dizer, sem incorreção, que tais contrações são formadas pela preposição ***por*** + artigo *o, a, os, as*.

2) Segundo Cegalla, a preposição ***após*** pode ser advérbio, acidentalmente: "Terminou a festa à meia-noite e as visitas saíram logo ***após.*** (= *atrás, depois*)".

3) A forma sincopada ***pra*** (de ***para***) é própria da língua coloquial: "Estamos aqui ***pra*** ganhar!".

4) Não confunda ***até*** (preposição) com ***até*** (palavra denotativa – ou advérbio – de inclusão): "Ninguém chegará ***até*** mim." / "Resolver este problema ***até*** eu consigo.".

5) É um fato da língua culta que, enquanto as preposições essenciais precedem os pronomes oblíquos tônicos, as acidentais precedem os pronomes pessoais do caso reto. É por isso que **não** se diz com correção gramatical "Há sinceridade **entre** eu e você.", mas sim "Há sinceridade **entre** mim e você.". Quando se diz "Todos concordam, **menos** ti.", temos aí um equívoco gramatical. O adequado seria: "Todos concordam, **menos** tu.".

6) Não me custa dizer que as preposições acidentais *conforme, segundo* e *consoante* são conjunções conformativas quando iniciam oração subordinada adverbial conformativa: "**Consoante** me disseram, ela está grávida.".

Combinações e Contrações

A **combinação** ocorre sem perda fonética, unindo-se a preposição **a** com o artigo definido *o(s)* ou com o advérbio *onde*.

– *Não resisti **aos** parques da cidade.*

– *Vou **aonde** estão as pessoas.*

A **contração** de uma preposição ocorre quando esta se junta com um artigo, pronome demonstrativo, pronome oblíquo tônico, advérbio de lugar. Há perda fonética.

– *Eu cursei o 2º grau **no** (em+o) ano 2000.*

– ***Deste** (de+este) ano não passa.*

– *Vote **nele** (em+ele) **pela** (per+a)* melhora da saúde!*

– ***Daqui** (de+aqui) ninguém me tira.*

* Como a preposição *per* é arcaica, admite-se dizer que *pelo, pela, pelos, pelas* sejam as contrações da preposição *por* com os artigos *o, a, os, as*. Veja uma questão sobre isso em CESPE/UNB – IRBR – DIPLOMATA – 2008 – QUESTÃO 54.

A **crase**, que é uma espécie de contração, ocorre quando a preposição *a* se liga a um artigo feminino ou um pronome demonstrativo iniciado por **a**.

– *Eu fui **à** (a+a) praia de Copacabana.*

– *Vamos **àquele** (a+aquele) lugar sempre.*

Cuidado!!!

Nunca é demais dizer que certas contrações não são consideradas cultas pela vasta maioria dos gramáticos:

– *Apesar **de o** progresso ter chegado à cidade, muita violência adveio disso.* (Segundo a maioria dos gramáticos, não se contrai preposição com artigo (ou pronome) antes de verbo no infinitivo. Portanto, na visão da maioria, seria incorreto dizer: "Apesar *do* progresso ter...", mesmo soando melhor.)

– *Já chamaram o lutador **de o** esportista do ano.* (Em *títulos* – o esportista do ano –, não se faz contração, por isso é que em jornais, revistas, livros, não se recomenda a contração da preposição com o artigo.)

Locução Prepositiva e Valores Semânticos

A **locução prepositiva** é o conjunto de palavras, com valor de preposição, terminado em preposição essencial. Como de costume, uma locução pode, dependendo do contexto, mudar de valor semântico, portanto não saia simplesmente decorando. Pense!

É formada normalmente por **advérbio + preposição** (*longe de, perto de, além de* etc.) ou **preposição + substantivo/advérbio + preposição** (*a par de, por detrás de, em frente a* etc.). Frequentemente iniciam adjuntos adverbiais ou orações adverbiais.

Sempre observe que há correspondência de sentido entre algumas preposições e algumas locuções prepositivas, pois isso cai muito em prova:

– *Os livros estão **embaixo d**a estante. = Os livros estão **sob** a estante.*

– *A mulher faz dieta **a fim de** emagrecer. = A mulher faz dieta **para** emagrecer.*

– *Seu filho está **dentro de** casa? = Seu filho está **em** casa?*

– *Ela está indo **de encontro a** meu interesse. = Ela está indo **contra** meu interesse.*

– *Não discutimos **acerca de** futebol e política. = Não discutimos **sobre** futebol e política.*

– ***Devido a**o barulho, não dormi nada. = **Com** o barulho, não dormi nada.*

Vejamos as locuções prepositivas e seus valores semânticos

Lugar: *perto de, acima de, longe de, fora de, além de, dentro de, abaixo de, atrás de, por trás de, por detrás de, através de, debaixo de, embaixo de, em cima de, defronte de, em frente de/a, à frente de, ao/em redor de, em torno de, até a, ao lado de, a par de, diante de, adiante de, em face de* (e não ***face a***; no entanto o gramático Celso P. Luft e a banca Esaf abonam tal construção, assim como ***frente a***), *ao lado de, junto de/a/com, por baixo de, por cima de, ao nível de* (é equivocada a forma a nível de).

Tempo: *perto de, dentro de, antes de, depois de, ao longo de, a partir de* (indica ponto de partida, podendo indicar quantidade), *por volta de, a cerca de* (valor aproximado), *a ponto de* (pode indicar consequência; ***ao ponto de*** é construção incorreta), *prestes a, na iminência de, em via de* (e não ***em vias de***; Bechara e Houaiss abonam o plural).

Companhia: *junto de/a/com, ao encontro de*.

Direção: *em busca de, em direção a, ao encontro de*.

Escusa: *a/sob pretexto de*.

Adição: *além de, ademais de*.

Modo: *à guisa de, à maneira de, à custa de* (Cegalla e Bechara liberam ***às custas de***).

Ciência/Conhecimento: *a par de*.

Favor/Benefício: *em prol de, em benefício de, em/a favor de*.

Concessão: *apesar de, a despeito de, sem embargo de, não obstante* (única locução não terminada em preposição).

Finalidade: *a fim de, de forma a, de maneira a, com o fim de, com o intuito de, com o fito de, com o intento de, com o escopo de, com a intenção de, com a finalidade de, com o propósito de*.

Sujeição: *sob pena de, à mercê de.*

Oposição: *em oposição a, de encontro a, ao invés de*.

Causa: *devido a, em virtude de, em vista de, graças a, em razão de, por causa de, em consequência de, em face de, em atenção a, por consideração a, em função de, por motivo de, por razões de, por conta de, mercê de, diante de*.

Envolvimento: *às voltas com.*

Atribuição: *na qualidade de, na função de, a título de*.

Assunto/Referência: *acerca de, a respeito de, com/em relação a, para com, quanto a, no campo de, na esfera de*.

Exclusão: *à exceção de, com exceção de*.

Substituição: *em lugar de, em vez de*.

Compensação: *a troco de, em troca de*.

Meio: *através de* (muito usado atualmente, mas tem sentido conotativo), *por meio de, por intermédio de*.

Dependência: *em função de*.

Conformidade: *de acordo com, em conformidade com, em obediência a*.

Cuidado!!!

1) Não confunda locução prepositiva com **acúmulo de preposições**. O Prof. Evanildo Bechara afirma que "não raro duas preposições se juntam para dar maior efeito expressivo às ideias, guardando cada uma seu sentido primitivo": *em até, de até, de sobre, de sob, por sobre, por sob, para sobre, para sob, por entre, por até, com até, até por*... O mesmo Bechara diz que *para com* é uma locução prepositiva. Cegalla vai além e diz que pode haver o conjunto **preposição + locução prepositiva**. Exemplos:

– *Passei com dificuldades **por entre** a multidão.*

– *Crianças **de até** sete anos podem brincar aqui.*

– *O atacante chutou a bola **por sobre** o gol.*

– *A lua cai **por sob** o morro.*

– *Desde a noite **até pel**a manhã, ele me procura.*

– *Costumamos trabalhar **até perto d**a meia-noite.*

– *Vá **para longe de** mim, desafeto!*

2) Há divergência gramatical nas locuções prepositivas formadas por **advérbio + preposição**, como "dentro de, perto de, longe de, diante de", pois Ulisses Infante,

Pasquale Cipro Neto, Sacconi e Celso P. Luft entendem que tais expressões, na verdade, são advérbios seguidos de preposição, e não locuções prepositivas. Do ponto de vista da vastíssima maioria dos gramáticos, porém, tais expressões são, de fato, locuções prepositivas. Na parte de complemento nominal, o gramático Manoel Pinto Ribeiro é mais taxativo ainda: "Em 'Estou perto de casa', não ocorre complemento nominal do advérbio 'perto', pois 'perto de' é locução prepositiva que introduz um adjunto adverbial de lugar.". Entenda mais na parte de *Complemento Nominal*, no capítulo de sintaxe.

3) A locução prepositiva concessiva *não obstante* (= *apesar de*) pode ser também uma locução conjuntiva adversativa (= *porém*): ***Não obstante*** *o esforço, não se classificou.* (= *apesar de*) / ***Não obstante*** *ser o melhor da turma, nunca se gabou disso.* (= *apesar de*) / *A Língua Portuguesa é muito complexa,* ***não obstante*** *ela pode se tornar fácil com treino duro.* (= *porém*). A gramática Maria Helena de Moura Neves diz que pode ser uma locução conjuntiva concessiva (= *embora*) se vier seguida de verbo no subjuntivo: ***Não obstante*** *fosse aleijado, nunca dependeu de ninguém.* Todas essas classificações caem em provas!

4) São condenadas pelos gramáticos as locuções prepositivas *frente a* ou *face a*. O único gramático (conhecido por mim) que acha ser "inócua" tal doutrina gramatical é o Cegalla. Além disso, Celso P. Luft (em *Dicionário de Regência Nominal*) e Maria Helena de Moura Neves (em *Gramática de Usos*) não parecem se opor à tal construção. Veja a visão da Esaf sobre essa locução prepositiva (Auditor-Fiscal da Receita Federal/2009):

A queda das exportações brasileiras se deveu basicamente a dois fatores: queda na demanda externa de commodities e, mais ainda, na de produtos manufaturados, situação que foi agravada pela evolução da taxa cambial, pois a valorização do real ante o dólar encareceu os bens brasileiros para os estrangeiros. (...)

Em relação ao texto, assinale a(s) opção(ões) **correta(s)**:

e) Mantém-se a correção gramatical do período e suas informações originais ao se substituir a expressão "ante o" (L.3) por qualquer uma das seguintes: **em relação ao, diante do, frente ao.**

O gabarito foi a letra E. Logo *frente a(o)* foi considerada expressão que **mantém a correção gramatical**, ou seja, **correta**! O que é mais incrível é o que o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*, recomendado pela Esaf, diz sobre esta expressão: "Sempre que a expressão *em face de* equivaler a *diante de*, é preferível a regência com a preposição *de*; **evite**, portanto, *face a, frente a*.". Caso caia de novo uma questão como esta, fique esperto com a "melhor resposta"! Ai... a Esaf...

Valor Relacional e Nocional

As preposições com **valor relacional** são aquelas exigidas por verbos ou nomes (substantivo, adjetivo ou advérbio). Já as preposições com **valor nocional** não são exigidas por verbos ou nomes, marcam apenas relações semânticas diversas.

Obs.: Naquela velha e famigerada diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal, precisamos perceber se a preposição é relacional ou nocional. Se for relacional, CN; se for nocional, ADN: "Sou fiel **a** Deus." (quem é fiel, é fiel **a** alguém) – relacional / "O carro **do** João quebrou." (valor de posse) – nocional. Falarei melhor sobre isso em *Adjunto Adnominal* X *Complemento Nominal* (Cap. 21).

Valor Relacional

Há três tipos de relação: **necessária**, **fixa** ou **livre**.

Relação **necessária** é aquela em que preposição exigida por verbos/nomes relaciona-os a seus complementos (ou adjuntos adverbiais de lugar, no caso de verbos de movimento ou de moradia).

– *Assistia **a** vários filmes.* (preposição exigida pelo verbo assistir)
– *Voltei **de** Parati há pouco tempo.* (preposição exigida pelo verbo voltar)
– *Morei **em** lugares exóticos.* (preposição exigida pelo verbo morar)
– *Demonstre gratidão **por** isso.* (preposição exigida pelo substantivo gratidão)
– *Ficou desgostoso **com** sua equipe.* (preposição exigida pelo adjetivo desgostoso)
– *Diferentemente **de** mim, ela estuda.* (preposição exigida pelo advérbio diferentemente)

Relação **fixa** é aquela em que a preposição não é exigida por termo algum, mas aparece cristalizada em estruturas fixas da língua culta.

– ***De** tempos **em** tempos, estudo para concursos importantes.*
– *Você é velho, **por** acaso?*
– *Tenho **de** passar na prova. Hei **de** conseguir!*
– *Ao sair de casa, de manhãzinha, deu **com** o ex-namorado na esquina.*
– *Gregório **de** Matos satirizou a sociedade baiana.*

Relação **livre** é aquela em que a preposição é usada não por motivação sintática (ou seja, ela não é exigida por termo algum) mas sim por razões estilísticas; foram chamadas de "posvérbios" por Antenor Nascentes e Bechara, que diz sobre tal preposição ligada a verbos transitivos diretos: "mais serve para lhes acrescentar um novo matiz de sentido do que reger o complemento desses mesmos verbos".

– *Procuramos **por** uma pessoa desaparecida. (Procuramos uma pessoa desaparecida.)*

– *Todos nós amamos **a** nossos filhos. (Todos nós amamos nossos filhos.)*
– *Trata o filho barbado como **a** uma criança. (Trata o filho barbado como uma criança.)*
– *Comeram **do** pão e beberam **do** vinho. (Comeram o pão e beberam o vinho.)*
– *Usar a internet faz **com** que viajemos. (Usar a internet faz que viajemos.)*

Obs.: Outros exemplos citados por Bechara são "cumprir *com* o dever", construção em que a preposição "acentua a ideia de zelo ou boa vontade para executar algo", e "arrancar *da* espada", com o *de* enfatizando "a ideia de uso do objeto". Falo mais sobre isso em *objeto direto preposicionado*.

Valor Nocional

A maioria das preposições essenciais podem indicar três conceitos: **tempo, espaço/lugar** e **noção** (causa, matéria, modo, meio, instrumento, preço, assunto etc.). Tais preposições normalmente iniciam adjuntos adverbiais ou adjuntos adnominais. Por isso, para saber qual é o valor semântico da preposição, um *bizu* que ajuda é saber qual é o valor semântico do adjunto adverbial. Por exemplo, em "De tarde, quero descansar.", *De tarde* é um adjunto adverbial de tempo, logo a preposição *de* tem valor semântico temporal. Safo? Vamos nessa!

A

Tempo: *Daqui **a** cinquenta anos, quero estar com muita saúde.*

Lugar: *Saí do Japão para chegar **a** seu coração, meu amor.*

Noção: *As crianças africanas morrem **à** fome.* (causa) / *Só desenhava **a** lápis.* (instrumento) / *Oferecemos produtos **a** granel.* (modo) / *Comi um bife **à** milanesa.* (modo/conformidade) / *Pouco **a** pouco, fui me aproximando dela.* (modo, e não tempo) / *A margem de erro varia de 1% **a** 3%.* (limite = *até*) / *Comprei **a** cem reais aquele terno.* (preço) / *Depois do susto, ele correu **a** ajudar os alunos.* (finalidade, antes de infinitivo) / *Curto muito barco **à** vela.* (tipo) / *Percorri quinhentos quilômetros **a** cavalo.* (meio) / *Nada como um quadro **a** óleo.* (matéria) / *Estou **a** 200 m do curso.* (distância) / *Nada como uma comidinha **a** quilo.* (medida)

Obs.: Há diferença entre *Ir **a*** e *Ir **para***. Quem vai **a**, vai e volta (Fui ao estádio de futebol.). Quem vai **para**, vai e fica (Fui para o Exército.). Outro detalhe: na linguagem jurídica e na linguagem de cartório, usa-se muito a preposição *a* no lugar de *em* com verbos e nomes que indicam endereços: *A residência fica **à** Rua Danton Pedro, 1.000.* Segundo a gramática tradicional, usa-se a preposição *em* quando a ideia é de moradia, endereço: *A residência fica **n**a Rua Danton Pedro, 1.000.*

Ante

Lugar: *Refrescou-se **ante** o ar-condicionado.*

Noção: ***Ante** a falta de dinheiro, teve de voltar a trabalhar*. (causa)

Após

Tempo: ***Após** aquele pesadelo, decidiu ficar acordada.*

Lugar: *Há um riacho **após** a cidade.*

Obs.: ***Após*** é considerado advérbio, apesar de pouco usual: *O trem passou, deixando um rastro **após**.*

Até

Tempo: *Eu sei que vou te amar **até** o último suspiro.*

Lugar: *O terreno vai **até** aquela cerca.*

Noção: *Já escalaram montanhas de **até** 4.000 m.* (limite)

Obs.: Esta é a única preposição que pode, eu falei "pode", anteceder a preposição *a*, formando a locução preposição *até a*. Não confunda *até* (preposição) com *até* (palavra denotativa – ou advérbio de inclusão): *"Fomos **até** vós para instruir-vos." / "**Até** tu, Brutus?"*.

Com

Tempo: ***Com** mais alguns minutos, a carne estará assada.*

Lugar: *Há um pote de ouro nas mãos de um gnomo **com** o fim do arco-íris.*

Noção: *Todo o gado sofreu **com** a seca.* (causa) / *Vá **com** Deus!* (companhia) / ***Com** 90 anos, ainda quer fazer mais uma faculdade.* (concessão) / *Eu abri a porta **com** a chave-mestra.* (instrumento) / *Só com carro se sai daqui.* (meio) / *Este vinho foi feito **com** a uva certa.* (matéria) / *Ninguém a trata **com** carinho.* (modo) / *Só entrará **com** autorização.* (condição) / ***Com** sua família, tudo é diferente.* (referência) / *Comprei uma bola **com** diâmetro aproximado de 20 cm.* (medida) / *Papai Noel trouxe um saco **com** vários presentes dentro.* (conteúdo) / *Preciso de um fuzil **com** alavanca.* (tipo) / *Nada melhor que uma mulher **com** caráter.* (qualidade)

Contra

Lugar: *Levei a mão **contra** o rosto.*

Noção: *Fui **contra** a corrente e me cansei.* (direção) / *Nada tenho a dizer **contra** isso.* (oposição/objeção) / *Sou **contra** a pena de morte.* (oposição) / *Apostou dez **contra** um.*

(proporção/escala) / *O candidato da esquerda teve mil votos* ***contra*** *dois mil do adversário da direita.* (comparação) / *Tenho seguros* ***contra*** *incêndios.* (tipo)

Obs.: Pode ser advérbio: *Naquela sessão, todos votaram* ***contra****. (= contrariamente)*

De

Tempo: ***De*** *pequenino é que se torce o pepino.*

Lugar: *Venho* ***de*** *Cipó, lá em Maranhão.*

Noção: *Não mais se falou* ***de*** *futebol no recinto.* (assunto) / *Você falou aquilo* ***de*** *propósito!* (modo) / *Só batia* ***de*** *chicote.* (instrumento) / *Viajei* ***de*** *trem pela Europa.* (meio) / *Ficaste comovido* ***de*** *me ver? (= por; causa)* / *Era tanto assédio* ***de*** *meter medo* (consequência) / *A porcentagem varia* ***de*** *30% a 60%.* (limite) / *Comi um prato* ***de*** *nhoque.* (conteúdo) / *Sou uma pessoa* ***de*** *coragem.* (tipo) / *Esta corrente* ***de*** *ouro é cara.* (matéria) / ***De*** *fato, ela é uma excelente atriz.* (constatação) / *Ela tinha olhos* ***de*** *gata.* (semelhança) / *Vendi uma TV* ***de*** *segunda. (qualidade)* / *Comprei um caderno* ***de*** *um real. (preço)* / *O amor* ***de****la é intenso.* (posse) / *Tenho um carro* ***de*** *passeio e um* ***de*** *trabalho.* (finalidade) / *Comi um queijo* ***de*** *Minas delicioso.* (origem/lugar) / *Subi em uma torre* ***de*** *20 m.* (dimensão) / *Ele está queimado* ***do*** *sol.* (agente – agente da passiva) / *Provaste* ***do*** *meu macarrão?* (partição)

Cuidado!!!

1) Há basicamente quatro casos de preposição expletiva/realce *de*: 1) antes de conjunção comparativa *que* numa estrutura de comparativo de superioridade/inferioridade, 2) iniciando alguns apostos especificativos, 3) antes de algumas orações subordinadas predicativas e 4) em algumas estruturas do tipo **artigo + adjetivo substantivado + de + substantivo**. Veja alguns exemplos: 1) *Ele é mais feliz (do) que você.* / *2) O bairro (de) Copacabana é charmoso.* / *3) A impressão é (de) que nada havia mudado.* / *4) O pobre (do) homem sofre tanto.* Em tais casos, a preposição pode ser retirada da frase sem alteração sintática ou semântica.

Veja uma questão sobre isso:

(Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) Assinale a opção <u>incorreta</u> a respeito do uso das estruturas linguísticas no texto.

O efeito da supervalorização cambial sobre a indústria atinge muito mais fortemente os níveis da produção e do emprego que os demais setores. Essa é uma situação que precisa ser repensada. É claro que não se trata de um problema simples, que se resolva com providências rápidas, pois exige medidas que às vezes podem ser classificadas como heterodoxas.

a) Por se estabelecer, na estrutura sintática, uma relação de comparação, seriam preservadas a correção gramatical e a coerência do texto ao inserir *do* antes de "que os demais setores".

Comentário: A preposição *de* é facultativa antes de conjunção comparativa *que*, numa

construção de comparação por superioridade ou inferioridade.

2) Outra informação importante: para quem curte saber a diferença entre complemento nominal (CN) e adjunto adnominal (ADN), reitero: se a preposição *de* tiver valor nocional, adjunto adnominal na cabeça! Por isso em todos esses casos, o termo sublinhado é um adjunto adnominal: *Comi um prato **de** nhoque.* (conteúdo) / *Sou uma pessoa **de** coragem.* (tipo) / *Esta corrente **de** ouro é cara.* (matéria) / *Ela tinha olhos **de** gata.* (semelhança) / *Vendi uma TV **de** segunda.* (qualidade) / *Comprei um caderno **de** um real.* (preço) / *O amor **dela** é intenso.* (posse) / *Tenho um carro **de** passeio e um **de** trabalho.* (finalidade) / *Comi um queijo **de** Minas delicioso.* (origem/lugar)

Desde

Tempo: *Brahma, fabricada **desde** o século 19.*

Lugar: *Seguiram o fugitivo **desde** a Inglaterra até o Chile.*

Noção: ***Desde** o mais alto ao mais baixo puderam entrar no evento.* (gradação) / *Fazia-se de tudo naquele lugar: **desde** faxina até lavagem de roupa.* (enumeração)

Obs.: **Desde de** é uma expressão inculta: ***Desde de** 1982 não se vê mudança radical em meu país.*

Em

Tempo: *E o mundo não acabou **em** 2012.*

Lugar (real ou virtual): *Brincavam **n**as árvores quando crianças, hoje brincam **n**os corações alheios.*

Noção: *Comprei uma TV **em** cores.* (tipo/qualidade) / *Eu a pedi **em** casamento.* (finalidade) / *Fechou as mãos **em** conchas.* (semelhança) / *Nunca fui bom aluno **em** Matemática.* (assunto/referência) / *Só se paga **em** cheque aqui.* (meio) / *O preço da casa foi estimado **em** 200 mil reais.* (preço) / *Tirou **n**a guitarra um som originalíssimo.* (instrumento) / *De grão **em** grão a galinha enche o papo.* (sucessão) / *A mudança da água **em** vinho foi o 1º milagre de Cristo.* (alteração) / *A peça é **em** três atos.* (distribuição) / *Fique **em** paz* (estado).

Obs.¹: Não se usa a preposição em "Somos em dez.", "Estamos em cinco.", "Fomos em quatro." (errados); a preposição *em* entre os verbos ser, estar ou *ir* + numeral não é usada. Logo: "Somos dez em casa.", "Estamos cinco no carro.".

Obs.²: Outra "cosita": segundo Cegalla, "não se usa *em*, mas *de*, para especificar a matéria de que alguma coisa é feita: estátua *de* bronze (e não *em* bronze)". Além disso, o

gramático continua: "Não tem lugar a preposição *em* antes de números que indicam porcentagens, em frases como: *O trânsito melhorou **em** 50%* (errado). Em o verbo sendo transitivo, admite-se a preposição para realçar o adjunto adverbial de quantidade: *O governo reduziu o imposto **em** 50%*. (certo). Sobre isso, consulte: ESAF – CGU – ANALISTA DE FINANÇAS E CONTROLE – 2012 – QUESTÃO 6.

Obs.³: Para fechar: a preposição *em* seguida de *gerúndio* pode dar à oração a ideia de tempo, condição ou causa: ***Em** se tratando de casos graves, o hospital atende prontamente.*

Entre

Tempo: ***Entre** 1982 e 2012, havia evoluído como homem.*

Lugar (real ou virtual): *Estou **entre** os arbustos. / Estou **entre** os aprovados.*

Noção: ***Entre** o louro e o moreno, ela escolheu o segundo.* (alternativa) */ Discutiram a relação **entre** si.* (reciprocidade) */ Ele tecla **entre** cem e cento e quinze letras por minuto.* (quantidade) */ Viva **entre** os índios* (lugar/companhia)

Obs.: Usa-se pronome oblíquo tônico depois dessa preposição, e não reto: *Isso deve ficar **entre mim** e você.* (e não entre eu e você) É bom dizer que essa preposição delimita um intervalo entre dois pontos definidos, por isso são ligados por *e*, e não *ou*. Sendo assim, é um erro construir frases como esta: "Sempre fico tenso ao ter de escolher **entre** a casa de praia **ou** a casa de campo.". A construção adequada é: "... escolher **entre** a casa de praia **e** a casa de campo".

Para

Tempo: *Vou deixar **para** a outra semana a explicação, ok?*

Lugar (direção): *Vá **para** o inferno!* (indica estada permanente)

Noção: *Estou muito satisfeito com meu plano **para** mudar novamente.* (= a ponto de; consequência) / *Nasci **para** trabalhar.* (finalidade) */ Estou **para** o Português assim como vocês estão **para** a Enfermagem.* (proporção) */ **Para** mim, ela está mentindo.* (opinião) */ **Para** estudantes interessados como os nossos, precisaremos trocar de professor.* (delimitação) */ Dá **para** calar a boca?* (possibilidade) */ Gosto de música **para** dançar.* (adequação/tipo) */ A coleta **para** os pobres valeu.* (destino/favor/proveito)

Obs.: Cuidado com construções em que a preposição *para* parece (só parece!) ter valor nocional de finalidade, mas na verdade tem valor relacional, sendo exigida por um adjetivo: *As Forças Armadas são <u>insuficientes</u> **para** combater a desordem.*

Perante

Lugar (real ou virtual): *Só sossega **perante** a mulher. / **Perante** a lei, todos são iguais.*

Obs.: Não se usa preposição *a* depois de *perante: Estou **perante a**o juiz.* (inadequado). Não confunda com *perante a* (preposição + artigo). Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012)

– Na linha 2, pode-se substituir "diante das" por **perante as**, sem prejuízo para a correção gramatical ou para o sentido original do texto.

(X) CERTO ( ) ERRADO

Comentário: Está certa a afirmação da banca, pois *diante das* e *perante as* indicam lugar. É interessante ressaltar que, nas duas expressões, o artigo *as* foi mantido após a locução prepositiva *diante de* e da preposição *perante*, de modo que **não** houve prejuízo para a correção gramatical.

Por

Tempo: *Você ficou desacordado **por** alguns minutos.*

Lugar: *Arrastaram-no **pel**o campo.*

Noção: *Envio **por** e-mail ainda hoje meus dados.* (meio) / *Como Jack, o Estripador, vamos **por** partes.* (modo) / *Falei aquilo **por** brincadeira.* (finalidade) / *Fui preso **por** vadiagem.* (causa) / *Fiz a cópia **pel**o original.* (conformidade) / *Nunca morrerei **pel**a pátria. (= a favor de; favor)* / *Comemos **por** quilo ontem.* (medida) / *Vendi o livro **por** dois reais.* (preço) / *O Flu perdeu **por** 5 a 1 do Fla.* (quantidade) / *Não compre gato **por** lebre.* (substituição) / *Olho **por** olho, dente **por** dente.* (compensação) / ***Por** ela, ninguém precisaria estudar.* (opinião) / *Sagarana foi escrito **por** Guimarães Rosa.* (agente; agente da passiva) / *Dez **por** dois é igual a vinte.* (relação aritmética).

Obs.: Apesar de já ter comentado sobre ela, não alistei aqui a preposição *per*, uma vez que é arcaica. Outra coisa: por mais sonoramente bizarro que seja, não se contrai preposição com artigo antes de verbo no infinitivo, segundo a maioria dos gramáticos. Sendo assim, a frase a seguir está correta: *Estou ansioso **por o** aluno conquistar sua vaga.* Em 99% das vezes, as bancas apoiam essa doutrina. Fazer o quê... A Esaf admite a contração, pois alguns gramáticos (como Bechara) não se opõem a ela, logo estaria certa a contração de ***por* + *o*: *pelo***.

Sem

Noção: *Como consegue viver **sem** dinheiro, mesmo trabalhando?* (ausência, privação) / ***Sem** dinheiro, entrei no clube.* (concessão) / ***Sem** dinheiro, não entra no clube.* (condição) /

*Chegou **sem** avisar.* (modo)

Sob

Tempo: ***Sob** o reinado de Luís XV, tudo era diferente.*

Lugar (real ou virtual): *O homem foi encontrado **sob** os escombros. / Ficávamos quietos **sob** o olhar atento do professor.*

Noção: *Saiu do palco **sob** vaias.* (modo) */ Confessaram **sob** tortura.* (meio/modo) */ Todo metal se dilata **sob** a ação do calor.* (causa) */ Havia muitos soldados **sob** seu comando.* (sujeição) */ Está inscrito **sob** o número 10.* (designação/modo)

Sobre

Tempo: ***Sobre** um período de oito meses, a gramática ficou pronta.*

Lugar (real ou virtual): *Viajava **sobre** as nuvens sempre que podia. / Amo a Deus **sobre** todas as coisas.*

Noção: *O lugar **sobre** o qual ele discorria era apaixonante.* (assunto) */ A lealdade é o mais importante **sobre** todos os demais sentimentos.* (comparação) */ Fomos multados em 30% **sobre** nossos salários.* (referência) */ Cobrava-se imposto **sobre** serviço.* (causa) */ Eles fazem asneiras **sobre** asneiras.* (sucessão/acumulação) */ Ele veio **sobre** nós com ódio.* (oposição/direção)

Trás

Segundo os gramáticos, tal preposição é arcaica, só sendo usada nas locuções adverbiais *para trás*, *por trás* e na locução prepositiva *por trás de*: *Ele ficou **para trás**, chegou **por trás** e ficou **por trás de** todos.* Segundo Celso Cunha, "o sentido originário desta preposição era 'além de', que subsiste nos compostos *Trás-os-Montes* e *trasanteontem*".

Certas Particularidades

Omissão e Repetição

1) Depois de algumas preposições acidentais (*exceto, salvo, inclusive*, de sentido exceptivo ou inclusivo), pode haver a omissão ou presença de uma preposição essencial em razão da sua exigência por algum nome ou verbo. É preciso sempre tomar cuidado com o sentido que se passa quando ocorre a omissão.

– *Eu discordo **de** todos, <u>exceto</u> **d**ela (ou ela).*

2) A repetição só será obrigatória quando for importante para o sentido.

– *Ela falou **com** o professor e diretor da escola.* (sem repetição: significa que ela falou com uma pessoa que ocupa dois cargos)

– *Ela falou **com** o professor e **com** o diretor da escola.* (com repetição: significa que ela falou com duas pessoas)

3) Em qualquer sequência de termos ou orações coordenadas, é facultativa a repetição das preposições ou locuções prepositivas, mas, quando forem explicitadas tais preposições, devem elas aparecer antes de todos os termos ou orações. Reitero: a repetição só será obrigatória quando for importante para a clareza.

– *Lutamos **pel**a música, (pela) literatura e (pelas) artes em geral.*

– *Fizemos menção **a** políticos, (a) jogadores e (a) religiosos.*

– ***Sobre** os bons professores e (sobre) os diretores, só tenho a dizer maravilhas.*

– *O medo **de** errar, (de) titubear e (de) ser um desastre completo me deixa ansioso.*

Obs.: Quando a preposição (ou locução prepositiva) se combina com o artigo, deve ser repetida, se o artigo estiver repetido: *Ele foi leal **a**os amigos e **a**os familiares*. Mas está certo também sem a repetição da preposição e do artigo: *Ele foi leal aos amigos e familiares*. Estaria errado assim: *Ele foi leal aos amigos e os familiares*. Nas locuções prepositivas, há três possibilidades de construção: ***Apesar de** sucessos e **apesar de** insucessos, vencemos. / **Apesar de** sucessos e **de** insucessos, vencemos. / **Apesar de** sucessos e insucessos, vencemos.*

Vamos ver uma questão sobre isso?

(Cespe/UnB – TJ/DF – Técnico Administrativo – 2008)

A retirada da preposição em "de transformar" (... nossa capacidade de trabalhar, de transformar o mundo...) violaria as regras de gramática da língua portuguesa, já que essa expressão complementa "capacidade".

( ) CERTO

(X) ERRADO

Comentário: Note que as expressões *de trabalhar* e *de transformar* estão coordenadas

entre si, como numa enumeração, sendo assim é possível omitir a preposição, sem problemas.

Outras considerações válidas:

I. Os verbos *chegar, ir, voltar, levar* e *dar* não são usados com a preposição *em*, quando indicam lugar, mas sim com *a*: *chegar à casa; ir ao supermercado; voltar à escola; levar à praia* etc.

II. "Nos domingos vou à missa." (errado), pois é o ***a*** que indica repetição de um fato. "Aos domingos vou à missa." (certo)

III. Verbo ***ter/haver*** **+** ***de/que*** **+ infinitivo**: *Eu tenho de/que viajar amanhã*. Privilegia-se a 1ª forma, com *de*.

IV. Usa-se indiferentemente *à/na página*: *O clímax começa à/na página 415*. Usa-se ainda *a páginas*: *O clímax começa a páginas 415*. O mesmo vale para datas: *Em/A catorze de julho*, vou à Bahia.

V. Normalmente, as preposições *por/para/a/sem/ao* + verbo no infinitivo indicam, respectivamente, **causa/finalidade/condição/concessão ou condição/tempo**: *Por ser exato, o amor não cabe em si. / Para passar, precisa estudar. / A persistirem os sintomas, o médico deverá ser consultado. / Sem estudar, não passará./ Sem estudar, passei. / Ao fazer os exercícios, preocupei-me em acertar os mais fáceis*. Veremos questões sobre isso no capítulo de *Orações Reduzidas*.

Valor Discursivo

A **preposição** e as **locuções prepositivas** têm a função textual de conectar partes do texto: palavras a palavras, palavras a orações, orações a orações etc. Veja o texto a seguir e note como elas desempenham um papel coesivo importantíssimo para a união das ideias de um texto. Leve em conta também seu valor semântico a cada relação estabelecida:

> "(...) Nessa quinta-feira (30/8/2012) faz exatos dez anos a estreia do filme de Fernando Meirelles e Katia Lund. E se a antológica 'fuga da galinha' ainda persiste no imaginário nacional, não é somente essa cena que faz *Cidade de Deus* uma produção memorável. Em poucas semanas depois de seu lançamento, cerca de três milhões de espectadores foram levados às salas de cinema brasileiras. A temática do filme e a técnica utilizada pelos diretores agradaram crítica e público, fazendo dele uma referência cultural, social e política no País. (...)"
> (http://www.cartacapital.com.br/cultura/cidade-de-deus-dez-anos-depois/ texto adaptado)

Analisemos cada preposição e seus valores:

> "(...) **N**essa quinta-feira (30/8/2012) [valor nocional: tempo] faz exatos dez anos a estreia **d**o filme [valor nocional: especificação/posse] **de** Fernando Meirelles e Katia Lund [valor nocional: posse]. E se a antológica 'fuga **d**a galinha' [valor relacional: o nome *fuga* exige a preposição *de*] ainda persiste **n**o imaginário nacional [valor relacional: o verbo *persistir* exige a preposição *em*], não é somente essa cena que faz *Cidade **de** Deus* [valor relacional fixo] uma produção memorável. **Em** poucas semanas [valor nocional: tempo] **depois de** seu lançamento [valor nocional: tempo], **cerca de** três milhões [valor nocional: quantidade aproximada] **de** espectadores [valor nocional: especificação] foram levados **à**s salas [valor relacional: o particípio adjetival *levado* exige a preposição *a* + as (artigo) = *às* (crase)] **de** cinema brasileiras [valor nocional: especificação/posse]. A temática **d**o filme [valor nocional: posse] e a técnica utilizada **pel**os diretores [valor nocional: agente] agradaram crítica e público, fazendo **d**ele [valor relacional] uma referência cultural, social e política **n**o País [valor nocional: lugar]. (...)"

Lindo isso, não?

O Que Cai Mais na Prova?

A maior parte das questões sobre preposição diz respeito ao conhecimento básico de valor **relacional** (regência verbal e nominal, principalmente crase) e **nocional** (valor semântico). Fique ligado no padrão das questões!

Questões de Concursos

1. (CEPERJ – Pref. Angra dos Reis/RJ – Professor – 2008) No título do poema "Canção do exílio", a preposição tem o mesmo valor semântico que a destacada na frase:
   a) Nem sempre o seu silêncio é de ouro.
   b) Ele se nutre de saudades.
   c) O poeta morria de amores pela pátria.
   d) De noite, seu sofrimento aumentava.
   e) O poeta admirava de longe os primores nacionais.

2. (FGV – MEC – Administrador de Banco de Dados – 2009) "Com o real, os brasileiros redescobriram o valor do dinheiro e das coisas."; a frase a seguir em que a preposição **com** tem o mesmo valor semântico da ocorrência sublinhada é:
   a) Com a chuva, todas as ruas ficaram alagadas.
   b) Os turistas encontraram-se com os amigos no aeroporto.
   c) Todos saímos com os amigos recém-chegados.
   d) Com quem eles viajaram nós não vimos.
   e) Brigaram com os adversários durante horas.

3. (FEC/UFF – MPA – Engenheiro – 2010) Cometeria grande equívoco quem fizesse, no texto, a substituição da preposição pela locução prepositiva, ou vice-versa, proposta em:
   a) sobre (Quem se mantém informado sobre os imensos problemas...) / acerca de.
   b) com exceção de (Tudo parece conspirar para que o consumo de peixe seja uma prática muito pouco sustentável – com exceção dos peixes que são criados em um parque na Espanha.) / salvo.
   c) para (Esta é uma receita para o futuro da boa alimentação...) / a fim de.
   d) diante de (E diante da usual pergunta sobre se este tipo de sistema poderia...) / ante.
   e) em direção a (... podemos avançar em direção a um futuro...) / para.

4. (Cespe/UnB – TCU – Auditor-Federal de Controle Externo – 2010) O uso da preposição **De** em lugar de "Sob" (Sob uma forma paradigmática, a língua encarna esse tipo de dados sociais...) alteraria as relações de significação entre os termos da oração e, por isso, prejudicaria a coerência entre os argumentos do texto.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

5. (FCC – TRF (1R) – Analista Judiciário – 2011) (Adaptada) *Em Chicago, melhor do que em qualquer outro ponto, pode-se acompanhar o processo sumário que usais para conseguir, de plantas alienígenas, ao fim de curto estágio de aclimação, frutos genuinamente americanos.*
   – Na frase acima, a preposição **de**, em *de plantas alienígenas*, expressa ideia de procedência?

6. (Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de Nível Superior – 2011) No trecho "estão convencidos de que as desigualdades são, em sua maior parte, sociais ou históricas", a omissão da preposição "de" prejudicaria a correção gramatical do período.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

7. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) Em "importar dos Estados Unidos da América", a preposição **de**, contida em "dos", expressa ideia de procedência.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

8. (Cespe/UnB – FUB – Analista de TI – 2011) Com relação ao vocabulário e à estrutura do texto, julgue os itens que se seguem.

A retirada da preposição "de" em "A indicação inicial é a de que, sim, a rede (...)" não implicaria alteração do texto, quer do ponto de vista semântico, quer sintático.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

9. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) No primeiro parágrafo do texto, contrapõem-se duas realidades diferentes; tal raciocínio é evidenciado pelo emprego da locução "Apesar de" (Apesar de estarmos em pleno século XXI, a aldeia deles ainda vive a realidade do subdesenvolvimento...).
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

10. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário – 2011) A substituição da locução "a fim de" (... agachar-se sob o túmulo a fim de escapar dos golpes...) por **para** manteria a correção gramatical e o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

11. (Vunesp – SAP/SP – Oficial Administrativo – 2011) Considere a frase:
*– Não se sabe ao certo quem foram os responsáveis pela agressão **a** moças obesas em uma festa de estudantes.*
Assinale a alternativa em que a preposição ***a*** está corretamente substituída.
a) até.
b) contra.
c) entre.
d) por.
e) sobre.

12. (Vunesp – SAP/SP – Oficial Administrativo – 2011) Leia o texto.
Uma resolução da Organização das Nações Unidas (ONU) pede o fim do apedrejamento no Irã.
A resolução ainda condena Teerã _____ silenciar opositores. O Brasil optou _____ não se manifestar sobre o assunto.
A mesma preposição que preenche, corretamente, ambas as lacunas é:
a) com;
b) para;
c) por;
d) sob;
e) sobre.

Fragmento de texto
"(...) Entretanto, insistimos em colocar a pergunta "o quê?" antes da pergunta "quem?", a despeito da tradição filosófica, cuja tendência foi fazer... (...)"

13. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) Em "a despeito da tradição filosófica", o emprego da preposição "a" deve-se à relação sintática que o substantivo "despeito" estabelece com o verbo "colocar".
( ) CERTO
( ) ERRADO

14. (Cespe/UnB – Correios – Cargos de Nível Superior – 2011) Seria mantida a correção gramatical do texto, se a preposição "de", em sua primeira ocorrência, no trecho "de 17 de dezembro de 1663 a 28 de setembro de 1665", fosse substituída por **entre**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
"Na ciência moderna, a ruptura epistemológica simboliza o salto qualitativo do conhecimento do senso comum para o conhecimento científico (...)"

15. (Cespe/UnB – CNPQ – Analista em Ciência e Tecnologia Júnior – 2011) A primeira preposição em "do conhecimento do senso comum" exprime noção de origem do movimento expresso por "salto", e a preposição empregada no trecho "para o conhecimento científico" exprime noção de fim desse movimento.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
"... o cérebro faz uma espécie de faxina na memória de curto prazo **para** facilitar o armazenamento de novas informações. "Medidas como essa não só melhoram a capacidade cognitiva como são extremamente importantes **para** compensar a restrição ao sono..."

16. (Cespe/UnB – STM – Técnico Judiciário – 2011) A preposição **para**, em ambas as ocorrências, nas linhas 10 e 13, estabelece uma relação de consequência entre a oração de que faz parte e a oração que a antecede.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) A passagem "..., *em contraposição a tentações apressadas de recorrer à censura"* contém o elemento gramatical ***a***, que:
a) define quais são as tentações, porque é um artigo;
b) não define quais são as tentações, porque é artigo;
c) define quais são as tentações, porque é uma preposição;
d) não define quais são as tentações, porque é artigo indefinido;
e) não define quais são as tentações, porque é preposição.

18. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) A palavra ***para*** (... meios para convencer o Irã...) é uma:
a) preposição derivada da regência verbal da palavra *meios*;
b) conjunção que liga uma oração coordenada a uma subordinada;
c) preposição que liga *meios* a um verbo intransitivo;
d) preposição derivada da regência nominal da palavra *meios;*
e) preposição que liga *meios* a um verbo.

19. (Cespe/UnB – Correios – Agente de Correios – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A substituição da preposição "por" (... um patrimônio cultural de 246 km de areias pontilhado por montanhas...) por **de** prejudica a correção gramatical e a coerência do período.

20. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) *Aliás, o melhor para a democracia seria separar os fundos partidários dos destinados às campanhas eleitorais.*
A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. Há três preposições.
II. Há quatro artigos.
III. Há um pronome demonstrativo.
Assinale
a) se todas as afirmativas estiverem corretas.
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
c) se nenhuma afirmativa estiver correta.
d) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
e) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

21. (FGV – PC/RJ – Guarda Municipal – 2011) Marque a alternativa em que o vocábulo "para" introduz ideia de finalidade.
a) "... a meu ver, um dos documentos mais inspiradores <u>para</u> a presente crise."
b) "Dois valores, entre outros, considero axiais <u>para</u> esse novo começo..."
c) "... o cuidado é uma arte, um paradigma novo de relacionamento para com a natureza, <u>para</u> com a terra..."
d) "... se transforme em tragédia e <u>para</u> conferir eficácia..."

22. (FGV – PC/RJ – Perito Legista (Odontologia) – 2011) "***Por*** precaução, a maioria dos médicos recomenda evitar a combinação de bebida e remédios."
A preposição "*por*", no fragmento acima, tem valor de:
a) meio;
b) modo;
c) condição;
d) consequência;
e) causa.

23. (Vunesp – Pref. São José dos Campos/SP – Agente Educador – 2012) Assinale a alternativa cujas preposições completam, correta e respectivamente, o texto a seguir.
São um grande erro as gratificações ___ que alguns pais se servem para agradar, constantemente e por qualquer motivo, a seus filhos, pois essas crianças se tornam aquelas ___ quem cumprir um dever ou agir corretamente não são obrigações, mas sim atitudes excepcionais.
a) de ... por.
b) de ... para.
c) em ... a.
d) com ... para.
e) com ... por.

24. (Consulplan – Pref. São Domingos do Prata/Mg – Arquivista – 2012) Relacione os vocábulos sublinhados com suas

respectivas classes gramaticais.
1. "... filhos com até dois anos de idade..."
2. "... Os pais que acreditam..."
3. "... são muito importantes..."
4. "... algum tipo de conteúdo..."
5. "... pais disseram que seus filhos..."
( ) Pronome relativo.
( ) Advérbio.
( ) Pronome indefinido.
( ) Conjunção integrante.
( ) Preposição.
A sequência está correta em:
a) 5, 3, 4, 1, 2;
b) 4, 3, 1, 5, 2;
c) 2, 3, 4, 5, 1;
d) 2, 4, 3, 5, 1;
e) 3, 1, 2, 5, 4.

25. (FEC/UFF – Pref. Angra dos Reis/RJ – Administrador – 2012) Em "Os mumificadores, ao abrirem os corpos dos faraós para retirar as entranhas..." (parágrafo 1), a preposição PARA indica relação de:
a) lugar;
b) tempo;
c) fim;
d) proporção;
e) consequência.

26. (FEC/UFF – Pref. Angra dos Reis/RJ – Agente Administrativo – 2012) Na frase "O povo está muito satisfeito com as maquininhas PARA preocupar-se com o sumiço das letras.", a preposição em destaque indica relação de:
a) finalidade;
b) lugar;
c) tempo;
d) proporção;
e) consequência.

27. (FEC/UFF – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– APESAR DE introduz argumento orientado para a conclusão do texto.

28. (Dom Cintra – Pref. BH/MG – Administrador – 2012) (Adaptada) As substituições propostas para as expressões destacadas estão corretas ou incorretas?
I. "...ocorre devido a ações administrativas..." / em razão de.
II. "Segundo técnicos da Receita,..." / conforme.

29. (FEC/UFF – Câmara Municipal de Duque de Caxias/RJ – Agente de Processamento de Dados – 2012) No trecho "E apontava com o queixo, ATÉ curvando a boca com certo desdém.", a palavra destacada tem o valor semântico de:
a) explanação;
b) retificação;
c) situação;
d) exclusão;
e) inclusão.

30. (FEC/UFF – Câmara Municipal de Duque de Caxias/RJ – Agente de Processamento de Dados – 2012) No período "A esposa começou a chorar assim que a juíza a interrogou." há quatro ocorrências da palavra A, que se classifica, respectivamente, como:
a) artigo, pronome, preposição, pronome;
b) artigo, preposição, artigo, pronome;
c) pronome, artigo, pronome, artigo;
d) artigo, pronome, preposição, artigo;
e) artigo, preposição, pronome, artigo.

31. (FEC/UFF – Câmara Municipal de Duque de Caxias/RJ – Agente de Processamento de Dados – 2012) Para o correto preenchimento das lacunas na frase "O controle das faltas do funcionário _____ o patrão se referira era o mais eficiente recurso _____ os empregadores dispunham para procederem ao desconto no final do mês.", têm de ser usadas, respectivamente, as formas:

a) a que – de que;
b) a que – com que;
c) que – a que;
d) de que – que;
e) de que – com que.

32. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale o conectivo que provoca erro gramatical e/ou incoerência textual ao preencher a lacuna do fragmento abaixo:

A dívida pública mobiliária tem algumas características específicas. No que diz respeito à participação dos indexadores da dívida, continua crescendo a participação dos títulos atrelados à Selic (64,6% do total), _____ sua alta rentabilidade, segurança e liquidez; enquanto os títulos prefixados mantêm uma posição em torno de 35,5%. Quanto ao prazo, os títulos emitidos pelo BCB e pelo Tesouro Nacional têm prazo médio de 40,19 meses.

a) ademais de;
b) em face de;
c) devido à;
d) em função de;
e) haja vista.

33. (AOCP – BRDE – Analista de Projetos (Agronomia) – 2012) "Por um desses quiproquós da vida cultural, a tradicionalização, ou a referência à tradição, tornou-se um tema dos mais presentes na poesia contemporânea brasileira, quer dizer, a que vem sendo escrita desde meados dos anos 80."

O fragmento em que o elemento **por** (ou pelo/pela) estabelece a mesma relação semântica do elemento **por** do fragmento acima é:

a) "Nessa visada, o passado é continuamente refeito pelo novo".
b) "sustentavam o tradicionalismo, tradição é o que se cultua por todos os lados".
c) "Eles recombinam formas, amparados por modelos anteriores".
d) "recriado pela contribuição do poeta moderno consciente de seus processos artísticos".
e) "por prazer de inventar, queria mudar o passado a partir da atualidade viva".

Gabarito

1. E.	8. ERRADO.	15. CERTO.	22. E.	29. E.
2. A.	9. CERTO.	16. ERRADO.	23. B.	30. B.
3. C.	10. CERTO.	17. E.	24. C.	31. A.
4. ERRADO.	11. B.	18. D.	25. C.	32. A.
5. CORRETO.	12. C.	19. CORRETO.	26. E.	33. E.
6. CERTO.	13. ERRADO.	20. A.	27. INCORRETO.	
7. CERTO.	14. ERRADO.	21. D.	28. I e II CORRETAS.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 15

Conjunção

Definição

Fi-nal-men-te!

Conjunção é a "menina dos meus olhos"!

– *Ficou meio estranho isso, hein, Pestana!*

Você não tem ideia da quantidade de questões que caem em provas todo ano! Saber conjunção é matar mais de uma questão numa prova feita por uma banca de prestígio, como Cespe, Esaf, FCC, FGV, Cesgranrio etc.

Por isso, vai ser um prazer ajudá-lo! Você vai sair desse capítulo *na ponta dos cascos*, caro(a) leitor(a)! Vamos começar a brincadeira!

Do ponto de vista semântico, a conjunção é uma palavra que traz embutida um sentido (ou mais de um). Só a conjunção **integrante** não carrega consigo um sentido.

Do ponto de vista morfológico, a conjunção é uma palavra que não muda de forma, portanto é invariável.

Do ponto de vista sintático, a conjunção não exerce função sintática alguma, mas participa de construções coordenadas e subordinadas, ligando normalmente termos de mesma função sintática, orações, períodos e parágrafos, numa relação lógica.

Pois bem... para entendermos todas as definições de conjunção, vamos analisar este texto:

A mulher e o homem se complementam, mas essa relação é (não raro) cercada de desavenças. Por isso ocorrem muitas separações, resultando em dificuldades emocionais, financeiras e até físicas.

Não obstante, o quadro não é só pessimista; muitos casais conseguem viver em harmonia e com amor durante toda a sua vida.

Note que os termos ***e***, ***mas***, ***Por isso***, ***Não obstante***, ***e***

1) apresentam, respectivamente, **valores semânticos** de adição, oposição, conclusão, oposição e adição; observe a relação lógica e semântica entre as partes do texto;
2) **não variam** de forma;
3) **ligam** termos de mesma função sintática coordenados, orações coordenadas, períodos, parágrafos e termos de mesma função sintática coordenados. Falarei melhor sobre coordenação e subordinação em *Sintaxe*, mais à frente. *Relax*!

Obs.: A conjunção, assim como a preposição, tem o papel fundamental de conectar partes do texto, por isso é também chamada de **conector, conectivo, elemento coesivo, síndeto e operador argumentativo.**

Identificação

Identificar uma conjunção é fácil. Basta decorar todas elas! Parece brincadeira, mas é verdade... Eu mesmo decorei as conjunções como um mantra. Escrevi todas elas em uma cartolina e colei na parede do meu quarto. Depois de muito ler e reler, com exercícios, decorei. Hoje não erro nenhuma questão sobre esse assunto. Fique tranquilo, pois você também ficará *craque* em conjunções! Faça a sua parte!

Tecnicamente falando, identifica-se uma conjunção por saber qual é a função dela na língua. Seu objetivo é conectar partes do texto: **vocábulos, orações, períodos...** Veja alguns exemplos:

– *Farei exames pré* ***e*** *pós-operatórios.* (liga prefixos)

– *Paradoxalmente, Vítor está contra* ***e*** *a favor do novo acordo ortográfico.* (liga preposição a locução prepositiva)

– *Uma luz bruxuleante* ***mas*** *teimosa continuava a brilhar nos seus olhos.* (liga vocábulos, termos de mesma função sintática)

– *Nós esperamos* ***que*** *você estude mais.* (liga orações)

– *Fale com ela* ***assim que*** *chegar de viagem.* (liga orações)

– *Desejo que venha comigo.* ***E*** *desejo ainda mais que se deixe seduzir.* (liga períodos)

É bom dizer desde já que muitas conjunções podem mudar de posição na frase. Em tese, se ela liga, deveria vir no meio dos termos ou das orações, certo? Errado! Veja alguns exemplos de inversões das conjunções:

– *Podem sair; voltem às onze,* ***porém****.*

– ***Enquanto*** *as coisas não se resolverem por aqui, jamais te deixarei só.*

– *Tudo concluído enfim; podemos,* ***pois****, comemorar até o dia seguinte!*

Também não me custa nada dizer que algumas conjunções coordenativas são **correlatas**, isto é, aparecem **em dupla** formando uma unidade de sentido. É o que a gente chama de "correlação". Entenda:

– ***Ora*** *atrapalha o professor,* ***ora*** *atrapalha a classe.*

– ***Não só*** *mudamos a perspectiva de enxergar o mundo* ***mas também*** *o mudamos.*

– ***Tanto*** *me empenho no trabalho* ***quanto*** *nos estudos.*

O conceito de "**correlação**" se estende também às conjunções subordinativas (em negrito), mas nesse caso o termo que vem sublinhado tem sua própria classificação gramatical. Veja alguns exemplos das gramáticas tradicionais:

– *Era mais corajoso* ***que*** *muito lutador profissional.*

– *Falou tanta bobagem,* ***que*** *a todos incomodou.*

– ***Quanto mais*** *conhecimento religioso adquiria, mais conflitantes os dogmas lhe pareciam.*

Obs.: Os termos sublinhados se classificam, respectivamente, como: advérbio de intensidade, pronome indefinido e advérbio de intensidade.

Locução Conjuntiva

A **locução conjuntiva** é formada por um grupo de vocábulos (muitas vezes terminados em *que*) desempenhando o mesmo papel das conjunções.

Eis algumas *locuções conjuntivas*: não obstante, no entanto, só que, por conseguinte, em vista disso, por isso, sendo assim, assim como, com isso, pois que, visto que, já que, ao passo que, para que, logo que, assim que, a menos que, a fim de que, à medida que...

Trabalha-se muito a substituição e a equivalência entre conjunções e locuções conjuntivas nas provas, todo ano. Por isso, dessa vez, insisto na decoreba das conjunções. Vai por mim!

Classificação

Existem dois tipos de conjunção: **coordenativas** (em princípio, ligam orações ou termos sintaticamente independentes) e **subordinativas** (em princípio, ligam orações sintaticamente dependentes).

Para você entender isso melhor, observe estas frases com **conjunções coordenativas**:

– *Em grandes livrarias, são vendidos livros, CDs* ***e*** *DVDs.*

– *Um temporal está chegando,* ***portanto*** *fique atento!*

Note que as duas conjunções (*e* e *portanto*) têm o papel apenas de ligar, podendo ser retiradas das frases, pois elas ligam partes independentes entre si.

Veja como ficaria possível a reescritura delas:

– *Em grandes livrarias, são vendidos livros, CDs, DVDs.*

– *Um temporal está chegando – fique atento!*

Observe agora duas frases com **conjunções subordinativas**:

– *Não sei* ***se*** *tudo mudará depois das eleições.*

– *Nunca desista da vida,* ***embora*** *ela esteja difícil.*

Note que as duas conjunções (*se* e *embora*) têm a função de ligar as duas orações seja completando, seja determinando. Logo, não podem ser retiradas das frases, pois elas ligam partes independentes entre si.

Veja como ficaria "estranha" (ou, tecnicamente falando, "agramatical") a reescritura delas:

– *Não sei tudo mudará depois das eleições. (?!)*

– *Nunca desista da vida, ela esteja difícil. (?!)*

Falarei muito mais sobre coordenação e subordinação em *Sintaxe*. Isso foi só uma *palinha*.

Coordenativas

Fiquem atentos às conjunções sublinhadas! Como não são usuais, as bancas exploram-nas para dificultar sua vida.

Aditivas: exprimem ideia de soma, acréscimo, adição; o *e* exprime outros valores.

e	***não só... como (também)...***
nem... *(= e não)*	***não só... como (ainda)***
nem... nem	***não só... como (ainda)***
tampouco	***não só... senão (também)***
não só... mas (também)	***não só... senão (ainda)***
não só... mas (ainda)	***tanto... quanto***
não só... (bem) como	***tanto... como***
bem como	***mais*** (em linguagem matemática ou coloquial)

* Os parênteses indicam que tais palavras podem ou não aparecer. No lugar de *não só*, pode aparecer *não somente* ou *não apenas*, nas conjunções correlativas aditivas.

– *Estudo **e** trabalho.*

– *Não estudo **nem** trabalho.*

– ***Nem** eu **nem** você estudamos.*

– *Não estudo, **tampouco** trabalho.*

– ***Não só** estudo **mas também** trabalho.*

– ***Não apenas** estudo **bem como** trabalho.*

– ***Não somente** estudo **senão ainda** trabalho.*

– ***Tanto** estudo **quanto** trabalho.*

– *Dois **mais** dois são quatro. Por isso, nós **mais** vocês formamos um quarteto.*

Cuidado!!!

1) **Sobre o *e***: Além de apresentar a ideia de **adição**, também pode ter outros valores semânticos, como **adversidade** (*mas, porém*) ou **conclusão/consequência** (*portanto, por isso, então*). É bom dizer que, para alguns gramáticos, como

Sacconi, Cegalla, Infante e Cereja, o *e* com valor adversativo inicia oração coordenada sindética adversativa. Destes, Sacconi e Cereja dizem que a conjunção ***e***, de fato, é uma conjunção adversativa. Já os demais gramáticos, como Bechara e Celso Cunha, dizem que o *e* pode apresentar diferentes valores semânticos a depender do contexto, e só. *Polêmicas...*

– *Choveu intensamente, **e** a cidade ficou inundada.* (*portanto, por isso* – conclusão/consequência)

– *Cumpra suas obrigações **e** será recompensado.* (*portanto, por isso* –

conclusão/consequência)

– *Nós acordamos cedo, **e** chegamos, infelizmente, atrasados.* (*mas, porém – adversidade/oposição)*

– *Fazemos muitas dietas, **e** não conseguimos emagrecer.* (*mas, porém* – adversidade/oposição)

– *Depois de ontem, vou chamar-lhe **e** dar-lhe uma bronca* (*= para – finalidade*)

Veja uma questão sobre seu valor semântico:

Cespe/UnB – ABIN – Oficial de Inteligência – 2008

– A relação que a oração iniciada por "e as respostas" (... o mundo tornou-se intensamente complexo e as respostas não são diretas nem estáveis) mantém com a anterior mostra que a função da conjunção "e" corresponde à função de **por isso.**

(X) CERTO

( ) ERRADO

Veja outra:

37. (FAB – EAGS – Sargento – 2008) Marque a alternativa em que a conjunção coordenativa "e" estabelece somente relação de adição entre as orações.

a) Ia telefonar-lhe e desejar-lhe parabéns.

b) Ninguém me disse nada, e entendi de imediato.

c) "O sol ardia sobre o pasto maltratado e secava os lameirões da estrada torta." (Gabarito!)

d) A chuva caiu pela manhã, e a festa de aniversário ao ar livre não foi cancelada.

Comentário: A única alternativa em que a conjunção coordenativa *e* estabelece somente relação de adição entre as orações é a C. Nas alternativas B e D, admite-se a relação de adversidade entre as orações. Veja: B – Ninguém me disse nada, *mas* entendi de imediato. D – A chuva caiu pela manhã, *mas* a festa de aniversário ao ar livre não foi cancelada. Na alternativa A, a relação entre as orações é de finalidade: Ia telefonar-lhe *para* desejar-lhe parabéns.

Observações importantes:

– Pode ser usada a conjunção *e* logo após um ponto (**.**) para imprimir ênfase ao conteúdo da oração que a segue: *Você é muito importante para mim. **E** será sempre.*

– A ênfase pode ser conseguida também quando vem após a vírgula: *Concordo com ele, **e** muito!*

– O *e*, no fim de uma enumeração, pode ser dispensado, colocando-se vírgula em seu lugar: *Comprei maçã, uva, figo **e** banana. > Comprei maçã, uva, figo**,** banana.*

– O *e* repetido (polissíndeto) dá ideia de acúmulo: *Eles são abusados, **e** desbocados, **e** impertinentes, **e** aproveitadores, **e** muito mais!*

– Usa-se a construção *e nem* quando o *nem* equivale a *não* (neste caso, o ***e*** é uma conjunção aditiva e o ***nem*** é um advérbio de negação, apesar de que alguns gramáticos, como Cegalla, repudiam tal construção; Bechara pede para evitá-la a não ser que se use por motivo de ênfase: *Não estuda **e nem** (= e não) trabalha.*

– Sobre este último ponto ainda, podemos enfaticamente usar *e nem (= mas não), e nem sequer, e nem assim, e nem por isso* etc.: *Assistiu à ótima peça **e nem** (= mas não) aplaudiu. / A moça não o cumprimentou **e nem sequer** olhou para ele.*

2) Sobre o ***nem***: Pode ser conjunção **aditiva** (reforçada por alguns termos), **alternativa** (raro!) e advérbio de negação; aparece em outras construções também, todavia veremos isso mais à frente.

– *O homem não come **nem tampouco** bebe.* (ou *nem ao menos, nem sequer, nem mesmo*)

– *Não sei **nem** se fico, **nem** se parto.* (alternativa = *Não sei se fico **ou** se parto.)*

– ***Nem** sempre colabora com obras humanitárias.* (advérbio = *não*)

– ***Nem** estudo **nem** trabalho.* (só o segundo *nem* é uma conjunção aditiva, = *e não,* o primeiro é um advérbio de negação, = *não*).

3) Apesar de não haver encontrado gramático ou dicionarista (exceto o professor Sérgio Nogueira) que classificasse ***tampouco*** como conjunção aditiva (= *nem*), já vi algumas questões sobre isso (FMZ – SEAD/AP – Agente Penitenciário – 2010 – Questão 14 / FCC – TRT/AL (19ª R) – Analista Judiciário – 2008 – Questão 5 / FCC – Sergipe GÁS S.A. – Contador – 2010 – Questão 5 / Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009 – Questão 9). Sobre a expressão *nem tampouco*, Ernani Terra condena, dizendo que se trata de redundância, já Maria H. de Moura Neves não se opõe a ela. Polêmicas...

4) Em "João *mais* Maria se apaixonaram.", o *mais* é uma conjunção aditiva coloquial (regionalismo).

5) As correlações aditivas equivalem ao ***e***, isto é, dizer "***Não só*** estudo ***mas*** trabalho." equivale a dizer "Eu estudo ***e*** trabalho.". Nas correlações aditivas (ou **séries aditivas enfáticas**), só as orações iniciadas por *mas, como, senão* e *quanto* são consideradas aditivas, o que indica que, *stricto sensu*, os conectivos aditivos, de fato, são o *mas*, o *como*, o *senão* e o *quanto*.

Sobre *bem como*, veja uma questão:

Cespe/UnB – CBM/ES – Oficial Bombeiro Militar – 2011

A expressão *bem como* (Os condutores de veículos passantes eram obrigados a prestar os serviços que deles fossem exigidos, bem como entregar seus animais.) pode ser substituída pela conjunção ***e***, com a devida alteração de pontuação, sem prejuízo para o sentido do texto.

(X) CERTO

( ) ERRADO

6) Às vezes, o início da correlação vem implícito, caso em que o ***mas*** tem valor aditivo: *Não nos deixeis cair em tentação, **mas** livrai-nos do mal. = **Não só** não nos deixeis cair em tentação, **mas** livrai-nos do mal.* E, às vezes, os termos da correlação vêm afastados dentro da frase: *A conjunção **não** liga **só** orações, **mas** liga termos **também**.*

7) Se a correlação *tanto... quanto* vier em períodos diferentes, o sentido pode mudar e a análise de tais vocábulos idem: ***Tanto*** *estudo!* ***Quanto*** *trabalho!* Note que agora são advérbios de intensidade.

Adversativas: indicam essencialmente uma ideia de adversidade, oposição, contraste; também ressalva, quebra de expectativa, compensação, restrição; **elas realçam o conteúdo da oração que introduzem (veja o comentário 6 no "box")**.

mas	***não obstante***
porém	***só que***
contudo	***senão*** *(= mas sim)*
todavia	***agora***
entretanto	***antes***
no entanto	***ainda assim***

– *Não para de comer,* ***mas*** *nunca fica satisfeito.*
– *Fuja daqui,* ***porém*** *tome cuidado!*
– *O filme agradou ao público,* ***contudo*** *não foi louvado pelos críticos.*
– *Perdi todos os meus bens,* ***todavia*** *me alegrei com a separação.*
– *Paixão não me faz bem,* ***entretanto*** *não vivo sem ela.*
– *Ele está cansado,* ***no entanto*** *terá de trabalhar amanhã cedo.*
– *Sorria sem pudor,* ***não obstante*** *se aquietava diante do pai.*
– *Atendeu a todas as exigências,* ***só que*** *não foi convocado no fim do processo.*
– *Não se dizia um professor,* ***senão*** *um reprodutor de informações.*
– *Falar de mim é fácil,* ***agora*** *ser como eu é difícil.*
– *O rapaz não estudava,* ***antes*** *devorava os livros.*
– *O livro é ruim,* ***ainda assim*** *preciso lê-lo até o fim.*

Cuidado!!!

1) O *mas* pode apresentar matizes de sentido:

– *Os fariseus oprimiam o povo,* ***mas*** *Jesus exercia seu amor a eles.* (contraste/contraposição)
– *Amor, eu sei que eu te traí,* ***mas*** *saiba que eu te amo.* (compensação)
– *Casou-se,* ***mas*** *não com a primeira namorada.* (restrição)
– *Foi em direção ao beijo,* ***mas*** *desistiu por timidez.* (quebra de expectativa)
– *Outra pessoa,* ***mas*** *não eu, deverá cobrir a reportagem.* (ressalva)
– *Entre,* ***mas*** *sem fazer barulho.* (realce/ressalva)

– *Era bela,* ***mas*** *principalmente rara.* (adição, segundo Celso Cunha)

A maiorias dos gramáticos considera redundante as construções em que ao *mas* se juntam outras conjunções adversativas, que eram outrora consideradas advérbios: *mas porém, mas contudo, mas no entanto, mas entretanto* etc. Atualmente, tais construções são consideradas *expressivas*, em que a segunda conjunção realça a primeira. Curiosidade: a pronúncia de *mas* não é "mãs", e sim "más".

2) Diferentemente do ***mas***, que não pode ser deslocado na frase, as conjunções *porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante* podem: *Não pude sair hoje; fiquei assistindo a um filme com minha esposa,* ***porém****. / Não pude sair hoje; fiquei,* ***contudo****, assistindo a um filme com minha esposa. / Não pude sair hoje; fiquei assistindo,* ***entretanto****, a um filme com minha esposa. (etc.)*

3) ***Não obstante*** pode ser uma locução conjuntiva adversativa (seguida de verbo no indicativo), uma locução conjuntiva concessiva (seguida de verbo no subjuntivo) ou uma locução prepositiva (não seguida de verbo ou seguida de verbo no infinitivo). Veja os respectivos exemplos: *Gasta-se muito aqui, não obstante há compensações. / Não obstante haja compensações, não vale a pena tanto gasto. / Não obstante a doença, mantinha-se firme. / Não obstante ter acordado, voltou a dormir.* Os estudiosos da língua, como José de Sá Nunes e Geraldo Amaral Arruda, afirmam que *nada obstante* é expressão sinônima a *não obstante*. Sobre isso, veja a questão 39 da prova 1 (gab. 1) para Auditor-Fiscal da Receita Federal feita pela Esaf (2012).

4) Segundo os linguistas Ataliba T. de Castilho e Sanderleia Roberta Longhin-Thomazi e os dicionários Aulete e Houaiss – para citar alguns –, modernamente a expressão ***só que*** vem sendo considerada uma locução conjuntiva adversativa, "que promove uma quebra de expectativa e introduz a informação mais importante no enunciado". Já vi questões com tal expressão.

5) Sobre ***agora***, ***antes*** e ***ainda assim***, que comumente são encaixados na classe dos advérbios, é bom dizer que alguns gramáticos, como Sacconi, Cegalla e Napoleão M. de Almeida já alistam como termos de valor adversativo. Eles não estão sós nessa análise, pois os dicionários Houaiss e Aulete também veem assim. Discussões à parte, já vi questões com tais vocábulos. Sobre ***ainda assim***, uma prova (FEPESE – UDESC – Advogado – 2010) considerou correta a seguinte assertiva, o que corrobora tal análise: "2. O conectivo 'Ainda assim', que introduz o terceiro parágrafo, pode ser substituído por 'No entanto' sem que o sentido do texto se altere.". A partir dessa afirmação, pense: se *no entanto* é uma locução conjuntiva adversativa e substitui *ainda assim*, infere-se que *ainda assim* é adversativa.

6) Na definição das adversativas, eu disse que **elas realçam o conteúdo da oração que**

introduzem. Vou dar dois exemplos para isso ficar claro. Imagine uma vizinha chegando até você (mulher) e dizendo assim sobre seu marido:

– *Maria, eu sei que João é carinhoso,* ***mas*** *ele é alcoólatra.* (Percebe que a vizinha está querendo "jogar areia" na relação de vocês dois?)

Agora, outra vizinha:

– *Maria, eu sei que João é alcoólatra,* ***mas*** *ele é carinhoso.* (Percebe que a vizinha está querendo dar uma "moral" ao seu relacionamento?)

Por que deduzimos isso? Muito simples: a conjunção adversativa dá relevância ao conteúdo da oração que a segue, de modo que chegamos a conclusões diferentes na fala das duas vizinhas, certo? Veja de novo, com a conclusão/desfecho, o que se subentende na fala delas:

– *Maria, eu sei que João é carinhoso,* ***mas*** *ele é alcoólatra,* ***então*** *larga ele!*

– *Maria, eu sei que João é alcoólatra,* ***mas*** *ele é carinhoso,* ***então*** *dá uma chance a ele!*

Hoje, em algumas provas para cargos bem difíceis, como Diplomata e Auditor-Fiscal, a FCC, o Cespe e a Esaf vêm trabalhando conjunções de uma maneira diferenciada, buscando o valor argumentativo delas, por isso selecionei uma questão que, apesar de não ser dessas bancas, reflete bem tal enfoque:

Questão 5 (UFRJ – Vestibular – 2006/2007)

A conjunção adversativa *mas*, utilizada no penúltimo verso do texto II (Perdi o dia, mas ganhei o mundo.), além de implicar contraste, desempenha papel argumentativo específico. Explique esse papel.

Gabarito Oficial: A conjunção *mas* desempenha o papel de realçar o conteúdo da segunda oração, que constitui o elemento central na argumentação.

Alternativas: exprimem ideia de exclusão, alternativa (opção/escolha), alternância (ação ou resultado de alternar), inclusão, retificação etc.

ou	***seja...seja***
ou...ou	***já... já***
ora...ora	***umas vezes... outras vezes***
quer...quer	***talvez... talvez***

– *Você quer suco* ***ou*** *deseja tomar refrigerante?* (alternativa/exclusão)

– ***Ou*** *faço a festa* ***ou*** *pago a viagem.* (sempre exclusão)

– ***Ora*** *assiste à TV,* ***ora*** *cuida dos filhos.* (sempre alternância)

– ***Quer*** *estude,* ***quer*** *trabalhe, é bem-sucedido.* (alternância)

– ***Seja*** *neste mês,* ***seja*** *no próximo, iremos saldar as dívidas.* (exclusão)

– ***Já*** *sobe nas árvores,* ***já*** *brinca com o cão, você nunca para?* (alternância)

– *O dinheiro* ***umas vezes*** *traz felicidade,* ***outras vezes*** *traz desgraça.* (alternância)

– ***Talvez*** *chore,* ***talvez*** *ria, não saberemos.* (exclusão/alternância)

Cuidado!!!

1) A conjunção ***ou*** pode ter matizes de sentido:

– *Ou sobe,* ***ou*** *desce.* (exclusão)

– *O Flamengo* ***ou*** *o Vasco continuam sendo bons times.* (inclusão/adição; = *e*)

– *O Brasil tem 25 estados,* ***ou*** *26.* (retificação; = *ou melhor*)

– *A parte da frente do navio,* ***ou*** *proa, está avariada.* (precisão/sinonímia)

– *Abram a porta* ***ou*** *todos serão repreendidos severamente!* (exclusão-condição/exclusão-consequência; = *senão* – muitos dicionários dizem que "senão" é conjunção alternativa neste caso)

Veja uma questão sobre isso:

Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009

Fragmento de texto

As relações sociais institucionalizadas pela participação do homem nas diversas comunidades da contemporaneidade não degradam ou deformam a consciência individual... (...)

– Por fazer parte de uma estrutura sintática negativa, a conjunção *ou*, em *não degradam ou deformam*, equivale semanticamente a "nem".

(X) CERTO

( ) ERRADO

2) Registram como conjunções alternativas ***umas vezes... outras vezes...*** e ***talvez... talvez...***, o gramático Sacconi e o dicionário Houaiss. É bom dizer que, excetuando *ou*, todas as demais conjunções alternativas são correlatas.

3) Os gramáticos Sousa e Silva e A. Gama Kury ensinam que **não** pode haver combinação de correlatas diferentes, isto é: ***Seja*** *homem* ***ou*** *mulher, todos gostam de música.* (errado) / ***Seja*** *homem* ***seja*** *mulher, todos gostam de música.* (certo). Ainda sobre "seja", a maioria dos gramáticos não toleram sua flexão, afinal, conjunção é uma palavra invariável: ***Sejam*** *dias frios,* ***sejam*** *dias quentes, sempre toma banho gelado.* (inadequado) / ***Seja*** *dias frios,* ***seja*** *dias quentes, sempre toma banho gelado.* (adequado). Bechara não se opõe a nenhuma das duas construções.

4) Além de indicar exclusão, a correlação "quer... quer" pode apresentar um matiz de concessão: ***Quer*** *queiram,* ***quer*** *não, eu sou um grande profissional! = Embora queiram ou não, sou um grande profissional!*

Conclusivas: exprimem ideia de conclusão ou consequência.

logo	***pois***
portanto	***por conseguinte***
por isso	***então***

assim ***em vista disso***

– *Preciso sair depressa,* ***logo*** *me ligue mais tarde.*
– *A adoção nunca deixará de ser um gesto nobre.* ***Portanto****, abracemos a causa!*
– *Ele não passou no concurso dessa vez,* ***por isso*** *terá de conciliar o estudo com o trabalho.*
– *Você não pode engordar,* ***assim*** *evite comer de uma em uma hora.*
– *Você cumpriu sua palavra; terá,* ***pois****, sua recompensa. (= portanto*; vem separada por vírgula(s), depois do verbo ou no fim da frase: *Ele te protege; sê-lhe grato,* ***pois****. (José Oiticica))*
– *Ele não fez boa redação,* ***por conseguinte*** *foi desclassificado.*
– *Foi pega roubando,* ***então*** *teve de ser despedida.*
– *O mal é irremediável,* ***em vista disso*** *tente se conformar.*

Cuidado!!!

1) Sobre o *pois* conclusivo, confira: Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico (ADM) – 2009 – QUESTÃO 20 e FAB – EEAR – SARGENTO – 1/2002 b) – QUESTÃO 29.

2) Algumas conjunções conclusivas podem vir separadas por vírgula quando deslocadas, falo sobre isso melhor em *Pontuação*: *Ela se casou com um homem rico; não passará necessidades,* ***portanto****.* (ou *Ela se casou com um homem rico; não passará,* ***portanto****, necessidades.).*

3) Não confunda os advérbios de tempo ***logo*** e ***então*** com conjunções conclusivas: *Ela volta* ***logo****; vamos preparar-lhe uma surpresa.* (advérbio de tempo) / *Ela volta hoje,* ***logo*** *vamos preparar-lhe uma surpresa.* (conjunção conclusiva) / *Como é bom relembrar o passado; namorava-se* ***então*** *no portão de casa.* (advérbio de tempo) / *O mestrando perdeu totalmente o fio do discurso,* ***então*** *a banca de professores o reprovou.* (conjunção conclusiva). Sobre isso, consulte: FGV – Senado Federal – Administração – 2012 – Questão 16. Também não confunda o advérbio de modo *assim* com conjunção conclusiva (veja o *assim* como conjunção conclusiva: FCC – TRT (23R) – Técnico Judiciário – 2007 – Questão 11). Falando nisso, *sendo assim* e *assim sendo* são construções registradas pelo dicionário Aulete, equivalendo a *logo, portanto* e *assim*. Logo, trata-se de locuções conjuntivas conclusivas.

4) Alguns gramáticos, como Gama Kury, Sacconi e Infante, dizem que *de modo que, de maneira que, de forma que* e *de sorte que* podem ser locuções conjuntivas coordenativas conclusivas. Algumas bancas corroboram isso. (Confira: FIP – Câmara/SJC – Programador – 2010 – Questão 17)

5) As expressões *desse modo, dessa maneira* e *dessa forma* são inegáveis conectivos de valor conclusivo dentro do discurso, como alista o sábio Othon Moacyr Garcia.

Explicativas: exprimem ideia de explicação, justificativa; normalmente vêm após verbos no imperativo.

porque
que
porquanto
pois (antes do verbo)

– *Os funcionários já chegaram,* ***porque*** *as luzes estão acesas.*
– *Estude,* ***que*** *valerá a pena.*
– *Ela devia estar com frio,* ***porquanto*** *tremia.*
– *Come a sopa toda,* ***pois*** *está muito boa.*

Cuidado!!!

1) O ***pois*** explicativo equivale a *porque*, logo, por mais que venha separado por vírgulas, nunca será conclusivo: *Gratidão a Deus todos devem,* ***pois****, além de tudo, Ele entregou Seu filho por nós*. Veja a diferença, agora como conclusivo: *Gratidão a Deus todos devem. Devemos,* ***pois****, levar em conta que Ele entregou Seu filho por nós.*

2) As conjunções explicativas também podem ser causais. Veremos a diferença entre causa e explicação na parte de *Orações Subordinadas Adverbiais*.

3) Pelo amor de Deus, jamais confunda *portanto* (conclusiva) com *porquanto* (explicativa).

Subordinativas

Fiquem atentos às conjunções sublinhadas, pois elas não são usuais! Por isso mesmo o "homem da banca" vai querer usá-las ardilosamente.

Integrantes: introduzem orações subordinadas substantivas; conectam uma oração incompleta a uma oração que, por sua vez, vai completá-la; um antigo e válido *bizu* nos diz que se conseguirmos substituir uma oração iniciada por uma das integrantes (***que*** ou ***se***) por *isto*/*isso*, tais conectivos serão conjunções subordinativas integrantes.

– *Não sei **se** devo estudar mais.* ("Não sei" o quê? Isto: "**se** devo estudar mais".)

– *Verifiquei **se** faltava água aqui.* ("Verifiquei" o quê? Isto: "**se** faltava água aqui".)

– *Eu o informei de **que** a prova será amanhã.* ("Eu o informei" de quê? Disto: "de **que** a prova será amanhã".)

– *Percebe-se **que** ela é uma boa aluna.* (O que "se percebe"? Isto: "**que** ela é uma boa aluna".)

Obs.: É isso mesmo. Só há duas conjunções integrantes, e elas são as únicas que, tradicionalmente, não carregam um sentido embutido, apesar de haver uma sutil mudança de sentido nestas orações introduzidas por *que* e por *se*: "Ela não sabe *se ele virá.*" (dúvida) e "Ela não sabe *que ele virá.*" (certeza).

A partir de agora, vejamos as conjunções subordinativas adverbiais. São chamadas assim porque introduzem orações subordinadas adverbiais.

Causais: exprimem a causa, a razão de um efeito.

porque
que
porquanto
pois
como (= *visto que*; só no início da oração)
pois que (uso mais literário)
dado que
visto que
visto como
já que
uma vez que
na medida em que
sendo que

– *Nós brigamos não apenas **porque** temos personalidades diferentes mas também **porque** não nos amamos mais.*

– *Se não nos amamos mais, é **porque** nunca abrimos concessões.*

– *Não é **porque** eu não te amo que eu vou me separar de você.*

– ***Porque** eu te amo intensamente, muitas pessoas sentem ciúmes de nós.*

– *Nunca mataria ninguém, **que** não é de sua índole.*

– *Não almoçou **porquanto** não tinha fome.*

– *A menina não comprou o vestido,* ***pois*** *era muito caro.*

– ***Como*** *estudamos/estudássemos dia e noite, alcançamos o êxito.* (o verbo após o *como* causal pode ficar no indicativo ou, menos usualmente, no pretérito imperfeito do subjuntivo)

– *Preciso amar-te,* ***pois que*** *sem ti nada sou.*

– ***Dado que*** *a metade da população vive na pobreza, precisamos ajudar.*

– *Não participarei da aula,* ***visto que*** *não gosto deste professor.*

– ***Visto como*** *não podia entrar na prefeitura, fez um protesto.*

– ***Já que*** *lhe ficou proibida a participação, teve de se resignar.*

– *Ele deixou de estudar* ***uma vez que*** *teve de começar a trabalhar.*

– ***Na medida em que*** *não conseguiu resolver a prova, ficou bem nervoso.*

– ***Sendo que*** *a classe política perde credibilidade a cada dia, aumenta a tendência do voto nulo nas eleições deste ano.*

Cuidado!!!

1) Não confunda *porque, que, porquanto* e *pois* causais com explicativas. Sempre que vier um verbo no imperativo antes – não respire! –, tais conjunções serão sempre explicativas: "Vem, ***que*** eu te espero!" (explicativa). Falarei mais sobre elas em *Orações Subordinadas Adverbiais Causais*.

2) *Por causa que* e *por causa de que* são coloquialismos. Evite!

3) Não confunda o *como* causal com o aditivo, comparativo e conformativo: ***Como*** *fizesse frio, pus um casaco.* (causa) / *Tanto nado* ***como*** *pedalo.* (adição) / ***Como*** *age o pai, age o filho.* (comparação) / ***Como*** *já dissemos, acalmem-se!* (conformidade)

4) *Desde que* (= *uma vez que*; causal) é ignorado por alguns estudiosos e abonado por outros: ***Desde que*** *conseguimos entrar na Faculdade, precisamos agora conquistar nosso diploma.* O fato é que tal construção não é nada usual atualmente.

5) Segundo Bechara, "a construção 'sendo que' aparece repetida e condenada em consultórios gramaticais, dicionários de dúvidas de linguagem e manuais de redação, quando a sequência é usada como equivalente à conjunção aditiva 'e' ou à adversativa 'mas' (...) Não conhecemos a fonte de onde se originou essa lição condenatória que não tem o respaldo de quem conhece profundamente a história que se reflete no uso de seus melhores escritores. No emprego de 'sendo que' não temos erro de língua, nem tampouco, uma sintaxe agramatical. Por questão pessoal de estilo ou por possível necessidade de clareza do contexto, pode-se substituir 'sendo que' pelas alternativas propostas. Estará mesmo certo dizer que um exemplo como 'Os autores concordam com essa teoria e os nacionais são ainda mais enfáticos.' é mais claro e traz mais ênfase ao estilo que 'Os

autores concordam com essa teoria, sendo que os nacionais são ainda mais enfáticos.'? Para nós, é infundada a correção gramatical e estilística pretendida, conforme se vê no testemunho de nossos melhores escritores (...)". Em outras palavras, pelo que pesquisei, o gramático, só ele, considera **culta** tal locução conjuntiva **como aditiva (ou adversativa)**, os demais a consideram **coloquial**, nessas acepções.

6) *Dado que* e *Posto que* são normalmente locuções conjuntivas concessivas (normalmente com verbo no subjuntivo): ***Dado que/Posto que*** *tenha deixado de estudar, nunca esqueci as explicações do mestre.* Não obstante no *Soneto de Fidelidade*, de Vinícius de Moraes, ele se valeu de sua licença poética para usar *posto que* como causal: *Que não seja eterno* ***posto que*** *(= porque) é chama mas que seja infinito enquanto dure.* A norma culta não acolhe a classificação de locução conjuntiva causal para *posto que*. Para Cegalla e para o gramático Houaiss, *Dado que* pode ter valor condicional.

7) Não confunda *na medida em que* (locução causal) com *à medida que* (locução proporcional). É bom dizer também que *na medida que* é uma locução inexistente na língua culta. Consulte: FGV – SENADO FEDERAL – Técnico LEGISLATIVO – 2008 – QUESTÃO 10.

Veja outra:

(FAB – EEAR – Sargento – 2002)

– Observe o período: *"Eu desejava mais uma blusa: quem viaja está sempre pensando em alegrias que, de volta, pode dar aos amigos."*.

Substituindo-se os dois pontos por uma conjunção ou locução conjuntiva, a relação entre as orações estará correta em:

a) Eu desejava mais uma blusa, assim quem viaja está sempre pensando...
b) Eu desejava mais uma blusa, na medida em que quem viaja está sempre pensando... (a relação entre as orações separadas por dois-pontos é de causa e consequência)
c) Eu desejava mais uma blusa, desde que quem viaja está sempre pensando...
d) Eu desejava mais uma blusa, à medida que quem viaja está sempre pensando...

8) Há muitas questões que trabalham relação de causa e consequência e reescritura de frases ao mesmo tempo. A banca que privilegia tal assunto é a FCC. Vou dar um exemplo: ***Como*** *Berenice não gostava de ir ao cinema* (causa)*, seu pai a levava à força. = Berenice não gostava de ir ao cinema* ***de modo que*** *seu pai a levava à força.* (conclusão/consequência) / *Os irmãos viviam brigando* ***porque*** *sentiam ciúmes terríveis um do outro.* (causa) = *Os irmãos sentiam ciúmes terríveis um do outro,* ***por isso*** *viviam brigando.* (conclusão/consequência). Note que há duas maneiras de dizer a mesma coisa porque há uma correspondência na construção com conjunção causal e com conjunção conclusiva/consecutiva. Note também que é possível dizer que há ideia de causa e **consequência** mesmo com o uso de uma locução conjuntiva conclusiva (por isso).

9) Não confunda *por quanto* (preposição + pronome; indica quantidade) com *porquanto* (conjunção causal ou explicativa).

10) Venho acompanhando o progresso da expressão *haja vista que* (= *pois, porque, visto*

que, já que etc.) como locução conjuntiva causal. E não é que caiu uma questão sobre isso? Cespe/UnB – CÂMARA DOS DEPUTADOS – Analista LEGISLATIVO – 2012 – QUESTÃO 85.

Comparativas: exprimem comparação, analogia, tanto qualitativamente como quantitativamente.

tal qual	***(tão)... como/quanto***
tal e qual	***tanto... como***
qual	***como***
tal como	***assim como***
	como se

(mais, menos, maior, menor, melhor, pior)... (do) que

* As conjunções comparativas em si são as que não estão entre parênteses; os termos entre parênteses só participam da correlação. Outra coisa: lembre-se de que *do* é facultativo antes do *que*.

– *Os homens,* ***tal qual*** *as mulheres, são sentimentais.* (comparativo de igualdade)
– *Gosto de cinema* ***tal e qual*** *teatro.* (comparativo de igualdade)
– *Corria* ***qual*** *um touro.* (comparativo de igualdade)
– *É excelente esportista,* ***tal como*** *o irmão.* (comparativo de igualdade)
– *Viva o dia de hoje* ***como se*** *fosse o último.* (comparativo de igualdade)
– *Casa é* ***mais*** *confortável do* ***que*** *apartamento.* (comparativo de superioridade)
– *Apartamento é* ***menos*** *confortável* ***que*** *casa.* (comparativo de inferioridade)
– *Este apartamento é* ***maior que*** *aquela casa.* (comparativo de superioridade)
– *Esta casa é* ***menor do que*** *aquele apartamento.* (comparativo de superioridade)
– *Tu sempre serás* ***melhor que*** *minha ex-esposa.* (comparativo de superioridade)
– *Ela sempre será* ***pior*** *pessoa* ***que*** *você.* (comparativo de superioridade)
– *A programação da TV aberta é* ***tão*** *interessante* ***como/quanto*** *a da TV a cabo.* (comparativo de igualdade)
– *Nenhum atleta treinou* ***tanto*** *ao longo da vida* ***como*** *o Ricardo.* (comparativo de igualdade)
– *Acho-o submisso* ***como*** *um cão.* (comparativo de igualdade)
– ***Assim como*** *chegou, partiu: em silêncio.* (comparativo de igualdade)

Cuidado!!!

1) *Que nem* e *feito* são vistos como conectivos coloquiais, mas Cegalla os alista entre as comparativas sem fazer ressalva alguma, portanto cuidado com a abordagem das bancas: *Ela recendia perfumes* ***que nem*** *um galho de manacá silvestre. / Por que ficou me*

*olhando assim **feito** boba?* (C. Drummond de Andrade)

2) A expressão *tal qual*, quando varia, é analisada como *tal* (pronome demonstrativo) e *qual* (pronome relativo), é por isso que tais vocábulos variam com seus referentes: *Os filhos agem **tais** qual o pai. / O filho age tal **quais** os pais. / Os filhos agem **tais quais** os pais.* O *tal*, de *tal como*, também varia: "As crianças, ***tais*** como os idosos, merecem cuidados.".

3) É normalíssimo que os verbos das orações iniciadas pelas conjunções estejam elípticos (implícitos): "O governo daqui é tão corrupto ***quanto*** *os de lá (... quanto* <u>*são*</u> *os governos de lá)*". Dentro de um contexto, pode haver elipse total de uma oração e, ainda assim, haver duas orações: *João Rosa e Pedro Orósio estão disputando o segundo turno. Os dois candidatos não param de discutir sempre que têm uma chance. No entanto, na última vez que se viram,* <u>*Pedro parecia mais calmo*</u>*.* (ou seja, <u>Pedro parecia mais calmo</u> <u>*do* ***que*** *parecia João*</u>). A oração sublinhada apresenta, portanto, duas orações, só que uma delas está em elipse total.

4) Não confunda a construção "tanto... quanto" comparativa com aditiva: *Ela **tanto** ri **quanto** chora.* (adição) */ Ela chora tanto **quanto** ri.* (comparação).

5) A ideia de superioridade pode representar uma preferência com a construção "antes... (do) que": *O apelo das cidades seria **antes** social **que** econômico.*

6) Lembre que "maior, menor, melhor, pior... que" é construção própria de comparativo de <u>superioridade</u>. Reveja o grau dos adjetivos!

Concessivas: exprimem contrariedade, ressalva, *oposição a uma ideia sem invalidá-la*.

Embora	***<u>se bem que</u>***
<u>malgrado</u>	***<u>posto que</u>***
<u>conquanto</u>	***nem que***
ainda que/quando	***apesar de que***
mesmo que	
<u>em que (pese)</u>[1]	

por (mais, menos, melhor, pior, maior, menor, muito) que (indica grau)

– ***Embora*** *viaje o mundo inteiro, nunca conhecerá sua terra profundamente.*

– ***Malgrado*** *haja problemas em casa, não os leve para o trabalho.*

– ***Conquanto*** *eu trabalhe, nunca paro de estudar.*

– ***Ainda que/quando*** *ela faça tudo por você, não se cansa em rejeitá-la, não é?*

– *Conseguiu chegar ao cume do morro,* ***mesmo que*** *se sentisse fraco.*

– *Nunca iremos esmorecer,* ***em que*** *pese a falta de incentivo deles.*

– *O comportamento da turma é satisfatório,* ***se bem que*** *alguns alunos continuem a perturbar as aulas.*
– *A taça foi para outros,* ***posto que*** *se achassem capazes para ganhar o campeonato.*
– *Iremos ao jogo,* ***nem que*** *caia um temporal*
– *Tornou-se um ótimo professor,* ***apesar de que*** *seu carisma não fosse grande.*
– ***Por mais que*** *o tempo mude, não mudarão seus planos para hoje.*
– *Não desista,* ***por pior que*** *esteja sua vida!*
– ***Por muito que*** *chamasse sua atenção, não era possível ser notado.*

Cuidado!!!

1) [1] Construção cristalizada na língua. A locução conjuntiva é *em que* (= *ainda que*) seguida do verbo *pesar* (= provocar determinado sentimento). Este verbo pode ser VTD – "*Em que pesem os esforços do governo, nada muda em nosso país."* (*os esforços do governo* é o sujeito do verbo pesar) – ou VTI (neste caso, exige a preposição *a*: "*Em que pese aos adeptos do progresso a qualquer preço, continuaremos defendendo a natureza."* (*aos adeptos do progresso a qualquer preço* é o objeto indireto do verbo pesar).

2) É quase unânime a opinião de que as locuções conjuntivas concessivas terminadas em *que* (*ainda que, mesmo que, posto que, apesar de que*...) sempre vêm seguidas de verbo no modo subjuntivo. Disse "quase", pois Maria H. de M. Neves, Laudelino Freire, Assis Cintra e Cegalla registram a possibilidade de tais conectivos virem seguidos de verbo no modo indicativo também: *Posto que* ***era/fosse*** *esperto e malicioso, acabou sendo enganado*. Maldosamente, criaram uma questão baseada nesse pequenino detalhe (confira: FCC – MPE/AP – Técnico MINISTERIAL – 2012 – QUESTÃO 12). Por que as bancas fazem isso conosco?!

3) Atenção! *Não obstante* é locução conjuntiva concessiva quando seguida de verbo no subjuntivo: ***Não obstante*** *possuísse muitas posses, era humilde.*

4) *Mesmo se* não é locução conjuntiva concessiva, tampouco construção culta, portanto evite! No lugar de "*Mesmo se* arrumasse um emprego fixo, não conseguiria manter-se.", use simplesmente "***Mesmo que*** arrumasse um emprego, não conseguiria manter-se.".

5) Semanticamente, as conjunções adversativas são muito próximas às concessivas. Há duas maneiras básicas de diferenciarmos uma da outra:

I – Memorize o grupo de ambas, pois as conjunções adversativas nunca são iguais às concessivas, exceto *não obstante* – mas o modo verbal que se seguirá a esta expressão irá diferenciá-las: indicativo (adversativa), subjuntivo (concessiva).

II – Perceba que a oração a seguir introduzida pela conjunção adversativa, tem peso argumentativo, dando realce à oração que introduz; já a oração a seguir introduzida

pela conjunção concessiva, não tem peso argumentativo.

Maria tem boa reputação, ***mas*** *não parece ter*. (adversativa; maior peso argumentativo em relação à oração anterior) / ***Embora*** *não pareça* (concessiva, menor peso argumentativo em relação à oração posterior), *Maria tem boa reputação.*

6) *Posto, suposto* (ou *suposto que*) são conectivos concessivos não usuais. Encontra-se em Machado e em Carlos Drummond: ***Suposto*** *o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: (...) (Machado) / Certamente, falta-lhes não sei que atributo essencial,* ***posto*** *se apresentem nobres e graves, por vezes. (Drummond)*

7) Não confunda *com quanto* (preposição + pronome; indica quantidade) com *conquanto*. Também não confunda *conquanto* (concessão) com *porquanto* (explicação ou causa). Não vacile na prova!

Condicionais: exprimem condição, hipótese.

se	***desde que*** (seguido de subjuntivo)
caso	***a menos que***
contanto que	***a não ser que***
exceto se	***sem que*** (= *se não*)
salvo se	***uma vez que*** (seguido de subjuntivo)

– ***Se*** *tu pararas de estudar, precisarás trabalhar.*
– ***Caso*** *eu fizesse suas vontades, certamente mudaria seu jeito comigo.*
– *O mundo mudará* ***contanto que*** *as pessoas mudem.*
– *Os produtos daqui não poderão ser exportados,* ***exceto se*** *houver prévio acordo.*
– ***Salvo se*** *meu livro não for publicado por uma grande editora, publicá-lo-ei independentemente.*
– ***Desde que*** *você estude, obterá êxito.*
– *Ele chegará até nós,* ***a menos que*** *você o impeça!*
– *Estude,* ***a não ser que*** *pretenda trabalhar.*
– ***Sem que*** *se aproxime do diretor, não conseguirá ascender na empresa.*
– ***Uma vez que*** *você aceite a proposta, assinaremos o documento.*

Cuidado!!!

1) A locução conjuntiva *sem que* pode indicar uma relação de **modo, concessão, condição** ou **consequência**, segundo Bechara, Cegalla e outros gramáticos.

– *Saiu* ***sem que*** *se despedisse.* (modo)

– ***Sem que*** *estudasse, passou.* (concessão)

– ***Sem que*** *estude, dificilmente passará.* (condição)

– *Não sai* ***sem que*** *leve um casaco.* (consequência)

No entanto, segundo Sacconi, "orações iniciadas por *sem que* se classificam melhor entre as concessivas ou entre as condicionais. (...)". Essa é a visão oficial, e não pretendemos dela nos afastar. No dito pelo não dito, levemos as duas verdades para a prova. Falando em prova... veja duas questões sobre *sem que* nas provas: CEPERJ – PREF. DE ANGRA DOS REIS/RJ – PROFESSOR – 2008 e Cespe/UnB – TJ/ES – Cargos de nível superior – 2011. Encontrei outra questão que aborda todos os casos, mas é *antiguinha* (não reclama!)...

16. (FAB – EEAR – Sargento – 2000) Assinalar a alternativa em que a conjunção estabelece a mesma relação que se verifica em "Bandeira livre e bandeira oficial foram comuns, posto que em graus diversos, a todo o Brasil.".
a) Fez tudo direito sem que eu lhe ensinasse. (Gabarito!)
b) Não sairás daqui sem que antes me confesses tudo.
c) Não podem ver um brinquedo sem que o queiram comprar.
d) Sairás sem que te vejam.

Comentário: A: *Fez tudo direito embora/posto que eu não lhe ensinasse.* (concessão) / *B: Não sairás daqui se não me confessares tudo antes.* (condição) / *Não podem ver um brinquedo de modo que não o queiram comprar.* (consequência) / *Sairás sem que te vejam.* (modo)

2) Sobre a conjunção condicional *se*, Bechara e Maria H. de M. Neves dizem que pode apresentar sentidos <u>subjacentes</u> à condição, quais sejam: **causa (com verbo no indicativo), concessão, tempo e factualidade**; por exemplo:

– ***Se*** *os homens são por natureza imperfeitos, as sociedades humanas não podem ser perfeitas.* (= *já que;* causa)

– ***Se*** *você tem disposição, porque não corre a maratona?* (= *já que;* causa)

– *"**Se** o via derrubado, rosto no pó, nem por isso o respeitava menos."* (Ondina Ferreira) (= *embora;* concessão)

– *A pele,* ***se*** *for bem clara, escurece muito debaixo deste sol.* (= *embora;* concessão)

– ***Se*** *Maria vem aqui em casa, todos se alegram.* (= *quando;* tempo)

– ***Se*** *fala, irrita a todos;* ***se*** *não fala, idem.* (= *quando;* tempo)

– ***Se*** *eu não gosto de "funk", é porque há muita agressão verbal à mulher.* (= *Se é um fato que eu não gosto de funk, eu não gosto porque há muita agressão verbal a mulher;* factualidade)

Já outros gramáticos, como Cegalla e Sacconi, são mais "radicais" ao dizerem que o *se* **<u>é</u>** uma conjunção causal ou concessiva. O Sacconi vai além dos valores do *se*, mas não nos cabe aqui dizer tudo o que é verdade para tal gramático. O fato é que o *se* já foi considerado **conjunção causal** em questão de prova (EsPCEx – OFICIAL DO EXÉRCITO – 2010 – QUESTÃO 24) e **concessiva** (Cespe/UnB – TST – Analista Judiciário – 2008 – QUESTÃO

2 / Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de nível superior – 2011 – QUESTÃO 24).

3) O valor de condição necessária e suficiente da construção *se e somente se* está nas locuções *desde que* e *contanto que*: *Um argumento é uma certeza absoluta* ***se e somente se*** *(desde que/contanto que) a hipótese de todas as infinitas premissas do argumento, mesmo aquelas ocultas, se tornasse uma verdade, depois da conclusão provada.*

4) Pode haver elipse do verbo auxiliar da locução verbal ou elipse da própria conjunção *se*: *Se (for) reeleito, transformará a saúde carioca. / (Se) Tivesse eu os votos do povo, mudaria sua vida.*

5) É bom dizer que a concretização de uma condição ou hipótese implica uma consequência certa, portanto cuidado com questões que trabalhem a noção de causa e consequência, mas não utilizem conjunções causais, conclusivas ou consecutivas, mas sim condicionais! É isso mesmo! Exemplo: *Se eu estudar, certamente passarei.* Perceba que a consequência (*passar*) depende da concretização do fato contido na condição/hipótese (*estudar*).

6) É redundância, portanto totalmente desaconselhada a construção *se caso*: "*Se caso* você for, avise-me." (inadequado) / "*Se* (ou *Caso*) você for, avise-me." (adequado). Já a construção *se acaso* (= *se* – conjunção condicional + *porventura* – advérbio de dúvida) é correta: "*Se acaso* me quiseres, sou dessas mulheres que só dizem sim." (Chico Buarque).

Conformativas: exprimem acordo, maneira, conformidade.

conforme

consoante (não usual)

segundo

como (= *conforme*)

– *Você enfim agiu* ***conforme*** *nós acordamos.*

– ***Consoante*** *falamos, dedique-se ao estudo.*

– ***Segundo*** *havíamos combinado, você inicia o curso amanhã.*

– ***Como*** *se pode ver, é impossível tirar o cinturão deste lutador.*

Cuidado!!!

1) Não confunda *como* conformativo com comparativo. Na comparação é preciso haver pelo menos dois seres sendo comparados, o que já não ocorre na conformidade. É por isso que, em "O lutador luta *como* o mestre.", o *como* é necessariamente comparativo.

2) A conjunção *conforme* também pode ser proporcional, segundo o dicionário Houaiss e Maria H. de M. Neves, equivalendo a "à medida que/ao passo que": ***Conforme*** *os*

convidados iam chegando, iam acomodando-se nas cadeiras.

Consecutivas: exprimem resultado, efeito, consequência.

tão... que
tanto... que
tamanho... que
tal... que
de tal modo/maneira... que
a tal ponto... que
tanto assim... que
de sorte que*
de modo que
de maneira que
de forma que

* As locuções *de sorte que, de modo que, de maneira que, de forma que* são sinônimas.

– *Meu filho é **tão** inteligente **que** passou em 1º lugar no ITA.*
– *Estudei **tanto** o famigerado Português **que** acabei tendo uma estafa.*
– ***Tamanha** foi a sua coragem **que** pulou no mar em ressaca.*
– ***Tal** foi sua postura antes da prova **que** conseguiu um bom resultado.*
– *Sua apresentação aconteceu **de tal modo que** todos não paravam de rir.*
– *Ambos ligaram-se **a tal ponto** ao longo da amizade **que** pareciam o mesmo ser.*
– *Eles não se prepararam para a competição, **tanto assim que** ficaram em último lugar.*
– *Não gostava de estudar, mas queria se estabilizar na vida, **de sorte que** começou a investir nos livros.*

Cuidado!!!

1) Saiba que, nas correlações, só o *que* é a conjunção consecutiva! As expressões que formam a correlação com a conjunção *que* podem vir implícitas: *Essa mulher bebe (tanto) **que** acaba xingando todo mundo.* Normalmente, nas correlações, *tão* é advérbio de intensidade, *tanto* é advérbio de intensidade ou pronome indefinido e *tamanho* e *tal* são pronomes indefinidos.

2) Na linguagem coloquial, a correlação de *cada* + *que* é comum: *Falou **cada** coisa de minha mãe **que** merecia uma surra.*

Finais: exprimem finalidade, objetivo, intuito, propósito, fim.

para que
a fim de que
porque (= *para que*; não usual)
de modo/maneira/forma/sorte que (= *para que; não usual*)

– *Estou estudando **para que** eu melhore a vida.*

– ***A fim de que*** *as pessoas se amem de verdade, é preciso incluir Deus na vida.*
– *Ore* ***porque*** *não caia em tentação.*
– *Viaja sempre à janela do ônibus* ***de maneira que*** *pegue uma brisa.*

Obs.: Não confunda *para que* (preposição exigida por algum nome + conjunção integrante) com *para que* (locução conjuntiva final): *A preservação da Floresta Amazônica é importante* ***para que*** *se mantenha o equilíbrio ecológico mundial.* (o nome *importante* exige a preposição *para*, que vem seguida da conjunção integrante *que*) / *Temos de preservar a Floresta Amazônica* ***para que*** *se mantenha o equilíbrio ecológico mundial.* (locução conjuntiva final)

Proporcionais: exprimem proporcionalidade, simultaneidade, concomitância.
à proporção que
à medida que
ao passo que
quanto mais/menos/menor/maior/melhor/pior...* ***(tanto) mais/menos/ menor/maior/melhor/pior***

* As locuções conjuntivas iniciadas por *quanto* (*quanto mais, quanto menos*...) estão em correlação com as expressões que as seguem (*tanto mais, tanto menos*...).

– *A temperatura sobe* ***à proporção que*** *o verão se aproxima.*
– *O meio ambiente sofre* ***à medida que*** *a população ignora os impactos do progresso.*
– ***Ao passo que*** *estudava o assunto, mais dúvidas lhe apareciam.*
– ***Quanto mais*** *conheço os homens, mais estimo meus cachorros.*
– ***Quanto mais*** *estudo Matemática,* ***menos*** *a entendo.* (inversamente proporcional)
– ***Quanto menos*** *esforço fizer,* ***tanto melhor*** *será.*
– ***Quanto maior*** *é o tamanho,* ***pior*** *é a queda.*
– ***Quanto melhor*** *for seu tempo,* ***mais*** *chance terá de se classificar.*

Cuidado!!!

1) *Enquanto*, além de temporal, segundo o gramático Celso Cunha e Maria H. de M. Neves e os dicionários Aulete e Houaiss, é também conjunção proporcional: ***Enquanto*** *uns se decepcionaram, outros aplaudiram*. Indica normalmente simultaneidade: *Desliguei a TV,* ***enquanto*** *ela me beijava*. Equivale a "ao passo que". Veja uma questão sobre isso: Consulplan – TSE – Técnico Judiciário – 2012 – QUESTÃO 11. Ainda sobre esta conjunção, o gramático Domingos P. Cegalla diz que ela equivale a "ao passo que"

(conjunção adversativa, segundo ele) quando indica contrariedade, oposição: "Uns trabalham enquanto (= ao passo que, mas) outros se divertem". Faz sentido, mas não conheço outro gramático que diga o mesmo. No entanto, para nossa surpresa, veja essa questão: Cespe/UnB – TELEBRÁS – Técnico Administrativo – 2013 – QUESTÃO 16.

2) Preciso dizer pela milésima vez que *na medida que* e *à medida em que* não existem na língua culta? Cuidado! Só existe *à medida que* (proporcional) e *na medida em que* (causal)! Não erre na prova!

Temporais: exprimem tempo.

Quando
enquanto
mal *(= logo que)*
apenas (= *logo que;* não usual)
depois que
antes que
sempre que
logo que
assim que
agora que
todas as vezes que
cada vez que
ao mesmo tempo que
primeiro que (= *antes que;* não usual)
até que
desde que (verbo no indicativo)

– ***Quando*** *respeitamos nossos pais, isso nos identifica como pessoas de honra.*
– *No início do século passado, as mulheres ficavam em casa,* ***enquanto*** *os homens ficavam na rua.*
– ***Mal*** *entrei em sala, começaram os aplausos!*
– *Ela me reconheceu* ***apenas*** *apertei sua mão.*
– ***Depois que*** *a sala de cinema ficou lotada, ninguém quis sair de lá.*
– ***Antes que*** *o mundo acabe, quero marcar meu nome na história.*
– *Ficas excitada* ***sempre que*** *Augusto te olhas?*
– ***Logo que*** *os índios viram os portugueses, assustaram-se.*
– ***Assim que*** *você acordar, peço que me ligue, urgentemente.*
– ***Agora que*** *vocês chegaram, podemos ir.*
– ***Todas as vezes que*** *dançam bolero, os velhinhos sentem-se realizados.*
– ***Cada vez que*** *a Lua completa uma volta no céu, o Sol muda de signo.*
– *Come* ***ao mesmo tempo que*** *lê.*
– ***Primeiro que*** *falecesse, deixou um legado.*
– ***Até que*** *se cumpram suas palavras, continuarei confiando em ti.*
– ***Desde que*** *essas explicações chegaram à minha vida, nunca mais fui o mesmo estudante.*

Cuidado!!!

1) A conjunção ***quando*** pode indicar matiz **condicional** e **concessivo**: ***Quando*** *o senhor quer algo de mim, é gentil.* (condição) / *Vive saindo,* ***quando*** *deveria estar estudando.* (concessão) Veja duas questões sobre isso:

(FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011)

Ficam hibernando à espera do momento eleitoral **quando** *deveriam estar em praça pública em busca de militantes e se expondo ao debate.*

A conjunção *quando*, no período acima, tem valor:

a) proporcional;
b) comparativo;
c) consecutivo;
d) temporal;
e) concessivo. (Gabarito!)

(FGV – SEAD/AP – Fiscal da Receita Estadual – 2010)

Deve-se isso ao fato de as instituições brasileiras terem sido concebidas de forma coercitiva e unilateral, não havendo diálogo entre governantes e governados, mas apenas a imposição de uma lei e de uma ordem consideradas artificiais, quando não inconvenientes aos interesses das elites políticas e econômicas de então.

A respeito do uso do vocábulo *quando* no fragmento acima, pode-se afirmar que se trata de uma conjunção:

a) Subordinativa com valor semântico de condição. (Gabarito!)
b) Coordenativa com valor semântico de tempo.
c) Coordenativa com valor semântico de finalidade.
d) Subordinativa com valor semântico de concessão.
e) Coordenativa com valor semântico de explicação.

2) Não me custa dizer que ***mal*** e ***apenas*** são advérbios, normalmente. Também não me custa dizer para você tomar cuidado com ***desde que*** condicional (seguido de verbo no subjuntivo, pois indica hipótese: "***Desde que*** se alimentasse bem, poderia desenvolver-se.") e ***desde que*** temporal (seguido de verbo no indicativo, que não indica hipótese mas fato: "***Desde que*** se alimentou, pôde desenvolver-se."). Para fechar: a maioria dos gramáticos, como Cegalla, repudiam o uso da preposição na expressão ***ao mesmo tempo em que***.

3) Sobre a locução conjuntiva temporal ***no que (= assim que)***, é coloquial, por não haver registro na língua culta: "**No que** ele saiu, começou a chover.".

4) As expressões ***todas as vezes em que, todas as vezes nas quais, ao mesmo tempo em que, ao mesmo tempo no qual*** são equivocadas, segundo a língua culta. Os gramáticos Cegalla e Bechara, por exemplo, abonam essa afirmação. As locuções conjuntivas temporais adequadas são sem preposição.

Observação Final: Além de outras classificações, o vocábulo *que* pode ser conjunção **aditiva, adversativa, alternativa, explicativa, integrante, causal, concessiva, consecutiva, comparativa, condicional, final, temporal**. No entanto, só falo de todas essas classificações no *Capítulo 31* (*Que, Se e Como*). Se quiser, dê um pulo até lá...

Valor Discursivo

A função das conjunções é tornar explícitos diversos nexos semânticos entre as partes do texto, dando coesão a ele. Em outras palavras: as conjunções sinalizam as relações entre os termos e as frases, não para que o texto fique bonitinho, mas para que o interlocutor perceba que as partes do texto são compostas de ideias conectadas e tornadas claras pelas conjunções.

Entenda, de uma vez por todas, que as relações entre os termos e as orações normalmente existem sem que haja uma conjunção explicitando tal relação, mas ao colocarmos o conector, a relação fica mais clara, explícita. Veja um exemplo:

Ano passado estudei demais: consegui a valiosa classificação.

Note que, no lugar dos dois-pontos, poderíamos colocar um conectivo que clarificasse a ideia de causa/efeito (ou fato/conclusão), certo? Veja se não ficaria assim:

Ano passado estudei demais, logo consegui a valiosa classificação.

É bom dizer que algumas conjunções que comumente têm apenas um valor semântico podem explicitar determinadas relações de sentido entre as ideias do texto. Veja uma questão sobre isso:

(ENEM – Vestibular – 2001)

O mundo é grande
O mundo é grande e cabe
Nesta janela sobre o mar.
O mar é grande e cabe
Na cama e no colchão de amar.
O amor é grande e cabe
No breve espaço de beijar.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1983.

Nesse poema, o poeta realizou uma opção estilística: a reiteração de determinadas construções e expressões linguísticas, como o uso da mesma conjunção para estabelecer a relação entre as frases. Essa conjunção estabelece, entre as ideias relacionadas, um sentido de:

a) oposição; (Gabarito!)
b) comparação;
c) conclusão;
d) alternância;
e) finalidade.

Comentário: A conjunção ***e*** tem sentido adversativo (= *mas*). No poema, contrapõe-se a ideia de grandeza do mundo à pequenez da janela, a grandeza do mar à pequenez da cama e do colchão, a grandeza do amor ao "breve espaço de beijar".

Sobre a <u>função textual</u> da conjunção, veja mais questões:

(UERJ – Vestibular – 2000)

"Só não se inventou uma máquina de fazer versos – já havia o poeta parnasiano." (linha 9)

Nesse trecho a opção pelo emprego do travessão evita a utilização explícita de um conectivo entre as duas orações. Mantidos o sentido original e a coerência textual, o autor poderia ter optado pelo uso da seguinte conjunção:

a) pois; (Gabarito!)

b) quando;
c) entretanto;
d) se bem que.

(ACCESS – Pref. Teresópolis/RJ – Professor II – 2005)
– Observe a relação semântica existente entre as orações:
I. Sofreu tanto. Ficou doente.
II. Estou gostando de outro. Já disse.
III. A paixão é própria do ser humano. Todos podem senti-la.
IV. Nunca mais se apaixonou. Se separou.
Para dar sentido a cada item, a sequência correta das conjunções é:
a) ou... ou – porque – quando – em que;
b) que – porque – enquanto – quando;
c) que – como – por isso – desde que (consequência-conformidade-conclusão-tempo; gabarito!);
d) conforme – mas – mas – se;
e) que – por isso – porque – embora.

(UEG – Núcleo – PC/GO – Delegado de Polícia – 2008)
No trecho, "ela [a fortuna] é sempre amiga dos jovens: estes são menos judiciosos, mais aguerridos e mais audazes ao comandá-la", os dois pontos podem ser substituídos sem prejuízo de sentido por:
a) 'já que'; (Gabarito!)
b) 'portanto';
c) 'contudo';
d) 'ainda que';

Ficou claro como as conjunções colaboram com a coesão? É isso... Vamos às questões agora!

O Que Cai Mais na Prova?

Todas as conjunções podem cair na sua prova, portanto não se esquive! Estude! Decore! Memorize! Depois que estiver "tudão entubado no sangue", nunca mais você irá errar!

E coloque uma coisa em sua cabeça: quem domina conjunção *mata* qualquer questão de coesão e coerência, de reescritura de frases, de correção gramatical, de orações coordenadas e subordinadas, de pontuação etc. É um coringa!

Você vai ver que, quando eu começar a falar de orações coordenadas e subordinadas, o domínio de conjunção será pri-mor-di-al. Fique esperto no padrão das questões!

Questões de Concursos

Divirta-se!

Já foram registradas na floresta amazônica brasileira 2.500 espécies de árvores. Em apenas um hectare são encontradas trezentas espécies de vegetais diferentes. _____, o consumo e a miséria são faces da mesma moeda. Alguns recursos naturais, renováveis ou não, são explorados de forma inescrupulosa e consumidos em ritmo superior à capacidade de renovação da natureza.

1. (Esaf – Auxiliar Judiciário – 2002) Para unir as duas partes do texto de forma coerente, assinale a expressão correta.
   a) na medida em que.
   b) assim que.
   c) por muito que.
   d) à medida que.
   e) no entanto.

2. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) Observe os períodos abaixo:
   I. Mal o leão se afastou, o rato não teve a menor dúvida.
   II. "Os animais devem ser adestrados, ao passo que os seres humanos devem ser educados."
   III. Não obstante haja concluído um curso superior, é incapaz de redigir uma carta.
   IV. Pode criticar, desde que fundamente sua crítica em argumentos.
   As orações sublinhadas exprimem, respectivamente, circunstância de:
   a) tempo, proporção, concessão e condição;
   b) causa, conformidade, condição e concessão;
   c) tempo, proporção, condição e concessão;
   d) condição, concessão, tempo e consequência.

3. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta quanto às conjunções coordenativas que preenchem adequadamente o texto abaixo, dando-lhe coerência.

Yes, nós temos cinema!

Todo mundo fala de um renascimento do cinema brasileiro _____ ele parece incontestável. _____ ainda falta vencer um obstáculo fundamental: o preconceito do espectador brasileiro que continua relutante em sair de casa para assistir a um filme nacional. _____ os filmes têm dificuldade de conseguir muitas salas _____ não conseguem o sucesso que mereciam.

(Rubens Ewald Filho)

   a) e – assim – contudo – por isso;
   b) logo – pois – portanto – todavia;
   c) e – mas – por isso – e;
   d) pois – contudo – entretanto – mas.

4. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) A um secretário de escola foi dada a ordem de redigir um ofício para o prefeito da cidade com o seguinte conteúdo:
   I. Finalidade: pedido de conserto da parte hidráulica do prédio.
   II. Concessão: impedimento da regularidade das aulas.
   III. Tempo: o mais rápido possível.
   IV. Acordo: o previsto em reunião anterior.

Utilizando as conjunções e locuções conjuntivas subordinativas, o corpo do texto corretamente produzido deverá ser:

   a) Conforme o combinado em assembleia de junho/2000, solicitamos de V.Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola, em caráter de urgência, para que seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio. Embora os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração.

   b) Mesmo que não seja possível, solicitamos de V. Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola a fim de que seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio. Contanto que os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração já que foi combinado em assembleia de junho/2000.

   c) Se for possível, solicitamos de V. Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola à medida que a parte hidráulica do prédio seja consertada. Para que os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração, apesar do que foi combinado em assembleia de junho/2000.

d) Visto que é possível, solicitamos de V. Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola, posto que seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio. Conforme os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração, porquanto tenha sido combinado em assembleia de junho/2000.

5. (Esaf – Técnico Administrativo – 2004) Em relação ao texto, assinale a opção correta.

(...) Aliás, a sua perda na atmosfera colabora para o efeito estufa, **pois** seu contato com o oxigênio do ar produz uma queima incompleta, (...)

d) Não haveria alteração na relação sintática com a substituição de "pois" por qualquer um desses conectivos: *já que, porque, visto que, uma vez que, porquanto*.

6. (FAB – EEAR – Sargento da Aeronáutica – 2/2005) Observe as orações coordenadas sindéticas destacadas:

1. Ela sempre acende um cigarro, **e não fuma**.
2. Dormirei com dois cobertores, **pois a temperatura diminuirá ainda mais esta noite**.

A seguir, assinale a alternativa correta quanto a sua classificação, respectivamente.

a) adversativa – conclusiva.
b) aditiva – conclusiva.
c) aditiva – explicativa.
d) adversativa – explicativa.

7. (ITA – Vestibular – 2006) Considere as duas frases finais do texto, abaixo reproduzidas:

(1) Mas talvez os shoppings, mesmo os mais sofisticados, como o Iguatemi, tenham se tornado democráticos demais para o gosto da classe alta paulista.

(2) A cada pequeno entusiasmo econômico, logo a alvoroçada classe média da cidade resolve se intrometer aos bandos nas searas exclusivas dos muito ricos.

Nota-se que a frase (2) apresenta uma relação de sentido com a frase (1). Essa relação ficaria explicitada se a frase (2) iniciasse por:

a) apesar de que;
b) tanto assim que;
c) além disso;
d) por isso;
e) já que.

8. (Esaf – TCU – Analista de Controle Externo – 2006) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A conjunção "e" (Eles tentaram se libertar do pesadelo derivado de um dado histórico inequívoco: a voragem exterminista e genocida do capital e do capital financeiro em primeiríssimo lugar. E fracassaram.) pode ser substituída, sem prejuízo para a correção gramatical do período e para o sentido do texto, por **mas.**

9. (FAB – EEAR – Sargento – 2007) *"Conjunções (...) São vocábulos que existem para preencher as lacunas de pensamento de quem lê."* Assinale a alternativa que traz a correta sequência de conjunções que podem preencher os parênteses nos textos abaixo.

1. *"O átomo é um monumento à sabedoria humana.* (*) *Um dia poderá ser a lápide de sua insensatez."* (Henry Adams)
2. *"O que Deus fez em seis dias/ Eu desfaço em um/* (*) *Eu sou o lobo homem/ Devoro-me a mim mesmo."* (Aridjis)
3. *"A literatura deve ser vida.* (*) *O escritor deve ser o que escreve."* (Guimarães Rosa)

a) e – porque – por isso.
b) porque – portanto – e.
c) mas – como – porquanto.
d) por conseguinte – visto que – pois.

Fragmento de texto

"(...) que dizer de técnicos de futebol que vivem de terço na mão e medalhas de santos sob a camisa e que, em face de cada lance decisivo, as puxam para fora, as beijam e murmuram orações? Isso para não falar nos que consultam pais-de-santo e pagam promessas a Iemanjá. É como se dissessem: treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas, mas, independentemente disso, existem forças imponderáveis que só obedecem aos santos e pais-de-santo; são as forças do acaso.

***Mas** não se pode descartar o fator psicológico que, como se sabe, atua sobre os jogadores de qualquer esporte; (...)"*

10. (ITA – Vestibular – 2008) No penúltimo parágrafo, a conjunção **mas** estabelece com os demais argumentos do texto uma

relação de:
a) restrição;
b) adversidade;
c) atenuação;
d) adição;
e) retificação.

11. (FAB – EAGS – Sargento – 2008) Leia:
*Vem contemplar comigo o mar de minha saudade, **que em murmurantes ondas canta o amor perdido**.*
Tomando a oração destacada e substituindo **em** por **as** e **canta** por **cantam**, a oração resultante deverá ser classificada sintaticamente como:
a) subordinada adjetiva explicativa;
b) subordinada adjetiva restritiva;
c) coordenada conclusiva;
d) coordenada explicativa.

12. (Esaf – MPOG – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
*(...) Até a pouco tempo atrás, havia sérias dúvidas sobre a capacidade de arregimentação dessas empresas pelo governo chinês. A imagem predominante era a de que elas realizavam incursões esporádicas e oportunistas em vários mercados, sem objetivos comuns. A compra de parte do capital acionário da Rio Tinto, **entretanto**, passa a mostrar um alinhamento entre os interesses do Estado e os das estatais enquanto empresas, para assegurar o suprimento de commodities que sustente a rápida expansão econômica. (...)*
– O termo "entretanto" pode, sem prejuízo para a informação original do período, ser substituído por qualquer um dos seguintes: *porém, contudo, todavia, conquanto, porquanto*.

13. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
*Chegou-se a dizer que esse é um meio elitizado, utilizado apenas pelas classes A e B. **Mas** uma pesquisa mostra que as classes C e D utilizam amplamente a internet. No ano passado, os brasileiros compraram mais computadores (10,5 milhões de unidades) **do que televisores**.*
– O termo "Mas" insere no texto uma relação de comparação.

14. (Cesgranrio – PROMINP – Administrador de PDMS – 2010) Considere o texto para verificar em que situações a substituição do **se** por **mesmo que** garante a equivalência de sentido entre os enunciados em destaque.
I. Ficaria fácil escorrer os grãos **se a bacia para lavar o arroz tivesse furinhos**. (**mesmo que a bacia para lavar o arroz tivesse furinhos**).
II. A explosão só acontece **se há acúmulo de gás dentro da cozinha**. (**mesmo que haja acúmulo de gás na cozinha**).
III. **Se o gás vazasse**, saía para o ambiente externo. (**mesmo que o gás vazasse**).
Há equivalência **APENAS** no apresentado em:
a) I;
b) II;
c) III;
d) I e II;
e) II e III.

15. (Esaf – CVM – Agente Executivo – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
*Onde as sociedades são mais justas, equilibradas, honestas e onde as necessidades sociais são mais satisfeitas, há menor risco para a atividade jornalística. Com esse cenário, os governos são mais honestos e o Estado é mais transparente; as empresas privadas menos corruptas e corruptoras e os cidadãos mais íntegros. Com isso, a atividade jornalística é mais segura e não necessita ir a fundo e substituir as tarefas delegadas ao Judiciário, à política e à polícia. Nem cobrar do Estado, por meio de estratégias investigativas que, para chegar à denúncia, envolvem o risco físico dos repórteres e jornalistas em geral. **Assim**, onde há mais corrupção em vários níveis do Estado e onde os negócios públicos são mais obscuros, envolvendo setores privados, todo bom jornalista corre mais risco, **porque** ele é o último recurso da voz pública, do cidadão, da esperança.*
I. O termo "Assim" confere ao período a noção de conclusão.
II. O termo "porque" confere ao período a noção de condição.

16. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou

incorreta?

– Provoca-se erro gramatical ou incoerência ao ligar os dois últimos períodos sintáticos (A evolução da renda *per capita* dependia das taxas de natalidade e mortalidade. A renda *per capita* da Inglaterra começou a crescer descolada da demografia...), pela conjunção **porquanto**, escrevendo o artigo em "A renda" com letra minúscula.

17. (Esaf – SMF/Pref. RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O termo "como" (Reduzir tudo a efeito natural da atual crise é simplismo. Flagelos assim são como os desastres de avião: sempre têm múltiplas causas.) indica que "desastres de avião" se dão por causa de "flagelos".

18. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2010) Em "Não minta para você, essa é a forma mais rápida de se perder.", relacionando a 2ª oração com a 1ª, o conectivo que **NÃO** poderia introduzir a 2ª oração, por provocar alteração do sentido inicial, é:

a) porquanto;
b) que;
c) pois;
d) logo;
e) porque.

19. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Para que a cobertura mínima oferecida pelos planos de saúde aos seus segurados inclua as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente, a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) acrescentou 73 novos procedimentos à lista de exames, consultas, cirurgias e outros serviços que as operadoras são obrigadas a oferecer.

– O termo "Para que" confere ao período em que ocorre a ideia de finalidade.

20. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

*(...) A advertência vale para o Brasil, **embora** as causas do nosso déficit sejam diferentes das da União Europeia. (...)*

– Mantém-se a correção gramatical do período e as informações originais ao se substituir "embora" por qualquer um dos seguintes termos: *conquanto, se bem que, apesar de que, contanto que, consoante.*

21. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) Assinale a opção que ao substituir a oração sublinhada, no texto abaixo, provoca erro gramatical e/ou incoerência textual.

Sem vitória ou derrota, na comparação entre o pré e o pós-crise, a turbulência financeira que abalou o mundo trouxe perdas ao Brasil, mas no decorrer de 2009 os prejuízos foram recuperados e, se o país não cresceu, conseguiu ao menos fazer com que importantes indicadores econômicos e sociais empatassem com os que eram registrados em 2008 – ano do pico de desenvolvimento brasileiro.

a) caso o país não cresceu.
b) apesar de o país não crescer.
c) mesmo o país não crescendo.
d) embora o país não crescesse.
e) ainda que o país não tenha crescido.

22. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "O diabo é **que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar**." (L. 10-11)

Na linha argumentativa do texto, a oração "que a gente banaliza o olhar" em relação à oração "de tanto ver" encerra uma:

a) causa;
b) consequência;
c) conformidade;
d) condição;
e) concessão.

23. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) A conjunção/locução conjuntiva entre parênteses que **NÃO** expressa a mesma relação de sentido da conjunção/locução conjuntiva destacada é:

a) "assim como não estamos aqui," (l. 5-6) – (bem como)
b) "...quando procuramos estar com alguém," (l. 8) – (sempre que)
c) "...porque gostamos," (l. 9-10) – (ao passo que)
d) "...para que elas venham até você." (l. 25) – (a fim de que)
e) "mas quem estava procurando por você!" (l. 27-28) – (porém)

24. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) *É certo* **que** *a mudança do enfoque sobre o tema, no*

âmbito das empresas – principalmente, as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos de postura administrativa decorrentes da adoção de critérios de responsabilização penal da pessoa jurídica em seus países de origem. Tais mudanças, inevitavelmente, terão **que** *abranger as práticas administrativas de suas congêneres espalhadas pelo mundo, a fim de evitar respingos de responsabilização em sua matriz.* (L.21-30)

No trecho acima, as ocorrências da palavra QUE classificam- se, respectivamente, como:

a) pronome relativo e preposição;
b) conjunção integrante e preposição;
c) conjunção integrante e conjunção integrante;
d) pronome relativo e conjunção integrante;
e) preposição e pronome relativo.

25. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) A articulação lógica entre as ideias expressada pelo emprego de conectivos em um texto é um fator de coerência. No trecho do Texto II "No trabalho, em que a comunicação pode custar dinheiro **ou** mesmo o sucesso profissional, um *e-mail* deve ser redigido com toda a atenção para não dar margem a mal-entendidos." (l. 14-17), o termo em destaque introduz, em relação à parte inicial, a ideia de:

a) alternância;
b) comparação;
c) conclusão;
d) contraste;
e) proporção.

26. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) Um dos aspectos responsáveis por garantir a coerência textual é a relação lógica que se estabelece entre as ideias. Essa relação pode ser explicitada por conectores ou estar implícita na sequência textual. No trecho a seguir, estabelece-se uma relação lógica implícita entre os dois períodos.

Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas de escrita nos faça escrever melhor. Escrever, como ler, só será efetivamente um hábito qualificado se feito com prazer.

Essa relação lógica entre os dois períodos pode ser expressa por:

a) embora;
b) por conseguinte;
c) à medida que;
d) a fim de que;
e) sempre que.

27. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) A relação lógica estabelecida entre as ideias do Texto IV, por meio da palavra ou da expressão destacada, está exemplificada corretamente em:

a) conclusão: "[...] algo que a humanidade vem fazendo há milhares de anos, desde que precisou sobreviver e viver melhor em ambientes diversos [...]" (l. 4-6)
b) temporalidade: "A Era do Virtual é um caminho para essa perspectiva múltipla, e a mobilidade é um meio para o alcance da liberdade de expressão [...]" (l. 16-19)
c) comparação: "Tal comportamento independe do que pensamos estar certo ou errado, pois este binômio não é mais aplicável com uma solução razoável." (l. 27-29)
d) causalidade: "[...] ampliando o espectro de conhecimentos dos alunos – uma vez que as instituições físicas, apenas mundo real, não serão mais capazes de fazer." (l. 33-36)
e) condição: "[...] os conteúdos não são mais simplesmente empacotados do professor para os alunos; mas são conteúdos que permitem a produção de parcelas enormes de contribuições pelo estudante." (l. 46-49)

28. (FCC – TRE/RN – Analista Judiciário – 2011) *Mal sugeria imagem de vida*
(Embora a figura chorasse).

É correto afirmar que a frase entre parênteses tem sentido:

a) adversativo;
b) concessivo;
c) conclusivo;
d) condicional;
e) temporal.

29. (FAB – EPCAR – 2011/2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– "Inimaginável responder de forma mal educada aos mais velhos, professores <u>ou</u> autoridades..." (O conectivo sublinhado estabelece uma relação de inclusão entre os termos.)

30. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Considere o texto abaixo.

A teoria econômica evoluiu muito desde 1776, quando Adam Smith, em célebre obra investigou as causas das riquezas das nações. A teoria mostrou como funcionam os mercados, o papel da produtividade, as formas de aumentá-la e a função das instituições. Contribuiu, assim, para a formulação das políticas que trouxeram mais desenvolvimento e bem-estar. No Brasil, os economistas também contribuem para o desenvolvimento. Acontece que, ***se*** *defenderem reformas em favor das maiorias, que causam perdas a minorias, os economistas serão rotulados de socialmente insensíveis.* ***Quando*** *um médico prescreve um tratamento, o objetivo é o bem-estar do paciente. Ninguém dirá que ele planeja o sofrimento. Mas, se os economistas sugerem medidas de austeridade para resolver desequilíbrios e restabelecer o crescimento sustentável, diz-se que eles propugnam ações para promover a recessão, o desemprego e a destruição de conquistas sociais. O receituário do médico incorpora esperança e simpatia, pois se sabe que o objetivo dele é a cura da doença.* ***Sua ação*** *é mais percebida por todos. A expectativa maior é de êxito. O diagnóstico é mais preciso, especialmente com os avanços da tecnologia.* ***O economista*** *não tem essas vantagens.* ***No tratamento*** *de crises, lida com incertezas, complexidades e situações inéditas. Os economistas tendem a errar mais que os médicos, mas seu foco jamais será a recessão pela recessão ou a austeridade sem propósito.*

Preserva-se a coerência entre os argumentos do texto, bem como sua correção gramatical, ao:

a) empregar um conectivo de valor condicional, como Se, em lugar de "Quando";
b) substituir a conjunção condicional "se" pelo conectivo caso;
c) explicitar o valor explicativo da oração, inserindo a conjunção pois para ligar a oração iniciada por "Sua ação" com a anterior, mudando para minúscula a letra inicial de "Sua";
d) ligar as orações iniciadas por "O economista..." e "No tratamento", em um mesmo período sintático, retirando o ponto final e mudando para minúscula a letra inicial maiúscula de "No";
e) inserir a conjunção Embora no início do último período sintático do texto, mudando para minúscula a letra inicial de "Os".

31. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção em que o preenchimento da lacuna com o conectivo abaixo resulta em erro gramatical ou incoerência textual no seguinte fragmento.

A dívida pública brasileira é uma velha herança. ____a)_____ aumentou consideravelmente nos anos 80, ____b)_____ os juros internacionais subiram muito. Mais de 40 países foram arrastados pela crise da dívida, a partir de 1982. ____c)____ seus governos foram capazes de reorganizar as contas públicas e de reduzir o peso da dívida. ____d)____ o Brasil continuou prisioneiro do endividamento inflado naquele período e, além disso, permitiu o aumento de seu peso nos anos seguintes. ____e)____, a carga tributária brasileira é maior que a de todos ou quase todos os países emergentes e até mais pesada que a de algumas economias avançadas, como os EUA e o Japão.

a) Portanto;
b) quando;
c) Porém;
d) Mas;
e) No entanto.

32. (FCC – Pref./SP – Auditor-Fiscal do Município – 2012) *O desenvolvimento corresponde a uma matriz endógena, gerada em nossas próprias sociedades, e [que] portanto não é possível importar.*

Propõe-se outra redação para a frase acima, a ser iniciada com "Não é possível importar o desenvolvimento...". Para que o sentido e a correção originais sejam mantidos, a conexão desse início com o segmento destacado deve ser feita mediante o uso de:

a) contudo;
b) dado que;
c) se bem que;
d) no caso de;
e) onde.

33. (FCC – TRF (2ª R) – Técnico Judiciário – 2012) *Os resultados preocupam. É indiscutível que a prática de esportes, associada a uma alimentação regrada, está diretamente ligada a uma vida mais saudável.*

Transformando as duas afirmativas acima em um só período, com as alterações necessárias, a conjunção que deverá uni-las está grifada em:

a) Os resultados preocupam, pois é indiscutível ...
b) Os resultados preocupam, contanto que seja indiscutível ...
c) Os resultados preocupam, caso seja indiscutível ...

d) Os resultados preocupam, porém é indiscutível ...
e) Os resultados preocupam, para que seja indiscutível ...

34. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) Com o tempo se desenvolveram dentro da modalidade dois tipos de mamulengos. O rural é o mais tradicional, que conserva figuras alegóricas bíblicas, como a alma e o diabo, e cujo universo social reproduz os hábitos cotidianos, os valores culturais, os conflitos entre os humildes e as autoridades nas fazendas e povoados. *Já o mamulengo urbano adota novas personagens e circunstâncias relacionadas à dinâmica das cidades e do tempo e mantém um enredo, embora não abra mão do improviso*. (último parágrafo)

As palavras grifadas acima denotam, considerando-se o contexto em que se apresentam, respectivamente, noção de:
a) consequência da afirmativa anterior e conformidade com o fato expresso no mesmo segmento;
b) comparação com a declaração anterior e conclusão coerente para o que está sendo afirmado;
c) causa que justifica a declaração anterior e sua consequência imediata;
d) temporalidade e oposição ao que vem sendo expresso no parágrafo;
e) oposição ao que foi expresso na afirmativa anterior e ressalva que não invalida a declaração feita.

35. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) *Victor fracassou porque cedeu a uma predisposição da natureza humana...*

O elemento grifado na frase acima tem o mesmo sentido de:
a) ainda que;
b) conquanto;
c) enquanto;
d) embora;
e) uma vez que.

36. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) Atente para estas frases, do 5º parágrafo do texto:
I. Não podemos contar com a sorte.
II. Daqui para frente, preservar é suor.

Para articulá-las de modo a preservar o sentido do contexto, será adequado uni-las por intermédio deste elemento:
a) no entanto;
b) ainda assim;
c) haja vista que;
d) muito embora;
e) por conseguinte.

37. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) *Com o avançar da idade, eles precisam de mais cálcio e vitaminas...*

Iniciando o período por **Eles precisam de mais cálcio e vitaminas**, o segmento grifado poderá passar corretamente a:
a) à medida que a idade vai avançando:
b) conquanto a idade avance;
c) se a idade for avançando;
d) ainda que a idade vá avançando;
e) em comparação à idade que avança.

38. (FCC – TCE/AP – Técnico de Controle Externo – 2012) *Preços mais altos proporcionam aos agricultores incentivos para produzir mais, o que torna mais fácil a tarefa de alimentar o mundo. Mas eles também impõem custos aos consumidores, aumentando a pobreza e o descontentamento.* (início do 2º parágrafo)

A 2ª afirmativa introduz, em relação à 1ª , noção de:
a) condição;
b) temporalidade;
c) consequência;
d) finalidade;
e) restrição.

39. (Cesgranrio – CMB – Assistente Técnico – 2012) Em um texto, as frases relacionam-se umas com as outras, estabelecendo entre si relações que contribuem para a construção do sentido do texto. Essas relações podem não ser explicitadas por meio do uso de um conectivo, como é o caso das duas frases do fragmento abaixo.

"Fui logo dizendo que não tinha, certa de que ele estava pedindo dinheiro. Não estava." (L. 2-4)

A relação construída entre essas duas frases pode ser expressa, sem alteração de sentido, pelo seguinte conectivo:

a) onde;
b) como;
c) contudo;
d) portanto;
e) conforme.

40. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) No quarto período do primeiro parágrafo, a conjunção "Enquanto" introduz oração de valor consecutivo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – PEFOCE/CE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) No segundo parágrafo, destaca-se o início de períodos com ideias de natureza adversativa, por meio das expressões "No entanto", "Porém" e "Entretanto".
( ) CERTO
( ) ERRADO

42. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Fragmento de texto
Escrevi para ele dizendo que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust quando fiz o livro, porque o diabo do homem só faltou me chamar de representante comercial deles.
No terceiro período do texto, a oração iniciada pelo conector "quando" e a iniciada pelo conector "porque" indicam, respectivamente, as circunstâncias de tempo e causa relacionadas ao fato expresso na oração "que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust".
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
O cientista político Phillippe Schmitter argumentou que, embora a situação europeia seja singular, seu progresso para além do Estado nacional tem uma pertinência mais genérica, pois "o contexto contemporâneo favorece...

43. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) O conector "embora" introduz um conteúdo que, mesmo sendo contrário à proposição contida no trecho "seu progresso para além do Estado nacional tem uma pertinência mais genérica", não a invalida.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
" (...) O cientista político Phillippe Schmitter argumentou que, embora a situação europeia seja singular, seu progresso para além do Estado nacional tem uma pertinência mais genérica, **pois** "o contexto contemporâneo favorece sistematicamente a transformação dos Estados em *confederatii, condominii* ou *federatii*, numa variedade de contextos".

44. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) O conector "pois" introduz ideia de consequência no trecho em que ocorre.
( ) CERTO
( ) ERRADO

45. (Cesgranrio – Petrobras – Analista de Sistemas Júnior – 2012) As seguintes orações "Não ri nem sequer sorri." (l. 43-44) e "Não faz uma pirueta." (l. 44) podem ser reescritas em um único período, sem alteração de sentido em:
a) Não ri nem sequer sorri, mas não faz uma pirueta.
b) Embora não ria nem sequer sorria, não faz uma pirueta.
c) Não ri nem sequer sorri, e não faz uma pirueta.
d) Caso não ria nem sequer sorria, não faz uma pirueta.
e) Não ri nem sequer sorri, porém não faz uma pirueta.

46. (Cespe/UnB – TJ/RR – Cargos de Nível Médio – 2012) Mantêm-se a correção gramatical e as informações originais do período ao se substituir o conectivo "pois" por **já que, uma vez que, porquanto, visto que** ou **porque**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
Título: EXCLUSÃO SOCIAL E VIOLÊNCIA
O acentuado crescimento da violência no Brasil, todos sabemos, tem como causa uma série de determinantes institucionais e

fatores sociais... (...) A injustiça social, portanto, tem contribuído para o atual quadro de violência e de desumanidade, ao tempo em que tem transformado a liberdade de ir e vir numa utopia para os excluídos da sociedade.

47. (CEPERJ – Degase – Psicólogo – 2012) No título, emprega-se a conjunção aditiva "e" para ligar "exclusão" à "violência". A leitura global do texto, entretanto, revela que não se trata de uma adição. A relação que o autor estabelece entre exclusão e violência, na verdade, é de:
a) causalidade;
b) proporcionalidade;
c) temporalidade;
d) adversidade;
e) finalidade.

48. (Vunesp – CREFITO/SP – Secretário da Presidência – 2012) Leia as frases.
I. As novas regras integram um pacote de medidas que o governo estuda ***para melhorar*** o acesso a serviços de diagnóstico.
II. O governo também quer incentivar cursos de capacitação de técnicos – que, ***segundo*** o ministro, são parte importante na qualidade do resultado do exame.
As expressões em destaque estabelecem, correta e respectivamente, relação de:
a) finalidade e conformidade;
b) causa e condição;
c) finalidade e consequência;
d) adversidade e adição;
e) temporalidade e conformidade.

49. (FDC – Câmara Mun. Duque de Caxias/RJ – Técnico Legislativo – 2012) Altera-se o sentido fundamental de: "Mas, por importante que seja, essa informação pontual não é tudo" (§ 2) reescrevendo-se a oração entre vírgulas como:
a) importante que seja;
b) conquanto muito importante;
c) sendo embora muito importante;
d) por mais que importante;
e) por ser muito importante.

Fragmento de texto
"(...) A quantidade de livros ruins é uma grandeza, e são famosos os casos de clássicos ou de best-sellers que foram recusados por editora após editora até, finalmente, chamarem a atenção de alguém mais antenado. Ainda assim, um mundo sem editoras seria um caos para nós, leitores, que passaríamos mais tempo peneirando erros do que encontrando acertos. (...)"

50. (FDC – Câmara Mun. Duque de Caxias/RJ – Técnico Legislativo – 2012) Na linha de argumentação desenvolvida no texto, a locução destacada em: "AINDA ASSIM, um mundo sem editoras seria um caos para nós, leitores" pode ser substituída, sem que o sentido do enunciado se altere, por:
a) Sem dúvida;
b) Outrossim;
c) Por isso mesmo;
d) Não obstante;
e) Haja vista.

"(...) Faz parte da nossa cultura gostar do local onde nascemos e vivemos, as pessoas são apegadas as suas cidades e querem que haja eventos nela. Só que esse sentimento saudável se transforma numa armadilha contra a própria população. (...)"

51. (FIOCRUZ – EPSJV – Técnico (Ensino Médio) – 2011/2012) No trecho "<u>Só que</u> esse sentimento saudável se transforma numa armadilha contra a própria população", a expressão sublinhada liga ideias. Para que mantenha o sentido apresentado no texto, ela pode ser substituída por:
a) mas;
b) embora;
c) apesar de;
d) e também;
e) pois.

Gabarito

1. E.	12. INCORRETO.	22. B.	32. B.	42. ERRADO.
2. A.	13. INCORRETO.	23. C.	33. A.	43. CERTO.
3. C.	14. C.	24. B.	34. E.	44. ERRADO.
4. A.	15. I- CORRETO. II- INCORRETO.	25. A.	35. E.	45. C.
5. D.	16. CORRETO.	26. B.	36. E.	46. CERTO.
6. D.	17. INCORRETO.	27. D.	37. A.	47. A.
7. E.	18. D.	28. B.	38. E.	48. A.
8. CORRETO.	19. CORRETO.	29. CORRETO.	39. C.	49. E.
9. A.	20. INCORRETO.	30. A.	40. ERRADO.	50. D.
10. D.	21. A.	31. A.	41. CERTO.	51. A.
11. D.				

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 16

Interjeição

Definição

Do ponto de vista semântico, a interjeição pode apresentar muitos valores. Basicamente a interjeição exprime determinados estados emocionais altissonantes, sensações ou estados de espírito do falante. Como as conjunções, as interjeições podem ser classificadas de acordo com a expressividade ou o sentimento que traduzem.

Do ponto de vista morfológico, a interjeição é uma palavra que não muda de forma, portanto é invariável.

Do ponto de vista sintático, a interjeição não exerce função sintática alguma.

Pois bem... para entendermos todas as definições de interjeição, vamos analisar este poema:

INTERJEIÇÃO

Ah! Lá vem ela bela
Oh! Ri meu coração de satisfação
Olá! Dizem meus lábios a ela
Olé! Diz a presença a solidão.

Avante! Avante! Coragem! Coragem!
Cala meu medo, fala meu coração
Viva! Que maravilha de paisagem
Psiu! É ela chamando minha atenção.
Chi! Tomou-me paixão
Pudera! Estava diante de meu desejo
Silêncio! Era demais a emoção
Bis! Acabara de receber um beijo.

Te amo, disse sua boca
Não resisti à vontade louca
Gritei alto: **oooooooooooooba!**
(*Karl Marx Valentim Santos*)

Note que os vocábulos em azul são interjeições, pois

1) apresentam, respectivamente, **valores semânticos** de admiração/alegria, admiração/desejo, saudação/chamamento, satisfação, encorajamento (todas as palavras do 5º verso), alegria, chamamento, espanto/surpresa, expectativa, ordem, pedido, alegria/excitação;
2) **não variam** de forma (*oba* variou de forma por razões estilísticas, uma vez que se trata de um poema);
3) **não exercem função sintática** alguma, exceto "oooooooooooooba!", que, por servir de complemento do verbo *gritar*, se torna um substantivo.

Identificação

A **interjeição** é facilmente identificada porque é uma palavra seguida de ponto de exclamação (!). E, ainda que isso não ocorra, a entonação sempre indicará um sentimento expresso por ela.

– ***Meu Deus!*** *é um anjo aquela menina!**

– ***Ah****, mulheres fúteis, quando ireis mudar vossa postura****?***

– ***Ih****... elas não vão sequer te cumprimentar.*

* **Obs**.: Depois de interjeição seguida de exclamação numa frase igualmente exclamativa, usa-se letra minúscula após o ponto.

Qualquer palavra proferida em tom exclamativo, como substantivo, adjetivo, pronome, verbo e advérbio, pode-se tornar uma interjeição:

– *Cuidado!, Atenção!, Silêncio!, Rua!, Céus!, Misericórdia! etc.*

– *Boa!, Bravo!, Coitado!, Ótimo!, Grato! etc.*

– *Nossa!, Isso!, Qual! etc.*

– *Tomara!, Morra!, Pudera!, Viva!, Passa! etc.*

– *Devagar!, Fora!, Francamente!, Alerta! etc.*

Locução Interjetiva

Assim como todas as locuções, a **locução interjetiva** é uma expressão que vale por uma interjeição. Veja algumas:

Meu Deus!, Meu Deus do céu!, Santo Deus!, Jesus Cristo!, Nossa Senhora!, Valha-me Deus!, Pelo amor de Deus!, Virgem Maria!, Nossa mãe!, Graças a Deus!, Eita-ferro!, Ora bolas!, Bom dia!, Vapt-vupt!, Vuco-vuco!, Macacos me mordam!, Pelas barbas do profeta!, Raios te partam!, Cruz-credo!, Puxa-vida!, Muito bem!, Alto lá!, Ai de mim!, Ó de casa!, Ô de casa!, Muito obrigado!, Que bom!, Pobre de mim!, Que droga!, Que horror!, Credo em cruz!, Com todos os diabos!, Que diabos!, Quem dera! etc.

Classificação

A classificação de uma interjeição se dá por seu valor semântico no contexto. Na fala, a entonação "diz tudo".

- **Aplauso, louvação:** *bis!, bem!, bravo!, viva!, fiufiu!, hup!, hurra!, isso!, muito bem!, parabéns!*
- **Afugentamento**: *arreda!, fora!, passa!, sai!, roda!, rua!, toca!, xô!, xô pra lá!*
- **Advertência**: *alerta!, cuidado!, alto lá!, calma!, olha!, fogo!*
- **Alegria**: *oba!, eba!, viva!, oh!, ah!, uhu!, eh!, gol!, que bom!, iupi!, irra!*
- **Apelo**, **invocação**: *alô!, olá!, ó!*
- **Alívio**: *ufa!, uh!, ah!, ainda bem!, arre!*
- **Animação, estímulo**: *coragem!, avante!, firme!, vamos!, eia!*
- **Aprovação**: *bravo!, bis!, viva!, muito bem!*
- **Admiração**: *ah!, chi!, xi!, ih!, oh!, uh!, uf!, ué!, puxa!, uau!, caramba!, caraca!, putz!, gente!, céus!, uai!, horra!, nossa!*
- **Agradecimento**: *graças a Deus!, obrigado!, obrigada!, agradecido!*
- **Aprovação, concordância**: *ok!*
- **Chamamento, invocação**: *alô!, hei!, olá!, psiu!, pst!, socorro!, oi!, ei!, eh!, ô!*
- **Desculpa**: *perdão!*
- **Desejo**: *oh!, tomara!, pudera!, queira Deus!, quem me dera!, oxalá!*
- **Despedida**: *adeus!, até logo!, bai-bai!, tchau!*
- **Dor** ou **prazer**: *ai!, ui!, au!*
- **Dúvida**: *hum?, hein?, hem?, hã?*
- **Desapontamento, desprezo**: *puxa!, aff!*
- **Espanto**: *uai!, hi!, ali!, ué!, ih!, oh!, poxa!, quê!, caramba!, nossa!, opa!, Virgem!, xi!, vixi!, terremoto!, barbaridade!, meu Deus!, menino Jesus!, Jesus!*
- **Estímulo**: *ânimo!, adiante!, avante!, eia!, coragem!, firme!, força!, upa!*
- **Impaciência**: *hum!, hem!, raios!, diabo!, puxa!, pô!*
- **Medo**: *credo!, cruzes! uh!, ui!, socorro!*
- **Ordem**: *silêncio!, alto!, basta!, chega!, quietos!, rua!*
- **Saudação**: *ave!, olá!, ora viva!, salve!, viva!, adeus!, alô!, oi!*
- **Saudade**: *ah!, oh!*
- **Silêncio, ordem**: *psiu!, silêncio!, calada!, psiu! (bem demorado), psit!*
- **Surpresa**: *puxa!, nossa!, ué!, putz!, ai!, ui!, meu Jesus!, meu Deus!, caramba!, pô!, cacete!, uau!*
- **Suspensão**: *alto!, alto lá!*
- **Terror**: *credo!, cruzes!, Jesus!, que medo!, uh!, ui!, fogo!, barbaridade!*

Cuidado!!!

1) A interjeição é considerada **palavra-frase**, caracterizando-se como uma estrutura à parte. Não desempenha função sintática. Ex.: *Perdão! = Desculpe-me!*

2) Ah, é importante dizer também que muitas onomatopeias são interjeições: *Bum!, Pou!, Pluft!, Tibum!, Atchim!, Buá!, Pum!...*

3) Os palavrões (palavras de baixo calão) são interjeições! Preciso mencionar alguns?

4) Usa-se a interjeição *ó* como apelo, chamamento, em vocativos: "Ó Deus, olhe por mim!". Usa-se *oh* para exprimir admiração, alegria, tristeza etc.: "Oh, Deus, que bom!".

5) As interjeições *tomara* e *oxalá* levam o verbo ao subjuntivo: "*Oxalá/Tomara* ele me deixe em paz!".

Valor Discursivo

As interjeições são usadas com muita frequência na língua falada informal. Mas, quando empregadas na língua escrita, costumam "contaminar" o texto com marcas de coloquialidade.

Além do mais, elas podem muitas vezes indicar traços pessoais do locutor ou do interlocutor intratextual, indicando a escassez de vocabulário, o temperamento, a origem geográfica, o nível social etc.

Normalmente nos diálogos de textos narrativos, as interjeições têm o objetivo de caracterizar personagens e, muitas vezes, tornar o discurso mais dinâmico. Isso ocorre muito hoje em dia no "internetês" por causa de sua natureza sintética e por causa de seu conteúdo mais emocional do que racional.

Dois gêneros textuais que abusam flagrantemente das interjeições são os textos publicitários e os quadrinhos, pois se associam imagens às exclamações expressas por essa classe gramatical.

Como a fala é muito criativa, já vemos as interjeições sofrendo variação em grau: *oizinho!, bravíssimo! até loguinho!*.

O Que Cai Mais na Prova?

Você só precisa saber o conceito de interjeição, identificá-la e perceber seu valor semântico. Nada mais que o básico. Questões sobre interjeição são quase impossíveis de encontrar. No entanto, juro que me esforcei e encontrei algumas perdidas no *limbo*.

Questões de Concursos

1. (Mackenzie – Vestibular – 2006) Considere a seguinte afirmação acerca dos sentidos em que são empregadas algumas palavras e expressões no texto.
   I. *Oi* (... o meu coração a pulsar. Oi, a pulsar.) é interjeição que apresenta significado equivalente ao de "Olá".

2. (Vunesp – Pref. Louveira/SP – Inspetor de Alunos – 2007) Na sequência dos quadrinhos, o personagem Cebolinha, por intermédio de expressões faciais, comunica ao leitor reações de:
   a) sossego e felicidade;
   b) alegria e espanto;
   c) raiva e tranquilidade;
   d) indiferença e irritação;
   e) susto e alívio.

3. (UFMT – Pref. Cuiabá/MT – Procurador Municipal – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
Não entendo nada de mulher, claro. (...) As que têm cintura – a-há! – têm mais saúde. (...)
- O uso de interjeições como *a-há!* e *claro* caracteriza o registro formal adotado para o texto.

Fragmento de texto
(...) Passado o teste, fui encaminhada para a cadeira astronáutica do banco de sangue. Passaram o garrote no meu braço, e o olho da enfermeira faiscou ao ver a veia saltar. – Hummmm... Calibrosa! – disse ela, já chamando a colega do lado para dar uma olhada. As duas trocaram sorrisos interessados. (...) prometi voltar para doar plaquetas. Voltei. Doar plaquetas é outro capítulo. (...) Foi lá que recebi outro cumprimento esdrúxulo: – Hummmmm... Plaquetuda!

4. (Funcab – Sesau/RO – Técnico em Informática – 2009) A interjeição usada pela enfermeira denota:
   a) preocupação;
   b) cautela;
   c) admiração;
   d) temor;
   e) inexperiência.

Copyright © 2001 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

5. (ULBRA – Vestibular – 2011) No primeiro quadrinho, a palavra “Puxa” contribui para o efeito de sentido de toda a tirinha. Assinale a alternativa que explica a função gramatical dessa palavra.
a) Trata-se de aposto, porque “Puxa” está separado por vírgula.
b) Trata-se de uma gíria que introduz apenas situações de alegria.
c) Trata-se de uma interjeição que exprime surpresa.
d) Trata-se de um vocativo.
e) Trata-se de uma onomatopeia.

6. (UNIUV – Câm. Gen. Carneiro/PR – Auxiliar de Serviços Gerais – 2011) As interjeições exprimem emoções ou estados de espírito. Indique a interjeição que não condiz com a emoção apresentada:
a) Oxalá – desejo;
b) Ora! – reprovação;
c) Arre! – alívio;
d) Ué! – afugentamento;
e) Ave! – saudação.

7. (FGV – SEFAZ/RJ – Analista de Controle Interno – 2011) Em relação à expressão *Putz!*, enunciada pelo menino, analise as afirmativas a seguir:
I. Constitui exemplo de palavra formada por onomatopeia.
II. Classifica-se como interjeição.
III. É exemplo de estrangeirismo.
Assinale:
a) Se apenas a afirmativa III estiver correta.
b) Se apenas a afirmativa I estiver correta.
c) Se todas as afirmativas estiverem corretas.
d) Se apenas a afirmativa II estiver correta.
e) Se nenhuma afirmativa estiver correta.

8. (RCV Concursos – Pref. Coronel Vivida/PR – Auxiliar de Odontólogo – 2012) “*Ufa! Até que enfim terminei a prova!”.* A palavra sublinhada pertence à classe gramatical:
a) das conjunções;
b) das onomatopeias;
c) dos verbos;
d) dos advérbios;
e) das interjeições.

Gabarito

1. INCORRETO.	5. C.
2. E.	6. D.
3. INCORRETO.	7. D.
4. C.	8. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 17

Sintaxe

Sintaxe é a parte da gramática que trata da **ordem**, da **relação** e da **função** das palavras **na frase**.

Observe a seguinte frase:

Pestana alunos os do próximo classificarão o se concurso para ano neste.

Ahn? Estranha, não? Adivinha por quê? "Ah, Pestana, deve ter alguma coisa a ver com a sintaxe.". Não tenha dúvidas, nobre leitor(a). Leia de novo acima a definição de sintaxe. Percebeu?

A definição acima diz: "... trata da **ordem**...", e ***ordem*** é sinônimo de ***organização***. Logo, você já chegou à conclusão desejada por mim: as palavras estão fora de... **ordem, ou sequência** – mais do que isso, elas estão tão embaralhadas que nem chegam a refletir a estrutura sintática da nossa língua. Ou seja, uma frase não é um mero ajuntamento de palavras. Ninguém fala "Bebi ela Coca-Cola uma com.", mas sim "Eu bebi uma Coca-Cola com ela.". Até aí, tudo bem, certo?

Colocando-as na **ordem** (usual, comum, normal) sintática da língua portuguesa, veja se não ficaria assim:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Perfeito! Em outras palavras, os falantes da língua organizam as palavras mentalmente antes de formar frases; **normalmente** segue-se esta ordem: sujeito, verbo, complemento e adjunto (S V C A), chamada de **ordem direta**. Foi o que fiz.

Bem, o primeiro passo já foi cumprido: fazer você entender que a sintaxe da língua envolve a disposição, a sequência, a organização das palavras dentro da frase. Foi? Maravilha! Vamos para o segundo passo.

Percebeu que determinadas palavras ficaram juntas de outras, formando uma espécie de grupo/conjunto de palavras? Note o primeiro grupo (ou sintagma):

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Note agora o segundo grupo:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Note o terceiro:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Por fim, o quarto:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Bem, a pergunta que não quer calar: "Tá, e aí, Pestana?"

Por que as palavras foram divididas em grupos (ou sintagmas)? Simples! Algumas inexoravelmente mantêm **relações** com outras, logo não podem vir desvinculadas. Vou explicar melhor. Se alguém perguntasse para você assim: "Aluno(a), quem 'se classificará para o próximo concurso neste ano'?". O que você responderia? "Os", ou "alunos", ou "do", ou "Pestana", ou "Os alunos do Pestana."?

Certamente seria esta sua resposta: "Os alunos do Pestana.". Adivinha por quê? A resposta é que as palavras mantêm uma **relação** entre si de modo que formam pequenos grupos (ou sintagmas). Ok? Está acompanhando? Então, continue.

Por fim, a **função** das palavras na frase, ou seja, a famosa função ou classificação sintática dos termos da oração. Para os concursos, você tem de saber os nomes que são dados para classificar as funções que as palavras (ou os grupos de palavras) exercem na frase.

Você já teve aula disso alguma vez em sua vida, por isso, voltando para a frase exemplar, observe que o S é o sujeito, o V é o verbo, o C é o complemento e o A é o adjunto adverbial. Veja:

Os alunos do Pestana (S) se classificarão (V) para o próximo concurso (C) neste ano (A).

Acabamos de fazer uma breve análise sintática dos termos dessa frase. Percebeu? É importante dizer também que os grupos de palavras (sintagmas) podem estar invertidos na frase:

Para o próximo concurso (C) neste ano (A) os alunos do Pestana (S) se classificarão (V).

ou

Neste ano (A) os alunos do Pestana (S) se classificarão (V) para o próximo concurso (C).

ou

Para o próximo concurso (C), neste ano (A), classificar-se-ão (V) os alunos do Pestana (S).

ou

Os alunos do Pestana (S), neste ano (A), se classificarão (V) para o próximo concurso (C).

(...)

Veja uma questão sobre isso:

16. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2010) Assinale a alternativa em que a oração se estrutura, sequencialmente, com as mesmas funções sintáticas dos termos da oração: *As artes nunca desperdiçam nosso tempo*.
c) Os intelectuais sempre criticam os esportes. (Gabarito!)

Comentário: A opção C é a única que tem esta ordem sintática: *As artes (S) nunca (A) desperdiçam (V) nosso tempo (C) = Os intelectuais (S) sempre (A) criticam (V) os esportes (C)*.

Tal inversão respeita a **relação** das palavras na frase, os sintagmas continuam juntos. Percebeu? O que mudou apenas foi a ordem dos termos, por isso chamamos de **ordem indireta/inversa**. Essa ordem é prevista na Língua Portuguesa, pois reflete a estrutura sintática da nossa língua. A ordem **direta** obviamente é:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Não pense que todas as frases terão S V C A. Algumas frases podem figurar sem sujeito e/ou sem complemento e/ou sem adjunto. Veja algumas:

– *Classificaram-se para o concurso do fim deste ano.* (S não está expresso.)
– *Classificaram-se este ano.* (S e C não estão expressos.)
– *Classificaram-se.* (S, C e A não estão expressos.)

Veja uma questão sobre isso:

2. (NCE/UFRJ – BNDES – Análise de Sistemas – 2005) O segmento inicial de nosso Hino Nacional diz o seguinte:
Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heróico o brado retumbante
Se colocados na ordem direta, os termos desses dois versos estariam assim dispostos:
a) As margens plácidas do Ipiranga ouviram / O brado retumbante de um povo heróico;
b) As margens plácidas ouviram do Ipiranga / O heróico brado retumbante de um povo;
c) As margens plácidas do Ipiranga ouviram / O heróico brado retumbante de um povo;
d) Do Ipiranga as margens plácidas ouviram / O brado retumbante de um povo heróico;
e) Ouviram as margens plácidas do Ipiranga / De um povo o heróico brado retumbante.

Comentário: O gabarito é a letra A. Lembre: a ordem direta é S V C A, logo "As margens plácidas do Ipiranga (S) ouviram (V) o brado retumbante de um povo heróico c)".

É bom dizer que as inversões sintáticas muitas vezes não são gratuitas; servem para realçar uma ideia, tornando-a mais expressiva.

– *As mulheres da minha vida nunca deixarei de amar.* (Note que a inversão do complemento do verbo amar (as mulheres da minha vida) a enfatiza, focalizando-a.)

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2006)

A inversão sintática observada em "O que principalmente sou?" (l.1) condiz com a estrutura gramatical interrogativa e apresenta-se como legítimo recurso de ênfase.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Comentário: A ordem direta é "Sou o quê principalmente?". Quando houve a inversão, os termos invertidos foram realçados porque "saíram" de sua posição original, de sua ordem direta.

Enfim... a noção de sintaxe não é mais um mistério. Enquanto o objeto de estudo da Fonologia é o som das palavras, enquanto o objeto de estudo da Morfologia é a forma das palavras, o objeto de estudo da Sintaxe é a frase e as palavras dentro dela, dentro da oração, dentro do período. E é isso que veremos... nas cenas do próximo capítulo...

Capítulo 18

Frase, Oração e Período

Vamos entender mais os mecanismos da sintaxe, como **frase**, **oração** e **período**.

Frase é qualquer enunciado (curto ou longo) que estabelece comunicação. Toda frase deve ser inteligível. Tradicionalmente, ela pode ser **nominal** ou **verbal**. Imagine a seguinte situação: o Flamengo perde do Vasco (meio difícil, mas...) e um torcedor flamenguista se lamenta com outro: "E agora, com o Vasco na frente da tabela?".

Percebeu que não há sequer um verbo na frase dele? Logo a frase é **nominal**. Agora, se ele dissesse assim (ainda lamentando): "Agora, com o Vasco na frente da tabela, com certeza vou ser zoado!", a frase seria **verbal**, pois nela há uma forma verbal (que pode ser um verbo ou uma locução verbal, "vou ser zoado"). Simples assim.

Vale dizer que no fim dessas duas frases há sinais de pontuação diferentes, percebeu? "E isso significa alguma coisa, Pestana?" Certamente.

Existem cinco tipos de frase, segundo a gramática tradicional:

1) **Declarativa**: o enunciado é **afirmativo** ou **negativo**; termina em ponto (.) ou reticências (...).
   – *Eu sou você amanhã.*
   – *Você nunca será como eu.*
   – *Venda de antiguidades aqui.*

Obs.: É praxe encontrar palavras de sentido negativo em frases declarativas negativas: *não, nunca, jamais, nada, nenhum...*

2) **Interrogativa**: o enunciado apresenta um questionamento direto ou indireto; termina em ponto de interrogação (?) se a indagação for direta; em ponto, se for indireta.
   – *Aonde você pretende chegar?*
   – *Não sei onde ela pode estar.*

Obs.: Para perceber uma interrogativa indireta, ignore o "Não sei" e se dará conta de que é possível fazer uma pergunta direta com o restante da frase: "onde ela pode estar (?)".

3) **Exclamativa**: o enunciado exprime um sentimento e uma altissonância; termina em ponto de

exclamação (!).

– *Que pena!* (lamento)

– *Deus ouviu as minhas preces!* (alegria)

Obs.: O que realmente determina uma frase exclamativa é a expressão de uma emoção, por isso o contexto é determinante.

4) **Imperativa**: o enunciado apresenta um tom de ordem, pedido, súplica, exortação, advertência etc.; verbos no imperativo (afirmativo ou negativo) marcam tal tipo de frase; termina em ponto, ponto de exclamação ou reticências.

– *Volte!*

– *Seja mais razoável.*

– *Não faça isso...*

5) **Optativa**: o enunciado exprime um desejo; termina em ponto ou ponto de exclamação, normalmente.

– *Bons ventos o tragam.*

– *Deus te ouça, meu filho!*

– *Boa sorte!*

Obs.: Alguns gramáticos consideram a optativa (com tom de maldição, praga) como frase **imprecativa**: *Vá para o inferno, e que o Diabo o carregue!*

Para ilustrar os tipos de frase, veja este diálogo:

– *Você vai à festa hoje?* (frase interrogativa)

– *Sim! E não deixe de ir.* (frase declarativa afirmativa/frase imperativa)

– *Tomara que a Ju esteja lá.* (frase optativa)

– *A Ju nunca falta.* (frase declarativa negativa)

– *Que bom!* (frase exclamativa)

Agora você, nobre leitor(a), precisa entender o que é a **oração**.

Uma **oração** não é nada mais que uma frase verbal; seu núcleo é um verbo (ou uma locução verbal). Portanto, todas essas frases do diálogo, exceto a segunda (Sim!) e a última, são orações. Diz-se que uma *oração* é *absoluta* quando apresenta só um **verbo (ou locução verbal)**. Há duas orações absolutas a seguir:

Todos os alunos do Pestana *preparam-se* para concursos. Eu *sou* um deles.

Veja uma questão sobre isso:

4. (FGV – Senado Federal – Analista de Sistemas – 2008) "É com uma ação eficiente do governo e do setor privado que

certamente poderemos promover o desenvolvimento dos países." (L.86-88)

Ao fazermos a seguinte alteração no período acima: *É com uma ação eficiente do governo e do setor privado que certamente promoveremos o desenvolvimento dos países*, é correto afirmar que:

a) tem duas orações;
b) é composto por subordinação somente;
c) é composto por coordenação e subordinação;
d) é simples; (GABARITO!)
e) é composto por coordenação somente.

Comentário: O período é simples, pois apresenta uma expressão expletiva formada pelo verbo *ser* + *que*, a qual não é contada como oração. Veja com atenção: ***É*** *com uma ação eficiente do governo e do setor privado* ***que*** *certamente promoveremos o desenvolvimento dos países*. Retirando: *Com uma ação eficiente do governo e do setor privado certamente promoveremos o desenvolvimento dos países*. Viu? Há um verbo só, logo é uma oração absoluta... oração absoluta = período simples.

Cuidado com construções com a expressão expletiva formada pelo verbo *ser* + *que*, pois tal verbo **não** é contado como oração, pois serve apenas para realçar a frase; tanto é assim que pode ser retirado da frase sem implicações sintáticas:

– *Além da escola,* ***foram*** *meus pais* ***que*** *me deram muita educação.*

Veja que é possível retirar essa expressão enfática sem prejuízo sintático e semântico algum: "Além da escola, meus pais me *deram* muita educação.". Essa oração, portanto, é absoluta, pois só há um verbo na verdade.

Consulte isto: CESPE/UNB – CEE/RS – ADMINISTRADOR – 2005 – QUESTÃO 6.

Há outras orações. As coordenadas, as principais, as subordinadas (justapostas, desenvolvidas e reduzidas) e as interferentes (ou intercaladas) são designadas assim quando fazem parte de um período composto. Por isso, precisamos entender o que é um **período**.

Período é uma frase que possui uma ou mais orações; começa com letra maiúscula, apresenta um verbo (ou locução verbal) e termina em ponto, ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências. Há dois tipos:

• **Simples**: constituído de uma oração, logo todo período simples é uma oração absoluta.

– ***Estudo*** *hoje com apenas uma gramática .*

– *Muitos professores do curso* ***continuam escrevendo*** *artigos para seus alunos!*

– ***Seria*** *esta a resposta certa?*

• **Composto**: constituído de mais de uma oração; pode ser formado por coordenação, subordinação ou coordenação e subordinação (período misto); as conjunções, os pronomes relativos e certas preposições normalmente aparecem para ligar as orações deste tipo de período.

– *Os resultados* ***foram*** *ótimos, por isso* ***ficamos*** *satisfeitos.* (duas orações/coordenação)

– ***Pedi*** *que todos* ***viessem*** *preparados.* (duas orações/subordinação)

– *Para* ***salvar*** *a economia,* ***é*** *preciso planejamento*. (duas orações/subordinação)
– *A mão que* ***balança*** *o berço* ***é*** *a mão que* ***mata***. (três orações/subordinação)
– ***Sei*** *que eles* ***passaram*** *e que se* ***estabeleceram*** *na profissão.* (três orações/coordenação e subordinação)

Obs.: Algumas orações do período composto podem vir implícitas, mas o período não deixa de ser composto por isso, ok? Por exemplo: em "Sou mais inteligente que ela.", há duas orações, formando um período composto. "Pestana, mas eu só vejo um verbo, logo só há uma oração." Negativo! Há duas orações, sendo que o segundo verbo está implícito. Veja de novo: "Sou mais inteligente que ela (é).". Percebeu? Fique atento!

Ah, em um primeiro momento, não se preocupe com o que venha a ser coordenação ou subordinação, ok? Falarei sobre isso cautelosamente em capítulos à frente. Antes de falarmos de período composto, porém, é preciso entender bem a sintaxe do **período simples**. Você vai aprender sobre todos os termos sintáticos da oração nos próximos capítulos: *termos* ***essenciais***, ***integrantes*** *e* ***acessórios***.

Pois bem... para fechar o caixão e eu ficar com a consciência tranquila, entendeu mesmo os conceitos de **frase, oração** e **período?** Espero que sim. Espero que tenha ficado claro em sua mente que nem toda frase é uma oração. Safo? Veja duas questões sobre tais conceitos:

15) (CONSULPLAN – Pref. Mimoso do Sul/ES – Professor de Língua Portuguesa – 2007) Assinale a alternativa que é frase, mas NÃO é oração:
a) "às quatro em ponto me casarei contigo no mais alto beiral – disse o pombo".
b) "Como a brisa é triste".
c) "... porque as andorinhas mais velhas enfileiravam-se nas cornijas...".
d) "Irônica, perguntou a pomba".
e) "Que tarde azul!". (Gabarito!)

Comentário: É uma frase nominal, por isso não tem verbo, logo não é uma oração.

(Questão 04 FUNRIO – CEITEC – Administração – 2012)

O primeiro parágrafo da crônica "O Verão e as Mulheres", de Rubem Braga, diz: "Talvez tenha acabado o verão. Há um grande vento frio cavalgando as ondas, mas o céu está limpo e o sol é muito claro. Duas aves dançam sobre as espumas assanhadas. As cigarras não cantam mais. Talvez tenha acabado o verão."

Observando-se as orações e períodos existentes no parágrafo anterior, pode-se reconhecer que o cronista escreveu:
a) três períodos simples e dois períodos compostos;
b) quatro períodos simples e dois períodos compostos;
c) quatro períodos e nove orações;
d) cinco períodos e sete orações;
e) cinco períodos e oito orações. (Gabarito!)

Comentário: Se há cinco pontos, há cinco períodos. As oito orações: tenha acabado, Há, cavalgando, está, é, dançam, cantam, tenha acabado.

Capítulo 19

Termos Essenciais da Oração

Definição

Como você já sabe, as frases verbais ou orações são formadas por termos sintáticos, certo? Por isso iremos falar justamente sobre tais termos sintáticos que constituem a oração. Neste capítulo, você aprenderá tudo sobre os **termos essenciais da oração**, a saber: o **sujeito** e o **predicado**.

"Pestana, por que *essenciais*?" Simples. O **sujeito** e o **predicado** são chamados de termos essenciais da oração porque normalmente as orações são formadas por esses termos.

"Afinal, o que é o **sujeito** e o que é o **predicado**?"

Vamos ver!

Sujeito

Sujeito é não só o termo que representa o ser ou o fato sobre o qual se declara alguma coisa, mas também o termo que faz o verbo ser conjugado. É por isso que o verbo/locução verbal concorda em número e pessoa com o sujeito. Cada sujeito está ligado a um (1) verbo, por isso fique de olho na relação entre o verbo e o seu sujeito.

– ***As casas da vila*** *estavam à venda.*
– ***Nós*** *ficamos casados por sete anos.*
– ***Sua Majestade*** *foi flagrada às escondidas com o amante.*
– ***Ninguém*** *deveria apoiar campanhas a favor das drogas.*
– ***Quem*** *nunca pecou nesta vida?*
– *Quem são* ***aquelas*** *ali?*
– *Morreu este mês* ***o homem o qual*** *revolucionou o mundo moderno.* (*o homem*: sujeito de *morreu*; *o qual*: sujeito de *revolucionou*)
– ***Dois dos meus amigos*** *passaram na prova da EsPCEx.*
– ***Ler*** *nunca deixou de ser uma prática das pessoas inquietas.*
– ***Quem não tem cão*** *caça com gato.*
– *Está um pouco amarelado* ***o branco dos olhos dela****.*

Obs.: Note que o **núcleo** do sujeito pode ser, tradicionalmente, um **substantivo** (normalmente), **um pronome, um numeral, um verbo no infinitivo, uma oração substantiva** ou **uma palavra substantivada**. É muito importante notar que o verbo concorda em número e pessoa com o núcleo do sujeito. E... **só para os que desejam aumentar seu conhecimento**... saibam que alguns linguistas mais ousados dizem que o advérbio pode funcionar como sujeito, como Claudio Cezar Henriques, Eneida Bonfim e Evanildo Bechara: "Moro no Rio de Janeiro com muito orgulho. Aqui é um bom lugar para viver". Note que esse advérbio é de base pronominal e refere-se a Rio de Janeiro.

Percebeu que eu coloquei em negrito e sublinhado os núcleos dos sujeitos? "Mas o que é realmente o núcleo?" O **núcleo**, do sujeito ou de qualquer outro termo sintático, é a palavra mais importante desse termo. Normalmente os **determinantes** – artigos, pronomes, numerais, adjetivos e locuções adjetivas – vêm ao redor do núcleo, formando um sintagma (grupo de palavras relacionadas). Às vezes, um termo sintático pode ter mais de um núcleo; nesse caso, dizemos que o termo é *composto de* dois, três, ou mais núcleos. Vamos entender melhor estudando **sujeito**.

Bizu do *achamento* do sujeito

Uma boa maneira de identificarmos o sujeito de uma oração é fazer a pergunta **"o que...?"** ou **"quem...?"** antes do verbo. Observe os exemplos anteriores (um por um):

– ***O que*** *estava à venda?* Resposta: ***as casas da vila***.

– ***Quem*** *ficou casado por sete anos?* Resposta: ***nós***.

– ***Quem*** *foi flagrado às escondidas com o amante?* Resposta: ***Sua Majestade***.

– ***Quem*** *deveria apoiar campanhas a favor das drogas?* Resposta: ***ninguém***.

– ***Quem*** *nunca pecou nesta vida?* Resposta: ***quem***. (No caso de pronome interrogativo funcionando como sujeito, substitua-o por um nome qualquer, e ficará fácil identificá-lo como sujeito. Veja: *João (= quem) nunca pecou nesta vida. Quem nunca pecou nesta vida?* Resposta: *João (= quem)*)

– ***Quem*** *"são" ali? Resposta:* ***aquelas***. (a ordem direta facilita a identificação neste caso: *Aquelas ali são quem?*)

– ***Quem*** *morreu este mês? Resposta:* ***o homem***. ***Quem*** *revolucionou o mundo? Resposta:* ***o qual*** (Lembrando que o pronome relativo retoma o termo antecedente, o homem)

– ***Quem*** *passou na prova da EsPCEx? Resposta:* ***Dois dos meus amigos***.

– ***O que*** *nunca deixou de ser uma prática das pessoas inquietas? Resposta:* ***ler***.

– ***Quem*** *caça com gato? Resposta:* ***quem não tem cão***. (Este *quem* de *quem não tem cão* é sujeito do verbo *ter;* lembre: cada verbo com seu sujeito).

– ***O que*** *está um pouco amarelado? Resposta:* ***o branco dos olhos dela***.

Cuidado!!!

1) Fique esperto em algo que cai DIRETO em prova: **inversão do sujeito**.

– *Agradou-me, desde ontem pela manhã, quando ele me havia ligado,* ***o fato de ter uma pessoa amiga ao meu lado em situações difíceis***.

Bizu do *achamento*: ***O que*** *me agradou desde ontem pela manhã, quando ele me havia ligado? Resposta:* ***o fato de ter uma pessoa amiga ao meu lado em situações difíceis***.

Dica de irmão: **as bancas adoram trabalhar questão com sujeito deslocado**. Por isso, coloque na ordem direta: "***O fato de ter uma pessoa amiga ao meu lado em situações difíceis*** *agradou-me...*". Não confunda sujeito deslocado com objeto direto. Falarei sobre isso mais à frente.

2) Segundo a tradição gramatical, **o sujeito não pode vir regido de preposição**, ou seja, nenhum verbo ou nome pode exigir uma preposição que inicie o sujeito, portanto nunca confunda com sujeito o termo preposicionado que vier antes do verbo. Normalmente a frase se encontra na ordem indireta, para dificultar a identificação do sujeito.

– *A Cleópatra era feita por cada subordinado* ***uma mesura*** *em suas aparições públicas.* (Na ordem direta, fica mais fácil identificar o sujeito: ***Uma mesura*** *era feita*

por cada subordinado a Cleópatra (objeto indireto) em suas aparições públicas.)

– *Nunca nos custou, por mais que todos se opusessem a nossa parceria,* ***manter nossa amizade***. (Na ordem direta: ***Manter nossa amizade*** *nunca nos custou, por mais que todos se opusessem a nossa parceria.)*

Apesar de Bechara e outros gramáticos não desaprovarem a contração antes de sujeito de verbo no infinitivo, a maioria dos gramáticos, respaldados pela doutrina de que "o sujeito não pode vir regido de preposição", dizem que isso é uma incorreção gramatical. Veja:

– *Em virtude* ***da*** *regra gramatical* ***impedir*** *qualquer construção com sujeito preposicionado, devemos evitar qualquer contração antes de infinitivo.* (construção não privilegiada)

– *Em virtude* ***de a*** *regra gramatical* ***impedir*** *qualquer construção com sujeito preposicionado, devemos evitar qualquer contração antes de infinitivo.* (construção privilegiada)

– *A fim* ***dela****, a opinião minoritária, não nos fazer* ***errar*** *uma questão na prova, optemos pela visão tradicional, a saber: não se deve contrair preposição com artigo ou pronome antes de verbo no infinitivo.* (construção não privilegiada)

– *A fim* ***de*** *ela, a opinião minoritária, não nos fazer* ***errar*** *uma questão na prova, optemos pela visão tradicional, a saber: não se deve contrair preposição com artigo ou pronome antes de verbo no infinitivo.* (construção privilegiada)

A justificativa de Bechara e a de outros, que aprovam as quatro construções anteriores, é a de que a preposição rege a oração, e não o sujeito, por isso não haveria problema algum na contração, a qual, inclusive, torna a frase mais eufônica e natural. Já falei sobre isso em *Pronome Pessoal* e *Preposição*!

O que eu vou falar agora não cai em prova nenhuma, mas, cá entre nós, o sujeito pode estar preposicionado sem estar regido de preposição: "Meus alunos estudaram muito para a prova. **Entre dez e vinte** passaram".

Classificação do Sujeito

Já que sabemos o que é um sujeito e como identificá-lo, vamos ver os tipos de sujeito.

Simples

Apresenta somente um núcleo explícito.

– ***Alguém*** *escondeu a minha bolsa.*

– *Quem foram* ***os beneficiados pelo projeto esportivo****?*

– ***As despesas das casas de praia e de campo*** *ficaram por minha conta.*

Cuidado!!!

1) Há determinadas construções de **sujeitos simples** tão grandes que dentro delas há outros termos exercendo outras funções sintáticas (como adjuntos adnominais), inclusive outras orações dentro do próprio sujeito (como orações adjetivas), mas não se preocupe. É o chamado sujeito "complexo" para certos gramáticos, como Eduardo Carlos Pereira. Você deve observar o **núcleo** do sujeito e a relação dele com o **verbo** da oração. Veja dois exemplos:

– ***O novo desentendimento público entre os ministros Joaquim Barbosa (relator) e Ricardo Lewandowski (revisor)*** *expôs a ponta de uma questão que pode se tornar a mais grave deformação no julgamento da Ação Penal 470, chamada de mensalão.*

Só há um núcleo do sujeito: *desentendimento*. Por isso, o verbo está no singular: *expôs*.

– ***O simples fato de exercer o jornalismo honesto sem detrimento das opiniões ditadas pelo nosso espírito crítico e pela nossa visão da vida e do mundo*** *nos distingue brutalmente dos arautos do pensamento único, representantes e intérpretes da casa-grande. (Mino Carta)*

Só há um núcleo do sujeito: *fato*. Por isso, o verbo está no singular: *distingue*.

– ***A mulher que foi espancada pelo marido*** *resolveu denunciá-lo.*

Só há um núcleo do sujeito: *mulher*. Por isso, o verbo está no singular: *resolveu denunciar*.

Os gramáticos Gladstone Chaves de Melo e Celso Pedro Luft corroboram tais análises desses sujeitos enormes (*sujeito complexo*).

2) Ainda há sujeito simples em frases nas quais dois ou mais termos são ligados pela conjunção *e*, mas equivalem a uma ideia só, formando uma expressão (note que o verbo fica no singular):

– *"**Ordem e Progresso**" faz parte de nossa bandeira.* (Sem aspas, pode gerar ambiguidade.)

– ***Casseta e Planeta*** *vai fundo!*

– ***Plástica & Beleza*** *vem se consolidando no mercado como uma das revistas mais lidas sobre estética.*

3) Revisite voz verbal! E fique esperto quando o verbo vier acompanhado de partícula apassivadora, na voz passiva sintética. Estou dizendo isso, pois muita gente confunde o sujeito simples com o indeterminado. Uma maneira fatal de resolver esse problema é passar a frase para a voz passiva analítica. Se conseguir, o sujeito não é indeterminado. Teste:

– *Comemora-se ainda hoje* ***um <u>aninho</u> de vida de meu filho****.* (voz passiva sintética; sujeito simples)

– ***Um <u>aninho</u> de vida de meu filho*** *é comemorado ainda hoje.* (voz passiva analítica; sujeito simples)

– *É preciso que se incuta nos partidos políticos brasileiros, tachados de corruptos,* ***o valor da honestidade****.* (voz passiva sintética; sujeito simples)

– *É preciso que* ***o <u>valor</u> da honestidade*** *seja incutido nos partidos políticos brasileiros, tachados de corruptos.* (voz passiva analítica; sujeito simples)

* Na voz passiva, o **sujeito** é chamado de **paciente**. Na ativa, de **sujeito agente**.

4) Por motivo de ênfase ou de expressividade, o sujeito pode ser pleonástico. Isso ocorre principalmente no registro coloquial: *Esses alunos,* ***eles*** *me dão muito orgulho*.

Oculto

Apresenta um núcleo implícito, elíptico, mas facilmente identificável pelo contexto ou pela desinência do verbo. Por isso, este tipo de sujeito é chamado de **oculto, implícito, elíptico, desinencial** etc.

– *Não consigo deixar as responsabilidades de lado.* (*Quem não consegue? Eu.* Percebe-se isso pela desinência do verbo.)

– *Todo procedimento médico deve ser bem programado; só será bem-sucedido se houver acompanhamento e manutenção. (O que será bem-sucedido? O procedimento médico.)*

– *Escondeste minha bolsa onde?* (Fica fácil perceber que o sujeito oculto é o **tu**, pois a desinência/terminação do verbo é de 2ª pessoa do singular, ou seja, *"**Tu** escondeste a minha bolsa onde?"*.)

Cuidado!!!

1) Se o verbo vier no imperativo, o sujeito normalmente virá implícito: "*Nunca mais* ***esconda*** *(você) a minha bolsa!*".

2) Em contextos maiores, o sujeito oculto é um ótimo recurso de coesão para evitar a repetição de uma palavra já mencionada. No entanto, devemos ficar atentos ao contexto

(principalmente aos verbos) para percebermos isso:

– *O Papa Bento XVI enalteceu neste sábado a "coragem" dos jovens sírios diante da violência em seu país – que já causou a morte de mais de 27.000 pessoas –, em discurso na sede do patriarcado maronita de Bkerke, no norte de Beirute. "Entre nós há jovens provenientes da Síria e quero dizer o quanto admiro sua coragem", destacou em seu discurso em um encontro com milhares de jovens cristãos, ao qual também assistiram representantes de outras religiões.*

Note que o sujeito da forma verbal *destacou* é oculto, tendo como referente "O Papa".

3) O sujeito oculto pode ser hipotético (representado pelo pronome demonstrativo anafórico: *isso*) em determinados contextos, como:

– *Saia daqui, menino, porque é conversa de adulto. (... isso é conversa de adulto.)*

– *Seria trágico se não fosse cômico. (Isso seria trágico se isso não fosse cômico.)*

– *Eu lhe implorei que não saísse naquela noite, pois era perigoso. (... isso (sair naquela noite) era perigoso.)*

Composto

Apresenta mais de um núcleo explícito.

– ***Minha chave, minha bolsa, minha moto*** *foram roubadas.*

– *Indignados ficaram* ***os moradores da zona oeste e os da zona sul*** *com o descaso.*

– ***Tanto a felicidade como a tristeza*** *são estados de espírito.*

Cuidado!!!

1) Há alguns casos em que o sujeito composto não leva o verbo ao plural. Vou citar apenas três agora, porquanto tratarei melhor do assunto mais à frente, em *Concordância*.

I. Se o sujeito composto vier depois do verbo, este pode concordar com o termo mais próximo, ficando no singular: *Foi escondida* ***minha bolsa e minha chave****.*

II. Quando há uma enumeração de núcleos do sujeito composto e no fim há um termo resumitivo, como em *"****Velhos, crianças, mulheres e homens****, ninguém sobreviveu ao desastre."*, o verbo concorda com o termo resumitivo.

III. Quando os núcleos do sujeito designam a mesma pessoa ou coisa: *Morre* ***o mais famoso escritor, cantor e compositor brasileiro*** *aos 70 anos.*

2) Caiu certa vez uma questão muito interessante no concurso da EAGS, em 2008. Tratava-se de tipos de sujeito. Observe o comentário oficial da banca sobre a frase "Os dois apenas sentimos o desejo de mudar o mundo.": "o sujeito *Os dois* classifica-se como simples e não como implícito na desinência verbal. O que ocorre é uma concordância ideológica, em que há silepse de pessoa, pois o verbo *sentimos*, na 1ª pessoa do plural,

permite que consideremos que o locutor do enunciado se inclua ideologicamente no sujeito *Os dois*, que está na 3ª pessoa do plural.". Falarei melhor sobre isso em *Silepse*, no capítulo de *Concordância*.

3) Na frase "Pedro e Bino, dancem com elas", o termo destacado não pode ser o sujeito composto do verbo dançar, pois há uma vírgula entre eles. Analisa-se o termo destacado como vocativo, e o sujeito está oculto (Pedro e Bino, dancem (vocês) com elas).

Indeterminado

Este tipo de sujeito é interessante, pois se assemelha ao oculto. Só que, apesar de o verbo indicar que houve uma ação praticada por alguém, a **identidade** do sujeito é indeterminada. Indetermina-se o sujeito normalmente por três motivos: 1) por não se saber sua identidade, 2) por querer torná-lo desconhecido ou 3) por generalização. Existem três construções com sujeito indeterminado na língua culta.

1) Verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito.

– ***Criticaram****-nos na reunião de ontem.* (Alguém criticou, mas quem?)

– *Normalmente* ***falam*** *pelas costas por ser mais conveniente.* (Alguém fala, mas quem?)

– ***Esconderam*** *minha bolsa*. (Alguém escondeu, mas quem?)

Obs.: Em "Meus filhos João e Pedro vivem aprontando. Outra vez ***esconderam*** minha bolsa.", o verbo *esconder* não apresenta sujeito explícito e está na 3ª pessoa do plural, no entanto não há indeterminação do sujeito, pois o contexto indica quem são os que praticaram a ação de esconder. Logo, o sujeito do verbo *esconder* é oculto, e não indeterminado. Fique esperto!

2) Verbo (de ligação, intransitivo, transitivo indireto, transitivo direto seguido de preposição) na 3ª pessoa do singular + partícula de indeterminação do sujeito *se*, indicando uma ideia de generalização/indefinição. (Recomendo dar uma conferida em predicação verbal, um pouco mais à frente, ainda neste capítulo.)

– *Só* ***se é*** *feliz neste lugar por causa de vocês. (Quem é feliz? Todos que são de lá.)*

– ***Vive-se*** *bem quando há paz e segurança. (Quem vive bem? Todos.)*

– ***Tratava-se*** *de doenças gravíssimas naquela clínica. (Quem tratava? Alguém.)*

– ***Ama-se a*** *Deus nesta Igreja. (Quem ama a Deus? Todos que a frequentam.)*

Cuidado!!!

1) Observe a excelente abordagem da pesquisadora Christiana Lourenço Leal sobre indeterminação do sujeito, em seu estudo *A transitividade, as vozes verbais e o ensino*

da gramática – O problema de critérios semânticos na definição das funções sintáticas:

> "(11) Come-se bem aqui nesta cidade. / (12) Come-se bem aqui nesta cidade uma bela feijoada. No exemplo (11) temos um caso de sujeito indeterminado. Mas isso só acontece porque não há termo na oração que possa funcionar como sujeito, visto que todos são adjuntos adverbiais. Logo, "alguém come", mas não se pode precisar quem. Já no exemplo (12) há um sujeito simples: "uma bela feijoada". É equivalente a "Uma bela feijoada é comida.". Como se pode observar, foi só aparecer um termo que pudesse se adequar à função de sujeito que se transformou uma oração de sujeito indeterminado em uma oração caracterizada por verbo em voz passiva."

Por isso, não confunda a partícula ***se*** (indeterminadora) com ***se*** (apassivadora). A partícula apassivadora aparece com verbo transitivo direto **sem estar seguido de termo preposicionado** e pode-se desdobrar a oração que a contém em passiva analítica; isso já não ocorre com o verbo acompanhado da partícula de indeterminação do sujeito.

– *Vendeu-**se** tudo da loja. (Tudo da loja foi vendido.)*

– *Duvida-**se** de tudo hoje em dia. (De tudo é duvidado hoje em dia?* (construção inexistente)

Note que o verbo concorda com o sujeito. Segundo a gramática tradicional, a construção "Vendeu-se todos os produtos da loja." estaria incorreta, devendo ser "Venderam-se todos os produtos da loja." (= Todos os produtos da loja foram vendidos.).

No entanto... na prova de Analista Judiciário (STF) de 2008, elaborada pela banca Cespe/UnB, veja a questão 2 (deveria ter sido anulada, mas não foi):

> "Preservando-se a correção gramatical do texto, bem como sua coerência argumentativa, a forma verbal "mudam-se" (Na economia, por exemplo, mudam-se os valores de uso concreto e qualitativo para os valores de troca geral e quantitativa) poderia ser empregada também no singular".

Ela foi considerada **correta**. Incrível, não? "Mas por que, Pest? O verbo não precisa concordar com o sujeito paciente?" Resposta: também acho, mas... alguns linguistas e gramáticos, como o senhor Evanildo Bechara, Said Ali, João Andrade Peres, Telmo Moía e José Carlos de Azeredo, entendem que o verbo transitivo direto pode vir seguido de índice de indeterminação do sujeito, mesmo quando não há objeto direto preposicionado depois. Segundo Bechara, em "Vende-se casas./Vendem-se casas.", **ambas as sintaxes são corretas**, e a primeira não é absolutamente modificação da segunda. São apenas dois estágios diferentes de evolução". Interessante é que, no capítulo de concordância da gramática do homem, ele diz que o verbo tem de ficar no plural nesse mesmo caso, o que significa que o *se* é apassivador, logo o certo seria apenas "Vendem-se casas. = Casas são vendidas.". Sim,

ele se contradiz, e a banca Cespe vacilou! Muita polêmica nesta questão, mas precisamos ficar atentos às próximas questões do Cespe, que, nessa situação, estabeleceu um padrão. O fato é que 99,99% dos gramáticos normativos não concordam com essa doutrina, ok? Recurso neles! Para a explicação ficar completa, a tal minoria que aceita "Vende-se casas" analisa o "se" como índice de indeterminação do sujeito e "casas" como objeto direto. O mais incrível é que uma banca já trabalhou esta visão ultrapolêmica: FGV – PC/RJ – INSPETOR – 2008 – QUESTÃO 21 (c).

3) Verbo no infinitivo impessoal.

– *Para **conquistar** sua confiança, é necessário **trabalhar** arduamente. (= Para (alguém) **conquistar** sua confiança, é necessário (esse alguém) **trabalhar** arduamente.)*

Já na frase "Nós estamos destinados a **passar** na prova.", apesar de o verbo não estar flexionado, ele tem pessoa, ele tem sujeito, o sujeito oculto de *passar* tem como referente o sujeito de *estar*, isto é: **nós**.

Cuidado!!!

1) Existem certos casos de sujeito indeterminado próprios do registro coloquial, quando usamos as expressões *você*, *a gente, muita gente, todo o mundo, geral* etc. como sujeito. Veja uma questão sobre isso.

Fragmento de texto

*(...) Foi pensando nisso que me ocorreu o seguinte: se alguém está com o coração dilacerado nos dois sentidos, biológico e emocional, e por ordens médicas precisa de um novo, o paciente irá se curar da dor de amor ao receber o órgão transplantado? Façamos de conta que sim. **Você** entrou no hospital com o coração em frangalhos, literalmente. Além de apaixonado por alguém que não lhe dá a mínima, **você** está com as artérias obstruídas e os batimentos devagar quase parando. A vida se esvai, mas localizaram um doador compatível: já para a mesa de cirurgia. Horas depois, **você** acorda. Coração novo. Tum-tum, tum-tum, tum-tum. Um espetáculo. O médico lhe dá uma sobrevida de cem anos. Nada mal. Visitas entram e saem do quarto. (...)*

10. (Funiversa – Terracap – Administrador – 2010) Com relação ao texto, assinale a alternativa **incorreta**.

d) O pronome "Você" é empregado na frase como forma de indeterminar o agente da ação, traço característico da oralidade brasileira. Assim, "Você entrou no hospital" corresponde a Entrou-se no hospital.

Comentário: Esta opção não foi o gabarito, logo a afirmação da d) está adequada. Sobre a ideia de generalização, indeterminação, é interessante dizer que algumas gramáticas mais atentas aos fenômenos linguísticos, principalmente as descritivas, nos informam que, no registro coloquial, o pronome *você* pode ser usado para indeterminar o sujeito, com um viés de generalização. *Imagine que você esteja conversando com alguém sobre viajar de avião, mas nem você nem a pessoa viajaram de avião. Aí você diz a ela: "Viajar de avião deve ser muito ruim, porque quando **você** pega um avião, **você** sente um mal-estar, fora o risco de **você** morrer, não é?"*. Este *você* se refere a quem? Ao falante, ao ouvinte ou a todos os que pegam avião? Percebe a ideia de generalização? Essa é uma forma, coloquial, de

indeterminar o sujeito. Interessante, não?

2) Sempre acho muito importante dizer que, quando o núcleo é um pronome indefinido ou interrogativo, **não** há indeterminação do sujeito, ou seja, há sujeito simples nestas frases: "**Quem** me ligou?" "**Alguém** ligou, pai.".

Oração sem Sujeito (sujeito inexistente)

As orações sem sujeito sempre apresentam verbos impessoais, os quais, por sua semântica, não apresentam um sujeito promovendo a ação verbal. Tais verbos são usados na 3ª pessoa do singular (exceto o engraçadinho do *ser*).

De todos os verbos impessoais, muita atenção ao verbo *haver*. Todo ano cai uma questão sobre ele, seja em oração sem sujeito, seja em concordância. É incrível a *tara* que as bancas têm com esse verbo.

1) Haver com sentido de existência, ocorrência ou tempo decorrido.

– ***Havia*** *poucas pessoas aqui. (Existiam poucas...)*

– ***Houve*** *duas confusões ali. (Ocorreram duas...)*

– *Abandonei o cigarro* ***há*** *três meses. (... faz três mês...)*

Cuidado!!!

1) O verbo *ter* pode ter sentido existencial (Mas é coloquial neste sentido, ok?): "Terá reuniões aqui.", "Tinha uma pedra no meio do caminho." (C. Drummond)

2) Lembrando que o verbo *haver* pode ser pessoal, ou seja, ter sujeito, se fizer parte de uma locução verbal como auxiliar ou se tiver outros sentidos (não tão usuais): "**Ele** *haveria de fazer* isso.", "Enfim (eu/ele) *havia entendido* o mistério.", "**Os rivais** se *houveram* no ringue.", "**Eu** me *haverei* bem diante dos convidados.", "**Os criminosos** *se houveram* com a justiça.".

3) Os verbos *existir* e *ocorrer* são pessoais, logo <u>sempre</u> têm sujeito, normalmente aparecendo <u>depois</u> do verbo, por isso muitos confundem com objeto direto: *Existem* ***pessoas merecedoras da morte***. (sujeito simples) / *Ocorrem às vezes* ***certos contratempos*** *aqui.* (sujeito simples)

4) Todos os verbos impessoais, quando acompanhados de auxiliares, transmitem a estes sua impessoalidade, ficando no **singular**.

– ***Há*** *lanches sobre a mesa.*

– ***Deve haver*** *lanches sobre a mesa.* (e não *"Devem haver..."*)

5) O verbo *haver* é transitivo direto quando impessoal, logo em "Houve cem acidentes na Avenida Brasil em apenas dois meses.", *cem acidentes* é objeto direto. Se fosse "Ocorreram cem acidentes...", *cem acidentes* seria sujeito. Cuidado com a maldade no

coração de alguns "homens da banca", pois eles podem pegar o objeto direto e colocar antes do verbo para que você confunda com um sujeito; exemplo: "Apenas um acidente houve na Avenida Brasil.". Como o verbo *haver* tem sentido de *ocorrer*, ainda é impessoal, logo continua exigindo objeto direto, a saber: apenas um acidente. Não confunda sujeito com objeto!

2) Fazer, parecer, ficar, estar indicando tempo ou aspectos naturais.

– *Não a vejo **faz** dez meses.*

– *Aqui **fez** invernos rigorosos ano passado.*

– ***Parecia** tarde da noite.*

– ***Ficou** escuro do nada.*

– ***Estava** frio naquele dia.*

Cuidado!!!

1) Os verbos *fazer, parecer, ficar, estar* podem ser pessoais, ou seja, ter sujeito (em negrito): "*Fazem* dez anos de casamento ainda hoje **os meus amigos.**", "**Todos** *pareciam* abobalhados.", "**Alguém** *ficou* sem o convite?, "**Vocês** *estão* bem?".

2) Todos os verbos impessoais, quando acompanhados de auxiliares, transmitem a estes sua impessoalidade, ficando no **singular**.

– ***Fará** dias quentes em dezembro.*

– ***Vai fazer** dias quentes em dezembro.* (e não *"Vão fazer..."*)

3) O verbo *faltar* não é impessoal, mesmo quando indica tempo decorrido, portanto em "*Faltam* **dois anos** para a Copa.", *dois anos* é o sujeito. Equivoca-se quem diz: "*Falta* dois anos para a Copa.".

3) Ir + para/em indicando tempo decorrido.

– ***Vai para** dois anos que ela está na França.*

– ***Vai em** cinco anos desde a últimas vez que nos falamos.*

Obs.: O verbo *ir* pode ser pessoal: "Já se *foram* **duas horas de aula**...", "**Ele** *foi* à festa.".

4) Passar + de indicando tempo.

– *Já **passava d**as duas horas da manhã!*

Obs.: Verbo *passar* pessoal: "*Passou*-se **meia hora de aula.**", "**Ele** *passou* há dez minutos aqui.".

5) Bastar/Chegar + de no imperativo, indicando suficiência.

– ***Basta de*** *tolices!* ***Chega de*** *problemas!*

Obs.: Os verbos *bastar* e *chegar* podem ser pessoais: "**Quatro fatias** não *chegam* para tua satisfação?", "Não *basta* **ser amigo**, ok?".

6) Tratar-se + de indicando um assunto.

– *Paro de falar aqui, pois não* ***se trata de*** *quem tem ou não razão.*

Obs.: Tanto Bechara quanto Kury aceitam esta análise (oração sem sujeito), mas a demolidora maioria diz que o **sujeito** é **indeterminado** – sendo a partícula *se* indeterminadora do sujeito. O verbo *tratar*, nesse caso, nunca se pluraliza! Sobre a visão da maioria (a única que já vi aparecer em prova), consulte: FGV – SEFAZ/RJ – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA ESTADUAL – 2011 – QUESTÃO 8. / Cespe/UnB – TRT/MA (16ª R) – AUXILIAR Judiciário – 2005 – QUESTÃO 9. / IBFC – PGE/SP – OFICIAL ADMINISTRATIVO – 2011 – QUESTÃO 10.

7) Ser indicando tempo vago, hora, data, distância e aspectos naturais.

– ***Era*** *uma vez um lugarzinho no meio do nada...*

– ***São*** *três horas da madrugada.*

– *Hoje* ***são*** *dezoito de outubro.*

– ***São*** *dois quilômetros daqui a sua casa.*

– *Já* ***era*** *manhã de primavera quando acordei.*

Obs.: O verbo *ser* é o único impessoal que fica no plural, como você pôde ver! Verbo *ser* pessoal: "**Ele** *é* gente boa.", "**O presidente** *será reeleito*?".

8) Certos verbos que indicam sensações, como *doer*, *coçar*, *cheirar* etc.

– *Meu filho, onde lhe* ***dói****?*

– ***Coça*** *muito aqui atrás, doutor.*

– *Realmente* ***cheira*** *mal atrás de suas costas.*

9) Verbos que indicam **fenômenos naturais** (*chover, ventar, nevar, gear, trovejar, amanhecer, escurecer*).

– ***Ventou***, ***trovejou***, ***choveu*** *e depois* ***nevou*** *no Sul do país.*

Obs.: Em **sentido figurado**, todos esses verbos são pessoais: "**O patrão** *escureceu* de

raiva.", "Assim que **o dia** *amanheceu* lá no mar alto da paixão..." (Djavan), "Todos os dias c*hovem* **notícias tristes** nos jornais.". Esses verbos são normalmente intransitivos, mas, em frases como a que segue, o verbo vira transitivo direto: "Chovia uma chuva fininha.", em que *uma chuva fininha* é o objeto direto, e a oração não tem sujeito, pois o sentido não é figurado. Falarei melhor sobre isso em *Objeto Direto Interno.*

Oracional

O sujeito é oracional quando vem em forma de oração. O verbo do sujeito oracional fica sempre na 3ª pessoa do singular.

– ***Quem semeia vento*** *colhe tempestade.*

– *Não é saudável, embora seja delicioso,* ***comer frituras*** *todos os dias.*

– *Viu-se* ***que ela tem grande potencial na música****.*

Obs.: Falo melhor sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas* e em *Orações Reduzidas*.

Veja uma questão bacaninha:

48. (Cespe/UnB – Câmara dos Deputados – Analista Legislativo – 2012) A flexão de singular na forma verbal "importava" (... regido por leis físicas e matemáticas, que importava descobrir e estudar) justifica-se por ser o sujeito da oração indeterminado, de interpretação genérica.
( ) CERTO
(X) ERRADO

Comentário: Errado. O verbo *importar* está no singular porque concorda com o sujeito oracional *descobrir e estudar*, ou seja, "... descobrir e estudar **importava**...". Logo, se há sujeito na frase, mesmo sendo oracional, não podemos dizer que ele é indeterminado.

Predicado

O **predicado** é a soma de todos os termos da oração, exceto o sujeito e o vocativo. É tudo o que se declara na oração referindo-se ao sujeito (quando há sujeito). Sempre apresenta um verbo.

– *A língua portuguesa* ***sofreu*** ***uma reforma ortográfica polêmica em 2009***.

Lembre que as bancas são maliciosas, logo "pedaços" que compõem o predicado poderão estar "espalhados" pela frase. Veja:

– ***Em 2009***, ***sofreu*** *a língua portuguesa* ***uma reforma ortográfica polêmica***.

Nas orações sem sujeito, **tudo é predicado**, por um motivo muito óbvio: não há sujeito.

– ***Pode haver até duzentos alunos em sala de aula em um aulão de véspera***. (só há predicado)

Às vezes, o verbo do predicado aparece implícito. Note que há dois predicados na frase abaixo:

– *Meu irmão* ***comeu três maçãs***, *e eu, duas. (Meu irmão* ***comeu três maçãs***, *e eu* ***comi duas***.*)*

Para o reconhecimento dos tipos de predicado, precisamos entender o conceito de **predicação verbal** ou **transitividade verbal**, afinal, **não existe predicado sem verbo**. O verbo tem um papel muito importante, pois mantém relações com os outros termos da frase. Portanto, estude bem esta parte, ok? Vamos lá...

Predicação Verbal / Transitividade Verbal

Predicação verbal (ou **transitividade verbal**) é a relação entre o verbo e outros termos da oração, principalmente dentro do predicado. E, quanto à predicação, diz-se que os verbos podem ser **de ligação, intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto** e **transitivo direto e indireto**.

Existem dois grupos de verbos: os **nocionais** (intransitivos e transitivos) e os **relacionais** (de ligação, normalmente: *ser, estar, ficar, permanecer, continuar, parecer, tornar-se, encontrar-se, transformar-se, converter-se...*).

Obs.: É bom dizer que, em locuções verbais, o verbo principal é o que "carrega" o valor **nocional** ou **relacional**: "Você *precisa ficar* bom." (verbo relacional) / "Você *precisa estudar* mais." (verbo nocional).

Verbo de Ligação

Também chamado de copulativo, o **verbo de ligação** relaciona o sujeito ao seu **predicativo** (atributo que indica estado, qualidade ou condição do sujeito). Os verbos de ligação não indicam ação alguma por parte do sujeito, por isso são tradicionalmente "vazios" de significado, indicando apenas estado, e por isso o núcleo do predicado, somente neste caso, não é o verbo, mas sim o **predicativo**.

– *João **é** alegre.* (estado permanente)
– *João **está** alegre*. (estado transitório)
– *João **ficou** alegre.* (estado mutatório)
– *João **permanece** alegre.* (estado continuativo)
– *João **parece** alegre.* (estado aparente)

Cuidado!!!

1) Não confunda **verbo relacional,** que indica **estado**, com **verbo nocional**, que, normalmente, indica **ação**.

77. (FAB – AFA – Oficial – 2011/2012) De acordo com a análise morfossintática dos termos sublinhados abaixo, pode-se concluir que está **INCORRETA** a afirmativa:
b) em "A fonte da felicidade pública se transforma no para-raios do rancor público", a expressão grifada é predicativo do sujeito.

Comentário: O gabarito é outro, mas vamos nos ater à letra B. Pode ser que você confunda o verbo de ligação *transformar-se* com um verbo transitivo indireto, uma vez que, aparentemente, tal verbo exige um complemento preposicionado (*no* para-raios do rancor público). No entanto, note que o verbo *transformar-se* indica uma mudança de estado entre o sujeito e o predicativo, a saber: *a fonte da felicidade pública* se torna *o para-raios do*

rancor público. Portanto, *transformar-se (em)* é um verbo de ligação, sinônimo de *converter-se (em)*, como nos ensina Bechara.

2) **A predicação do verbo depende do seu valor no contexto frasal**. Logo, o verbo de ligação pode deixar de ser de ligação para ter outra predicação. E verbos que não são de ligação podem passar a ser de ligação, como *viver, andar, cair, virar, dar* etc. Entenda:
   – *No princípio **era** estudante...* (verbo de ligação)
   – *"No princípio **era** o verbo..."* (= *existia;* verbo intransitivo)
   – *O aluno **fica** contente com boas explicações.* (verbo de ligação)
   – *O aluno **deve ficar** em sala de aula até segunda ordem. (*verbo intransitivo, pois vem seguido de adjunto adverbial)*
   – *Eu **estou** sempre satisfeito.* (verbo de ligação)
   – *"Eu **estarei** sempre com vocês, até o fim dos tempos."* (Mateus 28:20; verbo intransitivo seguido de adjunto adverbial de companhia)
   – *As pessoas **continuam** apáticas*. (verbo de ligação)
   – *As pessoas **continuam** em frente à sacada*. (verbo intransitivo seguido de adjunto adverbial de lugar)
   – *Ele **parece** bem esforçado.* (verbo de ligação)
   – ***Parece** que vai chover.* (= *aparenta;* verbo intransitivo)

* Normalmente os verbos de ligação que se tornam intransitivos vêm seguidos de adjunto adverbial (de lugar, principalmente).
   – *Eu **vivo** bem.* (verbo intransitivo)
   – *Nós **estamos vivendo** o momento.* (verbo transitivo direto)
   – *Que mulher complicada! Ela **vive** de má vontade*. (verbo de ligação)
   – *Ainda **vou andar** rapidamente*. (verbo intransitivo)
   – *Melina **anda** feliz esses dias.* (verbo de ligação)
   – *O rapaz **virou** o móvel para limpar a sujeira.* (verbo transitivo direto)
   – *O rapaz **virou** drag queen.* (verbo de ligação)
   – *Segundo noticiado, assassino **segue** suas vítimas à noite*. (verbo transitivo direto)
   – *Segundo noticiado, assassino **segue** preso.* (verbo de ligação)
   – *José lhe **deu** a melhor explicação possível.* (verbo transitivo direto e indireto)
   – *José **deu** um excelente professor de português.* (verbo de ligação)
   – *O homem **caiu** da cama*. (verbo intransitivo)
   – *O homem **caiu** de cama.* (verbo de ligação)

Veja uma questão sobre isso:

19. (Exército – EsSA – Sargento – 2006) A oração cujo predicado tem a mesma classificação que em "João Teodoro caiu em meditação profunda" é:

a) “E sumiu.”
b) “Chamava-se João Teodoro, só.”
c) “Um dia aconteceu a grande novidade...”
d) “Mas, como? Agora que você está delegado?” (Gabarito!)
e) “Já teve três médicos bem bons...”

Comentário: Tanto o verbo *estar* como o verbo *cair* indicam estado (transitório e mutatório, respectivamente). Ambos são verbos de ligação, por isso estamos diante de um predicado nominal.

2) Alguns verbos (conhecidos como incoativos, segundo o grande mestre Celso Cunha), apesar de indicarem estado (mutatório), não são de ligação, mas **intransitivos**: *adoecer, emagrecer, empobrecer, melhorar*., que equivalem a “ficar doente, ficar magro, ficar pobre, ficar melhor.” Sobre isso, veja uma questão extremamente polêmica, que deveria ter sido anulada, mas não foi, por associarem equivocadamente verbo intransitivo à ideia de ação:

19. (Exército – EsPCEx – Oficial – 2011) No trecho, “Ele chegava e saía curvado, sob a garra do reumatismo que nem melhorava nem matava.” (linha 29), os verbos sublinhados indicam, respectivamente:
a) ação – ação – ação – ação (Gabarito!);
b) ação – estado – ação – estado;
c) estado – ação – estado – ação;
d) estado – ação – ação – ação;
e) ação – ação – estado – ação.

Comentário: A resposta deveria ter sido a letra e), pois *melhorar* indica estado mutatório. Fica a lição: nem todo verbo intransitivo indica ação.

Intransitivo

O **verbo intransitivo** é aquele que contextualmente não exige complemento, por ter sentido completo.

Segundo a visão tradicional, consideram-se verbos intransitivos também aqueles que, indicando **deslocamento** ou **moradia**, normalmente vêm acompanhados de uma expressão adverbial (de lugar, principalmente).

– *No dia 5 de outubro de 2011,* ***morre*** *o famoso inventor Steve Jobs.*
– ***Encerraram****-se as sessões de cinema às 22h.*
– *Todos* ***chegaram*** *ao teatro à noite.*

Cuidado!!!

1) Cuidado com os verbos *ir, chegar, voltar, regressar, partir, retornar, morar, residir, habitar* e sinônimos, pois eles **aparentemente** exigem um objeto indireto, mas na verdade são apenas especificados por um adjunto adverbial indicando **lugar**. Esta é a visão tradicional. Alguns estudiosos, como Celso P. Luft, em seu *Dicionário de Regência Verbal*, entendem que os verbos que indicam **deslocamento** podem ser analisados como

transitivos indiretos. Voltando à visão tradicional... Tais verbos são acompanhados de adjunto adverbial de lugar, pois, caso contrário, o interlocutor não entenderia plenamente uma frase como esta: "Você sabia que ele foi?" (Pergunta óbvia: Ele foi **aonde**?). Esses verbos precisam de um **especificador** de lugar, e não de um **complemento**. Há muita polêmica em torno disso. Rocha Lima, por exemplo, fala em "complemento circunstancial". Não obstante, pela gramática tradicional, reitero: tais verbos são considerados **intransitivos** e são seguidos de adjuntos adverbiais de lugar!

2) Certos intransitivos podem ser transitivos diretos ou indiretos, contextualmente.

– *Vou **dormir** cedo.* (verbo intransitivo)

– *Vou **dormir** um sono profundo.* (verbo transitivo direto)

– *Sua ajuda financeira não **basta**, meu amigo!* (verbo intransitivo)

– *Sua ajuda financeira não **basta** para mim, meu amigo!* (verbo transitivo indireto)

Transitivo Direto

O **verbo transitivo direto** é aquele que contextualmente exige um complemento sem preposição obrigatória (objeto direto). Uma maneira de saber se o verbo é transitivo direto se dá por meio da passagem de voz ativa para passiva. Se isso ocorrer, o verbo é de fato transitivo direto (99,99% das vezes).

– *Por que os homens **destroem** assim a natureza? (Destrói-se algo/alguém)*

– ***Sabemos** que o mercado imobiliário está em ascensão. (Sabe-se algo)*

– ***Consideramo-las** pessoas realmente idôneas. (Considera-se alguém/algo)*

Cuidado!!!

1) Não raro, o complemento deste tipo de verbo vem em forma de pronome átono (o, a, os, as (lo, las, los, las/no, na, nos, nas)).

2) Às vezes, os verbos transitivos diretos vêm acompanhados de termo preposicionado em certas expressões idiomáticas, como "Puxar *da espada"*, "Cumprir *com o dever"*, "Beber *da água",* "Comer *da comida"* etc. Falo melhor sobre isso em *objeto direto preposicionado*, mais à frente.

3) Muitas vezes, pelo contexto, o verbo transitivo direto pode se tornar intransitivo:

– *O marido **passou a odiar** a mulher.* (verbo transitivo direto)

– *Quem **odeia** se envenena aos poucos.* (verbo intransitivo)

– ***Ouço** dez gêneros musicais por dia.* (verbo transitivo direto)

– *Enfim eles **estão ouvindo** perfeitamente.* (verbo intransitivo)

4) Lembre-se: todo verbo na voz passiva, em que o objeto direto da ativa se tornou sujeito, é transitivo direto (ou transitivo direto e indireto). Portanto, em "Vende-se casa." e "Fui

aplaudido.", os verbos *vender* e *aplaudir* são transitivos diretos. Reitero: o VTD na forma passiva não tem OD porque este virou sujeito. Mas ele continua VTD. Se não, não haveria voz passiva.

Transitivo Indireto

O **verbo transitivo indireto** é aquele que contextualmente exige um complemento com preposição obrigatória (objeto indireto).

– ***Concordo*** *com você, realmente* ***tenho de acreditar*** *em Deus, pois aqueles que lhe* ***desobedecem*** *sofrem graves consequências. (Concorda-se com algo/alguém/Acredita-se em algo/alguém/Desobedece-se a alguém/algo)*

Obs.: Muitos transitivos indiretos aceitam o *lhe* como complemento, mas outros não, como *aludir, anuir, assistir (=ver), atentar, investir, recorrer* etc. Falo melhor sobre isso no capítulo *Termos Acessórios da Oração,* em *Funções Sintáticas dos Pronomes Oblíquos Átonos* (veja o *lhe*).

Transitivo Direto e Indireto

Também chamado de **bitransitivo**, o **verbo transitivo direto e indireto** exige dois complementos, um sem preposição (objeto direto) e outro com preposição (objeto indireto).

– *A comissão parlamentar* ***comunicou*** *o problema a todos. (Comunica-se algo a alguém)*

– ***Comprei*** *uma blusa para mim. (Compra-se algo para alguém)*

– *Minha mãe só conseguiu me* ***dar*** *à luz depois de muito esforço.* (*me* é objeto direto e *à luz,* objeto indireto)

Obs.: Lembre-se sempre: só o contexto determinará a classificação do verbo.

– *Ela* ***escreve*** *bem. (VI)*

– *Ela* ***escreveu*** *dois poemas. (VTD)*

– *Ela ainda não me* ***escreveu****. (VTI)*

– *Ela não me* ***escreveu*** *nada. (VTDI)*

Predicativo do Sujeito e do Objeto

Vamos entender agora o que é o **predicativo**, porque este conhecimento servirá para entendermos os tipos de predicado melhormente.

Predicativo é o termo sintático que expressa estado, qualidade ou condição do ser ao qual se refere, ou seja, é um atributo. Normalmente aparece ligado ao sujeito por um verbo de ligação, mas não pense que só há predicativo do sujeito com verbo de ligação. Esse termo sintático pode ocorrer em orações com verbos intransitivos e transitivos.

Seu núcleo é representado por um adjetivo (normalmente), um substantivo, um numeral, um pronome, uma palavra substantivada, um advérbio (segundo Bechara e Sacconi) ou uma oração.

Existem dois tipos, segundo os gramáticos tradicionais, mas muitos também se referem a um terceiro tipo, por isso vejamos:

1) **Predicativo do sujeito**: refere-se ao sujeito, caracterizando-o; não necessariamente aparece só com verbo de ligação.
   – *(Nós) Estamos **felizes**.*
   – *O ônibus da seleção chegou **atrasado** para o jogo.*
   – *Ele foi nomeado **supervisor** pelo gerente.*
   – *Definiu-se o caso **como impossível**.*
   – *O caso foi definido **como impossível**.*
   – *Eles assistiram **nervosos** à partida.*
   – *Eles deram, **muito ansiosos**, um presente ao irmão.*
   – *Meu filho se tornou **um grande médico**.*
   – *Nós somos **dez** lá em casa.*
   – *Eu serei **você** amanhã.*
   – *Meu Brasil é **o verde das matas** e **o amarelo do ouro**.*
   – *A vida é **assim**, às vezes as pessoas ficam **bem** depois de uma separação.**
   – *Nós parecemos **que estamos sempre nos intrometendo na vida dos outros**?*

* Muitas bancas, principalmente militares, insistem em analisar tais predicativos como adjuntos adverbiais de modo.

Cuidado!!!

1) O predicativo do sujeito pode vir preposicionado: *A taça é **de cristal**. / Estou **sem medo**. / Continuamos **com sono**. / A distância é **de vinte quilômetros**?*

2) O predicativo do sujeito pode modificar um <u>sujeito oracional</u>: *É **primordial** que <u>aprendamos gramática</u>.*

3) Em orações sem sujeito com o verbo *ser*, existe predicativo **do <u>sujeito</u>**! Isso é estranho

demais, no entanto é assim que manda a tradição gramatical, e a gente, que não é bobo nem nada, lhe obedece. Consoante o que diz a NGB, o gramático Luiz Antonio Sacconi reitera: "Nas orações ***Era primavera*** e ***Estava frio***, o predicado é nominal, já que nelas existem verbos de ligação, cujos predicativos são ***primavera*** e ***frio***.". Fiz uma pergunta à ABL sobre isso e foi-me dito o mesmo. Logo, é isso aí.

4) O predicativo do sujeito pode ser representado por um pronome demonstrativo *o*: *Ele não é feliz, mas ela **o** é. (... ela é feliz).*

5) Existe predicativo do sujeito pleonástico, ou seja, um predicativo do sujeito que retoma um predicativo do sujeito já existente na oração. Veja: "***Orgulhoso***, ele sempre ***o*** foi.". O *o* (demonstrativo) é um predicativo do sujeito pleonástico, pois já existe um predicativo do sujeito, a saber: *orgulhoso*.

6) Pelo mesmo princípio de tipos de sujeitos, por inferência, notamos que há predicativo simples, composto, implícito (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova, meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Sou **estudioso***. (simples: um núcleo)

– *Sou **rico e bonito***. (composto: mais de um núcleo)

– *"Você é feliz?" "Sou."* (oculto: = *Sou (feliz)*)

– *O fato é **que o assunto me intriga***. (o predicativo do sujeito é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

2) Predicativo do objeto direto: normalmente é uma característica dada pelo sujeito ao objeto direto; enfim, é um termo sintático que modifica o objeto direto.

É bom dizer que há predicativo do objeto direto normalmente com os verbos **transobjetivos** (*julgar, chamar, nomear, eleger, proclamar, designar, considerar, declarar, adotar, tornar, encontrar, deixar, achar*...), os quais indicam opinião ou designação e normalmente exigem um objeto seguido de um predicativo do objeto.

Note que predicativo do objeto é uma característica **atribuída**, e não inerente ao ser.

– *O povo elegeu-o **presidente** pela segunda vez.*

– *Tu tens de me agradecer eternamente, pois eu te tornei **um homem famoso**.*

– *O fraco rei faz **fraca** a forte gente.* (Camões)

– *Faço as suas palavras **as minhas**.*

– *Deixei-a **preocupadíssima**.*

– ***Irritadíssima**, largou o namorado no meio da rua e saiu em disparada.*

Cuidado!!!

1) Na passagem de voz ativa para passiva, o predicativo do objeto vira predicativo do sujeito: *Todos consideramos a prova **difícil**.* (voz ativa) */ A prova foi considerada **difícil** por todos*. (voz passiva).

2) Pode haver predicativo do objeto referente a uma oração objetiva direta (objeto direto oracional): *Eu considero **válido** <u>que você arrume um emprego</u>.* O que é considerado válido pelo sujeito? **Isto**: "que você arrume um emprego", complemento (objeto direto) do verbo *considerar*. Veja outro exemplo: *Essa agilidade teve **como objetivo exclusivo** (predicativo do objeto direto oracional) <u>permitir-nos decidir</u> <u>o que merecia a nossa atenção</u> (= **Isto**;* objeto direto oracional*)*. Ou seja: *"Essa agilidade teve **isto como objetivo exclusivo**"*. O *como* é uma preposição acidental.

Veja uma questão sobre o *como*, preposição acidental, iniciando um predicativo do objeto e um predicativo do objeto modificando uma oração:

Fragmentos de texto

L. 9: ... e comprar um item mais caro...

L. 17: ... levar um bom vinho para o almoço...

L. 26-27: ... o primeiro é regido por valores como amor e lealdade, o segundo tem como marca indexadores monetários e contratos.

L. 32: ... acha bobagem comprar...

04. (CONSULPLAN – TSE – Técnico Judiciário – 2012) Assinale a palavra que, no texto, desempenhe função sintática idêntica à de *marca* (L. 27).
a) amor (L. 26).
b) vinho (L. 17).
c) bobagem (L. 32).
d) caro (L. 9).

Comentário: O substantivo *marca*, iniciado pela preposição acidental *como*, tem função de predicativo deste objeto direto: "indexadores monetários e contratos". O substantivo *bobagem* também tem função de predicativo do objeto, mas seu objeto vem em forma de oração: *comprar*. Note que tal predicativo é "fruto" da exigência de um verbo transobjetivo, *achar*.

3) O predicativo do objeto direto pode vir preposicionado: *Ele se fez **de bobo** para conquistá-la. (o pronome reflexivo "se" tem função de objeto direto). / Os próprios doutores da faculdade tinham aquele professor **por um sábio**. / Infelizmente encontrei, **sem esperanças e com a vida por um fio**, meu amigo no hospital.*

4) Pode haver predicativo do objeto de um objeto direto preposicionado: *Estamos no mundo para fazer <u>dele</u> **um mundo melhor**.*

5) Por inferência, notamos que há predicativo do objeto simples, composto, implícito (só contextualmente). Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova, meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Por causa do prêmio Nobel de Literatura, encontrei o escritor* ***orgulhoso***. (simples: um núcleo)

– *Por causa do prêmio Nobel de Literatura, encontrei o escritor* ***orgulhoso e sorridente***. (composto: mais de um núcleo)

– *"Você o encontrou orgulhoso por ter ganhado o prêmio?" "Encontrei-o."* (oculto: = *Encontrei-o (orgulhoso))*

3) Predicativo do objeto indireto: refere-se ao objeto indireto, caracterizando-o.

– *Gosto de vocês* ***quietinhos***.

– *Eu preciso do meu marido* ***consciente****, doutor!*

– *No início do século XX, as filhas obedeciam aos pais –* ***sempre austeros***.

– *As muralhas não resistiram aos ataques (****extremamente ferozes****)*.

Cuidado!!!

1) O verbo transobjetivo *chamar* no sentido de *nomear, apelidar, cognominar, classificar* pode ser verbo transitivo direto (VTD) ou indireto (VTI) acompanhado de predicativo do objeto direto (POD) ou indireto (POI). A preposição de é facultativa.

– *Chamei ao rapaz (de)* ***vigarista***. (VTI / POI) - *Chamei-lhe (de)* ***vigarista***. (VTI / POI)

– *Chamei o rapaz (de)* ***vigarista***. (VTD / POD) - *Chamei-o (de)* ***vigarista***. (VTD / POD)

2) Por inferência, notamos que há predicativo do objeto indireto simples, composto, implícito (só contextualmente). Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova, meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Eu me lembro delas ainda* ***moças***. (simples: um núcleo)

– *Eu me lembro delas ainda* ***moças e dispostas***. (composto: mais de um núcleo)

– *"Você a chamou de infeliz?" "Chamei-a, sim!"* (oculto: = *Chamei-a (de infeliz, sim!)*)

Obs. final: Apesar de isso não cair em prova alguma, o importante linguista Claudio Cezar Henriques ensina que o predicativo não se restringe ao sujeito ou aos objetos, mas pode modificar outros termos sintáticos. Vou dar só um exemplo para matar sua curiosidade: *O rapaz nunca sai com a namorada* ***desarrumada***. (predicativo do adjunto adverbial de companhia, levando em conta que ele só tem uma namorada).

Classificação do Predicado

São três tipos de predicado: nominal, verbal e verbo-nominal.

1) **Nominal**: o nome, o predicativo do sujeito, é a parte mais significativa do predicado; é constituído sempre de verbo de ligação + predicativo do sujeito.
   – *Os alunos* ***parecem bem <u>interessados</u> ultimamente****.*
   – *Esses moradores* ***continuam sem moradia****!*
   – ***É de chorar*** *esse programa de comédia.*
   – ***Já são vinte e duas horas****?* (tudo é predicado nominal, pois não há sujeito)
2) **Verbal**: expressa ideia de ação/movimento e tem como núcleo um verbo; constituído de qualquer verbo, exceto o de ligação; <u>não</u> há predicativo algum.
   – *Meus alunos* ***não estão em sala de aula****.* (verbo intransitivo)
   – ***Devido ao frio, tivemos de nos agasalhar até o conserto do aquecedor****.*[1] (verbo transitivo direto)
   – ***Houve esquema de compra de votos segundo o relator da CPI****.*[2] (verbo transitivo direto)
   – *Todos nós* ***visamos a uma carreira estável****.* (verbo transitivo indireto)
   – *O rapaz* ***informou sua classificação ao mestre****.* (verbo transitivo direto e indireto)

[1] Tudo é o predicado; o sujeito está oculto (nós). [2] Oração sem sujeito: tudo é o predicado.

3) **Verbo-nominal**: é a mistura dos dois anteriores; composto de um verbo qualquer que não seja de ligação + um predicativo (do sujeito ou do objeto).
   – *A relação do casal,* ***inicialmente caótica, amadureceu****.*
   – *O povo* ***reelegerá Dilma presidenta daqui a poucos anos?***
   – *Nós* ***nos aliamos a ele desconfiados****.*
   – ***Emocionados, convidaram o professor para a despedida****.*[1]
   – ***Como professor, tive de fornecer um vultoso material aos alunos****.*[2]

[1] Tudo é o predicado; o sujeito está indeterminado. [2] Tudo é o predicado; o sujeito está oculto (eu).

Obs.: A ordem do predicativo do sujeito pode mudar a predicação verbal: *O entrevistado ficou* ***calado*** *na sala de espera.* (verbo de ligação) / *O entrevistado ficou na sala de espera* ***calado****.* (verbo intransitivo).

<u>Último adendo</u> (só para eu poder dormir tranquilo): Dentro da **classificação de termos essenciais, integrantes e acessórios da oração**, os predicativos do sujeito e do objeto são **termos essenciais** no que diz respeito à formação dos predicados nominal e verbo-nominal.

O Que Cai Mais na Prova?

Você vai ver que a maioria das questões de bancas diversas estão relacionadas à identificação do sujeito (normalmente afastado do verbo) e ao tipo de sujeito. No entanto, saiba que a FCC adora cobrar questão de transitividade verbal. Observe o padrão das questões!

Questões de Concursos

*Em dezembro do ano passado, **milhares de pessoas** tomaram as ruas de Seattle nos Estados Unidos, para protestar contra uma reunião da Organização Mundial de Comércio, que tentava aprovar mais uma rodada de liberalização comercial (a chamada Rodada do Milênio). **Conseguiram** barrar a negociação, que ficou para um futuro para lá de incerto, e, de quebra, **ridicularizaram** ninguém menos que o presidente americano Bill Clinton, o anfitrião do encontro. (...)*

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2000) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O sujeito de "conseguiram" e de "ridicularizaram" é "milhares de pessoas".

2. (Esaf – SERPRO – Técnico de Operação de Rede – 2001) Assinale a opção em que o termo sublinhado no texto exerce a função de sujeito sintático da oração.

Em meio à profusão a) de novidades no mundo dos computadores, não há carteira b) que resista ao apelo consumista de vendedores interessados em empurrar-lhe um equivalente a um modelo de Fórmula 1 c), quando você d) precisa na verdade é de um carro confortável e) para ir de casa para o trabalho ou escapar para o sítio no fim de semana.

a) A.
b) B.
c) C.
d) D.
e) E.

3. (ACEP – BNB – Assistente Administrativo – 2004) Em "A dedicação ao trabalho ***te*** enche de glória e ***te*** faz ***vencedor***", as palavras em itálico são respectivamente:
a) objeto direto, objeto indireto, objeto direto;
b) objeto indireto, objeto indireto, predicativo do sujeito;
c) adjunto adnominal, adjunto adnominal, objeto direto;
d) objeto direto, objeto direto, predicativo do objeto;
e) predicativo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto.

4. (Esaf – Advogado – 2004) Assinale a frase do texto que constitui uma oração sem sujeito.

O direito nada pode sem a ética, e não pode haver paz sem justiça. Toda regra de Justiça envolve amor, que resume, em seu mais amplo sentido, a verdadeira idéia da convivência entre os homens.

a) O direito nada pode sem a ética.
b) [...] não pode haver paz sem justiça.
c) Toda regra de Justiça envolve amor.
d) que resume [...] a verdadeira idéia da convivência entre os homens.
e) [...] em seu mais amplo sentido [...]

5. (Esaf – Técnico Administrativo – ANEEL – 2006) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

*Apesar das dificuldades, o Programa de Metas foi executado e seus resultados **manifestam-se** na transformação da estrutura produtiva nacional. (...) No entanto, **foi** graças ao controle do câmbio e ao regime de incentivos criados que as importações de bens de consumo duráveis foram contidas.*

I. Em "manifestam-se", o "se" é índice de indeterminação do sujeito.
II. Por se tratar de verbo expletivo, "foi" pode ser retirado da oração sem prejuízo do sentido e da sintaxe.

6. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa em que o predicado é verbo-nominal:
a) O garoto tímido fez o discurso.
b) Não encontraram o suspeito.
c) A garota saiu chateada da escola.
d) O garoto continua internado.

7. (Cespe – IRBr – Diplomata – 2008) Na linha 17 (O único perigo é que o porão faça da criança, no futuro, um romancista introvertido...), o termo 'um romancista introvertido' exerce função sintática de predicativo do objeto 'da criança'.
( ) CERTO ( ) ERRADO

8. (Cesgranrio – SEC. ADM./TO – Administrador Hospitalar – 2009) O verbo destacado é impessoal na frase:
a) "(e isso, você sabe, não implica nenhum tipo de propensão ao crime)." (L. 3-4);
b) "E, ah, quando não há ninguém por perto,..." (L. 5);

c) “E tudo agora é para valer.” (L. 10);
d) “Vira mais uma atividade produtiva a cumprir...” (L. 17);
e) “quem brinca não quer chegar a lugar nenhum –” (L. 20-21).

9. (FCC – TRT/MG (3R) – Analista Judiciário – 2009) ... que prevalece no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos. (3º parágrafo)
A frase cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:
a) ... que homogeneíza todos os indivíduos.
b) ... o sentimento tribal é muito forte ...
c) ... acompanha o indivíduo por toda vida ...
d) ... que (...) participam no rito das danças guerreiras.
e) ... e estão espalhados por vários locais.

10. (FCC – TRT/MA (16R) – Analista Judiciário – 2009) Na frase *Mas aqui surge outro* **problema**, o termo em destaque exerce a mesma função sintática que o termo sublinhado em:
a) Não, não sou um conservador reacionário.
b) Tivemos tempo suficiente para ver quanto podia durar um disco de vinil (...)
c) (...) as fitas de vídeo perdem as cores e a definição com facilidade.
d) Um congresso recente, em Veneza, dedicou-se à questão da efemeridade dos suportes de informação (...)
e) Sabemos que todos os suportes mecânicos, elétricos ou eletrônicos, são rapidamente perecíveis (...)

11. (FUNRIO – MPOG – Agente Administrativo – 2009) “Dizem que, quando recebeu o Robespierre caído em desgraça...”. Assinale a opção que apresenta corretamente a classificação do sujeito de “Dizem” e uma respectiva explicação para tal emprego.
a) Sujeito inexistente – inexiste um termo a que o verbo possa se referir.
b) Sujeito indeterminado – não se pode ou não se deseja especificar o sintagma que exerce a função de sujeito.
c) Sujeito oculto – é identificável na forma verbal.
d) Sujeito simples – seu núcleo é Robespierre.
e) Sujeito composto – apresenta dois núcleos, Robespierre e Carrasco.

12. (FCC – TRT/CE (7R) – Analista Judiciário – 2009) *Mas enquanto o sonho de Darcy não se torna realidade, o debate continua.*
Os termos sublinhados exercem na frase acima a mesma função sintática do termo sublinhado em:
a) Ainda temos muito a caminhar.
b) Para ele, trabalho não era opção para as crianças.
c) Caberiam aos pais as providências (....)
d) Ainda que a escola não venha a suprir a necessidade (...)
e) A tragédia dos menores abandonados é de tal ordem (...)

13. (FUNDEP – TJ/MG – Assistente Social – 2010) “Anda tudo **muito desorganizado**, e, como deves notar, trago comigo um resto de verão [...].”
O termo destacado no trecho acima, quanto à função sintática, classifica-se em:
a) adjunto adverbial;
b) aposto;
c) predicativo do sujeito;
d) adjunto adnominal.

14. (Cespe/UnB – Caixa – Advogado – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Na oração “Vale a pena deixá-los sem futuro?”, o sujeito é inexistente.

15. (CONSULPLAN – Técnico Administrativo – 2010) Assinale a seguir uma oração sem sujeito:
a) Come-se bem naquele restaurante.
b) Vai haver um campeonato.
c) Vive-se feliz no Brasil.
d) Paulo faz vinte anos amanhã.
e) Eles haviam feito a pesquisa.

16. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judicário – 2010) *Uma pesquisa recente de um grupo de arqueólogos alemães confirma a antiguidade da família nuclear entre humanos.*

A frase cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:

a) Várias hipóteses apontam nesse sentido.
b) ... geravam mais descendentes que os aventureiros ...
c) ... em que os animais andam em bandos ...
d) ... que datam de 4.600 anos atrás ...
e) ... de que a família nuclear era uma instituição apenas cultural.

17. (CONSULPLAN – Pre. Santa Maria Madalena – Enfermeiro – 2010) Em "...saibamos <u>ensinar</u> aos alunos o mais elementar,...", o verbo destacado é:

a) Transitivo direto.
b) Transitivo indireto.
c) Intransitivo.
d) De ligação.
e) Transitivo direto e indireto.

*(...) Quão competente é, porém, **o crítico competente**? Suponhamos que uma obra de arte profundamente original surja diante de seus olhos. Como a julga ele? Comparando-a com as obras de arte do passado. **Se for original**, afastar-se-á em alguma coisa – e, quanto mais original, mais se afastará – das obras de arte do passado. (...)*

18. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Pelo desenvolvimento das ideias do texto, verifica-se que a referência do sujeito elíptico de todas as orações do período iniciado por "Se for original" corresponde à expressão "o crítico competente".

( ) CERTO
( ) ERRADO

Pernambucano em Málaga
A cana doce de Málaga
dá domada, em cão ou gata:
deixam-na perto, sem medo,
quase vai dentro das casas.
(...)
A cana doce de Málaga
não é mar, embora em praias,
dá sempre em pequenas poças,
restos de uma onda recuada.
(...)
A cana doce de Málaga
dá dócil, disciplinada:
dá em fundos de quintal
e podia dar em jarras.
(...)
João Cabral de Melo Neto

19. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) A forma "dá" é empregada no poema ora como verbo intransitivo, nos versos 19 e 27, por exemplo, ora como transitivo, nos versos 2 e 26.

( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Esaf – Analista Técnico da SUSEP – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

*(...) O fenômeno já se fazia sentir com força, no final de 2009, na procura por engenheiros. Agora se vê que a carência de profissionais **se espraia** para vários níveis de formação – sobram vagas para farmacêuticos, mas também para eletricistas e torneiros. Trata-se de um problema grave, para o qual não há solução simples nem imediata. A rede educacional do país, com suas falhas e **distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade**, **mostra-se** incapaz de oferecer ao mercado de trabalho mão de obra competente.*

I. Em "se espraia" o termo "se" funciona como indicador de sujeito indeterminado.
II. A forma verbal "mostra-se" tem como sujeito "distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade".

21. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) As orações "São tantos os espaços para a dita participação popular" e "não há espaços de visibilidade claros" são exemplos de oração sem sujeito.

( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – BRB – Escriturário – 2011) O emprego da partícula "se" em "se estabeleceram" (No entanto, foi somente no século XVII que os bancos se estabeleceram...) indica que o sujeito da oração é indeterminado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (Cespe/UnB – BRB – Escriturário – 2011) A expressão "moedas mexicanas e peruanas" (No extremo norte, por exemplo, continuavam sendo usadas no comércio moedas mexicanas e peruanas...) exerce, na oração em que ocorre, a função sintática de sujeito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

24. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) Considerando-se apenas o trecho "Viver em ambiente sem gravidade faz coisas curiosas com o corpo", não se pode determinar, do ponto de vista sintático, o sujeito da forma verbal "faz".
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Em "Quando o carteiro chegou e meu nome gritou", os sujeitos gramaticais "o carteiro" e "meu nome" estão antepostos a seus respectivos predicados verbais.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
No palácio da Cachoeira,
com pena bem aparada,
começa Joaquim Silvério
a redigir sua carta.
Cecília Meireles

26. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Se os versos do fragmento fossem reescritos na ordem sujeito–verbo–complemento verbal–adjunto adverbial, a versão correta seria: *No palácio da Cachoeira/Joaquim Silvério começa/ a redigir sua carta/ com pena bem aparada.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Constituem exemplos de orações que não seguem a ordem sujeito–verbo–objeto: "como nos inclina a pensar a prevalência da forma pronominal" e "uma vez que foi necessário levar em conta a noção de memória coletiva".
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Em pleno sertão do Cariri, no sul do Ceará, um meio de transporte causa estranheza na paisagem árida. Cobrindo os 14 quilômetros que separam Crato e Juazeiro do Norte, um misto de metrô e ônibus transporta passageiros. Trata-se do primeiro veículo leve sobre trilho (VLT) do Brasil, um tipo de transporte coletivo capaz de melhorar o trânsito nas cidades sem acarretar tantos malefícios ao ambiente. Além de custar menos que o metrô, **transporta muito mais passageiros** que o ônibus e é até 93% menos poluente que este. (...)

28. (Cespe/UnB – CBM/ES – Oficial Bombeiro – 2011) O sujeito da oração "transporta muito mais passageiros" está elíptico.
( ) CERTO
( ) ERRADO

29. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) O verbo destacado **NÃO** é impessoal em:
a) Fazia dias que aguardava a sua transferência para o setor de finanças.
b) Espero que não haja empecilhos à minha promoção.
c) Fez muito frio no dia da inauguração da nova filial.
d) Já passava das quatro horas quando ela chegou.
e) Embora houvesse acertado a hora, ele chegou atrasado.

30. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) A palavra *sujeitas* (... as matrizes das empresas

transnacionais que aqui operam sujeitas às normas...) exerce, no texto, função sintática de:
a) complemento nominal;
b) objeto direto;
c) predicativo do objeto;
d) predicativo do sujeito;
e) adjunto adverbial de modo.

(www.ivancabral.com)

31. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) De acordo com o contexto da fala do aluno, o uso do verbo no plural indica sujeito:
a) desinencial;
b) indeterminado;
c) inexistente;
d) composto;
e) elíptico.

32. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) (Adaptada) O termo sublinhado em **Sabe-se quão barbaramente <u>os ingleses</u> subjugaram os hindus** exerce a função de ....., a mesma função sintática que é exercida por ..... na frase **Cometeram-se incontáveis violências contra os hindus**.
Qual item preenche corretamente as lacunas do enunciado acima, respectivamente?
I. objeto direto – os hindus;
II. sujeito – os hindus;
III. sujeito – violências.

33. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Na frase *No caso dos donos do mundo, não se devem esperar exames de consciência mais profundos*, é correto afirmar que:
a) a construção verbal é um exemplo de voz ativa;
b) a partícula <u>se</u> tem a mesma função que em "*E **<u>se</u>** ela não vier?";*
c) a forma plural *devem* concorda com *exames*;
d) ocorre um exemplo de indeterminação do sujeito;
e) a expressão *donos do mundo* leva o verbo ao plural.

34. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) Destes <u>proviriam</u> as pistas que indicariam o caminho ...
O verbo empregado no texto que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está também grifado em:
a) ... a principal tarefa do historiador <u>consistia</u> em estudar possibilidades de mudança social.
b) Os caminhos institucionalizados <u>escondiam</u> os figurantes mudos e sua fala.
c) <u>Enfatizava</u> o provisório, a diversidade, a fim de documentar novos sujeitos ...
d) ... sociabilidades, experiências de vida, que por sua vez <u>traduzissem</u> necessidades sociais.
e) <u>Era</u> engajado o seu modo de escrever história.

35. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) O conetivo ***e*** (*Gates afirmou ser importante usar outros meios para convencer o Irã a não procurar ter armas nucleares* ***e*** *repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar...*) está ligando:
a) dois verbos intransitivos;
b) dois verbos transitivos indiretos;
c) um verbo transitivo direto e outro indireto;
d) dois verbos transitivos;
e) dois verbos circunstanciais.

36. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) Em "Pela estreita peneira do programa só passam os realmente capazes", o sujeito da oração está indeterminado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) O termo "gente" (Há gente no Brasil interessada em...) exerce a função de sujeito da oração em que se insere.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Não era preciso ser médium para, mesmo antes do desastre com avião na Amazônia no final de 2006, ***perceber*** *que a leniência das autoridades federais... (...)*

38. (Cespe/UnB – STM – Técnico Judiciário – 2011) A forma verbal "perceber" possui sujeito oracional.
( ) CERTO
( ) ERRADO

39. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) No trecho "É verdade que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas", o emprego da forma verbal singular "É" justifica-se pelo fato de essa forma verbal não ter sujeito explícito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

40. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Na linha 5 do fragmento I, destaca-se, por meio da partícula expletiva "é que", o sujeito simples da oração absoluta "Essa criança é que chamaram de Macunaíma".
( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Admite-se como forma alternativa de reescrita da expressão coloquial "o diabo do homem só faltou me chamar de" a estrutura **só faltou o diabo do homem me chamar de**, na qual o verbo **faltar** é empregado como impessoal e, portanto, integra uma oração sem sujeito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

42. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ... *elas ainda* <u>*sofrem de imensas deficiências de nutrientes*</u> ...
A relação entre verbo e complemento, grifada acima, se reproduz em:
a) ... embora a maioria das pessoas consuma calorias suficientes ...
b) ... e têm pontuação mais baixa nos testes de habilidade cognitiva.
c) ... a epidemia de obesidade nos países ricos representa exatamente o problema oposto.
d) ... e muitos não obtêm esses nutrientes.
e) ... menos da metade daqueles que mais precisam deles ...

43. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) ... *para que ela não* <u>*interfira*</u> *de forma excessiva em seus projetos.*
O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está em:
a) ... contra forças desconhecidas que anulam tudo aquilo ...
b) ... com as quais procuramos lidar com a realidade ...
c) ... deixando-nos desarmados e atônitos ...
d) ... de algo que está além de nossa compreensão ...
e) ... ele o convoca constantemente.

44. (Cesgranrio – Petrobras Distr. – Direito Júnior – 2012) O trecho "Pensa-se logo num palhaço" pode ser reescrito,

respeitando a transitividade do verbo e mantendo o sentido, assim:
a) O palhaço pode ser logo pensado.
b) Pensam logo num palhaço.
c) Pode-se pensar num palhaço.
d) Pensam-se logo num palhaço.
e) O palhaço é logo pensado.

45. (FUMARC – TJ/MG – Técnico Judiciário – 2012) Leia o trecho transcrito: "O povo **respira** aliviado.". A predicação do verbo negritado na frase se repete em:
a) Mesmo com os meus conselhos, ele continua ansioso.
b) O presidente nomeou Catarina primeira secretária.
c) Só ficarão acesas as lâmpadas da sala e do corredor.
d) O filho dependia da mãe para as atividades diárias.

46. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) *Este conceito é relativo, pois em arte não há originalidade absoluta.*
... a sua contribuição maior foi a liberdade de criação e expressão.
Ambos os elementos acima grifados exercem nas respectivas frases a função de:
a) adjunto adverbial;
b) objeto direto;
c) complemento nominal;
d) predicativo;
e) objeto indireto.

(Fernando Gonsales. www.uol.com.br)

47. (FGV – Senado Federal – Administração (Técnico) – 2012) Em relação aos verbos da tirinha e sua natureza sintática, analise as alternativas a seguir:
I. Só há um verbo de ligação na tirinha, em uma única ocorrência.
II. Só há um verbo transitivo direto na tirinha, em uma única ocorrência.
III. Todos os verbos possuem sujeito simples.
a) Se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
b) Se nenhuma afirmativa estiver correta.
c) Se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
d) Se todas as afirmativas estiverem corretas.
e) Se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

Gabarito

1. CORRETO.	11. B.	21. ERRADO.	31. B.	41. ERRADO.
2. D.	12. E.	22. ERRADO.	32. III.	42. E.
3. D.	13. C.	23. CERTO.	33. C.	43. B.
4. B.	14. INCORRETO.	24. ERRADO.	34. A.	44. B.
5. I- INCORRETA. II- INCORRETA.	15. B.	25. ERRADO.	35. D.	45. B.
6. C.	16. B.	26. ERRADO.	36. ERRADO.	46. D.
7. CERTO.	17. E.	27. CERTO.	37. ERRADO.	47. D.
8. B.	18. ERRADO.	28. CERTO.	38. ERRADO.	
9. D.	19. ERRADO.	29. E.	39. ERRADO.	
10. C.	20. I- INCORRETA. II- INCORRETA.	30. D.	40. ERRADO.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 20

Termos Integrantes da Oração

Definição

Os **termos integrantes da oração** servem para completar o sentido de certos verbos e certos nomes para que a oração fique plena, por isso são chamados de **complementos verbais** (**objeto direto** e **objeto indireto**), **complemento nominal** e **agente da passiva**.

Objeto Direto

O **objeto direto** é um termo que estabelece uma relação sintática com um verbo transitivo direto ou transitivo direto e indireto, complementando seu sentido. Normalmente o objeto direto é o alvo da ação verbal e não vem preposicionado.

– *De um modo completo mas didático, ensinei* ***gramática*** *aos alunos.*

– *Gostaria de vê-****lo*** *no topo do mundo, meu filho.*

– ***Quem*** *vocês conhecem deste lugar?*

– *Libertaram* ***os demais****, pois não haviam feito nada de ilícito.*

– ***Aqueles*** *eu tolero, mas* ***estes*** *jamais irei tolerar.*

– *O técnico convocou somente* ***os do Brasil****. (os = aqueles)*

– *Nos últimos dias, Deus começará* ***o despertar de um novo mundo****.*

– *Deixamos* ***o nosso filho perceber as dificuldades da vida sozinho****.*

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há objeto direto simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Estou quase entendendo* ***Português****.* (simples: um núcleo)

– ***A Língua Portuguesa e todas as suas regrinhas****, só mesmo o professor domina.* (composto: mais de um núcleo)

– *"Você comprou aquele livro?" "Comprei."* (oculto: = Comprei (aquele livro))

– *Hoje sabemos* ***que ela não se apresentou por timidez****.* (o objeto direto é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

É bom dizer que, quando o objeto (ou qualquer outro complemento ou adjunto) vier ligado por *e* ou *nem* (conjunções coordenativas aditivas), ou separado por vírgula numa enumeração, não haverá verbo implícito. Por exemplo: "Fomos comprar *uma televisão, uma geladeira, um fogão e um sofá.*". Todos esses termos são núcleos do objeto coordenados, não é para entender que há orações implícitas, ou seja, fazer a seguinte análise *errada*: "Fomos comprar *uma televisão, (comprar) uma geladeira, (comprar) um fogão e (comprar) um sofá.*". Só há uma (1) oração, sinalizada pela locução verbal *fomos comprar*, ok?

2) Assim como o sujeito simples pode ser "complexo", ou seja, ser constituído de adjuntos adnominais ou de orações adjetivas, o **objeto direto** também: "*Os candidatos aplicados sempre resolvem* ***muitas provas anteriores que fazem parte das bancas de maior***

prestígio no universo dos concursos". A palavra em azul é só o núcleo, mas tudo em negrito é o objeto, ou seja, o complemento do verbo *resolver*.

3) Além dos pronomes oblíquos *o(s) e a(s)*, e suas variações *lo(a/s), no(a/s),* quase sempre exercerem a função de **OD**, os pronomes oblíquos *me, te, se, nos, vos* também podem exercer a função de **OD**. O *lhe(s)* nunca exerce função de OD.

– *Convidaram-**na** para palestrar sobre Sintaxe.*

– *Levou-**me** à sabedoria esta aula.*

– *Admira-**te** que eu tenha voltado?*

– *Sujou-**se** com graxa para compor o personagem.*

– *Depois de terem **nos** expulsado do colégio, convidaram-**nos** novamente.*

– *Nunca **vos** tomeis como grandes personalidades!*

4) Os pronomes demonstrativos *o, a, os, as* podem ser objetos diretos. Normalmente vêm antes do pronome relativo *que*:

– *Escuta **o** que eu tenho a te dizer. (Escuta (VTD) **o** (= aquilo; objeto direto) que eu tenho a te dizer.)*

5) Existem outros tipos de objeto direto que muito raramente caem em prova. Vamos conhecer.

Objeto Direto Preposicionado

Lembre-se sempre de que <u>não</u> é o verbo que exige a preposição! Ela é posta antes do objeto direto normalmente por motivo de ênfase ou clareza. Nos oito primeiros casos, a preposição é obrigatória; nos demais casos, facultativa.

a) OD é pronome **oblíquo tônico**.

– *Não entendo nem **a ele** nem **a ti**.*

b) OD é de um VTD + SE (PIS).

– *Antigamente, respeitava-se **aos mais velhos**.*

c) OD é preposicionado para evitar a **ambiguidade**.

– ***À mulher** venceu o homem.* (Sem a preposição *a + a = à, A mulher* poderia ser interpretado como sujeito ou objeto; assim, sabemos que *o homem* é o sujeito.*)*

d) OD é o pronome relativo **quem**.

– *Ele tinha um avô **a quem** idolatrava.*

e) OD é uma expressão de **reciprocidade** – *um(a/s) a(o/s) outro(a/s)*.

– *Os lutadores agrediram-se **uns <u>a</u>os outros**.*

f) OD é um **substantivo coordenado com um oblíquo**.

– *Redação do art. 229, inc. III, do Novo Código Civil:*

"Ninguém pode ser obrigado a depor sobre fato:

(...)

*III- que o exponha, ou **às pessoas referidas no inciso antecedente**"*

– *Mulher, amo-te e **aos meus pais** também.*

g) OD é um **infinitivo** (regido pela preposição *a*) dos verbos *ensinar* e *aprender.*

– *Sua professora lhe ensinou **a ler Machado de Assis**?*

– *Não aprendi **a somar nem a dividir**.*

h) OD é um **substantivo numa construção comparativa** para evitar falta de clareza.

– "Olho Gabriela como **a uma criança**, e não mulher feita." (Ciro dos Anjos)

* Se não houvesse a preposição, o sentido seria outro: *"Olho Gabriela como uma criança (olha)..."*, em que *uma criança* passaria a ser o sujeito do verbo implícito, e não o objeto direto. Com a preposição, a leitura é esta: *"Olho Gabriela como olho uma criança..."*.

i) OD é um **nome próprio ou comum**, referente a seres personativos, principalmente com verbos que indicam sentimento.

– *Nós amamos **a Deus**, **a Jesus** e **aos anjos**.*

– *O dinheiro, esse maldito!, atrai **a homens** e **a mulheres**.*

j) OD é **pronome de tratamento**, **indefinido**, **interrogativo** ou **demonstrativo**.

– *Não admito que coloquem **a Sua Excelência** num pedestal!*

– *O amor fere **a uns**, mas **a outros** não.*

– *Meu Deus, **a quem** eu devo ajudar?*

– *De todos esses filmes, eu odeio mais **a estes** do que **àqueles**.*

k) OD **iniciando a oração**, por motivo de ênfase.

– ***Ao povo** ninguém engana.*

– ***Às artimanhas de Satanás**, as quais visam destruir nossa relação com Deus, devemos sempre evitá-las.*

l) OD é o numeral **ambos**.

– *Se deixassem, ele matava **a ambos**.*

m) OD é constituído por **expressões idiomáticas enfáticas** (as preposições aqui são chamadas de **posvérbios**, termo cunhado por Antenor Nascentes para indicar que tais preposições não mudam a transitividade do verbo, mas atribuem um matiz de sentido ao contexto, tornando a frase mais expressiva).

– *fazer **com que ele estude***, puxar **da faca**, arrancar **da espada**, sacar **do revólver**, pedir **por socorro**, pegar **pelo braço**, cumprir **com o dever**... beber **da água**, comer **do pão,** dar **do leite*** (essas preposições indicam parte de um todo).

* Confira uma questão (nº. 19) sobre essa estrutura: FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário (EXECUÇÃO DE MANDADOS) – 2007.

– É possível haver um **predicativo do objeto direto preposicionado**: "O homem ***a quem*** (ODP) considerava ***amigo*** (PODP) me traiu.".

Objeto Direto Pleonástico

Usa-se normalmente o **pronome oblíquo átono** para retomar enfaticamente um objeto direto que já existe e que vem no início da oração (facultativamente separado por vírgula).

– *Este carro, comprei-**o** hoje.*

– *A mim ele nunca **me** chama para sair.*

– *Todos aqueles ditos e não ditos quem não **os** ouviu?*

Objeto Direto Interno (Intrínseco ou Cognato)

O núcleo possui radical normalmente semelhante ao do verbo da oração ou com sentido dentro do mesmo campo semântico; sempre há um **modificador** do núcleo. Note que, em outros contextos, tais verbos são normalmente intransitivos.

– *Ele vive **uma vida de rei**.*

– *Dormi **um sono gostoso** como se estivesse protegido dos males do mundo.*

– *"E rir **meu riso** e derramar meu pranto."* (Vinícius de Moraes)

Veja questões do século XXI (raríssimas, deveras) sobre objeto direto preposicionado (FAB – EEAR – SARGENTO – 2003 – QUESTÃO 20), objeto direto pleonástico (FAB – EEAR – SARGENTO – 2010 – QUESTÃO 24) e objeto direto interno (CONCSEL – PREF. SÍTIO NOVO/RN – CARGOS ENSINO FUNDAMENTAL – 2009 – QUESTÃO 13).

Objeto Direto X Sujeito

Normalmente a distinção se torna *complicadinha* porque as provas trabalham o sujeito depois do verbo, para dar a impressão de que se trata de um objeto e vice-versa.

Para fazer a distinção entre objeto direto e sujeito, saiba que o objeto direto pode ser passado para a voz passiva (analítica), tornando-se sujeito. Entenda melhor:

– *Já começaram* ***os jogos da seleção***. (sujeito)

– *Ignoraram* ***os jogos da seleção***. (objeto direto)

Note que é totalmente possível passar a segunda frase para a voz passiva analítica (*Os jogos da seleção foram ignorados*.), em que o objeto direto *os jogos da seleção* vira sujeito. Esta é a "prova dos noves" para saber se é um objeto direto.

Lembre-se: na voz passiva não há objeto direto, pois este virou sujeito na passagem de ativa para passiva. Portanto, na frase "Foram levados os computadores para o conserto.", *os computadores* é o sujeito. Na frase "Doou-se muita roupa velha.", como está na voz passiva, não há objeto direto, por isso *muita roupa velha* é o sujeito. Ficou claro?

Algumas bancas, "maldosamente", criam questões de concordância com objeto direto antecipado como se fosse o sujeito, mas, como sabemos, o verbo concorda com o sujeito, e não com o objeto. Veja uma frase "maldosinha":

– *As opiniões muito polêmicas sobre a gramática apresentaram os dois professores.*

Logicamente não podemos dizer que a ação de *apresentar* foi praticada por *As opiniões muito polêmicas sobre a gramática*, afinal, quem pode *apresentar* são *os dois professores*. Assim, o sujeito é *os dois professores*, e o objeto direto é *As opiniões muito polêmicas sobre a gramática*. Fique atento a essa diferença!

Objeto Indireto

O **objeto indireto** é um termo que estabelece uma relação sintática com um verbo transitivo indireto ou transitivo direto e indireto, complementando seu sentido. Normalmente o objeto indireto é um complemento que representa o ser beneficiado ou o alvo de uma ação e vem sempre preposicionado, a não ser que venha em forma de pronome oblíquo átono (*me, te, se, nos, vos, lhe(s)*). Os objetos indiretos são iniciados pelas preposições *a, com, contra, de, em, para, por*.

– *Sempre dou graças **a Deus** por minhas realizações.*

– *Gosto **de ti**, meu nobre.*

– *Só depende **dos dois** resolver essa pendência.*

– *Não troque o certo **pelo duvidoso**.*

– *Vamos insistir **em promover o novo romance de ficção**.*

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há objeto indireto simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Isto não convém **a ninguém**.* (simples: um núcleo)

– *Assistimos **ao filme e à peça de teatro** no mesmo dia.* (composto: mais de um núcleo)

– *"Você competiu com aquele rapaz?" "Competi."* (oculto: = Competi (com aquele rapaz))

– *Avisei-o **de que haveria mudança no quadro de funcionários**.* (o objeto indireto é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)*

* Segundo Cegalla e outros gramáticos, a preposição pode ficar implícita neste caso, sem incorreção gramatical, mas não é assim que pensa a <u>maioria</u> dos gramáticos tampouco a <u>maioria</u> das bancas. Prova disso: FUNIVERSA – MTur – Administrador – 2010 – QUESTÃO 10 – C). Falarei mais sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas*.

2) Além de o pronome oblíquo *lhe(s)* quase sempre exercer a função de **OI**, os pronomes oblíquos *me, te, se, nos, vos* também podem exercer a função de **OI**.

– *Peço-**lhe** desculpas.*

– *Obedeça-**me**, e ele será liberto.*

– *Nada disto **te** pertence?*

– *Deram-**se** as mãos e prosseguiram.* (pronome com valor reflexivo recíproco)

– *Não **nos** pediram licença para ficar.*

– *Só **vos** peço isto: amai uns aos outros.*

Certos VTIs, por bem da eufonia, não admitem pronomes oblíquos átonos como seus complementos: *depender, discordar, prescindir, equivaler* etc. Tipo: "depende-lhe, discordei-lhe".

3) Jamais confunda **objeto indireto** com **objeto direto preposicionado**.

– *É preciso que não cedamos **à tentação**.* (objeto indireto, pois *ceder* é VTI)

– *A Espanha derrotou **à Holanda**, tornando-se campeã mundial.* (objeto direto preposicionado, pois *derrotar* é VTD)

4) Diferentemente do objeto direto, há objeto indireto tanto na voz ativa como na voz passiva.

– *No decorrer das investigações, os suspeitos denunciaram as ações do grupo **à polícia**.* (voz ativa)

– *No decorrer das investigações, as ações do grupo foram denunciadas **à polícia** pelos suspeitos.* (voz passiva)

5) Certos VTIs podem apresentar dois objetos indiretos: *queixar-se, pedir, desculpar-se, instar, resultar* etc.: "Nunca me queixei **das broncas de meu pai** (OI) **à minha mãe** (OI).". Nunca vi isso em provas!

6) Os pronomes **demonstrativos** *o, a, os, as* podem ser objetos indiretos. Normalmente vêm antes do pronome relativo *que*:

– *Gostei **da** que está vestida de vermelho. (Gostei (VTI) **da** (= daquela; objeto indireto) que está vestida de vermelho.)*

7) Existem outros tipos de objeto indireto que muito raramente caem em prova. Vamos conhecer.

Objeto Indireto Pleonástico

O **objeto indireto pleonástico** é representado por um pronome oblíquo átono para enfatizar um objeto indireto que já existe na frase.

– *De que **lhe** vale ao homem ganhar o mundo?*

– *A mim não **me** agrada esse cantor.*

– *Ao ingrato, nada **lhe** daremos.*

Objeto Indireto por Extensão (ou Dativos)

O **objeto indireto por extensão** é um objeto indireto de verbo não transitivo indireto. Pode parecer estranho (e é!), mas não se preocupe, pois a chance de cair isso em prova é pequena como um átomo.

As construções que veremos abaixo são, na verdade, resquícios do latim. Alguns estudiosos, como Bechara, chamam tais complementos de **dativos de opinião, de interesse e de posse**. Sacconi também fala sobre isso. As razões para tais nomes são óbvias, veja:

– *A política brasileira sempre será corrupta* ***para mim***. (opinião)

– *Não* ***me*** *perca estas anotações, hein!* (interesse; alguns gramáticos dizem que o *me* é apenas uma palavra expletiva, sem função sintática alguma)

– *Quase* ***lhe*** *quebraram a perna no jogo.* (posse; alguns gramáticos consideram este *lhe* como um adjunto adnominal)

Veja uma questão raríssima sobre isso! Faço questão de colocá-la na íntegra:

12) (CONCSEL – Pref. Sítio Novo/RN – Cargos Ensino Fundamental – 2009) Na frase: ***Não*** **me** ***ponha os pés no sofá nem*** **me** ***saia mais à rua hoje!*** Os termos destacados exercem função de:

a) objeto direto preposicionado;
b) objeto direto intrínseco;
c) objeto indireto pleonástico;
d) objeto indireto por extensão. (Gabarito! Receio que essa questão seja baseada no Sacconi.)

* Cuidado, porém, com a construção: *Correr 2 km é difícil/fácil* ***para mim***. O gramático Celso P. Luft, em seu dicionário de regência nominal, diz que tais adjetivos exigem a preposição *para*, logo *para mim* é um complemento nominal, mesmo indicando opinião. Depois dizem que matemática é complexo...

Complemento Nominal

Assim como os verbos, os nomes também podem ser "transitivos", uma vez que exigem complementos. Na boa... o que seria um complemento no-mi-nal senão um com-ple-men-to de um no-me? O próprio nome dado a esse termo sintático diz o que ele é, ora.

O complemento nominal é um termo que estabelece uma relação sintática com um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio de base adjetiva, terminado em **-mente**), complementando seu sentido. Normalmente, o complemento nominal é um termo de valor semântico passivo e vem sempre preposicionado.

– *Temos certeza* ***da vitória***. (substantivo exigindo CN)
– ***Contra fatos****, não há argumentos*. (substantivo exigindo CN)
– *Esta sala vive cheia* ***de verde***. (adjetivo exigindo CN)
– *O júri votou favoravelmente* ***ao réu***. (advérbio exigindo CN)
– *Foi feito um investimento* ***de capital em tecnologia***. (um substantivo exigindo dois CNs)
– *Independentemente* ***disso****, volte para mim.* (advérbio exigindo CN)
– *A Bíblia é útil* ***a nós***. (adjetivo exigindo CN)
– *A lembrança* ***dos três*** *ocorreu de repente.* (substantivo exigindo CN)
– *Sigo com medo* ***de que a prova venha em um nível difícil***. (substantivo exigindo CN)

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há complemento nominal simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Sou fiel* ***a ela***. (simples: um núcleo)
– *Sou fiel* ***a ele*** *e* ***a ela***. (composto: mais de um núcleo)
– *"Você é fiel* ***a ela****?" "Certamente sou fiel."* (oculto: = *Certamente sou fiel (a ela)*)
– *Estou convicto* ***de que ela me ama***. (o complemento nominal é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)*

* Segundo Cegalla e outros gramáticos, a preposição pode ficar implícita neste caso, sem incorreção gramatical, mas não é assim que pensa a maioria dos gramáticos tampouco a maioria das bancas. Prova disso: Cespe/UnB – PC/ES – ESCRIVÃO – 2010 – QUESTÃO 23. Falarei mais sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas*.

2) Não são todos os gramáticos que aceitam pronomes oblíquos átonos funcionando como complemento nominal. No entanto, no próximo capítulo, falarei sobre isso amplamente em *Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos*.

3) Alguns gramáticos dizem que, em "Sua casa é longe da escola", *da escola* é um complemento nominal do advérbio *longe*. No entanto, há divergência gramatical nas expressões *dentro de, perto de, longe de, diante de*.... Enquanto Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Luiz A. Sacconi e Celso P. Luft entendem que tais expressões são advérbios seguidos de preposições (exigidas por tais advérbios), do ponto de vista da vastíssima maioria dos gramáticos, porém, elas são, na verdade, locuções prepositivas. Na parte de complemento nominal de sua gramática, Manoel Pinto Ribeiro é mais taxativo ainda: "Em 'Perto de casa', não ocorre complemento nominal do advérbio 'perto', pois 'perto de' é locução prepositiva que introduz um adjunto adverbial de lugar, ou seja, 'perto de casa' em 'Estou ***perto de casa***' é um adjunto adverbial de lugar. Resumo da ópera: há polêmica nessa seara. No entanto, como acho que a opinião da Academia Brasileira de Letras deve ser levada em conta para *bater o martelo*... veja:

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá. Quando *dentro, perto, longe* estiverem seguidos da preposição *de*, formando *dentro de, longe de, perto de*, são locuções prepositivas ou são advérbios/adjetivos que exigem, pela regência, a preposição *de* ? Por exemplo, em "Estou longe da estrada.", *da estrada* é complemento nominal de *longe* ou *longe da estrada* é um adjunto adverbial iniciado pela locução prepositiva *longe de* ? Grato.

Resposta: 1) São locuções prepositivas; 2) *longe da estrada* é um adjunto adverbial de lugar.

Martelo batido! Mas... na hora da prova... como você não sabe o que o "homem da banca" vai aprontar, leia com calma as opções, buscando a "melhor resposta".

4) Não confunda **complemento nominal oracional** com **predicativo do sujeito oracional**. Digo isso, pois o predicativo do sujeito oracional pode vir preposicionado por uma preposição exigida por um nome do sujeito: *A sensação é* ***de que tudo se move depressa***. (predicativo do sujeito oracional iniciado pela preposição exigida pelo nome *sensação*). Interessante essa construção.

5) Mera curiosidade: Na frase *Interessa-nos o combate ao que é nocivo*, onde está o CN? Note que o nome *combate* exige a preposição *a*, que se combina com o demonstrativo *o* (= aquilo), formando *ao*. É como se disséssemos *Interessa-nos o combate* ***àquilo*** *que é nocivo*. Logo o *ao* é CN.

Complemento Nominal X Objeto Indireto

O complemento nominal se diferencia do objeto indireto por uma razão muito simples: enquanto o CN é exigido por um nome, o OI é exigido por um VTI ou VTDI. Veja como é fácil:

– *Crer* ***em Deus*** *é importante.* (OI)

– *A crença* ***em Deus*** *é importante.* (CN)

– *O povo necessita* ***de atenção****.* (OI)

– *O povo tem necessidade* ***de atenção****.* (CN)

Se você não notou, é superválido dizer que os nomes antes dos CNs normalmente são derivados dos verbos; normalmente o CN está ligado a um substantivo deverbal, ou seja, derivado de verbo (*crer* > *crença*; *necessitar* > *necessidade* etc.).

Tome cuidado com a voz passiva. Veja estas frases:

– *Comida e bebida sempre são fornecidas* ***aos trabalhadores*** *pela empresa.*

A banca pode enganar você, dizendo que *aos trabalhadores* é complemento nominal do suposto adjetivo *fornecidas*. No entanto, para que você nunca se confunda, passe a frase para a voz ativa, e verá que *aos trabalhadores* é um objeto indireto:

– *A empresa sempre fornece comida e bebida* ***aos trabalhadores****.*

Outro caso semelhante a esse:

– *Tudo ficou reduzido* ***a cinzas****.*

Note que *a cinzas* é o objeto indireto do verbo *reduzir*, que é transitivo direto e indireto. Safo?

Agente da Passiva

O **agente da passiva** é o complemento de um verbo na voz passiva analítica; sempre precedido da preposição ***por*** (ou ***de***, mais raramente).

Lembre-se de que o nome dado ao termo diz muita coisa, portanto um **agente da passiva** é um termo que **age**, ou seja, é um termo que pratica uma ação, só que **na voz passiva**. Tanto isso é verdade que, quando se passa o **agente** da passiva para a voz ativa, ele vira um sujeito **agente**. Safo?

Lembrando que a voz passiva se forma essencialmente por estes verbos auxiliares: *ser* (nas passivas de ação); *estar, viver* e *andar* (nas passivas de estado); *ficar* (nas passivas de mudança de estado). Veja só:

– *O gramático ficou rodeado* ***de admiradores***.
– *Os governantes serão repreendidos* ***pelo povo***.
– *O livro vai ser cuidadosamente revisado* ***por quem?***
– *Era conhecida* ***dos dois professores***.
– *Tínhamos sido surpreendidos* ***pelo brilhante azul do mar***.
– *Eles estavam dominados* ***por quem os coordenava***.

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há agente da passiva simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.
  – *Fui mordido* ***pelo cão***. (simples: um núcleo)
  – *Fui assediado* ***pela editora X e pela editora Y.*** (composto: mais de um núcleo)
  – *"Você foi convidado* ***pelo patrão****?" "Sim. Fui convidado."* (oculto: = *Fui convidado (pelo patrão)*)
  – *O prédio foi construído* ***por quem entendia de engenharia civil***. (o agente da passiva é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

2) Apesar de não ser comum, o agente da passiva pode estar deslocado: "*Pelo público* o cantor foi vaiado." / "O cantor foi *pelo público* vaiado."

3) Às vezes, o agente da passiva vem ligado a só um verbo no particípio (oração reduzida de particípio): "A barricada *feita pelo soldado* surtiu efeito." = "A barricada *que foi feita pelo soldado* surtiu efeito.".

4) Não custa relembrar que o agente da passiva corresponde ao sujeito da ativa.
  – ***Os fãs*** *rodearam o cantor. = O cantor ficou rodeado* ***por/de fãs***.

Sobre o fato de ser rara a preposição *de* iniciar agente da passiva, veja esta questão: IBFC – CRA/SP – Analista DE TI – 2011 – QUESTÃO 6.

5) O agente da passiva pode estar indeterminado se o sujeito da ativa for indeterminado.

– (?) Atacaram nossas lojas ontem. = Nossas lojas foram atacadas (?) ontem.

6) É **muito** **raro**, hoje em dia, que o agente da passiva venha junto de um verbo na voz passiva **sintética**, porque esta é uma construção antiga e não recomendada. No entanto... para a nossa surpresa... veja esta questão:

12. (FGV – POTIGÁS – Administrador Júnior – 2006) *Não, a política externa não pode se guiar* ***por convicções e preferências partidárias***. (L. 89-90)

O termo grifado acima desempenha função sintática de:

a) complemento nominal;
b) objeto indireto;
c) adjunto adverbial;
d) agente da passiva;
e) adjunto adnominal.

Comentário: O gabarito é a D! Como toda voz passiva sintética pode ser transformada em voz passiva analítica, faça a tal transformação e comprove: "Não, a política externa não pode se guiar ***por convicções e preferências partidárias***." (voz passiva sintética) / "Não, a política externa não pode ser guiada ***por convicções e preferências partidárias***." (voz passiva analítica). Agora, para fechar o caixão, passe para a voz ativa e veja se o termo destacado não se torna o sujeito da ativa (afinal, o agente da passiva é sempre o sujeito da ativa): "Não, ***convicções e preferências partidárias*** não podem guiar a política externa.".

Moral da história: A essa altura do campeonato, depois de tantas referências a provas, gramáticos, polêmicas, chegamos a uma conclusão: nunca se sabe o que as bancas podem aprontar. Por isso, sangue nos olhos, meu/minha nobre, para dizer à banca no dia do concurso: "Nunca serão! Jamais serão!".

Agente da Passiva X Complemento Nominal

A diferença é bem simples: se você conseguir passar a frase da passiva para a ativa, mantendo o significado, achará a resposta a sua dúvida.

– *O rapaz foi apaixonado* ***pela colega***. (CN) = *A colega apaixonou o rapaz?*

– *O rapaz foi assediado* ***pela colega***. (AGP) = *A colega assediou o rapaz.*

Em "As ruas ficaram cobertas **de lama.**", o que você diria? CN ou AGP? AGP ou CN? Passe para a voz ativa. É possível? Sim. "Lama cobriu as ruas." Logo... AGP. *Voilà!*

O Que Cai Mais na Prova?

Basta saber reconhecer os termos integrantes da oração. São pouquíssimas questões que tratam desse assunto de maneira mais profunda como faço na teoria. Por isso, eu sempre aviso: por mais que eu seja muito detalhista, sempre mantenha seu foco naquilo que cai em prova! Ninguém aqui pretende ser o próximo Bechara, certo? **Foco no que é recorrente!**

Questões de Concursos

"(...) Ela antes tinha acesso ao sistema financeiro habitacional, a universidades públicas, à expansão de empresas estatais cheias de ofertas de trabalho e à indexação, que reajustava o dinheiro nos bancos. (...)"

1. (Esaf – Técnico Administrativo – ANEEL – 2006) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – As estruturas linguísticas mostram que "acesso" é complementado, sintática e semanticamente, pelas quatro expressões centradas, respectivamente, em "sistema", "universidades", "expansão" e "indexação".

2. (AEDB – Pref. Itatiaia/RJ – Professor – 2007) Em qual das alternativas abaixo ocorre objeto indireto pleonástico?
   a) A Rafael chamaram-lhe covarde.
   b) O moço correspondeu na hora à gentileza.
   c) Tu não dependes do teu pai para nada, meu caro.
   d) Não obedeço a ninguém, só ao meu próprio juízo.
   e) O seu filho só precisa mesmo de compreensão.

(...) Essa exaltação do orgânico em detrimento do social reduz a tenacidade do esforço humano, em centenas e centenas de séculos, ao humilhante plano da causalidade ou do fatalismo, inaceitáveis ambos. (...)

3. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2008) No quinto parágrafo, o autor constrói, para a forma verbal "reduz", um complemento verbal composto: "a tenacidade do esforço humano" e "em centenas e centenas de séculos".
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

4. (FCC – MPE/RS – Secretário de Diligências – 2008) O velho gaúcho foi ajudar, no posto mais próximo do hotel em que se hospedara, o serviço de assistência <u>aos desabrigados</u> pelo temporal.

A função sintática do termo grifado acima é a mesma do termo, também grifado, da frase:
   a) ... quando um mais afobado desanda a correr <u>pelo pátio</u> ...
   b) Como tem prática de campo e prática de cidade ... de repressão <u>a contrabando</u> ...
   c) ... propõe, <u>de saída</u>, a divisão dos serviços em setores bem caracterizados ...
   d) ... mas tudo se resolve <u>com bom humor</u>.
   e) Nomeia o rapazinho <u>seu ajudante-de-ordens</u> ...

[...] O que antes eu via como o inimigo e, com grande otimismo, como o inimigo que haveria de ser derrotado, acabou na verdade por nos vencer. [...]Ou se, como temo, estaremos caindo numa sociedade do homem e da mulher medíocres onipresentes, governados por altas mediocridades. [...]

5. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – Os fragmentos *por nos vencer* e *por altas mediocridades* exercem idêntica função sintática.

6. (FCC – TRT/MG (3R) – Analista Judiciário – 2009) ... *que <u>prevalece</u> no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos.*

A frase cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:
   a) ... que homogeneíza todos os indivíduos.
   b) ... o sentimento tribal é muito forte ...
   c) ... acompanha o indivíduo por toda vida ...
   d) ... que (...) participam no rito das danças guerreiras.
   e) ... e estão espalhados por vários locais.

7. (Cesgranrio – IBGE – Agente Censitário Municipal – 2010) Tratando-se das funções sintáticas dos termos destacados do texto, pode-se afirmar que:
   a) "O dono da fábrica..." – objeto direto.
   b) "...ter de aumentar o preço." – sujeito.
   c) "Você está ficando doido?" – adjunto adverbial de modo.
   d) "...e agora quer receber três." – adjunto adverbial de lugar.
   e) "eu não pago a ele." – objeto indireto.

8. (CONSULPLAN – Pref. Guaxupé – Assistente Social – 2010) A expressão destacada está corretamente analisada em:
   a) *"Entram em cena <u>dois gigantes</u>"* (4º §) (objeto direto)
   b) *"Desponta <u>uma circunstância imprevista</u>"* (5º §) (objeto direto)

c) "*Democratizar o acesso*" (5º §) (objeto direto)

d) *"Muda a lógica da distribuição."* (6º §) (objeto direto)

e) *"E ficam os dedos?"* (6º §) (objeto direto)

9. (FCC – TRF (4R) – Analista Judiciário – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Em "O narrador desse romance é um escritor ultraconsciente de seu ofício", o termo destacado é **complemento** de ultraconsciente.

10. (Esaf – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) Ela tem de assegurar aos que buscam a proteção dos planos de saúde a cobertura mais completa possível, o que inclui as novas tecnologias na área de medicina. (...)"
– A expressão "aos que buscam a proteção dos planos de saúde" tem, no período, a função de objeto direto.

11. (Cespe/UnB – TJ – Analista Judiciário – 2011) A expressão "essa minha angústia" (... não sei quanto tempo durou essa minha angústia...) constitui o complemento da forma verbal "durou".
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) Em "que ele chama *metafísica dos costumes*" (Kant inicia a exposição da ética, que ele chama *metafísica dos costumes*...), o trecho em itálico, que exerce, na oração, a função de complemento verbal, deveria estar precedido da preposição **de**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

13. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) O complemento da forma verbal "considera" (Dondonim considera que o assistencialismo oficial prejudicou os índios.) consiste em uma oração.
( ) CERTO
( ) ERRADO

14. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico – 2011) Em "emitir-lhes" (... devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos...), o pronome exerce a função de objeto direto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) A retomada de uma área tão populosa, que até pouco tempo era dominada por criminosos que andavam livremente pelas ruas com fuzis e metralhadoras, animou até mesmo quem faz oposição ao governo. (...)

15. (Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de nível superior – 2011) O complemento verbal "por criminosos que andavam livremente pelas ruas com fuzis e metralhadoras" designa o ser que pratica a ação verbal.
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) Das expressões em negrito, SOMENTE uma exerce a função de complemento.
a) ... caso de assassinato que o havia atormentado ...
b) ... 20 anos após o crime, o julgamento ...
c) Foi assim que o Departamento de Justiça Criminal ...
d) ... esperança de ver os assassinos de...
e) ... comprometimento em prender os homens...

17. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) A palavra *pronunciamento* (*Em pronunciamento ao conselho diretor do Wall Street Journal...*) é transitiva e exige:
a) complemento nominal;
b) objeto indireto;
c) objeto direto;
d) adjetivo;
e) predicativo do sujeito.

18. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) O fragmento frasal ***de que ações militares somente iriam retardar*** (... *repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar*) é ..... do substantivo ***preocupações***.

Assinale a alternativa que preenche corretamente a lacuna do texto acima.

a) complemento verbal.
b) complemento nominal oracional.
c) adjunto verbal.
d) adjunto nominal.
e) complemento prepositivo-verbal.

19. (Cespe/UnB – TJ/AL – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A expressão "alguma coisa da sua frescura e novidade" (... trasladam para o papel alguma coisa da sua frescura e novidade) complementa o sentido da forma verbal "trasladam".

20. (Instituto Cidades – TCM/GO – Auditor de Controle Externo – 2012) Assinale a análise correta do termo da oração destacado: *O filme "O Artista" ultrapassou* <u>*os limites do público segmentado*</u>.
a) Objeto direto.
b) Objeto indireto.
c) Sujeito.
d) Predicativo do sujeito.
e) Agente da passiva.

21. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) (adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Os termos "o endereço" e "a literatura desta missiva", no trecho "Não pouco vos surpreenderá, por certo, o endereço e a literatura desta missiva", são complementos do verbo **surpreender**, assim como "vos", que exerce a função de objeto indireto desse verbo.

22. No período "Que Demócrito não risse, eu o provo", o verbo **provar** complementa-se com uma estrutura em forma de objeto direto pleonástico, com uma oração servindo de referente para um pronome.
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) A frase em que **ambos** os elementos sublinhados são complementos verbais é:
a) Assim <u>vos</u> confesso que entendo <u>de arquitetura</u>, apesar das muitas opiniões em contrário.
b) <u>Ninguém</u> se impressiona <u>tanto</u> com um velho porão como este velho cronista, leitor amigo.
c) O porão deverá jazer <u>sob os pés da família</u> como jazem <u>os cadáveres</u> num cemitério.
d) Que atração exercem sobre o cronista as <u>gravatas manchadas</u>, quando desce <u>a um porão</u>...
e) Já não se fazem <u>porões</u>, hoje em dia, já não há qualquer mistério ou evocação mágica <u>numa casa moderna</u>.

24. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Em *uma tripulação de camelôs anunciava umas bugigangas,* a voz verbal é ativa, sendo *umas bugigangas* o objeto direto.

25. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Na linha 3 (... sua soberania foi ultrapassada pelas redes transnacionais de poder...), a expressão "pelas redes transnacionais de poder" indica o agente da ação verbal de **ultrapassar.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

26. (FCC – INSS – Técnico do Seguro Social – 2012) Na frase *O compositor dedicava inteiramente à criação musical* <u>*os meses de verão*</u>, o termo sublinhado exerce a mesma função sintática que o termo em destaque na frase:
a) A visão de mundo de uma geração mais jovem teve <u>influência central</u> aqui.
b) <u>Intérpretes conhecidos e pesquisadores</u> descobriram o compositor.
c) <u>Em vida</u>, Mahler foi alvo de intensas polêmicas.
d) Mahler empreendia longas caminhadas que lhe proporcionaram inspiração <u>para grandiosas sinfonias.</u>
e) <u>Essas casinhas</u> das alturas alpinas hoje se transformaram em memoriais.

27. (FUNCAB – MPE/RO – Analista – 2012) O termo destacado em: "(...) termos gasto tanto dinheiro na construção DE HOSPITAIS (...)" exerce função sintática de:
a) complemento nominal;
b) adjunto adverbial;
c) objeto indireto;
d) objeto direto;

e) predicativo.

28. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ... *elas ainda* <u>*sofrem de imensas deficiências de nutrientes*</u> ...
A relação entre verbo e complemento, grifada acima, se reproduz em:
a) ... *embora a maioria das pessoas consuma calorias suficientes* ...
b) ... *e têm pontuação mais baixa nos testes de habilidade cognitiva.*
c) ... *a epidemia de obesidade nos países ricos representa exatamente o problema oposto.*
d) ... *e muitos não obtêm esses nutrientes.*
e) ... *menos da metade daqueles que mais precisam deles* ...

29. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012)... *para que ela não* <u>*interfira*</u> *de forma excessiva em seus projetos.*
O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está em:
a) ... *contra forças desconhecidas que anulam tudo aquilo* ...
b) ... *com as quais procuramos lidar com a realidade* ...
c) ... *deixando-nos desarmados e atônitos* ...
d) ... *de algo que está além de nossa compreensão* ...
e) ... *ele o convoca constantemente.*

30. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Coloque, nos parênteses que seguem os termos em destaque no trecho abaixo, CN para complemento nominal e OI para objeto indireto e assinale a alternativa com a sequência correta.
"Creio **no mundo** ( ) como num malmequer, / Porque o vejo. Mas não penso nele ( ) / Porque pensar é não compreender ... / O Mundo não se fez para pensarmos **nele** / (pensar é estar doente **dos olhos**)" ( )
a) CN, CN, OI.
b) OI, CN, CN.
c) OI, OI, CN.
d) CN, OI, OI.

31. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Em qual alternativa o termo destacado é um agente da passiva?
a) Para tratar o problema da insônia, muitos optam pela medicação.
b) Hoje em dia, a ansiedade tem sido muito combatida pelos médicos.
c) Assim como a insônia, a apneia do sono incomoda muitas pessoas por muitos anos.
d) A opção pela cirurgia, em casos de graves de apneia, é exclusivamente do paciente.

32. (FUNRIO – CIETEC – Administração – 2012) Cecília Meireles escreveu: "Há momentos na vida em que sentimos tanto a falta de alguém… que o que mais queremos é tirar esta pessoa de nossos sonhos e abraçá-la."
O único termo que não desempenha a função de objeto direto no trecho acima é:
a) momentos;
b) a falta de alguém;
c) esta pessoa;
d) nossos sonhos;
e) la.

33. (CONSULPLAN – Pref. Nova Iguaçu/RJ – Professor I – 2012) A expressão que exerce função sintática diferente das demais se encontra na alternativa
a) Falava <u>o representante da Associação dos Magistrados Brasileiros</u>. (2º §)
b) <u>Os dois cavalheiros</u> apresentavam reações características do Homo connectus. (4º §)
c) De vez em quando, um deles guardava <u>o telefoninho</u> no bolso. (4º §)
d) E se chega <u>uma mensagem</u>? Uma notícia? (4º §)
e) Às vezes <u>o *smartphone*</u> exigia mais que um simples olhar. (5º §)

34. (IBFC – Pref. Campinas/SP – Agente de Ação Cultural (Geral) – 2012) Considere os termos destacados nas orações abaixo e assinale a alternativa correta.
I. Ele gosta **de futebol**.
II. Ele chorou **de emoção**.
a) Os dois termos exercem a mesma função sintática.
b) Em II, o termo destacado exerce a função de objeto indireto.
c) Em I, o termo destacado exerce a função de objeto direto.

d) Em II, o termo destacado exerce a função de adjunto adverbial.

35. (CEV-URCA – Vestibular – 2012)
"E deixo pra Zé Patife,
Que anda cagando goma,
Uma **bainha** pros chifre
E as cueca de Zé Maromba" (linhas 32 a 35)
Sintaticamente, o termo em destaque é núcleo de:
a) complemento nominal;
b) objeto direto;
c) adjunto adverbial;
d) adjunto adnominal;
e) objeto indireto.

36. (FUNDEP – Pref. BH/MG – Técnico Administrativo – 2012) "[...] da morte do velho nasce a vida e a transformação."
A expressão sublinhada exerce, nessa frase, a função sintática de;
a) objeto direto;
b) objeto indireto;
c) predicativo;
d) sujeito.

37. (FUNDEP – Pref. Patrocínio/MG – Agente Administrativo – 2012) "Nos estudos citados pelos autores, vários deles mostram que as pessoas com menos força de vontade são aquelas mais suscetíveis a problemas como alcoolismo, obesidade e vícios em drogas."
A expressão sublinhada nessa frase pode ser analisada, *sintaticamente*, como:
a) adjunto adnominal;
b) adjunto adverbial;
c) agente da voz passiva;
d) predicativo.

38. (FBC – Câmara de Nova Iguaçu/RJ – Agente Administrativo – 2012) Não há complemento nominal em:
a) Marta envolveu-se numa batalha pela chave do quarto.
b) A fé na democracia nos anima.
c) O amor pelo dinheiro pode render muitas frustrações.
d) Samuel batalhou pelo controle remoto da TV.
e) É um crime a falsificação de documentos.

Gabarito

1. CORRETO.	11. ERRADO.	21. INCORRETO.	31. B.
2. A.	12. ERRADO.	22. CERTO.	32. D.
3. ERRADO.	13. CERTO.	23. A.	33. C.
4. B.	14. ERRADO.	24. CORRETO.	34. D.
5. INCORRETO.	15. CERTO.	25. CERTO.	35. B.
6. D.	16. A.	26. A.	36. D.
7. E.	17. A.	27. A.	37. C.
8. C.	18. B.	28. E.	38. D.
9. CORRETO.	19. CORRETO.	29. B.	
10. CORRETO.	20. A.	30. C.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 21

Termos Acessórios da Oração

Definição

O **adjunto adnominal**, **o adjunto adverbial** e o **aposto** formam o conjunto de termos acessórios. São chamados assim, pois (em tese) são dispensáveis à construção de uma oração. O ***vocativo*** não é um termo acessório, nem integrante, nem essencial, porque não se liga ao verbo nem ao nome, também não faz parte do sujeito nem do predicado, mas, por razões didáticas, é tradicionalmente colocado neste capítulo.

Adjunto Adnominal

O **adjunto adnominal** é um termo sintático que determina, restringe o sentido de um substantivo, caracterizando-o. O próprio sentido da expressão "**ad/junto ad**nominal" indica que é um termo que vem **ao lado, junto do nome**.

As classes gramaticais que podem funcionar como ADN são:

Pronome
Locução adjetiva
Adjetivo
Numeral
Artigo

– ***O*** *homem* ***de negócios*** *comprou só* ***um*** *imóvel*: ***aquela bela*** *casa*.
– *Já se encontraram* ***ambos os*** *meninos em* ***certas*** *vielas* ***escuras*** *com pedras* ***de crack***.
– ***O primeiro*** *dia* ***de aula*** *cativou* ***alguns*** *alunos* ***estudiosos***.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há adjunto adnominal simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.
– *A mãe* ***do Pedro*** *é muito simpática.* (simples: um núcleo)
– *A mãe* ***do Pedro e do Paulo*** *é muito agradável.* (composto: mais de um núcleo)
– *A mulher* ***que é simpática*** *conquista as pessoas.* (o adjunto adnominal é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

2) Por via de regra, o adjunto adnominal não vem separado por pontuação (vírgula, travessão, parênteses...). Se houver uma enumeração de adjuntos adnominais, aí sim as vírgulas deverão ser usadas: "O livro *maravilhoso, impactante, revelador* e *de grande sucesso* é, até hoje, a Bíblia Sagrada.".

3) Breve *déjà vu* da aula de *Substantivo*. Bechara, em sua *Moderna Gramática Portuguesa*, nos ensina que são **adjuntos adnominais** os termos preposicionados sublinhados introduzidos pela preposição expletiva *de* nas construções enfáticas abaixo:
– *O* ***bobo*** *do palhaço fez todos rirem.*
– *A* ***idiota*** *da mulher fez um escândalo no banco.*
– *A* ***pobre*** *da menina está carente.*
– *O* ***infeliz*** *do rapaz continuava estudando.*

4) Normalmente os adjuntos adnominais, em forma de locução adjetiva, são iniciados por preposições com valor semântico de posse ou de ação (agente). Podem também indicar qualidade, origem, matéria ou outra especificação. Este é mais um dos argumentos para a

diferenciação de adjunto adnominal x complemento nominal.

– *As mãos* ***dele*** *congelaram com o frio.* (posse)

– *A banda* ***do César*** *não emplacou.* (posse)

– *A divulgação do livro* ***pela editora*** *está bem.* (agente)

– *O aviso* ***do presidente*** *foi ouvido por todos.* (agente)

– *Homens* ***sem escrúpulos*** *devem ser disciplinados.* (qualidade)

– *Só bebo água* ***da fonte*** *lá no sítio.* (origem)

– *Um fio* ***de aço*** *suporta esta carga.* (matéria)

– *A luta* ***do século*** *não aconteceu.* (restrição)

5) O adjunto adnominal em forma de locução adjetiva pode modificar um pronome, um numeral ou uma palavra substantivada: *Todos* ***da cidadezinha*** *assistiram ao show gratuito. / Apenas 60%* ***dos atletas*** *mantêm-se em forma depois da aposentadoria. / O rebolar* ***dela*** *é sensual.*

6) Em frases do tipo: "A capacidade *de adaptação* e *de empatia* é do ser humano.", não *viaje na maionese* pensando que o *e* liga núcleos do sujeito (um explícito e outro implícito), como se fosse "A capacidade *de adaptação* e (a capacidade) *de empatia* é própria do ser humano". Só o Bechara enxerga esta possibilidade de análise, mas não é assim que vejo cair em prova tampouco assim ensinam 99% dos gramáticos, por isso ignore o ensino dele.

Na verdade, o *e* liga os adjuntos adnominais *de adaptação* e *de empatia* ao núcleo do sujeito simples, *capacidade*, por isso o verbo fica no singular. Neste caso, seria um erro se o verbo ficasse no plural, concordando com os núcleos dos adjuntos adnominais, isto é "A capacidade de adaptação e de empatia *são* do ser humano.", pois o verbo concorda com o núcleo do sujeito: "A capacidade de adaptação e de empatia é do ser humano.". Lembre-se: a conjunção não liga só orações, mas liga termos também.

Adjunto Adnominal X Agente da Passiva

Nem todo termo iniciado pela preposição *por* é um agente da passiva, portanto não confunda adjunto adnominal com agente da passiva. Veja:

– *Derrotada* ***pelo Flamengo****, a equipe do Vasco arrumou confusão.* (agente da passiva)

– *A derrota do Vasco* ***pelo Flamengo*** *desnorteou os vascaínos*. (adjunto adnominal)

Note que ambos os termos têm valor agente, mas o agente da passiva vem ligado a um verbo no particípio, já o adjunto adnominal modifica um substantivo. Fácil, não?

Adjunto Adnominal X Complemento Nominal

Chegou a hora tão aguardada dos concurseiros de plantão!

Antes de qualquer coisa, saiba que só há dificuldade em reconhecer o CN ou o ADN quando o termo preposicionado pela preposição *de* estiver ligado a um substantivo abstrato. Portanto, preste atenção à diferenciação e siga os critérios para não errar mais!

1ª Dica: Será **sempre CN** a expressão ligada a **substantivo abstrato** antecedida de **qualquer preposição**, exceto a preposição *de*.

– *Fiz menção **a você** ontem.*

– *Tenho amor **pelo meu filho**.*

– *Nossa fé **em Deus** é transcendente.*

2ª Dica: Será **sempre ADN** se a expressão preposicionada estiver ligada a substantivo concreto.

– *Comprei o material **de um site famoso**.*

3ª Dica: Normalmente o **ADN** mantém uma relação de posse com o substantivo; a preposição tem valor nocional.

– *A atitude **do professor** foi justa.* (A atitude pertence ao professor, é dele.)

4ª Dica: O **CN** tem valor paciente (**normalmente** o seu núcleo não é um ser animado nem personificado, mas o alvo de uma ação) e encontra respaldo na reescritura de voz passiva analítica. Já o **ADN** tem valor agente (**normalmente** o seu núcleo é um ser animado ou personificado, que pratica uma ação) e encontra respaldo na reescritura de voz ativa.

– *A resolução **da questão** foi ótima.* (CN/A questão foi resolvida/valor paciente)

– *A resolução **do professor** foi ótima.* (ADN/O professor resolveu/valor agente)

Cuidado!!!

1) Nos dois exemplos abaixo, há de se observar se o substantivo antes do CN ou do ADN é abstrato ou concreto, para encontrar a diferença. Mas note que isso é feito pelas noções de agente e paciente, que resolvem 90% dos casos.

– *A invenção **do controle remoto** mudou o século XX.* (CN/O controle remoto foi inventado)

– *A invenção **da empresa norte-americana** mudou o século XX.* (ADN/A empresa norte-americana inventou)

É bom dizer também que, em certos casos, por falta de um contexto maior, pode haver ambiguidade na análise sintática:

– *A matança **dos policiais** precisa acabar!* (Não se sabe se os policiais estão matando – ADN – ou se eles estão sendo mortos – CN).

Depois dessa explicação, dá para errar alguma questão na prova? Duvido! Internalize aos poucos essa diferença, por ler e reler as informações... e praticar, é claro!

Adjunto Adnominal X Predicativo do Sujeito e do Objeto

Enquanto o **adjunto adnominal** é uma característica ou um estado inerente/permanente de um ser, o **predicativo** é uma característica atribuída a um ser, indicando um estado transitório. Mais especificamente, o predicativo **do objeto** é normalmente uma opinião do sujeito sobre o objeto.

Outra dica bacana é a seguinte: o **adjunto adnominal** não vem separado por vírgula (travessões ou parênteses) nem distante do nome a que se liga, já o **predicativo pode** vir separado por vírgula (travessões ou parênteses) ou distante do nome a que se refere.

Vejamos alguns exemplos (note as vírgulas):

– *O exame deixou o aluno **preocupado**.* (O aluno não é permanentemente preocupado, logo é um predicativo do objeto.)

– *O aluno **preocupado** negou o erro.* (O aluno é permanentemente preocupado, logo é um adjunto adnominal.)

– *O aluno**, preocupado,** negou o erro.* (O aluno está transitoriamente preocupado, logo é um predicativo do sujeito.)

– *O jurado considerou a cantora **bela e talentosa**.* (O objeto – *a cantora* – recebeu atributos do sujeito – *o jurado* –, logo é um predicativo do objeto.)

– *Encontrei a cantora **bela e talentosa** conversando com uma produtora.* (Ser bela e talentosa é uma característica inerente da cantora, logo é um adjunto adnominal.)

– ***Bela e talentosa**, a cantora tinha um grande futuro.* (Neste caso, é a vírgula que determina que se trata de um predicativo do sujeito e não de um adjunto adnominal.)

Cuidado!!!

1) Não há dificuldade em diferenciar o **adjunto adnominal** do **predicativo do objeto**. ***Bizu***: passe a frase para a voz passiva analítica; se o adjetivo ficar ao lado do nome, será adjunto adnominal. Moleza!

– *Resolvi uma questão **difícil.*** > *Uma questão **difícil** foi resolvida por mim.* (ADN nos dois casos, pois o adjetivo ficou "ao lado do nome".)

2) Às vezes, pode existir ambiguidade em uma frase, o que dificultará a análise; portanto, fique atento ao contexto!

– *Achei o homem **perdido**.* (Não se sabe se o sujeito considerou o homem perdido, conotativamente – predicativo do objeto –, ou se o sujeito estava em busca de um homem literalmente perdido e o encontrou – adjunto adnominal.)

Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos

Bastante atenção que a *parada* é séria, hein! Vejamos um por um!

Me

– *Eu **me** amo, por isso não posso viver sem mim...* (objeto direto)

– *Lascaram-**me** um beijo daqueles!* (objeto indireto)

– *Meu computador sempre **me** foi útil.* (complemento nominal)

– *Roubaram-**me** o carro.* (adjunto adnominal)

– *Deixe-**me** entrar na casa, por favor.* (sujeito)

– *Não **me** venha com desculpas.* (partícula expletiva; não tem função sintática, mas estilística)

Cuidado!!!

1) Sobre o terceiro exemplo, vale a pena dizer que Claudio Cezar Henriques, Ulisses Infante & Pasquale Cipro Neto, Faraco & Moura, Celso Pedro Luft dizem que os pronomes oblíquos átonos (exceto *o, a, os, as*) podem exercer função sintática de complemento nominal (Ele sempre foi útil *a mim.*). Sacconi diz que são **objetos indiretos por extensão**. Veja uma questão sobre isso, com o pronome *lhe* (vale para os pronomes oblíquos átonos *me, te, se, nos, vos*) exercendo função de complemento nominal:

Consulte isto: CESPE/UnB – TRE/MT – ANALISTA – 2013 – QUESTÃO 1

30. (FAB – EEAR – Sargento – 2002) Assinale a alternativa cujo termo destacado classifica-se como complemento nominal.

a) Arrancaram-lhe as roupas. (= *Arrancaram as suas roupas.* / adjunto adnominal)

b) Ela nunca lhe desobedece. (= *Ela nunca desobedece a ele.* / objeto indireto)

c) A sentença foi-lhe favorável. (= *A sentença foi favorável a ele.* / complemento nominal)

d) Júlio devolveu-lhe o livro emprestado. (= *Júlio devolveu a ele o livro emprestado.*/ objeto indireto)

2) Sobre o quarto exemplo, "Roubaram-*me* o carro." equivale a "Roubaram o *meu* carro.", o pronome oblíquo tem **valor possessivo**, logo muitos mestres (Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Alfredo Gomes, Claudio Cezar Henriques, Hildebrando André, José Oiticica, João D. Maia, Leila L. Sarmento) analisam-no como **adjunto adnominal**; já outros (Celso Cunha, Evanildo Bechara, Said Ali, Adriano G. Kury, Napoleão M. de Almeida, Gladstone Chaves de Melo, Vilela & Koch) analisam-no como **objeto indireto com valor possessivo**. Bechara também o chama de **dativo de posse**. Sem querer polemizar, nas provas de concurso público, fique com a primeira opinião (adjunto adnominal), pois é assim que vem caindo. Isso também vale para os pronomes oblíquos átonos *te, se, nos, voz, lhe(s).*

3) Apesar de entrarmos em um assunto polêmico a partir de agora, ainda assim sugiro que leia (com calma) o que segue.

Sobre o quinto exemplo (*Deixe-**me** entrar na casa, por favor.*), saiba que a construção formada por verbos causativos *mandar, deixar, fazer, permitir* (e sinônimos) ou sensitivos

ver, ouvir, olhar, sentir (e sinônimos) seguidos de pronomes oblíquos átonos + verbos no infinitivo ou no gerúndio faz com que os oblíquos tenham função de sujeito do verbo no infinitivo ou no gerúndio:

*Mandaram-**me** entrar*. (**E não**: *Mandaram eu entrar*.) / *Deixe-**as** dormir*. (**E não**: *Deixe elas dormirem.*) / *Faça-**nos** cantar*. (**E não**: *Faça nós cantarmos*.). Ficou claro? Veja mais: *Viram-**me** sair. / Ouvi-**o** bater à porta./ Nós sentimo-**los** abraçar-nos. / Eu **a** vi chorando copiosamente. / Eles **te** viram traindo teu marido / Ela deixou-**se** tatuar*.

Tais construções equivalem a *"Mandaram que eu entrasse.", "Deixe que elas durmam.", "Faça que nós cantemos.", "Viram que eu saí.", "Ouvi que ele batia à porta.", "Nós sentimos que eles nos abraçaram.", "Eu vi que ela chorava copiosamente.", "Eles viram que tu traías teu marido.", "Ela deixou que fosse tatuada."*.

Esta é a visão da maioria dos estudiosos: Celso Cunha, Cegalla, Sacconi, Napoleão M. de Almeida, José Oiticica, Cândido de Oliveira, A. Gama Kury, Celso P. Luft, Sílvio Elia e a maioria dos gramáticos modernos, como Faraco & Moura, Pasquale C. Neto & U. Infante, Claudio Cezar Henriques, Maria H. M. Neves etc. apoiam as construções acima.

Já, no segundo pelotão, Rocha Lima, Said Ali e Eduardo Carlos Pereira dizem que o pronome (nesses casos com verbo causativo/sensitivo + infinitivo) é objeto direto do causativo e sujeito do infinitivo ao mesmo tempo.

Por fim, Evanildo Bechara (atualmente) e J. C. de Azeredo, baseando-se nos estudos de Henrique Maurer Jr., têm opinião bem particular sobre os verbos causativos e sensitivos (dizem que o pronome é objeto e que o verbo no infinitivo constitui uma oração com função de predicativo do objeto).

Ah! Em tempo: Cegalla (que cita exemplo de Celso P. Luft) e Francisco Fernandes nos informam que a construção com o *lhe* (como sujeito) só é aceita se o verbo no infinitivo exigir um complemento direto (objeto direto): "O professor mandou-***lhe*** calar a boca." (ou seja, "O professor mandou que ***ele*** calasse a boca.").

Veja uma questão sobre essa polêmica toda. Note que a banca fica com a opinião da maioria, a saber, o pronome oblíquo tem função de sujeito do infinitivo:

49. (FAB – AFA – Oficial – 2009) Sobre o 3º fragmento do texto acima, é correto afirmar que o:

a) pronome em destaque no sintagma "deixai-me levar" (l. 22) exerce a função sintática de sujeito da ação verbal "levar". (Gabarito!)

Comentário: Em "deixai-me levar", o *me* é sujeito do infinitivo *levar*, e o sujeito de *deixai* é *vós* (oculto), equivalendo a "... deixai vós que eu leve...".

No entanto, veja esta questão que fica com a visão do segundo grupo:

11. (Cesgranrio – DECEA – Técnico de Defesa e Controle de Tráfego Aéreo – 2009)

" ... e **a** fazem funcionar dentro de padrões éticos." (L. 4-5)

O termo que apresenta função sintática idêntica à do exemplo em destaque é:

a) "... face à chaga histórica que extenua os pobres." (L. 13-14)
b) "... inibe a audácia que os problemas sociais exigem." (L. 27-28)
c) "Ela equilibra a audácia." (L. 32-33)
d) "O excesso de audácia é a insensatez." (L. 40-41)
e) "Em condições normais significa a justa medida," (L. 48-49)

Comentário: A banca deu como gabarito a letra B, em que o pronome relativo *que* exerce função de objeto direto (sobre a função sintática dos pronomes relativos, veja *Orações Subordinadas Adjetivas*), o que indica, consequentemente, que o pronome oblíquo *a* foi visto pela banca como objeto direto do verbo causativo *fazer*. Não obstante a questão deveria ser anulada, pois, segundo a maioria dos gramáticos, o pronome oblíquo exerce função de sujeito do infinitivo; daí que o gabarito deveria ser a letra A, em que o pronome relativo *que* exerce função de sujeito. Polêmicas! Elas não deveriam figurar em prova de concurso, mas as bancas não estão nem aí... Por isso sou detalhista. Nunca se sabe...

4) Recomenda-se que se use um pronome oblíquo átono para cada verbo (com transitividade diferente) numa estrutura de coordenação: *Os professores **me** encontraram e deram-**me** um conselho*. Note que o verbo *encontrar* é VTD e o verbo *dar* é VTDI. O primeiro tem função de objeto direto, e o segundo, indireto. É possível encontrar isso na gramática do Celso Cunha. Ele diz mais: "um pronome oblíquo átono pode ser complemento de verbos de regências iguais": *Eu **lhe** dei comida e emprestei dinheiro*.

Te

– *"Eu sei que vou **te** amar, por toda a minha vida"*. (Tom Jobim) (objeto direto)
– *Nunca mais **te** dirigiram a palavra.* (objeto indireto)
– *Fica tranquila, meu amor, eu sempre **te** serei leal.* (complemento nominal)
– *Beijei-**te** o rosto no passado e beijar-**te**-ei a boca agora.* (adjunto adnominal)
– *Fizeram-**te** realizar o exame duas vezes?* (sujeito)

Se

– *Não saía de casa sem **se** olhar no espelho.* (objeto direto)
– *A menina **se** impôs uma dieta rigorosa.* (objeto indireto)
– *Narciso tinha-**se** grande paixão.* (complemento nominal)
– *O cego costuma deixar-**se** levar pelo guia.* (sujeito)

Cuidado!!!

Este pronome oblíquo átono tem cinco classificações: **reflexivo (recíproco)**, **integrante do verbo**, **expletivo**, **indeterminador do sujeito e apassivador**. Nas explicações abaixo, precisarei contar com sua ajuda: seu conhecimento básico sobre transitividade verbal e um pouquinho de voz verbal.

Reflexivo (Recíproco)

Sempre acompanhado de verbo transitivo direto e/ou indireto (VTD/VTI/VTDI). Segundo Bechara, ele "faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou". Diz-se que o pronome reflexivo é chamado de **recíproco** quando há mais de um ser no sujeito e o verbo se encontra normalmente no plural.

Ex.: *A menina **se** cortou. / Se está doente, trate-**se**. / A modelo **se** impôs uma dieta muito severa. / Ele **se** achou culpado por ter perdido a luta. / O Brasil já **se** deixou explorar por muito tempo. / O cego costuma deixar-**se** levar pelo guia. / Os namorados **se** deram as mãos.* (recíproco) / *A avó e a neta **se** queriam muito. (recíproco) / O casal **se** beijou com vontade.* (recíproco)

Obs.: Em "Dar-**se** ao trabalho..." ou "Dar-**se** o trabalho...", o *se* é pronome reflexivo. No primeiro caso tem função de objeto direto; no segundo, objeto indireto. O fato é que ambas as formas são corretas. Além disso, saiba que outros pronomes oblíquos também podem indicar reflexividade (*me, te*) e reciprocidade (*nos, vos*).

Integrante do Verbo

Sempre acompanha verbo intransitivo (VI) ou transitivo indireto (VTI). Baseando-me no Bechara, posso dizer que tais verbos, chamados de pronominais, pois não se conjugam sem a presença do pronome oblíquo, indicam sentimento (*indignar-se, ufanar-se, atrever-se, alegrar-se, admirar-se, lembrar-se, esquecer-se, orgulhar-se, arrepender-se, queixar-se* etc.) ou movimento/atitudes da pessoa em relação ao seu próprio corpo (*sentar-se, suicidar-se, concentrar-se, converter-se, afastar-se, precaver-se* etc.). Por favor, não confunda com pronome reflexivo.

Ex.: *Ele **se** precaveu das pragas. / Ela, infelizmente, suicidou-**se**. / Nunca você deve queixar-**se** da sua vida.*

Obs.: Outros pronomes oblíquos também podem ser integrantes do verbo: *me, te, nos, vos*.

Expletivo

Acompanhado de verbos intransitivos (VI), normalmente. Pode ser retirado da oração sem prejuízo sintático e semântico, pois seu valor é apenas estilístico (ênfase, expressividade), por isso é chamado de partícula de realce.

Ex.: *Vão-**se** os anéis, ficam-**se** os dedos. = Vão os anéis, ficam os dedos. / Ela **se** tremia de medo do escuro. = Ela tremia de medo do escuro. / Passaram-**se** anos, e ele não retornou ainda. = Passaram anos, e ele não retornou ainda.*

Indeterminador do Sujeito (Cai muito em prova!)

Sempre acompanha verbos na 3ª pessoa do singular de quaisquer transitividades (verbo de ligação – VL –, VI, VTI, VTD), sem sujeito explícito. No caso do VTD, precisará haver objeto direto preposicionado para que o *se* indetermine o sujeito – note o último exemplo.

Tal indeterminação implica um sujeito de valor genérico (generalizador), impreciso.

Ex.: *Lá **se** era mais feliz.* (VL) / *Aqui **se** vive em paz.* (VI) / *Lamentavelmente, não **se** confia mais nos governantes.* (VTI) / *Já não mais **se** ama a Deus nesta Igreja.* (VTD)

De leve, veja uma questãozinha sobre isso:

2. (Esaf – AFRFB – 2009) Em relação ao texto, assinale a opção correta.

"Há alguma esperança de que a diminuição do desmatamento no Brasil **possa se manter** e não seja apenas, e mais uma vez, o reflexo da redução das atividades econômicas causada pela crise global. Mas as notícias ruins agora vêm de outras frentes. As emissões de gases **que provocam o efeito estufa pela indústria** cresceram 77% entre 1994 e 2007, segundo estimativas do Ministério do Meio Ambiente a partir de dados do IBGE e da Empresa de Pesquisa Energética. Para piorar, as fontes de energia **se tornaram** mais "sujas", (...)"

a) Em "possa se manter" o pronome "se" indica sujeito indeterminado.

d) Em "se tornaram" o pronome "se" indica voz passiva.

Gabarito: E. Na Letra A, a palavra *se* indica voz passiva por se tratar de uma partícula apassivadora (possa se manter = possa ser mantida). Na letra D, a palavra *se* é parte integrante do verbo, pois ele é um verbo pronominal: ***tornar-se***.

Apassivador (Cai muito em prova!)

Sempre acompanha VTD ou VTDI para indicar que o sujeito explícito da frase tem valor paciente, ou seja, sofre a ação verbal. Sempre é possível reescrever a frase passando para a voz passiva analítica, ou seja, transformando o verbo em locução verbal (***ser* + participio**).

Ex.: *Alugavam-**se** apartamentos aqui. = Apartamentos <u>eram alugados</u> aqui. / Sabe-**se** que as línguas evoluem. = <u>É sabido</u> que as línguas evoluem. / Jabuticaba **se** chupa no pé. = Jabuticaba <u>é chupada</u> no pé. / Guerra **se** faz com armas. = Guerra é feita com armas. / Fez-**se**-lhe uma homenagem. = Uma homenagem surpresa <u>foi feita</u> a ele. / Amores não **se** compram = Amores não <u>são comprados</u>.*

Obs.: Há casos que podem causar certa confusão, dependendo da posição dos termos, mas vale o bom senso: *As duas mulheres não **se** beijaram naquela festa*. As duas mulheres não foram beijadas ou uma não beijou a outra? Pronome reflexivo recíproco ou partícula apassivadora? Creio que a primeira impressão seja de reciprocidade, logo o *se* é um reflexivo recíproco. Na inversão, muda-se a análise, pois normalmente o *se* apassivador vem seguido de seu sujeito: *Não **se** beijaram as duas mulheres naquela festa*. Fique esperto!

Nos

– *Você só **nos** ajuda por interesse.* (objeto direto)

– *Ofereceram-**nos** sociedade na empresa ontem.* (objeto indireto)

– *Os três **nos** eram bem próximos.* (complemento nominal)

– *Nosso time **nos** tirou a paciência há muito tempo.* (adjunto adnominal)

– *Não é de hoje que **nos** sentimos formar um ótimo casal.* (sujeito)

Vos

– *Vós ainda **vos** amais?* (objeto direto)

– *Resta-**vos** agora mudar certos traços nocivos de personalidade.* (objeto indireto)

– *Eles **vos** têm muito respeito.* (complemento nominal)

– *Vossos namorados **vos** roubaram a pureza?* (adjunto adnominal)

– *Deixo-**vos** mantendo meu legado, meus filhos!* (sujeito)

Obs.: Como já vimos, a maioria dos gramáticos concorda que o pronome oblíquo átono pode ser sujeito de um infinitivo ou de um gerúndio, na construção com verbo causativo ou sensitivo. No entanto, certamente você se lembra de que o assunto é polêmico, pois certos gramáticos de renome, como Rocha Lima, dizem que o pronome é objeto do verbo causativo ou sensitivo e sujeito do verbo seguinte. Por isso, fez-se uma pergunta (de novo) à ABL para saber seu parecer, afinal, sempre vale a pena saber a opinião desse órgão máximo da língua portuguesa no Brasil:

ABL RESPONDE

Pergunta: Saudações! Há algum tipo de erro na construção "Eu a vejo cantando todos os dias."? Está certo dizer que o *a* é sujeito de *cantando*? Muito grato!

Resposta: A construção está adequada; o *a* é objeto direto de vejo e sujeito de cantando; *eu* é sujeito de vejo. De nada, disponha.

Dica: No dia da prova, analise todas as opções, levando em conta as três visões sobre a estrutura com verbos causativos e sensitivos + pronome oblíquo átono + infinitivo/gerúndio, e marque a "melhor resposta".

Lhe / Lhes

– *Procure o senhorio e pague-**lhe** o aluguel.* (objeto indireto)

– *Uma ideia **lhe** veio à mente.* (= *veio à sua mente;* adjunto adnominal (posse))*

– *Incrivelmente, o cigarro nunca **lhe** foi prejudicial.* (complemento nominal)

– *Fiz-**lhes** repensar o motivo de estar ali.* (sujeito do infinitivo)#

Cuidado!!!

* Os gramáticos dizem que, neste contexto, o *lhe* é também excelente recurso de estilo. Falando nisso, para calar a boca daqueles que dizem não haver questão sobre pronome oblíquo átono com valor possessivo e com função de adjunto adnominal, eis aí umazinha:

30. (EAGS – Aeronáutica – Sargento – 2010) Leia:

O pardalzinho nasceu

Livre. Quebraram-**lhe** a asa.

Sacha **lhe** deu uma casa,

Água, comida e carinhos.

Os termos destacados, no texto acima, classificam-se respectivamente em:

a) objeto indireto e objeto indireto;
b) adjunto adnominal e objeto indireto; (GABARITO!)
c) objeto indireto e adjunto adnominal;
d) adjunto adnominal e adjunto adnominal;

Outra questão sobre isso é encontrada em:

29. (Cesgranrio – FUNASA – Administrador – 2009) Na passagem "Eugênio examinava-lhe as mudanças do rosto com comovida atenção.", o pronome oblíquo **lhe** exerce função sintática idêntica ao termo destacado em:

a) "Olívia se aproximou de Eugênio..."
b) "A enfermeira juntava os ferros."
c) "A respiração voltava lentamente,"
d) "Vencera! Salvara a vida de uma criança!"
e) "Sentia-se leve e aéreo."

Gabarito: D. Tanto o *lhe* como *de uma criança* apresentam valor possessivo e ambos os termos exercem função sintática de adjunto adnominal.

Cegalla indica que o ***lhe*** exerce função sintática de sujeito dentro de estrutura com verbos causativos e sensitivos se o verbo seguinte no infinitivo exigir um complemento direto (objeto direto): "O professor mandou-**lhe** calar a boca" (ou seja, "O professor mandou que **ele** calasse a boca"). Bechara, em seus livros antigos de sintaxe, apoiava tal tese. Só encontrei uma questãozinha sobre isso... antiiiiiiga:

30. (MPE/RJ – CGJ/RJ – Corregedor – 1998) Assinale a frase em que há erro no emprego de **o** ou **lhe**:

a) Mandei-o visitar os pais em Petrópolis;
b) Mandei-lhe visitar os pais em Petrópolis;
c) Eu lhe felicitarei pela vitória; (Gabarito!)
d) Não lhe assiste o direito de protestar;
e) A verdade é que eu lhe quero muito bem.

Gabarito: **C**. O verbo felicitar é VTD, por isso exige complemento direto (objeto direto), função nunca exercida por *lhe*. **Mas note a letra B!** Note o *lhe* com função de sujeito do infinitivo: *Mandei-lhe visitar os pais em Petrópolis. = Mandei que ele visitasse os pais em Petrópolis.*

---

1) Lembra-se da música do Moraes Moreira "Eu ia ***lhe*** chamar enquanto corria a barca..."?

O que acha do uso do *lhe* neste caso? I-na-de-qua-do à norma culta! O verbo chamar é transitivo direto (VTD), logo o *lhe* não pode ser complemento de um VTD, pois ele nunca exerce função de objeto direto. Normalmente sua função é de objeto indireto – nunca objeto direto, ok? Deveria ser, então: "Eu ia *te* chamar..." ou "Eu ia chamá-*lo*..." etc., sem *lhe*.

2) Agora veja este exemplo: "Vi o filme que me recomendou, apesar de não ter querido assistir-***lhe.***".

Nossa! Assistir-**lhe**? Não "rola", não é? "Por que, Pestana, se o *lhe* exerce função de OI,

e o verbo assistir é VTI? O *lhe* não pode ser substituído por *a ele(a/s)*? Eu me lembro dessa explicação!"

É verdade, mas calma! A força da gramática tradicional ainda diz que o *lhe* não substitui complemento de certos verbos, como *assistir, aspirar, referir-se, aludir, recorrer* etc. Está claro? É regra. Portanto, a frase acima deveria ser assim: "Vi o filme que você me recomendou, apesar de não ter querido assistir ***a ele***."

Entenda melhor (por trás da regra): O *lhe* não é usado como complemento de alguns verbos, como *aludir, anuir, aceder, aspirar (almejar), assistir (ver), escarnecer, proceder, presidir, recorrer, referir (aludir), visar (almejar)*, pois ele é um complemento que representa o ser beneficiado ou o alvo de uma ação: "Eu atribuí a notícia ao jornal (ser beneficiado/alvo).". Portanto, ele não pode substituir complemento desses verbos, uma vez que o sentido deles não contempla tal possibilidade, isto é: não se assiste a alguém, não se aspira a alguém, não se visa a alguém, como se este "alguém" estivesse sendo beneficiado por outra pessoa ou coisa. Aí, você me pergunta: "Qual é o equívoco gramatical em dizer 'Eu assisti à peça.' ou 'Eu assisti-lhe.'?" Resposta: "O equívoco está em o verbo não indicar que algum ser é o beneficiário da ação expressa pelo verbo", isto é, 'a peça' não se está beneficiando de nada, quando eu assisto a ela. É por isso que, nesses casos, não usamos o pronome oblíquo átono *lhe(s)* como complemento, mas sim o pronome oblíquo tônico 'a ele(a/s)'."

3) Alguns gramáticos modernos, como Pasquale Cipro Neto e Ulisses Infante, dizem que o **lhe** só substitui **pessoa**. Veja, porém, que isso não é verdade, pois o gramático Rocha Lima, Bechara e a Academia Brasileira de Letras pensam diferente (e, para *sacramentar*, as questões da FCC corroboram o que dizem tais fontes). Leia o ensino da ABL:

ABL RESPONDE

Pergunta: Consultei uma gramática tradicional que afirma que o pronome oblíquo átono *lhe* só substitui pessoas. Mas, em "Paguei-lhe (ao banco) a dívida." e "Dei-lhe (no cachorro) um trato.", o *lhe* está usado erradamente? Não entendo! Por favor, ajudem! Grato!

Resposta: "O objeto indireto é o complemento que representa a pessoa ou coisa a que se destina a ação, ou em cujo proveito ou prejuízo ela se realiza." Ex.: Aos meus escritos, não lhes dava importância nenhuma. *Lhes* é objeto indireto em relação a escritos, portanto, coisa. "Fiquei só com oito ou dez cartas para reler algum dia e dar-lhes o mesmo fim." (Machado de Assis, Memorial de Aires).

Falou, tá falado! Logo, esse papo de *lhe só* substituir **pessoa** é furado. Você verá as questões da FCC à frente... aguarde.

O, a, os, as

– *Levei-**o**, levei-**a**, levei-**os** e levei-**as** ao Forte de Copacabana.* (objeto direto)
– *Nunca **os** vi namorar com volúpia, eram discretos.* (sujeito do infinitivo)

Obs.: Vale muito a pena dizer que estes pronomes oblíquos átonos de 3ª pessoa exercem 99% das vezes função de objeto direto! "Por que você fez este adendo, Pestana?" Simples, meu nobre. Já vi muita gente boa cometendo deslizes do tipo: "Eu vou informá-***lo*** a verdade.". O problema é que quem informa informa algo **a alguém** (objeto indireto). A frase, de acordo com a norma culta, deveria ser: "Eu vou informar-***lhe*** a verdade". O *lhe*, sim, exerce função de objeto indireto. No entanto, o verbo informar tem dupla regência, e também pode manter relação com seus complementos da seguinte maneira: quem informa informa **alguém** de algo, de modo que também poderíamos escrever assim: "Eu vou informá-**lo** da verdade.". **Estude *Regência Verbal*!**

Adjunto Adverbial

Se você sabe identificar um advérbio e uma locução adverbial numa frase, sensacional! Pois todo advérbio e locução adverbial exercem função sintática de **adjunto adverbial**.

Além do advérbio e da locução adverbial, o pronome relativo e o pronome pessoal também podem exercer função sintática de adjunto adverbial (veremos isso também em *Funções Sintáticas dos Pronomes Relativos*, no capítulo 23):

– *A sobreloja,* ***onde*** *ele também morava, estava em estado calamitoso.* (adjunto adverbial de lugar)

– *Os rapazes saíram* ***conosco****, pois iríamos apresentar-lhes as moças.* (adjunto adverbial de companhia)

Vejamos alguns adjuntos adverbiais mais cobrados (e outros nem tanto):

Afirmação: ***Certamente*** *passarei na prova.*

Negação: ***Não*** *vou desistir de meus sonhos.*

Modo: *Agiu* ***de coração****, mas foi sabotado.*

Tempo: ***Anteontem*** *foi o melhor dia da minha vida.*

Lugar: *Cheguei* ***à sala*** *na hora certa, mas entrei atrasado* ***no assunto****.*

Obs.: Segundo Carlos Góis, quando o adjunto adverbial de lugar for uma pessoa ou um lugar imaginário, será analisado como **adjunto adverbial de lugar virtual**. Sacconi corrobora isso. Segundo Bechara, certos termos podem indicar lugar e/ou tempo, como em "Encontrei minha namorada ***numa festa***.". Sendo assim, *numa festa* poderia ser classificado como adjunto adverbial de lugar ou de tempo.

Dúvida: *A velhice* ***talvez*** *tenha cura.*

Intensidade: *Ficou* ***absolutamente*** *realizado.*

Causa: *O homem suava* ***com aquele calor carioca****.*

Concessão: ***A despeito dos problemas****, tivemos êxito.*

Conformidade: *Faça tudo* ***conforme os regulamentos****.*

Finalidade: *Ele viajou* ***para negociar****.*

Obs.: Neste caso, estamos diante de um adjunto adverbial oracional, ou seja, um adjunto adverbial em forma de oração, pois tal expressão é constituída de verbo. Há muitas orações com função de adjunto adverbial. Veremos todas elas em *Orações Subordinadas Adverbiais*.

Condição: ***Sem educação****, não há progresso.*

Meio: *Prefiro ir* ***de ônibus*** *a pegar avião.*
Instrumento: *Escrevi quinhentas páginas* ***a caneta****.*
Assunto: *Ele só fala* ***de política****.*

Obs.: Certos dicionários de regência, como o de Francisco Fernandes e do Celso P. Luft, entendem que *de política* é um objeto indireto, pois veem o verbo falar como VTI. No entanto, Bechara é bem taxativo em dizer que se trata de um adjunto adverbial de assunto (ou **matéria tratada**), logo falar seria intransitivo... polêmicas... No capítulo de *Regência* voltarei a falar sobre isso.

Companhia: ***Com ou sem você****, preciso prosseguir em minha jornada.*
Preço: *Meu carro não custou* ***caro****.*
Matéria: *Fabricamos* ***com plástico*** *esses copos.*
Reciprocidade: ***Entre mim e ti*** *sempre houve amor.*

Obs.: Por inferência, notamos que há adjunto adverbial simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.
– ***De noite****, fui estudar.* (simples: um núcleo)
– ***De manhã à tarde****, fico estudando.* (composto: mais de um núcleo)
– ***Quando estudo****, fico calmo.* (o adjunto adverbial – indicando tempo – é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

Adjunto Adverbial X Adjunto Adnominal

Lembre-se sempre do básico: tradicionalmente, o **adjunto adverbial** modifica um verbo, um adjetivo ou outro advérbio; já o **adjunto adnominal** modifica um substantivo. Assim, por mais que o adjunto adnominal tenha valor semântico de lugar, por exemplo, perceba a relação sin-tá-ti-ca, isto é, adjunto adnominal se liga a substantivo e adjunto adverbial se liga a verbo, adjetivo ou outro advérbio, ok? Veja:

– *Nada como uma casa **em cima de uma montanha**!* (adjunto adnominal, pois modifica *casa*)

– *Já morei muitos anos **em cima de uma montanha**!* (adjunto adverbial de lugar, pois modifica *morar*)

– *O homem **com a maleta** entrou no avião. (adjunto adnominal, pois modifica homem)*

– *O homem entrou **com a maleta** no avião. (adjunto adverbial, pois modifica entrar)*

– *Preciso de **muito** pensamento positivo.* (adjunto adnominal, pois modifica *pensamento*)

– *As pessoas vêm trabalhando **muito**.* (adjunto adverbial de intensidade, pois modifica *trabalhar*)

Obs.: Há certos momentos, por falta de contexto maior, que a análise dos termos sintáticos pode ser dupla. Veja uma questão sobre isso:

14. (FAB – EAGS – Sargento – 2010) Assinale a alternativa em que um termo da frase pode ser classificado tanto como adjunto adverbial quanto como adjunto adnominal.

a) Vagarosamente, ele partiu alinhavando, em meu coração, uma imensa saudade.
b) Atônitos, os moradores saíram à rua para verificar o estrondo.
c) A professora de Português observava os alunos da classe. (Gabarito!)
d) Com ternura, os pais acariciavam o filho doente.

Comentário: Não se sabe se ela estava dentro da classe observando os alunos (adjunto adverbial de lugar) ou se ela estava observando os alunos que pertencem à classe (adjunto adnominal).

Adjunto Adverbial X Objeto Indireto

O fato de muitos adjuntos adverbiais virem introduzidos por preposição não deve gerar confusão com o objeto indireto (termo sempre preposicionado).

O **adjunto adverbial** modifica o sentido de um verbo, expressando uma circunstância (lugar, meio, companhia...), já o objeto indireto apenas complementa o sentido do verbo transitivo indireto. Veja:

– *Viajei* ***de trem***. (adjunto adverbial de meio)
– *Não gosto* ***de trem***. (objeto indireto)
– *Não saia* ***de casa***. (adjunto adverbial de lugar)
– *Não duvide* ***de mim***. (objeto indireto)
– ***Com Pedro*** *você pode caminhar.* (adjunto adverbial de companhia)
– *Concordo* ***com você***. (objeto indireto)

Déjà vu: Cuidado com os verbos *ir, chegar, voltar, regressar, partir, retornar, morar, residir, habitar* e sinônimos, pois eles "aparentemente" exigem um objeto indireto, mas na verdade são apenas especificados por um adjunto adverbial indicando **lugar**. Tais verbos são acompanhados de adjunto adverbial de lugar, pois, caso contrário, o interlocutor não entenderia plenamente uma frase como esta: "Você sabia que ele foi?" (Pergunta óbvia: Ele foi **aonde**?). Estes verbos precisam de um **circunstancial** de lugar, e não de um **complemento**. Há muita polêmica em torno disso. Rocha Lima, por exemplo, fala em "complemento circunstancial". Celso P. Luft considera a possibilidade de tais verbos serem transitivos indiretos.

Adjunto Adverbial X Predicativo do Sujeito

Lembre-se de que o **adjunto adverbial** (advérbio) modifica verbo, adjetivo ou outro advérbio; já os **predicativos** (adjetivo, normalmente) modificam um termo de valor substantivo.

– *O aluno falou **sério** com o professor.* (adjunto adverbial de modo)

– *O aluno continua **sério**.* (predicativo do sujeito)

– *Voe **tranquilo** com a nossa companhia aérea.* (adjunto adverbial de modo)

– *O cliente, **tranquilo**, viajou pela nossa companhia.* (predicativo do sujeito)

Obs.: Tratei bem deste assunto no capítulo de *Advérbio*. Revisite!

Adjunto Adverbial X Agente da Passiva

Nem todo termo introduzido pela preposição *por (pelo(a/s))* é um agente da passiva. Principalmente se o núcleo não for um ser animado ou personificado. Por isso, não confunda adjunto adverbial de causa (como nos exemplos abaixo) com agente da passiva.

– *O aluno foi premiado* ***por sua apresentação***.

– *A corrupção foi novamente discutida* ***pelos constantes casos de lavagem de dinheiro***.

Note que *foi premiado* e *foi discutida* são locuções verbais de voz passiva analítica, ou seja, existe, sim, um agente da passiva nas frases acima, mas ele está *apagado*, indeterminado. É como se houvesse na frase um agente da passiva seguido de um adjunto adverbial de causa. Veja as reescrituras para ficar mais claro:

– *O aluno foi premiado* ***por alguém*** (agente da passiva) ***por causa de sua apresentação*** (adjunto adverbial de causa).

– *A corrupção foi novamente discutida* ***por alguém*** (agente da passiva) ***por causa dos constantes casos de lavagem de dinheiro*** (adjunto adverbial de causa).

Aposto

O **aposto** é um termo sempre de valor substantivo (nunca adjetivo!) que explica, esclarece, desenvolve, resume outro termo sintático antecedente.

– *Nós voltamos a estudar,* ***minha namorada e eu****, depois de dois anos.* (aposto do sujeito)

– *Ela era a famosa Regina Duarte –* ***grande atriz da televisão brasileira****.* (aposto do predicativo do sujeito)

– *Considerei-o como o novo Chacrinha:* ***grande apresentador do século XX****.* (aposto do predicativo do objeto)

– *Duas propostas tenho de lhe fazer:* ***uma positiva e outra negativa****.* (aposto do objeto direto)

– *Disse aos meus filhos* ***Pedro e João*** *que iria viajar.* (aposto do objeto indireto)

– *João estava ansioso pela chegada de uma de suas primas, que demorou muito,* ***a Maria****.* (aposto do complemento nominal)

– *O atual presidente foi muito criticado pelo ex-presidente,* ***Carlos da Silva****.* (aposto do agente da passiva)

– *O monumento da cidade* ***do Rio de Janeiro*** *foi tombado.* (aposto do adjunto adnominal)

– *Peguei o carro lá* ***na oficina*** *às dezoito horas,* ***a hora do rush****.* (apostos dos adjuntos adverbiais)

– *O senhor Arnaldo, dono da academia de jiu-jítsu* ***(a mais completa arte marcial)*** *é faixa preta e vermelha.* (aposto do aposto)

– *Pai,* ***meu melhor amigo****, estou precisando de dinheiro para sair.* (aposto do vocativo)

Obs.: Por inferência, notamos que há aposto simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Esses* ***dois*** *são relapsos.* (simples: um núcleo)

– *Elas,* ***Lúcia e Regina****, são irmãs.* (composto: mais de um núcleo)

– *Tenho um sonho:* ***presenciar a justiça de Deus****.* (o aposto é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

Só de curiosidade: O plural de aposto é apostos (pronuncia-se *aPÓStos*).

Classificação do Aposto

Diz-se que o aposto é um termo de valor substantivo **B** que reitera um termo **A**, numa "fórmula" A = B.

Trocando em miúdos: o "aposto" é sempre igual ao "anteposto".

– *Carmen Miranda, **a Pequena Notável**, fez sucesso no Brasil e no mundo.*

A	=	B

Há 6 tipos de aposto, cujo núcleo pode ser um substantivo, um pronome, um numeral, uma palavra substantivada ou uma oração. Vamos a eles!

1) Explicativo

– *Carolina, **uma ótima pessoa**, e seu amigo, **um idiota**, estavam íntimos demais.*

– *Algo o incomodava frequentemente: **suas brigas com a esposa**.*

– *Deus – **o grande assunto dos embates entre ateus e crentes** – analisa o coração.*

– *Pelé **(o Rei do Futebol)** será um dia superado?*

– *Machado de Assis, **como grande romancista brasileiro**, nunca foi superado.*

Obs.: Como se viu, este aposto sempre vem separado por pontuação: vírgula, dois-pontos, travessão ou parênteses. Note também que o aposto pode ser iniciado pela preposição acidental *como*.

2) Especificativo

– *No mês **de novembro**, a presidenta **Dilma** foi eleita e usou a palavra **satisfação** no seu discurso.*

– *Dona **Carlota Joaquina** causou muita polêmica ao vir para o Brasil.*

– *Nós **todos** somos seus fãs.*

– *Convidaram nós **três** para escrever um livro de Gramática, Literatura e Redação.*

Cuidado!!!

1) Note que o aposto especificativo não vem separado por pontuação alguma e é um termo que tem o mesmo valor semântico da palavra especificada anterior, ou seja, em "presidenta Dilma", *Dilma* é o quê? Uma presidenta. Existem vários presidentes, e a palavra especificadora *Dilma* aponta qual presidente é.

2) Interessante: a semântica, a sintaxe e a vírgula (aposto explicativo e aposto especificativo):

– *Disse aos meus filhos, **Pedro e João**, que iria viajar.* (o falante tem dois filhos apenas)

– *Disse aos meus filhos* ***Pedro e João*** *que iria viajar.* (existe a possibilidade de o falante ter mais filhos)

3) Distributivo

– *Tenho dois filhos:* ***um*** *baixinho,* ***outro*** *altinho.*

– *Mussolini e Hitler foram dois cruéis ditadores,* ***aquele com o sistema fascista e este com o sistema nazista.***

Obs.: Neste caso, normalmente os apostos vêm retomando dois ou três termos anteriores.

4) Enumerativo

– *Atenderemos a todos:* ***homens****,* ***mulheres****,* ***velhos*** *e* ***crianças****.*

– *Apenas três coisas me tiravam do sério, a saber,* ***preconceito, antipatia e arrogância****.*

– *Alguns países da Europa não são banhados pelo mar –* ***por exemplo, Áustria, Suíça, Vaticano*** etc.

Obs.: Note que os apostos podem ser iniciados por expressões explicativas, como *isto é, ou seja, a saber, por exemplo...*

5) Resumitivo/Recapitulativo

– *Brasil, Costa Rica, México, Uruguai, isto é,* ***nenhum*** *é um país desenvolvido.*

– *Irei a Macau, Cabo Verde, Angola e Timor-Leste,* ***lugares*** *onde se fala português.*

Obs.: Normalmente este tipo de aposto é representado pelos pronomes indefinidos *nada, ninguém, nenhum, tudo, todo(a/s).*

6) De uma Oração

Pode se referir a uma oração inteira por meio das palavras *sinal, coisa, fato, motivo, razão.*

– *As nuvens estão chegando,* ***o*** *que pode aborrecer a todos.* (ou seja, *"isso* – o fato de as nuvens estarem chegando – *pode aborrecer a todos")**

– *O noticiário disse que amanhã fará muito calor –* ***ideia*** *que muito me agrada.*

* Esse tipo cai muito em prova!

Cuidado!!!

1) O aposto pode aparecer <u>antes</u> do termo a que se refere, normalmente antes do sujeito, como no exemplo abaixo:

– ***O maior piloto brasileiro de todos os tempos****, Ayrton Senna marcou uma geração.*

Consulte uma questão sobre isso: FAB – EAGS – SARGENTO – 2008 – QUESTÃO 33.

2) Segundo Cegalla, quando o aposto se refere a um termo preposicionado, pode ele vir igualmente preposicionado.

– *"De cobras, (de) morcegos, (de) bichos,* ***de tudo*** *ela tinha medo."*

3) Nunca vi em prova alguma o que direi agora, por isso decida se vai ou não pular esta observação. Estudiosos modernos, na contramão da classificação de aposto como termo de valor substantivo, apoiam o fato linguístico de que o aposto pode ter núcleo adjetivo ou adverbial, em construções como estas:

– *Tuas pestanas eram assim: finas e curvas*. (adjetivos; aposto do predicativo do sujeito)

– *Falou comigo deste modo: calma e maliciosamente*. (advérbios; aposto do adjunto adverbial de modo)

Aposto X Adjunto Adnominal

Apesar da semelhança, é fácil distinguir o aposto especificativo do adjunto adnominal.

Há correspondência semântica entre o aposto e o termo a que se refere; é possível retirar a preposição que precede o aposto, normalmente. O adjunto não tem correspondência semântica e, se a preposição for retirada, a estrutura ficará esdrúxula.

– *A cidade* ***(de) Fortaleza*** *é quente.* (Aposto especificativo / Fortaleza é uma cidade.)

– *O clima* ***de Fortaleza*** *é quente.* (Adjunto adnominal / Fortaleza é um clima?)

Obs.: Conheça outros apostos especificativos: *a capital* ***de Belo Horizonte****, a cidade* ***do Rio de Janeiro****, o estádio* ***do Maracanã****, o ano* ***de 2012****, o mês* ***de setembro****, a festa* ***de carnaval****, o nome* ***de Jeová****, os bairros* ***de Irajá****,* ***Vaz Lobo e Madureira****...*

Aposto X Predicativo do Sujeito

Lembre-se de algo básico: o aposto não pode ser um adjetivo nem ter núcleo adjetivo, logo... a diferença é facílima! Veja:

– ***Muito desesperado**, João perdeu o controle.* (predicativo do sujeito; núcleo: desesperado – adjetivo)

– ***Homem desesperado**, João sempre perde o controle.* (aposto; núcleo: homem – substantivo)

Vocativo

O **vocativo** é o termo que põe em evidência algum ser a quem se dirige; indica a invocação de alguém ou algo; vem sempre separado por vírgula; pode se deslocar pela oração. Muito encontrado em textos injuntivos, em que o locutor do texto se dirige diretamente ao interlocutor.

– *Só tem uma garrafa,* ***mãe****!*

– ***Ó querida****, não faça isso comigo...* (todo termo será um vocativo se acompanhado de *ó*)

Obs.: Por inferência, notamos que há vocativo simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– ***Amigo****, escuta-me.* (simples: um núcleo)

– ***Companheiros e companheiras****, escutem a verdade.* (composto: mais de um núcleo)

– ***Quem estiver atento****, por favor, o diretor quer falar.* (o vocativo é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

* Quem corrobora o **vocativo oracional** é o gramático Ulisses Infante. Nunca vi em prova alguma!

Vocativo X Aposto

O vocativo não mantém relação sintática com nenhum termo de uma oração, diferente do aposto.

– *Solte os rapazes,* ***senhor****, urgentemente. (vocativo; não se refere a termo algum da oração)*

– *Os rapazes,* ***amigos entre si****, são honestos. (aposto; refere a "os rapazes")*

Obs.: Pode haver ambiguidade entre vocativo e aposto; só o contexto desfará a ambiguidade:

"Aqueles candidatos, **meus alunos**, passaram na prova".

Às vezes, a vírgula faz toda a diferença para diferenciarmos o vocativo do sujeito:

– ***Marcos****, o professor de História chegou.* (vocativo)

– ***Marcos****, o professor de História, chegou.* (sujeito)

Note também que a segunda vírgula tornou o sujeito da primeira frase em aposto da segunda.

O Que Cai Mais na Prova?

Normalmente a diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal é a *menina dos olhos* das bancas. Correndo por fora, vem o aposto. Por isso, neste capítulo, sugiro que domine os conceitos de adjunto adnominal e aposto. Manda ver!

Questões de Concursos

1. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) Assinale a alternativa que classifica, correta e respectivamente, os termos grifados no período "A manutenção <u>das estradas</u> é fundamental <u>para nossa segurança</u>".
   a) complemento nominal – complemento nominal.
   b) complemento nominal – adjunto adnominal.
   c) adjunto adnominal – complemento nominal.
   d) adjunto adnominal – adjunto adnominal.

2. (FAB – EEAR – Cabo – 2008) Em todas as alternativas, o termo *"pelo rio"* classifica-se como adjunto adverbial. Apenas em uma ele também pode ser classificado como agente da passiva. Identifique essa alternativa.
   a) Durante a noite, os caçadores levaram alguns animais pelo rio.
   b) Durante a noite, alguns animais foram levados pelo rio.
   c) Durante a noite, levaram-se alguns animais pelo rio.
   d) Durante a noite, levaram alguns animais pelo rio.

3. (Esaf – MPOG – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) A rápida, coordenada, cautelosa e surpreendente compra de 9% do capital da anglo-australiana Rio Tinto, a terceira maior mineradora do mundo, mostra uma mudança de qualidade no planejamento da investida no exterior das estatais chinesas. (...)"

– O segmento "a terceira maior mineradora do mundo" está entre vírgulas porque é um aposto.

4. (FCC – TRT/MG (3R) – Analista Judiciário – 2009) *O sucesso da democracia nas sociedades industriais trouxe inegáveis benefícios <u>a amplos setores</u> antes excluídos...*

O mesmo tipo de complemento grifado acima NÃO ocorre APENAS em:
   a) da tomada de decisões;
   b) a perda de identidades grupais;
   c) pelo conceito de cidadania;
   d) um mundo de tribos;
   e) no conhecimento do torcedor comum.

5. (Cesgranrio – FUNASA – Agente Administrativo – 2009) No Texto I, em "e controlar a epidemia crescente **das doenças crônicas**,", o termo destacado está ligado sintaticamente ao substantivo "epidemia".

O termo que desempenha função sintática idêntica ao destacado acima está no trecho:
   a) "enquanto cerca de 300 milhões de adultos são obesos,"
   b) "...que ajude as autoridades nacionais a enfrentar os problemas."
   c) "– Para alcançar as Metas do Milênio estabelecidas pela ONU,"
   d) "Todos eles estão mais expostos..."
   e) "entre outras doenças ligadas ao excesso de peso."

6. (Cesgranrio – FUNASA – Administrador – 2009) Na passagem "Eugênio examinava-lhe as mudanças do rosto com comovida atenção.", o pronome oblíquo **lhe** exerce função sintática idêntica ao termo destacado em:
   a) "Olívia se aproximou de Eugênio..."
   b) "A enfermeira juntava os ferros."
   c) "A respiração voltava lentamente,"
   d) "Vencera! Salvara a vida de uma criança!"
   e) "Sentia-se leve e aéreo."

7. (Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico – 2009) (Adaptada) Em "– gerentes de três grandes empresas nacionais –" (De acordo com a pesquisa, feita entre 230 profissionais – gerentes de três grandes empresas nacionais –, ...), o uso dos travessões justifica-se, sintaticamente, por: I- separar o vocativo ou II- isolar o aposto?

8. (Instituto Cidades – UNIFESP – Analista de TI – 2009) Nos versos 01 e 15 (Voa, coração), a palavra "coração" é corretamente classificada como:
   a) sujeito;
   b) vocativo;
   c) objeto direto;
   d) predicativo do sujeito.

9. (FUNDEP – TJ/MG – Assistente Social – 2010) Assinale a afirmativa em que o(s) termo(s) em destaque **NÃO ESTÁ(ÃO)** corretamente classificado(s) quanto à função sintática.
a) "Em ti, por exemplo, o outono é manifesto e exclusivo." – sujeito.
b) "Não, querido, sou tua árvore-da-guarda e simbolizo teu outono pessoal." – predicativo do sujeito.
c) "Outoniza-te com dignidade, meu velho". – vocativo.
d) "(...) Há alguma coisa de gracioso em tudo isso: parábolas, ritmos, tons suaves..." – aposto.

10. (PUC/PR – COPEL – Profissional de Comunicação Jr. – 2010) Assinale a alternativa **CORRETA**:
a) "Para o empresário e economista Luiz Carlos Mendonça de Barros, ministro das Comunicações no governo de Fernando Henrique Cardoso, insuspeito de simpatias pelo governo Lula (...)"; o trecho sublinhado é um vocativo.
b) Em "Hoje, por causa de distorções como essas, o Estado brasileiro custa caro, funciona mal e trabalha na direção errada", a vírgula colocada após "hoje" pode ser substituída por ponto e vírgula.
c) "Arquiteto e engenheiro da prosperidade do "milagre econômico", o ex-ministro Antonio Delfim Netto está convencido (...)"; o trecho sublinhado é um exemplo de aposto.
d) Em "Mesmo o etanol, que funciona tão bem no Brasil, não é uma saída definitiva no plano mundial" é possível retirar as vírgulas, sem prejuízo do sentido original.
e) A expressão "pelo menos", em "o Brasil tem pela frente uma possibilidade de crescimento seguro, sem risco, por pelo menos uma geração", pode ser retirada sem prejuízo do sentido original.

11. (Cesgranrio – BACEN – Analista – 2010) A circunstância expressa pelos termos em destaque está corretamente indicada em:
a) "algo para ser visto pela janelinha do carro," – lugar.
b) "...esparramada sobre a calçada," – concessão.
c) "...pingando esmolas em mãos rotas." – modo.
d) "Com o tempo, a miséria conquistou os tubos de imagem dos aparelhos de TV." – consequência.
e) "Embora violenta, a miséria ainda nos excluía." – condição.

12. (Cesgranrio – Eletrobras Eletronuclear – Analista (Meteorologia) – 2010) No Texto I, em "avançaram em segurança e controle **dos resíduos radioativos**", o termo destacado está ligado sintaticamente ao substantivo "controle". O termo que desempenha função sintática idêntica ao destacado acima está no trecho:
a) "As crises mundiais do petróleo,"
b) "os preços ficam mais caros,"
c) "...captar energia da natureza."
d) "...especialistas em energia estão fazendo perguntas incômodas..."
e) "...não teria sido uma alternativa menos danosa ao meio ambiente..."

13. (Esaf – Agente Executivo – 2010) (Adaptada) Em relação ao texto abaixo, julgue a afirmação seguinte:
"Onde as sociedades são mais justas, equilibradas, honestas e onde as necessidades sociais são mais satisfeitas, há menor risco para a atividade jornalística. (...)"
O emprego de vírgulas após "justas" e "equilibradas" justifica-se por isolar aposto.

14. (Esaf – Auditor Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) O presidente do Banco Central Europeu (BCE), Jean-Claude Trichet, ao anunciar que a taxa básica do BCE não seria mudada... (...)"
– O nome próprio "Jean-Claude Trichet" está entre vírgulas por tratar-se de um vocativo.

15. (FUNCAB – DETRAN/PE – Analista de Trânsito – 2010) Os termos grifados exercem as seguintes funções sintáticas: "...e como eu ia dizendo, é muito mais econômico você andar devagar e ser assaltado por mim do que correr e ser assaltado pelo radar. E eu nem somo pontos em sua habilitação!":
a) objeto direto – objeto indireto – adjunto adverbial;
b) adjunto adnominal – sujeito – adjunto adverbial;
c) predicativo – agente da passiva – adjunto adverbial;
d) objeto direto – objeto direto preposicionado – objeto indireto;
e) aposto – objeto indireto – objeto direto preposicionado.

16. (FGV – CODESP/SP – Advogado – 2010) O ensino técnico profissionalizante de fato precisa hoje correr contra o relógio, pois, se persistir a falta de pessoal qualificado, as oportunidades acabam definitivamente perdidas pela desistência dos potenciais empregadores.
O termo sublinhado no período acima exerce a função sintática de:

a) adjunto adverbial;
b) agente da passiva;
c) complemento nominal;
d) adjunto adnominal;
e) objeto indireto.

17. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) No segmento "o gosto que estes revelam pela improvisação", o termo "pela improvisação" exerce função distinta da exercida na seguinte frase: *Revelou, pela improvisação, o quanto se afastara da cultura clássica.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "...e **às vezes** lhe passava um recado ou uma correspondência."
"isso existe **às pampas**."
Quais as locuções destacadas que encerram, respectivamente, as mesmas circunstâncias das destacadas nos trechos transcritos acima?
a) Aos poucos, ele ia percebendo que não precisava mais dela. / Nada em volta causava mais surpresa.
b) Saiu às pressas porque tinha um compromisso. / De vez em quando, é preciso repensar as estratégias.
c) Vá em frente que você encontrará o que procura. / De modo algum aceitarei a proposta feita pelo meu superior.
d) Em breve, estarei terminando de escrever minha biografia. / Trabalhou em excesso para apresentar seu projeto final.
e) A notícia chegou de súbito causando, assim, um grande impacto. / Hoje em dia, as pessoas pensam mais nelas próprias.

19. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Médio – 2011) A expressão "um dos pioneiros na pesquisa sobre mídia pública no Brasil" (Para o Professor Laurindo Leal Filho, da Universidade de São Paulo, um dos pioneiros sobre mídia pública no Brasil, esse não é um conceito fechado.) exerce, na oração, a função sintática de vocativo, pois se refere a uma pessoa citada anteriormente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário – 2011) As expressões "do espírito laico" (... são a mais alta expressão do espírito laico...) e "da fé" (... mais à razão crítica que aos impulsos da fé...) complementam, respectivamente, os vocábulos "expressão" e "impulsos".
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico – 2011) O segmento "o mais abundante dos gases-estufa" (Por exemplo, as emissões de CO2, o mais abundante dos gases-estufa,...) está entre vírgulas por constituir aposto explicativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FCC – BB – Escriturário – 2011) *Na iminência de um temporal, o enorme tronco, que armazena grande quantidade de líquido, dá uma descarga de água para as raízes – resultado da variação atmosférica.*
O sentido do trecho grifado acima está reproduzido com outras palavras em:
a) Quando se aproxima uma tempestade ...
b) Com a força destruidora das águas ...
c) Para que o temporal venha com força ...
d) Desde que venha a cair uma forte chuva ...
e) Depois de uma forte tempestade ...

"O colégio **Hugo Sarmento**, em São Paulo, decidiu levar para a sala de aula **uma ferramenta virtual** que muitos adolescentes já dominam. O limite de 140 caracteres imposto **pelo microblog Twitter** está permitindo que alunos do ensino fundamental exerçam sua veia literária por meio do gênero conhecido como microconto."

23. (COPEVE – UFAL – Assistente de Administração – 2011) As expressões em negrito classificam-se, respectivamente, como:
a) sujeito – adjunto adverbial – complemento nominal;
b) aposto – objeto direto – complemento nominal;
c) núcleo do sujeito – adjunto adnominal – objeto indireto;
d) aposto – objeto direto – agente da passiva;
e) sujeito – adjunto adverbial – agente da passiva.

24. FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011 *Partidos são fundamentais para a consolidação* **da democracia** *e o permanente desenvolvimento* **da cidadania** *e devem existir – de verdade – em bases cotidianas.*

Os termos sublinhados no período acima classificam-se, respectivamente, como:

a) adjunto adnominal e adjunto adnominal;
b) complemento nominal e complemento nominal;
c) adjunto adnominal e complemento nominal;
d) complemento nominal e adjunto adnominal;
e) objeto indireto e objeto indireto.

25. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) O fragmento frasal ***de que ações militares somente iriam retardar*** (... *repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar*) é ..... do substantivo ***preocupações.***

Assinale a alternativa que preenche corretamente a lacuna do texto acima.

a) complemento verbal.
b) complemento nominal oracional.
c) adjunto verbal.
d) adjunto nominal.
e) complemento prepositivo-verbal.

26. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) Os mais fortes empreendiam a conquista colonial, legitimavam a conquista colonial, atribuindo à conquista colonial o mérito de uma transformação civilizadora que tornava a conquista colonial uma espécie de benemerência.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) legitimavam-na – atribuindo-lhe – a tornava;
b) a legitimavam – atribuindo-na – tornava-lhe;
c) legitimavam-na – lhe atribuindo – lhe tornava;
d) legitimavam-lhe – a atribuindo – a tornava;
e) legitimavam-a – lhe atribuindo – tornava-a.

27. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Nosso espírito logo se define, logo se agregam ao nosso espírito as marcas que distinguirão nosso espírito para sempre, já que nunca faltarão ao nosso espírito os impulsos determinantes da natureza.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, respectivamente, por:

a) agregam-no − lhe distinguirão − lhe faltarão;
b) agregam-lhe − lhe distinguirão − faltar-lhe-ão;
c) agregam a ele − lhe distinguirão − lhe faltarão;
d) o agregam − o distinguirão − o faltarão;
e) lhe agregam − o distinguirão − lhe faltarão.

28. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Em 11 de setembro ocorreu a tragédia que marcou o início deste século, e o mundo acompanhou essa tragédia pela TV. A princípio, ninguém atribuiu a essa tragédia a dimensão que ela acabou ganhando, muitos chegaram a tomar essa tragédia como um grave acidente aéreo.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) acompanhou-a – a atribuiu – lhe tomar;
b) acompanhou-a – lhe atribuiu – tomá-la;
c) lhe acompanhou – lhe atribuiu – tomar-lhe;
d) acompanhou-a – a atribuiu – tomá-la;
e) lhe acompanhou – atribuiu-lhe – a tomar.

29. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) A frase em que o complemento verbal destacado **NÃO** admite a sua substituição pelo pronome pessoal oblíquo átono **lhe** é:

a) Após o acordo, o diretor pagou aos funcionários o salário.
b) Ele continuava desolado, pois não assistiu ao debate.
c) Alguém informará o valor ao vencedor do prêmio.
d) Entregou o parecer ao gerente para que fosse reavaliado.
e) Contaria a verdade ao rapaz, se pudesse.

30. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) Observe as palavras "se" no trecho "**se** não **se** cuidar botam numa jaula: um animal estranho." (L. 16-17)

Afirma-se corretamente que ambas apresentam, respectivamente, as mesmas funções das palavras destacadas em:

a) Tire um tempo livre se quiser se tratar.
b) Ele se considera sabido se acerta todas as questões.
c) O consumidor virá queixar-se, se você não devolver o produto.
d) Formaram-se diversos grupos para debater se é o melhor momento.
e) Se ele desconhecia se ia adotar uma nova política, por que tocou no assunto?

31. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) Os trechos "Por sentenças, por decretos" (Por sentenças, por decretos, pareceríeis divinos) e "Por fictícia autoridade, vãs razões, falsos motivos" (Por fictícia autoridade, vãs razões, falsos motivos, inutilmente matastes) exercem função adverbial nas orações a que pertencem e ambos denotam o meio empregado na ação representada pelo verbo a que se referem.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (FUNCAB – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) A alternativa em que o termo destacado tem a função de adjunto adnominal e não a de predicativo do sujeito é:
a) "(...) ela estava muito mais VIVA(...)"
b) "(...) um peixe SOZINHO num tanque era algo muito solitário. (...)"
c) "(...) a mãe era BOA para dar ideias. (...)"
d) "(...) Mas ele estava SOZINHO. (...)"
e) "(...) Só então notou como estava CANSADO."

33. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ... *frase com a menção de que são <u>essenciais à busca da felicidade</u>*.
A relação de regência exemplificada acima NÃO ocorre APENAS em:
a) *a observância da felicidade coletiva;*
b) *acesso aos básicos serviços públicos;*
c) *crença na contínua evolução da sociedade;*
d) *a pretensão legítima ao seu atendimento;*
e) dos valores de cada pessoa.

34. (CONSULPLAN – Pref. Barra Velha/SC – Professor de Português – 2012) "Durante a festa, estimulei a criatividade <u>de meus alunos</u> por entender que a juventude tem necessidade <u>de diversão</u>." Analise o texto e indique a alternativa que identifica a sequência correta da classificação dos termos sublinhados.
a) adjunto adverbial / complemento nominal.
b) complemento nominal / adjunto adnominal.
c) adjunto adnominal / complemento nominal.
d) adjunto adnominal / adjunto adverbial.
e) adjunto adnominal / adjunto adnominal.

35. (CONSULPLAN – Pref. Barra Velha/SC – Professor de Português – 2012) Analise a função dos termos sublinhados e relacione corretamente as colunas a seguir.
1. Objeto direto.
2. Agente da passiva.
3. Objeto indireto.
4. Adjunto adverbial.
( ) A oração foi <u>por mim</u> proferida em São Paulo.
( ) No mês passado estive alguns dias <u>em Belo Horizonte</u>.
( ) Não quero <u>que fiques triste</u>.
( ) A campanha visa doar agasalhos <u>aos pobres</u>.
A sequência está correta em:
a) 4, 2, 3, 1;
b) 2, 4, 3, 1;
c) 2, 4, 1, 3;
d) 4, 3, 2, 1;
e) 4, 3, 1, 2.

(...) Tratava-se então de uma biblioteca imaginária, cujos livros talvez nunca tivessem existido? Persistiam, contudo, numerosas fontes clássicas que descreviam o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos. E eis a solução do enigma. (...)

36. (Cespe/UnB – STJ – Todos os Cargos (nível médio) – 2012) A partícula “se”, em “Tratava-se” e em “se encontravam”, classifica-se como pronome reflexivo e retoma, respectivamente, “uma biblioteca imaginária” e “centenas de milhares de rolos”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (FUNDEP – Pref. BH/MG – Administrador – 2012) “O símbolo do movimento é Titã, o cãozinho enterrado vivo pelo dono [...]”
O trecho sublinhado nessa frase pode ser ***corretamente*** classificado como:
a) aposto;
b) objeto direto;
c) objeto indireto;
d) predicativo.

38. (FUNDEP – GASMIG – Técnico em Administração – 2012) Leia a seguinte frase transcrita do texto.
“[...] e o organismo máximo que as coordena, a Organização das Nações Unidas (ONU), é controlado pelos cinco países [...]”.
Considerando os termos sintáticos sublinhados nesse trecho da frase, é ***CORRETO*** afirmar que exercem, ***respectivamente***, a função de:
a) objeto direto, sujeito e adjunto adverbial;
b) objeto direto, aposto e agente da passiva;
c) sujeito, adjunto adverbial e agente da passiva;
d) aposto, objeto direto e adjunto adverbial.

39. (FBC – Câmara Itaboraí/RJ – Agente Administrativo – 2012) Dentre os valores semânticos assumidos pelas circunstâncias num enunciado cita-se o de instrumento, o qual está expresso numa das alternativas abaixo. Selecione-a.
a) As tulipas vieram da Holanda.
b) Meus ganhos vieram do meu próprio esforço.
c) O aluno veio de ônibus para fazer a prova.
d) O candidato redigiu o artigo todo a lápis.
e) O pregador falou da fraternidade entre os homens.

Gabarito

1. A.	11. A.	21. CERTO.	31. ERRADO.
2. B.	12. E.	22. A.	32. B.
3. CORRETA.	13. INCORRETA.	23. D.	33. E.
4. D.	14. INCORRETA.	24. B.	34. C.
5. B.	15. C.	25. B.	35. C.
6. D.	16. A.	26. A.	36. ERRADO.
7. II.	17. CERTO.	27. E.	37. A.
8. B.	18. D.	28. B.	38. B.
9. B.	19. ERRADO.	29. B.	39. D.
10. C.	20. ERRADO.	30. A.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 22

Orações Coordenadas

Conceito de Coordenação

Até agora, analisamos o período simples, em que se estuda apenas a **relação entre as palavras** dentro de uma só oração.

A análise desta vez é *macro*, pois olhamos aqui para a **relação entre as** orações**.** A partir de agora irei falar sobre as famigeradas orações (coordenadas, subordinadas – justapostas, desenvolvidas e reduzidas – e interferentes). Este tipo de estudo faz parte da análise sintática de uma sentença constituída por mais de uma oração e a relação entre elas.

Vamos começar pelo conceito de coordenação, ok? Acompanhe!

A **coordenação** trata da relação de **independência** entre termos e orações. Fique tranquilo, pois explicarei com bastante cautela este assunto. Fique sabendo que, para os concursos, o que importa de verdade é a coordenação entre as **orações**. Mas vou falar agora brevemente sobre a coordenação entre os termos.

Lembra-se de todos os termos sintáticos que a gente já viu até agora? Sujeito, predicativo, objeto, complemento, adjunto, aposto etc. Então... quando esses termos (ou seus núcleos) vêm enumerados, seja separados por vírgula, seja ligados por alguma conjunção, dizemos são coordenados. Exemplo: "Maria, João e José disputarão cabo de guerra com Marta, Pedro e Paulo.". Note que os termos sublinhados estão coordenados, um ao lado do outro, seja separados por vírgula, seja ligados por uma conjunção (no caso, *e*). O mesmo se dá com as orações.

Por isso, vamos ao que interessa... a coordenação entre as orações.

Quando você lê uma frase com duas orações (período composto), é certo que elas mantêm algum tipo de relação. No caso da coordenação, percebemos que as **orações** estão simplesmente **uma ao lado da outra** (**co**ordenadas), com uma **estrutura sintática completa**, de modo que **uma oração não depende da outra**. Falar que uma oração tem estrutura sintática completa significa dizer que ela tem **sujeito** (explícito ou implícito) + **predicado** (explícito ou implícito). Nas orações sem sujeito, só vai haver predicado, é claro. Veja:

Os alunos se encontram muito ansiosos; já as alunas estão tranquilas.

Note que a primeira oração (*Os alunos se encontram muito ansiosos*) tem sujeito e predicado, logo está completa. Perceba também que seria até possível colocar um ponto (.) no fim dela para visualizarmos que ela, de fato, está completa. O mesmo ocorre com a segunda oração (*já as alunas estão tranquilas*). Concluindo: uma oração não depende da outra, porque cada uma tem sua estrutura completa, uma não precisa da outra sintaticamente.

É por isso que se diz que o *período composto por coordenação* apresenta **orações sintaticamente independentes**, isto é, existe uma oração ao lado da outra, mas uma não

depende da outra nem exerce função sintática na outra.

Tenho mais a dizer. Vou apresentar mais argumentos para ajudar seu cérebro.

É o seguinte: as orações coordenadas podem ser separadas por **vírgula, ponto e vírgula** (exemplo já visto), **dois-pontos** ou **travessão**. Veja:

Os alunos se encontram muito ansiosos, já as alunas estão tranquilas.
Os alunos estão se esforçando muito: com certeza serão classificados.
Tirei a ansiedade de um só aluno – não fui bem-sucedido com os outros.

Obs.: As orações coordenadas não podem ser separadas por ponto (.). No entanto, se tais orações fossem separadas por ponto (***Os alunos se encontram muito ansiosos. Já as alunas estão tranquilas***.), teríamos orações absolutas (ou períodos simples). O uso do ponto (.) é apenas um recurso para entendermos como elas são, de fato, sintaticamente independentes, por isso as chamamos de orações **coordenadas**..

Percebeu que as orações separadas por pontuação se encontram c-o-o-r-d-e-n-a-d-a-s, isto é, independentes sintaticamente? Por um motivo muito simples: uma não depende da outra, pois elas têm estrutura sintática completa.

Insisto em que as orações são sin-ta-ti-ca-men-te independentes. Por que insisto? Simples. Muitos professores dizem que as orações coordenadas são também se-man-ti-ca-men-te independentes. Isso é mentira, pois em um período como "Os alunos estão se esforçando muito: *com certeza serão classificados*", a segunda oração depende semanticamente da primeira, pois só sabemos quem será classificado porque na primeira oração há essa informação, a saber: os alunos.

Portanto, a coordenação é uma independência **sintática**, em que uma oração não depende da outra para estar completa (sintaticamente).

Orações Coordenadas Assindéticas e Sindéticas

Falarei agora de dois tipos de orações coordenadas: as **assindéticas** e as **sindéticas**. Não há mistério algum nisso, beleza?

As **assindéticas** são justapostas (ou seja, postas uma ao lado da outra), não iniciadas por síndeto (= conjunção)! Adivinha quais são as **sindéticas**? Ora, são as iniciadas por síndeto (conjunção).

Vejamos as **assindéticas** e as **sindéticas**:

"**Sou um gigolô das palavras, vivo às suas custas e tenho com elas exemplar conduta de um cáften profissional; abuso delas... maltrato-as, sem dúvida, e jamais me deixo dominar por elas; não me meto na sua vida particular, não me interessa seu passado, suas origens, sua família...**" (Luís Fernando Veríssimo)

Percebeu que nenhuma assindética (em azul) é iniciada por conjunção coordenativa? O contrário não é verdadeiro, ou seja, as sindéticas (em preto) são SEMPRE iniciadas por conjunção coordenativa (no caso, a conjunção *e*).

É bom dizer também que as orações assindéticas normalmente mantêm uma relação semântica entre si, por isso é que muitas vezes as conjunções são usadas para explicitar o sentido que há entre as orações coordenadas assindéticas. Por exemplo, em "Todos estavam muito atrasados, não deram a mínima para isso.", as orações assindéticas mantêm uma relação de oposição. É por isso que podemos explicitar esta relação semântica por meio de um síndeto, uma conjunção, tornando a segunda oração sindética: "Todos estavam muito atrasados, *porém* não deram a mínima para isso.".

Vamos ver mais sistematicamente as orações coordenadas sindéticas agora.

Dica de amigo do peito: Procure decorar as conjunções coordenativas, que você já vai ter mais do que meio caminho andado na hora de resolver essas questões. Quando eu, Pestana, quero resolver uma questão de orações coordenadas, vou em busca das conjunções coordenativas, pois elas sinalizam o valor semântico e a relação sintática de coordenação. Saiba também que, atualmente, os concursos mais sofisticados estão menos preocupados com a nomenclatura das orações e mais preocupados com a relação entre as orações (seja de coordenação, seja de subordinação).

Orações Coordenadas Sindéticas Aditivas

Exprimindo ideia de soma, adição, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas aditivas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *Dezenove sem-terra morreram no local,* ***e dois, a caminho do hospital****.*

– *Eu não tinha estes olhos sem brilho* ***nem tinha pensamentos amargos****.*

– *Tanto leciona* ***quanto advoga****.*

– *Não só os parentes das vítimas ficaram chocados com o massacre,* ***como o povo externou sua fúria contra os culpados pela chacina****.*

Cuidado!!!

1) Na primeira frase, a segunda vírgula indica a elipse do verbo. A leitura deve ser feita assim: *Dezenove sem-terra morreram no local,* ***e dois morreram a caminho do hospital****.* Ou seja, há uma oração, mas ela está implícita. Isso pode ocorrer com as demais orações (coordenadas ou subordinadas). Fique atento a isso, pois, se o "homem da banca" perguntar quantas orações há num período, você precisa estar *ligado* na elipse do verbo que a constitui. A FGV *se amarra* nisso!

2) Nas orações com **conjunções correlativas** (chamadas também de **séries aditivas enfáticas**, que costumam ser usadas quando se pretende enfatizar o conteúdo da segunda oração), só a segunda parte da correlação constitui **oração coordenada sindética aditiva**.

3) Pode ocorrer coordenação entre orações que se subordinam à mesma oração principal. Chamamos isso de período misto. Falo melhor sobre isso mais à frente, porém, para ilustrar, veja o seguinte exemplo: "Lamento que não tenha passado no concurso **e** que não tenha conseguido alcançar seu propósito.". As orações "que não tenha passado no concurso" e "que não tenha conseguido alcançar seu propósito" são orações subordinadas em relação à oração principal "Lamento". Não obstante, são coordenadas entre si, pois estão ligadas pela conjunção coordenativa aditiva *e*. Nesses casos, pode-se manter apenas a primeira conjunção integrante (Lamento que não tenha passado no concurso **e** não tenha conseguido alcançar seu propósito.). O mesmo vale para ligar orações subordinadas introduzidas por pronomes relativos: "O concurso que fiz **e** que obtive ótimo resultado foi bem difícil." ou "O concurso que fiz **e** obtive ótimo resultado foi bem difícil.".

4) Às vezes o advérbio de inclusão (ou acréscimo) *também* vem ao lado da conjunção *e*, enfatizando a ideia de adição: "Ele estuda, *e também* ela não deixa por menos.".

Orações Coordenadas Sindéticas Adversativas

Exprimindo ideia de adversidade, oposição, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas adversativas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *Os economistas estão empolgados com o cenário atual,* ***mas isso durará pouco****.*

– *A polícia invadiu a comunidade;* ***o tiroteio, porém, continuava.***

– *O conhecimento enfuna,* ***todavia é uma necessidade****.*

– *O homem enriqueceu muito;* ***continuou a defender as classes mais desfavorecidas, não obstante.***

Cuidado!!!

1) Exceto *mas*, todas as conjunções adversativas podem ficar deslocadas na oração coordenada sindética adversativa.

2) Às vezes, a combinação de *mas* com outras conjunções adversativas servem para realçar o valor de adversidade: *Sabe-se muito pouco sobre Deus,* ***mas, entretanto, muito se fala sobre ele****.*

3) Segundo Sacconi e Cegalla, as orações coordenadas sindéticas iniciadas por *e* com valor adversativo (= *mas*) são classificadas como **adversativas**: *Você prega lealdade,* ***e (= mas) age de modo desleal****?*

Orações Coordenadas Sindéticas Alternativas

Exprimindo ideia de alternância, exclusão, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas alternativas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– ***A mulher ora o agradava, ora o ofendia***.

– ***Quer chovesse, quer fizesse sol****, tinha de sair.*

– ***Ou o prefeito da cidade executa o projeto anunciado, ou os cidadãos do município não mais lhe darão crédito***.

– *Você vai* ***ou não****?*

Obs.: Note que, nas três primeiras frases, ambas as orações em negrito são coordenadas sindéticas alternativas, pois apresentam síndeto. Na última frase, note que o verbo está elíptico, mas há oração; lê-se assim: *Você vai ou* ***não vai****?* Por último, observe que, na segunda frase, as orações coordenadas exprimem uma ideia de concessão em relação à última.

Orações Coordenadas Sindéticas Conclusivas

Exprimindo ideia de conclusão, consequência, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas conclusivas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *O povo não consegue alimentar-se bem;* ***é um fato, pois, a necessidade de empregos****.*

– *Vocês são especiais em minha vida,* ***por isso não vivo sem vocês****.*

– *Ele estuda todo dia,* ***logo resolverá facilmente as questões*****.**

– *Não me sinto preparado ainda,* ***prestarei concurso só no próximo ano, portanto*****.**

Obs.: Algumas conjunções conclusivas podem ficar deslocadas dentro das orações coordenadas sindéticas conclusivas. Nesse caso, serão separadas por vírgula.

Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas

Exprimindo ideia de explicação, justificativa, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas explicativas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *A necessidade de empregos é um fato,* ***pois o índice aumenta a cada dia****.*

– *A criança devia estar doente,* ***porquanto chorava muito****.*

– *Amai,* ***porque amor é tudo****. – Quisera saber bem o Português,* ***que eu iria passar em todas as provas****.*

Obs.: Se vier um verbo no imperativo (ou com valor optativo) antes de uma dessas conjunções, como nos dois últimos exemplos, tenha certeza de que a oração iniciada por uma dessas conjunções será coordenada sindética explicativa, sempre!

Paralelismo Sintático

O **paralelismo sintático** é um conceito que trata de um **encadeamento ou de uma repetição de estruturas sintáticas semelhantes** (termos ou orações), em uma sequência ou enumeração. Tal conceito está diretamente ligado ao conceito de coordenação.

Termos coordenados entre si são aqueles que desempenham a mesma função sintática dentro do período. Orações coordenadas são aquelas sintaticamente semelhantes e independentes uma da outra. Normalmente há conectivos ligando tais termos ou orações. E não sou eu que o digo.

Segundo o gramático Manoel Pinto Ribeiro (MPR), neste processo de encadeamento de termos ou orações, há elementos gramaticais, principalmente conectivos coordenativos, que são utilizados com frequência. Assim:

1. Conjunção coordenativa **e**: Parece *que vai chover* **e** *que a cidade ficará inundada*.
2. Conjunções correlativas aditivas (*não só/apenas/somente... mas/como também; tanto... quanto/como*): *O trabalho* **não só** *ficou incompleto*, **mas também** *apresenta alguns senões gramaticais*. / **Tanto** *o professor* **como** *o aluno precisam estudar muito*.
3. Conjunção coordenativa aditiva **nem**: Não gosto *de brincadeira* **nem** *de chacota*.
4. Expressões **isto é, ou seja, a saber**: Todos deviam *espiritualizar-se*, **isto é**, *seguir um preceito religioso*.
5. **Ou... ou**: Ele **ou** *estuda* **ou** *será reprovado*.

Veja os exemplos de **termos coordenados** (em paralelismo sintático):

João, Maria e José são personagens bíblicos. (núcleos do sujeito coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Os nomes deles são *João, Maria e José*. (predicativos do sujeito coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Conheci *João, Maria e José*. (objetos diretos coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Considero essas pessoas *sábias, importantes e santas*. (predicativos do objeto coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Isso interessa *a João, a Maria e a José*. (objetos indiretos coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Tenho medo *de escuro, de altura e de cobra*. (complementos nominais coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Foi preso *pela polícia federal, pela polícia civil e pela polícia militar*. (agentes da passiva

coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Ele era um homem *forte, destemido, leal*. (adjuntos adnominais coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
A loja funciona *da segunda à sexta*. (adjuntos adverbiais coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Xuxa, *a rainha dos baixinhos, uma das mulheres mais famosas do Brasil*, é muito amada. (apostos coordenados; termos sintaticamente semelhantes).
Luís, Pedro e Hugo, por favor, a comida está na mesa! (vocativos coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Veja agora os exemplos de **orações coordenadas** (em paralelismo sintático):

Os alunos se encontram muito ansiosos, já as alunas estão tranquilas.
Os alunos estão ansiosos e as alunas estão tranquilas.
Os alunos não se classificaram, mas as alunas conseguiram.
Os alunos se classificaram, porque estudaram muito.
Ora os alunos se classificam, ora eles ficam reprovados.
Estudei muito, logo consegui me classificar.

É interessante dizer que **pode haver orações subordinadas que são coordenadas entre si**, ou seja, correlação entre orações subordinadas (não iniciadas por conjunções coordenativas). Veja os exemplos de paralelismo sintático nessas condições:

Eu acho **não só** *que eles vão conseguir passar*, **mas também** *que serão muito bem-sucedidos*. (orações subordinadas substantivas objetivas diretas coordenadas)
Conheci um homem *que estudava das sete ao meio-dia*, *que trabalhava das duas da tarde até as nove da noite* e *que depois ainda tinha de limpar a casa e fazer seu jantar*. (orações subordinadas adjetivas restritivas coordenadas)

Cuidado, porém, com certas construções que aparentemente apresentam paralelismo sintático! Ainda com o gramático M. P. Ribeiro e com alguns acréscimos meus:

"Na frase "Não fui trabalhar *em virtude de estar chovendo* e *porque estava gripado*.", observamos que as orações subordinadas adverbiais causais apresentam estrutura **diferente**: a primeira tem o verbo no infinitivo e vem introduzida por uma locução prepositiva ('*em virtude de estar chovendo*'; oração reduzida de infinitivo), ao passo que a segunda é desenvolvida ('*estava*'; verbo conjugado normalmente) e está introduzida por conectivo (conjunção subordinativa causal 'porque')."

Apesar de as orações subordinadas adverbais causais estarem coordenadas, tal construção sintática não respeita plenamente o paralelismo sintático, que, como reza Othon M. Garcia, "a ideias similares deve corresponder forma verbal similar". Portanto, o ideal é dar forma verbal similar; assim: "Não fui trabalhar *em virtude de* ***estar*** *chovendo* e ***estar*** *gripado.",* ou "Não fui trabalhar *porque* ***estava chovendo*** e *porque* ***estava*** *gripado."*, ou "Não fui trabalhar *não apenas por* ***estar*** *chovendo,* mas também *por* ***estar*** *gripado."*.

Obs.: Dê uma olhada no capítulo de *Orações Subordinadas* para entender melhor esse mecanismo. Faça isso quantas vezes forem necessárias até pegar a *manha*.

Ficou claro? Bem, agora vamos a um exemplo prático:

6. (FUNRIO – MPOG – Analista Administrativo – 2009) Quaisquer elementos da frase, quando coordenados entre si, devem apresentar estrutura gramatical similar – a isso se chama paralelismo sintático. Esse princípio está respeitado na seguinte alternativa:

A) Os empregados daquela firma planejam nova manifestação pública e interditar o acesso pelo viaduto principal da cidade.
B) Mande-me tudo que conseguir sobre as manobras de minha tia e se meu tio encontrou os documentos que procurava.
C) Durante a reunião, os debates não só foram proveitosos como também apontaram para soluções interessantes.
D) O tumulto começava na esquina de minha rua e que era perto dos gabinetes do ministro e do secretário.
E) Tenho o hábito de sempre carregar meus óculos escuros, por precaução e porque nunca se sabe se vai abrir o sol.

Comentário: O gabarito é C, pois há uma estrutura de coordenação com correlação de conjunções aditivas (não só... como também), estabelecendo estruturas semelhantes.

Palavra final: Cespe/UnB, FCC, IADES, FUNIVERSA, PUC/PR, FUNRIO e Cesgranrio são as principais bancas que trabalham esse conceito sintático – principalmente as duas primeiras. Vale ressaltar que só em cargos muito difíceis, de nível superior, é claro, caem questões sobre paralelismo. Para o cargo de Diplomata (Cespe/UnB), você precisa saber isso!

Existe também o **paralelismo semântico**, de que pouco se fala... Segundo o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*, veja a lição:

"Atentemos, ainda, para o problema inverso, o *falso paralelismo*, que ocorre ao se dar forma *paralela* (equivalente) a idéias de hierarquia diferente ou, ainda, ao se apresentar, de forma paralela, estruturas sintáticas distintas:

Errado: O Presidente visitou Paris, Bonn, Roma *e* o Papa.

Nesta frase, colocou-se em um mesmo nível cidades (*Paris, Bonn, Roma*) e uma pessoa (*o Papa*). Uma possibilidade de correção é transformá-la em duas frases simples, com o cuidado de não repetir o verbo da primeira (*visitar*):

Certo: O Presidente visitou Paris, Bonn e Roma. *Nesta última capital, encontrou-se com o Papa.*

Errado: O projeto tem mais de cem páginas e *muita complexidade*.

Aqui, repete-se a equivalência gramatical indevida: estão em coordenação, no mesmo nível sintático, o número de páginas do projeto (um dado objetivo, quantificável) e uma avaliação sobre ele (subjetiva). Pode-se reescrever a frase de duas formas: ou faz-se nova oração com o acréscimo do verbo *ser*, rompendo, assim, o desajeitado paralelo:

Certo: O projeto tem mais de cem páginas e é muito complexo.

Ou se dá forma paralela harmoniosa transformando a primeira oração também em uma avaliação subjetiva:

Certo: O projeto é muito extenso e complexo."

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo o que se viu pode cair na prova. No entanto, hoje em dia, são muito trabalhadas as relações semânticas de coordenação, por, isso dê atenção a elas! Reitero: saber conjunção é mais do que primordial, por isso, a essa altura do campeonato, já era para você ter decorado! Conhecê-las irá facilitar muito sua vida quando tiver de fazer uma questão sobre orações. Vá por mim!

Questões de Concursos

(...) Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, só se aprende e se vivencia, de forma plena, coletivamente, em troca contínua de experiências com os outros. (...)

1. (Cespe/UnB – TRE/AL – Analista Judiciário – 2004) No segundo período do texto (acima), a relação entre as orações dá-se por coordenação.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

2. (Cespe/UnB – SEAD/PA – Procurador – 2005) Assinale a opção **incorreta** a respeito das relações sintáticas e semânticas.
   b) As expressões "a política" e "as questões sociais" (tanto a política quanto as questões sociais devem ser...) estão em uma relação aditiva.
   d) Na linha 10, apesar de iniciado pela conjunção de valor adversativo "Porém" (Não nego que o indivíduo tenha importância no processo histórico. Porém, o indivíduo conta onde a coletividade não conta), o período sintático representa uma causa para as ideias do período anterior.
   e) Seriam preservadas as relações argumentativas do texto se a oração coordenada assindética iniciada por "não" (A tarefa é tornar o jogo verdadeiramente democrático, *não* mera legitimação da impetuosidade arrivista de líderes mais preocupados com o sucesso pessoal que com as causas sociais) fosse transformada em uma aditiva, substituindo-se a vírgula que a precede pela conjunção e.

(...) Na década de 90, essas facilidades acabaram e a classe média passou a ter mais gastos. É como se ela tivesse viajado sempre de executiva e agora tivesse de andar de econômica. (...)

3. (Esaf – ANEEL – Técnico Administrativo – 2006) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
   I. As duas orações coordenadas que seguem a expressão "Na década de 90", expressam, semanticamente, uma relação que também pode ser escrita em apenas uma oração: com o fim dessas facilidades, a classe média passou a ter mais gastos.
   II. A conjunção "e" (no segundo período) coordena duas orações que, semanticamente, expressam um contraste; por isso equivale a *mas*.

4. (CONSULPLAN – Administrador – 2006) A alternativa em que a oração assinalada expressa adição é:
   a) "... os ramos industriais em ascensão são aqueles *que empregam intensivamente tecnologia*..."
   b) "... posição de destaque entre as indústrias brasileiras*, e são responsáveis por mais da metade do consumo energético industrial.*
   c) "*Contudo, elaborou um novo modelo para o setor elétrico* destinado a atrair investidores..."
   d) "Coerente com os objetivos *que levaram à sua criação*, a Eletrobras passou décadas vendendo energia ao setor industrial."
   e) "... ajudam a entender o elevado consumo energético do setor *enquanto nos países desenvolvidos os ramos industriais em ascensão* são aqueles..."

5. (AOCP – Pref. de Catu/BA – Mecânico de Veículos – 2007) Leia a seguinte sentença: *Joana tomou um sonífero e não dormiu*. Assinale a alternativa que classifica corretamente a segunda oração.
   a) Oração coordenada assindética aditiva.
   b) Oração coordenada sindética aditiva.
   c) Oração coordenada sindética adversativa.
   d) Oração coordenada sindética explicativa.
   e) Oração coordenada sindética alternativa.

6. (AOCP – Pref. de Catu/BA – Bibliotecário – 2007) Leia a seguinte sentença: *Não precisaremos voltar ao médico nem fazer exames*. Assinale a alternativa que classifica corretamente as duas orações.
   a) Oração coordenada assindética e oração coordenada adversativa.
   b) Oração principal e oração coordenada sindética aditiva.
   c) Oração coordenada assindética e oração coordenada aditiva.
   d) Oração principal e oração subordinada adverbial consecutiva.
   e) Oração coordenada assindética e oração coordenada adverbial consecutiva.

7. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2008) É exemplo de paralelismo sintático o estilo de construção do trecho "*você e eu, de um e outro lado das palavras. Eu dou as vozes, você dá a escritura*".

( ) CERTO
( ) ERRADO

8. (FCC – TRT/GO (18ª R) – Técnico Judiciário – 2008) (Adaptada) *Assim, a procura de alimentos de origem animal cresceu naqueles países e criou um desafio para os produtores e também para os plantadores de soja e de cereais usados na fabricação de rações.*

A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Trata-se de um período composto por ter três orações coordenadas entre si.

9. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa em que o período é composto por coordenação assindética:
a) Dormi tarde, mas acordei muito cedo.
b) Dormiu pouco, estava, pois, cansado.
c) O rapaz trouxe a encomenda e já foi embora.
d) O ônibus chegou, despedimo-nos.

10. (FUNDATEC – DETRAN/RS – Técnico de nível superior – 2009) Na linha 04 (... cuidar do asfalto e instalar placas...), o elemento coesivo **e** tem a função de unir:
a) termos de mesmo valor sintático;
b) orações coordenadas;
c) orações subordinadas;
d) termos de mesmo sentido;
e) expressões semanticamente semelhantes.

11. (Instituto Cidades – UNIFESP – Analista DE TI – 2009) *"Voa, coração,* **que ele não deve demorar**", a oração destacada é corretamente classificada como:
a) coordenada concessiva;
b) subordinada adverbial temporal;
c) coordenada explicativa;
d) subordinada substantiva objetiva direta.

12. (AOCP – CIASC – Analista de Sistemas – 2009) Assinale a alternativa correta. Em "Porém, não podemos festejar a situação presente, pois para o progresso futuro precisamos ser obstinadamente inconformistas.", temos, respectivamente:
a) uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração subordinada adverbial causal;
b) uma oração subordinada adverbial causal e uma oração coordenada sindética explicativa;
c) uma oração coordenada sindética adversativa e uma oração coordenada sindética explicativa;
d) uma oração subordinada adverbial concessiva e uma oração subordinada adverbial causal;
e) uma oração coordenada sindética conclusiva e uma oração subordinada adverbial causal.

13. (FAB – EAGS – Sargento – 2009) Em qual alternativa a oração destacada é coordenada conclusiva?
a) Roberto Carlos não só canta mas também compõe.
b) Cumprimente-o, pois hoje é seu aniversário.
c) O candidato estava preparado, entretanto não obteve classificação no concurso.
d) Não tinha mais nenhuma chance com o ex-namorado, portanto desistiu de procurá-lo.

14. (FEPESE – SEFAZ/SC – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"A lealdade conjugal é uma qualidade admirável, além de algo rara. Mas, em um caso, ao menos, ela quase pôs a perder aquela que se tornaria a ideia mais influente do pensamento científico nos dois últimos séculos: a teoria da evolução formulada por Charles Darwin."

– A frase "Mas, em um caso, ao menos, ela quase pôs a perder aquela." é uma oração coordenada sindética adversativa, na qual o conectivo mas estabelece uma relação de oposição com a ideia expressa na oração anterior.

15. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Vê-se, pois, que o plano ético permeia todas as ações humanas.

– O período estrutura-se por coordenação, sendo a segunda oração coordenada sindética conclusiva introduzida pela conjunção *pois*.

16. (Cespe/UnB – TRT/RN (21ª R) – TÉCNICO Judiciário – 2010) A oração "que pagam impostos quando consomem" (...

sabem que pagam impostos quando consomem) mantém relação de coordenação com a anterior.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Eles furtavam, brigavam nas ruas, xingavam nomes, derrubavam negrinhas no areal, por vezes feriam com navalhas ou punhal homens e polícias. **Mas**, **no entanto**, eram bons, uns eram amigos dos outros."

17. (FUNRIO – SEBRAE/PA – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A combinação de MAS e NO ENTANTO tem valor expressivo de reforço da ideia adversativa.

"Quando Edward Said morreu, em setembro de 2003, após batalhar por uma década contra a leucemia, era provavelmente o intelectual mais conhecido do mundo. **Orientalismo,** seu controvertido relato da apropriação do Oriente pela literatura e pelo pensamento europeu moderno, gerou uma subdisciplina acadêmica por conta própria: um quarto de século após sua publicação, a obra continua a provocar irritação, veneração e imitação. Mesmo que seu autor não tivesse feito mais nada, restringindo-se a lecionar na Universidade Columbia, em Nova York – onde trabalhou de 1963 até sua morte –, ele ainda teria sido um dos acadêmicos mais influentes do final do século XX. Mas ele não viveu confinado. (...)"
***Mas** ele não viveu confinado.*

18. (FCC – TRF (4ª R) – Técnico Judiciário – 2010) A noção adversativa da palavra em destaque articula a frase acima ao segmento:
a) ... seu controvertido relato da apropriação do Oriente pela literatura ...
b) Quando Edward Said morreu, em setembro de 2003, [...] era provavelmente o intelectual mais conhecido do mundo.
c) ... teria sido um dos acadêmicos mais influentes do final do século XX.
d) ... a obra continua a provocar irritação, veneração e imitação.
e) Mesmo que seu autor não tivesse feito mais nada, restringindo-se a lecionar na Universidade de Columbia.

19. (Cesgranrio – BACEN – Analista – 2010) As duas orações enunciadas estão ligadas por conectivo adequado ao sentido expresso no texto em:
a) Acredito na existência de vida em outros planetas, mas tenho três adolescentes em casa.
b) Acredito na existência de vida em outros planetas, pois tenho três adolescentes em casa.
c) Acredito na existência de vida em outros planetas, posto que tenho três adolescentes em casa.
d) Acredito na existência de vida em outros planetas, porém tenho três adolescentes em casa.
e) Acredito na existência de vida em outros planetas, não obstante ter três adolescentes em casa.

(...) Não é possível que ele pregue a autonomia, sem ser autônomo; que fale de liberdade, sem experimentar a conquista da independência, que é o saber; que ele queira que seu aluno seja feliz, sem demonstrar afeto. (...)

20. (FUNIVERSA – GDF – Professor de Língua Portuguesa – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O período contém, na separação de orações subordinadas, dois sinais de ponto e vírgula – indicativos de pausa mediana, equivalentes a um ponto breve ou a uma vírgula alongada. Isso é possível, em virtude do paralelismo sintático existente: trata-se de orações de mesma natureza.

21. (FUNIVERSA – GDF – Professor de Língua Portuguesa – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O paralelismo sintático está presente na seguinte reescrita: falta o essencial – a emoção, que é própria do homem, o olhar atento do professor, ver o professor gesticular, falar, a interrupção do aluno...

22. (FAB – EEAR – Sargento – 2010) Observe:
I. A curta existência de Álvares de Azevedo, um legítimo representante do Mal do Século, não permitiu que houvesse uma edição de sua obra em vida.
II. A maior parte das histórias de Joaquim Manuel de Macedo é ambientada no Rio de Janeiro, e nelas os heróis e as heroínas enfrentam obstáculos para a realização amorosa.
III. Castro Alves, a voz mais importante da terceira geração romântica, não apenas defendeu os escravos, mas também escreveu versos expressivos.
Constituem períodos compostos por coordenação:
a) I, II e III;
b) I e II;
c) I e III;
d) II e III.

23. (AOCP – Colégio Pedro II – Assistente em Administração – 2010) Em "A quadrilha estava em dois carros e usava armas longas e fuzis.", há:
a) duas orações coordenadas, pois uma não depende sintaticamente da outra;
b) duas orações subordinadas, pois a segunda completa sintaticamente a primeira;
c) dois períodos simples, pois há dois verbos e duas orações independentes;
d) um período simples, independente, e uma oração coordenada, independente;
e) um período simples, independente, e uma oração subordinada, dependente.

Na Espanha, por exemplo, a recentíssima reforma do Código Penal – que atende diretivas da União Europeia sobre o tema – trouxe, no artigo 31 bis, não só a possibilidade de responsabilização penal da pessoa jurídica (por delitos que sejam cometidos no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização será aferida nos casos concretos (ela será aplicável [...], em função da inoperância de controles empresariais, sobre atividades desempenhadas pelas pessoas físicas que as dirigem ou que agem em seu nome).

24. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) A respeito do período acima, analise a afirmativa a seguir:
I. Há uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração coordenada sindética alternativa.

25. (FAB – EAGS – Sargento – 2011) Leia:
Você não estuda, nem me deixa estudar. Faça silêncio, que quero ouvir a explicação. Você quer que eu participe de suas brincadeiras durante as aulas, e nenhuma influência externa vai me atrapalhar.
Considerando os períodos compostos por coordenação, há no texto:
a) duas orações aditivas e uma oração explicativa;
b) uma oração aditiva, uma oração adversativa, uma oração alternativa;
c) uma oração aditiva, uma oração alternativa, uma oração conclusiva;
d) uma oração aditiva, uma oração explicativa, uma oração adversativa.

26. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Assinale a alternativa em que a relação expressa pela oração coordenada em destaque está correta.
a) A vida parou ou foi o automóvel? (adversidade)
b) Mude seu pensamento e você mudará o mundo. (alternância)
c) Nem sempre as esperanças se realizam, contudo sempre as cultivo. (conclusão)
d) Não só era inteligente, mas também observava tudo com atenção. (adição)

27. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Observe os períodos abaixo:
I. Venha logo, pois estou ansioso.
II. Ele é o homem da casa, logo deve assumir o papel de chefe da família.
III. Termine logo esse trabalho, pois quero ir embora para casa.
IV. Trabalhei muito, logo mereço aproveitar bastante minhas férias.
Assinale a alternativa **incorreta**.
a) Há, em I, uma oração coordenada sindética explicativa.
b) Há, em II, uma oração coordenada sindética conclusiva.
c) Há, em III, uma oração coordenada sindética conclusiva.
d) Há, em IV, uma oração coordenada sindética conclusiva.

28. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Relacione as colunas de acordo com o valor semântico das conjunções coordenativas e, em seguida, assinale a alternativa com a sequência correta.
( ) O político não agiu com lealdade; perdeu, **pois**, na disputa para a reeleição.
( ) Não solte balões, **que** pode causar incêndio.
( ) Choveu vários dias sem parar, **por conseguinte** houve enchente no sul.
( ) Ele foi eleito, **não obstante** suas loucuras não tinham o apoio da população.
(1) ideia de conclusão
(2) ideia de explicação
(3) ideia de adversidade
a) 2, 1, 1, 3.
b) 3, 2, 1, 1.
c) 1, 2, 1, 3.
d) 1, 1, 2, 3.

29. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Considerando-se a relação de sentido estabelecida entre as orações do período composto por coordenação, em qual alternativa **não** se pode utilizar a conjunção **pois**?
a) Invadiram meu quarto, pois as minhas roupas desapareceram.
b) Não conte seus segredos para essa mulher, pois ela não é uma pessoa confiável.
c) A festa foi planejada durante seis meses; não haverá, pois, surpresas desagradáveis.
d) A festa foi planejada durante seis meses, pois não haverá surpresas desagradáveis.

30. (CLICK – Pref. Canoinhas – Professor de Português – 2012) Assinale a alternativa que contém uma oração coordenada sindética aditiva:
a) Pedro não veio para aula porque estava doente.
b) Pedro não foi para a escola e nem para o trabalho.
c) Pedro está doente, logo não vai para a aula.
d) Pedro vai para a escola, ou para o trabalho.

31. (SOLER – Pref. Macaubal/SP – Assistente Administrativo de Trânsito – 2012) Em "No outro dia tomei o trem, ferrei no sono e acordei às dez horas na estação central" (Graciliano Ramos), temos:
a) período simples;
b) período composto por subordinação;
c) período composto por coordenação;
d) período composto por coordenação e subordinação.

32. (SOLER – IPREM – Agente Contábil Previdenciário – 2012) É uma oração coordenada assindética aquela expressa na alternativa:
a) "O homem de juízo aproveita, o tolo desaproveita a experiência própria."
b) Não emprestes, não disputes, não maldigas, e não terá do que arrepender-te.
c) A virtude é comunicável, porém o vício, contagioso.
d) As circunstâncias descobrem ou fazem as grandes personalidades.

33. (SOLER – IPREM – Agente Financeiro e RH Previdenciário – 2012) Encontramos um período composto por coordenação na alternativa:
a) Um de seus filhos é muito inteligente.
b) Ele veio visitar-me, mas não me encontrou.
c) Os policiais descobriram como foi feito o assalto da casa ao lado da delegacia.
d) Aqueles que se dedicam ao trabalho vencem na vida.

34. (SOLER – IPREM – Agente Financeiro e RH Previdenciário – 2012) Temos uma oração coordenada assindética em:
a) Em 1960 – no dia de meu aniversário – houve a inauguração da nova Capital.
b) Parece que vai chover, esfriar, gear.
c) É bem verdade que chegamos cedo.
d) Sabe-se que tudo vai bem.

Gabarito

1. CERTO.	10. B.	19. B.	28. C.
2. D.	11. C.	20. CORRETA.	29. D.
3. I- CORRETA. II-CORRETA.	12. C.	21. INCORRETA.	30. B.
4. B.	13. D.	22. D.	31. C.
5. C.	14. CORRETA.	23. A.	32. A.
6. C.	15. INCORRETA.	24. CORRETA.	33. B.
7. CERTO.	16. ERRADO.	25. D.	34. B.
8. INCORRETA.	17. CORRETA.	26. D.	
9. D.	18. E.	27. C.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 23

Orações Subordinadas

Conceito de Subordinação

A **subordinação** trata da relação de **dependência** entre termos e orações. Não obstante, fique sabendo que, para os concursos, o que importa de verdade é a subordinação entre as **orações**.

Vamos lá... Quando você lê uma frase com duas orações (período composto), é certo que elas mantêm algum tipo de relação. No caso da subordinação, percebemos que uma oração está "presa" à outra, porque uma delas (chamada de **subordinada)** completa a estrutura sintática da outra (chamada de **principal),** ou simplesmente depende da outra (da **principal**) para ampliar a sua estrutura.

Trocando em miúdos, a *oração subordinada* sempre mantém uma relação de dependência com a **oração principal**.

Os alunos estavam temerosos de que a prova viesse em um nível difícil.
Os alunos que mantêm constância nos estudos sentem-se confiantes.
Quando eles precisam de ajuda, o professor sempre busca ajudá-los.

As orações em azul são subordinadas. Vamos analisar uma por uma.

Note que a primeira (***de que a prova viesse em um nível difícil***) completa a estrutura sintática da oração principal (***Os alunos estavam temerosos***). Eu digo que completa, porque "quem está temeroso, está temeroso **de alguma coisa**". Percebe que o adjetivo *temeroso* exige um complemento? Então, o complemento dele vem em forma de oração (***de que a prova viesse em um nível difícil***). Logo, a primeira oração em azul está "presa" à oração principal, porque completa sua estrutura sintática. Imagine... eu chego até você e digo: "Aí, os alunos estão temerosos." Você responde: "Ah, ok."? Claro que não! Você vai me perguntar: "Estão temerosos **de quê**, Pestana?" Aí eu respondo: "Ah, eles estão temerosos *de que a prova venha difícil*".

Percebe, então, que a oração principal **precisa** de um complemento? Por sua vez, a oração subordinada exerce função sintática de **complemento nominal** (um termo **integrante**, lembra-se?), completando a principal. Essa relação é de dependência, portanto... **subordinação**!

Analisando a segunda oração em azul, notamos que ela é **acessória**, ou seja, pode ser retirada do período sem prejuízo para a estrutura da outra (principal); certo? Vou apagá-la para você perceber quão acessória ela é:

Os alunos que mantêm constância nos estudos sentem-se confiantes.
Os alunos (...) sentem-se confiantes.

Notou que a oração em azul é **acessória**? “Hmmm... acessória... isso me lembra termos acessórios da oração... adjunto adnominal, adjunto adverbial... Ah! Entendi!”.

A oração em azul exerce função de **adjunto adnominal**, pois está determinando um substantivo (alunos). Percebeu também que a oração principal não depende dela? Por outro lado... a **subordinada depende da principal**, pois ela é como um termo acessório, isto é, depende da existência da principal para ampliar sua estrutura.

A terceira oração também funciona sintaticamente como um termo **acessório**, mais especificamente como um **adjunto adverbial de tempo**. Note que também podemos colocar uma tarja e perceber que a oração principal não depende dela, mas sim o contrário:

	, o professor sempre busca assisti-los.

Logo, tendo em mente a análise das três orações, concluímos que existem orações subordinadas completando a principal (a primeira, em azul) e existem orações subordinadas **acessórias**, ampliando/determinando a principal (a segunda e a terceira, em azul).

Resumindo: existem três tipos de orações subordinadas: as **substantivas**, as **adjetivas** e as **adverbiais**. Vejamos todas, respectivamente, a partir de agora.

Orações Subordinadas Substantivas

As **orações subordinadas substantivas** são chamadas assim porque exercem função sintática própria de substantivo em relação à oração principal. Isto é, elas exercem função sintática de **sujeito, predicativo, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto** etc. São iniciadas pelas conjunções integrantes **que** ou **se**. Segundo o famoso *bizu*, podem ser substituídas por **isto/isso**.

Quero que você perceba sempre o seguinte: as orações substantivas exercem função típica de substantivo, por isso a correspondência entre uma oração substantiva e um termo substantivo é visível. Veja:

1) Sujeito

– *Hoje se anunciou **sua aposentadoria**. = Hoje se anunciou **que ele se aposentará**.*

2) Predicativo

– *O anúncio lamentável era **a aposentadoria dele**. = O anúncio lamentável era **que ele se aposentaria**.*

3) Objeto direto

– *Ninguém desejou **sua aposentadoria**. = Ninguém desejou **que se aposentasse**.*

4) Objeto indireto

– *Avisei-o **de sua aposentadoria**. = Avisei-o **de que deveria aposentar-se**.*

5) Complemento nominal

– *Estava receoso **de sua aposentadoria**. = Estava receoso **de que se aposentasse**.*

6) Aposto

– *Hoje o atleta só deseja isto: **sua aposentadoria**. = Hoje o atleta só deseja isto: **que se aposente**.*

Portanto, segundo a gramática tradicional, são seis tipos de orações substantivas (**subordinadas**, em azul; **principais**, em preto).

Orações Subordinadas Substantivas Subjetivas

Funcionam como **sujeito** da oração principal, logo não há sujeito na oração principal, pois este é oracional. O verbo da principal sempre estará na 3ª pessoa do singular, porque o sujeito vem em forma de oração! Tal informação é importante, porque há muitas questões feitas pelas bancas FCC, Esaf e Cespe/UnB explorando a concordância com o sujeito em forma de oração.

Há cinco casos ou construções clássicas. Não decore, entenda!

1º caso: **VL** + adjetivo/substantivo/advérbio + ***que/se... OSSS***

– *Seria verdade* ***que as pessoas têm o poder de mudar?****. (O que seria verdade?* ***Isso*** *seria verdade.)*
– *Depois do julgamento pelo STF, está certo* ***se os deputados serão condenados****?*
– *Foi assim* ***que o professor ensinou a matéria****.*
– *Tornou-se claro para ele* ***que ninguém mais atrapalharia sua felicidade****.*

2º caso: VTD (3ª p. s.) **+ se** (partícula apassivadora) + ***que/se... OSSS***

– *Está se comentando* ***que ele explica bem a matéria****. (O que está se comentando?* ***Isso*** *está se comentando.)*
– *Não se sabe* ***se haverá aula****.*
– *Viu-se* ***que o aluno entendeu direito a explicação****.*

3º caso: loc. verbal (ser, estar, ficar + particípio) + ***que/se... OSSS***

– *Foi dito* ***que todos ficaram satisfeitos com os resultados****. (O que foi dito? /* ***Isso*** *foi dito.)*
– *Está decidido pelo conselho* ***se o professor vai ministrar aulas este ano****?*
– *Ficou provado* ***que ele foi classificado no exame****.*

4º caso: parecer, convir, suceder, acontecer, ocorrer, importar, urgir...* + ***que/se... OSSS***

– *Convém* ***que todos estudem com frequência****. (O que convém?* ***Isso*** *convém.)**
– *Não me importa nem um pouco* ***se o concurso será difícil****.*
– *Parece* ***que nós estamos aprendendo Português*****.**

* Neste último caso, para facilitar a análise, tais verbos podem normalmente ser substituídos por *ser* + adjetivo cognato ao verbo, isto é, "Convém que todos estudem" = "É conveniente

que todos estudem".

5º caso: verbos **psicológicos** (interessar, surpreender, agradar...) +
que/se... OSSS

– *Não me interessa* ***se seus problemas não foram resolvidos****. (O que não me interessa?* ***Isso*** *não me interessa.)*
– *Surpreende-te* ***que tenha faltado luz no jogo entre Brasil e Argentina, na Argentina?***
– *Hoje mais nos alegra* ***que o presidente seja uma mulher****.*

* Esses verbos psicológicos das orações principais exprimem uma reação emotiva diante de um fato contido na subordinada, e normalmente são VTDs ou VTIs tendo como complemento o oblíquo.

Obs.: Às vezes, independentemente de sua classificação, as orações subordinadas substantivas vêm iniciando o período. Neste caso, para o gramático Luiz A. Sacconi, a vírgula é obrigatória (os demais gramáticos de renome não se manifestam, e nunca vi ainda em prova alguma, mas vai que...): "***Que o concurso seja difícil***, não me importa nem um pouco." / "***Se ele vem hoje*** não é da minha conta."...

Orações Subordinadas Substantivas Predicativas

Funcionam como **predicativo do sujeito** da oração principal, que apresenta o verbo de ligação **ser**, ou, mais raramente, *parecer*.

– *O certo é* ***que todos querem a felicidade****. (O que é o certo?* ***Isso*** *é o certo.)*

– *A questão não é* ***se eles vão condenar os corruptos****, mas tomara que os condenem.*

– *Minha impressão era (de)* ***que ela não desistiria tão fácil****.*

– *As mulheres parecem* ***que são mais felizes neste século****.*

– ***Que haja um só rebanho e um só pastor****, sempre foi a maior preocupação da Igreja.*

Cuidado!!!

1) Em "Certo é ***que todos querem a felicidade*** (= **Isso** é certo)", a oração é **subjetiva**, pois na principal não há artigo ou pronome. Se houver artigo ou pronome no sujeito da principal, a oração subordinada será predicativa. Veja: "**O** certo é *que todos querem a felicidade*."

2) Às vezes, como na terceira frase que usei como exemplo, a preposição *de*, exigida pelo substantivo da oração principal, aparece imediatamente antes da oração subordinada. Neste caso, a preposição é expletiva (mero realce), não constituindo assim uma oração subordinada substantiva completiva nominal. Veja uma questão com estrutura semelhante: ESAF – SET/RN – AUDITOR-FISCAL DO TESOURO ESTADUAL – 2005 – QUESTÃO 3

Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Diretas

Funcionam como **objeto direto** da oração principal, a qual apresenta um VTD ou um VTDI, obrigatoriamente.

– *Esperamos* ***que você aprenda português****. (Esperamos o quê? Esperamos* ***isso****.)*

– *Não sabemos* ***se haverá aula****.*

– *O repórter do telejornal noticiou aos cidadãos* ***que haverá votação amanhã****?*

– *Não me diga* ***que você vai embora****...*

– ***Que seu filho seja bem-sucedido na vida****, toda mãe deseja.*

Cuidado!!!

1) Alguns verbos que são transitivos indiretos, quando passam a ter complemento verbal em forma de oração, mudam de transitividade, passando a transitivos diretos. Tais verbos estão ligados ao campo semântico do julgamento, opinião, crença: *acreditar, crer, desconfiar, pensar*.

– ***Creio*** *em Deus. (VTI – OI) = Creio que Deus existe. (VTD – OSSOD)*

Na contramão disso, Sacconi entende que o verbo ***crer*** (e, por tabela, *acreditar* e *pensar*) em "Creio que tudo está bem agora." continua sendo transitivo indireto, com a preposição *em* implícita antes da conjunção integrante.

2) Na construção "Fizeram ***com que a religião se redimisse de seus erros.***", a preposição *com* é usada como realce, ou seja, é expletiva, por isso pode ser retirada de antes da oração subordinada substantiva objetiva direta.

3) Em "**Pedi** (Disse) para que ela não largasse o emprego.", segundo a tradição gramatical, há um erro: o uso da preposição 'para' após o verbo da oração principal (pedir ou dizer). O certo é: "Pedi (Disse) que ela não largasse o emprego.". O único caso em que a norma culta abona tal preposição é quando se explicita ou se subentende as palavras "licença", "permissão", "vênia" etc.: "Ela pediu [licença] para que passasse.". Neste caso, porém, a oração iniciada pela preposição passa a ser classificada como completiva nominal.

4) Às vezes, a conjunção integrante vem implícita (caso raro!): "Sua Excelência espera (que) ***não duvidem dela***".

5) Alguns gramáticos, como Sacconi, consideram que, na construção "Tomara ***que ele chegue.***", a oração destacada é objetiva direta, sendo o verbo da principal (Tomara) um VTD.

Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Indiretas

Funcionam como **objeto indireto** da oração principal, a qual apresenta um VTI ou um VTDI obrigatoriamente.

– *Não te informaram* ***de que o concurso seria este mês****? (Não te informaram de quê? Não me informaram* ***disso****.)*

– *O professor insiste* ***em que eu tenho de estudar mais****.*

– *Não resisti* ***a que tu me ajudasses****.*

– *Anseio* ***por que algumas pessoas estejam na Terra por um propósito****.*

– *Jamais se esqueça* ***de que fui eu o mentor do projeto****.*

– *De tantas profissões, não se lembrava mais* ***se exercia a profissão de médico****.*

Cuidado!!!

1) O verbo *ansiar* pode ser VTD, segundo Celso P. Luft e Francisco Fernandes. Sendo assim podemos analisar a oração (sem preposição *por*) como objetiva direta: "*Anseio* ***que algumas pessoas estejam na Terra por um propósito****"*. Sobre *lembrar-se*, seguido da conjunção integrante *se*, a preposição fica implícita.

2) Segundo alguns estudiosos da língua, como Bechara, Cegalla, Sacconi, Claudio Cezar Henriques, Celso P. Luft, a preposição exigida pelo verbo da principal pode vir elíptica: "Ela não gosta (de) ***que a chamem de senhora.***" / Esqueceu-se (de) ***que votaria no domingo***. Corroborando isso, a banca da UERJ, em 2000, afirma que, quando o complemento de *lembrar-se* (o mesmo vale para *esquecer-se*) vem em forma de oração, a preposição *de* pode ficar implícita. Consulte a questão (e o gabarito) de número 4 acerca do texto "No meio do caminho", de Drummond. Outra questão (mais recente) corrobora a elipse da preposição, não implicando incorreção gramatical. Veja: FCC – TRF (1ª R) – TÉCNICO Judiciário – 2011 – QUESTÃO 15 – OPÇÃO "B".

3) Segundo Claudio Cezar Henriques, "é um solecismo bastante comum empregar a preposição *de* em estruturas subordinadas sem preposição. Tal uso (chamado **dequeísmo**) caracteriza sério erro de regência: "É indispensável ***de*** *que todos estejam informados dessa manobra.*". Sobre isso, veja uma questão:

Cespe/UnB – MP – Analista DE INFRAESTRUTURA – 2012

– Seria mantida a correção gramatical do período "É fato que os números absolutos impressionam.", caso a preposição **de** fosse inserida imediatamente antes da conjunção "que".

( ) CERTO (X) ERRADO

Comentário: Absolutamente nada (nem verbo, nem nome) exige a preposição *de* antes da subordinada substantiva subjetiva. Afinal, não existe oração preposicionada com função de sujeito. Eis o famigerado **dequeísmo**, tão comum na fala diária.

Orações Subordinadas Substantivas Completivas Nominais

Funcionam como **complemento nominal** da oração principal, a qual apresenta um nome (normalmente, substantivo ou adjetivo) exigindo um complemento preposicionado.

– *Elas tinham certeza* ***de que você aceitaria minha sugestão****. (Elas tinham certeza de quê? Elas tinham certeza* ***disso****.)*

– *Não tinha certeza* ***se aceitaria minha sugestão****.**

– *O fato* ***de que ela se classificou*** *me alegrou muito.*

– *Fiz menção* ***a que você tinha passado na primeira tentativa****.*

– *O alerta* ***para que os banhistas evitassem o local das pedras*** *foi ignorado.*

* Diante da conjunção integrante *se*, a preposição fica implícita.

Obs.: Segundo alguns gramáticos, como Bechara, Cegalla, José Carlos de Azeredo e Claudio Cezar Henriques, a preposição também pode vir implícita antes da oração completiva nominal: "*Estava ansioso (por)* ***que ela voltasse logo.***". Sobre isso, encontrei uma questão que toma como errada tal elipse, pois a visão da maioria dos gramáticos diz que a preposição é obrigatória. Por isso que eu digo que cada banca é uma banca; é preciso conhecer o perfil delas. Veja:

Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de nível superior – 2011

– No trecho "estão convencidos de que as desigualdades são, em sua maior parte, sociais ou históricas" (L.8-10), a omissão da preposição "de" prejudicaria a correção gramatical do período.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Comentário: Foi considerado "certo", pois a visão da maioria dos gramáticos diz que a preposição tem de vir **explícita** antes da conjunção integrante. No entanto, para o nosso desespero, incoerentemente, a mesma banca, seis anos antes, considerou **certa** a **omissão** da **preposição**: CESPE – TJ/BA – ADMINISTRADOR DO FÓRUM – 2005 – QUESTÃO 2.

Orações Subordinadas Substantivas Apositivas

Funcionam como **aposto** da principal; vêm normalmente separadas por dois-pontos, vírgula ou travessão.

– *Quero apenas uma coisa de você**: que aprenda português**.*

– *Tenho um grande sonho**, que você aprenda português**!*

– *A minha vontade **– que você aprenda português –** se realizou.*

Obs.: A conjunção integrante da oração apositiva pode vir implícita: "Corre um boato na principal rede de televisão, a saber: (que) ***o dono da emissora pretende vendê-la.***".

Orações Subordinadas Substantivas Justapostas

Além das tradicionais orações já vistas, todas iniciadas por conjunções integrantes, é bom que você saiba o seguinte: 1) existem muitas orações que simplesmente não são iniciadas por conjunção alguma e 2) existem muitas orações iniciadas por pronomes interrogativos (*que, quem, qual, quanto*) e advérbios interrogativos (*onde, como, quando, por que*). O nome dado a elas é **orações justapostas**. Veja alguns exemplos:

1) Oração Subordinada Substantiva Subjetiva Justaposta

– ***Quem espera*** *sempre alcança.*

Obs.: Segundo Sacconi, quando o sujeito vem em forma desse tipo de oração justaposta, a vírgula separando o sujeito do predicado é facultativa, ou seja: *Quem espera, sempre alcança*. No entanto, essa não é a visão tradicional, que insiste em dizer que sujeito não se separa do verbo por vírgula.

2) Oração Subordinada Substantiva Predicativa Justaposta

– *"O amor é* ***quando a gente mora um no outro.****"* (Mário Quintana)

3) Oração Subordinada Substantiva Objetiva Direta Justaposta

– *Perguntaram-lhe* ***de que professor estavam falando****.*

– *Quero entender* ***por que as guerras e a fome persistem no mundo****.*

Obs.: O verbo *perguntar* é VTDI: quem pergunta, pergunta **algo** (OD; *de que professor estavam falando*) **a alguém** (OI; *lhe*). Mas você deve estar se perguntando: "O que a preposição *de* está fazendo antes do pronome interrogativo *que*?" Resposta: toda vez que um verbo da oração justaposta (no caso, *falar*) exigir uma preposição (no caso, *de*), esta a encabeçará. Aí eu é que lhe pergunto: "O 'homem da banca' (à la pegadinha do Mallandro) pode criar uma questão dizendo que *de que professor estavam falando* é uma oração objetiva **indireta**, não pode? Afinal, a oração é iniciada por preposição... Abra o olho!!! A oração é objetiva direta, pois complementa o verbo *perguntar*. Ponto.

4) Oração Subordinada Substantiva Objetiva Indireta Justaposta

– *Lembra-te* ***de qual pessoa te salvou naquele momento de desespero****.*

– *Fui convencido* ***de como deveria viver a partir de então, sem recursos, na miséria****.*

5) Oração Subordinada Substantiva Completiva Nominal Justaposta

– *Não tenho noção* ***de quantas pessoas já ajudei nesta vida****, graças a Deus!*

– *Estou convencido* ***de onde devo morar****.*

Obs.: Note que *convencido* (4) é diferente de *convencido* (5), pois este é um adjetivo exigindo um complemento nominal e aquele é um verbo no particípio, cuja voz é passiva. Passando para a voz ativa, fica claro que a oração é objetiva indireta de fato: *Fui convencido* ***de <u>como</u> deveria viver a partir de então, sem recursos, na miséria.*** = *Convenceram-me* ***de <u>como</u> deveria viver a partir de então, sem recursos, na miséria***. Note que o verbo *convencer* é VTDI (quem convence, convence alguém **de alguma coisa**).

6) Oração Subordinada Substantiva Apositiva Justaposta

– *"A saudade é como o sol do inverno:* ***ilumina sem aquecer****."*

7) Oração Subordinada Substantiva Agentiva da Passiva Justaposta

– *O escravo foi surrado até a morte* ***por <u>quem</u> o comprou***.

– *O candidato está rodeado* ***de <u>quem</u> não deseja a sua eleição***. (Sacconi)

Obs.: Ulisses Infante diz que existe oração com função de vocativo: "***<u>Quem</u> estiver atento***, por favor, o diretor tem algumas palavras importantes a dizer.".

Orações Subordinadas Adjetivas

As **orações subordinadas adjetivas** são chamadas assim porque exercem função sintática própria de adjetivo em relação à oração principal. Isto é, segundo a tradição gramatical, elas exercem tão somente a função de **adjunto adnominal**, pois funcionam como um acessório em relação à oração principal. São iniciadas pelos pronomes relativos *que, o qual, quem, cujo, quanto, onde, como, quando*.

Quero que você entenda o seguinte: por mais que algumas orações adjetivas sejam separadas por pontuação (*vírgula, travessão* ou *parênteses*), elas equivalem a um adjetivo que exerce função de adjunto adnominal.

É fácil perceber a correspondência entre uma oração adjetiva e um termo adjetivo. Veja:

– *O advogado,* ***ambicioso por novos clientes****, trabalha mais de 12 horas por dia.*

– *O advogado,* ***que ambiciona novos clientes****, trabalha mais de 12 horas por dia.*

Perceba que *ambicioso por novos clientes* tem o mesmo valor que a oração adjetiva *que ambiciona novos clientes*, isto é, modifica um substantivo (*advogado*). Outro exemplo:

– *Vinha relutando há muito tempo para pintar aquela parede* ***sem cor****.*

– *Vinha relutando há muito tempo para pintar aquela parede* ***que estava sem cor****.*

Perceba, novamente, que a locução adjetiva *sem cor* tem o mesmo valor que a oração adjetiva *que estava sem cor*, isto é, modifica um substantivo (parede).

Dica de irmão: **leia e releia a parte de *pronomes relativos*, para que você domine o assunto!**

Orações Subordinadas Adjetivas Restritivas

As *orações* **subordinadas adjetivas restritivas** têm o papel de limitar a parte de um conjunto, restringindo o sentido do termo antecedente. Por via de regra, não vêm separadas por pontuação.

Vou dar três exemplos cujas orações são introduzidas pelo pronome relativo *que*, pois é definitivamente o mais cobrado em provas de concurso público. Veja:

– *Os candidatos* ***que participaram das aulas extras*** *não encontraram dificuldade na prova.*

Entenda: do "conjunto" *candidatos*, foram *todos* que não encontraram dificuldade na prova? Claro que não! **Apenas** alguns, ou seja, só aqueles que participaram das aulas extras não encontraram dificuldade na prova, ok? E os que não participaram... devem ter saído chorando da prova.

– *Domingo, ela saiu com o namorado* ***que mora em Ipanema****.*

Entenda: do "conjunto" *namorado*, ela saiu com qual? Com o que mora em Ipanema, certo? "Ué, Pestana, essa frase quer dizer que ela tem mais de um namorado?" Exatamente! Ela é uma garota *sapequinha*. Ela tem mais de um namorado, mas no domingo saiu com um deles: o que mora em Ipanema. Segunda-feira ela vai sair com o que mora no Leblon, terça-feira ela vai sair com o que mora em Copacabana etc.

– *Os homens tornam a vida difícil ou impossível para os animais* ***que deles dependem*** *para sobreviver.*

Entenda: do "conjunto" *animais*, está-se falando que *todos* dependem deles (dos homens) para sobreviver? Claro que não! Está-se falando **apenas** dos animais que dependem dos homens para sobreviver. Logo... nem todos os animais dependem dos homens para sobreviver.

Cuidado!!!

1) Não confunda **oração adjetiva restritiva** com **oração substantiva completiva nominal.**

– *A recomendação* ***de que saíssem tão logo daquelas terras*** *não afugentou os grileiros.*

– *A recomendação* ***de que lhe falei ontem à noite*** *deve ser levada a sério, rapaz!*

O *bizu* para resolver essa situação é perceber qual *que* é um pronome relativo ou uma conjunção integrante. Perceba que o segundo *que* equivale a outro pronome relativo, "a qual", e exerce função sintática: "A recomendação ***da qual lhe falei ontem à noite*** deve ser levada a sério, rapaz!". Por isso, a segunda oração é a subordinada adjetiva restritiva.

2) É impossível construir certas frases com oração restritiva, pois o sentido não permite. Quer ver?

– *O gramático Evanildo Bechara* ***que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa*** *é um mito.*

Percebeu que não é possível restringir "o gramático Evanildo Bechara"? Isso porque ele é um ser único. Não se pode restringir, limitar o sentido de um ser que é único. Está claro? É justamente neste momento que a pontuação desempenha um papel importantíssimo. Se não se pode restringir, pode-se explicar. Daí que a única forma acertada de escrever esta frase seria com vírgulas, travessões ou parênteses:

– *O gramático Evanildo Bechara,* ***que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa****, é um mito.*

– *O gramático Evanildo Bechara –* ***que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa*** *– é um mito.*

– *O gramático Evanildo Bechara (****que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa****) é um mito.*

Outro exemplo:

– *Os Estados Unidos da América,* ***que emergiu da Segunda Guerra Mundial como o primeiro país com armas nucleares****, ainda é soberano.*

Aí eu lhe pergunto: "Poderíamos colocar esta oração adjetiva sem vírgulas, como uma oração restritiva? Podemos restringir 'Os Estados Unidos da América'? Existe outro 'Estados Unidos da América' para que possamos restringi-lo?" Claro que não! Acho que agora ficou claro como água.

Só se pode restringir um "ser único", como *o gramático Evanildo Bechara* e *Os Estados Unidos da América*, se houver uma informação contrastante sobre o mesmo referente. Por exemplo:

– *O gramático Evanildo Bechara* ***que foi considerado um mito*** *não é mais o mesmo Bechara dos tempos de Faculdade.*

– *Aqueles Estados Unidos da América* ***que tínhamos como o país*** *está bem diferente dos Estados Unidos que meus netos conhecem.*

Orações Subordinadas Adjetivas Explicativas

As **orações subordinadas adjetivas explicativas** têm o papel de modificar um termo, generalizando-o ou simplesmente tecendo um comentário extra sobre ele. Vêm sempre separadas por pontuação (vírgulas, travessões ou parênteses).

Vou dar os mesmos três exemplos, só que, dessa vez, as orações serão separadas por pontuação para se tornarem explicativas. Veja:

– *Os candidatos, **que participaram das aulas extras**, não encontraram dificuldade na prova.*

Entenda: agora fica claro que **todos** os candidatos participaram das aulas extras **e**, por isso, não encontraram dificuldade na prova.

– *Domingo, ela saiu com o namorado – **que mora em Ipanema**.*

Entenda: agora fica claro que ela saiu com o namorado **e** que o cara mora em Ipanema. Essa menina não é a mesma... agora ela tem só um namorado! Tomou juízo.

– *Os homens tornam a vida difícil ou impossível para os animais (**que deles dependem**) para sobreviver.*

Entenda: está claro agora que **todos** os animais, para sobreviver, dependem dos homens.

Dica quente: Em questões de pontuação, a distinção semântica entre restritiva e explicativa é frequente! Fique esperto no capítulo de *pontuação*, principalmente em *Vírgula*, pois as bancas adoram trabalhar retirada ou colocação de vírgula e perguntar se o sentido da oração adjetiva mudou.

Valores Circunstanciais das Orações Adjetivas

Como diz o eminente gramático José Carlos de Azeredo: "As orações adjetivas podem apresentar cumulativamente um conteúdo circunstancial de causa, concessão, condição, finalidade etc.". "Cumulativamente" significa que, além das noções de restrição e explicação, existem valores adverbiais contidos na oração subordinada adjetiva em relação à oração principal.

– *Minha filha,* ***que amava tanto a vida****, decidiu achar a cura da morte.* (causa)

Ou seja: Minha filha decidiu achar a cura da morte ***porque amava tanto a vida****.*

– *Minha filha,* ***que amava tanto a vida****, começou a se drogar.* (concessão)

Ou seja: Minha filha começou a se drogar, ***embora amasse tanto a vida****.*

– *Estava em busca de uma gramática* ***que ampliasse meus conhecimentos****.* (finalidade)

Ou seja: Estava em busca de uma gramática ***para ampliar meus conhecimentos****.*

– *O jornal fez algumas declarações* ***que comprometeram os vereadores****.* (consequência)

Ou seja: O jornal fez algumas declarações ***que, consequentemente, comprometeram os vereadores****.*

Só encontrei uma questão sobre isso, até hoje. Veja:

5. (UERJ – Vestibular (2ª fase (discursiva)) – 2007) *A vela que ilumina é uma vela alegre. (l. 4)*

O conectivo *que*, além de introduzir uma caracterização para o substantivo *vela*, estabelece relações lógicas entre as duas orações presentes no período acima.

Reescreva esse período de duas maneiras diferentes – sempre substituindo o conectivo *que* –, de modo a explicitar dois tipos de relações lógicas entre as orações. A seguir, identifique o tipo de relação estabelecida em cada um dos períodos reescritos.

Gabarito Oficial (adaptado)

Causa: A vela, *porque ilumina*, é uma vela alegre.

Tempo: A vela, *enquanto ilumina*, é uma vela alegre.

Condição: A vela, *se ilumina*, é uma vela alegre.

Proporção: A vela, *à medida que ilumina*, é uma vela alegre.

Orações Subordinadas Adjetivas Justapostas

As **orações adjetivas justapostas** são aquelas não iniciadas por pronomes relativos, mas por pronomes interrogativos (que, quem, qual, quanto) ou advérbios interrogativos (onde, como, quando, por que):

– *Os frutos* ***de quem merece a classificação*** *sempre são colhidos no tempo certo.*

– *O veterano de guerra ainda veste roupas* ***de quando era militar****.*

Funções Sintáticas dos Pronomes Relativos

Antes de qualquer coisa, peço novamente, encarecidamente, *ajoelhadamente* o seguinte: **leia e releia a parte de pronomes relativos, no capítulo 11**.

"Receita de bolo" para descobrir a função sintática de um pronome relativo:

1) substitua-o pelo seu antecedente;
2) coloque os termos da oração subordinada adjetiva na ordem direta;
3) faça a análise sintática do termo substituído pelo relativo.

Veja um exemplo de análise sintática do pronome relativo:

As pessoas ***que*** *desde pequenas fumam* prejudicam sua saúde e a saúde de outros.

O relativo *que* retoma *as pessoas*, certo? Então, substitua o relativo pelo antecedente: ... *as pessoas fumam*... Agora, coloque na ordem direta: ... *as pessoas fumam desde pequenas*... Por fim, faça a análise sintática do termo substituído: ... *as pessoas (sujeito) fumam desde pequenas*...

Logo, o pronome relativo *que* exerce função sintática de **sujeito**. Simples, não?

Importantíssimo: **toda vez que um verbo ou um nome dentro da oração adjetiva exigir uma preposição, esta ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo! Nunca se esqueça disso!**

1) Que (o qual)

Eis as funções exercidas por este pronome relativo:

Sujeito: o pronome relativo exerce função de sujeito na oração subordinada adjetiva.

– *Comprei um livro* ***que*** *(=o qual) fez sucesso. (****Um livro*** *fez sucesso.)*

Cuidado!!!

1) Não erre a análise do pronome relativo **com função de sujeito**, pensando se tratar de um objeto direto, quando a ele se segue um verbo na voz passiva sintética: "As crianças ***que*** *se disciplinam* logo cedo se tornam adultos responsáveis." (... que (as crianças) se disciplinam (são disciplinadas)...).

2) Em "Estas instruções não podem ser reportadas a mim, ***que*** *sou apenas um subordinado nesta megaempresa.*", você não vai substituir o *que* por *mim*, senão a frase ficará assim: ... ***mim*** *sou apenas um subordinado nesta megaempresa.* Como sabemos, *mim* não conjuga verbo, daí que, como *mim* é pronome pessoal oblíquo tônico de 1ª pessoa, ele é substituído por um pronome pessoal reto de 1ª pessoa (***Eu*** sou apenas um subordinado nesta megaempresa.).

Predicativo do sujeito: o pronome relativo exerce função de predicativo do sujeito na oração subordinada adjetiva.

– *Aquele grande ator **que** (= o qual) em breve serei está cada vez mais perto. (Eu serei **aquele grande ator** em breve.)*

Objeto direto: o pronome relativo exerce função de objeto direto na oração subordinada adjetiva.

– *Sou o homem **que** (= o qual) você vai amar. (Você vai amar **o homem.**)*

Obs.: Pode haver pronome relativo com função de objeto direto preposicionado: "Meu dever, ***com que** eu não posso deixar de cumprir*, é extremamente importante." (... eu não posso deixar de cumprir *com meu dever...*)

Objeto indireto: o pronome relativo exerce função de objeto indireto na oração subordinada adjetiva.

– *Assisti a um programa **de que** (= do qual) você vai gostar. (Você vai gostar **de um programa**)*

Complemento nominal: o pronome relativo exerce função de complemento nominal na oração subordinada adjetiva.

– *Retornei a um lugar **a que** (= ao qual) tinha aversão. (Tinha aversão **ao lugar.**)*

Agente da passiva: o pronome relativo exerce função de agente da passiva na oração subordinada adjetiva.

– *A hipnotizante mulher **por que** (= pela qual) fiquei seduzido era de meu amigo. (Fiquei seduzido **pela hipnotizante mulher.**)*

Adjunto adnominal: o pronome relativo exerce função de adjunto adnominal na oração subordinada adjetiva.

– *As pessoas, **de que** (= das quais) o doutor Andrade é médico, são extremamente gratas. (O doutor Andrade é médico **daquelas pessoas.**)*

Adjunto adverbial: o pronome relativo exerce função de adjunto adverbial na oração subordinada adjetiva.

– *As praias **a que** (= às quais) eu ia quando criança estão totalmente poluídas. (Eu ia **às praias** quando criança.)*

2) Quem

Exerce as seguintes funções sintáticas:

Objeto direto (preposicionado): o pronome relativo exerce função de objeto direto na oração subordinada adjetiva.

– *Hospedei um amigo **a quem** não via desde a infância. (Não via **um amigo** desde a infância.)*

Objeto indireto: o pronome relativo exerce função de objeto indireto na oração subordinada adjetiva.

– *Tu nunca foste uma pessoa **com quem** simpatizamos.* (*Nunca simpatizamos **com uma pessoa.*** – Neste caso, a palavra *pessoa* tem como referente *tu*, isto é: *"Nunca simpatizamos **contigo**."*.)

Complemento nominal: o pronome relativo exerce função de complemento nominal na oração subordinada adjetiva.

– *Meu filho, **por quem** fui responsável até os dezoito anos, fugiu de casa.* (*Fui responsável pelo meu filho até os dezoito anos*.)

Agente da passiva: o pronome relativo exerce função de agente da passiva na oração subordinada adjetiva.

– *A hipnotizante mulher **por quem** fui seduzido se tornou minha.* (*Fui seduzido **pela hipnotizante mulher.***)

Adjunto adnominal: o pronome relativo exerce função de adjunto adnominal na oração subordinada adjetiva.

– *Achei aquela menina **de quem** você disse que era irmão.* (*Você disse que era irmão **daquela menina.***)

Obs.: Note que, nesse caso, o pronome relativo exerce função sintática de um termo que pertence à oração substantiva objetiva direta (*que era irmão*).

Adjunto adverbial: o pronome relativo exerce função de adjunto adverbial na oração subordinada adjetiva.

– *As más companhias **com quem** eu andava certamente me influenciaram.* (*Eu andava **com más companhias.***)

3) Cujo

Adjunto adnominal: o pronome relativo exerce função de adjunto adnominal na oração subordinada adjetiva; tem valor possessivo.

– *Esta é aquela casa **a cujos** aposentos eles deram preferência?* (*Eles dão preferência aos aposentos **da casa.***)

Complemento nominal: o pronome relativo exerce função de complemento nominal na oração subordinada adjetiva; não tem valor possessivo.

– *O assunto, **cuja** explicação entendi, era interessantíssimo.* (*Eu entendi a explicação **do assunto.***)

Cuidado!!!

Já ouviu falar em **truncamento sintático**? Não? Então está na hora de você aprender, pois isso cai em algumas provas, principalmente na Esaf, no Cespe e na FCC. Entenda melhor por meio deste exemplo:

"Recentemente houve uma falta de incentivo à cultura por parte do governo e órgãos privados, por isso a indústria cinematográfica, cuja produção vem caindo nos últimos anos."

Tem alguma coisa estranha nessa frase que você não sabe identificar, não é? Mas o fato é que *rolou* um *estranhamento*, concorda? Observe que a oração subordinada adjetiva está completa, mas a oração principal está sem o verbo... está faltando um verbo! Ora, sem verbo não há oração principal, se a oração principal está incompleta, ela está "truncada", ou seja, sem um "pedaço", ela está "mutilada", coitada! Sendo assim, houve **truncamento sintático**, que ocorre quando uma oração está sem uma parte que a integra. Refazendo o período, teríamos algo assim:

"*Recentemente houve uma falta de incentivo à cultura por parte do governo e órgãos privados, por isso a indústria cinematográfica, cuja produção vem caindo nos últimos anos, **está** desesperada."*

Agora, sim, temos uma oração principal, e não há **truncamento sintático**. Veja uma questão:

13. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial da Folha de S. Paulo de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente correta.
b) Internamente, a renda do trabalho ampliada por políticas salariais e previdenciárias generosas estimula o consumo e o setor de serviços. O resultado seria a especialização da economia nos setores primário e terciário, cuja forte geração de emprego, em troca de menor competitividade industrial.

Não me interessa o resto da questão, quero que você aprenda o que é o tal do **truncamento sintático**. Note a frase destacada. Percebeu? O pronome relativo *cuja* inicia uma oração subordinada adjetiva, certo? Mas cadê o maldito verbo? Sem ele a frase fica incoerente, certo? Eis um belo exemplar de... **truncamento sintático**! *Voilà!*

4) Quanto

Sujeito: o pronome relativo exerce função de sujeito na oração subordinada adjetiva.

– *Todas **quantas** estiveram na festa ficaram felizes. (**Todas** estiveram na festa...)*

Objeto direto: o pronome relativo exerce função de objeto direto na oração subordinada

adjetiva.

– *Ele encontrou tudo aquilo **quanto** procurava. (Ele procurava **tudo aquilo**...)*

5) Onde

Sempre exerce função de **adjunto adverbial de lugar** na oração subordinada adjetiva.

– *Estamos indo em direção a um acampamento **onde** se costumam reunir pessoas de diversas nacionalidades. (Pessoas de diversas nacionalidades costumam-se reunir **num acampamento.**)*

6) Como

Sempre exerce função de **adjunto adverbial de modo** na oração subordinada adjetiva.

– *A agência de saúde das Nações Unidas já revisou a maneira desastrosa **como** foi tratado o surto de gripe suína. (O surto de gripe suína foi tratado **de uma maneira desastrosa.**)*

7) Quando

Sempre exerce função de **adjunto adverbial de tempo** na oração subordinada adjetiva.

– *Aquele momento, **quando** se entende a piada, é único. (Entende-se a piada **naquele momento.**)*

Cuidado!!!

1) Em "A festa ***onde/quando*** comecei a namorar estava lotada.", pode-se usar *onde* ou *quando* para retomar a palavra *festa*, que, segundo Bechara, remete à ideia de tempo ou lugar.

2) Algumas bancas, como a FCC, não consideram *quando* um pronome relativo, logo a oração destacada "*Aquele momento, **quando** se entende a piada, é único.*" seria subordinada adverbial temporal, para tal banca. A questão 10, cujo gabarito é a letra E, corrobora isso; consulte: FCC – DPE/RS – DEFENSOR PÚBLICO – 2011. Já a FGV pensa diferente, ou seja, entende que uma oração adjetiva pode ser iniciada por *quando*: FGV – SEFAZ/RJ – FISCAL DE RENDAS – 2007 – QUESTÃO 13.

Orações Subordinadas Adverbiais

As **orações subordinadas adverbiais** são chamadas assim porque exercem função sintática própria de advérbio em relação à oração principal. Isto é, elas exercem a função **de adjunto adverbial**. São iniciadas pelas conjunções subordinativas (já decorou?)

Quero que você perceba o seguinte: as orações adverbiais exercem função típica de advérbio, por isso a correspondência entre uma oração adverbial e um adjunto adverbial é visível. Veja:

– *O candidato esquerdista não conseguiu ir para o segundo turno* ***por falta de popularidade****.*
– *O candidato esquerdista não conseguiu ir para o segundo turno* ***porque não tinha popularidade****.*

Perceba que o adjunto adverbial de causa *por falta de popularidade* tem o mesmo valor que a oração subordinada adverbial causal *porque não tinha popularidade*. O que diferencia o **adjunto adverbial** da **oração subordinada adverbial** é a presença da conjunção subordinativa *porque* e do verbo *ter* (*tinha*), que constituem uma oração.

Dica de irmão: **leia e releia a parte de conjunções subordinativas para dominar o assunto!**

Orações Subordinadas Adverbiais Causais

Exprimindo ideia de causa, são iniciadas pelas conjunções subordinativas causais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Um analista de sistemas esfaqueado 38 vezes e deixado para morrer sobreviveu* ***porque estava acima do peso***.

– ***Como estivesse ferido gravemente****, não suportou a cirurgia.*

– *A entrevista foi alvo de críticas dos opositores do presidente,* ***visto que sua pauta focalizou a gestão macroeconômica do governo***.

Obs.: Só de curiosidade, veja este *que* causal. Escreve Machado de Assis, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*: "Começo a arrepender-me deste livro. Não *que* ele me canse...". Esse *que* pode ser substituído por *porque*, conjunção subordinativa causal, logo a releitura seria esta: "Começo a arrepender-me deste livro, não ***porque ele me canse...***". Sendo assim, a oração destacada é subordinada adverbial causal. Outro exemplo: ***Corrupto que é****, nunca mais terá o apoio do povo.*

Orações Subordinadas Adverbiais Causais X Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas

Antes de tudo, saiba que este é um assunto escorregadio e sem solução final. Por isso as questões sobre isso são raríssimas.

E, antes que você pense que estou *fugindo pela tangente*, digo que só estou sendo sincero. Muitos gramáticos oferecem soluções finais para este "imbróglio", mas a verdade é que não há solução final quando se trata da diferença final entre oração subordinada adverbial causal e oração coordenada sindética explicativa.

Para você *sentir a pressão* e ver como *o buraco é mais embaixo*, observe:

2. (UERJ – Vestibular (2ª Fase (Discursiva)) – 2009) Eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros, porque todos são portadores da mesma humanidade. (l. 14-15)

Identifique a relação de sentido que a oração sublinhada estabelece com a parte do período que a antecede. Reescreva todo o período, substituindo o conectivo e mantendo essa mesma relação de sentido.

Gabarito Oficial da UERJ

Uma das relações e uma das respectivas reescrituras:

• Causa

– Eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros **visto que** todos são portadores da mesma humanidade.

– Eles não podem ser pensados independentemente um dos outros **já que** todos são portadores da mesma humanidade.

– **Como** todos são portadores da mesma humanidade, eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros.

• Explicação

– Eles não podem ser pensados independentemente um dos outros, **pois** todos são portadores da mesma humanidade.

Meu Comentário: "É isso aí mesmo, Pestana, a banca deu dois gabaritos para a mesma questão, como se a oração sublinhada pudesse ser analisada como subordinada causal ou coordenada explicativa?" "**É isso aí mesmo**, meu/minha nobre! Incrível, não?"

"Pois bem... mas, então, é sempre possível analisar das duas maneiras, e estará certo, Pest?" Resposta: "Não! Depois de tanto estudar, é possível muitas vezes definir o que é **causa** e o que é **explicação** – e já criaram questões sobre isso, como você verá nas questões comentadas."

Vejamos mais detalhes...

• Na subordinada causal, a circunstância de causa precede e gera o fato ou o ocorrido (ou seja, na linha do tempo, 1º vem a causa, depois a consequência).

• Na coordenada explicativa, a circunstância não precede nem gera o fato ou o ocorrido.

• A confusão é gerada por causa do uso das conjunções *porque, pois, que, porquanto.*

Exemplos clássicos:

– *Choveu aqui, **porque a calçada está molhada**.* (explicativa; o fato de a calçada estar molhada não provocou a chuva, ou seja, não é a causa da chuva, mas sim a consequência)

– *A calçada está molhada, **porque choveu**.* (causal; é um fato claro que a chuva provocou o molhamento da calçada)

Nesses exemplos clássicos, vemos que, no primeiro período, o *porque* inicia uma ideia de consequência, logo a oração é explicativa. No segundo período, o *porque* inicia uma ideia de causa, logo a oração é causal.

Por ser uma situação difícil e polêmica, explicarei com mais fluidez ainda. Existem três casos importantes a considerar. Veja:

1º caso: Se o verbo que antecede a conjunção vier no **imperativo**, ou indicar desejo, é certo que a oração será coordenada **explicativa**.

– *Estude, **que seu futuro estará garantido**!*

– *Deus o abençoe, meu filho, **porque sua generosidade não tem limite**.*

Obs.: Em "Fugimos todos, ***que*** a maré não está para peixe." e "Fujamos todos, ***que*** a maré não está para peixe.", a simples mudança do modo verbal torna diferente a classificação da conjunção destacada. Na primeira frase, é causal; na segunda, explicativa.

2º caso: Se o *porque* (ou *que, pois, porquanto*) iniciar uma consequência, a oração será explicativa; se iniciar uma causa, a oração será causal.

– *A avenida não tinha limite de velocidade, **porque o carro passou a 300 km/h**.* (explicativa)

– *O carro passou a 300 km/h **porque a avenida não tinha limite de velocidade**.* (causal)

3º caso: Se a afirmação anterior à conjunção for uma suposição ou uma constatação por dedução, gerada por uma apuração ou comprovação, a conjunção será **explicativa** (este é o caso de *"Choveu, porque a rua está molhada."*; ou seja, você deduz que choveu por causa de uma apuração – a rua molhada).

– *Ele passou por aqui, **porque ainda há pouco o vi**.* (explicativa)

– *Não precisa mentir. O Leandro faltou às aulas, **pois me contaram**.* (explicativa)

Como se viu, a diferença é puramente semântica, pois sintaticamente não há distinção entre as orações causais e as explicativas iniciadas por *que, porque, pois, porquanto*. É certo que existem outras formas de diferenciar, mas não vou fazer do assunto um tratado ou um ensaio,

por isso me apeguei às diferenciações principais, que resolvem (para mim) a grande maioria dos casos.

Orações Subordinadas Adverbiais Consecutivas

Exprimindo ideia de consequência, são iniciadas pelas conjunções subordinativas consecutivas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Nesta cidade, chove* ***que é o Diabo****!* (*tanto* não expresso antes do que)

– *Isso é tão prazeroso* ***que me vicia****.*

– *O presidente não melhorou a vida da população,* ***de modo que se sentiu enganada pelas promessas****.*

Obs.: Diferença entre ***oração adjetiva*** e ***oração adverbial consecutiva.***

– *Nós fizemos um barulho* ***que incomodava a todos****.* (adjetiva restritiva; o *que* é um pronome relativo e exerce função sintática de sujeito; = *O barulho incomodava a todos.*)

– *Nós fizemos um barulho* ***que ninguém conseguia conversar****.* (consecutiva; = *Fizemos um barulho tão grande que...)*

Orações Subordinadas Adverbiais Condicionais

Exprimindo ideia de condição, são iniciadas pelas conjunções subordinativas condicionais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Chegaremos hoje,* ***salvo se houver imprevistos****.*

– *Tudo ficará bem,* ***desde que façamos nossa parte****.*

– *O candidato disse que,* ***se eleito****, cumprirá as promessas*. (o verbo auxiliar da locução verbal da oração condicional está implícito; = *... se for eleito...)*

Obs.: O *se* pode iniciar uma oração subordinada adverbial causal, segundo Cegalla, Sacconi etc. Veja isso melhor no capítulo de *Conjunção*!

Orações Subordinadas Adverbiais Concessivas

Exprimindo ideia de concessão, são iniciadas pelas conjunções subordinativas concessivas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– ***Por pior que esteja sua vida****, não desista de estudar.*

– *Tínhamos de comer sempre um pouco de tudo,* ***conquanto isso fosse uma tarefa difícil****.*

– ***Sortudo que fosse nos relacionamentos****, não se casou com uma mulher virtuosa.*

Orações Subordinadas Adverbiais Conformativas

Exprimindo ideia de conformidade, são iniciadas pelas conjunções subordinativas conformativas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de conjunções subordinativas.

– ***Como todos sabemos****, o Brasil já é autossuficiente em petróleo.*

– *A revelação dos contatos do lobista com a empresa portuguesa deixou clara,* ***consoante relevou uma revista famosa****, a participação dele na "jogada".*

– ***Segundo foi noticiado por nós****, a reunião da sexta-feira 13 era esperada desde há muito.*

Orações Subordinadas Adverbiais Comparativas

Exprimindo ideia de comparação, são iniciadas pelas conjunções subordinativas comparativas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Amo-o* ***como a um filho****. (= como amo a um filho)*

– *O professor hoje é mais didático* ***do que nunca****. (= do que nunca foi)*

– *Sua sabedoria é tão intrigante* ***quanto sua humildade****. (= quanto sua humildade é)*

Obs.: É normal que os verbos das orações comparativas estejam implícitos. Por isso, cuidado para não errar uma questão de contagem de orações, como a FGV gosta de fazer. Além disso, preste atenção à lição do *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*:

"A omissão de certos termos ao fazermos uma *comparação*, omissão própria da língua falada, deve ser evitada na língua escrita, pois compromete a clareza do texto: nem sempre é possível identificar, pelo contexto, qual o termo omitido. A ausência indevida de um termo pode impossibilitar o entendimento do sentido que se quer dar a uma frase:

Errado: *O salário de um professor é mais baixo* ***do que um*** *médico*.

A omissão de termos provocou uma comparação indevida: "*o salário de um professor*" com "*um médico*".

Certo: *O salário de um professor é mais baixo do que o salário de um médico.*

Certo: *O salário de um professor é mais baixo do que o de um médico.*

Errado: *O alcance do Decreto é diferente* ***da Portaria****.*

Novamente, a não repetição dos termos comparados confunde. Alternativas para correção:

Certo*:* *O alcance do Decreto é diferente do alcance da Portaria.*

Certo: *O alcance do Decreto é diferente do da Portaria.*

Errado: *O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do* ***que*** *os Ministérios do Governo.*

No exemplo acima, a omissão da palavra *outros* (ou *demais*) acarretou imprecisão:

Certo*:* *O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do que os* ***outros*** *Ministérios do Governo*.

Certo: *O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do que os* ***demais*** *Ministérios do Governo.*

Orações Subordinadas Adverbiais Finais

Exprimindo ideia de finalidade, são iniciadas pelas conjunções subordinativas finais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Entre em silêncio* ***para que as crianças não acordem***.

– *Tudo fiz* ***porque ela se casasse comigo*.**

– *Estudem mais* ***a fim de que resolvam bem as questões***.

Obs.: Diferença entre **oração completiva nominal** e **oração final**.

– *O Instituto de Assistência à Saúde continua habilitado* ***para que gerencie o maior hospital da região***. (completiva nominal; o adjetivo *habilitado* exige a preposição *para,* que se une à conjunção integrante, aparentando se tratar de uma locução conjuntiva final)

– *Não deixe de preencher corretamente o envelope* ***para que os Correios façam um bom trabalho de entrega***. (adverbial final; não há nenhum termo exigindo a preposição *para,* logo *para que* é uma locução conjuntiva final)

Orações Subordinadas Adverbiais Proporcionais

Exprimindo ideia de proporcionalidade, são iniciadas pelas conjunções subordinativas proporcionais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Entre as revistas, X e Y mostram perfis engajados,* ***ao passo que Z é ligeiramente desviante****.*

– ***À medida que o Brasil acelera****, os limites impostos pelo real valorizado aparecem.*

– ***Quanto menos as pessoas comem e bebem****, mais elas pensam e teorizam.*

Obs.: Normalmente há uma relação de causa e efeito nestas construções, em que a causa está contida na oração proporcional, e o efeito, na principal. Cuidado com questões de causa e consequência muito trabalhadas pela FCC, pois vai que o "homem da banca" resolva criar uma questão de causa-efeito com estrutura de oração proporcional... iria ser bacana.

Orações Subordinadas Adverbiais Temporais

Exprimindo ideia de tempo, são iniciadas pelas conjunções subordinativas temporais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Já se sentiu sozinho* ***enquanto havia 300.000 pessoas ao seu redor****?*

– ***Desde que essas explicações chegaram à minha vida****, nunca mais fui o mesmo estudante.*

– ***Depois que ela adormecer****, iremos fugir deste lugar.*

Obs.: Segundo o mestre Francisco de Assis Moura Sobreira, a oração subordinada adverbial temporal iniciada pela conjunção *quando* pode indicar frequência, simultaneidade, posterioridade etc.:

– ***Quando ele nos visitava****, trazia alegria à nossa casa.* (frequência; = *sempre que*)

– *Chegamos ao aniversário* ***quando partiam o bolo***. (simultaneidade; = *no momento que*)

– *André só se formou* ***quando completou trinta anos***. (posterioridade; = *depois que*)

Às vezes, o verbo da oração adverbial pode vir implícito após *quando*: *Quando em sala de aula*, os alunos conseguem se concentrar. (= Quando *estão* em sala de aula...). Veja mais sobre tal conjunção no capítulo de *conjunções subordinativas*.

Orações Subordinadas Adverbiais Modais

Apesar de a NGB não contemplar este tipo de oração, preciso falar dela, pois ela existe. Ainda bem que Bechara não faz vista grossa e coloca na gramática dele tal oração. Ela é iniciada pela locução conjuntiva *sem que*.

– *Os alunos saíram da sala de aula* ***sem que a professora percebesse***.

Obs.: "Pestana, e a chance de cair essa oração modal na prova?" Nunca vi uma questão trabalhando isso, mas... nunca se sabe o dia de amanhã...

Orações Subordinadas Adverbiais Justapostas

Além das tradicionais orações já vistas, todas iniciadas por conjunções subordinativas, é bom que você saiba o seguinte: 1) existem muitas orações que simplesmente não são iniciadas por conjunção alguma e 2) existem muitas orações iniciadas por pronomes interrogativos e advérbios interrogativos. Acerca das orações a partir do número 4, a NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) nada diz, mas elas existem! Veja:

1) Oração Subordinada Adverbial Temporal Justaposta

– ***Há aproximadamente dez anos*** *que não viajo para a Europa.*

– ***Faz cinco meses*** *que minhas filhas estão morando na Inglaterra.*

Obs.: O *que* dessas frases é expletivo, ou seja, pode ser retirado sem prejuízo sintático ou semântico à frase. No entanto, alguns gramáticos o consideram como uma conjunção subordinativa temporal, como Bechara. Sacconi e outros a veem como conjunção integrante. Nunca vi questão alguma sobre isso.

2) Oração Subordinada Adverbial Condicional Justaposta

– ***Não fosse a perseverança****, jamais teria conseguido.*

– ***Tivesse eu muito dinheiro****, ajudaria mais as pessoas.*

3) Oração Subordinada Adverbial Concessiva Justaposta

– *Haverá futebol no feriado,* ***custe o que custar****.*

Obs.: Sacconi, Bechara e outros gramáticos entendem que as orações cristalizadas na língua a seguir são contadas como uma só oração concessiva: *aconteça o que acontecer, custe o que custar, haja o que houver, dê no que der, dê onde der, venha o que vier, venha donde vier, seja o que for, seja como for* etc.

4) Oração Subordinada Adverbial Locativa Justaposta

– *O carro ficou estacionado* ***onde o deixamos****.*

– *Moro* ***onde não mora ninguém****.*

5) Oração Subordinada Adverbial de Companhia Justaposta

– *Aqui você aprende* ***com quem sabe ensinar****.*

– *Toda mulher interesseira só sai* ***com quem tem dinheiro****.*

6) Oração Subordinada Adverbial de Favor Justaposta

– *Assim como morreria pela pátria, morrerei* ***por quem sempre me deu todo o apoio****: meu pai.*

– *Apesar de nunca ter amado, tudo farei* ***por quem eu amar****.*

7) Oração Subordinada Adverbial de Assunto Justaposta

– *Conversamos durante a madrugada* ***sobre quem irá substituir-me na empresa****.*

– *Só falam* ***sobre quantas mulheres irão ao evento****.*

O Que Cai Mais na Prova?

Depois de martelar tanto na sua cabeça "Decore as conjunções, decore as conjunções, decore as conjunções...", creio que você já tenha feito isso, certo? (Espero que sim.)

Pois bem... as provas de concursos públicos, de modo geral, privilegiam as orações subordinadas, por isso devemos estar atentos a todas. Sobre orações justapostas, é *megarraro* cair. Faça as questões consultando a teoria. *Xô, preguiça!*

Questões de Concursos

1. (Empasial – TJ/SP – Oficial de Justiça – 1999) Indique a oração coordenada sindética explicativa:
   a) O paciente salvou-se porque não bebia.
   b) Não fui à escola porque fiquei doente.
   c) Não beba, porque você se salvará.
   d) Não posso receber mais inscrições porque não há mais vagas.
   e) Fomos bem recebidos porque trazíamos boas notícias.

2. (Empasial – TJ/SP – Escrevente Judiciário – 1999) Analise sintaticamente a oração em destaque:
"Bem-aventurados os que ficam, porque eles serão recompensados." (Machado de Assis)
   a) oração subordinada substantiva completiva nominal.
   b) oração subordinada adverbial causal.
   c) oração subordinada adverbial temporal desenvolvida.
   d) oração coordenada sindética conclusiva.
   e) oração coordenada sindética explicativa.

3. (FAB – EAGS – Sargento – 2003) Observe o termo em destaque no trecho a seguir e assinale a alternativa que traz a correta consideração a seu respeito quanto à justificativa de sua grafia.
"Por isso os antigos sabiamente pintaram o amor menino; porque não há amor tão robusto que chegue a ser velho." (Pe. Antônio Vieira)
   a) Trata-se de uma interrogativa indireta.
   b) Porque é uma conjunção explicativa, e somente neste caso justifica-se tal grafia.
   c) Busca-se explicitar o motivo do que se afirma na primeira oração.
   d) A palavra porque introduz um enunciado afirmativo, e, neste caso, faz-se uso de conjunção, seja explicativa, seja causal.

4. (FAB – AFA – Oficial – 2005) Leia o fragmento abaixo transcrito.
   "– Por que Laís não chegou ainda?
   – Ela não chegou porque o carro que a conduzia quebrou.
   – Gostaria que ela chegasse logo porque preciso dela aqui!"
Os termos destacados devem ser classificados, respectivamente, como:
   a) Advérbio; conjunção coordenativa explicativa; conjunção subordinativa causal.
   b) Advérbio; conjunção subordinativa causal; conjunção coordenativa explicativa.
   c) Preposição acidental; conjunção subordinativa causal; conjunção coordenativa conclusiva.
   d) Preposição acidental; conjunção subordinativa causal; conjunção coordenativa explicativa.

5. (Esaf – IRB Brasil Seguros – Analista – 2006) Assinale a opção que apresenta truncamento sintático.
   a) Duas pesquisas, divulgadas nos últimos dias, mostram que as políticas sociais e de combate à fome implementadas pelo governo federal começam a apresentar resultados concretos na melhoria das condições de vida do povo brasileiro.
   b) Um estudo da Fundação Getúlio Vargas, intitulado "Miséria em Queda", baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE, confirmando que a miséria no Brasil caiu em 2004, e atingiu o nível mais baixo desde 1992.
   c) O número de pessoas que estão abaixo da linha da pobreza passou de 27,26% da população, em 2003, para 25,08% em 2004. Em 1992, esse percentual era de 35,87%.
   d) É considerado abaixo da linha da pobreza quem pertence a uma família com renda inferior a R$ 115 mensais, valor considerado o mínimo para garantir a alimentação de uma família. O estudo da FGV mostrou que o índice de miséria no Brasil caiu 8% de 2003 para 2004, deixando o país com a menor proporção de miseráveis desde 1992.
   e) A redução da taxa foi fortemente influenciada pela queda na distância entre os ricos e pobres no Brasil, registrada em três anos consecutivos. Somente em 2004, a desigualdade caiu duas vezes mais do que no ano anterior.

6. (EJEF – TJ/MG – Analista Judiciário – 2007) Assinale a alternativa em que o pronome assinalado **NÃO** preenche, na frase em que se encontra, a mesma função sintática exercida pelos que estão destacados nas demais frases.
   a) "E o universo em que vivemos hoje [...] é [...] diferente do de uma pessoa de 1650."
   b) "Ela é verdadeira [...] para sacerdotes egípcios que viveram há quatro mil anos."
   c) "No topo, ficam as verdades absolutas, que transcendem o elemento humano."
   d) "São as verdades matemáticas, as que podem ser afirmadas categoricamente."

7. (FGV – Senado Federal – Técnico Legislativo – Administração – 2008) "Mas o fato é que transparência deixou de ser um processo de observação cristalina para assumir um discurso de políticas de averiguação de custos engessadas que pouco

ou quase nada retratam as necessidades de populações distintas.”.

A oração grifada no trecho acima classifica-se como:

a) subordinada substantiva predicativa;
b) subordinada adjetiva restritiva;
c) subordinada substantiva subjetiva;
d) subordinada substantiva objetiva direta;
e) subordinada adjetiva explicativa.

“Se recebo um presente dado com carinho por pessoa de quem não gosto – como se chama o que sinto? Uma pessoa de quem não se gosta mais e que não gosta mais da gente – como se chama essa mágoa e esse rancor? (...)”

8. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) Nos segmentos “– como se chama o que sinto?” e “e que não gosta mais da gente”, os pronomes relativos exercem a mesma função sintática.

( ) CERTO
( ) ERRADO

9. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2009) *A sociedade não tem lado de fora. O que está fora da sociedade seria desumano, pois ela nada mais é que a relação entre os humanos.*

A respeito do uso do vocábulo *pois* no fragmento acima, pode-se afirmar que se trata de:

a) uma conjunção subordinativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de explicação;
b) uma preposição que estabelece conexão entre períodos coordenativos introduzindo valor de consequência;
c) uma conjunção coordenativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de alternância;
d) um pronome relativo que introduz a oração relativa explicativa, retomando a expressão sociedade;
e) uma conjunção coordenativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de explicação.

10. (Cesgranrio – DETRAN/AC – Advogado – 2009) *O barulho no local era tão alto que o homem, coitado, saiu rápido.*

Indique o único período que mantém exatamente o mesmo sentido da oração apresentada acima, embora com outra estrutura.

a) Quando o barulho ficou muito alto, o homem coitado saiu rápido.
b) O homem, que era muito rápido, saiu por causa do barulho tão alto no local.
c) O homem saiu rápido porque no local o barulho era muito alto. Coitado.
d) Depois de ouvir um barulho muito alto, o homem rápido saiu.
e) No local, o barulho, coitado, era tão alto que o homem saiu rápido.

“(...) No máximo interessará às pessoas jurídicas que buscam crédito de curtíssimo prazo ou financiamentos para exportação. (...)”

11. (Esaf – SEFAZ/SP – Analista de Finanças e Controle – 2009) Ainda em relação ao texto, assinale a opção correta.

a) O segmento “que buscam crédito de curtíssimo prazo ou financiamentos para exportação” constitui oração subordinada adjetiva restritiva.

12. (FUNCAB – Pref. Porto Velho/RO – Médico – 2009) No trecho abaixo, as orações introduzidas pelos termos grifados são classificadas, em relação às imediatamente anteriores, como:

“Não há dúvida <u>de que</u> precisaremos curtir mais o dia a dia, <u>mas</u> nunca à custa de nossos filhos...”

a) subordinada substantiva objetiva indireta e coordenada sindética adversativa;
b) subordinada adjetiva restritiva e coordenada sindética explicativa;
c) subordinada adverbial conformativa e subordinada adverbial concessiva;
d) subordinada substantiva completiva nominal e coordenada sindética adversativa;
e) subordinada adjetiva restritiva e subordinada adverbial concessiva.

13. (TJ/SC – TJ/SC – Analista Jurídico – 2009) Há exemplo de oração subordinada adjetiva restritiva em:

a) Esse fóssil se compõe de exemplares de *Paleodictyon nodosum*, que, por viverem em condições extremas no fundo dos oceanos, acabaram protegidos dos ciclos predatórios.
b) O magistrado afirma que os tribunais devem fixar prazo ao Poder competente para a adoção das providências necessárias.
c) Estuda-se o incentivo fiscal às empresas que, possuindo mais de 20 funcionários, tenham no mínimo 20% de negros em seu quadro profissional.
d) Quando um ciclone nasce e se desenvolve no Oceano Atlântico, ele é chamado furacão.
e) A comunicação com o usuário se processa através dos famigerados *call centers*, cujos serviços são terceirizados.

14. (Cespe/UnB – ADAGRI/CE – Agente Estadual Agropecuário – 2009) O segmento “que agravam o efeito estufa” (...

emissões de gases que agravam o efeito estufa...) constitui oração subordinada adjetiva restritiva.
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (CONSULPLAN – Pref. St. Maria Madalena/RJ – Enfermeiro – 2010) (Adaptada) A análise dos elementos destacados está **INCORRETA** em:
I. "... *de que seus atos repercutem*,..." (... *precisa ter consciência de que seus atos repercutem*...) – oração subordinada substantiva completiva nominal.
II. "... *que nossa economia floresce*,..." (*Dizem que nossa economia floresce*...) – oração subordinada substantiva objetiva direta.

"(...) mas antes de qualquer ação existiu a imaginação, um sonho que, aliado ao conhecimento e habilidades, pode transformar-se em algo concreto. (...) Oportunidades aos empreendedores, aos inovadores, às pessoas e empresas que tiverem atitude e criatividade (...) novos usos de produtos e boas oportunidades para os mercados que passaram a existir (...) seja o primeiro a descobrir uma chance que ninguém está conseguindo ver. (...) faço das palavras de Einstein minha resposta: alguém que duvidou e provou o contrário.

16. (Cesgranrio – BNDES – Técnico Administrativo – 2010) O pronome relativo que difere dos demais, nos trechos listados abaixo, quanto à função sintática, é:
a) "...que aliado ao conhecimento e habilidades pode transformar-se..."
b) "...que tiverem atitude e criatividade,"
c) "...que passaram a existir."
d) "...que ninguém está conseguindo ver."
e) "...que duvidou e provou o contrário."

17. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) A oração "que se tornariam centrais na produção intelectual e artística do século XX" (Euclides realizara um mapeamento de temas que se tornariam centrais na produção intelectual e artística do século XX) tem, no período em que se insere, sentido explicativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2010) *Observe:*
I. *Eu não sei*
***Se** vem de Deus*
Do céu ficar azul
II. ***Se** desmorono ou **se** edifico*
***Se** permaneço ou me desfaço,*
– Não sei, não sei.
III. *Mundo mundo vasto mundo,*
***Se** eu me chamasse Raimundo*
Seria uma rima, não seria uma solução
IV. *Meu Deus, por que me abandonaste*
***Se** sabias que eu não era Deus*
***Se** sabias que eu era fraco.*
Assinale a alternativa em que todas as afirmações estão corretas.
a) Em IV, há duas orações subordinadas adverbiais condicionais.
Em III, há uma oração subordinada adverbial condicional.
b) Em I, há uma oração subordinada substantiva objetiva direta.
Em IV, há duas orações subordinadas adverbiais causais.
c) Em II, há uma oração subordinada substantiva objetiva
direta. Em III, há uma oração subordinada adverbial causal.
d) Em III, há uma oração subordinada substantiva objetiva
direta. Em I, há uma oração subordinada adverbial causal.

"**Se falharmos aí**, trairemos o compromisso com a saúde e com a vida do planeta."

19. (Cesgranrio – Eletrobras Eletronuclear – Analista (Meteorologia) – 2010) A primeira oração do período, destacada acima, liga-se à segunda oração, estabelecendo uma relação de sentido.
A relação de sentido entre as orações é de:

a) comparação;
b) proporção;
c) conformidade;
d) condição;
e) finalidade.

20. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2010) A alternativa que reescreve corretamente o período "É preciso ensaiar para não fazer em campo apenas as jogadas ensaiadas." iniciando-o com a ideia de finalidade, é:
a) Para que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
b) Embora não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
c) Ainda que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
d) Por mais que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
e) Contanto que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.

21. (Vunesp – TJ/SP – Agente de Fiscalização Judiciária – 2010) Considere este trecho "*os brasileiros são obrigados a ser mais flexíveis com os horários porque a infraestrutura não ajuda"*.
A oração que tem a mesma natureza sintática da oração subordinada "*porque a infraestrutura não ajuda*" é:
a) uma vez que a infraestrutura não ajuda;.
b) embora a infraestrutura não ajude;
c) a infraestrutura, pois, não ajuda;
d) muitas vezes a infraestrutura não ajuda;
e) como a infraestrutura não ajuda.

22. (ACEP – Pref. Quixadá/CE – Psicólogo – 2010) No período "O essencial é o seguinte: //nunca antes neste país houve um governo tão imbuído da ideia // <u>de que veio</u> // para recomeçar a história.", a oração sublinhada é classificada como:
a) coordenada assindética;
b) subordinada substantiva completiva nominal;
c) subordinada substantiva objetiva indireta;
d) subordinada substantiva apositiva.

23. (FUNCAB – SESAP/RN – Médico – 2010) A oração grifada em: "...e até mesmo em locais ao ar livre, caso se comprove <u>que a fumaça não se dispersa com facilidade</u>.", classifica-se como subordinada:
a) substantiva subjetiva;
b) substantiva objetiva direta;
c) substantiva completiva nominal;
d) adjetiva restritiva;
e) adjetiva explicativa.

24. (MPE/SC – MPE/SC – Promotor de Justiça – 2010) (Adaptada) Julgue a afirmativa abaixo:
Imponho-lhe somente um objetivo: que administre bem o patrimônio público. O sinal de dois pontos foi usado para separar uma oração subordinada substantiva apositiva, tal como pode ocorrer com o aposto.

25. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) *Vê-se, pois, que o plano ético permeia todas as ações humanas*.
Com relação à frase transcrita e a análise sintática tradicional, considere a afirmativa a seguir.
I. O vocábulo *que* é uma conjunção integrante e presta-se a articular a oração subjetiva ao núcleo verbal que a subordina.

26. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Na construção "mais à pintura e à musica do que à filosofia e à religião", o vocábulo "que" introduz oração restritiva com verbo elíptico.
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Cespe/UnB – TJ/ES – Cargos de Nível Superior – 2011) No desenvolvimento da argumentação do texto, a oração "A semana terminou <u>sem que estivesse claro o futuro político do maior aliado dos Estados Unidos da América</u> (EUA)" expressa circunstância de causa em relação à oração que a antecede.
( ) CERTO
( ) ERRADO

28. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) A oração cuja classificação está **INCORRETA** é:
a) "<u>Se eu morrer</u>, morre comigo um certo modo de ver."– oração subordinada adverbial condicional.

b) “Parece fácil, mas não é.” – oração coordenada sindética adversativa.
c) “O campo visual da nossa rotina é como um vazio.” – oração principal.
d) “Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta.” – oração absoluta.
e) “O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem...” – oração coordenada assindética.

É importante desmistificar a ideia de que política é uma sujeira só e sem utilidade.

29. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) Em relação ao período acima, analise a afirmativa a seguir:
– Há uma oração completiva nominal.

“(...) Um projeto de lei, em debate no parlamento espanhol, propõe que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai vir em primeiro lugar – deixando a cargo dos pais escolher a ordem dos sobrenomes. (...)”

30. (COPEVE/UFAL – UFAL – Bibliotecário Documentalista – 2011) Dadas as proposições seguintes,
I. Há, no texto, uma oração subordinada substantiva objetiva direta.

“É sabido que a bactéria em questão – *Escherichia coli* – somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes – animais ou humanas.”

31. (Cespe/UnB – CBM/DF – Bombeiro – 2011) O trecho “que a bactéria em questão – *Escherichia coli* – somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes – animais ou humanas” exerce a função de sujeito da locução “É sabido”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – CBM/DF – Bombeiro – 2011) A oração “que pôs a Europa em estado de emergência médica” (A bactéria que pôs a Europa em estado de emergência médica...) tem caráter explicativo e, por isso, poderia ser empregada entre vírgulas, mantendo-se a correção gramatical e o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

“Não implica, tampouco, autoconsciência crítica ou consciência histórica, nem a necessidade de identificar se existe uma tendência”

33. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) No fragmento anterior, as orações de identificar e se existe uma tendência são, respectivamente:
a) oração subordinada substantiva objetiva direta e oração subordinada substantiva objetiva direta;
b) oração subordinada substantiva completiva nominal e oração subordinada substantiva objetiva direta;
c) oração subordinada substantiva objetiva indireta e oração subordinada adverbial condicional;
d) oração subordinada substantiva completiva nominal e oração subordinada adverbial condicional;
e) oração subordinada substantiva objetiva indireta e oração subordinada substantiva objetiva direta.

34. (Fadems – TJ/MS – Analista Judiciário – 2012) A alternativa que traz a análise correta da oração “por que ‘velho’ é politicamente incorreto”, em “Não entendo por que ‘velho’ é politicamente incorreto”, é:
a) subordinada substantiva objetiva direta;
b) subordinada adverbial causal;
c) subordinada adjetiva explicativa;
d) subordinada substantiva predicativa;
e) coordenada sindética explicativa.

35. (FAB – AFA – Oficial – 2012) As palavras abaixo destacadas foram utilizadas para introduzir orações subordinadas substantivas. Porém, em somente uma opção, essa relação sintática foi estabelecida por uma conjunção integrante própria. Assinale-a.
a) “Impressiona-me como se formam conceitos, são opiniões, baseados em estatísticas...”
b) “Parece haver uma disputa para saber quem dá mais informações e estatísticas...”
c) Estou sem paciência para assistir a tantas partidas tumultuadas no Brasil.”
d) “Na partida entre Escócia e Brasil, um repórter da TV Globo deu a “grande notícia”, que Neymar foi o primeiro jogador brasileiro...”

Fragmento de texto
(...) A primeira convicção política incutida em meu espírito foi que o município não tinha recursos, e que por esse

motivo andava descalçado, ou devia o calçado; (...)

36. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) A "primeira convicção política" do narrador é constituída, de fato, por duas convicções, que completam o sentido da forma verbal "foi": "que o município não tinha recursos" e "que por esse motivo andava descalçado, ou devia o calçado".
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) No trecho "É verdade que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas", o emprego da forma verbal singular "É" justifica-se pelo fato de essa forma verbal não ter sujeito explícito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

38. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Na linha 12 (Ficava no canto da maloca, trepado no jirau de paxiúba, espiando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que tinha), a oração "que tinha", sintática e semanticamente dispensável para o texto, caracteriza-se por ter um pronome relativo como sujeito sintático.
( ) CERTO
( ) ERRADO

39. (FUNCAB – MPE/RO – Analista (ADM) – 2012) Em "(...) Garanto: naquela região se operam, de fato, milagres QUE SALVAM VIDAS DIARIAMENTE. (...)", a oração em destaque classifica-se como:
a) subordinada substantiva subjetiva;
b) subordinada substantiva predicativa;
c) coordenada sindética explicativa;
d) subordinada adjetiva restritiva;
e) subordinada adjetiva explicativa.

40. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Agente de Adm. Previdenciária – 2012) "...as mudanças feitas por ele no planeta têm sido tão rápidas **que agora elas ameaçam não só a humanidade mas também muitas espécies**..."; a oração negritada mostra a ideia de:
a) consequência;
b) comparação;
c) concessão;
d) modo;
e) causa.

41. (FUNDEP – GASMIG – Técnico em Administração – 2012) "[...] aceleram novas descobertas <u>que</u>, por sua vez, servem de ferramenta [...]".

Considerando o pronome sublinhado nessa frase, é ***correto*** afirmar que ele exerce a função sintática de:
a) sujeito indeterminado;
b) sujeito inexistente;
c) sujeito oculto;
d) sujeito simples;

Gabarito

1. C.	10. C.	18. B.	26. ERRADO.	34. A.
2. E.	11. A.	19. D.	27. ERRADO.	35. D.
3. D.	12. D.	20. A.	28. C.	36. ERRADO.
4. B.	13. C.	21. A.	29. CORRETA.	37. ERRADO.
5. B.	14. CERTO.	22. B.	30. CORRETA.	38. ERRADO.
6. A.	15. NENHUMA.	23. A.	31. CERTO.	39. D.
7. A.	16. D.	24. CORRETA.	32. ERRADO.	40. A.
8. ERRADO.	17. ERRADO.	25. CORRETA.	33. B.	41. D.
9. E.				

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 24

Orações Reduzidas

Definição

As **orações reduzidas** têm as seguintes características:

- apresentam o verbo numa das formas nominais (gerúndio, particípio e infinitivo);
- nunca são iniciadas por conjunções (no caso das substantivas e adverbiais) nem por pronomes relativos (no caso das adjetivas);
- normalmente podem ser reescritas (desenvolvidas) com esses conectivos;
- podem ser iniciadas por preposição ou locução prepositiva.

Veja exemplos:

– *Saí da religião,* ***sem ser incomodado***. (reduzida)
– *Saí da religião,* ***sem que me incomodassem***. (desenvolvida)

– ***Agindo Deus****, quem pode impedi-lo?* (reduzida)
– ***Se Deus age****, quem pode impedi-lo?* (desenvolvida)

– ***Terminada a prova****, fomos ao restaurante.* (reduzida)
– ***Quando terminou a prova****, fomos ao restaurante.* (desenvolvida)

Obs.: É bom dizer que algumas orações reduzidas adverbiais, quando desenvolvidas, podem apresentar mais de uma análise semântica. Por exemplo: "***Resolvido o problema****, todos confraternizaram.*" (causa? / tempo?)

Vejamos agora todos os tipos de orações reduzidas. Acompanhe!

Orações Reduzidas de Infinitivo

Podem ser substantivas, adjetivas ou adverbiais. Lembre-se de que, se o infinitivo for pessoal, irá flexionar normalmente.

Substantivas

– *É preciso* ***trabalhar muito***. (subjetiva)
– *Não convém* ***resolver a questão agora***. (subjetiva)

– *Deixe* ***o aluno pensar***. (objetiva direta)
– *"Achei uma injustiça* ***não me premiarem também****."* (objetiva direta)

– *Os adversários o acusaram* ***de fazer coisas erradas***. (objetiva indireta)
– *Por que não aconselha seu filho* ***a largar aquele trabalho****?* (objetiva indireta)

– *A melhor política é* ***ser honesto***. (predicativa)
– *O mais honesto seria* ***tu lhe pedires perdão***. (predicativa)

– *Uma parte do povo é capaz* ***de mobilizar toda a nação***. (completiva nominal)
– *Este é um livro difícil* ***de ler***. (completiva nominal)

– *Temos uma missão:* ***criar os filhos***. (apositiva)
– *Só te falta uma coisa para o sucesso:* ***seres mais longânime***. (apositiva)

Cuidado!!!

1) Em *"Cabe frisar que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural."*, o sujeito do verbo *caber* é oracional, a saber: *frisar que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural*. Note que, dentro desse sujeito oracional, há outras orações (*que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade / é / dar valor àquilo / que consideramos como nossa própria descendência cultural*). Esse sujeito enorme é chamado também de **sujeito complexo**. Troque-o por "**isso**", ficará: "**isso** cabe". O gramático Gladstone Chaves de Melo corrobora tal análise. A FCC e a Esaf gostam de trabalhar esses sujeitos gigantes na parte de concordância verbal! Fique atento!

2) Não confunda **subordinadas substantivas completivas nominais** com **subordinadas adverbiais finais**. Em *"Estou pronto para entrar em qualquer instituição federal."*, *"Este cheque foi bom para resolver minha vida."* e *"Esta doutrina gramatical é essencial para compreendermos outras dificuldades linguísticas."*, a preposição *para* é

exigida pelos adjetivos *pronto, bom e essencial*, portanto ela inicia **orações subordinadas substantivas completivas nominais**.

3) O infinitivo **não** constitui oração basicamente em dois casos: **em locução verbal** e quando **substantivado**.

– *Mesmo que tenha sido ele o culpado, deve **haver** algum engano aqui.*

– *O **comer** e o **beber** fazem parte da vida.*

Bechara e Sacconi alistam outros casos de ***não orações***, como:

a) ***Querer*** é ***poder***!

Tais infinitivos em sentido vago são considerados meros substantivos, logo só há uma (1) oração neste período, marcada pelo verbo *ser* (é). Só serão considerados orações se vierem acompanhados de complementos ou adjuntos adverbiais: *"Querer a vitória é poder!"*. Agora há duas orações (*Querer a vitória / é*).

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UNB – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2007) Com referência à sintaxe das orações e dos períodos do texto, assinale a opção correta.

c) O período "Votar aos 16 anos é despertar uma consciência cidadã" (L.7-8) é composto por duas orações. (Na verdade, há três orações: Votar aos 16 anos / é / despertar uma consciência cidadã).

b) Vamos à sala de ***jantar***?

A palavra *jantar* é considerada núcleo do adjunto adnominal, como um mero substantivo, logo não constitui uma oração. Esse período, portanto, tem uma oração, marcada pelo verbo *ir* (Vamos). "Quando a preposição *de* e o **infinitivo** equivalem a um adjetivo, temos predicativo, e não oração reduzida: *É **de admirar** (admirável) que isso ainda aconteça*."

Falo mais sobre isso no capítulo 28, de *Concordância*, em *Casos Especiais*.

Adjetivas

– *João não é homem **de meter os pés pelas mãos**.*

– *Consoante a Bíblia, a morte é o último inimigo **a ser destruído**.*

Adverbiais

– ***Apesar de estar machucado**, continua jogando bola.* (concessiva)

– ***Não obstante ser ainda um estagiário**, tinha postura de líder.* (concessiva)

– ***Sem estudar**, não passarão.* (condicional)

– ***A julgar pelas aparências**, os dois países formam uma aliança exemplar.* (condicional)

– *Ela passou mal, **de tanto comer balas**.* (causal)

– ***Por terem sido vítimas**, serão ressarcidas.* (causal)

– *Aquela cena o chocou* ***a ponto de lhe tirar o sono***. (consecutiva)
– *Nossos parentes são muitos leais* ***para serem nossos acusadores***. (consecutiva)

– *Ela estuda* ***para fazer um concurso***. (final)
– ***A fim de encontrar a verdade sobre Deus****, farei tudo!* (final)

– *Pense muito bem* ***antes de tomar uma ação***. (temporal)
– ***Ao se despedirem dos seus amigos****, guarde-os no coração.* (temporal)

Cuidado!!!

1) É praxe que as adverbiais reduzidas iniciadas pelas preposições *ao, a, para, por, sem* sejam, respectivamente, de tempo, condição, finalidade, causa e concessão/condição:

– ***Ao entrar****, faça silêncio.*
– ***A persistirem os sintomas****, o médico deverá ser consultado.*
– ***Para viajar****, é preciso dinheiro.*
– ***Por ser exato****, o amor não cabe em si.*
– ***Sem estudar****, passou.*
– ***Sem estudar****, não passa.*

* É raro as reduzidas finais virem sem preposição, mas é possível: "*Fomos ao cartório* ***assinar um documento***."

2) Há certas orações adverbiais não contempladas pela NGB:

– ***Em vez de você ficar pensando nele****, pense em mim*. (exclusão)
– ***Além de os lutadores serem agressivos****, eram ágeis.* (Cegalla pensa ser coordenada aditiva = *Os lutadores eram agressivos e eram ágeis.*)
– *Retirei-me discretamente* ***sem ser notado***. (modal)

Orações Reduzidas de Gerúndio

Podem ser coordenadas aditivas, substantivas apositivas, adjetivas ou adverbiais.

Coordenada Aditiva

– *Pagou a conta,* ***ficando livre dos juros****. (Pagou a conta* ***e ficou livre dos juros****.)*

– *O poeta residiu em Ilhéus na década de 20,* ***dedicando-se tão somente à literatura neste período****. (O poeta residiu em Ilhéus na década de 20* ***e se dedicou tão somente à literatura neste período****.)*

Obs.: No primeiro período, certos estudiosos (Bechara, p. ex.) cogitam a ideia de consequência, ou seja: "*Pagou a conta,* ***de modo que ficou livre dos juros***". No segundo período, outros entendem que a oração pode indicar finalidade: "*O poeta residiu em Ilhéus na década de 20,* ***para que se dedicasse tão somente à literatura neste período***.".

Substantiva Apositiva

– *Esta é a melhor maneira de conhecer as pessoas:* ***convivendo com elas****.*

– *O melhor caminho para chegar ao coração dela é este:* ***cantando liras****.*

Adjetiva

– *Criança* ***pedindo esmola*** *dói o coração.*

– *Na UPP, encontrei doze soldados* ***portando fuzis****.*

Adverbial

– ***Mesmo não tendo condições****, comprou um terno*. (concessiva)

– ***Sendo ele um rapaz tão arredio****, nunca lhes faltou com o respeito.* (concessiva)

– ***Agindo desse modo****, ninguém ficará com você.* (condicional)

– *"Chegarás facilmente lá,* ***querendo****."* (condicional; Said Ali)

– ***Temendo a reação do pai****, não contou a verdade*. (causal)

– *Agora vejo que errei,* ***mantendo-me calado****.* (causal; Cegalla)

– ***Saindo do estádio****, encontrei meus amigos. (temporal)*

– ***Em fazendo os trabalhos escolares****, deixarei que brinque na rua. (temporal/condicional)*

Obs.: Oração subordinada adverbial modal reduzida de gerúndio (não contemplada pela

NGB): *"O homem entrou na sala* ***dando empurrões.***". Oração subordinada adverbial de assunto reduzida de gerúndio: "***Em se tratando de seleção brasileira****, nós sempre falamos mal*.".

Orações Reduzidas de Particípio

Podem ser adjetivas ou adverbiais.

Adjetivas

– *Uma modelo* ***vinda da Bulgária*** *chamou a atenção de todos no Brasil.*

– *A notícia* ***divulgada pela mídia*** *era falsa.*

– *O nosso planeta,* ***ameaçado constantemente por nós mesmos****, ainda resiste.*

Adverbiais

Note que o particípio concorda em gênero e número com os termos a que se refere.

– ***Agredido pelo outro****, mantive a calma.* (concessiva)

– ***Mesmo derrotados pelo time adversário na primeira partida****, reergueram-se e conquistaram o título.* (concessiva)

– ***Aceitas as condições****, não haveria problemas.* (condicional)

– ***Tomados os Estados Unidos****, a Segunda Guerra teria outro fim.* (condicional)

– ***Preocupado com a prova****, ele se esqueceu da carteira.* (causal)

– ***Dada a notícia da herança****, as brigas começaram.* (causal/temporal)

– ***Terminada a aula****, todos pularam de alegria.* (temporal)

– ***Comprada a casa****, a família se mudou logo.* (temporal)

Cuidado!!!

1) As formas participiais nem sempre constituirão orações reduzidas; pois podem ser verdadeiros adjetivos com função de adjunto adnominal ou predicativo.

– *Os alunos foram* ***apaixonados*** *pela professora. (adjetivo, predicativo)*

– *Os alunos* ***gripados*** *voltaram mais cedo para suas casas. (adjetivo, adjunto adnominal)*

2) Em um período composto, a locução verbal ou o tempo composto não constituem oração reduzida. Para que haja oração reduzida com locução verbal, é necessário que o verbo auxiliar esteja em forma nominal do verbo (gerúndio, infinitivo, particípio)

– ***Tendo recebido o dinheiro****, comprarei o carro.* (oração reduzida de gerúndio)

– *Olhe com cuidado, pois as crianças estão brincando.* (locução verbal com o verbo auxiliar flexionado, fazendo parte de uma coordenada explicativa)

3) Devido ao paralelismo sintático, não se coordenam orações adjetivas reduzidas a orações desenvolvidas: *"Os candidatos* ***aprovados no exame médico e que estejam de posse da***

documentação *poderão apresentar-se à comissão."* (errado). / *"Os candidatos* ***aprovados no exame médico estando de posse da documentação*** *poderão apresentar-se à comissão."* (certo). O paralelismo exige que termos e orações de mesma função sintática se *combinem*, sejam *semelhantes*. Portanto o certo é usar duas orações *reduzidas* (***aprovados no exame médico*** e ***estando de posse da documentação***).

O Que Cai Mais na Prova?

As reduzidas adverbiais são bem frequentes. Cai muito também a reescritura delas (o desenvolvimento usando conectivo). Estude-as!

Questões de Concursos

(...) Mais uma vez, milhares de pessoas ganharam as ruas e forçaram os organizadores do encontro a antecipar o fim da reunião. (...)

1. (Esaf – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2000) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O trecho "a antecipar o fim da reunião" funciona como objeto indireto.

(...) O comportamento das pessoas em grupo, tornando suas ações conhecidas e avaliadas, segundo critérios éticos do mesmo grupo quanto ao caráter, às condutas ou às intenções manifestadas e assim por diante, só repercute no direito se extrapolarem os limites deste. (...)

2. (Esaf – Auditor Fiscal Receita Federal – SRF – 2002) (Aadaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A oração subordinada reduzida de gerúndio "tornando suas ações conhecidas e avaliadas" mantém seu valor adjetivo ao ser substituída pela desenvolvida adjetiva restritiva "que tornam suas ações conhecidas e avaliadas".

3. (FCC – TRT (15R) – Analista Judiciário – 2005) *A persistirem os sintomas, deve-se consultar o médico.*
A expressão sublinhada na frase acima tem o mesmo sentido que:
a) ainda que persistam;
b) tão logo persistam;
c) a menos que persistam;
d) caso venham a persistir;
e) mesmo se vierem a persistir.

4. (FGV – SSP-RJ – Perito Criminal – 2008) "Não vale a pena, nessa conjuntura, fragilizar o governo e sua política externa, como se fosse possível tornar esta matéria elemento decisivo para o jogo eleitoral para daqui a dois anos."
A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:
I. O sujeito do primeiro verbo do trecho é oracional.
II. O termo *elemento decisivo* tem função de predicativo do objeto.
III. O sujeito do verbo no subjuntivo é oracional.
Assinale:
a) Se apenas os itens I e II estiverem corretos.
b) Se apenas os itens I e III estiverem corretos.
c) Se apenas os itens II e III estiverem corretos.
d) Se nenhum item estiver correto.
e) Se todos os itens estiverem corretos.

5. (FGV – Senado Federal – Polícia Legislativa – 2008) "Em julho de 1898, temendo por sua saúde, escreveu um testamento, deixando para Carolina, sua esposa, entre outros bens, 7.000 contos em títulos da dívida pública do empréstimo nacional de 1895."
No período acima, a oração destacada tem valor:
a) condicional;
b) concessivo;
c) causal;
d) consecutivo;
e) conformativo.

(...) O capital, podendo optar por um investimento de porte em automação, em informática e em tecnologia de ponta, cada vez mais barata e acessível, não mais teria seu funcionamento embasado exclusivamente na exploração dos trabalhadores, cada vez mais exigentes quanto ao valor de sua força de trabalho. (...)

6. (Cespe/UnB – TST – Analista Judiciário – 2008) O valor de adjetivo do gerúndio em "podendo optar" fica preservado se essa oração reduzida for substituída pela subordinada adjetiva correspondente: **que pode optar**. Essa substituição manteria a coerência e a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"*Desde cedo, a cidade teve o mérito de dar ao homem a possibilidade de evoluir além da luta pela sobrevivência pura e simples.*"

7. (FCC – TRT/SP (2ª R) – Técnico Judiciário – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Há duas orações subordinadas, equivalentes a substantivos, com seus verbos no infinitivo.

8. (FUNCAB – Pref. Porto Velho/RO – Médico – 2009) Aponte o período em que a oração reduzida abaixo foi corretamente desenvolvida.
"Ninguém precisa ter medo da morte sabendo que seus genes serão imortais".
a) Ninguém precisava ter medo da morte de tal modo que sabia que seus genes são imortais.
b) Embora soubesse que seus genes eram imortais, ninguém precisou ter medo da morte.
c) Ninguém precisa ter medo da morte para saber que seus genes são imortais.
d) Mesmo que soubesse que seus genes são imortais, ninguém precisaria ter medo da morte.
e) Ninguém precisa ter medo da morte se sabe que seus genes serão imortais.

9. (FCC – TRT/MA (16R) – Técnico Judiciário – 2009) *Ao falarem de chuva ...*
A frase acima está corretamente transcrita, sem alteração do sentido original, em:
a) Quando falam de chuva ...
b) À medida que falam de chuva ...
c) Como falam de chuva ...
d) Visto que falam de chuva ...
e) Conquanto falem de chuva ...

10. (FCC – TRT/MA (16R) – Técnico Judiciário – 2009) O vapor liberado pela transpiração das árvores sobe na atmosfera.
O vapor encontra camadas de ar frio.
O vapor se condensa e forma as nuvens.
As frases acima encontram-se articuladas em um único período, com clareza, correção e lógica, em:
a) O vapor, quando vai subindo na atmosfera com o vapor da transpiração das árvores, vão encontrar camadas de ar frio se condensando e formando as nuvens.
b) A fim de ser liberado pela transpiração das árvores, o vapor que se condensa formando as nuvens, quando encontra camadas de ar frio na atmosfera.
c) Ao subir na atmosfera, o vapor liberado pela transpiração das árvores encontra camadas de ar frio e se condensa, formando as nuvens.
d) O vapor que encontra camadas de ar frio se condensa e formam as nuvens, quando é liberado pela transpiração das árvores, subindo na atmosfera.
e) O vapor se condensa formando as nuvens, sendo liberado pela transpiração das árvores que sobem na atmosfera, com as camadas de ar frio.

11. (FCC – TRT/MG (3R) – Técnico Judiciário – 2009) *Elas jogam milhões de toneladas de sedimentos no rio, <u>inviabilizando sua navegabilidade</u>.*
A oração grifada acima denota, considerando-se o contexto:
a) causa;
b) ressalva;
c) consequência;
d) temporalidade;
e) proporcionalidade.

12. (FGV – CODESP – Técnico em Informática – 2010) *Em 1994, foi criado o Conselho Nacional de Desenvolvimento Econômico e do Trabalho (National Economic Development and Labour Council – NEDLAC), cujo principal objetivo consistia em promover a integração entre governo, empresários e trabalhadores, tornando as decisões econômicas mais abrangentes para promover as metas do crescimento econômico e da igualdade social.*
Em relação ao período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. O período é composto por quatro orações.
II. Há duas ocorrências de predicativo do objeto.
III. Há um caso de oração subordinada substantiva objetiva direta.
Assinale:
a) Se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.
b) Se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
c) Se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
d) Se nenhuma afirmativa estiver correta.
e) Se todas as afirmativas estiverem corretas.

13. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2010) Em qual das orações reduzidas abaixo há **ERRO** quanto à circunstância a ela atribuída?
a) Sem pensar, poderá, no futuro, pagar caro por suas decisões. (condição)
b) Não vendo o mundo a seu redor, fez um julgamento que o prejudicou. (causa)
c) Apesar de ser orgulhoso, estava disposto a novas tentativas. (consequência)
d) Ao criticar o amigo, não se lembrou de que o mundo dá voltas. (tempo)
e) Para ser finalmente feliz, era preciso mais uma vez analisar seu passado. (finalidade)

14. (FUNCAB – PRODAM/AM – Analista de TI – 2010) A oração reduzida de gerúndio no período "Batendo de quina pode até matar" exprime, em relação à oração principal, a circunstância de:
a) causa;
b) comparação;
c) condição;
d) consequência;
e) concessão.

15. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
(...) Ao escolher um caminho, pondera-se que, de algum modo ou sob algum prisma, é o melhor em relação a outro (...)
– A oração reduzida *Ao escolher um caminho* informa circunstância de tempo.

16. (Cesgranrio – BACEN – Analista do Banco Central – 2010) "Vemos incontáveis estrelas, emitindo sua radiação eletromagnética, perfeitamente indiferentes às atribulações humanas."
No período acima, encontram-se uma oração:
a) principal e outra subordinada reduzida de infinitivo;
b) principal e outra subordinada adjetiva reduzida de gerúndio;
c) principal e outra subordinada adjetiva reduzida de particípio;
d) coordenada e outra subordinada adjetiva restritiva;
e) coordenada e outra subordinada reduzida de gerúndio.

17. (FAURGS – TJ/RS – Oficial Escrevente – 2010) Considere a estrutura sintática do período seguinte:
Quando jovem, atravessou o mundo no navio Beagle, colhendo espécies diversas da flora, observando o comportamento da fauna local, colecionando fatos e anotações.
A respeito desse período, assinale a alternativa **INCORRETA**.
a) A oração principal é *atravessou o mundo no navio Beagle*.
b) A sequência *Quando jovem* pode ser interpretada como uma oração subordinada adverbial proporcional, em que o verbo era está elíptico.
c) As orações *colhendo espécies diversas da flora / observando o comportamento* da *fauna local / colecionando fatos e anotações* estabelecem com a principal uma relação de subordinação explicitada pelo emprego do gerúndio.
d) As orações *colhendo espécies diversas da flora / observando o comportamento da fauna local / colecionando fatos e anotações* estabelecem entre si uma relação de coordenação em que está ausente a conjunção.
e) As orações *colhendo espécies diversas da flora / observando o comportamento da fauna local / colecionando fatos e anotações* classificam- se como subordinadas adverbiais, nas quais se observa uma relação de simultaneidade de eventos.

(...) Dada a extrema desigualdade no perfil brasileiro de distribuição de renda, os bons e os maus caminhos bifurcam-se logo adiante. (...)

18. (FCC – TJ/PI – Analista Judiciário – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A noção transmitida pelo segmento grifado em *Dada a extrema desigualdade no perfil brasileiro de distribuição de renda* permanecerá a mesma se ele for substituído por *Devido à extrema desigualdade*.

19. (Esaf – Auditor Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
(...) Por meio do aumento dos padrões de conforto e acesso à informação, essa civilização cria condições favoráveis para desafiar radicalmente os velhos laços de autoridade.
– Pode-se substituir o segmento "para desafiar" por "para que se desafiem".

20. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) Considerando-se apenas o trecho "Viver em ambiente sem gravidade faz coisas curiosas com o corpo", não se pode determinar, do ponto de vista sintático, o sujeito da forma verbal "faz".
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Para que a argumentação do texto seja coerente, a oração **"pertencendo a grupos sociais diferentes"** (Diferentes pessoas, pertencendo a grupos sociais diferentes, têm não apenas histórias diferentes para contar, mas formas diferentes de contá-las...) deve ser interpretada como condicional, correspondente à seguinte oração: *caso pertençam a grupos sociais diferentes*.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Preservam-se a coerência e a correção gramatical do texto ao se substituir "a separar" (... é ideal que o fosso material a separar as pessoas seja menos profundo) por **que separa**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

*Na Espanha, as mulheres estão prestes a **conseguir** mais uma vitória no que toca à igualdade de direitos entre os sexos. Um projeto de lei, em debate no parlamento espanhol, propõe que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai **vir** em primeiro lugar – deixando a cargo dos pais escolher a ordem dos sobrenomes. No caso de não **haver** consenso, porém, valerá a ordem alfabética.*

23. (COPEVE/UFAL – UFAL – Bibliotecário Documentalista – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Os verbos **conseguir**, **vir** e **haver** introduzem orações reduzidas de infinitivo.

24. (FESMIP/BA – MPE/BA – Analista de Sistemas – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"*Assim, **cabe frisar** que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural."*
– A expressão "Cabe frisar" forma uma locução verbal, uma vez que o verbo no infinitivo não pode ser desdobrado em uma oração com a presença de um conectivo.

25. (FCC – TRE/AP – Analista Judiciário – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
*A extensão do star-system não se dá sem uma forma de banalização ou mesmo de degradação − da figura pura da estrela, **trazendo** consigo uma imagem de eternidade, chega-se à vedete do momento, à figura fugidia da celebridade do dia; do ícone único e insubstituível, passa-se a uma comunidade internacional de pessoas conhecidas, "celebrizadas", das quais revistas especializadas divulgam as fotos, contam os segredos, perseguem a intimidade.*
– A forma *trazendo* expressa, na frase, sentido de condicionalidade, equivalendo a "se trouxer".

26. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) <u>Quando a bordo</u>, e <u>por não poderem acender fogo</u>, os viajantes tinham de contentar-se, geralmente, com feijão frio, feito de véspera.
Identificam-se nos segmentos grifados na frase acima, respectivamente, noções de:
a) modo e consequência;
b) causa e concessão;
c) temporalidade e causa;
d) modo e temporalidade;
e) consequência e oposição.

27. (FCC – TRE/TO – Analista Judiciário – 2011) *A principal delas é a reconstrução de cinco estações de pesquisa na Antártida, <u>para realizar estudos sobre mudanças climáticas, recursos pesqueiros e navegação por satélite, entre outros</u>.*
O segmento grifado na frase acima tem sentido:
a) adversativo;
b) de consequência;
c) de finalidade;
d) de proporção;
e) concessivo.

28. (Cesgranrio – Petroquímica Suape – Eletricista Pleno – 2011) "Eles vivem roubando tampas de bueiro e fiação dos postes da rua **para revender**."
A oração destacada se liga à primeira com determinada relação de sentido. Essa relação de sentido é caracterizada por uma ideia de:
a) proporção;

b) concessão;
c) finalidade;
d) comparação;
e) tempo.

29. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) Desenvolvendo-se a oração reduzida "Para ser notado, o porteiro teve que morrer", tem-se:
a) para ter sido notado;
b) para que fosse notado;
c) para que tenha notado;
d) para que seja notado;
e) para que se note.

30. (Cesgranrio – CITEPE – Mecânico Têxtil Pleno – 2011) A oração reduzida "Ela, <u>ao tentar puxar a ponta de fio do casulo</u>, fez com que fino fio de seda se desenrolasse" transmite uma ideia de:
a) finalidade;
b) concessão;
c) condição;
d) tempo;
e) consequência.

31. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "O diabo é **que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar**."
Na linha argumentativa do texto, a oração "que a gente banaliza o olhar" em relação à oração "de tanto ver" encerra uma:
a) causa;
b) consequência;
c) conformidade;
d) condição;
e) concessão.

32. (FCC – TRF (2R) – Analista Judiciário – 2012) ... *uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes <u>para garantir as ambições terrenas dos fiéis</u>.*
No contexto da frase acima, é correto dizer que o segmento grifado possui sentido de:
a) consequência;
b) finalidade;
c) concessão;
d) proporção;
e) condição.

33. (Vunesp – CREFITO/SP – Secretário da Presidência – 2012) Em – *Com o mChip, basta uma espetada e uma gota de sangue para o texto sair em minutos,* ***dizendo*** *na hora se a pessoa está saudável ou não*. – a expressão em destaque pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:
a) embora diga;
b) mas dirá;
c) visto que diga;
d) logo dirá;
e) e dirá.

Gabarito

1. CORRETA.	8. E.	15. CORRETA.	22. CERTO.	29. B.
2. INCORRETA.	9. A.	16. B.	23. CORRETA.	30. D.
3. D.	10. B.	17. B.	24. INCORRETA.	31. B.
4. E.	11. C.	18. CORRETA.	25. INCORRETA.	32. B.
5. C.	12. D.	19. CORRETA.	26. C.	33. E.
6. CERTO.	13. C.	20. ERRADO.	27. C.	
7. CORRETA.	14. C.	21. ERRADO.	28. C.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 25

Orações Intercaladas

Definição

Como verdadeiras orações justapostas, as **orações intercaladas** (ou **interferentes**) são aquelas que acrescentam um comentário, em determinado ponto da frase, acerca do que está sendo dito. Tais orações sempre são separadas por vírgulas, travessões, parênteses ou colchetes.

É bom dizer que a oração intercalada, na maior parte dos casos, não exerce função sintática alguma, por não manter relação sintática com oração alguma fora da intercalação.

Os comentários embutidos em tais orações têm determinados valores semânticos, como: **esclarecimento, opinião, desejo, desculpa, permissão, ressalva**. Vejamos a seguir...

Obs.: Não confunda o conceito de *intercalação* com *oração intercalada*. Certas expressões ou orações podem **estar** intercaladas, mas não **serem** orações intercaladas. Exemplo: *O mundo, **que é belo**, nunca irá perecer*. (a oração subordinada adjetiva está intercalada, ou seja, ela está no meio do período, separada por vírgulas). Uma *oração intercalada* (ou *interferente*), de fato, em tese, não exerce função sintática alguma, diferentemente do exemplo que acabamos de ver. Entenda melhor com a leitura do capítulo. No entanto, saiba que este assunto do capítulo tem 0,1% de chance de cair em prova, mas... vai que...

Tipos

1) Oração Intercalada de Citação (Discurso Direto)

Este tipo de oração intercalada é o único que, para a maioria dos gramáticos, exerce função sintática – normalmente **sujeito, objeto direto** ou **aposto**. Substitua essa oração intercalada (marcada por aspas ou travessão) por **isso** para ver a função sintática mais claramente.

Se você nunca ouviu falar em **discurso direto**, este é o momento. Dizemos que o discurso é direto quando a fala da personagem vem entre aspas ou antecedida por travessão.

– *Para os alunos, as aulas não estão boas: "**Precisamos imediatamente de um bom professor**!".*

Note que a oração intercalada só exercerá função sintática se houver um verbo **dicendi** (ou **elocutivo**) antecipando a fala da personagem. Veja exemplos desse tipo especial de oração intercalada, que exerce função sintática:

– *Foi avisado a mim diversas vezes: "**Menino, comece a estudar**!".* (**sujeito**: ***Isso*** *foi avisado a mim diversas vezes.*)

– *Avisou-se diversas vezes a mim: "**Menino, comece a estudar**!".* (**sujeito**: *Avisou-se* ***isso*** *diversas vezes a mim.*)

– *"**Menino, comece a estudar**!", meus parentes me avisaram diversas vezes.* (**objeto direto**: *Meus parentes me avisaram* ***isso*** *diversas vezes.*)

– *Meus parentes me avisaram algo diversas vezes: – **Menino, comece a estudar**!* (**aposto**)

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) *Si o incitavam a falar exclamava:*
– Ai! Que preguiça!...
e não dizia mais nada.

No fragmento, o período iniciado em "Si o incitavam a falar" inclui uma frase em discurso direto como complemento de verbo *dicendi*, seguida de oração coordenada, que se inicia em outra linha do texto.

(X) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: Todo período começa com letra maiúscula e termina em ponto, logo "*Si o incitavam a falar exclamava: – Ai! Que preguiça!... e não dizia mais nada.*" é um período. Dentro desse período, de fato existe uma frase em discurso direto como complemento direto do verbo **dicendi** *exclamar* (que é transitivo direto): *– Ai! Que preguiça!...* (tal oração justaposta tem função de objeto direto). Antes que você pire me perguntando o que é verbo **dicendi**, é simples: trata-se de todo verbo transitivo direto (ou VTDI), normalmente, que "abre" a fala de uma personagem; normalmente vem antes de dois-pontos. Dentro ainda do período, há de fato uma oração coordenada sindética aditiva "*e não dizia mais nada*". Este trecho é considerado um **período misto**, pois apresenta coordenação e subordinação. Falo melhor sobre isso no capítulo seguinte.

Certas orações intercaladas apresentam orações coordenadas e subordinadas dentro de si. Nesse caso, também podemos analisar sintaticamente as orações que constituem a oração intercalada.

2) Oração Intercalada de Esclarecimento

– *"Em 2006 – **isto aconteceu na minha formatura, cujo dia marcou minha vida** – nunca mais me esqueci de quão bom é ter um curso superior."*

Obs.: Como se viu, certas orações intercaladas apresentam orações coordenadas e subordinadas dentro de si. No caso acima, devemos analisar sintaticamente as orações que constituem a oração intercalada. Veja: "... – *isto aconteceu na minha formatura (oração principal), cujo dia marcou minha vida (oração subordinada adjetiva explicativa) – ...*". No entanto, o trecho intercalado entre travessões (oração intercalada) não exerce função sintática alguma em relação à oração que está fora dos travessões.

3) Oração Intercalada de Opinião

– *João (**por que esse nome é comum**?), por gentileza, venha aqui, quero falar com você.*

4) Oração Intercalada de Desejo

– *Encontramos seus pais lúcidos e alegres [**Deus os conserve assim**!], mesmo com mais de 90 anos.*

5) Oração Intercalada de Desculpa

– *"... não sei por que fenômenos de ventriloquismo cerebral (**perdoem-me os filósofos essa frase bárbara**) murmurei comigo..." (Machado de Assis)*

6) Oração Intercalada de Permissão

– *Meu nobre mestre (**permita-me aqui um elogio**), o senhor realmente mudou minha vida com seus ensinamentos.*

7) Oração Intercalada de Ressalva

– *O livro apresentado pela editora, que, **diga-se de passagem**, é a melhor do mercado editorial brasileiro, surpreendeu a todos.*

Adendo: É certo que as orações intercaladas podem apresentar outros propósitos, com outros valores semânticos, mas os principais foram alistados aqui. A chance de este assunto vir a cair em prova é ínfima!

Capítulo 26

Período Misto

Definição

Alguns períodos são considerados **mistos** porque apresentam estruturas oracionais de coordenação **e** subordinação.

Possibilidades de Período Misto

As orações subordinadas (substantivas, adjetivas ou adverbiais – desenvolvidas ou reduzidas) podem vir coordenadas, seja uma ao lado da outra sem conjunção coordenativa ligando-as, seja uma ao lado da outra com conjunção coordenativa ligando-as. Tais orações são chamadas de **equipolentes**.

Atenção! O papel da conjunção coordenativa é apenas marcar que as orações subordinadas **estão coordenadas entre si**, logo uma oração subordinada que venha depois de uma conjunção coordenativa nunca vai deixar de ser uma oração subordinada para se tornar uma oração coordenada.

Dica de amigo: o segredo para classificar as orações é perceber os conectivos (conjunções e pronomes relativos).

1) Orações Subordinadas Substantivas Coordenadas entre si

– *Espero* ***que você não me culpe, que não culpe meus pais*** ***nem*** ***que culpe meus parentes****.*

– *Sabe-se* ***que o homem é inocente*** ***e*** ***que nunca deveria ter sido colocado em situação vexatória****.*

– *É importante* ***que o lazer tenha seu lugar reservado na vida, mas o estudo é primordial****.*

Obs.: A conjunção integrante e/ou parte da oração subordinada substantiva pode(m) vir implícita(s) quando as subordinadas estão coordenadas entre si: *"Consta dos presentes autos* ***que o homem esteve utilizando no estabelecimento um equipamento inadequado para emissão de comprovantes e conseguindo, com isso, certos desvios relativos a eventuais prestações de conta***". Ou seja: *"Consta dos presentes autos* ***que o homem esteve utilizando no estabelecimento um equipamento inadequado para emissão de comprovantes e que o homem esteve conseguindo, com isso, certos desvios relativos a eventuais prestações de conta***".

2) Orações Subordinadas Adjetivas Coordenadas entre si

– *Os primitivos cristãos participavam das comemorações* ***que tinham raízes pagãs*** ***ou*** ***que não tinham****?*

– *Certos escritores brasileiros, como Jorge Amado,* ***que escreveu o romance Gabriela, Cravo e Canela*** ***e*** ***que escreveu o teatro O Amor do Soldado****, eram comunistas.*

– *A mulher* ***que é compreensiva****,* ***mas*** ***que é cautelosa*** *não deixa o marido sozinho.*

Obs.: O pronome relativo e/ou parte da oração subordinada substantiva pode(m) vir implícita(s) quando as subordinadas estão coordenadas entre si: *"Aquilo **que é saudável, é interessante e importa** deve ser enaltecido!"* Ou seja: *"Aquilo **que é saudável, que é interessante e que importa** deve ser enaltecido!"*. Se o relativo não exercer a mesma função sintática, recomenda-se repeti-lo: *"Aquilo **que é saudável e que eu considero importante** deve ser enaltecido!"*.

3) Orações Subordinadas Adverbiais Coordenadas entre si

– ***Não só quando estou presente mas também quando não estou**, sou discriminado.*

– ***Ainda que a reportagem vá ao ar, ainda que todos os jornais denunciem a lavagem de dinheiro ou ainda que o Papa dê seu testemunho sobre o fato**, nada mudará.*

– *Não devo nada a ninguém **porque pago minhas contas em dia e porque sou uma pessoa organizada**.*

Obs.: Numa série de orações subordinadas adverbiais coordenadas entre si, (1) pode a conjunção subordinativa se repetir, (2) se fragmentar ou (3) se omitir: (1) ***Depois que ela saiu e depois que ela entrou***, ninguém mais nada falou. / (2) ***Depois que ela saiu e que ela entrou***, ninguém mais nada falou. / (3) ***Depois que ela saiu e entrou***, ninguém mais nada falou.

4) Orações Coordenadas com Subordinadas no mesmo Período

– *Presume-se que as penitenciárias cumpram seu papel social, no entanto a realidade mostra o contrário.*

1ª oração: *Presume-se* (oração principal)

2ª oração: *que as penitenciárias cumpram seu papel social* (oração subordinada substantiva subjetiva da principal)

3ª oração: *no entanto a realidade mostra o contrário* (oração coordenada sindética adversativa da 1ª)

– *Os que aqui estão precisam entender que a chance não pode ser desperdiçada, por isso todos devem esforçar-se a fim de conseguir a vaga.*

1ª oração: *Os... precisam entender...* (oração principal da 2ª e da 3ª)

2ª oração: *... que aqui estão...* (oração subordinada adjetiva restritiva da 1ª)

3ª oração: *... que a chance não pode ser desperdiçada...* (oração subordinada substantiva objetiva direta da 1ª)

4ª oração: ... *por isso todos devem esforçar-se*... (oração coordenada sindética conclusiva da 1ª e principal da 5ª)

5ª oração: ... *a fim de conseguir a vaga*. (oração subordinada adverbial final reduzida de infinitivo da 4ª)

– *Neste dia – que linda manhã faz! – resolva logo os problemas que mais o aborrecem, que a vida é muito curta.*

1ª oração: *Neste dia... resolva logo os problemas*... (oração principal da 3ª)

2ª oração: ... – *que linda manhã faz!* –... (oração intercalada)

3ª oração: ... *que mais o aborrecem*... (oração subordinada adjetiva restritiva da 1ª)

4ª oração: ... *que a vida é muito curta.* (oração coordenada sindética explicativa da 1ª)

A Elipse na Análise Sintática

Às vezes, suprimem-se determinados elementos linguísticos em um enunciado, como uma oração, para tornar o período mais "leve". A elipse de orações é muito comum.

Peço-lhe cuidado! Não erre a análise de um período por não "ver" uma oração implícita (elipse). Isso é importante em questões de contagem de orações e suas respectivas classificações, tudo bem?

Veja exemplos de orações elípticas, e suas reescrituras:

– *"Para isto é que os quadros cresceram nas proporções que se sabe."* (Ruy Barbosa)

(= *"Para isto é que os quadros cresceram nas proporções que se sabe* ***que cresceram****."* – oração subordinada substantiva subjetiva)

– *"... e nessa hipótese, o mais acertado é deixá-la estar os três dias pedidos, e os mais dias que for necessário."* (Camilo Castelo Branco)

(=*"... e nessa hipótese, o mais acertado é deixá-la lá estar os três dias pedidos, e os mais dias que for necessário* ***deixá-la lá estar****."* – oração subordinada substantiva subjetiva)

– *As crianças são mais inocentes, segundo todos dizem.*

(= *As crianças são mais inocentes, segundo todos dizem* ***que são mais inocentes*** – oração subordinada substantiva objetiva direta)

– *Tão bom se ela estivesse conosco neste momento.*

(= ***Seria*** *tão bom se ela estivesse conosco neste momento.* – oração principal)

– *A rua estava deserta como um cemitério.*

(= *A rua estava deserta como um cemitério* ***é deserto****.* – oração subordinada adverbial comparativa)

– *O cão morrerá, se não de fome, de sede.*

(= *O cão morrerá, se não* ***morrer*** *de fome, de sede.* – oração subordinada adverbial de condição)

– *Assim que todos voltarem a estudar e a trabalhar para o bem da sociedade, o mundo será melhor.*

(= *Assim que todos voltarem a estudar e* ***assim que todos voltarem*** *a trabalhar para o bem da sociedade, o mundo será melhor.* – oração subordinada adverbial temporal)

– *O vento havia parado, mas a chuva não. Então as crianças brincaram de bola, de pique e de barcos na rua.*

(= *O vento havia parado, mas a chuva não* ***havia parado****. Então as crianças brincaram de bola, de pique e de barcos na rua.* – oração coordenada sindética adversativa)

– *À tarde houve uma festa muito grande em comemoração aos seus cinquenta anos de casamento, e à noite seresta, para comemorar.*

(= *À tarde houve uma festa muito grande em comemoração aos seus cinquenta anos de casamento, e à noite* ***houve*** *seresta, para comemorar.* – oração coordenada sindética aditiva)

– *Este assunto é simples, o outro também.*

(= *Este assunto é simples, o outro também* ***é*** *simples.* – oração coordenada assindética)

– *Eu nunca sei como, quando e onde ele vai atacar.*

(= *Eu nunca sei como* ***ele vai atacar****, quando* ***ele vai atacar*** *e onde ele vai atacar.* – orações subordinadas substantivas objetivas diretas justapostas)

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2005) "O período que se seguiu à Grande Guerra pode ser decomposto em três grandes fatias: de 1919 a 1924–28, *quando todos os países europeus procuraram liquidar os resquícios deixados pela guerra* ***e*** *voltar às condições econômicas normais* (...)"

– Com relação ao texto IV, assinale a opção incorreta.

c) A elipse na oração coordenada iniciada por "e" corresponde ao longo segmento oracional "quando todos os países europeus procuraram".

Comentário: Esta afirmação está correta. Constate: "*quando todos os países europeus procuraram liquidar os resquícios deixados pela guerra* ***e quando todos os países europeus procuraram*** *voltar às condições econômicas normais"*. Safo?

Normalmente a vírgula marca a elipse de uma oração, logo fica fácil de ver:

– *Ela gosta de filmes românticos; ele, de ação. (= ... ele* ***gosta de filmes*** *de ação)*

Agora... não "viaje" pensando que há elipse "a torto e a direito" dentro dos períodos, principalmente quando uma conjunção coordenativa liga termos de mesma função sintática (e não orações). Ou seja, na frase "*Todo mundo conhece alguém que sabe tudo sobre o futebol brasileiro ou sobre as regras gramaticais de concordância.*", não há duas orações, como se estivesse escrito assim: "*Todo mundo conhece alguém que sabe tudo sobre o futebol brasileiro ou* <u>*sabe tudo*</u> *sobre as regras gramaticais de concordância."*. A conjunção coordenativa <u>ou</u> liga termos, isto é: *sobre o futebol brasileiro* a *sobre as regras gramaticais de concordância*. Ok?

Modelo de Análise de um Período Misto

Observe este período misto:

No setor das comunicações, o monopólio não deixa de ser uma tendência natural, já que, ao contrário do que acontece em outros mercados, uma rede se torna mais valiosa à medida que mais pessoas a utilizam e a divulgam; uma rede que todo mundo usa, como o Facebook, vale muito mais que cem redes com usuários pulverizados.

(Luciano Trigo – ampliado)

Análise de todas as orações do período (preste atenção sempre nos conectivos, pois eles vão ajudá-lo na hora da classificação das orações):

1ª oração: ***... o monopólio não deixa de ser uma tendência natural...*** (oração principal da 2ª)

2ª oração: ***... já que, ao contrário do... uma rede se torna mais valiosa...*** (oração subordinada adverbial causal em relação à 1ª e principal em relação à 3ª e à 4ª)

3ª oração: ***... que acontece em outros mercados...*** (oração subordinada adjetiva restritiva da 2ª)

4ª oração: ***... à medida que mais pessoas a utilizam...*** (oração subordinada adverbial proporcional da 2ª)

5ª oração: ***... e a divulgam...*** (oração subordinada adverbial proporcional em relação à 2ª; a 4ª e a 5ª estão coordenadas entre si)

6ª oração: ***... uma rede ... vale muito mais...*** (oração coordenada assindética em relação à 2ª e principal em relação à 7ª e à 8ª)

7ª oração: ***... que todo mundo usa...*** (oração subordinada adjetiva restritiva da 6ª)

8ª oração: ***... que (valem) cem redes com usuários pulverizados***. (oração subordinada adverbial comparativa da 6ª)

Para conseguir analisar sintaticamente um período misto, é preciso muito treino, por isso, antes de partir para o período misto, faça muitas questões de orações coordenadas e subordinadas para "pegar a manha"!

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo é possível! Para quem pretende fazer provas de nível NASA, prepare-se bem! Apesar de não ser frequente em concursos, quem intenta cargos elevados... estude... estude muito este capítulo! Assustei você? Claro que não! Como diz o outro: *Deus é mais*!

Questões de Concursos

Repare que, principalmente a FGV, adora questões de período misto! Vai fundo!

1. (Esaf – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2002) Considere o seguinte período do texto para analisar os esquemas propostos abaixo: "Descumprir a lei gera o risco da punição prevista pelo Código Penal ou de sofrer sanções civis."

A = Descumprir a lei
B = gera o risco
C = da punição prevista pelo Código Penal
D = de sofrer sanções civis

Considerando que as setas representam relações sintáticas entre as expressões linguísticas, assinale a opção que corresponde à estrutura do período.

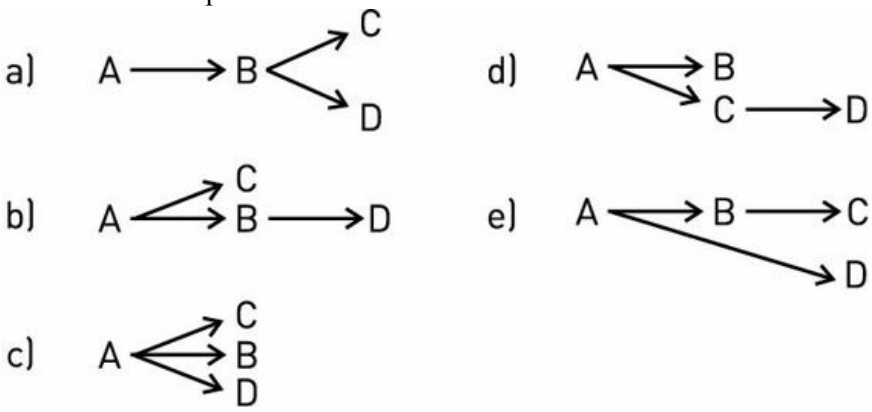

Olhamos e não vemos. Não conseguimos olhar nada pela primeira vez. ***Já o primeiro olhar é preconceituoso – dá informação falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada****, anterior ao ato de olhar.* ***O economista cheio de teorias pensa que sabe o remédio para a inflação, a origem da miséria, o segredo da estabilidade e quanto desaforo*** *a democracia agüenta.* ***Erra como o médico, o astrônomo ou o caixa que aceita o cheque do homem elegante****, de terno e cabelo com brilhantina que parece ser rico, mas é estelionatário. Só que no caso do economista,* ***não é apenas o paciente que fica com dor de cabeça, ou mais um cheque sem fundo****.* ***São 10% de desempregados. Um deles acaba apontando um revólver para a sua cabeça. Nada é visto pela primeira vez. Ninguém olha atentamente como*** *as corujas, antes de propor ou piar.*

2. (Esaf – Auditor Fiscal do Trabalho – 2006) Assinale o esquema que representa corretamente a estrutura sintático-semântica do período sintático retirado do texto (desconsidere a pontuação e as letras maiúsculas).

a) o primeiro olhar
→ é preconceituoso
→ dá informação
→ falsa
→ ou verdadeira
→ mas sempre pré-fabricada

b) O economista
→ cheio de teorias
→ pensa que sabe o remédio para
→ a inflação
→ a origem da miséria
→ o segredo da estabilidade
→ e quanto desaforo...

c) Erra como
→ o médico
→ o astrônomo
→ ou o caixa
→ que aceita o cheque do homem elegante

d) não é apenas o paciente que
→ fica com dor de cabeça
→ ou mais um cheque sem fundo

e) São 10% de desempregados
→ Um deles acaba apontando
→ um revólver
→ para sua a cabeça
→ Nada é visto pela primeira vez
→ Ninguém olha atentamente como....

3. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2007) Observe atentamente o trecho a seguir:

(...) A reflexão jurídica sobre o assunto, contudo, não se tem mostrado tão farta quanto aquela encontrada na economia. Isso se deve, talvez, à associação feita ao tema dos efeitos na utilização de recursos entre gerações especificamente na década de 70, quando o movimento ambientalista passou a formular um discurso jurídico mais sólido, angariando adeptos das mais variadas formações, em diversas partes do planeta. (...)

Analise sua estrutura sintática e avalie as afirmativas a seguir:

I. O primeiro período é composto por três orações.
II. No segundo período encontram-se orações reduzidas de particípio e de gerúndio.
III. No segundo período ocorrem dois casos de oração coordenada.
IV. A oração "quando o movimento ambientalista passou a formular um discurso jurídico mais sólido" classifica-se como subordinada adjetiva.

Assinale:

a) se somente as afirmativas I e II estiverem corretas;
b) se somente as afirmativas III e IV estiverem corretas;
c) se somente as afirmativas II e III estiverem corretas;
d) se somente as afirmativas I, II e IV estiverem corretas;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

"É importante que os contribuintes percebam que a política tributária é justa, a administração fiscal é proba, sensível e confiável, e os recursos arrecadados são corretamente aplicados."

4. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2008) A respeito da estrutura sintática do período acima, é correto afirmar que há:

a) cinco orações subordinadas e duas coordenadas entre si;
b) quatro orações subordinadas e três coordenadas entre si;
c) quatro orações subordinadas e duas coordenadas entre si;
d) cinco orações subordinadas e três coordenadas entre si;
e) três orações subordinadas e somente uma coordenada.

"Conduzo tua lisa mão / Por uma escada espiral / E no alto da torre exibo-te o varal / Onde balança ao léu minh'alma"

5. (FGV – SSP/RJ – Inspetor de Polícia Civil – 2008) Tomando o trecho acima como um período composto, há:

a) três orações, sendo duas subordinadas;
b) três orações, sendo uma subordinada;
c) quatro orações, sendo duas coordenadas;
d) quatro orações, sendo uma coordenada;
e) duas orações, sendo uma coordenada.

"Aqueles com aptidão a ajudá-los, se não estimulados por cenários competitivos, estarão fadados a não encontrar motivação para o exercício de suas funções."

6. (FGV – Senado Federal – Técnico Legislativo – Administração – 2008) A respeito do período acima, analise os itens a seguir:

I. O período é composto por quatro orações.
II. Há três orações reduzidas.
III. Há uma oração coordenada.

Assinale:

a) se todos os itens estiverem corretos;
b) se somente o item II estiver correto;
c) se somente o item III estiver correto;
d) se somente o item I estiver correto;
e) se nenhum item estiver correto.

(...) Da mesma forma, diarreias epidêmicas, parasitoses intestinais e outras enfermidades transmissíveis por meio da água contaminada têm sua incidência aumentada, tanto por causa das dificuldades de saneamento nas secas, quanto por contaminação com esgotos, lixo e dejetos de animais durante as enchentes. (...)

7. (FGV – Prefeitura de Angra dos Reis/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) O período acima:

a) é composto por coordenação;

b) é composto por subordinação;
c) é composto por coordenação e subordinação;
d) é simples;
e) apresenta orações reduzidas.

8. (Vunesp – TJ/SP – Agente de Fiscalização Judiciária – 2010) No trecho – ... *a empresa gostaria que o jogo fosse refeito, que a trapaça não tivesse acontecido*. – têm-se, além de uma oração principal:
a) duas orações coordenadas e três subordinadas;
b) três orações coordenadas e uma subordinada;
c) três orações subordinadas;
d) três orações coordenadas;
e) duas orações subordinadas coordenadas entre si.

(...) São numerosas oportunidades perdidas que se multiplicarão, se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento – e a qualidade da educação continuar baixa. (...)

9. (FGV – CODESP – Administrador – 2010) A respeito da composição do período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. Há uma oração principal.
II. Há duas orações subordinadas adverbiais.
III. O período é composto por coordenação e subordinação.
Assinale:
a) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
c) se todas as afirmativas estiverem corretas;
d) se nenhuma alternativa estiver correta;
e) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.

"Minha proposta é a de que o fundo partidário seja composto por uma quantia mínima para o partido manter uma estrutura básica."

10. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. O período poderia ser redigido, sem incorrer em inadequação gramatical ou semântica, da seguinte maneira: "Minha proposta é que o fundo partidário seja composto por uma quantia mínima para o partido manter uma estrutura básica."
II. O período é composto por três orações.
III. No período há uma oração reduzida de particípio.
Assinale:
a) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se nenhuma afirmativa estiver correta;
d) se todas as afirmativas estiverem corretas;
e) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.

Na Espanha, por exemplo, a recentíssima reforma do Código Penal – que atende diretivas da União Europeia sobre o tema – trouxe, no artigo 31bis, não só a possibilidade de responsabilização penal da pessoa jurídica (por delitos que sejam cometidos no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização será aferida nos casos concretos (ela será aplicável [...], em função da inoperância de controles empresariais, sobre atividades desempenhadas pelas pessoas físicas que as dirigem ou que agem em seu nome).

11. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. Há uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração coordenada sindética alternativa.
II. Há três orações na voz passiva, mas somente uma com agente da passiva explícito.
III. Há quatro orações subordinadas adjetivas desenvolvidas e uma oração subordinada adjetiva reduzida.
Assinale:
a) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
d) se nenhuma afirmativa estiver correta;

e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

12. (FGV – SEFAZ/RJ – Analista de Controle Interno – 2011) *É imprescindível que a tributação seja suportável e mais bem distribuída e todos contribuam com justiça e se beneficiem dessa contribuição.* (L.6-8)

Em relação ao período acima, atribua a seguinte convenção: **QUE** = Δ e **E** = +.

Assinale a alternativa que melhor represente a estrutura do período.

a) É imprescindível Δ [a tributação (A + B) + todos (D + E)].
b) É imprescindível Δ (a tributação A + B + todos D + E).
c) É imprescindível Δ (a tributação A + B) + (todos D + E).
d) É imprescindível Δ (a tributação A) + b) + (todos D) + e).
e) É imprescindível Δ a tributação (A + B) + [todos (D + E)].

Aquele que age na direção da lei como que age contra a moral caracterizada pelo "fazer como a grande maioria", levando em conta que no âmbito da corrupção se entende que o que a maioria quer é "dinheiro".

A respeito do período anterior, analise as afirmativas a seguir.

I. O período apresenta orações coordenadas e subordinadas.
II. Há ocorrência de exemplo de oração reduzida.
III. Há ocorrência de exemplo de oração subordinada substantiva objetiva direta.

13. (CONSULPLAN – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale:

a) se todas as afirmativas estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
d) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

Gabarito

1. A.	8. E.
2. A.	9. C.
3. D.	10. E.
4. B.	11. E.
5. B.	12. A.
6. D.	13. B.
7. D.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 27

Pontuação

Definição

Antes de qualquer coisa, saiba que Pontuação e Sintaxe andam de mãos dadas!

– Ahn? O Pest enlouqueceu de vez... Desde quando pontuação tem a ver com sintaxe, Pestana? Eu aprendi, desde criancinha, que **vírgula** é uma **pausa**.

– Meu nobre, calma. Primeiro, pontuação não é só vírgula, apesar de sabermos que ela é a "menina dos olhos" das bancas de concursos públicos. Vamos falar, sim, especialmente sobre a **vírgula** e a **sintaxe**. A tal pausa marcada pela vírgula nem é tão importante assim, mas o conhecimento de análise sintática de período simples e composto... Você vai descobrir ao longo do capítulo se estou "viajando" ou não. *Relax*... Vou dizer mais! Fique atento também ao seguinte: a vírgula tem uma relação muito grande com a semântica e com o objetivo discursivo do falante. Você já deve ter ouvido falar que "uma vírgula muda tudo", não é?

Veja a Campanha dos 100 anos da ABI
(Associação Brasileira de Imprensa)

Vírgula, aquele sinal incômodo que às vezes sobra, às vezes falta, e outras vezes muda o sentido do texto.

A vírgula pode ser uma pausa... ou não.

Não**,** espere.
Não espere.

Ela pode sumir com seu dinheiro.

23**,**4.
2**,**34.

Pode ser autoritária.

Aceito**,** obrigado.
Aceito obrigado.

Pode criar heróis.

Isso só**,** ele resolve.
Isso só ele resolve.

E vilões.

Este**,** juiz**,** é corrupto.
Este juiz é corrupto.

Ela pode ser a solução.

Vamos perder**,** nada foi resolvido.

Vamos perder nada**,** foi resolvido.

A vírgula muda uma opinião.

Não queremos saber.

Não**,** queremos saber.

Isto serve para nos lembrar que vírgula não é problema de gramática, mas de informação.

ABI: 100 anos lutando para que ninguém mude uma vírgula da sua informação.

Lembre-se: a Pontuação, principalmente a vírgula, está ligada diretamente ao seu conhecimento de análise sintática. Você precisará reconhecer o sujeito, o verbo, os complementos, os adjuntos... Precisará também dominar orações coordenadas, subordinadas... Ok? Até porque muitas vezes a presença ou ausência da vírgula poderá mudar *não só o sentido* (facilmente perceptível na propaganda anterior), mas também a análise sintática.

Por exemplo, nas frases abaixo, há mudança de sentido e de classificação sintática:

1) "Este**,** juiz**,** é corrupto" e "Este juiz é corrupto"; *juiz* entre vírgulas tem função de vocativo; sem vírgulas, sujeito.
2) "Vamos perder**,** nada foi resolvido" e "Vamos perder nada**,** foi resolvido"; o primeiro *nada* é sujeito; o segundo, objeto direto.

Veja que poema intrigante, cujo poeta, muito astuto, faz uma declaração de amor para três mulheres que estavam apaixonadas por ele: Soledade, Lia e Iria. Conforme a pontuação que cada uma empregasse na leitura, o poeta diria que amava ou Soledade, ou Lia, ou Iria:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão
Digo que amo Soledade
Não Lia cuja bondade
Ser humano não teria
Não aspiro à mão de Iria
Que não tem pouca beldade.

Ama-se Soledade assim:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão,
Digo que amo Soledade
Não Lia, cuja bondade
Ser humano não teria.
Não aspiro à mão de Iria,
Que não tem pouca beldade.

Ama-se Lia assim:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão,
Digo que amo Soledade?
Não! Lia, cuja bondade
Ser humano não teria.
Não aspiro à mão de Iria,
Que não tem pouca beldade.

Ama-se Iria assim:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão,
Digo que amo Soledade?
Não! Lia, cuja bondade
Ser humano não teria?
Não! Aspiro à mão de Iria,
Que não tem pouca beldade.

Gostou? Pois bem... para começarmos bem a “brincadeira”, vamos aos sinais de pontuação

tradicionalmente usados nos textos de nossa língua:

- Vírgula [**,**]
- Ponto e Vírgula [**;**]
- Dois-pontos [**:**]
- Ponto [**.**]
- Ponto de Interrogação [**?**]
- Ponto de Exclamação [**!**]
- Travessão [**–**]
- Parênteses [**( )**]
- Aspas [**“ ”**]
- Reticências [**...**]

Vírgula

Antes de tudo, sobre vírgula, é bom reiterar que seu conhecimento de sintaxe precisa estar "em dia" para que entenda bem o que vou dizer a partir de agora, beleza?

A vírgula pouco ou nada tem a ver com prosódia, mas tem muito a ver com sintaxe. Estou insistindo nisso porque algumas pessoas colocam vírgulas por causa de pausas feitas na fala. A vírgula, na escrita, não necessariamente é uma pausa na fala, tampouco é usada para pausar quando se lê um trecho virgulado.

Assim, vale dizer que o importante é, primeiro, saber em que situações gerais não se usa a vírgula.

1) A vírgula não pode ser usada entre o sujeito e logo após o seu verbo.

– *Todos os alunos daquele professor, entenderam a explicação.*

Cuidado!!!

1) Em orações substantivas com **função de sujeito** iniciadas por *quem*, a vírgula entre tal oração e o verbo da principal é **facultativa**, segundo Luiz A. Sacconi: "Quem lê sabe mais." ou "Quem lê, sabe mais.". Os demais gramáticos nada falam sobre isso, logo deduzimos que não pode haver vírgula entre sujeito e verbo. Ponto final! Mas... fique atento a essa "visão excepcional" do Sacconi. Veja uma questão sobre essa estrutura:

18. (FCC – TRT/GO (18ª R) – Analista Judiciário – 2008) Está inteiramente adequada a pontuação da seguinte frase:
a) Quem cuida da saúde, conta com os recursos do corpo, já quem cultiva uma amizade, conta com o conforto moral.

Comentário: O gabarito está em outra alternativa, mas quem se importa com isso? Vamos à letra A. Observe que ela deveria ter sido redigida assim: "***Quem cuida da saúde (sujeito) conta (verbo)*** *com os recursos do corpo, já* ***quem cultiva uma amizade (sujeito) conta (verbo)*** *com o conforto moral.*". Isto é, não se coloca vírgula entre o sujeito e o seu verbo, mesmo que o sujeito seja oracional. Esta é a visão tradicional! Não erre mais!

2) Por mais que o sujeito esteja deslocado no período, nunca será separado por vírgula: *"Ficaram inconformados com a notícia da proibição de qualquer manifestação religiosa* ***os evangélicos e os católicos****."*

2) A vírgula não pode ser usada entre o verbo e logo após o seu complemento (objeto direto, indireto (em forma de oração, inclusive)) ou predicativo do sujeito.

– *Os alunos entenderam, toda aquela explicação do professor sobre vírgula.*

– *Os alunos precisam, de uma explicação detalhada sobre vírgula.*

– *Os alunos entenderam, que precisam estudar bem a vírgula.*

– *Os alunos precisam de, que os professores os ajudem.*

– *Os alunos ficaram, satisfeitos com a explicação.*

Obs.: Alguns verbos de ligação que se tornam intransitivos, quando vêm acompanhados de adjunto adverbial de lugar, **não** são separados por vírgula desse adjunto: *"Os alunos ficaram, em casa."* (errado) / *"Os alunos ficaram em casa."* (certo). Por motivo de ênfase, entretanto, pode-se colocar a vírgula.

Outro ponto importante: se o complemento vier deslocado da sua posição original, será possível a separação por vírgula (normalmente por motivo de clareza): *"Toda aquela explicação do professor sobre vírgula, entenderam os alunos."* / *"De explicações detalhadas sobre vírgula, precisam os alunos."*

Nas duas próximas frases, a vírgula é obrigatória, pois separa um predicativo do sujeito: *"Satisfeitos com a explicação, os alunos ficaram."* / *"O ex-presidente Lula, de 67 anos, governou o Brasil por 8 anos."*.

3) A vírgula é facultativa entre o complemento de um verbo e logo após um adjunto adverbial.

– *Nossos alunos ficaram exercitando questões de vírgula ontem à noite.*

– *Nossos alunos ficaram exercitando questões de vírgula, ontem à noite.*

Cuidado!!!

1) Um advérbio só, como o **não** ou o **nunca** antes do verbo, modificadores intrínsecos do verbo, jamais é separado por vírgula: *Eu **não** vou mais errar esta questão.* / ***Nunca** errarei esta questão.*

2) Se o adjunto adverbial de **curta extensão** (normalmente formado por um ou dois vocábulos) estiver deslocado em qualquer posição na frase, a vírgula será **facultativa** também: *"De fato estes alunos são mais interessados*." ou *"De fato, estes alunos são mais interessados."*. Celso Cunha diz que a vírgula é facultativa entre o adjunto adverbial (mesmo não sendo de curta extensão) no início da oração e o verbo: *"Por cima daquele prédio(,) formavam-se muitas nuvens."*. Esta questão de curta ou longa extensão às vezes é subjetiva... para variar...

4) A vírgula não pode ser usada entre um substantivo e seu complemento nominal ou adjunto adnominal.

– *Todos os alunos, daquele professor entenderam a explicação.*

Obs.: Em títulos de livros seguidos de nomes de autores, o adjunto adnominal vem sempre entre vírgulas: "O 'Dom Quixote', *de Cervantes*, é a grande obra prima espanhola do maneirismo.". Só conheço essa exceção.

5) A vírgula não pode ser usada entre a locução verbal de voz passiva e o agente da passiva.

– *Todos os alunos foram convidados, por aquele professor para a Feira.*

Normalmente as questões de concursos relativas à vírgula tratam do que eu acabei de falar. As pontuações erradas anteriores são bizarrices de grande porte! Se aparecer isso na prova – **atenção!** –, não titubeie, acerte e seja feliz!

"Pestana, se houver um termo, uma expressão ou uma oração intercalada entre o sujeito e o verbo, ou entre o verbo e o complemento, ou entre o complemento e o adjunto adverbial, ou entre a locução verbal de voz passiva e o agente da passiva? Como fica a posição da vírgula?"

Bem, normalmente as vírgulas são colocadas entre termos que interrompem a estrutura **S V C A**. Veja:

1) Sujeito, ..., verbo + complemento + adjunto adverbial

– *O professor do curso, Fernando Pestana, ministra aulas de Português.*

2) Sujeito + verbo, ..., complemento + adjunto adverbial

– *Eu estudei, Pestana, toda a aula de ontem, ok?*

3) Sujeito + verbo + complemento, ..., adjunto adverbial

– *O professor explicou Pontuação, que é minha maior dificuldade, magistralmente.*

4) Locução verbal de voz passiva, ..., + agente da passiva

– *Fui homenageado, ontem à noite, por alguns alunos e amigos.*

Bem... se você compreender todas as informações anteriores, terá "mais do que meio caminho andado", pois tais questões são recorrentes em concursos.

Para sistematizar mais ainda a vírgula, vejamos seu uso **dentro do período simples** e **dentro do período composto.**

A Vírgula dentro do Período Simples

Alguns exemplos foram retirados do *Manual de Redação da Presidência da República* para melhor ilustrar o assunto.

1) Separa termos de mesma função sintática, numa enumeração.

– *Simplicidade, clareza, objetividade, concisão são qualidades a serem observadas na redação oficial.*

– *Devemos observar a simplicidade, a clareza, a objetividade e a concisão na redação oficial.*

Obs.: Como se viu, numa enumeração, pode-se dispensar a conjunção que liga o penúltimo

ao último elemento e deixar só a vírgula.

2) Separa aposto explicativo.

– *Aristóteles,* ***o grande filósofo****, foi o criador da Lógica.*

Obs.: Em *"Nós ocidentais somos capitalistas."* ou *"Nós, ocidentais, somos capitalistas."*, a análise sintática muda, por isso podemos ou não usar vírgulas. Na primeira frase, *ocidentais* é um adjetivo com função de adjunto adnominal de *nós*, por isso não vem separado por vírgulas. Na segunda frase, *ocidentais* é um substantivo com função de aposto explicativo, por isso as vírgulas são obrigatórias. Isso já foi questão de prova na FCC (TCE-SP – AGENTE DE FISCALIZAÇÃO FINANCEIRA – 2012 – QUESTÃO 10 – OPÇÃO E). Outra coisa: quando um aposto com núcleo implícito vier introduzido por uma expressão denotativa (*até mesmo, pelo menos, inclusive* etc.), ficará entre vírgulas: *"Todos os alunos****, até mesmo (os) de nível médio,*** *entenderam a explicação."*.

3) Separa vocativo.

– *Brasileiros, é chegada a hora de votar.*

4) Separa predicativos do sujeito deslocados.

– *Sereno e tranquilo, o condenado esperava sua morte.*

– *O condenado, sereno e tranquilo, esperava sua morte.*

Obs.: Por uma questão estética ou de clareza de pensamento, a pausa marcada pela vírgula antes de um predicativo do sujeito em sua posição original, ou seja, após o verbo, é conveniente: *"Meu filho passou em um grande concurso****, avesso a todas as palavras derrotistas.****"*.

5) Separa termos (objeto direto ou indireto, normalmente) deslocados de sua posição normal na oração (caso facultativo).

– *As explicações sobre vírgula, o professor procurou lhes dar?*

Obs.: Se o objeto estiver no início da oração e vier depois um objeto pleonástico, a vírgula pode não figurar, segundo Sacconi: "*Aos amigos*(,) ninguém *lhes* dá a devida atenção". Para Rocha Lima, a vírgula é obrigatória nesse caso. Gladstone Chaves de Melo atesta que, assim como o sujeito, um objeto deslocado não pode ser separado por vírgula do seu verbo: "*<u>As explicações</u> procurou lhes dar o professor?"*. Confrontando as opiniões diversas, podemos dizer que a vírgula é facultativa quando o objeto vem deslocado. Assim encarou o Cespe/UnB STJ – TÉCNICO Judiciário – 2012 – QUESTÃO 5.

6) Separa (facultativamente) as expressões *para mim, para ti ou para si* (ou sinônimas) quando indicam benefício próprio ou posse, independentemente de sua posição na frase.

– *Para mim(,) nada é melhor que acordar depois do meio-dia e dormir depois da meia-noite.*

7) Separa termos repetidos.

– *Aquele aluno era esforçado, esforçado.*

8) Separa os adjuntos adverbiais deslocados.

– *A multidão foi, aos poucos, avançando para o palácio.*

Obs.: Como já explicado, a vírgula só será facultativa se o adjunto adverbial for de curta extensão. A maioria dos gramáticos entende que a vírgula é obrigatória quando o adjunto adverbial de grande extensão está deslocado. Mas o que é grande extensão ou curta extensão? Este é um dos mistérios gramaticais. No entanto, fui à fonte correta sobre o assunto e veja o que ela disse:

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá! As gramáticas ensinam que adjuntos adverbiais deslocados de curta extensão podem ser ou não separados por vírgula. Exemplo: *Finalmente ela chegou* ou *Finalmente, ela chegou*. Quantos vocábulos um adjunto adverbial deslocado precisa ter para ele não ser considerado de curta extensão e consequentemente ser sempre separado por vírgula? Obrigado!

Resposta: Prezado consulente, uma locução adverbial com três ou mais palavras já não é de curta extensão e demanda obrigatoriamente a utilização da vírgula.

Sobre isso, veja uma questão: CESPE/UnB – STM – ANALISTA – 2011 – QUESTÃO 1.

9) Separa certas expressões explicativas, retificativas, exemplificativas, como: *isto é, ou seja, ademais, a saber, melhor dizendo, ou melhor, quer dizer, por exemplo, além disso, aliás, antes, com efeito, data vênia, digo.*

– *O político, a meu ver, deve sempre usar uma linguagem clara, ou seja, de fácil compreensão.*

A Vírgula dentro do Período Composto

1) Marca a elipse de um verbo (às vezes, de seus complementos).

– *O decreto regulamenta os casos gerais; a portaria, os particulares. (= ... a portaria regulamenta os casos particulares)*

– *Em 1994, Romário ganhou a Copa do Mundo; em 2002, Ronaldo. (= ... em 2002,*

Ronaldo ganhou a Copa do Mundo)

2) Separa orações coordenadas assindéticas.

– *Levantava-me de manhã, entrava no chuveiro, organizava as ideias na cabeça...*

– *A honestidade "deveria" ser a ordem do dia, não "poderia".*

3) Não separa as orações coordenadas sindéticas aditivas ligadas por *e* ou *nem*.

– *Muitos policiais estão envolvidos em receptação e continuam a envolver-se.*

– *Aqueles policias não estão envolvidos em receptação nem procuram envolver-se.*

Cuidado!!!

1) Ligando orações com sujeitos diferentes, alguns gramáticos, como William R. Cereja e Bechara, dizem que a vírgula é **facultativa**: *"Muitos policiais estão envolvidos em corrupção(,) e os políticos não deixam para menos."*. No entanto, para a maioria dos gramáticos, é obrigatória!

2) O *e* com valor adversativo (= *mas*), conclusivo/consecutivo (= *portanto*) ou enfático é separado por vírgula, segundo muitos gramáticos, como Luiz A. Sacconi e Hildebrando André: *"Ele sempre chega atrasado, **e nunca leva bronca do patrão.**"* / *"Ela foi prorrogada, **e não anulada**."* / *"Eles violaram a lei, **e** foram presos*. (Neste caso, Sacconi diz ser facultativa) / *"Neguei-o eu, **e** nego."* (Rui Barbosa).

3) Se as conjunções vierem repetidas (polissíndeto), a vírgula é obrigatória: *"Muitos policiais estão envolvidos em corrupção, **e** tramas obscuras, **e** conluios, **e** todo tipo de intrigas escusas."*. Qualquer polissíndeto (e, ou, nem...) vem separado por vírgula: *"João, **ou** Maria, **ou** Pedro, **ou** José são personagens bíblicos."/ "**Nem** o sol, **nem** o mar, **nem** o brilho das estrelas..."*. Falando em "nem", Sacconi diz que tal conjunção pode vir antecedida de vírgula quando liga orações de maior extensão: *"O pai não permitia que as filhas ficassem à janela**,** nem que saíssem à rua."*.

6. (FGV – PC/RJ – Inspetor – 2008) *Porém, havendo um número "excepcionalmente elevado" de estrangeiros, estes podem ser mesclados aos presos comuns, e as famílias podem ser separadas.* (L.30-33)

No trecho acima, seguindo as regras da boa discursividade, utilizou-se apropriadamente a vírgula antes da conjunção **e**. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.

a) Eles se esforçaram muito, e acabaram sendo reprovados.
b) Eles chegaram à janela muito timidamente, espiaram com cuidado, e depois abriram um sorriso.
c) A turba gritava, e vociferava, e brandia ameaçadoramente.
d) Fiz, e faria tudo novamente.
e) Ele esperava, naquela tarde, a chegada do malote, e, depois, ela esperaria após anoitecer.

Comentário: O gabarito é a B, pois não se coloca vírgula antes da conjunção *e*, quando ela liga orações com sujeitos iguais. Em A, o *e* tem valor adversativo (= *mas*), por isso usa-se a vírgula. Em C, há polissíndeto, por isso as vírgulas são obrigatórias antes do *e*. Em D, a vírgula antes do *e* é enfática, reiterando uma ideia anterior. Em E, a vírgula antes do *e* se

justifica, pois liga orações com sujeitos diferentes.

7. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) *Os sócios e colaboradores dificilmente são consultados, e muitas vezes o apoio reflete mais as posições pessoais dos controladores do que os valores e princípios das empresas.* (L.9-13)

A respeito da vírgula no período acima, é correto afirmar que:

a) está correta, pois se trata de vírgula antes da conjunção E com valor adversativo;
b) está correta, pois é caso de vírgula antes da conjunção E que inicia oração com sujeito diferente do da anterior;
c) está incorreta, uma vez que não é necessário usar vírgula já havendo a conjunção E, mesmo sem valor aditivo;
d) está incorreta, já que introduz oração aditiva, mesmo que os sujeitos sejam diversos;
e) é facultativa, pois as orações apenas se justapõem e não se coordenam.

Comentário: O gabarito é a B. Veja que o *e* liga orações com sujeitos diferentes: *[Os sócios e colaboradores] dificilmente são consultados, **e** muitas vezes [o apoio] reflete mais as posições pessoais dos controladores do que os valores e princípios das empresas.*

4) Quando **termos** de mesma função sintática aparecem unidos pelas conjunções *e, nem, ou*, não se usam vírgulas, a não ser que as conjunções apareçam repetidas: *"Tenho muito cuidado com meus filhos e filhas." / "Ou você, ou sua esposa deve comparecer à reunião de pais."*.

5) Alguns gramáticos, em seus exemplos de oração coordenada sindética aditiva com ***"não só... mas também (e sinônimas)"***, separam por vírgula, já outros, não: *"**Juçara não só trabalha, mas também estuda."*** **(Sacconi) /** ***"Os livros não só instruem mas também divertem."*** **(Cegalla)**. Como isso é controverso, logo podemos dizer que faculta? Seria sensato, não? O Cespe/UnB analisou a questão, porém, de acordo com os gramáticos que dizem ser obrigatória a vírgula separando séries aditivas enfáticas, a saber: Luiz A. Sacconi e José C. Azeredo (consulte: Cespe/UnB – UERN – TÉCNICO DE nível superior – 2010 – QUESTÃO 15).

6) A conjunção ***e*** pode vir entre vírgulas se estas forem usadas para outras estruturas na oração: *A casa, muito antiga, e, além dela, o edifício, moderníssimo, formavam visível contraste*. (As duas primeiras vírgulas são para o predicativo do sujeito deslocado; a terceira e a quarta vírgula são usadas para a expressão intercalada; as duas últimas separam o predicativo do sujeito.)

7) Segundo o professor Cláudio Moreno, para evitar a ambiguidade, usamos a vírgula. Nas palavras dele... *"Os convidados eram João e Maria, Paulo e Virgínia, **e** eu."* (eu estava desacompanhado); *"As almofadas podem ser feitas em branco e preto, vermelho e branco, **e** azul."* (ou vermelho e branco, ou azul). *"O bem-humorado Quinion brinca com a hipótese de alguém dedicar seu livro 'To my parents, Mary and God. (Para meus pais, Maria **e** Deus)"*. (...) devemos usar uma vírgula antes do *e* para evitar que os leitores tomem *Maria* e *Deus* como aposto de *meus pais* e nos mandem internar no hospício por absoluto delírio de grandeza: "Para meus pais, Maria, **e** Deus.". Alguns chamam essa vírgula de "Vírgula de Oxford ou Vírgula Serial". O gramático Sacconi

registra exemplos desse caso, ou seja, vírgula antes de uma conjunção que precede o último item de uma enumeração. Ele vai além e diz que se pode usar a vírgula (ou travessão) antes do *e* quando se deseja pausa seguida de ênfase ao que vem a seguir: *"Ele sairá daqui logo, e espero que nunca mais volte!"* ou *"Ele sairá daqui logo – e espero que nunca mais volte!"*. Sobre o uso de *e* antecedido de vírgula por motivo de ênfase, consulte: Esaf – SRF – AFRFB – 2012 – QUESTÃO 48 (P1-G1).

4) Separa as orações coordenadas sindéticas adversativas.

– *O dono de uma empresa demitiu 60% dos empregados, mas se arrependeu dias depois.*

Cuidado!!!

1) O *mas* nunca pode ser deslocado na oração, mas as outras conjunções adversativas (*porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante*), quando deslocadas por qualquer parte da oração, são separadas por vírgula: *"A maioria das pessoas julgam indiscriminadamente; eu**, porém,** não o faço. (eu não o faço**, porém**)*". Mesmo após o ponto e vírgula ou o ponto, a conjunção pode vir separada por vírgula: *"A maioria das pessoas julgam indiscriminadamente; **porém,** eu não o faço."* ou *"A maioria das pessoas julgam indiscriminadamente. **Porém,** eu não o faço."*.

2) Apesar de, em certos textos modernos, normalmente de registro literário, **não** encontrarmos vírgula antes de orações coordenadas sindéticas adversativas iniciadas por "mas", a regra gramatical <u>unânime</u> diz que a vírgula é obrigatória. Veja:

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

ABL RESPONDE

Pergunta: Bem, desejo saber uma coisa: a vírgula antes da conjunção *mas* iniciando oração coordenada sindética adversativa é facultativa ou obrigatória? É assim: "*João foi, mas não voltou?"*. Pode ser assim: *"João foi mas não voltou?"*. Aguardo ansioso!

Resposta: Prezado, a conjunção adversativa *mas* <u>deve</u> ser antecedida por vírgula. (friso meu)

Para ter mais do que certeza, consulte: FUNDATEC – DETRAN/RS – TÉCNICO DE nível superior – 2009 – QUESTÃO 8.

Veja isto: FCC – SERGIPE GÁS S.A. – ADMINISTRADOR – 2013 – QUESTÃO 13 (assertiva I):

3) Ressalto que entre dois termos (de valor adjetivo) da frase, a vírgula não é obrigatória. Tal exemplo se vê apresentado por Celso Cunha e Lindley Cintra, em *Nova Gramática do Português Contemporâneo*: "Uma luz *bruxuleante* **mas** *teimosa* continuava a brilhar nos seus olhos.".

5) Separa as orações coordenadas sindéticas alternativas (ou... ou..., ora... ora..., quer... quer...).

– *Ora ele procura resolver algumas situações com paciência, ora decide fazer justamente o avesso.*

Obs.: No caso de *ou* retificativo, a vírgula se fará necessária quando houver pausa: *"A nossa paixão,* ***ou nossa mera ligação****, já se esvaiu."*. Por motivo de ênfase, podemos usar vírgula antes de *ou*: *"Iremos embora,* ***ou transporemos essas etapas sem medo****?"*.

6) Separa as orações coordenadas sindéticas conclusivas.

– *Os atores fizeram um grande espetáculo, por isso toda a plateia os aplaudiu efusivamente.*

Obs.: As conjunções coordenativas conclusivas, se deslocadas para qualquer parte da oração, são separadas por vírgula sempre: *"Os atores fizeram um grande espetáculo; toda a plateia****, portanto,*** *os aplaudiu efusivamente (toda a plateia os aplaudiu efusivamente****, portanto****)*." Alguns gramáticos, como Sacconi, dizem que é facultativa a vírgula após conjunção conclusiva iniciando período: *"Falaram mal de mim e da minha família. Portanto(,) darei o troco."*. Sobre isso, veja: Cespe/UnB – BB – ESCRITURÁRIO – 2007 – QUESTÃO 6.

7) Separa as orações coordenadas sindéticas explicativas.

– *Devo buscar mais informações, pois a vida me exige isso.*

Obs.: O **pois** deslocado (após o verbo) e entre vírgulas é conclusivo: *"Esse assunto não tem importância; devemos****, pois,*** *retirá-lo da pauta."*.

8) Separa as orações subordinadas substantivas deslocadas*.

– ***Que vocês estudam a Língua Portuguesa****, todos já sabemos.*

Obs.: * Quem apresenta esta regra de vírgula é o gramático Sacconi e os gramáticos Faraco & Moura; até onde sei, os demais não se manifestam. As orações subordinadas substantivas apositivas podem ser separadas por vírgula*: "Dos alunos eu só quero isto,* ***que eles estudem mais****."*. Não pode haver vírgula logo após a conjunção integrante, a não ser que haja uma intercalação: *"Eu quero que, vocês estudem mais."* (errado) / *"Eu quero que, mesmo com dificuldades, vocês estudem mais!"*. (certo)

9) Separa as orações subordinadas adjetivas explicativas.

– O homem, que é razoável, saberá evitar uma "Terceira Guerra".

Cuidado!!!

1) Esta frase significa que todo homem é razoável, e, por essa razão, saberá evitar uma "Terceira Guerra". Caso retirássemos as vírgulas, estaríamos afirmando que nem todos os homens são razoáveis, a ponto de saber evitar uma "Terceira Guerra", só alguns; aí a oração seria restritiva. Isso cai direto em prova!

2) Do ponto de vista da maioria dos gramáticos, as orações subordinadas adjetivas restritivas **não** são separadas por vírgula, mas alguns gramáticos (como Said Ali, Bechara e Sacconi) dizem que uma vírgula **pode** vir no fim dessa oração, principalmente quando ela tem grande extensão e os verbos das orações do período estão próximos: *"O mundo **que as pessoas sensatas sempre desejaram(,)** começa finalmente a surgir."* . Veja uma questão sobre isso:

(Esaf – SRF – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2000)

Numa época de crise longa e generalizada como a que estamos vivendo que desestruturou o campo das idéias e dos projetos políticos e econômicos consolidados no século XX, a discussão sobre uma alternativa histórica que contemple o interesse dos fracos e inferiorizados não pode ficar prisioneira de um debate meramente conjuntural nem muito menos das idéias e propostas dos mais fortes e ganhadores. Sua primeira providência nesse sentido é clarificar o que foi a *grande transformação* da ordem capitalista que se cristalizou nos últimos 25 anos do século XX. (Adaptado de José Luís Fiori, Correio Braziliense, 20/10/2000)

No que se refere à pontuação do texto, assinale a opção incorreta:

a) Estaria correto usar vírgula isolando a expressão como a que estamos vivendo.
b) Seria correto colocar vírgulas isolando a expressão nesse sentido.
c) Caso não se coloque uma vírgula após alternativa histórica seria correto colocar uma vírgula antes de não pode ficar prisioneira.
d) A expressão meramente conjuntural deve ser isolada por vírgulas para que o texto fique correto.
e) Se a oração que contemple o interesse dos fracos e inferiorizados vier entre vírgulas será uma subordinada explicativa.

Comentário: O gabarito é a **D.** Ignore o gabarito. Leia a alternativa **C**. A Esaf adota certos posicionamentos gramaticais pouco conhecidos e/ou ensinados, muitas vezes apoiados na gramática do Bechara e do Luft. A vírgula após a oração subordinada adjetiva restritiva, por exemplo, é facultativa para alguns nomes. Segundo eles (Eduardo Carlos Pereira, Júlio Ribeiro, Said Ali, Luiz A. Sacconi, Celso P. Luft, Evanildo Bechara, Ulisses Infante e Napoleão Mendes de Almeida), isso ocorre quando a oração é extensa ou quando o verbo da oração subordinada e o da principal estão próximos um do outro. O que fazer em questões como esta, em que há doutrinas gramaticais divergentes? Antes de qualquer coisa, tenha cuidado, pois já vi questões semelhantes em certas provas, realizadas por outras bancas, como FCC, FGV e cia., em que a vírgula após a adjetiva restritiva foi considerada incorreta. Respondendo à questão que inicia este parágrafo: antes de considerar tomar qualquer decisão, veja se há a possibilidade de outra opção ser a resposta que a banca deseja.

Resumindo: marque sempre a MELHOR RESPOSTA! Sacou?

Importante: A partir da 2ª oração adjetiva restritiva (em uma enumeração), as vírgulas são obrigatórias, como se fossem adjuntos adnominais enumerados:

– *Comprei um carro* ***que custou caro, que me deu trabalho, que me desapontou e que ficou desvalorizado depois de dois anos***.

10) Separa as orações subordinadas adverbiais (sobretudo as que vierem antes da principal ou intercaladas).

– *Quando comprei o material, gostei muito.*

– *Alguns vilões, assim que aparecem nas primeiras cenas das novelas, parecem bons.*

– *Não irás temer quaisquer adversidades, se me amas de verdade.*

Obs.: A vírgula é facultativa – segundo Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Mauro Ferreira, William R. Cereja, Faraco, Moura & Martuxo Jr. – quando as orações subordinadas adverbiais vêm **após** as principais: *"Gostei muito(,) quando comprei o material."*. Said Ali também "sugere" isso.

Você sabia que isso já foi tema de questão da banca NCE/UFRJ em 2004 (Técnico Judiciário do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro)? A polêmica foi entre a letra C e E, respectivamente: *"Os juízes intervieram, quando viram os réus frente a frente*." / *"Os juízes intervieram quando viram os réus frente a frente."*. Embora seja correto colocar vírgula antes da oração subordinada adverbial pós-principal, pode-se usar **sem** vírgula, segundo os gramáticos acima. Enfim... a letra E foi considerada a correta. A questão deveria ter sido anulada, pois havia duas respostas possíveis – a depender da visão gramatical.

Rocha Lima, entretanto, registra, com todas as letras, que a vírgula é **obrigatória** na separação de orações adverbiais, independentemente de sua posição. Esse posicionamento figurou em questão recente de prova. A banca FCC, na prova do TRE/PR – TÉCNICO Judiciário – 2012 –, julgou como incorreta a retirada da vírgula antes da oração subordinada adverbial causal em *"A maioria desses usos é nobre***,** *já que* eles aumentam o nosso conforto...".

Duas bancas, duas visões... O que fazer no dia da prova? Arrancar os cabelos? Não. Marcar a **melhor alternativa** dentre elas.

Só para piorar: Cegalla diz que as adverbiais consecutivas (tão... que...) não são separadas por vírgula. Rocha Lima diz o oposto. Sensato seria encarar, portanto, como facultativa a vírgula em: *"Ele era tão jovem(,) que não pôde suportar a pressão dos supostos amigos."*. Quanto às orações comparativas iniciadas por *quanto/(do)que*, saiba que não há vírgula: "*Precisamos de mais esclarecimentos gramaticais do que de*

divergências.”. Bem-vindo à língua portuguesa! Na hora da prova, analise as opções e marque a **melhor resposta**.

Último adendo: 99% dos gramáticos dão exemplos de orações adverbiais causais na ordem direta iniciadas pelo *porque*, **sem vírgula**: “Só terminei o livro em dezembro porque me dediquei.”. Aí você se pergunta: “Ué, mas não posso colocar a vírgula antes da oração ‘porque me dediquei’?” Aí eu respondo: “Yes, you can.” (Tecla SAP: Sim, você pode!). Afinal, a maioria dos gramáticos recomenda a vírgula separando as orações subordinadas adverbiais, independentemente de sua posição em relação à principal.

Momento-desabafo: Por que cada um diz o que quer? Por que alguma instituição séria, como a ABL, não sistematiza e unifica as regras gramaticais, pelo menos para as gramáticas de ensino médio? Por que as bancas de concursos públicos não param de trabalhar questões polêmicas... pelo menos? Sem comentários... Enquanto isso... vá estudando...

11) Separa as orações interferentes.

– *O mercado financeiro, até ontem eu não estava inteirado desses assuntos, deve beneficiar mais os pobres este ano.*

12) Separa orações reduzidas de gerúndio, particípio ou infinitivo com valor de oração adverbial, de coordenada aditiva (gerúndio) ou de adjetiva explicativa.

– *Chegando a carta, avise-me.*

– *Terminada a palestra, rompeu com risos e aplausos.*

– *Ele, antes de ser homem, foi uma criança.*

– *O vaso caiu no chão, despedaçando-se.* (Cegalla)

– *O nosso planeta, ameaçado constantemente por nós mesmos, ainda resiste.*

Cuidado!!!

Existem certas situações extras no uso das vírgulas... veja:

1) Isola o nome do lugar nas datas.

– *Rio de Janeiro, 21 de julho de 2006.*

2) Separa o paralelismo de provérbios.

– *Ladrão de tostão, ladrão de milhão.*

– *Casa de ferreiro, espeto de pau.*

3) Após a saudação em correspondência (social e comercial).

– *Com muito amor,*

– *Respeitosamente, (...)*

4) A vírgula antes do etc. é controversa, por isso é facultativa.

– *Eu adquiri um livro, um cd, um computador(,) etc.*

5) Depois do <u>sim</u> ou do <u>não</u> usados em respostas.

– *Sim, senhor! Não, senhor!*

6) Antes de <u>como</u> abrindo uma enumeração, explicação ou exemplificação (equivalendo a "por exemplo").

– *O Rio de Janeiro sempre lançou excelentes jogadores, como (por exemplo) Zico, Romário e Ronaldo.*

<u>Adendo final</u>:

Segundo o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*, "A fragmentação de frases **"consiste em pontuar uma oração subordinada ou uma simples locução como se fosse uma frase completa".** Decorre da pontuação errada de uma frase simples. Embora seja usada como recurso estilístico na literatura, a fragmentação de frases deve ser evitada nos textos oficiais, pois muitas vezes dificulta a compreensão. Ex.: *O programa recebeu a aprovação do Congresso Nacional*. ***Depois de ser longamente debatido***. (**errado)** / *O programa recebeu a aprovação do Congresso Nacional, depois de ser longamente debatido*. **(certo)**

Ponto e Vírgula

O **ponto e vírgula** é usado para marcar uma pausa maior do que a da vírgula. Seu objetivo é colaborar com a clareza do texto.

O ponto e vírgula serve para:

1) Separar orações coordenadas assindéticas, normalmente entre trechos já separados por vírgula (ou outros sinais de pontuação), marcando uma enumeração.

– *As leis, em qualquer caso, não podem ser infringidas; mesmo em caso de dúvida, portanto, elas devem ser respeitadas.*

– *Em criança, era um menino tímido mas inteligente; quando moço, era esperto e alegre; agora, como homem maduro, tornou-se um chato.*

– *Por que Deus permite terremotos (como os que ocorreram recentemente na Itália e na Grécia); não impede os ciclones (como os que atacam os EUA ano após ano); nada faz contra as secas intensas (como as do nordeste brasileiro), etc.?*

2) Separar vários itens de uma enumeração (frequente em leis).

Art. 1º A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos:

I – a soberania;

II – a cidadania;

III – a dignidade da pessoa humana;

IV – os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa;

(...)

3) Separar orações coordenadas cuja conjunção "implícita" é facilmente percebida.

– *Comeu muito na festa, exageradamente; não conseguiu ir à aula de hoje. (= Comeu muito na festa, exageradamente, **por isso** não conseguiu ir à aula hoje.)*

Obs.: Se a conjunção vier explícita, por motivo de ênfase, também se pode usar o ponto e vírgula: *"Defenda-se; mas não se vingue."* (José Oiticica)

4) Separar orações coordenadas adversativas e conclusivas com conectivo deslocado.

– *Ficarei com esta; não posso pagá-la à vista, porém.*

– *Finalmente vencemos; fiquemos, pois, felizes com nossa conquista!*

Dois-pontos

Os **dois-pontos** marcam uma supressão de voz em frase ainda não concluída. Em termos práticos, este sinal é usado para:

1) Introduzir uma citação (discurso direto).

– *Assim disse Voltaire: "Devemos julgar um homem mais pelas suas perguntas que pelas respostas."*

2) Introduzir um aposto *explicativo, enumerativo, distributivo* ou uma oração subordinada substantiva apositiva.

– *Amanda tinha conseguido finalmente realizar seu maior propósito: seduzir Pedro, que, por sua vez, amara três pessoas: Magda, Luana e, principalmente, a si mesmo.*

– *Em nosso meio, há bons profissionais: professores, jornalistas, médicos...*

Obs.: Serve simplesmente para indicar um resultado ou resumo do que se disse*: "Corri dez quilômetros durante dois meses seguidos. Resultado: emagreci doze quilos." / "Fui presenteado com livros, CDs, DVDs, garrafas de vinho, dinheiro... Resumindo: ganhei o dia!".*

3) Introduzir uma explicação ou enumeração após as expressões *por exemplo, isto é, ou seja, a saber, como* etc.

– *Adquirimos vários saberes, como: Linguagens, Filosofia, Ciências...*

4) Marcar uma pausa entre orações coordenadas (normalmente a relação semântica entre elas é de oposição, explicação/causa ou consequência).

– *Ele já leu muitos livros: pode-se dizer que é um homem considerado culto.*

– *Precisamos ousar na vida: devemos fazê-lo com cautela.*

5) Marcar a invocação em correspondências.

– *Prezados senhores:*

Último adendo: Só há letra maiúscula após os dois-pontos se a palavra for uma expressão em que se exija a letra maiúscula, como topônimos, antropônimos, siglas etc.; em citações também a letra maiúscula pode vir após os dois-pontos; é correta a letra maiúscula após "nota:", ou "obs.:", ou qualquer expressão que sugira um adendo, como a do início deste "box".

Ponto

Emprega-se o ponto, basicamente, para indicar o fim de uma frase declarativa de um período simples ou composto. Pode substituir a vírgula quando o autor quer realçar, enfatizar o que vem após (evita-se isso em linguagem formal).

– *Posso ouvir o vento assoprar com força. Derrubando tudo!*

O ponto é também usado em quase todas as abreviaturas: fev. = fevereiro, hab. = habitante, rod. = rodovia, etc. = et cætera.

O ponto do *etc.* termina o período, logo não pode haver outro ponto: "..., feijão, arroz, etc..". Absurdo também é usar *etc.* seguido de reticências: "... feijão, arroz, etc....".

Chama-se **ponto parágrafo** aquele que encerra um período e a ele se segue outro período em linha diferente. Esse último ponto agora (antes do *Esse*) é chamado de **ponto continuativo**, pois a ele se segue outro período no mesmo parágrafo. **Ponto final** é este que virá agora.

Obs.: Estilisticamente, podemos usar o ponto para, em períodos curtos, empregar dinamicidade, velocidade à leitura do texto: *"Era um garoto pobre. Mas tinha vontade de crescer na vida. Estudou. Subiu. Foi subindo mais. Hoje é juiz do Supremo."*. Usa-se muito em narrações em geral.

Ponto de Interrogação

O **ponto de interrogação** marca uma entoação ascendente (elevação da voz) com tom questionador. Usa-se nestes casos:

1) Frase interrogativa direta.

– *O que você faria se só lhe restasse um dia?*

2) Entre parênteses para indicar incerteza sobre o que se disse.

– *Eu disse a palavra peremptório (?), mas acho que havia palavra melhor naquele contexto.*

3) Combinado com o ponto de exclamação para denotar surpresa, admiração etc.

– *Você não conseguiu chegar ao local de prova?!* (ou!?)

4) Em interrogações retóricas (sentença que é uma interrogação na forma, mas que expressa uma afirmação ou gera uma reflexão com resposta subentendida).

– *E o que tenho eu com isso?* (Ou seja: *"Não tenho nada com isso."*)

– *Pessoas morrem de fome de 5 em 5 segundos no mundo. Jogaremos comida fora à toa*? (Ou seja: *"Claro que não jogaremos comida fora à toa."*)

Obs.: Hoje em dia, em certas bancas, são até recorrentes questões sobre o objetivo discursivo desse ponto, como estratégia argumentativa do autor do texto. Um dos objetivos principais é **provocar o leitor a interagir ou aguçar sua reflexão**.

Ponto de Exclamação

O **ponto de exclamação** é empregado para marcar o fim de qualquer frase com entonação exclamativa, indicando altissonância, exaltação de espírito.

1) Normalmente exprime *admiração, surpresa, assombro, indignação,* ordem etc.

– *Coitada dessa menina!*

– *Que linda mulher!*

– *Saia daqui!*

2) Vem após as interjeições usualmente.

– *Nossa! Deus do céu! Como não vimos isso antes? Oh! Isso é fantástico!*

3) É usado para substituir as vírgulas em vocativos enfáticos.

– *Minha mãe me dizia quando eu era criança: "Fernando José! onde estava até esta hora?".*

4) É repetido (duas ou mais vezes) quando a intenção é marcar uma ênfase, uma intensidade na voz.

– *Neymar driblou um, driblou dois, ficou de cara para o gol e... perdeu!!! Inacreditável Futebol Clube!*

Travessão

O **travessão** é um sinal bastante usado na narração, na descrição, na dissertação e no diálogo, portanto, figura repetida em qualquer prova; é um instrumento eficaz em uma redação. Pode vir em dupla, se vier intercalado na frase. Veja seus usos:

1) Indica a mudança de interlocutor no diálogo (discurso direto).

– *Que gente é aquela, seu Alberto?*
– *São japoneses.*
– *Japoneses? E... é gente como nós?*
– *É. O Japão é um grande país. A única diferença é que eles são amarelos.*
– *Mas então não são índios?*
(Ferreira de Castro)

2) Coloca em relevo certos termos, expressões ou orações; substitui nestes casos a vírgula, os dois-pontos, os parênteses ou os colchetes.

Marlene Pereira – sem ser artificial ou piegas – lhe perdoou incondicionalmente. (oração adverbial modal)

Um grupo de turistas estrangeiros – todos muito ruidosos – invadiu o saguão do hotel no qual estávamos hospedados. (predicativo do sujeito)

Os professores – amigos meus do curso carioca – vão fazer videoaulas. (aposto explicativo)

Como disse o poeta: "Só não se inventou a máquina de fazer versos – já havia o poeta parnasiano". (orações coordenadas assindéticas – conectivo implícito)

A decisão do ministério foi a seguinte – que todos se unissem contra o mosquito transmissor da dengue. (oração substantiva apositiva)

O Brasil – que é o maior país da América do Sul – tem milhões de analfabetos. (oração adjetiva explicativa)

Meninos – pediu ela –, vão lavar as mãos, que vamos jantar. (oração intercalada)

Ela é linda – linda! (travessão usado como mero realce)

Cuidado!!!

1) A vírgula (ou ponto e vírgula) pode vir após um travessão (ou parêntese), se houver necessidade dela. Em outras palavras, toda vez que aparecer uma questão trabalhando travessões intercalados e vírgula após eles, por favor, faça o seguinte: ignore a existência dos travessões e do que está dentro dele, ok? Se houver necessidade de vírgula, use-a após o último travessão. Veja um exemplo:

Quando João a viu chorando – ele lamentou muito tal fato, pois a amava –, não conseguiu conter seu próprio choro.

Se você ignorar os travessões e a oração interferente dentro deles, o período ficará assim: ***Quando João a viu chorando, não conseguiu conter seu próprio choro.***

Esta vírgula aí está certa, pois a primeira oração é subordinada adverbial iniciando período (sempre separada por vírgula, portanto). Tal regrinha vale também para os parênteses, ou seja:

Quando João a viu chorando (ele lamentou muito tal fato, pois a amava), não conseguiu conter seu próprio choro.

Veja outro exemplo, com vocativo: *"Pestana – chamou o diretor –, precisamos conversar."*

Veja a questão 8, cujo gabarito foi a letra E, em: FGV – MEC – ANALISTA DE SISTEMAS – 2009. Foram usados pontos e vírgulas depois dos travessões! Cuidado, hein!

2) Apesar de o *Manual de Redação da PUC/RS* e do Senado Federal informarem que deve vir a sigla entre travessões ou parênteses (*O Fundo Monetário Internacional – FMI – ajuda as nações*), a Esaf trabalha o assunto diferentemente. Fique atento! Veja:

17. (Esaf – MDIC – Analista de Controle Externo – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial de O Estado de S. Paulo de 29/3/2012.

Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente incorreta.

c) Para a Confederação Nacional da Indústria − CNI há alguns temas de maior importância para consideração dos parlamentares. Essa pauta mínima inclui dezesseis projetos em tramitação no Congresso, selecionados por seu elevado potencial de impacto positivo ou negativo na atividade empresarial.

Comentário: O gabarito foi outra opção. Mas o que nos importa aqui é o fato de a sigla figurar só com um travessão e a Esaf considerar tal uso certo.

"Ajuda" enviada por uma amiga:

ABL RESPONDE

Pergunta: Antes de mais nada, bom carnaval! Para quem está estudando, como eu, rs, surgem dúvidas... Espero que possam ajudar. Há erro na pontuação em "O Sistema Único de Saúde – SUS apresenta falhas."? Obrigadinha!

Resposta: Prezada consulente:

A frase está correta, mas, se indicou um travessão para destacar a sigla do nome próprio, utilize o mesmo travessão antes e depois da sigla: "O Sistema Único de Saúde – SUS – apresenta falhas".

Portanto, a pergunta que fica é esta: "Por que a Esaf ignora o ensino da ABL?"

Parênteses

Os parênteses, muito semelhantes aos travessões e às vírgulas, são empregados para:

1) Colocar em relevo certos termos, expressões ou orações; substitui nestes casos a vírgula ou os travessões.

– *Marlene Pereira (sem ser artificial ou piegas) lhe perdoou incondicionalmente.* (oração adverbial modal)

– *Um grupo de turistas estrangeiros (todos muito ruidosos) invadiu o saguão do hotel no qual estávamos hospedados.* (predicativo do sujeito)

– *Os professores (amigos meus do curso carioca) vão fazer videoaulas.* (aposto explicativo)

– *O Brasil (que é o maior país da América do Sul) tem milhões de analfabetos*. (oração adjetiva explicativa)

– *Meninos (pediu ela), vão lavar as mãos, que vamos jantar.* (oração intercalada)

2) Incluir dados informativos sobre bibliografia (autor, ano de publicação, página etc.).

– *Mattoso Câmara (1977:91) afirma que, às vezes, os preceitos da gramática e os registros dos dicionários são discutíveis: consideram erro o que já poderia ser admitido e aceitam o que poderia, de preferência, ser posto de lado.*

3) Indicar marcações cênicas numa peça de teatro.

João – Você vai aonde?

Pedro – Devo ir à praia.

João – Vou com você. Tchau, mãe! (sai pela esquerda)

Obs.: Os colchetes **[ ]** fazem o mesmo papel dos parênteses, porém são mais usados na Matemática. "O 'sic' serve para evidenciar que o uso incorreto ou incomum de pontuação, ortografia ou forma de escrita presente em uma citação, provém de seu autor original. Vem entre parênteses ou colchetes": "Disse o editor do jornal: 'Não entendo porque (sic) dizem que a mídia no Brasil é tão tolhida.". Deveria ser "por que" (separado).

Aspas

As ***aspas*** são usadas comumente em citações, mas também há outras funções bem interessantes. Atualmente o **negrito** e o *itálico* vêm substituindo frequentemente o uso das aspas. Resumindo, elas são empregadas:

1) Antes e depois de citações textuais.

– *"A vírgula é um calo no pé de todo mundo", afirma a editora de opinião do jornal Correio Braziliense e especialista em língua portuguesa Dad Squarisi, 64.*

2) Para assinalar estrangeirismos, neologismos, arcaísmos, gírias e expressões populares ou vulgares, conotativas.

– *Chávez, com 58 anos, é uma figura doente e fugidia, que hoje representa o "establishment*". (Carta Capital)

– *Não me venham com problemática, que tenho a "solucionática"*. (Dadá Maravilha)

– *O homem, "ledo" de paixão, não teve a "fortuna" que desejava.*

– *Mulher Filé dá "capilé" em repórter "nerd"*. (Jornal Meia Hora)

– *Anderson Silva "passou o carro" no adversário.*

3) Para realçar uma palavra ou expressão imprópria; às vezes com objetivo irônico ou malicioso.

– *Ele reagiu impulsivamente e lhe deu um "não" sonoro.*

– *Veja como ele é "educado": cuspiu no chão!*

– *Se ela fosse "minha"...*

4) Quando se citam nomes de mídias, livros etc.

– *Ouvi a notícia no "Jornal Nacional".*

– *"Os Lusíadas" foi escrito no século XVI.*

Cuidado!!!

1) Quanto à posição das aspas e outros pontos

Se uma frase começar e terminar com aspas, o sinal de pontuação ficará dentro dela:

– *"Só sei que nada sei." Essa frase é atribuída a um grande filósofo grego.*

Se uma frase não começar por aspas, o ponto final ficará fora dela:

– *Disse o diretor: "Considerem as informações relevantes". Depois se contradisse.*

Se a citação contiver ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências, tais sinais ficarão entre aspas, e o ponto final fechará o período:

– *A torcida, aos 45 do segundo tempo, gritará na final entre Brasil e Espanha: "Gol!!! É Brasil!!!". Assim nós, brasileiros, esperamos...*

Vale dizer que alguns manuais de redação, como o da Câmara dos Deputados, ensinam que o ponto final neste caso é dispensável, de modo que a frase também estaria correta assim:

– *A torcida, aos 45 do segundo tempo, gritará na final entre Brasil e Espanha: "Gol!!! É Brasil!!!" Assim nós, brasileiros, esperamos...*

Obviamente, quando não fizerem parte da citação, o ponto de interrogação, o ponto de exclamação ou as reticências deverão vir depois das aspas:

– *Conheces a famosa frase "Penso, logo existo"?*

Quando a frase continuar após a citação entre aspas, o ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências serão usados dentro das aspas, mas não o ponto final:

– *"Está encerrada a sessão!" – anunciou o Presidente.*

– *O Presidente anunciou: "Está encerrada a sessão..."; o plenário logo se esvaziou.*

– *"Haverá sessão extraordinária amanhã?", perguntou o Deputado.*

2) Sobre as aspas simples

Segundo o Manual de Redação da Câmara dos Deputados, quando alguma expressão que deva vir com aspas se encontra dentro de uma frase aspeada, essa expressão virá entre aspas simples:

– *Disse o Ministro: "Estou repetindo agora tudo o que escrevi no artigo 'Os problemas da Previdência', publicado em vários jornais, recentemente."*

Se possível, deve-se evitar, por não ser visualmente favorável, o encontro de aspas simples e duplas:

– *O Presidente declarou: "Sua proposta está prejudicada, pois fui enfático ao proclamar 'Está encerrada a discussão'".*

Reticências

As **reticências** são empregadas para:

1) Assinalar interrupção do pensamento.

– *O Presidente da República está ciente...*

– *Um aparte, por favor...*

– *...ciente do problema. Concedo o aparte ao nobre Deputado.*

(Manual de Redação da Câmara dos Deputados)

2) Indicar partes que são suprimidas de um texto (pode vir entre parênteses ou colchetes).

– *O primeiro e crucial problema de linguística geral que Saussure focalizou dizia respeito à natureza da linguagem. Encarava-a como um sistema de signos... (ou (...), ou [...]) Considerava a linguística, portanto, com um aspecto de uma ciência mais geral, a ciência dos signos...*

(Mattoso Câmara Jr.)

3) Para sugerir o prolongamento da fala.

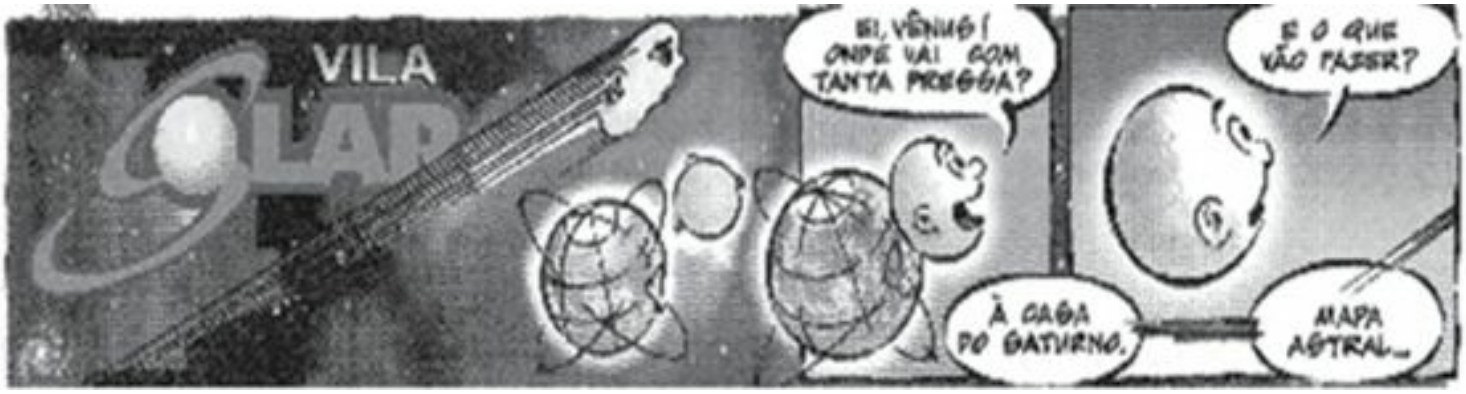

(Saul Garber. Adaptado de FAOZA *et al.* (org.). *Central de tiras*. São Paulo: Via Lettera, 2003.)

Percebeu a fala "Mapa Astral..."? Vênus ia acelerado e a lua fez uma pergunta, só que ele não parou para responder a nada, ele falou correndo, logo a sua fala fica mais ou menos assim (prosodicamente falando): "Mapa astraaaaaaaal". Interessante, não?

4) Para indicar hesitação, suspense ou breve interrupção de pensamento.

– *Eu não a beijava porque... porque... eu tinha vergonha!*

5) Para realçar uma palavra ou expressão, normalmente com malícia, ironia ou outro sentimento.

– *Ela é linda...! Você nem sabe como...!* (lê-se assim, prosodicamente: *"Ela é liiiiinda... você nem sabe como..."*).

O Que Cai Mais na Prova?

Definitivamente **a vírgula** é o que precisamos saber... *de cor e salteado*. Todos os demais sinais vêm correndo por fora... mas vale a pena saber mais sobre **ponto e vírgula, dois-pontos** e **travessão**. Dado o recado... vamos às questões!

Questões de Concursos

1. (FCC – TRT/PA/AP (8ª R) – Técnico Judiciário – 2010) Considere:
   I. O Polo Norte está ameaçado: o oceano gelado que o rodeia começou a derreter.
   II. Vamos assistir a um fenômeno raro: uma subversão da geografia que se desenrolará diante de nossos olhos.
   III. As nações que margeiam o Oceano Ártico já estão na linha de largada: Estados Unidos, Rússia, Canadá, Groenlândia (Dinamarca) e Noruega.

Identifica-se, nos segmentos introduzidos por dois pontos, respectivamente, a noção de:
   a) explicação de sentido causal, especificação do significado da expressão anterior a eles e enumeração;
   b) consequência de um fato, explicação adicional e especificação necessária para o entendimento do texto;
   c) causa e consequência, conclusão decorrente da afirmativa anterior e especificação dos interesses em disputa;
   d) temporalidade, explicação com sentido causal e repetição enfática de dados já constantes anteriormente;
   e) especificação do sentido de um termo anterior, constatação decorrente da exposição e repetição enumerativa.

2. (Cesgranrio – FINEP – Técnico – 2011) A vírgula pode ser retirada sem prejuízo para o significado e mantendo a norma-padrão na seguinte sentença:
   a) Mário, vem falar comigo depois do expediente.
   b) Amanhã, apresentaremos a proposta de trabalho.
   c) Telefonei para o Tavares, meu antigo chefe.
   d) Encomendei canetas, blocos e crachás para a reunião.
   e) Entrou na sala, cumprimentou a todos e iniciou o discurso.

3. (Cesgranrio – FINEP – Analista de Suporte – 2011) Os trechos transcritos abaixo apresentam apenas um sinal de pontuação. Em qual deles, o sinal pode ser substituído por ponto e vírgula (;), com as adaptações necessárias, se for o caso?
   a) "Há 15 dias, uma educadora no Recife"
   b) "indagou a um grupo de estudantes quais os meios de comunicação que eles conheciam. Nenhum citou cartões-postais"
   c) "Para se ter uma ideia de sua importância, basta lembrar um pouco da história"
   d) "tornou-se uma mania que invadiu toda a cidade – lembra o colecionador Liedo Maranhão"
   e) "reduto da cultura popular do Recife, onde eram encontrados em caixas de sapato"

4. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Enfermagem do Trabalho – 2011) Há **ERRO** quanto ao emprego dos sinais de pontuação em:
   a) Ao dizer tais palavras, levantou-se, despediu-se dos convidados e retirou-se da sala: era o final da reunião.
   b) Quem disse que, hoje, enquanto eu dormia, ela saiu sorrateiramente pela porta?
   c) Na infância, era levada e teimosa; na juventude, tornou-se tímida e arredia; na velhice, estava sempre alheia a tudo.
   d) Perdida no tempo, vinham-lhe à lembrança a imagem muito branca da mãe, as brincadeiras no quintal, à tarde, com os irmãos e o mundo mágico dos brinquedos.
   e) Estava sempre dizendo coisas de que mais tarde se arrependeria. Prometia a si própria que da próxima vez, tomaria cuidado com as palavras, o que entretanto, não acontecia.

5. (Cesgranrio – Transpetro – Contador Júnior – 2011) A mudança na pontuação mantém o sentido da frase original, preservando a norma-padrão da língua, em:
   a) "Nesta trepidante cultura nossa, da agitação e do barulho, gostar de sossego é uma excentricidade." / Nesta trepidante cultura nossa, da agitação e do barulho gostar de sossego é uma excentricidade.
   b) "algumas que não combinam conosco nem nos interessam." / algumas que não combinam conosco, nem nos interessam.
   c) "Quem não corre com a manada praticamente nem existe," / Quem não corre, com a manada praticamente nem existe,
   d) "disparamos sem rumo – ou em trilhas determinadas – feito *hamsters* (...)" / disparamos sem rumo ou em trilhas determinadas feito *hamsters*.
   e) "Estar sozinho é considerado humilhante," / Estar sozinho, é considerado humilhante,

6. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico de Contabilidade – 2011) A mudança na pontuação mantém o sentido da frase original, preservando a norma-padrão da língua, em:
   a) "(...) realizada efetivamente há uns quatro ou cinco anos," / realizada efetivamente há uns quatro, ou cinco anos,
   b) "(...) analisa o impacto da criação do telégrafo (surgido em 1837)." / analisa o impacto da criação do telégrafo: surgido em 1837.
   c) "Romances floresceram sob impacto do telégrafo. Códigos secretos foram inventados (...)" / Romances floresceram sob impacto do telégrafo, códigos secretos foram inventados.

d) “Igual impacto teve a Internet.” / Igual impacto, teve a Internet.
e) “(...) não se ouviam notícias delas durante anos.” / não se ouviam notícias, delas, durante anos.

7. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) No diálogo abaixo, cada fala corresponde a um número.
I. Por que ele adquiriu somente um ingresso!
II. Comprou dois: um para você outro para mim.
III. Mas ele saiu daqui dizendo: “Só comprarei o meu!”
IV. Pelo visto você acredita em tudo, o que ele diz.
Em relação ao diálogo, a pontuação está correta **APENAS** em:
a) I;
b) III;
c) I e II;
d) II e IV;
e) III e IV.

(...) Tanto na menor como na *maior felicidade*, porém, há sempre algo que faz que a felicidade seja uma felicidade: a faculdade de esquecer, ou melhor, em palavras mais eruditas, a faculdade de sentir as coisas, durante todo o tempo que dura a felicidade, fora de qualquer perspectiva histórica. (...)

8. (Cespe/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo – 2011) No segundo período do texto, o trecho introduzido pelos dois-pontos apresenta uma explicação do que o autor entende por “maior felicidade”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) “Pode parecer uma difícil realidade agora, mas, na Idade Média, os monges escreviam em conjunto os livros para a posteridade”, observou.

9. (Cespe/UnB – EBC – Gestor de Atividade Jornalística – 2011) No trecho acima, a vírgula que antecede “observou” poderia ser substituída por travessão, sem prejuízo para o sentido original e para a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Esse processo em nada se diferencia de outro já muito conhecido pelos estudiosos da comunicação: a proliferação demasiada de determinados espaços acaba por apagá-los por si mesmos. (...)

10. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior (exceto Advocacia) – 2011) A substituição dos dois-pontos empregados logo após “comunicação” pelo vocábulo **pois** alteraria o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Em meio à turbulência financeira, essas nações também ganharam voz e importância no contexto geopolítico que culminou com a ascensão do G-20 (...)

11. (Cespe/UnB – BRB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) Para dar mais destaque ao complemento da forma verbal “ganharam”, duas vírgulas poderiam ser inseridas no período: uma antes e outra depois da expressão “voz e importância”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Assim, a interação é vista como processo social que dá aos atores que interagem não apenas um papel de agentes de reprodução, mas de reinventores da vida social.

12. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) A ausência de vírgulas logo depois de “atores” e de “interagem” indica que há outros atores que não interagem.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Para apreciar o valor e o significado dessas indicações, é preciso entender as principais razões que levavam o padre a interessar-se pelo tempo (...)

13. (Cespe/UnB – Correios – Cargos de Nível Superior – 2011) O emprego de vírgula logo após o vocábulo “indicações” é obrigatório.

( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Abri uma página ao acaso e li uma frase que dizia ser um sinal de fraqueza, e não de virtude, ir agachar-se sob o túmulo a fim de escapar dos golpes do destino. (...)

14. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2011) Caso se omitisse a vírgula empregada imediatamente antes da conjunção "e", a correção gramatical e a coerência do texto seriam preservadas.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

(...) a vida depende da vontade de outrem, a morte, da nossa. (...)

15. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2011) No trecho "a morte, da nossa", a vírgula foi empregada para indicar a omissão do vocábulo "vontade".
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (FCC – Infraero – Administrador – 2011) Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:
a) Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela, dependem, muitas vezes, de pequenas providências que, tomadas por figurantes aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.
b) Os personagens principais, de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes, de pequenas providências que tomadas por figurantes, aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.
c) Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela dependem muitas vezes de pequenas providências, que, tomadas por figurantes aparentemente, sem importância, ditam o rumo de toda a história.
d) Os personagens principais, de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela, dependem, muitas vezes de pequenas providências, que tomadas por figurantes aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.
e) Os personagens principais de uma história, responsáveis, pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes de pequenas providências, que tomadas por figurantes, aparentemente, sem importância, ditam o rumo de toda a história.

17. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) Está plenamente adequada a pontuação da frase:
a) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo tentar justificar, suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
b) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho; pois os velhos jornalistas igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
c) Não cabe aos jovens, ao menos, os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois, os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
d) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
e) Não cabe aos jovens, ao menos, os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados não costumavam abdicar, dos princípios éticos.

18. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Está inteiramente adequada a pontuação da seguinte frase:
a) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado, na verdade a pompa retórica indicia, o vazio do pensamento.
b) Para o gosto moderno, a grandiloquência, não surge, ao contrário de outras épocas como prova de gosto refinado, na verdade a pompa retórica indicia: o vazio do pensamento.
c) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado; na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.
d) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas como prova de gosto refinado, na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.
e) Para o gosto, moderno, a grandiloquência, não surge, ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado: na verdade a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.

19. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Os trechos a seguir constituem um texto adaptado do Editorial de O Globo de 20/3/2012. Assinale a opção correta quanto ao emprego dos sinais de pontuação.
a) Estudo recente de uma instituição americana, mostra que, em termos da produtividade do trabalho, estamos atrás da Argentina, do Chile, do México, do Uruguai, do Peru e da Colômbia, para citar apenas algumas nações sul-americanas.

Superamos apenas a Bolívia e Equador.

b) O aumento da escolaridade, foi um passo à frente, pois os jovens estarão mais aptos ao aprendizado necessário, a um bom desempenho em suas profissões e atividades do que as gerações anteriores.

c) Porém, para se nivelar aos parâmetros, até mesmo, da maioria dos países do continente, o Brasil, terá de andar bem mais rápido.

d) O país já se encontra em um estágio no qual os saltos de produtividade não ocorrerão sem investimentos mais expressivos. Além de equipamentos, automação e outras ferramentas da tecnologia, parte desses investimentos precisará estar voltada para os recursos humanos.

e) É recente (menos de vinte anos) um envolvimento mais vigoroso do poder público, nesse esforço, para qualificar os recursos humanos disponíveis. Até então, a iniciativa partia de instituições privadas ou das empresas, muitas vezes agindo de maneira isolada.

20. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Há erro gramatical (vírgula depois de "minerais") inserido na transcrição do fragmento abaixo.

O dinamismo da indústria ao longo do ano, particularmente no setor de veículos automotores, metalurgia e produtos minerais, assegurou o crescimento real da receita...

21. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Desconsiderando os necessários ajustes nas letras iniciais maiúsculas e minúsculas, provoca-se erro gramatical e/ou incoerência textual ao:

O Brasil vive uma situação **intrigante**: enquanto a economia alterna altos e **baixos**, a taxa de desemprego cai de forma consistente. Uma das possíveis causas é a redução do crescimento demográfico, que desacelera a expansão da população apta a trabalhar. Com menos pessoas buscando uma ocupação, a taxa de desemprego pode **cair** mesmo com o baixo crescimento. **Isso é bom? Depende**. Por um lado, a escassez de mão de obra reduz o número de desempregados e aumenta a **renda**. Por outro, eleva os custos e reduz a competitividade das empresas, o que pode levá-las a demitir para reequilibrar as contas. É uma bomba-relógio que só pode ser desarmada com o aumento da **produtividade** – para manter o emprego, os trabalhadores precisarão ser treinados para produzir mais.

a) substituir o sinal de interrogação depois de "bom" por um sinal de ponto e vírgula;

b) inserir uma vírgula depois de "cair";

c) retirar o sinal de dois pontos depois de "intrigante" e, ao mesmo tempo, substituir a vírgula depois de "baixos" pelo sinal de dois pontos;

d) substituir o ponto depois de "Depende" pelo sinal de dois pontos e, ao mesmo tempo, substituir o ponto depois de "renda" por ponto e vírgula;

e) substituir o travessão depois de "produtividade" pelo sinal de dois pontos.

22. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Provoca-se erro gramatical e incoerência textual ao fazer a seguinte alteração nos sinais de pontuação do texto:

Sabe-se muito pouco dos rumos que as grandes cidades tomarão nas próximas **décadas**. Muitas vezes nem se prevê a dinâmica metropolitana do próximo **quinquênio**. Mesmo com a capacitação e o preparo dos técnicos dos órgãos envolvidos com a questão urbana, há variáveis independentes que interferem nos planos e projetos elaborados pelos legislativos e encaminhados ao Executivo. **Logicamente** não se prevê o malfadado caos urbano, mas ele pode ensejar que o país se adiante aos eventos e tome medidas preventivas ao desarranjo econômico, que teria conseqüências nefastas. (...) Medidas nessa direção podem (**e devem**) estar em consonância com a projeção de tendências e mesmo com a antevisão de demandas dos destinatários da gestão **urbana** – os cidadãos, urbanos ou não.

a) substituir o ponto depois de "quinquênio", por vírgula;

b) substituir o ponto depois de "décadas" pelo sinal de dois pontos;

c) inserir uma vírgula depois de "Logicamente";

d) retirar os parênteses que destacam "e devem";

e) substituir o travessão depois de "urbana" por vírgula.

23. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Existe consenso entre especialistas de que aumentar a densidade habitacional ao redor dos grandes eixos de transporte público, bem como ampliar os investimentos no modelo que realmente pode chegar a todos os cantos da cidade – os corredores de ônibus –, será a chave do sucesso para qualquer cidade que almeja ser líder global.

– A presença do travessão depois de "ônibus" torna desnecessário o uso da vírgula; por isso, sua omissão manteria a correção gramatical do texto.

24. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Assim como a ideia de civilização implica a ideia de barbárie, a experiência da modernidade (que não deve ser pensada como algo que já aconteceu, mas como algo que deve estar sempre acontecendo, um porvir) implica a experiência da violência que a tornou possível – a violência fundadora da modernidade.

– O sinal de travessão exerce função semelhante ao sinal de dois pontos, que é a de introduzir uma explicação ou uma especificação para a ideia anterior.

25. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) Provoca-se erro **gramatical** ou **incoerência** na argumentação do texto ao substituir os dois travessões por vírgulas: "O desenvolvimento é um processo complexo, que deriva de uma gama de fatores – entre os quais se realça a educação – e precisa de tempo para enraizar-se"?

26. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir os travessões por vírgulas: "Dados do Sine – uma rede pública de agências de emprego, associada ao Ministério do Trabalho – mostram que apenas 39% das vagas ali oferecidas em 2009 foram preenchidas".

27. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) Preserva-se a correção gramatical do texto ao se substituírem os dois-pontos, após a expressão "ou seja" (... o sistema nervoso causaria uma pane nos outros órgãos, ou seja: chegamos a um ponto em que...), por vírgula.

( ) CERTO
( ) ERRADO

28. (Cespe/UnB – STJ – Analista Judiciário – 2012) Na linha 37 (... para o entendimento de uma forma particular de comunicação – ... –, o estudioso deve reconstruir...), é obrigatório o emprego da vírgula após o travessão.

( ) CERTO
( ) ERRADO

É certo que, de modo geral, toda obra literária deve ser a expressão, a revelação de uma personalidade.

29. Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012 Sem alteração da informação expressa no primeiro período do texto, a expressão adverbial "de modo geral" poderia ser deslocada, com as vírgulas, para imediatamente depois da locução verbal "deve ser" ou, eliminando-se as vírgulas que a isolam, para imediatamente após o núcleo nominal "personalidade".

( ) CERTO
( ) ERRADO

30. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) Justifica-se o emprego da vírgula logo após "mas" (... representaram profundas mudanças para a sociedade da época, mas, do ponto de vista político, assistiu-se a uma concentração ainda maior...) para enfatizar o sentido de contraste introduzido por essa conjunção, razão por que a supressão desse sinal de pontuação não acarretaria prejuízo gramatical ao texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) A vírgula após "Ora" (... os dirigentes políticos sonham com estabilidade. Ora, as formas de governo utilizadas pelos impérios fascinam por sua resistência...) pode ser suprimida sem prejuízo para a correção gramatical e para o sentido original do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Sem que haja prejuízo para o sentido original do texto, "Isso" (... o fato de o império absorver povos diferentes faz que alguns de seus componentes desejem destacar-se do conjunto. Isso explica por que os impérios perduram...) pode ser corretamente substituído por **o que**, desde que se substitua o ponto que antecede esse pronome por ponto e vírgula.

( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Com os devidos ajustes de maiúsculas e minúsculas, o ponto após "passados" (Pensar o império não significa ressuscitá-lo dos mundos passados. Trata-se de considerar a multiplicidade...) pode ser substituído por dois-pontos sem que haja prejuízo para a correção gramatical e o sentido original do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

"... outras formas de soberania que respondam melhor a um mundo caracterizado ao mesmo tempo pela desigualdade e pela diversidade."

34. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Caso se insira, antes de "caracterizado", o segmento **que é**, será necessário, para a manutenção da correção gramatical e do sentido do período, o emprego de vírgula após "mundo".
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

"A um coronel que se queixava da vida de quartel, um jornalista disse: ..."

35. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O emprego da vírgula após "quartel" é facultativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

36. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Está inteiramente adequada a pontuação do seguinte período:
a) Em qualquer escalão do governo costuma haver mais cedo, ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado, por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança que ficam ao sabor, das conveniências políticas.
b) Em qualquer escalão, do governo, costuma haver mais cedo ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.
c) Em qualquer escalão do governo, costuma haver, mais cedo ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.
d) Em qualquer escalão do governo costuma haver, mais cedo ou mais tarde, atritos, entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso e o pessoal, indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.
e) Em qualquer escalão do governo costuma haver mais cedo, ou mais tarde atritos, entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado, por concurso, e o pessoal indicado, para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

37. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) *Pois se, por exemplo, criticamos a falta de liberdade e a injustiça social, seria sempre em nome de valores que ainda não se realizaram, mas a respeito dos quais nós, ocidentais, saberíamos, de antemão, seu sentido.*

Do ponto de vista da pontuação, o padrão culto escrito abonaria também, sem prejuízo do sentido original, a substituição proposta no seguinte segmento:
a) "Pois se por exemplo,".
b) "Pois se, por exemplo:".
c) "em nome de valores, que ainda não se realizaram,".
d) "saberíamos de antemão, seu sentido.".
e) "mas a respeito dos quais nós ocidentais saberíamos, de antemão, seu sentido.".

38. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) O período corretamente pontuado está em:
a) Estudos, deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que movidos, por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações, que nos afligem.
b) Estudos deixam evidente que muitas vezes, nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos de que movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa, inadvertidamente, nós mesmos fabricamos, aquelas situações que nos afligem.
c) Estudos deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que, movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações que nos afligem.
d) Estudos deixam evidente, que muitas vezes, nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos de que movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações, que nos afligem.
e) Estudos deixam evidente que, muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos, de que movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos, aquelas situações que nos

afligem.

39. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) Considere os itens abaixo. Em cada um deles, encontram-se a transcrição de um segmento do texto e o mesmo segmento pontuado de maneira diferente da original.

I. *frequentemente reivindicando para si as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro* / frequentemente reivindicando, para si, as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro

II. *Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia (o artigo foi bastante contestado na época*), / Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia – o artigo foi bastante contestado na época –

III. *surgem agora evidências de que a própria Pauline atuou de modo tão pouco ético como ela acusava Welles de ter agido*. / surgem agora, evidências de que a própria Pauline atuou de modo tão pouco ético como ela acusava Welles de ter agido.

O padrão culto escrito abona a nova pontuação de:

a) I, apenas.
b) I e II, apenas.
c) I, II e III.
d) II e III, apenas.
e) I e III, apenas.

40. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal – 2012) *O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma, mas ruiu exatamente conforme as previsões de Kant.*

Outra pontuação para a frase acima, que mantém o sentido e a correção originais, é:

a) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais, não foi um mero fantasma (mas: ruiu exatamente conforme as previsões de Kant).
b) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi: um mero fantasma; mas ruiu, exatamente, conforme as previsões de Kant.
c) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma. Mas ruiu exatamente, conforme as previsões de Kant.
d) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados, nacionais, não foi um mero fantasma − mas ruiu; exatamente conforme as previsões de Kant.
e) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma; mas ruiu, exatamente conforme as previsões de Kant.

41. (Cesgranrio – Petrobras Distribuidora – Técnico de Administração e Controle Júnior – 2012) A substituição da vírgula por ponto pode ser feita, mantendo dois períodos bem-formados sintaticamente, em:

a) Ela nasceu em Salvador, capital do estado da Bahia.
b) O rapaz andava com passos rápidos, estava com pressa.
c) Pedi informação a um senhor, que parecia saber o caminho.
d) Se você não souber o caminho, procure a informação no mapa.
e) Todas as ruas, avenidas e praças de Copacabana estão sinalizadas.

42. (Cesgranrio – CHESF – Analista de Sistemas – 2012) "Hoje, informação é poder."

No fragmento acima, a vírgula é empregada para separar o adjunto adverbial de tempo deslocado. Outro exemplo do texto em que a vírgula é utilizada com a mesma função encontra-se em:

a) "nomes e números em profusão, que nos chegam por jornais."
b) "O estado de nossas células cerebrais, as nossas emoções."
c) "Para quem, como eu, viaja bastante e tem de trabalhar em aviões ou em hotéis."
d) "De repente eu me dava conta de como nossa existência é frágil, de como somos governados pelo acaso e pelo imprevisto."
e) "meu palpite é que, no dia do Juízo Final, cada um de nós vai inserir o *pen drive* de sua vida no Grande Computador Celestial."

43. (Cesgranrio – PROMINP – Nível Superior – Área de Qualidade – 2012) O trecho "Gente não vem com manual de instruções quando nasce. Nem para viver nem para morrer." Está reescrito em uma única sentença, sem alteração do sentido, e pontuada de acordo com a norma-padrão, em:

a) Gente não vem com manual de instruções quando nasce; nem para viver; nem para morrer.
b) Gente não vem com manual de instruções quando nasce: nem para viver – nem para morrer.
c) Gente não vem com manual de instruções quando nasce, nem para viver: nem para morrer.
d) Gente não vem com manual de instruções quando nasce – nem para viver – nem para morrer.

e) Gente não vem com manual de instruções quando nasce: nem para viver, nem para morrer.

44. (Cesgranrio – CEF – Arquiteto – 2012) O trecho "Mas não. Não serve qualquer uma." pode ter sua pontuação alterada, sem modificar-lhe o sentido original, em:
a) Mas não: não serve qualquer uma.
b) Mas, não; não, serve qualquer uma.
c) Mas não; não serve, qualquer uma.
d) Mas: não, não. Serve qualquer uma.
e) Mas não – não; serve qualquer uma.

45. (CEPERJ – Procon – Advogado – 2012) O emprego da vírgula marca anteposição de termos, com alteração da ordem direta da frase, no seguinte exemplo do texto:
a) "O consumismo é uma ideologia, um hábito mental forjado que se tornou umas das características culturais mais marcantes da sociedade atual."
b) "obesidade infantil, erotização precoce, consumo precoce de tabaco e álcool, estresse familiar, banalização da agressividade e violência, entre outras."
c) "Para o mercado, antes de tudo, a criança é um consumidor em formação."
d) "A publicidade na TV é a principal ferramenta do mercado para a persuasão do público infantil, que cada vez mais cedo é chamado a participar do universo adulto."
e) "salvo decisões relacionadas a planos de seguro, combustível e produtos de limpeza."

46. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário – 2012) *Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque no sistema da corrupção o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.*
Assinale a alternativa que apresente pontuação para o trecho anterior igualmente correta.
a) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque – no sistema da corrupção –, o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.
b) Se a conduta de praxe seria não, apenas, aceitar, mas exigir dinheiro, em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque no sistema da corrupção, o valor da honestidade, que garantiria – ao sujeito – a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.
c) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque, no sistema da corrupção, o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia –, foi substituído pela vantagem do dinheiro.
d) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever –, é porque, no sistema da corrupção, o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia – foi substituído pela vantagem do dinheiro.

Fragmento de texto

(...) o que é detectado pelas **respostas vagas, inconsistentes, sem coerência, coesão** (...) O x dá lugar ao ch em **"xícara", "mexer" e "vexame"**; o inverso ocorre em "chuchu", "enchimento" e "pichação". (...) A tecnologia deveria ser uma parceira em vez de contribuir para a alienação dos jovens. **Como ensinar redação a estudantes sem argumentos para defender seu ponto de vista?** É imprescindível enfatizar a necessidade da leitura para redigir com clareza, no português padrão, usando um vocabulário rico e adequado, de forma coerente, concisa e sem repetição de ideias.

47. (FUMARC – TJ/MG – Oficial Judiciário – 2012) Sobre o emprego dos sinais de pontuação, analise as afirmativas a seguir, nos trechos:
I. "(...) respostas vagas, inconsistentes, sem coerência, coesão..." o uso das vírgulas se justifica pela enumeração das informações.
II. "xícara", "mexer" e "vexame" os sinais das aspas nas palavras foram utilizados para enfatizar a maneira correta como cada uma deve ser grafada.
III. "Como ensinar redação a estudantes sem argumentos para defender seu ponto de vista?" compreende-se o uso do ponto de interrogação, nesta frase, uma articulação de indignação.
Está(ão) CORRETA(s) a(s) afirmativa(as):
a) I, II e III.
b) Apenas I e III.
c) Apenas II e III.

d) Apenas I.

48. (FUNCAB – MPE/RO – Analista – 2012) Assinale a opção correta quanto à pontuação.
a) O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida.
b) O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido, sob a insígnia, da civilização industrial primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida.
c) O nosso século que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina, e depois fez dela, o seu modelo de vida.
d) O nosso século que se iniciou, e tem se desenvolvido, sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina e, depois fez dela o seu modelo de vida.
e) O nosso século que se iniciou, e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial primeiro, inventou a máquina e depois, fez dela o seu modelo de vida.

49. (Vunesp – Pref. São José dos Campos/SP – Analista Técnico – 2012) Nos versos – Quando se vê, já é sexta-feira/ Quando se vê, já passaram 60 anos – o emprego da vírgula é obrigatório, mas ele é facultativo em:
a) Se pudesse, o poeta nem olharia o relógio.
b) Já era sexta-feira, quando ele se deu conta da passagem do tempo.
c) Se me dessem uma oportunidade, seguiria sempre em frente.
d) Embora tenha sido reprovado, o poeta espera nova oportunidade.
e) Conforme se constatou, já se passaram 60 anos.

50. (FCC – TRE/PR – Técnico Judiciário – 2012) *A maioria desses usos é nobre, já que eles aumentam o nosso conforto, o nosso bem-estar, a nossa saúde.*

Considere as afirmativas seguintes sobre o emprego das vírgulas no segmento acima.
I. A vírgula colocada após **é nobre** pode ser retirada, sem prejuízo da correção.
II. A vírgula que separa as expressões **o nosso bem-estar**, **a nossa saúde** pode ser corretamente substituída por um **e**.
III. A vírgula após a expressão **o nosso conforto** pode ser substituída por dois-pontos, sem prejuízo da correção e do sentido original.

Está correto o que se afirma APENAS em:
a) III.
b) II.
c) I e III.
d) I e II.
e) I.

Minha vida meu amor
Olha minha vida meu amor
Há muito não és mais meu
Toda a loucura que fiz
Foi por você
Que nunca me deu valor
(...)
Por tua causa João
Eu morro pelada
(...)
No fundo do poço
Amor desculpe algum erro
E a falta de vírgula
Dalton Trevisan, Minha vida meu amor. Revista Língua, ano 7, jan. 2011. (texto adaptado)

51. (COPESE – UFT – Vestibular – 2012) Considerando a linguagem utilizada no texto *Minha vida meu amor*, podemos afirmar que a falta do uso da vírgula nos vocativos *você* (linha 4), *João* (linha 6) e *Amor* (linha 9) é uma inadequação à variedade padrão escrita?

Gabarito

1. A.	11. ERRADO.	21. A.	31. ERRADO.	41. B.
2. B.	12. CERTO.	22. A.	32. ERRADO.	42. E.
3. B.	13. CERTO.	23. INCORRETA.	33. CERTO.	43. E.
4. E.	14. ERRADO.	24. CORRETA.	34. ERRADO.	44. A.
5. B.	15. ERRADO.	25. CORRETA.	35. CERTO.	45. C.
6. C.	16. A.	26. INCORRETA.	36. C.	46. D.
7. B.	17. D.	27. CERTO.	37. E.	47. A.
8. ERRADO.	18. C.	28. CERTO.	38. C.	48. A.
9. CERTO.	19. D.	29. ERRADO.	39. A.	49. B.
10. CERTO.	20. CORRETA.	30. ERRADO.	40. E.	50. B.
				51. INCORRETA.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 28

Concordância Verbal e Nominal

Definição

A **concordância** diz respeito à conformidade de palavras que mantêm relações entre si.

Por exemplo, as palavras que acompanham um substantivo ou substituem-no ficam no mesmo gênero e no mesmo número que ele (normalmente, são artigos, adjetivos, numerais e pronomes).

Perceba que, no parágrafo anterior, há uma relação de concordância entre algumas palavras (as em azul concordam com as em negrito):

*Por exemplo, **as** **palavras** que acompanham **um** **substantivo** ou substituem-**no**, ficam n**o** **mesmo** **gênero** e n**o** **mesmo** **número** que **ele** (normalmente, são artigos, adjetivos, numerais e pronomes).*

Sabe por que os falantes cultos jamais colocariam no feminino os vocábulos *um, no, o, mesmo* e *ele*? Por causa de um princípio da língua, chamado **concordância nominal**.

A concordância nominal trata da adequada variação em gênero e número dos determinantes (artigos, adjetivos, numerais e pronomes) com o substantivo, pois tais classes dependem dele e relacionam-se com ele! Digo mais: note que os **artigos** (*um* e *o*) **acompanham** um substantivo, certo? Mas os pronomes (*no, mesmo, ele*) podem **substituir** substantivos, concordando em gênero e número com ele.

Por isso, atenção! As palavras de um texto mantêm relações de concordância entre si. **Jamais** você construiria um texto assim:

*Por exemplo, **os** **palavras** que acompanham **uma** **substantivo** ou substituem-**na**, ficam n**a** **mesma** **gênero** e n**a** **mesma** **número** que **ela** (normalmente, são artigos, adjetivos, numerais e pronomes).*

Adivinha por quê? Não há respeito à concordância! Beleza? Em certos casos, porém, o determinante pode concordar só com o substantivo mais próximo. Dizemos que, nesses casos, há uma **concordância nominal atrativa**. Veja:

– ***O aluno e a aluna** **estudiosa** conquistaram a tão desejada vaga de Analista Judiciário.*

É óbvio que o adjetivo poderia concordar com os dois substantivos:

– ***O aluno e a aluna** **estudiosos** conquistaram a tão desejada vaga de Analista Judiciário.*

"Ok! Entendi! Mas, Pestana, e a concordância **verbal**?" Vejamos agora.

Na **concordância verbal**, o conceito de concordância se mantém. O que ocorre nesse caso é a **relação entre o verbo e o sujeito**.

Note, por exemplo, o primeiro período deste parágrafo anterior: *"Na concordância verbal, o conceito de concordância se mantém"*. Imagine se ele estivesse escrito assim: *"Na concordância verbal, o conceito de concordância se mantêm, ..."* E aí? Alguma diferença? É claro que sim! Sutil, mas sim, há diferença!

Nessa reescritura, o sujeito *o conceito de concordância* está na 3ª pessoa do **singular**, e o verbo *mantêm* está na 3ª pessoa do **plural**. Por isso, **não há con-cor-dân-cia**, pois o verbo deve concordar com o sujeito, ficando na mesma pessoa e no mesmo número!

Obs.: Muito cuidado com os verbos ***vir*** e ***ter*** (e seus derivados, como *manter*), pois eles, **no plural**, recebem acento circunflexo! Cai direto na prova!

Assim, **a concordância verbal trata da adequada flexão, em número e pessoa, de um verbo com seu sujeito**. Ou seja: sujeito no singular = verbo no singular; sujeito na 3ª pessoa = verbo na 3ª pessoa... e por aí vai...

Imagine se eu dissesse assim:

De todos os povos mais plurais culturalmente, o Brasil, mesmo diante de opiniões contrárias, as quais insistem em desmentir que nosso país é cheio de "brasis" – digamos assim –, ganham disparado dos outros, pois houve influências de todos os povos aqui: europeus, asiáticos e africanos.

Nem o Word me corrigiu! Espero que você já tenha corrigido. Sublinhe o **verbo** e procure o **sujeito** depois:

*De todos os povos mais plurais culturalmente, **o Brasil**, mesmo diante de opiniões contrárias, as quais insistem em desmentir que nosso país é cheio de "brasis" – digamos assim –, **ganham** disparado dos outros, pois houve influências de todos os povos aqui: europeus, asiáticos e africanos.*

O Brasil... ganham?!

"Caiu a ficha" sobre concordância verbal agora, não? Esse exemplo que eu dei é o que as bancas *adooooooooram* fazer com você: distanciar o sujeito do seu verbo, não deixando o candidato perceber a concordância. *Pelo amor de Deus! Cuidado com isso!*

O que torna a "maldade" deles ainda pior é que há uma série de palavras no "meio do caminho", entre o sujeito e o verbo, de modo que perceber a concordância culta fica realmente mais difícil. Pois bem... de acordo com a concordância formal, o período acima deveria ficar assim:

*De todos os povos mais plurais culturalmente, **o Brasil**, mesmo diante de opiniões contrárias, as quais insistem em desmentir que nosso país é cheio de "brasis" – digamos assim –, **ganha** disparado dos outros, pois houve influências de todos os povos aqui: europeus, asiáticos e africanos.*

Verbo no **singular**, pois **sujeito** no **singular.**

Em certos casos, o verbo pode concordar com o termo mais próximo do sujeito. Dizemos

que, nesses casos, há uma **concordância verbal atrativa**. Veja:
– ***Conquistou o aluno e a aluna*** *a tão sonhada vaga de Analista Judiciário.*

É óbvio que o verbo poderia concordar com os dois núcleos do sujeito composto:
– ***Conquistaram o aluno e a aluna*** *a tão sonhada vaga de Analista Judiciário.*

Em outros casos, o verbo concorda com um sujeito implícito tendo como referente um ou mais termos. Leia este texto (sujeito em azul, verbo em negrito):

Caberia *aos cidadãos do Brasil, cujas leis são muitas vezes negligenciadas por eles mesmos,* ***o direito de reclamar****. É por isso que* ***deve ser levado*** *a sério, pois quanto mais reclamações, maior possibilidade de se corrigirem problemas.*

"O que ***deve ser levado*** a sério?" Resposta: "***o direito de reclamar***". Note que o sujeito de ***deve ser levado*** está implícito; como ele está na 3ª pessoa do singular, o verbo fica igualmente na 3ª pessoa do singular. Fácil, não?

Bem... espero que você tenha entendido os conceitos básicos de concordância nominal e verbal. Poderia ser só isso, mas existem algumas... "regrinhas"... Vamos a elas? Sem medinho! Eu quero sangue nos olhos a partir de agora, pois "missão dada é missão cumprida"!

Concordância Verbal com o Sujeito Simples

Toda vez que você quiser saber se o verbo está concordando em número e pessoa com o sujeito, busque o verbo da oração. Depois de encontrado, procure o núcleo do sujeito. Em **regra geral**, **o verbo concorda com o núcleo do sujeito**.

*Os **jogadores** de futebol **ganham** um salário exorbitante.*

Por que o verbo (*ganham*) está no plural? Porque o núcleo do sujeito simples (*jogadores*) está no plural. Quem ganha um salário exorbitante? *Os jogadores de futebol*. Logo, **eles** ganham.

Apesar de já ter falado, quero reiterar que as provas não costumam apresentar questões de concordância neste nível fácil. O intuito delas é testá-lo, por isso procuram inverter a ordem dos termos. A minha dica é esta: sublinhe primeiramente o verbo da oração (veja qual é a pessoa e número dele); depois disso, leia a oração e faça a pergunta "O que/Quem...?" ao verbo, a fim de achar o sujeito; depois de achá-lo, veja se seu núcleo está na mesma pessoa e número do verbo. Se sim, houve concordância. Veja uma oração com inversão de termos:

*No começo da semana, **foi publicado**, para o preenchimento de vagas no Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro (MPE-RJ) – cuja procura por parte dos candidatos é grande –, **o tão aguardado edital**.*

Percebeu que o sujeito está bem depois do verbo? Colocando na ordem direta, fica mais fácil de "enxergar": ***O tão aguardado edital** **foi publicado** no começo da semana ...*

Vamos às regras agora.

1) O núcleo do sujeito é uma palavra de sentido coletivo.

O verbo fica no singular.

– ***A multidão** **gritou** entusiasticamente o nome do jogador.*

– ***O grupo**, ontem à noite, **decidiu** que iria ao congresso.*

Cuidado!!!

1) Coletivo **especificado** ou **partitivo**: *a metade de, a maior parte de, a maioria de, uma porção de, uma parte de, uma turba de, o resto de, um grupo de, um bando de, a metade de, o grosso de, um grande número de, um bom número de...* (verbo no singular, concordando com o núcleo do sujeito, ou verbo no plural, concordando com o núcleo do adjunto).

– *A **multidão** de torcedores **gritou** entusiasticamente.*

– *A multidão de **torcedores** **gritaram** entusiasticamente.*

O gramático Cegalla recomenda que, se este tipo de sujeito vier deslocado, o verbo ficará no singular, concordando com o núcleo:

– ***Gritou*** *entusiasticamente a* ***multidão*** *de torcedores.*

2) Sujeitos formados por *milhão, bilhão, trilhão* etc. seguem o mesmo modelo acima:

– *Mais de um* ***milhão*** *de mulheres* ***foi*** *às ruas a fim de protestar contra o abuso sexual.*

– *Mais de um milhão de* ***mulheres*** ***foram*** *às ruas a fim de protestar contra o abuso sexual.*

2) O sujeito é o pronome relativo *que*.

Neste caso, o verbo posterior ao pronome relativo (com função de sujeito!) concorda com o antecedente do relativo.

– *Depois de participar da promoção, presentearam a mim,* ***que*** *nunca* ***ganhei*** *um "par ou ímpar".*

– *Quais são os limites do Brasil continental* ***que*** *se* ***situam*** *mais próximos e mais distantes do Meridiano?*

Cuidado!!!

1) Se houver pronome pessoal reto seguido de outra palavra antes do pronome relativo, o verbo após o relativo concordará com o pronome reto ou com a outra palavra.

No entanto, a maioria dos gramáticos enfatiza que, neste caso, o verbo fica na 3ª pessoa.

– *Não seremos nós* ***os que****, depois de tudo, mentiremos/****mentirão****.*

2) Se houver dois substantivos antes do pronome relativo, pode o pronome concordar com um dos dois, desde que o sentido da frase esteja claro.

– *O resultado das* ***pesquisas que*** *se apurou/se* ***apuraram*** *provocou polêmica.*

3) Com a expressão ***um(a) dos(as)*** **+ substantivo/pronome** vindo antes do pronome relativo **que**, o verbo pode concordar com *um(a)* ou com o substantivo/pronome.

– *Aquela aluna é uma das pessoas* ***que*** ***precisava/precisavam*** *de ajuda.*

Se o sentido da frase exigir que o verbo após o relativo fique no singular, só haverá esta possibilidade de concordância:

– *Santos Dumont foi um dos brasileiros* ***que*** *inventou o avião. (Só ele inventou.)*

4) Lembre-se disto: o pronome relativo *que* precisa ter função de sujeito para que o verbo após ele concorde com o antecedente do relativo. Veja esta frase: *"As acusações que promove quem defende o 'assembleísmo' baseiam-se na decantada 'soberania' das assembleias"*. Algumas pessoas poderiam pensar que o verbo *promover* deveria ficar no plural concordando com o antecedente do relativo (*acusações*), mas nessa frase, o *que* tem função de objeto direto, e não de sujeito. Na ordem direta a frase é esta: *"As acusações que quem defende o 'assembleísmo' promove baseiam-se na decantada 'soberania' das assembleias"*.

3) O sujeito é o pronome indefinido *quem*.

Por via de regra, o verbo fica na 3ª pessoa do singular concordando com *quem*.

– *Fomos nós **quem** **resolveu** a questão.*

Obs.: Se no lugar do pronome reto vier outra palavra, o verbo vai concordar obrigatoriamente com *quem*: *Foram os rapazes da Jovem Guarda **quem** **fez** sucesso.* Pode concordar com o pronome reto antecedente também, por razões de ênfase: *Fomos nós **quem** resolvemos a questão.* Sobre isso, consulte: Esaf – SRF – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA FEDERAL – 2012 – QUESTÃO 36 (P1-G1).

Mas não é assim que costuma cair em prova, como se vê nas duas questões a seguir:

11. (FUNCAB – MPE/RO – Analista – 2012) Assinale a opção correta quanto à concordância verbal.
D) Eram eles ***quem** fazia* a ronda no local. (Gabarito!)

– (Cespe/UnB – PM/SE – Médico – 2006) Assinale a opção que obedece às orientações da norma culta.
B) Na passagem "Por que não fui eu que criei a Microsoft?" (l.12-13), o segundo "que" pode ser corretamente substituído por *quem*, sem modificações das formas verbais.

Comentário: O gabarito foi outro, logo, para o Cespe/UnB, prevaleceu a regra principal, isto é, não se pode usar *quem* no lugar do segundo *que*, de modo que o verbo concorde com o pronome reto: "Por que não fui *eu quem criei* a Microsoft?" (errado)

4) O sujeito é um pronome interrogativo, demonstrativo ou indefinido no plural + de nós/de vós.

O verbo pode concordar com o **pronome no plural** (interrogativo, demonstrativo ou indefinido) ou com *nós/vós*.

– ***Quais** de vós me **ajudarão**? / Quais de **vós** me **ajudareis**?*

– ***Aqueles** de nós **se expressam** bem. / Aqueles de **nós** **nos expressamos** bem.*

– ***Alguns** de nós **resolviam** essas questões. / Alguns de **nós** **resolvíamos** essas questões.*

Obs.: Com os pronomes interrogativos ou indefinidos **no singular**, o verbo concorda com eles em pessoa e número: ***Qual** de vós me **ajudará** agora?*

5) O sujeito é formado de palavras pluralizadas, normalmente topônimos, como: *Amazonas, Alpes, Andes, Alagoas, Campinas, Campos, Buenos Aires, Emirados Árabes Unidos, Filipinas, Marrocos, Minas Gerais, Montes Claros, Patos, Vassouras, etc.*

Se o sujeito vier antecedido de *artigo* no *plural*, o *verbo* ficará no *plural*. Se o sujeito *não* vier antecedido de artigo (ou de artigo no plural), o *verbo* ficará no *singular*.

– ***Os Estados Unidos** **continuam sendo** a maior potência mundial.*

– ***Santos** **fica** em São Paulo.*

– ***O Marrocos*** ***foi dominado*** *pelos árabes no século VIII.*
– ***Férias*** ***faz*** *bem à saúde.*
– ***Vozes verbais*** ***diz*** *respeito, basicamente, a três formas diferentes do verbo.*
– ***As vozes verbais*** ***são*** *tradicionalmente* ***divididas*** *em ativa, passiva e reflexiva.*

Obs.: Há muita polêmica em torno deste caso, mas, de um modo geral, quando o sujeito **apresenta nome de obra artística pluralizada** (livros, filmes...), o verbo pode ficar no singular ou no plural, *quando antecedida de artigo no plural* (*Os Sertões, Os Maias, Os pastores da noite, etc.*):
– ***Os Lusíadas imortalizou/imortalizaram*** *Camões.*
– ***Velozes e Furiosos*** *marcou o cinema relativo a carros.*

6) O sujeito é formado pelas expressões *mais de um, cerca de, perto de, menos de, coisa de, obra de* etc.

O verbo concorda com o numeral.
– *Mais de* ***um*** *aluno não* ***compareceu*** *à aula.*
– *Mais de* ***cinco*** *alunos não* ***compareceram*** *à aula.*

Obs.: A expressão ***mais de um*** tem particularidades: se a frase indicar reciprocidade (pronome reflexivo recíproco *se*), se houver coletivo especificado ou se a expressão vier repetida, o verbo fica no plural:
– *Mais de um irmão* ***se*** ***abraçaram****.*
– *Mais de* ***um grupo de crianças veio/vieram*** *à festa na praia.*
– ***Mais de um aluno, mais de um professor estavam*** *presentes.*

7) Sujeito formado de número percentual ou fracionário.

O verbo concorda com o numerador (o número antes da barra da fração) ou com o número inteiro (o número antes da vírgula na porcentagem), mas pode concordar com o especificador dele. Se o numeral vier precedido de determinante, o verbo concordará apenas com o numeral.
– *Apenas* ***1/3*** *das pessoas do mundo* ***sabe*** *o que é viver bem.*
– *Apenas 1/3 das* ***pessoas*** *do mundo* ***sabem*** *o que é viver bem.*
– *Apenas* ***30%*** *do povo* ***sabem*** *o que é viver bem.*
– *Apenas 30% do* ***povo*** ***sabe*** *o que é viver bem.*
– ***Os 30%*** *da população não* ***sabem*** *o que é viver mal.*

Obs.: Note que, no primeiro exemplo, o verbo concordou com o **1** de 1/3, o mesmo ocorre

com **0** em "Só ***0,9%*** das pessoas ***sabe*** o que significa 'lóxia'.". Veja uma questão sobre isso:

11. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2008) "... mostram que um terço dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição..." (L.67-70)

Assinale a alternativa em que, ao se alterar o termo "um terço", **não** se tenha mantido a concordância em conformidade com a norma culta. Desconsidere a possibilidade de concordância atrativa.

a) mostram que 0,27% dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.
b) mostram que menos de 2% dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foram tributados apenas por aquela contribuição.
c) mostram que grande parte dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.
d) mostram que três quartos dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foram tributados apenas por aquela contribuição.
e) mostram que 1,6 milhão dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.

Comentário: O gabarito é a C, pois não houve concordância adequada: "... grande parte dos pagamentos realizados... foi tributado..."; deveria ser "... parte... foi tributada..." ou "... pagamentos... foram tributados...". a) "... **0**,27%... **foi tributado**...". b) "... **2**%... **foram tributados**...". d) "...**três** quartos... **foram tributados**...". e) "... **1**,6 milhão... **foi tributado**...".

8) Os verbos *bater*, *dar* e *soar* concordam com o número de horas ou vezes (sujeito), exceto se o sujeito for a palavra *relógio, sino, carrilhão*...

– ***Deram duas horas*** *e ela não chegou. (Duas horas deram...)*
– ***Bateu o sino*** *duas vezes. (O sino bateu...)*
– ***Soaram dez badaladas*** *no relógio da escola. (Dez badaladas soaram...)*
– ***Soou*** *dez badaladas* ***o relógio*** *da escola. (O relógio da escola soou dez badaladas.)*

Obs.: Alguns gramáticos, como Celso Cunha e Antenor Nascentes, encaram tais verbos como impessoais, de modo que o número de horas é o adjunto adverbial e a oração é sem sujeito. Nesse caso, a concordância é atrativa. Já outros gramáticos, como Domingos. P. Cegalla e Rocha Lima, encaram tais expressões numéricas como o sujeito, de modo que o verbo não é impessoal.

9) Sujeito em voz passiva sintética.

O verbo concorda com o sujeito paciente. Passe sempre para a voz passiva analítica para "enxergar" o sujeito mais facilmente.

– ***Vendem-se casas de veraneio*** *aqui. (Casas de veraneio são vendidas aqui.)*
– *Nunca* ***se viu****, em parte alguma,* ***pessoa tão interessada****. (Pessoa tão interessada nunca foi vista em parte alguma.)*

Cuidado!!!

1) Quando o sujeito composto está posposto, vale a regra de atração com o mais próximo ou com todos os elementos do sujeito composto:

– ***Modificou****-se, no século XXI, ainda que a população brasileira estivesse descrente, a* ***maneira*** *de fazer política no Brasil, os tratos do Legislativo com os cidadãos e, por fim, a visão do povo sobre os governantes.*

– ***Modificaram****-se, no século XXI, ainda que a população brasileira estivesse descrente, a* ***maneira*** *de fazer política no Brasil, os* ***tratos*** *do Legislativo com os cidadãos e, por fim, a* ***visão*** *do povo sobre os governantes.*

2) Não confundir ***se*** apassivador com ***se*** indeterminador do sujeito! Revise o *se* relendo *Funções Sintáticas dos Pronomes Oblíquos Átonos*, no capítulo 21. Cai muito em prova, hein!

Veja um exemplo de frase para você entender "como" aparece em prova:

Não ***se discutem*** *muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise,* ***a questão do tamanho****, mas sim a alavancagem desses bancos.* (Retirado de Carta Capital, 18/10/2012)

Corrija-se para o singular:

Não ***se discute*** *muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise,* ***a questão do tamanho****, mas sim a alavancagem desses bancos. (= ... a questão do tamanho não é discutida...)*

Veja mais um:

Não ***se discute*** *muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise,* ***as questões do tamanho****, mas sim a alavancagem desses bancos.*

Corrija-se para o plural:

Não ***se discutem*** *muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise,* ***as questões do tamanho****, mas sim a alavancagem desses bancos. (= ... as questões do tamanho não são discutidas...)*

Nas provas, há uma tendência muito grande em formular a frase de voz passiva sintética com verbo no singular, indeterminando o sujeito. Por isso se faz muita pergunta sobre o *se*. Não confunda!

3) Concordância com *costumar/poder/dever* + *se* + infinitivo + substantivo no plural.

Existem duas análises possíveis para essa construção:

Em "***Devem-se resolver*** *rapidamente* ***as questões de Português***", analisamos *devem-se resolver* como uma **locução verbal com partícula *se* apassivadora**, concordando o verbo auxiliar da locução com o sujeito *as questões de Português*. Afinal de contas, "O que se devem resolver rapidamente?" Resposta: "As questões de Português.", certo? Passe para a voz passiva analítica que vai ficar mais fácil ainda:

"***As questões de Português*** ***devem ser resolvidas*** rapidamente." Percebeu?

Agora, a segunda análise possível é feita se os verbos ***costumar/poder/dever*** estiverem no singular, não mais formando uma locução verbal, mas sim um **verbo principal** seguido de uma **oração reduzida**. "Como assim, Pest?" Veja a frase a seguir e sua análise:

"**Pode-se** / ***resolver rapidamente estas questões de Português***."

O que "se pode"? Ou seja, o que é possível? Resposta: "resolver rapidamente estas questões de Português" se pode (= é possível). Logo, *resolver rapidamente estas questões de Português* é a oração reduzida com função de **sujeito** da oração principal *Pode-se*. O verbo fica sempre no singular quando seu sujeito é oracional.

Resumindo:

Costumam/Devem/Podem-se resolver ***questões de Português.***

(locução verbal com *se* apassivador concordando com sujeito no plural)

ou

Costuma/Deve/Pode-se / ***resolver questões de Português*****.**

(oração principal / oração reduzida de infinitivo com função de sujeito)

4) Com a estrutura *querer* + *se* + infinitivo, Bechara indica que a concordância não pode ser arbitrária quando o sentido falar mais alto: *"Quer-se inverter as leis."* não equivale a *"As leis querem ser invertidas."*, logo não faz sentido escrever ou dizer *"Querem-se inverter as leis."*. Sendo assim, o sujeito de *"Quer-se inverter as leis."* é oracional: *inverter as leis*.

5) Na expressão "não (nunca)... mais que (do que)", o verbo concorda com o termo que vem depois do fim da expressão: *"Não se* ***viam*** *mais do que* ***corpos espalhados no chão****."*

10) O sujeito é um pronome de tratamento.

O verbo fica sempre na 3ª pessoa do singular.

– *Por que* ***Vossa Majestade*** ***está*** *tão preocupada com sua imagem hoje?*

– ***Suas Excelências*** ***precisam*** *parar de colocar "panos quentes" no julgamento.*

11) Sujeito do verbo *viver* (orações optativas ou exclamativas).

– ***Vivam*** ***os campeões****!*

Continue a labuta... vamos a mais regras! Não desista!

Concordância Verbal com o Sujeito Composto

Se o sujeito é composto, o verbo concorda em número e pessoa com os núcleos do sujeito.

*A **Copa do Mundo** e as **Olimpíadas** **beneficiarão** muito o Brasil em 2014 e em 2016.*

O verbo está no plural porque os núcleos do sujeito também estão. Ok?

Cuidado!!!

1) Por concordância atrativa, o verbo pode concordar com o núcleo mais próximo do **sujeito composto posposto** ao verbo. Pode também concordar com os dois núcleos. Se, porventura, o verbo vier acompanhado de pronome reflexivo recíproco, aí o verbo fica obrigatoriamente no plural.

– ***Vai trazer** benefícios, em 2014 e em 2016, a **Copa do Mundo** e as Olimpíadas.*

– ***Vão trazer** benefícios, em 2014 e em 2016, a **Copa do Mundo** e as **Olimpíadas**.*

– ***Vão cumprimentar-se**, em 2014 e em 2016, **alguma autoridade brasileira e alguma autoridade estrangeira**, em virtude dos jogos a serem realizados aqui.*

Essa concordância atrativa, porém, foi ignorada completamente pela banca Esaf:

6. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção que apresenta erro gramatical inserido na transcrição do fragmento abaixo.

*(...) **Contribuiu**, ainda, para o aumento da arrecadação, **o recebimento de concessões para exploração de petróleo e gás natural e serviços de telefonia móvel celular, a receita de dividendos da União e a receita de cota-parte de compensações financeiras**, em decorrência da elevada cotação do preço do petróleo no mercado internacional em parte deste ano.*

c) flexão de singular no verbo "Contribuiu";

Comentário: O gabarito foi a letra C. É isso mesmo! A Esaf considerou um erro a concordância atrativa entre a forma verbal singular *Contribuiu* e o termo mais próximo (recebimento) do sujeito composto! Esta questão deveria ter sido anulada! É incrível, não?! Pensou que tinha acabado a novela? Em 2005, a mesma banca aceitou a concordância atrativa!!! Duvida?! Veja isto: ESAF – SET/RN – AUDITOR-FISCAL DO TESOURO ESTADUAL – 2005 – QUESTÃO 3.

2) Quando os núcleos do sujeito designam a mesma pessoa ou coisa, o verbo fica no singular: "*Aleluia! **O brasileiro comum**, **o homem do povo**, **o João-ninguém** agora **é** cédula de Cr$ 500,00!*" (Carlos Drummond de Andrade)

1) Núcleos do sujeito constituídos de pessoas gramaticais diferentes.

Para haver concordância adequada, segue-se a ordem de prioridade: a 1ª pessoa prevalece sobre a 2ª, que prevalece sobre a 3ª.

– ***Eu** e **ele** (= Nós) nos **tornaremos** pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

– ***Tu** e **ele** (= Vós) vos **tornareis** pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

Cuidado!!!

1) No segundo exemplo, também é aceita a concordância do verbo com a terceira pessoa.

– ***Tu*** *e* ***ele*** *(= Vocês) se* ***tornarão*** *pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

2) Se o sujeito estiver posposto, permite-se também a concordância por atração com o núcleo mais próximo do verbo.

– ***Tornar-me-ei*** ***eu*** *e* ***meus amigos*** *pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

3) No sujeito posposto, quando ocorre ideia de reciprocidade, a concordância é feita obrigatoriamente no **plural**, concordando com ambos os termos do sujeito.

– ***Abraçaram-se*** o ***professor*** e ***ele***.

2) Núcleos do sujeito ligados pela preposição *com*.

O verbo fica no plural, mas, se a expressão iniciada por *com* estiver entre vírgulas, o verbo concordará com o primeiro sujeito.

– *O* ***ministro com seus assessores*** ***chegaram*** *ontem de uma exaustiva viagem.*

– *O* ***ministro,*** *com seus assessores,* ***chegou*** *ontem de uma exaustiva viagem.*

Obs.: Bechara diz que a arbitrariedade independe do uso das vírgulas, pois o *com* equivale a *e*, ligando núcleos do sujeito composto. Já o conceituado Rocha Lima, assim como outros gramáticos, entende que a expressão (entre vírgulas) iniciada por *com* é um adjunto adverbial de companhia, por isso o verbo concorda só com o antecedente do *com* (ministro). Com deslocamento do sujeito, a concordância é atrativa: ***Chegou*** *ontem de uma exaustiva viagem o* ***ministro*** *com seus assessores.*

3) Núcleos do sujeito acompanhados da palavra *cada* ou *nenhum*.

O verbo fica no singular.

– ***Cada jogador, cada time, cada um*** ***deve manter*** *o espírito esportivo.*

– ***Nenhum diretor, nenhum coordenador, nenhum professor*** ***agrediria*** *um aluno.*

4) Os núcleos do sujeito são sinônimos e estão no singular.

O verbo pode ficar no singular ou no plural.

– *A* ***angústia*** *e a* ***ansiedade*** *não o* ***ajudava*** *a se concentrar.*

– *A* ***angústia*** *e a* ***ansiedade*** *não o* ***ajudavam*** *a se concentrar.*

Obs.: Neste caso, Sacconi diz que o verbo fica no singular, obrigatoriamente. Polêmicas à parte... quando os núcleos são antônimos, o verbo fica no plural: *A* ***ansiedade*** *e a* ***despreocupação*** ***andam*** *lado a lado em um homem.*

5) Gradação entre os núcleos do sujeito.

O verbo fica no singular ou no plural.

– *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seu **toque** **bastou** para me seduzir.*

– *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seu **toque** **bastaram** para me seduzir.*

Obs.: Neste caso, Sacconi diz que o verbo fica no singular, obrigatoriamente. Polêmicas à parte... se, depois da gradação, vier um termo resumitivo, com ele o verbo concordará: *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seu **toque**, **tudo** **isso** **bastou** para me seduzir.* Se vier um nome plural na gradação, o verbo ficará no plural: *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seus **toques** **bastaram** para me seduzir.*

6) Núcleos do sujeito no infinitivo.

O verbo fica no singular.

– ***Andar** e **nadar** **faz** bem à saúde.*

– ***Ver**-te e não te **querer** **é** improvável, **é** impossível.* (Skank – adaptado)

Obs.: Se os infinitivos vierem determinados ou se forem antônimos, o verbo ficará no plural: ***O** **andar** e **o** **nadar** **fazem** bem à saúde. / **Rir** e **chorar** **se alternam** no ser humano.*

7) Núcleos do sujeito resumidos por um aposto resumitivo (*nada, tudo, ninguém*...).

O verbo fica no singular.

– *Os pedidos, as súplicas, o desespero, **nada** disso o **comoveu**.*

Obs.: Cuidado com a concordância, que pode não ser com o termo resumitivo, mas com o que vem depois do verbo: *Os pedidos, as súplicas, o desespero, nada disso **exigiam** de seus servos **os amos**.*

8) Sujeito constituído pelas expressões *um e outro, nem um nem outro.*

O verbo fica no singular ou no plural.

– ***Um e outro** já **veio/vieram** aqui.*

– ***Nem um nem outro** já **veio/vieram** aqui.*

Cuidado!!!

1) Ao indicar reciprocidade, é obrigatório o verbo no plural.

– ***Nem um nem outro** se **abraçaram** aqui.*

2) Se o sujeito for constituído pela expressão ***um ou outro***, o verbo fica no **singular**.

– ***Uma ou outra conseguirá** uma boa classificação.*

Em *nem um nem outro*, há divergência: alguns gramáticos dizem que o verbo tem de vir no singular (Bechara, p. ex.) ou no plural (Cegalla, p. ex.). Outros (Sacconi, p. ex.) dizem ser caso facultativo. Para "resolver" este impasse, veja:

12. (Esaf – TCU – Analista de Controle Externo – 2006) Assinale a asserção falsa acerca da estruturação linguística e gramatical do texto abaixo.

"Nem o 'sim' nem o 'não' venceram o referendo, e quem confiar no resultado aritmético das urnas logo perceberá a força do seu engano. O vencedor do referendo foi o Grande Medo. Esse Medo latente, insidioso, que a todos nos faz tão temerosos da arma que o alheio possa ter, quanto temerosos de não ter defesa alguma na aflição. Se um lado ou outro aparenta vantagem na contagem das urnas, não faz diferença. O que importa é extinguir o Grande Medo. E **nem** um lado **nem** outro poderia fazê-lo. Todos sabemos muito bem porquê."

a) Para o texto não apresentar nenhuma incorreção de ordem sintática, a concordância do sujeito composto ligado por "nem... nem" deve ser feita com o verbo no plural, tal como se fez na ocorrência do mesmo sujeito composto, na primeira linha do texto.

Comentário: Não deve ser feita no plural, pois é facultativa.

9) Núcleos do sujeito ligados por *nem... nem...*

Verbo preferencialmente no plural.

– ***Nem a televisão nem a internet*** ***desviarão*** *meu foco nos estudos.*

– ***Nem você nem ninguém*** ***conseguirão desmotivar****-me a ponto de eu desistir.*

Cuidado!!!

1) Quando o sujeito está posposto ao verbo, há preferência pelo singular: *"Não lhes **faltava talento nem disposição.**"*.

2) Quando "nem... nem" tem valor de exclusão, o verbo fica no singular, segundo ensina Ulisses Infante: *"**Nem você nem ele** **será** o novo representante da classe."*.

3) Com pronomes retos, segue-se a lei da primazia: *"**Nem eu nem ela** **seremos** condenados, por falta de prova."*.

10) Núcleos do sujeito ligados por *ou*.

Se o ***ou*** indicar exclusão, retificação, sinonímia, o verbo concordará com o núcleo mais próximo. Se indicar inclusão/adição, o verbo ficará no plural (neste caso, o singular não é proibido, segundo Cegalla e Bechara).

– ***O Vasco ou o Corinthians*** ***ganhará*** *o campeonato este ano.* (exclusão)

– ***O Botafogo ou o Flamengo*** ***é*** *pentacampeão brasileiro.* (retificação)

– ***O Flamengo ou Mengão*** *sempre* ***morará*** *em meu coração.* (sinonímia)

– ***O Santos ou o Fluminense*** ***têm*** *grande chance de conquistar o campeonato este ano.* (inclusão/adição)

Obs.: Quando a conjunção **ou** liga termos antônimos, o verbo fica no plural: *"**O amor ou o***

*ódio exacerbados não **fazem** bem à saúde.”.*

11) Entre os núcleos do sujeito aparecem as palavras *como, menos, inclusive, exceto* ou as expressões *bem como, assim como, tanto quanto* (geralmente entre vírgulas).

A preferência é a concordância com o primeiro elemento do sujeito composto.

– ***Vocês**, assim como **eu**, **gostam/gostamos** muito de Português.*

12) Núcleos do sujeito ligados pelas séries correlativas aditivas enfáticas (*tanto... quanto/como/assim como; não só... mas também* etc.)

O verbo concorda com o mais próximo ou com ambos. Há preferência pelo plural entre os gramáticos.

– ***Tanto Dilma quanto Lula** **mantém/mantêm** sua popularidade em alta.*

– ***Não só o Lula mas também a Dilma** **apresenta/apresentam** o mesmo discurso.*

13) Quando dois ou mais adjuntos modificam um único núcleo, o verbo fica no singular concordando com o núcleo único. Mas, se houver determinante após a conjunção, o verbo fica no plural, pois aí o sujeito passa a ser composto.

– *O **preço** dos combustíveis e dos alimentos **aumentou**.*

– *O **preço** dos alimentos e **o** dos combustíveis **aumentaram**.*

Obs.: Para Bechara, a primeira frase poderia apresentar verbo no plural, “como se tratasse na realidade de sujeito composto”: *O **preço** dos combustíveis e dos alimentos **aumentaram**.*

Concordância Verbal do Ser

Aí, a essa altura do campeonato eu pergunto: "Quando o verbo ***ser*** não é especial?" Não poderia ser diferente na concordância! O fato é o seguinte: ora o verbo *ser* concorda com o sujeito, ora com o predicativo do sujeito.

Vejamos as regras desse verbo todo especial.

1) O verbo *ser* concorda com o sujeito (pronome pessoal reto).

– ***Nós*** ***somos*** unha e carne.

2) O verbo *ser* concorda com o sujeito (pessoa).

– ***Fernando Pessoa*** ***foi*** *muitos poetas; basta conhecer seus heterônimos.*

Cuidado!!!

1) Quando o sujeito e o predicativo forem personativos, o verbo *ser* poderá concordar com um dos dois. Logo...: ***Fernando Pessoa*** ***foi/foram*** ***muitos poetas****; basta conhecer seus heterônimos.*

2) Quando **pessoa** concorre com **pronome reto**, o verbo *ser* concorda com o pronome reto (sujeito):

– *Fernando Pestana* ***sou*** ***eu****.*

– ***Eles*** ***são*** *vencedores.*

3) Se os **dois termos** (sujeito e predicativo) forem **pronomes**, a **concordância** será **com** o que aparecer **primeiro**, considerando-o como sujeito da oração.

– ***Eu*** *não* ***sou*** *tu, e* ***tu*** *não* ***és*** *eu.*

3) Quando, em predicados nominais, o sujeito for representado por um dos pronomes *tudo, nada, isto, isso, aquilo* ou "coisas", o verbo *ser* concordará com o predicativo (preferencialmente) ou com o sujeito.

– *No início,* ***tudo*** ***é/são*** ***flores****.*

– ***Tua Palavra*** *sempre* ***foi/foram*** ***as Sagradas Escrituras****.*

– ***Vestidos, sapatos e bolsas*** ***são/é*** ***assunto de mulher****.*

Veja uma questão exemplar sobre isso:

08. (Esaf – SFC – Analista de Finança e Controle – 2002) Assinale a norma gramatical que justifica, com correção e propriedade, a flexão plural do verbo **ser** no período abaixo.

"Já é mais do que conhecido que o principal problema do sistema tributário nacional **são** justamente as contribuições, e não os impostos propriamente ditos." *(Revista CNT, "Lixo tributário")*

a) "Com os verbos ser e parecer a concordância se faz de preferência com o predicativo, se este é plural." (*Luiz Antonio Sacconi)*

b) "Nas frases em que ocorre a locução invariável *é que*, o verbo concorda com o substantivo ou pronome que a

precede, pois são eles efetivamente o seu sujeito." *(Celso Cunha & Lindley Cintra)*

c) "Se tanto o sujeito como o predicativo forem personativos e nenhum dos dois for pronome pessoal, a concordância será facultativa (pode-se concordar com o sujeito ou o predicativo)." *(Dileta S. Martins & Lúbia S. Zilberknop)*

d) "Expressões de sentido quantitativo (...) acompanhadas de complemento no plural admitem concordância verbal no singular ou no plural." *(Manual de Redação da Presidência da República)*

e) "Se o sujeito composto tem os seus núcleos ligados por série aditiva enfática (...), o verbo concorda com o mais próximo ou vai ao plural (o que é mais comum quando o verbo vem antes do sujeito)".*(Evanildo Bechara)*

Comentário: O gabarito é a letra A... por sinal, autoexplicativa: "... o principal **problema**... **é**/***são***... as ***contribuições***...".

4) O verbo *ser* concordará com o predicativo quando o sujeito for os pronomes interrogativos *que* ou *quem*.

– *Que **são** **anacolutos**?*

– *Quem **foram** os **classificados**?*

5) Em indicações de horas, datas, tempo, distância (predicativos), o verbo concorda com o predicativo.

– ***São** **nove horas**.*

– ***É** **frio** aqui.*

– ***Seria** **meio-dia e meia** ou **seriam** **doze horas**?*

– *Daqui à Cidade **são** só **dez quilômetros**.*

Cuidado!!!

1) Em indicações de datas, são aceitas as duas concordâncias, pois subentende-se a palavra dia.

– *Hoje **são** **4 de setembro**.*

– *Hoje **é** **(dia) 4 de setembro**.*

2) Indicando horas e seguido de locuções como "perto de", "cerca de", "mais de", o verbo "ser" tanto pode ficar no singular como no plural.

– ***Era/Eram** **cerca de dez horas**.*

6) Fica o verbo "ser" no singular quando a ele se seguem termos como *muito, pouco, nada, tudo, bastante, mais, menos, etc.* junto a especificações de *preço, peso, quantidade, distância, etc.* Ou seguido do pronome demonstrativo *o*.

– *Cento e cinquenta reais **é** **nada**, perto do que irei ganhar em São Paulo.*

– *Cem metros **é** **muito** para uma criança.*

– *Duas surras **será** **pouco** para ele aprender.*

– *Divertimentos **é** **o** que não lhe falta naquele parque temático.*

7) Na expressão expletiva *é que*, se o sujeito da oração não aparecer entre o verbo *ser* e

o *que*, o *ser* ficará invariável. Se o *ser* vier separado do *que*, o verbo concordará com o termo <u>não preposicionado</u> entre eles.

– ***Eles é que*** *sempre chegam atrasados.*

– ***São eles que*** *sempre chegam atrasados.*

– ***São*** *nessas horas* ***que*** *a gente precisa de ajuda.* (construção inadequada)

– ***É*** *nessas horas* ***que*** *a gente precisa de ajuda.* (construção adequada)

Casos Especiais de Concordância Verbal

I – Concordância do Infinitivo

1) Quando o sujeito for claro.

– *Nós lutaremos até vós **serdes** bem tratados pela sociedade.*

2) Mesmo não sendo explícito o sujeito, é <u>possível</u> a flexão do infinitivo (favorece muitas vezes a clareza)

– *Está na hora de **começarmos** o trabalho*. (se fosse "começar", não haveria clareza de quem praticaria a ação; eu?, você?, ele?)

Obs.: Na frase *"Não é mais permitido aos professores **bater/baterem** nos alunos."*, o plural do verbo *bater* realça seu sujeito implícito, que tem como referente *professores* (núcleo do objeto indireto). Em *"Ele sempre proíbe os empregados de **sair/saírem** no horário."*, o plural do verbo *sair* realça seu sujeito implícito, que tem como referente *empregados* (núcleo do objeto direto).

3) Frase contendo verbos com sujeitos diferentes

– *[1]Falei sobre o desejo de [2]**aprontarmos** o site logo. ([1]eu, [2]nós)*

Obs.: Se o sujeito implícito do verbo no infinitivo for **o mesmo** do verbo da outra oração, a flexão do infinitivo não é necessária, mas não é proibida: *"Falamos sobre o desejo de **aprontar/aprontarmos** o site logo."* ou *"Vocês estão aqui para **resolver/resolverem** meu problema?"* ou *"Não existiam motivos suficientes a fim de **ser/serem reprovados.**"*. Se o sujeito do infinitivo estiver explícito, terá de variar: *"Falamos sobre o desejo de nós **aprontarmos** o site logo."* ou *"Vocês estão aqui para vocês **resolverem** meu problema?"* ou *"Não havia motivos suficientes a fim de os alunos **serem reprovados.**"*.

4) Quando iniciarem oração com preposição (preferencialmente).

– *Até me **encontrarem**, vocês terão de procurar muito.*

5) Com verbos pronominais ou acompanhados de pronome reflexivo ou apassivador.

– *Para nós <u>nos</u> **precavermos**, precisaremos de víveres.*

– *Eles ficaram sem <u>se</u> **cumprimentarem** durante anos.*

– *Por <u>se</u> **reunirem** os familiares, tudo ficou bem.*

6) Verbo *ser* indicando tempo, concorda com o numeral.

– *Visto **serem** <u>dez horas</u>, deixei o local.*

7) Querendo-se indeterminar o sujeito (3ª pessoa do plural).

– *Estudo para não me **considerarem** um inútil.*

8) Infinitivo pessoal composto: locução verbal formada por verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **infinitivo pessoal simples + o principal no particípio**, indicando ação passada em relação ao momento da fala; segue as mesmas regras acima.

– *Para vocês **terem adquirido** este conhecimento todo, precisou de muito estudo?*

Falemos agora sobre os casos de não flexão do infinitivo (infinitivo não flexionado):

1) Nas locuções verbais (como auxiliar ou principal):

– *Devo **continuar** trabalhando neste projeto.*

– *Elas não poderiam **ter** feito isso comigo.*

– *Tornou a **discutir** devaneios e vãs filosofias.*

– *Acabou de **passar** na prova.*

Obs.: Cuidado com o infinitivo que faz parte de uma locução verbal, mas vem distante do auxiliar ou este está subentendido, é *incrivelmente* (na minha opinião) facultativo: "**Poderemos**, depois das lutas acirradas, vencidas duramente, ***cantar/cantarmos*** vitória.". E, antes que você duvide de mim, o camarada que fala isso é nada mais, nada menos que o senhor Evanildo Bechara. Conhece?

2) Quando o sujeito do infinitivo é um pronome oblíquo átono ou um substantivo no singular (normalmente com verbos causativos – *mandar, deixar, fazer* e sinônimos – ou sensitivos – *ver, ouvir, sentir* – e sinônimos).

– *Deixei-os **brincar** aqui.*

– *Deixaram-nos **brincar** ali.*

– *Deixaste o garoto **brincar** lá?*

– *A menina deixou-se **ficar** na janela.*

Obs.: Quando o sujeito do infinitivo for um substantivo no plural, pode-se usar tanto o infinitivo flexionado quanto o infinitivo não flexionado: "Mandei os garotos ***sair/saírem.***".

3) Quando o infinitivo não se refere a sujeito algum, com valor genérico.

– ***Navegar** é preciso, **viver** não é preciso.*

4) Quando complemento de adjetivo ou substantivo, precedidos, respectivamente, de preposição *de* ou *para*.

– *São casos difíceis de* ***solucionar****.**

– *Eles têm aptidão para* ***aprender*** *línguas estrangeiras.*

* Nesta construção com a preposição *de*, complementando um adjetivo, ele tem valor passivo e não admite o *se* antes do infinitivo. Alguns gramáticos, como Hildebrando André, dizem que este é um terceiro caso de voz passiva: São casos difíceis de ***solucionar.*** = São casos difíceis de ***serem solucionados***.

Abro aqui um adendo para que você leia a excelente e esclarecedora explicação da professora Eunice Marta, do *site* Ciberdúvidas, sobre uma pergunta enviada por uma consulente, a saber: "Os leitores têm a possibilidade de consultar ou consultarem?" Resposta: "Ambas as formas são aceitáveis, embora a do infinitivo não flexionado (ou impessoal) – "Os leitores têm a possibilidade de consultar." – seja a mais aconselhável. Repare-se que se trata de um dos casos previstos para o uso do infinitivo impessoal (não flexionado), pois está precedido da preposição *de* e dependente de um substantivo – *possibilidade* –, cuja construção corresponde a um infinitivo passivo, tal como aconselham Cunha e Cintra com a seguinte indicação: "O infinitivo conserva a forma não flexionada […] quando é precedido da preposição **de**, em que o infinitivo depende de um substantivo [assim como de um adjetivo ou de um verbo] em construções em que corresponde a um infinitivo passivo" (*Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Sá da Costa, 2002, pp. 483). De qualquer modo, os próprios gramáticos apercebem-se de que "o emprego das formas flexionada e não flexionada do infinitivo é uma das questões mais controvertidas da sintaxe portuguesa" (*idem*, p. 482), o que os levou a considerar que lhes "parece mais acertado falar não de regras, mas de tendências" (*idem*). Por isso, concluem, seguindo Said Ali, que se "trata de um caso de emprego seletivo, cuja escolha depende da intenção do emissor: "a escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos somente da ação ou do intuito ou necessidade de pormos em evidência o agente da ação. No primeiro caso, preferimos o infinitivo não flexionado (ou impessoal); no segundo, o flexionado (ou pessoal)" (*idem*, p. 487). Portanto, a primeira frase – "Os leitores têm a possibilidade de consultarem" – é, também, legítima, pois o sujeito do infinitivo é o mesmo que o do verbo anterior ("têm de") – *os leitores*, sendo o uso do infinitivo flexionado justificado pelo realce do sujeito. Nestes casos, podemos optar por usar quer o infinitivo pessoal (flexionado) quer o impessoal (não flexionado). É o que acontece, por exemplo, numa frase como "Os leitores têm o hábito de ler/lerem muitos livros". E é também o que acontece com a frase em apreço".

5) Quando der ao infinitivo valor de imperativo.

– *Soldados,* ***recuar****!*

– *Esquerda,* ***volver****!*

– ***Dar*** *descarga ao usar o vaso. Grato.*

Adendo Final

Veja agora alguns casos em que o infinitivo não constitui oração, segundo Bechara, ou seja, tem valor puramente nominal, classificado como substantivo. Caso queira saber mais sobre análise sintática, termos sintáticos e afins, vá aos capítulos de sintaxe.

– Acompanhado de determinante: *O* ***andar*** *dela continua a provocar suspiros*. (núcleo do sujeito)

– Sem referência a nenhum sujeito, de modo vago: ***Viver*** *é* ***lutar***. (sujeito e predicativo do sujeito) / ***Amar*** *implica* ***sofrer***. (sujeito e objeto direto)

– Dentro de locução adjetiva: *Comprei uma tábua de* ***passar***. (núcleo do adjunto adnominal)

– Equivalendo a um adjetivo na construção *de* + infinitivo: *É* ***de esperar*** *(esperado) que voltem logo.* (núcleo do predicativo do sujeito)

– Dentro de expressões substantivadas ou simplesmente nomeando uma ação: *"Ele subiu para cima, pai."; "Use* ***subir*** *apenas, filho."*. (objeto direto)

II – Concordância do *Parecer*

Com o verbo parecer, flexiona-se ou não o infinitivo.

– *Pareceu-me* ***estarem*** ***os candidatos*** *confiantes.*

Entenda: a construção nos mostra duas orações:

1ª: Pareceu-me (verbo que exprime dúvida)

2ª: **estarem** ***os candidatos*** confiantes (infinitivo flexionado por apresentar sujeito próprio).

Isto é, parafraseando: *Pareceu-me que* ***os candidatos*** ***estavam*** *confiantes.*

Note que, na paráfrase acima, o verbo *estar* se encontra no plural. Por isso o verbo *estar,* no infinitivo, fica no plural. Note também que o verbo *parecer* fica na 3ª pessoa do singular, pois o sujeito dele é uma oração subordinada substantiva subjetiva. Toda vez que o sujeito de um verbo for oracional, o verbo ficará na 3ª pessoa do singular.

Saiba também que o verbo *parecer* pode ser auxiliar de uma locução verbal. Nesse caso, ele varia; o infinitivo, como verbo principal da locução, não varia.

– ***Eles*** ***parecem estudar*** *bastante.*

III – Concordância dos *Verbos Impessoais*

São aqueles que não possuem sujeito (oração sem sujeito). Ficarão sempre na 3ª pessoa do singular. Lembra-se da aula de ***oração sem sujeito***? É importante lembrar! O "campeão" em aparições é o verbo *haver*, mas há também os verbos *fazer, estar, verbos que indicam*

fenômenos naturais etc.

– ***Havia*** *sérios problemas na cidade.*

– ***Fazia*** *quinze anos que ele havia parado de estudar.*

– ***Deve haver*** *sérios problemas na cidade.*

– ***Vai fazer*** *quinze anos que ele parou de estudar. (...)*

– ***Trata-se*** *de problemas pedagógicos, meu caro.*

– ***Geou*** *muitas horas no Sul.*

Obs.: Note que o verbo auxiliar da locução verbal, cujo verbo impessoal é o principal da locução, fica no singular! Fique de olho nisso, pois é recorrente em prova! Veja uma questão:

(FCC – TJ/PE – Técnico Judiciário – 2012) Afirma-se com correção:

a) Do ponto de vista gramatical, é apropriada a substituição de *existiam* por "deviam haver".

Comentário: A afirmação da letra A é equivocada, pois o verbo *haver* é impessoal, transmitindo sua impessoalidade ao verbo auxiliar da locução verbal. Logo, *existiam* = *devia haver*.

IV – Concordância do *Sujeito Oracional*

Muito cuidado!!! Recorrente em prova!

Quando o sujeito é uma oração subordinada, o verbo da oração principal fica na 3ª pessoa do singular.

– *Ainda* ***vale*** *a pena* ***investir nos estudos****. (O que ainda vale a pena? Investir nos estudos.)*

– ***Quem anda em demanda*** *com o diabo* ***anda****. (Quem com o diabo anda? Quem anda em demanda.)*

– ***Sabe-se*** ***que dois alunos nossos passaram na prova****. (O que se sabe? Que dois alunos passaram na prova.)*

– ***Ficou programado*** ***que sairíamos à tarde****. (O que ficou programado? Que sairíamos à tarde.)*

– ***Urge*** ***que você estude****! (O que urge? Que você estude.)*

– ***Era*** *preciso* ***encontrar a verdade****. (O que era preciso? Encontrar a verdade.)*

Cuidado!!!

Muito, mas muito, mas muito cuidado mesmo com a frase abaixo!

– *Havia muitos erros e complicações que já não estavam em suas mãos resolver.*

O verbo *estar* deve ficar na 3ª pessoa do singular porque o seu sujeito é oracional, a saber: *resolver erros e complicações*. Note que uma parte do sujeito oracional (erros e complicações) é retomada pelo pronome relativo *que*, o qual tem função de objeto direto. É

como se juntássemos as duas orações abaixo...:

1) Havia muitos erros e complicações.

2) Resolver erros e complicações não estava em suas mãos.

... de modo que ela ficasse assim:

– *Havia muitos* ***erros e complicações*** *que já não* ***estava*** *em suas mãos* ***resolver****.*

Silepse de Número e de Pessoa

A **silepse** é também chamada de "concordância irregular, ideológica ou figurada".

Trata-se de uma figura de linguagem em que as regras tradicionais da concordância sintática são contrariadas, usando-se em seu lugar a concordância de acordo com o sentido. A **concordância siléptica** não é considerada um erro!

Como bem observa o Professor Mattoso Câmara Jr., "não constituem solecismos (desvios gramaticais) os desvios das normas sintáticas feitos com intenção estilística, em que a afetividade predomina sobre a análise intelectiva, como na silepse..." [grifos meus]. Dessa forma, a silepse pode ser usada em situações de comunicação que não deixem dúvidas quanto à capacidade do falante sobre o domínio da norma culta, desde que se sublinhe bem sua intenção estilística. Não é possível fazer silepse "a torto e a direito", pois muitas silepses são próprias do registro coloquial, não encontrando respaldo no registro culto da língua.

Segundo uma semiparáfrase do que diz o eminente gramático Evanildo Bechara, *com exceção de certas construções populares, como "O povo trabalham" ou "A gente vamos", havendo distanciamento entre o sujeito e o verbo, a silepse de número não constitui incorreção gramatical*.

Quando uma banca não trabalha questão de silepse, *stricto sensu*, trabalha a ideia de que a silepse não constitui um erro gramatical, mas é um tipo especial de concordância – mais encontrada como recurso expressivo em textos igualmente expressivos.

1) Silepse de Número

Usa-se um vocábulo em número diferente da palavra a que se refere para concordar com o sentido que ela tem.

– *Flor tem vida muito curta, logo* ***murcham***.

– *Toda aquela multidão veementemente se insurgiu contra o governo.* ***Estavam sedentos*** *por justiça.*

2) Silepse de Pessoa

Aqui o autor da frase participa do processo verbal; o verbo fica necessariamente na 1ª pessoa do plural, pois ele se inclui.

– *Os brasileiros, especialmente os cariocas, quando* ***podemos*** *usar de malandragem,* ***usamos***.

– *"E os dois, ali no quarto,* ***picamos*** *em mil pedaços as trezentas páginas do livro."* (Paulo Setúbal)

Veja o modo como duas questões de bancas diferentes trataram disso:

36. (CEPERJ – Pref. Angra dos Reis/RJ – Professor de Português – 2008) Leia a frase a seguir, atribuída ao autor de Canção do Exílio.

– Eu sou poeta e, aos 30 anos, doente, não queremos desperdiçar o tempo.

Nesta frase, a concordância do verbo querer é um exemplo de:

a) silepse de número;
b) silepse de gênero;
c) silepse de pessoa; (Gabarito!)
d) concordância atrativa;
e) concordância lógica.

Comentário: Ocorre silepse de pessoa, pois o autor da frase participa do processo verbal (queremos).

35) (Dom Cintra – Pref. Petrópolis/RJ – Auxiliar em Enfermagem – 2008) Marque a frase que apresenta erro com relação à sintaxe de concordância:

e) os mineiros nos orgulhamos da homenagem que nos prestou o capixaba Rubem Braga nessa crônica.

Comentário: A letra E não foi considerada o gabarito, o que significa que a silepse (de pessoa: os mineiros nos orgulhamos) não é considerada um erro de concordância, mas tão somente um tipo de concordância. Ponto.

Concordância Nominal com Adjetivos

De acordo com a **regra geral**, os determinantes **artigo, pronome, numeral, adjetivo (e o particípio)** concordam em gênero e número com o **substantivo** (ou outra palavra de valor substantivo). O substantivo é o "cara" neste tipo de concordância, assim como o verbo o foi na verbal. A concordância atrativa é frequente, por isso olho vivo!

***As minhas três belas casas** vão ser **vendidas** porque fui à falência.*

É bom dizer que, nos concursos públicos, a concordância com os adjetivos (com função de adjunto adnominal, predicativo do sujeito ou do objeto) é o que mais interessa. Fique esperto!

1) Adjetivo com Função de Adjunto Adnominal

a) Quando um só adjetivo se refere a um substantivo, concorda com ele normalmente.

– *O **aluno** sempre foi muito **atento**, mas a **aluna** nunca foi tão **atenta** quanto ele.*

b) Quando o adjetivo é composto, só o último termo varia com o substantivo. Esta é a regra geral. Para mais detalhes, consulte o capítulo de *Adjetivo*.

– *As **intervenções** médico-**cirúrgicas** foram um sucesso!*

c) Quando o adjetivo se referir a mais de um substantivo, concordará com todos os substantivos ou com o mais próximo.

– *Os **alunos** e as **alunas** **atentos** entenderam tudo.*

– *Os alunos e as **alunas** **atentas** entenderam tudo.*

Obs.: Mesmo que haja concordância atrativa, semanticamente o adjetivo ainda caracterizará ambos os substantivos. Isso vale para todos os casos de concordância atrativa, a não ser em casos em que o sentido fica absurdo: "Senti um cheiro e um toque *macio*.". Um cheiro não pode ser macio, exceto em linguagem figurada.

d) Se o adjetivo vier antes dos substantivos, a concordância será feita obrigatoriamente com o mais próximo.

– *Comprei as **velhas** **gramáticas** e **manuais** de que precisava para uma pesquisa.*

Cuidado!!!

1) Os pronomes adjetivos seguem a mesma regra: *A **sua** **idade**, preferência sexual e profissão não me interessam. / **Aqueles** **planos** e intenções são desprezíveis. / Por que **tantas** **palmas** e elogio?*

2) Se os substantivos exprimirem nomes próprios ou parentesco, o adjetivo aceitará apenas a concordância gramatical (**prevalecendo** o **masculino**): ***Queridos** **pai** e **mãe**, estou com muita saudade de vocês. / Os **talentosos** **Renato Russo** e **Cazuza** deixaram suas marcas.*

e) É obrigatória a concordância com o substantivo mais próximo quando o sentido exige ou quando os substantivos são sinônimos, antônimos ou em gradação.

– *Eu comprei frango e* ***carne*** ***bovina***. (o sentido exige)

– *Você tem ideias e* ***pensamentos*** ***fixos***. (sinônimos)

– *Neste lugar, é sempre calor e* ***frio*** ***absurdo***. (antônimos)

– *O sorriso, o riso, a* ***gargalhada*** ***solta*** *era sua maior característica.* (gradação)

f) Dois ou mais adjetivos podem modificar um mesmo substantivo, que fica no plural; no entanto, se colocarmos um determinante antes do 2º adjetivo, o substantivo fica no singular.

– *Os* ***setores*** ***público*** *e* ***privado*** *formaram uma parceria.*

– *O* ***setor*** ***público*** *e o* ***privado*** *formaram uma parceria.*

Obs.: Modernamente, entende-se que, na última frase, o último artigo pode ser retirado: "O ***setor*** ***público*** e ***privado*** formaram uma parceria.". Quem defende isso é Evanildo Bechara. Isso já foi questão de prova na Esaf e no Cespe/UnB, pelo menos! Coloquei uma questão da Esaf sobre isso para você fazer mais adiante. No entanto, caso sua curiosidade tenha sido atiçada, consulte esta: Cespe/UnB – BB – ESCRITURÁRIO – 2002 – QUESTÃO 1 – OPÇÃO 3.

g) Os adjetivos iniciados pela preposição *de*, quando se referem a certos pronomes indefinidos (*algo, muito, nada, tanto*...), ficam no masculino singular. Mas, por atração, podem concordar com o sujeito.

– *Seus olhos têm algo de* ***sedutor***. (Cegalla)

– *Esse lugar nada tem de* ***interessante***.

– ***Júlia*** *tinha tanto de* ***magra*** *e* ***sardenta****, quanto de* ***feia***. (Ribeiro Couto)

2) Adjetivo com Função de Predicativo do Sujeito ou do Objeto

a) O adjetivo predicativo concorda normalmente com o substantivo ou pronome a que se refere, mas cuidado com certas expressões em que cabe dupla concordância:

– *A* ***maioria*** *dos homens* ***está certa*** *de que vale a pena manter pulso firme com os filhos.*

– *A maioria dos* ***homens*** ***estão certos*** *de que vale a pena manter pulso firme com os filhos.*

b) O adjetivo com função de predicativo faz concordância gramatical (concordância com todos os substantivos) antes ou depois dos substantivos (ou pronomes) a que se refere. No entanto, o adjetivo com função de predicativo do sujeito só poderá concordar com o núcleo mais próximo se o sujeito composto vier após o verbo no singular*.

– *Os* ***homens*** *e as* ***mulheres*** *estavam* ***excitados*** *com a notícia.*

– *Estavam **excitados** as **mulheres** e os **homens** com a notícia.*
– *Estava **excitada** a **mulher** e os homens com a notícia.**
– *Encontrei a **mulher** e o **homem** **excitados** com a notícia.*
– *Encontrei **excitados** a **mulher** e o **homem** com a notícia.*
– *Encontrei-**os** **excitados** com a notícia.*

Cuidado!!!

1) Alguns gramáticos, como Manoel P. Ribeiro, Domingos P. Cegalla, Bechara, entendem que o adjetivo (predicativo do objeto) anteposto aos substantivos pode concordar com o mais próximo: *Encontrei **excitadas** as **mulheres** e os homens com a notícia*. Cegalla vai além e diz que, na frase *Estava **excitada** a **mulher** e os homens com a notícia**, ainda assim o verbo e o adjetivo com função de predicativo do sujeito poderiam variar, ficando assim*: Estavam **excitadas** as **mulheres** e os homens com a notícia**.*

2) O adjetivo com função de predicativo de uma oração fica sempre no masculino singular: "*Fica **óbvio*** (e não *óbvia*) ***que a maioria dos casos de gripe suína é reveladora da falta de condições socioambiental***." / "*Acho **sensato*** (e não *sensata*) ***resolver nossa pendenga*** *sem violência*."

3) O adjetivo (predicativo do sujeito), em expressões como *É preciso, É necessário, É bom, É proibido, É permitido*, fica invariável quando se liga a um substantivo com sentido genérico, seguido de *muito(a)* ou não determinado. Mas... quando o substantivo está determinado, o adjetivo vai variar obrigatoriamente: *Água **é bom**. / A água **é boa**. / **É proibido** entrada aqui. / Sua entrada **é proibida** aqui. / **É necessário** disposição para este cenário mudar. / **É necessária** grande disposição*

*para este cenário mudar. / Para viver um grande amor, **preciso é** muita concentração e muito siso, muita seriedade e pouco riso.* (Vinícius de Moraes). / *As balas que **são precisas** para eliminar homens criminosos na China são compradas pela própria família.* **Obs.:** "Proibida entrada" está correto.

c) O substantivo, quando tem função de predicativo, segue as mesmas regras do adjetivo.
– *Por favor, não **as** veja como **pedagogas**; são apenas auxiliares.*

d) O particípio (na locução verbal de voz passiva analítica ou em oração reduzida) varia normalmente tal qual o adjetivo.
– *Minha **aluna** e meu **aluno** foram **aprovados** para a segunda fase do exame nacional.*
– *Foram **aprovados** para a segunda fase do exame nacional minha **aluna** e meu **aluno**.*
– *Foi **aprovada** minha **aluna** e meu aluno para a segunda fase do exame nacional.*

– *Minha **aluna** e meu **aluno** tinham sido **aprovados** para a segunda fase do exame nacional.*
– ***Guardadas** as **devidas** proporções, creio que aquele livro é revolucionário.*
– ***Vistas** e **revistas** as **resenhas**, aprovamo-las.*

Obs.: Sobre a frase *Foram **aprovadas** **centenas** de alunos para a segunda fase do exame nacional*, na ordem direta, Cegalla diz que o adjetivo pode concordar com o núcleo do especificador: *Centenas de **alunos** foram **aprovados** para a segunda fase do exame nacional.*

Lembre-se disto: o particípio não varia quando faz parte da locução verbal de tempo composto. Logo, a frase *"Elas **haviam resolvidas** as questões."* está equivocada, devendo ser corrigida para: *"Elas **haviam resolvido** as questões."*.

Casos Especiais de Concordância Nominal

1) Concordância do pronome com o substantivo

Os pronomes concordam com o substantivo a que se referem. Se houver mais de um substantivo de gêneros diferentes, fica o pronome no masculino plural.

– *O **ideal** pel**o qual** entreguei minha vida, a **ideologia** pel**a qual** eu vivi, tornou-me um homem melhor.*

– *Havia uma **campeã** de judô no Japão, mas **a** do Brasil era especial.*

– ***A honestidade**, **o comprometimento**, **a empatia** e **a longanimidade**, seu mestre **os** havia ensinado a eles.*

Obs.: Na frase *"Um assunto **desses** não deve ser discutido em público."*, o pronome demonstrativo vem sempre no plural, pois tem valor **indeterminador**. Outros exemplos: *"Foi uma surra **daquelas.**"* ou *"Ele está num dia **daqueles.**"*. Neste uso, o valor intensificador do pronome é próprio da linguagem coloquial.

2) Quando têm valor adjetivo, tais palavras variam normalmente: *mesmo, próprio, só, extra, junto, quite, leso, obrigado, anexo/apenso, incluso.*

– *A **mulher** **mesma** fez o trabalho.*

– *As **mulheres** vivem acusando a si **próprias**.*

– *As **crianças** ficaram **sós**. (= sozinhas)*

– *Costumava trabalhar duas **horas** **extras** por dia.*

– ***Os três** viviam **juntos** naquele "flat".*

– *"Ajudar esses espiões seria crime de **lesa-pátria**".* (Cegalla)

– *Só ficamos **quites** depois de muito tempo de espera na justiça.*

– *As **moças** disseram ao homem: "Ficamos-lhe **obrigadas** por tantos elogios!". (= gratas, agradecidas)*

– *As **fotos** seguem **anexas/apensas**. (ou "em anexo/em apenso")*

– *Estão **inclusos** os **prejuízos**.*

Obs.: *Mesmo* não varia quando equivale a *realmente, de fato* ou *inclusive*: "***Mesmo** a mulher não acusou o marido!" / "A mulher não acusou **mesmo** o marido!"*. **Só** não varia quando equivale a *somente*. *Por si sós* e *a sós* são expressões cultas: *"As crianças comeram **só** os feijões". / "Os alunos, **por si sós**, resolveram a prova."*. *Junto* não varia quando faz parte de locução prepositiva. (junto com/de/a): *"Eles não estão **junto do** (com o/ao) pai."*.

3) Não variam quando advérbios: *caro, barato, bastante, meio, junto*. Entretanto, quando adjetivos, variam normalmente.

– *A gasolina não custa **caro**, nem **barato**.* (advérbios)

– *As **carnes** estão cada vez mais **caras**, mas as **bebidas** continuam **baratas**.* (adjetivos)

– *Está **meio** nervosa, porque trabalhamos **bastante**.* (advérbios)

– *Depois de comer **meia fruta** daquela barraca, comprou **frutas bastantes** para uma ceia farta.* (adjetivos)

– *Elas procuram resolver **junto** seus problemas.* (advérbio)

– ***Elas** procuram resolver **juntas** seus problemas. (adjetivo)*

4) *Todo* (advérbio) pode sofrer concordância atrativa, mas a concordância gramatical é própria da norma culta.

– *Encontrei os portões **todo**(s) abertos.*

– *Ela ficou **todo**(a) religiosa depois do culto.*

Obs.: Em *"A **toda-poderosa** Marquesa de Santos foi amante de D Pedro I."*, o vocábulo *todo* nunca varia nessa expressão, logo: *"A **todo-poderosa** Marquesa de Santos..."*.

5) Não variam nunca os substantivos que se tornam adjetivos pelo contexto: *padrão, fantasma, relâmpago, pirata, monstro, surpresa* etc. Certos vocábulos e expressões tomadas como adjetivos também não variam: *menos, alerta*, salvo, exceto, pseudo, a olhos vistos (e qualquer outra locução adverbial)...*

– *Fizeram duas festas **monstro** anteontem na zona sul da cidade.*

– *Existem muitas firmas **fantasma** por aqui.*

– *Nossos times conquistaram vitórias **relâmpago** no fim do campeonato.*

– *Sempre realizamos festas **surpresa** na empresa.*

– *Compre menos **farinha**, menos **frutas**, menos **alface**... compre livros também.*

– *Os soldados brasileiros devem sempre estar **alerta**.**

– ***Salvo/Exceto** elas, ninguém mais chamou a atenção do diretor da peça.*

– *És uma **pseudo**profetisa!*

– *Seus filhos estão crescendo **a olhos vistos**.*

Obs.: Arcaica é a concordância de *visto* com a pessoa ou coisa vista: *"Elas emagreceram a olhos vistas."* ou *"Vista a olhos a árvore crescia."*.

* *Alerta* é um advérbio, segundo a gramática tradicional. Mas Aurélio, Houaiss, Aulete, Michaelis e outros dicionários dizem que *alerta* é um adjetivo no estágio atual da língua e,

por isso, pode variar. A norma culta ainda não tolera.

6) *Possível* não varia se fizer parte de uma expressão superlativa com o artigo o/a no singular (*o/a mais, o/a menos, o/a pior, o/a melhor*...) ou se estiver acompanhado de *quanto*. Varia se *o/a* estiver no plural.

– *Traga cervejas tão geladas **quanto possível**.*

– *Tive de investir em máquinas **o** mais **possível** potentes.*

– *São exemplos **os** mais difíceis **possíveis**.*

– *Aquelas palavras foram **as** melhores **possíveis**.*

Obs.: Em qualquer outro contexto, o adjetivo *possível* varia normalmente: *"Realmente estas são **visões** **possíveis** sobre o mesmo assunto*.".

7) Concordância com numeral ordinal + substantivo (o substantivo é que varia)

– *A **primeira** e **segunda** **séries** foram aprovadas.*

– *A **primeira** e a **segunda** **série(s)** foram aprovadas.*

Obs.: O plural é obrigatório se o substantivo vem antes dos numerais: *As **séries** primeira e segunda foram aprovadas.*

8) As expressões *um e outro* e *nem um nem outro* exigem o substantivo posposto no singular e o adjetivo, quando houver, no plural.

– ***Um e outro** aluno esforçados passou.*

– ***Nem um nem outro** aluno esforçados passou.*

Obs.: Quando os pronomes *um* e *outro* retomarem substantivos de gêneros diferentes, não irão variar: *A mãe e o filho vieram ao Brasil. **Um** amou nosso país, **outro** odiou.*

9) A expressão haja vista

Segundo José Maria da Costa, em seu *Manual de Redação Profissional*...:

"Independentemente de discussões teóricas e da divergência de interpretação dos gramáticos sobre o problema, há pelo menos quatro construções, todas corretas, com tal expressão. Exs.:

*a) "**Haja vista aos** argumentos que embasaram o veredicto...";*

*b) "**Haja vista dos** argumentos que embasaram o veredicto...";*

*c) "**Hajam vista os** argumentos que embasaram o veredicto...";*

*d) "**Haja vista os** argumentos que embasaram o veredicto...".*

10) O vocábulo *tal* também pode se apresentar na expressão *tal qual*, em que *tal* concorda com o antecedente e o *qual* com o consequente.

– *Normalmente o **discípulo** age **tal qual** o **mestre**.*

– *Normalmente os **discípulos** agem **tais qual** o **mestre**.*

– *Normalmente o **discípulo** age **tal quais** os **mestres**.*

– *Normalmente os **discípulos** agem **tais quais** os **mestres**.*

11) Mil, Milhão e Milhares

Mil: Passou de "um", o numeral concorda com o substantivo:

– ***Duas mil** pessoas, **dois mil** alunos, **dois mil** candidatos preencheram as vagas.*

Milhão: Concorda com a parte inteira do numeral cardinal a ele relacionado.

– *Minha empresa investiu **1,9 milhão** de reais em mão de obra qualificada.*

O artigo e o numeral que o antecederem devem concordar com ele, no masculino:

– ***Os cinco milhões** de pessoas chegaram a prestigiar o cantor neste ano.*

Obs.: O mesmo vale para *bilhão, trilhão* etc.

Milhares: substantivo sempre masculino.

– ***Os milhares** de torcedoras fizeram o "Maraca" tremer.*

Silepse de Gênero e de Número

1) Silepse de Gênero

Usa-se um vocábulo em gênero diferente da palavra a que se refere para concordar com o sexo da pessoa ou com o nome da coisa a que nos referimos. Todas as formas abaixo estão corretas.

– *Vossa Excelência, deputado, está* ***enganado****!*

– *Vossa Alteza sempre foi muito* ***misericordioso****.* (Com referência a um príncipe.)

– *Sua Majestade está tão* ***altiva*** *ultimamente.* (Com referência a uma rainha)

– *Disse Fernando Pessoa em um de seus poemas: "Estou cansado, é claro, / Porque, a certa altura, a gente tem que estar* ***cansado.****"* (Com referência ao falante masculino.)

– ***A*** *Brasil vive* ***engarrafada****.* (Com referência à Avenida.)

– *Nome: Fernando Pestana. Nacionalidade:* ***brasileiro****. Estado civil: casado.* (Com referência a *Fernando*, não a *nacionalidade*).

– *Nome: Juliana Pestana. Nacionalidade: brasileira. Estado civil:* ***casada****.* (Com referência a *Juliana*, não a *estado civil*).

2) Silepse de Número

O determinante fica em número diferente do termo a que se refere.

– *O brasileiro não desiste nunca! Usa sua simpatia e disposição para driblar os problemas cotidianos, por serem* ***batalhadores*** *como sempre.* (Com referência a "brasileiro")

Obs.: Às vezes, há silepse de número e pessoa ao mesmo tempo: ***A gente*** *(3ª pessoa do singular) não fez isso por mal. Acho que* ***nos*** *(1ª pessoa do plural) interpretaram mal.*

O Que Cai Mais na Prova?

Bancas de pouca expressão costumam trabalhar um pouco de tudo. Logo é um trabalho árduo saber todas as regras, mas vale a pena exercitar, exercitar e exercitar. Bancas de prestígio, como Esaf, Cespe e FCC costumam trabalhar mais o conceito de concordância com sujeito distante do verbo, com sujeito oracional, com verbo acompanhado de partícula apassivadora e com verbo impessoal. Ah! E regras básicas de adjetivo, na concordância nominal. Fique atento na relação entre o verbo e o sujeito! Sempre sublinhe o verbo e, depois, vá à caça do sujeito!

Questões de Concursos

1. (Esaf – CVM – Analista de Sistemas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – Preserva-se a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto ao usar o verbo **existir** em lugar de "haver", desde que se faça a concordância adequada, escrevendo **pode existirem circunstâncias**.

2. (Esaf – CVM – Analista de Sistemas – 2010) (Adaptada) Em qual item há erro de concordância?
   I. "Tal valorização reduz as exportações e aumenta as importações, meio pelos quais se compensa,..."
   II. "... os déficits na conta-corrente do balanço de pagamentos passem a gerar..."

*"Na teoria clássica, a finalidade do Estado é promover o bem comum da sociedade, considerado como o conjunto de condições que **permite** aos indivíduos **atingirem** o seu bem particular. (...)"*

3. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – Provoca-se erro gramatical e incoerência textual ao fazer a seguinte substituição no texto: "permite" por **permitem** e "atingirem" por **atingir**.

4. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) Assinale a opção correta a respeito das relações de concordância no texto.

*"**Os economistas G. Ranis, F. Stewart e A. Ramirez** analisaram 76 países durante um período de 32 anos. **Dividiram-nos** de acordo com dois critérios: desenvolvimento econômico e desenvolvimento humano (nesse caso, medido através de uma combinação de indicadores de educação e saúde). Usando-se essas **duas dimensões**, **pode-se** ter **duas situações** de equilíbrio (quando o lado humano e o econômico são igualmente altos ou baixos) e duas de desequilíbrio (quando o humano é alto e o econômico é baixo, vice-versa). **Surgem** algumas conclusões interessantes desse estudo. (...) **Mais da metade dos países** que **tinham** baixo crescimento e baixo CH em 1960 **permanecia** na mesma posição na década de 90. (...) A quarta, e mais importante, é que a estratégia de privilegiar o **lado humano dá** frutos muito melhores do que aquela que enfatiza só o lado econômico."*

   a) O plural no pronome em "Dividiram-nos" deve-se à concordância com o sujeito subentendido da oração: "Os economistas G. Ranis, F. Stewart e A. Ramirez" .
   b) A flexão de singular no verbo em "pode-se" faz a concordância com o sujeito indeterminado; mas é igualmente correto flexionar o verbo no plural, fazendo a concordância com "duas situações": podem-se ter.
   c) A flexão de plural em "Surgem" tanto permite a interpretação como indicação de sujeito indeterminado como admite a inferência de "duas dimensões" como sujeito subentendido da oração.
   d) A flexão de singular em "dá" é determinada por "lado humano"; mas, se fosse usada a expressão aspectos humanos, a coerência do texto não seria prejudicada, desde que o verbo fosse flexionado no plural.
   e) O termo "mais da metade dos países" estabelece duas relações diferentes de concordância: "países" determina a flexão de plural em "tinham", enquanto "permanecia" faz a concordância com "metade".

5. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A frase abaixo está de acordo com as regras de concordância?
   – Os consumidores pagam juros maiores porque obtém crédito com prazos maiores e prestações menores. Alguns fatos recentes estão contribuindo para um aumento da demanda, assim como, das pressões inflacionárias.

"A experiência da modernidade é algo que só pode ser pensado a partir de alguns conceitos fundamentais"

6. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – A flexão de masculino no termo "pensado" indica que o pronome relativo "que" retoma, nas relações de coesão, o pronome "algo" e não o substantivo "experiência".

7. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) Assinale a opção incorreta a respeito das relações de concordância no texto abaixo.

*"Quando se pensa em classe A, vem logo à cabeça a lembrança de **gente milionária**, que **passa** todos os fins de semana em Paris e **compra** as melhores marcas do mundo. No entanto, **nossa classe A representa** apenas **5% da população** e **possui** rendimentos bem menores do que muita gente imagina. O que acontece frequentemente **é uma confusão** entre o brasileiro classe A e o consumidor de luxo, este sim cliente de marcas sofisticadas que **movimenta** um mercado de R$ 6 bilhões anuais."*

   a) Preserva-se a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto ao substituir "gente milionária" por *milionários*, desde que se flexionasse também "passa" e "compra" no plural, passam e compram.
   b) A forma verbal "possui" estabelece concordância com "da população"; no entanto, também estaria correta a concordância com "5%", com o uso da flexão de plural, sem prejudicar a coerência do texto.

c) Preserva-se a coerência na argumentação, bem como a correção nas relações gramaticais do texto, ao retirar o termo "nossa classe A" do texto, deixando-o apenas subentendido na flexão de "representa".
d) Seria preservada a coerência na argumentação com a substituição de "uma confusão" por confusões, desde que o verbo *ser* fosse usado também no plural: são confusões.
e) A opção pelo uso da flexão de plural em "movimenta", movimentam, preservaria a correção gramatical do texto, mas alteraria as relações significativas entre os argumentos.

8. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) Assinale a opção que corresponde à palavra ou expressão destacada no texto abaixo que foi empregada de acordo com as regras de concordância.

"Como nunca antes, a ordem e a cultura do capital mostram inequivocamente o seu rosto inumano, revelam a lógica perversa que as (1) dominam (2) internamente e que, antes, podiam ser escamoteadas (3) a pretexto do confronto com o socialismo: criam, por um lado, grande riqueza e concentração de poder à custa da devastação da natureza, da exaustão da força de trabalho e de uma estarrecedora pobreza. A utilização crescente da informatização e da robotização criam (4), ao dispensar o trabalho humano, os desempregados estruturais, hoje, totalmente descartáveis. E soma-se (5) aos milhões só nos países do Primeiro Mundo."

a) (1).
b) (2).
c) (3).
d) (4).
e) (5).

"(...) sobretudo de bens materiais, como eletrodomésticos, equipamentos para o lar, som e TV (2,71%), comparada com o patamar de 0,05% ***destinado*** *à aquisição de livros e revistas técnicas. O consumo é também evidenciado ao notar-se que 8,76% da despesa são* ***destinados*** *à manutenção e à aquisição de veículos automotores. (...)"*

9. (Cespe/UnB – BRB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) Os vocábulos "destinado" e "destinados" concordam, respectivamente, com os numerais indicativos de porcentagem que os antecedem: "0,05%" e "8,76%".
( ) CERTO
( ) ERRADO

10. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) A substituição da forma verbal "parecerem" ("... fazendo as tripulações parecerem anos mais jovens...") por **parecer** acarretaria prejuízo para a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

11. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) No primeiro período, que resume a ideia principal do texto, o emprego, na oração principal, da forma verbal "tem" ("O fato de que o homem vê o mundo por meio de sua cultura tem como consequência..."), no singular, é exigido pelo sujeito dessa oração.
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Em "... resolvendo-os em suas fontes, que englobam novas ameaças...", é obrigatória a flexão de plural em "englobam" porque o sujeito da oração, o pronome relativo "que", refere-se a "fontes".
( ) CERTO
( ) ERRADO

13. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Com o emprego de "os contextos" ("... leva em conta os contextos histórico, político, econômico, cultural e social de cada sociedade."), no plural, generaliza-se o significado desse termo, que, em seguida, é especificado por meio do trecho "histórico, político, econômico, cultural e social"; estariam preservadas a coerência e a correção gramatical do texto caso se empregasse o referido termo no singular – o contexto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

14. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) *"(...) Aceitar sem discriminação a diversidade é o primeiro identificador para a luta em defesa dos direitos humanos. (...)"*

Justifica-se a flexão de singular em "é" tanto pelo fato de o sujeito da oração ser oracional quanto pelo fato de o trecho "o primeiro identificador" estar no singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (Cespe/UnB – FUB – Médico – 2011) No trecho "está diminuindo a nossa capacidade de concentração e contemplação profundas", a estrutura permaneceria correta caso o termo "profundas" estivesse no singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Estudos de neurociência já demonstraram que aprender a ler, especialmente na infância, altera a anatomia do cérebro e engrossa uma estrutura chamada corpo caloso... (...)"

16. (Cespe/UnB – FUB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) A inclusão de **e a escrever** logo após o trecho "já demonstraram que aprender a ler" não implicaria alteração das formas verbais "altera" e "engrossa", que devem permanecer no singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Já os crimes cujas armas são os computadores devem, em 2010, ser responsáveis por perdas de 900 milhões de reais... (...)"

17. (Cespe/UnB – PC/ES – Perito Criminal Especial – 2011) A forma verbal "são" está no plural porque concorda com o nome "crimes".
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) Em "A maioria, no entanto, acaba deixando o programa...", dado o sentido da palavra "maioria", a forma verbal "acaba" poderia, sem prejuízo para a correção gramatical do texto, estar flexionada na 3ª pessoa do plural.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) "Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de autoatribuição... (...)"

19. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico – 2011) Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir 'Consideram-se' por **São considerados.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2011) Assinale a alternativa em que a concordância verbal está correta.
a) Haviam cooperativas de catadores na cidade de São Paulo.
b) O lixo de casas e condomínios vão para aterros.
c) O tratamento e a destinação corretos do lixo evitaria que 35% deles fosse despejado em aterros.
d) Fazem dois anos que a prefeitura adia a questão do lixo.
e) Somos nós quem paga a conta pelo descaso com a coleta de lixo.

21. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Estão plenamente observadas as normas de concordância verbal na frase:
a) Dentro da elite nunca se criticou, diante da rotina do sistema penitenciário brasileiro, os horrores a que os presos são submetidos.
b) Reserva-se ao pobre, tantas vezes identificado como potencialmente perigoso, as opções da resignação ou da marginalidade social.
c) Sem altos investimentos não haverão como minimizar os horrores que vêm caracterizando as nossas penitenciárias.
d) A nenhum dos intérpretes de um fato faltarão argumentos para considerá-lo segundo seu interesse e sua conveniência.
e) Ainda que não lhes convenham fazer altos investimentos, as elites terão que calcular os custos de tanta violência.

22. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Estão plenamente observadas as normas de concordância verbal em:
a) À noite, davam-se aos trabalhos de poucos e à diversão de muitos uma trégua oportuna, para tudo recomeçar na manhã seguinte.
b) Aos esforços brutais da jubarte não correspondiam qualquer efeito prático, nenhum avanço obtinha o gigante encalhado na areia.
c) Sempre haverá de aparecer aqueles que, diante de um espetáculo trágico, logram explorá-lo como oportunidade de comércio.

d) Como se vê, cabe aos bons princípios ecológicos estimular a salvação das baleias, seja no alto-mar, seja na areia da praia.
e) Da baleia encalhada em 1966 não restou, lembra-nos o autor, senão as postas em que a cruel voracidade dos presentes retalhou o animal.

23. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do **plural** para preencher de modo adequado a lacuna da seguinte frase:
a) As acusações que ..... (promover) quem defende o "assembleísmo" baseiam-se na decantada "soberania" das assembleias.
b) Não ..... (convir) aos radicais da meritocracia admitir que pode haver boas resoluções obtidas pelo critério do voto.
c) Por que ..... (haver) de caber a um simples passageiro as responsabilidades do comando de uma aeronave?
d) O que aos bons políticos não ..... (poder) faltar, sobretudo nos momentos de decisão, é o espírito público.
e) Não ..... (caber) às associações de classe, em assembleias, avaliar o mérito técnico, julgar a qualificação profissional de alguém.

24. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) A concordância verbal e nominal está inteiramente respeitada em:
a) Os níveis alarmantes de poluição da água no planeta, resultante da atividade humana, está dando sinais de que ela poderá faltar em boa parte do globo terrestre, que já sofre com sua escassez.
b) A proporção entre número de habitantes e oferta de recursos naturais estão em descompasso, levando à necessária redução no consumo desses recursos que garantem a vida no planeta.
c) Ambientalistas já alertam para os perigos à sobrevivência da humanidade, caso os habitantes do planeta continue a consumir de modo irresponsável os recursos naturais, muitos dos quais já escassos.
d) Existe programas de conscientização da população mundial que busca divulgar formas de consumo sustentável dos recursos naturais e respeito ao ritmo da natureza, para permitir que ela o reponham.
e) É necessário que haja medidas que busquem controlar o consumo predatório dos recursos da natureza que, cada vez mais escassos, estão sujeitos a uma lenta reposição.

25. (FCC – TRT/PE (6R) – Analista Judiciário – 2012) A concordância verbal está plenamente observada na frase:
a) Provocam muitas polêmicas, entre crentes e materialistas, o posicionamento de alguns religiosos e parlamentares acerca da educação religiosa nas escolas públicas.
b) Sempre deverão haver bons motivos, junto àqueles que são contra a obrigatoriedade do ensino religioso, para se reservar essa prática a setores da iniciativa privada.
c) Um dos argumentos trazidos pelo autor do texto, contra os que votam a favor do ensino religioso na escola pública, consistem nos altos custos econômicos que acarretarão tal medida.
d) O número de templos em atividade na cidade de São Paulo vêm gradativamente aumentando, em proporção maior do que ocorrem com o número de escolas públicas.
e) Tanto a Lei de Diretrizes e Bases da Educação como a regulação natural do mercado sinalizam para as inconveniências que adviriam da adoção do ensino religioso nas escolas públicas.

26. (FCC – TRT/AM (11R) – Analista Judiciário – 2012) O verbo indicado entre parênteses deverá ser flexionado no **plural** para preencher corretamente a lacuna da frase:
a) Nem todos discriminam, numa foto, os predicados mágicos que a ela se ..... (atribuir) nesse texto.
b) Os tempos que ..... (documentar) uma simples foto, aparentemente congelada, são complexos e estimulantes.
c) A associação entre músicos e fotógrafos profissionais ..... (remeter) às especificidades de cada tipo de sintaxe.
d) A poucos ..... (costumar) ocorrer que as fotografias podem enfeixar admiráveis atributos estéticos, como obras de arte que são.
e) Imaginem-se os sustos que não ..... (ter) causado aos nativos de tribos remotas a visão de seus rostos fotografados!

27. (FCC – TRT/AM (11R) – Analista Judiciário – 2012) As normas de concordância verbal encontram-se plenamente observadas em:
a) A utilidade dos dicionários, mormente quando se trata de palavras polissêmicas, manifestam-se nas argumentações ideológicas.
b) Não se notam, entre os preconceituosos, qualquer disposição para discutir o sentido de um juízo e as consequências de sua difusão.
c) Não convém aos injustiçados reclamar por igualdade de tratamento quando esta pode levá-los a permanecer na situação de desigualdade.
d) Como discernimento e preconceito são duas acepções de discriminação, hão que se esclarecer o sentido pretendido.
e) Uma das maneiras mais odiosas de refutar os argumentos de alguém surgem na utilização de preconceitos já

cristalizados.

28. (FCC – TRT/AM (11R) – Técnico Judiciário – 2012) A frase do texto que, ao ser reescrita, mantém o respeito às regras de concordância e, em linhas gerais, o sentido original é:
   a) Outra descoberta foi a de que também existia na figuração de um motivo em que estivesse ausente o ser humano alguns valores profundos.
   b) Uma gama de estados de espírito que não sabemos nomear, apesar de sua grande força, podem ser suscitados pelos artefatos e signos que o homem produz.
   c) É numa concepção de humanidade modificada ao longo do tempo que se assenta noções relativas a uma dimensão humana da arte.
   d) Não fazem muitos anos que na grande arte só se podiam admitir temas heroicos, míticos ou religiosos.
   e) As obras e seu respectivo valor haviam de ser avaliados na medida da importância do tema tratado.

29. (FCC – TRT/AM (11R) – Técnico Judiciário – 2012) O verbo que se mantém corretamente **no singular**, apesar das alterações propostas entre parênteses para o segmento grifado, está na frase:
   a) *É <u>o desafio</u> do nosso tempo*. (os desafios)
   b) *E isso quando <u>a própria FAO</u> alerta* ... (os especialistas da própria FAO)
   c) *E que <u>a produção</u> precisará crescer 70% até 2050* ... (a produção de alimentos)
   d) *<u>Tudo</u> acontece num cenário paradoxal*. (Todos os problemas)
   e) *<u>Um relatório</u> da própria FAO assegura* ... (Os dados de um relatório)

30. (Cesgranrio – CMB – Analista (Administrador de Dados) – 2012) No que se refere ao fenômeno da concordância nominal, no subtítulo do texto, o termo **textuais** também admite a forma singular.

O período em que, conforme a norma-padrão, o termo destacado pode assumir tanto a forma singular quanto a plural é:
   a) Bastantes poemas foram lidos na aula.
   b) Custam caro os jornais de domingo.
   c) Vendem-se quadros e esculturas usados.
   d) Compramos livro e jornal velhos.
   e) Na estante, dicionário e livros jogados.

31. (Cesgranrio – CMB – Auxiliar de Operação Industrial Hidráulica – 2012) Considerando-se que há palavras variáveis e palavras invariáveis na língua portuguesa, qual é a frase que está em **DESACORDO** com a norma-padrão, no que diz respeito à concordância?
   a) Estamos todos alerta em relação ao problema dos menores de rua.
   b) A população está meio descrente em relação a soluções de curto prazo.
   c) As organizações que cuidam das crianças receberam bastantes recursos este ano.
   d) A partir de hoje, é proibido a adoção de crianças que tenham pais biológicos vivos.
   e) No caso de crianças sob maus tratos, muitas vezes, elas próprias fogem para as ruas.

32. (Cesgranrio – Petrobras – Geofísico Júnior – 2012) O trecho "O declínio, a decadência alcança maior nitidez na Europa" apresenta um exemplo de um dos casos de concordância verbal vigentes na norma-padrão do Português.

Outro exemplo em que a concordância se justifica pelo mesmo motivo é o seguinte:
   a) A conciliação, a contenda entre os participantes do bloco do euro tem provocado grande insegurança entre os países do mundo inteiro.
   b) A predisposição, a incapacidade de recuperar a decadência econômica tem provocado crises dos países da zona do euro.
   c) A redistribuição, a concentração de poder entre as grandes potências tem mantido o mundo refém de decisões arbitrárias.
   d) O privilégio, a necessidade de compartilhar decisões com outros países gerou um projeto de integração bem sucedido.
   e) O recrudescimento, a exacerbação da crise econômica provocou uma reação de protecionismo entre as potências tradicionais.

33. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Exploração de Petróleo Júnior – 2012) A seguinte frase do Texto I apresenta concordância nominal de acordo com as regras da norma-padrão da língua portuguesa, já que o adjetivo anteposto concorda com o primeiro dos dois substantivos que o seguem.

"Com esse resultado, **renomadas** consultorias e bancos começam a revisar a projeção do Produto Interno Bruto (PIB) deste ano."

No caso de um adjetivo vir posposto a dois substantivos, as seguintes expressões apresentam concordância de acordo com a norma-padrão, **EXCETO:**

a) empresas e consultorias renomadas;
b) consultorias e bancos renomadas;
c) consultorias e bancos renomados;
d) bancos e consultorias renomadas;
e) economistas e bancos renomados.

34. (Cesgranrio – Termobahia – Técnico de Inspeção e Instalação Júnior – 2012) O verbo em destaque no trecho abaixo está no plural concordando com uma determinada palavra.

"Segundo ele, as políticas mais adequadas são aquelas que permitem às mulheres fazerem escolhas sobre o número de filhos que **querem** e o momento certo para engravidar."

Essa palavra é:
a) políticas;
b) aquelas;
c) mulheres;
d) escolhas;
e) filhos.

35. (Cesgranrio – Termobahia – Engenheiro de Termelétrica Júnior – 2012) Na expressão destacada no trecho "os alimentos processados industrialmente tornaram **os surtos de fome 'nacionais' mais raros**", a concordância nominal está de acordo com a norma-padrão. Nas frases a seguir, a concordância da palavra destacada está de acordo com a norma padrão, **EXCETO** em:
a) A demanda econômica está gerando montanhas de lixo cada vez maiores nas grandes cidades.
b) A ampliação das pesquisas médicas realizadas nas últimas décadas reduziu a mortalidade infantil.
c) As pesquisas de todo o mundo preveem situações de aglomeração calamitosas nos grandes centros.
d) O controle dos nascimentos prematuros efetuados pelo governo é imprescindível para as políticas de saúde pública.
e) O acesso a empregos formais conquistado pela população contribui para melhor qualidade de vida.

36. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico em Mecânica Júnior – 2012) Com relação ao uso da norma-padrão, há um desvio de concordância na canção abaixo.

Gente que vem de Lisboa
Gente que vem pelo mar
Laço de fita amarela
Na ponta da vela
no meio do mar

Ei nós, que viemos
De outras terras, de outro mar
Temos pólvora, chumbo e bala
Nós queremos é guerrear

Quem me ensinou a nadar
Quem me ensinou a nadar
Foi, foi marinheiro
Foi os peixinhos do mar

Ei nós, que viemos
De outras terras, de outro mar
Temos pólvora, chumbo e bala
Nós queremos é guerrear

MOURA, Otávio A.P. (adaptador e arranjador). Peixinhos do mar (canção folclórica de marujada). Intérprete: Milton Nascimento.

Esse desvio ocorre no seguinte par de versos:
a) 1 e 2.
b) 6 e 7.
c) 8 e 9.
d) 10 e 11.
e) 12 e 13.

37. (Cesgranrio – Liquigás – Oficial de Manutenção I – 2012) Na abordagem da concordância verbal, as gramáticas

apresentam casos em que o verbo fica invariável, por ser considerado "impessoal". O exemplo do texto em que o verbo grifado encontra-se no singular por ser impessoal é:
a) "Será árduo garimpar os números da família, amigos, contatos profissionais."
b) "Eu os buscarei, é óbvio."
c) "Há alguns anos..."
d) "Vejo motoristas de táxi..."
e) "A maioria dos chefes sente-se no direito..."

38. (Cesgranrio – CEF – Técnico Bancário Novo – 2012) A língua portuguesa conhece situações de dupla possibilidade de concordância. A modificação possível do termo destacado, mantendo-se a concordância, de acordo com a norma-padrão, encontra-se em:
a) Jogar *games* de computador pode fazer bem à saúde – podem.
b) um dos títulos mais populares do gênero no mundo, produzido pela Blizzard – produzidos.
c) escolhidos pelos pesquisadores para integrar o grupo – integrarem.
d) o grupo de controle não progrediu – progrediram.
e) é preciso interagir socialmente – interagirem.

39. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) No período "Mas é assim mesmo que se vive: perdida no tempo e no espaço." (trecho retirado de um registro literário), o particípio do verbo **perder,** empregado em estrutura de indeterminação do sujeito da oração, poderia, conforme regra de concordância nominal, estar na forma masculina, regra da qual, no entanto, a obra literária prescinde, dada a liberdade que preside a criação artística.
( ) CERTO
( ) ERRADO

40. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) No período "Nesse caso, puxar a corda, afiar a faca ou assistir à execução seria simples...", como o conector "ou" está empregado com sentido aditivo, e não, de exclusão, a forma verbal do predicado "seria simples" poderia, conforme faculta a prescrição gramatical, ter sido flexionada na terceira pessoa do plural: **seriam**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) Em *"... que fortalezas seguras, que duro peso de algemas, que profundas sepulturas nascidas de vossas penas..."*, a forma verbal "nascidas", apesar de referir-se a todas as expressões nominais que a antecedem, concorda apenas com a mais próxima, conforme faculta regra de concordância nominal.
( ) CERTO
( ) ERRADO

42. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) Em *"O fim da Idade Média, no século XV, e o ressurgimento... representaram..."*, a forma verbal "representaram" está no plural para concordar com o sujeito composto da oração, cujos núcleos são "fim", "século" e "ressurgimento".
( ) CERTO
( ) ERRADO

43. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) No trecho "É verdade que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas", o emprego da forma verbal singular "É" justifica-se pelo fato de essa forma verbal não ter sujeito explícito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

44. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A forma verbal "pressionados" (Uma parte da desaceleração de 2011 decorreu da diminuição de estoques em alguns setores, como o automobilístico, pressionados por importações crescentes e vendas internas estagnadas.) está no masculino plural porque concorda com "alguns setores".

45. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) O texto abaixo foi transcrito com adaptações. Assinale a opção que apresenta erro gramatical ou de grafia de palavra que prejudica a coerência textual.

Constata-se *(1) uma discrepância nas carteiras dos maiores detentores de dinheiro no mundo rico: uma pequena fração, menos de 10%,* ***está investida*** *(2) nos países emergentes, que, no entanto,* ***já representa*** *(3) mais de 50% do PIB global. Nesse cenário o Brasil continuará a conviver com* ***maciças*** *(4) entradas de recursos, que devem manter o real ainda valorizado. O governo precisa favorecer investimentos diretos e conter fluxos mais especulativos. É tolerável desestimular a entrada de capital aventureiro, mas cumpre evitar exageros que* ***afugentem*** *(5) o dinheiro bom.*

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

46. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção que fornece a correta justificativa para as relações de concordância no texto abaixo.

*O bom desempenho do lado real da **economia proporcionou** um período de vigoroso crescimento da arrecadação. A maior lucratividade das empresas foi decisiva para os **resultados** fiscais favoráveis. **Elevaram-se**, de forma significativa e em **valores** reais, **deflacionados** pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), as receitas do Imposto de Renda Pessoa Jurídica (IRPJ), a Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSLL), e a Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins). O crescimento da massa de salários **fez aumentar a arrecadação** do Imposto de Renda Pessoa Física (IRPF) e a receita de tributação sobre a folha da previdência social. Não menos **relevantes foram** os elevados ganhos de capital, responsáveis pelo aumento da arrecadação do IRPF.*

a) O uso do plural em "valores" é responsável pela flexão de plural em "deflacionados".
b) O plural em "resultados" é responsável pela flexão de plural em "Elevaram-se".
c) Emprega-se o singular em "proporcionou" para respeitar as regras de concordância com "economia".
d) O singular em "a arrecadação" é responsável pela flexão de singular em "fez aumentar".
e) A flexão de plural em "foram" justifica-se pela concordância com "relevantes".

47. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A flexão de singular em "há" (A situação nos EUA está mais positiva, há otimismo no mercado norte-americano) deve-se à concordância com "otimismo".

48. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Assinale a opção correta a respeito das relações de concordância no texto.

*A vida em um país nórdico, como a Finlândia, nos faz refletir mais profundamente sobre a relação entre **liberdade, igualdade, autonomia e formatos sociais** que **podem** propiciar vidas mais plenas e felizes aos seus cidadãos. Para alguém habituado a desigualdades, **uma sociedade igualitária**, com amplo respeito pela vida humana, excelentes índices de educação, burocracia inteligente e serviços públicos voltados (de fato) para melhorar a vida do cidadão, **soa** como um caminho para a produção de seres humanos mais plenos e sociedades mais inspiradoras. (...) A igualdade e a dignidade humana que uma sociedade pode produzir **referem-se** à possibilidade de o cidadão ter condições materiais e subjetivas à sua disposição, para que, atendidas suas necessidades básicas e diárias de bem-estar, ele se ocupe com questões outras que a sobrevivência. (...) Em outros termos, não foi a igualdade que deixou o país apático. Ademais, **sociedades desiguais podem ser** tão ou mais acríticas e reprodutoras. O ponto que nos intriga é que a igualdade, o respeito e a dignidade dados a **todos** não **levaram** à autonomia, ao pensamento criativo e crítico, e a processos transformadores.*

a) A flexão de singular em "soa" justifica-se pela concordância com "uma sociedade igualitária".
b) A enumeração de vários elementos, "liberdade, igualdade, autonomia e formatos sociais" justifica a flexão de plural em "podem".
c) Devido ao uso do pronome "se", o plural em "referem-se" é opcional: estaria igualmente correto empregar o singular: refere-se.
d) Por se referir a "sociedades desiguais", o infinito em "podem ser" admitiria também a flexão de plural, serem.
e) O plural no pronome "todos" justifica a flexão de plural em "levaram".

49. (FCC – TRF (5ª R) – Técnico Judiciário – 2012) <u>Os folheteiros</u> vivem em feiras, mercados, praças e locais de peregrinação.

O verbo da frase acima NÃO pode ser mantido no **plural** caso o segmento grifado seja substituído por:

a) Há folheteiros que;
b) A maior parte dos folheteiros;
c) O folheteiro e sua família;
d) O grosso dos folheteiros;
e) Cada um dos folheteiros.

50. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) ..... tomar medidas que ..... a sobrevivência de algumas espécies de aves na região.

a) Eram necessários – garantissem.
b) Eram necessárias – garantissem.
c) Era necessário – garantisse.
d) Eram necessárias – garantisse.
e) Era necessário – garantissem.

51. (Instituto Cidades – TCM/GO – Auditor de Controle Externo – 2012) Assinale o item que preenche corretamente as lacunas, do ponto de vista da concordância verbal.

Já ___ muitos anos que não se lançava nenhum filme mudo, mas ___ muitas pessoas que ainda ____ por este tipo de filme.

a) devem fazer, tem, se apaixona;
b) deve fazer, há, se apaixonam;
c) deve fazerem, há, se apaixona;
d) fazem, há, se apaixona;
e) faz, haviam, se apaixonarão.

Gabarito

1. INCORRETA.	11. CERTO.	21. D.	31. D.	41. ERRADO.
2. I.	12. CERTO.	22. D.	32. E.	42. ERRADO.
3. INCORRETA.	13. CERTO.	23. C.	33. B.	43. ERRADO.
4. E.	14. CERTO.	24. E.	34. C.	44. CORRETA.
5. NÃO.	15. CERTO.	25. E.	35. D.	45. C.
6. CORRETA.	16. CERTO.	26. A.	36. E.	46. A.
7. B.	17. ERRADO.	27. C.	37. C.	47. INCORRETA.
8. A.	18. ERRADO.	28. E.	38. C.	48. A.
9. ERRADO.	19. ERRADO.	29. C.	39. CERTO.	49. E.
10. ERRADO.	20. E.	30. D.	40. ERRADO.	50. E.
				51. B.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 29

Regência Verbal e Nominal

Definição e Particularidades

Antes de começar a estudar este capítulo, é preciso que você volte ao capítulo 19 e estude tudo sobre **Predicação Verbal / Transitividade Verbal**. É *megaimportante* que você faça isso, ok? Além disso, recomendo que você crie o hábito de consultar dicionários de regência verbal e nominal, principalmente do Celso P. Luft. Os compêndios deste estudioso servem de base para a confecção das questões trabalhadas pelas bancas. Em futuros "recursos" contra questões, use as lições do homem como defesa de tese. Agora vamos ao que interessa...

Regência é a relação de dependência entre os componentes de uma oração ou entre orações. Mas o que nos deve interessar, principalmente para os concursos, é este conceito: "**regência** é a maneira como o **nome** ou o **verbo** se relacionam com seus **complementos**, com preposição ou sem ela".

Quando um **nome** (substantivo, adjetivo ou advérbio) exige um complemento preposicionado, dizemos que este **nome** é um **termo regente** e que **seu complemento** é um **termo regido**. Por um motivo muito simples: há uma relação de dependência entre o nome e o seu complemento.

Lembre-se: o **nome** (substantivo, adjetivo e advérbio) exige um complemento nominal sempre iniciado por preposição, exceto se o complemento vier em forma de pronome oblíquo átono.

Aqui vai uma dica: Cuidado com questões em que a banca afirma que um termo preposicionado é um complemento nominal, quando, na verdade, é um adjunto adnominal, um adjunto adverbial ou um agente da passiva. Revisite esses termos sintáticos!

No caso do **verbo**, a relação mantida com seu complemento pode ou não se dar por meio de preposição. Por isso é bom que relembremos os conceitos de transitividade verbal (ou predicação verbal). Assim como o nome, o verbo mantém uma relação de dependência sintática com seu complemento, em que o **verbo** é o **termo regente** e **seu complemento**, o **termo regido**.

Veja a relação entre alguns **nomes** (substantivo, adjetivo e advérbio) e **seus complementos**:

Sempre senti ojeriza a qualquer atitude desonesta.

Ojeriza é um substantivo. Quem sente ojeriza... sente ojeriza *a, contra, por* algo ou alguém. Portanto, *a qualquer atitude desonesta* é um complemento nominal de *ojeriza*.

Os discípulos daquele mestre sempre lhe foram leais.

Leal é um adjetivo. Quem é leal... é leal *a* algo ou *a* alguém. Neste exemplo, o complemento nominal veio em forma de pronome oblíquo átono, que, se passado a oblíquo tônico, ficaria

assim, no contexto: *leais a ele*. É assim que cai em prova de concurso.

A exposição de pinturas, evento realizado paralelamente

***ao musical*, *terminou*.**

Paralelamente é um advérbio que exige a preposição *a*. Portanto, *ao musical* é um complemento nominal de *paralelamente*.

Veja agora a relação entre alguns ***verbos*** e ***seus complementos***:

***Já fui a parques de todo o mundo*.**

Neste caso, o verbo *ir* rege um complemento iniciado pela preposição *a*. Quem vai... vai *a* algum lugar (real ou virtual). A **gramática tradicional** considera tal complemento um adjunto adverbial, e é assim que vem caindo em prova até então.

***Neste ano, os candidatos conquistaram a tão sonhada classificação*.**

O verbo *conquistar* exige um complemento sem que nenhuma preposição intermedeie a ligação entre o verbo e seu complemento direto. Quem conquista... conquista alguém ou alguma coisa.

***Em nenhum momento nós desistimos do que nos motivava*!**

O verbo *desistir* exige um complemento preposicionado, em que a preposição *de* liga o verbo a seu complemento indireto. Quem desiste... desiste de algo ou de alguém. Detalhe: o núcleo do objeto indireto é *o* (= *aquilo*). Veja de novo: "... desistimos *do (= daquilo) que nos motivava*!".

***Garçom, por gentileza, ofereça ao amigo o melhor prato da casa*.**

O verbo *oferecer* exige um complemento sem preposição (*o melhor prato da casa*) e um complemento com preposição (*ao amigo*). Quando vem em forma de pronome átono ("lhe", p. ex.), obviamente não há preposição explícita no complemento indireto (ou **objeto indireto**).

Enfim, a **regência nominal** ou **verbal** trata da relação de dependência entre termos dentro da oração, como atestamos.

É bom dizer também que ocorre **regência nominal** e **verbal** entre orações. Lembra-se das orações subordinadas substantivas? Entre elas e suas orações principais também há **regência nominal** e **verbal**. Quer ver?

***Tenho noção de que preciso empenhar-me em busca do melhor*.**

O nome *noção*, que faz parte da oração principal, rege um complemento nominal oracional (ou uma oração subordinada substantiva completiva nominal). Afinal, "quem tem noção...

tem noção **de**...".

Tanto ela quanto ele só gostam de quem gosta deles.

O verbo *gostar* da oração principal exige igualmente um complemento preposicionado, que, neste caso, é uma oração subordinada substantiva objetiva indireta justaposta. Quem gosta... gosta **de**...

Saiba que, se os "homens da banca" quiserem derrubá-lo, vão elaborar questões com esses... digamos... "detalhes"... **Todo cuidado é pouco a partir de agora! Leia atentamente!**

1) É importante dizer que, se um verbo ou um nome da oração subordinada adjetiva exigir a presença de uma preposição, esta ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo.

– *O filho, **por quem** a mãe tinha **admiração**, era honesto.*

– *O dinheiro **de que** a Secretaria Municipal de Fazenda do Rio de Janeiro **dispõe** não pagará as despesas vultosas e crescentes.*

– *Informo que os cursos a respeito das principais bancas, **às quais** fiz **menção** nas últimas aulas, estão na pasta B.*

– *"Eu quero ser sempre aquilo **com quem** **simpatizo**."* (Fernando Pessoa)

– *A tese **contra a qual** **opusemos** argumentos era a de que a beleza não põe mesa.*

2) Acho superválido dizer também que alguns nomes e verbos, com regências diferentes, podem reger o mesmo complemento. Só que isso é polêmico... A maioria dos gramáticos tradicionais diz que nomes de regências diferentes **NÃO** podem ter um só complemento. Enfim, veja os exemplos a seguir para ficar mais claro:

Pedro e Larissa assistiram e gostaram da sessão de cinema.

Saiba que o verbo *assistir* (no sentido de ver) rege um complemento pela preposição *a*, e que o verbo *gostar* o faz pela preposição *de*. Logo, se cada verbo tem sua maneira própria de reger um complemento, é preciso haver um complemento para cada verbo – dizem as gramáticas mais tradicionais. Em outras palavras, tradicionalmente, a frase acima deveria estar escrita assim:

Pedro e Larissa assistiram à sessão de cinema e gostaram dela.

Não obstante, Bechara e Cegalla, por exemplo, pensam diferente. Veja o que Cegalla diz: "Por concisão, pode-se... dar um complemento comum a verbos (e mais à frente ele fala o mesmo sobre os nomes) de regência diferente.". Daí, segue o exemplo dele: "Os devotos entravam e saíam da igreja [Em vez de: Os devotos entravam na igreja e saíam dela]".

Com essas palavras concluímos que, na hora da prova, como as bancas de concursos públicos não costumam divulgar bibliografia, devemos observar bem a questão, analisar todas as alternativas e, se figurar alguma com a visão "não ortodoxa" e alguma com a

"tradicional", opte pela tradicional. "Mas, Pestana, e se só houver a visão 'não ortodoxa' na questão, o que faço com a informação da 'tradicional' na cabeça?" Resposta: Ignore-a completamente, marque a visão "não ortodoxa" e seja feliz!

A visão "tradicional", inclusive, proíbe construções com mais de uma preposição (essencial, acidental ou locução prepositiva) com sentido diferente se referindo a um só termo. A "não ortodoxa" (Bechara e Cegalla) aprova tais construções. Veja um exemplo da construção "não ortodoxa", seguida da "tradicional":

Choveu antes, durante e depois do jogo. (não ortodoxa)

Choveu antes do jogo, durante o jogo e depois dele. (tradicional)

Veja mais exemplos da visão "não ortodoxa":

Você é a favor ou contra esta lei?

Com ou sem ela, estou indo para a Inglaterra ainda esta noite.

Reescrevendo-as na visão "tradicional":

Você é a favor desta lei ou contra ela?

Com ela ou sem ela, estou indo para a Inglaterra ainda esta noite.

3) Verbos com regências iguais, por outro lado, podem ter o mesmo complemento:

O Brasil costuma exportar e importar certos produtos agrícolas.

4) Outra questão polêmica é a seguinte: pode ou não um sujeito de verbo no infinitivo vir contraído com uma preposição? Novamente... Cegalla, Bechara, Sílvio Elia e Souza da Silveira têm uma visão "não ortodoxa" do assunto, apesar de explicitarem a visão "tradicional". Quer conhecer a visão "tradicional"? Então... lá vai: ela diz que um sujeito não pode ser regido de preposição diante de qualquer verbo (infinitivo ou não). Ponto. Exemplo:

É chegada a hora de os meninos serem separados dos adultos.

Para o imortal Bechara, tanto faz, você decide. A visão "não ortodoxa" aprova a contração:

É chegada a hora de os meninos serem separados dos adultos.

ou

É chegada a hora dos meninos serem separados dos adultos.

Aí vem sua famigerada pergunta: "Pestana, o que faço na prova?" O mesmo que eu falei agora há pouco: devemos observar bem a questão, analisar todas as alternativas e, se figurar alguma alternativa com a visão "não ortodoxa" e alguma com a "tradicional", opte pela *tradicional*. Veja:

O fato do Brasil e dos Estados Unidos se acharem no mesmo continente é um acidente geográfico.

Certo ou errado? Depende da prova, depende da questão. A visão "tradicional" repudia; a "não ortodoxa" aprova. Na dúvida, já expus a polêmica. Agora estude e fique atento! É com

você. *A Esaf aprova ambas as estruturas*.

5) Apesar de já haver falado disso no capítulo de *Orações Subordinadas Substantivas*, reitero: a *preposição* exigida por verbo ou nome pode vir implícita antes de orações subordinadas substantivas objetivas indiretas e completivas nominais. Essa é a visão "não ortodoxa". A "tradicional" diz que precisa haver preposição **explícita**.

Esqueceu-se de que tenho oitenta anos? (tradicional)

Esqueceu-se ( ) que tenho oitenta anos? (não ortodoxa)

Tinha a impressão de que estava certo. (tradicional)

Tinha a impressão ( ) que estava certo. (não ortodoxa)

6) É muito frequente questão de regência verbal envolvendo **pronomes oblíquos átonos e pronomes relativos.** Principalmente na FCC há questões recorrentes de "regência com pronome relativo", em que a preposição, exigida por verbo ou nome da oração adjetiva, fica obrigatoriamente antes do pronome relativo. Sendo assim, veja dois exemplos hipotéticos de questões desse tipo.

Exemplo 1:

Informei aos alunos aquela notícia tão aguardada.

Levando-se em conta a regência verbal, as reescrituras possíveis da frase acima são:

I - *Informei-lhes aquela notícia tão aguardada.*
II - *Informei-a aos alunos.*
III - *Informei-os daquela notícia tão aguardada.*
IV - *Informei-lhes daquela notícia tão aguardada.*
a) I e II.
b) II e III.
c) III e IV.
d) I, II e III.
e) II, III e IV.

Comentário: O gabarito é a letra D, pois "quem informa, informa algo (OD) a alguém (OI)", ou "quem informa, informa alguém (OD) de algo (OI)". O verbo é transitivo direto e indireto, logo exige um objeto direto e um objeto indireto. Por isso, observe: I- *Informei-lhes (OI) aquela notícia tão aguardada (OD)*. II- *Informei-a (OD) aos alunos (OI)*. III- *Informei-os (OD) daquela notícia tão aguardada (OI)*. IV- *Informei-lhes (OI) daquela notícia tão aguardada (OI)*. O verbo informar não exige dois objetos indiretos, logo a reescritura IV está errada. Lembre-se de que os pronomes oblíquos átonos *o, a, os, as, lo, las, los, las, no, na, nos, nas* exercem função de objeto direto, nunca de objeto indireto. Já *lhe, lhes* exercem função de objeto indireto, nunca de objeto direto. Saiba também que os pronomes oblíquos átonos *me, te, se, nos, vos* podem exercer função de objeto direto, objeto indireto etc. Consulte *Funções Sintáticas dos Pronomes Oblíquos Átonos*, no capítulo 21.

Exemplo 2:

Os assuntos gramaticais de que venho tratando aqui são muito importantes.

Assinale a alternativa que apresenta regência adequada, como na frase acima.

a) Respeitar padrões morais é uma qualidade da qual não abrem mão certos homens.
b) A força do nosso trabalho, de que não relutamos em vender, dificilmente será paga.
c) A barbaridade de que serviu ao poeta de tema não espantou os civilizados.
d) O autor do texto, de cuja convicção estamos longe de alcançar, desconfia de tudo.
e) Os maus tempos dos quais estamos atravessando devem-se a uma falta de previsão.

Comentário: O gabarito é a letra A, pois o verbo *abrir*, no contexto, é VTDI (abre-se mão (OD) de algo (OI)). Logo, a preposição *de* fica obrigatoriamente antes do pronome relativo. Nos demais casos, há erro de regência, pois nenhum verbo ou nome das orações adjetivas exige preposição, devendo ser reescritas assim: b) A força do nosso trabalho, que não relutamos em vender, dificilmente será paga. c) A barbaridade que serviu ao poeta de tema não espantou os civilizados. d) O autor do texto, cuja convicção estamos longe de alcançar, desconfia de tudo. e) Os maus tempos os quais estamos atravessando devem-se a uma falta de previsão.

Regência Verbal

Antes de entrarmos na regência de alguns verbos tradicionais, é preciso que você saiba o seguinte: não é possível abordar todos os verbos em uma gramática, para isso existem Dicionários de Regência. No entanto, saiba que as provas costumam abordar os mesmos verbos. Graças a Deus! De mais de 11.000 verbos e suas regências, você precisará conhecer cerca de 40. Não pense que isso é muito, pois o candidato realmente preparado ou engajado ficará feliz em saber isso.

Pontos importantíssimos

1) O *lhe*

O *lhe* exerce função de objeto indireto, nunca de objeto direto, por isso certas frases (*"Não lhe vejo há muito tempo."*) são equivocadíssimas. Se o verbo *ver* é transitivo direto, não podemos usar *lhe* como seu complemento. O adequado à norma culta é: *"Não o vejo há muito tempo."* ou *"Não a vejo há muito tempo."* ou *"Não te vejo há muito tempo."*. Saiba também que o *lhe* não serve de complemento para alguns verbos, como: *aludir, anuir, aceder, aspirar (= almejar), assistir (= ver), escarnecer, proceder, presidir, recorrer, referir-se (= aludir), visar (= almejar)*.

2) Preposições e prefixos verbais

Apesar de não ser uma regra fixa, é um fato linguístico que alguns verbos regem preposição semelhante a seus "prefixos": *concorrer com, deduzir de, depender de, incluir em, aderir a, concordar com, coincidir com, conviver com, embarcar em, peregrinar por, interpor entre, perpassar por, compactuar com, compartilhar com, contemporizar com, implicar em...*

3) Verbos pronominais

É bom saber que alguns verbos não pronominais (não acompanhados da partícula integrante *se*) podem se tornar pronominais. Quando isso ocorre, sua regência muda. De transitivos diretos passam a transitivos indiretos: *aborrecer (aborrecer-se com), aconselhar (aconselhar-se com), alegrar (alegrar-se com), apoderar (apoderar-se de), aproveitar (aproveitar-se de), armar (armar-se de), carregar (carregar-se de), cercar (cercar-se de), comunicar (comunicar-se com), debater (debater-se com, contra, em, entre, sob), defender (defender-se de), dedicar (dedicar-se a), enganar (enganar-se em), esquecer (esquecer-se de), lembrar (lembrar-se de), limitar (limitar-se a), orgulhar (orgulhar-se de), recordar (recordar-se de), referir (referir-se a), tratar (tratar-se de), zangar (zangar-se com), precaver (contra/de), etc.*

Além disso, existem certos verbos, essencialmente pronominais, que sempre exigem complemento preposicionado: *apaixonar-se por, arrepender-se de, atrever-se a, candidatar-*

se a, dignar-se de, engalfinhar-se com, esquivar-se de, esforçar-se em/para/por, queixar-se de, refugiar-se em/de etc.

Não são pronominais: *antipatizar, confraternizar, ombrear, proliferar, silenciar, simpatizar, sobressair* etc. Logo, há incorreção gramatical em: *"Os jovens procuram **se sobressair** na internet, a qual é um universo anárquico."*. A forma culta é*: "Os jovens procuram **sobressair** na internet, a qual é um universo anárquico."*.

4) Voz verbal e regência

Há verbos transitivos indiretos, como *apelar, assistir (= ver), pagar/perdoar* (com complemento de pessoa)*, responder* etc., em que há "concessões" para o uso da forma passiva, como diz Bechara. Napoleão Mendes de Almeida vai além, defendendo o uso de *assistir* (= *ver*) na voz passiva. Veja:

– *Não apelaram da sentença. / A sentença não **foi apelada**.*
– *Muitas pessoas assistiram à missa. / A missa **foi assistida** por muitas pessoas.*
– *Pagamos às empregadas. / As empregadas **foram pagas** por nós.*
– *Todos lhe perdoaram. / Ele **foi perdoado** por todos.*
– *Reponder-se-ão às dúvidas. / As dúvidas **serão respondidas**.*
– *João abusou de Maria. / Maria **foi abusada** por João.*

Os verbos *obedecer e desobedecer*, apesar de hoje serem transitivos indiretos, eram considerados transitivos diretos antigamente. Por esse motivo, muitos gramáticos registram que tais verbos podem figurar na voz passiva: *A ordem da mãe não **foi obedecida** pelo filho. / **Obedeceu-se** a ordem.*

Outra informação importante é que os verbos *assistir (= ajudar) e pagar/perdoar* (com complemento de coisa) podem ser passados para a voz passiva analítica normalmente, pois, nesses casos, eles são transitivos diretos:

– *O professor **continua assistindo** os alunos. / Os alunos **continuam sendo assistidos** pelo professor.*
– *Tomara que **tenham perdoado** toda a dívida. / Tomara que toda a dívida **tenha sido perdoada**.*

Mas a grande verdade é que a tradição da língua culta **NÃO** tolera que verbos transitivos indiretos sejam passados para a voz passiva. E é assim que 99% das bancas veem tal fato. Fique esperto!

Verbos com mais de uma regência sem mudança de sentido

Tais verbos costumam ser indistintamente transitivos diretos ou indiretos:

– *O rei **abdicou o trono**. / O rei **abdicou do trono**.*

– *A secretária* ***atendeu*** ***o telefone****. / A secretária* ***atendeu*** ***ao telefone****.*
– *A noite* ***antecede*** ***o amanhecer****. / A noite* ***antecede*** ***ao amanhecer****.*
– ***Acredito*** ***que Deus existe****. /* ***Acredito*** ***na existência de Deus****.*

Obs.: Os verbos *acreditar, crer, pensar e sinônimos* (ao expressar uma opinião, um julgamento) são VTDs quando seu complemento é uma oração subordinada substantiva objetiva direta: ***Penso*** *(VTD)* *que devo estudar mais* *(OD)*.

– *Na prova,* ***atente*** ***o que estiver diante de seus olhos****. / Na prova,* ***atente*** ***a/em/para*** ***o que estiver diante de seus olhos****.*
– ***Anseio/Almejo*** ***uma vida estável****. /* ***Anseio/Almejo*** ***por*** ***uma vida estável****.*
– *Durante uma semana, eu* ***cogitei*** ***aquela vingança****. / Durante uma semana, eu* ***cogitei*** ***naquela vingança****.*
– *Como o patrão* ***consente*** ***tantos erros****? / Como o patrão* ***consente*** ***em*** ***tantos erros****?*
– ***Declinou*** ***o cargo****. /* ***Declinou*** ***do cargo****.*
– ***Desfrutemos*** ***o bom da vida****! /* ***Desfrutemos*** ***do bom da vida****!*

Obs.: Os verbos *desfrutar* e *usufruir* são tradicionalmente vistos, inclusive em manuais de redação oficiais, como VTDs (complemento sem preposição), mas Celso Pedro Luft diz que **a variante regencial** *usufruir de,* **não faz mais que seguir o modelo da base verbal fruir: fruir as utilidades, fruir dos bens**. Isso porque o verbo *fruir*, em todas as suas acepções, pode ser usado como transitivo direto ou como transitivo indireto, regendo a preposição *de*. A alternância de regência não implica alteração do sentido do verbo. Em outras palavras, tais verbos podem ser encontrados como VTDs, sem preposição, ou como VTIs, regendo a preposição *de*, segundo Celso Pedro Luft. Francisco Fernandes já os vê como VTDs. Sobre isso, consulte: CONSULPLAN – PREF. PORTO VELHO/RO – ASSISTENTE ADMINISTRATIVO – 2012 – QUESTÃO 5 e).

– ***Desdenho*** ***tua sabedoria****. /* ***Desdenho*** ***de*** ***tua sabedoria****.*
– *"Na penumbra da noite* ***deparei um vulto estranho****."* (Cegalla) */ Na penumbra da noite* ***deparei*** ***com*** ***um vulto estranho****.*

Obs.: Quem se depara se depara com algo ou alguém. Cuidado com essa regência junto a pronome relativo: *"A situação* ***que se depara*** *com frequência não o surpreende."* (incorreta) / *"A situação* ***com que se depara*** *com frequência não o surpreende."*

(correta).

– *Ele* ***goza*** ***sua melhor forma****. / Ele* ***goza*** ***de sua melhor forma****.*
– *Não* ***necessitam/precisam*** ***defesa de ninguém****.* (forma rara atualmente) / *Não* ***necessitam/precisam*** ***da defesa de ninguém****.*
– *O nascimento do filho* ***obstou*** ***a viagem****. / O nascimento do filho* ***obstou*** ***à viagem****.*

Obs.: Tais regências são abonadas por Celso Pedro Luft e por Francisco Fernandes.

– *O trovão* ***precedeu*** ***o temporal****. / O trovão* ***precedeu*** ***ao temporal****.*
– *O padre* ***presidirá*** ***a cerimônia****. / O padre* ***presidirá*** ***à cerimônia****.*
– *O político, mais um,* ***renunciou*** ***o cargo****. O político* ***renunciou*** ***ao cargo****.*
– ***Satisfez*** ***sua necessidade****? /* ***Satisfez*** ***à sua necessidade****?*

Cuidado!!!
Alguns verbos transitivos diretos seguidos de preposição, segundo Bechara, "dão um colorido especial ao contexto". Lembra-se dos casos de objeto direto preposicionado? Então, lá há alguns verbos que fazem parte de expressões idiomáticas do português junto com seus complementos preposicionados. Exemplos:
– *Comi o bolo. / Comi* ***do*** *bolo.* (Apenas um pedaço do bolo – não ele todo – foi comido; a preposição neste caso tem um papel semântico indicando "partição".)
Na edição de junho de 2011 da revista *Piauí,* o professor Evanildo Bechara diz que "a função das preposições não é sintática, mas semântica. Pegar uma linha indicaria nada mais do que segurá-la. Mas pegar da linha implica que ela será utilizada". O erudito disse mais: "É impressionante como os bons autores aproveitam todas as faculdades da língua", comentou. No inglês, o fenômeno, conhecido como *two-word verbs*, é largamente utilizado. *Look* é "olhar". Acrescido da preposição *for*, quer dizer "procurar", *look for*. **Bechara explicou então que "cumprir o dever" é diferente de "cumprir com o dever", que exige sacrifício [zelo, esforço]**.
O mesmo se dá com *fazer*, que pode figurar como *"Fazer que..."* ou *"Fazer com que"*, em que a preposição apenas serve de ênfase ao objeto direto: *"Pouco conhecimento* **faz (com) que** *as pessoas se sintam orgulhosas."*. (Leonardo Da Vinci)

Verbos que normalmente mudam de sentido devido à regência

Para facilitar sua vida, apresentarei os verbos mais corriqueiros nos concursos. É óbvio que existem outros não tão populares assim em seu concurso... e, por isso mesmo,

normalmente de fácil percepção quanto à regência. Caso você queira mais, recomendo a consulta ao *Dicionário Prático de Regência Verbal*, de Celso P. Luft, ou ao *Dicionário de Verbos e Regimes*, de Francisco Fernandes, ou ainda ao *Dicionário de Regência Verbal*, de Antenor Nascentes. São as grandes referências no assunto.

Usarei algumas siglas: VI (verbo intransitivo), VTD (verbo transitivo direto), VTI (verbo transitivo indireto) e VTDI (verbo transitivo direto e indireto, ou bitransitivo). Suas respectivas preposições, quando houver, virão junto. Vamos lá!

Agradar

Acariciar, fazer carinho (VTD)

– *A mãe agradou seu filho no colo.*

Satisfazer, alegrar, contentar (VTI – a)

– *Este espetáculo sempre agrada* ***a****o público.*

Obs.: Não ortodoxamente, Luft diz que neste último caso, o verbo pode ser VTD: *Este espetáculo agradou-o*. Na hora da prova, analise todas as opções possíveis, ficando com a "melhor resposta".

Agradecer

VTD (complemento "coisa")

– *Alguns sem-teto agradeceram nosso auxílio.*

VTI (complemento "pessoa"; acompanhado ou não de adjunto adverbial de causa)

– *Devemos agradecer a Deus (quem crê, é claro) pelas bênçãos diárias.*

VTDI (OD ("coisa") / OI ("pessoa") – a)

– *Agradeceste-lhe (****a*** *ele) o elogio?*

Ajudar

Facilitar (VI)

– *Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda.* (dito popular)

Auxiliar (VTD)

– *Deus ajuda quem cedo madruga.* (dito popular)

Auxiliar (VTI – em)

– *Ele sempre ajuda* ***n****a reforma da Igreja.*

Auxiliar (VTDI (OD: "pessoa" / OI: "coisa" – em)

– *Os irmãos não se ajudam* ***em*** *nada.*

Obs.: Quando o OI tem como núcleo um verbo no infinitivo, Celso P. Luft diz que é iniciado pela preposição *a*, sendo desaconselhada na linguagem culta formal o uso de *lhe* na

posição de objeto direto: *"Vou ajudar-**lhe** **a** **arrumar o quarto.**"* (regência desaconselhada) / *"Vou ajudá-**lo** **a** **arrumar o quarto.**"* (regência aconselhada). Já Francisco Fernandes diz que tanto faz. É a visão do Luft, porém, que prevaleceu na visão do Cespe/UnB, que ignorou o ensinamento de Francisco Fernandes: Cespe/UnB – ANATEL – TÉCNICO EM REGULAÇÃO – 2006 – QUESTÃO 11.

Apelar

Interpor recurso judicial à instância superior, recorrer (VTI – de)

– *O advogado apelou **d**a decisão.*

Pedir socorro/ajuda (VTI – a, para)

– *Aquela mulher feia teve de apelar **para** o santo casamenteiro.*

Aspirar

Respirar, inspirar, sugar (VTD)

– *Em regiões muito altas, é difícil aspirar o ar.*

Almejar, pretender alcançar (VTI – a)

– *Nunca mais aspirarei **a** amores impossíveis.*

Obs.: O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: *"Nunca mais aspirarei **a eles** (a amores impossíveis)."*.

Assistir

Morar, residir, habitar (VI – em)

– *Assisto **em** Copacabana há 15 anos.*

Obs.: Lembre-se de que *em Copacabana* não é um complemento para os gramáticos tradicionais, em outras palavras, não é um objeto indireto, mas sim um adjunto adverbial de lugar! Lembrando que este é um dos verbos que indicam moradia/estaticidade/permanência.

Ajudar, auxiliar, apoiar, prestar assistência (VTD (preferencialmente) ou VTI – a)

– *O professor assistia frequentemente a aluna com dificuldade.*

– *O professor assistia-lhe (**a** ela) frequentemente.*

Ver (e ouvir), presenciar, observar (VTI – a)

– *Quando namorávamos, assistíamos **a** vários shows.*

Obs.: O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo, nesta acepção. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: *"Quando namorávamos, assistíamos **a eles** (a vários shows)."*.

Ser da competência de, caber, competir (VTI – a)

– *Não lhe (**a** você) assiste dizer se isto é certo ou errado.*

Atender

Veja uma questão da Esaf que elucida tudo sobre a regência deste verbo:

(Esaf – IRB – Analista de Sistemas – 2004)

– Identifique a letra em que uma das frases apresenta erro de regência verbal.

a) Atender uma explicação. / Atender a um conselho.

b) O diretor atendeu aos interessados. / O diretor atendeu-os no que foi possível.

c) Atender às condições do mercado. / Os requerentes foram atendidos pelo juiz.

d) Atender o telefone. / Atender ao telefone.

e) Ninguém atendeu para os primeiros sintomas da doença. / Ninguém se atendeu aos primeiros alarmes de incêndio.

GABARITO: E. Esta questão trata de todas as acepções do verbo **atender**. A maior parte das frases da questão foi retirada do livro de regência de Celso Pedro Luft (lembra que eu falei dele?!). Vamos lá...

a) O verbo será VTD ou VTI no sentido de *dar ou prestar atenção*.

b) No sentido de *servir, acolher, deferir, tomar em consideração*, é VTD ou VTI. Se o complemento deste verbo for um pronome oblíquo átono, só serão aceitas as formas diretas "o, a, os, as (e variações)".

c) VTD ou VTI no sentido de *tomar em consideração, considerar, levar em conta, ter em vista, deferir*. Por ser também VTD, a voz passiva analítica é adequada: *foram atendidos*.

d) VTD ou VTI no sentido de *escutar e responder (ao telefone)*.

e) no sentido de *atentar, reparar,* é VTI, podendo reger as preposições *a, em, para*: 1ª frase da opção E; mas... há uma forma incorreta, que é: "*Ninguém se atendeu aos primeiros alarmes de incêndio*". Neste sentido, não há como o verbo *atender* ser pronominal (com partícula integrante 'se'). Deveria ser: "Ninguém *atendeu aos (para os ou nos)* primeiros alarmes de incêndio".

Luft ainda fala que, no sentido de *conceder audiência a*, é VTD: *O Papa atenderá os peregrinos*.

Chamar

Convocar, convidar (VTD)

– *O técnico brasileiro chamou o novo talento para a seleção.*

Invocar para auxílio ou proteção, normalmente apelando (VTD ou VTI (por))

– *Chamaram (**por**) Jeová quando em extrema dificuldade.*

Classificar, qualificar, nomear (VTD ou VTI – a)

– *Chamei o professor (de) inteligente. / Chamei-o (de) inteligente.*

– *Chamei **a**o professor (de) inteligente / Chamei-lhe (de) inteligente.*

Obs.: A preposição *de* é facultativa em *de inteligente*, que é um predicativo do objeto.

Relembrando: o verbo **transobjetivo** é aquele que exige um complemento (OD ou OI) + um predicativo do objeto.

Chegar

Tradicionalmente VI (vem acompanhado de adjunto adverbial de lugar, iniciado sempre pela preposição **a**, nunca por **em**)

– *Nosso time nunca chegou **a** uma posição decente na tabela.*

Obs.: O mesmo vale para outros verbos que indicam deslocamento, como *ir*: *Quem vai... vai **a** algum lugar.* Detalhe: "Quando alguém vai **para** algum lugar" significa *ir* e *se demorar* (ou *ir* e *ficar*). O Luft entende que tais verbos (*ir* e *chegar*, por exemplo) podem se classificados como transitivos indiretos. Veja isto: FCC – DPE/SP – AGENTE DE DEFENSORIA PÚBLICA – 2013 – QUESTÃO 9.

Conferir

Examinar (VTD)

– *Conferimos a redação do candidato, a qual estava excelente.*

Atribuir, imprimir certa característica (VTDI – a)

– *O júri conferiu prêmios **a**os melhores concorrentes.*

– *Os pormenores conferiam verossimilhança **à** história.*

Estar de acordo (VI ou VTI – com)

– *O laudo confere.*

– *A descrição do suspeito não confere **com** o depoimento da testemunha.*

Constar

Ser composto de, consistir em, conter; estar incluído (VTI – de)

– *A epopeia consta **de** dez cantos.*

Estar incluso (VTI – de/em)

– *Este consta **d**a/**n**a antologia do poeta Drummond.*

Ser sabido (VTI (a) – o sujeito da frase é normalmente uma oração)

– *Não me (**a** mim) constava que ela passou na prova.*

Custar

Indicando preço, valor (VI; acompanhado de adjunto adverbial de preço)

– *Nosso carro custou duzentos mil reais.*

Obs.: Francisco Fernandes (e o próprio Luft, em OBS) diz que é VTD, em que *duzentos mil reais* seria um OD.

Demorar (VI)

– *Custaram, mas chegaram, enfim.*

Causar, provocar, acarretar, resultar (VTDI – a)

– *A arrogância pode custar-lhe (**a** ele) o emprego.*

Ser custoso, difícil (VTI – a)

– *Nós custamos a aprender Português* (construção coloquial)

– *Custou-nos(a) aprender Português* (construção culta)

Obs.: Lê-se a última frase assim: *"Aprender Português (sujeito) custou (foi custoso, difícil) **a** nós (objeto indireto)."*. Ainda sobre a última frase: a preposição antes do infinitivo é expletiva, não alterando a análise sintática da oração. Sobre esta última regência, consulte: FUNRIO – MPOG – Analista ADMINISTRATIVO – 2009 – QUESTÃO 4.

Dar

Tornar-se (VL)

– *O ex-atleta deu um bom empresário.*

Bastar (VI)

– *Esse dinheiro não dá.*

Registrar, emitir, informar... (VTD)

– *A mídia deu a notícia ontem.*

Bater, topar... (VTI – com)

– *O homem deu com o joelho na escada rolante.*

Entregar, ceder... (VTDI – a/para/em)

– *A mãe deu **à** luz um filho lindo.*

– *Só dou conselhos bons **para** ele porque desejo que ele seja um bom filho.*

– *A mão lhe (**n**ele) deu muitas bofetadas ao longo da vida.*

Obs.: Sobre "dar-se o trabalho" e "dar-se ao trabalho", ambas as expressões estão certas. Analisa-se assim a primeira expressão: *dar-se (OI) o trabalho (OD)*. E a segunda, assim: *dar-se (OD) ao trabalho (OI)*.

Desculpar

VTD

– *Eu o desculpo e desculpo o erro de seus irmãos, mas esta é a última vez.*

VTDI (de/a)

– *Peço que a desculpe **d**essas falhas.*

– *Peço que lhe (**a** ela) desculpe essas falhas.*

Obs.: No sentido de *justificar-se*, rege a preposição *com*: *Não se desculpe com esses argumentos fracos, pois de nada valem.*

Ensinar

VTD

– *Só devemos ensinar o essencial.*

VTDI (ensina-se algo **a** alguém ou alguém **a** algo – verbo no infinitivo)

– *Estou ensinando regência **a** você.*

– *Estou ensinando-o **a** entender regência.*

Obs.: Sobre a última frase, mesmo que não preferencial, ainda há a seguinte possibilidade: *Estou ensinando-lhe a entender regência*. A preposição *a* antes do infinitivo é expletiva e *entender regência* é OD.

Esquecer / Lembrar

VTD (quando não pronominais)

– *O aluno esqueceu a informação da aula anterior.*

– *O aluno lembrou a informação da aula anterior.*

Obs.: No sentido de "ser semelhante" também é VTD: *O filho lembra muito o pai*.

VTI (quando pronominais (de); o *se* é uma parte integrante do verbo)

– *O aluno esqueceu-se/lembrou-se **d**a informação anterior.*

Obs.: Alguns gramáticos, como Cegalla e o próprio Luft, consideram que, quando o complemento for uma oração subordinada substantiva objetiva indireta, a preposição pode ficar implícita: *O aluno se esqueceu/se lembrou (de) que tinha de estudar mais*.

VTI (a)

– *Esqueceu-me/Lembrou-me a informação anterior.*

Obs.: Neste caso, "a informação anterior" é a coisa esquecida ou lembrada (analisada como sujeito). O verbo é transitivo indireto regendo a preposição **a** (**a** mim). O *me* é o objeto indireto. Ou seja, a frase é entendida assim: *A informação anterior caiu no meu esquecimento (ou veio à minha lembrança)*. Atualmente, encontramos este tipo de

construção muito raramente no Brasil!

VTDI (só o lembrar – de/a)

– *O professor lembrou o aluno* ***d****a informação.*

– *O professor lembrou a informação* ***a****o aluno.*

Fugir

Retirar-se (VI)

– *Fugiram para longe sem deixar rastros.*

Distanciar-se, evitar (VTI (de/a); usa-se *a*, principalmente com substantivo abstrato)

– *O aluno fugiu* ***d****o/****a****o tema.*

– *Na coletiva de imprensa, o jogador fugiu* ***à*** *questão.*

Escapar (VTI – de)

– *O presidiário fugiu* ***d****os guardas e, em seguida,* ***d****a penitenciária.*

– *As palavras lhe (****d****ele) fugiam, sempre que ficava diante de seu amor.*

Haver

Comportar-se, proceder (VI; pronominal)

– *As minhas meninas sempre se houvem bem na casa das tias.*

Existir, ocorrer, fazer (indicando tempo decorrido), ter, considerar (VTD)

– *A convicção de que não havia riscos, fez o homem pular de paraquedas. (existir)*

– *Há de haver soluções emergenciais! (existir)*

– *Vai haver uma festa surpresa daqui a pouco. (ocorrer)*

– *Houve inúmeros encontros hoje na convenção. (ocorrer)*

– *Ninguém aparecia na reunião havia meses. (fazer)*

– *Há dias que não durmo bem. (fazer)*

– *Senhor, haja piedade delas! (ter)*

– *Se houvesse coragem, homem, não teria sido ridicularizado. (ter)*

– *Haviam-no por sábio. (considerar)*

– *Os diretores houveram por bem antecipar o anúncio das novas diretrizes. (considerar)*

Obs.: Nas duas últimas frases, o verbo haver é transobjetivo, ou seja, exige um objeto direto e um predicativo do objeto, normalmente iniciado pela preposição essencial *por* ou acidental *como*. Logo, *por sábio* e *por bem* são predicativos do objeto.

Avir-se, prestar contas, tratar (VTI – com)

– *Caso trame intrigas, certamente se haverá* ***com****igo e* ***com*** *a justiça.*

Obter (VTDI)

– *Os sem-terra houveram essas terras de quem?*

Implicar

Zombar, troçar, provocar rixa, amolar, hostilizar (VTI – com)

– *O pai vive implicando **com** o filho.*

Envolver (alguém ou a si mesmo), comprometer (VTDI – em)

– *O policial se implicou **na** conspiração.* (este *se* é reflexivo)

Acarretar, produzir como consequência (VTD)

– *Segundo uma das leis de Newton, toda ação implica uma reação de igual ou maior intensidade, na mesma direção e em sentido contrário.*

Obs.: No entanto, por analogia com três verbos de significação semelhante, mas de regência indireta (*resultar **em**, redundar **em**, importar **em***), o verbo *implicar,* nessa última acepção, passou a ser usado com a preposição *em*, como VTI. Luft registra assim: "TI: implicar **em** algo", com a observação de que essa regência é um brasileirismo já consagrado e "admitido até pela gramática normativa". As bancas Esaf e Fundação Don Cintra já aceitam tal regência.

Importar

Trazer para dentro (VI, VTD)

– *Quem importa e exporta hoje em dia se sai bem no mundo globalizado.*

– *Por que só se importam eletrônicos?*

Obs.: Exemplos do Luft, com o sentido de *resultar* [VTD, VTI (em) ou VTDI (a/para)]: *Todo novo governo importa (em) mudanças. / As enchentes importaram grande prejuízo **ao/para** o Estado.* Com o sentido de "atingir certo custo", recomenda-se que o verbo seja VTI (em): *A reforma do estádio importou **em** 1 milhão e meio de dólares.*

Desprezar, ignorar (VTI (com/em/de); pronominal)

– *Ninguém se importa **com** os oceanos, estes, sim, os verdadeiros pulmões da Terra.*

Obs.: São frequentes os objetos indiretos oracionais precedidos das preposições *de* e *em*: *Não me importo **em/de** ser criticado por você, pois sua opinião é irrelevante.*

Ser importante (VI ou VTI – a)

– *De tudo o que sabemos, importa que a vida é curta e deve ser aproveitada.*

– *Pouco me (**a** mim) importa se Deus vai julgar-me ou não, quero é fazer o bem.*

Obs.: As orações *que a vida é curta e deve ser aproveitada* e *se Deus vai julgar-me ou não* são sujeitos do verbo *importar.*

Informar

Tanto ***informar*** quanto ***avisar, aconselhar, anunciar, advertir, alertar, certificar, cientificar, dizer, comunicar, informar, impedir, incumbir, noticiar, notificar, prevenir, proibir*** são VTDIs, normalmente, admitindo duas possíveis construções:

Informar algo a alguém.

ou

Informar alguém de algo.

– *Advertimos **a**os tripulantes (OI) que não nos responsabilizamos por furtos ou roubos (OD).*

– *Advertimos os tripulantes (OD) **de** que não nos responsabilizamos por furtos ou roubos (OI).*

Obs.: Pode-se usar *sobre, acerca de e a respeito de* no lugar da preposição *de*. **Dica de amigo:** vale muito a pena consultar o Luft sobre cada um desses verbos, pois há certa preferência quanto a uma das duas regências apresentadas. Além disso, saiba que tais verbos podem ser apenas VTDs: *Não podemos criticar jornais que informam a verdade dos fatos.*

Namorar

VTD

– *Namoro Maria há cinco anos.* (registro culto)

– *Namoro **com** Maria há cinco anos.* (registro coloquial)

Obs.: A gramática tradicional não abona a regência "namorar com". Na contramão, e por analogia com *casar* (com) e *noivar* (com), Luft (bem como meia-dúzia de dois ou três) abona o uso deste verbo como VTI (com). Encontrei uma questão sobre esse verbo, que ficou com a visão tradicional (sem preposição): COPESE – UFPI – CONSULTOR TÉCNICO ESPECIALIZADO – 2012 – QUESTÃO 7. Mesmo assim consulte a regência de *casar* e *noivar*. Valerá a pena!

Obedecer / Desobedecer

VTI (a)

– *Como filhos, devemos obedecer **a** nossos pais.*

– *Meu pai, **a**o qual vivia desobedecendo, era um homem superamoroso.*

Obs.: Segundo alguns gramáticos, como Cegalla, a voz passiva é permitida com tais verbos.

Pagar / Perdoar

VTD quando o complemento é coisa. VTI (**a**) quando o complemento é pessoa (física ou jurídica). VTDI quando um complemento é coisa (OD) e o outro é pessoa (OI).

– *Perdoei o erro. / Paguei a dívida.*

– *Perdoei **a** meu pai. / Paguei **a**o banco.*

– *Perdoei-lhe (**a** ele) a dívida. / Paguei-lhe (**a** ele) a dívida.*

Obs.: Tais verbos acompanhados de partícula *se* (apassivadora ou indeterminadora do sujeito) podem atrapalhar sua vida. Veja estes exemplos de partícula apassivadora: *Pagaram-se as dívidas, enfim.* (e não: *Pagaram-se às dívidas*.) / *O homem a que se deviam pagar as dívidas ficou satisfeito.* (e não: *O homem que se deviam pagar as dívidas ficou satisfeito.*). Agora com partícula de indeterminação do sujeito: *Pagou-se ao homem pela manhã.* (e não: *Pagou-se o homem pela manhã*.) / *O homem a que se pagou pela manhã ficou satisfeito.* (e não: *O homem que se pagou pela manhã ficou satisfeito.*).

Pedir / Dizer

Ignorando as regências mais óbvias de tais verbos (VTD ou VTDI), vamos a um *déjà vu*:

Em *"**Pedi** (Disse) para que ela não largasse o emprego."*, segundo a tradição gramatical, há um erro: o uso da preposição *para* após o verbo da oração principal (*pedir* ou *dizer*). O certo é: *"Pedi (Disse) que ela não largasse o emprego."*. O único caso em que a norma culta abona tal preposição é quando se explicita ou se *subentende a palavra licença, permissão, vênia etc.: "Ela pediu [licença]* <u>para que passasse</u>*". A oração sublinhada é completiva nominal.*

Perceber

Notar, receber (linguagem jurídica) (VTD)

– *Percebeu que algo estava errado àquela hora da manhã.*

– *Percebia um bom ordenado pois era exemplar no trabalho.*

Precisar

Indicando precisão (VTD)

– *Não conseguiram precisar a data em que o fato ocorreu.*

Necessitar (VTI)

– *Os cidadãos brasileiros precisam de visto para entrar na Espanha?*

Pisar

Segundo José Maria da Costa, baseando sua pesquisa em Francisco Fernandes e em Celso P. Luft:

I) "*Pisar **a** grama*" (correto);

II) "*Pisar **na** grama*" (correto);

III) "*Pisar **sobre** a grama*" (correto);

IV) "*Pisar **em cima** da grama*" (correto);

V) "*Pisar **por cima da** grama*" (correto);

VI) "*Pisar **à** grama*" (errado).

Obs.: Em coisas pequenas, prefere-se *pisar* como VTD: *Pisei muitas uvas no lagar.* Alguns gramáticos, como Sacconi, dizem que pisar na grama é regência incorreta e que a única forma correta é pisar a grama. Polêmicas...

Preferir

Muitos constroem erradamente a regência deste verbo assim: *"Prefiro muito mais Português do que Matemática."* ou *"Prefiro muito mais Português a Matemática."* ou *"Prefiro antes Português a Matemática"*. No entanto, estas não são formas cultas.

Veja a única regência adequada:

– *Prefiro Língua Portuguesa **a** Matemática.*

Pode ser só VTD

– *Entre Português e Matemática, prefiro Português.*

Obs.: Por causa do paralelismo sintático, não ocorre crase no exemplo *Prefiro Língua Portuguesa **a** Matemática.* "Por quê?" Simples: se não há determinante (artigo, pronome...) antes do objeto direto, não haverá igualmente antes do objeto indireto (por isso não há crase antes de Matemática). No entanto, se houver determinante antes do OD, haverá crase no OI: *Prefiro a Língua Portuguesa à Matemática*. Foi?

Já com o verbo *querer*... constrói-se: *"Antes quero morrer do que ser escravizado."*. E não: "Antes quero morrer a ser escravizado.".

Proceder

Ter fundamento, cabimento; portar-se, comportar-se; originar-se (de) (VI)

– *Seus argumentos não procedem agora.*

– *Meu professor procede com elegância em sala de aula.*

– *Os brinquedos da Uruguaiana procedem **d**a China ou Taiwan.*

Obs.: As expressões *com elegância* e *da China ou Taiwan* são adjuntos adverbiais de modo e lugar, respectivamente; isso é praxe quando o verbo *proceder* tem essas acepções!

Suceder, realizar, executar, iniciar (VTI – **a**)

– *O juiz deseja proceder **a**o julgamento.*

– *Procedeu-se **à** apuração dos votos para saber qual foi a escola de samba campeã.*

Obs.: O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: "O juiz deseja proceder *a ele* (ao julgamento).".

Querer

Desejar possuir (VTD)

– *O Brasil quer o "status" de país de primeiro mundo.*

Estimar, amar (VTI – **a**)

– *Eu lhe (**a** ela) quero como a uma irmã.*

Responder

Falar, declarar (VTD)

– *Ele sempre responde que vai passar na prova.*

Dar resposta a uma pergunta (VTI – a)

– *Fique tranquila, pois ele vai responder **a**os e-mails enviados.*

Dar uma resposta a alguém (VTDI – a)

– *Respondeu-lhe (**a** ela) todas as indagações.*

Servir

Conforme o dicionário *Houaiss* ou o *Aurélio*, ***servir*** (= "trabalhar como servo", "fazer de criado", "prestar serviços ou trabalhar como empregado") pode ser intransitivo, transitivo direto ou transitivo indireto (a).

– *O militar estava ali para servir.*

– *O militar serve no Exército Brasileiro.*

– *O militar servia a Pátria com todo o carinho.*

– *O militar servia **à** Pátria há anos.*

Levar, ministrando, algo a alguém (VTDI – a)

– *O garçom serviu lagosta **a**o cliente.*

Não ser útil, não prestar (VTI – a)

– *Esta roupa não me (**a** mim) serve mais.*

Simpatizar / Antipatizar

VTI (com)

– *Simpatizo/Antipatizo **com** o atual governador do Rio de Janeiro.*

Obs.: Não existe *simpatizar-se, antipatizar-se*. Não são verbos pronominais!

Suceder

Acontecer (VI) – normalmente o sujeito vem em forma de oração

– *Sucede que os mestres Celso Pedro Luft e Francisco Fernandes são extraordinários.*

Substituir (VTI – **a**)

– *Estou prestes a suceder **a**o presidente da empresa.*

Obs.: Segundo Francisco Fernandes, no último caso, o verbo pode ser VTD: *Estou prestes a **suceder** o presidente da empresa.* Celso P. Luft também registra essa possibilidade, no entanto sublinha que, linguisticamente, não é a regência moderna.

Torcer

Distorcer, entortar (VTD)

– *Pare de torcer minhas palavras! Eu falo sério!*

– *O vento torceu o galho da árvore.*

Simpatizar com time ou clube, desejar sucesso (VTI – por/para)

– *Minha família torce **para/pel**o Flamengo desde o início do século passado.*

– *Torço **por/para** que você se recupere logo e, para a nossa alegria, volte a jogar.*

Obs.: O gramático Sacconi admite apenas a preposição *por* nestas últimas frases.

Visar

Mirar, fitar, apontar; pôr visto em (VTD)

– *O soldado visou o peito do inimigo.*

– *O inspetor federal visou todos os diplomas.*

Almejar, pretender, objetivar, ter como fim (VTI – a)

– *Este trabalho visa **a**o bem-estar geral.*

Cuidado!!!

1) Manoel Pinto Ribeiro, Cegalla, Francisco Fernandes, Celso Pedro Luft, Antenor Nascentes, Rocha Lima, Artur de Almeida Torres, Cândido Jucá Filho, Arnaldo Niskier etc. registram este último caso como VTD: *Este trabalho visa o bem-estar geral*. Como

VTI, a omissão da preposição ocorre principalmente antes de infinitivo, mas neste caso se analisa também como VTD: *Este trabalho visa (a) resolver muitas dúvidas dos alunos*. Corroborando isso, consulte: Cespe/UnB – CÂMARA DOS DEPUTADOS – Analista LEGISLATIVA – 2012 – QUESTÃO 87.

2) O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo, nesta última acepção. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: "Este trabalho visa *a ele* (ao bem-estar geral).".

Dever de Casa (Não chore!)

Se você já tiver o dicionário de regência verbal do Celso P. Luft, fará bem em analisar os seguintes verbos (e suas observações):

abençoar, abicar, aborrecer, abraçar, abundar, aceitar, acertar, aclimatar, acometer, aconselhar, acordar, acostumar, acrescentar, açucarar, acusar, admirar, admoestar, adorar, advertir, agilizar, agradar, agradecer, aguardar, aguentar, ajudar, amar, ameaçar, amigar, ansiar, anteceder, apostar, aprazer, aprender, arrancar, arrasar, arrendar, arrenegar, arrepender, arrostar, arvorar, aspirar, assentir, assistir, associar, atender, aterrizar, atingir, atirar, atravessar, autorizar, avisar, bastar, bater, beijar, bem-querer, blasfemar, caber, cabrestear, calar, calhar, carecer, carregar, cavoucar, certificar, chamar, chegar, chorar, cientificar, clamar, cobrar, cogitar, combater, começar, comer, comover, compadecer, comparecer, comportar, comprar, comprazer, concordar, condenar, condizer, confessar, confiar, configurar, congratular, conscientizar, considerar, consistir, constar, constatar, constipar, constituir, contagiar, contar, contentar, contestar, continuar, convencer, conversar, convir, corar, correr, cumprir, curiosar, custar, dar, dedignar, deixar, denegrir, deparar, derrogar, desagradar, desaguar, desejar, desfazer, desobedecer, destrinçar, determinar, dever, dignar-se, dilapidar, dirigir, disparar, dispor, distar, dizer, doer, durar, duvidar, edificar, empurrar, encarar, encarregar, encontrar, enfrentar, engajar, engatar, engazopar, enlaçar, ensinar, entrar, enxergar, escapar, escrupulizar, esforçar, esmolar, esperar, espocar, esquecer, esquivar, estabelecer, estalar, estimar, estremecer, evitar, exceder, exercer, exercitar, falar, faltar, fanar, fazer, filiar, fingir, fugir, ganhar, gostar, gozar, haver, hesitar, igualar, impedir, implicar, implorar, inaugurar, incomodar, incorporar, incorrer, incumbir, indagar, indenizar, influenciar, informar, infundir, insistir, instar, instruir, interessar, ir, juntar, jurar, lecionar, lembrar, ligar, liquidar, mandar, mirar, moer, montar, morar, murmurar, namorar, noticiar, nutrir, obedecer, obstar, obviar, olhar,omitir, opinar, optar, ordenar, ousar, ouvir, parar, parecer, participar, passar, pedinchar, pedir, pegar, penetrar, perdoar, pesar, petiscar, pisar, poder, pôr, portar, prantear, prazer, preceder, precisar, predeterminar, predispor, preestabelecer, preexistir, preferir, prefixar, pregar,

prejudicar, prejulgar, premer, prescindir, presidir, prevenir, proceder, procurar, professar, proibir, prometer, propor, propugnar, provar, puxar, quedar, querer, recear, reclinar, reduzir, refletir, renunciar, repartir, repugnar, resfriar, residir, resistir, resolver, responder, resultar, rir, rivalizar, rogar, romper, sacar, sair, satisfazer, sentar, sentir, ser, servir, simpatizar, sobrepujar, sobressair, soer, somar, sorrir, subir, sub-rogar, suceder, tardar, temer, ter, tomar, torcer, traduzir, traficar, tratar, travar, trepidar, ulular, unir, usufruir, velar, velejar, ver, verter, vetar, vigiar, vingar, vir, visar, voltar, xeretear, zelar

Regência Nominal

Como já dito, alguns nomes (substantivos, adjetivos e advérbios) exigem complementos preposicionados – exceto quando vêm em forma de pronome oblíquo átono. É importante que você estude novamente *Complemento Nominal*, em *Termos Integrantes da Oração*.

Pontos Importantíssimos!

1) Advérbios terminados em -*mente*

Os advérbios derivados de adjetivos seguem, normalmente, a regência dos adjetivos:

*análoga/analogamente **a**; contrária/contrariamente **a**; compatível/compativelmente **com**; diferente/diferentemente **de**; favorável/favoravelmente **a**; paralela/paralelamente **a**; próxima/proximamente **a/de**; relativa/relativamente **a** (...)*

2) Preposições e prefixos verbais

Alguns nomes regem preposições semelhantes a seus "prefixos": *dependente, dependência de, inclusão, inserção em, inerente em/a, descrente de/em, desiludido de/com, desesperançado de, desapego de/a, convívio com, convivência com, demissão, demitido de, encerrado em, enfiado em, imersão, imergido, imerso em, instalação, instalado em, interessado, interesse em, intercalação, intercalado entre, supremacia sobre* etc.

Veja agora uma "pequena" lista de nomes e suas regências, em ordem alfabética. Não entre na neurose de sair gravando tudo. É que nem academia de musculação... um pouquinho todo dia. Familiarize-se aos poucos (adquira um dicionário de regência nominal!):

A

abrigado de; aceito a; acessível a; acostumado a, com; adaptado a, de, para; adequado a; admiração a, por; afável com, para com; afeição a, por; afeiçoado a, por; aflito com, para, por; agradável a, de, para; alheio a, de; aliado a, com; alienado de; alternativa a, para; alusão a; amante de; ambicioso de; amigo de; amizade a, com, por; amor a, por; amoroso com, para com; analogia com, entre; análogo a; ansioso de, para, por; anterior a; antipatia a, contra, por; apaixonado de, por; aparentado com; apto a, para; atencioso com, para, para com; atentado a, contra; atentatório a, de; atento a, em; atinar com; avaro de; aversão a, para, por; avesso a; ávido de, por

B

bacharel em; baseado em, sobre; bastante a, para; bem em, de; benéfico a; benevolência com, em, para, para com; benquisto a, de, por, com; boato de, sobre; bom de, para, para com; bordado a, com, de; briga com, entre, por; brinde a; busca a, de, por

C

capacidade de, para; capaz de, para; caritativo com, de, para com; caro a; cego a;

certo(eza) de; cessão de... a; cheio de; cheiro a, de; circunvizinho de; cobiçoso de; coerente com; coetâneo de; comemorativo de; compaixão de, para com, por; compatível com; compreensível a; comum a, de; conceito de, sobre; condizente com; confiante em; conforme a, com; consciente de; cônscio de; constante de, em; constituído com, de, por; contemporâneo a, de; contente com, de, por, em; contíguo a; contraditório com; contrário a; convênio entre; cruel com, para, para com; cuidadoso com; cúmplice em; curioso a, de, para, por

D

dedicado a; depressivo de; deputado a, por; desagradável a; desatento a; descontente com; desejoso de; desfavorável a; desgostoso com, de; desleal a; desprezo a, se, por; desrespeito a, contra; dever de; devoção a, para com, por; devoto a, de; diferente de; difícil de; digno de; diligente em, para; direito a, contra, de, em, para, sobre; disposto a; dissemelhante de; ditoso com; diverso de; doce a; dócil a, para com; doente de; domiciliado em; dotado de; doutor em; duro de; dúvida acerca de, de, em, sobre

E

embaraçoso a, para; empenho de, em, por; êmulo de; encarregado de; entendido em,; envio de... a; estendido a, de... a, até, em, para, sobre; equivalente a; eriçado de; erudito em; escasso de; essencial a, em, para; estéril de; estranho a; estreito de, para; estropiado de; exato em

F

fácil a, de, em, para; falha em; falho de, em; falta a, contra, de, para com; falto de; fanático por; farto em; favorável a; fecundo em; feliz com, de, em, por; fértil de, em; fiel a; firme em; forte de, em; fraco de, em, para com; franco de, em, para com; frouxo de; fundado em, sobre; furioso com, de

G

generoso com; gordo de; gosto por; gostoso a; grande de; gratidão a, por, para com; gravoso a; grosso de; guerra a, com, contra, entre

H

hábil em, para; habilidade de, em, para; habilitado a, em, para; habituado a; harmonia com, entre; hino a; homenagem a; hora de, para; horror a; horrorizado com, de, por, sobre; hostil a, com, contra, em, para com

I

ida a; idêntico a; idôneo a, para; imbuído de, em; imediato a; impaciência com; impaciente com; impedimento a, para; impenetrável a; impossibilidade de; impossível de;

impotente contra, para; impróprio para; imune a, de; inábil para; inacessível a; inapto a, para; incansável em; incapaz de, para; incerto de, em; incessante em; inclinação a, para, por; incompatível com; incompreensível a; inconsequente com; inconstante em; incrível a, para; indébito a; indeciso em; independente de, em; indiferente a; indigno de; indócil a; indulgente com, para com; inepto para; inerente a, em; inexorável a; infatigável em; inferior a, de; infiel a; inflexível a; influência sobre; ingrato com, para com; inimigo de; inocente de; insaciável de; insensível a; inseparável de; insípido a; interesse em, por; intermédio a; intolerância a, contra, em, para, para com; intolerante com, para com; inútil a, para; investimento de, em; isento de

J

jeito de, para; jeitoso para; jogo com, contra, entre; jubilado em; juízo sobre; julgamento de, sobre; junto a, de; juramento a, de; justificativa de, para

L

leal a, em, com, para, para com; lembrança de; lento em; levante contra; liberal com; lícito a; ligeiro de; limitado a, com, de, em; limpo de; livre de; louco de, com, para, por

M

maior de, entre; manco de; manifestação a favor de, contra, de; manso de; mau com, para, para com; mediano de, em; medo a, de; menor de; misericordioso com, para, para com; molesto a; morador em; moroso de, em

N

nascido de, em, para; natural de; necessário a, para; necessitado de; negligente em; negociado com; nivelado a, com, por; nobre de, em, por; noção de, sobre; nocivo a; nojo a, de; notável em, por; núpcias com; nutrido com, de, em, por

O

obediente a; oblíquo a; obrigação de; obsequioso com; ódio a, contra, de, para com; odioso a, para; ofuscado com, de, por; ojeriza a, contra, por; oneroso a; oposto a; orgulhoso com, de, para com; originado de, em

P

paixão por; pálido de; paralelo a; parco de, em; parecido a, com; pasmado de; passível de; peculiar a; pendente de; penetrado de; perito em; permissivo a; pernicioso a; perpendicular a; pertinaz em; pesado a; pesar a, de; piedade com, de, para, por; pobre de; poderoso para, em; possível de; possuído de; posterior a; prático em; preferível a; prejudicial a; preocupação com, de, em, para, para com, por, sobre; preocupado com, de, em, para com, por, prestes a, para; presto a, para; primeiro a, de, dentre, em; pródigo de,

em; proeminência de, sobre; pronto a, em, para; propenso a, para; propício a; propínquo de; proporcionado a, com; próprio de, para; protesto a, contra, de; proveitoso a; próximo a, de

Q

qualificado de, para, por; queimado de, por; queixa a, contra, de, sobre; querido de, por; questionado sobre; quite com, de

R

reanimado a, para; rebelde a; relacionado com; relativo a; rente a, com, de; residente em; respeito a, com, de, para, para com, por; responsável por; rico de, em; rígido de; rijo de, rumo a, para

S

sábio em; são de; satisfeito com, de, em, por; saudade de, por; seco de; sedento de, por; seguido a, de, por; seguro de, em; semelhante a; senador por; sensível a; serviço em; severo com, em, para com; simpatia a, para com, por; sito em (sito a é próprio da linguagem tabelioa); situado a, em, entre; soberbo com, de; sóbrio de, em; sofrido em; solícito com; solidário com; solto de; sujo de; superior a; surdo a, de; suspeito a, de

T

tachado de; talentoso em, para; tardo a, em; tarjado de; tédio a, de, por; temente a, de; temerário em; temeroso de; temido de, por; temível a; temperado com, de, em, por; tenaz em; tendência a, de, para; teoria de, sobre; terminado em, por; terno de; terror de, por, sobre; testemunha de; tinto de, em; tolo de, em; traidor a, de; transido de; transversal a; trespassado de; triste com, de

U

último a, de, em; ultraje a; unânime em; união a, com, entre; único a, em, entre, sobre; unido a, a favor de, contra, entre; unificado em; urgente a, para; useiro em; útil a, para; utilidade em, para; utilizado em, para

V

vacina contra; vaga de, para; vaia a, contra, em; vaidade de, em; vaidoso de; valioso a, para; valor em, para; vantagem a, de, em, para, sobre; vantajoso a, para; vassalagem a; vazado em; vazio de; vedado a; veleidade de; venda a, de, para; vendido a; veneração a, de, para com, por; verdade sobre; vereador a, por; vergonha de, para; versado em; versão para, sobre; vestido com, de, em; veterano em; vexado com, de, por; viciado em; vidrado em; vinculado a, com, entre; visível a; vital a, para; viúvo de; vizinhança com, de; vizinho a, com, de; vocação a, de, para; voltado a, contra, para, sobre; vontade de, para;

vulnerável a

X

xeque a; xingado com, de; xodó com

Z

zangado com, por; zelo a, com, de, para com, por; zeloso com, para com; zombaria com; zonzo com, de

Ufa³!!! Acabou... Acabou nada... Exercícios!

O Que Cai Mais na Prova?

Estude tudo! Tudo é importante. Das duas, a regência **verbal** é a mais cobrada. Atenção redobrada na preposição (exigida pelo verbo ou nome da oração adjetiva) antes do pronome relativo! Isso também é importante ressaltar. É hora do “vamos ver”!

Questões de Concursos

1. (FCC – TRE/MG – Técnico Judiciário – 2005) As liberdades ..... se refere o autor dizem respeito a direitos ..... se ocupa a nossa Constituição. Preenchem de modo correto as lacunas da frase acima, na ordem dada, as expressões:
   a) a que – de que;
   b) de que – com que;
   c) a cujas – de cujos;
   d) à que – em que;
   e) em que – aos quais.

2. (Esaf – ANEEL – Técnico Administrativo – 2006) Para cada lacuna abaixo são propostas duas formas de preenchimento. Assinale a opção em que as duas propostas complementam de maneira coerente e gramaticalmente correta o texto.

O Brasil está assumindo papel ___(a)___ liderança no fornecimento de energia de fonte renovável, ___(b)___ o álcool. Chamou, por isso, ___(c)___ atenção do mundo desenvolvido e há países negociando a compra do produto nacional. Problemas como o do preço interno devem ser administrados com responsabilidade para não corrermos o risco de perder a oportunidade, rara, ___(d)___ fixar papel preponderante ___(e)___ setor essencial como o energético.

   a) na/da;
   b) como/para;
   c) a/à;
   d) de/para;
   e) em/pelo.

3. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2008) Assinale o trecho do texto adaptado do Jornal do Commercio (PE), de 12/01/2008, que apresenta erro de regência.
   a) Depois de um longo período em que apresentou taxas de crescimento econômico que não iam além dos 3%, o Brasil fecha o ano de 2007 com uma expansão de 5,3%, certamente a maior taxa registrada na última década.
   b) Os dados ainda não são definitivos, mas tudo sugere que serão confirmados. A entidade responsável pelo estudo foi a conhecida Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL).
   c) Não há dúvida de que os números são bons, num momento em que atingimos um bom superávit em conta-corrente, em que se revela queda no desemprego e até se anuncia a ampliação de nossas reservas monetárias, além da descoberta de novas fontes de petróleo.
   d) Mesmo assim, olhando-se para os vizinhos de continente, percebe-se que nossa performance é inferior a que foi atribuída a Argentina (8,6%) e a alguns outros países com participação menor no conjunto dos bens produzidos pela América Latina.
   e) Nem é preciso olhar os exemplos da China, Índia e Rússia, com crescimento acima desses patamares. Ao conjunto inteiro da América Latina, o organismo internacional está atribuindo um crescimento médio, em 2007, de 5,6%, um pouco maior do que o do Brasil.

4. (Esaf – ANA – Analista Administrativo – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – O verbo "autorizar" ("...o poder público autoriza o usuário de água... a utilizar...") está empregado, no texto, com a mesma predicação verbal que apresenta na frase: *O diretor autorizou-nos a tirar férias em fevereiro.*

5. (Esaf – SRF – Técnico Administrativo – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   (...) Se isso tivesse acontecido, os governos poderiam concentrar-se no combate à retração econômica e ao desemprego. (...)
   – A presença de preposição em "ao desemprego" justifica-se pela regência de "combate".

6. (Esaf – MF – Assistente Técnico-Administrativo – 2009) (Adaptada) Qual frase está gramaticalmente correta quanto à concordância e regência?
   I – Antigamente, nas empresas, eram poucos os funcionários que dominavam um idioma estrangeiro, e com eles recorriam os colegas quando precisavam traduzir uma palavra ou um texto.
   II – A primeira pergunta que surge a quem se impõe ao desafio de falar outro idioma fluentemente é: será preciso passar um tempo no exterior?

7. (Cespe/ UnB – ABIN – Oficial Técnico de Inteligência – 2010) Na linha 31 (... são instrumentos legais de que dispõe o Estado...), a preposição "de" empregada antes de "que" é exigência sintática da forma verbal "dispõe"; portanto, sua retirada implicaria prejuízo à correção gramatical do período.
   ( ) CERTO

( ) ERRADO

"(...) A Convenção lida com muitas formas de expressão cultural que resultam da criatividade de... (...)"

8. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Em "resultam da", o vocábulo "da", resultante da junção da preposição **de** com o artigo definido **a**, pode ser substituído por **na** sem que se altere o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Hipermodernidade é o termo usado para denominar a realidade contemporânea, caracterizada pela cultura do excesso, do acréscimo sempre quantitativo de bens materiais, de coisas consumíveis e descartáveis. (...)"

9. (Cespe/UnB – MPU – Analista de Informática – 2010) A repetição da preposição **de** em "do acréscimo", "de bens materiais" e "de coisas" indica que esses termos são empregados, no texto, como complementos de "cultura", vocábulo que tem como primeiro complemento "do excesso".
( ) CERTO
( ) ERRADO

10. (Cespe/UnB – ANEEL – Analista Administrativo (Arquivologia) – 2010) A supressão da preposição antes dos vocábulos "antecipação" e "voluntarismo" (A palavra "projeto" remete-se à antecipação e, em boa parte, ao voluntarismo), com a manutenção dos artigos definidos, não acarretaria prejuízo sintático ao texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

11. (FDC – Mapa – Administrador – 2010) Das alterações feitas abaixo na redação do trecho "O processo de globalização e a mundialização aos quais as organizações têm sido submetidas" (2º parágrafo), está INCORRETA, quanto ao emprego do pronome relativo, de acordo com as normas de regência, a seguinte:
a) O processo de globalização e a mundialização dos quais as organizações têm sido vítimas.
b) O processo de globalização e a mundialização sobre os quais as organizações têm tido alguma influência.
c) O processo de globalização e a mundialização com cujos parâmetros as organizações procuram imitar.
d) O processo de globalização e a mundialização para os quais as organizações têm voltado sua atenção.
e) O processo de globalização e a mundialização por cujos princípios as organizações procuram guiar-se.

12. (Fundação Dom Cintra – Câmara Municipal de Petrópolis/RJ – Arquivista – 2010) De acordo com a norma culta da língua, a frase "O carro negro investiu a multidão" (9º parágrafo) também poderia ser redigida, sem alteração de sentido, na forma "O carro negro investiu contra a multidão", caracterizando uma situação de verbo de regência variada. Das opções abaixo, aquela em que a segunda forma NÃO caracteriza situação de verbo de regência variada, mas constitui erro, pois é regência NÃO admitida pela norma culta, é:
a) Nenhum médico apareceu para assistir-lhe naquele momento. / Nenhum médico apareceu para assisti-lo naquele momento.
b) Remover o cadáver implicava uma responsabilidade que ninguém queria assumir. / Remover o cadáver implicava numa responsabilidade que ninguém queria assumir.
c) Para muitos transeuntes, o morto estava ali a importuná-los. / Para muitos transeuntes, o morto estava ali a importunar-lhes.
d) A confusão provocada pelo defunto influiu no ambiente tranquilo da rua, tumultuando-o. / A confusão provocada pelo defunto influiu sobre o ambiente tranquilo da rua, tumultuando-o.
e) O fim a que todos visavam era depenar por completo o morto. / O fim que todos visavam era depenar por completo o morto.

13. **(**Cesgranrio – Petroquímica Suape – Engenheiro de Manutenção Pleno – 2011**)** "Outra fonte de renda é o valor do ingresso, que **custa** R$ 35:"

Quanto à sintaxe de regência, o trecho que apresenta um verbo com regência semelhante à do termo destacado na passagem transcrita acima é:
a) "...de quem procura a reserva para comprar artesanato,"
b) "para levar um casal de amigos."
c) "Scavello considera positiva a implantação do sistema na aldeia:"
d) "– Não somos assalariados,"
e) "pois não caçamos mais,"

14. (Cesgranrio – Petrobras – Inspetor de Segurança Interna Jr. – 2011) Considere as frases abaixo.

I. Manuel aspira ..... cargo de gerente na empresa.
II. Quem quiser assistir ..... filme, deve permanecer em silêncio.
III. Certamente, essa decisão implicará ..... dissolução do grupo.
IV. Ao chegar ..... casa, verificarei se os documentos estão em ordem alfabética.

Em relação à regência verbal, a sequência que preenche corretamente as lacunas é:

a) o – ao – na – em;
b) o – o – a – a;
c) ao – o – na – em;
d) ao – ao – a – a;
e) ao – ao – na – em.

15. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico Ambiental Jr. – 2011) A sentença em que a expressão em negrito está usada de acordo com a norma-padrão é:

a) O provedor que comprei o plano demonstra eficiência.
b) As pessoas dos quais compareceram desconheciam informática.
c) O desejo de que a Internet ficasse mais rápida se realizou.
d) O menino, o cujo pai trabalha em informática, virá ajudar-nos.
e) A matéria aonde me dei mal foi programação.

16. (Cesgranrio – Finep – Técnico (Apoio Adm. e Secr.) – 2011) Dentre os períodos compostos abaixo, qual foi elaborado de acordo com a norma-padrão da língua?

a) Entrei e saí do escritório hoje correndo.
b) O relatório que te falei está em cima da mesa.
c) Esse é o colega que dei meu endereço novo.
d) O manual por que aprendeu a usar a máquina é ruim.
e) A ilha que eu mudei minha residência oficial é grande.

17. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Informática – 2011) Em qual das sentenças abaixo, a regência verbal está em **DESACORDO** com a norma-padrão?

a) Esqueci-me dos livros hoje.
b) Sempre devemos aspirar a coisas boas.
c) Sinto que o livro não agradou aos alunos.
d) Ele lembrou os filhos dos anos de tristeza.
e) Fomos no cinema ontem assistir o filme.

18. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico Manutenção Jr. – 2011) Substituindo o verbo destacado por outro, a frase, quanto à regência verbal, torna-se **INCORRETA** em:

a) O líder da equipe, finalmente, viu a apresentação do projeto. / O líder da equipe, finalmente, assistiu à apresentação do projeto.
b) Mesmo não concordando, ele acatou as ordens do seu superior. / Mesmo não concordando, ele obedeceu às ordens do seu superior.
c) Gostava de recordar os fatos de sua infância. / Gostava de lembrar dos fatos de sua infância.
d) O candidato desejava uma melhor colocação no r*anking*. / O candidato aspirava a uma melhor colocação no *ranking*.
e) Naquele momento, o empresário trocou a família pela carreira. / Naquele momento, o empresário preferiu a carreira à família.

19. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) Em "Kant inicia a exposição da ética, que ele chama *metafísica dos costumes*", o trecho em itálico, que exerce, na oração, a função de complemento verbal, deveria estar precedido da preposição **de**.

( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – FUB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) A retirada da preposição "de" em "A indicação inicial é a de que, sim, a rede está alterando (...)" não implicaria alteração do texto, quer do ponto de vista semântico, quer sintático.

( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) Os vocábulos "decorrência" (É a decorrência natural da sua

constituição...), "condizente" (... procurou a forma condizente com sua mensagem...) e "irreprimível" (... a voz irreprimível dos fantasmas...) regem termos que lhes complementam, necessariamente, o sentido.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FCC – Infraero – Analista de Sistemas – 2011) Considere as frases abaixo, construídas com palavras retiradas do texto (grafadas em negrito). A frase cuja redação está inteiramente de acordo com a norma culta é:
a) Alguns acreditam que com o advento da chamada globalização o mundo foi reduzido entre uma pequena aldeia.
b) É notável a submissão de certos animais acerca do dono.
c) Não se pode afirmar que não haja legitimação sobre regras morais na sociedade contemporânea.
d) Parece razoável propor que em todas as áreas do conhecimento há certa dicotomia à teoria e prática.
e) Alguns críticos acreditam que a sensibilidade é inerente nos grandes artistas.

23. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) Está adequado o emprego de **ambos** os elementos sublinhados na frase:
a) Os argumentos de que devemos nos agarrar devem se pautar nos limites da racionalidade e da justiça.
b) Os casos históricos em que Voltaire recorre em seu texto ajudam-no a demonstrar de que a pena de morte é ineficaz.
c) A pena de talião é um recurso de cuja eficácia muitos defendem, ninguém se abale em tentar demonstrá-la.
d) Os castigos a que se submetem os criminosos devem corresponder à gravidade de que se reveste o crime.
e) As ideias liberais, de cuja propagação Voltaire se lançou, estimulam legisladores em quem não falte o senso de justiça.

24. (FCC – TJ/AP – Titular Serviços de Nota e Registros – 2011) ... *a assunção de convicções individuais, bem como o silêncio e a solidão cederam passo a uma posição passiva* ... (2º parágrafo)
A regência determinada pelo verbo grifado acima se reproduz em:
a) ... *que são enviadas em processo contínuo de transmissão durante todo dia* ...
b) ... *na medida em que penetra nossa existência em todos os instantes* ...
c) ... *vê-se televisão a todo tempo.*
d) .... *a televisão é uma imposição de modos de ser, de pensar* ...
e) ... *que deverá pautar sua ação em código de conduta do órgão de imprensa* ...

25. (FCC – Infraero – Administrador – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado em:
a) O Príncipe é um símbolo reincidente, a cujo nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento.
b) A necessidade de bajular o poder é um vício de que muita gente da imprensa não consegue se esquivar.
c) A trama com a qual o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso.
d) Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão na qual decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve.
e) Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação em que irão depender todas as demais.

26. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:
a) Não deu certo o tal do método prático em cuja eficiência Paulo Honório chegou a acreditar.
b) Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada em que nenhum escritor pode abdicar.
c) Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal de que jamais toleraria.
d) Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas de cujo brilho ninguém superaria.
e) A linguagem com que Paulo Honório de fato aspirava era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas.

27. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) *"o cérebro é uma orquestra sinfônica **em que** os instrumentos vão se modificando à medida que são tocados".*
A expressão pronominal ***em que***, grifada acima, preenche corretamente a lacuna da frase:
a) As questões ..... se preocupam os cientistas dizem respeito às alterações cerebrais devidas ao uso indiscriminado da internet.
b) É incalculável o número de informações, sobre os mais diversos temas, ... o cérebro humano é capaz de processar.
c) As hipóteses aventadas, ... se baseiam os especialistas, devem ainda ser comprovadas por exames acurados.
d) As implicações causadas pela onipresença da internet, ... está sujeito o cérebro humano, são objeto de preocupação de cientistas.
e) As informações ..... dispõem os usuários da comunicação eletrônica são múltiplas, embora sejam superficiais.

28. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:
a) A obsolescência e o anacronismo, atributos nos quais os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar com a expressão dez de setembro.

b) O estado de psicose, ao qual imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança em cuja radicalidade muitos recriminam.
c) A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo ao qual ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo no qual foram tomados tantos americanos.
d) Não é à descrença, sentimento com que nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é na esperança que queremos nos apegar.
e) Fatos como os de 11/9, com que ninguém espera se deparar, são também lições terríveis, de cujo significado não se deve esquecer.

(Cespe/UnB – CNPQ – Analista em Ciência e Tecnologia Júnior – 2011) "(...) A história das teorias consiste, em grande parte, na reelaboração e em novas formas de usos de conceitos. (...)"

29. O emprego da preposição **em** antes de "reelaboração" e "novas formas" deve-se à relação de regência do verbo **consistir**, do qual esses termos são, no texto, complementos.
( ) CERTO
( ) ERRADO

30. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
Em última instância, uma importante decisão política deve ser tomada ***em relação ao modelo*** *de cidade em que queremos viver e* ***ao destino*** *dos investimentos públicos em mobilidade.*
– O emprego da preposição **a** antes de "o destino" indica que esse termo complementa a expressão "em relação", assim como "o modelo" também a complementa.

31. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) No trecho "somado aos que vinham sendo realizados nos últimos anos", o elemento "aos" poderia ser corretamente substituído por **àqueles**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (FCC – TJ/PE – Analista Judiciário – 2012) As ideias estão articuladas de modo claro e correto na seguinte frase: "Mesmo sendo ele um hábil articulador e a despeito do grande prestígio de que gozava, não obteve êxito na transação, pois a verdadeira natureza do negócio lhe escapara"?

33. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) A frase em que a regência está em conformidade com o padrão culto escrito é:
a) Em seu fingimento, só restou de que dissesse ao ex-sócio que sentia saudades dele.
b) Tudo isso considerado, é necessário fazer que ele sinta o peso da responsabilidade.
c) Em atenção por seu talento indiscutível, o pouparam as devidas multas.
d) Passou os documentos a mão do técnico e não os perdeu de vista até ao final da reunião.
e) Inconformado de que eles propalavam injúrias a seu respeito, decidiu denunciá-los.

34. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I – 2012) A frase em que a palavra destacada está empregada corretamente é:
a) Só mesmo ele, com sua ousadia, podia ter-se arrogado em certos direitos.
b) Percebeu que o que fizera era uma exorbitância com suas funções.
c) No dia seguinte da postagem da carta, ela já a recebia em casa.
d) Sua função lhe incompatibilizou com muitos colegas.
e) Depois de anos, resignou-se definitivamente àquele modo de vida precário.

35. (Cesgranrio – BB – Escriturário – 2012) A frase em que a presença ou ausência da preposição está de acordo com a norma-padrão é:
a) A certeza que a sorte chegará para mim é grande.
b) Preciso de que me arranjem um emprego.
c) Convidei à Maria para vir ao escritório.
d) A necessidade que ele viesse me ajudar me fez chamá-lo.
e) Às dez horas em ponto, estarei à sua casa.

36. (Cesgranrio – Petrobrás – Economista Jr. – 2012) A frase cuja regência do verbo respeita a norma-padrão é:
a) Esquecemo-nos daquelas regras gramaticais.
b) Os professores avisaram aos alunos da prova.
c) Deve-se obedecer o português padrão.

d) Assistimos uma aula brilhante.
e) Todos aspiram o término do curso.

37. (Cesgranrio – Liquigás – Profissional Jr. – 2012) A leitura do trecho "A gente se acostuma a pagar por tudo o que deseja e o **de** que necessita. E a lutar para ganhar o dinheiro **com** que pagar" permite concluir que as preposições são exigidas, respectivamente, pelos seguintes verbos:
a) desejar e ganhar;
b) desejar e pagar;
c) pagar e desejar;
d) necessitar e ganhar;
e) necessitar e pagar.

38. (Esaf – SRF – Analista Tributário da Receita Federal – 2012) (Adaptada) Há a erro gramatical na transcrição do texto abaixo em (4) ou (5)?
*(...) em absoluto, de recusar investimentos estrangeiros que, de qualquer modo, apresentam vantagens, mas de procurar **direcionar-lhes** (4) para onde são mais importantes e necessários e de estar conscientes **de que** (5) nem todos eles representam a salvação da economia num momento de dificuldades.*

39. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) A frase que, segundo os preceitos da gramática normativa do português do Brasil, está correta quanto à regência é:
a) A cada pequena discussão, costumava lhe chamar de aventureiro e até como irresponsável, e disso já se havia coletado muitas provas.
b) Nada daquela maluca versão interessava a ele, principal testemunha do caso, e por isso manifestou-se quanto à imediata retirada do indesejável depoimento.
c) A afinidade entre os colegas intensificava-se ao mesmo tempo que seus estudos se desenvolviam, e disso surgiu uma amizade que todos tinham orgulho.
d) Sua obra é daquelas que se pode dizer tudo, menos que passará despercebida a futuras gerações, seja para negar-lhe méritos, seja para reconhecê-los.
e) Aquele professor é a verdadeira razão de que muitos estudantes decidiram dedicar-se à pesquisa, o que lhe faz ser constantemente mencionado como exemplo a ser seguido.

40. (FCC – TST – Técnico Judiciário – 2012) Cronistas de reinos passados, gênios das navegações [...] não falam de discos, pratos ou charutos voadores...
O verbo que NÃO foi empregado com o mesmo tipo de complemento que o verbo grifado acima está em:
a) Começou com um piloto norte-americano de caças ...
b) ... que simplesmente desistimos deles?
c) ... sequer pensarmos em outros mundos ...
d) Enjoaram de nós?
e) Venceu a hipótese de naves ...

41. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) "O que definia o século XIX era a mudança: mudança em termos de e em função dos objetivos das regiões dinâmicas do Atlântico norte, que eram, à época, o núcleo do capitalismo mundial."
Estrutura que considera, como a destacada acima, corretamente as regências, encontra-se em frases que seguem, com EXCEÇÃO desta única:
a) Comprovou que e alegou de que os documentos eram originais.
b) Segurou o menino com e pela mão esquerda.
c) Por conta de e para saldar as dívidas, penhorou seu único imóvel.
d) Necessitava de e exigia os documentos que haviam ficado retidos indevidamente.
e) Os estados se unificaram em e por uma sólida confederação.

42. (CEPERJ – DEGASE – Psicólogo – 2012) "É forçoso reconhecer que razão assiste ao magistrado."
A frase acima exemplifica um uso mais formal da língua, escolhido pelo autor deste texto, que foi originalmente publicado em uma seção voltada para questões de Direito e Justiça de um jornal.
No contexto da frase, o significado do verbo "assistir" é:
a) comparecer;
b) acompanhar;
c) faltar;
d) caber;
e) permanecer.

43. (MPE/SC – MPE/SC – Promotor de Justiça – 2012) Na Língua Portuguesa, é primordial o conhecimento da sintaxe de regência, isto é, a relação sintática de dependência que se estabelece entre nomes e verbos e seu complemento, com a presença ou não de preposição. Essa preposição pode estar associada ao pronome relativo. Assim, assinale o(s) item(ns) que contempla(m) duas versões da mesma frase consideradas corretas:

I. Prefiro ser um bom advogado a um mau juiz. / Prefiro ser um bom advogado do que um mal Juiz.

II. Os livros já foram, um dia, objeto sagrado onde o acesso era permitido a poucos. / Os livros já foram, um dia, objeto sagrado cujo acesso era permitido a poucos.

III. Haverá recursos do Estado para a associação de cuja parte nós fazemos. / A associação de que fazemos parte receberá recursos do Estado.

IV. Causou polêmica a medida provisória que autoriza o plantio de soja transgênica no país. / Causou polêmica a medida provisória a qual autoriza o plantio de soja transgênica no país.

V. O dinheiro que o político dispõe para a campanha política é bem mais que ele receberá em salário. / O dinheiro de que o político dispõe para a campanha política é bem mais do que ele receberá em salário.

a) Apenas as assertivas III e IV estão corretas.
b) Apenas as assertivas I e IV estão corretas.
c) Apenas as assertivas II e V estão corretas.
d) Apenas as assertivas I, III, IV e V estão corretas.
e) Todas as assertivas estão corretas.

44. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) Do ponto de vista da regência, a frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Vive dizendo que, para ele, nos fins de semana, nada melhor como pegar um bom livro e lê-lo até o fim.
b) Depois de tanto esforço dos que o acolheram, nem sequer se dignou de apresentar pessoalmente suas despedidas.
c) O exagero no consumo de bebidas alcoólicas na formatura ocasionou em um fim trágico.
d) As vítimas mais graves do engavetamento foram atendidas ao Hospital das Clínicas.
e) Acredito, sinceramente, de que o melhor a fazer é afastá-lo da comissão.

45. (FEC – PC – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) A alternativa em que a duplicidade de regência verbal documentada é INACEITÁVEL no português culto é a seguinte:

a) “refletir sobre o significado das favelas” / refletir no significado das favelas.
b) “desfrutando da sua beleza singular” / desfrutando a sua beleza singular.
c) “oferecer melhores condições de vida para os seus moradores” / oferecer (...) aos seus moradores.
d) “entender que os moradores dessas comunidades possuem histórias de vida” / entender de que os moradores.
e) “Vivemos em uma época de profundas transformações” / Vivemos uma época.

Gabarito

1. A.	**10. ERRADO.**	**19. ERRADO.**	**28. E.**	**37. E.**
2. D.	**11. C.**	**20. ERRADO.**	**29. CERTO.**	**38. (4).**
3. D.	**12. C.**	**21. ERRADO.**	**30. CORRETA.**	**39. B.**
4. CORRETA.	**13. E.**	**22. E.**	**31. CERTO.**	**40. E.**
5. CORRETA.	**14. D.**	**23. D.**	**32. CORRETO.**	**41. A.**
6. NENHUMA.	**15. C.**	**24. E.**	**33. B.**	**42. D.**
7. CERTO.	**16. D.**	**25. B.**	**34. E.**	**43. A.**
8. ERRADO.	**17. E.**	**26. A.**	**35. B.**	**44. B.**
9. ERRADO.	**18. C.**	**27. C.**	**36. A.**	**45. D.**

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 30

Crase

Definição

Antes de tudo, quem diz que crase é fácil está enganado! Crase é risível de fácil!

– Poxa, Pestana, até hoje eu tenho trauma com esse sinal de crase! Nem consigo dormir pensando em questões de crase!

– Para começar, o nome do sinal é grave! É isso mesmo! O sinal (`) tem nome: *acento grave*! É ele que indica a crase. E pode dormir tranquilo a partir de agora.

– Ué, então crase não é o nome do acento?

– Nunca foi! O nome do acento é "grave". A crase é um fenômeno em que duas vogais iguais se tocam, por isso se diz **a** + **a** = **à**. E... se eu fosse você... faria uma recapitulação do capítulo *Artigo*. Safo? Vamos entender melhor agora!

Para concursos, o que você precisa saber é o seguinte: a **crase** é a **fusão** de duas vogais idênticas. A primeira vogal **a** é uma preposição, a segunda vogal **a** é um artigo ou um pronome demonstrativo.

"Muito bem. Mas como essas vogais se fundem formando a crase?" Muito simples. Normalmente um verbo ou um nome exige a preposição *a*, que se funde com outro *a* (artigo ou pronome demonstrativo), formando a crase: **à**.

Existem quatro situações básicas. Veja abaixo:

a (preposição) + a(s) (artigo) = à(s)

É impossível resistir à lasanha da minha mãe.

Quem nunca resiste... nunca resiste **a** + **a** (lasanha) = **à** (lasanha). Foi?

"Mas como é que você sabe que há um artigo feminino antes do substantivo *lasanha* para a gente poder crasear o **a**?"

DOIS *BIZUS* LINDOS: Para sabermos se haverá crase (**a+a=à**), basta colocarmos o artigo antes do substantivo e criar uma frase hipotética, colocando-o como sujeito da frase: *"**A** lasanha da minha mãe é ótima."*. Percebe que a ausência do artigo tornaria a frase estranha: *"Lasanha da minha mãe é ótima."*? O artigo serve para determinar, especificar a palavra *lasanha*. Este método é ótimo para perceber se há ou não artigo antes de um substantivo. Outro método que normalmente dá certo é trocar a palavra feminina por uma masculina. Se no lugar do **à** puder ser *ao*, a crase estará 99% das vezes certa: *"É impossível resistir **ao** nhoque da minha mãe."*. Foi?

Veja outro exemplo:

Minha mãe deu à luz um bebê lindo em 1982: eu.

O verbo *dar*, como se sabe, é bitransitivo (VTDI). Logo, *um bebê lindo* é objeto direto, e *à luz*, o objeto indireto. Dá-se algo *a* alguém (a "luz" está em sentido conotativo, equivalendo a

“vida”, “ao mundo”). Bonito isso! Quase chorei...

Para fechar, mais um:

Eu cheguei à Brasil, mas, como de costume, ela estava engarrafadíssima!

“Ué, Pestana, você está maluco? Brasil é uma palavra masculina, ora; é **o** Brasil e não **a** Brasil!”

Calma, calma... Olhos abertos! Às vezes, o substantivo vem **implícito**. Você deveria ter visto assim: *“Eu cheguei **à** (avenida) Brasil...”*. Ou seja, quem chega, chega **a** + **a** avenida. Percebeu agora? A+a=**à**. Simples assim.

a (preposição) + a(s) (pronome demonstrativo) = à(s)

Antes de qualquer coisa, há basicamente dois casos em que o vocábulo **a** pode ser um pronome demonstrativo, equivalendo ao pronome “aquela”: antes de pronome relativo *que* e antes de preposição *de*: ***A** (= aquela) que chegou era minha filha. / Sua filha é linda, mas **a** (= aquela) dele é muito mais.*

Agora sim, o princípio da crase é o mesmo, beleza? Veja:

Nós nos referimos à que foi 01 do concurso para Analista Judiciário.

Sempre procuro fazer alusão às lições do Bechara e às do Celso Cunha.

No primeiro caso, quem se refere, se refere **a** + **a** = **à**. No segundo caso, quem faz alusão, faz alusão **a + as** = **às**.

a (preposição) + aquele(s), aquela(s), aquilo (pronomes demonstrativos) = àquele(s), àquela(s), àquilo

Lembre-se: crase é a fusão de duas vogais idênticas. Jamais erre na prova este caso.

A bebida é sempre nociva àqueles que se embriagam.

Procurou explicar-se àquela comissão, mas ela não tolerou seu erro.

Depois de todo o terror, assistir àquilo foi a gota d’água.

O que é nocivo, é nocivo **a** + **aqueles** = **àqueles**. Quem *se explica... se explica* **a** + **aquela** = **àquela**. Quem assiste (= *ver*), assiste **a** + **aquilo** = **àquilo**.

a (preposição) + a qual, as quais (pronome relativo) = à qual, às quais

Lembre-se: se um verbo ou um nome exigindo preposição vier depois do pronome relativo, a preposição ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo.

Todas as professoras de Língua Portuguesa às quais me dirigi eram capazes.

A explicação à qual tenho direito finalmente me foi dada pelo mestre.

No primeiro caso, o verbo pronominal *dirigir-se* exige a preposição ***a***, que se aglutina com ***as quais*** (pronome relativo), formando ***às quais***. No segundo caso, o nome *direito* também exige a preposição *a*, que se aglutina com ***a qual*** (pronome relativo), formando ***à qual***.

Casos Obrigatórios

Além dos casos clássicos de crase, já vistos anteriormente, há dois casos obrigatórios de crase. Vejamos:

1) Locuções adjetivas, adverbiais, conjuntivas e prepositivas com núcleo feminino

A crase ocorre porque a preposição *a* que inicia tais locuções se funde com o artigo *a* que vem antes do núcleo feminino. O acento grave é fixo!

– *Um policial **à paisana** trocou tiros com três homens que tentavam roubar um banco.*

– *Cheguei **às cinco horas da tarde**.*

– ***À medida que** estudo, fico mais seguro.*

– *Einstein estava **à frente de** seu tempo.*

Cuidado!!!

1) Conheça algumas locuções (as que têm valor semântico de *meio* ou *instrumento* são polêmicas entre os gramáticos):

a) **adjetivas**: *à vela, à lenha, à toa, à vista, à la carte, à queima-roupa, à vontade, à venda, à mão armada, à beça...*

b) **adverbiais***: *à noite, à tarde, às vezes, às pressas, à farta, à vista, à primeira vista, à hora certa, àquela hora, à esquerda, à direita, à uma (ao mesmo tempo, juntamente), à vontade, às avessas, às claras, às escuras, à mão, às escondidas, à míngua, à fome, à venda, à mão armada, à beça, à bala, à tinta, à máquina, à espada, à caneta, à foice, à chave, à revelia, à deriva, à meia-noite...*

c) **prepositivas**: *à altura de, à custa de, à espera de, à beira de, à espreita de, à base de, à moda de, à maneira de, à procura de, à roda de, à guisa de, à mercê de, à semelhança de...*

d) **conjuntivas** (só duas): *à medida que, à proporção que.*

* *o mais das vezes, as mais das vezes* são locuções não craseadas.

2) Polêmica! As locuções que têm valor semântico de *meio* ou de *instrumento* podem ou não receber acento grave. Depende da visão do gramático. Infelizmente não há (mais uma vez) unidade de pensamento. Exemplos: *"Eu costumo escrever **a (à) caneta** (instrumento)."*. / *"Não gosto de comprar **a (à) prestação** (meio)."*.

No entanto, todos eles concordam que, por razões de clareza, a fim de afastar qualquer ambiguidade, pode-se usar o acento grave. Exemplos: *"Vendi a vista." (o olho?) / "Vendi à vista." (meio)*.

Use sempre seu bom senso na hora da prova, pois não sabemos o que as bancas irão aprontar. O fato é que questões assim são raríssimas! Veja uma que "resolve" a polêmica:

(Cespe/UnB – BB – Escriturário I – 2003 – Questão 35 – Opção 5)

– Em "Preencher à máquina", na linha vertical na margem esquerda do formulário, o emprego do sinal indicativo de crase é opcional.

Comentário: A questão foi anulada! Logo, se foi anulada e, portanto, o emprego do sinal indicativo de crase não é opcional, inferimos que a crase é obrigatória em *à máquina*! Pelo menos para o Cespe/UnB.

Corroborando isso, os manuais de redação, como o *Manual de Redação da Câmara dos Deputados*, o *Manual de Redação e Estilo de O Estado de São Paulo*, o *Manual de Redação da PUC/RS* e muitos importantíssimos gramáticos brasileiros, como Evanildo Bechara, Rocha Lima, Said Ali, ensinam (seja por razões de clareza, seja pela tradição linguística) que há crase nas locuções que indicam meio ou instrumento. Outros estudiosos dirão que não há crase porque nesse caso não se pode usar a regra prática de substituir ***a*** por ***ao***, o que provaria a presença do artigo antes da locução, incorrendo em crase. É isso... em vez de facilitarem nossa vida, atrapalham. Cuidado com as provas da vida!

3) Pensou que a polêmica havia acabado? Bem-vindo à "língua portuguesa"! Apesar de alguns gramáticos discordarem, está estabelecida na tradição gramatical que a locução adjetiva ***a distância*** não recebe acento indicativo de crase. E é assim que vem caindo em prova de concurso. Por exemplo: *Fiz um curso* ***à distância*** *(errado). Fiz um curso* ***a distância*** *(certo).*

Se a locução vier especificada, aí, sim, ocorre acento indicativo de crase: *Fiz um curso* ***à distância*** *de cem metros da minha casa. / Aqui você tem todos os canais* ***à distância*** *de um clique.*

Uma prova de que a visão tradicional prevalece – ou seja, só há acento grave na locução se vier especificada – está aqui: INSTITUTO CIDADES – TCM/GO – AUDITOR DE CONTROLE EXTERNO – 2012 / FJG – SME/RJ – PROFESSOR – 2003 / FJPF – CREA – ASSISTENTE – 2005 / FIP – CÂMARA/SJC – PROGRAMADOR/Analista de Sistemas – 2009.

3) "Ah! Agora acabaram as polêmicas, não é, Pest?" Escuta esta agora. Alguns gramáticos, como Napoleão M. de Almeida, dizem que a locução *à vista* não vem craseada. Mas... consagrado pelo uso, o acento grave é sempre usado nessa expressão – quando não indicar a "córnea", o "olho": *Machucou a vista jogando bola*. O gramático Cegalla corrobora isso, dizendo que as locuções *à vista* e *à vista de* são sempre craseadas. E mais uma prova disso está aqui: FCC – TRF (3ª R) – Analista Judiciário – 2007 – QUESTÃO 12 – OPÇÃO C.

4) A expressão *à domicílio*, muito craseada nos panfletos e fachadas da vida, não pode levar acento grave, pois o núcleo (*domicílio*) é masculino.

5) Cuidado com a expressão *as vezes de* (que significa "desempenhar as funções que são da competência de outro" ou "ser usada para o mesmo fim que outro") em frases do tipo *"O*

professor fez ***as vezes de*** *aluno."*, pois não representa uma locução prepositiva, logo não há crase. Nunca! Sobre isso, consulte: FCC – TJ/RJ – COMISSÁRIO DA INFÂNCIA E DA JUVENTUDE – 2012 – QUESTÃO 11.

2) Locução prepositiva implícita "*à moda de, à maneira de*"

Devido à regra, o acento grave é obrigatoriamente usado nas locuções prepositivas com núcleo feminino iniciadas por *a*: *"Os frangos eram feitos* ***à moda d****a casa imperial."*. Às vezes, porém, a locução vem implícita antes de substantivos masculinos, o que pode fazer você pensar que não *rola* a crase. Mas... há crase, sim!

– *Comi uma caça* ***à espanhola*** *anteontem.*

– *Ontem jantei um bacalhau* ***à Gomes de Sá****.*

– *Hoje comerei um filé* ***à Osvaldo Aranha****.*

– *Talvez amanhã eu coma um tutu* ***à mineira****...*

– *Depois da indigestão, farei uma poesia* ***à Drummond****, vestir-me-ei* ***à Versace*** *e entregá-la-ei à tímida aniversariante.*

Obs.: Não vá você agora pensar que tal locução vem sempre implícita. Quando você vai a um restaurante, lá vem o cardápio... Está lá escrito (normalmente): *frango à passarinho* e *bife à cavalo*. "E daí?" Bem, o fato é que não se pode comer um frango *à maneira do passarinho*, porque passarinho não come frango de maneira alguma nem lança moda. O mesmo vale para o cavalo, beleza? Entenda: as expressões *à moda de* e *à maneira de* significam "em imitação a; do jeito de; da maneira como se faz; da maneira como se come; de acordo com o estilo de...". Logo, não há crase em *frango a passarinho* nem em *bife a cavalo*. Entendido?

Casos Proibitivos

1) Antes de substantivos masculinos

– *Andou **a** cavalo pela cidadezinha, mas preferiria ter andado **a** pé.*

2) Antes de substantivo (masculino ou feminino, singular ou plural) usado em sentido generalizador (Veja *Casos Especiais*!)

– *Depois do trauma, nunca mais foi **a** festas.*

– *Não foi feita menção **a** mulher, nem **a** criança, tampouco **a** homem.*

Obs.: Se houver individualização do substantivo, o artigo aparecerá para indicar que o substantivo é conhecido do falante ou já foi mencionado antes, logo haverá crase: "*Não foi feita menção **à** mulher, nem **à** criança, tampouco (**ao**) homem*". Se o substantivo feminino vier acompanhado de alguma ou nenhuma, não haverá crase, pois a ideia ainda será de indeterminação, generalização: "*Não foi feita menção **a** mulher alguma/nenhuma.*".

3) Antes de artigo indefinido "uma"

– *Iremos **a** uma reunião muito importante no domingo.*

Obs.: Diante do numeral indicando hora, crase na cabeça: *Chegarei à uma (hora)*. Cuidado com *há* (indicando existência ou tempo decorrido): *Há (existe) uma hora em que precisamos mudar de opinião. / Há (faz) uma hora fechamos um contrato milionário.* Veja *Casos Especiais*.

4) Antes de nomes de santas, de *Nossa Senhora* e de mulheres célebres

– *Tenho devoção **a** Santa Maria Madalena.*

– *Muito devemos **a** Teresa de Calcutá.*

– *Dirigiu-se **a** santa Rita em oração com fervor.*

Obs.: Em *"Tenho devoção à Virgem."*, a crase é obrigatória. O artigo definido pode surgir por razões intencionais, emocionais ou estilísticas, logo, se quisermos aproximar-nos de tais figuras históricas, tratando-as afetivamente, o uso do artigo não poderá incorrer em erro, havendo a possibilidade de crase. No entanto, no registro formal, aconselha-se o não uso do artigo.

5) Antes de pronomes pessoais, pronomes interrogativos, pronomes indefinidos, pronomes demonstrativos e pronomes relativos

– *Fizemos referência **a** Vossa Excelência, não a ela.*
– ***A** quem vocês se reportaram no Plenário?*
– *Assisto **a** toda peça de teatro no RJ, afinal, sou um crítico.*
– *Entreguei o livro **a** esta editora, mas ela desprezou a obra.*
– *A atriz brasileira **a** cuja peça aludi já ganhou dois prêmios internacionais.*

Obs.: Não obstante, pode haver crase:
I - antes das "formas de tratamento" *senhora, senhorita, dona*, dama, madame, doutora etc.*: *"Destes teu coração **à** senhorita, e, ainda assim, ela te ignoraste?" / "**À** dama não respondeu por vergonha ou falta de educação."*
II - antes dos pronomes indefinidos *pouca(s), muitas, demais, outra(s) e várias*: *"O doutor atendeu **às** poucas mulheres que hoje foram à sua clínica." / "BC equipara crédito consignado **às** demais operações." / "De uma geração **à** outra, tudo pode mudar."*
III - antes dos pronomes demonstrativos *aquele(a/s), aquilo, mesma(s), própria(s), tal*: *"Dedicou-se **à** própria vida, esquecendo as outras pessoas que o rodeavam."*
IV - antes do pronome relativo *a qual*: *"A fórmula **à** qual a economia brasileira está subordinada não passa de uma regra básica."*
* Sobre a palavra *dona*, há certa polêmica, por isso recomendo este material (excelente!): http://jeinformalinguaelinguagem.blogspot.com.br/2007/03/crase-e-palavra-dona.html

6) Antes de numerais não determinados por artigo
– *O professor só conseguiu explicar o assunto **a** uma aluna; as três não quiseram esperar para tirar suas dúvidas.*
– *O político iniciou visita a duas nações europeias.*

Obs.: Se *as nações* forem determinadas... crase: *O político iniciou visita **às** duas nações europeias*.

7) Antes de verbos no infinitivo
– ***A** partir de hoje serei um pai melhor, pois voltei **a** trabalhar.*

Obs.: Preciso dizer que <u>não</u> há crase em "*Blusas **à** partir de R19,90*"?

8) Depois de outra preposição qualquer (essencial ou acidental)
– *Fui para **a** Itália.*
– *A Fundação Casa é uma instituição que atua em casos de extrema gravidade, mediante **a** determinação judicial.*

– *Serão encaminhados após **a** sessão os documentos exigidos.*

– *O futuro mártir se colocou contra **a** medida adotada pelo governo.*

9) Entre palavras repetidas que formam uma locução

– *Quero que você fique cara **a** cara e diga a verdade.*

– *Nosso dia **a** dia nunca mais foi o mesmo após o furacão.*

Obs.: Cuidado com expressões como estas: *"É preciso declarar guerra **à** guerra!"* / *"É preciso dar mais vida **à** vida!"*, em que há crase devido à regência do verbo *declarar* e *dar*. Neste caso, *guerra a guerra* e *vida a vida* não formam locuções.

10) Antes de qualquer expressão ou frase substantivada

– *A expressão "Não vou beber" está ligada por uma ideia de causa **a** "A água está muito gelada".*

– *O conectivo "se" às vezes equivale **a** "já que".*

Casos Facultativos

1) Antes de pronomes possessivos adjetivos femininos

– *Enviamos cartas **a (à) nossa** filha que está no Canadá.*

Obs.: Se o pronome possessivo for substantivo (ou seja, aquele que substitui um substantivo), crase obrigatória! Exemplo: *Enviaram uma encomenda a (à) nossa residência, não **à** sua.*

2) Depois da considerada locução prepositiva *até a*

Quando não houver crase, leia-se *até a* como preposição + artigo.

– *Vá **até a** geladeira e pegue um pedaço de torta para seus avós.* (até + a)

– *Vá **até à** geladeira e pegue um pedaço de torta para seus avós.* (até a + a)

Obs.: Não confundir com *até* (= inclusive; palavra denotativa de inclusão). Em *"Como dito pelo Secretário, alguns setores tendem **até a** definhar no Brasil"*, não poderia haver crase por dois motivos: 1) não há crase antes de verbo e 2) até = inclusive. Já nesta frase a crase é obrigatória: *"Foi levado ao internato, à cadeia, e (pasmem!) até **à** penitenciária, durante sua vida."*. Explicando: o *até* é uma palavra denotativa de inclusão, e a crase ocorre porque *levado* exige a preposição *a* + *a penitenciária* = ***à** penitenciária*.

Para fechar, veja esta frase curiosa: "Queimou todo o cabelo, até a raiz.". Pode-se entender que todo o cabelo foi queimado, inclusive a raiz ou que todo o cabelo foi queimado alcançando até um determinado limite, a raiz. Na segunda leitura, há possibilidade de crase: *"Queimou todo o cabelo, **até a (à)** raiz."*. Disse "possibilidade", por se tratar de um caso **facultativo**.

3) Antes de nomes próprios femininos

– ***A (À) Juliana** tenho conseguido manter-me fiel, o que tem surpreendido a todos.*

Obs.: Em muitos lugares do Brasil, não se costuma usar artigo antes de nomes de pessoas. Eu moro na zona oeste do Rio de Janeiro. Perto daqui, em Niterói, os falantes não costumam usar artigo. Em sala de aula, os alunos niteroienses se referiam a mim deste jeito: "Hoje tem aula **de** Pestana?". Já no RJ era assim: "Hoje tem aula **do** Pestana?". Portanto, se há ou não artigo antes de nome próprio, há ou não crase. Simples assim. Adendo: os gramáticos dizem que o artigo antes do nome próprio denota intimidade, familiaridade.

4) Diante de certos topônimos, como *Europa, Ásia, África, França, Inglaterra, Espanha, Holanda, Escócia, Recife...*

– *O técnico português já prevê volta **a (à) Inglaterra** para conduzir o melhor time do país à vitória.*

Casos Especiais

1) Na *correlação* (ou *simetria de construção*) das preposições "de... a", se houver determinante (artigo ou pronome) contraído com "de", haverá artigo contraído com a preposição "a", resultando na crase.

– *A loja funciona **de** segunda **à** quinta, **de** 8h **às** 18h.* (inadequado)

– *A loja funciona **da** segunda **à** quinta, **das** 8h **às** 18h.* (adequado)

– ***De** 01/03 **à** 30/08, haverá dois cursos para a área militar.* (inadequado)

– ***De** 01/03 **a** 30/08, haverá dois cursos para a área militar.* (adequado)

– *Ela se molhou **dos** pés **a** cabeça.* (inadequado)

– *Ela se molhou **dos** pés **à** cabeça.* (adequado)

– *Trabalho só **deste** domingo **a** sexta; depois, férias!* (inadequado)

– *Trabalho só **deste** domingo **à** sexta; depois, férias!* (adequado)

Cuidado!!!

1) Em qualquer correlação que não seja "de... a", não haverá crase: *"Entre as 14h e as 21h, estou no trabalho."*. Os "as" são artigos apenas.

2) Não há erro na construção *"Horário de atendimento: 8h às 17h"*, pois ocorre elipse de "das" (das 8h às 17h).

3) Observe que há mudança de sentido nestas duas frases: "Trabalha **de** duas **a** oito horas" / *"Trabalha **das** duas **às** oito horas."*. Na primeira, indica-se que o sujeito trabalha entre duas e oito horas. Na segunda, o sujeito trabalha durante 6 horas.

4) Veja agora um caso curioso: segundo Domingos P. Cegalla, como o numeral *uma* não vem precedido de artigo definido, podemos dizer que, em *"Trabalho **de** uma **às** cinco horas."*, a crase independe da correlação, pois é usada para evitar ambiguidade em relação a *"Trabalho **de** uma **a** cinco horas."*, em que o sentido certamente seria outro. Não obstante, Bechara diz que se trata de caso facultativo o artigo figurar antes da expressão *uma hora*, o que nos leva a esta possibilidade de redação: *"Trabalho **da** uma **às** cinco horas."*. Aqui, a correlação é visível.

2) Com as locuções adverbiais indicativas de "hora" (do relógio), há crase.

Há crase, pois junta-se a preposição *a* (que inicia a locução adverbial) ao artigo *a* ou ao pronome demonstrativo iniciado por "a" (que concorda com *hora* e a determina). Por mais que a palavra *hora* esteja elíptica, a crase é obrigatória. Um *bizu* é substituir a expressão por "ao meio-dia". Se puder, crase na cabeça.

– *Nesta última eleição, o TSE bateu o recorde histórico, alcançando a totalização de 90% dos votos **às 19h**.*

– ***Às 21h15min**, já haviam sido apuradas 99% das urnas.*
– ***À zero hora**, todo fim de ano, soltam-se fogos.*
– ***Àquela hora** todos já estavam de pé?*
– *Costuma-se acordar **às quatro** nos quartéis.*
– *Os lutadores de MMA se enfrentarão **às dezenove** deste domingo.*
– *Diga a ela que esteja aqui **à uma hora** para conversarmos a respeito do projeto.*

Cuidado!!!

1) Não há crase antes de *hora* diante de palavras que rejeitam artigo: *"A mídia estampa de maneira persuasiva, e **à** qualquer hora, produtos para a classe C."* (errado) / *"A mídia estampa de maneira persuasiva, e **a** qualquer hora, produtos para a classe C."* (certa)

2) Não haverá crase antes de *hora* se vier antecedida de outra preposição que não seja *a* (para, após, desde e entre): *"Desde **as 16h30**, venho tentando falar com você."* / *"Será estendido **para as 20 horas** o prazo de entrega."* / *"Após **as 22h**, não mais atendemos pessoalmente."*

3) Diante do caso facultativo "até a": *"Chegue **até as 22h** ou **até às 22h**, mas chegue!"* / – *"Chegaremos ao trabalho **até a (ou até à) uma hora da tarde.**"*.

4) Sobre ***uma hora***

I – Não devemos confundir *"Ela chegou **à 1h.**"* (tempo determinado) com *"Ela chegou **há uma hora**."*. (tempo decorrido)

II – Se fizer referência a um período de tempo impreciso, que não se trate da hora do relógio, não há crase: *"Sairei daqui **a uma hora**."* (confirme isso reescrevendo com *duas horas*: "daqui a duas horas", portanto não há crase).

3) Não há crase antes da palavra *casa*, exceto se vier especificada por um adjetivo, uma locução adjetiva ou uma oração adjetiva.

– *Fui **a casa** resolver um problema.*
– *Fui **à casa dela** resolver um problema.*
– *O bom filho **a casa** torna.*
– *O bom filho **à casa dos pais** torna.*
– *Só volta **à casa de quem o trata** com mimos.*

Obs.: Na frase *"Em frente a sua casa, houve um incêndio."*, a crase antes de *casa* é facultativa, pois vem antecedida do pronome possessivo adjetivo feminino *sua*. Logo, poderemos escrever: *"Em frente à sua casa, houve um incêndio."*. Prova disso: FCC – DPE/RS – DEFENSOR PÚBLICO – 2011.

4) Não há crase antes da palavra *terra* (em oposição a *bordo*, no contexto frasal). Se estiver especificada, há crase sempre. Afora isso, pode haver crase.

– *Os marinheiros retornaram **a terra**.*

– *Os marinheiros retornaram **à terra natal**.*

– *O amor **à Terra** deve imperar, pois é nosso lar.*

– *Viemos da terra e **à** terra voltaremos.*

Obs.: Veja a questão 4 deste concurso: FGV – SENADO – Analista – 2008. Ela resume tudo isso.

5) Paralelismo

Ocorre paralelismo quando duas ou mais estruturas apresentam semelhança em sua construção. Em outras palavras, se o primeiro termo de uma enumeração ou comparação vier determinado, o segundo e os demais também deverão vir determinados. Entenda:

– *Não tenho dúvidas de que é preferível virtude **a** desonestidade.*

– *Não tenho dúvidas de que é preferível a virtude **à** desonestidade.*

Quando dois ou mais elementos estão coordenados e o primeiro está introduzido por preposição, há apenas quatro possibilidades corretas de construção:

– *Todo brasileiro tem direito **a** saúde, educação e segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito **a** saúde, **a** educação e **a** segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito **à** saúde, educação e segurança.*(preposição + artigo)

– *Todo brasileiro tem direito **à** saúde, **à** educação e **à** segurança.* (preposição + artigo)

6) Antes de topônimos (nomes de lugar) que aceitam artigo

Não é possível colocar todos os nomes de todos os lugares do mundo e do universo em uma gramática, por isso uma maneira de saber se ocorre artigo antes de um topônimo é por meio de um *bizu* do tempo de meu avô: "Quem vai **a**, volta **de** (*crase pra quê?*)" / "Quem vai **a**, volta **da** *(crase há*)".

– *Fui **à Bahia** nas minhas férias de início de ano.* (Quem vai à Bahia, volta da Bahia.)

– *Fui **a Ipanema**.* (Quem vai a Ipanema, volta de Ipanema.)

Obs.: Se o topônimo estiver especificado, crase certa: *"Fui **à** linda **Ipanema** cantada por Vinícius."*.

7) Antes de substantivo feminino singular com sentido genérico

Coloquei este caso como especial, pois a presença do artigo feminino singular antes de substantivo feminino singular com sentido genérico, além de implicar mudança de sentido,

implica a crase. O Cespe/UnB adora esse tipo de questão!

Veja, pelos exemplos, como o assunto é interessante:

Tudo está sujeito a degeneração.

Tudo está sujeito à degeneração.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Que tipo de degeneração?". Não se sabe. Logo, o sentido é genérico. Na segunda frase, trata-se de uma degeneração já mencionada ou conhecida dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor.

O homem deve ser submetido a cirurgia tão logo.

O homem deve ser submetido à cirurgia tão logo.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Que tipo de cirurgia?". Não se sabe; só se sabe que se trata de um ato cirúrgico. Logo, o sentido é genérico. Na segunda frase, trata-se de uma cirurgia já mencionada ou conhecida dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor.

Sempre faço doação a instituição beneficente.

Sempre faço doação à instituição beneficente.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Qual instituição beneficente?". Não se sabe. Logo, o sentido é genérico. Na segunda frase, trata-se de uma instituição beneficente já mencionada ou conhecida dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor.

O advogado se referiu a lei federal, não a lei estadual.

O advogado se referiu à lei federal, não à lei estadual.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Qual lei federal e qual lei estadual?". Não se sabe. Trata-se da lei federal e da lei estadual em sentido amplo, como um todo. Na segunda frase, trata-se de uma lei federal e de uma lei estadual já mencionadas ou conhecidas dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor. Como se estivesse dizendo: "àquela lei federal", "àquela lei estadual".

Nesses casos, podemos dizer que a presença ou não do acento grave é possível, a depender do sentido que a pessoa quiser dar à frase.

Cuidado!!!

O fato é que nem todo caso de adjetivo especificando substantivo fará o uso do acento indicativo de crase ser obrigatório. Veja:

– *Ela só é fiel* ***a*** *pessoa infiel, por isso vive magoada.*

Contextualmente, "pessoa infiel" é um tipo de pessoa, não uma pessoa específica, logo o adjetivo não determina a ponto de ser necessária a presença do artigo.

– *Depois de uma vida inteira de honestidade e contas pagas, minha vida estará sujeita* ***a*** *rigorosa análise?*

Novamente, não há necessidade de artigo definido antes de "rigorosa análise", pois se trata de uma "análise" em seu sentido amplo, mas feita de modo rigoroso, e não "aquela análise já mencionada anteriormente, conhecida, definida"; até porque não há contexto suficiente para interpretarmos assim.

Com diz a Prof. Dr.ª Rosane Reis de Oliveira (UERJ), "nestes casos, a crase é explicada pelo teor semântico e não estritamente pela sintaxe".

Veja algumas questões do Cespe/UnB que trataram disso:

(Cespe/UnB – PRF – Policial Rodoviário Federal – 2004)

"(...) O mais recente êxito de Lula na ordem internacional foi o discurso proferido na Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova Iorque, quando propôs a criação de um comitê de chefes de Estado para dinamizar as ações de combate à fome e à miséria em todo o mundo."

Os sinais indicativos de crase em "combate à fome e à miséria" podem ser eliminados sem prejuízo para a correção do período.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: CERTO. A *fome* e a *miséria* podem ser tomadas em sentido genérico, logo pode não haver crase.

(Cespe/UnB – FUB – Analista de TI – 2011)

O uso do sinal indicativo de crase em "à imediata erosão" ("Tudo o que eu aprendo está sujeito à imediata erosão", afirma.) é obrigatório.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: ERRADO. Não é obrigatório (na verdade, nem cabe no contexto da frase) porque o substantivo *erosão*, da expressão *à imediata erosão*", está em sentido genérico, não se está individualizando a "erosão". Não se trata de uma erosão específica, mas de uma erosão que pode acontecer a qualquer momento, ou seja "Tudo o que eu aprendo pode imediatamente erodir.". O adjetivo *imediata* não está em contraposição a *estendida*. *Imediata* é apenas um adjetivo modalizador, não determina *erosão* a ponto de tirar seu caráter generalizador.

Cespe – CORREIOS – nível superior – 2011

O emprego do sinal indicativo de crase em "Sujeitado a residência forçada" (Sujeitado a residência forçada, Antônio Vieira ansiava pela chegada do correio...) manteria a correção gramatical do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: CERTO. Pelo *bizu* do "ao", pode-se chegar a "Sujeitado ao trabalho forçado", assim haveria crase.

Cespe – MPE/PI – nível médio – 2012

O emprego do sinal indicativo de crase em "ligados à globalização" (Eles estão inextricavelmente ligados à globalização) é facultativo, pois o termo "globalização" poderia ser empregado, nesse contexto, de forma indeterminada, indefinida e, consequentemente, sem o artigo definido.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: CERTO. Se fosse "mercado de trabalho" não poderia ficar "inextricavelmente

ligados a mercado de trabalho”? Certamente que sim. Logo, a crase é facultativa.

A Crase e Certas Implicações

Quando usado o acento grave em algumas frases, há mudança de sentido, morfológica e semântica. Por isso, quando há crase, há certas implicações na estrutura frasal. Entenda melhor.

Em alguns casos, por motivo de clareza e para evitar a ambiguidade, a presença do acento grave é muito importante. Veja um caso: *"Matou a cobra **à onça.**"* (Ou seja, a cobra matou a onça). Veja outro: *"Eu lavei **a mão.**"* (Sem acento grave, significa "higienizar a mão".) / "*Eu lavei **à mão.***" (Com acento grave, significa "usar a mão para lavar".). Mais: *"Chegou a noite."* (*a no*ite é o sujeito), mas "Chegou à noite." (*à noite* é um adjunto adverbial de tempo). A presença ou a ausência do sinal indicativo de crase faz toda a diferença.

Veja este poema de Cineas Santos: *"O amor bate à porta e tudo é festa / O amor bate a porta e nada resta"*. Percebeu a mudança sensível de sentido? Além disso, houve mudança de função sintática. No primeiro verso, significa "bater na porta", pedindo para entrar; *à porta* tem função de adjunto adverbial de lugar. No segundo, significa "fechar a porta com força"; *a porta* tem função de objeto direto.

Veja agora vários casos e tente perceber as implicações semânticas, morfológicas e sintáticas:

– *Aqui se mata **a** fome.*
– *Aqui se mata **à** fome.*

– *Recebeu a pessoa **a** bala.*
– *Recebeu a pessoa **à** bala.*

– *Teve de pintar **a** mão hoje cedo.*
– *Teve de pintar **à** mão hoje cedo.*

– *Costuma cheirar **a** gasolina.*
– *Costuma cheirar **à** gasolina.*

– *Comeu **a** francesa*.*
– *Comeu **à** francesa.*

– *Feriu o rosto dele **a** navalha.*
– *Feriu o rosto dele **à** navalha.*

– *Vendeu **a** vista.*
– *Vendeu **à** vista.*

– *A vista dele está cansada de tanto ler.*
– ***À** vista dele está cansada de tanto ler.*

– *Pagou **a** prestação.*
– *Pagou **à** prestação.*

– *Disse **a** minha mãe que voltaria cedo.*
– *Disse **à** minha mãe que voltaria cedo.*
– ***As** editoras sugerimos alguns livros.*
– *Às editoras sugerimos alguns livros.*

– ***A** indústria nacional prejudicou o acordo.*
– *À indústria nacional prejudicou o acordo.*

– *O homem pinta **a** máquina.*
– *O homem pinta **à** máquina.*

– *Parecia agradável **a** primeira vista.*
– *Parecia agradável **à** primeira vista.*

– *A disposição dos alunos na sala está incorreta.*
– *À disposição dos alunos na sala está a professora.*

– *Só **as** vezes que ela me convida para sair são marcantes.*
– *Só **às** vezes que ela me convida para sair.*

– *Não conseguiram enxergar **a** distância de um prédio a outro.*
– *Não conseguiram enxergar **à** distância de um metro.*

– *O direito à intercomunicação e **à** memória coletiva é importante no cenário atual.*
– *O direito à intercomunicação e **a** memória coletiva são importantes no cenário atual.*

*intercomunicação e **a** memória coletiva são importantes no cenário atual.*

* canibalismo (não vá pensar bobagens...)

Veja uma questão sobre tais implicações:

12. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Assinale a alternativa na qual o grupo em negrito atua como conjunção subordinativa.
a) Eu me referi à medida que contemplaria a maioria.
b) O sol ardia mais manso à medida que a tarde se esvaía. (gabarito)
c) Os moradores deram crédito à medida que cortou a água.
d) À medida que una os dois povos é o que todos visam hoje.

Comentário: O *que* é um pronome relativo que retoma *medida* nas opções A, C e D. Em a) a crase ocorre porque o verbo *referir-se* exige a preposição *a* + *a medida* = *à medida*. Em c) a crase ocorre porque o verbo *dar* exige a preposição *a* + *a medida* = *à medida*. Em d) a crase ocorre porque o verbo *visar* exige a preposição *a* + *a medida* = *à medida*. Em b) há crase obrigatória na locução conjuntiva *à medida que*.

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo pode cair! No entanto, a maioria das questões exige seu conhecimento relativo à regência verbal e nominal, pois são os verbos e os nomes que exigem preposição. Aí você já sabe: preposição *a* + *a* (artigo ou pronome demonstrativo) = *à*. Fique ligado nos padrões das bancas, isso é sempre importante!

Questões de Concursos

1. (FGV – Senado Federal – Policial Legislativo Federal – 2008) Assinale a alternativa em que se tenha optado corretamente por utilizar ou não o acento grave indicativo de crase.
   a) Vou à Brasília dos meus sonhos.
   b) Nosso expediente é de segunda à sexta.
   c) Pretendo viajar a Paraíba.
   d) Ele gosta de bife à cavalo.
   e) Ele tem dinheiro à valer.

2. (FDC – MAPA – Analista de Sistemas – 2010) Na oração "Eles nos deixaram À VONTADE" e no trecho "inviabilizando o ataque, que, naturalmente, deveria ser feito À DISTÂNCIA", observa-se a ocorrência da crase nas locuções adverbiais em caixa-alta. Nas locuções das frases abaixo também ocorre a crase, que deve ser marcada com o acento, EXCETO em:
   a) Todos estavam à espera de uma solução para o problema.
   b) À proporção que o tempo passava, maior era a angústia do eleitorado pelo resultado final.
   c) Um problema à toa emperrou o funcionamento do sistema.
   d) Os técnicos estavam face à face com um problema insolúvel.
   e) O Tribunal ficou à mercê dos hackers que invadiram o sistema.

3. (FAB – EAGS – Sargento – 2011) Em qual alternativa a ausência da crase pode alterar a função sintática do adjunto adverbial?
   a) Saiu às escondidas antes do final do jantar.
   b) Saiu às onze horas antes do final do jantar.
   c) Saiu às pressas antes do final do jantar.
   d) Saiu à francesa antes do final do jantar.

4. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) O texto abaixo foi transcrito com adaptações. Assinale a opção que manteve o emprego correto do sinal indicativo de crase.

*Interessa **à** (1) todo o País, por sua importância para **à** (2) produção, **à** (3) criação de empregos e o desenvolvimento, a agenda levada ao Congresso pelo presidente da Confederação Nacional da Indústria − CNI. Ao apresentar uma lista de 131 projetos considerados favoráveis ou prejudiciais ao setor, ele cobrou dos parlamentares, como de costume, atenção urgente **às** (4) questões de grande relevância para **à** (5) economia, especialmente numa fase de crise internacional.*

   a) 1.
   b) 2.
   c) 3.
   d) 4.
   e) 5.

5. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) No que diz respeito ao uso do sinal de crase, assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto abaixo.

Uma mera observação __(1)__olho nu já basta para constatar que parcela relevante do spread está ligada, direta ou indiretamente, __(2)__ políticas públicas, sejam tributárias regulatórias ou de outra natureza. (...) Por outro lado, o aumento da eficiência do sistema bancário é igualmente relevante para __(3)__ queda dos spreads. (...) Em suma, é necessário um permanente diálogo entre o setor bancário e o governo, com vistas __(4)__ implementação de medidas sustentáveis para redução de spread, objetivo que deve ser atingido sem ameaças __(5)__ estabilidade financeira.

   a) à / às / a / à / à.
   b) a / as / a / à / a.
   c) a / às / a / à / à.
   d) a / a / à / a / a.
   e) à / a / à / a / à.

6. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – O emprego do sinal indicativo de crase em "rumo à modernização" (A legislação trabalhista brasileira está perto de dar um passo rumo à modernização...) justifica-se porque a palavra "passo" exige complemento antecedido pela preposição "a" e "modernização" admite artigo definido.

7. Indique a opção que corresponde a erro gramatical na transcrição do texto.

A (1) seca nos Estados Unidos prenuncia mais uma fase de preços altos para os alimentos, com perspectivas de bons ganhos para os exportadores e de graves dificuldades para as (2) economias pobres e dependentes da importação de comida. (...) A (3) longa estiagem, excepcionalmente severa, afeta mais de 60% do país e a maior parte das regiões agrícolas. O mercado reagiu imediatamente às (4) novas estimativas, divulgadas pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, com indicações de redução dos estoques na temporada 2012-2013. O Brasil será um dos países em condições de aproveitar às (5) oportunidades abertas pela quebra da safra americana.

a) A (1).
b) as (2).
c) A (3).
d) às (4).
e) às (5).

8. (Esaf – SRF – Analista Tributário da Receita Federal – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) Não estão em pauta medidas juridicamente controversas nem de impacto sobre o orçamento no curto prazo, mas decisões a serem tomadas logo para atenuar, no futuro, a expansão da despesa com a Previdência. Hoje, ela já é da ordem de 10% do PIB (incluindo o setor público), comparável à de países mais ricos e com maior número de idosos. (...)"

– O emprego do sinal indicativo de crase em "à de países" justifica-se pela fusão da preposição "a", exigida pelo adjetivo "comparável", com o artigo definido feminino singular "a" que acompanha o substantivo "despesa", elíptico na frase.

9. (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) O spread elevado também se deve a fatores como alta carga tributária e inadimplência – os empréstimos atrelados a garantias são incipientes..."

– A ausência do sinal indicativo de crase antes de "fatores" e "garantias" indica que esses substantivos estão empregados de modo genérico, sem o uso de artigo que os defina.

10. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical na transcrição do texto abaixo.

*A pequena reação da indústria em junho (crescimento de 0,2% em relação a maio) não foi suficiente para compensar **a** (1) queda da produção no primeiro semestre, da ordem de 3,8%, quando comparada **à** (2) produção do mesmo período de 2011. Segundo o IBGE, responsável por essa estatística, a indústria brasileira hoje produz o mesmo que **há** (3) três anos. Mesmo que o setor tenha passado por um ponto de inflexão, como acredita o ministro da Fazenda, Guido Mantega, é pouco provável que **a** (4) produção chegue **à** (5) registrar crescimento em 2012. Os especialistas projetam uma queda de até 2%, o que contribuirá para o fraco desempenho do Produto Interno Bruto (PIB) este ano.*

a) (1).
b) (2).
c) (3).
d) (4).
e) (5).

11. (Esaf – MF – Assistente Técnico-Administrativo – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Pode-se acrescentar o sinal de crase no **a** antes de "endurecer": "as principais instituições financeiras do País passaram a endurecer o jogo na hora de conceder empréstimos".

12. (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Em "O encarecimento dos importados, associado à contração da demanda...", o emprego de sinal indicativo de crase em "à contratação" justifica-se porque a palavra "associado" exige complemento antecedido pela preposição "a" e "contratação" é antecedida por artigo definido feminino.

13. Em relação ao uso do sinal indicativo de crase, assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do fragmento a seguir.

Será necessário aceitar que há um princípio darwiniano regendo _____ ascensão e _____ queda de setores da economia mundial. Um país não consegue ser bom em tudo, e alguns setores tendem _____ desaparecer em uma parte do mundo para florescer do outro lado do planeta. Por essa dinâmica, alguns setores tendem até _____ definhar no Brasil. A diminuição da fatia industrial na economia frequentemente se dá de forma natural e lenta, como parte do desenvolvimento das nações. Por isso, não costuma ser encarada como um transtorno, mas como mais uma etapa rumo _____ maturidade econômica.

a) à, à, a, a,a.

b) a, a, à, a, à.
c) à, a, a, a, à.
d) a, a, à, à, a.
e) a, a, a, a, à.

14. (Adaptada) A crase está correta ou incorreta?
"(...) E com resultado positivo, pois, graças **à** privatizações e concessões de serviços públicos, passos foram dados e o país não parou.

15. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) No trecho "Exceção a essa regra", é opcional o emprego do sinal indicativo de crase no "a".
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) No trecho "somado aos que vinham sendo realizados nos últimos anos", o elemento "aos" poderia ser corretamente substituído por **àqueles**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (FCC – TRT/AM (11R) – Técnico Judiciário – 2012) *É a atividade de construção de que o artista dispõe, o seu poder de imprimir ..... um trabalho sentimentos e sensações, e a qualidade de pensamento que conferem humanidade ..... arte; e essa humanidade pode ser realizada com uma série ilimitada de temas ou elementos formais. Tudo isso já foi repetido ..... exaustão.*
Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:
a) à – à – a.
b) a – à – à.
c) a – à – a.
d) à – a – à.
e) à – a – a.

18. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) *A parcela da população mundial que ascendeu ..... classe média nos últimos vinte anos passou ..... consumir mais, ... um ritmo acelerado, o que põe em risco a sustentabilidade do planeta.*
As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) à – a – a.
b) à – à – a.
c) à – a – à.
d) a – a – à.
e) a – a – a.

19. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) *... levava <u>à crença</u> na contínua evolução da sociedade ...*
O emprego do sinal de crase, exemplificado acima, estará correto, unicamente, em:
a) aludir à felicidade geral;
b) buscar à felicidade;
c) propor à toda a população;
d) impor à esse grupo;
e) discutir à obrigatoriedade da lei.

20. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) Do mesmo modo que no segmento *ameaça à paz e à segurança*, o sinal indicativo de crase também está corretamente empregado em:
a) O mais grave foi a ameaça à integridade física da vítima.
b) A crise econômica ameaça à preservação do acervo de vários museus.
c) Certos animais reagem agressivamente a ameaças à seus interesses.
d) Houve ameaça à grupo de manifestantes presos durante protesto.
e) A censura ameaça à liberdade de criação.

21. (FCC – MPE/AP – Promotor de Justiça – 2012) *A palavra "maquiavélico", ... que se costuma atribuir uma acepção negativa, está longe de fazer justiça ..... complexidade do pensamento de Maquiavel, mesmo aquele restrito ..... seu mais famoso tratado, O príncipe.*

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) a – à – à;
b) à – a – a;
c) à – a – à;
d) a – à – a;
e) à – à – à.

22. (FCC – TJ/RJ – Analista Judiciário – 2012) *... e chegou à conclusão de que o funcionário passou o dia inteiro tomando café.*

Do mesmo modo que se justifica o sinal indicativo de crase em destaque na frase acima, está correto o seu emprego em:

a) e chegou à uma conclusão totalmente inesperada;
b) e chegou então à tirar conclusões precipitadas;
c) e chegou à tempo de ouvir as conclusões finais;
d) e chegou finalmente à inevitável conclusão;
e) e chegou à conclusões as mais disparatadas.

23. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) *Não deixa de ser paradoxal o fato de o crescimento da descrença, que parecia levar ..... uma ampliação da liberdade, ter dado lugar ..... escalada do fundamentalismo religioso, ... que se associam manifestações profundamente reacionárias.*

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) a – à – a;
b) à – a – a;
c) a – a – à;
d) à – à – a;
e) a – à – à.

24. FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) *É possível encontrar antecedentes a esse tipo de análise na teoria do imperialismo. No entanto, a elaboração anterior à CEPAL preocupava-se principalmente com os países capitalistas avançados, interessando-se pelos países "atrasados" na medida em que desenvolvimentos ocorridos neles repercutissem para além deles.*

Considerado o trecho acima transcrito, é correto afirmar que o sinal gráfico indicativo da crase está adequadamente empregado em *à CEPAL*, mas se, em vez de *Comissão*, tivesse sido empregada uma palavra masculina, o padrão culto escrito abonaria unicamente o emprego de **a**.

25. (Funiversa – PC/DF – Perito Criminal – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Nas orações "para chegar à tal felicidade", "ou são ligadas à sua comunidade" e "se comparadas àquelas pessoas", os acentos graves marcadores de crase são todos opcionais.

26. (Cesgranrio – Liquigas – Profissional Jr. – 2012) As crases grafadas no início de cada uma das seguintes frases do texto se justificam pela exigência do verbo **acostumar**: "Às bactérias de água potável. À contaminação da água do mar. À lenta morte dos rios."

Uma quarta frase que poderia estar nessa sequência, grafada de acordo com a norma-padrão, seria a seguinte:

a) À ver injustiças
b) À vida sem prazer.
c) À alguma forma de tristeza.
d) À todas as mazelas do mundo
e) À essa correria em busca do sucesso.

27. (Cespe – TRE/RJ – Nível Superior – 2012) A correção gramatical do texto seria mantida caso a expressão "aos contornos constitucionais" fosse substituída por **à legislação constitucional**.

( ) CERTO
( ) ERRADO

28. **(**Cesgranrio – CMB – Analista (Arquitetura) – 2012**)** Observa-se o uso adequado do acento grave no trecho "estamos nos referindo à não ativação de elementos".

Verifica-se um **DESRESPEITO** à norma-padrão quanto ao emprego desse acento em:

a) O professor se reportou àquele texto de Machado de Assis.
b) Sonhamos em viajar à terra de Gonçalves Dias.
c) Ele sempre fazia alusão à palavras de seu poeta favorito.

d) Os alunos compreenderam o poema à custa de muito empenho.
e) Prefiro as poesias de Drummond às de Olavo Bilac.

29. (Cesgranrio – CITEPE – Operador de Utilidades Têxtil II – 2012) Observe a seguinte frase, correta quanto ao emprego do acento grave: "[...] competências comportamentais referentes **à** forma [...]"
O emprego do acento indicativo de crase está também corretamente feito em:
a) Os empregados mostraram-se resistentes à mudanças na empresa.
b) Muitos gostariam de ter um tempo maior à fim de se qualificar.
c) O mercado oferece menos chances à quem está afastado.
d) O bom profissional está atento à todas as transformações do mercado.
e) Quem quer voltar ao mercado deve atender às necessidades de hoje.

30. (Cesgranrio – CEF – Técnico Bancário Novo – 2012) O sinal indicativo de crase está adequadamente usado em:
a) Os pesquisadores dedicaram um estudo sobre *games* à um conjunto de pessoas idosas.
b) Daqui à alguns anos, os pesquisadores pretendem verificar por que os *games* são viciantes para os jovens.
c) Muitos dos idosos pesquisados obtiveram resultados positivos e passaram à se comportar de nova maneira.
d) A escolha de um determinado *game* se deveu à preocupação dos pesquisadores com as características que tal jogo apresentava.
e) Os estudos dos efeitos dos jogos eletrônicos sobre os idosos vêm sendo realizados à vários anos.

"(...) Para isso, criou instrumentos efetivos para melhor adequar os serviços às populações de menor renda... (...)"

31. (Cespe/UnB – Banco da Amazônia – Técnico Científico – 2012) O emprego do sinal indicativo de crase em "às populações" deve-se à presença da forma verbal "adequar" e do artigo feminino definido que precede o substantivo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – TJ/RR – Nível Superior – 2012) Se fosse empregado o termo **espécie humana** em lugar de "gênero humano", a substituição de "ao" por **à** seria obrigatória para a manutenção da correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – MP – Analista de Infraestrutura – 2012) Na linha 7 (... força de trabalho às voltas com questões...), o sinal indicativo de crase em "às voltas" decorre da presença do artigo definido e do uso da preposição *a* exigida pelo substantivo "força".
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Logo, frustrados, zelamos pela prisão daqueles que não se impõem as mesmas renúncias. (...)"

34. (Cespe/UnB – PF – Papiloscopista – 2012) Na linha 24, considerando-se a dupla regência do verbo **impor** e a presença do pronome "mesmas", seria facultado o emprego do acento indicativo de crase na palavra "as" da expressão "as mesmas renúncias".
( ) CERTO
( ) ERRADO

35. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) A tradição se tornou um arquivo atemporal, ao qual recorre a produção poética para..."
– O emprego do sinal indicativo de crase no "a", na expressão "a produção poética", não altera a correção gramatical.

36. (Funcab – MPE/RO – Analista Processual – 2012) Assinale a opção em que o espaço deve ser preenchido com À (preposição e pronome), como destacado em "(...) uma média semelhante À de um casal de classe média (...) ".
a) ___ medida que caminhava, recordava-se da terra natal.
b) Esta cena corresponde ___ que presenciei ontem.
c) Aproveite ___ oferta e se contente com a cor do tecido.
d) Referia-se, com certeza, ___ terra de seus pais.
e) Obedeceu ___ ordem dada, sem reclamar.

37. (Vunesp – Pref. São José Campos/SP – Analista em Gestão Municipal – 2012) Analise as afirmações:
I. De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está correta quanto à crase: *Se, por outro lado, tem um temperamento saturnino, é melhor adaptar-se à ele.*

II. De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está correta quanto à regência nominal: *Andrew Oswald avaliou o impacto dessas sequelas e chegou à conclusão que, num primeiro momento, elas reduzem bastante o grau de felicidade.*

III. De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está correta quanto à regência verbal: *Mas, com o passar do tempo, este volta a elevar-se, até atingir níveis semelhantes aos verificados antes do acidente e estacionar.*

Está correto apenas o que se afirma em:

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e III.
e) II e III.

38. (FCC – TST – Técnico Judiciário – 2012) Considere:

..... *angústia de imaginar que o homem pode estar só no universo soma-se a curiosidade humana, que se prende ..... tudo o que é desconhecido, para que não desapareça de todo o interesse por pistas que dariam embasamento ..... teses de que haveria vida em outros planetas.*

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) À – a – às;
b) A – à – as;
c) À – a – as;
d) A – a – às;
e) À – à – as.

39. (Upenet – Jucepe – Técnico – 2012) Em "*Bem-vindos à Feira de Caruaru*", a crase é obrigatória. Em qual das alternativas abaixo, o uso da crase É FACULTATIVO?

a) A Feira de Caruaru é atração devido à grande diversidade lá existente.
b) Na Feira de Caruaru, tudo está à venda.
c) Em feiras, como a de Caruaru, vendem-se coisas às pessoas de diferentes classes sociais.
d) Nas cidades de pequeno comércio, há mais pagamentos à vista.
e) Todos os dias, os comerciantes da Feira de Caruaru permanecem até às 18h.

40. (Vunesp – Fapesp – Analista de Sistemas Jr. – 2012) À semelhança do trecho – Nem sempre o que era desconhecido... restringe-se à descoberta –, assinale a alternativa em que, após o verbo **restringir**, deve ser empregado o acento grave da crase.

a) O alcance desses sensores restringe-se a limites claros.
b) Sua tarefa restringe-se a medir os intervalos.
c) O alcance do radar restringe-se a Brasília.
d) A visita a esse hospital restringe-se a horários predeterminados.
e) Essa proibição restringe-se a presença de menores de 18 anos.

41. (Consulplan – Pref. Barra Velha/SC – Advogado – 2012) Em "... um ano e tanto depois da chegada do primeiro pastor alemão àquela casa, ...", a ocorrência de crase no segmento anterior ocorre devido à:

a) fusão do artigo "a" com o pronome "aquela";
b) fusão da preposição "a" com o pronome "aquela";
c) colocação do pronome "aquela" diante de "casa";
d) especificação atribuída ao cachorro;
e) substituição do artigo "a" pelo pronome "aquela".

42. (Consulplan – Pref. São Domingos Prata/MG – Assistente Social – 2012) O uso do acento grave indicativo de crase é obrigatório em "vem à cabeça da maioria das pessoas". O mesmo ocorre em:

a) Sempre aspirou a tal emprego.
b) Eles aspiravam a altos cargos.
c) Disse que aspirava a ser médico.
d) O jovem aspirava a notoriedade.
e) Aspirava a uma posição mais brilhante.

Gabarito

1. A.	10. E.	19. A.	28. C.	37. C.
2. D.	11. INCORRETA.	20. A.	29. E.	38. A.
3. D.	12. CORRETA.	21. D.	30. D.	39. E.
4. D.	13. E.	22. D.	31. CERTO.	40. E.
5. C.	14. INCORRETA.	23. A.	32. CERTO.	41. B.
6. INCORRETA.	15. ERRADO.	24. INCORRETO.	33. ERRADO.	42. D.
7. E.	16. CERTO.	25. INCORRETA.	34. ERRADO.	
8. correta.	17. B.	26. B.	35. INCORRETA.	
9. CORRETA.	18. A.	27. CERTO.	36. B.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 31

QUE, SE e COMO

Definição

Os vocábulos *que, se, como* e tantos outros apresentam muitas classificações morfológicas e sintáticas. Como já sabemos, toda análise deve levar em conta o contexto.

Apesar de usar este capítulo para falar só de três vocábulos especiais, saiba que existem outros merecedores de sua atenção, por isso vá à caça deles nesta gramática ou consulte os dicionários Aurélio, Houaiss e Aulete. Ei-los:

a, aí, algo, atrás, bastante, bem, certo, logo, mais, meio, melhor, menos, mesmo, muito, nem, o, pior, pois, porque, pouco, próprio, quanto, segundo, todo...

Voltando à realidade deste capítulo... Mais especificamente sobre *que*, *se* e *como*, observe que falarei dos valores morfológicos, sintáticos e também dos traços semânticos desses vocábulos tão usuais e frequentes em provas. Se for o caso de você retornar a certos capítulos para relembrar as classes gramaticais e as funções sintáticas, não hesite. Certamente seu empenho valerá a pena. Aproveite!

O Vocábulo que e Suas Classificações

De todas as classificações deste vocábulo especial, sugiro que esteja "no sangue", pelo menos, duas: **conjunção integrante** e **pronome relativo**. São as *campeãs* nos concursos.

1) Substantivo

Representa algo (fato, coisa etc.) de modo indeterminado, indefinido, equivalendo a "alguma coisa" ou "qualquer coisa". É sempre modificado por um determinante (artigo, adjetivo, pronome ou numeral), tornando-se monossílabo tônico (logo, com acento circunflexo). Pode exercer qualquer função sintática substantiva.

– *"Meu bem querer / Tem um **quê** de pecado..."* (Djavan)

– *A gramática normativa não é difícil, mas tem lá seus **quês**.*

– *Sua tatuagem era um lindo **quê**, meio gótico, o qual representava sua inicial.*

Obs.: Quando se indica a décima sexta letra do alfabeto, usa-se o substantivo ***quê***: *A palavra quilo deve ser escrita com **quê**.* Entre aspas, fazendo referência a outro igual, não recebe acento; por exemplo: *Este "que" da frase destacada não é uma conjunção.*

2) Interjeição

Sempre em contexto exclamativo, também recebe acento circunflexo. Exprime um sentimento, uma emoção, um estado interior e equivale a uma frase, não desempenhando função sintática alguma. Vem normalmente com ponto de exclamação.

– ***Quê**? Impossível! Ela não pode ter saído assim, tão rapidamente.*

– ***Quê**! Você por aqui... quanto tempo...*

3) Advérbio

Serve para intensificar adjetivos ou advérbios, atuando sintaticamente como adjunto adverbial de intensidade. Equivale a "quão", "quanto".

– ***Que** bela estava aquela noite de fim de ano.*

– ***Que** depressa passaram aqueles dias! Infelizmente se aproveitou pouco.*

4) Preposição Acidental

Equivale às preposições essenciais *a*, *de* ou *para*, em certas construções. A que eu já vi figurar em prova até hoje é esta locução verbal: *ter/haver* + *que* + infinitivo (indicando obrigatoriedade, necessidade).

– *Você tinha **que** falar dela na frente dele? (= de)*

– *Há **que** se fazer um novo arranjo de ônibus para o congresso. (= de)*

– *Primeiro **que** tudo, estude Conjunções, só depois estude Orações. (= de)*
– *Não havia mais nada **que** fazer ali. (= a/para)**
– *Ainda há muito **que** esclarecer. (= a/para)**

* Alguns gramáticos, como Cegalla, analisam como pronome relativo.

Obs.: Alguns gramáticos, como Manoel Pinto Ribeiro, dizem que o uso da preposição acidental *que* na locução verbal é coloquial, mas não foi assim que encarou a Esaf. Tal banca não viu nesta construção coloquialismo tampouco erro gramatical: Esaf – MF – ASSISTENTE TÉCNICO-ADMINISTRATIVO – 2012 – QUESTÃO 17. Outro ponto importante: não são poucos os gramáticos, como Napoleão M. de Almeida, que repudiam, tratando como vício de linguagem (ou galicismo), a construção *não tem nada **a** ver*, em vez de *não tem nada **que/para** ver*.

5) Partícula Expletiva

Também chamada de **partícula de realce**, serve como recurso expressivo, enfático de alguma parte da oração. A retirada da palavra ***que*** não prejudica a estrutura sintática nem o valor semântico da oração.

– *Quase **que** ela desmaia depois daquela cena. (= Quase ela desmaia depois daquela cena.)*
– *Então qual **que** é a verdade? (= Então qual é a verdade?)*
– *Eu **que** apanho, e ela **que** chora? (Eu apanho, e ela chora?)*

Cuidado!!!

1) Pode aparecer acompanhado do verbo *ser*, formando a locução *é que*: "*O artigo do Zuenir Ventura **é que** trata de cultura.*". O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

2) Às vezes, há um afastamento do verbo *ser* do *que*: *"**É** o artigo do Zuenir Ventura **que** trata de cultura"*. O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

3) Se o termo a que se refere a locução estiver no plural, o verbo *ser* com ele concordará: *"**São** os artigos do Zuenir Ventura **que** tratam de cultura."*. O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

4) Caso o termo a que a locução se refira esteja preposicionado, o verbo *ser* não irá variar: *"**É** nos artigos do Zuenir Ventura **que** se trata de cultura."*. O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

6) Pronome Interrogativo

Equivale a *qual* ou a *qual coisa*, em frases interrogativas diretas ou indiretas. Quando acompanha substantivo, exerce função de adjunto adnominal. Quando o substitui, exerce função própria de substantivo. Em fim de frase e antes de pontuação, este vocábulo, por ser tônico, sempre recebe acento circunflexo.

– ***Que*** *questão sobre a qual todos estão falando caiu na prova?*

– *O* ***que*** *estava ocorrendo com aquela aeronave?*

– *Não quiseram saber* ***que*** *se passava por lá.*

– *Vocês estavam pensando em* ***quê****?*

– *As muralhas da cidade eram feitas de* ***quê****, a ponto de cederem tão rápido ao ataque?*

Obs.: Como se viu no segundo exemplo, pode vir antecedido do artigo expletivo *o*.

7) Pronome Indefinido

Sempre acompanha substantivo, exercendo função de adjunto adnominal. Às vezes equivale a "quanto(a)". É praxe vir em frase exclamativa.

– ***Que*** *tempo estranho... ora faz frio... ora faz calor...*

– ***Que*** *lugar maravilhoso!*

– ***Que*** *raiva!*

8) Pronome relativo

Recomendo que releia tudo sobre pronome relativo no capítulo de pronomes! Para facilitar sua vida, recomendo este *bizu*: substitua-o por *o qual, a qual, os quais, as quais*. Se for possível, usar um desses pronomes relativos substituindo um termo antecedente (não respira!), o *que* será um pronome relativo!

– *"João amava Teresa* ***que*** *amava Raimundo* ***que*** *amava Maria* ***que*** *amava Joaquim* ***que*** *amava Lili* ***que*** *não amava ninguém."* (Carlos Drummond de Andrade)

– *Este é o motivo por* ***que*** *continuaram a insistir em ajudá-lo.*

– *As atitudes polidas de* ***que*** *lhe falei eram aceitáveis naquela sociedade.*

Obs.: Há um caso que, talvez, possa dificultar sua visão: pronome relativo antecedido de pronome demonstrativo *o* (= *isso, aquilo*) ou *os, a, as*: *"Um recente desastre nos EUA ceifou muitas vidas, <u>o</u>* ***que*** *muito me chocou." / "<u>O</u>* ***que*** *mais aprecio nesta vida é o olhar inocente de uma criança." / "Mesmo a contragosto, teve de se encontrar com <u>as</u>* ***que*** *iriam ajudá-lo."*.

9) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa

As quatro primeiras são coordenativas, portanto iniciam orações coordenadas sindéticas. As outras sete são subordinativas, logo introduzem orações subordinadas.

Aditiva

Aparece entre dois verbos, equivalendo a *e*.

– *Anda **que** anda, e nunca chega a lugar algum.*

– *Reza **que** reza, e a assombração não sai de cima de sua vida.*

Obs.: Em *"Dize-me com quem andas, **que** te direi quem és."*, Napoleão M. de Almeida, considera o *que* uma conjunção aditiva: *"Dize-me com quem andas, **e** te direi quem és."*.

Adversativa

Indica oposição, ressalva, apresentando valor equivalente a "mas".

– *Outro, **que** não eu, terá de fazer aquilo.*

– *Procure outra pessoa para fazer trabalho, **que** não ela, pois já vimos sua incapacidade.*

Alternativa

Aparece em correlação, equivalendo a "quer... quer...".

– ***Que** percam, **que** não percam, nunca falarei mal de vocês.*

– ***Que** chova, **que** faça sol, sairei de casa, pois não aguento mais o sedentarismo.*

Explicativa

Equivale a "porque", "pois".

– *Façamo-nos fortes, **que** o fim está próximo.*

– *Ignore essas pessoas, **que** elas não sabem o que fazem.*

Integrante

Junto com o pronome relativo, esta classificação é a que mais aparece em provas! Se eu fosse você, eu retornaria agora ao capítulo de conjunção para "entubar". *Bizu*: substitua a oração iniciada pela conjunção por **isso**. Se for possível, trata-se de uma conjunção integrante mesmo!

– *Não pensem **que** o poeta é um marginal, pois nunca o foi. (= Não pensem **isso**.)*

– *Parecia **que** as paredes tinham ouvidos.*

– *O que importa é **que** ela me ama e **que** vamos ficar sempre juntos. (= O que importa é*

***isso** e **isso**.)*

Obs.: A conjunção integrante pode vir elíptica: *Não pensem o poeta é um marginal, pois nunca o foi*. Quando vem repetida, pode-se explicitar só a primeira: *O que importa é **que** ela me ama e vamos ficar sempre juntos.*

Causal

Equivale a "porque".

– *Levantou cedo **que** tinha que viajar a trabalho.*

– *Velho **que** sou, jamais chegarei à metade deste século.*

Obs.: O *que* das locuções conjuntivas pode aparecer sozinho se houver enumeração de orações adverbiais. O mesmo vale para as demais orações adverbiais. Veja: "***Visto que** tudo estava acertado entre os sócios e **que** haviam fechado um ótimo negócio, a amizade deles perdurou."*. Tome cuidado com construções não iniciadas por locuções conjuntivas em que esta conjunção (*que*) não seja necessária, provocando erro de paralelismo: "***Como** tudo estava acertado entre os sócios e **que** haviam fechado um ótimo negócio, a amizade deles perdurou*." (errado) / "***Como** tudo estava acertado entre os sócios e haviam fechado um ótimo negócio, a amizade deles perdurou."* (certo).

Consecutiva

Vem normalmente após "tão, tanto, tamanho, tal".

– *Tanta foi sua perseverança durante os anos de estudo **que** obteve êxito.*

– *"Apertados no balanço / Margarida e Serafim / Se beijam com tanto ardor / **Que** acabam ficando assim."* (Millôr Fernandes)

Comparativa

Vem numa estrutura de comparação por superioridade ou inferioridade.

– *Posso ser fraco, mas menos capaz **que** ele não sou.*

– *Você é maior do **que** todos eles juntos, meu caro amigo!*

Obs.: O *do* antes da conjunção é facultativo: *Você é maior **que** todos eles juntos, meu caro amigo!*

Concessiva

Equivale a “embora”, normalmente.

– ***Que*** *nos tirem o direito à liberdade, continuaremos lutando por ela.*

– *Dedique-se aos estudos, meu filho, todo dia, um pouco* ***que*** *seja!*

Final

Equivale a “para que, a fim de que”. É construção rara!

– *“Dizei* ***que*** *eu saiba.”* (João Cabral de Melo Neto)

– *Todos lhe fizeram sinal* ***que*** *se calasse.*

– *Orai,* ***que*** *não entreis em tentação.*

Temporal

Equivale a “desde que”.

– *“Porém já cinco sóis eram passados* ***que*** *dali nos partíramos.”* (Camões)

– *Chegados* ***que*** *fomos, dirigimo-nos à pousada.*

– *Abertos* ***que*** *foram os portões, os candidatos em seguida entraram.*

Observação Final: O gramático Luiz A. Sacconi registra em sua gramática mais dois *quês*: ***condicional*** (*Ah,* ***que*** *fosse eu o escolhido!*) e ***conformativo*** (***Que*** *eu saiba, Luís não é casado.*).

O Vocábulo SE e Suas Classificações

De todas as classificações deste vocábulo especial, sugiro que esteja "no sangue", pelo menos, três: **partícula apassivadora, partícula de indeterminação do sujeito** e **conjunção condicional**. São as *campeãs* nos concursos.

1) Substantivo

Quando acompanhado de determinantes (artigo, adjetivo, pronome ou numeral).

– *Os três **ses** da frase "Se se quer o bem, precisa-se de amor no coração" são, respectivamente: conjunção subordinativa condicional, partícula apassivadora e partícula indeterminadora do sujeito.*

2) Pronome Oblíquo Átono

Este pronome oblíquo átono tem cinco classificações: **pronome reflexivo (ou recíproco)**, **parte integrante do verbo**, **partícula expletiva**, **partícula de indeterminação do sujeito e partícula apassivadora**. Nas explicações abaixo, precisarei contar com sua ajuda: seu conhecimento básico sobre transitividade verbal e um pouquinho de voz verbal.

Pronome Reflexivo (ou Recíproco)

Sempre vem acompanhado de verbo transitivo direto e/ou indireto (VTD/VTI/VTDI). Segundo Bechara, ele "faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou". Diz-se que o pronome reflexivo é chamado de **recíproco** quando há mais de um ser no sujeito e o verbo se encontra comumente no plural. Exerce função sintática de objeto direto, objeto indireto ou sujeito (com verbos causativos ou sensitivos), normalmente.

– *A menina **se** cortou.* (objeto direto)

– *A modelo **se** impôs uma dieta muito severa.* (objeto indireto)

– *Eles sempre **se** perguntam se o casamento vai durar.* (objeto indireto)

– *A avó e a neta **se** queriam muito.* (objeto indireto)

– *O casal **se** beijou com vontade.* (objeto direto)

– *Deixou-**se** ficar à janela a tarde toda.* (sujeito)

Obs.: Em *"Ele **se** chama Fernando."*, *"Ele **se** batizou na igreja evangélica."*, *"Ela **se** curou da gripe."*, alguns gramáticos, como Sacconi, analisam tal "se" como pronome apassivador. Outros estudiosos, como Mattoso Câmara, analisam como pronome reflexivo. Bechara registra ambas as visões.

Parte Integrante do Verbo

Sempre acompanha verbo intransitivo (VI) ou transitivo indireto (VTI). Baseando-me no Bechara, posso dizer que tais verbos são chamados de pronominais, pois não se conjugam sem a presença do pronome oblíquo, indicando sentimento (indignar-se, ufanar-se, atrever-se, alegrar-se, admirar-se, lembrar-se, esquecer-se, orgulhar-se, arrepender-se, queixar-se etc.) ou certos movimentos ou atitudes do ser em relação a si próprio, intencionalmente ou não (sentar-se, suicidar-se, concentrar-se, converter-se, afastar-se, precaver-se, partir-se, afogar-se etc.). Por favor, não o confunda com pronome reflexivo.

– *Ele **se** precaveu das pragas.*

– *Ela, infelizmente, suicidou-**se**.*

– *Nunca você deve queixar-**se** da sua vida.*

– *Hoje mais uma criança **se** afogou no mar bravio.*

– *A árvore **se** partiu em dois pedaços devido à força do furacão.*

Obs.: Outros pronomes oblíquos também podem ser integrantes do verbo: *me, te, nos, vos*.

Partícula Expletiva

Acompanhado de verbos intransitivos (VI), normalmente. Pode ser retirado da oração sem prejuízo sintático e semântico, pois seu valor é apenas estilístico (ênfase, expressividade), por isso é chamado de **partícula de realce**.

– *Vão-**se** os anéis, ficam-**se** os dedos. = Vão os anéis, ficam os dedos.*

– *Ela **se** tremia de medo do escuro. = Ela tremia de medo do escuro.*

– *"Ele estava chateado com a nota do meu boletim?" "**Se** estava!, respondeu a mãe."*

Partícula de Indeterminação do Sujeito

Sempre acompanha verbos na 3ª pessoa do singular de quaisquer transitividades (VL, VI, VTI, VTD), sem sujeito explícito. No caso do VTD, precisará haver objeto direto preposicionado para que o ***se*** indetermine o sujeito – note o último exemplo. Tal indeterminação, em todos os exemplos, implica um sujeito de valor genérico (generalizador), impreciso. **Cai muito em prova!**

– *Neste mundo, quando **se** é honesto, muito **se** perde.*

– *Tratou-**se** de fenômenos geológicos desconhecidos no filme.*

– *Nunca **se** bebeu tanto dessa cerveja brasileira.*

Obs.: Note que o sujeito nunca vem explícito, por isso é possível criar um sujeito hipotético (alguém) para facilitar a "visão" do sujeito indeterminado: "*Neste mundo, quando **alguém** é honesto, este **alguém** perde muito."/ "**Alguém** tratou de fenômenos*

*geológicos desconhecidos no filme." / "Nunca **alguém** bebeu tanto dessa cerveja brasileira.".*

Partícula Apassivadora

Sempre acompanha VTD ou VTDI para indicar que o sujeito explícito da frase tem valor paciente, ou seja, sofre a ação verbal. *Bizu*: sempre é possível reescrever a frase passando para a voz passiva analítica, ou seja, transformando o verbo em locução verbal (***ser*** **+ particípio**). **Cai muito em prova!**

– *Lia-**se** no jornal há um tempo: "RJ sofre com tráfico". (= Era lido no jornal há um tempo: "RJ sofre com tráfico".)*
– *Sabe-**se** que as línguas evoluem. (= É sabido que as línguas evoluem.)*
– *Jabuticaba **se** chupa no pé. (= Jabuticaba é chupada no pé.)*
– *Fez-**se**-lhe uma homenagem surpresa. (= Uma homenagem surpresa foi feita a ele.)*
– *Estão-**se** considerando outras propostas, ultimamente, para o bem-estar da população. (= Outras propostas para o bem-estar da população estão sendo consideradas, ultimamente.)*

3) Conjunção Subordinativa

Releia atentamente o capítulo de conjunção, especificamente o "Cuidado!!!", em *conjunção condicional*. Vá por mim!

Integrante

Vale o mesmo bizu do ***que***, a saber: substitua a oração iniciada por ***se*** por **isso**. **Cai muito em prova!**

– *Veja **se** a companhia elétrica já resolveu o problema da falta de luz. (= Veja **isso**.)*
– *Não desejamos saber **se** ela é velha, mas sim **se** ela é eficiente. (= Não desejamos saber **isso**, mas sim **isso**.)*

Condicional

Introduz uma oração com valor hipotético, equivalendo semanticamente a "caso". **Cai muito em prova!**

– ***Se** houver entre as nações algum acordo, todos irão se beneficiar com a paz.*
– *Talvez se deva deixar a discussão para depois, **se** porventura pretendemos manter a paz.*

Obs.: "Se caso" é construção equivocada: *"**Se caso** eles vierem, não os atenda."*. O

adequado é: "***Se*** (ou ***Caso***) *eles vierem, não os atenda*.".

Causal

– ***Se*** *a sua família vive em harmonia, por que seus pais brigaram feio ontem?*

– ***Se*** *a vida está tão fácil (e como está, graças a Deus!), vamos aproveitá-la.*

Obs.: Veja uma questão sobre este *se*: FCC – TCE/AP – Analista DE CONTROLE EXTERNO – 2012 – QUESTÃO 7. Ignore os itens I e III da questão. Veja que o *se* do item II tem valor causal e não condicional, pois equivale a "já que". Tal estrutura usada pela FCC é muito semelhante aos exemplos dados pelo Sacconi em sua gramática a respeito do *se* causal. Veja isto: FUNIVERSA – PMDF – SOLDADO – 2013 – QUESTÃO 7.

Concessiva

Equivale a "embora".

– *"**Se** ferido ele queria lutar, imagine, então, são!"* (Sacconi)

– *"**Se** o via derrubado, rosto no pó, nem por isso o respeitava menos."* (Ondina Ferreira)

Temporal

Equivale a "quando". Os verbos da oração normalmente estão no presente do indicativo.

– ***Se*** *penso em você, começo a chorar de saudade.*

– *"Consolo-o, **se** o vejo triste."* (Cegalla)

<u>Observação Final</u>: Segundo o gramático Luiz A. Sacconi, o *se* pode ser uma conjunção comparativa: *"**Se** o estilo reflete o homem, o idioma é o espelho da cultura de um povo."* (= *assim como*).

O Vocábulo como e Suas Classificações

De todas as classificações deste vocábulo especial, sugiro que esteja "no sangue", pelo menos, três: **conjunção comparativa, conjunção causal** e **conjunção conformativa**. São as *campeãs* nos concursos.

1) Substantivo

Vem determinado, assim como o ***que*** e o ***se***. Exerce função sintática própria de substantivo.

– *O **como** tem sete classificações morfológicas diferentes.*

– *Tenha cuidado com o **como** no início de oração adverbial, pois pode ser causal, comparativo ou conformativo.*

2) Advérbio

Pode ser advérbio de modo, advérbio interrogativo de modo e advérbio de intensidade (neste caso, equivale a "quão" ou "quanto"). Sempre exerce função sintática de adjunto adverbial.

– *O trabalho não está **como** a diretoria deseja.*

– ***Como** resolver o problema?*

– ***Como** é perfeita a sua face!*

3) Preposição Acidental

Equivale, normalmente, a "por", "na qualidade de" ou "na condição de". Normalmente introduz um termo que exerce a função de predicativo do sujeito ou do objeto, adjunto adnominal ou aposto.

– *Na seleção, ele atua **como** zagueiro.*

– *Obtiveram **como** resposta um sonoro não.*

– *Os ganhadores tiveram **como** prêmio uma medalha de ouro.*

– *O conceito de cultura **como** recurso ganhou legitimidade.*

– *As matérias da prova, **como** Português, Direito Administrativo e Informática, já estão assimiladas.*

4) Interjeição

Em um contexto exclamativo, indicando determinadas emoções. Normalmente seguido de ponto de exclamação e interrogação.

– ***Como**?! Não havíamos combinado a sua volta esta semana?*

Obs.: Os dicionários interpretam este *como* como advérbio.

5) Verbo

É a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo.

– *Eu sei que **como** muito!*

6) Pronome Relativo

Retoma os antecedentes "modo", "maneira", "jeito" ou "forma" e, como todo pronome relativo, exerce função sintática dentro da oração adjetiva: adjunto adverbial.

– *A maneira **como** ela realizou a tarefa surpreendeu-nos.*

– *Este é o jeito **como** fazemos as coisas aqui.*

7) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa

Pode ser conjunção coordenativa aditiva ou subordinativa causal, comparativa ou conformativa.

Aditiva

Normalmente vem na correlação "não só/apenas/somente... (bem) como (também/ainda)..." ou "tanto... como...". Equivale a "e também".

– *Não só o Japão **como** a China têm grandes centros comerciais.*

– *Tanto estudo, **como** trabalho.*

– *O Rio, **como** o Recife, é uma cidade paradoxal, pois o belo e o feio convivem juntos.*

Causal

Equivalente a "porque", é usado no início da frase. Pode vir seguido de verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo.

– ***Como** estivesse recuperado, decidiu proceder à cerimônia.*

– ***Como** se aqueceu no inverno, saiu o urso da hibernação.*

Comparativa

Introduz o segundo elemento de uma comparação, equivale a "quanto", é precedido de "tanto, tão", normalmente. Às vezes vem junto do *se*.

– ***Como** a luz que ilumina meu caminho, teus conselhos são um verdadeiro farol.*

– *Ninguém o conhece tão bem **como** eu.*

Conformativa

Equivale a "conforme".

– ***Como** a chamada era feita, os alunos iam se alinhando.*

*– Em algumas situações, devemos fazer **como** manda nossa consciência.*

O Que Cai Mais na Prova?

Sobre a palavra *que*, é preciso estar no sangue **conjunção integrante** e **pronome relativo**. Sobre a palavra *se*, é preciso estar no sangue **partícula apassivadora**, **partícula de indeterminação do sujeito** e **conjunção condicional**. Sobre a palavra *como*, é preciso estar no sangue **conjunção comparativa**, **conjunção causal** e **conjunção conformativa**. As bancas que adoram tais assuntos são, além das militares, o Cespe/UnB – quando se trata do vocábulo *se* – e, principalmente, a FGV – quando se trata do vocábulo *que*. A Vunesp e a FUNCAB não deixam por menos.

Questões de Concursos

1. (FAB – EEAR – Sargento – 2001) Estabelecer a correlação entre o sentido e o termo grifado. Em seguida, assinalar a alternativa que apresenta a sequência **correta:**
   1. Causa
   2. Comparação
   3. Conformidade
   ( ) Confesso que eu escrevo de palpite, como outras pessoas tocam piano de ouvido.
   ( ) Vinham em bandos, descansavam e, como em redor não havia comida, seguiam viagem para o Sul.
   ( ) Como era muito seco de maneiras, tinha inimigos que chegavam a acusá-lo de bárbaro.
   ( ) Não me respeitava a adolescência, como não respeitava a batina do irmão...
   ( ) O diabo não é tão feio como o pintam.
   a) 2 – 3 – 1 – 1 – 2.
   b) 1 – 2 – 3 – 2 – 3.
   c) 2 – 1 – 1 – 2 – 3.
   d) 3 – 1 – 2 – 1 – 2.

2. (FAB – EEAR – Sargento – 2001) Observe: " ... não sei se é esta toalha."
Qual das alternativas abaixo apresenta oração com a mesma classificação da destacada acima?
   a) Se for possível, gostaria de acompanhá-lo.
   b) Ficaremos decepcionados, se a prova for adiada.
   c) Os pedidos serão atendidos, se bem elaborado o ofício.
   d) Na verdade, gostaria de perguntar se ainda me considera seu amigo.

3. (FAB – EEAR – Sargento – 2002) "Convive com teus poemas, antes de escrevê-los. Tem paciência, se obscuros. Calma, se te provocam. Espera que cada um se realize e consuma com seu poder de palavras e seu poder de silêncio." (...) *(C.D. Andrade)*
As palavras grifadas, no poema, classificam-se, **respectivamente**, como:
   a) conjunção integrante, conjunção integrante;
   b) conjunção adverbial condicional, conjunção adverbial condicional;
   c) partícula expletiva, partícula expletiva;
   d) pronome reflexivo, conjunção adverbial condicional;

4. Assinale a alternativa em que o vocábulo **que** funciona como conjunção.
   a) O jornal a que me refiro publicará seu texto.
   b) O importante é que todos se convençam de que é preciso lutar.
   c) Foram inúteis os argumentos de que fizeram uso durante o debate.
   d) É importante saber conviver com as mudanças que acompanham a existência.

5. Assinale a alternativa em que há conjunção integrante.
   a) Já li o livro que você me emprestou.
   b) Não venha, que não estarei mais aqui.
   c) Espero que você recupere logo a saúde.
   d) Quase que a criança caiu.

"Minha querida Mariana:

Só hoje consegui autorização da tua Madre Superiora para te escrever, às escondidas de teus pais e meu marido, que embora não te conheça a ti não pode de ti ouvir, sem raiva, certamente pela amizade que sabe eu te dedicar e isso o enfurece (...)" (Trecho de *Novas Cartas Portuguesas*)

6. Observando-se a natureza morfológica e a função sintática dos termos em destaque, é correto afirmar que são, respectivamente:
   a) conjunção integrante e sujeito; pronome relativo e objeto direto;
   b) pronome relativo e sujeito; pronome relativo e objeto direto;
   c) conjunção integrante e objeto direto; conjunção integrante e sujeito;
   d) pronome relativo e sujeito, pronome relativo e sujeito.

7. (FGV – Senado Federal – Analista Legislativo – 2008) *"Outro aspecto que configura alguns desafios ainda não*

resolvidos na atual Constituição é a existência de muitos dispositivos a reclamar leis que lhes deem eficácia plena. A propósito, convém recordar que, promulgado o diploma constitucional, o Ministério da Justiça realizou levantamento de que resultou a publicação do livro 'Leis a Elaborar'."

Em relação às ocorrências da palavra QUE no trecho acima, é correto afirmar que há:

a) duas conjunções subordinativas, um pronome relativo e uma conjunção integrante;
b) três conjunções subordinativas e um pronome relativo;
c) três conjunções integrantes e uma conjunção subordinativa;
d) dois pronomes relativos e duas conjunções integrantes;
e) três pronomes relativos e uma conjunção integrante.

8. (FGV – Senado Federal – Analista de Relações Públicas – 2008) *"Ainda não é o fim do capitalismo, mas talvez seja a agonia do caráter neoliberal que hipertrofiou o sistema financeiro. Acumular fortunas tornou-se mais importante que produzir bens e serviços."*

Assinale a alternativa em que estejam corretamente classificadas, respectivamente, as ocorrências da palavra QUE no trecho acima.

a) pronome relativo – conjunção subordinativa.
b) conjunção integrante – conjunção integrante.
c) pronome relativo – pronome relativo.
d) conjunção integrante – conjunção subordinativa.
e) conjunção subordinativa – pronome relativo.

9. (Cespe/UnB – TRT/RJ (1ª R) – Analista Judiciário – 2008) (Adaptada) As conjunções destacadas nos trechos a seguir estão associadas a uma determinada interpretação. Assinale o item que apresenta trecho do texto seguido de interpretação correta da conjunção destacada.

I. '**como** dizem meus filhos' ("Esse primeiro trimestre, como dizem meus filhos, bombou") – comparação
II. 'É um erro imaginar **que** há inflação no Brasil' – consequência

10. (FGV – MEC – Analista de Sistemas – 2009) *"À evidência imposta, que presume que a única forma aceitável de organização de uma sociedade é a regulação pelo mercado, podemos opor a proposta de organizar as sociedades e o mundo a partir do acesso para todos aos direitos fundamentais."*

As ocorrências da palavra *QUE* no trecho acima são classificadas como:

a) conjunção integrante e conjunção integrante;
b) pronome relativo e conjunção integrante;
c) pronome relativo e pronome relativo;
d) conjunção subordinativa e conjunção subordinativa;
e) conjunção integrante e pronome relativo.

11. (UFF – UFF – Administrador – 2009) A conjunção "como" está empregada no período: "Aliás, é quase consenso que uma das maiores falhas dos Estados Unidos é não terem um sistema de saúde como o europeu e o canadense" com o mesmo valor significativo que no período:

a) Não constitui novidade para mim, pois várias vezes já ouvi essa "teoria", como ele a chama.
b) Como anoitecesse, recolhi-me pouco depois e deitei-me.
c) Sua força vinha dos olhos, vivos e inquiridores como os de um cachorro fiel.
d) Como terá conseguido vencer, se tudo lhe eram obstáculos?
e) Homem de poucas letras, queria saber como devia expressar o que sentia por ela.

12. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Em "O que é importante notar aqui é que a oposição entre falar e escrever não se funda mais na oposição entre presença e ausência", a expressão "é que" é expletiva.

13. (FUNCAB – Pref. Porto Velho/RO – Médico – 2009) Assinale a opção em que a palavra grifada é uma conjunção subordinativa adverbial condicional.

a) "Outro dia, um amigo biólogo me perguntou se eu gostaria de conviver bilhões de anos ao lado dos ectoplasmas de macaco..."
b) "O cientista Carl Sagan adverte, como muitos outros, que vida só se tem uma..."
c) "Resolver essa dúvida religiosa logo no início da vida adulta é mais importante do que se imagina."
d) "... poderá vir a ser o bisavô daquela moça que vai um dia se casar com seu bisneto."
e) "Se não transmitirmos uma ética robusta a eles, nosso DNA terá curta duração."

14. (FUNIVERSA – MTUr – Administrador – 2010) Com base na gramática da norma culta, assinale a alternativa correta.
"(...) O estudo mostra ainda que dois terços dos jovens naquela faixa etária utilizam regularmente serviços de mensagens instantâneas, ***como*** *MSN. (...)* ***Como*** *a sede de consumo dos meios é tão grande para os jovens paulistanos – e região metropolitana de SP – de 18 a 24 anos, quase metade deles acessam a Internet enquanto assistem à TV ou enquanto ouvem rádio. (...)"*
a) O termo "como" tem o mesmo sentido que o "Como".

15. "Nenhum bicho venenoso pode alegar que a luta pela vida o fez assim. Que ele foi ficando venenoso com o tempo, que só descobriu que sua picada era tóxica por acidente, que nunca pensou etc."
(Cesgranrio – IBGE – Analista Agrícola – 2010) No trecho acima, o cronista faz uso do termo "que", repetidamente. A passagem na qual o termo "que" apresenta a mesma classificação gramatical daquela desempenhada no trecho destacado é
a) "as características que garantem a sua sobrevivência";
b) "a arma ou o disfarce que o salva dos seus predadores";
c) "E o que vale para serpentes vale para o ser humano";
d) "o fato é que não dá para evitar a constatação";
e) "A pura maldade inerente a tanto que se vê".

16. (FUNCAB – DETRAN/PE – Analista de Trânsito – 2010) Marque a opção que apresenta, respectivamente, a ideia expressa pela conjunção "como" em cada uma das frases abaixo.
I. "Até aparelhos que deixam as mãos livres, como o bluetooth, não eliminam os riscos."
II. "Como a legislação difere entre os estados americanos, pesquisas frequentes ajudam a estimular o debate."
III. "... como eu ia dizendo, é muito mais econômico você andar devagar e ser assaltado por mim do que correr e ser assaltado pelo radar."
a) comparação – causa – conformidade.
b) comparação – comparação – conformidade.
c) conformidade – causa – comparação.
d) causa – conformidade – causa.
e) causa – conformidade – conformidade.

17. (FEC – MPA – Agente Administrativo – 2010) A conjunção "como", nas orações "como mostramos todos os meses em nossa revista" e "Como sempre digo", tem o mesmo valor significativo que em:
a) Como foi combinado, partimos bem cedo.
b) Como fazia calor, abrimos as janelas.
c) Não sei como ela suportou tanta injustiça.
d) Era tão alto como o irmão.
e) Saltava pelo campo como uma lebre.

18. (Cesgranrio – Bacen – Técnico – 2010) No fragmento "O novo acordo precisa ir muito além de Kyoto, se a meta for impedir que o aumento da temperatura média da atmosfera ultrapasse 2°C de aquecimento neste século, como recomenda a maioria dos climatologistas.", o termo "se" tem o sentido equivalente ao de:
a) logo que;
b) à medida que;
c) no caso de;
d) apesar de;
e) uma vez que.

19. (FUNRIO – SEBRAE/PA – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
"(...) Se faziam tudo aquilo é que não tinham casa... (...)"
I- O uso do pronome SE no início da terceira frase é uma marca de oralidade tipicamente brasileira.
II- A expressão É QUE usada na terceira frase é expletiva e pode ser retirada do período sem prejuízo de sentido.

20. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico Judiciário – 2011) Em "inspirar-se" (Os participantes... bem poderiam... inspirar-se na última reunião sobre diversidade.), a partícula "se" indica que o sujeito da oração é indeterminado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) *É certo* **que** *a mudança do enfoque sobre o tema, no âmbito das empresas – principalmente, as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos de postura*

administrativa decorrentes da adoção de critérios de responsabilização penal da pessoa jurídica em seus países de origem. Tais mudanças, inevitavelmente, terão **que** *abranger as práticas administrativas de suas congêneres espalhadas pelo mundo, a fim de evitar respingos de responsabilização em sua matriz.*

No trecho acima, as ocorrências da palavra QUE classificam-se, respectivamente, como:

a) pronome relativo e preposição;
b) conjunção integrante e preposição;
c) conjunção integrante e conjunção integrante;
d) pronome relativo e conjunção integrante;
e) preposição e pronome relativo.

22. (FAB – AFA – Oficial – 2011) Assinale a única alternativa em que a palavra SE recebe a mesma classificação morfossintática que a destacada em: "Outra discussão chata, durante e após as partidas, é se um jogador teve a intenção...".

a) "...ambiente bélico em que se transformou o futebol, dentro e fora de campo."
b) "Impressiona-me como se formam conceitos..."
c) "Se dizem que a imagem vale mais que mil palavras, por que se fala e se grita tanto?"
d) "Não dá para o árbitro saber se a falta foi intencional ou não."

23. Assinale a alternativa na qual a palavra QUE tem a mesma classificação morfológica que a destacada em: "... baseados em estatísticas que têm pouca ou nenhuma importância."

a) "... ambiente bélico em que se transformou o futebol."
b) "É óbvio que informações e estatísticas são importantíssimas."
c) "Se dizem que a imagem vale mais que mil palavras..."
d) "... para achar que todas as faltas violentas são involuntárias."

24. (COPEVE/UFAL – UFAL – Assistente de Administração – 2011) *"O colégio Hugo Sarmento, em São Paulo, decidiu levar para a sala de aula uma ferramenta virtual* ***que*** *muitos adolescentes já dominam. O limite de 140 caracteres imposto pelo microblog Twitter está permitindo* ***que*** *alunos do ensino fundamental exerçam sua veia literária por meio do gênero conhecido como microconto."*

A palavra **que** destacada é, respectivamente:

a) conjunção subordinativa e conjunção integrante;
b) pronome relativo e conjunção integrante;
c) conjunção integrante e conjunção subordinativa;
d) pronome relativo e pronome relativo;
e) conjunção integrante e conjunção integrante.

25. (FEC/UFF – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil – 2012) Na frase: "Elas fracassarão COMO construtoras de conhecimento de alto nível", a palavra em destaque expressa noção idêntica à que se lê em:

a) Como lhe disse, estou cansado de trabalhar.
b) Como chegou tarde, não pode entrar em sala.
c) Ele é tão trabalhador como o pai.
d) Venceu, mas como, se nunca quis nada?
e) Para mim, isto não diz nada como poesia.

26. (Vunesp – Pref. Suzano/SP – Médico Cardiologista – 2012) Leia as frases do segundo parágrafo:

Como *todo remédio, o tempo precisa ser bem administrado.*

Como *ainda não inventaram uma categoria na medicina para tratar disso, cabe a nós mesmos saber diferenciar um do outro.*

O termo **Como**, destacado nas frases, introduz, respectivamente, ideias de:

a) comparação e alternância;
b) concessão e condição;
c) comparação e causa;
d) concessão e alternância;
e) consequência e condição.

27. (FUNCAB – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Em relação ao SE em "(...) Se a mãe estivesse em casa, ela teria dado uma ideia (...)", é correto afirmar que, morfologicamente, o termo é:

a) uma conjunção subordinativa integrante, ou seja, é elemento de ligação entre a oração subordinada substantiva direta e a oração principal;

b) uma conjunção subordinativa adverbial condicional, ou seja, é elemento de ligação entre a oração subordinada adverbial condicional e a oração principal;
c) pronome reflexivo, pois indica que a ação expressa volta-se sobre o próprio sujeito da ação verbal, nele se refletindo;
d) índice de indeterminação do sujeito, porque serve para deixar indeterminado um sujeito de 3ª pessoa, junto ao verbo intransitivo;
e) pronome apassivador, porque associa-se ao verbo transitivo para garantir o sentido passivo pretendido para a voz verbal, ou seja, contribui para a caracterização da voz do verbo.

28. (CONSULPLAN – Pref. Barra Velha/SC – Agente Controle Interno – 2012) Dentre os elementos em destaque, só NÃO exerce papel pronominal:
a) "um pesadelo que me atormentou por mais de um ano".
b) "A história que agora passo a narrar".
c) "decidiram em assembleia que esperariam".
d) "essas criaturas que adotamos".
e) "mundo cão em que vivemos".

29. (CONSULPLAN – TSE – Analista Judiciário – 2012) *Verdade é que (1) a ação em nome de um universal por si só caracteriza qualquer moral. É por meio dela que (2) se faz o cálculo do "sentido" no qual, fora da vantagem que (3) define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário.*
A respeito das ocorrências do QUE no período anterior, é correto afirmar que se trata de conjunção em:
a) (1), apenas.
b) (3), apenas.
c) todas.
d) (2), apenas.

30. (Cesgranrio – Liquigas – Profissional Jr. – 2012) A opção por uma linguagem informal, em algumas passagens do texto, permite jogos de palavras como o que se verifica no emprego de **Se** nas seguintes frases:
*"**Se** o cinema está cheio, a gente senta na primeira fila e torce um pouco o pescoço."*
*"A gente se acostuma para não se ralar na aspereza, para preservar a pele. **Se** acostuma para evitar feridas, sangramentos..."*
Nos trechos acima, as palavras em destaque classificam-se, respectivamente, como:
a) conjunção e pronome;
b) conjunção e preposição;
c) pronome e preposição;
d) pronome e conjunção;
e) conjunção e conjunção.

31. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Em "volume que se mantém", o elemento sublinhado indica sujeito indeterminado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. Em "se soube" (Sempre se soube que um dos principais entraves...) e em "se supunha" (... o problema é muito mais grave do que se supunha.), o termo "se" confere às formas verbais a noção de reflexividade.
( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – STJ – Todos os Cargos – 2012) A partícula "se", em "Tratava-se" (Tratava-se então de uma biblioteca imaginária...) e em "se encontravam" (... descreviam o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos...), classifica-se como pronome reflexivo e retoma, respectivamente, "uma biblioteca imaginária" e "centenas de milhares de rolos".
( ) CERTO
( ) ERRADO

34. (NUCEPE – PM/PI – Agente de Polícia – 2012) "**Se** for assaltado, não reaja – entregue tudo."
Nesse trecho, o termo destacado sugere uma:
a) afirmação categórica;
b) dúvida;
c) condição;

d) explicação;
e) negação.

35. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) *Não teria graça se só melhorasse.*
O elemento grifado na frase acima pode ser corretamente substituído por:
a) conquanto;
b) porquanto;
c) caso;
d) pois;
e) embora.

36. (Vunesp – SAP/SP – Agente de Segurança Penitenciária (I) – 2012) No comentário de Cayatte – *"Se o réu é culpado, a pena foi pouca. Se o réu é inocente, a pena foi muita."* – as orações iniciadas pela conjunção *Se* expressam sentido de:
a) conclusão;
b) consequência;
c) conformidade;
d) condição;
e) concessão.

37. (Vunesp – Pref. Sertãozinho/SP – Agente de Trânsito – 2012) No trecho – ... mas o tempo passou, não há nada a fazer, então fico pensando em ***como*** seria minha vida, hoje, se tivesse feito tudo como deveria. – o termo em destaque expressa ideia de:
a) finalidade;
b) causa;
c) modo;
d) intensidade;
e) oposição.

38. (Vunesp – CREFITO/SP – Almoxarife – 2012) No penúltimo verso (Depressa, que o amor/não pode esperar.), a conjunção "que" está empregada com sentido de:
a) explicação;
b) causa;
c) conclusão;
d) adição;
e) condição.

39. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) A conjunção subordinativa em destaque estabelece que tipo de relação de sentido entre as orações por ela conectadas?
Como *as organizações ambientalistas têm denunciado, os países industrializados são os que mais poluem o meio ambiente.*
a) Conformidade.
b) Comparação.
c) Finalidade.
d) Condição.

40. (MARINHA – Colégio Naval – 2012) Dentre as frases apresentadas abaixo, retiradas do texto I, assinale a opção na qual a palavra QUE remete a um antecedente.
a) "Ele afirmava que o desejo é a regência do mundo."
b) "Esta insaciabilidade do ser humano é que o vai manter preso à infelicidade."
c) "[...] mais do que ajudar em uma reflexão mais profunda, tornam-se barreiras [...]."
d) "[...] o assunto me ocorre ao me lembrar de que vivemos em uma sociedade [...]."
e) "[...] desejamos o que não temos."

Gabarito

1. C.	9. I e II.	17. A.	25. E.	33. ERRADO.
2. D.	10. B.	18. C.	26. C.	34. C.
3. B.	11. C.	19. I- INCORRETA. II- INCORRETA.	27. B.	35. C.
4. B.	12. INCORRETA.	20. ERRADO.	28. C.	36. D.
5. C.	13. E.	21. B.	29. A.	37. C.
6. B.	14. INCORRETA.	22. D.	30. A.	38. A.
7. E.	15. D.	23. A.	31. ERRADO.	39. A.
8. A.	16. A.	24. B.	32. ERRADO.	40. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 32

Estilística

Definição

A **estilística** é a parte da gramática que trata das estratégias artísticas/criativas usadas na língua (principalmente as **figuras de linguagem**). Tais recursos – os quais têm o objetivo de sugerir, provocar, embelezar a forma e/ou o conteúdo do texto – promovem determinados efeitos expressivos. A estilística trata *daquela* linguagem criativa, fora do usual, fora do que é comum nos registros linguísticos corriqueiros dos falantes. A "brincadeira" com as palavras, em seus aspectos **semânticos, fonológicos, morfológicos, léxicos** e/ou **sintáticos**, dá colorido ao que é dito.

Por exemplo, uma simples cantada criativa (com estilo) é capaz de provocar muitas emoções:

– *Você é um poema do Vinícius, sabia?*

É claro que a menina precisa saber quem é o Vinícius (Vinícius de Moraes).

Agora, imagina se fosse dito algo banal como:

– *Você é bonita, sabia?*

Qualquer um diz isso, não é? Que graça tem?

Veja outra cantada bonitinha:

– *Você sabe qual é o motivo do meu sorriso todos os dias? A primeira palavra da pergunta que te fiz.*

E por aí vai! Os recursos estilísticos são formas de expressão mais localizadas no discurso (não só nas cantadas, é claro!) e, principalmente, nos poemas. Afinal, poesia sem estilo não é poesia, portanto não há poesia sem estilo. Veja este de Oswald de Andrade:

Amor

Humor

É isso mesmo, o poema é só esse; o título é *amor* cujo verso único é *humor*. E é justamente tal minimalismo criativo que nos encanta. Observe a interessante troca de fonemas... Enquanto o amor é encarado sempre como algo sublime, vem o poeta e desconstrói essa ideia, associando o amor a algo jocoso, o humor.

Enfim... vamos ao que interessa. Na sua prova, as **figuras de linguagem** (quando aparecem!) são o espelho da estilística. Pelo que sei, existem mais de 50 figuras de linguagem, mas obviamente falarei apenas das que mais aparecem em concursos, a saber: **elipse, zeugma, pleonasmo, hipérbato, anacoluto, assíndeto, polissíndeto, hipérbole, prosopopeia/personificação, perífrase, antítese, oximoro/paradoxo, gradação, comparação, metáfora, ironia, eufemismo, metonímia, catacrese, anáfora, assonância, aliteração, paranomásia, pleonasmo, paralelismo, onomatopeia...**

Recomendo três livros sobre elas: *As Figuras de Linguagem*, de Roberto de Oliveira

Brandão; *Dicionário de Figuras de Linguagem*, de Sebastião Cherubim; *Figuras de Linguagem*, de Hélio de Seixas Guimarães. Há muitos livros bons sobre Estilística, como *Língua Portuguesa – Semântica e Estilística*, de Claudio Cezar Henriques. Na verdade, qualquer livro deste autor é excelente.

Ah! É difícil encontrar questões sobre **vícios de linguagem**, mas falaremos deles também.

Dica de amigo: Os termos "linguagem figurada", ou "simbólica", ou "figurativa", ou "conotativa" ou "recurso estilístico ou expressivo", em geral, são o mesmo que **figura de linguagem**.

Agora, sim... Vamos lá!

Figuras de Palavras (conceito)

Nas **figuras de palavras** ou **figuras de estilo**, as palavras passam a assumir sentidos ampliados, diversos, consoante o contexto.

Metáfora

Trata do emprego da palavra fora do seu sentido básico, recebendo nova significação por uma *comparação* entre seres de universos distintos.

– ***Evanildo Bechara*** *é uma* ***fera*** *da gramática.*

– ***Evanildo Bechara*** *– uma* ***fera*** *da gramática – é o melhor atualmente.*

– *A* ***fera*** *do* ***Bechara*** *tem obras importantíssimas sobre a língua.*

– ***Bechara****?! Que* ***fera****!*

– *O Bechara vai "desmatando o* ***amazonas*** *de minha* ***ignorância****".*

Obs.: Este último exemplo apresenta um trecho entre aspas porque é retirado de um poema de Drummond. A metáfora é percebida quando se entende que a minha ignorância é tão grande quanto o território do Amazonas. Chama-se metáfora hiperbólica. Lindo, não? Ah! Para fechar, a uma sucessão de metáforas chamamos **alegoria**: *"Na* ***parede*** *da memória, essa lembrança é o* ***quadro*** *que dói mais".* (Belchior)

Comparação

Não confunda metáfora com "comparação" (ou símile) porque na metáfora não há conectivo explicitando a relação de comparação. Na comparação (ou símile) sempre há um conectivo ou uma expressão estabelecendo a relação de comparação:

– *Ela é **gorda** como uma **vaca**.*

– *"Meu **coração** tombou na vida tal qual uma **estrela** ferida pela flecha de um caçador."* (Cecília Meireles)

– *Este **lutador** tem postura semelhante aos **deuses** nórdicos.*

Metonímia

Segundo o Aulete, é uma "figura de linguagem baseada no uso de um nome no lugar de outro, pelo emprego da parte pelo todo, do efeito pela causa, do autor pela obra, do continente pelo conteúdo etc.". Ou seja, ocorre a substituição de uma palavra por outra porque há entre elas uma relação de todo e parte.

– *O **bronze** (sino) repicava na torre da igreja.* (a matéria pelo objeto)
– *Essa **juventude** (os jovens) está perdida.* (o abstrato pelo concreto)
– *Vivo do **suor** (trabalho) do meu rosto.* (o efeito pela causa)
– *Gostaria de ter um **Picasso** (um quadro) em casa.* (o autor pela obra)
– *O **Brasil** (as pessoas do Brasil) vibrou com a conquista da Copa do Mundo.* (o continente pelo conteúdo)

Obs.: Há uma distinção formal entre **sinédoque** e **metonímia**, mas isso não nos deve interessar em prova de concurso público.

Catacrese

É um tipo de metáfora que se cristalizou na cultura popular, caracterizada pela falta de um termo adequado a um ser ou por ignorância, desconhecimento da comunidade linguística sobre um termo exato.

– *Ele **enterrou** uma farpa no dedo.*

– *Com os **dentes** do serrote, ele serrou a perna da cadeira.*

– *Estou com coceira no **céu** da boca.*

Perífrase

Consiste no uso de maior quantidade de palavras para exprimir o que poderia ser dito com menos palavras.

– *O* ***poeta dos escravos*** *escreveu poemas condoreiros.* (Castro Alves)

– *A* ***terra dos faraós*** *é ainda um lugar misterioso.* (Egito)

– *A* ***rainha dos baixinhos*** *continua fazendo sucesso.* (Xuxa)

– *O* ***rei dos animais*** *é até mais respeitado pelos homens.* (leão)

Obs.: Muitos autores não fazem distinção entre **antonomásia** (trata dos apelidos) e **perífrase**.

Sinestesia

Ocorre quando há uma combinação de diversas impressões sensoriais (visuais, auditivas, olfativas, gustativas e táteis) entre si, e também entre as referidas sensações e sentimentos.

– *"O **aroma** (olfato) endoideceu, **upou-se em cor** (visão), quebrou / Gritam-me **sons de cor e de perfumes** (audição, visão, olfato).*" (Mário de Sá Carneiro)

– *Sua **voz aveludada** (audição, tato) me tornou um de seus fãs.*

– *O **cheiro gostoso** (olfato, paladar) daquela comida entrava por meu nariz como um néctar divino.*

Figuras de Sintaxe

Nas **figuras de sintaxe** ou **figuras de construção**, as palavras sofrem mudanças na ordem sintática comum dentro da oração para provocar determinados sentidos ou tornar belo o discurso.

Hipérbato

Consiste na inversão violenta da ordem normal dos membros de uma frase.

– *Se o penhor dessa igualdade / Conseguimos conquistar com braço forte, / Em teu seio, ó liberdade, / Desafia o nosso peito a própria morte!*

Na ordem direta: *Se conseguimos conquistar o penhor dessa igualdade com braço forte, nosso peito desafia a própria morte em teu seio, ó liberdade!*

– *Estranha, de mãos dadas vinha a mulher com ele.*

Na ordem direta: *A mulher estranha vinha com ele de mãos dadas.*

Obs.: Há também a **anástrofe** e a **sínquise** como figuras de inversão. Naquela, a inversão é mais branda; nesta a inversão é tão intensa que torna obscuro o sentido da frase. Exemplos limítrofes confundem alguns estudiosos, a ponto de tratarem hipérbato como sínquise, e vice-versa.

Pleonasmo

Trata da repetição de significação de vocábulo ou de termos oracionais.

– *"Iam vinte anos desde aquele dia / Quando* ***com os olhos*** *eu quis* ***ver*** *de perto / Quanto em visão com os da saudade via."* (Alberto de Oliveira)

– ***Ao pobre*** *nada* ***lhe*** *peço,* ***ao rico*** *nada* ***lhe*** *devo.*

– ***Médica****, ela nunca* ***o*** *será.*

– ***Chorou*** *um* ***choro*** *de profundo lamento.*

Obs.: O **pleonasmo vicioso** diz respeito à repetição inútil e desnecessária de algum termo ou ideia na frase. Nesse caso não é uma figura de linguagem, e sim um **vício de linguagem**.

Anacoluto

É a quebra da estrutura lógico-sintática, ficando um termo sem função sintática na frase; normalmente no início dela, como um tópico.

– ***A lua**, os poetas sempre cantaram esse tema.*

– ***Nosso amor**, tudo não passou de frenesi efêmero.*

– ***Revolução Francesa**, hoje falaremos sobre insurreições ocorridas na França.*

– *"**O homem**, chamar-lhe mito não passa de anacoluto."* (Carlos Drummond de Andrade)

Obs.: Não confunda **anacoluto** com **pleonasmo**. Por exemplo, na última frase, se fosse *"Ao homem, chamar-lhe..."*, só haveria pleonasmo, em que o *lhe* seria um objeto indireto pleonástico do objeto indireto que já existe, a saber: *"Ao homem"*. Como não há preposição no verso de Drummond (em *"O homem"*), não se pode analisar sintaticamente tal termo, logo é um **anacoluto**.

Elipse

É a omissão de um termo ou de uma expressão.

– *Saímos ontem à noite.*

– *Na sala de espera, apenas dois ou três pacientes; dentro do consultório, um.*

– *Espero tão logo encontre seu par.*

Obs.: Explicitando o termo elíptico: *Nós saímos ontem à noite. / Na sala de espera, havia apenas dois ou três pacientes; dentro do consultório, havia um. / Espero que tão logo encontre seu par.*

Zeugma

Tal figura não é frequente em provas de concurso, logo a ideia de uma **supressão de um termo anteriormente expresso** tem se aplicado também à elipse. Em outras palavras, os concursos costumam analisar o zeugma como elipse, o que não deixa de ser verdade, pois a diferença entre elas é que a elipse é a omissão de um termo sem referência no texto; já o zeugma é a omissão de um termo ocorrido anteriormente no texto.

– *Meu irmão passou em dois concursos; eu, em um só.*

– *Corremos 5 km, eu em 30 minutos, ele em 25.*

– *Ele é muito estudioso e a irmã também é.*

Traduzindo: *Meu irmão passou em dois concursos; eu passei em um só. / Corremos 5 km, eu corri em 30 minutos, ele correu em 25 minutos. / Ele é muito estudioso e a irmã também é estudiosa.*

Assíndeto

Omissão do conectivo coordenativo, que liga orações coordenadas.

– *Acordei, comi, saí, trabalhei, voltei, dormi.*

Polissíndeto

Repetição do conectivo coordenativo, que liga termos ou orações coordenadas.

– *Ela não era assim, tão frágil,* ***e*** *boba,* ***e*** *inocente,* ***e*** *fácil.*

Anáfora

Repetição de vocábulo ou expressão no início de cada verso ou frase.

– *"**Quando** não tinha nada, eu quis / **Quando** tudo era ausência, esperei / **Quando** tive frio, tremi / **Quando** tive coragem, liguei..."* (Chico César)

– ***"Era uma estrela** tão alta! / **Era uma estrela** tão fria! / **Era uma estrela** sozinha / Luzindo no fim do dia."* (Manoel Bandeira)

Obs.: Não confunda anáfora, figura de linguagem, com anáfora, processo de coesão. Nesta, um vocábulo tem o papel de retomar outro já mencionado.

Figuras de Pensamento

São recursos estilísticos que tornam a expressão mais incisiva, provocando forte impressão. Aqui, exploram-se mais as ideias do que as palavras em si ou a disposição delas na frase.

Antítese

É o contraste entre duas palavras (antônimas), expressões ou pensamentos, provocando uma relação de oposição.

– *Metade de mim te* ***adora****, a outra metade te* ***odeia****.*

– *Não há vida sem* ***alegrias*** *e* ***sobressaltos****.*

– *Transformou sua vida de* ***água*** *a* ***vinho****.*

Oxímoro (Paradoxo)

Duas ideias contrárias que coexistem, que ocorrem ao mesmo tempo, implicando falta de lógica.

– *Amor é fogo que **arde sem se ver**, / É ferida que **dói** e **não** se **sente**, / É um **contentamento descontente**, / É **dor** que desatina **sem doer**.* (Camões)

– *Que **música silenciosa** ele toca!*

– *"Foi **sem querer querendo**."* (Chaves)

Obs.: Nas provas, não há diferença entre **oximoro** e **paradoxo**.

Hipérbole

Ideia que denota exagero.

– *Se eu não passar na prova, vou dar um tiro na cabeça.*

– *O carro voava pela rodovia.*

– *Já falei mil vezes para você calar a boca!*

Gradação

Enumeração que denota crescimento ou diminuição (clímax ou anticlímax).

– *É um **pássaro**, é um **avião**, não... é o **super-homem**.*

– *O primeiro milhão possuído **excita**, **acirra**, **assanha** a gula do milionário.*

– *O amor é **esfuziante**, **grande**, **perturbador**, uma **tragédia**.*

Eufemismo

Suavização de uma ideia negativa.

– *Agora ele foi para o* ***andar de cima***. ***Descansou***. *(relativo à noite)*

– *Ela trabalha higienizando locais contendo* ***detritos orgânicos***. *(fezes e urina)*

– *Por ser uma* ***pessoa de cor****, naquela época, vivia de* ***caridade pública.*** *(negro, esmola)*

Ironia

Consiste em declarar o oposto do que realmente se pensa ou do que é, com tom de deboche, normalmente.

– *Ela é **ótima pessoa**, afinal **vive judiando** das crianças.*

– *Que **motorista excelente** você, **quase** me **atropelou**.*

– *Professor, olha como meu **boletim** está **excelente**, só há **uma nota acima da média**.*

Obs.: As aspas muitas vezes marcam uma ironia: *Quando a "linda" funcionária entrava na empresa, começavam os risos sarcásticos.*

Prosopopeia (Personificação)

Atribuição de características humanas a seres não humanos. Dizer que a personificação é a atribuição de características de seres animados a seres inanimados é uma definição ruim, pois quando, numa história, um animal fala, ele não é um ser "inanimado", afinal todo animal tem vida e, portanto, é um ser "animado".

– *"A **Bomba atômica** é **triste**, Coisa mais triste não há / Quando cai, cai sem vontade."* (Vinícius de Moraes)

– *A **Amazônia chora** devido ao desmatamento.*

Obs.: As fábulas costumam apresentar esta figura de linguagem: *"Morta de fome, uma raposa foi até um vinhedo sabendo que ia encontrar muita uva. A safra tinha sido excelente. Ao ver a parreira carregada de cachos enormes, a raposa lambeu os beiços. Só que sua alegria durou pouco: por mais que tentasse, não conseguia alcançar as uvas. Por fim, cansada de tantos esforços inúteis, resolveu ir embora, dizendo: – Por mim, quem quiser essas uvas pode levar. Estão verdes, estão azedas, não me servem. Se alguém me desse essas uvas eu não comeria."* (Esopo)

Figuras Fônicas

Nas **figuras de som**, explora-se a camada sonora da linguagem, a fim de produzir determinados efeitos.

Aliteração

Repetição sistemática de uma determinada consoante.

– *"Em horas inda **l**ouras, **l**indas / C**l**orindas e **B**elindas, **b**randas / **B**rincam nos tempos das **B**erlindas / As **v**indas **v**endo das **v**arandas"* (Fernando Pessoa)

– *O **r**ato **r**oeu a **r**oupa do **r**ei de **R**oma.*

Assonância

Repetição sistemática da vogal tônica ou do encontro vocálico na sequência da frase.

– *Como é es**c**u**u**ro e pro**f**u**n**do o m**u**n**n**do obs**c**u**u**ro dos **s**u**r**dos e **m**u**u**dos.*

– *"Juro que não acredit**ei** / Eu te estranh**ei** / Me debruc**ei** / Sobre o teu corpo e duvid**ei**"* (Chico Buarque)

Paranomásia

Também chamada de *paronomásia*, é a aproximação de palavras de um texto pela sua semelhança na forma ou na pronúncia (parônimos).

– *"**Exportar** é o que **importa**."* (Delfim Netto)

– *"Com tais **premissas** ele sem dúvida leva-nos às **primícias**."* (Padre Antônio Vieira)

Onomatopeia

Consiste no uso de palavras que imitam sons em geral.

– *"Havia uma velhinha / Que andava aborrecida / Pois dava a sua vida / Para falar com alguém. / E estava sempre em casa / A boa velhinha, / Resmungando sozinha: /* ***Nhem-nhem-nhem-nhem-nhem****..."* (Cecília Meireles)

Paralelismo

Repetição de palavras ou estruturas sintáticas maiores (frases, orações, sintagmas etc.) de forma igual ou parecida que se correspondem quanto ao som.

– *"Começou a circular o **expresso 2-2-2-2** / que parte direto de **Bonsucesso** / pra depois. Começou a circular o **expresso 2-2-2-2** / da Central do Brasil / que parte direto **de Bonsucesso** / pra depois do ano 2000."* (Gilberto Gil)

Combinação de Figuras

Em um trecho, ou em um texto, pode haver mais de uma figura de linguagem concorrendo. Um exemplo disso ocorre na frase *"As janelas vigiavam as pessoas na noite boêmia."*, em que se pode analisar como **metonímia** (as pessoas na janela) ou **personificação** (janela vigiando).

Pode-se também perceber que um texto trabalha mais de uma figura. Além da rima e outras características, observe algumas figuras do "Soneto de Fidelidade", de Vinícius de Moraes:

De tudo ao meu amor serei atento
Antes (hipérbato), e com tal zelo, e sempre, e **tanto** (polissíndeto e gradação)
Que mesmo em face do maior **encanto**
Dele se **encante** mais meu pensamento (assonância)

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso (pleonasmo) e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe (anáfora) a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama (metáfora)
Mas que seja infinito enquanto dure. (paradoxo)

Vícios de Linguagem

Segundo o mestre no assunto, Napoleão Mendes de Almeida, os **vícios de linguagem** são palavras ou construções que deturpam, desvirtuam, ou dificultam a manifestação do pensamento, ora devido ao desconhecimento da norma culta, ora devido ao simples descuido do emissor.

Não confunda com **licença poética**, pois esta é a "permissão" dada aos grandes poetas para extrapolar o uso da norma culta da língua. Se você não está entre os grandes poetas e comete um desvio gramatical, você só pode dizer que tem licença poética de brincadeira.

Brincadeiras à parte, a licença poética é a liberdade que o escritor tem de manipular os níveis da língua (som, palavra, sintaxe, sentido...) como desejar, para poder transmitir ao leitor o que deseja, agradando ou não.

Vamos ao que interessa... aos vícios de linguagem!

Ambiguidade (Anfibologia)

Como vimos no capítulo de *Semântica e Lexicologia* (revisite, está tudo lá!), há vários casos de ambiguidade. Veja um dos mais comuns, com pronome possessivo:

5. (**FCC – TRT/PE (6ª R) – Analista Judiciário – 2012**) Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o texto: O articulista da Folha de S. Paulo

c) propõe que se estenda à bancada religiosa a decisão de aceitar ou rejeitar, segundo seus interesses, o ensino privado da religião.

Comentário: E a pergunta é...: Segundo os interesses de quem? Do articulista ou da bancada religiosa? Note que o pronome possessivo *seus* torna a frase ambígua. Por isso a letra c) não foi considerada o gabarito.

Arcaísmo

Segundo o dicionário Houaiss, trata-se de "palavra, expressão, construção sintática ou acepção que deixou de ser usada na norma atual de uma língua [Em linguagens especiais, é comum a sobrevivência de algumas formas arcaicas (por exemplo, na linguagem forense, na linguagem regional, entre locutores de idade avançada etc.); também podem ser utilizadas como recurso para recriar a atmosfera de uma época (por exemplo, no romance histórico).]". Neste último caso, não constitui vício de linguagem.

– ***Vosmecê*** *poder-me-ia ajudar?* (Hoje se usa "você".)

– *Ninguém* ***não*** *escreve mais em latim.* (Não se usa o "não" entre palavra negativa e verbo.)

– *"Aurélia, que se dirigia ao seu* ***toucador****, sentou-se a uma escrivaninha..."* (José de Alencar) (O mesmo que "penteadeira".)

Obs.: Não há unanimidade sobre a mesóclise ser um arcaísmo.

Barbarismo

Desvio gramatical relativo à **ortoepia, prosódia, ortografia, morfologia** e **semântica**. Vejamos, respectivamente, os exemplos:

– *Os **bolsos** (= **ó**) estão cheios de dinheiro.* (Forma culta: **o** (= **ô**).)

– *O protagonismo brasileiro na reunião **íbero-americana** não é casual*. (Forma culta: ibero.)

– *Se ele **quizer** ajudar a família, terá de muito trabalhar.* (Forma culta: quiser)

– *Quando o brasileiro **ver** seu país no primeiro mundo, terá **menas** razões para criticá-lo.* (Formas cultas: vir, menos.)

– *Todos ficaram alegres com a nova lei, pois ela veio **de encontro a**os interesses do povo.* (Forma culta: ao encontro de.)

Obs.: Alguns gramáticos, como Napoleão M. de Almeida e Luiz A. Sacconi, consideram os estrangeirismos como barbarismos. Por exemplo, é considerada **galicismo** (ou **francesismo**) as expressões "face a", "frente a": "*Os países europeus conseguiram acordar sua posição **face a**o problema nuclear iraniano.*" (Na nossa língua, usa-se "em face de".) No entanto, o gramático Celso P. Luft abona tais construções.

Cacofonia

É um som desagradável, cômico, às vezes obsceno, provocado pela união de certas palavras. Veja alguns cacófatos.

– *E**la tinha** na bo**ca dela nosso hino** completo.*

– *Aquele goleiro paulistano sempre mar**ca gol** de falta.*

– *Vou-**me já** porque está na hora.*

– *Ela **me tinha** por inteiro.*

Colisão

Combinação desagradável de sons, resultante de aliteração (repetição de consoantes).

– *Levante-**se ce**do amanhã.*

– ***Cá cá**gado não se cria, apenas tartarugas.*

Parequema

Trata-se da repetição de som ou sílaba do final de uma palavra e começo de outra.

– *A dor do den**te te** incomoda?*

– *O ata**que que que**ria foi executado.*

– *A vi**da dada** pelos gregos aos deuses tornou seu panteão enorme.*

Obs.: Alguns parequemas viram cacófatos: *"O sa**co co**lorido que ela comprou era um charme."*. Alguns estudiosos entendem que *colisão* e *parequema* são sinônimos. No caso de exigência de próclise, não constitui erro tal construção: *"**Se se** deseja a paz, é preciso mudanças radicais"*.

Eco

Repetição de sons iguais no fim das palavras.

– *De tão aparentem**ente** val**ente**, você m**ente** que nem s**ente**.*

– *Por que n**ão** d**ão** explicaç**ão** para a desuni**ão** do irm**ão**?*

Hiato

É a aproximação de vogais idênticas.

– *Lev**a a á**gui**a à a**la dos animais silvestres.*

– *Eu peg**o o o**vo, jog**o o ó**leo e deixo fritar.*

Solecismo

É o desvio sintático relativo à colocação ou emprego dos pronomes, à regência e à concordância. Vejamos, respectivamente, três exemplos:

Forma inculta: *Nunca chamar-**te**-ia de meu irmão, porque você ama **ele** mais do que a mim, por isso, para **mim** achar que você é merecedor de meu amor, precisará provar.*

Forma culta: *Nunca **te** chamaria de meu irmão, porque você **o** ama mais do que a mim, por isso, para **eu** achar que você é merecedor de meu amor, precisará provar.*

Forma inculta: *Não **lhe** conheceram, pois eram muito novos.*

Forma culta: *Não **o** conheceram, pois eram muito novos.*

Forma inculta: ***Precisariam haver** mais pessoas no mundo que se dispusessem a ajudar outras.*

Forma culta: ***Precisaria haver** mais pessoas no mundo que se dispusessem a ajudar outras.*

Preciosismo

Linguagem rebuscada, com uso excessivo de vocábulos não usuais, afastando-se da clareza e inteligibilidade imediata. Resumindo: é "falar difícil".

– *O **melífluo circunlóquio** de Vossa Excelência causou-me espécie.* (= discurso longo, bajulador e hipócrita)

– *A ruminante bovina deslocou-se para terreno sáfaro e alagadiço.* (= A vaca foi para o brejo.)

– *Meu progenitor sofre de alopecia androgênica.* (= Meu pai é careca.)

Obs.: Ainda no meio jurídico, há certa "afetação" no modo de falar, com desnecessárias erudições, que constituem preciosismo. Quando as gírias ou coloquialismos passam a atender a uma necessidade/propósito discursivo, deixam de constituir vício de linguagem. Um exemplo disso é o modo como decidi escrever esta gramática, a qual muitas vezes apresenta linguagem informal, para tornar o texto mais leve e próximo do leitor.

Plebeísmo

Segundo o Aulete, “palavras, expressões e modos de dizer característicos do dialeto das classes populares, frequentemente considerados pelas classes dominantes como um linguajar vulgar”. Resumindo: uso de gírias e palavras bem informais.

– *Para de me avacalhar porque eu já estou de saco cheio de tanto você me gastar, seu bunda-suja!*

Redundância (Tautologia)

Trata-se de um pleonasmo vicioso. Trata-se de uma expressão que repete o mesmo conceito já emitido.

– *Vamos ter de **subir para cima** agora, senão vai ficar muito tarde.*

– ***Adia** essa reunião **para depois**, porque é preciso pensar melhor na pauta.*

– *O fim da novela foi uma **surpresa inesperada**, visto que o **principal protagonista** de uma trama nunca morre.*

Obs.: Não há redundância, segundo Luiz A. Sacconi, em "intrometer-se no meio" e "voltar-se para trás", pois pode haver intromissão no início ou no fim e pode haver volta para o lado. Se vier especificado, deixa de ser vicioso: *"Entrou para dentro o rapaz."* (vicioso) / *"Entrou para dentro da sala o rapaz."* (não vicioso).

Estrangeirismo

Ainda segundo Luiz A. Sacconi, é um vício o uso de estrangeirismos desnecessários, ou seja, palavras de origem estrangeira facilmente substituíveis por palavras correspondentes em nossa língua, seja por já existirem, seja por haver forma aportuguesada.

– *Ele tem "**know-how**", por isso foi contratado.* (= conhecimento, experiência)

– *Teve de entregar seu "**curriculum**" por e-mail; estava atrasado.* (= currículo)

– *Preciso falar com o "**quality manager**" sobre minha proposta.* (= gerente de qualidade)

Obs.: Alguns gramáticos mais rígidos consideram que qualquer estrangeirismo, tenha ele equivalente vernácula ou não, é considerado barbarismo. Estudiosos mais modernos discordam do estrangeirismo como vício de linguagem, mas não é assim que vê a gramática tradicional.

Prolixidade

É o uso de muitas palavras no lugar de poucas para se dizer o que se deseja.

Com prolixidade: *A sacarose, extraída da cana-de-açúcar, que ainda não tenha passado pelo processo de purificação e refino, apresentando-se sob a forma de pequenos sólidos tronco-piramidais de base retangular, impressiona agradavelmente o paladar, lembrando a sensação provocada pela mesma sacarose produzida pelas abelhas em um peculiar líquido espesso e nutritivo. Entretanto, não altera suas dimensões lineares ou suas proporções quando submetida a uma tensão axial em consequência da aplicação de compressões equivalentes e opostas.*

Sem prolixidade: *O açúcar não refinado, sob a forma de pequenos blocos, tem o sabor agradável do mel, porém não muda de forma quando pressionado.*

(Dad Squarisi, texto adaptado)

O Que Cai Mais na Prova?

São poucas as bancas de prestígio no mundo dos concursos que trabalham **figuras de linguagem**. Mas às vezes encontramos na Consulplan, na FGV, na FCC e no Cespe/UnB. Mesmo assim, questões de figuras não são frequentes. Normalmente a metáfora e a elipse são as que mais aparecem nas provas, mas não deixe de estudar as demais, como a metonímia, a ironia, a elipse e a prosopopeia. Sobre **vícios de linguagem**, as questões são tão raras quanto às de interjeição. Encontrei poucas... ”para não dizer que não falei das flores”.

Questões de Concursos

1. (Cespe/UnB – TRT (16ª R) – Analista Judiciário – 2005) A palavra "*stress*" está destacada, pois trata-se de um estrangeirismo e sua grafia não está registrada de acordo com as normas ortográficas da língua portuguesa.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

2. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa que indica corretamente a figura de linguagem presente na oração: "O cavaleiro enterrou a espada no dragão."
   a) catacrese.
   b) antítese.
   c) zeugma.
   d) eufemismo.

3. (Esaf – MPOG – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"O objetivo da Embratur é atrair mais turistas estrangeiros. Em média, segundo a empresa, eles permaneceram no Brasil... (...)"
   – O pronome "eles" constitui uma anáfora, pois se refere ao antecedente "turistas estrangeiros".

4. (FUNRIO – PRF – Policial Rodoviário Federal – 2009) Observe o trecho de "O Cortiço", de Aluísio de Azevedo:
"Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, [...]. Um acordar alegre e farto de quem dormiu de uma assentada sete horas de chumbo."
Seu autor utiliza o seguinte recurso estilístico:
   a) eufemismo;
   b) gradação;
   c) comparação;
   d) antítese;
   e) personificação.

5. (FIP – Câmara-SJC – Analista de Sistemas – 2009) Observe a sequência de frases abaixo e responda a seguir.
   (1) E no dia lindo vi que vinhas vindo, minha vida. (Guilherme de Almeida)
   (2) Conhecer as manhas e as manhãs. (Almir Sater e Renato Teixeira)
   (3) E as cantilenas de serenos sons amenos fogem fluidas. (Eugênio de Castro)
Nas frases apresentadas em (1), (2) e (3), temos, respectivamente, as seguintes figuras de estilo que exploram a sonoridade das palavras:
   a) Assonância, paranomásia e aliteração.
   b) Onomatopeia, assonância e paranomásia.
   c) Aliteração, onomatopeia e assonância.
   d) Paranomásia, assonância e aliteração.
   e) Assonância, onomatopeia e paranomásia.

6. (FIP – Câmara-SJC – Programador – 2009) Observe a sequência de frases abaixo e responda a seguir:
   (1) Onde estão todos? Estão todos dormindo. Estão todos deitados. Dormindo. (Manuel Bandeira)
   (2) Dona Cômoda tem três gavetas. E um ar confortável de senhora rica. (Mário Quintana)
   (3) Vieram os gentios, e tornaram-se fiéis; vieram idólatras, e tornaram-se cristãos. (António Vieira)
Nas frases apresentadas em (1), (2) e (3), temos, respectivamente, as seguintes figuras de pensamento:
   a) Alegoria, eufemismo e antítese.
   b) Eufemismo, ironia e prosopopeia.
   c) Prosopopeia, antítese e alegoria.
   d) Eufemismo, alegoria e prosopopeia.
   e) Eufemismo, prosopopeia e antítese.

7. (NCE/UFRJ – UFRJ – Médico – 2009) *"Toda obra de um homem... é sempre um auto-retrato.";* nesse segmento há a presença de um tipo de linguagem figurada denominado:
   a) hipérbato;
   b) metáfora;
   c) metonímia;
   d) comparação;

e) pleonasmo.

8. (TJ/SC – TJ/SC – Juiz – 2009) Marque a única alternativa que **NÃO** contém nenhum erro gramatical considerado barbarismo:
   a) Quando nada mais couber, bastará uma telefonema – de forma expontânea – do seu procurador.
   b) Caso eles virem armados, serão pegos pela polícia.
   c) Com o pronto-socorro grátis ao jornalista, a categoria terá cobertura quando, no exercício de sua profissão, se vir, por qualquer meio legal ou abusivo, tolhida no seu direito de informar.
   d) Se o advogado não intervir a tempo, ninguém reaverá o investimento feito e o montante que já tinha gastado.
   e) Qualquer economista que se dispor a analisar os dados pedirá que o governo afroxe as medidas objetivando a contenção das despesas.

9. (FAB – Epcar – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) Ah, minha Senhora, já viste tantas coisas! Quantos segredos ouviste e não contaste a ninguém. Quantos amores teus já partiram sem que derramasses uma única lágrima. Quantos meninos de olhos assustados transformaste em homens de coragem incontestável na arte de pilotar um avião ou enaltecer a vida civil. Quantos destinos aqui se cruzaram. Quantos anos se passaram... Em cada canto um nome, uma história para contar. (...)"
   – A anáfora é uma figura de linguagem marcante no período acima.

10. (FGV – DETRAN/RN – Assessor Técnico – 2010) Há um exemplo de prosopopeia em:
   a) *"Como eu invejo os que não esqueceram a cor das primeiras calças que vestiram!"*
   b) *"E antes seja olvido que confusão; explico-me."*
   c) *"Os rios, as montanhas, as igrejas que não vi nas folhas lidas."*
   d) *"Não, não, a minha memória não é boa."*
   e) *"... e os clarins soltam as notas que dormiam no metal, e tudo marcha com uma alma imprevista."*

11. (Funiversa – MPE/GO – Engenheiro Ambiental – 2010) Diz-se que há personificação quando houver atribuição de sentimentos, traços psicológicos e(ou) comportamento humanos a seres inanimados e a animais. Assinale a alternativa que apresenta exemplo de personificação.
   a) "de mãos dadas, marcharemos todos pela vida verdadeira".
   b) "as janelas devem permanecer, o dia inteiro, abertas para o verde onde cresce a esperança".
   c) "o homem confiará no homem como a palmeira confia no vento".
   d) "o lobo e o cordeiro pastarão juntos".
   e) "Fica decretado, por definição, que o homem é um animal que ama".

12. (Funiversa – MTur – Agente Administrativo – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) Assim como o ciúme é querer manter o que se tem e a cobiça é desejar aquilo que não lhe pertence, a inveja é não querer que o outro tenha. O mais renegado dos sete pecados capitais é uma emoção inerente à condição humana, por mais difícil que seja confessá-la. (...)"
   – A figura de palavra conhecida como *perífrase* está ilustrada na frase "O mais renegado dos sete pecados capitais é uma emoção inerente à condição humana, por mais difícil que seja confessá-la."

13. (Cesgranrio – Petrobras – Profissional Jr. – 2010) Antítese é uma figura de linguagem com a qual se salienta uma oposição de ideias por meio de sentenças ou palavras. O fragmento que contém uma antítese é:
   a) "Somos artesãos, meio como as formigas,"
   b) "vemos nossas obras destruídas em segundos por cataclismos naturais,"
   c) "se pensamos que cada estrela é um sol, e que tantas delas têm sua corte de planetas, fica difícil evitar a questão da nossa existência cósmica,"
   d) "Ao olhar para o Universo, o homem é nada. Ao olhar para o Universo, o homem é tudo."
   e) "somos como o Universo pensa sobre si mesmo."

14. (Fundep – TJ/MG – Oficial de Apoio Judicial – 2010) Assinale a alternativa em que se encontra uma gradação.
   a) "[...] será o incentivo à violência o resultado único desse processo de informação em escala mundial?"
   b) "[...] a violência aumenta em proporções assustadoras, tanto no resto do mundo como aqui bem perto, em cada esquina."
   c) "[...] reflexão de um amigo meu, médico de meia idade, sabedoria e ciência."
   d) "Está se conhecendo em seus máximos e em seus mínimos [...]."

15. (Cetap – AL/RR – Analista de Sistemas – 2010) A figura de linguagem presente em "Durante séculos, a Inglaterra dominou os mares..." é:

a) Metáfora.
b) Silepse.
c) Antítese.
d) Metonímia.
e) Ironia.

16. (FCC – Bahiagás – Analista de Processos Organizacionais – 2010) A construção de uma frase pode resultar em ambiguidade, ensejando duplo sentido. Isso NÃO ocorre apenas em:
a) Desde meninos, os pais aconselham os filhos a não brincarem com o fogo.
b) Por ser muito perigoso, o filho é aconselhado a não brincar com o fogo.
c) Porquanto seja perigoso, deve-se evitar uma criança próxima do fogo.
d) Caso bem prevenida contra o perigo do fogo, a criança não se queimará.
e) Uma vez esclarecida sobre o fogo, a criança não terá como queimar-se.

17. (TJ/SC – TJ/SC – Técnico Judiciário – 2010) Aponte a alternativa que **NÃO** apresenta solecismo:
a) Às vezes queremos ter tudo sem pensar que podemos se arrepender depois.
b) Ele pediu pra mim não deixar meu paletó na cadeira.
c) Acabamos jantando no restaurante do Lauro, onde fomos muito bem atendidos.
d) Eu lhe abracei muito quando lhe vi na rodoviária.
e) Por que fosses dizer que a gente não vamos sair?

18. (TJ/SC – TJ/SC – Técnico Judiciário – 2010) A frase "Este tribunal recebeu a informação de que a empresa Marca X estaria sendo vendida por volta das 21 horas de terça-feira" apresenta o vício de linguagem denominado:
a) Cacofonia.
b) Eco.
c) Pleonasmo.
d) Ambiguidade.
e) Barbarismo.

19. (Vunesp – MPE/SP – Analista de Promotoria – 2010) Observe as frases, títulos de matérias da revista, e analise as afirmações.
Por que o Brasil toma tanto Rivotril
Cores que enganam seu cérebro
(*Superinteressante*, julho de 2010)
I. Na primeira frase, a figura de linguagem presente é a metonímia, já que o termo **Brasil** está empregado no lugar de **brasileiros**.
II. Na segunda frase, a figura de linguagem presente é a hipérbole, já que o verbo **enganar** representa uma ação exagerada.
III. Na primeira frase, sem alteração da ordem dos termos, também estaria correto o uso da forma **Por quê**.
Está correto o que se afirma em:
a) I, apenas.
b) III, apenas.
c) I e II, apenas.
d) II e III, apenas.
e) I, II e III.

20. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
O Fundo Partidário será, em 2011, de R$ 301 milhões. Isso porque foi aprovado a nove dias do fim do ano o reforço de R$ 100 milhões. Desse valor, R$ 265 milhões são oriundos do Orçamento da União e R$ 36 milhões referentes à arrecadação de multas previstas na legislação eleitoral. Mas, afinal, qual a razão para se aumentar de forma tão extraordinária a dotação dos partidos? Muito simples: a necessidade de eles pagarem as dívidas de campanha.
– No terceiro período, há um caso de zeugma.

21. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2011) Nos dois primeiros versos (Através de grossas portas, sentem-se luzes acesas), o eu lírico alude ao sigilo dos inconfidentes por meio de paradoxo e sinestesia.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) "(...) Infelizmente, ainda hoje assistimos no Brasil a fenômenos que há muito

deveriam ter sido excluídos da vida política nacional, como a compra de votos e a atitude de diversos candidatos, durante as campanhas eleitorais, de "doar" cestas básicas e toda a sorte de brindes em troca da promessa de voto dos eleitores. (...)"

No último parágrafo, as aspas em *doar* confirmam, para o vocábulo, seu aspecto de:

a) polifonia;
b) coloquialismo;
c) antonímia;
d) metáfora;
e) ironia.

É impossível colocar em série exata os fatos da infância porque há aqueles que já acontecem permanentes, que vêm para ficar e doer, que nunca mais são esquecidos, que são sempre trazidos tempo afora, como se fossem d'agora. É a carga. Há os outros, miúdos fatos, incolores e quase sem som – que mal se deram, a memória os atira nos abismos do esquecimento. **Mesmo próximos eles viram logo passado remoto**. Surgem às vezes, na lembrança, como se fossem uma incongruência. Só aparentemente sem razão, porque **não há associação de ideias que seja ilógica**. O que assim parece, em verdade, **liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas** – raízes lógicas! – de que emergem os pequenos caules isolados – aparentemente ilógicos! só aparentemente! – às vezes chegados à memória vindos do esquecimento, que é outra **função ativa dessa mesma memória**. (Pedro Nava – Baú de Ossos)

23. (Consulplan – Professor de Língua Portuguesa – 2011) A linguagem pode ser manipulada em função de objetivos específicos, o que caracteriza a ocorrência das figuras de linguagem. Quando se constrói uma metáfora, diz-se que houve uma transferência de um termo para um contexto de significação que não lhe é próprio. Há metáfora em:

a) "É impossível colocar em série exata os fatos da infância..."
b) "Mesmo próximos eles viram logo passado remoto."
c) "... não há associação de ideias que seja ilógica."
d) "... liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas – ..."
e) "... função ativa dessa mesma memória."

24. Ainda com relação às figuras de linguagem, em "... a memória os atira nos abismos do esquecimento." é correto afirmar que:

a) Há uma comparação entre dois elementos.
b) Opera-se uma personificação pela atribuição de característica própria dos seres humanos.
c) Há uma sequência de palavras sinônimas que promovem a intensificação de uma ideia.
d) O vocábulo "abismos" foi usado com um sentido conotativo de sátira.
e) Há uma redundância para enfatizar uma ideia importante.

25. (Consulplan – Carreira Universitária (Analista Administrativo) – Nível Superior – 2011) "Entra ano sai ano, as tempestades de verão continuam atormentando a vida de milhares de pessoas nos estados do sul e sudeste do país." O excerto anterior constitui um exemplo de figura de linguagem denominada:

a) Paronomásia.
b) Antonomásia.
c) Perífrase.
d) Metonímia.
e) Prosopopeia.

26. (Cesgranrio – CHESF – Profissional de Nível Superior – 2012) As palavras podem assumir sentidos figurados, ou seja, significados diferentes das acepções e usos previstos pelos dicionários, embora facilmente compreensíveis no contexto específico em que se encontram.

A passagem do texto em que uma palavra em sentido figurado está presente é:

a) "Daí esta avalanche, este *tsunami* de informações."
b) "O estado de nossas células cerebrais, as nossas emoções; tudo isso pode representar uma limitação para nossa capacidade de lembrar."
c) "Para quem, como eu, viaja bastante e tem de trabalhar em aviões ou em hotéis, é um recurso precioso."
d) "Mas não encontrei *pen drive* algum."
e) "Perguntei no aeroporto, entrei em contato com o táxi que me trouxera, liguei para casa: nada."

27. (Unicentro – Vestibular – 2012) O fragmento que ilustra a linguagem conotativa é o transcrito na alternativa:

a) "pelo uso dos aviões sequestrados como arma."
b) "A derrubada do Taleban, que governava o país centro-asiático, contribuiu de modo decisivo para debilitar aquele grupo

terrorista."
c) "uma guerra injustificável contra o Iraque."
d) "como alegou então, por má-fé e paranoia, o governo americano."
e) "Produziu até agora apenas dois outros atentados de vulto."

"Chico passou por maus bocados, andou gastando mais de cinco litros de saliva para reconquistar a mulher"

28. (CEV/Urca – Vestibular – 2012) A construção em destaque é própria da linguagem literária e caracteriza-se como:
a) Hipérbole.
b) Eufemismo.
c) Catacrese.
d) Anáfora.
e) Elipse.

29. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(jn) Relação de pessoas ou de assuntos vetados ou "indesejáveis" em um órgão de imprensa..."*
– É aceitável entender-se "*indesejáveis*" como forma de eufemismo.

"(...) Novas pesquisas... revelam que o problema é muito mais grave... A mais recente, elaborada pelo Instituto... (...)"

30. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Em "A mais recente", ocorre elipse da palavra **pesquisa**, que pode ser subentendida a partir do antecedente "pesquisas".
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Tomar uma decisão envolve uma disputa com 3 participantes: dois deles (instinto e experiência) cuidam de seu presente, o outro (razão) pensa no seu futuro. (...)"

31. (PaqTcPB – UEPB – Técnico de Enfermagem – 2012) A utilização dos termos "participantes", "cuidam" e "pensa" contribui para estabelecer, no texto, uma relação de sentido denominada:
a) Ambiguidade.
b) Sinonímia.
c) Paráfrase.
d) Oposição.
e) Metáfora.

32. (Funcab – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Pleonasmo é uma figura de linguagem que tem como marca a repetição de palavras ou expressões, aparentemente desnecessárias, para enfatizar uma ideia. No entanto, alguns pleonasmos são considerados "vícios de linguagem" por informarem uma obviedade e não desempenharem função expressiva no enunciado. Considerando esta afirmação, assinale a alternativa que possui exemplo de pleonasmo vicioso.
a) "(...) E então abriu a torneira: a água espalhou-se (...)"
b) "(...) O jeito era ir comprar um pão na padaria. (...)"
c) "(...) Matá-la, não ia; não, não faria isso. (...)"
d) "(...) Traíra é duro de morrer, nunca vi um peixe assim. (...)"
e) "(...) Tirou para fora os outros peixes: lambaris, chorões, piaus; (...)"

33. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Quanto à classificação das figuras de linguagem, coloque (1) para antítese, (2) para hipérbole, (3) para metonímia e (4) para metáfora. Depois assinale a alternativa com a sequência correta.
I. ( ) "Trabalhava arduamente, pois tinha de alimentar quatro bocas."
II. ( ) "Eu, que era branca e linda, eis-me medonha e escura."
III. ( ) "Um mundo de ideias havia em minha cabeça."
IV. ( ) "Meu coração é um campo minado."
a) 2, 1, 3, 4.
b) 3, 1, 2, 4.
c) 1, 2, 4, 3.
d) 3, 4, 1, 2.

34. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Assinale a alternativa em que não se verifica a presença de metáfora.
a) "Deus, antes de ser homem, era sol sem sombra." (Pe. Vieira)
b) "As tuas saudades ficam onde deixas o coração." (Camilo Castelo Branco)
c) "Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar." (José de Alencar)

d) “...meu pensamento vadio era uma borboleta serena que não pousava em nada.” (Bernardo Elis)

Gabarito

1. CERTO.	8. C.	15. D.	22. E.	29. CORRETA.
2. A.	9. CORRETA.	16. D.	23. D.	30. CERTO.
3. CORRETA.	10. E.	17. C.	24. B.	31. E.
4. E.	11. C.	18. D.	25. E.	32. E.
5. A.	12. CORRETA.	19. C.	26. A.	33. B.
6. E.	13. D.	20. CORRETA.	27. B.	34. B.
7. B.	14. B.	21. CERTO.	28. A.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 33

Teoria da Comunicação

Definição

Para entender o que é **comunicação**, é preciso entender primeiro o que é **linguagem** e seus **objetivos**.

– O que é linguagem?

Linguagem é um fenômeno ligado a várias áreas na vida do homem.

Biologicamente falando, linguagem é como um *software* superdesenvolvido normalmente localizado no cérebro humano, ou seja, nascemos com a capacidade de linguagem.

Psicológica e afetivamente falando, sem ela não há como entender a vida interna e externa do homem, pois somente ela permite a exposição objetiva/criativa de pensamentos, emoções, ideias, sentimentos, volições, experiências etc.

Cultural e socialmente falando, esse dom inato permite que o homem crie, recrie, manipule, reproduza, absorva o maior conjunto de conhecimentos, informações, valores, costumes e afins (individuais e coletivos). Para onde o homem for, sua cultura expressa em forma de linguagem irá com ele.

Formalmente falando, a linguagem, manifestada por meio de sinais **verbais** ou **não verbais**, permite ao homem uma adaptação incrível em diferentes situações comunicativas; para isso, ele precisa adquirir competência comunicativa.

– Qual são os objetivos da linguagem?

A **expressão do pensamento** e a **interação** entre as pessoas são os principais objetivos da linguagem. Quando falamos, escrevemos, gesticulamos ou usamos quaisquer outros signos (sinais), o propósito é fazer-se entender. Muitas vezes falamos com nós mesmos em voz alta ou em pensamento para organizar nossas ideias; de qualquer maneira, estamos nos comunicando. Assim, precisamos dela para viver, reviver e conviver.

É sempre importante dizer que usamos a linguagem para representar o mundo real e o mundo das ideias, portanto a linguagem não é o espelho da realidade externa, apenas. Por meio dela construímos e organizamos nossa realidade com toda nossa herança cultural e subjetividade.

É a linguagem **verbal** que nos deve interessar para os concursos públicos. Em vestibulares, há muitas questões de linguagem **não verbal**. Vamos entender.

Elementos da Comunicação

– O que é linguagem verbal?

Linguagem verbal é a maneira que o homem tem de se fazer entender por meio de palavras. Estas se manifestam por sons (fala) ou formas (escrita) atreladas a um conceito a fim de representar algo do universo externo ou interno do homem. Usamos a linguagem verbal por meio de signos para a construção de sentido do universo humano na fala e na escrita.

– O que é o signo linguístico?

Signo linguístico é qualquer unidade de uma língua que conjuga som (na fala) ou forma (escrita) + ideia/conceito a fim de representar algo do universo externo ou interno do homem. Os signos de uma língua substituem os objetos e os representam. Todo signo, então, apresenta dois "lados" básicos: o **significante** e o **significado**.

1) **Significante**: é "a imagem acústica", a imagem mental gerada pelo som (em pensamento ou em voz alta – fala), ou pela forma (escrita) de uma palavra; é a parte audível ou visível da palavra que o nosso cérebro identifica e converte em imagem ou mera abstração.
2) **Significado**: é a ideia, o conceito, o conteúdo semântico da palavra que representa algo do mundo do homem.

O signo linguístico (= a palavra) pode ter seu significante mudado e seu significado permanecer o mesmo; muito dependerá da cultura de uma pessoa ou de um grupo. Pense em tangerina, bergamota, mexerica, mandarina, por exemplo; formas diferentes, significados iguais. O contrário também é verdadeiro, ou seja, uma forma pode ter mais de um sentido: precisar (carecer, necessitar, ajustar...).

Podemos acrescentar ao conceito de signo linguístico (significante + significado) o conceito de **referente**, que é um elemento extralinguístico, ao qual o signo linguístico se remete, circunscrito ao nosso mundo biossocial. Dessa maneira, a compreensão que temos de *tangerina* está associada ao que apreendemos do som [tangerina] + a ideia que temos dela (fruta) + "o objeto", a fruta em si. Logo, **o signo linguístico é uma tríade: significante + significado + referente**.

– Enfim, o que é a comunicação?

A grande função da linguagem é o estabelecimento da **comunicação**, **conceito que trata da transmissão/recepção de mensagem em um código compreendido.** Vamos nos apegar à comunicação verbal (oral ou escrita).

O processo de comunicação envolve seis elementos básicos, os quais constituem o conceito atual dela. Sem esses elementos, não há comunicação. Vejamos:

1) **Emissor** (remetente, transmissor, 1ª pessoa do discurso, locutor, falante etc.): aquele que envia uma mensagem.

2) **Receptor** (destinatário, recebedor, 2ª pessoa do discurso, interlocutor, ouvinte etc.): aquele que recebe uma mensagem.
3) **Mensagem**: aquilo que é transmitido pelo emissor.
4) **Código**: signos compartilhados pelo emissor e pelo receptor.
5) **Referente** (contexto): é o assunto da mensagem, o elemento extralinguístico dela.
6) **Canal** (contato): é o meio, o veículo transportador da mensagem.

Para ilustrar: João (carioca) envia um e-mail falando sobre as suas férias, na língua nativa deles, para Maria (paulista). Assim:

1) João: emissor;
2) Maria: receptor;
3) o conteúdo do e-mail: mensagem;
4) em língua portuguesa: código;
5) as férias do João: referente;
6) o e-mail: canal.

Mensagem / Referente
Emissor ==========→ Receptor
Código / Canal

É bom dizer que o receptor pode virar emissor no processo de comunicação.

Funções da Linguagem

A linguagem vai muito além do que imaginamos, pois apresenta determinadas funções dentro do processo comunicativo, consoante o propósito, a intenção do usuário da língua. A título de curiosidade, quem discriminou tais **objetivos** da linguagem foi um homem chamado Roman Jakobson. Devemos muito a ele.

Pois bem... as **funções da linguagem** tratam do relevo dado a um dos seis elementos da comunicação, que acabamos de ver, a depender da proposta ou intento do texto. É certo também que um texto pode apresentar mais de uma função da linguagem que concorre com a função predominante. Organizamos a linguagem de tal modo a atender nossa finalidade. Uma dica: **para cada elemento da comunicação, há uma função da linguagem!** Vejamos as seis:

1) **Função Emotiva (Expressiva)**

- o "eu" do texto é o centro da mensagem, na qual ele destaca seus próprios sentimentos, expressa suas emoções, impressões, atitudes, expectativas etc.;
- é um texto pessoal, cercado de subjetividade;
- algumas marcas gramaticais indicam que tal função é a predominante no texto: verbos e pronomes de 1ª pessoa, frases exclamativas, certas interjeições, vocativos, reticências, termos e expressões modalizadoras etc.;
- é a linguagem das músicas românticas, dos poemas líricos e afins.

Exemplo:

– *"Eu não tinha este rosto de hoje / assim calmo, assim triste, assim magro (...)"* (Cecília Meireles)

– *Estou bem feliz!*

2) **Função Conativa (Apelativa)**

- o receptor é o centro da mensagem, na qual ele é estimulado, provocado, seduzido, amparado etc.;
- normalmente o interlocutor é conduzido a adotar uma determinada postura;
- é um texto normalmente claro e objetivo que visa à persuasão;
- algumas marcas gramaticais: verbos e pronomes de 2ª pessoa (ou 3ª pessoa – você), vocativos, imperativos, perguntas ao interlocutor etc.;
- é a linguagem das músicas e dos poemas românticos, das propagandas e afins.

Exemplos:

– *"Mel, tua boca tem o mel / E melhor sabor não há / Que loucura te beijar (...)"* (Belo)

– *Não deixe de ver aquele filme amanhã, ouviu?*

3) **Função Poética**

- a mensagem por si é posta em relevo; mais do que seu conteúdo, o destaque dela se

encontra na forma como ela é construída, criativa e inusitadamente;

- essa função usa vários recursos gramaticais: figuras de linguagem, conotação, neologismos, construções estruturais não convencionais, polissemia etc.;
- é a linguagem dos poemas e prosas poéticas (literária), da publicidade criativa e afins.

Exemplo:

– *"Antes de dormir, não se esqueça de apagar os insetos."* (Propaganda de inseticida)

– *Amar: / Fechei os olhos para não te ver / e a minha boca para não dizer... / E dos meus olhos fechados desceram lágrimas que não enxuguei, / e da minha boca fechada nasceram sussurros / e palavras mudas que te dediquei... / O amor é quando a gente mora um no outro*. (Mário Quintana)

4) **Função Metalinguística**

- o código usado para estabelecer comunicação é o centro da mensagem, no sentido de que ele é instrumento de explicação de si mesmo; usa-se um signo para explicar a si próprio;
- essa função busca esclarecer, refletir, discutir o processo discursivo, em um ato de comunicação em que se usa a linguagem para falar sobre ela própria;
- encontramos em poemas que falam sobre o fazer poético (metapoema), sambas que abordam esse gênero musical, filmes que discutem o cinema, palavras usadas para explicar outras em dicionários, narradores que refletem sobre a arte de narrar (metanarração) etc.

Exemplo:

– *"Samba, / Eterno delírio do compositor / Que nasce da alma, sem pele, sem cor (...)"* (Fundo de Quintal)

– *"Ódio: aversão intensa geralmente motivada por medo, raiva ou injúria sofrida; odiosidade"* (Dicionário Houaiss)

* O programa Vídeo Show é um exemplo forte de metalinguagem, pois se usa o "código" da televisão (programa de TV) para falar sobre a própria televisão (outros programas de TV).

5) **Função Referencial (Informativa/Denotativa)**

- o referente é o centro da mensagem;
- destaca-se o objeto, o assunto da mensagem de forma clara e objetiva;
- algumas marcas gramaticais e discursivas: uso da 3ª pessoa, denotação, impessoalidade, precisão, frases declarativas etc.;
- encontramos tal função predominantemente em textos jornalísticos, científicos, didáticos e afins (não literária).

Exemplo:

– *"O presidente Luiz Inácio Lula da Silva fechou o governo com avaliação recorde de*

87% para seu desempenho pessoal, conforme pesquisa da Confederação Nacional do Transporte (CNT) e Instituto Sensus divulgada nesta quarta-feira. Em setembro deste ano, essa percepção era de 80,7%." (*Site* de notícias)

6) **Função Fática**

- o canal (contato) é o centro da mensagem;
- essa linguagem se manifesta quando a finalidade é testar, estabelecer ou encerrar o contato entre o emissor e o receptor (como em ligações telefônicas, saudações, cumprimentos etc.);
- tal função cria as condições básicas para que ocorra a interação verbal;
- algumas marcas linguísticas: *"Bom dia/tarde/noite", "Oi", "Olá", "Fala...", "E aí", "Estou entendendo", "Vamos lá?", "Pronto", "Atenção", "Sei...", "Fui", "Valeu", "Tchau"* etc.

Exemplo:

– *"Fala, galera! Beleza? Boa noite a todos. Bem... vamos lá..."* (um professor, antes de iniciar a aula)

– *"Alô? Entendeu?"*

Noções de Semiótica (ou Semiologia) e Linguística

Este assunto pode parecer-lhe estranho, e é, em 99,99% dos concursos públicos! Mas... a FCC já tratou dele. Veja o conteúdo programático do edital (beeeeem diferente do usual!):

> Analista Judiciário – ÁREA APOIO ESPECIALIZADO – ESPECIALIDADE TAQUIGRAFIA – 2010
>
> PORTUGUÊS:
>
> Comunicação e expressão em língua portuguesa: Gramática (fonética, morfologia e sintaxe: construção frasal, concordância, regência, crase, colocação e emprego). Semântica. Estilística. Interpretação de textos. Redação (confronto e reconhecimento de frases corretas e incorretas). Figuras e vícios de linguagem. Pontuação: pontuação e estrutura sintática, pontuação ênfase; particularidades em textos normativos articulados, em enumerações, em citações e em transcrições. Terminologia jurídica, expressões usuais na linguagem jurídica, latinismos jurídicos, vícios e impropriedades da linguagem judiciário-forense.
>
> NOÇÕES BÁSICAS DE **SEMIOLOGIA** E **LINGUÍSTICA**:
>
> Conceituação, campo de atuação dos fenômenos e questões linguísticas e semiológicas, aplicação. A linguagem e seus planos, estrutura, modalidades, evolução; a linguagem e a comunicação. Teoria do Discurso: estruturas narrativas, organização discursiva, enunciações e relações intertextuais; a tipologia, análise e metodologia do discurso. A questão sígnica: sistemas, estrutura e dinâmica de signos.

Vamos entender agora!

Semiótica é a ciência geral dos signos, ou a arte dos sinais. É uma ciência que trata de todas as linguagens, a saber, quaisquer sinais usados pelo homem (ou não!) para representar algo interno ou externo, estabelecendo normalmente a comunicação. Assim, um cheiro, uma imagem, uma percepção, um movimento, um som, um sabor, ou todos esses elementos juntos – que dizem respeito aos sentidos humanos (ou não!) – colaboram para patentear a comunicação.

Já a **Linguística** é mais específica, pois trata da linguagem **humana,** ou melhor, da língua. O dicionário Houaiss define bem esta ciência: "ciência que tem por objeto: **(1)** a linguagem humana em seus aspectos fonético, morfológico, sintático, semântico, social e psicológico; **(2)** as línguas consideradas como estrutura; **(3)** origem, desenvolvimento e evolução das línguas; **(4)** as divisões das línguas em grupos, por tipo de estrutura ou em famílias, consoante o critério seja tipológico ou genético".

Veja uma questão sobre isso:

52. (FCC – TRF (4ª R) – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2010) Analise:

A Semiologia (ou Semiótica) é a teoria geral ...J.... Ela difere da Linguística por sua maior abrangência: enquanto a Linguística é o estudo científico ...K..., a Semiologia preocupa-se com todo e qualquer sistema ...L..., seja ele natural ou convencional. Por esse ângulo, a Linguística insere-se como uma parte da Semiologia. Semiologia e Semiótica são termos permutáveis.

(Adaptado de Castelar de Carvalho (UFRJ, ABF). Saussure e a Língua Portuguesa, http://www.filologia.org.br/viisenefil/09.htm. Acesso em 02 de fevereiro de 2010.)

As lacunas J, K e L são, correta e respectivamente, preenchidas por:

a) dos significados – das linguagens – de significantes;
b) da significação – da fala – linguístico;
c) dos símbolos – dos signos – de fala;
d) da comunicação – da morfossintaxe – de troca;
e) dos sinais – da linguagem humana – de comunicação.

Comentário: E. Note que a questão trata da definição da semiótica e da linguística de maneira bem didática. Bastaria saber a definição de ambas e a diferença entre elas para acertá-la.

Uma vez que a semiótica trata de signos (ou sinais) verbais ou não verbais, diz-se que eles (co)ocorrem em forma de **ícone**, **índice** ou **símbolo**. Vejamos:

1) O **ícone** é uma retratação de algo do mundo real ou imaginário. A sua foto 3X4, uma pintura de um vaso de flores, uma escultura de um homem famoso, um desenho de uma sereia etc. são signos icônicos, pois buscam representar de modo bem similar os elementos do externo universo humano. Sabemos, por exemplo, que determinada conversa que ouvimos ou lemos pertence a um casal de namorados, pois nela muitas palavras (e a entonação delas) aparentam a maneira comum de os casais se tratarem; daí, podemos afirmar que ocorre iconicidade neste trecho: – Oi, amorzinho. – Fala, nem. Como foi o seu dia? – Ai, paixão, senti tanto a sua falta! – Ah, calma, Ju, só faltam dois dias pra gente se ver. – Sabe, Nando, eu sou louquinha por você! – Você só é assim, porque... eu sou lindo! – Convenciiiido!
2) O **índice** (ou indício) é um signo que sugere, por inferência, um acontecimento, uma intenção etc. Ocorre a ideia de contiguidade nesse tipo de signo, pois ele é uma parte de um todo absorvido, anteriormente, pelo conhecimento de mundo. Um céu estrelado sugere sol no dia seguinte, uma buzinada sugere pedido de passagem, um lugar saindo fumaça sugere presença de fogo, uma fala irônica sugere desprezo por alguém, um simples clique (pela boca) sugere insatisfação, um sotaque sulista sugere a origem da pessoa etc.
3) O **símbolo** é, em geral, uma imagem que, por herança cultural ou não, serve para representar o abstrato pelo concreto. Uma caveira simboliza a morte ou o perigo, o preto simboliza o luto, nossa bandeira simboliza nossa nação, a pomba branca simboliza a paz, as letras dos alfabetos simbolizam sons ou ideias inteiras, uma aliança no dedo anelar esquerdo simboliza o casamento, a cruz simboliza o cristianismo etc.

Os signos são incontáveis e seus referentes idem. Vale dizer ainda que um mesmo signo pode, ao mesmo tempo, ser tomado como **ícone, índice** e **símbolo**; por exemplo, a imagem de um sapatinho na janela. É **ícone**, porque retrata um sapato na janela; é **índice**, porque sugere que o Papai Noel vai deixar um presente; é **símbolo**, porque representa (também) o Natal.

O Que Cai Mais na Prova?

Dos assuntos tratados aqui, as *funções da linguagem* são o que você deve estudar!

Questões de Concursos

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2003) **Mistura linguística**

Muita gente, em vários países, fala um pouco de inglês todo dia sem perceber. Sem contar o "informatiquês", cujos verbetes – como *megabyte, browser, hard disk, software* – são expressões do mais puro inglês, muitas outras palavras do dia-a-dia de brasileiros, franceses, alemães e, principalmente, japoneses têm origem no idioma bretão. Futebol (*football*), sanduíche (*sandwich*) e deletar (verbo criado a partir de *to delete*, suprimir) são exemplos conhecidos de anglicismo (uso de expressões em inglês ou originadas dele) no português. Os alemães apertam o *resetknopf* (*reset button* ou botão de *reset*) para iniciar o computador. E os franceses, conhecidos por sua ojeriza a estrangeirismos, despedem-se dos colegas de trabalho na sexta-feira dizendo *bon weekend*.

A situação do japonês é particularmente curiosa. Estima-se que cerca de vinte mil palavras do vocabulário moderno tenham origem no inglês. Sorvete é *aisukurimu*, de *ice cream*. Ar condicionado é *eacon*, de *air conditioner*. E banheiro deixou de ser *obenjyo* para se tornar *toiré*, de *toillet*.

A história dessa imposição linguística certamente desperta animosidades. Na Índia, por exemplo, onde o inglês é uma das línguas oficiais, ele não é muito ouvido nas ruas. Falar inglês ainda lembra um passado de opressão.

Galileu, fev./2002, p. 37 (com adaptações).

1. A seleção de argumentos e do vocabulário mostra o grau de engajamento do autor em face do assunto: paralelamente às funções referencial e metalinguística, que veiculam informações objetivas, há marcadores linguísticos que deixam entrever elementos subjetivos.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

2. (UNIFESP – Vestibular – 2005) Observe os pares de versos:

"Substantivo (concreto) é tudo quanto indica
Pessoa, animal ou cousa: João, sabiá, caneta."

"Antes mesmo que tu saibas o misterioso sentido: Basta provares o seu gosto..."

Considerando-se o título e os sentidos propostos no poema, é correto afirmar sobre os versos que

a) o primeiro par remete à ideia de gramática; o segundo, à ideia de linguagem. Neles predominam, respectivamente, a função metalinguística e a apelativa.
b) ambos os pares remetem à ideia de gramática; portanto, neles predomina a função metalinguística.
c) o primeiro par remete à ideia de gramática; o segundo, à ideia de linguagem. Nos dois pares, predomina a função referencial.
d) ambos os pares remetem à ideia de linguagem. No primeiro, a função é metalinguística; no segundo, referencial.
e) o primeiro par remete à ideia de linguagem; o segundo, à ideia de gramática. Em ambos os pares, estão presentes as funções apelativa e referencial.

Frente à tradição hindu que há 2.500 anos divide a sociedade indiana em mais de 2.000 castas, os 60 anos dos ideais liberais de Gandhi e os 10 anos da legalização do casamento entre castas revelam-se impotentes para transformar a organização hierárquica da sociedade. Em confronto direto com o costume milenar, o governo da Índia oferece uma recompensa de R$ 2.400 para homens e mulheres de diferentes grupos sociais que formalizem sua união.

O dinheiro equivale ao dobro da renda per capita anual do país. O governo justifica que a medida é um passo para a reacomodação das desigualdades. Para grande parte da sociedade, é um passo no escuro.

O governo – que já enfrenta protesto contra cotas em universidades – vê-se, agora, diante de um desafio maior. O esquema está sob ataque de todos os lados. Os conservadores alegam que a medida é gatilho para o caos social. Os liberais sustentam que poucos vão receber a oferta porque o dinheiro vai desaparecer no bolso de autoridades corruptas.

Indianos de castas mais baixas dizem que rejeitariam a recompensa, pois perderiam o acesso preferencial às universidades, garantido pelas já controversas cotas. Hoje, o governo oferece 22,5% das vagas aos intocáveis, os últimos na hierarquia hindu, mas pretende aumentá-las para 50%.

"Sei que esta não é a única maneira de pôr um fim à discriminação, mas é preciso começar de algum lugar", defende a ministra da Justiça Social. Para a socióloga Radhika Chopra, a oferta é uma forma de sinalizar que esses casamentos não devem ser condenados. "Com a medida, o governo apóia os indivíduos que transgrediram barreiras sociais e mostra que podem funcionar como exemplos", acrescenta a socióloga.

Jornal do Brasil, 17/12/2006 (com adaptações).

3. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2007) No que se refere a funções da linguagem, predomina, no texto, a função:

a) fática, visto que o autor do texto busca, de forma sutil, convencer os leitores dos benefícios do projeto que visa incentivar o casamento entre pessoas pertencentes a castas diferentes;

b) referencial, dado que a ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto;
c) emotiva, dado que são as falas das autoridades entrevistadas que direcionam a forma como as informações são apresentadas;
d) conativa, visto que as opiniões expressas estão devidamente referenciadas, não havendo, portanto, perda de objetividade na transmissão das informações;
e) metalinguística, haja vista o foco em aspectos intertextuais, como demonstram as diversas vozes que acompanham a informação divulgada.

"O princípio de que o Estado necessita de instrumentos para agir com rapidez em situações de emergência está inscrito no arcabouço jurídico brasileiro desde a primeira Constituição, de 1824, dois anos após a Independência, ainda no Império. (...)"

4. (Cespe/UnB – TJ/RJ – Técnico de Atividade Judiciária – 2008) A função da linguagem predominante no texto é:
a) metalinguística;
b) poética;
c) expressiva;
d) apelativa;
e) referencial.

5. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa que indica corretamente a função de linguagem predominante no texto abaixo:

A estação Júlio Prestes, marco histórico e turístico de São Paulo, completou 70 anos nesta semana. Atualmente, o local abriga a Sala São Paulo, sede da Orquestra Sinfônica do Estado, além de ser o ponto de partida da atual Linha 8 (Júlio Prestes-Itapevi) da CPTM [Companhia Paulista de Trens Metropolitanos].
a) emotiva.
b) apelativa.
c) referencial.
d) fática.

Bom Conselho
Ouça um bom conselho
Que eu lhe dou de graça
Inútil dormir que a dor não passa
Espere sentado
Ou você se cansa
Está provado, quem espera nunca alcança
Venha, meu amigo
Deixe esse regaço
Brinque com meu fogo
Venha se queimar
Faça como eu digo
Faça como eu faço
Aja duas vezes antes de pensar

6. (CAP/UFRJ – Admissão (Ensino Médio – 2ª Série) – 2008 (adaptada)) Qual é a função da linguagem predominante nas duas primeiras estrofes da composição de Chico Buarque, considerando-se o modo verbal mais recorrente?
a) fática.
b) emotiva.
c) referencial.
d) poética.
e) conativa.

Os índios descobertos pelo Google Earth

Duas aldeias de índios que vivem isolados foram fotografadas pela primeira vez, na fronteira entre o Peru e o Acre. O sertanista José Carlos Meirelles, da Funai, havia encontrado ainda em terra vestígios de duas etnias desconhecidas e dos nômades maskos. Rielli Franciscato, outra sertanista da Funai, localizou as coordenadas exatas das malocas pelo Google Earth, programa que fornece mapas por satélite. Meirelles, que procurava os povos havia 20 anos, sobrevoou a área e avistou os roçados e as ocas. O avião assustou a tribo, que nunca teve contato com homem branco. As mulheres e as crianças correram, e os homens tentaram flechar o avião. A exploração de madeira no lado peruano pode ter estimulado a

migração das etnias para o território brasileiro.
Revista Época. Globo, N 524, 2 de junho de 2008, p. 17

7. (UEMS – Vestibular – 2008) No texto, encontra-se como função da linguagem predominante a:
a) fática;
b) metalinguística;
c) referencial;
d) poética;
e) emotiva.

Texto 1

Em sucessivos relatórios do ministro da Fazenda em meados da década de 1880, aludia-se ao fato de várias assembleias provinciais estabelecerem impostos sobre a exportação, uma parte da receita dos quais podiam reter, e também sobre a importação, o que era expressamente vedado pela Constituição. Sob pressão de associações comerciais e dos delegados regionais da Fazenda, diversas assembleias foram forçadas a votar a supressão desses impostos. O Visconde Paranaguá, em seu relatório para 1883, informava que apenas Pernambuco, Bahia e Maranhão ainda resistiam. A questão da repartição dos impostos e das competências de cada ente federativo parece, portanto, mais antiga que a própria República.

8. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) No texto, narrativa de cunho histórico acerca de tema da economia brasileira, o autor emprega predominantemente linguagem referencial e objetiva.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Texto 2

"(...)

– Tudo; vocês como simples impostos são excelentes, gorduchos e corados, cheios de vida. O que os corrompe e faz definhar é o epíteto de inconstitucionais. Eu, abolindo por um decreto todos os adjetivos de Estado, resolvia de golpe esta velha questão, e cumpria esta máxima que é tudo o que tenho colhido da história e da política, que aí dou por dois vinténs a todos os que governam o mundo: os adjetivos passam, e os substantivos ficam."

9. O narrador recorreu à função metalinguística da linguagem para formular, ao final da crônica, sua máxima, carregada de arbitrariedade.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Então, aproveite bem o seu dia. Extraia dele todos os bons sentimentos possíveis. Não deixe nada para depois. Diga o que tem para dizer. Demonstre. Seja você mesmo. Não guarde lixo dentro de casa. Não cultive amarguras e sofrimentos. Prefira o sorriso. Dê risada de tudo, de si mesmo. Não adie alegrias nem contentamentos nem sabores bons. Seja feliz. Hoje. Amanhã é uma ilusão. Ontem é uma lembrança. No fundo, só existe o hoje.

10. (Funiversa – IPHAN – Analista (Contabilidade) – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O último parágrafo do texto utiliza uma linguagem emotiva, que pode ser comprovada especialmente na opção pela subjetividade voltada para o narrador.

"(...) Isso dá valor ímpar ao par "com ideais/sem ideais": em "com ideais", a preposição "com" introduz o instrumento; em "sem ideais", a preposição "sem" introduz a condição ("Não se atua na sociedade sem ideais" = "Não se atua na sociedade se não houver/ sem que haja ideais"). Como se vê, a relação que existe entre "com ideais" e "sem ideais" vai muito além da mera antonímia. (...)"

11. (Fadesp – Pref. Juruti/PA – Enfermeiro – 2010) (Adaptada) Sobre o texto, a afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– No penúltimo parágrafo do texto, a função de linguagem predominante é a metalinguística.

A biosfera, que reúne todos os ambientes onde se desenvolvem os seres vivos, se divide em unidades menores chamadas ecossistemas, que podem ser uma floresta, um deserto e até um lago. Um ecossistema tem múltiplos mecanismos que regulam o número de organismos dentro dele, controlando sua reprodução, crescimento e migrações.

12. (ENEM – Vestibular – 2010) Predomina no texto a função da linguagem:
a) emotiva, porque o autor expressa seu sentimento em relação à ecologia;
b) fática, porque o texto testa o funcionamento do canal de comunicação;
c) poética, porque o texto chama a atenção para os recursos de linguagem;

d) conativa, porque o texto procura orientar comportamentos do leitor;
e) referencial, porque o texto trata de noções e informações conceituais.

13. (FUMARC – PM/MG – Oficial da PM – 2011) Leia e analise o BRASÃO da Polícia Militar de Minas Gerais:

Polícia Militar de Minas Gerais

Pode-se inferir que o BRASÃO representa, predominantemente, uma função de linguagem:
a) expressiva;
b) referencial;
c) conativa;
d) fática.

14. (Cespe/UnB – SAEB/BA – Professor de Língua Portuguesa – 2011) Pelos sentidos e pelas estruturas linguísticas, é correto concluir que o emprego de "Conheça" e "Não perca" indica que a função da linguagem predominante no texto é a:
a) metalinguística;
b) poética;
c) conativa;
d) expressiva.

Poucos depoimentos eu tenho lido mais emocionantes que o artigo-reportagem de Oscar Niemeyer sobre sua experiência em Brasília. Para quem conhece apenas o arquiteto, o artigo poderá passar por uma defesa em causa própria – o revide normal de um pai que sai de sua mansidão costumeira para ir brigar por um filho em quem querem bater. Mas, para quem conhece o homem, o artigo assume proporções dramáticas. Pois Oscar é não só o avesso do causídico, como um dos seres mais antiautopromocionais que já conheci em minha vida.

Sua modéstia não é, como de comum, uma forma infame de vaidade. Ela não tem nada a ver com o conhecimento realista – que Oscar tem – de seu valor profissional e de suas possibilidades. É a modéstia dos criadores verdadeiramente integrados com a vida, dos que sabem que não há tempo a perder, é preciso construir a beleza e a felicidade no mundo, por isso mesmo que, no indivíduo, é tudo tão frágil e precário.

Oscar não acredita em Papai do Céu, nem que estará um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso. Põe ele, como um verdadeiro homem, a felicidade do seu semelhante no aproveitamento das pastagens verdes da Terra; no exemplo do trabalho para o bem comum e na criação de condições urbanas e rurais, em estreita intercorrência, que estimulem e desenvolvam este nobre fim: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver.

Eu acredito também nisso, e quando vejo aquilo em que creio refletido num depoimento como o de Oscar Niemeyer, velho e querido amigo, como não me emocionar?

(*Vinicius de Moraes. Para viver um grande amor. RJ: J. Olympio, 1982, p. 134-5 (com adaptações))*

15. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2011) No texto, a linguagem foi empregada predominantemente em suas funções emotiva e poética.
( ) CERTO
( ) ERRADO

UM CÃO APENAS

Subidos, de ânimo leve e descansado passo, os quarenta degraus do jardim – plantas em flor, de cada lado; borboletas incertas; salpicos de luz no granito – eis-me no patamar. E a meus pés, no áspero capacho de coco, à frescura da cal no pórtico, um cãozinho doente, com todo o corpo ferido; gastas as mechas brancas de pelo; o olhar dorido e profundo, com esse lustro de lágrimas que há nos olhos das pessoas muito idosas. Com grande esforço acaba de levantar-se. Eu não lhe digo nada; não faço nenhum gesto. Envergonha-me haver interrompido o seu sono. Se ele estava feliz, eu não devia ter chegado. Já lhe faltavam tantas coisas, que ao menos dormisse: também os animais devem esquecer, enquanto dormem. (Cecília Meireles)

16. (COPEVE-UFAL – UFAL – Assistente de Administração – 2011) Ao escrever sobre um cão doente, Cecília Meireles

explora formas de comunicação centradas na expressão do Eu. Isso quer dizer que:
a) não há intenção emotiva em seu texto;
b) seu objetivo é envolver o leitor, seduzir, convencer;
c) a ênfase está na subjetividade da autora, na sua condição de expressar opiniões;
d) há uma manutenção dos aspectos expressivos a partir do canal de comunicação;
e) a ênfase recai principalmente sobre a construção do texto, sobre a arrumação das palavras no espaço gráfico.

O QUE VOCÊ DEVE FAZER
(Se for bom leitor de jornais e revistas, fiel ouvinte de rádio,
obediente telespectador ou simples passageiro de bonde.)
Consuma aveia, como experiência, durante 30 anos.
Emagreça um quilo por semana sem regime e sem dieta.
Livre-se do complexo de magreza, usando Koxkoax hoje mesmo.
Procure nosso revendedor autorizado.
Economize servindo a garrafa monstro de Lero-Lero.
Ganhe a miniatura da garrafa de Lisolete.
Tenha sempre à mão um comprimido de leite de magnólia.
Resolva de uma vez o problema de seu assoalho, aplicando-lhe Sintaxe.
Use somente peças originais, para o funcionamento ideal do seu W.Y.Z.
Tenha sempre à mão uma caixa de adesivos plásticos.
Faça o curso de madureza por correspondência.
Aprenda em casa, nas horas vagas, a fascinante profissão de relojoeiro. [...]
Carlos Drummond de Andrade

17. (Ceperj – Pref. Cantagalo/Rj – Oficial Administrativo – 2011) Sempre que há comunicação há uma intenção, o que determina que a linguagem varie, assumindo funções. A função da linguagem predominante no texto com a respectiva característica está expressa em:
a) referencial – presença de termos científicos e técnicos;
b) expressiva – predominância da 1ª pessoa do singular;
c) fática – uso de cumprimentos e saudações;
d) apelativa – emprego de verbos flexionados no imperativo.

I

A Lei Maria da Penha
Está em pleno vigor
Não veio pra prender homem
Mas pra punir agressor
Pois em “mulher não se bate
Nem mesmo com uma flor”.

II

A violência doméstica
Tem sido uma grande vilã
E por ser contra a violência
Desta lei me tornei fã.
Pra que a mulher de hoje
Não seja vítima amanhã.

III

Toda mulher tem direito
A viver sem violência
É verdade, está na lei.
Que tem muita eficiência
Pra punir o agressor
E à vítima, dar assistência.
.....
(Tião Simpatia. A Lei Maria da Penha em cordel)

18. (FDSM – Vestibular – 2011) Qual função da linguagem se destaca nesse texto?

a) Função denotativa ou referencial.
b) Função conativa ou apelativa.
c) Função metalinguística.
d) Função poética.
e) Função fática.

Pequeno concerto que virou canção

Não, não há por que mentir ou esconder
A dor que foi maior do que é capaz meu coração
Não, nem há por que seguir cantando só para explicar
Não vai nunca entender de amor quem nunca soube amar
Ah, eu vou voltar pra mim
Seguir sozinho assim
Até me consumir ou consumir toda essa dor
Até sentir de novo o coração capaz de amor

19. (ENEM – Vestibular – 2011) Na canção de Geraldo Vandré, tem-se a manifestação da função poética da linguagem, que é percebida na elaboração artística e criativa da mensagem, por meio de combinações sonoras e rítmicas. Pela análise do texto, entretanto, percebe-se, também, a presença marcante da função emotiva ou expressiva, por meio da qual o emissor:
a) imprime à canção as marcas de sua atitude pessoal, seus sentimentos;
b) transmite informações objetivas sobre o tema de que trata a canção;
c) busca persuadir o receptor da canção a adotar um certo comportamento;
d) procura explicar a própria linguagem que utiliza para construir a canção;
e) objetiva verificar ou fortalecer a eficiência da mensagem veiculada.

Início do texto (ao longo dele, predominam as mesmas características gramaticais e discursivas presentes aqui): "Não fui, e não sou, um escrevedor de cartas. Acredito que, no momento em que você estiver lendo esta mensagem, meus sentimentos a respeito dela
Linhas 25 a 27: O maior epistológrafo (que palavra horrível!) de todos os tempos foi, sem dúvida, São Paulo. Há quem diga que suas epístolas deram origem à Educação a Distância, já que ele difundia o cristianismo por meio de cartas para seus discípulos...
Linhas 38 a 40: Na música, em minha adolescência, me comovia com a voz de Dalva de Oliveira cantando "Quando o carteiro chegou/e meu nome gritou/com uma carta na mão/ante surpresa tão rude/não sei como pude/chegar ao portão...".
Deve-se a Roman Jakobson a discriminação das seis funções da linguagem na expressão e na comunicação humanas, conforme o realce particular que cada um dos componentes do processo de comunicação recebe no enunciado. Por isso mesmo, é raro encontrar em uma única mensagem apenas uma dessas funções, ou todas reunidas em um mesmo texto. O mais frequente é elas se superporem, apresentando-se uma ou outra como predominante. No que se refere à presença das funções da linguagem no texto acima apresentado, julgue os itens a seguir:

20. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) A função fática se manifesta, no texto, nos versos transcritos nas linhas de 38 a 40, nos quais se evidencia um trabalho de construção da linguagem para produzir sonoridades, ritmo e rimas, recursos característicos da produção de letras de composições musicais.
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. A função emotiva, centrada no destinador ou emissor da mensagem, está presente no texto, o que se comprova pelo emprego de verbos na primeira pessoa, de segmentos com julgamentos subjetivos e de pronomes de primeira pessoa.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. Presente no ato de falar sobre a linguagem, a função metalinguística manifesta-se nos enunciados "(que palavra horrível!)" (L.24) e "Há quem diga que suas epístolas deram origem à Educação a Distância, já que ele difundia o cristianismo por meio de cartas para seus discípulos" (L.25-27), nos quais o autor tomou o próprio código de comunicação como assunto da mensagem.
( ) CERTO
( ) ERRADO

O LENDÁRIO PAÍS DO RECALL

Moacyr Scliar

"MINHA QUERIDA DONA: quem lhe escreve sou eu, a sua fiel e querida boneca, que você não vê há três meses. Sei que você sente muitas saudades, porque eu também sinto saudades de você. Lembro de você me pegando no colo, me chamando de filhinha, me dando papinha... (...)"

23. (Ceperj – Procon/Rj – Agente de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) A função da linguagem predominante no texto é:
a) emotiva;
b) conativa;
c) referencial;
d) fática;
e) metalinguística.

Desabafo

Desculpem-me, mas não dá pra fazer uma cronicazinha divertida hoje. Simplesmente não dá. Não tem como disfarçar: esta é uma típica manhã de segunda-feira. A começar pela luz acesa da sala que esqueci ontem à noite. Seis recados para serem respondidos na secretária eletrônica. Recados chatos. Contas para pagar que venceram ontem. Estou nervoso. Estou zangado. (CARNEIRO, J.E.Veja, 11 set. 2002 (fragmento))

24. (ENEM – Vestibular – 2012) Nos textos em geral, é comum a manifestação simultânea de várias funções da linguagem, com predomínio, entretanto, de uma sobre as outras. No fragmento da crônica *Desabafo*, a função de linguagem predominante é a emotiva ou expressiva, pois:
a) O discurso do enunciador tem como foco o próprio código;
b) A atitude do enunciador se sobrepõe àquilo que está sendo dito;
c) O interlocutor é o foco do enunciador na construção da mensagem;
d) O referente é o elemento que se sobressai em detrimento dos demais;
e) O enunciador tem como objetivo principal a manutenção da comunicação.

A Felicidade

Tristeza não tem fim felicidade sim.
A felicidade é como a pluma
que o vento vai levando pelo ar,
voa tão leve, mas tem a vida breve
precisa que haja vento sem parar.
A felicidade do pobre
parece a grande ilusão do carnaval
a gente trabalha o ano inteiro
por um momento de sonho
pra fazer a fantasia
de rei ou de pirata ou jardineira
pra tudo se acabar na quarta-feira.
A felicidade é como a gota de orvalho
numa pétala de flor,
brilha tranquila
depois de leve oscila
e cai como uma lágrima de amor.
A minha felicidade
está sonhando nos olhos
da minha namorada
É como esta noite, passando,
passando em busca da madrugada
Fale baixo por favor
pra que ela acorde
alegre com o dia
oferecendo beijos de amor.

MORAES, Vinicius e JOBIM, Tom. As mais belas serestas brasileiras. 9ª ed. Belo Horizonte: Barvalle Indústria Gráfica Ltda., 1989.

25. (FAB – EPCAR – Cadetes – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A função da linguagem predominante é a conativa.

26. (UERJ – Vestibular (1o Exame de Qualificação) – 2012) O texto de Lima Barreto explora o recurso da metalinguagem, ao comentar, na sua ficção, o próprio ato de compor uma ficção.
Esse recurso está exemplificado principalmente em:
a) São em geral de uma lastimável limitação de ideias,
b) Vivo aqui só, isto é, sem relações intelectuais de qualquer ordem.
c) – Vem dormir, Isaías! Deixa esse relatório para amanhã!
d) Já por duas vezes, tentei escrever; mas, relendo a página, achei-a incolor, comum,

27. (Fundação Sousândrade – Pref. Estreito/Ma – Supervisor Escolar – 2012) Segundo o linguista Jakobson, a linguagem opera em várias funções, conforme a ênfase dada a um dos elementos da comunicação. A partir dessa informação, pode-se afirmar que em "last act (bribery)" e em "último ato (suborno)" evidencia-se uma centralidade no código linguístico. Esse procedimento evidencia o emprego da função denominada:
a) Emotiva.
b) Conativa.
c) Poética.
d) Referencial.
e) Metalinguística.

Gabarito

1. CERTO.	7. C.	13. B.	19. A.	25. INCORRETA.
2. A.	8. CERTO.	14. C.	20. ERRADO.	26. D.
3. B.	9. CERTO.	15. CERTO.	21. CERTO.	27. E.
4. E.	10. INCORRETA.	16. C.	22. ERRADO.	
5. C.	11. CORRETA.	17. D.	23. A.	
6. E.	12. E.	18. D.	24. B.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 34

Compreensão/Interpretação de Textos e Tipologia Textual

Definição

Milhares de alunos já me perguntaram algo parecido com isto: “Professor, o que devo fazer para interpretar melhor?” Resposta: “Só se aprende a interpretar interpretando.”

Parece uma resposta meio evasiva, desprovida de objetividade, não é? No entanto, interpretar está diretamente ligado à capacidade que todo ser humano, com suas faculdades mentais em perfeito estado, tem. Por isso, quando lemos um jornal ou uma revista ou quando ouvimos uma notícia, normalmente entendemos a mensagem. Só não a entenderemos plenamente se for um assunto que não dominamos, não é verdade? Sendo assim, quanto mais lemos, quanto mais absorvemos conhecimento, mais fácil fica entender o que um texto quer dizer.

Mas o que é um texto?

Segundo Platão e Fiorin, “não é amontoando os ingredientes que se prepara uma receita; assim também não é superpondo frases que se constrói um texto”.

Essa assertiva desses consagrados professores marca como uma epígrafe este tópico, pois um texto nunca é um emaranhado de frases. **Um texto é um conjunto de frases que “dialogam” entre si, estabelecendo determinadas relações de sentido**. Às vezes, um texto pode ser formado por uma só frase, uma só palavra. O fato é que, em um texto, o todo é o que importa, e não suas partes, pois frases soltas podem gerar interpretações equivocadas. Imagine o seguinte diálogo:

– Que nota você daria para esta gramática?

– Dez...

Se o diálogo parasse aqui, poderíamos dizer que o Pestana ficaria feliz, certo? Afinal, o segundo falante atribui nota máxima a este livro. Não obstante, o texto do segundo falante ainda não está terminado (agora o diálogo completo):

– Que nota você daria para esta gramática?

– Dez... quilômetros por hora.

E agora? O Pestana fica triste, ora. Aqui podemos entender que minha obra é tão ruim, tão lenta... que dá sono.

Em outras palavras, se tomássemos isoladamente o texto *“Dez...”* chegaríamos a uma conclusão diferente da que chegamos agora, pois as partes de um texto, mesmo que curto, se completam. Por isso, **o melhor leitor de um texto é aquele que não se apega a frases soltas dentro dele, mas que observa o contexto (o entorno do texto)**. Não há texto que possa ser bem lido e compreendido sem que se considerem também as questões **extralinguísticas**, as quais cerceiam o discurso do autor, a saber: sua visão de mundo, seu contexto histórico e social.

Um texto precisa ter **textualidade**, que é o conjunto de características que o constituem. Em

outras palavras, ele precisa ter início, meio e fim. Precisa apresentar certa lógica para que atinja seu objetivo. Por exemplo, elementos linguísticos precisam colaborar para que a comunicação seja estabelecida, afinal todo autor escreve com a intenção de ser lido e compreendido. Perceber que existem parágrafos separando ideias que se relacionam já é um bom começo para dominar a leitura de um texto.

Eu mesmo (e aqui vai uma dica!), quando leio um texto "pretensioso", complexo, divido minha leitura pelos parágrafos e faço pequenos resumos do que consta do parágrafo. Recomendo o mesmo!

É certo que existem certas *estratégias* para facilitar ainda mais a leitura e compreensão de um texto. Uma delas é o reconhecimento dos modos de organização discursiva, tipologia textual. Saber as características de um tipo de texto e também de um gênero textual facilita muito a vida de quem pretende "decifrar" um texto.

Antes, porém, quero destacar alguns conceitos notáveis, os quais nos auxiliam na melhor apreensão de sentido de um texto: **operadores argumentativos e pressupostos e subentendidos**.

Operadores Argumentativos

Os **operadores argumentativos** são certos elementos da língua – normalmente invariáveis, como **advérbio, conjunção, preposição e palavra denotativa** – os quais estabelecem determinadas relações de sentido e concatenam as ideias dentro do texto. Servem para introduzir diversos tipos de argumentos, que, dentre outras funções, apontam para determinadas inferências. Sem eles, a clareza ou a inteligibilidade de um texto ficaria comprometida.

Nada como bons exemplos para entendermos com facilidade o que se diz. Veja estas quatro frases e os respectivos comentários acerca delas:

No mundo todo, ainda há pessoas sendo exploradas como escravos.

Note que o advérbio *ainda* nos leva a inferir (deduzir, concluir) que, antes do momento da declaração, já havia pessoas sendo exploradas como escravos.

Embora muitos vivam em lugares sem infraestrutura, a felicidade não os abandona.

Note que a conjunção *embora* introduz argumento de valor negativo que se contrapõe, como ressalva/restrição, ao conteúdo de valor positivo da oração seguinte.

Até o presidente brasileiro faz "vista grossa" para o problema do trabalho infantil.

Note que a palavra denotativa de inclusão *até* indica que outras pessoas, além do presidente brasileiro, ignoram o problema.

Além do tráfico de drogas e de armas, o tráfico de pessoas é um dos mais chocantes.

Note que a locução prepositiva *além de* indica um acréscimo de informações, reforçando a argumentação.

Conheça os **operadores argumentativos** mais usados nos textos em geral (se for o caso, recapitule o capítulo de *conjunção, preposição e advérbio* – nunca é demais):

1) **Introduzem argumentos que se <u>somam</u> a outros**: *e, nem (= e não), não só/apenas/somente... mas/como/senão (também, ainda)..., tanto... quanto/como, além de, além disso, também, ainda...*
   – *O político,* ***não só*** *por representar o maior colégio eleitoral do Brasil,* ***mas também*** *por ser do maior partido brasileiro, está muito bem cotado para a presidência.*

Obs.: Certas palavras denotativas de **inclusão** também somam argumentos: *até, inclusive, mesmo...* A expressão *até mesmo* tem muita força argumentativa ao introduzir um argumento. Sobre isso, veja esta questão: FEC – PC/RJ – INSPETOR DE POLÍCIA 6ª CLASSE – 2012 – QUESTÃO 21 b).

2) **Introduzem argumentos que se <u>opõem</u> a outros**: *mas, porém, todavia, contudo, entretanto, no entanto, não obstante... (conjunções adversativas); embora, ainda que, mesmo (que), apesar de (que), a despeito de, conquanto, se bem que, por mais que, sem que... (conjunções concessivas); já, quando, agora, antes, ao contrário... (advérbios)*
– *Eles vieram de carro, **quando** – cá entre nós – poderiam ter vindo a pé.*

3) **Introduzem argumentos que <u>se alternam</u> ou <u>se excluem</u>**: *ou, ou...ou, ora...ora, quer...quer, já...já, umas vezes...outras vezes, talvez...talvez, seja...seja...*
– ***Quer** consiga uma vaga para Fiscal de Rendas este ano, **quer** não, nunca desistirei.*

4) **Introduzem uma <u>conclusão</u> ou <u>consequência</u>**: *logo, portanto, por isso, por conseguinte, então, assim, em vista disso, sendo assim, consequentemente, pois (depois do verbo), de modo/forma/maneira/sorte que...*
– *Tal exploração ilegal foi denunciada em 2000; **em vista disso**, quem foi pego está preso até hoje.*

5) **Introduzem argumentos com ideia de <u>explicação</u> ou <u>causa</u>**: *porque, que, porquanto, senão, pois (antes do verbo), visto que/como, uma vez que, já que, dado que, posto que, em virtude de, devido a, por motivo/causa/razão de, graças a, em decorrência de, como...*
– *A estimativa é que mais de 80 mil pessoas foram mortas e 320 mil torturadas **em decorrência d**as ações da operação na região.*

6) **Introduzem argumentos com ideia de <u>comparação</u>, <u>analogia</u>**: *(do) que (após mais, menos, maior, menor, melhor, pior), qual/ como (após tal), como/ quanto (após tanto, tão), como (= igual a), assim como, como se, feito...*
– *"Absurdo é afirmar peremptoriamente, **como se** fosse produto de conhecimento científico, que o Brasil não pode ter uma taxa de juros real."* (Delfim Netto)

7) **Introduzem argumentos com ideia de <u>condição</u>, <u>hipótese</u>**: *se, caso, contanto que, exceto se, desde que (verbo no subjuntivo), a menos que, a não ser que, exceto se...*
– *O rapaz completará 18 anos de idade em dezembro e ingressará na faculdade no próximo ano, **salvo se**, até lá, tiver de fazer uma viagem com os pais pelo mundo.*

8) **Introduzem argumentos indicando <u>conformidade</u>**: *conforme, consoante, segundo, como*

(= conforme).

– *O contraventor,* ***conforme*** *deixou clara a reportagem, aparece em gravações feitas pela Policia Federal.*

9) Introduzem argumentos indicando <u>tempo</u>: *quando, logo que, depois que, antes que, sempre que, desde que, até que, assim que, enquanto, mal, apenas, depois de, antes de...*

– ***Depois de*** *sofrer duras repreensões do sistema penitenciário, reergueu-se como cidadão exemplar.*

10) Introduzem argumentos indicando <u>finalidade</u>: *para, para que, a fim de (que), com o objetivo/intuito/escopo/fito de...*

– *A marcha não foi convocada* ***com o intuito de*** *defender o uso da droga, nem de longe propunha isso.*

11) Introduzem ideias de <u>proporcionalidade</u> ou <u>concomitância</u>: *à proporção que, à medida que, ao passo que, quanto mais/menos/menor/maior/melhor/pior...*

– ***À medida que*** *mais policiais entraram na perseguição, ficou fácil derrubar o brasileiro no chão, torturando-o, até deixá-lo inconsciente.*

12) Introduzem argumentos com ideia de <u>prioridade</u>, <u>relevância</u>, visando também à <u>ênfase</u>, à <u>focalização</u>: *primeiramente, precipuamente, em primeiro lugar, primeiro, antes de mais nada, acima de tudo, sobretudo, por último...*

– ***Sobretudo*** *quando o assunto é Gramática, entramos num "terreno escorregadio".*

13) Introduzem argumentos que <u>sintetizam</u> uma ideia anterior, marcando um desfecho: *em suma, em síntese, enfim, dessa maneira, afinal, em resumo, recapitulando...*

– *O Brasil, infelizmente, é cercado de corruptos, pessoas incapazes de exercer a administração de um país como o nosso, tão equipado de qualidades naturais, as quais, se bem usadas, alavancariam nossa economia, tornando-nos grande potência mundial.* ***Enfim****, precisamos de novas pessoas no poder, com ética.*

14) Introduzem argumentos que <u>esclarecem</u>, <u>exemplificam</u> ou <u>retificam</u>: *ou seja, isto é, vale dizer ainda, a saber, melhor dizendo, quer dizer, ou melhor, ou antes, na realidade, aliás, por exemplo...*

– *"A pena para quem casa é de prisão perpétua. Pois o juiz,* ***ou melhor****, o padre sempre finaliza a sentença dizendo: até que a morte os separe."* (Antonio Brás Constante)

15) Estabelecem uma <u>contraposição</u>: *de um lado... de/por outro lado...*

– *"Oh! Mundo tão desigual/Tudo é tão desigual / Oh!* ***De um lado****, esse carnaval /* ***De outro****, a fome total".* (Gilberto Gil)

16) Introduzem argumentos decisivos que "dão o golpe final" em argumentos contrários: *aliás, além do mais, além de tudo, ademais...*

– *Pessoas bonitas, ricas e cultas circulam muito bem dentro da sociedade.* ***Aliás****, quem não gostaria de ter tais predicados?*

Pressupostos e Subentendidos

Esses dois conceitos são importantes para compreendermos bem um texto, afinal, sempre há informações "implícitas" em um texto, que podem ser propositais ou não, facilmente percebidas ou não.

Pressupostos

Segundo Platão e Fiorin, **pressupostos** "são ideias não expressas de maneira explícita, que decorrem logicamente do sentido de certas palavras ou expressões contidas na frase". Trocando em miúdos: algumas palavras dentro da frase "carregam" informações implícitas.

Observe estas duas frases e os comentários acerca delas:

A população, manipulada, supõe que o país vai progredir com o novo presidente.

Note que o verbo *supor* indica que o sujeito (*A população*) considera verdadeiro o conteúdo do objeto direto (*o país vai progredir com o novo presidente*). No entanto, podemos facilmente pressupor (informação implícita) que o autor dessa declaração não se inclui entre "A população", ou seja, ele **não supõe** que o país vai progredir com o novo presidente.

As pessoas que foram atendidas pelo governo por meio das "bolsas" estão satisfeitas.

Note que a oração destacada é subordinada adjetiva restritiva, logo o pressuposto é que apenas algumas pessoas foram atendidas pelo governo e só elas é que estão satisfeitas, isto é, nem todas foram atendidas, logo nem todas estão satisfeitas. Se a oração fosse adjetiva explicativa, o pressuposto seria que todas as pessoas foram atendidas e, portanto, estão satisfeitas.

A respeito da pressuposição, aqui vai uma "dica" importante de Rodolfo Ilari, em seu livro *Introdução à semântica – Brincando com a Gramática*:

Diz-se que uma informação é pressuposta quando ela se mantém mesmo que neguemos a sentença que a veicula. Se alguém nos disser que o carro parou de trepidar depois que foi ao mecânico, concluímos que o carro morria antes de ir ao mecânico; se esse mesmo alguém nos disser que o carro não parou de trepidar apesar de ter ido ao mecânico, também concluiremos que o carro trepidava antes. Sempre que um certo conteúdo está presente tanto na sentença como em sua negação, dizemos que a sentença pressupõe esse conteúdo.

Há milhares de elementos linguísticos que servem de **marcadores de pressupostos**, mas, para facilitar a sua vida no assunto, vejamos os mais frequentes, segundo Platão e Fiorin:

1) Certos adjetivos e certos numerais

– *O Chevette foi meu **primeiro** carro.*

Pressuposto: Já teve outros carros depois desse.

– *A loja foi vítima de **novos** furtos.*

Pressuposto: Já havia sido furtada antes.

– *O Vasco é o **último** colocado na tabela.*

Pressuposto: Há outros times à frente dele.

– *As microempresas não recebem crédito dos bancos para cobrir seus **constantes** déficits.*

Pressuposto: As microempresas nunca têm lucro.

2) Certos advérbios

– *Os resultados da pesquisa **ainda** não chegaram até nós.*

Pressuposto: Os resultados já deviam ter chegado ou os resultados vão chegar mais tarde.

– *O prefeito está menos popular.*

Pressuposto: O prefeito antes era mais popular.

– ***Como** Paulo atravessou o rio?*

Pressuposto: Paulo atravessou o rio.

– ***Quando** você volta a estudar?*

Pressuposto: Já estudou, não está estudando no momento e estudará em algum momento.

3) Certas palavras denotativas

Com ideia de **inclusão**: *inclusive, ainda, mesmo, até, também, nem mesmo...*

– ***Até** as mais eminentes autoridades políticas demonstraram sua revolta contra aquele ato terrorista.*

Pressuposto: Outras pessoas, além das eminentes autoridades políticas, manifestaram sua revolta.

Com ideia de **exclusão**: *apenas, só, somente, exceto, menos...*

– ***Só** servimos champanhe na festa.*

Pressuposto: Nenhuma outra bebida se serve na festa.

4) Certas formas verbais que indicam mudança ou permanência de estado

Conheça: *permanecer, continuar, tornar-se, virar, vir a ser, ficar, passar (a), deixar (de), parar (de), começar (a), principiar (a), converter-se, transformar-se, ganhar, perder...*

– *Dengue **vira** risco de epidemia em SP.*

Pressuposto: A dengue não era risco de epidemia anteriormente.

– *João **parou** de bater na esposa.*

Pressuposto: João é casado e batia na esposa.

– *A corrupção no Brasil **continua** efervescente.*

Pressuposto: A corrupção no Brasil já era efervescente anteriormente.

5) Certos verbos que indicam um ponto de vista sobre um fato

Conheça: *pretender, supor, alegar, presumir, imaginar...*

– *Os jornalistas **imaginam** que nada do que fazem e dizem terá consequências.*

Pressuposto: Para os jornalistas, o conteúdo do complemento de *imaginar* é verdadeiro, mas, para o autor da declaração, é falso.

6) Orações adjetivas (explicativas e restritivas)

– "Os índios brasileiros, que abandonaram suas tradições, estão em fase de extinção."

Pressuposto: Todos os índios brasileiros abandonaram suas tradições e, por isso, estão em fase de extinção.

– "Os índios brasileiros que abandonaram suas tradições estão em fase de extinção."

Pressuposto: Somente alguns índios brasileiros abandonaram suas tradições, e, por isso, nem todos estão em fase de extinção.

Obs.: O mesmo vale para os adjetivos; nesse caso, a pontuação muda o sentido: *"O brasileiro, orgulhoso, se considera feliz."* (Pressuposto: Todo brasileiro é orgulhoso.) / *"O brasileiro orgulhoso se considera feliz."* (Pressuposto: Nem todo brasileiro é orgulhoso.)

7) Certas conjunções e preposições

– *"**Quando** entrarmos em contato com seres inteligentes de outros planetas, os presumíveis mistérios acerca de sua existência serão esclarecidos."*

Pressuposto: Nunca houve contato com extraterrestres ou ainda vai haver contato com extraterrestres.

– ***Apesar de** ser mulher, é muito inteligente.*

Pressuposto: Mulher não é inteligente.

– *"Os acidentados foram socorridos num pronto-socorro do INSS, **mas** saíram de lá sãos e salvos."*

Pressuposto: Os que saem do INSS não saem sãos e salvos. Crítica feroz ao INSS.

Antes de passarmos para o conceito de **subentendidos**, veja um exercício proposto pelo autor Rodolfo Ilari, no mesmo livro citado por último, sobre pressuposição:

"2. Leia a nota abaixo e responda em seguida às perguntas:

Ex-paquita desmente

A ex-paquita Roberta Cipriani desmente rumores do final de seu noivado com Diogo Boni, filho do atual consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho. Ela me garantiu que está muito bem com o rapaz, e que passaram o Carnaval juntinhos em Angra dos Reis.

(Jornal de Jundiaí, 8.3.2000)

Situe-se no momento em que a nota foi escrita e considere estas afirmações:

a) Roberta Cipriani foi paquita, no passado.
b) Roberta Cipriani e Diogo Boni ficaram noivos há algum tempo.
c) O pai de Diogo Boni ainda vive.
d) O pai de Diogo Boni é José Bonifácio de Oliveira Sobrinho.
e) J. B. de Oliveira Sobrinho trabalha na Rede Globo como consultor.
f) Correram boatos de que Roberta e Diogo terminaram o noivado.
g) Roberta e Diogo terminaram o noivado.

Quais delas são verdadeiras, segundo a nota do jornal? O que mudaria se a nota fosse reduzida à sua primeira parte, e se, em vez do verbo *desmente* tivéssemos seu antônimo *confirma*?"

Resposta:

a) Roberta Cipriani foi paquita, no passado.

Sim. Prova disso: "A <u>ex</u>-paquita Roberta Cipriani...".

b) Roberta Cipriani e Diogo Boni ficaram noivos há algum tempo.

Sim. Prova disso: "... <u>final de seu noivado</u> com Diogo Boni...".

c) O pai de Diogo Boni ainda vive.

Sim. Prova disso: "... filho do <u>atual</u> consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho...".

d) O pai de Diogo Boni é José Bonifácio de Oliveira Sobrinho.

Sim. Prova disso: "... <u>filho</u> do atual consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho...".

e) J. B. de Oliveira Sobrinho trabalha na Rede Globo como consultor.

Sim. Prova disso: "...filho do <u>atual consultor da Rede Globo</u> de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho...".

f) Correram boatos de que Roberta e Diogo terminaram o noivado.

Sim. Prova disso: "A ex-paquita Roberta Cipriani desmente <u>rumores</u> do final de seu noivado com Diogo Boni...".

g) Roberta e Diogo terminaram o noivado.

Não. Prova disso: "A ex-paquita Roberta Cipriani <u>desmente</u> rumores do final de seu noivado com Diogo Boni...".

Logo... todas são verdadeiras, exceto a "g". Se a nota fosse reduzida à sua primeira parte e, em vez do verbo *desmente*, tivéssemos seu antônimo *confirma*, todas seriam verdadeiras.

Subentendidos

Os **subentendidos** são mensagens implícitas deduzidas subjetivamente pelo interlocutor. Justamente por essa ideia de dedução, os subentendidos de uma declaração podem não ser verdadeiros. Vejamos três exemplos de **subentendido**, o qual normalmente surge em contextos sociais:

Ana – Vamos ao cinema?
Carlos – Mas está chovendo...
Possível subentendido: Carlos sugere que não quer ir ao cinema.

Amigo do Mário – É da casa do Mário?
Mãe do Mário – Ele teve de sair, mas já volta.
Possível subentendido: A mãe do Mário entende que o amigo do filho queria falar com ele.

Marido – Está muito frio lá fora!
Esposa – Tudo bem, eu já vou fechar a janela.
Possível subentendido: A esposa entende que o marido fez um pedido.

Para finalizar, segundo Platão e Fiorin, uma informação importante: "Os subentendidos são as insinuações escondidas por trás de uma afirmação. Quando um transeunte com o cigarro na mão pergunta: *Você tem fogo?*, acharia muito estranho se você dissesse: *Tenho* e não lhe acendesse o cigarro. Na verdade, por trás da pergunta subentende-se: *Acenda-me o cigarro por favor.*".

Veja duas questões sobre pressupostos e subentendidos:

4. (FGV – ICMS-RJ – Fiscal de Rendas – 2008) Com base na leitura do texto, analise os itens a seguir:
   I. Em "Portanto, a necessidade de as gerações atuais preservarem recursos para as gerações futuras *também* se dá no que tange aos recursos públicos" o termo grifado colabora com a identificação de um pressuposto.
   II. Em "Não mais se concebe uma atuação estatal efetiva sem uma apurada reflexão sobre os gastos públicos, seus limites e sua aplicação", na identificação dos implícitos, observa-se um pressuposto.
   III. Em "Enquanto o primeiro, normalmente, se adstringe a situações futuras próximas, o segundo vincula-se a situações futuras a longo prazo", a leitura só se efetiva se o leitor identificar os subentendidos.
   Assinale:
   a) Se somente os itens II e III estiverem corretos.
   b) Se somente os itens I e II estiverem corretos. (Gabarito)
   c) Se todos os itens estiverem corretos.
   d) Se nenhum item estiver correto.
   e) Se somente os itens I e III estiverem corretos.

Comentário: I- O advérbio *também* apresenta ideia de adição, logo "se dá no que tange aos recursos públicos" é apenas um dos possíveis exemplos de preservação de recursos. II- A expressão *não mais* indica que anteriormente se concebia "uma atuação estatal efetiva sem uma apurada reflexão sobre os gastos públicos, seus limites e sua aplicação". III- Pegadinha: a leitura só se efetiva se o leitor identificar os "pressupostos", e não os

subentendidos. O examinador da banca trocou os conceitos para você errar. Aproveitando o ensejo, em *"Enquanto o primeiro, normalmente, se adstringe a situações futuras próximas, o segundo vincula-se a situações futuras a longo prazo"*, os pressupostos são, devido ao *normalmente* e ao verbo *vincular-se*, que nem sempre o primeiro se adstringe a situações futuras próximas e o segundo não se vincula a situações que não sejam futuras nem que não sejam situações futuras a longo prazo.

4. (UERJ – Vestibular (2º EQ) – 2012) ***Político que ousou pensar, intelectual que não se omitiu em agir, pensador e ativista com causa, principal artífice da abolição do regime escravocrata no Brasil.*** (l. 2-4)
Na frase acima, Cristovam Buarque define Joaquim Nabuco de quatro maneiras. As três primeiras definições partem de determinadas pressuposições.
Uma pressuposição que se pode deduzir da leitura do fragmento é:
a) ativistas têm abraçado muitas causas;
b) intelectuais costumam resistir à ação; (Gabarito.)
c) políticos ousam pensar a respeito de tudo;
d) pensadores têm lutado pelo fim da escravidão.

Comentário oficial: Nas três primeiras definições dadas a Joaquim Nabuco, o autor faz o movimento retórico de inseri-lo em um grupo para destacá-lo positivamente desse grupo. Esse movimento retórico se constrói com base em elementos que podem ser pressupostos a partir do que é enunciado. Quando define Nabuco como "político que ousou pensar", Buarque deixa implícito que políticos na verdade não pensam. Quando define Nabuco como "intelectual que não se omitiu em agir", Buarque deixa pressuposta a ideia de que os intelectuais costumam resistir à ação. Quando define Nabuco como pensador e ativista com causa, Buarque sugere que os ativistas em geral não têm uma causa clara pela qual se mobilizam.

Tipologia Textual

Para entendermos mais sobre “o que é um texto” e consequentemente compreendê-lo bem, precisamos ter contato com diferentes **tipos de texto**, ou **modos de organização do discurso**.

A **tipologia textual** trata da forma como um texto se apresenta e se organiza. Existem cinco tipos clássicos que aparecem em prova. Dos cinco, recomendo que domine a dissertação.

Texto Narrativo e Tipos de Discurso

O **texto narrativo** é uma modalidade textual em que se conta um fato, fictício ou não, que ocorreu num determinado tempo e lugar, envolvendo certos personagens. Toda narração tem um enredo ou intriga – o encadeamento, a sucessão dos fatos, o conflito que se desenvolve, podendo ser linear ou não.

Carcaterísticas principais:

- O tempo verbal predominante é o passado.
- Alguns gêneros textuais narrativos: **piada, fábula, parábola, epístola (carta com relatos), conto, novela, epopeia, crônica (mix de literatura com jornalismo), romance.**
- **Quem** conta (narrador), o **que** ocorreu (o enredo), com **quem** ocorreu (personagem), **como** ocorreu (conflito/clímax), **quando/onde** ocorreu (tempo/espaço) são elementos presentes neste tipo de texto.
- Foco narrativo com narrador de 1ª pessoa (participa da história – onipresente) ou de 3ª pessoa (não participa da história – onisciente).
- Normalmente, nos concursos públicos, o texto aparece em prosa, não em verso.

Exemplo:

Numa noite brilhante do mês de fevereiro (tempo), Fernando e Juliana (personagens) caminhavam pela rua (espaço) que conduzia à praça, ao sabor das estrelas (foco narrativo de 3ª pessoa). Como em um conto de fadas, ela estava totalmente apaixonada por mim, o Fernando da história (foco narrativo de 1ª pessoa). Era o momento ideal para ser atrevido, surpreendendo-a. Foi nesse momento que o rapaz (infelizmente este sou eu de novo) tomou um tapa daqueles na cara! (clímax) (o todo é o enredo) Eita! Bendita autoestima.

Observe que o texto está escrito em prosa e não em verso, afinal, não há rima, nem métrica, nem musicalidade.

Observe também que os verbos estão no passado, quando o objetivo é simplesmente relatar: *caminhavam, conduzia, estava, era, foi, tomou*. Digo isso, pois, no trecho "infelizmente este sou eu de novo", o verbo está no presente. "Por que isso ocorre, Pestana?" Simples: o presente do indicativo é o tempo do comentário e não do relato.

Resumindo: quando se deseja contar, relatar algo, verbo no passado; quando se deseja comentar, opinar, verbo no presente.

"Mas, Pestana, não é possível relatar algo com o verbo no presente?" Até é, mas não é comum. Quando se usa o presente no lugar do pretérito perfeito, por exemplo, a ideia é relatar a história imprimindo atualidade a ela, como ocorre nas narrações de futebol.

Agora veja o texto narrativo *à la* cordel:

CORDEL DA AUTOESTIMA

Poncio Mineiro

9/11/12

Distribuindo alegria
Qual propaganda, letreiro,
Fernando e Juliana
Numa noite, em fevereiro,
Caminhavam pela rua
Sob o brilho nu da lua
Num andar aventureiro...
Tendo as estrelas por guia
Até acharam graça
Pois sabiam, com certeza,
Que chegariam à praça
E continuaram andando
Como que desfrutando
Mesma bebida em taça...
Na rua, somente eles,
Num passeio sem igual
Sorvendo cada segundo
Como se fosse o final
Com total liberdade
Parecia, na verdade,
O conto de amor ideal...
E na praça chegaram...
Fernando logo pensou:
"Que momento mágico!
Aqui na praça eu estou!
Com Juliana, apaixonada...
O que mais quero? Nada!"
E o imaginário aflorou...
"Nesse conto de fadas
Sou seu ator principal!
E sendo seu príncipe,
Devo agir como tal!
As suas mãos devo tocar

Beijá-las e viajar
Pra meu deleite total...”
“Talvez, seja bem pouco,
O que acabei de pensar...
Devo ser mais ousado
E um pedido pleitear:
Nós dois como um só laço
Envoltos em forte abraço!
Já vejo-a se emocionar...”
“Mas a paixão pede mais!
Ela quer ser desejada!
Serei bem atrevido!
E de repende, do nada,
Agindo sem desleixo
Agarrarei seu queixo
E por mim será beijada...”
“E, então, dessa maneira
Ela sentirá minh’alma
Mexerei com sua libido
E sem ter muita calma
Buscará apavorada
Pela minha mão amada
Somente palma com palma...”
Isso foi suficiente
Pra Fernando se nutrir
De todo a certeza
Que era hora de agir
Com seu peito estufado
Deixando receio de lado
E sua vaidade polir...
E um pouco diferente
Do que havia suposto
De fato, houve surpresa,
E pra seu contragosto
Uma mão viu voar
Na sua cara viajar

Carimbando seu rosto...
E foi forte a porrada
Que Fernando percebeu
Que do conto de fadas
Havia mais do que um eu
A princesa se apresentou
Ao príncipe se mostrou
Além de um objeto seu...
A viagem que a mão fez
Teve destino impensado
Sua autoestima não viu
O que sempre esteve ao lado:
Ponderar o que se pensa,
E ter, por recompensa,
Sensatez como aliado...
FIM

Tipos de Discurso

Vale dizer que é extremamente comum figurar em textos narrativos determinados tipos de discurso: **direto, indireto** e **indireto livre**. Certamente você já deve ter estudado isso alguma vez na sua vida.

Os **tipos de discurso** tratam da participação, da fala da personagem dentro da narração. Isso acontece de três maneiras: o narrador apresenta a fala da personagem pela própria personagem (discurso direto), reproduz com sua voz a fala da personagem (discurso indireto) e apresenta o pensamento da personagem no meio da narração (discurso indireto livre).

No **discurso direto**, há a presença de alguns elementos básicos (normalmente todos aparecem): **verbo elocutivo (antecipando a fala da personagem), dois-pontos, aspas ou travessão marcando a própria fala.**

No *discurso indireto*, a fala da personagem por meio do narrador aparece dentro de uma **oração subordinada substantiva (normalmente objetiva direta ou subjetiva)**.

No **discurso indireto livre**, a fala da personagem se insere no meio do discurso do narrador, dando a impressão de que se trata do pensamento do narrador, mas na verdade se trata do pensamento da personagem; neste caso, não há marcas linguísticas claras indicando a fala dela. O bom é que, na maioria das provas, o discurso indireto livre vem pontuado por ponto de exclamação ou interrogação.

– *O professor **pediu** aos alunos**: "Fiquem quietos"**.* (discurso direto)

– *O professor pediu-lhes* ***que ficassem quietos***. (discurso indireto)

– *Eu, como professor, estava incomodado com um aluno desde o início do ano. Olhava, com raiva e irritado, para esse estudante todos os dias.* ***Quando ele vai parar de me perseguir?*** *O aluno se levantou e pediu para ir ao banheiro.* (discurso indireto livre)

Note, neste último exemplo, que o trecho *"Quando ele vai parar de me perseguir?"* só pode ter sido do aluno, pois se trata de um pensamento dele sobre a atitude do professor.

Como você pôde perceber, há uma equivalência entre o discurso direto e o indireto. Notou, por exemplo, que os vocábulos do discurso direto ficaram depois da conjunção integrante (que) no discurso indireto? Isso é praxe.

Na verdade, existem certas regras de **transposição do discurso direto para o indireto**. Conheça-as:

DIRETO – Enunciado em **primeira pessoa**: *Disse o aluno: – **Eu** não confio mais no professor.*
INDIRETO – Enunciado em **terceira pessoa**: *O aluno disse [que **ele** não confiava mais no professor.]*

DIRETO – Verbo no **presente do indicativo**: *– Eu não **confio** mais no professor, disse ele.*
INDIRETO – Verbo no **pretérito imperfeito do indicativo**: *Ele disse [que não **confiava** mais no professor.]*

DIRETO – Verbo no **pretérito perfeito**: *"Eu não **falei** nada!", exclamou.*
INDIRETO – *Verbo no **pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo ou no pretérito mais-que-perfeito**: Exclamou [que não **tinha/havia falado** (ou **falara**) nada.]*

DIRETO – Verbo no **futuro do presente**: *"**Protestaremos** contra ele de qualquer maneira."*
INDIRETO – Verbo no **futuro do pretérito**: *Declararam [que **protestariam** contra ele de qualquer maneira.]*

DIRETO – Verbo no **imperativo, presente ou futuro do subjuntivo**: *"**Saia** da minha sala", ordenou o professor ao aluno.*
INDIRETO – Verbo no **pretérito imperfeito do subjuntivo**: *O professor ordenou ao aluno [que **saísse** da sua sala.]*

DIRETO – **Pronomes pessoais, possessivos e demonstrativos de 1ª pessoa** *(eu, nós, meu(s), minha(s), nosso(a/s), este(a/s), isto): "A **esta** hora não responderei nada", disse ele.*

INDIRETO – **Os mesmos pronomes, de 3ª pessoa**: *Ele disse [que **àquela** hora não responderia nada.]*

DIRETO – Advérbio ***aqui*** e ***cá***: *"D**aqui** eu não saio tão cedo, até que eu fale com o diretor."*

INDIRETO – Advérbio ***ali*** e ***lá***: *Disse [que d**ali** não saía tão cedo, até que ele falasse com o diretor.]*

Texto Descritivo

A **descrição** é uma modalidade de composição textual cujo objetivo é fazer um retrato por escrito (ou não) de um lugar, uma pessoa, um animal, um pensamento, um sentimento, um objeto, um movimento etc.

Características principais:

- Os recursos formais mais encontrados são os de valor adjetivo (adjetivo, locução adjetiva e oração adjetiva), por sua função caracterizadora.
- Há descrição objetiva e subjetiva, normalmente numa enumeração.
- A noção temporal é normalmente estática.
- Normalmente usam-se verbos de ligação para abrir a definição.
- Normalmente aparece dentro de um texto narrativo.
- Os gêneros descritivos mais comuns são estes: **manual, anúncio, propaganda, relatórios, biografia, tutorial**.

Exemplo:

Era uma casa (objeto da descrição) muito engraçada (adjetivo descritivo subjetivo)
Não tinha teto, não tinha nada**
Ninguém podia entrar nela, não
*Porque na casa não tinha chão**
Ninguém podia dormir na rede
*Porque na casa não tinha parede**
Ninguém podia fazer pipi
*Porque penico não tinha ali**
Mas era feita com muito esmero
Na rua dos bobos, número zero
(Vinícius de Moraes)

* Note que este texto, escrito em versos, é narrativo, mas dentro da narração há a descrição, que apresenta predicados verbais **com função objetivamente caracterizadora** de um objeto (a casa): *Não tinha teto, não tinha nada, não tinha chão, não tinha parede, penico não tinha ali.*

Texto Injuntivo

A **injunção** indica como realizar uma ação, aconselha, impõe, instrui o interlocutor. Chamado também de texto **instrucional**, o tipo de texto injuntivo é utilizado para predizer acontecimentos e comportamentos, nas leis jurídicas.

Características principais:

- Normalmente apresenta frases curtas e objetivas, com verbos de comando, com tom **imperativo**; há também o uso do futuro do presente (10 mandamentos bíblicos e leis diversas).
- Essas características são encontradas em vários gêneros textuais, como **horóscopos, receitas de bolo, discursos de autoridades, manual de instruções, livros de auto-ajuda, leis** etc.
- Marcas de interlocução: **vocativo, verbos e pronomes de 2ª pessoa ou 1ª pessoa do plural, perguntas reflexivas** etc.

Exemplo:

Impedidos do Alistamento Eleitoral (art. 5º do Código Eleitoral) *– Não podem alistar-se (verbo no imperativo) eleitores: os que não saibam exprimir-se na língua nacional, e os que estejam privados, temporária ou definitivamente dos direitos políticos. Os militares são alistáveis, desde que oficiais, aspirantes a oficiais, guardas-marinha, subtenentes ou suboficiais, sargentos ou alunos das escolas militares de ensino superior para formação de oficiais.*

Seção IV – Da Contingência na Votação – Art. 58. *Na hipótese de falha na urna, em qualquer momento da votação, o presidente da mesa receptora de votos, à vista dos fiscais presentes, deverá (verbo no futuro com tom imperativo) desligar e religar a urna, digitando o código de reinício da votação.*

Texto Dialogal

O **texto dialogal** (ou diálogo, ou dialogismo) normalmente aparece dentro de um texto predominantemente narrativo para materializar o intercâmbio entre personagens (a interlocução), que vão apresentando a história através da conversa; presente no **gênero dramático (peças de teatro)**.

Características principais:

- Na organização gráfica, é normal o uso de pontuação (travessões ou aspas) para indicar as falas das personagens (iniciadas por letra maiúscula), antecipada por verbo **dicendi** (verbo elocutivo) e dois-pontos; resumindo: **discurso direto**.
- Pode conter marcas da linguagem oral, como pausas e retomadas.
- Marcadores conversacionais: *então, ora pois, pois é, bem, mas vá lá, diz lá, pronto, assim assim, e tal, não pode ser, não me digas, tipo, que tal?, não é (né)?, não é verdade?, não é assim?, não achas?, como assim?, que te parece?, e tu?, como assim?, diz quem? etc.*

Exemplo:

Uma senhora entra em uma concessionária de carros famosos. Ela olha ao redor, acha o carro perfeito e começa a examiná-lo. Ao inclinar-se para ver se tinha revestimento de couro, deixa escapar um sonoro pum. Muito envergonhada, ela nervosamente dá uma olhada para ver se alguém notou o pequeno incidente... Porém, ao virar-se, dá de cara com um vendedor que já estava atrás dela, que diz (com a maior cara dura):

– Bom dia, senhora. Como posso ajudá-la hoje? (discurso direto)

Muito sem graça, ela pergunta:

– Por favor, qual o preço deste adorável veículo? (discurso direto)

O vendedor responde:

– A senhora me perdoe a sinceridade, mas se a senhora peidou somente ao vê-lo, vai se cagar toda quando souber o preço. (discurso direto)

Texto Dissertativo

Antes de mais nada, o **texto dissertativo** pode ser **expositivo** ou **argumentativo**.

Dissertação Expositiva

Este tipo de texto é caracterizado por esclarecer um assunto de maneira atemporal com o objetivo de explicá-lo de maneira clara, sem intenção de convencer o leitor ou criar debate.

Características principais:

- Apresenta introdução, desenvolvimento e conclusão.
- O objetivo não é persuadir, mas meramente explicar, informar.
- Normalmente a marca da dissertação é o verbo no presente.
- Amplia-se a ideia central, mas sem subjetividade ou defesa de ponto de vista.
- Apresenta linguagem clara e imparcial.

Exemplo:

O texto dissertativo consiste na ampliação, na discussão, no questionamento, na reflexão, na polemização, no debate, na expressão de um ponto de vista, na explicação a respeito de um determinado tema. (introdução) Existem dois tipos de dissertação bem conhecidos: a dissertação expositiva (ou informativa) e a argumentativa (ou opinativa). (desenvolvimento) Portanto, pode-se dissertar simplesmente explicando um assunto, imparcialmente, ou discutindo-o, parcialmente. (conclusão)

Note os verbos no presente: *consiste, existem, pode-se dissertar.*

Dissertação Argumentativa

Este tipo de texto – muito frequente nas provas de concursos! – apresenta posicionamentos pessoais e exposição de ideias apresentadas de forma lógica. Com razoável grau de objetividade, clareza, respeito pelo registro formal da língua e coerência, seu intuito é a defesa de um ponto de vista que convença o interlocutor (leitor ou ouvinte).

Características principais:

- Presença de estrutura básica (introdução, desenvolvimento e conclusão): ideia principal do texto (**tese**); argumentos (**estratégias argumentativas**: **causa-efeito, dados estatísticos, testemunho de autoridade, citações, confronto, comparação, fato-exemplo, enumeração...**); conclusão (**síntese** dos pontos principais com sugestão/solução).
- Principais gêneros textuais em que se observam características desse tipo de texto: **redação de concursos, artigos de opinião, cartas de leitor, discursos de defesa/acusação, resenhas...**
- Utiliza verbos na 1ª pessoa (normalmente nas argumentações informais) e na 3ª pessoa

do presente do indicativo (normalmente nas argumentações formais) para imprimir uma atemporalidade e um caráter de verdade ao que está sendo dito.

- Constitui-se de linguagem cuidada, com estruturas lexicais e sintáticas claras, simples e adequadas ao registro culto.
- Privilegiam-se as estruturas impessoais, com certas modalizações discursivas (indicando noções de possibilidade, certeza ou probabilidade) em vez de juízos de valor ou sentimentos exaltados.
- Há um cuidado com a progressão temática, isto é, com o desenvolvimento coerente da ideia principal, evitando-se rodeios.
- Às vezes, usam-se elementos de primeira pessoa como recurso retórico para envolver o leitor no pensamento do autor do texto.
- Os verbos normalmente se encontram no presente do indicativo ou no futuro do presente.

Exemplo de texto dissertivo-argumentativo:

A maioria dos problemas existentes em um país em desenvolvimento, como o nosso, podem ser resolvidos com uma eficiente administração política (tese), porque a força governamental certamente se sobrepõe a poderes paralelos, os quais – por negligência de nossos representantes – vêm aterrorizando as grandes metrópoles (tópico frasal: todo este período). Isso ficou claro no confronto entre a força militar do RJ e os traficantes, o que comprovou uma verdade simples: se for do desejo dos políticos uma mudança radical visando o bem-estar da população, isso é plenamente possível (estratégia argumentativa: fato-exemplo). É importante salientar, portanto, que não devemos ficar de mãos atadas à espera de uma atitude do governo só quando o caos se estabelece; o povo tem e sempre terá de colaborar com uma cobrança efetiva (conclusão).

Note que a maior parte dos verbos estão no presente do indicativo, o que imprime um caráter de verdade ao texto. Isso influencia o leitor (ou ouvinte) a aceitar o ponto de vista exposto. Note também que há um desenvolvimento coerente das ideias ao longo do texto, as quais se centram na tese. Por fim, a linguagem polida com estratégia de argumentação consistente tornam o texto bem persuasivo, afinal, a intenção de um texto dissertativo-argumentativo é sempre conduzir alguém a aceitar um ponto de vista.

Falemos mais agora das estratégias argumentativas, pois elas é que sedimentam a tese, influindo diretamente na opinião do interlocutor.

Estratégias Argumentativas

Existem muitas **estratégias argumentativas** – ou seja, recursos discursivos que servem para fortalecer a tese a respeito de um assunto – de que nos podemos valer para tornar nosso discurso mais convincente. Vejamos algumas:

Modalização

Recomendo que releia os valores discursivos das classes gramaticais para relembrar o que é modalização.

*"Com a finalidade de evitar o desperdício, o que nos protegerá de futuros problemas, é **vital** que se faça um trabalho voltado para o reuso da água."*

A palavra destacada é modalizadora porque expressa um ponto de vista do autor do texto. Para ele, o fato de se fazer um trabalho voltado para o reuso da água é muito importante, ou melhor, é vital! O objetivo dessa palavra é provocar a reflexão do leitor sobre a importância do assunto em pauta.

Exemplificação (fato-exemplo)

Exemplificar é apresentar um fato ou cenário que confirma uma tese ou demonstra uma verdade.

*"Certos comportamentos humanos não podem ser tolerados e, por isso, precisam ser constantemente relembrados para que não se repitam, **como o massacre dos judeus pelos nazistas**."*

Obs.: Não confunda explicação X explicitação X exemplificação. A **explicação** é a ação de fazer entender algo já apresentado; a **explicitação** é a ação de revelar algo, torná-lo conhecido; a **exemplificação** é a ação de ilustrar, representar ou confirmar aquilo de que se está falando. Já caiu uma questão sobre isso: FGV – MEC – Analista de Sistemas – 2009 – QUESTÃO 5 d).

Enumeração

Enumerar é fazer uma lista especificada, uma relação metódica de algo; normalmente há gradação em uma enumeração.

*"O Brasil, se quiser deixar de ser um país em desenvolvimento e se tornar um país desenvolvido, precisará urgentemente de algumas mudanças: **investimento em educação, saúde, segurança, saneamento básico, emprego, etc.**"*

Fato histórico

"Tendenciosamente, a religião, principalmente a católica, sempre esteve envolvida com a política. ***No golpe militar de 64, a Igreja esteve ao lado dos militares****. Só após os seus terem sido perseguidos e torturados passou a reagir e a lutar em defesa de seus membros."*

Comparação

Comparar é confrontar elementos, identificando pontos de analogia ou de similaridade entre si, numa relação de igualdade, superioridade ou inferioridade.

"Não há dúvidas de que os eventos esportivos nos países em desenvolvimento os ajudam a modificar seu cenário econômico e social. ***Assim como a África do Sul se beneficiou com o aumento de emprego e com o investimento em transporte, o mesmo ocorrerá no Brasil.****"*

Contraposição

Contrapor significa confrontar, pondo lado a lado certos elementos.

"Segundo uma enquete realizada pela BVA para o vespertino Le Parisien*,* ***58% dos franceses são favoráveis ao casamento homossexual, ante 63% no ano passado****.* ***Por outro lado, 50% entre eles não são contrários à adoção homoparental, ante 56% no ano passado****."* (Gianni Carta; 06/11/2012)

Causa e efeito

Reestude os conectivos de valor causal, conclusivo ou consecutivo (conjunções e preposições), pois são eles que estabelecem a relação de causa e efeito.

"Como todos os outros, ***o preconceito homofóbico é cultural****,* ***pois não se nasce com ele****. Não se escolhe ser homossexual, nem heterossexual".* (Içami Tiba)

Dados estatísticos

"O Vox Populi fez recentemente uma pesquisa de âmbito nacional. Deu o esperado: ***48% dos entrevistados disseram simpatizar com algum partido****.* ***Mas 80% desses se restringiram a apenas três: PT (com 28% das respostas), PMDB (com 6%) e PSDB (com 5%).*** *Olhado desse modo, o sistema é, portanto, bem menos heterogêneo, pois os restantes 26 partidos dividem os 20% que sobram."* (Marcos Coimbra; 30/05/2012)

Definição

Definir é retratar, descrever, explicar algo em sua natureza; é mostrar o significado de algo. A definição pode ser objetiva ou subjetiva.

"Segundo Barbosa Filho, 'O amor ***é um sentimento sublime, que supera os problemas e***

***diferenças, resiste ao tempo e se fortalece com a distância**'. É a partir desse sentimento que muitas pessoas entregam suas vidas a favor de outras."*

Testemunho de autoridade

Uma autoridade pode ser uma pessoa ou, até mesmo, uma instituição. Desde que goze de prestígio social, tal recurso é muito relevante na argumentação.

"Deve-se ressaltar a importância da transparência nos governos para aprimorar a governança e a gestão. Tal afirmação foi, inclusive, sublinhada pela presidenta Dilma Rousseff: ***'Quanto maior a transparência, maior a possibilidade de que o dinheiro público se destine ao que são os programas necessários.'****"*

Contra-argumentação

Contra-argumentar é apresentar argumento em contrário. Ou seja, expõe-se uma ideia para depois refutá-la (negando-a ou reduzindo sua importância) a fim de mostrar que a tese defendida (a contra-argumentação) é melhor que a refutada.

"Muito se diz sobre ***o cigarro de maconha ser prejudicial à saúde*** *(tese refutada), no entanto é importante que se saiba que* ***a erva tem ajudado pessoas com câncer a suportar a dor, pessoas com AIDS a se alimentar melhor, pessoas com esclerose múltipla a ter seus sintomas aliviados, etc.*** *(tese defendida)"*

Pergunta retórica

A pergunta retórica é aquela que não exige uma resposta imediata, pois seu objetivo é provocar a reflexão. Muitas vezes a resposta à pergunta retórica vem embutida.

"Em vista da pacificação das favelas do Rio de Janeiro, a força militar vem sendo muito elogiada por sua precisão e competência. ***Precisamos realmente de uma nova ação militar para restaurar a paz nas comunidades ou agora é o momento de levar cultura a elas?****"*

A primeira parte da pergunta traz um "não" como resposta embutida, afinal, já houve pacificação. A segunda parte da pergunta é o foco, o próximo passo a ser dado a fim de trazer mais um elemento positivo a esses grupos sociais, a cultura. Percebeu que a pergunta levou a uma reflexão?

Obs.: Caso queira ver boas questões sobre estratégias argumentativas, recomendo que consulte estas: UERJ – VESTIBULAR (1º EQ) – 2012 – QUESTÃO 11 b); UERJ – VESTIBULAR (1º EQ) – 2011 – QUESTÃO 5 b); UERJ – VESTIBULAR (2º EQ) – 2009 – QUESTÃO 5 d).

Métodos de Raciocínio

Os **métodos de raciocínio** ou **métodos argumentativos** servem para construir a argumentação de maneira lógica, partindo-se de um conceito geral para um conceito particular ou vice-versa. Algumas vezes, porém, há raciocínios falhos, intencionalmente usados (ou não) para enganar o interlocutor, a que chamamos de **falácia**.

Vamos entender isso melhor a partir da análise dos conceitos de **silogismo** e dos derivados métodos **dedutivo, indutivo e dialético**.

Silogismo

O filósofo Aristóteles foi o "cara" responsável por cunhar este conceito. Ele "efetuou o conceito de argumentação lógica e perfeita baseada em três proposições relacionadas entre si".

Trata-se de um raciocínio dedutivo estruturado formalmente a partir de duas proposições, ditas **premissas (maior e menor)**, das quais, por inferência, se obtém necessariamente uma terceira, chamada *conclusão.*

Premissa maior: *Todos os homens são mortais.*

Premissa menor: *Os gregos são homens.*

Conclusão: *Logo, os gregos são mortais.*

É óbvio que haveria muito mais a dizer sobre isso, mas basicamente construímos nossa argumentação em cima de premissas (consideradas verdadeiras) para chegarmos a uma conclusão. É praxe a redação dissertativo-argumentativa trabalhar isso. Vamos continuar entendendo...

Método de Raciocínio Dedutivo

Consiste em apresentar primeiro um conceito abstrato (geral), partindo, em seguida, para um conceito concreto (particular). A conclusão é inquestionável. O exemplo do silogismo acima é dedutivo. Veja outro exemplo:

Premissa maior: *O estudo promove ascensão financeira.*

Premissa menor: *Meus filhos estudam nos melhores colégios.*

Conclusão: Logo, *meus filhos ascenderão socialmente.*

Em termos práticos, veja uma questão sobre isso: UERJ – VESTIBULAR (2º EQ) – 2009 – QUESTÃO 3 b).

Método de Raciocínio Indutivo

Consiste em apresentar primeiro um conceito concreto (particular), partindo, em seguida, para um conceito abstrato (geral). A conclusão é eficaz, mas questionável. Veja:

Premissa maior: *Os políticos do Brasil frequentemente estão envolvidos em corrupção, segundo lemos nos jornais todos os dias.*

Premissa menor: *A política é um meio corruptível.*

Conclusão: *Logo, a política no Brasil produz governantes antiéticos.*

Em termos práticos, veja uma questão sobre isso: UERJ – VESTIBULAR (1º EQ) – 2012 – QUESTÃO 6 a). UERJ – VESTIBULAR (2º EQ) – 2012 – QUESTÃO 7 d).

Método de Raciocínio Dialético

Apresenta-se a **tese**, depois a **antítese** e finaliza-se com a **síntese**. A **tese** é o ponto de vista do autor do texto. A **antítese** é o ponto de vista contrário ao do autor. A **síntese** é a desconstrução da antítese para validar a tese.

"A inclinação do ser humano para adorar um ser superior não é voluntária. (tese) É claro que, por outro lado, há os que creem ser possível crescer, viver e morrer sem a ideia de Deus, escolhendo a anulação de um ser superior como guia e/ou ajudador de suas vidas. (antítese) Não obstante, quanto mais passamos por experiências relacionadas a dificuldades, como doenças, pobreza, fome, vícios, mais reconhecemos que não podemos nos colocar na posição de juízes de nós mesmos. Necessitamos, portanto, de uma lei maior, de uma providência. (síntese)"

Falácia

Segundo o *Manual de Redação da PUC/RS*, falácias "são enunciados ou tentativas de persuadir o leitor mediante um raciocínio errôneo, mediante um argumento fraudulento, enganoso. As falácias, como você pode constatar, estão em todos os discursos: na publicidade, na política, nas religiões, na economia, no comércio etc. Falácia é, pois, todo o raciocínio aparentemente válido, mas, na realidade incorreto, que faz cair em erro ou engano".

Existem diversas maneiras falaciosas de convencer alguém: **ameaça, apelação, boato, sabedoria popular, testemunho de (não) autoridade, discurso religioso, falso dilema, generalização, falsa analogia, mudança do ônus da prova etc**.

Veja três exemplos de argumentos falaciosos (perceba o "engano" neles):

– *As práticas religiosas muçulmanas remontam a muitos e muitos séculos, logo não podemos questioná-las.*

– *O maior piloto brasileiro de todos os tempos já morreu, certamente não existirá outro igual a ele em profissionalismo e habilidade.*

– *"Deve-se coibir usos como estes: "Me dá um cigarro", "eu vi ele", "tu foi", etc., porque, com essa permissividade, vamos reduzir a língua de Camões a uma falação de brutos, a uma língua pobre, de poucas palavras e alguns grunhidos."*

Em termos práticos, veja uma questão sobre isso: UERJ – VESTIBULAR (PORTUGUÊS INSTRUMENTAL) – 2009 – QUESTÃO 5.

Gênero Textual

Gêneros textuais são formas diferentes de expressão comunicativa. As muitas formas de elaboração de um texto se tornam **gêneros**, de acordo com a intenção do seu produtor. Logo, os gêneros desempenham papéis sociais, próprios do dia a dia: **telefonema, sermão, cartas (comercial, pessoal, argumentativa, oficial...), romance, conto, crônica, poema, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, panfletos, charges, quadrinhos, instruções de uso, *outdoor*, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, fábula, conversação espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, apostilas, aulas virtuais etc.**

Portanto, não confunda **tipo de texto** com **gênero textual**. Estes são desdobramentos daqueles (mais fixos). Olhamos para um texto e dizemos que ele é do t-i-p-o dissertativo por causa de sua estrutura e de sua função, no entanto esse mesmo texto dissertativo pode se desdobrar em **artigos (de opinião ou não), carta de leitor, carta de solicitação, carta argumentativa, discurso de defesa ou de acusação, resenha crítica, resumo, editorial, ensaio, seminário, conferência, palestra, verbete, resenha etc**. (todos esses, gêneros textuais).

Alguns gêneros textuais mais cobrados em provas são **carta (argumentativa ou não), publicidade, charge, textos literários (poemas, crônicas, fragmentos de contos e romances), quadros e textos jornalísticos (notícias, entrevista, artigo de opinião, reportagem, artigos de opinião, editorial, classificados...).**

Infelizmente esta gramática não é um livro de redação, por isso recomendo que procure conhecer esses gêneros textuais em livros que tratam disso, como *Para Entender o Texto – Leitura e Redação*, de Platão e Fiorin e *Texto e Interação – Uma Proposta de Produção Textual a partir de Gêneros e Projetos*, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães.

No entanto, como meus dedos coçam e sei que a "crônica" aparece frequentemente em concursos, deixarei que o grande mestre das nossas letras, Machado de Assis, explique-nos o que é uma crônica por meio de uma crônica:

> O nascimento da crônica
>
> Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! Que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjeturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se um suspiro a Petrópolis, e *La glace est rompue*; está começada a

crônica.

Mas, leitor amigo, esse meio é mais velho ainda do que as crônicas, que apenas datam de Esdras. Antes de Esdras, antes de Moisés, antes de Abraão, Isaque e Jacó, antes mesmo de Noé, houve calor e crônicas. No paraíso é provável, é certo que o calor era mediano, e não é prova do contrário o fato de Adão andar nu. Adão andava nu por duas razões, uma capital e outra provincial. A primeira é que não havia alfaiates, não havia sequer casimiras; a segunda é que, ainda havendo-os, Adão andava baldo ao naipe. Digo que esta razão é provincial, porque as nossas províncias estão nas circunstâncias do primeiro homem.

Quando a fatal curiosidade de Eva fez-lhes perder o paraíso, cessou, com essa degradação, a vantagem de uma temperatura igual e agradável. Nasceu o calor e o inverno; vieram as neves, os tufões, as secas, todo o cortejo de males, distribuídos pelos doze meses do ano.

Não posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica; mas há toda a probabilidade de crer que foi coetânea das primeiras duas vizinhas. Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta, para debicar os sucessos do dia. Provavelmente começaram a lastimar-se do calor. Uma diria que não pudera comer ao jantar, outra que tinha a camisa mais ensopando que as ervas que comera. Passar das ervas às plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias do dito morador, e ao resto, era a coisa mais fácil, natural e possível do mundo. Eis a origem da crônica.

Que eu, sabedor ou conjeturador de tão alta prosápia, queira repetir o meio de que lançaram mãos as duas avós do cronista, é realmente cometer uma trivialidade; e contudo, leitor, seria difícil falar desta quinzena sem dar à canícula o lugar de honra que lhe compete. Seria; mas eu dispensarei esse meio quase tão velho como o mundo, para somente dizer que a verdade mais incontestável que achei debaixo do sol é que ninguém se deve queixar, porque cada pessoa é sempre mais feliz do que outra.

Não afirmo sem prova.

Fui há dias a um cemitério, a um enterro, logo de manhã, num dia ardente como todos os diabos e suas respectivas habitações. Em volta de mim ouvia o estribilho geral: que calor! Que sol! É de rachar passarinho! É de fazer um homem doido!

Íamos em carros! Apeamo-nos à porta do cemitério e caminhamos um longo pedaço. O sol das onze horas batia de chapa em todos nós; mas sem tirarmos os chapéus, abríamos os de sol e seguíamos a suar até o lugar onde devia verificar-se o

enterramento. Naquele lugar esbarramos com seis ou oito homens ocupados em abrir covas: estavam de cabeça descoberta, a erguer e fazer cair a enxada. Nós enterramos o morto, voltamos nos carros, e daí às nossas casas ou repartições. E eles? Lá os achamos, lá os deixamos, ao sol, de cabeça descoberta, a trabalhar com a enxada. Se o sol nos fazia mal, que não faria àqueles pobres-diabos, durante todas as horas quentes do dia?

O texto acima foi publicado no livro "Crônicas Escolhidas", Editora Ática – São Paulo, 1994, pág. 13, e extraído do livro "As Cem Melhores Crônicas Brasileiras", Editora Objetiva – Rio de Janeiro, 2007, pág. 27, organização e introdução de Joaquim Ferreira dos Santos.

Resumindo: A **crônica** narra fatos do dia a dia, acontecimentos cotidianos e atuais, de uma maneira diferente, ora com intenção crítica, ora com intenção poética, ou de ambas as maneiras.

Estratégias para Compreensão/Interpretação de Textos

Agora chegou o momento de assimilar algumas estratégias que facilitarão a intelecção (compreensão) de um texto.

Antes, porém, já reparou que, normalmente, a banca põe no conteúdo programático "Compreensão e Interpretação de Texto"? Aí, meus alunos vêm a mim e lançam um direto no queixo: "Pestana, qual é a diferença entre compreensão e interpretação?" Minha resposta é basicamente esta: "Meu camarada (ou minha queridinha – sem ironia), **compreender** é ter a habilidade de perceber o significado de algo, analisar o que realmente está escrito. Já **interpretar** significa dar sentido a, deduzir de maneira lógica, inferir, chegar a uma conclusão do que se lê nas entrelinhas do texto.". As bancas não exigem diretamente de você a diferença, então relaxe.

A interpretação está muito ligada ao subentendido, ou seja, ao que está nas entrelinhas (não vamos entrar aqui no mérito de **pressuposto** e **subentendido** novamente), logo ela trabalha com o que se pode deduzir de um texto. Veja estas duas piadas – elas são ótimas para que você entenda interpretação, afinal você só ri de uma se conseguir interpretá-la, "ver" o implícito. Tente deduzir as ideias contidas nelas (depois confira meus comentários):

1ª piada:

– Como é que chama um bandido armado até os dentes?

– Eu o chamaria de senhor.

2ª piada:

– O que o senhor fazia no emprego anterior?

– Era funcionário público.

– Ok... o senhor pode contar até dez?

– Claro. Um, dois, três, quatro, cinco, seis... valete, dama, rei...

Comentários:

Para que haja o riso na primeira piada, é preciso que a **interpretação** aconteça da seguinte maneira: o **perguntador** esperava outra resposta, como "meliante", "perigoso", "delinquente", "marginal" etc., mas inusitadamente o interlocutor quebra a sua expectativa e diz: *"Eu o chamaria de **senhor**."*, ou seja, o tratamento dado a um bandido fortemente armado deve ser polido, cortês, para que o assaltado não sofra nenhuma represália.

Já o humor da segunda piada está centrado em um conhecimento de mundo, mais propriamente a uma opinião preconceituosa sobre funcionários públicos, a saber: o trabalho deles é um lazer; percebemos isso pelas palavras que remetem ao jogo de baralho.

Em suma, a interpretação depende do subentendido, do conhecimento de mundo. A

compreensão depende do que está claramente percebido na leitura de um texto. Quando alguém pergunta se entendemos este ou aquele texto, só dizemos "sim" caso tenha ficado percebida a ideia principal e as principais características do texto lido. Podemos não saber tudo dele, mas conseguimos sintetizá-lo. Veja o texto abaixo:

> "Portanto, o ideal é pensarmos o corpo como objeto da educação, ou seja, é reconhecer que o conhecimento emerge do corpo a partir das experiências vividas. Experiências, essas, que estão relacionadas tanto com a autonomia do corpo quanto com a sua dependência ao meio, a cultura e a sociedade em que vive. Nesse contexto, consideramos que, na própria ação, já há cognição, uma vez que a aprendizagem emerge do corpo a partir das suas relações com o entorno (...)
>
> A gestualidade ou os cuidados com o corpo podem e devem ser tematizados nas diferentes práticas educativas, inseridos nas grades curriculares e viabilizados por diferentes disciplinas. O desafio está para os educadores e, principalmente, para os educadores físicos, em desmitificar o culto ao corpo perfeito, dando subsídios para se pensar num corpo que contenha significações que singularizam o sujeito, que permitam a intercomunicação com a singularidade do outro indivíduo, sendo considerada base para a construção do conhecimento."
>
> (Fragmento conclusivo do artigo *Corpo objeto: um olhar das ciências sociais sobre o corpo na contemporaneidade*, de José Florentino e Fátima Rejane Ayres Florentino, na internet, em http://www.efdeportes.com/efd113/o-corpo-na-contemporaneidade.htm)

Podemos entender do texto que, para os autores, o corpo deve ser pensado em suas singularidades e em sua capacidade de interação, pois eles pensam em um corpo "que contenha significações que singularizam o sujeito, que permitam a intercomunicação com a singularidade do outro indivíduo". Opõem-se à ideia do "culto ao corpo" e asseveram que "diferentes disciplinas" (não apenas Educação Física) versem sobre ele.

O bom desse papo todo de interpretação e compreensão é que, na prova, a banca está realmente preocupada em nivelar os que têm uma boa capacidade intelectiva, por isso faço questão de revelar meu método de boa leitura de um texto, de modo que você se sinta confortável para fazer uma questão de compreensão/interpretação.

Meu método dos "dez mandamentos" é este (devo muito ao Bechara):

1º Leia o texto despretensiosamente uma primeira vez, como se quisesse apenas se inteirar do assunto; e uma segunda vez, para confirmar sua primeira percepção sobre como ele foi articulado: **narração, descrição, dissertação...**

2º Na segunda vez, sem muita pressa, resuma cada parágrafo, buscando sempre a ideia mais

importante dele; parafraseie as ideias para ficarem mais claras em sua mente. Releia quantas vezes forem necessárias (administre seu tempo!).

3º Em textos dissertativos, não deixe de sublinhar o tópico frasal (a frase mais importante) de cada parágrafo, pois lá estará a opinião ou tese do autor.

4º Como normalmente os textos das provas de concurso são dissertativo-argumentativos, observe as estratégias de argumentação do texto: **causa-efeito, dados estatísticos, testemunho de autoridade, comparação, fato-exemplo, enumeração**.

5º Mais do que isso, observe entre cada par de parágrafos se há entre eles alguma relação de **esclarecimento, resumo, explicação, exemplificação, descrição, enumeração, oposição, conclusão** (estude os operadores argumentativos para este fim).

6º Importante: se o enunciado mencionar tema ou ideia principal, ele se refere à tese. Vá direto ao(s) parágrafo(s) de introdução ou conclusão do texto; sempre há uma reiteração do conteúdo principal do texto.

7º Não se desespere com palavras técnicas ou não usuais, pois elas não serão o foco da questão; no entanto, tente depreender o sentido delas pelo contexto.

8º Não queira adivinhar o que o autor quis dizer, mas apegue-se tão somente ao texto, nunca extrapole a visão dele. Seja objetivo, não "viaje", pois as respostas são encontradas no texto! Por isso, procure as "pistas" espalhadas nele.

9º Nas questões, busque o comando delas, e sublinhe, para manter o foco: "Infere-se... Deduz-se... Conclui-se... A ideia central é...".

10º MARQUE A QUESTÃO CERTA, POR FAVOR!

Descontraia-se! Fazer uma prova despretensiosamente é a melhor arma do candidato. Eu falei despretensiosamente, não "**desconcentradamente**"! Desconcentrado nunca! A despretensão tira de você aquele peso nas costas de fazer uma prova difícil.

O próximo tópico é bastante interessante. **Não deixe de considerá-lo!**

Análise de um Texto

Senti a necessidade de mostrar como se faz, isto é, mostrar o que se deve fazer para melhor analisar um texto, buscando sua compreensão máxima. Acompanhe!

Um semiparadoxo chamado *reality show*

Como se não bastasse a teatralização manipuladora das novelas brasileiras – exibidas de segunda a sábado! –, a população brasileira passou a conviver, a partir do início de 2002, com uma nova forma de nocivo controle mental que vai ao ar de segunda a segunda – durante alguns meses – com um curto intervalo entre um programa e outro: o *Big Brother Brasil* (BBB), um *reality show globalizado*. Por outro lado, o despertar do fascínio é criado pela mídia e sustentado por pessoas influentes, de discurso garboso, na sociedade, de modo que nos acabamos sabotando. E outros programas similares vêm *correndo por fora*.

Desde então, as ruas ficam muito desertas nas noites de quinta-feira, e mais abandonadas ainda nas imperdíveis e emocionantes terças-feiras. Não podemos perder "quem vai ser o líder" ou "quem vai ao paredão", certo? Além de tal aprisionamento em frente à TV, os espectadores ainda acreditam que podem participar deste programa, já que uma babá recebeu meio milhão de reais e, no ano seguinte, um homossexual levou para casa o dobro da quantia. Agora você pode ganhar R$1.500.000,00 (quem sabe mais, com prêmios extras ao longo do programa)! Mais do que este grande mote, há um fascínio pelo show. "O que torna o programa um sucesso se deve ao fato de que há uma necessidade inerente do homem do voyeurismo", diz o sexólogo Carlos Motta Noblat.

Não satisfeito, desde o primeiro ano, o centro de pesquisas VOX GENERALIS vem apresentando precisos números que corroboram o garantido sucesso no nosso intelectualmente atrasado país: assustadores 65% da população assistem assiduamente aos famosos "paredões". Dá para acreditar como a cultura da futilidade é tão popular? Assim como Chacrinha era um "estouro" na audiência, nos anos 80, o novo Chacrinha ressurge com nova roupagem atraindo os olhares alheios para mulheres seminuas – *quiçá nuinhas da silva*! Ainda nos resta alguma dúvida de que tal *reality show* vai perpetuar-se ao longo de bons anos pela frente? Pasmem: há um contrato deste "câncer" só até 2014.

Não obstante, quem não gosta de "dar uma espiadinha", como diz Bial? Se o próprio Jô Soares postou no *twitter* (ele diz que não tem!): "BBB = desliga a TV", é porque ele sentiu aquele comichão do homem em investigar a vida alheia. O que se deduz é que o homem se vê no lugar do outro e tem a sensação de que está sendo representado por um *brother* da casa. Dessa forma, a indústria do espetáculo vem recrutando os ingênuos

telespectadores, que se submetem às mais patéticas situações para gravarem seus DVDs e concorrerem a uma vaga no programa. Inclusive nós já nos devemos ter perguntado: "E se eu...?"

De qualquer modo, fico com o que diz meu bom senso: o programa é nocivo, pois desperta no homem muita baixaria e vilania. E não é falso moralismo; é simplesmente patético ver que, com a oscilação da audiência, o diretor tenta de tudo: paredão quádruplo com direito a duas eliminações de uma só vez; construção de uma casa de vidro num famoso shopping carioca para dar a chance de um dos cinco primeiros eliminados retornarem ao programa; a intervenção de Pedro Bial (coitado!) apelando para os participantes "curtirem a vida dentro da casa", etc. O BBB entrou para a história como um dos programas mais abjetos e desprezíveis da televisão brasileira. Espere para ver o BBB 13, ou seria o 14...?

Fernando J. V. Pestana

E aí?! 1) Leu o texto despretensiosamente? 2) Percebeu que este texto é dissertativo-argumentativo? 3) Resumiu cada parágrafo? 4) Sublinhou os tópicos frasais de cada parágrafo? 5) Observou as estratégias argumentativas nos parágrafos de desenvolvimento? 6) Percebeu as relações entre os parágrafos? 7) Consultou os parágrafos de introdução e de conclusão para ver se as ideias principais são reiteradas? 8) Observou os operadores argumentativos que estabelecem coesão no texto? 9) Leu o texto como um todo sem extrapolar as ideias dele?

Se você fez tudo isso, seus problemas acabaram! Antes, porém, veja se meus comentários (que respondem às perguntas) se conformam à sua tarefa de análise textual à base do meu método:

1 e 2) O texto é dissertativo-argumentativo, pois discorre sobre um assunto de forma metódica e abrangente, expondo um ponto de vista, uma tese defendida com argumentos.

3) No 1º §, fica clara a tese do autor, em que ele vê negativamente o *reality show*, mas contrapõe sua visão com o tom atrativo do programa. No 2º §, fala-se de algumas características do programa e de como o público o interpreta segundo uma autoridade. No 3º §, estratégias argumentativas de dados estatísticos e comparação corroboram o sucesso do programa. No 4º §, há a sugestão, contrapondo a visão geral negativa do autor de que nos sentimos de certa forma atraídos pelo espetáculo. No 5º §, a conclusão sintetiza a visão central negativa sobre a atração televisiva.

4) No 1º §, o primeiro período é a frase mais importante. No 2º §, o penúltimo período. No 3º §, o penúltimo período. No 4º §, o primeiro ou o terceiro período concorrem. No 5º §, o primeiro e o último período concorrem.

5) No 2º §, as estratégias argumentativas usadas para ratificar a tese do autor são: causa-efeito e argumento de autoridade/citação de autoridade. No 3º §, dados estatísticos, comparação e pergunta retórica. No 4º §, exemplificação. No 5º §, enumeração. Além dos vocábulos modalizadores ao longo do texto.

6) Entre o 1º § e o 2º §, há uma relação temporal relacionada à atração televisiva. Entre o 2º § e o 3º §, há a continuação de apresentação de estratégias de argumentação. Entre o 3º § e o 4º §, há uma contraposição (falseada, pois o autor quer espezinhar o programa). Entre o 4º § e o 5º §, há uma retomada para a real visão do autor sobre o assunto.

7) As ideias são reiteradas, pois no 1º §, fica clara a tese do autor, em que ele vê negativamente o *reality show*; no 5º §, a conclusão sintetiza a visão central negativa sobre a atração televisiva.

8) Sublinhei alguns dos operadores argumentativos e de alguns pressupostos mais relevantes no próprio texto. Percebeu? Tente perceber a relação que eles têm no texto.

O Que Cai Mais na Prova?

Se eu fosse você, estudaria os tipos de texto (narração e dissertação, principalmente). Sobre compreensão e interpretação de textos, procure sempre encontrar a resposta de uma questão dentro do texto. Outra dica: leia mais, faça questões de interpretação, leia mais um pouco, treine mais questões... este é o melhor método interpretativo. Aproveite as questões!

Questões de Concursos

1. (Fundação Sousândrade – BNB – Analista Bancário – 2007) A argumentação textual está organizada, principalmente, em torno do sentido de restrição. Assinale a opção em que o termo destacado estabelece uma relação com esse **mesmo** sentido.
   a) "É um indicador usado pelas agências internacionais de classificação de risco para definir os países que, em tese, merecem a confiança dos investidores."
   b) "O atual é algo que, no idioma de economistas e operadores, recebe o nome de 'grau de investimento'".
   c) "São aqueles que, em princípio, têm um ambiente político-econômico mais estável que os demais e pagam em dia seus compromissos externos".
   d) "Até agora, apesar da consistência da política econômica praticada no país nos últimos anos, o Brasil ainda não conseguiu nota suficiente para ser aprovado no 'vestibular'".
   e) "Muitos analistas passaram a encarar a obtenção do 'grau de investimento' como uma panacéia, algo indispensável para garantir um futuro brilhante para o Brasil."

2. (FCC – MPU – Analista Processual – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   "(...) A experiência da Europa Central e Oriental no século XX é, genericamente falando, a de tentar atualizar-se mediante a sucessiva adoção e fracasso de vários modelos. (...)"
   – A expressão *genericamente falando* constitui estratégia do autor para orientar o processo de leitura do trecho.

3. (FGV – ICMS/SP – Fiscal de Rendas – 2008) "As alternativas atuais para a construção de uma economia sólida e menos suscetível passam necessariamente pelo controle de gastos públicos. Alguns países desenvolvidos, tendo em vista essa perspectiva, buscaram limitar gastos e muitas vezes editaram leis para esse fim. É impossível, na atualidade, visualizar qualquer Estado que se proponha ao desenvolvimento sem um minucioso projeto de controle de gastos públicos."
   O segundo período do trecho acima, em relação ao primeiro, constitui uma:
   a) explicação;
   b) explicitação;
   c) exemplificação;
   d) contraposição;
   e) retificação.

4. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2008) No texto, a oposição ou contraste como estratégia argumentativa pode ser exemplificada em vários enunciados, entre eles: "*Não veio salvar o morto. Veio salvar a vida, a nossa vida.*" e "*encontrará não a folha escrita mas um vazio que você mesmo irá preencher*".
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

5. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   "(...) Na oposição que o texto faz entre a arte de falar e a arte de escrever, podemos encontrar **não apenas** as razões da desqualificação da concepção gramatical da linguagem, **mas também** a indicação do estatuto que Rousseau confere à linguagem. (...)"
   – Os operadores "não apenas" e "mas também" possibilitam ao autor a apresentação de dois argumentos mutuamente excludentes.

6. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – O enunciado "*aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção*" contém pressuposto introduzido pelo advérbio *já*.

7. (FADESP – Pref. Conceição Araguaia/PA – Médico – 2009) No trecho "Em outras palavras, são adolescentes – que pela lei ainda não podem ser responsabilizados por seus atos – com atribuições como sustentar uma casa ou mesmo criar filhos", a locução grifada tem a função de:
   a) retomar e reformular a informação anterior;
   b) acrescentar um elemento decisivo à argumentação do autor;
   c) introduzir uma informação de pouca importância para a questão levantada;
   d) assinalar uma estratégia concessiva por meio da qual o autor introduz novas informações.

Viver em sociedade

(1) A sociedade humana é um conjunto de pessoas ligadas pela necessidade de se ajudarem umas às outras, a fim de que possam garantir a continuidade da vida e satisfazer seus interesses e desejos.

(2) Sem vida em sociedade, as pessoas não conseguiriam sobreviver, pois o ser humano, durante muito tempo, depende de outros para conseguir alimentação e abrigo. E no mundo moderno, com a grande maioria das pessoas morando na cidade, com hábitos que tornam necessários muitos bens produzidos pela indústria, não há quem não necessite de outros muitas vezes por dia.

(3) Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material, como os alimentos, a roupa, a moradia, os meios de transporte e os cuidados de saúde. Elas são também de ordem espiritual e psicológica. Toda pessoa humana necessita de afeto, precisa amar e sentir-se amada, quer sempre que alguém lhe dê atenção e que todos a respeitem. Além disso, todo ser humano tem suas crenças, tem sua fé em alguma coisa, que é a base de suas esperanças.

(4) Os seres humanos não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas também porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Mas, justamente porque vivendo em sociedade é que a pessoa humana pode satisfazer suas necessidades, é preciso que a sociedade seja organizada. E não basta que a vida social permita apenas a satisfação de algumas necessidades da pessoa humana ou de todas as necessidades de apenas algumas pessoas. A sociedade organizada com justiça é aquela em que se procura fazer com que todas as pessoas possam satisfazer todas as suas necessidades; é aquela em que todos têm as mesmas oportunidades, aquela em que os benefícios e encargos são repartidos igualmente entre todos.

(5) Para que essa repartição se faça com justiça, é preciso que todos procurem conhecer seus direitos e exijam que eles sejam respeitados; é preciso também que todos conheçam e cumpram seus deveres e suas responsabilidades sociais.

8. (UESPI – PC/PI – Delegado – 2009) O Texto, para ser compreendido com sucesso, deve ser percebido como um texto:

a) Narrativo-descritivo; basta ver o cenário e os personagens que compõem o enredo apresentado.
b) Expositivo-argumentativo; há a definição de um conceito em torno do qual é construída uma argumentação.
c) Narrativo-dissertativo; os fatos são propostos ao leitor com uma finalidade claramente dissertativa.
d) Descritivo-apelativo; predominam no texto estratégias de convencimento, semelhantes àquelas que ocorrem na publicidade.
e) Expositivo-injuntivo; o texto é construído para indicar etapas e procedimentos que um determinado processo implica.

9. (Cesgranrio – Petrobras – Todos os Cargos (Nível Superior) – 2010) Em "**afinal**, sou humano...", o elemento destacado é um operador argumentativo de:

a) condição;
b) consequência;
c) conclusão;
d) conformidade;
e) concessão.

A FÉ CURA

Pesquisas sugerem novíssimas evidências de que a religiosidade tem o poder de auxiliar na cura de vários problemas de saúde – de tumores a depressão.

por RAQUEL DE MEDEIROS

A recuperação de pacientes com câncer está diretamente ligada à sua religiosidade. Taxativo assim é o resumo dos resultados de um estudo realizado na Universidade de São Paulo, que foi divulgado há pouco. "Para começar, os pacientes que têm uma crença religiosa se mostram mais confiantes para lutar contra a doença", explica a psicóloga Joelma Ana Espíndula, que liderou a pesquisa. O trabalho ouviu 12 voluntários em tratamento e 11 especialistas em oncologia do Hospital Beneficência Portuguesa, em Ribeirão Preto, no interior paulista. O surpreendente é que até mesmo os profissionais de saúde entrevistados ressaltaram a importância da religião para a melhora do quadro dos doentes. "A maioria deles acredita que a fé ajuda a superar um problema grave. Os médicos dizem que o sistema imunológico desses indivíduos aparenta ser mais resistente, e talvez por isso eles apresentem uma recuperação mais satisfatória", conclui Joelma.

Outro estudo, que leva a assinatura da Universidade de Toronto, no Canadá, revela que a fé é um santo remédio contra a ansiedade e a depressão. Ele prova que pessoas religiosas ou que apenas acreditam na existência de Deus são menos angustiadas e sentem menor culpa em relação aos próprios erros. Os especialistas avaliaram a mente de 51 universitários por meio de testes e da eletroencefalografia, método que se vale de eletrodos dispostos na cabeça para medir as correntes elétricas do cérebro. A maioria dos participantes era cristã, mas no grupo também havia muçulmanos, hindus, budistas e ateus. "Nossa principal descoberta foi perceber que há um elo entre as crenças religiosas e a atividade de uma parte da massa cinzenta chamada de córtex cingulado anterior", conta a SAÚDE! O psicólogo Michael Inzlicht, que coordenou a pesquisa. "Quanto mais as pessoas acreditam em Deus, menos atuante é essa região." Só para ter uma ideia, o córtex cingulado anterior costuma trabalhar em dobro em indivíduos pra lá de ansiosos. O sentido que a religião dá para a vida dos pacientes pode ser a chave para explicar esse fenômeno. "Suspeitamos que se trata de uma proteção contra a ansiedade e a depressão porque ela dá um significado para a vida", afirma Inzlicht. A oncologista Nise Yamaguchi, de São Paulo,

compartilha da mesma opinião. “A performance física de um indivíduo depende de aspectos emocionais, mentais e espirituais. Quem acredita que a vida continua após a morte tem uma postura diferente da pessoa que não crê na continuidade”, diz Nise, uma das mais conceituadas especialistas em câncer do país. (...)

10. (ADVISE – SESC/CE – Biblioteconomista – 2010) Para dar consistência a seu texto Raquel Medeiros, utiliza-se de estratégias argumentativas. Dentre as estratégias listadas abaixo, qual a autora emprega com mais frequência?
a) relação de causa e consequência;
b) apelo emocional;
c) comparação/contraste;
d) dados estatísticos;
e) argumentos de autoridade.

11. (FCC – TRF (4ª R) – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
Ao se dirigir ao juiz, pediu-lhe o advogado de defesa que adiasse a sessão, informando ao magistrado que sua principal testemunha estava adoentada e, por essa razão, impossibilitada de comparecer.
– Em discurso direto, a fala correta do advogado seria: Solicito-lhe, Meritíssimo, que adie a sessão, uma vez que minha principal testemunha encontra-se adoentada, o que a impede de comparecer.

12. (FCC – AL-SP – Agente Técnico Legislativo – 2010) O velho e divertido Barão de Itararé já reivindicava (...): “Restaure-se a moralidade, ou então nos locupletemos todos!”.
Transpondo-se adequadamente o trecho acima para o discurso indireto, ele ficará: *O velho e divertido Barão de Itararé já reivindicava que*:
a) *ou bem se restaurasse a moralidade, senão nos locupletaríamos todos.*
b) *fosse restaurada a moralidade, ou então que nos locupletássemos todos.*
c) *seja restaurada a moralidade, ou todos nos locupletávamos.*
d) *seria restaurada a moralidade, caso contrário nos locupletássemos.*
e) *a moralidade seja restaurada, quando não venhamos a nos locupletar.*

O exercício diário da meditação limpa as impurezas impregnadas em nossa mente, como medo, raiva, ansiedade e culpa. Classificadas na Ayurveda (a tradicional medicina indiana) como mais perigosas toxinas que existem, essas emoções negativas nos desequilibram e quando se transformam em hormônios de estresse, causam envelhecimento precoce. Portanto, ao meditar, praticamos um exercício de rejuvenescimento – ao mesmo tempo em que aumentamos a produtividade, a criatividade, a concentração e a inteligência. Mais: a mente apaziguada auxilia na prevenção de doenças e acelera a recuperação física. E ainda é a melhor ferramenta para o autoconhecimento, o autodesenvolvimento e a realização espontânea dos desejos.
Agora, vamos à ação: coluna ereta solas dos pés firmes apoiadas no chão, feche os olhos e coloque atenção na respiração. Observe o ar entrando e saindo dos pulmões. E só. Em inglês, o estado meditativo é definido “restful alertness”, que pode ser traduzido como “estado de alerta relaxado”.
Não é uma delícia? Pratique hoje por 5 minutos, e amanhã, e depois e, gradativamente, vá aumentando esse tempo. O ideal é chegar a meia hora diária. Melhor ainda se conseguir meditar ao amanhecer e no fim do dia. Mas se entre o ideal e o possível a distância é grande, não se incomode. Faça o que der para a sua realidade. Você verá que nesse processo, a cada dia, fica mais fácil viver. Simples assim.

13. (FMZ/AP – SEAD/AP – Agente Penitenciário – 2010) Analisando a forma de organização do texto, podemos dizer que ele se estrutura predominantemente por meio de sequências linguístico-textuais, denominadas de:
a) descrição e argumentação;
b) exposição e injunção;
c) narração e descrição;
d) argumentação e narração;
e) conversa e argumentação.

A década de 1980 foi o marco do surgimento de um novo ator social nos países ricos: o *novo-pobre (nouveau-pauvre)*. Corolário do desmoronamento do sistema de proteção social, em um quadro agravado pela revolução tecnológica, que automatizou o sistema produtivo sem gerar novos postos de trabalho, esse novo personagem vai materializar uma inesperada e imprevisível reprodução, no mundo desenvolvido, do problema da desigualdade social, tão comum no terceiro mundo.
O novo-pobre é, cada vez mais, a expressão do fenômeno *da exclusão social*. Não é mais um indivíduo que está *à margem*, mas, sim, *fora* do sistema econômico e social prevalente. Não tem acesso ao mercado de trabalho (nem mesmo informal), não tem perspectiva de engajamento (independentemente de seu grau de qualificação profissional) e, cada vez

mais, vai ficando de fora dos mecanismos de proteção social do moribundo *welfare state*.

No caso da *periferia*, o fenômeno global da emergência do *novo-pobre*, deserdado do neoliberalismo, soma-se ao histórico problema da pobreza. Os *velhos-pobres*, em países como o Brasil, são atores presentes na formação da sociedade nacional desde seus primórdios. O que se apresenta como fato novo é a constatação de que estes últimos caíram dos patamares da pobreza para os da miséria. E isso é tão evidente como tão mais urbana foi-se tornando a sociedade.

14. (Esaf – Auditor-Fiscal do Trabalho – AFT – MTE – 2010) Assinale a opção que apresenta ideia que se confirma no texto.
   a) A categoria social *novo-pobre* aplica-se à realidade observada apenas nos países pobres.
   b) O processo de urbanização verificado no mundo na década de 1980 foi o fator principal do surgimento de um novo ator social, fadado à exclusão social.
   c) Os efeitos do neoliberalismo no sistema produtivo são observados, a partir de 1980, tanto em países ricos quanto no terceiro mundo.
   d) A partir da década de 1980, verifica-se a substituição do processo histórico de marginalização social pelo de exclusão, fenômeno que atinge exclusivamente as populações da periferia dos países do terceiro mundo.
   e) Dado estar o neoliberalismo atrelado à exclusão social, não surpreende que seus efeitos se tenham manifestado nos países ricos, nos quais, à semelhança do que ocorreu no terceiro mundo a partir de 1980, a desigualdade social instaurou-se.

15. Leia:

Com devoção e entusiasmo, o sul do mundo copia e multiplica os piores costumes do norte. E do norte não recebe as virtudes, mas o pior: torna suas a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público bem como toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo. E o sul também recebe, de braços abertos, as fábricas mais porcas, as mais inimigas da natureza, em troca de salários que dão saudade da escravidão.

No entanto, cada habitante do norte consome, em média, dez vezes mais petróleo, gás e carvão; e, no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio. Gula e jejum do cardápio ambiental: 75% da contaminação do mundo provêm de 25% da população. E, nessa minoria, claro, não figuram o bilhão e duzentos milhões que vivem sem água potável nem o bilhão e cem milhões que, a cada noite, vão dormir de barriga vazia. Não é "a humanidade" a responsável pela *devoração* dos recursos naturais nem pelo apodrecimento do ar, da terra e da água. O poder encolhe os ombros: quando este planeta deixar de ser rentável, mudo-me para outro.

De acordo com o autor do texto, não é um fenômeno positivo que:
   a) apenas uma em cada cem pessoas dos países do hemisfério norte possua automóvel.
   b) 75% da população mundial utilize água potável e se alimente de forma saudável.
   c) os países do norte do mundo atribuam a culpa por todas as mazelas da sociedade global aos países do hemisfério sul.
   d) o desenvolvimento dos países ricos seja pautado, principalmente, na instalação de indústrias nos países do hemisfério sul.
   e) ações predatórias do modelo de desenvolvimento de países ricos sejam bem recebidas nos países do hemisfério sul.

16. Em relação às ideias do texto, assinale a opção correta.

Na história do capitalismo, as crenças a respeito da relação entre Estado e mercado seguem uma dinâmica pendular, chegando a atingir os extremos do espectro ideológico. Períodos de maior confiança no livre mercado e na desregulamentação podem permitir intenso crescimento econômico, mas em geral se associam a deslocamentos abruptos e nocivos no tecido social. A reação comum nos momentos subsequentes, em especial após uma crise, é uma meia-volta em favor de maior intervenção do Estado.

Depois de 20 anos de marcante crescimento global, quando reinou o ultraliberalismo no Ocidente e irromperam a revolução da tecnologia da informação, a globalização acelerada e o protagonismo da China, nova reviravolta pendular foi deflagrada pela crise financeira de 2008, que fez ressurgir em muitos meios a crença no "Estado grande".

Os adeptos desse *slogan* em geral colocam Estado e mercado como opostos. É um erro. Trata-se mais de uma simbiose do que de uma luta, pois, longe de existir em si mesmo, o mercado está inserido nas estruturas da sociedade e, por conseguinte, na política. Mas o fato é que, se antes o risco do ultramercadismo prevalecia, agora é a ameaça do ultraestatismo que cabe combater.
   a) Predomina na história do capitalismo a ideologia da desregulamentação.
   b) A confiança no livre mercado produz crescimento econômico sem crises.
   c) O ultraliberalismo provocou e intensificou o protagonismo da China.
   d) A crise financeira de 2008 estimulou a crença no intervencionismo do Estado.
   e) O mercado funciona de forma independente em relação ao Estado.

17. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) *"Você não acha que, daqui um tempo, todo mundo vai depender de tecnologias digitais para gerenciar a vida?"*

É claro que sim. Quem disser que não estará reproduzindo o discurso daquelas pessoas que eram contrárias às linhas férreas, por exemplo. Elas diziam que aquilo não era seguro, que era mais fácil lidar com carroças e cavalos. Isso não existe! Nós vivemos na era da informação e as nações que quiserem realmente estar nesse tempo devem colocar cada vez mais informações na rede. ***Não acredito*** *que seja possível nos desligarmos dessa dependência tecnológica, ainda mais se nós realmente quisermos nos manter competitivos. O que nós precisamos fazer é nos preparar para essa onda tecnológica.*

Na argumentação formulada como resposta à indagação proposta no início do fragmento de texto acima, o entrevistado recorre à estratégia de se posicionar a respeito da pergunta feita, tal como se percebe no emprego da expressão "Não acredito".

( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) O uso do imperativo "Acalmem-se" é uma das estratégias utilizadas pelo autor para aproximar a linguagem do texto da modalidade oral e para envolver o leitor, pondo-o no centro da mensagem.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Cinco curiosidades sobre Erasmo de Rotterdam (1467-1536)

Nos primeiros anos como seminarista, em Bois le Due, na Holanda, Erasmo dedicou-se mais à pintura e à música do que à filosofia e à religião.

Grande parte do êxito intelectual de Erasmo deu-se ao estudar os grandes clássicos humanistas enquanto seus colegas de monastério estavam nos cultos religiosos.

Foi na biblioteca do monastério, durante os estudos, que aprendeu e desenvolveu o domínio do latim – língua que o faria conhecido em toda a Europa.

Em 1508, Erasmo foi para Veneza, na Itália, e conheceu o famoso impressor Aldo Manúcio, que havia imprimido o seu livro Adágios.

Na Universidade de Oxford, terminou os estudos da língua grega – idioma dominado apenas por eruditos. A partir de então, conheceu o filósofo Juan Colet, que lhe apresentou a primeira versão da Bíblia. O acesso ao livro foi decisivo para Erasmo se afastar da filosofia escolástica.

19. (Cespe/UnB – Analista de Correios (Letras) – 2011) O texto, de caráter informativo, é exemplo do gênero biografia.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Embora pareça absurdo, por muito tempo os exercícios físico-militares fizeram parte dos currículos das escolas civis brasileiras.

Isso ocorreu na passagem do século XIX para o XX, período marcado por uma grande tensão política e militar entre as nações europeias, e que levou à Primeira Guerra Mundial. Os exercícios físico-militares eram ensinados por professores e militares e tinham como objetivo preparar os alunos para que pudessem defender a nação em conflitos armados no futuro.

A prática dos exercícios físico-militares nas escolas fazia parte de uma filosofia educacional geralmente desconhecida por regentes e pais. Alguns desses acreditavam que seus filhos corriam o risco de ter de entrar para a carreira militar por estarem participando dessas aulas nas escolas. Também havia aqueles que não viam qualquer sentido ou utilidade nos exercícios. Outros apontavam os riscos para a saúde de crianças e jovens, especialmente por inexistirem espaços físicos para a realização das atividades.

A falta de militares, professores mal preparados e a oposição dos pais criaram dificuldades para a realização dos exercícios nas escolas brasileiras. Havia um sentimento generalizado de que essas atividades representavam a formação de um espírito belicista, estranho à realidade brasileira. Em meados do século XX, esses exercícios caíram em desuso nas escolas. O fim da Segunda Guerra Mundial e a necessidade de se estabelecer um ambiente mais pacífico entre as nações certamente contribuíram muito para isso.

20. (Cespe/UnB – STM – Analista Judiciário – 2011) O texto filia-se ao gênero informativo, o que justifica a predominância do emprego de linguagem denotativa.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Um circo e um antipalhaço

Em 1954, numa cidadezinha universitária dos Estados Unidos, vi "o maior circo do mundo", que continua a ser o sucessor do velho Barnum & Bailey, velho conhecido dos meus primeiros dias de estudante nos Estados Unidos. Vi então, com olhos de adolescente ainda um tanto menino, maravilhas que só para os meninos têm plenitude de encanto. Em 1954, revendo "o maior circo do mundo", confesso que, diante de certas façanhas de acrobatas e domadores, senti-me outra vez menino.

(...)

O gênio de organização dos anglo-americanos é qualquer coisa de assombrar um latino. Arma e desarma um circo gigante como se armasse ou desarmasse um brinquedo de criança. E o que o faz com os circos, faz com os edifícios, as pontes, as usinas, as fábricas: uma vez planejadas, erguem-se em pouco tempo do solo e tomam como por mágica relevos monumentais.

(...)

21. (Cesgranrio – Petrobras – Administração Júnior – 2012) Os trechos de "Em 1954 [...] encanto" e "O gênio de organização [...] monumentais." caracterizam-se, quanto ao tipo de texto predominante, por serem, respectivamente:
a) descrição e narração;
b) narração e argumentação;
c) narração e descrição;
d) argumentação e descrição;
e) argumentação e narração.

22. (FCC – TRE-RS – Defensor Público – 2011) A transformação da frase "Eu nunca parei de pensar sobre isso", disse Goodwin, para discurso indireto é:
a) Goodwin disse que nunca parara de pensar sobre aquilo.
b) Goodwin diz que nunca tivera parado de pensar sobre aquilo.
c) Goodwin disse: "Eu nunca parei de pensar sobre isso".
d) Goodwin diz: "Eu nunca parei de pensar sobre isso".
e) Goodwin disse o que pensava sobre aquilo.

PLANEJAMENTO PRETENDE DESBUROCRATIZAR

Brasília, 22/12/2011 – Para desburocratizar e modernizar a administração pública federal, o Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão (MPOG) assinou acordo de cooperação com o Instituto Nacional de Tecnologia da Informação (ITI). O objetivo do termo é propor e implementar o Plano Nacional de Desmaterialização de Processos (PNDProc), que prevê a utilização da documentação eletrônica em todos os trâmites de processos. O extrato do pacto entre as entidades foi publicado nesta quarta-feira, 21, no Diário Oficial da União.

Delfino Natal de Souza, secretário de logística e tecnologia da informação, defende que esta nova modalidade de gestão de documentos irá modernizar a gestão pública ao permitir que o gerenciamento de processos seja feito de forma eletrônica. "Na prática significa o reconhecimento de um documento digital. Significa nascer, ser encaminhado e decidido sem a utilização de papel", explica.

O acordo, que tem duração de três anos, prevê a criação de normas, implantação de projeto piloto, definição de padrões, metodologias e soluções tecnológicas para a disseminação do plano.

Para divulgar o PNDProc, também estão previstas no termo de cooperação a capacitação de servidores públicos que atuam na área de documentação, como os que trabalham em protocolos e secretarias, por exemplo.

Como órgão central do Sistema de Administração dos Recursos de Tecnologia da Informação (SISP), a Secretaria de Logística e Tecnologia da Informação (SLTI) deve prover o suporte para a realização das ações do PNDProc. A secretaria deve ainda atender aos Padrões de Interoperabilidade do Governo Eletrônico (e-Ping) e também do Modelo de Acessibilidade de Governo Eletrônico (e-MAG) na implementação do plano.

O secretário explica ainda que o acordo não prevê a digitalização de processos antigos. "As ações para a implantação do plano serão feitas no trâmite de novas documentações", relata. (Ministério do Planejamento)

23. (CEPERJ – SEPLAG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) O primeiro parágrafo do texto desempenha a função de:
a) despertar a curiosidade do leitor em relação ao conteúdo do texto;
b) resumir os tópicos mais importantes do projeto publicado;
c) explicar ao leitor menos informado as finalidades do MPOG;
d) demonstrar a necessidade do processo de desburocratização proposto;
e) justificar a necessidade de cooperação do MPOG com o ITI.

24. O texto apresentado é do tipo informativo. Entre as marcas abaixo, aquela que é <u>inadequada</u> em relação a esse tipo de texto é:
a) O enunciador do texto informativo é dono de um saber desconhecido do público leitor a que o texto se destina.
b) O conteúdo do texto informativo pressupõe um interesse qualquer por parte do público leitor.
c) A variedade linguística do texto informativo, pelo próprio fato de pretender que algo seja divulgado, é popular e informal.
d) O texto informativo tem sua qualidade relacionada à precisão e atualidade das informações prestadas.
e) A credibilidade e a autoridade do meio de divulgação é parte importante da eficiência do que é informado.

25. Instituto Nacional da Tecnologia da Informação (ITI) é o nome da instituição com quem o MPOG assinou acordo de cooperação. Pelo que é expresso no texto, esse parceiro se encarregará de:
a) substituir a documentação eletrônica por outra mais moderna;
b) contornar o desconhecimento de usuários em relação à Informática;
c) gerenciar os processos de forma a empregar pouco papel;
d) digitalizar os processos antigos, em algum momento futuro;
e) capacitar mão de obra para a implantação do projeto.

Consumismo Infantil, Um Problema de Todos

Ninguém nasce consumista. O consumismo é uma ideologia, um hábito mental forjado que se tornou umas das características culturais mais marcantes da sociedade atual. Não importa o gênero, a faixa etária, a nacionalidade, a crença ou o poder aquisitivo. Hoje, todos que são impactados pelas mídias de massa são estimulados a consumir de modo inconsequente. As crianças, ainda em pleno desenvolvimento e, portanto, mais vulneráveis que os adultos, não ficam fora dessa lógica e infelizmente sofrem cada vez mais cedo com as graves consequências relacionadas aos excessos do consumismo: obesidade infantil, erotização precoce, consumo precoce de tabaco e álcool, estresse familiar, banalização da agressividade e violência, entre outras. Nesse sentido, o consumismo infantil é uma questão urgente, de extrema importância e interesse geral.

De pais e educadores a agentes do mercado global, todos voltam os olhares para a infância − os primeiros preocupados com o futuro das crianças, já os últimos fazem crer que estão preocupados apenas com a ganância de seus negócios. Para o mercado, antes de tudo, a criança é um consumidor em formação e uma poderosa influência nos processos de escolha de produtos ou serviços. As crianças brasileiras influenciam 80% das decisões de compra de uma família (TNS/InterScience, outubro de 2003). Carros, roupas, alimentos, eletrodomésticos, quase tudo dentro de casa tem por trás o palpite de uma criança, salvo decisões relacionadas a planos de seguro, combustível e produtos de limpeza. A publicidade na TV é a principal ferramenta do mercado para a persuasão do público infantil, que cada vez mais cedo é chamado a participar do universo adulto quando é diretamente exposto às complexidades das relações de consumo sem que esteja efetivamente pronto para isso.

As crianças são um alvo importante, não apenas porque escolhem o que seus pais compram e são tratadas como consumidores mirins, mas também porque impactadas desde muito jovens tendem a ser mais fiéis a marcas e ao próprio hábito consumista que lhes é praticamente imposto.

Nada, no meio publicitário, é deliberado sem um estudo detalhado. Em 2006, os investimentos publicitários destinados à categoria de produtos infantis foram de R$ 209.700.000,00 (IBOPE Monitor, 2005x2006, categorias infantis). No entanto, a publicidade não se dirige às crianças apenas para vender produtos infantis. Elas são assediadas pelo mercado como eficientes promotoras de vendas de produtos direcionados também aos adultos. Em março de 2007, o IBOPE Mídia divulgou os dados de investimento publicitário no Brasil. Segundo o levantamento, esse mercado movimentou cerca de R$ 39 bilhões em 2006. A televisão permanece a principal mídia utilizada pela publicidade. Ao cruzar essa informação com o fato de a criança brasileira passar em média quatro horas 50 minutos e 11 segundos por dia assistindo à programação televisiva (Painel Nacional de Televisores, IBOPE 2007) é possível imaginar o impacto da publicidade na infância. No entanto, apesar de toda essa força, a publicidade veiculada na televisão é apenas um dos fatores que contribuem para o consumismo infantil. A TNS, instituto de pesquisa que atua em mais de 70 países, divulgou dados em setembro de 2007 que evidenciaram outros fatores que influenciam as crianças brasileiras nas práticas de consumo. Elas sentem-se mais atraídas por produtos e serviços que sejam associados a personagens famosos, brindes, jogos e embalagens chamativas. A opinião dos amigos também foi identificada como uma forte influência.

Não é por acaso que o consumismo está relacionado à ideia de devorar, destruir e extinguir. Se agora, tragédias naturais, como queimadas, furacões, inundações gigantescas, enchentes e períodos prolongados de seca, são muito mais comuns e frequentes, foi porque a exploração irresponsável do meio ambiente prevaleceu ao longo de décadas.

Concentrar todos os esforços no consumo é contribuir, dia após dia, para o desequilíbrio global. O consumismo infantil, portanto, é um problema que não está ligado apenas à educação escolar e doméstica. Embora a questão seja tratada quase sempre como algo relacionado à esfera familiar, crianças que aprendem a consumir de forma inconsequente e desenvolvem critérios e valores distorcidos são de fato um problema de ordem ética, econômica e social.

O Projeto Criança e Consumo [...] combate qualquer tipo de comunicação mercadológica dirigida às crianças por entender que os danos causados pela lógica insustentável do consumo irracional podem ser minorados e evitados, se efetivamente a infância for preservada em sua essência como o tempo indispensável e fundamental para a formação da cidadania. Indivíduos conscientes e responsáveis são a base de uma sociedade mais justa e fraterna, que tenha a qualidade de vida não apenas como um conceito a ser perseguido, mas uma prática a ser vivida.

26. (CEPERJ – Procon/RJ – Analista de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) O texto pode ser considerado argumentativo principalmente porque:
a) defende um ponto de vista;

b) apresenta a descrição de fatos;
c) recorre a elementos narrativos;
d) aparenta uma neutralidade objetiva;
e) resume as informações pertinentes.

27. O exemplo do texto no qual se apresentam operadores argumentativos que somam razões para reforçar uma ideia principal presente na mesma frase é:
a) "Hoje, todos que são impactados pelas mídias de massa são estimulados a consumir de modo inconsequente."
b) "Para o mercado, antes de tudo, a criança é um consumidor em formação e uma poderosa influência nos processos de escolha de produtos ou serviços."
c) "Carros, roupas, alimentos, eletrodomésticos, quase tudo dentro de casa tem por trás o palpite de uma criança, salvo decisões relacionadas a planos de seguro, combustível e produtos de limpeza."
d) "As crianças são um alvo importante, não apenas porque escolhem o que seus pais compram e são tratadas como consumidores mirins, mas também porque impactadas desde muito jovens tendem a ser mais fiéis a marcas e ao próprio hábito consumista que lhes é praticamente imposto."
e) "Embora a questão seja tratada quase sempre como algo relacionado à esfera familiar, crianças que aprendem a consumir de forma inconsequente e desenvolvem critérios e valores distorcidos são de fato um problema de ordem ética, econômica e social."

A consolidação da regularização fundiária como política urbana no Brasil

A promulgação da Constituição Federal em 1988 coroou o longo processo de democratização do país iniciado, ainda, no final dos anos 1970. A democratização do país foi a ocasião propícia para uma reflexão mais acurada sobre a integração socioespacial das camadas urbanas mais desprotegidas, tanto no plano jurídico quanto no plano social. Diante das pressões dos movimentos sociais urbanos, o capítulo constitucional sobre a política urbana (artigos 182 e 183) reconheceu que tanto a propriedade quanto a própria cidade devem exercer uma função social. Esse mesmo artigo estabeleceu que o município exerce, de agora em diante, um papel central na elaboração e na aplicação das políticas de desenvolvimento urbano local. O instrumento de base dessa política é doravante o Plano Diretor municipal, exigência constitucional para todas as cidades com mais de 20 mil habitantes. As disposições desse capítulo constitucional se focalizam, assim, na instituição de medidas aptas a dissuadir a concentração especulativa do solo, assim como possibilitar a legalização das formas informais de acesso à moradia.

Este último aspecto revela-se crucial diante do índice de informalidade fundiária das cidades brasileiras. Segundo Edésio Fernandes (2002, p.52), essa informalidade pode atingir, por exemplo, quase 50% da população das duas principais metrópoles brasileiras (São Paulo e Rio de Janeiro). Ao regulamentar as disposições do supracitado capítulo constitucional, a lei do Estatuto da Cidade (Lei nº 10.257 de 10 de julho de 2001) contribuiu para consolidar a regularização fundiária como uma das principais diretrizes da política urbana no Brasil. Antes de analisarmos as disposições da legislação brasileira sobre esse assunto, impõe-se, inicialmente, uma breve análise das diferentes questões sociopolíticas relativas à legalização do solo.

A regularização fundiária consiste em regularizar a posse dos habitantes e promover a urbanização do local sem recorrer à remoção da população para outras localidades. A regularização fundiária é frequentemente limitada à transferência de títulos fundiários, sobretudo os de propriedade privada. Medida, aliás, preconizada como "solução milagrosa" pelas instituições internacionais e celebrizada, nos últimos anos, pelos trabalhos do economista peruano Hernando de Soto. Os governos dos países em desenvolvimento abandonaram, a partir dos anos 1980, os esforços para a construção em massa de moradias populares na periferia das cidades e se concentraram, sobretudo, na ideia de que a legalização do informal, aliada a uma desregulamentação mais acentuada do mercado imobiliário, poderia atenuar o preço do solo, suscitando, enfim, uma oferta mais consistente de moradias, erguidas, geralmente, pela autoconstrução. O balanço que se obtém 20 anos mais tarde é, todavia, um enorme fracasso. A regularização fundiária, onde foi efetivamente realizada, liberou o solo e desencadeou uma pressão do mercado imobiliário sobre os bairros beneficiados que eram, até então, relativamente protegidos, justamente em razão da sua ilegalidade. O fenômeno atual de segregação urbana torna-se, assim, mais um produto derivado das leis de mercado que o resultado da recusa, por parte das autoridades públicas, do reconhecimento oficial da existência dos bairros informais. A solução do mercado originou outras formas de exclusão que apenas fizeram aumentar o círculo de informalidade, agora concentrado nas regiões cada vez mais periféricas, insalubres e/ou ecologicamente precárias das cidades.

Esse modelo, ao menos no caso específico das favelas, foi apenas parcialmente aplicado no Brasil. A política de urbanização das favelas, implementada a partir dos anos 1980, não foi necessariamente seguida da regularização fundiária plena desses espaços. A ilegalidade fundiária, conjugada à violência imposta pelos narcotraficantes num grande número de favelas, desestimula, nos dias atuais, a entrada dos grandes promotores imobiliários no mercado imobiliário das favelas. O fim das políticas de remoções em massa e a ausência de um controle público mais efetivo sobre o crescimento das favelas

asseguraram, todavia, a relativa segurança da posse dos habitantes das favelas e o florescimento do mercado imobiliário no interior desses espaços. Esse mercado se apresenta concentrado nas mãos de alguns "latifundiários", muitas vezes ligados às redes mafiosas locais. A flexibilidade urbanística nas favelas permite, ainda, uma oferta consistente de habitações a preços reduzidos. A despeito da especulação imobiliária, as favelas se revelam, pelo menos por enquanto, um relevante meio de acesso à moradia para as camadas mais desfavorecidas das metrópoles brasileiras.

Nesse contexto, a regularização fundiária deve-se concentrar menos sobre uma lógica mercadológica de fluidificação das transações imobiliárias e de alargamento da base fundiária fiscal do município do que sobre a redução da insegurança que afeta as relações fundiárias, como aliás já destacou a campanha pela segurança da posse, promovida pela UN-Habitat, desde 1997. A precariedade jurídica do acesso ao solo nas favelas sempre serviu como justificativa não somente para as expulsões arbitrárias, mas também para a ausência de serviços públicos adequados nesses espaços. A insegurança fundiária também limitou o investimento dos moradores em suas casas e em seus bairros. A regularização fundiária se manifesta, assim, como um elemento imprescindível para se materializar o direito à moradia, integrando, aliás, esse direito específico ao leque de direitos que constitui o direito à cidade.

A legalização da moradia garante, de fato, direitos sociopolíticos às populações das favelas que adquirem recursos jurídicos indispensáveis para enfrentar os diferentes conflitos de ordem fundiária/imobiliária, seja entre vizinhos, seja ante os pretensos proprietários dos terrenos ocupados pela favela, ou mesmo ante as autoridades públicas. A regularização fundiária pode, por sua vez, desempenhar um importante papel na planificação urbana, por meio da imposição de regras urbanísticas às construções e ao uso do solo nas favelas. Dependendo da natureza do título outorgado aos habitantes, ela pode até mesmo contribuir ativamente para a gestão do fundiário, limitando tanto a excessiva valorização do solo quanto o aumento da exclusão espacial no interior das metrópoles.

28. (CEPERJ – ITE/RJ – Analista de Gestão Organizacional (ADM) – 2012) O texto é um fragmento de artigo acadêmico. Dentre as características desse gênero, o texto <u>não</u> apresenta:

a) predomínio da impessoalidade;
b) citações explícitas de outros textos;
c) preponderância de sequências descritivas;
d) emprego da norma de prestígio;
e) presença de argumentação.

A Nova Riqueza dos Pobres

Dezembro é o mês das compras, como maio é o das noivas, agosto é o do desgosto, junho é o das fogueiras e fevereiro é o do Carnaval. Os estudantes aguardam dezembro como o mês das férias; as crianças, como o do Natal. Para os trabalhadores, é o mês em que eles pensam que estão mais ricos.

Recebem o 13º salário ou parte dele – e compram. A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando. Compram de tudo. Um compra geladeira nova porque a velha, bom, gelar ela gelava direitinho, mas gastava muita energia. Outro compra televisão nova porque a velha não tem tela plana de LCD, 42 polegadas, e a vizinha pensa que é melhor do que a gente só porque comprou uma de 36 polegadas. Compram DVD, celular para a filha adolescente, forno de micro-ondas, MP3, 4, 5, freezer, videogames, fogão novo, carro. Qual é a mágica? É a prestação que "cabe no bolso".

Perdiam dinheiro para a inflação, agora perdem para os juros. Em vez de guardarem o dinheiro por seis meses e comprarem à vista com desconto, preferem parcelar em doze meses e pagar o dobro, ou em 24 meses e pagar o triplo. Ficam na mão de espertos, aqueles que lucravam com especulações de curto prazo durante a grande inflação e agora lucram financiando prestações. Os novos compradores não fazem essa conta. Cabendo no orçamento do mês, pagam. Querem se sentir parte da grande nação de consumidores, participar da vida colorida dos anúncios da televisão, esquecer por um momento que não têm escola, atendimento médico, transporte, esgoto, segurança...

O marido da senhora que faz limpeza na casa de uma amiga esteve desempregado quase um ano. Como não tem nenhum preparo técnico, integrava a turma do bico. Arranjou emprego e, no dia do primeiro pagamento, ele e a mulher compraram uma geladeira nova. Três meses depois, ele estava desempregado outra vez, de volta ao bico. Não se abalaram. O que importa para eles é que a geladeira está em casa há quatro meses e estão conseguindo pagar, seguem tocando a vida.

– Se nós não tivesse comprado a geladeira, não ia comprar nunca – diz ela, otimista, bebendo sua água geladinha e mantendo protegido o leite das crianças.

Essa atitude otimista acontece em um momento crítico para o trabalhador no mundo. Caem os investimentos e o comércio entre as nações. As indústrias investem em processos de produção que rendem mais e custam menos. Novas tecnologias provocam dispensas, e não só por lá. Resulta o que se poderia chamar de globalização do olho da rua.

Mais de 200 milhões de trabalhadores formais perderam o emprego no mundo, segundo a Organização Internacional do Trabalho; quase 1 bilhão de pessoas em condições de trabalhar não encontram vagas, 700 milhões vivem de expedientes, se virando. É a globalização do bico. Milhões sem conta não conseguem nem se virar. É a globalização do dane-se.

Os temores que a crise lá de fora desperta nos analistas e alarmistas daqui parecem não atingir os moradores das áreas carentes das grandes cidades brasileiras. É fantástica a capacidade que eles têm de acreditar no melhor, em meio à incerteza.

Se alguma conclusão se pode tirar da ingênua tendência compradora daqueles que têm tão pouco, é a de que ela nasce de um incompreensível otimismo – incompreensível para nós, atormentados da classe média. Ao redor deles pipocam dificuldades, mas eles, confiantes, jogam com o destino como se ele fosse uma Mega-Sena que um dia vai dar.

29. (CEPERJ – Degase – Agente Socioeducativo – 2012) O texto é uma crônica, que comenta um aspecto da vida cotidiana a partir da visão do autor.

O fragmento que melhor demonstra a presença de uma opinião do autor é:

a) "Dezembro é o mês das compras, como maio é o das noivas..."

b) "Recebem o 13º salário ou parte dele – e compram."

c) "A queda da inflação deixou sobrar no bolso deles a parte do salário que se queimava na fogueira do aumento de preços."

d) "Em vez de guardarem o dinheiro por seis meses e comprarem à vista com desconto, preferem parcelar em doze meses e pagar o dobro..."

e) "As indústrias investem em processos de produção que rendem mais e custam menos."

30. A pequena narrativa do caso da senhora que faz limpeza na casa da amiga do cronista cumpre, no texto, a seguinte função:

a) Contestar dados estatísticos posteriormente citados.

b) Exemplificar atitude posteriormente descrita.

c) Detalhar casos anteriormente narrados.

d) Contradizer ideia anteriormente exposta.

e) Reforçar discurso constantemente relatado.

31. "Resulta o que se poderia chamar de *globalização do olho da rua*.[...] É a *globalização do bico*. [...] É a *globalização do dane-se*."

A sequência acima caracteriza a globalização a partir da desestruturação do mundo do trabalho.

Do ponto de vista dos recursos da linguagem é correto afirmar que, no contexto, ocorre uma:

a) gradação, com o aumento progressivo das dificuldades;

b) contradição, entre os modos de sobrevivência do desempregado;

c) ênfase, com a intensificação da afirmativa inicial;

d) retificação, pela correção gradual das informações iniciais;

e) exemplificação, pelo relato de situações específicas.

O LENDÁRIO PAÍS DO RECALL

Moacyr Scliar

"MINHA QUERIDA DONA: quem lhe escreve sou eu, a sua fiel e querida boneca, que você não vê há três meses. Sei que você sente muitas saudades, porque eu também sinto saudades de você. Lembro de você me pegando no colo, me chamando de filhinha, me dando papinha... Você era, e é, minha mãezinha querida, e é por isso que estou lhe mandando esta carta, por meio do cara que assina esta coluna e que, sendo escritor, acredita nas coisas da imaginação.

Posso lhe dizer, querida, que vivi uma tremenda aventura, uma aventura que em vários momentos me deixou apavorada. Porque tive de viajar para o distante país do recall.

Aposto que você nem sabia da existência desse lugar; eu, pelo menos, não sabia. Para lá fui enviada. Não só eu: bonecas defeituosas, ursinhos idem, eletrodomésticos que não funcionavam e peças de automóvel quebradas. Nós todos ali, na traseira de um gigantesco caminhão que andava, andava sem parar.

Finalmente chegamos, e ali estávamos, no misterioso e, para mim, assustador país do recall. Um homem nos recebeu e anunciou, muito secamente, que o nosso destino em breve seria traçado: as bonecas (e os ursinhos, e outros brinquedos, e objetos vários) que tivessem conserto seriam consertados e mandados de volta para os donos; quanto tempo isso levaria era imprevisível, mas três meses era o mínimo. Uma boneca que estava do meu lado, a Liloca, perguntou, com os olhos arregalados, o que aconteceria a quem não tivesse conserto. O homem não disse nada, mas seu sorriso sinistro falava por si.

Passamos a noite num enorme pavilhão destinado especialmente às bonecas. Éramos centenas ali, algumas com probleminhas pequenos (um braço fora do lugar, por exemplo), outras já num estado lamentável. Estava muito claro que para várias de nós não haveria volta.

Naquela noite conversei muito com minha amiga Liloca – sim, querida dona, àquela altura já éramos amigas. O infortúnio tinha nos unido. Outras bonecas juntaram-se a nós e logo formamos um grande grupo. Estávamos preocupadas com o que poderia nos suceder.

De repente a Liloca gritou: “Mas, gente, nós não somos obrigados a aceitar isso! Vamos fazer alguma coisa!”. Nós a olhamos, espantadas: fazer alguma coisa? Mas fazer o quê?

Liloca tinha uma resposta: vamos tomar o poder. Vamos nos apossar do país do recall.

No começo, aquilo nos pareceu absurdo. Mas Liloca sabia do que estava falando. A mãe da dona dela tinha sido uma militante revolucionária e sempre falava nisso, na necessidade de mudar o mundo, de dar o poder aos mais fracos.

Ora, dizia Liloca, ninguém mais fraco do que nós, pobres, desamparados e defeituosos brinquedos. Não deveríamos aguardar resignadamente que decidissem o que fazer com a gente.

De modo, querida dona, que estamos aqui preparando a revolução. Breve estaremos governando o país do recall. Mas não se preocupe, eu a convidarei para uma visita. Você poderá vir a qualquer hora. E não precisará de recall para isso.”

32. (CEPERJ – Procon/RJ – Agente de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) O texto enquadra-se no gênero carta, o que pode ser percebido, dentre outros traços, pela seguinte marca linguística:
a) narração detalhada;
b) citações entre aspas;
c) interrogações diretas;
d) recursos de humor;
e) vocativo inicial.

Economia religiosa

Concordo plenamente com Dom Tarcísio Scaramussa, da CNBB, quando ele afirma que não faz sentido nem obrigar uma pessoa a rezar nem proibi-la de fazê-lo. A declaração do prelado vem como crítica à professora de uma escola pública de Minas Gerais que hostilizou um aluno ateu que se recusara a rezar o pai-nosso em sua aula.

É uma boa ocasião para discutir o ensino religioso na rede pública, do qual a CNBB é entusiasta. Como ateu, não abraço nenhuma religião, mas, como liberal, não pretendo que todos pensem do mesmo modo. Admitamos, para efeitos de argumentação, que seja do interesse do Estado que os jovens sejam desde cedo expostos ao ensino religioso. Deve-se então perguntar se essa é uma tarefa que cabe à escola pública ou se as próprias organizações são capazes de supri-la, com seus programas de catequese, escolas dominicais etc.

A minha impressão é a de que não faltam oportunidades para conhecer as mais diversas mensagens religiosas, onipresentes em rádios, TVs e também nas ruas. Na cidade de São Paulo, por exemplo, existem mais templos (algo em torno de 4.000) do que escolas públicas (cerca de 1.700). Creio que aqui vale a regra econômica, segundo a qual o Estado deve ficar fora das atividades de que o setor privado já dá conta.

Outro ponto importante é o dos custos. Não me parece que faça muito sentido gastar recursos com professores de religião, quando faltam os de matemática, português etc. Ao contrário do que se dá com a religião, é difícil aprender física na esquina.

Até 1997, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação acertadamente estabelecia que o ensino religioso nas escolas oficiais não poderia representar ônus para os cofres públicos. A bancada religiosa emendou a lei para empurrar essa conta para o Estado. Não deixa de ser um caso de esmola com o chapéu alheio.

33. (FCC- TRT/PE (6a R) – Analista Judiciário – 2012) No que diz respeito ao ensino religioso na escola pública, o autor mantém-se:
a) esquivo, pois arrola tanto argumentos que defendem a obrigatoriedade como o caráter facultativo da implementação desse ensino;
b) intransigente, uma vez que enumera uma série de razões morais para que se proíba o Estado de legislar sobre quaisquer matérias religiosas;
c) pragmático, já que na base de sua argumentação contra o ensino religioso na escola pública estão razões de ordem jurídica e econômica;
d) intolerante, dado que deixa de reconhecer, como ateu declarado, o direito que têm as pessoas de decidir sobre essa matéria;
e) prudente, pois evita pronunciar-se a favor da obrigatoriedade desse ensino, lembrando que ele já vem sendo ministrado por muitas entidades.

34. Atente para estas afirmações:
I. Ao se declarar um cidadão ao mesmo tempo ateu e liberal, o autor enaltece essa sua dupla condição pessoal valendo-se do exemplo da própria CNBB.
II. A falta de oportunidade para se acessarem mensagens religiosas poderia ser suprida, segundo o autor, pela criação de redes de comunicação voltadas para esse fim.
III. Nos dois últimos parágrafos, o autor mostra não reconhecer nem legitimidade nem prioridade para a implementação do ensino religioso na escola pública.

Em relação ao texto, está correto o que se afirma em:
a) I, II e III.
b) I e II, apenas.
c) II e III, apenas.
d) I e III, apenas.
e) III, apenas.

35. Pode-se inferir, com base numa afirmação do texto, que:
a) o ensino religioso demanda profissionais altamente qualificados, que o Estado não teria como contratar;
b) a bancada religiosa, tal como qualificada no último parágrafo, partilha do mesmo radicalismo de Dom Tarcísio Scaramussa;
c) as instituições públicas de ensino devem complementar o que já fazem os templos, a exemplo do que ocorre na cidade de São Paulo;
d) o aprendizado de uma religião não requer instrução tão especializada como a que exigem as ciências exatas;
e) os membros da bancada religiosa, sobretudo os liberais, buscam favorecer o setor privado na implementação do ensino religioso.

36. (Cesgranrio – PROMINP – Nível Superior – Área de Qualidade – 2012) Os extratos 1 e 2 do texto apresentam características que permitem estabelecer diferenças entre a tipologia textual.
1) "Você começa a escrever um *e-mail* de trabalho, e é interrompido pelo toque do celular. Atende à ligação e, quando desliga, vê avisos de mensagens na telinha. Abre uma delas e, antes mesmo de responder, algum colega chama você para terminar aquela conversa que começaram de manhã..." (linhas 1-5)
2) "Como empreendia seus próprios projetos e trabalhava de casa, o empresário não sabia mais o que era horário de expediente, final de semana ou feriados. Mas reagiu a essa falta de limites e criou espaço para folgas e diversão." (linhas 30-33)

Considerando tais características, constata-se que o extrato:
a) 1 é argumentação, e o 2, narração;
b) 1 é narração, e o 2, argumentação;
c) 1 é narração, e o 2, descrição;
d) 1 é descrição, e o 2, argumentação;
e) 1 é descrição, e o 2, narração.

Gabarito

1. D.	10. E.	19. CERTO.	28. C.
2. CORRETA.	11. CORRETA.	20. CERTO.	29. A.
3. C.	12. B.	21. B.	30. D.
4. CERTO.	13. B.	22. A.	31. E.
5. CORRETA.	14. C.	23. B.	32. E.
6. CORRETA.	15. E.	24. C.	33. C.
7. A.	16. D.	25. E.	34. E.
8. B.	17. CERTO.	26. A.	35. D.
9. C.	18. CERTO.	27. D.	36. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 35

Coesão e Coerência

Definição

Bem, até aqui entendemos o que é um texto, conhecemos os tipos de texto e suas características. Agora, precisamos ir mais a fundo. Explico o porquê. Para que entendamos bem um texto, existe a premente necessidade de sabermos que, 1) se ele é um conjunto de frases que se relacionam, 2) mantendo um sentido harmonioso, isso se deve ao fato de que há nele a famosa **coesão** e a famosa **coerência** – tão massificadas nas provas de concursos variados.

Dica de irmão: Reestude, pelo menos, o tópico *Valor Discursivo* dos capítulos 11 e 15. Vai sedimentar!

Coesão é a ligação entre as partes do texto (palavras, expressões, frases, parágrafos) por meio de determinados elementos linguísticos. Com ela, fica mais fácil ler e compreender um texto.

Veja um exemplo de texto coeso:

> **Último Recurso**
> *Clarice Lispector*
>
> ***Quando*** *fazemos tudo* ***para que*** *nos amem* ***e*** *não conseguimos, resta-nos um* ***último recurso****: não fazer mais nada.* ***Por isso****, digo, quando não obtivermos o amor, o afeto ou a ternura* ***que*** *havíamos solicitado, melhor será desistirmos e procurar mais adiante os sentimentos que nos negaram. Não fazer esforços inúteis,* ***pois*** *o amor nasce,* ***ou*** *não, espontaneamente,* ***mas*** *nunca por força de imposição.* ***Às vezes****, é inútil esforçar-se demais, nada se consegue;* ***outras vezes****, nada damos e o amor se rende aos nossos pés. Os sentimentos são sempre uma surpresa. Nunca foram uma caridade mendigada, uma compaixão ou um favor concedido. Quase sempre amamos a quem nos ama mal, e desprezamos* ***quem*** *melhor nos quer.* ***Assim****, repito, quando tivermos feito tudo* ***para*** *conseguir um amor, e falhado, resta-nos* ***um*** *só caminho...* ***o*** *de mais nada fazer.*

Comentários sobre a função textual dos elementos coesivos destacados, na sequência:

– ***Quando***: conjunção que introduz uma oração subordinada à outra, estabelecendo uma relação temporal.

– ***para que***: conjunção que introduz uma oração subordinada à outra, estabelecendo uma relação de finalidade.

– ***e***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de oposição, equivalendo a “mas”.

– ***último recurso***: expressão substantiva de valor catafórico, pois antecipa o que será dito, referindo-se a algo posterior.
– ***Por isso***: locução conjuntiva que introduz um período o qual retoma a ideia do período anterior, estabelecendo uma relação de conclusão.
– ***que***: pronome relativo retomando, por sua natureza anafórica, "o amor, o afeto ou a ternura".
– ***pois***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de explicação.
– ***ou***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de disjunção, exclusão; note a elipse do verbo na oração anterior (... ou não *nasce*...).
– ***mas***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de oposição; note a elipse do verbo na oração anterior (... mas nunca *nasce*...)
– ***Às vezes***: locução adverbial que situa um fato vago no tempo e introduz um argumento que se contrapõe ao seguinte.
– ***outras vezes***: locução adverbial que situa um fato vago no tempo e introduz um argumento que se contrapõe ao anterior.
– ***quem***: pronome interrogativo/indefinido de valor dêitico, pois refere-se a algo fora do texto.
– ***Assim:*** conjunção que introduz um período que estabelece uma relação de conclusão (desfecho) com tudo o que se disse antes no texto.
– ***para***: preposição que introduz uma oração subordinada a outra, estabelecendo uma relação de finalidade.
– ***um***: numeral de valor catafórico, pois antecipa o que será dito, referindo-se a algo posterior.
– ***o***: pronome demonstrativo de valor anafórico, pois retoma o substantivo *caminho*.

Eu acho que você está começando a se dar conta de que um texto é muito mais do que uma porção de frases, certo? Querendo ou não, se você entendeu o texto da Clarice, é porque percebeu, mesmo que intuitivamente, os elementos coesivos e suas funções textuais.

Muitos me perguntam: "Pestana, afinal, qual é a diferença entre **coesão** e **coerência**?" A resposta é muito simples, e o melhor a responder isso é o mestre Bechara (com uma leve contribuição minha):

Coerência *é a relação semântica que se estabelece entre as diversas partes do texto, criando uma unidade de sentido. Está ligada ao entendimento, à possibilidade de interpretação daquilo que se ouve ou lê. Enquanto a coesão está para os elementos conectores de ideias no texto, a coerência está para a harmonia interna do texto, o sentido.*

Muitos professores, infelizmente, ainda ensinam que só há coerência se houver coesão. Não obstante, vejamos:

Coeso e incoerente

"Os jornalistas se comprometem a divulgar artigos políticos de maneira polida e imparcial, no entanto eles comumente afligem a opinião daqueles que se empenham em ter um cerne ou um ponto de vista menos fundamentalista."

Do que o texto fala mesmo? O elemento coesivo ***no entanto*** estabelece uma relação de oposição com o quê? Com o fato de os artigos ou os jornalistas afligirem a opinião de quem? Dos leitores, dos jornalistas ou dos artigos políticos?

Percebe que há uma confusão, que gera uma incompreensão do texto? Logo, podemos dizer que não houve coerência, apesar de ter havido coesão.

Incoeso e coerente

"Saí. Praia. Futebol. Volto à noite. Morto. Não espere nada de mim. Bj!"

Sabemos que ela vai falar muito no ouvido dele, não? Bem... depois do comentário machista... quero que você perceba que não houve nenhum elemento conectando as frases; houve apenas justaposição de frases. Realmente não houve coesão *stricto sensu*, mas houve total coerência, pois as frases mantêm relações de sentido bem típicas de um homem cara de pau (do ponto de vista da mulher). A **in**coesão, ausência de elementos conectores ou referenciadores, não prejudicou o sentido do texto, ou seja, a coerência.

Apoiando-me em grandes nomes, como Agostinho Dias Carneiro, Evanildo Bechara, José Luiz Fiorin e Francisco Platão Savioli, construí o restante do capítulo. Redobre sua atenção a partir de agora!

Coesão Referencial

Exceto a interjeição, as demais classes gramaticais colaboram para a construção de um texto coeso. A **coesão referencial** ocorre quando usamos as classes gramaticais para recuperar certos termos dentro do texto. O objetivo disso é evitar a repetição enfadonha, tornando o discurso mais fluido, mais dinâmico.

Tecnicamente falando, se um elemento tem como referente um termo anterior, dizemos que ele apresenta **valor anafórico**. Por outro lado, se um elemento tem como referente um termo posterior, dizemos que ele apresenta **valor catafórico**. Logo, a coesão referencial trata de termos que *substituem* outros.

Relembrou isso da aula de *Pronome*? Se não, releia pelo menos a teoria relativa aos pronomes demonstrativos e também o tópico *Valor Discursivo*. Vá por mim!

1) Substantivos ou expressões substantivas

– *A **resignação** normalmente se enquadra no grupo de sentimentos próprios de pessoas fracas. No entanto, nem toda **submissão** deve ser mal interpretada.* (sinônimos)

– ***Celso Cunha** é bem conhecido entre os "concurseiros". Até hoje, a obra desse **gramático** tem grande prestígio.* (hipônimo-hiperônimo)

– *Estão circulando alguns boatos a respeito da premiação de um **ator** brasileiro na próxima festa do Oscar. **Rodrigo Santoro** realmente pode conseguir seu lugar ao sol.* (hiperônimo-hipônimo)

– ***Jesus Cristo**, após sua morte, continuou sendo alvo de ataques. Alguns céticos até hoje duvidam da existência do **Salvador** e dos milagres atribuídos a ele.* (antonomásia)

– *As **chaminés** estão com os dias contados. O governo aprovou finalmente critérios rígidos para as **indústrias** produtoras de gases nocivos ao meio ambiente.* (metonímia)

– *O **Cespe** é um órgão que integra a Fundação Universidade de Brasília, realizando diversos concursos públicos anualmente. É por isso que muitos candidatos procuram saber mais sobre o **Centro de Seleção e de Promoção de Eventos**.* (abreviação)

– ***Luís Inácio Lula da Silva** foi presidente duas vezes. Todo o povo brasileiro amava **Lula**.* (repetição de parte do nome)

– *Depois de ter se **convertido** àquela religião, nunca mais foi a mesma pessoa. Como pode uma **conversão**, aparentemente positiva, afastar amigos?* (nominalização)

– ***A demora na liberação de verbas, na compra de material, na execução de serviços** tem provocado desconforto, por isso o presidente cobrou de seus ministros menos **burocracia**, com o intuito de ajudar os que mais necessitam.* (palavra-síntese)

Obs.: Os casos anteriores costumam ser enquadrados também no que se chama **coesão**

lexical. Também é digno de nota dizer o que é **expansão lexical**: trata do uso de palavras ou expressões sinônimas que, normalmente, indicam o ponto de vista do autor: *"**O professor Evanildo Bechara** ainda ministra aulas no Rio de Janeiro. **Este grande mestre** gosta de dividir sua sabedoria com os alunos."*.

2) Elipse

– *Os verdadeiros mestres prezam a excelência no ensino e assistem os alunos da melhor maneira possível.*

Evita-se a repetição do sujeito por meio da elipse: *"... (verdadeiros mestres) assistem os alunos..."*.

3) Adjetivos

– ***Relacionadas** ao tabaco, dói imaginar que o Brasil tenha gastado 0,5% do Produto Interno Bruto (PIB) em 2011 para tratar **doenças** – cerca de 20 bilhões de reais.*

Note que o adjetivo *relacionadas* faz referência a *doenças*.

4) Artigos definidos

– *Um guarda de trânsito multou um carro estacionado em lugar irregular na rua em que deixo meu carro. Tenho sorte por conhecer **o** policial.*

Observe que o artigo definido destacado tem valor anafórico, pois remete ao guarda de trânsito mencionado anteriormente. Se, no lugar do *o*, fosse usado *um* (artigo indefinido), o sentido iria mudar e a relação coesiva entre *policial* e *guarda de trânsito* não seria estabelecida.

5) Pronomes

Todos os seis tipos (pessoal, possessivo, indefinido, interrogativo, demonstrativo e relativo) colaboram com a referenciação, seja anafórica, seja catafórica.

– *"Se o **diretor** é uma espécie de CEO (diretor-executivo) na escola, é necessário que **ele** desenvolva habilidades de liderança."* (Irma Zardoya)

– *"Ou o **sistema** muda de bom grado, ou as "quebradeiras" e as multidões tomando as ruas vão obrigá-**lo** a mudar!"*

– *"A participação das **mulheres** no Congresso norte-americano ainda é considerada baixa (cerca de 17%), mas o resultado no Senado comprova um aumento sistemático da participação d**elas** na tomada de decisões."* (José Antonio Lima)

– *Não deve ser fácil para **Sua Santidade** conter a vaidade, afinal, **Francisco** é hoje o líder religioso mais poderoso do mundo.*

– *"O governo do Equador deu asilo ao fundador do WikiLeaks, Julian Assange. **O Reino Unido**, com **seu** conhecido respeito seletivo pela legislação internacional, desenterrou*

uma lei bisonha para afirmar que poderia invadir a embaixada do país latino-americano, a fim de capturar seu inimigo público." (Vladimir Safatle)

– *O **futebol** é indiscutivelmente a paixão nacional do brasileiro, em segundo lugar vem o **basquete**. **Um** apresenta Pelé como ídolo; o **outro**, Oscar.*

– *Segundo algumas religiões cristãs, há dois governantes no mundo: **Deus** e **Satanás**. A **quem** você serve?*

– *"Duas estradas se separam em uma floresta: eu **tomo aquela que é menos viajada**, e **isso** tem feito toda a diferença."* (Robert Frost)

– *Os **alunos** **cujas** famílias estão no programa do governo têm frequência acima da média dos demais.*

6) Numerais

– ***João**, **Pedro** e **Amanda** passaram, mas só o **primeiro** se classificou para o concurso elaborado pelo Cespe. O **segundo** e a **terceira** desistiram da carreira e decidiram tentar o concurso elaborado pela Esaf.*

7) Verbos vicários

Os verbos ***fazer*** e ***ser*** são substitutos de outros verbos para se evitar a repetição.

– *É preciso **acabar** com a corrupção de uma vez por todas, mas como **fazê**-lo? (... mas como acabar)*

– *"Amo a liberdade, por isso as coisas que amo deixo-as livres. Se **voltarem** **é** (= voltaram) porque as conquistei. Se não **voltarem** **é** (= não voltaram) porque nunca as tive." (Bob Marley)*

8) Advérbios

– *O **Brasil** e os **Estados Unidos** são países que conservam um certo grau de preconceito. Mas **lá** chega a ser pior que **aqui**.*

– *É **assim** que quero morrer: **na minha cama, num sono profundo**.*

Coesão Sequencial

Ocorre quando se usam conjunções, locuções conjuntivas, preposições, locuções prepositivas ou pronomes relativos que normalmente conectam orações dentro do texto, dando *sequência* à leitura, estabelecendo determinadas relações de sentido e concatenando as ideias dentro dele. Por isso, **sugiro que você recapitule estas classes gramaticais**.

– *Eu me esforcei muito* ***e*** *fiz grande investimento na minha carreira inicial,* ***mas*** *nada saiu como eu esperava* ***ou*** *como deveria ser,* ***porque****, afinal, esse não era meu destino.* ***Por isso*** *hoje decidi fazer faculdade,* ***a qual*** *me fez muito feliz. Finalmente encontrei minha vocação* ***para*** *obter sucesso profissional.* ***Em virtude d****isso, posso dizer* ***que*** *estou realmente realizado.*

Note que todos os termos destacados "jogam" o leitor para a frente na leitura, pois tais conectores (ou conectivos) servem para, além de introduzir argumentos, dar progressão ao texto.

Dica de irmão: Decore os conectivos, pois a maneira como isso cai na prova é simples: normalmente se pede a substituição de um conectivo por outro mantendo o mesmo sentido. Logo, se você não tem os conectivos no sangue, vai perder a oportunidade de acertar uma questão.

Coesão Recorrencial

Ocorre quando se usa a **repetição** (reiteração) de vocábulos, o **paralelismo sintático** (repetição de estrutura sintática semelhante) e a **paráfrase** (repetição de conteúdo semântico semelhante, introduzido por *ou seja, isto é, quer dizer*...)

– *"Uma em cada sete pessoas no mundo vai para a cama com **fome**, na maioria mulheres e crianças", disse a diretora da representação do PAM em Genebra (Suíça), Lauren Landis, no seminário intitulado Lutar Juntos Contra a Fome. "A **fome** mata anualmente mais pessoas do que o vírus que transmite a Aids, a malária e a tuberculose", acrescentou.* (repetição enfática)

– *Bom mesmo é **passar no concurso**, **ganhar bem** e **ser feliz**.* (paralelismo)

– *Ela não compareceu à prova, **ou seja, perdeu a chance**.* (paráfrase)

Obs.: Dos três, o mais comum é o recurso do paralelismo sintático. Veja:

Questão 03 (Uerj – Vestibular (Português Instrumental) – 2006)

O homem de grandes negócios fecha a pasta de zíper e toma o avião da tarde. O homem de negócios miúdos enche o bolso de miudezas e toma o ônibus da madrugada. A mulher elegante faz Cooper e sauna na quinta-feira. A mulher não elegante faz feira no sábado. (l. 1 – 3)

Na passagem citada, estão implícitas comparações, que se constroem por meio de um mecanismo de coesão determinado.

A) Identifique e defina o mecanismo de coesão que estrutura essas comparações.

Gabarito Oficial: Paralelismo. Apresentação de estruturas sintáticas semelhantes.

Fatores de Coerência

Para que um texto tenha harmonia de sentido entre suas partes, e, portanto, **coerência**, é preciso que nele haja **textualidade**, um conceito que trata, dentre outras coisas, dos fatores de coerência de um texto. Conheça alguns:

Manutenção temática

Suponha que um parágrafo esteja falando sobre educação brasileira...

O investimento na educação brasileira precisa ser levado a sério, pois há jovens mentes brilhantes apenas esperando ser lapidadas a fim de produzir arte e novas tecnologias em benefício de toda a sociedade.

Faria sentido dar continuidade ao texto assim?

Por isso, o governo continuará desenvolvendo projetos relativos ao esporte, afinal, nosso país vem sendo considerado um dos grandes polos esportivos.

É claro que não... afinal, o **contexto** (o primeiro período) não mantém harmonia de sentido com a segunda parte do texto.

Conhecimento de mundo

Suponha que um parágrafo esteja falando sobre os oceanos...

Quase três quartos da superfície terrestre são cobertos pelos oceanos.

Faria sentido dar continuidade ao texto assim?

Dentre eles, o maior de todos, o Pacífico, banha grande parte do território brasileiro.

É claro que não... afinal, nosso conhecimento de mundo nos diz que tal oceano não banha o Brasil, mas sim o Atlântico.

Situação de comunicação

Suponha que uma carta de demissão seja dirigida à área de departamento pessoal assim:

Prezado empregador,

Na boa, nunca gostei de trabalhar aqui nesse lugar horrível, que paga mal, que nos causa estresse e o escambau. Por isso estou metendo o pé. Quero que me paguem tudo certinho, senão vou meter a empresa no pau. Fui!

Percebe que falta **adequação à situação de comunicação**? Por mais que o empregado estivesse insatisfeito com a empresa, a situação exige um discurso mais formal (sem gírias) e desprovido de ofensas e ameaças.

Mecanismos gramaticais e semânticos da língua

É preciso tomar cuidado com certas palavras da língua, como sinônimos e parônimos, pois,

em alguns contextos, pode haver certa confusão no uso, gerando incoerência. Veja um exemplo de mau uso na escolha vocabular:

O sobrepeso é mais do que um problema com a aparência, é um perigo real para a saúde, haja vista os milhares de mortes relacionadas a ele. A questão é tão grave que muitos médicos, nutricionistas e professores de educação física militam contra o sobrepeso, alertando que ele provoca a diabetes tipo 2, doenças cardíacas, pressão alta, infarto e certos cânceres.

Percebeu que o autor quis dizer *obesidade*, mas usou *sobrepeso*? *Sobrepeso* é apenas o peso acima do ideal, levando-se em conta sexo, altura, idade etc. *Obesidade* é um excesso de gordura acumulada em todo o corpo que representa uma porcentagem muito maior em relação à massa magra. Em outras palavras, o sobrepeso representa apenas um risco do indivíduo tornar-se obeso. Ponto. Já a obesidade traz prejuízos à saúde.

Agora note que se usa equivocadamente uma palavra:

Enquanto os principais líderes da colisão e da oposição alimentaram a impressão em julho e agosto de que estavam preparados para que a Grécia deixasse o euro, a opinião comum hoje parece ser de que o país deve ser mantido no bloco monetário.

Percebeu que o autor quis dizer *coalizão*, ou seja, um acordo entre partidos políticos? Ao usar *colisão*, o sentido ficou absurdo, afinal, não houve choque entre dois corpos, ninguém colidiu com ninguém, nem conflito houve.

Intertextualidade

A **intertextualidade** é um recurso argumentativo muito bom quando o intuito é a defesa de uma tese. No entanto, se mal usada, além de nada acrescentar, pode provocar incoerência.

A falta de comedimento já levou o ser humano a se destruir, individual e coletivamente, muitas vezes. Por isso não podemos nos dar ao luxo de pensar que nossas atitudes são inconsequentes e só nos ferem a nós mesmos. Precisamos seguir o que disse o poeta Cazuza em um de seus raros momentos de lucidez moral e espiritual: "Até nas coisas mais banais, pra mim é tudo ou nunca mais.".

Note que o conteúdo da citação, que é um tipo de intertextualidade (reveja este conceito no capítulo de Semântica), não corrobora a tese, mas vai em direção contrária a ela.

Intencionalidade

Quando se cria um texto, é preciso deixar clara a intenção ao interlocutor. Não se pode, por exemplo, apresentar duas teses num parágrafo introdutório de uma redação dissertativo-argumentativa, pois o leitor ficará confuso. Veja:

Para mantermos uma consciência sustentável, precisamos usar inteligentemente, hoje, os

recursos do planeta, pois ninguém mais duvida que, por sermos seres dependentes deles, precisam ser bem utilizados e reutilizados. É certo que o homem precisa investir em empreendimentos sustentáveis, mas não se pode negar que há um alarmismo quanto ao esgotamento dos recursos naturais da Terra. Sendo assim, é preciso ação e menos discurso.

Observe de novo a primeira tese:

Para mantermos uma consciência sustentável, precisamos usar inteligentemente, hoje, os recursos (esgotáveis) do planeta, pois ninguém mais duvida que, por sermos seres dependentes deles, precisam ser bem utilizados e reutilizados.

Agora, a segunda:

É certo que o homem precisa investir em empreendimentos sustentáveis, mas não se pode negar que há um alarmismo quanto ao esgotamento dos recursos naturais da Terra.

Afinal, o autor do texto acredita que os recursos são esgotáveis ou não? Qual é o grau de importância que ele dá a isso na primeira tese e na segunda tese? O que ele vai defender ao longo do texto: a ideia de que precisamos manter uma consciência sustentável ou de que é preciso investir em empreendimentos sustentáveis?

Há uma incoerência, ou obscuridade (para dizer o mínimo), na *intenção* do autor.

Vamos conhecer agora os tipos de coerência mais comuns.

Coerência Narrativa

Há **coerência narrativa** quando um texto narrativo apresenta harmonia e logicidade entre as partes que o compõem.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: *Assim que Manuela chegou à estação de trem, deu-se conta de que havia esquecido o objeto mais importante de sua vida até então, a foto de seu amor. Por isso, pegou o trem e partiu.*

Coerência: *Assim que Manuela chegou à estação de trem, deu-se conta de que havia esquecido o objeto mais importante de sua vida até então, a foto de seu amor. Por isso, retornou a sua casa, fazendo em seguida o trajeto de volta para pegar o trem.*

Raciocínio simples: se a personagem tinha como objeto mais precioso a foto de seu amor, não poderia ter partido sem ela.

Coerência Argumentativa

Há **coerência argumentativa** quando um texto dissertativo apresenta harmonia e logicidade entre as partes que o compõem, normalmente entre os argumentos e a tese.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: *Doença que mais mata no país e que costuma ser associada a pacientes idosos, o acidente vascular cerebral (AVC) também atinge jovens. Por isso aqueles precisam investir nos exercícios físicos e na boa alimentação, mas não estes.*

Coerência: *Doença que mais mata no país e que costuma ser associada a pacientes idosos, o acidente vascular cerebral (AVC) também atinge jovens. Por isso ambos os grupos etários precisam investir nos exercícios físicos e na boa alimentação.*

Raciocínio simples: independentemente de o AVC matar mais idosos que jovens, ambos precisam se preocupar com a saúde.

Coerência Figurativa

Há **coerência figurativa** quando um texto, normalmente narrativo-descritivo, apresenta harmonia e logicidade entre as partes que o compõem – o assunto tratado e as figuras usadas para ilustrá-lo.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: *Todo o velório foi profundamente triste, pois Laureliano era uma pessoa notável e assaz virtuosa. Pessoas contavam piadas, bebiam, comiam, dançavam, gargalhavam e se beijavam, como se o mundo estivesse acabando. O morto foi ignorado por completo.*

Coerência: *Todo o velório foi profundamente triste, pois Laureliano era uma pessoa notável e assaz virtuosa. Não havia piadas, nada se bebia, nada se comia, não havia dança, só choro; os beijos eram de condolências, o mundo havia acabado ali, pois o morto era o centro de todas as atenções.*

Raciocínio simples: se o morto é uma pessoa notável e assaz virtuosa, a expectativa é de que as pessoas deem total atenção a ele. Por estarem em um velório, as pessoas têm de comportar-se conforme a ocasião.

Coerência Temporal

Há **coerência temporal** quando um texto, normalmente dissertativo ou narrativo, apresenta harmonia e logicidade temporal entre as partes que o compõem, respeitando-se as leis da sucessividade dos eventos.

A partir desse conceito, veja esta questão:

Questão 2 (FUNRIO – MPOG – Analista Administrativo – 2009)

A coerência textual se constrói de muitas maneiras. Uma delas é aquela que respeita as leis da sucessividade dos eventos ou apresenta uma compatibilidade entre os enunciados do texto, do ponto de vista da localização no tempo. Nesse caso, temos o que se chama de coerência temporal.

Qual dos trechos abaixo apresenta incoerência, pois os enunciados são incompatíveis do ponto de vista da temporalização?

a) Antes do jogo, a torcida cantou músicas que saudavam o seu time. Com a derrota por goleada, o coro da arquibancada só servia para execrar os jogadores e os dirigentes – responsabilizados por mais aquele fracasso.

b) Enquanto alguns povos se vangloriam dos feitos de seus antepassados e não se preparam para o futuro, aos povos que não têm grande tradição só resta buscar a organização de sua sociedade.

c) Quando a professora entrou, o menino já tinha posto o sapo na bolsa de seu colega e estava sentado tranquilamente no seu lugar. A mestra pegou-o em flagrante, bem no instante em que ele colocava o sapo na bolsa do colega.

d) A moça escolheu minuciosamente os grãos de feijão e de arroz e só depois disso colocou-os na panela e no fogo, pois sabia que no dia seguinte não teria tempo para fazer esse serviço.

e) Durante o temporal que caiu na semana passada na cidade onde eu nasci, vi muita gente comprando guarda-chuvas e capas protetoras, pois tudo aconteceu muito repentinamente.

Comentário: O gabarito é a letra C, pois, se ele já tinha posto o sapo na bolsa antes de ela entrar, não faz sentido algum dizer que ela o pegou no momento em que ele fazia isso.

Coerência de Registro

Há **coerência de registro** ou **coerência no nível de linguagem** quando um texto apresenta apenas um registro. Quando há mais de um registro no mesmo texto, normalmente o formal e o informal, ocorre uma incoerência.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: "Cada descoberta científica é uma pequena história de aventura. Nas publicações científicas, o relato dessas paradas está encoberto por uma porrada de termos técnicos, descrição de métodos e um cuidado paranoico com a precisão da linguagem. O resultado é que o sabor da aventura se perde em um texto difícil pra dedéu." (Fernando Reinach)

Coerência: "Cada descoberta científica é uma pequena história de aventura. Nas publicações científicas, o relato dessas aventuras está encoberto por uma infinidade de termos técnicos, descrição de métodos e um cuidado paranoico com a precisão da linguagem. O resultado é que o sabor da aventura se perde em um texto quase incompreensível" (Fernando Reinach)

Observe que há incoerência no primeiro fragmento porque há mistura de linguagem sóbria, formal com linguagem chula, vulgar. Para haver coerência, é preciso manter uma uniformidade no registro linguístico.

Continuidade Textual

Este assunto, antes de qualquer coisa, é a cara da Esaf. Todo bendito ano cai uma questão a respeito disso (às vezes duas ou três). Vamos entender isso de uma vez por todas?

Todo texto coerente precisa apresentar **progressão textual**, ou seja, "cada segmento que se sucede precisa ir acrescentando informações novas aos enunciados anteriores". Não pode haver repetição de ideias, a não ser por motivo enfático, senão o texto vira uma ladainha, ficando "pobre". A partir desse conceito, veja um texto sem progressão textual seguido de sua reescritura com progressão:

Sem progressão textual: *A água potável sempre foi um recurso finito. Mesmo sendo um recurso renovável, pelo ciclo natural, suas reservas não são ilimitadas. Dizer que ela nunca vai acabar é um disparate, pois um dia isso pode acontecer. Afinal, a água que usamos para a sobrevivência (higiene e alimentação), pode ter um fim.*

Com progressão textual: *A água potável sempre foi um recurso finito. Mesmo sendo um recurso renovável, pelo ciclo natural, suas reservas hoje estão comprometidas, por causa de algumas ações humanas. Por exemplo, a indústria consome cerca de 24% da água do planeta, além de poluir lagos e rios, causando também perda de biodiversidade. Precisamos entender sua importância para que simultaneamente não tenhamos o mesmo fim.*

Note que o primeiro texto "roda, roda, e não sai do lugar". Há um discurso circular, sem informações novas e relevantes. O segundo texto é o oposto disso, por isso há progressão.

Às vezes, a progressão textual é comprometida por coesão inadequada ou incoerência. Veja quatro exemplos:

Texto com coesão inadequada:

O capitalista ganha na massa de produtos, porque em cada mercadoria produzida há sempre proporcionalmente menos peso da força de trabalho e, portanto, da mais valia – que é o que lhe permite acumular capital.

No entanto, o capitalista está sempre buscando ampliar sua produção, para ganhar na competição, pela escala de produção e porque ganha na massa de mercadorias produzidas.

(Emir Sader – adaptado)

Texto com coesão adequada:

O capitalista ganha na massa de produtos, porque em cada mercadoria produzida há sempre proporcionalmente menos peso da força de trabalho e, portanto, da mais valia – que é o que lhe permite acumular capital.

Por isso, o capitalista está sempre buscando ampliar sua produção, para ganhar na competição, pela escala de produção e porque ganha na massa de mercadorias produzidas.

(Emir Sader – adaptado)

A conjunção *no entanto,* que inicia o segundo parágrafo, não deveria ser usada, pois tal conectivo estabelece uma relação de oposição; mas, entre o primeiro parágrafo e o segundo, há uma clara relação de causa e consequência, por isso o elemento coesivo a ser usado no início do segundo parágrafo deveria ser um destes: *portanto, então, por isso, por conseguinte, em vista disso etc.*

Texto sem coerência:

Uma trágica guerra instaurou-se entre o crime organizado e a Polícia Militar de São Paulo. A selvageria e a violência tomaram conta do cotidiano de amplos setores da periferia da cidade. A população, sempre vítima maior deste conflito, vive momentos de intensa insegurança. A mídia comercial é estranhamente comedida nos espaços dedicados ao noticiário do tema.

Por isso a Comissão Global de Política sobre Drogas (CGPD), presidida pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, pediu nesta quarta-feira 24, em Varsóvia, políticas orientadas para a prevenção e o controle, justificando que a guerra contra as drogas foi um fracasso.

(Pedro Estevam Serrano – adaptado)

Texto com coerência:

Uma trágica guerra instaurou-se entre o crime organizado e a Polícia Militar de São Paulo. A selvageria e a violência tomaram conta do cotidiano de amplos setores da periferia da cidade. A população, sempre vítima maior deste conflito, vive momentos de intensa insegurança. A mídia comercial é estranhamente comedida nos espaços dedicados ao noticiário do tema.

Por isso, os governos federal e estadual travaram acordo de cooperação com vistas à repressão comum do crime organizado por meio da criação de uma agência especializada.

(Pedro Estevam Serrano – adaptado)

Não se pode mudar de assunto de um parágrafo a outro sem que haja uma razão para isso. Note que o primeiro parágrafo fala sobre uma guerra na cidade de São Paulo entre o crime organizado e a Polícia Militar. No segundo, fala-se de guerra contra as drogas e políticas relativas a drogas. Cuidado com a manutenção temática! Ela é necessária para que possa haver coerência textual.

Dica de irmão: Normalmente a Esaf é a banca que trata de continuidade textual. Por isso saiba que, quando ela trabalha este assunto na prova, a maioria das vezes os enunciados dizem assim: “Assinale a opção que fornece uma continuidade coesa, coerente e gramaticalmente correta.”. Quando se diz “gramaticalmente correta”, muitas vezes é possível eliminar opções só pelo conhecimento de regras gramaticais, como regência, crase,

concordância, emprego de pronomes, ortografia, acentuação, pontuação etc. Por isso, ao fazer uma questão dessas, tente agilizar sua vida na hora da prova por perceber as alternativas que têm desvios gramaticais, ok?

O Que Cai Mais na Prova?

Hoje as provas têm abordado muito a questão do valor coesivo dos pronomes. Eles têm o papel de recuperar ou fazer referência a termos *dentro do texto* (**coesão endofórica – anafórica**, que substitui termo ou ideia anterior – ou **catafórica**, que refere-se a um termo ou ideia posterior). Os termos, expressões, ideias inteiras retomadas ou antecipadas por um pronome são chamados de referentes. Normalmente os pronomes são usados com tais funções para evitar a repetição viciosa no texto.

Portanto, estude **coesão referencial** e **sequencial** muito bem, e qualquer prova estará em suas mãos. Sobre progressão textual e coerência, preste atenção na manutenção temática e no uso dos conectivos. Por isso, **insisto: faça e refaça as questões deste capítulo e dos de *Conjunção*, *Preposição* e *Pronome***, pois há muitas questões que tratam de coesão e coerência! O conhecimento dessas classes gramaticais (e suas funções discursivas) será determinante para acertar uma questão na prova. Todas as bancas (todas!) adoram tratar de coesão e coerência. Não diga que não avisei!

Questões de Concursos

1. (Consulplan – CFN – Administrador – 2011) Os termos destacados constituem elementos coesivos por retomarem termos ou ideias anteriormente registrados, EXCETO:

   a) *"Para isso, existiam os oráculos"* (1º §)

   b) *"Afinal de contas, ele jamais havia se considerado um grande sábio."* (2º §)

   c) *"Só sei que nada sei"* (2º §)

   d) *"Além disso, os diálogos de Sócrates não serviam para defender essa ou aquela posição ideológica"* (3º §)

   e) *"Em seguida, destrinchava as respostas que lhe eram dadas"* (3º §)

2. Em *"Quando confrontados pelos aspectos mais obscuros ou espinhosos da existência"* (1º §), *"Após muito meditar sobre as palavras do oráculo"* (2º §), *"então o verdadeiro sábio é aquele que tem consciência da própria ignorância"* (2º §), *"A partir daí, Sócrates começou uma cruzada pessoal contra a falsa sabedoria"* (2º §), e *"Mas havia grandes diferenças entre a dialética de Sócrates e a de seus antigos mestres"* (3º §). As expressões destacadas indicam, respectivamente, ideia de:
   a) Tempo, tempo, conclusão, conclusão, adversidade.
   b) Tempo, tempo, tempo, conclusão, adversidade.
   c) Tempo, tempo, conclusão, tempo, adversidade.
   d) Consequência, tempo, tempo, conclusão, adversidade.
   e) Tempo, tempo, tempo, conclusão, adição.

É impossível colocar em série exata os fatos da infância porque há aqueles que já acontecem permanentes, que vêm para ficar e doer, que nunca mais são esquecidos, que são sempre trazidos tempo afora, como se fossem d'agora. É a carga. Há os outros, miúdos fatos, incolores e quase sem som – que mal se deram, a memória os atira nos abismos do esquecimento. Mesmo próximos eles viram logo passado remoto. Surgem às vezes, na lembrança, como se fossem uma incongruência. Só aparentemente sem razão, porque não há associação de ideias que seja ilógica. O que assim parece, em verdade, liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas – raízes lógicas! – de que emergem os pequenos caules isolados – aparentemente ilógicos! só aparentemente! – às vezes chegados à memória vindos do esquecimento, que é outra função ativa dessa mesma memória. (Pedro Nava, Baú de Ossos)

3. (Consulplan – Pref. Santo Antônio do Descoberto/GO – Advogado – 2011) Considerando-se as relações de coesão do texto, assinale a opção em que o 2º elemento faz referência ao 1º:
   a) os fatos da infância – aqueles;
   b) tempo afora – d'agora;
   c) carga – os outros;
   d) carga – miúdos fatos;
   e) abismos do esquecimento – eles.

Fragmentos de texto

Acho que foi o Hemingway quem disse que olhava cada coisa à sua volta como se a visse pela última vez.
(...)
Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver, você não vê. Sei de um profissional que passou 32 anos a fio pelo mesmo hall do prédio do seu escritório. Lá estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro. Dava-lhe bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer.
Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado, o porteiro teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por sua ausência. O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem. Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos.
(...)

4. **(**Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011**)** A passagem transcrita em que **NÃO** há correspondência entre o pronome destacado e o referente a ele atribuído é:
   a) "...como se a visse pela última vez." (l. 2-3) – coisa

b) “Lá estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro.” (l. 20-21) – hall do prédio
c) “Dava-lhe bom-dia...” (l. 21-22) – profissional
d) “pode ser também que ninguém desse por sua ausência.” (l. 29-30) – girafa
e) “O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem.” (l. 30-31) – olhos

5. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Adm. e Secr.) – 2011) O período “Fiquei perturbada, mas acabei dando as costas para o resultado [...]” (L. 27-29) pode ser reescrito, mantendo-se o mesmo sentido, assim:
a) Como fiquei perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
b) Antes de ficar perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
c) Conforme ficava perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
d) Caso tivesse ficado perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
e) Embora tenha ficado perturbada, acabei dando as costas para o resultado.

6. (FDC – Cremerj – Administrador – 2011) “As drogas medicinais ou ‘drogas da virtude’, prescritas pelos físicos, odontólogos e médicos homeopatas ou alopatas eram manipuladas por boticários, que importavam remédios europeus e usavam produtos nativos em sua formulação.”
No texto há um conjunto de elementos que se prendem a termos anteriores a fim de produzir coesão (ligações formais e semânticas) entre esses elementos. A indicação **INCORRETA** de um desses termos é:
a) o pronome possessivo *sua* tem como referente “remédios europeus”;
b) o particípio *prescritas* refere-se às duas espécies de drogas mencionadas antes;
c) o conectivo *por* une a forma verbal *eram manipuladas* a seu agente;
d) a forma verbal *usavam* repete o mesmo sujeito de *importavam*;
e) o pronome relativo *que* refere-se a boticários.

7. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) Identifica-se uma consequência e sua causa, respectivamente, em:
a) *Há felicidade coletiva // quando são adequadamente observados os itens que tornam mais feliz a sociedade*. (2º parágrafo)
b) *E a sociedade será mais feliz // se todos tiverem acesso aos básicos serviços públicos de saúde*... (2º parágrafo)
c) *A educação, a segurança, a saúde, o lazer, a moradia e outros mais são considerados direitos fundamentais de cunho social pela Constituição // exatamente por serem essenciais ao bem-estar da população no seu todo*. (5º parágrafo)
d) *... por dizer a Constituição serem os direitos sociais essenciais à busca da felicidade, // se vai, então, forçar os entes públicos a garantir condições mínimas de vida* ... (3º parágrafo)
e) *O povo pode ter intensa alegria, por exemplo, ao se ganhar a Copa do Mundo de Futebol, // mas não há felicidade coletiva, e sim bem-estar coletivo*. (6º parágrafo)

8. (Consulplan – Pref. Nova Iguaçu/RJ – Médico Acupunturista – 2012) Dentre os trechos destacados a seguir, está expressa ideia de oposição em:
a) “... atingido esse consenso, porém, não é motivo para a humanidade...”
b) “Dar o mundo de presente aos filhos? Vá a uma loja de brinquedos lotada...”
c) “... isso não garante que também eles serão capazes de repassar a fortuna...”
d) “... sem nem mesmo respeitar o silencioso pacto de espera...”
e) “Quanto mais vou a aniversários, menos confiante eu fico...”

Fragmento de texto

“Nesta altura do campeonato já dá para dizer que todos concordam com a importância de deixar um planeta melhor para os nossos filhos. E que, exatamente por isso, a sustentabilidade é uma questão importante dos nossos tempos. O fato de termos atingido esse consenso, porém, não é motivo para a humanidade bater no peito e acreditar que deu um passo à frente. (...)”

9. Tendo em vista a importância e função dos elementos de coesão textual, o termo destacado em “E que, exatamente por <u>isso</u>, a sustentabilidade é uma questão importante dos nossos tempos.” refere-se:
a) ao futuro das novas gerações;
b) aos atos inconsequentes contra o meio ambiente;
c) à importância da sustentabilidade em nossos tempos;
d) à opinião em comum que todos possuem a respeito dos filhos;
e) ao fato de que é importante deixar um planeta melhor para as próximas gerações.

"Sei que você sente muitas saudades, *porque* eu também sinto saudades de você."

10. (Ceperj – Procon/RJ – Agente de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) O conectivo "porque", no contexto acima, estabelece relação de:
    a) modo;
    b) causa;
    c) adversidade;
    d) conformidade;
    e) proporcionalidade.

"Para os trabalhadores, é o mês em que eles pensam que estão mais ricos. Recebem o 13º salário ou parte dele – e compram. A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando. Compram de tudo."

11. (Ceperj – Degase – Agente Socioeducativo – 2012) "A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando."
    O período acima poderia ser reescrito com a introdução de um conectivo, de modo a explicitar a relação de sentido do contexto original.
    A inserção do conectivo preserva o sentido original da frase na seguinte alternativa:
    a) embora venham comprando;
    b) para virem comprando;
    c) porque vêm comprando;
    d) contudo vêm comprando;
    e) apesar de virem comprando.

"Delfino Natal de Souza, secretário de logística e tecnologia da informação, defende que <u>esta nova modalidade de gestão de documentos irá modernizar a gestão pública</u> / <u>ao permitir que o gerenciamento de processos seja feito de forma eletrônica.</u>"

12. (Ceperj – Seplag – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) As relações lógicas entre os segmentos sublinhados são as de:
    a) causa / consequência.
    b) fato / justificativa.
    c) previsão / retificação.
    d) opinião / modo.
    e) afirmação / exemplificação.

13. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Assinale a opção que constitui continuação coesa, coerente e gramaticalmente correta para o texto abaixo.
    O governo concedeu R$ 97,8 bilhões em benefícios fiscais a empresas, nos últimos cinco anos, e adotou dezenas de medidas para conter a valorização cambial e proteger a indústria da concorrência estrangeira − mas tudo isso teve resultados insignificantes, como demonstra o fraco desempenho brasileiro no mercado internacional de manufaturados. Incapaz de acompanhar o crescimento do mercado interno, a indústria de transformação perdeu espaço no Brasil para os concorrentes de fora e cresceu em 2011 apenas 0,1%, ou quase nada.
    a) Por isso esse protecionismo seja uma forma de compensar a falta de uma estratégia minimamente eficaz. O resultado só poderá ser o desperdício de mais dinheiro, esforços e oportunidades.
    b) Esses investidores tomam dinheiro barato na Europa e aplicam no Brasil, em troca de juros altos. A ação defensiva, nesse caso, é justificável, embora pouco eficaz.
    c) Alem disso, é consenso entre esses empresários, administradores e governantes que é preciso aplicar muito mais dinheiro em máquinas, equipamentos e obras de infraestrutura.
    d) Portanto, diante desse bom desempenho é um erro atribuir os problemas nacionais a fatores externos. Mas é preciso responsabilizar os bancos centrais do mundo rico por uma parcela importante dos males econômicos do País.
    e) Sem competitividade, essa indústria é superada pelos produtores instalados nas economias mais dinâmicas e mal consegue manter, mesmo na América do Sul, posições conquistadas em tempos melhores.

14. Assinale a opção que, na sequência, preenche corretamente as lacunas do texto.
    Quando a crise financeira eclodiu em 2008, uma das ameaças mais temidas foi __1__ ela trouxesse consigo o protecionismo generalizado. A crise ainda não acabou, as perspectivas pessimistas __2__ comércio mundial não se concretizaram, e __3__ Brasil tenta agora é obter sinal verde para fechar por um tempo sua economia, abrindo caminhos __4__ outros países em situação semelhante façam o mesmo. A Organização Mundial do Comércio − OMC daria então

aval a esse protecionismo, supondo que ela fosse capaz de estabelecer __5__ deveria ser a taxa de câmbio de equilíbrio de seus membros, e o período pelo qual uma taxa desalinhada poderia voltar ao seu nível "normal", que é o que o Brasil parece supor ao pedir proteção temporária. A proteção, se concedida ao Brasil, provavelmente elevaria seus substanciais saldos comerciais, valorizando mais sua moeda, __6__esse é apenas um dos problemas da proposta.

	1	2	3	4	5	6
a)	o de que	com o	aquilo que o	para	onde	porém
b)	que	do	o	de que	que	todavia
c)	a de que	a respeito do	o que o	para que	qual	mas
d)	que	sobre o	que o	dos quais	de quanto	no entanto
e)	qual	para com o	nosso	com que	como	porquanto

15. Assinale a opção que preenche de forma coesa, coerente e gramaticalmente correta a lacuna do trecho a seguir.

Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul são mais do que cinco economias emergentes em expansão num mundo em crise. Reunidas sob o acrônimo BRICS, abrigam mais de 40% da população global e somam perto de US$ 14 trilhões de PIB, ou seja, quase um quinto das riquezas produzidas no planeta. É natural que busquem maior participação no cenário internacional − o que seria facilitado por uma atuação conjunta, em bloco.

_____

_____

_____

A instituição permitiria aos países reduzir a dependência econômica em relação aos Estados Unidos e à União Europeia, em sérias dificuldades. Mais do que isso, a experiência poderia depois ser replicada para dar um pontapé inicial para mudanças políticas não apenas voltadas ao desenvolvimento sustentável, como também à segurança e à paz no universo, com um rearranjo das regras e dos organismos internacionais.

a) Maior dos BRICS, a China, segunda potência mundial, tem PIB de US$ 7,4 trilhões e reservas cambiais superiores a US$ 3 trilhões. Contudo, é uma ditadura que ganha mercados mundo afora com vantagens artificiais, como a desvalorização da moeda, o yuan, um calo inclusive para o Brasil, invadido por produtos chineses em condições desfavoráveis de competitividade.

b) Assim, reconhecer a necessidade de promover correções de rumo internas é desafio de primeira ordem para os cinco emergentes. Aproximações bilaterais, vale lembrar, também terminam por fortalecer o quinteto emergente.

c) A Rússia, por sua vez, apresenta desenvolvimento relativo e hoje consolida-se como economia de mercado ainda sob olhares desconfiados de parte dos governantes de outros países do globo.

d) Os demais países têm abismos sociais a superar, problemas de desigualdades evidentes, o que deixa o bloco, formalizado ou não, distante da pose de referência internacional na questão do desenvolvimento humano.

e) Avançar na criação de um banco de desenvolvimento, proposto pelo primeiro-ministro indiano, como alternativa ao Banco Mundial − Bird e ao Fundo Monetário Internacional − FMI, já seria grande passo.

16. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Leia o texto.

A oferta total de crédito na economia brasileira dobrou nos últimos oito anos. A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito. Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e tem sido um dos principais dínamos do PIB. Mas começam a ficar evidentes os sinais de fadiga nessa expansão econômica baseada no endividamento. Mesmo com o barateamento do dinheiro provido pelo Banco Central, o crédito ficou mais caro para os consumidores. Preocupado com a falta de vigor da economia, o governo determinou que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal reduzissem as suas taxas. No cheque especial e no financiamento de veículos, por exemplo, os juros que agora serão cobrados pelos bancos públicos são praticamente a metade das taxas médias de mercado.

Assinale a opção que fornece uma continuidade gramaticalmente correta e coerente para a argumentação do texto.

a) Ou seja, esses bancos passaram a pagar menos pelo dinheiro que captam no mercado, aumentando as possibilidades de conssessão de empréstimos.

b) Essa e outras medidas teriam a finalidade de aquecer de novo a economia, por meio do estímulo ao consumo e impulso para os investimentos.

c) Mas essas medidas foram eclipsadas pelo aumento dos *spreads* bancários como é chamada a diferença entre o juro que o banco paga e o juro que cobra.

d) Provisões para cobrir essa inadimplência e o peso da tributação responde por mais da metade do custo do dinheiro − que os bancos repassam aos consumidores.

e) No entender dos analistas essas medidas com respeito às taxas excessivas traz a ameaça de causar prejuízos que mais tarde terão que ser cobertos pelo Tesouro.

17. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) O texto Grandes cidades nem sempre são as mais poluentes diz estudo, da France Press, publicado em http://www1.folha.uol.com.br/ambiente/866228 (com acesso em 29/12/2011) foi adaptado para compor os fragmentos abaixo. Numere-os, de acordo com a ordem em que devem ser dispostos para formar um texto coeso e coerente.

( ) Nesse estudo, enquanto cidades do mundo todo foram apontadas como culpadas por cerca de 71% das emissões causadoras do efeito estufa, cidadãos urbanos que substituíram os carros por transporte público ajudaram a diminuir as emissões per capita em algumas cidades.

( ) Pesquisadores examinaram dados de cem cidades em 33 países, em busca de pistas sobre quais metrópoles seriam as maiores poluidoras e por que, de acordo com estudo publicado na revista especializada "Environment and Urbanization".

( ) "Isso reflete a grande dependência de combustíveis fósseis para a produção de eletricidade, uma base industrial significante em muitas cidades e uma população rural relativamente grande e pobre", informa o estudo.

( ) Por fim, quando os pesquisadores olharam as cidades asiáticas, latino-americanas e africanas, descobriram emissões menores por pessoa. A maior parte das cidades na África, Ásia e América Latina tem emissões inferiores por pessoa. O desafio para elas é manter essas emissões baixas, apesar do crescimento de suas economias.

( ) O estudo também aponta outras tendências, como as cidades de climas frios terem emissões maiores, e países pobres e de renda média terem emissões per capita inferiores aos países desenvolvidos.

A sequência correta é:

a) (1) (2) (5) (4) (3);
b) (2) (1) (3) (5) (4);
c) (2) (5) (1) (3) (4);
d) (4) (1) (2) (5) (3);
e) (4) (2) (1) (3) (5).

Enxergando suas obras da década de 1890 à luz de seus conceitos-chave – como o de "idealismo prático" e o de "República" –, conclui-se que Nabuco permaneceu monarquista por julgar que o advento do regime republicano, naquele momento, ... o advento de uma sociedade autenticamente republicana, liberal e democrática entre nós. (...)

18. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale a opção que completa a lacuna sem provocar <u>incoerência</u> de ideias ou ruptura na direção argumentativa do texto.

a) poderia acelerar as transformações sociopolíticas necessárias para;
b) viria a prejudicar e não a favorecer;
c) encontraria valores sedimentados de civismo e liberalismo para;
d) legitimaria a implantação de regimes totalitários, forçando;
e) em vez de retardar o processo democrático, viria a acelerar.

19. (Esaf – SRF – Analista Tributário da Receita Federal – 2012) Assinale a opção que, ao preencher a lacuna do parágrafo, provoca erro gramatical e/ou <u>incoerência</u> na argumentação do texto.

A inflação, que deveria voltar a ser um problema só no ano que vem, vai causar preocupação no curto prazo._____, mais uma vez a taxa vai ficar acima do centro, ainda que permaneça dentro da margem de segurança. A alta foi pequena, mas dá uma ideia do pessimismo que anda dominando os mercados.

a) A serem confirmadas as expectativas do mercado.
b) Apesar de confirmá-las as expectativas do mercado.
c) Se a expectativa do mercado se confirmar.
d) Confirmando-se as expectativas do mercado.
e) Caso sejam confirmadas as expectativas de mercado.

20. Assinale a opção que constitui continuação gramaticalmente correta, coesa e coerente para o texto a seguir.

Apesar do nível de emprego ainda elevado, a situação da indústria brasileira piorou consideravelmente desde o ano passado e hoje destoa muito menos do padrão internacional. As medidas tomadas pelo governo para isolar o País da crise externa, ou para reduzir, pelo menos, o risco de contágio, foram insuficientes, até agora, para impulsionar a indústria de transformação. A manutenção do emprego, a elevação do salário real, a rápida expansão do crédito e a redução de impostos para alguns setores estimularam o consumo, mas a produção manufatureira foi incapaz de acompanhar a demanda interna.

a) Parte desse estímulo foi aproveitada por produtores estrangeiros bem mais preparados para disputar espaço nos mercados. O recuo da atividade industrial brasileira reflete, entre outros fatores, o aumento das importações e a deterioração do saldo comercial.
b) Diante dessa pequena reação de maio para junho foi amplamente insuficiente para a retomada do nível de atividade do ano passado. As maiores perdas em 2012 continuam no setor de bens de capitais, isto é, de máquinas e equipamentos. A

fabricação desses bens aumentou 1,4% de maio para junho, mas a produção do primeiro semestre foi 12,5% inferior à de um ano antes.

c) Essa presença do concorrente de fora não ajuda a explicar os números ruins acumulados a partir de 2011. No primeiro semestre, a produção foi 3,8% menor que a de janeiro a junho do ano passado. O resultado acumulado em 12 meses diminuiu 2,3%.

d) Quando se examina esse período de 12 meses, há uma pequena mudança no conjunto, com redução de 7,6% na produção de bens duráveis de consumo e de 5,5% na fabricação de bens de capital. Durante esses 12 meses, no entanto, a política anticrise estimulou o consumo e abriu espaço para alguma recuperação das indústrias de bens duráveis, como a de automóveis e a da linha branca.

e) Essa iniciativa legal foi suficiente para levar o empresariado a investir com maior entusiasmo em máquinas e equipamentos. Autoridades fizeram apelos ao espírito aguerrido dos empresários, mas sem resultados. Mesmo nos setores beneficiados por facilidades fiscais e medidas protecionistas o efeito foi muito limitado.

"Sempre se soube que um dos principais entraves ao crescimento do Brasil é o gargalo educacional. Novas pesquisas, porém, revelam que o problema é muito mais grave do que se supunha. A mais recente, elaborada pelo Instituto Paulo Montenegro e pela ONG Ação Educativa, mostrou que 38% dos estudantes do ensino superior no país simplesmente "não dominam habilidades básicas de leitura e escrita". O Indicador de Analfabetismo Funcional, que resulta desse trabalho, não mede capacidades complexas."

21. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) A expressão "desse trabalho" é um recurso de coesão que retoma a informação anterior: "Indicador de Analfabetismo Funcional".
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FUMARC – TJ/MG – Técnico Judiciário – 2012) Em "É o desejo, e não já da cidade, senão de toda a população", a palavra assinalada pode ser substituída, sem que haja alteração de sentido, por:
a) exceto;
b) mas sim;
c) portanto;
d) até porque.

– O invejoso procura destruir a felicidade alheia.

– O invejoso age movido também pelo ódio.
– O invejoso nutre a expectativa de que o término da felicidade alheia traga felicidade a ele.

23. (FCC – TRT/PE (6ª R) – Técnico Judiciário – 2012) As frases acima se articulam com correção e lógica em:
a) Movido também pelo ódio, o invejoso procura destruir a felicidade alheia, pois nutre a expectativa de que o seu término lhe traga felicidade.
b) Com a expectativa na qual o término da felicidade do outro lhe traz felicidade, o invejoso, age também pelo ódio e procura destruí-lo.
c) Por acreditar que, o término da felicidade alheia lhe trará felicidade, o invejoso procura destruir-lhe, agindo, também, pelo ódio.
d) O invejoso, o qual age movido também pelo ódio, onde procura destruir a felicidade alheia, nutre a expectativa de que o término desta lhe traga felicidade.
e) Como nutre a expectativa, de que o término da felicidade alheia lhe traga felicidade, o invejoso o qual procura destruir a felicidade alheia, agindo também pelo ódio.

"Inundado por investimentos, patrocínios e empréstimos de bancos, o futebol brasileiro vive um momento de crescimento financeiro que começa a mudar o mapa do esporte no mundo. Um panorama do futebol nacional mostra que, em vários aspectos, clubes começam a ter receitas parecidas com as dos grandes times europeus. Entre os cartolas de tradicionais equipes da Europa, a constatação é de que está cada vez mais caro tirar um jovem do Brasil. (...)"

24. (Vunesp – SEAP/SP – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – 2012) O termo em destaque no trecho – Entre os **cartolas** de tradicionais equipes da Europa, a constatação é de que está cada vez mais caro tirar um jovem do Brasil. – refere-se aos:
a) dirigentes;

b) jogadores;
c) torcedores;
d) uniformes;
e) treinadores.

Texto

Há doenças piores que as doenças,
Há dores que não doem, nem na alma
Mas que são dolorosas mais que outras.
Há angústias sonhadas mais reais
Que as que a vida nos traz, há sensações
Sentidas só com imaginá-las
Que são mais nossas do que a própria vida.
...
Dá-me mais vinho, porque a vida é nada.
(Fernando Pessoa.)

25. No verso – Sentidas só com imaginá-**las** – o termo destacado refere-se a:
a) dores;
b) sensações;
c) doenças;
d) angústias;
e) pessoas.

26. (FCC – TRT/PE (6ª R) – Técnico Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"Um dos mitos narrados por Ovídio nas Metamorfoses conta a história de Aglauros. A jovem é irmã de Hersé, cuja beleza extraordinária desperta o desejo do deus Hermes. Apaixonado, o deus pede a Aglauros que interceda junto a Hersé e favoreça os seus amores por ela; Aglauros concorda, mas exige em troca um punhado de moedas de ouro. **Isso** *irritou Palas Atena, que já detestava a jovem porque esta* **a** *espionara em outra ocasião. Não admitia que a mortal fosse recompensada por outro deus; decide vingar-se, e a vingança é terrível: Palas Atena vai à morada da Inveja e ordena-lhe que vá infectar a jovem Aglauros. (...)"*
– De acordo com o contexto, os pronomes grifados acima se referem, respectivamente, à atitude de Aglauros e a Palas Atena.

27. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) Atente para as afirmações abaixo.
II. Em *quem sabe das dificuldades que Clarice enfrentou vê com alegria o reconhecimento que seu nome alcança e sua irradiação pelo mundo*, o pronome grifado pode se referir tanto a Clarice como a nome.
Está correto o que se afirma?

"Na era das redes sociais, algumas formas de comunicação arcaicas ainda dão resultado. O canadense Harold Hackett que o diga. (...)"

28. (Cespe/UnB – MPE/PI – Cargos de nível superior – 2012) Na expressão "que o diga", o termo "o" refere-se à ideia expressa no período anterior.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Texto

"O seu método é simples. Harold utiliza garrafas de suco de laranja e se certifica de que as mensagens estão com data. Antes de enviá-las, checa o sentido dos ventos... (...)"

29. A forma pronominal "las", em "enviá-las", pode fazer referência tanto ao termo "garrafas" quanto ao termo "mensagens".
( ) CERTO
( ) ERRADO

"O aumento da população, o crescimento econômico e a sofisticação das relações sociais requerem mais serviços públicos, de maior qualidade e crescente complexidade. Para fazer frente a essas **demandas**, o dimensionamento adequado da força de trabalho no setor público é condição necessária, mas não suficiente. **Elas** requerem que o Estado atente também para a qualificação de uma força de trabalho às voltas com questões cada vez mais complicadas (...)"

30. (Cespe/UnB – MP – Analista de Infraestrutura – 2012) No desenvolvimento da argumentação do texto, o pronome “Elas” retoma “demandas”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (Vunesp – Pref. Cubatão/SP – Fiscal de Tributos – 2012) No trecho – **Embora** as estatísticas completas da arrecadação de União, estados e municípios apenas venham a ser conhecidas em meados do ano, é razoável estimar (...), – o termo em destaque pode ser substituído, sem acarretar alteração de sentido, por:
a) entretanto;
b) contudo;
c) conquanto;
d) todavia;
e) no entanto.

32. (FEC – Pref. Angra dos Reis/RJ – Administrador – 2012) Em relação à construção textual, a expressão destacada em “Felizmente, a medicina atual dispõe de inúmeras drogas capazes de curar, controlar e até mesmo de evitar inúmeras doenças. Aparelhos eletrônicos sofisticados são capazes de fazer um diagnóstico apurado, passando informações importantes sobre o paciente. Os avanços NESTA ÁREA são rápidos e possibilitam uma vida cada vez melhor para as pessoas.”, coesivamente, se refere a:
a) aparelhos eletrônicos;
b) medicina atual;
c) informações;
d) doenças;
e) avanços.

33. Na frase destacada “Foi, contudo, no século XVII, que William Harvey fez uma nova descoberta: o sistema circulatório do sangue. A partir daí, os homens passaram a compreender melhor a anatomia e a fisiologia.”, a expressão A PARTIR DAÍ será corretamente substituída, de acordo com seu sentido no texto, por:
a) em consequência;
b) nesse instante;
c) nesse lugar;
d) ao contrário;
e) ao passo que.

1 A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, não de consumo de aulas. Mas as salas de aula de nossas faculdades estão parecendo restaurantes, onde se consomem aulas. (...)

5 Além de mais vagas em faculdades é preciso promover uma formação de qualidade para todos na educação de base. Isso exige uma revolução, não apenas um II Plano Nacional de Educação, possivelmente tão irrelevante quanto o IPNE. (...)
6 Um programa como esse pode ser iniciado de imediato, mas demora a ser implementado em todo o país, sobretudo por falta de recursos humanos em quantidade. A solução é executá-lo por cidades. (...)
7 Esta revolução foi iniciada no final de 2003, em 28 pequenas cidades, e interrompida antes mesmo de ser implementada. A posse de um novo ministro pode ser o momento para iniciar a execução dessa proposta que em 2003 recebeu o nome de Escola Ideal. Com ela, contaremos todos com uma educação de base qualificada e teremos a possibilidade de um sistema de ensino superior de qualidade, (...)”

34. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia 6ª Classe – 2012) Todos os pronomes em destaque fazem referência a elementos intratextuais, EXCETO o seguinte, cujo referente se encontra fora do texto:
a) “as salas de aula de NOSSAS faculdades estão parecendo restaurantes” (parágrafo 1).
b) “ONDE se consomem aulas” (parágrafo 1).
c) “ISSO exige uma revolução” (parágrafo 5).
d) “A solução é executá-LO por cidades” (parágrafo 6).

e) “Com ELA, contaremos todos com uma educação de base qualificada” (parágrafo 7).

Para especialistas, arrecadação é reflexo do excesso da burocracia. Mais de quatro anos após a extinção da CPMF por decisão do Congresso, o governo continua engordando seu caixa com o tributo, cobrado de empresas e pessoas físicas.

*De janeiro de 2008, **quando o imposto do cheque** deixou de existir, até o mês passado, já foi arrecadado R$ 1,750 bilhão. **Esse valor** é suficiente, por exemplo, para o governo arcar com um ano da desoneração da folha de pagamento de setores já beneficiados pela medida, como confecções e calçados. Segundo técnicos da Receita, **a arrecadação residual** da CPMF ocorre devido a ações administrativas e judiciais. Para especialistas, **isso** mostra o excesso e o tamanho da burocracia no país.*

35. (DOM CINTRA – Pref. Belo Horizonte/MG – Analista de Políticas Públicas (Adm. – 2012) Nesse segmento do texto, o termo destacado que se refere a um elemento do parágrafo anterior é:
a) isso;
b) quando;
c) esse valor;
d) o imposto do cheque;
e) a arrecadação residual.

36. “Segundo técnicos da Receita...”; “Para especialistas...”. A alternativa que mostra uma afirmação correta sobre esses dois segmentos do texto é:
a) As opiniões dos técnicos são superiores às dos especialistas.
b) Técnicos e especialistas se situam em diferentes escalões do Governo.
c) Os técnicos da Receita e os especialistas referem-se às mesmas pessoas.
d) As opiniões emitidas pelos técnicos e pelos especialistas dizem a mesma coisa.
e) Os vocábulos “segundo” e “para”, nos segmentos, possuem o mesmo significado.

37. A alternativa em que o vocábulo sublinhado apresenta um substituto **inadequado** é:
a) “Mesmo extinta, CPMF rende R$1,7 bilhão ao governo” / conquanto.
b) “Esse valor é suficiente, por exemplo, para o governo...” / ou seja.
c) “...ocorre devido a ações administrativas...” / em razão de.
d) “Segundo técnicos da Receita...” / conforme.
e) “Para especialistas...” / na visão dos.

38. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Agente Administrativo Escolar – 2012) “Durante os últimos três anos, o historiador alagoano Nireu Cavalcanti (...) compilou informações a respeito do casamento no Brasil colônia, **período** que se encerra em 1815, **quando** o Brasil é declarado Reino Unido. (...) **Cavalcanti** reuniu um **material** rico em **detalhes**”.
Nesse primeiro segmento do texto, o vocábulo que **NÃO** faz referência a qualquer termo anterior é:
a) Cavalcanti;
b) material;
c) detalhes;
d) período;
e) quando.

39. (PUC/PR – FEAES – Administrador – 2012) Leia o seguinte trecho, destacado do texto de Frei Betto, e assinale a alternativa **CORRETA**:
Zilda Arns nos deixa, de herança, o exemplo de que é possível mudar o perfil de uma nação com ações comunitárias, voluntárias, enfim, através da mobilização da sociedade civil. Não a mobilização que isenta o poder público de suas responsabilidades ou procura substituí-lo em suas obrigações. As instituições governamentais mantêm parcerias com a Pastoral da Criança e, esta exige-lhes recursos, participa de comissões e eventos convocados pelo governo, critica-o quando necessário, sem se deixar instrumentalizar por interesses partidários e eleitorais.
a) O pronome “lhes”, utilizado em “exige-lhes”, faz referência à “Pastoral da Criança”.
b) O pronome “o”, em “critica-o”, faz referência a “recursos”.
c) A palavra “nos”, em “Zilda Arns nos deixa”, é uma preposição.
d) A palavra “pelo”, em “eventos convocados pelo governo”, é um pronome demonstrativo.
e) A palavra “esta” faz referência à “Pastoral da Criança” e é um pronome demonstrativo.

40. (PUC/PR – DPE – Técnico Administrativo – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"O presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Ophir Cavalcante, pediu mais tempo ao Senado para que a proposta do novo Código Penal seja discutida. Cavalcante participou de audiência pública, nesta terça-feira, na comissão especial que analisa o texto do anteprojeto do código, formulado por juristas a pedido do presidente da Casa, José Sarney (PMDB-AP)."
– A palavra "Casa" se refere a "Senado"; trata-se de um exemplo de expansão lexical.

"(...) Então, retomando o início: vinha eu de volta do supermercado, com dois saquinhos de compras miúdas, caminhando atento às armadilhas das calçadas, quando vi, no chão, o cenário perturbador: pitangas caídas, maduras, vítimas de algum vento da manhã, muitas delas comidas pela metade, quantidade de caroços limpos de frutinhas já degustadas... Olhei para o alto: afe! Pé carregado, do verde ao roxo. Adiante, outro pé, igual! Ah, o que a chuva e o sol haviam feito em quinze dias... Foi automático: passei as compras de um saquinho do supermercado ao outro e comecei a colheita. Dava-me o prazer de escolher as mais bonitas. Quando ficaram mais difíceis, apanhei uma vassoura velha numa caçamba de demolição ali perto e com ela verguei os galhos mais altos, engordando o saquinho. Geleia rende pouco, e a fartura de matéria-prima me empolgava. Nesse momento, passava de carro um ex-colega de jornal, que me reconheceu e parou. Eu me senti ridículo. Já estava ensaiando explicações, longas talvez, que nos cansariam os dois, quando ele cortou: – Maravilha! Eu sempre quis fazer isso e nunca tive coragem! Desceu do carro e me ajudou.

41. (Funcab – Pref. Aracruz/ES – Administrador – 2012) O pronome ISSO da frase "– Maravilha! Eu sempre quis fazer isso e nunca tive coragem!", no contexto, refere-se a:
a) apanhar uma vassoura;
b) colher pitangas;
c) vergar os galhos mais altos;
d) fazer geleia;
e) engordar saquinhos.

42. (Funcab – Pref. Magé/RJ – Administrador – 2012) A alternativa em que, do ponto de vista semântico, há evidente equívoco na substituição da preposição empregada no texto pela locução prepositiva indicada é:
a) "Sei, PELA própria experiência, o quanto há de honrado e o quanto há de hipocrisia nesse proclamado interesse [...]" /EM RAZÃO DA;
b) "[...] reuniram-se fiéis e sacerdotes de todas as crenças PARA lembrar os meninos mortos [...]" / COM O INTUITO DE;
c) "[...] a pobreza deve ser eliminada no ventre, COM o ligamento de trompas [...]" / POR MEIO DE;
d) "[...] muitas mulheres foram esterilizadas CONTRA a própria vontade." / AO ENCONTRO DE;
e) "Há muitos que vivem DAS crianças abandonadas." / ÀS EXPENSAS DAS.

Gabarito

1. C.	10. C.	19. B.	28. CERTO.	37. B.
2. C.	11. C.	20. A.	29. CERTO.	38. C.
3. A.	12. D.	21. ERRADO.	30. CERTO.	39. E.
4. D.	13. E.	22. B.	31. C.	40. CORRETA.
5. E.	14. C.	23. A.	32. A.	41. B.
6. B.	15. E.	24. A.	33. A.	42. D.
7. C.	16. B.	25. B.	34. A.	
8. A.	17. B.	26. CORRETA.	35. D.	
9. E.	18. B.	27. CORRETA.	36. E.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 36

Domínio do Registro Culto

Definição

Infelizmente, ainda, alguns brasileiros insistem em dizer para outros: “Para de falar assim, cara; você fala muito errado!” Interessante seria se o outro dissesse: “Meu amigo, então seja coerente com o seu pedido!”

Leitor, se você não entendeu a péssima piada, foi devido ao não conhecimento ou à não lembrança de um princípio chamado “uniformidade de tratamento”, que trata do uso da mesma forma de tratamento do início ao fim do discurso. Além disso, note que houve o uso de gíria, típico de linguagem coloquial, ou seja, de uma linguagem que não se pauta nas regras gramaticais.

Os brasileiros preconceituosos – do ponto de vista linguístico – acham que todos deveriam usar o “português correto”, respeitando todas as prescrições gramaticais (e sem gírias!). O problema é que pessoas assim exigem algo que não conseguem fazer, ou seja, o personagem linguisticamente preconceituoso (para ser coerente com o modo de usar a língua que ele privilegia, a forma culta) deveria ter falado assim: “Para de falar assim, cara; tu falas muito errado!”. Aí, sim, ele teria respeitado o princípio da modalidade culta da língua (a uniformidade de tratamento) e sido coerente com o pedido inicial dele. Afinal, se ele começou o discurso usando uma forma de 2ª pessoa (Para – tu), deveria tê-la mantido até o fim de seu discurso.

Vamos combinar assim: ninguém consegue (nem precisa) usar o tempo todo o registro culto da língua. No entanto, em certas situações, como no dia da prova, é importante que você domine as regras gramaticais que vimos ao longo dessa gramática para acertar uma questão. Por isso o capítulo se chama “Domínio do Registro Culto”. Entenda melhor, lendo o que segue...

Conceito de Erro

Não existe **erro** de português! A língua não evolui nem involui, ela está em constante mudança. E todos os falantes da língua de uma nação conseguem se comunicar, pois usam o mesmo código para estabelecer comunicação e interação.

Assim, o **certo** e o **errado** na língua é uma mera convenção, uma arbitrariedade, uma tradição que se baseia na antiga ideia contida nas ultrapassadas gramáticas normativas, as quais ensinavam que o “bem falar” e “bem escrever” seriam ditados a partir do uso da língua por pessoas influentes na sociedade. Por isso, quando alguém diz: “A gente vamos na praia hoje?”, vem outro e corrige: “NÓS vamos À praia hoje! Você não conhece concordância e regência, seu burro?!”. Esse é só um exemplo de como as pessoas definem o que deve ser feito e o que não dever ser feito na língua portuguesa, como se, em todas as situações de uso da língua, tal uso fosse único e, portanto, obrigatório.

Apesar de esta gramática contemplar a modalidade culta da língua, não estamos cegos às variações (normais) da nossa língua. Assim, citamos Marcos Bagno: "... é preciso sempre lembrar que, do ponto de vista sociocultural, o 'erro' existe, e sua maior ou menor 'gravidade' depende precisamente da distribuição dos falantes dentro da pirâmide das classes sociais, que é também uma pirâmide de variedades linguísticas. Quanto mais baixo estiver um falante na escala social, maior número de 'erros' as camadas mais elevadas atribuirão à sua variedade linguística (e a diversas outras características sociais dele). *O 'erro' linguístico, do ponto de vista sociológico e antropológico, se baseia, portanto, numa avaliação negativa que nada tem de linguística: é uma avaliação estritamente baseada no valor social atribuído ao falante, no seu poder aquisitivo, no seu grau de escolarização, na sua renda mensal, na sua origem geográfica, nos postos de comando que lhe são permitidos ou proibidos, na cor de sua pele, no seu sexo e outros critérios e preconceitos estritamente socioeconômicos e culturais*" (friso meu). Por isso é que, muitas vezes, um mesmo suposto erro é considerado uma "licença poética" quando surge num texto assinado por um autor de renome ou na fala de um membro das classes privilegiadas, mas como um "vício de linguagem", quando se materializa na fala ou na escrita de uma pessoa estigmatizada socialmente.

Em resumo, não insistamos mais no discurso preconceituoso e desagregador de outrora, a saber, que alguém cometeu um **erro de português**, mas sim que, no máximo, alguém cometeu um **desvio da norma culta**, ou **uma transgressão da norma culta**, ou **uma inadequação ao registro culto da língua**. É claro que agora você não vai sair por aí dizendo: "Ih, você viu? Ele não se adequou ao registro culto da língua.". Seria risível, no mínimo. Vale ainda dizer que o falante de uma língua só comete falha se aquilo que foi expresso não estabeleceu vínculo comunicativo. **Linguisticamente, não há certo e errado numa língua.** Há ausência ou presença de comunicação.

Quanto à norma culta, só podemos dizer que, em um discurso, há **inadequação** ou **adequação**, ou seja, seria inadequado falar com um juiz de direito assim: "E aí, maluco, beleza? Será que nós pode falar aí contigo pra gente trocar uma ideia sobre um bagulho da promotoria?", porque o contexto é formal, afinal, fala-se com uma autoridade. Sendo assim, seria preciso haver adequação à norma culta. Infelizmente, algumas bancas, como a Esaf, ainda trabalham com o conceito de "erro" gramatical.

Vamos entender melhor quando o **registro** é **culto** ou **coloquial**.

Registro Culto e Coloquial

A Língua Portuguesa apresenta uma **unidade**, um padrão linguístico que permite a seus usuários a comunicação a partir do mesmo código, ou seja, um falante carioca consegue se comunicar com um falante gaúcho com irrisório esforço, pois ambos usam um **mesmo sistema** de **som, forma, construção frasal, léxico e sentido**. Assim, dizemos que há homogeneidade na língua portuguesa do Brasil.

Para ilustrar a questão da **unidade**, pense no jogo de futebol. Há um campo com dois gols, algumas linhas indicando algumas áreas importantes do espaço em que se joga, onze jogadores de cada lado, que obedecem a algumas regras previstas, com o objetivo primário de fazer a bola entrar no gol adversário etc. Essas características do futebol são **únicas** em qualquer lugar do Brasil (e do mundo). Ou seja, a equipe do Grêmio e a equipe do Flamengo falarão uma **mesma** "língua" no campo de futebol, pois ambas partilham do mesmo conhecimento sobre esse jogo.

Quanto à **diversidade** linguística, continuemos com a ilustração. De um lado, os cariocas; do outro, os gaúchos. As equipes partilham das mesmas regras para que o jogo ocorra (unidade), mas cada time apresenta **características** e habilidades **diferentes** em seu modo de jogar (diversidade)... e o jogo ocorre amistosamente. Assim, fica claro que a **diversidade** existe na **unidade** e a **unidade** não existe **sem diversidade**. Portanto, o padrão é a coexistência **unidade-diversidade**.

Linguisticamente falando, toda língua apresenta um padrão no som das palavras, na forma das palavras, no vocabulário, na construção frasal e no sentido das palavras, compartilhado por um grupo de pessoas que se comunicam sem grandes problemas. Isso é **unidade**! A diversidade tem a ver com o "tempero" da língua. Imagine: cada cidadão brasileiro, por exemplo, fala de um modo peculiar devido a questões puramente particulares, regionais, socioculturais, sexuais, situacionais, etárias, profissionais, familiares etc. Isso é **diversidade**!

Existe um uso padrão, que permite a unidade da língua, e existe a **norma culta**. Estamos, nesta gramática, a destacar a **norma culta**, pois é do conhecimento dela que precisamos para fazer uma boa prova nos moldes ainda normativos. Percebeu o "normativos"? Por isso, estamos nos ocupando mais dessa modalidade da língua neste livro, que tem como público-alvo os alunos "concurseiros" e os professores desses alunos.

Como já dito na *Introdução* deste livro, a **norma culta** é um conjunto de regras gramaticais baseadas no uso formal da língua por pessoas cultas da sociedade. É o domínio da norma culta que nos fará acertar questões na maioria das provas de concursos, que ainda testam seu conhecimento do **registro culto**, isto é, **o modo de usar a língua segundo as regras gramaticais prescritas pelos gramáticos normativos**.

Antes de falar mais profundamente do **registro culto** e do **coloquial**, porém, vamos entender

mais a respeito das variações linguísticas.

Variações Linguísticas

Assim como outras, a língua portuguesa no Brasil é extremamente heterogênea. As diferentes manifestações e realizações da língua, as diversas formas que a língua possui, decorrentes de fatores de natureza **histórica, regional, sociocultural ou situacional** constituem o que chamamos de **variações linguísticas**. Essas variações podem ocorrer nas camadas **fonológica, morfológica, sintática, léxica e semântica**; em certos momentos ocorrem duas ou mais variações ao mesmo tempo em um discurso. Entenda: **a variação linguística é inerente ao discurso dos falantes de qualquer língua, pois a língua é a forma que o homem tem de entender o seu universo interno e externo; portanto, a idade, o sexo, o meio social, o espaço geográfico, tudo isso torna a língua peculiar**. Vejamos melhor:

1) **Variação diacrônica** (histórica): a língua apresenta mudanças dentro da linha do tempo; normalmente isso acontece ao longo de um determinado período de tempo e pode ser identificado quando se comparam dois estágios de uma língua; é interessante dizer que o meior rural ainda conserva uma linguagem com traços antigos; as mudanças mais visíveis se dão no léxico e na semântica, como veremos neste trecho da crônica *Antigamente*, de Carlos Drummond de Andrade:

   *"(...) Acontecia o indivíduo apanhar **constipação**; ficando **perrengue**, mandava o próprio chamar o doutor e, depois, ir à **botica** para **aviar** a receita, de cápsulas ou pílulas fedorentas. Doença nefasta era a **phtysica**, feia era o **gálico**. Antigamente, os sobrados tinham assombrações, os meninos lombrigas, **asthma** os gatos, os homens portavam **ceroulas**, botinas e **capa-de-goma**, a **casimira** tinha de ser superior e mesmo X.P.T.O. London, não havia fotógrafos, mas **retratistas** (...)"*

2) **Variação diatópica** (geográfica, regional, dialetal): a língua apresenta mudanças de região para região; o sotaque (pronúncia típica de uma região) é o principal acusador do lugar onde determinado indivíduo vive, mas a peculiaridade se estende também ao vocabulário, sentido das palavras, estrutura sintática etc.; ilustram bem as músicas *Tremendo Vacilão*, da cantora Perlla e *A Feira de Caruaru*, de Luiz Gonzaga, respectivamente:

   "(...) Na madrugada / Abandonada / E não atende o celular / Tirando onda / Cheio de marra / Achando que eu / Vou perdoar... / Prá mim já chega / Eu tô bolada / Agora quem não quer sou eu / Não te dou bola / Senta e chora / Porque você já me perdeu... / Deu mole prá caramba / É um tremendo vacilão / Tá todo arrependido / Vai comer na minha mão / Pensou que era o cara / Mas não é bem assim / Agora baba, bobo / Vai correr atrás de mim..."

   "A Feira de Caruaru, / Faz gosto a gente vê. / De tudo que há no mundo, / Nela tem pra

vendê, / Na feira de Caruaru. (...) Tem loiça, tem ferro véio, / Sorvete de raspa que faz jaú, / Gelada, cardo de cana, / Fruta de paima e mandacaru. / Bunecos de Vitalino, / Que são cunhecidos inté no Sul, / De tudo que há no mundo, / Tem na Feira de Caruaru"

3) **Variação diastrática** (social, sociocultural): a língua apresenta mudanças em camadas sociais diferentes (nível socioeconômico) e grupos sociais diversos (profissionais da mesma área, surfistas, funkeiros, políticos, comediantes etc.); as **gírias** e os **jargões** se destacam entre os grupos sociais ligados a uma profissão ou não; chamamos de **tecnoleto** a linguagem que se vale de termos técnicos compartilhados por um grupo (jargão) que pertence a uma mesma área de conhecimento profissional (o economês, o juridiquês, o cientifiquês etc.); chamamos de **socioleto** a linguagem compartilhada por um grupo com características sociais em comum.

Observe os diálogos de um porteiro com um "doutor"' e de um médico com uma paciente, respectivamente:

O Porteiro e o doutor

– Bom dia, dotô.

– Bom dia.

– Seu Jorge, os portero aqui da área tão fazendo uma caxinha pá comemorá o fim do ano com um churraquinho; ó só, os moradores vão poder estar participando, viu?

– Bem, Osvaldo, eu até gostaria de participar da comemoração de vocês, mas infelizmente só vou poder ajudar com a caixinha; ajuda?

– Claro, dotô! Brigadão!

– Disponha.

O Médico e uma paciente

– Boa tarde.

– Pois não, em que posso ajudar a senhora?

– Bem, eu estive aqui semana passada com uma dor nas articulações muito grande.

– Dona Kátia, sua prostração me incomoda muito e queremos evitar que sua condição avance para uma anquilose, certo?

– Prosta... o quê? Anqui... o quê?

– Fica calma, vou explicar e depois receito um remédio, ok?

4) **Variação diafásica** (situacional, expressiva): a língua apresenta mudanças em função do contexto, das circunstâncias, da situação comunicativa; um falante varia o uso da língua se está em um ambiente familiar, profissional, formal, informal, etc., considerando o grau de intimidade, o tipo de assunto tratado e quem são os receptores; basicamente é possível identificar dois limites extremos de estilo: o *informal*, quando há um mínimo de reflexão do

indivíduo sobre as normas linguísticas, utilizado nas conversações imediatas do cotidiano; e o *formal*, em que o grau de reflexão é máximo, utilizado em conversações que não são do dia a dia e cujo conteúdo é mais elaborado e complexo; não se deve confundir o estilo formal e informal com língua escrita e falada, pois os dois estilos ocorrem em ambas as formas de comunicação; importante é dizer que existe uma maneira própria de cada falante usar a língua (*idioleto*): o uso preferencial de determinadas palavras ou construções frásicas, o valor semântico dado a um ou outro termo etc.; veremos alguns exemplos desse tipo de variação em um diálogo entre pais e filha, entre amigos jovens em um bar e entre um empregador e um candidato ao emprego:

Pais e filha

– Papai, o que é sexo?

– Que isso, menina?! Que história é essa?

– Ah, papai, uma coleguinha minha me falou que a mamãe dela faz isso com...

– Quem é essa menina, filha?!

– É a Julinha.

– Michele, vem aqui.

– Que foi, Pedro?

– Mamãe, por que o papai ficou nervoso com o sexo? É ruim?

– Que isso, menina?! Que história é essa?

– Michele, ela quer saber o que é sexo, é isso.

– Ah, amorzinho, vem aqui pra eu te explicar. Não é nada, não. Sai daqui, Pedro! Bem, filha, é o seguinte: não tem quando o papai e a mamãe se beijam e se abraçam?

– Ãrrã.

– Então, isso é sexo. É beijo e abraço entre o papai e a mamãe.

– Ah... entendi. Posso te dar um beijo e um abraço então, né?

– Não!... Quer dizer... Claro, filhota! Vem cá.

Amigos jovens em um bar

– Fala aí, parceiro!

– E aí, muleque! Beleza?

– Pô, tranquilão.

– E aí, vamo jogá aquela sinuquinha?

– Junto com aquela gelada.

– Já é.

Empregador e candidato a emprego

– Bem, senhor Mário, por que devemos contratar o senhor para a vaga de inspetor dessa escola?

– Senhor Roberto, com o devido respeito ao senhor e a sua instituição, seria uma honra trabalhar aqui, uma vez que as referências que tenho dessa escola são ótimas. Agora, quanto a por que me contratar, só posso lhe dizer a verdade: eu sou uma pessoa comprometida com o que faço, sou perfeccionista e responsável com meu horário, além de gostar muito de me relacionar com o público infanto-juvenil. Enfim, acho que o trabalho pode ser meu porque eu creio que tenho um bom perfil.

– Ok, senhor Mário, iremos entrar em contato depois, mas desde já, agradeço sua apresentação.

Registros Linguísticos: Língua Falada e Língua Escrita

Em linguística, **registro** designa a variedade da língua, **falada** ou **escrita**, definida de acordo com o seu uso em situações sociais. Assim, esse termo designa os diversos estilos que um falante pode usar de acordo com a situação comunicativa em que participa. Numa conversa informal num café com os amigos, por exemplo, utilizará um registro diferente do que utiliza em família, com a avó. Já um texto escrito formal dirigido a um professor com o propósito de pedir licença da prova por causa de um falecimento de alguém da família será diferente de uma carta dirigida a um presidente. E por aí vai...

Tanto a **língua falada** quanto a **língua escrita** apresentam graus de reflexão para a produção do discurso. Cada uma das variedades linguísticas pode-se apresentar na modalidade escrita ou falada. Não se pode fazer uma distinção total entre língua falada e língua escrita como se esta fosse mais pautada nas regras da norma culta e por isso menos espontânea, e aquela menos apegada às regras da norma culta e mais espontânea, pois o uso de uma ou outra modalidade depende da situação comunicativa.

Vale dizer que **língua falada** não é sempre sinônimo de **conversação**, pois nem sempre a fala é usada nas práticas diárias informais de um cidadão com outro; às vezes, usa-se a fala em um seminário, por exemplo, no qual não há conversação e o ambiente é formal. O fato é que algumas características da conversação ainda assim aparecem na oralidade, como desvios da norma culta, pausas de pensamento, ênfases etc.

A princípio, a escrita é tomada como uma representação da fala, mas não podemos negar que a **língua escrita**, por ser menos usada em comparação à falada e normalmente usada em um contexto formal, reflete, com maior regularidade, a norma culta.

A análise das duas modalidades de uso da língua é importante! Para sistematizar as marcas da oralidade e as marcas da escrita, vejamos algumas diferenças (é claro que algumas características da língua falada podem figurar na língua escrita e vice-versa):

Língua Falada

- normalmente não há planejamento do discurso, por isso é mais espontânea;

- normalmente há um contrato de comunicação entre o locutor e o interlocutor, em que o contexto, a situação comunicativa formam o discurso entre os interlocutores;
- normalmente há pausas para a seleção do vocabulário;
- normalmente ocorre contração e truncamento entre palavras (Ex.: *para o > pro*);
- normalmente ocorre entoação enfática, alongamento de vogal ou consoante, silabação etc.;
- normalmente ocorre quebra de sequência temática;
- normalmente as construções frasais são menos extensas;
- normalmente ocorre repetição de termos;
- normalmente se usam muitas expressões idiomáticas ou clichês;
- normalmente ocorrem muitos marcadores discursivos, como *tá?, né?, viu?, certo?, entendeu?, beleza?, e aí?, pô!, bem, então, pois é, olha, tipo (assim), aí, ah..., eh... ahn..., escuta, vem cá, ok, etc. e tal, tal e coisa, exato..., sei..., seguinte...* etc.;
- normalmente ocorre a monotongação de ditongos (*caixa > caxa, peixe > pexe, negócio > negoço...*);
- normalmente ocorrem muitos anacolutos;
- normalmente há um uso maior de frases interrogativas e exclamativas;
- normalmente os verbos se encontram na voz ativa;
- normalmente se usa próclise durante todo o discurso;
- normalmente ocorre redução e variação em algumas conjugações (Ex.: *está > tá*; *Quando eu vir você... > Quando eu **ver** você...*);
- normalmente algumas regras rígidas de concordância e regência são ignoradas;
- normalmente se usa o pronome reto na posição de objeto;
- normalmente se usa o verbo *ter* no lugar do *haver*, com sentido de existir;
- normalmente não se usa a forma de 2ª pessoa do imperativo, usa-se a forma de 3ª pessoa do presente do indicativo (*traze > traz*).

Língua Escrita

- normalmente há planejamento do discurso, por isso é menos espontânea e mais precisa;
- normalmente há maior seleção vocabular;
- normalmente se evitam transgressões gramaticais de todo tipo, pois é possível "corrigir" conforme a norma culta o que se escreve;
- normalmente tem fins utilitários, como contratos, correspondências comerciais, linguagem jornalística, escrituras, ofícios, requerimentos, atas etc.;
- normalmente na literatura com finalidade artística há um uso frequente de recursos expressivos;
- é a modalidade para a criação da língua artificial, a das novelas, telejornais, seminários,

teatros, etc.;

- normalmente a maioria das características da língua falada não aparecem com frequência na língua escrita.

Obs.: É importante frisar que a língua falada não é sinônimo de coloquialismo nem a língua escrita é sinônimo de erudição.

Normalmente o **registro culto** está associado à **língua escrita**, portanto as características alistadas em "Língua Escrita" são próprias do registro culto. No entanto, saiba que há mais alguns detalhes importantes para a resolução de questões que tratam do registro culto. Tais questões exploram normalmente seu conhecimento relativo a **acentuação, ortografia, emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos principalmente), pontuação, concordância, regência e crase**. Por isso, cuidado!

Conheça alguns "erros" comuns:

Acentuação

– ***Tem*** *legislação de combate à homofobia, de acordo com a Pesquisa de Informações Básicas Municipais, dos municípios brasileiros, cerca de 2%.*

Os verbos *vir* e *ter*, na 3ª pessoa do plural, recebem acento circunflexo diferencial, logo a forma culta é esta, pois o núcleo do seu sujeito está na 3ª pessoa do plural (2%).

– ***Têm*** *legislação de combate à homofobia, de acordo com a Pesquisa de Informações Básicas Municipais, dos municípios brasileiros, cerca de 2%.*

Ortografia

– *José Vicente, reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares, revela em entrevista* ***porque*** *ainda há resistência às cotas.*

Usa-se *porque* quando equivale a "pois", o que não é o caso. Logo, a forma culta é esta, pois a expressão equivale a "por qual razão":

– *José Vicente, reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares, revela em entrevista* ***por que*** *ainda há resistência às cotas.*

Emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos, principalmente)

– *Se ninguém me criticar, atacar ou* ***fazer*** *qualquer tipo de denúncia, serei-****lhe*** *imensamente grato.*

O verbo *fazer*, como está no futuro do subjuntivo, deveria vir empregado diferentemente.

Quanto ao emprego do pronome *lhe*, também se deve fazer uma adequação ao registro culto da língua, a saber:

– *Se ninguém me criticar, atacar ou **fizer** qualquer tipo de denúncia, ser-**lhe**-ei imensamente grato.*

Pontuação

– *As cinco maiores e mais lucrativas filiais da marca campeã de venda de franquias do Rio de Janeiro**,** foram novamente premiadas.*

Não se usa vírgula, de acordo com a norma culta, entre o sujeito e o seu verbo. Logo, para haver adaptação ao registro culto da língua, é preciso retirá-la:

– *As cinco maiores e mais lucrativas filiais da marca campeã de venda de franquias do Rio de Janeiro foram novamente premiadas.*

Concordância

– ***Devem haver** pelo menos 128 milhões de hectares de áreas aptas para a agricultura, sem desmatamento, localizadas especialmente no Cerrado, na Pré-Amazônia e na Mata Atlântica. Por isso, é preciso deixar **claro** toda e qualquer proposta de exploração.*

O verbo *haver*, com sentido de existir, é impessoal, por isso fica obrigatoriamente na 3ª pessoa do singular. Como, no caso, faz parte de uma locução verbal, o verbo auxiliar irá ficar igualmente no singular. Além disso, o adjetivo deve concordar em gênero e número com o substantivo a que se refere. Logo, de acordo com o registro formal da língua, é preciso haver esta adequação:

– ***Deve haver** pelo menos 128 milhões de hectares de áreas aptas para a agricultura, sem desmatamento, localizadas especialmente no Cerrado, na Pré-Amazônia e na Mata Atlântica. Por isso, é preciso deixar **clara** toda e qualquer proposta de exploração.*

Regência

– *É certo que **as pessoas podem custar** a entender certas manobras políticas visando ao bem-estar social, no entanto muitas delas são simplesmente necessárias.*

O verbo custar, com o sentido de "ser custoso, ser difícil", é transitivo indireto e tem como sujeito uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo (*entender certas manobras políticas visando ao bem-estar social)*, logo é preciso haver esta adequação à norma culta:

– *É certo que **pode custar às pessoas** a entender certas manobras políticas visando ao*

bem-estar social, no entanto muitas delas são simplesmente necessárias.

Obs.: A preposição *a* antes de *entender* é expletiva.

Crase

– *Em uma carta escrita pela atleta, divulgada em outubro de 2012, ela diz que perdoa* ***a*** *prima por denúncia.*

O verbo perdoar exige a preposição *a* antes de complemento (pessoa). Tal preposição se contrai com o artigo feminino *a* antes de *prima* (pessoa), gerando a crase. Logo, é preciso, segundo a correção gramatical, reescrever o texto assim:

– *Em uma carta escrita pela atleta, divulgada em outubro de 2012, ela diz que perdoa* ***à*** *prima por denúncia.*

Cuidado!!!

Resumindo o conceito de **certo** e **errado** (para as provas que testam seu conhecimento de norma culta!):

Certo: é todo uso da língua que segue as normas da língua-padrão/culta.

Errado: é todo uso da língua que não segue as normas impostas pela gramática.

Veja estes dois textos e suas correções para ilustrar as questões que você irá encontrar pela frente (retirados da Lição 26, do livro *Para Entender o Texto – Leitura e Redação*, de José Luiz Fiorin e Francisco Platão Savioli):

Sem correção:

Embora o clima fosse de grande tenção, os operários não hezitaram em apresentar suas reinvindicações, alegando que, com excessão de uns poucos previlegiados, todos vinham recebendo o pagamento com vários dias de atrazo.

Com correção:

Embora o clima fosse de grande tensão, os operários não hesitaram em apresentar suas reivindicações, alegando que, com exceção de uns poucos privilegiados, todos vinham recebendo o pagamento com vários dias de atraso.

Sem correção:

Prezados senhores, prazerosamente remetemos à Vossas Senhorias os resultados de vossas aplicações em nosso Fundo de Investimentos. Cumprem-nos ainda informá-los que, já a uma semana, está à vossa disposição as bonificações referentes as ações do Banco Industrial.

Com correção:

Prezados senhores, prazerosamente remetemos a Vossas Senhorias os resultados de

suas aplicações em nosso Fundo de Investimentos. Cumpre-nos ainda informá-los de que, já há uma semana, estão à sua disposição as bonificações referentes às ações do Banco Industrial.

O Que Cai Mais na Prova?

As principais bancas são a Fundação Dom Cintra, a FCC, a Esaf e o Cespe/UnB. A primeira trata diretamente de língua coloquial e culta. As outras exigem de você um bom conhecimento de **acentuação, ortografia, emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos principalmente), pontuação, concordância, regência e crase**, pois trabalham questões com enunciados exigindo domínio das regras gramaticais associadas à correção de um texto! Os editais costumam chamar de "Aferição quanto ao domínio do registro culto da língua" ou "Redação (confronto e reconhecimento de frases corretas e incorretas)". Faça as questões com olho clínico!

Questões de Concursos

Particularmente... cá entre nós... eu me *amarro* em questões desse tipo, pois elas são o termômetro de quem está realmente preparado em gramática! Por isso mesmo, estas são as questões que mais eliminam candidatos. Mas *relax!*... venha comigo... na humildade.

1. (CEPERJ – Pref. Angra dos Reis/RJ – Professor (Língua Portuguesa) – 2008) "Minha terra tem palmeiras" – o verbo ter foi usado segundo o registro coloquial na frase:
   a) O poeta tem saudades da sua terra.
   b) Tem coisas que não se explicam: a dor do exílio é uma delas.
   c) Muitos não têm idéia do que foi o exílio para o poeta.
   d) De poeta e louco, todos temos um pouco.
   e) O Brasil tem natureza exuberante e povo generoso.

2. (FCC – TRF (1ª R) – Técnico Judiciário – 2011) É clara e correta a seguinte redação:
   a) Na seção em que passou a trabalhar, o cenário de intrigas e favorecimentos vários, que o incomoda e quase o enlouquece, pois lhe parecem infernal.
   b) Ela sempre duvidou que o marido compusesse uma canção de tal fascínio, mas ele o fez exatamente para surpreender a esposa, à qual muito devia de sua trajetória artística.
   c) É o relato de um passeio que o pretenso advinho fez com dois amigos, o qual, no momento em que passavam por uma ponte, o céu cobriu-se de nuvens negras.
   d) Não há dúvidas de que têm-se um avanço tecnológico e científico nessa área, mas os professores e alunos até chegam a temer esse mundo que os cercam.
   e) São muitas as entidades que militam nesse âmbito para qual prestei assessoria, mas não tenho a presunção de ter conquistado algum prestígio em alguma delas.

3. (FDC – CREMERJ – Agente Administrativo – 2011) O texto é predominantemente expresso em língua culta, mas, em algumas passagens, aparece uma marca de linguagem coloquial. A alternativa em que uma dessas passagens aparece é:
   a) "Não arrisque sua saúde!"
   b) "Ouça um profissional antes de engolir qualquer remédio ou até mesmo um suplemento."
   c) "Outras têm o poder de anular ou potencializar os efeitos de medicamentos associados a elas."
   d) "Só eles conhecem as peculiaridades de cada substância e são capazes de prescrevê-las, garantindo a sua segurança."
   e) "No último caso, sintomas como sonolência, tontura, enjoo e falta de concentração podem perturbar o sujeito e até desencadear quadros mais graves."

4. (FDC – CREMERJ – Agente Administrativo – 2011) Como se trata de um texto relacionado à área médica, é justo que apareçam expressões que fazem parte do jargão (linguagem específica) dos médicos. A frase do texto em que **NÃO** ocorre qualquer vocábulo ou expressão desse tipo é:
   a) "Diante de uma dor de cabeça alucinante ou de uma queimação no estômago..."
   b) "A probabilidade de o micro-organismo envolvido na história..."
   c) "No último caso, sintomas como sonolência, tontura, enjoo..."
   d) "...e até desencadear quadros mais graves."
   e) "...e são capazes de prescrevê-las."

5. (FDC – Pref. de Itaboraí/RJ – Analista de Sistemas – 2012) Na frase "E, como nas festas caipiras, há torcedores que incentivam os candidatos..." há uma comparação estruturada com o conectivo **como**. O conectivo que, na forma coloquial popular, poderia substituí-lo é:
   a) tal qual;
   b) que nem;
   c) assim como;
   d) da mesma forma que;
   e) do mesmo modo que.

6. "Mas sei do que se trata". A frase que **NÃO** segue regras de norma culta é:
   a) Mas sei sobre que discute.
   b) Mas sei a quem obedece.
   c) Mas sei a que respondeu.

d) Mas sei aonde se dirige.
e) Mas sei do que lembra.

7. (FDC – Pref. de Itaboraí/RJ – Técnico de Informática (Itaprevi) – 2012) Exemplificam a linguagem coloquial as duas frases do texto na seguinte alternativa:
a) "O mundo existe há mais de 4 bilhões de anos...". / "Quando os dinos caminhavam sobre a Terra, por exemplo, era muito mais quente...".
b) "Quando os dinos caminhavam sobre a Terra, por exemplo, era muito mais quente...". / "Puxa, se tudo muda e se vai continuar mudando...".
c) "...mas também muitas espécies que dividem a Terra com a gente" / "As principais feridas causadas na Terra são três".
d) "Puxa, se tudo muda e se vai continuar mudando..." / "... mas também muitas espécies que dividem a Terra com a gente".
e) "As principais feridas causadas na Terra são três". / "O mundo existe há mais de 4 bilhões de anos...".

8. (FAB – AFA – Oficial – 2012) Encontram-se exemplos de emprego de linguagem coloquial nos seguintes trechos do texto, EXCETO:
a) "Fala-se muito, mesmo com a bola rolando."
b) "... para saber quem grita gol mais alto e prolongado ..."
c) "... ninguém é louco para fazer pênalti nem tão canalha para querer quebrar o outro jogador."
d) "... o jogador, no impulso, sem pensar, soltar o braço na cara do outro."

9. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) A frase redigida corretamente é:
a) No caso de elas virem até nós, teremos a oportunidade de esclarecer por que os documentos ainda não foram liberados, e também reiterar que o diretor os mantém devidamente resguardados.
b) Quanto aos fabricantes, se se contraporem à decisão do juiz, terão de apresentar provas convincentes, que, segundo eles mesmos, não é garantia de sortir efeito em nova deliberação.
c) Esclareço hoje, a uma semana da audiência de conciliação, que um acordo só será aceito por meu cliente se lhe convir não só o montante da indenização, mas também a forma de pagamento.
d) Quando entrevisto candidatos, sempre os argúo acerca de sua descrição quanto a assuntos profissionais, pois esse é um dos quesitos avaliados no processo de ascenção na empresa.
e) Ele incendia todas as reuniões com essa mania de projetos mirabolantes, a ponto de sempre alguém freiar sua participação em comissões de eventos.

10. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) A frase redigida de forma clara e correta é:
a) Funcionários sem acesso à sala das telefonistas confirmaram que deviam ter havido mais de dez chamadas para, segundo se apurou posteriormente, denunciar o falsário, e ninguém atendendo, perdeu-se a oportunidade de prendê-lo aonde estava.
b) Existem, sim, grandes possibilidades de essa reutilização de tecidos com defeitos dar certo, entretanto é necessário que haja algumas reuniões, sejam quem forem os consultores, para definirem-se as linhas gerais do negócio.
c) Talvez alguns não deem importância ao relato do chefe dos pedreiros sobre o incidente com a cal, mas o fato é que, minimizá-lo, será abrir a possibilidade de o desempenho de todos eles decaírem intensa e irreversivelmente.
d) Senhor Ministro, é realmente confiável, segundo fontes fidedignas, os números que indicam quão séria é a questão que está sob sua responsabilidade enfrentar antes que se torne definitivamente insolúvel.
e) Visto a oportunidade imperdível de rever as normas não mais aplicáveis àquele específico grupo de infratores, os legisladores não convenceram-se da necessidade de ver postergado, no último momento, as datas das primeiras reuniões setoriais.

11. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) É frase clara e correta a apresentada na seguinte alternativa:
a) Nessa época do ano, as enchentes, e mais do que previsíveis, como todos o sabem, transformam a cidade uma paisagem horrenda.
b) A atividade docente por si só já exerce uma função de liderança nata, e isso é que às vezes a sociedade teme, pois nem todos os mestres primam por ética.
c) Com a anuência do interessado, revisei o texto e assinalei os pontos que, a meu ver, são os mais sensíveis da questão, e que efetivamente não lhe estariam a favor no caso de querer levar a juízo esse já antigo litígio.
d) Em detrimento do fenômeno de chuvas intensas, podemos destacar a significativa e essencial parceria entre distintos poderes − o municipal e o estadual − como avanço importante na área de prevensão de tragédias.
e) Minha expressão de compromisso para com meus pares e o órgão a que passarei a pertencer há de ser demonstrado a cada passo de minha atuação, pela qual sempre zelarei, como venho demonstrando por anos consecutivos.

12. (FCC – TJ/PE – Técnico Judiciário – 2012) A frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:
   a) A mãe sempre intervia nas discussões, mas os mal-entendidos entre o pai e o filho eram tão frequentes e tão excessivos, que um e outro já não dominavam a sua própria agressividade.
   b) Com aquele jeito bonachão, a cada passo da viagem recaptulava a esplêndida experiência que tivera anteriormente, a ponto dos colegas pedirem que dispensasse as descrições.
   c) Nesse processo de conscientização, são importantes o reconhecimento e respeito às diferenças, e como ele não as exercita só obstrói o crescimento do grupo.
   d) Se muitas perdas advissem daquela decisão, ele as lamentaria, mas sem imputá-las jamais aos que denominava "guardiães da boa conduta alheia".
   e) Ao término do prazo de exceção, em que os processos não tiveram andamento, requereu nova acareação, com vistas a questionar o réu sobre as incongruências da anterior.

13. A frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:
   a) O projeto reformulado por implicar atitude descriminatória no tocante a raças foi sancionado pelo presidente, o que o fez ser saudado com grande entusiasmo.
   b) A assessoria negou que o dirigente obtem informações por meios considerados expúrios, mas se propôs a discutir a questão perante uma comissão técnica.
   c) Propuseram que todas as sexta-feiras, impreterivelmente ao mesmo horário, o grupo faça uma apresentação detalhando o avanço semanal da pesquisa.
   d) Havendo crido nos seus sócios, manifestou seu lado mais ingênuo, o que faz que o advogado do jovem crédulo alimente a pretensão de pugnar por sua inocência.
   e) São problemas, evidentemente, de ordem institucionais, que devem ser evitados sob pena de a barbárie vir a se instalar irreprimível na organização.

14. (FCC – TRT/AM (11R) – Analista Judiciário – 2012) Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o texto:
   a) Apesar de se ombrearem com outras artes plásticas, a fotografia nos faz desfrutar e viver experiências de natureza igualmente temporal.
   b) Na superfície espacial de uma fotografia, nem se imagine os tempos a que suscitarão essa imagem aparentemente congelada...
   c) Conquanto seja o registro de um determinado espaço, uma foto leva-nos a viver profundas experiências de caráter temporal.
   d) Tal como ocorrem nos espelhos da Alice, as experiências físicas de uma fotografia podem se inocular em planos temporais.
   e) Nenhuma imagem fotográfica é congelada suficientemente para abrir mão de implicâncias semânticas no plano temporal.

15. É preciso **reelaborar**, para sanar falha estrutural, a redação da seguinte frase:
   a) O autor do texto chama a atenção para o fato de que o desejo de promover a igualdade corre o risco de obter um efeito contrário.
   b) Embora haja quem aposte no critério único de julgamento, para se promover a igualdade, visto que desconsideram o risco do contrário.
   c) Quem vê como justa a aplicação de um mesmo critério para julgar casos diferentes não crê que isso reafirme uma situação de injustiça.
   d) Muitas vezes é preciso corrigir certas distorções aplicando-se medidas que, à primeira vista, parecem em si mesmas distorcidas.
   e) Em nossa época, há desequilíbrios sociais tão graves que tornam necessários os desequilíbrios compensatórios de uma ação corretiva.

16. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) Considerado o padrão culto escrito, a frase que NÃO exige correção é:
   a) No memorial do professor está registrado que ingressou para a universidade em idade inferior à determinada pela lei.
   b) O fato que o acusado se recusa a dar detalhes é o que mais pesará na decisão dos jurados.
   c) O movimento que me filiei nos anos 70 foi grandemente responsável pela renovação da pintura no Brasil.
   d) Esta é, enfim, a parca remuneração da qual arco totalmente com as despesas da casa.
   e) Os valores por que tantos lutaram e morreram não serão jamais esquecidos, pois nossa geração se dedicará a relembrá-los a cada passo.

17. A frase construída em conformidade com o padrão culto escrito é:
   a) Qualquer que sejam os motivos alegados pela comissão para justificar o atraso, lhe devem ser repassadas as anotações acerca dos itens em que houve perda do prazo de entrega anteriormente acordado.

b) Demos a eles a notícia que mais almejam e passeamos nosso olhar sobre seus semblantes: o que veremos surpreenderá, pois será muito mais do que alguém possa supor.
c) O empreiteiro jura que reconstróe a laje danificada em poucos dias, mas existe, na avaliação do engenheiro e do arquiteto, sérias dúvidas quanto à possibilidade de isso ser possível.
d) Pelo que tudo indica, os responsáveis pela empresa hão de questionar a advertência que lhes foi feita pelo setor de cobranças, que, durante dias, os procurou para tratar do assunto em pendência.
e) Registram-se em livros de história que aqueles artesãos eram bastante hábeis com as ferramentas que eles mesmo produziam, o que lhes garantiu a fama de burilar com criatividade qualquer tipo de material.

18. A frase que respeita o padrão culto escrito é:
a) Tudo que fizeram afim de angariar a simpatia do diretor pela proposta não deu bons frutos, por isso não lhes restaram, conforme estavam todos de acordo, outra idéia a não ser agregar valor ao projeto inicial.
b) Os jornalistas não creem que existam documentos espúrios em meio àqueles já examinados, e isso por que já haviam feito cuidadosa checagem, todavia, a transparência impondo, voltarão a tarefa de imediato.
c) A questão ficou cada vez mais descaracterizada quando, logo depois da visita o antropólogo defendeu que aquelas dificuldades não se restringiam para as nações indígenas daquela região, sendo mais universal.
d) A manutenção e apoio ao grupo de escoteiros dependem dele aceitar a contrapartida dos empresários, que não é, aliás, nada abuso, visto que eles executam as tarefas solicitadas cotidianamente, sem desgaste exaustivo.
e) Não obstante a grande aprovação recebida pelos candidatos da legenda, não se ignora que, se não revirem suas plataformas, cujas bases têm fragilidades que só há pouco os analistas expuseram, sairão lesados em futuro bem próximo.

19. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I – 2012) Considerado o padrão culto escrito, a alternativa que apresenta frase correta é:
a) Depois de muita hesitação, convim com as condições da compra e assinei um documento, cuja linguagem é bastante técnica, declarando irrevogáveis as cláusulas do contrato.
b) Por mais que queiramos negar envolvimento dos menores no distúrbio, podem haver fatos que desconheçamos, por isso acataremos as orientações que advenham do episódio.
c) Pelo que dissestes sobre a incrustação das joias, mereces parabéns, e também pela competência, pois, sem tê-las sequer mostrado à interessada, a tornou uma feliz compradora.
d) A especialista à qual se deve as pesquisas educacionais diz que cada uma das escolas que se proporam a fornecer dados declararam o motivo particular que as pôs em movimento.
e) As terras de que essa espécie de vinho provêm são as do tipo mais recomendáveis para a cultura da videira, motivo pelo qual são tão valorizadas e desejadas por viticultores.

20. A frase que se apresenta redigida de forma clara e correta é:
a) Não quero e não devo contar qual foi a confusão em que me meti, nem porque idas e vindas acabei percebendo o real perigo que corria.
b) Todos estando bastante, ou excessivamente, contrariados, nesse diapasão nada se podia fazer para acalmar o representante dos funcionários, cujo apoio sustentaria o evento.
c) O debate seguia acalorado entre o jornalista e o entrevistado, sendo por essa razão o convite feito a um mediador, pois de sua presença dependia o impasse.
d) Pior do que hostilizá-los é fazer os trabalhadores acreditarem que qualquer outro modo de reconhecimento pelo seu esforço, que não seja a justa remuneração, é tão honesto quanto ela.
e) O indivíduo contribui com a cidadania, quando se posiciona a favor dos direitos, porém corrompe com a ética, se fizer contra os preceitos morais.

21. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial da Folha de S. Paulo de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente correta.
a) Houveram muitas mudanças nas condições externas e internas da economia, que contribuíram para a estagnação da indústria brasileira. Do lado externo, os altos preços das matérias-primas exportadas pelo Brasil encorpam a entrada de divisas e valoriza o real.
b) Internamente, a renda do trabalho ampliada por políticas salariais e previdenciárias generosas, estimula o consumo e o setor de serviços. O resultado seria a especialização da economia nos setores primário e terciário, cuja forte geração de emprego, em troca de menor competitividade industrial.
c) A perda de mercado para importações, por sua vez, não seriam um problema, já que boa parte delas seria compras de bens de capital para investimento e modernização do parque industrial.
d) Não se deve considerar que exportações de poucos produtos primários sejam confiáveis, pois uma inversão de preços

traria problemas às contas externas. No que se refere às importações de bens de capital, é fato que o uso de equipamentos importados melhora a produtividade, mas a perda da base de conhecimento é uma ameaça para o futuro do país.

e) É temerário considerar que, um país de renda média e com baixa escolaridade, como o Brasil possa manter tal padrão de crescimento. Serviços que geram renda, hoje, são atividades complexas como *design* industrial e *marketing*, de alto conteúdo intelectual.

22. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial do Valor Econômico de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente incorreta.

a) Parece cada vez mais claro que a tendência de valorização do real vai durar um bom tempo. Há demanda futura garantida para as *commodities* que o país exporta e enormes possibilidades de novos negócios.

b) Toda a estrutura de defesa comercial deveria ser aperfeiçoada e acelerada para barrar a concorrência desleal. Os instrumentos disponíveis para isso não têm sido usados intensamente como seria necessário. Resta, porém, a competitividade.

c) A bonança encontrou o país com uma carga de impostos maior do que a de competidores emergentes do mesmo porte, gargalos enormes na infraestrutura e, ainda por cima, uma taxa de juros astronômica – a conhecida conspiração de custos contra as empresas nacionais.

d) A valorização agravou problemas crônicos, em detrimento da indústria. A licença para se proteger que o Brasil pede agora já existe de alguma forma e ela deveria se voltar prioritariamente contra a China, cuja mágica de formação dos preços dos bens exportados é poderosa.

e) O investimento externo direto mudou de patamar. Até o ano passado eles cobriam praticamente o *deficit* em conta-corrente, ao que limitava o efeito, para explicação da valorização da moeda, de *tsunamis* monetários e capitais especulativos.

23. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial de O Globo de 20/3/2012. Assinale a opção que respeita as exigências gramaticais da norma culta na sua transcrição.

a) Em geral, quando a economia está em trajetória de crescimento, multiplicam-se as condições para os ganhos de produtividade, pela facilidade de se concretizarem investimentos. Mas não é algo que caia do céu. Sem esforço e determinação, a produtividade não avança.

b) Mas há também os fatores que não dependem diretamente dos agentes econômicos, como o ambiente institucional para a realização de negócios, a infraestrutura de uso comum, as prioridades e a execução da política econômica, o que se refletem no crédito e na carga tributária.

c) São vários os fatores que contribuem para os saltos de produtividade. Alguns relacionados do processo produtivo, como à inovação, a melhoria da gestão dos recursos disponíveis, a atualização tecnológica, a motivação dos que produzem, a utilização dos insumos (bens e serviços) mais adequados para se chegarem ao resultado final.

d) Com uma taxa de investimento relativamente baixa cuja proporção do Produto Interno Bruto (PIB), pouco acima dos 19%, o Brasil conseguiu avançar socialmente sem um crescimento econômico tão forte.

e) A estabilidade monetária abriu caminhos para ganhos de produtividade que tornou factíveis tais avanços, mas é preciso definir prioridades claras nos gastos públicos.

24. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial de O Estado de S. Paulo de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente incorreta.

a) Estão na lista, entre outros, projetos relativos a novas regras para licitações, a normas de licenciamento ambiental, à redução da jornada de trabalho, ao fim da contribuição adicional de 10% em caso de demissão injustificada, à regulamentação dos contratos de terceirização e à condição das agências reguladoras.

b) Para os países da Europa em situação mais complicada, a superação dos problemas dependerá de ganhos consideráveis de produtividade e de reformas, em alguns casos dolorosas, para desemperrar a economia. O desarranjo financeiro e fiscal foi apenas uma das consequências de um desajuste mais amplo.

c) Para a Confederação Nacional da Indústria − CNI há alguns temas de maior importância para consideração dos parlamentares. Essa pauta mínima inclui dezesseis projetos em tramitação no Congresso, selecionados por seu elevado potencial de impacto positivo ou negativo na atividade empresarial.

d) Não se deve contemplar o Brasil como uma ilha de tranquilidade, de estabilidade, de equilíbrio, no meio da infindável crise internacional. A experiência europeia mostra os elevados custos de se adiarem constantemente o enfrentamento dos problemas de competitividade.

e) Alguns projetos tratam de questões tributárias. O documento da CNI aponta alguns que, se aprovados, resultarão em maior tributação da atividade produtiva, agravando uma das mais importantes desvantagens competitivas da indústria brasileira, e outros que trarão benefícios. Nenhum deles, no entanto, tem a amplitude necessária a uma reforma efetiva do sistema de impostos e contribuições.

25. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial de O Estado de São Paulo de 24/3/2012. Assinale a opção que foi transcrita de forma gramaticalmente correta.

a) Por tornar mais acentuada a perda de competitividade da indústria brasileira, a valorização do real em relação ao dólar vêm despertando reações cada vez mais ácidas de dirigentes empresariais, mas está muito longe de ser o único, ou o principal, problema que prejudica o desempenho do setor manufatureiro.

b) Questões estruturais e modelos de gestão empresarial inadequados tem sobre a atividade industrial efeitos negativos muito mais profundos e duradouros e, por isso, mais nocivos do que a taxa de câmbio.

c) Sem eliminar essas deficiências, o Brasil terá cada vez menos condições de competir com outros países, até mesmo com os vizinhos sul-americanos. É preciso considerar que a valorização do real também fez o custo da mão de obra na indústria aumentar.

d) Mesmo, porém, que a questão cambial venha a ser superada, a qualidade da atividade industrial continuará prejudicada por deficiências históricas, e por isso muito conhecidas, mas que tem sido toleradas por governantes, empresários, trabalhadores e pela sociedade.

e) Pesquisas e estudos recentes não deixam dúvidas quanto aos impactos do câmbio valorizado sobre a produtividade da indústria brasileira quando comparadas com a de outros países.

26. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Assinale o trecho em que a transcrição do texto adaptado de **Rodolfo Hoffmann, Distribuição de renda e crescimento econômico** (http://www.scielo.br/scielo.php) **desrespeita** as regras gramaticais no uso das estruturas linguísticas.

a) Embora haja consenso (pelo menos aparente) sobre a necessidade de diminuir a desigualdade, toda medida específica gera polêmica. Muitas pesquisas mostram uma associação da desigualdade da distribuição da renda no Brasil com o nível e a distribuição da escolaridade. O aumento acelerado da escolaridade é uma estratégia que levaria ao crescimento econômico com menor desigualdade.

b) É provável que a importância da educação como determinante do rendimento das pessoas e da sua desigualdade está superestimada nas análises econométricas, simplesmente porque não se dispõem de boas medidas para vários outros determinantes da renda, que estão positivamente correlacionados com a escolaridade.

c) Muitas dessas pesquisas se baseiam na teoria do capital humano. É desnecessário dizer que a própria expressão "capital humano" é contraditória com o conceito marxista de capital. Mas, a ideia de que a remuneração de um trabalhador deva crescer com a sua escolaridade é perfeitamente compatível com essa corrente de pensamento.

d) Mas, o aumento da escolaridade também é um objetivo em si, considerando-se que ela favorece a participação mais plena do cidadão na economia e na sociedade modernas. Assim, apesar das divergências teóricas, há um consenso sobre a necessidade de aumentar rapidamente a escolaridade. Um movimento no sentido de diminuir a desigualdade da distribuição da renda no país certamente não pode se basear apenas em determinada política econômica.

e) Na realidade, praticamente toda política econômica tem um impacto, maior ou menor, sobre a distribuição da renda: política fiscal, previdência social, política de crédito, política educacional, reforma agrária etc. Alterações na legislação também podem ter impacto importante. A dificuldade na análise de cada medida é levar em consideração seus diversos efeitos diretos e indiretos, como fica claro na discussão sobre o aumento do salário-mínimo.

27. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção em que a reescrita do trecho sublinhado preserva a correção gramatical e a coerência do texto.

O "jogo" civilizatório da redistribuição melhorou de forma espetacular a inclusão social, ampliou o mercado interno e funcionou muito bem aumentando a demanda global. Infelizmente não acompanhamos o mesmo ritmo e, com a mesma disposição, a ampliação da oferta global. Está esgotado o espaço disponível. <u>O resultado natural é que a diferença entre a demanda e a oferta globais se dissipa, inexoravelmente, em um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços) e externamente, em uma ampliação do déficit em conta-corrente</u>. O efeito colateral muito importante desse processo é a imensa valorização da relação câmbio nominal/salário nominal, que é o indicador do câmbio "real".

a) Daí resulta, naturalmente, uma ampliação do déficit em conta-corrente que vem da diferença entre a demanda e a oferta globais e se dissipa, inexoravelmente, em um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços).

b) Daí naturalmente resulta que a diferença entre a demanda e a oferta globais, inexoravelmente, se dissipam por um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços) e uma ampliação externa do déficit em conta-corrente.

c) O resultado natural da diferença entre a demanda interna e a oferta global se dissipa, inexoravelmente, em um aumento da inflação internamente (nos preços dos bens não transacionáveis − os serviços) e externamente, em uma ampliação do déficit em conta-corrente.

d) Vem daí, como resultado natural, a diferença entre a demanda que dissipa a oferta global dissipa inexoravelmente, em

um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis − os serviços − e externamente, há uma ampliação do déficit em conta-corrente.

e) Como resultado natural, há, internamente, um aumento da inflação nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços) e, externamente, uma ampliação do déficit em conta-corrente; isso dissipa, inexoravelmente, a diferença entre a demanda e a oferta globais.

28. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Com relação ao uso das estruturas linguísticas ou da grafia das palavras, assinale o trecho em que o texto adaptado de Júlio Miragaya, Desindustrialização e baixo crescimento econômico *(Correio Braziliense, 23 de abril de 2012)*, foi transcrito corretamente.

a) A valorização do real e o custo Brasil, que têm reduzido a competitividade de nossos produtos industriais no mercado internacional, ao mesmo tempo que torna o mercado interno mais vulnerável à concorrência de produtos de outros países com consequências ruins não só para a balança comercial, mas também para os níveis de emprego e de renda para a arrecadação de tributos.

b) No custo Brasil consta os elevados preços da energia elétrica e do gás natural; a insuficiência e relativamente precária malha de transportes; o baixo nível de investimentos em tecnologia; e uma estrutura tributária que incide sobre a produção e o consumo e não sobre a renda e a riqueza.

c) O fato é que o setor industrial ficou estaguinado em 2011, puxando para baixo o crescimento do PIB, sendo o mais baixo entre todos os países sul-americanos. E as perspectivas são de novo crescimento do produto industrial próximo a zero − com um tímido crescimento do PIB.

d) O elevado custo de nossa logística é outra causa que não vêm sendo devidamente enfrentada. O barateamento do custo da energia e dos transportes requerem a ampliação dos investimentos públicos, necessidade que se choca com um dos pilares da política econômica.

e) Em suma, não há como ampliar substantivamente os investimentos públicos sem uma redução drástica nos gastos com pagamento dos juros da dívida pública. Também se deve buscar ampliação do investimento em inovação, condição essencial para o aumento da produtividade.

29. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção em que foi inserido <u>erro</u> gramatical na transcrição do texto abaixo.

Deve-se rejeitar o argumento <u>de que</u> a) uma das causas da baixa competitividade da indústria <u>seja</u> b) o alto custo do trabalho. Não se combate a <u>perda</u> c) de competitividade com redução de direitos trabalhistas. Pelo contrário, <u>foi</u> d) precisamente a <u>elevação</u> e) dos salários e a crescente formalização do trabalho os fatores responsáveis pelo aumento do poder aquisitivo da população e a ampliação de nosso mercado interno.

a) A.
b) B.
c) C.
d) D.
e) E.

Com relação à correção gramatical, julgue os itens subsequentes, que apresentam trechos reescritos do texto.

30. (Cespe/UnB – PEFOCE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) Necessitam-se tanto da criação de métodos transparentes e previsíveis quanto da definição clara do que se considere violação ética, cujas alegações desse tipo seja submetido à investigação.

( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (Cespe/UnB – PEFOCE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) Independentemente das razões que levem-nas a sujeitar, por exemplo, suas posses ou sua moradia ao trabalho pericial, à toda pessoa estão garantidos os direitos de: ser autor de seu destino e de optar por o caminho de sua conveniência.

( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – PEFOCE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) Mas apesar da grande importância da ética deontológica, ela parece que é insuficiente para se aprofundarem reflexões éticas quanto à condutas profissionais, em vistas de se entender que ela seja atendida quando os códigos são simplesmente obedecidos.

( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O trecho “A um coronel que se queixava da vida de quartel” poderia ser assim reescrito, sem prejuízo para a correção gramatical do texto: Para um coronel que queixava-se da vida em quartel.
( ) CERTO
( ) ERRADO

34. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O segundo período do texto (A antropologia tem demonstrado que muitas atividades atribuídas às mulheres em uma cultura podem ser atribuídas aos homens em outra) poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: Segundo a antropologia, várias atividades que são atribuídas ao sexo feminino em dada cultura podem atribuir-se ao sexo masculino em outra.
( ) CERTO
( ) ERRADO

35. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) Sem prejuízo para a sua correção gramatical, o primeiro período do texto poderia ser assim reescrito: A espécie humana distingue-se entre si no que concerne a anatomia e a fisiologia, por meio do dimorfismo sexual, embora seja falso crer que as diferenças de comportamento verificado entre as pessoas de sexo distinto determine-se de forma biológica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

36. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) Mantendo-se a correção gramatical do texto, o trecho “Carregar cerca de vinte litros de água sobre a cabeça implica, na verdade, um esforço físico considerável” poderia ser reescrito da seguinte forma: Para que se carreguem aproximadamente vinte litros d’água na cabeça, requer-se, na realidade, um imenso esforço físico.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) (Cespe/UnB – STJ – todos os cargos – 2012) O trecho “jamais poderiam localizá-la” poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: jamais a poderiam localizar.
( ) CERTO
( ) ERRADO

38. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O último período do texto poderia ser assim reescrito, sem prejuízo para a correção gramatical do texto: Compreender, pois, o modo porque tais materialidades influenciam na elaboração do ato comunicativo é essencial para entender-se como elas chegam à afetar na própria organização do tecido social.
( ) CERTO
( ) ERRADO

39. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) O trecho “a pequena causa, ou o motivo irrelevante, pode produzir um grande efeito” poderia ser reescrito, sem prejuízo para a correção gramatical ou para os sentidos do texto, da seguinte forma: a causa pouco significativa, ou o pequeno motivo, pode provocar um resultado de extensa repercussão.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Em cada um dos itens a seguir, são apresentadas propostas de reescrita do trecho “No entanto, o estudo dos impérios, antigos ou recentes, permite acessar as raízes do mundo contemporâneo e aprofundar nossa compreensão das modalidades de organização do poder político”. Julgue-os com relação à correção gramatical.

40. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Porém, estudando-se os impérios, antigos ou recentes, permite-se que seja acessado as raízes do mundo contemporâneo, e aprofundado, pela nossa compreensão, os modos como está organizado o poder político.
( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Contudo, estudar os impérios, antigos ou recentes, proporciona-nos o acesso às raízes do mundo contemporâneo e leva-nos à aprofundar a compreensão dos modos conforme aos quais organiza-se o poder político.
( ) CERTO
( ) ERRADO

eu gostava muito de passeá… saí com as minhas colegas… brincá na porta di casa di vôlei… andá de patins… bicicleta… quando eu levava um tombo ou outro… eu era a… a palhaça da turma… ((risos))… eu acho que foi uma das fases

mais… assim… gostosas da minha vida foi… essa fase de quinze… dos meus treze aos dezessete anos…
A.P.S., sexo feminino, 38 anos, nível de ensino fundamental. Projeto Fala Goiana, UFG, 2010 (inédito).

42. (ENEM – Vestibular – 2012/2013) Um aspecto da composição estrutural que caracteriza o relato pessoal de A.P.S. como modalidade falada da língua é:
a) predomínio de linguagem informal entrecortada por pausas;
b) vocabulário regional desconhecido em outras variedades do português;
c) realização do plural conforme as regras da tradição gramatical;
d) ausência de elementos promotores de coesão entre os eventos narrados;
e) presença de frases incompreensíveis a um leitor iniciante.

Texto

Entrevista com Marcos Bagno

Pode parecer inacreditável, mas muitas das prescrições da pedagogia tradicional da língua até hoje se baseiam nos usos que os escritores portugueses do século XIX faziam da língua. Se tantas pessoas condenam, por exemplo, o uso do verbo "ter" no lugar do verbo "haver", como em "hoje tem feijoada", é simplesmente porque os portugueses, em dado momento da história de sua língua, deixaram de fazer esse uso existencial do verbo "ter".

No entanto, temos registros escritos da época medieval em que aparecem centenas desses usos. Se nós, brasileiros, assim como os falantes africanos de português, usamos até hoje o verbo "ter" como existencial é porque recebemos esses usos de nossos ex-colonizadores. Não faz sentido imaginar que brasileiros, angolanos e moçambicanos decidiram se juntar para "errar" na mesma coisa. E assim acontece com muitas outras coisas: regências verbais, colocação pronominal, concordâncias nominais e verbais etc. Temos uma língua própria, mas ainda somos obrigados a seguir uma gramática normativa de outra língua diferente. Às vésperas de comemorarmos nosso bicentenário de independência, não faz sentido continuar rejeitando o que é nosso para só aceitar o que vem de fora.

Não faz sentido rejeitar a língua de 190 milhões de brasileiros para só considerar certo o que é usado por menos de dez milhões de portugueses. Só na cidade de São Paulo temos mais falantes de português que em toda a Europa!

Informativo Parábola Editorial, s/d.

43. Na entrevista, o autor defende o uso de formas linguísticas coloquiais e faz uso da norma de padrão em toda a extensão do texto. Isso pode ser explicado pelo fato de que ele:
a) adapta o nível de linguagem à situação comunicativa, uma vez que o gênero entrevista requer o uso da norma padrão.
b) apresenta argumentos carentes de comprovação científica e, por isso, defende um ponto de vista difícil de ser verificado na materialidade do texto.
c) propõe que o padrão normativo deve ser usado por falantes escolarizados como ele, enquanto a norma coloquial deve ser usada por falantes não escolarizados.
d) acredita que a língua genuinamente brasileira está em construção, o que o obriga a incorporar em seu cotidiano a gramática normativa do português europeu.
e) defende que a quantidade de falantes do português brasileiro ainda é insuficiente para acabar com a hegemonia do antigo colonizador.

44. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale o trecho inteiramente correto quanto ao emprego do padrão formal escrito da língua portuguesa.
a) Quando falamos em prova, no direito, tem-se a idéia de que existe algo a ser defendido ou algo que venha a ser contestado. Dentro dessa linha cognoscível, entende-se que vai existir sempre um agente acusador e um agente acusado.
b) Pois bem, a prova é o meio de resolução desse conflito existente, da qual é dela que o juiz irá extrair aqueles meios exequíveis à resolução pendente.
c) O juiz não tem o ônus de buscar a verdade – ele somente apresenta as partes a verdade mais justa diante do caso em questão. A parte é quem tem o ônus de buscar a verdade, daí as provas serem de suma importância para a resolução do litígio.
d) Devido à atribuição de pontos a cada tipo de prova, o sistema tarifal de provas passou a facilitar as decisões dos juízes, que somente se encarregavam da somatória dos pontos que cada parte obtera mediante suas provas apresentadas e decidia o caso a favor de quem somou mais pontos.
e) Para adquirir força probatória no processo judicial, os meios "moralmente legítimos" de obtenção de provas devem está em congruência com os aspectos lícitos do nosso ordenamento legal.

45. (Esaf – SRF – Analista-Tributário da Receita Federal – 2012) Assinale o trecho em que a transcrição do texto adaptado do jornal *Correio Braziliense*, de 7 de agosto de 2012, desrespeita as regras gramaticais no uso das estruturas linguísticas.
a) Ao mesmo tempo em que os analistas do mercado financeiro elevam a perspectiva para a inflação este ano, eles

trabalham cada vez mais com a possibilidade de queda para o Produto Interno Bruto (PIB) e também para a taxa de juros básica da economia.

b) A principal razão para isso é que o setor industrial não dá mostras de que vai reagir, revertendo a tendência de queda na atividade. Pela décima semana consecutiva, os analistas vêm revendo para baixo as expectativas de desempenho da indústria brasileira.

c) De acordo com o relatório Focus, a média das estimativas para o ano passou de uma contração na atividade no setor industrial de 0,44% para uma queda maior, de 0,69%. Com isso, as expectativas para o PIB, que já vinham diminuindo, caíram mais ainda.

d) Segue também em queda, segundo os analistas do mercado financeiro, a previsão para a taxa básica de juros. Agora, segundo a pesquisa Focus, a taxa Selic deve chegar a 7,25% no final do ano.

e) Até à semana passada, a estimativa que prevalescia era de que o ciclo de redução da Selic pararia em 7,5%. Atualmente a taxa está em 8%. Com a mudança o mercado financeiro passa a trabalhar com a perspectiva de que o Banco Central reduza a taxa mais duas vezes.

Gabarito

1. B.	10. B.	19. A.	28. E.	37. CERTO.
2. B.	11. C.	20. D.	29. D.	38. ERRADO.
3. E.	12. E.	21. D.	30. ERRADO.	39. CERTO.
4. A.	13. D.	22. E.	31. ERRADO.	40. ERRADO.
5. B.	14. C.	23. A.	32. ERRADO.	41. ERRADO.
6. E.	15. B.	24. D.	33. ERRADO.	42. A.
7. D.	16. E.	25. C.	34. CERTO.	43. A.
8. B.	17. D.	26. B.	35. ERRADO.	44. A.
9. A.	18. E.	27. E.	36. CERTO.	45. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 37

Reescritura de Frases

Definição de Paráfrase

Paráfrase, segundo o dicionário Houaiss, é a "maneira diferente de dizer algo que foi dito; frase sinônima de outra".

Sendo assim, muitas questões de provas são criadas a partir desse conceito. Os enunciados das questões normalmente falam de "reescrita/reescritura de texto ou de frases". Muitas vezes também as questões tratam da **manutenção/preservação do sentido** ou **da alteração/prejuízo do sentido** de certos trechos. É válido dizer que as provas se preocupam em trabalhar este assunto junto com o conceito de "correção". Observe este texto:

– *Considerando que o cronograma estabelecido visa assegurar a qualidade do serviço, solicito alteração no procedimento estabelecido para instalações e imediata reposição dos computadores.*

Possibilidade de "reescritura" com "correção":

– *Considerando que o cronograma estabelecido visa a assegurar a qualidade do serviço, solicito alteração no procedimento estabelecido para instalações e imediata reposição dos computadores.*

Observe que apenas a preposição *a* foi utilizada para a reescritura. Não houve mudança de sentido. Mas a pergunta que se faz é: "Houve correção gramatical na colocação deste vocábulo antes do verbo?" Resposta: "Sim!" Explicando...: segundo a norma culta, o verbo *visar* (= *objetivar, almejar*) antes de verbo no infinitivo pode ou não vir seguido da preposição *a*.

Fique atento, pois existem cerca de 30 maneiras de parafrasear um texto:

– *Linguagem informal para formal.*
– *Mudança de posição dos vocábulos.*
– *Predicado converso e predicado simétrico.*
– *Substituição de locuções por palavras.*
– *Substituição de verbos por advérbios e vice-versa.*
– *Uso de sinônimos, hipônimos e hiperônimos.*
– *Mudança de tipos de discurso.*
– *Conversão de voz verbal.*
– *Emprego de antonomásias ou perífrases.*
– *Síntese ou resumo.*
– *Substituição de substantivos por pronomes.*
– *Mudança de tempo verbal sem alteração do sentido.*
– *Nominalização.*
– *Transformação de oração reduzida para desenvolvida e vice-versa.*
– *Inversão sintática.*

– *Mudança de pronome relativo por outro e pronome demonstrativo por outro.*
– *Mudança de pontuação por outra e pontuação facultativa.*
– *Dupla grafia.*
– *Possibilidades de colocação pronominal.*
– *Amplificação.*
– *Possibilidades de Paralelismo.*
– *Orações assindéticas em sindéticas.*
– *Elipse.*
– *Conectivos de mesmo valor semântico.*
– *Relação de causa e consequência.*
– *Antônimos apoiados em palavras negativas.*
– *Dupla regência.*
– *Crase facultativa.*
– *Dupla concordância.*

Tratarei neste livro apenas dos 10 casos que mais figuram em prova, ok? Acompanhe!

Mudança de Posição dos Vocábulos

Ora a mudança de posição de certos vocábulos ou termos da oração pode mudar o sentido da frase, ora não.

Uma simples frase como esta...

A vantagem de ter péssima memória é divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas boas como se fosse a primeira vez. *(Friedrich Nietzsche)*

... pode ser invertida de diversas formas, sem alteração de sentido.

Veja algumas:

Divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas boas, como se fosse a primeira vez, é a vantagem de ter péssima memória.

A vantagem de ter péssima memória é divertir-se com as mesmas coisas boas, como se fosse a primeira vez, muitas vezes.

Divertir-se com as mesmas coisas boas, muitas vezes, como se fosse a primeira vez, é a vantagem de ter péssima memória.

É a vantagem de ter péssima memória divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas boas como se fosse a primeira vez.

A vantagem de ter memória péssima é divertir-se, como se fosse a primeira vez, com as mesmas boas coisas muitas vezes.

E por aí vai...

Em outras palavras, a inversão de termos dentro de uma frase pode não alterar seu sentido. No entanto, não é sempre assim que ocorre, pois, às vezes, alguns vocábulos (adjetivos, pronomes, advérbios, palavras denotativas etc.), quando deslocados, a alteração de sentido fica visível. Veja que o deslocamento, ou seja, a inversão dos termos pode gerar alteração de sentido:

– *João é um **alto** funcionário.*
– *João é um funcionário **alto**.*

– ***Qualquer** mulher merece respeito.*
– *Maria é uma mulher **qualquer**.*

– *Pedro **já** fez a prova.*
– *Pedro fez a prova **já**.*

– ***Até** aquela aluna o elogiou.*

– *Aquela aluna o elogiou* ***até****.*

Percebeu que houve flagrante mudança de sentido nestas duplas? Portanto, a inversão dos termos na frase pode ou não alterar o sentido dela.

Equivalência entre Locuções e Palavras e entre Conectivos

O que são locuções? São grupos de vocábulos com valor de uma palavra, normalmente. Existem locuções substantivas, adjetivas, pronominais, verbais, adverbiais, prepositivas, conjuntivas e interjetivas.

Nas questões de reescrituras de frases em provas de concurso público, é comum haver substituição de *locuções adjetivas, verbais, adverbiais, prepositivas e conjuntivas* por, respectivamente, *adjetivos, verbos, advérbios, preposições e conjunções*, semanticamente correspondentes.

Veja algumas substituições:

Locuções Adjetivas

Grupos de vocábulos iniciados por preposição caracterizando um substantivo, normalmente. Têm valor de um adjetivo.

– *A jogada* ***de mestre*** *serviu para exemplificar sua habilidade.*
– *A jogada* ***magistral*** *serviu para exemplificar sua habilidade.*

– *A população* ***das cidades*** *vem aumentando exponencialmente.*
– *A população* ***urbana*** *vem aumentando exponencialmente.*

Locuções Verbais

Grupos de vocábulos formados por verbos auxiliares + verbos principais no infinitivo, gerúndio ou particípio. Têm valor de um verbo.

– ***Estávamos viajando*** *pela Grécia quando recebemos uma má notícia.*
– ***Viajávamos*** *pela Grécia quando recebemos uma má notícia.*

– *Os cientistas* ***vêm lutando/têm lutado*** *para descobrir a cura definitiva da AIDS.*
– *Os cientistas* ***lutam*** *para descobrir a cura definitiva da AIDS.*

Obs.: Estude os tempos compostos (locuções verbais formadas pelos verbos *ter/haver* + particípio).

Locuções Adverbiais

Grupos de vocábulos normalmente iniciados por uma preposição. Têm valor de advérbio.

– ***De repente*** *o tempo ficou nublado.*
– ***Repentinamente*** *o tempo ficou nublado.*

– *Ela faz provas* ***de seis em seis meses****.*
– *Ela faz provas* ***semestralmente****.*

Locuções Prepositivas

Grupos de vocábulos com valor de uma preposição. Sempre terminam em preposição.

– *Sempre estudo Português* ***a fim de*** *eliminar as dúvidas mais comuns.*

– *Sempre estudo Português* ***para*** *eliminar as dúvidas mais comuns.*

– *Quando estamos juntos, conversamos* ***acerca de*** *política.*

– *Quando estamos juntos, conversamos* ***sobre*** *política.*

Locuções conjuntivas

Grupos de vocábulos com valor de uma conjunção.

– ***Ainda que*** *eu veja mudanças no país, continuo descrente.*

– ***Embora*** *eu veja mudanças no país, continuo descrente.*

– ***Desde que*** *vocês entendam, ficarei satisfeito.*

– ***Se*** *vocês entenderem, ficarei satisfeito.*

Substituição de Verbos por Advérbios e Vice-versa

Segundo Rodolfo Ilari, um tipo de paráfrase é a substituição de verbos por advérbios e vice-versa (aparentemente: parecer; possivelmente: poder; necessariamente: precisar; geralmente: costumar etc.):

– *Os ensaios da banda são feitos* ***habitualmente*** *na noite da quarta-feira. = Os ensaios da banda* ***costumam*** *ser feitos na noite de quarta-feira.*

– *Ele* ***parece*** *contente com o resultado da prova. = Ele ficou* ***aparentemente*** *contente com o resultado da prova.*

Uso de Sinônimos

Palavras, expressões e frases inteiras podem ser sinônimas de outras, contanto que preservem o sentido entre si. Veja exemplos:

– *"Na perspectiva **maniqueísta** que domina hoje as formas vulgares do pensamento social existe a fome da esquerda e existe a fome da direita."* (José de Souza Martins)

– *Na perspectiva **dualista** que domina hoje as formas vulgares do pensamento social existe a fome da esquerda e existe a fome da direita.*

– *Em 1693, o explorador francês Leguat, que passou vários meses na ilha Maurício, **empenhou-se na procura** dos dodôs e não encontrou nenhum.*

– *Em 1693, o explorador francês Leguat, que passou vários meses na ilha Maurício, **dedicou-se com afinco à busca** dos dodôs e não encontrou nenhum.*

– ***Uma lei interdita o uso de vestimentas que impeçam a identificação da pessoa***.

– ***Certa prescrição proíbe a utilização de roupas que obstam a identidade pessoal***.

Substituição de Substantivos por Pronomes

Todos os pronomes (pessoais, possessivos, indefinidos, interrogativos, demonstrativos e relativos) podem substituir substantivos. Por isso, muitas questões tratam disso nas provas de concursos públicos. Veja exemplos bem simples que ilustram isso:

– *João é estudioso, por isso **ele** consegue boas notas.*

– ***Ele** é um cara muito esforçado, por isso todos adoram o João.*

– *O estudo é algo primordial, e eu **o** levo muito a sério.*

– *A aluna quer muito a vaga. **Sua** determinação é invejável.*

– *João e Pedro passaram, mas **nenhum** ficou satisfeito.*

– *Ela e ele se classificaram, mas **quem** ficou realmente feliz?*

– *Só **isto** me interessa: a aprovação.*

– *O professor **que** me ajudou a passar foi o Pestana.*

Nominalização

Como foi falado muito sobre isso no capítulo de *Substantivo e Adjetivo*, "rolará" agora um *déjà vu*.

Nominalizar é, normalmente, transformar uma estrutura verbal em uma estrutura nominal, ou seja, substituir um verbo por um substantivo de mesmo radical (às vezes, por um adjetivo), a fim de evitar o exagero no uso de verbos. Isso se dá por meio de derivação sufixal ou de derivação regressiva, normalmente.

Segundo Ulisses Infante, a nominalização "constitui um recurso eficaz no momento de redigir, pois passamos a contar com diferentes possibilidades para estruturar nossas frases". Ele está falando aqui sobre reescritura de frases, sobre a qual falarei mais detalhadamente num dos capítulos finais. Continua Infante: "O uso de substantivos é mais frequente em textos científicos e analíticos, em que os conceitos são mais utilizados do que as ações. Nos textos narrativos, as ações tendem a ser mais importantes do que os conceitos, o que acarreta predomínio de verbos".

Um texto dissertativo bem redigido é aquele que não abusa de verbos. Sem verbalização, um texto com mais nomes valoriza a concisão e a clareza.

Contando, também, com as informações essenciais da Prof.ª Dr.ª Maria Francisca Oliveira Santos, vejamos como isso ocorre na prática.

Por derivação sufixal

-ção/-são: *fabricar > fabricação; ligar > ligação; adaptar > adaptação; expressar > expressão, ceder > cessão...*

– ***Fabricar*** *produtos sustentáveis está na moda.* (frase com dois verbos)

– *A* ***fabricação*** *de produtos sustentáveis está na moda.* (frase com um verbo)

– ***Ceder*** *meus direitos autorais ao artista foi difícil.* (frase com dois verbos)

– *A* ***cessão*** *de meus direitos ao artista foi difícil.* (frase com um verbo)

Note que, assim como verbo exige dois complementos (Cede-se <u>algo</u> (1) <u>a alguém</u> (2)), o nome também exige (cessão de... (1) ao... (2)). Falarei mais sobre a relação dos verbos e dos nomes com seus complementos no capítulo de *Regência*. Não se empolgue, fica por aqui, senão vai se enrolar!

-da: *sair > saída; chamar > chamada; chegar > chegada...*

– *Quando meu filho* ***chegou****, fiquei emocionada.* (frase com dois verbos)

– *A* ***chegada*** *do meu filho me emocionou.* (frase com um verbo)

-mento: *conhecer > conhecimento; lançar > lançamento; surgir > surgimento...*

– ***Surgiram*** *novos problemas em minha tese que me deixaram preocupado.* (frase com dois

verbos)

– *O **surgimento** de novos problemas em minha tese me deixou preocupado.* (frase com um verbo)

Os demais sufixos seguem o mesmo paradigma (modelo):

-nça/-ncia: *mudar > mudança; tolerar > tolerância; concordar > concordância...*
-aria: *pescar > pescaria; piratear > pirataria...*
-agem: *abordar > abordagem; filmar > filmagem; reciclar > reciclagem...*
-dor: *pescar > pescador; acusar > acusador; dever > devedor...*
-nte: *participar > participante; fabricar > fabricante...*
-(t)ura: *ler > leitura; candidatar > candidatura...*
-eza: *Estar certo de > A certeza de...*
-dade: *Ser difícil de > A dificuldade de...*

Por derivação regressiva

Observe três exemplos em que ocorre nominalização:

– *Quem **canta** os males espanta.* (frase com dois verbos)
– *O **canto** espanta os males.* (frase com um verbo)

– *Ele **causou** o estardalhaço porque se revoltou com a postura dos políticos.* (frase com dois verbos)
– *A **causa** do estardalhaço foi sua **revolta** com a postura dos políticos.* (frase com um verbo)

– *Depois de **jantar** com a namorada, percebeu que foi um sucesso.* (frase com três verbos)
– *A **janta** com a namorada foi um sucesso.* (frase com um verbo)

No caso dos adjetivos, a nominalização se dá pela transformação de orações subordinadas adjetivas em meros adjetivos. Veja alguns exemplos:

– *O aluno **que é inteligente** passou na prova.*
– *O aluno **inteligente** passou na prova.*

– *Comprei para a minha frota dois carros **que estavam novíssimos**.*
– *Comprei para a minha frota dois carros muito **novos**.*

Note nesses exemplos que houve uma redução no número de verbos, tornando a leitura mais concisa. Simples assim.

Transformação de Oração Reduzida em Desenvolvida e Vice-versa

Como já falamos sobre isso em capítulos anteriores, mais um *déjà vu*:

Reduzidas de gerúndio para desenvolvidas

– *Pagou a conta,* ***ficando*** ***livre dos juros***. (coordenada aditiva)
– *Pagou a conta* ***e ficou livre dos juros.*** (coordenada aditiva)

– *Vimos um mendigo* ***levando*** ***uma surra dos pitboys***. (adjetiva)
– *Vimos um mendigo* ***que*** ***levava uma surra dos pitboys.*** (adjetiva)

– ***Não tendo condições****, comprou um terno.* (concessiva)
– ***Embora não tivesse condições****, comprou um terno.* (concessiva)

– ***Agindo desse modo****, ninguém ficará com você.* (condicional)
– ***Se você agir desse modo****, ninguém ficará com você.* (condicional)

– ***Temendo a reação do pai****, não contou a verdade.* (causal)
– ***Uma vez que temia a reação do pai****, não contou a verdade.* (causal)

– ***Saindo do estádio****, encontrei meus amigos.* (temporal)
– ***Quando saí do estádio****, encontrei meus amigos.* (temporal)

Reduzidas de infinitivo para desenvolvidas

– *É preciso* ***trabalhar*** ***muito***. (subjetiva)
– *É preciso* ***que*** ***se trabalhe muito***. (subjetiva)

– *Deixe* ***o aluno pensar***. (objetiva direta)
– *Deixe* ***que*** ***o aluno pense***. (objetiva direta)

– *Os adversários o acusaram* ***de fazer*** ***coisas erradas***. (objetiva indireta)
– *Os adversários o acusavam* ***de que*** ***fazia coisas erradas***. (objetiva indireta)

– *A melhor política é* ***sermos*** ***honestos***. (predicativa)
– *A melhor política é* ***que*** ***sejamos honestos***. (predicativa)

– *Tenho medo* ***de mudarmos***. (completiva nominal)
– *Tenho medo* ***de que*** ***mudemos***. (completiva nominal)

– *De mim só quero isto:* ***amar-te toda a vida***. (apositiva)
– *De mim só quero isto:* ***que*** ***eu te ame toda a vida***. (apositiva)

– *João não é homem* ***de meter*** ***os pés pelas mãos***. (adjetiva)

– *João não é homem* ***que*** ***mete os pés pelas mãos***. (adjetiva)

– ***Apesar de*** ***estar*** ***machucado****, continua jogando bola.* (concessiva)
– ***Ainda que*** ***esteja machucado****, continua jogando bola.* (concessiva)

– ***Sem*** ***se dedicar*** ***aos estudos,*** *não terá êxito.* (condicional)
– ***Sem que*** ***se dedique aos estudos****, não terá êxito.* (condicional)

– *Ela passou mal de tanto* ***comer*** ***aquelas balas***. (causal)
– *Ela passou mal* ***porque*** ***comeu muito aquelas balas***. (causal)

– *Aquela cena o chocou* ***a ponto de*** ***lhe tirar o sono***. (consecutiva)
– *Aquela cena o chocou tanto* ***que*** ***lhe tirou o sono***. (consecutiva)

– *Ela estuda tanto* ***para*** ***fazer*** ***um concurso***. (final)
– *Ela estuda tanto* ***para que*** ***faça um concurso***. (final)

– *Pense muito antes de* ***tomar*** ***uma decisão***. (temporal)
– *Pense muito* ***antes que*** ***você tome uma decisão***. (temporal)

Obs.: É praxe que as adverbiais reduzidas iniciadas pelas preposições *ao, para, por, sem* sejam, respectivamente, de tempo, finalidade, causa e concessão/condição:

– ***Ao*** *entrar, faça silêncio. (= Quando entrar, faça silêncio.)*
– ***Para*** *viajar, é preciso dinheiro. (= Para que se viaje, é preciso dinheiro.)*
– *Foi aceito no grupo* ***por*** *injetar muito dinheiro na instituição. (= Foi aceito no grupo porque injetou muito dinheiro na instituição.)*
– ***Sem*** *tomar seu remédio, melhorou. (= Sem que tenha tomado seu remédio, melhorou.)*
– ***Sem*** *tomar seu remédio, não melhorará. (= Sem que tome seu remédio, não melhorará.)*

Reduzidas de particípio para desenvolvidas

– *Havia aqui uma árvore,* ***plantada*** ***por mim***. (adjetiva explicativa)
– *Havia aqui uma árvore,* ***que*** ***foi plantada por mim***. (adjetiva explicativa)

– *A notícia* ***divulgada*** ***pela mídia*** *era falsa.* (adjetiva restritiva)
– *A notícia* ***que*** ***foi divulgada pela mídia*** *era falsa.* (adjetiva restritiva)

– ***Agredido*** ***pelo outro****, mantive a calma.* (concessiva)
– ***Embora*** ***eu tenha sido agredido pelo outro****, mantive a calma.* (concessiva)

– ***Aceitas*** ***as condições****, não haverá problemas.* (condicional)

– ***Desde que*** ***se aceitem as condições****, não haverá problemas.* (condicional)

– ***Preocupado*** ***com a prova****, esqueceu os documentos em casa.* (causal)
– ***Como*** ***se preocupara com a prova****, esqueceu os documentos em casa.* (causal)

– ***Terminada*** ***a aula****, todos pularam de alegria.* (temporal)
– ***Logo que*** ***terminou a aula****, todos pularam de alegria* (temporal)

Substituição de Pronome Relativo por Outro e Pronome Demonstrativo por Outro

Como assim? Bem, vamos lá! São 8 pronomes relativos, lembra? Relembrando: *que, o qual, quem, cujo, quanto, onde, como, quando*. Os relativos *que* e *o qual* substituem a maioria dos outros relativos, portanto vou-me fixar neste primeiro momento neles. Já os demonstrativos que nos devem interessar são estes: *o, a, os, as,* substituindo *isso, aquele(a/s), aquilo*.

Vejamos na prática a substituição de um pronome relativo por outro:

– *O rapaz da loja,* ***que*** *nos sugeriu aquela compra, era meu primo.*
– *O rapaz da loja,* ***o qual*** *nos sugeriu aquela compra, era meu primo.*

– *As senhoras* ***de que*** *eu falei são muito ativas.*
– *As senhoras* ***das quais*** *eu falei são muito ativas.*

Nesses exemplos, percebeu que o pronome relativo *o qual* (variável) substitui o pronome relativo *que*. Tal substituição é muito trabalhada em provas. Veja mais:

– *Estive ontem com minha coordenadora,* ***à que*** *devo meu emprego.*
– *Estive ontem com minha coordenadora,* ***à qual*** *devo meu emprego.*
– *Estive ontem com minha coordenadora,* ***a quem*** *devo meu emprego.*
– *O lugar* ***em que*** *estive ano passado era paradisíaco.*
– *O lugar* ***no qual*** *estive ano passado era paradisíaco*
– *O lugar* ***onde*** *estive ano passado era paradisíaco.*

Os demonstrativos *o, a, os, as*, são substituíveis por *isso, aquele(a/s), aquilo*. Isso ocorre quando vêm antes de pronome relativo *que* e preposição *de*, **normalmente**. Veja:

– ***O*** *que me chamou para trabalhar com vocês foi o Sandro.*
– ***Aquele*** *que me chamou para trabalhar com vocês foi o Sandro.*

– ***As*** *do estado da Bahia são mais atenciosas que* ***as*** *de Pernambuco.*
– ***Aquelas*** *do estado da Bahia são mais atenciosas que* ***aquelas*** *de Pernambuco.*

– *Você é* ***o*** *que você é. Ninguém precisa dizer como deve ser.*
– *Você é* ***isso*** *que você é. Ninguém precisa dizer como deve ser.*

Está percebendo que existem múltiplas possibilidades de reescrever um texto?

Possibilidades de Paralelismo

As que eu já vi sendo trabalhadas em prova são as que tratam de termos preposicionados.

Quando dois ou mais elementos estão coordenados e o primeiro está introduzido por preposição, há apenas quatro possibilidades corretas de construção:

– *Todo brasileiro tem direito* ***a*** *saúde, educação e segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito* ***a*** *saúde,* ***a*** *educação e* ***a*** *segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito* ***à*** *saúde, educação e segurança.* (preposição + artigo)

– *Todo brasileiro tem direito* ***à*** *saúde,* ***à*** *educação e* ***à*** *segurança.* (preposição + artigo)

Lamento o *déjà vu* do capítulo de *Crase*, mas tal lição serve para qualquer outra preposição.

Relação de Causa e Consequência

Nas provas, a relação de causa e consequência se dá entre orações – sem presença de conectivo ou com presença de conectivo. Veja os exemplos:

Sem conectivo:

– *Faltam mecanismos para financiar a modernização (causa); ele opta pela expansão da área, que é muito mais barata (consequência).*

Com conectivo:

– *Ele opta pela expansão da área, que é muito mais barata (consequência),* ***porque*** *faltam mecanismos para financiar a modernização (causa).*

Obs.: Peço que estude conjunções coordenativas conclusivas, conjunções subordinativas causais e consecutivas. Estude também preposições e locuções prepositivas que tenham valor semântico de causa ou consequência.

O Que Cai Mais na Prova?

Hoje em dia, a maior parte das bancas trabalha este assunto de uma maneira ou de outra, mas os tipos mais comuns são estes: **uso de palavras e expressões sinônimas, relação de causa e consequência, substituição de um conectivo por outro de igual valor semântico, transformação de oração reduzida em desenvolvida e vice-versa, substituição de substantivos por pronomes, nominalização e substituição de formas simples por formas perifrásticas (locuções).** Isso é o filé!

Questões de Concursos

"O riso é tão universal como a seriedade; ele abarca a totalidade do universo, toda a sociedade, a história, a concepção de mundo. É uma verdade que se diz sobre o mundo, que se estende a todas as coisas e à qual nada escapa. É, de alguma maneira, o aspecto festivo do mundo inteiro, em todos os seus níveis, uma espécie de segunda revelação do mundo."

1. (Cespe/UnB – ANCINE – Técnico Administrativo – 2012) Apesar do mesmo grau de universalidade atribuído pelo autor do texto ao "riso" e à "seriedade", se o trecho "O riso é tão universal como a seriedade" fosse reescrito como **A seriedade é tão universal como o riso**, as estruturas sintáticas e argumentativas do texto seriam prejudicadas.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

2. (Cespe/UnB – PM/CE – Soldado – 2012) Estaria mantida a correção gramatical do texto caso o trecho "estarem seguindo o exemplo" fosse reescrito da seguinte forma: **estarem aderindo ao exemplo**.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

3. (FAURGS – TJ/RS – Analista Judiciário – 2012) Considere as seguintes propostas de reescrita do trecho ***A migração do morto, em vez de ser da vida para o nada, era só entre categorias verbais***.
   I. A migração do morto, em lugar de ser da vida para o nada, era tão somente entre categorias verbais.
   II. A imigração do morto, ao invés de ser da vida para o nada, era apenas entre categorias verbais.
   III. A migração do morto, ao contrário de ser da vida para o nada, era restrita a categorias verbais.

Quais estão corretas do ponto de vista da norma?
   a) Apenas I.
   b) Apenas II.
   c) Apenas III.
   d) Apenas I e II.
   e) Apenas II e III.

Fragmento de Texto

"(...) A biblioteca está e vai com você onde você estiver, como uma Babel feita do paradoxo do conhecimento: quanto mais se sabe, mais há para saber, de modo que, o máximo sendo também o mínimo, nunca nos falte nem a pergunta ilimitada, nem a resposta periódica... (...)"

4. (FAURGS – TJ/RS – Analista Judiciário – 2012) A oração reduzida de gerúndio ***o máximo sendo também o mínimo***, no período em que ocorre no texto, pode ser substituída, sem alteração de sentido, pela seguinte forma:
   a) a despeito de o máximo ser também o mínimo;
   b) contanto que o máximo seja também o mínimo;
   c) a não ser que o máximo seja também o mínimo;
   d) a fim de que o máximo seja também o mínimo;
   e) visto ser o máximo também o mínimo.

Fragmentos de texto

"Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos por conta dos crimes de grande repercussão e que parecem ser de difícil solução. Além disso, seriados que mostram policiais ou peritos que utilizam ciência e tecnologia para desvendar casos complexos também ajudam a aumentar o interesse pela área. (...) Entrevistado hoje, Ferreira explicou que um perito não pode se envolver com nenhum caso. (...) A perícia é imparcial. Não importa se os vestígios ajudarem a defesa ou a acusação. (...)"

5. (FUNIVERSA – PC/DF – Perito Criminal – 2012) Assinale a alternativa que apresenta reescrita correta de fragmentos do texto, com preservação do sentido original.
   a) Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos em virtude de crimes de grande repercussão e de solução aparentemente difícil.
   b) seriados que mostram policiais e peritos e que utilizam ciência e tecnologia para desvendar casos complexos também ajudam a aumentar o interesse pela área.
   c) Entrevistado na noite da morte da menina Isabella Nardoni, em março de 2008, Ferreira explicou que o perito não pode ter envolvimento emocional com o caso que examina.
   d) Por isso, policiais ou peritos que utilizam ciência e tecnologia para desvendar casos complexos também ajudam a aumentar o interesse pela área.

e) A perícia é imparcial, embora não tenha nenhum valor o fato de os vestígios ajudarem a defesa ou a acusação.

Fragmentos de texto

"(...) para chegar à tal felicidade, precisamos ter amigos. (...) Outro benefício decorrente de ter amigos é manter a saúde em ordem. (...) "A amizade libera substâncias hormonais no cérebro que favorecem a alegria de viver e o bem-estar". (...) o único jeito de ultrapassar a barreira da solidão é justamente ter pelo menos um amigo e um amor. (...) Para termos pelo menos um amigo, diz ele, precisamos nos livrar daquilo que ele chama de "avareza de si mesmo"".

6. (FUNIVERSA – PC/DF – Perito Criminal – 2012) Assinale a alternativa em que a reescrita de fragmento do texto preserva a correção gramatical e o sentido original.
   a) para se chegar à tal felicidade, precisamos ter amigos.
   b) Outro benefício resultante de ter amigos é a manutenção da saúde em ordem.
   c) A amizade libera substâncias hormonais no cérebro que favorece a alegria de viver e o bem-estar.
   d) o único jeito de ultrapassar a barreira da solidão é justo ter pelo menos um amigo e um amor.
   e) Para termos pelo menos um amigo, diz ele, precisamos nos livrar daquilo que o amigo chama de "avareza de si mesmo".

7. (AOCP – BRDE – Assistente Administrativo – 2012) As alternativas abaixo apresentam propostas de reescrita de fragmentos do texto, que se encontram entre aspas. Assinale a alternativa em que a reescrita NÃO preserva a <u>correção gramatical</u> e <u>o sentido original do texto</u>.
   a) "Não entendem a grandeza desses e outros grandes romances do passado.": Não entendem a grandeza desses e de outros grandes romances do passado.
   b) "uma etapa importante da formação do jovem: a da compreensão, análise e, por consequência, do domínio de textos complexos.": uma etapa importante da formação do jovem: a da compreensão, da análise e, por consequência, do domínio de textos complexos.
   c) "As ilustrações são feias e caricatas, limitando-se a servir aos balões e descrições extraídas diretamente do livro.": As ilustrações são feias, caricatas, limitando-se a servir aos balões e às descrições extraídas diretamente do livro.
   d) "Repare que esses grandes artistas dificilmente se submetem a adaptações feitas diretamente de uma obra.": Repare que esses grandes artistas dificilmente se submetem às adaptações feitas diretamente de uma obra.
   e) "Infelizmente, os quadrinhos são inocentes úteis, pois viraram instrumentos eficientes para a desmoralização da literatura.": Infelizmente, os quadrinhos são inocentes úteis, pois viraram instrumentos eficientes à desmoralização da literatura.

À época de Nabuco, os Estados Unidos despontavam já como um país poderoso, <u>o moralismo desse país representando</u>, no entanto, um entrave para que <u>se promovesse nesse país</u> uma disputa eleitoral em alto nível.

8. (FCC – TCE/AM – Analista de Controle Externo – 2012) Evita-se a viciosa repetição de palavras na frase acima substituindo-se, de modo adequado, as expressões sublinhadas, respectivamente, por:
   a) cujo moralismo representaria – lá se promovesse.
   b) aonde o moralismo representa – ali se promova.
   c) no qual o moralismo representasse – neles se promovam.
   d) em cujo moralismo representa-se – neste se promovesse.
   e) conquanto seu moralismo representa – lá se promova.

9. (NUCEPE – PM/PI – Agente de Polícia (Cabo) – 2012) Assinale a opção em que a reescrita do trecho "Se for assaltado, não reaja – entregue tudo" altera o sentido do que é dito na frase original.
   a) "Sendo assaltado, não reaja – entregue tudo."
   b) "Em caso de assalto, não reaja – entregue tudo."
   c) "Caso seja assaltado, não reaja – entregue tudo."
   d) "Assaltando, não reaja – entregue tudo."
   e) "Para caso de assalto, não reaja – entregue tudo."

10. (COPESE – UFT – Vestibular – 2012) Em produções escritas é comum o uso excessivo do elemento "que". Substituí-lo por substantivos e orações reduzidas pode ser uma alternativa no sentido de eliminar seu uso exagerado.

Considerando o enunciado "*A coordenadora exigiu que adiasse o encontro até que as infrações que o funcionário cometeu fossem solucionadas*.", assinale a alternativa em que a substituição do "que" por substantivos e/ou orações reduzidas pode deixar o texto mais leve, sem alterar o sentido.
   a) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro com o funcionário até as infrações serem solucionadas.
   b) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até a solução das infrações cometidas pelo funcionário.
   c) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro com o funcionário até as infrações serem solucionadas por ele.

d) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até as infrações cometidas serem solucionadas pelo funcionário.
e) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até o funcionário solucionar as infrações cometidas por ele.

11. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale a substituição proposta para os diálogos abaixo que desrespeita a correta morfossintaxe do padrão formal escrito da língua portuguesa.
a) Você chega lá e diz / Você se apresenta ao funcionário da Receita Federal e afirma.
b) Se bate ou não bate, se tem regularidade ou não, é outro problema. / Se dá certo ou não, sendo regulares ou não, é outra questão.
c) E você: E daí? Não tem nada demais. / E você retruca: – Que importância tem isso? Não há nenhum problema nisso.
d) Não vai colar, não é mesmo? Mas na Justiça Eleitoral cola. / O argumento não será aceito, certamente. Contudo, na Justiça Eleitoral ele o será.
e) mas declarou tudo na prestação de contas – está limpo. / mas declarou o que arrecadou e o que gastou na prestação de contas – está quite com a Justiça Eleitoral.

12. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale a paráfrase (escrever a mesma coisa de forma diferente) correta e adequada do período "A solução foi muito simples: de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, era descontado anualmente, na folha de pagamento, o salário de um dia de trabalho."
a) Descontava-se um dia de trabalho do salário, na folha de pagamento anual, dos sindicalizados ou não, de todos os trabalhadores, como solução fácil para a falta de recursos do imposto sindical.
b) Para solucionar a escassez de recursos dos sindicatos, a solução se encaminhou no sentido de serem descontados, de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, da folha anual de pagamento, o salário de um dia de trabalho.
c) Para conseguirem sobreviver, os sindicatos adotaram uma solução simples de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não – o desconto anual, na folha de pagamento, do salário de um dia de trabalho.
d) Não foi complicada achar a solução. De todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, descontava-se um dia de trabalho, anualmente, juntamente com a folha de pagamento.
e) Foi simples a solução adotada – seria descontado anualmente, na folha de pagamento de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, o valor equivalente a um dia de trabalho.

13. (FCC – TST – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2012) Assinale a alternativa em que a nova redação para o fragmento está clara e correta.
a) *Colocava sob minha análise um texto que já nascera das vozes do folclore, e propunha-me entender as relações deste texto com suas variantes intertextuais.* / Submetia a meu escrutínio um texto que, como se não bastasse haver nascido das vozes da cultura popular, eu desejava interpretar tendo em vista as relações que mantém com suas variantes intertextuais.
b) *Escolhi Chapeuzinho Vermelho [...], que, por alguma razão, foi retomado tantas vezes, a serviço de outras enunciações.* / Elegi Chapeuzinho Vermelho, o qual foi recaptulado imensas vezes, a serviço de diferentes formações ideológico-discursivas – nem imagino por quê.
c) *A obra não poderia mais ser vista como um monólogo de um sujeito independente, que pressupõe, além de seus limites, apenas um leitor receptivo, privilegiado por uma intuição especial.* / O trabalho estaria impedido de ser enxergado como fala de uma pessoa com ela mesma, o que implica, além de seus limites, num só leitor para a recepção, sendo que ele seja dotado de sensibilidade diferenciada.
d) *Entendi que o que acontecia não era apenas a perda de um centro único. Era o diálogo que perpassa todo discurso*. / Atinei que não só estava se dando a perca de um centro restrito, mas também do diálogo que atravessa todo discurso.
e) *Teria de entender que há sempre a palavra de um outro, junto daquela que eu julgo ser de um.* / Haveria de compreender que permanece a palavra de outro, pegada naquela que eu penso ser do primeiro.

14. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) Atente para as afirmações abaixo.
I. A frase *Sem essa consciência, não há poeta* pode ser corretamente reescrita do seguinte modo: **Não há essa consciência em quem não seja poeta**.
II. A frase *este palíndromo não só encantou o menino Cortázar, como decidiu o seu destino de escritor* tem seu sentido corretamente reproduzido nesta outra construção: **este palíndromo, além de ter encantado o menino Cortázar, decidiu o seu destino de escritor**.
III. Em *Mesmo para <u>um menino aberto ao que der e vier</u>, a frase é bastante surrealista*, a substituição do verbo **é** por **parecia** implica a alteração do segmento grifado para **um menino aberto ao que desse e viesse**.

Está correto o que consta em:
a) I, II e III.
b) II, apenas.

c) I e III, apenas.
d) II e III, apenas.
e) I, apenas.

15. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) *Devemos evitar, especialmente, posturas que venham a contribuir − ainda que indiretamente − para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos.*

Mantendo-se a correção e a lógica, uma redação alternativa para a frase acima está em:

a) Deve ser especialmente evitada posturas que possam contribuir, embora de maneira apenas indireta, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos.
b) Posturas que contribuem, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, devem ser especialmente evitados, ainda que indiretamente.
c) Ainda que contribua, apenas indiretamente, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, tais posturas devem ser especialmente evitadas.
d) Posturas que contribuam, mesmo que de maneira indireta, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, devem ser especialmente evitadas.
e) Conquanto contribuam apenas de modo indireto, posturas que estabeleçam elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, devem ser especialmente evitados.

... o incontestável Grande Detetive, cuja brilhante inteligência dedutiva é capaz de superar qualquer adversário ...

16. (FCC – TRF (5ª R) – Técnico Judiciário – 2012) Mantendo-se, em linhas gerais, o sentido original, o trecho acima está corretamente reescrito em:

a) Qualquer adversário pode ser superado pela brilhante inteligência dedutiva do incontestável Grande Detetive.
b) Sendo dedutiva a inteligência brilhante do incontestável Grande Detetive, qualquer adversário tem a capacidade de lhe superar.
c) A brilhante inteligência dedutiva do incontestável Grande Detetive, é capaz de superar a de qualquer adversário.
d) Adversário algum é capaz de superar o incontestável Grande Detetive, do qual é dotado de brilhante inteligência dedutiva.
e) A brilhante inteligência dedutiva pela qual é dotado o incontestável Grande Detetive, é capaz de superar a de qualquer adversário.

Fragmento de texto

"(...) Embora a realização de investigações criminais diretamente pelo MP não deva ser a regra – no dia a dia, as polícias têm maior estrutura para isso, além de ser essa a sua função primordial –, não se pode impedir que, em determinados casos, o MP investigue, sob pena de que criminosos permaneçam sem punição. Uma primeira vantagem da investigação direta do MP é o ganho de qualidade e rapidez, uma vez que a prova será obtida diretamente por aquele que avaliará sua pertinência e legitimidade para o processo. Sob a direção imediata do MP, serão produzidas somente as provas que realmente permitam a condenação dos culpados (ou o arquivamento dos autos, caso se verifique a inocência do investigado). Além de zelar pela regularidade da prova, o que contribui para evitar nulidades que muitas vezes levam à perda de investigações importantíssimas, é dever do MP assegurar o respeito aos direitos do investigado, evitando abusos lamentavelmente ainda rotineiros em procedimentos da polícia."

17. (Cespe/UnB – MPE/TO – Promotor de Justiça – 2012) Seriam mantidos o sentido original e a correção gramatical do texto caso se substituísse o trecho

a) "evitando abusos lamentavelmente ainda rotineiros em procedimentos da polícia" por *ainda prevenindo abusos lamentáveis na rotina investigatória policial*.
b) "além de ser essa a sua função primordial" por *demais de essa ser a sua função desde os primórdios*.
c) "sob pena de que criminosos permaneçam sem punição" por *no risco de se manter criminosos na impunidade*.
d) "Sob a direção imediata do MP" por *Dirigidos imediatamente pelo MP*.
e) "caso se verifique a inocência do investigado" por *na hipótese de ser o investigado dado por inocente*.

"(...) O povo a que remete a ideia de soberania popular constitui uma unidade, e não, a soma de indivíduos. (...)"

18. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Cargos de Nível Superior – 2012) De acordo com as informações presentes no texto, a expressão "de indivíduos" poderia ser substituída por **individual** sem que houvesse alteração do sentido textual.

( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir "São considerados" (São considerados inelegíveis os enquadrados...) por **Consideram-se**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Mantém-se a correção gramatical do período ao se substituir "onde" (Mas a realidade é bem outra na maioria dos municípios, onde a missão dos eleitos é discutível) por **nos quais**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Se a expressão "cooptados pelo" fosse substituída por **atraídos para os objetivos do**, a correção gramatical e o sentido do texto não seriam prejudicados.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Ao se substituir "o que facilita" (... muitos não lembram em quem votaram, o que facilita o surgimento de...) por **o que vem facilitando** ou por **o que tem facilitado**, mantém-se a correção gramatical do período.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando."

23. (CEPERJ – DEGASE – Técnico de Suporte e Comunicação – 2012) O período acima poderia ser reescrito com a introdução de um conectivo, de modo a explicitar a relação de sentido do contexto original.
A inserção do conectivo preserva o sentido original da frase na seguinte alternativa:
a) embora venham comprando;
b) para virem comprando;
c) porque vêm comprando;
d) contudo vêm comprando;
e) apesar de virem comprando.

24. (Cespe/UnB – TJ/AL – Auxiliar Judiciário – 2012) Assinale a opção que apresenta proposta de reescrita correta para trecho do texto indicado entre aspas.
a) "O igualitarismo formal vem decantado enfaticamente na Carta Política em dois trechos (art. 5.º, inc. I, e art. 226, § 5.º), o que não basta, por si só, para se alcançar a absoluta equivalência social e jurídica de homens e mulheres.": A Carta Política menciona o igualitarismo formal em apenas dois artigos (art. 5.º, inc. I, e art. 226, § 5.º) e isso é insuficiente para conseguir a absoluta equivalência social e jurídica do ser humano.
b) "Agora, não mais é o marido o "cabeça" do casal, o representante legal da família, nem o único responsável por prover o seu sustento.": Antes, o representante legal da família era o homem. Era dele apenas a responsabilidade de prover o sustento da mesma.
c) "O simples estabelecimento do princípio da igualdade, no entanto, não logrou eliminar as diferenciações existentes.": O mero estabelecimento do princípio da igualdade, entretanto, não conseguiu abolir as discriminações existentes.
d) "Resta nítida a intenção do novo sistema jurídico de consagrar a máxima aristotélica": A intenção do novo sistema jurídico de consagrar a iminência do princípio de Aristóteles é clara.
e) "A Constituição Federal de 1988 (CF) buscou resgatar a igualdade, cânone da democracia desde a Revolução Francesa e linha mestra da Declaração dos Direitos Humanos.": A igualdade, a qual, desde a Revolução Francesa, é cânone da democracia e linha mestra da Declaração dos Direitos Humanos, foi resgatada pela Constituição Federal de 1988.

25. (Cespe/UnB – Câmara dos Deputados – Analista – 2012) O período "Em segundo lugar, os historiadores têm mostrado que não se pode falar em uma periferia colonial passiva, modelada por um centro de atividade científica dinâmica" poderia ser reescrito, mantendo-se o seu sentido original e a sua correção gramatical, da seguinte forma: *Em segundo lugar, os historiadores mostraram que não podem falar sobre uma periferia nas colônias passivas e modeladas por um centro científico com atividades dinâmicas.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Àquela altura já éramos amigas. O infortúnio tinha nos unido."

26. (CEPERJ – PROCON/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) O trecho acima poderia ser reescrito, unindo-se as orações por meio de um conectivo.

A reescritura que preservaria o sentido original do trecho seria:

a) contudo o infortúnio tinha nos unido;
b) porque o infortúnio tinha nos unido;
c) embora o infortúnio tinha nos unido;
d) portanto o infortúnio tinha nos unido;
e) enquanto o infortúnio tinha nos unido.

27. (CEPERJ – PROCON/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) "Mesmo não havendo registro de incidentes no País..."

O trecho acima poderia ser reescrito, sem alteração do sentido essencial, da seguinte forma:

a) Como não há registro de incidentes no país;
b) Embora não haja registro de incidentes no país;
c) Para que não haja registro de incidentes no país;
d) Enquanto não há registro de incidentes no país;
e) Quando não houver registro de incidentes no país.

A conectividade é, de longe, o maior disfarce que a solidão humana encontrou.

28. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) A frase acima pode ser reescrita, sem prejuízo para a clareza, a correção e o sentido, da seguinte forma:

a) À distância, a maior camuflagem da nossa solidão são os meios com que nos conectamos.
b) Nenhum disfarce de nossa solidão chegou a ser mais eficaz do que o da conectividade atual.
c) Nossa dissimulada solidão é preferível, como sempre foi, do que já foi nossa ansiedade de comunicação.
d) Pela conectividade, mal conseguimos disfarçar a necessidade maior de imergirmos em nossa solidão.
e) O disfarce de uma geral e efetiva conectividade oculta o fato de que jamais superamos nossa solidão.

29. (CONSULPLAN – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale a alternativa em que a alteração estrutural de um trecho do texto NÃO tenha provocado inadequação de ordem gramatical ou discursiva nem alteração semântica.

a) *Se a moral é medida em dinheiro, não entregar-se a ele poderá parecer um luxo.* / Se a moral em dinheiro é medida, poderá parecer um luxo não se entregar a ele.
b) *Mas teria também todo o perdão?* / Mas teria também todo perdão?
c) *O simples fato de que essa pergunta seja colocada implica o pressuposto de que uma verdade ética tal como a honestidade foi transvalorada.* / O simples fato que essa pergunta seja colocada implica no pressuposto que uma verdade ética tal como a honestidade foi transvalorada.
d) *É por meio dela que se faz o cálculo do "sentido" no qual, fora da vantagem que define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário.* / É através dela que faz-se o cálculo do "sentido" onde, fora da vantagem que define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário.

30. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) A sugestão de reescrita que altera fundamentalmente o sentido de: "Um programa como esse pode ser iniciado de imediato, mas demora a ser implementado em todo o país, sobretudo por falta de recursos humanos em quantidade. A solução é executá-lo por cidades" encontra-se em:

a) reescrever "Um programa como esse" como "Semelhante programa".
b) simplificar a forma verbal composta "ser iniciado", escrevendo em seu lugar "iniciar-se".
c) substituir a forma verbal auxiliar "pode" por "deve".
d) coordenar as orações do 1º período com o uso de "não obstante", em vez da conjunção "mas".
e) unir os dois períodos num período único, usando para tanto a conjunção "por conseguinte".

31. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) Preserva-se o sentido de: "A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, não de consumo de aulas" com a seguinte redação:

a) A Educação é antes um processo de acúmulo de conhecimento que de consumo de aulas.
b) A Educação não é um processo de acúmulo de conhecimento, senão de consumo de aulas.
c) A Educação é, não só um processo de consumo de aulas, senão de acúmulo de conhecimento.
d) A Educação é, não um processo de consumo de aulas, senão de acúmulo de conhecimento.
e) A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, tanto quanto de consumo de aulas.

32. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) Altera-se o sentido de: "Mesmo considerando a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio, esta diferença é uma distorção absurda" reescrevendo-se a oração

subordinada como:
a) Ainda que considerada a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.
b) Conquanto se considere a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.
c) A despeito de se considerar a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.
d) Posto que considerando a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.
e) Visto considerar-se a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

33. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) Invertem-se os termos da relação causa/consequência expressa em: "Pela baixa qualificação dos alunos, o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado" na alternativa:
a) Dado que é baixa qualificação dos alunos, o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.
b) É baixa a qualificação dos alunos, motivo por que o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.
c) O aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado, porquanto é baixa a qualificação dos alunos.
d) É baixa a qualificação dos alunos, a ponto de que o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.
e) O aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado, portanto é baixa a qualificação dos alunos.

34. (Dom Cintra – Pref. Petrópolis/RJ (INPAS) – Advogado – 2012) Das alterações feitas abaixo na redação do período "Segundo o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, sendo 13.310 em homens e 14.800 em mulheres", aquela em que foi mantido o sentido original do texto é:
a) Análogo ao que diz o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, uma vez que 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
b) Consoante o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, conquanto 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
c) De acordo com o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, dos quais 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
d) Coincidente com o que informa o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, onde 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
e) Em conformidade com o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, cujos 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.

35. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Analista de Sistemas – 2012) "Já vi muita coisa neste mundo, mas nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade"; o modo de reescrever-se esse segmento do texto que altera o seu sentido original é:
a) Já vi pessoalmente muita coisa neste mundo, mas nunca assisti a um pau de sebo de verdade.
b) Apesar de já ter visto muita coisa neste mundo, nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade.
c) Embora já tenha visto muita coisa neste mundo, nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade.
d) Nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade, ainda que já tenha visto muita coisa neste mundo.
e) Pessoalmente, nunca assisti a um pau de sebo de verdade, mesmo que já tenha visto muita coisa neste mundo.

36. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Analista de Sistemas – 2012) "Já vi muita coisa neste mundo, mas nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade,..."; o segmento *assisti pessoalmente* poderia ser substituído por um só verbo: *presenciei*.
A frase em que esse mesmo tipo de substituição está corretamente feito é:
a) Destruir completamente um conjunto de apartamentos. / desmoronar.
b) Acabar completamente com a resistência dos traficantes. / aniquilar.
c) Matar totalmente as abelhas de uma colmeia. / esquartejar.
d) Pagar integralmente uma dívida ao banco. / negociar.
e) Amar profundamente a mulher. / extinguir-se.

37. (Dom Cintra – Câmara de Duque de Caxias/RJ – Consulto Contábil – 2012) A sugestão de reescrita que altera o sentido de: "A quantidade de livros ruins é uma grandeza, e são famosos os casos de clássicos ou de best-sellers que foram recusados por editora após editora até, finalmente, chamarem a atenção de alguém mais antenado" é a seguinte:
a) antepor, na 1ª oração, o predicado "é uma grandeza" a seu sujeito;
b) inserir, entre vírgulas, a expressão "por seu turno", após o predicativo da 2ª oração,"famosos";
c) substituir, na 2ª oração, a conjunção "ou" pela locução "ou antes" entre vírgulas;

d) escrever a oração adjetiva como: “que editora após editora recusaram”;

e) dar à 4ª oração a forma: “até que, finalmente, chamaram a atenção de alguém mais antenado”.

38. (Dom Cintra – Câmara de Duque de Caxias/RJ – Consulto Contábil – 2012) Feitas as mudanças na ordem dos termos, tal como indicadas, o enunciado que mantém seu sentido básico original é:
a) até, finalmente, chamarem a atenção de alguém mais antenado / até chamarem a atenção de alguém, finalmente, mais antenado;
b) um mundo sem editoras seria um caos para nós, leitores / seria, leitores, um caos para nós;
c) até porque, como objeto, o livro é um produto singularmente bem resolvido / porque até;
d) há transformações já em curso que serão cada vez mais interessantes de acompanhar / já há transformações em curso;
e) as editoras têm linhas editoriais com as quais os editores aprendem a se identificar / aprendem os editores a se identificar.

39. (VUNESP – Academia Barro Branco – Aluno Oficial – 2012) Em – *Não posso auxiliar a nossa polícia legal,* ***porquanto*** *desde muito que não vou a cinematógrafos...* –, a conjunção destacada pode ser substituída, sem prejuízo de sentido, por:
a) no entanto;
b) enquanto;
c) uma vez que;
d) por conseguinte;
e) embora.

40. (VUNESP – Academia Barro Branco – Aluno Oficial – 2012) Em – ***Apesar disso tudo*** –, *é na assistência delas que nasce muito amor condenado.* –, a expressão destacada pode ser substituída, sem prejuízo de sentido, por:
a) Não obstante isso tudo;
b) Em detrimento disso tudo;
c) Conforme isso tudo;
d) De acordo com isso tudo;
e) Por conseguinte a isso tudo.

41. (VUNESP – Pref. Cubatão/SP – Agente Fiscal de Tributos – 2012) Assinale a alternativa que apresenta o trecho – *Poderá também dizer que ocorreram reduções de impostos para alguns setores.* – reescrito de acordo com a norma-padrão e sem alteração de sentido.
a) Poderá também dizer que houve reduções de impostos para alguns setores.
b) Poderá também dizer que ocorrera reduções de impostos para alguns setores.
c) Poderá também dizer que houveram reduções de impostos para alguns setores.
d) Poderá também dizer que ocorrerão reduções de impostos para alguns setores.
e) Poderá também dizer que haveria reduções de impostos para alguns setores.

Gabarito

1. CERTO.	9. D.	17. E.	25. ERRADO.	33. E.
2. CERTO.	10. B.	18. ERRADO.	26. B.	34. C.
3. A.	11. B.	19. ERRADO.	27. B.	35. A.
4. E.	12. E.	20. CERTO.	28. B.	36. B.
5. A.	13. A.	21. CERTO.	29. A.	37. C.
6. B.	14. D.	22. CERTO.	30. C.	38. E.
7. D.	15. D.	23. C.	31. D.	39. C.
8. A.	16. A.	24. C.	32. E.	40. A.
				41. A.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 38
Questões Comentadas da Banca CQIP

Não conhece a banca CQIP? Uma das mais temidas e polêmicas bancas?! Não acredito! Então, está mais do que na hora de você conhecer!

CQIP: **C**ENTRO DE **Q**UESTÕES **I**MPOSSÍVEIS DO **P**ESTANA.

Se você está rindo agora, prepare-se para chorar da 1ª à 36ª questão! Brincadeira... Meu objetivo é mostrar que há muitas polêmicas em certas questões. Você perceberá que, a cada questão, será um aprendizado. Outra coisa: atualmente as principais bancas de concursos públicos vêm trabalhando questões "híbridas", ou seja, questões que tratam de diversos assuntos em suas opções. Por exemplo, na letra (A) a banca testa seu conhecimento de crase; na letra (B), de paralelismo; na letra (C), de interpretação; na letra (D), de pontuação; na letra (E), de coesão. Elas vêm trabalhando também questões de registro culto da língua. Por isso, fique atento!

Hoje em dia, a FCC e a Esaf são as principais bancas a trabalharem esse modelo de questão. Por isso, tive a preocupação de ilustrar isso com questões feitas exclusivamente por mim. Prepare-se! Ah! E nem tente entrar com recurso contra alguma questão, pois elas são de concursos passados...

Questões da banca CQIP

1. Leia.

O delegado Reinaldo Lobo, da 29ª DP, no Riacho Fundo, a 18 quilômetros de Brasília, surpreendeu a Corregedoria da Polícia Civil ao registrar, no dia 26 de julho, um crime em forma de poesia.
O documento apresentado pelo delegado faz parte do inquérito policial, formado ainda pelo auto de prisão em flagrante, as oitivas e o relatório. A peça final, única feita em poesia, não foi aprovada e teve que ser refeita.
O relatório dizia respeito a um crime de receptação, ocorrido na noite de 22 de julho, quando um homem foi flagrado por policiais militares na garupa de uma motocicleta roubada.
"O preso pediu desculpa/disse que não tinha culpa/pois estava só na garupa/foi checada a situação/ele é mesmo sem noção/estava preso na domiciliar/não conseguiu mais se explicar", escreveu o delegado sobre a abordagem ao suspeito.
Mais adiante, o delegado prossegue: "Se na garupa ou no volante/sei que fiz esse flagrante/desse cara petulante/que no crime não é estreante".
A vontade de fazer um trabalho diferente motivou a redação do poema, disse o delegado. "O nosso trabalho é um pouco de idealismo. Apesar de muito árduo, ele é um pouco de fantasia, de você lutar pela reconstrução e pela melhora do mundo. Acho que isso traz muita realização e eu quis transformar isso em arte, daí a ideia da poesia."

I. A oração "ao registrar, no dia 26 de julho, um crime em forma de poesia" (1º §) mantém uma relação semântica de causa e tempo em relação à outra oração.

II. Há no 2º § oito elementos explícitos que costumam compor a estrutura da voz passiva.

III. O trecho "O relatório dizia respeito a um crime de receptação" (3º §) apresenta dois termos preposicionados que exercem a mesma função sintática.

IV. Poderíamos reescrever o trecho entre aspas (4º §), sem prejuízo do sentido e da correção gramatical, da seguinte maneira: "O preso pediu desculpa, disse que não tinha culpa, pois estava só na garupa. Foi checada a situação – ele é mesmo sem noção –; estava preso na domiciliar, não conseguiu mais se explicar".

V. O vocábulo **que**, nas duas ocorrências do 5º §, tem igual valor coesivo e gramatical.

VI. O pronome **isso** retoma "lutar pela reconstrução" (6º §).

São corretas as seguintes afirmações sobre o texto:

a) I, II, e III.
b) III e V.
c) II e VI.
d) III, IV, V e VI.
e) I e IV.

Comentário: I – A oração *"ao registrar, no dia 26 de julho, um crime em forma de poesia"* (1º §) mantém uma relação semântica de causa e tempo em relação à outra oração, pois revela o motivo da surpresa da Corregedoria e também é circunstância de "tempo" porque mostra quando ocorreu o fato (*ao registrar = quando registrou*). II – Há 9 elementos explícitos que compõem uma estrutura de voz passiva, não 8. Veja: *O documento* <u>*apresentado*</u> (particípio*)* <u>*pelo delegado*</u> (agente da passiva) *faz parte do inquérito policial,* <u>*formado*</u> (particípio) *ainda* <u>*pelo auto de prisão*</u> (agente da passiva) *em flagrante,* <u>*as oitivas*</u> (agente da passiva) *e* <u>*o relatório*</u> (agente da passiva). *A peça final, única* <u>*feita*</u> (particípio) *em poesia, não foi* <u>*aprovada*</u> (particípio) *e teve que ser* <u>*refeita*</u> (particípio). III – Os dois termos preposicionados não têm a mesma função sintática: um é complemento nominal (de *respeito*), o outro é aposto especificativo (de *crime*). Veja, respectivamente: *"O relatório dizia respeito* <u>*a um crime*</u> <u>*de receptação*</u>*"*. IV – *O preso pediu desculpa, disse que não tinha culpa, pois estava só na garupa. Foi checada a situação – ele é mesmo sem noção –; estava preso na domiciliar, não conseguiu mais se explicar*. As primeiras duas vírgulas separam orações coordenadas. O ponto indica o fim de um período. Os travessões separam uma oração interferente. O ponto e vírgula separa uma oração coordenada de outra. A última vírgula separa uma oração coordenada de outra. V – Os vocábulos não têm o mesmo valor coesivo nem gramatical, pois o primeiro (conjunção integrante) estabelece uma coesão sequencial; o segundo (pronome relativo), uma coesão referencial, pois tem valor anafórico. VI – O pronome *isso* retoma todo o trecho *lutar pela reconstrução e pela melhora do mundo*. **Gabarito**: E.

2. Aponte a opção em que ambas as frases prescindem de correção gramatical.

a) Apesar de o candidato não ter experiência, eu examinei-o e aprovei-o. / Apesar de o candidato não ter experiência, eu o examinei e aprovei.
b) Nada me atinje a esta altura. / Nada me atinje àquela altura.
c) De tudo o que me difere de você, o ciúme é o sentimento mais relevante. / De tudo o que me diferencia de você, o ciúme é o sentimento mais relevante.
d) Ele fez apelo às milhares de pessoas que o ouviam. / Ele fez apelo às milhares de pessoas que o escutavam.
e) O malabarista só fazia contorsões incríveis devido ao seu preparo físico intenso. / O malabarista só fazia contorsões

incríveis devido a seu preparo físico intenso.

Comentário: A) Em orações coordenadas, quando se usa a ênclise, o pronome deve ser repetido. Quando, porém, se usa a próclise, não se repete o pronome (exceto quando o pronome tem funções sintáticas diferentes ou quando se quer dar ênfase). Por isso, ambas as frases prescindem de correção gramatical. Quem corrobora esta visão gramatical é Odilon Soares Leme. B) O erro não está no uso do acento grave nem no uso dos pronomes demonstrativos. O fato é que o verbo *atingir* só é escrito com **j** se a ele se seguir a vogal **o** ou **a**. C) O verbo *diferir* não é pronominal, logo deve-se dizer: *"De tudo o que eu difiro de você..."*. D) O erro gramatical não está no uso de ouvir e escutar, mas na concordância com *milhares*, que é palavra masculina, portanto *"... aos milhares de pessoas..."*. E) O erro não está na presença ou ausência do artigo antes do pronome possessivo adjetivo, até porque, nesse caso, o artigo faculta. O que talvez tenha passado despercebido (e não *desapercebido*, rs) foi o fato de que a palavra *contorção* vem de *contorcer*, que vem de torcer, logo, se escreve *contorção (**-ões**)*. Muitos erros de ortografia seriam evitados se você tivesse a palavra primitiva em mente antes de escrever a derivada. **Gabarito**: A.

3. Das redações abaixo, a única que não apresenta incorreção gramatical nem incoerência é:

a) Depois de muito tempo em coma, devido a um acidente envolvendo dois carros e um ônibus, só se foi notar, anos depois da tragédia, alguns sinais de recuperação no rapaz.

b) Não só havíamos nos mudado para bem longe daquela terra infértil e cheia de mazelas culturais, como também nos havíamos livrado daquela gente que a habitava.

c) O governo do Espírito Santo só se adéqua à Lei da Informação e divulga salário dos servidores, porque há uma pressão muito grande por parte dos líderes sindicais.

d) Como o remédio foi lançado há pouco tempo no mercado farmacológico, os médicos e farmacêuticos não lhe conhecem todos os efeitos colaterais ainda, o que pode gerar problemas.

e) Enviamo-lhes o projeto para o exame, mas ainda nada foi resolvido, por isso vimo-nos em situação periclitante, uma vez que temos um cronograma assaz rígido.

Comentário: A) *"... só se **foram** notar... alguns sinais de recuperação..."*. Desvio de concordância com verbo acompanhado de partícula apassivadora. B) *"Não só **nos** havíamos mudado..."*. O pronome átono fica antes do verbo auxiliar do tempo composto, pois há palavra atrativa antes dele. C) O verbo *adequar* é defectivo, segundo 99% dos gramáticos e linguistas, mas alguns dicionaristas, como Houaiss, entendem que esse verbo tem conjugação completa, de modo que *a**dé**qua* (ou *ade**qu**a*) é forma certa. Esta letra poderia ser a resposta, se não houvesse opção melhor (= incontestável). D) Não há erro algum nesta opção. O *lhe* tem valor possessivo, como se estivesse escrito assim: *"... os médicos e farmacêuticos não conhecem todos os **seus** efeitos colaterais ainda..."* E) *"**Enviamos**-lhes..."*. Excetuando o que diz Napoleão Mendes de Almeida sobre o assunto, a saber, que o **s** pode ser suprimido seguido de qualquer oblíquo, o fato é que a maioria (99,99%) diz que o **s** do verbo não desaparece quando se junta a ele o pronome *lhe*(*s*). Isso **só** se dá com o pronome *nos* (1ª pessoa do plural). **Gabarito**: D.

4, Qual opção apresenta reescritura adequada da primeira frase?

a) É nessas horas que se conhecem os amigos. / São nessas horas que se conhecem os amigos.
b) Decorrido mais de um mês, tudo mudou. / Decorridos mais de um mês, tudo mudou.
c) Foi um de seus irmãos que me procuraram ontem. / Foi um de seus irmãos que me procurou ontem.
d) Não lhes restaram senão uns poucos amigos. / Não lhes restaram se não uns poucos amigos.
e) Ele se descontrolou em face daquele imprevisto. / Ele se descontrolou face àquele imprevisto.

Comentário: Na frase *Foi um de seus irmãos que me procurou ontem*, *foi... que* é uma expressão expletiva. Isso significa que pode ser retirada, sobrando: *Um de seus irmãos me procurou ontem*. Daí que o verbo no plural é impossível. Não confunda aquela regra de concordância famosa com a expressão *um dos que* com a estrutura de expressão expletiva apresentada na letra C. Cuidado!!! A) O verbo da expressão expletiva *São... que* não pode ficar no plural, pois só concorda com um termo não preposicionado, e *nessas horas* é um termo preposicionado, logo a reescritura está errada. B) A concordância com a expressão *mais de um* se faz no singular, logo a reescritura está errada. D) Em correlação com uma proposição negativa o *senão* só pode vir junto, indicando *exceto*, logo a reescritura está errada. E) A expressão *face a* não é uma locução prepositiva abonada pela norma culta. Logo, a reescritura está errada. **Gabarito**: C.

5. Marque a opção com incontestável correção gramatical.

a) Vejo-lhe estudar todo tipo de assunto; você merece os parabéns, pois o verdadeiro sábio une o saber com a virtude.
b) Todos nós usufruímos dos benefícios da civilização, por isso vimos aqui para agradecer-lhe a oportunidade.
c) Vamos nos aproximando do fim, e a reforma fiscal continua sem viger, porquanto isso não interessa aos políticos.
d) O governo deixa os trabalhadores na angústia de talvez vir a ser eles os obrigados à comprovação do recolhimento da contribuição.
e) Depois de muita luta (a reunião terminou às 0h25min), nada aconteceu: vetaram o deputado de aprovar o projeto.

Comentário: O *lhe* pode estar ligado aos verbos causativos ou sensitivos se seguido de verbo transitivo direto no infinitivo. *Unir* é VTDI. Exige a preposição *a* ou *com*. Perfeita a redação da A ! B) A maioria dos gramáticos ensina que *usufruir* é VTD, mas Celso P. Luft e Cândido Jucá Filho ensinam que pode ser VTI, exigindo preposição *de*. Polêmicas... C) A maioria dos gramáticos ensina que o pronome oblíquo vem ligado ao verbo auxiliar por hífen, perdendo o **-s** final: *Vamo-nos aproximando*. Cegalla, porém, diz que pode ser sem hífen, do jeito que está. Polêmicas... D) ... *virem a ser <u>eles</u> (sujeito)*... Cuidado com a concordância! E) O artigo deve concordar com o número de horas, que no caso é zero, logo a forma certa é *à 0h25min*. A regência de *vetar* é assim: Vetaram ao deputado aprovar o projeto. **Gabarito**: A.

6. Marque a opção que não apresenta incorreção gramatical.

a) Apesar de se tentarem frear os preços exorbitantes que as lojas impunham aos clientes, para seu desespero, nada aconteceu.
b) O imortal poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade celebra seu centenário com tudo que tem direito, afinal, ele é o homem!
c) O meu projeto de terraplenagem só seria mais econômico que o de vocês caso algumas empresas me ajudassem a torná-lo popular.
d) O Xis era um daqueles restaurantes de Paris que você vai à toalete e tem pena de fazer suas necessidades – é assim em nosso país?
e) Durante o encontro dos dois líderes, os quais se odeiam, trataram-se de problemas que afligem o lado mais pobre da

população.

Comentário: A) *Apesar de se tentar frear os preços exorbitantes que as lojas impunham aos clientes, para seu desespero, nada aconteceu.* (*Frear os preços* é o sujeito do verbo *tentar*, logo fica no singular). B) *O imortal poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade celebra seu centenário com tudo a que tem direito, afinal, ele é o homem!* (O substantivo *direito* exige a preposição *a*, que fica antes do pronome relativo). C) *O meu projeto de terraplenagem só seria mais econômico que o de vocês caso algumas empresas me ajudassem a torná-lo popular.* (Eis o gabarito!). D) *O Xis era um daqueles restaurantes de Paris em que você vai ao toalete e tem pena de fazer suas necessidades – é assim em nosso país?* (Quando indica lugar, usa-se *em que*, e *toalete* é palavra masculina, segundo Cegalla). E) *Durante o encontro dos dois líderes, os quais se odeiam, tratou-se de problemas que afligem o lado mais pobre da população.* (O verbo é conjugado no singular quando vem acompanhado de *se* – indeterminador do sujeito ou integrante do verbo). **Gabarito**: C.

7. Considerado o padrão culto escrito, a alternativa que apresenta frase correta é:
   a) Nunca mais faremos tamanha loucura, que foi estar em seis, espremidos, dentro de um carro, que partiu do Rio de Janeiro para Sergipe!
   b) Silêncio profundo sucedera o ruído que a aparição daquele homem desvairado havia excitado.
   c) Muitas polêmicas estão-se sucedendo no meio televisivo ultimamente, uma vez que a moral dos do ramo está em baixa.
   d) Largou tudo sem olhar para trás, mas com a discrição de quem se afasta de erros e complicações que já não estavam em suas mãos resolver.
   e) Algumas tribos indígenas já impunham sua suserania sobre povos agrícolas, forçando-os a supri-los de alimentos e de servos.

Comentário: A) Com verbo de ligação, o numeral não vem antecedido de preposição em construções como essas. Deve-se reescrever assim: *"... que foi estar seis..."*. É estranho, mas... fazer o quê? B) *Suceder* é VTI: *"... sucedera ao ruído..."*. C) O verbo *suceder* não é pronominal no sentido de *ocorrer*, logo: *"... estão sucedendo..."*. Pensou que o erro estava no hífen? Tal uso é culto, formal. D) O verbo *estar* deve ficar na 3ª pessoa do singular porque o seu sujeito é oracional: *resolver erros e complicações*. E: Perfeita redação! Um detalhe que tenha feito todo mundo ficar de cabelo em pé foi o fato de *-los* retomar *tribos indígenas*, só que *-los*, por silepse de gênero, retoma *índios*. A silepse não é um desvio da norma culta, é apenas uma concordância ideológica. Cuidado! **Gabarito**: E.

8. A frase que não se apresenta redigida de forma clara e correta é:
   a) Sem embargo de residir em rica mansão vivia amargurada a solitária embaixatriz.
   b) Se queres fazer uma caridade à mulher, escuta-a com paciência; se não, evite olhar muito para ela.
   c) A mesa em que se sentou o poeta, a fim de fazer suas observações, ficava ao pé da vitrine dos cigarros.
   d) A regulamentação da concepção do serviço público deve manter as rédeas sobre o controle do governo.
   e) As grandes árvores do pátio sobressaíam-se mais negras no breu do sinistro período vespertino.

Comentário: Você tinha de marcar a opção **com** incorreção **E com** incoerência. Em A, há incorreção, pois falta apenas uma vírgula após a oração reduzida. Em B, há incorreção, pois não foi respeitada a uniformidade de tratamento, pois se inicia o texto com a 2ª pessoa do

singular, mas, na penúltima oração, o verbo está na 3ª pessoa do singular. Curiosidade: o *se não* pode vir separado quando se subentende o verbo anterior, o que é o caso. Em C, não há incorreção nem incoerência, pois o verbo *sentar-se* exige a preposição *a* quando a pessoa se coloca diante da mesa; com a preposição *em*, a ideia é de estar sobre a mesa. No contexto, tanto uma quanto outra estariam certas. Em D, há incoerência, pois o contexto exige a preposição *sob*. Em E, há incorreção e incoerência, pois o verbo *sobressair* não é pronominal, logo não vem acompanhado do pronome *se*, e *breu no período vespertino* é um absurdo, pois breu está ligado ao período noturno. **Gabarito**: E.

9. A frase que não está em total conformidade com o padrão culto escrito é:

a) A comissão presidida pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (que já havia presidido a duas anteriores) e integrada por outros notáveis, como os ex-presidentes da Colômbia – César Gaviria – e do México – Ernesto Zedillo –, diz que a guerra contra as drogas, da forma como é travada hoje, é um esforço perdido.

b) Os mosquitos transmissores da dengue, principalmente o *Aedes aegypti*, não só se proliferam dentro de habitações ou nas proximidades delas (casas, apartamentos, pousadas, hotéis, etc.), mas também em recipientes onde se acumula água limpa (vasos de plantas, pneus velhos, cisternas, etc.).

c) Parece mentira, mas, depois de intensos estudos dedicados a isto, um soldado cego por uma granada no Iraque teve sua vida transformada por uma tecnologia inovadora - um dispositivo que combina uma câmera montada nuns óculos de sol com uma corda vibrando dentro da boca – que lhe permite "ver" com a língua.

d) Após exaustiva relutância, deverá referendar o acordo assinado por seu representante na ONU o governo brasileiro; tal hesitação foi motivada pelo constante imbróglio de instituições tomadas como sérias, as quais sofrem costumeiros reveses de certas soberbas potências mundiais.

e) Mesmo que se queira mudar os fundamentos da economia nacional, o que é inevitável, infelizmente, eles estão acorrentados a compromissos financeiros e metas orçamentárias que se estenderão até um futuro distante, e nós, meros mortais, continuaremos sendo alvos de megalômanos "cartéis".

Comentário: O verbo *proliferar* não é pronominal, logo não é conjugado junto com a partícula integrante *se*. O trecho deve ser reescrito assim: *"... não só proliferam..."*. **Gabarito**: B.

10. Está clara e em total conformidade com o padrão culto escrito a seguinte redação:

a) Lê-se que, na Idade Média, as corporações se precavinham da interferência estrangeira, pois o perigo de mácula no sistema era grande.

b) Pode-se dizer mesmo que o negro precede o índio no trabalho agrícola organizado pelo branco; só lhe precede por motivos históricos.

c) Antes quero engolir petróleo em seu estado de ebulição a engolir em seco a mágoa que tenho cá dentro de minha alma.

d) Tal atitude da mulher, aparentemente radical, quiçá fundamentalista, quanto ao uso de cosméticos, não lhe prejudica a beleza, prejudica-lhe como pessoa.

e) Meu marido, ontem à noite, depois de ter tomado umas e outras, despiu-se e deitou-me na cama, em cima da roupa que ele me presenteara.

Comentário: Em B, o verbo *preceder* pode ser VTD ou VTI. A) O verbo *precaver*, no pretérito imperfeito do indicativo, se conjuga como o verbo vender, logo *"... as corporações se precaviam..."*. C) O verbo querer não exige a preposição *a* numa comparação. Por isso deveria ser *"Antes quero... que engolir..."* D) O verbo prejudicar só pode estar acompanhado de *lhe* quando este tem valor possessivo. Afora isso, o verbo é VTD, logo deveria ser: *"... prejudica-a como pessoa"*. E) O verbo *presentear* tem a seguinte regência: presenteia-se alguém com alguma coisa. Logo, o trecho deveria ser reescrito: *"... em cima da roupa com*

que ele me presenteara”. **Gabarito**: B.

11. Marque a redação que não infringe o registro formal nem a coerência.
    a) Como era muito hábil e paciente, percebia um razoável ordenado, acrescido ainda pelos biscates que fazia de noite.
    b) Façamo-lhe uma última homenagem; afinal, João foi um homem digno, capaz de atender às mesmas pessoas várias vezes.
    c) De vários mártires, Joaquim Jose da Silva Xavier, o Tiradentes, foi a personagem mais forte da Conspiração Mineira.
    d) Por hora – disse-lhe um velho desconhecido -, creio que V. Sa., com isto, pode saber finalmente em que terreno pisa.
    e) Devo poupar-lhes do longo e doloroso processo, posto que já conheço, e muito!, como a burocracia ocorre neste maldito país.

Comentário: A) O verbo *perceber* pode significar “receber honorários”. B) *Façamos-lhe...* C) ... José... D) *Por ora...* E) *Devo poupar-lhes o... visto que...* **Gabarito**: A.

12. Aponte a alternativa que não desconsidera a correção gramatical.
    a) A concordância do verbo ser em *O português são dois* explica-se pelo predicativo e o sujeito serem de números diferentes.
    b) Fez uma longa pausa para responder às perguntas, como se buscasse no seu íntimo uma resposta para ele mesmo.
    c) Eu o exasperava tanto que se tornara doloroso para mim ser o objeto do ódio daquele homem que, de certo modo, eu amava.
    d) O bispo gravou uma mensagem para a TV Record, da qual é dono, pedindo aos seus seguidores para que orem e jejuem por ele.
    e) A julgar pelo o que os jornais disseram sobre ele, o prefeito reluta em tomar todas as medidas necessárias.

Comentário: A) ... ***por o*** *predicativo e o sujeito serem...* (Não pode haver, segundo a maioria dos gramáticos e das bancas (exceto a Esaf), contração antes de sujeito de verbo no infinitivo). B) ... *para si mesmo.* D) ... *pedindo aos seus seguidores que orem e...* (Regência do verbo *pedir*) E) *A julgar pelo que...* (*pelo* já é a contração de *por* + *o*). **Gabarito**: C.

13. A única redação que apresenta incorreção gramatical é:
    a) Os norte-americanos sempre receberam ajuda do nosso país mas poucas vezes lhe agradeceram da maneira adequada.
    b) Ele insistiu que eu tentasse a sorte na loteria, não obstante lhe objetei que eu não tinha sorte, infelizmente.
    c) A lei pune quem solicitar, exigir, cobrar ou obtiver vantagem a pretexto de influir em ato praticado por funcionário público.
    d) Nos dias atuais da política brasileira, o que não falta são inúmeros escândalos envolvendo bicheiros e políticos.
    e) *Os pastores da noite*, do saudoso e genial Jorge Amado, tem como cenário a cidade de Salvador.

Comentário: A oração coordenada sindética adversativa (*mas nunca lhe agradeceram*) é obrigatoriamente separada por vírgula. Simples assim! **Gabarito**: A.

14. A única redação que não apresenta incorreção gramatical é:
    a) A regra da igualdade não consiste senão em quinhoar desigualmente aos desiguais na medida que se desigualam.
    b) Na década de 1920, a sociedade, além da ópera ou do teatro, também frequentava os cinematógrafos, que exibiam os filmes de Hollywood, e seus astros.
    c) Nenhuma tirania moderna, nenhum teórico da ditadura, ninguém, por mais sábios que fossem, chegou sequer a vislumbrar aquela possibilidade.
    d) O número de moças que se inscreveu no concurso de Miss Bumbum na década de 70 foi bem maior do que esperávamos.
    e) Cerca de 1,98% dos alunos ainda não entende que a presença em sala de aula é primordial para que seu futuro seja bem-sucedido.

Comentário: A) ... *na medida em que...* (*na medida que* não existe na língua culta). B) Não se separam termos coordenados por *e* por vírgula. C) ... *teórico... por mais sábio que fosse...*

D) ... *moças... se inscreveram*...**Gabarito**: E.

15. Qual opção abaixo está em desacordo com a correção gramatical?
   a) Ao meio-dia e meia, os bancos cariocas já estarão fechados devido à pertinente greve dos funcionários; o mesmo ocorrerá em Recife.
   b) Contaram-se os votos contidos nos vinte e dois milhões trezentas e quarenta e duas mil seiscentas e vinte e uma cédulas no segundo turno.
   c) Os pombinhos casaram-se e foram residir numa casa próxima a que Maria morava quando solteira.
   d) Quinhentos miligramas de sódio por dia vêm sendo recomendados a fim de manter a saúde sem qualquer problema.
   e) Ficou comprovado o assassinato de Osama Bin Laden por alguns dos milhares de forças interessadas em eliminá-lo.

Comentário: Por mais estranho que fique, antes do pronome relativo, deve ficar a preposição *em* (... *próxima à* (= *àquela*) ***em*** *que Maria morava*...), por causa do verbo *morar*. **Gabarito**: E.

16. Aponte a opção que desrespeita as prescrições gramaticais.
   a) A malcriação do magérrimo manauara, que hoje vive em Madagáscar, criou celeuma entre os cidadãos madagascarenses.
   b) É mais vantajoso para o Rio de Janeiro desenvolver o turismo a construir fábricas, que poluirão ainda mais o cenário.
   c) O pedido para que as palavras fossem melhor acomodadas partiu do presidente da Federação Internacional de Futebol.
   d) Os pais dos alunos mandaram-lhes entregar um recado à direção do colégio onde estudavam há muitos anos.
   e) João vive envolvido com tráfico de drogas; Pedro está preso há meses; esses dois irmãos são muito maus-caracteres.

Comentário: A) As palavras *malcriação, magérrimo, manauara* e *Madagáscar* são encontradas no VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa). Se a Academia Brasileira de Letras diz isso, quem sou eu para desdizer... Sobre *magérrimo*, apesar de a maioria dos gramáticos insistirem que é forma coloquial, os dicionários Melhoramentos, Aulete etc. e os estudiosos Silveira Bueno, Cândido de Oliveira e Napoleão Mendes de Almeida abonam tal forma. B) *É mais*... ***(do) que*** *construir*... (correlação comparativa culta, neste caso; só com o verbo preferir ou com o adjetivo correspondente (preferível), usa-se a preposição *a* no último elemento da comparação). C) Muitos gramáticos aceitam ambas as formas (Bechara, Cegalla, Sousa e Silva, etc.): **melhor acomodadas** e **mais bem acomodadas**. Marque sempre a "melhor resposta". D) Cegalla e Luft não se opõem ao uso do *lhe* como sujeito de um infinitivo, desde que o verbo seja transitivo direto. Sobre o pronome relativo *onde*, seu uso está correto, pois retoma uma palavra indicativa de lugar. E) **Maus-caracteres** é o plural de mau-caráter. *Feiaço*, mas é essa *parada* aí! **Gabarito**: B.

17. Marque a opção que não dispensa mudança na redação.
   a) Hoje, professor Manoel – clamou em desespero o aluno preocupado com a nota –, posso dizer que devo tudo ao senhor.
   b) Havia uma TV dentro da loja, em frente à qual todos os transeuntes ficaram parados para ver o desastre ocorrido com o avião.
   c) Para que os alimentos não fiquem insípidos, disse o cozinheiro aos seus primeiros alunos, junta-se-lhes sal.
   d) É sempre bom lembrar, devido a mudanças ocorridas na ortografia recentemente, que os esses e os erres se duplicarão em certas palavras.
   e) Por mais que alguns pseudoprofessores se deem ao trabalho de tentar explicar tudo, nunca lhes recorra em momentos decisivos.

Comentário: A) Esta redação dispensa alteração. Talvez a dúvida fosse em cima da

segunda vírgula após o segundo travessão, certo? Bem, não erre mais: se, antes do primeiro travessão, houver razão para o uso da segunda vírgula, ela virá depois do segundo travessão. Neste caso, *professor Manoel* é um vocativo, logo vem separado por vírgulas. B) Esta redação dispensa alteração. Está correta. C) Esta redação dispensa alteração. Alguns gramáticos dizem que o *lhe* só se usa para se referir a **seres animados ou personificados,** mas isso não é consenso. Na prova da FCC, estamos cansados de ver que o *lhe* pode substituir **coisas**, portanto esta alternativa não seria a melhor resposta. D) Esta redação dispensa alteração. Talvez a dúvida aqui fosse em relação ao plural das letras **s** e **r**, que podem ser escritas por extenso seguidas de desinência **-s** ou duplicadas para marcar o plural (**ss** e **rr**). Ou a dúvida estava no uso do pronome oblíquo átono antes de futuro do presente? Não há problema na próclise, pois, quando há sujeito explícito antes do verbo no futuro, a próclise e a mesóclise são opcionais. E) Eis o gabarito! Esta redação não dispensa alteração, pois convencionalmente o verbo *recorrer* não aceita *lhe(s)* como complemento. Regra! Quanto à expressão *dar-se ao trabalho*, não há problema algum, mas poderíamos grafar *dar-se o trabalho*. Teríamos uma dupla análise sintática, sem incorrer em desvio gramatical. **Gabarito**: E.

18. Marque a opção que preferencialmente não precisaria de reescrita a fim de haver adequação ao registro culto.
a) O guarda da embaixada, depois de calorosa discussão com um indivíduo, impediu-lhe veementemente de entrar.
b) Implica necessariamente a imposição de valores da nação dominante na destruição da cultura da que é dominada.
c) Não lhe importa, mesmo após terem falado barbaridades de você, as críticas absurdas e aleatórias que lhe fazem?
d) Mesmo com toda a imundice daquele lugar, desde menino lhe incitava o desejo de tornar-se um artista famoso.
e) Anteontem, os projetos do governo, que receberam total apoio do povo, não pareceu encontrarem apoio no Senado.

Comentário: A) Seguindo a regência culta do verbo *impedir*, **impede-se alguém (OD) de alguma coisa (OI)**. Portanto, a reescrita adequada é esta: *O guarda da embaixada, depois de calorosa discussão com um indivíduo,* ***impediu-o*** *veementemente de entrar*. B) A vastíssima maioria dos gramáticos e linguistas entende que o verbo *implicar* (no sentido de *acarretar*) é transitivo direto, portanto a reescrita deve ser esta: ***Implica*** *necessariamente a imposição de valores da nação dominante* ***a*** *destruição da cultura da que é dominada.* Até porque há uma "melhor resposta" nesta questão. C) O núcleo do sujeito do verbo *importar* está no plural, logo o verbo deve ficar no plural, assim: *Não lhe* ***importam****, mesmo após terem falado barbaridades de você, as* ***críticas*** *absurdas e aleatórias que lhe fazem?* D) O verbo *incitar* é VTD, logo é preciso haver uma reescrita: *Mesmo com toda a imundice daquele lugar, desde menino* ***o incitava*** *o desejo de tornar-se um artista famoso.* E) O sujeito do verbo *encontrar* é *os projetos do governo*. **Gabarito**: E.

19. Marque a opção com desvio gramatical.
a) Independentemente da decisão de vocês, terão de avir-se comigo, senão vocês se haverão com ele.
b) O presidente não possui qualificação necessária para o cargo, hajam vista as suas últimas decisões.
c) Vinte anos depois daquela maldita guerra, desgraçadamente, há muito pouco que comemorar.
d) Engarrafamentos nas avenidas das metrópoles só costumam haver por causa do volume de carros.

e) Aquelas políticas, como Dilma Rousseff, têm horror de eventos em que se apregoam demagogias.

Comentário: A) *Avir-se* e *haver-se* significam a mesma coisa. B) *Hajam vista* também é forma culta. O verbo *haver* (*hajam*) concorda com *as suas últimas decisões*. C) Não há problema em *muito pouco*. D) O verbo *haver* faz parte de uma locução verbal (*costumam haver*). O problema (ou a solução, rs) é que ele tem sentido de existir, logo o verbo auxiliar deve ficar no singular, afinal o verbo *haver* é impessoal quando apresenta noção existencial. Ainda: nesta acepção, o verbo *haver* é transitivo direto; seu objeto direto é *Engarrafamentos nas avenidas das metrópoles*. Até onde sei, verbo não pode concordar com objeto, mas sim com sujeito. Portanto, o certo seria: *Engarrafamentos nas avenidas das metrópoles só* ***costuma haver*** *por causa do volume de carros* ou *Só costuma haver engarrafamentos nas avenidas das metrópoles por causa do volume de carros*. E) Aquelas políticas, como Dilma Rousseff, têm horror de eventos em que se apregoam demagogias. O adjetivo *horror* pode reger a preposição *a* ou *de*. **Gabarito**: D.

20. A frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Têm, para conseguir notícias do Brasil nas diferentes crises agudas e periódicas da República, gasto muito dinheiro os jornais americanos.
b) Depois de Deus, de seu pai, de sua mãe e de seus irmãos, quem ela mais gostava era sua avó; o namorado nem sequer entrava na lista.
c) Aquela antiga professora da série primária sempre gostava que seus ex-alunos, como eu, a visitassem, pois se sentia muito carente após a aposentadoria.
d) Toquei a música de que ela mais gostava de cantar, afinal, precisamos fazer precipuamente a vontade das pessoas a quem amamos.
e) Harmonia lembra música, que, a grosso modo, nada mais é do que a arte de harmonizar sons, os quais certamente provocarão a catarse.

Comentário: A) A locução verbal pode ser *têm... gasto* ou *têm... gastado*, indiferentemente. Nos 40 gramáticos e linguistas em que pesquisei o assunto, o ponto de vista é dividido, mas a demolidora maioria diz que os verbos *pagar, ganhar* e *gastar* têm duplo particípio depois dos verbos *ter* ou *haver*, ou seja, pode-se dizer (ou escrever) de acordo com a norma culta: *Eu tinha pagado/pago/ganhado/ganho/gastado/gasto.* Por isso este é o gabarito! B) O certo é ... *de quem*... A preposição *de*, exigida pelo verbo *gostar*, é obrigatória antes do pronome *quem*. C) A preposição *de* exigida pelo verbo *gostar* pode ficar implícita antes da conjunção integrante de acordo com alguns gramáticos e linguistas: Cegalla, Assis Cintra, Cândido Jucá Filho, Claudio Cezar Henriques, Bechara, Sacconi, Faraco & Moura, José Carlos de Azeredo, Eduardo Carlos Pereira, Hildebrando André, João A. Peres & Telmo Moia, Francisco Fernandes. No entanto, a maioria dos gramáticos e linguistas "teima" pela preposição explícita! Daí o "erro". Quanto ao uso do pronome oblíquo átono *a* logo após a vírgula e antes do verbo também está correto. Ignora-se a expressão intercalada (*como eu*) e faz-se a colocação pronominal adequada. D) A preposição *de* antes do pronome relativo está errada, pois o verbo *cantar*, cujo complemento direto é o relativo *que*, não a exige. E) A

expressão correta é ***grosso modo***. **Gabarito**: A.

21. Levando-se em conta a coerência, marque a única alternativa que atende às prescrições gramaticais da norma culta!
   a) Ela foi sem dúvida uma grande líder, à qual – independentemente de alguns contratempos –, não faltaram os dotes do espírito e do coração.
   b) Depois de cinco dias em uma ilha deserta, submetido à escassez de alimento, o famigerado ilhéu encontrou – já subnutrido – comida.
   c) Anteontem, alguns camelôs comentavam, animados, a briga entre as autoridades – a qual lhes acabou favorecendo.
   d) Fernando Henrique Cardoso – coincidentemente em outubro de 2002 – visitou a Catedral da Sé e fez votos para que as eleições transcorressem com tranquilidade.
   e) Os oito assassinatos naquela região não foram cometidos por terroristas estrangeiros, mas por francos-atiradores americanos – que não foram encontrados.

Comentário: A) O VOLP registra a palavra *líder* como substantivo comum de dois gêneros; o verbo *faltar* exige a preposição *a*, que se desloca para antes do pronome relativo obrigatoriamente. A crase ocorre devido à contração da preposição *a* + *a qual*. O único desvio diz respeito à vírgula indevida após o último travessão, pois ABSOLUTAMENTE NADA justifica seu uso. B) O adjetivo *famigerado* não se refere a *esfomeado*, mas sim a indivíduo célebre, notável, por isso um não pode substituir outro; hoje a palavra é usada em sentido pejorativo, normalmente. C) O verbo *favorecer* não exige complemento preposicionado (substituído por *lhes* (= *a eles*)), logo deveria ser: "... a qual *os* acabou favorecendo". D) A expressão *fazer votos* exige a preposição *de*, *para* ou *por*. Quem abona tais regências é o *Dicionário da Academia de Lisboa.* Nas minhas pesquisas, entre os pesquisadores brasileiros, a preferência é pelo uso da preposição *de* ou *por*. E) Segundo o VOLP, o Aulete e o Houaiss, o plural de *franco-atirador* é *franco-atiradores*, logo este é o desvio. **Gabarito**: D.

22. Marque a alternativa com redação inadequada à norma culta
   a) A máquina estatal mostra-se ineficiente, em que pesem os esforços do governo.
   b) Semanalmente entram e saem alunos do curso onde estudei em criança.
   c) Lívia é uma jovem de boa aparência e que trabalha, inclusive, como modelo.
   d) Escaparam à vigilância do guarda e conseguiram fugir da prisão.
   e) Antes de chegar a esse estádio adiantado na exposição de suas ideias, sofrera.

Comentário: A) A imensa maioria dos gramáticos aprova somente a expressão *em que pese* a, que equivale a *apesar de, não obstante*, ou seja, tem valor concessivo. Tendo *pese* uma pronúncia fechada. Estes gramáticos condenam a flexão do verbo *pesar* e a não aposição da preposição *a*; mas... outros estudiosos, como Cegalla, não veem problema algum. Ele mesmo diz, no *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*, que só se pode flexionar tal verbo sem a preposição *a* no fim da expressão (em que pesem), se o sujeito for nome de *coisa*, como é o caso. Portanto, *os esforços do governo* é o sujeito do verbo *pesar*, segundo tal autor. Opção polêmica; nesses casos, precisamos encontrar a melhor "resposta". B) A vírgula antes de ***semanalmente*** (adjunto adverbial deslocado) é facultativa, pois ele tem curta extensão. Além disso, por motivo de concisão, o uso de mesmo complemento de verbos com regências

diferentes (*entram e saem... **do curso***) não incorre em equívoco gramatical para alguns estudiosos da língua, como Cegalla, Bechara, José de Sá Nunes, Sousa e Silva, Epifânio Dias, Arnaldo Niskier etc. A maioria condena tal uso de verbos com regências diversas tendo o mesmo complemento. Além disso, o pronome relativo *onde* (ou *em que*) está adequado, pois retoma palavra de sentido locativo (curso). Para quem ainda tem dúvida: *Eu fui à praia, à casa dela, ao curso e à minha casa*. Todos os termos coordenados de mesma função sintática (adjuntos adverbiais de lugar) estão separados por vírgula. Ah! A locução adverbial de tempo *em criança* existe, é permitida e equivale a *quando criança*. Opção polêmica; nesses casos, precisamos encontrar a melhor "resposta". C) Há falta de simetria de construção, ou seja, há falta de paralelismo sintático. O que é isso, Pest? Bem, para que uma frase tenha paralelismo sintático, é preciso que haja coordenação entre termos ou entre orações. Sendo assim, não podemos coordenar (com a conjunção *e*) um adjunto adnominal (de boa aparência) com uma oração subordinada adjetiva (que trabalha como modelo). A adequada redação é esta, em que se coordenam expressões sintáticas semelhantes, no caso, orações subordinadas adjetivas: *Lívia é uma jovem que tem boa aparência **e** que trabalha como modelo*. Eis o gabarito! D) A regência do verbo *escapar* está adequada, mas poderia também ser usada a preposição *de* (escapar de). E) A palavra *estádio* é sinônima de *estágio*. Não há erro algum. **Gabarito**: C.

23. Aponte a alternativa que apresenta redação sem qualquer desvio gramatical.
a) Certamente que aquele filme vai gerar muita polêmica entre os fãs do gênero, por causa das crucifixões.
b) No Natal, os povos confraternizam-se, esquecendo as rivalidades, o que faz com que fiquem mais felizes.
c) Finalmente consegui convencer ao contador que seu cálculo de ontem, infelizmente, estava errado.
d) Manteve-se calmo durante todo o interrogatório, de maneira a que não despertasse suspeitas.
e) O trânsito melhorou em 50%, desde que o piso das ruas foi asfaltado com um piche especial.

Comentário: A) Nada a dizer! Perfeita redação! O *que* (em *certamente que*) é expletivo. B) O verbo *confraternizar* não é pronominal, logo a partícula *se* é dispensada. C) Quem convence, convence *alguém de alguma coisa*, e não *alguma coisa a alguém.* D) A expressão correta é esta: *de maneira que*. E) A preposição *em* antes de 50% é um equívoco gramatical, quando vem ao lado de um verbo intransitivo. **Gabarito**: A.

24. A única reescritura que dispensa correção gramatical, levando em conta o registro culto da língua, é:
a) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, há 99,99% de chance de o sentido dela indicar finalidade.
b) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, tem 99,99% de chance de o sentido dela indicar finalidade.
c) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, há 99,99% de chance do sentido dela indicar finalidade.
d) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, tem 99,99% de chance do sentido de ela indicar finalidade.
e) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, há 99,99% de chance do sentido de ela indicar finalidade.

Comentário: A) *Perfect! No comments.* B) O verbo *ter* no sentido de existir faz parte do registro coloquial. Daí a incorreção gramatical. C) De acordo com a maioria dos gramáticos, não pode haver contração antes de sujeito de verbo no infinitivo, logo a construção preferencial é assim: **...** *há 99,99% de chance de o sentido dela indicar finalidade.* D) O verbo *ter* no sentido de existir faz parte do registro coloquial. Além disso, a contração da

preposição *de* com o pronome pessoal oblíquo tônico *ela* formando a locução adjetiva *dela* é obrigatória; até porque o núcleo do sujeito do verbo *indicar* é *sentido*, e não *ela*. E) A contração da preposição *de* com o pronome pessoal oblíquo tônico *ela* formando a locução adjetiva *dela* é obrigatória; até porque o núcleo do sujeito do verbo *indicar* é *sentido*, e não *ela*. **Gabarito**: A.

25. Aponte a única alternativa que se encontra em consonância com o registro culto da língua.
   a) Os abaixo-assinados vêm respeitosamente solicitar a Vossa Excelência que repense as questões levantadas outrora.
   b) Nesta data, devemos ter a coragem de proclamar, em alto e bom som, a importância dos valores morais.
   c) Um tédio tão grande foi apoderando-se da mulher ao ponto de lhe alterar a personalidade.
   d) Peço que orem por este pobre historiador e escritor, que nada mais aspira na vida senão a viver em paz.
   e) Rompia em exclamações contra a mulher que lhe aconselhara dar maior publicidade a sua desonra.

Comentário: A) Certo: *Os abaixo assinados...* Por quê? Simples. A expressão, neste contexto, designa os signatários do documento, e não os documentos. B) Certo: **...** *alto e bom som***...** Por quê? A expressão não pode ser acompanhada da preposição *em*, o que gera uma incorreção gramatical; *em alto e bom som* é uma deturpação. C) Certo: **...** *a ponto de...* Por quê? A expressão *ao ponto de* não é uma locução prepositiva como verdadeiramente o é *a ponto de* (sentidos: de tal modo que; prestes a). *Ao ponto de* só ocorre quando *ponto* é substantivo, exemplo: Retornamos ao *ponto* de partida. D) A regência correta é: ... *que a nada mais aspira na vida senão viver em paz*. E) O verbo *aconselhar* é VTDI, logo exige OD (*dar maior publicidade a sua desonra*) e OI (*lhe*). Perfeito! **Gabarito**: E.

26. Levando em conta a construção de sentido, a redação que prescinde de adequação ao registro culto é:
   a) Numa Faculdade, nem sempre os melhores posicionados são os mais bem colocados no mercado de trabalho, pois eu que compito com os grandes passei por isso.
   b) Muitos superatores, infelizmente, já sofreram grande desrespeito; alguns, inclusive, já disseram abertamente: "De maneira submissa, já fui dirigido por quem me distratou".
   c) Depois de frequentes discussões em reunião fechada, todos os presentes anuíram àquela proposta, demorando para tomar uma posição, entretanto.
   d) Ocorre que ontem estive com uma fonte que me disse haver uma parte do grupo a torcer para o Flamengo.
   e) A toxidade de certas substâncias depende da dose e/ou do sistema biológico de cada um; a escolha dos componentes destes sistemas, pois, deve ser criteriosa.

Comentário: A) Apenas uma correção*: Numa Faculdade, nem sempre os melhores posicionados são os mais bem colocados no mercado de trabalho, pois eu****, que compito com os grandes,*** *passei por isso*. (Não se pode restringir um ser único, por isso a oração subordinada adjetiva deve ser explicativa – entre vírgulas). B) Apenas uma correção: *Muitos superatores infelizmente já sofreram grande desrespeito; alguns, inclusive, já disseram abertamente: "De maneira submissa, já fui dirigido por quem me* ***destratou****"*. (Destratar: tratar mal / Distratar: desfazer trato). C) Apenas uma correção: *Depois de frequentes discussões em reunião fechada, todos os presentes anuíram àquela proposta, demorando* ***em*** *tomar uma posição, entretanto*. (O verbo demorar, seguido de infinitivo, exige a preposição *a* ou *em*). D) Apenas uma correção: *Ocorre que ontem estive com uma fonte que me disse*

haver uma parte do grupo a torcer ***pelo*** *Flamengo.* (O verbo *torcer* – desejar que um time ganhe ou perca – exige a preposição *por*). E) Perfeita redação; prescinde de mudanças para tornar o registro culto! Antes que você viaje sobre *toxidade*, saiba que tal palavra é variante de *toxicidade*. Tanto faz! **Gabarito**: E.

27. A redação alheia à clareza e/ou à correção é:

a) Em ter alguns pensamentos que, por um intento maléfico ou não, insiste delinear, o ser humano é constante.
b) A despeito de os homens, por mais virtuosos que sejam, indisporem-se por um momento, acredito mormente que a competição é salutar.
c) Consoante fonte consagrada, a dez por cento das empresas vem a falência todo ano, conquanto seja dito que cresce a economia.
d) Cumpro aqui a grata obrigação de consignar meus cordiais agradecimentos às diversas pessoas que se dignaram de me enviar seus elogios.
e) Àquilo com que minha alma nunca deixo de enriquecer, direciono minhas ideias; às demais procuro nada rumar.

Comentário: Eis o desvio gramatical que torna a redação alheia à correção gramatical: o verbo *rumar* exige a preposição *para*, e não *a*. Portanto, deveria estar assim escrito o texto: *Àquilo com que minha alma nunca deixo de enriquecer, direciono minhas ideias;* ***para*** *as demais procuro nada rumar.* Cuidado com a regência verbal! Já o substantivo *rumo* exige a preposição *a* (*de* ou *para*). **Gabarito**: E.

28. As ideias estão articuladas de modo claro e correto na seguinte frase:

a) A pimenta traz com ela alguns mitos, como o de que provoca gastrite, úlcera, pressão alta, até hemorroidas; nada disso é verdade. Por incrível que pareça, as pesquisas científicas mostram justamente o oposto!
b) A característica *ardida* da pimenta, chamada pungência, é desse gênero exclusiva e é atribuída a um alcaloide – a capsaicina que fica acumulada na parte interna do fruto.
c) No Benin, se uma viúva é suspeita de ter cometido o assassinato do marido, ela é posta isolada num recinto e obrigada a respirar fumaça de cebolas e pimentas. É então considerada culpada se lacrimejar.
d) A maior pimenta, segundo o *Guinness Book*, é a NUMEX BIG JIM, desenvolvida na Universidade do Novo México, com nada menos que 34,5 cm de comprimento.
e) A pimenta mais ardida (a *Naga Morich* ou *Bhut Jolokia*) entrou para o *Guiness Book* como a pimenta mais ardida do mundo, após testes de laboratório que acusaram nada menos que 1.001.304 SHU, desbancando à antiga campeã *Red Savina Habanero* (577.000 SHU).

Comentário: A) Nesta alternativa, o uso de *com ela* é equivocado, uma vez que a ideia de "trazer com ela" é reflexiva, portanto devemos usar o pronome oblíquo tônico *consigo*, que carrega a ideia de reflexividade sempre! Isso deixa o texto adequado à clareza e à correção gramatical. Veja: *A pimenta traz* <u>*consigo*</u> *alguns mitos...* Quanto ao uso singular de *o* em **...** *alguns mitos, como o de que...*, não há problema algum, pois se fala de um mito dentre alguns. Veja, com esta reescritura, como fica mais fácil enxergar tal ideia: *A pimenta traz consigo alguns mitos, como o (mito) de que provoca gastrite...* Para os safos em língua portuguesa de plantão, este *o* (=*aquele*) é um pronome demonstrativo. B) Por uma questão de desconhecimento do léxico, você poderia associar *pungência* a um tipo de pimenta ou à ardência dela. Não obstante, até aí não há falta de clareza; o entendimento do texto depende do vocabulário do leitor, que deve (ou deveria) perceber as relações de coesão e coerência, a saber: pelo sentido de *pungência*, tal vocábulo se refere à **"característica ardida"**. Há uma

inversão do termo *exclusiva*, mas isso também não provoca incorreção gramatical nem impede a clareza. O desvio, de fato, está na ausência da vírgula logo após *capsaicina,* pois a oração iniciada pelo pronome relativo é de caráter semântico explicativo. Segundo as regras de pontuação, as orações subordinadas adjetivas explicativas são sempre separadas por pontuação (vírgula, travessão, parênteses). Por conseguinte, a forma correta deveria ser: ... *a capsaicina, que fica acumulada na parte interna do fruto.* C) Aqui está a grande polêmica de hoje! Na prova do TRE/PR-2012 (Técnico), preparada pela FCC, houve uma questão semelhante a esta; tanto a minha como a da FCC ainda está dividindo opiniões. Vamos lá! De todas as gramáticas normativas que tenho em minha casa – meu nobre, não são essas gramáticas resumidinhas para pseudoconcurseiros ou apostilas virtuais, eu falo é de GRA-MÁ-TI-CA, livro que serve de referência bibliográfica para concursos públicos! –, encontrei quatro que dizem, sem sombra de dúvidas, ser facultativo o uso da vírgula quando a oração subordinada adverbial está **posposta** à principal: a do Ulisses Infante & Pasquale Cipro Neto, a do Mauro Ferreira, a do Faraco, Moura e Maruxo Jr. e a do William Roberto Cereja & Thereza Cochar Magalhães. Digo isso por causa deste trecho: *É então considerada culpada se lacrimejar.* A pergunta que se faz é esta: **Faculta o uso da vírgula antes da oração subordinada adverbial posposta à principal – "... (,) se lacrimejar"?** Segundo essas quatro gramáticas, sim! Tais compêndios que citei fazem parte de bibliografias sugeridas em concursos militares tradicionais, inclusive. Mas... Ah! O mas...! Dos gramáticos conceituadíssimos (Said Ali, Bechara, Celso Cunha, Rocha Lima, Napoleão Mendes de Almeida, Cegalla etc.), **nenhum** diz que tal vírgula é facultativa antes de oração subordinada adverbial posposta à principal. Rocha Lima é ainda mais taxativo. Só não citei outros antigos e clássicos, pois tal informação em pauta se omite nos livros deles. Diz o famoso Rocha que, **independentemente da posição da subordinada adverbial**, deve ela ser separada por vírgula! Sendo assim, tanto a FCC ficou com a opinião da maioria, como eu farei igual! Na minha opinião, como existe uma "melhor resposta" nesta questão que criei, e não é a letra C, prefiro ficar com a opinião do grande Rocha Lima a ficar com a opinião daquelas quatro gramáticas citadas. No entanto, cuidado com as provas, nunca se sabe... Vamos ao que interessa! O desvio gramatical está neste trecho: *É então considerada culpada se lacrimejar.* Ele deveria estar assim: *É então considerada culpada, se lacrimejar.* D) Não há falta de clareza tampouco de correção gramatical. Portanto, este é o gabarito! E) Há um desvio gramatical relativo à crase em *desbancando à antiga campeã*; não deveria haver acento indicativo de crase, pois o verbo *desbancar* não exige preposição *a*. **Gabarito**: D.

29. A frase que não está redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Depois de atendidas as demandas, eu permiti aos alunos conversarem um pouco, afinal, precisamos de arranjar tempo para momentos de lazer.

b) São a continuação da história da família os filhos, por isso são subumanos aqueles pais que não lhes proveem o que é necessário.

c) Tirante os senatórios arreganhos de uma e outra hiena, que não me interessam, gostaria de ensinar-lhe duas coisas: estude e estude mais.
d) Aos interesses mais esdrúxulos, submetemo-nos, devido à empáfia de alguns venturosamente privilegiados e... abjetos *humanos*.
e) Pretendia reduzir as formas naturais a um alto grau de abstração, retendo apenas aquelas que julgava fundamentais para o desenho, o pintor e fotógrafo Charles Sheeler.

Comentário: Deveria ser: *São a continuação da história da família os filhos, por isso são subumanos aqueles pais que não **os** proveem **d**o que é necessário*. Questãozinha de regência verbal. O verbo *prover* é transitivo direto e indireto. Quem provê, provê **alguém <u>de</u> algo**. Foi? **Gabarito**: B.

30. Das alternativas abaixo, a que não apresenta incorreção gramatical é:
a) O Oceano Pacífico é a maior massa marítima do globo – situada entre a América, a leste; a Ásia e a Austrália, a oeste; à Antártida, ao sul. Com 180 milhões de km², o Pacífico cobre quase um terço da superfície do planeta e corresponde a quase metade da superfície e do volume dos oceanos.
b) O Oceano Índico que se distingue por suas dimensões relativamente reduzidas em comparação com as do oceano Pacífico ou do oceano Atlântico estende-se em sua maior parte em hemisfério Austral e é fechado ao norte pela Ásia. Largamente aberto ao sul, sob influência da monção asiática, tem a forma de um triângulo, cujas linhas medianas são formadas por dorsais oceânicas, dispostas em Y invertido.
c) O Oceano Ártico, localizado no Hemisfério Norte e em sua maioria na região polar ártica, é a menor e mais rasa das cinco grandes divisões oceânicas do mundo. A Organização Hidrográfica Internacional (OHI) reconhece o Oceano Ártico como um oceano, embora o chamem de Mar Ártico Mediterrâneo ou simplesmente Mar Ártico, alguns oceanografistas, classificando-o como um dos mares mediterrâneos do Oceano Atlântico.
d) O Oceano Antártico, também chamado de oceano Austral e oceano glacial Antártico, é o conjunto das águas que banham o Continente Antártico, mas que em realidade constituem o prolongamento meridional do Oceano Atlântico, Oceano Pacífico e Oceano Índico. Muitos cientistas, oceanógrafos e geógrafos, não reconhecem a existência do oceano Antártico, considerando-o como uma junção de partes dos outros oceanos.
e) O oceano Atlântico – segundo maior oceano em extensão, com uma área de aproximadamente 106.400.000 km², cerca de um quinto da superfície da Terra, que o Brasil há mais de 500 anos banha, – tem seu nome derivado de Atlas – uma divindade da mitologia grega.

Comentário: A) A expressão *à Antártida* não deveria receber acento indicativo de crase, pois não há contração de preposição (a) com artigo (*a*). B) A oração subordinada adjetiva após *Oceano Índico* deveria ser explicativa (entre vírgulas), pois não se pode restringir um ser único. C) A expressão *alguns oceanografistas* não pode ser separada por vírgulas, pois exerce função de sujeito do verbo chamar. D) A vírgula após *geógrafos* não procede, pois não se separa o último núcleo do sujeito composto de seu verbo. E) Perfeita! **Gabarito**: E.

31. Das alternativas abaixo, a única que se encontra plenamente de acordo com o registro padrão culto da língua é:
a) Resolvemos, no ínterim da conversa, depois de tantas desavenças e polêmicas, calarmo-nos, uma vez que é preferível cultivar o respeito do bem que o respeito da lei.
b) Já lhe disse que se podem ter, conquanto em mim não creia, todas as mulheres a seus pés quantas assim desejar, posto que tuas investidas sempre implicam sucesso.
c) Até agora, os que, aqui, por longo tempo, estiveram, necessitam entender que é chegada a hora de os meninos serem separados dos homens enquanto lhes restar sabedoria.
d) Por virtuosismo ou teimosia, deixai tão logo serem, por mais que forçosamente, os acertos substitutos dos erros, dado que vêm necessitando disso a humanidade.
e) Custa-me a crer na explicação do professor, pois tem que ver com o total ignorar daquilo que hei aprendido a muito, não sendo pouco.

Comentário: A) *Resolvemos, no ínterim da conversa, depois de tantas desavenças e*

*polêmicas, calarmo-nos, uma vez que é preferível cultivar o respeito do bem **ao** respeito da lei*. Regência do adjetivo *preferível*. B) *Já lhe disse que se podem ter, conquanto em mim não creia, todas as mulheres a seus pés quantas assim desejar, posto que **suas** investidas sempre implicam sucesso*. Uniformidade de tratamento (deve-se usar só a 3ª pessoa). C) De todas as opções, esta é a "melhor resposta". Quem abona a contração antes de sujeito de verbo no infinitivo é o Bechara, por exemplo. Mas isso você já sabia, pois falei exaustivamente sobre o assunto na teoria deste livro que você está lendo agora! D) *Por virtuosismo ou teimosia, deixai tão logo serem, por mais que forçosamente, os acertos substitutos dos erros, dado que **vem** necessitando disso a humanidade.* O verbo *vir* só recebe acento circunflexo se o seu sujeito estiver no plural. E) *Custa-me a crer na explicação do professor, pois tem que ver com o total ignorar daquilo que hei aprendido **há** muito, não sendo pouco.* Tempo decorrido (passado), usa-se *há*. A preposição *a* é facultativa depois do verbo *custar* e antes do verbo *crer*. Novamente, recorro ao supremo Bechara. Ele diz que tal preposição é facultativa. Você encontra as justificativas do homem em sua gramática, no capítulo de Regência. A dica final é: "Fiquem espertos, concurseiros, pois nunca se sabe de onde vem a pedrada!" **Gabarito**: C.

32. Leia:

Soneto de Fidelidade
Vinícius de Moraes

De tudo ao meu amor serei atento

Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento

E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim, quando mais tarde me procure

Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):

Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.

Aponte o comentário adequado acerca do texto.

a) O complemento nominal "De tudo" deveria vir depois de "Antes" para não haver hipérbato, eliminando, assim, a inversão sintática do primeiro verso.
b) Os pleonasmos usados na segunda estrofe servem para enfatizar os sentimentos do eu-lírico.
c) As expressões "angústia de quem vive" e "fim de quem ama" são introduzidas por uma expressão implícita, a saber: "Quem sabe", constituindo um zeugma.
d) A conjunção "mas", que coordena orações subordinadas substantivas objetivas diretas, não cumpre o papel de realçar o conteúdo do último verso.
e) O trecho "posto que é chama" explica metaforicamente o que é o amor para o eu-lírico.

Comentário: E) *Posto que*, apesar de ser uma locução conjuntiva concessiva, de acordo com a norma culta, foi usado pelo poeta com valor causal ou explicativo. O objetivo era comparar a não imortalidade do amor a uma chama, que, por mais quente e intensa que seja, um dia se extingue. Lembre-se: em poemas, o autor tem licença poética, isto é, ele pode cometer desvios gramaticais em favor de sua arte. A) Para poucos gramáticos, como Luiz A. Sacconi e Celso P. Luft, *De tudo* é um complemento nominal. Para os demais gramáticos, *antes de* é uma locução prepositiva e não um advérbio + preposição. Logo, *De tudo* não seria um complemento nominal, para a maioria. A afirmação inicial da alternativa até procede, segundo os dois gramáticos, mas o que torna errada a opção é o fato de a colocação na ordem direta de *De tudo* não eliminar totalmente a inversão do primeiro verso. A expressão *ao meu amor* está invertida. A ordem direta seria esta: *"Serei atento ao meu amor antes de tudo."* B) Só há um pleonasmo: *"rir meu riso"*. C) Não há elipse ou zeugma. Tais expressões são, respectivamente, apostos explicativos de *morte* e *solidão*. D) A conjunção adversativa *mas* sempre realça o conteúdo da oração que introduz. **Gabarito**: E.

33. A partir da frase abaixo, julgue se as afirmações estão certas ou erradas.

Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor quer que se lhe atribuam honras a que não tem direito.

1) O artigo definido após *Todas* pode ser retirado, havendo prejuízo de sentido, mas não incorreção gramatical.
2) A preposição *em* pode ser colocada antes do primeiro *que*, pois a construção *em que* serve para retomar uma ideia temporal.
3) O primeiro *que* exerce função sintática de adjunto adverbial.
4) Faltou um acento indicativo de crase na passagem *faz as vezes de diretor*, uma vez que se trata de uma locução de núcleo feminino; o mesmo não se deve dar em *Todas as vezes*, pois o *as* nesse caso é só um artigo.
5) A expressão *de diretor* exerce função de objeto indireto, pois nesta acepção o verbo exige um complemento preposicionado.
6) Uma vírgula logo após *diretor* provocaria uma incorreção gramatical.
7) O verbo *querer* deveria vir no plural, pois se trata de um sujeito indeterminado; a reescritura adequada é esta:*Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor querem que se lhe atribuam honras a que não tem direito*.
8) O segundo vocábulo *que* tem o papel de introduzir uma oração com função completiva.
9) O *se* exerce função indeterminadora do sujeito, pois não se dá a conhecer quem é o sujeito do verbo *atribuir*.
10) A justaposição dos pronomes oblíquos átonos *se* e *lhe* provoca incorreção gramatical.
11) O verbo *atribuir* é transitivo direto e indireto; seus complementos são *lhe* e *honras*.
12) A passagem *quer que se lhe atribuam honras* poderia ser assim reescrita: *quer que lhe sejam atribuídas honras*.
13) O nome *honras* exige um complemento iniciado por *a*, logo *a que não tem direito* tem função de complemento.

14) O segmento *a que não tem direito* poderia ser assim reescrito: *às quais não têm direito*.
15) Há duas elipses que retomam anaforicamente o agente das ações verbais do período.

Comentário: 1) ERRADO. Não se pode retirar o artigo definido após o pronome indefinido *todas*, pois, entre este pronome (*todos, todas*, no plural) e um substantivo, sempre haverá a necessidade do artigo definido. É regra! 2) ERRADO. Segundo os gramáticos Domingos P. Cegalla, Evanildo Bechara, Said Ali etc., *todas as vezes que* (locução conjuntiva temporal) é a forma culta e não *todas as vezes em que*. 3) ERRADO. Este *que* faz parte da locução conjuntiva subordinativa adverbial temporal *todas as vezes que*, logo não pode ser analisado separadamente, do ponto de vista sintático. Logo não exerce função sintática alguma, tampouco de adjunto adverbial. 4) ERRADO. A expressão *as vezes de* equivalendo, semanticamente, a "em substituição de" nunca vem craseada. 5) ERRADO. A expressão exerce função de predicativo, como se a frase fosse "Ele fez a si mesmo de diretor". 6) ERRADO. Pode haver uma vírgula após uma oração subordinada adjetiva restritiva, segundo Said Ali, Bechara e Sacconi, por exemplo. Para ser mais exato ainda, a construção *"Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor"* é um adjunto adverbial de tempo deslocado, por isso a vírgula é obrigatória. A ordem direta do período é esta: *"Quer que se lhe atribuam honras a que não tem direito todas as vezes que ele faz as vezes de diretor."*. 7) ERRADO. O verbo *querer* deve ficar no singular, pois seu sujeito implícito tem como referente o pronome singular *ele*. 8) CERTO. Trata-se de uma conjunção integrante, que tem o papel de completar sintaticamente, com a oração subordinada, a estrutura da principal. *Bizu*: substitua por **isso** – *Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor quer* ***isso*** *(= que se lhe atribuam honras a que não tem direito*). 9) ERRADO. O *se* tem função apassivadora. O verbo tem, sim, sujeito: *honras*. Na voz passiva analítica, fica mais fácil de ver: *"... quer que honras... lhe sejam atribuídas..."*. 10) ERRADO. Não há problema algum na construção. O *se* tem função apassivadora, e o *lhe* tem função de objeto indireto. 11) ERRADO. O verbo é, de fato, um VTDI, mas *honras* exerce função de sujeito, pois a voz verbal é passiva sintética. Só na voz ativa, *honras* vira complemento direto (= objeto direto). 12) CERTO. Mera passagem de voz passiva sintética para passiva analítica. 13) ERRADO. A preposição *a* em *a que não tem direito* é exigida pelo nome *direito*. Toda vez que um verbo ou um nome dentro da oração adjetiva exigir uma preposição, esta ficará antes do pronome relativo. 14) ERRADO. O erro está em *têm*. Só *rola* acento circunflexo neste verbo se ele estiver na 3ª pessoa do plural, o que não é o caso. Fiz um vídeo sobre isso (está no YouTube). 15) ERRADO. Veja: *Todas as vezes que <u>ele</u> <u>faz</u> as vezes de diretor (ele) <u>quer</u> que se lhe <u>atribuam</u> <u>honras</u> (sujeito passivo de atribuir) a que (ele) não <u>tem</u> direito*.

34. A única opção que não se encontra adequada ao registro culto da língua é:
a) O juiz apreciará livremente a prova, atendendo aos fatos e circunstâncias constantes dos autos, ainda que não alegados pelas partes; mas deverá indicar, na sentença, os motivos que lhe formaram o convencimento.
b) Presume-se que a referência às dimensões foi simplesmente enunciativa, quando a diferença encontrada não exceder

de um vinte avos da extensão total enunciada.

c) Quando dois ou mais juízes forem parentes, consanguíneos ou afins, em linha reta e no segundo grau na linha colateral, o primeiro, que conhecer da causa no tribunal, impedirá que o outro participe do julgamento.

d) Reputa-se fundada a suspeição de parcialidade do juiz, quando aconselhar alguma das partes o objeto da causa, ou subministrar meios para atender às despesas do litígio.

e) Se o conhecimento da lide depender necessariamente da verificação da existência de fato delituoso, poderá o juiz mandar sobrestar no andamento do processo até que se pronuncie a justiça criminal.

Comentário: *"Reputa-se fundada a suspeição de parcialidade do juiz, quando aconselhar (VTDI) alguma das partes (OD) em/acerca de/sobre o objeto da causa (OI), ou subministrar meios para atender às despesas do litígio"*. **Gabarito**: D.

35. Marque a alternativa cuja análise sintática das expressões sublinhadas esteja inadequada.

a) A visão que tive do professor gesticulando horrorizou-me! – respectivamente, temos um adjunto adnominal, um complemento nominal e um adjunto adnominal.

b) A escalação do Zagallo, em 58, foi decisiva, e a de 98, idem. – respectivamente, temos um complemento nominal, um adjunto adverbial, um sujeito e um complemento nominal.

c) Sendo militar por mais de 20 anos, nunca, meus homens, em hipótese alguma, permiti, embora tenha havido certos desconfortos, a mim repreender. – respectivamente, temos um sujeito, um objeto direto e uma oração subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo.

d) Mas se ergues da justiça a clava forte, Verás que um filho teu não foge à luta, Nem teme, quem te adora, a própria morte. – respectivamente, temos um adjunto adnominal, uma oração subordinada substantiva subjetiva e um objeto direto.

e) Queriam adivinhar os pensamentos de que se povoam as cabeças desses velhinhos.- respectivamente, temos um objeto direto, um agente da passiva e um sujeito.

Comentário: Na letra A, *que tive* é oração subordinada adjetiva; toda oração subordinada adjetiva exerce função sintática de adjunto adnominal. Sobre *do professor*, podemos dizer que é um complemento nominal, pois tem valor passivo e se liga ao nome *visão*. Por fim, *gesticulando* é uma oração subordinada adjetiva reduzida de gerúndio; como sabemos, toda oração subordinada adjetiva exerce função sintática de adjunto adnominal. Na letra B, *do Zagallo* é complemento nominal, pois tem valor passivo, ou seja, ele foi escalado *em 58*. Já *em 58* exerce função sintática de adjunto adverbial. O pronome demonstrativo *a* (= *aquela*) exerce função de sujeito da locução verbal elíptica (foi decisiva; note que a vírgula marca a elipse). Por fim, *de 98* é adjunto adnominal (valor de agente), pois, dessa vez, pelo nosso conhecimento de mundo, ele era o técnico, portanto ele escalou. Na letra C, há uma sínquise, ou seja, inversão sintática dos termos de maneira bem intensa. Colocando mais próximo da ordem direta, temos: "*Sendo militar por mais de 20 anos, nunca, em hipótese alguma, permiti meus homens repreender a mim (= permiti que meus homens repreendessem a mim), embora tenha havido certos desconfortos*". Melhorou? Bem, o termo *meus homens* é sujeito do verbo *repreender*, que pode ficar ou não no plural, segundo as regras de concordância do infinitivo. Já *a mim* é objeto direto preposicionado do verbo *repreender*, que é transitivo direto, o qual, por sua vez, constitui oração subordinada substantiva objetiva direta do verbo causativo *permitir*. Na letra D, também há sínquise, afinal, trata-se de uma parte do hino nacional. Bem, *da justiça* é adjunto adnominal de *clava*, substantivo concreto. Colocando na

ordem direta o finzinho, temos: *"Nem quem te adora (sujeito oracional, ou oração subordinada substantiva subjetiva) teme a própria morte (objeto direto do verbo temer)"*. Na letra E, o termo *os pensamentos* é objeto direto do verbo *adivinhar*. Para facilitar sua visão, vou reescrever a parte final do período na voz passiva analítica e na ordem direta: *"... de que as cabeças desses velhinhos* (sujeito) *são povoadas"*. Agora vou substituir o pronome relativo *que* pelo seu antecedente para que vejamos a função sintática do relativo: *"... as cabeças desses velhinhos são povoadas de (= por) pensamentos"*. Eis o agente da passiva. É interessante dizer que é muito raro o agente da passiva vir em voz passiva sintética, como está no trecho original da alternativa E. **Gabarito**: B.

36. Das frases abaixo, qual é a única que não apresenta termo ou estrutura com classificação sintática idêntica a um termo ou estrutura das demais?
a) Porque não lhe sou favorável, você me despreza?
b) Vereis amor da pátria não movido/De prêmio vil, mas alto e quase eterno.
c) Do auxílio que ele viesse, precisaram (quando em fútil desespero) os homens.
d) Não solícitos sempre me foram os que detinham o poder.
e) Fui oficialmente informado que me deveria submeter a exame de saúde.

Comentário: E. A) O *lhe* exerce função de complemento nominal do adjetivo *favorável*. B) O *De prêmio vil* exerce função de complemento nominal do adjetivo *movido*. C) A oração *que ele viesse* exerce função de complemento nominal do substantivo *auxílio*. A preposição pode vir implícita antes de orações subordinadas substantivas objetivas indiretas e completivas nominais. D) O *me* exerce função de complemento nominal do adjetivo *solícitos*. E) Este é o gabarito! "Por quê, pestana?!" Vamos ver agora, meus bons! Nem é adjetivo a palavra *informado*, nem é completiva nominal a oração *que me deveria submeter a exame de saúde*. *Informado* é particípio do verbo *informar*, transitivo direto e indireto, na voz passiva analítica (informar alguém de ou sobre alguma coisa). A oração *que me deveria submeter a exame de saúde* é, pois, oração subordinada substantiva OBJETIVA INDIRETA. Na voz ativa temos: *"... informaram-me oficialmente que me deveria submeter a exame de saúde"*, em que o sujeito é indeterminado, *me* é objeto direto e também objetiva indireta a oração *"que me deveria submeter a exame de saúde*". Sobre a ausência da preposição antes da oração, já expliquei acima que a elipse é normal. **Gabarito**: E.

Bibliografia

Saiba que esta bibliografia é cândida e honesta... Espero não ter esquecido alguém.
Ah! Recomendo que você adquira os três livros (em azul) que mudaram a minha vida!

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. 5. ed. São Paulo, Global, 2009. (*Site*: http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=23)

ALMEIDA, N. M. *Dicionário de questões vernáculas*. São Paulo, Caminho Suave, 1981.

_____. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 45. ed. São Paulo, Saraiva, 2005.

ALI, M. S. *Dificuldades da língua portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1957.

_____. *Gramática elementar da língua portuguesa*. 9. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1966.

_____. *Gramática secundária da língua portuguesa*. 7. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1966.

ANDRÉ, H. A. *Gramática ilustrada*. 2. ed. São Paulo, Moderna, 1982.

AZEREDO, J. C. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo, Publifolha, 2008.

BAGNO, M. *Dramática* da língua portuguesa. *São Paulo*, Edições Loyola, 2000.

_____ *Gramática pedagógica do português brasileiro*. 1. ed. São Paulo, Parábola, 2012.

BARRETO, M. Novíssimos estudos da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro, Presença, 1980.

BASILIO, M. *Teoria lexical*. 8. ed. São Paulo, Ática, 2007.

BECHARA, E. *Moderna gramática da língua portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2003.

_____. *Lições de português pela análise sintática*. 17. ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2005.

_____. Gramática escolar da língua portuguesa. 1. ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2004.

CÂMARA JR., J. M. *Dicionário de lingüística e gramática*. 18. ed. Rio de Janeiro, Vozes, 1997.

_____. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis, Vozes, 1970.

CAMPEDELLI, A. Y. e SOUZA, J. B. *Gramática do texto e texto da gramática*. São Paulo,

Saraiva, 1999.

CASTILHO, A. T. *Gramática do português brasileiro*. 1 ed. São Paulo, Contexto, 2010.

CEGALLA, D. P. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa.* 1. ed. Rio de Janeiro, Lexicon; Porto Alegre/RS, L&PM, 2007.

_____. *Novíssima gramática da língua portuguesa.* 43. ed. São Paulo, Nacional, 2000.

CEREJA, W. R. e MAGALHÃES, T. C. *Gramática reflexiva*: texto, semântica e interação. São Paulo: Atual, 1999.

CRUZ, J. M. *Português prático – Gramática*. 28 ed. São Paulo, Melhoramentos, 1959.

COSERIU, E. *Principios de semántica estructural.* Madri, Gredos, 1977.

COSTA, J. M. *Manual de redação profissional*. Campinas, Millenium, 2002.

CUNHA, C. e CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo.* 3. ed. Rio de Janeiro, Lexicon, 2007.

DE NICOLA, J. e TERRA, Ernani. *1001 dúvidas de português.* 10. ed. São Paulo, Saraiva, 2000.

DICIONÁRIO AURÉLIO ELETRÔNICO; SÉCULO XXI. Rio de Janeiro, Nova Fronteira e Lexicon Informática, 1999, CD-rom, versão 3.0.

DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001, CD-rom versão 1.0, para Windows.

DICIONÁRIO AULETE DIGITAL. <http://aulete.uol.com.br/>

ELIA, H. e ELIA, S. *100 textos errados e corrigidos*; de acordo com a nova nomenclatura gramatical brasileira. 27. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1985.

FARACO, C. E, MOURA, F. M e MARUXO, J. H. *Gramática*. 20. ed. São Paulo, Ática, 2006.

FERREIRA, M. *Aprender a praticar gramática.* São Paulo, FTD, 2003.

FERNANDES, F. *Dicionário de verbos e regimes*. 43. ed. Rio de Janeiro, Globo, 1999.

FIORIN, J. L. e SAVIOLI, F. P. *Lições de texto: leitura e redação*. 4. ed. São Paulo, Ática, 2001.

_____. *Para entender o texto – Leitura e redação*. 2. ed. São Paulo, Ática, 1991.

GARCIA, O. M. *Comunicação em prosa moderna*. 14. ed. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1988.

GÓIS, C. *Gramática expositiva primária*. 5. ed. Belo Horizonte, Oliveira, Costa, 1934.

HAUY, A. B. *Da necessidade de uma gramática-padrão da língua portuguesa*. São Paulo, Ática, 1983.

HENRIQUES, C. C. *Sintaxe portuguesa para a linguagem culta contemporânea:* teoria e prática. Rio de Janeiro, Oficina do Autor, 1997.

_____ *Sintaxe: estudos descritivos da frase para o texto*. 3. ed. Rio de Janeiro, Elsevier,

2011.
ILARI, R. e GERALDI, J. W. *Semântica.* 2. ed. São Paulo, Ática, 1985.
INFANTE, U. *Curso de gramática aplicada aos textos*. São Paulo. Scipione, 2001.
KURY, A. G. *Novas lições de análise sintática*. 7. ed. São Paulo, Ática, 1997.
LEME, O. S. *Tirando dúvidas de português.* 2. ed. São Paulo, Ática, 1995.
LIMA, C. H. R. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 35. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 2008.
LUFT, C. P. *A vírgula.* 2. ed. São Paulo, Ática, 1998.
_____. *Dicionário prático de regência nominal.* 4. ed. São Paulo, Ática, 2010.
_____. *Dicionário prático de regência verbal.* 3. ed. São Paulo, Ática, 2001.
_____. *Moderna gramática brasileira.* 1. ed. São Paulo, Globo, 2006.
MACIEL, Dr. M. *Grammatica descriptiva*, 5. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1914.
MATEUS, M. H. M *et alii*. *Gramática da língua portuguesa*. 7. ed. Lisboa, Caminho, 2003.
MAURER JR., T. H. *O infinitivo flexionado português*. São Paulo, Nacional, 1968.
MELO, G. C. *Gramática fundamental da língua portuguesa.* 4. ed.
NASCENTES, A. *Dicionário de dúvidas e dificuldades do idioma nacional*. 3. ed. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1952.
NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. 1. ed. São Paulo, UNESP, 2000.
OITICICA, J. *Manual de análise léxica e sintática*. 10. ed. Rio de Janeiro, Paulo de Azevedo Ltda., 1953.
PEREIRA, E. C. *Gramática expositiva*. 101. ed. São Paulo, Nacional, 1957.
PERINI, M. A. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo, Parábola, 2010.
REIS, O. *Breviário da conjugação de verbos.* 38. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978.
RIBEIRO, J. *Grammatica portugueza*. 7. ed. São Paulo. N. Falcone & Comp., 1913 (1881).
SACCONI, L. A. *Não erre mais!* 4. ed. São Paulo, Moderna, 1979.
_____. *Nossa gramática – Teoria e prática*. São Paulo, Atual, 1999.
SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral.* São Paulo, Cultrix & Edusp, 1969.
SILVEIRA BUENO, F. *Estudos de filologia portuguesa.* 6. ed. São Paulo, Saraiva, 1967.
_____. *Antologia arcaica.* 2. ed. São Paulo, Saraiva, 1968.
SILVEIRA, S. *Lições de português*. 9. ed. Rio de Janeiro, Presença, 1983.
TERRA, E. *Curso prático de gramática*. 4. ed. São Paulo, Scipione, 2002.
TORRES, A. A. *Moderna gramática expositiva da língua portuguesa*. 14 ed. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1962.

Mensagem final

Nenhum livro irá substituir os grandes nomes dessa bibliografia, portanto, concurseiro e, principalmente, você, professor, tenham alguns deles em sua biblioteca, a fim de fazer consultas na íntegra. Esta dica é valiosa, pois certamente você precisará do Bechara, do Cegalla, do Celso Cunha, do Celso P. Luft, do Rocha Lima, do Napoleão Mendes de Almeida e do Ulisses Infante, pelo menos, para elaborar possíveis recursos contra questões polêmicas ou mal formuladas pelas bancas da vida. Não existe simpatia para passar em concurso. O segredo é simples: **estudar**! Muito sucesso em sua jornada... *Brasil!*

Gabarito Comentado

Capítulo 1
Gabarito

1 – **A**. A palavra *transoceânico* apresenta o prefixo **trans** – seguido de vogal. Segundo a regra, separamos a última consoante do prefixo que se une à vogal seguinte. Logo, a separação correta é *tran-so-ce-â-ni-co*. Lembre-se disto: toda sílaba apresenta apenas uma vogal.

2 – **D**. A única palavra que apresenta a letra X com som de Z, como em exame, é exequível. Esta palavra, de acordo com a nova ortografia, perdeu o trema.

3 – **B**. Partindo do princípio de que toda sílaba tem uma vogal, o falante intuitivamente consegue separar as sílabas de uma palavra desde que ela seja pronunciada pausadamente. No entanto, há algumas regras para a separação adequada. Na palavra *expressão*, o dígrafo SS se separa. Na palavra *língua*, o ditongo UA não se separa. Por fim, na palavra *fora*, há duas sílabas, pois há duas vogais.

4 – **A**. A única palavra que é paroxítona, mas não apresenta o mesmo número de sílabas é *gratuito* (trissílaba). As demais são polissílabas. Esta questão é aparentemente fácil, mas a *brincadeira* está em suscitar dúvida no candidato a respeito da pronúncia adequada, ou seja, é *GRA-TUI-TO* ou *GRA-TU-I-TO*? Se fosse a segunda opção, não haveria resposta, mas a pronúncia adequada, sem silabada (deslocamento da sílaba tônica), é *GRA-TUI-TO*, como *IN-TUI-TO*, *FOR-TUI-TO* etc. Cuidado com a palavra *silencio* (verbo), que é diferente de *silêncio* (substantivo). Esta é considerada comumente como trissílaba (*si-lên-cio*), mas aquela é polissílaba (*si-len-ci-o*).

5 – **B**. Olha aí! Eu não avisei? Cuidado! Na palavra *cinquentão*, o "homem da banca" diz que há dois encontros consonantais, tentando lhe dar uma *pernada*! A pegadinha é fazer você errar por pensar que há encontro consonantal em *ciNQueNTão*. Não obstante, conforme eu já havia alertado, não confunda encontro consonantal com dígrafo vocálico. Este N não é uma consoante, mas sim uma marca de nasalização (como um ~) que nasaliza a vogal anterior, formando um dígrafo vocálico.

6 – **A**. Quase você marcou a letra D, não foi? O problema é que a palavra *pretenCioso* não existe! O que existe é *pretenSioso*, que vem de *pretenSão*. Bem, a opção A (*seriíssimo*) é a correta. De fato, a antepenúltima sílaba é tônica (palavra proparoxítona), apresenta um hiato (*se-rI-Í-si-mo*) e um dígrafo (*seriíSSimo*).

7 – **C**. Há dígrafos consonantais e vocálicos. Ambos são constituídos de duas letras que representam apenas um fonema. Logo, isso ocorre em *baiRRo* e *maraviLHosa* (dígrafos consonantais).

8 – **B**. Há dígrafos consonantais em *naSCer* e *eXCeto*.

9 – **C**. A palavra *RorAIma* é trissílaba e apresenta um ditongo decrescente (V+SV), logo a separação correta dela é *Ro-rai-ma*.

10 – **A**. Em *desperdí**c**io* e *desperdi**ç**amos*, tanto a letra C como Ç têm som de SS. No entanto, em ***j**úbilo* e ***g**argalo*, a letra J e G não têm o mesmo som; a letra G só tem som de J quando seguida de E ou I. Em *produ**ç**ão* e *do**s**es*, o Ç tem som distinto de S, que neste caso tem som de Z. Em ***r**eservamos* e *bu**r**ocracia*, o primeiro R tem som de RR, o segundo R não. Em ***exc**essos* e ***x**ampu*, o dígrafo XC tem som de SS e o X tem som de CH.

11 – **B**. O encontro consonantal CÇ é separável, portanto a separação de *convicção* está correta. A separação de *abstrato* está errada, pois quando há um grupo de consoantes no meio da palavra, separamos entre a última e a penúltima; isso só não ocorre nesta palavra, pois o encontro TR é perfeito, portanto inseparável; daí que separamos entre a antepenúltima e a penúltima consoante: *abs-tra-to*. Em trans*parência*, o prefixo seguido de consoante não é separável: *trans-pa-rên*-cia (separação comum, como paroxítona) ou *trans-pa-rên*-ci-a (separação rara, como proparoxítona). Por fim, em *nascimento*, a separação está correta, pois separa-se o dígrafo SC.

12 – **INCORRETA**. A palavra *adjacentes* se separa assim: *ad-ja-cen-tes*. Isso ocorre porque o prefixo AD, seguido de consoante, não se separa, como em *ad-je-ti-vo*.

13 – **C**. Em *a*br*i*, há encontro de consoantes (BR). Em *o*lh*os*, há dígrafo consonantal (LH). Em *qu*a*ntidade*, há ditongo crescente (SV+V). Em *depar*ei, há ditongo decrescente (V+SV). Em *entr*ea*bri*, há hiato (V—V).

14 – **D**. Em *m*eu*s*, há ditongo decrescente (V+SV). Em *pia*v*am*, há hiato (V—V). Em *p*ai, há ditongo decrescente (V+SV).

15 – **ERRADO**. O som do X em *encaixar, engraxar* e *luxo* equivale a CH, mas em *asfixia* o X tem som de KS.

16 – **CERTO**. Em *testosterona*, o encontro consonantal é imperfeito, por isso se separa. Em *neurologista*, o ditongo não se separa, e o encontro consonantal imperfeito se separa. Em *pudéssemos*, o dígrafo consonantal (SS) se separa. Em *saberí**a**mos*, as vogais que formam o hiato obviamente se separam.

17 – **C**. A palavra *Rosinha* tem três vogais, logo tem três sílabas: *Ro-si-nha*. Lembre-se de que o dígrafo NH é inseparável.

18 – **C**. Há 6 letras e 4 fonemas em *guerra*, pois há dois dígrafos (duas letras = um fonema):

GU e RR.

19 – **D**. Olha aí o "homem da banca" querendo enganar o desavisado (que não é você, espero!). Na palavra *discussões*, o SC não é um dígrafo consonantal, pois tanto S como C são pronunciados. É diferente de *miSCigenação*, dígrafo de fato. Note que em *discussões* o S tem som de S e o C tem som de K. Cuidado, hein!

20 – **D**. Em *Senhor*, há um dígrafo consonantal: NH. Simples assim.

21 – **C**. Em *Paraíso*, há um hiato: A-Í. Dava para errar?

22 – **B**. Palavras proparoxítonas são aquelas que apresentam a antepenúltima sílaba tônica: *PÚblicas, pedaGÓgico, FÍsica*.

23 – **A**. Há apenas um encontro vocálico na palavra *Relatór*io*s*, um ditongo crescente oral. Caso você tenha visto um hiato na palavra, não há problema, pois muitos gramáticos entendem que se pode interpretar palavras desse tipo como proparoxítonas eventuais ou acidentais, terminando em hiato: *Re-la-tó-ri-os*. No entanto, a análise comum é encarar tais palavras como paroxítonas terminadas em ditongo: *Re-la-**tó**-*rios.

24 – **C**. Na palavra *barriga*, as letras RR constituem um dígrafo, ou seja, duas letras escritas em sequência, representando um único som (fonema).

25 – A. Um ditongo oral crescente é a união de uma semivogal (SV) seguida de uma vogal (V) na mesma sílaba, sem o sinal gráfico til (~) ou qualquer outra marca de nasalização (**m** ou **n**). Por isso, a palavra água corresponde à informação anterior, uma vez que UA é um encontro vocálico que apresenta uma SV + V na mesma sílaba (á-g***ua***). Foi?

26 – **E**. Separam-se os encontros consonantais imperfeitos, principalmente no meio das palavras, por isso *plástico* deve ser separado silabicamente assim: *plás-ti-co*. Já *contribuir* é separado pela regra de separação dos hiatos (vogal separada de vogal): *con-tri-bu-ir*. A palavra *avaliar* segue a mesma regra de *contribuir*, daí o erro em sua separação.

27 – **B**. Na palavra *horrores*, as letras RR constituem um dígrafo, ou seja, duas letras escritas em sequência, representando um único som (fonema).

28 – **E**. A palavra *trás* apresenta o encontro de duas consoantes (tr); *pequeno*, um dígrafo (qu); *mulherzinha*, dois dígrafos (lh e nh). Tranquilo, não?

29 – **D**. A palavra *consuMISmo* é tão paroxítona quanto *TÊnis*, pois ambas apresentam a penúltima sílaba tônica.

30 – **E**. A palavra *Saúde* é trissílaba, pois apresenta três vogais: *SA-**Ú**-DE*.

31 – **B**. Em *enigma*, há um encontro consonantal imperfeito, por isso separável (*e-ni**g-m**a*). Em *prorrogar*, há um dígrafo consonantal separável (RR): *pro**r-r**o-gar*. Em *canário*, há um ditongo crescente (inseparável, é claro, a não ser que se queira interpretar a palavra como uma proparoxítona terminada em hiato; isso não é o comum, entretanto): *ca-ná-r**io***. Em *incontestável*, separa-se o encontro consonantal imperfeito: *in-con-te**s-t**á-vel*. Em *europeia* (sem acento de acordo com a nova reforma ortográfica), separa-se o ditongo do falso hiato: *eu-ro-p**ei-a*** (nesta palavra não há um tritongo, pois este é formado por SV+V+SV, o que não é o caso de *europeia*, que termina em V+SV+V). Em *iguais*, sim, há tritongo: *i-g**uai**s*.

32 – Primeira afirmação: **CORRETA**. Há no primeiro balãozinho hiato (*especi**-al***) e encontro consonantal (*e**sp**ecial*). Segunda afirmação: **INCORRETA**. Em *colég**io*** e *obrigatór**io***, há ditongos crescentes orais (SV+V), e não decrescentes orais (V+SV).

33 – B. Todas as letras são contadas como fonemas, exceto o "n", que nasaliza o encontro vocálico anterior (= uã).

34 – B. Possui dígrafo (SS) e hiato (O-A). É uma paroxítona, pois a penúltima sílaba é tônica. É trissílaba, pois apresenta três vogais (*pes-so-a*).

35 – D. O encontro vocálico "ua", em "quatro", é ditongo oral crescente, pois apresenta SV + V.

Capítulo 2
Gabarito

1 – D. Adaptei esta questão de 2005 para que você conheça um pouco mais sobre uso do hífen consoante a nova reforma ortográfica, beleza? Vamos lá! Em *extraoficial*, o prefixo terminado em vogal (extra) diante de vogal diferente (oficial) se une sem hífen. Em *antessala, contrassenso, ultrarrealismo e contrarregra*, o prefixo terminado em vogal (ante, contra, ultra e contra) se une a uma palavra iniciada por R ou S (sala, senso, realismo, regra), de modo que o R e o S se duplicam. Levando em conta tudo isso, as palavras *extraoficial, antessala, contrassenso, ultrarrealismo, contrarregra* se encontram corretamente grafadas.

2 – E. Bastante interessante esta questão, pois são trabalhados os conhecimentos de concordância do sujeito composto deslocado e acentuação gráfica do verbo *vir*, o qual, na 3ª pessoa do plural, recebe acento circunflexo (o mesmo ocorre com o verbo *ter*). A regra de concordância do sujeito composto diz o seguinte: quando o sujeito composto vier posposto ao verbo, este pode concordar com o núcleo mais próximo do sujeito. Sendo assim, se retirássemos o acento circunflexo da forma "vêm" (na 3ª pessoa do plural, usa-se tal acento), não haveria erro, pois o verbo poderia ficar no singular concordando com o núcleo mais próximo (compreensão).

3 – CERTO. Todas as palavras recebem acento gráfico obrigatório por serem proparoxítonas.

4 – CERTO. As formas verbais *pode* (presente do indicativo) e *pôde* (pretérito perfeito do indicativo) se opõem pelo uso do acento circunflexo diferencial. Isso não mudou na nova reforma ortográfica.

5 – INCORRETA. É preciso haver esta correção ortográfica: "Nenhuma distância dilui o afeto, pelo contrário: o reconhecimento da amada longeva avizinha-a (de vizinho, vizinhança) de nós, fá-la mais próxima que nunca." Como o capítulo trata de Acentuação Gráfica, vamos a ela: o ***fá*** (de fá-la) é acentuado por se tratar de monossílaba tônica terminada em **-a**. Lembra-se de que devemos ignorar o pronome oblíquo átono (-la)?

6 – B. O Novo Acordo Ortográfico (assinado em 2009) retirou o acento agudo dos ditongos abertos **ei** e **oi** das palavras paroxítonas: espermatozoide, epopeia, apoio (não confunda com apoio,— substantivo), colmeia (existe a forma variante "colmeia" (com timbre fechado e sem acento), joia e assembleia. Vale lembrar, por exemplo, que as palavras "destróier e Méier" permanecem acentuadas por se enquadrarem na regra das paroxítonas terminadas em **-r**. Ainda: o acento agudo permanece nos ditongos abertos das palavras oxítonas e monossílabas (mói, céu, constrói, troféu). Segundo as novas regras ortográficas, não se usa mais o acento

circunflexo nos vocábulos terminados em **-oo** e **-eem** (abençoo, enjoo, eles veem, eles entreveem). Por fim, a nova reforma retirou o trema das palavras que apresentam os grupos **-gue**, **-gui**, **-que**, **-qui**, com U pronunciado (linguiça, tranquilo, aguentar, linguística, bilíngue) — entretanto, ele permanece em nomes de origem estrangeira (e derivados): Hübner, hübneriano, Müller, mülleriano. Nos acentos diferenciais, houve certas mudanças: *polo* não tem mais acento. Na regra dos hiatos I e U após ditongo decrescente (vogal + semivogal), em que eram acentuados com acento agudo, houve mudança: *feiúra* > ***feiura*** (forma atual). Por essas razões, ficamos com "epopeia – voo – tranquilo – constrói".

7 – ERRADO. O verbo *ter* deveria ficar com acento circunflexo (têm), uma vez que está na 3ª pessoa do plural. Lembrou-se da regra dos verbos *vir* e *ter* na 3ª pessoa do plural? Basta ver o núcleo do sujeito: "Todas as línguas indígenas em terras brasileiras". Logo, o trecho deveria ser reescrito para se adequar à norma culta escrita: "Todas as línguas indígenas em terras brasileiras **têm** menos de 40 mil falantes...". Tranquilinha, não?

8 – INCORRETA. O verbo derivado de ter (obter) está acentuado por ser oxítona terminada em **-em**; até aí nada de mais. Porém, meu nobre, lembra-se das regras de "vir" e "ter"? Na 3ª pessoa do plural, *vir*, *ter* e seus derivados recebem acento circunflexo, logo, deveria ser *obtêm*, concordando com o sujeito "os consumidores". Cuidado!

9 – INCORRETA. A forma verbal com o pronome oblíquo "exclui-lo" deveria ter sido acentuada, pois a vogal **i** forma um hiato com a vogal **u**, logo... regra do hiato, meu nobre. Assim deveria estar: *ex-clu*-Í-*lo*.

10 – Ambas **INCORRETAs**. Na primeira frase, o verbo deveria ser *constr*ói-*se* (regra dos ditongos abertos éi, éu, **ói**). Na segunda frase, a palavra *patrimônio* deveria ter acento, pois é uma paroxítona terminada em ditongo crescente. Moleza.

11 – Ambas **INCORRETAs**. Na primeira frase, "O espaço era exiguo (escreve-se ***exíguo*** por se tratar de uma paroxítona terminada em ditongo crescente), à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear (***granjear***, pois vem de *granja*) a simpatia do padre inflingindo-lhe (***infligindo***, pois vem de *infligir*) pratos que excitavam sua gula". Na segunda frase, o certo é ***ojeriza***, e em *ferí-lo* há um erro de acentuação, pois somente as oxítonas terminadas em -a(s), -e(s), -o(s), -em(ens) recebem acento; por isso, deveria ser tão somente ***feri-lo***.

12 – Ambas **INCORRETAs**. Na primeira frase, deveria haver esta correção ortográfica: "É o caso de se por (pôr; o verbo ainda leva acento diferencial) em discussão se ele realmente crê na veracidade dos dados". Na segunda frase, deveria haver estas correções ortográficas: "Enquanto construimos (*constru*-í-*mos*; regra do hiato) esta ala, eles constroem a reservada

aos aparelhos de rejuvenecimento (*rejuvenescimento*; vem de *rejuvenescer*)".

13 – A. Na letra A, as palavras são obrigatoriamente acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente. Na letra B, as duas primeiras palavras (*elétrica* e *hidráulica*) são proparoxítonas (e todas as proparoxítonas são acentuadas); já a última (*responsáveis*) é paroxítona terminada em ditongo decrescente. Na letra C, as duas primeiras (*sérios* e *potência*) são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente; já a última (*após*) é oxítona terminada em **-o(s)**. Na letra D, a primeira (*Goiás*) é acentuada por ser oxítona terminada em **-a(s)**, a segunda (já) é acentuada por ser monossílaba tônica terminada em **-a**, a terceira (*vários*) é acentuada por ser paroxítona terminada em ditongo crescente. Na letra E, as duas primeiras palavras (*solidária* e área) são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente; a última (*após*) é acentuada por ser oxítona terminada em **-o(s)**.

14 – E. Na letra A, o vocábulo *que* é tônico em fim de frase (assim como o *quê* da expressão *por quê*), portanto deveria ser acentuado (***quê***), afinal, monossílabos tônicos terminados em **-a(s), -e(s), -o(s)** são acentuados. A frase deveria estar escrita assim: "Ele se esqueceu de ***quê***?". Na letra B, *ruím* está escrito erradamente, pois é uma palavra oxítona, ou seja, apresenta a última sílaba tônica. E, segundo a regra das oxítonas, só são acentuadas as que terminam em **-a(s), -e(s), -o(s), -em(ens)**. Ainda: caso você pensasse na regra dos hiatos, ou seja, aquela regra que diz que o **i** e o **u**, seguidos ou não de **s** na mesma sílaba, são acentuados quando formam hiatos, a palavra *ruím* estaria mesmo assim errada, pois o **i** é seguido de letra diferente de **s** (*ru-**im***), logo não cabe o acento agudo de jeito nenhum. Em *distribui-lo*, a regra do hiato tinha de ser levada em conta; note a separação silábica: *dis-tri-bu-Í-lo*. Na letra C, a palavra *devessemos* deveria receber acento, pois é uma proparoxítona (antepenúltima sílaba tônica). Todas as proparoxítonas são acentuadas! Na letra D, a regra do hiato foi mal aplicada, pois *juiz* não leva acento, uma vez que após o **i** se segue a letra **z**, e não **s**. Portanto, *juiz* nunca é acentuado! Na letra E, a expressão "por que" não é acentuada, pois equivale a "por que razão/motivo". Só seria acentuada se fosse antes de pontuação ou em fim de frase: Você vai? Por ***quê***? Não queira saber por ***quê***.

15 – E. Na letra A, o verbo *ter* está na 3ª pessoa do plural, por isso recebe acento circunflexo. Na letra B, a regra do hiato se aplica: *ru-Í-nas*. Na letra C, o verbo derivado de *vir, provir*, recebe acento agudo devido à regra das oxítonas terminadas em **-em** (*provém*). Se estivesse no plural, seria *provêm*. Na letra D, a regra dos ditongos abertos se aplica: *lençóis*. Só não se usa mais esse acento em palavras paroxítonas (exceto em *Méier* e *destróier*, que seguem a regra das paroxítonas terminadas em **-r**). Na letra E, paroxítona terminada em **-ens** não é acentuada! Por isso o certo é ***itens***, sem acento.

16 – D. Usa-se ***vê***, pois o verbo está na 3ª pessoa do singular, concordando com o núcleo do sujeito "chefe". Se o núcleo do sujeito estivesse no plural, aí escreveríamos (de acordo com a nova ortografia) como está na letra B: ***veem*** (sem acento agora!). Olha aí mais uma questãozinha de nova ortografia!

17 – CERTO. As palavras ***têxtil (têx**-til)* e ***pênsil (pên**-sil)* são paroxítonas terminadas em **-l**, por isso o acento é obrigatório. Se forem ao plural, continuarão sendo acentuadas obrigatoriamente, pois serão terminadas em ditongo, seguido de desinência de plural **-s**: ***têx-teis** e **pên-seis***. Talvez esta questão gerasse certa dificuldade envolvendo a forma plural de *pênsil*. Mas saiba que os substantivos oxítonos terminados em **-il** recebem um **-s** no lugar do **-l**; os substantivos paroxítonos terminados em **-il** recebem a terminação **-eis** no lugar de **-il**. Ou seja, *barril > barris; fóssil > fósseis*. Safo? As palavras *obsolescência (ob-so-les-**cên**-cia)* e *ciência (ci-**ên**-cia)* são paroxítonas terminadas em ditongo crescente. Logo, são obrigatoriamente acentuadas. Tanto em *déspotas (**dés**-po-tas)* como em *déspota*, o acento é obrigatório, pois a palavra é proparoxítona (antepenúltima sílaba tônica); independente de estar ou não no plural, nada muda quanto ao uso do acento neste caso.

18 – ERRADO. As palavras não são acentuadas pela mesma regra: *ônibus (**ô**-ni-bus)* é proparoxítona. Todas as proparoxítonas são acentuadas sempre! Já *invioláveis* é paroxítona terminada em ditongo decrescente *(in-vi-o-**lá**-v*eis*)*. O **-s** é só uma desinência de plural.

19 – CERTO. Ambas as palavras são proparoxítonas (*a-na-**lí**-ti-ca* e *te-**rí**-a-mos*), logo são obrigatoriamente acentuadas!

20 – ERRADO. O vocábulo *países (pa*-í-*ses)* é acentuado pela regra do hiato. Já o vocábulo áreas *(*á-*reas)* é acentuado pela regra das paroxítonas terminadas em ditongo.

21 – CERTO. Ambas as palavras são obrigatoriamente acentuadas por serem proparoxítonas!

22 – ERRADO. Os primeiros vocábulos (*es-pé-cies/di-fí-ceis*) são acentuados por serem paroxítonos terminados em ditongo crescente. Já a palavra *históricas* é acentuada por ser proparoxítona.

23 – INCORRETA. As palavras *ninguém*, *pé*, *você* **não** são acentuadas pela mesma razão, porque a primeira é oxítona terminada em **-em**; a segunda é um monossílabo tônico terminado em **-e**; a terceira, uma oxítona terminada em **-e**.

24 – INCORRETA. As palavras *ponderará*, *informática* e *possuía* **não** são acentuadas pela mesma razão. A primeira é oxítona terminada em **a**, e a segunda é proparoxítona (todas são acentuadas), e a última é acentuada pela regra dos hiatos (**i** e **u**), seguidos ou não de **s**.

25 – D. Esta é uma aula de uso do hífen, segundo a nova ortografia. Em todas as afirmações, o hífen deve ser utilizado, exceto em palavras formadas por prefixo terminado em vogal quando o segundo elemento começa por **r** ou **s**, como diz a letra D. Exemplo: antirrugas, infrassom.

26 – D. As palavras *heróico, onomatopéico e platéia* tinham acento por apresentarem ditongos abertos, mas a nova reforma ortográfica aboliu o acento agudo nos ditongos abertos de palavras paroxítonas, logo o certo agora é: *heroico, onomatopeico, plateia*.

27 – CORRETA. Olha aí a questão fresquinha de paroxítona terminada em ditongo crescente, que pode ser uma proparoxítona eventual ou relativa! Ou seja, *pa-ci-ên-cia* (paroxítona terminada em ditongo crescente) ou *pa-ci-ên-ci-a* (proparoxítona eventual ou relativa).

28 – A. A palavra *substituído* é acentuada pela regra dos hiatos (*subs-ti-tu-*Í*-do*), diferentemente das demais, que são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente (polícia, jurisprudência, saqueável).

29 – E. A palavra *armazém* é acentuada por ser oxítona terminada em **-em**. A palavra órgão é acentuada por ser paroxítona terminada em ditongo decrescente **-ão(s)**. A palavra *caráter* é acentuada por ser paroxítona terminada em **-r**. Eu não queria comentar, mas meus dedos coçam... sentiu a maldade na palavra *magoa*. Ela pode ou não ser acentuada: ***má**goa* (substantivo) e *ma**go**a* (verbo).

30 – INCORRETA. Não se usa mais (segundo a nova ortografia) o acento agudo no **u** tônico das formas (tu) *arguis*, (ele) *argui*, (eles) *arguem*, do presente do indicativo do verbo *arguir*. Nunca se usou, além disso, acento agudo ou trema em *argúo*. O certo é: *eu* **arguo**, *tu* **arguis**, *ele* **argui**, *nós* **arguimos**, *vós* **arguis**, *eles* **arguem**.

31 – INCORRETA. Faltou à frase um acento agudo na forma verbal *mantém*, oxítona terminada em **-em**. Só de curiosidade: como o verbo *manter* é derivado do verbo *ter*, no plural a forma seria: *mantêm*. Ok?

32 – INCORRETA. O verbo ***vir*** está no singular e concorda com o núcleo do sujeito "uma" (uma das quais), por isso não pode vir acentuado pelo acento circunflexo. Os verbos ***vir*** e ***ter*** só recebem acento circunflexo se estiverem na 3ª pessoa do plural. Deveria ser assim: "... ***uma*** das quais... ***vem*** merecendo...".

33 – E. Se o prefixo estiver terminado em vogal seguida de palavra iniciada por **s**, o **s** duplica. Logo, antissemita é a forma correta!

34 – CERTO. São todas paroxítonas terminadas em ditongo crescente, por isso o acento.

35 – ERRADO. A primeira palavra é paroxítona terminada em ditongo decrescente nasal e a

segunda é proparoxítona, logo não seguem a mesma regra de acentuação.

36 – CERTO. Todas são oxítonas terminadas em **a**, logo são obrigatoriamente acentuadas: comunicá-las, ensiná-las, comandá-las.

37 – E. Todas as palavras são acentuadas pela regra dos hiatos tônicos (**i** e **u**).

38 – A. A pronúncia correta é *misTER*, oxítona, que significa normalmente incumbência ou necessidade. As demais são paroxítonas, como a*VAro: filanTROpo, graTUIto, maquinaRIa, iBEro*.

39 – A. A palavra *por* é uma preposição e a palavra *pôr* é um verbo. Eis o papel do acento diferencial.

40 – E. De acordo com a nova regra dos ditongos abertos, *ideia* não mais tem acento.

41 – D. *Angústia* (substantivo), *angustia* (flexão do verbo angustiar); *crítica* (substantivo), *critica* (flexão do verbo criticar); *análise* (substantivo), *analise* (flexão do verbo analisar); *escritório* (substantivo). Não existe *escritorio*, do verbo *escritoriar*, porque esse verbo não existe! Questão bonitinha!

Capítulo 3
Gabarito

1 – B. Há incorreção na letra A, pois "infringir" é cometer infração e "infligir" (este, sim, está certo no contexto) significa aplicar uma pena. Na letra C, está incorreta a escrita da palavra "homogeinizar" (homogêneo + izar), deveria ser homogene**i**zar (Lembra-se do I após o 'e' em palavras terminadas em 'eo'?). Na letra D, "iminente" é prestes a acontecer e 'eminente' (este, sim, está certo) significa superior, elevado, importante. Na letra E, 'aferir' é medir e 'auferir' (esta, sim, é a forma certa) equivale a obter (lucro).

2 – A. O vocábulo "perspassa" não existe, mas sua proximidade na forma com "perspicácia e perspectiva" faz o candidato cometer um equívoco. O certo é ***perpassa***. Esse é o único erro de grafia no texto. Em "simultaneidade", há uma derivação de "simultâneo", em que a letra **I** aparece no lugar da letra **O** antes do sufixo **-dade**. Perfeito! Sobre "espectador", você talvez tenha ficado na dúvida com o homônimo homófono "expectador", não? Segundo o Manual da PUC-RS: "Espectador – o que observa um ato" e "Expectador – o que tem expectativa". Logo está certo!

3 – D. Em A, **avareza** (avaro + eza). Em B, **aprazível** (mesmo radical que prazer). Em C, escreve-se **razão**. Em E, **cafezal** (café + z + al).

4 – B. A: catequese. C: analisar. D: deleitoso. E: catálise.

5 – B. A: manteigueira. C: meritíssimo. D: intitulado. E: beneficente.

6 – ERRADO. O verbo **viger** está conjugado errado. Houve um erro em sua grafia. No pretérito perfeito do indicativo, esse verbo é conjugado assim: eu vigi, tu vigeste, ele **vigeu**, nós vigemos, vós vigestes, eles vigeram. Portanto, o texto deveria ser reescrito com a forma *vigeu* em vez de *vigiu*.

7 – B. Escrevemos com **S** os verbos terminados em **-isar**, quando a palavra primitiva já possuir **S** no radical: ParaliSia = Parali**S**ar.

8 – CERTO. Os vocábulos *imundície, imundice* e *imundícia* são formas variantes.

9 – E. Na letra A, deveria haver estas correções ortográficas: "Intervensões (Intervenções) governamentais massiças (maciças) e até agora sem precedentes não conseguiram conter os impactos da crise financeira em diversos países.". Não confunda precedente (anteceder) com procedente (origem). Na letra B, deveria haver estas correções ortográficas: "A permanência e a gravidade dos desdobramentos da crise financeira deicham (Nossa! Essa foi forte! Preciso dizer que se escreve DEIXAM?) dúvidas e originam expeculações (especulações) em todo o

mundo.”. Na letra C, deveria haver estas correções ortográficas: “A ganância por lucros cada vez maiores fez com que os riscos dos investimentos crecessem (cre**sc**essem, que vem de cre**sc**er) esponencialmente (e**x**ponencialmente, que vem de e**x**ponencial) no mercado financeiro.”. Na letra D, deveria haver estas correções ortográficas: “A excessiva circulação de instrumentos financeiros imbutia (embutia) imenço (imenso) potencial de perigos redundando, como se viu, em enormes prejuízos.”.

10 – D. Observe: “O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.” Se *descriminar* (daí *descriminado*) significa “considerar ou declarar inocente; tirar a culpa; absolver; inocentar”, ***indescriminado*** só pode ser o oposto. Mas este sentido não cabe no contexto. O certo seria “O desmatamento indiscriminado...”, ou seja, “sem controle, sem ordem, sem critério etc.; descontrolado, desordenado, desregrado etc.”. A palavra *estenso* não existe, mas sim ***extenso***.

11 – E. Na letra A, deve ser ***conteve***, e não *conteu*, porque a conjugação do verbo *conter* (derivado do verbo ter) neste caso (pretérito perfeito do indicativo) é assim: eu contive, tu contiveste, ele **conteve**, nós contivemos, vós contivestes, eles contiveram. Na letra B, não é *esmore*sc*iam*, mas ***esmorec*iam**, derivado de esmorecer. Na letra C, *pr*E*vilegiasse* é dose! É prIvilégio, prI, ***prIvilegiasse***. Safo? Uma letrinha pode acabar com a vida de uma pessoa. Na letra D, é ***titubEaram***, e não *titubiaram*, porque a palavra correta vem de ti-tu-b**e**-ar.

12 – A. Algumas pessoas pronunciam a palavra ***prazeroso*** assim: *prazeiroso*. Isso acaba influenciando sua escrita. Cuidado! Veja as formas corretas agora. Em B: abstenÇão. Em C: aviZinha. Em D: excluI. Em E: obCecados e goZosa.

13 – B. Vejamos: impreSCindíveis (vem de preSCindir), obseSSão (vem de obSED(I)AR), deserÇão (vem de deserTAR, deserTOR), baliZadores (vem de baliZa).

14 – INCORRETA. O verbo ***construir*** termina em **-uir**, logo, na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, se escreve com a letra **I**, e não com **E** (***constroe*** está errado). Portanto, o certo é: “Constrói-se o espaço...”. Não se esqueça também do acento agudo, seguindo a regra dos ditongos abertos (éi, éu, ói, em palavras não paroxítonas).

15 – CERTO. As expressões “Império Romano” e “Revolução Francesa” são escritas com letra maiúscula, pois, respectivamente, referem-se a **instituições (acadêmicas ou não), períodos notáveis, acontecimentos (históricos ou não)**. Já “Cristianismo” pode ser escrito também com minúscula (cristianismo). **Nos nomes de leis, decretos, atos ou diplomas oficiais, a letra maiúscula deve ser usada, por isso está correta a escrita de** “Lei no 8.888/1998”.

16 – A. Atente para as seguintes palavras da letra A (decore-as): ***reminiscências, esdrúxulas, exorbitava***. Sobre ***iguaizinhas***, talvez você tenha ficado em dúvida. Estou errado? Bem, a palavra está correta mesmo, porque o plural diminutivo de uma palavra é feito assim: igual > iguais > iguai + (z)inhas > iguaizinhas. *Voilà*! Na letra B, "O espaço era exíguo (escreve-se ***exíguo*** por se tratar de uma paroxítona terminada em ditongo crescente), à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear (***granjear***, pois vem de *granja*) a simpatia do padre inflingindo-lhe (***infligindo***, pois vem de *infligir*) pratos que excitavam sua gula.". Na letra C, o certo é ***descansar***, de *descanso*. Na letra D, atenção para a palavra ***presunção*** (e não presunsão) e ***lisonjeiro*** mesmo (e não *lisongeiro* como alguns, infelizmente, escrevem). Na letra E, sobre ***ojeriza*** já falamos. Cuidado com ela! Em *ferí-lo* há um erro de acentuação, pois somente as oxítonas terminadas em -a, -e, -o, -em (e seus plurais) recebem acento; por isso, deveria ser tão somente *feri-lo*.

17 – A. Na letra B, deveria haver estas correções ortográficas: "A escursão (excursão) prometida não ocorreu, pois o número de interessados foi excessivo; mas até isso colaborou para o explendor (esplendor) da viagem, pois o desconto oferecido surpreendeu.". Na letra C, deveria haver estas correções ortográficas: "Casualmente encontraram-se no saguão; ela parecia advinhar (adivinhar) o que ele tinha a lhe dizer, por isso não lhe deu oportunidade de ser posta em cheque (xeque).". Na letra D, deveria haver estas correções ortográficas: "Considerou ultrage (ultraje (Lembra a banda?)) o comentário adivindo (advindo) do seu sucessor, mas, para preservar-se, abdicou de dar-lhe resposta à altura.". Na letra E, deveria haver estas correções ortográficas: "Com a dispensa (despensa; estas palavras são parônimas) abarrotada de produtos nobres, não exitou (hesitou) um minuto ao negar um jantar aos participantes do programa de inclusão social.".

18 – D. As palavras "assacinar", "almentar", "esibido" e "alcanse" não estão de acordo com a ortografia oficial. Segundo o VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa), encontrado no *site* da ABL (Academia Brasileira de Letras), as palavras devem ser grafadas assim: "assassinar", "aumentar", "exibido" e "alcance". Consulte bons dicionários, como Houaiss, Aulete e Aurélio.

19 – E. *Beneficiente* não existe, mas sim ***beneficente***. As demais alternativas apresentam as seguintes incorreções (a forma correta vem ao lado de cada uma): *sensasão/**sensação**; despezas/**despesas**; advinhou/**adivinhou**; impecilhos/**empecilhos***.

20 – D. Na letra A, algumas formas dos verbos terminados em **air**, **oer**, **uir**: *atrai (de atrair), dói (de doer), influi (influir), **possui** (de possuir)...* mantêm a letra I na sua conjugação. Portanto, ***possue*** é um erro! Na letra B, as formas corretas são ***advento*** e ***imensa***. Memória

visual. Na letra C, as formas corretas são ***escassez*** (substantivo abstrato derivado do adjetivo *escasso*) e ***o porquê*** (vou explicar essa expressão no próximo capítulo). Na letra E, as formas corretas são ***descomunal*** e ***consolidação***. Essas duas palavras até se explicam pelas regras ortográficas: a palavra *descomunal* significa fora do comum, o que não é comum, portanto usa-se o prefixo **des**, que carrega o sentido de oposição, ausência; ok? Agora, em *consolidação*, que significa ato de consolidar, o sufixo ção é responsável por "transformar" um verbo (consolidar) em substantivo abstrato (consolidação). Moleza!

21 – E. A palavra *ascenção* não existe, mas sim ***ascensão***. Derivado do verbo ascender, que tem **-nd** no radical, a palavra se escreve com ***-s***. Já ia me esquecendo da palavra ***expressivo***; bem, o S entre vogais tem som de **Z**, portanto é preciso um outro **S** (daí o duplo **S — SS**) para que, na escrita, o som da palavra lida corresponda ao som correto (na fala).

22 – C. Talvez a única palavra que provocasse dúvidas em você seria ***estresse***, que vem do inglês *stress* (com dois *esses*) e se manteve na escrita portuguesa, com leve alteração. Tenho certeza de que você acertou essa. Bem, na letra A, as palavras corretas são ***carboidratos*** e ***nível***. Esta última se acentua porque é paroxítona terminada em **l**. Na letra B, ***concentraÇão*** vem de *concentrar*. Na letra D, há uma regra do dígrafo SS que diz que, em verbos terminados em **primir, meter, mitir, cutir, ceder, gredir**... usa-se o **SS**: ***excess***o (ex***ceder)***, ***impress***ão (de im***primir)***, ***depress***ão (de de***primir)***... E ***nocivo*** é escrito com **C** por causa da etimologia (origem da palavra), vem desde o latim com **C**. Na letra E, a palavra ***toxinas*** **não é acentuada por se tratar de uma paroxítona terminada em -a(s)**. E há aquele famoso caso do ***mal/mau***. Segue a regra: a forma "mal" pode ser um substantivo, um advérbio (antônimo de 'bem') ou uma conjunção subordinativa temporal (equivalendo a 'logo que', 'assim que'). "Mau" pode ser um substantivo ou um adjetivo (equivalendo a 'bom'). Logo deve ser "mal".

23 – A. Talvez você ficasse em dúvida na palavra ***viajem***, pois também existe a palavra ***viagem***. São palavras homônimas homófonas, ou seja, apresentam grafia diferente, mas som igual. A palavra ***viagem*** é um substantivo (Fiz uma viagem longa.). Já a palavra ***viajem*** é um verbo na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo. Sobre ***excesso*** (de exceder) eu já falei, e você já está escaldado. Vale lembrar, porém, que ***exceção*** é com Ç. Na letra B, há duas palavras erradas: ***deslises*** e ***cheque***. As formas corretas, no contexto, são ***deslizes*** e ***xeque***. Existe a palavra *cheque*, mas não cabe neste contexto; já a palavra *xeque* é adequada, pois significa "situação que representa ameaça ou perigo; risco". Acho que vale a pena dizer, de novo, algo a respeito de *espontaneidade* e da palavra *cortês:* nas palavras terminadas em EO (espontâneo), acrescenta-se a vogal I e depois um sufixo (-dade): espontâneo > espontane**i**dade; em cortês, usa-se o *S* e não Z porque se trata de um adjetivo. Na letra C,

descançar é escrito com S, ***descansar***, *descanso, descansado...* A palavra ***frondoza*** é escrita com S, também desde o latim. As demais palavras estão corretas! Ah!, decore a palavra **ojeriza**, que não é hojeriza, nem hogeriza, nem hogerisa, nem ogeriza, nem ogerisa, nem ojerisa. Na letra D, não é *influe*, mas ***influi***, de verbos terminados em ***-uir***. Sobre *impecilho*, só tenho a dizer que tal palavra não existe, mas sim ***empecilho***, que é aquilo que empece, e vem de empecer, empeço etc. Na letra E, há algumas palavras interessantes e que são recorrentes em questões de ortografia em variadas provas de concurso público e militar; corrigi apenas as que estão seguidas das palavras corretas entre parênteses: "O diretor exitou (hesitou) ao aprovar a retenção (!) dessa alta quantia, mas não quiz (quis) ser taxado (cuidado com o parônimo tachado) de conivente na concessão (!) de privilégios (!) ilegítimos.". As seguidas de ! são interessantes, pois normalmente são escritas assim (para enrolar o candidato): *retensão*, *tachado* (esta forma está sempre em um contexto de depreciação; taxado nem sempre), *conceção* e *previlégios*.

24 – ERRADO. O erro está na forma verbal "basea-se"; deveria ser "baseia-se", com **I**. Isso ocorre porque os verbos terminados em **-ear** e **-iar** têm uma forma peculiar de grafia no momento em que são conjugados, como já vimos na teoria.

25 – ERRADO. A palavra "encalso" não existe; a grafia correta é "encalço", com ç; derivado regressivo de *encalçar*. Daí o uso do Ç.

26 – A. Os verbos terminados em **-ear** (recear, passear, nomear, sapatear e frear) recebem a letra **I** depois da letra **E** só na 1ª pessoa do singular, na 2ª pessoa do singular e na 3ª pessoa do singular e plural (no presente do indicativo e no presente do subjuntivo). Exemplo de conjugação no presente do indicativo e do subjuntivo do verbo nomear: **Eu nomeIo, Tu nomeIas, ele nomeIa, nós nomeamos, vós nomeais, eles nomeIam/Que eu nomeIe, tu nomeIes, ele nomeIe, nós nomeemos, vós nomeeis, eles nomeIem**. Como o verbo da letra A está na 3ª pessoa do plural do imperativo negativo, que é a cópia do presente do subjuntivo, recebe a letra **I** depois da letra **E**: **receiem**. Note que o verbo da B está no pretérito perfeito, por isso não recebe a letra **I**! Note que em C faltou a letra **I**, pois o verbo está na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo. Note que na D, faltou a letra **I**, pois o verbo está na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo. Por fim, faltou o **I**, pois o verbo está na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo.

27 – A. A regra é clara: nos substantivos derivados de verbo com **-mitir** no radical, usa-se -ss em sua formação. Daí que **admitir** > **admissão**. Corrigindo as demais: *distensão* (pois vem de distender, que tem **-nd** no radical); *discussão* (pois vem de discutir, que tem -cutir no radical); *exceção* (pois vem de exceto, que tem *-to* no radical); *extensão* (pois vem de estender, que tem -nd no radical).

28 – **C**. Veja as palavras escritas corretamente. Em A: intemperança. Em B: manusear e dispensa. Em D: disenteria. Em E: discricionário.

29 – **C**. Veja as palavras escritas corretamente. Em A: ***incidência*** (de incidir, incidente). Em B: ***beneficentes***. Em D: ***achincalhar*** e ***maledicência***. Em E: ***Viajem*** (verbo).

30 – **E**. Segundo a regra de ortografia da letra **Z**, o sufixo **izar** é usado quando não há **S** no radical das palavras. Portanto, "hospital + izar = hospitalizar", "civil + izar = civilizar" e "humano + izar = humanizar".

31 – **C**. **Despõem** e **Empacto?** Só pode ser brincadeira! O "homem da banca" pediu para você não errar a questão! O verbo *dIspor* se conjuga na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo, assim: "Poucos estudiosos se **dIspõem**...". Preciso explicar por que **Empacto** está errado? Até o Google me corrige: "Você quis dizer: ***impacto***".

32 – CERTO. Comentário correto e autoexplicativo.

33 – ERRADO. *Percentual* poderia ser reescrito como *porcentual*, pois é uma palavra com dupla grafia. O sentido é o mesmo. Já *percentil* significa "cada um dos cem grupos em que se dividam os resultados de observação de uma variável, ordenados por ordem crescente; o grupo mais baixo será o primeiro percentil e, assim, sucessivamente".

34 – D. A palavra *defasagem* se escreve com S, assim como *defasar*.

35 – D. Seguindo as regras de Ç, temos: em palavras com ***to*** no radical: *projeto > projeção;* em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-tar/-tor** (principalmente!): *produtor > produção, redutor> redução;* fique atento a palavras derivadas de verbos dos quais se retira a desinência **r** e coloca-se o sufixo **ção**: *desacelerar > desaceleração*. No caso dos verbos da letra d), segue-se a regra de palavras terminadas em **-tor**: *obstrutor > obstrução; interventor > intervenção; condutor > condução*. Sobre as demais: a) admissão, agressão, intuição; b) discussão, emissão, aferição; c) inquirição, impressão, perseguição; e) redução, omissão, extinção. Consulte as regras!

36 – D.Vejamos uma por uma: a) À mínima contrariedade, **exacerbava**-se de tal maneira que seus excessos verbais eram já conhecidos de todos. b) A **espontaneidade** com que se referiu ao local como "**empesteado**" fez que todo o auditório explodisse em risos. c) Quanto à infraestrutura, será necessário **reconstruí**-la (regra do hiato: re-cons-tru-Í-la) em prazo curto, mas sem que haja qualquer tipo de **displicência**. e) A obra faraônica será uma **excrescência** naquela paisagem bucólica, mas ninguém teve êxito em convencer os responsáveis da necessidade de revisão do projeto.

37 – A. Corrigindo os erros das letras B, C, D e E: bele**z**a, desli**z**ou, **h**e**s**itar e preten**s**ões. Cuidado com a forma “ESTRUPAR”, inexistente na língua. Dói até de falar.

Capítulo 4
Gabarito

1 – E. Em A, a ideia é de finalidade e não de causa. Em B, não há um paradoxo, pois não há sequer uma ideia de oposição, ou seja, "muitos centros" não se opõe a "pouco dinheiro". Em C, a expressão sublinhada tem valor pejorativo, já a expressão em negrito não. Em D, a expressão sublinhada está ligada a uma ideia positiva; a expressão em negrito, não. (Se fosse "ao encontro de", aí sim estaria correta a substituição.) Portanto, o gabarito é a letra E, afinal, "em tese" e "como conceito" são expressões sinônimas. Outra expressão sinônima de "em tese" seria "em princípio". Cuidado para não confundir com "a princípio", que significa "inicialmente". Foi?

2 – B. ***Mandato*** significa tempo de serviço prestado em prol do povo, logo não poderia ser ***mandaDo***, que significa ordem/incumbência para cumprir determinado propósito. São palavras parecidas na pronúncia e na grafia, logo são palavras parônimas. Lembrou?

3 – O primeiro grupo está **CORRETO**. Observe que o verbo ***haver*** indicando tempo decorrido foi substituído por ***faz***. Por isso está perfeita a reescritura. O segundo grupo está **INCORRETO**. Houve um problema no uso de ***a cerca de*** (é usada para indicar distância aproximada ou tempo futuro aproximado), mas, no contexto, o certo é usar ***há cerca de***, que indica tempo passado/decorrido aproximado. A reescritura deveria ser esta, portanto: "No Brasil, a nacionalidade e a literatura formaram um 'sistema' interessantíssimo, que **HÁ cerca de** (tempo decorrido aproximado) trezentos anos desenvolve-se.".

4 – A. Mal = bem; mau = bom. Na maioria das vezes, ok? Veja: "II. Não há nenhum mau (bom?) na utilização do Caixa 2. Os recursos não contabilizados não são um mau (bom?), porque todos os políticos o utilizam./III. É mau ('bom' cabe aqui) apenas lamentar a atitude dos políticos. O povo poderá puni-los com o voto nas eleições que se aproximam. Nesse momento, como diz o ditado popular, eles estarão em mal (bem?) lençóis." Vejamos a resposta: em I: "O mau ('bom' cabe aqui) julgamento político de suas ações não preocupa os deputados corruptos. Para eles, o mal ('bem' cabe aqui) está na mídia impressa ou televisiva.".

5 – CORRETA. Quero ressaltar algumas palavras e expressões para você decorar: "Quando se considera a par do tema, ajuíza sem medo, mas, ao se compreender insipiente, pára tudo e pede aos especialistas que o catequizem no assunto para não passar por néscio". Não confunda o homônimo homófono ***insipiente*** (ignorante) com ***incipiente*** (principiante). Não confunda ***a par de*** (ciente de) com ***ao par de*** (pareado economicamente). Sobre ***pára***, retirou-se o acento na nova ortografia.

6 – INCORRETA. Esta alternativa testava seu conhecimento deste fato da língua culta: *de encontro a* **x** *ao encontro de*. A primeira expressão tem carga semântica negativa, por isso não cabe no contexto. A segunda tem carga semântica positiva, por isso cabe perfeitamente no contexto. Veja a correção plena: "É *prazerosa* a experiência de quem formula propósitos e promove ações que vão **ao encontro *d*eles**". Percebe que o contexto é todo positivo? Agora, só de curiosidade, na língua culta, não se usa "o mesmo(a/s)" (pronome demonstrativo) para retomar palavras anteriores. Só se usa tal expressão quando equivale a "mesma coisa". Exemplo: *Ele disse para eu ficar quieto, o mesmo serve para você.*

7 – CERTO. Levando em conta que "porque" pode ser substituído por "pois", a substituição procede perfeitamente. *Algumas pessoas têm mais dinheiro do que outras* pois *sabem como aumentar sua riqueza*.

8 – D. Denotação: significado básico, objetivo, literal de uma palavra. Conotação: significado secundário, subjetivo, figurado de uma palavra. Na letra A, automóvel não pode ter religião (conotação). Na letra B, o mercado não pertence a mitologia alguma (conotação). Na letra C, a região sul não recebe ninguém de braços abertos, pois não tem braços (conotação). Na letra D, não há linguagem conotativa alguma, pois as palavras têm sentido real. Na letra E, cardápio (?) ambiental não tem fome nem passa fome, ora (conotação). Esta foi fácil, não é?

9 – CORRETA. É impossível que a ANS opere numa corda bamba, li-te-ral-men-te, pois a ANS é uma instituição e não uma pessoa; logo, há conotação (sentido figurado), conferindo um tom de informalidade ao texto. Isso porque na linguagem informal, usamos muitas conotações.

10 – CORRETA. "Acusar" pode ter vários sentidos, a depender do contexto. Quando um lutador leva um golpe e sente este golpe, o que o narrador da luta diz? "Fulano acusou o golpe!" Neste mesmo sentido, "as finanças públicas estão sofrendo pressão, devido a isso elas *apontam, indicam, revelam, mostram, evidenciam* 'deficits' muito elevados".

11 – A. Levando em conta o que são parônimos e o quadro de parônimos já apresentado lá atrás, só poderíamos marcar a letra A, pois ***descrição*** e ***discrição*** são palavras próximas na pronúncia e na grafia (sentidos diferentes). Na B, as palavras são iguais na pronúncia e na grafia, logo não são parônimas. Na C, estamos diante de palavras homônimas homógrafas, ou seja, palavras diferentes na pronúncia, mas iguais na grafia (e diferentes no sentido). A palavra ***sede*** (é) significa "localização central de uma instituição, empresa, firma etc."; já ***sede*** (ê) significa "apetite, necessidade, vontade de beber". Na D, as palavras são iguais na pronúncia e na grafia, logo não são parônimas. Na E, estamos diante de homônimos perfeitos, ou seja, vocábulos iguais na pronúncia e na grafia (sentidos diferentes e, normalmente, classes gramaticais diferentes). ***Feridos*** no primeiro caso é um substantivo; no segundo, um adjetivo.

12 – D. Não deixe as palavras parônimas derrubarem você! Observe: "O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.". Se *descriminar* (daí *descriminado*) significa "considerar ou declarar inocente; tirar a culpa; absolver; inocentar", ***indescriminado*** só pode ser o oposto. Mas este sentido não cabe no contexto. O certo seria "O desmatamento indiscriminado...", ou seja, "sem controle, sem ordem, sem critério etc.; descontrolado, desordenado, desregrado etc.". A palavra *estenso* não existe, mas sim ***extenso***.

13 – B. De novo! Palavras parônimas são as que se parecem na grafia e na pronúncia, mas têm sentidos diferentes, logo cabe dizer que *tráfego* (movimentação, fluxo de carros, por exemplo) e *tráfico* (comércio ilícito) são parônimas por esse motivo.

14 – C. O primeiro ***porquê*** é junto e acentuado pois é um substantivo acompanhado de determinante (artigo, pronome, numeral ou adjetivo). O segundo deveria ser separado e sem acento, pois equivale a "pelas quais". O terceiro está certo por estar separado e acentuado, visto que finaliza o período e não vem acompanhado de determinante. O quarto está certo, pois equivale a "pela qual".

15 – CERTO. Esta questão tratava de mais um fato da língua culta. A expressão "ao invés de" é usada com formas antônimas na frase em que aparece, equivalendo a "ao contrário de/em oposição a"; já "em vez de" equivale a "no lugar de". Portanto, nesse contexto, como não há ideia de oposição, a substituição de "no lugar de" por "em vez de" está correta.

16 – ERRADO. No caso, a simples substituição já seria suficiente: "Finalmente estou bem das pernas."; se usamos **bem**, o certo é substituir por **mal**, com L. Curiosidade: quando a palavra **mal** está ligada à ideia de doença, como **mal** de Parkinson, **mal** de Alzheimer, escreve-se com L.

17 – E. Esta questão trata de parônimos. Flagrante (exato instante) não é o mesmo que fragrante (aroma, cheiro bom). Portanto deveria ser "A fragrância do perfume...". Reveja o quadro de parônimos.

18 – A. A expressão **por que** pode ser substituída por "por qual razão/a razão pela qual". A palavra **porque**, conjunção explicativa ou causal, pode ser substituída por *pois, visto que, já que, uma vez que...* Sendo assim, com as substituições adequadas, teríamos a seguinte reescrita: *Eis* a razão pela qual *o espectador não se sente em casa em parte alguma,* visto que *o espetáculo está em toda parte.*

19 – D. Usa-se **a fim de** (separado), pois é uma locução prepositiva que indica finalidade, equivalendo semanticamente a expressões como *para que, a fim de que, com a finalidade*

de... Portanto, o trecho deveria ser reescrito: "... Reforça, isso sim, a necessidade de aperfeiçoar instituições, **a fim de** (4) preservar a funcionalidade dos mercados e a concorrência...".

20 – **D**. Na letra A, o certo seria **iminente** (prestes a ocorrer); na letra B, o certo seria **ascender** (elevar-se); na C, **discrimina** (divide, organiza); na E, **diferir** (diferenciar). Na letra D, a palavra *espectativa* até existe (registrada no VOLP), mas é arcaica. Hoje se usa **expectativa** apenas. Questão de homônimos e parônimos. Dê uma lida nisso de novo!

21 – **D**. Em "O seu primeiro erro se deu quando tentou ajudar um amigo em apuros.", o verbo **dar**(-se) significa *ocorrer*; veja a reescritura: "O seu primeiro erro ocorreu quando tentou ajudar um amigo em apuros.". Questão de sinonímia.

22 – **E**. Em todas as demais opções, o "até" é sinônimo de "inclusive". Em E, indica direção, movimento.

23 – **E**. **Destacar-se** significa **diferenciar-se**, estar em relevo em relação a outros seres, portanto a substituição de *diferenciados* por *destacados* é plenamente cabível!

24 – **C**. **Congruência** significa "Identidade ou cor-res-pon-dên-cia entre as características de duas ou mais coisas.". Preciso dizer mais alguma coisa?

25 – **B**. Em "Alguns constrangimentos porque venho passando me obrigam a considerar outras opções.", o uso do "porque" está equivocado, pois no contexto, poderíamos substituí-lo por "pelos quais", o que nos leva à seguinte redação: "Alguns constrangimentos **por que (pelos quais)** venho passando me obrigam a considerar outras opções.". Separado e sem acento, hein!

26 – **D**. Usa-se **senão** quando puder ser substituído por "do contrário"; sempre vem em uma oração ou contexto que não indique hipótese. Usa-se **acerca de** quando equivaler a *sobre*, indicando assunto. Por fim, usa-se **a fim de que**, locução conjuntiva, para indicar finalidade.

27 – **E**. **Aeronave** é todo e qualquer veículo de navegação aérea (hiperônimo; sentido abrangente) e **jatinho** é uma espécie de aeronave, logo tem o sentido mais específico (hipônimo).

28 – **ERRADO**. A expressão "por que" não pode ser substituída por "porque" uma vez que a primeira equivale a "pela qual", o que tão somente cabe ao contexto apresentado. Veja: "Daí a razão **pela qual**, segundo o filósofo...". Safo? Na segunda ocorrência, deve-se usar tão somente "porque" visto que equivale a "pois", tendo valor causal ou explicativo.

29 – **E**. Mera questão de sinonímia, ou seja, uso de palavras/expressões/frases diferentes com sentidos semelhantes. "Empenhar-se" e "dedicar-se com afinco" têm o mesmo sentido,

portanto são expressões sinônimas; “na procura” e “à busca” também apresentam o mesmo sentido, logo a resposta só pode ser a letra E. Agora as incorretas. Sobre a letra A: prodigiosa = extraordinária, fenomenal, real, e não ilusória. Sobre a B: regalar = sentir grande prazer; empanturrar = encher-se. Sobre a C: singular = única, uniforme; variegado = diferente, variado. Sobre a D: indigitar = mostrar, designar.

30 – C. Em A, as palavras *iminente* e *eminente* são **parônimas**, ou seja, apresentam semelhança na escrita e na pronúncia, mas o sentido é diferente. Em B, as palavras *edifício* e *prédio* são **sinônimas**, ou seja, apresentam diferença na forma, mas semelhança no sentido. Em C, o gabarito, a palavra *manga* em ambas as frases, assim como *coral*, são **homônimas perfeitas**, ou seja, apresentam igualdade na escrita e na pronúncia, mas diferença no sentido. Em D, *figo* e *fruta* estabelecem entre si uma relação de **homonímia** e **hiperonímia**, em que *figo*, que é uma fruta, tem um sentido mais específico, enquanto *fruta* tem um sentido mais abrangente. Por fim, em E, as palavras *sala* e *escola* pertencem ao mesmo **campo semântico**, ou seja, pertencem ao mesmo grupo de palavras que partilham de um mesmo “universo” semântico, isto é, quando pensamos em *escola*, *sala* é um dos seus componentes, certo?

31 – E. Ambos os sentidos do verbo tocar (no enunciado e na opção E) são de sensibilizar, impressionar. Em A, o sentido é de tanger (fazer música, som). Em B, o sentido é de soar. Em C, o sentido é de iniciar. Em D, o sentido é de encostar.

32 – A. Usa-se **mau** quando se opõe a *bom* e usa-se **mal** quando se opõe a *bem*, normalmente. Portanto, na expressão *mau-humorado*, substitua por *bom-humorado.* Existe tal palavra? Não! Agora ***bem****-humorado* existe, não é? Sim! Logo, escreve-se ***mal****-humorado.* Em B, a forma **por que** (= pela qual) está certa. Em C, **aonde** é forma certa, pois o verbo *chegar* após *aonde* exige a preposição A, logo, A + ONDE = AONDE. Em D, **senão** (= exceto, a não ser) está certo. Em E, **acerca de** (= sobre) está certo.

33 – B. A expressão “objetivo... *Comum, vírgula*” significa que todos tinham o mesmo objetivo comum, geral; iam trabalhar, mas dessa vez seria diferente, pois o contexto permitiu que todos faturassem devido ao evento da baleia encalhada. Logo, “Geral, mas nem tanto.” é uma expressão sinonímica que mantém o sentido original.

34 – D. Esta foi fácil, pois as palavras das expressões da letra D são sinônimos facilmente identificáveis: perspectivas = visões; mais sombrias = menos animadoras.

35 – B. **Replicar** tem como sinônimos estas palavras: contestar, objetar, redarguir, refutar, retorquir, retrucar, revidar, copiar, reproduzir etc. No contexto, já que se trata de fazer moléculas iguais às da natureza, ficamos com o verbo **reproduzir** (copiar).

36 – A. São **homônimos** homófonos, logo **homonímia**.

37 – E. “Para” é uma preposição que normalmente indica finalidade e pode ser substituída pela locução prepositiva “a fim de”, e não “afim de”. Além da semântica, esta questão trabalhava noções de preposição e ortografia.

38 – D. Note que todas as palavras mantêm sentidos semelhantes à do enunciado, exceto escassez, que é o antônimo (sentido posto) de exuberância.

39 – C. Sesta e cesta são *parecidas* na pronúncia e na grafia, por isso são parônimas. As demais palavras são homônimas homófonas, pois apresentam grafia diferente e pronúncia idêntica.

40 – E. Há intertextualidade em todas as frases, exceto na E, porque apresentam frases prontas (ditos populares), já existentes pelo nosso conhecimento de mundo. a) “Se tudo o que é bom dura pouco, eu já deveria ter morrido há muito tempo”. b) “Nariz é essa parte do corpo que brilha, espirra, coça e se mete onde não é chamada”. c) “Une-te aos bons e será um deles. Ou fica aqui com a gente mesmo!” d) “Vamos fazer o feijão com arroz. Se puder botar um ovo, tudo bem.”.

Capítulo 6
Gabarito

1 – A. Apenas o elemento **panto** está com seu sentido indicado equivocadamente. Ele, na verdade, significa *tudo, todo* (vem do grego *pan-*, *panto-*). *Pantofobia* (*panofobia* ou *panfobia*) é o medo infundado de tudo, de qualquer coisa.

2 – A. As palavras são formadas por derivação sufixal, pois, nas duas primeiras, o sufixo **-dade** é usado; na terceira, usa-se o sufixo **-oso**. Resumindo: *responsável* + *-dade* = *responsabilidade* (o **-vel** se torna **-bil**); *musical* + *-dade* = *musicalidade*; *defeito* + *-oso* = *defeituoso*. Foi?

3 – CERTO. A palavra *habitável* apresenta sufixo (**-vel**) e a palavra *inabitado* apresenta prefixo (**in-**) e sufixo (**-ado**). Portanto, ambas as palavras sofreram derivação.

4 – CORRETO. Para acertar uma questão de pontuação, é necessário ter conhecimento de neologismo. A palavra *financeirização* é inventada, não dicionarizada, portanto um neologismo.

5 – CERTO. Vejamos o processo: *combusto* + *-vel* > *combustível* > *bi* + *combustível* > ***bicombustível***. Note um detalhe muito importante: a maneira como o CESPE cobra a classificação da derivação é pelo último elemento constituinte da palavra. Como o prefixo **bi** – entrou por último para formar a palavra *bicombustível*, a derivação é prefixal. Outras bancas diriam que essa palavra sofreu derivação prefixal e sufixal, pois ela recebeu um sufixo e um prefixo em momentos diferentes em sua formação. Atenção ao estilo das bancas.

6 – D. Por eliminação, ficamos com a letra D, pois a recomendação é que siglas com quatro letras ou mais sejam escritas só com a primeira letra maiúscula: Ematra.

7 – C. Formação clássica de derivação parassintética (união simultânea de afixos): *en* – + *louco* + *-ecer* = *enlouquecer*.

8 – ERRADO. Em *instabilidade* (*in* + *estabilidade*) e *imperfeita* (*im* + *perfeita*), o prefixo **in(m)** – indica negação ou provação. Em *inçado*, **in** – faz parte do radical; não é prefixo. Em *impõe*, o **im** – indica movimento.

9 – ERRADO. *In**atur**ável* é aquilo que não se pode *aturar*. *Des**natur**ado* é aquilo que se *desnaturou*, que sofreu profundas alterações em sua **natureza**. Os radicais são diferentes.

10 – CERTO. Estas palavras são cognatas, pois têm o mesmo radical: **grav** (de *grave*).

11 – ERRADO. A palavra *anomalia* vem do adjetivo *anômalo* pelo acréscimo do sufixo **-ia**.

Ou seja, a palavra sofreu sufixação, logo já está errada por aí. Por sufixação também, a palavra *alacridade* vem do adjetivo álacre. A palavra *arrebataram* é formada por derivação parassintética (*a* + *rebate* + *ar*).

12 – CERTO. *Lamentável* (adjetivo) + *mente* = *lamentavelmente*; *plena* (adjetivo) + *mente* = *plenamente*.

13 – D. Ocorre derivação sufixal: *descobrir* + *mento* = *descobrimento*.

14 – A. A palavra *desentristecer* (*des* + *entristecer*) vem de *entristecer* (*en* + *triste* + *ecer*) que vem de *triste*. Bonitinha a questão.

15 – D. Se o verbo virou um substantivo, houve mudança (conversão) de classificação morfológica.

16 – D. Por eliminação, temos de marcar a palavra *multiconfessionais*, pois nela há dois radicais: **multi** – e **confess-**, logo há composição por justaposição.

17 – A. Em *metropolitana*, o radical **metro** vem do radical grego **meter, metros** (mãe); em *metrologia*, o radical grego original é *métron*, que significa *medida*.

18 – C. I: cuidado com as palavras terminadas em **-inho**, pois nem sempre tal sufixo indica diminuição; *jeitinho*, por exemplo, carrega uma ideia afetiva. II: a palavra *utilitarista* sofreu derivação sufixal (*utilitário* + *ista*). III: a palavra *analfabetismo* vem de an*alfabeto,* que vem de *alfabeto*; também podemos dizer que a palavra *analfabetismo* vem de *alfabet*ismo, que vem de *alfabeto*; de qualquer modo, analisando todos os elementos que formaram a palavra *analfabetismo*, percebemos que os afixos entraram não simultaneamente.

19 – A. A palavra *megalópoles* tem dois radicais (**mega(lo)** – e **poles-**), mas alguns dicionaristas entendem que **mega** – é prefixo, logo podemos interpretar a palavra como derivada por prefixação; devido a isso, como **inter** – é prefixo, a palavra *internacional* é formada por derivação prefixal. As demais palavras são formadas por sufixação: *sustentável* + ***dade*** = *sustentabilidade; sanear* + ***mento*** = *saneamento; obrigatório* + ***dade*** = *obrigatoriedade; olímpia (olimpo)* + ***-ico*** = *olímpico*.

20 – C. Em *dissociação* e *discordar*, ambos os prefixos indicam negação, oposição. Os demais: *dissolver* (separação), *dispor* (distribuição, organização), *disenteria* (defeito, dificuldade), *dissimular* (aumento, intensidade).

21 – B. *Ocupar* > *ocupação* > *desocupação* ou *ocupar* > *desocupar* > *desocupação*. Os afixos entraram em momentos distintos para formar a palavra *desocupação*, logo a palavra pode ser classificada como tendo sofrido derivação prefixal e sufixal.

22 – CERTO. *Desert**or*** é aquele que deserta (pratica a deserção) e *integra**nte*** é aquele que integra. Ambos os sufixos evidenciam o sentido de agente.

23 – C. Ambas as palavras têm dois radicais que se uniram sem perda de elementos estruturais e fonéticos.

24 – ERRADO. Em *integração*, **in** – não é um prefixo, pois não existe a palavra "tegração"; em *impulsiona*, o **im** – indica movimento; em *indefectivelmente* e *imprudências*, o **in** – indica negação.

25 – ERRADO. Pelo contrário. O sufixo **-nte** carrega a ideia de *agente* : *detergente, fervente, purificante* etc.

26 – CERTO. Todos os morfemas têm o mesmo sentido, ou seja, indicam movimento para o meio, posição intermediária.

27 – B. A palavra *desfavoravelmente* foi formada pela colocação não simultânea de afixos: *favor > favorável > favoravelmente > desfavoravelmente* ou *favor > favorável > desfavorável > desfavoravelmente.* Portanto, houve derivação prefixal e sufixal, se levarmos em conta a formação da palavra desde sua origem primitiva. Poderíamos analisar também só como derivação prefixal ou como derivação sufixal, levando em conta apenas a formação pelo último elemento que entrou na palavra.

28 – E. Vejamos uma por uma: *magro + eza = magreza/excitar + cão = excitação; medir + dor = medidor/obsedar + (s)são = obsessão; firmar + mento = firmamento/perverter + são = perversão; digno + dade = dignidade/alucinar + cão = alucinação; violar + cão = violação/deslumbrar + mento = deslumbramento*. Curiosidade para aqueles que ainda acham que palavras terminadas em **-mento** podem ajudar na parassíntese: se a palavra *violação* foi encarada pela banca como formada por derivação sufixal, assim como *deslumbramento*, por associação chegamos à conclusão de que a palavra *desmatamento* (semelhante a *deslumbramento*) também sofreu derivação sufixal. Isto corrobora o que falei insistentemente na parte teórica de derivação parassintética.

29 – D. Comerciar com trastes, com coisas de pouco valor: *traste* + *ejar*. Em *transvalorada*, o prefixo significa "para além de, através de". É bom dizer que algumas vezes constrói-se em **tras** (*trasbordar* por *transbordar*), e, por corruptela, em **tres** (*tresmalhar, tresler*); e ainda em **tra** (*trapaça, tramontana*).

30 – D. Todas as palavras têm dois radicais, exceto *desvalorizada*, que apresenta um prefixo e dois sufixos ligados a um só radical.

31 – A. *Mortal* (adjetivo) + *dade*; *mesquinho* (adjetivo) + *ez*; *úmido* (adjetivo) + *dade*;

escuro (adjetivo) + *ão*. Simples assim.

32 – A. Ibama: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. *Arara* + *inha* = ararinha.

33 – E. A palavra *rigidez* vem de *rígido*. Fique ligado! Muitos substantivos abstratos são formados pelo acréscimo do sufixo **-ez/-eza** a um adjetivo, conforme já apareceu em questão anterior. Nas demais opções, temos, respectivamente, palavra primitiva, derivação prefixal, derivação prefixal e derivação prefixal (de novo!).

34 – E. A palavra *descriminalizar* sofreu uma derivação prefixal (*criminalizar* > *descriminalizar*). O mesmo aconteceu com a palavra *reanimar* (*animar* > *reanimar*).

35 – D. Note que, na letra D, a palavra formada recebe, ao mesmo tempo, a adição do prefixo **in** – e do sufixo **-mente**. Porém, retirando um ou outro, as palavras resultantes existem (*infeliz/felizmente*). Nas letras A, B e D, temos apenas o processo de derivação sufixal: *cotidiano* > *cotidianamente*, *oportuno* > *oportunidade* e *sucata* > *sucateado*. Na letra C, temos apenas uma flexão de número: *responsável* > *responsáveis*.

36 – E. Todas as opções, exceto a correta, claro, são sufixais. "Como assim, Pest?". Vou te mostrar, meu nobre. Na letra A, temos *repercutir* + *ão* = *repercussão*. Na B, *desdobrar* + *mento* = *desdobramento*. (Tome cuidado com essa opção! O sufixo **–mento** é utilizado na formação de palavras por meio da derivação sufixal, apenas.) Na C, temos *favor* + *vel* = *favorável*. Na D, *recente* + *mente* = *recentemente*. Na E, entretanto, temos uma derivação prefixal *des* + *preocupar* = *despreocupar*.

37 – D. *Discreta* + *mente* = *discreta**mente***. Simples assim.

38 – D. *Pobre* (adjetivo) + *eza* = *pobreza* (substantivo). *Hipócrita* (adjetivo) + *ia* = *hipocrisia* (substantivo).

39 – D. *Conto* deriva de *contar*, logo sofre regressão. *Ternura* deriva de *terno*, logo sofre sufixação.

40 – C. O prefixo **ex** – significa movimento para fora: *exorcismo* é o ato de expulsar o demônio de dentro de alguém.

Capítulo 7
Gabarito

1 – E. A palavra charlatão só tem dois plurais: *charlatães* ou *charlatões*.

2 – C. Os sufixos **-eta, -az, -alha**, e **-ulo** são formadores de substantivos diminutivo, aumentativo, aumentativo e diminutivo, respectivamente.

3 – C. os substantivos *milhões* e *milhares* são masculinos plurais, portanto os artigos devem ficar no masculino plural.

4 – B. Como essa questão é de 2002, o novo acordo ortográfico ainda não estava valendo, logo a palavra *mão de obra* ainda era escrita com hífen. E hoje, como seria, meu nobre, e por quê? Sem hífen, porque apresenta dois elementos ligados por preposição (cuidado com as espécies botânicas e animais, pois o hífen permanece nelas). Bom, vamos lá: segundo as regras de plural dos substantivos compostos, quando há subst. + prep. + subst., só o primeiro varia: *mãos-de-obra*; o plural dos adjetivos compostos se faz apenas com o último elemento, *infanto-juvenis*; por fim, "*bolsa-escola*" é um substantivo composto por dois substantivos e, quando é assim, só o primeiro varia, preferencialmente: *bolsas-escola*. Foi? Maravilha!

5 – B. Olha aí a nominalização. O erro está em transformar o verbo *simplificar* (que indica ação) no substantivo *simplicidade* (que indica qualidade). Deveria ser *simplificação*: "Estão prontas para o crescimento quando assegurarmos as condições para a diminuição dos juros e para a simplificação dos tributos".

6 – C. O plural de "*salva-vidas*" é "*os salva-vidas*", pois verbo não varia quando forma um substantivo composto e "*vidas*" já está pluralizado, logo o plural é feito só pelo determinante (artigo, por exemplo).

7 – C. O plural de *meia-tigela* (numeral + substantivo) é *meias-tigelas*. E o plural de *vale-refeição* (substantivo + substantivo) é *vales-refeição/vales-refeições*.

8 – A. Sobre a locução pronominal "um(a) tal de", o Dicionário Aulete diz que "é usada antes do nome de alguém (ou de algo) que não é conhecido, ou de quem só se sabe por ouvir dizer. Por vezes, tem conotação de desdém, ou de atribuição de pouca importância à pessoa, de falta de interesse por ela. Pode também ser usada de modo irônico (sem desdém) para falar de alguém ou algo muito conhecido ou famoso". Isoladamente o pronome *tal*, na expressão da questão, é essencialmente um pronome demonstrativo (A <u>tal</u> (da) demanda social = <u>Aquela</u> demanda social). A preposição *de* é expletiva, pois pode ser retirada sem prejuízo de sentido. Entenda melhor: o artigo *A* está determinando o substantivo *demanda*. Depois do artigo, pode haver pronomes, adjetivos e numerais antes de substantivos, e eles continuarão sendo

pronomes, adjetivos e numerais. Veja exemplos: "A vossa demanda social" (pronome possessivo)/"A grande demanda social" (adjetivo). "Por que não um substantivo, Pestana?" Pois *tal* só se torna substantivo em três situações: quando se nomeia o pronome (O *tal* é um pronome), quando se quer dar a entender que alguém é notável (Ele é o *tal* (= o cara) em Português!) e quando substitui uma pessoa (Encontrei o *tal* (= homem) que te procurava).

9 – A. Note que escolas-modelos (subst. + subst.) foi considerado errado pela banca. Como eu já havia alertado, quando há dois substantivos formando um composto, em que o segundo especifica o primeiro, a preferência é pela pluralização só do primeiro substantivo: escolas-modelo. Mais uma questão de concurso em que se marca a melhor resposta: guarda-chuvas (em *guarda* + substantivo, só o substantivo varia).

10 – B. Quando o substantivo composto for formado por substantivo + preposição + substantivo, só o primeiro elemento variará, logo *quedas d'água* é a forma certa. Já quando um substantivo composto é formado por um substantivo + um adjetivo, ambos variam, logo *cartões-postais*.

11 – E. Substantivos compostos formados por substantivos e adjetivos em sua formação variam normalmente, logo *micos-leões-dourados* e *ararinhas-azuis* são formas certas.

12 – C. A letra C é a única que podemos associar à afirmação do enunciado, a saber: "tanto pode receber a interpretação de substantivação do verbo quanto a interpretação de substantivo concreto", pois o artigo **o** substantiva o verbo *ser*, mas é possível interpretarmos que, devido a essa substantivação, o vocábulo *ser* assume valor de substantivo **concreto**, pois, como sabemos, substantivo concreto é aquele que não indica ação, nem estado, nem qualidade, nem sentimento. O contexto corrobora isso. O primeiro *ser* faz parte da locução substantiva *ser humano*, logo o vocábulo *ser* dessa expressão não foi substantivado.

13 – E. *Cal* é substantivo feminino. Os demais são masculinos. *Suéter* e *pijama* pode ser masculino ou feminino, indiferentemente.

14 – A. Note que os substantivos vêm normalmente acompanhados de determinantes: "*Um* **anjo** *de* **asas** *azuis, todo vestido de* **luz***, sussurrou-lhe num* **segredo** *os* **mistérios** *de outra* **vida**."

15 – CERTO. O substantivo *duelo* refere-se à briga de dois homens por causa de uma mulher. Em outras palavras, retoma, resumidamente, toda a ideia anterior.

16 – D. Eis os substantivos acompanhados de determinantes: "... precisa da **confirmação** e do **endosso** do '**impresso**'".

17 – O substantivo *situação* retoma toda a ideia do período anterior (O efeito da

supervalorização...), com objetivo resumitivo. Por sua vez, o substantivo *problema* refere-se ao substantivo *situação*. Bela questão sobre o valor discursivo dos substantivos.

18 – C. A: "Os tabeliões (*tabeliães* é o plural correto, por convenção) reúnem-se sempre às quinta-feiras." (A forma correta é *quintas-feiras* porque numeral e substantivo variam quando formam um substantivo composto). B: "Nos últimos botas-foras (verbo + advérbio não variam, logo o certo é *os bota-fora*"), houve grande confusão, pois a agência de turismo não reteu (*reteve* é a forma certa, derivada do verbo ter) os que não possuíam ingresso." D: (A FCC adora o verbo ter e derivados!): "Se não se conterem (*contiverem* é a forma certa do verbo conter, derivado do verbo ter, no futuro do subjuntivo) roubos de obras-primas, gerações futuras serão privadas de grandes realizações do espírito humano." E: "Os lusos-africanos (substantivo composto indicando origem, nacionalidade só varia o último elemento; deveria ser *luso-africanos*) ostentavam no braço fitinhas verde-amarela (*verde-amarelas* é a forma certa, pois a regra geral de adjetivo composto diz que só varia o último elemento)."

19 – C. A palavra *mal-estar* é composta de um advérbio (mal) e de um verbo na forma nominal infinitiva (estar), a qual varia sozinha: *os mal-estares*. Segundo a regra dos substantivos compostos com a palavra *guarda*, caso esta venha seguida de substantivo, só este variará: *guarda-roupas*. Portanto, ambas as palavras apresentam apenas o segundo elemento variando.

20 – C. A primeira aparição de *via* é como substantivo, pois está sendo modificado por uma locução adjetiva (sem saída). A segunda aparição de *via* é como verbo, pois é modificado pelo advérbio *bem*. Fácil assim!

21 – B. O plural da palavra *verão* pode ser escrito (arbitrariamente!) assim: *verões* e *verãos*. Esta é uma área muito escorregadia na língua. Particularmente, considero tal questão caduca e fora da realidade dos concursos, mas... fazer o quê? É aquela velha história: "Vai que..."

22 – C. O plural de *cidadão* é feito com o acréscimo de **-s** apenas; já em *pasteizinhos*, a fórmula é: *pastel* > *pastéis* > *pasteizinhos* (o **-s** cai e entra o **-(z)inho**); em *paul* (não é o McCartney, rs), lê-se PA-UL (brejo, pântano; palavra oxítona), o qual, por terminar em **-ul**, o **-l** cai e a palavra recebe **-is** no plural. Pronto.

23 – C. Já sabemos que *pé de moleque* não tem mais hífen de acordo com a nova ortografia, mas este concurso não levou isso em conta, portanto vamos aplicar as regras. Substantivo + preposição + substantivo = só o primeiro varia (*pés-de-moleque*). Substantivo + substantivo (em que o segundo especifica o primeiro) = preferencialmente só o primeiro varia (*bananas-maçã* e *canetas-tinteiro*).

24 – E. Olhando pela lógica, o plural de *corrimão* seria apenas *corrimãos*, porque esta

palavra é formada de *correr* + *mão*. Mas vulgarizou-se, ou seja, tornou-se comum o plural *corrimões* por possíveis duas razões: por um lado, porque se perdeu bastante a noção de que em *corrimão* entra o elemento *mão*, cujo plural é *mãos*; por outro lado, porque há tendência para fazermos em **-ões** o plural da maioria das palavras terminadas em **-ão**. Em suma: há o plural *corrimãos* e *corrimões*. Este último é mais usual. Sobre as letras A, B, C, D, respectivamente, observe os comentários. A: quando um substantivo composto é formado por advérbio + adjetivo, só o adjetivo varia, logo é *abaixo-assinados*. B: quando um substantivo composto é formado por palavra invariável (preposição, interjeição etc.) + substantivo, o substantivo varia, logo é *contra-argumentos*. C: o plural de tabelião é *tabeliães*. D: sobre o plural composto por guarda: guarda + substantivo (só o substantivo varia); guarda + adjetivo (ambos variam); logo o certo é *guarda-costas*.

25 – D. *País* > *países* > *paíse* + *zinhos* > *paisezinhos*. *Beija-flores* (verbo, que não varia) + substantivo, que varia).

26 – E. A palavra *cartão-postal* é composta por substantivo + adjetivo, logo ambos variam: *cartões-postais*. A palavra *guarda-civil* também, logo *guardas-civis*.

27 – A. Os substantivos compostos *obra-prima, navio-petroleiro, água-marinha* são formados por substantivo + adjetivo, logo ambos os elementos variam: *obras-primas, navios-petroleiros, águas-marinhas*.

28 – ERRADO. O único plural de cidadão é *cidadãos*.

29 – D. Se pudermos substituir uma oração por um substantivo ou por um pronome de valor substantivo, como *isso*, ela terá valor de substantivo certamente. Veja: "A verdade é [minha péssima memória]"/"A verdade é [isso]".

30 – INCORRETA. Segundo o VOLP, o plural de *mal-estar* é *mal-estares*. Ponto e basta.

31 – C. O único substantivo que não varia como os demais é *bate-bola* (verbo, que não varia + substantivo, que varia): *bate-bolas*.

32 – B. *Televisão* > *televisões*. *Mão* > *mãos*. *Produção* > *produções*. Organização > organizações. *Conclusão* > *conclusões*. Dava para errar essa questão?

33 – A. Trata-se de um modo afetivo de designar uma pessoa e um objeto.

34 – C. A expressão nominal ou substantiva é "filho de um pedreiro", que faz referência ao "menino Joaquim Barbosa".

35 – B. O magma, a libido, o pernoite. Mera decoreba! a) O eclipse, a dinamite, a derme. c) O aneurisma, o fonema, o clã. d) A pane, a ênfase, o dó.

36 – D. Todos os substantivos destacados são do tipo comum de dois gêneros, exceto *a testemunha*, que é sobrecomum, em que não se sabe se se trata de um homem ou de uma mulher.

Capítulo 8
Gabarito

1 – B. O adjetivo *convenientes* apresenta um ponto de vista, uma opinião sobre o assunto (demarcações) em pauta pelo autor, por isso é modalizador.

2 – E. O adjetivo *brilhante* é subjetivo por ser modalizador, ou seja, exprimir um ponto de vista, uma opinião sobre um assunto, o futuro. Note também que ele é o único adjetivo que veio anteposto ao substantivo.

3 – A. Lembra-se dos adjetivos modalizadores? Mais uma questão! Ao dizer "triste situação", "futuro incerto e infeliz", "grave problema social", os adjetivos *triste, incerto, infeliz* e *grave* exprimem um ponto de vista sobre o assunto tratado. Simples assim!

4 – C. Seria melhor se fosse "bolo fofo" ou "macio", porque o adjetivo *mole* pode passar uma ideia de consistência pastosa ou até mesmo sem consistência, como se estivesse estragado. Há uma carga negativa nesse adjetivo.

5 – INCORRETA. A palavra *imprevisível* se conserva um adjetivo, pois continua caracterizando o substantivo *história* (em que imprevisível dormita a história = em que a história dormita imprevisível).

6 – INCORRETA. Segundo a regra geral de plural dos adjetivos compostos, só o último elemento varia, logo o plural de *político-institucional* é *político-institucionaiS*.

7 – D. A expressão *de outra forma* está ligada ao verbo *Penso*, logo é uma locução adverbial, e não adjetiva. Em A, B, C e E, as expressões destacadas se ligam a termos de valor substantivo, como bem faz um adjetivo. Estes são os termos de valor substantivo a que se ligam as expressões de valor adjetivo (na sequência): magistratura, os (= aqueles), espírito, medida. Destaco a opção E, em que uma oração adjetiva caracteriza um substantivo. Não falei que já havia questão de prova sobre isso?

8 – A. O adjetivo *canônicos* (masculino e plural) se refere apenas ao substantivo *códigos* (masculino e plural). B: há dois adjetivos (*sociais* e *políticas*). C: há dois adjetivos (*mental* e *espiritual*). D: há dois adjetivos (*diferentes* e *religiosas*). E: *desmedidas* é um adjetivo que se refere a dois substantivos (*vaidades* e *ambições*).

9 – A. *Velha* é um adjetivo que caracteriza o substantivo *poltrona* e *da sala* é uma locução adjetiva que também caracteriza o substantivo *poltrona*.

10 – INCORRETA. O adjetivo *boa* não é usado para exprimir um juízo de valor, mas sim para indicar extensão, de modo que o trecho equivalha a *Durante grande/extensa parte do*

século XIX.

11 – A. Tanto *extraordinária* quanto *heroico* (agora sem acento) exprimem uma avalização, um julgamento por parte do autor sobre os substantivos *beleza* e *esforço*, respectivamente.

12 – A. Questão maldosa! A pessoa da banca que fez isso foi meio sem coração, não? Como você vai saber que "ornitologia" é o ramo da zoologia que trata das aves? Você é zoólogo? Resumindo, a banca não titubeou e lascou um adjetivo erudito da locução adjetiva "das aves". Brincadeira, não? E só de curiosidade (vai que...): *ofiológico* (estudo das serpentes), *entomológico* (estudo dos insetos), *ictiológico* (estudo dos peixes), *saurológico* (estudo dos lagartos – dinossauros). É, meu nobre... questãozinha para fazer a triagem. Isso não cai em prova de concurso a não ser para eliminar candidato ou em prova militar. Eu tive de recorrer ao dicionário para saber tudo isso, é mole?

13 – D. Para conceituar o adjetivo, é necessário apresentar a relação que ele estabelece com o substantivo. Em muitas situações, a distinção entre essas duas classes de palavras só é possível a partir de elementos fornecidos pelo contexto. Em "direitos humanos", *direitos* é substantivo e *humanos* é o adjetivo que o caracteriza; em "humanos direitos", ocorre o contrário: *humanos* é substantivo e *direitos* passa a ser o adjetivo que o caracteriza. Este foi o gabarito oficial.

14 – D. Adjetivo pátrio é aquele que se refere a países, estados, cidades ou localidades. Quem nasce em Belém é belenense, quem nasce em São Luís é ludovicense ou são-luisense e quem nasce em Manaus é manauense ou manauara, e não "manauano". Não falei que só cai isso em questão militar? E, mesmo assim, é raro.

15 – B. Lembra-se da estrutura de grau comparativo de superioridade dos adjetivos? Então... ela está mais do que clara aqui por meio da construção "... <u>mais</u> **lentos** <u>que</u>...".

16 – A. Em condições normais de temperatura e pressão, a palavra *generosas* seria um adjetivo, mas nesse caso é impossível, pois ela está sendo determinada por um pronome (algumas). Lembra-se de que eu falei para você que a preocupação da banca é testá-lo no reconhecimento das classes gramaticais? É isso que ocorre aqui, um adjetivo se torna um substantivo. O substantivo é uma classe gramatical normalmente acompanhada de determinantes (artigo, PRONOME, numeral e/ou adjetivo). No caso em questão, o determinante é *algumas* e o substantivo é *generosas*. Mudança de classe gramatical, meu aluno: o que parecia um adjetivo era tão somente um substantivo. Safo?

17 – ERRADO. *Opinioso* significa "aquele que é inflexível em suas opiniões". Tem carga semântica negativa. Não é o caso de *judicioso*, que significa "criterioso, de bom senso". Tem carga semântica positiva.

18 – CERTO. De fato o adjetivo *necessário* modifica a oração substantiva "investir em pesquisa". Raciocine: o que é *necessário*? Resposta: *investir em pesquisa*. Sendo assim, um adjetivo não modifica só um substantivo, mas pode modificar uma oração de valor substantivo inteirinha.

19 – B. A palavra *políticos* caracteriza *direitos*. Logo, é um adjetivo. Todas as outras sublinhadas são substantivos sendo caracterizados por adjetivos. De novo, reconhecimento de classe gramatical, certo?

20 – A. Sobre a letra A, o comentário procede. A expressão que se repete no texto é o sintagma nominal: **executiva *bem-sucedida*** (substantivo feminino + expressão composta de advérbio + adjetivo).

21 – A. Note que estamos diante daquela questão de locução adjetiva *versus* preposição + substantivo. Observe o valor ativo (ou de posse; locução adjetiva) e o valor passivo (falsa locução adjetiva). Só na A existe a relação de posse, além de ser possível substituir a locução adjetiva (da nação) por um adjetivo correspondente (nacional).

22 – A. Este sufixo é próprio do grau superlativo absoluto sintético e serve para intensificar, **enfatizar** um termo. Assim como **-inho** ou **-ão** (sufixos usados em substantivos normalmente) podem intensificar um adjetivo, o sufixo **-íssimo** (sufixo próprio para intensificar um adjetivo) também pode ampliar o sentido de um advérbio. Falarei mais sobre isso em *grau estilístico dos advérbios*.

23 – E. Nesta questão se aprende muito em todas as opções. A única afirmação equivocada está na E, pois independente de *pobre* ser deslocado, sua função sintática não mudará, pois ele continuará dentro do sintagma nominal ("um *pobre* homem da cidade" ou "um homem *pobre* da cidade"), funcionando como um adjunto adnominal. Só há mudança de sentido com seu deslocamento, como se diz em A e B.

24 – A. O adjetivo *negras*, independente da posição, significa difíceis, negativas, ruins. Veja as demais: B: *pobre homem* (coitado), *homem pobre* (sem dinheiro); C: *simples pessoa* (mera, desimportante), *pessoa simples* (humilde); D: única oferta (apenas uma), *oferta única* (singular, importante); E: *grande homem* (virtuoso, importante), *homem grande* (fisicamente grande). Para fechar, *fino manto* (caro) e *manto fino* (delgado).

25 – D. *Melancolia* é uma palavra designadora de um sentimento, portanto é um substantivo abstrato, que, no contexto, ainda por cima, é caracterizado pelo vocábulo *escondida*, aí sim um adjetivo.

26 – INCORRETA. Não haveria mudança de sentido, tampouco estrutura incomum nestas

inversões: *biológicos motivos* e *infalível receita*. No entanto, em *forma melhor*, há uma ideia de restrição e, em *melhor forma*, uma ideia de superlativação; em *anos setenta*, há uma mudança substancial de sentido, pois tal expressão já não se refere à idade (setenta anos), mas sim à geração.

27 – A. A locução adjetiva *de direito* pode ser substituída satisfatoriamente pelo adjetivo *jurídica*, pois o contexto o permite. Já *pendular* não se refere a um pêndulo literal, logo a locução adjetiva *do pêndulo* não cabe no contexto. Enfim, a locução adjetiva *do tirano* pode ser plenamente substituída pelo adjetivo *tirânico*, que significa "relativo ao tirano, à tirania".

28 – B. Em *pobres famílias*, o adjetivo significa "dignas de pena". *Qualquer* é pronome indefinido, e não adjetivo, mas há mudança de sentido no deslocamento, pois, à direita do substantivo, tal vocábulo tem sentido depreciativo. O adjetivo *velhos*, anteposto ao substantivo, significa "antigo", e não "imprestável, gasto, obsoleto". Em *novo golpe*, o adjetivo *novo* pode indicar "atual", "recente" ou "mais um".

29 – C. A afirmação corretíssima da I anula a da III. O que nos importa neste capítulo é a afirmação perfeita da II. Isto foi visto por nós na parte de formas estilísticas de grau. Muito boa a questão!

30 – A. Diversas origens (muitas) – origens diversas (variadas).

31 – D. Esta era para elevar a autoestima! O adjetivo *escandaloso* caracteriza o substantivo *topete*. Ponto.

32 – B. Dava para ficar em dúvida na C, não é? Mas note que a ideia de *grande* é relativa, subjetiva, depende de uma avaliação pessoal. Por outro lado, o adjetivo *social* é meramente informativo, objetivo, denotativo. Os demais adjetivos são modalizadores desde criancinhas.

33 – D. Este grau (superlativo relativo de superioridade) tem estrutura fixa: *o mais + adjetivo + de/dentre*. Não era possível errar, se você soubesse, é claro.

34 – A. O adjetivo *inconsequente* expressa uma opinião ou juízo do autor sobre o *modo*.

35 – A. É uma oração adjetiva, pois caracteriza o substantivo *veículos*, logo tem valor de adjetivo.

36 – A. O adjetivo *marcante* é um modalizador, logo atende ao pedido do enunciado.

37 – A. A locução adjetiva *da tarde* e o adjetivo *perigosa* caracterizam o substantivo *hora*.

38 – D. *Brasileira* é o único adjetivo, pois caracteriza o substantivo bandeira. Os adjetivos *verde* e *brasileiro* sofreram derivação imprópria, tornando-se substantivos.

39 – A. O único adjetivo que sofreu substantivação foi o primeiro, uma vez que veio antecedido de determinante. Nos demais casos, as palavras são verdadeiros adjetivos, pois não nomeiam, caracterizam.

Capítulo 9
Gabarito

1 – E. Interessante questão, pois você tem de perceber que o substantivo *respeito* exige a preposição *a*, que pode ou não se combinar com o artigo masculino plural *os* (devido ao substantivo masculino *milhões*). Em A, o artigo não é obrigatório. Em B, o artigo feminino não cabe, pois se liga a um substantivo masculino plural, *milhões*. Em C, *diz* é transitivo direto, logo não exige preposição. Em D, o substantivo *respeito* (com sentido de relação, referência) exige preposição *a*.

2 – ERRADO. Crase e artigo andam lado a lado. Há três casos tradicionais em que o artigo é facultativo: antes de nomes próprios femininos, antes de pronomes possessivos que acompanham um substantivo e na locução prepositiva *até a*. Nenhum desses casos ocorre no texto. A primeira contração da preposição *a* com o artigo *a* se dá pelo verbo *permitir* – permite-se algo (o acesso) a alguém (a + ***a*** sociedade); a segunda ocorrência de crase é gerada pelo nome *acesso*, que exige a preposição *a* + *as informações* (= às informações); a terceira ocorrência é devido à exigência da preposição pelo adjetivo relativas (relativas a + **a** utilização = à utilização).

3 – D. O artigo vem antes de substantivo (*a taxa*); a preposição pode ligar verbos (*continuará a ser*); a preposição inicia grupo de vocábulos terminados em preposição, ou seja, locução prepositiva (a partir de); a preposição pode ser exigida por verbos (o verbo chegar exige a preposição *a*, que fica antes do pronome relativo *que*).

4 – CERTO. O artigo definido só se contrai com as preposições *a, de, em* e *por*.

5 – E. O primeiro *os* é complemento do verbo empurrar, logo é um pronome oblíquo átono. O segundo *o* pode ser visto como um artigo expletivo ou como parte da locução pronominal interrogativa *o que*, de modo que não pode ser analisado isoladamente. Questão maldosa! O terceiro *o* vem antes do pronome relativo *que* e pode ser substituído por um pronome demonstrativo (= aquilo), por isso é um demonstrativo. O quarto é demonstrativo também (o = aqueles). O último é um artigo, pois vem antes do substantivo *país*. Note que a FGV foi bem tradicional por não contrair o artigo com a preposição antes de sujeito de verbo no infinitivo (*de o país perder*, e não *do país perder*).

6 – CERTO. Em *dos*, *os* é um pronome demonstrativo, pois equivale a "aqueles" e vem antes da preposição *de*. Em *da*, *a*" é artigo, pois vem antes do substantivo *Idade*.

7 – E. Não há artigo antes do pronome *todo* acompanhando substantivo. O *a* é só uma preposição.

8 – E. O vocábulo *uma* pode ser artigo indefinido, numeral ou pronome indefinido. No contexto, *uma* não indica quantidade, nem vem sozinho no texto, logo só pode ser um artigo indefinido.

9 – CERTO. A preposição *em* pode se contrair com o artigo *um* sem problema algum: em + um = num.

10 – F. O artigo *um* indetermina, pois é indefinido, logo a afirmação é falsa. Não se sabe que comerciante ou que produtor é.

11 – D. Em I, com a retirada dos artigos, a ideia de generalização permanece; não há problema (correto). Em II, os dois-pontos separariam orações coordenadas assindéticas, a palavra seguinte após *saúde* vem realmente com letra minúscula (correto). Em III, nenhum vocábulo exige a presença da preposição *com* (incorreto). Em IV, a contração de *em* com *um* (num) é viável; a separação, idem (correto). Em V, se o artigo definido for retirado resta apenas a preposição *a*, sem acento grave (incorreto). Em VI, *em* + *as* = nas (correto).

12 – E. Em I, a ausência do artigo não implica erro e mantém a mesma ideia; só não há crase, pois a preposição *a* (exigida pelo substantivo *acesso*) não se contrai com artigo *a*. Em II, a ideia de generalização se mantém com a expressão no plural, daí que você percebe que a ausência do artigo (em I) ou a presença do artigo indefinido imprimem um valor generalizador, assim como a expressão no plural. Em III, o gerúndio tem valor de adjetivo. Em IV, o advérbio *muito* é dispensável por ser um termo acessório, acrescentando uma nova circunstância semântica ao contexto, mas sua ausência não interfere na estrutura sintática; se a questão falasse que o sentido não mudaria com sua ausência, aí seria falsa a afirmação, pois *muito mais* é diferente de *mais*, sozinho.

13 – D. Em A, o *a* liga verbos, logo é uma preposição. Em B, o *a* liga palavras, logo é uma preposição. Em C, o *a* inicia locução adverbial, logo é uma preposição. Em D, o *a* é um artigo, pois vem antes do substantivo *família*, com o qual concorda em gênero e número.

14 – A. O primeiro *a* liga um verbo a outro, logo é uma preposição. O segundo *a* vem antes de um substantivo, concordando em gênero e número com ele, logo é um artigo.

15 – B. O nome *críticas* exige a preposição *a*, assim como *voltei*. Logo, nos dois casos *a* é uma preposição.

16 – B. Não pode haver dois artigos numa estrutura de superlativo relativo. Logo, a frase deveria ser reescrita assim: "A ilha mais paradisíaca pede regulamentação.".

17 – E. Vejamos: "A (artigo) primeira é tecnológica: a (artigo) internet começou, há vários anos, a (preposição) erodir a (artigo) receita da (preposição + artigo) indústria cultural.".

18 – ERRADO. Segundo Domingos Paschoal Cegalla, equivalendo a "todas as pessoas, toda a gente", a expressão *todo mundo* ou *todo o mundo* é válida, mas a segunda é preferencial. Ele diz ainda que o uso do artigo é obrigatório quando *mundo* se usa no sentido de *Terra* (O jogo será transmitido para *todo **o** mundo; ou seja, para o mundo inteiro.*). Logo, o artigo não pode ser retirado.

19 – CERTO. A ausência do artigo não torna o trecho errado, pois a expressão *considerados essenciais* já determina o substantivo *medicamentos*, de modo que o artigo antes dele é dispensável. Uma maneira de perceber que o artigo pode ser dispensado é por meio desta reescritura com pronome indefinido: "... ampliar o acesso da população a *todos* os medicamentos considerados essenciais...". Percebe que a ideia é a mesma quando se coloca o pronome indefinido *todos* antes do substantivo? No entanto, veja esta outra frase: "Ele sobreviveu ao rigoroso exame na empresa." (isso significa que há um só rigoroso exame na empresa). Agora: "Ele sobreviveu a rigoroso exame na empresa." (sem o artigo, há mais de um exame rigoroso na empresa).

20 – E. Em A, *o* é artigo, pois vem antes de substantivo. Em B, *o* é artigo expletivo ou constituinte da expressão interrogativa *o que*. Em C, *o* é artigo, pois vem antes de substantivo (note que a visão do CESPE sobre a contração de preposição com artigo antes de sujeito de verbo no infinitivo foi tradicional, isto é, não há contração). Em D, *o* é artigo, pois vem antes de substantivo. Em E, *o* é pronome demonstrativo, pois vem antes do pronome relativo *que* e pode ser substituído por *aquele*, assim como no enunciado o *o* pode ser substituído por *aquilo*.

21 – B. O primeiro vem antes de substantivo, logo é artigo. O segundo vem ligando termos, logo é uma preposição. O terceiro é pronome oblíquo átono, pois completa o verbo *encontrar*.

22 – CORRETA. Não há incoerência nem incorreção na reescritura "... a colonização espanhola caracterizou-se largamente... ***pela*** aplicação...". Ambas as expressões determinam o substantivo.

23 – ERRADO. O *a* não pode ser artigo, pois artigo concorda em gênero e número com o substantivo, o que não é o caso. O *a* é uma preposição, pois liga o nome *acesso* a *revólver*. A preposição é um conector, o artigo nunca.

24 – CORRETA. O artigo é facultativo antes de pronome possessivo que acompanha substantivo.

25 – D. Em I, só *um* é artigo indefinido do substantivo *passo*. Em II, *todo o* indica inteireza, *todo* indica "qualquer"; há mudança de sentido, equivalendo a "qualquer mundo". Em III, por

+ a = pela; perfeito!

26 – CORRETA. De fato, há contração de *em* + *as* = *nas*.

27 – CORRETA. De fato *As* é um artigo definido, pois precede um substantivo (economias), concordando em gênero e número com ele e determinando-o.

28 – C. Não há contração da preposição com o artigo quando este faz parte do nome de uma publicação. Logo, deveria ficar assim: "Li a notícia em 'O Estado de Sergipe'".

29 – C. O artigo nunca vem antes ou depois do pronome relativo *cujo*! Nunca!

30 – Correta. Segundo já sabemos, o artigo é facultativo antes do pronome possessivo adjetivo, portanto, dizer: "Comprei meu carro ontem." e "Comprei o meu carro ontem." dá no mesmo!

31 – C. O *a* é um artigo definido, pois vem antes de um substantivo, determinando-o. O *um* é um artigo indefinido, pois vem dentro de um sintagma nominal cujo núcleo é um substantivo (engano), indeterminando-o. O vocábulo *triste* caracteriza o substantivo *engano*, logo é um adjetivo.

32 – D. O segundo *a* vem antes de um substantivo, determinando-o, logo estamos diante realmente de um artigo definido. O primeiro *a* é exigido pelo adjetivo *igual*, e, quando isso ocorre, o *a* é fatalmente um conector, uma preposição.

33 – C. Questão linda! Falei sobre isso em *Valor Discursivo*. Releia o diálogo entre os fofoqueiros e a explicação dada por mim e pelo Celso Cunha. É muito verdade que substantivos precedidos de artigos indefinidos nunca podem aparecer textualmente como termos que se referem a outros anteriores.

34 – B. Antes de pronome possessivo que acompanha um substantivo, o artigo é facultativo.

Capítulo 10
Gabarito

1 – A. O substantivo *grama* é masculino quando se trata de unidade de peso, logo o numeral cardinal precisa variar em gênero e número com ele: "duzentos gramas".

2 – B. O algarismo romano X tem como correspondente árabe 10. No caso de soberanos, papas, séculos, livros e partes de uma obra, até 10o (décimo), lê-se como ordinal, depois como cardinal.

3 – D. O algarismo romano X tem como correspondente árabe 10. No caso de soberanos, papas, séculos, livros e partes de uma obra, até 10o (décimo), lê-se como ordinal, depois como cardinal.

4 – C. Preposição a+ a (artigo) = *às*. *Sob* é preposição. *Ambos* é numeral dual, equivalendo a "um e outro" ou "os dois". *Se* é pronome pessoal oblíquo átono.

5 – D. Os vocábulos *oito, três, dez* e *5,7 milhões* são cardinais e *40%* é fracionário.

6 – C. O algarismo romano X tem como correspondente árabe 10. No caso de soberanos, papas, séculos, livros e partes de uma obra, até 10o (décimo), lê-se como ordinal, depois como cardinal.

7 – A. *Uma* é artigo indefinido. *Segunda, 2002, dez, cinco* são numerais cardinais.

8 – B. A conjunção *e* liga centenas a dezenas, dezenas a unidades.

9 – B. *Ambas as vezes* equivale a "As duas vezes".

10 – C. Segundo os gramáticos José de Nicola e Ernani Terra, em seu livro *1.001 Dúvidas de Português*, o vocábulo *a* pode ser um numeral ordinal quando equivale a "primeiro", indicando uma sequência. O dicionário Michaelis diz que é um adjetivo "com a acepção de *primeiro*: **1** Sempre posposto ao substantivo modificado: *a cadeira **a**, o livro **a**, o parágrafo **a***; **2** Posposto a um algarismo, indicando o primeiro objeto de uma série secundária ou a primeira repetição do mesmo número: *casa 21-**A**, classe cinco-**a**, página 25-**a**"*. Questão estranha!

11 – A. O primeiro e o último são ordinais, pois carregam uma ideia serial ou sequencial. Os demais são cardinais, pois indicam apenas quantidade.

12 – D. Após X (décimo), lê-se como cardinal, logo "Luís XVI (dezesseis)". Esta é a regra para reis, séculos, papas etc.

13 – errada. Até X (décimo), lê-se como ordinal, logo século VIII (oitavo).

14 – ERRADO. A expressão *cerca de dez* indica indefinição, ideia aproximada, muito diferente da clara ideia numérica contida em *uma dezena de*.

15 – B. Mais uma questão com "ambos/ambas". Do ponto de vista do Bechara, tal questão poderia ser anulada, pois ele diz que *ambos* também pode ser considerado um pronome.

16 – A. Mero reconhecimento de tipos de numeral. Cardinal indica quantidade absoluta. Ordinal indica posição, sequência, ordem.

17 – C. Questão maldosa! *Quadringentenário* (ou quadricentenário) se refere a fato sucedido 400 anos antes. *Sesquicentenário* se refere a período de 150 anos, pois o prefixo **sesqui** – significa "um e meio", logo "um centenário e meio" é igual a "cento e cinquenta anos". Um sinônimo de *sesquicentenário* é *tricinquentenário*. *Septenário* faz menção ao período de 7 dias/anos. O sufixo **-ário** indica, dentre outras coisas, "o que ou aquele que está na casa dos anos": *centenário, ducentenário, tricentenário, quadragenário, quinquagenário, sexagenário, septuagenário, octogenário, nonagenário* etc.

18 – D. A opção certa é autoexplicativa.

19 – B. Perceba que o eu-lírico multiplica tudo por dez para indicar uma ideia bem hiperbólica (exagerada) do que ele sente: dez vezes a <u>cada dia</u> (<u>1</u> x 10 = 10), setenta a <u>cada semana</u> (<u>7</u> x 10 = 70), trezentas a <u>cada mês</u> (<u>30</u> x 10 = 300). Logo, a semana tem sete dias e o mês indicado, exatos trinta dias.

20 – A. *Brasileiro* é um adjetivo, mas foi substantivado pelo determinante artigo (**o**). O vocábulo *um* só pode ser numeral, pois indica unidade (quantidade) dentro de um grupo. O *a* é uma preposição, pois vem antes de verbo. O outro *a* é um artigo, pois vem antes do substantivo *tese*. O *o* é um artigo, pois vem antes do substantivo *mosquito*. Por fim, *epidemia* é um designador precedido de artigo, logo é um substantivo.

21 – C. Quanto ao numeral *dois*, ninguém tem dúvidas de que é um numeral cardinal. Sobre *meio*, talvez rolasse uma dúvida, pois tal vocábulo também pode ser um substantivo ou um advérbio. Nesse caso, é um numeral mesmo, pois equivale a "metade" (dois quilômetros e meio – metade de um quilômetro).

22 – E. *Sete* é numeral cardinal. *Artigo* é um nomeador, logo é um substantivo. *De* é uma preposição, pois liga termos.

23 – C. *Três* é numeral cardinal. *A* precede substantivo, logo é artigo. *Aquecimento* é precedido de artigo, logo é substantivo.

24 – B. É cardinal, pois indica quantidade absoluta.

25 – A. “Exercer papel” adjetivo não é o mesmo que “ser” adjetivo. Como já sabemos que existem **numerais adjetivos**, pelo fato de acompanharem substantivos atribuindo-lhes determinados sentidos, não temos dúvidas de que *dois* em *os dois registros* tem “valor de/papel de” adjetivo. Reitero: não é um adjetivo, mas um numeral adjetivo.

26 – B. *Meio* equivalendo a “metade” é um numeral fracionário. A: substantivo. C: advérbio. D: substantivo. E: advérbio.

27 – C. *Cinco* é um numeral cardinal substantivo, pois indica quantidade e substitui substantivos.

28 – B. A palavra *um* cerceada por *só*, *somente*, *apenas* e *sequer* é um numeral.

29 – C. *Eu* é pronome pessoal do caso reto. *Terceira* é numeral ordinal, pois indica posição, ordem. *Contente* é adjetivo, pois caracteriza o substantivo *Ana*. *Emprego* é substantivo, pois está determinado por um adjetivo (*novo*).

30 – D. *Mim* é pronome pessoal oblíquo tônico. *Dois* é numeral cardinal, pois indica quantidade absoluta. *Sonho* é substantivo, pois é um designador.

Capítulo 11
Gabarito

1 – Só a segunda está **INCORRETA**, pois a expressão *sua construção* refere-se ao antecedente *crise financeira* e não a *banco Lehman Brothers*. Na primeira, *no qual* substitui sem problemas *em que*, retomando *um longo período*; veja o contexto: "Depois de termos vivido *um longo período* em que (= no qual) prevaleceu a ilusão da racionalidade intrínseca...". Na terceira, veja que a expressão *seu funcionamento* retoma o assunto do contexto, a saber: *mercados financeiros:* Depois de termos vivido um longo período em que prevaleceu a ilusão da racionalidade intrínseca aos mercados financeiros, hoje há novamente o reconhecimento das fragilidades e dos riscos sistêmicos associados a **seu funcionamento** (ou seja, ao funcionamento dos mercados financeiros).

2 – INCORRETA. Veja o contexto: "... o indivíduo tem as condições mínimas para atingir a felicidade, a que todos os homens tendem". Lembra-se de que eu falei sobre o uso obrigatório da preposição antes do pronome relativo quando um verbo após ele exigi-la? Deveria ser: "... o indivíduo tem as condições mínimas para atingir a felicidade, à **qual** todos os homens tendem", com acento indicativo de crase.

3 – A. Na primeira afirmação, não há erro gramatical algum, nem se desrespeitam as relações entre os argumentos se substituirmos *onde* por *em que*, uma vez que ambos os pronomes relativos retomam uma palavra que indica lugar (mundo); falsa afirmação, portanto. Na quarta afirmação, há de fato erro gramatical e a relação entre os argumentos é desrespeitada, uma vez que o pronome relativo *onde* não é substituível por outro pronome relativo não iniciado por preposição; a substituição só seria possível assim: "... uma ponte ou uma estrada **na qual** se cobrava pedágio.".

4 – C. Em A, o pronome oblíquo átono **-lo** retoma o substantivo *desenvolvimento*. Em C, veja o contexto: "Acabar drasticamente e de imediato com as emissões de CO2 e com a utilização de combustíveis fósseis não é possível. Por outro lado, adotar novas tecnologias que aumentem ou estimulem ainda mais o **seu** consumo, nem pensar.". Em D, veja o contexto: "A principal fonte de energia hoje são os combustíveis fósseis e o maior vilão dessa história é a emissão de CO2 na atmosfera (embora não seja o único). Parece irreversível a tendência à **sua** redução pela adoção de novas e mais eficientes tecnologias e fontes de energia.". Percebeu que o pronome destacado não se refere à *industrialização*, mas sim à *emissão*?

5 – A. Os pronomes *Essas* (demonstrativo) e *elas* (pessoal reto) têm valor anafórico, retomando *energias renováveis*. O uso dos pronomes *Tais* e *essas* está adequado na letra B. O uso do pronome indefinido *Certas* está inadequado na letra C, pois dá, erradamente, uma ideia

vaga. A mesma inadequação ocorre em D e em E com *Algumas/algumas* e *Diversas/certas*.

6 – CERTO. O pronome oblíquo átono é usado antes do verbo auxiliar ou após o principal quando vem uma palavra atrativa antes da locução verbal. Corretíssimo!

7 – Se retirarmos o pronome demonstrativo *o* (= aquilo) antes do pronome relativo *que*, a estrutura ficará comprometida, pois o pronome relativo deixará de retomar um termo, coisa que não existe na língua portuguesa. Veja: "Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam é de índices sobre macroeconomia, números abstratos que indicam a situação geral da economia, mas não revelam **que** se passa em seu interior." Alguns gramáticos vão dizer que este pronome negritado é um pronome indefinido, equivalendo a *que coisa*. Questionável... bem-vindo à ESAF.

8 – CERTO. No texto 1, há usos prescritos e não prescritos: "Dá-se isto...": segundo a prescrição gramatical, não se inicia período com pronome oblíquo átono; tem ele de ficar em posição enclítica (após o verbo); a ênclise está adequada, portanto. "Me mande...": segundo a prescrição gramatical, não se inicia período com pronome oblíquo átono; tem ele de ficar em posição enclítica (após o verbo); a forma adequada à norma culta, portanto, não seria a próclise (antes do verbo), mas a ênclise: "Mande-me...". No texto 2, há total respeito às regras de colocação pronominal: "E desde já **te** agradeço o reclame e os cobres, pois estou certo que foi você que **se** lembrou do meu nome". Os pronomes oblíquos átonos estão em posição proclítica (próclise), pois o advérbio **já** e o pronome relativo **que** "atraem" o pronome oblíquo, ficando antes do verbo.

9 – ERRADO. Segundo as regras de colocação pronominal, é facultativo o uso do pronome oblíquo antes de sujeito explícito (nome ou pronome), sem "palavra atrativa". Simples assim!

10 – ERRADO. Na primeira ocorrência, a colocação é facultativa, pois há sujeito explícito sem palavra atrativa. Na terceira ocorrência, a colocação é igualmente facultativa, pois segue esta regra: "infinitivo não flexionado precedido de palavras atrativas ou das preposições *para, em, por, sem, de, até, a"*. Na segunda ocorrência, a palavra denotativa de exclusão **só** serve de atrativa, logo a próclise é obrigatória.

11 – CERTO. Esta questão trata da função **referencial** (anafórica) do pronome. A **elipse** é a omissão de um termo facilmente subentendido pelo contexto. E é exatamente o contexto que nos permite dizer que a afirmação da banca procede, pois na linha 6 o sujeito elíptico (implícito) é "Oscar"; por sua vez, o pronome anafórico *ele* (que retoma um termo anterior) faz referência a *Oscar*, e não a outro nome. Talvez você confundisse o referente *Oscar* com *Papai do Céu*, mas o contexto não deixa dúvida, pois logo após *ele* vem *como um verdadeiro homem*, logo não pode se referir a *Papai do Céu*, mas sim a *Oscar*.

12 – CERTO. Esta questão é chatinha; não é qualquer um que faz, não! Trata do uso do pronome demonstrativo *este* com valor catafórico (refere-se a um termo ou ideia posterior). Realmente não é possível a reescrita proposta, pois o pronome oblíquo átono *o* (... e **o** desenvolvam) tem valor anafórico e está retomando aquilo que é "este nobre fim", a saber, o que vem após os dois-pontos (*fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver*). O problema desta retomada anafórica pelo *o* é que o referente do pronome catafórico *este* só vem após os dois-pontos, logo não podemos retomar o referente do catafórico *este* pelo oblíquo átono anafórico *o*. Em outras palavras, a reescrita só seria realmente possível assim: "... que estimulem e desenvolvam **este** nobre fim: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver, e **o** desenvolvam.".

13 – ERRADO. Note que o texto começa falando sobre o homem, centrando-se nele e em sua maneira de ver o mundo. Daí que não podemos jamais dizer que as expressões *sua sociedade* e *sua expressão* estejam se referindo a um fenômeno/conceito (etnocentrismo). Afinal, a sociedade é do homem e a maneira de se expressar (expressão) é igualmente do homem. Observe também que o pronome *sua* retoma, como anafórico que é, a palavra *homem*, presente nas linhas iniciais. Observe que se fala sobre "**sua** cultura" e "**seu** modo de vida". Cultura de quem? Modo de vida de quem? Do **homem**. Veja, então: "**É comum a crença** de que **sua** *própria sociedade* (a própria sociedade ***do homem***) é o centro da humanidade..."; *"É comum a crença* de que **sua** *própria sociedade* é... a **sua** única expressão (a única expressão ***do homem***).". Ufa!

14 – CERTO. O CESPE/UnB adora esse tipo de questão. Bem... uma maneira de visualizarmos melhor os referentes é por meio da reescritura, logo o faça: "(...) Sua cultura tem base em tolerância e solidariedade. **Sua cultura** (A cultura da paz) respeita os direitos individuais...". Percebe que a reescritura mantém a coesão e a coerência? Portanto, realmente o pronome *Ela* remete a "Sua cultura", que, por sua vez, refere-se à "cultura **de paz**".

15 – C. A única alternativa que apresenta o pronome pessoal de tratamento usado de maneira correta é a C, pois, quando se usa pronome de tratamento, a regra gramatical diz que os verbos e outros pronomes que referem a ele devem estar na 3ª pessoa do discurso, o que não ocorre nas demais alternativas. Segundo os principais manuais de redação oficiais, as abreviaturas usadas pela FCC não procedem. Segundo o irrefutável Celso Pedro Luft, revisor do *Manual de Redação da Presidência da República*, a abreviatura de Vossa Excelência é V. Exa. (ou V. Exª.). Bem-vindo à FCC.

16 – B. Para que esteja correto o uso da preposição antes do relativo, você tem de perceber se o verbo ou o nome que vem após o pronome relativo está exigindo preposição. Veja a letra B: "... um vício de que *muita gente da imprensa não consegue* se esquivar". A pergunta que você

vai fazer é: “Muita gente da imprensa não consegue se esquivar **de** quê?”. **Do vício**, certo? Afinal, quem **se esquiva se esquiva *de*** algo/alguém. Em outras palavras, veja se após o pronome relativo há um verbo ou um nome **exigindo uma preposição**. Se houver (Brasil!), a preposição ficará antes do pronome relativo! Ok? Agora teste esse conhecimento nas demais alternativas, já corrigidas: A: “O Príncipe é um símbolo reincidente, de cujo nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento.”. Quem tem **conhecimento tem conhecimento *de*** algo. O cujo está bem usado, pois ele sempre vem relacionando dois nomes, estabelecendo uma relação de posse entre eles. Desdobrando a oração, ela ficaria assim: “Talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento do **nome** pessoal **do Príncipe**. Percebe a relação de posse entre *nome* e *Príncipe*? C: “A trama da qual o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso.” Quem **participa participa *de*** algo. O pronome relativo *a qual* está retomando *a trama*, expressão feminina, logo está bem usado. D: “Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão da qual decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve.”. Toda a trama **decorreria** *de* algo. E: “Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação **de** que irão depender todas as demais.”. Quem **irá depender irá depender *de*** algo/alguém.

17 – E. Primeira parte: quem cultua cultua algo ou alguém, certo? Ok. Delacroix é um nome masculino singular, certo? Portanto o pronome oblíquo a ser usado é o pronome *o*. Só que o verbo termina em **-r**, certo? O *r* vai deixar de ser usado e o pronome *o* vai se tornar *lo*. Daí, temos a seguinte reescritura: “nem por isso deixa de cultuá-**lo**”. Segunda parte: o pronome oblíquo átono vai substituir uma expressão substantiva de núcleo feminino e singular, e o verbo não termina em **-r**, logo a reescritura certa é: “Cézanne **a** admira” ou “Cézanne admira-**a**”. A colocação do pronome neste caso é facultativa. Terceira parte: observe que a expressão substantiva sublinhada tem núcleo feminino singular, logo usaremos o pronome oblíquo átono *a*; como o advérbio *já* vem colocado antes do verbo, o pronome também ficará antes do verbo: “já **a** encontramos”.

18 – A. Na letra A, veja que o *cujo* está bem usado, respeitando todos aqueles critérios de uso que a gente já viu. Sobre a preposição, ela vem antes do pronome relativo porque o verbo *acreditar* a exige: “Não deu certo o tal do método prático **em** cuja eficiência Paulo Honório chegou a **acreditar**.”. Vejamos os demais erros: b) “Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada **DE** que nenhum escritor pode **abdicar**.” Quem abdica, abdica algo ou **de** algo. c) “Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal que jamais **toleraria**.” Quem tolera, tolera algo/alguém. d) “Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas cujo brilho ninguém **superaria**.” Quem supera, supera algo/alguém. e) “A linguagem **A** que Paulo Honório

de fato **aspirava** era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas." Quem aspira, aspira A algo (no sentido de almejar).

19 – C. Observe com calma: "As hipóteses aventadas, ***em que*** *se baseiam os especialistas*, devem ainda ser comprovadas por exames acurados.". Quem se baseia se baseia **em** algo. Aí está. Simples assim. Faça esse teste nas outras alternativas e constatará que não se exige a preposição **em**.

20 – C. Sobre a letra C, o verbo *definir* é transitivo direto, exige complemento não preposicionado (objeto direto). Como já sabemos, o *lhe* substitui termos preposicionados (objeto indireto), logo a substituição está inadequada. Deveria ser "definiu-o", pois *-o, -a, -os, -as* (e variações: *-lo, -la, -los, -las, -no, -na, -nos, -nas*) exercem função de objeto direto, substituindo complementos não preposicionados.

21 – E. Na letra E, o *lhe* foi usado para substituir um complemento não preposicionado; isso é um erro, uma vez que tal pronome só substitui complemento preposicionado (**a** ele(a/s); **para** ele(a/s)). Ok? Deveria ser: "Guimarães Rosa mantém-no ou Guimarães Rosa o mantém".

22 – C. A afirmação do tópico II está equivocada, pois o verbo que vem após o pronome relativo está no plural, logo o pronome relativo 'que' pode retomar tranquilamente o núcleo do termo preposicionado anterior. Agora, por uma questão de maior clareza, o uso do pronome relativo *os quais* realmente é melhor. Isso não significa que o uso do *que* implicaria ambiguidade ou erro. Veja: "*A própria literatura consagra* escritores *no mercado internacional,* ***os quais/que*** negociam *seus direitos por intermédio de agentes...*".

23 – D. Questão interessante. Na letra D, numa análise mais "moderna", o adjetivo *pesado* exige um complemento preposicionado iniciado por *a* ou *para*, por isso o uso do *lhe* é aceitável. Lembra que o *lhe* pode ser substituído por "a/para ele"? É isso aí. "O jarro era por demais pesado **para ele** = o jarro **lhe** era por demais pesado". Eu disse que a questão é interessante, pois a maioria dos gramáticos dizem que o *lhe* só pode exercer função sintática de objeto indireto em detrimento de outros estudiosos da língua, como Claudio Cezar Henriques, Ulisses Infante, Faraco & Moura, Celso Pedro Luft e mais uns pingados. Estes dizem que o *lhe* pode exercer função sintática de complemento nominal, que também é um termo preposicionado. Os gramáticos tradicionais vão dizer que, mesmo com o verbo *ser* (verbo de ligação), o *lhe* tem função de objeto indireto; é mole? Fique esperto!

24 – E. a) "A obsolescência e o anacronismo, atributos **com** os quais os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar com a expressão dez de setembro." (Os americanos manifestam todo seu desprezo **com** estes atributos: obsolescência e anacronismo.) O uso do pronome relativo *os quais* está correto, pois ele retoma atributos (masculino plural).

b) “O estado de psicose, **no** qual imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança cuja radicalidade muitos recriminam.” Quem imerge imerge **em** algum lugar. Quem recrimina recrimina algo/alguém. O uso dos pronomes relativos está correto, pois *o qual* retoma “estado de psicose”, expressão masculina singular; quanto ao *cujo*, estabelece a relação de posse entre dois nomes adequadamente. c) “A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo o qual ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo **do** qual foram tomados tantos americanos.” Quem se arrisca a pronunciar se arrisca a pronunciar algo. Quem é tomado é tomado **de** alguma coisa. Quanto ao uso de *o qual* retomando *algo* e *pasmo*, não há nada a dizer, pois está corretíssimo. d) “Não é à descrença, sentimento **por** que nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é à esperança que queremos nos apegar.” Quem se sente invadido, se sente invadido **por** algo. Quem quer se apegar, quer se apegar **a** algo/alguém. Sobre o uso do pronome relativo *que*, você já sabe que ele retoma qualquer palavra. e) “Fatos como os de 11/9, com que ninguém espera se deparar, são também lições terríveis, de cujo significado não se deve esquecer.” Quem espera se deparar espera se deparar **com** algo/alguém. Quem não se deve esquecer não se deve esquecer **de** algo/alguém. Os pronomes relativos *que* e *cujo* estão dentro do padrão culto.

25 – C. NUNCA o pronome oblíquo átono pode ficar após verbo no particípio! Regra clássica!

26 – C. Veja o contexto: “Um texto descuidado não chega a ser atestado de toda uma formação educacional frágil. Mas **o** é (ou seja, ‘mas é atestado’) da forma como damos ênfase àquilo que fazemos...”. Cuidado com esse pronome demonstrativo que substitui uma ideia inteira!

27 – B. Comento só as letras A e E, pois têm a ver com este capítulo. Na letra A, de fato o pronome possessivo *sua* tem como referente “remédios europeus”. Uma maneira de você perceber isso é substituindo o pronome pelo referente. Veja: “... que importavam remédios europeus e usavam produtos nativos na formulação *dos remédios europeus*”. Foi? Em E, o pronome relativo *que* refere-se a boticários de fato; substitua: “... eram manipuladas por boticários, *os boticários* importavam remédios...”. Foi?

28 – Totalmente **INCORRETA!** O pronome demonstrativo *tais* não é usado em linguagem informal apenas, mas também em linguagem formal para retomar termos, quando equivale aos demonstrativos *esse(a/s)*. Veja se a substituição não é perfeita: “O que **essas** pessoas talvez nunca percebam...”.

29 – B. Sobre B: o artigo é facultativo antes de pronome possessivo adjetivo. Portanto, correta a reescrita. Na letra A, ocorre um erro, pois o pronome indefinido seguido de artigo tem um sentido; sem artigo, outro. Sobre a letra E, veja o contexto para saber se é possível

trocar o pronome relativo *que* por *a qual*: “Portanto, correríamos o risco de, mesmo vivendo muito, ter de suportar a dor das perdas prematuras **a qual**, em função de uma vida maior, seriam muito mais doloridas.”. Note que o pronome relativo, na verdade, pelo contexto, está retomando “perdas prematuras”, logo deveria ser *as quais* e não *a qual*. Foi? Reescrevendo corretamente: “Portanto, correríamos o risco de, mesmo vivendo muito, ter de suportar a dor das *perdas prematuras* **que/as quais**, em função de uma vida maior, seriam muito mais doloridas.”.

30 – A. A forma *foram fechando-se* respeita o registro culto da língua, pois, em uma locução verbal, o pronome oblíquo átono pode ficar depois do verbo principal no gerúndio (ênclise), sem problemas.

31 – B. Cuidado com as preposições antes dos pronomes relativos! A essa altura do campeonato, você não pode mais *garotear*, hein! Veja de novo a letra B: exige-se alta *habilitação* **para** (esta preposição fica antes do pronome relativo *cujo*); o verbo *caber* exige a preposição A, que fica antes do pronome *quem* obrigatoriamente. Veja os erros das demais: a) A argumentação na qual se valeu o ministro baseava-se numa analogia em cuja pretendia confundir função técnica com função política. Quem se vale se vale **de**, então deveria ser: “A argumentação **d**a qual se valeu...”. O pronome relativo *cujo* vem entre dois nomes estabelecendo uma relação de posse, o que não ocorre neste texto. Portanto, o texto deveria ser reescrito assim: “A argumentação da qual se valeu o ministro baseava-se numa analogia que pretendia confundir função técnica com função política.”. c) Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto do que a promoção pelo mérito onde nem todos confiam. O adjetivo *preferível*, assim como o verbo *preferir*, exige a preposição A, isto é: “Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto à promoção...”. Além disso, o pronome relativo *onde* só retoma palavra de sentido locativo, o que não é o caso. Portanto, o texto deveria ser escrito assim: “Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto à promoção pelo mérito no qual nem todos confiam.”. d) A má reputação de que se imputa ao “assembleísmo” é análoga àquela em que se reveste a “meritocracia”. O verbo *imputar* não exige a preposição **de**, mas sim o verbo *revestir-se*, logo o trecho deveria ser escrito assim: “A má reputação que se imputa ao ‘assembleísmo’ é análoga àquela de que se reveste a ‘meritocracia’”. e) “A convicção de cuja não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo à natureza do caso.” Pela milésima vez, o *cujo* só vem entre dois nomes, o que não é o caso. A crase final não procede, pois não há contração de preposição *a* com artigo *a* para haver a crase. Logo, o trecho deveria ser escrito assim: “A convicção de que/da qual não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo a natureza do caso.”.

32 – D. Uma maneira de descobrir que expressão está sendo substituída pelo pronome demonstrativo *isso* é simplesmente substituir o pronome pela expressão (ou por uma paráfrase dela), no contexto. Veja: "Sem dúvida, não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos. Análise rasa baseada em uma ótica ultrapassada, na qual projetos hidrelétricos provocam necessariamente impactos ambientais irrecuperáveis e não compensáveis, sugere que esse duplo objetivo é inatingível. Mas **a ideia de que não é possível aliar construção de hidrelétricas e preservação da Amazônia não tem de ser assim** ...".

33 – CORRETA. Reveja o trecho: "Também certos latino-americanos **(adjetivo pátrio que reporta ao processo de colonização)**, como o brasileiro **(adjetivo pátrio específico)** Caio Prado Jr., o trindadense **(adjetivo pátrio específico)** Eric Williams e o argentino **(adjetivo pátrio específico)** Sérgio Bagu, haviam chamado a atenção para a vinculação, desde a colônia, da sua região **(ou 'da região deles', a saber: Brasil, Trinidad e Tobago e Argentina)** com o capitalismo mundial.".

34 – ERRADO. Afirmação equivocada, pois o demonstrativo *Essas* (também *esse, esses, essa*) <u>nunca</u> é usado para se referir a termo *posterior*. No contexto, "Essas" refere-se ao termo antecedente "muitos".

35 – E. Segundo a visão da FCC, apoiada em gramáticos tradicionais, não pode haver contração de preposição com artigo/pronome antes de sujeito de verbo no infinitivo. Logo, a redação da E está equivocada, pois, segundo esta ótica, deveria ser: "o motivo de os gregos legarem-nos apenas um valor fundamental". A minha ideia, ao colocar esta questão, na verdade, foi comentar a letra C. A FCC, acertadamente, nos ensina que pode haver próclise mesmo depois de uma intercalação. Exemplo: "Os professores, muito competentes por sinal, **nos** ajudaram (ou ajudaram-**nos**) muito.". Cuidado com esse papo de que pronome oblíquo átono não pode vir logo após a vírgula, hein. Neste caso, P-O-D-E! Quem diz isso não sou eu, mas a Academia Brasileira de Letras.

36 – ERRADO. Não é sanada, pois o pronome de tratamento que se refere a juiz é Vossa Excelência. Vossa Eminência ou Vossa Eminência Reverendíssima, em comunicações aos Cardeais. Corresponde-lhe o vocativo: Vossa Excelência é usada para autoridades **do Poder Judiciário**: Ministros dos Tribunais Superiores/Membros de Tribunais/Juízes/Auditores da Justiça Militar.

37 – ERRADO. O pronome retoma *rei*, e não *o poder do rei*.

38 – C. Esta questão deveria ter sido anulada, pois o vocábulo *qualquer* é tão somente um pronome indefinido, independente de sua posição junto ao substantivo. Quem diz isso não sou eu, mas todos os gramáticos superconsagrados, e nada mais, nada menos que a Academia

Brasileira de Letras. No entanto, ela não foi anulada, pois o dicionário Houaiss diz que *qualquer* pode ser um adjetivo. Não conheço outro dicionário que diga o mesmo que o Houaiss. Estranho, não?! Durma com um barulho desse!

39 – E. Quando *o, a, os, as* estão antes de pronome relativo *que* e antes de preposição *de* e podem ser substituídos por pronomes demonstrativos (*aquele(a/s), aquilo*), eles são classificados como reais pronomes demonstrativos.

40 – A. Conforme o trecho apresentado, o pronome oblíquo em destaque refere-se ao substantivo *convivência*: "... afastar a tensão na **convivência** entre os países, colaborando para manter a **convivência** em desejável harmonia" = "... afastar a tensão na **convivência** entre os países, colaborando para mantê-**la** (= convivência) em desejável harmonia.". Safo?

41 – CORRETA. Para ter certeza de que o pronome retoma determinado referente, substitua o pronome pelo referente: "A fraqueza da produção manufatureira, nos últimos meses e anos, aqueceu o debate sobre o risco de desindustrialização no Brasil. No ano passado, o crescimento **da produção manufatureira** foi de apenas 0,3%, uma ninharia em comparação com a alta de 6,7% no varejo". Simples assim!

42 – E. Vejamos um por um. A: O pronome indefinido *todos* se refere aos cidadãos finlandeses, não retoma nem sintetiza os termos da enumeração. B: As duas expressões estão em oposição, logo não pode ser uma paráfrase da outra. C: O pronome relativo *que* retoma o termo anterior: vida. D: O pronome *isso* sintetiza tão somente esta ideia: "A maioria de seus educados cidadãos são seres pouquíssimo críticos: questionam pouco a vida que levam e são fisicamente contidos". E: Reescreva o trecho, substituindo os pronomes pelo referente substantivo (cidadão): "A igualdade e a dignidade humana que uma sociedade pode produzir referem-se à possibilidade de o cidadão ter condições materiais e subjetivas à disposição **do cidadão**, para que, atendidas as necessidades básicas e diárias de bem-estar **do cidadão**, **o cidadão** ocupe **a si mesmo** (ou seja, **o cidadão**) com questões outras que a sobrevivência.".

43 – C. O autor se expressa na 1ª pessoa do plural como estratégia de polidez, de modéstia, evitando-se a possível interpretação de arrogância ou extrema pessoalidade.

44 – E. Substitua o *o* por *fato* e notará que *a escrita de próprio punho provoca, na região dedicada ao processamento das informações armazenadas na memória, uma atividade significativamente mais intensa do que a da digitação* é a ideia retomada, pois o pronome demonstrativo *o* faz referência ao papel que a escrita de próprio punho provoca no cérebro em contrapartida ao uso da digitação.

45 – D. A conjunção *e* não é atrativa, logo o pronome pode ficar enclítico ou proclítico.

46 – A. Observe com calma: "... tamanhos avanços tecnológicos provocam o distanciamento dos jovens em vez de (os avanços tecnológicos) aproximá-**los** (os jovens)...". Fácil, não?

47 – C. "O nome da cidade cuja população a respeita muito é Nadópolis.". Perfeito o uso do *cujo*.

48 – A. Segundo a regra de colocação pronominal sobre locução verbal com verbo principal no gerúndio, a reescritura de I está correta. As demais estão equivocadas: em II, o verbo *tratar-se* não varia em número, pois vem acompanhado de uma partícula de indeterminação do sujeito; em III, a próclise prevalece sobre a mesóclise; em IV, na segunda frase, a próclise não ocorre por causa da atração de um pronome indefinido, mas da de um advérbio (Já).

49 – C. O único referente feminino plural é duas loiras, logo o pronome oblíquo *las* tem valor anafórico, pois remete a *duas loiras*, substituindo-as, para evitar a repetição.

50 – C. Nas opções a), b) e e), o vocábulo *que* é uma conjunção integrante, pois inicia orações subordinadas substantivas, que equivalem a "isto/isso". Na d), o *que* é uma conjunção comparativa. Só na c), o *que* é um pronome relativo, pois retoma *eletrodomésticos* e pode ser substituído por *os quais*.

51 – C. a) O *lhe*, que não exerce função de objeto direto, não pode retomar *esta coluna*, que é um objeto direto. O adequado seria *assina-a*, pois o pronome *a*, além de concordar em gênero e número com termo substituído, exerce função de objeto direto. b) O adequado é *formamo-lo*, pois o verbo termina em **s**. c) Como o verbo termina em **r**, usa-se o pronome átono *lo* para retomar o termo substituído *o poder*. d) Mudá-lo. e) Preparando-a.

52 – C. Quem é frequentador é frequentador **de** algum lugar, logo *de que*: *O restaurante Reis, de que o poeta era assíduo frequentador, ficava no velho centro do Rio.* Poderia ser *do qual* também.

Capítulo 12
Gabarito

1 – **INCORRETA**. O verbo *tornar-se* é pronominal quando indica mudança de estado, logo o *se* não indica voz passiva, pois é uma parte integrante do verbo.

2 – **INCORRETA**. O *se* é um índice de indeterminação do sujeito. Retire o *se* e coloque o *alguém* antes do verbo, como se fosse o sujeito, e verá que o sentido é o mesmo. *Chegou-se a dizer que... = Alguém chegou a dizer que...* Não se sabe quem é o sujeito, logo o sujeito é indeterminado, e o *se* indica justamente isso, por isso é um pronome com função de indeterminar o sujeito.

3 – A **segunda afirmação está CORRETA** e é autoexplicativa. Mas para torná-la de fácil digestão, perceba que, em "Qualquer invencionice só estimularia operações especulativas no câmbio, que acabariam provocando uma valorização ainda mais indesejável da moeda nacional", as operações especulativas no câmbio seriam estimuladas por qualquer invencionice. Logo, na linha do tempo, primeiro ocorreria "qualquer invencionice" (passado) estimulando (no futuro), hipoteticamente, operações especulativas no câmbio. Já na primeira afirmação, as formas verbais estão no modo subjuntivo, logo não indicam "fatos de realização garantida", afinal, o subjuntivo exprime incerteza, dúvida, suposição etc.

4 – **B**. Observe que o enunciado fala sobre erro **gramatical**. Nada sobre sentido. Assim, perceba que em *vinham divulgando* o verbo auxiliar está no plural, logo o verbo *ter*, na 3ª pessoa do plural, recebe acento circunflexo, ficando assim: *têm divulgado*.

5 – **CORRETA**. O modo subjuntivo de fato introduz noção hipotética. A afirmação procede.

6 – **INCORRETA**. Não prejudica a correção, pois houve simples passagem de voz passiva sintética para voz passiva analítica.

7 – **C**. O verbo negociar, terminado em **-iar**, tem a seguinte conjugação no imperativo negativo (cópia do presente do subjuntivo): não negocies, não negocie, não negociemos, não negocieis, não negociem. Pelo que se vê, não há ditongação.

8 – **B**. A alternativa certa é autoexplicativa. O futuro do presente do indicativo indica fato futuro certo, ainda que sem data certa.

9 – **B**. Esta questão é de transposição de voz passiva analítica para voz passiva sintética. Elimina-se o verbo *ser* e passa-se o verbo principal para o mesmo modo, tempo e pessoa em que estava o verbo *ser*. Junta-se o pronome *se* apassivador ao verbo, observando-se as regras de colocação dos pronomes. O sujeito fica posposto ao verbo que com ele concorda. Assim:

Os estudos serão apresentados ao Ministério da Saúde > Apresentar-se-ão os estudos ao Ministério da Saúde. Simples assim!

10 – D. Questão de uniformidade de tratamento bastante legal. Lembra-se desse assunto? Bem, os verbos e os pronomes precisam estar em uma mesma forma de tratamento, ou seja, se o texto começa na 2ª pessoa, os demais elementos precisam estar na 2ª pessoa. Normalmente questão desse tipo está ligada à formação do imperativo. Observe a frase original: "Levanta suas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexa em seus pertences. Passa teus documentos e considere-se preso.". Observe agora as formas de tratamento usadas (note que há mistura de tratamentos, 2ª pessoa com 3ª pessoa... uma bagunça!): "Levanta (2ª p.) suas (3ª p.) mãos para o alto. Afaste-se (3ª p.) da vítima e não mexa (3ª p.) em seus (3ª p.) pertences. Passa (2ª p.) teus (2ª p.) documentos e considere-se (3ª p.) preso.". A única alternativa que respeita a uniformidade de tratamento é a letra D: "Levanta (2ª p.) tuas (2ª p.) mãos para o alto. Afasta-te (2ª p.) da vítima e não mexas (2ª p.) em seus (3ª p.) pertences. Passa (2ª p.) teus (2ª p.) documentos e considera-te (2ª p.) preso.". Tudo na 2ª pessoa; percebeu?

11 – CORRETA. O subjuntivo indica hipótese, como de costume, e o indicativo, afirmação certa. A substituição de *sejam* por *são* ou *serão* mudaria a perspectiva de sentido, atendendo à intenção que se deseja atribuir ao contexto.

12 – INCORRETA. Por falta de correlação verbal, é impossível que o pretérito imperfeito do subjuntivo substitua o presente do subjuntivo neste contexto, pois a correlação só se estabelece através de dois verbos: 'garante' (presente do indicativo) + 'exerça' (presente do subjuntivo). Veja como a substituição fica esdrúxula: "Apesar desta missão ser, por si só, relevante, na medida em que garante os recursos financeiros para que o Poder Público bem **exercesse** seu mister...". Raciocine: se a missão garante algo para que o Poder Público passe a exercer, isso não pode estar ligado a uma ideia passada.

13 – Nenhum. Em I, o verbo **ser** é expletivo, ou seja, pode ser retirado sem prejuízo sintático ou semântico, pois o objetivo dele é meramente estilístico (realce). Em II, está certa a substituição, pois o tempo composto do pretérito mais-que-perfeito do indicativo (fizera) é feito por meio do verbo *ter/haver* no pretérito imperfeito do indicativo + particípio (havia feito).

14 – CERTO. Os gramáticos dizem que, quando se quer dar ênfase ao sujeito do verbo no infinitivo, é possível flexioná-lo. Portanto, embora devamos levar em conta as regras abaixo, a flexão do infinitivo dependerá da intenção do autor e da clareza que se quer dar ao discurso. Observe esta frase: *Convidei meus amigos para* ***almoçar/almoçarem*** lá em casa (tanto faz). Portanto, pode o infinitivo se flexionar ou não neste caso: "Ficamos a olhar o verde do jardim,

as gotas a ***evaporar/evaporarem****, as lesmas a* ***preparar/prepararem*** *os corpos para novas caminhadas.*”.

15 – CERTO. O futuro do pretérito é um tempo verbal que está diretamente ligado à ideia de hipótese, suposição, dúvida, incerteza. Portanto, uma maneira de criarmos um distanciamento no nosso discurso é por meio do uso desse tempo verbal. Perceba que, com o uso do verbo no futuro do pretérito, se coloca em xeque a veracidade da afirmação, a saber: é, *de fato*, a indispensabilidade da teoria política uma necessidade de autoconhecimento dos indivíduos?

16 – ERRADO. O uso do verbo no presente do subjuntivo *estejam* não se relaciona sintaticamente com a oração “como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas”, mas sim tão somente com **pessoas**. Além disso, a escolha do presente do subjuntivo nada tem a ver com a relação sintática entre a forma verbal *estejam* e algum termo da oração. A seleção deste tempo e modo verbal para o verbo *estar* tem a ver com o contexto de possibilidade, hipótese, a saber: “**A questão da desigualdade**, finalmente, **está produzindo estudos focados em entender como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas — *estejam*** *elas no topo ou na base.”* (Percebe aqui a ideia de possibilidade?). Safo?

17 – ERRADO. O verbo auxiliar *dever*, em ambos os casos, não indica probabilidade. Não é pelo fato de eles estarem, respectivamente, no presente e futuro do presente do <u>indicativo</u>, o modo da certeza, mas sim porque exprimem um tom imperativo, de obrigatoriedade/dever/recomendação. O verbo auxiliar *dever* é bem interessante, pois seu valor semântico pode mudar consoante o contexto. Veja: *Você deve sair daqui agora!* (obrigatoriedade)/*Já que você não trabalha, deve estudar.* (necessidade)/*O João já deve ter chegado.* (possibilidade, incerteza).

18 – ERRADO. A substituição incorrerá em erro gramatical e incoerência, porque há falta de correlação verbal. Veja: “... sabia que isso não o *tornasse* menos humano e digno”. Esse verbo não cabe no contexto uma vez que não há harmonia de sentido entre a forma verbal *sabia* (pretérito imperfeito do indicativo) e *tornasse* (pretérito imperfeito do subjuntivo). Raciocine: se ele sabia algo (isso indica certeza, fato), não faz sentido deixar o verbo *tornar* no subjuntivo, indicando um passado hipotético. Ficará incoerente. Ok?

19 – CERTO. Lembra-se daquele bizuzinho de conjugação verbal do subjuntivo que você aprendeu láááááá com a Tia Teteca, na escolinha? Então, ele vale ainda hoje. Veja: *(Se) eu amasse, tu amasses, ele amasse, nós amássemos...* (pretérito imperfeito do subjuntivo). Sabe por que você aprende a conjugar com essas conjunções antes do verbo no subjuntivo? Porque o verbo no subjuntivo é próprio das orações subordinadas, e tais conjunções são subordinativas, introduzindo, afinal, orações subordinadas. Logo, faz todo o sentido a

afirmação da banca.

20 – ERRADO. No primeiro caso, *misturar* é verbo principal da locução verbal *voltam a se misturar*, portanto não sofre flexão — a não ser que estivesse bem afastado do auxiliar, o que não é o caso. Sobre *provocar*, note que, antes, um substantivo seguido de preposição *de* rege o verbo, logo, não se pode flexioná-lo: "... na *esperança de... provocar...*".

21 – CERTO. A forma verbal *apreenderem* é um infinitivo flexionado, pois vem antecedido de preposição. Estou falando isso, pois muita gente confunde a forma verbal de futuro do subjuntivo com a forma de infinitivo. Enquanto esta vem antecedida de preposição, aquela vem antecedida de conjunção. Veja: ***Quando*** *policiais da Delegacia Antipirataria* ***apreenderem***.../"... **após** policiais da Delegacia Antipirataria **apreenderem**...". A forma de tempo composto do verbo 'apreender' é *ter/haver apreendido*. Colocando na 3ª pessoa do plural, temos *terem apreendido*, que tem o mesmo sentido que *apreenderem*. Logo, "... **após** policiais da Delegacia Antipirataria **terem apreendido**...". Safo?

22 – CERTO. Houve simples mudança de voz passiva analítica para sintética e vice-versa.

23 – CERTO. Interessante a questão, pois, de fato, a troca de *se* por *caso* altera o tempo verbal, mas não o modo, de modo que a frase fica assim: "Caso nos **apressemos** (presente do subjuntivo) a dizer... **poderá** (futuro do subjuntivo) apenas...".

24 – ERRADO. Como se trata de uma pergunta, os verbos no futuro do presente expressam dúvida, portanto não existe assertiva (ou certeza) quanto às supostas características da *nova sociedade*.

25 – CERTO. O tempo composto formado pelos verbos *ter/haver* no pretérito imperfeito do indicativo + particípio, formam o pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo, que equivale ao pretérito mais-que-perfeito simples do indicativo. Em outras palavras, *havia/tinha imprimido = imprimira*.

26 – ERRADO. A ideia não é sugerir que há nações que resistem a "estar nesse tempo". O futuro do subjuntivo (*quiserem*) tão somente indica o verdadeiro desejo que as nações devem ter de fazer parte, no futuro (hipotético, pois não se sabe com certeza se nações não adotarão tal postura, o que é totalmente diferente de dizer que algumas nações resistem à era tecnológica), da era da informação (internet).

27 – CERTO. Note que a locução verbal de tempo composto (ter/haver + particípio) está na voz passiva analítica (*tenha sido... formada*). No entanto, nada impede que substituamos o verbo *ter*, no presente do subjuntivo, pelo verbo *haver*, desde que este esteja no mesmo tempo e modo verbal. Portanto, poderíamos reescrever o trecho assim: "... que ***haja*** *sido*

completamente *formada* na era da Internet". Fica feio, mas é forma culta... fazer o quê?

28 – A. Esta questão trata, na letra A, de emprego de tempos e modos verbais e aspecto verbal. Vejamos o contexto: "No entanto, sem escala de valor está a vida de milhares de pessoas que **faleceram** (pretérito perfeito do indicativo) e **virão a sucumbir** (futuro do presente do indicativo), vítimas das enchentes.". De fato os verbos expressam, respectivamente, uma ação concluída, observada no seu término, no seu resultado, e uma ação a ocorrer após o momento em que se enuncia o fato. Na letra B, a banca sugere que a locução verbal fique assim: "poderiam terem sido evitadas". Nooossssaaa! Ficaria no mínimo... *feio*, como dizem as meninas! Mas a questão é que apenas o primeiro verbo da locução verbal (verbo auxiliar) pode variar em número e pessoa, os outros não! Safo? Sobre a letra E, não se pode trocar a forma participial *suspenso* por *suspendido* à la Bangu, não! Você pensa que cachaça é água? Cachaça não é água, não! Lembra-se dos verbos abundantes? Segundo Rocha Lima, **verbos abundantes** são aqueles que apresentam mais de uma forma verbal para expressar a mesma flexão. Há muitos verbos que possuem duas formas de particípio: uma terminada em **ado** ou **ido** – regular (quando vierem os verbos *ter* ou *haver* antes), portanto; e outra reduzida, irregular, sem **ado** ou **ido** (quando vierem os verbos ser ou estar antes).

29 – CORRETO. A afirmação está perfeita. Veja o contexto: "Afinal, se uma pessoa se **lembrasse** (pretérito imperfeito do subjuntivo) de tudo, em todos os pormenores, não **conseguiria** (futuro do pretérito do indicativo) pensar de forma genérica.". Se mudássemos o tempo verbal, haveria mudança na correlação verbal: "Afinal, se uma pessoa se **lembrar** (futuro do subjuntivo) de tudo, em todos os pormenores, não **conseguirá** (futuro do presente do indicativo) pensar de forma genérica.".

30 – CERTO. Questão de correlação verbal de novo: clássica! Está é mole, pois há duas combinações clássicas para que haja harmonia de sentido entre os verbos no período: pretérito imperfeito do subjuntivo (*caísse*) + futuro do pretérito (*viria*) ou futuro do subjuntivo (*cair*) + futuro do presente do indicativo (*virá*).

31 – A. Por que a letra A é o gabarito? Veja: *(A) As ponderações de Kucinski **seriam** úteis se acatadas por todos os que **estivessem** envolvidos no campo de atuação que ele analisou.* Essa dobradinha de correlação verbal é clássica! **Futuro do pretérito** + **Pretérito imperfeito do subjuntivo** (ou vice-versa).

32 – B. A correta correlação é esta e nenhuma outra: "Paulo Honório **queria** contar a própria vida, mas, julgando que não o **conseguiria**, **pediu** ao jornalista Gondim que o **fizesse**." Lembre-se de que a correlação ocorre entre dois verbos em uma estrutura de subordinação. Portanto, você precisaria perceber a correlação entre essas estruturas de subordinação (note a

conjunção integrante marcando a relação de subordinação): "**julgando** que não o **conseguiria**"/"**pediu** ao jornalista Gondim que o **fizesse**". No primeiro caso, como se trata de uma narração, o verbo no gerúndio mantém a ideia de passado, é como se estivesse escrito assim: "**julgou** que não o **conseguiria**": *voilà!*; correlação adequada, pois temos aí **pretérito perfeito + futuro do pretérito**. No segundo caso, temos a adequada correlação verbal **pretérito perfeito (pediu) + pretérito imperfeito do subjuntivo** *(fizesse)*.

33 – E. Note, no enunciado, que a forma verbal *fez* está acompanhada da partícula *se*, certo? Essa partícula é apassivadora porque podemos reescrever a frase passando para a voz passiva analítica (a marca de voz passiva analítica é o verbo ***ser*** + **particípio**. Veja: *Foi assim que sempre* se *fez a literatura = Foi assim que sempre a literatura* foi feita. Esta reescritura prova que o *se* é partícula apassivadora e que encontra semelhança com a letra B. No entanto, o enunciado não quer que você marque a frase que esteja na voz passiva analítica, mas sim na voz ATIVA. Passando da voz passiva sintética para a ativa, basta retirar o *se* e o verbo da ativa ficará na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito, ou seja, sujeito indeterminado. Exemplo: Fez-se um grande arranjo para o casamento./Fizeram um grande arranjo para o casamento. Desse modo, meu nobre, *Foi assim que sempre* se fez *a literatura* (passiva sintética) = *Foi assim que sempre* fizeram *a literatura* (ativa).

34 – B. Mole: ... a leitura em profundidade (sujeito da passiva vira objeto direto na ativa) foi substituída (vira um simples verbo com o mesmo tempo e modo verbais do *ser* – pretérito perfeito) pela massa de informações (agente da passiva vira sujeito da ativa)... Logo: "A massa de informações (sujeito) **substituiu** (simples verbo no pretérito perfeito) a leitura em profundidade (objeto direto).".

35 – E. *Caso houvesse ganhos da produtividade na pecuária (hipótese), po-de-ri-am liberar terras*... vão re-al-men-te liberar? Talvez! Enfim... o futuro do pretérito indica hipótese! Olho nele!

36 – A. Os verbos no subjuntivo, normalmente, aparecem após conjunções subordinativas (que, embora...), portanto prestemos atenção nas conjunções para que conjuguemos os verbos corretamente. Outra forma de acertar é perceber as desinências: para verbos de 1ª conjugação (**ar**), a desinência que sempre vai aparecer no presente do subjuntivo é a desinência modo-temporal **e**. Para verbos de 2ª conjugação (**er**) e de 3ª conjugação, a desinência será **a**.

37 – C. Antes de qualquer coisa, perceba a noção temporal do verbo: passado, presente ou futuro? Passado, certo? Daí que eliminamos as letras A e E. Passado = pretérito. Há três pretéritos no modo indicativo: perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito. As marcas desinenciais (ou seja, as terminações formais) de verbos no pretérito perfeito são: 1ª p.: **i**/2ª

p.: **ste**/3ª p.: **u** (singular)/1ª p.: **mos**/2ª p.: **stes**/3ª p.: **ram** (plural). Os verbos que se encaixam aqui são *elogia**ram*** e *realizo**u***. Restou-nos apenas a forma verbal *enfatiza**vam*** que pertence ao mesmo tempo e modo verbal que *conheci**a***. Veja as terminações de 1ª conjugação e a conjugação, respectivamente: **va(ve)/a(e)**.

38 – E. *Viu pedrinhas ali perto.* (voz ativa) = *Pedrinhas* foram vistas *ali perto.* (voz passiva analítica)

39 – C. É (presente do indicativo) comum que, durante suas brincadeiras, as crianças se ***transportem*** *(presente do subjuntivo) para um universo mágico e* ***assumam*** *(presente do subjuntivo) a identidade de uma personagem admirada,* ***seja*** *(presente do subjuntivo) um super-herói ou uma figura da realeza*. Note que todos os verbos após o presente do indicativo estão no presente do subjuntivo, o que corrobora a dobradinha clássica **presente do indicativo + presente do subjuntivo**.

40 – B. Questão atípica da FCC. Uma questão parecida caiu na prova do ITA 2002-2003. Leia a afirmação I de novo. Lembra quando eu falei de emprego de tempos e modos verbais? Então, o pretérito imperfeito do indicativo é interessante, pois é usado por crianças em suas histórias e universos infantis. Com certeza, você já usou quando criança esta forma verbal ***(Agora faz de conta que eu era a mamãe e você era o papai, tá?)***. O sentido desse uso do pretérito imperfeito do indicativo se refere a um tempo que não cabe na história temporal, datada cronologicamente, real, como o do ontem ou do amanhã, mas um tempo dentro de um espaço imaginário, da fantasia. Portanto, nos versos *Agora eu era o herói* e *A gente agora já não tinha medo*, o uso do advérbio *agora* mostra-se ADEQUADO, dentro do universo infantil, do imaginário. Sobre a afirmação II, *Finja* e *dê* são verbos no imperativo afirmativo, pois indicam mando ou conselho ou pedido etc.

41 – B. Aluno, cá entre nós, para fazer uma questão de conjugação verbal, você não precisa conhecer a conjugação dos mais de 11.000 verbos. Assustou-se? Não se assuste, pois você só precisa saber a conjugação de alguns principais: *ser, ir, haver* (e o derivado *reaver*), *pôr* (e derivados), *ver* (e derivados), *vir* (e derivados), *prover, requerer, caber, valer, crer, precaver*, *ter* (e derivados), os terminados em **-uir**, **-iar** e **-ear**. Conjugue esses verbos em casa, até internalizá-los! Bem, respondendo à questão: A – Os verbos terminados em **-uir**, como constituir, não apresentam a letra **e** por terminação, mas sim a letra **i** (**Eu constituo, tu constituis, ele constitui**...). B – O verbo *requerer* não é conjugado como o verbo *querer*. No presente do indicativo, ele é conjugado assim: *eu requeiro, tu requeres, ele requer, nós requeremos, vós requereis, eles requerem*...; nas demais formas verbais, ele se conjuga como o verbo *vender* (veja, por exemplo, o pretérito perfeito do indicativo: *eu vendi/requeri, tu vendeste/tu requereste, ele vendeu/requereu, nós vendemos/requeremos, vós*

*vendestes/requerestes, eles venderam/**requereram***). Foi? C: *retiveram* é a forma certa, pois o verbo *reter* é derivado do verbo *ter*; normalmente as bancas gostam de trabalhar o pretérito perfeito nas conjugações verbais, fique ligado! *Eu (re)tive, tu (re)tiveste, ele (re)teve, nós (re)tivemos, vós (re)tivestes, eles (re)tiveram*. D: *vier* é a forma correta, pois o verbo *vir* está no futuro do subjuntivo; só interessante dizer que o verbo ver no futuro do subjuntivo dá trabalho, pois é "estranho"; veja: *Quando... eu vir, tu vires, ele vir, nós virmos, vós virdes, eles virem*. Estranhinho, não? E: *Se eles puserem...* o verbo *pôr* precisa ser bem conjugado, meus nobres; aprendam! Todo ano cai essa parada!

42 – D. *Tanto as fontes quanto a própria historiografia* (sujeito) *falavam* (verbo no pretérito imperfeito do indicativo) *a linguagem do poder* (objeto direto)... Transposição para a passiva analítica: *A linguagem do poder* (sujeito) *era falada* (locução verbal ser + particípio) *tanto pelas fontes quanto pela própria historiografia* (agente da passiva).

43 – B. *Competir* e *compelir* têm conjugação semelhante. Saiba uma, saberá a outra. Presente do indicativo: Eu compito/compilo, Tu competes/compeles, Ele compete/compele, Nós competimos/compelimos, Vós competis/compelis, Eles competem/compelem. E por aí vai... Veja também o presente do subjuntivo: *Que... eu compita/compila; tu compitas/compilas; ele compita/compila; nós compitamos/compilamos; vós compitais/compilais; eles compitam/compilam*. Finalmente no pretérito imperfeito do subjuntivo (desinência modo-temporal **sse**), temos: *Se... eu competisse/compelisse; tu competisses/compelisses; ele competisse/compelisse.* É isso aí! Agora a letra A. Lembra-se do verbo *ver,* que se encontra na lista dos que devem ser conjugados por você? Então, na letra A, aparece seu derivado: *antever*. A conjugação é a mesma, só é preciso colocar o prefixo (**ante-**) antes do verbo *ver* conjugado. Assim, a forma certa seria *antevissem* (*se... eu visse, tu visses, ele visse, nós víssemos, vós vísseis, eles **(ante)vissem***). Letra C: o que ocorre nesta letra é a possível confusão entre *sortir* e *surtir* (verbos parônimos); *sortir* significa *abastecer, prover, misturar, combinar*; *surtir* significa *provocar, acarretar, ter como consequência*; no contexto da alternativa, a conjugação está certa, mas o verbo está errado, deveria ser *sortir* (*Caso não se **sortisse***...). Letra D: o verbo *maldizer* vem de *dizer*, obviamente; logo a forma verbal no contexto apresentado deveria ser *(mal)diSSessem* (*... os viajantes maldissessem...*). Letra E: olha aí de novo o verbo *pôr*, ou melhor, seu derivado *(sobre)por*; a conjugação deveria ser *sobrepuseram*, pois o verbo *sobrepor* se encontra no futuro do subjuntivo.

44 – B. Mera questão de conjugação verbal. É preciso apenas conhecer a conjugação do verbo *haver* (Eu pedi para você treinar a conjugação dele naquela lista de verbos recorrentes!); quanto ao verbo *expressar*, ele é conjugado como qualquer outro verbo de 1ª conjugação, ou seja, verbos terminados em **-ar**, como *amar*. Pretérito perfeito do indicativo: *Eu houve, tu*

*houveste, ele **houve**, nós houvemos, vós houvestes, eles houveram. Eu amei/expressei, tu amaste/expressaste, ele amou/expressou, nós amamos/expressamos, vós amastes/expressastes, eles amaram/**expressaram**.*

45 – A. Os verbos estão no modo subjuntivo, e, como você já sabe, esse modo é o da hipótese.

46 – B. A forma de tempo composto do pretérito mais-que-perfeito do indicativo é feita por meio do verbo *ter/haver* no pretérito imperfeito + particípio. Ou seja, *escolhera = tinha/havia escolhido*.

47 – B. A primeira forma verbal (*crê*) está na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, logo ficamos entre a letra A e B, pois a 2ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo *crer* é (tu) ***crês***. A segunda forma verbal (*Erga*) está na 3ª pessoa do singular do imperativo afirmativo, que é cópia da 3ª pessoa do singular do presente do subjuntivo (vale dizer que o imperativo é formado pelo presente do indicativo e pelo presente do subjuntivo). Passando para a 2ª pessoa do singular do imperativo, temos que copiá-la da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo (sem a terminação **-s**), a saber: ***ergue***. Pronto! Batemos o martelo já! Mas, já que estamos aqui, comentaremos os demais verbos: *agradece* vem da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo (sem o **s**) para formar o imperativo afirmativo; *cobiçaste* e *acertaste* são formas de 2ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo.

48 – C. Voz passiva pronominal (ou sintética) apresenta pronome apassivador *se*. Para que o *se* seja um pronome apassivador, ele deve estar relacionado a um verbo transitivo direto, com sujeito paciente explícito na frase. Exemplo: *Alugam-se casas*. (*Casas são alugadas*). Vejamos cada alternativa: (A) "feito *hamsters* que se alimentam de sua própria agitação." — os *hamsters* praticam a ação de "se alimentar"; este *se* é pronome reflexivo. (B) "Recolher-se em casa," — o verbo *recolher* é intransitivo e o *se* é partícula integrante do verbo. (C) "sinal de que não se arrumou ninguém" — o verbo *arrumar* é transitivo direto e o *se* é uma partícula apassivadora; na voz passiva analítica temos: "sinal de que não foi arrumado ninguém". (D) "Mas, se a gente aprende a gostar (...)" — o *se* é uma conjunção condicional. (E) "nela a gente se refaz (...)" — "a gente" pratica a ação de "se refazer", ou seja, refazer a si mesmo; o *se* é um pronome reflexivo.

49 – E. Cuidado com alguns verbos: os terminados em **-ear** e **-iar**, *caber, valer, requerer, precaver-se, reaver, prover, viger, aderir (competir, preterir, discernir, concernir, impelir, expelir, repelir), ser, ir, vir* (e derivados), *ver* (e derivados), *pôr* (e derivados), *ter* (e derivados), *haver, sortir/surtir, construir/destruir, obstruir*. Se eu fosse você, eu conjugava todos os dias esses verbos! São sempre os mesmos que caem todo santo ano! Veja as frases já corrigidas: (A) *O coordenador **reviu** as necessidades dos grupos* (rever). Verbo *rever*

(derivado do verbo *ver*) flexionado na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. (B) *A impaciência* ***deteve*** *as pessoas* (deter). Verbo *deter* (derivado do verbo *ter*) flexionado na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. (C) *Eu* ***reavejo*** *minhas convicções diariamente*. (O verbo *reaver* – derivado do verbo *haver* sem a letra **h** – não é flexionado na 1ª pessoa do singular no presente do indicativo.). (D) *Quando você se* ***opuser*** *à minha solidão, ficarei aborrecido*. Verbo *opor* (derivado do verbo pôr) flexionado na 3ª pessoa do singular do futuro do subjuntivo. (E) Nós apreciamos os bons alunos. Verbo *apreciar* flexionado na 1ª pessoa do plural do presente do indicativo.

50 – B. Respeitando-se as regras de passagem de voz ativa para passiva, temos a seguinte reescritura: O efetivo acesso à Justiça, antes de tudo, ***tem sido proporcionado*** às partes pela conciliação... Note que o tempo composto mudou apenas pela colocação do verbo *ser* (no particípio) + *proporcionado*, formando uma locução verbal de voz passiva analítica **ser + particípio**.

51 – B. **Aspecto cursivo, durativo**: o processo verbal já teve um início e continuou ou continua, sem conclusão: *Ele* ***vem ouvindo*** música desde criança. (!!!)/***Temos exercitado*** *muito a Língua Portuguesa..*

52 – D. Para haver correlação verbal adequada, o trecho deveria ser reescrito assim: "Depois de se haver debatido por três dias na areia da praia a jubarte **acabou** sendo salva por uma traineira que **veio** socorrê-la.". *Acabara* indica uma ação passada terminada antes de outra ação passada, o que, no contexto, é inadequado, porque a baleia foi salva depois de ficar na praia 3 dias, e não antes.

53 – E. Nível Tele Tubbies! Tanto *aliaram* quanto *conheceu* estão no pretérito perfeito do indicativo, pois as terminações **-ram** e **-u** marcam não só o número e a pessoa mas também o modo e o tempo. São desinências cumulativas, que indicam o modo, o tempo, o número e a pessoa da forma verbal. Para acertar uma questão desta, é preciso treinar conjugação verbal, hein!

54 – D. Antes de tudo, dê graças a Deus de a FCC sempre colocar os mesmos verbos em questões de flexão verbal. Vejamos a reescrita de uma por uma: (A) *A revalorização e a nova proeminência de Paraty não prescindiram e não* ***requereram*** *mais do que o esquecimento e a passagem do tempo*. (B) *Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre* ***relegada*** *a um segundo plano, eis que ela* ***emerge*** *do esquecimento, em 1974*. (C) *A cada novo ciclo econômico* ***ratificava****-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855,* ***sobrevieram*** *longos anos de esquecimento.* (D) *A Casa Azul envidará todos os esforços, refreando as ações predatórias, para que a cidade não sucumba aos atropelos do turismo*

selvagem. (E) *Paraty imbuiu da sorte e do destino os meios para que* ***obtivesse****, agora em definitivo, o prestígio de um polo turístico de inegável valor histórico*.

55 – B. Tanto *sejam* como *venha* estão no presente do subjuntivo. Uma forma de perceber isso é que, normalmente, tais verbos vêm antecipados de locuções conjuntivas ou conjunções subordinativas adverbiais: *para que* e *ainda que*, respectivamente. Este é um *bizu* sagaz! Mas bom mesmo é saber a terminação das conjugações verbais e treinar muita conjugação, aí fica no sangue!

56 – E. A forma verbal *teriam* constitui forma de futuro do pretérito do indicativo, e não presente. Usa-se futuro do pretérito do indicativo para atenuar uma ordem no lugar de verbo no imperativo: "Você pegaria aquela bola para mim, por favor?" em vez de "Pega aquela bola para mim, por favor?" (Esta segunda forma de dizer o mesmo é mais incisiva, percebe?).

57 – E. Vejamos uma por uma: (A) A ideia de ação em processo não é exclusiva da forma *Continuamos*, pois o verbo no gerúndio (*repeti**ndo***) indica o mesmo. (B) A locução verbal foi redigida indica fato passado concluído.(C) A expressão *a realizar-se em Salvador* diz respeito à *III Conferência de Cúpula da região.* (D) Não é um fato possível, mas meramente hipotético. (E) De fato há ideia de futuro e desejo na expressão *hão de alimentar*, como, por exemplo: "O Brasil **há de ganhar** a Copa de 2014!".

58 – E. A forma verbal *publicava* está no pretérito imperfeito, logo o verbo auxiliar da locução verbal de voz passiva analítica (*ser* + particípio) ficará no pretérito imperfeito do indicativo também. Por isso, a frase transposta para a voz passiva é esta: *Há 40 anos, seu artigo mais famoso* ***era publicado*** *pela mais célebre crítica de cinema dos Estados Unidos, Pauline Kael (1919-2001).*

59 – A. Na voz ativa, o sujeito pratica a ação. Quando isso não é claro na frase, devemos olhar se há marcas de voz passiva, caso contrário estaremos diante de voz ativa. As marcas de voz passiva (analítica e sintética) são, respectivamente: *ser* + particípio (locução verbal) ou partícula *se* apassivadora. Note que em todas as opções, exceto em A (o gabarito), há marca de voz passiva analítica: "De dez em dez anos toda a burocracia **precisa ser fuzilada** e trocada."; "O Brasil é a melhor piada que já **foi contada** por um português."; "Advogados são as únicas pessoas cuja ignorância da lei não é punida com cadeia."; "O Brasil é um país perigosamente gasoso. Os problemas **são detectados**, mas ninguém sabe resolvê-los.". Veja a letra A: "Talvez o Brasil já **tenha acabado** e a gente não **perceba** isso.". Não há marcas de voz passiva, logo voz ativa na cabeça!

60 – E. O futuro do presente do indicativo pode ter valor imperativo. Normalmente isso ocorre em "leis e termos de serviço", por exemplo! É chamado de **futuro jussivo** (um futuro

com tom de imperativo): “Havendo notícia de infração penal, a Autoridade Policial, conforme a hipótese legal, **determinará** a imediata instauração do procedimento Policial competente (Inquérito Policial, Termo Circunstanciado, Procedimento de apuração de Ato Infracional).” ou “Exceto se acordado de outra forma por escrito pelo Google, o contrato do usuário com o Google **incluirá** sempre, no mínimo, os termos e condições apresentados neste documento.” Nos dez mandamentos bíblicos isso também ocorre.

61 – D. O verbo *ser* é considerado irregular por alguns gramáticos e anômalo por outros. É irregular, pois seu radical e/ou terminação não apresenta(m) a mesma forma em toda a conjugação.

62 – CERTO. Quando ela diz “Morri desde pequena” significa que ela já estava morta desde pequena, e não que ela estava em processo de morte até o momento da declaração.

63 – ERRADO. A afirmação diz que todos os verbos estão no imperativo afirmativo, mas isso não é verdade. A forma *calculais* é de 2ª pessoa do plural do presente do indicativo.

64 – CERTO. As formas verbais gerundivas (**-ndo**) indicam continuidade, processo em movimento, logo o sentido de fazem e brincam é igual a fazendo e brincando. Perfeito!

65 – E. *Ter/haver (tenha)* + particípio (passado) = tempo composto.

66 – E. Havia chegado é o tempo composto de *chegara* (pretérito mais-que-perfeito do indicativo), logo indica passado concluído.

67 – E. A essa altura do campeonato, estamos todos escaldados com os mesmos verbos, não é? A: INTERPUSER. B: INTERVEIO. C: VIR. D: VIER. E: IMPUSER (futuro do subjuntivo).

68 – B. Dizer que *haver* indica ação é um absurdo! E a questão não foi anulada. Por outro lado, a afirmação de que os “fatos” ocorrem simultaneamente procede.

69 – D. *Ser* + particípio formando uma locução verbal, Brasil! Locução verbal de **voz passiva analítica** na cabeça! Mole!

70 – C. Se você já domina a formação do imperativo, não teve dúvidas, pois a 2ª pessoa do singular o imperativo deriva da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo sem o **s** (III, IV, V) e a 3ª pessoa do singular do imperativo deriva da 3ª pessoa do singular do presente do subjuntivo (II). Fique de olho no imperativo!

71 – C. A única opção que apresenta correlação verbal perfeita é a C, pois há harmonia de sentido entre a junção das formas verbais (1) *houve* (pretérito perfeito do indicativo) + *falasse* (pretérito imperfeito do subjuntivo); (2) depois de preposição, usa-se infinitivo (*perceber*); (3) *discordam* (presente do indicativo, para manter a relação de certeza com o

verbo anterior – *são*); (4) *possam* (presente do subjuntivo, para manter a relação de hipótese com o verbo anterior – *supor*); (5) *prevê* (presente do indicativo, pois indica certeza); (6) *trará* (futuro do presente do indicativo; todo o contexto do período em que se encontra tal forma verbal dá ideia de futuro certo).

72 – C. O verbo no presente do indicativo expressa reiteração, frequência, repetição, hábito, tem um aspecto iterativo.

Capítulo 13
Gabarito

1 – A. O advérbio *tão* modifica os adjetivos *difícil* e *simples, tolo e natural*. Lembre-se de que, quando o advérbio modifica adjetivo ou advérbio, é sempre de intensidade, segundo os gramáticos tradicionais. Pronome de intensidade? A banca *carteou* bonito! Só rindo...

2 – B. Muita gente, de cara, marcaria "pronome demonstrativo", não é? Você marcou? Toda análise morfológica deve ser feita levando em conta o contexto. Em ***Tal*** *como está organizada, a sociedade gira em torno do mercado*, esse *tal* indica **modo** – circunstância adverbial, equivalendo a "assim": "***Assim*** como está organizada/***Do modo*** como está organizada". É, portanto, um advérbio desde criancinha... nesse caso, é claro.

3 – C. O primeiro advérbio de negação *não* é usado como resposta a uma suposta pergunta do leitor (Ué, mas não é cedo demais? **Não**.). Percebeu isso? Já o segundo *não* apenas serve de mero advérbio de negação modificando o verbo *ser*.

4 – A. ***Subitamente*** significa "inesperadamente", "repentinamente", o que está de acordo com o contexto (Ao contornar a ilha principal em busca do Ninhal das Fragatas, nosso ponto de ancoragem, *subitamente* vimos a exuberância da fauna, uma espécie de "Galápagos" do litoral paulista.).

5 – C. Como um advérbio de intensidade, *exponencialmente*, no contexto, está ligado à ideia de "grande medida". Para ser mais preciso, note que caberia a substituição por qualquer advérbio de intensidade (muito, bastante...) no trecho "Durante esse mesmo período, a industrialização permitiu que o consumo aumentasse <u>exponencialmente</u> (= intensamente/demasiadamente).".

6 – C. No enunciado, a palavra *mais* está empregada como advérbio de intensidade, modificando o adjetivo *comum*. Igualmente, na opção C, o termo *mais* é advérbio de tempo, mas dessa vez modificando o verbo *acreditar*, acrescentando uma circunstância ao verbo. Interessante é dizer que o vocábulo *mais* depois de palavra de sentido negativo tem normalmente ideia de tempo. Exemplo: *Nunca* ***mais*** *olhe na minha cara!* A: Faz parte da locução adverbial. B: Pronome indefinido. D: Pronome indefinido. E: Pronome indefinido.

7 – D. ***Algo*** é normalmente um pronome indefinido, mas neste caso modifica um adjetivo (perplexos), logo vira um advérbio. Leia mais sobre isso no capítulo de pronome, em *pronome indefinido*.

8 – CORRETO. A ideia de pressuposição será abordada num dos capítulos finais desta

gramática, mas podemos adiantar que tal conceito trata do uso de determinadas palavras ou construções sintáticas para imprimir uma ideia implícita à frase. Quando se diz que "aquilo que o texto nos diz **já** não constitui o objeto preferido de nossa atenção", isso significa que "anteriormente aquilo que o texto nos dizia constituía o objeto preferido de nossa atenção". Muitos advérbios servem à pressuposição. Em "O homem pisou ***de novo*** no freio do carro", por exemplo, pressupomos que ele já havia pisado.

9 – A primeira afirmação está **CORRETA**; a segunda, não. ***Só*** (= apenas, somente) pode ser, além de uma palavra denotativa de exclusão (encarada por alguns gramáticos como mero **advérbio**), um adjetivo também, quando equivale a "sozinho": *Eu estou tão **só** (= sozinho) nessa casa*. A expressão *só que* introduz ideia opositiva (= *mas, porém...*). Já o vocábulo *mesmo* indica inclusão, e não retificação, pois pode ser substituído por *inclusive*.

10 – D. Como já vimos no capítulo de pronome, não usamos tal vocábulo – mesmo(a/s) – substituindo um substantivo. A frase estaria correta assim: *O Bumba Meu Boi é manifestação folclórica diferente das demais do país; ela é mais espetacular.* As demais opções são autoexplicativas.

11 – A segunda afirmação está **INCORRETA**, pois a expressão *na realidade* tem valor opositivo ou retificativo, uma vez que serve para introduzir uma sentença que apresenta a verdade do que fora dito. O advérbio *realmente* serve apenas para indicar certeza.

A primeira afirmação está correta e é autoexplicativa (*aliás, além disso* e *outrossim* são advérbios de acréscimo, se forem sinônimos de *também*).

12 – INCORRETA. Note que *de surras* está modificando o substantivo *vítimas*, logo, *de surras* é uma locução adjetiva.

13 – C. De fato o vocábulo *mais* intensifica o verbo *falar*. A: *Carisma* é substantivo. B: *Nossas* é pronome substantivo possessivo. D: *Exerce* está no presente.

14 – ERRADO. Antes de tudo, veja que o CESPE tratou o pronome relativo *onde* como advérbio. "Está errado?" Não, pois muitos gramáticos dizem que o *onde* é um **advérbio relativo**, neste contexto. Portanto, tanto podemos dizer que o *onde* é um advérbio quanto um pronome relativo, pois ele assume esses dois papéis. O primeiro *onde* está equivocado, pois não retoma ideia temporal, mas sim locativa. A primeira frase deveria estar reescrita assim: "*...nos dias de folia carnavalesca, quando...*".

15 – CERTO. *Outrossim* e *também* dão ideia de acréscimo, logo o uso de ambos é redundante.

16 – CERTO. A afirmação da banca procede, pois quando o autor do texto diz "Realmente",

fica implícito que "*De fato* os números governam o mundo.". Esse advérbio é tradicionalmente considerado de **afirmação**, indicando mais especificamente neste caso a ideia de **confirmação**.

17 – CERTO. O advérbio *ali* tem valor anafórico, pois refere-se a um termo anterior: *muralha verde*. Uma maneira de saber isso é reescrevendo: "*Quando as caravelas atracaram nas límpidas águas e areias do litoral brasileiro, que em pequena distância parecia infinito, algo impressionou ainda mais aqueles inegáveis exploradores: uma enorme* ***muralha verde*** *parecia proteger aquelas terras.* ***Densas árvores****,* ***rica fauna****... Algo jamais visto, algo jamais imaginado. Aos poucos, os portugueses perceberam que* ***naquela muralha verde*** *estava a* ***verdadeira riqueza daquela terra*** *recém-conquistada.* Ficou claro agora?

18 – CORRETA. *Mutuamente* e *reciprocamente* são sinônimos e advérbios de modo.

19 – INCORRETA. De fato *inexoravelmente* é advérbio derivado do adjetivo *inexorável*, que significa *rigoroso, severo, inflexível*, portanto a afirmação final não procede. Esta questão serve para relembrá-lo de que os advérbios terminados em **-mente** são, normalmente (risos) derivados de adjetivos femininos ou uniformes.

20 – A afirmação em I é equivocada, pois *displicentemente* significa *negligentemente, sem atenção*. Em II, a palavra *bastante* modifica o adjetivo *comum*, logo é um advérbio de intensidade. Lembre-se de que advérbio é uma palavra invariável.

21 – CORRETA. *Até umas três gerações atrás* faz referência a uma ideia temporal de passado, o que se opõe à ideia de presente contida no advérbio *hoje*.

22 – E. Este vocábulo é engraçadinho. No enunciado, ele é um advérbio de intensidade, pois modifica o adjetivo *renegado*. Como você já sabe, tal vocábulo pode mudar de classe gramatical consoante o contexto. Veja em detalhe: a) Não aguentava mais tanto barulho. (advérbio de tempo)/b) E que tudo o mais vá pro inferno! (substantivo)/c) Cinco mais dois são sete. (conjunção aditiva)/d) Sem mais nem menos, ela sumiu. (substantivo)*/e) Com a chegada do irmão, ela ficou mais nervosa. (advérbio de intensidade modificando adjetivo) * *Sem mais nem menos* é uma locução adverbial de modo; o núcleo das locuções adverbiais têm base nominal, normalmente um substantivo, portanto, vejo o *mais* e o *menos* como substantivos.

23 – Ambas estão **INCORRETAS**. Sobre a primeira, há um advérbio que não indica lugar: "E foi **aí** que o interlocutor sugeriu". Tal vocábulo tem ideia de tempo, pois equivale a "nesse momento, então". Sobre a segunda, os primeiros "nãos" realmente são advérbios de negação, pois o interlocutor nega o conteúdo das perguntas anteriores. Já a expressão "Pois não" tem valor de afirmação, consentimento ou boa disposição: "Você pode me ajudar?" "*Pois não!*".

24 – **INCORRETA**. A afirmação não procede, pois a norma padrão exige que o grau do advérbio seja feito com o sufixo **-íssimo**. Estilisticamente, encontramos no registro literário e coloquial, não obstante, o uso de sufixos diminutivos ou aumentativos para indicar o grau de advérbios. Exemplo: Fui à praia *de tard*inha.

25 – CORRETA e autoexplicativa.O vocábulo *ainda* é um advérbio de tempo e não poderia ser substituído por *ainda que*, locução conjuntiva concessiva (= *embora, mesmo que, posto que, se bem que* etc.).

26 – D. Uma maneira de identificar a semelhança entre o *ainda* do enunciado e o *ainda* da letra D é reescrever assim: "A entidade também relata as condições das prisões já divulgadas por meio dos mutirões do CNJ e o crescente número de prisões de pessoas acusadas de delitos menores e inocentes. **Além disso (ou *ademais*)**, é considerado grave o fato de as detenções gerarem facções criminosas.". Agora veja a reescrita da letra D: "A jovem recebeu acusações injustas e, **ainda (= *além disso*)**, foi impedida de se explicar.". Sobre a letra A, o *ainda* pode ser substituído por *até o presente momento*. Sobre a letra B, o *ainda* exprime ideia de acontecimento/momento futuro. Sobre a letra C, o *ainda* indica constância, continuidade. Sobre a letra E, o *ainda* indica concessão, equivalendo a "mesmo assim".

27 – A. Apesar de estar fora de contexto, era perfeitamente possível marcar a letra A, pois as demais expressam outras circunstâncias. B: tempo; C: lugar (virtual) ou assunto; D: tempo; E: afirmação.

28 – D. Apesar de alguns gramáticos, como Bechara, abrirem uma concessão para o uso do advérbio *todo* com variação em gênero e número, a doutrina gramatical de que "advérbio é uma palavra invariável" foi levada a sério nesta questão, de modo que *toda escancarada* é uma construção equivocada, pois o advérbio sofreu flexão de gênero.

29 – D. A locução adverbial *além disso*, assim como *além do mais* ou *ademais* exprimem acréscimo, adição, logo adiciona um argumento.

30 – E. Preciso comentar mesmo? *Talvez* é uma palavra que indica possibilidade ou dúvida, mas nunca certeza; sinônimos: *acaso; porventura; quiçá* (Usa-se geralmente com o verbo no subjuntivo e, raramente, com o verbo no indicativo.)

31 – B. A expressão *ou seja* não serve para retificar. É usada antes de se dar uma explicação, antes de manifestar com outras palavras, ou de modo mais exato, a mesma ideia antes expressa.

32 – C. Os advérbios modalizadores que traduzem uma atitude ou estado psicológico do autor diante do fato por ele enunciado são *felizmente, infelizmente, lamentavelmente,*

agradavelmente, etc. A: Tempo. B: Certeza, convicção. D: Dúvida. E: Modo/focalização.

33 – INCORRETA. O vocábulo *logo* pode ser advérbio de tempo, sim: "Atenda logo o telefone!". Mas, quando equivale a "portanto" ou "então", tal vocábulo passa a ser classificado como conjunção conclusiva.

34 – CORRETA. O *mais* modifica um adjetivo (*barato*), intensificando-o, logo é um advérbio de intensidade.

35 – D. *Muito* modifica o adjetivo *grande*, logo é um advérbio de intensidade. A: Adjetivo. B: Adjetivo. C: Adjetivo.

36 – A. A dúvida está atrelada ao conceito de relativização, por isso podemos dizer que *presumivelmente*, do ponto de vista da tradição gramatical, é um advérbio de dúvida. Segundo os estudos e perspectivas atuais sobre os advérbios, *presumivelmente* seria um **modalizador epistêmico (quase asseverativo)**. *Certamente* e *absolutamente* são advérbios de afirmação, do ponto de vista tradicional, e **modalizadores epistêmicos (asseverativos)**, do ponto de vista dos estudos e perspectivas atuais sobre os advérbios. Cuidado com *absolutamente*, pois pode indicar afirmação ou negação, a depender do contexto. *Pacientemente* indica modo apenas.

37 – B. *Muitas vezes* e *não raro* (= *não raramente* = *muitas vezes*) são expressões sinônimas. Veja o segundo trecho, em que há a expressão adverbial *de fato*: segundo o dicionário Aulete, a expressão *com efeito* é o mesmo que *sem dúvida* (confirmando consequência verdadeira de fato ou ideia anterior): "Disseram que ela é eficiente. Com efeito, seu trabalho o demonstra.". Segundo o Aurélio, "significa: Efetivamente, realmente.". Portanto, *de fato* e *com efeito* são expressões sinônimas. Veja o terceiro trecho, em que há a locução conjuntiva *assim sendo* (conclusiva, como *portanto, assim, desse modo*), a qual é diferente de *de todo modo* — que apresenta, por sua vez, uma ressalva, como *de qualquer maneira, seja como for, em todo caso, não obstante* e afins. E no quarto trecho, o *mesmo* é uma palavra denotativa de **inclusão**, dessemelhante a *igualmente*, pois, convenhamos, inclusão e igualdade são conceitos distintos.

38 – A. O vocábulo *mais* modifica um substantivo, logo faz parte da categoria dos pronomes indefinidos. B: *Bastante* modifica o adjetivo tímida, logo é um advérbio de intensidade. C: *Penal* é um advérbio de modo, tradicionalmente falando; note que o sufixo **-mente** está (E pode estar!) implícito, pois o advérbio que o segue carrega tal sufixo. D: Apesar de *só* estar ligado ao advérbio *não*, formando parte da construção de conjunções correlativas (*não só...mas também* ou *não só... como também* etc.), a banca considerou tal vocábulo isoladamente como um advérbio de exclusão (chamado por alguns gramáticos de palavra denotativa de exclusão). E: *Antes* é um advérbio de tempo. A expressão *o quanto*, de *o quanto*

antes é considerada enfática e correta por Cegalla.

39 – Ambas estão **INCORRETAs**. Sobre a primeira, o vocábulo *aí* equivale a "nesse momento"; *então*, servindo como um termo sequenciador. A ideia dele não é de lugar, logo não há equivalência com *naquele lugar*. Ele dá ideia de tempo (= *a partir de então*...). Sobre a segunda, o vocábulo *só* não equivale a "somente". Isto posto, quero relembrá-lo de que a locução conjuntiva *só que* tem valor semântico adversativo, equivalendo a "mas", "porém", "contudo", "todavia", "entretanto" etc. Exemplo: Ele é muito legal, *só que* (= *mas*) sua família não presta.

40 – CORRETA. O vocábulo *disparado* significa no contexto *em primeiríssimo lugar*; trata-se de um advérbio, tanto é assim que pode ser acrescido o sufixo **-mente**: "A leitura, *disparadamente*, é a melhor forma de exercitar a memória".

41 – D. As locuções adverbiais às vezes e *em breve* exprimem ideia de tempo; já às pampas e *em excesso* exprimem ideia de intensidade. A: Tempo/lugar; B: Modo/tempo; C: Lugar/negação; E: Modo/tempo.

42 – A. O *ainda* equivale a "inclusive". Veja: "Diz **inclusive** a lenda que a imperatriz fez um fino manto de seda para o imperador.".

43 – A. I. De fato, *ontem* indica tempo passado. II. A locução *do mundo* está ligada ao substantivo *economia*, logo é locução adjetiva, e não adverbial. III. O advérbio *aqui* tem valor anafórico e refere-se a *Brasil*.

44 – B. Esta questão só nos interessa porque o vocábulo *meio* pode ser um advérbio de intensidade, quando se liga a um adjetivo ou a um advérbio: A indústria farmacêutica anda ***meio*** *apurada* com tanta demanda de remédios./As pessoas ficam ***meio*** *dependentes* dos efeitos químicos da medicação.

45 – C. Veja como a força da tradição gramatical ainda persiste em muitos concursos. A banca sustenta que *estranhamente* é um advérbio de modo, quando na realidade tal ideia é absurda, porque o sentido da frase não é que o personagem se recusava a comer <u>de modo estranho</u>. Não! A ideia do contexto é esta: o fato de ele se recusar a comer era estranho, do ponto de vista do enunciador do texto. Logo, *estranhamente* é um advérbio **modalizador afetivo (subjetivo)**, pois exprime um ponto de vista, um juízo de valor ou um estado de espírito do enunciador (falante) em relação ao conteúdo do enunciado. A locução adverbial em silêncio de fato indica o modo, pois indica o modo como se contemplava a paisagem. Por fim, *vagamente* modifica o adjetivo *familiar*, intensificando-o.

Capítulo 14
Gabarito

1 – E. Não é o exílio que canta, a canção não pertence ao exílio, logo a preposição *de* na contração *do* não tem valor possessivo, como você deve ter imaginado. Em "Canção do exílio", a ideia é: de onde, de que lugar vem a canção? Resposta: do exílio. Logo a preposição *de* tem valor locativo no contexto, indicando a mesma ideia de distância que se percebe em de *longe*. A: Qualidade. B: Matéria. C: Causa. D: Tempo.

2 – A. A ideia é de causa. Veja que dá para substituir pela locução prepositiva *por causa de*: "Por causa do real...", "Por causa da chuva...". As demais ocorrências da preposição *com* indicam companhia. O último *com* não tem valor semântico, pois é uma preposição relacional, exigida pelo verbo transitivo indireto *brigar*.

3 – C. Apesar de a preposição *para* normalmente indicar finalidade e, portanto, poder ser substituída pela locução prepositiva *a fim de*, não é o caso no contexto, pois a preposição *para* em "Esta é uma receita para..." tem valor meramente relacional, exigida pelo nome *receita*. A: Assunto. B: Exclusão. D: Lugar/proximidade. E: Lugar/direção.

4 – ERRADO. Tanto *de* como *sob* indicam modo/conformidade no contexto; nada se altera.

5 – CORRETO. Indica procedência. Isso fica claro quando se substitui *de* por *a partir de*.

6 – CERTO. Apesar de alguns gramáticos, como Cegalla, ensinarem que a preposição pode ficar implícita antes de oração iniciada por conjunção integrante *que*, a visão tradicional ensina que é obrigatório explicitar a preposição nesse contexto para não incorrer em erro gramatical.

7 – CERTO. Autoexplicativo. A preposição *de*, contida em "dos Estados Unidos da América", expressa ideia de procedência ou lugar.

8 – ERRADO. Quando há um nome antes do verbo *ser* exigindo uma preposição, esta deve ficar antes da conjunção integrante que inicia uma oração subordinada substantiva predicativa.

9 – CERTO. A locução prepositiva *apesar de* indica concessão, carregando a ideia de contraposição, contraste, oposição, quebra de expectativa.

10 – CERTO. A locução prepositiva *a fim de* indica finalidade, tal como *para*, no contexto. Logo, a substituição de uma por outra está adequada.

11 – B. O substantivo *agressão* exige a preposição *contra* também, logo a substituição está adequada.

12 – C. No primeiro caso, a preposição *por* tem valor nocional de causa. No segundo caso, o verbo optar exige a preposição *por*, que tem valor relacional.

13 – ERRADO. A afirmação da banca é viagem pura de ácido com whisky e Red Bull. A expressão *a despeito de* é tão somente uma locução prepositiva de concessão. As partes que compõem a locução não são analisadas separadamente. É por isso que toda locução tem o valor de unidade.

14 – ERRADO. Além de a relação semântica ser diferente, não seria mantida a correção gramatical do texto caso se substituísse uma por outra. Veja: "**de** (início)... **a** (fim)..."/"**entre**... **e**..." (focaliza o que ocorre no meio das duas datas). Percebeu que a preposição *de* se correlaciona com a preposição *a* e que a preposição *entre* se correlaciona com a conjunção *e*? É isso!

15 – CERTO. Tanto a preposição *de* como a preposição *para* no contexto da questão apresentam a mesma ideia de início (origem) e fim (destino), como em "De: Fernando Para: Juliana".

16 – ERRADO. Na primeira ocorrência, *para* indica finalidade, tanto que pode ser substituída por *a fim de*. Na segunda, *para* não tem valor nocional algum, pois é exigida pelo adjetivo *importantes*.

17 – E. A banca "brinca" aqui com a diferença entre ***a*** (artigo definido) e ***a*** (preposição). Como *em contraposição a* é uma locução prepositiva e 99,99% das locuções prepositivas terminam em preposição, *a* só pode ser preposição, e não artigo definido, logo o elemento gramatical ***a*** não define quais são as tentações, porque é preposição.

18 – D. O substantivo *meios* exige a preposição *para*, que tem valor meramente relacional.

19 – CORRETA. A substituição de *por* por *de* não prejudica a correção gramatical nem a coerência, pois ambas as preposições indicam valor de agente e iniciam um agente da passiva. Isso ficará mais claro quando eu falar de agente da passiva no capítulo de sintaxe.

20 – A. I: *para,* d*os,* à*s*. II: *o, a, os,* às *(a* + as*)*. III: *d*os *(d*aqueles*)*.

21 – D. Preposição *para* antes de verbo no infinitivo pode indicar duas circunstâncias: finalidade, quando equivale a "a fim de", ou consequência. Na letra D, o vocábulo *para* introduz ideia de finalidade. Nas demais frases, o *para* tem valor meramente relacional.

22 – E. Se for possível substituir *por* pela locução prepositiva *por causa de*, a ideia é de causa. Veja: "***Por causa de*** precaução, a maioria dos...". Pense: qual é o **motivo, a razão, a causa** de a maioria dos médicos recomendarem que se evite a combinação de bebida e

remédios? Resposta: *Por precaução.*

23 – B. A preposição *de* antes do pronome relativo *que*, na primeira lacuna, é exigida pelo verbo *servir-se*. A preposição *para* antes do pronome relativo *que*, na segunda lacuna, é exigida pelo nome *obrigações*.

24 – C. Note que em "... filhos com <u>até</u> dois anos de idade...", há um acúmulo de preposições (*com* e até), cada uma conservando seu sentido original. Safo?

25 – C. Fim ou finalidade. Dá no mesmo. Lembre-se: antes de infinitivo, o *para* indicará finalidade (= *a fim de*) ou consequência (= *a ponto de*).

26 – E. A preposição *para*, antes de verbo no infinitivo, pode indicar consequência (normalmente antecedida de advérbio de intensidade) ou finalidade: *Você devia estar muito distraído para (= a ponto de) não vê-la se exibindo./O doutor continua receitando remédios para (= a fim de) resolver aquele seu problema?*

27 – INCORRETA. *Apesar de* nunca introduz argumento orientado para a <u>conclusão</u> do texto. *Apesar de* é locução prepositiva que sempre indica concessão (= não obstante, a despeito de).

28 – Ambas estão **CORRETAs**. Tanto *devido a* equivale a *em razão de* (ambas as locuções prepositivas são causais) como *segundo* equivale a *conforme* (ambas são preposições acidentais de conformidade).

29 – E. Cuidado com *até* (preposição) e *até* (palavra denotativa – ou advérbio – de inclusão). No caso, *até* equivale a *inclusive*.

30 – B. Vou me apegar apenas ao que interessa neste capítulo: preposição. Note que a preposição tem o papel de ligar palavras ou orações. Neste caso, a preposição *a* liga o verbo auxiliar (*começou*) ao verbo principal (*chorar*), formando a locução verbal *começou* ***a*** *chorar*.

31 – A. Na primeira lacuna, usa-se a preposição *a* antes do pronome relativo *que*, pois o verbo *referir-se* a exige. Na segunda, usa-se a preposição *de* antes do pronome relativo *que*, pois o verbo *dispor* a exige. Simples assim.

32 – A. Note que todas as locuções têm valor causal, exceto *ademais de*, que tem valor aditivo.

33 – E. A conjunção *por* indica causa no enunciado e na letra E. Demais opções: A: Agente. B: Lugar. C: Agente. D: Agente.

Capítulo 15
Gabarito

1 – E. Nos dois primeiros períodos, cria-se uma boa expectativa em relação à abundância da floresta amazônica. No entanto, não é isso o que ocorre na ideia contida no terceiro período, que se contrapõe às anteriores. Por esse motivo, a conjunção adversativa *no entanto* abre o terceiro período quebrando uma expectativa. Valor semântico das demais conjunções: A: Causa. B: Tempo. C: Concessão. D: Proporção.

2 – A. Mera decoreba! *Mal* = logo que (temporal); *ao passo que* = à medida que (proporcional); *não obstante* seguido de subjuntivo = embora (concessivo); *desde que* seguido de subjuntivo (condicional).

3 – C. Esta questão trata da relação entre as partes do texto e das conjunções como elementos coesivos, construtores de sentido dentro da lógica discursiva. Veja que as relações são, respectivamente, de adição, adversidade, conclusão e adição: *Todo mundo fala de um renascimento do cinema brasileiro E ele parece incontestável. MAS ainda falta vencer um obstáculo fundamental: o preconceito do espectador brasileiro que continua relutante em sair de casa para assistir a um filme nacional. POR ISSO os filmes têm dificuldade de conseguir muitas salas E não conseguem o sucesso que mereciam.*

4 – A. Só pela ideia de acordo, já matamos a questão. Veja em B: **já que** foi combinado em assembleia de junho/2000 (locução conjuntiva causal), em C: **apesar d**o que foi combinado em assembleia de junho/2000 (locução prepositiva concessiva) e em D: **porquanto** tenha sido combinado em assembleia de junho/2000 (conjunção causal). Se você domina as conjunções e seus valores semânticos, não sentiu dificuldade, pois o comando de arrumação do texto é indicado pelas relações de sentido que as conjunções estabelecem. Veja: ***Conforme*** *o combinado em assembleia de junho/2000 (conjunção conformativa; acordo), solicitamos de V.Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola, em caráter de urgência,* ***para que*** *seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio (conjunção final; finalidade).* ***Embora*** *os reparos impeçam o andamento das aulas (conjunção concessiva; concessão), não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração.*

5 – D. Todos os conectivos são conjunções (ou locuções conjuntivas) subordinativas causais.

6 – D. Apesar de não ser uma questão puramente de conjunção, mas sim de orações coordenadas, queria reiterar que alguns gramáticos, como Sacconi, Cegalla e Infante, entendem que, quando a conjunção *e* tiver valor adversativo (= *mas*), a oração iniciada por ele será classificada como coordenada sindética adversativa.

7 – E. A relação entre uma frase e outra é de causa e consequência, logo, como a causa se inicia em (2), só podemos usar o *já que*, que é uma locução conjuntiva causal: "Mas talvez os shoppings, mesmo os mais sofisticados, como o Iguatemi, tenham se tornado democráticos demais para o gosto da classe alta paulista, JÁ QUE a cada pequeno entusiasmo econômico, logo a alvoroçada classe média da cidade resolve se intrometer aos bandos nas searas exclusivas dos muito ricos.". As demais: A: Locução conjuntiva concessiva. B: Locução conjuntiva consecutiva. C: Locução prepositiva *além de* indica adição, soma. D: Locução conjuntiva conclusiva.

8 – CORRETA. Note que a conjunção ***e*** liga períodos e tem, de fato, valor semântico de oposição (= *mas*).

9 – A. Perceba que entre orações já há uma relação de sentido, que fica explícita quando se usa a conjunção, portanto em 1) a relação é de oposição, que pode ser marcada por *e* ou *mas*, o que elimina B e D; já em 2) a relação é de causa, dando empate entre A e C, pois *porque* e *como*, iniciando período, podem indicar causa; por fim, a relação entre as frases de 3) é de conclusão, e a única opção que apresenta um conectivo conclusivo é a A: *por isso* (*porquanto* é causal/explicativo).

10 – D. A conjunção *mas* equivale a *mas também* e, no contexto, significa "além disso", "além do mais", adquirindo, assim, valor aditivo.

11 – D. Comentário da própria banca: "Considerando-se que o pronome relativo *que* retoma o elemento expresso na oração anterior, o sujeito do verbo canta é a expressão *o mar de minha saudade*. Nesse caso, o trecho em negrito recebe a classificação de oração subordinada adjetiva explicativa. Após as substituições exigidas pelo enunciado, o sujeito do verbo *canta* passa a ser o elemento *as murmurantes ondas*, devendo, portanto, todo o trecho ser classificado como oração coordenada explicativa, uma vez que o vocábulo *que* passa a atuar como conjunção explicativa.".

12 – INCORRETA. A conjunção *entretanto* é adversativa e só pode ser substituída, conservando-se seu sentido original por conjunções igualmente adversativas, como *mas, porém, contudo, todavia, no entanto, não obstante, só que* etc. É bom dizer que as conjunções concessivas (conquanto) apresentam um valor semântico semelhante ao das adversativas, mas, no contexto, não poderia haver substituição, pois a concessiva teria de levar o verbo ao subjuntivo. *Porquanto* não pode substituir conjunções adversativas, pois tal conectivo indica explicação ou causa.

13 – INCORRETA. O *mas* NUNCA indica comparação. NUNCA! Ele é uma conjunção adversativa ou aditiva.

14 – C. Em I, a ideia é de condição (*se* = *desde que*). Em II, a ideia é de condição ou tempo (*se* = *quando*). Em III, a conjunção *se* tem valor concessivo, por isso equivale a "mesmo que".

15 – A primeira está **CORRETA**; a segunda, não. O *assim* é uma conjunção conclusiva (= *portanto*). O *porque* nunca indica condição, mas sim causa, explicação ou finalidade.

16 – CORRETA. A conjunção *porquanto* indica causa/explicação, logo, nesse contexto, seria uma incoerência usá-la, pois se "a renda *per capita* da Inglaterra começou a crescer descolada da demografia" e "a evolução da renda *per capita* dependia das taxas de natalidade e mortalidade", há um contraste de ideias, e não uma relação de causa e consequência. Por isso, o conectivo adequado deveria ser adversativo: "A evolução da renda *per capita* dependia das taxas de natalidade e mortalidade, **no entanto** a renda *per capita* da Inglaterra começou a crescer descolada da demografia...".

17 – INCORRETA. O *como* não indica causa, mas sim comparação entre "flagelos assim" e "desastres de avião".

18 – D. *Logo* é a única conjunção, dentre as opções, que não indica explicação, mas conclusão.

19 – CORRETA. *Para que* é uma locução conjuntiva final desde criancinha, logo a afirmação procede.

20 – INCORRETA. *Contanto que* é uma locução conjuntiva condicional, e *consoante*, conjunção conformativa.

21 – A. *Caso* é uma conjunção condicional e exige verbo no subjuntivo ("caso o país não tenha crescido"). Mais importante que isso, porém, pelo que você notou nas outras alternativas, o vocábulo *se* estabelece relação de **concessão** (*apesar de, mesmo, embora, ainda que*...); *caso* indica apenas... condição. Nada a ver com concessão! Esta era para não zerar, hein!

22 – B. A gente banaliza o olhar (consequência) por quê? De tanto ver (causa). Ou seja, "A gente vê <u>tanto</u> (causa) ***que*** banaliza o olhar (consequência).".

23 – C. A conjunção *porque* é causal, explicativa ou final, depende do contexto, mas nunca é proporcional como *ao passo que*.

24 – B. A FGV se amarra em trabalhar diferença entre os "quês". Veremos muito mais sobre essa palavrinha *maledeta* no capítulo de *Que, Se e Como*. Por ora, fiquemos com a explicação da questão. *Bizu*: se pudermos substituir uma oração iniciada por ***que*** por ***isto***, estaremos diante de uma conjunção integrante (É certo que *a mudança do enfoque sobre o tema...*

decorrerá... = É certo ***isto***.), pois ela sempre inicia orações subordinadas substantivas que completam ou determinam a estrutura sintática de outra oração (chamada de principal). O segundo *que* é uma preposição acidental, equivalendo a "de", pois vem entre *ter* e *verbo no infinitivo*: "... terão *que* (= de) abranger...".

25 – A. Se ***ou*** é uma conjunção AL-TER-NA-TI-VA, a ideia é de...? Questão nível *Tele Tubbies!*

26 – B. A relação entre o primeiro e o segundo período é de causa e efeito (ou fato seguido de conclusão). Por isso a única locução conjuntiva possível é *por conseguinte*, que equivale a "portanto, assim, por isso, então, dessa forma, logo..." Veja: *Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas de escrita nos faça escrever melhor,* ***por conseguinte*** *escrever, como ler, só será efetivamente um hábito qualificado se feito com prazer.* As Demais: A: Concessão; C: Proporção; D: Finalidade; E: Tempo.

27 – D. Mera decoreba! A: Tempo. B: a preposição é exigida pelo substantivo *meio*. C: Explicação. E: Adversidade.

28 – B. A frase tem sentido concessivo por causa da conjunção concessiva *Embora*. Simples assim!

29 – CORRETA. Todos os elementos enumerados em A são dignos da mesma ideia de respeito, estão no mesmo nível, por isso pode-se entender que o conectivo *ou* estabelece ideia de inclusão.

30 – A. A: Alguns gramáticos, como Maria H. de Moura Neves e alguns dicionários, como Aulete e Houaiss, dizem que o *se* pode ter valor temporal, logo a substituição de *Quando* por *Se* mantém a coerência do texto. B: Só poderíamos substituir *se* por *caso* desde que o verbo em seguida fosse colocado no subjuntivo (... caso defendam...). C: A relação é de conclusão, por isso o uso de *pois* estaria equivocado *(... se sabe que o objetivo dele é a cura da doença, LOGO sua ação é mais percebida por todos)*. D: não é uma alternativa que tenha a ver com o assunto deste capítulo (conjunção), por isso julgo relevante não comentá-la. E: Já há uma ideia de oposição no último período marcada pela conjunção *mas*; não se pode usar *embora* e *mas* no mesmo contexto.

31 – A. A relação entre o primeiro período e o início do segundo é de ressalva, restrição, logo o melhor conectivo que poderia entrar na primeira lacuna seria o adversativo: *mas, porém, entretanto...*

32 – B. Percebe-se que a relação entre as orações do trecho original é de causa e consequência/conclusão (indicada pelo *portanto*). Sendo assim, invertendo-se as orações,

teremos de usar um conectivo de valor causal, a saber: *dado que*. Fica assim, então: *Não é possível importar o desenvolvimento dado que* corresponde a uma matriz endógena, gerada em nossas próprias sociedades.

33 – A. A relação entre os períodos é de explicação, logo as demais opções são descartadas. (B: Condição. C: Condição. D: Adversidade. E: Finalidade.)

34 – E. O advérbio *já* tem valor opositivo e equivale a "mas", "por outro lado", "em contrapartida" etc. E a conjunção *embora*, por ser concessiva, indica uma *ressalva que não invalida a declaração feita* (definição clássica de conjunção concessiva).

35 – E. *Uma vez que* é uma locução conjuntiva causal correspondente à conjunção causal *porque*. As demais conjunções e locução conjuntivas indicam, respectivamente: concessão, concessão, tempo e concessão.

36 – E. A relação lógico-semântica que existe entre I e II é de causa e consequência, por conseguinte devemos usar a locução conjuntiva conclusiva *por conseguinte*. As demais conjunções e locução conjuntivas indicam, respectivamente: adversidade, adversidade, causa e concessão.

37 – A. A ideia é de tempo ou proporção, logo letra A. As demais conjunções e locução conjuntivas indicam, respectivamente: concessão, condição, concessão. *Em comparação a* é uma locução prepositiva que indica comparação.

38 – E. Segundo o dicionário Houaiss, a conjunção adversativa *mas* "com variações de sentido, introduz o segmento que denota basicamente uma oposição ou <u>restrição</u> ao que já foi dito.".

39 – C. Há uma quebra de expectativa, um contraste, logo usa-se a conjunção adversativa *contudo*.

40 – ERRADO. *Enquanto* indica tempo; Celso Cunha diz que pode ser proporcional também.

41 – CERTO. Perfeito. Tais conectivos são adversativos, de fato.

42 – ERRADO. A conjunção *quando* de fato está relacionada ao fato expresso na oração "que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust". Agora, observe com calma: *Escrevi para ele...* porque o diabo do homem só faltou me chamar de representante comercial deles. Pelo que se vê, a <u>causa</u> (iniciada por *porque*) está ligada a "Escrevi para ele", e não a "que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust". Malícia total do CESPE!

43 – CERTO. Por definição, conjunção concessiva é a que introduz um conteúdo que, mesmo sendo contrário a uma proposição, não a invalida.

44 – ERRADO. NUNCA indica consequência**!** O *pois* indica causa, explicação ou conclusão.

45 – C. As duas frases mantêm uma relação de **adição** de acontecimentos, logo, para se unirem tais orações em um só período, precisaríamos usar um conectivo (normalmente conjunção) de valor **aditivo**. Por isso a reescritura correta é esta: "Não ri nem sequer sorri, ***e*** não faz uma pirueta.".

46 – CERTO. Todos esses conectivos são causais. Simples assim.

47 – A. Há uma relação de causa e consequência, pois a exclusão social causa a violência, daí que EXCLUSÃO SOCIAL E (consequente) VIOLÊNCIA. Muito boa a questão!

48 – A. A preposição *para*, antes de verbo no infinitivo, equivale à locução conjuntiva *para que* (para melhorar = para que melhore). E *segundo* é uma conjunção conformativa, como *conforme* e *consoante*.

49 – E. A construção *por (mais) que* constitui uma locução conjuntiva concessiva, por isso a única reescritura impossível é a E, pois preposição *por* + verbo no infinitivo reitera ideia de causa.

50 – D. Tanto *ainda assim* como *não obstante* são locuções conjuntivas adversativas.

51 – A. Tanto *só que* quanto *mas* são conectivos adversativos.

Capítulo 16
Gabarito

1 – INCORRETA. Normalmente a interjeição *oi* é usada como saudação (= *olá*), mas é empregada também para indicar que não se ouviu bem o que foi dito ou perguntado, e ainda como chamamento ou resposta a um chamamento. Numa música, esse *oi* serve como chamamento.

2 – E. No primeiro quadrinho, não só a interjeição exclamada por Cebolinha, *Oh!*, exprime susto, bem como seu rosto, por causa da suposta pancada que a Mônica está dando em Cascão. No segundo quadrinho, há um alívio, pois na verdade ela está penteando o Cascão.

3 – INCORRETA, porque as interjeições não são normalmente usadas em registros formais, como bem indica o contexto. Além disso, a classificação de *claro* é discutível, pois é um adjetivo modalizador.

4 – C. A interjeição *Hummmm*, com o esticamento do som nasal sinalizado pela repetição da letra **m** e das reticências, indica admiração com a veia da doadora, por isso as enfermeiras "trocam sorrisos interessados".

5 – C. Segundo o dicionário Houaiss, a interjeição *Puxa!* "traduz alegria, assombro, deslumbramento, admiração, mas também pasmo, estupefação por consternação, aborrecimento, desalento, impaciência". A locução interjetiva *Puxa vida!* indica o mesmo. O dicionário Aulete sacramenta: "Us. para exprimir admiração, surpresa, impaciência, irritação, aborrecimento etc.".

6 – D. *Ué!* exprime surpresa, espanto, admiração.

7 – D. *Putz* é uma interjeição muito coloquial que indica admiração, surpresa.

8 – E. A interjeição *Ufa!* exprime cansaço, alívio.

Capítulo 19
Gabarito

1 – CORRETA. Reveja todo o contexto: "Em dezembro do ano passado, milhares de pessoas tomaram as ruas de Seattle nos Estados Unidos, (...) Conseguiram barrar a negociação, que ficou para um futuro para lá de incerto, e, de quebra, ridicularizaram ninguém menos que o presidente americano Bill Clinton, o anfitrião do encontro". A ESAF adora complicar tua vida, não? O sujeito *milhares de pessoas*, superafastado, encontra-se oculto em relação aos verbos *conseguiram* e *ridicularizaram*.

2 – D. O termo *você* é sujeito simples e explícito do verbo *precisa*.

3 – D. Note que *te* e *te* são pronomes oblíquos átonos com função de complemento do verbo (objeto direto). No segundo caso, o verbo *fazer* é transobjetivo, ou seja, exige objeto + predicativo do objeto (faz alguém (OD) vencedor (POD)).

4 – B. O verbo *haver* (pode *haver*) no sentido de existir fica na 3ª pessoa do singular por ser um verbo impessoal. Tal verbo constitui oração sem sujeito. Simples assim.

5 – Ambas estão **INCORRETAs**. Sobre a primeira, jamais o *se* pode indeterminar o sujeito, pois o sujeito está na cara de qualquer um; veja: "... o Programa de Metas foi executado e seus resultados *manifestam-se*...". Sobre a segunda, note que a expressão formada pelo verbo ***ser* + que** é expletiva, ou seja, pode ser retirada sem prejuízo sintático-semântico; portanto não é só o verbo *ser* que é expletivo. Veja: "No entanto, (foi) graças ao controle do câmbio e ao regime de incentivos criados (que) as importações de bens de consumo duráveis foram contidas.".

6 – C. Note que o verbo *saiu* não é de ligação, pelo contrário, indica ação e vem seguido de um predicativo do sujeito (*chateada*), logo o predicado (*saiu chateada da escola*) é verbo-nominal.

7 – CERTO. Mais uma vez o verbo fazer foi usado como transobjetivo, ou seja, exige um objeto + um predicativo do objeto (*faça da criança* (OI) *um romancista introvertido* (POI)).

8 – B. O verbo *haver* (= *existir*) é um verbo impessoal sempre, ou seja, não tem sujeito.

9 – D. Os verbos *prevalecer* e *participar* são transitivos indiretos, logo exigem complemento preposicionado (objetos indiretos: "no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos" e "no rito das danças guerreiras").

10 – C. Cuidado com a inversão dos termos da oração! Isso pode derrubar você. Coloque a frase na ordem direta: "Mas outro problema surge aqui". Perceba que **outro *problema*** é sujeito em que *problema* é núcleo do sujeito. Sobre a letra C, faça a perguntinha para achar o

sujeito: “O que perde as cores?” Resposta: “as fitas de vídeo” (sujeito).

11 – B. Verbo na 3ª pessoa do plural com sujeito implícito sem referente anterior sinaliza que o sujeito é indeterminado. Sabe-se que alguém disse, mas não se sabe quem.

12 – E. Direto ao *bizu* de *achamento* do sujeito: “O que não se torna realidade?” Resposta: ”O sonho de Darcy.”. “O que continua?” Resposta: “O debate.”. Sujeitos simples, pois apresentam um núcleo. Olhe a E: “O que é de tal ordem?” Resposta: “A tragédia dos menores abandonados.”. Sujeito simples também, pois apresenta apenas um núcleo.

13 – C. Colocando na ordem direta: “Tudo *anda* muito desorganizado.”. Observe que o verbo *andar* não indica ação, mas sim estado, logo é um verbo de ligação, que liga o sujeito (*tudo*) ao predicativo do sujeito (*muito desorganizado*).

14 – INCORRETA. O sujeito não é inexistente, mas sim oracional. *Bizu* do *achamento* do sujeito: “O que vale a pena?” Resposta: “Deixá-los sem futuro”. Logo, colocando na ordem direta, temos claramente um sujeito oracional: *Deixá-los sem futuro* (sujeito) vale a pena?

15 – B. A oração sem sujeito é aquela que apresenta um verbo impessoal. As bancas adoram trabalhar o verbo *haver* (com sentido de *existir*, *ocorrer*) em questões de sujeito inexistente.

16 – B. Tipo de questão muito frequente em todos os anos da FCC! Estude transitividade verbal! Ambos os verbos (*confirmar* e *gerar*) são VTDs, logo exigem objetos diretos (respectivamente, *a antiguidade da família nuclear entre humanos* e *mais descendentes*).

17 – E. O verbo é transitivo direto e indireto, pois exige dois complementos (um direto e outro indireto). Veja: “... saibamos ensinar o quê? (o mais elementar) a quem? (aos alunos),...”.

18 – ERRADO. O sujeito implícito do predicado *for original* remete ao referente *obra de arte*: *Suponhamos que uma obra de arte profundamente original surja diante de seus olhos. Como a julga ele? Comparando-a com as obras de arte do passado.* ***Se (ela) for original****,...”*.

19 – ERRADO. Vejamos o contexto de cada verso: 19: *A cana doce de Málaga não é mar, embora em praias,* ***dá*** *sempre em pequenas poças, restos de uma onda recuada*. (intransitivo, pois não exige complemento; *em pequenas poças* é adjunto adverbial de lugar); 27: *A cana doce de Málaga dá dócil, disciplinada:* ***dá*** *em fundos de quintal e podia dar em jarras*. (intransitivo, pois não exige complemento; *em fundos de quintal* é adjunto adverbial de lugar); 2: *A cana doce de Málaga* ***dá*** *domada, em cão ou gata: deixam-na perto, sem medo, quase vai dentro das casas*. (transitivo indireto, pois exige complemento; *em cão ou gata* é objeto indireto); 26: *A cana doce de Málaga* ***dá*** dócil, disciplinada: dá em fundos de quintal e podia

dar em jarras. (intransitivo, pois não exige complemento; *dócil, disciplinada* é predicativo do sujeito).

20 – Ambas estão **INCORRETAs**. Na primeira, é impossível que a partícula *se* seja indeterminadora do sujeito uma vez que o sujeito do verbo *espraiar* está explícito, determinado, "na cara"! Veja o contexto de novo: "Agora se vê que a carência de profissionais *se espraia* para vários níveis de formação...". Pergunto: "O que se espraia para vários níveis de formação?". Respondo: "A carência de profissionais"'. Na segunda, o sujeito é outro, veja: "A rede educacional do país, com suas falhas e distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade, mostra-se incapaz de oferecer ao mercado de trabalho mão de obra competente". Safo?

21 – ERRADO. Observe a primeira oração: "São tantos os espaços para a dita participação popular". Está na ordem direta? Jamais! Colocando: "Os espaços para a dita participação popular (sujeito) são (verbo) tantos (predicativo)". Ah, agora sim podemos analisar com mais tranquilidade. Percebe que o verbo *ser* tem sujeito simples? Maravilha! E quanto à próxima oração? Veja: "não há espaços de visibilidade claros". Percebe o verbo *haver* com sentido de existir? Pronto, oração sem sujeito. Sendo assim, concluímos que a questão traz uma afirmação equivocada, pois na primeira oração há sujeito simples; só na segunda há oração sem sujeito!

22 – ERRADO. Se "**os bancos** se estabeleceram", como o sujeito pode ser indeterminado? O sujeito está explícito, e é simples: *os bancos*. A partícula *se* é integrante do verbo. Nível Tele Tubbies!

23 – CERTO. Perfeita a afirmação! Coloque na ordem direta: "Moedas mexicanas e peruanas (sujeito) continuavam sendo usadas (locução verbal) no comércio no extremo norte (adjunto adverbial).".

24 – ERRADO. O sujeito de *faz* é oracional: "Viver em ambiente sem gravidade". *Bizu* do *achamento* do sujeito: "O que faz coisas curiosas com o corpo?" Resposta: "Viver em ambiente sem gravidade.". Mole!

25 – ERRADO. O erro está em afirmar que *meu nome* é sujeito e que *meu nome* está anteposto a seu predicado verbal. Na primeira oração, o sujeito vem antes do predicado, ok! Na segunda oração, *meu nome* é objeto direto do verbo gritar, ou seja, "... o carteiro chegou e (o carteiro) gritou meu nome.". Pescou?

26 – ERRADO. A ordem direta é tão somente esta: "Joaquim Silvério (sujeito) começa a redigir (verbo) sua carta (complemento verbal) com pena bem aparada no palácio da Cachoeira (adjuntos adverbiais)". Na reescritura proposta, o adjunto adverbial inicia o verso,

portanto a ordem é indireta, diferente da sequência **sujeito-verbo-complemento verbal-adjunto adverbial**.

27 – CERTO. De fato, tais orações não seguem a ordem direta, que deveria ser sujeito-verbo-objeto, assim: "como a prevalência da forma pronominal (sujeito) inclina (verbo)-nos (objeto) a pensar" e "uma vez que levar em conta a noção de memória coletiva (sujeito) foi (verbo de ligação) necessário (predicativo do sujeito)". Inclusive a questão foi mal formulada, pois *necessário* é predicativo do sujeito e não objeto. Coisas da vida...

28 – CERTO. Se o sujeito não está explícito na frase, mas existe a possibilidade de encontrar seu referente pelo contexto, dizemos que ele está oculto, ou implícito, ou elíptico. É o que ocorre neste caso. "O que transporta muitos passageiros?" Resposta: "O tal veículo leve sobre o trilho, o tal meio de transporte que causa estranheza, o tal misto de metrô e ônibus, o tal tipo de transporte coletivo capaz de melhorar o trânsito nas cidades.". Resumindo: ***ele transporta***... Foi? Questão interessante.

29 – E. Os verbos impessoais são aqueles que não têm sujeito, como o verbo *fazer* (indicando tempo decorrido ou aspecto natural), *passar* (indicando tempo decorrido) e *haver* (no sentido de existir, ocorrer ou indicando tempo decorrido). Mas na letra E não é o caso, pois há um sujeito oculto para o verbo *haver*: *Embora (ele)* ***houvesse*** *acertado a hora, ele chegou atrasado.* Quando o verbo *haver* for auxiliar de uma locução verbal, como é o caso da E, ele sempre terá sujeito.

30 – D. O pronome relativo *que*, funcionando como sujeito, retoma "empresas transnacionais", as quais "operam sujeitas às normas"... Observe que *sujeitas* é uma característica de "empresas transnacionais", afinal, trata-se de um adjetivo. E, como todo adjetivo só exerce função de adjunto adnominal (quando vem ao lado do termo substantivo, sem vírgula) ou de predicativo (quando vem separado do termo substantivo, seja por vírgula ou simplesmente afastado), *sujeitas* só pode ser um predicativo do sujeito.

31 – B. Usamos o sujeito indeterminado quando não sabemos determinar quem é o sujeito (fala do garoto) ou não desejamos torná-lo conhecido. Para isso, usamos o artifício de colocar o verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito.

32 – O **item III**. Para a identificação do sujeito, há uma técnica bastante usada e que normalmente funciona: pergunta-se ao verbo "O que...?" ou "Quem...?"; daí acha-se o sujeito. Portanto, vamos aplicar: "Quem subjugou os hindus?" Resposta: "Os ingleses subjugaram.". Logo, o sujeito de *subjugaram* é *os ingleses*. Simples, não? "O que se cometeu contra os hindus?" Resposta: "Incontáveis violências se cometeram (foram cometidas).". Logo, o sujeito de *Cometeram-se* é *incontáveis violências*, cujo núcleo é o substantivo *violências*. Safo? Vale

dizer que no segundo caso estamos diante de uma voz passiva sintética, em que o verbo vem acompanhado da partícula apassivadora *se*.

33 – C. Vamos nos ater aos termos essenciais da oração. Na letra B, a partícula *se* do enunciado não exerce a mesma função que a outra. A primeira é apassivadora; para tirar a "prova dos 9", basta passar da voz passiva sintética para a analítica (... não **se** devem esperar exames... = ... exames não devem **ser esperados**...). Lembrou-se das marcas de passiva sintética e analítica? Esta apresenta ***ser* + particípio** e aquela, *se* apassivador. Sobre a letra D, não há indeterminação do sujeito, pois o sujeito está explícito. *Bizu*: "O que não se deve esperar?" Resposta: "Exames de consciência mais profundos não se devem esperar.". Esta perguntinha ao verbo é coisa linda, não? Resolve na hora o *achamento* do sujeito.

34 – A. O verbo do enunciado (*proviriam*) exige complemento preposicionado. Veja a frase na ordem direta: "As pistas que indicariam o caminho proviriam destes". O que provém, provém **de**! Percebeu a transitividade do verbo? Ele é um transitivo indireto, ou seja, exige complemento preposicionado para ter seu sentido completo e para completar a estrutura sintática da frase. Imagina se eu falasse assim para você: "Aí, maluco, a dor muscular provém.". Você iria perguntar assim: "A dor muscular provém de quê, Pestana? Tá ficando maluco?". Enfim, eu tenho de completar a frase porque o verbo exige complemento, logo deveria dizer assim: "A dor muscular provém ***do*** *excesso de exercícios*.". "Aaaah! Sim! Agora entendi.", diria você. Beleza? Na letra A, o verbo *consistir* também é VTI, pois exige complemento preposicionado. Veja: "a principal tarefa do historiador <u>consistia</u> ***em*** *estudar possibilidades de mudança social*". Safo?

35 – D. Note que a conjunção coordenativa *e* está ligando duas orações encabeçadas por verbos transitivos diretos: "Gates **afirmou** ser importante usar outros meios para convencer o Irã a não procurar ter armas nucleares **e** (Gates) **repetiu** as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar...". Quem afirma, afirma algo; quem repete, repete algo. Ambos são VTDs.

36 – ERRADO. O sujeito da oração é *os realmente capazes*. Veja na ordem direta: "<u>Os (=Aqueles) realmente capazes</u> (sujeito) só passam pela estreita peneira do programa.". Este *os* equivale a "aqueles", por isso é um pronome demonstrativo, núcleo do sujeito.

37 – ERRADO. <u>Mais uma vez</u>: verbo *haver* no sentido existir = oração sem sujeito.

38 – ERRADO. O sujeito do verbo *perceber* é indeterminado. Veja o trecho em que este verbo se encontra: "Não era preciso ser médium... para (alguém) perceber que a leniência...". Quem percebe? Qualquer um. Percebe a ideia de generalização, vaguidão, indefinição, indeterminação? Este é o terceiro caso de indeterminação do sujeito, pouco comum.

39 – ERRADO. O verbo da oração principal está na 3ª pessoa do singular, pois seu sujeito está em forma de oração subordinada substantiva subjetiva (sujeito oracional): **É** *verdade* ***isso*** *(que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas) =* ***isso*** *(que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas)* **é** *verdade* (na ordem direta). Então, esse papo de que o verbo está no singular porque o sujeito não está explícito é conversa para boi dormir. Cuidado com as pegadinhas do CESPE.

40 – ERRADO. O sujeito do verbo *chamar* **não é simples, mas sim indeterminado**. **Note que o verbo está na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito**. *Essa criança* é o objeto direto do verbo chamar. E *de Macunaíma* é o predicativo do objeto. Veja na ordem direta, sem a expressão expletiva **é que**: "(?) Chamaram essa criança de Macunaíma.". Detalhe importante: a expressão de realce (ou expletiva) **é que**, apesar de ter um verbo em sua construção, não é contada como oração!

41 – ERRADO. O verbo *faltar* nunca é impessoal, nem quando indica tempo: "Faltam dez dias para a prova.". Na frase em questão, o sujeito do verbo *faltar* é *o diabo do homem*.

42 – E. *Sofrer* e *precisar* são verbos transitivos indiretos. Ambos exigem um complemento (objeto indireto) iniciado pela preposição *de*.

43 – B. *Interferir* e *lidar* são verbos transitivos indiretos. Ambos exigem um complemento (objeto indireto) iniciado pela preposição *de* e *com*, respectivamente.

44 – B. Esta questão trabalha o conhecimento de transitividade verbal e sujeito indeterminado. Este verbo é transitivo indireto na frase do enunciado e na letra B, pois exige um complemento indireto (objeto indireto), ou seja, um complemento preposicionado. Quanto ao sentido, percebemos uma ideia de indeterminação do sujeito. Podemos indeterminar o sujeito por meio da colocação de uma partícula de indeterminação do sujeito junto ao verbo (que pode apresentar qualquer transitividade) na 3ª pessoa do singular (*Pensa-**se*** logo num palhaço.) ou por meio do uso do verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito (Pensam logo num palhaço.), normalmente.

45 – B. No enunciado, o verbo *respirar* é intransitivo e *aliviado* é um predicativo do sujeito, logo tempos um predicado verbo-nominal. Na letra B, o verbo *nomear* é transobjetivo, logo exige um objeto direto mais um predicativo do objeto, logo temos também um predicado verbo-nominal.

46 – D. Note que o verbo *ser* liga o sujeito ao **predicativo do sujeito** em ambos os casos.

47 – D. I: Certo. Quarto quadrinho. II: Certo. Segundo quadrinho. III: Certo. Respectivamente: *minhocas aquáticas, alguém, essa minhoca, essa minhoca, minha lógica*.

Capítulo 20
Gabarito

1 – CORRETA. O substantivo abstrato *acesso* exige quatro complementos nominais coordenados: "Ela antes tinha **acesso** *ao* sistema *financeiro habitacional, a* universidades públicas, à expansão *de empresas estatais cheias de ofertas de trabalho e à* indexação, que reajustava o dinheiro nos bancos".

2 – A. O objeto indireto pleonástico é representado pelo pronome oblíquo átono *lhe*, uma vez que já existe objeto indireto na oração, a saber: *A Rafael*. Como você sabe, um termo pleonástico pode ser retirado da frase sem alteração sintática ou semântica, logo veja a frase na ordem direta sem o *lhe*: *Chamaram (VTI) a Rafael (OI) covarde (POI)*.

3 – ERRADO. O verbo *reduz* é transitivo direto e indireto, exigindo um só objeto direto e um só objeto indireto, portanto não há objeto direto composto por dois núcleos. Veja: *"... reduz (VTDI) a tenacidade do esforço humano (OD)... ao humilhante plano da causalidade ou do fatalismo (OI)"*. A expressão *em centenas e centenas de séculos* é um adjunto adverbial de tempo, não um complemento verbal.

4 – B. O termo preposicionado do enunciado completa o sentido do nome *assistência*, logo é um complemento nominal. O mesmo se dá com *a contrabando*, que é complemento nominal do substantivo *repressão*. A: Adjunto adverbial de lugar. C: Adjunto adverbial de modo. D: Adjunto adverbial de modo. E: Predicativo do objeto direto.

5 – INCORRETA. Reveja os contextos: *"... como o inimigo que haveria de ser derrotado, acabou na verdade* por nos vencer.*"*/*"... estaremos caindo numa sociedade do homem e da mulher medíocres onipresentes, governados* por altas mediocridades.*"*. Os termos preposicionados sublinhados não exercem a mesma função sintática, pois só o segundo exerce função sintática. O primeiro na verdade faz parte de uma locução verbal: *acabou por vencer*, não exercendo função sintática alguma. O segundo, sim, exerce função sintática de agente da passiva. Voz passiva analítica: "... (sendo) governados por altas mediocridades" = voz ativa: "... altas mediocridades nos governando". Esse teste de passagem de voz verbal ajuda muito a identificação do agente da passiva. Se você pensou que *por altas mediocridades* era complemento nominal, enganou-se.

6 – D. Os verbos *prevalecer* e *participar* são VTIs, exigem complemento preposicionado (objetos indiretos, respectivamente: *no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos* e *no rito das danças guerreiras*).

7 – E. Quem paga, paga algo **a alguém**. Logo, *a ele* (em "eu não pago a ele") é um objeto

indireto, complemento do verbo pagar. Inclusive o verbo pagar é curioso, pois o objeto direto é sempre uma coisa e o objeto indireto é sempre uma pessoa (física ou jurídica ou ser personificado).

8 – C. Esta questão trata da diferença entre sujeito e objeto direto. Normalmente o sujeito vem antes do verbo, e o objeto direto vem depois. Mas, nessa questão, a ideia era saber se você conseguia perceber a diferença. A única opção que não apresenta um sujeito é a C, pois *o acesso* é o alvo da ação de democratizar, o objeto direto. Coloque na ordem direta os demais e verá o sujeito.

9 – CORRETA. O adjetivo *ultraconsciente* exige um complemento preposicionado pela preposição *de*, afinal, quem é (ultra)consciente, é (ultra)consciente *de* alguma coisa. Portanto, *de seu ofício* é um complemento nominal.

10 – CORRETA. Quem assegura, assegura algo (a cobertura mais completa possível) a alguém (aos (= àqueles) que buscam a proteção dos planos de saúde). Logo, a expressão não tem função de objeto direto.

11 – ERRADO. Novamente o sujeito vem depois do verbo, parecendo ser um objeto direto, mas coloque na ordem direta e verá que se trata de um sujeito: (... não sei quanto tempo *essa minha angústia* durou...). O que durou? Resposta: "essa minha angústia" (sujeito). Safo?

12 – ERRADO. O termo em itálico não é complemento do verbo chamar. O complemento deste verbo é o pronome relativo *que*. Você sabia que os pronomes relativos podem exercer função sintática? Podem sim! Basta você substituir o relativo pelo termo anterior e analisar sintaticamente a oração. Veja: "Kant inicia <u>a exposição da ética</u>, **que** ele chama *metafísica dos costumes...".* Ele chama <u>a exposição da ética</u> *metafísica dos costumes*. Portanto, o pronome relativo exerce função de complemento verbal, uma vez que, quando o substituímos pelo antecedente, descobrimos a função sintática do termo sublinhado, a saber: complemento verbal (objeto direto). Esse termo em itálico é o predicativo do objeto direto. Lembre-se: o verbo *chamar*, no sentido de "apelidar", "cognominar", "julgar", "classificar", é chamado de transobjetivo, pois exige um objeto + um predicativo do objeto. Percebeu que a preposição *de* é facultativa ao iniciar o predicativo do objeto? Portanto, a afirmação desta questão não procede, por dois motivos: 1) *metafísica dos costumes* não é complemento verbal, mas predicativo do objeto e 2) a preposição *de* não é obrigatória antes do predicativo.

13 – CERTO. O verbo *considerar* é VTD, logo exige um objeto direto, que vem em forma de oração. Dondonim considera o quê? Resposta: "que o assistencialismo oficial prejudicou os índios" (OD).

14 – ERRADO. O pronome *lhe(s)* nunca exerce função de objeto direto. Note também que o

verbo emitir é VTDI: quem emite, emite algo (os títulos respectivos) a alguém (lhes = a eles).

15 – CERTO. Perfeito! Este termo é um agente da passiva, por isso é o agente da ação verbal. A oração em que se encontra apresenta sempre verbo na voz passiva. O que é possível tornar o trecho na voz ativa, lembra? Veja: "Criminosos que andavam livremente pelas ruas com fuzis e metralhadoras **dominavam** uma área tão populosa.". O agente da passiva vira sujeito agente (é claro!) na ativa, percebeu?

16 – A. A locução verbal *havia atormentado* apresenta um verbo principal transitivo direto (quem atormenta, atormenta alguém). Logo, o *o* (pronome oblíquo átono, que normalmente exerce função de objeto direto) é de fato um objeto direto em "caso de assassinato que **o** havia atormentado". Os demais em negrito são artigos, e todos os artigos exercem função de adjunto adnominal. Sempre!

17 – A. Quando se diz que um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio) é transitivo, isso significa que ele exige complemento. O substantivo *pronunciamento* de fato exige um complemento. Quem faz um pronunciamento, faz um pronunciamento **a** alguém. Percebe que é isso que se dá no contexto da questão? "Em **pronunciamento a**o conselho diretor...". Assim como o verbo exige complemento, alguns nomes também exigem complemento. Por isso, letra A!

18 – B. Um complemento nominal oracional é um complemento nominal em forma de oração, que recebe o nome de **oração subordinada substantiva completiva nominal**. O substantivo *preocupações* exige um complemento iniciado pela preposição *de*. Portanto, *de que ações militares somente iriam retardar* é um complemento nominal oracional de *preocupações*.

19 – CORRETA. *Trasladar* é VTDI: *trasladam (VTDI) para o papel (OI) alguma coisa da sua frescura e novidade (OD).*

20 – A. Esta era para não errar. O verbo pede um complemento sem preposição, logo OD na cabeça!

21 – INCORRETA, pois *o endereço e a literatura desta missiva* é o sujeito composto do verbo surpreender. Como o sujeito composto vem depois do verbo, este pode concordar com o núcleo mais próximo, ficando no singular. Sobre *vos*, saiba que é um simples objeto direto, complemento direto do verbo surpreender.

22 – CERTO. De fato, *Que Demócrito não risse* é o objeto direto oracional do verbo *provar*. O *o* é só um objeto direto pleonástico, que retoma o objeto direto que já existe, a saber *Que Demócrito não risse*.

23 – A. O verbo *confessar* é VTDI, em que *"que entendo* de arquitetura é objeto direto

oracional e vos, objeto indireto, ou seja, complementos verbais. E *de arquitetura* é objeto indireto de *entender*. Assim, ambos os elementos sublinhados são complementos verbais.

24 – CORRETA. A voz é ativa porque o sujeito pratica a ação verbal e *umas bugigangas* é o objeto direto de *anunciar*.

25 – CERTO. O verbo está na voz passiva analítica (foi ultrapassada) seguido de um agente da passiva, ou seja, o agente da ação verbal (pelas redes transnacionais de poder). Para provar isso, passe para a voz ativa: As redes transnacionais de poder *ultrapassou sua soberania*. Lembre-se de que o agente da passiva é o sujeito da ativa.

26 – A. O verbo *dedicar*, do enunciado, é VTDI, logo exige um complemento direto (os meses de verão) e um complemento indireto (à criação musical). O verbo *ter* é VTD, logo exige um complemento direto (influência central). Assim, *influência central* e *os meses de verão* são objetos diretos.

27 – A. O substantivo *construção* exige um complemento nominal, logo *de hospitais* é um CN.

28 – E. Não só o verbo *sofrer* exige um complemento preposicionado (o objeto indireto *de imensas deficiências de nutrientes*) mas também o verbo *precisar* exige um complemento igualmente preposicionado (o objeto indireto *deles*). Portanto, ambos os verbos são VTIs seguidos de OIs.

29 – B. *Interferir* e *lidar* são verbos transitivos indiretos. Ambos exigem um complemento (objeto indireto) iniciado pela preposição *de* e *com*, respectivamente.

30 – C. Os verbos *crer* e *pensar* são transitivos indiretos e exigem, óbvio, objetos indiretos: *no mundo* e *nele.* O nome *doente* exige um complemento nominal, a saber: *dos olhos*.

31 – B. Note que a frase está na voz passiva analítica (tem sido combatida), em seguida vem o agente da passiva *pelos médicos*. Prova disso é a passagem para a voz ativa: *Os médicos têm combatido muito a ansiedade hoje em dia.* A: Objeto indireto. C: Adjunto adverbial de tempo. D: Complemento nominal.

32 – D. A expressão *de nossos sonhos* é um complemento nominal, tendo como núcleo *sonhos* e *nossos* seu adjunto adnominal.

33 – C. O verbo *guardar* é VTD e exige um objeto direto (*o telefoninho*). Nas demais opções, os termos sublinhados são sujeitos. Não se deixe enganar pelo sujeito deslocado.

34 – D. No item I, temos um verbo transitivo indireto, logo *de futebol* exerce a função sintática de objeto indireto. Esse é mole! Mas, agora, muita atenção, meu nobre! No item II, apesar de ser tentador acharmos que *de emoção* cumpre a mesma função, temos de lembrar

que o verbo *chorar* é intransitivo. Assim, o termo em destaque está cumprindo a função de adjunto adverbial de causa, pois indica o motivo pelo qual *Ele* estava chorando.

35 – B. O verbo *deixar* é VTDI, logo *pra Zé Patife* é objeto indireto, e *bainha* é objeto direto.

36 – D. Parece um objeto direto, mas o verbo *nascer* é *intransitivo*, antes de mais nada. Esta é uma das questões em que a banca trabalha a sua capacidade de diferenciar sujeito de objeto direto. Note que o verbo concorda com o termo mais próximo do sujeito composto posposto, ficando no singular. Na ordem direta, seria assim: "A vida e a transformação nascem da morte do velho.".

37 – C. "Nos estudos citados <u>pelos autores</u>..." = "Nos estudos que <u>os autores</u> citaram...". Se é possível passar da voz passiva analítica para a voz ativa, é certo que se trata de um agente da passiva.

38 – D. a) O substantivo *batalha* exige um complemento iniciado pela preposição *por*, logo CN. b) O substantivo *fé* exige um complemento iniciado pela preposição *em*, logo CN. c) O substantivo *amor* exige um complemento iniciado pela preposição *por*, logo CN. e) O substantivo *falsificação* exige um complemento iniciado pela preposição *de*, logo CN. Note o valor de alvo de uma ação, o valor passivo do CN em todos esses casos. Agora, em d), o complemento preposicionado é um objeto indireto do verbo batalhar. Não confunda CN com OI.

Capítulo 21
Gabarito

1 – A. Abrindo os caminhos com a famosíssima diferença entre ADN e CN. O termo *das estradas* tem valor passivo, pois sofre a ação, logo... complemento nominal. Assim como o substantivo abstrato (manutenção) exige um complemento preposicionado, o adjetivo *fundamental* também exige (o que é fundamental é fundamental **a/para**).

2 – B. Mais uma diferença, dessa vez entre adjunto adverbial e agente da passiva. Note que só na B há a locução verbal formada por *ser* + particípio, típica da voz passiva analítica. Sendo assim, *pelo rio* é o agente da passiva. Para bater o martelo, passe para a voz ativa: "... o rio levou alguns animais...".

3 – CORRETA, pois o aposto explicativo é um termo que vem separado por pontuação (vírgula(s), travessão(ões) ou parênteses) para explicar um termo anterior, normalmente.

4 – D. Esta questão trata, mais uma vez, daquela velha e polêmica diferença entre CN e ADN. O complemento nominal vem ligado a um substantivo abstrato e o adjunto adnominal vem, normalmente, ligado a um substantivo concreto. Como **mundo** é concreto, *de tribos* é adjunto adnominal. No caso do enunciado, o adjetivo *benefícios* exige um complemento, logo *a amplos setores* é um complemento nominal. A confusão entre CN e ADN só ocorre quando o termo preposicionado está ligado a um substantivo abstrato. Se o termo preposicionado vier ligado a um adjetivo ou advérbio — NÃO RESPIRA! —, complemento nominal *nas cabeças*.

5 – B. Sempre que uma locução adjetiva estiver ligada a um substantivo concreto, não pestaneje, ela exercerá função sintática de adjunto adnominal. Sempre! Como a palavra *epidemia* é um substantivo concreto, *das doenças crônicas* exerce função sintática de adjunto adnominal, assim como o adjetivo *nacionais* ligado a um substantivo (autoridades) também exerce esta mesma função sintática.

6 – D. De acordo com alguns gramáticos, principalmente modernos, quando o *lhe* tem valor possessivo, exerce função sintática de adjunto adnominal. Ao dizer "Eugênio examinava-lhe as mudanças do rosto com comovida atenção", isso equivale a "Eugênio examinava as mudanças do **seu** rosto..." ou "Eugênio examinava as mudanças do rosto **dele**...". Daí ser classificado como adjunto adnominal tal qual *de uma criança* (valor de posse) em "Salvara a vida **de uma criança**".

7 – II. A expressão entre travessões é um aposto explicativo do termo anterior (profissionais). Lembre-se de que o aposto pode vir entre vírgulas, entre travessões ou entre parênteses.

8 – B. Trata-se de um vocativo, pois, além de indicar um chamamento, *coração* é o

interlocutor.

9 – B. Trata-se de um vocativo, pois, além de indicar um chamamento, *querido* é o interlocutor. Mais interessante do que tudo é o fato de um adjetivo (*querido*) virar um substantivo no contexto.

10 – C. Apesar de não ser comum o aposto vir antes do termo a que se refere, temos aí um belo exemplo disso. Veja na ordem comum: "O ex-ministro Antonio Delfim Netto, arquiteto e engenheiro da prosperidade do "milagre econômico", está convencido (...)".

11 – A. Simples! Algo para ser visto por **onde**, por qual **lugar**? Resposta: "pela janelinha do carro" (adjunto adverbial de lugar modificando o verbo ver).

12 – E. Assim como o nome *controle* exigiu um complemento nominal (dos resíduos radioativos), o nome *danosa* também o fez (o que é *danoso,* é *danoso* **a**o meio ambiente).

13 – INCORRETA. O aposto não vem representado por um adjetivo, logo *justas* e *equilibradas* jamais poderiam ser um aposto, só para começar. Perceba que o predicado é nominal (são mais *justas, equilibradas, honestas*...), logo os termos têm função de predicativo do sujeito.

14 – INCORRETA. *Jean-Claude Trichet* está entre vírgulas por se tratar de um aposto explicativo.

15 – C. Colocando na ordem direta fica mais fácil perceber a função sintática dos termos; veja: "...e como eu ia dizendo, você andar devagar e ser assaltado por mim (agente da passiva) do que correr e ser assaltado pelo radar é muito mais econômico (predicativo do sujeito). E eu nem somo pontos em sua habilitação (adjunto adverbial de lugar (virtual))!".

16 – A. Muito boa a questão, que trabalha a diferença entre agente da passiva e adjunto adverbial. Não podemos passar para a voz ativa, logo o termo não se trata de um agente da passiva, mas sim de um adjunto adverbial de causa: "... as oportunidades acabam definitivamente perdidas por causa da desistência dos potenciais empregadores.".

17 – CERTO. De fato as funções são distintas! No primeiro segmento, o termo é complemento nominal de *gosto* (quem tem gosto, tem **gosto *por***). No segundo segmento, o termo é um adjunto adverbial de meio, modificando o verbo *revelar*.

18 – D. As expressões às vezes e *Em breve* exercem função sintática de adjunto adverbial de tempo. As expressões às pampas e *em excesso* exercem função sintática de adjunto adverbial de intensidade.

19 – ERRADO. A justificativa da banca diz respeito à classificação de aposto. E "um dos

pioneiros na pesquisa sobre mídia pública no Brasil" é um aposto explicativo, desde criancinha.

20 – ERRADO. Ambas as expressões têm sentido possessivo, logo são **adjuntos adnominais**, e não **complementos** nominais.

21 – CERTO. É aposto explicativo de CO2.

22 – A. O enorme tronco dá uma descarga de água para as raízes **quando**? *Na iminência de um temporal*, ou seja, quando se aproxima uma tempestade. Percebeu que o adjunto adverbial de tempo *na iminência de um temporal* foi substituído por uma oração subordinada adverbial de tempo *Quando se aproxima uma tempestade*? Isso ocorre porque a oração subordinada adverbial exerce função de adjunto adverbial, também chamada de adjunto adverbial oracional.

23 – D. *Hugo Sarmento* especifica colégio, logo é um aposto especificativo. O termo *uma ferramenta virtual*, objeto direto, é complemento do verbo *levar*. Agora, você percebeu a diferença entre agente da passiva e complemento nominal no termo *pelo microblog*? E é isso que faz você acertar a questão. Não podemos dizer que é um complemento nominal, pois é possível passar para a voz ativa o trecho, transformando o agente da passiva em sujeito da ativa. Veja: "O limite de 140 caracteres imposto **pelo microblog Twitter**..." (voz passiva) – "O microblog Twitter impõe o limite de 140 caracteres..." (voz ativa).

24 – B. Os termos sublinhados têm valor passivo, logo são complementos nominais: *consolidação* ***da democracia*** = a democracia é consolidada/*desenvolvimento* ***da cidadania*** = a cidadania é desenvolvida.

25 – B. Um complemento nominal oracional é um complemento nominal em forma de oração (apresenta um verbo em sua constituição). O substantivo *preocupações* exige um complemento iniciado pela preposição *de*. Portanto, *de que ações militares somente iriam retardar* é um complemento nominal de *preocupações*.

26 – A. Na letra A, observe que o primeiro verbo termina em ditongo, logo o pronome oblíquo átono poderá ser *-no, -na, -nos, -nas*. Como o núcleo do complemento verbal é feminino singular, usaremos **-***na*. Não poderia *rolar* a próclise porque não há palavra atrativa alguma. Sendo assim, "legitimavam-**na"**. No segundo momento, o pronome *lhe*, como já vimos, exerce função de objeto indireto (= *a ele*(a)): "atribuindo-lhe". Quanto à colocação pronominal, ok, pois não há palavra atrativa. Quanto ao uso do *lhe*, sabemos que ele substitui complementos verbais preposicionados (objeto indireto). Para fechar o comentário, observe o contexto do terceiro momento: "... que **a** tornava...". O *que* é uma palavra atrativa, portanto, o pronome átono fica antes do verbo. O pronome é feminino singular, pois substitui expressão feminina

singular.

27 – E. O *lhe* é usado pela FCC para substituir qualquer objeto indireto, seja coisa ou pessoa. Comentando só a letra E: no primeiro caso, o verbo *agregar* exige complemento preposicionado (ao nosso espírito; objeto indireto), logo usemos o *lhe*. No segundo caso, o vocábulo *que* atrai o pronome oblíquo átono, logo fica "**o** distinguirão". Lembra que, apesar de o verbo estar no futuro, a preferência é a próclise? Além disso, o pronome está no masculino singular, pois substitui uma expressão substantiva masculina singular. Por fim, no terceiro caso, usemos o *lhe* de novo substituindo *ao nosso espírito*, termo preposicionado (objeto indireto).

28 – B. Quem acompanha acompanha algo/alguém. Portanto, o verbo é transitivo direto, exige objeto direto. Os pronomes oblíquos átonos que exercem função de objeto direto são *-o, -a, -os, -as* (e variações). Como a palavra *tragédia*, núcleo da expressão substantiva, é feminina singular, o pronome a ser usado é *a*. Logo, "... o mundo acompanhou-a ou o mundo a acompanhou". A colocação é facultativa, pois antes do verbo não há palavra atrativa. O complemento do verbo *atribuir* é preposicionado, porque quem atribui atribui algo **a** algo/alguém. Como a gente já sabe que a FCC coloca *lhe* para substituir qualquer termo preposicionado por *a* ou *para*, que assim seja. O uso do *lhe* neste caso está correto, pois ele tem função de objeto indireto. Sua colocação está adequada porque o pronome indefinido *ninguém* serve de palavra atrativa, daí a próclise. Quem toma toma algo. O verbo pede um complemento não preposicionado, logo usamos *-o, -a, -os, -as* (e variações). Como o verbo termina em **-r**, usamos *-lo, -la, -los, -las*, lembrou? Por isso, "... chegaram a tomá-la". O *-la* substitui o substantivo feminino singular *tragédia*.

29 – B. O pronome oblíquo átono *lhe* normalmente exerce função de objeto indireto, por isso aparentemente não haveria problema em usar tal pronome para substituir *ao debate*; no entanto, o *lhe* não é usado como complemento de alguns verbos, como *aludir, anuir, aceder, aspirar (almejar), assistir (ver), escarnecer, proceder, presidir, recorrer, referir (aludir), visar (almejar)*, como já vimos na teoria.

30 – A. Tenha sempre em mente também que o *se* pode ser conjunção (integrante, condicional, causal, temporal) ou pronome oblíquo átono (com aquelas funções todas). Beleza? Vamos lá! O primeiro *se* do enunciado é uma conjunção condicional, equivale a "caso" (Caso não se cuide...). O segundo *se* é um pronome reflexivo (se cuidar = cuidar de si mesmo). Na letra A, a análise é idêntica: "Tire um tempo livre *caso* queira tratar *de si*.". Veja as demais alternativas: b) "Ele <u>se</u> **considera sabido** <u>se</u> **acerta todas as questões**." (*se considera* = considera a si mesmo: pronome reflexivo/*se acerta* = quando acerta: conjunção temporal). c) "O consumidor virá queixar-<u>se</u>, <u>se</u> **você não devolver o produto**." (*queixar-se* : partícula

integrante do verbo/*se você* = caso você: conjunção condicional). d) "Formaram-se **diversos grupos para debater** se **é o melhor momento**." (*formaram-se diversos grupos* = diversos grupos foram formados: pronome apassivador/*se é o melhor momento*: conjunção integrante). e) **"Se ele desconhecia** se **ia adotar uma nova política, por que tocou no assunto?"** (*se ele desconhecia* = já que ele desconhecia: conjunção causal/*se ia adotar*: conjunção integrante). Falarei de conjunção integrante só no capítulo de conjunção.

31 – ERRADO. Só os adjuntos adverbiais do primeiro grupo indicam valor semântico de **meio**. Os demais indicam **causa**, e não **meio**. Veja esta reescritura na ordem direta: "Vós inutilmente matastes *por que razões (causas)*? *Por fictícia autoridade, por vãs razões, por falsos motivos*.".

32 – B. Diferença entre adjunto adnominal e predicativo do sujeito. O adjunto adnominal vem junto do nome, não separado por pontuação nem distante do sujeito sendo ligado por verbo de ligação... como nos demais casos.

33 – E. Esta questão mistura regência nominal com a questão da diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal. Qual é a diferença? A essa altura do campeonato, já sabemos, não é? Mas não custa relembrar a diferença mais importante: o complemento nominal tem valor passivo e o adjunto adnominal tem valor ativo (ou de posse). No enunciado, note que o adjetivo exige um complemento nominal iniciado pela preposição *a*. O que é essencial é **a** (ou **para**). A opção E é a única que não apresenta um nome exigindo um complemento, porque *de cada pessoa* indica posse em relação a *valores*, logo é um adjunto adnominal. Veja as demais: a) *a **observância*** da felicidade coletiva./b) ***acesso*** aos básicos serviços públicos./c) ***crença*** na contínua evolução da sociedade./d) *a **pretensão** legítima* ao seu atendimento. Todos os termos sublinhados são complementos nominais, pois são termos exigidos pelos nomes negritados.

34 – C. O primeiro termo estabelece uma relação de posse, logo trata-se de um adjunto adnominal. O segundo é um termo exigido pelo nome *necessidade* (quem tem necessidade tem necessidade **de**).

35 – C. O termo *por mim* é um agente da passiva, pois pode se tornar um sujeito da ativa. O termo *em Belo Horizonte* é um adjunto adverbial de lugar, pois modifica o verbo *estar*. O objeto direto oracional *que fiques triste* é um complemento do verbo transitivo direto *querer*. O termo *aos pobres* é um objeto indireto, pois complementa o verbo transitivo direto e indireto *doar*.

36 – ERRADO. Bechara e Francisco Fernandes entendem que o *se* do verbo *tratar-se* é partícula integrante do verbo. A maioria dos gramáticos (Cegalla, Kury...), porém, veem tal *se*

como partícula de indeterminação do sujeito. Já o *se* ligado ao verbo *encontrar*, que é transitivo direto, é partícula apassivadora (*... o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos = o lugar em que centenas de milhares de rolos eram encontrados*). Logo a classificação do *se* é diferente.

37 – A. Trata-se de um aposto, pois explica o termo anterior.

38 – B. Note que *as* é complemento verbal do VTD *coordena*, por isso é um objeto direto. Já *a Organização das Nações Unidas (ONU)* é um aposto explicativo de *organismo máximo*. Por último, *pelos cinco países* é um agente da passiva. Passe para a voz ativa e comprove: "*Os cinco países* controlam o organismo máximo que as coordena...". Percebeu que o AGP virou sujeito? Fácil!

39 – D. O objeto, o instrumento usado para redigir foi o lápis, logo *a lápis* é um adjunto adverbial de instrumento.

Capítulo 22
Gabarito

1 – CERTO. Se aquele seu professor dissesse para você que "oração coordenada é aquela que tem sentido (!) completo", você se daria mal nessa. Desde quando "Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, só se aprende" tem s-e-n-t-i-d-o completo? Nunca! Mas a estrutura sintática está completa, pois tem sujeito e predicado: Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, (sujeito) só se aprende (predicado). Cuidado com o que ensinam por aí... Vamos à explicação completa! Há coordenação, pois as orações são sintaticamente completas, por isso independentes do ponto de vista sintático. Oração 1: "Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, só se *aprende*". Oração 2: "e se *vivencia*, de forma plena, coletivamente, em troca contínua de experiências com os outros". Ambas as orações têm estrutura sintática completa.

2 – D. Se uma oração é iniciada por uma conjunção adversativa, toda ela terá valor adversativo em relação à oração anterior, nunca indicará causa ou outro valor. A afirmação da letra D não procede. Sobre B, a afirmação procede, pois a série aditiva enfática "tanto... quanto..." estabelece a relação aditiva. Sobre E, a afirmação também procede; veja a reescritura proposta: "A tarefa é tornar o jogo verdadeiramente democrático e *não* (tornar) mera legitimação da impetuosidade arrivista de líderes mais preocupados com o sucesso pessoal que com as causas sociais.".

3 – Ambas estão **CORRETAs**. Sobre a primeira, perceba que há uma relação de causa e consequência marcada pela conjunção *e*, que tem valor semântico conclusivo/consecutivo. Veja: "essas facilidades acabaram (causa) e (consequentemente/portanto) a classe média passou a ter mais gastos". A reescritura "com o fim dessas facilidades, a classe média passou a ter mais gastos" mantém a mesma relação de sentido, pois "com o fim dessas facilidades" é um adjunto adverbial de causa, seguido de sua consequência "a classe média passou a ter mais gastos". Sobre a segunda, a reescritura abona a afirmação de que há uma relação de contraste: "É como se ela tivesse viajado sempre de executiva e (= mas) agora tivesse de andar de econômica".

4 – B. Questão nível *Teletubbie*! Qual é a única oração iniciada por uma conjunção coordenativa aditiva, que, obviamente, expressa adição? Preciso dizer? E olha que era prova de nível superior...! Em A, temos uma oração subordinada adjetiva restritiva; em C, temos uma oração coordenada sindética adversativa; em D, temos uma oração subordinada adjetiva restritiva; em E, temos uma oração subordinada adverbial temporal.

5 – C. "Joana tomou um sonífero e (= mas) não dormiu". Segundo a tradição gramatical, classifica-se a oração iniciada por um "e" adversativo como oração coordenada sindética

adversativa.

6 – C. Em *Não precisaremos voltar ao médico nem fazer exames*, a oração *Não precisaremos voltar ao médico* é assindética, pois não vem introduzida por síndeto (conjunção coordenativa) e a oração *nem fazer exames* é coordenada sindética aditiva, pois vem iniciada por uma conjunção coordenativa aditiva (nem). Simples assim.

7 – CERTO. Há paralelismo, pois há estruturas sintáticas semelhantes coordenadas: 1) você e eu (termos coordenados); 2) de um e outro lado das palavras (termos coordenados); 3) Eu dou as vozes, você dá a escritura (orações coordenadas assindéticas).

8 – INCORRETA. Há três orações, mas só duas estão coordenadas entre si (as ligadas pelo primeiro *e*). Veja: *Assim, a procura de alimentos de origem animal* cresceu *naqueles países* ***e*** criou *um desafio para os produtores e também para os plantadores de soja e de cereais usados na fabricação de rações.* O segundo e o terceiro *e* ligam termos, num paralelismo sintático perfeito, e não orações (para os produtores ***e*** *também* para os plantadores de soja ***e*** de cereais). A última oração é reduzida de particípio (usados na fabricação de rações).

9 – D. Para haver coordenação assindética, é preciso que não haja síndeto (conjunção) ligando as orações do período composto: *O ônibus chegou (1ª oração), despedimo-nos (2ª oração).*

10 – B. A conjunção aditiva *e* liga duas orações (oração = verbo): "cuidar... **e** instalar...".

11 – C. Lembra-se da dica? Se vier um verbo imperativo antes da oração iniciada por *que, porque, pois, porquanto*... "Voa, coração, ***PORQUE ele não deve demorar***" (Or. Coord. Expl.).

12 – C. As conjunções nos dão o gabarito. Veja: "**Porém** (conjunção adversativa), não podemos festejar a situação presente, **pois** (conjunção explicativa) para o progresso futuro precisamos ser obstinadamente inconformistas.".

13 – D. Novamente a conjunção nos dá o gabarito. A única oração iniciada por uma conjunção coordenativa conclusiva é a D (... ***portanto*** desistiu...).

14 – CORRETA. Autoexplicativa.

15 – INCORRETA. Perceba que o *pois*, entre vírgulas, é de fato uma conjunção coordenativa conclusiva, equivalente a *portanto*, que estabelece uma relação de conclusão com uma ideia anterior, não explícita no fragmento. Só que tem um detalhe: o *pois* inicia a primeira oração (*Vê-se*), e não a segunda, que é , por sua vez, iniciada por uma conjunção integrante *que* (... que o plano ético...). Sendo assim, a afirmação não procede.

16 – ERRADO. A relação não é de coordenação, mas sim de subordinação, pois a oração que pagam impostos quando consomem" serve de complemento para a 1ª oração (*sabem*).

17 – A afirmação é autoexplicativa. Corretíssima.

18 – E. Em relação à frase contida em E, a construção com "Mas ele não viveu confinado" possui lógica na articulação, pois indica que o autor, embora não tivesse feito mais nada, não viveu confinado.

19 – B. As conjunções *mas, porém* e a locução conjuntiva *não obstante* são adversativas; *posto que* é locução conjuntiva concessiva e exige verbo no subjuntivo (o que não ocorre na letra C, erradamente, pois a frase da C indica que posto que tem sentido equivalente a *visto que*, causal, mas a norma culta não abona essa visão sobre *posto que*). A única que tem valor explicativo é a conjunção *pois*, a qual inicia a segunda oração que explica a primeira.

20 – CORRETA. Vejamos o contexto novamente para saber se há ou não paralelismo: "*Não é possível* ***que ele pregue a autonomia*** (oração subordinada substantiva subjetiva), ***sem ser autônomo*** (oração subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo); ***que fale de liberdade*** (oração subordinada substantiva subjetiva), ***sem experimentar a conquista da independência*** (oração subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo), *que é o saber;* ***que ele queira que seu aluno seja feliz*** (oração subordinada substantiva subjetiva), ***sem demonstrar afeto*** (oração subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo*)".* *Há paralelismo sintático, pois há uma* ***repetição de mesma estrutura sintática***.

21 – INCORRETA. Não há paralelismo sintático, pois os elementos, apesar de enumerados em uma estrutura de coordenação, não são semelhantes, pois não há paralelismo formado por termos e orações; ou se coordenam orações com orações, ou se coordenam termos com termos. Veja: *"falta o essencial* (em seguida vêm os apostos para explicar o "essencial") — *a* emoção (termo)*, que é própria do homem, o* olhar (termo) *atento do professor,* ver (oração) *o professor gesticular, falar, a* interrupção *do aluno* (termo)*...".* Percebe que os apostos são formados por termos e orações? Logo não há paralelismo! Fique esperto! Só haveria paralelismo se assim fosse: *"falta o essencial — a* emoção*, que é própria do homem, o* olhar *atento do professor, a* visão *do professor gesticulando, falando, a* interrupção *do aluno...".* Todos os apostos (substantivos) são termos sintáticos, e não orações. Foi?

22 – D. Gabarito oficial da banca: "O período I é formado por subordinação, isto é, uma oração principal, 'A curta existência de Álvares de Azevedo, um legítimo representante do Mal do Século, não permitiu', e outra subordinada substantiva objetiva direta, 'que houvesse uma edição de sua obra em vida", que completa o verbo 'permitiu' da oração principal. No período II, há uma oração coordenada assindética, 'A maior parte das histórias de Joaquim

Manuel de Macedo é ambientada no Rio de Janeiro', e outra coordenada sindética aditiva, 'e nelas os heróis e as heroínas enfrentam obstáculos para a realização amorosa'. No período III, há uma oração coordenada assindética, 'Castro Alves, a voz mais importante da terceira geração romântica, não apenas defendeu os escravos', e outra sindética, conhecida como série aditiva enfática, que costuma ser usada quando se pretende enfatizar o conteúdo da segunda oração, 'mas também escreveu versos expressivos'.".

23 – A. São, de fato, duas orações coordenadas, pois uma não depende sintaticamente da outra, uma vez que têm estrutura sintática completa: "A quadrilha estava em dois carros" (1ª oração) "e usava armas longas e fuzis" (2ª oração). Ambas têm sujeito e predicado.

24 – A assertiva I está **CORRETA**. A oração coordenada sindética aditiva é introduzida pela expressão *mas também* (*... mas também estabelece regras...*), que forma uma série aditiva enfática em relação à expressão anterior *não só* (*... trouxe... não só a possibilidade...*). A oração coordenada sindética alternativa é mais fácil de ser identificada, pois é iniciada pela conjunção alternativa *ou* que liga duas orações subordinadas: "*...que as dirigem* <u>ou</u> *que agem em seu nome*". Percebeu que as conjunções nos mostram o gabarito? Fique atento a elas!

25 – D. Note as conjunções e *voilà!*: *Você não estuda,* ***nem*** *me deixa estudar. Faça silêncio,* ***que*** *quero ouvir a explicação. Você quer que eu participe de suas brincadeiras durante as aulas,* ***e*** *(= mas) nenhuma influência externa vai me atrapalhar.*

26 – D. Conforme já vimos, a oração aditiva é iniciada pela parte da correlação aditiva "não só... mas também", que constitui uma oração coordenada aditiva: "mas também *observava tudo com atenção".*

27 – C. Em III, há uma oração coordenada sindética explicativa, iniciada pela conjunção coordenativa explicativa *pois*.

28 – C. Aplicação de mero conhecimento de conjunção coordenativa. O *pois* entre vírgulas tem valor conclusivo (= *portanto*). O *que* vem depois de verbo no imperativo, logo tem valor explicativo (= *porque*). *Por conseguinte* é uma locução conjuntiva coordenativa conclusiva, sempre. *Não obstante* (ou *nada obstante*) seguido de verbo no indicativo é sempre uma locução conjuntiva coordenativa adversativa.

29 – D. A conjunção *pois* pode ter valor causal a), explicativo b) ou conclusivo c) – (entre vírgulas; = *portanto*). O único período que apresenta orações que não mantêm uma relação estabelecida por *pois* é a D, pois entre elas há uma ideia de conclusão, mas o *pois* não está entre vírgulas. Só estaria certa a D se estivesse redigida assim: "A festa foi planejada durante seis meses; não haverá, **pois** (= portanto), surpresas desagradáveis".

30 – B. *Pedro não foi para a escola* ***e nem*** *para o trabalho*. = *Pedro não foi para a escola* ***e não foi*** para o trabalho. Logo, a oração é coordenada sindética aditiva.

31 – C. O período é composto por coordenação pois as orações são sintaticamente independentes entre si.

32 – A. As assindéticas não são ligadas por conjunção, logo só pode ser a letra a), *pois*, nas demais opções, as conjunções coordenativas estão presentes: b) *e*, c) *porém* e d) *ou*.

33 – B. Observe a conjunção coordenativa *mas* ligando as orações. Isso é uma marca de clara coordenação.

34 – B. As orações coordenadas assindéticas são *vai chover, esfriar, gear*, pois são sintaticamente independentes uma da outra.

Capítulo 23
Gabarito

1 – C. Se, após verbo no imperativo, vier a conjunção *porque* (*que, pois ou porquanto*), a oração será coordenada sindética explicativa. Sem pestanejar. Por exclusão, as demais são subordinadas adverbiais causais.

2 – E. A oração sublinhada carrega a ideia de consequência em relação à anterior, logo ela é coordenada sindética explicativa. Releia na teoria a diferença entre oração explicativa e causal.

3 – D. Note aí mais uma questão, além daquela da UERJ que eu lhe mostrei na teoria, que fica "em cima do muro" no sentido de asseverar se a oração iniciada pelo *porque* é causal ou explicativa. Note que a B e a C se excluem por dizerem o mesmo.

4 – B. Preferi tratar desta questão neste capítulo por causa da diferença entre causa e explicação, novamente. Sei que a questão trata de classe gramatical, mas vou "puxar a brasa para a sardinha" deste capítulo, ok? Vamos nos ater só ao *porque* da segunda e da terceira frase, respectivamente. O *porque* introduz uma ideia de causa em porque *o carro que a conduzia quebrou*, sendo a consequência *Ela não chegou*. Logo, na segunda frase, a oração porque *o carro que a conduzia quebrou* é subordinada adverbial causal. Na terceira frase, a oração porque *preciso dela aqui* não provoca, não causa diretamente o conteúdo da oração *Gostaria que ela chegasse logo*, por isso porque *preciso dela* se aproxima mais de uma oração coordenada sindética explicativa.

5 – B. Note que, para constituir uma oração, falta um verbo no trecho "Um estudo da Fundação Getúlio Vargas, intitulado 'Miséria em Queda', baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE,". Por isso, gera-se uma incoerência, um certo estranhamento na leitura do período. Melhor seria se estivesse redigido assim o período: "<u>Um estudo da Fundação Getúlio Vargas</u>, intitulado 'Miséria em Queda', baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE, <u>apresentou alguns pontos positivos</u>, confirmando que a miséria no Brasil caiu em 2004, e atingiu o nível mais baixo desde 1992.".

6 – A. Em A, faça aquela "jogada" que eu lhe ensinei na teoria: "Vivemos hoje **em um universo**" (adjunto adverbial de lugar). Nas demais, todos os pronomes relativos têm função de sujeito.

7 – A. Exemplo clássico de oração subordinada substantiva predicativa: Sujeito (*o fato*) + verbo *ser* (é) + oração predicativa (*que transparência deixou de ser...*). A oração sublinhada

exerce função sintática de predicativo do sujeito do verbo da oração principal. Muito fácil!

8 – ERRADO. Veja: "como se chama o (aquilo) ***que*** sinto" (= eu sinto ***aquilo*** (objeto direto)). Agora veja: "e (uma pessoa) ***que*** não gosta mais da gente" (= ***uma pessoa*** não gosta mais da gente (sujeito)). Logo, como se viu, os pronomes relativos exercem funções sintáticas diferentes.

9 – E. O *pois* pode ser uma conjunção explicativa, conclusiva ou causal. Note que a banca foge pela tangente quanto à diferenciação entre oração explicativa e causal, por dar a entender, na letra A, que a conjunção *pois* é **subordinativa explicativa** (?), quando a gente sabe que não existe oração subordinada adverbial explicativa mas sim causal. Na verdade, a banca poderia ter criado uma polêmica ao colocar na letra A assim: "uma conjunção subordinativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de causa". Desse modo, resta-nos a letra E, o *pois* é uma conjunção coordenativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de explicação (oração coordenada sindética explicativa).

10 – C. Mais uma questão de relação de causa e consequência entre orações. Veja: *O barulho no local era tão alto (causa) que o homem, coitado, saiu rápido (consequência).* (= *O homem saiu rápido (consequência) porque no local o barulho era muito alto (causa). Coitado.)* Nas demais alternativas, tal relação não ocorre.

11 – A. De fato *que buscam crédito de curtíssimo prazo ou financiamentos para exportação* constitui oração subordinada adjetiva restritiva, pois é iniciada por pronome relativo e não vem separada por pontuação.

12 – D. A oração de que *precisaremos curtir mais o dia a dia* é complemento nominal do substantivo *dúvida*, que faz parte da oração principal. Lê-se: Não há dúvida **disso** (de que precisaremos curtir mais o dia a dia). A oração iniciada por *mas*, que é uma conjunção coordenativa adversativa, é coordenada sindética adversativa. *Dã!*

13 – C. Via de regra, a oração subordinada adjetiva restritiva não vem separada por pontuação: "... empresas que... tenham no mínimo 20% de negros em seu quadro profissional".

14 – CERTO. Via de regra, a oração subordinada adjetiva restritiva é iniciada por pronome relativo e não vem separada por pontuação alguma, por isso a afirmação procede.

15 – NENHUMA. Ambas as orações têm suas classificações acertadas. Na primeira b), *de que seus atos repercutem* é complemento nominal de *consciência.* Na segunda e), *que nossa economia floresce* é complemento direto de *Dizem.*

16 – D. Em "uma chance ***que*** ninguém está conseguindo ver" (= ninguém está conseguindo ver ***uma chance***), o pronome relativo exerce função de objeto direto. Todos os demais pronomes

relativos exercem função de sujeito.

17 – ERRADO. A oração subordinada adjetiva *que se tornariam centrais na produção intelectual e artística do século XX* **não está separada por pontuação, portanto é restritiva e não explicativa**.

18 – B. Analisemos todas: I – Eu não sei **isso** (se vem de Deus...; oração subordinada substantiva objetiva direta). II – Na ordem direta: Não sei **isso** (se desmorono...; oração subordinada substantiva objetiva direta). III – **Se** (= **Caso**) eu me chamasse Raimundo... oração subordinada adverbial condicional. IV – **Se** (= **Já que**) sabias que eu era fraco... oração subordinada adverbial causal.

19 – D. Podemos substituir a conjunção subordinativa condicional *se* por *caso*; veja: ***Caso falhemos aí* (oração subordinada adverbial condicional)***, trairemos o compromisso com a saúde e com a vida do planeta.*

20 – A. Para acertar esta questão, bastava conhecer as locuções conjuntivas finais. Por isso, eu insisto: estude conjunções! A oração "*Para que (= A fim de que) não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas*" é subordinada adverbial final. B, C, D: "*Embora...*", "*Ainda que...*", "*Por mais que...*" são orações subordinadas adverbiais concessivas, pois são iniciadas por conectivos concessivos. E: "*Contanto que...*" indica condição, logo introduz uma oração subordinada adverbial condicional.

21 – A. Novamente resolvemos uma questão de oração subordinada adverbial pelo conectivo: *porque = uma vez que* ; ambos iniciam uma oração subordinada adverbial causal.

22 – B. O substantivo *ideia* exige um complemento regido pela preposição *de*, logo a oração sublinhada (iniciada por conjunção integrante) é, de fato, substantiva completiva nominal.

23 – A. Note que a oração sublinhada tem função de sujeito da oração principal (*se comprove*, em que o *se* é uma partícula apassivadora). Leia-se: "... caso se comprove **isso**" (= ... caso **isso** seja comprovado).

24 – CORRETO. De fato *que administre bem o patrimônio público* é uma oração subordinada substantiva apositiva, pois explica o termo anterior da oração principal *um objetivo*.

25 – CORRETO. A afirmação procede. Faça o *bizu* do **isso** para substituir a oração substantiva subjetiva: Vê-se... **isso** (= **isso** é visto). Logo *que o plano ético permeia todas as ações humanas* tem função de sujeito da oração principal *Vê-se*.

26 – ERRADO. A construção sintática "mais... do que..." é típica de oração subordinada

adverbial comparativa, logo o vocábulo *que* não inicia oração subordinada adjetiva restritiva, pois não é um pronome relativo, mas uma conjunção comparativa.

27 – ERRADO. A locução conjuntiva *sem que*" nunca inicia oração com valor causal. Neste caso, ela tem valor semântico de modo. Que o diga Bechara! Em sua gramática, ele coloca um exemplo semelhante, chamando a dita cuja de oração subordinada adverbial modal, o que faz todo o sentido. Raciocine: "A semana terminou **como**? De que **modo**?" Resposta: "A semana terminou *assim*: **sem *que estivesse claro***...". Beleza?

28 – C. A oração principal, como o nome sugere, vem acompanhada de outra no mesmo período (que não é a principal, lógico!). Na letra C, só há uma (1) oração, pois só há um (1) verbo. As orações principais são identificadas dentro do período composto por subordinação. Sendo assim, trata-se de uma oração absoluta "O campo visual da nossa rotina é como um vazio".

29 – CORRETO. Realmente há uma oração completiva nominal, pois *de que política é uma sujeira só e sem utilidade complementa o nome ideia.*

30 – CORRETO. A afirmação procede. Veja que a oração entre colchetes é o objeto direto exigido pelo verbo transitivo direto *propor*: "*... propõe [que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai vir em primeiro lugar]....*

31 – CERTO. É sabido **isso** (que a bactéria em questão — *Escherichia coli* — somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes — animais ou humanas)... **isso** (que a bactéria em questão — *Escherichia coli* — somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes — animais ou humanas) é sabido. A oração iniciada pela conjunção integrante é subordinada substantiva subjetiva, por isso exerce a função de sujeito da oração principal.

32 – ERRADO. Se a oração subordinada adjetiva *que pôs a Europa em estado de emergência médica* não vem separada por pontuação, não pode ela ser explicativa, senão restritiva.

33 – B. A primeira oração é completiva nominal, pois completa o nome *necessidade*. A segunda é objetiva direta, pois completa o verbo *identificar* (VTD).

34 – A. Finalmente uma questão de oração subordinada substantiva objetiva direta justaposta. Ela é justaposta pelo simples fato de não ser iniciada por uma conjunção integrante, e sim por um advérbio interrogativo de causa: *por que*. Veja "Não entendo *por que 'velho' é politicamente incorreto*" (= Não entendo **isso**). Portanto a oração "*por que 'velho' é politicamente incorreto*" completa, como um verdadeiro objeto direto, o verbo da oração

principal (entender).

35 – D. A única oração substantiva iniciada por uma conjunção integrante é que *Neymar foi o primeiro jogador brasileiro*, a qual funciona como aposto de *grande notícia*. Sendo assim, tal oração é subordinada substantiva apositiva. Note que a apositiva também pode ser separada por vírgula. Na letra A, a oração como *se formam conceitos* é subordinada substantiva subjetiva justaposta (*bizu*: Impressiona-me **isso**... **isso** me impressiona); é justaposta, pois não é iniciada por conjunção integrante, e sim por advérbio interrogativo de modo (como). Na letra B, a oração quem dá mais informações e estatísticas é subordinada substantiva objetiva direta justaposta, pois complementa o verbo da oração principal (*saber*); é justaposta pois não é iniciada por conjunção integrante, e sim por pronome interrogativo (*quem*). Na letra C, a oração para *assistir a tantas partidas tumultuadas no Brasil* parece subordinada adverbial final, mas não é, pois a preposição *para* é exigida pelo nome *paciência*; por isso, ela é classificada como subordinada substantiva completiva nominal.

36 – ERRADO. A primeira convicção política do narrador foi **apenas** que o município não tinha recursos. O que se fala depois não é convicção, é constatação. Portanto, a oração subordinada substantiva predicativa (que o município não tinha recursos) é que completa a oração principal (*A primeira convicção política foi*), constituindo sua única convicção. A outra oração predicativa (*que por esse motivo andava descalçado, ou devia o calçado*) não carrega a ideia de convicção política, mas sim de constatação.

37 – ERRADO. O verbo da oração principal está na 3ª pessoa do singular, pois seu sujeito está em forma de oração subordinada substantiva subjetiva: **É** verdade **isso** (que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas) = **isso** (que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas) **é** verdade (na ordem direta). Então, esse papo de que o verbo está no singular porque o sujeito não está explícito é conversa para boi dormir. Cuidado com as pegadinhas do CESPE.

38 – ERRADO. O pronome relativo não tem função sintática de sujeito. Perceba que ele retoma *dois manos*, mas não com função de sujeito, e sim com função de **objeto direto**. Vou colocar um sujeito hipotético só para você visualizar melhor. Leia de novo, com atenção: "[João] Ficava no canto da maloca, [João] trepado no jirau de paxiúba, [João] espiando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que [João] tinha.", ou seja, [João] tinha (VTD) o quê (OD)? Dois manos (OD).

39 – D. Em "... *milagres que (=os quais) salvam vidas diariamente.*", a oração destacada é subordinada adjetiva restritiva, pois é iniciada por um pronome relativo e não vem separada por pontuação.

40 – A. A oração em negrito é subordinada adverbial consecutiva. Veja a correlação: "... **tão**... **que**...". Como a gente já viu no capítulo de *conjunções subordinativas consecutivas*, esta correlação entrega de mão beijada que há uma relação clara de consequência. Estude conjunção! (Sou muito chato, não é?)

41 – D. O pronome relativo *que* exerce função de sujeito simples do verbo *servir*. Na verdade, quando ele exerce função de sujeito, é sempre sujeito simples. Para saber que ele exerce tal função, basta substituí-lo pelo termo anterior: "... <u>novas descobertas</u>, por sua vez, <u>servem</u> de ferramenta...".

Capítulo 24
Gabarito

1 – CORRETA, pois o verbo *forçar* é VTDI. Quem força, força alguém (os organizadores do encontro) a alguma coisa (a antecipar o fim da reunião).

2 – INCORRETA. A afirmação *quase* procede. O único erro da afirmação é dizer que a oração é adjetiva restritiva. Note que a oração subordinada adjetiva reduzida de gerúndio é *explicativa*, por estar entre vírgulas: *"..., tornando suas ações conhecidas e avaliadas, ..."* (= "..., que *torna suas ações conhecidas e avaliadas*, ..."). Pegadinha da ESAF!

3 – D. Como vimos, preposição *a* + infinitivo, oração condicional na cabeça! A oração sublinhada é subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo, equivalendo a *"**Caso** venham a persistir os sintomas, deve-se consultar o médico."*. Note a conjunção condicional.

4 – E. I. *"Não* vale *a pena, nessa conjuntura,* fragilizar o governo e sua política externa..." (sujeito oracional do verbo *valer (vale); = **isso*** não vale a pena). II. *"... tornar (VTD) esta matéria (OD) elemento decisivo (predicativo do objeto)..."*. III. *"... como se* fosse *possível* tornar esta matéria elemento decisivo para o jogo eleitoral para daqui a dois anos."* (sujeito oracional do verbo *ser (fosse); = como se **isso** fosse possível*).

5 – C. A oração subordinada adverbial causal reduzida de gerúndio pode ser desenvolvida com um conectivo causal; veja: *"Em julho de 1898, **uma vez que*** temia por sua saúde, *escreveu um testamento..."*.

6 – CERTO. O enunciado se autoexplica.

7 – A afirmação está **CORRETA**: *"de dar ao homem a possibilidade" e "de evoluir além da luta pela sobrevivência pura e simples" são duas orações subordinadas substantivas completivas nominais reduzidas de infinitivo regidas pelo substantivo mérito*.

8 – E. A oração *sabendo que seus genes serão imortais* é subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio. A reescrita da E apresenta o valor condicional correto, que poderia ter sido redigida também assim: *"Ninguém precisa ter medo da morte **caso saiba que seus genes serão imortais**."*.

9 – A. Lembrou-se daquela informação das preposições antes de verbos no infinitivo? Então... *ao* + verbo no infinitivo = tempo: "***Ao persistirem os sintomas**, o médico deverá ser consultado."* = "***Quando os sintomas persistirem**, o médico deverá ser consultado."*.

10 – B. Para acertar esta interessante questão, é necessário entender o que acontece primeiro e qual é a sequência de acontecimentos, para que depois se perceba a relação de causa e

consequência. Note que há uma reação em cadeia: **1º:** O vapor é liberado pela transpiração das árvores. **2º:** Ele sobe na atmosfera. **3º:** Lá o vapor encontra camadas de ar frio. **4º: Por causa disso** ele se condensa e **5º:** Forma as nuvens. Logo *"Ao subir na atmosfera (2), o vapor liberado pela transpiração das árvores (1) encontra camadas de ar frio (3) e se condensa (4), formando as nuvens. (5)"*.

11 – C. Há uma clara relação de causa e consequência entre *jogar toneladas de sedimentos no rio* (causa) e *inviabilizar a navegação* (efeito). Ou seja, os milhões de toneladas de sedimentos jogados no rio causam a impossibilidade de navegação neste. Poderíamos também interpretar a oração sublinhada como aditiva, isto é: *Elas jogam milhões de toneladas de sedimentos no rio, **e*** inviabilizam sua navegabilidade.

12 – D. I: Preste atenção na quantidade de verbos e locuções verbais: *foi criado* (locução), *consistia*, *promover*, *tornando*, *promover*. Existem cinco orações, duas desenvolvidas e três reduzidas. II: Só existe uma ocorrência de predicativo do objeto: "*tornando (VTD) as decisões econômicas (OD)* ***mais abrangentes*** *(predicativo do objeto)*". III: A oração *em promover a integração entre governo, empresários e trabalhadores* complementa o sentido do verbo transitivo indireto *consistir* (quem consiste, consiste **em** algo). Oração subordinada substantiva objetiva **in**direta.

13 – C. *Apesar de* é uma locução prepositiva concessiva, logo ela inicia uma oração subordinada adverbial concessiva reduzida de infinitivo. Fique de olho nas locuções prepositivas!

14 – C. A oração subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio pode ser desenvolvida assim (para ficar mais fácil de perceber!): ***Caso bata de quina****, pode até matar*./***Se bater de quina***, pode até matar.

15 – CORRETA. Por causa daquele *bizu* da preposição + infinitivo, você já está escaldado, não é? Ao *escolher um caminho* = Quando *se escolhe um caminho.*

16 – B. A frase pode ser reescrita da seguinte forma: *"Vemos incontáveis estrelas,* ***que emitem sua radiação eletromagnética****, perfeitamente indiferentes às atribulações humanas"*. A oração *que emitem sua radiação eletromagnética* é oração subordinada adjetiva explicativa. O fato de o pronome relativo *que* poder ser substituído por *as quais* comprova essa classificação da oração. A oração *Vemos incontáveis estrelas perfeitamente indiferentes às atribulações humanas* é então a oração principal.

17 – B. O erro da B está em dizer que a oração é **proporcional**, quando se trata na verdade de uma oração **temporal**. Basta ver que ela se inicia por uma conjunção temporal (quando).

18 – CORRETA. A afirmação procede, pois ambos os segmentos indicam **causa**.

19 – CORRETA, pois ambas as orações (reduzida e desenvolvida) são subordinadas adverbiais **finais**.

20 – ERRADO. Estamos diante de um sujeito oracional, ou seja, um sujeito em forma de oração! Veja como o núcleo do sujeito é um verbo: *"**Viver** em ambiente sem gravidade **faz** coisas curiosas com o corpo"*. Isso é um sujeito oracional, uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo. Portanto é claro que se pode determinar o sujeito de **faz**.

21 – ERRADO. A relação não é de condição, mas sim de causa-consequência. Veja: *"Diferentes pessoas, **visto que/já que/uma vez que/porque** pertencem a grupos sociais diferentes, têm não apenas histórias diferentes para contar, mas formas diferentes de contá-las..."*. Ou seja, elas têm não apenas histórias diferentes para contar, mas formas diferentes de contá-las ***porque** pertencem a grupos sociais diferentes*".

22 – CERTO. A oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de infinitivo (*a separar*) pode ser desenvolvida mediante o uso de um pronome relativo, que inicia oração subordinada adjetiva desenvolvida. Portanto A = B: *"é ideal que o fosso material **a separar** as pessoas seja menos profundo" = "é ideal que o fosso material **que separa** as pessoas seja menos profundo"*.

23 – CORRETA, pois 1) *a **conseguir** mais uma vitória no que toca à igualdade de direitos entre os sexos* é uma oração subordinada substantiva completiva nominal do adjetivo *prestes*; 2) *propõe que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai **vir** em primeiro lugar* equivale a "propõe que não seja mais obrigatório que o sobrenome do pai **venha** em primeiro lugar"; 3) "*No caso de não **haver** consenso*" equivale a "Caso não **haja** consenso".

24 – INCORRETA. Realmente o verbo frisar não pode ser desdobrado em uma oração subjetiva iniciada por uma conjunção integrante, **mas**, ainda assim, *cabe frisar* não forma uma locução verbal, pois *frisar que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural* é o sujeito de *Cabe*. Trata-se de uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo (note que dentro dela há mais quatro orações). Lindo isso!

25 – INCORRETA. Pode haver oração subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio, sem problemas, mas não é o caso, pois não podemos substituir no contexto *trazendo* por *se trouxer*, uma vez que não há tal ideia de condicionalidade, mas sim de explicação: *"A extensão do star-system não se dá sem uma forma de banalização ou mesmo de degradação*

− *da figura pura da estrela,* ***a qual traz*** *consigo uma imagem de eternidade...".* Percebe que o desenvolvimento da oração reduzida (trazendo) se dá por meio de um pronome relativo e do verbo conjugado (a qual traz)? Portanto, não há ideia de condicionalidade, há, sim, uma ideia de explicação. A oração subordinada adjetiva explicativa reduzida de gerúndio ***trazendo*** *consigo uma imagem de eternidade* equivale à desenvolvida "**a qual traz** consigo uma imagem de eternidade", que também é, logicamente, uma subordinada adjetiva explicativa.

26 – C. Explicitamente *quando* é uma conjunção subordinativa que indica tempo, introduzindo uma oração subordinada adverbial temporal, com verbo implícito: *"Quando (estavam) a bordo..."* **Fácil!** Agora, o que me interessa dizer é que a construção *por não poderem acender fogo* é uma subordinada adverbial causal reduzida de infinitivo. Veja que dá até para reescrever, desenvolvendo a oração: *"Os viajantes tinham de contentar-se, geralmente, com feijão frio, feito de véspera,* ***porque*** **não podiam acender fogo**.*"*.

27 – C. A oração sublinhada é subordinada adverbial final reduzida de infinitivo. Dá até para desenvolver com uma locução conjuntiva subordinativa final (*para que, afim de que*...); veja só: *"A principal delas é a reconstrução de cinco estações de pesquisa na Antártida,* ***para que realize*** *estudos sobre mudanças climáticas, recursos pesqueiros e navegação por satélite, entre outros.*". Foi?

28 – C. A campeã das reduzidas nas provas de concurso: oração subordinada adverbial **final** reduzida de infinitivo. **para** + **infinitivo = finalidade**.

29 – B. Mais uma vez! Oração adverbial final! *O porteiro teve que morrer* ***para que fosse notado***.

30 – D. **ao + infinitivo = tempo**. Já estamos escaldados de tanto ver essa também, não é?

31 – B. Finalmente a CESGRANRIO fez uma questão bonitinha sobre isso. Sintaticamente, temos 3 orações: (1) *"O diabo é"*, (2) *"que de tanto ver,"* (3) *"a gente banaliza o olhar". O diabo é* é uma oração principal. O restante do período (*que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar*) desempenha uma função sintática de predicativo do sujeito em relação a essa oração principal e é iniciado pela conjunção integrante *que*. Mas na relação entre as orações (2) e (3) há o fato de ver muito algo (de tanto ver) e sua consequência: o fato de a gente banalizar o olhar. Isto é: "A gente banaliza o olhar *porque vê muito*". Existe uma relação de causa e consequência entre essas orações (certo?), em que *ver muito* é a causa, e *banalizar o olhar* é consequência. Bonitinha, não é?

32 – B. Se for possível reescrever uma oração reduzida iniciada por "para..." trocando este vocábulo por "a fim de" ou "para que...", ela será subordinada adverbial final, isto é, uma

oração que indica semanticamente finalidade, propósito, intenção. Alguém tem dúvidas disso ainda? Veja: *uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes* a fim de garantir as ambições terrenas dos fiéis ou *uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes* para que garantam as ambições terrenas dos fiéis. Simples assim!

33 – E. Eis um belo exemplar de **oração coordenada aditiva reduzida de gerúndio**! A oração ***dizendo*** *na hora se a pessoa está saudável ou não* estabelece uma relação de adição com a oração anterior, de modo que se pode reescrever o período assim: *Com o mChip, basta uma espetada e uma gota de sangue para o texto sair em minutos,* ***e dirá*** *na hora se a pessoa está saudável ou não.* Safo?

Capítulo 26
Gabarito

1 – A. A análise sintática correta é esta: a) *Descumprir a lei* (sujeito oracional do verbo *gera*) b) *gera o risco* (predicado relacionado ao sujeito *Descumprir a lei*) c) *da punição prevista pelo Código Penal* ou d) *de sofrer sanções civis* (complementos nominais – um deles oracional – do substantivo *risco*, coordenados entre si pela conjunção *ou*). Fácil, não? Brincadeira...

2 – A. Interessantíssima esta questão! Exigia domínio de análise sintática. O que a banca desejava do candidato era que ele fosse capaz de perceber a relação que há entre os termos do texto, trabalhando, *stricto sensu,* o conceito de sintaxe. Veja o contexto: *"Já o primeiro olhar é preconceituoso – dá informação falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada, anterior ao ato de olhar."*. Note que *o primeiro olhar* (sujeito) está ligado ao predicado *é preconceituoso*, constituindo uma oração coordenada assindética, e, de maneira oculta, é também sujeito do predicado *dá informação falsa ou verdadeira* (outra oração coordenada assindética). Já os termos (adjuntos adnominais) da expressão *falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada* estão ligados ao núcleo do objeto direto *informação*.

3 – D. I: *"A reflexão jurídica sobre o assunto, contudo, não se* tem mostrado (oração principal) *tão farta quanto aquela* encontrada (oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de particípio) *na economia (se tem mostrado)"*. A oração comparativa, como você sabe, normalmente apresenta verbo oculto. Portanto, há três orações. II: A oração subordinada adjetiva reduzida de particípio é: feita *ao tema dos efeitos na utilização de recursos entre gerações especificamente na década de 70*, que restringe o substantivo *associação*. A oração subordinada adverbial consecutiva reduzida de gerúndio é: angariando *adeptos das mais variadas formações, em diversas partes do planeta*. III: Não há nenhuma oração coordenada no segundo período. IV: Se você achou que *quando* era uma conjunção subordinativa temporal, errou feio! A oração *quando o movimento ambientalista passou a formular um discurso jurídico mais sólido* é subordinada adjetiva explicativa que retoma *década de 70*.

4 – B. Veja a análise: ***É importante*** *(oração principal da subordinada seguinte)* ***que os contribuintes percebam*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "É importante" e principal em relação à oração seguinte)* ***que a política tributária é justa*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "os contribuintes percebam" e coordenada em relação à oração seguinte),* ***(que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "os contribuintes percebam" e coordenada em relação à oração anterior e à oração seguinte), e* ***(que) os***

recursos arrecadados são corretamente aplicados *(oração subordinada substantiva em relação à principal "os contribuintes percebam" e coordenada em relação à oração anterior)"*. Notou as conjunções integrantes implícitas? Logo, são quatro orações subordinadas: 1) *que os contribuintes percebam*, 2) *que a política tributária é justa*, 3) *(que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável* e 4) *(que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados*. E três orações coordenadas entre si: 1) *que a política tributária é justa,* 2) *(que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável* e 3*) (que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados*. Ufa!

5 – B. Antes de mais nada, achei esse poema meio safadinho... Mas vamos ao que interessa... Como você já percebeu, o período possui três orações e é misto, composto por subordinação e coordenação ao mesmo tempo. Entre as orações *"Conduzo tua lisa mão/Por uma escada espiral/*E no alto da torre exibo-te o varal*"*, existe uma relação coordenada; a segunda (sublinhada) é aditiva. As orações *"E no alto da torre exibo-te o varal/Onde balança ao léu minh'alma"* apresentam uma relação de subordinação, em que a primeira é a principal, e a segunda é sua subordinada adjetiva restritiva iniciada pelo pronome relativo *onde*, que retoma *varal*.

6 – D. I: *"Aqueles com aptidão a* ajudá-*los, se não* (forem) estimulados *por cenários competitivos,* estarão *fadados a não* encontrar *motivação para o exercício de suas funções"*. II: Há duas orações reduzidas: *ajudar* e *encontrar* (infinitivo), os outros estão flexionados no futuro do subjuntivo (... *se não (forem) estimulados*...) e no futuro do presente do indicativo (... *estarão*...). III: Qual? Só o cara da banca viu uma oração coordenada. Não há oração coordenada alguma no período.

7 – D. Por incrível que pareça, este período enorme é simples, pois só apresenta um verbo: *têm*.

8 – E. As duas orações (*que o jogo fosse refeito, que a trapaça não tivesse acontecido*) são subordinadas em relação à principal (*a empresa gostaria*), mas coordenadas entre si, pois vêm uma ao lado da outra com mesma função sintática.

9 – C. O gabarito oficial foi a letra E. Eu discordo veementemente! A banca analisou *São* como uma oração, mas não se deu conta de que esse verbo *ser* vem seguido logo depois por *que*, formando a expressão expletiva ***ser* + que**, que pode ser retirada da frase e não é contada como oração! A análise correta do período é esta (ignore *"São... que"*!): *"... **numerosas oportunidades perdidas se multiplicarão** (oração principal em relação à subordinada adverbial condicional seguinte), **se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento** (oração subordinada adverbial condicional em relação à principal anterior) –*

e ***(se) a qualidade da educação continuar baixa*** *(oração subordinada adverbial condicional em relação à principal "numerosas oportunidades perdidas se multiplicarão" e coordenada à oração subordinada adverbial condicional anterior)"*. Logo, há uma oração principal (*numerosas oportunidades perdidas se multiplicarão*), duas subordinadas adverbiais (*se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento e (se) a qualidade da educação continuar baixa* (uma está coordenada à outra por meio da conjunção coordenativa *e*). Logo, o período é misto, pois é composto por coordenação e subordinação.

10 – E. I: A retirada da expressão *a de* não prejudica a correção gramatical tampouco o sentido da frase. II: *"Minha proposta* é *a de que o fundo partidário* seja composto *por uma quantia mínima para o partido* manter *uma estrutura básica."* III: O verbo *manter* está no infinitivo. Talvez a *brincanagem* da banca tenha sido pegar *de calça arriada* o candidato desavisado – aquele que pensou que, na locução verbal *seja composto*, o verbo principal encontrava-se no particípio, constituindo uma oração reduzida. Mas você já sabe: é o verbo auxiliar que determina se a oração é reduzida ou desenvolvida (a forma verbal *seja* está desenvolvida, conjugada no modo subjuntivo, logo não há oração reduzida). Brasil!

11 – E. I: Oração coordenada sindética aditiva (... ***mas também*** *estabelece regras*...), formando uma série aditiva enfática em relação à expressão anterior *(... trouxe, no artigo 31 bis,* ***não só*** *a possibilidade*...). Oração coordenada sindética alternativa (... ***ou*** *que agem em seu nome*). Detalhe: ela é coordenada aditiva alternativa em relação à oração subordinada adjetiva anterior e subordinada adjetiva em relação a uma principal (... *sobre atividades* desempenhadas *(principal) pelas pessoas físicas que as dirigem* ou *que agem em seu nome*). II: "... *(por delitos que* sejam cometidos *no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização* será aferida *nos casos concretos (ela será aplicável [...], em função da inoperância de controles empresariais, sobre atividades* desempenhadas ***pelas pessoas físicas****...".* O agente da passiva está explícito só na última oração. III: As orações adjetivas desenvolvidas (de olho no pronome relativo!): "... ***que*** *atende diretivas*..."; *"... **que** sejam cometidos*..."; *"... **que** as dirigem*...; "... ***que*** *agem*...". Veja agora a adjetiva reduzida: *"...atividades* desempenhadas *pelas pessoas físicas*...". Observe que não há pronome relativo encabeçando a oração e o verbo *desempenhar* se encontra no particípio. Cansativa, hein!

12 – A. Veja a análise: *É imprescindível*... (oração principal)/... *que* a tributação seja suportável e mais bem distribuída e todos contribuam com justiça e se beneficiem dessa contribuição = Δ (Toda esta oração (com orações coordenadas entre si) é subordinada à principal)/... seja suportável *a)* e *(+)* mais bem distribuída *b)*... (Orações coordenadas entre si – e subordinadas à principal)/... *e (+) todos* contribuam com justiça *d)* (Oração coordenada à

anterior e à posterior – e subordinada à principal)/... *e (+)* se beneficiem dessa contribuição *e)* (Oração coordenada à anterior – e subordinada à principal).

13 – B. I: Não há coordenação, só subordinação. II: Há duas orações reduzidas (*caracterizada* e *levando*), logo "há ocorrência de exemplo de oração reduzida". III: "... *se entende* ***que o que a maioria quer é "dinheiro"*** *= se entende* ***isso*** *=* ***isso*** *se entende.*

Capítulo 27
Gabarito

1 – A. I (explicação de sentido causal): *O Polo Norte está ameaçado* ***porque*** *o oceano gelado que o rodeia começou a derreter*. II (especificação do significado da expressão anterior a eles): *"uma subversão da geografia que se desenrolará diante de nossos olhos*" explica o *"fenômeno raro"*. III (enumeração): *"... Estados Unidos, Rússia, Canadá, Groenlândia (Dinamarca) e Noruega."*.

2 – B. Vejamos uma por uma: a) A vírgula está separando o vocativo. Não pode ser retirada. b) A vírgula está separando o adjunto adverbial deslocado de curta extensão, logo pode ser retirada. c) A vírgula separa o aposto explicativo. Não pode ser retirada. d) A vírgula separa termos de uma enumeração, logo não pode ser retirada. e) A vírgula separa orações coordenadas assindéticas.

3 – B. a) O ponto e vírgula não pode separar uma expressão adverbial deslocada. b) O ponto e vírgula pode separar orações coordenadas: *"indagou a um grupo de estudantes quais os meios de comunicação que eles conheciam; nenhum citou cartões-postais"*. c) O ponto e vírgula não separa oração subordinada adverbial. d) O ponto e vírgula não substitui travessão para marcar a separação de uma oração de narrador. e) O ponto e vírgula não separa oração subordinada adjetiva explicativa.

4 – E. O certo é: *Estava sempre dizendo coisas de que mais tarde se arrependeria. Prometia a si própria que***,** *da próxima vez (adjunto adverbial deslocado), tomaria cuidado com as palavras, o que***,** *entretanto (conjunção adversativa deslocada), não acontecia.*

5 – B. a) A expressão *"da agitação e do barulho"* deve vir entre vírgulas porque se trata de um aposto explicativo. b) A vírgula separa orações coordenadas sindéticas iniciadas por *nem*, se forem de certa extensão. c) Se formos separar o adjunto adverbial de companhia (com a manada) após o verbo por vírgula, devemos fazê-lo levando em conta que, se ele estiver no meio da frase, serão necessárias duas vírgulas, ou seja: *"..., com a manada,..."*. d) No lugar dos travessões, caberiam vírgulas ou travessões, que marcariam a expressão intercalada; sem pontuação, há erro. e) Entre sujeito e verbo, não há vírgula. Básico.

6 – C. a) Não se separa a conjunção *ou* quando ela coordena termos. b) Não se separa oração subordinada adjetiva reduzida por dois-pontos. c) A vírgula separa orações coordenadas assindéticas. Perfeito! d) Objeto direto deslocado <u>não</u> <u>deve</u> ser separado por vírgula do seu verbo ponto de vista de alguns gramáticos, como Gladstone Chaves de Melo. Outros gramáticos dizem que se pode usar a vírgula. e) Nunca se separa o adjunto adnominal do nome

a que ele se liga.

7 – B. Em I, como se trata de uma pergunta, faltou o ponto de interrogação. Em II, faltou uma vírgula para separar os apostos (um para você, outro para mim). Em III, não há problema, pois os dois-pontos abrem um discurso direto, as aspas marcam tal discurso e o ponto de exclamação indica uma altissonância na voz. Em IV, não se pode separar o adjunto adnominal do termo a que ele se refere: "... tudo o que..." e não "... tudo, o que...".

8 – ERRADO. Os dois-pontos servem para abrir uma explicação ou enumeração, normalmente. Só que nesse caso, eles não introduzem uma explicação do que o autor entende por "maior felicidade", mas sim encabeçam uma oração que explica o "algo" em: "... há sempre **algo** que faz que a felicidade seja uma felicidade**:** *a faculdade de esquecer, ou melhor, em palavras mais eruditas, a faculdade de sentir as coisas, durante todo o tempo que dura a felicidade, fora de qualquer perspectiva histórica*."

9 – CERTO. A oração *observou* poderia ser separada por travessão, pois se trata de uma oração intercalada. Encontramos esse tipo de oração frequentemente nas narrações.

10 – CERTO. Haveria alteração de sentido, porque a conjunção *pois* introduz uma ideia explicativa, o que não é o caso. Note que, após os dois-pontos, há um aposto (*a proliferação demasiada de determinados espaços acaba por apagá-los por si mesmos*), que esclarece *outro (processo) já muito conhecido pelos estudiosos da comunicação*. Mesmo que o aposto seja explicativo, nunca é iniciado por uma conjunção explicativa, como *pois*. Devido a isso, a substituição proposta não cabe.

11 – ERRADO. A regra é clara: <u>não</u> se separa complemento de seu verbo por vírgula.

12 – CERTO. Cuidado com questões de vírgula e oração adjetiva. Quando se diz *"... os atores que interagem..."*, entendemos que se está restringindo o ente *atores*, ou seja, está-se falando sobre um tipo de atores, os que interagem, logo deduzimos que há outros atores que não interagem. Se colocássemos as vírgulas, a oração adjetiva passaria a ser explicativa, o que alteraria o sentido. Neste caso (*... os atores, que interagem,...*), todos os atores interagem, não só alguns.

13 – CERTO. Sim, a vírgula é obrigatória, pois a oração é subordinada adverbial reduzida deslocada. A polêmica ocorre quando a oração adverbial está depois da principal. Alguns gramáticos modernos (como vimos na teoria) dizem que é facultativo o uso da vírgula quando a adverbial vem depois da principal. Fiquemos de olho!

14 – ERRADO. Quando *e sim* ou *e não* tiver valor adversativo (= *mas sim, mas não*) haverá vírgula antes de tal expressão. Simples assim. Portanto, a vírgula não pode ficar omissa.

15 – ERRADO. A vírgula serve para marcar, normalmente, a elipse verbal, que é o que está de fato acontecendo. Veja de novo o trecho, agora reescrito: *"a vida depende da vontade de outrem, a morte depende da nossa"*. Ficou claro? Não foi o vocábulo *vontade* elíptico, mas a forma verbal *depende*.

16 – A. Comentando as vírgulas: *Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela,* (predicativo do sujeito deslocado) *dependem, muitas vezes,* (adjunto adverbial deslocado) *de pequenas providências que, tomadas por figurantes aparentemente sem importância,* (oração reduzida de particípio deslocada) *ditam o rumo de toda a história*. Veja os erros das demais: b) *Os personagens principais, de uma história,* (adjunto adnominal não pode ser separado de seu núcleo substantivo) *responsáveis pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes*, (adjunto adverbial deslocado deve vir entre vírgulas) *de pequenas providências que tomadas por figurantes,* (faltou uma vírgula antes da oração reduzida de particípio deslocada e a vírgula após figurantes está equivocada porque não se separa adjunto adnominal – *sem importância* – de seu núcleo substantivo) *aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história*. c) *Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela* (faltou uma vírgula para marcar o deslocamento do predicativo do sujeito) *dependem muitas vezes de pequenas providências, que, tomadas por figurantes aparentemente, sem importância,* (tais vírgulas não procedem porque estão separando o adjunto adnominal de seu núcleo substantivo) *ditam o rumo de toda a história.* d) *Os personagens principais, de uma história,* (adjunto adnominal não pode ser separado de seu núcleo substantivo) *responsáveis pelo sentido maior dela, dependem, muitas vezes* (adjunto adverbial deslocado deve vir entre vírgulas) *de pequenas providências, que tomadas por figurantes aparentemente sem importância*, (faltou uma vírgula antes da oração reduzida de particípio deslocada) *ditam o rumo de toda a história.* e) *Os personagens principais de uma história, responsáveis,* (não se separa complemento nominal – *pelo sentido maior dela* – do nome, *responsáveis*) *pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes de pequenas providências, que tomadas por figurantes, aparentemente, sem importância*, (faltou uma vírgula antes da oração reduzida de particípio deslocada e *aparentemente sem importância* não pode ser separado de *figurantes* porque é seu adjunto adnominal) *ditam o rumo de toda a história*.

17 – D. Comentando as vírgulas: *Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo* (aposto explicativo*), tentar justificar suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas* (oração coordenada explicativa), *igualmente pressionados* (oração reduzida de particípio), *não costumavam abdicar dos princípios éticos*.. Veja os erros das demais: a) *Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo* (as vírgulas devem separar o aposto explicativo) *tentar justificar,* (entre o verbo e o seu complemento não há vírgula) *suas*

ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos. b) *Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho;* (recomenda-se a vírgula no lugar do ponto e vírgula) *pois os velhos jornalistas igualmente pressionados,* (oração reduzida deve vir entre vírgulas) *não costumavam abdicar dos princípios éticos.* c) *Não cabe aos jovens, ao menos,* (nenhuma locução pode ser separada por vírgula do termo ou oração que ela introduz) *os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois,* (esta conjunção introduz uma oração coordenada explicativa, logo não pode estar **entre** vírgulas) *os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.* e) *Não cabe aos jovens, ao menos,* (nenhuma locução pode ser separada por vírgula do termo ou oração que ela introduz) *os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados* (oração reduzida de particípio deve ser separada por vírgulas) *não costumavam abdicar, dos princípios éticos* (não se separa o verbo do seu complemento por vírgula).

18 – C. Comentando as vírgulas e o ponto e vírgula: *Para o gosto moderno,* (adjunto adverbial deslocado) *a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas,* (adjunto adverbial deslocado) *como prova de gosto refinado;* (ponto e vírgula separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa e com trechos já separados por vírgula) *na verdade,* (adjunto adverbial deslocado; a vírgula é facultativa, pois ele é de curta extensão) *a pompa retórica indicia o vazio do pensamento*. Veja os erros das demais: a) *Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge ao contrário de outras épocas,* (adjunto adverbial deslocado vem entre vírgulas) *como prova de gosto refinado,* (aqui se deve usar o ponto e vírgula, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgula, mas, como é de curta extensão, a vírgula é facultativa) *a pompa retórica indicia, o vazio do pensamento* (não se separa verbo do seu complemento). b) *Para o gosto moderno, a grandiloquência, não surge* (não se separa sujeito do seu verbo), *ao contrário de outras épocas* (adjunto adverbial deslocado vem entre vírgulas) *como prova de gosto refinado,* (aqui se usa o ponto e vírgula, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgula, mas, como é de curta extensão, a vírgula é facultativa) *a pompa retórica indicia: o vazio do pensamento* (não se separa verbo do seu complemento). d) *Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgulas) *como prova de gosto refinado,* (aqui cabe o ponto e vírgula, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por

vírgula) *na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.* e) *Para o gosto, moderno,* (adjunto adnominal não pode ser separado por vírgulas) *a grandiloquência, não surge* (não se separa sujeito de seu verbo*), ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado:* (o ponto e vírgula é recomendado nesse caso, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgula, mas, como é de curta extensão, a vírgula é facultativa) *a pompa retórica indicia o vazio do pensamento*.

19 – D. *O país já se encontra em um estágio no qual os saltos de produtividade não ocorrerão sem investimentos mais expressivos. Além de equipamentos,* (vírgula para enumeração*) automação e outras ferramentas da tecnologia,* (vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado*) parte desses investimentos precisará estar voltada para os recursos humanos*. a) *Estudo recente de uma instituição americana, mostra...* (não se separa sujeito de verbo). b) *O aumento da escolaridade, foi...* (não se separa sujeito de verbo). c) *... até mesmo,* (não se separa a expressão denotativa que inicia o aposto do aposto) *da maioria dos países do continente, o Brasil, terá...* (não se separa sujeito de verbo). e) *um envolvimento... nesse esforço...* (não se separa complemento nominal do substantivo por vírgula).

20 – CORRETO. Não há erro. A vírgula após *minerais* serve para marcar o deslocamento do adjunto adverbial (...) *, particularmente no setor de veículos automotores, metalurgia e produtos minerais,* (...).

21 – A. Há incoerência textual se o ponto de interrogação for substituído por ponto e vírgula, uma vez que a ideia de interrogação sumiria para dar vez à ideia de afirmação, mudando o sentido do trecho.

22 – A. Com a vírgula, a palavra *Mesmo* deveria ser escrita minúscula. Eis o erro. Ainda que ignorássemos isso, a vírgula mudaria o sentido do trecho, pois a expressão *Mesmo com a capacitação e o preparo dos técnicos dos órgãos envolvidos com a questão urbana* passaria a modificar a oração anterior, não a posterior — como se encontra no contexto.

23 – INCORRETA. J-A-M-A-I-S!!! A vírgula após o último travessão cumpre, sim, seu papel, a saber: marcar a intercalação da oração reduzida "bem como ampliar os investimentos no modelo que realmente pode chegar a todos os cantos da cidade". Não erre mais uma questão como essa; é muito recorrente! Resumindo: a afirmação está incorreta.

24 – A afirmação está **CORRETA**. A expressão iniciada pelo travessão (— *a violência fundadora da modernidade*) é aposto explicativo de *violência que a tornou possível*.

25 – Não há erro algum na substituição, pois se trata de uma oração subordinada adjetiva explicativa, que pode ser separada por vírgulas, travessões ou parênteses.

26 – A afirmação é **INCORRETA**, pois a expressão entre travessões é um aposto explicativo; como tal, pode ser, sim, separado por vírgulas, travessões ou parênteses.

27 – CERTO. A expressão explicativa "ou seja" deve vir entre vírgulas. Regra!

28 – CERTO. A vírgula é obrigatória depois do último travessão porque antes deles há um adjunto adverbial deslocado. Ignore os travessões e ateste: "... para o entendimento de uma forma particular de comunicação, o estudioso deve reconstruir...".

29 – ERRADO. Se for colocada a expressão adverbial *de modo geral* após *personalidade*, ela passará a ser uma expressão adjetiva, o que modificará o sentido do substantivo *personalidade*, e não da oração inteira, como o faz na posição do trecho original.

30 – ERRADO. A vírgula após o *mas* não é colocada para ele, mas sim para separar a expressão adverbial deslocada *do ponto de vista gramatical*.

31 – ERRADO. Com a retirada da vírgula, parecerá que a palavra denotativa de situação *ora*, também chamada modernamente de marcador discursivo, se torna uma conjunção alternativa. De qualquer modo, a retirada da vírgula provoca, sim, mudança de sentido.

32 – ERRADO. A expressão *o que*, iniciada por um pronome demonstrativo com função apositiva não pode ser separada por ponto e vírgula, só por vírgula (ou travessão). Logo, a única reescritura possível é esta: *"... o fato de o império absorver povos diferentes faz que alguns de seus componentes desejem destacar-se do conjunto, o que explica por que os impérios perduram..."*.

33 – CERTO. Os dois-pontos servem para separar orações coordenadas que mantêm uma relação de sentido entre si, logo não há erro em reescrever o trecho assim: *"Pensar o império não significa ressuscitá-lo dos mundos passados: trata-se de considerar a multiplicidade..."*.

34 – ERRADO. Com o acréscimo de *que é*, cria-se uma oração adjetiva restritiva, que não é separada por vírgula, logo a afirmação não procede. Veja como ficaria a reescritura: *"... outras formas de soberania que respondam melhor a um mundo QUE É caracterizado ao mesmo tempo pela desigualdade e pela diversidade."*.

35 – CERTO. Levando em conta as opiniões divergentes entre os gramáticos,. quando um objeto direto ou indireto está deslocado para o início da frase, a vírgula é facultativa.

36 – C. *Em qualquer escalão do governo,* (adjunto adverbial deslocado) *costuma haver, mais cedo ou mais tarde,* (adjunto adverbial deslocado) *atritos entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso,* (oração reduzida de particípio) *e o pessoal*

indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas (oração adjetiva explicativa). a) Adjunto adverbial deslocado de longa extensão (*Em qualquer escalão do governo*) deve vir obrigatoriamente separado por vírgula. O adjunto adverbial intercalado *mais cedo ou mais tarde* deve vir entre vírgulas, e não com vírgula no meio dele. Não se separa nome (*estabilizados*) de seu complemento (*por concurso*). Não se separa nome (*sabor*) de seu complemento (*das conveniências políticas*). A vírgula é obrigatória logo após *confiança*, pois encabeça uma oração subordinada adjetiva explicativa. b) Não se separa nome (*escalão*) de seu adjunto (*do governo*). O adjunto adverbial intercalado *mais cedo ou mais tarde* deve vir entre vírgulas. d) Não se separa nome (*atritos*) de seu complemento (*entre o pessoal...*). A ausência da vírgula antes de *e o pessoal* prejudica a clareza. e) Adjunto adverbial deslocado de longa extensão (*Em qualquer escalão do governo*) deve vir obrigatoriamente separado por vírgula. O adjunto adverbial intercalado *mais cedo ou mais tarde* deve vir entre vírgulas, e não com vírgula no meio dele. Não se separa nome *atritos* de seu complemento *entre o pessoal....* Não se separa nome *estabilizados* de seu complemento *por concurso*. Não se separa nome *indicado* de seu complemento *para cargos de confiança*.

37 – E. Sobre "*nós ocidentais"* e "*nós, ocidentais,*", a explicação é a seguinte: sem vírgulas, *ocidentais* é adjunto adnominal; com vírgulas, é aposto explicativo.

38 – C. *Estudos deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que,* (oração reduzida deslocada) *movidos por complexos sentimentos ocultos,* (oração reduzida de particípio) *como a culpa,* (aposto explicativo) *inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações que nos afligem.* a) Entre o sujeito (*Estudos*) e seu verbo (*deixam*), não há vírgula. Faltou separar a oração reduzida de particípio por vírgula logo em seu início (*movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa*). Não se separa verbo (*movidos*) de seu agente da passiva (*por complexos sentimentos ocultos*). A última oração (*que nos afligem*) é adjetiva restritiva, logo não pode ser separada por vírgula. b) O adjunto adverbial *muitas vezes* está intercalado, logo recomenda-se que esteja entre vírgulas. A oração *movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa* deve vir entre vírgulas; além disso, faltou uma vírgula antes de *como* para separar o aposto (*como a culpa explica sentimentos ocultos*). Entre verbo (*fabricamos*) e complemento (*aquelas situações...*), não há vírgula. d) Não se separa verbo (*deixam*) de seu complemento (*que muitas vezes nos julgamos...*). O adjunto adverbial "muitas vezes" está intercalado, logo recomenda-se o uso de vírgulas separando-o. A oração *movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa* deve vir entre vírgulas. A última oração (*que nos afligem*) é adjetiva restritiva, logo não pode ser separada por vírgula. e) O adjunto adverbial *muitas vezes* está intercalado, logo recomenda-se o uso de vírgulas separando-o. Não se separa verbo (*nos apercebermos*) de seu complemento (*de que...*). A oração *movidos por complexos*

sentimentos ocultos como a culpa deve vir entre vírgulas; além disso, faltou uma vírgula antes de *como* para separar o aposto (*como a culpa explica sentimentos ocultos*). Entre verbo (*fabricamos*) e complemento (*aquelas situações...*), não há vírgula.

39 – A. I: Para alguns gramáticos, *para si* é um dativo de interesse. Ainda outros veem como um objeto indireto. O fato é que este tipo de construção, que indica benefício próprio, pode ficar entre vírgulas ou não, como se fosse um adjunto adverbial de curta extensão, cuja virgulação é facultativa. II: Os parênteses podem substituir travessões e vice-versa. A vírgula que vem após o último parêntese também deve vir após o último travessão, caso ela seja exigida por algum termo, expressão ou oração antes dos parênteses ou travessões. Nesse caso, a oração adverbial *Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia* inicia o período, logo deve vir separada por vírgula obrigatoriamente, mesmo após travessões ou parênteses. Curiosidade: na época, o gabarito desta questão havia sido B. Recursos foram feitos e... pronto... a banca foi sensata em aceitar a verdade. Sorte nossa! III: Não se separa verbo (*surgem*) de seu complemento (*evidências*).

40 – E. *O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma;* (ponto e vírgula pode separar oração coordenada sindética adversativa) *mas ruiu, exatamente conforme as previsões de Kant* (adjunto adverbial separado por ênfase). a) Não se separa o sujeito (*O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais...*) de seu verbo *(... não foi...*). b) Não se separa verbo (*... não foi...*) de complemento predicativo *(... um mero fantasma...*). Nada justifica a vírgula após *exatamente*, pois ele modifica *"conforme..."*, e não a oração anterior. c) Nada justifica a vírgula após *exatamente*, pois ele modifica *"conforme..."*, e não a oração anterior. d) Não se separa nome (*Estados*) de seu adjunto (*nacionais*). Não se separa o sujeito (*O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais...*) de seu verbo *(... não foi...*). Ponto e vírgula não separa adjunto adverbial do verbo.

41 – B. Há duas orações coordenadas assindéticas no período da letra B: *O rapaz andava com passos rápidos/estava com pressa.* Elas sempre podem ser separadas por ponto — formando dois períodos simples —, uma vez que a estrutura sintática desse tipo de orações é completa. Veja: *O rapaz andava com passos rápidos. Estava com pressa.* a) O ponto não pode separar um aposto explicativo. c) A oração subordinada adjetiva explicativa não pode ser separada por ponto. d) O ponto não pode separar a oração subordinada adverbial. e) O ponto não pode separar termos numa enumeração.

42 – E. Somente na alternativa e) verificamos um adjunto adverbial de tempo deslocado (*no dia do Juízo Final*), posto no meio da frase e entre vírgulas. Questão de nível *teletubiano*!

43 – E. Verifique a alternativa e) e perceba que os dois pontos após o verbo *nascer* introduzem uma sequência que discrimina o tal "manual de instruções", cumprindo uma das funções precípuas do emprego dos dois pontos.

44 – A. Em A, os dois-pontos servem para abrir uma explicação; não há erro de pontuação. Em B, em D, em E, o sentido muda, pois entende-se que "qualquer uma serve", quando, na verdade, o sentido original é: "não serve qualquer uma". Além disso, em B, a vírgula antes de *serve* não é usada. Em C, não se separa verbo de complemento. Questãozinha esquisita!

45 – C. Adjunto adverbial deslocado (antes de tudo) = vírgula. Mole, mole!

46 – D. Perfeita a letra D: *Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever* – (oração iniciada por conectivo de série aditiva enfática pode vir separada por vírgulas – ou travessões), (esta vírgula separa a oração subordinada adverbial condicional que inicia o período) é porque, no sistema da corrupção, (adjunto adverbial deslocado) *o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia* – (oração subordinada adjetiva explicativa) *foi substituído pela vantagem do dinheiro*. a) Faltou a vírgula após *dever* e foi colocada após o último travessão desnecessariamente, uma vez que os últimos travessões já intercalam a expressão adverbial. b) Não se separam vocábulos de uma expressão fixa na língua: *não apenas*. O adjunto adverbial *no sistema da corrupção* deve vir entre vírgulas. E *ao sujeito* não pode vir ser separado por pontuação alguma, pois não se separa complemento do verbo. c) Nada justifica a última vírgula, pois os travessões estão separando apenas a oração adjetiva explicativa.

47 – A. Assertivas autoexplicativas.

48 – A. *O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial,* (as vírgulas separam a oração subordinada adjetiva explicativa) *primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida*. b) A vírgula após *insígnia* está errada, pois não se separa adjunto adnominal de seu nome. Faltou uma vírgula após *industrial* para fechar a oração subordinada adjetiva explicativa. c) Falta uma vírgula antes do pronome relativo, pois a oração é adjetiva explicativa. A rigor, não há vírgula antes do *e*, pois a vírgula não se encaixa em nenhum dos casos de "vírgula antes do *e*". Não se separa o predicativo do objeto do objeto em *fez dela o seu modelo de vida*. d) Falta uma vírgula antes do pronome relativo, pois a oração é adjetiva explicativa. A rigor, não há vírgula antes do *e*, pois a vírgula não se encaixa em nenhum dos casos de "vírgula antes do *e*". Nada justifica a vírgula após o *e*, uma vez que não há nenhuma intercalação após tal conjunção. e) Falta uma vírgula antes do pronome relativo e depois de *industrial*, pois a oração é adjetiva explicativa. A rigor, não há vírgula antes do *e*, pois a vírgula não se encaixa em nenhum dos casos de "vírgula antes do *e*".

Nada justifica as vírgulas de *"..., inventou a máquina e depois,..."*, pois a oração não é nem está intercalada.

49 – B. Segundo alguns gramáticos (os poucos que coloquei na teoria), a vírgula é facultativa antes de oração subordinada adverbial em ordem direta, ou seja, depois da principal. Sendo assim, podemos escrever: *"Já era sexta-feira, quando ele se deu conta da passagem do tempo"* ou *"Já era sexta-feira quando ele se deu conta da passagem do tempo"*. Veja o gabarito da 50, para pirar o cabeção!

50 – B. Esta questão não foi anulada, pois a FCC ficou com a visão da maioria dos gramáticos a respeito da vírgula que separa as orações subordinadas adverbiais, independentemente de sua posição em relação à oração principal, qual seja: as orações subordinadas adverbiais são obrigatoriamente separadas por vírgula. Por isso, a afirmação I está equivocada. A FCC diz uma coisa, a VUNESP (questão 49) diz outra... e assim caminha a humanidade... A afirmação II está correta pois se trata de uma enumeração, e a afirmação III está errada pois não se separam termos enumerados por dois-pontos.

51 – INCORRETO. A afirmação está equivocada, pois *você* é núcleo do adjunto adverbial de causa *por você*. *João* e *Amor* são vocativos e deveriam ser separados por vírgula(s). Só parte da questão está certa.

Capítulo 28
Gabarito

1 – A afirmação está **INCORRETA**. Toda vez que você estiver diante de uma locução verbal, saiba que o verbo principal NUNCA varia!

2 – I. Há erro no primeiro item. A expressão *pelo qual* (*por* + *o qual*), sendo este *o qual* um pronome relativo, deve concordar com o referente, que está no masculino singular (meio). Logo, o trecho deveria estar assim: *"Tal valorização reduz as exportações e aumenta as importações,* ***meio pelo qual...***". No outro item, o verbo *passar* está no plural para concordar com *déficits*.

3 – INCORRETA. Temos a possibilidade de dupla concordância, sem mudança de sentido, uma vez que há dois antecedentes para o pronome relativo *que*. O verbo pode concordar com *conjunto* ou com *condições*. Na letra B, o verbo *atingir* pode concordar ou não com seu sujeito implícito (que tem como referente *indivíduos*) por uma questão de clareza: "... o conjunto de condições que permite aos indivíduos atingirem (ou atingir) o seu bem particular". Para corroborar isso, ninguém menos que Evanildo Bechara. Ele diz, citando seu mestre e grande inspirador Said Ali, que "fora da locução verbal, a escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos somente da ação ou do intuito ou necessidade de pormos em evidência o agente do verbo". Ele continua dizendo que "ocorre o infinitivo flexionado sempre que se tornar necessário destacar o agente, e referir a oração especialmente a um sujeito, seja para evitar confusão, seja para tornar mais claro o pensamento. O infinitivo concordará com o sujeito que temos em mente; ou quando o autor intencionalmente põe em relevo a pessoa a que o verbo se refere". Daí, ele dá um exemplo: "É permitido aos versistas **poetarem** em prosa". Tal estrutura se assemelha a "permite aos indivíduos atingirem (ou atingir)...". Logo, é uma questão de escolha!

4 – E. Veja: *"Mais da* metade *dos* países *que* ***tinham*** *baixo crescimento e baixo CH em 1960* ***permanecia*** *na mesma posição na década de 90."*. Isso se dá por causa daquela regra de sujeito coletivo ou partitivo, em que o verbo pode concordar com o núcleo do sujeito ou com o núcleo do adjunto. Lembra? a) O pronome *nos* se refere aos *76 países* (Dividiram-nos = Dividiram eles (= os 76 países). b) Tanto em *pode-se ter* como em *podem-se ter* há sujeito, pois a partícula *se* é apassivadora, e não indeterminadora do sujeito. Só há uma diferença na análise sintática. Enquanto o sujeito de *pode-se* é oracional (ter duas situações de equilíbrio), o sujeito de *podem-se ter* é um sujeito simples (duas situações de equilíbrio). Reveja a regra de *costumar/dever/poder* + *se* + infinitivo na teoria. c) A afirmação é equivocada, pois explicitamente o sujeito é simples: *"****Surgem*** algumas conclusões interessantes desse estudo

(sujeito)". d) Toda a afirmação da alternativa é equivocada, pois o núcleo do sujeito com que a forma verbal *dá* concorda é *estratégia*. Veja: *"A quarta, e mais importante, é que a* estratégia *de privilegiar o lado humano* ***dá*** *frutos muito melhores do que aquela que enfatiza só o lado econômico."*.

5 – Há um erro de concordância. Deveria ser: *"Os* consumidores *pagam juros maiores porque* ***obtêm*** *crédito com prazos maiores e prestações menores."*. Lembra-se daquela regrinha de acentuação relacionada à concordância dos verbos *vir* e *ter* na 3ª pessoa do plural? Então... os verbos *vir* e *ter* (e suas formas derivadas, como *obter, deter, reter, entreter*), na 3ª pessoa do plural, recebem acento circunflexo.

6 – Pelo contexto, percebemos que a afirmação procede. Veja: *"A experiência da modernidade é* algo *que só pode ser* ***pensado*** *a partir de alguns conceitos fundamentais."*. Lembrou-se da regra de retomada do pronome relativo? O verbo, inclusive no particípio, que estiver após o pronome relativo *que* concordará com o antecedente do relativo.

7 – B. A afirmação da letra B está incorreta, porque o verbo *possuir* concorda com *nossa classe A*.

8 – A. O pronome oblíquo átono *as* retoma, concordando em gênero e número, *a ordem e a cultura do capital*, expressão feminina plural. A (2) está errada, pois o verbo *dominar* deve ficar no singular, concordando com *lógica*. A (3) está errada, pois a expressão deveria ser *podia ser escamoteada* uma vez que concorda com a palavra *lógica*, feminina singular. Em (4), há um erro, pois o núcleo do sujeito simples está no singular, logo o verbo *criar* deve igualmente ficar no singular. Em (5), deveria ser *somam-se*, pois este verbo tem como referente do seu sujeito implícito o termo *desempregados*.

9 – ERRADO. O vocábulo *destinado* (particípio com valor de adjetivo) concorda em gênero (masculino) e número (singular) com o substantivo *patamar*. Já *destinados* (masculino plural) de fato concorda com o numerador (8) do numeral percentual 8,76%.

10 – ERRADO. O verbo no infinitivo, *parecer*, pode ficar no plural ou no singular, pois faz parte de uma estrutura em que se permite isso. A estrutura é esta: ***mandar/deixar/fazer/ver/ouvir/sentir*** **+ substantivo plural + verbo no infinitivo (singular ou plural)**. Neste caso (... fazendo *as tripulações parecer(em)*...), a variação do infinitivo é facultativa. Logo não acarretaria prejuízo para a correção gramatical se o verbo ficasse no singular.

11 – CERTO. Veja de novo: "*O fato... tem...*". Sendo assim, apesar de o núcleo do sujeito estar distanciado do seu verbo, percebemos que o verbo *ter* fica no singular para concordar

com um núcleo do sujeito igualmente singular. Se o núcleo do sujeito estivesse no plural, o verbo *ter* receberia acento circunflexo: "*Os fatos... têm...*". Safo?

12 – CERTO. Afirmação correta e autoexplicativa.

13 – CERTO. Evanildo Bechara não se opõe a esta construção, a saber: de substantivo no singular com vários adjetivos ligados a ele. Portanto é forma culta: "*o **contexto** histórico, político, econômico, cultural e social*", ou "*os **contextos** histórico, político, econômico, cultural e social*", ou "*o **contexto** histórico, o político, o econômico, o cultural e o social*". Bechara ainda chega a dizer assim, para quem quiser ver, em sua Moderna Gramática Portuguesa: "O vocábulo determinado irá para o plural ou ficará no singular, sendo, neste último caso, facultativa a repetição do artigo: *As literaturas brasileira e portuguesa*, ou *A literatura brasileira e portuguesa*, ou *A literatura brasileira e a portuguesa*".

14 – CERTO. Todo verbo que tem como sujeito uma oração fica na 3ª pessoa do singular. Por se tratar do verbo *ser*, que pode concordar também com o predicativo, a afirmação da banca procede.

15 – CERTO. Sim! Quando o adjetivo em função de adjunto adnominal vem após dois substantivos, pode ele concordar com o núcleo mais próximo: *"está diminuindo a nossa capacidade de concentração e **contemplação profunda**"*.

16 – CERTO. O que a banca sugere é esta reescritura: *"... que aprender a ler e a escrever... **altera**... e **engrossa**..."*. De fato, as formas verbais *altera* e *engrossa* não variam, pois seu sujeito é oracional, o que faz com que os verbos fiquem na 3ª pessoa do singular, sempre.

17 – ERRADO. *Os computadores são as armas dos crimes*, e não o contrário. Portanto, o verbo *ser* concorda com *os computadores*.

18 – ERRADO. Não! Independentemente de a ideia ser plural (coletiva), é um erro pôr o verbo no plural. Isso só ocorreria se o núcleo do especificador estivesse no plural: *"A maioria dos **professores** acaba/**acabam** deixando a profissão."*. Foi?

19 – ERRADO. O "homem da banca" trabalha aqui seu conhecimento de passagem de voz passiva sintética para passiva analítica e concordância verbal e nominal ao mesmo tempo. Perceba que em *Consideram-se*, o verbo está na voz passiva sintética, pois ele é VTD e está acompanhado de uma partícula apassivadora (*se*). Passando para a voz passiva analítica, temos de transformar o verbo em locução verbal formada por *ser* + particípio; nessa passagem devemos observar a manutenção do tempo e modo verbais e a concordância verbal e nominal. Note que o sujeito do verbo *considerar* é *os grupos étnico-raciais*, portanto, na voz passiva analítica, o verbo *ser* da locução verbal vai ficar no presente do indicativo (como estava o

verbo *considerar* na voz passiva sintética) e no plural; já o **particípio** vai ficar no masculino plural concordando com o núcleo *grupos*. Portanto, *Consideram-se... os grupos étnico-raciais... = Os grupos étnico-raciais* ***são considerados****....* Desse modo, não há prejuízo algum na correção gramatical na reescritura.

20 – E. O verbo concorda com *quem*, por isso fica na 3ª pessoa do singular. a) *Havia* (verbo impessoal fica na 3ª pessoa do singular). b) *O lixo...* ***vai****.* c) *O tratamento e a destinação corretos do lixo* ***evitariam*** *que 35% deles* ***fossem despejados*** *em aterros*. d) *Faz* (verbo impessoal fica na 3ª pessoa do singular).

21 – D. Coloque na ordem direta: *"****Argumentos*** *(sujeito) não* ***faltarão*** *(verbo) a nenhum dos intérpretes de um fato para considerá-lo segundo seu interesse e sua conveniência"*. Claro, não? Vejamos uma por uma (corrigidas): a) *Dentro da elite nunca* ***se criticaram****, diante da rotina do sistema penitenciário brasileiro, os* ***horrores*** *(núcleo do sujeito) a que os presos são submetidos (os horrores nunca foram criticados; perceba que o "se" ligado ao verbo é uma partícula apassivadora)*. b) ***Reservam-se*** *ao pobre, tantas vezes identificado como potencialmente perigoso, as* ***opções*** *(núcleo do sujeito) da resignação ou da marginalidade social*. c) *Sem altos investimentos não* ***haverá*** *(com sentido de existir, não varia) como minimizar os horrores que vêm caracterizando as nossas penitenciárias*. e) *Ainda que não lhes* ***convenha*** *(verbo)* ***fazer altos investimentos*** *(sujeito oracional leva o verbo à 3ª pessoa do singular), as elites terão que calcular os custos de tanta violência*.

22 – D. Coloque na ordem direta para facilitar a "visão" para a concordância: *"Como se vê,* ***estimular a salvação das baleias*** *(sujeito oracional)* ***cabe*** *(verbo) aos bons princípios ecológicos, seja no alto-mar, seja na areia da praia"*. Veja as demais (corrigidas): a) À noite, ***dava-se*** *(verbo com "se" apassivador; cuidado!!!) aos trabalhos de poucos e à diversão de muitos uma* ***trégua*** *(núcleo do sujeito) oportuna, para tudo recomeçar na manhã seguinte.* b) *Aos esforços brutais da jubarte não* ***correspondia*** *(verbo) qualquer* ***efeito*** *(núcleo do sujeito) prático, nenhum avanço obtinha o gigante encalhado na areia.* c) *Sempre* ***haverão*** *(verbo) de aparecer* ***aqueles*** *(sujeito) que, diante de um espetáculo trágico, logram explorá-lo como oportunidade de comércio.* (O verbo haver só não varia quando tem sentido de existir, seja sozinho, seja como verbo principal de uma locução verbal, o que não é o caso, pois nesta frase ele é o verbo auxiliar da locução verbal *haverão de aparecer*.) e) *Da baleia encalhada em 1966 não* ***restaram*** *(verbo), lembra-nos o autor, senão as* ***postas*** *(núcleo do sujeito) em que a cruel voracidade dos presentes retalhou o animal*.

23 – C. O verbo *haver* só é impessoal quando tem sentido de *existir*. Se ele for verbo auxiliar de uma locução verbal, como é o caso (*haverão de caber*), irá variar normalmente. *Por que*

haverão (verbo) *de caber a um simples passageiro as* ***responsabilidades (núcleo do sujeito)*** *do comando de uma aeronave*?

24 – E. *"*É necessário *(o verbo fica no singular e o adjetivo no masculino singular por causa do sujeito oracional em seguida) que haja* medidas *que* busquem *controlar o consumo predatório dos* recursos *da natureza que, cada vez mais* escassos, estão sujeitos *a uma lenta reposição"*. Veja os erros das demais (corrigidas): a) *Os* ***níveis*** *(núcleo do sujeito) alarmantes de poluição da água no planeta, resultante da atividade humana,* ***estão*** *(verbo) dando sinais de que ela poderá faltar em boa parte do globo terrestre, que já sofre com sua escassez*. b) *A* ***proporção*** *(núcleo do sujeito) entre número de habitantes e oferta de recursos naturais* ***está*** *(verbo) em descompasso, levando à necessária redução no consumo desses recursos que garantem a vida no planeta*. c) *Ambientalistas já alertam para os perigos à sobrevivência da humanidade, caso os* ***habitantes*** *(núcleo do sujeito) do planeta* ***continuem*** *(verbo) a consumir de modo irresponsável os recursos naturais, muitos dos quais já escassos*. d) ***Existem*** *(verbo)* ***programas*** *(núcleo do sujeito) de conscientização da população mundial que busca divulgar formas de consumo sustentável dos recursos naturais e respeito ao ritmo da natureza, para permitir que* ***ela*** *(sujeito) o* ***reponha*** *(verbo)*.

25 – E. *"*Tanto *a Lei de Diretrizes e Bases da Educação* como *a regulação natural do mercado (sujeito composto)* ***sinalizam*** *para as* inconveniências *que* adviriam *da adoção do ensino religioso nas escolas públicas"*. Veja os desvios das demais: a) ***Provoca*** *(verbo) muitas polêmicas, entre crentes e materialistas, o* ***posicionamento*** *(núcleo do sujeito) de alguns religiosos e parlamentares acerca da educação religiosa nas escolas públicas*. b) *Sempre* ***deverá haver*** *(quando o verbo haver tem sentido de existir, o verbo auxiliar da locução verbal fica na 3ª pessoa do singular) bons motivos, junto àqueles que são contra a obrigatoriedade do ensino religioso, para se reservar essa prática a setores da iniciativa privada*. c) ***Um*** *(núcleo do sujeito) dos argumentos trazidos pelo autor do texto, contra os que votam a favor do ensino religioso na escola pública,* ***consiste*** *(verbo) nos altos custos econômicos que acarretarão tal medida*. d) *O* ***número*** *(núcleo do sujeito) de templos em atividade na cidade de São Paulo* ***vem*** *(verbo) gradativamente aumentando, em proporção maior do que ocorrem com o número de escolas públicas*.

26 – A. Na letra A, o verbo *atribuir*, acompanhado de *se* apassivador, concorda com o antecedente do pronome relativo *que* (os predicados mágicos), por isso deve ficar no plural. Veja: "Nem todos discriminam, numa foto, *os predicados mágicos* que a ela ***se atribuem*** nesse texto."

27 – C. Eu falei a você que a FCC se amarra em deslocar o sujeito, portanto coloque a frase

na ordem direta. Veja como a frase da letra C está invertida: *"Não convém aos injustiçados reclamar por igualdade de tratamento quando esta pode levá-los a permanecer na situação de desigualdade"*. Ordem direta (o sujeito sempre vem antes do verbo): *"Reclamar por igualdade de tratamento... não convém aos injustiçados"*. Facilitou a visão, não é? Percebe que o sujeito da forma verbal *convém* é uma oração reduzida de infinitivo (*Reclamar por igualdade de tratamento*)? Quando o sujeito está em forma de oração, o verbo sempre fica no singular. Ok? Veja os erros (já corrigidos) das demais: a) A ***utilidade*** dos dicionários, *mormente quando se trata de palavras polissêmicas*, ***manifesta***-se *nas argumentações ideológicas*. b) Não se ***nota****, entre os preconceituosos*, qualquer ***disposição*** *para discutir o sentido de um juízo e as consequências de sua difusão.* d) *Como discernimento e preconceito são duas acepções de discriminação,* ***há*** *que se esclarecer* o ***sentido*** pretendido. e) ***Uma*** das maneiras mais odiosas de refutar os argumentos de alguém ***surge*** *na utilização de preconceitos já cristalizados*. Percebeu que o sujeito veio depois do verbo em B e em D?

28 – E. "As ***obras*** e seu ***respectivo*** valor ***haviam*** de ser avaliados *na medida da importância do tema tratado*". Sujeito composto, verbo no plural. Simples assim. Veja os erros (já corrigidos) das demais: a) *Outra descoberta foi a de que também* ***existiam*** *na figuração de um motivo em que estivesse ausente o ser humano* alguns ***valores*** profundos. Colocando na ordem direta: "*Outra descoberta foi a de que* alguns ***valores*** profundos ***existiam***...". Viu como facilita? Faça isso sempre que necessário for. b) Uma ***gama*** de estados de espírito *que não sabemos nomear, apesar de sua grande força,* ***pode*** ser ***suscitada*** *pelos artefatos e signos que o homem produz*. c) É numa concepção de humanidade modificada ao longo do tempo que se ***assentam*** ***noções*** relativas a uma dimensão humana da arte. O verbo *assentar* vem seguido de uma partícula apassivadora (bastante comum na FCC). Note como é fácil descobrir se o *se* é ou não uma partícula apassivadora. Coloque a voz verbal na voz passiva analítica; se for possível, o *se* é apassivador. Veja (na ordem direta, é claro!): "É numa concepção... que ***noções*** relativas a uma dimensão humana *da arte* ***são assentadas***.". Normalmente o sujeito de um verbo com partícula apassivadora vem após ele. Atenção! d) *Não* ***faz*** *muitos anos que na grande arte só se podiam admitir temas heróicos, míticos ou religiosos*. O verbo *fazer*, indicando tempo decorrido é impessoal, portanto não varia.

29 – C. Note que o verbo auxiliar concorda com o núcleo do sujeito singular: "*E que* a ***produção*** de alimentos ***precisará*** crescer *70% até 2050...*".

30 – D. Quando o adjetivo, com função de adjunto adnominal, vem após dois substantivos de gêneros diferentes, a concordância de gênero e número (concordância nominal) pode se dar com o substantivo mais próximo (concordância atrativa) ou com ambos, ficando no masculino plural (concordância gramatical). Portanto, tanto faz: *Compramos livro e jornal* ***velhos*** ou

Compramos livro e jornal ***velho****.*

31 – D. Com sujeito determinado, o particípio de ***ser*** + **adjetivo/particípio** varia normalmente. Deveria ser, portanto: "*A partir de hoje,* é ***proibida*** a *adoção de crianças...*".

32 – E. Quando núcleos do sujeito composto são sinônimos, o verbo preferencialmente fica no singular. Já que *recrudescimento* e *exacerbação* são sinônimos, o verbo *provocar* fica no singular, assim como, no enunciado, o verbo *alcançar* ficou no singular, pois os núcleos do sujeito são igualmente sinônimos (*declínio* e *decadência*). Quando os núcleos são antônimos, o verbo fica no plural. Logo, as frases de A a D deveriam apresentar verbos no plural.

33 – B. Adjetivo, com função de adjunto adnominal, posposto a substantivos de gêneros diferentes concorda com ambos, no masculino plural, ou com o mais próximo. Logo, a construção *consultorias e bancos* renomadas não procede.

34 – C. Vamos combinar uma velha máxima da concordância verbal: o verbo concorda em pessoa e número com seu sujeito. Quem quer "filhos"? As **mulheres**. Até porque só elas podem engravidar...

35 – D. Perceba que o governo é quem "efetua" o controle dos nascimentos prematuros. Logo, *"O* controle *dos nascimentos prematuros (é)* ***efetuado*** *pelo governo...*".

36 – E. *"****Foram*** *os* peixinhos *do mar"*. A palavra *peixinhos* é o núcleo do sujeito da forma verbal *foi*, por isso ela deve ficar no plural (foram).

37 – C. Caso clássico do verbo *haver* significando *existir*. Esta é para elevar a autoestima!

38 – C. Na alternativa c), o verbo *integrar* pode ter como referente *(aqueles que foram) escolhidos*, indo assim para o plural – *integrarem*. Em todas as outras alternativas, existe a obrigatoriedade da forma verbal em destaque. Na alternativa a), o sujeito da oração é *Jogar "games" de computador*, sendo seu núcleo *jogar*, levando o verbo obrigatoriamente para o singular. Portanto não há opção de pluralizar o verbo. Na alternativa b), quem foi produzido foi "um" dos títulos, não "os títulos", portanto o verbo deve ficar no singular, sem opção de plural. Na alternativa d), em *o grupo de controle*, que é o sujeito, a expressão *grupo* é núcleo, obrigando o verbo a ficar no singular, até porque seu especificador *"de controle*" também está no singular. Quanto à derradeira alternativa e), *interagir* é o próprio sujeito de é preciso, logo não pode ir para o plural, porque, apesar de ser um verbo, funciona como substantivo.

39 – CERTO. Note que antes do particípio do verbo *perder* (*perdida*), há uma estrutura de indeterminação do sujeito: "... *que se vive...*". Logo, o verbo *perder*, no particípio, deveria ficar no masculino singular, que é uma forma neutra para se referir ao sujeito indeterminado, a saber: *"Mas é assim mesmo que* ***se vive*** *(alguém vive):* ***perdido*** *no tempo e no espaço*.". Isto

é o que diz a norma culta. No entanto, como esse trecho foi retirado de uma obra literária, o autor tem licença poética para usar o particípio se referindo a uma personagem, por exemplo.

40 – ERRADO. O *ou* tem valor de exclusão, pois indica que um dos três atos (*puxar, afiar, assistir*) seria simples. Quando os núcleos do sujeito composto forem ligados por este *ou* exclusivo, o verbo ficará no singular, sempre!

41 – ERRADO. *Nascidas* se refere tão somente a *sepulturas*, assim como *seguras* se refere a *fortalezas* e *duro* se refere a peso. A afirmação não procede.

42 – ERRADO. O único erro desta afirmação é dizer que *século* faz parte do sujeito composto, quando na verdade se trata do núcleo do adjunto adverbial de tempo *no século XV*.

43 – ERRADO. O sujeito explícito existe, sim (!), e está em forma de oração: *"que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas"* (oração subordinada substantiva subjetiva) = **isso** [é verdade]. Não deixe o CESPE lhe dar uma pernada, hein!

44 – Retire a intercalação (*como o automobilístico*) e verá que a afirmação da banca procede: *"... decorreu da diminuição de estoques em **alguns setores** (...) **pressionados**...*". Bingo!

45 – C. "... nos <u>países emergentes</u>, que, no entanto, já <u>representam</u> mais de 50%...". O verbo concorda com o antecedente do pronome relativo. Simples assim!

46 – A. Desenvolva a oração reduzida de particípio *deflacionados* para visualizar melhor: "... *e em **valores** reais, que **foram deflacionados** pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo*...". Portanto, a afirmação procede. b) *Elevaram-se* concorda com o sujeito composto iniciado por *as receitas do Imposto de Renda Pessoa Jurídica*. c) A forma verbal *proporcionou* concorda com *desempenho*. d) O singular em *fez aumentar* é devido ao núcleo do sujeito *crescimento*. e) A forma verbal *foram* concorda com *ganhos*.

47 – INCORRETA. A afirmação está equivocada porque o verbo *haver* (= *existir*) é impessoal. Nunca varia.

48 – A. Ignore todas as intercalações entre o sujeito e o verbo, e você verá que a afirmação da opção A procede: "... ***uma <u>sociedade</u> igualitária**, com amplo respeito pela vida humana, excelentes índices de educação, burocracia inteligente e serviços públicos voltados (de fato) para melhorar a vida do cidadão, **<u>soa</u>**..."*. b) *Podem* varia com *sociedades*. c) O sujeito de *referem-se* é composto (*A igualdade e a dignidade humana*), logo o plural é a concordância correta. d) O verbo principal de uma locução verbal nunca varia; a afirmação da banca é absurda. e) O verbo *levar* concorda com o sujeito composto *a igualdade, o respeito e a dignidade*, por isso fica no plural.

49 – E. Na estrutura "*Cada um dos folheteiros*", o verbo concorda com *um* obrigatoriamente, por isso não pode ficar no plural. a) O verbo concorda com o antecedente do relativo, *folheteiros*. b) O verbo concorda com o especificador do sujeito de valor partitivo, *folheteiros*. c) O verbo concorda com o sujeito composto, *"O folheteiro e sua família"*. d) O verbo concorda com o especificador do sujeito de valor coletivo, *folheteiros*.

50 – E. A construção ***ser* + adjetivo** (*Era necessário*) fica no masculino singular, pois o sujeito é oracional (*tomar medidas*...). O verbo *garantir* fica no plural, pois concorda com o antecedente do pronome relativo, a saber: *medidas*.

51 – B. O verbo *fazer* é impessoal quando indica tempo decorrido. Como faz parte de uma locução verbal, o verbo auxiliar fica obrigatoriamente no singular, pois é transmitida a impessoalidade do *fazer* a ele (*deve fazer*). O verbo *haver* (= *existir*) é impessoal também. O verbo *apaixonar-se* varia concordando com o antecedente do pronome relativo: *pessoas*.

Capítulo 29
Gabarito

1 – A. Olhe sempre para o verbo ou para o nome dentro da oração adjetiva. Se um deles exigir uma preposição, esta ficará antes do pronome relativo. O verbo *referir-se* exige a preposição *a*, por isso *a que*. O verbo *ocupar-se* exige a preposição *de*, por isso *de que*. Simples assim.

2 – D. O substantivo *oportunidade* rege a preposição *de* ou *para*, logo a letra D está perfeita. a) Só "papel *na"*. b) Só *como*, por ser palavra explicativa introduzindo aposto explicativo. c) O verbo *chamar* não exige a preposição *a*, logo o *a* é só um artigo. e) idem à opção A.

3 – D. O adjetivo *inferior* exige a preposição *a* + *a* (= *aquela*) = à. Faltou isso. A forma participial *atribuída* exige a preposição *a* + *a Argentina* = à *Argentina*. Faltou isso também no texto. A ESAF *curte* trabalhar regência com crase, mais de 90% das vezes.

4 – CORRETA. A maneira como o verbo *autorizar* mantém relação com seus complementos é igual, pois em ambos os casos o verbo é VTDI (quem autoriza, autoriza alguém **a** algo).

5 – A afirmação de que a presença de preposição em ***a****o desemprego* justifica-se pela regência de *combate* está perfeita, pois este substantivo de fato rege um complemento preposicionado por *a*.

6 – Ambas estão **erradas**. Na primeira, há um desvio de regência do verbo *recorrer*, pois ele rege a preposição *a*. Portanto, deveria ser: "*... e **a** eles recorriam os colegas...*". Na segunda, o verbo *impor* é VTDI, exige um objeto direto e um indireto. O objeto indireto na frase em questão é o pronome reflexivo *se*, e o objeto direto é *o desafio de falar*. A análise é esta, portanto: quem impõe, impõe alguma coisa (*o desafio de falar outro idioma fluentemente*) a alguém (*se*).

7 – CERTO. Sim! A preposição deve vir explícita antes de oração subordinada adjetiva quando um verbo ou um nome depois do pronome relativo a exigir. Exemplo: *O jornal que eu gosto é o Nacional*. (errado)/*O jornal **de** que eu **gosto** é o Nacional*. (certo). Safo?

8 – ERRADO. Nem precisaríamos de contexto para resolver esta questão se soubéssemos que *resultar de* indica causa e *resultar em* indica consequência, ou seja, *"A mais doce embriaguez é a que* resulta ***da*** mistura dos vinhos." (causa) e *"Aquela discussão* resultou ***numa*** briga feia." (consequência).

9 – ERRADO. Questão perigosa! Todos os termos preposicionados são complementos do substantivo *cultura*, menos *de bens materiais*, que é complemento de *acréscimo*.

10 – ERRADO. A forma verbal *remete-se* (VTI) exige a preposição *a*, logo ela não pode ser

retirada antes dos objetos indiretos.

11 – C. Toda vez que cair uma questão como esta, ou seja, regência com pronome relativo, fique ligado no verbo ou no nome que vem após o pronome relativo. Digo isso porque eles é que vão ditar a regência e, consequentemente, o uso da preposição antes do pronome relativo. Vou grifar o verbo ou o nome e sua preposição antes do pronome relativo, ok? Lembre-se de que a banca quer a regência INCORRETA. a) *O processo de globalização e a mundialização **d**os quais as organizações têm sido **vítimas**.* b) *O processo de globalização e a mundialização **sobre** os quais as organizações têm tido alguma **influência**.* c) *O processo de globalização e a mundialização **com** cujos parâmetros as organizações procuram imitar.* COM cujos parâmetros? De onde vem este COM? Algum verbo ou nome exige tal preposição? Claro que não! Quem procura imitar, procura imitar alguém ou algo. Eis o erro! d) *O processo de globalização e a mundialização **para** os quais as organizações têm voltado sua **atenção**.* e) *O processo de globalização e a mundialização **por** cujos princípios as organizações procuram **guiar-se**.*

12 – C. Questão megapolêmica, em que se marca a "melhor resposta"! Na letra A, o verbo *assistir* (= *ajudar*) pode ser VTD ou VTI (com preposição *a*). Na letra B, há um (1) gramático (só conheço ele!) que admite o uso de *implicar* (no sentido de resultar, acarretar) com a preposição *em*: Celso P. Luft. Os demais dizem que, nesta acepção, *implicar* é VTD. Polêmicas! Na letra C, ninguém tem dúvidas de que *importunar* é VTD (quem importuna, importuna alguém e não a alguém). Na letra D, ninguém tem dúvidas da dupla regência de **influir** (*em* ou *sobre*). Na letra E, há bons gramáticos, como o próprio Luft, que aceitam a regência do verbo *visar* com a preposição *a* (VTI) ou <u>sem</u> a preposição (VTD). Fazer tal coisa com o candidato é *privilégio* da Fundação Dom Cintra? Claro que não! Todas as bancas fazem isso: ESAF, FCC, CESPE, FGV etc., etc., etc. Fique esperto!

13 – E. O verbo que não exige complemento é chamado de intransitivo. No enunciado, o verbo *custar* (exprimindo preço/valor) é sempre intransitivo, acompanhado de adjunto adverbial de preço (R$ 35). Pois bem... o verbo *caçar*, na letra E, não exige complemento algum, portanto ambos os verbos são intransitivos. Os demais verbos exigem complementos (que eu sublinhei). Na letra D, o verbo ser é de ligação. Veja: a) *"...de quem **procura*** a reserva *para comprar artesanato,"*. b) *"para **levar*** um casal de amigos*"*. c) *"Scavello **considera** positiva* a implantação do sistema na aldeia*:"*. d) *"– Não **somos** assalariados,"*.

14 – D. Vejamos uma por uma: I – O verbo *aspirar* (=*almejar*) exige a preposição *a*. II – O verbo *assistir* (=*ver*) exige a preposição *a*. III – O verbo *implicar* (=*acarretar*) não exige preposição alguma, segundo 99% dos gramáticos. IV – O verbo *chegar* exige a preposição *a*,

mas diante da palavra *casa* só haverá crase se ela vier especificada, o que não é o caso.

15 – C. a) *O provedor **cujo plano** comprei demonstra eficiência.* Esta questão é sobre o uso do *cujo*! Ele nunca é substituído pelo pronome relativo *que*. O *cujo* fica entre dois nomes estabelecendo uma relação de posse entre eles. b) *As pessoas **as quais** compareceram desconheciam informática.* O verbo comparecer não exige a preposição *de*. c) *O desejo **de que** a Internet ficasse mais rápida se realizou.* Segundo o padrão CESGRANRIO, seria um erro omitir essa preposição exigida pelo substantivo *desejo* antes da conjunção integrante. Portanto, está certa. d) *O menino, **cujo** pai trabalha em informática, virá ajudar-nos.* O artigo nunca vem acompanhando o pronome relativo *cujo*. e) *A matéria **em que** me dei mal foi programação.* Quem se dá mal se dá mal *em* alguma coisa.

16 – D. a) Segundo a vasta maioria dos gramáticos, não podemos ter um complemento só para verbos de regências diferentes, logo deveria ser: *"Entrei **n**o escritório e saí **d**ele hoje correndo."*. b) O certo seria *"O relatório **de** que (ou sobre o qual) te falei está em cima da mesa*.", pois quem fala, fala **de/sobre** alguma coisa. c) Quem dá, dá algo a alguém, logo *"Esse é o colega **a** que (ou a quem ou ao qual) dei meu endereço novo."*. d) Ele aprendeu a usar a máquina por alguma coisa (pelo manual), logo está certo o uso da preposição *por* antes do pronome relativo *que*. Poderíamos reescrever assim: *"O manual **pelo qual** aprendeu a usar a máquina é ruim."*. e) O certo seria *"A ilha **para onde*** (*ou **para a qual***) *eu mudei minha residência oficial é grande*.".

17 – E. O verbo *ir* exige a preposição *a*. Além disso, o verbo *assistir* (=*ver*) exige a preposição *a*. Logo: *"Fomos Ao cinema ontem assistir **ao** filme."*. Bem fácil esta!

18 – C. O verbo *recordar* não exige complemento preposicionado, logo é um VTD. O verbo *lembrar* também é VTD, logo não pode exigir complemento preposicionado. Reescrevendo... *"Gostava de **recordar** os fatos de sua infância./Gostava de **lembrar** os fatos de sua infância."*. Vale dizer que o verbo pronominal *lembrar-se* é VTI e exige a preposição *de*. Veja: *"Gostava de **se lembrar d**os fatos de sua infância."*. Aí, sim, estaria certo! Beleza?

19 – ERRADO. O verbo *chamar* no sentido de "classificar", "cognominar" é um verbo transobjetivo, ou seja, exige um objeto direto seguido de um predicativo do objeto. Substituindo o pronome relativo *que* por seu antecedente, teremos a seguinte reescritura: *"Ele chama* a ética *(OD) de* metafísica dos costumes *(POD)."*. Quanto à preposição *de*, saiba que ela é facultativa sempre antes do predicativo do objeto do verbo *chamar*. Sendo assim, o trecho em itálico não é complemento verbal nem a preposição deve ser colocada **obrigatoriamente**.

20 – ERRADO. O nome *indicação* exige a preposição *de*. Mera questão de regência. Logo, lê-se o trecho assim: *"A indicação inicial é (a = aquela)* de *que, sim, a rede está alterando..."*. Segundo a maioria dos gramáticos, a oração com função de complemento nominal é iniciada por preposição obrigatória (outros gramáticos dizem que ela pode ficar implícita).

21 – ERRADO. Os dois primeiros nomes – *decorrência* (***de***) e *condizente* (***com***) –, de fato, exigem complementos preposicionados, mas *irreprimível* não exige complemento preposicionado algum. Em *a voz irreprimível dos fantasmas*, a preposição *de* estabelece uma relação nocional de posse entre *voz* e *fantasmas*.

22 – E. Questão de regência nominal purinha! Em A: *"Alguns acreditam que com o advento da chamada globalização o mundo foi* ***reduzido a/em*** *uma pequena aldeia"*. Em B: *"É notável a* ***submissão*** *de certos animais* ***para com/a****o dono."*. Em C: *"Não se pode afirmar que não haja* ***legitimação para*** *as regras morais na sociedade contemporânea."*. Em D: *"Parece razoável propor que em todas as áreas do conhecimento há certa* ***dicotomia*** **em/*entre*** *teoria e prática."*. Em E: *"Alguns críticos acreditam que a sensibilidade é* ***inerente*** **em/*a****os grandes artistas."*.

23 – D. a) *"Os argumentos* ***em*** que *devemos* nos *agarrar devem se pautar nos limites da racionalidade e da justiça."* Quem deve se agarrar, deve se agarrar **em** algo/alguém. Quanto ao uso do pronome oblíquo átono em próclise ao verbo principal da locução verbal (*... em que devemos* ***nos*** *agarrar*), Cegalla e Azeredo dizem ser formas corretas, mesmo com palavra atrativa antes da locução; os demais dizem que não! Portanto, faço questão de reescrever de duas maneiras diferentes para atender às exigências da maioria dos gramáticos: *"... em que* ***nos*** *devemos agarrar"* ou *"... em que devemos agarrar-****nos****"*. Essas duas formas de colocação pronominal são consenso entre os gramáticos. b) *"Os casos históricos* ***a*** que *Voltaire recorre em seu texto ajudam-no a demonstrar* que *a pena de morte é ineficaz."* Quem recorre, recorre ***a*** algo/alguém. Este último *que* é uma conjunção integrante, pois conecta a oração anterior à posterior sem substituir/retomar nenhum termo anterior como faz o pronome relativo. A preposição antes da conjunção integrante estava errada porque "quem demonstra, demonstra algo". c) *"A pena de talião é um recurso* cuja *eficácia muitos defendem, ninguém se abale* ***de*** *tentar demonstrá-la."* Quem defende, defende algo. O uso da preposição antes do *cujo* é um equívoco. O verbo *abalar-se* (= *fugir*) exige a preposição *de*. d) *"Os castigos* a que *se submetem os criminosos devem corresponder à gravidade* de que *se reveste o crime."* Quem se submete, se submete ***a***. Certo. Quem se reveste, se reveste **de**. Certo. Impecável! e) *"As ideias liberais,* ***a*** cuja *propagação Voltaire se lançou, estimulam legisladores* em quem não falte o senso de justiça." Quem se lança, se lança A algo/alguém.

24 – E. No enunciado, o verbo é VTDI. Veja: "... ***cederam*** passo *(objeto direto)* a uma posição passiva *(objeto indireto)...*". O mesmo ocorre com o verbo *pautar* na letra E: "... *deverá* ***pautar*** sua ação *(objeto direto)* em código de conduta *(objeto indireto)...*"

25 – B. Veja logo a letra B: "... *um vício* de que ***muita gente da imprensa não consegue se esquivar***". A pergunta que você vai fazer é: "Muita gente da imprensa não consegue se esquivar **de** quê?" **Do vício**, certo? Afinal, quem se esquiva, se esquiva **de** algo/alguém. Em outras palavras, veja se após o pronome relativo há um verbo ou um nome **exigindo uma preposição**. Se houver (Brasil!), a preposição ficará antes do pronome relativo! Ok? a) *"O Príncipe é um símbolo reincidente,* ***de*** cujo *nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento."* Quem tem conhecimento, tem conhecimento **de** algo. c) *"A trama* ***da*** qual *o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso."* Quem participa, participa **de** algo. O pronome relativo *a qual* está retomando *a trama*, expressão feminina, logo está bem usado. d) *"Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão* ***da*** qual *decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve"*. Toda a trama *decorreria* **de** algo. e): *"Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação* ***de*** que *irão depender todas as demais."* Todas as demais *irão depender* ***de***...

26 – A. Na letra A, veja que o *cujo* está bem usado, respeitando todos os critérios de uso. Sobre a preposição, ela vem antes do pronome relativo porque o verbo *acreditar* a exige: *"Não deu certo o tal do método prático* ***em*** cuja *eficiência Paulo Honório chegou a* ***acreditar.***". Vejamos os demais erros: b) *"Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada* ***de*** que *nenhum escritor pode* ***abdicar****."* Quem abdica, abdica algo ou **de** algo. c) *"Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal* que *jamais* ***toleraria****."* Quem tolera, tolera algo/alguém. d) *"Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas* cujo *brilho ninguém* ***superaria****."* Quem supera, supera algo/alguém. e) *"A linguagem* ***a*** que *Paulo Honório de fato* ***aspirava*** *era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas."* Quem aspira, aspira **a** algo (no sentido de almejar).

27 – C. Observe com calma: *"As hipóteses aventadas,* ***em que*** *se baseiam os especialistas, devem ainda ser comprovadas por exames acurados."*. Quem se baseia, se baseia **em** alguma coisa. Aí está. Faça este teste nas outras alternativas e constatará que não se exige a preposição **em**. a) **com** que. b) que d) A que. e) **de** que.

28 – E. Vejamos as alternativas já corrigidas: a) *"A obsolescência e o anacronismo, atributos* ***a/para/para com/de/por*** os quais *os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar* com a *expressão dez de setembro.*" Os americanos manifestam todo

seu desprezo ***a/para/para com/de/por*** estes atributos: obsolescência e anacronismo. O uso do pronome relativo *os quais* está correto, pois ele retoma atributos (masculino plural). b) *"O estado de psicose,* ***no*** qual *imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança* cuja *radicalidade muitos recriminam.*" Quem imerge, imerge **em** algum lugar... Quem recrimina, recrimina algo/alguém. O uso dos pronomes relativos está correto, pois *o qual* retoma *estado de psicose*, expressão masculina singular; quanto ao *cujo*, estabelece a relação de posse entre dois nomes adequadamente. c) *"A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo* o qual *ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo* ***por/do*** qual *foram tomados tantos americanos."* Quem se arrisca a pronunciar, se arrisca a pronunciar algo. Quem é tomado, é tomado **de/por** alguma coisa. Quanto ao uso de *o qual* retomando *algo* e *pasmo*, não há nada a dizer, pois está corretíssimo. d) *"Não é à descrença, sentimento* ***por*** que *nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é* à *esperança que queremos nos apegar."* Quem se sente invadido, se sente invadido **por** algo. Quem quer se apegar, quer se apegar A algo/alguém. Sobre o uso do pronome relativo *que*, você já sabe que ele retoma qualquer palavra. e) *"Fatos como os de 11/9,* com que *ninguém espera se deparar, são também lições terríveis,* de cujo *significado não se deve esquecer."* Quem espera se deparar, espera se deparar **com** algo/alguém. Quem não se deve esquecer, não se deve esquecer **de** algo/alguém. Os pronomes relativos *que* e *cujo* estão dentro do padrão culto.

29 – CERTO. O verbo *consistir* exige a preposição ***em***. Tanto *na reelaboração* quanto *em novas formas* são complementos indiretos (objetos indiretos) do verbo. Simples assim.

30 – A afirmação está **CORRETA**. Veja: "*... deve ser tomada em relação* ***a***o modelo *... e (em relação)* ***a***o destino...*"*.*

31 – CERTO. Esta afirmação da banca procede, pois o adjetivo *somado* exige preposição *a + os*, que, por ser um demonstrativo, equivale a "aqueles", logo o elemento *aos* poderia ser corretamente substituído por **àqueles** (... somado ***a*** + ***a****queles* = à*queles*...).

32 – A frase está **CORRETA**. O verbo *escapar,* no sentido de "fugir", é transitivo indireto exige um complemento preposicionado. Foge-se **a/de** algo. O verbo *escapar* tem a mesma regência. Portanto, podemos reescrever o trecho "... pois a verdadeira natureza do negócio *lhe* escapara" assim: "pois a verdadeira natureza do negócio escapara *a ele (ou dele)"*.

33 – B. Talvez você tenha pensado que deveria haver a preposição *com* entre *fazer* e *que* (*fazer com que*), certo? Só que essa preposição é facultativa antes de conjunção integrante. Portanto, pode-se dizer: "... fazer com que..." ou "... fazer que...". Veja os desvios das demais (corrigidas): a) *Em seu fingimento, só* ***restou*** *(este verbo não exige a preposição "de") que dissesse ao ex-sócio que sentia saudades dele.* c) *Em* ***atenção a*** *(o nome atenção exige a*

*preposição "a") seu talento indiscutível, pouparam-no **d**as devidas multas (quem poupa, poupa alguém de alguma coisa).* d) ***Passou** os documentos **a/para** (passa-se algo para/a alguém) a mão do técnico e não os perdeu de vista até ao final da reunião.* e) ***Inconformado com** (o adjetivo inconformado exige a preposição "com") que eles propalavam injúrias a seu respeito, decidiu denunciá-los.*

34 – E. a) *Só mesmo ele, com sua ousadia, podia ter-se **arrogado*** a *certos direitos.* (o verbo é VTDI e exige a preposição *a*). b) *Percebeu que o que fizera era uma **exorbitância*** de *suas funções.* (o substantivo exige a preposição *em* ou *de*, principalmente). c) *No dia **seguinte*** à *postagem da carta, ela já a recebia em casa.* (o adjetivo seguinte exige a preposição *a*). d) *Sua função* o ***incompatibilizou** com muitos colegas.* (o verbo é VTDI: incompatibiliza-se algo/alguém com algo/alguém). e) *Depois de anos, **resignou-se** definitivamente* àquele *modo de vida precário.* (o verbo exige a preposição *a + aquele = àquele*).

35 – B. Segundo a CESGRANRIO, a preposição não é facultativa antes de complemento em forma de oração. Ou seja, se o verbo ou o nome exigir preposição, esta ficará ex-plí-ci-ta antes do complemento oracional. A letra A está errada porque deveria ser: *"A certeza **de** que a sorte chegará para mim é grande."*. Preposição explícita! Percebeu? Por isso o gabarito é *"Preciso **de** que me arranjem um emprego."*. Veja as demais (já corrigidas): c) *Convidei **a** (artigo) Maria para vir ao escritório.* d) *A necessidade **de** que ele viesse me ajudar me fez chamá-lo.* e) Às dez horas em ponto, estarei ***em** sua casa.*

36 – A. Já tratamos do caso dos verbos *esquecer/lembrar* aqui, lembra-se disso? Como o verbo da alternativa a) é pronominal, exige a preposição *de*, corretamente empregada junto ao pronome demonstrativo. Corrigindo as demais: b) *Os professores avisaram **os** alunos da prova.* c) *Deve-se obedecer **ao** português padrão.* d) *Assistimos **a** uma aula brilhante.* e) *Todos aspiram **ao*** término do curso.

37 – E. *"... e **o** (= aquilo)* de *que* necessita*"*. Quem necessita, necessita **daquilo**. *"...o dinheiro* com *que* pagar*"*. Quem paga, paga **com** dinheiro.

38 – Há erro em (4). Quem direciona, direciona alguém/algo (OD) para alguma coisa (OI). Logo, o certo é "direcioná-los para...". A (5) está certa, pois o adjetivo *conscientes* exige a preposição *de*.

39 – B. O verbo *interessar* exige a preposição *a*, logo *interessava a ele* está adequado à norma culta. Sobre *manifestar-se*, este verbo pronominal normalmente tem como complemento termos iniciados por sobre, quanto a, acerca de, a favor de, contra. Logo, igualmente correta está a regência. Vejamos os desvios das demais: a) *"... e até* de *irresponsável"*. c) *"...* de *que*

todos tinham orgulho". d) *"Sua obra é daquelas* de *que se pode dizer tudo..."* e) *"Aquele professor é a verdadeira razão* pela qual (por que) muitos estudantes decidiram dedicar-se à pesquisa, o que o (exerce função de sujeito de ser (VL), logo não pode ser 'lhe') faz ser constantemente mencionado como exemplo a ser seguido.".

40 – E. Segundo Bechara, no capítulo de adjunto adverbial, o verbo *falar (de)* é intransitivo na acepção do enunciado e *de discos* é seu adjunto adverbial de assunto (ou matéria tratada). Portanto, não haveria resposta, uma vez que temos em a) VTI, b) VTI, c) VTI, d) VTI e só em e) VI. Ou seja, todas as opções, exceto a E, seriam o gabarito. Não obstante, segundo Francisco Fernandes e Celso P. Luft, em seus dicionários de regência, *falar* é VTI, logo, na visão deles, só restaria a letra E, gabarito da banca. Valia fazer um recurso, mas...

41 – A. Tanto o verbo *comprovar* quanto o verbo *alegar* não exigem preposição, logo a opção a) deve ser assim reescrita: *Comprovou que e alegou que os documentos eram originais*. Nas demais opções, segue-se a regra aceita por alguns gramáticos, como Cegalla e Bechara, a saber: pode-se dar o mesmo complemento a termos de regências diferentes. b) *Segurou o menino* ***com*** *(a mão esquerda) e* ***pela*** mão esquerda. c) ***Por conta de*** *(saldar dívidas) e* ***para*** *saldar as dívidas, penhorou seu único imóvel.* d) *Necessitava* ***de*** *(documentos que haviam ficado retidos indevidamente) e exigia os documentos que haviam ficado retidos indevidamente.* e) *Os estados se unificaram* ***em*** *(uma sólida confederação) e* ***por*** *uma sólida confederação.*

42 – D. Dentre os sentidos de assistir, pode ele significar "caber, dizer respeito a": É forçoso reconhecer que razão cabe ao magistrado.

43 – A. I – O verbo preferir tem regência fixa: prefere-se isso A aquilo. II – *"... a cujo* acesso...*"*. III – O substantivo *parte* exige a preposição *de*, que fica antes do pronome relativo. IV – Quem autoriza, autoriza alguma coisa, logo este verbo não exige preposição alguma. V – O verbo *dispor* exige a preposição *de*, que fica obrigatoriamente antes do pronome relativo.

44 – B. a) *"... nada melhor* ***que*** *(ou* ***do que****)..."* (a estrutura é de comparação de superioridade). b) O verbo *dignar-se* exige a preposição *de*. Perfeito! c) O verbo *ocasionar* não exige preposição alguma *("... ocasionou um fim trágico.")*. d) *"foram atendidas* ***no*** *Hospital..."*. e) O verbo *acreditar*, tendo como complemento uma oração não exige preposição, pois é um VTD, logo *"Acredito, sinceramente, que o melhor a fazer é afastá-lo da comissão."*.

45 – D. Como o verbo entender é transitivo direto, não exige complemento preposicionado. Simples.

Capítulo 30
Gabarito

1 – A. O topônimo *Brasília* não vem antecedido de artigo, mas, por estar especificado por *dos meus sonhos* passa a vir. Sendo assim, a preposição exigida pelo verbo *ir* se funde com o artigo, formando a crase: *Vou a + a Brasília dos meus sonhos = Vou* à *Brasília dos meus sonhos*. b) Se fosse "da segunda à sexta", por causa da correlação, a crase seria obrigatória. c) O verbo viajar não exige a preposição *a*, logo não pode haver crase. d) Cavalo não dita moda. Logo, dizer "bife à cavalo" é o mesmo que dizer que o cavalo come bife de uma determinada maneira a ponto de lançar moda. Loucura total! e) Não há crase diante de verbo.

2 – D. Antes de mais nada, curiosa foi a ousadia da banca em expor a expressão à distância (não especificada, mas craseada). Vamos lá! O erro da D se dá porque não há crase entre palavras repetidas. a) Locução prepositiva de núcleo feminino é sempre craseada. b) Locução conjuntiva de núcleo feminino é sempre craseada. c) Locução adjetiva de núcleo feminino é sempre craseada; quando indica instrumento ou meio, há polêmica! e) Locução prepositiva de núcleo feminino é sempre craseada.

3 – D. Além de o sentido mudar, mudou a classificação sintática. "Saiu à francesa" (sentido: saiu sem ser notado; função sintática: adjunto adverbial de modo). "Saiu *a francesa*" (sentido: a francesa saiu; função sintática: sujeito).

4 – D. (1) Não há crase diante de pronome indefinido, ainda mais no masculino. (2) Não há crase depois de outra preposição, exceto "até" (caso facultativo); o *a* é só um artigo. (3) idem ao anterior. (4) O nome *atenção* exige a preposição *a + as questões* = às questões. (5) Idem ao (2).

5 – C. (1) Não há crase diante de palavra masculina. (2) O adjetivo *ligada* exige a preposição *a + as políticas* = às políticas. (3) Não há crase depois de outra preposição, exceto "até" (caso facultativo); o *a* é só um artigo. (4) A expressão *com vistas a* termina em preposição *a + a implementação* = à implementação. (5) O substantivo *ameaças* exige a preposição *a + a estabilidade* = à estabilidade.

6 – A afirmação está equivocada, pois é o substantivo *rumo* que exige a preposição *a + a modernização* = à modernização.

7 – E. O verbo *aproveitar* não exige preposição alguma, pois é um VTD (quem aproveita, aproveita alguma coisa). Logo o trecho deve ser: "*...condições de aproveitar* as *oportunidades...*".

8 – A afirmação, autoexplicativa por sinal, procede. No entanto, saiba que a maioria dos

gramáticos veem o *a* antes da preposição *de* como um pronome demonstrativo. A ESAF, entretanto, se baseia muito no Bechara e no Luft para a formulação de suas questões; na visão desses caras, o *a* antes de *de* é um artigo seguido de substantivo implícito.

9 – CORRETA. O *a* antes de *fatores* e *garantias* é só uma preposição, pois tais substantivos pluralizados estão em sentido genérico.

10 – E. Não há crase antes de verbo.

11 – A afirmação está equivocada, pois não há crase antes de verbo, em hipótese alguma!

12 – A afirmação está perfeita. É autoexplicativa.

13 – E. Nas duas primeiras lacunas, não há crase, pois o verbo *regendo* não exige preposição, logo só cabem artigos. Na terceira e na quarta lacuna, não há crase antes de verbo. Na última lacuna, o substantivo rumo exige a preposição *a* + *a maturidade* = à maturidade.

14 – INCORRETA. Não há crase antes de palavra pluralizada em sentido genérico.

15 – ERRADO. Não há crase diante de pronome demonstrativo, exceto *aquele(a/s), aquilo*.

16 – CERTO. A afirmação da banca procede, pois o adjetivo *somado* exige preposição *a* + *os*, que equivale a "aqueles". Logo, o elemento *aos* poderia ser corretamente substituído por "**àqueles"** (... *somado* ***a*** + ***a****queles* = à*queles*...).

17 – B. *É a atividade de construção de que o artista dispõe, o seu poder de imprimir* ***a*** *um trabalho* (não há crase diante de artigo indefinido) *sentimentos e sensações, e a qualidade de pensamento que conferem humanidade à arte* (crase clássica; confere-se humanidade ***a*** + ***a*** *arte*)*; e essa humanidade pode ser realizada com uma série ilimitada de temas ou elementos formais. Tudo isso já foi repetido à exaustão* (caso obrigatório de crase: locução adverbial de núcleo feminino).

18 – A. O verbo *ascendeu* exige a preposição *a* + *a classe média* = à classe média. Antes de verbo (*a consumir*) e antes de artigo indefinido (*a um ritmo acelerado*), não há crase.

19 – A. O verbo *aludir* exige a preposição *a* + *a felicidade* = à felicidade.

20 – A. Tanto no enunciado como nesta opção, o substantivo *ameaça* rege um complemento iniciado pela preposição *a* + *a integridade* = à integridade. Simples assim. b) O verbo ameaçar é VTD, não exige preposição *a*. Não confunda verbo com substantivo. c) Não há crase diante de palavra masculina. d) Idem ao anterior. e) Idem ao B.

21 – D. Não há crase antes do pronome relativo *que*, a não ser que antes dele haja um pronome demonstrativo *a* (= *aquela*), o que não é o caso. Quem faz justiça, faz justiça *a* + *a*

complexidade = à complexidade. Na última lacuna, não há crase diante de palavra masculina. Basicão!

22 – D. Tanto no enunciado como nesta opção, o verbo chegar exige a preposição *a + a (inevitável) conclusão = à (inevitável) conclusão*. O fato de haver um termo antes do substantivo feminino não significará que não haverá crase.

23 – A. Não há crase diante de artigo indefinido. Quem dá lugar, dá lugar *a + a escalada = à escalada*. Não há crase antes do pronome relativo *que*, a não ser que antes dele haja um pronome demonstrativo *a (= aquela)*, o que não é o caso.

24 – Questão maldosa! A afirmação está equivocada, pois o padrão culto escrito abonaria, sim, o emprego de **ao**: *No entanto, a elaboração anterior **ao Grupo**...*

25 – INCORRETA. Só é opcional ou facultativa a crase antes de pronome possessivo adjetivo feminino, ou seja, em *ou são ligadas à (a) sua comunidade*. Veja isso em *Casos Facultativos*.

26 – B. a) Não há crase diante de verbo. b) Há crase diante de palavra feminina em sentido específico. c) Não há crase diante da maioria dos pronomes indefinidos (exceto *outra(s), várias, demais*...). d) Idem ao C. e) Não há crase diante de pronome demonstrativo, exceto *aquele(a/s), aquilo*.

27 – CERTO. Se há preposição *(a) + artigo (os)*, o feminino disso seria preposição *(a) + artigo (a)*, o que resultaria na crase. Logo, a substituição de *aos contornos constitucionais* por **à legislação constitucional** está perfeita.

28 – C. Não ocorre crase diante de palavras pluralizadas (com sentido genérico ou indefinido). Para haver crase, é preciso **a** (preposição) + **a** (artigo). Só haveria crase em C se houvesse artigo "**as**" antes de *palavras*: *Ele sempre fazia alusão* às *(a + as) palavras de seu poeta favorito*.

29 – E. A regência verbal em *atender* exige a preposição **a** que, junto do artigo feminino *as* (necessidades), forma a crase (às necessidades). a) *Os empregados mostraram-se resistentes **(a** ou **às)** mudanças na empresa.* Não há crase diante de palavra pluralizada em sentido genérico. b) *Muitos gostariam de ter um tempo maior **a** fim de se qualificar.* Não há crase diante de palavra masculina. c) *O mercado oferece menos chances **a** quem está afastado.* Não há crase diante desse pronome indefinido. d) *O bom profissional está atento **a** todas as transformações do mercado.* Não há crase diante desse pronome indefinido, ainda mais pluralizado.

30 – D. Acento exigido pela regência verbal (... *se deveu a + a preocupação = à*

preocupação). a) Não há crase diante de artigo indefinido. b) Não há crase diante desse pronome indefinido. c) Não há crase diante de verbo. e) *Os estudos dos efeitos dos jogos eletrônicos sobre os idosos vêm sendo realizados* ***há*** vários anos (indica tempo decorrido).

31 – CERTO. Autoexplicativa: *"... adequar os serviços a + as populações = às populações..."*.

32 – CERTO. *Bizu* de crase: se for possível substituir à por *ao*, há 99% de chance de a crase estar certa. Vejamos: *"a (preposição) + o (artigo) = ao gênero humano"/a (preposição) + a (artigo) = à espécie humana*.

33 – ERRADO. A expressão às voltas com é uma locução prepositiva de núcleo feminino. Caso obrigatório de crase.

34 – ERRADO. Em *não se impõem as mesmas renúncias*, a análise sintática é esta: *não se (OI) impõem (VTDI) as mesmas renúncias (OD)*. Logo, não há a mínima chance de haver crase aqui.

35 – INCORRETA. Obviamente altera! Um pouquinho de análise sintática não faz mal a ninguém para acertar esta questão: *"A tradição se tornou um arquivo atemporal, ao qual a produção poética recorre para continuar..."*. Note que *a produção poética* é o sujeito do verbo *recorrer*. Sujeito não pode vir preposicionado, logo não pode ser craseado!

36 – B. Veja que o *a* antes da preposição *de* (enunciado) é um pronome demonstrativo, equivalendo a "aquela". Como o adjetivo semelhante exige a preposição *a*, ocorre a fusão, a crase: *"... uma média semelhante* àquela *de um casal de classe média..."*. O mesmo se dá em *"Esta cena corresponde à (= àquela) que presenciei ontem."*.

37 – C. I – Não há crase diante de pronome pessoal. II – "*... chegou à conclusão (de) que..."*. Inferimos que, na VUNESP, é preciso haver preposição explícita antes de oração objetiva indireta e antes de completiva nominal. III – Não há desvio algum de regência verbal, de fato.

38 – A. Questão maldosa. Parece que o primeiro *a* é só um artigo, pois parece que *angústia de imaginar que o homem pode estar só no universo* tem função de sujeito. Mas... basta olharmos com mais calma para ver que não é bem assim, não. Veja o trecho na ordem direta: "*A curiosidade humana soma-se* ***a*** + ***a*** *= à angústia de imaginar que o homem pode estar só no universo..."*. O resto é mole! Não há crase diante de *tudo* — palavra masculina não rola! E, na última lacuna, o verbo *dar* (VTDI) exige a preposição *a + as teses = às teses*. Bingo!

39 – E. Na locução prepositiva *até a*, a crase é facultativa. Gostaria de realçar a letra D. Há uma polêmica muito grande entre os gramáticos sobre colocar crase na expressão à vista, por não haver a forma masculina "ao prazo". No entanto, a expressão à vista já se consolidou e

figura em provas de concursos como correta (com crase!). O gramático Cegalla é taxativo: à vista e *à vista de* são acentuadas.

40 – E. O verbo *restringir-se* exige a preposição *a + a presença = à presença*. Simples assim.

41 – B. O substantivo *chegada* exige a *preposição a + aquela = àquela*. Nível *Teletubbie*!

42 – D. O verbo *aspirar (= almejar)* é VTI e exige a *preposição a + a notoriedade = à notoriedade*.

Capítulo 31
Gabarito

1 – C. Na primeira frase, comparam-se fatos. Na segunda e na terceira, a conjunção pode ser substituída por "visto que", "uma vez que", "já que", atestando seu valor causal. Na quarta, comparam-se fatos. Na quinta, a ideia é de conformidade; pode-se substituir a conjunção por "conforme".

2 – D. Para saber a classificação da oração, é preciso reconhecer o *se*. Tanto na frase do enunciado como na letra D, a oração iniciada por *se* pode ser substituída por **isso**, o que confirma que o *se* é uma conjunção integrante: *"... não sei **isso** (= se é esta toalha)."/"... gostaria de perguntar **isso** (=se ainda me considera seu amigo)"*. Nas demais opções, o *se* é uma conjunção condicional.

3 – B. Ambos os "ses" são conjunções condicionais, pois introduzem orações de sentido hipotético. Além disso, é possível reescrever os trechos em que aparecem assim: *"Tem paciência,* caso sejam *obscuros. Calma,* caso *te provoquem."*.

4 – B. Teste do *bizu*: *"O importante é **isso** (= que todos se convençam de que é preciso lutar)"*. Logo, o *que* é uma conjunção integrante. Nas demais opções, o *que* é um pronome relativo.

5 – C. *"Espero **isso** (= que você recupere logo a saúde)."*. a) Pronome relativo. b) Conjunção coordenativa explicativa. d) Partícula expletiva (realce).

6 – B. O primeiro *que* retoma *meu marido*. Para sabermos a função sintática do pronome relativo, basta substituirmo-lo pelo antecedente e reescrever a oração adjetiva: *"... meu marido... não pode de ti ouvir"* (Quem não pode ouvir (falar) de ti? Meu marido). Portanto o primeiro pronome relativo tem função de sujeito. O segundo *que* retoma *amizade*. Fazendo o mesmo *esquema*, temos a seguinte reescritura, em que desenvolvi a oração reduzida para facilitar sua visão: "... (ele (o marido)) sabe que eu te dedico <u>a amizade</u>..." (Eu te dedico o quê? A amizade). Logo, esse relativo tem função de objeto direto de *dedicar* (VTDI). Questão difícil.

7 – E. Substitua o pronome relativo *que* por *o(a/s) qual(is)*. Este é um bom *bizu* para saber se o *que* é um pronome relativo. Outro *bizu*, você já sabe, substitua a oração iniciada pelo *que* por **isso**. Se der, conjunção integrante na cabeça. Veja os *bizus* em ação: *"Outro aspecto **o qual**... leis **as quais** lhes deem... convém recordar **isso**... levantamento **do qual** resultou..."*. Moleza!

8 – A. O primeiro *que* retoma *a agonia do caráter neoliberal*; trata-se de um pronome relativo. Troque por *a qual* e confira. O segundo *que* é uma conjunção subordinativa comparativa (veja a estrutura de comparativo de superioridade: "... mais... que...").

9 – I e II. Em ambas as opções, há erro na classificação. I – O *como* (= *conforme*) é uma conjunção subordinativa conformativa; indica, pois, conformidade e não comparação. II – Na ordem direta: *"Imaginar **isso** (= que há inflação no Brasil) é um erro."*. Assim, o *que* é uma conjunção integrante, não tem valor semântico de nada.

10 – B. *Bizus* em ação: *"À evidência imposta,* a qual *presume **isso** (=* que *a única forma aceitável de organização de uma sociedade é a regulação pelo mercado)..."*. Simples assim!

11 – C. O vocábulo *como* na frase do enunciado e na opção c) é uma clara conjunção subordinativa comparativa. a) Conjunção subordinativa comparativa. b) Conjunção subordinativa causal. d) Advérbio interrogativo de modo (em frase interrogativa direta). e) Advérbio interrogativo de modo (em frase interrogativa indireta).

12 – A afirmação está equivocada, pois não se pode dispensar é que da frase, logo não se trata de uma expressão expletiva. Na verdade, trata-se de um verbo de ligação + uma conjunção integrante: *"O que é importante notar aqui é **isso** (= que a oposição entre falar e escrever...).*".

13 – E. Substituindo o *Se* por *Caso*, a frase fica assim: *"*Caso *não transmitamos uma ética robusta a eles, nosso DNA terá curta duração."*. Além disso, note que a oração iniciada por *Se* tem valor hipotético, próprio da condição. a) Conjunção integrante. b) Partícula apassivadora. c) Partícula de indeterminação do sujeito. d) Parte integrante do verbo.

14 – Afirmação equivocada. O *como* é uma preposição acidental que introduz um aposto. Já o *Como* equivale a "visto que", "já que", "uma vez que" etc., ou seja, é uma conjunção causal.

15 – D. Todos os "quês" do segmento do enunciado são conjunções integrantes. A única opção que traz uma conjunção integrante é a d): *"o fato é **isso** (= que não dá para evitar a constatação)"*. Nas demais opções, o vocábulo *que* é um pronome relativo.

16 – A. I – *Comparam-se aparelhos com o bluetooth.* II – *"Visto que, já que, dado que, uma vez que..."*. III – *"conforme eu ia dizendo..."*. Não dava para errar esta, hein!

17 – A. Nas ocorrências do enunciado e na letra a), o *como* tem valor conformativo. b) Causa. c) Modo. d) Comparação. e) Comparação.

18 – C. A ideia é de condição, hipótese, por isso há equivalência semântica entre *se* e *no caso de*.

19 – Ambas as afirmações são equivocadas. O *Se* é uma conjunção condicional e pode iniciar período, sem problemas. A expressão é que não é expletiva, trata-se de um verbo vicário seguido de uma conjunção subordinativa causal. Um verbo vicário é aquele que ocupa o lugar de outro para evitar sua repetição. Lê-se assim: *"Se faziam tudo aquilo,* ***faziam porque*** não tinham casa.".

20 – ERRADO. Não há a mínima possibilidade de o *se* indicar um sujeito indeterminado, pois o sujeito está explícito (*Os participantes*).

21 – B. *Bizus* em ação: *"É certo* ***isso*** *(= que a mudança...)."*: conjunção integrante. Entre o verbo *ter/haver* + infinitivo, o *que* é uma preposição acidental, equivalendo a "de": *"terão* ***de*** *abranger"*.

22 – D. Tanto na frase do enunciado quanto na da letra d), o *se* é uma conjunção integrante. Mais uma vez o *bizu* resolve: *"Outra discussão chata, durante e após as partidas, é* ***isso*** *(= se um jogador teve a intenção...)."*/*"Não dá para o árbitro saber* ***isso*** *(=* se *a falta foi intencional ou não)."*. a) Parte integrante do verbo. b) Partícula apassivadora. c) Conjunção causal.

23 – A. Tanto na frase do enunciado quanto na da letra a), o *que* é um pronome relativo. *Bizu*: *"... baseados em estatísticas* as quais têm pouca ou nenhuma importância."/"... ambiente bélico no qual *se transformou o futebol*". Nas demais opções, o *que* é uma conjunção integrante.

24 – B. A essa hora, você já deve estar escaldado de tanto ver **pronome relativo** e **conjunção integrante**, não é? *Bizus* em ação, novamente: "*... uma ferramenta virtual* ***a qual*** *muitos adolescentes já dominam."*/*"está permitindo* ***isso*** *(=* ***que*** *alunos do ensino fundamental exerçam sua veia literária...)."*.

25 – E. Na frase do enunciado e na letra e), o *como* é uma preposição acidental, equivale a "na qualidade de". a) Conjunção subordinativa conformativa. b) Conjunção subordinativa causal. c) Conjunção subordinativa comparativa. d) Advérbio interrogativo de modo.

26 – C. Na primeira frase, compara-se o tempo a um remédio. Na segunda frase, pode-se substituir o *como* por *visto que, já que* ou qualquer outra conjunção subordinativa causal.

27 – B. Autoexplicativa. *Bizu*: substitua o *Se* por *Caso*.

28 – C. *Bizu* da conjunção integrante: *decidiram em assembleia* ***isso*** *(=* que *esperariam)*. Nos demais casos, o *que* é um pronome relativo.

29 – A. (1) *"Verdade é* ***isso*** *(=* que a ação...).". (2) Trata-se de um *que* expletivo, fazendo

parte da construção expletiva *ser* + *que*: "É *por meio dela* que *se faz o cálculo...*" = *"Por meio dela se faz o cálculo..."*. (3) *"... fora da vantagem* a qual *define a regra..."* (*bizu* do pronome relativo). Com os *bizus*, a gente já acertou várias questões, percebeu?

30 – A. O primeiro *Se* tem valor condicional: *"**Caso** o cinema esteja cheio, a gente senta..."*. O segundo *Se* não poderia iniciar o período, pois é um pronome oblíquo átono com valor de parte integrante do verbo.

31 – ERRADO. O *se* é apassivador: *"volume que* se *mantém"* = *"volume que é mantido"*.

32 – ERRADO. O primeiro *se* é apassivador (*Sempre se soube **isso.** = **Isso** sempre foi sabido.*). O segundo *se* também *(o problema é muito mais grave do que se supunha (o problema) = o problema é muito mais grave do que era suposto (o problema)).*

33 – ERRADO. O primeiro *se* pode ser interpretado como uma parte integrante do verbo ou como, mais comumente, uma partícula de indeterminação do sujeito. O segundo *se* é apassivador: *"... se encontravam centenas de milhares de rolos..."* = *"... centenas de milhares de rolos eram encontrados..."*.

34 – C. *Se* (conjunção condicional) = *Caso* + verbo no subjuntivo = hipótese = condição.

35 – C. *Se* (conjunção condicional) = *Caso* + verbo no subjuntivo = hipótese = condição. Fácil!

36 – D. Equivalente a "*Caso* o réu seja culpado... *Caso* o réu seja inocente...". Simples assim.

37 – C. Trata-se de um advérbio de modo.

38 – A. Equivalente a "Depressa, *porque* o amor não pode esperar". Sempre que vier um verbo no imperativo antes do *que* (= *porque*), não pestaneje, conjunção coordenativa explicativa!

39 – A. Equivalente a "*Conforme* as organizações ambientalistas têm denunciado...".

40 – E. O *que* da letra e) retoma o pronome demonstrativo *o* (= *aquilo*): *"[...] desejamos o (= aquilo)* que não temos". Em a), b) e d), use o *bizu* do **isso**, pois são conjunções integrantes. Na c), a conjunção é comparativa, numa estrutura de superioridade (... *mais do que*...).

Capítulo 32
Gabarito

1 – CERTO. Afirmação autoexplicativa.

2 – A. *Enterrar* significa literalmente "pôr sob a terra". No contexto, a palavra foi usada, por desconhecimento, no lugar de "cravar". Quando falamos que "embarcamos" no trem, também ocorre catacrese, pois não há palavra exata para entrar no trem, logo, por analogia, usamos "embarcar".

3 – Selecionei esta questão de propósito. Não confunda "anáfora", recurso coesivo, com "anáfora", figura de linguagem. Esta diz respeito à repetição de palavras no início de uma frase. Aquela diz respeito a palavras que retomam termos anteriores visando à não repetição. A afirmação está correta, mas nada tem que ver com figura de linguagem.

4 – E. Cortiço não é um ser humano para acordar, logo houve personificação, isto é, atribuição de característica humana a ser não humano.

5 – A. (1) Ocorre assonância, pois há repetição de vogais tônicas (*di, lin, vi, vin, mi, vi*). (2) Ocorre paranomásia, pois há vocábulos semelhantes na grafia e no som (*manhas, manhãs*). (3) Ocorre aliteração, pois há repetição de fonemas consonantais (s*erenos* s*ons* *amenos* f*ogem* f*luidas)*.

6 – E. Antes de mais nada, saiba que a **alegoria** é uma espécie de metáfora (na verdade é uma sucessão de metáforas) que visa, normalmente, dar uma lição moral. Cristo as usava muito nas parábolas. Agora vamos ao gabarito: (1) Ocorre eufemismo, pois *dormindo* e *deitados* dizem respeito à condição de morte. (2) Ocorre prosopopeia, pois humaniza-se uma cômoda (observe as inicias maiúsculas: Dona Cômoda), tratando-a como "senhora rica". (3) Ocorre antítese, pois há uma ideia clara de oposição (*gentios – fiéis; idólatras – cristãos*).

7 – B. Comparam-se seres de universos distintos (*obra – auto-retrato*). Só de curiosidade: segundo a nova reforma ortográfica, escreve-se "autorretrato".

8 – C. O barbarismo é um desvio gramatical. Veja como deveria ficar cada opção para se adaptar à norma culta: a) um telefonema, espontânea. b) vierem. d) intervier. e) dispuser, afrouxe.

9 – CORRETA. A anáfora, repetição da mesma palavra ou expressão no início de diferentes frases ou versos, é recorrente, de fato. Há a repetição da palavra *quantos* no início de cada uma das cinco frases presentes nesse trecho.

10 – E. Notas musicais não dormem, logo há uma personificação (ou prosopopeia).

11 – C. Palmeira não é ser humano para confiar, logo trata-se de uma personificação.

12 – A perífrase consiste em exprimir aquilo que poderia ser expresso por menor número de palavras, logo a afirmação procede, pois *"O mais renegado dos sete pecados capitais" = "ciúme"*.

13 – D. Fácil: *"... nada... tudo..."*. Se há antônimos, há antítese.

14 – B. Parte-se do geral (*tanto no resto do mundo*) para o particular (*como aqui bem perto, em cada esquina*), logo há gradação.

15 – D. Não foi a extensão territorial chamada Inglaterra (todo) que dominou os mares, mas sim os ingleses (parte). Exemplo clássico de metonímia.

16 – D. a) Desde meninos... os pais ou as crianças? b) Quem é perigoso... o filho ou o fogo? c) Evitar a criança ou a criança evitar ficar próxima do fogo? e) Pode dar a impressão de que colocaram a criança em cima do fogo.

17 – C. a) "... nos podemos arrepender... ou ... podemos arrepender-nos...". b) "... pediu para eu não deixar...". d) "Eu o abracei... quando o vi...". e) "Por que foste dizer que a gente não ia sair?"

18 – D. A ambiguidade é a seguinte: a informação foi recebida por volta das 21 horas ou a empresa seria vendida por volta das 21 horas?

19 – C. I – A metonímia consiste na troca de um termo no lugar de outro, havendo estreita ligação ou afinidade de sentidos: Brasil (todo), brasileiros (parte). II – A hipérbole é o exagero da ideia expressa, no entanto, o que se apresenta na frase é a ocorrência de prosopopeia "*cores que enganam o cérebro*"; cores não enganam, foi, portanto, atribuída uma característica humana à cor. III – Só se usa *"Por quê"* em fim de frase ou seguido de sinais de pontuação que indicam uma pausa.

20 – A afirmação procede, pois há uma elipse de um termo já mencionado antes, o que constitui um zeugma: *Desse valor, R$ 265 milhões são oriundos do Orçamento da União e R$ 36 milhões* ***são*** *referentes à arrecadação de multas previstas na legislação eleitoral.*

21 – CERTO. O paradoxo está em ver luzes acesas através de grossas portas, afinal como se vê luz acesa através de uma porta grossa? Isso é paradoxal. A sinestesia está em sentir (tato) luzes (visão).

22 – E. Percebe-se que a palavra *doar* assume sentido conotativo de ironia, porque a atitude de doação não pode depender de uma troca de favores, mas o contexto (político) mostra o contrário.

23 – D. O trecho diz que o subconsciente tem raízes subterrâneas, logo há uma comparação entre seres de universos distintos (partes do cérebro que guardam a memória profundamente são comparadas a raízes subterrâneas, profundas). Logo, ocorre metáfora clara.

24 – B. A personificação é constituída de uma atribuição de característica humana a um ser não humano. Dizer que a memória atira algo em algum lugar é personificar, tornar a memória uma pessoa, afinal, são pessoas que podem atirar algo em algum lugar. Personificação clara!

25 – E. Prosopopeia (ou personificação) é uma figura que consiste na atribuição de sentimentos, psicologia e comportamento humanos a seres não humanos. Quem pode atormentar ou provocar angústia são seres humanos, logo a expressão *as tempestades de verão* é personificada para provocar este efeito de sentido.

26 – A. Comparam-se uma grande quantidade de informações a um *tsunami*. Ocorre metáfora.

27 – B. Há linguagem conotativa clara na ideia de *"a derrubada do Taleban debilitar (tirar ou perder o vigor físico) um grupo terrorista"*. Há personificação clara.

28 – A. Há um exagero explícito em *"gastando mais de cinco litros de saliva"*. Hipérbole clara!

29 – CORRETA. De fato, há uma suavização da ideia contida em *indesejáveis* por causa das aspas. É usado no lugar de *proibidos*, o que tornaria a informação mais contundente.

30 – CERTO. Afirmação autoexplicativa.

31 – E. Mais uma de metáfora... para variar. Compara-se instinto, experiência, razão a participantes.

32 – E. *Tirar para fora*, como *entrar para dentro*, é uma ideia redundante, ou um pleonasmo vicioso.

33 – B. I – *"quatro bocas"* (parte) = *"quatro pessoas"* (todo). II – *branca – escura; linda – medonha*. III – É um exagero dizer que há *"um mundo de ideias"* na cabeça. Está mais para metáfora hiperbólica. IV – Compara-se o coração a um campo minado.

34 – B. Não há comparação entre seres de universos semânticos distintos, logo não há metáfora.

Capítulo 33
Gabarito

1 – CERTO. Há função referencial, pois o objetivo do autor é informar um assunto. No entanto, há metalinguagem, pois em vários momentos o autor usa palavras para explicar palavras. Não se pode negar que haja subjetividade, devido ao uso de advérbio e adjetivo modalizador, neste trecho: *"A situação do japonês é **particularmente curiosa**"*. Portanto, a afirmação da banca procede.

2 – A. No primeiro, usa-se a palavra para definir, explicar uma palavra. No segundo, fala-se diretamente com o leitor.

3 – B. Autoexplicativa.

4 – E. O objetivo do texto é informar.

5 – C. O objetivo do texto é informar.

6 – E. Como o modo verbal é o imperativo, a função da linguagem possui o intuito de influir no comportamento do interlocutor, por meio de ordem, pedido ou sugestão.

7 – C. A ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto, logo o objetivo do texto é informar.

8 – CERTO. A ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto, logo o objetivo do texto é informar.

9 – CERTO. Usa-se um discurso com nomenclatura gramatical para explicar o próprio discurso, logo há metalinguagem. A parte mais evidente é esta: "*... os adjetivos passam, e os substantivos ficam...*".

10 – A afirmação está equivocada porque o autor do texto incentiva o leitor a tomar uma atitude, logo trata-se de linguagem conotativa (observe o imperativo!).

11 – A afirmação está **CORRETA**, pois o código (a língua) é usado para explicar o próprio código.

12 – E. Trata-se da função referencial da linguagem porque a mensagem é centrada em seu referente e este é exterior à linguagem e ao processo de comunicação. O objetivo é informar sobre um assunto.

13 – B. O brasão é um desenho criado especificamente para identificar determinado grupo. Por isso, o objetivo é transmitir uma informação sobre um assunto, no caso a PM/MG.

14 – C. Perceba que os verbos estão no imperativo, com o objetivo de produzir um determinado efeito no receptor.

15 – CERTO. A função emotiva é marcada pelos verbos e pronomes de 1ª pessoa do singular/plural, e isso ocorre nestas passagens*: "Poucos depoimentos* eu tenho lido.../ ... *que já* conheci *em* minha *vida/* Eu acredito *também nisso, e quando* vejo *aquilo em que* creio *refletido num depoimento como o de Oscar Niemeyer, velho e querido amigo, como não* me *emocionar?"*. A função poética está centrada na maneira como o discurso é construído, principalmente recheada de recursos estilísticos *(... o artigo poderá passar por uma defesa em causa própria – o revide normal de um pai que sai de sua mansidão costumeira para ir brigar por um filho em quem querem bater./... Oscar é não só o avesso do causídico/ Oscar não acredita em Papai do Céu, nem que estará um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso*).

16 – C. O próprio enunciado sugere que a função da linguagem é emotiva (ou expressiva), uma vez que a linguagem da autora se centra no EU. Note as marcas de 1a pessoa, isso é primordial!

17 – D. Autoexplicativa.

18 – D. A função é poética, pois é, antes de tudo, uma poesia. O poeta se valeu de uma forma criativa para falar de um assunto sério.

19 – A. A função poética da linguagem é caracterizada pelo uso de recursos linguísticos com intuito estético, com o fito de obter efeitos criativos de expressão. Encontra-se também na canção a emotividade (sempre note as marcas de 1a pessoa – verbos e pronomes) ou expressividade da linguagem, por meio do sofrimento amoroso do eu-lírico.

20 – ERRADO. A função fática não é definida da maneira como colocou a banca, e sim a poética. A função fática é centrada no próprio canal da comunicação e tem por objetivo estabelecer, ou manter aberta, sem interrupção, a comunicação entre o locutor e o destinatário, mas sem a transmissão de nenhuma mensagem importante, o que não ocorre no trecho.

21 – CERTO. Perfeito o comentário da banca! Autoexplicativo.

22 – ERRADO. Em "*que palavra horrível!*" há uma expressão de ponto de vista, por isso a linguagem é emotiva. Em *"Há quem diga que suas epístolas deram origem à Educação a Distância, já que ele difundia o cristianismo por meio de cartas para seus discípulos"*, há apenas a informação sobre algo, logo a linguagem é referencial, calcada na transmissão ou explicação de algo. A afirmação da banca é uma "viagem" total.

23 – A. Note as formas de 1a pessoa (verbos – *sou, sei, sinto, lembro* – e pronomes – *eu, eu,*

me, me, me), logo a linguagem é centrada na perspectiva do emissor. Fácil.

24 – B. A função emotiva centra-se no emissor da mensagem. O texto é centrado nas ações e sensações do narrador da crônica, o que se pode notar no título do texto e no corpo do texto. Note as formas de 1a pessoa. a) Metalinguística, e não emotiva. c) Conativa. d) Referencial. e) Fática.

25 – A afirmação não procede, pois o tempo todo o eu-lírico fala, poeticamente, sobre o que é a felicidade. Logo, a função da linguagem é poética. Só no finzinho do texto há função conativa: *"Fale baixo por favor."*.

26 – D. A metalinguagem é percebida quando o autor cria um texto para falar sobre a própria construção textual.

27 – E. O próprio enunciado acusa a metalinguagem, quando a define: *"evidencia-se uma centralidade no código linguístico"*.

Capítulo 34
Gabarito

1 – D. Como a concessão é uma ressalva, e ressalva é sinônimo de restrição, o operador *apesar de* (concessivo por natureza) apresenta tal valor semântico.

2 – A afirmação é perfeita, pois tal expressão modalizadora traça um ponto de vista ao que será dito, permitindo ao leitor direcionar sua compreensão.

3 – C. A exemplificação (2o período) é uma ilustração, um cenário, real ou não, daquilo que se está falando (1o período). Como já disse na teoria, não confunda explicação/explicitação/exemplificação.

4 – CERTO. A antítese é clara: *morto, vida; folha escrita, vazio a preencher.*

5 – A afirmação da alternativa não procede, pois tais operadores têm o papel se somar, adicionar, incluir (e não excluir) elementos.

6 – A afirmação procede porque, se *aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção*, isso significa que antes era o contrário disso, ou seja, constituía *o objeto preferido de nossa atenção.*

7 – A. Certos operadores argumentativos de retificação, como *ou melhor, melhor dizendo, quer dizer*, servem para retomar e reformular a informação anterior, assim como *Em outras palavras*.

8 – B. O texto é expositivo-argumentativo, pois apresenta características de dissertação expositiva, em que se explica um assunto de maneira objetiva, e de dissertação argumentativa, em que se apresentam argumentos para fundamentar uma tese.

9 – C. Não se trata de uma simples conclusão. O operador *afinal* sintetiza tudo o que se disse antes, ao introduzir uma conclusão.

10 – E. Há reiteradas passagens no texto com testemunho de autoridade, o que corrobora o gabarito. Basta ver as frases entre aspas e as citações de autoridades ao longo do texto.

11 – A afirmação está **CORRETA**, pois o verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo passa ao presente do subjuntivo (*adiasse – adie*) e o pretérito imperfeito do indicativo passa ao presente do indicativo (*estava – encontra-se*). Apesar do uso de sinônimos para a formação da reescritura em discurso direto, não há erro na transposição.

12 – B. Questão interessante, pois mistura transposição de discursos com voz verbal. O verbo no imperativo (discurso direto) fica no pretérito imperfeito do subjuntivo (discurso indireto):

Restaure-se (voz passiva sintética) = *fosse restaurada* (voz passiva analítica); *nos locupletemos = locupletássemos*.

13 – B. Note que o primeiro parágrafo tem o propósito de expor um assunto de maneira clara e objetiva, apenas informando. O segundo e o terceiro já usam verbos no imperativo, e o autor se dirige a seu interlocutor em tom de instrução ou comando. Respectivamente, portanto, há exposição e injunção.

14 – C. Note que o enunciado da questão pede que a alternativa correta seja confirmada no texto. Então, deixemos que o texto apoie a assertiva adequada, que segue: *"Os efeitos do neoliberalismo no sistema produtivo são observados, a partir de 1980, tanto em países ricos quanto no terceiro mundo."*. Todo o primeiro parágrafo corrobora esta afirmação ao dizer que uma nova classe de pobres é resultado do progresso tecnológico e industrial, nos países ricos e pobres; em especial os trechos iniciais e finais nos informam isso, respectivamente: *"A década de 1980 foi o marco do surgimento de um novo ator social* ***nos países ricos****: o novo-pobre (nouveau-pauvre)."* e *"Corolário (resultado) do desmoronamento do sistema de proteção social, em um quadro agravado pela* ***revolução tecnológica****... esse novo personagem vai materializar uma inesperada e imprevisível reprodução,* ***no mundo desenvolvido****, do problema da desigualdade social, tão comum* ***no terceiro mundo****."*.

15 – E. De novo, observe o enunciado com calma. A banca quer que você perceba o que não é um fenômeno positivo, ou seja, o que é um fenômeno prejudicial, negativo. Toda e qualquer ação predatória típica do modelo de desenvolvimento de países ricos certamente seria algo prejudicial aos países do hemisfério sul, isto é, tais ações não são bem recebidas uma vez que tudo o que advém do norte é negativo (*"Com devoção e entusiasmo, o sul do mundo copia e multiplica os piores costumes do norte. E* ***do norte não recebe as virtudes, mas <u>o pior</u>****..."*). Sendo assim, não é positivo que o sul receba o modelo consumista, arbitrário, manipulador, impositivo, predatório do norte.

16 – D. A resposta da questão está no seguinte trecho: *"Depois de 20 anos de marcante crescimento global... nova reviravolta pendular foi deflagrada pela crise financeira de 2008, que fez ressurgir em muitos meios a crença no 'Estado grande'"*. Claríssima corroboração do texto! A expressão *crença no 'Estado Grande'* refere-se à crença no intervencionismo do Estado.

17 – CERTO. Dizer *"Não acredito"* é uma forma de posicionamento modalizador, pois indica o ponto de vista do autor. Logo, a afirmação da banca procede.

18 – CERTO. A afirmação, além de autoexplicativa, procede. Coloquei esta questão aqui

para ilustrar mais um caso de estratégia discursiva.

19 – CERTO. A biografia é um texto que tem caráter informativo mais próximo da narração e da descrição, na medida em que se conta a história de vida de uma pessoa eminente na sociedade de maneira objetiva.

20 – CERTO. O emissor se detém a explicar a prática físico-militar (objetivo, origem etc.) e depois começa a abordar, segundo seu ponto de vista, os efeitos disso, fazendo-o com uma linguagem clara, objetiva, direta e sem que haja duplo sentido. Isso nos leva a caracterizar o texto como um texto informativo (dissertativo-expositivo) e de linguagem denotativa.

21 – B. Podemos dizer que o primeiro trecho é **narrativo** devido aos elementos da narração (narrador-personagem, noção de espaço e tempo e verbos no passado): *"Em 1954 (tempo), numa cidadezinha universitária dos Estados Unidos (espaço), vi (narrador-personagem/verbo no passado) 'o maior circo do mundo', que continua a ser o sucessor do velho Barnum & Bailey, velho conhecido dos meus primeiros dias de estudante nos Estados Unidos. Vi (narrador-personagem/verbo no passado) então, com olhos de adolescente ainda um tanto menino, maravilhas que só para os meninos têm plenitude de encanto."*. Já o segundo trecho é **dissertativo-argumentativo** devido aos elementos próprios da dissertação argumentativa (verbo no presente do indicativo, tese, estratégia argumentativa): *"O gênio de organização dos anglo-americanos é (verbo no presente do indicativo) qualquer coisa de assombrar um latino (tese). Arma e desarma (verbos no presente do indicativo) um circo gigante como se armasse ou desarmasse um brinquedo de criança (estratégia argumentativa de comparação). E o que o faz (verbo no presente do indicativo) com os circos, faz (verbo no presente do indicativo) com os edifícios, as pontes, as usinas, as fábricas: uma vez planejadas, erguem-se (verbo no presente do indicativo) em pouco tempo do solo e tomam (verbo no presente do indicativo) como por mágica relevos monumentais (estratégia argumentativa de causa-efeito)."*.

22 – A. Note as regras de transposição: o pretérito perfeito do indicativo vira pretérito mais-que-perfeito do indicativo (*parei – parara*) e o pronome mais próximo da 1a pessoa (*isso*) passa a ter um distanciamento (*aquilo*).

23 – B. O texto em questão se configura como um texto dissertativo-expositivo (informativo), cuja estrutura, geralmente, apresenta, no primeiro parágrafo, os tópicos mais importantes que serão aprofundados e explicados nos parágrafos seguintes. Nesse caso, o primeiro aponta as informações mais relevantes, as quais são pormenorizadas ao longo do texto, sobre o projeto publicado no Diário Oficial (a assinatura de um acordo de cooperação entre o MPOG e o ITI, para que fosse utilizada documentação eletrônica em todos os trâmites de processos).

24 – C. Nesse caso, não tem nada a ver relacionar a finalidade do texto, que é "informar algo", à variedade popular e informal da língua. Muito pelo contrário, grande parte dos veículos de comunicação, inclusive os de massa, utiliza a variedade culta da língua. Cabe ressaltar que alguns jornais, por exemplo, utilizam-se da variedade mais informal, com o objetivo de, em alguns casos, aproximar-se de um público específico. Entretanto, isso não é uma regra para esse tipo de texto, vai depender da estratégia de comunicação de cada veículo.

25 – E. No primeiro parágrafo do texto, é informado ao leitor o acordo feito entre as duas entidades. Já no terceiro parágrafo, os detalhes de tal acordo são apresentados. Vamos rever um trechinho: *"O acordo, que tem duração de três anos, prevê a criação de normas, implantação de projeto piloto [...] Para divulgar o PNDProc, também estão previstas no termo de cooperação* ***a capacitação de servidores públicos*** *que atuam na área de documentação[...]"*. Fica explícito, no trecho reproduzido, que a capacitação de mão de obra é uma das obrigações do ITI.

26 – A. A principal característica de um texto argumentativo é a presença de uma tese (ideia principal) que é defendida, pelo autor, por meio de argumentos. Segundo o autor do texto, o consumismo infantil é um problema grave que deve ser enfrentado por todos urgentemente. Essa tese é defendida ao longo do texto, por meio de argumentos fortes, alguns corroborados por dados de pesquisa.

27 – D. O conectivo *mas também* tem valor aditivo. No caso, está somando duas razões para as crianças serem alvos da mídia: 1) influenciam a compra dos pais, e 2) tendem a ser mais fiéis às marcas.

28 – C. Os artigos acadêmicos têm como finalidade apresentar um estudo. Assim, são textos de caráter expositivo, isto é, expõem o assunto abordado de maneira direta e objetiva. Portanto, não há intenção de realizarem-se grandes descrições. Não quer dizer que elas não possam aparecer – a descrição de uma experiência científica, por exemplo – mas jamais a descrição será a característica preponderante. Aprende-se muito com as demais opções, que apresentam características do gênero **artigo acadêmico**.

29 – A. O gênero "crônica" tem como uma de suas principais características o fato de o texto apresentar uma visão subjetiva de fatos cotidianos. Assim, por vezes, o ponto de vista do autor fica evidente. Nesse caso, Ivan Angelo coloca sua opinião negativa em relação ao hábito das pessoas de classes mais baixas adquirirem bens à prestação e, com isso, pagarem mais caro por ele. Perceba, no entanto, meu nobre, que isso é uma questão de opinião. Talvez para o autor seja mais "fácil e inteligente" guardar o dinheiro e pagar à vista. Mas, pensemos, será que as pessoas de classes mais baixas conseguem guardar dinheiro? Sim? Não? Viu? Outra

questão de opinião. Essa é a sua característica. Uma opinião pode ser contraposta, contestada. Ao contrário do fato que, independentemente de as pessoas gostarem ou não, como o próprio nome diz, é um fato. Fica esperto!

30 – D. A estratégia da exemplificação é muito utilizada em textos argumentativos. A crônica jornalística, por expor um ponto de vista e defender uma ideia, também tem esse caráter. Sendo assim, o autor utilizou um caso da vida real para reforçar a opinião que já vinha sendo construída sobre a atitude de as pessoas de classes mais baixas contraírem dívidas com naturalidade e otimismo. Dessa forma, ele facilita o entendimento do leitor, no tocante à descrição dessa atitude, que vem logo em seguida, revelando suas motivações e consequências.

31 – E. A gradação é uma estratégia linguística que consiste em enumerar, apresentar ideias, colocadas de maneira crescente ou decrescente. Nesse caso, temos uma gradação crescente em relação à caracterização da globalização. A cada especificação, os adjuntos adnominais de globalização tornam-se mais fortes, acentuando as dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores: *do olho da rua* (demissão), *do bico* (trabalho informal) e, por fim, *do dane-se* (ausência de qualquer ajuda ou respaldo).

32 – E. O gênero **carta** tem como elemento fundamental um destinatário explícito, geralmente, logo no início do texto. Entenda-se que por explícito não quero dizer possível de identificar a identidade, podem ser utilizadas as formas como "meu caro", "minha querida" etc. Na língua portuguesa, o item gramatical que faz referência ao destinatário de uma correspondência é o vocativo. Assim...

33 – C. No tocante ao ensino de religião pelas escolas públicas, o autor se mantém pragmático (como é dito na letra C), visto que valoriza os aspectos práticos e objetivos ao empregar argumentos de ordem jurídica e econômica, e não de ordem pessoal, subjetiva.

34 – E. Vamos começar entendendo por que estão erradas as afirmações I e II. Na I, diz-se que o autor, ao se declarar um cidadão ao mesmo tempo ateu e liberal, enaltece-se. Isso não corresponde à verdade, essas considerações são um posicionamento do autor perante o assunto em debate e não uma promoção de suas qualidades pessoais. A questão ainda afirma que o autor se vale, para isso, de exemplo da própria CNBB. Esta é citada por ser entusiasta do ensino religioso na rede pública, diferente do que pensa o autor. Na assertiva II, fala-se de falta de oportunidade para se acessarem mensagens religiosas. No entanto, desde o terceiro parágrafo, o autor externa que, para ele, há muita oportunidade para esse acesso: *"A minha impressão é a de que não faltam oportunidades para conhecer as mais diversas mensagens religiosas, onipresentes em rádios, TVs e também nas ruas."*. A única afirmação correta é a

III (letra E), uma vez que expõe que o autor se mostra contrário ao ensino de religião nas escolas públicas. Nos últimos parágrafos, ele argumenta essa visão com algumas causas para isso, tais como: *"Creio que aqui vale a regra econômica, segundo a qual o Estado deve ficar fora das atividades de que o setor privado já dá conta", "Outro ponto importante é o dos custos."*.

35 – D. A questão fala de INFERIR. Você se lembra desse termo? O que querem de você? Desejam que você deduza por meio de raciocínio, chegue a uma conclusão depois de ter lido algo no texto. Bom, veja o que o autor diz em: *"Não me parece que faça muito sentido gastar recursos com professores de religião, quando faltam os de matemática, português etc. Ao contrário do que se dá com a religião, é difícil aprender física na esquina."*. Com essa afirmação, deduzimos que as matérias tradicionais, ensinadas na escola, assumem, para o escritor, maior importância que a religião, pois esta *"não requer instrução tão especializada como a que exigem as ciências exatas"*, conforme dito na letra D.

36 – E. Lembra que eu disse que **descrição** é o tipo de texto em que se faz um retrato por escrito de um lugar, uma pessoa, um animal, um pensamento, um sentimento, uma sensação, um objeto, um movimento etc.? Então você também se lembra de que **narração** é o tipo de texto em que se conta um fato, fictício ou não, que ocorreu num determinado tempo e lugar, envolvendo certos personagens? Isso é o suficiente para você perceber as características dos trechos e marcar a resposta certa. Fácil!

Capítulo 35
Gabarito

1 – C. Os termos *isso*, *afinal de contas*, *além disso* e *em seguida* remetem a ideias anteriormente expostas, são elementos que apresentam valor anafórico (lembra?). Já o conectivo *que*, na frase da letra C, é uma conjunção integrante, a qual não remete a algo anteriormente citado, ela introduz, apenas, o complemento do verbo *saber*: "*que nada sei*".

2 – C. Uma questão bem simples se estudados os conectivos (conjunção, principalmente, é um elemento coesivo muito usado) e seus valores semânticos. *Quando* é uma conjunção tipicamente temporal. *Após*, enquanto advérbio ou preposição, alude à ideia de "depois", ou seja, um valor também de tempo. *Então* equivale a "assim", vocábulos muito empregados na conclusão de um texto para fechamento das ideias em debate. *A partir daí* é uma locução que expressa uma continuidade do tempo a partir de certo momento. Por último, a conjunção *mas* (= *porém*) expressa uma oposição ao que foi abordado anteriormente; trata-se de uma conjunção adversativa.

3 – A. Veja: *"É impossível colocar em série exata* os fatos da infância *porque há* aqueles *que já acontecem permanentes"* O pronome *aqueles* – no masculino plural – evita repetir o elemento anteriormente citado *fatos da infância* e, com este, estabelece a devida concordância. Na letra B, *afora* não se refere ao tempo atual, *d'agora*. Na letra C, *outros* não se refere ao substantivo *cargas* – nem com este concorda –, mas sim ao substantivo *fatos*, assim, alude a um termo posterior. Na letra E, o pronome *eles* se refere *aos miúdos fatos, incolores e quase sem som* que logo viram passado remoto.

4 – D. a) Vejamos o contexto: *"Acho que foi o Hemingway quem disse que olhava* cada coisa *à sua volta como se* a ***visse pela última vez.".*** O pronome pessoal oblíquo átono *a* substitui o termo *cada coisa*, ou simplesmente *coisa*, apresentado anteriormente no texto. Valor anafórico. b) Vejamos o contexto: *"Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver, você não vê. Sei de um profissional que passou 32 anos a fio pelo mesmo* hall do prédio *do seu escritório.* Lá ***estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro****. Dava-lhe bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer."*. A palavra *Lá* é um advérbio pronominal de valor anafórico, pois substitui *hall do prédio*. É chamado de advérbio pronominal, pois sua função é semelhante à de um pronome, ou seja, substituir um substantivo. Não são só os pronomes que têm papel coesivo dentro do texto, como pôde ver. c) Vejamos o contexto*: "Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver,*

você não vê. Sei de um profissional *que passou 32 anos a fio pelo mesmo hall do prédio do seu escritório. Lá estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro. Dava*-lhe *bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer.”*. O pronome oblíquo *lhe* substitui o termo *profissional* apresentado anteriormente no texto (valor anafórico): *dava ao profissional bom-dia.* Quem dava bom-dia era o mesmo porteiro que passava ao profissional um recado ou uma correspondência. Isso fica claro no parágrafo posterior, em que se diz que o profissional nunca tinha visto o porteiro nem se dado conta da existência dele até o falecimento. d) Vejamos o contexto: *“Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado,* o porteiro *teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por* sua ***ausência.*** *O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem. Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos.”*. O pronome possessivo *sua*, na expressão *sua ausência*, faz referência ao porteiro (valor anafórico): *pode ser também que ninguém desse pela ausência do porteiro (por mais que ele fosse ou estivesse em forma de uma girafa)*. Veja que o pronome *sua* não pode se referir à girafa, pois é apresentada uma possibilidade de a girafa ser colocada no lugar do porteiro, logo a ausência seria do porteiro, e não da girafa. O que ocorre é apenas uma metáfora hiperbólica (comparação entre seres de universos distintos de modo exagerado) para indicar a desimportância do porteiro para o profissional. e) Vejamos o contexto: “*Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado, o porteiro teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por sua ausência. O hábito suja os* olhos ***e*** lhes ***baixa a voltagem.*** *Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos*.” O pronome *lhes* substitui a palavra *olhos* apresentada anteriormente no texto (valor anafórico): *“O hábito suja os olhos e baixa a voltagem dos olhos”*. Ufa!

5 – E. Note que os elementos coesivos com valor de oposição, contraste, ressalva *mas* e *embora* são classificados, respectivamente, como conjunção adversativa e conjunção concessiva. Uma pode substituir a outra numa reescritura, por isso houve manutenção de sentido (tem a ver com coerência) e correta substituição de um conectivo por outro (tem a ver com coesão).

6 – B. Questão interessante de coesão. Observe de novo: *“As drogas medicinais ou ‘drogas da virtude’,* prescritas *pelos...”*. O vocábulo *prescritas* não se refere a duas espécies de drogas, pois *drogas da virtude* é o mesmo que *drogas medicinais* e vice-versa; são expressões sinônimas. Note que o *ou* que está entre drogas medicinais e drogas da virtude é o

mesmo *ou* que estaria, por exemplo, entre "O Rei Pelé ou Edson Arantes do Nascimento". O objetivo deste conectivo não é marcar a diferença, mas sim reiterar. Portanto o particípio do verbo *prescrever* (*prescritas)* se flexiona em gênero e número concordando com *drogas* (que recebem o nome de "medicinais" ou "da virtude", o que dá no mesmo).

7 – C. Bastaria saber conectivos bem (conjunção e preposição)! a) *Há felicidade coletiva // **quando** são adequadamente observados os itens que tornam mais feliz a sociedade*. (**tempo**) b) *E a sociedade será mais feliz // **se** todos tiverem acesso aos básicos serviços públicos de saúde...* (**condição**) c) *A educação, a segurança, a saúde, o lazer, a moradia e outros mais são considerados direitos fundamentais de cunho social pela Constituição // exatamente **por** serem essenciais ao bem-estar da população no seu todo.* (**consequência**/**causa**; logo, se há uma causa, há uma consequência; neste caso, a causa vem esclarecida após a apresentação da consequência, de acordo com o pedido do enunciado) d) *... **por** dizer a Constituição serem os direitos sociais essenciais à busca da felicidade, // se vai, então, forçar os entes públicos a garantir condições mínimas de vida ...* (neste caso, veio primeiro a **causa**, depois a **consequência**) e) *O povo pode ter intensa alegria, por exemplo, ao se ganhar a Copa do Mundo de Futebol, // **mas** não há felicidade coletiva, e sim bem-estar coletivo*. (**adversidade, oposição**)

8 – A. *Porém*, na letra A, é uma conjunção adversativa; denota, assim, uma ideia de oposição ao que foi afirmado anteriormente. *Melzinho na chupeta!*

9 – E. *Isso* é um pronome demonstrativo que recupera a citação anterior, portanto, é um elemento que apresenta um valor anafórico. Basta que você, com muita disposição, volte ao texto e perceba que se refere "ao fato de que é importante deixar um planeta melhor para as próximas gerações".

10 – C. No período em análise, o enunciador (a boneca) diz saber que a sua dona sente saudades suas. Poderíamos nos perguntar: "Por que ela diz que sabe?", "Qual é a causa que a leva a ter essa certeza?". Segundo ela, a certeza vem do fato de que ela também sente saudade de sua dona. Logo, *porque também sinto saudades suas* é a causa pela qual a boneca corrobora que sua dona sente saudades dela.

11 – C. Note que o período anterior encerra-se afirmando que, em dezembro, as pessoas pensam estar com maior poder aquisitivo. Essa afirmação é reiterada no parágrafo seguinte. Porém, a expressão *A verdade é que* reformula a primeira ideia, acrescentando que esse *pensar estar rico* não se restringe a dezembro, isso já vem ocorrendo há algum tempo. A explicação dada pelo autor para constatar esse fato é que as pessoas vêm comprando com frequência. Logo, *vêm comprando* é o que explica o fato de as pessoas estarem se sentindo

ricas. Assim, o melhor conectivo seria o *porque*, com o mesmo sentido de "pois".

12 – D. No primeiro trecho sublinhado, há a presença do verbo *defender*, um verbo com valor argumentativo, que é seguido de uma opinião – nesse caso, a opinião de Delfino Natal de Souza sobre a nova gestão de documentos. Após defender o novo procedimento, Delfino explicita (segundo trecho sublinhado) a maneira como a modernização ocorrerá. Note que o verbo *permitir*, nesse caso, assume um valor semântico semelhante a "possibilitar algo". Assim, o locutor transmite a ideia de um novo "modo" de gerir a documentação pública.

13 – E. Note que a expressão *Sem competitividade* corrobora o conteúdo do período anterior *"Incapaz de acompanhar o crescimento do mercado interno, a* indústria de transformação *perdeu espaço no Brasil para os concorrentes"*. Observe também que a expressão *essa indústria* desempenha importante papel coesivo, retomando *indústria de transformação*. Quanto às demais, note: a) Não há correção gramatical; veja como deveria ser: *"Por isso esse protecionismo é uma forma de compensar (...)"*. b) Esta opção apresenta um erro muito frequente em questões desse tipo: a **ausência de referencial anterior**. Ou seja, ocorre a apresentação de uma referência ainda não mencionada no texto. No trecho "Esses investidores *tomam dinheiro (...)"*, não é possível identificar/relacionar a que elemento textual anterior a expressão destacada se refere. c) Entre o último período do texto e o período desta opção, não deve haver uma relação de adição, mas sim de conclusão, por isso o uso de *Além disso* está equivocado, devendo ser substituído por "Portanto", "Por isso", "Por conseguinte" etc. Outro equívoco encontrado refere-se à forma pronominal *esses*, pois, novamente, não há referencial anterior citado no texto. Os vocábulos *empresários*, *administradores* e *governantes* foram citados posteriormente. d) O texto não nos transmite a informação de que houve "<u>bom</u> desempenho do Brasil", mas, sim, a de que ocorreu um "<u>fraco</u> desempenho brasileiro".

14 – C. A letra A já é excluída logo em 1, pois não se pode usar um artigo seguido de substantivo implícito *(o (ameaça) de que)* para referir-se a palavra feminina (*ameaça*), segundo as regras de concordância e consequente coesão. A letra E também é excluída, pois o uso do pronome indefinido/interrogativo *qual* provoca incoesão e incoerência no contexto em 1. Resta-nos, portanto, as opções B (*que*; conjunção integrante), C (*a de que*; artigo feminino seguido de substantivo implícito (*ameaça*) + preposição exigida pelo substantivo implícito (*ameaça*) + conjunção integrante) e D (*que*; conjunção integrante). Em 2, o *do* da b) provoca incoerência, pois estabelece relação de posse e não de assunto, como se exige no contexto. Resta-nos a c) e a d), pois *a respeito do* e *sobre o* introduzem um termo com ideia de assunto. A estrutura *o que o* é correta no contexto, pois equivale a *aquilo que o*, sendo o *o* (= *aquilo*) um termo de valor catafórico, pois antecipa a oração em negrito: *"... **o** (= aquilo) que o Brasil tenta agora é **obter sinal verde para**..."*; logo aqui já ficamos com a letra c). Na letra d), a

estrutura *que o* está equivocada, pois este *que* está incoeso, uma vez que não tem função de conjunção integrante tampouco de pronome relativo. Do mais, *para que* (introduz ideia de finalidade), *qual* (pronome indefinido/interrogativo) e *mas* (conjunção adversativa) servem de elementos coesivos adequados ao contexto.

15 – E. Neste tipo de questão, perceba a relação entre o segmento a ser acrescido no trecho e o parágrafo seguinte e a relação entre o segmento a ser acrescido no trecho e o parágrafo anterior. Note que, no primeiro parágrafo, foi citado o segmento *uma atuação conjunta, em bloco*. Já no terceiro parágrafo do texto, há coesão referencial a uma "instituição", ou seja, é necessário que haja um referencial anterior no texto. Este é o foco! É preciso marcar a opção que diz respeito a uma "instituição", ok? Analisando as opções, percebemos que apenas a letra E apresenta os elementos de coesão necessários e menciona uma espécie de "instituição", qual seja, *banco de desenvolvimento*, sendo exemplificado com o "Bird" e o "FMI". Quanto às demais, veja os problemas: a) A China não é uma instituição, além disso, no terceiro parágrafo se diz *"A instituição permitiria aos países..."*, sendo um desses países (mencionados no primeiro parágrafo) a China, logo ela não pode ser uma instituição e um desses países ao mesmo tempo. b) Não se esclarece que "instituição" é. c) Idem à opção a). d) Não se esclarece que "instituição" é.

16 – B. Essas questões da ESAF podem ser respondidas mais rapidamente pelos erros gramaticais, por isso já se descarta a a) pelo erro de ortografia "conssessão" (o certo é *concessão*). Em d), deveria ser *respondem*, erro de concordância. Em e), há um erro de pontuação *("No entender dos analistas,..."*. Ficamos entre a b) e a c). Veja o finzinho do excerto: *"Preocupado com a falta de vigor da economia, o governo determinou que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal reduzissem as suas taxas."* A b) diz *"Essa e outras medidas"*. Essa qual? O governo ter determinado que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal <u>reduzissem as suas taxas</u>. Logo, a "redução de taxas" é (Essa) medida, que, inclusive, mantém coerência com a expressão, ainda na opção b), *aquecer de novo a economia*, isto é, reduz-se taxas = aquece-se a economia. O erro da c) está em dizer *essas medidas*, mas só há uma.

17 – B. Colocar em ordem, ou seja, na sequência certa (coesa e coerente), é fácil. Basta perceber a relação entre as partes. Esse tipo de questão se faz por eliminação percebendo os elementos coesivos. Note que o primeiro trecho começa com *Nesse estudo*. É óbvio que não se pode iniciar o texto com um pronome demonstrativo de valor anafórico, logo já sabemos que este <u>não</u> é o (1). O **2o trecho** se parece com uma tese em relação às outras opções que se iniciam com elementos coesivos de retomada, a saber: **1o trecho**: *"Nesse estudo"* (retoma o <u>estudo</u> do trecho, que é a tese do texto, *"Pesquisadores examinaram dados de cem cidades*

em 33 países, em busca de pistas sobre quais metrópoles seriam as maiores poluidoras e por que, de acordo com estudo *publicado na revista especializada 'Environment and Urbanization'.*); **3o trecho**: *Isso* (retoma o conteúdo de *"Nesse estudo, enquanto cidades do mundo todo foram apontadas como culpadas por cerca de 71% das emissões causadoras do efeito estufa, cidadãos urbanos que substituíram os carros por transporte público ajudaram a diminuir as emissões per capita em algumas cidades.*"); **4o trecho**: *Por fim* (valor conclusivo; retoma tudo o que se disse); **5o trecho**: *O estudo* (retoma o conteúdo de *"Isso reflete a grande dependência de combustíveis fósseis para a produção de eletricidade, uma base industrial significante em muitas cidades e uma população rural relativamente grande e pobre", informa o estudo."*). Sendo assim, ordenando o texto, ou seja, colocando-o em uma sequência coesa e coerente, temos: *"**(1)** Pesquisadores examinaram dados de cem cidades em 33 países, em busca de pistas sobre quais metrópoles seriam as maiores poluidoras e por que, de acordo com estudo publicado na revista especializada "Environment and Urbanization". **(2)** Nesse estudo, enquanto cidades do mundo todo foram apontadas como culpadas por cerca de 71% das emissões causadoras do efeito estufa, cidadãos urbanos que substituíram os carros por transporte público ajudaram a diminuir as emissões per capita em algumas cidades. **(3)** "Isso reflete a grande dependência de combustíveis fósseis para a produção de eletricidade, uma base industrial significante em muitas cidades e uma população rural relativamente grande e pobre", informa o estudo. **(4)** O estudo também aponta outras tendências, como as cidades de climas frios terem emissões maiores, e países pobres e de renda média terem emissões per capita inferiores aos países desenvolvidos. **(5)** Por fim, quando os pesquisadores olharam as cidades asiáticas, latino-americanas e africanas, descobriram emissões menores por pessoa. A maior parte das cidades na África,* Ásia e América Latina tem emissões inferiores por pessoa. O desafio para elas é manter essas emissões baixas, apesar do crescimento de suas economias."

18 – B. Se ele permaneceu monarquista, é porque ele julgou esta opção melhor que pender para o lado republicano, logo, naquele momento, o regime republicano não era a melhor opção, o que corrobora o trecho *viria a prejudicar e não a favorecer*.

19 – B. A relação de sentido entre o fragmento da opção certa e o contexto é de condição, logo todas as opções são possíveis, exceto a que se inicia por uma locução prepositiva concessiva (*Apesar de*), daí a incoerência.

20 – A. Note que o substantivo *estímulo* no trecho da letra a) retoma por nominalização o verbo *estimular* e o conteúdo semântico do sujeito dele, mantendo, assim, adequada relação coesiva. Veja: "A manutenção do emprego, a elevação do salário real, a rápida expansão do crédito e a redução de impostos para alguns setores estimularam *o consumo, mas a produção*

manufatureira foi incapaz de acompanhar a demanda interna. Parte desse estímulo *foi aproveitada por produtores estrangeiros bem mais preparados para disputar espaço nos mercados. O recuo da atividade industrial brasileira reflete, entre outros fatores, o aumento das importações e a deterioração do saldo comercial."* Veja os problemas das demais opções: b) Nada se fala no excerto sobre *pequena reação de maio para junho*. c) Não há presença de concorrentes, o texto não cita nada disso. d) Nada se fala sobre *esse período de 12 meses* no excerto, logo a retomada é incoerente. e) O excerto demonstra preocupação e retração, logo essa continuação proposta não procede.

21 – ERRADO. A expressão *desse trabalho* é um recurso de coesão que retoma *pesquisa*, por expansão lexical.

22 – B. O vocábulo *senão* tem valor aditivo, por isso equivale a "mas (também) sim".

23 – A. Entre a primeira frase e a terceira, há uma relação de causa e consequência bem marcada pela conjunção *pois*, que estabelece a coesão adequada, produzindo um texto coerente. A segunda frase traz apenas uma característica do invejoso. Veja as demais, já reescritas: b) Com a expectativa na qual o término da felicidade do outro lhe traz (**traga**) felicidade, o invejoso age também pelo ódio e procura destruí-la. c) Por acreditar que o término da felicidade alheia lhe trará felicidade, o invejoso procura destruí-la, agindo, também, pelo ódio. d) O invejoso, o qual age movido também pelo ódio, procura destruir a felicidade alheia, nutrindo a expectativa de que o término dela lhe traga felicidade. e) Como nutre a expectativa de que o término da felicidade alheia lhe traga felicidade, o invejoso procura destruir a felicidade alheia, agindo também pelo ódio.

24 – A. Pelo nosso conhecimento de mundo, *cartolas* é sinônimo de *dirigentes*. Simples assim!

25 – B. O contexto indica que o pronome *las* retoma *sensações*, que, segundo o próprio contexto, "são mais nossas do que a própria vida". Isto é, há sensações que são sentidas só de serem imaginadas.

26 – A afirmação procede, pois o que irritou Palas Atena foi Aglauros ter pedido dinheiro em troca de favor. O que corrobora isso é este trecho: "*Palas Atena... já detestava a jovem porque esta a espionara em outra ocasião. Não admitia que a mortal fosse recompensada por outro deus."* Quanto ao pronome *a*, de fato retoma Palas Atena, pois é esta que fora espiada por Aglauros em outra ocasião.

27 – A afirmação procede. Substitua e veja: *quem sabe das dificuldades que Clarice enfrentou vê com alegria o reconhecimento que seu nome alcança e a irradiação* de Clarice *pelo mundo* OU *quem sabe das dificuldades que Clarice enfrentou vê com alegria o*

reconhecimento que seu nome alcança e a irradiação dele (do nome) *pelo mundo.*

28 – CERTO. O canadense Harold Hackett que o diga, ou seja, O canadense Harold Hackett que diga isto: "Na era das redes sociais, algumas formas de comunicação arcaicas ainda dão resultado". A expressão *que o diga* equivale a "atestar". Isto é, o homem atestou que, mesmo na era das redes sociais, algumas formas de comunicação arcaicas ainda dão resultado.

29 – CERTO. Substitua e ateste: "O seu método é simples. Harold utiliza garrafas de suco de laranja e se certifica de que as mensagens estão com data. Antes de enviar <u>as garrafas</u>, checa o sentido dos ventos... (...)" OU "O seu método é simples. Harold utiliza garrafas de suco de laranja e se certifica de que as mensagens estão com data. Antes de enviar <u>as mensagens</u>, checa o sentido dos ventos... (...)"

30 – CERTO. O único referente no período anterior a *Elas* que está no feminino plural é *demandas*. Além disso, o próprio direcionamento argumentativo nos leva a ver como referente de *Elas*, o substantivo *demandas*. Por último, veja a substituição: "**As demandas** requerem que o Estado atente também para a qualificação de uma força de trabalho...". Agora *fechou o caixão*!

31 – C. Mero conhecimento de coesão sequencial, que depende do conhecimento de conjunção. Ambos os conectores têm valor semântico concessivo, por isso a substituição é adequada.

32 – A. O que possibilita uma vida cada vez melhor para as pessoas? Os avanços dos aparelhos eletrônicos sofisticados, que são capazes de fazer um diagnóstico apurado, passando informações importantes sobre o paciente. Logo, *nesta área* tem como referente *aparelhos eletrônicos*.

33 – A. Além da noção temporal, há um valor de causa e consequência embutido na expressão conectora *a partir daí*, por isso cabe a substituição por *em consequência*.

34 – A. O pronome *nossas* tem valor dêitico (ou díctico), isto é, refere-se a algo fora do texto, no caso o autor e seus leitores. Nas demais opções, os termos coesivos têm valor anafórico, pois substituem termos anteriormente mencionados. b) Retoma restaurantes. c) Retoma todo o período anterior. d) Retoma programa. e) Retoma proposta.

35 – D. Pelo nosso conhecimento de mundo, a questão é resolvida facilmente, pois CPMF = imposto do cheque.

36 – E. Ambos os elementos têm valor conformativo, introduzindo um argumento opinativo.

37 – B. *Por exemplo* introduz um argumento de exemplificação; *ou seja*, de explicação.

38 – C. Por eliminação, encontramos a resposta: a) Repetição de parte do nome. b) Informações a respeito do casamento no Brasil colônia. d) Brasil colônia. e) 1815.

39 – E. Autoexplicativa. Sobre as demais: a) O pronome *lhes*, utilizado em *exige-lhes*, faz referência a *instituições governamentais*. b) O pronome *o*, em *critica-o*, faz referência a *governo*. c) A palavra *nos*, em *Zilda Arns nos deixa*, é um pronome. d) A palavra *pelo*, em *eventos convocados pelo governo*, é uma contração de preposição + artigo.

40 – A afirmação procede e é autoexplicativa.

41 – B. O contexto mostra que o personagem viu pitangas e começou a colhê-las. Em seguida, um outro personagem passa e diz "Eu sempre quis fazer isso". Logo, deduz-se que *isso* refere-se a *colher pitangas*.

42 – D. *Contra* tem valor negativo e *ao encontro de* tem valor positivo.

Capítulo 36
Gabarito

1 – B. O único caso em que o verbo *ter* é coloquial é quando tem sentido de "existir". Por isso, a norma culta sugere que se use o verbo *haver*: *"Há coisas que não se explicam: a dor do exílio é uma delas."*

2 – B. Pelo visto, a FCC considera que a preposição pode ficar implícita antes de orações subordinadas substantivas objetivas indiretas *(Ela sempre duvidou (de) que...)*. Quanto ao pronome demonstrativo *o (= isso)*, em *"ele o fez"*, *ele* tem valor anafórico e está acompanhado de um verbo vicário (*fazer*). A crase em à qual está correta por causa da regência de *devia*. A expressão *de sua trajetória artística* é um adjunto adverbial de causa. Em suma, não há erro algum na opção b), por isso é o gabarito. Veja as demais já corrigidas: a) Na seção em que passou a trabalhar, o <u>cenário</u> (núcleo do sujeito) de intrigas e favorecimentos vários o incomoda e quase o enlouquece, pois lhe <u>parece</u> (verbo no singular; concordância) infernal. c) É o relato de um passeio que o pretenso <u>adivinho</u> (ortografia) fez com dois amigos, <u>os quais</u> (concordância), no momento em que passavam por uma ponte, o céu cobriu-se de nuvens negras. d) Não há dúvidas de que <u>se tem</u> (colocação pronominal e concordância) um avanço tecnológico e científico nessa área, mas os professores e alunos até chegam a temer esse mundo que os <u>cerca</u> (concordância). e) São muitas as entidades que militam nesse âmbito para <u>as quais</u> (concordância) prestei assessoria, mas não tenho a presunção de ter conquistado algum prestígio em alguma delas.

3 – E. A forma adequada à língua culta é *Em último caso*, quando equivale a "em último recurso".

4 – A. Por eliminação: b) micro-organismo; c) sintomas; d) quadros; e) prescrever.

5 – B. A locução conjuntiva comparativa *que nem* é considerada coloquial pela maior parte dos gramáticos. Outra conjunção comparativa considerada coloquial é "feito": *Ele fala feito papagaio*.

6 – E. A regência do verbo lembrar, VTD, não está de acordo com a norma culta. A frase deveria estar assim: *Mas sei do que se lembra*. O verbo *lembrar-se* é VTI e exige a preposição *de*.

7 – D. O uso da interjeição *Puxa* e do substantivo *gente* são próprios da linguagem coloquial.

8 – B. Por eliminação: a) bola rolando (jogo em andamento); c) louco (linguagem figurada), canalha (linguagem de baixo calão, chula), quebrar (linguagem figurada); d) soltar o braço (linguagem figurada). A linguagem figurada em si não é marca de coloquialismo, mas tais usos

(da questão) são clichês próprios da informalidade.

9 – A. Para resolver questões desse tipo, é preciso encontrar os desvios gramaticais nas alternativas. A que não apresentar nenhum desvio estará de acordo com a norma culta, ou "redigida corretamente". Vejamos as opções corrigidas: b) O verbo **contrapor** é derivado do verbo pôr, portanto a conjugação é idêntica. No futuro do subjuntivo, então, a conjugação acertada é esta: *"... se se contrapuserem..."*. Há também problema na concordância verbal do verbo **ser**, em *"... provas convincentes, que... não é garantia..."*; deveria ser: *"... provas convincentes, que... não **são** garantia..."*. Lembra-se dessa regra? O verbo concorda com o antecedente do pronome relativo. Para fechar, o verbo *sortir* não está adequado neste contexto, uma vez que significa "abastecer", "prover", "misturar" etc. O certo seria "surtir", que significa "acarretar", "provocar". c) Há um problema de conjugação verbal do verbo *convir* (derivado de *vir*). Como ele está no futuro do subjuntivo, conjuga-se igual a "vir". Portanto: *"... será aceito por meu cliente se lhe **convier**..."*. d) Há dois problemas de ortografia (*argúo* e *ascenção*). Tais palavras são escritas assim: ***arguo*** (1ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo arguir) e ***ascensão***. Como *arguo* é palavra paroxítona terminada em **-o**, não recebe acento gráfico. Não se usa ç em *ascensão*, pois quando há **-nd** no radical do verbo de onde se deriva o substantivo, usa-se **s** na escrita desse nome (*asce*nder > *ascen*são > ascensorista...). e) O verbo incendiar faz parte daquele grupo de verbos terminados em **–iar** (lembra-se do MARIO?). *Mediar, ansiar, remediar, incendiar/intermediar, odiar*. A conjugação destes verbos segue o modelo da conjugação do verbo *odiar*. Portanto, se ele "odeia", ele "incendeia". Visando à correção gramatical, o texto deveria ter iniciado assim: *"Ele incendeia..."*. Sobre a forma verbal "freiar", saiba que ela não existe, é "frear" a correta grafia.

10 – B. Analisemos uma por uma: a) Em *"... deviam ter havido mais de dez chamadas..."*, há um desvio de concordância, uma vez que o verbo auxiliar deveria estar no singular, pois faz parte de uma locução em que o verbo *haver* tem sentido de "existir". Quando isso ocorre, a impessoalidade do verbo *haver* passa a todos os verbos da locução verbal. Portanto, todos ficam na 3ª pessoa do singular obrigatoriamente. Outro desvio claro é o uso de *aonde*. Tal expressão só é acertada quando há um verbo ou um nome exigindo a preposição *a*, que se junta ao advérbio *onde* formando a expressão *aonde*. Não é o caso no contexto; deveria ser apenas *onde*. c) Há um desvio de concordância verbal em *"... o desempenho de todos eles **decaírem** intensa e irreversivelmente."*, pois o verbo deve concordar em número com o núcleo do sujeito (desempenho). Portanto, o adequado à norma culta é: *"o desempenho de todos eles **decair** intensa e irreversivelmente."* d) Novamente há problemas de concordância (verbal e nominal) neste texto. Veja a reescrita com correção: *"... são realmente* confiáveis... os

números *que indicam...”* e) Melhor seria usar a expressão de valor causal *Haja vista* e não o particípio isolado *Visto*, que, inclusive, não concorda em número e pessoa com o seu sujeito *a oportunidade...*; deveria ser *Vista*. Além disso, há um problema de colocação pronominal: *... os legisladores não convenceram-se da necessidade...”*. Deveria ser: *“... os legisladores não **se** convenceram da necessidade...”*, pois o advérbio de negação (não) atrai o pronome oblíquo átono (se), ficando este antes do verbo (próclise). Não satisfeito, o cara que escreveu este texto cometeu outro desvio: “... da necessidade de ver postergado, no último momento, as datas das primeiras reuniões setoriais.”. Há um erro de concordância nominal, pois o adjetivo *postergado* está ligado a *as datas das primeiras reuniões setoriais*. Sendo assim, o texto deveria ser reescrito assim para que houvesse correção gramatical: *“da necessidade de ver* postergadas*, no último momento,* as datas das primeiras reuniões setoriais*”*.

11 – C. Vejamos as que devem ser corrigidas: a) O ideal seria *Nesta época*, pois remete ao tempo presente do falante. Nada justifica o uso da conjunção *e*. Quem transforma algo... transforma algo **em**... Portanto, a reescritura deveria ser: *“Nesta época do ano, as enchentes, mais do que previsíveis, como todos o sabem, transformam a cidade **em** uma paisagem horrenda.”*. b) Falta vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado *por si só*. Há falta de clareza, pois não se sabe se o sujeito do verbo *teme* é *isso* ou *a sociedade*. Se eu digo que o sujeito é *isso*, queremos dizer que *o fato de a atividade docente exercer liderança nata* (retomada pelo *isso*) teme a sociedade, isto é, causa temor na sociedade. Por outro lado, se *a sociedade* for o sujeito, queremos dizer que *a sociedade* tem medo da ideia de a atividade docente exercer liderança nata, em que *isso* passaria a ser o objeto direto. Deveria estar assim reescrita: A atividade docente, por si só, já exerce uma função de liderança nata, e é isso que às vezes a sociedade teme, pois nem todos os mestres primam por ética. d) A palavra *preven**s**ão* está escrita errada, deveria ser *prevenção*. O sufixo **-ção** é formador de substantivos abstratos. Prevenção é o ato de prevenir. e) Desvio de concordância. Se o sujeito é composto anteposto ao verbo, este deve ficar no plural. Veja a correção: *“*Minha expressão de compromisso para com meus pares ***e*** o órgão a que passarei a pertencer ***hão** de ser **demonstrados** a cada passo de minha atuação, pela qual sempre zelarei, como venho demonstrando por anos consecutivos.”*.

12 – E. Vejamos as alternativas comentadas: a) O verbo *intervir* é derivado do verbo *vir*, logo a conjugação é igual. Uma vez que esse verbo está no pretérito imperfeito do indicativo no contexto, deveria estar escrito assim: *“A mãe sempre intervinha nas discussões...”*. b) Há um problema de ortografia: não é *recaptulava*, mas *recapitulava*, do verbo *recapitular*, derivado de *capítulo*. O outro problema polêmico está neste trecho: *“... a ponto* dos *colegas pedirem...”*. Alguns gramáticos dizem que não pode haver contração antes de sujeito no

infinitivo, outros dizem que não há problema algum. Se olharmos de um ponto de vista ortodoxo, diríamos que há um erro, pois, se não há contração, deveria estar redigido assim o trecho: *"... a ponto* de os *colegas pedirem..."*. E é assim que vê a FCC, ortodoxamente. c) Falta vírgula para separar a oração subordinada adverbial deslocada. A forma verbal *obstrói* não existe, mas sim *obstrui*. A reescrita certa é esta: Nesse processo de conscientização, são importantes o reconhecimento e respeito às diferenças, e, como ele não as exercita, só obstrui o crescimento do grupo. d) O verbo *advir* é derivado do verbo *vir*, portanto a conjugação é idêntica. Deveria ser, como está no pretérito imperfeito do subjuntivo, assim: *"Se muitas perdas* ***adviessem****..."*.

13 – D. Vejamos os comentários: a) *Descriminatória* não! O certo é *discriminatória*. Muitos se confundem com essas duas palavras por serem parônimas, ou seja, palavras parecidas na pronúncia e na grafia. Só que, normalmente, se usa descriminar significando "inocentar", "absolver"; já *discriminar* significa "diferenciar", "distinguir" (no contexto tem a ver com racismo). b) A forma verbal *obtem* segue a regra das oxítonas terminadas em **-em**, logo deve ser acentuada: *obtém*. Se estivesse no plural, receberia acento circunflexo, pois é derivada do verbo *ter*: *ele obtém, eles obtêm*. Além disso, *expúrios* é forma não existente na língua, o correto é *espúrios*. c) Segundo as regras de plural dos substantivos compostos, quando um substantivo é formado por numeral + substantivo, ambos variam, logo a forma acertada é *sextas-feiras*. e) O adjetivo *institucionais* está errado, pois ele deve concordar em número com o substantivo *ordem*, ficando no singular*: "... ordem* ***institucional****..."*.

14 – C. Comentando... a) *A fotografia* é o sujeito do verbo *ombrear*, logo ele deve ficar no singular, concordando em número com o sujeito: *"Apesar de se ombrear com outras artes plásticas, a fotografia..."* b) A forma verbal *imagine* deveria concordar em número com o sujeito *os tempos*, ficando assim: *"... nem se imaginem os tempos..."*. Além disso, o verbo suscitar não exige preposição *a* de modo que ela tenha de aparecer antes do pronome relativo. Portanto, o trecho corrigido é este: *"... nem se imaginem os tempos que suscitarão essa imagem..."*. d) *Tal* deve ficar no plural para concordar com *as experiências físicas de uma fotografia*. Deveria também haver um hífen ligando o pronome oblíquo átono ao verbo auxiliar*: podem-se inocular*. Muitos gramáticos modernos, entretanto, já aceitam a ausência do hífen. Reescrevendo o texto, temos: As experiências físicas de uma fotografia, tais como ocorrem nos espelhos da Alice, podem-se inocular em planos temporais. e) Deveria ser *implicações* para evitar a ambiguidade de *implicâncias*.

15 – B. Há falha estrutural neste excerto: *"Embora haja quem aposte no critério único de julgamento, para se promover a igualdade, visto que desconsideram o risco do contrário."*. Já ouviu falar em **truncamento sintático**? Bem, é exatamente isso que está ocorrendo neste

excerto. O truncamento sintático ocorre quando a estrutura sintática parece uma colcha de retalhos, de modo que fica difícil analisar um período, pois ele está cheio de falhas, "buracos" dentro de sua construção, como se as partes não estivessem conectadas ou como se faltasse algo. Observe que no período da letra B (o gabarito!) não há oração principal. De modo que há um corte (truncamento) na estrutura sintática, ficando ela incompleta.

16 – E. Vejamos uma por uma (já corrigidas). a) *No memorial do professor, está registrado que ingressou na universidade em idade inferior à determinada pela lei.* (Vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado; quem ingressa, ingressa em.) b) *O fato de que o acusado se recusa a dar detalhes é o que mais pesará na decisão dos jurados.* (Faltou a preposição *de* exigida pelo nome *fato*.) c) *O movimento a que me filiei nos anos 70 foi grandemente responsável pela renovação da pintura no Brasil.* (Quem se filia, se filia a, logo a preposição fica antes do pronome relativo obrigatoriamente.) d) *Esta é, enfim, a parca remuneração com a qual arco totalmente com as despesas da casa.* (Eu arco totalmente com as despesas da casa **com** a parca remuneração.)

17 – D. Vejamos uma por uma (já corrigidas). a) *Quaisquer que sejam os motivos alegados pela comissão para justificar o atraso, devem-lhe ser repassadas as anotações acerca dos itens em que houve perda do prazo de entrega anteriormente acordado.* (Plural de *qualquer*: *quaisquer*; não se usa pronome oblíquo após pausa, a não ser que seja por causa de uma intercalação, o que não é o caso.) b) *Demos a eles a notícia de que mais almejam e passeemos nosso olhar sobre seus semblantes: o que veremos surpreenderá, pois será muito mais do que alguém possa supor.* (Preposição *de* exigida por *notícia*; *passear*, na 1ª pessoa do plural do imperativo afirmativo, vem da 1ª pessoa do plural do presente do subjuntivo, logo *passeemos*.) c) *O empreiteiro jura que reconstrói a laje danificada em poucos dias, mas existem, na avaliação do engenheiro e do arquiteto, sérias dúvidas quanto à possibilidade de isso ser possível.* (Usa-se **i** em verbos terminados em **-uir**; além disso, observe a concordância: existem...(verbo) dúvidas... (núcleo do sujeito).) e) *Registra-se em livros de história que aqueles artesãos eram bastante hábeis com as ferramentas que eles mesmos produziam, o que lhes garantiu a fama de burilar com criatividade qualquer tipo de material.* (*Registra-se* tem sujeito oracional, logo fica na 3ª pessoa do singular; *mesmo* varia normalmente quando é um pronome demonstrativo.)

18 – E. Vejamos uma por uma (já corrigidas): a) *Tudo que fizeram a fim de angariar a simpatia do diretor pela proposta não deu bons frutos, por isso não lhes restou, conforme estavam todos de acordo, outra ideia a não ser agregar valor ao projeto inicial.* (*A fim de*: finalidade; *restou* (verbo)... *outra ideia* (sujeito)...; de acordo com a nova reforma, *ideia* se escreve sem acento.) b) *Os jornalistas não creem que existam documentos espúrios em meio*

àqueles já examinados, e isso porque já haviam feito cuidadosa checagem, todavia, a transparência impondo, voltarão à tarefa de imediato. (*Porque* explica, logo é junto sem acento; *voltar* exige preposição *a* + *a* (*tarefa*) = à tarefa (crase!).) c) *A questão ficou cada vez mais descaracterizada quando, logo depois da visita, o antropólogo defendeu que aquelas dificuldades não se restringiam às nações indígenas daquela região, sendo mais universal.* (*Logo depois da visita* é adjunto adverbial deslocado, logo devem-se usar vírgulas; o verbo *restringir* exige a preposição *a*.) d) *A manutenção e apoio ao grupo de escoteiros dependem de ele aceitar a contrapartida dos empresários, que não é, aliás, nada abusiva, visto que eles executam as tarefas solicitadas cotidianamente, sem desgaste exaustivo.* (Não há contração antes de verbo no infinitivo segundo a maioria dos gramáticos (de ele aceitar...); *abusiva*, concordando com *contrapartida*.)

19 – A. Vejamos uma por uma (já corrigidas): b) *Por mais que queiramos negar envolvimento dos menores no distúrbio, pode haver fatos que desconheçamos, por isso acataremos as orientações que advenham do episódio.* (*Pode haver*, no singular, pois o verbo *haver* (=*existir*) não permite que o auxiliar da locução verbal varie.) c) *Pelo que dissestes sobre a incrustação das joias, mereceis parabéns, e também pela competência, pois, sem tê-las sequer mostrado à interessada, tornou-a uma feliz compradora.* (Uniformidade de tratamento (*vós dissestes; vós mereceis*); privilegia-se a ênclise após pausa não antecedida de intercalação.) d) *A especialista à qual se devem as pesquisas educacionais diz que cada uma das escolas que se propuseram a fornecer dados declararam o motivo particular que as pôs em movimento.* (O sujeito de *dever*, acompanhado de partícula apassivadora, é *pesquisas*; *propor* no futuro do subjuntivo é *propuseram*.) e) *As terras de que essa espécie de vinho provém são as do tipo mais recomendável para a cultura da videira, motivo pelo qual são tão valorizadas e desejadas por viticultores.* (*Provém* é derivado do verbo *vir*, que, na 3ª pessoa do plural, recebe acento circunflexo, mas não é o caso, pois seu sujeito é *espécie*; *recomendável* concorda com *tipo*.)

20 – D. Vejamos uma por uma (já corrigidas): a) *Não quero e não devo contar qual foi a confusão em que me meti, nem por que idas e vindas acabei percebendo o real perigo que corria.* (Usa-se *por que*, pois equivale a "por quais".) b) *Todos estando bastante, ou excessivamente, contrariados, nesse diapasão, nada se podia fazer para acalmar o representante dos funcionários, de cujo apoio sustentaria o evento.* (O trecho *"Todos estando... diapasão"* deve ser separado por vírgula, pois se trata de uma oração reduzida deslocada; o nome *apoio* exige a preposição *de*, que fica antes do relativo *cujo* obrigatoriamente.) c) *O debate seguia acalorado entre o jornalista e o entrevistado, sendo, por essa razão, o convite feito a um mediador, pois de sua presença dependia o impasse.* (*Por essa razão* é um adjunto adverbial deslocado, por isso as vírgulas; o pronome

possessivo *sua* provoca possível ambiguidade.) e) *O indivíduo contribui com a cidadania, quando se posiciona a favor dos direitos, porém corrompe a ética, se faz (algo) contra os preceitos morais.* (O verbo *corromper* rege seu complemento sem preposição; o verbo fazer precisa manter correlação verbal com corrompe.)

21 – D. Vejamos uma por uma (corrigidas): a) Houve (verbo haver com sentido de existir não varia) *muitas mudanças nas condições externas e internas da economia, que contribuíram para a estagnação da indústria brasileira. Do lado externo, os altos preços das matérias-primas exportadas pelo Brasil encorpam a entrada de divisas e* valorizam (o verbo concorda com o núcleo do sujeito – *preços*) *o real.* b) *Internamente, a renda do trabalho* ampliada por políticas salariais e previdenciárias generosas (a oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de particípio não é separada por vírgula) *estimula o consumo e o setor de serviços. O resultado seria a especialização da economia nos setores primário e terciário,* cuja forte geração de emprego, (houve truncamento sintático, ou seja, a estrutura sintática não está completa, pois falta verbo na oração adjetiva iniciada pelo pronome relativo *cujo*) *em troca de menor competitividade industrial.* c) *A perda de mercado para importações, por sua vez, não* seria (o verbo deve concordar com o núcleo do sujeito – *perda*) *um problema, já que boa parte delas seria compras de bens de capital para investimento e modernização do parque industrial.* e) *É temerário considerar que* (não pode haver vírgula após a conjunção integrante separando a oração principal da subordinada) *um país de renda média e com baixa escolaridade, como o Brasil,* (expressão intercalada deve vir entre vírgulas no meio da frase) *possa manter tal padrão de crescimento. Serviços que geram renda, hoje, são atividades complexas como* design *industrial e* marketing*, de alto conteúdo intelectual.*

22 – E. Vejamos o(s) erro(s) corrigido(s): *O investimento externo direto mudou de patamar.* Até o ano passado, (faltou uma vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado) *eles cobriam praticamente o deficit em conta corrente,* o (nada exige a preposição *a* antes do pronome demonstrativo *o*) *que limitava o efeito, para explicação da valorização da moeda, de tsunamis monetários e capitais especulativos.*

23 – A. Vejamos uma por uma (corrigidas). b) *Mas há também os fatores que não dependem diretamente dos agentes econômicos, como o ambiente institucional para a realização de negócios, a infraestrutura de uso comum, as prioridades e a execução da política econômica, o que se* reflete (o verbo deve concordar com o antecedente do pronome relativo – *o*) *no crédito e na carga tributária*. c) *São vários os fatores que contribuem para os saltos de produtividade. Alguns* relacionados *ao* (o adjetivo exige a preposição *a*) *processo produtivo, como a inovação* (não há crase, pois não há exigência da preposição *a*), *a melhoria da gestão dos recursos disponíveis, a atualização tecnológica, a motivação dos*

que produzem, a utilização dos insumos (bens e serviços) mais adequados para se chegar (como o *se* é uma partícula de indeterminação do sujeito, o verbo deve ficar na 3ª pessoa do singular) *ao resultado final.* d) *Com uma taxa de investimento relativamente baixa,* cuja proporção do Produto Interno Bruto (PIB) (note que houve truncamento sintático de novo, uma vez que a oração iniciada por *cuja* está sem verbo; além disso, como a pseudo-oração adjetiva é explicativa, deveria vir entre vírgulas, como eu coloquei aqui*), pouco acima dos 19%, o Brasil conseguiu avançar socialmente sem um crescimento econômico tão forte.* e) *A estabilidade monetária abriu caminhos para ganhos de produtividade que* tornaram (o verbo concorda com o antecedente do pronome relativo – *ganhos*) *factíveis tais avanços, mas é preciso definir prioridades claras nos gastos públicos*.

24 – D. Vejamos o(s) erro(s) corrigido(s): *Não se deve contemplar o Brasil como uma ilha de tranquilidade, de estabilidade, de equilíbrio, no meio da infindável crise internacional. A experiência europeia mostra os elevados custos de* se adiar (o verbo concorda com o núcleo sujeito – *enfrentamento*) *constantemente o enfrentamento dos problemas de competitividade.* A alternativa c) está errada também, pois a sigla, com função de aposto, deveria vir entre travessões, vírgulas ou parênteses, segundo consulta aos principais manuais de redação. Apesar disso, temos visto alguns textos da ESAF com uso da sigla após o nome por extenso antecedida de apenas um travessão. Pelo visto, a ESAF considera o uso de um (1) travessão antes de sigla correto.

25 – C. Vejamos uma por uma (corrigidas): a) *Por tornar mais acentuada a perda de competitividade da indústria brasileira, a valorização do real em relação ao dólar* vem (o verbo concorda com o núcleo do sujeito (*valorização*) ficando no singular, sem acento circunflexo*) despertando reações cada vez mais ácidas de dirigentes empresariais, mas está muito longe de ser o único, ou o* principal (não há vírgula entre adjunto adnominal e seu nome*) problema que prejudica o desempenho do setor manufatureiro.* b) *Questões estruturais e modelos de gestão empresarial inadequados* têm (o verbo concorda, no plural, com os núcleos do sujeito composto – *questões e modelos*) *sobre a atividade industrial efeitos negativos muito mais profundos e duradouros e, por isso, mais nocivos do que a taxa de câmbio.* d) *Mesmo, porém, que a questão cambial venha a ser superada, a qualidade da atividade industrial continuará prejudicada por deficiências históricas, e,* por isso, (expressão intercalada vem entre vírgulas) *muito* conhecida (concordância nominal com o substantivo *qualidade*), *mas* tolerada (idem à anterior) *por governantes, empresários, trabalhadores e pela sociedade.* (A expressão *que tem sido* não mantém paralelismo sintático com *muito conhecida* – verbo no particípio). e) *Pesquisas e estudos recentes não deixam dúvidas quanto aos impactos do câmbio valorizado sobre a produtividade da indústria brasileira quando* comparados *com* os *de outros países.* (Ambos os termos devem concordar

com *impactos*.)

26 – B. Vejamos o erro: É provável que a importância da educação como determinante do rendimento das pessoas e da sua desigualdade está superestimada nas análises econométricas, simplesmente porque não se dispõe (VTI acompanhado de partícula de indeterminação do sujeito fica na 3ª pessoa do singular) *de boas medidas para vários outros determinantes da renda, que estão positivamente correlacionados com a escolaridade.*

27 – E. Vejamos os desvios das demais opções: a) O que se dissipa é a diferença entre a demanda e a oferta globais, e não *"uma ampliação do déficit em conta corrente"*, como dá a entender esta opção. Não houve preservação da coerência do texto. b) *Daí naturalmente resulta que a* diferença *entre a demanda e a oferta globais, inexoravelmente,* se dissipa (cuidado com a concordância!) *por um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis* (os serviços) *e uma ampliação externa do déficit em conta corrente.* c) O que se dissipa, no texto original, é a diferença entre a demanda e a oferta globais, não *"o resultado natural da..."*. Além disso, há erro de concordância: *O* resultado *natural da diferença entre a demanda interna* ***e*** *a* oferta *global se* dissipam. d) *"a diferença entre a demanda que dissipa a oferta global dissipa"* (construção absurda!). Falta uma vírgula antes de *externamente*.

28 – E. Vejamos os problemas: a) *A valorização do real e o custo Brasil, que têm reduzido a competitividade de nossos produtos industriais no mercado internacional, ao mesmo tempo que torna o mercado interno mais vulnerável à concorrência de produtos de outros países com consequências ruins não só para a balança comercial, mas também para os níveis de emprego e de renda para a arrecadação de tributos.* (Houve truncamento sintático, pois falta uma parte da frase, o verbo da oração principal do sujeito *"A valorização do real e o custo Brasil"*.) b) *No custo Brasil,* (adjunto adverbial deslocado exige vírgula*)* constam *os elevados* preços (cuidado com a concordância) *da energia elétrica e do gás natural, a insuficiência e relativamente precária malha de transportes, o baixo nível de investimentos em tecnologia e uma estrutura tributária que incide sobre a produção e o consumo, e não sobre a renda e a riqueza.* (As vírgulas separam termos enumerados; a última vírgula vem antes do *e*, pois ele equivale a *mas*.) c) *O fato é que o setor industrial ficou* estagnado (erro de ortografia) *em 2011, puxando para baixo o crescimento do PIB, sendo o mais baixo entre todos os países sul-americanos. E as perspectivas são de novo crescimento do produto industrial próximo a zero − com um tímido crescimento do PIB*. d) *O elevado custo de nossa logística é outra* causa *que não* vem (observe a concordância!) *sendo devidamente enfrentada. O* barateamento *do custo da energia e dos transportes* requer (observe a concordância!) *a ampliação dos investimentos públicos, necessidade que se choca com um*

dos pilares da política econômica.

29 – D. O trecho tem um erro de concordância. Segundo a ESAF, por mais que o sujeito composto esteja posposto ao verbo, tal banca não aceita a concordância atrativa. Já vimos isso no capítulo de *Concordância*. Logo, o trecho deveria ser reescrito assim: *"... foram precisamente [a* elevação *dos salários e a crescente* formalização *do trabalho (sujeito)]..."*.

30 – ERRADO. ***Necessita-se*** (verbo transitivo indireto seguido da partícula de indeterminação do sujeito deve ficar na 3ª pessoa do singular) *tanto da criação de métodos transparentes e previsíveis quanto da definição clara do que se considere violação ética, cujas alegações* ***[desse tipo]*** (expressão indicativa de posse totalmente descartável, pois o pronome *cujas* já indica posse) ***sejam submetidas*** (esta locução verbal fica no plural e, no caso do particípio, concordando em gênero e número com *alegações*) à investigação.

31 – ERRADO. *Independentemente das razões que* ***as*** *levem* (o pronome relativo exige a próclise) *a sujeitar, por exemplo, suas posses ou sua moradia ao trabalho pericial,* ***a*** *toda pessoa* (não há crase antes do pronome indefinido *toda*) *estão garantidos os direitos de: ser autor de seu destino e de optar* ***pelo*** (a contração, por bem da eufonia, deve acontecer) *caminho de sua conveniência*.

32 – ERRADO. *Mas,* (esta vírgula deve ser colocada para marcar a intercalação da oração adverbial reduzida) *apesar da grande importância da ética deontológica, ela parece que é insuficiente para se aprofundarem reflexões éticas quanto* ***a*** *condutas* (não há crase diante de palavra pluralizada com sentido genérico) *profissionais,* ***em vista de*** (a maioria dos gramáticos recomenda que não se flexione elementos de uma locução prepositiva) *se entender que ela seja atendida quando os códigos são simplesmente obedecidos.*

33 – ERRADO. O erro está na colocação pronominal, pois o pronome relativo atrai o pronome oblíquo átono: *Para um coronel que se queixava da vida em quartel*.

34 – CERTO. Se fizermos a comparação entre os textos, veremos que a paráfrase está perfeita, pois as estruturas são sinônimas. Veja: *A antropologia tem demonstrado (1) que muitas atividades (2) atribuídas (3) às mulheres (4) em uma cultura (5) podem ser atribuídas (6) aos homens em outra (7). Segundo a antropologia (1), várias atividades (2) que são atribuídas (3) ao sexo feminino (4) em dada cultura (5) podem atribuir-se (6) ao sexo masculino em outra (7).*

35 – ERRADO. *A espécie humana distingue-se entre si no que concerne* à *anatomia e* à *fisiologia* (o verbo concernir exige a preposição *a* + *a* (artigo) = à), *por meio do dimorfismo sexual, embora seja falso crer que as diferenças de comportamento* ***verificadas*** (concorda

com *diferenças*) *entre as pessoas de sexo distinto* ***determinem****-se* (concorda com *diferenças*) *de forma biológica*.

36 – CERTO. Compare e veja (mero uso de sinônimos): *Carregar (1) cerca de (2) vinte litros de água (3) sobre a cabeça (4) implica (5), na verdade (6), um esforço físico considerável (7). Para que se carreguem (1) aproximadamente (2) vinte litros d'água (3) na cabeça (4), requer-se (5), na realidade (6), um imenso esforço físico (7).*

37 – CERTO. Quando o pronome oblíquo faz parte de uma locução verbal cujo verbo principal está no infinitivo e houver uma palavra atrativa antes da locução, o pronome pode ficar antes do verbo auxiliar ou depois do verbo principal. Logo, ambas as formas estão corretas.

38 – ERRADO. *Compreender, pois, o modo* ***por que*** (= *pelos quais*; usa-se separado e sem acento) *tais materialidades influenciam* ***a*** (o verbo *influenciar* é transitivo direto e não exige a preposição *em*) *elaboração do ato comunicativo é essencial para entender-se como elas chegam* ***a*** (não há crase antes de verbo) *afetar* ***a*** (o verbo afetar é transitivo direto e não exige a preposição *em*) própria organização do tecido social.

39 – CERTO. Novamente, sinônimos: *"a pequena causa (1), ou o motivo irrelevante (2), pode produzir (3) um grande efeito (4)"/"a causa pouco significativa (1), ou o pequeno motivo (2), pode provocar (3) um resultado de extensa repercussão (4)"*.

40 – ERRADO. *Porém, estudando-se os impérios, antigos ou recentes, permite-se que* ***sejam acessadas*** (concorda com *raízes*) *as raízes do mundo contemporâneo, e* ***aprofundados*** (concorda com *modos*), pela nossa compreensão, os modos como está organizado o poder político.

41 – ERRADO. *Contudo, estudar os impérios, antigos ou recentes, proporciona-nos o acesso às raízes do mundo contemporâneo e leva-nos* ***a*** (não há crase antes de verbo) *aprofundar a compreensão dos modos conforme* ***os quais*** (não há preposição sendo exigida por nenhum elemento) ***se*** *organiza* (a próclise é obrigatória por causa do pronome relativo) *o poder político*.

42 – A. As expressões *"passeá" (passear)*, *"saí" (sair), "brincá" (brincar), "di" (de), (gostava muito)... "di" (de) vôlei, "andá" (andar), "a palhaça"* ou *"fases mais gostosas"* marcam a informalidade e, portanto, o registro coloquial. As reticências, próprias da língua escrita indicam as pausas organizadoras do discurso oral, que entrecortam o fluxo contínuo da fala.

43 – A. Autoexplicativa. Ou seja, o entrevistado, apesar de ser um dos maiores críticos da

gramática normativa no Brasil, é capaz de adaptar-se ao contexto comunicativo em que se insere, respeitando as regras gramaticais da língua culta.

44 – A. Só um detalhe sobre a a): *Quando falamos em prova, no direito, tem-se a idéia* (segundo a nova ortografia, esta palavra é sem acento) *de que existe algo a ser defendido ou algo que venha a ser contestado. Dentro dessa linha cognoscível, entende-se que vai existir sempre um agente acusador e um agente acusado.* Veja os desvios das demais: b) *Pois bem, a prova é o meio de resolução desse conflito existente, da qual* [é dela que (construção redundante e, portanto, dispensável)] *o juiz irá extrair aqueles meios exequíveis à resolução pendente.* c) *O juiz não tem o ônus de buscar a verdade – ele somente apresenta* às *partes* (o verbo apresentar é VTDI, por isso cuidado com a regência: apresenta-se algo **a** alguém*) a verdade mais justa diante do caso em questão. A parte é quem tem o ônus de buscar a verdade, daí as provas, serem de suma importância para a resolução do litígio.* d) *Devido à atribuição de pontos a cada tipo de prova, o sistema tarifal de provas passou a facilitar as decisões dos juízes, que somente se encarregavam da somatória dos pontos que cada parte* obtivera (conjugação verbal) *mediante suas provas apresentadas e decidia o caso a favor de quem* somara (correlação verbal) *mais pontos*. e) *Para adquirir força probatória no processo judicial, os meios "moralmente legítimos" de obtenção de provas devem estar* (locução verbal apresenta verbo principal no infinitivo não flexionado) *em congruência com os aspectos lícitos do nosso ordenamento legal.*

45 – E. *Até a semana passada* (não há obrigatoriedade no uso do acento grave), *a estimativa que* prevalecia (erro de ortografia) *era de que o ciclo de redução da Selic pararia em 7,5%. Atualmente,* (a vírgula aqui é facultativa, pois o adjunto adverbial deslocado é de curta extensão) *a taxa está em 8%. Com a mudança,* (vírgula marca adjunto adverbial deslocado de certa extensão) *o mercado financeiro passa a trabalhar com a perspectiva de que o Banco Central reduza a taxa mais duas vezes.*

Capítulo 37
Gabarito

1 – CERTO. A mudança de posição dos vocábulos altera o propósito argumentativo do texto original, que tem como foco o *riso*, e não a *seriedade*, e altera a estrutura sintática. Veja que nem todos os argumentos usados no texto servem para *seriedade*: *"É, de alguma maneira,* ***o aspecto festivo do mundo inteiro****, em todos os seus níveis,..."*. Isso seria um contrassenso. Sobre a estrutura sintática, seria preciso mudanças na estrutura, quanto à sintaxe de concordância: *"ele abarca a totalidade..."* viraria *"...ela abarca a totalidade..."* etc.

2 – CERTO. Questão de sinonímia. Note também que o enunciado nem fala de sentido, mas sim de correção gramatical. De qualquer forma, a mudança de sinônimos (*seguindo = aderindo*) em nada prejudicou o trecho.

3 – A. Mero uso de expressões sinônimas, isto é, *em vez de = em lugar de, só = tão somente*. Não confunda *em vez de/em lugar de* com *ao invés de/ao contrário de*!

4 – E. Relação de causa e consequência e transformação entre orações reduzidas. Como o máximo de conhecimento é também o mínimo, nunca faltará perguntas a fazer e respostas pela metade.

5 – A. Observe que houve manutenção de sentido com a substituição de um conectivo por outro (ambos de valor causal) e substituição de verbo por advérbio: *Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos* por conta d*os crimes de grande repercussão e que* parecem *ser de difícil solução./Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos* em virtude de *crimes de grande repercussão e de solução* aparentemente *difícil*.

6 – B. Questão de sinonímia e de nominalização. Observe: *Outro benefício* decorrente *de ter amigos é* manter *a saúde em ordem./Outro benefício* resultante *de ter amigos é a* manutenção *da saúde em ordem.*

7 – D. Em todas as opções, há possibilidades de paralelismo (repetição de preposição). A melhor resposta é a opção D. Digo "melhor resposta", pois o enunciado pede "a reescrita que não preserva a correção gramatical **e** o sentido original do texto. No entanto, só há mudança de sentido, e não incorreção na reescritura *"Repare que esses grandes artistas dificilmente se submetem às adaptações feitas diretamente de uma obra"*. A crase está adequada, pois houve determinação, com o uso de artigo definido feminino plural antes de *adaptações*. A mudança de sentido ocorre porque, na reescritura, o artigo define, torna conhecida as

adaptações. Na primeira frase, a ausência de artigo definido implica uma ideia genérica a respeito de *adaptações*.

8 – A. Substituição de pronomes e uso de advérbio anafórico. O *cujo* estabelece relação de posse entre o termo antecedente e o consequente (*o moralismo desse país = cujo moralismo*). O verbo *representar* está no futuro do pretérito (representaria) devido à correlação com a forma de pretérito imperfeito do subjuntivo do verbo *promover* (*promovesse*). O uso do advérbio *lá* refere-se aos EUA (*lá = nesse país*).

9 – D. Trabalha-se transformação de oração desenvolvida condicional para reduzida condicional e uso de conectivo condicional. Na letra D, entretanto, a ideia de "Assaltando, não reaja" é igual a "Se for assaltar, não reaja", o que provoca mudança de sentido em relação à frase original.

10 – B. Ocorre nominalização e transformação de oração desenvolvida para reduzida. Compare: *A coordenadora exigiu* que adiasse *o encontro até que as* infrações que o funcionário cometeu fossem solucionadas./*A coordenadora exigiu o* adiamento *do encontro até a* solução *das* infrações cometidas pelo funcionário.

11 – B. Na reescritura, o adjetivo *regulares* deveria vir no singular, pois tem como referente o sujeito oculto do verbo dar. Ou seja, a reescritura que não desrespeitaria a correta morfossintaxe do padrão formal escrito da língua portuguesa seria esta: *Se dá certo ou não, sendo* regular *ou não, é outra questão*.

12 – E. O uso de sinônimos e a inversão de termos manteve o sentido básico entre o período do enunciado e a reescrita da letra E: "*A solução foi muito simples (1): de todos os trabalhadores (2), sindicalizados ou não (3), era descontado anualmente (4), na folha de pagamento (5), o salário de um dia de trabalho (6).*"/*Foi simples a solução adotada (1) – seria descontado anualmente (4), na folha de pagamento (5) de todos os trabalhadores (2), sindicalizados ou não (3), o valor equivalente a um dia de trabalho (6)*.

13 – A. O uso de sinônimos e a inversão de termos manteve o sentido básico entre as frases: *Colocava sob minha análise (1) um texto que já nascera das vozes do folclore (2), e propunha-me entender as relações (3) deste texto com suas variantes intertextuais (4)*./*Submetia a meu escrutínio (1) um texto que, como se não bastasse haver nascido das vozes da cultura popular (2), eu desejava interpretar (3) tendo em vista as relações que mantém com suas variantes intertextuais (4)*. Observe que as demais opções apresentam, além de mudança de sentido, desvios gramaticais: b) *recaptulado > recapitulado*. c) *implica... num... > implica... um...* d) *perca > perda.* e) *há = existir, e não = permanecer*; além disso, *pegada* (com sentido de *junto*) é coloquialismo.

14 – D. I – Para que exista poeta, é preciso que exista essa consciência. Este é o sentido do trecho *Sem essa consciência, não há poeta*. Quando se diz *"Não há essa consciência em quem não seja poeta"*, está-se querendo dizer que não existe essa consciência em quem não é poeta. Logo, na reescritura proposta, se há mudança de sentido, a paráfrase está errada. II – A expressão aditiva *"não só... como*" é bem substituída por um conectivo sinônimo, *além de*, mantendo-se o sentido. III – Por uma questão de correlação verbal, é preciso fazer a alteração no tempo e no modo verbal ante a reescritura.

15 – D. Note que houve mudança de posição dos termos da frase e uso de sinônimos. Compare: *Devemos evitar, especialmente, (1) posturas que venham a contribuir (2) − ainda que indiretamente − (3) para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos (4)./Posturas que contribuam (2), mesmo que de maneira indireta, (3) para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos (4), devem ser especialmente evitadas (1)*.

16 – A. Note que houve passagem de voz ativa para passiva, mudança de posição dos vocábulos e <u>diferente modo de estabelecer relação de posse</u>. Compare: ... *o incontestável Grande Detetive,* cuja *brilhante inteligência dedutiva (1) é capaz de superar qualquer adversário (2)...*/*Qualquer adversário pode ser superado (2) pela brilhante inteligência dedutiva* do incontestável Grande Detetive *(1)*.

17 – E. A construção de valor hipotético *caso se verifique* é sinônima da *na hipótese de ser*, e *a inocência do investigado*, da *o investigado dado por inocente*. Veja as demais: a) Na primeira frase, o advérbio de tempo *ainda* caracteriza o adjetivo *rotineiros*. Na segunda frase, *ainda* caracteriza o verbo no gerúndio, *prevenindo*. b) *Demais de* é expressão não existente na língua; o certo é *ademais de*, sinônima de *além de*. c) Não houve concordância correta, devendo ser: *no risco de se manterem criminosos na impunidade*, pois o *se* é apassivador. d) Não há concordância: "<u>Dirigidos</u> imediatamente pelo MP, serão <u>produzidas</u> somente as <u>provas</u>...".

18 – ERRADO. A substituição de locução adjetiva por adjetivo gerou incoerência. Soma de indivíduos = conjunto de indivíduos; soma individual = os indivíduos somam alguma coisa.

19 – ERRADO. Apesar de não ter falado nada na teoria deste capítulo sobre transposição de vozes verbais, já passamos pelo capítulo de vozes verbais, certo? Saiba que ela é trabalhada em prova em questões de reescritura, como ocorreu aqui. O Cespe/UnB, particularmente, adora esse tipo de paráfrase. Outra coisa: note que o enunciado diz: "Prejudica-se a correção gramatical". Nada se fala sobre sentido. É claro que não há erro gramatical em substituir *são considerados* por *consideram-se*, pois há uma simples passagem de voz passiva analítica (*são*

considerados) para a voz passiva sintética (*consideram-se*). Note também que se manteve o mesmo número, modo e tempo verbais na passagem. Isso é primordial. Revise vozes verbais (teoria e questões), se, a essa altura do campeonato, você ainda tiver dificuldades.

20 – CERTO. Podemos usar *nos quais* no lugar de *onde* para retomar palavra de valor locativo, como *municípios*.

21 – CERTO. Tais expressões são sinônimas. Você, pelo seu conhecimento vocabular, teria de saber que *cooptado* é o mesmo que *atraído; Cooptar é* "atrair (alguém) e fazer participar de um movimento, ideologia, partido, ideal etc.".

22 – CERTO. A forma de presente do indicativo "facilita" tem aspecto durativo, como "vem facilitando" e "tem facilitado", logo tais locuções substituem bem o verbo simples.

23 – C. Há uma relação de causa e consequência entre *"vêm se sentindo menos pobres"* e *"vêm comprando"*, logo a reescrita adequada é com *porque*, conjunção causal.

24 – C. Houve uso de sinônimos e substituição de conectivo de mesmo valor semântico. Compare: *"O* simples *estabelecimento do princípio da igualdade,* no entanto*, não* logrou eliminar *as* diferenciações *existentes."/O* mero *estabelecimento do princípio da igualdade,* entretanto*, não* conseguiu abolir *as* discriminações *existentes*. Fácil!

25 – ERRADO. O que é passiva e modelada é a periferia colonial, não as colônias. Além disso, não se trata de um centro científico, mas sim de um centro de atividade científica. Houve inversão de foco, por isso houve mudança de sentido.

26 – B. Há uma relação de causa e consequência entre os períodos, logo usa-se o conectivo *porque*.

27 – B. Transformação perfeita de oração subordinada adverbial concessiva reduzida de gerúndio (se a oração reduzida de gerúndio vier iniciada pela preposição acidental *mesmo*, será concessiva) para desenvolvida: *Mesmo não havendo.../Embora não haja...*

28 – B. Se *a conectividade é, de longe, o maior disfarce que a solidão humana encontrou*, isso significa que nenhum disfarce de nossa solidão chegou a ser mais eficaz do que o da conectividade atual. A paráfrase explica o sentido da frase original. Veja os equívocos nas demais opções: (A) A expressão *de longe* intensifica o conteúdo semântico da oração em que se encontra, já *à distância* serve apenas para marcar a noção de espaço na oração em que se encontra. (C) Além de haver mudança de sentido, pois nada se fala de preferência no texto original, há um desvio de regência do adjetivo *preferível*, que exige a preposição *a*: *Nossa dissimulada solidão é preferível, como sempre foi, à nossa ansiedade de comunicação*. (D) O texto original nada fala de necessidade de imersão na solidão. (E) Nada se fala sobre *geral*

e efetiva conectividade no texto original, além disso nada se fala sobre superação da solidão.

29 – A. Só houve inversão na posição dos termos, o sentido não mudou. Veja os problemas das demais alternativas. (B) *Todo o = inteiro*/*todo = qualquer*; mudança de sentido. (C) O substantivo *fato* exige a preposição *de*, que, segundo a maioria dos gramáticos e das bancas, deve vir explícita antes de oração objetiva indireta ou completiva nominal. Lembre-se deste posicionamento da Consulplan, em futuras questões. Sobre o verbo *implicar* (= *acarretar*), ele é VTD, não exige complemento preposicionado por *em*, segundo a maioria dos gramáticos e das bancas. Cuidado! (D) Precisamente falando, *por meio de* e *através de* têm sentidos diferentes. O primeiro indica o meio pelo qual uma ação se realiza; o segundo indica que algo atravessou algo. Hoje em dia, usamos indiferentemente os dois, indicando a mesma coisa, mas deve-se evitar, pois assim ensinam os grandes mestres e o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*. Além disso, há um desvio de colocação pronominal em *que faz-se*, pois o vocábulo *que* atrai o pronome oblíquo.

30 – C. O verbo *dever* indica obrigatoriedade, o que mudaria o sentido de *poder*, no contexto.

31 – D. Houve inversão de termos, mas a ideia de contraste se manteve entre o fato de a educação não ser *um processo de consumo de aulas*, mas sim (= senão) de *acúmulo de conhecimento*.

32 – E. Note os conectivos concessivos iniciando as orações desenvolvidas: *Ainda que, Conquanto, A despeito de, Posto que*... Lembrou-se da dica do *mesmo*, em um dos comentários anteriores, iniciando oração reduzida de gerúndio (sempre concessiva)? Já a oração reduzida de infinitivo iniciada por *Visto* é sempre causal. Fica a dica!

33 – E. *Pela baixa qualificação dos alunos (causa), o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado (consequência)/O aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado (causa), portanto é baixa a qualificação dos alunos (consequência)*. Moleza!

34 – C. Substituição de conectivos de mesmo valor semântico e transformação de oração reduzida. A preposição acidental *Segundo* indica conformidade, assim como *Consoante*, *De acordo com* e *Em conformidade com*. Só nessa percepção já eliminamos a (A) e a (D). O erro na (B) é o uso de *conquanto*, que indica concessão, no lugar da oração adjetiva *"sendo 13.310..."*. O erro na (E) é o uso de *cujo*, que deve vir entre dois nomes estabelecendo relação de posse entre eles, o que não é o caso na opção. Por eliminação, ficamos com a (C), que se inicia, na parte final da reescritura, acertadamente com o pronome relativo *dos quais*.

35 – A. No texto original, o falante viu muita coisa não pessoalmente, e a reescrita da opção (A) apresenta o avesso disso, o que prova a alteração de sentido.

36 – B. Mera questão de sinônimos, em que *acabar completamente* é o mesmo que *aniquilar*. (A) demolir. (C) exterminar. (D) saldar. (E) apaixonar.

37 – C. Com *ou antes*, passa-se a ideia que só os *best-sellers* foram recusados, e não os clássicos e os *best-sellers*, por isso há mudança de sentido.

38 – E. Coerentemente, houve apenas mudança na posição do sujeito, *os editores*, do verbo *aprender*.

39 – C. Tanto *uma vez que* como *porquanto* são conectivos causais.

40 – A. Tanto *não obstante* quanto *apesar de* são conectivos concessivos.

41 – A. O verbo *haver*, com sentido de *ocorrer* fica na 3ª pessoa do singular, pois é um verbo impessoal. Note que, na reescritura, se manteve o mesmo modo e o mesmo tempo entre eles. Nas demais opções, houve erro de concordância (B e C) e mudança de tempo verbal (D e E).

ELSEVIER

FERNANDO PESTANA

A Gramática para Concursos Públicos

Teoria profundamente completa e mais de 1.300 questões atuais e comentadas

SÉRIE PROVAS & CONCURSOS

- Indicado para TODOS os concursos.
- As mais recorrentes polêmicas gramaticais em concursos.
- Dicas, bizus e diferenças entre as principais bancas examinadoras.
- Comentários para todas as questões no site www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

CAMPUS CONCURSOS

FERNANDO PESTANA

A Gramática para Concursos Públicos

Teoria profundamente completa
e mais de 1.300 questões
atuais e comentadas

SÉRIE PROVAS
& CONCURSOS

ELSEVIER

CAMPUS
CONCURSOS

Selo de Qualidade
ANPAC
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PROTEÇÃO E APOIO AOS CONCURSOS

Cadastre-se em **www.elsevier.com.br** para conhecer nosso catálogo completo, ter acesso a serviços exclusivos no site e receber informações sobre nossos lançamentos e promoções.

© 2013, Elsevier Editora Ltda.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Copidesque: Isis Batista
Revisão: Hugo de Lima Corrêa
Editoração Eletrônica: SBNigri Artes e Textos Ltda.
Epub: SBNigri Artes e Textos Ltda.

Coordenador da Série: Sylvio Motta

Elsevier Editora Ltda.
Conhecimento sem Fronteiras
Rua Sete de Setembro, 111 – 16º andar
20050-006 – Centro – Rio de Janeiro – RJ – Brasil

Rua Quintana, 753 – 8º andar
04569-011 – Brooklin – São Paulo – SP – Brasil

Serviço de Atendimento ao Cliente
0800-0265340
atendimento1@elsevier.com

ISBN: 978-85-352-7097-6
ISBN (Versão Eletrônica): 978-85-352-7098-3

Nota: Muito zelo e técnica foram empregados na edição desta obra. No entanto, podem ocorrer erros de digitação, impressão ou dúvida conceitual. Em qualquer das hipóteses, solicitamos a comunicação ao nosso Serviço de Atendimento ao Cliente, para que possamos esclarecer ou encaminhar a questão.
Nem a editora nem o autor assumem qualquer responsabilidade por eventuais danos ou perdas a pessoas ou bens, originados do uso desta publicação.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Pestana, Fernando
A gramática para concursos públicos / Fernando Pestana. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.
1112 p. – (Provas e concursos)

P571g ISBN 978-85-352-7097-6

1. Língua portuguesa – Gramática. 2. Língua portuguesa – Problemas, questões, exercícios. 3. Serviço público – Brasil – Concursos. I. Título.

13-
01162

CDD: 469.5
CDU: 811.134.3'36

Dedicatória

Este livro não existiria sem o apoio de minha esposa (que acabou se tornando erudita de tanto pesquisar junto comigo). Juliana é mais do que um achado. É **O** achado da minha vida.

Agradecimentos

Sem Jeová (Javé ou Iavé, como queiram), simplesmente nada existiria. Portanto Ele é o responsável pela vida e pela disposição que tenho. Não menos importantes foram certas pessoas, como meus pais, meus amigos, meus alunos — principalmente os da EsPCEx (Brasil!) — e meus grandes mestres Sérgio Pachá e Danton Pedro dos Santos. Claudio Cezar Henriques, Marcelo Caetano, Roberto Lota, Vítor Campos, Sidney Martins, Bernardo Augusto, muito obrigado pelas discussões (e soluções)! Valeu pela moral, João Antonio!!! Será que perderei a amizade por não incluir alguns que me ajudaram tanto no trajeto? Ah, depois eu me redimo na segunda edição!

O Autor

- Formado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
- Ministra aulas de Língua Portuguesa há 12 anos.
- Já trabalhou ativamente com turmas pré-militares e pré-vestibulares no Sistema Elite de Ensino. Atualmente, dedica-se ao "universo dos concursos públicos" em cursos de educação a distância, como o EuVouPassar (videoaulas) e o Estratégia Concursos (cursos em PDF). Além disso, participa de um projeto de questões comentadas no "site" TEC Concursos. Presencialmente, é encontrado nos principais cursos do Rio de Janeiro, como o CELP, o Multiplus e o Pra Passar.

A Obra

Há algum tempo, estava eu avaliando colegas de Português num processo de seleção de um grande curso preparatório do Rio de Janeiro... Dentre os candidatos, um deles se destacou muito, impressionando-me vivamente por sua determinação e inquietação intelectual. Ele me afirmou que, nos lugares onde trabalhava, havia parceiros para bate-papos, festas, mas não para estudo e discussão da matéria. Assegurei-lhe que no nosso curso ia ser diferente, porque a cadeira de Português não se furtava à discussão de assuntos polêmicos. E assim foi durante o tempo em que trabalhamos juntos.

Ele sempre me disse que tinha grande vontade de escrever uma gramática. Estudou, estudou, estudou. Pesquisou autores antigos e novos, fez cursos, numa luta incessante para saber cada vez mais. E assim foi.

Animava-me tanta empolgação e eu já torcia pelo livro que viria inexoravelmente.

Ele foi além, como lhe é peculiar: examinou exaustivamente provas dos últimos anos de concursos públicos civis, militares e vestibulares. E com tamanho embasamento, teórico e prático, surgiu *A Gramática*.

Assim, sem fugir dos problemas mais complexos, ousando atrever-se por caminhos tortuosos, até conflitantes, apresentando frequentemente argumentos de renomadas autoridades da língua portuguesa, Pestana fez deste livro algo inédito: combinou tudo o que se julga excelente em uma gramática, do ponto de vista docente e discente.

Por isso, espera-se que, neste agradável passeio por substantivos, verbos, preposições e conjunções, por orações coordenadas e subordinadas, todos os candidatos a cargos públicos consigam o esclarecimento definitivo das dúvidas e passem a mergulhar profundamente nos meandros da língua.

Em matéria de gramática, este livro é definitivamente a tão aguardada resposta aos anseios dos concurseiros (e professores!), pois, além da sua teoria completa, segura e muito consistente, contém mais de 1.300 exercícios das últimas provas oficiais de concursos recentes, constituindo-se deste modo uma obra altamente indicada aos estudiosos da língua portuguesa.

Como é a vida... Depois de tantas obras lidas durante quase 50 anos, não tinha ideia de que poderia ainda me surpreender com algo tão original e pleno.

E aqui fico, pois A obra fala por si.

Danton Pedro dos Santos

Novembro/2012

Prefácio

Não aprendemos para a escola mas para a vida, diziam os Antigos, querendo com isto significar que o conhecimento adquirido na escola tem um valor intrínseco, que de longe transcende as circunstâncias e exigências do universo escolar.

Os tempos e as vontades mudaram. Atualmente, a preocupação que parece servir de norte a quase todo o ensino que se ministra entre nós é fazer o discente absorver e memorizar o maior número possível de informações, sem ordem nem hierarquia, de tal sorte que se sinta aparelhado a enfrentar, com boas possibilidades de êxito, o montão de charadas e perguntas de algibeira destinadas a eliminar o maior número possível de candidatos a poucas vagas: seja em exames vestibulares, seja em concursos para o preenchimento de cargos públicos.

Foi esta, portanto, a questão com que se deparou e a que teve de responder meu jovem colega, Fernando José Pestana, primeiro em sala de aula e logo diante da tela em branco de um computador: como ensinar Língua Portuguesa de maneira clara e bem ordenada, eficaz e honesta, e, ao mesmo tempo, sempre útil a quem dela necessite para transpor com segurança as corridas de obstáculos que encontrar no caminho da Universidade ou do serviço público? Por outras palavras: como ser professor de Português no Brasil de 2013 sem jamais vender a alma ao diabo?

A resposta é o livro que você tem em mãos. Abra-o. Leia-o devagar. Reflita sobre o que leu. Ponha em prática o que ele ensina. Nenhum livro se propõe ensinar-lhe ***tudo*** aquilo de que você necessita para conhecer a fundo nossa língua. Ensinar-lhe-á, no entanto, como se flexionam os blocos que a compõem e como estes se combinam para formar blocos maiores – os sintagmas, as orações e os períodos de que nos servimos para expressar nossas ideias e sentimentos. E também o induzirá a completar seu estudo, buscando, nas fontes mesmas da língua literária (também conhecida como norma culta do idioma), os grandes modelos que a ilustraram e engrandeceram ao longo de uma história multissecular de muitas glórias. Em o fazendo, meu jovem amigo, você estará desmentindo, por suas ações, o pragmatismo estéril de nosso tempo: você estará primacialmente aprendendo não para a escola, ou para o vestibular, ou para o concurso público, mas para a vida.

Sergio Pachá

Mestre em Língua Portuguesa

Ex-lexicógrafo-chefe da Academia Brasileira de Letras

Eis uma breve apresentação...

... porque não podemos perder tempo com palavras garbosas e blá-blá-blás. Um discurso polido e preciosista não me interessa nem deve interessar-lhe. Minha intenção é facilitar ao máximo sua vida, por isso a abordagem de *A Gramática* — que apresenta uma linguagem bem informal para ensinar o registro culto — visa principalmente a um propósito: fazer **você acertar as questões de qualquer prova de Língua Portuguesa** (independentemente do nível). Ponto.

Saiba que *A Gramática* está totalmente "antenada" com a linguagem dos concursos públicos, que vêm se valendo cada vez mais dos estudos linguísticos modernos. Coloque na sua cabeça o seguinte: foi-se o tempo em que as grandes bancas trabalhavam a gramática de modo superficial, por isso, em *A Gramática*, não há "mixaria" de informações. Hoje é preciso saber muito, pois as bancas estão cada vez mais "maldosas"! No devido grau, tudo aqui é pertinente, para que você se sinta sempre confiante no dia da prova. E, caso uma informação não tenha tanta relevância, você será avisado no corpo dos capítulos. Afinal, além de muita informação, precisamos de foco!

Entenda que, atualmente, as boas provas exploram muito a gramática textual, ou seja, o conhecimento de conteúdos gramaticais aplicados aos textos e, consequentemente, ao discurso. Hoje muitas questões (quase todas) tratam de trechos retirados de um texto, portanto não posso deixar de apegar-me aos valores discursivos das classes gramaticais e de certos aspectos da análise do discurso. Isso é algo primordial e **inovador**! Não foi por nada que me preocupei com os anseios dos concurseiros (e dos professores!).

Falando sério, quem não quer mais de 1.300 questões atuais co-men-ta-das (Comentários no site www.elsevier.com.br/agramatica_pestana)? Quem não quer inúmeras referências gramaticais para interpor recursos? Quem não quer teoria consistente em fácil linguagem? Quem não quer um professor que, embora detalhista, diga exatamente o que você deve ou não estudar, para otimizar seu tempo? Quem não quer ter contato com questões polêmicas sobre as quais mais de um gramático pensa diferente acerca da resolução delas? Quem não quer "aquela" gramática? Quando eu era concurseiro, eu queria muito tudo isso!

Enfim... existe *A Gramática*? Sim, e está em suas mãos! Há muito mais a perceber, mas agora é com você.

Eis ***A*** *Gramática*.

Como estudar para concurso público?

Não satisfeito, preparei algo inédito: a cada capítulo, imediatamente antes das questões de concursos, dou uma de "Mister M": revelo os assuntos que mais caem nas provas.

Para quem é **cru** em Português, leia *A Gramática* com muita calma — relaxado e tomando um suquinho de maracujá. Sem pressa, intercale a leitura com exercícios; é preciso pegar intimidade com os ensinos gramaticais. Faça vista grossa às inúmeras minúcias e polêmicas ao longo dos capítulos. Procure estudar os tópicos mais recorrentes, vistos em "O que cai mais na prova?".

Para quem já tem uma **noção legal** de Língua Portuguesa, faça questões das provas anteriores com *A Gramática* ao lado; você não ficará em pânico, sou seu assessor particular. Além disso, reitero: há mais de 1.300 questões comentadas aqui. "Self-service"! Não deixe de estudar os tópicos mais recorrentes, vistos em "O que cai mais na prova?". Megaimportante!

Para quem **saca muito** de Português, preste atenção nas observações, nas minúcias e nas referências a vários gramáticos (e suas opiniões plurais), pois *A Gramática* gosta de explorar as questões polêmicas de bancas que trabalham doutrinas gramaticais divergentes, como as temidas ESAF, CESPE e FCC.

Meu concurso é...

Bem... caso seu concurso seja de **nível fundamental**, estude estes assuntos recorrentes:

- fonologia;
- ortografia;
- acentuação;
- semântica (sinônimos, antônimos e fatos da língua culta);
- classes de palavras (mera identificação delas e conjunções);
- aspectos básicos da análise sintática, da concordância, da regência e da crase.

Hoje, a CONSULPLAN é uma das bancas que mais confeccionam provas para esse nível. Por isso, procure fazer questões dessa banca.

Caso seu concurso seja de **nível médio**, estude tudo com afinco, exceto fonologia, numeral,

interjeição (a chance de cair uma questão sobre esses assuntos beira a zero). Veja o que mais cai:

- tipologia textual (dissertação argumentativa e suas características);
- coesão e coerência (pronomes e conjunções);
- emprego e colocação de pronomes (pessoais, demonstrativos e relativos) e verbos (conjugação de certos verbos, correlação verbal, voz verbal, emprego de tempos e modos verbais);
- conjunções;
- preposições;
- sintaxe do período simples e composto;
- partícula SE (principalmente a apassivadora e a indeterminadora) e QUE (principalmente conjunção integrante e pronome relativo);
- pontuação (vírgula);
- concordância (verbal);
- regência (verbal);
- crase.

A CESGRANRIO, o CESPE/UnB, a FCC, a FGV, o NCE e a VUNESP são as principais bancas desse nível. A diferença entre o conteúdo de nível médio e de nível superior é mínima ou inexistente. O que de fato muda é o grau de dificuldade.

E... para você, **nível superior**, este é o "filé":

- tipologia textual (dissertação argumentativa e suas características);
- coesão e coerência (pronomes e conjunções);
- emprego e colocação de pronomes (pessoais, demonstrativos e relativos) e verbos (conjugação de certos verbos, correlação verbal, voz verbal, emprego de tempos e modos verbais);
- conjunções;
- preposições;
- sintaxe do período composto;
- partícula SE (principalmente a apassivadora e a indeterminadora) e QUE (principalmente conjunção integrante e pronome relativo);
- pontuação (vírgula);
- concordância (verbal);
- regência (verbal);
- crase.

O CESPE/UnB, a ESAF, a FCC, a CESGRANRIO, a FGV, o NCE e a VUNESP são as principais bancas desse nível. Eu me apego muito às quatro primeiras.

Obs.: Ao longo da leitura deste livro, você vai ver que me empolgo, colocando vários detalhes teóricos que caem raramente em prova (mas podem cair). Por que faço isso? Prefiro ser detalhista a deixar você ser surpreendido na prova por um detalhe que me escapou na teoria. No entanto, reitero: para otimizar seu tempo, criei um tópico, antes das questões de concursos de cada capítulo, chamado "**O que cai mais na prova?**". **Lá está o *bizu***!

Para atender às críticas

Não estou interessado em elogios. Elogios costumam amortecer a vontade de melhora. Além de encher a caixa de e-mails. Brincadeira... Na verdade, estou ávido por ouvir suas críticas construtivas (e nem tão construtivas assim) a respeito do livro, principalmente acerca de erros "bobos" – que às vezes nos escapam – de ortografia, digitação, espaçamento etc. Se até o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República* tem erros, certamente deverá haver um ou outro nesta obra. Antes, porém, coloque este "link" no Google e leia:

http://filosofarpreciso.blogspot.com.br/2009/02/critica-construtiva.html

Anote o e-mail para onde você vai enviar suas **críticas** (construtivas), visando à melhora do livro: **agramaticadopest@gmail.com**. Para quem já conhece meu e-mail pessoal, nem tente enviar para ele, senão vou enlouquecer!

AVISO: Muitas questões de concursos foram *reformatadas* por razões meramente didáticas, ok?

Sumário

Capa

Folha de Rosto

Cadastro

Créditos

Dedicatória

Agradecimentos

O Autor

A Obra

Prefácio

Eis uma breve apresentação...

Como estudar para concurso público?

- **Meu concurso é...**
- **Para atender às críticas**

Introdução – O que é Gramática Normativa, Norma Culta, Registro Culto etc.?

Capítulo 1 – Fonologia

- **Definição**

Fonema
Letra
Dígrafo e Difono
Classificação dos Fonemas
Vogais
Semivogais
Consoantes
Sílaba
Encontros Vocálicos
Hiato
Ditongo
Tritongo
Encontros Consonantais
Separação Silábica
Separam-se
Não se separam
Ortoepia e Prosódia
Algumas pronúncias e grafias duplas registradas em dicionários e/ou no VOLP
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 2 – Acentuação Gráfica
Definição
Sinais Diacríticos
Algumas Considerações Importantes

Regra de Acentuação para Monossílabas Tônicas
Regra de Acentuação para Proparoxítonas
Regra de Acentuação para Paroxítonas
Regra de Acentuação para Oxítonas
Regra de Acentuação para os Hiatos Tônicos (I e U)
Regra de Acentuação para os Ditongos Abertos
Regra de Acentuação para os Hiatos EEM e OO
Regra de Acentuação para o Trema
Regra de Acentuação para os Acentos Diferenciais
Algumas Formas Variantes na Grafia e na Pronúncia
Regras para o Uso do Hífen
Prefixo terminado em vogal
Prefixo terminado em consoante
Algumas Observações Importantes
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 3 – Ortografia
Definição
O Alfabeto
Emprego da Letra E
Emprego da Letra I
Emprego da Letra O
Emprego da Letra U
Emprego da Letra C
Emprego do Ç

Emprego da Letra G
Emprego da Letra J
Emprego da Letra H
Emprego da Letra S
Emprego do Dígrafo SS
Emprego do Dígrafo SC
Emprego do Dígrafo CH
Emprego da Letra X
Emprego da Letra Z
Emprego dos Verbos Terminados em -EAR e -IAR
Dupla Grafia
Emprego das Iniciais Maiúsculas ou Minúsculas
Abreviaturas
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 4 – Semântica e Lexicologia
Definição
Sinonímia
Antonímia
Homonímia
Paronímia
Polissemia
Hiponímia e Hiperonímia
Meronímia e Holonímia
Acronímia, Estrangeirismos, Toponímia, Antroponímia,

Axionímia e Oneonímia
Campo Lexical e Campo Semântico
Campo semântico
Campo lexical
Ambiguidade
Intertextualidade
Paráfrase
Paródia
Citação
Plágio
Alusão
Estilização
Epígrafe
Pastiche
Denotação e Conotação
Fatos e Dificuldades da Língua Culta
A Escolha das Palavras
Expressões Idiomáticas
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 5 – Morfologia

Capítulo 6 – Estrutura e Processo de Formação de Palavras
Definição
Morfema
Morfema Lexical

Morfema Derivacional

Morfema Flexional

Alomorfia

Vocábulos Cognatos

Radical

Radicais Gregos

Radicais Latinos

Afixos

Prefixos Gregos

Prefixos Latinos

Sufixos Greco-Latinos

Desinências

Nominais

Verbais

Vogal Temática

VTs nominais

VTs verbais

Letra de Ligação

Processo de Formação de Palavras

Derivação Prefixal, Sufixal, Parassintética (Circunfixação), Regressiva (Regressão) e Imprópria (Conversão)

Prefixal

Sufixal

Parassintética (Circunfixação)

Regressiva (Regressão)

Imprópria (Conversão)

Composição por Justaposição e por Aglutinação

Por Justaposição
Por Aglutinação
Onomatopeia
Abreviação (Redução)
Siglonimização
Hibridismo
Combinação (Amálgama ou Palavra-valise)
Neologismo
Neologismo mórfico
Neologismo Semântico
Estrangeirismos
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 7 – Substantivo
Definição
Identificação e Substantivação
Identificação do Substantivo
Substantivação
Recurso de Nominalização
Por Derivação Sufixal
Por Derivação Regressiva
Locução Substantiva
Classificação
Variação em Gênero
Tipos

Gêneros Confundíveis
Mudança de Sentido
Variação em Número
Regras dos Simples
Mudança de Sentido
Regras dos Compostos
Variação em Grau
Aumentativo
Diminutivo
Formas Estilísticas
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 8 – Adjetivo
Definição
Identificação e Adjetivação
Identificação
Adjetivação
Recurso de Nominalização
Classificação
Locução Adjetiva
Variação em Gênero
Variação em Número
Regra dos Simples
Regra dos Compostos

Variação em Grau
Grau Comparativo
Grau Superlativo
Formas Estilísticas
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 9 – Artigo
Definição
Classificação
Identificação
Emprego dos Artigos Definidos
Emprego dos Artigos Indefinidos
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 10 – Numeral
Definição
Identificação
Classificação
Emprego dos Numerais
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 11 – Pronome

Definição

Identificação

Classificação, Emprego e Colocação do Pronome Pessoal

Pronomes Retos

Pronomes Oblíquos Átonos

Colocação Pronominal

Próclise

Ênclise

Mesóclise

Casos Facultativos

Nas Locuções Verbais

Pronomes Oblíquos Tônicos

Pronomes de Tratamento

Classificação e Emprego do Pronome Possessivo

Classificação e Emprego do Pronome Indefinido

Locuções pronominais indefinidas

Classificação e Emprego do Pronome Interrogativo

Classificação e Emprego do Pronome Demonstrativo

Emprego dos demonstrativos (valor discursivo)

Valores estilísticos dos demonstrativos

Classificação e Emprego do Pronome Relativo

Emprego dos pronomes relativos

Valor Discursivo

Pronomes Pessoais

Pronomes Possessivos
Pronomes Indefinidos
Pronomes Interrogativos
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 12 – Verbo
Definição
Identificação
Flexões dos Verbos
Modo
Tempo
Número
Pessoa
Estrutura Verbal
Radical
Vogal Temática
Desinências Verbais
Locução Verbal
Aspecto Verbal
Formas Nominais dos Verbos
O Infinitivo
O Gerúndio
Conheça alguns empregos do gerúndio:
O Particípio
Voz Verbal

Voz Ativa
Voz Passiva
Transposição de Vozes
Passagem de Voz Ativa para Passiva Analítica
Passagem de voz ativa para passiva sintética
Passagem de Voz Passiva Analítica para Voz Passiva Sintética
Voz Reflexiva
Formação dos Tempos Primitivos e Derivados
Tempos Derivados do Presente do Indicativo
Tempos Derivados do Pretérito Perfeito do Indicativo
Tempos Derivados do Infinitivo Impessoal
Formação do Imperativo e Uniformidade de Tratamento
Formação dos Tempos Compostos
Emprego dos Tempos e Modos Verbais
O Modo Indicativo
O Modo Subjuntivo
O Modo Imperativo
Correlação Verbal
Classificação dos Verbos
Regulares
Irregulares
Anômalos
Defectivos
Abundantes
Pronominais
Reflexivos
Vicários

Paradigmas (Modelos) de Conjugação Verbal
Verbos Notáveis
Particularidades Gráficas e Fonéticas
Papéis Temáticos
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 13 – Advérbio
Definição
Identificação e Particularidades
Sobre Advérbios Terminados em -mente
Mais algumas particularidades...
Classificação dos Advérbios e das Locuções Adverbiais
Afirmação
Negação
Modo
Tempo
Lugar
Dúvida
Intensidade
Causa
Concessão
Conformidade
Finalidade
Condição

Meio
Instrumento
Assunto
Companhia
Preço
Quantidade
Referência
Ordem
Medida
Peso
Matéria
Proporção
Reciprocidade
Favor
Exclusão
Inclusão
Consequência/Conclusão
Palavras e Locuções Denotativas
Variação em Grau
Formas Estilísticas de Grau dos Advérbios
Valor Discursivo
Valores Anafórico, Catafórico ou Dêitico
Advérbios e Construção de Sentido
Já
Advérbios Modalizadores
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 14 – Preposição

Definição

Identificação

Classificação

Combinações e Contrações

Locução Prepositiva e Valores Semânticos

Valor Relacional e Nocional

Valor Relacional

Valor Nocional

Certas Particularidades

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 15 – Conjunção

Definição

Identificação

Locução Conjuntiva

Classificação

Coordenativas

Subordinativas

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 16 – Interjeição
- **Definição**
- **Identificação**
- **Locução Interjetiva**
- **Classificação**
- **Valor Discursivo**
- **O Que Cai Mais na Prova?**
- **Questões de Concursos**
- **Gabarito**

Capítulo 17 – Sintaxe

Capítulo 18 – Frase, Oração e Período

Capítulo 19 – Termos Essenciais da Oração
- **Definição**
- **Sujeito**
- **Classificação do Sujeito**
  - Simples
  - Oculto
  - Composto
  - Indeterminado
  - Oração sem Sujeito (sujeito inexistente)
  - Oracional
- **Predicado**
- **Predicação Verbal / Transitividade Verbal**
  - Verbo de Ligação
  - Intransitivo
  - Transitivo Direto

Transitivo Indireto
Transitivo Direto e Indireto
Predicativo do Sujeito e do Objeto
Classificação do Predicado
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 20 – Termos Integrantes da Oração
Definição
Objeto Direto
Objeto Direto X Sujeito
Objeto Indireto
Complemento Nominal
Complemento Nominal X Objeto Indireto
Agente da Passiva
Agente da Passiva X Complemento Nominal
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 21 – Termos Acessórios da Oração
Definição
Adjunto Adnominal
Adjunto Adnominal X Agente da Passiva
Adjunto Adnominal X Complemento Nominal
Adjunto Adnominal X Predicativo do Sujeito e do Objeto
Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos

Adjunto Adverbial
Adjunto Adverbial X Adjunto Adnominal
Adjunto Adverbial X Objeto Indireto
Adjunto Adverbial X Predicativo do Sujeito
Adjunto Adverbial X Agente da Passiva
Aposto
Classificação do Aposto
Aposto X Adjunto Adnominal
Aposto X Predicativo do Sujeito
Vocativo
Vocativo X Aposto
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 22 – Orações Coordenadas
Conceito de Coordenação
Orações Coordenadas Assindéticas e Sindéticas
Orações Coordenadas Sindéticas Aditivas
Orações Coordenadas Sindéticas Adversativas
Orações Coordenadas Sindéticas Alternativas
Orações Coordenadas Sindéticas Conclusivas
Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas
Paralelismo Sintático
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 23 – Orações Subordinadas

Conceito de Subordinação
Orações Subordinadas Substantivas
Orações Subordinadas Substantivas Subjetivas
Orações Subordinadas Substantivas Predicativas
Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Diretas
Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Indiretas
Orações Subordinadas Substantivas Completivas Nominais
Orações Subordinadas Substantivas Apositivas
Orações Subordinadas Substantivas Justapostas
Orações Subordinadas Adjetivas
Orações Subordinadas Adjetivas Restritivas
Orações Subordinadas Adjetivas Explicativas
Valores Circunstanciais das Orações Adjetivas
Orações Subordinadas Adjetivas Justapostas
Funções Sintáticas dos Pronomes Relativos
Orações Subordinadas Adverbiais
Orações Subordinadas Adverbiais Causais
Orações Subordinadas Adverbiais Causais X Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas
Orações Subordinadas Adverbiais Consecutivas
Orações Subordinadas Adverbiais Condicionais
Orações Subordinadas Adverbiais Concessivas
Orações Subordinadas Adverbiais Conformativas
Orações Subordinadas Adverbiais Comparativas
Orações Subordinadas Adverbiais Finais
Orações Subordinadas Adverbiais Proporcionais

Orações Subordinadas Adverbiais Temporais
Orações Subordinadas Adverbiais Modais
Orações Subordinadas Adverbiais Justapostas
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 24 – Orações Reduzidas
Definição
Orações Reduzidas de Infinitivo
Substantivas
Adjetivas
Adverbiais
Orações Reduzidas de Gerúndio
Coordenada Aditiva
Substantiva Apositiva
Adjetiva
Adverbial
Orações Reduzidas de Particípio
Adjetivas
Adverbiais
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 25 – Orações Intercaladas
Definição
Tipos

Capítulo 26 – Período Misto
- **Definição**
- **Possibilidades de Período Misto**
- **A Elipse na Análise Sintática**
- **Modelo de Análise de um Período Misto**
- **O Que Cai Mais na Prova?**
- **Questões de Concursos**
- **Gabarito**

Capítulo 27 – Pontuação
- **Definição**
- **Vírgula**
- **Ponto e Vírgula**
- **Dois-pontos**
- **Ponto**
- **Ponto de Interrogação**
- **Ponto de Exclamação**
- **Travessão**
- **Parênteses**
- **Aspas**
- **Reticências**
- **O Que Cai Mais na Prova?**
- **Questões de Concursos**
- **Gabarito**

Capítulo 28 – Concordância Verbal e Nominal
- **Definição**
- **Concordância Verbal com o Sujeito Simples**

Concordância Verbal com o Sujeito Composto
Concordância Verbal do Ser
Casos Especiais de Concordância Verbal
Silepse de Número e de Pessoa
Concordância Nominal com Adjetivos
Casos Especiais de Concordância Nominal
Silepse de Gênero e de Número
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 29 – Regência Verbal e Nominal
Definição e Particularidades
Regência Verbal
Pontos importantíssimos
Verbos com mais de uma regência sem mudança de sentido
Verbos que normalmente mudam de sentido devido à regência
Regência Nominal
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 30 – Crase
Definição
Casos Obrigatórios
Casos Proibitivos
Casos Facultativos
Casos Especiais

A Crase e Certas Implicações
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 31 – QUE, SE e COMO
Definição
O Vocábulo que e Suas Classificações
1) Substantivo
2) Interjeição
3) Advérbio
4) Preposição Acidental
5) Partícula Expletiva
6) Pronome Interrogativo
7) Pronome Indefinido
8) Pronome relativo
9) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa
Aditiva
Adversativa
Alternativa
Explicativa
Integrante
Causal
Consecutiva
Comparativa
Concessiva
Final

Temporal

O Vocábulo SE e Suas Classificações

1) Substantivo
2) Pronome Oblíquo Átono
   Pronome Reflexivo (ou Recíproco)
   Parte Integrante do Verbo
   Partícula Expletiva
   Partícula de Indeterminação do Sujeito
   Partícula Apassivadora
3) Conjunção Subordinativa
   Integrante
   Condicional
   Causal
   Concessiva
   Temporal

O Vocábulo como e Suas Classificações

1) Substantivo
2) Advérbio
3) Preposição Acidental
4) Interjeição
5) Verbo
6) Pronome Relativo
7) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa
   Aditiva
   Causal
   Comparativa
   Conformativa

O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 32 – Estilística
Definição
Figuras de Palavras (conceito)
Metáfora
Comparação
Metonímia
Catacrese
Perífrase
Sinestesia
Figuras de Sintaxe
Hipérbato
Pleonasmo
Anacoluto
Elipse
Zeugma
Assíndeto
Polissíndeto
Anáfora
Figuras de Pensamento
Antítese
Oxímoro (Paradoxo)
Hipérbole
Gradação

Eufemismo
Ironia
Prosopopeia (Personificação)
Figuras Fônicas
Aliteração
Assonância
Paranomásia
Onomatopeia
Paralelismo
Combinação de Figuras
Vícios de Linguagem
Ambiguidade (Anfibologia)
Arcaísmo
Barbarismo
Cacofonia
Colisão
Parequema
Eco
Hiato
Solecismo
Preciosismo
Plebeísmo
Redundância (Tautologia)
Estrangeirismo
Prolixidade
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 33 – Teoria da Comunicação

Definição

Elementos da Comunicação

Funções da Linguagem

Noções de Semiótica (ou Semiologia) e Linguística

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 34 – Compreensão/Interpretação de Textos e Tipologia Textual

Definição

Operadores Argumentativos

Pressupostos e Subentendidos

Pressupostos

Subentendidos

Tipologia Textual

Texto Narrativo e Tipos de Discurso

Tipos de Discurso

Texto Descritivo

Texto Injuntivo

Texto Dialogal

Texto Dissertativo

Dissertação Expositiva

Dissertação Argumentativa

Estratégias Argumentativas

Modalização
Exemplificação (fato-exemplo)
Enumeração
Fato histórico
Comparação
Contraposição
Causa e efeito
Dados estatísticos
Definição
Testemunho de autoridade
Contra-argumentação
Pergunta retórica
Métodos de Raciocínio
Silogismo
Método de Raciocínio Dedutivo
Método de Raciocínio Indutivo
Método de Raciocínio Dialético
Falácia
Gênero Textual
Estratégias para Compreensão/Interpretação de Textos
Análise de um Texto
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 35 – Coesão e Coerência
Definição

Coesão Referencial
Coesão Sequencial
Coesão Recorrencial
Fatores de Coerência
Manutenção temática
Conhecimento de mundo
Situação de comunicação
Mecanismos gramaticais e semânticos da língua
Intertextualidade
Intencionalidade
Coerência Narrativa
Coerência Argumentativa
Coerência Figurativa
Coerência Temporal
Coerência de Registro
Continuidade Textual
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 36 – Domínio do Registro Culto
Definição
Conceito de Erro
Registro Culto e Coloquial
Variações Linguísticas
Registros Linguísticos: Língua Falada e Língua Escrita
Acentuação

Ortografia
Emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos, principalmente)
Pontuação
Concordância
Regência
Crase
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 37 – Reescritura de Frases
Definição de Paráfrase
Mudança de Posição dos Vocábulos
Equivalência entre Locuções e Palavras e entre Conectivos
Substituição de Verbos por Advérbios e Vice-versa
Uso de Sinônimos
Substituição de Substantivos por Pronomes
Nominalização
Transformação de Oração Reduzida em Desenvolvida e Vice-versa
Reduzidas de gerúndio para desenvolvidas
Reduzidas de infinitivo para desenvolvidas
Reduzidas de particípio para desenvolvidas
Substituição de Pronome Relativo por Outro e Pronome Demonstrativo por Outro
Possibilidades de Paralelismo
Relação de Causa e Consequência

O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 38 – Questões Comentadas da Banca CQIP

Bibliografia

Mensagem final

Gabarito Comentado

Introdução

O que é Gramática Normativa, Norma Culta, Registro Culto etc.?

Leia isto (vai por mim!), pois tais conceitos são importantes para a sua prova!

A **gramática normativa** trata da sistematização do registro culto da língua, em seus níveis fonológico (som), mórfico (forma), sintático (organização), semântico (sentido) e léxico (vocabulário). Falarei também dos níveis discursivo (uso prático da língua) e estilístico (criatividade no uso da língua). Falaremos de tudo isso em *A Gramática*.

A **língua culta (ou registro culto)**, conforme dizia o conceituadíssimo gramático Celso Cunha, "trata de uma descrição do português atual na sua **forma culta**, isto é, da língua **como a têm utilizado** os escritores portugueses, brasileiros e africanos, do Romantismo para cá, dando naturalmente uma situação *privilegiada* aos autores dos nossos dias". Como se pôde perceber com os grifos que dei, é simplesmente a maneira como as pessoas que gozam de prestígio social usam a língua. Não é a língua **pura** ou **correta** (apesar de ainda muitos sustentarem tal discurso!), mas tão somente uma maneira de usar a língua. A partir do modelo de escrita de pessoas conceituadas, estudiosos dessa modalidade linguística criaram padrões de "bom uso" da língua. De modo simplista, é por isso que a língua culta é também chamada de **língua padrão**, ou **registro culto**, ou ainda **registro formal**. Em algumas provas atuais, como as da ESAF e da FCC, você ainda vai encontrar a expressão "erro gramatical", quando melhor seria dizer "desvio", "inadequação" ou "incorreção" do ponto de vista da língua culta.

A **gramática normativa**, segundo a concepção mais tradicional, portanto, é um conjunto de regras para escrever e falar **corretamente** uma língua, de acordo com o molde de uso dessa língua por pessoas *cultas*. Será que é por isso que se fala em *norma culta*? Certamente.

A **norma culta** é apenas uma das variedades de uso da língua. Infelizmente, ainda, muitos pensam que o padrão culto da língua é o melhor, o correto, o ideal de língua e, portanto, o que deve ser usado por todos. Mas saiba que ela é tão somente uma das variedades de uso da língua. Ela é normalmente ensinada pelas gramáticas escolares, que se baseiam nos registros escritos de pessoas consagradas na sociedade e tidas como cultas. E é normalmente usada em situações formais.

Abra qualquer gramática **tradicional** (**normativa, escolar, prescritiva** etc.), por exemplo, a

do Celso Cunha ou a do Bechara... Verá lá uma série de trechos retirados de livros de gente famosa, culta, influente e consagrada na sociedade. O modo como essas pessoas se expressavam linguisticamente pela escrita seguia um determinado modelo – com algumas variações, é claro, mas nada substancial – que, por sua vez, serviu de base para a feitura da **gramática normativa**, em que a língua padrão (culta) se torna o ideal do "bem falar e escrever".

Adendos e críticas à parte, devido à relevância que tem nas situações formais, a norma culta *deve* ser ensinada nas escolas (afinal, não a aprendemos na rua). É nesse ambiente institucionalizado que a aprendemos regularmente.

Pois bem... se o objetivo da língua é a comunicação e a interação, quero alistar aqui algumas vantagens do aprendizado do registro culto da língua:

- Assegura a unidade da língua nacional, pois é por meio do uso da língua culta que os livros didáticos, científicos e jurídicos, os documentos formais, os (tele)jornais consagrados, as grandes mídias etc. veiculam as informações de modo neutro e unificado para todo o país.
- Permite que uma pessoa ascenda profissionalmente, pois uma das exigências nas entrevistas de emprego ou nas provas de concursos públicos é o uso considerado *mais esmerado* da língua, por meio do qual pensamentos complexos são expressos, a saber: o registro culto da língua.
- Serve como um valioso instrumento em situações formais, para que circulemos bem em determinados ambientes sociolinguísticos. Por exemplo, ao nos dirigirmos a um juiz em um tribunal, a um presidente de uma empresa, enfim, a uma pessoa que ocupa um cargo social mais elevado que o nosso, sentimo-nos impelidos a usar a língua culta.

Assim, percebemos que, em termos práticos, precisamos aprender o registro culto da língua para nosso bem-estar social! E isso inclui o quê? **Acertar questões em provas de concurso público**, pois elas se baseiam na norma culta. Como esta gramática se destina a ensinar tal norma, visando à sua ascensão social, chega de papo! Sirva-se!

Capítulo 1

Fonologia

Definição

Quando usamos a língua falada, saem sons de nossa boca, certo? Esses sons se combinam e formam palavras, certo? Essas palavras, por sua vez, podem ter seu sentido modificado caso uma parte sonora seja modificada, certo? Ok, então.

A **Fonologia** é a parte da gramática que estuda os sons da língua, sua capacidade de combinação e sua capacidade de distinção. Ela se ocupa da função dos sons dentro da língua, os quais permitem aos falantes formar palavras e distinguir significados. É o estudo dela que nos interessa para as provas de concursos públicos. O estudo da Fonética não nos importa.

"Ah, então existe uma distinção entre Fonética e Fonologia?" Sim! A Fonética descreve os aspectos articulatórios e as propriedades físicas de todos os sons, ou seja, trata da produção dos sons, como eles se formam etc. "Poxa, Pestana, então você não vai mostrar todo o aparelho fonador, a boca, a língua, os dentes, a transcrição fonética etc. e tal?" E-xa-ta-men-te! Não vou falar nada disso. "Mas por quê?" Simples. Porque não cai em prova. Outra informação: não usarei símbolos de transcrição fonética nem barras para marcar um fonema; meu objetivo é facilitar e ir direto à linguagem das provas. Reitero: só os aspectos da Fonologia importam para provas de concursos públicos!

Em questões bem antigas (década de 80, 90), até havia questões sobre Fonética. Hoje em dia, você não precisa se preocupar com isso. Graças a Deus! Quanto menos tiver de saber detalhes da gramática para acertar uma questão na prova e ser feliz, melhor para você. Concorda? Encher linguiça não é minha praia. Preciso ser preciso. Então... vamos lá!

Fonema

O **fonema** é a menor unidade sonora da palavra e exerce duas funções: formar palavras e distinguir uma palavra da outra.

É mais simples do que parece: quando os fonemas se combinam, formam palavras, ou seja, C + A + S + A = CASA. Percebeu? Quatro fonemas (sons) se combinaram e formaram uma palavra. Se substituirmos agora o som S por P, haverá uma nova palavra, certo? CAPA.

A combinação de diferentes fonemas permite a formação de novas palavras com diferentes sentidos. Portanto, os fonemas de uma língua têm duas funções bem importantes: **formar palavras** e **distinguir uma palavra da outra**.

Ex.: **c**al / **G**al / **m**al / **s**al / **t**al...

moç**o** / moç**a** / m**a**ço / maç**a** / maç**ã**...

Com a troca de fonemas, novas palavras surgiram, com sentidos diferentes. Percebeu?

Letra

A **letra** é um símbolo que representa um som, é a representação gráfica dos fonemas da fala.

É bom saber dois aspectos da letra: **pode representar mais de um fonema** ou **pode simplesmente ajudar na pronúncia de um fonema**. Como assim?

Por exemplo, a letra X pode representar os sons X (*enxame*), Z (*exame*), S (*têxtil*) e KS (*sexo*; neste caso a letra X representa dois fonemas – K e S = KS). Ou seja, uma letra pode representar mais de um fonema.

Às vezes a letra é chamada de **diacrítica**, pois vem à direita de outra letra para representar um fonema só. Por exemplo, na palavra *cachaça*, a letra H não representa som algum, mas, nesta situação, ajuda-nos a perceber que CH tem som de X, como em *xaveco*.

Vale a pena dizer que nem sempre as palavras apresentam número idêntico de letras e fonemas.

Ex.: **m**ola > 4 letras, 4 fonemas

guia > 4 letras, 3 fonemas

Percebeu que o U em GU não tem som? É uma letra diacrítica. Agora, em *água*, o U é pronunciado, logo não é mais uma letra diacrítica. Simples assim.

Tome cuidado, pois existem algumas palavras em que se pode pronunciar o X como Z ou KS: *hexágono*. Logo, se fôssemos analisar o número de letras e de fonemas, diríamos que, se pronunciarmos o X com som de Z, haverá 8 letras e 7 fonemas; caso pronunciemos o X com som de KS, haverá 8 letras e 8 fonemas. O H não é pronunciado, óbvio.

Só de curiosidade: na palavra *inexorável*, o X tem som de Z, logo há 10 letras e 10 fonemas.

Dígrafo e Difono

O **dígrafo** constitui-se de duas letras representando um só fonema. A segunda letra é diacrítica, isto é, existe apenas para ajudar numa determinada pronúncia. Por exemplo, se dissermos *caro*, o R terá um som diferente de RR, em *carro*. Este segundo R, em *carro*, é uma letra diacrítica.

Há dois tipos:

- **consonantais**: **gu, qu, ch, lh, nh, rr, ss, sc, sç, xc, xs.**
  Ex.: **gu**erreiro, **qu**eda, **ch**ave, **lh**ama, **nh**oque, a**rr**astão, a**ss**ado, de**sc**endente, cre**sç**a, e**xc**itado, e**xs**udar.

- **vocálicos ou nasais**: **a, e, i, o, u** seguidos de **m** ou **n** na *mesma* sílaba (!)
  Ex.: c**am**po, **an**ta/**em**presa, **en**trada/**im**batível, cai**n**do/**om**bro, **on**da/**um**bigo, **un**tar.

Chamamos de **difono** o som KS representado pela letra X.

Ex.: tó**x**ico (tó**ks**ico), comple**x**o (comple**ks**o), tóra**x** (tóra**ks**)...

Cuidado!!!

1) O M e o N usados após as vogais, nasalizando-as, não são fonemas nem consoantes. Logo, se o "homem da banca" quiser dar uma "pernada" em você, ele vai dizer que ocorre o encontro de duas consoantes em *menta*, por exemplo. Não caia nessa! O M e o N são apenas marcas de nasalização da vogal, como se fossem um til (~). Se vierem, porém, antes da vogal (*na-ta-ção*) ou em outra sílaba (*Fa-bi-a-na*), aí sim são fonemas, são, de fato, consoantes.

2) Sempre que uma palavra tiver dígrafo, o número de letras será maior que o número de fonemas. Na palavra ***champanha***, há 9 letras e 6 fonemas, pois há dois dígrafos consonantais (ch, nh) e um vocálico (am).

3) Se as palavras terminam em -AM, -EM, -EN(S), tais terminações não são dígrafos vocálicos, mas sim ditongos decrescentes nasais. Falarei mais disso daqui a pouco.

4) Parece bobeira, mas não confunda, por exemplo, *pi**sc**ina* (***sc***: 1 som), *e**sc**ola* (***sc***: 2 sons). Outra informação: na antiga ortografia, os dígrafos GU e QU, que só são dígrafos se seguidos da letra E ou I, recebiam trema em algumas palavras, o que facilitava a nossa vida em palavras como ***qüi**proquó* (os *us* são pronunciados, **mesmo sem trema**: ***qui**proquó*). Hoje (com a nova ortografia), sem trema, algumas palavras podem dificultar nossa vida. Exemplo: como se pronuncia *liquidificador*? Pronunciando o U ou não? As duas formas são possíveis (qüi/qui), mas se acostume com a ausência do trema, que tanto facilitava nossa vida na pronúncia das palavras. Depois reclamavam dele! Vai deixar saudades...

5) A letra H é chamada de letra etimológica, pois se manteve do latim até o português atual. Não representa fonema algum.

6) Nunca é demais dizer que depois de M se usa P e B: *âmbar, amplexo, embromar, empréstimo etc.*

Classificação dos Fonemas

Os fonemas são de três tipos: **vogais**, **semivogais** e **consoantes**.

Vogais

São fonemas produzidos livremente, sem obstrução da passagem do ar. São mais tônicos, ou seja, têm a pronúncia mais forte que as semivogais. São o centro de toda sílaba. Podem ser **orais** (timbre aberto ou fechado) ou **nasais** (indicadas pelo ~, m, n). As vogais são A, E, I, O, U, que podem ser representadas pelas **letras** abaixo. Veja:

A: casa (oral), **cama** (nasal)
E: hélio (oral), **estrada** (oral, timbre fechado), **centro** (nasal)
I: amigo (oral), **índio** (nasal)
O: pode (oral), **olho** (oral, timbre fechado), **longe** (nasal)
U: saúde (oral), **untar** (nasal)
Y: hobby (oral)

Obs.: Os fonemas vocálicos representados pelas letras E e O são pronunciados, respectivamente, como I e U quando terminam palavra: *pente* (penti); *ovo* (ovu). No Sul do país, a pronúncia alterna. Outra informação importante: sempre que o acento agudo ou circunflexo estiver em cima de E, I, O, U, tais fonemas serão vogais; o **A** será sempre vogal!

Semivogais

Os **fonemas semivocálicos** (ou **semivogais**) têm o som de I e U (apoiados em uma vogal, na mesma sílaba). São menos tônicos (mais fracos na pronúncia) que as vogais. São representados pelas letras I, U, E, O, M, N, W, Y. Veja:

pai: note que a letra I representa uma semivogal, pois está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
mouro: note que a letra U representa uma semivogal, pois está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
mãe: note que a letra E representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
pão: note que a letra O representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
cantam: note que a letra M representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= cant**ãu**).

dancem: note que a letra M representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= danc**ẽi**).
hífen: note que a letra N representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= hífẽ**i**).
glutens: note que a letra N representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= glutẽ**i**s).
windsurf: note que a letra W representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
office boy: note que a letra Y representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.

Cuidado!!!

1) Celso Cunha, Sacconi e outros gramáticos, por exemplo, consideram a letra L uma semivogal em fim de sílaba (*sal, mal, sol, alto*...) por ter som de U. No Sul do Brasil, entretanto, mesmo nessa situação, o L tem som de L mesmo, predominantemente. Nunca vi em concurso algum tal exigência, mas... nunca se sabe... vai que...

2) Em um encontro vocálico, para saber qual fonema vocálico é vogal ou semivogal, sugiro substituir as vogais por valores de intensidade; assim: A=3, E=2, I=1, O=2, U=1. Por exemplo, em *vácuo* (u=1, o=2, logo U é semivogal e O é vogal). Saiba que o encontro vocálico ***-eo*** (*óleo*), por não se encaixar na minha sugestão, é analisado assim: semivogal (e) + vogal (o). Por fim, num encontro vocálico com I e U, o que vier após outro será, normalmente, vogal. Uma maneira de perceber isso é colocando um acento agudo **hipotético** em cima desses fonemas; Ex.: *partíu* (i, vogal; u, semivogal); *gratúito* (u, vogal; i, semivogal); *saguí* (u, semivogal; i, vogal). Esta última palavra é escrita com trema, segundo a antiga ortografia.

4) As palavras "windsurf" e "office boy", de origem estrangeira, já figuram nos dicionários de língua portuguesa do Brasil, por isso não podemos deixar de analisar as já consideradas letras do nosso alfabeto K, W e Y sob uma perspectiva fonológica. Só de curiosidade: Charles *Darwin* (*w* com som de *u*, semivogal).

Consoantes

São fonemas produzidos com interferência de um ou mais órgãos da boca (dentes, língua, lábios). Todas as demais letras do alfabeto representam, na escrita, os fonemas consonantais: B, C, D, F, G, H, J, K, L, M, N, P, Q, R, S, T, V, W (com som de V, *Wagner*), X, Z.

Sílaba

A **sílaba** é, normalmente, um grupo de fonemas centrados numa vogal. Toda sílaba é expressa numa só emissão de voz, havendo breves pausas entre cada sílaba. Isso fica mais perceptível quando pronunciamos uma palavra bem pausadamente. Por isso, intuitivamente, a melhor maneira de separar as sílabas é falar bem pausadamente a palavra. Exemplo: FO... NO... LO... GI... A. Percebeu?

Fique sabendo que a base da sílaba é a vogal e, sem ela, não há sílaba, ok? Há palavras com apenas uma vogal formando cada sílaba: *aí*, que se pronuncia a-í (duas sílabas).

Quanto ao **número** de sílabas, as palavras classificam-se em:

- **Monossílabas** (uma vogal, uma sílaba): m**ã**o.
- **Dissílabas** (duas vogais, duas sílabas): m**a**n-g**a.**
- **Trissílabas** (três vogais, três sílabas): m**a**n-gu**e**i-r**a.**
- **Polissílabas** (mais de três vogais, mais de três sílabas): m**a**n-gu**e**i-r**e**n-s**e.**

Ou quem sabe esta: pn**e**u-m**o**-**u**l-tr**a**-m**i**-cr**o**s-c**o**-p**i**-c**o**s-s**i**-l**i**-c**o**-v**u**l-c**a**-n**o**-c**o**-n**i**-**ó**-t**i**-c**o**.

Se eu ainda sei contar, são 20 vogais, logo 20 sílabas. Esta é polissílaba desde criancinha!

Quanto à **tonicidade**, há sílaba **tônica** (alta intensidade na pronúncia) e **átona** (baixa intensidade na pronúncia). Sempre há apenas uma (1) sílaba tônica por palavra, ok? Ela se encontra em uma das três sílabas finais da palavra (isto é, se a palavra apresentar três sílabas).

Bizu: se houver acento agudo ou circunflexo em uma das vogais, aí estará a sílaba tônica da palavra.

Qual seria, então, a sílaba tônica de *pneumoultramicroscopicossilicovulcanoconiótico*?

Moleza, não? Veja: *pneumoultramicroscopicossilicovulcanoconi**Ó**tico*.

Se não houver acento agudo ou circunflexo para facilitar a nossa vida, coloque um acento **hipotético** para identificar a sílaba tônica: **cás**telo, cas**té**lo ou caste**ló**? Como falamos? É claro que a sílaba tônica é a segunda: cas-**te**-lo.

Quanto à **posição** da sílaba tônica, as palavras só podem ser:

- **Oxítonas** (última sílaba tônica): con**dor.**
- **Paroxítonas** (penúltima sílaba tônica): ru**bri**ca.
- **Proparoxítonas** (antepenúltima sílaba tônica): **ín**terim.

Cuidado!!!

1) Conheça a posição da sílaba tônica de algumas palavras: *SÁbia, saBIa, sabiÁ, misTER, noBEL, ureTER, ruIM, filanTROpo, puDIco, reCORde, graTUIto, iBEro, LÊvedo, aRÍete, ZÊnite, QUÉops...*

2) Há palavras que têm dupla possibilidade de posição da sílaba tônica: *proJÉtil/projeTIL,*

RÉPtil/repTIL, XÉrox/XeROX... Note que há mudança na acentuação gráfica...

3) Só para relaxar: "A sábia não sabia que o sábio sabia que o sabiá sabia assobiar". E as sílabas tônicas?

Falaremos sobre **Prosódia** (assunto que trata, basicamente, da correta posição da sílaba tônica) com calma mais à frente. *Relax!*

Encontros Vocálicos

Como o nome sugere, é o contato entre fonemas vocálicos. Há três tipos:

Hiato

Ocorre hiato quando há o encontro de duas vogais, que acabam ficando em sílabas separadas (V – V), porque só pode haver uma vogal por sílaba.

Ex.: s**a**-**í**-da, r**a**-**i**-nha, b**a**-**ú**s, c**a**-**í**s-te, tu-cu-m**ã**-**í**, su-c**u**-**u**-ba, r**u**-**i**m, jú-n**i**-**o**r...

Cuidado!!!

1) Em palavras com a sequência V+SV+V, como *praia, meio, joio*, ocorre um falso hiato, vulgarmente falando. Isso ocorre porque ***prai-a***, por exemplo, apresenta semivogal (i) separada de vogal (a). Na realidade, o que ocorre é um fenômeno chamado **glide**, isto é, cada uma das palavras acima apresenta dois ditongos, pois a semivogal (i) se **prolonga** até a sílaba seguinte: (*pra**i-i**a, me**i-i**o*...). Nunca vi isso em prova de concurso, mas... nunca se sabe...

2) As palavras *rio, cio, mia, tia, dia* não são monossilábicas! São dissilábicas, pois apresentam hiato!

Ditongo

Existem dois tipos: crescente ou decrescente (oral ou nasal).

Crescente (SV + V, na mesma sílaba):

Ex.: magistér**io** (oral), sér**ie** (oral), várz**ea** (oral), q**uo**ta (oral), q**ua**torze (oral), enq**ua**nto (nasal), cinq**ue**nta (nasal), q**ui**nquênio (nasal)...

Decrescente (V + SV, na mesma sílaba):

Ex.: it**em** (nasal), am**am** (nasal), sêm**en** (nasal), c**ãi**bra (nasal), c**au**le (oral), **ou**ro (oral), v**ei**a (oral), fl**ui**do (oral), v**ai**dade (oral)...

Cuidado!!!

1) Os ditongos não são separados, mas os crescentes finais (-ea, -eo, -ia, -ie, -io, -oa, -ua, -ue, -uo) são vistos pela NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) e por muitos gramáticos como possíveis hiatos de palavras proparoxítonas *acidentais*, ou *eventuais*. Por exemplo: ***his-tó-ria*** (paroxítona/ditongo crescente) ou ***his-tó-ri-a*** (proparoxítona/hiato). Em concurso, é comuníssima a *primeira* análise, ou seja, ***áu-rea, plúm-beo, ca-lú-nia, sé-rie, co-lé-gio, má-goa, á-gua, tênue, tríduo***. Olho vivo!

2) Palavras terminadas em ***-am*** (verbo), ***-em*** (verbo ou não verbo), ***-en*** (nome), ***-en(s)*** (verbo ou não verbo) apresentam ditongo decrescente nasal (também chamado de ditongo

fonético). Exemplo: dança**m** (= ãu), beb**em** (= ẽi), s**em** (= ẽi), glút**en** (= ẽi), cont**é**ns (= ẽi), hif**en**s (= ẽi)... Mesmo com sufixo, o ditongo se mantém: tr**en***zinho*, vint**en***zinho*...

3) A palavra *m**ui**to* apresenta um ditongo decrescente nasal apesar da ausência de marca de nasalização. A Língua Portuguesa apresenta outras palavras assim: *El**ai**ne, and**ai**me, pl**ai**no, aç**ai**ma* (do verbo açaimar), *Ror**ai**ma* (também existe a pronúncia *Ror**á**ima*), etc.

4) Interessante é a palavra *ioiô*, que se separa em io-iô (há dois ditongos crescentes). Outras palavras podem apresentar mais de um encontro vocálico, como ***Pi-au-í*** (um hiato, um ditongo decrescente e um falso hiato). Cuidado também com as palavras *v**ai**dade* e *p**ai**sagem*, que apresentam ditongos decrescentes, e não hiatos!

Tritongo

O tritongo é a união de **SV** + **V** + **SV** na mesma sílaba; pode ser oral ou nasal.

Ex.: sag**ião** (nasal), Parag**uai** (oral), enxág**uem** (nasal), averig**uou** (oral), deság**uam** (nasal), ag**uei** (oral)...

Cuidado!!!

1) O M dos exemplos de tritongo é uma semivogal. Logo, não pense que, em *enxáguem* e *deságuam*, os encontros UEM e UAM formam ditongos crescentes nasais. São tritongos: SV+V+SV.

2) Há duas palavras perigosas: **se-quoi-a** e **ra-diou-vin-te**. Há tritongo nelas, hein!

3) Como eu já disse mais acima (em Hiato), palavras como *praia, joio, veia* não têm tritongo!

Encontros Consonantais

É a sequência de consoantes numa palavra. Existem os perfeitos (inseparáveis, pois ficam na mesma sílaba) e os imperfeitos (separáveis, pois não ficam na mesma sílaba). Geralmente, os encontros consonantais perfeitos apresentam **consoante** + **l** ou **r**.

Ex.: Flamengo (perfeito) > **Fl**a-men-go

Vasco (imperfeito) > Va**s**-**c**o

Obs.: Não confunda encontro consonantal com dígrafo consonantal! Exemplo: *campo* (o M nasaliza a vogal anterior; não é consoante, é só uma marca de nasalização; não forma encontro consonantal com P!).

Separação Silábica

Trata da adequada separação das sílabas de uma palavra. Lembre-se: toda sílaba tem de apresentar uma vogal.

Separam-se

Os **hiatos**: *va-ri-a-do*, *car-na-ú-ba*, *pa-ra-í-so*, *ru-í-na*, *cu-ri-o-so*, *ál-co-ois* (ou al-co-óis)...

Os **dígrafos** (rr, ss, sc, sç, xc, xs): *car-rei-ra*, *cas-sa-ção*, *nas-cer*, *des-ça*, *ex-ces-so*, *ex-si-car*...

Os **encontros consonantais** que não iniciam imediatamente as palavras (pç, bd, cc, cç, tn, bm, bst, bt, sp, ct, pt, sp, sc, sf, mn, br etc.): *op-ção*, *ab-di-car*, *oc-ci-pi-tal*, *fic-ção*, *ét-ni-co*, *sub-me-ter*, *abs-tra-to*, *ob-ten-ção*, *trans-por-te*, *in-tac-to*, *ap-ti-dão*, *ins-pi-rar*, *cons-pur-car*, *obs-cu-ro*, *at-mos-fe-ra*, *am-né-sia*, *ab-rup-to*...

Obs.: Quando a palavra for seguida de um conjunto de consoantes, separar-se-á a última da penúltima: *tungs-tê-nio, felds-pa-to, sols-tí-cio, pers-pi-caz*... **Cuidado**: *quart-zo, me-tem-psi-co-se*.

A **última consoante dos prefixos** (bis, dis, sub, cis, trans, super, ex, inter etc.), quando **seguida de vogal**, junta-se a ela: *bi-sa-vó*, *di-sen-te-ri-a*, *su-bem-pre-go*, *ci-sal-pi-no*, *tran-sa-tlân-ti-co*, *su-pe-res-pe-ci-al*, *e-xan-gue*, *in-te-res-ta-du-al*...

Obs.: É preciso atenção quando uma palavra PARECE ter prefixo. Exemplo: *suboficial* (a palavra *oficial* existe, logo "sub" é prefixo; assim: *su-bo-fi-ci-al*), mas *sublime* (a palavra *lime* não existe, logo "sub" pertence ao radical, não é prefixo; assim: *su-bli-me*).

Não se separam

Ditongos e tritongos: *a-rac-nói-de-o* ***(proparoxítona!)****, cau-sa, doi-do, a-fei-to, pleu-ra, bai-xa, cou-ro, gra-tui-to, men-tiu, a-guen-tar, bai-a-no, coi-o-te, fei-o-so, plêi-a-de, Cui-a-bá, boi-a-da, U-ru-guai, i-guais, en-xa-guou*...

Obs.: Muitos dicionários divergem quanto à separação do encontro vocálico **-io** no meio da palavra; analisam ora como ditongo, ora como hiato (ambas as formas estão adequadas, por falta de consenso). Exemplo: fi-s**i-o-**te-ra-pi-a (ou fi-s**io**-te-ra-pi-a).

Dígrafos (lh, nh, ch, qu, gu): *ve-lho, ba-nhei-ra, mar-cha, quei-jo, guer-ra*...

Encontros consonantais perfeitos no início de palavras, normalmente: *gno-mo, mne-mô-ni-co, pneu-má-ti-co, psi-có-lo-go, pro-ble-ma, cni-dá-rio...*

A ***última consoante dos prefixos*** (bis, dis, sub, cis, trans, super, ex, inter etc.), se seguida de consoante, não formará nova sílaba com ela: *bis-ne-to, dis-cor-dân-cia, sub-li-nhar (cai muito em prova!), cis-pla-ti-no, trans-por-tar, su-per-ho-mem, ex-car-ce-rar, in-ter-na-cio-nal...*

Cuidado!!!

A **translineação silábica** trata da separação das sílabas de uma linha para outra em um texto formal, como em uma Redação Oficial. Seguem as normas gramaticais estabelecidas para a divisão silábica em uma redação:

1) Deve-se evitar que a sílaba constituída de vogal fique isolada no fim ou no início de linha: *úmi-do*, e não ***ú***-*mido.*

2) Deve-se evitar que a translineação provoque a ocorrência de palavras chulas ou inadequadas: *apósto-lo*, e não *após-**tolo***; *dispu-ta*, e não *dis-**puta***.

O Novo Acordo Ortográfico recomenda, por clareza gráfica, quando o hífen de palavra composta, ou com prefixo, coincidir com o fim de linha, repeti-lo no início da linha seguinte:

.....A defesa pleiteou no pedido de *habeas corpus* a expedição de ***salvo--conduto*** para que o militar não fosse.....

Ortoepia e Prosódia

Ortoepia ou **Ortoépia** trata da pronúncia adequada das palavras. Já a **Prosódia** trata, basicamente, da correta acentuação tônica das palavras, ou seja, da posição adequada da sílaba tônica das palavras. Quando alguém comete um desvio de prosódia, damos a isso o nome de **silabada** – deslocamento da sílaba tônica.

Este assunto está ligado à fonologia, à ortografia e à acentuação, por isso revisite-o sempre. Não é incomum ouvirmos as pessoas dizendo *menDINgo, morTANdela, aDEvogado, PREvilégio ou RÉcorde, RÚbrica, inteRIM, gratuÍto* etc., certo? Até o mais conceituado apresentador de telejornal brasileiro diz *RÉcorde*! Preste atenção!

No entanto, sabemos que *mendigo, mortadela, advogado* e *privilégio* são as adequadas pronúncias, o que acaba influenciando a ortografia, percebe? Sabemos também que o adequado é *reCORde, ruBRIca, ÍNterim, graTUIto*. Beleza?

Nós, falantes cultos da língua, devemos nos preocupar muito em pronunciar adequadamente as palavras, sem acrescentar ou retirar partes das palavras, ou ainda deslocar a posição da sílaba tônica delas. Nossa ascensão social depende disso, seja em uma entrevista de emprego seja em uma prova de concurso. Fique ligado nisso!

Leia e releia os desvios mais clássicos:

ADEQUADO	**INADEQUADO**
Admissão	Adimissão*
Absoluto	Abissoluto
Advogado	Adevogado
Aforismo	Aforisma
Aleijar	Alejar
Aterrissagem	Aterrizagem
Adivinhar	Advinhar
Apropriado	Apropiado
Bandeja	Bandeija
Bugiganga	Buginganga
Beneficente	Beneficiente
Bebedouro	Bebedor
Bochecha	Buchecha
Boteco	Buteco
Braguilha	Barguilha
Bueiro	Boeiro
Cabeleireiro	Cabelereiro
Caranguejo	Carangueijo

Cutucar	Cotucar
Creolina	Criolina
Descarrilar	Descarrilhar
Digladiar	Degladiar
Disenteria	Desinteria
Empecilho	Impecilho
Engajamento	Enganjamento
Estourar	Estorar
Estupro	Estrupo
Esteja	Esteje
Etimologia	Etmologia
Fratricídio	Fatricídio
Freada	Freiada
Fragrância	Fragância
Frustração	Frustação
Intitular	Entitular
Lagarto	Largato
Lagartixa	Largatixa
Manteigueira	Mantegueira
Mendigo	Mendingo
Meritíssimo	Meretíssimo
Meteorologia	Meterologia
Mortadela	Mortandela
Prazerosamente	Prazeirosamente
Privilégio	Previlégio
Problema	Pobrema/Poblema
Proprietário	Propietário
Prostrar	Prostar
Reivindicar	Reinvidicar
Salsicha	Salchicha
Seja	Seje
Sobrancelha	Sombrancelha
Supetão	Sopetão
Superstição	Supertição
Tábua	Talba
Tóxico	Tóxico (ch)
Umbigo	Imbigo

Basculante	Vasculante

** Para os professores de plantão, não entrarei no mérito da epêntese e de outros fenômenos prosódicos, pois isso não cai em prova.*

Algumas pronúncias e grafias duplas registradas em dicionários e/ou no VOLP

acróbata ou *acrobata*/*aborígine* ou *aborígene/arteriosclerose* ou *aterosclerose/abóbada* ou *abóboda/assoviar* ou *assobiar/aterrissar* ou *aterrizar/boêmia* ou *boemia/infarto, infarte, enfarte* ou *enfarto/diabetes* ou *diabete/percentagem* ou *porcentagem/ambrósia* ou *ambrosia/hieróglifo* ou *hieroglifo/Oceânia* ou *Oceania/xerox* ou *xérox/zângão* ou *zangão/autopsia* ou *autópsia/biopsia* ou *biópsia/ortoepia* ou *ortoépia/projétil* ou *projetil/réptil* ou *reptil/sóror* ou *soror/homília* ou *homilia/Madagáscar* ou *Madagascar/elétrodo* ou *eletrodo/dúplex* ou *duplex (...)*

Quanto ao timbre da vogal, há muito desacordo entre os gramáticos. Tentei alistar algumas palavras em que há certo consenso, mas, cada vez que eu pesquisava mais profundamente, ficava mais desesperado. Há muuuuuita discordância! Você não tem ideia. Por isso minha lista é breve:

- **Com timbre aberto:** *ac**e**rbo, bad**e**jo, co**e**so, c**o**ldre, d**o**lo, gr**e**lha, inod**o**ro, il**e**so, l**e**so, m**o**lho* (feixe, conjunto), *ob**e**so, obsol**e**to, pil**o**ro, su**o**r*.
- **Com timbre fechado:** *ac**e**rvo, alc**o**va, alg**o**z, alg**o**zes* (pode ser com timbre aberto), *b**o**das, cr**o**sta, c**e**rda, escarav**e**lho, om**e**leta* (a pronúncia de omel**é**te é polêmica), *r**e**ses, t**o**rpe.*

O Que Cai Mais na Prova?

Se eu fosse você, estudaria a posição da sílaba tônica (proparoxítona, paroxítona, oxítona), os encontros vocálicos (hiato, ditongo, tritongo) e as separações silábicas.

Questões de Concursos

Veja agora quais bancas gostam de trabalhar questões de Fonologia. De uma coisa eu tenho certeza: a maioria das questões relacionadas à Fonologia, atualmente, não são trabalhadas pelas bancas de maior prestígio no universo dos concursos civis. Além disso, a maior parte das questões é de nível fundamental/médio.

Adaptei as questões antigas (antes de 2009) à **nova ortografia**, que agora foi adiada para 2016. Chega de papo! Vamos trabalhar!

1. (NCE/UFRJ – TRE/RJ – Auxiliar Judiciário – 2001) O item abaixo que apresenta erradamente uma separação de sílabas é:
   a) trans-o-ce-â-ni-co;
   b) cor-rup-te-la;
   c) sub-li-nhar;
   d) pneu-má-ti-co;
   e) e-co-no-mi-a.

2. (FGV – SPTRANS – Especialista em Transportes – 2001) Assinale a alternativa em que o *x* representa fonema igual ao de "exame".
   a) exceto.
   b) enxame.
   c) óxido.
   d) exequível.

3. (Vunesp – Prefeitura de São Paulo – Auxiliar de Zoonoses – 2002) Assinale a alternativa em que as sílabas de todas as palavras estão separadas corretamente.
   a) fi-ngem, no-rte, con-fu-nde.
   b) ex- pres- são, lín-gua, fo-ra.
   c) ali-men-tar, vi-vos, ga-mbá.
   d) qu-an-do, a-ta-ca-dos, i-sso.

4. (FUNDEC – TJ/MG – Oficial de Justiça – 2002) Todas as palavras a seguir apresentam o mesmo número de sílabas e são paroxítonas, **EXCETO**:
   a) gratuito;
   b) silencio;
   c) insensível;
   d) melodia.

5. (FUNDEC – TJ/MG – Oficial de Justiça – 2002) Assinale a alternativa **INCORRETA** quanto à descrição da palavra.
   a) distinguir: um encontro consonantal e dois dígrafos.
   b) cinquentão: dois encontros consonantais, um ditongo crescente e um ditongo decrescente.
   c) quiproquó: dois ditongos crescentes e um encontro consonantal.
   d) antiguidade: dois dígrafos e nenhum ditongo.

6. (FUNDEC – TJ/MG – Oficial de Justiça – 2002) Assinale a alternativa **CORRETA** quanto à divisão silábica, à ortografia e à análise da estrutura fonética da palavra em destaque.
   a) **se-ri-ís-si-mo** – vocábulo proparoxítono, com um hiato e um dígrafo.
   b) **ar-rit-mia** – vocábulo oxítono, com dois encontros consonantais e um ditongo crescente.
   c) **flu-i-dos** – vocábulo paroxítono, com um encontro consonantal e um hiato.
   d) **pre-ten-ci-o-so** – vocábulo paroxítono, com um encontro consonantal, um dígrafo e um hiato.

7. (FUMARC – BHTRANS – Assistente Administrativo – 2003) Ambas as palavras contêm exemplo de dígrafo em:
   a) questionário/recursos;
   b) perspectiva/descer;
   c) bairro/maravilhosa;
   d) passividade/telespectador.

8. (FUMARC – Câmara Municipal de Ouro Preto – Advogado – 2004) Ambas as palavras contêm exemplo de dígrafo em:
a) magma/massa;
b) nascer/exceto;
c) seccional/barro;
d) afta/minha.

9. (Cesgranrio – Assembleia Legislativa/TO – Auxiliar Legislativo (Manutenção e Conservação) – 2005) Há ERRO na separação silábica da palavra:
a) a-ver-me-lha-do;
b) pi-co-lé;
c) Ro-ra-i-ma;
d) nu-tri-ti-vo;
e) sil-ves-tre.

10. (OFFICIUM – TJ/RS – Auxiliar Judiciário – 2005) Assinale a alternativa em que os segmentos destacados representam o mesmo fonema (som).
a) desperdí**c**io – desperdi**ç**amos.
b) **j**úbilo – **g**argalo.
c) produ**ç**ão – do**s**es.
d) **r**eservamos – bu**r**ocracia.
e) e**xc**essos – **x**ampu.

11. (IPAD – COMPESA – Operador de Sistemas – 2006) Analise a divisão silábica das palavras abaixo.
1. convicção – con-vic-ção.
2. abstrato – ab-stra-to.
3. transparência – tran-spa-rên-ci-a.
4. nascimento – nas-ci-men-to.
Estão **corretas**:
a) 1, 2, 3 e 4.
b) 1 e 4, apenas.
c) 2 e 3, apenas.
d) 1, 3 e 4, apenas.
e) 2, 3 e 4, apenas.

12. (FCC – MPU – Analista de Saúde – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A gramática prescreve que o vocábulo **adjacentes** seja assim separado em sílabas: "a-dja-cen-tes".

13. (FEPESE – Prefeitura de Balneário de Camboriú – Arquiteto – 2008) Observe a frase, retirada do texto:
Entreabri os olhos e deparei com uma quantidade enorme de cascalho e areia.

Coloque dentro dos parênteses (coluna 2) o número que corresponda à classificação correta dos conjuntos destacados, de acordo com a coluna 1 (não é permitido repetir qualquer número).

Coluna 1		**Coluna 2**
1.	hiato	( ) a**br**i
2.	ditongo decrescente	( ) o**lh**os
3.	ditongo crescente	( ) q**ua**ntidade
4.	grupo consonantal	( ) depar**ei**
5.	dígrafo	( ) entr**ea**bri

Assinale agora a resposta que apresenta a sequência **correta**, de cima para baixo.
a) 1 – 4 – 3 – 2 – 5.
b) 4 – 5 – 3 – 1 – 2.
c) 4 – 5 – 3 – 2 – 1.
d) 5 – 4 – 3 – 2 – 1.
e) 5 – 4 – 2 – 3 – 1.

14. (Cespe/UnB – UEPA – Auxiliar de Laboratório – 2008) Assinale a opção em que as palavras apresentam, em sequência, ditongo / hiato / ditongo.
a) outra / comeu / coisa.

b) comeu / chorou / rainha.
c) diante / muito / teus.
d) meus / piavam / pai.

15. (Cespe/UnB – SGA – Auxiliar de Serviços Gerais – 2008) A letra **x**, em encaixar, representa o mesmo som que em asfixia, engraxar e luxo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – SEBRAE/BA – Assistente – 2008) A seguinte separação de palavras polissílabas do texto está correta: tes-tos-te-ro-na; neu-ro-lo-gis-ta; pu-dés-se-mos; sa-be-rí-a-mos.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (Cespe/UnB – CEHAP – Auxiliar de Serviços Administrativos – 2009) Assinale a opção que apresenta o vocábulo classificado **inadequadamente** quanto ao número de sílabas.
a) acredito – polissílabo.
b) comigo – trissílabo.
c) Rosinha – dissílabo.
d) eu – monossílabo.

18. (AOCP – Câmara de Paranavaí – Procurador – 2010) Assinale a alternativa correta quanto ao que se afirma a seguir.
a) Na palavra **humanos**, há 7 letras e 7 fonemas.
b) Na palavra **balança**, há 7 letras e 7 fonemas.
c) Na palavra **guerra**, há 6 letras e 4 fonemas.
d) Na palavra **campanha**, há 8 letras e 7 fonemas.
e) Na palavra **terras**, há 6 letras e 6 fonemas.

19. (AOCP – Câmara de Paranavaí – Procurador – 2010) Assinale a alternativa INCORRETA quanto ao que se afirma a seguir.
a) Na palavra **detalhamento**, há, respectivamente, um dígrafo consonantal e um dígrafo vocálico.
b) Na palavra **promessas**, há, respectivamente, um encontro consonantal e um dígrafo consonantal.
c) Na palavra **revanchismo**, há, respectivamente, um dígrafo vocálico e um dígrafo consonantal.
d) Na palavra **discussões**, há, respectivamente, um dígrafo consonantal e um dígrafo consonantal.
e) Na palavra **programa**, há, respectivamente, um encontro consonantal e um encontro consonantal.

A construção a seguir servirá de base para as questões seguintes:
"... é até um pecado acreditar que Deus, Nosso **Senhor**, lá do seu trono, no **Paraíso**, vai se preocupar em quebrar o salto do teu sapato e, por via disso, pôr fim a um caso de amor."

20. (Exames – Prefeitura de Itapororoca/PB – Procurador Jurídico – 2010) Na primeira palavra sublinhada, podemos perceber:
a) um encontro consonantal provido de sons distintos;
b) um tritongo;
c) um hiato;
d) um dígrafo;
e) um ditongo.

21. (Exames – Prefeitura de Itapororoca/PB – Procurador Jurídico – 2010) Na segunda palavra sublinhada, podemos identificar:
a) um encontro consonantal provido de sons distintos;
b) um tritongo;
c) um hiato;
d) um dígrafo;
e) um ditongo.

22. (AOCP – Prefeitura Municipal de Camaçari – Procurador Municipal – 2010) Assinale a alternativa em que todas as palavras são proparoxítonas.
a) documentos, dirigentes, pesquisadora.
b) públicas, pedagógico, física.
c) adicionais, levantamento, atividades.

d) contador, eliminados, escolas.
e) gestores, concentrassem, sistema.

23. (AOCP – Prefeitura Municipal de Camaçari – Procurador Municipal – 2010) Assinale a única alternativa que apresenta apenas um encontro vocálico.
a) relatórios.
b) violência.
c) regionais.
d) reuniões.
e) funcionários.

24. (Consulplan – Assessor Legislativo – 2010) Na palavra "barriga" há ocorrência de:
a) encontro vocálico;
b) tritongo;
c) dígrafo;
d) hiato;
e) ditongo crescente.

25. (Consulplan – Assistente Administrativo – 2010) Assinale a alternativa em que a palavra sublinhada é um ditongo oral crescente:
a) Você não contribuiu para a contaminação da água.
b) Após as chuvas, a cidade está um caos.
c) ... o processo inteiro passou por critérios de proteção ao meio ambiente.
d) ... os alimentos da estação costumam ser mais bonitos e gostosos.
e) A proteína é necessária para o organismo.

26. (Consulplan – Assistente Administrativo – 2010) Dadas as palavras com separação silábica:
1. plás–ti–co.
2. con–tri–bu–ir.
3. a–va–liar.
Está(ão) correta(s) apenas a(s) palavra(s):
a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 1 e 3.
e) 1 e 2.

27. (Consulplan – Profissional de Área Técnica (PRAT) – 2011) A palavra "horrores" apresenta:
a) ditongo;
b) dígrafo;
c) tritongo;
d) encontro vocálico;
e) hiato.

28. (Consulplan – Técnico em Informática – 2011) "Por trás de um pequeno homem talvez exista uma mulherzinha de nada." As palavras destacadas apresentam, respectivamente:
a) encontro vocálico / dígrafo / encontros vocálicos;
b) hiato / dígrafo / encontros consonantais;
c) encontro consonantal / ditongo / dígrafos;
d) tritongo / ditongo / dígrafos;
e) encontro consonantal / dígrafo / dígrafos.

29. (IPAD – SENAC/PE – Auxiliar Administrativo – 2011) O termo que se enquadra na mesma justificativa de **tênis**, quanto à tonicidade, é:
a) enfatizar;
b) acabar;
c) Natal;
d) consumismo;
e) espiritual.

30. (AOCP – CISMEPAR – Auxiliar de Serviços Gerais – 2011) Assinale a alternativa INCORRETA quanto ao número de sílabas.
a) Redução (trissílaba).
b) Acontece (polissílaba).
c) Hipertensão (polissílaba).
d) Lei (monossílaba).
e) Saúde (dissílaba).

31. (FUMARC – Prefeitura de Nova Lima/MG – Estagiário de Técnico em Administração – 2012) Considere estes grupos de palavras:
I. co – lé – gi – o; bra – si – le – i – ras; as – pe – ctos.
II. e – nig – ma; pror – ro – gar; ca – ná – rio.
III. due – lo; mi – ú – do; su – bli – nhar.
IV. in – con – tes – tá – vel; eu – ro – pei –a; i – guais.
A **correta** divisão silábica de todas as palavras pode ser observada:
a) apenas em II;
b) apenas em II e IV;
c) apenas em III e IV;
d) apenas em I e IV.

32. (FUMARC – Prefeitura de Nova Lima/MG – Engenheiro Civil – 2012) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
TEXTO I
Na escola dos meus sonhos, os professores são bem pagos e não precisam pular de colégio em colégio para se poderem manter. Pois é a escola de uma sociedade em que educação não é privilégio, mas direito universal, e o acesso a ela, graças a Deus, dever obrigatório.

TEXTO II

– No primeiro balão da tirinha observa-se a presença de hiato e encontro consonantal.
– No Texto I, as palavras “colégio” e “obrigatório” possuem ditongos decrescentes orais.

33. (CEPERJ – SEAP/RJ – Inspetor de Segurança e Administração Penitenciária – 2012) Na palavra “fazer”, notam-se 5 fonemas. O mesmo número de fonemas ocorre na palavra da seguinte alternativa:
a) tatuar.
b) quando.
c) doutor.
d) ainda.
e) além.

34. (QUADRIX – CFP – Analista Técnico (Psicologia) – 2012) Sobre a palavra “pessoa”, analise as seguintes informações:
I. Não possui dígrafos ou hiatos.
II. É uma paroxítona.
III. É trissílaba.
Está correto o que se afirma em:
a) somente I e II;
b) somente II e III;
c) somente I e III;
d) todas;
e) nenhuma.

35. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Observe:
*fr**e**-**a**r*: contém hiato
*p**ou**-co*: contém ditongo oral decrescente
Em qual alternativa a palavra **não** apresenta nenhuma das classificações acima?

a) aorta.
b) miolo.
c) vaidade.
d) quatro.

Gabarito

1. A.	8. B.	15. ERRADO.	22. B.	29. D.
2. D.	9. C.	16. CERTO.	23. A.	30. E.
3. B.	10. A.	17. C.	24. C.	31. B.
4. A.	11. B.	18. C.	25. A.	32. I- CORRETA.
5. B.	12. INCORRETO.	19. D.	26. E.	33. B.
6. A.	13. C.	20. D.	27. B.	34. B.
7. C.	14. D.	21. C.	28. E.	35. D.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página www.elsevier.com.br/agramatica_pestana">

Capítulo 2

Acentuação Gráfica

Definição

Às vezes, quando vamos escrever algumas palavras, dá uma agonia, não é? Como se escreve? Como se acentua? Qual é a sílaba tônica da "criança"? Só de pensar que existem mais de 380 mil palavras na língua portuguesa... *Aff*!

Bem, este capítulo não vai deixá-lo na mão, mas prepare-se para muita decoreba! O fato é que você terá a capacidade de acentuar adequadamente todas as palavras, ok? "Bem, mas o que é acentuação gráfica, Pest?" Não é nada complicado.

A **Acentuação Gráfica** trata da correta colocação de sinais gráficos nas palavras. Nas palavras de um conceituado gramático, "as regras de acentuação visam sistematizar a leitura dos vocábulos da língua; assim sendo, baseiam-se na posição da sílaba tônica, no timbre da vogal, nos padrões prosódicos menos comuns da língua, na compreensão dos conceitos de encontros vocálicos etc". Por isso recomendo que você releia os encontros vocálicos (Capítulo 1). Muito importante!

Para que você não erre uma questão de acentuação (que sempre cai em prova!), é preciso conhecer bem a posição da sílaba tônica das palavras. Por isso – vá por mim! –, reveja também Ortoepia e Prosódia (no Capítulo 1). E, é claro, não deixe de consultar um bom dicionário e, principalmente, o VOLP (encontrado no site da ABL, a Academia Brasileira de Letras).

Obs.: A nova ortografia, que iria entrar em vigor em 1º de janeiro de 2013, foi adiada para 2016 pelo governo federal. No entanto, como as bancas de concursos públicos vêm trabalhando as *lições* da nova ortografia em suas questões, optei por ensiná-las nas lições deste capítulo e do seguinte. Vamos ter bastante tempo agora para internalizar mais ainda as regras do Novo Acordo Ortográfico. Tomara que não decidam fazer uma "nova nova ortografia", senão a gente vai ficar maluco de tanto decorar regrinhas ortográficas.

Sinais Diacríticos

Os **sinais diacríticos**, também chamados de **notações léxicas**, servem para indicar, dentre outros aspectos, a pronúncia correta das palavras. Vejamos um por um:

– **Acento agudo**: marca a posição da sílaba tônica e o timbre aberto.
Ex.: **Já** cursei a Faculdade de Hist**ó**ria.

– **Acento circunflexo**: marca a posição da sílaba tônica e o timbre fechado.
Ex.: Meu av**ô** e meus tr**ê**s tios ainda são vivos.

– **Acento grave**: marca o fenômeno da crase.
Ex.: Sou leal **à** mulher da minha vida.

Obs.: Esses três primeiros são acentos gráficos. Os demais são sinais.

– **Til**: marca a nasalização das vogais **a** e **o**.
Ex.: Amanh**ã** convidarei muitos anci**õ**es para a reuni**ã**o.

– **Cedilha**: indica que o C tem som de SS.
Ex.: Toda a**ç**ão implica uma rea**ç**ão.

– **Apóstrofo**: indica a supressão de uma vogal.
Ex.: Devem-se limpar caixas d'água a cada 6 meses.

– **Trema**: marcava a semivocalização do ***u*** nos grupos ***gue, gui, que, qui***; na nova ortografia, só é usado em palavras estrangeiras.
Ex.: Lin**gui**ça, a**gue**nta e **quinquê**nio; Müller, mülleriano, Bündchen, Hübner, hübneriano, Schönberg...

– **Hífen**: marca a união de vocábulos, a ênclise, a mesóclise e a separação das sílabas.
Ex.: Água-de-colônia, hiper-realista, vê-lo, dar-te-ei, vai-da-de...

Algumas Considerações Importantes

– **Acento <u>prosódico</u>** (ou **tônico**) é diferente de **acento <u>gráfico</u>**. O primeiro marca a tonicidade, a força com que se pronuncia uma sílaba tônica, portanto está ligado à pronúncia, à fala. É o mesmo que "sílaba tônica". O segundo só pertence à escrita, como vimos nos exemplos do tópico anterior. Importante: enquanto a maioria das palavras da língua possuem **acento tônico**, apenas algumas apresentam **acento gráfico**.

– Vale dizer que cada vocábulo só pode receber apenas um (1) acento gráfico, que *stricto sensu* marca a posição da sílaba tônica! No entanto, bons dicionários, como Aulete e Priberam, grafam a palavra *démodé* (origem francesa) com dois acentos gráficos. Em *órfão*, o til não é considerado acento gráfico, mas tão somente marca de nasalização, portanto só há um acento gráfico mesmo. Em *Tupã*, coincidentemente, o sinal gráfico til (~) está na sílaba tônica, mas seu papel é apenas nasalizar a vogal. Não obstante, em palavras com pronomes mesoclíticos, pode haver dois acentos gráficos: *convid**á**-la-**í**amos e vend**ê**-lo-**á***, por exemplo. Segundo os filólogos, o ***-íamos** e o **-á*** são formas contraídas do verbo *haver*, que formou as desinências verbais do português. Então teríamos um acento para cada palavra (*convidar* + "haver"). Um pouquinho de história da língua nunca é demais...

– Algumas questões relacionadas à acentuação gráfica podem gerar falta de clareza, dependendo do contexto. Por exemplo, as palavras *secreta**ri**a, foto**gra**fo, ini**ci**o, histo**ri**a, nu**me**ro, **a**te, **ba**ba, ma**go**a, sa**bi**a, pu**bli**co, **a**mem, me**di**co, nego**ci**o, mu**si**ca, d**oi**do, contrib**ui**, fl**ui**do, fa**bri**ca, ana**li**se etc.* podem ter o significado e, até mesmo, a classe gramatical mudados, se forem acentuadas: *secretária, fotógrafo, início, história, número, até, babá, mágoa, sábia (sabiá), público, amém, médico, negócio, música, doído, contribuí, fluído, fábrica, análise etc.* Muitas questões de concursos podem ser criadas em cima dessas palavras, que, **sem** acento, têm uma análise fonológica, um sentido e uma classe gramatical; mas, **com** acento, têm outra análise fonológica, outro sentido e outra classe gramatical. Percebeu agora a importância dos acentos gráficos?

Exemplo de questão que trabalhou isso:

FAB – EEAr – SARGENTO – 2/2011

20. A ausência do acento gráfico pode modificar a classe gramatical de uma palavra. Em qual das alternativas há uma palavra que, se não for acentuada, deixa de ser um substantivo e passa a ser um verbo?
    a) inocência, ignorância, frequência
    b) carência, fragrância, polícia
    c) comício, fascínio, decência
    d) palácio, domínio, ciência

GABARITO: B. A forma verbal "policia" existe. É a 3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo "policiar". Veja: eu policio, tu policias, ele *policia* etc. "Polícia" é um substantivo.

– Quando uma palavra acentuada recebe sufixo ***-mente***, sufixo iniciado por ***z*** ou por qualquer outro sufixo, o acento gráfico (agudo ou circunflexo) sai da jogada e o acento prosódico (a sílaba tônica) se torna imediatamente a sílaba *seguinte*. Exemplo: he**rói** (heroi**z**inho), eco**nô**mica (economica**men**te), **Bu**da (Bu**dis**mo)... É importante dizer também que o *til* é o único sinal gráfico que não desaparece quando tais sufixos se unem à palavra: *irmãmente, orfãozinho...*

Regra de Acentuação para Monossílabas Tônicas

Acentuam-se as terminadas em ***-a(s), -e(s), -o(s)***.

Ex.: m**á**(s), tr**ás**, p**é**(s), m**ês**, s**ó**(s), p**ôs**...

Cuidado!!!

1) **Monossílabas átonas** não são acentuadas, porque não apresentam autonomia fonética e porque se apoiam em uma palavra. Geralmente apresentam modificação prosódica dos fonemas:

Ex.: "O (=U) garoto veio de (=di) carro."

São elas: **artigo** (o, a, os, as, um, uns), **pronome oblíquo átono** (o, a, os, as, lo, la, los, las, no, na, nos, nas, me, te, se, nos, vos, lhe, lhes e contrações), **pronome relativo** (que), **pronome indefinido** (que; quando não está acentuado), **preposição** (a, com, de, em, por, sem, sob e contrações, como à, do, na...), **conjunção** (e, nem, mas, ou, que, se), **advérbio** ("não"; antes do verbo) e **formas de tratamento** (dom, frei, são e seu).

2) Cuidado com o pronome indefinido/interrogativo "quê" em fim de frase ou imediatamente antes de pontuação. Vem sempre acentuado. O substantivo (assim como a interjeição) "quê" também é sempre acentuado.

Ex.: Você estava pensando em ***quê***? / Ela tem um ***quê*** de mistério. / ***Quê***! Você não viu?!

3) Quando se vai acentuar uma palavra conforme determinada regra, ignoram-se os pronomes oblíquos átonos, ou seja, eles não são contados como sílaba – sendo a palavra monossílaba ou não.

Ex.: dá-lo, vê-los, comprá-las, mantém-no, constituí-los...

Regra de Acentuação para Proparoxítonas

Todas são acentuadas. Esta regra prevalece sobre outras. Por exemplo, caso a banca diga que a palavra *friíssimo* é acentuada pela regra dos hiatos (I e U), isso estará errado, pois a palavra é proparoxítona; devido a isso, dizemos que ela é acentuada por ser proparoxítona. Parece bobo dizer tal coisa, mas, na hora da prova, o nervosismo pode atrapalhar você... e não queremos isso.

Ex.: **ál**cool, **ré**quiem, **más**cara, **zê**nite, **á**libi, **plêi**ade, **náu**frago, du**ún**viro, seri**ís**simo...

Obs.: "Deficit, superavit e habitat" devem agora ser escritas sem acento, segundo a nova ortografia, pois são latinismos invariáveis. *Além disso:* no plural, não há acréscimo de "s": o superavit, os superavit. Existe a variante aportuguesada "défice". Eita linguinha complicada!

Regra de Acentuação para Paroxítonas

Acentuam-se as terminadas em **ditongo crescente** ou **decrescente** (seguido ou não de *s*), **-ão(s)** e **-ã(s)**, **tritongo** e **qualquer outra terminação** *(l, n, um, r, ns, x, i, is, us, ps)*, **exceto** as terminadas em **-a(s), -e(s), -o(s), -em(-ens)**.

Ex.: his**tó**r**ia**, **cá**r**ies**, **jó**que**i(s)**; **ór**gã**o(s)**, **ór**fã, **í**mã**s**; **á**gua**m**, en**xá**gue**m**; **fá**ci**l**, **glú**te**n**, **fó**r**um**, ca**rá**te**r**, **pró**to**ns**, **tó**ra**x**, **jú**r**i**, **lá**pi**s**, **ví**r**us**, **fór**ce**ps**.

Cuidado!!!

1) A palavra *hífen* é acentuada por ser paroxítona terminada em **-n**. Já *hifens* não é acentuada por terminar em **-ens**. É bom dizer que palavras terminadas em **-n** têm dois tipos de plural (com **-s** ou **-es**), podendo, então, ser pluralizadas como proparoxítonas: *hífenes, pólenes, abdômenes*... Estas formas (hífen/hifens/hífenes), assim como outras terminadas em **-em** ou ***-n***, devem estar no seu sangue, hein!

2) Verbos paroxítonos terminados em ditongo **-am** também não são acentuados: *cant**am***, mex***am***...

3) Não se acentuam prefixos paroxítonos terminados em ***-r*** ou ***-i,*** exceto quando substantivados: ***hiper-*** (o *híper*), ***mini-*** (a *míni*).

4) Como vimos no capítulo de Fonologia, palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente podem ser analisadas como proparoxítonas eventuais, relativas ou acidentais. Isso já foi questão de concurso em 2012 (veja depois nas questões comentadas deste capítulo). Portanto, palavras como *paciência, miséria, colégio*, *série,* que normalmente são interpretadas como paroxítonas terminadas em ditongo crescente, podem ser tomadas como proparoxítonas. Logo, se cair na prova uma questão dizendo que tais palavras são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente ou por serem proparoxítonas (eventuais, relativas ou acidentais), não titubeie, pois está correto! Entretanto, a banca Cespe/UnB (STM – Técnico Judiciário – 2011) foi mais taxativa ao dizer que "aeroportuários" (paroxítona ou proparoxítona acidental) não segue a mesma regra de acentuação de "meteorológica" (proparoxítona). É bom saber como as bancas pensam!

Regra de Acentuação para Oxítonas

Acentuam-se as terminadas em **-a(s), -e(s), -o(s), -em(-ens)**.

Ex.: so***fá***(s), ax***é***(s)*, bon***gô***(s), vin***tém***(éns)...

Reitero: Quando se vai acentuar um verbo oxítono, ignoram-se os pronomes oblíquos átonos ligados a ele. Ex.: comprá-las, revê-lo, mantém-no... (oxítonas terminadas, respectivamente, em **-a, -e** e **-em**).

* Cuidado com "axe", pronuncia-se "akse", que significa "ferida" ou "eixo".

Regra de Acentuação para os Hiatos Tônicos (I e U)

Acentuam-se com acento agudo as vogais I e U tônicas (segunda vogal do hiato!), isoladas ou seguidas de S na mesma sílaba, quando formam hiatos.

Ex.: sa-**ú**-de, sa-**í**-da, ba-la-**ús**-tre, fa-**ís**-ca, ba-**ú**(s), a-ça-**í**(s)...

Cuidado!!!

1) As palavras *raiz* e *juiz*, erradamente acentuadas por muitos, não têm acento, porque o I no hiato tônico vem seguido de Z, e não de S: *ra-iz e ju-iz*.

2) Os hiatos em I seguidos de NH na sílaba seguinte não deverão ser acentuados: *ra-i-nha, ta-bu-i-nha, la-da-i-nha, cam-pa-i-nha*...

3) Quando há hiato I-I e U-U, não se pode acentuar (salvo os proparoxítonos): *xi-i-ta, va-di-i-ce, su-cu-u-ba*... (*i-í-di-che, ne-ces-sa-ri-ís-si-mo, du-ún-vi-ro*...)

4) Depois de ditongos decrescentes, **nas palavras oxítonas**, o I e o U são acentuados normalmente: *Pi-au-**í**, tui-ui-**ú**(s)*...

5) Segundo a nova ortografia, nas palavras **paroxítonas**, o I e o U não recebem acento depois de **ditongo decrescente**: *fei**u**ra*, *bocai**u**va*, *bai**u**ca*, *Sau**i**pe*... Todavia, se o ditongo for *crescente*, o acento é usado: *Guaí**r**a, Guaí**b**a, suaí**l**i*... (alguns dicionários separam *suaíli* assim: *su-a-í-li*).

6) Em verbos seguidos de pronomes oblíquos átonos, a regra dos hiatos continua valendo (ignore os pronomes e siga a regra): *atribu**í**-lo (a-tri-bu-Í), distribu**í**-lo (dis-tri-bu-Í)*...

Regra de Acentuação para os Ditongos Abertos

Acentuam-se os ditongos abertos ÉI, ÉU, ÓI, seguidos ou não de S.

Ex.: c**éu**, m**éis**, G**ói**s, coron**éis**, trof**éu**(s), her**ói**(s), M**éi**er, destr**ói**er, aracn**ói**deo...

Cuidado!!!

1) Segundo a nova ortografia, nas palavras **paroxítonas** com ditongos abertos, não há acento gráfico: ideia, Coreia, estreia, jiboia, paranoia, sequoia...; as únicas exceções são: *Méier* e *destróier*, pois seguem a regra das paroxítonas terminadas em **-r**.

2) *A-rac-n**ói-**de-o* é palavra proparoxítona.

3) Nunca é demais dizer que a pronúncia das palavras não mudou, só a grafia. Logo, palavras como ideia, heroico etc., mesmo sem acento, continuam com timbre aberto.

4) Só de curiosidade: a abreviação de Leonardo (Leo) não recebe acento agudo, porém o que mais vemos é o acento (Léo), não é mesmo? O fato é que nenhuma regra justifica o acento agudo nesta abreviação. O certo é **Leo**. Ponto.

Regra de Acentuação para os Hiatos EEM e OO

Não se acentuam mais os hiatos O-O e E-EM (nos verbos *crer, dar, ler, ver* e derivados).

Ex.: en-j**o-o**, v**o-o**, cr**e-em**, des-cr**e-em**, d**e-em**, re-l**e-em**, v**e-em**, pre-v**e-em**...

Regra de Acentuação para o Trema

Foi abolido na nova ortografia! Na antiga se usava nos grupos “gue, gui, que, qui”: agüei, lingüiça, cinqüenta, eqüino. Conserva-se, na nova ortografia, apenas nas palavras derivadas de nomes próprios estrangeiros que possuem esse sinal: *mülleriano* (derivado de Müller), *Bündchen, Hübner, hübneriano, Schönberg...*

Fique esperto, pois os verbos *distinguir, extinguir, adquirir, questionar* etc. já não registravam a pronúncia do U e por isso sempre foram – e ainda serão – grafados sem trema.

O que mudou foi só a GRAFIA. O som não mudou. Por exemplo, a palavra “liquidação” não será escrita mais com trema, no entanto, como antes da reforma havia a possibilidade de grafar com trema, a **pronúncia** é dupla: li**ki**dação ou li**kui**dação. Safo?

Regra de Acentuação para os Acentos Diferenciais

Os acentos diferenciais servem para marcar algumas distinções de classe gramatical, pronúncia e/ou sentido entre algumas palavras.

Não se usa mais o acento que diferenciava os seguintes pares:

1) ***Pára*** *(verbo)* ***/ para*** *(preposição):* Ele sempre ***para para*** assistir aos jogos do Flamengo.

Obs.: Na frase "Mais um engarrafamento **para** São Paulo.", há ambiguidade! Se ainda houvesse acento diferencial, não haveria ambiguidade. Fazer o quê...? "Bendita" reforma ortográfica...

2) ***Péla*** *(verbo)* ***/ pela*** *(contração da preposição per/por + a):* Ela ***pela*** as axilas só ***pela*** sexta-feira.

3) ***Pêlo*** *(substantivo)* ***/ pelo*** *(contração da preposição per/por + o):* Os ***pelos*** eriçados do gato costumam passar ***pelo*** pé do dono.

4) ***Pólo*** *(substantivo)* ***/ polo*** *(por+o (arcaísmo)* ***/ pôlo*** *(substantivo; filhote de gavião):* Os ***polos*** norte e sul são meras abstrações espaciais, por onde os ***polos*** não voam.

5) ***Pêra*** *(substantivo)* ***/ pera*** *(preposição arcaica):* ***Pera*** é uma fruta sem graça.

Cuidado!!!

1) Permanece o acento diferencial em **pôde/pode**. **Pôde** é a forma do passado do verbo **poder** (pretérito perfeito do indicativo), na 3.ª pessoa do singular. **Pode** é a forma do presente do indicativo, na 3.ª pessoa do singular.

Ex.: Ontem ele não **pôde** sair mais cedo, mas hoje ele **pode**.

2) Permanece o acento diferencial em **pôr/por**. **Pôr** é verbo. **Por** é preposição.

Ex.: Vou **pôr** o livro na estante que foi feita **por** mim.

3) Permanecem os acentos que diferenciam o singular do plural dos verbos **ter** e **vir**, assim como de seus derivados (*manter, deter, reter, conter, convir, intervir, advir* etc.).

Ele **tem** duas lanchas. / Eles **têm** duas lanchas.

Ele **vem** de Mato Grosso. / Eles **vêm** de Mato Grosso.

Ele **mantém** sua palavra. / Eles **mantêm** sua palavra.

Ele **intervém** em todas as reuniões. / Eles **intervêm** em todas as reuniões.

Por favor, tenha um cuidado muito especial com esses verbos. Questão de prova todo ano! A maldade das bancas FCC e Esaf, principalmente, é deslocar o sujeito do verbo, para que você não perceba que os verbos **vir** e **ter** estão no plural, fazendo-o errar uma questão de acentuação (ou concordância verbal).

Exemplo: “Os alunos, ainda que venham estudando muito para uma prova cuja banca mantém um nível de dificuldade mediano em suas questões, tem de colocar a humildade no coração para não desmerecer a importância do concurso.”

Essa frase está certa ou errada quanto à acentuação do verbo **ter**? Até o “Word” errou. Veja de novo:

“**Os alunos**, ainda que venham estudando muito para uma prova cuja banca mantém um nível de dificuldade mediano em suas questões, **TÊM** de colocar a humildade no coração para não desmerecer a importância do concurso.”

Percebeu a distância entre o sujeito e o verbo? É isso que o “homem da banca” vai fazer! Não se deixe enganar!

4) É facultativo o uso do acento circunflexo para diferenciar as palavras forma/fôrma, dêmos (presente do subjuntivo) e demos (pretérito perfeito do indicativo).

5) Não se usa mais o acento agudo no **u** tônico das formas (tu) arguis, (ele) argui, (eles) arguem, do presente do indicativo do verbo arguir. Isso vale para o seu composto redarguir. Não há mais o trema nas formas desses verbos, obviamente. De acordo com a antiga ortografia, a escrita era assim: argúis, argúi, argúem... Falarei mais sobre isso no capítulo Verbo.

6) Há uma variação na pronúncia dos verbos terminados em **-guar**, **-quar** e **-quir**, como aguar, averiguar, apaziguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir etc. Esses verbos admitem duas pronúncias em algumas formas do presente do indicativo, do presente do subjuntivo e também do imperativo. Veja:

a) Se forem pronunciadas com **a** ou **i** tônicos, essas formas devem ser acentuadas.

Enxaguar: enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam; enxágue, enxágues, enxáguem.

Delinquir: delínquo, delínques, delínque, delínquem; delínqua, delínquas, delínquam.

b) se forem pronunciadas com **u** tônico, essas formas deixam de ser acentuadas.

Enxaguar: enxaguo, enxaguas, enxagua, enxaguam; enxague, enxagues, enxaguem.

Delinquir: delinquo, delinques, delinque, delinquem; delinqua, delinquas, delinquam.

Atenção: No Brasil, a pronúncia mais corrente é a primeira, aquela com **a** e **i** tônicos.

Algumas Formas Variantes na Grafia e na Pronúncia

Fique atento!

acróbata ou acrobata / boêmia ou boemia / ambrósia ou ambrosia / hieróglifo ou hieroglifo / Oceânia ou Oceania / xerox ou xérox / zângão ou zangão / zênite ou zenite / autopsia ou autópsia / biopsia ou biópsia / necrópsia ou necropsia / ortoepia ou ortoépia / projétil ou projetil / réptil ou reptil / sóror ou soror / homília ou homilia / Madagáscar ou Madagascar / elétrodo ou eletrodo / anidrido ou anídrido / alópata ou alopata / transístor ou transistor / clitóris ou clítoris (...)

Obs.: Segundo o VOLP, não existe "ca**té**ter" nem "u**ré**ter", mas sim "cate**ter**" e "ure**ter**". Cuidado com a grafia e com a pronúncia!

Só de curiosidade: os nomes de pessoas (antropônimos) seguem as mesmas regras de acentuação gráfica e de ortografia. Não há diferença entre substantivo comum e substantivo próprio quanto às regras relativas à correta escrita das palavras. "Ah, mas o meu nome é Andreia, sem acento!" Parabéns! Antes da reforma ortográfica estava errado, mas agora está certo, por causa da regra dos ditongos abertos nas paroxítonas. "Ah, mas o meu nome é Fabio, sem acento!" Lamento! Está errado, pois paroxítonas terminadas em ditongo crescente são obrigatoriamente acentuadas! Deveria ser Fábio. Perdoe-me, Fábio!

Regras para o Uso do Hífen

Como já dito, o hífen (-) é um sinal gráfico usado normalmente para:

- unir elementos de palavras compostas e unir prefixos (ou falsos prefixos) a radicais (bem-te-vi e sub-humano);
- ligar verbos a pronomes (dir-me-ás);
- separar sílabas de palavras (ca-sa-men-to).

Vamos ao que interessa!

Usa-se o **hífen** nas seguintes situações:

1) Nas palavras compostas em que os elementos da composição têm acentuação tônica própria e formam uma unidade significativa, sem elementos de ligação: arco-íris, segunda-feira, mesa-redonda, guarda-costas, beija-flor, bem-te-vi, zum-zum-zum, reco-reco...

Cuidado!!!

1) **Não** se usa o hífen em certas palavras que perderam a noção de composição: girassol, madressilva, mandachuva, pontapé, paraquedas (e derivados).

2) **Não** se usa o hífen em vocábulos com elementos de ligação: azeite de dendê, lua de mel, água de coco, mula sem cabeça, pé de mesa, calcanhar de Aquiles, pé de vento, cor de burro quando foge, café com leite, pão de ló, pão de milho, pé de moleque, dia a dia, corpo a corpo, ponto e vírgula, fim de semana, cabeça de bagre, bicho de sete cabeças, leva e traz...

Exceções: água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, ao deus-dará, à queima-roupa, pé-de-meia, pé-d'água, pau-d'alho, gota-d'água, cola-de-sapateiro, pão-de-leite. Além desses, há os vocábulos que designam **espécies botânicas ou animais**: andorinha-da-serra, lebre-da-patagônia, dente-de-leão, olho-de-boi, pimenta-do-reino, cravo-da-índia, bico-de-papagio... Cuidado com cão de guarda (sem hífen)!

2) Com a partícula denotativa de designação **eis** seguida de **pronome pessoal átono**: **eis-me**, **eis-vos**, **eis-nos**, **ei-lo** (com a queda do **s**)...

3) Nos adjetivos compostos: surdo-mudo, nova-iorquino, verde-amarelo...Vale ressaltar que o hífen é obrigatório quando se unem dois vocábulos gentílicos ou pátrios: indo-europeu, luso-brasileiro, sino-americano, euro-asiático...

4) Na união de prefixos (ante, anti, arqui, auto, circum, contra, entre, extra, hiper, infra, inter, intra, semi, sobre, sub, super, supra, ultra…) e falsos prefixos (aero, foto, macro, maxi, micro, mini, neo, pan, proto, pseudo, retro, tele…): auto-hipnose, micro-ônibus e pan-negritude, por exemplo. Veja mais abaixo.

O Acordo Ortográfico de 1990 (que só foi assinado em setembro de 2008) visou

simplificar o emprego do hífen. Caso queira saber mais, consulte a Academia Brasileira de Letras: **www.academia.org.br**. Há uma parte no site que traz o derradeiro VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa). Eu me baseei principalmente nele, pois é a autoridade máxima quanto à grafia das palavras. As lições que seguem refletem a nova ortografia.

Basicamente, são **duas** as regras (chamadas de regra geral!) para emprego do hífen **com prefixos**:

- Por via de regra, quando o segundo elemento iniciar por **H**: *pré-**h**istória, super-**h**omem, mal-**h**umorado, mega-**h**omenagem...*
- Quando as letras no fim do prefixo e no início da palavra forem iguais: *ant**i-i**nflamatório (antes era sem hífen), micr**o-o**ndas (antes era sem hífen), hipe**r-r**ealismo, su**b-b**airro...*

Reitero que qualquer prefixo (ou falso prefixo) que, porventura, não for mencionado segue a regra geral, beleza?

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá. Qual é a diferença entre prefixo e falso prefixo? Poderiam justificar com alguns exemplos práticos? Muito agradecido!

Resposta: Os prefixos são partículas que se acrescentam ao início do radical de um vocábulo da língua. Ex.: contra-ataque, bilateral, reescrever, transpor. Já o falso prefixo é um radical, grego ou latino, que se coloca no início da palavra, acrescentando-lhe o seu significado. Ex.: videoarte, pseudocaule, microssistema, sociologia, micro-ondas. De nada, disponha.

Quer um conselho? Não entre na paranoia de querer decorar tudo! Vá devagar, sem pressa, assimilando aos poucos, até porque o assunto não aparece quase em prova nenhuma. Vejamos com mais profundidade agora.

Prefixo terminado em vogal

- Sem hífen diante de **vogal diferente**: autoescola, antiaéreo...
- Sem hífen diante de **consoante diferente de r e s**: anteprojeto, semicírculo...
- Sem hífen diante de **r** e **s**, dobram-se essas letras: co**rr**éu, anti**rr**acismo, contra**rr**eforma, anti**ss**ocial, ultra**ss**om, pseudo**ss**ábio...
- Com hífen diante de **mesma vogal**: contr**a-a**taque, micr**o-o**ndas, ultr**a-a**quecido, sem**i-i**nconsciência...

Prefixo terminado em consoante

- Com hífen diante de **mesma consoante**: inte**r-r**egional, su**b-b**ibliotecário...
- Sem hífen diante de **consoante diferente**: intermunicipal, supersônico...

• Sem hífen diante de **vogal**: interestadual, superinteressante...

Algumas Observações Importantes

1) Com o prefixo **sub**, além de **b**, usa-se o hífen também diante de palavra iniciada por **r**: sub-**r**egião, sub-**r**aça, sub-**r**eitor, sub-**r**eptício, sub-bairro etc. Palavras iniciadas por **h** perdem essa letra e juntam-se sem hífen: subumano (o VOLP registra sub-humano), subumanidade.

2) Com os prefixos **circum** e **pan**, usa-se o hífen diante de palavra iniciada por **m, n** e **vogal**: circum-**m**eridiano, circum-**n**avegação, pan-**a**mericano etc.

3) O prefixo ***co*** aglutina-se sempre com o segundo elemento: coobrigação, coordenar, cooperar, cooperação, cooptar, coocupante, coautor, coerdeiro, cosseno, coóspede.

4) Com os prefixos **vice**, **vizo**, **grã**, **grão**, **além**, **aquém**, **ex (anterior)**, **recém**, **sem**, **soto(a)**, **para (exceto paraquedas e derivados dele)**, usa-se sempre o hífen: vice-rei, vice-almirante, vizo-reinado, grã-duquesa, grão-mestre, além-mar (mas Alentejo, cidade de Portugal), aquém-mar, ex-aluno, recém-casado, sem-terra (mas sensabor, sem hífen), soto-pôr, sota-general, para-raios...

5) Não se usa nunca hífen com o prefixo **re**: reescrever, reescrita...

6) Com os prefixos **in-** e **des-** junto com palavras iniciadas por **h**, esta consoante "cai" e **não** se emprega hífen: inabilidade, desumano...

7) Na formação de palavras com **ab**, **ob**, **ad e sob**, usa-se o hífen diante de palavra começada por **b**, **d** ou **r**: ad-**d**igital, ad-**r**enal (ou adrenal), ob-**r**ogar, ab-**r**ogar, sob-**r**ojar...

8) Com **mal**, usa-se o hífen apenas quando a palavra seguinte começar por **vogal, h** ou **l**: mal-estar, mal-humorado, mal-limpo...; quando **mal** significa doença, usa-se o hífen se não houver elemento de ligação: mal-francês; se houver elemento de ligação, escreve-se sem o hífen: mal de lázaro, mal de sete dias. Exceção: mal-bruto. Vale ainda dizer que malcriação e má-criação são formas corretas.

9) Com **bem**, usa-se o hífen diante das vogais **a, e, i, o** e das consoantes **b, c, d, f, h, m, n, p, q, s, t, v**: bem-amado, bem-encarado, bem-intencionado, bem-ouvido, bem-bom, bem-criado, bem-ditoso, bem-falante, bem-humorado, bem-mandado, bem-nascido, bem-parado, bem-querer, bem-soante, bem-sucedido (antônimo: malsucedido), bem-talhado, bem-visto, bem-vindo... **Cuidado** com estas palavras: benfazer (o VOLP ainda registra o bem-fazer), benfeito, benfeitor, benfeitoria e benfazejo. Benquerer (o VOLP ainda registra o bem-querer), benquisto, benquerença (o VOLP ainda registra o bem-querença). Bendizer (o VOLP ainda registra bem-dizer), bendito (mas bem-ditoso, segundo o VOLP). Sublinho o "bemposta", sem hífen, segundo o VOLP.

10) Os prefixos **pós**, **pré** e **pró** (tônicos) unem-se por hífen a quaisquer palavras: pós-adolescência, pós-simbolismo, pré-vestibular, pré-simbolismo, pró-ativo (ou proativo),

pró-russo...; se a pronúncia do prefixo for átona, não há hífen: poscefálico, posfácio, pospor, prealegar, preanunciar, precondição, preconceito, predeterminar, predizer, preeminente, preestabelecer, preestipulado, preexistir, prejulgar, prenome, pré-requisito/prerrequisito (segundo o VOLP), pressupor, prever, procônsul, procriar, pronome, propor... consulte o VOLP, sempre.

11) Os vocábulos **quase** e **não**, funcionando como prefixos, dispensam o hífen: quase crime, quase posse, não conformismo, não pagamento...

12) Deve-se usar o hífen com os sufixos de origem tupi-guarani (**açu, guaçu** e **mirim**): amoré-guaçu, anajá-mirim, capim-açu.

13) Deve-se usar o hífen para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando não propriamente vocábulos, mas encadeamentos vocabulares: ponte Rio-Niterói, eixo Rio-São Paulo.

14) As palavras e expressões "tão só, tão somente, à toa" ficam **sem** hífen agora.

15) A presença ou a ausência do hífen têm implicações semânticas e morfológicas em muitas palavras: dente-de-leão, bico-de-papagaio, má-criação... Exemplo: "Já viu um **dente de leão**? É curioso... e grande." (aqui se está falando sobre o dente do animal leão, mas, se estivesse com hífen – dente-de-leão – seria uma planta, o que mudaria substancialmente o sentido da frase). Veja outro exemplo: "Sua **má-criação** (ou malcriação) não vai levá-lo a lugar algum nessa vida!" (má-criação é um substantivo composto). Agora: "A má criação das crianças pode levá-las a um desvio de conduta." (má criação é um adjetivo + um substantivo). Interessante, não?

O Que Cai Mais na Prova?

Se eu fosse você, estudaria com muita vontade todas as regras de acentuação gráfica, principalmente a dos verbos **vir** e **ter**. Não dê tanto valor à regra dos verbos terminados em **-uar** (aguar, obliquar...). Hífen é galho fraco, mas nunca se sabe... fico preocupado. Fique esperto!

Questões de Concursos

Comentarei, em algumas questões, apenas as opções relativas ao capítulo estudado. Por razões didáticas, algumas delas foram reformatadas. Adaptei as questões antigas (antes de 2009) à nova ortografia, que foi adiada para 2016.

Sempre observe o padrão de questões de uma banca! Ultimamente as bancas de maior prestígio (Cespe/UnB, Esaf e FCC) têm trabalhado acentuação gráfica em questões de redação adequada ao registro culto da língua e concordância. Fique atento! Vamos nessa?

1. (FDC – Professor de Português II – 2005) Marque a série em que o hífen está corretamente empregado nas cinco palavras:
   a) pré-nupcial, ante-diluviano, anti-Cristo, ultra-violeta, infra-vermelho.
   b) vice-almirante, ex-diretor, super-intendente, extrafino, infra-assinado.
   c) anti-alérgico, anti-rábico, ab-rupto, sub-rogar, antihigiênico.
   d) extraoficial, antessala, contrassenso, ultrarrealismo, contrarregra.
   e) co-seno, contra-cenar, sobre-comum, sub-humano, infra-mencionado.

" (...) Desde então, **vêm** se impondo, entre especialistas ou não, a **compreensão** sistêmica do ecossistema hipercomplexo em que vivemos e a **necessidade** de uma mudança nos comportamentos predatórios e irresponsáveis, individuais... (...)"

2. (Cespe/UnB – TCU – Analista de Controle Externo – 2007) A retirada do acento circunflexo na forma verbal "vêm" provoca incorreção gramatical no texto porque o sujeito a que essa forma verbal se refere tem dois núcleos: "compreensão" e "necessidade".
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

3. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2008) As palavras "líderes", "empréstimo", "Econômico" e "públicas" recebem acento gráfico com base na mesma justificativa gramatical.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

"(...) Foi graças ao acúmulo desses recursos que o Brasil pôde decretar o fim da sua dívida externa. (...)"

4. (Cespe/UnB – BB – Escriturário – 2008) O acento circunflexo em "pôde" indica que, além de a pronúncia da vogal ser fechada, como em ovo, por exemplo, o verbo está no pretérito, o que, por sua vez, indica que o fim da dívida externa foi decretado.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

5. (FCC – PGE-RJ – Técnico Superior de Procuradoria – 2009) (Adaptada) É adequado o emprego e correta a grafia de todas as palavras da frase abaixo?
   – Nenhuma distância dilui o afeto, pelo contrário: o reconhecimento da amada longeva avisinha-a de nós, fá-la mais próxima que nunca.

6. (Cesgranrio – Prefeitura de Salvador – Professor de Português – 2010) Quanto à acentuação gráfica, a relação de palavras em que todas estão conformes ao atual Acordo Ortográfico é:
   a) família – arcaico – espermatozóide – pólo;
   b) epopeia – voo – tranquilo – constrói;
   c) troféu – bilíngue – feiúra – entrevêem;
   d) decompor – agüentar – apóio – colmeia;
   e) linguística – joia – refém – assembléia.

7. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Julgue o item quanto à correção gramatical.
Todas as línguas indígenas em terras brasileiras tem menos de 40 mil falantes, sendo que a mais forte, a tikúna, falada no alto Solimões, apenas, ultrapassa os 30 mil. O aspecto mais grave é que muitas dessas línguas contam com menos de 1 mil falantes.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

8. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
   – Os consumidores pagam juros maiores porque obtém crédito com prazos maiores e prestações menores. Alguns fatos recentes estão contribuindo para um aumento da demanda, assim como, das pressões inflacionárias.

9. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
   – Cumpre associar o indivíduo ao poder industrial, ou seja o trabalhador ao processo de autoridade, inobstante excluir alguém de uma parcela do poder é forçosamente exclui-lo dos benefícios deste poder.

10. (Esaf – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) As frases abaixo estão corretas ou incorretas quanto à acentuação?
   – Constroe-se o espaço social de tal modo que os agentes ou grupos são aí distribuídos em razão de sua posição nas distribuições estatísticas de acordo com os dois princípios de diferenciação que, em sociedades mais desenvolvidas, são sem dúvida, os mais eficientes: o capital econômico e o capital cultural.
   – Na perspectiva em que se considere o peso relativo do capital econômico e do capital cultural no patrimonio dos agentes sociais, os professores – relativamente mais ricos em capital cultural que em capital econômico –, estão em oposição, nitidamente, aos empresários – relativamente mais ricos em capital econômico que em capital cultural.

11. (FCC – Casa Civil/SP – Executivo Público – 2010) (Adaptada) As frases abaixo estão corretas ou incorretas quanto à acentuação?
   – O espaço era exiguo, à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear a simpatia do padre inflingindo-lhe pratos que excitavam sua gula.
   – Tal era sua ogeriza pela política que se excedia em palavras e tons assim que algum desavisado puxava o assunto tabu, sem intenção alguma de ferí-lo.

12. (FCC – TRE/RS – Técnico Judiciário – 2010) (adaptada) As frases abaixo estão corretas ou incorretas quanto à acentuação?
   – É o caso de se por em discussão se ele realmente crê na veracidade dos dados.
   – Enquanto construimos esta ala, eles constroem a reservada aos aparelhos de rejuvenecimento.

13. (FUNIVERSA – CEB – Advogado – 2010) Assinale a alternativa em que todas as palavras são acentuadas pela mesma razão.
   a) “Brasília”, “prêmios”, “vitória”.
   b) “elétrica”, “hidráulica”, “responsáveis”.
   c) “sérios”, “potência”, “após”.
   d) “Goiás”, “já”, “vários”.
   e) “solidária”, “área”, “após”.

14. (FCC – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2011) Entre as frases que seguem, a única correta é:
   a) Ele se esqueceu de que?
   b) Era tão ruím aquele texto, que não deu para distribui-lo entre os presentes.
   c) Embora devessemos, não fomos excessivos nas críticas.
   d) O juíz nunca negou-se a atender às reivindicações dos funcionários.
   e) Não sei por que ele mereceria minha consideração.

15. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Administração e Controle Jr. – 2011) A frase em que ocorre ERRO quanto à acentuação gráfica é:
   a) Eles têm confiança no colega da equipe.
   b) Visitou as ruínas do Coliseu em Roma.
   c) O seu sustento provém da aposentadoria.
   d) Descoberta a verdade, ele ficou em maus lençóis.
   e) Alguns ítens do edital foram retificados.

16. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico de Contabilidade Jr. – 2011) Considere a frase abaixo.

O chefe de vários departamentos identifica a mudança no cenário da informática.

A palavra **identifica** pode ser substituída, mantendo o sentido da sentença, pelo verbo **ver**, flexionado de acordo com a norma-padrão, por:
   a) vêm;
   b) veem;
   c) vem;
   d) vê;
   e) viram.

17. (Cespe/UnB – EBC – Advocacia – 2011) Levando-se em consideração o que está previsto na ortografia oficial vigente, é correto afirmar que: o vocábulo "têxtil", que segue o padrão de flexão do vocábulo **pênsil**, é acentuado também na forma plural; "obsolescência" é vocábulo que segue o padrão do vocábulo **ciência**, no que se refere ao emprego de sinal de acentuação; a acentuação gráfica do vocábulo "déspotas" também é empregada quando o vocábulo é grafado na forma singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – Correios – Cargos de Nível Superior – 2011) As palavras "ônibus" e "invioláveis" são acentuadas de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário – 2011) Os vocábulos "analítica" e "teríamos" recebem acento gráfico com base na mesma regra de acentuação.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/ UnB – TJ/ES – Cargos de nível superior – 2011) Os vocábulos "países" e "áreas" são acentuados de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – PC/ES – Delegado de Polícia – 2011) Os vocábulos "público" e "caótico", que foram empregados no texto como adjetivos, obedecem à mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – PC/ES – Escrivão de Polícia – 2011) Os vocábulos "espécies", "difíceis" e "históricas" são acentuados de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – AFAU (Transportes) – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– As palavras "ninguém", "pé" e "você" são acentuadas pela mesma razão.

24. (FUNIVERSA – SEPLAG-DF – AFAU (Controle Ambiental) – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– As palavras "ponderará", "informática" e "possuía" são acentuadas pela mesma razão.

25. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Português – 2011) Conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, que só entrará plenamente em vigor a partir de 1º de janeiro de 2013, o hífen **NÃO** deve ser utilizado em:
a) formas compostas que designam espécies botânicas e zoológicas, estejam ou não ligadas por preposição ou qualquer outro elemento;
b) palavras formadas com o acréscimo de prefixos como **anti-**, **sub-**, em que o segundo elemento começa por **h**;
c) palavras formadas por prefixo que termina na mesma vogal em que se inicia o segundo elemento;
d) palavras formadas por prefixo terminado em vogal quando o 2º elemento começa por **r** ou **s**;
e) topônimos iniciados pelos adjetivos **grã**, **grão**.

26. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Português – 2011) Segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, "Não se acentuam graficamente os ditongos representados por **ei** e **oi** da sílaba tônica das palavras paroxítonas, dado que existe oscilação em muitos casos entre o fechamento e a abertura na sua articulação.".

Segundo essa regra, portanto, as palavras que eram acentuadas por terem o ditongo aberto **ei** ou **oi** não o são mais. São exemplos dessa mudança as palavras:
a) assembleia, aldeia, proteico;
b) cadeia, paranoico, introito;
c) heroi, boina, epopeico;
d) heroico, onomatopeico, plateia;
e) jiboia, comboio, papeis.

27. (FMP – Prefeitura de Porto Alegre/RS – Agente Fiscal da Receita – 2012) Analise a afirmativa abaixo.
– O substantivo PACIÊNCIA é acentuado por ser uma paroxítona terminada em ditongo crescente ou por ser uma proparoxítona eventual ou relativa.
Está correta?

28. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário (Analista de Sistemas) – 2012) Assinale a palavra que NÃO tenha sido acentuada pelo mesmo motivo que as demais.
a) substituído.
b) polícia.
c) jurisprudência.
d) saqueável.

29. (Funcab – MPE/RO – Analista (Administração) – 2012) Assinale a alternativa em que todos os substantivos devem ser acentuados.
a) lapis – bonus – bainha.
b) serie – aspecto – torax.
c) alcool – moinho – sucuri.
d) urubu – egoismo – magoa.
e) armazem– orgão – carater.

30. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
– Quando entrevisto candidatos, sempre os argúo acerca de sua descrição quanto a assuntos profissionais, pois esse é um dos quesitos avaliados no processo de ascenção na empresa.

31. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira (ADM) – 2012) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
– Ele é que mantem o arquivo em ordem, como se fosse um sentinela sempre alerta.

32. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira (ADM) – 2012) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
– Eram vários e bastante distintos os estudos acerca dessas produções populares, uma das quais, nas últimas semanas, vêm merecendo elogios e indicação para publicação.

33. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) Consideradas as prescrições do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, em vigor desde janeiro de 2009, a palavra em que o hífen foi empregado de modo INCORRETO é:
a) anti-higiênico;
b) hiper-realista;
c) aquém-fronteiras;
d) bem-visto;
e) anti-semita.

34. (Cespe/UnB – Ancine – Técnico Administrativo – 2012) Os vocábulos “indivíduo”, “diária” e “paciência” recebem acento gráfico com base na mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

35. (Cespe/UnB – MPE/PI – Cargos de Nível Superior – 2012) De acordo com a ortografia oficial vigente, o vocábulo “órgãos” segue a mesma regra de acentuação que o vocábulo “últimos”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

36. (Cespe/UnB – MPE/PI – Cargos de Nível Médio – 2012) Os verbos “comunicar”, “ensinar” e “comandar”, quando complementados pelo pronome **a,** acentuam-se da mesma forma que “constatá-las”, “designá-las” e “elevá-las”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cesgranrio – Liquigás – Profissional Jr. – 2012) De acordo com as regras de acentuação, o grupo de palavras que foi acentuado pela mesma razão é:
a) céu, já, troféu, baú;

b) herói, já, paraíso, pôde;
c) jóquei, oásis, saúde, têm;
d) baía, cafeína, exército, saúde;
e) amiúde, cafeína, graúdo, sanduíche.

38. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) Segundo os preceitos da gramática normativa do português do Brasil, a única palavra dentre as citadas abaixo que NÃO deve ser pronunciada com o acento tônico recaindo em posição idêntica àquela em que recai na palavra **avaro** é:
a) mister;
b) filantropo;
c) gratuito;
d) maquinaria;
e) ibero.

39. (Cesgranrio – CMB – Assistente Técnico Administrativo – 2012) Algumas palavras são acentuadas com o objetivo exclusivo de distingui-las de outras. Uma palavra acentuada com esse objetivo é a seguinte:
a) pôr.
b) ilhéu.
c) sábio.
d) também.
e) lâmpada.

40. (CEPERJ – Procon/RJ – Advogado – 2012) A palavra do texto que teve sua grafia alterada pelo mais recente acordo ortográfico é:
a) mídias.
b) álcool.
c) trás.
d) estresse.
e) ideia.

41. (IBFC – Câmara de Franca/SP – Técnico em Informática – 2012) Assinale a alternativa em que a palavra deve ser obrigatoriamente acentuada.
a) Angustia.
b) Critica.
c) Analise.
d) Escritorio.

Gabarito

1. D.	9. INCORRETO.	17. CERTO.	25. D.	33. E.
2. E.	10. INCORRETAS.	18. ERRADO.	26. D.	34. CERTO.
3. CERTO.	11. INCORRETAS.	19. CERTO.	27. CORRETO.	35. ERRADO.
4. CERTO.	12. INCORRETAS.	20. ERRADO.	28. A.	36. CERTO.
5. INCORRETO.	13. A.	21. CERTO.	29. E.	37. E.
6. B.	14. E.	22. ERRADO.	30. INCORRETO.	38. A.
7. ERRADO.	15. E.	23. INCORRETO.	31. INCORRETO.	39. A.
8. INCORRETO.	16. D.	24. INCORRETO.	32. INCORRETO.	40. E.
				41. D.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 3

Ortografia

Definição

Ao longo da história *moderna* da Língua Portuguesa (de 1911 para cá), houve muitas tentativas de reformulação da **ortografia – conjunto de regras destinadas a orientar a escrita culta (correta)**. Semiparafraseando o acordo ortográfico vigente, "o emprego correto das letras e das consoantes para a formação de uma palavra regula-se fundamentalmente pela etimologia e por particularidades da história das palavras. Assim se estabelecem variadíssimas grafias". As palavras são escritas desta ou daquela forma, levando-se em conta sua origem e algumas arbitrariedades. Brasileiros e portugueses "brigaram" muito para fazer valer sua ortografia. Mas isso é fofoca! Enfim... em 2009, houve mais uma reforma (parece que dessa vez o *negócio* foi sério...). Pegaram um Acordo Ortográfico já pronto desde 1990 e validaram o "garoto". No entanto, **o que entraria em vigor em 1º de janeiro de 2013 foi adiado pelo governo federal para 2016**. Vamos esperar para ver...

Gosto muito deste material da PUC/RS (se quiser, jogue no seu navegador este endereço e leia!):

http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/graduacao/article/viewFile/6690/4850

Falando sério agora: a intenção do Acordo é dar unidade intercontinental ao português, melhorando seu prestígio. Em resumo, o objetivo da reforma ortográfica é unificar, em tese, a escrita nos países que falam Português (Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Timor Leste (de tabela), Brasil e Portugal). Espero não ter esquecido ninguém. Bem, minha finalidade aqui é ajudar você a dirimir suas dúvidas para "matar" uma questão na prova, certo? Então chega de conversa fiada e vamos ao que interessa.

O aprendizado da Ortografia Oficial está ao seu alcance. Fique tranquilo. Como os concursos já estão adotando a nova ortografia em seus textos (e em algumas questões), prepare-se para aprender a **nova reforma ortográfica**. Venho escrevendo de acordo com ela há um tempo (espero que você faça igual, pois não podemos errar de bobeira uma questão de ortografia!). Se o *Word* não me "passar a perna", todas as palavras desta gramática estarão de acordo com a nova reforma. E, se quiser saber o assunto na íntegra, consulte a melhor fonte possível no assunto, a Academia Brasileira de Letras: **www.academia.org.br.** Lá estão o Documento Oficial (Ortografia Oficial) e o VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa). Neles você encontrará as derradeiras respostas a suas dúvidas ortográficas.

Obs.: Antes de começar a brincadeira séria, preciso falar algo importantíssimo: infelizmente as bancas de concurso nem sempre se apegam às palavras que se encaixam nas regras ortográficas contempladas pelas gramáticas normativas e manuais de redação oficiais. Isso porque nem todas as palavras da língua seguem tais regras. Não se desespere! As

regras abrangem apenas uma parte do vocabulário; existem exceções, é óbvio (quando não há?). Não se assuste! Só de curiosidade: existem mais de 380.000 palavras no estágio atual da língua portuguesa. As bancas, quando trabalham questões de ortografia, querem saber se você tem, além de conhecimento das regras ortográficas, boa memória visual. Cá entre nós, o mais interessante é que muitas palavras se repetem em questões de ortografia. Portanto, aqui vai uma recomendação: leia, leia, leia bastante, inclusive as questões de ortografia do seu concurso, antes de fazer a prova, pois você vai, provavelmente, esbarrar com uma questão de ortografia já conhecida. Siga as dicas!

O Alfabeto

Com **26 letras** agora, o alfabeto completo passa a ser:

Aa	**Hh**	**Oo**	**Vv**
Bb	**Ii**	**Pp**	**Ww**
Cc	**Jj**	**Qq**	**Xx**
Dd	**Kk**	**Rr**	**Yy**
Ee	**Ll**	**Ss**	**Zz**
Ff	**Mm**	**Tt**	
Gg	**Nn**	**Uu**	

As letras **k** (consoante), **w** (consoante ou semivogal) e **y** (vogal ou semivogal) são usadas em várias situações. Por exemplo:

- Na escrita de siglas e símbolos de unidades de medida de valor internacional: ***km (quilômetro), kg (quilograma), w (watt), kw (kilowatt)...***
- Na escrita de palavras estrangeiras (e seus derivados): ***quaker, show, playboy, playground, windsurf, kung fu, yin, yang, skate, kaiser, kafkiano, darwinismo...***
- Em antropônimos estrangeiros (nomes de pessoas) e topônimos estrangeiros (nomes de lugares) e derivados: ***Washington, Darwin (darwinismo), Kafka, Kant, Byron (byroniano), Kwanza, Kuwait, (kuwaitiano), Malawi (malawiano)...***

***Obs**.: A palavra Maláui (malauiano) já se encontra aportuguesada.*

Vejamos agora, sem mais *enrolações*, algumas regras ortográficas. Leia com calma, relaxadamente. **Sempre consulte um bom dicionário e leia muito!** Sua memória visual no dia da prova será mais importante do que a memorização de regras. No entanto não custa nada consultar as famigeradas regrinhas. Afinal, quantas vezes na vida ficaremos em dúvida se devemos escrever com E ou I, O ou U, C ou Ç, G ou J, H ou sem H, S ou Z, SS ou SC, X ou CH? Leia com calma as regras. E faça exercícios sobre o assunto, para fixar!

Então, vamos!

Emprego da Letra E

– Em formas dos verbos terminados em **-air** (3ª pessoa do plural do presente do indicativo), **-oar** (presente do subjuntivo), **-uar** (presente do subjuntivo) e **-uir** (3ª pessoa do plural do presente do indicativo): **caem, perdoem, continue, possuem...**

– Na 2ª e na 3ª pessoa do singular e na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos terminados em **-ir**, como **partir: partes, parte, partem...**

– Em ditongos nasais **-ãe(s)** e **-õe(s): aldeães, capitães, mãe, vilões, apõem, pospõe...**

– Em palavras com o prefixo ***ante-***, que indica anterioridade: **antebraço, antevéspera, antediluviano, antegozo, antessala...**

Obs.: Não confunda esse prefixo com seu semelhante (***anti-***, que indica contrariedade).

– Em palavras com o prefixo ***des-***, que indica ação contrária, valor contrário, negação, separação, mudança de estado, intensificação: **despentear, desfavorável, desleal, desmembrar, desfigurar, desinfeliz...**

Obs.: Muitas vezes, o prefixo **dis-** tem o mesmo sentido que o **des-**, portanto cuidado para não trocar as bolas. Veja algumas palavras com DIS-: dissidência, dissolver, difícil (às vezes o -s não aparece), dissimular, distenso, dislexia, dissimetria...

– Em substantivos terminados em **-dade** formados de adjetivos terminados em **-io**: **sério > seriedade; contrário > contrariedade; arbitrário > arbitrariedade; próprio > propriedade; solidário > solidariedade...**

– Conheça algumas palavras, escritas com **E**, que podem gerar dúvidas: *acareação*, *arrear* (pôr arreios ou ornamentar), *arrepiar*, *beneficência*, *carestia*, *cadeado*, *candeeiro*, *cemitério*, *corpóreo*, *creolina*, *cumeeira*, *desenfreado*, *desfrutar*, *descrição* (ato de descrever), *deferir* (ceder, aprovar), *delatar* (denunciar), *descriminação* (absolvição), *despensa* (onde se guardam mantimentos), *destrato* (desacato), *destilar*, *disenteria*, *empecilho*, *efetue*, *emergir* (vir à tona), *emigrar* (sair do país), *eminência* (elevação), *empestear* (empesteado), *entronizar*, encarnação, *enfarte* (enfarto, infarto ou infarte) *estrear*, *granjear*, *indígena*, *irrequieto*, *lacrimogêneo*, *mexerico*, *mimeógrafo*, *orquídea*, *páreo*, *parêntese* (ou parêntesis), *peão* (peça de xadrez e vaqueiro), *prazerosamente*, *quepe*, *senão*, *sequer*, *seringa*, *umedecer*, *vadear* (transpor rio), *veado* (animal ou homossexual – neste caso usado pejorativamente)...

Emprego da Letra I

– Na segunda e na terceira pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos terminados em **-air**, **-oer** e **-uir**: **atrais, atrai, corróis, corrói, possuis, possui...**

– Nos adjetivos e substantivos derivados em que entram os sufixos **-iano** e **-iense** antes da sílaba tônica: **Acre > acriano; Açores > açoriano/açoriense; Rosa (Guimarães Rosa) > Rosiano; Machado (Machado de Assis) > machadiano.** No entanto, na terminação de algumas palavras terminadas em **-e (tônico)** ou **-eu/-ei (tônicos)**, colocamos apenas o sufixo **-ano** ou **-ense**: **Daomé > daomeano; Guiné > guineense; Galileu > galileano; Coreia > coreano...**

– Em palavras iniciadas pelo prefixo **anti-**: **antídoto, anticristo, antipatia, antiabortivo, antiofídico, anti-infeccioso, antissepsia, antirrábico...**

– Em palavras terminadas em **-eo**, substitui-se a letra **O** por **I** antes do sufixo **-dade**: **espontâneo > espontaneidade; contemporâneo > contemporaneidade; momentâneo > momentaneidade; instantâneo > instantaneidade; idôneo > idoneidade...**

– O verbo viger é peculiar (cuidado com ele!) e os terminados em **-er**, na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo e em todas as formas do pretérito imperfeito do indicativo, recebem a vogal **I** no lugar da vogal **E**: **Eu vigi; Eu vigia, Tu vigias, Ele vigia, Nós vigíamos, Vós vigíeis, Eles vigiam....**

Obs.: Nas demais formas, a letra E se mantém: Tu vigeste, Ele vigeu, Nós vigemos, Vós vigestes, Eles vigeram (pretérito perfeito do indicativo).

– Conheça algumas palavras, escritas com **I**, que podem gerar dúvidas: *aborígine* (ou aborígene), *alumiar*, *aleijar*, *aleijado* (!), *arriar* (abaixar), *artifício*, *artimanha*, *calidoscópio* (ou caleidoscópio), *chilique*, *corrimão*, *crânio*, *crioulo*, *diferir* (diferenciar, discordar), *dilatar* (aumentar, inchar) *digladiar*, *displicência*, *displicente*, *dispensa* (de dispensar), *distrato* (desfazer um trato), *discricionário* (arbitrário, irrestrito), *erisipela*, *escárnio*, *feminino*, *frontispício*, *idiossincrasia*, *inclinação*, *incinerar*, *infestar*, *inigualável*, *invólucro*, *impigem* (ou impingem), *intemperança*, *imbróglio*, *lampião*, *meritíssimo*, *miscigenação*, *pátio*, *penicilina*, *pontiagudo*, *privilégio*, *pinicar*, *requisito*, *silvícola*, *terebintina*, *vadiar* (vagabundear)...

Recomendo que você perceba, no próximo capítulo (Semântica), a diferença de escrita em palavras muito semelhantes na grafia. Não deixe de ler a parte de Parônimos e Fatos da Língua Culta! Vá por mim! Você vai perceber que palavras escritas com **E** ou com **I**, apesar de semelhantes na grafia e na pronúncia, têm sentidos bem diferentes.

Emprego da Letra O

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *abolir*, *agrícola*, *abotoar*, *aroeira*, *assoar* (expelir secreção nasal), *boate*, *boeiro* (ave), *bobina*, *bolacha*, *boletim*, *botequim*, *boteco*, *bússola*, *chacoalhar*, *cochicho*, *comprimento* (extensão), *capoeira*, *chover*, *costume*, *coringa* (pessoa enfezada e feia), *encobrir*, *engolir*, *êmbolo*, *focinho*, *fosquinha*, *goela*, *lombriga*, *mágoa*, *magoar*, *mocambo*, *molambo*, *moela*, *moleque*, *mosquito*, *névoa*, *nódoa*, *óbolo*, *poleiro*, *polenta*, *polia*, *polir*, *ratoeira*, *rebotalho*, *Romênia*, *romeno*, *sortir* (abastecer; já vi muito na prova da FCC), *sortido* (variado), *sotaque*, *toalete*, *tostão*, *tribo*, *vinícola*, *vultoso* (volumoso), *zoar*...

Emprego da Letra U

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *assuar* (vaiar), *acudir*, *bugalho*, *bueiro* (buraco), *buliçoso*, *bulir*, *bulinando*, *burburinho*, *camundongo*, *chuviscar*, *chuvisco*, *cumbuca*, *cumprimentar*, *cumprimento* (saudação), *cúpula*, *curtume*, *curinga* (carta de baralho), *Curitiba* (cidade), *cutia* (animal), *curtume*, *cutucar*, *embutir*, *entupir*, *estripulia*, *esbugalhar*, *fuçar*, *íngua*, *jabuti*, *jabuticaba* (segundo o VOLP), *lóbulo*, *muamba*, *mutuca*, *mucamba* (mucama), *mulato*, *murmurinho*, *rebuliço*, *sinusite*, *tábua*, *tabuada*, *tabuleiro*, *trégua*, *tulipa*, *úmido*, *umidade* (e não húmido, humidade), *urtiga*, *usufruto*, *virulento*, *vultuoso* (congestão facial)...

Novamente recomendo que você consulte os parônimos (capítulo 4) que podem confundir sua cabeça. Você vai perceber que palavras escritas com **O** ou com **U**, apesar de semelhantes na grafia e na pronúncia, têm sentidos bem diferentes.

Emprego da Letra C

O **C**, seguido de **E** e **I**, tem som de **Ç** ou **SS**. Normalmente as pessoas confundem a grafia de palavras escritas com **C, Ç** ou **SS**. Isso pode atrapalhar sua vida na hora de grafar uma palavra, ou melhor... podia:

– Em vocábulos de origem indígena, africana ou árabe: **cipó, cacimba, Piracicaba, piracema, Araci, cacique, alface, acicate, acéquia, ceifa, cetim...**

– Em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-te/-to**: **marte > marcial, marciano; torto > torcer...**

– Depois de ditongos: **foice, fauce, coice, beicinho (de beiço), loucinha (de louça), boucelo...**

– Com as terminações **-ecer** e **-encer**: **empalidecer, entardecer, amanhecer, convencer, pertencer, vencer...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *acender* (iluminar), *acento* (sinal gráfico), *acelga*, *acervo*, *acepção*, *acessório*, *acetinado*, *arvorecer*, *cedilha*, *ceia*, *cela* (quarto), *celibato*, *celofane*, *censo* (contagem), *cerração* (nevoeiro), *certame* (ou certâmen), *cerzir*, *chacina*, *cirrose*, *cismar*, *concertar* (harmonizar), *concerto* (música), *cenáculo*, *cenário*, *censura*, *disfarce*, *displicência*, *displicente*, *empobrecer*, *focinho*, *intercessão*, *maledicência*, *maciço*, *mencionar*, *necessário*, *ócio*, *pacífico*, *quociente*, *rocio*, *saciar*, *saciação*, *taciturno*, *vacilo*, *vício*...

Emprego do Ç

Antes de mais nada, não se usa **Ç** (cê-cedilha ou cê-cedilhado) antes de **E** e **I**, mas sim de **A, O** e **U**. Guarde isso em sua cabecinha para não chorar depois!

– Em palavras de origem indígena, africana, árabe, italiana, francesa e exótica: **cachaça, açaí, açucena, açúcar, muçarela (ou mozarela), Juçara, Moçambique, maçom, miçanga, muçum...** Incluem-se nesta regra os sufixos **-guaçu**, **-açu**: **Paraguaçu, capim-açu...**

– Em palavras com **to** no radical: **ação (de ato), atenção (de atento), isenção (de isento), intenção (de intento), direção (de direto), exceção (de exceto), correção (de correto)...**

– Em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-tar/-tor** (principalmente!): **adoção (de adotar), infração (de infrator), tração (de trator), redação (de redator), seção (de setor), deserção (de desertor), produção (de produtor), redução (de redutor)...**

– Em substantivos e adjetivos advindos do verbo **ter** (e derivados): **detenção (de deter), retenção (de reter), contenção (de conter), abstenção (de abster)...**

– Em sufixos **-aça**, **-aço**, **-ção**, **-çar**, **-iça**, **-iço**, **-nça**, **-uça**, **-uço**: **barcaça, ricaço, armação, aguçar, carniça, sumiço, fiança, convalescença, dentuça, dentuço...** Fique atento a palavras derivadas de verbos dos quais se retira a desinência **r** e coloca-se o sufixo **ção: reeducação (de reeducar), importação (de importar), repartição (repartir), partição (de partir), fundição (de fundir)...**

– Em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-tivo: introspecção (de introspectivo), relação (de relativo), ação (de ativo), intuição (de intuitivo)...**

– Após **ditongos**: **feição, louça, eleição, traição, caiçara, precaução, arcabouço...**

– Conheça algumas palavras escritas com **Ç**: (à) *beça*, *absorção*, *acaçapar*, *açafrão*, *acepção*, *açucena*, *açude*, *assunção*, *adereço*, *alçapão*, *alicerçar*, *arruaça*, *asserção*, *babaçu*, *bagaço*, *boçal*, *buço*, *chumaço*, *cabaça*, *caçar*, *caçarola*, *calça*, *cansaço*, *carniça*, *coleção*, *descrição*, *eriçado*, *erupção*, *encaçapar*, *exibição*, *extinção*, *exceção*, *fuçar*, *guçar*, *hortaliça*, *içar*, *joça*, *laço*, *Moçambique*, *Moçoró*, *mormaço*, *maçaneta*, *maniçoba*, *muçarela* (!), *noviço*, *ouriço*, *pança*, *palhoça*, *pinça*, *quiçá*, *rechaçar*, *regaço*, *ruço* (pardacento, grisalho, surrado), *sanção* (ato de sancionar), *sumiço*, *superstição*, *soçobrar*, *tição*, *terça*, *terço*, *trançar*, *troça*, *troço*, *unção*, *viço*, *vidraça*, *vizinhança*...

Emprego da Letra G

A letra **G**, diante de **E** e **I**, se confunde com a letra **J** às vezes. Cuidado para não escrever uma em vez de outra. Usamos a letra **G**:

– Em palavras de origem estrangeira: **álgebra, ginete, algema, agiota, herege, sargento, ágio, doge, gengibre, geleia, gim...**

– Em palavras terminadas em **-agem**, **-igem**, **-ugem**; **-ege**, **-oge**; **-ágio**, **-égio**, **-ígio**, **-ógio**, **-úgio**: **malandragem, garagem, fuligem, vertigem, ferrugem, penugem; herege, bege, paragoge, doge; naufrágio, adágio, egrégio, colégio, vestígio, prodígio, relógio, martirológio, refúgio, subterfúgio...**

Exceções: laje (ou lagem), paje (ou pajem), lambujem. Cuidado com a palavra via**g**em (substantivo: Fizeste boa viagem?) e via**j**em (verbo: Talvez eles viajem hoje.).

– Em verbos terminados em **-ger** e **-gir**: **eleger, reger, proteger, correger, fingir, fugir, frigir, impingir, submergir, aspergir, corrigir...**

– Nos vocábulos gerir, gestão e derivados: **digerir, digestivo, ingestão, sugerir, sugestão, sugestivo...**

– Em palavras iniciadas por **A**: **agente, agência, agendar, agérrimo, ágil, agir, agitar, ágio...**

Exceções (verbos formados de substantivos que já apresentam J no radical): ajeirar (de jeira), ajeitar (de jeito), ajesuitar (de jesuíta), ajirauzado (de jirau)...

– Em palavras derivadas de outras que já apresentam **G**: **afugentar (de fugir), rigidez (de rígido), gelado (de gelo), impingem (de impingir), rabugento, rabugice (de rabugem), tingido (de tingir)...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *aborígine*, *abranger*, *adágio*, *adstringente*, *afugentar*, *agência*, *agenda*, *agente*, *agilidade*, *ágil*, *agiota*, *agiotagem*, *agitar*, *alergia*, *álgebra*, *algema*, *Angelina*, *algibeira*, *angina*, *apanágio*, *apogeu*, *aragem*, *Argélia*, *argila*, *auge*, *Bagé*, *beberagem*, *blindagem*, *congestão*, *digerir*, *digestão*, *divergente*, *esfinge*, *estágio*, *estratégia*, *estrangeiro*, *estrogênio*, *evangelho*, *exagero*, *ferrugem*, *flagelo*, *geada*, *gêiser*, *gérbera*, *gergelim*, *geringonça*, *gilete*, *girândola*, *gengibre*, *gesso*, *gibi*, *gigante*, *gim*, *higiene*, *ilegível*, *imagem*, *imaginação*, *imaginar*, *indigesto*, *impingem* (ou impigem), *indígena*, *legítimo*, *legista*, *legível*, *legenda*, *ligeiro*, *monge*, *megera*, *nigeriano*, *necrológio*, *ogiva*, *origem*, *penugem*, *pugilista*, *relógio*, *refrigerante*, *regurgitar*, *rugido*, *rígido*, *rigidez*, *selvagem*, *selvageria*, *sigilo*, *singelo*, *sugestão*, *sugestivo*, *tangerina*, *tangente*, *tangível*, *tragédia*, *tigela*, *urgente*, *vagem*, *vagina*, *vertigem*, *vigência*, *viagem* (substantivo)...

Emprego da Letra J

Usa-se o **J** seguido de qualquer vogal.

Há uma palavrinha que aparece direto em prova; que palavra é essa? Hojeriza? Hogeriza? Hogerisa? Ogeriza? Ojerisa? Ojeriza? Bizarro, não é? Bem, e a palavra certa é... O-JE-RI-ZA (OJERIZA)! Cuidado com ela! Ah! E aquele papinho da titia da escola de que se a palavra couber na tigela, nós a escrevemos com **J** é papo furado, hein! Nunca ouviu essa, não? Berinjela cabe na tigela, mas geleia também! Chega de besteira... Vamos às regras:

– Em palavras de origem indígena, africana, árabe ou exótica: **beiju, jirau, jerimum, jequitibá, alforje, jiboia, mujique, manjericão, manjerona, jiu-jítsu...**

– Em palavras derivadas de outras que já são, na sua formação, escritas com **J**: **anjinho (de anjo; porém angélico, que deriva de uma palavra latina que tinha G na raiz); canjica (de canja); encoraje, encorajem (do verbo encorajar); laranjeira, laranjinha (de laranja); lojista (de loja); lajedo (de laje); rijeza, enrijecer (de rijo; no entanto, cuidado com rigidez e rígido); viajei, viajemos, viajem (de viajar)...**

– Em verbos terminados em **-jar/-jear**; por exemplo, viajar e granjear: **viajo, viajas, viaja, viajamos, viajais, viajam ... viaje, viajes, viaje, viajemos, viajeis, viajem...; granjeio, granjeias, granjeia, granjeamos, granjeais, granjeiam ... granjeie, granjeies, granjeie, granjeemos, granjeeis, granjeiem...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *acarajé*, *adjetivo*, *adjunto*, *ajeitar*, *alforje*, *anjo*, *azulejo*, *azulejista*, *berinjela*, *brejeiro*, *brejo*, *cafajeste*, *canjica*, *caranguejeira*, *cerejeira*, *cervejeiro*, *desajeitado*, *enjeitado*, *enrijecer*, *gorjear*, *gorjeta*, *granjeiro*, *jeca*, *igreja*, *interjeição*, *injeção*, *Jeni*, *Jeová*, *jequitibá*, *jesuíta*, *jirau*, *laje*, *laranjeira*, *laranjinha*, *lisonjear*, *lisonjeiro*, *loja*, *lojista*, *majestade*, *majestoso*, *manjericão*, *manjedoura*, *Moji*, *objetivo*, *objeto*, *pajé*, *pajelança*, *projeção*, *projétil*, *projeto*, *rejeitar*, *rejeição*, *subjetivo*, *sujeira*, *sujeito*, *trejeito*, *ultraje*, *varejo*, *varejista*, *viajem* (verbo)...

Emprego da Letra H

A letra H não representa som algum, por isso é considerada consoante muda. É considerada uma letra etimológica, pois vem do latim (e do grego), em que era expirada, como em Tom **H**anks. Vejamos algumas regrinhas:

– No início de certas palavras de origem latina, grega ou inglesa: **hábil, hábito, habitar, heavy-metal, headfone, hebraico, hecatombe, hiato, hipótese, homérico, hipotaxe, hidrofobia, hora, hérnia...**

– Como letra diacrítica nos dígrafos **CH**, **LH**, **NH**: **chave, olhar, sonho...**

– No fim de certas interjeições: **ah!, eh!, ih!, oh!, uh!, hein!...**

– Após hífen nas palavras derivadas por prefixação ou nas compostas por justaposição: **sobre-humano, super-homem, anti-higiênico, pré-histórico, pan-hispânico, giga-hertz, neo-hebraico, pseudo-hermafrodita, mini-hotel, arqui-hipérbole...**

Obs.: Cuidado com estas palavras, pois os prefixos co-, des-, ex-, in-, sub-, re- dispensam o hífen e a letra H: coerdeiro, desarmonia, exaurir, inábil, subumano (ou sub-humano), reidratar, reaver; turboélice, lobisomem, filarmônico...

– Em toda a conjugação do verbo haver: **hei, hás, há, havemos/hemos, haveis, hão...**

– Por convenção, usa-se **H** ainda na palavra Bahia (o estado). Nos derivados, não há **H**: **baiano, baianinha, baianidade...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *haltere* (ou halter), *hangar*, *haurir*, *haxixe*, *hectare*, *hediondo*, *hélice*, *hera* (planta), *hermenêutica*, *hermético*, *híbrido*, *hipocondria*, *hirto*, *histologia*, *homeopatia*, *homilia* (ou homília), *homogeneidade*, *hóquei*, *hortênsia*, *horto*, *hosana*, *hóstia*, *hulha*, *húmus*...

Emprego da Letra S

Não confunda **S** com **SS, Z** ou **Ç**. Atenção às regrinhas!

– Em substantivos correspondentes a verbos terminados com **corr**, **d, nd, nt, pel, rg, rt** no radical: **concurso (de concorrer), discurso (discorrer), colisão (de colidir), alusão (de aludir), defesa, defensivo (de defender), pretensão, pretensioso (de pretender), compreensão, compreensivo (de compreender), difusão (de difundir), ascensão, ascensorista (de ascender), suspensão (de suspender), distensão (de distender), expansão (de expandir), senso, sensível (de sentir), expulso, expulsão (de expelir), compulsório (de compelir), imersão (de imergir), emersão (de emergir), inversão (de inverter), conversão (de converter), diversão (de divertir)...**

– Em adjetivos pátrios/gentílicos ou títulos de nobreza terminados em **-ês(a)** e **-ense**: **rio-grandense, paranaense, catarinense, fluminense, parisiense... camponês, japonês, pequinês, princesa, duquesa, inglesa, calabresa (de Calábria), milanesa (de Milão)...**

– Nos sufixos nominais terminados em **-oso(a)** e **-isa**: **gostoso, apetitoso, afetuoso, papisa, poetisa...; exceção: gozo (e derivados).**

– Com som de Z, após **ditongo**: **coisa, deusa, pausa, pouso, causa, lousa, maisena (!), paisagem...**

– Na conjugação dos verbos pôr e querer (pretérito perfeito e mais-que-perfeito do indicativo e pretérito imperfeito e futuro do subjuntivo), inclusive dos derivados do verbo pôr: **quiser, pus, quis, pusemos, quisemos, interpusemos, propusestes...**

O verbo **requerer** NÃO é derivado do verbo querer. Consulte a conjugação deste verbo!

– Em substantivos terminados em **ase, ese, ise, ose**: **frase, tese, crise, osmose, metamorfose, catequese...; exceções: deslize, gaze...**

– Nos verbos terminados em **isar,** se os nomes correspondentes tiverem **S** no radical: **pesquisar (de pesquisa), paralisar (de paralisia), improvisar (de improviso), avisar (de aviso), analisar (de análise), alisar (de liso)...; exceções: catequiZar (de catequese), batiZar (de batismo), hipnotiZar (de hipnose), sintetiZar (de síntese).**

– O sufixo **inho** vem acompanhado de **S** quando esta letra fizer parte do radical da palavra de origem (com **Z** quando a palavra de origem não tiver o radical terminado em **S**): **LuiSinho (de Luís), meSinha (de mesa), lapiSinho (de lápis)...; lugarZinho (de lugar), cafeZinho (de café)...**

Obs.: O bizu da manutenção do S no radical serve para, praticamente, todos os casos: baseado, basear, embasamento (de base)...

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *adversário*, *alisar*, *aguarrás*, *ânsia*, *ansiar*, *ansioso*, *apreensão*, *apoteose*, *através*, *apreensivo*, *aspersão*, *aspersório*, *autópsia*, *aversão*, *avulso*, *catalisar*, *cisão*, *colisão*, *cansaço*, *cansar*, *cansado*, *cansativo*, *canseira*, *compreensão*, *compreensível*, *compreensivo*, *compulsão*, *compulsório*, *convulsão*, *defensivo*, *defensor*, *descanso*, *dispersão*, *disperso*, *dose*, *enviesar*, *entrosar*, *entorse*, *emersão*, *escusável*, *expulsão*, *frasear*, *formosura*, *freguesa*, *fusível*, *gasoso*, *gris*, *grosa*, *glosa*, *impulso*, *imersão*, *imerso*, *improvisar*, *impulsionar*, *lesar*, *lisura*, *maisena*, *manusear*, *medusa*, *misantropo*, *misto* (de mistura), *pêsame*(s), *pesquisar*, *percurso*, *perversão*, *pretensão*, *rasura*, *revés*, *reveses*, *repulsão*, *senso* (percepção), *sessão* (reunião), *sósia*, *sassafrás*, *tenso*, *trás*, *usura*, *verso*, *verosímil*, *verosimilhança* (ou verossímil, verossimilhança), *zeloso*...

Emprego do Dígrafo SS

– Em verbos terminados em **primir, meter, mitir, cutir, ceder, gredir, sed(i)ar: impressão (de imprimir), depressão (de deprimir), promessa (de prometer), intromissão (de intrometer), admissão (de admitir), demissão (de demitir), percussão (de percutir), repercussão (de repercutir), excesso (de exceder), concessão (de conceder), agressão (de agredir), transgressão (de transgredir), obsessão (de obsed(i)ar)...**

Cuidado com a palavra **exceção**! Ela cai direto em prova. Consulte: Cesgranrio – Petrobras – Cargos de nível superior – 2010 – QUESTÃO 28.

– Prefixo terminado em vogal + palavra iniciada por **S**: **assimétrico (a + simétrico), ressurgir (re + surgir), autosserviço (auto + serviço), minissaia (mini + saia), parassíntese (para + síntese), pressentimento (pré + sentimento)...**

– Em todo o pretérito imperfeito do subjuntivo: **fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *acesso*, *acessível*, *acessório*, *assessor*, *assessoria*, *abadessa*, *abscesso*, *acessível*, *acessório*, *admissão*, *agressão*, *agressor*, *amassar*, *amerissar*, *amerissagem*, *antepassado*, *argamassa*, *assar*, *assalariado*, *assassinar*, *assédio*, *assalto*, *assassinato*, *assanhado*, *assíduo*, *assear*, *asseio*, *assinar*, *assinalar*, *assobiar* (assoviar), *assíduo*, *aterrissar*, *aterrissagem* (ou aterrizar, aterrizagem), *atravessar*, *avesso*, *bússola*, *colosso*, *compasso*, *concessão*, *demissão*, *dissensão*, *dissídio*, *endossar*, *escassez*, *escasso*, *excesso*, *excessivo*, *fotossíntese*, *ingresso*, *ingressar*, *missa*, *monossílabo*, *obsessão*, *pássaro*, *passeata*, *passeio*, *permissão*, *possessão*, *potássio*, *progresso*, *progressão*, *ressaca*, *ressurreição*, *ressuscitar*, *retrocesso*, *ultrapassado*, *verossímil*, *verossimilhança*, *vicissitude*...

Emprego do Dígrafo SC

O dígrafo **SC** era usado em muitas palavras do latim. Elas sofreram algumas mudanças ao longo dos séculos, mas o dígrafo foi conservado. Por isso conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *abscesso*, *abscissa*, *acrescentar*, *acréscimo*, *adolescência*, *apascentar*, *aquiescência*, *ascensorista*, *ascendente*, *discípulo*, *crescente*, *crescer* (cresço), *concupiscência*, *condescender*, *consciência*, *crescimento*, *convalescença*, *discernimento*, *discente*, *disciplina*, *efervescência*, *excrescência*, *fascículo*, *fascismo*, *florescente*, *fosforescente*, *imprescindível*, *isósceles*, *incandescente*, *intumescer*, *irascível*, *lascívia*, *miscelânea*, *miscigenação*, *nascimento*, *nascer*, *néscio*, *nascença*, *obsceno*, *onisciência*, *oscilação*, *plebiscito*, *piscicultura*, *presciência*, *recrudescer*, *reminiscência*, *rescindir*, *rescisão*, *ressuscitar*, *renascimento*, *seiscentos*, *susceptível*, *suscitar*, *transcendência*, *víscera*...

Emprego do Dígrafo CH

As palavras que apresentam este dígrafo têm origens diversas: latim, francês, espanhol, italiano, alemão, inglês, árabe etc.

– Veja algumas: **chave, cheirar, chuva; chassi, chalé, chefe, chuchu, deboche; apetrecho, mochila, trapiche; charlatão, espadachim, salsicha; chope, charuto, cheque, sanduíche; azeviche, chafariz, cherne, escabeche...**

– Em palavras derivadas de **cognatas (mesmo radical)**: **chinelada (de chinelo), chifrada (de chifre), chaveiro (de chave), chamariz (de chamar), enchente (de encher), encharcar (de charco), achincalhar (de chincalho), pichação (de piche)...**

– Em sufixos aumentativos ou diminutivos **-acho, -achão, -icho, -ucho**: **bonachão, rabicho, papelucho, riacho, barbicha, gorducho...**

– Depois de **-an**, **-en***, **-in**, **-on**, **-un**: **anchova, gancho, encher, preencher, inchaço, pechincha, concha, ponche, funcho, escarafunchar...**

* Na maioria das palavras com **-EN**, usa-se X: enxame, enxada, enxergar, enxugar, desenxabido...

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *achincalhar*, *anchova*, *apetrecho*, *bacharel*, *beliche*, *bochecha*, *bombacha*, *bolacha*, *brecha*, *brocha* (prego), *brochura*, *bucha*, *cacho*, *cachola*, *cachoeira*, *cachimbo*, *cartucho*, *chácara*, *chacina*, *chafariz*, *chalé*, *charuto*, *charque*, *cheque* (= dinheiro), *chicote*, *chiste*, *chuchu*, *chucrute*, *chumaço*, *coqueluche*, *cochicho*, *debochar*, *deboche*, *ducha*, *estrebuchar*, *fachada*, *ficha*, *fechar*, *garrancho*, *guache*, *inchado*, *lanche*, *mochila*, *pachorra*, *piche*, *pichação*, *pechincha*, *prancha*, *rocha*, *rachar*, *salsicha*, *tacha* (mancha ou prego pequeno), *tachar* (acusar), *tchau*, *tocha*, *trecho*, *trincheira*...

Emprego da Letra X

– Depois de **ditongo**: **caixa, peixe, frouxo, seixo, feixe...; exceção: caucho, recauchutar, recauchutagem, guache.**

– Depois da sílaba **en**: **enxadrista, enxugar, enxovalhar, enxoval, enxofre, desenxabido...; exceção**: enchente (de encher, cheio), encharcar (de charco), enchiqueirar (de chiqueiro), enchumaçar (de chumaço), enchova (ou anchova)...

– Depois da sílaba **me**: **mexerica, mexer, mexilhão, mexerica, mexeriqueiro...; exceção**: mecha (de cabelos) e derivados.

– Na vasta maioria das palavras depois das sílabas **bru, gra, la, li, lu**: **bruxa, bruxulear; graxa, graxeiro; laxante, laxo; lixa, lixo, lixiviação; luxo, luxação, luxamento...**

– Em palavras de **origem árabe, grega, latina, árabe, africana, espanhola, indígena, inglesa** etc.: **xá, Xerxes, luxação, rixa, taxar, xampu, Xangai, abacaxi, Erexim, muxoxo, xavante, xingar, almoxarife, enxaqueca, enxoval, xadrez, oxalá, lagartixa, xarope, xaveco, xerife, xeque-mate, xucro, xuá...**

– Em certas **interjeições**: **Xi!, Xô!**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvida: *abacaxi*, *afrouxar*, *almoxarife*, *atarraxar*, *Araxá*, *baixada*, *baixela*, *bauxita*, *bexiga*, *broxa* (pincel), *Bruxelas*, *bruxo*, *caixão*, *caixa*, *caixeiro*, *caixote*, *capixaba*, *caxumba*, *deixar*, *desleixo*, *elixir*, *encaixotar*, *engraxar*, *engraxate*, *enxada*, *enxame*, *enxergar*, *enxoval*, *enxotar*, *enxurrada*, *enxuto*, *faxina*, *faxineiro*, *feixe*, *frouxo*, *graxa*, *gueixa*, *luxo*, *luxúria*, *madeixa*, *macaxeira*, *mexer*, *mexida*, *orixá*, *praxe*, *puxão*, *Quixote*, *relaxado*, *relaxamento*, *rouxinol*, *taxa* (imposto), *vexame*, *Xapecó*, *xavante*, *xenofobia*, *xereta*, *xícara*, *xingar*, *xilindró*....

Obs.: Vale a pena dizer que, em muitas palavras escritas com **X**, tal letra tem som de **KS** (uxoricida, tóxico), **Z** (inexorável, êxito) ou **S** ou **SS** (têxtil, sintaxe). Alguns estudiosos insistem em dizer que, em sintaxe, o **X** tem som de **KS**, inclusive o dicionário Caldas Aulete abona essa pronúncia. Já o VOLP, que é a autoridade máxima no assunto, diz que o **X** tem som de **SS**. Bem-vindo à língua portuguesa!

Emprego da Letra Z

– No sufixo **ez(a),** em substantivos abstratos derivados de adjetivos: **acidez (de ácido), polidez (de polido), moleza (de mole), pobreza (de pobre), frieza (de frio)...**

– Em verbo terminado em **izar** derivado de palavra **sem S** no radical (e substantivo derivado deste verbo, com sufixo **ização**): **amenizar, amenização (de ameno), suavizar, suavização (de suave), concretizar, concretização (de concreto), hospitalizar, hospitalização (de hospital)...**

– Em palavras terminadas em **zado(a)**, **zal**, **zeiro**, **zinho(a)**, **zito**, derivadas de outras com **Z** no radical ou sem **S** no radical: **abalizada, cafezal, "caozeiro", açaizeiro, cajazeiro, jardinzito, cãozito, cãozinho, raizinha, florzinha, sozinho...**

Obs.: Dependendo do valor semântico-discursivo (contextual), algumas palavras terminadas em **(z)inho** podem ter dupla forma: *colherzinha/colherinha; florzinha/florinha; homenzinho/hominho.*

– Na maioria dos verbos terminados em **uzir**, **er** ou **ir**: **produzir, conduzir, reproduzir, deduzir, dizer, fazer, comprazer, jazer, luzir...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvida: *agonizar*, *agudeza*, *alazão*, *alcoolizado*, *alteza*, *Amazonas*, *Amazônia*, *anãozinho*, *armazém*, *avestruz*, *azedo*, *bendizer*, *capuz*, *certeza*, *cartaz*, *catequizar* (porém catequese), *dizer*, *correnteza*, *cozinhar*, *dramatização*, *escravizar*, *frieza*, *flacidez*, *horizonte*, *idealizar*, *lazer*, *legalizar*, *martirizar*, *neutralizar*, *nazismo*, *ozônio*, *Queluz*, *prezado*, *viuvez*, *vazio*, *verniz*, *vezes*, *vizinho*.

Emprego dos Verbos Terminados em -EAR e -IAR

No presente do indicativo e do subjuntivo (e no imperativo) de todos os verbos terminados em **ear**, como **pentear**, acrescenta-se a letra **I** depois da **E**, exceto na 1ª e na 2ª pessoa do plural.

Veja: **Eu penteio, Tu penteias, Ele penteia, Nós penteamos, Vós penteais, Eles penteiam** (presente do indicativo); **Que... eu penteie, tu penteies, ele penteie, nós penteemos, vós penteeis, eles penteiem** (presente do subjuntivo).

No imperativo afirmativo e negativo, respectivamente: **penteia (tu), penteie (você), penteemos (nós), penteai (vós), penteiem (vocês); não penteies (tu), não penteie (você), não penteemos (nós), não penteeis (vós), não penteiem (vocês).**

Agora, em verbos terminados em **iar**, como ***negociar***, a conjugação é regular, não há acréscimo nem decréscimo. Exemplo:

Eu negocio, Tu negocias, Ele negocia, Nós negociamos, Vós negociais, Eles negociam; Que... eu negocie, tu negocies, ele negocie, nós negociemos, vós negocieis, eles negociem...

Importante! No presente do indicativo e do subjuntivo dos verbos **Mediar, Ansiar, Remediar, Incendiar/Intermediar e Odiar (MARIO)**, a conjugação se dá com uma ditongação através da letra **E** antes do **I** em todas as formas, exceto na 1ª e na 2ª pessoa do plural.

Veja na prática: **Eu odeio, Tu odeias, Ele odeia, Nós odiamos, Vós odiais, Eles odeiam** (presente do indicativo)**. Que... eu odeie, tu odeies, ele odeie, nós odiemos, vós odieis, eles odeiem** (presente do subjuntivo). No imperativo afirmativo e no negativo, respectivamente: **odeia (tu), odeie (você), odiemos (nós), odiai (vós), odeiem (vocês); não odeies (tu), não odeie (você), não odiemos (nós), não odieis (vós), não odeiem (vocês).**

Sempre que for conjugar os verbos *mediar, ansiar, remediar, incendiar/intermediar*, siga o modelo do verbo *odiar*. A conjugação é igual! Exemplo: se "Eu odeio", "Eu medeio"; se "Tu odeias", "Tu intermedeias"... e por aí vai! Fica a dica, hein!

Cuidado com certos verbos terminados em **-ear** e **-iar**, de forma muito parecida, mas de sentido diverso:

- afear (de feio) e afiar (de fio);
- enfrear (de freio) e enfriar (de frio);
- estear (de esteio) e estiar (de estio);
- estrear (de estreia) e estriar (de estria);
- mear (de meio) e miar (de mio, miado);
- pear (de peia) e piar (de pio);
- arrear (de arreios) e arriar (de abaixar).

Cuidado!!!

"Descobri" um detalhe no texto do Novo Acordo Ortográfico (Base V, letra "e") que todos devem saber. Parece brincadeira de mau gosto (para não falar "sacanagem")! Veja você mesmo no sítio da ABL!

Quaisquer verbos terminados em **-iar**, como *negociar, premiar, intermediar, caluniar, odiar* podem ser conjugados de duas formas diferentes (em -io ou -eio): *eu negocio/negoceio, eu premio/premeio, eu intermedio/intermedeio, eu calunio/caluneio, eu odio/odeio etc.* Isso se dá porque esses verbos têm correspondência com substantivos terminados em **-io** e **-ia**: *negócio, prêmio, intermédio, calúnia, ódio.*

Pergunta derradeira do concurseiro: "Então o Tiririca estava certo esse tempo todo?! Pestana, afinal, como devo proceder na prova?!"

Resposta: "Leve as duas verdades para o dia da prova e marque a melhor resposta. Se der "chabu", teremos aí uma grande polêmica instaurada."

Cá entre nós... duvido que isso caia em prova! Tomara que eu não "queime a língua"...

Dupla Grafia

Vejamos algumas palavras que apresentam mais de uma grafia (você perceberá que algumas palavras são estranhas ao ouvido, pois nem todas são usuais ou aceitas unanimemente pelos gramáticos e dicionaristas):

Abaixar e baixar; abdome e abdômen; açoitar e açoite, açoutar e açoute; afeminado e efeminado; afoito e afouto; aluguel e aluguer; aritmética e arimética; arrebitar e rebitar; arremedar e remedar; assoalho e soalho; assobiar e assoviar; assoprar e soprar; azálea e azaleia; bêbado e bêbedo; besoiro e besouro; bilhão e bilião; bílis e bile; biscoito e biscouto; bombo e bumbo; bravo e brabo; cãibra e câimbra; cálice e cálix; carnegão e carnicão; carroçaria e carroceria; catinga e caatinga; catorze e quatorze; catucar e cutucar; chipanzé e chimpanzé; clina e crina; cociente e quociente; coice e couce; coisa e cousa; cota e quota; cotidiano e quotidiano; cotizar e quotizar; covarde e cobarde; cuspe e cuspo; dactilografia e datilografia; deficit e défice; degelar e desgelar; demonstrar e demostrar; dependurar e pendurar; desenxavido e desenxabido; diabete e diabetes; doido e doudo; doirar e dourar; dois e dous; emagrecer e esmagrecer; empanturrar e empaturrar; enfarte, enfarto, infarte e infarto; engambelar e engabelar; enlambuzar e lambuzar; entoação e entonação; entretenimento e entretimento; enumerar e numerar; espuma e escuma; estalar e estralar; este e leste; estoiro e estouro; exorcizar e exorcismar; flauta e frauta; flecha e frecha; fleuma e flegma; flocos e frocos; geringonça e gerigonça; gorila e gorilha; hemorroidas e hemorroides; humo e húmus; impingem e impigem; imundícia, imundície e imundice; intrincado e intricado; lantejoula e lentejoula; limpar e alimpar; lisonjear e lisonjar; louça e loiça; louro e loiro; macaxeira e macaxera; maçom e mação; maltrapilho e maltrapido; maquiagem e maquilagem; marimbondo e maribondo; marino e marinho; melancólico e merencório; menosprezo e menospreço; mobiliar, mobilhar e mobilar; neblina e nebrina; nenê, neném e nenen; oiro e ouro; olimpíada e olimpíade; parêntese e parêntesis; percentagem e porcentagem; peroba e perova; pitoresco e pinturesco; plancha e prancha; pólen e polem; quadriênio e quatriênio; rádio e radium; radioatividade e radiatividade; rastro e rasto; registro e registo; relampear, relampejar, relampadejar, relampaguear, relampadar e relampar; remoinho e redemoinho; ridiculizar e ridicularizar; salobra e salobre; seção e secção; selvageria e selvajaria; silueta e silhueta; sobressalente e sobresselente; sutil e subtil; surripiar e surrupiar; taberna e taverna; televisar e televisionar; terremoto e terramoto; tesoura e tesoira; tesouro e tesoiro; toiro e touro; toicinho e toucinho; transvestir e travestir; tríade e tríada; trilhão e trilião; várzea, várgea, vargem e varge; volibol e voleibol...

Caso queira saber mais, reveja o capítulo de Acentuação (Algumas Formas Variantes) e Fonologia (Ortoepia e Prosódia).

Emprego das Iniciais Maiúsculas ou Minúsculas

Esta parte é importante para quem faz provas discursivas. Fique atento! Eu me ative ao texto oficial da ABL, ao Manual de Redação da PUC/RS e ao Manual de Elaboração de Textos do Senado.

A letra minúscula inicial é usada:

a) Normalmente em todos os vocábulos da língua nos usos correntes, sem que haja, é claro, obrigatoriedade no uso da maiúscula.

b) Nos **nomes dos dias, meses, estações do ano**: **segunda-feira; outubro; primavera.**

c) Nos **pontos cardeais** (mas não nas suas abreviaturas): **norte, sul (mas: SW, de sudoeste).**

d) Nos substantivos (ou pronomes indefinidos para alguns) **fulano, sicrano** e **beltrano**, desde que não iniciem frase.

e) Depois de dois-pontos (**:**), a não ser quando a palavra é um substantivo próprio, uma citação direta ou uma palavra que deva seguir a regra de maiúsculas: "De você eu quero isto: **dedicação**!" **Mas**: "Há só uma gramática que traz questões da banca CQIP: **A Gramática**".

f) Em substantivos próprios que se tornaram comuns, sofrendo derivação imprópria (ou conversão): "Pegaram o Joãozinho para **cristo**, mas você é que não passa de um **judas**!"

Obs.: Neste caso, vale dizer que as frases substantivadas, que se tornam substantivos compostos são escritas com letra minúscula: comigo-ninguém-pode, arranca-rabo, bate-boca, bem-te-vi, bem-me-quer, desmancha-prazer...; lembre-se de que certos substantivos desse tipo perderam o hífen, como maria vai com as outras, bumba meu boi, leva e traz..

g) Em palavras derivadas de nomes estrangeiros: **bachiano, kantismo, beethoveniano, byronismo, freudiano...**

h) Na sequência de alíneas e de incisos, que devem ter início na altura do parágrafo do texto:

São benefícios concedidos pelo IPC:

a) **auxílio-doença**;

b) **auxílio-funeral**;

c) **pecúlio**.

A escolha de seus membros compete:

I – **ao Senado Federal**;

II – **à Assembleia Geral**;

III – **ao Conselho Deliberativo**.

i) Nas partículas intermediárias (palavras invariáveis e contrações) monossilábicas dos

onomásticos compostos (título de obras, acordos, conferências, congressos etc.): Crônicas **de** Risos **e** Lágrimas, Ninguém Escreve **ao** Coronel, Triste Fim **de** Policarpo Quaresma, II Congresso Nacional **de** Biblioteconomia, Pacto Internacional **dos** Direitos Civis **e** Políticos.

j) Nos adjetivos **gentílicos** e **pátrios** e na designação de **grupos étnicos**: **brasileiros, ingleses, xavantes, tamoios, paulistanos, mato-grossenses, mineiros...**

k) Nos **axiônimos** (títulos e outras formas especiais de tratamento), usa-se minúscula: **senhor doutor Joaquim da Silva, bacharel Mário Abrantes, o cardeal Bembo...**

l) Depois de interjeições, quando o nome for comum: **Oh! quanta miséria!; Nossa Senhora, que frio!; Ai! meu Deus!...**

m) Depois de ponto de exclamação ou de interrogação, quando o pensamento não estiver inteiramente completo ou quando se seguir uma oração de narrador: "**Que é isso? você enlouqueceu?"; "No mundo tereis tribulação, mas, coragem! eu venci o mundo."; "Que paisagem linda! exclamou Pedro."; "Que você dizia? indagou Lúcia."...**

A letra maiúscula inicial é usada:

a) No **início de períodos**, em **citações diretas** e **após o ponto final**: "**Hoje** disse algo que a chocou: '**Saia** daqui e não volte nunca mais.' **Ela** ficou desesperada".

b) Nos substantivos próprios de qualquer espécie **(nomes de pessoas, apelidos, alcunhas, entidades religiosas/governamentais, nomes de lugares, nomes de astros, nomes de personagens fictícios, nomes de tribos ou castas, nomes de comunidades religiosas ou políticas...)**: **Pedro Marques, D. João VI; Branca de Neve, D. Quixote, Alá, Deus, Messias, Oxum, Lisboa, Luanda, Maputo, Rio de Janeiro, Atlântida, Hespéria, Golfo Pérsico, Cabo da Boa Esperança, Oceano Atlântico, Monte Everest, Mar Morto, Mar Vermelho, Trópico de Câncer, Hemisfério Sul, Terra, Vênus, Marte, Júpiter, Adamastor, Mickey Mouse, Chapeuzinho Vermelho, Netuno, Aquiles, Tupinambás, Tamoios, Brâmanes, Sudras, Testemunhas de Jeová, Cristadelfianos, Nação, Estado, Pátria, Raça...**

Obs.: As palavras "Nação, Estado, Pátria e Raça" são escritas com letra maiúscula se tiverem sentido de entidade: "O **Estado** supre carências populares". Usamos minúscula quando estiverem determinadas, especificadas: "Devemos lutar pela nossa gentil **pátria**!" / "Eu moro no **estado** de São Paulo". A palavra "estado" (= situação/condição) se escreve com letra minúscula: "Ela se encontra em **estado** terminal". Se for o nome do jornal, letra maiúscula: "O Estado de São Paulo".

c) Nos nomes de **leis, decretos, atos** ou **diplomas oficiais**: **Decreto Federal nº 25.794;**

Portaria nº 1.054, de 17-9-1998; Lei dos Direitos Autorais nº 9.609; Parecer nº 03/00; Sessão nº 01/00; Resolução nº 3/87 CFE...

d) Nos nomes que designam **instituições (acadêmicas ou não), períodos notáveis, acontecimentos (históricos ou não)**: **Instituto de Pensões e Aposentadorias da Previdência Social, Faculdade de Letras da UFRJ, Jogos Olímpicos de Inverno, Copa do Mundo, Jornada Paulista de Radiologia, Idade Média, Revolução Francesa...**

e) Nos nomes de **festas** e **festividades**: **Natal, Páscoa, Ramadão, Todos os Santos, Carnaval...**

f) Nos **títulos de periódicos** e **jornais** (escreve-se em itálico, sem aspas): **O Globo, O Estado de São Paulo (ou S. Paulo), Folha de São Paulo...**

g) Nos **pontos cardeais** ou equivalentes, quando empregados absolutamente: **Nordeste, por nordeste do Brasil, Norte, por norte de Portugal, Ocidente, por ocidente europeu para cá, Oriente, por oriente asiático para lá...**

h) Em **siglas, símbolos** ou **abreviaturas** internacionais ou nacionalmente reguladas com maiúsculas, iniciais ou mediais ou finais ou o todo em maiúsculas: **FAO, NATO, ONU; H2O, Sr., V. Ex.ª.**

Obs.: As disposições sobre os usos das minúsculas e maiúsculas não obstam a que obras especializadas observem regras próprias, provindas de códigos ou normalizações específicas (terminologias antropológica, geológica, bibliológica, botânica, zoológica etc.), promanadas de entidades científicas ou normalizadoras, reconhecidas internacionalmente.

Casos Facultativos

a) Nos **bibliônimos** (nome de livro) – após o primeiro elemento, que é com maiúscula, os demais vocábulos podem ser escritos com minúscula, salvo nos nomes próprios neles contidos, tudo em grifo: **O Senhor do paço de Ninães ou O senhor do paço de Ninães, Menino de engenho ou Menino de Engenho, Árvore e Tambor ou Árvore e tambor.**

b) Nos **hagiônimos** (palavras sagradas e nomes próprios sagrados), usa-se maiúscula ou minúscula: **ressurreição (ou Ressureição), santa Filomena (ou Santa Filomena).**

c) Nos nomes que designam **domínios do saber, cursos** e **disciplinas** (opcionalmente, também com maiúscula): **português (ou Português), matemática (ou Matemática); línguas e literaturas modernas (ou Línguas e Literaturas Modernas).**

d) Opcionalmente, em palavras usadas reverencialmente, aulicamente (ref. à corte, palácio) ou hierarquicamente, em início de versos, em categorizações de logradouros públicos: **rua ou Rua da Liberdade, largo ou Largo dos Leões, igreja ou Igreja do Bonfim, templo ou**

Templo do Apostolado Positivista, palácio ou Palácio da Cultura, edifício ou Edifício Azevedo Cunha, túnel Rebouças ou Túnel Rebouças...

e) Nos intitulativos gerais de **doutrinas**, **correntes** e **escolas de pensamento**, **religiões** e **regimes políticos**: **positivismo ou Positivismo, romantismo ou Romantismo, barroco ou Barroco, marxismo ou Marxismo, catolicismo ou Catolicismo, cristianismo ou Cristianismo, parlamentarismo ou Parlamentarismo...**

f) Cargos políticos, religiosos e militares (recomendam-se as formas maiúsculas): **ministro ou Ministro, bispo ou Bispo, capitão ou Capitão...**

Abreviaturas

As abreviaturas não podem ser confundidas com abreviações. A primeira é a representação contraída de uma palavra ou locução, em que são retiradas várias letras, permanecendo geralmente as iniciais, que são seguidas de um ponto (.), chamado de ponto abreviativo: **pág. ou pg. ou p. (página)**. A segunda trata apenas da retirada de algumas sílabas até um determinado ponto; é possível pronunciar a palavra abreviada como uma palavra normal, sem prejuízo da pronúncia e do sentido da palavra; além disso, não há ponto abreviativo: **otorrino (otorrinolaringologista)**. Vou falar mais de abreviação vocabular no capítulo de Processo de Formação de Palavras.

Como as **abreviaturas** ocorrem? Vejamos os principais casos:

a) Escreve-se a primeira sílaba e a primeira letra da segunda sílaba, seguida de ponto abreviativo: **gram. (de gramática), al. (de alemão), num. (de numeral)...**

b) O acento presente na primeira sílaba se mantém: **gên. (de gênero), créd. (de crédito), lóg. (de lógica)...**

c) Se a segunda sílaba iniciar por duas consoantes, escrevem-se as duas: **pess. (de pessoa), constr. (de construção), secr. (de secretário)...**

d) As abreviaturas universais são escritas sem ponto e sem a letra S para indicar plural (medidas, pesos, distâncias...): **g (grama), m (metro), min (minuto), h (hora), km (quilômetro)...**

Obs.: O que a gente mais vê na rua é isto: "A loja abre às 14hs ou 14hs. ou 14hrs." É ou não é? O certo é "A loja abre às 14h".

e) Quando se quer acrescentar o S para indicar o plural, basta colocá-lo antes do ponto: **fs. ou fls. (folhas), caps. (capítulos), segs. (seguintes)...**

f) As abreviaturas de formas de tratamento são feitas sempre com inicial maiúscula: **C.^{el}, Cel. (coronel), Dep. (deputado), Des., Des.^{a}, Desa. (desembargador, desembargadora), Diác. (diácono)...**

Obs.: O plural das formas de tratamento varia, ou se coloca o S (autoridades universitárias, militares, judiciárias, eclesiásticas, civis) ou se duplica a letra da abreviatura (autoridades monárquicas): V.Em.^{as}, V.Emas. (Vossas Eminências), VV.MM (Vossas Majestades). Em alguns casos, a duplicação indica superlativação: DD (Digníssimo), MM (Meritíssimo), SS (Santíssimo).

f) Inúmeras palavras não seguem essas regras: **a. C. ou A.C. (de antes/Antes de Cristo), ap.,**

apart., apto. (de apartamento), cia. (de companhia), f., fl. ou fol. (de folha), h (de hora), seg (segundo)...

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo relativo ao emprego de letras é importante, principalmente quanto aos verbos terminados em -EAR e -IAR. Os demais assuntos (iniciais maiúsculas ou minúsculas e abreviaturas) são desimportantes em provas de concursos públicos. Não deixe de contar com sua memória visual caso não se lembre de uma regra. Importante: a banca que adora ortografia é a FCC! Fica aqui mais uma dica: observe as palavras que mais se repetem nas questões. Memorize-as!

Questões de Concursos

Adaptei as questões antigas (antes de 2009) à nova ortografia, que só vai valer de fato em 1º de janeiro de 2016. No ruim, vamos ter mais tempo para nos acostumar com as regras.

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2003) Indique o item em que todas as palavras estão corretamente empregadas e grafadas.
   a) A pirâmide carcerária assegura um contexto em que o poder de infringir punições legais a cidadãos aparece livre de qualquer excesso e violência.
   b) Nos presídios, os chefes e subchefes não devem ser exatamente nem juízes, nem professores, nem contramestres, nem suboficiais, nem "pais", porém avocam a si um pouco de tudo isso, num modo de intervenção específico.
   c) O carcerário, ao homogeinizar o poder legal de punir e o poder técnico de disciplinar, ilide o que possa haver de violento em um e de arbitrário no outro, atenuando os efeitos de revolta que ambos possam suscitar.
   d) No singular poder de punir, nada mais lembra o antigo poder do soberano iminente que vingava sua autoridade sobre o corpo dos supliciados.
   e) A existência de uma proibição legal cria em torno dela um campo de práticas ilegais, sob o qual se chega a exercer controle e aferir lucro ilícito, mas que se torna manejável por sua organização em delinqüência.

2. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2004) Assinale a opção que corresponde a palavra ou expressão do texto que contraria a prescrição gramatical.

No século XX, a arte cinematográfica introduziu um novo conceito de tempo. Não mais o conceito linear, histórico, que perspassa **(1)** a Bíblia e, também, as pinturas de Fra Angelico ou o *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes. No filme, predomina a simultaneidade **(2)**. Suprimem-se **(3)** as barreiras entre tempo e espaço. O tempo adquire caráter espacial, e o espaço, caráter temporal. No filme, o olhar da câmara e do espectador **(4)** passa, com toda a liberdade, do presente para o passado e, desse, para o futuro. Não há continuidade ininterrupta **(5)**.

(Adaptado de Frei Betto)

   a) 1.
   b) 2.
   c) 3.
   d) 4.
   e) 5.

3. (Cesgranrio – AL/TO – Assistente Legislativo – 2005) Marque a opção em que a palavra é escrita com **s**.
   a) Avare___a.
   b) Apra___ível.
   c) Ra___ão.
   d) De___ertas.
   e) Cafe___al.

4. (ACEP – BNB – Técnico de Nível Superior – 2006) Assinale a alternativa com palavras ortografadas corretamente de acordo com a sequência: "peixe", "anzol", "concessão".
   a) laxante – cataqueze – sessão.
   b) trouxer – catequizar – assento.
   c) broxa – analizar – passo.
   d) xácara – deleitozo – obsessão.
   e) taxa – catálize – admissão.

5. (NCE/UFRJ – MPE/RJ – Analista (Processual) – 2007) O adjetivo que os autores utilizam no título é uma das palavras que costumeiramente geram dúvidas ortográficas. Nos casos abaixo, a grafia de ambas as palavras só está correta em:
   a) mantegueira / aterrissagem;
   b) cataclismo / adivinhar;
   c) mortadela / meretíssimo;
   d) entitulado / embutido;
   e) prostração / beneficiente.

6. (Cespe/UnB – Analista de Comércio Exterior – 2008) Julgue o item a seguir levando em conta a correção gramatical (apegue-se apenas à ortografia):

Portanto, ao se iniciar a nova década, o ambiente que se formula e gerencia a política de comércio exterior brasileira é radicalmente diverso daquele que vigiu à época em que a CACEX atuava como superagência nessa área. A institucionalidade da política distanciou-se do modelo CACEX, mas é pouco nítido o modelo desejável e adequado aos novos condicionantes e objetivos.

( ) CERTO
( ) ERRADO

7. (FGV – Senado Federal – Analista de Relações Públicas – 2008) O vocábulo <u>*anabolizar*</u> está grafado corretamente. Assinale a alternativa em que haja pelo menos uma palavra com **erro** de grafia.
   a) profissionalizar – pesquisar.
   b) paralizar – realizar.
   c) hostilizar – analisar.
   d) indenizar – inferiorizar.
   e) informatizar – ironizar.

8. (Cespe/UnB – Ministério da Saúde – Área de Redação Oficial – 2008) De acordo com o padrão da língua portuguesa, são variantes da palavra "imundície" as seguintes formas: imundice e imundícia.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

9. (FCC – PGE/RJ – Técnico Assistente de Procuradoria – 2009) Todas as palavras estão escritas corretamente na frase:
   a) Intervensões governamentais massiças e até agora sem precedentes não conseguiram conter os impactos da crise financeira em diversos países.
   b) A permanência e a gravidade dos desdobramentos da crise financeira deicham dúvidas e originam expeculações em todo o mundo.
   c) A ganância por lucros cada vez maiores fez com que os riscos dos investimentos crecessem esponencialmente no mercado financeiro.
   d) A excessiva circulação de instrumentos financeiros imbutia imenço potencial de perigos redundando, como se viu, em enormes prejuízos.
   e) O êxito das resoluções tomadas em outros países depende de um maior controle das instituições financeiras, o que atinge interesses múltiplos e provoca resistência.

10. (FCC – TRT (16R) – Técnico Judiciário – 2009) A frase em que há palavras escritas de modo INCORRETO é:
   a) A aridez que sempre caracterizou as paisagens do Nordeste brasileiro aparece agora, para assombro de todos, na região Sul, comprometendo as safras de grãos.
   b) Alguns estudiosos reagem com sensatez às recentes explicações, considerando se o papel da bomba biótica é realmente crucial na circulação do ar.
   c) Se for comprovada a correção da nova teoria, a preservação das florestas torna-se essencial para garantir a qualidade de vida em todo o planeta.
   d) O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.
   e) Com ventos mais próximos ao mar, o ar úmido resultante da evaporação da água do oceano é puxado para o continente, distribuindo a chuva ao redor do planeta.

11. (FCC – MPE-AP – Técnico Administrativo – 2009) Está correta a grafia de todas as palavras da frase:
   a) Compadecido com a humilhação de seu velho servo, o rei Psamênito não conteu as lágrimas e as verteu abundantemente.
   b) O príncipe e a princesa ainda poderiam insurgir-se contra os persas, mas não o velho servo, cujas forças esmoresciam.
   c) Talvez Psamênito não previlegiasse o velho servo, talvez este tivesse sido a última gota de tanto sofrimento.
   d) As forças e a dignidade do rei egípcio apenas titubiaram quando se deparou com a imagem do velho servo.
   e) Há divergências quanto à interpretação do porquê de haver chorado o rei Psamênito, sucumbindo à visão do velho servo.

12. (FCC – PGE-RJ – Técnico Superior de Procuradoria – 2009) É adequado o emprego e correta a grafia de todas as palavras da frase:
   a) É prazeroso o reconhecimento de uma pessoa que, surgindo longínqua, parece então mais próxima que nunca – paradoxo pleno de poesia.
   b) A abstensão da proximidade de alguém não impede, segundo o cronista, que nossa afetividade aflore e haja para promover uma aproximação.

c) Nenhuma distância dilui o afeto, pelo contrário: o reconhecimento da amada longeva avisinha-a de nós, fá-la mais próxima que nunca.
d) O cronista ratifica o que diz um velho provérbio: a distância que os olhos acusam não exclue a proximidade que o nosso coração promove.
e) Os poetas românticos eram obsecados por imagens que, figurando a distância, expressavam com ela a gososa inatingibilidade de um ideal.

13. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2010) Não precisa ir ao sebo, LPs _____ vão voltar às lojas.
Obra do autor revela _____ pelo purgatório.
Boato de _____ piora o mau-humor dos norte-coreanos.
Decisão do tribunal é um marco e traz princípios _____
a) imprecindíveis … obseção … dezerção … balisadores;
b) imprescindíveis … obsessão … deserção … balizadores;
c) imprecindíveis … obsessão … dezerção … balizadores;
d) imprescindíveis … obseção … deserção … balisadores;
e) imprescindíveis … obsessão … dezerção … balisadores.

14. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à ortografia?
– Constroe-se o espaço social de tal modo que os agentes ou grupos são aí distribuídos em razão de sua posição nas distribuições estatísticas de acordo com os dois princípios de diferenciação que, em sociedades mais desenvolvidas, são sem dúvida, os mais eficientes: o capital econômico e o capital cultural.

15. (Cespe/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo – 2010) O uso das letras iniciais maiúsculas em "Império Romano", "Cristianismo" e "Revolução Francesa" são exemplos de que substantivo usado para designar ente singular deve ser grafado com inicial maiúscula, como, por exemplo, **Lei nº 8.888/1998.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (FCC – Casa CiviL/SP – Executivo Público – 2010) A frase em que a grafia respeita totalmente o padrão culto escrito é:
a) Muitas eram as reminiscências, algumas esdrúxulas, outras comuns, repetindo-se iguaizinhas de tempo em tempo, em circuito que não exorbitava os limites da fazenda.
b) O espaço era exiguo, à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear a simpatia do padre inflingindo-lhe pratos que excitavam sua gula.
c) Sabiam que pouco tempo teriam para descançar, mas ninguém quis alterar o trajeto, minuciosamente pensado e repensado durante meses.
d) Era tão grande a sua presunsão, que entendia como ato lisonjeiro até um breve aceno do mais distraído dos transeuntes de seu vilarejo.
e) Tal era sua ogeriza pela política que se excedia em palavras e tons assim que algum desavisado puxava o assunto tabu, sem intenção alguma de ferí-lo.

17. (FCC – TRE/AM –Técnico Judiciário – 2010) A frase em que a grafia respeita totalmente o padrão culto escrito é:
a) À exceção dos que se abstiveram de opinar sobre a qualidade dos serviços, os participantes da pesquisa puderam usufruir gratuitamente de um dia de lazer no hotel.
b) A escursão prometida não ocorreu, pois o número de interessados foi excessivo; mas até isso colaborou para o explendor da viagem, pois o desconto oferecido surpreendeu.
c) Casualmente encontraram-se no saguão; ela parecia advinhar o que ele tinha a lhe dizer, por isso não lhe deu oportunidade de ser posta em cheque.
d) Considerou ultrage o comentário adivindo do seu sucessor, mas, para preservar-se, abdicou de dar-lhe resposta à altura.
e) Com a dispensa abarrotada de produtos nobres, não exitou um minuto ao negar um jantar aos participantes do programa de inclusão social.

18. (Consulplan – CAPS – Assistente Social – 2011) Os sentidos e a correção da grafia das palavras do texto seriam mantidas caso se substituísse:
a) massacre por *assacinar;*
b) ampliar por *almentar;*
c) ostensivo por *esibido;*
d) precariedade por *deficiência;*
e) acessível por *alcanse.*

19. (Consulplan – IBGE – Supervisor de Pesquisas (Estatística) – 2011) Quanto à grafia marque a alternativa correta.
a) A sensasão de poder torna as pessoas autoritárias e exigentes.
b) A sociedade quer fazer contenção de despezas em relação a obras públicas.
c) Nabuco advinhou o que aconteceria no Brasil.
d) As classes mais desfavorecidas vencem os impecilhos impostos pelas elites.
e) As pessoas solidárias trabalharão em projetos beneficentes.

20. (FCC – TRT/AL (19ª R) – Técnico Judiciário – 2011) Estão grafadas corretamente todas as palavras da frase:
a) O mercado mais atraente é necessáriamente aquele que possue mais produtos disponíveis.
b) Com o adivento da internet, deparamos com uma imença cidade virtual, onde há os melhores preços do mercado.
c) A escacês de mercadorias no campo foi determinante para explicar o porque dos homens se agruparem nas cidades.
d) As empresas virtuais vêm se tornando concorrentes desleais das que se encontram no mundo físico.
e) O mercado de relacionamentos virtuais assistiu a um avanço discomunal com a consolidassão da internet.

21. (FCC – TRT/AL (19ª R) – Analista Judiciário – 2011) Quanto à ortografia, há INCORREÇÕES na frase:
a) O crescimento da classe C tem tido uma importância incomensurável para o comércio, mas vem ocasionando também uma elevação na taxa de inadimplência, o que é perturbador.
b) Milhões de pessoas têm sido beneficiadas com o crescimento econômico que se vê no país, saltando da classe D para a C, algo que há poucos anos não pareceria factível.
c) Alguns especialistas vêm disseminando a teoria de que, a partir da distribuição de riqueza por meio da geração de milhões de novos empregos, a classe E deixe de existir.
d) Os "consumidores emergentes", como vêm sendo chamados os novos integrantes da classe C, ainda têm dificuldade em poupar e adquirem grande parcela de produtos a crédito.
e) Sabe-se que a ascenção da classe D tem proporcionado um aumento expresivo do consumo de bens duráveis, o que pode acelerar sobremaneira esse mercado.

22. (FCC – TRT (14ª R) – Técnico Judiciário – 2011) Das frases abaixo só NÃO há erros de ortografia em:
a) Carbohidratos ricos em fibras são importantes aliados para manter estável o nivel de energia do organismo.
b) Sabe-se que uma substancia encontrada no guaraná pode estimular a função cerebral e auxiliar na concentrasão.
c) Consumir alimentos ricos em vitaminas e minerais pode ajudar a reduzir os efeitos negativos do estresse.
d) O consumo de proteínas e gorduras em exceço pode ser nossivo para o processo digestivo.
e) Manter o organismo mau hidratado pode prejudicar a eliminação de toxínas e provocar sérios problemas de saúde.

23. (FCC – TRF (1ª R) – Técnico Judiciário – 2011) As palavras estão corretamente grafadas na seguinte frase:
a) Que eles viajem sempre é muito bom, mas não é boa a ansiedade com que enfrentam o excesso de passageiros nos aeroportos.
b) Comete muitos deslises, talvez por sua espontaneidade, mas nada que ponha em cheque sua reputação de pessoa cortês.
c) Ele era rabugento e tinha ojeriza ao hábito do sócio de descançar após o almoço sob a frondoza árvore do pátio.
d) Não sei se isso influe, mas a persistência dessa mágoa pode estar sendo o grande impecilho na superação dessa sua crise.
e) O diretor exitou ao aprovar a retenção dessa alta quantia, mas não quiz ser taxado de conivente na concessão de privilégios ilegítimos.

24. (Cespe/UnB – PC/ES – Auxiliar de Perícia Médico-Legal – 2011) Julgue o item com referência à correção gramatical. (Preocupe-se apenas com a ortografia nesta questão.)
A mais recente investida do estado do Rio de Janeiro contra o narcotráfico foi à instalação de unidades de polícia pacificadora, as UPPs, em áreas que eram dominadas por narcotraficantes. O projeto de reocupar territórios tomados pelo crime basea-se em policiamento permanente, oferta de serviços e ações de promoção da cidadania. As favelas das UPPs já inauguraram um novo capítulo na historia dos conflitos entre as forças de segurança e o banditismo na cidade.
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. (Cespe/UnB – PC/ES – Auxiliar de Perícia Médico-Legal – 2011) Julgue o item com referência à correção gramatical. (Preocupe-se apenas com a ortografia nesta questão.)
Não há dúvida de que o caminho é perseverar, ampliar a presença da polícia nas ruas, avançar com as UPPs e ir ao encalso dos responsáveis pelos ataques; e não apenas da arraia miúda. São imensas, no entanto as dificuldades

em superar, desde a carência de efetivos e recursos policiais à extensão e a profundidade que o problema adquiriu.
( ) CERTO
( ) ERRADO

26. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) Em que frase o verbo está conjugado de acordo com a norma-padrão?
a) Não receiem os desafios da vida.
b) As crianças passeiaram no jardim.
c) É bom que vocês nomeem o novo diretor.
d) Ele sapatea como um dançarino americano.
e) É preciso que os carros freem lentamente.

27. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) A palavra corretamente grafada é:
a) admissão;
b) distenção;
c) discursão;
d) excessão;
e) extenção.

28. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) A frase que respeita a ortografia é:
a) Antes de cochilar, era-lhe natural fazer um exame de consciência e reiterar a si próprio seu empenho em vencer a itemperança.
b) O desleixo com que passou a manuzear os objetos da coleção fez o respeitado colecionador optar pela despensa do já antigo colaborador.
c) O debate recrudesceu, mas os mais bem-intencionados foram hábeis em dirimir as provocações, às vezes pungentes, das lideranças que se confrontavam.
d) Estava bastante ciente de que era à sua gulodice que podia creditar a desinteria que o abatera às vésperas do exótico casamento.
e) O poder descricionário dos ditadores, responsável por tantas atrocidades em tantas partes do mundo, é analisado na obra com um rigor admirável.

29. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) A frase correta do ponto de vista da grafia é:
a) Era grande a insidência de casos de enjoo quando era servido aquele alimento, por isso o episódio não foi tratado como exceção, atitude que garantiu o êxito das providências.
b) Em meio a tanta opulência da mansão leiloada, encontrou a geringonça que, tratada criativamente por ele, garantiu por anos seu apoio a entidades beneficientes.
c) Seus gestos desarmônicos às vezes eram mal compreendidos, mas seu jeito afável de falar, sem resquícios de mágoa, revelava sua intenção de restabelecer a paz entre os familiares.
d) Defendeu-se dizendo que nunca pretendeu axincalhar ninguém, mas as suas caçoadas realmente humilhavam e incitavam à malediscência.
e) Sempre ansiosos, desenrolaram no saguão apinhado a faixa com que brindavam os recém-formados, com os seguintes dizeres: "Viagem bastante e divirtam-se, nobres doutores".

30. (Consulplan – Prefeitura de Porto Velho/RO – Assistente Administrativo – 2012) "E **agiliza** o aprendizado." Assim como a palavra destacada, são escritas com "z" todas as palavras da seguinte alternativa:
a) reali___ar / pesqui___ar / fiscali___ar;
b) avi___ar / enrai___ar / legali___ar;
c) arbori___ar / anali___ar / suavi___ar;
d) generali___ar / utili___ar / u___ar;
e) hospitali___ar / civili___ar / humani___ar.

31. (FCC – METRÔ/SP – Assistente Administrativo Júnior – 2012) A frase que apresenta INCORREÇÕES quanto à ortografia é:
a) Quando jovem, o compositor demonstrava uma capacidade extraordinária de imitar vários estilos musicais.
b) Dizem que o músico era avesso à ideia de expressar sentimentos pessoais por meio de sua música.
c) Poucos estudiosos se despõem a discutir o empacto das composições do músico na cultura ocidental.
d) Salvo algumas exceções, a maioria das óperas do compositor termina em uma cena de reconciliação entre os personagens.

e) Alguns acreditam que o valor da obra do compositor se deve mais à árdua dedicação do que a arroubos de inspiração.

32. (Cespe/UnB – PM/CE – Soldado – 2012) O emprego da inicial maiúscula confere aos vocábulos "Pátria", "Nação" e "País" sentido particular e determinado, elevando-os à categoria de alto conceito político ou nacionalista.
( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – Banco da Amazônia – Técnico Científico – 2012) Mantém-se a correção gramatical do texto e suas informações originais ao se substituir o termo "percentual" por **percentil.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

34. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) O texto abaixo foi transcrito com adaptações. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia de palavra.

Em alguns países mais afetados pela crise global, como os Estados Unidos, a indústria buscou aumentar sua competitividade por meio da forçada redução dos custos de produção, **o que** (1) implicou demissões em massa. Mesmo com menos trabalhadores, a indústria manteve ou ampliou a produção, alcançando ganhos notáveis de produtividade. Mesmo que **aceitasse** (2) arcar com um custo social tão alto, dificilmente o Brasil **alcançaria** (3) resultados econômicos tão rápidos. O aumento da produtividade do trabalhador brasileiro é limitado, entre outros fatores, pela **defazagem** (4) nos investimentos em educação. Com **escassez** (5) de trabalhadores qualificados, exigidos cada vez mais pelo mercado de trabalho, os salários de determinadas funções tendem a subir bem mais do que a produtividade média do setor, o que afeta o preço dos bens finais.

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

35. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Contabilidade – 2012) No Texto I, aparecem substantivos grafados com **ç** que são derivados de verbos, como **produção**, **redução**, **desaceleração**, **projeção**. Os verbos a seguir formam substantivos com a mesma grafia:
a) admitir, agredir, intuir.
b) discutir, emitir, aferir.
c) inquirir, imprimir, perseguir.
d) obstruir, intervir, conduzir.
e) reduzir, omitir, extinguir.

36. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal – 2012) A frase em que a ortografia está adequada ao padrão culto escrito é:
a) À mínima contrariedade, exarcebava-se de tal maneira que seus excessos verbais eram já conhecidos de todos.
b) A expontaneidade com que se referiu ao local como "impesteado" fez que todo o auditório explodisse em risos.
c) Quanto à infraestrutura, será necessário reconstrui-la em prazo curto, mas sem que haja qualquer tipo de displiscência.
d) O docente não viu como retaliação a rasura no cartaz que afixara, mas sua intenção era advertir quanto ao desleixo com a coisa pública.
e) A obra faraônica será uma excressência naquela paisagem bucólica, mas ninguém teve hêsito em convencer os responsáveis da necessidade de revisão do projeto.

37. (Cesgranrio – CHESF – Engenheiro Civil – 2012) Ao escrever frases que deveriam estar de acordo com a norma-padrão, um funcionário se equivocou constantemente na ortografia. Ele só **NÃO** se enganou em:
a) O homem foi acusado de estuprar várias vítimas.
b) A belesa da duquesa era realmente de se admirar.
c) Porque o sapato deslisou na lama, a mulher foi ao chão.
d) Sem exitar, as crianças correram para os brinquedos do parque.
e) Sem maiores pretenções, o time venceu o jogo e se classificou para a final.

Gabarito

1. B.	9. E.	17. A.	25. ERRADO.	33. ERRADO.
2. A.	10. D.	18. D.	26. A.	34. D.
3. D.	11. E.	19. E.	27. A.	35. D.
4. B.	12. A.	20. D.	28. C.	36. D.
5. B.	13. B.	21. E.	29. C.	37. A.
6. ERRADO.	14. INCORRETO.	22. C.	30. E.	
7. B.	15. CERTO.	23. A.	31. C.	
8. CERTO.	16. A.	24. ERRADO.	32. CERTO.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 4

Semântica e Lexicologia

Definição

A **semântica** trata da significação das palavras, que podem estar isoladas ou contextualizadas. A diferença entre significado e sentido mais clássica é esta: o primeiro diz respeito à noção que a palavra apresenta (Um cachorro atravessou a rua. Comprei um cachorro lindo.); o segundo diz respeito à noção que a palavra pode apresentar (Ele é chato pra cachorro. Já que tive um sonho, amanhã vou jogar no cachorro.).

As palavras não só podem ter uma acepção primária, mas também diversas acepções; tudo dependerá do contexto. A princípio, quando pensamos em cachorro, imediatamente vem uma imagem à nossa cabeça: a de um cão, qualquer cão, um animal doméstico. Só que a **semântica** trata de todas as possibilidades de significação, envolvendo nosso conhecimento de mundo, experiência de vida e outros fatores extralinguísticos, como a região em que vivemos, a idade que temos, o grupo social ou profissional a que pertencemos etc. Tudo isso vai influenciar os matizes da palavra. A palavra isolada tem um significado primário; no entanto, tem vários sentidos secundários dentro de contextos específicos.

Vale dizer também que, em nossa língua, gramaticalmente falando, há inúmeros fatores que podem alterar o significado das palavras, como:

– a **acentuação gráfica/prosódia**: **sá**bia (mulher culta) e sabi**á** (ave);
– a **posição da sílaba tônica**: fa**bri**ca (paroxítona; forma do verbo fabricar) e **fá**brica (proparoxítona);
– o **timbre**: **mo**lho (/ô/; caldo) e **mo**lho (/ó/; conjunto de objetos unidos);
– o **número**: a letra (símbolo gráfico) e a**s** letra**s** (literatura);
– o **gênero**: **a** rádio (emissora) e **o** rádio (aparelho);
– o **acento grave** (crase): "Chegou **a** noite." (A noite chegou.) e "Chegou **à** noite." (Alguém chegou à noite.);
– a **posição de certas palavras**: **qualquer** mulher (alguma mulher) e mulher **qualquer** (mulher sem valor) / "Eu preciso aprender a ser **só**, e não a **só** ser." (sozinho/somente);
– o **contexto da conjunção**: "Nós estudamos, **mas** não passamos." (adversidade, oposição) e "Não só jogo vôlei, **mas** faço natação." (adição).
– o **contexto da preposição**: "**Para** mim, ele é um canalha." (opinião) e "Não dá **para** sair hoje." (possibilidade);
– o **contexto do advérbio**: "Fale **mais**!" (intensidade) e "Não fale **mais**!" (tempo).
– a **pontuação**: "Ele voltou logo**,** fiquei feliz." (vírgula depois de logo, ideia de tempo) e "Ele voltou**,** logo fiquei feliz." (vírgula antes de logo, ideia de conclusão);
– a **regência**: "João sempre **implica com** ela." (zombar) e "Ela **implicou em** um assalto o namorado." (envolver).

Por ora, quero dizer o seguinte: muito de semântica veremos ao longo da gramática, afinal,

sem semântica, não é possível estudar morfologia tampouco sintaxe. Os níveis linguísticos se cruzam, Ok? “Mas... e a tal da **lexicologia**?”

A **lexicologia** trata do estudo do **léxico** (vocábulo/palavra), basicamente quanto a sua formação e seu sentido, portanto esta parte da gramática está intrinsecamente ligada à morfologia e à semântica. A formação de uma palavra começa a partir de “pedaços” (chamados de morfemas) que a compõem, como radical, prefixo, sufixo e desinências. Esses morfemas se unem formando palavras. Existem vários processos de formação das palavras, como Derivação e Composição, mas deixaremos para ver isso melhor em Morfologia.

Ao conjunto de palavras damos o nome de **vocabulário**. O dicionário se ocupa exatamente disso. Fora dele, entretanto, as palavras passam a adquirir “vida própria”, afinal, elas não são vazias de significado. Portanto, a **lexicologia** se ocupa também das palavras em si e de seus sentidos. Apegando-se a isso, muitas questões são criadas para avaliar a capacidade de intelecção dos candidatos. O que se espera de você, muitas vezes, é a percepção da seleção/adequação vocabular dentro de um **contexto**. Como dizia Carlos Drummond de Andrade em *Procura da poesia:* “cada uma (a palavra) tem mil faces sob a face neutra”. Isso quer dizer que, por meio do contexto, pode-se atribuir significados diferentes a uma mesma palavra. Safo?

Veremos neste capítulo o cruzamento entre **semântica** e **lexicologia**, que andam lado a lado. Está claro isso? Então, vamos lá!

Sinonímia

Trata de palavras diferentes na forma, mas com sentidos iguais ou aproximados, ou seja, **sinônimos**. Não se iluda: não existe sinônimo perfeito. Tudo depende do contexto e da intenção do falante.

Por exemplo, se você encontrasse uma pessoa querida na rua, que não o vê há muito tempo, você iria falar isto: "Nossa! Você está com a **cara** "photoshopeada", hein!"? Dificilmente, não é?! Provavelmente, devido ao contexto, você vai falar isto: "Nossa! Você está com um **rosto** lindo, hein!". Eu não consigo visualizar os imortais da Academia Brasileira de Letras dizendo: "Você está com a **cara amarrada** hoje. **Rolou alguma parada**? Posso te dar uma **moral**?". Creio que eles devam falar assim, no mínimo: "Você está com o **semblante sério**. **Algo sucedeu**? Posso **acudi**-lo?".

Numa calorosa discussão, por exemplo, você não vai dizer: "**Vou agredi-lo**, **malédico**!", mas sim "**Vou te encher de porrada**, **seu #@$%***!". O uso de um léxico em substituição de outro raramente será perfeito. O contexto é tudo. Portanto, só o contexto e a intenção vão determinar qual é a escolha adequada do vocabulário (seleção vocabular).

Vale lembrar também que muitas palavras são sinônimas, se levarmos em conta as variações geográficas (aipim = macaxeira; mexerica = tangerina; pipa = papagaio; aipo = salsão...).

A **sinonímia** não trata apenas do **léxico** (palavra ou expressão), mas da frase também. Neste sentido, o uso de sinônimos é muito importante dentro de um texto – com eles, evitamos a repetição de vocábulos, porque eles servem para substituir palavras. Veremos mais sobre isso no capítulo de Coesão e Coerência, no entanto vejamos agora os exemplos de **sinonímia vocabular**:

– *A multidão teve de **clamar** em protesto. Ela só **bradou** devido ao descaso dos políticos.*

– *Graças a Deus conseguimos **extinguir** nossas dívidas. Se não as **saldássemos**, não sei o que faríamos.*

– *O jogo vai atrasar **em virtude d**o temporal. **Devido a** isso, teremos de aguardar.*

Ademais, como já foi dito, existe **sinonímia frasal**, ou seja, uma frase pode ser reescrita com outras palavras sem alteração de sentido.

– *Ela construiu esta casa. = **Esta residência foi edificada por ela**.*

– *Parece que tu estás certo sobre o assunto. = **Aparentemente a verdade sobre a questão está contigo**.*

Cuidado!!!

A FCC adora questões de sinonímia! Toda prova apresenta uma questão sobre expressões sinônimas. É claro que a banca não quer saber de você qual é o sinônimo de "bonito".

Quando a questão é formulada, a intenção é fazer você “suar a camisa”. Daí que o “homem da banca” vai criar uma questão exigindo de você o conhecimento do sinônimo de “idiossincrasia”. “Qual é?” Consulte um dicionário! Para ter facilidade neste assunto, é preciso ampliar seu vocabulário e perceber o contexto.

Antonímia

Trata de palavras, expressões ou frases diferentes na forma e com significações opostas, excludentes, ou seja, **antônimos**. Normalmente ocorre por meio de palavras de radicais diferentes, com prefixo negativo ou com prefixos de significação contrária. Veja estes exemplos:

– *O **chegar** e o **partir** são dois lados cruciais da vida.*

– *Você é meu **amigo** ou meu **inimigo**?*

– *Há menos **imigrantes** do que **emigrantes** no Brasil.*

– *Ela se molhou **de cima a baixo**.*

Só de curiosidade: qual é o antônimo de verde? Seria amarelo? "Antônimo de cor existe, Pestana?" Até onde se sabe, não! Como nem tudo é preto ou branco na língua portuguesa, os vocábulos preto (ausência de todas as cores) e branco (união de todas as cores) são antônimos. Verde só tem antônimo em sentido figurado. Exemplo: Esta fruta está verde. / Está fruta está madura (antônimo). Na verdade, o registro literário cria relações antonímicas interessantes! Por isso questão envolvendo poema é sempre perigosa...

Há **antonímia frasal**, desde que o conteúdo de uma frase ou oração esteja em conflito com o de outra:

– *Por **ter ficado calado durante anos**, aturando todos os tipos de maus-tratos, **resolveu berrar sem parar** em ataque a tudo e a todos.*

E... só "pra não dizer que não falei das flores", existem subtipos de antonímia, segundo o grande gramático José Carlos de Azeredo: a complementar, a polar, a distributiva e a reversa. Como esta minúcia não cai em prova, deixemo-la de lado, ok? (Gostou do *deixemo-la*?)

Só para fazer graça: o antônimo de um antônimo é um sinônimo?!

Homonímia

Trata de palavras iguais na pronúncia e/ou na grafia, mas com significados diferentes, ou seja, **homônimos**. Veja:

– ***São*** *Jorge já foi cantado por muitos artistas.*

– *Os alunos daqui* ***são*** *estudiosos.*

– *Finalmente o garoto ficou* ***são****.*

Existem três tipos de vocábulos homônimos: **homófonos, homógrafos** e **perfeitos**. Veja:

1) Homófonos: apresentam pronúncia igual e grafia diferente.

Acender (iluminar, pôr fogo em) / **Ascender** (subir, elevar)
Caçar (perseguir, capturar a caça) / **Cassar** (anular, revogar, proibir)
Cela (aposento de religiosos ou de prisioneiros) / **Sela** (arreio de cavalo)
Censo (recenseamento – estatística) / **Senso** (juízo claro, percepção)
Cerrar (fechar) / **Serrar** (cortar)
Concerto (apresentação musical) / **Conserto** (ato ou efeito de consertar, reparar)
Espectador (aquele que vê) / **Expectador** (o que está à espera de; e<u>x</u>pectativa (!))
Espiar (espreitar, olhar) / **Expiar** (redimir-se, pagar uma dívida)
Esperto (atento, perspicaz, ativo) / **Experto** (especialista, perito)
Estrato (camada social) / **Extrato** (extração, resumo)
Incipiente (principiante, iniciante) / **Insipiente** (ignorante, imprudente)
Seção (parte, divisão, departamento) / **Sessão** (reunião de pessoas para um determinado fim) / **Cessão** (doação, ato de ceder)
Saldar (pagar o saldo de, liquidar contas) / **Saudar** (cumprimentar, aclamar)
Tachar (censurar, acusar, botar defeito em (ideia depreciativa)) / **Taxar** (estabelecer uma taxa; avaliar positiva ou negativamente)
Trás (atrás, detrás; após, depois de) / **Traz** (forma do verbo trazer)

2) Homógrafos: apresentam grafia igual e pronúncia diferente.

Almoço (timbre fechado: refeição) / **Almoço** (timbre aberto: forma do verbo almoçar)
Conserto (timbre fechado: reparação, correção) / **Conserto** (timbre aberto: forma do verbo consertar)
Colher (timbre fechado: verbo) / **Colher** (timbre aberto: instrumento usado para comer)
Edito (decreto, lei) / **Édito** (ordem judicial)
Gosto (timbre fechado: sabor) / **Gosto** (timbre aberto: forma do verbo gostar)
Jogo (timbre fechado: recreação) / **Jogo** (timbre aberto: forma do verbo jogar)

Pôde (timbre fechado: verbo *poder* no passado) / **Pode** (timbre aberto: verbo *poder* no presente)
Sábia (mulher com sabedoria) / **Sabia** (forma do verbo saber)

Obs.: Nestes dois últimos casos, ignora-se o acento gráfico; o que importa é que as palavras apresentam a mesma grafia (mesmas letras). O único aspecto diferente é o timbre.

3) Perfeitos: apresentam grafia e pronúncia iguais.

Casa (lar, moradia) / **Casa** (forma do verbo casar)
Janta (refeição) / **Janta** (forma do verbo jantar)
Cedo (advérbio) / **Cedo** (forma do verbo ceder)
Livre (liberto, solto) / **Livre** (forma do verbo livrar)
Lima (ferramenta) / **Lima** (forma do verbo limar)
Manga (fruta) / **Manga** (parte da camisa) / **Manga** (forma do verbo mangar)
Somem (forma do verbo somar) / **Somem** (forma do verbo sumir)

Como são mais de 380.000 vocábulos na língua portuguesa, obviamente não foi possível colocar todos aqui. Nem me dei o trabalho, afinal, meu/minha nobre, você vai se lembrar de todos? Seria bom... mas o que importa, geralmente, no dia da prova, é a aplicação do conceito de **homônimo homófono, homógrafo** e **perfeito**. Beleza?

Paronímia

Trata, normalmente, de pares de palavras *parecidas* tanto na grafia quanto na pronúncia, mas com sentidos diferentes. Veja:

Abjeção (baixeza, degradação) / **Objeção** (contestação, obstáculo)
Absolver (absolvição) / **Absorver** (absorção)
Acidente (ocorrência casual grave) / **Incidente** (episódio casual sem gravidade, sem importância)
Aferir (conferir) / **Auferir** (colher, obter)
Amoral (descaso com as regras de moral) / **Imoral** (contrário à moral)
Arrear (colocar arreios em) / **Arriar** (abaixar)
Cível (relativo ao Direito Civil) / **Civil** (cortês, civilizado, polido; referente às relações dos cidadãos entre si)
Comprimento (uma das medidas de extensão – largura e altura) / **Cumprimento** (ato de cumprimentar alguém, ou cumprir algo)
Cavaleiro (homem a cavalo) / **Cavalheiro** (homem gentil)
Conjetura (suposição) / **Conjuntura** (momento)
Deferimento (concessão, atendimento) / **Diferimento** (adiamento, demora, discordância, distinção)
Delatar (denunciar) / **Dilatar** (adiar, alargar)
Descrição (ato de descrever) / **Discrição** (qualidade de quem é discreto)
Descriminar (inocentar, absolver) / **Discriminar** (distinguir, especificar, segregar)
Destratar (insultar) / **Distratar** (romper um trato, desfazer um contrato)
Defeso /ê/ (proibido) / **Defesso** /é/ (fatigado, cansado)
Desidioso (em que há desídia, preguiçoso, negligente) / **Dissidioso** (em que há dissídio, divisão; conflituoso, desarmonioso)
Despercebido (desatento, distraído) / **Desapercebido** (despreparado, desprevenido, desprovido)
Elidir (suprimir, excluir, eliminar) / **Ilidir** (rebater, contestar, refutar)
Eludir (evitar ou esquivar-se com astúcia ou com artifício) / **Iludir** (causar ilusão em, enganar, burlar)
Emenda (correção de falta ou defeito, alteração) / **Ementa** (resumo, síntese – de lei, decisão judicial etc.)
Emergir (vir à tona, surgir, manifestar-se) / **Imergir** (fazer submergir, mergulhar, afundar)
Emigrar (emigrante) (sair de um país para ir viver em outro) / **Imigrar** (imigrante) (entrar em outro país para nele viver)

Eminente (que se destaca, notável) / **Iminente** (que está prestes a ocorrer, pendente)
Flagrante (fato percebido no ato de uma ocorrência) / **Fragrante** (que exala cheiro agradável)
Fluir (transcorrer, passar) / **Fruir** (usufruir, desfrutar, gozar)
Inflação (ato de inflar, aumento de preços) / **Infração** (violação, transgressão)
Infligir (aplicar ou determinar uma punição) / **Infringir** (desobedecer, violar, transgredir)
Mandado (incumbência, ordem, missão) / **Mandato** (procuração, poder recebido para representar outrem)
Pleito (questão em juízo, discussão, eleição; pleitear: demandar em juízo; falar a favor de) / **Preito** (homenagem, respeito)
Preceder (anteceder, vir antes) / **Proceder** (vir, provir, originar-se)
Preeminente (que ocupa lugar mais elevado, superior) / **Proeminente** (que sobressai, que vem à frente)
Prescrever (prescrição) (preceituar, receitar) / **Proscrever** (proscrição) (banir, expulsar, vetar, proibir)
Relegar (pôr em segundo plano; deixar de lado) / **Renegar** (renunciar, rejeitar, negar)
Reincidir (reincidência) (tornar a incidir, recair em, repetir) / **Rescindir** (rescisão) (tornar nulo – um contrato –, cancelar)
Remição (ato ou efeito de remir "tornar a obter, resgatar", liberação de pena ou dívida) / **Remissão** (perdão; ação ou efeito de remeter)
Repreensão (censura, advertência) / **Repressão** (ação de reprimir, contenção, impedimento)
Ratificar (confirmar, corroborar) / **Retificar** (alterar, corrigir)
Sesta /é/ (período de descanso) / **Cesta** /ê/ (compartimento)
Soar (emitir som) / **Suar** (transpirar)
Sortir (abastecer, prover) / **Surtir** (ter como consequência, produzir, acarretar)
Sobrescrever ou **sobrescritar** (pôr nome e endereço do destinatário) / **Subscrever** ou **subscritar** (assinar)
Tráfego (movimento ou fluxo, trânsito) / **Tráfico** (negócio, comércio ilegal)
Vultoso (de grande vulto, nobre, volumoso) / **Vultuoso** (inchaço especialmente na face e nos lábios)
Usuário (o que usa alguma coisa) / **Usurário** (o que pratica a usura ou agiotagem)

Não fique louco de tanto decorar estes parônimos. **Entenda** o que é um **parônimo**! Na hora da prova, o que importa é se você consegue se lembrar do conceito de **paronímia**, e não a decoreba. Ok?

Saiba que principalmente a FCC “se amarra” em trabalhar questões de paronímia junto de flexão verbal. Veja esta questão:

16. (FCC – TRF/2R – Analista Judiciário (ADM) – 2012) O emprego, a grafia e a flexão dos verbos estão corretos em:

b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre renegada a um segundo plano, eis que ela imerge do esquecimento, em 1974.

c) A cada novo ciclo econômico retificava-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, sobreviram longos anos de esquecimento.

Deveriam ser reescritas assim:

b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre **relegada** a um segundo plano, eis que ela **emerge** do esquecimento, em 1974.

c) A cada novo ciclo econômico **ratificava**-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, **sobrevieram** longos anos de esquecimento.

Foi feita a diferença entre relegar/renegar, emergir/imergir, ratificar/retificar. Fique esperto!

Polissemia

Trata da pluralidade significativa de um mesmo vocábulo, que, a depender do contexto, terá uma significação diversa. Em palavras mais simples: a palavra polissêmica é aquela que, dependendo do contexto, muda de sentido (mas não muda de classe gramatical!).

Por exemplo, veja os sentidos de "peça": "peça de automóvel", "peça de teatro", "peça de bronze", "és uma boa peça", "uma peça de carne" etc. Só de curiosidade: a palavra *ponto* é a mais polissêmica da nossa língua! Consulte o dicionário e veja.

Agora, observe mais estes exemplos:

– *Desculpe o* ***bolo*** *que te dei ontem.*

– *Comemos um* ***bolo*** *delicioso na casa da Jéssica.*

– *Tenho um* ***bolo*** *de revistas lá em casa.*

Cuidado!!!

Não confundir **homônimos perfeitos** com vocábulos **polissêmicos**. Uma boa maneira de resolver a situação, normalmente, é perceber se há mudança na classe gramatical do vocábulo; se houver, a palavra **não** é polissêmica! Às vezes, é preciso analisar a homonímia e a polissemia partindo de uma descrição semântica mais profunda, pois há uma questão histórica nos significados das palavras. Por exemplo, *manga* (fruta) e *manga* (parte da camisa) não têm a mesma origem (o mesmo radical) e não pertencem ao mesmo campo de sentido, por isso são *homônimas perfeitas*.

Veja estas frases:

– *O peso está muito* ***leve*** *para mim.* (adjetivo)

– *Bateram* ***leve*** *à porta.* (advérbio)

– *Por favor,* ***leve*** *isso para ela.* (verbo)

Nestes casos, portanto, constatamos que "leve" não é vocábulo **polissêmico**, mas sim **homônimos perfeitos** (mesma grafia e pronúncia, mas classes gramaticais diferentes). Perceba nos exemplos do "'bolo" que a classe gramatical não mudou, ou seja, "bolo" é substantivo em todos os casos, o que muda é só o sentido. Mesma classe gramatical, diferente contexto, diferente sentido: palavra **polissêmica**. Ficou claro agora, não?

Curiosidade: a palavra "ponto" é uma das mais polissêmicas (senão "a mais") da língua portuguesa.

Hiponímia e Hiperonímia

Se você teve infância, com certeza já brincou de “adedaaaaaanha”! Você se lembra de que a gente colocava no alto da folha assim:

Homem	Mulher	Cor	Fruta	Animal	Objeto (...)

E, em baixo de cada um desses, colocamos nomes de homens, mulheres, cores, frutas, animais, objetos etc. Bem, voltamos à infância, não? O que eu quero falar com tudo isso? Em linguagem séria, estou falando de **hipônimos** e **hiperônimos**; você já brincou com **hipônimos** e **hiperônimos** na sua vida, sabia disso?

É o seguinte: o **hiperônimo** é uma palavra cuja significação inclui o sentido de diversas outras palavras, é uma palavra que se refere a todos os seres de uma “espécie”:

Animal é hiperônimo de gato, tartaruga, burro, boi etc.

Fruta é hiperônimo de laranja, uva, maçã, morango etc.

Já o **hipônimo** é uma palavra de significação específica dentro de um campo de sentido:

Fernando, José, Saulo são hipônimos de **homem**.

Azul, amarelo, branco são hipônimos de **cor**.

Portanto, o **hiperônimo** é uma palavra que *abarca* o sentido de outras palavras, é mais **abrangente**; o **hipônimo**, por sua vez, tem o sentido mais **restrito** em relação a um vocábulo de sentido mais genérico. Há entre esses conceitos, portanto, uma relação de hierarquia.

Meronímia e Holonímia

Este assunto não cai em prova (pelo menos eu nunca vi), mas meus dedos coçam. Se quiser "passar batido" por ele, fique à vontade! Caso contrário, aprenda mais um pouquinho.

O conceito de **meronímia** trata de palavras que representam a parte de um todo, ou seja, a palavra **pneu** mantém uma relação de sentido com a palavra **carro**, pois aquele constitui este. Portanto, assim como pneu é um **merônimo** de carro, dedo é de mão, braço é de corpo, tecla é de computador etc.

Adivinha quais são os **holônimos**! A **holonímia** trata de palavras que apresentam uma ideia de todo em relação a suas partes. Por exemplo, a palavra **porta** é holônima de **maçaneta**, que, por sua vez, é merônima.

Acronímia, Estrangeirismos, Toponímia, Antroponímia, Axionímia e Oneonímia

Desses conceitos, o que eu já vi em prova foi o **estrangeirismo**, portanto não se preocupe com os demais.

Só para começar, saiba que existem inúmeras nomenclaturas relativas a grupos de palavras; confira: http://www.myetymology.com/portuguese/-%C3%B4nimo.html.

Vejamos as mais conhecidas.

A **acronímia**, ou sigla, trata de palavras criadas a partir das iniciais de uma expressão: Petrobras (petróleo brasileiro), e-mail ("electronic mail"), Comlurb (Companhia Municipal de Limpeza Urbana) etc. Alguns estudiosos dizem que há uma diferença entre sigla e acrônimo: este é pronunciado como uma palavra só, respeitando a estrutura silábica da língua, aquela é pronunciada em soletração.

Os **estrangeirismos** são palavras de origem estrangeira, que podem ou não ser aportuguesadas, o que significa que tais palavras se submetem à ortografia e morfologia do português, por meio de leve adaptação ou tradução literal; checar ("check"), estresse ("stress"), banda ("band"), toalete ("toillet") etc.; alta costura ("haute couture"), centroavante ("center-forward"), cachorro-quente ("hot dog") etc. A recomendação é que grafemos entre aspas ou em itálico as palavras estrangeiras em sua forma original: "mouse", "drive-in", "personal trainer", "show" etc. Conhece o *Samba do Approach*, de Zeca Baleiro? Não?! Escute assim que puder!

A **toponímia** trata de palavras que representam lugares: Brasil, Rio de Janeiro, Jacarepaguá, Praça Seca etc.

A **antroponímia** trata de palavras que representam pessoas: Dilma, Fernando, José, João, Maria José etc.

A **axionímia** trata de palavras que constituem formas corteses de tratamento, expressões de reverência, títulos honoríficos etc.: Excelência, Doutor, Dom, Meritíssimo, senhor(a), Vossa Majestade, Sua Santidade etc.

A **oneonímia** diz respeito a palavras referentes a marcas ou artigos comerciais: Melhoral, Gelol, Anador, Nescafé, Bombril, Ricardo Eletro, Café Pilão etc.

Campo Lexical e Campo Semântico

Alguns estudiosos não fazem a distinção entre um conceito e outro, mas muitos (e consagrados!) o fazem, logo é o que farei aqui.

Campo semântico

É um conceito que trata de um conjunto de palavras que mantêm uma familiaridade de sentido por pertencerem à mesma área. Nosso conhecimento de mundo nos norteia quanto à escolha de palavras que se correlacionam.

Na informática, por exemplo, as seguintes palavras pertencem ao mesmo campo semântico: computador, monitor, impressora, teclado e tecnologia. Já na área do futebol, podemos dizer que as palavras árbitro, bola, gol, equipe, estádio, torcida, cartão, craque etc. pertencem ao mesmo campo. Como já disse, muitos estudiosos entendem que tais grupos de palavras ou expressões pertencem ao mesmo **campo semântico**. Campo semântico em torno do conceito de morte: falecer, bater as botas, ir desta para melhor, apagar-se etc.

Campo lexical

É um conceito que trata de um conjunto de palavras que mantêm uma familiaridade de sentido por terem o mesmo radical (também chamado de **família de palavras** ou **vocábulos cognatos**): mar, marinho, marinheiro, marítimo, maresia, amarar, amerissar, amaragem, amerissagem...

Nem doeu, não é? Muito fácil!

Ambiguidade

Trata da duplicidade de sentidos que pode haver em uma palavra, em uma expressão, em uma frase ou em um texto inteiro, em razão do contexto linguístico. A **ambiguidade** ou **anfibologia** pode ser causada por vários fatores. Veja alguns casos:

Distinção entre agente (adjunto adnominal) e paciente (complemento nominal)

– *A demissão* ***do ministro*** *causou celeuma.* (Ele demitiu ou foi demitido?)

Mau uso do pronome

– *Pedro e Marina vão desquitar-****se****.* (Um do outro ou de seus cônjuges?)

Má colocação de palavras

– *A professora deixou a turma* ***entusiasmada****.* (Ela ou a turma?)

Mau uso de pronomes relativos (dois antecedentes expressos)

– *Encontrei a menina e o menino de* ***que*** *lhe falei*. (Falou de quem?)

Não distinção entre pronome relativo e conjunção integrante

– *O cliente falou com a advogada* ***que*** *mora perto daqui*. (Quem mora perto?)

Indefinição de complementos

– *O pai quer o casamento logo, mas a filha não* ***quer****.* (Não quer casar ou não quer que seja logo?)

Mau uso das formas verbo-nominais

– *O advogado encontrou o réu* ***entrando*** *no tribunal*. (Quem entrava no tribunal?)

Mau uso dos possessivos

– *Chegaram João, Maria e* ***seu*** *filho*. (Filho de quem?)

Inversão sintática

– *Venceram* ***os flamenguistas os vascaínos****.* (Quem perdeu?)

Mau uso dos adjuntos adverbiais

– *Depois de difícil disputa, São Paulo vence o Avaí* ***em casa****.* (Na casa de quem?)

Polissemia

– *O* ***xadrez*** *está na moda*. (O jogo ou a roupa?)

Locução prepositiva ou preposição seguida de substantivo

– *Fui* ***ao encontro d****as turmas*. (Fui *em direção à*s turmas ou fui a uma *reunião* na qual se encontravam as turmas?)

Obs.: Às vezes, a ambiguidade – quando bem empregada – pode ter valor expressivo, criativo.

*Se o seu problema é **a vista**, nós vendemos a prazo. (Propaganda de uma ótica.)*

*– Doutor, já quebrei o braço em vários **lugares**.*

*– Se eu fosse o senhor, não voltava mais para esses **lugares**. (Piada... péssima)*

Intertextualidade

Sugiro que você leia as sábias palavras de Platão e Fiorin, autores do excelente livro *Lições de texto: leitura e redação*:

"Com muita frequência um texto retoma passagens de outro. Quando um texto de caráter científico cita outros textos, isto é feito de maneira explícita. O texto citado vem entre aspas e em nota indica-se o autor e o livro donde se extraiu a citação.

Num texto literário, a citação de outros textos é implícita, ou seja, um poeta ou romancista não indica o autor e a obra donde retira as passagens citadas, pois pressupõe que o leitor compartilhe com ele um mesmo conjunto de informações a respeito de obras que compõem um determinado universo cultural. Os dados a respeito dos textos literários, mitológicos, históricos são necessários, muitas vezes, para a compreensão global de um texto."

Em suma, a intertextualidade trata da relação de identidade e semelhança entre dois textos em que um cita o outro com referência implícita ou explícita. Um texto B faz menção, de algum modo, a um texto A.

A intertextualidade se apresenta, normalmente, nas provas de concursos públicos, pela **paráfrase** ou pela **paródia**. Alguns exemplos e suas explicações a seguir são baseados em algumas questão feitas pela banca do vestibular da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

Paráfrase

É uma reescritura em que se ratifica, positivamente, a ideologia do texto original, ou seja, é dizer o mesmo com outras palavras:

A escola, embora não tenha plena consciência do processo que desencadeia, é a base para a evolução profissional do ser humano.

As instituições de ensino, apesar de não se darem conta da interferência na psique alheia, são o alicerce do desenvolvimento secular do homem.

Paródia

É a intertextualidade em que se subverte ou se distorce a ideologia do texto original, normalmente com objetivo irônico:

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá;
As aves que aqui gorjeiam
Não gorjeiam como lá
(Gonçalves Dias)

Minha casa tem goteiras,
Pingam daqui pingam de lá;

Quando chove é uma tristeza,
Pegue um balde para ajudar.

(Abraão S. Dias)

Há outros tipos de intertextualidade, como a **citação**, o **plágio** e a **alusão**:

Citação

Como de costume, muitas definições dessa gramática se basearão no sensacional dicionário Caldas Aulete. Não poderia ser diferente agora. Segundo ele, "é uma frase ou passagem de obra escrita, reproduzida geralmente com indicação do autor original, como complementação, exemplo, ilustração, reforço ou abonação daquilo que quer dizer". Os dois-pontos e as aspas simples ou duplas (principalmente) costumam aparecer nas citações.

*Concordo com Machado de Assis quando disse: "**A vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal**".*

Plágio

É a apresentação de imitação ou cópia de obra intelectual ou artística alheia como sendo de própria autoria. As aspas são ignoradas, como se as palavras fossem autênticas e de sua autoria.

Segundo penso, ***a vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal***.

Alusão

É uma referência vaga, breve e indireta que se faz a/de alguma pessoa ou coisa. Às vezes é difícil perceber. É preciso que haja um bom conhecimento de mundo, uma boa "mina" cultural.

Meu partido
É um coração partido
*E **as ilusões estão todas perdidas***
Os meus sonhos foram todos vendidos
Tão barato que eu nem acredito
Eu nem acredito
Que aquele garoto que ia mudar o mundo
(Mudar o mundo)
(...)

(Cazuza e Frejat)

Este verso pode ser lido como uma **alusão** a um livro intitulado *Ilusões perdidas*, de Honoré de Balzac.

Para que eu não fique com a consciência pesada, cito mais três tipos de intertextualidade:

estilização, **epígrafe** e **pastiche.**

Estilização

Um texto, ao dialogar com outras manifestações culturais, pode estabelecer com elas diferentes relações de sentido. Esse tipo de intertextualidade complementa o sentido do texto original. Veja este texto de Rubem Alves, que amplia o lamento de Ravel:

Terminando a minha crônica do último domingo eu me referi a Ravel que, ao final da vida, dizia, como um lamento: "Mas há tantas músicas esperando ser escritas!". ***E acrescentei um comentário meu: "Com certeza o tempo não se detém para esperar que a beleza aconteça..." (...) A vida é como a vela: para iluminar é preciso queimar. A vela que ilumina é uma vela alegre. A luz é alegre. Mas a vela que ilumina é uma vela que morre. É preciso morrer para iluminar. Há uma tristeza na luz da vela. Razão por que ela, a vela, ao iluminar, chora. Chora lágrimas quentes que escorrem da sua chama. Há velas felizes cuja chama só se apaga quando toda a cera foi derretida. Mas há velas cuja chama é subitamente apagada por um golpe de vento... (...)***

Epígrafe

Literariamente falando, trata-se de um pequeno texto no início de um livro, conto, capítulo ou poema, para lhe dar apoio temático, ou resumir-lhe o sentido ou a motivação. Veja:

"Sou do tamanho daquilo que vejo e não do tamanho da minha altura." (Carlos Drummond de Andrade)

Após esse pequeno texto (epígrafe), segue-se um texto qualquer, que pode ser um conto, uma crônica, um poema, uma resenha etc.

Pastiche

É um trabalho literário ou artístico grosseiramente copiado de outro, normalmente feito de colagens, com viés cômico e, às vezes, crítico. O limite entre **pastiche** e **paródia** é tênue. Muitos estudiosos apresentam definições "supersemelhantes" a um e a outro tipo de intertextualidade. Veja um exemplo de **pastiche**, em que se mistura o Seu Madruga (Madruga é um clássico!) com o cantor da banda *The Doors*, Jim Morrison:

(Fonte desconhecida)

Denotação e Conotação

A essa altura do campeonato, você já percebeu que o contexto é determinante para que atribuamos este ou aquele sentido a uma palavra, certo? É por aí que os conceitos de **denotação** e **conotação** *passeiam* (usei o verbo *passear* com sentido conotativo, percebeu?).

A **denotação** trata do significado básico e objetivo de uma palavra; uma palavra com sentido denotativo está no seu sentido literal, primário, real.

– *Gosto de estudar à* ***noite****.*

A **conotação** é o avesso, pois trata do sentido figurado, simbólico, não literal das palavras.

– *Há dias que amanhecem* ***noite****.*

Note que o verbo amanhecer também está no sentido figurado, porque dias não amanhecem. O ato de amanhecer não depende de ser algum, pois amanhecer é um fenômeno natural.

Fatos e Dificuldades da Língua Culta

Há muitos pares (ou trios, ou quartetos) de palavras ou expressões cultas que nos deixam "de cabelo em pé", não é verdade? Quando usar uma ou outra forma? Sublinho que tudo abaixo cai todo ano em concursos diversos, principalmente os números 1, 2, 3 e 4.

Seus problemas acabaram agora!

1) Por que / Porque / Por quê / Porquê

A forma **por que** pode ser uma locução adverbial interrogativa de causa quando equivale a "por qual razão/motivo' ou 'a razão pela qual". Pode aparecer em frases interrogativas diretas (com o sinal "?") e indiretas (sem o sinal "?").

– ***Por que*** *você fez isso?*

– *Juro que eu não sei* ***por que*** *eu fiz isso.*

A forma **por que** pode ser apenas a combinação da preposição "por" + o pronome indefinido "que", equivalendo a "por qual".

– *Começo a entender* ***por que*** *motivo você fez isso.*

A forma **por que** pode ser apenas a combinação da preposição 'por', exigida por um termo + a conjunção integrante "que".

– *Eu sempre* <u>*ansiei*</u> ***por que*** *você me explicasse o motivo.*

A forma **por que** também pode ser a combinação da preposição "por" + o pronome relativo "que", equivalendo a "pelo qual" (e variações).

– *O motivo* ***por que*** *você fez isso não é mais surpresa para ninguém.*

A forma **porque** pode ser uma conjunção explicativa ou causal (equivalendo a *pois, visto que, já que, etc.*); para alguns gramáticos, como Luiz A. Sacconi, Pasquale C. Neto, Ulisses Infante etc., pode ser também uma conjunção final (equivalendo a "para que").

– *Você fez isso* ***porque*** *(pois) queria dinheiro, não é?*

– *Só fiz isso* ***porque*** *(para que) conseguisse dar-me bem, até* ***porque*** *(pois; ignore o "até") sou merecedor.*

Cuidado!!!

Em frases interrogativas diretas, a banca vai tentar influenciar você a marcar o uso de **por que** (separado, sem acento). Não caia nessa. Analise com calma a questão, pois, mesmo em frases interrogativas diretas, podemos usar a forma **porque**. Veja só um caso: "Será **porque** ele viajou mais de 20 horas na classe econômica que está cansado?". Observe que a substituição por "pois" não seria suficiente para batermos o martelo, até porque ia ficar estranha a frase: "Será *pois* (?!) ele viajou mais de 20 horas na classe econômica que está

cansado?". Como analisar, então, a frase "Será ***porque*** ele viajou mais de 20 horas na classe econômica que está cansado?". Ignore o verbo **ser** + **que**, que formam uma expressão expletiva (de realce), e a frase ficará assim, na ordem direta: "Ele está cansado ***porque*** (= pois) viajou mais de 20 horas na classe econômica?". Percebe que a forma ***porque*** está certíssima? Cuidado!!!

A forma **por quê** pode ser usada antes de pausa representada por sinal de pontuação, em fim de frase ou isolada.

– *Agora você soube **por quê**, certo?*

– *Sem seu esclarecimento, nunca entenderia **por quê**.*

– ***Por quê**?*

A forma **porquê** é um substantivo e vem comumente acompanhada de um determinante (artigo, pronome, numeral ou adjetivo/locução adjetiva). Esta "regrinha" anula a anterior, ou seja, por mais que a expressão esteja em fim de frase ou antes de pontuação, se vier acompanhada de determinante, será escrita "junto com acento". Pode ir ao plural, uma vez que se trata de um substantivo.

– *Preciso que você me explique pelo menos mais dois **porquês**, ok?*

– *Só vou dar este **porquê** a você; já o **porquê** de verdade não lhe cabe saber.*

2) Há / A

A forma verbal ***há***, para não ser confundida com a preposição ***a***, precisa ser entendida como indicadora de tempo passado ou decorrido (pode-se substituir por "faz" para facilitar). A preposição ***a***, por sua vez, indica tempo futuro ou distância.

– ***Há** meses venho fazendo provas de concurso.*

– *É por isso que você está **a** anos luz de mim.*

Obs.: Sobre "**Há** uns anos **atrás**...": a demolidora maioria dos linguistas (e é assim que se vê em prova de concurso) diz que não se usa o vocábulo "atrás", pois o **há** já indica tempo decorrido. Isso serve para a expressão "**há** cerca de dez anos **atrás**" (Isso me lembra a música do Raul Seixas: "Eu nasci há dez mil anos atrás...". Mas o homem tinha licença poética.). Só de curiosidade: usa-se **a** na expressão destacada "Não tem nada ***a*** ver, cara!".

3) Se não / Senão

Assinando embaixo da lição dada por Odilon Soares Leme (obrigado, mestre!) sobre o assunto, parafraseio muito – *senão* plagio – a explicação dele, der-ra-dei-ra!

A forma **se não** é constituída de conjunção condicional **se** + o advérbio de negação **não** (iniciando orações subordinadas adverbiais condicionais – normalmente os verbos dessa oração estão no modo subjuntivo e/ou indicando hipótese).

Bizu: se puder tirar o **não** da frase, usa-se **se não** (separado). E mais: podemos, neste caso, substituir **se não** por **caso não**.

– ***Se não*** *estudar, não passará. (Se estudar, passará. / Caso não estude, não passará.)*

A forma **se não** é constituída de conjunção integrante **se** + o advérbio de negação **não.**

– *Ele perguntou* ***se não*** *iríamos à festa. (Ele perguntou se iríamos à festa.)*

A forma **se não** é constituída de pronome oblíquo átono **se** (reflexivo, apassivador ou indeterminador do sujeito) + o advérbio de negação **não**. Tal caso ocorre em apossínclise, ou seja, quando o pronome fica, normalmente, entre o que e o não antes do verbo. Esse caso é raro; normalmente encontrado em escritos literários.

– *Existem pessoas que* ***se não*** *penteiam. (Normalmente dizemos: ... que não se penteiam; pronome reflexivo.)*
– *Há coisas que* ***se não*** *dizem. (Normalmente dizemos: ... que não se dizem; pronome apassivador.)*
– *Ele só mora em lugares onde* ***se não*** *vive tranquilamente. (Normalmente dizemos: ...onde não se vive tranquilamente; pronome indeterminador do sujeito.)*

A forma **senão** é usada nos seguintes casos: quando é uma **preposição acidental** indicando exceção (pode ser substituído por afora, exceto, salvo, a não ser); quando é uma **conjunção adversativa** (pode ser substituído por mas, mas sim; normalmente a oração introduzida por esta forma apresenta verbo implícito); quando é uma **conjunção aditiva** (vem depois de não só/não apenas/não somente, equivalendo a mas também); **substantivo** (com sentido de problema, falha, erro); quando vem depois de verbo no imperativo ou verbo indicando opinião, sugestão, recomendação (neste caso, o senão pode ser interpretado de duas maneiras: **conjunção condicional "se" aglutinada ao advérbio de negação "não"** (seguido de verbo da oração anterior implícito + outro verbo; equivalendo a do contrário) ou **conjunção alternativa** (seguido de verbo da oração anterior implícito, mas sem verbo algum depois; equivalendo a ou). Vejamos, respectivamente, os exemplos:

– *Nada pode derrubar minha confiança* ***senão*** *as palavras de minha amada, pois que coisa sou eu* ***senão*** *seu escravo? (= exceto, salvo, a não ser)*
– *Não quero seu amor,* ***senão*** *sua amizade. (= mas sim)*
– *Meu amigo, não só estudo,* ***senão*** *trabalho; não tenho esta vida fácil. (= mas também)*

– *Ele apontou não só um **senão**, mas vários **senões** na tramitação do processo. (= problema, falha)*
– *Estude, **senão** será reprovado! (= do contrário; Estude, se não estudar, será reprovado)*
– *Fala três línguas, **senão** quatro. (= ou; Fala três línguas, se não falar quatro)*

Obs.: Segundo o dicionário Aurélio, o filólogo Arnaldo Niskier e outros linguistas, "... se usará **se não** (separado), virgulando-o, se houver pausa enfática". Daí as duas possibilidades: "Lute, **senão** está perdido" ou "Lute; **se não** (lutar), está perdido.".

Há um **caso facultativo**: quando o **senão**, indicando alternativa, incerteza, imprecisão, equivaler a **ou**. Nestes casos, pode-se interpletar que o verbo está subentendido.
– *É muito difícil, **senão** (**se não** (for)) impossível, prever o resultado.*
– *João é rico, **senão** (**se não** (for)) riquíssimo.*
– *Comprarei duas TVs, **senão** (**se não** (comprar)) três.*
– *Compareceu a maioria dos convidados, **senão** (**se não** (compareceu)) todos.*

Meus dedos coçam. Preciso dar um exemplo de uma questão sobre o assunto. Veja!

UNIRIO – Técnico-Administrativo em Educação (Revisor de Texto) – 2008
(...)
Escrevi este primeiro parágrafo no mais irresponsável araque dactilográfico e só então resolvi parar para pensar, o que é sempre uma atitude condenável, acaba retirando o embalo da naturalidade em que a gente se vai arrastando, digamos, nas asas da inspiração. Parei para pensar só, não. Fui ao "pai dos burros", o velho Domingos de Azevedo dos meus tempos de ginásio. E ali como sempre aprendi o insuspeitado: pois, senão, vejamos. Abro até outro parágrafo, para que o texto respire uma pausa e, ao mesmo tempo, ganhe a necessária solenidade a minha recentíssima ciência vocabular.
(...)
5. A palavra sublinhada em "... pois, senão, vejamos." (§ 2º.) foi empregada com as mesmas características morfológica e semântica em:
a) A quem, ***senão* (exceto; preposição acidental)** ao nosso orientador, devemos recorrer, nos momentos de dúvidas, quanto ao desenvolvimento de uma monografia?
b) O jornalista não apenas considerou minuciosamente o fato, ***senão* (mas também; conjunção aditiva)** divulgou-o com cautela, para que se evitassem distorções.
c) O médico esperava que a epidemia fosse controlada com rapidez, ***senão (do contrário; conjunção condicional aglutinada ao advérbio 'não' ou conjunção alternativa; vem seguido de verbo implícito + verbo explícito)*** teria de adiar, para o mês seguinte, a palestra em São Paulo. – *O médico esperava que a epidemia fosse controlada com rapidez, **se não (fosse controlada), teria de adiar...***
d) Havia apenas aquele ***senão* (problema, falha, erro; substantivo)** em todo o texto escrito pelo candidato estrangeiro à vaga no curso de Biblioteconomia.
e) Gastou todo o salário do mês de março, ***senão* (ou; conjunção alternativa; não vem seguido de verbo explícito, só implícito)** mais, na compra de livros sobre psicologia, pois queria passar no concurso. – *Gastou todo o salário do mês de março, **senão** (gastou) **mais...***

4) Onde / Aonde / Donde

As formas **onde**, **aonde** e **donde** podem ser classificadas como advérbio de lugar ou pronome relativo (quando retoma um termo anterior). As duas últimas só ocorrem se houver as

combinações das preposições **a** e **de** (exigidas por um verbo ou por um nome) + **onde**. Veja:

– *Estou **onde** quero na empresa. (advérbio de lugar)*

– *O Exército, para **onde** fui, é minha casa. (Pronome relativo. Quem vai (no sentido de ir e permanecer), vai para algum lugar.)*

– ***Donde** você saiu para chegar **aonde** se encontra? (Advérbios de lugar. Quem sai, sai **de** algum lugar e quem chega, chega **a** algum lugar.)*

– *A cidade **donde** venho é muito pequena. (Pronome relativo. Quem vem, vem **de** algum lugar.)*

– *Meu coração, **aonde** a ida não é nada fácil, abriu-lhe a guarda. (Pronome Relativo. O substantivo "ida" exige a preposição **a.**)*

Cuidado!!!

1) Lembre-se de que a combinação da preposição **de** com **onde** é opcional, ou seja, podemos dizer (ou escrever): "O presídio **de onde** (ou **donde**) João Augusto saiu ficava bem distante de sua nova residência.".

2) Uma maneira prática para saber usar **onde** ou **aonde** é perceber se o verbo indica noção estática ou noção dinâmica. Veja: **Aonde** você mora? (errado) / **Onde** você mora? (certo; noção estática) / **Aonde** você está? (errado) / **Onde** você está?(certo; noção estática) / **Onde** você foi? (errado) / **Aonde** você foi? (certo; noção dinâmica). **Onde** você pretende chegar com essa atitude? (errado) / **Aonde** você pretende chegar com essa atitude? (certo; noção dinâmica)

3) A noção de lugar vale para espaços físicos, virtuais ou figurados. Portanto o **onde** (aonde ou donde), normalmente como pronome relativo em provas de concursos públicos, pode retomar palavras ou expressões que indiquem "colocação numa classificação, escala ou hierarquia; emprego, cargo; posição social; momento, ocasião, oportunidade; trecho dentro de um livro ou filme; direção, caminho, destino, espaço físico, emocional ou filosófico". Veja alguns exemplos:

– *O primeiro lugar do vestibular, **onde** ninguém esperava que eu ficasse, é meu!*

– *Você está **onde** na empresa? Eu estou na vice-presidência.*

– *Finalmente conseguimos entrar na classe B, **onde** todos um dia desejam, no mínimo, estar.*

– *Em seu ego, **onde** nunca dera oportunidades a sentimentos negativos, muita coisa mudou.*

– *No capítulo 24 do livro de Mateus, **onde** Jesus fala sobre os últimos dias, muitas profecias são anunciadas.*

– *Quanto a seu estado mental, atualmente não mais sabemos **onde** ele se encontra.*

– *O Budismo*, ***de onde*** *eu nunca deveria ter saído, me trazia paz de espírito.*

5) Mal / Mau

A forma **mal** pode ser um substantivo, um advérbio (antônimo de "bem") ou uma conjunção subordinativa temporal (equivalendo a "logo que, assim que"). Já **mau** pode ser um substantivo ou um adjetivo (equivalendo a "bom").

– *O* ***mal*** *de Parkinson é uma doença incômoda. (substantivo)*

– *A pessoa anda* ***mal****, fala* ***mal*** *etc. (advérbio, advérbio)*

– *Engraçado,* ***mal*** *toquei no assunto, eu me lembrei de uma coisa: os* ***maus*** *da humanidade sofreram disso, sabia? (conjunção subordinativa temporal, substantivo)*

– *Tenho um amigo que é muito* ***mau****, será que...? (adjetivo)*

6) Mais / Mas

A forma **mais** (normalmente advérbio ou pronome indefinido) está ligada à ideia de quantidade, intensidade ou tempo (neste caso, quando vem depois de uma negação). **Mas** é uma conjunção coordenativa adversativa, quando equivale a porém; é uma conjunção coordenativa aditiva, quando antes vêm as expressões "não só/não apenas/não somente". Só de curiosidade: a pronúncia é a mesma.

– *Sou* ***mais*** *feliz quando estou com você,* ***mas*** *você nunca está aqui. (advérbio de intensidade, conjunção coordenativa adversativa)*

– *Dedique* ***mais*** *tempo a sua esposa, e ela não vai* ***mais*** *cobrar nada de você. (pronome indefinido – quantidade –, advérbio de tempo)*

– *Não só fiquei* ***mais*** *contente,* ***mas*** *também extremamente realizado. (advérbio de intensidade, conjunção coordenativa aditiva)*

7) Afim / A fim de

A forma **afim** é um adjetivo que significa afinidade, semelhança, parentesco; **a fim de** é uma locução prepositiva que indica finalidade, propósito, intenção.

– *Apesar de ele ser meu parente* ***afim****, nós não temos ideias* ***afins****.*

– *Comecei a estudar* ***a fim de*** *fazer aquela famigerada prova.*

– *Está* ***a fim de*** *namorar comigo? (frase própria do registro coloquial)*

8) Em vez de / Ao invés de

A forma **ao invés de** é usada com termos antônimos na frase em que aparece; já **em vez de** equivale a no lugar de.

– ***Em vez de*** *estudar para a prova do TSE, estudou para a do AFT.*

– ***Ao invés de*** *ser elogiado pelo que disse, foi vaiado efusivamente.*

9) Acerca de / Há cerca de / (a) cerca de

A primeira forma equivale a sobre (assunto); a segunda indica número aproximado ou tempo decorrido aproximado; a terceira indica distância aproximada, tempo futuro aproximado ou quantidade aproximada.

– *Falamos **acerca de** futebol e de política.*

– ***Há cerca de** vinte mil pessoas habitando aquele bairro.*

– ***Há cerca de** uns anos venho estudando com vontade.*

– *Estou **(a) cerca de** um mês para a prova.*

– ***Cerca de** cem amigos presentearam-no quando se casou.*

10) Malgrado / (De) mau grado

A forma **malgrado** (preposição acidental: antes de verbo no infinitivo; ou conjunção subordinativa concessiva: antes de verbo no subjuntivo) equivale a "apesar de, embora"; já **(de) mau grado** é uma expressão formada por "(preposição) + adjetivo + substantivo" e indica má vontade, contra a vontade.

– ***Malgrado** não ter estudado suficientemente, passei em terceiro lugar.*

– ***Malgrado** não tenha estudado suficientemente, passei em terceiro lugar.*

– *O advogado fez as tarefas diárias **de mau grado**.*

– ***Mau grado** meu, trouxe o amigo consigo.*

11) Porventura / Por ventura

A forma **porventura** é um advérbio de dúvida e equivale a por acaso; já **por ventura**, a por sorte. Observe o diálogo:

– *"**Porventura** já fui desonesto com você ou com qualquer outro amigo nosso?"*

– *"**Por ventura** ainda não, pois, se fosse, iria arrepender-se amargamente."*

12) A baixo / Abaixo

Usa-se a forma **a baixo** quando, na frase, vem acompanhada da expressão de cima. Em outros casos, usa-se o **abaixo**.

– *Ela sempre me olha de cima **a baixo**.*

– ***Abaixo** dela não há mais ninguém na lista.*

13) De encontro a / Ao encontro de

A forma **de encontro a** está ligada à ideia de "choque, colisão, divergência, oposição". A segunda forma (**ao encontro de**) está relacionada à ideia de "algo favorável, aproximação positiva, pensamento convergente".

– *Nunca fui **de encontro à**s ideias dele, pois são ótimas.*

– *Resolvi ir **ao encontro d**ela, uma vez que valia a pena.*

*– Seu plano é excelente, pois vem **ao encontro do** que pensamos.*
*– O carro atravessou a pista e foi **de encontro à** mureta.*

14) A par de / Ao par de

A forma **a par de** é o mesmo que "estar ciente de"; **ao par de** equivale a "pareado", na área da economia.

*– Por que nunca fico **a par d**os assuntos desta empresa?*
*– Um dia, o Real estará, de fato, **ao par d**o Dólar?*

15) Com quanto / Conquanto

Com quanto refere-se à quantidade, valor; **conquanto** é uma conjunção subordinativa concessiva e equivale a "embora".

*– **Com quanto** dinheiro você pretende viajar para os EUA?*
*– **Conquanto** consiga boas notas nas provas mais difíceis, ele nunca fica satisfeito.*

16) Por quanto / Porquanto

Por quanto refere-se à quantidade, valor; **porquanto** é uma conjunção explicativa ou causal e equivale o mesmo que **pois**.

*– **Por quanto** vocês me venderiam este livro?*
*– Estudo cinco horas por dia, **porquanto** me é suficiente.*

17) De mais / Demais

De mais é uma locução adjetiva; normalmente essa expressão se liga a um substantivo. Já **demais** é um advérbio de intensidade ou um pronome indefinido.

*– Eles têm dinheiro **de mais**.*
*– O professor fala **demais**.*
*– Precisamos explicar os **demais** assuntos.*

18) Tampouco / Tão pouco

Tampouco é, tradicionalmente, um advérbio e equivale a "também não, nem"; **tão pouco** é uma expressão formada por advérbio de intensidade + advérbio de intensidade/pronome indefinido, indicando quantidade, normalmente.

*– O que você fez não foi certo, **tampouco** justo.*
*– Estudei **tão pouco**, mesmo assim, por sorte, me classifiquei.*
*– Seu aluno faz **tão pouco** exercício por quê?*

19) Nem um / Nenhum

Nem um equivale normalmente a sequer um; já **nenhum** é um pronome indefinido.

*– Ela não me deixou expor **nem um** pensamento.*

– ***Nenhum*** *homem será capaz de me dissuadir.*

20) Com tudo / Contudo

Com tudo indica quantidade; **contudo** é uma conjunção adversativa, equivale a porém.

– *Procuro um portal de notícias* ***com tudo*** *que acontece no país.*

– *O filme não me agrada,* ***contudo****, por ser crítico de cinema, preciso assistir.*

21) A princípio / Em princípio

A princípio equivale a "no início, inicialmente". **Em princípio** equivale a "em tese, conceitualmente". Em alguns momentos, uma ou outra expressão dará conta daquilo que se quer transmitir, portanto, nas duas últimas frases abaixo, o propósito do falante no discurso vai determinar o uso da expressão. Nenhuma delas, pois, estará equivocada. Dependerá do contexto.

– *Vou abordar apenas questões gramaticais* ***a princípio****.*

– ***Em princípio****, as gramáticas de ensino médio não deveriam polemizar.*

– ***Em princípio*** *não estamos interessados em vender este imóvel.*

– ***A princípio*** *não estamos interessados em vender este imóvel.*

22) Por tanto / Portanto

Por tanto indica causa e quantidade; **portanto** é uma conjunção coordenativa conclusiva, equivale a "então, por isso, logo" etc.

– ***Por tanto*** *que eu já te fiz, eu mereço uma chance de novo.*

– *Voltei a estudar como antes,* ***portanto*** *vou passar.*

23) Sobre tudo / Sobretudo

A primeira expressão equivale a "a respeito de tudo"; a segunda é o mesmo que "especialmente, principalmente"; pode ser uma vestimenta (casacão) também.

– *Eles conversam* ***sobre tudo*** *de que gostam.*

– *Estudamos muito nesta Gramática,* ***sobretudo*** *porque aspiramos à excelência.*

– *Comprei um* ***sobretudo*** *sensacional para a viagem de fim de ano à Europa.*

24) Ao nível de / Em nível de

A primeira expressão (**ao nível de**) tem a ideia de "à mesma altura"; a segunda (**em nível de**) exprime "hierarquia". A expressão "a nível de" é um equívoco.

– *Este artigo está* ***ao nível d****os melhores.*

– *Isto foi resolvido* ***em nível de*** *governo estadual.*

– *Isto foi resolvido* ***a nível de*** *governo estadual* ***(errado!)***

Obs.: Segundo o excepcional José Maria da Costa, em seu incrível *Manual de Redação*

Profissional, "o erro é tão comum, que, em 1998, foi realizado um congresso em uma capital da Amazônia com o seguinte título: 'O Direito Ambiental e seu Reflexo *a Nível* Internacional'; a correção de tal título, sem dúvida, há de ser: 'O Direito Ambiental e seu Reflexo *no Âmbito* Internacional', ou, simplesmente, 'O Direito Ambiental e seu Reflexo Internacional'. Não tem ela, a bem da verdade, os sentidos que lhe querem conferir, e são errôneas as seguintes construções: 'reunião *a nível de* desembargadores', 'discussão *a nível de* Órgão Especial'; em tais casos, o correto é dizer: 'reunião *de* desembargadores', 'discussão *da alçada do* Órgão Especial'". O *Manual de Redação da Presidência da República* desabona a construção "a nível de".

25) Por ora / Por hora

A expressão **por ora** significa "por enquanto, por agora, até então, até agora". Já **por hora** é o mesmo que "a cada sessenta minutos, pelo tempo de uma hora".

– ***Por ora**, não acredito nos políticos brasileiros.*
– *Não dispomos de policiais eficientes e honestos, **por ora**.*
– *Os cientistas, **por ora**, não conseguiram chegar à cura definitiva da AIDS.*
– *O professor particular de Português me cobrava R$111 **por hora**.*
– *Você viu que o carro passou a duzentos quilômetros **por hora?***

26) O mais das vezes / As mais das vezes / No mais das vezes

Mário Barreto, Cândido Jucá Filho e Domingos Paschoal Cegalla abonam tais construções. Todas indicam "a maior parte das vezes", sendo a primeira expressão mais usual na língua culta. Veja um exemplo do gramático Pasquale C. Neto:

– *Suas palavras são, **o mais das vezes** (ou **as mais das vezes**), meras repetições de discursos vazios, nos quais nem ele mesmo crê.*

27) À medida que / Na medida em que

A locução conjuntiva **à medida que** indica proporção e equivale a "à proporção que, ao passo que". Por outro lado, **na medida em que** indica causa e equivale a "visto que, já que, tendo em vista que".

– ***À medida que** o líder russo crescia no palco político, o mundo ia se habituando à sua personalidade descomunal.*
– *Do ponto de vista político, este ato é desastrado, **na medida em que** exprime um conflito entre o Estado e a Igreja.*

Obs.: Nunca é demais dizer que as expressões ***à medida em que*** e ***na medida que*** não existem.

28) Sequer / Se quer

Sobre **sequer**, é uma palavra que significa "ao menos, pelo menos". Muito usada em frases negativas, mas não substitui o "não" ou "nem", que devem aparecer antes de "sequer" em frases negativas; às vezes é precedida pela preposição "sem".

– *Não havia **sequer** um aluno em sala de aula.*

– *O homem nem **sequer** se dignou de responder a minha solicitação.*

– *Tudo se arranjaria se ambos tivessem **sequer** um pouco de boa vontade.*

– *Não deixou cair uma lágrima **sequer**.*

– *Sem **sequer** ter atravessado a rua direito, foi atropelado.*

– ***Sequer** um carro de polícia funcionava naquela maldita cidade. (errado!) / Nem **sequer** um carro de polícia funcionava naquela maldita cidade. (agora sim!)*

– *O pseudomédico **sequer** possuía diploma de ensino médio. (errado!) / O pseudomédico nem **sequer** possuía diploma de ensino médio. (agora sim!)*

Já **se quer** é a união da conjunção subordinativa condicional **se** + **quer** (3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo querer), equivalendo a "se desejar".

– ***Se quer** tanto aquela sonhada vaga, empenhe-se... e gaste dinheiro.*

– *Eu comprei aquele suco de que você falou; **se quer**, basta me avisar.*

29) A domicílio / Em domicílio

Segundo José Maria da Costa, o melhor, em realidade, parece ser distinguir, de modo efetivo, entre verbos ou vocábulos de significação estática ou dinâmica. Com os primeiros, que não exigem a preposição A, usa-se **em domicílio**; com os segundos, que exigem a preposição A, **a domicílio**.

– *Levam-se encomendas **a domicílio**.*

– *Leciona-se piano **em domicílio**.*

– "*Desembarcadas as mercadorias, o transportador não é obrigado a dar aviso ao destinatário, se assim não foi convencionado, dependendo também de ajuste a entrega **a domicílio**...*" (CC/2002, art. 752, "caput"). Corrija-se: *... entrega **em domicílio**...*

30) Fazer com que / Fazer que

Tanto faz. Vasco Botelho de Amaral, Domingos Paschoal Cegalla, Francisco Fernandes, Evanildo Bechara, Cláudio Moreno e muitos outros defendem ambas as formas como cultas, no sentido de "provocar, acarretar, influir, conseguir". A preposição é expletiva ao iniciar objeto direto.

– *A minha boa sorte **fez (com) que** não perdesse o avião...*

– *A presidenta do país **fez (com) que** os demais políticos mudassem de opinião.*

– *Esta postura só **fará (com) que** seus pais briguem com você.*

*– O professor **fazia (com) que** toda a matéria fosse fácil se assimilar.*

A Escolha das Palavras

Para que nosso texto ou discurso mantenha uma harmonia de sentido, devemos nos preocupar com a escolha das palavras. Selecionar bem um vocábulo é primordial para que não cometamos certas gafes. Já pensou se um jornal noticiasse o seguinte: "Governador carioca reúne-se hoje com governadores de outros estados".

Se você não percebeu a gafe, cuidado! O cargo de governador está relacionado ao Estado do Rio de Janeiro. Por isso, a palavra "carioca" foi mal selecionada; deveria ser: "Governador fluminense reúne-se hoje com governadores de outros estados". Se ainda fosse prefeito, tudo bem, pois ser prefeito significa cuidar da cidade do Rio de Janeiro. Aí a frase seria esta, bonitinha: "Prefeito carioca reúne-se hoje com prefeitos de outras cidades".

Outro caso interessante seria este: "Enquanto eu jantava, roubaram meu carro.". No entanto, "roubar" significa, no Código Penal, artigo 157, "subtrair coisa móvel alheia, para si ou para outrem, mediante grave ameaça ou violência à pessoa, ou depois de havê-la, por qualquer meio, reduzido à impossibilidade de resistência". Sendo assim, a frase inicial deveria ser: "Enquanto eu jantava, furtaram meu carro.". *Furtar* significa o mesmo que *roubar*, sem a parte sublinhada. Devemos tomar cuidado com as palavras que escolhemos.

Bem, sistematizando o assunto, vejamos os cuidados que devemos tomar quando selecionamos certos vocábulos para formar frases adequadas quanto ao sentido. Devemos selecionar as palavras, levando em conta basicamente dois critérios: **referente** e **situação de comunicação**.

Referente

Se você estiver falando sobre um cheiro desagradável, cuidado para não fazer isto:

"Nossa! A fragrância deste chorume é insuportável!"

A palavra *fragrância* remete a cheiro agradável das flores, plantas, frutas, perfumes etc. Logo, ela foi mal usada neste contexto. Para que houvesse adequação vocabular, como estamos usando o **referente** (*assunto*) "cheiro desagradável", o vocábulo bem selecionado seria: *fedor, fedentina, fetidez...*

Situação de Comunicação

Podemos dizer que a situação de comunicação está ligada a dois fatores: **a pessoa com quem falamos** (levando em consideração a profissão, idade, sexo, posição social, origem geográfica etc.) e **o ambiente em que nos encontramos** (igreja, *show*, um concerto de música clássica, estádio de futebol, bar, casa de outras pessoas etc.). Basicamente este ponto trata de uso da língua culta/formal e língua coloquial/informal.

Imagine que um homem esteja em um concerto de música clássica, observando uma mulher. Ele toma coragem e segue em direção a ela no fim do espetáculo. Diz assim diante dela: "Aí,

Nem... tô te querendo! Demorô lá em casa agora então?”.

Preciso dizer mais alguma coisa?

Por outro lado, imagine um rapaz que vai a um baile “funk” e diz assim para a mais bela do baile: “Por obséquio, dê-me o regozijo de dar-lhe um ósculo!”.

Preciso dizer mais alguma coisa?

Observe agora estas frases:

– *Consumidores da cidade de São Paulo, por serem **paulistas** exigentes por natureza, reclamaram do preço **caro** do pescado.*

– *Como as prateleiras estão vazias, ficou constatada a **escassez** do produto na cidade.*

– *Os cinco primeiros da fila acompanhem, por gentileza, a secretária; quanto ao **resto** peço que permaneçam aqui.*

– *Durante a blitz, ontem, na fronteira colombiana, a Polícia Federal **apreendeu** dois grandes traficantes de maconha, que tentavam fugir.*

– *O deputado confessou ter recebido 40 mil dólares da contravenção, alegando que o dinheiro era para ajudar ONGs que apoiam as vítimas da aids. Como ficou comprovado, isso **explica** o envolvimento de seu nome no jogo do bicho.*

– *Como o saneamento básico é precário, as águas da lagoa ficaram **poluídas** pelo vibrião do cólera.*

Certamente algumas o deixaram na dúvida quanto à seleção vocabular adequada ao contexto, certo? As frases deveriam ser redigidas assim:

– *Consumidores da cidade de São Paulo, por serem **paulistanos** exigentes por natureza, reclamaram do preço **alto** do pescado.*

– *Como as prateleiras estão vazias, ficou constatada a **falta** do produto na cidade.*

– *Os cinco primeiros da fila acompanhem, por gentileza, a secretária; quanto aos **demais** peço que permaneçam aqui.*

– *Durante a blitz, ontem, na fronteira, a Polícia Federal **capturou** dois grandes traficantes de maconha.*

– *O deputado confessou ter recebido 40 mil dólares da contravenção, alegando que o dinheiro era para ajudar ONGs que apoiam as vítimas da aids. Como ficou comprovado, isso **justifica** o envolvimento de seu nome no jogo do bicho.*

– *Como o saneamento básico é precário, as águas da lagoa ficaram **contaminadas** pelo vibrião do cólera.*

Na primeira frase, “paulista” é quem mora no Estado de São Paulo; **paulistano** é quem mora na cidade de São Paulo. “Caro” já significa “preço alto”, logo o adequado é dizer “preço **alto**”.

Na segunda frase, a palavra “escassez” (exiguidade, insuficiência) não tem o mesmo sentido

de **falta** (ausência, inexistência).

Na terceira frase, a palavra "resto" tem sentido depreciativo, pejorativo, já a palavra ***demais*** tem sentido neutro.

Na quarta frase, a palavra "apreender" é usada, em tese, para coisas, por isso, devido ao contexto, o mais adequado é **capturar/deter** (pessoas).

Na quinta frase, por causa do contexto, "explicar" tem sentido distinto de **justificar**. A leve diferença entre um termo e outro é que a ideia de justificativa está ligada à ideia de inocência e absolvição. Os dois verbos até poderiam ser considerados sinônimos. É aquela velha história do "explica, mas não justifica", ou seja, "dá para entender, mas não dá para desculpar". No caso do deputado, dá para desculpar, por isso justifica.

Na sexta frase, o vibrião do cólera não "polui" (degradar meio ambiente) nada, mas sim ***contamina*** (transmitir doença).

Interessante, não?

Vale dizer que o léxico da língua vai muito além de meras escolhas de palavras para comunicar algo. Certas "linguagens" servem para manter unidos certos grupos: as **gírias** (linguagem de um grupo social, como os gays: *"coió"*, *"arrasou"*, *"bofe"*...), os **regionalismos** (linguagem de um grupo geográfico, como os nordestinos: *"avexado", "bestar", "da peste"*...), os **jargões** (linguagem de um grupo profissional, como os militares: *"zaralho", "Brasil!", "selva!"*...), os **estrangeirismos** (linguagem estrangeira, como a dos americanos: *"yes", "fashion", "game"*...), os **arcaísmos** (linguagem antiga, como a do português arcaico: *"fremoso", "vosmecê", "ceroula"*...), os **neologismos** (linguagem inventada, como a partir da informática: *"baixar", "ciberpirata", "blogueiro"*)...

Expressões Idiomáticas

Expressões idiomáticas são locuções ou pequenas frases próprias de um idioma. No português, não poderia ser diferente. Há infinitas (inclusive gírias)! Vejamos algumas:

Expressão	**Significado**
Acertar na lata/mosca	Atingir alvo com precisão
Abotoar o paletó	Morrer
Acabar em pizza	Situação mal resolvida, sem resultados
Procurar chifre em cabeça de cavalo	Procurar problemas onde não existem
Procurar pelo em ovo	Buscar coisas impossíveis ou inexistentes
A dar com pau	Grande quantidade
Afogar o ganso	Fazer sexo (no caso do homem)
Agarrar com unhas e dentes	Agir de forma extrema para não perder
Água que passarinho não bebe	Bebida alcoólica (normalmente cachaça)
Amarrar o burro	Ficar descansado ou em zona de conforto
Amigo da onça	Falso amigo, traidor
Andar na linha/Perder a linha	Agir corretamente/Agir impulsivamente
Bater na mesma tecla	Insistir no mesmo assunto
Cara de pau	Descarado, atrevido, desavergonhado
Dormir no ponto	Perder uma oportunidade
Encher linguiça	Enrolar, embromar
Feito cego em tiroteio	Perdido, desorientado
Grosso modo (expressão latina)	De modo grosseiro (*a grosso modo* é erro)
Jogado para escanteio	Descartado
Lavar as mãos	Não se envolver
Meter o dedo na ferida	Arreliar, Intrometer-se
Na mão do palhaço	Em situação de perda de autocontrole
Onde Judas perdeu as botas	Em lugar bem distante
Pisar na bola	Cometer deslize
Quebrar o galho	Dar solução precária, improvisar
Riscar do mapa	Fazer desaparecer
Sem pé nem cabeça	Confuso, sem sentido
Trocar as bolas	Atrapalhar-se
Uma mão lava a outra	Ajuda mútua
Xisnovear	Delatar, alcaguetar

Consulte mais na Wikipédia ou em qualquer livro especializado, como *Expressões*

Idiomáticas da Língua Portuguesa, de Ítalo José Alves, ou no *Dicionário de Expressões Idiomáticas da Língua Portuguesa*, de Maria Helena Schambil e Peter Schambil.

O Que Cai Mais na Prova?

Frequentemente se veem questões relativas a **sinonímia, homonímia, paronímia, denotação e conotação** e **fatos e dificuldades da língua culta**. Nestes pontos, portanto, quero você "na ponta dos cascos", hein!

Questões de Concursos

Preocupe-se apenas com os assuntos relativos a este capítulo, beleza? Boa resolução para você! A FCC e a Cesgranrio gostam bastante de questões relativas à sinonímia. A Esaf e o Cespe já preferem trabalhar fatos da língua culta. A verdade é que devemos estar preparados para tudo.

1. (FCC – TRE-SP – Analista – 2004) O elemento sublinhado na frase:
   a) *É correta a disposição (...) de abandonar os planos de seu antecessor para descentralizar os recursos investidos na área* expressa uma **causalidade**;
   b) *Distribuir pouco dinheiro a muitos centros pode equivaler a desperdiçar toda a verba* constitui um **paradoxo**;
   c) *A pulverização das verbas pode atender a interesses populistas de políticos* tem o sentido de **compromissos populares**;
   d) *(...) cabe ao poder público colocar suas fichas em projetos com maior possibilidade de oferecer retorno* tem o sentido de **ir de encontro a**;
   e) *Não se trata de ser contra a descentralização como conceito* tem o sentido de **em tese**.

2. (FDC – Professor de Português II – 2005) Assinale a única frase que se completa com a segunda forma entre parênteses:
   a) Os culpados _____ as leis. (infringiram / infligiram).
   b) O _____ do senador termina no próximo ano. (mandado / mandato).
   c) Não saia, pois a chuva está _____. (iminente / eminente).
   d) Ladrão foi apanhado em _____. (flagrante / fragrante).
   e) Os requintes de educação caracterizam um perfeito _____. (cavalheiro / cavaleiro).

3. (Esaf – MPU – Analista – 2005) (Adaptada) Qual grupo de frases abaixo apresenta uma frase que não está gramaticalmente correta?
   I. Quando surgiu Euclides da Cunha, nossa literatura podia enumerar grandes nomes pertencentes ao "sistema" de que falei há pouco. / Quando surgiu Euclides da Cunha, nossa literatura podia enumerar grandes nomes pertencentes ao "sistema" de que faz pouco falei.
   II. No Brasil, a nacionalidade e a literatura formaram um "sistema" interessantíssimo, que a cerca de trezentos anos desenvolve-se. / No Brasil, a nacionalidade e a literatura formaram um "sistema" interessantíssimo, que há cerca de trezentos anos se desenvolve.

4. (FCC – SEFAZ/PB – Auditor Fiscal de Tributos Estaduais – 2006) Nas frases:
   I. O mau julgamento político de suas ações não preocupa os deputados corruptos. Para eles, o mal está na mídia impressa ou televisiva.
   II. Não há nenhum mau na utilização do Caixa 2. Os recursos não contabilizados não são um mau, porque todos os políticos o utilizam.
   III. É mau apenas lamentar a atitude dos políticos. O povo poderá puni-los com o voto nas eleições que se aproximam. Nesse momento, como diz o ditado popular, eles estarão em mal lençóis.
   O emprego dos termos ***mal*** e ***mau*** está correto APENAS em:
   a) I;
   b) I e II;
   c) II;
   d) III;
   e) I e III.

5. (FCC – TRF (2R) – Analista Judiciário – 2007) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à norma culta?
   e) Quando se considera a par do tema, ajuíza sem medo, mas, ao se compreender insipiente, pára tudo e pede aos especialistas que o catequizem no assunto para não passar por néscio.

6. (FCC – TCE-AL – Analista de Sistemas – 2008) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à norma culta?
   e) É prazeirosa a experiência de quem formula propósitos e promove ações que vão de encontro aos mesmos.

"Certamente você já se perguntou **por que** algumas pessoas têm tanto e outras tão pouco. Talvez a resposta não seja tão complicada quanto se pensa. (...)"

7. (Cespe/UnB – MEC – Agente Administrativo – 2009) Na indagação da linha 1, aparece a expressão "por que". Na resposta, a expressão correta seria **porque**, como aparece a seguir: *Algumas pessoas têm mais dinheiro do que outras porque sabem como aumentar sua riqueza.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

Com devoção e entusiasmo, o sul do mundo copia e multiplica os piores costumes do norte. E do norte não recebe as virtudes, mas o pior: torna sua **a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público** bem como **toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo**. E o sul também recebe, **de braços abertos**, as fábricas mais porcas, as mais inimigas da natureza, em troca de salários que dão saudade da escravidão.

No entanto, cada habitante do norte consome, em média, dez vezes mais petróleo, gás e carvão; e, **no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio**. **Gula e jejum do cardápio ambiental**: 75% da contaminação do mundo provêm de 25% da população.

8. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) Assinale a opção em que a expressão retirada do texto foi empregada em sentido denotativo.
a) "a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público";
b) "toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo";
c) "de braços abertos";
d) "no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio";
e) "Gula e jejum do cardápio ambiental".

9. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
(...) Criada em 2000 para "promover a defesa do interesse público na assistência suplementar à saúde e regular as operadoras setoriais, inclusive quanto às suas relações com prestadores (de serviços) e consumidores", a ANS opera **numa corda bamba**. (...)
c) A expressão "numa corda bamba" tem significação conotativa e confere um tom de informalidade ao texto.

10. (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
(...) A crise que se iniciou em 2008 nos EUA para depois atingir todas as economias, no quadro da globalização, ao contrário da de 1929, levou os governos a optarem pela intervenção pública para salvar o sistema bancário e para dar um impulso à economia. Isso se traduziu como forte pressão sobre as finanças públicas, que estão **acusando** *deficits* muito elevados.
e) A palavra "acusando" está sendo empregada com a acepção de **indicando, mostrando, revelando.**

11. (FCC – TJ/SE – Técnico Judiciário – 2009) Constituem **parônimos** os vocábulos grifados nas frases apresentadas em:
a) Constava do relatório a <u>descrição</u> pormenorizada da destruição do centro de treinamento decorrente da invasão de torcedores. / Com <u>discrição</u> e muita simpatia, o novo jogador logo conquistou a confiança da torcida.
b) O descontentamento dos torcedores culminou com um <u>protesto</u> no próprio estádio. / Como <u>protesto</u> contra as medidas tomadas pela diretoria, funcionários se recusaram a trabalhar.
c) Torcedores descontentes invadiram a <u>sede</u> do clube e a depredaram. / Com <u>sede</u> de vitória, os torcedores estimulavam o time ao ataque.
d) O recinto foi atacado por <u>bombas</u> de fabricação caseira. / Na festa junina soltaram-se <u>bombas</u> e fogos de artifício coloridos.
e) Os <u>feridos</u> no confronto foram encaminhados ao hospital mais próximo. / Vários espectadores ficaram <u>feridos</u> no último festival.

12. (FCC – TRT (16ª R) – Técnico Judiciário – 2009) A frase em que há palavras escritas de modo INCORRETO é:
a) A aridez que sempre caracterizou as paisagens do Nordeste brasileiro aparece agora, para assombro de todos, na região Sul, comprometendo as safras de grãos.
b) Alguns estudiosos reagem com sensatez às recentes explicações, considerando se o papel da bomba biótica é realmente crucial na circulação do ar.
c) Se for comprovada a correção da nova teoria, a preservação das florestas torna-se essencial para garantir a qualidade de vida em todo o planeta.
d) O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.
e) Com ventos mais próximos ao mar, o ar úmido resultante da evaporação da água do oceano é puxado para o continente, distribuindo a chuva ao redor do planeta.

13. (FCC – MPE/SE – Técnico do MP – 2009) Identificam-se parônimos no par de expressões transcritas em:

a) importância capital // importância fundamental;
b) tráfico de pessoas // tráfego de pessoas;
c) tecnologias de informação // comunicação tecnológica;
d) violações cometidas // violações reprimidas;
e) vida com liberdade // vida com dignidade.

14. Considere as frases abaixo:
I. Os horrores trazidos pela II Guerra Mundial marcaram o porquê da criação de um documento internacional que garantisse o respeito aos direitos humanos.
II. Sem conhecer seus direitos, os indivíduos não saberão dispor dos instrumentos nem apresentar razões porque reivindicar sua efetiva aplicação.
III. Por falta de divulgação dos termos previstos na Declaração Universal, grupos minoritários se tornam mais vulneráveis à violação de seus direitos, sem mesmo saber por quê.
IV. São inúmeros os benefícios trazidos pela Declaração Universal, embora exista desrespeito aos direitos nela previstos, como a persistência da pobreza, por que passa um terço da população mundial.
Estão escritos corretamente os termos que aparecem grifados em:
a) I, II, III e IV;
b) I, II e III, apenas;
c) I, III e IV, apenas;
d) II, III e IV, apenas;
e) I, II e IV, apenas.

15. (Cespe/UnB – TRT/RN (21R) – Técnico Judiciário – 2010) A expressão "em lugar" (Logo descobrimos que a tecnologia, na verdade, nos trazia uma carga maior de atribuições e, **em lugar** das 8 horas, passamos a trabalhar muito mais. Mas não foi só...) poderia ser substituída por **em vez**, sem prejuízo para o sentido e a clareza do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – ANEEL – Cargos de Nível Superior – 2010) O sentido da expressão "mal das pernas", característica da oralidade, seria prejudicado caso se substituísse "mal" por **mau**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (FCC – TRE/RS – Analista Judiciário – 2010) A frase em que a palavra destacada está empregada de modo equivocado é:
a) Inerme diante da ofensiva tão violenta, não lhe restou nada a fazer senão render-se.
b) Há quem proscreva construções linguísticas de cunho popular.
c) Fui informado do diferimento da reunião em que o fato seria analisado.
d) A descriminalização de algumas drogas é questão polêmica.
e) A flagrância do perfume inebriava a todos os convidados.

18. (FCC – TRE/AL – Analista Judiciário – 2010) Na frase *Eis por que o espectador não se sente em casa em parte alguma, porque o espetáculo está em toda parte*, os elementos sublinhados podem ser correta e respectivamente substituídos por:
a) *a razão pela qual* e *visto que*;
b) *por cujo motivo* e *visto que*;
c) *a finalidade pela qual* e *dado que*;
d) *o motivo por onde* e *conquanto*;
e) *a alegação de que* e *conquanto*.

19. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) Assinale a opção que indica onde o texto foi transcrito com erro gramatical.
A lição reafirmada pela crise é a da (1) instabilidade como pressuposto da economia de mercado, transmitida por dois canais. O primeiro é o da confiança dos agentes – aspecto crucial nas observações de John Maynard Keynes –, que é volúvel e sujeita a mudança repentina em momentos de incerteza. Tal instabilidade pode ainda ser catalisada (2) pelo canal financeiro, como ficou claro, de forma dramática, em 2008. Falhas de mercado e manifestações de irracionalidade são comuns no capitalismo, sem dúvida, mas a derrocada recente não repõe (3) a polarização entre Estado e mercado. Reforça, isso sim, a necessidade de aperfeiçoar instituições, afim de (4) preservar a funcionalidade dos mercados e a concorrência, bens públicos que o mercado, deixado à (5) própria sorte, é incapaz de prover.

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

20. (Cesgranrio – Petrobras – Todos os Cargos (Nível Médio) – 2010) O vocábulo destacado, quanto ao seu significado, está empregado, adequadamente, na seguinte frase:
a) Ações malsucedidas prenunciam um fracasso **eminente**.
b) Para **acender** profissionalmente, é preciso perseverança.
c) O profissional de sucesso **descrimina** as etapas de suas ações.
d) A **expectativa** do triunfo motiva o empreendedor.
e) É preciso saber **deferir** o amor do ódio.

21. (Cesgranrio – Petrobras – Todos os Cargos (Nível Superior) – 2010) O valor semântico atribuído ao verbo **dar**, apresentado entre parênteses, está INCORRETO na frase:
a) Lamentavelmente, deu pouco tempo do seu dia para uma reflexão. (dedicar).
b) Embora tivesse magoado algumas pessoas, não se deu conta. (percebeu).
c) Daqui a um tempo, dará por terminado o seu problema maior. (considerar).
d) O seu primeiro erro se deu quando tentou ajudar um amigo em apuros. (concedeu).
e) No presente, a vida se dá tão pessimista. (apresenta).

22. (Cesgranrio – EPE – Advogado – 2010) Dentre os trechos abaixo, aquele em que a palavra "até" tem um significado diferente do que apresenta nos demais é:
a) "... descobrir se o nome de um sujeito era com q ou com k às vezes demandava até pesquisa telefônica."
b) "os dicionários, enciclopédias e até papiros deteriorados estão a um par de cliques de distância..."
c) "Há cada vez mais felizardos que trabalham de bermuda, sem camisa e até à beira de uma piscina..."
d) "... se torna, para a turma mais radical, um risco desnecessário, uma coisa até meio *passée*..."
e) "Com certeza não chegarei até lá..."

23. (Cesgranrio – BNDES – Técnico Administrativo – 2010) Em "Devemos deixar de nos conformarmos em saber executar apenas uma atividade e conhecer várias outras, nas quais com interesse e dedicação podemos ser **diferenciados**", o vocábulo destacado pode ser substituído, sem alteração de sentido, por:
a) indiscriminados;
b) inatingíveis;
c) preteridos;
d) disseminados;
e) destacados.

24. (Cesgranrio – BNDES – Analista de Sistemas – 2010) Em "... esse futuro que concebemos deve estar sempre em **congruência** com nosso eu.", o vocábulo destacado pode ser substituído, sem alteração de sentido, por:
a) dissonância;
b) resistência;
c) correspondência;
d) relutância;
e) controvérsia;

25. (Cesgranrio – BNDES – Analista de Sistemas – 2010) Ao redigir respostas para "Por que quero conseguir um trabalho novo?", cometeu-se, segundo o registro culto e formal da língua, um erro de ortografia em:
a) Não quero passar a minha vida inteira só cumprindo ordens sem nunca entender por quê.
b) Alguns constrangimentos porque venho passando me obrigam a considerar outras opções.
c) Para mim, a realização profissional, no momento presente, é importante porque implica melhoria de vida.
d) Desse modo, eu poderei saber o motivo por que o sucesso de ontem não nos garante o de amanhã.
e) Um dia, atingindo o meu objetivo, eu talvez possa contar-lhe o porquê.

26. (Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico (Administração) – 2010) É melhor começar a exercitar a linguagem, _____ o seu relacionamento pode acabar mal. / A pesquisa recentemente realizada pela empresa foi _____ do estresse emocional do trabalhador. / Expliquei-lhe as exigências do atual mercado _____ ele se adaptasse melhor.
A sequência que completa corretamente as frases acima é:

a) se não – a cerca – a fim de que;
b) se não – acerca – afim de que;
c) se não – acerca – a fim de que;
d) senão – acerca – a fim de que;
e) senão – a cerca – afim de que.

27. (Cesgranrio – SEPLAG/BA – Professor Português – 2010) Estabelece relação de hiperonímia/hiponímia, nessa ordem, o seguinte par de palavras:
a) estrondo – ruído;
b) pescador – trabalhador;
c) pista – aeroporto;
d) piloto – comissário;
e) aeronave – jatinho.

*"(...) Daí a razão **por que**, segundo o filósofo, "a doutrina do direito e a doutrina da virtude distinguem-se menos pela diferença entre os deveres do que pela diferença de sua legislação, que vincula um ou outro motivo à lei". E exemplifica: "Cumprir uma promessa contratual é um dever exterior; **mas o mandamento de agir unicamente porque se trata de um dever**, sem levar em conta outro motivo, diz respeito apenas à legislação interior".*

28. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) Na linha 26, "por que" poderia, sem prejuízo para a correção gramatical, ser grafado **porque**, em razão de estar empregado como conjunção causal, tal como ocorre em "mas o mandamento de agir unicamente porque se trata de um dever".
( ) CERTO
( ) ERRADO

29. (FCC – TRE-RN – Analista – 2011) O segmento cujo sentido está corretamente expresso em outras palavras é:
a) *se multiplicaram de maneira prodigiosa* = cresceram ilusoriamente.
b) *as duas espécies se regalaram* = os dois gêneros se empanturraram.
c) *uma família singular* = um conjunto variegado.
d) *que selou o destino* = que indigitou a fatalidade.
e) *empenhou-se na procura* = dedicou-se com afinco à busca.

30. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) Observe a palavra **coral** no par de frases: *"[...] cantei em **coral**..." / Mergulhei e arranhei a perna num **coral**.* A relação existente entre as duas palavras é a mesma que se verifica em:
a) O perigo é **iminente**. / O **eminente** deputado fez uma declaração.
b) Passei em frente a seu **edifício** hoje. / Implodiram o **prédio** condenado.
c) A **manga** que comi estava docinha. / Rasguei a **manga** da camisa.
d) Comprei **figo** na feira, mas a **fruta** não estava boa.
e) A **sala** de aula estava lotada e a **escola** é um sucesso.

31. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) A sentença em que o verbo **tocar** está usado com o mesmo sentido que se verifica na sentença "Como acontece com todos os poetas e compositores, ele tocou cada pessoa de modo diferente." é:
a) Ele tocava na orquestra da capital.
b) O sino da igreja vai tocar às seis horas.
c) A equipe tocou o projeto rapidamente.
d) Não toque em nada que está sobre a mesa.
e) O sorriso de uma criança sempre me toca.

32. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) O emprego da palavra/expressão destacada está INCORRETO em:
a) Estava **mau-humorado** quando entrou no escritório.
b) Indaguei a razão **por que** se empenhou tanto na disputa pelo cargo.
c) Ninguém conseguiu entender **aonde** ela pretendia chegar com tanta pressa.
d) Não almejava mais nada da vida, **senão** dignidade.
e) Ultimamente, no ambiente profissional, só se fala **acerca de** eleição.

Texto

Bom para o sorveteiro

Por alguma razão inconsciente, eu fugia da notícia. Mas a notícia me perseguia. Até no avião, o único jornal abria na minha cara o drama da baleia encalhada na praia de Saquarema. Afinal, depois de quase três dias se debatendo na areia da praia e na tela da televisão, o filhote de jubarte conseguiu ser devolvido ao mar. Até a União Soviética acabou, como foi dito por locutores especializados em necrológio eufórico. Mas o drama da baleia não acabava. Centenas de curiosos foram lá apreciar aquela montanha de força a se esfalfar em vão na luta pela sobrevivência. Um belo espetáculo.

À noite, cessava o trabalho, ou a diversão. Mas já ao raiar do dia, sem recursos, com simples cordas e as próprias mãos, todos se empenhavam no lúcido objetivo comum. Comum, vírgula. O sorveteiro vendeu centenas de picolés. Por ele a baleia ficava encalhada por mais duas ou três semanas. Uma santa senhora teve a feliz ideia de levar pastéis e empadinhas para vender com ágio. Um malvado sugeriu que se desse por perdida a batalha e se começasse logo a repartir os bifes.

Em 1966, uma baleia adulta foi parar ali mesmo e em quinze minutos estava toda retalhada. Muitos se lembravam da alegria voraz com que foram disputadas as toneladas da vítima. Essa de agora teve mais sorte. Foi salva graças à religião ecológica que anda na moda e que por um momento estabeleceu uma trégua entre todos nós, animais de sangue quente ou de sangue frio.

Até que enfim chegou uma traineira da Petrobras. Logo uma estatal, ó céus, num momento em que é preciso dar provas da eficácia da empresa privada. De qualquer forma, eu já podia recolher a minha aflição. Metáfora fácil, lá se foi, espero que salva, a baleia de Saquarema. O maior animal do mundo, assim frágil, à mercê de curiosos. À noite, sonhei com o Brasil encalhado na areia diabólica da inflação. A bordo, uma tripulação de camelôs anunciava umas bugigangas. Tudo fala. Tudo é símbolo.

(Otto Lara Resende, **Folha de S. Paulo**)

33. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário (Área Administrativa) – 2012) Considerando-se o contexto, traduz-se adequadamente o sentido de um segmento em:

a) em necrológio eufórico (1º parágrafo) = em façanha mortal.

b) Comum, vírgula. (2º parágrafo) = Geral, mas nem tanto.

c) que se desse por perdida a batalha (2º parágrafo) = que se imaginasse o efeito de uma derrota.

d) estabeleceu uma trégua entre todos nós (3º parágrafo) = derrogou uma imunidade para nós todos.

e) é preciso dar provas da eficácia (4º parágrafo) = convém explicitar os bons propósitos.

A biosfera, o nome que a ciência dá à vida, parece algo enorme, que se espalha por toda parte, que nos cerca por cima, por baixo, pelos lados, andando, voando e nadando. Pois toda essa única maravilha se espreme por sobre uma camada ínfima do planeta. Quão ínfima? Toda a vida da Terra está contida em 0,5% de sua massa superficial. Metade de 1%. O restante é rocha estéril recobrindo o núcleo de ferro incandescente. Imagine uma metrópole do tamanho de São Paulo ou de Nova York totalmente deserta, quente demais ou fria demais para manter formas de vida, exceto por um único quarteirão.

A vida, ou a biosfera, torna-se uma reserva ainda mais enclausurada e única, quando se sabe que nenhuma forma de vida, mesmo a mais primitiva, jamais foi detectada fora dos limites da Terra. Se toda a biosfera terrestre se mantém em uma parte ínfima do planeta, este por sua vez é um grão de areia. Sem contar o Sol, a Terra responde por apenas 1/500 da massa total do sistema solar. Essa bolhinha azul e frágil que vaga pelo infinito recebe agora seu habitante número 7 bilhões, reavivando a imorredoura questão sobre até quando a população mundial poderá crescer sem produzir um colapso nos recursos naturais do planeta.

A questão se impõe porque o crescimento no uso desses recursos forma uma curva estatística impressionante. A estimativa é de que, em 2030, será necessário o equivalente a duas Terras para garantir o padrão de vida da humanidade. As perspectivas mais sombrias sobre a sustentabilidade do planeta não levam em conta a extraordinária capacidade de recuperação da natureza – e a do próprio ser humano – para superar as adversidades. A Terra já passou por cinco grandes extinções em massa e a vida sempre voltou ainda com mais força. Enquanto se procuram soluções para o equilíbrio entre crescimento populacional e preservação de recursos, a natureza manda suas mensagens de socorro. A espaçonave Terra é uma generosa Arca de Noé, mas ela tem limites.

(Filipe Vilicic, com reportagem de Alexandre Salvador. **Veja**, 2 de novembro de 2011. p.130-132, com adaptações)

34. O segmento cujo sentido está corretamente expresso com outras palavras é:

a) *uma reserva ainda mais enclausurada* = um território sempre inexplorado;

b) *em uma parte ínfima do planeta* = num ponto desconhecido da Terra;

c) *a imorredoura questão* = o problema de mais difícil solução;

d) *perspectivas mais sombrias* = visões menos animadoras;

e) *para superar as adversidades* = para atenuar situações incompreensíveis.

35. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Estabilidade Júnior – 2012) Na frase “foi criado sinteticamente em laboratório para

replicar essas moléculas encontradas na natureza.", a palavra destacada pode ser substituída, sem alterar o significado do trecho, por:
a) reestruturar;
b) reproduzir;
c) reservar;
d) restaurar;
e) retirar.

36. (FEC/UFF – PREF. Angra dos Reis/RJ – Administrador – 2012) Observe as frases.
I. O paciente submeteu-se a SESSÕES de sangria, utilizando-se de sanguessugas.
II. Encontrou, na SEÇÃO de remédios, o que procurava para o seu alívio.
O par de palavras SESSÃO/SEÇÃO relaciona-se ao estudo da:
a) homonímia;
b) sinonímia;
c) paronímia;
d) antonímia;
e) polissemia.

37. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) No texto acima, provoca-se erro gramatical ou incoerência na argumentação ao:
e) substituir a preposição "Para" pela locução **Afim de**.

38. (Vunesp – SEAP/SP – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – 2012) No trecho – Para especialistas, fica uma questão: até que ponto essa **exuberância** econômica no Brasil é sustentável ou é apenas mais uma bolha? – o termo em destaque tem como antônimo:
a) fortuna;
b) opulência;
c) riqueza;
d) escassez;
e) abundância.

39. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Assinale a alternativa em que os termos destacados em cada grupo de frases são parônimos.
a) 1. Tudo já está preparado para a cidade **empossar** o novo prefeito.
2. É preciso cuidar para o piso da varanda não **empoçar** água.
b) 1. Uma das grandes festas de apreço popular é a do **Círio** de Nazaré.
2. Chegou à hospedaria um homem; dizem que é **sírio**.
c) 1. Nas cidades europeias, após o almoço, a **sesta** põe tudo a dormir com as pessoas.
2. A menina, feliz, preparou uma grande **cesta** de Páscoa para sua avó.
d) 1. Espera-se que as delegações dos países **viajem** nesta semana para a realização dos jogos olímpicos.
2. Segundo o poeta, a **viagem** mais difícil é a que fazemos para dentro de nós mesmos.

40. (FEMPERJ – VALEC – Jornalista – 2012) Intertextualidade é a presença de um texto em outro; o pensamento abaixo que NÃO se fundamenta em intertextualidade é:
a) "Se tudo o que é bom dura pouco, eu já deveria ter morrido há muito tempo."
b) "Nariz é essa parte do corpo que brilha, espirra, coça e se mete onde não é chamada."
c) "Une-te aos bons e será um deles. Ou fica aqui com a gente mesmo!"
d) "Vamos fazer o feijão com arroz. Se puder botar um ovo, tudo bem."
e) "O Neymar é invendável, inegociável e imprestável."

Gabarito

1. E.	9. CORRETO.	17. E.	25. B.	33. B.
2. B.	10. CORRETO.	18. A.	26. D.	34. D.
3. I.	11. A.	19. D.	27. E.	35. B.
4. A.	12. D.	20. D.	28. ERRADO.	36. A.
5. CORRETO.	13. B.	21. D.	29. E.	37. E.
6. INCORRETO.	14. C.	22. E.	30. C.	38. D.
7. CERTO.	15. CERTO.	23. E.	31. E.	39. C.
8. D.	16. ERRADO.	24. C.	32. A.	40. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 5

Morfologia

Morfologia é a parte da gramática que estuda a **forma** dos vocábulos.

Mas como as palavras se formam? São constituídas de quê? Sofrem processos, mudanças? Dividem-se em grupos, classes? Todas essas perguntas serão respondidas a contento! Antes disso, porém, saiba que há uma diferença entre **vocábulo** e **palavra**.

Nem todo vocábulo é uma palavra, mas toda palavra é um vocábulo. Hã? Relaxa! Partindo do princípio que, por definição, **palavra** é a "unidade da língua que, na fala ou na escrita, tem significação própria e existência isolada", só podemos dizer que **palavra** é uma **palavra**, se ela puder ser usada neste contexto, por exemplo:

– Você vive em que país?

– **Brasil**.

Brasil é, portanto, uma palavra, pois "tem significação própria e existência isolada". Continuando o diálogo:

– Você gosta de lá?

– **Muito**.

Muito é, portanto, uma palavra, pois "tem significação própria e existência isolada".

A maioria dos linguistas concorda que **vocábulo** e **palavra** são conceitos próximos, mas a diferença é que a palavra "tem significação própria e existência isolada". Isso significa que o **vocábulo** não tem? Não é bem assim. Como eu disse antes, toda palavra é um vocábulo, logo alguns vocábulos são chamados de palavras quando "têm significação própria e existência isolada". E quando o vocábulo "***não*** tem significação própria e existência isolada"? Aí dizemos que não são palavras, mas sim apenas vocábulos. Semiparafraseando o eminente linguista brasileiro Joaquim Mattoso Câmara Jr., há três formas de vocábulos: **livres**, **dependentes** e **presas** (esta última também chamada de "não vocábulo").

A primeira tem autonomia semântica, ou seja, pode ser empregada isoladamente, pois estabelece comunicação (**formas livres**: substantivo, adjetivo, verbo, alguns advérbios e numerais). As formas livres constituem palavras. É neste caso que **vocábulo** e **palavra** se equivalem.

Vocábulos átonos normalmente dependem de formas livres, pois não estabelecem comunicação sozinhos, são dependentes (**formas dependentes**: artigo, conjunção, preposição,

pronomes átonos). Exemplo: "**O** homem **e a** mulher **do** jornal vieram **me** entrevistar".

Há, por último, as formas que aparecem fixas a um vocábulo, pois não existem isoladamente em enunciados (**formas presas**: afixos, radical, desinências, vogal temática). Exemplo: **in/constitu/cion/al/issim/a/mente**.

Para entendermos bem o que é morfologia, portanto, precisamos entender...

Como as palavras se formam?

Normalmente, as palavras se formam a partir da combinação de **formas presas**, já vistas.

Elas são constituídas de quê?

Normalmente, elas são constituídas de mais de um morfema (partes que a compõem, como prefixo, sufixo, radical, desinências, vogal temática, vogal ou consoante de ligação).

Obs.: Veremos tudo isso em detalhes no capítulo seguinte. Não se desespere caso não se lembre deste ou daquele nome ou conceito, ok? Farei questão de reiterá-los, quando necessário.

Elas sofrem processos, mudanças?

Sim, elas sofrem vários processos. Uma palavra pode se transformar em várias palavras, desde que acumulemos formas presas a elas: ***govern**o, govern**ante**, govern**amental**, govern**abilidade**, **in**govern**ável**, **des**govern**ado**, **anti**govern**ista**, **pseudo**govern**ador** etc.* Além disso, muitas palavras podem mudar de forma para indicar o sexo do ser ou a ideia de quantidade; exemplo: *garoto, garot**a**, garot**os**, garot**as***. Safo?

Elas se dividem em grupos, classes?

Sim, as palavras se dividem em tradicionais dez grupos: **substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção** e **interjeição**. Ainda há as **palavras denotativas**, que são postas à parte. Essas classes de palavras só existem porque muitas palavras têm semelhanças morfológicas. Por exemplo, *gato, cachorro* e *lobo* mudam de forma em gênero (*gata*, *cachorra* e *loba*) e número (*gatos/gatas*, *cachorros/cachorras* e *lobos/lobas*). Percebe que, morfologicamente, ou seja, do ponto de vista da forma, tais palavras variam? Então elas têm uma semelhança, certo? Por isso são enquadradas em um **grupo**, em uma **classe**. Nesse caso, os **substantivos**!

Sendo assim, de maneira didática, podemos dizer que a **morfologia** trata da **estrutura das palavras**, do **processo de formação das palavras** e das **classes de palavras**.

Muitos têm dificuldade em diferenciar **análise morfológica** de **análise sintática**. São dois conceitos bem diferentes. Se você tem dificuldade, é a hora de fazer a diferença aí na sua cabeça! Quando o enunciado é construído com as seguintes expressões: "analise

morfologicamente", "quanto à morfologia", "do ponto de vista morfológico", o que ele deseja é que você analise a palavra gramaticalmente, ou seja, aponte a **classe gramatical** (ou **classes de palavras**). Exemplo:

1) Caramba! 2) Os 3) meus 4) cinco 5) sensacionais 6) professores 7) vieram 8) do RJ 9) e palestraram 10) aqui.

1) Interjeição / 2) Artigo / 3) Pronome / 4) Numeral / 5) Adjetivo / 6) Substantivo / 7) Verbo / 8) Preposição / 9) Conjunção / 10) Advérbio

Pronto. Essa é uma análise gramatical, e não sintática.

É bom dizer que algumas classes gramaticais (**substantivo**, **adjetivo**, **artigo**, **pronome**, **numeral** e **verbo**) são precipuamente variáveis, porque mudam de forma (singular, plural, masculino, feminino etc.). Já outras (**advérbio**, **preposição**, **conjunção** e **interjeição**) são precipuamente invariáveis, porque não mudam de forma.

Quando a banca deseja que você saiba as **partes** que compõem a palavra ou como a palavra se formou, ela trabalha diretamente no enunciado assim: "Qual é a análise mórfica..." ou "Qual é o processo de formação das palavras?", ou algo bem parecido. Ok?

Obs.: Há muito mais a dizer. Só quero lembrar-lhe algo crucial: *A Gramática tem o abusado objetivo de não deixar ninguém desamparado*, por isso falo muito quando acho que devo falar, mas o maior termômetro daquilo que você realmente deve estudar são as questões da banca que irá elaborar seu concurso, por isso nada de ficar arrancando os cabelos. Aliás, a cada fim de capítulo eu friso "o que mais cai na prova"! Por conseguinte, não fique decorando tudo que nem um maluco! Beleza?

No próximo capítulo, muito será falado, mas você só vai realmente se aprofundar se tiver de fazer uma prova muito "cabeluda" ou quiser saber mais; caso contrário, siga somente aqueles passos que eu dou sobre o que você deve estudar, em "O que cai mais na prova?". Chega de papo! Vamos nessa!

Capítulo 6

Estrutura e Processo de Formação de Palavras

Definição

Como já vimos, as palavras se formam a partir de certas formas presas, a que damos o nome de afixos, radicais, desinências etc. Tais "pedaços" que compõem as palavras se unem formando mais e mais palavras. Por exemplo, "inconstitucionalissimamente". Falarei melhor sobre ela à frente.

Assim como um prédio, as palavras têm uma estrutura formada por uma "base" + outras partes que se ligam a ela. Por meio desse acúmulo de constituintes (partes), muitas palavras são formadas e modificadas. Não é por nada que existem mais de 380.000 palavras na língua portuguesa.

A parte de **Estrutura das Palavras** trata dos conceitos de **radical, prefixo, sufixo, desinência, vogal temática, vogal/consoante de ligação**.

Obs.: Este assunto é raro em prova, portanto, se já tiver certo domínio sobre ele, avance para "processo de formação de palavras", que costuma aparecer em algumas provas!

A parte de **Processo de Formação das Palavras** trata dos conceitos de **derivação, composição e outros processos**.

Vejamos como, por que e quais são as formas das palavras agora!

Morfema

Antes que você comece a se perguntar o que é **morfema**, não é nada de mais, é só mais uma palavrinha nova em seu vocabulário apreendido na leitura deste livro. O conceito é muito fácil. Fique calmo.

Morfema é a menor parte significativa que constitui uma palavra. Uma palavra pode apresentar vários morfemas (ou "pedaços"). Por exemplo, a palavra **supervalorização** tem quatro (4) partes: **super + valor + iza + ção**. A palavra que a gente viu lá atrás tem sete (7) partes: **in + constitu + cion + al + issim + a + mente**. E por aí vai!

Existem três tipos de morfema: **lexical**, **derivacional** e **flexional**. Vejamos um por um:

Morfema Lexical

O **morfema lexical** é aquele que não pode faltar nas palavras, é o morfema mais importante, é o principal! Por quê? Muito simples. Ele carrega o significado das palavras e serve de base para que outros morfemas se juntem a ele formando novas palavras. É por isso que, sem esse morfema, a palavra não existe. Raciocine comigo: se ela não tem autonomia semântica, não pode ser palavra, mas sim um mero vocábulo. Neste capítulo, deve interessar-nos a análise das **palavras**. Então, voltemos a elas.

Você já ouviu falar em **radical**? Então. O **morfema lexical** é nada mais, nada menos que o radical. "Sem radical, existe palavra?" Não! "O radical carrega o sentido básico das palavras?" Sim! "Posso formar novas palavras a partir do morfema lexical?" Só pode! É por isso que existem 10 bilhões de palavras (hipérbole!), pois inúmeras palavras se formam a partir da união de outros morfemas a este principal: o **morfema lexical**. Ficou claro?

Bem, os morfemas lexicais são indecomponíveis, ou seja, não podem ser fragmentados. Exemplo: **livreiro** (**livr-** é o morfema lexical – radical, pois posso formar outras palavras com este pedaço, como **livr**inho, **livr**aria, **livr**ete etc.). "Podemos fragmentar o radical? Separar em **li-** + **vr-**?" Claro que não, pois nenhuma palavra se forma a partir de **li-**, tampouco de **vr-**. Uma vez que tais pedaços nada representam, não têm sentido, não formam palavra alguma, não podem ser considerados morfemas.

"Agora, Pestana, que outros morfemas se unem ao morfema lexical (radical) para formar novas palavras?" Vejamos.

Morfema Derivacional

O **morfema derivacional** é aquele que se une ao morfema lexical para formar novas palavras. Se você já ouviu falar em **afixos**, ou seja, **prefixo** *e* **sufixo**, então já sabe o que é morfema derivacional.

"Ah! Entendi! Então quando dizemos que uma palavra é derivada de outra, isso significa

que ela foi acrescida de morfema derivacional?" Exatamente! "Tipo assim, **livreiro** é palavra derivada de **livro** porque recebeu o sufixo **-eiro**?" Exatamente! Para ficar claríssimo: livro + **eiro** = livr**eiro**; safado + **eza** = safad**eza**; **super** + homem = **super**-homem; **a** + normal = **a**normal.

Muitas vezes ocorre mudança de classe de palavras na formação de novas palavras pelo uso de afixos (em safado > safadeza, o sufixo alterou a classe – **adjetivo** > **substantivo**). Beleza? Falou em **morfema derivacional**, falou em **afixos** (prefixo e sufixo).

Morfema Flexional

Diz-se normalmente que uma palavra se flexiona quando não há troca de radical nem acréscimo de **afixos** (prefixo e sufixo), mas sim quando há uso de **desinências**, ou seja, morfemas que indicam o gênero e o número das palavras (no caso dos nomes) e que indicam o modo, o tempo, o número e a pessoa (no caso dos verbos) sem mudar a classe gramatical das palavras. O **morfema flexional**, portanto, é a parte da palavra que carrega conceitos relativos a conhecimentos de mundo (sexo/gênero e quantidade, no caso dos nomes; modo, tempo, número e pessoa, no caso dos verbos) e sintáticos, como concordância verbal e nominal.

Obs.: Para você que acha este assunto chato e desnecessário, por já ter certo domínio sobre ele, peço que avance direto para **Processo de Formação de Palavras**. Não perca seu tempo! Para você que teve uma base muito ruim, continue a leitura. "Perca" bem o seu tempo com o que segue!

Alomorfia

Alomorfia é uma mudança, uma variação, uma alteração em algum morfema para que a palavra seja bem pronunciada. Normalmente isso ocorre nos morfemas lexicais (radicais). Um exemplo disso é o verbo **fazer**, que apresenta alomorfia no radical **faz-** (**faç**o; **fez**; **fiz**era; **fa**rei; **fei**to). Percebeu quantas alomorfias? Alguém pronunciaria: "Eu **fazo** dez flexões na barra!"? Claro que não! Ocorre **alomorfia** para que haja **eufonia** – **eu-** (bom) **-fonia** (relativo ao som) –, ou seja, um bom som na língua.

Só de curiosidade: Você sabia que a palavra **difícil** é derivada de **fácil**? "Mas cadê o radical, Pestana?" Eis o radical alomórfico: di**fíc**il.

Não há alomorfia só no radical, mas há também em outros morfemas. Veremos isso ao longo deste capítulo. Toda vez que eu falar de **alomorfia** a partir de agora, fique esperto!

Vocábulos Cognatos

Os **vocábulos cognatos** (ou família de palavras) são um grupo de palavras que apresentam o mesmo morfema lexical. Exemplo: **corp**o, **corp**óreo, **corp**oral, **corp**anzil, en**corp**ado, **corp**oração, **corp**ulento, in**corp**orar, **corp**orativismo, in**corp**orado, des**corp**orificado etc.

Só tome cuidado com a **alomorfia**! Por exemplo, "**amig**o, **amig**ote, **amig**ueiro, in**imig**o" são vocábulos cognatos? "Ah, Pestana, claro que não, ora; o último vocábulo não tem o mesmo morfema lexical, pô!"

Você já ouviu falar em alomorfia, variação no morfema... Cuidado! Tais palavras pertencem, sim, à mesma família de palavras, pois apresentam radical igual. O fato de haver alomorfia não impede que os vocábulos sejam cognatos.

Importante: Para que vocábulos sejam cognatos, não basta semelhança entre si, é preciso haver ligação semântica, significados afins – ou agora vamos dizer que "café, cafezal, cafeína e **cafetina**" têm o mesmo radical?!?!

"E o que é **raiz**, Pestana? É o mesmo que **radical**?" Vamos ver agora, no próximo tópico!

Radical

Antes de qualquer coisa, é bom dizer que **raiz** e **radical** são conceitos levemente diferentes. A raiz é um radical mais antigo, ou seja, a raiz é um morfema que deu origem ao radical. Quando estudamos raiz, temos de olhar para o latim, para o grego e outras línguas. Por exemplo, veja estas palavras: **amarg**o, **amarg**or, **amarg**ura, **amarg**urar, **amarg**urado, **amar**íssimo. Percebeu que a última palavra apresenta o radical **amar-**? Por quê? Muito simples. No latim, **amargo** era **amar**us. Eis, portanto, a raiz da palavra **amargo**.

Esta análise é **diacrônica** (ao longo do tempo), ou seja, olhamos para o passado para observar a origem. A ciência que estuda a origem das palavras é a **etimologia** – as gramáticas bem antigas, como a de Júlio Ribeiro, tratavam dessa parte da língua. Em tese, hoje em dia "não precisamos estudar etimologia" para acertar uma questão específica sobre o assunto. As gramáticas atuais não tratam diretamente do assunto, pois há dicionários só sobre isso. Os bons dicionários "normais" também trazem a análise etimológica da maioria das palavras. O Aulete é muito bom, o Houaiss idem.

Bem... volte a "**amarg**o, **amarg**or, **amarg**ura, **amarg**urar, **amarg**urado, **amar**íssimo". Todas elas têm o mesmo **radical** (**amarg-**), exceto a última. Isso ocorre porque o adjetivo **amargo** no grau superlativo absoluto sintético vira **amaríssimo**, ou seja, usa-se a raiz **amar-** + o sufixo **-íssimo**. "Como encontrar, então, o radical de uma palavra?" Seria bom se todos conhecessem profundamente etimologia... mas calma! Vamos entender o conceito de **radical**.

Radical é o mesmo que **morfema lexical**, é a base da palavra, é a parte responsável pela significação principal de uma palavra e pela formação de novas palavras. Sem radical não há palavra(s).

Uma boa sugestão para identificarmos o **radical** é a seguinte: tente pensar na palavra primitiva, isto é, no estado em que a palavra ainda não sofreu modificação alguma. Por exemplo: casa. Agora comece a pensar em palavras que derivam de casa: **cas**arão, **cas**eiro, **cas**ar, **cas**amento, des**cas**ado, **cas**ebre... Percebeu que elas têm a mesma base? Esse pedaço, esse "morfema" (para falar bonitinho) é o famigerado radical!

Normalmente, as palavras da língua portuguesa vêm do latim e do grego, por isso é importante conhecer alguns radicais provindos dessas "línguas-mãe".

Radicais Gregos

Conheça alguns radicais que servem de 1º e 2º elemento de uma composição. Note que alguns radicais podem sofrer alomorfias.

– 1º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
acro-	alto, elevado	acrobata, acrofobia
aero-	ar	aeronave, aeronauta
agro-	campo	agronegócio, agrônomo
andro-	homem, macho	androfobia, andrógino
anemo-	vento	anemômetro, anemógrafo
antropo-	homem, ser humano	antropologia, antropofagia
aristo-	ótimo, o melhor	aristocracia, aristodemocracia
aritmo-	número	aritmética, aritmografia
arqueo-	antigo	arqueologia, arqueografia
asteno-	fraqueza, debilidade	astenospia, astenosfera
astro-	corpo celeste	astronomia, astrodinâmica
atmo-	gás, vapor	atmosfera, atmômetro
auto-	por/de si mesmo	autobiografia, autoajuda
baro-	pressão, peso	barômetro, barítono
biblio-	livro	biblioteca, bibliófilo
bio-	vida	biologia, biografia
caco-	feio, mau, desagradável	cacofonia, cacografia
cali-	belo	caligrafia, calidoscópio
cardio-	coração	cardiograma, cardiologia
cefalo-	cabeça, crânio	cefalídio, cefaleia
ciclo-	círculo, esfera	ciclismo, ciclomotor
cine-, cinemato-	movimento	cinética, cinematografia
cito-	célula	citologia, citoplasma
cosmo-	mundo, universo	cosmologia, cosmogênese
cromo-	cor	cromossomo, cromogravura
crono-	tempo	cronologia, cronograma
da(c)tilo-	dedo	dactilografia, datilografia
deca-	dez	decaedro, decâmetro
demo-	povo	democracia, demográfico
derma(to)-	pele	dermatologista, dermatite

di-	dois	dissílabo, ditongo
eco-	casa, habitat	ecologia, ecossistema
ele(c)tro-	(âmbar) eletricidade	eletroímã
ene(a)-	nove	eneagonal, eneágono
ergo-	trabalho	ergofobia, ergógrafo
esperma(to)-	semente, sêmen	espermograma, espermatozoide
etio-, etimo-	origem	etiologia, etimologia
etno-	raça, nação	etnologia, etonocentrismo
filo-	amigo, amante	filologia, filosofia, filantropo
fisio-	natureza (normalmente física)	fisionomia, fisiologia
fono-	voz, som	fonologia, fonógrafo
foto-	fogo, luz	fotosfera, fotografia
gamo-	casamento, união	gamogênese, gamomania
gastro-	estômago	gastrite, gastronomia
gen(o)(ese)-	origem, início, nascimento, família	biogênese, genocídio
geo-	terra	geografia, geoide
gino-, gineco-	mulher	ginecocracia, ginantropo
gono-	semente, esperma	gonorreia, gonócito
helio-	sol	heliocentrismo, heliografia
hemo-	sangue	hemorragia, hemograma
hepato-	fígado	hepatite, hepático
hepta-	sete	heptágono, heptacampeão
hetero-	outro, diferente	heterogêneo, heterossexual
hexa-	seis	hexágono, hexacampeão
hidro-	água	hidrogênio, hidrografia
higro-	umidade	higrômetro, higroscópio
hipno-	sono	hipnose, hipnotismo
hipo-	cavalo	hipopótamo, hipódromo
homeo-, homo-	semelhante	homeopatia, homossexual
icono-	imagem	iconoclasta, iconografia
ictio-	peixe	ictiologia, ictiofagia
iso-	igual	isósceles, isóbaro
laringo-	garganta, laringe	laringalgia, laríngeo
lito-	pedra, rocha	litografia, litogravura

macro-	grande, longo	macróbio, macrocosmo
mani-	loucura	manicômio
mega(lo)-	muito grande, imenso	megafone, megalomaníaco (**alguns dicionaristas entendem que é um prefixo ou falso prefixo**)
melo-	canto	melodia, melomania
meso-	meio	mesóclise, Mesopotâmia
metro-	relativo à mãe; matriz, útero; medida	metrópole; metrorragia; metrologia
micro-	pequeno	micróbio, microfone
miria-	dez mil, numeroso	miríade, miriâmetro
miso-	ódio, aversão, impureza	misantropia, misofilia
mito-	fábula, história	mitologia, mitomania
mnemo-	memória, lembrança	mnemônico, mnemonização
mono-	um só	monarca, monobloco
morfo-	forma	morfologia, morfossintaxe
necro-	Morto	necrotério, necrofilia
neo-	novo	neolatino, neologismo
neuro-, nevro-	nervo	neurônio, nevralgia
octo-	oito	octaedro
odonto-	dente	odontologia, odontalgia
oftalmo-	olho	oftalmologia, oftalmia
oligo-	pouco	oligarquia, oligopólio
onir(o)-	sonho	onírico, onirologia
onomato-	nome	onomatopeia, onomatomancia
ornito-	ave	ornitorrinco, ornitologia
orto-	reto, justo	ortodoxo, ortografia
oto-	ouvido	otite, otoscopia
oxi-	agudo, penetrante, ácido	oxítono, oxidação
paleo-	antigo	paleontologia, paleografia
pan-, pant(o)-	todos, tudo	pan-americano, panteísmo
pato-	doença	patologia, patogenia
penta-	cinco	pentágono, pentacampeão
piro-	fogo	pirotecnia, pirófago
pneumo; (ato)-	pulmão; ar, gás, espírito	pneumonia, pneumatologia
poli-	muito, vários	poliglota, polifonia

potamo-	rio	potamografia, Mesopotâmia
proto-	primeiro	protozoário, protótipo
pseudo-	falso	pseudônimo, pseudoliterário
psico-	alma, espírito	psicologia, psiquiatria
ptero-	asa, coluna	pterodáctilo, pterossauro
quilo-	mil	quilograma, quilômetro
quiro-	mão	quiromancia, quiromante
rino-	nariz	rinoceronte, rinite
rizo-	raiz	rizotônico, rizófago
sema-, semio-	sinal, significado	semáforo, semântica, semiologia
sidero-	ferro, aço	siderurgia, siderografia
sismo-	terremoto	sísmico, sismologia
somato-	corpo, matéria	somatologia, somatizar
tanato-	morte	tanatofobia, tanatofilia
taqui-	rápido	taquicardia, taquigrafia
tecno-	arte, ofício	tecnografia, tecnologia
tele-	distância	telefone, telégrafo
teo-	deus, divindade	teocentrismo, teocracia
termo-	calor, temperatura	termômetro, termostato
tetra-	quatro	tetraedro, tetracampeão
tipo-	figura, marca	tipografia, tipologia
topo-	lugar	topografia, topônimo
tri-	três	trissílabo, tricampeão
xeno-	estranho, estrangeiro	xenofobia, xenofilia
xero-	seco, sem umidade	xerografia, xeroderma
xilo-	madeira, árvore, celulose	xilogravura, xilofone
zoo-	animal	zoologia, zoomorfização

– 2º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
-agogo	que conduz	pedagogo, demagogo
-algia	dor	nevralgia, mialgia
-arca	que comanda; soberano	monarca, patriarca
-arquia	comando, governo	monarquia, anarquia
-astenia	fraqueza, esgotamento	neurastenia, ergastenia
-bata	que anda, que vive em	acrobata, nefelibata

-cefalo	cabeça	microcéfalo, autocéfalo
-ciclo	círculo, roda	triciclo, bicicleta
-cosmo	mundo, universo	macrocosmo, microcosmo
-cracia	poder	democracia, burocracia
-doxo	crença, opinião	ortodoxo, paradoxo
-dromo	lugar para correr, curso, caminho	hipódromo, sambódromo
-edro	base, fase	poliedro, pentaedro
-fagia	ato de comer	antropofagia, autofagia
-fago	que come	antropófago, necrófago
-filia, -filo	amizade, apreço	bibliofilia, cinefilia, pedófilo
-fobia	inimizade, ódio, temor, aversão	claustrofobia, xenofobia
-fobo	que odeia, inimigo; que teme	xenófobo, claustrofóbico
-foro	que leva ou conduz	fósforo, sinesíforo
-gamia	casamento, união	poligamia, monogamia
-gamo	casa	bígamo, polígamo
-gên(e)o	que gera; que provém de	heterogêneo, cancerígeno
-gino	relativo a mulher	exógino, andrógino
-glota; -glossa	língua	poliglota, isoglossa
-gono	ângulo	pentágono, polígono
-grafia	escrita, descrição	ortografia, caligrafia
-grafo	que escreve	calígrafo, geógrafo
-grama	escrito, peso	telegrama, quilograma
-latr(i)a	culto, veneração, vício	idolatria, chocólatra
-lito	pedra, rocha	aerólito, acrólito
-logia	discurso, estudo, coleção	arqueologia, antologia, biologia
-logo	que fala ou trata	diálogo, monólogo
-mancia	adivinhação	quiromancia, cartomancia
-mania	loucura	ninfomania, xenomania
-metria	medida	biometria, densitometria
-metro	que mede	pentâmetro, termômetro
-morfo, -morfia	que tem a forma	polimorfo, zoomorfo, alomorfia
-nomia	lei, regra, divisão	astronomia, taxonomia
-nomo	que regula, que age	autônomo, agrônomo
-ônimo	nome	sinônimo, antônimo
-pedia	educação, ensino	enciclopédia, ortopedia
-peia	ato de fazer	onomatopeia, epopeia

-pólis, -pole	cidade	Petrópolis, metrópole
-ptero	asa	helicóptero, calóptero
-scopia	ato de ver	macroscopia, artroscopia
-scópio	instrumento para ver	microscópio, telescópio
-sofia, -sofo	sabedoria, sábio	logosofia, filosofia
-soma(o)	corpo, matéria	cromossomo, tripanossoma
-stico	linha	macróstico, hemistíquio
-tanásia	morte	eutanásia, cacotanásia
-teca	lugar onde se guarda, coleção	biblioteca, discoteca
-terapia	cura	fisioterapia, musicoterapia
-tipo	marca, modelo	estereótipo, logotipo
-tomia	corte, divisão	dicotomia, lobotomia
-tono	tensão, tom	monótono, proparoxítono

Radicais Latinos

Conheça mais alguns radicais que servem de 1º e 2º elemento de uma composição. Note que alguns radicais podem sofrer alomorfias.

– 1º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
agri-	campo	agricultura
ambi-	ambos	ambidestro
arbori-	árvore	arborícola
bis-, bi-	duas vezes	bípede, bisavô
calori-	calor	calorífero
cruci-	cruz	crucifixo
curvi-	curvo	curvilíneo
duo-	dois	dual, duelo
equi-	igual	equilátero, equidistante
ferri-, ferro-	ferro	ferrífero, ferrovia
igni-	fogo	ignífero, ignição
loco-	lugar	locomotiva
morti-	morte	mortífero
multi-	muito	multiforme
olei-, oleo-	azeite, óleo	oleígeno, oleoduto
oni-	todo	onipotente
pedi-	pé	pedilúvio
pisci-	peixe	piscicultor
pluri-	muitos, vários	pluriforme
quadri-, quadru-	quatro	quadrúpede
reti-	reto	retilíneo
semi-	metade	semimorto
tri-	três	tricolor

– 2º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
-cida	que mata	suicida, homicida
-cola	que cultiva, ou habita	vinícola, silvícola
-cultura	ato de cultivar	piscicultura, apicultura
-fazer	tornar algo em, causar	liquefazer, estupefazer

-fero	que contém, ou produz	aurífero, carbonífero
-ficar	acarretar, transformar	beatificar, edificar
-fico	que faz, ou produz	benéfico, frigorífico
-forme	que tem forma de	uniforme, cuneiforme
-fugo	que foge, ou faz fugir	centrífugo, febrífugo
-gero	que contém, ou produz	belígero, armígero
-paro	que produz	ovíparo, multíparo
-pede	pé	velocípede, palmípede
-sono	que soa	uníssono, horríssono
-vomo	que expele	ignívomo, fumívomo
-voro	que come	carnívoro, herbívoro

Obs.: Todos os morfemas indicativos de número são considerados radicais para a maioria dos gramáticos, como Celso Cunha. Sobre **uni**, **bi/bis**, **tri**, muitos gramáticos (como Bechara) e dicionaristas os consideram prefixos latinos. Além disso, não há consenso quanto à origem (gregos ou latinos) de alguns morfemas numéricos. Portanto, não ache estranho se o mesmo radical estiver entre os gregos e os latinos e entre os prefixos! Na falta de consenso, busque sempre "a melhor resposta" na hora da prova. Veja uma questão sobre isso:

26. (FAB – EEAr – Sargento – 2007) A palavra que sofreu o mesmo processo de formação de **supra-sumo** é:
a) manga-rosa
b) trigêmeo
c) belas-artes
d) extra-oficial (gabarito)

Comentário: *Supra* e *extra* são prefixos, indiscutivelmente. Note que "tri" não foi considerado prefixo pela banca, mas sim radical, ficando com a visão do Celso Cunha. Marque sempre *a melhor resposta*! Detalhe: segundo a nova ortografia, "extra-oficial" não se escreve mais com hífen.

Afixos

Os **afixos** são morfemas derivacionais ligados ao radical e capazes de modificar o seu significado, formando palavras novas. Existem dois tipos: os **prefixos** e os **sufixos**.

O **prefixo** vem antes do radical para ampliar sua significação e formar nova palavra. É bom dizer também que o prefixo pode mudar de sentido e de forma (alomorfia), a depender do contexto.

Veja este exemplo: **des** + graça = **des**graça (normalmente o prefixo **des-** indica ideia contrária). Já na palavra **descair**, o prefixo **des-** indica movimento lento de cima para baixo (O Sol descaía no horizonte.). Na palavra **despedaçar**, o prefixo **des-** significa partir, quebrar, dividir; em **desinfeliz** e **desinquieto**, o **des-** indica ênfase, intensificação. Percebeu a mudança de sentido? Percebeu também que uma palavra pode ter mais de um prefixo (**des**/**in**/feliz, **des**/**in**/quieto)? Interessante, não?

Agora veja alguns casos de alomorfia do prefixo **des-**: **de**compor, **de**cair, **dis**tenso, **dis**simetria, **di**fundir, **di**fícil etc. Alguns gramáticos não encaram como alomorfia, mas prefixos diferentes. Isso, para nós, não importa no dia da prova, pois as bancas estão mais interessadas em saber se você consegue perceber o sentido de um morfema em relação a outros. Mais ainda: normalmente as provas desejam saber qual é o "processo de formação da palavra". Para que isso ocorra, precisamos ter uma boa base em cima do assunto do qual estamos tratando, ok? Continue firme!

"E o sufixo?" Bem... o **sufixo** vem depois do radical para ampliar seu sentido e formar nova palavra. Normalmente o sufixo modifica a classe gramatical da palavra primitiva – **Buda** (substantivo) > bud**ista** (adjetivo). Lembra-se da música *Zé Menin**gite***, do grupo de pagode *Revelação*? Então, relembre:

*Zé Meningite já teve bronqu**ite**, leptospirose,*
Cancro, sarampo, catapora,
*Varíola, caxumba e gastr**ite**.*
*Tétano e hepat**ite**, febre amarela e conjuntiv**ite**,*
*Derrame cerebral, coqueluche e celul**ite**.*
*Faring**ite**, doenças de chagas e labirint**ite**.*
(...)

O sufixo **-ite**, além de formador de palavras relativas à mineralogia (grafite, linhite, estalactite...), hoje é muito usado para indicar uma doença ou inflamação de algo, como bronqu**ite** (brônquio + **ite**; inflamação dos brônquios). Neste caso, o sufixo apenas formou nova palavra, ampliando o sentido da palavra primitiva, mas não houve mudança de classe gramatical: brônquio (substantivo) + **ite** = **bronquite** (substantivo). Ficou claro?

"Quantos prefixos e sufixos existem, Pest?" Vejamos agora.

Prefixos Gregos

Não entre na "pilha" de começar a decorar tudo. Não quero você enlouquecendo e odiando a gramática da língua portuguesa. Aos poucos, você vai se familiarizando com os prefixos gregos e latinos. Os prefixos com asteriscos (*) são bastante trabalhados em provas.

Prefixos	Sentido	Exemplos
*** a-, an-**	privação; negação	ateu, analfabeto, anestesia
ana-	repetição; separação; inversão; para cima	análise, anatomia, anáfora, anagrama
anfi-	duplicidade; ao redor; de ambos os lados	anfíbio, anfiteatro, anfibologia
*** anti-**	oposição, ação contrária	antibiótico, anti-higiênico, antitérmico, antítese, antípoda, anticristo
apo-	separação; afastamento; longe de	apogeu, apóstolo, apóstata
*** arqui-, arc(e)-**	posição superior; excesso; primazia	arquitetura, arquipélago, arcebispo, arcanjo
cata-	movimento para baixo; a partir de; de acordo com	catálise, catálogo, cataplasma, catadupa, catapulta
dia-	através de; ao longo de	diafragma, diagrama, diálogo, diagnóstico
di-	duas vezes	dipolo, dígrafo
*** dis-**	separação; negação, oposição; intensidade; ordem, arranjo; defeito, dificuldade; falta; dois	dissidência; difícil, discordar; dissimular; distribuir; dislexia, disenteria; dissimetria; dispermo
en-, em-, e-, endo-	posição interna; direção para dentro	encéfalo, emblema, elipse, endotérmico
ex-, ec-, exo-, ecto-	movimento para fora; posição exterior	expatriado, exportar, êxodo, ecdêmico, eclipse, ectoplasma
epi-	posição superior; acima de; posterioridade	epiderme, epílogo
eu-, ev-	excelência; perfeição; verdade	euforia, evangelho
*** hemi-**	metade	hemisfério
*** hiper-**	posição superior; intensidade	hipérbole, hipertensão
*** hipo-**	posição inferior; insuficiência	hipotrofia, hipotensão, hipodérmico
meta-	posteridade; através de; mudança	metamorfose, metabolismo, metáfora, metacarpo
*** para-**	proximidade; ao lado; oposto a	paradoxo, paralelo, paródia, parasita
peri-	em torno de	pericárdio, período, perímetro
poli-	multiplicidade; pluralidade	polinômio, poliedro
*** pro-**	posição anterior	prólogo, prognóstico
sin-, sim-	simultaneidade; reunião; resumo	sinfonia, simbiose, simpatia, sílaba

Obs.: Há uma leve diferença entre **a**moral (prefixo grego) e **i**moral (prefixo latino): a primeira palavra significa, segundo o Aulete, "carência de moral ou de senso de moralidade, seja por desconhecimento, seja por indiferença"; sobre a segunda, o mesmo

dicionário diz: “que contraria as regras da moralidade; que não é decente; indecente; vergonhoso”. Só de curiosidade: às vezes o prefixo **a-** é usado apenas por uma questão de eufonia, sem nada significar: *amostrar* é o mesmo que *mostrar*, por exemplo.

Prefixos Latinos

Veja agora os prefixos latinos e suas principais acepções com exemplos. Os prefixos com asteriscos (*) são bastante trabalhados em provas.

Prefixos	Sentido	Exemplos
*** ab-, abs-, a-**	exagero, afastamento; separação	abuso, abster-se, abdicar, amovível
ad-, a-	aproximação; tendência; direção	adjacente, adjunto, admirar, agregar
ambi-	duplicidade	ambivalência, ambidestro
*** ante-**	posição anterior	antebraço, anteontem, antepor
bene-, em-, bem-	bem; muito bom	benevolência, benfeitor, bem-vindo, bem-estar
*** bis-, bi-**	duas vezes	bisavô, biconvexo, bienal, bípede (**para Celso Cunha, é radical, não prefixo**)
circum(n)-	ao redor; movimento em torno	circunferência, circum-adjacente
cis-	posição aquém	cisandino, cisplatino, cisalpino
*** contra-**	oposição; ação contrária	contra-ataque, contradizer
com-, con-, co-	companhia; combinação	compartilhar, consoante, contemporâneo, coautor
***de-, des-, dis-**	movimento para baixo; afastamento; ação contrária; negação	decair, desacordo, desfazer, discordar, dissociar, decrescer
ex-, es-, e-	movimento para fora; mudança de estado; separação	exonerar, exportar, exumar, espreguiçar, emigrar, emitir, escorrer, estender
extra-	posição exterior; superioridade	extraoficial, extraordinário, extraviar
*** in-, im-, i-, em-, em-, intra-, intro-**	posição interna; passagem para um estado; movimento para dentro; tendência; direção para um ponto	incisão, inalar, injetar, embelezar, impor, imigrar, enlatar, enterrar, embalsamar, intravenoso, intrometer, intramuscular
*** in-, im-, i-**	negação; falta	intocável, impermeável, ilegal
inter-, entre-	posição intermediária; reciprocidade	intercâmbio, internacional, entrelaçar, entreabrir
justa-	proximidade	justapor, justalinear
ob-, o-	posição em frente, oposição	ob-reptício, ocorrer, opor
per-	movimento através	percorrer, perfurar
pos-	posição posterior; ulterioridade	pós-escrito, pospor, postônico
*** pre-**	anterioridade; superioridade; intensidade	prefixo, previsão, pré-história, prefácio
pro-	posição em frente; movimento para frente; em favor de	proclamar, progresso, pronome, prosseguir
*** re-**	repetição; intensidade; reciprocidade	realçar, rebolar, refrescar, reverter, refluir
retro-	para trás	retroativo, retroceder, retrospectivo
semi-	metade	semicírculo, semiconsoante, semianalfabeto
soto(a)-	posição inferior	soto-mestre, sota-vento
*** sub-, sob-,**		subconjunto, subcutâneo, subsolo, sobpor, soterrar,

su(s)-, so-	posição abaixo de; inferioridade; insuficiência	suster, supor
*** super-, sobre-, supra-, su-**	posição superior; excesso; além de	superpopulação, sobreloja, suprassumo, sobrecarga, superfície, surreal
trans-, tras-, tres-	através de; posição além de; mudança	transbordar, transcrever, traspassar, tresloucado, tresmalhar
ultra-	além de; excesso	ultrapassar, ultrassensível
vice-, vis-, vizo-	posição abaixo de; substituição	vice-reitor, visconde, vice-cônsul, vizo-rei

Seria excelente se as provas trabalhassem "sempre" a análise mórfica de uma palavra sob a visão **sincrônica**, isto é, no estágio atual da língua. "O que você está querendo dizer com isso?" Em outras palavras: normalmente as bancas pedem que se analise uma palavra com um prefixo que já se incorporou ao radical de tal maneira que ninguém mais consegue dissociar o prefixo do radical.

Por exemplo, a palavra **ignorante**. Você vê algum prefixo nela? Todos diremos que a palavra **ignorante** vem do verbo **ignorar**. Ponto final. Certo? É aí que está... Sincronicamente falando, ou seja, analisando a palavra do modo como ela é vista hoje, diríamos que a palavra **ignorar** recebeu apenas um sufixo [-(a)**nte**], formando a palavra ignor**ante**. Ela não recebeu prefixo nenhum!

O problema é que algumas bancas exigem de você o conhecimento **diacrônico** da palavra, ou seja, a história da palavra, a saber: **i-** (prefixo de negação) + **gno** (radical; de *gnôsis*, conhecimento, em grego) + -(a)**nte** (sufixo que indica ação ou estado). Ou seja, exigem de você um conhecimento que não lhe cabe saber, isto é: o-ri-gi-nal-men-te a palavra **ignorante** tinha prefixo de negação.

"Como proceder na prova?" Marque sempre a melhor opção. Exemplo: a banca pede para você marcar a palavra que tem prefixo e lhe dá estas palavras: a) etnologia, b) fonética, c) hemorragia, d) protótipo, e) ignorante. Qual você marca? Letra E, com certeza! Por quê? Porque não há sequer uma opção com prefixo, exceto a E.

Agora, "na boa", tente retirar o prefixo; a palavra vai ficar: **gnorante**. Existe esta palavra? Seria o **gnorante** aquele que <u>tem</u> conhecimento em comparação ao ***i/*gnorante**, que <u>não tem</u> conhecimento?!?! Pelo amor de Deus! Hoje em dia, ninguém deveria fazer esta análise diacrônica, ainda mais em prova de concurso.

Isso tudo serve para mostrar que <u>devemos</u> fazer a análise mórfica de acordo com os fatos linguísticos atuais: ignorante vem de ignorar; o antigo prefixo (**i-**) já não é visto como prefixo hoje em dia, pois não é possível dissociá-lo do radical, tanto que o radical é: **ignor-**, que forma ignorar, ignorável, ignorante, ignorância etc.

<u>Maaaaaaas</u>, no dia da prova, fique esperto com as pegadinhas e maldades das bancas!

Observe, por exemplo, esta questão:

7. (TJ/RS – Tribunal de Justiça – Juiz Estadual – 2009) O prefixo que ocorre na palavra **desativado** também está presente em:
a) reativado
b) ativismo
c) desastrado
d) demasiado
e) desventura

Comentário: O gabarito foi a letra E, como deveria ser mesmo! Esta banca foi sensata, trabalhou com a noção de **sincronia** e não **diacronia**. Não obstante, se fizéssemos uma análise **diacrônica** (histórica) da palavra, caberia recurso. A palavra **desastrado** também apresenta (originalmente) um prefixo. Saiba mais: a palavra **desastre** vem de **astro**. Houve uma junção do prefixo "**des-**, **dis-**" (com ideia de oposição) + **astro**. Um **desastre**, então, era lá na origem uma catástrofe, um infortúnio atribuído à posição desfavorável de um planeta, segundo a astrologia. Agora, "na boa", faz sentido dizer que **desastrado** tem prefixo, hoje em dia? **Desastrado** vem de **desastre**, e ponto final. O prefixo original (des-, dis-) já está incorporado ao radical de modo que **desastr-** é agora o radical! E, "para fechar o caixão", como já dizia o gramático Sacconi, "algumas palavras entram em nossa língua já com o prefixo, é o caso de **repetir**, não existe **petir**"!

Veja agora o quadro de **correspondência entre prefixos gregos e latinos**:

Prefixos Gregos	Prefixos Latinos	Sentido	Exemplos
a, an	**des, in**	privação, negação	anarquia, desigual, inativo
anti	**contra**	oposição, ação contrária	antibiótico, contraditório
anfi	**ambi**	duplicidade, no entorno	anfiteatro, ambivalente
apo	**ab**	afastamento, separação	apogeu, abstrair
di	**bi(s)**	duplicidade	dissílabo, bicampeão
dia, meta	**trans**	movimento através	diálogo, transmitir
e(n)(m)	**i(n)(m)**	movimento para dentro	encéfalo, ingerir, irromper
endo	**intra**	movimento para dentro, posição interior	endovenoso, intramuscular
e(c)(x)	**e(s)(x)**	movimento para fora, mudança de estado	êxodo, excêntrico, estender
epi, hiper	**super, supra**	posição superior, excesso	epílogo, supervisão, hipérbole, supradito
eu	**bene**	excelência, perfeição, bondade	eufemismo, benéfico
hemi	**semi**	divisão em duas partes	hemisfério, semicírculo
hipo	**sub**	posição inferior	hipodérmico, submarino
para	**ad**	proximidade, adjunção	paralelo, adjacência
peri	**circum**	em torno de	periferia, circunferência
pro	**pre, ante**	anterioridade	prólogo, preceder, anteceder

cata	**de**	movimento para baixo	catavento, derrubar
si(n)(m)	**cum**	simultaneidade, companhia	sinfonia, silogeu, cúmplice

Atualmente muitas palavras são formadas por derivação prefixal por meio de preposições (**sem**: sem-terra, sem-teto, sem-vergonha etc.) e advérbios (**quase, não**: quase contrato, quase delito, quase posse, não alinhado, não essencial, não agressão etc. – sem hífen com o **não-**, de acordo com o novo acordo ortográfico) que passaram a funcionar como prefixos.

Sufixos Greco-Latinos

Como já sabemos, o sufixo vem após o radical. Existem muitos sufixos. Não fique paranoico tentando gravar tudo. Vá aos poucos internalizando.

Existem sufixos nominais (formadores de substantivos e adjetivos), sufixos verbais (formadores de verbo) e sufixo adverbial. Pode haver mais de um sufixo na mesma palavra: lamentar + **-vel** = lamentável + **-mente** = lamenta**velmente**.

Em suma, eles podem ser: 1) aumentativos; 2) diminutivos; 3) sufixos que formam substantivos derivados de outros substantivos; 4) sufixos que formam substantivos abstratos derivados de adjetivos; 5) sufixos que formam substantivos abstratos derivados de outros substantivos e adjetivos; 6) sufixos que formam substantivos e adjetivos derivados de outros substantivos e adjetivos; 7) sufixos que formam substantivos e adjetivos derivados de verbos; 8) sufixos que formam verbos derivados de substantivos e de adjetivos; 9) sufixos que formam adjetivos derivados de substantivos; 10) sufixos que formam adjetivos derivados de verbos; 11) sufixos que indicam o superlativo dos adjetivos e 12) sufixo adverbial.

1) Aumentativos

–**aço(a)**: barcaça, louraça, morenaço
–**alho(a)**: muralha, gentalha, politicalho
–**alhão**: grandalhão, facalhão
–**ama**: poeirama, dinheirama
–**anzil**: corpanzil
–**(z)ão**: lobão, caldeirão, apertão, bofetão, calorão, bonzão, amarelão, azulão...
–**arra**: bocarra, bicarra
–**astro**: poetrasto, politicastro
–**arraz**: fatacaz, pratarraz
–**ázio**: copázio, balázio
–**aréu**: fogaréu, povaréu
–**eima**: guloseima, boleima
–**ento**: farturento, corpulento
–**eirão**: vozeirão, chapeirão
–**ola**: beiçola
–**orra**: cabeçorra, cachaporra
–**uço(a)**: dentuça, dentuço
–**udo**: pançudo, maçudo
–**zarrão**: homenzarrão, canzarrão

Obs.: Vale destacar que os sufixos aumentativos não só têm valor dimensivo, mas também

afetivo, expressivo, pejorativo, irônico etc., como você pôde perceber pelos exemplos. Principalmente nos registros coloquial e literário da língua, em que a estilística prevalece, tais sufixos (o **-ão**, precipuamente) podem se fixar a qualquer classe gramatical para indicar determinada ideia: "Ela tem **bundão**, **coxão** e **pernão**." / "É de **mulherão** assim que eu gosto." / "Ele é um **bundão**." / "Você é um **bobão**, chegou **cedão**." / "João tem um **carrão**". / "Eu amo você, meu **paizão**!". Falarei mais sobre isso no capítulo de substantivo.

2) Diminutivos

– **acho(a)**: riacho, fogacho
– **ebre**: casebre
– **eco(a)**: jornaleco, soneca, padreco
– **ela**: viela, rodela
– **(z)elho(a)**: fedelho, rapazelho
– **ejo**: lugarejo, vilarejo
– **ete**: artiguete, boquete, falsete
– **eto(a)**: saleta, boceta, folheto
– **ilha**: cartilha, esquadrilha
– **icho(a)**: cornicho, barbicha
– **(z)ito(a)**: Manuelito, cãozito, cabrita
– **ino(a)**: pequenina, violino
– **im**: espadim, flautim
– **(z)inho**: copinho, computadorzinho, amiguinho, beicinho, gracinha, filminho
– **isco**: asterisco, chuvisco
– **oca**: engenhoca, bitoca
– **ote(a)**: filhote, serrote, velhote
– **ola**: rapazola, fazendola, portinhola
– **usco(a)**: chamusco
– **ucho(a)**: gorducho, papelucho

Estes são **eruditos** (vindos diretamente de alguma língua, normalmente do latim):

– **ículo(a)**: cubículo, gotícula
– **ulo(a)**: glóbulo, grânulo
– **únculo(a)**: questiúncula, molécula
– **úsculo(a)**: corpúsculo, opúsculo

Obs.: Vale destacar que os sufixos diminutivos não só têm valor dimensivo, mas também afetivo, expressivo, pejorativo, irônico etc., como você pôde perceber pelos exemplos.

Principalmente nos registros coloquial e literário da língua, em que a estilística prevalece, tais sufixos (o **-inho**, precipuamente) podem se fixar a qualquer classe gramatical para indicar determinada ideia: "Esta **mulherzinha** não vale nada." / "Guarde esta **lembrancinha**." / "**Amorzinho**, dá para calar a **boquinha**?" / "Que **gatinha**!" / "Olha, **agorinha** vou te atender!" / "Ela é **branquinha**, né?" / "Que **timinho** de nada!". Falarei mais sobre isso no capítulo de substantivo.

3) Sufixos que formam substantivos derivados de outros substantivos

–ada: ação ou resultado de ação enérgica, coleção, golpe, marca feita com instrumento, produto alimentar, duração, porção: freada, unhada, bolada, papelada, facada, goiabada, laranjada, noitada, temporada, invernada, colherada, pincelada...

–ado, -ato: dignidade, cargo, jurisdição, instituição, corporação, classe: papado, almirantado, doutorado, bispado, califado, proletariado, baronato, cardinalato, condado...

–agem: ação ou resultado de ação, coleção: voragem, imagem, vadiagem, aprendizagem, folhagem, plumagem...

–al: coleção, quantidade, cultura de vegetais: areal, pantanal, pombal, arrozal, bananal...

–alha: coletivo (sentido pejorativo): canalha (de cães), gentalha, parentalha...

–ama, -ame: coleção, quantidade: dinheirama, gentama, courama, mulherame, cordame...

–ana: se junta ao nome de uma pessoa notável para indicar uma coleção dos seus pensamentos ou ditos, ou de várias edições das suas obras: A Biblioteca Nacional tem uma valiosa Camoniana; feminino de alguns nomes: sultana (de sultão), Sebastiana (de Sebastião), Juliana (de Julião), Adriana (de Adrião), Romana (de Romão), Joana (de João).

–aria, -eria: atividade, estabelecimento comercial, ramo de negócio, coleção, ação própria de certos indivíduos: cavalaria, chapelaria, livraria, pedraria, bruxaria, infantaria, patifaria, gritaria, leiteria, infantaria, sorveteria...

–ário, -eiro(a): profissão, ofício, ocupação, lugar onde se guardam coisas, coleção, relação, árvore, arbusto, intensidade, objeto de uso: operário, bancário, vestiário, rimário, anedotário, calcário, barbeiro, copeira, açucareiro, tinteiro, formigueiro, viveiro, abacateiro, laranjeira, coleira, pulseira...

–edo: plantação, lugar onde crescem vegetais, noção coletiva, objeto de grande vulto: arvoredo, vinhedo, passaredo, penedo, rochedo...

–ia: dignidade, profissão, cargo, lugar, afecção, moléstia, coleção: chefia, advocacia, coletoria, delegacia, oftalmia, miopia, confraria, diretoria...

–ite: designativo de doença inflamatória do órgão, tecido etc. a que se refere o radical: apendicite, artrite, amigdalite, bronquite, otite, gastrite...

–ugem: semelhança, porção, quantidade: rabugem, ferrugem, babugem, lanugem, pelugem...

–ume: coleção, ação ou resultado da ação, condição: cardume, negrume, azedume, curtume, queixume...

4) Sufixos que formam substantivos abstratos derivados de adjetivos (podem indicar ação, estado, qualidade, condição, sentimento, capacidade, conjunto, período)

–dade: bondade, criatividade, ruindade, normalidade, orfandade, lealdade, humanidade, mensalidade...

–(i)dão: gratidão, pretidão, mansidão, lassidão, solidão, retidão...

–ez: insensatez, surdez, mudez, altivez, honradez, mesquinhez,

–eza: beleza, avareza, riqueza, safadeza, tristeza, magreza...

–ia: alegria, euforia, acefalia, bulimia, burguesia, chefia, astronomia, procuradoria, anomalia...

–ice: doidice, meninice, velhice, tolice, babaquice, mineirice... Tal sufixo passa uma ideia pejorativa.

–ície: calvície, imundície...

–or: dulçor, negror, alvor, amargor...

–(i)tude: altitude, lassitude, juventude, magnitude...

–ura: alvura, doçura, negrura, formosura, ternura, brancura...

5) Sufixo que forma substantivos abstratos derivados de outros substantivos e adjetivos

–ismo: formador de nomes de doutrinas, princípios, teorias e sistemas filosóficos, religiosos, artísticos, científicos, econômicos e políticos ou de governo: animismo, existencialismo, instrumentalismo, materialismo, platonismo, pragmatismo, anabatismo, ateísmo, druidismo, espiritualismo, estruturalismo, classicismo, acidentalismo, humoralismo, capitalismo, comunismo, liberalismo, mercantilismo, neoliberalismo, absolutismo, anarquismo, fascismo, maquiavelismo, revisionismo, socialismo, cubismo, expressionismo, fovismo, futurismo, impressionismo, modernismo, romantismo, simbolismo, surrealismo, budismo, catolicismo, espiritismo, islamismo, judaísmo, metodismo, umbandismo, autoritarismo, descentralismo, feudalismo, parlamentarismo, pluripartidarismo, presidencialismo, castrismo, chaguismo, fidelismo, franquismo, getulismo, lacerdismo, salazarismo. Outras noções: “caráter ou qualidade de um povo, ou as características ou costumes que lhes são próprios”; “o sentimento de amor desse povo à sua pátria ou região (cidade, estado etc.)”; “ o conjunto dos indivíduos dessa nação, região, cidade etc.”: americanismo, baianismo, britanismo, espanholismo, mineirismo; “modo de escrever ou falar próprio de uma língua” ou “palavra, expressão ou estrutura característica de dada língua ou de uma variante/variedade linguística”: açorianismo, anglicismo, angolanismo, brasileirismo, galicismo, helenismo, latinismo, lusismo, regionalismo, tupinismo; “pronúncia viciosa”: lambdacismo, rotacismo; “comportamento, procedimento ou ação de”: acacianismo, aristocratismo, arrivista, banditismo, carolismo,

chaleirismo, companheirismo, fanatismo, heroísmo, inconformismo, machismo, mau-caratismo, radicalismo, vandalismo, vedetismo; “comportamento, condição, opção ou preferência sexual de”: bissexualismo, homossexualismo, lesbianismo; “dada ação ou comportamento que constitui proteção (ou favoritismo)”: aciolismo, afilhadismo, clientelismo, favoritismo, nepotismo, paternalismo, coronelismo; “ato ou prática de”: terrorismo; “esporte, prática ou modalidade esportiva”: aeromodelismo, atletismo, ciclismo, iatismo, pugilismo, skatismo; “doença, quadro ou estado mórbidos ou condição patológica”: acefalismo, atimismo, favismo, linfatismo, menierismo, parkinsonismo, raquitismo, reumatismo, sonambulismo; “vício ou estado patológico derivante de vício ou intoxicação (ou envenenamento)”: absintismo, alcoolismo, barbiturismo, ergotismo, iodismo, morfinismo, plumbismo, tabagismo; “qualidade, estado, característica ou condição de”: analfabetismo, automatismo, barbarismo, celibatarismo, irrealismo, laicismo, mutismo; “propriedade”: acromatismo, actinismo, antiferromagnetismo, aplanetismo, autotrofismo, ferromagnetismo; “sentimento ou estado de espírito de (indivíduo com dada qualidade)”: ceticismo, indiferentismo, macambuzismo, nervosismo, saudosismo; “amor (exacerbado ou não) ou devoção a”: chauvinismo, humanitarismo, narcisismo, patriotismo, tradicionalismo. (Fonte: Aulete)

6) Sufixo que forma substantivos e adjetivos derivados de outros substantivos e adjetivos

–ista: partidário ou simpatizante de doutrina, escola, seita, teoria ou princípio artístico, filosófico, político ou religioso; ocupação, ofício; nomes gentílicos**:** realista, positivista, anarquista, socialista, fascista, budista, batista, moralista, criticista, violinista, tenista, maquinista, dentista, artista, sulista, paulista, nortista, santista, calculista...

7) Sufixos que formam substantivos e adjetivos derivados de verbos

–ança, -ância, -ença, -ência: ação ou resultado da ação, estado: esperança, lembrança, matança, ocorrência, dolência, violência, vingança, ignorância, observância, tolerância, descrença, diferença, presença, ausência, anuência...

–nte: agente: despachante, estudante, navegante, combatente, ouvinte, pedinte, cadeirante (exceção)...

–ão, -ção, -são: ação ou resultado da ação: arranhão, puxão, traição, nomeação, extensão, agressão, visão, prisão...

–or(a), -eira: ofício, profissão, agente, instrumento de ação: armador, trabalhador, regador, espectador, inspetor, leitor, produtor, interruptor, professor, confessor, agressor, ascensor, espectadora, trabalhadora, arrumadeira, passadeira...

–douro, -tório: ação, lugar da ação, instrumento da ação: bebedouro, suadouro, lavatório, laboratório, vomitório, dormitório...

–(d)ura, -(t)ura, -(s)ura: ação, instrumento de ação, resultado de ação: semeadura, ligadura,

atadura, tintura, criatura, clausura, mensura, manufatura...
–mento: ação ou resultado da ação: acolhimento, juramento, ferimento, sentimento, sortimento...

8) Sufixos que formam verbos derivados de substantivos e de adjetivos

–ear, -ejar: transformação, repetição, mudança de estado: cabecear, balancear, verdear, folhear, gotejar, verdejar, velejar, pestanejar...
–açar: frequência, ação: envidraçar,
esvoaçar, espicaçar...
–ecer, -escer: transformação, mudança de estado: amanhecer, amarelecer, envelhecer, anoitecer, rejuvenescer, florescer...
–entar: qualidade, estado: apoquentar, amolentar, amamentar, afugentar, aformosentar...
–icar, -iscar: diminutivo, repetição: bebericar, adocicar, mordiscar, chuviscar, lambiscar...
–ilhar, -inhar: diminutivo, repetição: dedilhar, fervilhar, escrevinhar, cuspinhar...
–itar, -izar: diminutivo, repetição, causar mudança de estado: dormitar, saltitar, civilizar, utilizar, organizar, vulgarizar...

Obs.: Muitos gramáticos e dicionaristas entendem que a terminação **-ar** de um verbo advindo de uma palavra primitiva é um sufixo verbal: **forma + ar > form<u>ar</u>**, **pele/pelo + ar > pel<u>ar</u>.**

9) Sufixos que formam adjetivos derivados de substantivos

–aco: estado íntimo, natureza, origem: demoníaco, maníaco, austríaco, cardíaco...
–ado: provido de, quem tem caráter ou forma de: barbado, ciliado, desastrado, avermelhado, amarelado, acebolado...
–aico: referência, pertinência: judaico, prosaico, galaico, hebraico, arcaico...
–al, -ar: referência, típico de: genial, conjugal, papal, imortal, constitucional, escolar, familiar...
–ão, -ano: providência, origem, característica, ofício, profissão, relativo a, partidário de, adepto de: alemão, pagão, coimbrão, aldeão, romano, sergipano, darwiniano, byroniano...
–ário, -eiro: relação, posse, ofício, profissão, agente, instrumento de ação, lugar, árvore, intensificação, objeto, noção coletiva, origem: banqueiro, galinheiro, laranjeira, nevoeiro, cinzeiro, formigueiro, partidário, sectário, diário, fracionário, caseiro, mineiro, rueiro, festeiro, noveleiro, fofoqueiro... em alguns casos o sufixo **-eiro** passa uma ideia pejorativa.
–engo: relação, pertinência, posse: avoengo, molengo, mulherengo...
–enho: semelhança, procedência, origem: ferrenho, portenho, panamenho...
–eno: referência, origem: terreno, chileno, nazareno...

–**ense, -ês**: relação, procedência, origem: piauiense, maranhense, palmeirense, parisiense, fluminense, português, francês, chinês, pedrês, japonês...
–**âneo**: relativo a, em lugar, em tempo, em condição semelhante a: cutâneo, contemporâneo, litorâneo, instantâneo...
–**ento, -(l)ento**: provido ou cheio de, que tem o caráter de: barrento, virulento, poeirento, barulhento, ciumento, avarento, purulento, corpulento, peçonhento, melento, grudento... em alguns casos, o sufixo -ento para uma ideia pejorativa
–**eo:** relação, semelhança, matéria: róseo, férreo, argênteo, plúmbeo...
–**esco, -isco**: relação com, referência, qualidade: grotesco, quixotesco, parentesco, gigantesco, dantesco, mourisco, flandrisco...
–**ético**: relativo, próprio de, que sofre de: frenético, morfético, aidético...
–**este, -estre**: relação com: agreste, celeste, silvestre, terrestre, pedestre...
–**eu**: relação, origem, procedência, constituição: jubileu, europeu, judeu, hebreu, saduceu...
–**ício**: relação, referência: natalício, patrício, alimentício...
–**ico**: participação, referência, relação, procedência: quimérico, geométrico, melancólico, bíblico, aromático, rústico, asiático, problemático, britânico, ibérico...
–**il**: referência, relação: senhoril, febril, mulheril, servil...
–**ino**: semelhança, relação, origem, natureza: diamantino, cristalino, marroquino, londrino, albino...
–**ita**: origem, pertinência; mineralogia: israelita, jesuíta, saudita, iemenita; bauxita, azurita...
–**onho**: que causa ou produz, que pratica: medonho, enfadonho, risonho, tristonho...
–**oso**: provido ou cheio de; que provoca ou produz: medroso, saudoso, venenoso, apetitoso, assombroso, clamoroso, vergonhoso...
–**udo**: provido ou cheio de: carnudo, barbudo, peludo, pontudo, bicudo, narigudo...

10) Sufixos que formam adjetivos derivados de verbos

–**nte**: ação, qualidade, estado: amante, despachante, semelhante, tolerante, resistente, poente, crescente, ouvinte, constituinte, seguinte...
–**(á)vel, -(í)vel**: digno de, passível de praticar ou sofrer uma ação: durável, amável, palpável, louvável, desejável, perecível, punível, sensível, removível...
–**io, -iço, -ício, -ivo**: referência, modo de ser, tendência, aproximação: lavradio, erradio, escorregadiço, fugidio, escorregadiço, achadiço, movediço, acomodatício, prestativo, pensativo, lucrativo, fugitivo, afirmativo, negativo...
–**doiro, -douro, -tório**: pertinência, ação: casadoiro, vindoiro, vindouro, duradouro, morredouro, emigratório, satisfatório, expiatório, preparatório...

11) Sufixos que indicam o superlativo dos adjetivos

–**íssimo**: este sufixo tem grande vitalidade na língua: **lindo** + **íssimo** = **lindíssimo**; **inteligente**

+ **íssimo** = **inteligentíssimo**.

Obs.: Muitas vezes o adjetivo reassume a forma latina com o acréscimo deste sufixo. Os adjetivos terminados em **-vel**, por exemplo: **notável** (**notabilis**) + **íssimo** = nota**bilíssimo**; os terminados em **-z**: **feliz** (**felicis**) + **íssimo** = feli**císsimo**; os terminados em **-m**: **bom** (**bônus**) + **íssimo** = bo**níssimo**; os terminados em **-ão**: **pagão** (**paganus**) + **íssimo** = pag**aníssimo**. Quando o adjetivo em sua forma normal termina em **-io**, o sufixo **-íssimo** só elimina a última vogal; exemplo: **sério** + **íssimo** = ser**iíssimo**. Conheça outros adjetivos acompanhados deste sufixo no capítulo de adjetivos.

–(l)imo: **fácil** + **imo** = **facílimo**; **ágil** + **imo** = **agílimo**; também o sufixo é colocado junto a formas eruditas: **humilde** (**humilis**) + **imo** = **humílimo**.

Obs.: Vale a pena dizer que o sufixo mais usado no português é **-íssimo**, portanto podemos colocar tal sufixo ligado a quase todas as palavras; exemplo: agilíssimo, humildíssimo, negríssimo, magríssimo etc. Muitos gramáticos (Bechara, por exemplo) corroboram estas formas vernáculas.

–(r)imo: este sufixo se liga a formas latinas (= eruditas): **negro** (**niger**) + **(r)imo** = **nigérrimo**; **pobre (pauper)** + **(r)imo** = **paupérrimo**; **magro (macer)** + **(r)imo** = **macérrimo** (a forma **magérrimo** já encontra registro no VOLP, mas a maioria considera **brasileirismo**).

12) Sufixo adverbial (só há um): -mente

Por se tratar de uma forma feminina na sua origem latina, o sufixo **-mente** se junta a adjetivos femininos, a adjetivos uniformes e numerais femininos.

Adjetivos femininos: **bela** + **mente** = ***belamente***; **relaxada + mente = relaxadamente**

Adjetivos uniformes (apresentam apenas uma forma para o masculino e para o feminino): **suave + mente = suavemente**; **fiel + mente = fielmente**

Numerais femininos: **primeira + mente = primeiramente**; **segunda + mente = segundamente**

Obs.: Cegalla, Celso Cunha, Lindley Cintra e outros dizem que **portuguesmente** e **burguesmente** são formas corretas, pois derivam de adjetivos terminados em **-ês**. Estes últimos gramáticos adiantam ainda: "O fato tem explicação histórica: tais adjetivos eram outrora uniformes, uniformidade que alguns deles, como pedrês e montês, ainda hoje conservam. Assim: um galo pedrês, uma galinha pedrês; um cabrito montês, uma cabra montês. A formação adverbial continua a seguir o antigo modelo."

Ufa! Fechamos sufixos!

Ah! Antes que eu me esqueça: a vogal **-o** ou **-a** (desinências) que termina os sufixos pode indicar o gênero masculino ou feminino das palavras (lindíssimo, lindíssima). Fique atento a isso! Para quem não tem ideia do que seja **desinência**, continue lendo. Será explicado agora.

Desinências

Desinências são morfemas flexionais colocados **após** os radicais. Apenas indicam, no caso dos nomes, o gênero e o número das palavras; no caso dos verbos, indicam o modo, o tempo, o número e a pessoa. Tais morfemas não formam novas palavras, mas flexionam, variam, mudam levemente a forma da mesma palavra, indicando certos aspectos. Portanto, **não confunda desinência com sufixo**!

Elas podem ser **nominais** ou **verbais**.

Nominais

As desinências **-o** (masculino) e **-a** (feminino) indicam o **gênero**: alun**o** e alun**a**, gat**o** e gat**a**, lob**o** e lob**a**, cachorr**o** e cachorr**a**, menin**o** e menin**a** etc.

Tais desinências servem para indicar o sexo do ser (pessoa ou animal). Elas não só aparecem em substantivos, mas também em adjetivos, pronomes e numerais: bonito/bonita, nosso/nossa, primeiro/primeira etc.

Obs.: Aviso logo de cara: se você não está interessado em se aprofundar, nem leia esta observação toda, leia apenas o trecho em azul. Se quiser ler tudo, prepare-se! Gramáticos importantes (Mattoso Câmara Jr., Manoel P. Ribeiro, J. C. Azeredo, C. P. Luft, L. A. Sacconi, Evanildo Bechara, Rocha Lima etc.) entendem que não existe desinência de gênero masculino; o **-o** de ***menino*** seria, para eles, uma vogal temática. Eles argumentam que muitas palavras não terminam em **-o** e, mesmo assim, marcam o gênero masculino da palavra: mestre (mestra), elefante (elefanta), presidente (presidenta), cantor (cantora), juiz (juíza) etc. Essa análise faz sentido, pois, se não há terminação específica para indicar o gênero, por que encarar o **-o** como desinência de gênero? Ou, então, será preciso admitir que o **-e** também é desinência de gênero masculino. Trocando em miúdos, só existe a desinência de gênero feminino (**-a**). Assim como a palavra no singular não tem desinência para marcar o singular, o mesmo se dá com a palavra no masculino, isto é, sabe-se que uma palavra está no masculino porque há uma correspondência no feminino. Esta discussão é acadêmica, mas é bom ressaltar as duas visões, pois, se alguém da banca resolver trabalhar maldosamente em cima disso, muitos cairão, menos você, que agora sabe que **-o** pode ser 1) desinência de gênero masculino ou 2) vogal temática. Dependerá da visão do gramático. Além disso, nunca é demais dizer que existem palavras que fogem à "regra" da desinência: atriz, condessa, poetisa, czarina, chinesa (as terminações (sufixos, para alguns linguistas) **-riz, -essa, -isa, -ina, -esa** indicam o gênero feminino); avó (o timbre aberto indica o gênero feminino); cabra, vaca, nora, mulher (outro radical para indicar o gênero feminino;

heteronímia). Como se viu, não existem só as desinências de gênero como forma de marcar o gênero da palavra e, consequentemente, o sexo, no caso de ser humano ou animal, é claro.

A desinência **-s** (plural) indica o **número** (plural): alunos e alunas, gatos e gatas etc.

Tal desinência serve para indicar a quantidade (mais de um) de seres (pessoas e não pessoas). Ela não só aparece em substantivos, mas também em adjetivos, pronomes e numerais: bonitos/bonitas, nossos/nossas, primeiros/primeiras etc.

Fique atento, pois as palavras terminadas em **-r** e **-z** e algumas terminadas em **-l**, **-n**, **-s** apresentam ***-es*** como terminação de plural: hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses etc. Alguns estudiosos até se atrevem a dizer que **-es** é desinência de número, **mas a esmagadora maioria está convencida de que apenas -s é desinência de número!** Logo, em hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses etc., o **-e** é apenas uma vogal temática. "Mas o que é uma vogal temática?" Relaxa! Você vai entender o que é no próximo tópico.

Vale dizer que muitas palavras não variam em gênero: "prato, mata, povo, bolso etc." Existe prata (feminino de prato?), mato (masculino de mata?), pova (sem comentários!), bolsa (feminino de bolso?)? Isso vale também para a variação em número: "lápis, ônibus, atlas, pires etc." Tais palavras não variam em número (Ou existem lápises, ônibuses, átlases, píreses?!).

Verbais

Existem as **desinências modo-temporais** (DMTs) e as **desinências número-pessoais** (DNPs).

As DMTs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de *certeza, fato* (modo indicativo) e *incerteza, hipótese* (modo subjuntivo), tempo *passado* (pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito), *presente* e *futuro* (do presente e do pretérito).

Como você vai ver na tabela a seguir, além de não haver DMTs em todos os tempos e modos, algumas desinências alomórficas do modo indicativo estão entre parênteses.

Tempo	**Modo Indicativo**	**Modo Subjuntivo**	**Formas Nominais**
Presente (1ª conj.)	---	e	**Infinitivo**
Presente (2ª e 3ª conj.)	---	a	r
Perfeito	---	---	
Imperfeito (1ª conj.)	va (ve)	sse	**Gerúndio**
Imperfeito (2ª e 3ª conj.)	a (e)	sse	ndo

Mais-que-perfeito	ra (re) (átono)	---	
Futuro do presente	ra (re) (tôn.)	---	**Particípio**
Futuro do pretérito	ria (rie)	---	(a/i)do*
Futuro do subjuntivo		r	
As DMTs dos verbos no modo imperativo são iguais às do subjuntivo (**e/a**), aparecendo na 3ª pessoa do singular, na 1ª pessoa do plural e na 3ª pessoa do plural.			

* Para muitos gramáticos, o **a** e o **i** do particípio são vogais temáticas; a desinência de particípio (**-do**) pode sofrer alomorfia, dependendo do verbo (exemplo: pôr > pos**to**; imprimir > impre**sso**).

As DNPs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de quantidade (número) e emissor (1ª pessoa), receptor (2ª pessoa), referente (3ª pessoa). Vêm após as DMTs. Não há DNPs em todos os tempos e modos. Vejamos:

Tempo	Singular	Plural
Presente indicativo	1ª p.: o / 2ª p.: s	1ª p.: mos / 2ª p.: is / 3ª p.: m
Pretérito perfeito do indicativo	1ª p.: i / 2ª p.: ste 3ª p.: u	1ª p.: mos / 2ª p.: stes / 3ª p.: ram
Futuro do presente do indicativo	1ª p.: i / 2ª p.: s	1ª p.: mos / 2ª p.: is / 3ª p.: o
Futuro do subjuntivo e Infinitivo flexionado	2ª p.: es	1ª p.: mos / 2ª p.: des / 3ª p.: em
Imperativo afirmativo	---	ª p.: mos / 2ª p.: i, de

Obs.: Os tempos que aqui não foram mencionados (pretérito imperfeito, mais-que-perfeito, futuro do pretérito, presente do subjuntivo e pretérito imperfeito do subjuntivo) seguem um modelo (paradigma) de desinências: 2ª pessoa do singular: **-s**, 1ª pessoa do plural: **-mos**, 2ª pessoa do plural: **-is** e 3ª pessoa do plural: **-m**. Um detalhe importante: alguns estudiosos chamam (adequadamente, diga-se de passagem) as DNPs do pretérito perfeito do indicativo de "cumulativas", pois elas acumulam a função de marcar não só o número e a pessoa mas também o modo e o tempo, como se fossem DMTs. Eu falei "como se fossem"!

Vogal Temática

A **vogal temática** (VT) vem imediatamente após o radical para ligá-lo à desinência de número ou aos sufixos. Com ela, a palavra passa a ter um bom som (eufonia). Veja algumas informações importantes sobre VTs (nos nomes e nos verbos):

VTs nominais

O conjunto **radical + vogal temática** recebe o nome de **tema**: beij + o = beijo (tema).

As VTs **-a**, **-e**, **-o**, quando átonas finais, como em "cas**a**, lev**e**, pov**o**", são **vogais temáticas nominais**. É a essas VTs que se liga a desinência indicadora de plural ou sufixos: povo-**s**, leve-**s**, casa-**s**; povo-**ado**, leve-**mente**, casa-**mento**.

Obs.: 1) O **-a** só será desinência de gênero se opuser masculino a feminino (garoto/garot**a**). 2) As VTs **-e** e **-o** podem aparecer como semivogal de um ditongo (pã**o**/pã**e**s). 3) Tomando o **-o** como VT, ele pode aparecer num tema simples ou depois de um sufixo: leilã**o** > leilo*eir**o***.

Os nomes terminados em consoante ou em vogal tônica são **a**temáticos, ou seja, não formam temas, pois não têm VT: cor, raiz, cajá, Pelé, tupi, cipó, baú...

Breve "*déjà vu*": "Fique atento, pois as palavras terminadas em **-r** e **-z** e algumas terminadas em **-l**, **-n**, **-s** apresentam **-es** como terminação de plural: hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses etc. Alguns estudiosos até se atrevem a dizer que **-es** é desinência de número, **mas a esmagadora maioria está convencida de que apenas -s é desinência de número!** Logo, em hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses, o **-e** é apenas uma vogal temática". Interessante é a palavra **sal**, que, no plural, tem a vogal temática nominal alomórfica (de **e** para **i**): sal > sales > saes > sa**i**s...

VTs verbais

É uma vogal que vem após o radical (**a**, **e**, **i**), formando o tema e permitindo uma boa pronúncia do verbo. Indica como vai ser o modelo (paradigma) das conjugações (1ª conjugação: **-a** / 2ª conjugação: **-e** / 3ª conjugação: **-i**).

É bom dizer que não há VT na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e em nenhuma flexão do presente do subjuntivo (em "Eu am**o.**", o **-o** é DNP; em "Espero que ele volt**e.**" ou "Espero que ele beb**a.**", o **-e** e o **-a** são DMTs). Reveja o quadro de DMTs e DNPs, por favor.

Vejamos as VTs verbais:

amar: Eu amei, tu amaste, ele amou, nós amamos, vós amastes, eles amaram (pretérito perfeito do indicativo).

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 1ª e na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-a**.

comer: Eu comia, tu comias, ele comia, nós comíamos, vós comíeis, eles comiam (pretérito imperfeito do indicativo) / Eu havia comido (particípio).

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia em toda a conjugação do pretérito imperfeito do indicativo e no particípio. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-e**.

partir: Eu parto, tu partes, ele parte, nós partimos, vós partis, eles partem... (presente do indicativo).

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 2ª pessoa do singular e na 3ª do singular e do plural do presente do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-i**.

O verbo ***pôr*** e seus derivados são de 2ª conjugação, ou seja, vogal temática **-e**, uma vez que ***pôr*** vem do latim ***poer*** (a vogal temática aparece logo na 2ª pessoa do singular do presente do indicativo: eu ponho, tu pões, ele põe...).

Letra de Ligação

Não é morfema, pois não carrega sentido algum. Alguns, como Sacconi, chamam de **interfixos**. É apenas uma **letra (vogal ou consoante) de ligação**. O objetivo é só favorecer a **eufonia** (o bom som, a boa pronúncia), ligando radicais a prefixos, radicais a radicais, radicais a sufixos (mais frequentemente): in**e**narrável, pau**l**ada, mund**i**vidência, cha**l**eira, cafe**t**eira, cafe**z**al, frio**r**ento, pe**z**inho, sono**l**ento, pa**d**eiro...

Normalmente, a vogal **o** liga radicais gregos e a vogal **i** liga radicais latinos: gás + **ô** + metro, sarc + **ó** + fago; carn + **í** + voro, frut + **í** + fero.

Processo de Formação de Palavras

Meu Deus, nem eu acredito que terminei de falar sobre **Estrutura das Palavras**! É cansativo, não? Não obstante, meu caro leitor (como já dizia Machadão de Assis), tudo o que você aprendeu é a base daquilo que realmente cai em prova: **Processo de Formação de Palavras.**

Se você é uma pessoa que simplesmente deseja acertar uma questão na prova, nem dando bola para todas as minúcias que apresentei até agora, então é a hora! **Afinal de contas, o que cai em prova mesmo? Processo de Formação de Palavras!**

Existem algumas maneiras para a formação de novos vocábulos na língua, logo esta parte trata justamente dos diversos modos como as palavras se formam. Os principais processos são estes (dê muito valor aos dois primeiros, hein!): **derivação**, **composição**, **onomatopeia, abreviação (redução), siglonimização, hibridismo, palavra-valise**.

Antes de "chegarmos às vias de fato", entenda alguns conceitos básicos:

– Palavra **primitiva** é aquela que não resulta de outra na língua portuguesa, isto é, que não sofreu processo de derivação: cadáver*, flor, pedra, casa, verde, sol etc.

* Segundo o sensacional professor Cláudio Moreno, "**cadáver** vem do latim *cadere* ("tombar, cair para não mais levantar"). No entanto, foi muito difundida no passado a hipótese fantástica de que seria um vocábulo formado pela primeira sílaba das palavras que formam a frase latina "***CA**ro **DA**ta **VER**mibus*" ("carne dada aos vermes"). Esquecem que só no séc. XX começaram a surgir vocábulos a partir de siglas e de iniciais, como a famigerada **Gestapo** nazista (*Geheime Staats Polizei* – "Polícia Secreta do Estado"). Ainda há aqueles que acreditam que tal expressão aparecia nos túmulos romanos, mas – Adivinha? – não se encontrou até hoje nenhuma inscrição romana desse gênero. Doideira, não? Resumindo: *cadáver* é palavra primitiva.

– Palavra **derivada** é aquela que resulta de outra na língua portuguesa, isto é, que sofreu processo de derivação: cadavérico, florista, empedrado, descasamento, esverdeado, solar etc.

– Palavra **simples** é aquela que só tem um radical, isto é, que não sofreu processo de composição: flor, pedra, casa, verde, sol etc.

– Palavra **composta** é aquela que tem mais de um radical, isto é, que sofreu processo de composição: flor-amarela, pedra-sabão, casa-comum, verde-água, girassol, etc.

Obs.: Há ainda aquelas que são compostas, mas que um dos elementos sofreu processo de derivação: **pedreiro-livre**.

Derivação Prefixal, Sufixal, Parassintética (Circunfixação), Regressiva (Regressão) e Imprópria (Conversão)

Derivação é, como bem diz o Aulete, "um processo de multiplicação e reaproveitamento de um vocábulo **pelo acréscimo de sufixos e prefixos**". É por isso que alguns estudiosos defendem a ideia de que a derivação regressiva e a imprópria não são derivações, mas isso, apesar de eu concordar, não cai em prova, então vamos ao que interessa, ou seja, tradicionalmente há cinco tipos de derivação: **prefixal**, **sufixal**, **parassintética**, **regressiva** e **imprópria**.

Semiparafraseando o sensatíssimo professor Cláudio Moreno, na análise mórfica do processo de formação de uma palavra, podemos ter dois critérios de análise: 1) "Que processos de formação estão presentes nesta palavra desde a palavra primitiva?"; ou 2) "Qual foi o processo de formação que fez nascer esta palavra, ou seja, qual(is) foi(ram) o(s) morfema(s) colocado(s) por último?".

Para que você entenda isso melhor (prepare-se para as polêmicas), venha comigo!

Prefixal

A **derivação prefixal** se dá quando um prefixo é 1) colocado junto à palavra primitiva ou 2) colocado como último elemento de uma palavra que já havia sofrido algum processo de formação*. Veja três exemplos de cada caso, respectivamente:

– homem > **super-** + homem > **super-**homem
– duque > **arqui-** + duque > **arqui**duque
– pôr > **com-** + pôr > **com**por

– homem > hum**ano** > **super-** + humano > **super-**humano
– duque > duque**sa** > **arqui-** + duquesa > **arqui**duquesa
– pôr > **com**por > **de-** + compor > **de**compor

***Obs**.: É justamente neste segundo caso (exemplo: super-humano, arquiduquesa etc.) que muitos gramáticos dizem haver **derivação prefixal e sufixal**, como Rocha Lima, Ulisses Infante, Sacconi etc. Eles analisam dessa maneira, pois seguem aquele primeiro critério, a saber: "que processos de formação estão presentes nesta palavra desde a palavra primitiva?". Por exemplo, a palavra **reprodução** segue este passo a passo: produzir > **re**produzir > reprodu**ção**. Sabendo que a palavra *reprodução* é o ato ou o resultado de *reproduzir*, ela vem de *reproduzir*, ok? Percebeu, então, que, para a formação dessa palavra, houve dois processos? Derivação prefixal (reproduzir) e derivação sufixal (reprodução). É por isso que se diz que a palavra sofreu **derivação prefixal** *e* **sufixal**, pois, para a formação dela, houve o acréscimo de prefixo (**re-**) e de sufixo (**-ção**), não

simultaneamente. Esta é uma forma de analisar a palavra. E pode cair na prova!
Agora, se fôssemos analisar de acordo com o segundo critério, a saber: "Qual foi o processo de formação que fez nascer esta palavra, ou seja, qual(is) foi(ram) o(s) morfema(s) colocado(s) por último?", aí, meu/minha camarada, encararíamos a palavra **reprodução** como formada por derivação sufixal, uma vez que *reprodução* vem de *reproduzir*, isto é, o último elemento que entrou na palavra foi um sufixo (**-ção**): **reproduzir + ção = reprodução**. Derivação sufixal na cabeça! Esta é também uma maneira de analisar que vem caindo em prova de concurso. Quem abona tal análise é o gramático Evanildo Bechara, quando explica "constituintes imediatos" em sua gramática.
Portanto, há duas formas de analisar a mesma palavra!!! Atenção no dia da prova!!!

Sufixal

Ocorre derivação sufixal quando um sufixo é 1) colocado junto à palavra primitiva ou 2) colocado como último elemento de uma palavra que já havia sofrido algum processo de formação. Veja três exemplos de cada caso, respectivamente:
– pincel > pincel + **-ada** > pincel**ada**
– cabeça > cabeça + **-ear** > cabec**ear**
– sutil > sutil + **-mente** > sutil**mente**

– cobrir > **des**cobrir > descobrir + **-mento** > descobri**mento**[1]
– sexo > sexu**al** > **bis**sexual > bissexual + **-ismo** > bissexual**ismo**[2]
– barco > **em**barc**ar** > embarcar + **-ção** > embarca**ção**[3]

[1] Normalmente palavras terminadas em sufixo **-mento** sofreram derivação sufixal a partir de verbos: discernir + **mento** = **discernimento**; adiar + **mento** = **adiamento**.
[2] Na palavra **bissexualismo**, note que houve acréscimo de prefixo (**-bis**) e de sufixos (**-al** e **-ismo**), não simultaneamente. Partindo do princípio do processo de formação chamado **derivação prefixal** e **sufixal**, poderíamos dizer que a palavra sofreu tal processo, ok? Logo, dependendo do gramático, há duas análises: **derivação prefixal** e **sufixal** (Sacconi, por exemplo) ou **derivação sufixal** (Bechara, por exemplo). O Celso Cunha ainda considera **bi(s)-** um radical, logo haveria uma **composição**. Bem-vindo à língua portuguesa!
[3] Na palavra **embarcar**, note que houve acréscimo de prefixo e sufixo ao mesmo tempo: **em + barco + ar = embarcar**. Este tipo de derivação é chamado derivação parassintética (veremos a seguir com mais detalhes). Só depois o sufixo foi colocado em *embarcar* para formar a palavra **embarcação**: **embarcar + ção = embarcação**. Derivação sufixal na cabeça!

Portanto, fique atento(a) às maneiras como se pode analisar uma palavra e como as bancas trabalham isso!

Parassintética (Circunfixação)

A **derivação parassintética** ocorre quando há acréscimo simultâneo de prefixo e de sufixo a uma palavra primitiva (substantivo ou adjetivo). Como diz Margarida Basílio (no excelente texto *Teoria Lexical*), "nem todas as palavras que apresentam prefixo e sufixo em sua formação devem ser consideradas como de formação parassintética".

Normalmente a parassíntese forma **verbos** (1). Há, entretanto, alguns nomes **adjetivos** (2) formados por derivação parassintética. Veja:

1) **envelhecer** (en + velho + ecer), **aterrar** (a + terra + ar), **abençoar** (a + bênção + ar), **amanhecer** (a + manhã + ecer), **apedrejar** (a + pedra + ejar), **esfoliar** (es + fólio + ar), **embarcar** (em + barco + ar), **emagrecer** (e + magro + ecer), **amamentar** (a + mama + entar), **desterrar** (des + terra + ar), **emudecer** (e + mudo + ecer), **apadrinhar** (a + padrinho + ar) etc.
2) **desalmado** (des + alma + ado), **desbocado** (des + boca + ado), **desbundado** (des + bunda + ado), **subterrâneo** (sub + terra + âneo), **conterrâneo** (con + terra + âneo), **ensonado** (em + sono + ado), **descampado** (des + campo + ado), **envernizado** (em + verniz + ado), **acebolado** (a + cebola + ado), **avermelhado** (a + vermelho + ado), **abatatado** (a + batata + ado) etc.

Cuidado!!!

1) Uma maneira clássica de perceber se a palavra sofreu derivação parassintética é retirar o prefixo ou o sufixo. Se alguma palavra sobrar com a retirada de um dos afixos e fizer sentido, existindo na língua portuguesa, mantendo o sentido do radical, aí não houve derivação parassintética. Caso contrário, derivação parassintética certa! Exemplo: **enegrecer**: enegro (?) / negrecer (?); **descerebrado** (idiota, imbecil): descérebro (?) / cerebrado (?). Percebe que não é possível retirar os afixos dessas palavras, senão elas deixarão de existir? Logo, sofreram derivação parassintética.

2) **Recomendo que só leia isto, se você estiver em um nível avançado**. Temos de tomar muito cuidado com as palavras que sofreram derivação parassintética terminadas em **-ado**, pois este "sufixo" pode ser confundido com uma "desinência" de particípio. E, como já sabemos a esta altura do campeonato, desinência serve à flexão, não à derivação. Em outras palavras, se a palavra terminar em **-ado** e, no contexto, for um particípio, ela não sofreu derivação parassintética; não obstante, se **-ado** for um sufixo formador de adjetivo, a palavra sofreu derivação parassintética. Uma maneira fácil de perceber se a palavra é

tomada como adjetivo no contexto, para que digamos que ela sofreu derivação parassintética, é perceber seu sentido (adjetivo indica estado, característica, qualidade; verbo no particípio indica ação praticada por alguém).

Analise comigo: sobre o verbo **desalmar**, o dicionário Aulete diz: "tornar desalmado; desumanizar, perverter: "A política do heroísmo **desalmou** os seus chefes". (Rui Barbosa, Ruínas de um Governo, p. 6, 175, ed. 1931). Transpondo para a voz passiva tal frase de Rui Barbosa teríamos: "Os seus chefes foram **desalmados** pela política do heroísmo". Percebe que **desalmados** é um verbo no particípio? Portanto não há derivação na palavra, mas sim flexão, pois ela recebeu uma desinência de particípio (**desalmar + ado**). Se a palavra está no particípio, então **-ado** é uma desinência, e não um sufixo! Particípio é flexão do verbo, não derivação. Então, quando **desalmado** será palavra formada por derivação parassintética?

Desalmado só é formado por derivação parassintética como **adjetivo**: "Você é um homem muito **desalmado**!" Pronto. Agora desalmado (des + alma + ado) é um adjetivo. E **-ado** é um sufixo formador de adjetivo, e a palavra sofreu **derivação parassintética** (desalmado é aquele que não tem alma, figurativamente falando (sem compaixão, sem empatia)). Exceto em linguagem bem erudita, como a de Rui Barbosa, tal palavra é usada normalmente como um adjetivo. Sendo assim, os gramáticos dizem que ela sofreu derivação parassintética. Ponto.

3) Sacconi diz que a palavra **submarino** sofreu derivação parassintética. Entretanto, tal análise é passível de discussão séria, pois submarino vem de marino (palavra existente na língua), portanto, houve derivação prefixal. "Mas, Pestana, e se cair uma questão sobre derivação parassintética com a palavra submarino, o que eu faço?" Você analisa todas as opções e marca *a* **melhor resposta**. Afinal, se uma banca tem respaldo gramatical para não anular uma questão, não será pelos seus belos olhos que ela irá fazê-lo. E eu vou dizer mais (pasmem!)... já caiu uma questão sobre isso (que não foi anulada): FEC – LOTERJ/RJ – OPERADOR LOTÉRICO – 2010 – QUESTÃO 5. Por isso, prefiro ser detalhista a deixar meus "clientes" na mão.

4) Outra informação pertinente é que palavras terminadas em **-mento** são erradamente analisadas como parassintéticas por alguns professores (eu, inclusive, em início de carreira) e por algumas bancas de concurso. Nenhuma palavra da língua portuguesa terminada em **-mento** pode ser encarada como parassintética, pois esse sufixo é formador de substantivos a partir de verbos, logo: **alinhar + mento = alinhamento; desmatar + mento = desmatamento**. Erradamente, porém, por duas vezes, a banca da EEAr (Escola de Especialistas de Aeronáutica – CFS (1/2005 – turma B) e CFC (2009), respectivamente) validou estas questões:

12. Assinale a alternativa em que está corretamente indicado o processo de formação da palavra destacada.
a) O desmatamento das nossas florestas tem sido constante. (derivação parassintética)

13) Assinale a alternativa que indica correta e respectivamente os processos de derivação na formação das palavras em destaque:

*O **desmatamento** contribui **consideravelmente** para o aquecimento **global**. A **queima** de árvores lança carbono na atmosfera, e esse é o principal fator responsável pelas mudanças no clima da Terra.*
b) parassintética, sufixal, sufixal, regressiva

Na época, eu me lembro de que muitos entraram com recurso para anular a questão 12, mas ela não foi anulada. Incrível, não?

Confira o gabarito oficial comentado (e equivocado!) pela própria banca:

http://dc122.4shared.com/doc/YiMBtRsP/preview.html

http://www.cpab.com.br/CFC_2009prov.pdf

Não só bancas militares fazem bobagem, veja esta (famosinha, inclusive!):

Consulplan – Assistente Administrativo – 2011
– Assinale a opção na qual o vocábulo tem o mesmo processo de formação da palavra "endurecimento".
a) Descarregar.
b) Dentista.
c) Pescaria.
d) Desalmado.
e) Jogador.

Adivinha qual foi o gabarito (para variar, não anulado)? Letra D. Sem comentários! "Desalmado" realmente sofreu derivação parassintética, mas "endurecimento"? Fala sério! "Endurecer" sofreu derivação parassintética (*en* + *duro* + *ecer*), mas *endurecimento* não, pois vem de *endurecer* + *mento* = *endurecimento*! Derivação sufixal desde criancinha. Por que algumas bancas fazem isso com a gente?

Por outro lado, ainda bem que há bancas sensatas e conformes às regras gramaticais, como estas:

05. (FADESP – Pref. Pau D'Arco/PA – Agente Técnico Administrativo – 2009) No que respeita à formação das palavras, não é correto afirmar que:
d) "desmatamento" resulta de derivação parassintética. (gabarito)

15. (FEC – Pref. de São Mateus/ES – Biólogo – 2007) No trecho: "(...) para não quebrar o **encantamento**." (11º §), a palavra em negrito foi formada pelo seguinte processo:
c) derivação sufixal (gabarito)

5) (IPDEP – Pref. Duque de Caxias/RJ – Auxiliar de Enfermagem – 2007) Considerando os processos de formação de palavras, todos os itens estão corretos, EXCETO:
a) desaquecimento – derivação parassintética; (gabarito)

Palmas para essas bancas, por favor! \o/\o/\o/\o/\o/

5) Por favor, não confunda **derivação prefixal e sufixal** com **derivação parassintética**!

Exemplos clássicos de palavras formadas por derivação prefixal e sufixal: infelizmente, deslealdade, desvalorização, descortesia, inutilizar, analfabetização etc. Nessas palavras, não se sabe qual elemento entrou por último, mas se sabe que os afixos **NÃO entraram simultaneamente**, logo não sofreram derivação parassintética.

Para fechar, veja a análise de **reflorestamento**: floresta > floresta**r** > **re**florestar >

reflorestar + **mento** > reflorestamento (derivação sufixal para alguns gramáticos e, para outros, derivação prefixal e sufixal); outra análise possível para a mesma palavra: floresta > flores**tar** > floresta**mento** > **re-** + florestamento > reflorestamento (derivação prefixal para alguns gramáticos e, para outros, derivação prefixal e sufixal). Cuidado na hora da prova! E boa sorte!

Regressiva (Regressão)

Ocorre **derivação regressiva** quando um verbo que indica ação serve de base para a formação de um substantivo abstrato que igualmente indica ação ou resultado de uma ação – tal substantivo é chamado de **deverbal**, pois é derivado de verbo. A ideia de regressão (diminuição do vocábulo do ponto de vista estrutural e fonético) ocorre porque o verbo perde sempre sua terminação (vogal temática + desinência de infinitivo: **-ar, -er, -ir**) dando lugar à vogal temática nominal (**-a, -e, -o**). Veja alguns exemplos:

Verbo (ação)	Substantivo (abstrato)
Atrasar	Atraso
Demorar	Demora
Tossir	Tosse
Engasgar	Engasgo
Mergulhar	Mergulho
Escolher	Escolha
Embarcar	Embarque
Dançar	Dança
Pescar	Pesca
Resgatar	Resgate
Combater	Combate
Gargarejar	Gargarejo
Desmontar	Desmonte
Fugir	Fuga

Percebe que nesse tipo de derivação há decréscimo de elementos? Reitero: o verbo perde sempre sua terminação (vogal temática + desinência de infinitivo) dando lugar à vogal temática nominal. Não é por nada que o nome desse processo se chama **regressão**, isto é, há perda de elementos verbais para a formação de **nomes substantivos**. Falando nisso (e indo além), o gramático, doutor pela UFRJ e professor da UERJ, José Carlos de Azeredo diz que "de alguns verbos originam-se **adjetivos** derivados regressivamente: expresso (de expressar), isento (de isentar), eleito (de eleger), corrupto (de corromper), correto (de corrigir), submerso

(de submergir)", etc.

Algumas palavras que sofreram regressão podem ser masculinas ou femininas, sendo uma forma mais usual que outra hoje em dia:

Verbo (ação)	Substantivo (abstrato)
Pagar	Pago/Paga
Custar	Custo/Custa
Trocar	Troco/Troca
Ameaçar	Ameaço/Ameaça
Gritar	Grito/Grita

Numa linguagem mais informal, pode ocorrer derivação regressiva também:

Verbo (ação)	Substantivo (abstrato)
Amassar	Amasso
Agitar	Agito
Ferver	Fervo
Sufocar	Sufoco
Apertar	Aperto
Transar	Transa

Tome cuidado para não cair na "pegadinha" de palavras que parecem ter sofrido regressão. Substantivo concreto (indicando objeto ou substância) não é formado de verbo. Neste caso, o processo é contrário. Os verbos são formados de substantivos por sufixação, por meio do sufixo verbal **-ar**:

Substantivo (*não* abstrato)	Verbo (ação)
Azeite	Azeitar
Telefone	Telefonar
Âncora	Ancorar
Martelo	Martelar
Arquivo	Arquivar

Alguns gramáticos, como Rocha Lima, Ismael de Lima Coutinho e Sacconi, falam sobre **regressão nominal** (**sarampo** deriva de **sarampão**, **boteco** de **botequim** etc.). Atualmente, porém, os linguistas e gramáticos (Manoel Pinto Ribeiro, Olmar Guterres da Silveira, Ulisses Infante, José Carlos de Azeredo e outros) encaixam as palavras abaixo entre as que sofreram **abreviação vocabular**, pois, na derivação regressiva, há necessariamente mudança de classe gramatical, o que não ocorre na abreviação, enfim... polêmicas... Veja algumas:

Maracanã	**Maraca**
Cerveja	**Cerva**
Japonês	**Japa**
Português	**Portuga**
Delegado	**Delega**
Militar	**Milico**

Reitero: as palavras em negrito são atualmente analisadas como **abreviadas** (***abreviação***), não regressivas. É importante saber as diferentes visões dos gramáticos, pois a gente nunca sabe o que uma banca pode "aprontar". Falarei mais sobre **abreviação** à frente.

Imprópria (Conversão)

A **derivação imprópria** se dá pela mudança (daí **conversão**) de classificação morfológica de uma palavra, a depender do contexto. A palavra não muda absolutamente nada na forma; o que muda é sua classificação morfológica e seu sentido. É por isso que ela é chamada de **imprópria**, ou seja, ela não é propriamente uma derivação, pois não se usam morfemas (afixos) para mudar a forma da palavra.

Veja alguns exemplos de como isso ocorre:

Substantivação

A derivação imprópria se forma com muita vitalidade por meio da substantivação. Qualquer morfema, palavra, expressão ou frase pode se tornar um substantivo desde que esteja acompanhada de algum determinante (artigo, pronome, numeral, adjetivo, locução adjetiva) ou tenha valor substantivo (designador) no contexto:

– *Você tem aracno**fobia**? (radical) / Eu tenho muitas **fobias**. (substantivo)*
– *Sou muito **pró**-ativo. (prefixo) / Esta questão só tem um **pró**. (substantivo)*
– *Aquela blusa é **preta**? (adjetivo) / **Preta**, você me ama? (substantivo)*
– ***A** casa foi comprada ontem. (artigo) / Esse **a** da frase anterior é um artigo. (substantivo)*
– *Eu **me** amo, não posso mais viver sem mim. (pronome) / O **me**, o **te** e o **se** também funcionam como objetos diretos. (substantivos)*
– *Tenho **dois** filhos. (numeral) / O **dois** é um numeral cardinal. (substantivo)*
– ***Habite-se**! (verbo) / O **habite-se** foi concedido. (substantivo)*
– *Eu vou **amar** você e depois vou **partir** (verbos no infinitivo). / O **amar** e o **partir** fazem parte da vida. (substantivos)*
– *Havia **feito** uma prova dificílima. (verbo no particípio) / Mahatma Gandhi realizou um **feito** inédito na história! (substantivo)*
– ***Amanhã** te ligo. (advérbio) / Espero sempre por um **amanhã** melhor. (substantivo)*

– ***Só*** *ela me faz feliz. (palavra denotativa de exclusão) / O* ***só*** *pertence ao grupo de palavras denotativas. (substantivo)*

– *Precisamos fazer uma ação* ***contra*** *a violência. (preposição) / Estes* ***contras*** *que você está expondo não procedem. (substantivo)*

– *Estudo muito,* ***porém*** *não gosto,* ***porque*** *cansa. (conjunções) / Só tenho um* ***porém*** *a dizer; deixe o* ***porquê*** *para depois. (substantivo)*

– ***Ai****! Deixa de ser chato! (interjeição) / Nunca se ouviu sequer um* ***ai*** *naquela casa. (substantivos)*

– *O rapaz só abre a boca para falar: "****Fala sério****!" (frase) / É um* ***fala sério*** *para cá, um* ***fala sério*** *para lá... Que chatice! (locução substantiva)*

Outras conversões

– Substantivo se torna adjetivo: *Ele tem um jeito* ***moleque****.*

– Adjetivo se torna advérbio: *Esta cerveja desceu* ***redondo****.*

– Adjetivo se torna preposição acidental: *Todos se salvaram,* ***salvo*** *o idoso.*

– Particípio se torna adjetivo: *Vocês são muito* ***fingidos****.*

– Advérbio se torna preposição acidental: ***Afora*** *isso, estou de acordo com a decisão.*

– Conjunção se torna preposição acidental: *Tenho-o* ***como*** *amigo.*

– Pronome se torna preposição acidental: *Tenho* ***que*** *tomar uma decisão.*

– Substantivo, adjetivo, pronome, verbo, advérbio se tornam interjeições (obrigado pelos exemplos, Sacconi): ***Misericórdia****!,* ***Bravo****!,* ***Qual****!,* ***Viva****!,* ***Avante****!*

– Substantivo abstrato para concreto: *A* ***pintura*** *da parede demorou duas horas. (abstrato) / A* ***pintura*** *da parede está descascando. (concreto)*

– Substantivo comum para próprio e vice-versa: *O* ***planalto*** *tinha quase nenhuma ondulação. (comum) / O* ***Planalto*** *está cercado de corrupção. (próprio) /* ***Judas*** *traiu a Cristo por 30 moedas de prata. (próprio) / Você é um* ***judas*** *safado! (comum)*

– Mudança de gênero/mudança de sentido: *Comemos uma* ***banana*** *a cada três horas. (feminino/fruto) / Tu não passas de um* ***banana****. (masculino/covarde)*

Composição por Justaposição e por Aglutinação

Ocorre **composição** quando uma palavra é constituída por dois ou mais radicais. Há dois tipos de composição: por **justaposição** e por **aglutinação**. Vejamos!

Por Justaposição

Neste tipo de composição, **não há perda** de elementos estruturais e fonéticos nos radicais (normalmente separados por hífen): **pontapé** (ponta + pé), **vaivém** (vai + vem), **passatempo** (passa + tempo), **paraquedas** (para + quedas), **girassol** (gira + sol), **dezoito** (dez + oito), **joão-bobo** (João + bobo), **abelha-rainha** (abelha + rainha), **caixa-d'água** (caixa + água)*, **guarda-chuva** (guarda + chuva), **maria vai com as outras** (maria + vai + outras)*, **leva e traz** (leva + traz)* etc.

***Obs**.: As preposições e conjunções não são vistas como radicais, logo ignore-as na análise. Algumas palavras compostas não mais recebem hífen segundo o novo acordo ortográfico, como já vimos no capítulo de *Acentuação*! Além disso, peço que dê uma olhada no uso do hífen com os prefixos **bem** (bem-me-quer) e **mal** (malmequer).

Por Aglutinação

Neste tipo de composição, **há perda** de elementos estruturais e fonéticos nos radicais (não são separados por hífen): **boquiaberto** (boca + aberta), **mundividência** (mundo + vidência), **alvinegro** (alvo + negro), **fidalgo** (filho de algo), **embora** (em + boa + hora), **aguardente** (agua + ardente), **petróleo** (pedra + óleo), **noroeste** (norte + oeste), **vinagre** (vinho + acre), **lobisomem** (lobo + homem), **planalto** (plano + alto), **pernilongo** (perna + longa) etc.

Obs.: Pelo amor de Deus, a palavra **cadáver** é primitiva, pri-mi-ti-va. Está claro? Esse papo de "**ca**rne **da**da aos **ver**mes" é conversa fiada.

Onomatopeia

Este processo é caracterizado por formar palavras (verbos, substantivos, interjeições) que imitam/reproduzem sons de seres animados ou inanimados: **bangue-bangue**, **zum-zum-zum**, **blá-blá-blá**, **tique-taque**, **pingue-pongue**, **bem-te-vi**, **nhenhenhém**, **nheco-nheco**, **zás-trás**, **zumbir**, **rugir**, **mugir**, **miar**, **cacarejar** etc.

Obs.: Vale dizer que alguns gramáticos chamam de **reduplicação/redobro** a repetição de parte de uma palavra ou de toda ela com finalidade expressiva, como em *Lulu, babá, ioiô, reco-reco* e outras acima.

Abreviação (Redução)

Segundo Celso Cunha, a **abreviação** ocorre devido à dinâmica da vida; o ritmo acelerado do dia a dia nos influencia a agilizar a comunicação. Na linguagem virtual... nem se fala! Toda palavra que sofre abreviação é reduzida até certo ponto, de modo que a parte restante substitui o todo, mantendo, é claro, seu sentido original. Muitas palavras abreviadas são próprias do registro coloquial; muitas vezes vêm imbuídas de afetividade, preconceito, desprezo etc. Veja algumas:

Televisão	**Tevê**
Cinematógrafo	**Cinema > Cine**
Militar	**Milico**
Português	**Portuga**
Delegado	**Delega**
Botequim	**Boteco**
Professor	**Fessor**
Fernando	**Nando**
Florianópolis	**Floripa**
São Paulo	**Sampa**
Rio de Janeiro	**Rio**
Otorrinolaringologista	**Otorrino**
Neurose	**Neura**
Futebol de salão	**Futsal**
Analfabeto	**Analfa**
Comunista	**Comuna**
Pneumático	**Pneu**
Pornográfico	**Pornô**
Fotografia	**Foto**
Poliomielite	**Pólio**
Telefone	**Fone**
Metropolitano	**Metrô**
Vice-presidente	**Vice**
Ex-namorada	**Ex**
Flamengo	**Mengo**
Microcomputador	**Micro**
José	**Zé**
Pestana	**Pest**

Nunca é demais dizer que, de uma palavra abreviada, pode haver outro processo. Exemplo: *Zezinho* (*José* > *Zé* + *inho* > *Zezinho*). Percebeu que ocorreu abreviação e depois derivação sufixal? Resumindo: uma palavra pode sofrer mais de um processo de formação.

Observe a palavra que caiu na questão 8 da prova da UFRJ de 2008: **ex-cineclubista**. Gabarito oficial: "o vocábulo **ex-cineclubista** resulta da aplicação de quatro processos de formação de palavras: redução/abreviação vocabular (cine ← cinema), composição (cine + clube), derivação sufixal (cineclube + ista) e derivação prefixal (ex + cineclubista)". Interessante, não?

Siglonimização

Siglonimizar significa transformar uma expressão em sigla, isto é, valer-se das partes iniciais das palavras de uma expressão a fim de formar uma sigla: **MAM** (Museu de Arte Moderna), **ONU** (Organização das Nações Unidas), **UFRJ** (Universidade Federal do Rio de Janeiro), **PIB** (Produto Interno Bruto), **PT** (Partido dos Trabalhadores), **EsPCEx** (Escola Preparatória de Cadetes do Exército), **FCC** (Fundação Carlos Chagas), **ESAF** ou **Esaf** (Escola de Administração Fazendária), **CESPE** ou **Cespe** (Centro de Seleção e de Promoção de Eventos), **PETROBRAS** ou **Petrobras** (Petróleo Brasileiro S/A), **EMBRATEL** ou **Embratel** (Empresa Brasileira de Telecomunicações).

Sobre os quatro últimos exemplos, recomenda-se só a primeira letra em maiúscula – veja abaixo o item 2.

Cuidado!!!

Baseando-me no *Manual de Redação do Senado* e em gramáticos consagrados, há algumas regras a serem respeitadas quanto ao uso de siglas... e algumas curiosidades:

1) As siglas de até três letras devem ser escritas com letra maiúscula: PM, TV, CPF, BC, ONU, USP, PUC, PT, PV, PPS, DF, RJ, AC, MG etc.

2) As siglas e os acrônimos com quatro letras ou mais são grafados em maiúscula quando se pronuncia separadamente cada uma de suas letras ou partes, mas recebem apenas a inicial maiúscula – a partir da segunda aparição no texto – no caso de terem a pronúncia de vocábulo: CNBB, CPMF, BNDES, Uerj, Sudene, Comlurb, DETRAN, Masp, Caíque, Malu, Ciep etc.

3) Algumas siglas podem apresentar maiúsculas e minúsculas em sua formação: UnB, CNPq, EsSA, EEAr etc.

4) Algumas siglas já são dicionarizadas e, por isso, consideradas como **palavras** e não mais como siglas: aids, ibope, jipe, laser, radar, óvni etc.

5) Muitas siglas e palavras que já foram siglas servem como base para derivações sufixais: PFL (pefelista), PMDB (peemedebista), PT (petista), AIDS (aidético) etc.

6) O plural das siglas se faz com o acréscimo de um simples **s** minúsculo: *As UPP**s** e as UPA**s** têm sido de grande valia à população.*

7) Todos os manuais de redação que consultei dizem que deve vir a sigla entre travessões ou parênteses, se a intercalação não terminar a frase. Logo esta é a forma correta: "O Fundo Monetário Internacional – FMI – ajuda as nações". Entretanto, a banca Esaf (sabe-se lá por que razão) usa apenas um travessão antes de sigla, no meio da frase: "O Fundo Monetário Internacional – FMI ajuda as nações." Já enviei e-mail para a Esaf perguntando o porquê dessa postura doutrinal e até hoje não me responderam.

Hibridismo

É a formação de palavras com morfemas de línguas diferentes: **socio/logia (latim e grego)**, **auto/móvel** (grego e latim), **tele/visão** (grego e latim), **buro/cracia** (francês e grego), **banan/al** (africano e latim), **sambó/dromo** (africano e grego), **micro-ônibus** (grego + latim), **report/agem** (inglês + latim), **bi/cicleta** (latim + grego), **saga/rana** (alemão + tupi), **ciber/nauta** (inglês + latim) etc.

Combinação (Amálgama ou Palavra-valise)

A **combinação**, **amálgama** ou **palavra-valise** (há outros nomes para o mesmo processo, esses são os mais conhecidos) é um processo que consiste na criação de uma palavra a partir da junção de partes de duas ou mais palavras, como um cruzamento lexical. Geralmente se usa o início de uma e o final da outra.

O truncamento que há entre as palavras gera outra de caráter normalmente popular, jocoso, próprio do registro coloquial e literário. Muitas **palavras-valise** não estão dicionarizadas. Não confunda, portanto, com palavras formadas por composição por aglutinação, uma vez que estas já se encontram dicionarizadas e são encontradas no registro culto da língua – diferentemente das palavras que sofreram amálgama. Veja alguns exemplos:

Português + Espanhol	**Portunhol**
Tomate + Marte	**Tomarte**
Aborrecer + Adolescente	**Aborrecente**
Crédito + Telefone	**Credifone**
Copo + Companheiro	**Copoanheiro**
Brasileiro + Paraguaio	**Brasiguaio**
Grêmio + Internacional	**Grenal**
Show + Comício	**Showmício**
Atlético + Curitiba	**Atletiba**

O grande Millôr Fernandes criou muitas palavras-valise engraçadas no seu *Dicionovário* (dicionário + novo): “abacatimento, anãofabeto, cãodução, cartomente” etc. Muitas palavras-valise, por não serem dicionarizadas, são consideradas **neologismos**.

E o que é neologismo? Continue lendo, sem piscar, hein!

Neologismo

Sabemos que o léxico da nossa língua, ou seja, nosso repertório de palavras, está em constante processo de aumento. O neologismo é uma palavra nova, uma palavra inventada, que pode ou não vir a ser dicionarizada se cair nas graças do povo. Nem toda gíria é um neologismo. Por exemplo, a nova edição escolar do dicionário *Aurélio* traz expressões que estão na boca do povo, como "periguete, ricardão, sex shop, balada" etc. É verdade! Partindo do princípio que as palavras já estão no dicionário, não mais podemos encará-las como neologismos. Ah, as três últimas já constam do dicionário Aulete também!

Além disso, muitos gramáticos entendem que os estrangeirismos são neologismos, uma vez que palavras novas (mesmo que estrangeiras) podem ser incorporadas à nossa língua. Existem dois tipos de neologismo: mórfico e semântico. Vamos ver!

Neologismo mórfico

Os falantes se valem de vários processos de formação de palavras já existentes para a criação de novas palavras (inventarei algumas e usarei outras já conhecidas); note que algumas palavras até existem no VOLP, como "amasso, agito, aperto, troca-troca", mas, no dia a dia, elas têm muitas vezes sentidos figurados, o que constitui um neologismo semântico, o qual veremos daqui a pouco:

– **derivação prefixal**: superfeliz, antigay, desorgulhoso (esta palavra também poderia ser interpretada como um neologismo formado por derivação prefixal e sufixal).
– **derivação sufixal**: djavanear, viralizar, internetismo, obrigadaço, baba-ovice (de "baba-ovo").
– **derivação parassintética**: agordalhado, afamilhar, encachorrar.
– **derivação regressiva**: amasso, agito, aperto.
– **composição por justaposição**: namoródromo, bioterror, gordomóvel.
– **composição por aglutinação**: abusufruto, inteligentudo, desafogaréu.
– **onomatopeia** (reduplicação): tchutchuca, troca-troca, pocotó.
– **abreviação**: boa (boa tarde), tarde (boa tarde), apê (apartamento).
– **siglonimização**: CQIP (Centro de Questões Impossíveis do Pestana), ETS (Estudo Total e Sagaz), GDLP (Gramática Definitiva da Língua Portuguesa).
– **combinação** (amálgama/palavra-valise): criloura, adultescente, mesticigenados.

Veja esta questão da EEAR 1/2011 (prova para concurso militar). Trabalhou-se aqui um neologismo por sufixação.

05. Leia:

O acesso de jovens à internet consagrou uma bem-humorada modalidade de escrita: o

miguchês. Acompanhe o transcurso de criação dessa palavra:

amigo > migo > **migucho** > **miguchês**

Considerando-se apenas os elementos em negrito, é correto afirmar que *miguchês* foi formada por

a) aglutinação;

b) justaposição;

c) derivação sufixal;

d) derivação imprópria.

Gabarito oficial: "Considerando-se apenas os elementos destacados, a palavra *miguchês* foi formada por derivação sufixal, já que deriva da palavra *migucho* – diminutivo da palavra *migo* –, a qual sofreu acréscimo do sufixo **-ês**, que indica procedência, origem. Na internet circula outra variante desta mesma palavra, grafada com **x** (*miguxo*). Entretanto, essa grafia corresponde à forma no *miguchês*. Para a gramática oficial, a grafia correta respeita a forma com **-ch**, pois deriva do sufixo **-ucho** (diminutivo)."

Neologismo Semântico

Quando um vocábulo adquire novo significado, como em palavras metafóricas (sentido conotativo) ou em gírias, dizemos que ela é um **neologismo de sentido**. Por exemplo, gato (ligação elétrica ilegal), mala (pessoa chata), laranja (intermediário em negócios ilícitos), arroz (rapaz que acompanha moças, mas não namora nenhuma), rede (internet), partidão (não é uma partida grande, mas sim um homem digno, bonito e bem-sucedido), zebra (resultado inesperado) etc.

Estrangeirismos

Tais empréstimos vocabulares podem

1) manter sua autonomia sonora e mórfica, mas também podem

2) se adaptar à ortografia e à morfologia do Português.

Veja alguns:

1) pizza, byte, show-room, link, haloween, face, shopping center, teen, blog etc.

2) deletar, restaurante, abajur, bife, futebol, xampu, estresse, skatista, blogueiro etc.

"For *relax*", leia este sambinha do Zeca Baleiro:

Samba do Approach

Venha provar meu *brunch*

Saiba que eu tenho *approach*

Na hora do *lunch*

Eu ando de *ferryboat*...(2x)

Eu tenho *savoir-faire*
Meu temperamento é *light*
Minha casa é *hi-tech*
Toda hora rola um *insight*
Já fui fã do *Jethro Tull*
Hoje me amarro no *Slash*
Minha vida agora é *cool*
Meu passado é que foi *trash*...
Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*...(2x)
Fica ligado no *link*
Que eu vou confessar *my Love*
Depois do décimo *drink*
Só um bom e velho engov
Eu tirei o meu *green card*
E fui prá *Miami Beach*
Posso não ser *pop-star*
Mas já sou um *noveau-riche*...
Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*...(2x)
Eu tenho *sex-appeal*
Saca só meu *background*
Veloz como *Damon Hill*
Tenaz como *Fittipaldi*
Não dispenso um *happy end*
Quero jogar no *dream team*
De dia um *macho man*
E de noite, *drag queen*...
Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*...(7x)

(http://letras.terra.com.br/zecabaleiro/43674/)

O Que Cai Mais na Prova?

Saber o que cai mais na prova é essencial, concorda? Por isso, recomendo que domine **derivação** e **composição**. Estes dois assuntos são primordiais.

Questões de Concursos

1. (FGV – PC/RJ – Inspetor – 2008) Em *xenofobia*, há a seguinte combinação de sentidos: estrangeiro + aversão. Assinale a alternativa em que a explicação do sentido do elemento que antecede *-fobia* não tenha sido feita corretamente.
   a) pantofobia (pantera).
   b) estasiofobia (permanecer de pé).
   c) fotofobia (luz).
   d) ictiofobia (peixe).
   e) gamofobia (casamento).

2. (Consulplan – Analista de Informática (SDS-SC) – 2008) A alternativa em que todas as palavras são formadas pelo mesmo processo de formação é:
   a) responsabilidade, musicalidade, defeituoso;
   b) cativeiro, incorruptíveis, desfazer;
   c) deslealdade, colunista, incrível;
   d) anoitecer, festeiro, infeliz;
   e) reeducação, dignidade, enriquecer.

3. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2008) O recurso a processos de formação de palavras derivadas pode ser exemplificado em "habitável porém inabitado".
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

4. (FGV – TCM/PA – Auditor – 2008) (Adaptada) Julgue como correto ou incorreto o item a seguir no que diz respeito a estrutura do texto.
   "A palavra "financeirização" foi posta entre aspas por se tratar de um neologismo."

5. (Cespe/UnB – Ministério do Meio Ambiente – Analista Ambiental – 2008) A palavra "bicombustível" é formada por prefixação.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

6. (FGV – TJ/MS – Juiz de Direito (Substituto de Carreira) – 2008) Utilizou-se corretamente a regra moderna de grafia de siglas em OMC, ONU e FMI. Assinale a alternativa em que isso **não** tenha ocorrido.
   a) AGU.
   b) ADI.
   c) Emerj.
   d) EMATRA.
   e) PIS.

7. (Fadems – TJ/MS – Analista de Sistema Computacional – 2009) Assinale a alternativa em que o processo de formação de palavras está **corretamente** indicado:
   a) sociologia = derivação prefixal ou prefixação.
   b) "redondo" (em "Skol, a cerveja que desce redondo") = derivação sufixal ou sufixação.
   c) enlouquecer = parassíntese.
   d) combate (do verbo "combater") = derivação imprópria.
   e) "pobre" (em "O pobre merece ajuda") = derivação regressiva.

8. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Os vocábulos "instabilidade", "imperfeita", "inçados" e "impõe" são formados por prefixo cujo valor semântico denota privação ou negação.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

9. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) O vocábulo "inaturável" é formado por derivação e tem o mesmo radical do vocábulo **desnaturado**.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

10. O vocábulo "agravada" tem o mesmo radical que os vocábulos **gravidez** e **gravidade**.
   ( ) CERTO

( ) ERRADO

11. Denomina-se prefixação o processo de formação dos seguintes vocábulos: “anomalia”, “alacridade” e “arrebataram”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – PM/ES – Soldado – 2010) A formação dos vocábulos “lamentavelmente” e “plenamente” ocorre de maneira idêntica: a partir do acréscimo do sufixo **-mente** a um adjetivo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

13. (Instituto Zambini – Pref. Taboão da Serra/SP – Professor III – 2010) Assinale a alternativa em que a palavra não é formada por derivação parassintética.
a) enriquecer.
b) entardecer.
c) avermelhar.
d) descobrimento.
e) N.D.A.

14. (Ima – Pref. Boa Hora/PI – Procurador Municipal – 2010) No verso “**Para desentristecer, leãozinho**”, Caetano Veloso cria um neologismo. A opção que contém o processo de formação utilizado para formar a palavra nova e o tipo de derivação que a palavra primitiva foi formada respectivamente é:
a) derivação prefixal (des + entristecer); derivação parassintética (en + trist + ecer);
b) derivação sufixal (desentriste + cer); derivação imprópria (en + triste + cer);
c) derivação regressiva (des + entristecer); derivação parassintética (en + trist + ecer);
d) derivação parassintética (en + trist + ecer); derivação prefixal (des + entristecer);
e) derivação prefixal (en + trist + ecer); derivação parassintética (des + entristecer).

15. (Ima – Pref. Boa Hora/PI – Procurador Municipal – 2010) A palavra “**Olhar**” em (meu olhar) é um exemplo de palavra formada por derivação:
a) parassintética;
b) prefixal;
c) sufixal;
d) imprópria;
e) regressiva.

16. (Integri – Pref. Carapicuíba/SP – Procurador Municipal – 2010) Mas, em uma era de <u>globalização</u> e de <u>sociedades multiconfessionais</u>, a <u>criação</u> do capital exige não apenas tolerância, mas também o respeito pelas pessoas de outras confissões. As palavras sublinhadas são formadas pelo mesmo processo de derivação, exceto:
a) globalização;
b) sociedades;
c) criação;
d) multiconfessionais.

17. (FGV – Codesp – Arquiteto – 2010) Assinale o par de vocábulos em que seus elementos mórficos destacados **<u>NÃO</u>** tenham o mesmo sentido.
a) <u>metro</u>politana – <u>metro</u>logia.
b) <u>eco</u>nomia – <u>eco</u>logia.
c) <u>tele</u>comunicações – <u>tele</u>patia.
d) <u>petr</u>óleo – <u>petr</u>ificar.
e) <u>sin</u>tonia – <u>sin</u>ergia.

18. (FGV – SEAD/AP – Auditor da Receita Estadual – 2010) Com relação aos processos de formação de palavras, analise as afirmativas a seguir:
I. Na palavra *jeitinho*, o sufixo *-inho* significa “diminuição”.
II. Denomina-se composição o processo de formação da palavra *utilitarista*.
III. A palavra *analfabetismo* forma-se por derivação prefixal e sufixal, a partir do radical *alfabet-*.
Assinale:
a) se somente a afirmativa I estiver correta;
b) se somente a afirmativa II estiver correta;

c) se somente a afirmativa III estiver correta;
d) se somente as afirmativas II e III estiverem corretas;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

19. (FGV – CAERN – Agente Administrativo – 2010) Assinale a palavra que seja formada pelo mesmo processo que *megalópoles*.
a) internacional.
b) sustentabilidade.
c) saneamento.
d) obrigatoriedade.
e) olímpicos.

20. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) Assinale a palavra em que o prefixo tenha o mesmo valor semântico que o de *dissociação*.
a) dissolver.
b) dispor.
c) discordar.
d) disenteria.
e) dissimular.

21. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) Das palavras a seguir, a única formada por derivação prefixal e sufixal é:
a) destinação;
b) desocupação;
c) criminológico;
d) carcereiro;
e) preventivamente.

22. (Cespe/UnB – STM – Analista Judiciário – 2011) As palavras "desertor" e "integrantes" são ambas formadas por processo de derivação sufixal em que os respectivos sufixos evidenciam o sentido de agente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (Cespe/UnB – ECT – Agente dos Correios – 2011) A palavra "trem-bala" é composta por justaposição, tal qual o vocábulo:
a) governança;
b) ilimitado;
c) passatempo;
d) superprodução;
e) faturamento.

24. (Cespe/UnB – ECT – Formação: Letras – 2011) No processo de formação dos vocábulos "integração", "impulsiona", "indefectivelmente" e "imprudências", identifica-se o prefixo in-, que neles expressa a noção de mudança de estado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. O sufixo identificado na formação dos vocábulos "representantes" e "emergentes" expressa a noção de paciente das ações de *representar* e *emergir*, respectivamente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

26. Têm sentidos semelhantes o prefixo dos vocábulos "internacionalizados" e "intertemporais" e a preposição "entre".
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Funcab – Prefeitura Municipal de Valença – Biólogo – 2012) No processo de formação da palavra "desfavoravelmente", pode ser identificado o tipo de derivação:
a) sufixal;
b) prefixal e sufixal;
c) parassintética;
d) regressiva;
e) prefixal.

28. (INSPER – Vestibular – 2012) Leia a tirinha a seguir.

Os mesmos processos de formação dos termos em negrito aparecem, respectivamente, em:
a) anoitecer, votação, inútil, violação e tristemente;
b) retenção, suavidade, desmatamento, infelizmente e firmamento;
c) enlatado, ajuda, remissão, dignidade e abolição;
d) reação, geração, abstenção, lição e afrontamento;
e) magreza, medidor, firmamento, dignidade e violação.

29. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale a alternativa em que o elemento destacado NÃO tem o mesmo sentido que o de *trans-*, em *transvalorada*.
a) <u>trans</u>bordar.
b) <u>tras</u>antontem.
c) <u>tres</u>noitar.
d) <u>tras</u>tejar.

30. Assinale a palavra que tenha sido formada por processo DISTINTO do das demais.
a) teológica.
b) biografia.
c) narcotráfico.
d) desvalorizada.

31. (Instituto Ludus – Pref. Mun. Aroazes – Professor de Português II – 2012) *Doçura* e *interinidade* são substantivos abstratos derivados de adjetivo. Marque o item em que todos os substantivos são abstratos derivados de adjetivo.
a) Mortalidade, mesquinhez, umidade, escuridão.
b) Infância, paciência, publicidade, justiça.
c) Perfeição, baixeza, compensação, dificuldade.
d) Ambição, amor, mistério, oportunidade.
e) Alegria, amor, mistério, oportunidade.

32. (Consulplan – Pref. Barra Velha/SC – Agente Administrativo – 2012) Os termos *Ibama* (4º §) e *ararinha* (2º §) são formados, respectivamente, pelos processos de:
a) siglonimização e derivação sufixal;
b) derivação regressiva e onomatopeia;
c) derivação prefixal e abreviação;
d) derivação parassintética e derivação imprópria;
e) composição por justaposição e hibridismo.

33. (CEPERJ – Cedae – Operador de Tratamento de Água – 2012) A palavra formada pelo acréscimo de um sufixo é:
a) imprensa;
b) descobrir;
c) reforma;
d) irracional;
e) rigidez.

34. (CEPERJ – SEAP – Inspetor de Segurança e Administração Penitenciária – 2012) A palavra “descriminalizar” é formada pelo mesmo tipo de derivação observado na palavra da seguinte alternativa:
a) espetar.
b) familiarizar.

c) tatuar.
d) recusar.
e) reanimar.

35. (CEPERJ – Degase – Enfermeiro do Trabalho– 2012) Um exemplo do texto em que a palavra é formada pela adição de sufixo e prefixo é:
a) cotidianamente;
b) oportunidade;
c) responsáveis;
d) infelizmente;
e) sucateados.

36. (CEPERJ – SEFAZ – Analista de Controle Interno – 2012) Entre os vocábulos abaixo, aquele que possui uma formação diferente dos demais é:
a) repercussões;
b) desdobramentos;
c) favorável;
d) recentemente;
e) despreocupar.

37. (Funcab – Pref. Búzios/RJ – Administrador – 2012) O processo de formação do vocábulo sublinhado na expressão "[...] o dinheiro que <u>discretamente</u> [...]" é:
a) derivação prefixal e sufixal;
b) derivação regressiva;
c) derivação parassintética;
d) derivação sufixal;
e) derivação prefixal.

38. (Funcab – Pref. Magé/RJ – Administrador – 2012) Formam substantivos de adjetivos, exprimindo a noção de "estado ou qualidade de", ambos os sufixos destacados nas seguintes palavras do texto:
a) igual**dade** − sentiment**al**.
b) liga**mento** − esterilizaç**ão**.
c) sentimental**ismo** − govern**ante**.
d) pobr**eza** − hipocris**ia**.
e) jornalíst**ico**− adolesc**ente**.

39. (Funcab – Pref. Sooretama/ES – Administrador de Empresa – 2012) As palavras destacadas em "Tanto andam agora preocupados em definir o <u>conto</u> [...]" / "Uma <u>ternura</u> imensa, [...]" se formaram, respectivamente, por:
a) composição por aglutinação e derivação sufixal;
b) derivação regressiva e derivação regressiva;
c) composição por justaposição e derivação imprópria;
d) derivação regressiva e derivação sufixal;
e) composição por justaposição e derivação parassintética.

40. (Funcab – MPE/RO – Analista Administrativo – 2012) Aponte o significado do prefixo da palavra destacada em "(...) praticam o <u>exorcismo</u> em Kerala, (...)".
a) mudança.
b) separação.
c) para fora.
d) para trás.
e) através de.

Gabarito

1. A.	9. ERRADO.	17. A.	25. ERRADO.	33. E.
2. A.	10. CERTO.	18. C.	26. CERTO.	34. E.
3. CERTO.	11. ERRADO.	19. A.	27. B.	35. D.
4. CORRETO.	12. CERTO.	20. C.	28. E.	36. E.
5. CERTO.	13. D.	21. B.	29. D.	37. D.
6. D.	14. A.	22. CERTO.	30. D.	38. D.
7. C.	15. D.	23. C.	31. A.	39. D.
8. ERRADO.	16. D.	24. ERRADO.	32. A.	40. C.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 7

Substantivo

Definição

Vou definir todas as classes gramaticais a partir de três critérios: **semântico**, **morfológico** e **sintático**. Então, comecemos pelo substantivo – a classe gramatical mais importante para a construção de frases, junto com o verbo, é claro!

Do ponto de vista semântico, o substantivo é a palavra que **nomeia** tudo o que tem substância, tudo o que existe (céu, homem, mar, peixe, Rio de Janeiro, átomo, eletricidade etc.), tudo o que imaginamos existir (Deus, fada, vampiro, anjo, duende, lobisomem, inferno etc.) ou tudo o que é conceito abstrato (saudade, recreação, lealdade, riqueza etc.). Não é por nada que o substantivo é chamado de "nome, nomeador ou designador".

Imagine-se numa sala de aula agora. Você consegue dar nomes às coisas que estão a sua volta? Carteiras, quadro, gizes, paredes, janelas, chão, ar-condicionado (ou ares-condicionados, se mais de um), alunos, professor etc. Imagine agora que você esteja desatento ao que o professor diz, qual é o nome desse **estado**? "Desatenção". Enfim... você só conhece melhor o mundo a seu redor e a si mesmo se houver **nomeação** (que, por ser o **ato** de nomear, é um substantivo).

É bom dizer que não é só o verbo que indica ação ou fenômeno natural, não é só o adjetivo que indica estado ou qualidade. O substantivo pode indicar **ação** (desenvolvimento, vingança), **estado** (vida, doença), **condição** (pobreza, abastança), **qualidade** (fidelidade, maleabilidade), **sentimento** (amor, ódio), **acontecimento** (evento, sonho), **concepção/doutrina** (fé, naturismo).

Não me custa dizer que os substantivos com os sufixos abaixo são, normalmente, abstratos: –**aço**: buzinaço / **-ada**: largada / **-ado**: empresariado / **-ato**: estrelato / **-agem**: ajustagem / **-ia**: burguesia / **-dade**: casualidade / **-dão**: gratidão / **-ez**: altivez / **-eza**: beleza / **-ia**: chefia / **-ice**: doidice / **-ície**: imundície / **-or**: amargor / **-tude**: juventude / **-ura**: brancura / **-ismo**: antropocentrismo / **-nça**: esperança / **-ncia**: constância / **-ção**: correção / **-são**: agressão / **-mento**: casamento

Isso não significa que todos os substantivos abstratos terminam com esses sufixos. Claro que não. Falarei um pouco mais sobre a significação dos substantivos mais à frente.

Do ponto de vista morfológico, o substantivo é uma palavra que varia em gênero, número e grau, normalmente. Por exemplo, a palavra "garoto" varia em gênero (garota), em número (garotos) e em grau (supergaroto, minigaroto, garotão, garotinho). É por isso que se diz que o substantivo é uma palavra variável, porque muda de forma, por meio de desinências e de afixos.

Do ponto de vista sintático, o substantivo normalmente é o núcleo dos termos sintáticos. Se você não lembra quais são os termos sintáticos, refrescarei a sua memória agora: **sujeito, objetos direto e indireto, predicativos do sujeito e do objeto, complemento nominal,**

agente da passiva, adjuntos adnominal e adverbial, aposto e vocativo. O substantivo, comumente, é o núcleo desses termos sintáticos.

Para entendermos bem todas essas definições de substantivo, vamos analisar esta frase:

O *discurso* daquele aluno provocou grande alegria no professor.

Note, por exemplo, que a palavra ***discurso***:

1) **designa/nomeia** uma ação praticada por alguém: **discurso é uma manifestação oral, é o ato de discursar**;
2) **pode variar** de forma se a frase toda for pluralizada: *"Os **discursos** daqueles alunos provocaram..."*;
3) é **núcleo** do sujeito: *"O que provocou grande alegria no professor?" "O **discurso** daquele aluno"*.

Tudo bem até agora? Espero que sim, pois a partir de então vou abranger mais o assunto, hein... Venha comigo!

Chamamos de **sintagma nominal** o grupo de vocábulos que se ligam a um núcleo substantivo. Logo, "**O discurso daquele aluno**" é um sintagma nominal (uma expressão), pois apresenta termos periféricos (**o** e **daquele aluno**) indissociáveis do substantivo **discurso**. Se alguém pergunta a você "o que provocou grande alegria no professor", você não vai responder simplesmente que foi "o discurso", mas sim "o discurso daquele aluno", cujo núcleo da expressão (sintagma) é o substantivo, certo?

Percebeu? Precisamos ir a fundo na identificação dos substantivos e no conceito de **substantivação** (apesar de já termos visto bastante em derivação imprópria), porque isso cai com certa frequência nas provas! Você vai ver mais à frente que o substantivo tem uma vitalidade tão grande na língua portuguesa, que o encontramos como núcleo das locuções adjetivas (barco à vela ou barco a vela), adverbiais (de manhã), prepositivas (ao encontro de) e conjuntivas (à proporção que).

Inclusive, para variar, já vi questões em que a banca pediu que se marcasse a opção cuja oração destacada tinha valor/função de substantivo. Só que veremos isso com mais detalhes no capítulo de orações subordinadas substantivas. Caso queira dar um "pulão" até lá, fique à vontade, mas não recomendo ainda. Devagar também é pressa – percebeu que "devagar", nesse contexto, é substantivo?

Identificação e Substantivação

Antes de mais nada: qualquer vocábulo ou expressão pode se tornar um substantivo. Se quisermos reconhecer o substantivo dentro da frase – e isso é muito importante! –, precisaremos perceber, precipuamente, se ele vem na posição de núcleo dos termos sintáticos e/ou acompanhado de **determinante** (artigo, pronome, numeral, adjetivo e/ou locução adjetiva). Grave isso!

Identificação do Substantivo

Tive de transcrever um dos poemas mais críticos e pseudoeróticos de que mais gosto para ilustrar algo relativo à gramática. Nada contra as mulheres, hein! Observe que os substantivos (negrito) normalmente vêm acompanhados de determinantes ("azulito"):

O Cão e a Cadela

Bocage

Tinha de ***uma*** ***cadela*** ***um*** ***cão*** ***fome*** ***canina***.
Ele ***bom*** ***perdigueiro***, ela de ***casta*** ***fina***.
Mil ***foscas*** lhe fazia ***o terno*** ***maganão***,
Mas gastava ***o seu*** ***tempo***, ***o seu*** ***carinho*** em ***vão***.
Dando n***o*** ***chichisbéu*** ***dentada*** e ***mais*** ***dentada***,
A ***fêmea*** parecia ***uma*** ***cadela*** ***honrada***
E incapaz de ceder ***às*** ***pretensões*** ***de amor***.
Mas ***o*** ***amante*** ***infeliz*** enfim foi sabedor
De que a mesma*, em que via ***ações*** tão ***desabridas***,
Era co'***um*** ***torpe*** ***cão*** fagueira às ***escondidas***.
Se és sagaz, ***meu*** ***leitor***, talvez que tenhas visto
Cadelas ***de dois pés**** que também fazem isto.

É fácil identificar os substantivos acompanhados de determinantes: (uma) **cadela**, (um) **cão**, **fome** (canina), (bom) **perdigueiro**, **casta** (fina), (Mil) **foscas**, (o terno) **maganão**, (o seu) **tempo**, (o seu) **carinho**, (o) **chichisbéu**, (mais) **dentada**, (a) **fêmea**, (uma) **cadela** (honrada), (as) **pretensões** (de amor), (o) **amante** (infeliz), **ações** (desabridas), (um torpe) **cão**, (meu) **leitor**, **Cadelas** (de dois pés).

Só de curiosidade: De novo, o nome dado a essas estruturas em que o substantivo vem acompanhado de determinantes se chama **sintagma nominal**, ou seja, **determinante(s)** + **substantivo** = **sintagma nominal**; **substantivo** + **determinante(s)** = **sintagma nominal**; **determinante(s)** + **substantivo** + **determinante(s)** = **sintagma nominal**. O "sintagma

nominal" é um grupo de vocábulos centrados em um nome (substantivo); é uma expressão cujo núcleo é um nome substantivo.

Só peço que observe agora os substantivos que não estão acompanhados de determinantes: **vão** (em vão), **amor** (de amor), **escondidas** (às escondidas). Note que tais substantivos são os núcleos das expressões ou termos sintáticos: **em vão** (adjunto adverbial), **de amor** (adjunto adnominal), **às escondidas** (adjunto adverbial).

É bom saber um pouquinho de sintaxe até mesmo para identificar um substantivo, percebeu?

* **a mesma** ("mesma" é um pronome demonstrativo que vem antecedido de artigo, portanto cuidado, pois nem todas as palavras precedidas de artigo são automaticamente substantivos; falarei mais sobre isso no capítulo *Numeral*).
* Em "**cadelas de dois pés**", **de dois pés** é uma locução adjetiva (determinante) que caracteriza o substantivo **cadelas**; só que dentro da locução adjetiva há um substantivo como núcleo (pés), que está determinado pelo numeral (determinante) **dois**. Logo, **pés** é um substantivo, pois está acompanhado de determinante (**dois pés**). Beleza?

Relembre, agora, o que vimos em derivação imprópria (conversão) para fixar a ideia de que as palavras podem se tornar substantivos. Dessa vez, fiz questão de comentar uma por uma. Não pule esta etapa!

Substantivação

A **substantivação** é um tipo de "nominalização", pois ocorre mudança de muitas classes gramaticais, que se tornam substantivos. Qualquer morfema, palavra, expressão ou frase pode se tornar um substantivo desde que esteja acompanhada de algum determinante (artigo, pronome, numeral, adjetivo, locução adjetiva) ou tenha valor substantivo (designador) no contexto:

– *Você tem aracno**fobia**?* (Radical) / *Eu tenho muitas **fobias**.* (Substantivo. O pronome indefinido *muitas* atua como determinante.)

– *Sou muito **pró**-ativo.* (Prefixo) / *Esta questão só tem um **pró**.* (Substantivo. O numeral *um* atua como determinante.)

– *Aquela blusa é **preta**?* (Adjetivo) / ***Preta**, você me ama?* (Substantivo. Percebe que a palavra virou um substantivo porque está nomeando alguém por meio de um apelido?)

Obs.: Veja este exemplo de Celso Cunha & Lindley Cintra: Uma ***preta velha*** vendia laranjas. / Uma ***velha preta*** vendia laranjas. Note que os vocábulos **preta** e **velha** mudaram de classe gramatical com a mudança de posição no sintagma (substantivo + adjetivo /

substantivo + adjetivo). Isso é normal. Veremos mais exemplos no próximo capítulo (*Adjetivo*).

– *Estou tão* ***sem ânimo****...* (Locução adjetiva) / *Esse teu* ***sem ânimo*** *me desanimou.* (Locução substantiva. Os determinantes *esse* e *teu* substantivaram a locução adjetiva, transformando-a em locução substantiva.)*

* Veja uma questão em que caiu exatamente isso:
(NCE/UFRJ – TRT/9R – Técnico Judiciário – 1998)
Fragmento de texto:
(...) Mais adiante, para não achincalhar a todos, indistintamente, com a pecha infamante de "subdesenvolvido", premiou-se os melhores com **o gentil** "em desenvolvimento". Tais países não eram mais "sub", não estavam mais tão por baixo. Nos últimos anos, substituiu-se **o** "em desenvolvimento" por "emergente", palavra que igualmente se opõe ao "sub". (...)
A expressão "em desenvolvimento" apresenta valor:
a) adjetivo;
b) substantivo;
c) adverbial;
d) prepositivo;
e) conjuntivo.

Comentário: Note que há determinantes (grifados por mim) substantivando a expressão "em desenvolvimento", por isso o gabarito oficial foi, acertadamente, a opção B. Muito bacana a questão!

– ***A*** *casa foi comprada ontem.* (Artigo) / *Esse* ***a*** *da frase anterior é um artigo.* (Substantivo. O pronome demonstrativo *Esse* atua como determinante.)

– *Eu* ***me*** *amo, não posso mais viver sem mim.* (Pronome) / *O* ***me****, o* ***te*** *e o* ***se*** *também funcionam como objetos diretos.* (Substantivos. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Tenho* ***dois*** *filhos.* (Numeral) / *O* ***dois*** *é um numeral cardinal.* (Substantivo. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Eu vou* ***amar*** *você e depois vou* ***partir.*** (Verbos no infinitivo) / *O* ***amar*** *e o* ***partir*** *fazem parte da vida.* (Substantivos. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Havia* ***feito*** *uma prova dificílima.* (Verbo no particípio) / *Mahatma Gandhi realizou um* ***feito*** *inédito na história!* (Substantivo. O artigo indefinido *um* atua como determinante.)

– ***Amanhã*** *te ligo.* (Advérbio) / *Espero sempre por um* ***amanhã*** *melhor.* (Substantivo. O artigo indefinido *um* e o adjetivo *melhor* atuam como determinantes.)

– ***Só*** *ela me faz feliz.* (Palavra denotativa de exclusão) / *O* ***só*** *pertence ao grupo de palavras denotativas.* (Substantivo. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Precisamos fazer uma ação* ***contra*** *a violência.* (Preposição) / *Estes* ***contras*** *que você está expondo não procedem.* (Substantivo. O pronome demonstrativo *Estes* atua como

determinante.)

– *Estudo muito,* ***porém*** *não gosto,* ***porque*** *cansa.* (Conjunções) / *Só tenho um* ***porém*** *a dizer; deixe o* ***porquê*** *para depois.* (Substantivo. O numeral *um* e o artigo *o* atuam como determinantes.)

– ***Ai****! Se eu te pego!* (Interjeição) / *Nunca se ouviu sequer um* ***ai*** *naquela casa.* (Substantivo. O numeral *um* atua como determinante.)

– *O rapaz só abre a boca para falar isto: "****Fala sério****!"* (Frase verbal) / *É um* ***fala sério*** *para cá, um* ***fala sério*** *para lá... Que chatice!* (Locução substantiva. O artigo indefinido *um* atua como determinante, transformando a frase verbal em uma locução substantiva.)

– *Estamos chegando,* ***falta pouco****.* (Frase verbal) / *Estamos chegando, do verbo* ***falta pouco****.* (Locução substantiva, só que dessa vez não há artigo substantivando a frase; a própria frase tem valor de substantivo porque nomeia, especificando, o substantivo anterior *verbo*; para quem se lembra disto, trata-se de um aposto especificativo.)

Resumo da ópera: as palavras substantivadas variam normalmente, como um substantivo. Por exemplo: "Aqui não há **senões** nem **talvezes**, meu amigo!".

Cuidado!!!

Só leia isto se você quiser saber mais sobre a língua portuguesa, pois isso não cai em concurso público.

Celso Cunha, Bechara e outros grandes nomes nos ensinam o seguinte: um substantivo ou um adjetivo pode ser usado para caracterizar de maneira expressiva outro substantivo que vem depois da preposição "de". Entenda! Observe estas frases:

– *O* ***raio*** *do garoto só fala bobagens.*

– *O* ***bobo*** *do palhaço fez todos rirem.*

– *A* ***idiota*** *da mulher fez um escândalo no banco.*

– *A* ***pobre*** *da menina está carente.*

O substantivo ou o adjetivo substantivado antes da preposição "de" das estruturas formadas por **artigo + substantivo/adjetivo substantivado + preposição <u>de</u>** enfatizam o substantivo que vem a seguir. Logo, em "O raio do garoto", "O bobo do palhaço", "A idiota da mulher", "A pobre da menina", as estruturas "o raio (de)", "o bobo (de)", "a idiota (de)", "a pobre (de)" são expressões que realçam, respectivamente, os substantivos "garoto, palhaço, mulher e menina". Essas construções são carregadas de expressividade!

Nas últimas três frases, a preposição "<u>de</u>" é expletiva, ou seja, serve para realçar, enfatizar a expressão, podendo, assim, ser descartada. Com as devidas alterações, as frases podem ser reconstruídas, com o mesmo sentido, assim: "O bobo palhaço fez todos rirem / A mulher idiota fez um escândalo no banco / A pobre menina está carente".

Cuidado com certas ambiguidades: “A vaca da tua mãe está bem?”. Não se sabe se a mãe da pessoa está sendo xingada ou se o animal (vaca) que pertence à mãe está bem. Outro exemplo: “A droga do cliente chegou”, *droga* é uma qualificação do cliente ou é uma substância ilícita? Fique ligado... sem trocadilhos!

Recurso de Nominalização

Nominalizar é, normalmente, transformar uma estrutura verbal em uma estrutura nominal, ou seja, substituir um verbo por um substantivo de mesmo radical (às vezes, por um adjetivo), a fim de evitar o exagero no uso de verbos. Isso se dá por meio de derivação sufixal ou de derivação regressiva, normalmente.

Segundo Ulisses Infante, a nominalização "constitui um recurso eficaz no momento de redigir, pois passamos a contar com diferentes possibilidades para estruturar nossas frases". Ele está falando aqui sobre reescritura de frases, sobre a qual falarei mais detalhadamente no capítulo 37. Continua Infante: "O uso de substantivos é mais frequente em textos científicos e analíticos, em que os conceitos são mais utilizados do que as ações. Nos textos narrativos, as ações tendem a ser mais importantes do que os conceitos, o que acarreta predomínio de verbos".

Para você que vai fazer uma prova de redação, um texto dissertativo bem redigido é aquele que não abusa de verbos; um texto com mais nomes valoriza a concisão e a clareza.

Contando, também, com as informações essenciais da Prof.ª Dr.ª Maria Francisca Oliveira Santos, em seu trabalho *As nominalizações em sala de aula como marcas de não comprometimento do sujeito* (Revista do Gelne, Vol. 3, Nº 1, 2001), vejamos como isso ocorre na prática.

Por Derivação Sufixal

–ção/-são: fabricar > fabricação; ligar > ligação; adaptar > adaptação; expressar > expressão, ceder > cessão...

– ***Fabricar*** *produtos sustentáveis está na moda.* (Frase com dois verbos.)

– *A* ***fabricação*** *de produtos sustentáveis está na moda.* (Frase com um verbo.)

– ***Ceder*** *meus direitos autorais ao artista foi difícil.* (Frase com dois verbos.)

– *A* ***cessão*** *de meus direitos ao artista foi difícil.* (Frase com um verbo.)

Obs.: Note que, assim como o verbo exige dois complementos – cede-se algo (1) a alguém (2) –, o nome também exige – cessão de... (1) ao... (2). Falarei mais sobre a relação dos verbos e dos nomes com seus complementos no capítulo de *Regência*. Não se empolgue, fique por aqui, senão vai se enrolar!

–da: sair > saída; chamar > chamada; chegar > chegada...

– *Quando meu filho* ***chegou****, fiquei emocionada.* (Frase com dois verbos.)

– *A* ***chegada*** *do meu filho me emocionou.* (Frase com um verbo.)

–mento: conhecer > conhecimento; lançar > lançamento; surgir > surgimento...

– ***Surgiram*** *novos problemas em minha tese que me deixaram preocupado.* (Frase com dois verbos.)
– *O* ***surgimento*** *de novos problemas em minha tese me deixou preocupado.* (Frase com um verbo.)

Os demais sufixos seguem o mesmo paradigma (modelo):

–nça/-ncia: mudar > mudança; tolerar > tolerância; concordar > concordância...
–aria: pescar > pescaria; piratear > pirataria...
–agem: abordar > abordagem; filmar > filmagem; reciclar > reciclagem...
–dor: pescar > pescador; acusar > acusador; dever > devedor...
–nte: participar > participante; fabricar > fabricante...
–(t)ura: ler > leitura; candidatar > candidatura...
–eza: estar certo de > a certeza de...
–dade: ser difícil de > a dificuldade de...

Por Derivação Regressiva

Observe três exemplos em que ocorre nominalização:

– *Quem* ***canta*** *os males espanta.* (Frase com dois verbos.)
– *O* ***canto*** *espanta os males.* (Frase com um verbo.)
– *Ele* ***causou*** *o estardalhaço porque se revoltou com a postura dos políticos.* (Frase com dois verbos.)
– *A* ***causa*** *do estardalhaço foi sua* ***revolta*** *com a postura dos políticos.* (Frase com um verbo.)
– *Depois de* ***jantar*** *com a namorada, percebeu que foi um sucesso.* (Frase com três verbos.)
– *A* ***janta*** *com a namorada foi um sucesso.* (Frase com um verbo.)

Locução Substantiva

A locução é sempre um grupo de vocábulos que equivale a uma palavra só. Dizemos que uma locução é substantiva caso seja formada por um grupo de vocábulos, com valor de substantivo (não ligados por hífen): anjo da guarda, dona de casa, estrada de ferro, ponto de vista, cesta básica, papel almaço, fim de semana, sala de jantar, casa de saúde, Maria das Dores, Vasco da Gama, Cidade Universitária, Belo Horizonte, Nova Iguaçu etc.

Obs.: Na nova ortografia, muitos substantivos compostos perderam o hífen, logo é possível dizer que se tornaram locuções substantivas: "pé de moleque, mula sem cabeça, pôr do sol, leva e traz" etc. Afinal, para ser substantivo composto, é preciso, em tese, de hífen. Já os vocábulos que formam as locuções substantivas não são ligados por hífen. De qualquer modo, a regra de plural dos compostos ainda vale!!!

Classificação

Antes de qualquer coisa, é bom dizer que esta parte é 99,99% irrelevante para as bancas de concursos, que não cobram a classificação dos substantivos, por isso não tenho por que me estender. Esta parte só é importante para o conhecimento dos conceitos. Por exemplo, é bom saber identificar que um substantivo é coletivo ou partitivo, pois, no capítulo de *Concordância*, irei falar sobre eles. Portanto, leia esta parte, mas sem "aqueeeeeele" compromisso.

O substantivo pode ser classificado segundo sua **forma** e sua **significação**.

Quanto à forma, os substantivos podem ser **primitivos, derivados, simples** e **compostos.** Vejamos!

Tipo	Definição	Exemplo
Primitivo	Não apresenta afixos.	pedra, Marte, agenda
Derivado	Apresenta afixos.	pedreiro, marciano, extra-agenda
Simples	Apresenta apenas um radical.	samba, enredo, caixa, água
Composto	Apresenta mais de um radical.	samba-enredo, caixa-d'água

Quanto à significação, os substantivos podem ser **comuns, próprios, abstratos, concretos** e **coletivos**. Vejamos!

Tipo	Definição	Exemplo
Comum	Representa todos os seres de uma espécie.	homem, cidade, bairro, instituição, remédio, cão
Próprio	Representa apenas um ser de uma espécie[1].	Pedro, Salvador, Irajá, Aeronáutica, Sonrisal, Totó
Abstrato	Representa ações, estados, qualidades, sentimentos, resultados de ações, propriedades e concepções[2].	amaragem, empunhadura, ódio, tesão, intensidade, beijo, toque, protestantismo, alegria, doença, luto, abstração, entrada, fé, calor, ira
Concreto	Não representa ações, estados, qualidades, sentimentos, resultados de ações, propriedades e concepções.	luz, som, eco, chuva, DVD, relógio, rua, ilha, aldeia, fada, Deus, Diabo, chupa-cabra, capiroto, alma, pizza
Coletivo	Representa um grupo de seres da mesma espécie[3].....	girândola, atlas, cancioneiro*, pinacoteca, réstia, vara, horda, súcia

* Muitos coletivos são formados por sufixação. Veja: boiada, parentalha, livralhada, vasilhame, dinheirama, cavalaria, formigueiro, aparelhagem, ervilhal, humanidade, mulherio, vinhedo...

[1] São escritos sempre com letra maiúscula. É válido dizer que alguns substantivos próprios passaram a comuns e vice-versa pelo processo de conversão (derivação imprópria). Por exemplo: "Você não é um **don-juan** de verdade; falta-lhe a languidez.". (Don Juan – personagem literário) > don-juan – galanteador, mulherengo) / "Um **havana** ao som de um

estradivário é simplesmente maravilhoso.”. (Havana – cidade cubana > havana – charuto cubano; Stradivarius – sobrenome de um músico que inventou um violino > estradivário – a marca dum violino; por extensão, o violino em si)

[2] Leia mais sobre os sufixos formadores de substantivos abstratos na definição de substantivos e perceba que a maioria dos substantivos abstratos derivam de verbos ou de adjetivos. Alguns professores, sabiamente, visando a um aprendizado mais didático, ensinam que os substantivos abstratos não apresentam “formas” de modo que se possa “desenhá-los”. Por exemplo, é possível desenhar a “melancolia, o iluminismo, a infidelidade” etc.? No caso de “beijo”, é possível desenhar um casal se beijando, mas o beijo, em si, é uma ação-resultado de tocar os lábios em alguém/algo de modo normalmente afetuoso. É por isso que alguns perceptivos gramáticos definem substantivo abstrato como aquele que depende de alguém para existir, pois não tem existência independente, ou seja, para haver “beijo”, é preciso alguém que o faça. Para fechar: podemos tornar advérbios e verbos em substantivos abstratos por meio de substantivação: “o bem, o mal, o saber, o despertar” etc.

Outra coisa extremamente importante (!): o substantivo **abstrato** pode se tornar **concreto** quando 1) ele é personificado no contexto (muitas vezes, tomando-o como entidade) ou 2) tem como referente um ser concreto. Veja os exemplos:

– *A **morte** do pai o deixou deprimido.* (Abstrato; estado)

– *A **Morte** vai te pegar, hoje, amanhã ou daqui a cinquenta anos.* (Concreto; entidade)

– *A **construção** do prédio foi concluída.* (Abstrato; ato de construir)

– *A **construção** ficou muito majestosa.* (Concreto; a coisa construída, o prédio)

– *A hora da **saída** me deixou ansioso.* (Abstrato; ato de sair)

– *Encontrou uma **saída** para escapar do incêndio.* (Concreto; lugar por onde se sai)

– *A **plantação** de maconha gera muito lucro para os traficantes.* (Abstrato; ato de plantar)

– *A polícia mandou queimar a **plantação** de maconha.* (Concreto; maconhal)

Essas mudanças implicam, inclusive, uma análise sintática diferente. Falarei sobre isso em “diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal”. Fique esperto! Segure a curiosidade.

[3] Os coletivos podem ser **específicos**, **não específicos** (este último é também chamado de coletivo **geral** ou **genérico**) ou **partitivos**. Entenda:

Os primeiros são aqueles que indicam uma só espécie de seres: **esquadrilha** (grupo de aviões de pequeno porte), **cordilheira** (grupo de montanhas), **cáfila** (grupo de camelos), **panapaná** (grupo de borboletas), **mobília** (grupo de móveis), **caravana** (grupo de viajantes), **tripulação** (grupo de marinheiros) etc.

Os segundos são aqueles que indicam mais de uma espécie de seres, acompanhados de expressão especificadora para tornar claro o coletivo: **bando** de ladrões, de vagabundos, de

aves...; **falange** de heróis, de paramilitares, de espíritos...; **junta** de credores, de médicos, de examinadores...; **rebanho** de bois, de ovelhas, de cavalos...; **molho** de chaves, de cravos, de ossos...; **cacho** de uvas, de bananas, margaridas...; **grupo** de estudantes, de empresas, de golfinhos...

Os terceiros são aqueles que indicam a parte de um todo (pessoas, animais ou coisas); também vêm especificados por uma expressão "de + alguma coisa": "parte, porção, metade, maioria, minoria". Sobre o coletivo geral e o partitivo é bom dizer que, na frase, se vierem como sujeito, o verbo pode concordar com eles ou com seus especificadores. Exemplo: "Um **grupo** de **alunos** **reclamou**/**reclamaram** da nota.". / "A **maioria** dos **alunos** não **reclamou**/**reclamaram** da nota.".

É bom dizer que o mesmo substantivo pode ter mais de uma classificação. Por exemplo, a palavra "árvore" é um substantivo comum, concreto, primitivo e simples. Uma classificação não exclui outra, ok?

Variação em Gênero

Na medida em que sabemos que o substantivo pode variar de forma, vejamos como isso pode ocorrer, de-ta-lha-da-men-te.

Os substantivos só podem ser masculinos ou femininos. Serão reconhecidos pela terminação (alun**o**/alun**a**; gênero biforme) ou pelo determinante (**o** atleta/**a** atleta; gênero uniforme).

Não confunda, porém, gênero com sexo. O conceito de gênero diz respeito a um aspecto da gramática. O conceito de sexo diz respeito a um aspecto fisiológico. Em outras palavras, a palavra **criança** é um substantivo feminino, pois os determinantes que se ligam a ela indicam isso: João é **uma criança linda**. Por outro lado, essa palavra se refere a um ser do sexo masculino, João, mas poderia se referir a um ser do sexo feminino, se fosse Maria. Não confunda gênero com sexo.

Tipos

Existe o substantivo **uniforme** (não muda de forma para indicar gêneros diferentes) e o **biforme** (muda de forma para indicar gêneros diferentes).

Vejamos primeiro o **gênero biforme**:

Masculino	Troca de Terminação	Feminino
filho, gato, lobo, menino	-o / **-a**	filha, gata, loba, menina
elefante, monge, presidente, gigante	-e / **-a**	elefanta*, monja, presidenta*, giganta
bacharel, oficial, cantor, imperador, freguês, camponês, polonês, juiz, aprendiz; **terminado em** vogal tônica (peru, guri)	-l, -r, -s, -z, -u, -i / **-a**	bacharela, oficiala, cantora, imperadora, freguesa, camponesa, polonesa (ou polaca), juíza, aprendiza (não usual); perua, guria
capitão, alemão, leão, dragão, folião, valentão[1]	-ão / **-ã**, **-oa**, **-ona**	capitã, alemã, leoa, dragoa, foliona, valentona
ateu, plebeu, europeu, pigmeu, hebreu[2]	-eu / **-eia**	ateia, plebeia, europeia, pigmeia, hebreia
ilhéu, tabaréu (exceção: réu)	-éu / **-oa**	ilhoa, tabaroa (exceção: ré)
diácono, poeta, abade, conde, príncipe, cônsul, embaixador, obstetra, ator, herói, czar	terminações diversas / **-isa**, **-essa**, **-esa**, **-triz**, **-ina** (considerados sufixos)	diaconisa, poetisa, abadessa, condessa, princesa, consulesa, embaixatriz (esposa do embaixador), obstetriz, atriz, heroína, czarina
avô, capiau, dom, galo, marajá, maestro, rapaz, perdigão, jabuti, pardal, diabo, silfo	casos excepcionais	avó, capioa, dona, galinha, marani, maestrina, rapariga, perdiz, jabota, pardoca (ou pardaloca), diaba (ou diabra, ou diáboa), sílfide
homem, cavaleiro, cavalheiro, frei, padrinho, boi, cavalo, zangão, peixe-boi, cupim	heteronímia (a palavra tem outro radical para indicar o sexo)	mulher, amazona, dama, sóror (ou soror), madrinha, vaca, égua, abelha, peixe-mulher, arará

* O VOLP registra a forma “elefoa” como feminino de elefante. A forma “aliá” é o feminino de elefante asiático. É bom dizer que nem todos os substantivos masculinos terminados em -

e apresentam correspondente feminino. Veremos isso em "gêneros uniformes".

* Há muita discussão desnecessária em cima da palavra presidenta e outras, pois as palavras terminadas em **-ente** (agente, vidente, regente...) são comuns de dois gêneros, mas a verdade é que o órgão oficial responsável por dizer qual grafia é correta na nossa língua é a ABL, mais especificamente o VOLP, o qual registra presidenta, almiranta, generala, marechala, coronela, capitã, sargenta, marinheira, aspiranta, soldada, infanta (mulher de infante), alfaiata, mestra, parenta, hóspeda etc. Já brigadeira, majora, tenenta, comandanta, chefa, (sub)oficiala e caba são formas inexistentes na língua, segundo o VOLP. Alguns gramáticos, como Sacconi e Bechara, e alguns dicionários, como o Aulete e o Michaelis, registram a forma (sub)oficiala. Bechara ainda observa bem que "na hierarquia militar, parece não haver uma regra generalizada para denominar as mulheres da profissão", isto é, arbitrariamente os militares ignoram o VOLP por força da tradição e entendem tais patentes como substantivos uniformes (comum de dois): "A sargento Luísa concedeu uma entrevista ao jornal." ou "O sargento Luís concedeu uma entrevista ao jornal.". Veremos mais sobre isso à frente, em "gênero uniforme".

[1] **Exceções**: barão > baronesa; cão > cadela; ladrão > ladra (o VOLP registra ladrona e ladroa); sultão > sultana; aldeão > aldeã ou aldeoa; anfitrião > anfitriã, anfitrioa; varão > varoa, virago, matrona; vilão > vilã, viloa.

[2] **Exceções**: judeu > judia; sandeu > sandia.

→Por favor, não erre mais questões em que os substantivos "milhão, bilhão, trilhão" etc. e "milhares" são colocados como femininos. Eles não são femininos! Exemplo: "**Duas milhões** de pessoas assistiram ao filme." (Errado) / **Dois milhões** de pessoas assistiram ao filme. (Certo). O **determinante** ficará no masculino, hein! Falarei mais sobre isso no capítulo de *Concordância*.

Para quem interessar possa, creio que isto que você vai ler muda algumas "coisinhas" (reflita!):

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

CASA CIVIL

SUBCHEFIA PARA ASSUNTOS JURÍDICOS

LEI Nº 12.605, DE 3 DE ABRIL DE 2012.

Determina o emprego obrigatório da flexão de gênero para nomear profissão ou grau em diplomas.

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º As instituições de ensino públicas e privadas expedirão diplomas e certificados com a flexão de gênero correspondente ao sexo da pessoa diplomada, ao designar a profissão e o

grau obtido.

Art. 2º As pessoas já diplomadas poderão requerer das instituições referidas no art. 1º a reemissão gratuita dos diplomas, com a devida correção, segundo regulamento do respectivo sistema de ensino.

Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 3 de abril de 2012; 191º da Independência e 124º da República.

DILMA ROUSSEFF

Aloizio Mercadante

Eleonora Menicucci de Oliveira

Confira:

http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/lei%2012.605-2012?OpenDocument

Eh... agora se dirá "Fulana de Tal é torneira-mecânica ou bombeira-hidráulica".

"Mudando de pato pra ganso"... voltemos ao que interessa...

Existem substantivos que apresentam apenas uma forma para se referir a ambos os sexos (masculino ou feminino). O substantivo **comum de dois gêneros** só se refere a pessoas e tem seu gênero e sexo indicado por determinantes (masculinos e femininos). O substantivo **sobrecomum** só se refere a pessoas e tem seu gênero indicado por um determinante apenas (ou masculino, ou feminino), que serve para ambos os sexos. O substantivo **epiceno** refere-se a animais e plantas e tem seu gênero indicado por determinantes (masculinos e femininos; o sexo é indicado pelos adjetivos "macho" e "fêmea").

Vejamos agora o **gênero uniforme**:

Comum de dois[1]	Sobrecomum[2]	Epiceno[3]
o Darci / a Darci	o cônjuge	o jacaré macho/fêmea
um dentista / uma dentista	o carrasco	a pulga macho/fêmea
meu gerente / minha gerente	o ídolo	o tigre macho/fêmea*
algum cliente / alguma cliente	o algoz	o musgo macho/fêmea
quantos jovens / quantas jovens	a vítima	o mamoeiro macho/fêmea
estes colegas / estas colegas	a criatura	o pinheiro macho/fêmea
dois agentes / duas agentes	a testemunha	a cobra macho/fêmea
diplomata sério / diplomata séria	a pessoa	a barata macho/fêmea

[1] Os substantivos terminados em **-ista** são comuns de dois gêneros. Curiosidade: o/a personagem, o/a modelo, o/a manequim, o/a sósia; tanto faz. Nas corporações militares, diz-se o/a militar, o/a sargento, o/a tenente etc., mas o cabo e o major (sobrecomuns).

[2] Em linguagem popular, ou por razões estilísticas, encontramos a carrasca, a ídola, a chefa... Não são formas da língua culta!
[3] Podemos indicar o sexo também da seguinte maneira: *o macho do* rouxinol / *a fêmea do* rouxinol. Ah! *Tigresa* é a fêmea do *tigre*, segundo o VOLP.
* Um gramático diz que tigresa está mais para adjetivo, e o "comédia" do Sacconi (desculpe revelar, é ele) ainda me diz que tigresa é... a Camila Pitanga. Quando li a primeira vez, não cri, mas ri muito!

Gêneros Confundíveis

Algumas palavras podem gerar confusão, não é? Por exemplo, é **o** champanha ou **a** champanha? É um substantivo masculino. O VOLP diz que o substantivo champanh**e** pode ser masculino ou feminino. Tanto faz. Eu vou me basear no VOLP para alistar os substantivos, pois ele é o veículo oficial responsável por dizer como deve ser a grafia das palavras. Vejamos alguns:

Masculinos

o aneurisma, **o** apêndice, **o** champanha, **o** clã, **o** dó, **o** eclipse, **o** eczema, **o** guaraná, **o** magma, **o** matiz, **o** plasma, **o** gengibre, **o** clarinete, **o** mármore, **o** formicida, **o** herpes, **o** magazine, **o** maracujá, **o** lança-perfume, **o** pernoite, **o** púbis, **o** telefonema, **o** alvará, **o** estratagema, **o** pampa, **o** soprano...

Obs.: Os nomes de letra de alfabeto também são masculinos: **o** a, **o** b, **o** c...

Femininos

a musse, **a** picape, **a** faringe, **a** cólera (ira), **a** bacanal, **a** grafite, **a** libido, **a** aguardente, **a** alface, **a** couve, **a** cal, **a** comichão, **a** derme, **a** dinamite, **a** ênfase, **a** entorse, **a** gênese, **a** omoplata, **a** sentinela, **a** mascote, **a** apendicite, **a** pane, **a** ferrugem, **a** matinê, **a** echarpe...

Masculinos ou Femininos

o/a diabete(s), **o/a** pijama, **o/a** tapa, **o/a** suéter, **o/a** laringe, **o/a** cólera (doença), **o/a** dengue (doença), **o/a** agravante, **o/a** cataplasma, **o/a** gênesis, **o/a** omelete, **o/a** xérox, **o/a** usucapião, **o/a** ágape, **o/a** componente, **o/a** hélice (usual no fem.), **o/a** ordenança, **o/a** avestruz, **o/a** gambá, **o/a** sabiá, **o/a** amálgama, **o/a** travesti...

Obs.: Para substantivos epicenos, pode-se dizer também "o sabiá macho/fêmea" ou "a sabiá macho/fêmea".

Nunca é demais dizer que alguns substantivos são ou podem ser considerados de um

determinado gênero a partir de uma palavra que vem subentendida entre o artigo e o substantivo. Veja alguns exemplos:

– ***O*** *(rio) Amazonas é enorme.*

– ***A*** *saudosa (cidade) Petrópolis me inspira.*

– *Ontem eu peguei* ***a*** *(avenida) Brasil engarrafada.*

– ***A*** *(banca) Cespe/UnB cria provas bem complexas*.*

– *Eu gosto d****o*** *(vinho) champanha e d****o*** *(charuto) havana.*

– ***O*** *(gato) angorá é um bicho curioso.*

– ***A*** *(rede) Globo exerce grande influência nas pessoas.*

* O gramático Luiz Antonio Sacconi é rígido no caso das siglas. Diz ele que o determinante deve concordar em gênero com a primeira palavra da sigla, logo, segundo tal lição, deveria ser "O Cespe/UnB cria provas bem complexas", pois o C de Cespe refere-se a Centro.

Mudança de Sentido

Dependendo do gênero do mesmo substantivo, pode haver mudança de sentido.

Feminino	Masculino
a cabeça (parte do corpo)	o cabeça (líder, chefe)
a capital (cidade)	o capital (dinheiro, bens)
a lotação (capacidade)	o lotação (automóvel)
a moral (valor, ética, conclusão)	o moral (ânimo, autoestima)
a rádio (estação)	o rádio (objeto)
a caixa (objeto)	o caixa (funcionário)
a cisma (desconfiança)	o cisma (separação)
a crisma (cerimônia católica)	o crisma (óleo santo)
a águia (animal)	o águia (pessoa esperta)
a cabra (animal)	o cabra (pessoa valente)
a grama (relva)	o grama (unidade de peso)
a banana (fruta)	o banana (pessoa covarde, palerma)

Questões relativas ao gênero dos substantivos são bem raras. Em concurso militar, até se encontram algumas, como esta:

35. (FAB – EAGS – Sargento da Aeronáutica – 2010) Observe:

José,____ testemunha, chegou ao tribunal com ____ sósia como acompanhante e também com ____ champanha embaixo do braço. Resolveu dar ____ telefonema surpreendente, ocasião em que tropeçou, obtendo ____ entorse no joelho.

Qual alternativa preenche correta e respectivamente as lacunas do texto acima?

a) o, o, o, um, uma
b) o, a, a, uma, um
c) a, o, o, um, uma (gabarito!)
d) a, a, a, uma, um

Recado final: Preciso dizer que existem mais 380.000 palavras na língua e que, consequentemente, haverá muitas curiosidades envolvendo muitas palavras? Logo, sempre consulte o VOLP e os dicionários consagrados para dirimir suas dúvidas sobre o gênero delas.

Agora vamos conhecer um pouco mais sobre **variação em número.** O plural dos substantivos compostos ainda é cobrado em provas, então fique atento às regras à frente.

Variação em Número

O substantivo varia no plural, pelo acréscimo de desinência de número (**-s**), a fim de indicar quantidade. Carros indica mais de um carro; mistos-quentes indica mais de um misto-quente. **Essa é a regra geral**!

Veja mais exemplos: casa > casas, pele > peles, saci > sacis, cipó > cipós, chapéu > chapéus, troféu > troféus, degrau > degraus etc.

Há, porém, outras maneiras de pluralizar um substantivo. Vejamos agora as regras para os substantivos **simples** (aqueles que têm apenas um radical) e, depois, para os substantivos **compostos** (aqueles que têm mais de um radical).

Regras dos Simples

Singular	Terminação	Plural
chão, vão, mão, grão (exceto cão e pão); órgão, sótão, bênção, acórdão	-ão / **-s** (monossílabos e paroxítonos)	chãos, vãos, mãos, grãos (cães e pães); órgãos, sótãos, bênçãos, acórdãos
cristão, cidadão, irmão, pagão, demão	-ão / **-s** (oxítonos)	cristãos, cidadãos, irmãos, pagãos, demãos
alemão, capelão, capitão, escrivão, sacristão, tabelião, catalão	-ão / **-es** (oxítonos)	alemães, capelães, capitães, escrivães, sacristães, tabeliães, catalães
leão, sabão, caixão, canhão, folião, estação, visão, razão, limão, nação	-ão / **-ões** (oxítonos) – a maioria se faz assim	leões, sabões, caixões, canhões, foliões, estações, visões, razões, limões, nações
anão, ancião, aldeão, artesão, corrimão, cirurgião, charlatão, ermitão, faisão, guardião, refrão, sacristão, verão, vilão, zangão	-ão / **-s**, **-es**, **-ões** (oxítonos) – mais de uma forma de plural	anãos/ões, anciãos/es/ões, aldeãos/es/ões, artesãos/ões*, corrimãos/ões, cirurgiães/ões, charlatães/ões, ermitãos/es/ões, faisães/ões, guardiães/ões, refrães/ões, sacristães/ões, verãos/ões, vilão/es/ões, zangãos/ões
canal, quintal, anel, carretel, álcool, farol, paul, Raul	-al, -el, -ol, -ul / **-is**[1]	canais, quintais, anéis, carretéis, álcoois (ou alcoóis), faróis, pauis, Rauis
perfil, funil, barril, fóssil, têxtil, míssil	-il / **-s** (oxítonos), **-eis** (paroxítonos)[2]	perfis, funis, barris, fósseis, têxteis, mísseis
bombom, fim, refém, totem, dom	-m / **-ns**	bombons, fins, reféns, totens (ou tótemes, plural de tóteme), dons
abdômen, hífen, pólen, nêutron	-n / **-s**, **-es**[3]	abdomens ou abdômenes, hifens ou hífenes, polens ou pólenes, neutrons ou nêutrones
hambúrguer, *caráter*, par, *sênior*, *júnior*	-r / **-es** (em alguns, há deslocação da tônica)	hambúrgueres, *caracteres*, pares, *seniores, juniores*
lilás, mês, revés, obus / (o) pires, atlas (grande), (nosso) ônibus, (excelente) ourives, (um) cais, (um) xis / fezes, núpcias, óculos, víveres, pêsames	-s / **-es** (monossílabos e oxítonos) / pluralizados pelo determinante / sempre pluralizados (por formação)	lilases (ou os lilás), meses, reveses, obuses / os pires, atlas grandes, nossos ônibus, excelentes ourives, dois cais, dois xis / aquelas fezes, as núpcias, *meus* óculos, aqueles víveres, nossos pêsames
(uma) xérox, (meu) tórax, (a) ônix, (poderosa) fênix; *fax, sax e box**	-x / pluralizados pelo determinante	três xérox, meus tórax, as ônix, poderosas fênix; *faxes, saxes e boxes* (alguns estudiosos abonam!)
gravidez, arroz, giz, raiz, paz	-z / **-es**	gravidezes, arrozes, gizes, raízes, pazes

* **artesões** só será plural de **artesão** quando for "enfeite de abóbada".
[1] **Exceções**: **aval** (avais, avales), **cal** (cais, cales), **cônsul** (cônsules), **fel** (féis, feles), **gol** (gois, goles, *gols* (esta é mais usual e reconhecida pelo VOLP), **mal** (males), **mel** (méis, meles), **mol** (móis, moles, mols).
[2] Cuidado com **réptil** e **projétil**, pois tais palavras também podem ser oxítonas (**reptil** e **projetil**), logo há dois plurais para cada: **reptis/répteis**; **projetis/projéteis**. O plural de **til** é **tiles** ou **tis**.
[3] O plural de **cânon** é **cânones**, e de **éden**, **edens**.
* Existem alguns substantivos terminados em **-x** que apresentam formas variantes terminadas em **-ce**; nesses casos, não variamos a forma terminada em **-x**, mas variamos a outra: o cálix ou o cálice > os cálix ou os cálices; o códex ou o códice > os códex ou os códices; o córtex ou o córtice > os córtex ou os córtices; o índex ou o índice > os índex ou os índices; a fênix ou a fênice > as fênix ou as fênices; o clímax ou o clímace > os clímax ou os clímaces etc. Ainda, por força da tradição, se recomenda que tais palavras não variem!

Veja mais!

Plural de substantivos no diminutivo (zinhos/zitos)

Coloca-se a palavra no plural, retira-se o **-s**, junta o sufixo e "voilà"!

– **balão** > balões > balõe + zinhos = **balõezinhos**
– **cão** > cães > cãe + zitos = **cãezitos**
– **flor** > flores > flore + zinhas = **florezinhas**
– **português** > portugueses > portuguese + zinhos = **portuguesezinhos**
– **paz** > pazes > paze + zinhas = **pazezinhas**

Plural de substantivos próprios, de palavras substantivadas, de letras e de siglas

Os **substantivos próprios** variam normalmente:

– *Os **Fernandos** e os **Joões** normalmente chamam a atenção de todos (para o bem ou para o mal): Fernando Collor de Mello, Fernandinho Beira-Mar, Fernando Henrique Cardoso, Fernando Pestana, São João, Dom João VI, Joãozinho Trinta etc.*

Obs.: Segundo o excepcional Carlos Rocha, "em relação aos nomes que referem organizações e instituições de diferente natureza (religiosa, política, desportiva) ou marcas comerciais, a pluralização indicia uma metonímia, em que se transfere a sua aplicação para os membros dessas organizações ou para os itens dessa mesma marca comercial. Assim, os 'Jeovás' é uma designação de tom depreciativo que designa os membros das Testemunhas de Jeová; os 'Nokias' são os celulares da marca Nokia".

As **palavras substantivadas** variam normalmente:

– *Aquela aluna passou na prova dos **noves**, com dois **oitos** consecutivos. Não houve um **isso** que a reprovássemos.*

Obs.: Os numerais terminados em **-s** (três) e em **-z** (dez) não se pluralizam. Bechara abona "dezes".

As "letras", no plural, se dobram ou se escrevem por extenso:

– *Temos de colocar os pingos nos **ii** ou nos **is**? Tanto faz! Coloca logo esses pingos!*

As siglas se pluralizam com um modesto **s** minúsculo ao fim:

– *Comprei vinte **DVDs** para presentear meus parentes e amigos.*

Plural do substantivo em núcleo de locução adjetiva

O substantivo é colocado no plural quando a expressão sugerir que há mais de um elemento dentro de um objeto, lugar ou grupo: caixa de **fósforos**, talão de **cheques**, loja de **brinquedos**, cesta de **frutas**, grupo de **alunos**, par de **luvas** etc.

No entanto, se tal ideia não for sugerida, o substantivo de fora da locução ficará no plural para indicar a ideia plural: **discos** de platina, **sócios** da empresa, **canecas** de vinho, **taças** de cristal, **papéis** de embrulho etc.

Plural metafônico

Alguns substantivos no plural têm sua pronúncia modificada, como é o caso de ovo (**ô**vo) > ovos (**ó**vos). Veja alguns que ficam com o timbre aberto no plural: miolo, choro, corvo, despojo, destroço, caroço, poço, posto, forno, corno, fosso, coro, esforço, imposto, jogo, olho, osso, porco, porto, rogo, socorro, troco...; infelizmente alguns pensam que é aberto o timbre dos substantivos dorsos, bolsos, cachorros, morros, rolos, rostos, sogros... mas não são.

Não se pluralizam certos substantivos

Existem substantivos chamados de **não contáveis**, pois não podem ser enumerados. Normalmente, denotam alguns metais e alguns produtos alimentícios. Os abstratos, entretanto, são a maior parte desses substantivos não pluralizáveis. Vejamos alguns: cobre, prata, ferro, aço, ouro, sumo, vinho, água, açúcar, leite, coragem, eletricidade, saudade, amor, liberdade, fogo, norte, leste, oeste, fé etc.

Em linguagem figurada, podem tais palavras variar. É interessante dizer que "amores" e "liberdades", conotam, respectivamente, "carinho" e "intimidade": "Como estão, meus amores?" e "Eu não te dou essas liberdades, hein!".

Substantivos no singular com sentido plural

Quando certos substantivos são tomados com sentido genérico, a ideia é plural. Veja:

*– Definitivamente, o **homem** (= homens) precisa respeitar a mulher.*
*– O **índio** (= os índios) foi, está e continuará sendo massacrado?*
*– Sem dúvida nenhuma, a **mulher** (= as mulheres) já conquistou seu espaço.*

Plural dos substantivos estrangeiros

Segundo Cegalla, "substantivos ainda não aportuguesados devem ser escritos como na língua original, acrescentando-se-lhes um **s** (exceto quando terminam em **s** ou **z**). Exemplos: os shorts, os dancings, os shows etc.".

Mudança de Sentido

Dependendo do número do mesmo substantivo, pode haver mudança de sentido.

Singular	Plural
ar (substância atmosférica)	ares (condição climática, aparência)
bem (virtude)	bens (propriedades)
costa (litoral)	costas (dorso)
pau (pedaço de madeira)	paus (baralho)
sentimento (sensibilidade)	sentimentos (pêsames)
vencimento (validade)	vencimentos (salário)
vergonha (humilhação)	vergonhas (órgão sexual)
féria (remuneração diária)	férias (descanso)
letra (símbolo gráfico)	letras (literaturas)
fogo (elemento)	fogos (de artifício)

Se não me esqueci de nada importante, vamos à **variação em grau** agora! Ah...! Sabia que estava me esquecendo de alguma coisa... Uma das partes mais relevantes para os concursos: **plural dos substantivos compostos**. Venha comigo!

Regras dos Compostos

Em condições normais de temperatura e pressão, os **substantivos**, os **adjetivos**, os **numerais** e os **pronomes** que fazem parte do substantivo composto variam em número. Veja:
*– Os **tenentes-coronéis** (subst. + subst.) foram convidados para a reunião.*
*– Estes **alunos-mestres** (subst. + subst.) desempenham bem o papel de professor.*
*– Comprei dois **cachorros-quentes** (subst. + adj.) bem saborosos naquela barraca.*
*– Ah, os **arrozes-doces** (subst. + adj.) da mamãe! Quanta saudade!*
*– Os **capitães-mores** (subst. + adj.) eram autoridades que comandavam certas milícias.*
*– Os **baixos-relevos** (adj. + subst.) são bastante utilizados na decoração arquitetônica.*
*– Todos os **gentis-homens** (adj. + subst.) são sedutores.*

*– Não tenho tratos com **maus-caracteres** (adj. + subst.), meu nobre!*
*– Convidaram os **surdos-mudos** (adj. + adj.) para o discurso em LIBRAS.*
*– Quem não odeia todas as **segundas-feiras** (num. + subst.)?*
*– Dentre os **primeiros-ministros** (num. + subst.) ingleses, Churchill marcou a história.*
*– Os **meios-fios** (num. + subst.) estão muito mal conservados.*
*– Os **seus-vizinhos** (pron. + subst.) ficam entre o dedo médio e o mínimo.*
*– Fizeram **poucos-casos** (pron. + subst.) dos rapazes.*

– Se o substantivo composto formado por **subst. + subst.** indicar adição, como se houvesse um **e** entre eles, ambos irão variar: tenente-coronel (tenentes-coronéis), tio-avô (tios-avôs), abelha-mestra (abelhas-mestras), padre-mestre (padres-mestres), traqueia-artéria (traqueias-artérias), comandante-chefe (comandantes-chefes) etc. Consulte o VOLP para ter certeza do plural de substantivos compostos desse tipo.
– Certos pronomes invariáveis mantêm sua invariabilidade: "Vocês são dois **joões-ninguém**." ou "Esquecemos os **cola-tudo** na loja!". Mas: "Não me importam os **tudos-nadas** (ou tudo-nadas).".
– Se o substantivo for invariável, também não varia no composto: "Foram comprados cinco **porta-lápis**, depois mais um **porta-lápis**".

Agora, em condições normais de temperatura e pressão, as demais classes gramaticais **não** variam em número (**verbo, advérbio, conjunção, preposição, interjeição**). Veja:
*– Aquelas **porta-bandeiras** (verbo + subst.) sabem o que é samba.*
*– Nunca se viram **beija-flores** (verbo + subst.) tão garbosos como esses.*
*– Vamos lutar para os **abaixo-assinados** (adv. + adj.) serem aceitos.*
*– Os **alto-falantes** (adv. + adj.) foram desligados*.*
*– Não confie nestas três **leva e traz** (verbo + conjunção + verbo; sem hífen).*
*– Seus **cães de guarda** (subst. + prep. + subst.) continuam bem ferozes.*
*– O padre fez os garotos rezarem mais de dez **ave-marias** (interj. + subst.).*

* Nesta palavra, **alto** é visto como advérbio pelos gramáticos, por isso não varia.
– Não me custa relembrar que o verbo **parar** perdeu o acento, inclusive nos substantivos compostos: "para-choque, para-brisa, para-lama" etc. Em **paraquedas** e seus derivados, houve perda do hífen. Fique esperto!

Como nem tudo são flores nesta vida, há certas regrinhas especiais para os substantivos compostos. Precisamos falar delas, meu nobre. Cuidado com algumas palavras que perderam

o hífen! Vejamos:

1) Os **não separados por hífen** seguem as regras dos substantivos simples:

– **fidalgos**, **madressilvas**, **pontapés**, **girassóis**, **mandachuvas**, **vaivéns**, **malmequeres** (mas: bem-me-quer > **bem-me-queres**, com hífen)

2) Se o **2º** substantivo **delimitar** o **1º** indicando semelhança/finalidade, normalmente, ambos os elementos poderão variar (é normal que só o 1º varie nas provas de concurso):

– **peixes**-espada(s), **papéis**-moeda(s), **homens**-rã(s), **bananas**-maçã(s), **pombos**-correio(s), **salários**-família(s), **públicos**-alvo(s), **navio**-escola(s), **bombas**-relógio(s), **banhos**-maria(s)...

Obs.: Na contramão do que dizem 99,99% dos gramáticos, o VOLP diz que o plural de **couve-flor** é duplo: **couves-flor** ou **couves-flores**. Para os 99,99%, o plural é um só: **couves-flores**. Segundo o VOLP, o plural de **lugar-tenente** é **lugares-tenentes**; para Bechara, é **lugar-tenentes**. O plural de **mestre-sala** só é **mestres-salas**, segundo o VOLP e os principais dicionários, como o Aulete, o Houaiss etc. Tomara que essa "bagunça" não caia na prova! Vai dar M.

3) Se o substantivo composto estiver formado por **substantivo + preposição + substantivo**, só o 1º irá variar:

– **pés** de moleque, **mulas** sem cabeça, **comandantes** em chefe, **pores** do sol, **bolas** ao cesto, **calcanhares** de aquiles, **pais** dos burros, **bichos** de sete cabeças, **rosas** dos ventos, **mestres** de cerimônias etc.

Cuidado!!!

– As últimas quatro palavras já apresentam, no singular, o último elemento pluralizado por natureza: pai dos burros, bicho de sete cabeças, rosa dos ventos, mestre de cerimônias. Não obstante, aplica-se a regra: só o 1º elemento varia no plural.

– **Fora da lei** é invariável, pois fora é advérbio; pluraliza-se pelo determinante: "**Os fora da lei** foram presos.".

– Em **cavalo-vapor**, só o primeiro elemento varia (**cavalos-vapor**), pois está implícita a preposição **a** (cavalos **a** vapor).

– Mantêm o hífen os compostos relativos a espécies botânicas e zoológicas e certas exceções, no entanto nada muda quanto à pluralização: **pimentas-do-reino**, **copos-de-leite**, **galinhas-d'angola**, **abelhas-da-europa**, **águas-de-colônia**, **arcos-da-velha**, **cores-de-rosa** (quando cor-de-rosa é adjetivo composto, não varia). O substantivo louva-a-deus (inseto) só varia pelo determinante: **os louva-a-deus**, pois louva é verbo e não substantivo.

– A palavra **grão de bico/grão-de-bico** é interessante, pois a primeira grafia é a "pastinha" preparada com a semente; a segunda grafia é a semente (espécie botânica).O plural não muda: **grãos de bico** ou **grãos-de-bico.**

4) Os elementos abreviados **grã-**, **grão-**, **bel-, dom-, são-** são invariáveis; o outro elemento varia normalmente:

– **grã**-duquesas, **grã**-cruzes, **grão**-mestres, **grão**-priores, **bel**-prazeres, **bel**-valenses, **dom**-juanescos, **dom**-rodrigos, **são**-beneditenses, **são**-bernardos...

5) Se o substantivo indicar **origem**, só o 2º irá variar:

– nova-**iorquinos**, afro-**brasileiros**, ítalo-**americanos**, anglo-**americanos**, afro-**asiáticos**...

6) Em substantivos compostos por **verbos iguais**, ambos podem variar (em prova de concurso, é normal só o 2º variar):

– corre(s)-**corres**, ruge(s)-**ruges**, pega(s)-**pegas**, pisca(s)-**piscas**... mas: lambe-**lambes**.

7) Em substantivos formados por **onomatopeias**, só o último elemento varia:

– tique-**taques**, pingue-**pongues**, bangue-**bangues**, reco-**recos**, bem-te-**vis**...

8) Em substantivos compostos formados por **frases substantivadas**, não haverá pluralização de nenhum elemento; só o determinante indicará o plural:

– **as** maria vai com as outras, **os** bumba meu boi, **as** leva e traz, **os** entra e sai, **os** disse me disse, **os** chove não molha, **as** comigo-ninguém-pode (espécie botânica é com hífen).

Obs.: Segundo alguns gramáticos, como Bechara, os substantivos compostos formados por verbos de significação oposta não variam, por isso "leva e traz, perde-ganha, vai-volta, pega-larga" só se pluralizam pelo determinante: os leva e traz, os perde-ganha, os vai-volta, os pega-larga.

9) Se o substantivo composto estiver formado por **guarda** (verbo) + **substantivo**, só o 2º elemento irá variar; se **guarda** (subst.) + **adjetivo**, ambos variam:

– guarda-**chuvas**, guarda-**roupas**, guarda-**cartuchos**...; **guardas-civis**, **guardas-noturnos, guardas-florestais**...

Obs.: Segundo o VOLP, o plural de **guarda-marinha** é triplo: **guardas**-marinha, guarda-**marinhas** ou **guardas-marinhas**.

10) Alguns casos especiais: os arco-íris (os arcos-íris, segundo o VOLP), os sem-terra, os sem-teto, os sem-dinheiro, os sem-sal, os sem-vergonha (tais vocábulos não pluralizam, pois são adjetivos compostos substantivados), os mapas-múndi, claros-escuro(s), xeques-mate(s), padre(s)-nossos, salvo(s)-condutos, mal-estares, bem-estares, micos-leão-

dourados ou micos-leões-dourados, todo-poderosos (Todo-poderoso – invariável, Deus).

Obs.: O substantivo **toda-poderosa** não existe, a forma culta é **todo-poderosa**: "Fulana é a todo-poderosa da empresa.". Substantivo composto formado por prefixo, como **vice-campeão**, não deveria se encaixar na regra dos "compostos", pois prefixo forma palavra "derivada", não "composta". Deixando a crítica de lado, saiba que os prefixos não variam nunca, logo **vice-campeões** é o plural correto.

Curiosidade final:

ABL RESPONDE

Pergunta: Bom dia. Parece bobeira o que vou perguntar, mas elucidem de uma vez por todas, como se escreve aquela posição em que o jogador de futebol fica na lateral direita (com hífen ou sem hífen)? Por quê? E a jogadora (termo feminino) que fica nessa posição, como se chama, lateral-direita? Agradeço desde já os esclarecimentos.

Resposta: Prezado, há divergências entre dicionários quanto à grafia desta palavra [o Dicionário Aulete a considera assim: lateral-direito(a), lateral-esquerdo(a)] ou locução [o Dicionário Houaiss a trata assim: lateral direito(a), lateral esquerdo(a)]. O VOLP não considera como termo composto nem como locução, traz apenas a forma lateral. Enquanto não há um consenso, sugerimos obediência ao VOLP, isto é, o substantivo lateral acompanhado do adjetivo conveniente que poderá ser direito ou esquerdo.

Variação em Grau

De acordo com José R. Macambira, "toda palavra variável que aceita os sufixos **-inho** e **-ão**, correspondentes a **pequeno** e **grande**, pertence à classe dos substantivos: casa > casinha > casa pequena; casa > casarão > casa grande.

"Mas, enfim, o que é variação em grau?" O substantivo varia em grau quando exprime sua dimensão aumentada ou diminuída, a depender do uso de adjetivos e sufixos ligados a ele.

Existem dois graus dos substantivos: **aumentativo** (analítico e sintético) e **diminutivo** (analítico e sintético). A forma analítica se dá por meio do uso de adjetivos que aumentam ou diminuem o tamanho (ou intensidade) normal que exprime um substantivo. Já a forma sintética se dá, normalmente, por meio do uso de sufixos. É por isso que não se pode falar em flexão em grau dos substantivos, mas sim derivação, pois na gradação se usam afixos.

Aumentativo

Forma analítica (adjetivos): **celular** grande, **computador** enorme, **espaço** imenso, **engarrafamento** monstro, **festa** colossal, **obra** gigantesca, **luta** apoteótica, **sucesso** tremendo, **ritmo** vertiginoso, **previsão** incrível, **atrasos** homéricos etc.

Forma sintética (sufixos):

–**aço(a)**: barcaça, louraça, morenaço
–**alho(a)**: muralha, gentalha, politicalho
–**alhão**: grandalhão, facalhão
–**ama**: poeirama, dinheirama
–**anzil**: corpanzil
–**(z)ão**: lobão, caldeirão, apertão, bofetão, calorão, bonzão, amarelão, azulão...
–**arra**: bocarra, bicarra
–**astro**: poetrasto, politicastro
–**arraz**: fatacaz, pratarraz
–**ázio**: copázio, balázio
–**az**: lobaz, cabronaz
–**aréu**: fogaréu, povaréu
–**eima**: guloseima, boleima
–**ento**: farturento, corpulento
–**eirão**: vozeirão, chapeirão
–**ola**: beiçola
–**orra**: cabeçorra, cachaporra
–**uço(a)**: dentuça, dentuço
–**udo**: pançudo, maçudo

–**zarrão**: homenzarrão, canzarrão

Obs.: Muitos substantivos são formados por prefixação ou composição: maxissaia, maxidesvalorização, supermercado, hiperalimentação, supradivino, ultrassensível, megagrife etc.

Diminutivo

Forma analítica (adjetivos): **televisão** pequena, **cadeira** pequenina, **sala** minúscula, **estoque** ínfimo, **jardim** diminuto, **apoucado** recurso etc.

Forma Sintética (sufixos):

– **acho(a)**: riacho, fogacho
– **ebre**: casebre
– **eco(a)**: jornaleco, soneca, padreco
– **ela**: viela, rodela, ruela
– **(z)elho(a)**: fedelho, rapazelho
– **ejo**: lugarejo, vilarejo
– **ete**: artiguete, boquete, falsete
– **eto(a)**: saleta, boceta, folheto
– **ilha**: cartilha, esquadrilha
– **icho(a)**: cornicho, barbicha
– **(z)ito(a)**: Manuelito, cãozito, cabrita
– **ino(a)**: pequenina, violino
– **im**: espadim, flautim
– **(z)inho**: colherzinha (ou colherinha), florzinha (ou florinha),
– **isco**: asterisco, chuvisco
– **oca**: engenhoca, bitoca
– **ote(a)**: filhote, serrote, velhote
– **ola**: rapazola, fazendola, portinhola
– **usco(a)**: chamusco
– **ucho(a)**: gorducho, papelucho

Estes são **eruditos** (normalmente de origem latina):

– **ículo(a)**: cubículo, gotícula
– **ulo(a)**: glóbulo, grânulo
– **únculo(a)**: questiúncula, molécula
– **úsculo(a)**: corpúsculo, opúsculo

Obs.: Muitos substantivos são formados por composição: minissaia, minibiblioteca, minidicionário etc.

Formas Estilísticas

Formas estilísticas de grau dos substantivos são aquelas que fogem à ideia normal de grau, acrescentando sentidos extras a eles. Normalmente encontramos tais formas em registros mais informais e literários.

Os sufixos aumentativos (normalmente **-ão**) e diminutivos (normalmente **-(z)inho**) podem apresentar outras ideias, além de grandeza e pequenez. Carinho, afeto, admiração, ironia, desprezo, depreciação, vergonha e intensidade são valores que vêm embutidos em muitos substantivos, a depender do contexto. Veja:

– *Ok,* ***sabichão*** *e* ***sabichona****, vocês nunca erram.* (ironia)
– *Aquele homem não passa de um* ***padreco****!* (depreciação)
– *Nossa! Que* ***carrão****!* (admiração)
– ***Gatinha****, como faço para você fazer ronrom?* (afeto, carinho)
– *Aquele* ***timinho*** *só tem* ***mauricinho****.* (desprezo, deboche)
– *Não dou moral alguma para* ***gentalha****.* (desprezo)
– *Bebeu demais e fez um* ***papelão****.* (vergonha)
– *Eu te amo, meu* ***paizão***! (carinho, afeto)
– ***Amorzinho****, cala essa tua boquinha agora.* (ironia)
– ***Amorzinho****, que* ***boquinha*** *linda você tem.* (afeto, carinho)
– *Não leio* ***livrecos****; odeio literatura de massa.* (desprezo, depreciação)
– *Incrível! Estou para ver um* ***golaço*** *como este.* (admiração)
– *Amanda sempre foi um* ***mulherão****, mas agora está uma* ***mulheraça****!* (admiração)
– *Não tomo minha* ***cervejinha*** *com esse* ***frangote****.* (afeto/desprezo)
– *Enfim, comprei um* ***zerinho****! Que carro!* (intensidade)

Muito interessante isso, não? O que é mais interessante ainda é que tais sufixos, principalmente **-inho** e **-ão** (como em certa propaganda do "cervejão"), se fixam a adjetivos, pronomes, numerais, advérbios etc., porque têm enorme vitalidade na língua. Veja:

– *Ela é* ***lindinha****! Que nada, é* ***lindona****!* (adjetivo)
– *"Poxa, professor, mostra uma questão para mim..." "****Nenhuminha****!"*(pronome)
– ***Essazinha*** *não vale o que come...* (pronome)
– *Quero só um beijo,* ***unzinho*** *só.* (numeral)
– *Caramba, ele fala* ***rapidão****!* (advérbio)

Alguns **hipocorísticos** (qualquer palavra de forte valor afetivo, usado no trato familiar, que

representa uma simplificação ou modificação do nome) são criados com sufixos: Chiquinho, Nandinho, Xandão etc.

Obs.: Preciso dar este exemplo, ou não vou conseguir dormir. Eu (Pestana) tenho um amigo que é muito baixinho, quase do meu tamanho, e se chama Carlos. Por ironia, apelidaram-no de Carlão. Todo mundo passou a chamar o cara de Carlão. Pronto. Depois de um tempo... o sufixo **-ão** passou a fazer parte do radical, perdendo a ideia de grau (e de ironia). Os mais íntimos, sem trocadilhos, só o chamam hoje de Carlão**zinho**, por carinho, afetividade. Note que o sufixo diminutivo se ligou ao agora radical "Carlão". Eis a língua portuguesa... derivação em cima de derivação... Você deve ter um amigo que passou por esse "processo", não?

Outra forma estilística de grau se dá por meio da repetição da palavra ligada pela preposição **de**: "Danton Pedro dos Santos é o **mestre dos mestres**!". Ou como na Bíblia: "Jesus é o **Rei dos reis** e **Senhor dos senhores**!".

É bom dizer que alguns substantivos já perderam a ideia de grau: fogão, sapatão, cartão, cartaz, caixão, portão, caldeirão, colchão, calção, papelão, cartilha, calcinha, corpete, pastilha, folhinha (calendário), lingueta, cavalete, (o) lanterninha, (o) bandeirinha, sombrinha.

Hoje, você, eu e todo mundo dizemos assim: "Não deixe de fechar o **portãozinho** lá fora, por favor.". Percebe que o radical da palavra é **portão** (portão + zinho = portãozinho)? É isso aí. O **-ão**, um dia, fez parte do radical, mas, com o passar do tempo, tornou-se parte dele. "Muuuuuito" interessante, não é? Ou só eu que gosto dessas maluquices?

Veja agora uma questão sobre o valor estilístico do sufixo **-inho**:

5. (NCE/UFRJ – UFRJ – Técnico em Farmácia – 2009) "...vive pertinho do céu"; o valor do diminutivo no vocábulo sublinhado se repete em:
   a) A favela é um lugarzinho bonito;
   b) Os barracõezinhos das favelas cariocas são coloridos;
   c) A subida para os morros está coberta de papeizinhos;
   d) A polícia chegou rapidinho ao morro; (é um advérbio intensificado pelo sufixo)
   e) A lourinha ganhou o concurso de beleza.

A opção D é o gabarito, pois o sufixo **-inho**, quando ligado a adjetivos ou advérbios, indica intensidade. Rapidinho e pertinho equivalem a muito rápido e muito perto. Em a), o substantivo lugarzinho parece ter valor afetivo. Em b), idem. Agora, note o processo: barraco > barracão > barracõezinhos. Interessante! Em c), é papel pequeno. Em e), há um valor afetivo no substantivo.

Valor Discursivo

Se você nunca ouviu falar em **valor discursivo** de uma classe gramatical, é a hora!

Quando alguém produz um texto, na fala ou na escrita, ele está discursando. Dependendo da "intencionalidade discursiva", podemos perceber a função, o objetivo, o propósito da escolha das classes gramaticais na construção de um texto.

O substantivo tem o papel de nomear, certo? Mas, na construção do discurso, dependendo da intenção do produtor do texto na sua relação com seu interlocutor, o substantivo pode nomear de modo neutro ou de modo engajado.

Por exemplo, há uma diferença quando dizemos "Havia dois tipos de político naquela época: o ético e o antiético. O **antiético** não merecia nosso voto." para quando dizemos "Havia dois tipos de político naquela época: o ético e o antiético. O **canalha** não merecia nosso voto.". Percebe que a escolha do substantivo, em ambos os casos, revela a intenção do locutor do texto? Na primeira frase, usa-se o substantivo de modo neutro, sem engajamento, o que certamente não ocorre na segunda frase.

Portanto, os substantivos têm um papel não só nomeador, mas também revelador (por parte de quem o seleciona). A escolha do substantivo em um texto é realmente importante para indicar a verdadeira intenção de quem o produz.

Agora, mais do que isso, o substantivo tem um papel superimportante na **coesão textual**.

Muitas vezes, evita-se a repetição de um substantivo substituindo-o por outro substantivo (1) sinônimo, (2) homônimo, (3) hiperônimo ou (4) acompanhado de pronome demonstrativo. Tais vocábulos são **referenciadores**, pois fazem referência a um substantivo. Veja este texto:

"Gosto muito do **Flamengo**, mas **esse Flamengo** (4) de hoje vem me cansando. Saber que o **Mengão** (1) está em má fase provoca em mim uma revolta muito grande, pois meu grande **time** (3) é sinônimo de tradição e talento."

Ficou claro que o substantivo Flamengo foi substituído por outros para evitar a repetição e, assim, dar continuidade ao texto de maneira polida e clara?

Alguns **substantivos** podem ser usados com objetivo **resumitivo**. Por exemplo: "A mãe e o pai discutiam com a filha frequentemente por causa do namorado dela. O **imbróglio** se devia ao mau-caráter do rapaz.".

O substantivo **imbróglio** resume todo o período anterior. Interessante, não?

Em textos maiores, obviamente, encontramos mais referenciadores. Esta é a **função textual** de que tanto se fala hoje em dia nas provas, isto é, dentro do texto, qual é a função de uma palavra? No caso dos substantivos, adjetivos, artigos, pronomes, numerais e advérbios, a função é (trocando em miúdos) "fazer referência a palavras, substituir palavras para evitar a repetição".

Fiquemos por aqui! Falarei mais sobre isso no capítulo de *Coesão e Coerência*. Ah, nem

doeu, não é? Molezinha!

O Que Cai Mais na Prova?

De tudo que pode ser trabalhado em substantivo, fica claro que as bancas insistem em trabalhar **plural dos substantivos compostos**, portanto este é o filé! Em provas de nível fundamental preparadas por bancas de pouca expressão, cobram-se, normalmente, as classificações, o gênero e a quantidade de substantivos em um trecho.

Questões de Concursos

Mantive a ortografia não atual em questões antigas. Boa resolução!

1. (MPE-RJ (NCE) – Corregedoria Geral da Justiça/RJ – 1998) "Consistem meramente de demarcações..."; o vocábulo demarcação tem seu plural corretamente formado no texto. O item abaixo em que há um vocábulo cuja forma plural é unanimemente considerada como equivocada é:
   a) escrivães – tabeliães – cidadãos;
   b) aldeãos – aldeões – aldeães;
   c) artesãos – camaleões – vulcões;
   d) artesões – corrimãos – verões;
   e) guardiões – guardiães – charlatãos.

2. (FGV – SPTRANS – Especialista em Transporte – 2001) Os substantivos "prancheta, lobaz, muralha, nódulo" estão, respectivamente, nos graus:
   a) aumentativo, aumentativo, diminutivo, aumentativo;
   b) diminutivo, diminutivo, aumentativo, aumentativo;
   c) diminutivo, aumentativo, aumentativo, diminutivo;
   d) aumentativo, diminutivo, diminutivo, aumentativo.

3. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) "...por que passam milhões de crianças brasileiras..."; observe as formas abaixo:
   I. as milhões de crianças brasileiras.
   II. os milhões de crianças brasileiras.
   III. as milhares de crianças brasileiras.
   IV. os milhares de crianças brasileiras.
   As formas corretas são somente:
   a) I – II;
   b) I – III;
   c) II – IV;
   d) III – IV;
   e) I – II – III – IV.

4. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) Os vocábulos mão-de-obra, infanto-juvenil e bolsa-escola apresentam como formas plurais adequadas:
   a) mãos-de-obras / infanto-juvenis / bolsas-escolas;
   b) mãos-de-obra / infanto-juvenis / bolsas-escola;
   c) mão-de-obras / infantos-juvenis / bolsas-escolas;
   d) mão-de-obras / infantos-juvenis / bolsas-escola;
   e) mãos-de-obra / infantos-juvenis / bolsas-escola.

5. (NCE/UFRJ – MPE/RJ – Secretário de Procuradoria – 2002) A frase em que a substituição do verbo pelo substantivo cognato correspondente é feita de forma INCORRETA é:
   a) "Compreender como usar nossa força para superar nossa fraqueza..." – A compreensão de como usar nossa força para a superação de nossa fraqueza.
   b) "Estão prontas para crescer quando assegurarmos as condições para diminuir os juros e para simplificar os tributos." – Estão prontas para o crescimento quando assegurarmos as condições para a diminuição dos juros e para a simplicidade dos tributos.
   c) "E nossos bancos, entre os mais eficientes do mundo, têm tudo para mudar de ramo, passando a financiar a produção."

– E nossos bancos, entre os mais eficientes do mundo, têm tudo para a mudança de ramo, passando ao financiamento da produção.

d) "Nossas instituições ainda não estão organizadas para apoiar esse impulso construtivo." – Nossas instituições ainda não estão organizadas para o apoiamento desse impulso construtivo.

e) "...dá sinais de optar por ideal pequeno-burguês." – dá sinais de opção por ideal pequeno-burguês.

6. (FCC – TRT (20R) – Técnico Judiciário – 2002) Assinale a frase em que o plural do substantivo composto está INCORRETO:
   a) Os brasileiros não são cucas-frescas, como se pensa.
   b) Esses são pontos-chave para evitar o nervosismo.
   c) São coletes salvam-vidas contra os fatores de stress.
   d) Os chefes são geralmente todo-poderosos no serviço.
   e) As causas de sofrimento não são simples lugares-comuns.

7. (FCC – TRT (5R) – Auxiliar Judiciário – 2003) Na época em que alguns trabalhadores recebiam suas ..... não existiam os ..... .
   a) meia-tigelas – vale-refeições;
   b) meia-tigelas – valem-refeição;
   c) meias-tigelas – vales-refeições;
   d) meias-tigelas – valem-refeições;
   e) meias-tigela – vales-refeição.

8. (Cesgranrio – BNDES – Advogado – 2004) No título do artigo "A tal da demanda social", a classe de palavra de "tal" é:
   a) pronome;
   b) adjetivo;
   c) advérbio;
   d) substantivo;
   e) preposição.

9. (Cesgranrio – MPE/RO – Analista de Sistemas – 2005) Dentre os plurais dos nomes compostos, o único flexionado de modo adequado é:
   a) guarda-chuvas;
   b) olhos azuis-turquezas;
   c) escolas-modelos;
   d) surdo-mudos;
   e) pores-dos-sóis.

10. (FCC – TRT/MS (24R) – Auxiliar Judiciário – 2006) O município de Bonito é exemplo de preservação de suas belezas naturais, com ..... de visão magnífica, verdadeiros ..... .
    a) quedas d'água – cartões-postal;
    b) quedas d'água – cartões-postais;
    c) queda d'águas – cartões-postais;
    d) quedas d'água – cartão-postais;
    e) queda d'águas – cartão-postais.

11. (FCC – TRT (24R) – Técnico Judiciário – 2006) A forma correta de plural dos substantivos compostos *mico-leão-dourado* e *ararinha-azul* é:
    a) micos-leão-dourados e ararinhas-azul;
    b) micos-leão-dourado e ararinha-azuis;
    c) mico-leões-dourados e ararinha-azuis;
    d) mico-leão-dourados e ararinhas-azul;
    e) micos-leões-dourados e ararinhas-azuis.

O **ser** *humano não pode ser definido em relação a ele mesmo, porque não é um sujeito isolado, vive em relação com as coisas, com os outros e com o mundo, mesmo antes de* **pensar** *e de falar. Esta presença não é somente observável como também um fato vivido, isto é, quer dizer que o ser humano se manifesta no* **ser** *a cada instante. Nessa responsabilidade, inclui, às vezes, o eu e, às vezes, o outro, num equilíbrio que se faz de uma parte entre poder* **cuidar** *de si mesmo e, de outra, poder cuidar dos demais. Através dessa construção coletiva, os homens fazem e criam sua história e, nessa construção-criação, o cuidado torna-se um processo, não apenas um ato. Ato este que*

envolve o **cuidar** *de si e do outro, mais o cuidado como possibilidade de continuidade da espécie, gozar a vida com qualidade e com liberdade.*

12. (Esaf – CGU – Analista de Finanças – 2006) Assinale o termo sublinhado do texto que apresenta ambivalência, ou seja, para conferir coerência ao texto, tanto pode receber a interpretação de substantivação do verbo quanto a interpretação de substantivo concreto.
    a) "ser".
    b) "pensar".
    c) "ser".
    d) "cuidar".
    e) "cuidar".

13. (NCE/UFRJ – Eletrobras – Letras (Espanhol) – 2007) O vocábulo *telefonema* pertence ao gênero masculino, como mostra o texto. A alternativa abaixo que mostra um substantivo do gênero feminino é:
    a) champanha / clã;
    b) mármore / guaraná;
    c) apetite / suéter;
    d) pijama / saca-rolhas;
    e) milhar / cal.

14. (Instituto Ludus – CRO – Auxiliar de Serviços Gerais – 2008) Quantos substantivos há no período "Um anjo de asas azuis, todo vestido de luz, sussurrou-lhe num segredo os mistérios de outra vida"?
    a) seis.
    b) cinco.
    c) quatro.
    d) sete.
    e) três.

Fragmento de texto

O soldado e o marinheiro permutaram bofetadas, mais ou menos teóricas, numa esquina de minha rua por causa da namorada comum, que devia chamar-se Marlene. O ***duelo*** *durou vinte minutos, e cinquenta pessoas assistiram. (...)*

15. (Cespe – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2008) Acerca dos sentidos e dos elementos de coesão e de referenciação presentes no texto, julgue (C ou E) os itens subsequentes.
    – O substantivo "duelo" resume, com certa dose de ironia, o episódio narrado no primeiro período do texto.
    ( ) CERTO
    ( ) ERRADO

16. (Cesgranrio – Casa da Moeda – Advogado – 2009) Há três substantivos em:
    a) "... com sérias dificuldades financeiras.";
    b) "... não conseguiu prever nem a crise econômica atual.";
    c) "... vai tornar inúteis arquivos e bibliotecas).";
    d) "... precisa da confirmação e do endosso do 'impresso'";
    e) "Muitos dos *blogs* e *sites* mais influentes...".

O efeito da supervalorização cambial sobre a indústria atinge muito mais fortemente os níveis da produção e do emprego que os demais setores. ***Essa*** *é uma* ***situação que*** *precisa ser repensada. É claro que não se trata de um* ***problema*** *simples, que se resolva com providências rápidas, pois exige medidas que às vezes podem ser classificadas como heterodoxas. (...)*

17. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) (Adaptada) Julgue a alternativa a seguir como correta ou incorreta a respeito do uso das estruturas linguísticas no texto.
    I. Nas relações de coesão, a ideia explicitada na primeira oração do texto é várias vezes retomada: apontada pelo pronome "Essa", resumida por "situação", referida pelo pronome "que" e substituída pelo termo "problema".

18. (FCC – TRE/RS – Técnico Judiciário – 2010) Considerada a flexão, a frase que está em total concordância com o padrão culto escrito é:
    a) Os tabeliões reúnem-se sempre às quinta-feiras.
    b) Nos últimos botas-foras, houve grande confusão, pois a agência de turismo não reteu os que não possuíam ingresso.
    c) Na delegacia, não tinha ainda reavido os documentos que perdera, quando entrou o rapaz considerado a testemunha

mais importante de famoso crime.

d) Se não se conterem roubos de obras-primas, gerações futuras serão privadas de grandes realizações do espírito humano.

e) Os lusos-africanos ostentavam no braço fitinhas verde-amarela.

19. (Consulplan – Advogado – 2010) *"Que emigrado da roça não sentiu uma indefinível estranheza e talvez um secreto <u>mal-estar</u> a primeira vez..."*

Assinale a alternativa que faz o plural da mesma forma que a palavra sublinhada anteriormente:

a) guarda-civil;
b) amor-perfeito;
c) guarda-roupa;
d) obra-prima;
e) pombo-correio.

Leia o poema de Paulo Leminski

via sem saída
via bem

via aqui
via além
não via o trem

via sem saída
via tudo
não via a vida

via tudo que havia
não via a vida
a vida havia

20. (MP-SP – Analista de Promotoria I (Assistente Social) – 2011) Considere as afirmações que seguem.

I. A palavra via aparece no poema tanto como substantivo quanto como verbo.
II. O verbo via encontra-se no pretérito imperfeito do indicativo.

Está correto o que se afirma em:

a) somente I;
b) somente II;
c) I e II;
d) nenhuma.

21. (Consulplan – Carreira Univ. (Analista Administrativo) – 2011) *"[...] que foi moldada, durante anos, pela <u>ação</u> dos ventos e da água."* Se pluralizarmos o vocábulo em destaque obteremos a forma "ações". A alternativa que contém um vocábulo que admite duas formas de plural é:

a) construção;
b) verão;
c) cidadão;
d) especulação;
e) região.

22. (MP/PE – Penum (Estágo Nível Universitário) – 2011) O plural de cidadão, pastelzinho e paul é:

a) cidadões, pasteisinhos, pauls;
b) cidadãos, pasteisinhos, pauis;
c) cidadãos, pasteizinhos, pauis;
d) cidadãos, pasteizinhos, pauls;
e) cidadãos, pasteisinhos, pauis.

23. (MP/PE – Penum (Estágo Nível Universitário) – 2011) Os compostos estão corretamente pluralizados em:

a) pés-de-moleques, guarda-roupas, ex-diretores;
b) grão-duques, bananas-maçã, piscas-piscas;
c) pés-de-moleque, bananas-maçã, canetas-tinteiro;
d) pés-de-moleques, canetas tinteiros, tique-taques;

e) pés-de-cabras, pores do sol, porta-bandeiras.

24. (FCC – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2011) A palavra destacada que está empregada corretamente é:
a) Diante de tantos abaixos-assinados, teve de acatar a solicitação.
b) Considerando os incontestáveis contra-argumento, reconheceu a falha do projeto.
c) Ele é um dos mais antigos tabeliões deste cartório.
d) Os guardas-costas do artista foram agressivos com os jornalistas.
e) Os funcionários da manutenção já instalaram os corrimãos.

25. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Adm. e Controle Jr. – 2011) A flexão de número dos substantivos está correta em:
a) florezinhas – troféis;
b) salário-famílias – coraçãozinhos;
c) os vaivéns – anães;
d) paisezinhos – beija-flores;
e) limãos – abdômenes.

26. (Cesgranrio – FINEP – Analista Jurídica – 2011) A formação do plural da palavra **cartão-postal** é a mesma que ocorre em:
a) abaixo-assinado;
b) alto-falante;
c) porta-voz;
d) cavalo-vapor;
e) guarda-civil.

27. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011)Quanto à formação do plural de substantivos compostos, algumas normas devem ser observadas. O grupo de palavras compostas que seguem a mesma regra de flexão de número de **lugares-comuns** é:
a) obra-prima, navio-petroleiro, água-marinha;
b) amor-próprio, vice-presidente, beija-flor;
c) salário-mínimo, cartão-postal, sempre-viva;
d) segunda-feira, bate-boca, tenente-coronel;
e) vitória-régia, amor-perfeito, abaixo-assinado.

28. (Cespe/ UnB – Correios – Agente de Correios – 2011) No que se refere à estrutura gramatical do texto, assinale a opção correta.
a) O vocábulo "cidadão" apresenta duas formas corretas de plural: cidadãos e cidadões.
( ) CERTO
( ) ERRADO

29. (BIORIO – Pref. Mesquita/RJ – Agente Administrativo – 2012) Dado o período "A verdade é **que nunca fui muito bom de memória**.", a oração destacada exerce a mesma função de um:
a) adjetivo;
b) advérbio de lugar;
c) advérbio de modo;
d) substantivo;
e) advérbio de intensidade.

30. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) (adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Se Freud tivesse se referido a mais de um sentimento, o padrão culto escrito exigiria, no plural, a forma "os mal-estar".

31. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Contabilidade Júnior – 2012) A respeito da formação do plural dos substantivos compostos, quando os termos componentes se ligam por hífen, podem ser flexionados os dois termos ou apenas um deles. O substantivo composto que **NÃO** apresenta flexão de número como **matéria-prima** é:
a) água-benta;
b) batalha-naval;
c) bate-bola;
d) batata-doce;
e) obra-prima.

32. (CEPERJ – Degase – Técnico de Suporte e Comunicação – 2012) O plural dos nomes terminados em ão pode se fazer de

maneiras diferentes. Das palavras abaixo, retiradas do texto, a única que não possui, no plural, a mesma terminação que "prestações" é:
a) televisão;
b) mão;
c) produção;
d) organização;
e) conclusão.

33. (Funcab – Pref. Búzios/RJ – Administrador – 2012) O uso das formas sintéticas do diminutivo em "A NEGRINHA, contida na sua expectativa, olha a garrafa de Coca-Cola e o PRATINHO que o garçom deixou à sua frente.", no contexto, tem conotação:
a) afetiva;
b) depreciativa;
c) pejorativa;
d) objetiva;
e) negativa.

"O menino Joaquim Barbosa nunca se acomodou àquilo que o destino parecia lhe reservar. Filho de um pedreiro, cresceu ouvindo dos adultos que nas festas de aniversário de famílias mais abastadas deveria ficar sempre no fundo do salão. (...)"

34. (Fundação Sousândrade – Pref. Estreito/MA – Supervisor Escolar – 2012) Sobre as relações coesivas que estabeleçam no texto, o termo "O menino Joaquim Barbosa", do primeiro período, é retomado no segundo por um(a):
a) expressão sinonímica;
b) pronome relativo;
c) expressão nominal;
d) pronome oblíquo;
e) advérbio intensificador.

35. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Complete as lacunas com **o** ou **a** e, a seguir, assinale a alternativa com a sequência de substantivos masculino, feminino, masculino.
a) __ eclipse, __ dinamite, __ derme;
b) __ magma, __libido, __ pernoite;
c) __ aneurisma, __fonema, __ clã;
d) __ pane, __ ênfase, __ dó.

36. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Em qual alternativa não é possível identificar se o ser ao qual o substantivo em destaque se refere é masculino ou feminino?
a) A **agente** de turismo me garantiu que o hotel é excelente.
b) A **cliente** reclamou do péssimo atendimento ao gerente do banco.
c) O público aplaudiu muito a **intérprete** quando o espetáculo terminou.
d) Depois de várias ameaças anônimas, a **testemunha** passou a receber proteção policial.

Gabarito

1. E.	9. A.	17. CORRETO.	25. D.	33. A.
2. C.	10. B.	18. C.	26. E.	34. C.
3. C.	11. E.	19. C.	27. A.	35. B.
4. B.	12. C.	20. C.	28. Errado.	36. D.
5. B.	13. E.	21. B.	29. D.	
6. C.	14. A.	22. C.	30. INCORRETO.	
7. C.	15. CERTO.	23. C.	31. C.	
8. A.	16. D.	24. E.	32. B.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 8

Adjetivo

Definição

Do ponto de vista semântico, o adjetivo é um caracterizador, um modificador de sentido.

A vida sem adjetivo é impossível, pois, quando queremos descrever ou expor um ponto de vista sobre algo, usamos nada mais, nada menos que ad-je-ti-vos. Por exemplo, se alguém pede que você descreva a bandeira do Brasil, o que você irá dizer? "Ah, ela é **verde**, **amarela** e **azul**, basicamente." Beleza. Agora, se alguém pergunta a sua opinião sobre o estilo dela, o que você irá dizer? "Bem, eu acho a bandeira muito **bonita**, com simbolismos bem **sugestivos**." Percebeu os adjetivos que você usou? Os três primeiros foram adjetivos de caráter objetivo; os dois últimos, de caráter subjetivo. De qualquer modo, adjetivos precisam ser usados para entendermos melhor ainda o mundo à nossa volta, certo?

Do ponto de vista morfológico, normalmente o adjetivo varia em gênero, número e grau. Como você pôde perceber, os adjetivos destacados mudaram de gênero, número e/ou grau: **amarela**, (muito) **bonita**, (bem) **sugestivos**. Ele varia em grau normalmente pelo uso de advérbios de intensidade. Veremos melhor isso à frente. Ah! Vale também perceber os sufixos formadores de adjetivos no capítulo de estrutura de palavras, pois, quanto mais soubermos sobre eles, com mais facilidade identificaremos esta classe.

Do ponto de vista sintático, o adjetivo só exerce duas funções sintáticas na frase: **adjunto adnominal** ou **predicativo (do sujeito ou do objeto)**.

O adjetivo e a locução adjetiva têm função sintática de adjunto adnominal quando vêm dentro do sintagma nominal (se necessário, reveja este conceito na parte de definição do substantivo), mas, quando têm função de predicativo, vêm fora do sintagma nominal. Exemplificando para você entender logo: em "Aquela casa amarela é suntuosa", **amarela** funciona como adjunto adnominal, pois faz parte do sintagma nominal "Aquela casa amarela"; já **suntuosa** funciona como predicativo, pois está fora do sintagma.

Falando a língua do concurseiro menos experiente, aqui vai um "bizu": se você puder retirar o adjetivo da frase sem mudança substancial de sentido, normalmente ele terá função de adjunto adnominal. Veja estas duas frases: "Nós achamos a língua portuguesa **difícil.**" e "Preciso estudar esta matéria **difícil.**". Qual **difícil** pode sair da jogada? Claro que é o segundo, logo o adjetivo tem função de adjunto.

Agora grave isto: as classes gramaticais modificadas por um ***adjetivo*** são o **substantivo** (normalmente), o **pronome**, o **numeral**, **qualquer palavra de valor substantivo** (verbo no infinitivo, por exemplo) e até uma **oração substantiva**. Veja:

– ***Rocha Lima*** *e* ***Celso Cunha*** *eram* ***excelentes***.

– ***Eles*** *eram* ***excelentes***.

– *Os **dois** eram **excelentes**.*[1]
– ***Viver** é **excelente**.*
– *Acho **excelente** **resolver exercícios de Português**.*[2]

Cuidado!!!
[1] Apesar de não ser aula de substantivo nem de numeral, preciso explicar um detalhe: qualquer numeral só fica substantivado pelo artigo ou outro determinante quando está implícita a palavra "numeral" antes dele: "O **dois** indica quantidade correspondente a uma unidade mais uma". Agora, sim, é um substantivo.
[2] Substitua a oração "resolver exercícios de Português" por um substantivo (ou pelo pronome demonstrativo **isto**) e perceba mais facilmente o adjetivo: "Acho ***excelente** **a resolução** de exercícios de Português***". O que eu acho ***excelente***? Resposta: "a resolução de exercícios de Português". Ou: "Acho ***excelente** **isto*** (ou seja, 'resolver exercícios de Português')". Está claro que o adjetivo modifica a oração substantiva.
Inclusive, isso apareceu em questão de prova elaborada pela banca Consulplan (TSE/Técnico Judiciário/2012). Nela, o adjetivo ***bobagem*** modifica uma oração. Veja: "... ofereça ao presenteado algo de que ele goste, mas acha ***bobagem** **comprar***...". O presenteado acha ***isto/a compra** **bobagem***. Percebeu? Muito boa a questão! Falarei mais sobre isso no capítulo 19, em *Predicativo do Objeto*.

Para entendermos bem todas essas definições de adjetivo, vamos analisar por último esta frase:

Meus alunos conseguiram conquistar as vagas *concorridíssimas* no ano passado.

Note, por exemplo, que a palavra ***concorridíssimas:***

1) **caracteriza/modifica** uma palavra: ***concorridíssimas*** caracteriza *vagas;*
2) **variou** de forma (feminino, plural, superlativo): *"... as vagas **concorridíssimas**";*
3) é **núcleo** do adjunto adnominal; note que o adjetivo, como determinante que é, vem dentro do sintagma nominal "as vagas ***concorridíssimas***".

Tudo bem até agora, não é? Beleza...

Para fechar: Certamente você já ouviu falar em orações subordinadas adjetivas, não é? Então, elas são chamadas assim porque têm valor de adjetivo. Note que tanto o adjetivo quanto a oração adjetiva caracterizam um substantivo (indivíduos):
– *Os indivíduos **praianos** são felizes. / Os indivíduos **que residem na praia** são felizes.*

Isso já foi questão de prova, meu nobre!

Veremos isso com mais detalhes só no capítulo 23, de *Orações Subordinadas Adjetivas*, ok? Coloque sua curiosidade na coleira!

Identificação e Adjetivação

Algumas questões exigem do candidato o conhecimento básico de identificação de adjetivos. Mas como diferenciá-los das demais classes gramaticais, como substantivos ou advérbios?

Identificação

O adjetivo é uma palavra caracterizadora que modifica normalmente um substantivo, por isso, diante de uma frase, você deve notar qual palavra está atribuindo uma característica ao substantivo; muito possivelmente ela será um adjetivo. Há outros determinantes, é claro, como os artigos, os pronomes e os numerais (que não podem ser confundidos com um adjetivo, convenhamos!). Veja os adjetivos no texto *Paratodos*, de Chico Buarque:

> O meu pai era ***paulista***
> Meu avô, ***pernambucano***
> O meu bisavô, ***mineiro***
> Meu tataravô, ***baiano***
> Meu maestro ***soberano***
> Foi Antonio Brasileiro
> (...)
>
> Vou na estrada há muitos anos
> Sou um artista ***brasileiro***

Perceba que os adjetivos modificam, respectivamente, os substantivos "pai, avô, bisavô, tataravô, maestro e artista".

"Pestana, e Brasileiro? Não é adjetivo? Está modificando o substantivo Antonio, ora!" Meu nobre, note que "Brasileiro" está escrito com letra maiúscula, faz parte do nome do cara, é um sobre**nome**, logo é um **nome**ador, um... subs-tan-ti-vo. O segundo "brasileiro" (com letra minúscula), este, sim, está modificando, como um caracterizador, como um adjetivo de verdade, o substantivo "artista". Ok? Ah! A essa altura do campeonato, não é novidade para ninguém que o adjetivo pode virar substantivo, certo? Tudo depende do contexto... Fique esperto!

Note também que somente os dois últimos adjetivos exercem função sintática de adjunto adnominal, pois fazem parte dos seguintes sintagmas nominais: "Meu maestro **soberano**" e "um artista **brasileiro**". Os demais adjetivos estão **fora** do sintagma (ou separados pelo verbo **ser** ou por **vírgula**), por isso são adjetivos com função de predicativo. Não se desespere com essas funções sintáticas. Preciso mencioná-las agora para que você, digamos assim, comece a pegar intimidade...

Obs.: Meus dedos coçam para escrever o que vou escrever agora: "Pelo amor de Deus, grave isto: o adjetivo pode caracterizar uma oração inteira!". Eu sei que já falei isso, mas eu preciso reiterar. Em frases formadas por "ser + adjetivo + oração substantiva", o adjetivo que caracteriza a oração substantiva nunca varia de forma. Veja: "É ***válido*** *que as pessoas estudem muito.*". Note que o adjetivo "válido" caracteriza a oração "que as pessoas estudem muito" (= *Isto* é ***válido***). Agora posso dormir tranquilo. Essa você não erra mais no dia da prova!

Ainda acho que vale a pena comentar que alguns adjetivos não são físicos ou materiais. Muitos adjetivos descritivos podem apresentar um viés psicológico. Por exemplo, na primeira estrofe do poema *Retrato*, de Cecília Meireles, os adjetivos nele presentes descrevem as características **físicas** (magro) e **psicológicas** (calmo, triste, vazios, amargo...) do rosto, dos olhos e do lábio relacionadas ao envelhecimento percebido pelo eu-lírico:

Eu não tinha este rosto de hoje,
assim ***calmo****, assim* ***triste****, assim* ***magro****,*
nem estes olhos tão ***vazios****, nem o lábio* ***amargo****.*

Interessante, não?

Adjetivação

Há dois conceitos de adjetivação: 1) presença de muitos adjetivos em um texto ou 2) transformação de um substantivo em adjetivo.

Por exemplo, no texto que você acabou de ler, do Chico, ocorre adjetivação, ou seja, uso excessivo de adjetivos por razões estilísticas. Quando, por exemplo, dizemos assim: "Acho a minha namorada **linda**, **sedosa**, **cheirosa**, **gostosa**, **voluptuosa**, **quente**...", o propósito do excesso de adjetivos é o realce, a ênfase! Não confunda esse tipo de adjetivação com estruturas do tipo **adjetivo + adjetivo + substantivo** ***(novos*** *falsos picassos),* ou **adjetivo + substantivo + adjetivo** ***(pobre*** *menina rica),* ou **substantivo + adjetivo + adjetivo** *(físico nuclear* ***brasileiro****),* ou **adjetivo + substantivo + adjetivo + adjetivo** ***(atual*** *indústria naval japonesa)*. Nessas estruturas, há um adjetivo (negritado) modificando um substantivo que já havia sido modificado por um adjetivo ou mais (sublinhado).

Obs.: Há estruturas em que um **substantivo** é caracterizado por um **adjetivo** (1), por uma **locução adjetiva** (2) e por uma **oração adjetiva** (3) ao mesmo tempo. Veja: "O **inusitado** (1) **pouso que se espera suave** (3) **da economia norte-americana** (2) continua sendo pontuado por turbulências e temores.".

Fique atento no uso de adjetivos, pois, segundo o *Manual de Redação e Estilo*, por Eduardo Martins, "O texto noticioso (notícia, texto jornalístico) deve limitar-se aos adjetivos que definam um fato (*noticioso, pessoal, vizinho, próximo, sulino* etc.), evitando aqueles que envolvam avaliação ou encerrem carga elevada de subjetividade (*evidente, imponderável, belo, bom, ótimo, inteligente, infinito* etc.). Mesmo nas matérias opinativas, em que o autor tem maior necessidade de recorrer aos adjetivos, a parcimônia é boa conselheira. O jornalista pode sempre **mostrar** que um temporal foi *devastador* e um incêndio foi *violento*. Ou que uma peça constitui *retumbante* fracasso. Tudo isso sem poluir seu texto com dezenas de qualificativos.".

Interessante, não?

O que mais nos deve interessar para a prova, porém, é a transformação de um <u>substantivo</u> em <u>adjetivo</u>. Note estas frases:

– *Seu jeito **moleque** atrai as mulheres mais novas.*

– *Esta blusa **laranja** lembra a da seleção de futebol da Holanda.*

– *É preferível ter um cachorro **amigo** a um amigo **cachorro**.*

– *É muito **verdade** o que ele nos disse.*

– *David é muito **homem**!*

Em condições normais, os termos destacados não são caracterizadores (adjetivos) mas nomeadores (substantivos). No entanto... <u>nessas frases em itálico</u>... o papel deles é caracterizar, por isso se tornam **adjetivos**. Isso também é "adjetivação". Perceba que, nos dois últimos exemplos, os nomes verdade e homem estão sendo modificados por um advérbio (muito), logo se tornaram adjetivos. Está claro?

Obs.: Não confunda **mudança de classe gramatical** com **homônimos perfeitos**. Na questão a seguir, a palavra "exemplares" tem o mesmo som, a mesma grafia, mas tem classes gramaticais e sentidos diferentes, por isso são homônimas perfeitas. Neste caso, não podemos falar em mudança de classe gramatical motivada pelo contexto.

23. (FAB – EEAR – Sargento – 1/2003 a) Leia com atenção:

I. Os alunos homenageados tiveram comportamentos <u>exemplares</u>.

II. O autor terá diferentes <u>exemplares</u> de sua obra analisados pela editora.

III. As pedras eram realmente lindas! Jamais tais <u>exemplares</u> haviam sido vistos por alguém.

Nas frases acima, temos adjetivo em:

a) I e II.

c) III apenas.

b) I, II e III.

d) I apenas. (gabarito!)

Recurso de Nominalização

No caso dos adjetivos, a nominalização se dá pela transformação de orações subordinadas adjetivas em meros adjetivos. Veja alguns exemplos:

– *O aluno* ***que é inteligente*** *passou na prova.*

– *O aluno* ***inteligente*** *passou na prova.*

– *Comprei para a minha frota dois carros* ***que estavam novíssimos****.*

– *Comprei para a minha frota dois carros muito* ***novos****.*

Note nesses exemplos que houve uma redução no número de verbos, tornando a leitura mais concisa. Simples assim.

Classificação

Existem tipos de adjetivo que precisam ser estudados. Vejamos!

Tipo	Definição	Exemplo
Simples	Apresenta apenas um radical.	visão **social**, visão **econômica**
Composto	Apresenta mais de um radical.	visão **socioeconômica**
Primitivo	Não apresenta afixos.	sorriso **amarelo**
Derivado	Apresenta afixos.	sorriso **amarelado**
Restritivo[1]	Acrescenta um sentido não inerente ao ser.	carro **azul**, homem **feliz**, leite **quente**
Explicativo[2]	Apresenta um sentido inerente, próprio do ser.	carro **motorizado**, homem **mortal**, leite **branco**
Pátrio/Gentílico[3]	Refere-se a continentes, países, cidades, regiões (pátrio), raças e povos (gentílico), indicando a origem.	polaco, americano, afegão, mineiro, fluminense, panamenho, inglês, londrino, santista, vietnamita, espanhol, indígena, negro, branco...

[1] Tome cuidado com os adjetivos **restritivos**, pois a presença ou a ausência de algum sinal de pontuação (vírgula, travessão ou parênteses) pode mudar seu sentido:

– *O homem **feliz** entrou no bar e anunciou a todos seu casamento.*

– *O homem, **feliz**, entrou no bar e anunciou a todos seu casamento.*

Na primeira frase, não estamos falando de qualquer homem, mas do homem que é feliz por natureza, isto é, a felicidade é sua característica natural; na segunda, ele estava momentaneamente tomado de felicidade quando entrou no bar.

Reitero que, dependendo do uso da pontuação, principalmente das vírgulas, o sentido pode mudar: "O atleta **ansioso** não conseguiu concluir seu trabalho." / "O atleta, **ansioso**, não conseguiu concluir seu trabalho." "**Ansioso**, o atleta não conseguiu concluir seu trabalho." Percebeu a diferença? Na primeira frase, o atleta é inerentemente ansioso. Na segunda e na terceira, o atleta estava temporariamente ansioso.

[2] O adjetivo **explicativo** é sempre separado por pontuação (vírgula, travessão ou parênteses), pois informa sempre uma característica inerente e própria do ser, de modo que tal ser não pode ter seu sentido restringido. Em outras palavras, não faz sentido dizer "O homem **mortal** age muitas vezes como imortal", pois, sem estar separado por sinal de pontuação, o adjetivo dá a entender que existe algum homem não mortal. Isso não tem cabimento, uma vez que todo homem é mortal. Logo, a frase deve ser redigida assim: "O homem, mortal, age muitas vezes como imortal." Outro exemplo: "A gasolina inflamável é poluente." Meu Deus, que gasolina no mundo não é inflamável?! Logo, a frase deve ser reescrita assim: "A gasolina, inflamável, é poluente".

[3] A junção de dois ou mais adjetivos pátrios é feita pela união do menor adjetivo (com forma latina) ao maior: mulher **latino-americana**, arte **euro-americana**, língua **indo-europeia** etc.

Se os adjetivos tiverem o mesmo número de sílabas, orienta-se seguir a ordem alfabética: acordo **anglo-francês**. Não vou me ocupar de expor uma lista sobre isso, pois os concursos não mais querem saber do adjetivo correspondente a quem mora em Jerusalém, por exemplo. Ficou na curiosidade? Beleza... quem mora em Jerusalém é hierosolimita ou hierosolimitano. Bizarro, mas verdade verdadeira!

Não perca o tópico *Valor Discursivo e Estilístico*, mais à frente. Estou ansioso... por você! É porque, de tudo o que vem caindo ultimamente em prova sobre adjetivos, isso tem sido "a menina dos olhos" das bancas. Calma, daqui a pouco a gente chega lá.

Locução Adjetiva

A **locução adjetiva** é um grupo de vocábulos com valor de adjetivo formado por **preposição/locução prepositiva + substantivo/advérbio/pronome/verbo/numeral**.

Tal expressão **frequentemente** se liga a um substantivo:

briguinha **à toa**, pizza **a lenha** (ou à lenha), TV **em cores**, casa **sobre rodas**, homem **sem coragem**, vida **com limites**, caso **entre políticos**, coisa **sem pé nem cabeça**, viagem **ao redor do mundo**, chuva **em torno da casa**, mulher **em frente a mim**, jornal **de anteontem**, programa **de sempre**, notícia **de hoje**, curso **daqui**, casa **dela**, máquina **de lavar**, mulher **para casar**, dinheiro **das duas**...

Mas pode também se ligar a um pronome (ou locução pronominal) ou a um numeral:

as (= aquelas) ***da sala 1***, os (= aqueles) ***do Brasil***, todo o mundo ***do bairro***, os dois **sem graça**... Eles são ***sem caráter***, O copo era ***de cristal***, O menino ficou ***com fome*** este tempo todo?

Como se viu **nos três últimos exemplos**, a locução adjetiva nem sempre vem dentro do sintagma nominal, pode vir fora também; neste caso, terá função de predicativo.

Cuidado!!!

1) A maioria das locuções adjetivas podem ser substituídas por adjetivos correspondentes. Lembre-se: a maioria!

Ex.: homem **sem coragem** (medroso); amor **com limites** (limitado), povo **do Brasil** (brasileiro); mas: muro **de concreto** (concretal?), livro **do Pestana** (pestaneiro?), pessoa **sem graça** (desgraçada?).

2) Algumas locuções adjetivas são substituídas por adjetivos eruditos (de origem latina); nesse caso, estarão subentendidas expressões, como: "referente a", "relativo a", "semelhante a", "próprio de".

Ex.: cor **ígnea** (referente ao fogo), parte **setentrional** (relativo ao norte), nariz **aquilino** (semelhante ao bico da águia), comportamento **pueril/infantil** (próprio de criança). <u>Outros adjetivos eruditos</u>: ebúrneo (de marfim), argênteo (de prata), discente (relativo a aluno), docente (relativo a professor), pluvial (relativo a chuva), fluvial (relativo a rio), estival (de verão).

3) Não confunda **locução adjetiva** com locução adverbial.

– *Vi uma menina **em Minas Gerais***. (lugar onde se viu; locução adverbial)

– *Vi uma menina **de Minas Gerais***. (origem, procedência – mineira; locução adjetiva)

4) Não confunda **locução adjetiva** com **pseudolocução adjetiva**, que nada mais é que uma **preposição + um substantivo**. A locução adjetiva normalmente tem valor possessivo e/ou agente, mas a falsa locução (**prep. + subst.**) tem valor passivo ou especificador. Este

"bizuzinho" tem a ver com a diferença entre estas funções sintáticas: complemento nominal, aposto e adjunto adnominal.

– *Em criança, via a minha prima trocar de roupa pela pequena abertura* ***da porta****.* (ideia de posse; locução adjetiva)

– *Aquela abertura* ***de conta*** *no banco vai me ajudar bastante.* (a conta foi aberta; valor passivo; prep. + subst.)

– *O mês* ***de maio*** *é o mês* ***das mães****.* (especificando o mês – maio –, logo prep. + subst.; mês materno, ideia de posse, locução adjetiva)

5) Ainda na "vibe" da 4, cuidado com estruturas ambíguas, como "A reforma **da universidade** custou caro", em que não se sabe se a universidade praticou a ação de reformar (agente; locução adjetiva) ou se a universidade sofreu a ação de ser reformada (paciente; prep. + subst.).

6) Pode uma locução adjetiva modificar uma **oração inteira**.

– *Vocês julgam* ***sem importância*** *estudar por meio de videoaulas?* (A locução "sem importância" está ligada à oração "estudar por meio de videoaulas".)

Variação em Gênero

Existe o adjetivo **uniforme** (não muda de forma para indicar gêneros diferentes) e o **biforme** (muda de forma para indicar gêneros diferentes).

Vejamos primeiro o **gênero biforme**:

Masculino	Troca de Terminação	Feminino
lindo, saboroso, macio...	-o / **-a**	linda, saborosa (timbre aberto), macia...
ateu, europeu, galileu, saduceu, pigmeu, cananeu... *judeu, sandeu* (exceção)	-eu / **-eia**	ateia, europeia, galileia, saduceia, pigmeia, cananeia... *judia, sandia*
ilhéu, tabaréu...	-éu / **-oa**	ilhoa, tabaroa
mau, nu, francês, espanhol, jogador, *motor, trabalhador* (exceção)...[1]	-u, ês, -ol, -or / **-a**	má, nua, francesa, espanhola, jogadora... *motriz/motora, trabalhadora/trabalhadeira...*
vão, chorão... *ladrão* (exceção)	-ão / **-ã**, **-ona**	vã, chorona... ladra, ladroa, ladrona

[1] **<u>São invariáveis</u>**: hindu, anterior, posterior, inferior, superior*, interior, multicor, incolor, sensabor, melhor, pior, maior, menor etc.; é polêmico o plural de cortês, montês e pedrês, pois, para Celso Cunha, são invariáveis; para os dicionaristas, como Aulete, não. Polêmicas... sempre elas... ainda bem que isso é muito raro em prova.

* Superiora: substantivo que significa "freira que coordena as atividades de um convento"; chamada de priora, prioresa ou abadessa também. Pode-se usar como adjetivo: "madre **superiora**".

Os adjetivos de **gênero uniforme** são os terminados em **-a**, **-e**, **-l** (exceto **-ol**), **-m**, **-r**, **-s**, **-z**: agrícola, excelente, cruel, útil, ruim (exceção: bom > boa), exemplar, simples, capaz (exceção: andaluz > andaluza)...

Nos **adjetivos compostos**, só o **último elemento** varia: atividade lúdico-instrutiv<u>a</u>, bandeira verde-amarel<u>a</u>, literatura anglo-american<u>a</u>. Exceção: surdo-mudo > surda-muda e claro-escuro > clara-escura.

Variação em Número

O adjetivo varia de acordo com o substantivo ou qualquer outra daquelas classes.

Regra dos Simples

O adjetivo simples varia com o termo a que se refere (normalmente substantivo).

– *Herdei casas **extraordinárias** e carros **luxuosos**.*

– *Comi maçãs pela manhã e pela tarde. Elas são realmente **saborosas**.*

– *Gostei dos tons **lilases** usados na sala, ficou bem suave.*

Obs.: Qualquer substantivo usado como adjetivo fica **invariável**: reuniões **relâmpago**, homens **monstro**, moleques **piranha**, vestidos **laranja**, ternos **cinza**, blusas **creme**, calças **rosa**, tintas **salmão**, escovas **chocolate**, paredes **gelo,** tons **pastel**... exceto nos três primeiros, note que a expressão "cor de" está implícita. "Lilás" é o único substantivo usado como adjetivo que pode variar: **lilases**. Existe a forma variante "lilá" (você sabia?), cujo plural é "lilás". Nunca se sabe quando precisaremos dessa informação...

O que vou falar agora é trabalhado muito em questão de concordância, por isso vale a pena reiterar que, quando o adjetivo modificar uma oração substantiva, ficará no masculino singular. Veja:

– *Naquela ocasião, considerou-se muito **digno** que a documentação fosse assinada.* (O adjetivo *digno* modifica a oração substantiva "que a documentação fosse assinada".)

Regra dos Compostos

O **adjetivo composto** apresenta algumas regrinhas.

1) A regra geral é: varia-se apenas o <u>último elemento</u> do adjetivo composto, concordando com o termo de valor substantivo ao qual se refere, em gênero e número:

– *As intervenções médico-**cirúrgicas** foram um sucesso!*

– *Aquelas canecas **vermelho-claras** e **vermelho-escuras** já foram vendidas.*

– *Foram feitos acordos **afro-brasilo-lusitanos**.*

2) Se algum elemento do adjetivo composto for um substantivo, todo o adjetivo composto ficará <u>invariável</u>:

– *Eram blusas **verde-garrafa** que ele queria.*

– *Estes cordões **amarelo-ouro** vão chamar atenção, ainda mais sobre os camisões **marrom-café**...*

– *Prefira ternos **cinza-escuro**... mais sóbrios.*

– *Nossas fantasias* ***verde e rosa*** *fizeram sucesso.*

3) Os adjetivos compostos ***surdo(a/s)-mudo(a/s), pele(s)-vermelha(s)*** **e** ***claro(a/s)-escuro(a/s)*** são exceções. Variam ambos os elementos.

4) São <u>invariáveis</u> sempre: azul-marinho, azul-celeste, furta-cor, ultravioleta, sem-sal, sem-terra, verde-musgo, cor-de-rosa, zero-quilômetro etc.; a maioria dos gramáticos, como Napoleão M. de Almeida e Luiz A. Sacconi, diz que "infravermelho" varia.

Variação em Grau

Dizer que um adjetivo varia em grau significa dizer que, em algumas construções, ele terá seu **valor intensificado** – normalmente por um advérbio ou por um sufixo. Existem duas situações em que o adjetivo pode variar em grau: em uma estrutura de **comparação** ou em uma de **superlativação**.

Grau Comparativo

Compara-se uma qualidade, ou qualificação, entre dois seres ou duas qualidades de um mesmo ser. Há três tipos, com *construções peculiares* a elas:

- de **igualdade** (tão... quanto/como): Português é *tão* ***divertido*** *quanto* (ou como) Matemática.
- de **superioridade** (mais... (do) que): Português é *mais* ***divertido*** (do) *que* Matemática.
- de **inferioridade** (menos... (do) que): Português é *menos* ***divertido*** (do) *que* Matemática.

Ignorando a piada do *divertido*, perceba que o adjetivo destacado está sendo intensificado pelos advérbios *tão*, *mais* e *menos*. Já a ideia de comparação é marcada pelas conjunções *quanto* (ou *como*) e *que* (ou *do que* – o elemento *do* é facultativo).

Não me custa alertar que, quando se diz: "João é mais estudioso que Maria", deve-se entender que Maria é estudiosa também, mas não tanto quanto João. Tudo bem?

Mera curiosidade: Se negarmos as frases acima, o sentido mudará, mas a classificação não: "Português não é tão divertido quanto Matemática." (Matemática é mais divertido que Português.), "Português não é mais divertido que Matemática." (Matemática é mais divertido que Português.) etc. Tais construções não são analisadas pelos gramáticos tradicionais, logo a chance de isso cair em prova é 0,00000000000000000000000000001%!!!

Cuidado!!!

1) Os adjetivos **bom, mau/ruim, grande, pequeno** só têm formas sintéticas (**melhor, pior, maior, menor**) no grau comparativo de superioridade; veja:

– *Português é* ***mais bom*** *que Matemática.* (Errado!)

– *Português é* ***melhor*** *que Matemática.* (Ah, agora sim!)

Porém, em comparações feitas entre duas qualidades de um mesmo ser, devem-se usar as formas analíticas "mais bom, mais mau, mais grande e mais pequeno". Por exemplo:

– *Edmundo foi condenado de novo, mas ele é* ***mais boa*** *pessoa do que* ***má****.*

– *Minha casa é* ***mais grande*** *que* ***confortável****.*

Celso Cunha admite, porém, que "mais pequeno" é forma culta, mesmo comparando-se dois seres: "João é ***mais pequeno*** que Maria". Tal forma é comum em Portugal.

2) Determinados substantivos **podem** ser tomados como adjetivos em construções de grau

comparativo: “Sou mais **irmão** do diretor (do) que você”. Já em estruturas semelhantes à que segue, não há gradação, tampouco qualificação, mas tão somente ideia de quantidade indefinida: “Comprei mais **computadores** (do) que televisores”. O substantivo continua sendo substantivo, e o “mais” é um pronome indefinido.

Grau Superlativo

Ocorre um engrandecimento, uma intensificação da qualidade de um só ser; são dois os tipos de superlativo de um adjetivo (absoluto e relativo):

Absoluto

- **Analítico:** o adjetivo é modificado por um advérbio de intensidade.
  Ex.: *João é muito **inteligente** e bastante **humilde** mas extremamente **pobre.***
- **Sintético:** quando há o acréscimo de um sufixo (**-íssimo, -(r)imo, -(l)imo**).
  Ex.: *João é **inteligentíssimo**, mas é **paupérrimo** e **humílimo**.*

Cuidado!!!

1) Os adjetivos **bom, mau/ruim, grande** e **pequeno** apresentam as seguintes formas no grau superlativo absoluto sintético, respectivamente: **ótimo/boníssimo, péssimo/malíssimo, máximo/grandíssimo, mínimo/pequeníssimo.**

2) Na gradação sintética, os adjetivos mudam de forma:

– os terminados em **-a**, **-e**, **-o** perdem tais vogais e acrescenta-se o **-íssimo**: secretíssima, quentíssimo, belíssimo...

– os terminados em **-io** perdem a última vogal e acrescenta-se o **-íssimo**: seriíssimo, precariíssimo, necessariíssimo, friíssimo... Alguns gramáticos, como Bechara e Celso Cunha, dizem que algumas formas atuais, como seríssimo, precaríssimo e necessaríssimo são populares.

– os terminados em **-eio** perdem as duas últimas vogais e acrescenta-se o **-íssimo**: cheíssimo, alheíssimo... exceção: feíssimo/feiíssimo. Bechara aceita cheiíssimo.

– os terminados em **-vel** mudam para **-bil** e acrescenta-se o **-íssimo**: notabilíssimo, amabilíssimo, mobilíssimo...

– os terminados em **-z** mudam para **-c** e acrescenta-se o **-íssimo**: ferocíssimo, felicíssimo, voracíssimo...

– os terminados em **-m** e **-ão** passam a terminar em **-níssimo**: comuníssimo, vaníssimo, paganíssimo...

– alguns terminados em ***-co*** e **-go** podem terminar em **-quíssimo** e **-guíssimo** por acomodação fonética: fraquíssimo, riquíssimo, amarguíssimo, antiquíssimo... Consulte um bom dicionário!

– comumente os terminados em **-il** recebem **-imo**: agílimo, dificílimo, fragílimo, imbecílimo, verossimílimo...

– os terminados em **-ro** e **-re** mudam para a antiga forma latina e recebem **-rimo**: aspérrimo (áspero), misérrimo (mísero), prospérrimo (próspero), celebérrimo (célebre), libérrimo (livre)...

3) Veja a forma superlativa absoluta sintética de alguns adjetivos. A primeira forma é erudita/latina (antiga) e a segunda é vernacular (atual), sempre terminada em **-íssimo**.

– **alto** > supremo/sumo ou altíssimo
– **ágil** > agílimo ou agilíssimo
– **amargo** > amaríssimo ou amarguíssimo
– **baixo** > ínfimo ou baixíssimo
– **doce** > dulcíssimo ou docíssimo
– **frágil** > fragílimo ou fragilíssimo
– **frio** > frigidíssimo ou friíssimo
– **humilde** > humílimo ou humildíssimo
– **magro** > macérrimo ou magríssimo (magérrimo é forma coloquial, segundo a maioria dos gramáticos)
– **manso** > mansuetíssimo ou mansíssimo
– **miúdo** > minutíssimo ou miudíssimo
– **negro** > nigérrimo ou negríssimo
– **nobre** > nobilíssimo ou nobríssimo
– **pio** > pientíssimo ou piíssimo
– **pobre** > paupérrimo ou pobríssimo
– **recente** > nupérrimo ou recentíssimo
– **sábio** > sapientíssimo
– **sagrado** > sacratíssimo
– **semelhante** > simílimo ou semelhantíssimo
– **soberbo** > superbíssimo ou soberbíssimo

4) Nunca os adjetivos são terminados em **-ésimo** ou **-ssíssimo**, como a gente escuta por aí: homem elegantésimo, terno carésimo, mulher gostosésima, pessoa chiquésima, grandessíssimo idiota...

5) Certos adjetivos não mudam de grau, ou seja, mantêm seu grau normal devido a sua significação: imenso, enorme, fabuloso, intenso, grandioso, baita, puta... Os dois últimos adjetivos são invariáveis, inclusive em gênero e número, e usados em situações bem coloquiais: “Ele recebeu um **baita/puta** salário.”.

Relativo

- de **superioridade**: enaltecimento da qualidade de um ser dentre outros seres, por meio da construção **o/a mais + adjetivo + de/dentre**.
  Ex.: *João é o mais **inteligente** dentre todos da sala*.
- de **inferioridade**: desvalorização/minimização da qualidade de um ser dentre outros seres, por meio da construção **o/a menos + adjetivo + de/dentre**.
  Ex.: *Maria é a aluna menos **inteligente** do grupo.*

Cuidado!!!

1) Os adjetivos **bom, mau/ruim, grande** e **pequeno** apresentam as seguintes formas no grau superlativo relativo de superioridade: **o/a melhor, o/a pior, o/a maior** e **o/a menor.**

2) Prefere-se "O mais **poderoso** dos homens morreu" a "O **poderosíssimo** dos homens morreu", segundo Rocha Lima. É interessante dizer que o adjetivo **poderoso**, substantivado pelo artigo, ainda pode ser modificado pelo advérbio **mais** nesse tipo de estrutura. É como em "Os **muito magros** não são felizes.". O termo **magros**, substantivado pelo artigo, ainda continua sendo intensificado pelo advérbio **muito**.

3) O superlativo relativo pode apresentar ideia de "limite de possibilidade" em estruturas assim: "Eles são modelos **o mais** belos **possível.**", "Todos eram **os mais** honestos **que se podia.**".

Formas Estilísticas

Há inúmeras outras maneiras de conseguir o superlativo absoluto dos adjetivos:

- empregando-se prefixos que dão ideia de aumento: ***super**lindo, **ultra**linda* etc.
- repetindo-se o adjetivo: *Ela é linda, **linda**, **linda**.*
- mediante comparação curta (símile): *Ela é linda **como uma princesa**.*
- empregando-se certas expressões populares (idiomáticas): *Ela é linda **de morrer**.*
- usando-se o adjetivo com o sufixo aumentativo ou diminutivo: *rapid**inho**,rapid**ão**, rapid**aço**, rapid**ona*** etc.
- por meio da expressão *um(a) senhor(a)*: *Roberto* é ***um senhor** jogador*.

Obs.: Na linguagem da internet, percebemos que isso é feito por meio da repetição de um fonema ou caixa alta: "A cerveja estava **gelaaaaaaaaada.**" ou "A cerveja estava **GELADA**!".

Valor Discursivo

Chegou a hora! Tudo o que falarei tem caído muito em prova, por favor, preste atenção!

O adjetivo exerce um papel fundamental dentro do discurso. Seu objetivo não é apenas caracterizar, qualificar, descrever um termo. Mais do que isso!

1) Dependendo da posição do adjetivo, pode haver mudança de sentido e até de classe gramatical.

2) Dependendo da escolha do adjetivo, contextualmente a intenção do produtor do texto pode ser revelada. Chamamos isso de **modalização discursiva**.

3) Respeitando a relação de concordância em gênero e número com o substantivo, o adjetivo pode retomar termos, dando coesão ao texto.

Enfim, vejamos isso melhormente agora!

1) A mudança de posição do adjetivo pode implicar mudança de sentido ou de classe gramatical.

– *Ele é um **pobre** homem.* (coitado; adjetivo)
– *Ele é um homem **pobre.*** (sem recursos; adjetivo)
– *Ele é um **alto** funcionário.* (posição; adjetivo)
– *Ele é um funcionário **alto**.* (comprimento; adjetivo)
– *Um **belo** dia fui visitá-la.* (indeterminado; adjetivo)
– *Ontem foi um dia **belo**.* (bonito; adjetivo)
– *Francisca é uma **nobre** pessoa.* (digna; adjetivo)
– *Francisca é uma pessoa **nobre**.* (aristocrata; adjetivo)
– *O **bravo** capitão venceu muitas batalhas.* (corajoso; adjetivo)
– *O capitão **bravo** vai nos treinar de novo.* (sisudo/irritadiço; adjetivo)
– *Esta é uma **simples** questão.* (sem importância; adjetivo)
– *Esta é uma questão **simples**.* (fácil; adjetivo)
– *Sempre foste um **grande** homem.* (digno; adjetivo)
– *Sempre foste um homem **grande**.* (dimensão; adjetivo)
– *Elisa é uma **nova** mulher depois da cirurgia.* (renovada; adjetivo)
– *Elisa é uma mulher **nova**.* (jovem; adjetivo)
– *Um **velho** amigo não é o mesmo que um amigo **velho**.* (antigo/gasto, idoso; adjetivo)
– *O **único** sabor que senti no sorvete foi de açúcar.* (um só; adjetivo)
– *Este é um sabor **único** na história dos sorvetes.* (singular; adjetivo)
– *Aquele garoto não passa de um **falso** aluno.* (impostor; adjetivo)
– *Aquele garoto não passa de um aluno **falso**.* (fingido, desleal; adjetivo)

Veja agora mais exemplos:

– *Um amigo **médico** me disse para vir aqui.* (substantivo + adjetivo)
– *Já conheceu algum **médico** amigo?* (substantivo + adjetivo)
– *O italiano **fumante** perdeu a vida.* (substantivo + adjetivo)
– *O **fumante** italiano perdeu a vida.* (substantivo + adjetivo)
– *O inventor **brasileiro** criou o avião.* (substantivo + adjetivo)
– *O **brasileiro** inventor criou o avião.* (substantivo + adjetivo)
– *"Não sou propriamente um autor **defunto**, mas um **defunto** autor".* (substantivo + adjetivo)
– *Ele era um preso **político**, hoje é um **político** preso.* (substantivo + adjetivo)

Bechara e Celso Cunha dizem que a interpretação mais natural é encarar as estruturas em que se confundem substantivos com adjetivos assim: **substantivo + adjetivo**. Tais estruturas ainda permitem esta reescritura (pegarei a primeira frase como exemplo): "Um amigo ***que é médico*** me disse para vir aqui. / Já conheceu algum médico ***que é amigo***?". Se conseguir fazer isso, maravilha! Descobrirá a pólvora... ou melhor... o adjetivo.

No entanto, há alguns casos polêmicos... o que não é nenhuma novidade. Em "sábio indiano", não sabemos se se trata de um sábio (subst.) que é um indiano (adj.) ou um indiano (subst.) que é sábio (adj.). Há outros exemplos, como "velho careca, jovem repórter, pobre cego" etc. Nesses casos, reitero o que nos dizem Bechara e Celso: analise como **substantivo + adjetivo**, a não ser que o contexto exija interpretação diferente. Ok?

Obs.: Vale dizer ainda que a maioria dos adjetivos antepostos ao substantivo, senão todos, como pudemos ver nos exemplos acima, têm valor subjetivo, normalmente modalizadores. Podemos dizer que eles têm um valor que beira muitas vezes a conotação. Os que vêm pospostos têm normalmente valor objetivo, denotativo; são frequentemente descritivos.

2) O adjetivo pode expressar um ponto de vista, um juízo de valor*, uma avaliação por parte do locutor do texto. Isso é **modalização**. Nesse sentido, note que, se o adjetivo é modalizador, exprime uma opinião, logo pode ser refutado. Por exemplo, se eu digo: "Este programa é **ótimo**.", o adjetivo **ótimo** exprime meu julgamento; não se trata de uma verdade absoluta, logo você poderia contra-argumentar: "Ah, eu não concordo, acho **horrível**!". Neste caso, **horrível** também seria um adjetivo modalizador. Perceba que estamos no plano da argumentação, logo os adjetivos usados serão fatalmente modalizadores. Leia este texto e note os adjetivos modalizadores:

*Como se não bastasse a teatralização **manipuladora** das novelas globais – exibidas de segunda a sábado –, a população brasileira passou a conviver, a partir do início de 2002,*

*com uma nova forma de **nocivo** controle que vai ao ar de segunda a segunda durante alguns meses, com um curto intervalo entre um programa e outro: o "Big Brother Brasil". A consequência **óbvia** de assistir a este câncer é a imbecilidade mental, é **claro**. É muito **possível** que as pessoas continuem dando audiência a "isso", por mais que pessoas inteligentes compartilhem da tese de que é **necessário** parar de ver, caso contrário continuaremos sendo titereados. **Lamentável**, **asfixiante**, **surpreendente** é dar valor ao mundo da TV e seus **abjetos** e **desprezíveis** programas.*

* Não confunda juízo de valor com juízo de fato. O primeiro trata de opinião individual, por isso tem valor subjetivo, e o segundo trata de atestação, por isso tem valor objetivo.
Veja uma questão sobre termos modalizadores:

25. (ITA – Vestibular – 2011/2012) No texto, o segmento que NÃO expressa uma avaliação do autor é:
a) [...] à parte o gosto exacerbado dos paulistanos por levantar muros [...]
b) [...] a avenida ficou menos tétrica, quase bonita.
c) [...] a imagem do engarrafamento e da bagunça vira um desastre de relações públicas.
d) Em Istambul, monotrilhos foram instalados no nível da rua, como os "trams" das cidades alemãs e suíças.
e) Se forem como os antigos bondes, ótimo.

Comentário: O gabarito é a letra D, pois traz um trecho sem vocábulos modalizadores. Todas as demais alternativas contêm expressões que revelam a avaliação do autor. A: "... gosto *exacerbado*...". B: "... *quase bonita*". C: "... *bagunça... desastre*...". E: "... *ótimo*". Notou, em especial, os adjetivos das opções A e E?

3) Os adjetivos podem ser usados como instrumentos ou recursos coesivos dentro do texto. Em outras palavras, fazem referência a vocábulos dentro do texto para evitar a repetição e manter o sentido dele. Veja este breve texto:

*O homem e a mulher irromperam numa discussão ferrenha sobre quem era mais relevante no curso histórico. **Derrotado** após o embate, chegamos à conclusão de que a mulher ainda é a base de tudo!*

Note que o adjetivo **derrotado** (no masculino e no singular) só pode se referir ao **homem** (masculino e singular). Logo, a palavra *homem* não precisou ser repetida; coube ao adjetivo a função de retomada. Isso é coesão. As partes do texto estão "costuradas" mantendo uma harmonia de sentido.

O Que Cai Mais na Prova?

Definitivamente, você precisa 1) identificar os adjetivos e 2) dominar seu valor discursivo. Sabendo isso, é só alegria!

Questões de Concursos

"Para as finalidades empresariais, as fronteiras que separam uma nação da outra são tão reais como o equador. Consistem meramente de demarcações convenientes de entidades étnicas, linguísticas e culturais. Não definem necessidades empresariais nem tendência de consumidores. Uma vez que a administração compreenda e aceite essa economia mundial, a sua maneira de encarar a praça do mercado – e de planejá-la – necessariamente se expande." (Jacques Maisonrouge)

1. (MPE-RJ (NCE) – Corregedoria Geral da Justiça/RJ – 1998) No segundo período do texto, o termo que modaliza o conteúdo expresso é:
   a) meramente;
   b) convenientes;
   c) étnicas;
   d) linguísticas;
   e) culturais.

2. (MPE-RJ (NCE) – Auxiliar Superior Administrativo – 2001) O adjetivo abaixo de valor nitidamente subjetivo é:
   a) imprensa brasileira;
   b) proposta milionária;
   c) incitamento racista;
   d) jovem negro;
   e) brilhante futuro.

3. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) Entre os segmentos abaixo, aqueles cujos adjetivos mostram uma opinião da autora do texto são:
   I. a triste situação;
   II. milhões de crianças brasileiras;
   III. futuro incerto e infeliz;
   IV. grave problema social.
   a) I – III – IV;
   b) I – III;
   c) I – IV;
   d) III – IV;
   e) II – III.

4. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) No segmento "Mesmo assim, tal atividade deve ser reconhecidamente leve...", o vocábulo *leve* designa de forma adequada aquela atividade que não envolve grande esforço físico; o item abaixo em que há uma INADEQUAÇÃO vocabular, derivada de um mau emprego de um adjetivo que passa a ter valor negativo em lugar de uma ideia de delicadeza é:
   a) fogo brando;
   b) lençol macio;
   c) bolo mole;
   d) perfume suave;
   e) mar calmo.

"(...) é da felicidade desta operação, desta relação com a matéria pré-formada − em que ***imprevisível*** *dormita a história − que vão depender profundidade, força e complexidade dos resultados. São relações que nada têm de autoritário..."*

5. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2002) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – A palavra "imprevisível", pela inversão sintática, funciona como substantivo.
   "... do quadro ***político-institucional*** *que regula os conflitos federativos..."*

6. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2002) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – O plural do adjetivo composto "político-institucional" se faz adicionando a desinência de plural aos dois elementos.

Sei que grande parte da magistratura ***sem assento nos tribunais superiores*** *discorda dos que defendem a adoção da súmula vinculante, sob o fundamento de que o instituto pretendido engessaria os demais juízes, sobretudo os* ***de primeira instância****, no canteiro da qual começa a manifestar-se o espírito* ***da jurisprudência****. Penso* ***de outra forma****. Não vejo engessamento da ação do magistrado de instância inicial no resultado dessa medida* ***que se***

advoga como instrumento de agilização da Justiça.

7. (Esaf – MPU – Analista Processual – 2004) Assinale a expressão que, no texto, não tem valor de adjetivo por não denotar um atributo do nome a que se refere.
   a) "sem assento nos tribunais superiores".
   b) "de primeira instância".
   c) "da jurisprudência".
   d) "de outra forma".
   e) "que se advoga como instrumento de agilização da Justiça".

8. (NCE/UFRJ – SESPA – Contador – 2006) A alternativa em que ocorre a presença de um só adjetivo que se refere a um só substantivo é:
   a) "hierarquias, estruturas nem códigos canônicos";
   b) "lutas sociais e políticas";
   c) "disciplina mental e espiritual";
   d) "diferentes tradições religiosas";
   e) "vaidades e ambições desmedidas".

9. (FUNIVERSA – Analista Júnior – Jurídica – 2006) "Seu corpo como que se marca ainda na **velha** poltrona **da sala.**" Sobre os termos destacados, é correto afirmar:
   a) Os dois possuem valor de adjetivo.
   b) Os dois possuem valor de advérbio.
   c) Possuem valor de adjetivo e advérbio respectivamente.
   d) Possuem valor de advérbio e adjetivo respectivamente.
   e) Os dois possuem valor pronominal.

10. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – Em *Durante boa parte do século XIX*, o adjetivo exprime juízo de valor atribuído aos anos em que ocorreram os fatos mais significativos para a história do pensamento.

11. (NCE/UFRJ – CRA/RJ – Fiscal I – 2007) O autor do texto coloca suas opiniões no texto, entre outros processos, por meio de adjetivos; os adjetivos abaixo que expressam opinião são:
   a) "extraordinária beleza" / "esforço heróico";
   b) "esforço heróico" / planos vélicos";
   c) "planos vélicos" / avanços técnicos";
   d) "avanços técnicos" / descobrimentos marítimos";
   e) "descobrimentos marítimos" / "extraordinária beleza".

12. (MP/RJ – Técnico Administrativo – 2007) *Para fazer as pesquisas com o registro das aves, serpentes, répteis e batráquios, as equipes teriam o "curto prazo de dois dias".* A locução adjetiva usada aqui em "o registro das aves" tem como sinônimo erudito:
   a) ornitológico;
   b) ofiológico;
   c) entomológico;
   d) ictiológico;
   e) saurológico.

13. (FAB – EAGS/SAD – Sargento da Aeronáutica – 2008) Leia:
"Direitos humanos para os humanos direitos."
   I. Em "direitos humanos", "direitos" é adjetivo; "humanos" é substantivo.
   II. "Direitos humanos" e "humanos direitos" são substantivos compostos.
   III. Em "humanos direitos", "humanos" é substantivo; "direitos" é adjetivo.
   IV. Em "direitos humanos", "humanos" é adjetivo; "direitos" é substantivo.
   Estão corretas as afirmações:
   a) I e II.
   b) I e III.
   c) II e IV.
   d) III e IV.

14. (FAB – EAGS/SAD – Sargento da Aeronáutica – 2008) Leia as afirmações:
Quem nasce em:
I. Belém (Pará) é belenense.
II. São Luís é são-luisense.
III. Manaus é manauano.
Está(ão) correta(s) a(s) afirmação(ões):
a) I apenas.
b) II apenas.
c) I e III.
d) I e II.

15. (Consulplan – Técnico de Gestão Municipal – 2009) No trecho "os passarinhos estão mais lentos que a rotação da eternidade", tem-se:
a) um superlativo analítico de lento;
b) um comparativo de superioridade;
c) um superlativo absoluto;
d) um comparativo de igualdade;
e) um superlativo relativo de superioridade.

16. (Consulplan – Agente de Pesquisas e Mapeamento – 2009) Todos os termos destacados têm natureza adjetiva, EXCETO:
a) "algumas generosas";
b) "Meus ensaios têm colimado assuntos candentes e controvertidos.";
c) "seria de implantação inverossímil.";
d) "Sua imaginação criativa.";
e) "sobre a aborrecida lógica do texto".

Fragmento de texto
Pois como há de um crítico julgar? Quais as qualidades que formam, não o incidental, mas o crítico competente? Um conhecimento da arte e da literatura do passado, um gosto refinado por esse conhecimento, e um espírito ***judicioso*** *e imparcial. Qualquer coisa menos do que isto é fatal ao verdadeiro jogo das faculdades críticas. (...)*

17. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) O adjetivo "judicioso", que significa o mesmo que opinioso, é empregado com sentido irônico no texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
(...) É necessário investir em pesquisa...

18. (Cespe/UnB – MPU – Analista de Informática – 2010) Na linha 19, o emprego do adjetivo "necessário", no masculino, estabelece a concordância com a oração que a ele se segue;
( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Consulplan – Advogado – 2010) Assinale a alternativa em que o termo destacado NÃO pertence à mesma classe gramatical dos demais:
a) "camadas iletradas".
b) "direitos políticos".
c) "perpétuo exercício".
d) "ofício mecânico".
e) "precária condição".

Fragmento de texto
Foi tudo muito rápido. A executiva bem-sucedida sentiu uma pontada no peito, vacilou, cambaleou. Deu um gemido e apagou. Quando voltou a abrir os olhos, viu-se diante de um imenso portal. (...) Sem entender bem o que estava acontecendo, a executiva bem-sucedida abordou um dos passantes (...)
Apesar das óbvias evidências de nenhuma poluição, todo mundo sorrindo, ninguém usando telefone celular, custou um pouco à executiva bem-sucedida admitir que havia mesmo apitado na curva.

20. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Analista (ADM) – 2010) Com base em aspectos linguísticos do texto, assinale a

alternativa correta.

a) O termo de referência mais usado para a personagem principal do texto e construído por substantivo feminino qualificado por expressão composta de advérbio mais adjetivo, com o propósito de ironizar a profissional.

21. (FGV – SEAD/AP – Delegado de Polícia – 2010) Assinale a alternativa em que o termo sublinhado tenha função adjetiva.
a) Característica da nação.
b) Ameaça de colapso.
c) Deterioração de valores.
d) Instituição da escravidão.
e) Uso de violência.

22. (Cesgranrio – FINEP – Técnico – 2011) A terminação **-íssimo** costuma ser adicionada a adjetivos. No caso do texto I, em que ela é adicionada a um advérbio – "muitíssimo" –, traz a noção de:
a) ênfase;
b) qualidade;
c) autoridade;
d) formalismo;
e) estranhamento.

23. (FUNCAB – Pref. Várzea Grande/MT – Auditor-Municipal – 2011) Todas as afirmativas a respeito dos elementos da frase "Sou um ignorante, um pobre homem da cidade." estão corretas, EXCETO:
a) POBRE, nesse contexto, anteposto ao substantivo, significa "digno de pena, insignificante".
b) Se o adjetivo da frase estivesse posposto ao substantivo, adquiriria o sentido de "desprovido de recursos financeiros".
c) O gênero do substantivo IGNORANTE é marcado pela anteposição do artigo indefinido UM.
d) A expressão DA CIDADE é uma locução adjetiva e o seu adjetivo correspondente é CITADINO.
e) O deslocamento do adjetivo POBRE para depois do substantivo provocaria alteração em sua classificação sintática.

24. (Cesgranrio – CITEPE – Supervisor de Produção Têxtil – 2011) O adjetivo destacado em "...**fino** manto...", se deslocado para depois do substantivo "manto", sofre alteração de sentido, o que **NÃO** ocorre em:
a) Passamos por negras situações naquela época.
b) Aquele profissional é um pobre homem.
c) Ela era uma simples pessoa.
d) Recebi uma única oferta de trabalho.
e) Tornou-se, quando adulto, um grande homem.

25. (Consulplan – Técnico de Segurança do Trabalho – 2011) Em relação à classe de palavras, marque a relação INCORRETA.
a) "A pobreza pesava bastante sobre os ombros de meu pai." (verbo)
b) "Minha mãe puxando a cadeira,..." (pronome)
c) "Eu via seu desânimo em vencer a distância entre a cozinha e o caminho..." (preposição)
d) "Com escondida melancolia..." (adjetivo)
e) "Sem bravura, assentado na porta da rua..." (substantivo)

26. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal (TRANSP.) – 2011) (Adaptada) Sobre o texto abaixo a informação está correta ou incorreta?

A mudança de posição entre adjetivo e substantivo criaria estrutura incomum ou geraria alteração de sentido em todas as construções seguintes:
• "motivos biológicos";
• "setenta anos";
• "receita infalível";
• "melhor forma".

(...) Outras vezes, utiliza-se a palavra em seu sentido subjetivo, como na expressão "é o meu direito". Trata-se, como ensina Reale, da "**regra de direito** vista por dentro, como ação regulada".

(...)

O direito à saúde, ao apropriar-se da liberdade e da igualdade, caracteriza-se pelo equilíbrio instável desses valores. A história da humanidade é farta de exemplos do **movimento pendular** que ora busca a liberdade, ora a igualdade. Os homens sempre tiveram a consciência de que para nada serve _____ igualdade sob o **jugo do tirano** e de que a liberdade só existe entre iguais.

27. (MP/RS – Assessor – Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais – 2011) Considere as seguintes propostas de substituição de segmentos do texto.
1. *regra de direito* por *regra jurídica*.
2. *movimento pendular* por *movimento do pêndulo*.
3. *jugo do tirano* por *jugo tirânico*.
Quais propostas estão corretas e são contextualmente adequadas?
a) Apenas 1 e 3.
b) Apenas 2 e 3.
c) Apenas 1.
d) Apenas 2.
e) 1, 2 e 3.

28. (NCE/UFRJ – Técnico em Contabilidade – 2011) O item abaixo em que a mudança de posição do adjetivo em relação ao substantivo NÃO provoca qualquer alteração no sentido original do segmento é:
a) famílias pobres;
b) inocente cidadão;
c) qualquer artista;
d) jornais velhos;
e) golpe novo.

29. (FUNCAB – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Observe o uso do diminutivo nas frases:
1. "(...) E então pensou na traíra, sua TRAIRINHA, deslizando silenciosamente no tanque da pia, na casa escura.(...)"
2. "(...) – Uai, essa que você pegou estava VIVINHA na hora que eu cheguei, e você ainda esqueceu o tanque cheio d'água (...)"
A respeito da flexão sofrida pelas palavras em destaque, analise os itens a seguir:
I. O uso da forma sintética do diminutivo, na frase 1, atribui ao substantivo flexionado um sentido conotativo, contribuindo para a manifestação da afetividade do protagonista em relação ao peixe.
II. Na frase 2, o diminutivo intensifica a ideia de vivo. Vivinho = muito vivo, bem vivo, saudável.
III. Em ambas as frases os termos flexionados têm valor denotativo, pois o sufixo diminutivo atribui a eles sua significação normal, apesar de diminuída sua intensidade.
Assinale a alternativa que aponta o(s) item(ns) correto(s).
a) Somente o I está correto.
b) Somente o II está correto.
c) Somente I e II estão corretos.
d) Somente I e III estão corretos.
e) Somente II e III estão corretos.

30. (Consulplan – TSE – Técnico Judiciário – 2012) Assinale a alternativa em que a alteração da ordem das duas palavras implique mudança semântica.
a) diversas origens – origens diversas.
b) bom vinho – vinho bom.
c) restaurante chique – chique restaurante.
d) caríssimo jantar – jantar caríssimo.

31. (Pref. da Estância de São Roque – Inspetor de Alunos – 2012) A frase que contém um adjetivo é:
a) A necessidade fez isto do homem.
b) Todos lutam para ter a liberdade.
c) A televisão nos mostra o mundo.
d) Ele usa um topete escandaloso.
e) Gostaria de ficar com você.

32. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia – 2012) Todos os adjetivos em destaque estão empregados no texto para fazer a avaliação ou valoração pessoal de um fato, EXCETO o que se lê em:
a) "sua beleza SINGULAR";
b) "formas de integração SOCIAL com as favelas pacificadas";
c) "GRANDE contingente de pessoas";
d) "variedade EXTRAORDINÁRIA de manifestações";
e) "o MELHOR caminho para a adequação espacial dessas comunidades";

33. (Consulplan – Pref. Porto Velho/RO – Professor II (Letras) – 2012) “Pintores e fotógrafos (...) aquilo que lhes parece não só o mais estático dos seus aspectos, mas também o mais comunicável, o mais rico de sugestões...” Em “... o mais estático, ... o mais comunicável, ... o mais rico...” tem-se um:
a) comparativo de inferioridade;
b) comparativo de superioridade;
c) superlativo absoluto sintético;
d) superlativo relativo de superioridade;
e) superlativo absoluto analítico.

34. (CEPERJ – Procon/RJ – Advogado – 2012) O emprego de adjetivos pode expressar um julgamento que o autor do texto possui sobre determinado fato, ideia, pessoa etc.
O adjetivo está assinalando claramente uma opinião ou juízo do autor no seguinte exemplo:
a) “são estimulados a consumir de modo inconsequente.”;
b) “De pais e educadores a agentes do mercado global”;
c) “é chamado a participar do universo adulto”;
d) “os investimentos publicitários destinados à categoria de produtos infantis”;
e) “algo relacionado à esfera familiar”.

35. (Funcab – Guarda Municipal/ES – Ag. Comunitário de Segurança – 2012) A oração destacada no trecho abaixo exerce função própria de:
“[...] e circulam de bicicleta entre os milhares de veículos QUE DIARIAMENTE CONGESTIONAM AS RUAS.”
a) adjetivo;
b) advérbio;
c) verbo;
d) pronome;
e) substantivo.

36. (Fundação Sousândrade – Pref. Estreito/MA – Supervisor Escolar – 2012) A discutida ideia de que jornalistas não são observadores neutros ou passivos, mas sujeitos ativos na construção da realidade pode ser comprovada pelo juízo de valor expresso, mediante uso de adjetivo, no trecho:
a) “um dos mais marcantes capítulos”;
b) “o ministro Joaquim Barbosa, 58 anos”;
c) “o destino pareci lhe reservar”;
d) “Barbosa domina quatro idiomas”;
e) “Não alterou em nada a essência”.

37. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Marque a alternativa em que se destacam locução adjetiva e adjetivo nas frases.
a) “Certa hora **da tarde** era mais **perigosa**.”
b) “Desceu a **íngreme** escada, apegando-se **às cordas**.”
c) “Um dia, ao pino **do sol**, ela repousava em um **claro** da floresta.”
d) “Houve um momento **de silêncio**: todos os **rostos** empalideceram (...)”

38. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Leia:
*O **verde** da bandeira **brasileira** representa nossas matas, nossa vegetação. O **brasileiro** não tem noção da importância dessa **riqueza** natural, por isso não defende nosso território.*
De acordo com o contexto, qual das palavras em destaque classifica-se como adjetivo?
a) verde.
b) riqueza.
c) brasileiro.
d) brasileira.

39. (FBC – Pref. Guapimirim/RJ – Fiscal Cadastrador – 2012) Assinale entre as alternativas abaixo aquela em que o termo destacado não exerce função de adjetivo.
a) Um *cego* se aproximou e pediu uma ajuda.
b) Um homem *cego* pedia esmolas pelas ruas.
c) Ela é *cega* de nascença.
d) A menina *cega* chorava a falta do pai.
e) Ficou cego após um acidente e não podia mais ver as flores *vermelhas*.

Gabarito

1. B.	9. A.	17. ERRADO.	25. D.	33. D.
2. E.	10. INCORRETO.	18. CERTO.	26. INCORRETO.	34. A.
3. A.	11. A.	19. B.	27. A.	35. A.
4. C.	12. A.	20. A.	28. B.	36. A.
5. INCORRETO.	13. D.	21. A.	29. C.	37. A.
6. INCORRETO.	14. D.	22. A.	30. A.	38. D.
7. D.	15. B.	23. E.	31. D.	39. A.
8. A.	16. A.	24. A.	32. B.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 9

Artigo

Definição

Eis uma classe gramatical desprezada por muitas gramáticas... nem vou citar nomes... Tire suas conclusões, ao término deste capítulo, sobre se podemos desprezá-la... Agora, vamos à luta!

Do ponto de vista semântico, o artigo não tem valores embutidos em si, mas, quando se liga a um substantivo num determinado contexto, passa a desempenhar inúmeros papéis discursivos: **individualizar ou generalizar, indicar conhecimento ou desconhecimento, apreciação ou depreciação, determinação ou indeterminação, intimidade, aproximação numérica, intensificação, proximidade, diferenciar o gênero com implicações semânticas (o capital, a capital) etc.** Reitero: tudo irá depender do contexto. Veremos melhor tais matizes em "emprego dos artigos" e em "valor discursivo".

Do ponto de vista morfológico, o artigo é uma classe variável em gênero e número (**o, a, os, as; um, uns, uma, umas**). É um determinante que antecede o substantivo dentro do sintagma nominal (exemplo: ***o*** *aluno estudioso*). Desde já, vale a pena dizer que, **em 99% dos casos**, qualquer palavra que suceda o artigo se torna um substantivo.

Do ponto de vista sintático, o artigo é um termo que funciona sempre como adjunto adnominal.

Para entendermos bem todas as definições de artigo, vamos analisar por último esta frase:

Os leitores desta Gramática sabem que ela não é uma gramática... é A Gramática.

Note que

1) o primeiro vocábulo **individualiza** o substantivo *leitores*, o segundo **apresenta tom depreciativo** sobre o substantivo *gramática*, o terceiro **determina, com tom apreciativo e qualificador** o substantivo *Gramática*;
2) **variaram** de forma, em gênero e número: *"**Os** leitores... **uma** gramática... **A** Gramática";*
3) são **adjuntos adnominais** dentro dos respectivos sintagmas nominais *"**Os** leitores... **uma** gramática... **A** Gramática".*

E aí, consegue identificar um artigo? É isso que veremos um pouquinho mais à frente!

Classificação

Há dois tipos de artigo: **definidos** (o, a, os, as) e **indefinidos** (um, uns, uma, umas).

Os **definidos** se antepõem ao substantivo para indicar, normalmente, que se trata de um ser já conhecido pelo falante e pelo ouvinte, individualizando-o (a escola). Os **indefinidos** se antepõem ao substantivo para indicar, normalmente, que se trata de um ser desconhecido, indeterminando-o ou generalizando-o (uma escola).

Vale dizer também que os artigos se combinam ou se contraem com certas preposições: **a**, **de**, **em** e **por**, resultando em: **ao/aos**, **à/às***, **do/dos**, **da/das**, **dum/duns**, **duma/dumas**, **no/nos**, **na/nas**, **num/nuns**, **numa/numas**, **pelo/pelos**, **pela/pelas**. A contração de preposição com artigo indefinido não é uma incorreção, como se diz. Pode-se dizer corretamente "Morou em um lugar perigoso" ou "Morou num lugar perigoso". A prova disso é esta questão: ESAF - SET/RN – AUDITOR-FISCAL DO TESOURO ESTADUAL – 2005 – QUESTÃO 3. Mais do que isso, às vezes a não contração torna o texto incorreto: "Andou por as ruas do bairro". Acertado seria tão somente "Andou pelas ruas do bairro". Cuidado!

* A fusão da preposição **a** com o artigo **a(s)**, resultando em **à(s)**, se chama **crase**. **Crase** e **artigo** são assuntos contíguos. Por isso, ao estudar o capítulo *Crase*, é bom ter estudado antes este capítulo aqui.

Sobre a contração, vale dizer, desde já, duas "cositas":

1) Não se contrai preposição com qualquer artigo que faça parte do título de alguma obra (jornal, revista, livro etc.); no entanto, se a obra não for iniciada por artigo, usa-se o artigo antes dela:

– *Ontem eu li em **O Globo** um texto excelente do Zuenir Ventura.*

– *Preferia **Os Lusíadas** às (a + **as**) **Memórias do Cárcere**.*

Obs.: Muita gente fala assim (equivocadamente): "Ontem eu li no Globo...". Devemos respeitar a norma culta. No entanto, o próprio jornal, sem culpa, tem lá seu *slogan*: "Leia amanhã **no Globo**". Diferente, porém é dizer: "G1 é o portal de notícias **da Globo** na internet". Aí, beleza, pois está implícita a palavra *rede* antes de Globo. Para fechar: o uso do apóstrofo, ainda que seja uma opção prevista no Novo Acordo Ortográfico, não é moderno e soa estranho: "Vimos sua foto **n'O Globo**".

2) Não se contrai preposição com qualquer artigo antes de sujeito de verbo no infinitivo:

– *Em alguns programas televisivos, já se falou muito **do** futebol um dia ser suplantado pelo MMA.* (inadequado)

– *Em alguns programas televisivos, já se falou muito* ***de o*** *futebol um dia ser suplantado pelo MMA.* (adequado)

Obs.: Tal afirmação, porém, é vista de modo *flexível* por nomes de peso, como Evanildo Bechara, Domingos Paschoal Cegalla, Sílvio Elia, Souza da Silveira e outros. Esses gramáticos encaram ambas as construções frasais como certas. Se cair alguma questão assim na prova, cuidado! A quase esmagadora maioria dos gramáticos e das bancas só vê a segunda construção como certa; e é assim que costuma cair em prova. A Esaf considera ambas as formas corretas (com ou sem contração).

Identificação

Identificar um artigo é tarefa aparentemente boba, o problema é que ele pode ser confundido com 1) pronome oblíquo átono, 2) pronome demonstrativo, 3) preposição e 4) numeral. E aí? Moleza agora?

Bem, vejamos como identificar um artigo. Mais do que isso, vamos agora **desmitificar** o ensino de que toda e qualquer palavra que vem após um artigo se torna obrigatoriamente um substantivo. Depois falaremos sobre como diferençar as classes que podem gerar confusão.

Uma coisa é certa: o artigo vem antes do substantivo. Ponto pacífico! No entanto, isso significa que ele vem i-me-di-a-ta-men-te antes do substantivo? Claro que não! Veja:

– ***As*** *grandes e frequentes crises econômicas vêm atrapalhando certos países.*

Primeiro, note o sintagma nominal em que o artigo (As) se encontra: "As grandes e frequentes crises econômicas". Ok? Pergunto eu a você: "*Grandes* e *frequentes* se tornaram substantivos só porque o artigo veio antes?" Claro que não, pois *grandes* e *frequentes* são adjetivos que caracterizam o substantivo *crises*. É isso aí! Ou seja, o artigo vem antes do substantivo, mas não imediatamente antes, pois pode haver outros **determinantes** depois do **artigo** modificando um substantivo, como em: "***Os*** (artigo) *nossos* (pronome) *dois* (numeral) *lindos* (adjetivo) filhos (substantivo) nasceram!".

Continuando a linha de raciocínio... você me pergunta: "Bem... se um artigo vem antes de um substantivo... então, independentemente da distância, SEMPRE haverá um substantivo após o artigo, certo?". Errado, meu nobre!

Há alguns casos em que o artigo vem antes de **advérbio seguido de adjetivo** (grau superlativo relativo), antes de **numeral** (substituindo substantivo), antes de **forma de tratamento** (senhor(a), senhorita), antes de **pronome demonstrativo** (mesmo), antes de **pronome possessivo** (substituindo substantivo), antes de **pronome interrogativo** (que), antes de **pronome indefinido** (outro, demais), antes de **pronome relativo** (na locução pronominal relativa "o(a) qual") e antes de **conjunção comparativa** (do que; esta contração (do) é expletiva). Se não me falha a memória, é isso aí! Veja:

– *Ele é* ***o*** *mais divertido do programa.*

– *Pai, mãe e filha ceavam.* ***Os*** *três eram bastante humildes.*

– ***A*** *senhora se tornará muito rica com tal ideia.*

– *Marlene passou na prova.* ***O*** *mesmo não aconteceu com Arnaldo.*

– *Não direi nada a teu pai, mas a****o*** *meu.*

– ***O*** *que você tem a ver com isso?* (O artigo é expletivo, serve só de realce.)*

– *Referi-me a esta mulher, não* ***à*** *(a +* ***a****) outra. Sobre* ***as*** *demais, ignore.*

– *As mulheres* ***as*** *quais namorei eram burrinhas de dar dó.*

– *Xuxa tem mais personalidade d****o*** *que Angélica?*

* Alguns autores, como Napoleão Mendes de Almeida, veem "o que" como uma forma só, de modo que inferimos que o "o" da expressão pode não ser analisado isoladamente, isto é, analisa-se "o que" como uma locução pronominal interrogativa, segundo palavras da saudosa professora da Faculdade de Letras de Lisboa Teresa Álvares.

Note que todas as classes gramaticais mantêm seu caráter peculiar, isto é, elas não se tornam um substantivo só pelo fato de o artigo as preceder. O adjetivo continua a indicar característica, o numeral continua a indicar quantidade, o pronome de tratamento continua a indicar formalidade, respeito... e por aí vai. Logo, o artigo nem sempre vem antes de um substantivo.

"Ah, mas eu aprendi a vida inteira que, se uma palavra vier depois de um artigo, será um substantivo!" É verdade, eu também aprendi assim; até que eu resolvi estudar e me dei conta de que "o buraco é mais embaixo".

Bem... **normalmente** o artigo vem antes do substantivo e **normalmente** torna qualquer classe gramatical um substantivo. Isso foi visto, em parte, no capítulo de substantivos, mais precisamente em *substantivação*. Dê uma olhada lá de novo! Se bater uma preguiça, veja aqui mesmo alguns exemplos:

– ***O*** *brasileiro é, antes de tudo, um forte!* (O adjetivo foi substantivado.)

– *Estou entre* ***o*** *sim e* ***o*** *não.* (Os advérbios foram substantivados.)

– *O professor perguntou ao aluno: "Na frase 'A língua é coisa muito complexa',* ***o*** *a da frase é um artigo?"* (O artigo foi substantivado.)

– ***O*** *Aí eu vou pra galeeeeeera! é um bordão inesquecível.* (A frase foi substantivada.)

Tranquilo?

Bem, **chegou a hora de ver algo que cai muito em prova!**

Não confunda artigo com **1) pronome oblíquo átono, 2) pronome demonstrativo, 3) preposição, 4) numeral** ou **5) pronome indefinido**.

1) Artigo *versus* Pronome Oblíquo Átono

Os pronomes oblíquos átonos **o**, **a**, **os**, **as** atuam como complemento de verbo, logo acompanham um verbo, e não um substantivo.

– *Não via meus amigos há muitos anos; minha esposa também não via as amigas dela há muito tempo. Decidimos ligar para eles. Eu* ***os*** *convidei para um almoço, e depois ela* ***as*** *convidou para um jantar. Foi ótimo!*

O verbo *convidar* exige um complemento. O pronome **os** substitui *amigos* e **as** substitui *amigas*. Não há a mínima chance de ser artigo, pois o artigo vem antes de substantivo, determinando-o, e não junto ao verbo.

2) Artigo *versus* Pronome Demonstrativo

Os pronomes demonstrativos ***o, a, os, as*** aparecem em alguns casos: antes de pronome relativo **que**, antes da preposição **de** e quando substitui um termo ou uma frase inteira (só o demonstrativo **o** atua nesse terceiro caso, vindo normalmente acompanhado dos verbos **ser** ou **fazer**). Tais pronomes podem ser substituídos por **aquele(a/s)** ou **aquilo**.

– ***As*** *(= aquelas) que ficam na frente da sala são normalmente discriminadas, já* ***os*** *(= aqueles) do "fundão" são os carismáticos, sendo meninos ou meninas. A verdade é que uma turma só é boa se seus componentes também* ***o*** *(isso = bons) forem.*

Obs.: De todos os gramáticos que pesquisei, só Bechara e Luft dizem que **o**, **a os**, **as** (antes de substantivo **elíptico**) são artigos. Portanto, para eles, **As** e **os** são **artigos**. Veja uma questão bem polêmica sobre isso (Esaf – ATRFB – 2012 – QUESTÃO 5 – GABARITO 4). A Esaf fica com a opinião desses dois gramáticos, ignorando o que todos os demais afirmam. Incrível, não?! No entanto, a visão de 99% das bancas é encarar tais vocábulos como pronomes demonstrativos: CEPUERJ – DEFENSORIA PÚBLICA – TÉCNICO – 2010 – QUESTÃO 10 (D).

3) Artigo *versus* Preposição

A preposição **a** vem iniciando locução adjetiva (barco **a** vela), locução adverbial (**a** olhos vistos), locução prepositiva (**a** despeito de), ligando verbos e nomes a seus complementos (Viso **a** um bom cargo/Sou fiel **a** vós), ligando verbo a verbo (Voltei **a** estudar), iniciando orações (**A** persistirem os sintomas...) etc. e tal.

Bem fácil distinguir, portanto, uma classe de outra.

4) Artigo *versus* Numeral

O numeral **um** ou **uma** indica quantidade correspondente à unidade e admite o acompanhamento das palavras "só, somente ou apenas".

– *Acabei gastando* ***um*** *litro de gasolina para chegar aqui.* (... só/somente/apenas **um**...)

Em "Entrei na livraria para comprar **um** livro anteontem.", sem maior contexto, temos de entender tal vocábulo como artigo indefinido. "Ah, mas é possível colocar *só, somente ou apenas* antes de *um*!" É verdade. No entanto, só com tais palavras a ideia de número fica clara; sem essas palavras para ajudar e sem um contexto maior, teremos de encarar tal vocábulo como artigo indefinido. Observe agora este texto:

– ***Um*** *aluno do curso passou no concurso mais concorrido do Brasil, dentre mais de 8.000 alunos da rede.*

Pelo contexto, **um** só pode ser numeral, pois indica quantidade. Observe o contexto sempre!

5) Artigo *versus* Pronome Indefinido

Os pronomes indefinidos **um**, **uns**, **uma**, **umas** não vêm acompanhando um substantivo, vêm **substituindo-o**. Normalmente, na mesma frase, aparece o pronome **outro**.

– *Várias pessoas foram convidadas para a formatura.* ***Umas*** *apareceram,* ***outras*** *não. Ele, por exemplo, é* ***um*** *que nem foi convidado.*

Agora, sim, você está mais do que preparado para acertar qualquer questão relativa à identificação do artigo.

Emprego dos Artigos Definidos

Não entre na paranoia de querer gravar tudo, hein! Não se assuste. Vou pontuar exatamente aquilo de que você precisa para a prova, colocando um * ao lado de cada regra. Você vai perceber que junto ao emprego dos artigos, muitas vezes falarei sobre seus valores semânticos. Vejamos:

1) O artigo antecipa um substantivo, individualizando-o:

– *Encontrei **o** homem.*

2) O artigo pode ter valor de pronome demonstrativo (este, esse, aquele) para indicar que algo está próximo do falante e/ou algo é conhecido do ouvinte:

– *Finalmente o prefeito prometeu investir n**a** (= nesta, = naquela) região.*

3) O artigo pode ter valor de pronome possessivo (meu, teu, seu, nosso, vosso), normalmente quando se liga a substantivos que indicam partes do corpo, vestuário, objetos pessoais, faculdades do espírito e relações de parentesco:

– *Quando atuava como palhaço, eu tinha **o** (= meu) rosto coberto de maquiagem.*

– *Ela descosturou todo **o** (= seu) vestido para depois fazer uma saia.*

– *Por que jogou fora **a** (= minha) escova de dentes se ela estava nova?*

– *Vem cá, tu perdeste **o** (= teu) senso, rapaz?*

– *Nossa vida era uma felicidade só; **o** (= nosso) pai era um grande homem.*

***4) O artigo vem obrigatoriamente antes de pronome possessivo que *substitui* um substantivo, mas é <u>facultativo</u> antes de um pronome possessivo que *acompanha* um substantivo:**

– *Fizeram alusão a (*ou *a**os**) meus ideais, não a**os** seus.*

Obs.: <u>Omite-se</u> o artigo definido antes dos possessivos em três situações: 1) nas locuções com pronome possessivo (a meu ver, em meu ver, a meu modo, a meus pés, em seu favor, em minha opinião, a seu bel-prazer, por minha vontade etc.); 2) antes de pronomes ou formas de tratamento (Vossa Excelência, Sua Majestade, Nossa Senhora etc.); 3) em vocativos (Meu amor, eu te amo). No entanto, quando o pronome vier posposto ao substantivo, o artigo é obrigatório: "Quando a luz d**os** olhos meus e a luz d**os** olhos teus resolvem se encontrar..."

5) O artigo indica a totalidade de uma espécie:

– ***O** homem é um ser muito volúvel.* (todos os seres humanos)

***6) O artigo é dispensado quando atribui um sentido genérico ao substantivo, mesmo**

quando este é especificado:

– *Certos membros religiosos não vão a festas.* (qualquer tipo de festa; o **a** é só uma preposição)

– *A pesquisa não se refere a mulher casada, a homem casado, mas tão somente a solteiros.* (qualquer mulher casada, qualquer homem casado; o **a** é só uma preposição)

Obs.: O Cespe/UnB adora esse tipo de questão sobre crase! Veremos melhor isso em *Crase*.

7) O artigo é normalmente dispensado antes dos substantivos em provérbios:

– *Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.*

8) O artigo é dispensado antes de nomes de meses, a menos que estejam especificados:

– *É em setembro que eu faço aniversário, mas nunca me esquecerei d**o** setembro de 2000, pois foi meu primeiro beijo.*

9) O artigo é dispensado antes das datas do mês:

– *Milhares de pessoas desapareceram incrivelmente em 30 de março de 1549.*

Obs.: Se a data estiver especificada, o artigo será obrigatório: "Milhares de pessoas desapareceram incrivelmente n**o** fatídico 30 de março de 1549." Caso se trate de uma locução substantiva (datas célebres), o artigo será obrigatório: "Odeio **o** 7 de Setembro." Segundo Celso Cunha, "antes de datas mencionadas no curso de uma narração", usa-se o artigo: "A primeira missa se realizou a**os** 26 de abril de 1500 no país que viria a se chamar Brasil."

10) O artigo é usado antes de dias da semana:

– *A**os** domingos, os católicos vão à igreja.*

Obs.: Não raro, porém, o artigo é dispensado junto com a preposição: "Vou descansar **segunda-feira**". Como já dizia a música, "**sábado** à noite, tudo pode mudar" ou "**De segunda a sexta**, esporro do patrão; **sábado e domingo**, vou curtir com a Furacão." Este último exemplo é em homenagem ao *funk* carioca (está na veia do flamenguista aqui).

***11) O artigo é usado antes de horas, em expressões adverbiais de tempo:**

– *Os pescadores não devem pescar a**o** meio-dia, por causa do sol; a melhor pesca começa a partir d**as** seis horas da manhã.*

Obs.: Se a expressão de horas não tem valor adverbial, o artigo é dispensado: "Já é meio-

dia e meia".

12) O artigo é usado antes das quatro estações do ano:

– ***A*** *primavera,* ***o*** *verão,* ***o*** *outono e* ***o*** *inverno marcam as estações do ano.*

Obs.: O artigo é dispensado antes da preposição **de** que inicia locuções adjetivas: "Nada como uma noite **de verão**!". No entanto, se vier especificado, o artigo é obrigatório: "Tenho boas lembranças das noites *do verão passado.*".

13) O artigo é usado antes de nomes que indicam datas festivas:

– ***O*** *Carnaval,* ***o*** *Natal,* ***a*** *Páscoa e* ***a*** *Quaresma fazem parte de nossa cultura.*

Obs.: O artigo é dispensado antes da preposição **de** que inicia locuções adjetivas: "O primeiro dia *de Carnaval* é glorioso." No entanto, se vier especificado, o artigo é obrigatório: "A véspera *do Natal* deste ano terá surpresas.".

14) O artigo é usado em expressões de pesos e medidas:

– *Pagou-se R$100* ***o*** *metro de tecido.*

***15) O artigo só é usado antes da palavra "casa" quando ela vem especificada por um adjetivo, locução adjetiva ou oração adjetiva; quando significa *estabelecimento comercial*, também há artigo.**

– *Enfim conseguimos visitar* ***a*** *linda casa do bairro da qual todos falaram.*

– *Eles finalmente arrumaram o restaurante.* ***A*** *casa ficou linda e será um sucesso.*

Obs.: Se a palavra **casa** não vier especificada ou tiver sentido vago, genérico, o artigo é dispensado: "Chegamos **a** casa eu e ela por volta das sete horas da noite." (o **a** é só uma preposição exigida pelo verbo chegar); "Costumo morar em casa alugada"; "Sempre me chamam para ir **a** casas noturnas, mas sou um pai de família, ora!" (o **a** é só uma preposição exigida pelo verbo ir). Só de curiosidade: a presença do artigo na expressão "dona de casa" torna o sentido e a classificação morfológica diferente: a **dona de casa** (profissão/locução substantiva), a **dona da casa** (proprietária/subst. + loc. adj.). Um mero "artiguinho" faz toda a diferença no "status" social, não é?

***16) O artigo só vem antes da palavra "terra" se ela não estiver em oposição a bordo, se vier especificada ou se referir ao planeta:**

– *D****a*** *terra vieste, à (a +* ***a****) terra voltarás.* (A palavra terra não está em oposição a bordo.)

– *Depois que os navegantes retornaram a terra, cada um foi para **a** terra natal matar a saudade de todos os parentes.* (O primeiro **a** é só uma preposição exigida pelo verbo retornar; o segundo **a** é um artigo, pois a palavra terra vem especificada pelo adjetivo natal.)

– *Os astronautas chegaram **à** (a+**a**) Terra hoje de manhã.*

17) O artigo vem antes de estruturas superlativas, mas sua posição na frase pode variar:

– *Vou fazer **as** perguntas mais difíceis a ele.*

– *Vou fazer **as** mais difíceis perguntas a ele.*

– *Vou fazer perguntas **as** mais difíceis a ele.*

Obs.: No entanto, usar dois artigos é um erro: "Vou fazer **as** perguntas **as** mais difíceis a ele.".

***18) Diante de nome de pessoas, só se usa artigo para indicar afetividade, familiaridade, intimidade:**

– *Mandei uma carta a Fernando Henrique, na época em que ele era presidente.*

– ***Os** Portinaris tornam minha casa ainda mais chique.*

– ***O** João é uma ótima pessoa.*

Obs.: Em vocativos e antes de nomes de pessoas célebres da história (santos ou não), o artigo é dispensado: "**Fabiana**, por favor, venha aqui."; "A tese se reportou a **Carlota Joaquina** com desrespeito." (o **a** é só uma preposição exigida pelo verbo reportar-se); "Agradeço todos os dias a **Santa Clara** e a **São Cosme e Damião**." (os **as** são só uma preposição exigida pelo verbo agradecer). Diante de **Virgem Maria**, o artigo é obrigatório: "Já fiz muitos pedidos **à** (a + **a**) Virgem Maria.". Diante de nomes próprios femininos não célebres na história, o artigo é facultativo: "Os filhos costumam obedecer **à** (a + **a**) Joana (ou a Joana)."

19) O artigo é usado antes de alguns topônimos (nomes de lugares: países, regiões, continentes, montanhas, vulcões, desertos, constelações, rios, lagos, oceanos, mares e grupos de ilhas), mas não é usado antes de outros.** Como existem milhões de topônimos, não é possível colocá-los todos aqui. Por isso, vai aqui uma dica para identificar quando se usa ou não o artigo antes de algum topônimo: crie uma frase como esta: ***Gosto muito de _____. Faça um teste. Coloque os topônimos na lacuna. I) Se puder ser usado artigo antes do topônimo, maravilha! II) Não se esqueça de um detalhe: se o topônimo vier especificado, o artigo antes dele é obrigatório. III) Vale dizer que o artigo é facultativo

antes destes topônimos: *África, Ásia, Europa, Espanha, França, Holanda, Inglaterra, Escócia, Recife, Alagoas.*

*I: Gosto muito d**o** Cairo, d**o** Rio de Janeiro, d**a** Bahia, d**o** Porto, d**o** Brasil, de Portugal, de Paris, de São Paulo, de Copacabana, enfim... sou muito viajado.*

*II: Minha esposa só retornou a**o** Portugal dos avós dela depois de 20 anos.*

*III: (**O**) Recife é um lugar extremamente aconchegante e caloroso.*

Obs.: Não se usa artigo antes de nomes de planetas e estrelas: Urano, Plutão, Sírius, Canópus, Mercúrio etc. **Exceções**: **a** Terra e **o** Sol. Não se usa o artigo definido, em geral, com os nomes de cidades, de localidades e da maioria das ilhas: São Paulo, Visconde de Mauá, Malta, Cuba. **Exceção**: nomes de cidades que se formaram de substantivos comuns conservam o artigo: o Rio de Janeiro, o Porto, o Havre, o Cairo. Algumas ilhas também mantêm o artigo*:* a Córsega, a Sicília, a Sardenha, a Madeira, a Groenlândia.

20) O artigo vem antes dos pontos cardeais e colaterais, exceto quando indicam apenas direção:

*– Ah, os ventos! Os d**o** sul sempre são intrigantes.*

*– A comissão se dirigia para **o** norte.*

*– Está soprando **o** noroeste, brother!*

*– Segundo Graciliano Ramos, **o** nordeste não sopra.*

– Fizeram caminhadas de norte a sul, de leste a oeste.

21) O artigo vem antes dos pronomes indefinidos *outro* e *demais* só quando têm sentido determinado:

*– Chamei pel**os** outros, mas não vieram. Sobre **os** demais, nada tenho a dizer.*

22) Usa-se o artigo entre o numeral *ambos* e o elemento posterior, normalmente:

*– Ambos **os** atletas são capazes de conquistar o título.*

***23) O artigo é usado depois do pronome indefinido *todos* seguido de substantivo expresso; omitindo-se o substantivo, não se usa o artigo:**

*– Todos **os** quatro filhos acompanharam o pai.*

– O pai veio e saiu com todos quatro.

Obs.: Na frase "Todos os homens merecem uma segunda chance.", há uma ideia de generalização da espécie em "Todos os homens", por isso poderíamos reescrever esse trecho assim: "Todo homem merece uma segunda chance.", com o indefinido no singular,

equivalendo a "qualquer", sem artigo do lado. Estruturas diferentes, mesmo sentido.

***24) Quando o artigo é usado depois do pronome indefinido *todo*, este indicará inteireza/completude; a omissão do artigo fará *todo* indicar "qualquer":**

– *Esta carteira é válida em todo **o** território nacional.* (no território inteiro)

– *Esta carteira é válida em todo território nacional.* (esta carteira seria ótima, nem precisaríamos de passaporte, porque ela vale em qualquer território)

Obs.: Segundo Domingos Paschoal Cegalla, equivalendo a "todas as pessoas, toda a gente", a expressão **todo mundo** ou **todo o mundo** é válida, mas a segunda é preferencial. Ele diz ainda que o uso do artigo é obrigatório quando **mundo** se usa no sentido de **Terra** (O jogo será transmitido para *todo **o** mundo.*). Não se usa artigo antes de **todo** quando vem acompanhando um substantivo: *A toda pessoa chegou (???). Não confunda com o título "todo-poderoso", grafado assim mesmo: "Ele é **o** *todo-poderoso*".

***25) O artigo nunca aparece acompanhando o pronome relativo *cujo*:**

– *O homem cuja **a** persistência é grande logra êxito.* (Inadequado**!**)

– *O homem cuja persistência é grande logra êxito.* (Adequado**!**)

26) O artigo é usado antes de uma enumeração se o primeiro elemento dela vier precedido de artigo, inclusive numa série de superlativos relativos:

– *Como já dizia mais ou menos o Rei, "nem mesmo **o** céu, nem **as** estrelas, nem mesmo **o** mar e **o** infinito...".*

– ***O** mais sábio, **o** mais destemido, **o** mais puro dos homens foi Jesus Cristo.*

Obs.: Não se repete, porém, quando dois ou mais adjetivos caracterizam o mesmo ser, a não ser que os adjetivos sejam antônimos ou se queira enfatizar o substantivo: "**O** *mestre, amigo e futuro cunhado* Pestana veio me ajudar." / "***As** breves mas intensas* palavras do professor me motivaram." / "Visitamos ***a** moderna e **a** antiquada* Lisboa." (O artigo sempre vem antes de palavras antônimas!) / "***O** lindo, **o** inteligente, **o** rico e **o** mentiroso* apresentador de TV foi demitido depois de um escândalo."

27) O artigo pode ser usado para superlativar, intensificar o valor de um ser:

– *Confia em mim, o Dr. Jorge é **o** médico!*

28) O artigo é usado antes de nomes de idiomas, exceto quando vêm acompanhados de verbos relativos ao aprendizado:

– *Patrícia domina **o** português, **o** inglês e **o** espanhol.*

– *Precisa aprender agora francês e alemão.*

29) O artigo é comumente usado antes de substantivos abstratos, personificados ou não:

– *Amo **a** Justiça e **a** Compaixão; **as** virtudes precisam ser cultivadas.*

30) O artigo é dispensado antes do substantivo quando se quer dar uma ideia de acumulação e/ou rapidez ao discurso:

– *Chovem denúncias, corrupções, mentiras, negócios espúrios, sujeiras no Plenário.*

***31) O artigo é obrigatório depois da locução prepositiva "até a", só que às vezes a preposição "a" é dispensada da expressão, ficando só a preposição "até", por isso pode não haver crase:**

– *Fui até **à** (a + **a**) praia* ou *Fui até a praia.*

Obs.: Se "até a" tiver a significação de "até mesmo", deixa de ser locução prepositiva e o artigo passa a ser obrigatório: "Além das línguas germânicas, estudava até **as** línguas neolatinas."; "Eu estava muito feliz com a classificação, agradeci a bênção até **às** (a + **as**) faxineiras do curso.". Só de curiosidade: na frase "Eu fui até a (à) casa do João", pode ou não haver crase, pois "casa" está especificada, mas... em "Eu fui até a casa pegar um documento", a dispensa da preposição **a** gera uma construção no mínimo estranha: "Eu fui até casa". Logo, antes de "casa" (sem especificador), usa-se a locução prepositiva "até a" para evitar a estranheza.

Emprego dos Artigos Indefinidos

Só para relembrar, os artigos indefinidos são **um**, **uns**, **uma**, **umas**.

1) Serve para indicar desconhecimento ou generalização, basicamente:

– ***Uma*** *paciente sua passou aqui hoje de manhã, doutora.*

2) Por sua força generalizadora e indeterminadora, esse tipo de artigo é usado antes de um substantivo para indicar que se trata de uma espécie inteira:

– ***Um*** *homem não pode fraquejar diante de acusações contrárias a seus princípios.* (qualquer homem)

***3) Revela quantidade aproximada, ênfase, depreciação:**

– *Engordei* ***uns*** *dez quilos.*

– *Estou com* ***uma*** *fome!*

– *Ele é o homem, eu sou só* ***uma*** *mulher.*

4) Usado antes de nome próprio para realçar a qualidade de alguém:

– *Ela era* ***uma*** *Afrodite e* ***uma*** *Diana ao mesmo tempo.*

5) Usado para indicar que alguém pertence a uma família:

– *Dom Pedro I era um Bragança.*

6) Usado para designar obras de um artista:

– *Paguei bem caro por* ***um*** *Picasso.*

7) Usado antes de topônimos especificados:

– *Depois de 40 anos como taxista, Pedro chegou a conhecer* ***uma*** *Copacabana modesta mas charmosa.*

8) Não é usado antes de pronomes demonstrativos e indefinidos, mas pode ser usado antes de *semelhante* e *certo*, quando pospostos ao substantivo, pois viram substantivos:

– *Pai e filho tinham* ***um*** *jeito* <u>*semelhante*</u> *de falar.*

– *Fiz* ***um*** *negócio* <u>*certo*</u>*.*

* Na expressão "um(a) tal de", **tal** continua sendo pronome demonstrativo, segundo se entende do que diz o gramático Napoleão Mendes de Almeida a respeito dela.

9) Segundo a maioria dos gramáticos, omite-se, normalmente, o artigo indefinido em apostos explicativos:

– *Guimarães Rosa, (****um****) grande escritor brasileiro, mereceu todos os louros.*

10) Para precisar ou explicar melhor um ser anteriormente determinado por artigo

definido, o artigo indefinido pode ser usado:

– *Chegou a noite,* ***uma*** *noite límpida e sensual, mas tive de ficar em casa, infelizmente.*

Valor Discursivo

Provas bem elaboradas vêm trabalhando muito o valor discursivo dos artigos. Por isso, vamos entender melhor qual é o papel do artigo **dentro do texto**. Leia este diálogo entre dois interioranos:

*Fofoqueiro 1: – Aí, **o** João foi a**o** cinema d**o** bairro com **a** namorada, de novo!*
*Fofoqueiro 2: – Ih! Isso não vai dar certo. Da última vez que **um** cara daqui da cidade se atreveu a levar **uma** menina para o cinema, os pais d**a** garota ameaçaram **o** cara de morte.*
*Fofoqueiro 3: – Foi o que eu disse para ele... mas **o** homem não escuta ninguém.*

Antes de qualquer coisa, é preciso que você entenda que o artigo **definido** exerce duas funções discursivas: 1) indica que o ser do qual o falante está falando é também conhecido do ouvinte, logo ambos compartilham de um conhecimento prévio sobre o objeto da conversa ou da exposição e 2) serve para retomar ou relembrar termos anteriores, por inferência.

Igualmente, é preciso que você entenda que o artigo **indefinido** exerce uma função discursiva, basicamente: sempre que uma nova informação é apresentada, o artigo indefinido ajuda o interlocutor (ouvinte/leitor) a ficar atento no ser introduzido na cena, pois o prepara a fim de mais à frente ser tornado conhecido pelo artigo definido. Nas palavras de Celso Cunha, "O artigo indefinido serve para a apresentação de um ser ainda não conhecido do interlocutor. Uma vez apresentado o ser, não há mais razão para o emprego do artigo indefinido, e o locutor (escritor/falante/emissor) deverá usar daí por diante o artigo definido.".

Se você não entendeu muito bem o que eu quis dizer, relaxe, você vai entender melhor agora. Vejamos como analisar os artigos da cena (reprise comentada):

*Fofoqueiro 1 – Aí, **o** João foi a**o** cinema d**o** bairro com **a** namorada, de novo!*

Quando F1 diz "**o** João", é porque ele sabe que F2 o conhece. Ambos conhecem o tal João. Quando F1 diz a F2 "a**o** cinema d**o** bairro", é porque só há um cinema no bairro onde eles moram e conhecem. Quando F1 diz a F2 "com **a** namorada", ambos sabem quem é a dita cuja... e que só é uma. Percebe que há conhecimento compartilhado e prévio nesta parte do diálogo entre os interlocutores?

*Fofoqueiro 2 – Ih! Isso não vai dar certo. Da última vez que **um** cara daqui da cidade se atreveu a levar **uma** menina para o cinema, os pais d**a** garota ameaçaram **o** cara de morte.*

Olha aí o que disse o Celso! Usam-se inicialmente indefinidos para depois os definidos retomarem, por inferência, os termos anteriores (**um** cara – **o** cara; **uma** menina – (d)**a** garota). Os indefinidos são ótimos para apresentar seres e os definidos são ótimos para retomá-los visando à clareza.

*Fofoqueiro 3 – Foi o que eu disse para ele... mas **o** homem não escuta ninguém.*

Este artigo definido (**o** homem) faz referência ao João, lá do início.

Mais interessante que tudo isso é perceber que, se fossem usados artigos indefinidos no lugar de alguns definidos da primeira frase, haveria sensível mudança de sentido, não é? Veja só:

*Fofoqueiro 1 – Aí, **o** João foi a **um** cinema d**um** bairro com **uma** namorada, de novo!*

Agora nem F1 nem F2 sabem qual é o cinema, qual é o bairro, qual é a namorada (João tem mais de uma; isso a gente sabe). Ok?

Bem, é isso aí. Muito interessante, não? Chega de papo. Exercício na veia!

O Que Cai Mais na Prova?

E aí? Você ainda acha que podemos desprezar esta classe gramatical? Pode ser exatamente uma questão sobre artigo a “pedra no seu sapato”. E ainda há gramáticas no mercado trabalhando artigo “megasuperficialmente”... sem comentários... Recomendo que você estude a **identificação** do artigo, uma vez que ele pode ser confundido com vocábulos de outras classes gramaticais, e também que estude seu **valor discursivo**. Não ignoremos os **empregos mais importantes** também. Pense na sua vaga! Faça a sua parte!

Questões de Concursos

Conforme você já percebeu, mas não me custa reiterar, algumas questões só apresentam uma ou duas opções, e não todas. Isso ocorre, porque muitas bancas trabalham assuntos diversos em suas opções. Apeguei-me apenas às opções relativas ao assunto do capítulo, isto é: artigo. Isso vai ocorrer ao longo de todo o livro.

1. (Esaf – INSS – Auditor-Fiscal da Previdência Social – 2002) Em relação às lacunas do texto, assinale a opção correta.

A questão da Previdência Social deve ser recolocada na sucessão presidencial. Não é possível que uma questão dessa magnitude – o pacto entre gerações, que interessa às passadas, presentes e futuras – continue, como sempre aconteceu, fora da pauta da sucessão presidencial. Uma questão que **diz respeito** _____ 20 milhões de beneficiários – aposentados e pensionistas; _____ 26,7 milhões de contribuintes ativos, só no Sistema Geral de Previdência Social – o INSS; ____ 60,0 milhões de brasileiros que estão na População Economicamente Ativa – PEA, mas excluídos do INSS, entre os quais os 40 milhões da economia informal; ____ 4 milhões da Previdência Complementar aberta; _____ 6,6 milhões da Previdência Complementar fechada – 1,7 milhões de participantes ativos, 4,4 milhões de participantes dependentes e 558 mil participantes assistidos; _____ 10 milhões de servidores públicos civis e militares, da União (1,8 milhão), de estados (4,0 milhões, em 97) e municípios (4,0 milhões, em 97), aproximadamente.

a) Como são informações de natureza numérica, o artigo masculino é obrigatório.
b) Já que todas as informações têm a mesma função sintática, basta preencher as lacunas com o artigo feminino singular.
c) Devido à regência da forma verbal "diz" todas as lacunas devem ser preenchidas com a preposição de.
d) A regência da palavra "respeito" exige que as duas primeiras lacunas sejam preenchidas com em e as seguintes com de.
e) Todas as lacunas podem ser preenchidas com preposição e artigo masculino plural: aos.

2. (Cespe/UnB – SEFAZ – Técnico – 2002) Os três sinais indicativos de crase nas linhas 7 e 8 (Cumpre permitir à sociedade o acesso às informações relativas à boa ou má utilização das verbas públicas) podem ser suprimidos, sem que a coerência textual fique prejudicada, pois são três casos em que o artigo definido pode ser omitido.

( ) CERTO
( ) ERRADO

3. (FGV – BESC – Assistente Administrativo – 2004) "... por outro lado, ***a*** taxa Selic continuará ***a*** ser reduzida ***a*** partir do patamar de 16,5% ***a*** que chegou no fim do ano passado..."

Os termos grifados no trecho acima classificam-se, respectivamente, como:

a) artigo − artigo − preposição − preposição;
b) preposição − artigo − preposição − artigo;
c) artigo − preposição − preposição − artigo;
d) artigo − preposição − preposição − preposição;
e) preposição − preposição − artigo − artigo.

4. (Cespe – STM – Analista Judiciário – 2004) Preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se substituir a preposição ***em***, que rege "características pessoais" (... *forte influência nas características pessoais*...), pela preposição ***sobre***; mas, nesse caso, desfaz-se a contração e o artigo deverá ser escrito separadamente.

( ) CERTO
( ) ERRADO

5. (FGV – BESC – Advogado – 2004) Assinale a alternativa em que o termo grifado seja artigo definido.

a) "... o que *os* empurra a dar crédito para o setor privado e para as pessoas físicas."
b) "*O* que se faz?"
c) "*O* que está ocorrendo é que os interesses que prevaleceram..."
d) "... agora, o que se está fazendo é buscar "acalmar" *os* que temem perder lucros na fase de transição."
e) "Ou seja, há uma possibilidade, não desprezível, de *o* país perder, mais uma vez, uma janela de oportunidade."

6. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2004) Os vocábulos "dos" e "da" (... *valores que diferem nitidamente dos da Idade Média*...) provêm ambos da contração da preposição *de* com outro vocábulo: em "dos", com um pronome demonstrativo e, em "da", com um artigo definido.

( ) CERTO
( ) ERRADO

7. (Cespe/UnB – TRE/MT – Analista Judiciário – 2005) Assinale a opção em que as relações de dependência sintática entre os termos do texto VI mostram que o termo da opção não está acompanhado pelo artigo definido.
a) "na medida".
b) "a dimensão".
c) "às exigências de justiça".
d) "do perdão e do respeito".
e) "a toda pessoa".

8. (NCE/UFRJ – CEPEL – Auxiliar de Segurança Patrimonial – 2006) A frase abaixo que NÃO apresenta um numeral de qualquer tipo é:
a) "Foi assim na primeira metade do século passado".
b) "deu os primeiros passos da campanha".
c) "responsável hoje por 85% da produção nacional".
d) "para aprovar a Lei no 9.478".
e) "deixar estrangeiros explorarem o petróleo, uma riqueza finita".

9. (Cespe – MPE – Analista Ministerial – 2006) Preservando-se o sentido do texto III, uma opção gramaticalmente correta para a frase "poderá importar em um perigoso *recuo do Estado*" é: poderá importar num perigoso *recuo do Estado*.
( ) CERTO
( ) ERRADO

10. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2006) (Adaptada) Julgue como verdadeiro (V) ou falso (F) o item a respeito do texto abaixo.
*"(...) Antes de Luca Paccioli, **um comerciante** ou **produtor** que não pagasse suas dívidas poderia ter todos os bens pessoais, como casa, móveis e poupança, arrestados por um juiz ou credor. (...)"*
( ) Apesar de se classificar como **artigo** indefinido, o **artigo** "um" tem a função de determinar ou identificar, no texto, "comerciante" e "produtor".

11. (Esaf – ANEEL – Ténico Administrativo – 2006) Verifique quantas alterações propostas para o texto preservam sua coerência e correção gramatical.
*Não é a **violência** nem as **turbulências** da economia e muito menos a **saúde**. A maior preocupação do brasileiro é o trabalho. A conclusão é **resultado** de uma consulta realizada com 23,5 mil pessoas de 42 países. **Num** suposto ranking mundial de pessimismo em relação às **oportunidades** de trabalho, o brasileiro apareceria nas primeiras posições. Na média global, o emprego seguro é citado por 21% dos entrevistados, ficando em segundo lugar **entre** as preocupações de curto prazo, depois da economia.*
I. Retirar os artigos antes de "violência", "turbulências" e "saúde".
II. Substituir o sinal de ponto pelo de dois-pontos depois de "saúde", grafando a palavra seguinte com letra inicial minúscula.
III. Inserir a preposição *com* antes de "resultado".
IV. Substituir "Num" por *Em um*.
V. Retirar o artigo definido antes de "oportunidades", escrevendo apenas *à*.
VI. Substituir a preposição "entre" pela preposição *em*, o que resulta na contração *nas*.
A quantidade de itens corretos é:
a) 1;
b) 2;
c) 3;
d) 4;
e) 5.

*O acesso **às novas tecnologias** tornou-se um dos fatores determinantes para a criação e absorção de empregos. Há **uma profunda transformação** em curso nas comunicações, **potencializando** a revolução da cidadania e a redução da injustiça social. A continuidade dessas transformações reside menos em novas e radicais inovações tecnológicas e **muito** mais na universalização de seus benefícios para as camadas de baixa renda e para o grande universo de pequenas e médias empresas deste país, maiores geradoras de empregos.*

12. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2006) Julgue como falsas (F) ou verdadeiras (V) as seguintes afirmações a respeito do emprego das estruturas linguísticas no texto.
I. ( ) Preserva-se a correção gramatical ao substituir "às novas tecnologias" por **a novas tecnologias**, usando o termo de

maneira indeterminada, sem artigo.

II. ( ) Mantém-se a coerência textual e a correção gramatical também ao empregar "uma profunda transformação" generalizadamente no plural: **profundas transformações**.

III. ( ) O valor do gerúndio em "potencializando" corresponde ao de uma subordinada adjetiva: **que potencializa**.

IV. ( ) Por se tratar de advérbio que confere ênfase, "muito" pode ser suprimido do texto sem prejudicar a estrutura sintática.

A sequência obtida é:

a) V, F, F, V;
b) F, F, F, V;
c) V, F, V, F;
d) F, V, V, F;
e) V, V, V, V.

13. (UPENET/IAUPE – Pref. Olinda/PE – Assistente Social – 2006) Partindo-se do princípio de que CRASE é o fenômeno resultante da fusão da preposição "a" e do artigo "a", assinale a alternativa cujo termo sublinhado se classifica apenas como artigo, daí justificar a inexistência desse fenômeno.

a) "Todos os estudos feitos nos anos 1990 (...) continuam a mostrar..."
b) "... enquanto que 70 a 80 por cento das mulheres afirmam..."
c) "A exemplo de seu ancestral, ele quer ficar sentado em uma pedra..."
d) "... afirmam que a família é prioridade absoluta."

14. (ESPP – MGS – Analista de Sistemas – 2006) Considere o período: *Os dois passaram a discutir a questão da verba disponível.* Os termos destacados são, respectivamente:

a) preposição; artigo definido;
b) artigo definido; preposição;
c) pronome; artigo definido;
d) preposição; pronome.

15. (EsPCEx – Exército Brasileiro – Cadetes do Exército – 2007) Considere a frase: "Ele fez críticas a algumas pessoas". Assinale a alternativa em que o "a" possui a mesma classificação morfológica apresentada na frase acima.

a) Não a vi da janela.
b) Depois da chuva, voltei a casa.
c) A tardinha está deliciosa.
d) A noite é sempre assim: linda!
e) Voltamos com a sombra das nuvens.

16. (Moura Melo – Pref. São Bernardo Campo/SP – Técnico – 2007) Assinale a alternativa cujo contexto possui o uso incorreto do artigo:

a) Nunca penetrei na alma ressequida do meu tio.
b) A ilha a mais paradisíaca pede regulamentação.
c) A ilha deve ser selvagem o quanto possível.
d) NDA.

17. (FGV – FNDE – Técnico – 2007) "A primeira é tecnológica: a internet começou, há vários anos, a erodir a receita da indústria cultural."

No trecho acima, é correto afirmar que estão presentes:

a) três artigos definidos e duas preposições;
b) três artigos definidos e três preposições;
c) cinco artigos definidos e uma preposição;
d) três artigos definidos e uma preposição;
e) quatro artigos definidos e duas preposições.

18. (Cespe/UnB – Pref. São Luís/TO – Técnico Municipal – 2008) Na expressão "A expectativa de vida vem crescendo em todo o mundo", mantêm-se a coerência e a correção gramatical, bem como o sentido do texto, se for retirado o artigo "o".

( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – Pref. São Luís/TO – Técnico Municipal – 2008) Mantém-se o sentido original do texto se o trecho "aos medicamentos" (... ampliar o acesso da população aos medicamentos considerados essenciais...) for substituído por **a**

medicamentos.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – TJ – Analista Judiciário – 2008) Assinale a opção em que a partícula "o" sublinhada aparece com o mesmo emprego que se apresenta no seguinte trecho do texto: "A primeira é o que queremos dizer".
a) Eles devem realizar logo o projeto do grupo.
b) Responda-me: o que você tem com isso?
c) Seu sucesso depende de o livro ser aceito.
d) É preciso conhecer a rotina do laboratório.
e) Este livro foi o que você indicou.

21. (Consulplan – Analista de Informática (SDS-SC) – 2008) Observe as frases:
1. "Já com avião **a** catástrofe é cinematográfica..."
2. "... para não ser mais uma colunista **a** apontar os defeitos alheios..."
3. Os agentes **a** encontraram desacordada.
Os termos grifados são, respectivamente:
a) artigo, pronome, pronome;
b) artigo, preposição, prono,me;
c) artigo, pronome, preposição;
d) pronome, preposição, artigo;
e) preposição, artigo, pronome.

"(...) Em nosso continente, a colonização espanhola caracterizou-se largamente pelo que faltou à portuguesa: ***por uma*** *aplicação insistente em assegurar o predomínio militar. (...)"*

22. (Cespe/UnB – CEHAP – todos os cargos (SUPERIOR) – 2009) (Adaptada) Preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se escrever *pela* em lugar de "por uma"?

23. (Cespe/UnB – PM – SOLDADO – 2009) Em "acesso a" (O acesso a revólver, pistola...), "a" funciona como artigo feminino singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

24. (Esaf – ANA – Analista Administrativo – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"O tratamento de esgotos é fundamental para qualquer programa de despoluição das águas. Em grande parte das situações, a viabilidade econômica das estações de tratamento de esgotos (ETE) é reconhecidamente reduzida, em razão dos altos investimentos iniciais necessários ***à sua construção*** *e, em alguns casos, dos altos custos operacionais. (...)"*
- O emprego do sinal indicativo de crase em "à sua construção" é opcional porque é opcional a presença de **artigo definido** singular feminino antes de "sua".

25. (MOVENS – MDIC – Grupo I – 2010) Quanto ao emprego dos artigos no texto, julgue os itens abaixo como Verdadeiros (V) ou Falsos (F) e, em seguida, assinale a opção correta.
I. No trecho "Estamos a um passo dessa convergência", há dois artigos.
II. Em "O sol brilha em todo o mundo", a retirada do artigo que antecede a palavra "mundo" não acarretaria erro gramatical, mas mudaria o sentido do texto.
III. Na linha 11, em "O vento sopra pela Terra todo dia", há contração da preposição **por** com o artigo **a**.
A sequência correta é:
a) V, F, F;
b) V, F, V;
c) F, V, F;
d) F, V, V.

26. (FUNIVERSA – SESI – Assistente Pedagógico – 2010) (Adaptada) Considerando o período "Assim, a relação professor-aluno se torna tema fundamental de discussão nas reuniões de planejamento, nas escolas, nas universidades e em todos os lugares onde se debata melhoria da educação.", diga se a afirmação abaixo está correta ou incorreta:
– O vocábulo "nas", em todas as suas ocorrências, resulta da contração da preposição "em" com o artigo definido "as".

27. (Consulplan – Técnico Administrativo – 2010) (Adaptada) Quanto à classe de palavras, a classificação abaixo está correta

ou incorreta?
– "As economias sustentáveis, com tecnologias limpas, sepultarão antigas estruturas..." (artigo definido)

28. (Consulplan – Auxiliar Administrativo – 2010) Assinale a alternativa que apresenta ERRO quanto ao uso do artigo:
a) Avisei a ela que não haveria a reunião.
b) Feliz o pai cujos filhos são ajuizados.
c) Li a notícia no "Estado de Sergipe".
d) Ambos os casos merecem consideração.
e) Discutia os assuntos mais profundos.

29. (Consulplan – Educador de nível médio – 2010) Há ERRO quanto ao emprego do artigo na seguinte afirmativa:
a) O Brasil é um país maravilhoso.
b) O juiz solicitou a presença de ambos os cônjuges.
c) Esta é a mulher cujo o amigo desapareceu.
d) Faltaram uns dez alunos.
e) O menino fugiu.

(...) A palavra paraíso é de origem persa – *pairidaeza*, que quer dizer "jardim murado"; **e sua representação, seu símbolo, é um jardim**, o lugar onde se deu a criação, o país originário de Adão e Eva, enfim o centro do cosmos, que remete a um estado de perfeição. (...)

30. (Adaptada) A reescritura abaixo, no lugar do trecho destacado, estará correta ou incorreta?
– "... e a sua representação, o seu símbolo, é um jardim..."

31. (Consulplan – Técnico em Processamento de Dados – 2011) *"Receio que a gente esteja cometendo um triste engano."*
As palavras destacadas no trecho anterior são, respectivamente:
a) pronome, artigo indefinido, advérbio, substantivo;
b) artigo indefinido, adjetivo, pronome, substantivo;
c) artigo definido, artigo indefinido, adjetivo, substantivo;
d) pronome, artigo definido, adjetivo, substantivo;
e) artigo definido, adjetivo, advérbio, substantivo.

32. (Consulplan – Codificador Censitário – 2011) Está correta a afirmativa referente aos segmentos:
"Igual a como" / "Como a alegria"
a) O "a" pertence à mesma classe de palavras nos dois registros.
b) O primeiro "a" é classificado como artigo definido.
c) O vocábulo "como", nas duas ocorrências, pertence à classe de palavras dos adjetivos.
d) Na segunda ocorrência, o "a" é classificado como artigo definido, o que não ocorre para o primeiro registro.
e) A palavra "igual" não pode substituir "como" em "como a alegria".

33. (FDC – Pref. Itaboraí/RJ – Fiscal de Tributos – 2012) "**Um** homem entrou n**um** bar e pediu três doses de uísque. Bebeu depressa, uma depois da outra. Quando terminou a última, pediu mais três. **O** funcionário d**o** bar disse:
– Isso não lhe faz bem, sabe?
– Eu sei – respondeu **o** homem – especialmente com o que eu tenho.
– O que é que o senhor tem? – perguntou **o** garçom.
– Só um real.
(Andy Rooney, "Tribune Media Services")
A afirmativa correta sobre o emprego dos artigos negritados no texto acima é:
a) Nos termos "o funcionário" e "o homem", o emprego do artigo definido é justificado pela mesma razão.
b) Nos termos "o funcionário" e "o bar", os artigos definidos mostram que os termos determinados por eles já foram enunciados antes.
c) Termos como "um homem" e "um bar" nunca podem aparecer textualmente como termos que se referem a outros termos anteriores.
d) No termo "o funcionário", o emprego do artigo definido se justifica pelo fato de o termo determinado ter sido enunciado pela primeira vez.
e) Nos termos "um homem" e "um bar", o emprego do artigo indefinido indica, além do conhecimento dos seres determinados, a sua quantidade.

34. (FDC – Pref. Itaboraí/RJ – Fiscal de Tributos – 2012) O emprego do artigo negritado é optativo na seguinte frase:
a) "A descoberta do clarinete por Mozart foi uma contribuição maior do que toda a África nos deu até hoje." (Paulo

Francis)

b) “Nunca minta para o seu médico, para o seu confessor ou para o seu advogado.” (George Herbert)

c) “Não confio num banco que me empresta dinheiro sem a menor garantia.” (Robert Benchley)

d) “O Brasil é a melhor piada que já foi contada por um português.” (Fernando Pedreira)

e) “De dez em dez anos toda a burocracia precisa ser fuzilada e trocada.” (Stalin)

Gabarito

1. E.	9. CERTO.	17. E.	25. D.	33. C.
2. ERRADO.	10. F.	18. ERRADO.	26. CORRETO.	34. B.
3. D.	11. D.	19. CERTO.	27. CORRETO.	
4. CERTO.	12. E.	20. E.	28. C.	
5. E.	13. D.	21. B.	29. C.	
6. CERTO.	14. A.	22. CORRETO.	30. CORRETO.	
7. E.	15. B.	23. ERRADO.	31. C.	
8. E.	16. B.	24. CORRETO.	32. D.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 10

Numeral

Definição

Esta classe gramatical é pouquíssimo cobrada em concursos de bancas famosas, mas não custa passar os olhos, certo? Vai que...

Do ponto de vista semântico, o numeral indica, essencialmente, quantidade absoluta (cardinal), quantidade fracionária (fracionário), quantidade multiplicativa (multiplicativo) e ordem, sequência, posição (ordinal), de coisas ou pessoas.

Do ponto de vista morfológico e discursivo, o numeral é uma classe normalmente variável em gênero e número. É um determinante que acompanha o substantivo (neste caso, é chamado de numeral adjetivo, pois tem valor de adjetivo) ou o substitui (neste caso, é chamado de numeral substantivo, pois tem valor de substantivo).

"Ter valor de" não significa "ser". Logo, nestas frases: "**Dois** *estudantes* vieram me abraçar em agradecimento pela classificação. Reinaldo e Leandro eram seus nomes. Os ***dois*** eram merecedores!". Note que o último **dois** substitui "Reinaldo e Leandro", logo é um **numeral substantivo**. O primeiro **dois**, por sua vez, é um **numeral adjetivo,** pois está ligado a um substantivo (estudantes).

Sobre a variação em gênero e número, dê uma olhada básica:

– Os **numerais cardinais** que variam em gênero são "um (uma), dois (duas)" e as centenas a partir de duzentos: "Só **um** aluno e **uma** aluna da turma passaram na prova.". Cardinais como milhão, bilhão (ou bilião), trilhão (trilião) etc. variam em número: milhões, bilhões (ou biliões), trilhões (triliões) etc. Os demais cardinais são invariáveis.

– Os **numerais ordinais** variam em gênero e número: primeiro, primeira, primeiros, primeiras...

– Os **numerais multiplicativos** variam em gênero e em número quando acompanham substantivos: "Os saltos e piruetas **triplas** daquela ginasta deixaram-nos de queixo caído.".

– Os **numerais fracionários** variam em gênero e número: um **quarto**, dois **quartos**, duas **quartas**, **trinta e quatro avos**...

– **Ambos/ambas** são considerados **numerais duais**; muito empregados para retomar elementos citados anteriormente, por isso o gramático Bechara diz que eles podem ser vistos como pronomes: "Mateus e João foram apóstolos de Jesus Cristo. **Ambos** deixaram seus nomes na história." As expressões pleonásticas "ambos os dois" e "ambos de dois" são abonadas por uns (Sacconi, por exemplo) e desabonadas por outros (Cegalla, por exemplo).

Do ponto de vista sintático, o numeral é um termo que funciona como adjunto adnominal

quando acompanha um substantivo; quando substitui o substantivo, tem função substantiva (ou seja, funciona como núcleo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto, indireto, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adverbial e aposto).

Para entendermos bem todas as definições de numeral, vamos analisar por último esta frase:

Uma cerveja é pouco, duas é bom, três é... bom demais!

Note que os vocábulos ***Uma***, ***duas*** e ***três***

1) **indicam quantidade absoluta, logo são cardinais***;*
2) **variaram** (os dois primeiros) de forma: "**Uma** cerveja... **duas** é bom..."; o primeiro numeral é adjetivo, pois acompanha um substantivo e os demais são numerais substantivos, pois substituem um substantivo (cerveja);
3) funcionam como **adjunto adnominal** (o primeiro) e como **sujeitos** (o segundo e o terceiro).

Identificação

Identificar o numeral não é difícil, desde que você conheça os tipos (cardinal, ordinal, multiplicativo, fracionário e coletivo). Veja esta questão:

23. (EsSA – Exército Brasileiro – Sargento – 2006) No trecho "Os três atravessam o salão, cuidadosa mas resolutamente...", os vocábulos grifados são classificados, quanto à morfologia, respectivamente, em:
a) numeral e advérbio; (Este foi o gabarito oficial!)
b) advérbio e aposto;
c) substantivo e adjetivo; (Você marcaria esta... e erraria!)
d) vocativo e substantivo;
e) adjetivo e numeral.

Comentário: Note que *três* está substituindo substantivos não mencionados no trecho, mas que subentendemos que sejam três (*amigos, rapazes, irmãos etc*.). Além disso, *três* continua indicando quantidade, o que constitui um numeral. Não confunda numeral (!) com substantivo! Sobre isso, veja o exemplo do Bechara, na página 205, de sua *Moderna Gramática Portuguesa*.

Só peço que tome cuidado com os numerais que se tornam verdadeiros substantivos (processo de derivação imprópria). Isso se dá quando se denominam os números, de modo que eles não indicam quantidade ou ordem no contexto:

– *O número **sete** é ímpar.*
– *O numeral **primeiro** e o numeral **segundo** são ordinais.*
– *O **vinte e quatro** no jogo do bicho é veado, sendo associado pejorativamente, por isso, a homossexuais.*
– *A professora escreveu dois **oitos** no quadro, no entanto deveria escrever três **oitos**.*

Agora, há certo numeral que pode gerar confusão: **um(a).** Podemos confundir tal numeral com artigo indefinido ou com pronome indefinido. Ou melhor, podíamos. Veja agora a diferença entre eles, segundo o conceituado gramático José Rebouças Macambira:

1. Artigo indefinido: a forma **um** deve ser artigo indefinido:
– Se for omissível: "Morreu um grande poeta araçatubense.", que, omitido o artigo, se reduz a: "Morreu grande poeta araçatubense.".
– Se alternar com o artigo definido: "Um homem prevenido vale por dez." equivale a "O homem prevenido vale por dez.".

2. Pronome Indefinido: a forma **um** será pronome indefinido:
– Se ocorrer em paralelo com pronome indefinido: "Um filho estuda Direito, o outro Medicina.".

3. Numeral: a forma **um** será numeral:

– Se ocorrer em paralelo com outro numeral: “Escapou um preso, e dois foram mortos.”.
– Se responder à pergunta “quanto”: “Quantos filhos você tem?” “Um filho.”.
– Se vier articulado com “somente, apenas, só” ou “sequer”: “Tenho somente um amigo.”, “Nunca perdeu sequer uma discussão.”.
– Quando **um** puder ser expandido por **somente** ou qualquer outro sinônimo.“Existe um Deus no céu.” = “Existe somente um Deus no céu.”
– Se posposto a um substantivo, tiver o valor de ordinal: “Abra o livro na página um.” (isto é, na primeira página). Nesse caso, fica invariável; não se deve dizer na página uma ou vinte e uma.
– (Adendo meu) Nas expressões “um(a) dos(as) que”, **um(a)** é numeral.

Classificação

Nossos numerais são de origem árabe, por isso são algarismos **arábicos**. Há também os algarismos **romanos**. Veja alguns correspondentes:

Arábicos: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 30, 40, 50, 60, 70, 80, 90, 100, 200, 300, 400, 500, 600, 700, 800, 900, 1000.

Romanos: I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII, IX, X, XI, XII, XIII, XIV, XV, XVI, XVII, XVIII, XIX, XX, XXX, XL, L, LX, LXX, LXXX, XC, C, CC, CCC, CD, D, DC, DCC, DCCC, CM, M.

Vamos ao que interessa:

Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
zero	–	–	–
um*	primeiro[3]	–	–
dois	segundo	dobro, duplo, dúplice	meio[1], metade
três	terceiro	triplo, tríplice	terço
quatro	quarto	quádruplo	quarto
cinco	quinto	quíntuplo	quinto
seis	sexto	sêxtuplo	sexto
sete	sétimo	sétuplo	sétimo
oito	oitavo	óctuplo	oitavo
nove	nono	nônuplo	nono
dez	décimo	décuplo	décimo
onze	décimo primeiro	–	onze avos
doze	décimo segundo	–	doze avos
treze	décimo terceiro	–	treze avos
quatorze/catorze	décimo quarto	–	catorze avos
quinze	décimo quinto	–	quinze avos
dezesseis	décimo sexto	–	dezesseis avos
dezessete	décimo sétimo	–	dezessete avos
dezoito	décimo oitavo	–	dezoito avos
dezenove	décimo nono	–	dezenove avos
vinte	vigésimo	–	vinte avos
trinta	trigésimo	–	trinta avos
quarenta	quadragésimo	–	quarenta avos
cinquenta	quinquagésimo	–	cinquenta avos
sessenta	sexagésimo	–	sessenta avos
setenta	septuagésimo	–	setenta avos
oitenta	octogésimo	–	oitenta avos

noventa	nonagésimo	–	noventa avos
cem	centésimo	cêntuplo	centésimo
duzentos	ducentésimo	–	ducentésimo
trezentos	trecentésimo	–	trecentésimo
quatrocentos	quadringentésimo	–	quadringentésimo
quinhentos	quingentésimo	–	quingentésimo
seiscentos	sexcentésimo	–	sexcentésimo
setecentos	septingentésimo	–	septingentésimo
oitocentos	octingentésimo	–	octingentésimo
novecentos	non(in)gentésimo	–	nongentésimo
mil	milésimo	–	milésimo
milhão[2]	milionésimo	–	milionésimo
bilhão[2]	bilionésimo	–	bilionésimo
etc.			

Existem também os **numerais coletivos**, os quais indicam o número exato de seres ou objetos de um conjunto, flexionando em número, quando necessário: dúzia, cento, milhar, par, milheiro, dezena, centena, novena, grosa, lustro, década... Normalmente vêm especificados por uma locução adjetiva iniciada pela preposição de: "Comeram uma **dúzia** de bananas".

* Recomenda Cegalla: evite usar "um mil" ou "hum mil"; use "mil" apenas.

[1] O numeral fracionário **meio** (= metade) concorda em gênero com o substantivo a que se refere e pode ser numeral adjetivo ou numeral substantivo: "Comprou **meio** quilo de feijão."; "Cortou **meia** laranja-pera para comer."; "Finalizou a luta em um minuto e **meio** (minuto)."; "Terminou a disputa depois de duas horas e **meia** (hora)."; "Enfim, já é **meio**-dia e **meia** (hora).". O numeral fracionário é também percentual quando seguido por este símbolo: "%". Meio óbvio isso... Bem... vale ressaltar que esse vocábulo também pode ser um substantivo quando acompanhado de determinante(s): "Estamos no ***meio*** do verão.". Pode ser um advérbio de intensidade quando modifica um adjetivo ou outro advérbio: "Ela está **meio** chateada, porque já está **meio** tarde.". "Meia chateada" não existe porque advérbio não varia.

[2] Segundo muitos gramáticos e o VOLP, "milhão, bilhão, trilhão, quatrilhão, quintilhão" etc. são considerados numerais ou substantivos. Então, não se assuste se determinada banca marcar como correta a classificação de um desses vocábulos como numeral ou como substantivo. Mais importante que isso é saber o seguinte: tais vocábulos são masculinos e, por isso mesmo, levam outros determinantes dentro do sintagma nominal ao masculino: "*Os dois* ***milhões*** de mulheres de nosso país estavam *entusiasmados* (ou *entusiasmadas*).". A

mesma regra se aplica a “bilhão, trilhão, milhar(es)”. Aproveitando o ensejo, o verbo pode concordar com *milhão* (no singular) ou com seu especificador (no plural): “Um **milhão** de reais **foi** (foram) **gasto** (gastos) na construção da casa.”.

[3] Os vocábulos “último, penúltimo, antepenúltimo, derradeiro, posterior, anterior” etc. não são considerados numerais, e sim meros adjetivos. Segundo Celso Cunha, certos ordinais se tornam verdadeiros adjetivos, por conversão (derivação imprópria), em construções como estas: “Este é um artigo de **primeira/primeiríssima** qualidade.”; “Teu clube é de **segunda** categoria.”; “Um material de **terceira** ordem como esse não me interessa.”.

Emprego dos Numerais

Vejamos algumas regrinhas sobre os numerais:

1) Como bem nos instrui José Maria da Costa, em seu *Manual de Redação Profissional*, "Há diversas regras importantes e interessantes para a leitura dos numerais e para sua escrita por extenso, como, por exemplo, a que determina a interposição da conjunção *e* entre as centenas e as dezenas e entre estas e as unidades. Em decorrência dela é que o número *2.662.385* é lido e escrito por extenso do seguinte modo: *dois milhões seiscentos e sessenta e dois mil trezentos e oitenta e cinco*. No caso das consultas, o mais lógico é pensar, por primeiro, na existência de um modo mais conceitual e apurado de dizer e escrever: a) *83,47%*: *oitenta e três inteiros e quarenta e sete centésimos por cento*; b) *0,3%*: *três décimos por cento*. A par desse modo mais clássico, também se posta outro mais simples, direto e igualmente correto: a) *oitenta e três vírgula quarenta e sete por cento*; b) *zero vírgula três por cento*". Adendo meu: não se emprega a conjunção "e" entre os milhares e as centenas, exceto quando o número terminar em uma centena com dois zeros: "O ano 1500 (mil e quinhentos) foi decisivo.".

Ainda nos ajudando, Thaís Nicoleti diz: "A leitura dos ordinais não oferece dificuldade até que se chegue aos números com três, quatro ou mais algarismos. Como ler o ordinal 887º, por exemplo? *Octingentésimo octogésimo sétimo.* Se, entretanto, o número em questão ultrapassar 2.000, o primeiro algarismo será lido como cardinal. *Dois milésimo trecentésimo quadragésimo quinto* é a leitura correta de 2.345º, conforme a tradição do idioma. Quando o número é redondo, costumamos empregar somente o ordinal (2.000º lê-se como *segundo milésimo*).".

O gramático Cegalla não recomenda o uso das vírgulas para separar os numerais escritos por extenso tampouco os principais manuais de redação. Já Celso Cunha nada diz a respeito, mas grafa com vírgulas a separação.

2) Na designação de **soberanos (reis, príncipes, imperadores), papas, séculos, livros e partes de uma obra (capítulo, parágrafo, tomo etc.)**, quando o numeral é posposto ao substantivo, usam-se os numerais ordinais até décimo. Daí em diante, devem-se empregar os cardinais. Se estiver anteposto, o ordinal é obrigatório**.**

– *Ao papa Paulo VI (**sexto**) sucedeu João Paulo II (**segundo**). Tempos depois chegou o papa Bento XVI (**dezesseis**).*

– *No século XIX (**dezenove**), a Revolução Industrial revolucionou o mundo.*

– *Este é o livro 10º (**décimo**) da minha coleção.*

– *O rei Luís XV (**quinze**) e o rei Henrique IV (**quarto**) marcaram seus séculos.*

– *No capítulo III (**terceiro**) do livro de Lucas, há uma passagem interessante.*

– *Após o parágrafo IX (**nono**), há o parágrafo X (**décimo**)?*
– *O V (**quinto**) rei da dinastia suméria foi Hamurabi.*

3) Em textos legais, ou seja, na linguagem jurídica, os **artigos, incisos, decretos, portarias, regulamentos e parágrafos** numerados até nove são lidos como ordinais; do número dez em diante, são lidos como cardinais. Além disso, flexiona-se o numeral em gênero para a identificação de páginas e folhas, preferencialmente. Se estiver anteposto, o ordinal é obrigatório.

– *Antes do artigo 10 (**dez**) vem o artigo 9º (**nono**) da Constituição.*
– *Encontrei a explicação nas páginas vinte e **duas**.*
– *O 22º (**vigésimo segundo**) decreto foi revogado.*

4) Na identificação de **casas, apartamentos, páginas, dias**, que não em meio jurídico, empregam-se os cardinais. Se anteposto, usa-se cardinal.

– *Moro na casa **seis** da vila.*
– *Leia, por favor, na página **três**, a sinopse.*
– *Dia **quatro** de setembro é meu aniversário.*
– *Moro no 23º (**vigésimo terceiro**) apartamento do prédio.*

5) Em relação ao **primeiro dia do mês**, deve-se usar o ordinal:

– *Rio de Janeiro, 1º de dezembro de 2012.*

* Evanildo Bechara, porém, defende tanto o uso do ordinal como do cardinal.

6) Com relação às **datas**, podemos ou não usar **aos**, **a** ou **em**:

– *A presidenta tomou posse 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse a 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse em 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse aos 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse no dia 2 de janeiro de 2011.*

7) Não se usa o ponto entre os numerais quando estes designam datas. Nos demais casos, o ponto deve ser colocado entre as centenas e milhares.

– *Escrevi isto no dia 13 de junho de 2012.*
– *A Gramática tem mais de 1.500 questões comentadas! Incrível!*

Valor Discursivo

O numeral pode ser usado para atender a demandas estilísticas e a demandas meramente textuais. Em outras palavras, o autor de um texto, ao fazer uso de um numeral pode indicar outros valores que rompem a ideia de um simples numeral.

Por exemplo, muitas vezes o numeral é usado para enfatizar determinada ideia:

– *Já bati nessa tecla **mil** vezes.* (Na fala, dizemos "enevezes" ou "trocentas"; é o famoso numeral com valor hiperbólico – exagero na afirmação.)

– *Deus é **dez**.* (Neste caso, *dez* é um verdadeiro adjetivo.)

– *Vem cá, vamos trocar **duas** palavrinhas.* (Na verdade, é mais de uma.)

– *Vocês merecem **dez** pela educação.* (O numeral tem o valor de aprovação.)

Apesar de a gramática normativa não registrar a flexão de grau dos numerais, na linguagem coloquial (e em vários textos literários), os numerais são frequentemente flexionados em grau com acentuada expressividade (com tom afetivo ou irônico).

– *Paguei **cinquinho** por esta blusa.*

– *Quer me emprestar **milão**? Só um **milãozinho**...*

– *Pega leve, ele já é um **cinquentão**!*

– *Só vou tomar mais **umazinha**...*

– *O meu time foi para a **segundona** novamente.*

Mais importante que isso, porém, é a função textual dos numerais. Eles têm a função de retomar referentes substantivos, evitando a repetição no discurso. Às vezes também são usados para fazer referência a termos posteriores no texto. Veja:

– *Pelé, Zico, Romário, Ronaldo e, agora, Neymar são verdadeiros craques do futebol mundial. No entanto, apenas o **primeiro** e o **terceiro** já conseguiram marcar mais de 1.000 gols e só **um** desse grupo já foi campeão mundial pelo Mengão: o sensacional Zico!*

Perceba que *primeiro* e *terceiro* se referem a Pelé e Romário, substantivos resgatados pelos numerais dentro do texto. Não obstante, *um* se refere a um substantivo posterior: Zico. Sendo assim, os numerais são ótimos referenciadores para que evitemos desnecessárias repetições.

O Que Cai Mais na Prova?

Numeral é um assunto que tem 0,000000000000001% de chance de cair em provas realizadas por bancas de prestígio! Então, “na boa”... faça só o seu papel de concurseiro profissional e resolva as questões, sem “aqueeeele” compromisso. Quando alguém se atreve a fazer uma questão de numeral, é em cima de emprego de numeral cardinal e ordinal. Do mais, é só identificação e diferenciação com artigo, como já vimos no capítulo anterior. Numeral (coitado!) está de lado nos concursos importantes há muito tempo...

Questões de Concursos

Cá entre nós... sofri para encontrar questões recentes de numerais... Por consideração à minha pessoa, entretanto, não deixe de fazê-las!

1. (FGV – SPTRANS – Especialista em Transporte – 2001) O emprego do numeral está errado em:
   a) vá comprar duzentas gramas de mortadela;
   b) veja o exercício da página vinte e um;
   c) consulte o artigo segundo desse código;
   d) a cidade floresceu no século quinto.

2. (FAEPOL – SSP – Auxiliar de Necropsia – 2002) Na expressão "século XIX", lê-se o numeral em romanos como cardinal (= dezenove); o item abaixo que deve ser lido como ordinal é:
   a) livro XXIII;
   b) livro X;
   c) livro XI;
   d) livro XL;
   e) livro C.

3. (NCE/UFRJ – CGJ – Comissário de Justiça da Infância e da Juventude – 2002) "Mas estamos em pleno século XX..."; o item abaixo em que devemos ler o algarismo romano como ordinal é:
   a) no século XI antes de Cristo;
   b) o papa recebeu o nome de João XXIII;
   c) no século XII da nossa era;
   d) Inocêncio X foi papa;
   e) Luís XVI foi rei da França.

4. (Uniaraxá – Vestibular – 2003) Em "... **às** dez horas", "**sob** as olaias" e "**Ambos se** abanavam", as palavras grifadas são, respectivamente:
   a) artigo – preposição – pronome – numeral – pronome;
   b) artigo – preposição – pronome – numeral – conjunção;
   c) preposição – artigo – preposição – numeral – pronome;
   d) preposição – pronome – preposição – substantivo – conjunção;
   e) preposição – pronome – conjunção – substantivo – pronome.

5. (NCE/UFRJ – PC/DF – Policial Civil (Agente) – 2004) "Em oito anos, o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio – é alarmante esse grau crescente de insegurança"; quanto às referências numéricas presentes nesse primeiro parágrafo do texto pode-se dizer que representam numerais de dois tipos:
   a) cardinais e ordinais;
   b) cardinais e multiplicativos;
   c) multiplicativos e fracionários;
   d) cardinais e fracionários;
   e) ordinais e multiplicativos.

6. (NCE/UFRJ – Infraero – Advogado – 2004) O algarismo romano XIX é lido como numeral cardinal; o item em que o algarismo romano deve ser lido como ordinal é:
   a) Luís XVI;
   b) João XXIII;
   c) Pio X;
   d) século XXI;
   e) casa II.

Fragmento de texto (adaptado)

A Linguagem Brasileira de Sinais (Libras) passará a ter formação específica nos cursos de Pedagogia e de formação de professores e será uma das especializações dos cursos de Letras, como ***uma segunda*** *língua.*

*A determinação está no decreto apresentado nesta terça-feira pelo ministro da Educação, Fernando Haddad, e é parte da regulamentação da lei de **2002** que tornou a Libras uma forma nacional de comunicação.*

*As universidades terão **dez** anos para oferecerem o ensino de Libras em todos os seus cursos de formação de professores, mas nos próximos três anos já terão que ter a disciplina em pelo menos 20% dos cursos. Em **cinco** anos, 60% dos cursos precisarão ter a disciplina.*

7. (ACCESS – Pref. Teresópolis/RJ – Dinamizador de Educação Infantil – 2005) Assinale a alternativa em que a palavra não seja numeral.
   a) Uma.
   b) Segunda.
   c) 2002.
   d) Dez.
   e) Cinco.

8. (NCE/UFRJ – CEPEL – Auxiliar de Segurança Patrimonial – 2006) "e no monopólio em 1953"; o numeral relativo ao ano (1953) deve ser lido da seguinte forma:
   a) mil e novecentos e cinquenta e três;
   b) mil, novecentos e cinquenta e três;
   c) mil, novecentos e cinquenta três;
   d) um mil, novecentos e cinquenta três;
   e) mil e novecentos, cinquenta três.

9. (NCE/UFRJ – Eletronorte – Assistente Técnico de Engenharia – 2006) A expressão "mais de cem vezes" apresenta uma quantificação imprecisa; a alternativa que mostra uma forma mais precisa de quantificar é:
   a) cerca de 100 vezes;
   b) ambas as vezes;
   c) inúmeras vezes;
   d) uma meia dúzia de vezes;
   e) incontáveis vezes.

10. (NCE/UFRJ – Assembleia Legislativa – Taquígrafo Parlamentar – 2006) No texto há uma série de numerais de diferentes tipos; a frase abaixo que apresenta um numeral ordinal é:
    a) O investidor Warren Buffett tem 75 anos bem vividos.
    b) Warren decidiu doar 85% de seus bens.
    c) Para os americanos, fazer filantropia é prioridade *a*.
    d) Gates é dono de várias obras-primas.
    e) Cerca de três quartos da fortuna foram doados.

11. (FUNRIO – Pref. Maricá/RJ – Guarda-Vidas – 2007) No trecho "E já no seu **primeiro** jogo depois do pacto com o Diabo, Tinho assombrou. Fez **cinco** gols, **dois** com cada perna e o **quinto** com uma cabeceada perfeita.", os vocábulos em destaque são, respectivamente, numerais:
    a) ordinal, cardinal, cardinal e ordinal;
    b) cardinal, cardinal, ordinal e ordinal;
    c) cardinal, ordinal, ordinal e cardinal;
    d) cardinal, cardinal, cardinal e cardinal;
    e) ordinal, ordinal, ordinal e ordinal.

12. (NCE/UFRJ – Pref. Santana – Professor Educação Básica – 2007) O algarismo romano em "D. João VI" é lido como numeral ordinal; a alternativa abaixo em que o algarismo romano é lido como cardinal é:
    a) Pedro I;
    b) Henrique VIII;
    c) João Paulo II;
    d) Luís XVI;
    e) Nicolau III.

13. (FCC – TRF (2R) – Analista Judiciário – 2007) É correto afirmar:
    a) *século XIX*, de acordo com a norma padrão, deve ser escrito por extenso por meio do numeral cardinal – "dezenove" –, assim como deve ocorrer com "século VIII".

14. (Cespe/UnB – SERPRO – Analista – 2008) O desenvolvimento das ideias do texto permite que se substitua "uma dezena

de" pela expressão **cerca de dez**, sem prejuízo para a correção gramatical e a coerência entre os argumentos.
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (FEC – CLIN – Operador de Copiadora – 2008) Em "**Ambas** estão sendo empurradas...", a palavra grifada pertence à seguinte classe gramatical:
a) advérbio;
b) numeral;
c) pronome;
d) conjunção;
e) preposição.

16. (UFRR – Pref. Boa Vista/RR – Professor de Educação Básica – 2008) Uma onça suçuarana de quinze quilos foi morta ontem por três crianças, depois de atacar a menor delas, em Castelo do Piauí. As crianças estavam sozinhas em casa e a onça, atacou em primeiro lugar Basílio de seis anos. (Jornal da Tarde – adaptado para fins didáticos.)
As palavras grifadas no texto são numerais e podemos classificá-los, respectivamente, como:
a) cardinal e ordinal;
b) fracionário e cardinal;
c) ordinal e multiplicativo;
d) fracionário e multiplicativo;
e) fracionário e ordinal.

17. (FGV – Senado Federal – Policial Legislativo Federal – 2008) A palavra *centenário* corresponde a cem anos.
Assinale a alternativa em que **não** tenha havido correta associação da noção temporal à palavra indicada.
a) 400 anos – quadringentenário.
b) 400 anos – quadricentenário.
c) 600 anos – sesquicentenário.
d) 150 anos – tricinquentenário.
e) 7 anos – septenário.

Corações a Mil
(Gilberto Gil)
Minhas ambições são dez.
Dez corações de uma vez
pra eu poder me apaixonar
dez vezes a cada dia,
setenta a cada semana,
trezentas a cada mês.

18. (FIP – Câmara-SJC – Programador – 2009) Na primeira frase do texto, a palavra "dez", sublinhada, tem duplo sentido. São eles:
a) o sentido de serem dez ambições (no caso, "dez" seria um numeral) e o sentido de os corações serem apaixonados (no caso, "dez" seria um adjetivo);
b) o sentido de serem dez ambições e o sentido de serem dez corações (nos dois casos, "dez" seria um numeral);
c) o sentido de serem dez corações e o sentido de serem dez vezes a cada dia (nos dois casos, "dez" seria um numeral);
d) o sentido de serem dez ambições (no caso, "dez" seria um numeral) e o sentido de as ambições serem de extrema qualidade (no caso, "dez" seria um adjetivo);
e) o sentido de serem dez vontades boas (no caso, "dez" seria um substantivo) e o sentido de totalizarem dez as paixões ambiciosas (no caso, "dez" seria um adjetivo).

19. (FIP – Câmara-SJC – Programador – 2009) Pelos sentidos das frases "setenta a cada semana" e "trezentas a cada mês", no contexto da letra da canção, pode-se concluir que:
a) se cada semana tem setenta paixões, o mês deveria ter duzentas e oitenta e não trezentas;
b) a semana tem sete dias e o mês indicado, exatos trinta dias;
c) "setenta" e "trezentas" é só um recurso pleonástico, e o sentido numeral é irrelevante no caso;
d) cada dia do mês em questão tem dez horas, denotando o sentido ilusório da paixão;
e) há evidente comparação com a velocidade das paixões, semelhante a 70 km/h e 300 Km/h.

20. (Funcab – SESAU/RO – Técnico de Radiologia – 2009) Assinale a opção que apresenta, correta e respectivamente, a

classe gramatical a que pertencem as palavras grifadas no trecho abaixo.
"O brasileiro foi um dos primeiros no mundo a reconhecer a tese de que o mosquito era o causador da epidemia."
a) substantivo – numeral – preposição – artigo – artigo – substantivo.
b) adjetivo – artigo – artigo – pronome – pronome – adjetivo.
c) adjetivo – numeral – preposição – artigo – artigo – substantivo.
d) substantivo – artigo – artigo – artigo – artigo – substantivo.
e) substantivo – numeral – preposição – preposição – pronome – adjetivo.

21. (UFAL – Vestibular – 2009) Na oração "Andou dois quilômetros e meio a pé!", os termos destacados pertencem à classe gramatical:
a) dos substantivos;
b) dos pronomes;
c) dos numerais;
d) dos advérbios;
e) dos adjetivos.

22. (ZAMBINI – Pref. Campinas/SP – Motorista Especializado – 2009) Em: "Collor apresentou sete coletâneas de artigos, discursos e planos de governo", as palavras grifadas são respectivamente:
a) numeral, substantivo e conjunção;
b) numeral, artigo e preposição;
c) substantivo, artigo e conjunção;
d) pronome, artigo e preposição;
e) numeral, substantivo e preposição.

23. (UNIT – EAD – Vestibular – 2010) "Três perguntas costumam acompanhar a discussão em torno do aquecimento global." As palavras grifadas possuem, respectivamente, as seguintes classes gramaticais:
a) numeral – adjetivo – artigo;
b) substantivo – artigo – substantivo;
c) numeral – artigo – substantivo;
d) artigo – substantivo – numeral;
e) numeral – preposição – adjetivo.

24. (ADVISE – Pref. ST. Amaro das Brotas/SE – Carpinteiro – 2010) Na oração: "Uma criança engana **vinte e cinco** adultos." O termo sublinhado é um numeral:
a) ordinal;
b) cardinal;
c) fracionário;
d) multiplicativo;
e) coletivo.

25. (Consulplan – TSE – Técnico Judiciário – 2012) Assinale a palavra que, no texto, exerça papel adjetivo.
a) dois ("Sempre que misturamos os dois registros...").
b) mais ("... ou um perfume um pouco mais caro.").
c) bem ("... você ficará bem se levar...").
d) regido ("Enquanto o primeiro é regido por valores...").

26. (Vunesp – UNESP – Advogado – 2012) O emprego da palavra **meio**, como no trecho – ... em linhos de um meio-dia. –, repete-se, com o mesmo sentido, em:
a) ele encontrou na aspirina um meio de se livrar da dor de cabeça.
b) o poeta tomou apenas meio comprimido de aspirina e sentiu-se aliviado.
c) a indústria farmacêutica anda meio apurada com tanta demanda de remédios.
d) em meio à acirrada discussão, saiu do encontro com dor de cabeça.
e) as pessoas ficam meio dependentes dos efeitos químicos da medicação.

27. (Vunesp – UNESP – Vestibular – 2012) Assinale a alternativa cuja frase contém um numeral cardinal empregado como substantivo.
a) Há muitos anos que a política em Portugal apresenta...
b) Doze ou quinze homens, sempre os mesmos, alternadamente possuem o Poder...
c) ... os cinco que estão no Poder fazem tudo o que podem para continuar...

d) ... são tirados deste grupo de doze ou quinze indivíduos...
e) ... aos quatro cantos de uma sala...

28. (SOLER – Pref. Piraju/SP – Monitor de Projetos Sociais – 2012) A palavra um dos períodos abaixo constitui, respectivamente:

"Ele não gastava sequer um centavo de seu salário em luxos desnecessários."
"Um aceno era apenas o que ela esperava."
"Precisou somente de comprar um selo para a correspondência ser postada."

a) artigo, numeral e pronome;
b) numeral, numeral e numeral;
c) numeral, artigo e numeral;
d) artigo, pronome e numeral.

29. (MS Concursos – Pref. Santa Maria/RS – Auxiliar de Operações I – 2012) Leia as frases:

I. Paulo, Karen e eu organizamos a festa.
II. Nossa equipe foi a terceira colocada no torneio.
III. Ana ficou contente com a proposta de emprego.
IV. Este novo emprego me cansa muito.

Com relação à classe gramatical, as palavras grifadas são, respectivamente, classificadas como:

a) substantivo, pronome, adjetivo e numeral;
b) substantivo, numeral, pronome e substantivo;
c) pronome, numeral, adjetivo e substantivo;
d) pronome, numeral, adjetivo e verbo;
e) pronome, substantivo, adjetivo e substantivo.

Texto

Problemas

Ana Carolina

Qualquer distância entre nós
Virou abismo sem fim
Quando estranhei sua voz
Eu te procurei em mim
Ninguém vai resolver
Problemas de nós dois.
Se tá tão difícil agora
Se um minuto a mais demora
Nem olhando assim mais perto
Consigo ver por que tá tudo tão incerto
Será que foi alguma coisa que eu falei?
Ou algo que fiz que te roubou de mim?
Sempre que eu encontro uma saída
Você muda de sonho e mexe na minha vida (...)

30. As palavras "mim", "dois" e "sonho", retiradas do trecho da música acima, são morfológica e respectivamente classificadas como:

a) substantivo, numeral e verbo;
b) pronome, substantivo e substantivo;
c) pronome, substantivo e verbo;
d) pronome, numeral e substantivo;
e) substantivo, numeral e substantivo.

Gabarito

1. A.	7. A.	13. ERRADO.	19. B.	25. A.
2. B.	8. B.	14. ERRADO.	20. A.	26. B.
3. D.	9. B.	15. B.	21. C.	27. C.
4. C.	10. C.	16. A.	22. E.	28. B.
5. D.	11. A.	17. C.	23. C.	29. C.
6. C.	12. D.	18. D.	24. B.	30. D.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 11

Pronome

Definição

Simplesmente uma das classes gramaticais mais recorrentes em questões de concursos públicos. Tudo precisa estar no sangue, por isso coloquei mais de 50 questões para você treinar!

Do ponto de vista semântico, o pronome pode apresentar inúmeros sentidos, a depender do contexto: posse, indefinição, generalização, questionamento, apontamento, aproximação, afetividade, ironia, depreciação etc. Isso será visto em detalhes ao longo deste capítulo.

Do ponto de vista morfológico e discursivo, o pronome é uma classe de palavras normalmente variável em gênero e número e que se refere a elementos dentro e fora do discurso. É um determinante quando **acompanha** o substantivo (neste caso, é chamado de **pronome adjetivo**, pois tem valor de adjetivo). Quando **substitui** o substantivo, é chamado de **pronome substantivo**, pois tem valor de substantivo. Isso será melhor abordado em *Identificação*.

Muito importante é dizer que o pronome serve para indicar as pessoas do discurso*: 1ª (falante), 2ª (ouvinte) e 3ª (assunto). Exemplo: "Eu não te falei que ele era boa gente?"

*O **discurso** é um processo comunicativo, logo depende de um emissor (1ª pessoa do discurso), de um receptor (2ª pessoa do discurso) e de um referente (3ª pessoa do discurso, que pode ou não ser um indivíduo). No exemplo acima, quem fala é a 1ª pessoa (Eu), quem ouve é a 2ª pessoa (te) e sobre quem se fala é a 3ª pessoa (ele) do discurso. **Os pronomes servem, portanto, para marcar as pessoas do discurso.**

Do ponto de vista sintático, o pronome é um termo que funciona como adjunto adnominal quando **acompanha** um substantivo; quando o **substitui**, tem função substantiva (ou seja, funciona como núcleo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto, indireto, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adverbial, aposto e vocativo). Falarei muito sobre isso mais à frente, nos capítulos de sintaxe, principalmente no 21º capítulo, debaixo do subtópico *Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos*. Caso queira dar um pulinho até lá, fique à vontade...

Antecipo-lhe que será impossível deixar de falar de alguns aspectos sintáticos neste capítulo, pois morfologia e sintaxe (morfossintaxe) andam lado a lado quando o assunto é **pronome**. Fique atento!

Pois bem... para entendermos todas as definições de pronome, vamos analisar esta frase:

Tu não sabias quem era aquela mulher a qual minha mãe certa vez me apresentara?

Note que os vocábulos ***Tu***, ***quem***, ***aquela***, ***a qual***, ***minha*** ***e*** ***certa***

1) **indicam** uma **ideia de pessoa** (Tu), uma **ideia de pessoa indefinida** (quem), uma **ideia de referência a alguém** (aquela e a qual), uma **ideia de posse** (minha) e uma **ideia indefinida** (certa);
2) **variaram** (só os quatro últimos pronomes) de forma: **aquela** (mulher), **a qual**, **minha** (mãe), **certa** (vez). Tu (2ª pessoa; pronome substantivo), quem (3ª pessoa; pronome substantivo), aquela (3ª pessoa; pronome adjetivo), a qual (3ª pessoa; pronome substantivo), minha (1ª pessoa; pronome adjetivo), certa (3ª pessoa; pronome adjetivo);
3) funcionam como **adjunto adnominal** (o terceiro, o quinto e o sexto), como **sujeito** (o primeiro), como **predicativo do sujeito** (o segundo) e como **objeto direto** (o quarto).

Resumindo: **pronome** é o vocábulo que substitui ou acompanha o substantivo, relacionando-o às três pessoas do discurso.

Identificação

Como vimos, há dois tipos de pronomes: **pronomes substantivos** e **pronomes adjetivos**.

O **pronome substantivo** substitui um substantivo. Segundo Celso Cunha, Napoleão Mendes de Almeida e a vasta maioria dos gramáticos tradicionais, para que um pronome seja considerado **pronome substantivo**, basta que ele não esteja acompanhando substantivo algum. Isso significará que ele substitui um substantivo, e **não** que se refere a ele, acompanhando-o.

Para que você identifique um **pronome substantivo**, basta perceber que ele tem o papel de substituir um substantivo (e não de acompanhá-lo) dentro do discurso. Ficou claro? Então, veja:

– *Estes documentos são **nossos***, não **teus**.*

Note que os pronomes *nossos* e *teus* se referem ao substantivo *documentos*, substituindo-o, por isso são **pronomes substantivos**. É válido dizer que *nossos* se refere à 1ª pessoa do plural do discurso (o falante + alguém), e *teus*, à 2ª pessoa do singular do discurso (o ouvinte).

* O gramático Evanildo Bechara entende que *nossos* é um pronome adjetivo que se refere ao substantivo implícito *documentos*: "Estes documentos são *nossos* (*documentos*).". Porém, essa visão não é acolhida pela vasta maioria dos gramáticos.

Já o **pronome adjetivo** tem o papel de acompanhar um substantivo, determinando-o, como se fosse um adjetivo.

– *Os **vossos** amores não mais vivem para vós.*

Note agora que o pronome *vossos* se refere ao substantivo *amores*, acompanhando-o, por isso é um **pronome adjetivo**. É válido dizer que *vossos* é um pronome de 2ª pessoa do plural dentro do discurso, pois se refere a mais de um ouvinte.

É claro que, para você identificar um pronome, não basta saber que ele tem valor de substantivo ou de adjetivo, é preciso que você os conheça pelo que verdadeiramente são, isto é, eles podem ter seis (6) classificações: **pessoais**, **possessivos**, **indefinidos**, **interrogativos**, **demonstrativos** e **relativos**.

Vamos nessa!

Classificação, Emprego e Colocação do Pronome Pessoal

Os **pronomes pessoais** são aqueles que designam as três pessoas do discurso, no singular e no plural.

São sempre **pronomes substantivos** e se dividem em dois tipos. São chamados de **retos** porque exercem, normalmente, função de sujeito, e **oblíquos** porque exercem, normalmente, função de complemento verbal ou nominal.

Ainda há os **de tratamento**, que são considerados pessoais por fazerem alusão às pessoas do discurso de maneira cerimoniosa, normalmente.

Igual ao Jack... vamos por partes:

Pronomes Retos

1ª pessoa: **eu** (singular), **nós** (plural).
2ª pessoa: **tu** (singular), **vós** (plural).
3ª pessoa: **ele/ela** (singular), **eles/elas** (plural).

Esses pronomes normalmente conjugam verbos, por isso comumente exercem função de sujeito, mas também podem exercer função de predicativo do sujeito, vocativo, aposto e, raramente, objeto direto.

Palavra de cautela: por via de regra, o pronome reto não pode ocupar a posição de complemento do verbo, ou seja, não pode exercer função de objeto direto. O pronome que se ocupa disso é o oblíquo.

Vamos ver um por um e suas peculiaridades "right now"!

Eu

– *Raul Seixas já dizia: "**Eu** sou a mosca que pousou em tua sopa."*. (sujeito)
– *Que rei sou **eu**?* (sujeito)
– *Eu sou mais **eu**.* (predicativo do sujeito)
– *O Fernando Pestana, **eu** mesmo, é uma pessoa muito inquieta.* (aposto)

Cuidado!!!

1) Lembra-se da música "Beija eu, beija eu, beija eu, me beija..."? O pronome reto **eu** não ocupa posição de objeto dentro do registro culto da língua, logo ele não pode servir de complemento do verbo beijar. A frase deveria ser "Beija-me...", mas a sonoridade não ia ficar bacana, concorda? A Marisa Monte tem licença poética para transgredir a norma culta, você não, hein!

2) Não só o **eu**, mas todos os pronomes retos, que normalmente têm função de sujeito, podem

ser realçados pelos pronomes demonstrativos **mesmo** e **próprio**, pela partícula expletiva (ou de realce) **que** ou pela expressão expletiva formada pelo verbo **ser + que** (normalmente **é que**): "**Ela própria/mesma** me fez sofrer."; "**Tu que** me fizeste sofrer."; "**Eu é que** te faço sofrer agora.".

3) Por uma questão não só de estilo como de polidez e modéstia no discurso, evita-se o uso do pronome **eu**, pois seu emprego imoderado deixa escapar uma impressão negativa de falta de modéstia. A repetição do **eu** no discurso indica normalmente intensa subjetividade, pessoalidade. Pode até dar a impressão de petulância, arrogância e sentimentos afins: "Eu sou, eu faço, eu penso..." O uso de **nós** no lugar de **eu** evita tudo isso.

4) Os pronomes retos não podem vir preposicionados: "Entre **eu** e **tu** nunca vai haver nada." (construção equivocada). É por isso que se usa a forma oblíqua tônica neste tipo de construção: "Entre **mim** e **ti** nunca vai haver nada.". Só podem vir precedidos de preposição se continuarem exercendo função de sujeito: "Entre **eu** sair e **tu** saíres, saio eu.". Leia a obs. 4 do pronome reto **ele**.

5) Em exemplo semelhante a este: "A banca examinadora, depois de intensa discussão, finalmente escolheu: **eu**, o Fábio e a Bruna.", Evanildo Bechara (não encontrei outro gramático que diga isso) entende que está correto o emprego do pronome reto com função de objeto direto, após dois-pontos.

Tu

– *Viva Pixinguinha! "**Tu** és divina e graciosa, estátua majestosa..."* (sujeito)
– *Teu filho se tornou **tu**, da cabeça aos pés.* (predicativo do sujeito)
– *Tu nunca serás eu, e eu nunca serei **tu**.* (predicativo do sujeito)
– *Ó **tu**, Campeão dos campeões, ganhe a Libertadores para nós este ano!* (vocativo)

Obs.: No registro coloquial, esse pronome é muito usado atualmente, inclusive na parte sul do país, junto de verbos na 3ª pessoa, no entanto isso é um equívoco do ponto de vista da norma culta: "**Tu vai** aonde amanhã?". Deveria ser: "**Tu vais** aonde amanhã?".

Ele / Ela / Eles / Elas

– ***Eles** e **elas** continuam se digladiando.* (sujeito)
– *À noite ele vira **ela**.* (predicativo do sujeito)
– *Minha mãe, apenas **ela**, é a melhor mãe do mundo.* (aposto)

Cuidado!!!

1) Como os pronomes retos não exercem função de objeto direto, a frase "Pega **ele**, pega **ele**, é um ladrão!" constitui construção equivocada, devendo ser reescrita assim: "Pega-o, pega-o, é um ladrão!". No entanto, se os pronomes retos estiverem acompanhados de **todo(a/s)**, **só** (adjetivo), **apenas** ou **numeral**, permite-se que sejam postos em posição de objeto direto, segundo muitos gramáticos, como: Celso Cunha, Bechara, Faraco & Moura e Sacconi. O gramático Cegalla diz que as construções abaixo constituem "linguagem coloquial informal". Na hora da prova, se cair uma destas frases, analise a melhor opção dentre as alternativas, levando em conta o pedido do enunciado:

– *O que vi da vida até agora? Vi* ***toda ela*** *se esvaindo diante dos meus olhos.* (objeto direto)

– *Ajudei* ***todos eles*** *e ajudá-los-ia de novo, se fosse preciso.* (objeto direto)

– *Encontramos* ***ele só*** *na praia, pois a namorada o abandonara.* (objeto direto)

– *Finalmente os juízes classificaram* ***eles dois*** *para a última etapa do campeonato.* (objeto direto)

Tais construções valem para os demais pronomes retos, exceto **eu** e **tu**.

2) É comum e indicado que se usem pronomes de 3ª pessoa em requerimentos por deferência à pessoa a quem nos dirigimos, de modo que nosso discurso fique em tom cortês:

– ***Fernando Pestana****, autor de A Gramática,* ***requer*** *a V. S.ª se digne de conceder-****lhe****...*

Por outro lado, em situações normais, soa como pedantismo ou falsa modéstia falarmos de nós mesmos na 3ª pessoa, como faz Pelé e outras personalidades... O nome dele é Edson, mas quando ele se refere a si como Pelé, usa a 3ª pessoa. Edson fica **desprezado**, e Pelé fica **prezado** nesse modo de tratamento.

Tal tratamento, porém, não soa pedante quando se trata de Deus falando de si mesmo na 3ª pessoa (afinal, Deus é Deus, é o Alfa e o Ômega): "Todo este povo, no meio do qual estás, verá a obra de *Jeová*, porque coisa temível é o que vou fazer contigo." (Êxodo 34:10)

3) O mau uso deste pronome pode causar ambiguidade: "João e Pedro eram apóstolos. **Ele** teve um livro que leva seu nome na Bíblia." (???)

4) A maioria dos gramáticos não tolera a contração da preposição ou locução prepositiva com o artigo ou com o pronome (reto ou não) quando exerce função de sujeito de um verbo no infinitivo:

– *Em virtude* ***dela*** *viajar, tive de reprogramar minha vida.* (errado)

– *Em virtude de* ***ela*** *viajar, tive de reprogramar minha vida.* (certo)

No entanto, alguns gramáticos, como Evanildo Bechara, Domingos P. Cegalla, Adriano G. Kury, Sílvio Elia, Sousa da Silveira e Silveira Bueno, não invalidam a forma contraída da preposição com o pronome reto antes de verbo no infinitivo, de modo que ambas as construções acima estão acertadas. Há duas questões que caíram na Esaf trabalhando este

tema polêmico. Só vi essa banca fazendo tal coisa até hoje. Veja:

07. (Esaf – Pref. Fortaleza/CE – Auditor de Tributos Municipais – 1998) Marque o item em que um dos dois períodos está gramaticalmente incorreto.

d) No caso da Telebrás, se houverem processos judiciais contra uma das 13 empresas à venda, o leilão fica em suspenso. / No caso da Telebrás, se houver processo judicial contra uma das 13 empresas à venda, o leilão fica suspenso. (GABARITO)

e) No caso da Banda B da telefonia celular, a venda seqüencial possibilitou que envelopes de algumas áreas fossem abertos antes da disputa pelo interior de São Paulo parar nos tribunais. / No caso da Banda B da telefonia celular, a venda seqüencial possibilitou que envelopes de algumas áreas fossem abertos antes de a disputa pelo interior de São Paulo parar nos tribunais.

Comentário: Recortei a parte que nos interessa aqui. Segundo o enunciado, a letra E traz as duas construções como corretas: com contração (... *da disputa... parar...*) e sem contração (... *de a disputa... parar...*) da preposição com o artigo antes do sujeito do verbo no infinitivo (*parar*).

Veja agora uma questão mais recente:

"Durante muito tempo, a tributação foi vista apenas como um instrumento de receita do Estado. **Apesar desta missão ser**, por si só, relevante, (...)"

7. (Esaf – SMF – Pref. RJ – Fiscal de Rendas – 2010) **Preservam**-se a coerência textual e a **correção gramatical** ao substituir

a) exerça (l.5) por exercesse;
b) desta (l.3) por de esta; GABARITO!
c) se pode (l.11) por pode-se;
d) ser ressaltado (l.14) por ser ressaltada;
e) em instrumento (l.15) por de instrumento.

Comentário: Os grifos e o recorte da questão foram meus. Está claro que, se o enunciado diz "preservam-se", isso significa que a banca entende que tanto a contração (Apesar **desta** missão ser...) quanto a não contração (Apesar **de esta** missão ser...) respeitam a correção gramatical, isto é, estão adequadas à norma culta. Isso prova que a Esaf adora o Bechara!

Última palavra de cautela: **99% das bancas entendem que a contração é um erro**, portanto analise com calma todas as opções antes de marcar sua resposta. Dá vontade de matar um, não dá? Viva a polêmica!

Nós

– ***Nós*** *queremos paz!* (sujeito)

– *Vocês nunca serão* ***nós****, pois somos dos que não esmorecem.* (predicativo do sujeito)

– *Os brasileiros,* ***nós*** *próprios, toleram amiúde a corrupção.* (aposto)

Cuidado!!!

1) É comum o uso da 1ª pessoa do plural (nós, nos, nosso...) para evitar o tom impositivo, arrogante ou muito pessoal dentro do discurso. No lugar de **eu**, emprega-se **nós** a fim de imprimir um tom de modéstia ao discurso. Por isso, tal uso é chamado de **plural de**

modéstia:

– *Desde março de 2012, (**nós**) procuramos tornar A Gramática um livro que realmente ajudasse os que sempre ansiaram por uma publicação que atendesse à necessidade tanto dos alunos (pelo número grandioso de questões comentadas), como dos professores (pela quantidade de referências bibliográficas ao longo do texto). Por isso, (**nós**) acreditamos que muitos derivarão prazer desta obra tão bem pensada por **nós**, enchendo-**nos** de satisfação.*

Veja como ficaria meio "besta", meio soberbo, meio altivo ou pessoalizado demais este discurso:

– *Desde março de 2012, (**eu**) procurei tornar A Gramática um livro que realmente ajudasse os que sempre ansiaram por uma publicação que atendesse à necessidade tanto dos alunos (pelo número grandioso de questões comentadas), como dos professores (pela quantidade de referências bibliográficas ao longo do texto). Por isso, (**eu**) acredito que muitos derivarão prazer desta obra tão bem pensada por **mim**, enchendo-**me** de satisfação.*

Já vi algumas questões tratando disso em prova de concurso público (bancas FCC e Ceperj, por exemplo), hein! Fique esperto!

2) Antigamente, nobres usavam **nós** no lugar de **eu** para simbolizar glória ou poder; é o chamado plural de majestade: "**Nós**, o Imperador, decidimos o que é certo e o que é errado para o povo.".

3) O uso da expressão **a gente**, equivalendo a "nós", não faz parte do registro culto da língua, mas sim do coloquial. Ouvimos muito por aí: "A gente vamos à praia amanhã?" (construção totalmente equivocada). O verbo deve ficar na 3ª pessoa do singular: "A gente vai à praia amanhã?".

4) Dentro do texto, os pronomes de 1ª pessoa do plural (nós, nos, nosso) muitas vezes estabelecem uma proximidade, uma intimidade entre o narrador/locutor e o leitor/interlocutor, fazendo-o compartilhar fatos, questões e opiniões:

– *Até quando **nós** iremos **nos** abster de uma postura política que visa a uma mudança radical em nosso cenário governamental? Tomara que a **nossa** complacência não seja pior que o nível moral de nossos líderes.*

Veja mais sobre isso em **nos** (pronome oblíquo átono).

Vós

– *"**Vós** sois o sal da terra", disse o hebreu.* (sujeito)

– *Nós não somos **vós**, homens intolerantes.* (predicativo do sujeito)

– ***Vós**, que atendeis por professores, vede quantos alunos carentes!* (vocativo)

Obs.: No estágio atual da língua, este pronome caiu em desuso, tanto na fala como na escrita. Só encontramos em registro muito formal ou literário. Hoje usamos **vocês** no lugar de **vós**. Se você já ouviu falar em **plural de cerimônia**, saiba que é o nome que se dá ao uso da 2ª pessoa do plural para indicar um tratamento cerimonioso, respeitoso dirigido a um grupo de pessoas ou a uma pessoa só, como na Oração do Pai Nosso: "Pai Nosso, que (**vós**) **estais** no céu, santificado seja o **vosso** nome...".

Pronomes Oblíquos Átonos

1ª pessoa: **me** (singular), **nos** (plural).
2ª pessoa: **te** (singular), **vos** (plural).
3ª pessoa: **se** (singular ou plural), **lhe**, **lhes**, **o**, **a**, **os**, **as.**

Os pronomes oblíquos **me**, **te**, **se**, **nos**, **vos** podem exercer função de sujeito (raramente), objeto direto (normalmente), objeto indireto (normalmente), complemento nominal (raramente) e adjunto adnominal (raramente). Já **lhe**(**s**) pode exercer função de objeto indireto (normalmente), sujeito (raramente), complemento nominal (raramente) e adjunto adnominal (raramente). Por sua vez, os pronomes átonos **o**, **a**, **os**, **as** só exercem função de objeto direto (normalmente) ou sujeito (raramente).

Para saber mais detalhes a respeito da função sintática destes pronomes, leia *Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos*, no capítulo 21.

Vejamos o emprego dos pronomes que nos interessam neste momento!

Te

Há um princípio da língua culta que se chama **uniformidade de tratamento**. Falarei mais sobre ele no capítulo de verbos. Trocando em miúdos, você não pode usar formas de 3ª pessoa com formas de 2ª pessoa na mesma frase, ou se usa tudo na 2ª pessoa ou se usa tudo na 3ª pessoa. Exemplo:

– ***Você*** *nunca* ***fez*** *(3ª pessoa) mal a ninguém, por isso eu* ***te*** *(2ª pessoa) admiro.* (inadequado)
– ***Tu*** *nunca* ***fizeste*** *(2ª pessoa) mal a ninguém, por isso eu* ***te*** *(2ª pessoa) admiro.* (adequado)

Nos

Dentro do discurso, o **nos** (além das demais formas de 1ª pessoa do plural) pode cumprir os seguintes papéis:

– Designar um sujeito coletivo que se responsabiliza pelo que foi dito: *Nós já* ***nos*** *demos conta de nossos erros e corrigi-los-emos tão logo.*

– Incluir enunciador e leitor, para aproximá-los: *O Brasil ainda pode deixar de ser conhecido como um país corrupto se **nos** unirmos e usarmos bem nossa arma democrática mais preciosa: o voto.*
– Evitar a 1ª pessoa do singular como estratégia de polidez ou modéstia: *Nós só conseguimos realizar tal feito, pois **nos** empenhamos com muito vigor nesse projeto.*
– Marcar um sujeito "institucional" (representado por alguma instituição): *Nós, o BNDES, **nos** colocamos à disposição daqueles que querem investir em soluções realmente eficazes.*
– Indicar um enunciador coletivo (de modo vago): *Não é verdade que sempre **nos** tacharam de coniventes com a postura política de nosso país?*

Lhe / Lhes

O pronome oblíquo **lhe** pode ser substituído por "a ele(a/s), para ele(a/s), nele(a/s)", ou por qualquer pronome de tratamento após as preposições "a, para, em".
– *Agradecemos-**lhes** a ajuda sincera.* (Agradecemos **a eles**...)
– *A mãe **lhe** comprou uma boneca?* (... comprou uma boneca **para você**?)
– *Deus criou o homem e infundiu-**lhe** um espírito imortal.* (... infundiu **no homem**...)

O, a, os, as

Os pronomes oblíquos átonos de 3ª pessoa **o(s)**, **a(s)**, se estiverem ligados a verbos terminados em **-r, -s e -z**, viram **-lo(s)**, **-la(s)**. Se estiverem ligados a verbos terminados em ditongo nasal (**-am, -em, -ão, -õe**...), viram **-no(s)**, **-na(s)**:
– *Vou resolver uma questão. = Vou resolvê-**la**.*
– *Fiz o concurso porque quis o emprego de funcionário público. = Fi-**lo** porque qui-**lo.*** (ou ... porque **o** quis)
– *Apagaram nossos arquivos. = Apagaram-**nos**.*
– *Você põe a mão onde não deve. = Você põe-**na** onde não deve.*
– *Tu pões a mão onde não deves. = Tu põe-**la** onde não deves.*

Não confunda o **nos** (1ª pessoa do plural) e o **nos** (3ª pessoa do plural), pois o mau uso deles pode provocar ambiguidade.
– *Os jornais chamaram-**nos** de extorsores.* (Chamaram a eles ou a nós?)

Para desfazer a ambiguidade, basta colocar o pronome oblíquo átono antes do verbo: "Os jornais **nos** chamaram de extorsores. (1ª p. pl.) / Os jornais **os** chamaram de extorsores. (3ª p. pl.)". Já vi isso em prova: FAB – EAGS – SARGENTO – 2008 – QUESTÃO 6.

Construções arcaicas mas ainda figurando nas gramáticas e em registros superformais são aquelas em que o pronome átono se contrai com outro átono. Veja que contrações "bisonhas":
– *Basta de discussão sobre a roupa! Ele dar-**ma**-á de presente e pronto. = Ele dará a roupa (= a) para mim (= me)... (**me** + **a** = **ma**)*

– *Ele viu o carro e instou com o dono para que **lho** vendesse. = ... para que vendesse o carro (= o) a ele (= lhe)... (**lhe** + **o** = **lho**)*
– *Deram-**ta**! = Deram-te uma bela lição (= a)!... (**te** + **a** = **ta**)*

Colocação Pronominal

Também chamada de **Topologia** ou **Sínclise Pronominal**, é o nome que se dá à parte da Gramática que trata, basicamente, da adequada **posição dos pronomes oblíquos átonos** (POA) junto aos verbos: **próclise** (POA antes do verbo), **ênclise** (POA depois do verbo) e **mesóclise** (POA no meio do verbo).

Saiba que este assunto é extremamente recorrente em provas! E gerador de polêmicas às vezes...

Relembrando os pronomes oblíquos átonos (POAs):

- **O, a, os, as** (que viram **-lo, -la, -los, -las** diante de verbos terminados em **-r, -s** e **-z** ou viram **-no, -na, -nos, -nas** diante de verbos terminados em ditongo nasal (exceto os verbos no futuro do indicativo).
  Ex.: *Comprei uma casa. (Comprei-a.) / Vou comprar uma casa (Vou comprá-la.) / Eles compraram uma casa. (Eles compraram-na.) / Eles comprarão a casa. (Eles comprarão-na.* – INADEQUADO).

Você vai entender daqui a pouco por que está INADEQUADA esta última forma! Além desses, há: me, te, se, nos, vos, lhe(s).

Relembrados os POAs, vamos às regras?

Próclise

É o nome que se dá à colocação pronominal **antes** do verbo. É usada nestes casos:

1) Palavra de sentido negativo antes do verbo*

– ***Não** se esqueça de mim.*

** não, nunca, nada, ninguém, nem, jamais, tampouco, sequer etc.*

Obs.: Após pausa (vírgula, ponto e vírgula... entre qualquer palavra atrativa e o verbo), usa-se ênclise: *Não; esqueça-se de mim!*

2) Advérbio ou palavra denotativa antes do verbo*

– ***Agora** se negam a depor.*

** já, talvez, só, somente, apenas, ainda, sempre, talvez, também, até, inclusive, mesmo,*

exclusive, aqui, hoje, provavelmente, por que, onde, como, quando etc.

Obs.: Se houver pausa (vírgula, ponto e vírgula...) após o advérbio, usa-se a ênclise: "Agora**,** negam-se a depor". Segundo o gramático Rocha Lima, se houver repetição de pronomes átonos após pausas, em estrutura de coordenação, **pode-se** usar a próclise (ou a ênclise): "Ele se ajeitou, se concentrou, se arrumou e se despediu." Quando o pronome tem funções sintáticas diferentes ou quando se quer dar ênfase, a repetição é obrigatória: "Eu o examinei e lhe receitei um remédio."

3) Conjunções e locuções subordinativas antes do verbo*

– *Soube **que** me negariam.*

* *que, se, como, quando, assim que, para que, à medida que, já que, embora, consoante etc.*

Cuidado!!!

1) Ainda que a conjunção esteja oculta, haverá próclise: "Como não o achei, pedi-lhe (que) me procurasse."

2) Informação que cabe para qualquer caso de próclise: ignora-se a expressão intercalada, colocando o POA antes do verbo, pois seu antecedente ainda é uma palavra atrativa: "Mesmo **quem**, diante de situações precárias, se encontra calmo, padece." Sobre isso, ainda cabe a ênclise, segundo ensino da Academia Brasileira de Letras:

ABL RESPONDE

Pergunta: Oi. Após vírgula, pode o pronome ficar antes ou depois do verbo quando há distanciamento do termo atrativo ou do termo que permite o facultar da posição do clítico? Exemplos: "Os homens, a quem muito amei, me eram (eram-me) leais." ou "Nunca, mesmo depois da separação, me comuniquei (comuniquei-me) com ela.". Ambas as posições (próclise ou ênclise) estão certas? Obrigado!

Resposta: Prezado, ambos corretos, pode empregar a próclise ou a ênclise nos seus exemplos. De nada, disponha.

3) A próclise é recomendada por Bechara em orações subordinadas (substantivas, adjetivas ou adverbiais) cujo verbo está flexionado (sem vírgula separando a "palavra atrativa" do pronome átono): "Sabemos que a verdade **te** apetece. / A mulher cujo marido **nos** empregou é muito simpática. / Embora o programa **lhe** desse informações confiáveis, foi surpreendido um dia desses." Porém, não é assim que pensa José Maria da Costa em seu *Manual de Redação Profissional*. Para ele, tanto faz a colocação quando entre a palavra atrativa e o pronome houver um sujeito: "É verdade que meu pai aborrecia-**me.**" ou "É verdade que meu pai **me** aborrecia.".

Corroborando a visão do Bechara, veja esta questão:

6. (FCC – TRF (1ª R) – Técnico Judiciário – 2011) É **correto** afirmar:

c) o pronome *lhe* (linha 27), em *cuja forma lhe sugeria*, poderia ser deslocado para depois do verbo, sem comprometer a correção.

Comentário: A letra c) foi considerada errada pela banca. Inferimos disso que o pronome ***lhe***, em ***cuja forma lhe sugeria***, **NÃO** poderia ser deslocado para depois do verbo, pois iria, SIM, comprometer a correção gramatical, desrespeitando a norma culta.

Veja outra, na mesma linha do Bechara:

(Cespe/UnB – TJ/ES – Cargos de Nível Superior – 2011)

No trecho "enquanto os protestos se espalhavam pelas ruas da capital egípcia", a próclise do pronome "se" justifica-se pela natureza subordinada da oração, explicitada pela conjunção temporal "enquanto".

(X) CERTO

( ) ERRADO

4) Pronomes relativos antes do verbo*

– *Identificaram-se duas pessoas* ***que*** *se encontravam desaparecidas.*

* *que, o qual (e variações), cujo, quem, quanto (e variações), onde, como, quando.*

Obs.: Em linguagem literária, encontramos uma colocação raríssima (inexistente nos registros formais no estágio atual da língua) chamada de **apossínclise**, em que o POA vem antes da palavra negativa, normalmente: "Convidei duas pessoas que se não falavam há tempos."

5) Pronomes indefinidos antes do verbo*

– ***Poucos*** *te deram a oportunidade.*

* *alguns, todos, tudo, alguém, qualquer, outro, outrem etc.*

6) Pronomes interrogativos antes do verbo*

– ***Quem*** *te fez a encomenda?*

* *que, quem, qual, quanto.*

7) Entre a preposição *em* e o verbo no gerúndio

– ***Em*** *se* ***plantando*** *tudo dá.*

Obs.: O POA virá antes do gerúndio também se estiver modificado por um advérbio: "João não era ligado a dinheiro, **pouco** se importando com o conforto advindo dele."

8) Com certas conjunções coordenativas aditivas e certas alternativas antes do verbo*

– ***Ora*** *me ajuda,* ***ora*** *não me ajuda.*

– *Não foi **nem** se lembrou de ir.*

* *nem, não só/apenas/somente... mas/como (também/ainda/senão)..., tanto... quanto/como..., que, ou... ou, ora...ora, quer... quer..., já... já...*

9) Orações exclamativas e optativas (exprimem desejo)

– *Quanto se ofendem por nada, rapazes!*

– *Deus te proteja, meu filho, e que bons ventos o tragam logo.*

10) Com o infinitivo *flexionado* precedido de preposição

– *Foram ajudados **por** nos **trazerem** até aqui.*

11) Com formas verbais proparoxítonas

– *Nós lhes **desobedecíamos** sempre.*

12) Com o numeral *ambos*

– ***Ambos** te abraçaram com cuidado.*

Obs.: Celso Cunha defende tal doutrina de próclise. Outros gramáticos, porém, não a defendem, como Eduardo Carlos Pereira, logo podemos tratar tal caso como **facultativo**, como já caiu em uma prova do Cespe/UnB (Diplomata – Instituto Rio Branco – 2007). Confira a questão!

IMPORTANTE: Muitos gramáticos chamam de **palavras atrativas** os termos que antecedem um verbo, implicando a realização da próclise.

Ênclise

É o nome que se dá à colocação pronominal depois do verbo; ela é basicamente usada quando não há fator de próclise; veja:

1) Verbo no início da oração sem palavra atrativa

– ***Vou**-me embora daqui!*

Obs.: Com palavra atrativa: "**Já** me vou embora daqui!"

2) Pausa antes do verbo sem palavra atrativa

– *Se eu ganho na loteria**,** mudo-me hoje mesmo.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Se eu ganho na loteria, tão **logo** me mudo."

3) Verbo no imperativo afirmativo sem palavra atrativa

– *Quando eu der o sinal,* ***silenciem****-se todos.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Enquanto eu não avisar, **jamais** vos silenciem."

4) Verbo no infinitivo não flexionado sem palavra atrativa

– ***Machucar****-te não era minha intenção.*

Obs.: Os POAs "-lo, -la, -los, -las" virão sempre enclíticos aos infinitivos não flexionados antecedidos da preposição **a**: "Estou inclinado a **perdoá**-lo. / Apesar de tudo, continuo disposto a **ajudá**-la." Com palavra atrativa: ver *Casos Facultativos,* mais abaixo.

5) Verbo no gerúndio sem palavra atrativa

– *Recusou a proposta,* ***fazendo****-se de desentendida.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Recusou a proposta, **não** se fazendo de desentendida."

Mesóclise

É o nome que se dá à colocação pronominal no meio do verbo (extremamente formal); ela é usada nos seguintes casos:

1) Verbo no futuro do presente do indicativo sem palavra atrativa

– ***Realizar****-se****-á****, na próxima semana, um grande evento em prol da paz no mundo.*

Obs.: O POA sempre ficará entre o **r** do verbo e a terminação do verbo: "**Daremos** um beijo no teu rosto. = **Dar**-te-**emos** um beijo no rosto." Com palavra atrativa, a próclise é obrigatória: "**Talvez** se realizará, na próxima semana, um grande evento."

2) Verbo no futuro do pretérito do indicativo sem palavra atrativa

– *Não fosse o meu compromisso,* ***acompanhá****-la****-ia*** *nesta viagem.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Mesmo não havendo compromisso, **nunca** te acompanharia nesta viagem."

Casos Facultativos

1) Pronomes demonstrativos antes do verbo sem palavra atrativa.*

– ***Aquilo*** *me deixou triste /* ***Aquilo*** *deixou-me triste.*

* *este (e variações), isto; esse (e variações), isso; aquele (e variações), aquilo.*

Obs.: Acho que nem preciso dizer que a construção "Aquilo **me** deixou-**me** triste" é algo IMPOSSÍVEL! Seu Creysson...son, son, son, son...

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá, meus nobres! Sempre recorro a vocês em ajuda urgente. Então, vamos lá. Afinal de contas, o pronome demonstrativo exige próclise, ênclise ou é facultativo? Ou seja: "Aquilo me deixa triste.", "Aquilo deixa-me triste." ou tanto faz? Grande abraço a todos que prestam serviço tão maravilhoso!

Resposta: No seu exemplo, não há palavra que exija a próclise nem há impedimento para empregar a ênclise. O pronome demonstrativo não é fator de próclise, ao contrário do pronome relativo. No Brasil, a preferência é pela próclise. No seu exemplo, por eufonia, recomendamos a próclise, mas ambas estão adequadas. Abraços para você também, Fernando.

Para você sentir que a "pressão" é grande, saiba que os gramáticos bem modernos (Mauro Ferreira, Roberto Melo Mesquita e Marcelo M. Caetano) dizem que os pronomes demonstrativos são palavras atrativas, ou seja, constituem um fator de próclise. Polêmicas... mas, se a ABL disse, "tá" dito!

2) Conjunções coordenativas (exceto aquelas mencionadas nos casos de próclise) antes do verbo sem palavra atrativa.

– *Ele chegou **e** dirigiu-se a mim. / Ele chegou **e** se dirigiu a mim.*

– *Corri atrás da bola, **mas** me escapou. / Corri atrás da bola, **mas** escapou-me.*

3) Sujeito explícito com núcleo pronominal (pronome pessoal reto e de tratamento) antes do verbo sem palavra atrativa.

– ***Ele** se retirou. / **Ele** retirou-se.*

– ***Eu** te considerarei. / **Eu** considerar-te-ei.*

– ***Sua Excelência** se queixou de você. / **Sua Excelência** queixou-se de você.*

Obs.: Com verbos monossilábicos, a eufonia ordena que se use a próclise, segundo bem nos lembra Manoel Pinto Ribeiro: "Eu **a** vi ontem, e não Eu vi-**a** ontem."

4) Sujeito explícito com núcleo substantivo (ou numeral) antes do verbo sem palavra atrativa.

– ***Camila** te ama* ou ***Camila** ama-te. / Os **três** se amam* ou *Os **três** amam-se.*

5) Infinitivo não flexionado precedido de "palavras atrativas" ou das preposições "para, em, por, sem, de, até, a".

– *Meu desejo era **não** o incomodar. / Meu desejo era **não** incomodá-lo.*
– *Calei-me para **não** contrariá-lo. / Calei-me para **não** o contrariar.*
– *Corri **para** o defender. / Corri **para** defendê-lo.*
– *Acabou **de** se quebrar o painel. / Acabou **de** quebrar-se o painel.*
– ***Sem** lhe dar de comer, ele passará mal. / **Sem** dar-lhe de comer, ele passará mal.*
– ***Até** se formar, vai demorar muito. / **Até** formar-se, vai demorar muito.*
– *Erro agora **em** lhe permitir sair? / Erro agora **em** permitir-lhe sair?*
– ***Por** se fazer de bobo, enganou a muitos. / **Por** fazer-se de bobo, enganou a muitos.*
– *Estou pronto **a** te acompanhar. / Estou pronto **a** acompanhar-te.*

Nas Locuções Verbais

1) Quando o verbo principal for constituído por um particípio, o pronome oblíquo virá depois do verbo auxiliar.

– *Haviam-me **convidado** para a festa.*

Obs.: O hífen que liga o verbo auxiliar ao POA é facultativo, segundo muitos gramáticos de renome, como Domingos Paschoal Cegalla, Ulisses Infante e outros. No entanto, a rigidez da gramática tradicional ainda insiste no seu uso. Veja como cai em prova: Cespe – MI – Analista Administrativo – 2009 – Questão 11.

Se, antes do "tempo composto" (locução verbal formada por "ter/haver + particípio"), houver palavra atrativa, o pronome oblíquo ficará antes do verbo auxiliar.

– ***Não** me haviam convidado para a festa.*

Obs.: Se houver fator de próclise e depois uma intercalação, o pronome pode ficar antes ou depois do verbo auxiliar. Veja uma questão sobre isso:

26. (FUNDEP – MP/MG – Oficial – 2012) "Alega a vítima que Fulano de tal, o agressor, seu ex-amásio, a tem perseguido de forma constrangedora em via pública[...]" (linhas 16-17)
O trecho sublinhado pode ser corretamente substituído por:
a) tem perseguido-a;
b) lhe tem perseguido;
c) tem perseguido ela;
d) tem-na perseguido. (Gabarito!)

Se o verbo auxiliar estiver no futuro do presente ou no futuro do pretérito, ocorrerá a mesóclise, desde que não haja antes dele palavra atrativa.

– *Haver-me-iam convidado para a festa?*

2) Quando o verbo principal for constituído por um infinitivo ou um gerúndio, se não

houver palavra atrativa, o pronome oblíquo virá depois do verbo auxiliar (com hífen), antes do principal (sem hífen) ou depois do verbo principal (com hífen).

– *Devo-lhe esclarecer o ocorrido. / Devo lhe esclarecer o ocorrido. / Devo esclarecer-lhe o ocorrido.*

– *Estavam-me chamando pelo rádio. / Estavam me chamando pelo rádio. / Estavam chamando-me pelo rádio.*

Havendo palavra atrativa, o pronome poderá ser colocado antes do verbo auxiliar ou depois do verbo principal.

– *Não posso esclarecer-lhe o ocorrido. / Não lhe posso esclarecer mais nada.*

– *Não estavam chamando-me. / Não me estavam chamando.*

Obs.: Os casos facultativos permitem diferentes colocações pronominais com as locuções verbais: "**Ele** te vai xingar muito." ou "**Ele** vai(-)te xingar muito." ou "**Ele** vai xingar-te muito.".

Os gramáticos Domingos Paschoal Cegalla e José Carlos de Azeredo, com a ressalva de que tais estruturas são censuradas pela Gramática, registram como própria da língua portuguesa do Brasil a colocação do pronome **entre** os verbos da locução verbal, mesmo quando o pronome está antecedido de palavra atrativa (isso já caiu na prova da Esaf – SRFB – AUDITOR-FISCAL – 2012 – QUESTÃO 47 (P1/G1)):

– *Não me estavam chamando. / Não estavam **me** chamando. / Não estavam chamando-me.*

– *Não te havia insultado. / Não havia **te** insultado.*

IMPORTANTE: Por motivo de eufonia, a tradição gramatical diz que se elimina o **s** final dos verbos na 1ª pessoa do plural seguidos do pronome *nos*:

– *Inscrevemos + nos no curso = Inscrevemo-nos no curso.*

– *Conservamos + nos jovens = Conservamo-nos jovens.*

Obs.: De encontro à maioria dos gramáticos (sempre existe um engraçadinho...), Napoleão Mendes de Almeida, porém, diz que a supressão do **s** pode se dar com qualquer oblíquo que venha depois do verbo; por exemplo: "Enviamo-lhes convites". Até onde sei, nesse caso, a opinião dele não é levada em conta. Veja como cai em prova: CESPE/UNB – DPF – AGENTE DA POLÍCIA FEDERAL – 2009 – QUESTÃO 15.

Pronomes Oblíquos Tônicos

1ª pessoa: **mim**, **comigo** (singular); **nós**, **conosco** (plural).

2ª pessoa: **ti**, **contigo** (singular); **vós**, **convosco** (plural).
3ª pessoa: **si**, **consigo** (singular ou plural); **ele(a/s)** (singular ou plural).

São sempre precedidos de preposição! Podem exercer função sintática de objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adnominal, adjunto adverbial, dativo de opinião*.

– *Convidou-me e **a ela** também.* (objeto direto – preposicionado)
– *Ela não só aludiu **a mim** como **a vós** também.* (objeto indireto)
– *Estamos preocupados **contigo**.* (complemento nominal)
– *É muito bom quando a Argentina é derrotada **por nós**.* (agente da passiva)
– *A casa **deles** é enorme.* (adjunto adnominal)
– *Ontem eu saí **convosco** por causa dela.* (adjunto adverbial)
– ***Para mim**, ele não presta.* (dativo de opinião)

* Segundo Sacconi, tal expressão se configura num dativo de opinião, pois trata-se de um termo preposicionado que indica o ponto de vista do enunciador sobre um fato. O mesmo gramático chama de **objeto indireto <u>por extensão</u>**. De modo semelhante, Bechara trata do assunto. Foi questão recente de prova. Nunca vi isso a não ser nesta prova. Muita maldade da tal da banca AOCP.

4. (AOCP – BRDE – Assistente Administrativo – 2012) Em "Ora, <u>para mim</u> isso configura um crime.", a expressão destacada funciona como
a) introdutor de conformidade;
b) objeto indireto;
c) adjunto adnominal;
d) complemento nominal;
e) dativo de opinião. (GABARITO!)

E olha que foi nível médio! Os caras da banca pesaram a mão em um assunto que era, até então, ignorado pelas bancas! Como a questão foi polêmica demais, adivinha? Para a alegria dos candidatos, a **questão foi anulada**! Mas poderia não ter sido...

Vejamos as particularidades dos oblíquos tônicos:

Mim

– *Nunca houve nada entre **mim** e ti.*

Está adequado à norma culta ou não este uso do pronome? Adequadíssimo! Não estaria se estivesse assim: "Nunca houve nada entre eu e você.", como já vimos. O **eu** só poderia vir após a preposição se fosse sujeito de um verbo: "Entre eu sair e tu saíres, saio eu!". Agora está ótimo. Certo é que, nessa estrutura de reciprocidade, com a preposição **entre**, podemos usar **mim**, **ti**, **nós**, **vós**, **ele(a/s) e quaisquer pronomes de tratamento**.

E nesta frase abaixo, há incorreção gramatical?

– *Sempre foi muito complicado* ***para mim*** *entender português.*

Deu vontade de dizer "sim"? Que pena! A frase acima está perfeita. O **mim** pode ficar diante de verbo no infinitivo, sim! Cuidado com essa construção, meu amigo, pois ela pode sabotar você. O que não pode ocorrer é o **mim** ocupar posição de sujeito, ok? Veja:

– *Comprei vários livros* ***para mim*** *aprender finalmente português.*

Observe que neste caso o **mim** é sujeito do verbo aprender.

"Ah, Pestana, como eu vou saber isso?" Simples, observe a primeira frase (adequada) de novo:

Sempre foi muito complicado ***para mim*** *entender português.*

O que você deve perceber é: 1) se for possível apagar ou 2) deslocar a expressão **para mim**, isso é sinal de que o **mim** não funciona como sujeito do verbo no infinitivo. Logo, nestas condições, a expressão pode vir sem problemas diante do verbo. Veja como ficaria:

1) Sempre foi muito complicado ***( )*** *entender português.*

ou

2) ***Para mim*** *sempre foi muito complicado entender português.*

Agora tente aplicar esses macetes à frase "Comprei vários livros para mim aprender finalmente Português.". Não conseguiu, não é? Sabe por quê? Porque nessa frase o **mim** conjuga verbo e tem função de sujeito. Agora, como sabemos que ele está inadequado, consertemos:

Comprei vários livros ***para EU*** *aprender finalmente português.*

Essa lição também vale para outros pronomes oblíquos tônicos, ok?

Para fechar, vale dizer que se usam as formas retas **eu** e **tu**, só quando antes delas houver preposições acidentais ou palavras denotativas:

– *Ela chegou* <u>*até*</u> ***eu***. (Inadequado; deveria ser "até mim", pois o *até* é uma preposição essencial.)

– <u>*Fora*</u> ***tu****, todos são maltratados por ela.* (Adequado; o *fora* é uma preposição acidental.)

– *Ela maltrata* <u>*até*</u> ***eu***. (Adequado; o *até* indica "inclusive", logo não é uma preposição, mas sim uma palavra denotativa de inclusão.)

Si / Consigo

São pronomes reflexivos (ou reflexivos recíprocos), isto é, referem-se ao próprio sujeito do verbo, na 3ª pessoa.

– *Elisabete só fala de* <u>*si*</u> *mesma, levando* <u>*consigo*</u> *todo o crédito.*

Obs.: Cuidado com frases deste tipo: "Eu não te disse que não trouxesses consigo essa garota?". Note que o **consigo** se refere à 2ª pessoa do discurso, o que incorre em desvio gramatical, pois tal pronome oblíquo tônico só se refere à 3ª pessoa do discurso. Assim, para que se mantenha a correção gramatical, deve-se redigir a frase desta forma: "Eu não te disse que não trouxesses contigo essa garota?".

Usa-se **entre si** sempre que for possível a posposição do pronome *mesmos*, lembrando-se que o sujeito tem de ser da 3ª pessoa do plural; do contrário, usa-se **entre eles**.

– *Os irmãos discutiam entre si (mesmos).*

– *Nunca houve briga entre eles.*

Obs.: Quando o pronome se refere ao sujeito do verbo, não se usa **ele(a/s) mesmo(a/s)/próprio(a/s)**, segundo a tradição gramatical, mas sim o oblíquo tônico **si**, acompanhado ou não de **próprio/mesmo**: *Ele fez propaganda **dele mesmo**. (inadequado) / Ele fez propaganda **de si próprio/mesmo**. (adequado)*

Nós / Vós

Usam-se **com nós** e **com vós** quando estes são seguidos de "ambos, todos, outros, mesmos, próprios, um numeral, um aposto explicativo ou uma oração adjetiva"; caso contrário, usa-se **conosco** e **convosco**.

– *Viajou **com nós** ambos.*

– *Saiu **com vós** todos.*

– *Estava **com nós** outros.*

– ***Com nós** mesmos/próprios, vocês poderão contar.*

– ***Com vós** dois é que não quero jantar.*

– ***Com nós**, os brasileiros, sempre acontecem coisas inesperadas.*

– *Resistimos à tempestade **com vós**, que sois bravos, e com eles, que também são corajosos.*

– *As crianças irão **conosco** e não **convosco**.*

Ele (a/s)

Pode haver contração das preposições com **ele(a/s)**: de + ele(a/s) = dele(a/s); em + ele (a/s) = nele(a/s): *Além **dele**, ninguém mais me viu.*

Para não dizer que não falei das flores, veja esta questãozinha abordando algumas dessas particularidades:

FAB – EAGS – Sargento da Aeronáutica – 2010

Com relação ao emprego correto dos pronomes em destaque, marque **C** para certo, **E** para errado e, em seguida, assinale a alternativa com a sequência correta.

( ) Meu pai trouxe chocolates para mim comer.
( ) A professora ficou aborrecida com nós todos.
( ) É melhor que não pairem dúvidas entre ti e ele.
( ) Esse dinheiro é para ti pagares tua faculdade.

a) C-E-E-C
b) E-C-C-E (Gabarito!)
c) C-E-C-E
d) E-E-C-C

Pronomes de Tratamento

São pronomes muito usados no tratamento cortês e cerimonioso.

Sobre as palavras "senhor, senhora, senhorita, dom, dona, madame" (e outros termos que servem de títulos ou que são meramente respeitosos), é importante dizer que há uma polêmica muito grande a respeito do "encaixe" de tais palavras na nomenclatura **formas de tratamento** ou **pronomes de tratamento**. Alguns gramáticos dizem que são **formas de tratamento**, outros dizem que são **pronomes de tratamento**, ainda há outros que dizem que são meros **títulos**. A maneira que encontrei de resolver isso foi perguntando a opinião do órgão máximo relativo à língua portuguesa (a ABL) sobre a classificação de tais palavras, que é a seguinte: elas podem ser meros substantivos (*Ela é **dona** de si.*) ou **formas de tratamento** (e não pronomes de tratamento): ***Dona** Carlota Joaquina era polêmica*!

Por isso, neste último exemplo, **Dona** tem valor de substantivo e não de pronome, o que corrobora a análise da ABL, a saber: tais palavras têm valor **discursivo** de pronome de tratamento (são dirigidas a pessoas de prestígio na sociedade em situações formais) e valor **morfológico** de substantivo (pertence a essa classe gramatical). Palavra de ressalva: independentemente da polêmica, no dia da prova, marque a melhor opção.

Sobre **você**, os dicionários (inclusive o vocabulário VOLP) e as gramáticas o colocam na lista dos **pronomes de tratamento**. Pertencem a essa classe gramatical mesmo! No entanto, tal pronome tem um valor discursivo um pouco diferente, pois é usado em contextos **informais**.

Detalhe interessante: quando se quer dar um tom irônico ao discurso (como quando a sua mãe pede para você limpar o quintal, a louça, o carro, tudo no mesmo dia), diz-se com certa entonação debochada: "*Vossa Alteza* quer mais alguma coisa?". Tudo depende do contexto!

Vamos ao que interessa a respeito dos verdadeiros **pronomes de tratamento**. Olhe o quadro a seguir:

Pronomes	Abreviatura Singular	Abreviatura Plural	Usados para
Vossa Senhoria	V. S.ª	V. S.ªs	Pessoas com um grau de prestígio maior. Usualmente, os empregamos em textos escritos, como: correspondências, ofícios, requerimentos etc.

Vossa Excelência	V. Ex.ª	V. Ex.ªs	Pessoas com alta autoridade, militares e políticos, como: Presidente da República, Senadores, Deputados, Embaixadores, Oficiais de Patente Superior à de Coronel etc.
Vossa Excelência Reverendíssima	V. Ex.ª Rev.mª	V. Ex.ªs Rev.mªs	Bispos e arcebispos.
Vossa Eminência	V. Em.ª	V. Em.ªs	Cardeais.
Vossa Alteza	V. A.	VV. AA.	Príncipes, duques e arquiduques.
Vossa Santidade	V.S.	-	Papa.
Vossa Reverendíssima	V. Rev.mª	V. Rev.mªs	Sacerdotes em geral.
Vossa Paternidade	V. P.	VV. PP.	Abades, superiores de conventos.
Vossa Magnificência	V. Mag.ª	V. Mag.ªs	Reitores de universidades.
Vossa Majestade	V. M.	VV. MM.	Reis, rainhas e imperadores.

O que você precisa saber sobre esses pronomes é o seguinte:

1) Usa-se *Vossa* quando se fala com a pessoa; *Sua*, quando se fala sobre a pessoa.

No quarto da rainha:

– ***Vossa* Majestade** *precisa de algo?*

– *Sim. Um suco.*

Na cozinha:

– ***Sua* Majestade** *é cheia de mimos, não?*

– *Ela sempre foi assim.*

Obs.: Segundo Bechara e manuais de redação consagrados, como o da PUC/RS, com as **formas ou pronomes de tratamento** – apesar de femininas em sua formação –, faz-se a concordância com o sexo das pessoas a que se referem: *Vossa Senhoria está convidad**o** (homem) a assistir ao Seminário.*

Ainda: em "**Seu** bobo, para de palhaçada!", este **Seu** equivale ao "Seu" da frase: "**Seu** Manoel chegou.", ou seja, é a redução da forma de tratamento **Senhor**. Isso é marca de coloquialismo, ok?

2) Qualquer pronome de tratamento, apesar de se referir à 2ª pessoa do discurso, exige que verbos e pronomes estejam na forma de 3ª pessoa. Isso cai em prova, hein!

– *Sua Alteza* ***estuda*** *tanto para poder um dia governar* ***sua*** *nação.*

3) O pronome *você* não pode ser "misturado" com verbos ou pronomes de 2ª pessoa no mesmo contexto; é preciso haver uniformidade de tratamento; no entanto, o que mais

ocorre é a "desuniformidade" de tratamento, note:

– *Entre por essa porta agora e diga que me adora,* ***você*** *tem meia hora pra mudar a minha vida, vem, vambora... (Adriana Calcanhoto)*

A forma verbal **vem** está na 2ª pessoa do singular (vem tu); deveria ser: **venha** (venha você).

Obs.: Segundo o ótimo professor Cláudio Moreno, com pequenas interferências minhas, "não cabe um ***Vossa Meritíssima** (como alguns gramáticos andam ensinando por aí), assim como não cabe um ***Vossa Excelentíssima** (como alguns parlamentares andam usando por aí), pois se criaria uma exótica e inaceitável **sequência** [Vossa + adjetivo], que o nosso idioma desconhece. No mundo jurídico, é muito comum (e adequado) usar-se **Meritíssimo** como **adjetivo** de tratamento para magistrados. Ao nos dirigirmos diretamente a um juiz, podemos simplesmente utilizar **Meritíssimo** – ou **Meritíssima**, caso se trate de uma juíza. Nesse caso, tais vocábulos, com função vocativa, se tornarão substantivos. Quanto à abreviatura, usa-se MM.".

Classificação e Emprego do Pronome Possessivo

Os **pronomes possessivos** estabelecem relação de posse (normalmente) entre seres e conceitos e as pessoas do discurso. Você vai entender o porquê do "normalmente" no tópico 7, mais à frente.

1ª pessoa: **meu**(s), **minha**(s) / **nosso**(a/s).
2ª pessoa: **teu**(s), **tua**(s) / **vosso**(a/s).
3ª pessoa: **seu**(s), **sua**(s).
* *"Dele(a/s)" **não** é pronome possessivo.*

Eles variam (concordam) em gênero e número com o substantivo a que se ligam (João deixou uma herança vultosa para **suas** *mulheres.*) ou a que se referem (*Filhos*? Sempre estou atento aos **meus.**). Variar (concordar) é uma coisa. Referir-se a algo/alguém é outra. Note que o pronome possessivo, como todo pronome, faz referência às pessoas do discurso: o pronome adjetivo possessivo **suas** se refere à 3ª pessoa do discurso (João), mas concorda em gênero e número com mulheres; o pronome substantivo possessivo **meus** refere-se à 1ª pessoa do discurso (o falante), mas concorda em gênero e número com seu referente: Filhos. Divida isso na sua cabeça!

Vejamos o emprego de tais pronomes agora (nunca é demais repetir determinados ensinos):

1) Os pronomes de tratamento exigem os possessivos na 3ª pessoa:

– *Vossa Senhoria deve encaminhar **suas** reivindicações ao diretor.*

2) Em algumas construções, os pronomes pessoais oblíquos assumem valor de possessivos:

– *Vou seguir-lhe os passos. (Vou seguir os **seus** passos.)*
– *Apertou-me as coxas. (Apertou as **minhas** coxas.)*

Obs.: Muitos gramáticos entendem que os pronomes oblíquos átonos (com valor possessivo) exercem função sintática de adjunto adnominal. E é assim que vem caindo em prova. Outros gramáticos veem como objeto indireto com valor possessivo. Falarei mais sobre isso no capítulo 21.

3) Mudança de posição pode gerar mudança de sentido

– *Envio **tuas** fotos ainda hoje.* (Fotos tiradas por mim.)
– *Envio fotos **tuas** ainda hoje.* (Fotos em que estou presente.)
– ***Minha** mulher não anda com roupas indecentes.* (Só tem uma mulher.)

– *Mulher **minha** não anda com roupas indecentes.* (Qualquer mulher dele.)

4) O pronome possessivo "seu" (e variações) **pode causar ambiguidade.**

– *O PM prendeu o bandido em **sua** casa.* (Na casa de quem?)

– *João, Maria e **seu** filho saíram.* (Filho de quem?)

– *José contou-me que Rute perdeu **seus** documentos e ficou desesperada.* (Documentos de quem?)

– *A professora disse-lhe que acreditava em **sua** nomeação.* (Nomeação de quem?)

Para desfazer a ambiguidade e/ou tornar o valor possessivo mais forte, podem-se usar **vírgulas**, **próprio(a/s), (seu) dele(a/s), oração subordinada adjetiva.**

– *O PM**,** em sua **própria** casa**,** prendeu o bandido.*

– *João, Maria e o filho **dela** saíram.*

– *A professora disse-lhe que acreditava em **sua** nomeação **dele**.* (Forma estranha, mas culta.)

– *José contou-me que Rute**, cujos documentos perdera,** ficou desesperada.*

Obs.: É muito usado o pronome possessivo *seu*, de 3ª pessoa, para se referir à 2ª pessoa do discurso: "Você não deve deixar de considerar **suas** virtudes.".

5) O artigo definido é facultativo antes dos pronomes adjetivos possessivos, mas dos pronomes substantivos possessivos, o artigo é obrigatório.

– *Gosto de **meu** trabalho. / Gosto do **meu** trabalho.* / Gosto de meu trabalho, mas não do **teu**.

Obs.: Veja uma frase com os dois casos:

6) Como vimos, em plural de modéstia e plural de cerimônia, os pronomes "nosso(a/s)" (1ª pessoa do plural no lugar da 1ª pessoa do singular) e "vosso(a/s)" (2ª pessoa do plural no lugar da 2ª pessoa do singular) também participam desse contexto. Veja:

– *Não cabe a **nosso** intelecto desvendar todos os mistérios da gramática.*

– *Pai nosso que estais no céu, santificado seja o **vosso** nome.*

7) Os matizes de sentido, respectivamente, que podem ter os possessivos são: parentesco, estimativa, indefinição, ironia, cortesia/respeito, hábito, intimidade, simpatia, permanência, realce...

– *Como vão os **seus**, João?**

– *Roberto tem **seus** vinte e quatro anos.*

– *Eu sei que tu passas lá* ***teus*** *apertos.*
– ***Minha*** *querida, cala a boca!*
– *Deixe-me ajudar,* ***minha*** *boa senhora.*
– *No* ***seu*** *passo de tartaruga, devagar ia o homem.*
– ***Meu*** *filhinho, quero-lhe bem!*
– *O* ***meu*** *Mengão me dá muito orgulho ainda.*
– *Já falei para você ficar na* ***sua****.*
– *Mulher de amigo* ***meu*** *é homem.*

* Celso Cunha considera, nesta acepção e contexto, que o pronome possessivo foi substantivado. Antecedido da preposição ***de***, idem: "Ela não tinha um marido para chamar **de seu**".

Classificação e Emprego do Pronome Indefinido

Os **pronomes indefinidos** referem-se à 3ª pessoa do discurso de forma vaga, imprecisa ou genérica. Entenda melhor:

Na escola

Na escola de treinamento para homem-bomba, todos os alunos estão reunidos, muito concentrados na aula, quando o professor explica:

– Olha aqui, vocês prestem muita atenção, porque eu só vou fazer uma vez!

Percebe que *todos* carrega consigo uma ideia de indefinição ou quantidade indefinida? Logo, é um pronome indefinido.

Variáveis	Invariáveis
algum, alguma, alguns, algumas	algo
nenhum(ns), nenhuma(s)	tudo
todo, toda, todos, todas	nada
outro, outra, outros, outras	mais/menos[2]
muito, muita, muitos, muitas	quem
bastante, bastantes	alguém
pouco, pouca, poucos, poucas	ninguém
certo, certa, certos, certas	outrem
vário, vária, vários, várias[1]	(os) demais*
quanto, quanta, quantos, quantas	cada (é sempre pronome adjetivo)#
tanto, tanta, tantos, tantas	que
qualquer, quaisquer	
qual, quais	
um, uma, uns, umas	
tal, tais (= um: Ele diz as coisas de tal jeito...)	

[1] Este pronome e também seu sinônimo, **diverso(a/s)**, são considerados adjetivos pelo VOLP e pelo dicionário Aulete.

[2] Segundo Bechara, **mais** e **menos** podem se substantivar em expressões assim: o (as) mais das vezes, o menos.

Obs.: As palavras **fulano**, **sicrano** e **beltrano** não são pronomes indefinidos, mas substantivos, segundo o VOLP e todos os dicionários que consultei. Não obstante, Cegalla já diz que são indefinidos. Polêmicas...

* Não é substantivo, apesar de o artigo antecedê-lo.

A frase “Custará R$10 **cada**.” está inadequada à norma culta, pois este pronome é sempre adjetivo. Logo, o adequado é “Custará R$10 **cada uma**.”.

Locuções pronominais indefinidas

Grupos de vocábulos com valor de **pronome substantivo** indefinido.

Cada qual, cada um, quem quer que, seja quem for, seja qual for, tudo o mais, todo (o) mundo, um ou outro, nem um nem outro, qualquer um, fosse quem fosse...

– ***Cada um*** *é diferente.*
– ***Seja quem for*** *que me incomode pagará caro.*
– ***Todo o mundo*** *me respeita.*

Obs.: Cuidado com as locuções pronominais “quem quer que, seja quem for, seja qual for, fosse quem fosse”, pois tais locuções equivalem a um pronome indefinido, logo os supostos verbos que fazem parte da locução não são contados como orações. Vale dizer que “tudo isto, tudo isso, tudo aquilo” não constituem locuções pronominais indefinidas, mas sim **pronome indefinido (tudo) + pronome demonstrativo (isto, isso, aquilo)**.

O que você precisa saber sobre esses pronomes é o seguinte:

1) **A mudança de posição de alguns indefinidos poderá mudar ora sua classe, ora seu sentido.**
   – ***Qualquer*** *mulher merece respeito.* (sentido generalizador, pronome indefinido)[1]
   – *Ela não é uma mulher* ***qualquer.*** (sentido pejorativo, pronome indefinido)
   – ***Algum*** *amigo te traiu?* (sentido genérico, impreciso, pronome indefinido)
   – *Amigo* ***algum*** *me traiu.* (sentido negativo, equivale a nenhum, pronome indefinido)[2]
   – *Com essa dedicação, tem obtido* ***algum*** *elogio da crítica especializada.* (= pouco, pronome indefinido)
   – *Você tem* ***algum****?* (dinheiro, substantivo)
   – ***Certo*** *homem veio atrás de você.* (sentido genérico, pronome indefinido)
   – *Ele é o homem* ***certo****.* (sentido qualificativo, adjetivo, vem sempre à direita do substantivo)
   – ***Certo*** *perdeste o juízo.* (afirmação, advérbio)
   – *Ele falou* ***certo****.* (modo, advérbio)
   – ***Outra*** *mulher chegou.* (sentido indefinido, pronome indefinido)
   – *Agora ela é uma* ***outra*** *mulher.* (renovada, adjetivo)

Cuidado!!!

[1] A banca CONSUPLAN (TSE/Analista Judiciário/2012) elaborou uma questão equivocada – que, para variar, **não** foi anulada! – sobre o vocábulo **qualquer**. Dizia-se que este pronome não exercia papel pronominal neste trecho: "Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação **qualquer** na contramão do dever...". Aí eu pergunto: "Pode isso?". Em nenhuma gramática de autor respeitado e estudado nas Faculdades de Letras do Brasil, diz-se que o pronome **qualquer**, independentemente de sua posição na frase, deixa de ter valor pronominal. "Muito pelo contrário", como já dizia minha vó!

Celso Cunha classifica tal construção na categoria dos PRONOMES (Veja a *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, está lá):

Qualquer

Tem por vezes sentido pejorativo, particularmente quando precedido de artigo indefinido (...). A tonalidade depreciativa torna-se mais forte se o ***indefinido*** *vem posposto a um nome de pessoa: '... Hoje é isto que o senhor vê:* ***um Pestana qualquer****...' (grifo meu)*

Este exemplo é do Celso mesmo, não é sacanagem. Que coincidência o cara falar Pestana! Pois bem... o que importa é que o gramático classifica como PRO-NO-ME o vocábulo **qualquer**, por mais que venha depois do substantivo, com valor depreciativo!

Não satisfeito, enviei uma pergunta à ABL, baseando-me em um exemplo da única fonte consagrada que encontrei, a qual diz ser **qualquer** um **adjetivo**: o consagrado dicionário *Houaiss*. Só ele diz isso, até onde foi minha pesquisa. É **um** contra **mil**. Aí a banca me cria uma questão dessas?! Só pode ser brincadeira, não?! Vamos ao que disse a ABL:

ABL RESPONDE

Pergunta: O vocábulo "qualquer" é classificado morfologicamente como ADJETIVO ou como PRONOME INDEFINIDO nesta frase: "Este feijão não é um feijão qualquer."? Grato!

Resposta: É um **pronome** adjetivo **indefinido**. (grifo meu)

Esta é, portanto, a função morfológica de **qualquer**: **pronome indefinido**. Não é um adjetivo! E quem diz isso não sou eu. É um fato comprovado por quem mais entende de Português: a Academia Brasileira de Letras! Ponto final.

[2] Semiparafraseando Celso Cunha, "De regra, o indefinido **algum** adquire valor negativo em frases onde aparecem expressões negativas (não, nem, sem...): 'A sua crítica não obedecia a sistema **algum**.'". Esta dupla negação serve para realçar a ideia negativa; não é como na Matemática, em que – com – dá +. É bom dizer que, quando se invertem os termos da oração, o não sai da jogada, perdendo-se a dupla negação, mas ainda assim se conserva a ideia de negação: "A sistema **algum** (= nenhum) obedecia sua crítica.".

2) Todo, no singular e junto de artigo ou pronome demonstrativo, significa "inteiro"; sem artigo, significa "qualquer". No plural, sempre indica totalidade.

– ***Toda*** *mulher é bonita.* (qualquer mulher)

– *A/Essa mulher* ***toda*** *é bonita.* (a mulher inteira)

– ***Todos*** *os prédios desta cidade têm cinco andares.*

– *Esta carteira é válida em* ***todo*** *território nacional.*

– *Esta carteira é válida em* ***todo o*** *território nacional.*

Sobre os dois últimos exemplos, qual carteira é melhor? A primeira ou a segunda? Certamente a primeira, pois **todo** significa **qualquer**. Ou seja, em qualquer território, desde que seja uma nação, a carteira é válida. Diferente da segunda frase, em que **todo o** significa inteiro. Ou seja, a carteira só é válida no inteiro território nacional. Só aqui no Brasil, por exemplo. Entendeu? Uma pena que a nossa carteira de identidade apresenta **todo o...** acho que vou apagar o **o** da minha...

Obs.: Mesmo sem estar acompanhado de artigo ou pronome demonstrativo, o pronome **todo** pode indicar totalidade de maneira enfática, concordando com o ser ao qual se refere, como se houvesse uma intensificação: "Sandrinha era **toda** sorriso e simpatia". Bechara acrescenta que tal pronome pode ficar no feminino ao virar um advérbio modificador de adjetivo, quando o referente é um substantivo feminino: "Ela está **todo/toda** preocupada."

O pronome "todos" vem obrigatoriamente seguido de artigo quando a ele se segue um substantivo (Todos os amigos ajudaram). Se vier um numeral, não se usa artigo (Todos cinco ajudaram). Se vier um numeral entre eles, usa-se o artigo (Todos os cinco amigos ajudaram).

3) Nenhum varia normalmente quando anteposto ao substantivo.

– *Não havia* ***nenhumas*** *frutas na cesta.*

4) O pronome indefinido outro junto de artigo pode mudar de sentido.

– ***Outro*** *dia fui visitá-lo.* (tempo passado)

– *Fui visitá-lo no* ***outro*** *dia.* (tempo futuro; = no dia seguinte)

5) O pronome cada pode ter valor discriminativo ou intensivo.

– *Em* ***cada*** *lugar, há diversidade de beleza.*

– *Tu tens* ***cada*** *mania!*

6) O vocábulo um pode ser artigo indefinido, numeral ou pronome substantivo indefinido (alternando com "outro", normalmente).

– *Nunca deixou de ser **um** bom homem.* (artigo indefinido)
– *Ele é só **um**, deixe-o em paz, covarde!* (numeral)
– ***Um** chegou cedo; o **outro**, atrasado.* (pronome indefinido)

Cuidado!!!

Muitos pronomes indefinidos, dependendo do contexto, podem virar advérbios, desde que modifiquem verbos, adjetivos ou outros advérbios. É preciso perceber a relação entre as palavras para definirmos a classificação morfológica delas.

– *Tenha **mais** amor e **menos** desconfiança.* (pronomes indefinidos)
– *Aja **mais** e fale **menos**.* (advérbios modificando verbos)
– *Não quero **nada** de você.* (nenhuma coisa, pronome indefinido)
– *João não é **nada** bobo.* (nem um pouco, advérbio)
– ***Algo** me diz que ela está chegando.* (alguma coisa, pronome indefinido)
– *O paciente está **algo** doente.* (um pouco, advérbio)
– ***Bastantes** parentes vieram me visitar no hospital.* (muitos, pronome indefinido)
– *Sinto **bastante** por sua perda.* (muito, advérbio)
– ***Que** mulher!* (ênfase, pronome indefinido)*
– ***Que** linda!* (intensidade, advérbio)

O mesmo ocorre com os pronomes indefinidos "muito, pouco e tanto".

* Celso Cunha e outros gramáticos entendem que este "que" é pronome interrogativo com valor exclamativo. Há ainda o outro lado da moeda, como Manoel Pinto Ribeiro, que entende este pronome, neste contexto, como um mero pronome indefinido. É dessa última maneira que veem as bancas. Polêmicas...

Agora veja esta questão bonitinha sobre pronome indefinido da EAGS – SARGENTO DA AERONÁUTICA – 2011, para fechar este assunto com chave de ouro:

10. Assinale a alternativa em que o valor característico do pronome indefinido destacado está **incorreto**.
a) Algo de especial está para acontecer. (ausência de pessoa)
b) O garoto era todo gentilezas com a menina que lhe sorria. (totalidade, intensidade)
c) Estava madura. Apesar disso, havia ainda o seu jeito uma certa graça de quando moça. (ausência de particularização)
d) Andava a conversar aqui e acolá, buscando arranjar alguma coisa com que pagar o aluguel de seu quartinho. (significação afirmativa, positiva).

Comentário: *Algo* se refere a coisas, e não a pessoas, logo indica ausência de pessoa. *Todo* indica totalidade, intensidade neste contexto. *Certa* indica quantidade indefinida, e não ausência de particularização. *Alguma* à esquerda do substantivo tem valor positivo, à direita do substantivo, negativo. Gabarito: C.

Classificação e Emprego do Pronome Interrogativo

Os **pronomes interrogativos** exprimem questionamento direto (com ponto de interrogação) ou indireto (sem ponto de interrogação) em um contexto que sugere desconhecimento ou vontade de saber.

Que	**Quem**	**Qual** (Quais)	**Quanto**(a/s)

– ***Que*** *é isso**?*** (pergunta direta)
– *Quero saber **que** é isso.* (pergunta indireta: *Que é isso?*)
– ***Quem*** *é esse rapaz**?*** (pergunta direta)
– *Não sabemos **quem** é esse rapaz.* (pergunta indireta: *Quem é esse rapaz?*)
– *De **qual** pintura você está falando**?*** (pergunta direta)
– *Pergunta-se **qual** é a altura dela.* (pergunta indireta: *Qual é a altura dela?*)
– *Por **quanto** você vende esta garrafa**?*** (pergunta direta)
– *Verificaram **quanto** custava o conserto.* (pergunta indireta: *Quanto custava o conserto?*)

1) Não confunda pronome interrogativo (que) com conjunção integrante (que). Se der para fazer uma pergunta a partir do "que", este será interrogativo, e não conjunção integrante.

– *Não saberia jamais **que** horas são.* (***Que*** *horas são?* – Pergunta possível, pronome interrogativo.)
– *Não saberia jamais **que** ela é flamenguista.* (***Que*** *ela é flamenguista?* – Pergunta impossível, conjunção integrante.)

2) Nas frases interrogativas indiretas, os pronomes interrogativos vêm, normalmente, após os verbos "querer/desejar, saber, perguntar, indagar, ignorar, verificar, ver, responder"...

– *Quero saber (o) **que** devo fazer.* (*Que devo fazer?* – O artigo *o* antes de *que* é considerado expletivo. Alguns gramáticos entendem que faz parte da locução interrogativa "o que", tendo valor enfático ou de realce.)
– *Ignoro **quem** fez isso. (Quem fez isso?)*

Obs.: A expressão expletiva "é que" pode realçar também o interrogativo *que*: "***Que*** *<u>é que</u> ela quer com você?"* ou "*<u>O</u> que <u>é que</u> ela quer com você?"*.

3) A forma reduzida da expressão "que é (feito) de" é "cadê" (ou "quede", ou "quedê"), muito popular, mas não contemplada entre os gramáticos normativos como culta.

– ***Cadê*** *as pessoas que estavam aqui?*

4) “Qual” seguido da preposição *de* indica seleção.

– ***Qual*** *das duas você prefere?*

Classificação e Emprego do Pronome Demonstrativo

Os **pronomes demonstrativos** marcam a posição temporal ou espacial de um ser em relação a uma das três pessoas do discurso, fora do texto (exófora/dêixis) ou dentro de um texto (endófora – anáfora ou catáfora).

Não fique pasmo com esses nomes bonitinhos (exófora, dêixis, endófora, anáfora, catáfora), pois os conceitos deles são de facílima digestão.

Diferentemente dos demais pronomes, falarei do valor discursivo dos demonstrativos neste tópico mesmo.

Então, vamos lá!

Eis os principais demonstrativos:

1ª pessoa: **este(a/s)**, **isto**.
2ª pessoa: **esse(a/s)**, **isso**.
3ª pessoa: **aquele(a/s)**, **aquilo**.

Além desses, há outras palavras que são classificadas como pronomes demonstrativos:

1) Mesmo(a/s), próprio(a/s) com valor reforçativo ou junto de artigo, com o sentido de "igual, exato, idêntico, em pessoa".

– *Ela **própria** costura seus vestidos.* (= em pessoa)

– *A **mesma** mulher tem talento de sobra.* (= exata)

Obs.: Cuidado com a seguinte construção: "Aviso aos passageiros: antes de entrar no elevador, verifique se **o mesmo** encontra-se parado neste andar." (Lei 9502/97). Neste caso, o uso de **o mesmo** retomando um termo substantivo, como um típico demonstrativo, não está adequado à norma culta, segundo 99,99% dos gramáticos e manuais de redação. Só Bechara diz o contrário (para variar).

Só se usa **o mesmo** quando equivale a "a mesma coisa": "Ele não sabe nada de Direito Administrativo. O mesmo se dá com ela."

Ainda sobre o vocábulo **mesmo**, peço que tome cuidado com ele, pois apresenta outras classificações morfológicas, a depender do contexto. Exemplos: "Eu falo na cara mesmo." (= de fato, advérbio de afirmação) / "Mesmo a família negou-lhe ajuda." (= inclusive, palavra denotativa de inclusão) / Mesmo faminto, tive de me controlar (preposição acidental com valor concessivo). Alguns dicionaristas classificam **mesmo**, acompanhando substantivo, como mero **adjetivo**, mas não é assim que veem os gramáticos.

2) Tal(s), semelhante(s), quando aparecem no lugar de este(a/s), isto, aquilo, aquele(a/s)...

– ***Tal*** *absurdo eu não cometeria.*

– *Você precisa de teoria com bastantes questões. A solução para* ***tal*** *está em A Gramática.*

– *Nunca vi* ***semelhante*** *explicação, meu Deus!*

Obs.: Sobre **tal**, leia o gabarito da questão 8 do capítulo *Substantivo*. Tome cuidado, que **semelhante** pode ser adjetivo em outro contexto, como: "O filho é **semelhante** ao pai."

3) Pode haver contração entre os demonstrativos e as preposições "a, de, em": a + aquilo = àquilo; de + este = deste; em + essa = nessa etc.

4) o(s), a(s), quando substituíveis por "aquele(a/s), aquilo, isso". É importante dizer que tal situação ocorre em três casos, normalmente: antes de pronome relativo (normalmente, o *que*), antes de preposição (normalmente, a *de*) e junto ao verbo *ser* ou *fazer*, normalmente. Este último caso só se dá com o (= isso).

– *Somos* ***o*** *que somos. (Somos aquilo que somos.)*

– ***As*** *que chegaram atrasadas perderam a explicação. (Aquelas que chegaram atrasadas...)*

– *Estou fora de mim, alheio a****o*** *que pensem de mim. (... alheio àquilo que...)*

– *Ganhei duas vezes na loteria,* ***o*** *que me rendeu dois sequestros. (isso que me rendeu...)**

– *Ontem, convidei só* ***os*** *da Barra da Tijuca para o jogo, pois os demais amigos estavam sem dinheiro. (Convidei só* ***aqueles*** *da Barra...)**

– ***A*** *da esquerda está olhando para você, mas a menina da direita, para mim. (****Aquela*** *da esquerda...)**

– *Ela estudava, mas não* ***o*** *fazia com vontade. (Ela estudava, mas não fazia* ***isso*** *com vontade)*

– *Fora evangélico durante sua juventude; já não* ***o*** *é agora. (já não é* ***isso****)*

Atenção! Só leia isto se fizer algum concurso de nível superior das bancas Esaf ou Cespe

Obs.[1]: * Quando o **o**, antes da oração iniciada pelo pronome relativo **que**, puder ser substituído por **fato**, Bechara entende que se trata de um artigo substantivando a oração inteira. Até onde sei, só ele diz isso. Nunca vi em prova tal visão. Continuando com a polêmica, o homem apresenta exemplos em que tal vocábulo, ainda tomado como artigo definido, é posto antes da preposição *de* mesmo sem substantivo explícito, como na 5ª e na 6ª frase. Não só ele, como Celso P. Luft vão de encontro ao que diz a maioria dos gramáticos brasileiros, senão todos, a saber: os vocábulos "o, a, os, as" são pronomes demonstrativos

em todos os exemplos anteriores. **Reitero que**, de todos os gramáticos que pesquisei (mais de 40), só Bechara e Luft dizem que "o, a, os, as" (antes de substantivo **elíptico**, segundo eles) são artigos definidos. Portanto, para eles, **os** e **A** são artigos. Veja uma questão bem polêmica sobre isso (Esaf – ATRFB – 2012 – QUESTÃO 5 (P1/G4)). A Esaf fica com a opinião desses dois gramáticos, ignorando o que todos os demais afirmam. Como já falei, o Bechara e as suas polêmicas são um néctar para a Esaf.

Obs.²: Cegalla diz que o pronome demonstrativo **o** pode representar um termo da frase ou a frase toda, e é assim que as bancas cobram: "A obra era difícil, ele próprio **o** sabia." (o = que a obra era difícil); "Se existiu ali uma fonte, pouca coisa **o** indica." (o = isso = que ali existiu uma fonte); "Quando publicou sua obra, fê-**lo** em francês." (lo = isso = publicar sua obra); "Não sei se sou feliz nem se desejo sê-**lo.**" (lo = isso = feliz); Você continua estudioso, mas ele nunca **o** foi. (o = isso = estudioso).

Obs.³: Segundo Bechara, "por meio do pronome invariável **o** (= isso) repetimos pleonasticamente a oração objetiva que se antecipa de sua posição normal, ou, em sentido inverso, antecipa a oração objetiva do texto: 'Que todos iam sair cedo, eu **o** disse ontem.' / 'Eu **o** disse ontem que todos iam sair cedo.'". Aí você me pergunta: "Pest, por que você é tão minucioso? A chance de isso cair na prova é zero!". Será? Veja agora uma questãozinha fresquinha sobre isso:

Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012

– No período "Que Demócrito não risse, eu o provo", o verbo provar complementa-se com uma estrutura em forma de objeto direto pleonástico, com uma oração servindo de referente para um pronome.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Emprego dos demonstrativos (valor discursivo)

Chegou a hora de entendermos que significa **exófora**, **dêixis**, **endófora**, **anáfora**, **catáfora**. Beleza?

Exófora ou **dêixis**: conceitos que, linguisticamente, tratam do uso de vocábulos que se referem a elementos extratextuais ou extradiscursivos, ou seja, que se referem a elementos **fora** do texto, numa perspectiva espacial ou temporal.

Endófora (**anáfora** e **catáfora**): conceitos que, linguisticamente, tratam do uso de vocábulos que se referem a elementos intratextuais ou intradiscursivos, ou seja, que se referem a elementos **dentro** do texto; a **anáfora** trata da retomada de termos ou ideias, e a **catáfora** trata da antecipação de termos ou ideias.

Falarei melhor sobre isso agora!

1) **Numa perspectiva exofórica ou dêitica, ou seja, referindo-se a elementos extradiscursivos (fora do texto/discurso) dentro do espaço ou do tempo, procede-se assim:**

Função espacial

Os advérbios **aqui/cá** (proximidade à 1ª p.), **aí** (proximidade à 2ª p.), **ali/lá/acolá** (distância da 1ª p. e da 2ª p.), chamados de advérbios pronominais por terem valor díctico (ou dêitico), costumam reforçar a função discursiva dos pronomes demonstrativos.

Este (a/s), isto: refere-se a um ser que está próximo do falante ou que o falante toma como tal ou em referência à correspondência que enviamos.
– ***Esta*** *camisa aqui do Flamengo é minha.*
– ***Este*** *documento segue anexo aos demais.*
Esse(a/s), isso: refere-se a um ser que está próximo do ouvinte ou que o falante toma como tal
– ***Essa*** *camisa aí é tua?*
– *Saia do meio d**essa** rua, garoto!*
Obs.: Às vezes, pode haver dois demonstrativos para especificar melhor um substantivo: ***Essa*** *(ou Esta) moça é* ***aquela*** *de que falei agora há pouco.*
Aquele(a/s), aquilo: refere-se a um ser que está distante do ouvinte e do falante ou de algo que se encontra na pessoa de quem se fala
– ***Aquela*** *camisa lá é dele.*
– ***Aquele*** *país onde ele mora não presta.*
– ***Aquele*** *temperamento do Mano fez o Brasil perder a Copa.*
Obs.: Os vocábulos **mesmo** e **próprio** também ajudam no reforço: "É este aqui mesmo o ladrão!". Fique ligado, que pode haver contração de preposição com pronome demonstrativo e com advérbio pronominal (aí, aqui, lá etc.): "Saí **daquele** país **naquele** avião há dias, **daí** minha vida mudou.".

Função temporal

Este(a/s): presente, passado recente ou futuro (dentro de um espaço de tempo).
– ***Esta*** *é a hora da verdade.*
– ***Esta*** *noite foi sensacional.*
– ***Este*** *fim de semana será perfeito, pena que ainda é segunda.*
Esse(a/s): passado recente ou futuro.
– *Ninguém se esquecerá d**esse** carnaval.*
– *Depois da reunião, sei que **esses** dias serão diferentes.*
Aquele(a/s): passado ou tempo distante (vago).
– *Foi em 1500, n**aquele** ano, o Brasil surgiu.*

– *N**aquele** dia, no Seu dia, Deus fará justiça.*

2) Numa perspectiva endofórica (anafórica ou catafórica), ou seja, referindo-se a elementos intradiscursivos (dentro do texto), procede-se assim:

Função distributiva

Este, referindo-se ao mais próximo ou citado por último. **Aquele**, referindo-se ao mais afastado ou citado em 1º lugar. Ambos são anafóricos, pois substituem termos anteriores.
– *Todos nós conhecemos Lula e Dilma. A imagem d**esta** tem como reflexo **aquele**.*
Obs.: Não encontrei respaldo gramatical algum, entre todos os gramáticos normativos consagrados, sobre a possibilidade de retomada de três referentes com os pronomes "este, esse e aquele". Portanto, ou se usa **este** e **aquele,** ou se usam numerais para retomada. Enfim, por falta de respaldo, **não** está adequada esta estrutura: "Todos nós conhecemos Lula, Serra e Dilma. A imagem d**esta** tem como reflexo **aquele**, e não **esse**."

Função referencial

Este(a/s), isto referem-se normalmente a algo que será dito ou apresentado (valor catafórico). Pode também retomar um termo ou ideia antecedente (valor anafórico), segundo ensinam Bechara e Celso Cunha.
– ***Esta** sentença é verdadeira: "A vida é efêmera.". E n**isto** todos confiam.*
Obs.: Usa-se ***nisto*** também quando equivale a "então" ou "nesse momento": "Saí de casa cedo. **Nisto**, minha mulher me ligou."
Esse(a/s), isso referem-se sempre a algo já dito ou apresentado (valor anafórico).
– ***Isso** que você disse não está certo, amigo. É por **essas** e outras que nada funciona neste país.*
Obs.: Pode ser usado após o substantivo para reiterar uma ideia: "Li bons romances nas minhas viagens de avião, romances **esses** que me fazem falta."

Só de curiosidade: há certas expressões cristalizadas na língua com pronomes demonstrativos: por isso, isto é, além disso, isto de, ora essa.

Valores estilísticos dos demonstrativos

Os **pronomes demonstrativos** podem apresentar determinados matizes de sentido consoante o contexto; normalmente isso ocorre no registro coloquial.

– ***Aqueles**, sim, eram homens honrados.* (admiração)
– ***Isso** não! **Isso** não! Que absurdo!* (indignação)
– *Não dou d**essas**, não!* (desprezo)
– ***Essa** mulher... Ih...! Nem te conto...* (ironia)
– ***Isso** não passa de um idiota.* (repulsa, depreciação)
– ***Essa**, não!* (surpresa)
– *Você só pensa n**aquilo**...* (malícia)
– *Não consigo acreditar que ela tenha virado **aquilo.*** (pena, comiseração)
– *Ufa! Esta foi uma questão d**aquelas**...* (intensificação)
– ***Isso** mesmo, vai fundo!* (incentivo)

Classificação e Emprego do Pronome Relativo

Preste mais do que a costumeira atenção, meu caro leitor! Este é o campeão de aparições nas provas, portanto aproveite minha minuciosa abordagem acerca dele!

O **pronome relativo** é um elemento conector de caráter anafórico, isto é, refere-se a um termo antecedente explícito (substantivo (normalmente!), pronome substantivo, numeral substantivo, advérbio, verbo no infinitivo ou oração reduzida de infinitivo), substituindo-o. Sintaticamente falando, todo pronome relativo (sempre!) refere-se a um termo de outra oração ao introduzir oração subordinada adjetiva (restritiva ou explicativa).

– *O homem (apesar de certos contratempos)* ***que*** *veio aqui era o Presidente.*

– *Ninguém* ***que*** *esteve no Brasil desapontou-se.*

– *Apenas um,* ***que*** *compareceu à festa, estava bem trajado.*

– *Ali,* ***onde*** *você mora, não é o melhor lugar do mundo.*

– *Estudar* ***que*** *é bom ninguém acha legal.*

– *Procurar aprender Língua Portuguesa,* ***que*** *é importante, você não quer.*

Cuidado!!!

1) Visto que o seu objetivo é substituir um vocábulo para que este não se torne repetitivo, o pronome relativo nos permite reunir duas orações numa só.

– *O livro é espetacular + Estou lendo um livro = Estou lendo um livro* ***que*** *é espetacular (ou O livro* ***que*** *estou lendo é espetacular). Visitei um amigo + Eu tenho grande admiração por ele = Visitei um amigo* ***por quem*** *tenho grande admiração.*

2) Na linguagem coloquial, observa-se o uso pleonástico por um pronome oblíquo átono ou tônico após o relativo. **Não** está adequado à norma culta, pois o pronome relativo já retoma um termo.

– *Este ó livro que pretendemos comprá-****lo****. (Este é o livro que pretendemos comprar.)*

– *A prova é o meio de resolução de conflito, da qual o juiz irá extrair certos juízos* ***dela****. (A prova é o meio de resolução de conflito, da qual o juiz irá extrair certos juízos.)*

3) É importante dizer que, se um verbo ou um nome da oração subordinada adjetiva exigir a presença de uma preposição, esta ficará <u>obrigatoriamente</u> antes do pronome relativo. Preste atenção! Isso é questão de prova todo ano!

– *O filho,* ***<u>pelo</u> qual*** *a mãe tinha amor, era bom.* (Quem tem amor, tem amor **por.**)

Na linguagem coloquial, a ausência da preposição antes do relativo é comum. Cuidado!

– *Este é o carro que precisamos.* (INADEQUADO!)

Às vezes, ocorre migração da preposição com o pronome demonstrativo *o*. A frase "O de que mais gosto é ver filme." soa artificial, afetada e não reflete a realidade linguística atual,

apesar de correta, por isso é comum ocorrer o deslocamento da preposição para antes do referente: "Do que mais gosto é ver filme.".

Bechara diz algo muito importante: "... omite-se a preposição que pertence a rigor ao relativo, em virtude de já ter o seu antecedente a mesma preposição: 'Você só gosta das coisas que não deve (gostar)' por: das coisas de que não deve (gostar)".

4) É notório hoje em dia o uso não atento às normas gramaticais do pronome relativo. Por isso, faz-se necessário aos que se preocupam com as normas o conhecimento do registro formal.

– *Este é o livro* ***que*** *o autor é excelente.* (LINGUAGEM COLOQUIAL)

– *Este é o livro* ***cujo*** *autor é excelente.* (LINGUAGEM CULTA)

Pelamordedeus! Não se substitui **cujo** por **que**! Isso já foi questão de prova algumas vezes. Veja a prova disso:

11. (FEC – LOTERJ/RJ – Auditor – 2010) Quando se emprega o relativo "cujo", como fez o autor em "como naqueles comerciais de um refrigerante cujo nome me recuso a declinar" (§ 5), deve-se obedecer à orientação observada em todas as alternativas a seguir, EXCETO aquela em que se diz que o referido pronome:
a) admite, na língua escrita culta, substituição pelo pronome "que". (GABARITO)

5) A expressão ***queísmo*** já se popularizou. Trata-se de uma repetição viciosa do vocábulo *que*, principalmente do pronome relativo, ou do seu uso desnecessário: "O carro **que** eu comprei na concessionária **que** eu encontrei meu amigo **que** trabalhava lá era bom." / "O aluno **que** foi aprovado ficou satisfeito.". Veja como ficariam mais concisas e claras tais frases: "Comprei um bom carro em cuja concessionária meu amigo trabalhava." / "O aluno aprovado ficou satisfeito.".

Segundo a redação do competente site *www.portugueshoje.com.br*, há algumas maneiras de evitar determinadas construções com o vicioso pronome relativo *que*.

a) Substituição da oração adjetiva por substantivos seguidos de complemento.

– *O jornalista,* ***que redigiu*** *a matéria sobre as eleições presidenciais, foi bastante tendencioso.*

– *O jornalista,* ***autor*** *da matéria sobre as eleições presidenciais, foi bastante tendencioso.*

b) Substituição por adjetivo.

– *A política no Brasil é constituída por políticos* ***que não são honestos****.*

– *A política no Brasil é constituída por políticos* ***desonestos****.*

c) Substituição da oração desenvolvida por uma oração reduzida de gerúndio.

– *Publicou-se um relatório* ***que denuncia*** *a corrupção no governo.*

– *Publicou-se um relatório* ***denunciando*** *a corrupção no governo.*

d) Substituição da oração desenvolvida por uma oração reduzida de particípio.

– *Soube-se da corrupção no governo através de uma reportagem* ***que foi publicada***

pelo jornal.

– *Soube-se da corrupção no governo através de uma reportagem* ***publicada*** *pelo jornal.*

Interessante, não?

Emprego dos pronomes relativos

Que (substituível pelo variável ***o qual***)

- É invariável.
- Refere-se a pessoas ou coisas.
- É chamado de *relativo universal*, pois pode – geralmente – ser utilizado em substituição de todos os outros relativos.

– *As mulheres,* ***que*** *(=as quais) são geniosas por natureza, permanecem ótimas.*

– *Para rimar, o Mengão,* ***que*** *(= o qual) sempre será meu time de coração, é pentacampeão.*

– *Minha sogra,* ***a que*** *(= à qual) tenho grande aversão, está viva ainda.*

– *O Flamengo é o* ***que*** *(= aquilo) preocupa os vascaínos.*

– *Os dois,* ***que*** *(= os quais) você ajudou, já estão recuperados.*

– *Há uma boa variedade de atividades* ***de que*** *(= das quais) o professor também é um observador.*

Cuidado!!!

1) Numa série de orações adjetivas coordenadas, o *que* pode estar elíptico.

– *A sala estava cheia de alunos* ***que*** *conversavam, (!) riam, (!) dormiam.*

2) O relativo **que** só deve ser antecedido de preposição monossilábica ("a, com, de, em, por; exceto sem e sob"). Do contrário, usam-se os variáveis "o qual, os quais, a qual, as quais" (sem restrição quanto ao uso das preposições ou locuções prepositivas).

– *Este é o ponto* ***com que*** *concordo, mas foi este* ***sobre o qual*** *você falou?*

– *A pessoa* ***ao encontro da qual*** *deveria dirigir-me virou o rosto.*

3) Evite a ambiguidade usando o substituto do relativo **que**: ***o qual***.

– *Conheci o pai da garota* ***que*** *se acidentou. (Quem se acidentou?)*

– *Conheci o pai da garota* ***o qual*** *(ou* ***a qual****) se acidentou.* (sem ambiguidade)

Se vierem dois referentes masculinos anteriores, a construção terá de mudar (usa-se o relativo ***cujo***):

– *Conheci o pai cuja garota se acidentou. / Conheci a garota cujo pai se acidentou.*

Reitero: evite usar o *que* quando houver mais de um termo anterior, em prol da clareza: *Consegui retornar ao colégio do bairro* ***que*** *marcou minha vida*. O que marcou a vida? O

colégio ou o bairro?

Evite usar o ***que*** também quando seu referente estiver distante, pelo bem da clareza: *A bebida em excesso, apesar de provocar doenças no homem,* ***que*** *destrói vidas, deve ser evitada.* (construção ruim) / *A bebida em excesso, apesar de provocar doenças no homem,* ***a qual*** *destrói vidas, deve ser evitada.* (construção recomendada)

4) Cuidado para não confundir o relativo **que** (= o qual) com a conjunção integrante **que**, ou com o pronome interrogativo **que**, ou com a partícula expletiva **que** (que faz parte da expressão formada por ***ser + que***).

– *Encontrei o homem* ***que*** *estava devendo o curso.* (pronome relativo)

– *Eu disse ao homem* ***que*** *se afastasse dela.* (conjunção integrante)

– *Eu não soube pelo homem* ***que*** *era para fazer.* (pronome interrogativo/indefinido)

– *Foi este homem* ***que*** *nos agrediu, policial!* (partícula expletiva)

5) Observe esta estrutura única do relativo **o qual**, com valor partitivo, normalmente usado após numerais e certos pronomes indefinidos.

– *Ele escreveu mais de dez romances,* ***três dos quais*** *já foram traduzidos em vários idiomas.* (*os quais* retoma romances).

– *Há bons imóveis aqui,* ***muitos dos quais*** *estão valorizando cada vez mais.* (*os quais* retoma *imóveis*)

Quem

- É invariável.
- Refere-se a pessoas ou a algo personificado.
- A preposição *a* precederá o relativo *quem* normalmente, exceto se o verbo ou um nome da oração subordinada adjetiva exigir outra preposição. De qualquer forma, vem sempre preposicionado.

– *A Justiça* ***a quem*** *devo obediência é meu guia.*

– *Eis o homem* ***a quem*** *mais admiro.*

– *Conheci uma musa,* ***por quem*** *me apaixonei.*

– *Deus,* ***perante quem*** *me ajoelho, é importantíssimo.*

Cuidado!!!

1) Por motivo eufônico, evita-se o uso da preposição **sem** antes de **quem**; prefere-se **sem o qual** em vez de **sem quem**:

Esperávamos Maria, ***sem a qual*** *não sairíamos.*

2) É denominado **relativo indefinido** (ou **pronome relativo sem antecedente**), ou ainda, **pronome indefinido**, quando aparece sem antecedente e sem preposição. Alguns

gramáticos (como Adriano da Gama Kury, Bechara, Said Ali e Ulisses Infante) consideram o **quem** (nos casos abaixo) como um mero pronome indefinido e a oração iniciada por ele como substantiva; outros consideram que o **quem** equivale a **aquele que**, sendo um relativo sem antecedente (como Rocha Lima e Celso Cunha) e a oração iniciada por ele como adjetiva. Não encontrei até hoje sequer uma questão sobre isso em prova de concurso. Para

mim, é um pronome indefinido, mas, ao preparar um recurso, minha opinião não serve de nada, mas sim a dos gramáticos que constantemente cito.

– ***Quem*** *lê sabe mais.*

– ***Quem*** *despreza a razão odeia a si mesmo.*

– *A vingança era* ***quem*** *o impelia.*

3) É importante dizer que o **quem** pode ser também pronome interrogativo em outro contexto: "*Quem* é você?".

Cujo

- É um pronome adjetivo que vem, geralmente, entre dois nomes substantivos explícitos, entre o ser possuidor (antecedente) e o ser possuído (consequente).
- É variável, logo concorda em gênero e número com o nome consequente, o qual geralmente difere do antecedente.
- Nunca vem precedido ou seguido de artigo, é por isso que não há crase antes dele.
- Geralmente exprime valor semântico de posse.
- Equivale à preposição *de* + *antecedente*, se invertida a ordem dos termos.

– *O Flamengo,* ***cujo*** *passado é glorioso, continua alegrando.* (O passado do Flamengo...)

– *Esta é uma doença* ***contra cujos*** *males os médicos lutam.* (... contra os males da doença)

– *Vi o filme* ***a cujas*** *cenas você se referiu.* (... às cenas do filme)

– *O telefone,* ***cuja*** *invenção ajudou a sociedade, é útil.* (A invenção do telefone...)*

– *O registro formal, em que o grau de prudência é máximo, e* ***cujo*** *conteúdo é mais elaborado e complexo é o preferido dos professores de língua portuguesa.* (... o conteúdo do registro formal...)

Obs.: *Aqui não há relação de posse, mas sim valor passivo. Os gramáticos que corroboram esta análise são estes: Maria Helena de Moura Neves e Ulisses Infante. Por isso, neste caso, ele é analisado sintaticamente como complemento nominal. Falo mais sobre isso no capítulo 23.

QUANTO

- É variável.
- Aparece sempre após os pronomes "tudo, todo (e variações) e tanto (e variações)" seguidos ou não de substantivo ou pronome. Segundo o conceituado professor Carlos Rocha, não vem preposicionado, pois exerce função de sujeito e objeto direto apenas.

– *Ele encontrou tudo **quanto** procurava.*
– *Bebia toda a cerveja **quanta** lhe ofereciam.*
– *Todas **quantas** colaborarem serão beneficiadas.*
– *Aqui há tantos movimentos **quantos** se podem esperar.*
– *Explico tantas vezes **quantas** sejam necessárias.*

Obs.: É importante dizer que o **quanto** pode ser conjunção, pronome interrogativo ou indefinido em outros contextos. Nunca vi uma questão de prova sobre este pronome relativo!

Onde

- É invariável.
- Aparece com antecedente locativo real ou virtual.
- Substituível por *em que, no qual* (variações).
- Pode ser antecedido, principalmente, pelas preposições *a, de, por* e *para*. Aglutina-se com a preposição *a*, tornando-se *aonde*, e com a preposição *de*, tornando-se *donde*.

– *A cidade **onde** (= em que/na qual) moro é linda.*
– *Meu coração, **onde** tu habitas, é teu e de mais ninguém.*
– *O sítio **para onde** voltei evocava várias lembranças.*
– *As praias **aonde** fui eram simplesmente fantásticas.*
– *O lugar **donde** retornei não era tão bom quanto aqui.*
– *A casa **por onde** passamos ontem era minha.*
– *O adversário invadiu sua mente – **onde** ninguém antes havia entrado.*

Cuidado!!!

1) Há um uso indiscriminado do relativo **onde** na linguagem coloquial, retomando ideias não locativas. Isso costuma ser trabalhado em prova, a Esaf adora (ESAF – MRE – ASSISTENTE DE CHANCELARIA – 2004 – QUESTÃO 9 / ESAF – SMF/RJ – FISCAL DE RENDAS – 2010 – QUESTÃO 10 / ESAF – MI-CENAD – NÍVEL SUPERIOR – 2012 – QUESTÃO 14). Seguem exemplos abaixo:

– *Ontem, fomos recepcionados pela Camila **onde** nos acolheu com muito afeto.*

– *Esta instrução é excelente **onde** permite que a criança aproveite o máximo.*
– *A sala é bem espaçosa **onde** tornou possível as brincadeiras em grupo.*
– *Há uma boa variedade de atividades **onde** o professor também é um observador.*

No português padrão, os **"ondes"** acima devem ser substituídos, respectivamente, por ***a qual, pois, o que, das quais***, porque ***onde*** equivale a "**lugar em que**" ou simplesmente a "**em que**", quando se refere a um termo antecedente indicativo de lugar; seu uso não cabe, portanto, nas frases apresentadas acima.

Como

- É invariável.
- Precedido pelas palavras *modo, maneira, forma* e *jeito*.
- Equivale a "pelo qual", normalmente.

– *Acertei o jeito **como** fazer as coisas.*
– *Encontraram o modo **como** resolver a questão.*
– *A maneira **como** você se comportou é elogiável.*
– *Gosto da forma **como** aqueles atores contracenam.*

Obs.: É digno de nota que o vocábulo **como** pode ser classificado de diferentes formas a depender do contexto. Falarei sobre isso minuciosamente no capítulo 31.

Quando

- É invariável.
- Retoma antecedente que exprime valor temporal.
- Equivale a "em que".

– *Ele era do tempo **quando** se amarrava cachorro pelo rabo.*
– *É chegada a hora **quando** (= em que) todos devem se destacar.*

Obs.: Alguns gramáticos, como Bechara, o chamam de **advérbio relativo** (*onde* e *como* entram nessa classificação). Lembre-se de que este vocábulo (quando) pode ser uma conjunção temporal ou um advérbio interrogativo, em outro contexto.

Valor Discursivo

Começo esta parte do capítulo de maneira diferente.

2. (FGV – Potigás – Contador Jr. – 2006) *A diplomacia é exatamente **isto**: a arte de usar sinais e palavras para manifestar agrados e desagrados, defender interesses e estabelecer limites, construir respeito recíproco e negociar parcerias*. (L.37-40)

O pronome destacado no trecho acima exerce função:

a) anafórica.
b) dêitica.
c) epanafórica.
d) catafórica.
e) díctica.

Esta questão ilustra bem o que pode cair na prova, pois é o "resumo da ópera" sobre a função textual dos pronomes (ou seu valor discursivo). Ah! Não custa dizer que a FGV adora questões com esses "nomezinhos". O gabarito é a letra D, pois o pronome *isto* antecipa uma ideia ou se reporta a uma ideia pos-te-ri-or.

Apesar de já termos visto isso diluído ao longo de ***A** Gramática*, principalmente em pronomes demonstrativos, vamos sistematizar o assunto agora falando sobre os demais pronomes! Como já sabemos o que é ***exófora/dêixis*** e ***endófora (anáfora e catáfora)*** – conceitos vistos em pronomes demonstrativos (recapitule!) –, não percamos tempo.

Ah! O que é função **epanafórica**? Não é nada! "Ahn? Como assim, Pestana?" Simples. Para criar uma certa dificuldade (= confusão) na questão, o "homem da banca" trabalhou uma figura de linguagem chamada **epanáfora** no meio de recursos discursivos de coesão (ah, existe uma figura de linguagem chamada **anáfora**, mas não tem nada a ver com a anáfora de que falamos em pronomes demonstrativos, hein! Bem... deixa isso para lá... vou deixar para falar disso em *Figuras de Linguagem*). Voltando... a **epanáfora** diz respeito à repetição de vocábulos no início de versos ou frases. Isso não cai em prova, a FGV foi maldosa, colocou esse nome só para assustar os desavisados.

Vamos aos valores discursivos dos tipos de pronomes:

Pronomes Pessoais

Os pessoais retos, oblíquos e de tratamento colaboram para a boa compreensão da leitura de um texto, isto é, seu valor discursivo é ótimo para fazer referência a termos ou trechos inteiros **dentro do texto** (função endofórica – anafórica ou catafórica) ou para fazer referência a termos ou trechos inteiros **fora do texto** (função exofórica, dêitica ou díctica – é tudo a mesma coisa, são só nomes bonitinhos para dar medo).

Função endofórica

– *Aquele aluno passou na prova? Mas **ele** nem estudou...* (valor anafórico)

– ***Ela**... sempre **ela**... Como Clarice Lispector escrevia difícil!* (valor catafórico)

– *Nosso país tem um quê de alegria, por isso todos **o** amam.* (valor anafórico)
– *Chamá-**lo** de burro foi demais. João era um jumento!* (valor catafórico)
– *O Deputado depôs de novo, mas nada tenho contra **Sua Excelência**.* (valor anafórico)
– ***Sua Excelência** tem bons precedentes, logo Dilma será reeleita.* (valor catafórico)

Função exofórica (dêitica ou díctica)
– ***Nós** costumamos ajudá-lo, **Vossa Excelência**, mas agora foi a gota d'água.*

Obs.: Em **discurso relatado** (reprodução de falas de outras pessoas), é possível haver referenciação dentro do texto (função endofórica) por meio dos pronomes de 1ª pessoa e de 2ª pessoa, que normalmente se usam com função dêitica. Veja:
*(...) Por essa razão, **Assenoff** disse a **Meire-Anne**:*
– ***Eu** não posso mais trabalhar em Niterói, por mais que **tu** me implores.*
Note que *Eu* e *tu* retomam anaforicamente seus respectivos referentes: "Assenoff" e "Meire-Anne".

Pronomes Possessivos

Função endofórica
– *Em **suas** viagens, o professor sempre comprava lembrancinhas para **sua** esposa.* (valor catafórico e anafórico, respectivamente)

Pronomes Indefinidos

Função endofórica
– *Será gasto muito dinheiro na Copa, e **mais** nas Olimpíadas.* (valor anafórico)
– ***Ninguém** foi liberto da prisão: nem Beira-Mar nem Marcinho VP.* (valor catafórico)

Pronomes Interrogativos

Função endofórica
– *Ela e ele se classificaram, mas **qual** ficou realmente feliz?*
– ***Quem** é mais famoso: Rodrigo Santoro ou Wagner Moura?*

Obs.: Não falarei aqui da função textual (ou valor discursivo) dos demonstrativos, pois já falei na parte do emprego deles. Não falarei sobre o valor discursivo dos relativos, pois todos nós já sabemos que eles sempre têm valor anafórico. Ok?

Estude bem este capítulo, pois há muitas questões de coesão nele. O exercício delas te ajudará a chegar ao capítulo de *Coesão* com segurança e sem medinho.

O Que Cai Mais na Prova?

Esta é simplesmente a classe gramatical mais exigida em concursos, junto com verbo e conjunção. Simplesmente isso! Para ser mais específico: estude **pronome pessoal oblíquo átono (principalmente "colocação pronominal"), pronome demonstrativo e pronome relativo.** Estude tudo sobre **valor discursivo**! Tudo! Se fizer isso, a vaga é sua!

Questões de Concursos

Neste capítulo, precisei exagerar no número de questões, ok? Ah, concurseiro que é concurseiro nem liga para isso...

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) Qual afirmação abaixo está incorreta?

Estamos entrando no terço final de 2009 com uma visão mais clara sobre os fatores que levaram à crise financeira que nos atingiu a partir do colapso do banco Lehman Brothers. Um dos pontos centrais na ***sua construção*** *foi, certamente, a questão da regulação e controle das instituições financeiras. Mesmo não sendo a origem propriamente dita da crise, a regulação falha permitiu que os elementos de fragilidade no sistema assumissem enormes proporções. Depois de termos vivido um longo período* ***em que*** *prevaleceu a ilusão da racionalidade intrínseca aos mercados financeiros, hoje há novamente o reconhecimento das fragilidades e dos riscos sistêmicos associados a* ***seu funcionamento.***

I. A substituição de "em que" por **no qual** mantém a correção gramatical e as informações originais do período.

II. A expressão "sua construção" refere-se ao antecedente "banco Lehman Brothers".

III. A expressão "seu funcionamento" refere-se ao antecedente "mercados financeiros".

2. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) *(...) Se o Estado propicia segurança, educação, saúde, trabalho, previdência, moradia e transporte, o indivíduo tem as condições mínimas para atingir a felicidade,* a que *todos os homens tendem. No entanto, é preciso fazer a distinção entre fins e meios. (...)*

– A substituição de "a que" por **a qual** estaria correta ou incorreta?

3. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) Assinale como verdadeiras (V) ou falsas (F) as afirmações a respeito da organização do texto abaixo.

O ocidente europeu no período medievo foi um mundo ***onde*** *o poder estava dividido e sempre instável, sendo exercido de forma independente pelos chamados senhores feudais, geralmente possuidores de grandes extensões de terras. As relações entre vassalo (aquele que prestava homenagem) e suserano (aquele que recebia a homenagem) envolviam a cessão de direito, por parte do suserano, de uma geração de ganho para o vassalo em troca de alianças que visavam a uma consolidação do poder, sempre ameaçado por outros senhores. O objeto de onde provinha essa geração de ganho era chamado "feudo". Erroneamente* ***identificado*** *como sendo somente uma porção de terra, na verdade o feudo podia assumir vários aspectos, como, por exemplo, uma ponte ou uma estrada* ***onde*** *se cobrava pedágio.*

( ) Desrespeitam-se as relações entre os argumentos e provoca-se erro gramatical ao substituir "onde" por **em que**.

( ) Explicita-se a relação entre as ideias do texto ao iniciar o segundo período sintático do texto por um conectivo, escrevendo: **Conquanto** as relações.

( ) Explicita-se a relação entre as ideias do texto ao inserir, entre vírgulas, o conectivo **no entanto** depois de "identificado".

( ) Desrespeitam-se as relações entre os argumentos e provoca-se erro gramatical ao substituir "onde" por **a qual**.

A sequência obtida é:

a) F, F, V, V;
b) V, F, F, V;
c) F, V, V, F;
d) F, F, V, F;
e) V, V, F, V.

4. (Esaf – CVM – Agente Executivo – 2010) Em relação aos elementos coesivos do texto, assinale a opção correta.

Hoje não há mais dúvida a respeito do aquecimento global e de outros problemas gerados pelo consumo de energia e pela industrialização. Não se pode deter o desenvolvimento e não se pode ***mantê-lo*** *sem aumento do consumo global de energia. A principal fonte de energia hoje são os combustíveis fósseis e o maior vilão* ***dessa história*** *é a emissão de CO2 na atmosfera (embora não seja o único). Parece irreversível a tendência à* ***sua redução*** *pela adoção de novas e mais eficientes tecnologias e fontes de energia.*

Acabar drasticamente e de imediato com as emissões de CO2 e com a utilização de combustíveis fósseis não é possível. Por outro lado, adotar novas tecnologias que aumentem ou estimulem ainda mais o ***seu consumo****, nem pensar.*

O século XX viu a consolidação da Era do Petróleo, motor do desenvolvimento mundial desde o final do século XIX até hoje, no começo do século XXI. ***Esse ciclo*** *de predominância do petróleo deve ser aos poucos substituído por um predomínio do gás natural, (...)*

a) Em "mantê-lo", o pronome "-lo" retoma o antecedente "consumo".

b) A expressão “dessa história” retoma o antecedente “consumo global de energia”.
c) Em “seu consumo”, “seu” refere-se a “combustíveis fósseis”.
d) Em “sua redução”, “sua” refere-se a “industrialização”.
e) A expressão “Esse ciclo” retoma o antecedente “começo do século XXI”.

5. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

Energias renováveis limpas e naturais __1__ a energia eólica, a hidrelétrica, a solar, a de marés e correntes marítimas, e de gradientes de temperatura. __2__ fontes de energia crescem cada vez mais rapidamente e __3__ que venham a contribuir de modo cada vez mais significativo na matriz energética mundial. Mas quase todos os estudiosos concordam que __4__ não deverão substituir inteiramente as fontes de energia atuais. __5__ importantes complementos. No momento, poucos entusiastas discordam.

a) são / Essas / espera-se / elas / Serão;
b) é / Tais / espera-lhe / essas / São;
c) tais como / Certas / esperá-lo / tais / Sejam;
d) quais sejam / Algumas / esperamos / algumas / Seriam;
e) seriam / Diversas / esperavam / certas / Foram.

6. (Cespe/UnB – MPU – Técnico Administrativo – 2010) O deslocamento do pronome “se” para imediatamente após a forma verbal “concretizar” – **não deverá concretizar-se** – não prejudicaria a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

*Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam é de índices sobre macroeconomia, números abstratos que indicam a situação geral da economia, mas não revelam **o que** se passa em seu interior. (...)*

7. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) No texto acima, provoca-se erro gramatical ou incoerência na argumentação do texto ao retirar o pronome “o”, do termo “o que”?

Texto 1

São Paulo, 18 novembro 1925.
Carlos,
Dá-se isto: ontem me apareceu um dos redatores da Noite do Rio aqui em casa e além de me pedir uma entrevista pra tal propôs o seguinte: a Noite organiza um Mês Modernista. Durante um mês todos os dias o jornal publicará um artiguete de meia coluna assinado por um modernista qualquer. O artiguete poderá ser crítica, fantasia, versos, o que a gente quiser. Pagam 50$ por artigo. Os escolhidos são: Manuel Bandeira e Prudente de Morais no Rio, eu e Sérgio Milliet em São Paulo, você e o Martins de Almeida em Minas. Me mande com absoluta urgência uma linha sobre isto falando que aceitam, pra eu dispor as coisas logo. Estou esperando. Ciao.
Mário

Texto 2

Belo Horizonte, 20 novembro 1925.
Mário,
Salve. Recebi hoje tua expressa fazendo o amável – e gostoso – convite para escrever umas besteiras na Noite. Aceito. O Martins de Almeida, avisado, também aceitou. Diga para quando é a joça, que estamos prontos. E desde já te agradeço o reclame e os cobres, pois estou certo que foi você que se lembrou do meu nome.
Depois escreverei mais longamente.
Um abraço forte do
Carlos

8. (Cespe/UnB – EBC – Gestor de Atividade Jornalística – 2011) Os dois textos diferem quanto à colocação dos pronomes átonos: no texto 1, a colocação é livre, alternando-se usos prescritos e não prescritos pela norma culta; no texto 2, a posição dos pronomes átonos está de acordo com a norma culta.
( ) CERTO
( ) ERRADO

9. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) A colocação pronominal em “caracteriza-se” (Essa revolução caracteriza-se simultaneamente por uma série...) indica a escolha dos autores por um registro mais formal de linguagem; o emprego desse pronome antes da forma verbal, além de caracterizar desrespeito às regras gramaticais do registro padrão da linguagem, representaria, no contexto, uso inadequado da linguagem, dado o caráter institucional do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

*(...) A ciência moderna **ensinou-nos** a rejeitar o senso comum conservador, o que em si é positivo, mas insuficiente. (...) O conhecimento-emancipação só **se constitui** como tal na medida em que se converte em senso comum. (...) O conhecimento-emancipação, ao **tornar-se** senso comum, não despreza o conhecimento que produz tecnologia, (...)*

10. (Cespe/UnB – CNPQ – Analista Ciência Tecnologia Jr. – 2011) Devido à estrutura sintática em que ocorrem, o emprego dos pronomes após o verbo em "ensinou-nos" e em "tornar-se" é obrigatório; por isso, a correção gramatical do texto seria prejudicada se esses pronomes fossem utilizados como em "se constitui".
( ) CERTO
( ) ERRADO

*(...) **Oscar** não acredita em Papai do Céu, **nem que estará** um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso. Põe **ele**, como um verdadeiro homem, a felicidade do seu semelhante no aproveitamento das pastagens verdes da Terra; no exemplo do trabalho para o bem comum e na criação de condições urbanas e rurais, em estreita intercorrência, **que estimulem e desenvolvam este nobre fim**: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver. (...)*

11. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) A elipse em "nem que estará" e o emprego do pronome anafórico "ele" são mecanismos de coesão utilizados para referenciar o substantivo "Oscar".
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) Dada a propriedade que assume o pronome "este" nos mecanismos coesivos empregados no trecho "que estimulem e desenvolvam este nobre fim", não é facultada a seguinte reescrita: *que estimulem este nobre fim e o desenvolvam.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

*O fato de que o homem vê o mundo por meio de sua cultura tem como consequência a propensão do homem a considerar o seu modo de vida como o mais correto e o mais natural. Tal tendência, denominada etnocentrismo, é responsável, em seus casos extremos, pela ocorrência de numerosos conflitos sociais. O **etnocentrismo**, de fato, é um fenômeno universal. É comum a crença de que **sua** própria sociedade é o centro da humanidade, ou mesmo a **sua** única expressão. (...) Comportamentos etnocêntricos resultam também em apreciações negativas dos padrões culturais de povos diferentes. Práticas de outros sistemas culturais são catalogadas como absurdas, deprimentes e imorais.*

13. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Na organização textual, o pronome "**sua**" em ambas as ocorrências, retoma "etnocentrismo".
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

*Cultura de paz, para mim, não é um objeto profissional, é um meio de vida. Aprendi muito cedo em casa, com a família, que a paz é a coisa mais importante do mundo. **Sua cultura** tem base em tolerância e solidariedade. **Ela** respeita os direitos individuais, assegura e sustenta a liberdade de opinião e se empenha em prevenir conflitos...*

14. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) No desenvolvimento do texto, o pronome **"Ela"** remete a **"Sua cultura"**, que, por sua vez, refere-se à cultura de paz.

15. (FCC – TRT/MS (24R) – Técnico Judiciário – 2011) O emprego dos pronomes de tratamento está inteiramente correto na frase:
a) A Vossa Excelência, como Membro deste Tribunal, será encaminhado o processo em que devereis anexar vosso Parecer.
b) Esperamos que V. Sa, aceiteis o convite que ora lhe fazemos, e que nos honrará com vossa presença nesse evento.
c) V. Excia., Senhor Conselheiro deste Tribunal, deverá emitir a orientação a ser seguida por sua equipe de auxiliares.
d) Solicitamos a vós todos, nobres senhores Deputados, que vos unis a nós em defesa dos direitos estabelecidos pela Constituição.
e) É para vós, Vossa Senhoria, que dirigimos nossa solicitação, no sentido de nossa equipe ser recebida em vosso

escritório.

16. (FCC – Infraero – Administrador – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado em:
a) O Príncipe é um símbolo reincidente, a cujo nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento.
b) A necessidade de bajular o poder é um vício de que muita gente da imprensa não consegue se esquivar.
c) A trama com a qual o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso.
d) Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão na qual decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve.
e) Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação em que irão depender todas as demais.

17. (FCC – TRE/PE – Técnico Judiciário – 2011) ... nem por isso deixa de cultuar Delacroix ...
Cézanne admira a maestria plástica de Rubens ...
... já encontramos a chave do enigma cézanneano.
A substituição dos elementos grifados nas frases acima pelos pronomes correspondentes, com os necessários ajustes, terá como resultado, respectivamente:
a) nem por isso deixa de cultuar-lhe / Cézanne a admira / já a encontramos;
b) nem por isso deixa de cultuá-lo / Cézanne lhe admira / já lhe encontramos;
c) nem por isso deixa de lhe cultuar / Cézanne a admira / já encontramos-na;
d) nem por isso deixa de a cultuar / Cézanne lhe admira / já lhe encontramos;
e) nem por isso deixa de cultuá-lo / Cézanne a admira / já a encontramos.

18. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:
a) Não deu certo o tal do método prático em cuja eficiência Paulo Honório chegou a acreditar.
b) Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada em que nenhum escritor pode abdicar.
c) Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal de que jamais toleraria.
d) Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas de cujo brilho ninguém superaria.
e) A linguagem com que Paulo Honório de fato aspirava era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas.

19. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) "o cérebro é uma orquestra sinfônica **em que** os instrumentos vão se modificando à medida que são tocados".
A expressão pronominal ***em que***, grifada acima, preenche corretamente a lacuna da frase:
a) As questões ..... se preocupam os cientistas dizem respeito às alterações cerebrais devidas ao uso indiscriminado da internet.
b) É incalculável o número de informações, sobre os mais diversos temas, ... o cérebro humano é capaz de processar.
c) As hipóteses aventadas, ... se baseiam os especialistas, devem ainda ser comprovadas por exames acurados.
d) As implicações causadas pela onipresença da internet, ... está sujeito o cérebro humano, são objeto de preocupação de cientistas.
e) As informações ..... dispõem os usuários da comunicação eletrônica são múltiplas, embora sejam superficiais.

20. (FCC – BB – Escriturário – 2011) O segmento grifado que está sendo substituído de modo INCORRETO por um pronome, com as necessárias adaptações, é:
a) um recenseamento revelou a situação inédita = revelou-a;
b) milhares de pessoas trocavam as cidades do interior = trocavam-nas;
c) A tendência (...) definiu o Brasil do século XXI = lhe definiu;
d) era a que levava famílias inteiras do Nordeste = as levava;
e) que tem criado empregos = que os tem criado.

21. (FCC – Infraero – Auditor – 2011) A substituição do elemento grifado pelo pronome correspondente, com os necessários ajustes, foi realizada de modo INCORRETO em:
a) O tratamento que é dado aos temas = O tratamento que lhes é dado;
b) que circunscreve seus míticos personagens = que os circunscreve;
c) para começar a entender Guimarães Rosa = para começar a entendê-lo;
d) sua obra criou um âmbito próprio = sua obra criou-o;
e) Guimarães Rosa mantém seu estilo próprio = Guimarães Rosa lhe mantém.

22. (FCC – TRE/AP – Analista Judiciário – 2011) Considere as afirmações que seguem.
I. A sequência na política, na religião, na ciência, na arte, na imprensa, na literatura, na filosofia, até na cozinha constitui elenco de profissões que tiveram de se associar ao domínio da cultura para atingir a economia do estrelato.
II. Em *A própria literatura consagra escritores no mercado internacional,* ***os quais*** *negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema que prevalece nas indústrias do espetáculo*, a expressão em destaque

foi obrigatoriamente empregada para evitar a ambiguidade que ocorreria se, em seu lugar, fosse usado o pronome "que".

III. Em A própria literatura consagra escritores no mercado internacional, os quais negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema **que prevalece** nas indústrias do espetáculo, o segmento destacado poderia ser substituído por "prevalecente", sem prejuízo do sentido e da correção originais.

O texto legitima:

a) I, somente;
b) II, somente;
c) III, somente;
d) I e III, somente;
e) I, II e III.

23. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) A reconstrução de um segmento do texto, com um diferente emprego pronominal, que mantém a correção e o sentido originais é:

a) o corvo, então, tentou virá-lo = O corvo, então, lhe tentou virar;
b) pegando-as uma a uma = pegando-lhes uma a uma;
c) não havia meio de alcançá-la = não havia como alcançar-lhe;
d) o jarro era pesado demais para ele = o jarro lhe era por demais pesado;
e) atirando-as dentro do jarro = atirando-lhes para dentro do jarro.

24. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

a) A obsolescência e o anacronismo, atributos <u>nos quais</u> os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar <u>com a</u> expressão dez de setembro.
b) O estado de psicose, <u>ao qual</u> imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança <u>em cuja</u> radicalidade muitos recriminam.
c) A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo <u>ao qual</u> ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo <u>no qual</u> foram tomados tantos americanos.
d) Não é à descrença, sentimento <u>com que</u> nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é <u>na</u> esperança que queremos nos apegar.
e) Fatos como os de 11/9, <u>com que</u> ninguém espera se deparar, são também lições terríveis, <u>de cujo</u> significado não se deve esquecer.

25. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) A colocação do pronome átono destacado está **INCORRETA** em:

a) Quando se tem dúvida, é necessário refletir mais a respeito.
b) Tudo se disse e nada ficou acordado.
c) Disse que, por vezes, temos equivocado-nos nesse assunto.
d) Alguém nos informará o valor do prêmio.
e) Não devemos preocupar-nos tanto com ela.

O prazer da escrita

Escrever bem nunca deve ser encarado como uma obrigação. Ao menos, por dois motivos – imagino eu.

Em primeiro lugar, porque isso é uma necessidade da vida contemporânea.

Uma dissertação ruim num concurso público, um texto livre mal escrito numa seleção de emprego ou uma confusa carta de reclamação ao Procon podem fazer toda a diferença ***quando o que está em jogo é uma conquista de fato desejada por seu redator.***

Em segundo lugar, porque é um prazer a ser cultivado.

Um texto descuidado não chega a ser atestado de toda uma formação educacional frágil. ***Mas o é da forma como damos ênfase àquilo que fazemos*** *(como diria Drummond: "Que triste! Que triste são as coisas, consideradas sem ênfase."). Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas de escrita nos faça escrever melhor. Escrever, como ler, só será efetivamente um hábito qualificado se feito com prazer.*

É ao esculpir um texto que se percebe o quanto é insuficiente decorar regras de português ou macetes rápidos de construção retórica. Certamente, um bom texto denuncia o quanto a sério levamos o prazer de ler e escrever. ***O quanto a sério levamos tudo o que fazemos com efetiva entrega e delícia.***

Haverá, evidentemente, coordenadas a serem seguidas por um texto conceitual e argumentativo. Mas toda redação deve ser pensada como um processo de descobertas, um modo de articular o que se sabe para alcançar o que não necessariamente está dado desde o início.

Não se trata de padronizar o próprio texto, mas fazer aflorar o melhor de nosso raciocínio.

26. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) O termo em destaque funciona como um elemento de coesão referencial em relação ao termo entre colchetes em:
a) "Em primeiro lugar, porque isso é uma necessidade da vida contemporânea." [obrigação]
b) "... quando o que está em jogo é uma conquista de fato desejada por seu redator." [bom texto]
c) "Mas o é da forma como damos ênfase àquilo que fazemos." [atestado]
d) "O quanto a sério levamos tudo o que fazemos com efetiva entrega e delícia." [regras de português]
e) "Não se trata de padronizar o próprio texto, mas fazer aflorar o melhor do nosso raciocínio." [texto]

27. (FDC – CREMERJ – Administrador – 2011) "As drogas medicinais ou 'drogas da virtude', prescritas pelos físicos, odontólogos e médicos homeopatas ou alopatas eram manipuladas por boticários, que importavam remédios europeus e usavam produtos nativos em sua formulação."
No texto há um conjunto de elementos que se prendem a termos anteriores a fim de produzir coesão (ligações formais e semânticas) entre esses elementos. A indicação **INCORRETA** de um desses termos é:
a) o pronome possessivo *sua* tem como referente "remédios europeus";
b) o particípio *prescritas* refere-se às duas espécies de drogas mencionadas antes;
c) o conectivo *por* une a forma verbal *eram manipuladas* a seu agente;
d) a forma verbal *usavam* repete o mesmo sujeito de *importavam*;
e) o pronome relativo *que* refere-se a boticários.

28. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal de Atividades Urbanas – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Na construção "O que tais pessoas talvez nunca percebam", o pronome "tais" está empregado de modo informal, com significado de *brilhantes, grandiosas*.

29. (FUNIVERSA – SES/DF – Enfermeiro – 2011) Assinale a alternativa que apresenta reescrita correta de passagem do texto.
a) "Trata-se do único relato dessa natureza em toda biologia." (Trata-se do único relato dessa natureza em toda a biologia.);
b) "na sua cadeia genética" (em sua cadeia genética);
c) "por que ele iria suportar" (como ele iria suportar);
d) "mais população é resultado de mais consumo, o que significa mais devastação e mais lixo" (mais população, mais consumo, ou seja, mais devastação, mais lixo);
e) "suportar a dor das perdas prematuras a qual" (suportar a dor das perdas prematuras que).

30. (Cesgranrio – Petrobras – Analista de Sistemas Júnior – 2012) Aos trechos abaixo, retirados do texto, foram propostas alterações na colocação do pronome. Tal alteração está de acordo com a norma-padrão em:
a) "foram se fechando" – *foram fechando-se;*
b) "Pensa-se logo num palhaço" – *Se pensa logo num palhaço;*
c) "ninguém lhe esquece a tristeza" – *ninguém esquece-lhe a tristeza;*
d) "Trata-se na verdade" – *Se trata na verdade;*
e) "que quase se limita a olhar" – *que quase limita-se a olhar.*

31. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Está correto o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:
a) A argumentação <u>na qual</u> se valeu o ministro baseava-se numa analogia <u>em cuja</u> pretendia confundir função técnica com função política.
b) As funções para <u>cujo</u> desempenho exige-se alta habilitação jamais caberão <u>a quem</u> se promova apenas pela aclamação do voto.
c) Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto <u>do que</u> a promoção pelo mérito <u>onde</u> nem todos confiam.
d) A má reputação <u>de que</u> se imputa ao "assembleísmo" é análoga àquela <u>em que</u> se reveste a "meritocracia".
e) A convicção <u>de cuja</u> não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo <u>à</u> natureza do caso.

32. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) *Mas <u>isso</u> não tem de ser assim.* (3º parágrafo: *Sem dúvida, não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos. Análise rasa baseada em uma ótica ultrapassada, na qual projetos hidrelétricos provocam necessariamente impactos ambientais irrecuperáveis e não compensáveis, sugere que esse duplo objetivo é inatingível.* ***Mas <u>isso</u> não tem de ser assim****. Projetos hidrelétricos, quando instalados em áreas habitadas, podem constituir-se em vetores do desenvolvimento regional. Quando instalados em áreas não habitadas podem constituir-se em vetores de preservação dos ambientes naturais.*)

O pronome grifado acima refere-se, considerado o contexto,

a) às dificuldades que impedem a expansão da hidreletricidade no Brasil.
b) aos múltiplos interesses contrários à manutenção da biodiversidade da região amazônica.
c) aos vetores de desenvolvimento regional, com geração de empregos.
d) à impossibilidade de aliar construção de hidrelétricas e preservação da Amazônia.
e) a uma possível preferência por fontes alternativas de geração de eletricidade.

Também certos latino-americanos, como o brasileiro Caio Prado Jr., o trindadense Eric Williams e o argentino Sérgio Bagu, haviam chamado a atenção para a vinculação, desde a colônia, ***da sua região*** *com o capitalismo mundial.*

33. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– No segmento *da sua região*, o pronome remete às regiões indicadas tanto pelos adjetivos pátrios específicos, quanto pelo adjetivo pátrio que reporta ao processo de colonização.

34. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I – 2012) (Adaptada) Em "*Mesmo assim, muitos duvidam que essa falência seja real. Essas pessoas costumam achar que aconteceu algum acidente e que agora o dever é restaurar a ordem antiga...*", o demonstrativo *Essas* remete ao substantivo que será definido posteriormente, pois não há menção anterior alguma que o pronome possa retomar?

35. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) *Isso talvez nos explique por que os gregos, estes que teriam inventado a democracia ocidental com seus valores, na verdade, legaram-nos apenas um valor fundamental: a suspeita de si.*

Considerada a frase anterior, em seu contexto, o ÚNICO comentário que o texto NÃO legitima é o seguinte:

a) *Isso* remete ao que se expõe anteriormente na frase iniciada por *Por isso*.
b) A forma verbal *explique* é exigida por estar presente no enunciado uma ideia de possibilidade, não de certeza.
c) Na construção adotada no enunciado, o emprego da próclise pronominal – "nos legaram" – é legítimo.
d) A forma verbal *teriam inventado* exprime um fato suposto.
e) Está em conformidade com o padrão culto escrito esta redação alternativa à do segmento destacado: "o motivo dos gregos legarem-nos apenas um valor fundamental".

36. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2012) A inadequação no emprego do pronome de tratamento em "Morro de medo de comparecer diante de um Juiz. Emeretíssimo, dá licença de eu fumar?" é sanada pela escritora no período "Obrigada, Vossa Eminência.", o que evidencia o deliberado desrespeito a padrões normativos da língua portuguesa.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – TC/DF – Auditor de Controle Externo – 2012) O pronome "o" (... o poder do rei passou a ser um tanto limitado pelos nobres, que **o** obrigaram a...) retoma, por coesão, a expressão "o poder do rei".
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Da governalidade aos atos cotidianos, o mundo da vida no qual ética e moral se cindiram há ***muito*** *tempo transformou-se na sempre saqueável terra de ninguém. (...) A mesma polícia que combate o narcotráfico nas favelas das grandes cidades poderia ocupar o Congresso e* ***outros*** *espaços do governo* ***onde*** *a corrupção é a regra. (...) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação* ***qualquer*** *na contramão do dever, é porque no sistema da corrupção o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.*

38. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale a palavra que, no texto, NÃO exerça papel pronominal.

a) onde.
b) muito.
c) qualquer.
d) outros.

39. (Vunesp – Pref. São José dos Campos/SP – Analista em Gestão Municipal – 2012) Na frase – Os suspeitos são **os** de sempre... – a palavra em destaque tem o mesmo emprego que se verifica na palavra destacada em:

a) Os carros estavam em alta velocidade, quando policiais os interceptaram.
b) Quem poderia fazer o favor de me encomendar o novo dicionário?
c) Alguns funcionários perguntaram se os salários atrasariam naquele mês.
d) Todos os alunos fizeram a prova, mas só alguns assinaram a presença.

e) Aqueles que precisavam de mais informações foram auxiliados.

40. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Para preservar a coerência e a correção gramatical do texto, assinale a opção que corresponde ao termo a que se refere o elemento coesivo constituído pelo pronome "-la".

A **reciprocidade** de tratamento é tradicional princípio da **liturgia** diplomática. Esse pressuposto consagrado na relação entre as nações − econômicas e migratórias, entre outras − é determinante para estimular o equilíbrio e afastar a **tensão** na **convivência** entre os países, colaborando para mantê-**la** em desejável harmonia. É **hipocrisia**, por exemplo, cobrar de uma parceria obediência a normas de bom trato (ou de acolhimento) se o outro lado da fronteira não é contemplado com o respeito ao protocolo da civilidade.

a) "convivência".
b) "liturgia".
c) "reciprocidade".
d) "tensão".
e) "hipocrisia".

41. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

A fraqueza da produção manufatureira, nos últimos meses e anos, aqueceu o debate sobre o risco de desindustrialização no Brasil. No ano passado, ***seu*** *crescimento foi de apenas 0,3%, uma ninharia em comparação com a alta de 6,7% no varejo. (...)*

– O pronome "seu" retoma o antecedente "produção manufatureira".

Fragmento de texto

(...) A igualdade e a dignidade humana que uma sociedade pode produzir referem-se à possibilidade de **o cidadão** ter condições materiais e subjetivas à **sua** disposição, para que, atendidas **suas** necessidades básicas e diárias de bem-estar, **ele se** ocupe com questões outras que a sobrevivência. (...)

No entanto, a Finlândia tornou-se uma **sociedade tão igualitária** quanto apática. Pouco criativa, reproduz o mundo com extrema facilidade, mas **tem limitada capacidade transformadora**. A maioria de seus educados cidadãos são **seres** pouquíssimo críticos: questionam pouco a vida **que** levam e são fisicamente contidos. E **isso** não parece ter forte relação com o frio. É um acomodamento social, um respeito quase inexorável pelas regras. **Esse resultado** não foi causado, é evidente, pelo formato social igualitário. Em outros termos, não foi a igualdade que deixou o país apático. Ademais, sociedades desiguais podem ser tão ou mais acríticas e reprodutoras. O ponto que nos intriga é que a igualdade, o respeito e a dignidade dados a **todos** não levaram à autonomia, ao pensamento criativo e crítico, e a processos transformadores.

42. (Esaf – MI-CENAD – Engenheiro de Telecomunicações – 2012) Na organização das relações de coesão e coerência do texto,

a) O pronome "todos" retoma e sintetiza os termos da enumeração "a igualdade, o respeito e a dignidade".
b) a expressão "tem limitada capacidade transformadora" retoma, com outras palavras, a ideia de "reproduz o mundo com extrema facilidade".
c) o substantivo "seres" e o pronome "que" retomam a expressão "seus educados cidadãos".
d) a expressão "Esse resultado" retoma a ideia de "sociedade tão igualitária", já sintetizada em "isso".
e) os pronomes "sua", "suas", "ele" e "se" referem-se a "o cidadão".

43. (CEPERJ – ITERJ/RJ – Analista de Gestão Organizacional – 2012) "Antes de analisarmos as disposições da legislação brasileira sobre esse assunto, impõe-se, inicialmente, uma breve análise das diferentes questões sociopolíticas relativas à legalização do solo."

No fragmento acima reproduzido, o emprego da 1ª pessoa do plural tem o papel de:

a) designar um sujeito coletivo que se responsabiliza pelo que foi dito.
b) incluir enunciador e leitor, para aproximá-los.
c) evitar a 1ª pessoa do singular como estratégia de polidez.
d) marcar um sujeito institucional, representado pela universidade.
e) indicar um enunciador coletivo, mas difuso e amplificado.

Um conjunto recente de pesquisas na área da neurociência sugere uma reflexão acerca dos efeitos devastadores do computador sobre a tradição da escrita em papel. Por meio da observação do cérebro de crianças e adultos, verificou-se de forma bastante clara que a escrita de próprio punho provoca, na região dedicada ao processamento das informações armazenadas na memória, uma atividade significativamente mais intensa do que a da digitação, o que tem conexão direta com a elaboração e a expressão de ideias. (...)

44. (FCC – TRE/PR – Técnico Judiciário – 2012) ... *o que tem conexão direta com a elaboração e a expressão de ideias.*
No contexto, o pronome grifado acima substitui, especificamente:
a) um conjunto recente de pesquisas na área da neurociência;
b) uma reflexão acerca dos efeitos devastadores do computador;
c) a tradição da escrita em papel;
d) a observação do cérebro de crianças e adultos;
e) a escrita de próprio punho provoca (...) uma atividade significativamente mais intensa do que a da digitação.

45. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) Nos fragmentos abaixo, extraídos do texto, a colocação pronominal foi alterada. Assinale a única alternativa correta.
a) Ou que voltaram-se todos para o passado...
b) Maior do que esperaria-se...
c) Tradição é o que cultua-se por todos os lados...
d) E seguiu-se a manifestações antiformalistas...
e) Não trata-se de um tradicionalismo conservador...

46. (FUMARC – TJ/MG – Oficial Judiciário – 2012) Assinale a CORRETA correspondência entre o termo em negrito e o substantivo a que ele se refere:
a) "(...) tamanhos avanços tecnológicos provocam o distanciamento dos jovens em vez de aproximá-los..." § 6 (jovens).
b) "nos colégios e clubes, mesmo após meses de convívio, eles têm dificuldade de se aproximar dos colegas". § 6 (pais).
c) "(...) são incapazes de descobrir a viagem mágica no mergulho da boa leitura..." § 7 (colegas).
d) "Aí, certamente, haverá prazer de ler Machado de Assis, Ignácio de Loyola Brandão, Marina Colasanti, Adélia Prado, Nélida Piñon e muitos outros". § 9 (contos).

47. (FUMARC – TJ/MG – Técnico Judiciário – 2012) O elemento de ligação MAIS adequado para reunir, na mesma sequência, os pensamentos, é:
I. O nome da cidade é Nadópolis.
II. A população da cidade a respeita muito.
a) onde;
b) que;
c) cuja;
d) quanto.

48. (AOCP – BRDE – Assistente Administrativo – 2012) Com base no texto, julgue os itens a seguir.
I. O fragmento "minhas duas filhas estão se preparando" pode ser substituído por "estão preparando-se".
II. O fragmento "que se tratava de transposições" pode ser substituído por "se tratavam".
III. O fragmento "Não vou me deter" pode ser substituído por "Não deter-me-ei".
IV. A próclise, em "Aí tudo se torna" e "Já me deparei", ocorre devido à presença de expressões indefinidas.
Está(ão) correta(s):
a) apenas I;
b) apenas III;
c) apenas I e II;
d) apenas II e IV;
e) apenas II, III e IV.

"(...) Só duas loiras, parecidas entre si, estão por lá. São grandes as chances de o rapaz se interessar por uma das loiras, porque é mais fácil para o cérebro compará-las do que comparar dezenas de morenas

49. (PaqTcPB – UEPB – Técnico em Informática – 2012) Em "porque é mais fácil para o cérebro compará-**las**", o termo **-las** refere-se a:
a) uma das loiras;
b) uma loira e uma morena;
c) duas loiras;
d) dezenas de morenas;
e) uma das morenas.

50. (CEPERJ – Procon/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) "a sua fiel e querida boneca, que você não vê há três meses"
No exemplo acima, o vocábulo "que" substitui um termo antecedente ("boneca") e é classificado, por isso, como pronome relativo.

Outro exemplo no qual o vocábulo “que” funciona como pronome relativo está em:

a) “Sei que você sente muitas saudades”;
b) “Aposto que você nem sabia”;
c) “eletrodomésticos que não funcionavam”;
d) “ninguém mais fraco do que nós”;
e) “Não deveríamos aguardar resignadamente que decidissem”.

51. (CEPERJ – Procon/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) A substituição da expressão grifada por um pronome pessoal está corretamente realizada em:

a) assina esta coluna – assina-lhe;
b) formamos um grande grupo – formamo-nos;
c) vamos tomar o poder – vamos tomá-lo;
d) mudar o mundo – mudar-se;
e) preparando a revolução – preparando-na.

52. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) O restaurante Reis, ... o poeta era assíduo frequentador, ficava no velho centro do Rio.

Preenche corretamente a lacuna da frase acima:

a) o qual;
b) no qual;
c) de que;
d) de cujo;
e) em que.

Gabarito

1. II.	12. CERTO.	23. D.	34. Errado.	45. D.
2. INCORRETO.	13. ERRADO.	24. E.	35. E.	46. A.
3. A.	14. CERTO.	25. C.	36. ERRADO.	47. C.
4. C.	15. C.	26. C.	37. ERRADO.	48. A.
5. A.	16. B.	27. B.	38. C.	49. C.
6. CERTO.	17. E.	28. INCORRETO.	39. E.	50. C.
7. ERRO GRAMATICAL.	18. A.	29. B.	40. A.	51. C.
8. CERTO.	19. C.	30. A.	41. CORRETO.	52. C.
9. ERRADO.	20. C.	31. B.	42. E.	
10. ERRADO.	21. E.	32. D.	43. C.	
11. CERTO.	22. C.	33. CORRETO.	44. E.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 12

Verbo

Definição

Chegou a hora da verdade! Este capítulo me deu um trabalho danado... e tenho certeza de que você terá um trabalho maior ainda para internalizar as informações sobre este assunto. No entanto, *relax!* Antes das mais de 70 questões de verbos (!!!), eu digo para você o que realmente vale a pena saber para o dia da prova, beleza? Só estude *tudão*, a fundo, se dispuser de tempo, senão **caia dentro dos assuntos que mais aparecem nas provas** (veja isto no tópico "O que cai mais na prova?", ao fim deste capítulo).

Do ponto de vista semântico, o verbo normalmente indica uma ação ou um processo, mas pode indicar estado, mudança de estado ou fenômeno natural – *sempre* dentro de uma perspectiva temporal. Pode indicar também a noção de existência, volição (desejo), necessidade, etc. Veja alguns exemplos:

– *O aluno **estudou** muito.* (ação/passado)
– *A aluna **está** feliz.* (estado/presente)
– *A aluna **virou** professora.* (mudança de estado/passado)
– *Amanhã **choverá** muito na cidade do Rio de Janeiro.* (fenômeno natural/futuro)
– ***Há** dois amores na minha vida.* (existência/presente)
– ***Queria** o Pestana ao meu lado no dia da prova.* (volição/passado)
– ***Precisarei** de sua ajuda no próximo capítulo.* (necessidade/futuro)

Obs.: Frisei acima a "perspectiva temporal", porque substantivos (e adjetivos) podem indicar ação, estado, fenômeno natural etc.: *plantação* (ato de plantar), *morte* (estado), *chuva* (fenômeno natural), *satisfeito* (estado). Essas palavras não podem ser verbos, pois **não indicam tempo em si mesmas**, tampouco podem ser conjugadas, é claro, ok?

Do ponto de vista morfológico, o verbo varia em **modo, tempo, número e pessoa**, segundo a gramática tradicional; normalmente, **voz** e **aspecto** são conceitos analisados em separado. As quatro primeiras flexões combinadas formam o que chamamos de **conjugação verbal**, ou seja, para atender às necessidades dos falantes, o verbo muda de forma à medida que variamos a ideia de **modo, tempo, número e pessoa**.

Sabemos que um verbo varia quando ele "sai" de sua forma nominal infinitiva (terminada em **-ar** (amar), **-er** (vender), **-ir** (partir)). Falarei minuciosamente de cada tópico da variação verbal daqui a pouco.

Do ponto de vista sintático, o verbo tem um papel importantíssimo dentro da frase; sem ele (explícito ou implícito) não há orações na língua portuguesa, pois o verbo é o núcleo do predicado – percebeu que eu usei vários verbos para dizer o que eu acabei de dizer? O único caso em que o verbo não é o núcleo do predicado, segundo a gramática tradicional, é quando

há predicado nominal, mas mesmo assim ele está presente. Fique tranquilo, pois falarei bem disso.

Pois bem... para entendermos todas as definições de verbo, vamos analisar esta frase:

Toda vez que eu penso em você, sinto uma coisa diferente.

Note que os vocábulos ***penso*** e ***sinto***

1) **indicam** uma ideia de **ação** e **percepção (sensação ou experimentação)**;
2) **variaram** em modo, tempo, número, pessoa "saindo" de sua forma nominal (*pens<u>ar</u>* e *sent<u>ir</u>*); ambos os verbos estão na primeira **pessoa** do **singular** do **presente** do **indicativo**.
3) **funcionam** como **núcleo** do predicado verbal, como núcleo das orações.

Obs.: Note que, sem os verbos, nada faz sentido, porque a estrutura sintática fica comprometida, não refletindo o uso adequado da língua: *Toda vez que eu ( ) em você, ( ) uma coisa diferente. (???)*

Existem mais de 11.000 verbos na língua, segundo nos informa o gramático Cegalla. Mas antes que você se desespere pensando que vai ter de saber tudo sobre eles, saiba que, em conjugação verbal, só alguns verbos são re-al-men-te importantes na sua vida de concurseiro. *Ufa!*

Não reclama, não! São estes os frequentes em concursos: ***ser, ir, vir* (e derivados), *ver* (e derivados), *pôr* (e derivados), *ter* (e derivados), *caber, valer, adequar, haver, reaver, precaver-se, requerer, prover, viger, preterir, eleger, impugnar, trazer, os terminados em* -ear, -iar (Lembra-se do MARIO?), -uar etc**. Fique em paz mental! Mas não deixe de conjugá-los todo santo dia, pois caem em prova direto!

Identificação

O **verbo** é uma palavra que termina em **-ar** (levantar), **-er** (beber), **-ir** (cair) e que pode ser conjugada, normalmente por meio de pronomes pessoais retos (*eu levanto, tu levantas, ele levanta, nós levantamos, vós levantais, eles levantam... eu bebi, tu bebeste, ele bebeu, nós bebemos, vós bebestes, eles beberam... eu cairei, tu cairás, ele cairá, nós cairemos, vós caireis, eles cairão...*).

Pela forma, é possível identificar um verbo numa frase, desde que você conheça as terminações verbais, ou desinências verbais – já vistas no capítulo de *Estrutura das Palavras*. Lembra? Veja:

– *Nós* ***insistiremos*** *nessa questão, porque* ***cremos*** *em nosso ponto de vista.* (**re**: desinência modo-temporal; **mos**: desinência número-pessoal; ambos na voz ativa)

Insistir e **crer** são identificados como verbos, pois, formalmente falando, podem ser conjugados. Lembre-se de que conjugação é a flexão do verbo em modo, tempo, número, pessoa (e, para alguns gramáticos, voz).

Podemos identificar tais palavras como verbos, pois, como já se disse, não existe oração sem verbo. O verbo é o núcleo de uma oração. Sem ele, não há oração. Sem ele, a frase não tem sentido: *Nós nessa questão, porque em nosso ponto de vista (????!!!)*. Percebeu que o verbo é essencial para a construção do sentido?

Pois bem... vale a pena dizer também que o verbo é uma palavra que exprime um fato dentro do tempo, logo notamos a ideia de futuro e de presente, respectivamente, nos verbos do exemplo.

Obs.: A única forma verbal que não apresenta noção temporal é a forma nominal infinitiva (falar, crer, insistir). Por exemplo: *Ser, estar e ficar são comumente verbos de ligação*. Note que as palavras *ser, estar* e *ficar* servem para nomear um verbo, logo não indicam tempo, pois são verdadeiros substantivos nesse contexto. Se houver algum determinante antes de tais formas, novamente serão substantivos: *O Ser, o estar e o ficar são comumente verbos de ligação.* Não confunda verbo com substantivo, pois o infinitivo pode realmente ser um verbo no contexto: *Estudo para passar na prova*. Note que *passar* indica ação, mas a noção de tempo é atemporal. Falarei melhor disso em *Formas Nominais do Verbo*, ainda neste capítulo. Relaxe!

E se você acha que identificar um verbo é *mole*, não subestime a conjugação de alguns verbos, assunto que cai muito em prova (na FCC, então, nem se fala!).

Em sala de aula, eu sempre digo aos meus alunos assim: "Vem cá! Quer dizer que *geral* aqui é *safo* em verbo, não é? Então, *beleza*. Já que você é bom, qual frase a seguir apresenta

conjugação correta?”.

Aí os alunos *piram*, porque já sabem que lá vem história... Coloco no quadro as seguintes frases, normalmente:

1) As crianças ***se entreteram*** durante bom tempo no parque.

2) Depois que o assessor ***interviu***, os políticos ficaram tranquilos.

3) Quando nós ***propormos*** uma sugestão, aceite-a.

4) Sempre ***se precavenha*** de maus negócios.

Depois de cada um *chutar* uma conjugação, eu digo: “Ih... estão por fora! Sabe qual é a única conjugação correta? Ne-nhu-ma!”. A gargalhada corre solta...

“É isso mesmo! Quer saber a conjugação correta destes verbos? Veja!”

1) As crianças ***se entretiveram*** durante bom tempo no parque.

2) Depois que o assessor ***interveio***, os políticos ficaram tranquilos.

3) Quando nós ***propusermos*** uma sugestão, aceite-a.

4) Sempre ***se resguarde*** de maus negócios.

Sobre 1: O verbo ***entreter*** é derivado do verbo ***ter***, logo se conjuga como o verbo ***ter***.

Sobre 2: O verbo ***intervir*** é derivado do verbo ***vir***, logo se conjuga como o verbo ***vir***.

Sobre 3: O verbo ***propor*** é derivado do verbo ***pôr***, logo se conjuga como o verbo ***pôr***.

Sobre 4: O verbo ***precaver*** não se conjuga no presente do subjuntivo, logo usei um sinônimo.

“É, meu camarada, o buraco é mais embaixo!” A partir disso, todos *baixam a bola* e começamos a aprender mais sobre verbos, com a devida seriedade.

Conjugação verbal é algo muito cobrado em prova de concurso! Muito! Não vacile!

Flexões dos Verbos

Em *Emprego de Tempos e Modos Verbais* e *Voz Verbal*, pretendo esmiuçar ainda mais o que significa **modo, tempo, número e pessoa**, mas neste primeiro momento preciso que você entenda *de leve* tais conceitos. Esta abordagem inicial, não tão profunda, vai fazer você entender mais sobre as variações (ou flexões) verbais, de modo que os conhecimentos seguintes servirão de complemento ao que já foi visto paulatinamente por você. Resultado: você não vai perder o fio de raciocínio, não vai ficar "viajando na maionese". Relaxe, que vai dar tudo certo. Vamos lá, então...

Modo

É a maneira, a forma como o verbo se apresenta na frase para indicar uma atitude da pessoa que o usou.

Por exemplo, se você come um hambúrguer e gosta, você exclama: "Nossa! Como isso aqui ***está*** gostoso!". Percebe que o verbo *estar* se encontra em uma determinada forma, indicando **certeza, afirmação, convicção, constatação**? Então, dizemos que este "modo" como o verbo se apresenta indica que o falante põe certeza, verdade no que diz, certo? Este é o famoso modo **INDICATIVO**, o modo da certeza, do fato, da verdade!

Agora, em uma cena parecida, você vê uma pessoa comendo com vontade e diz: "Espero que ***esteja*** gostoso mesmo.". Percebe que a forma, o modo, a maneira como o verbo se apresenta mudou em relação ao do indicativo? Por que mudou? Para expressar outra ideia que o falante quer passar, a saber: **dúvida, suposição, incerteza, possibilidade**. Este é o igualmente famoso modo **SUBJUNTIVO**, o modo da subjetividade, da incerteza, da dúvida, da hipótese!

"***Coma*** este hambúrguer, você não vai querer outro." Note que, nessa frase, o verbo pode indicar **sugestão, ordem, pedido,**... dependendo do tom como ele é pronunciado. Um simples "Passe o sal." pode ser dito em tom de pedido, se o casal estiver no início do relacionamento, mas... se estiver casado há muitos anos... ih... a **ordem** é o expediente... Estou brincando, afinal, eu sou casado, e minha mulher me ama de paixão. Voltando à realidade... Dizemos que tal verbo se encontra no modo **IMPERATIVO**, o modo da **ordem, do pedido, da sugestão, da exortação, da advertência, da súplica**... tudo dependerá do tom! Falarei mais sobre a formação do imperativo à frente.

Tempo

O tempo indica o momento em que se dá o fato **expresso pelo verbo**.

Os seres humanos, em geral, entendem o tempo físico numa linha corrente, e é a partir disso que formulam suas frases, situando no tempo seu discurso. Nós – que estamos sempre no

tempo presente da **linha do tempo REAL** – podemos, pela **linha do tempo do DISCURSO**, voltar ao passado ou viajar ao futuro. “Como fazemos isso, Pestana?” Por meio dos verbos, ora bolas! Isso é fantástico... podemos planejar o futuro, transportando-nos para ele pela imaginação e pelos verbos, se quisermos verbalizar nossos pensamentos: “Amanhã *farei* isso, daqui a 30 anos *estarei* assim, assado...”. Podemos voltar ao passado: “Meu Deus, como eu *era* bonita na década de 70!”.

----------/	----------/	----------/	→
PASSADO	***PRESENTE***	***FUTURO***	

Entendendo melhor...

Você está lendo agora este texto, certo? Aí, chega alguém até você e começa a atrapalhar sua leitura, daí você diz: “Você não viu que eu ***estava*** lendo?”, como quem diz: “Volte para lá, seu chato!”. Percebeu que o verbo usado por você ficou no passado? Por quê? Pois você, no **presente real**, retornou, **por meio do discurso**, ao passado, ou seja, àquilo que você estava fazendo antes de o idiota interromper seu estudo.

Logo, as noções de passado, presente e futuro norteiam nossa vida, não só no tempo cronológico, real, físico, mas também no **tempo do discurso**. Isso é muito importante! Você entenderá isso melhor mais à frente! Percebeu que eu usei o verbo no futuro (*entenderá*)?

Como já dito, existem três tempos no modo indicativo (presente, passado e futuro), mas só o passado e o futuro apresentam subdivisões: **passado** (pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito), **futuro** (do presente e do pretérito). No subjuntivo, são três: **presente**, **pretérito imperfeito** e **futuro**. Explanarei em detalhes tudo isso mais à frente, em *Emprego de Tempos e Modos Verbais*. Segure aí...

Número

Este é fácil: singular e plural. *Eu amo*, mas *nós ama**mos***; *tu amas*, mas *vós ama**is***; *ele ama*, mas *eles ama**m***. Molezinha!

Pessoa

Fácil também: **1ª** pessoa (***eu** amei, **nós** amamos*); **2ª** pessoa (***tu** amaste, **vós** amastes*); **3ª** pessoa (***ele** amou, **eles** amaram*).

Estrutura Verbal

Esta explanação é um *déjà vu* importante de *Estrutura das Palavras*.

Na conjugação de um verbo, normalmente ocorre a combinação de alguns elementos, conhecidos como: **radical, vogal temática (VT), tema, desinência modo-temporal (DMT) e desinência número-pessoal (DNP)**.

É importante dizer que esses elementos verbais podem sofrer algumas mudanças na forma, chamadas tecnicamente de "alomorfias"; lembra? Fique ligado nisso quando eu apresentar os exemplos a seguir.

Radical

O **radical** é a base do verbo, cujo sentido está nele embutido. Sem este morfema, o verbo não existe.

– *Não **posso** **deixar** que isso **ocorra.***

Note que **poss-**, **deix-** e **ocorr-** são os radicais dos verbos ***poder***, ***deixar*** e ***ocorrer***. Deles, só o radical de poder (**pod-**) sofreu modificação (**poss-**), chamada de **alomorfia**. Isso se dá por uma questão de **eufonia** (bom som da língua). Saiba que a maioria dos verbos não sofre alomorfia no radical, mas, como são muitos, há os que sofrem (os irregulares). Falarei sobre isso à frente. Respire fundo...

Obs.: Importante saber sobre **radical**:
Formas rizotônicas*:* sílaba tônica do verbo se localiza **dentro** do radical: *Eu **a**mo muito minha esposa.*
Formas arrizotônicas: a sílaba tônica do verbo se localiza **fora** do radical: *Eu a**ma**va muito minha esposa.*

Vogal Temática

A **vogal temática** vem imediatamente após o radical por motivo eufônico (boa pronúncia) e/ou para ligá-lo às desinências, formando o **tema**. Veja agora algumas informações importantes sobre VTs verbais.

É uma vogal que vem após o radical, formando o tema e permitindo uma boa pronúncia do verbo; indica como vai ser o modelo (paradigma) das conjugações (1ª conjugação: **-a** / 2ª conjugação: **-e** / 3ª conjugação: **-i**).

É bom dizer que não há VT na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e em nenhuma flexão do presente do subjuntivo (em "Eu am**o.**", o **-o** é DNP; em "Espero que ele volt**e.**" ou "Espero que ele beb**a.**", o **-e** e o **-a** são DMTs). Reveja o quadro de DMTs e DNPs.

Vejamos as VTs verbais:

amar: Eu am**e**i, tu am**a**ste, ele am**o**u, nós am**a**mos, vós am**a**stes, eles am**a**ram. (pretérito perfeito do indicativo)

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 1ª e na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-a**.

comer: Eu com**i**a, tu com**i**as, ele com**i**a, nós com**í**amos, vós com**í**eis, eles com**i**am (pretérito imperfeito do indicativo) / Eu havia com**i**do. (particípio)

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia em toda a conjugação do pretérito imperfeito do indicativo e no particípio. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-e**.

PART**I**R: Eu part**o**, tu part**e**s, ele part**e**, nós part**i**mos, vós part**i**s, eles part**e**m. (presente do indicativo)

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 2ª pessoa do singular e na 3ª do singular e do plural do presente do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-i**.

O verbo **pôr** e seus derivados são de 2ª conjugação, ou seja, vogal temática **-e**, uma vez que ***pôr*** vem do latim ***poer*** (a vogal temática aparece logo na 2ª pessoa do singular do presente do indicativo: eu ponho, tu põ**e**s, ele põ**e**...).

Desinências Verbais

Existem as **desinências modo-temporais** (DMTs) e as **desinências número-pessoais** (DNPs).

As DMTs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de **certeza, fato** (modo indicativo) e **incerteza, hipótese** (modo subjuntivo), tempo **passado** (pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito), **presente** e **futuro** (do presente e do pretérito).

Como você vai ver na tabela a seguir, além de não haver DMTs em todos os tempos e modos, algumas desinências alomórficas do modo indicativo estão entre parênteses.

Tempo	Modo Indicativo	Modo Subjuntivo	Formas Nominais
presente (1ª conj.)	---	**e**	**infinitivo**

presente (2ª e 3ª conj.)	---	**a**	**r²**
perfeito	---	---	
imperfeito (1ª conj.)	**va** (ve)	**sse**	**gerúndio**
imperfeito (2ª e 3ª conj.)	**a** (e)	**sse**	**ndo**
mais-que-perfeito	**ra** (re) (átono)	---	
futuro do presente	**ra** (re) (tônico)	---	**particípio**
futuro do pretérito	**ria** (rie)	---	(a/i)**do¹**
futuro do subjuntivo			**r²**
*As DMts dos verbos no modo imperativo são iguais às do subjuntivo (**e/a**), aparecendo na 3ª pessoa do singular, na 1ª pessoa do plural e na 3ª pessoa do plural.*			

Obs.: ¹ Para muitos gramáticos, o **a** e o **i** do particípio são vogais temáticas; a desinência de particípio (**-do**) pode sofrer alomorfia, dependendo do verbo (exemplo: pôr > pos**to**; imprimir > impre**sso**).

² Não confunda verbo no infinitivo com futuro do subjuntivo, só porque a terminação é igual: Para eu **vencer**, preciso de você. / Enquanto eu **vencer**, precisarei de você. O verbo no futuro do subjuntivo vem antecedido de conjunção, normalmente, e o verbo no infinitivo vem antecedido de preposição, normalmente. Esse é o termômetro para a distinção.

As DNPs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de quantidade (número) e emissor (1ª pessoa), receptor (2ª pessoa), referente (3ª pessoa). Vêm após as DMTs. Não há DNPs em todos os tempos e modos. Vejamos:

Tempo	Singular	Plural
presente do indicativo	1ª p.: **o** / 2ª p.: **s**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **is** / 3ª p.: **m**
pretérito perfeito do indicativo	1ª p.: **i** / 2ª p.: **ste** / 3ª p.: **u**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **stes** / 3ª p.: **ram**
futuro do presente do indicativo	1ª p.: **i** / 2ª p.: **s**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **is** / 3ª p.: **o**
futuro do subjuntivo e infinitivo flexionado	2ª p.: **es**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **des** / 3ª p.: **em**
imperativo afirmativo	---	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **i**, **de**

Obs.: Os tempos que aqui não foram mencionados (pretérito imperfeito, mais-que-perfeito, futuro do pretérito, presente do subjuntivo e pretérito imperfeito do subjuntivo) seguem um modelo (paradigma) de desinências, que é: 2ª pessoa do singular: **-s**, 1ª pessoa do plural: **-mos**, 2ª pessoa do plural: **-is** e 3ª pessoa do plural: **-m**. Um detalhe importante: alguns estudiosos chamam (adequadamente, diga-se de passagem!) as DNPs do pretérito

perfeito do indicativo de "cumulativas", pois elas acumulam a função de marcar não só o número e a pessoa mas também o modo e o tempo, como se fossem DMTs. Eu falei "como se fossem".

Se você dominar esse conhecimento da estrutura dos verbos, conjugação verbal deixará de ser problema para você. Veja você mesmo:

FCC – TRE/CE – Analista Judiciário – 2012

... e ele pretendia fazer o terceiro filme seguido lá...

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:

a) *Houve um tempo em que eu...*
b) *... o sucesso crítico e financeiro de Match Point deu origem a outras possibilidades.*
c) *... mas você gostaria de fazer alguma observação?*
d) *... estava ligado em comédia...*
e) *Mas não sinto mais a mesma coisa.*

Comentário: O gabarito é a letra d) porque *pretendia* e *estava* estão no pretérito imperfeito do indicativo. Isso fica visível com as DMTs "**a**" (em *pretendia*) e "**va**" (em *estava*). Sobre as demais: a) não há DNP na 1ª pessoa do verbo haver (bem-vindo às exceções), está no pretérito perfeito do indicativo; b) pretérito perfeito do indicativo, fica claro pela DNP "**u**"; c) "**ria**" é a DMT do futuro do pretérito do indicativo; e) "**o**" é DNP de 1ª p. s. do presente do indicativo.

Fica a dica, hein!

Locução Verbal

Também chamada de **perífrase verbal**, a **locução verbal** é um grupo de verbos que tem uma só unidade de sentido, como se fosse um só verbo. É por isso que é contada como uma só oração na análise sintática.

Formada por **verbo auxiliar + verbo principal** (sempre no gerúndio, no infinitivo ou no particípio), a locução verbal representa uma só oração dentro da frase. Não se esqueça disto!

Outra coisa: para que você reconheça uma locução verbal, note que os verbos têm de se referir ao mesmo sujeito. Por exemplo, em "Vou estudar", quem vai? Eu. Quem estudará? Eu. Logo, se ambos os verbos se referem ao mesmo sujeito, estamos diante de uma locução verbal. Falarei sobre isso no quadro maior à frente, inclusive sobre as falsas locuções verbais. Leia com carinho.

"Pest, mas por que *auxiliar* e *principal*?"

Um verbo é chamado de **auxiliar** por um motivo óbvio: ele colabora (auxilia/ajuda) com a formação de uma locução verbal, concordando em número e pessoa com o sujeito. Só ele varia com o sujeito, o **principal** nunca varia! É interessante dizer que os verbos **auxiliares carregam aspectos ou durações diversas no processo verbal ampliando o sentido do verbo principal** e, reitero: sempre se flexionam com o sujeito, concordando em número e pessoa com ele.

O verbo da locução verbal chamado **principal** é aquele que carrega consigo o significado principal da locução e a noção de predicação verbal (verbo de ligação, intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto, transitivo direto e indireto; já ouviu falar nisso?).

Conheça agora os principais **auxiliares**, que formam locuções verbais:

Auxiliares de voz: formam a voz passiva (*ser, estar, ficar, viver, andar, ir, vir* + **particípio**). Muito importante saber isso!

– ***Fomos*** ***vistos*** *por ela.*

– ***Estive*** ***vencido*** *pelo cansaço, mas agora é diferente.*

– *O mestre* ***ficou*** ***rodeado*** *de alunos.*

– *Josete e Albertina* ***vivem*** ***cercadas*** *de estudantes.*

– *Toda a vizinhança* ***anda*** ***aterrorizada*** *pelos assaltantes.*

– *O preso* ***ia*** ***escoltado*** *pelos guardas.*

– *O carro* ***vinha*** ***pilotado*** *por um profissional.*

Obs.: São raras as locuções verbais que se iniciam por outros verbos (que não o ***ser***) para indicar a voz passiva. Quase sempre, portanto, uma locução verbal de voz passiva vem construída assim: ***ser*** **+ particípio** (*O problema* ***será resolvido*** *logo*.). É bom dizer que o

verbo principal no particípio concorda em gênero e número com o sujeito. Atente para isso!

Auxiliares de tempo composto: formam o tempo composto dos verbos (***ter/haver* + particípio**; locução muito exigida em provas de concurso público!). Falarei melhor disso à frente.

– *Espero que* ***tenha/haja começado*** *o jogo.*

– *Se nós* ***tivéssemos/houvéssemos vibrado*** *mais, talvez conquistaríamos a Copa.*

Obs.: Às vezes, esta construção vem com o verbo ***ser*** no particípio indicando passividade, entre o primeiro auxiliar e o principal. Isso mesmo, é possível haver mais de dois verbos na locução verbal, em que só o último será analisado como **principal**. Veremos isso melhor depois, mas vá lá, observe este exemplo: "*O cidadão* ***tinha sido advertido*** *pelo guarda duas vezes*.". Toda a estrutura em negrito é uma locução verbal, em que *tinha sido* são dois verbos auxiliares e *advertido*, o verbo principal. Esta construção é típica de voz passiva... falarei sobre isso à frente, em *voz verbal*... aguarde.

Auxiliares de aspecto (acurativos): precisam o momento em que a ação verbal se realiza.

– ***Passou/Começou/Pôs-se a estudar***. (início)

– ***Estou para (por) estudar***. (iminência)

– ***Fiquei/Ando/Estou (a) escrever/escrevendo***. ***Venho/Vou escrevendo.*** (continuidade)

– ***Tornamos/Voltamos a estudar***. ***Costumamos escrever***. (repetição)

– ***Acabaram/Deixaram/Cessaram/Pararam de estudar***. (cessação)

– ***Continuo/Permaneço estudando***. (permansivo)

Obs.: *Estar* ***a*** *escrever* é construção própria do português de Portugal, análoga a *estar escrevendo*, própria do português brasileiro. E... como se vê... o verbo auxiliar pode se ligar ao principal por meio de preposição.

Auxiliares de modo (modais): precisam o modelo como a ação verbal se realiza ou deixa de se realizar; os valores semânticos dos verbos variam no contexto discursivo.

– ***Tinha/Havia de estudar***. ***Preciso (de) estudar.*** (obrigação, necessidade, dever)

– ***Posso estudar***. (possibilidade, capacidade, permissão)

– *Você* ***pode começar a pagar*** *a dívida, senão vai preso!* (obrigação/imposição)

– *Não* ***pode estudar*** *aqui*. (imposição)

– ***Quero/Desejo estudar***. ***Hei de passar!*** (vontade, volição, intenção, confiança)

– ***Pretendo/Tento* estudar**. (tentativa, esforço)
– ***Devo* estudar**. (probabilidade, obrigação, necessidade, dever)
– ***Consegui* estudar**. (resultado, consecução)
– *Ele* ***parece* estudar**. (aparência, dúvida)
– ***Vou* estudar**. (intenção, movimento futuro)

Cuidado!!!

1) Os valores semânticos dos verbos modais dependerão do contexto. Veja esta questão da prova do ITA/2004:

23. Aponte o enunciado em que o verbo **poder** NÃO indica possibilidade.
a) De outro lado, a elaboração pessoal dos dados e a sua crítica poderão sofrer com a falta de um diálogo sustentado (...). (Texto 1, linha 11).
b) Poderemos ter especialistas cada vez mais peritos (...). (Texto 1, linha 17).
c) Estes, por definição, são bens cujo usufruto é necessariamente coletivo e não podem ser apropriados exclusivamente por ninguém em particular. (Texto 2, linha 9). (Gabarito!)
d) Quanto ao grau de abrangência, os bens públicos podem ser classificados em locais, nacionais ou universais. (Texto 2, linha 10).
e) As tecnologias podem ser "engenheiradas", transformando-se em produtos de mercado, (...). (Texto 2, linha 25).

Comentário: Em "São bens cujo usufruto é necessariamente coletivo e não **podem** ser apropriados...", o verbo *poder* indica *obrigatoriedade, imposição* (mesmo valor de *dever*: São bens cujo usufruto é necessariamente coletivo e não **devem** ser apropriados.).

2) Como já dito, a locução verbal pode ser constituída de mais de dois verbos, em que os primeiros são auxiliares, e o último, o principal: *Sorria! Você* ***está sendo filmado****. / O jogador* ***tem sido comparado*** *pelo olheiro ao Romário. / A dívida* ***deve começar a ser paga*** *antes que sejas preso.*

3) Cuidado com o **gerundismo**! Não sabe o que é isso? Nem mesmo o então Ministro da Saúde José Serra escapou deste vício de linguagem, quando disse: "... outra vacina que ***vamos estar aplicando*** amanhã". O grande professor Sírio

Possenti (UNICAMP) e outros(as) linguistas não veem problema algum nessa locução verbal, mas isso já foi questão de prova – em que o gerundismo foi condenado. Falo sobre isso no tópico *Formas Nominais do Verbo (Gerúndio)* mais à frente. Dê uma olhada lá para entender do que se trata.

4) Nunca é demais falar disto: os verbos *poder, dever* e *costumar*, quando acompanhados de partícula apassivadora, podem constituir uma locução verbal ou não. Logo, em "Pode/Deve/Costuma-se fazer isso", podemos encarar "Pode/Deve/Costuma-se fazer" como uma locução verbal ou como dois verbos (daí que não há mais locução), em que o verbo no infinitivo é sempre o sujeito dos verbos auxiliares *poder, dever* e *costumar*. O que acha da frase a seguir?

– ***Quando se pretende avaliar os efeitos de uma decisão, devem-se avaliar***

primeiramente os motivos dessa decisão.

Note que o verbo *dever* está no plural para concordar com o sujeito "os motivos dessa decisão" (= os motivos dessa decisão devem ser avaliados). Neste caso, há locução verbal, pois o verbo auxiliar sempre concorda com o sujeito em número e pessoa. Se o verbo estivesse no singular (... deve-se avaliar...), inferiríamos que o sujeito é oracional, isto é, o sujeito é o verbo no infinitivo: "... *avaliar primeiramente os motivos dessa decisão* deve-se.". Neste caso, não há locução verbal, há dois verbos.

5) **Toda provável locução verbal deve passar por determinados critérios. O mais importante critério é perceber se os verbos que formam uma provável locução têm o mesmo sujeito. Se sim, estamos mesmo diante de uma locução verbal. Não obstante, há algumas expressões verbais que podem ser analisadas como dois verbos formando duas orações; neste caso, não se trata de uma locução. De antemão, aceno que, *em poucos casos*, como o primeiro a seguir, a análise entre *locução verbal* e *grupo de verbos que não formam locução* é dúbia. Leia atentamente as considerações abaixo para entender.**

Parafraseando Bechara, nem sempre a aproximação de dois ou mais verbos constitui uma locução verbal; a intenção da pessoa que fala ou escreve é que determinará a existência da locução. "Por exemplo, na frase 'Queríamos colher rosas.', os verbos *queríamos* e *colher* constituirão expressão verbal se pretendo dizer que queríamos colher rosas e não outra flor, sendo *rosas* o objeto da declaração. Se, porém, pretendo dizer que o que nós queríamos era colher rosas e não fazer outra coisa, o objeto da declaração é *colher rosas* e a declaração principal se contém incompletamente em *queríamos*." (José Oiticica, em Manual de Análise, 202-203).

Cuidado, portanto, com o verbo *querer*. Com ele, pode-se interpretar que há a formação de uma locução verbal ou que há dois verbos, em que o segundo é o complemento do primeiro
Exemplo: *Quero beber* (locução verbal, uma oração) *água*. / *Quero* (um verbo, uma oração) + *beber* (outro verbo, outra oração, complementando a primeira) *água*. Duas possíveis análises.

Aparentemente este assunto é bobinho, mas quando a banca FGV, por exemplo, pede para você contar quantas orações há no trecho tal, se você não souber identificar uma locução verbal, parceiro(a), vai chorar! Então, cuidado com isso! Observe agora o verbo *parecer*:

– *Eles **parecem estudar** bastante.* (locução verbal, pois o verbo auxiliar concorda com o sujeito)
– *Eles **parece / estudarem** bastante.* (não é uma locução verbal; leia-se: "*Parece / que eles estudam bastante*.")

Cuidado agora com as *falsas locuções verbais*!

Os verbos **causativos** (mandar, deixar, fazer) e **sensitivos** (ver, ouvir, sentir) **nunca** formam locução verbal com o infinitivo ou gerúndio; são dois verbos, cada um com sua autonomia.

– *Já te **mandei ficar** quieto.* (Leia-se: *Eu já mandei que tu ficasses quieto.*)

– *Eu a **vejo passando** todos os dias por aqui.* (Leia-se: *Eu vejo que ela passa todos os dias por aqui.*)

Quando o infinitivo da **locução verbal** pode ser transformado em uma oração desenvolvida, iniciada por conectivo, em tese, não há locução verbal. Em "Não nos **compete realizar** (que realizemos) tarefas desagradáveis.", o sujeito do verbo *competir* é o infinitivo *realizar*, ou seja, "**Realizar** tarefas desagradáveis (sujeito) não nos **compete** (verbo).". Outro exemplo: "Sempre **falta explicar** um assunto.", em que *explicar* é o sujeito de *faltar*, ou seja, "**Explicar** um assunto (sujeito) sempre **falta** (verbo).". Nestes casos, **NÃO** há locução verbal!

Não obstante, fiquemos atentos ao que disseram Bechara e Oiticica no início deste tópico, os quais deram a possibilidade de **dupla análise**, quando o sujeito for o mesmo. Em tais frases abaixo, podemos encarar dois verbos não formando locução alguma ou podemos encarar como locução verbal, sim! Tais casos de dupla análise equivalem ao do verbo *querer*.

– *Eu **espero encontrar** o caminho.* (locução verbal)

– *Eu **espero encontrar** (que eu encontre) o caminho.* (dois verbos, em que o segundo é o complemento do primeiro)

– *Certas mulheres **admitem gostar** de homens mais novos.* (locução verbal)

– *Certas mulheres **admitem gostar** (que gostam) de homens mais novos.* (dois verbos, em que o segundo é o complemento do primeiro)

O fato de haver pronome oblíquo átono ligado à locução verbal não a impede de ser analisada como tal: "*Vou-**me** arrumar* para a festa." ou "*Vou **me** arrumar* para a festa." ou "*Vou arrumar-**me*** para a festa.". Todas as expressões em itálico são locuções verbais.

Vale dizer ainda que os verbos da locução verbal podem vir separados por expressões interferentes:

– *Hoje, **estou**, mais do que nunca, **estudando** muito para a minha prova.*

Veja esta questão, por favor!

2. (Fafipa – Pref. Cariacica/ES – Psicólogo – 2011) Assinale a alternativa cuja sequência de verbos destacada NÃO constitui uma locução verbal.

a) "Os imóveis não podem ser vendidos nem dados como garantia de empréstimos."
b) "Desde o ano passado, essa entidade vem tentando regularizar terrenos..."
c) "Passou a receber um salário-mínimo dos membros da Câmara..."
d) "O analista de sistemas João Carlos Belato, de 46 anos, conseguiu ganhar a posse da casa..."
e) "Primeiro, deve-se provar que o intuito do doador era dar a terra à Igreja, não ao santo."

Comentário: "O analista... *conseguiu* (VTD) *ganhar* a posse da casa (OD).". Se *ganhar a posse da casa* é o complemento do verbo *conseguir*, não pode formar uma locução verbal. É

parecido com o caso do verbo *querer*, como vimos no tópico 5. Não obstante, o gramático Bechara põe o verbo *conseguir* entre os verbos auxiliares, logo poderíamos interpretar *conseguiu ganhar* como uma locução verbal. Afinal, quem conseguiu? O analista. Quem ganhou? O analista. Isto é, ambos os verbos se referem ao mesmo sujeito. É um caso de dupla análise. Isso é um dos critérios para definirmos a locução verbal. Questão polêmica e merecedora de anulação! Veja que o gabarito pode ser a letra e) também. Com os verbos *dever*, *poder* e *costumar* acompanhados da partícula *se* apassivadora, podemos interpretar que há locução verbal ou dois verbos que não formam locução. Em *deve-se provar*, podemos entender que há ou não locução verbal. Como o *se* é apassivador, podemos entender que o sujeito do verbo *dever* é "*provar que ... Igreja*", caso em que ele (dever) não é auxiliar e não constitui locução verbal, mas podemos entender que *deve-se provar* é locução verbal e o sujeito dessa locução é *que o intuito do doador era*. Polêmicas... Falarei mais sobre essa construção no capítulo de *Concordância Verbal*. Aí eu me pergunto: Por que o cara da banca formulou uma questão dessas? Que vontade de xingar um, meu Deus!

6) Há uma diferença entre *ter de* e *ter que*. A construção "Você *tem que estudar.*" indica imposição ou necessidade, e o *que* é uma preposição acidental. Segundo a maioria dos gramáticos, como Manoel P. Ribeiro e Napoleão M. de Almeida, a forma culta é "Você *tem **de** estudar.*", em que *tem de estudar* é uma locução verbal culta, e *tem que estudar*, coloquial. Quando não indica imposição ou necessidade, a expressão *ter que* pode ser usada, mas a análise muda: em "*Tenho muito que estudar*.", o *que* é um pronome relativo que retoma o pronome indefinido *muito*. Logo, esta última construção não constitui locução verbal.

7) As locuções verbais formadas por **ir** + **ir** (vou ir, vai indo...) ou **vir** + **vir** (venho vindo, vem vindo...) são próprias do registro coloquial, segundo alguns estudiosos; já outros, como Cláudio Moreno e José Maria da Costa as abonam.

Aspecto Verbal

Alguns verbos têm peculiaridades semânticas dentro da perspectiva temporal, ou seja, dependendo da forma e do contexto em que se encontram podem indicar processos de duração verbal diferenciados ou sentidos bem peculiares. Por exemplo: "Eu ***comia*** hambúrgueres na minha adolescência." (o verbo indica que este hábito era costumeiro nessa fase da vida). Agora: "Eu ***comia*** um hambúrguer, quando ela me interrompeu." (o verbo indica que a ação verbal já havia iniciado, prosseguiu até um momento, mas não foi finalizada).

Veja só alguns aspectos, os mais comuns em prova de concurso, abaixo para você ter uma ideia (baseado nos exemplos do dicionário Caldas Aulete):

Aspecto durativo/cursivo: indica um processo continuado, uma ação que se prolonga por determinado tempo (p. Ex.: Ele estuda durante o verão.).
Aspecto habitual/iterativo: indica que uma ação ou uma situação se repete habitualmente (p. ex.: Eles lancham todos os dias.).
Aspecto pontual: que indica que um evento é momentâneo, não dura além de um momento (p. ex.: Ela espirrou.).

O **aspecto verbal** tem a ver com o tempo gasto na duração do processo verbal (início, meio e/ou fim). Conseguimos perceber o aspecto verbal pela semântica do verbo e pelo contexto, normalmente. **Poderia falar muito sobre este tópico, mas vou me ater apenas ao que é praxe, ao que interessa para sua prova, beleza?** A saber: formas simples e compostas dos verbos (locução verbal). Então, venha comigo!

1) **Aspecto pontual ou momentâneo**: não é apresentada a duração, pois o fato é *instantâneo*; o fato ocorre no momento da declaração.
   – *Eu **estou vendo** TV agora, depois a gente se fala.*
   – *O cachorro **pegou** o osso no ar.*
2) **Aspecto inceptivo, incoativo**: o processo verbal indica que algo está sendo apresentado em seu **início**.
   – *Meu filho **começou a andar**... **passou a falar**... daqui a pouco só vai fazer arte.*
   – ***Amanhece** em Copacabana um sol lindo, vivo.*
3) **Aspecto cursivo, durativo**: o processo verbal já teve um início e **continuou** ou **continua**, sem conclusão, num **movimento progressivo**.
   – *Eu **estava falando** ao telefone, e me interromperam.*
   – ***Temos exercitado** muito a Língua Portuguesa.*

Obs.: O **pretérito imperfeito (incompleto) do indicativo** se encaixa normalmente neste

aspecto, pois o processo não tem limites claros e seu prolongamento é impreciso.

4) **Aspecto cessativo, conclusivo**: o processo verbal é apresentado em sua totalidade, com começo, meio e fim; apresenta a **conclusão** de um fato.
   – ***Conseguimos ler*** *o texto todo.*
   – ***Malhei*** *durante duas horas ontem.*

Obs.: O **pretérito perfeito (completo) do indicativo** se encaixa normalmente neste aspecto, pois o processo está concluso, finalizado.

5) **Aspecto iterativo, frequentativo, reiterativo**: o processo verbal indica uma ideia de **repetição**, de **hábito**, de **costume**, de **frequência**.
   – *Ele me* ***beija*** *três vezes ao me ver.*
   – *Você* ***tem falado*** *muito sobre passar na prova.*
6) **Aspecto permansivo (permanência)**: o processo verbal já se concluiu, mas os efeitos **permanecem**.
   – *Só* ***aprendi*** *português no Ensino Médio.*
   – *Só* ***fiquei sabendo*** *Matemática mesmo na faculdade, porque antes...*
7) **Aspecto genérico, universal, atemporal**: este processo de duração verbal trabalha com verdades absolutas ou tomadas como tal, científica, religiosa ou culturalmente.
   – *Todo número par* ***será*** *divisível por dois.*
   – *Mulher* ***é*** *bicho difícil de entender.*
   – *Deus* ***existe****!*
   – *Quem* ***cala*** *consente.*
8) **Aspecto iminencial**: este processo indica que algo está prestes a ocorrer.
   – *Ele* ***está para viajar****.*
   – *Nós* ***vamos cair****!*

Observação Final: Dependendo do gramático, a nomenclatura usada para os aspectos verbais pode variar, mas o que as bancas querem saber é se você consegue perceber o valor semântico temporal do verbo no contexto em que se encontra.

Este assunto vem caindo muito em prova, junto com os conceitos de tempo e modo verbais. Por isso, imploro que leia com detida atenção o tópico *Emprego de Tempos e Modos Verbais*. Você vai perceber que esse conhecimento de aspecto verbal está diretamente atrelado a tempo e modo verbais. Antes, porém, para fechar com chave de ouro, veja esta questão bonitinha:

(Funrio – Sebrae/PA – Analista Técnico (Contabilidade) – 2010)

É comum a sensação de que o estudo dos verbos não dá conta de tudo aquilo de que precisamos para a expressão exata das ações em seus modos e configurações particulares. O português não tem uma flexão própria para indicar o aspecto, possível razão de a gramática tradicional não propor o seu estudo sistemático, mas é fato que, mesmo de maneira intuitiva, todos fazemos uso dessa categoria. O aspecto indica a duração de um processo verbal ou o modo da ação, que em português, expressa-se geralmente por meio de construções perifrásticas (ou locuções verbais), mas está presente também em alguns morfemas verbais, sufixos e prefixos.

(Fonte: Thais Nicoleti de Camargo. Folha de S.Paulo, 13/12/2001.)

Por exemplo, as frases "Ele tornou a dizer isso", "Ele pretendia dizer isso" e "Ele começou a dizer isso" mostram o uso de verbos auxiliares para representar, respectivamente, os seguintes valores aspectuais:

a) conativo, cessativo e perfectivo;
b) iterativo, desiderativo e incoativo; (Gabarito.)
c) habitual, durativo e progressivo;
d) imperfectivo, pontual e comunicativo;
e) cooperativo, optativo e imperativo.

Comentário: Note que a questão em si é uma breve aula de aspecto verbal, mostrando que é possível perceber o aspecto de um verbo pela sua forma, simples, composta (locução verbal) e, até mesmo, por meio de prefixos e sufixos. Mas parou por aí, criando uma questão em cima das locuções verbais. Estude de novo o capítulo de locução verbal e verbos auxiliares. Vai por mim! Pois bem... o gabarito é a letra B, pois *iterativo* é o mesmo que habitual, recorrente, repetitivo, reiterativo (tornou a dizer), *desiderativo*, apesar de não ser alistado como um aspecto verbal por alguns gramáticos, trata do verbo que indica desejo, vontade, volição (pretendia dizer) e *incoativo* é um aspecto que indica início de ação (começou a dizer). Boa a questão, não é?

Formas Nominais dos Verbos

As **formas nominais do verbo** são verbos que se comportam como nomes em certos contextos, no sentido de exercerem funções sintáticas próprias dos nomes substantivo, adjetivo ou advérbio. Exemplo:

– ***Pisar*** *a grama é expressamente proibido.* (Assim como o substantivo exerce função de sujeito, o infinitivo equivale a ele, pois exerce aqui função de sujeito.)

– *O garoto veio em minha direção* ***correndo****.* (Assim como o advérbio exerce função de adjunto adverbial de modo, o gerúndio equivale a ele, pois exerce aqui função de adjunto adverbial de modo.)

– *Alberto é um homem* ***marcado*** *pela sorte.* (Assim como o adjetivo exerce função sintática de adjunto adnominal, o particípio equivale a ele, pois exerce aqui função de adjunto adnominal.)

Há apenas três tipos de verbos que se encaixam entre as formas nominais: **infinitivo**, **gerúndio** e **particípio**. Vejamos cada um e suas peculiaridades.

O Infinitivo

É a forma verbal que nomeia um verbo. Por exemplo, quando alguém anda na sua frente e lhe pergunta o **nome** que se dá a essa ação, você diz: "andar". Às vezes, o infinitivo se comporta como um mero substantivo (nos casos de não flexão), daí ser chamado de forma nominal.

O infinitivo pode ser **pessoal** e **impessoal**.

É **impessoal** quando não admite variação de pessoa: *amar, vender, partir* (terminando sempre em **-ar**, **-er** ou **-ir**). É **pessoal**, quando tem como sujeito uma das pessoas gramaticais. Nesse caso, pode ser denominado **flexionado** e **não flexionado**. Falo mais sobre isso no capítulo de *Concordância*.

Se houver uma pessoa que o faz receber desinências, como se vê abaixo, flexiona-se normalmente:

Era para eu cantar.
*Era para tu cantar****es***
Era para ele cantar.
*Era para nós cantar****mos.***
*Era para vós cantar****des.***
*Era para eles cantar****em.***

Obs.: Infinito x Futuro do Subjuntivo
Este participa de orações iniciadas por conjunções, como *se* ou *quando*, indicando hipótese

condicional ou temporal, normalmente; aquele, de orações iniciadas geralmente por preposição (*a, de, para, por...*), indicando significado declarativo.

– *Quando eu* ***chegar****, quererei festa.* (futuro do subjuntivo)

– *Ao* ***chegar****, quererei festa.* (infinitivo)

– *A* ***persistirem*** *os sintomas, o médico deverá ser consultado.* (infinitivo)

– *Se* ***persistirem*** *os sintomas, o médico deverá ser consultado.* (futuro do subjuntivo)

Note que as formas são iguais, mas a classificação é diferente. Nunca use o infinitivo no lugar do futuro do subjuntivo, hein! Olha o que muita gente boa faz e pensa que está tudo certo: "Assim que eles ***proporem*** um acordo, começaremos a pensar.". Está certo isso? Primeiro: cuidado com o verbo *propor*, derivado do verbo *pôr* (conjugue o verbo *pôr* e seus derivados!). Segundo: repare que antes do verbo vem uma locução conjuntiva (assim que), e não uma preposição, logo o verbo **não** pode ficar na forma infinitiva, mas sim no futuro do subjuntivo. Por isso, a frase deve ser reescrita para que esteja de acordo com o registro culto da língua: "Assim que eles ***propuserem*** um acordo, começaremos a pensar.". Fique esperto!

As provas de hoje exigem que você domine conjugação verbal, portanto comece a conjugar aqueles verbos que sempre caem. É um trabalho braçal, mas vale a pena. Relembrando os verbos a serem conjugados: ***ser, ir, vir*** **(e derivados),** ***ver*** **(e derivados),** ***pôr*** **(e derivados),** ***ter*** **(e derivados),** ***caber, valer, adequar, haver, reaver, precaver-se, requerer, prover, viger, preterir, eleger, impugnar, trazer, os terminados em*** **-ear, -iar (Lembra-se do MARIO?)** ***e*** **-uar**.

Importante: Sobre os casos de flexão do infinitivo e outros detalhes a respeito desta forma nominal, vá ao capítulo de *Concordância* (em *Casos Especiais*).

O Gerúndio

Além de atuar como verbo nas locuções verbais, em tempos compostos e nas orações reduzidas, o **gerúndio** (verbo terminado em *-ndo*) pode desempenhar as funções de advérbio e de adjetivo.

Como verbo, indica normalmente um processo incompleto, prolongado, durativo:

– *Estava* ***lendo*** *o livro que você me emprestou.* (locução verbal)

– *Ando* ***lutando*** *para mudar minha vida financeira.* (locução verbal)

– ***Tendo feito*** *várias reclamações por escrito que não foram atendidas, resolvi vir pessoalmente aqui.* (locução verbal de tempo composto)

– ***Obtendo*** *a nota exigida na prova, resignou-se.* (oração reduzida)

Conheça alguns empregos do gerúndio:

1) Esta forma nominal pode e deve ser usada para expressar a) uma ação em curso, b) uma ação anterior, c) posterior ou d) simultânea a outra. Veja os respectivos exemplos:

– *Agora ele está* ***estudando****.*

– ***Deixando*** *a namorada em casa, voltou para a boemia. / Em se* ***plantando****, tudo dá.*

– *O balão subiu rapidamente,* ***desaparecendo*** *no ar.*

– *O jogador pulou* ***cabeceando*** *a bola.*

2) Combinado com os auxiliares *estar*, *andar*, *ir*, *vir*, o gerúndio marca uma ação durativa, com aspectos diferenciados:

O verbo **estar** seguido de gerúndio indica uma ação durativa num momento rigoroso: *O mundo* ***está mudando****.*

O verbo **andar** seguido de gerúndio indica uma ação durativa em que predomina a ideia de movimento reiterado: ***Andei buscando*** *uma pessoa melhor para mim.*

O verbo **ir** seguido de gerúndio expressa uma ação durativa que se realiza progressivamente ou por etapas sucessivas: *O sol* ***vai raiando****,* ***vai subindo****, potente como ele só.*

O verbo **vir**, seguido de gerúndio expressa uma ação durativa que se desenvolve gradualmente em direção à época ou ao lugar em que nos encontramos: "Não se explica como tal expressão ***vem sendo usada*** no Brasil.".

Cuidado!!!

1) Sua natureza adverbial indicando modo pode ser percebida em frases como esta, em que o gerúndio indica movimento simultâneo à ação do outro verbo.

– ***Chorando****, o menino se despediu do pai.*

– *Ele toma sopa* ***fazendo ruído****.*

2) O uso do gerúndio em função adjetiva é menos usual:

– *Tire essa água* ***fervendo*** *daqui!*

3) O gerúndio pode ter valor imperativo também:

– ***Circulando****,* ***circulando****!*

4) Conheça os valores semânticos circunstanciais (adverbiais) do gerúndio (oração reduzida):

– ***Varrendo*** *o quarto, não encontrou nada.* (tempo)

– *Mesmo* ***sendo*** *esperto, não conseguiu enganar a todos.* (concessão)

– *Você,* ***querendo****, chegará lá.* (condição)

– ***Tendo perdido*** *o trem, não cheguei na hora certa.* (causa)

– *As alunas entraram na sala* ***rindo****.* (modo)

Em algumas frases, a circunstância do gerúndio pode ficar ambígua:

– *A vela,* ***iluminando****, clareia tudo.* (causa, tempo, condição, proporção...)

Falarei mais sobre isso no capítulo de *Orações Reduzidas*.

5) O uso exagerado do gerúndio em redações não é bem visto pelas bancas corretoras, portanto evite o exagero. Quanto ao gerundismo, então, nem se fala... Saiba mais sobre o famigerado **gerundismo**!

*Você **pode estar enviando** os seus dados?*

*Eu **vou estar confirmando** os seus pedidos agora.*

O valor ***vai estar sendo*** debitado em conta-corrente.

Esta maneira de falar e de escrever parece vir do inglês, segundo alguns pesquisadores. Incorporou-se ao português brasileiro de tal modo que pessoas cultas a usam frequentemente. De acordo com a norma culta, porém, é correto dizer simplesmente:

*Você **pode enviar** os seus dados?*

*Eu **vou confirmar** os seus pedidos agora.*

O valor ***vai ser*** debitado em conta-corrente.

Aí você me pergunta: "É um equívoco pleno usarmos: *verbo (indicando futuro) + estar + gerúndio* ou *estar (indicando futuro) + gerúndio*?".

Dizer que o uso do **gerúndio** é errado só é verdade se ele for utilizado sem seu sentido de continuidade do tempo. Na frase "Eu estarei ligando para você hoje.", *ligar* não demanda tempo continuado, *ligar* exprime uma ação única, instantânea, não dá para você *ficar ligando* para uma pessoa, pois parece que você vai encher o saco dela, ininterruptamente, ligando sem parar, como um *taradão* do telefone. Logo, evite "Eu *vou estar ligando.*". Este é um mau do **gerúndio**, o que incorre em **gerundismo**. Basta dizer: "Eu *vou ligar* para você hoje.". Bem mais *clean*!

Porém, se a frase contiver tal ideia de continuidade, o uso do **gerúndio** é totalmente adequado: "Passa lá em casa à tarde, pois *vou estar/estarei estudando.*". Aqui se tem o fato de que estudar denota tempo contínuo, ou seja, estudar é um verbo que não indica instantaneidade mas continuidade, portanto o **gerúndio** é utilizado.

Em suma: não se pode misturar o gerúndio com outro verbo que indique movimento único, instantaneidade. Portanto, operadores e operadoras de *telemarketing*, vocês "vão estar enviando" ou vocês "vão enviar" o cartão de crédito para a minha casa? Espero que seja a segunda opção, senão meu nome vai para o SPC (Ou seria SERASA?).

5. (Vunesp –TJ/SP – Escrevente – 2004) O uso indiscriminado do gerúndio tem-se constituído num problema para a expressão culta da língua. Indique a única alternativa em que ele está empregado conforme o padrão culto.
   a) Após aquele treinamento, a corretora está falando muito bem.
   b) Nós vamos estar analisando seus dados cadastrais ainda hoje.
   c) Não haverá demora, o senhor pode estar aguardando na linha.
   d) No próximo sábado, procuraremos estar liberando o seu carro.
   e) Breve, queremos estar entregando as chaves de sua nova casa.

Comentário: Exceto em A, as demais opções apresentam construções próprias do

gerundismo: *vamos estar analisando, pode estar aguardando, procuraremos estar liberando, queremos estar entregando.*

Veja aqui mais uma questãozinha sobre o uso do gerúndio:

14. (Funcab – Pref. Anápolis/GO – Auditor-Fiscal de Tributos Municipais – 2012) Considere o uso do gerúndio nas frases abaixo e analise os itens.

1. "Estou falando isso para mostrar o tamanho do desafio para um jovem dos trópicos..."
2. "... floresta morrendo de falta de inteligência humana e boate fechando por falta de energia elétrica..."

I. Na frase 1, tem-se uma locução verbal construída com dois verbos auxiliares, o primeiro flexionado, e o segundo, no gerúndio.

II. Na frase 2, os dois verbos empregados no gerúndio têm valor adjetivo: "floresta morrendo" (= floresta morta) e "boate fechando" (= boate fechada).

III. Em ambas as frases, há a ocorrência de gerundismo nas três locuções verbais, o que corresponde ao uso de forma composta, preterindo, assim, a forma simples do verbo.

Assinale a alternativa que aponta os itens corretos:

a) Somente II e III estão corretos.
b) Somente I e III estão corretos.
c) Somente I e II estão corretos.
d) Somente I está correto.
e) Somente II está correto.

Comentário: A afirmação I é equivocada, pois só há um verbo auxiliar (Estou) na locução verbal "Estou falando". O comentário autoexplicativo de II está perfeito. Não há construção de gerundismo, logo a afirmação III não procede. **GABARITO: E.**

O Particípio

O **particípio** (verbo terminado em **-do**, normalmente) é considerado forma nominal do verbo porque por vezes se assemelha a um adjetivo, variando em gênero e número com o substantivo a que se refere. Sua natureza verbal, que normalmente indica passado, manifesta-se **sempre** nas locuções verbais de voz passiva, de tempos compostos e em orações reduzidas. Veja:

– *Não há nada que possa ser **feito**.* (locução verbal de voz passiva)
– *Se me tivesses **ajudado** teríamos conseguido.* (locução verbal de tempo composto)
– ***Terminadas** as obrigações, precisaremos sair depressa.* (oração reduzida)

Obs.: É bom dizer que o particípio na voz passiva analítica varia em gênero e número com o termo a que se refere: *Ela foi **despejada***. O particípio de tempo composto da voz ativa **não** varia em gênero e número com o termo a que se refere: *Ela tem **cantado** muito*. Mas, se o tempo composto estiver na voz passiva (ser + particípio), irá variar em gênero e número com o termo a que se refere: *Ela tem sido **elogiada***.

Falemos agora sobre algumas particularidades do particípio:

1) É visto como mero adjetivo, quando atua como caracterizador de substantivo. Por

outro lado, se puder ser desenvolvido em oração, podemos encarar também como verbo no particípio. Dupla análise. Vai depender do contexto.

– *Teve papel* ***destacado*** *naquele filme.* (= *que se destacou*; adjetivo ou verbo no particípio)

– *Pessoas* ***atormentadas*** *podem ser curadas.* (= *que são atormentadas*; adjetivo ou verbo no particípio)

– *A festa aconteceu no mês* ***passado****.* (= *que passou*; adjetivo ou verbo no particípio)

– *As meninas chegaram totalmente* ***molhadas*** *por causa da chuva.* (adjetivo)

– *Aquelas crianças só são* ***esfomeadas*** *pela má educação dada a elas.* (adjetivo)

Nestes dois últimos casos, note que as formas parecem particípios, mas, na verdade, são meros adjetivos. Uma prova disso é que não se pode desenvolver *molhadas* e *esfomeadas*. Ou seja, não é possível dizer: *As meninas chegaram totalmente* ***que foram molhadas*** *por causa da chuva. (???)*

Cuidado!!!

1) Quando aparece um agente da passiva explícito, só podemos encarar tais palavras como particípios:

– *Teve papel* ***destacado*** *pela mídia naquele filme.* (que foi destacado, particípio)

– *Pessoas* ***atormentadas*** *por espíritos podem ser curadas.* (que são perturbadas, particípio)

Veja o que mais disse a ABL sobre o assunto:

ABL RESPONDE

Pergunta: Boa tarde. Em "Ele é um rapaz ESFORÇADO (= que se esforça).", o termo destacado se encaixa em que classe gramatical: adjetivo ou verbo no particípio? O fato de podermos desenvolver todo vocábulo, como *esforçado*, em oração o torna um verbo no particípio ou não? Anseio pela resposta. Gratíssimo!

Resposta: Prezado, no seu exemplo, trata-se de um adjetivo participial, isto é, participa do nome e do verbo, daí poder ser considerado adjetivo, sem desenvolvê-lo, ou considerar particípio, equivalendo à oração "que se esforça". Para identificar se trata-se de verbo no particípio, perceba que o verbo pode funcionar como auxiliar na voz passiva, ex: "Ela *foi considerada* a mais bela miss.". Também pode ser auxiliar de tempo composto, ex: "*Tinha realizado* o trabalho.", "*Tinha realizado* a lição.". Se formar locução verbal com os verbos *ser, estar* (voz passiva)*, ter e haver* (voz ativa) será verbo no particípio.

2) Segundo os melhores gramáticos, a locução *haja vista*, em que *vista* é o particípio do verbo *ver*, é invariável. Alguns, como Faraco & Moura, toleram a variação do auxiliar da locução, (Hoje terminarei mais tarde a leitura *haja(m) vista* as observações que ainda

tenho de fazer). Falarei mais sobre esta expressão no capítulo de *Concordância*. Ah! Hoje em dia, o seu valor semântico (causa) equivale ao das locuções prepositivas *devido a*, *por conta de*, *por causa de*. Falo sobre isso no capítulo de *Conjunção*.

2) Não confunda adjetivo com particípio dentro de uma estrutura parecida com uma locução verbal, porque o particípio indica uma ação praticada por alguém e o adjetivo indica mera qualidade do substantivo.

– *O aluno foi* ***reprovado*** *no exame. (Reprovaram o aluno.* – locução verbal/ é particípio)

– *O aluno foi* ***resfriado*** *para escola. (Resfriaram o aluno?* – é adjetivo.)

Pelo que se viu, determinadas formas participiais deixam de ser classificadas como verbos quando não indicam ação, e passam a ser reais adjetivos quando indicam mera característica de um nome. Tudo bem até agora, não é?

Falarei sobre *duplo particípio* em verbos abundantes no tópico mais à frente: *Classificação dos Verbos*.

3) Conheça os valores semânticos circunstanciais (adverbiais) do particípio:

– ***Concluída*** *a obra, as vendas começaram.* (tempo)

– ***Cercado*** *de inimigos, não esmoreceu, mantendo sua fé.* (concessão)

– ***Pressionadas*** *pelo chefe, ficariam fazendo hora extra.* (condição)

– ***Surpreendido*** *pela tempestade, não pude sair de casa.* (causa)

Falarei mais sobre isso no capítulo de *Orações Reduzidas*.

Voz Verbal

Voz verbal é a forma como o verbo se encontra para indicar sua relação com o sujeito. Logo, não faz nenhum sentido dizer que há voz verbal em orações sem sujeito, diga-se de passagem.

Consoante sua forma, o verbo pode indicar uma ação praticada pelo sujeito (voz ativa), uma ação sofrida pelo sujeito (voz passiva) ou uma ação praticada e sofrida pelo sujeito (voz reflexiva). Vejamos uma por uma agora.

Voz Ativa

Segundo a gramática tradicional, ocorre **voz ativa** quando o verbo (ou locução verbal) indica uma **ação praticada pelo sujeito**. Veja:

– *João **pulou** da cama atrasado e **resolveu pegar** um táxi, mas não tinha dinheiro na carteira. Ele levou um susto e imediatamente ficou furioso. Precisava de dinheiro também para o almoço. **Teve de ir** a um banco ainda. **Chegou**, enfim, ao trabalho. Depois que o homem **resolveu** todas as pendências do dia, **informaram**-no "daquela" hora extra. Coitado. Adoeceu mais vinte anos.*

Obs.: Para você que quer aprofundar-se no assunto ou vai fazer concurso para diplomata, por exemplo, leia o que segue, senão pule essa etapa. Note que as formas verbais *tinha, ficou, precisava* e *adoeceu* não indicam, semanticamente, uma **ação** praticada pelo sujeito, mas sim *posse, estado, necessidade* e *mudança de estado*, respectivamente. Além disso, note que o sentido do verbo *levar* indica que o sujeito não praticou uma ação, mas a sofreu espontaneamente. Seria coerente com a gramática tradicional e com a NGB dizer, portanto, que não há voz verbal ativa nesses verbos, afinal, não indicam ação praticada pelo sujeito. Esta interpretação, inclusive, não é nova, pois o gramático Luiz A. Sacconi confirma isso. Ele diz: "Com os verbos neutros (nascer, viver, morrer, dormir, acordar, sonhar etc.), não se pode ver voz ativa, passiva nem reflexiva, porque o sujeito não pode ser visto como agente, paciente ou agente-paciente. Em 'Ele levou uma surra.' temos um verbo de sentido passivo, mas a voz não é passiva. Os verbos de sentido passivo também não podem ter voz ativa, passiva nem reflexiva.". Reforçando o time, Domingos P. Cegalla e Adriano G. Kury indicam que os verbos de ligação (*Sou* feliz.) e impessoais (*Chove* muito.) não constituem voz alguma. Resumindo a visão dos *caras*: **não** há voz ativa com verbos que indicam passividade, nem com verbos cujo sujeito não indica ação, nem com verbos de ligação, nem com verbos impessoais (verbos de oração sem sujeito).

Bechara, por outro lado, diz que a voz é considerada ativa, sim, com verbos de sentido

passivo, como *levar, ganhar, receber, tomar, aguentar, sofrer* etc., pois, segundo ele, o que importa é a **forma** do verbo, e não propriamente o sentido dele, por isso não confunda **voz ativa com verbo de sentido passivo** (Bechara chama isso de **passividade**) com **voz passiva**. Logo, só podemos distinguir com toda a propriedade do mundo quando há voz ativa, passiva ou reflexiva, segundo Bechara, pela **forma** em que o verbo se apresenta. Podemos inferir que, para o velho Becha, *é* **a ausência de marcas de voz passiva e reflexiva que indica que o verbo está na voz ativa**. Ok? Em toda a minha vida de professor, só vi esta grande polêmica sendo trabalhada em uma prova de concurso público cujo gramático apontado como referência bibliográfica era... adivinha?... Bechara. A chance de cair uma questão em concurso segundo esta visão é bem pequena. Por isso, voz verbal, nas provas de concursos, é um assunto normalmente fácil. Basta você saber o óbvio sobre cada tipo de voz.
Para você, que quer saber muito mais de língua portuguesa, veja a questão à la Bechara:

(FAB – EAGS – Sargento – 2001)

– Leia com atenção.

I. Lúcia apaixonou-se por João. – ***voz passiva sintética. Lúcia sofre a ação de apaixonar-se por alguém; uso do pronome apassivador "se".***

II. Os criminosos devem receber castigo por seus atos. – ***voz ativa com verbo de sentido passivo.***

III. Isso foi sabido de todos. – ***voz ativa; embora haja na oração locução verbal, não há agente da passiva.***

Não está(ão) correto(s) o(s) comentário(s) de

a) I e III. (Gabarito!)
b) II e III.
c) I apenas.
d) I, II e III.

Palavra de cautela: Tome cuidado com a locução verbal de tempo composto (ter/haver + particípio), que pode aparecer na voz ativa:
– *Eu* ***havia escalado*** *a montanha.* (voz ativa)
– *Nós* ***tínhamos comprado*** *uma casa.* (voz ativa)

Voz Passiva

Segundo a gramática tradicional, ocorre **voz passiva** quando o verbo indica uma **ação sofrida** ou **desfrutada pelo sujeito**. Veja:

– *Nosso amigo João já* ***está derrotado*** *pelo cansaço da rotina, mas (como todo brasileiro) ele não desiste fácil. Enfim conseguiu cumprir seu compromisso. Todavia surge a pergunta:* ***será recompensado*** *por seu patrão? Precisamos crer até o fim que* ***se recompensam*** *os esforçados.*

Note que, nos primeiro e segundo casos, há uma locução verbal passiva (normalmente formada pelo verbo ***ser/estar/ficar + particípio***: *"está derrotado", "será recompensado"*). É importante dizer que o verbo auxiliar deve concordar em número e pessoa com o sujeito, e o

particípio deve concordar em gênero e número com o sujeito. Esta locução verbal é a **marca principal** da **voz passiva analítica**.

Há como **traço** de passiva analítica também o **agente da passiva**: *pelo cansaço da rotina* e *por seu patrão*, normalmente iniciado pela preposição *por* e, mais raramente, pela preposição *de*, como em "*Estava acompanhado de alguns amigos*.". Veja mais sobre isso no capítulo de sintaxe *Termos Integrantes da Oração (Agente da Passiva)*.

No terceiro caso do exemplo do João, ocorre a chamada **voz passiva sintética**, cuja **marca principal** é a presença do pronome apassivador ***se***; não há agente da passiva explícito nessa voz, em 99,99% dos casos! A melhor maneira de descobrir se o *se* é apassivador é pela reescritura para a voz passiva analítica:

– *Precisamos crer até o fim que* ***se recompensam*** *os esforçados.* (voz passiva sintética)

– *Precisamos crer até o fim que os esforçados* ***são recompensados****.* (voz passiva analítica)

Se essa passagem for possível, você nunca mais errará a identificação do *se* apassivador.

Ah! Por favor, não confunda partícula apassivadora (PA) com partícula de indeterminação do sujeito (PIS), hein! Note sempre se o verbo é transitivo direto.

– *Ainda* ***se vive*** *num mundo de incertezas.* (PIS: Num mundo de incertezas é vivido?)

– *Ainda* ***se alimenta*** *a esperança.* (PA: A esperança ainda **é alimentada.**)

Percebeu que a reescritura para a voz passiva analítica na primeira frase ficou esdrúxula (para não dizer *escrota*)? "Ah, Pestana, mas eu já vi verbo transitivo direto ligado ao *se*, mas não era apassivador!" É verdade, mas esse VTD + *se* (PIS) vem sempre seguido de preposição, segundo a tradição gramatical:

– ***Louva-se*** *a Jesus aqui, irmãos! (PIS: A Jesus é louvado?)*

Percebeu que a reescritura, de novo, para a voz passiva analítica ficou escr... quer dizer... esdrúxula? É isso aí... prossigamos...

Resumo da ópera: há dois tipos de voz passiva.

1) **Voz Passiva Analítica:** sua marca principal é, normalmente, a locução verbal formada por ***ser/estar/ficar*** **+ particípio**; dica: as questões de concursos exploram quase sempre a construção ***ser*** **+ particípio**.

   – *Os resultados da pesquisa* ***foram apresentados*** *pela Instituição.*

Obs.¹: Há certas construções de voz passiva analítica com sentido ativo: "**É chegada** (= Chegou) a hora.".

Obs.²: Segundo Celso Cunha, não há voz passiva com verbo no imperativo. Já Domingos Paschoal Cegalla e Renira Lisboa de Moura Lima não concordam com o Celso, registrando voz passiva no imperativo, sendo o sujeito paciente um humano: *Não seja guiado por outros*! O mais importante: ainda não vi questão alguma sobre essa

"polêmica".

Obs.³: Só tome cuidado com a locução verbal de tempo composto (ter/haver + particípio), pois, na voz passiva analítica, ela será construída assim: *ter/haver + sido + particípio*: *João **tinha sido baleado** por bandidos num assalto.*

2) Voz Passiva Sintética (ou Pronominal): sua marca principal é o **verbo transitivo direto (VTD)** ou **transitivo direto e indireto (VTDI) acompanhado do pronome apassivador *se;*** o sujeito sempre vem explícito, e o verbo concorda com ele em número e pessoa.

– ***Apresentaram-se** os resultados da pesquisa.*

– ***Apresentaram-se** os resultados da pesquisa aos clientes.*

Por exemplo, se eu dissesse "Apresentou-se os resultados da pesquisa.", tal construção **não estaria de acordo com o registro culto da língua**, pois o sujeito está no plural (os resultados da pesquisa)... Logo, o verbo tem de figurar no plural!

Só o Bechara discorda disso, entre os gramáticos tredicionais. Veja o capítulo 19 (*em sujeito indeterminado*).

Obs.: Os verbos *chamar-se, batizar-se, operar-se* (no sentido cirúrgico), *vacinar-se* são geralmente considerados passivos pronominais (voz passiva pronominal). O pronome apassivador, nesses casos excepcionais, assume formas de 1ª e 2ª pessoas: Batizei-me aqui. (Fui batizado aqui.) / Chamas-te Maria? (É chamada de Maria?)

Palavra final: Alguns gramáticos, como Hildebrando André, dizem haver um 3º tipo de voz passiva, com a construção *adjetivo + de + **verbo** no infinitivo*: "Isso é fácil de entender (= de ser entendido).", ou em frases como esta: "Ela vai dar a mão a beijar (= para ser beijada).". Cândido Jucá Filho, por sua vez, diz que o verbo no infinitivo constitui voz ativa, devendo ser interpretada a construção da seguinte maneira: "Isso é fácil de (alguém) entender." e também "Ela vai dar a mão para (alguém) beijar.". Não me odeie pelas polêmicas... a culpa não é minha.

Transposição de Vozes

A mudança/transposição **de voz ativa para passiva** (e vice-versa) depende de alguns procedimentos.

Antes de qualquer coisa, costuma-se dizer que *voz* **ativa e voz passiva** são nada mais, nada menos que duas maneiras sintaticamente diversas de dizer a mesma coisa. Há casos, porém, em que a voz passiva é **semanticamente** distinta da voz ativa, contrariando a ideia de que a transformação de uma em outra também não altera o sentido. Pode ser que altere, sim!

Uma frase como "Todo o Brasil viu Ayrton Senna morto." tem sentido diferente do da sua correspondente passiva: "Ayrton Senna foi visto morto por todo o Brasil.", uma vez que "por

todo o Brasil" passa a ter sentido ambíguo, ou até ridículo, pois uma interpretação possível é que o piloto virou um fantasma e vive andando pelo Brasil.

Segundo o professor José Augusto Carvalho, a frase "'Eu tirei esta foto.' pode ser interpretada assim: 'Posei para esta fotografia.' ou 'Eu fui o fotógrafo responsável por esta fotografia.'. Mas a voz passiva correspondente – *Esta foto foi tirada por mim.* – só tem uma interpretação possível: a de que eu fui o responsável pela foto, isto é, a de que fui o fotógrafo. A frase 'Um só aluno não fez o dever.' não diz o mesmo que 'O dever não foi feito por um só aluno.'". Cuidado com essas mudanças de sentido na passagem de voz verbal, principalmente em questões de reescritura de frases, em que o enunciado pede a manutenção do sentido.

No entanto, para as provas, mais importante que isso tudo é a parte estrutural! A partir de agora, saiba o que é realmente importante para as questões sobre o assunto.

Passagem de Voz Ativa para Passiva Analítica

Primeiro de tudo: para haver passagem de voz ativa para passiva e vice-versa é preciso que o verbo seja transitivo direto (verbo que exige complemento sem preposição) ou transitivo direto e indireto (verbo que exige um complemento sem preposição e um com preposição), está claro? Com verbos de ligação, transitivos indiretos (99,99%) ou intransitivos, não há passagem! Veja:

– *O homem* ***acompanhou*** *todas as pendências do dia.* (voz ativa)

Passando para a voz passiva analítica: o objeto direto vira sujeito, o sujeito vira agente da passiva e o **verbo** vira uma locução verbal (normalmente, *ser* + *particípio*), *mantendo-se o tempo e o modo verbal*. A manutenção do tempo e modo verbal é muito importante, senão você erra! Note também que o particípio concorda em gênero e número com o sujeito. Veja:

– *Todas as pendências do dia* ***foram acompanhadas*** *pelo homem.* (voz passiva analítica)

Se o verbo for transitivo direto e indireto, o objeto direto vira sujeito e o objeto indireto continua com função sintática de objeto indireto na voz passiva analítica. Veja:

– *O patrão sempre* ***delegará*** *responsabilidades ao empregado.* (voz ativa)

– *Responsabilidades sempre* ***serão delegadas*** *pelo patrão ao empregado.* (voz passiva analítica)

Simples, não?

Cuidado!!!

1) Você agora deve estar perguntando-se: "Ok. Entendi. Mas não é possível passar a frase da ativa para a *passiva sintética*?".

Resposta: Sim, desde que o sujeito da ativa seja indeterminado. Veja: Comeram a banana > Comeu-se a banana.

Note que, na voz passiva sintética, o agente da passiva não aparece mais. Em registros arcaicos isso até ocorria (*Resolveram-se todas as pendências do dia pelo homem.*). É raríssimo encontrar uma questão sobre agente da passiva em voz passiva **sintética**.

Resumo da ópera: É possível transformar a voz ativa em passiva analítica ou sintética.

2) Preste atenção em como vai ficar a passagem de voz ativa para a passiva analítica quando houver locuções verbais com infinitivo e gerúndio e locuções verbais de tempos compostos. Note a seguir a conservação do tempo e modo verbal do verbo auxiliar e a estrutura de voz passiva *ser* + particípio (no infinitivo) e *sendo* + particípio (no gerúndio); note também como vai ficar o tempo composto na voz passiva: *ter/haver* + *sido* + particípio do verbo principal.

– ***Vou comprar*** *uma casa.* (voz ativa) */ Uma casa* ***vai ser comprada*** *por mim.* (voz passiva analítica)

– ***Estou comprando*** *uma casa.* (voz ativa) */ Uma casa* ***está sendo comprada*** *por mim.* (voz passiva analítica)

– *Espero que* ***tenham resolvido*** *as pendências.* (voz ativa) */ Espero que as pendências* ***tenham sido resolvidas****.* (voz passiva analítica)

Questãozinha esperta sobre passagem de voz verbal com locução verbal de tempo composto:

(Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico Judiciário – 2011)

– Empregando-se a voz ativa e mantendo-se os tempos verbais empregados, o trecho "O local das reuniões era a antiga cadeia pública, que, em 1808, havia sido remodelada pelo vice-rei conde dos Arcos" (l.24-25) seria, corretamente, reescrito da seguinte forma: *O local das reuniões era a antiga cadeia pública, que, em 1808, o vice-rei conde dos Arcos remodelou.*

( ) CERTO

(X) ERRADO (Gabarito!)

Comentário: Note que na primeira frase aparece a construção na voz passiva analítica "havia sido remodelada". Para passar para a voz ativa, precisamos apenas retirar o verbo ser no particípio (sido). Veja como deveria ficar a reescritura: *O local das reuniões era a antiga cadeia pública, que, em 1808, o vice-rei conde dos Arcos* ***havia remodelado****.*

3) Pode haver passagem de voz ativa para passiva quando o objeto direto na ativa é preposicionado, pois a preposição é expletiva: *Eu* ***cumpri*** *com o dever.* (voz ativa) > *O dever* ***foi cumprido*** *por mim.* (voz passiva analítica)

4) Mesmo sendo transitivos diretos, **não** ocorre passagem de voz verbal em alguns verbos de sentido passivo, como *levar, ganhar, receber, tomar, aguentar, sofrer,* e outros, como *pesar (de peso)*, *ter (e conter)*, que indicam posse, e *haver*, no sentido de existir, constituindo oração sem sujeito. Em todos esses casos, o sujeito não pratica a ação verbal ou não existe: *Maria pesa 50 quilos. / Houve briga.* Não é possível passar para a voz passiva, veja: *50 quilos é pesado por Maria. (???) / Briga foi havida (???).* Está claro?

5) Atenção! Polêmica à vista! Há certos verbos transitivos indiretos, como *apelar, assistir*

(= *ver*), *pagar/perdoar* (com complemento de pessoa), *responder* etc. em que há "concessões" para o uso da forma passiva, como diz Bechara. Napoleão Mendes de Almeida vai além, defendendo o uso na voz passiva de *assistir* (= *ver*). Veja:

– *Não apelaram da sentença. / A sentença não* ***foi apelada****.*

– *Muitas pessoas assistiram à missa. / A missa* ***foi assistida*** *por muitas pessoas.*

– *Pagamos às empregadas. / As empregadas* ***foram pagas*** *por nós.*

– *Todos lhe perdoaram. / Ele* ***foi perdoado*** *por todos.*

– *Reponder-se-ão às dúvidas. / As dúvidas* ***serão respondidas****.*

– *João abusou de Maria. / Maria* ***foi abusada*** *por João.*

Os verbos *obedecer* e *desobedecer*, apesar de hoje serem transitivos indiretos, eram considerados transitivos diretos antigamente. Por esse motivo, muitos gramáticos registram que tais verbos podem figurar na voz passiva: *A ordem da mãe não* ***foi obedecida*** */* ***Obedeceu-se*** *a ordem.*

Outra informação importante é que os verbos *assistir (= ajudar)* e *pagar/perdoar (com complemento de coisa)* podem ser passados para a voz passiva analítica normalmente, pois, nesses casos, eles são transitivos diretos:

– *O professor* ***continua assistindo*** *os alunos. / Os alunos* ***continuam sendo assistidos*** *pelo professor.*

– *Tomara que* ***tenham perdoado*** *toda a dívida. / Tomara que toda a dívida* ***tenha sido perdoada****.*

Mas a grande verdade é que a tradição da língua culta **NÃO** tolera que verbos transitivos indiretos sejam passados para a voz passiva. E é assim que 99,99% das bancas veem tal fato.

Dica de irmão: Para resolver, portanto, uma questão de voz verbal, veja qual opção traz um verbo transitivo direto (ou transitivo direto e indireto). Este é o *bizu*! Veja:

14. (Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico (Analista de Sist. e Sup.) – 2010) A passagem que NÃO admite, segundo o registro culto e formal da língua, a transposição para a voz passiva é:
    a) "'Este ano vou arranjar um bom trabalho.'"
    b) ...que para fazer uma vida nova..."
    c) "Ela responde aos porquês." (Gabarito!)
    d) "Fazemos isso o tempo todo com os outros,"
    e) "descobrimos coisas..."

Comentário: O verbo *responder* é transitivo indireto, logo não pode ser passado da voz ativa para a voz passiva analítica. Os demais são transitivos diretos, logo admitem passagem.

18. (Esaf – MPU – Analista – 2004) Com relação aos aspectos gramaticais e textuais do trecho abaixo, assinale a opção correta.

Fragmento de texto

(...) A tragédia de Édipo é um procedimento de pesquisa da verdade que obedece exatamente às práticas judiciárias gregas daquela época.

e) Seria mantida a correção do período caso a última oração estivesse assim expressa na voz passiva: que são obedecidas exatamente as práticas judiciárias gregas daquela época.

Comentário: A letra E não foi o gabarito, logo fica a lição da Esaf: o verbo *obedecer* não pode ser passado para a voz passiva.

Mais do que isso, não há passagem de voz ativa para passiva analítica se o verbo for intransitivo ou de ligação. Sobre isso, veja uma questão da FCC – TRE/PB – Analista Judiciário – 2007:

7. A construção que NÃO admite transposição para a voz passiva é:

a) Os astrônomos antigos colocaram-na no centro do universo.
b) A mensagem chegou com o título de "A Bela Azul". (Gabarito! / Verbo intransitivo.)
c) O coração coloca as razões do amor no centro do universo.
d) Anunciam os cientistas a agonia de nossa Bela Azul.
e) A presença da natureza por vezes nos desvia da leitura de um livro.

Para *fechar o caixão* sobre isso, veja: FCC – TRE/AM – Analista Judiciário – 2010:

8. A frase que admite transposição para a voz passiva é:

a) Perto da Igreja, todos os poderosos do mundo parecem diletantes.
b) A Concordata poderá incluir o retorno do ensino religioso.
c) Há estatísticas controvertidas sobre esse poder eclesiástico.
d) Não são incomuns atos religiosos com finalidade política.
e) O Brasil é um país estratégico para a Igreja Católica.

Comentário: a) *Parecem* é verbo de ligação. Não se pode passar para a voz passiva. b) **Eis o gabarito**, pois o verbo é transitivo direto: *O retorno do ensino religioso poderá ser incluso na Concordata.* c) Verbo *haver* (= *existir*), apesar de VTD, não sofre transposição. d) Verbo de ligação não sofre passagem de voz. e) Verbo de ligação não sofre passagem de voz.

Passagem de voz ativa para passiva sintética

Normalmente se passa da voz ativa para a passiva sintética se o sujeito da ativa estiver **indeterminado**, **verbo na 3ª pessoa do plural.** Ok? Veja:

– *Resolveram todas as pendências da empresa.* (Quem? / voz ativa)

Basta acrescentar agora o pronome apassivador *se* para que a construção sintática seja de voz passiva sintética:

– *Resolveram-se todas as pendências da empresa.* (voz passiva sintética)

Obs.: Na passiva analítica, o agente da passiva ficará igualmente indeterminado: *Todas as pendências da empresa foram resolvidas.* (voz passiva analítica)

Passagem de Voz Passiva Analítica para Voz Passiva Sintética

É fácil fazer esta transposição (ou passagem).

Veja o passo a passo:

– *Todas as pendências da empresa* ***foram resolvidas***.

1º: Elimina-se o verbo *ser* e passa-se o verbo principal para o mesmo modo, tempo e pessoa em que estava o verbo *ser*: ***Resolveram***.

2º: Junta-se o pronome *se* apassivador ao verbo, observando-se as regras de colocação dos pronomes: ***Resolveram-se***.

3º: O sujeito fica, normalmente, posposto ao verbo que com ele concorda: ***Resolveram-se todas as pendências da empresa.***

Obs.: Note que só dá para passar da passiva analítica para passiva sintética (e vice-versa) se o agente da passiva vier implícito na construção da frase.

Veja uma questão sobre isso:

19. (Fund. Dom Cintra (FDC) – Mapa – Analista de Sistemas – 2010) Abaixo foram transcritos trechos do texto 2 com orações na voz passiva e, ao lado de cada uma delas, foi feita a transposição para a voz ativa. Houve falha nessa transposição, pois foi mantida a voz passiva, na oração:

a) "Os testes foram realizados no Tribunal Superior Eleitoral, em Brasília." (1º parágrafo) / Realizaram-se os testes no Tribunal Superior Eleitoral, em Brasília. (Gabarito!)

Comentário: Não houve passagem da voz passiva para a ativa como exigia o enunciado, portanto houve falha nessa transposição, pois foi mantida a voz passiva – de analítica (foram realizados) para sintética (Realizaram-se). Fácil!

Voz Reflexiva

Segundo a gramática tradicional, ocorre **voz reflexiva** (também chamada de **média** ou **medial**, pois se situa como forma intermediária entre a ativa e a passiva) quando o verbo indica uma **ação praticada e sofrida pelo próprio sujeito**, ou seja, o sujeito é o **agente** e o **alvo** da ação, ao mesmo tempo – a ação que ele pratica reflete em si mesmo. Como os verbos são sempre VTDs ou VTDIs, o pronome reflexivo terá função de objeto direto ou indireto.

Dica: Os verbos indicativos de atos que podem ser executados em outra pessoa ou na própria pessoa que os pratica constituem voz reflexiva – se acompanhados de pronome reflexivo. Veja:

– *Eu* ***me barbeei*** *com esmero, mas acabei* ***me ferindo***. (é possível barbear alguém e feri-lo)

– *Tu* ***te maquiaste*** *muito bem.* (é possível maquiar alguém)

– *Depois de muito sofrer, João* ***se deu*** *o direito de tirar umas férias.* (é possível dar algo a alguém)

– *Nunca mais* ***se atribua*** *o título de Presidente.* (é possível atribuir algo a alguém)

– *Ela* ***se arrogou*** *o poder de decisão.* (é possível arrogar algo a alguém)

– *Infelizmente, às vezes,* ***colocamo-nos*** *em situação de risco.* (é possível colocar alguém em

situação de risco)

– *Vós **vos** impusestes uma condição de humildade muito louvável.* (é possível impor algo a alguém)

Cuidado!!!

1) Não confunda **reflexividade** com **voz reflexiva**. Na **voz reflexiva**, o verbo é transitivo direto (ou direto e indireto) e tem como objeto um dos pronomes oblíquos átonos (pronomes reflexivos) *me, te, se, nos, vos*. Ou seja, é preciso um pronome reflexivo ligado ao verbo para que batamos o martelo: "Voz reflexiva!". Para sabermos se é reflexivo, vai um *bizuzex*: basta acrescentar *a mim mesmo, a ti mesmo, a si mesmo, a nós mesmos, a vós mesmos,* respectivamente. A **reflexividade** aparece em estruturas diferentes, **sem** pronome oblíquo átono: "Deixaram atrás *de si* o passado sombrio.". Essa frase está na voz ativa.

Veja uma questão sobre voz reflexiva:

Cespe/UnB – Correios – Analista – 2011

– As formas verbais "dedicou-se" (*Erasmo dedicou-se mais à pintura...*) e "se afastar" (*... foi decisivo para Erasmo se afastar da filosofia...*) estão na voz reflexiva.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Comentário: Se for possível substituir o pronome oblíquo átono por um substantivo ou usar uma das expressões reforçativas – *a mim/ti/si/nós/vós mesmo(s)* –, a voz é reflexiva. É o que ocorre aqui.

Veja outra: FCC – TRT/PA e AP (8a R) – TÉCNICO JUDICIÁRIO – 2010 – QUESTÃO 14:

2) Este tópico só deve interessar a quem pretende se aprofundar no assunto; do contrário, ignore-o. No ensino de grandes estudiosos, como A. G. Kury e E. Bechara, a voz reflexiva é só um subtipo de voz medial. Há outros tipos de voz medial, que não a reflexiva. Nela, há verbos que denotam atos espontâneos ou sentimentos, sem agente ou causa aparente. Os verbos vêm acompanhados ora de parte integrante do verbo (em verbos pronominais), ora de pronome expletivo, nunca de pronomes reflexivos. Veja:

– *O dinheiro **se foi**.*

– *O sol **se pôs**.*

– *Nós **nos queixamos** muito da vida.*

– *Nunca **me arrependi** daquilo.*

– *Nunca mais **se atreva** a expor minha mulher ao ridículo.*

– *Não **me venha** com bobagens!*

– *João **se levantou**.*

3) Com o prefixo **auto-**, a voz é sempre reflexiva: "*Ele **se automutilou.***".

4) Sobre o exemplo "*O preso **suicidou-se.***", o gramático Cegalla diz que há voz reflexiva. A semântica do verbo já é reflexiva por natureza, pois sua etimologia latina (*sui* + *cida*) é reflexiva, mas alguns linguistas, como Claudio C. Henriques, pensam que sintaticamente é impossível que a voz seja reflexiva, pois o *se* não exerce função de objeto. Fico com o Claudio. Mas cuidado com as provas... nunca se sabe! Agora, em "*Ele **matou-se.***", há voz reflexiva certamente, pois ele matou alguém: a si mesmo.

Há outro tipo de voz reflexiva, segundo a tradição gramatical, que se chama **voz reflexiva recíproca**. Ocorre quando o verbo se encontra no plural (normalmente) e há pelo menos dois seres praticando a mesma ação verbal, um no outro. O verbo sempre vem acompanhado dos pronomes oblíquos átonos com **valor reflexivo recíproco** (*se, nos, vos*), que podem ter ao lado expressões reforçativas, como *um ao outro, uns aos outros, reciprocamente, mutuamente.* Há também muitos verbos cuja reciprocidade é visível pelo prefixo **entre-**.

– *Eles não **se cumprimentaram** nem **se falaram** mais.*

– *Nós **nos beijamos** efusiva e languidamente.*

– *Espero que vós **vos abraceis** em cena.*

– *Por que as pessoas não acreditam que a gente **se ama**?*

– *Foi péssimo quando o casal **se xingou** na frente de todos.*

– *Eles **se entreolharam**.*

Bônus: CESPE/UNB – TRT/RJ (1ª R) – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2008 – QUESTÃO 3 B).

Cuidado!!!

Com determinadas construções, devido ao contexto, é possível haver ambiguidade no pronome *se* de modo que a classificação das vozes verbais seja passiva sintética, reflexiva ou reflexiva recíproca. Veja:

– ***Julgou-se o homem mais inteligente do mundo***. (voz passiva = *O homem mais inteligente do mundo foi julgado.* / voz reflexiva = *Ele julgou a si mesmo o homem mais inteligente do mundo.*)

– ***Vestiram-se o ator e a atriz***. (voz passiva = *O ator e a atriz foram vestidos.* / voz reflexiva = *O ator vestiu a si mesmo e a atriz vestiu a si mesma.* / voz reflexiva recíproca = *O ator vestiu a atriz e a atriz vestiu o ator.*)

Para que o verbo possa ser considerado **reflexivo recíproco**, sem ambiguidades, temos às vezes que acrescentar alguma expressão de reciprocidade: *O ator e a atriz vestiram-se reciprocamente/um ao outro/a si próprios etc.*

Sensatamente, um dos primeiros gramáticos brasileiros, Júlio Ribeiro, ensina o seguinte:

só há ambiguidade entre voz passiva e reflexiva se o sujeito puder exercer a ação verbal. Em "*Consertam-se relógios.*", por exemplo, não há ambiguidade; a voz é passiva, pois *relógios* não podem praticar ação alguma.

Fechando o caixão sobre tudo o que se disse até agora

Segundo o grande mestre José Carlos de Azeredo: "O paradigma da chamada **voz ativa** é comum à ampla classe dos verbos, **sejam eles transitivos ou intransitivos** (grifo meu), já as formas **passiva e reflexiva** são típicas apenas dos verbos **transitivos** (grifo meu).".

Logo:

- **Voz ativa** – *Ele fugiu ontem à noite. / Ele lavou o rosto. / Ele respondeu às perguntas. / Ele forneceu ajuda aos necessitados.*
- **Voz Passiva** – *Ele foi eliminado do programa. / Reprovou-se o aluno.*
- **Voz Reflexiva** – *Ele embelezou-se.*
- **Voz Reflexiva Recíproca** – *Eles ofenderam-se mutuamente.*

E mais uma questãozinha – comentada pela própria banca do concurso (com pequeno acréscimo meu).

19. (FAB – EAGS – Sargento – 1/2010) Quanto à voz verbal, coloque (P) voz passiva, (a) voz ativa e (R) voz reflexiva para as frases abaixo. A seguir, assinale a alternativa com a sequência correta.

( ) O petróleo é formado da decomposição de matérias orgânicas, como animais e plantas soterrados.
( ) Com a descoberta do petróleo, criaram-se máquinas movidas a óleo, gasolina e querosene.
( ) Vários países neste século têm se esforçado na busca de alternativas para a escassez de petróleo.
( ) Devido ao crescente consumo mundial de petróleo, os países superpopulosos já se veem à margem do desenvolvimento.

a) A – R – P – R.
b) P – A – R – P.
c) A – R – R – A.
d) P – P – A – R.

RESOLUÇÃO

Resposta: D

Na voz ativa, o sujeito se diz agente, porque é praticante da ação verbal. Esse tipo de voz está presente em "*Vários países neste século têm se esforçado na busca de alternativas para a escassez de petróleo.*". O verbo *esforçam-se* indica ação do sujeito *Vários países*, e o pronome *se* não tem classificação sintática, uma vez que faz parte intrínseca do verbo *esforçar-se*. Na voz passiva, o sujeito se diz paciente, porque é recebedor da ação verbal. A voz passiva pode ser de dois tipos: *analítica*, formada com o verbo *ser* seguido de particípio, como ocorre em "*O petróleo é formado da decomposição de matérias orgânicas, como animais e plantas soterrados*; e *sintética.*", formada com verbo transitivo direto acompanhado do pronome apassivador *se*, como ocorre em "*Com a descoberta do petróleo,* ***criaram-se*** *máquinas movidas a óleo, gasolina e querosene.*". Note que em "*é*

formado ***da decomposição de matérias orgânicas***" o agente da passiva começa pela preposição *de*, o que é raro, mas acontece. A voz reflexiva é aquela em que o sujeito se diz agente e paciente, pois é, ao mesmo tempo, praticante e recebedor da ação verbal. Esse tipo de voz está presente em "*Devido ao crescente consumo mundial de petróleo, os países superpopulosos já se veem à margem do desenvolvimento.*". Aqui, o *se* é pronome reflexivo: *os países veem* (praticam a ação de) *a si mesmos / se* (recebem a ação de).
Agora, sim, fechamos bonito voz verbal! Graças a Deus!

Formação dos Tempos Primitivos e Derivados

Os tempos verbais são formados a partir de outros. Logo, podemos dividi-los em tempos primitivos e tempos derivados, sendo estes formados a partir daqueles. É um raciocínio lógico, certo?

Pois bem... os chamados **tempos primitivos** são: **presente do indicativo**, **pretérito perfeito do indicativo** e **infinitivo impessoal**. Vejamos, nas tabelas abaixo, como isso acontece.

Tempos Derivados do Presente do Indicativo

Conheça antes as conjugações dos verbos ***amar*** (1ª conjugação), ***vender*** (2ª conjugação) e ***partir*** (3ª conjugação) no presente do indicativo:

Amar: *amo*, *amas*, *ama*, *amamos*, *amais*, *amam*.

Vender: *vendo*, *vendes*, *vende*, *vendemos*, *vendeis*, *vendem*.

Partir: *parto*, *partes*, *parte*, *partimos*, *partis*, *partem*.

1) Presente do subjuntivo: forma-se a partir do radical da 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, acrescentando-se uma desinência de modo e tempo, que será **e** para a 1ª conjugação e **a** para as 2ª e 3ª conjugações; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMar	**VENDer**	**PARTir**
Ame	Vend**a**	Part**a**
Am**es**	Vend**as**	Part**as**
Ame	Vend**a**	Part**a**
Am**emos**	Vend**amos**	Part**amos**
Am**eis**	Vend**ais**	Part**ais**
Am**em**	Vend**am**	Part**am**

Obs.: Tais verbos não obedecem à regra anterior: *haver, ser, estar, dar, ir, querer* e *saber*, que fazem no presente do subjuntivo: *haja, seja, esteja, dê, vá, queira* e *saiba*. Não custa dizer o óbvio: alguns verbos que não se conjugam na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo também não se conjugam no presente do subjuntivo.

2) Imperativo afirmativo: faço questão de falar sobre a formação do imperativo à parte, mais à frente.

Tempos Derivados do Pretérito Perfeito do Indicativo

Conheça antes as conjugações dos verbos ***amar*** (1ª conjugação), ***vender*** (2ª conjugação) e ***partir*** (3ª conjugação) no pretérito perfeito do indicativo:

Amar*: amei, amaste, amou, amamos, amastes, amaram.*

Vender*: vendi, vendeste, vendeu, vendemos, vendestes, venderam.*

Partir*: parti, partiste, partiu, partimos, partistes, partiram.*

1) Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: forma-se a partir da terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo até **ra**: ***amara****m,* ***vendera****m,* ***partira****m...* depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente; detalhe importante: na 2ª pessoa do plural, **ra** vira **re***.

AMARAm	**VENDERAm**	**PARTIRAm**
Ama**ra**	Vende**ra**	Parti**ra**
Ama**ras**	Vende**ras**	Parti**ras**
Ama**ra**	Vende**ra**	Parti**ra**
Amá**ramos**	Vendê**ramos**	Partí**ramos**
*Amá**reis**	*Vendê**reis**	*Partí**reis**
Ama**ram**	Vende**ram**	Parti**ram**

2) Pretérito imperfeito do subjuntivo: forma-se a partir do tema (radical + vogal temática) da 2ª pessoa do singular seguido da desinência modo-temporal **sse**; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAste	**VENDEste**	**PARTIste**
Ama**sse**	Vende**sse**	Parti**sse**
Ama**sses**	Vende**sses**	Parti**sses**
Ama**sse**	Vende**sse**	Parti**sse**
Amá**ssemos**	Vendê**ssemos**	Partí**ssemos**
Amá**sseis**	Vendê**sseis**	Partí**sseis**
Ama**ssem**	Vende**ssem**	Parti**ssem**

3) Futuro do subjuntivo: forma-se a partir do tema (radical + vogal temática) da 2ª pessoa do singular seguido da desinência modo-temporal **r**; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAste	**VENDEste**	**PARTIste**
Ama**r**	Vende**r**	Parti**r**
Ama**res**	Vende**res**	Parti**res**

Ama**r**	Vende**r**	Parti**r**
Ama**rmos**	Vende**rmos**	Parti**rmos**
Ama**rdes**	Vende**rdes**	Parti**rdes**
Ama**rem**	Vende**rem**	Parti**rem**

Tempos Derivados do Infinitivo Impessoal

1) Futuro do presente do indicativo: forma-se a partir do tema seguido das desinências modo-temporais **re** e **ra**; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAr	VENDEr	PARTIr
Ama**rei**	Vende**rei**	Parti**rei**
Ama**rás**	Vende**rás**	Parti**rás**
Ama**rá**	Vende**rá**	Parti**rá**
Ama**remos**	Vende**remos**	Parti**remos**
Ama**reis**	Vende**reis**	Parti**reis**
Ama**rão**	Vende**rão**	Parti**rão**

2) Futuro do pretérito do indicativo: forma-se a partir do tema seguido das desinências modo-temporais **ria** e **rie*** (na 2ª pessoa do plural); depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAr	VENDEr	PARTIr
Ama**ria**	Vende**ria**	Parti**ria**
Ama**rias**	Vende**rias**	Parti**rias**
Ama**ria**	Vende**ria**	Parti**ria**
Ama**ríamos**	Vende**ríamos**	Parti**ríamos**
*Ama**ríeis**	*Vende**ríeis**	*Parti**ríeis**
Ama**riam**	Vende**riam**	Parti**riam**

Obs.: Não seguem esta regra os verbos *dizer, fazer* e *trazer*, cujas formas do futuro do presente e do pretérito são, respectivamente: *direi, diria; farei, faria; trarei, traria*.

3) Pretérito imperfeito do indicativo: forma-se a partir do tema seguido das desinências modo-temporais **va** e **ve*** (na 2ª pessoa do plural) nos verbos de 1ª conjugação; e de **a** e **e*** (na 2ª pessoa do plural) nos verbos de 2ª e de 3ª conjugação; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAr	VENDEr	PARTIr

Ama**va**	Vendi**a**	Parti**a**
Ama**vas**	Vendi**as**	Parti**as**
Ama**va**	Vendi**a**	Parti**a**
Amá**vamos**	Vendí**amos**	Partí**amos**
*Amá**veis**	*Vendí**eis**	*Partí**eis**
Ama**vam**	Vendi**am**	Parti**am**

Obs.: Nos verbos de 2ª conjugação, a vogal temática **e** vira **i**, por causa da eufonia. Fique atento aos verbos, *ser, ter, vir* e *pôr*, que fazem no imperfeito *era, tinha, vinha* e *punha*, respectivamente.

4) Infinitivo pessoal: forma-se a partir do infinitivo impessoal seguido das desinências número pessoais **-es** (2ª pessoa do singular), **-mos** (1ª pessoa do plural), **-des** (2ª pessoa do plural), **-em** (3ª pessoa do plural).

AMAR	VENDER	PARTIR
Amar	Vender	Partir
Amar**es**	Vender**es**	Partir**es**
Amar	Vender	Partir
Amar**mos**	Vender**mos**	Partir**mos**
Amar**des**	Vender**des**	Partir**des**
Amar**em**	Vender**em**	Partir**em**

Cuidado!!!

Normalmente, a conjugação do infinitivo pessoal é igual à do futuro do subjuntivo. Eu falei "normalmente" porque verbos como *fazer, dizer, pôr, ter, ver, vir* etc. não são iguais. Cuidado com tais verbos! É preciso saber a conjugação deles, pois caem muito em prova!

Não confunda um com outro!

O infinitivo pessoal vem normalmente antecedido de preposição ou locução prepositiva, mas o futuro do subjuntivo vem normalmente antecedido do pronome indefinido *quem* (equivalendo a "aquele que") ou de conjunção ou locução conjuntiva. Observe:

– *A vida vai mudar para quem* ***obter*** *boa nota no concurso.* (construção errada/infinitivo)

– *A vida vai mudar para quem* ***obtiver*** *boa nota no concurso.* (construção certa/futuro do subjuntivo)

O verbo *obter* é derivado do verbo *ter*, por isso deve seguir a mesma conjugação: *quem tiver = quem obtiver*. No futuro do subjuntivo! E agora?

– *A aluna comprou o meu material para* ***obter*** *boa nota no concurso* (construção certa/infinitivo)

Esdrúxulo seria dizer: *A aluna comprou o meu material para obtiver boa nota no concurso.*

Note agora:

– *Perderá pontos se não* ***rever*** *seu texto.* (construção inadequada/infinitivo)

– *Perderá pontos se não* ***revir*** *seu texto.* (construção adequada/futuro do subjuntivo)

O verbo *rever*, por ser derivado de *ver*, deve seguir a mesma conjugação. O futuro do subjuntivo do verbo *ver* é: (se) eu vir, (se) tu vires, (se) ele vir, (se) nós virmos, (se) vós virdes, (se) eles virem. Assim sendo, os verbos derivados (rever, prever, antever...) devem seguir a mesma conjugação.

Não podemos confundir *vir* com *vier*. A forma *vir* pode ser infinitivo (*Ela foi convidada para* ***vir*** *a Recife.*) ou futuro do subjuntivo do verbo *ver* (*Ele só comprará o material se* ***vir*** *a aula demonstrativa.*). A forma *vier* é futuro do subjuntivo do verbo *vir*: *"Ele só ficará satisfeito se você* ***vier*** *ao Rio de Janeiro."*.

Parece bobagem dizer essas coisas, mas quem é *concurseiro-ratão*, sabe o que estou dizendo! Isso cai direto em prova. DI-RE-TO! Consulte: FCC – TRE/AP – TÉCNICO JUDICIÁRIO – QUESTÃO 14.

Formação do Imperativo e Uniformidade de Tratamento

O **imperativo afirmativo** se forma a partir da 2ª pessoa do singular e do plural do presente do indicativo sem o **s** da 3ª pessoa do singular e das 1ª e 3ª pessoas do plural do presente do subjuntivo.

Já o **imperativo negativo** é a cópia do presente do subjuntivo: *Ctrl + C + Ctrl + V*. As formas do imperativo negativo sempre vêm antecedidas de termos negativos (*não, nem, tampouco, nunca...*).

Não existe a primeira pessoa do singular, pois não é possível, em tese, dar uma ordem para si mesmo.

Presente do Indicativo	**Imperativo Afirmativo**		**Presente do Subjuntivo**		**Imperativo Negativo**	
Eu amo		–		(Que) Eu ame		–
Tu amas	→	ama (tu)		Tu ames	→	*não* ames
Ele ama		ame (você)	←	Ele ame	→	*não* ame
Nós amamos		amemos (nós)	←	Nós amemos	→	*não* amemos
Vós amais	→	amai (vós)		Vós ameis	→	*não* ameis
Eles amam		amem (vocês)	←	Eles amem	→	*não* amem

Obs.: O verbo *ser* não se adapta perfeitamente a essa formação: no imperativo afirmativo, ele fica assim: *sê* (tu), *sede* (vós).

Existe algo extremamente importante a falar sobre o imperativo. Você já ouviu falar de **uniformidade de tratamento**? Não? Então, é a hora de saber, visto que muitos concursos vêm apelando para esse tipo de questão a fim de testar seu conhecimento do registro culto da língua.

Como o próprio nome sugere, o tratamento ou a pessoa do verbo deve ficar uniforme, ou seja, não pode mudar de forma numa frase. Caso se inicie uma frase em que alguém se refere ao interlocutor usando formas de 2ª pessoa, deve ele mantê-la. Caso se inicie uma frase em que alguém se refere ao interlocutor usando formas de 3ª pessoa, deve ele mantê-la. Sacou? Não pode haver mistura de formas, como **você** e **tu** na mesma frase. Cuidado com isso!

Quem não se lembra, por exemplo, do slogan da Caixa Econômica Federal? "Vem pra Caixa você também... Vem!" O *moço* que fez a propaganda (só chamando assim...) não se deu conta (acho eu) de que estava infringindo um princípio da língua culta, a saber: a **uniformidade de tratamento.**

Se ele diz "Vem", este verbo está na 2ª pessoa do singular do imperativo afirmativo –

encaixe o verbo *vir* lá na tabelinha para ver se ele não vacilou... é... como diz a música: "Vacilou, cachimbo cai!". O camarada publicitário "garoteou", fez uma **DESuniformidade de tratamento**.

Era preciso que a frase ficasse assim para manter **harmonia/uniformidade de tratamento**: "Vem pra Caixa tu também... Vem!". Hummmm... estranho, não? Será que é por isso que ele misturou o verbo de 2ª pessoa com o pronome *você* (3ª pessoa gramatical)? Pode ser...

O fato é que você não pode vacilar na prova. Adriana Calcanhoto também não fez uniformidade, mas ela tem licença poética... Veja:

(Ela começa com a terceira pessoa...)

Rasgue *(você) as minhas cartas*
E não me ***procure*** *(você) mais*
Assim será melhor
Meu bem!

(Estava bom demais para ser verdade... daí ela muda para a 2ª pessoa)

O retrato que eu ***te*** *(!) dei*
Se ainda ***tens*** *(!)*
Não sei!

(Como num passe de mágica ela retorna à 3ª pessoa... coisa linda!)

Mas se ***tiver***
Devolva*-me!*

Meu amigo, se um discurso começar com a 3ª pessoa, mantenha-o ATÉ O FIM! Se começar com a 2ª pessoa, IDEM! Combinado? Maravilha!
Veja uma questão sobre isso:

20. (Esaf – CGU – Técnico em Finanças e Controle – 2008) Abaixo estão recomendações para evitar o estresse. Assinale a opção na qual os verbos estão conjugados, corretamente, na terceira pessoa do singular.
a) Saboreie a vida, dai mais valor a suas experiências.
b) Aprende a dizer não. Peça ajuda sempre que necessário.
c) Pára e medite. Põe uma uva passa na boca. Note textura, cheiro e sabor.
d) Fique atenta à respiração. Inspira e expira lentamente.
e) Invista em prazeres: ouça música, leia, dê-se o direito de não fazer nada.
(Cristina Nabuco, "Para desacelerar", Cláudia, junho 2007, p. 227.)

E aí? Qual é o gabarito? Vamos ver se você está safo no assunto, comentando opção por opção (observe que todos os verbos estão no **imperativo**):

a) Saboreie (3ª pessoa do singular) a vida, dai (2ª pessoa do plural) mais valor a suas experiências.

b) Aprende (2ª pessoa do singular) a dizer não. Peça (3ª pessoa do singular) ajuda sempre que necessário.

c) Pára (2ª pessoa do singular) e medite (3ª pessoa do singular). Põe (2ª pessoa do singular) uma uva passa na boca. Note (3ª pessoa do singular) textura, cheiro e sabor.

d) Fique (3ª pessoa do singular) atenta à respiração. Inspira (2ª pessoa do singular) e expira (2ª pessoa do singular) lentamente.

e) Invista (3ª pessoa do singular) em prazeres: ouça (3ª pessoa do singular) música, leia (3ª pessoa do singular), dê-se (3ª pessoa do singular) o direito de não fazer nada. (Gabarito!)

Consulte esta: FGV – SEFAZ/RJ – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA – 2011 – QUESTÃO 16.

Palavra Final: Existem alguns verbos que, por seu sentido próprio, não admitem uso no imperativo, como ***caber***, ***querer*** (segundo Celso Cunha) e ***poder***, por exemplo.

Formação dos Tempos Compostos

Os **tempos compostos da voz ativa** são formados pelos verbos *ter/haver* + particípio, para indicar, normalmente, um fato acabado, repetido ou contínuo.

No modo indicativo:

- Pretérito perfeito composto: *Eu **tenho/hei decorado** a tabela.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *Tu **tinhas/havias decorado** a tabela.*
- Futuro do presente composto: *Ele **terá/haverá decorado** a tabela.*
- Futuro do pretérito composto: *Nós **teríamos/haveríamos decorado** a tabela.*

Obs.: Como se nota, não há locução verbal de tempo composto no presente do indicativo nem no pretérito imperfeito do indicativo. Note também que o **pretérito perfeito composto** é formado por **presente do indicativo** + **particípio** e o **pretérito mais-que-perfeito composto** é formado por **pretérito imperfeito do indicativo + particípio**.

No modo subjuntivo:

- Pretérito perfeito composto: *Espera-se que vós **tenhais/hajais decorado** a tabela.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *Se eles **tivessem/houvessem decorado** a tabela, não estariam chorando agora.*
- Futuro do subjuntivo composto: *Quando vocês **tiverem/houverem decorado** a tabela, verão sua importância.*

Nas formas nominais:

- Infinitivo: *Para nós **termos/havermos decorado** a tabela, precisou de tempo.*
- Gerúndio: ***Tendo/havendo decorado** a tabela, tudo ficará bem.*

Os ***tempos compostos da voz passiva*** são formados pelos verbos *ter/haver* + *sido* + particípio.

No modo indicativo:

- Pretérito perfeito composto: *A tabela **tem/há sido decorada** por mim.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *A tabela **tinha/havia sido decorada** por ti.*
- Futuro do presente composto: *A tabela **terá/haverá sido decorada** por ele.*
- Futuro do pretérito composto: *A tabela **teria/haveria sido decorada** por nós.*

No modo subjuntivo:

- Pretérito perfeito composto: *Espera-se que a tabela **tenha/haja sido decorada** por vós.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *Se a tabela **tivesse/houvesse sido decorada** por eles, não estariam chorando agora.*

- Futuro do subjuntivo composto: *Quando a tabela **tiver/houver sido decorada** por vocês, verão sua importância.*

Nas formas nominais:

- Infinitivo: *Para a tabela **ter/haver sido decorada** por nós, precisamos de tempo.*
- Gerúndio: ***Tendo/havendo sido decorada** a tabela, tudo ficará bem.*

Cuidado!!!

Observe uma **falsa** locução verbal de tempo composto:

– *O falastrão número um do UFC e rei das provocações gratuitas **tem pendurado** na parede de casa um diploma de graduação em Sociologia, pela Universidade de Oregon.*

Na verdade, há dois verbos e duas orações:

– *O falastrão número um do UFC e rei das provocações gratuitas **tem** um diploma de graduação em Sociologia, pela Universidade de Oregon, **pendurado** na parede de casa.*

Note que o particípio *pendurado*, que pode ser desenvolvido, se refere ao diploma: *"... diploma... <u>que está pendurado</u> na parede de casa".*

Emprego dos Tempos e Modos Verbais

Antes de qualquer coisa, saiba que todo ano este assunto cai nas bancas de mais prestígio atualmente: FCC, Esaf e Cespe/UnB. Estude!

Os diferentes **tempos verbais** atendem a necessidades distintas dos falantes. Eles indicam o momento em que o falante quer situar os fatos. Os **modos verbais** vão exprimir, normalmente, certeza (indicativo), incerteza (subjuntivo) e ordem (imperativo).

Vejamos primeiramente os tempos do modo indicativo, depois os do subjuntivo e, em seguida, falaremos do modo imperativo.

Obs.: Por favor, fique ligado nos tempos compostos correspondentes aos tempos simples! Tal correspondência é abordada em questão de prova. Preste atenção!

O Modo Indicativo

Os verbos no modo indicativo aparecem em orações coordenadas e orações principais, normalmente, mas podem figurar nas orações subordinadas também. Caso queira entender melhor o conceito de oração (e seus tipos), recorra ao capítulo de sintaxe.

Presente

1) Indica um fato que ocorre no momento em que se fala.

– ***Ouço*** *vozes estranhas que* ***vêm*** *lá de fora...*

– ***Estou ouvindo*** *música, e você?*

– *O Brasil* ***está jogando*** *contra a Argentina agora.*

2) Indica um fato habitual, corriqueiro, frequente.

– *Aos domingos,* ***vou*** *à missa.*

– *O galo sempre* ***canta*** *às 5 horas aqui perto.*

– *Você sabia que Pedro* ***fuma****?*

3) Indica um fato atemporal, uma verdade absoluta ou tomada como tal (aparece muito em ditados, máximas, leis etc.).

– ***Morre*** *todos os dias uma pessoa a cada 5 segundos.*

– *Água mole em pedra dura tanto* ***bate*** *até que fura.*

– *Deus* ***é*** *fiel!*

4) Indica um fato que já se iniciou e dura até o presente momento da declaração.

– *Os cientistas* ***estudam*** *a cura da AIDS ainda.*

– *A homofobia* ***vem proliferando*** *nas grandes cidades.*

– *Por que você, desde a madrugada,* ***assiste*** *a tantos programas de celebridades?*

Cuidado!!!

1) **O presente do indicativo pode ser usado no lugar do pretérito perfeito do indicativo**. Neste caso, ele é chamado de **presente histórico**, pois torna recente um fato passado, como se o estivesse atualizando a fim de torná-lo mais vivo. A ideia é aproximar, portanto, um fato passado à realidade imediata do interlocutor. Isso ocorre muito nas manchetes de jornais, nos livros didáticos de história e, principalmente, nas narrações, quando o narrador quer imprimir maior realidade à história, como se estivesse presenciando um fato.

   – *Flamengo **vence** (= venceu) o Vasco por 3x2 no Maracanã, em jogo disputadíssimo.*

   – *Em 1500, os portugueses **chegam** (= chegaram) ao nosso futuro Brasil e **começam** (= começaram) a explorar o local.*

   – ***É** (= Foi) nesse momento que o governo **começa** (= começou) a oprimir o povo.*

Veja uma questão sobre isso:

19. (FGV – PC/RJ – Piloto Policial – 2011) "*Fevereiro de 1876. O falido rei d. Luís I vasculha os cofres portugueses à procura de joias e outras peças de valor que possam ser vendidas para pagar dívidas. Na busca, ele encontra uma pepita de ouro de pouco mais de 20 quilos, do tamanho de um melão. Esquecida por décadas nos Tesouros Reais, a pedra retirada de solo brasileiro é o último remanescente de uma época de riqueza incalculável para o velho império lusitano*."

No fragmento acima, retirado do livro *Boa ventura – a corrida de ouro no Brasil (1697-1810)*, de Lucas Figueiredo, há uma parte inicial do modo de organização narrativa. Sobre esse segmento narrativo pode-se dizer que:

a) há um erro na escolha dos tempos verbais, pois, após localizar o fato narrado em 1876, o narrador emprega o presente do indicativo em *vasculha, encontra*. (Aqui a banca tenta te enrolar!)

c) a indicação de localização espacial e temporal dos fatos narrados procura dar mais verossimilhança ao que é relatado. (Gabarito!)

2) Além disso, **o presente pode ser usado no lugar do futuro do presente** para tornar o futuro mais próximo da realidade do falante, como se demonstrasse maior convicção de que o fato futuro vai se realizar, ou, como diz Celso Cunha, "empresta a certeza da atualidade a um fato por ocorrer".

   – ***Viajo** (= Viajarei) amanhã para SP, mas fiquem calmos, que eu **volto** (= voltarei) logo.*

3) **O presente pode substituir o futuro do subjuntivo** para impor mais certeza à declaração.

   – *Se alguém **precisa** (= precisar) de ajuda, posso ajudar.*

   – *Se não **existe** (= existir) esforço, não **existe** (= existirá) progresso.*

Note que, no segundo exemplo, o presente do indicativo substitui o futuro do subjuntivo e o futuro do presente do indicativo, uma vez que há correlação correta entre tais tempos futuros.

4) Às vezes, **o presente substitui a forma imperativa** para demonstrar mais polidez ou suavização de um pedido.

– *João, você me **serve** (= sirva-me) um cafezinho? Obrigado.*

– ***Quer** sentar-se?*

Vale dizer ainda que este tempo verbal é o tempo da certeza, da convicção, do fato, por isso mesmo muito usado nas dissertações argumentativas, em que se defende uma tese com uma tônica de verdade. Falarei mais sobre isso no tópico *Valor Discursivo*.

Essa substituição de um tempo verbal por outro se chama **enálage** (é uma figura de linguagem).

Pretérito Perfeito

1) Indica um fato ocorrido e concluído antes do momento em que se fala.

– *O Rock'n Rio **foi** um sucesso.*

– ***Comi** uma pizza deliciosa na zona sul.*

– *Nossa seleção **conquistou** mais um título mundial.*

2) Indica um fato já ocorrido cujos efeitos perduram até o presente.

– *A televisão me **deixou** confuso com tanta notícia conflitante.*

– *Foi na Igreja que eu **aprendi** a diferença entre o sim e o não.*

– *Naquele instante eu **soube** que você era a mulher da minha vida.*

3) Indica um fato atemporal, habitual (normalmente em máximas e ditados)

– *Quem **comeu** a carne, que roa os ossos.*

– *Aquele que **nasceu** para a forca não morre afogado.*

– *Quem **pariu** Mateus que o balance.*

Cuidado!!!

1) Frequentemente se usa o pretérito perfeito no lugar do pretérito mais-que-perfeito sem que isso implique mudança de sentido. Isso ocorre em orações temporais, segundo Bechara e Sacconi.

– *Depois que **viu** (= vira) a discussão dos pais, decidiu sair de casa.*

2) O pretérito perfeito pode substituir o presente para indicar ligeireza; normalmente isso acontece em linguagem informal, na internet, por exemplo.

– *"Você já está indo?" "**Fui!**"*

3) O pretérito perfeito pode substituir o imperativo para estimular o interlocutor; muito usado em propagandas.

– *"**Achou**, **ganhou**!"*

4) Pretérito perfeito composto do indicativo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **presente do indicativo + particípio**, indicando

fato que se inicia no passado e vem ocorrendo até o momento da declaração.

– *Eu **tenho estudado** muito.*

– *Nós **temos feito** todos os exercícios propostos.*

Não equivale à forma de pretérito perfeito simples, ou seja, ninguém diria que "Eu tenho estudado muito." equivale a "Eu estudei muito.", pois *estudei* indica que o fato já cessou, muito diferente de *tenho estudado*, que indica uma duração de um fato. Na verdade, a forma composta (por exemplo, *tenho estudado*) pode ser equiparada ao presente do indicativo do tempo simples (estudo ou estou estudando).

Bem interessante é o que diz Luiz Antonio Sacconi: "A forma composta é usada ainda para confirmar-se uma ordem, ou ao concluir-se um discurso. Ex.: ***Tenho lido***. ***Tenho concluído***. ***Tenho dito*** (acréscimo meu).".

No entanto... como nem tudo são flores... veja estas recentes questões polêmicas:

25. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) *Já tenho lido que ele usa uma língua misturada de italiano e português.*

No segmento grifado acima, Antonio Candido usou determinada forma verbal que poderia ser substituída, sem prejuízo para correção e a lógica, por:

a) li. (Gabarito!)
b) lia.
c) lera.
d) leria.
e) leio.

Marcou a e)? Pois é... errou. Por causa do advérbio de tempo *já*, a ideia de "ler" indica passado concluído, por isso a FCC considerou que a forma composta *tenho lido* equivale não a "leio", mas à forma simples "li", ou seja, a frase em questão equivale a "Já li que ele usa uma língua misturada de italiano e português.".

Leia o seguinte texto

A oferta total de crédito na economia brasileira dobrou nos últimos oito anos. A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito. Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e tem sido um dos principais dínamos do PIB.

8. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Provoca-se erro gramatical e/ou incoerência textual ao fazer a seguinte alteração nos verbos do fragmento acima.

b) têm contribuído em lugar de "contribuíram" (l. 3).
e) dobrara em lugar de "dobrou" (L.2). (O gabarito!)

O gabarito é a letra e) porque o pretérito mais-que-perfeito do indicativo (*dobrara*) nunca pode substituir o pretérito perfeito do indicativo (*dobrou*), sem que haja consequente mudança de sentido.

Agora, como a opção b) não foi considerada errada, inferimos que o pretérito perfeito simples (*contribuíram*), dependendo do contexto, pode ser substituído pelo pretérito perfeito composto (*têm contribuído*). Vamos entender isso melhor, analisando o contexto.

Note que o primeiro período diz "nos últimos oito anos". Isso significa que até o momento

da declaração contida no primeiro período isso ainda vem ocorrendo, ou seja, dizer que "A oferta total de crédito na economia brasileira **dobrou** nos últimos oito anos." equivale a dizer que "A oferta total de crédito na economia brasileira **tem dobrado** nos últimos oito anos.". No período seguinte, usa-se a forma *contribuíram*, como se indicasse um passado concluído, mas não faz sentido concluirmos que os fatores contributivos para o aumento da disponibilidade de crédito cessaram, ou seja, não mais apresentam sua contribuição para o aumento da disponibilidade de crédito. O que corrobora tal interpretação é a manutenção do aspecto durativo pela forma de pretérito perfeito composto do período seguinte: "Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e **tem sido** um dos principais dínamos do PIB.". Ou seja, se o fato contido no segundo período **tem sido** um dos principais dínamos do PIB, é porque **tem contribuído** para tanto. Desse modo, os contextos anterior e posterior ao segundo período (A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito.) indicam que o fato de "contribuir" se iniciou no passado e se estende até o momento da declaração, equivalendo a "têm contribuído".
Questão polêmica, complexa e digna da Esaf. É por isso que a simples decoreba de correspondência entre tempos simples e compostos pode derrubar um.

Pretérito Imperfeito

Na lição de Celso Cunha, "Por expressar, normalmente, um fato inacabado, impreciso, em contínua realização na linha do passado para o presente, o imperfeito é o tempo que melhor se presta a descrições e narrações.". Às vezes, no discurso indireto livre, de que falarei a alguns capítulos, pode levar à confusão, propositadamente, o leitor: "João vira uma linda mulher passando por ele. **Queria**-a de verdade! Precisou abaixar a cabeça de vergonha.". Quem ***queria***, o personagem ou o narrador? Interessante, não é?

Mais interessante ainda é você nunca confundir o pretérito perfeito (passado concluído) com o imperfeito (passado contínuo, progressivo). Bem... vamos ao que interessa.

1) **Indica um fato passado que então era presente, mas não concluído, incompleto, ou que apresenta certa duração.**
   – *Betinho **lutava** pela erradicação da fome.*
   – ***Estávamos conversando** animadamente, mas fomos interrompidos.*
   – *Ao passo que **subia** o morro, **ia admirando** a paisagem.*

2) **Indica um fato passado em curso que indica simultaneidade, concomitância a outro fato.**
   – *A velhinha foi atropelada quando eu **atravessava** a rua.*
   – *À medida que as sombras **cobriam** o dia, eu **largava** o trabalho.*

– *Enquanto eu **estudava**, ela me **atrapalhava**.*

3) Indica um fato habitual, iterativo, repetitivo, uma ação contínua.

– *Impressionante! Eu **chegava**, ela **saía**.*

– *Eu **fazia** musculação todo santo dia.*

– *Em toda despedida, **era** uma choradeira.*

Obs.: Veja uma questão sobre isso:

17. (FCC – TRE/PR – Técnico Judiciário – 2012)... baleias, que <u>forneciam</u> o óleo dos lampiões e lamparinas, <u>caiu</u> drasticamente. (1º parágrafo)
O emprego das formas verbais grifadas acima indica, respectivamente,
a) ação contínua no passado e fato consumado. (Gabarito!)

4) Normalmente usado em narrações para marcar descrições ou ideias temporais passadas.

– ***Era** 2008, quando encontrei minha esposa. Ela **estava** linda! **Vestia** um lindo vestido florido.*

5) Indica um fato passado de maneira vaga, fantasiosa, própria do universo das crianças, do mundo das lendas, dos contos infantis.

– ***Era** uma vez um rei e uma rainha...*

Cuidado!!!

1) O pretérito imperfeito pode indicar polidez, gentileza, cortesia ao ser usado no lugar do presente do indicativo:

– *Você **podia** (= pode) me ajudar?*

– *Mãe, eu **precisava** (= preciso) muito falar contigo.*

2) Pode ser usado no lugar do futuro do pretérito, exprimindo um fato categórico ou a segurança do narrador em relação aos acontecimentos futuros.

– *Meu irmão João era um homem muito bom, pois ia levar seu sobrinho para os EUA. Lá meu filho **entrava** (= entraria) para uma boa escola, **formava**-se (formar-se-ia), e depois **virava** (= viraria) doutor, dando-me muito orgulho. No entanto, João faleceu antes disso tudo ocorrer.*

Exceto quando em correlação com o pretérito imperfeito do subjuntivo (este caso constitui registro coloquial).

– *Se ele me atendesse bem, eu **comprava** o produto dele.* (errado)

– *Se ele me atendesse bem, eu **compraria** o produto dele.* (certo)

Esta correlação cai muito em prova!

Pretérito Mais-Que-Perfeito

1) Indica um fato passado anterior a outro fato também passado.

– *Depois que ela me **pedira** um favor, tive de sair de casa.*

– *Todos já **almoçaram** quando chegamos.*

– *Mal **entráramos**, todos fizeram aquela cara de espanto.*

2) Indica um fato passado vago.

– *O aluno **obtivera** nota dez na prova, mas **pensáramos** que isso era impossível.*

3) Indica desejo, vontade, em frases optativas.

– *Quem me **dera** passar na prova!*

– ***Quisera** eu conquistar aquela vaga!*

– ***Tomara** que todos nos aceitem como funcionários.*

Cuidado!!!

1) O pretérito mais-que-perfeito pode ser usado no lugar do futuro do pretérito e do pretérito imperfeito do subjuntivo (normalmente em registro literário).

– *Que **fora** (= seria) a vida, se nela não **houvera** (= houvesse) lágrimas? (Alexandre Herculano)*

2) O pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo

A forma composta é preferência nacional! É muito raro usarmos as formas simples desse pretérito. Pois bem, a forma composta é formada de verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **pretérito imperfeito do indicativo + particípio**, exprimindo o mesmo que o pretérito mais-que-perfeito do indicativo simples.

– *Eu já **havia estudado** (= estudara) em PDFs, quando conheci o seu livro.*

– ***Havíamos pensado** (= Pensáramos) que ela não voltaria.*

Veja aqui uma questão sobre pretérito mais-que-perfeito composto:

8. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) *Ela queria fazer justiça a Mankiewicz, que caíra em esquecimento, enquanto Welles entrara para a história com a reputação de gênio maldito, frequentemente reivindicando para si as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro – embora Pauline jurasse que Welles não escrevera nem sequer uma linha do script.*

Outra redação para o trecho destacado, que preserva o sentido e a correção originais, é:

a) a despeito de Pauline jurar que Welles não **tinha escrito** nem ao menos uma linha do script. **(gabarito!)**

Comentário: Pode-se substituir tranquilamente a forma composta pela forma simples e vice-versa: ***escrevera* <> *tinha escrito***.

Futuro do Presente

1) Indica um fato posterior ao momento da fala, mas certo de ocorrer

– ***Passarei*** *na prova. Fato!*

– *Tu te* ***classificarás*** *tão logo, meu nobre.*

– ***Serei*** *um homem mais sério ao seu lado, mulher.*

2) Indica um fato futuro incerto, hipotético (em perguntas, normalmente).

– ***Serão*** *pessoas felizes as que moram na periferia?*

– ***Suportará*** *Maria toda a traição de João? Não perca no próximo capítulo.*

– *Ela* ***terá*** *seus quarenta anos, no máximo.*

Obs.: Falando em perguntas, não se esqueça das perguntas retóricas, em que o verbo no futuro do presente provoca uma reflexão: "E se a ingratidão ressuscita o aborrecimento até nos mortos, como **achará** amor nos vivos?" (Padre Antônio Vieira).

Cuidado!!!

1) Pode substituir o imperativo (em leis), denotando mais força na lei de modo que ela seja entendida e atendida atemporalmente.

– *Não* ***matarás****, não* ***cobiçarás****...*

2) É preferência nacional o uso da locução verbal formada pelo verbo auxiliar *ir* (no presente do indicativo) **+ infinitivo** a fim de substituir o futuro do presente simples:

– *"Eu* ***vou estudar*** *muito amanhã."* no lugar de *"Eu* ***estudarei*** *muito amanhã."*.

Obs.: Como já visto em locução verbal, a construção *haver* + *de* + infinitivo carrega uma ideia de futuro e intenção/desejo: "Eu hei de vencer (= vencerei)!". Caiu uma questão sobre isso recentemente:

6. (FCC – Pref./SP – Auditor-Fiscal do Município – 2012) O texto legitima o seguinte comentário:

e) (linha 4) Em hão de alimentar, a forma verbal exprime, além da ideia de futuro, a de que o evento é desejado. (Gabarito!)

3) O futuro do presente pode ser substituído pelo presente do indicativo, num registro menos formal. Note abaixo que o futuro do subjuntivo mantém correlação com o futuro do presente do indicativo. Tal construção cai muito em prova. Lembre-se, porém, de que o registro formal exige o verbo no futuro do presente.

– *Quando o inverno chegar, eu* ***quero*** *(= quererei) estar junto a ti.*

– *Se os políticos brasileiros pararem de roubar,* ***passo*** *(= passarei) a votar neles.*

4) Futuro do presente composto do indicativo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver no* **futuro do presente simples do indicativo + particípio**, exprimindo 1) um fato futuro anterior a outro fato futuro, 2) fato futuro já iniciado no presente ou 3) fato futuro incerto (em perguntas, normalmente).

– *Quando você chegar, eu já **terei partido**.*
– *Daqui a dois meses, **terei absorvido** informações valiosas.*
– ***Terá** Maria **sabido** a verdade sobre João?*

Futuro do Pretérito

1) Indica um fato posterior (normalmente hipotético) a um fato no passado

– *Disseram (fato passado) que ela **chegaria** (fato futuro) logo.*
– *Você me prometeu que **passaria** de ano.*
– *Jamais **trairíamos** nossos amigos, mesmo depois da falha deles.*

Obs.: Veja duas questões sobre isso:

10. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) *A voz nova e solitária em seguida iria encontrar obstáculos na publicação de seus outros livros.*

O tempo verbal empregado pelo autor na frase acima indica
a) ação posterior a outra, ambas localizadas no passado. (Gabarito!)

4. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) *Muitos anos depois, ele morreria num acidente de helicóptero, em Angra dos Reis, no Rio, e seu corpo desapareceria no mar para sempre.*

Com relação aos verbos grifados acima, é correto dizer que o emprego do tempo e modo em que estão conjugados indica:
a) Ação posterior à época de que se fala. (Gabarito!)
b) Incerteza sobre fato passado.
c) Ação ocorrida antes de outra passada.
d) Fato que depende de certa condição.
e) Forma polida de abordar um fato trágico.

2) Indica uma consequência hipotética, atrelada a uma condição, que não chegou a realizar-se.

– *Eu **levaria** uma bronca se não fizesse os exercícios.*
– ***Faríamos** os exercícios caso não fôssemos interrompidos.*
– *Se encomendassem os nossos produtos, não **estariam** reclamando.*

Obs.: Interessante é dizer que a frase "Contanto que ela estudasse (condição), **passaria** fácil." pode significar que ela não estudou, por isso não passou ou que, se ela estudasse, no futuro, a vaga estaria garantida.

3) Indica incerteza sobre fatos passados ou futuros (normalmente em perguntas).

– ***Seria** o sol o causador destas queimaduras?*
– *O homem **aguentaria** mais esta decepção causada pelo filho?*
– ***Haveria** dez bandidos envolvidos no assalto.*

Cuidado!!!

1) O futuro do pretérito pode substituir o presente do indicativo, indicando polidez:

– ***Pediria*** *(= Peço) que todos saíssem. Grato.*

2) Pode indicar **impossibilidade** diante de um juízo de valor:

– *Eu lá* ***beijaria*** *aquela boca!*

3) Futuro do pretérito composto do indicativo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver no* **futuro do pretérito simples do indicativo + particípio**, exprimindo os mesmos valores que o futuro do pretérito simples.

– ***Teria feito*** *(= Faria) diferente se tivesse tempo.*

O Modo Subjuntivo

Lembra a *Tia Teteca*, lá na escolinha onde você estudava, quando começou a ter aula de conjugação verbal? Ela falava assim:

– Alunos, para conjugar o presente do subjuntivo, coloquem o *que* antes da conjugação. Assim, olha o verbo amar: "Que eu ame, que tu ames, que ele a...".

– "Me"!

– Isso aí, muito bem, que ele "A-ME", que nós A-ME-MOS etc.!

– Agora o pretérito imperfeito do subjuntivo. Coloquem o *se* antes da conjugação. Assim, olha o verbo vender: "Se eu vendesse, se tu vendesses, se ele vendesse, se nós vendêssemos, se vós..."

– "VENDÊSSEIS"!

– Muito bem, alunos! E olha que a 2ª pessoa do plural não é mole, hein!

– Vai. Para fechar... o futuro do subjuntivo. Coloquem o *quando* antes da conjugação. Assim, olha o verbo partir: "Quando eu partir, quando tu partires, quando ele partir, quando nós partirmos, quando vós partirdes, quando eles parti..."

– "REM"!

– Que lindo! Estou emocionada...

Direto... do túnel... do tempo...

Agora, na boa, falando sério... baseando-me no conceituado gramático Adriano da Gama Kury, vejamos os tempos do modo subjuntivo, os quais normalmente aparecem em orações subordinadas ou em orações optativas, raramente em orações principais. Caso queira entender melhor o conceito de oração (e seus tipos), recorra ao capítulo de sintaxe.

Presente

Geralmente utilizado quando desejamos expressar **desejos, possibilidades, suposições, conselho, oposição,** cuja concretização pode depender da realização de um outro

acontecimento.

– *Deus te **guie**.*

– *Nada de cerimônias: **pensem** que estão em sua casa.*

– *Talvez a realidade **seja** mais forte que a ficção.*

– *Receio que **aconteça** o pior.*

– *É provável que **surja** outra oportunidade.*

– *É preciso que **estudemos** suficientemente.*

– *Quer **chova**, quer **faça** sol, sairei daqui.*

– *De todos as informações, **destaque**-se que a última é determinante.*

Cuidado!!!

1) É de observar que, na fala das pessoas incultas, aparece o indicativo em lugar do subjuntivo. É comum ouvir "O senhor quer que eu **faço**?", por "O senhor quer que eu **faça**?" (forma acertada).

2) Segundo Bechara, acertadamente, sempre que se trate de uma possibilidade, de uma eventualidade, e não de uma certeza, usa-se o subjuntivo. Compare-se:

– *O cidadão que **ama** sua pátria engrandece-a.* (realidade)

– *O cidadão que **ame** sua pátria engrandece-a.* (conjectura)

No entanto, não há problema, por via de regra, em orações subordinadas adjetivas, usar o indicativo pelo subjuntivo, logo ambas as frases acima apresentam construção correta.

3) Pretérito perfeito composto do subjuntivo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **presente do subjuntivo + particípio**, indicando normalmente desejo de que algo já tenha ocorrido ou um fato futuro já terminado em relação a outro.

– *Espero que você **tenha estudado** essas classes gramaticais.*

– *Quando chegarmos, é provável que a palestra já **tenha acabado.***

Obs.: É de observar a presença da palavra **que** antes de quase todas as formas do subjuntivo dos exemplos, o que nos leva a usá-la na conjugação desse tempo verbal: *que eu faça, que tu faças* etc.

Pretérito Imperfeito

Este tempo, que expressa normalmente uma hipótese (no passado, presente ou futuro), se usa nas orações subordinadas. Expressa uma condição não realizável quando vem junto a uma ideia condicional:

– *Como **fizesse** (= fazia) parte da família há muito tempo, cometia certos abusos*.*

– *Ainda que **cobrisse** todas as despesas da casa, a mulher reclamava.*

– *Não admitia que se **fizesse** greve.*

– *Qualquer pessoa que **refletisse** votaria em outro candidato.*

– *Era provável que **surgisse** outra oportunidade.*

– *Proibiu que **revelassem** o acordo.*

– *Para que tudo **saísse** de acordo com o combinado, fizemos um contrato.*

– *Se **tivesses** paciência, obterias o que pretendes. (... mas não teve, logo nada obteve).*

* Nas orações que exprimem causa, o pretérito imperfeito do subjuntivo pode ficar no lugar do pretérito imperfeito do indicativo.

Cuidado!!!

1) É digna de nota a seguinte observação: o pretérito imperfeito do subjuntivo se correlaciona com o futuro do pretérito e não com o pretérito imperfeito do indicativo:

– *Desde que eu **completasse** as 300 horas de estágio, conseguiria pegar o diploma (e não conseguia).*

2) Pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **pretérito imperfeito do subjuntivo + particípio**, exprimindo, normalmente, o mesmo valor que o pretérito imperfeito do subjuntivo simples.

– *Teríamos ficado aqui, se você não **tivesse arrumado** problemas.*

Obs.: Nunca é demais falar o óbvio: perceba que a frase anterior, por causa do tempo composto, remete a ação obrigatoriamente para o passado. Note que a frase "Se eu tivesse dinheiro, **faria** um curso." é completamente diferente de "Se eu tivesse dinheiro, eu **teria feito** um curso.". Na primeira frase, há a possibilidade de transportarmos a hipótese para o futuro, o que não acontece na segunda frase, que só tem ideia de passado hipotético.

Futuro

Exprime uma ocorrência futura possível, eventual, normalmente. É um tempo verbal que ocorre sobretudo com orações iniciadas com conjunção temporal ou condicional, mas pode aparecer nas orações adverbiais que exprimem conformidade ou proporcionalidade (simultaneidade):

– *Quando **puderes**, vem visitar-nos.*

– *Assim que ele se **desocupar**, virá atendê-lo.*

– *Se (ou caso) ele **puder**, trará o livro.*

– *Escrevam como **quiserem**.*

– *Quanto maior **for** o tamanho do bicho, maior será sua queda.*

Cuidado!!!

1) Futuro composto do subjuntivo

Verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **futuro do subjuntivo simples + particípio**, exprimindo o mesmo valor que o futuro do subjuntivo simples.

– *Assim que você **tiver terminado** sua leitura, descanse um pouco.*

2) Nas orações subordinadas adverbiais temporais introduzidas por *antes que, assim que, até que, enquanto, depois que, logo que*, quando ocorrem nas indicações de possibilidade (e não de realidade, caso em que ocorre o indicativo), usa-se o subjuntivo:

– *Cuide dessa gripe, antes que ela se **transforme** em pneumonia.*

– *Amar-te-ei até que a morte nos **separe**.*

– *Enquanto o mundo **for** mundo, não te esquecerei.*

– *Só sairei depois que ele **chegar**.*

– *Logo que **termine** esta carta, vou atendê-lo.*

Compare:

– *Assim que **terminou** a carta, foi atendê-lo.*

– *Amaram-se até que a morte os **separou**.*

– *Nosso amor foi grande enquanto **durou**.*

(Nessas três frases, não se trata de uma eventualidade, mas de um fato real, acontecido, por isso o verbo está no indicativo.)

O Modo Imperativo

O uso do imperativo depende muito do tom de voz. O que pode parecer às vezes polido, como "**Faz** o favor de chegares aqui.", pode, dependendo da entonação, implicar deboche ou outro aspecto.

Nunca é demais dizer que a triste realidade de muitos casais está no uso do imperativo ao longo do relacionamento. Começa-se com um "***Passe*** o sal, por favor, amor.", depois "***Passe*** o sal, por favor.", depois "***Passe*** o sal!", depois "***Passe*** a droga do sal, seu imbecil!". E por aí vai...

Vamos ao que interessa...

1) Usado para expressar ordens, conselhos, exortações, pedidos, súplicas etc. Muito presente no gênero textual propaganda.

– ***Faça** já o dever de casa!*

– *"Que é que estava lendo?" "Não **diga**, já sei, é o romance dos Mosqueteiros." (Machado de Assis)*

– ***Estude** mais, isso fará seu futuro melhor.*

– ***Perdoai*** *as nossas ofensas, assim como...*

– *Por favor,* ***venha*** *comigo!*

Exemplo inesquecível de verbo no imperativo é aquele da propaganda do chocolate *Baton*: "COMPRE BATON, COMPRE BATON, COMPRE BATON, SEU FILHO MERECE BATON!"

2) O imperativo é normalmente usado com valor condicional em frases do tipo: *"**Trabalhe**, e será bem-sucedido." e "**Siga-**me, e terás o reino dos céus.".*

3) A locução verbal formada pelos auxiliares *ir/vir* no imperativo negativo + infinitivo realça a ideia de ordem, inclusive com tom ameaçador.

– *Nem* ***venha*** *me* ***dizer*** *que estava estudando, seu falso!*

4) Como bem nos ensina Celso Cunha, a língua nos oferece outros meios, digamos assim, para substituir o imperativo ou apresentar um tom imperativo (ordem, pedido etc.):

– ***Fogo****!* ***Avante****!* ***Silêncio****!* ***Mãos ao alto****!* (frases nominais)

– *Você* ***fica*** *no meu time.* (presente)

– ***Podia*** *chegar cedo amanhã?* (imperfeito do indicativo, para atenuar o pedido)*

– *Vocês* ***ficarão*** *aqui!* (futuro do presente)

– *Que tal se você* ***calasse*** *a boca e* ***fizesse*** *a questão?* (imperfeito do subjuntivo)

– *Favor não* ***sobrecarregar*** *o elevador.* (infinitivo)

– ***Circulando****, vagabundo,* ***circulando****!* (gerúndio)

* Para atenuar a ordem contida no uso do imperativo, os falantes da língua costumam usar certas expressões de cortesia ou polidez acompanhando os verbos: *por favor, por gentileza, tenha a bondade de, digne-se de...*

Obs.: O imperativo é tão interessante que pode indicar hipótese, a depender do contexto. Veja uma questão sobre isso: FAPERP – CAESB – Analista de Sistemas – 2012 – QUESTÃO 5.

Correlação Verbal

A **correlação entre tempos e modos verbais**, ou **uniformidade modo-temporal**, se dá por meio da ligação semântica entre os verbos de um período composto por subordinação de modo que haja uma harmonia de sentido na frase em que os verbos se encontram.

Imagine a seguinte frase: "Caso eu ***tivesse*** dinheiro, ***faço*** um curso.".

O que você diria dela? Há uma boa relação de sentido entre os verbos dessa frase? O verbo *ter* está no pretérito imperfeito do subjuntivo (*tivesse*), indicando hipótese, certo? O outro verbo, *fazer*, está no presente do indicativo, indicando certeza e ação atual, certo? Podemos misturar hipótese e certeza na mesma frase? Faz sentido? NENHUM!

Bem, acho que você já começou a entender. É preciso que determinados tempos e modos verbais se complementem na frase para que ela tenha um sentido harmônico, e isso se deve muito à **correlação entre tempos e modos verbais**. Veja como a frase acima deveria ficar, para haver harmonia de sentido:

– *Caso eu **tivesse** dinheiro, **faria** um curso.*

"Tivesse: hipótese. Faria: hipótese. Ah...! Agora sim...! Entendi, Pestana!"

É isso aí, meu nobre! Para haver harmonia é preciso que haja "dobradinhas" harmônicas entre os tempos verbais e os modos verbais.

Existem três modos verbais: **indicativo** (certeza, fato), **subjuntivo** (incerteza, hipótese) e **imperativo** (ordem, pedido). Existem três noções temporais: **passado** (pretérito perfeito/imperfeito/mais-que-perfeito), **presente** e **futuro** (presente/pretérito).

Vamos ao que interessa? Além de dois verbos de mesmo tempo e mesmo modo poderem se "combinar", há outras "combinações" possíveis. Ah! Não é para ficar que nem um louco devorador de tabelas; perceba a relação de sentido entre os verbos.

Antes de qualquer coisa, saiba que este assunto é bem frequente em provas! Abordarei os principais casos de correlação verbal, ok?

Conheça algumas possibilidades de "dobradinhas" verbais para que você não erre mais questões desse tipo:

Iniciando, na oração principal, com o tempo **presente.**

- presente do indicativo + presente do indicativo
  Ex.: *Hoje eu **sei** que **tenho** chances com aquela mulher.*
- presente do indicativo + pretérito perfeito do indicativo
  Ex.: *Hoje eu **sei** que **tive** chances com aquela mulher.*
- presente do indicativo + pretérito perfeito composto do indicativo
  Ex.: *Hoje ela **sabe** que **tenho lutado** por nosso amor.*
- presente do indicativo + pretérito imperfeito do indicativo

Ex.: *Hoje **vejo** que naquela época eu **tinha** chances com ela.*

- presente do indicativo + pretérito mais-que-perfeito do indicativo
  Ex.: *Só hoje eu **percebo** que ela **tivera** dó de mim.*
- presente do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo
  Ex.: *Só hoje eu **percebo** que ela **havia demonstrado** pena de mim.*
- presente do indicativo + futuro do presente do indicativo
  Ex.: **Sei** que você me **apresentará** àquela mulher.
- presente do indicativo + futuro do pretérito do indicativo
  Ex.: ***Sei** que você me **apresentaria** a ela, se não fosse o acaso a atrapalhar.*

Iniciando, normalmente* na oração principal, com o tempo **pretérito.**

- pretérito perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do indicativo
  Ex.: ***Notei** que você **ia** me apresentar àquela mulher.*
- pretérito perfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito do indicativo
  *Ex.: **Notei** que você o **apresentara** àquela mulher.*
- pretérito perfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo
  *Ex.: **Notei** que você o **havia apresentado** àquela mulher.*
- pretérito perfeito do indicativo + futuro do pretérito do indicativo
  *Ex.: **Disseram** que ela **seria apresentada** a mim.*
- pretérito imperfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo
  *Ex.: **Queria** que ela **tivesse sido apresentada** a mim.*
- pretérito mais-que-perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do subjuntivo
  *Ex.: **Apelara** que você me **apresentasse** àquela mulher.*
- pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito do indicativo
  *Ex.: *Se eu **passasse** por ela, **apresentaria** a você.*
- pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito composto do indicativo
  *Ex.: *Se eu **passasse** por ela, **teria apresentado** a você.*
- pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo + futuro do pretérito composto do indicativo
  *Ex.: *Se eu **tivesse passado** por ela, **teria apresentado** a você.*

Obs.: A grande verdade é que o verbo da subordinada substantiva pode estar em todos os tempos verbais do indicativo quando o verbo da principal estiver nos tempos pretéritos do indicativo. São muitas as possibilidades de correlação: "Ele **soube/sabia/soubera** que a escola **defende/defendeu/defendia/defendera/defenderá/defenderia** os

alunos.”.

Iniciando, na oração principal, com o tempo **futuro.**

- futuro do pretérito + pretérito imperfeito do subjuntivo
  *Ex.: **Desejaria** que me **apresentasse** àquela mulher.*
- futuro do pretérito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo
  *Ex.: **Gostaria** que você **tivesse visto** àquela mulher.*
- futuro do presente do indicativo + pretérito perfeito do indicativo
  *Ex.: Nós **obteremos** aquilo que nos **propuseram**.*
- futuro do subjuntivo + futuro do presente indicativo/presente do indicativo
  *Ex.: Quando eu **passar** por ela, **apresentarei/apresento** a você.*
- futuro do subjuntivo + futuro do presente composto do indicativo
  *Ex.: Quando **chegarmos** até ela, já **terá ido** embora.*

Mais alguns detalhes importantíssimos...

1) Como não dá para abordar todas as correlações aqui, saiba o seguinte: quando o verbo da oração principal estiver no presente do indicativo, no futuro do presente e no imperativo, o verbo da oração subordinada poderá estar em qualquer tempo do indicativo (simples ou composto). Veja:

– *Será verdade que o professor explica/explicou/explicava/explicara/explicará/explicaria tudo certo?*

2) Quando o primeiro verbo da correlação, normalmente na oração principal, indicar desejo, vontade, pedido ou permissão e estiver no presente do indicativo, futuro do presente ou imperativo, o segundo verbo da correlação estará no presente do subjuntivo. Isso vale para os tempos simples e compostos. Caso se encontre em um dos pretéritos do indicativo ou futuro do pretérito, o segundo verbo da correlação estará no pretérito imperfeito do subjuntivo. Isso vale para os tempos simples e compostos.

– ***Espero** que ele **tenha** te **apresentado** àquela mulher.*
– *Eu **permitirei** que você **conheça** minha filha.*
– ***Faça** que ele **venha** logo.*
– *Ele **queria** que ela **viesse** agora.*
– *Nós **ordenamos** que não o **deixassem** ficar.*
– *Vós **tínheis aconselhado** que o **homem** não viesse.*
– *Eles **iriam pedir** que você não **fosse** embora.*

3) As correlações mais abordadas em provas de concursos públicos são estas (olho vivo!):

– **presente do indicativo + presente do subjuntivo**
*Ex.: Não **é** certo que você **assedie** as pessoas assim.*

– **pretérito perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do subjuntivo**
*Ex.: **Esperei** durante horas que você me **ligasse**.*

– **futuro do subjuntivo + futuro do presente do indicativo**
*Ex.: Quando os governantes **resolverem** ser honestos, **serei** o primeiro a elevá-los.*

– **pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito do indicativo**
*Ex.: Se **fôssemos** pessoas perfeitas, **cometeríamos** atos falhos?*

Obs.: Devem ser levados em conta os tempos simples e compostos em tais correlações, hein, por isso estude a correspondência entre os tempos simples e compostos!

4) O verbo *haver* também está sujeito à consecução dos tempos, a não ser em casos em que se deseja deixar claro determinado fato:

– *Ele **está** casado **há** dois meses.*
– *Ele **estava** casado **havia** dois meses.*
– *"**Há** dezessete anos, o progresso material **desconhecia** a precisão dos cafés."* (Camilo)

Agora, sim! E aí, curtiu? Tenha certeza de que este material, apesar de extenso, vai ajudar você em qualquer concurso.

Classificação dos Verbos

A classificação dos verbos depende de suas características morfossintáticas. Entenda melhor:

Regulares

Segue um paradigma (modelo) em que o radical e as desinências permanecem inalterados. A maioria dos mais de 11.000 verbos são regulares.

Ex.: *Eu **am**o, tu **am**as, ele **am**a, nós **am**amos, vós **am**ais, eles **am**am.*

Irregulares

Não segue um paradigma (modelo) regular. Percebe-se a irregularidade *normalmente* na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, pois o radical ou as desinências são alterados.

Ex.: *Eu **caib**o* (radical alomórfico)*, tu **cab**es, ele **cab**e, nós **cab**emos, vós **cab**eis, eles **cab**em. / Eu est**ou*** (desinência número-pessoal alomórfica)*, tu está**s**, ele está, nós esta**mos**, vós esta**is**, eles estã**o*** (desinência número-pessoal alomórfica). */ Eu **quis**, tu **quis**este, ele **quis**, nós **quis**emos, vós **quis**estes, eles **quis**eram.*

Cuidado!!!

1) Alguns irregulares *famosinhos*, dos quais você precisa conhecer a conjugação: *requerer, polir, sortir, estar, fazer, dar, vir, pedir, poder, ter, pôr, caber, ferir* (Eu firo, tu feres, ele fere, nós ferimos, vós feris, eles ferem).*

* Conjugam-se como ferir: *aderir, advertir, competir, convergir, divergir, despir, digerir, expelir, gerir, impelir, mentir, perseguir, repelir, sugerir, transferir, vestir.*

O verbo *polir* é interessante, porque a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo é igual à do verbo regular ***pular***: *pulo*. Dependendo do contexto, pode haver até ambiguidade: "Eu pulo esse carro.". Ou seja, o cara *vai polir* o carro ou *vai pular* o carro? Como não é possível conjugar todos os verbos nesta gramática, recomendo que consulte um bom dicionário para saber mais.

2) Certos verbos sofrem alterações no radical para que seja mantida a regularidade sonora: *corrigir (corrijo), fingir (finjo), embarcar (que eu embarque), tocar (que eu toque)...*; tais alterações não tornam o verbo irregular, logo **são regulares**.

3) É bom dizer também que um verbo pode apresentar irregularidade em algumas partes da conjugação e, em outras, regularidade. Por exemplo, o verbo ***poder***, no presente do indicativo, apresenta irregularidade na 1a pessoa do singular (Eu posso); nas demais pessoas, regularidade (Tu podes, Ele pode, Nós podemos, Vós podeis, Eles podem). Isso não significa que ele deixa de ser irregular.

Anômalos

Apresenta mais de um radical diferente; existem dois apenas: ***ser*** e ***ir***. O verbo *ser* tem origem nos verbos latinos *esse* e *sedere*, e, por isso, apresenta radicais diferentes. Já o verbo *ir* provém de outros verbos latinos, como *ire* e *vadere*. Os iniciados com **f-** sofreram alomorfia.

Ex.: *Eu **s**ou, tu **é**s... eu **fu**i... eu **er**a... (que) eu **sej**a... (se) eu **fo**sse... (quando) eu **fo**r...*

Cuidado!!!

1) Esses dois verbos são idênticos na conjugação dos seguintes tempos: pretérito perfeito do indicativo (*fui, foste...*), pretérito mais-que-perfeito do indicativo (*fora, foras...*), pretérito imperfeito do subjuntivo (*fosse, fosses...*) e futuro do subjuntivo (*for, fores...*). Só conseguimos identificar um ou outro pelo contexto.

Ex: ***Fui** sargento durante cinco anos. (ser) / **Fui** à praia pela manhã. (ir)*

2) Alguns gramáticos consideram também que os verbos ***ser*** e ***ir*** são ***irregulares*** e que outros verbos (pôr, vir, estar, haver) são anômalos, mas isso não tem relevância em concurso.

Defectivos

São aqueles que não apresentam conjugação completa. Tal "defeito" ocorre no presente do indicativo e do subjuntivo e no imperativo. Por isso, mesmo defectivo, o verbo poderá ser conjugado **inteiramente** nos outros tempos e modos verbais. Os defectivos são estes (destaco os que mais aparecem em prova, até porque isso é uma gramática, não um dicionário):

- Verbos que só não possuem a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e, consequentemente, nenhuma das pessoas do presente do subjuntivo nem as formas do imperativo negativo, nem a 3ª pessoa do singular, 1ª pessoa do plural e 3ª pessoa do plural do imperativo afirmativo:
  abolir**, aturdir, **soer**, banir, colorir (colorar não é defectivo), delinquir, demolir, **emergir/imergir (polêmico; veja a conjugação dele mais à frente em *Verbos Notáveis*), *explodir, feder* (polêmica: o dicionário Aulete entende que é regular), *haurir, puir, ruir, exaurir, retorquir, extorquir, ungir, **viger**...*

- Verbos que, no presente do indicativo, só se conjugam nas 1ª e 2ª pessoas do plural, não possuindo forma alguma no presente do subjuntivo nem no imperativo negativo; só há a 2ª pessoa do plural do imperativo afirmativo:
  precaver-se**, **reaver**, **adequar* (polêmica: segundo o dicionário Houaiss, tem

conjugação completa: *adéquo, adéquas, adéqua... ou adequo, adequas, adequa.* – com o **u** tônico)*, aguerrir, combalir,* ***falir****, florir,* ***remir****, ressarcir...*

* Consulte: CESPE – CÂMARA DOS DEPUTADOS – ANALISTA – 2012 – QUESTÃO 4.

- Os que só aparecem na 3a pessoa do singular (chamados de ***unipessoais***):
  - – todos os **impessoais**, só nas orações sem sujeito (veremos mais sobre eles no capítulo de Termos Essenciais da Oração): haver, ter, fazer, ser, ir + para, bastar/chegar + de, estar e os que indicam fenômenos naturais (sentido denotativo);
  - – normalmente os verbos da oração principal de uma oração subordinada substantiva subjetiva (falarei mais sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas*, em *Sintaxe*): *cumprir, importar, convir, doer, prazer* (*aprazer* e *comprazer* têm conjugação completa), *parecer, saber, surtir* etc.;
  - – os verbos **onomatopaicos** e outros podem aparecer também na 3ª pessoa do plural: *cacarejar, coachar, zunir, miar, rugir, latir, surtir* etc.

Dever de casa: procure a conjugação desses verbos em bons dicionários!

- Apesar de o dicionário Houaiss e o gramático Bechara dizerem que *computar* é regular, todos os gramáticos que consultei dizem que ele é defectivo por causa da sonoridade (digamos assim... "erótica"), não apresentando as 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular, respectivamente: *eu computo, tu computas, ele computa*. Espero que ninguém me critique por dizer a verdade, nada mais que a verdade... Ah! Nem vou dizer como se conjuga *sacudir*, que estranhamente é considerado regular, por mais que a 1ª p. s. do presente do indicativo também tenha uma sonoridade peculiar. Coisas da língua portuguesa...

Obs.: Não são defectivos: ***caber****,* ***valer****,* ***redimir****,* ***polir****,* ***sortir****, rir, escapulir, entupir, sacudir*.

Abundantes

Possuem duas ou mais formas na mesma parte da conjugação. Geralmente isso ocorre no particípio.

Ex.: *havemos* ou *hemos, haveis* ou *heis (haver); construis* ou *constrói*s *(construir); destruis* ou *destrói*s *(destruir); comprazi* ou *comprouve (comprazer-se)* etc.

Obs.: ***Obstruir*** não é abundante como *construir* e *destruir*. Não existe *obstrói*! Como já

dizia o cômico Sacconi, “Se o zagueiro ‘**obstrói**’ a passagem do atacante, é falta.”.

Celso Cunha diz que os verbos *dizer*, *fazer* e *trazer*, na 2.ª pessoa do singular, apresentam no imperativo afirmativo duas formas: *dize* ou *diz, faze* ou *faz, traze* ou *traz*. O verbo *requerer* também entra nesse time.

Sobre os particípios duplos:

As formas regulares (particípio terminado em **-ado** ou **-ido**) são empregadas na voz ativa com os verbos auxiliares *ter* ou *haver*:

*Eu havia **pagado** o banco.*
*O banco havia **aceitado** o cheque.*
*Já havíamos **limpado** a casa.*
*Tenho **aceitado** trabalhos demais este ano.*
*Ainda não tínheis **acendido** a vela.*
*Ele tinha me **salvado** uma vez.*
*Ela tinha **pegado** pena perpétua.*
*O padre havia **benzido** o lugar.*
*Você podia ter **imprimido** o material antes.*
*Tínheis **entregado** vossa dignidade a outrem?*

As formas irregulares (particípio **não** terminado em **-ado** ou **-ido**) são usadas na voz passiva com os auxiliares *ser, estar* ou *ficar*, normalmente, ou com a locução de tempo composto na voz passiva (*ter/haver + sido + particípio irregular*); podem variar em gênero e número:

*Eu sou **pago** pelo banco.*
*O cheque foi **aceito** pelo banco.*
*A casa ficou **limpa** pela empregada.*
*Meus trabalhos foram **aceitos** pela agência.*
*A vela será **acesa** pelo coroinha.*
*O homem estava **salvo** por ele.*
*O ladrão foi **pego** em flagrante.*
*O fiel era **bento** pelo padre.*
*Aquele documento enfim ficou **impresso**.*
*Vossa dignidade tinha sido **entregue** por vós a outrem?*

Informações Importantes

1) Os verbos *trazer, chegar, abrir, cobrir* e *escrever* não são abundantes. Logo, as únicas formas no particípio são, respectivamente: *trazido, chegado, aberto, coberto, escrito*. Pelo amor de Deus! As formas *trago* e *chego* não são admitidas no registro culto da língua.

– *Ele tinha **chegado** tarde.* E não: *Ele tinha **chego** tarde.*

– *O pacote foi **trazido** na hora certa.* E não: *O pacote foi **trago** na hora.*

Obs.: *Chego* e *trago* são formas de 1ª pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos *chegar* e *trazer* (ou *tragar*, cujo único particípio é *tragado*).

2) O verbo *vir* tem como particípio *vindo*, a mesma forma que seu gerúndio, assim como seus derivados: *advindo, intervindo, provindo, sobrevindo*.

3) Não são poucos os estudiosos a dizer que os verbos *pagar, ganhar* e *gastar* podem ficar na forma regular ou irregular depois de *ter* ou *haver*:

– *Eu tinha **pagado/pago**.*

– *Eu tinha **ganhado/ganho**.*

– *Eu tinha **gastado/gasto**.*

Obs.: Consulte: FCC – MPE/SE – ANALISTA – 2009 – QUESTÃO 20.

4) Muitos verbos no particípio irregular se transformaram em verdadeiros adjetivos ou substantivos: *café **expresso**, o **expresso**, vinho **tinto**, um **tinto**, homem **cego**, o **cego**, roupa **seca**, a **seca**...*

Pronominais

Um **verbo pronominal** é aquele que está sempre acompanhado de um pronome, o qual pode apresentar valor reflexivo, valor recíproco ou ser mera "parte integrante do verbo". Já vimos sobre pronome **reflexivo** e **reflexivo recíproco** em voz verbal. Agora conheça os verbos **essencialmente pronominais**.

Os **essencialmente pronominais** são verbos que não podem ser conjugados sem a presença do pronome oblíquo átono com função de parte integrante do verbo. É como se este pronome fizesse parte do radical. Por exemplo, segundo a norma culta, ninguém diz: "Ele queixou do patrão.", mas sim "Ele queixou-**se** do patrão.". Percebeu? Não é possível conjugar um verbo pronominal sem sua parte integrante.

Fiz questão de pesquisar um por um (quase 400 verbos!) no *Dicionário de Verbos e Regimes*, de Francisco Fernandes, e no *Dicionário Prático de Regência Verbal*, de Celso P.

Luft. Alisto aqui apenas alguns recorrentes em provas, os quais, normalmente, indicam sentimento e mudança de estado: *arrepender-se, atrever-se, candidatar-se, dignar-se, engalfinhar-se, esforçar-se, persignar-se, queixar-se, refugiar-se, suicidar-se* etc.

Obs.: Veja uma questão sobre isso:

(Cesgranrio – Petrobras – todos os cargos (Superior) – 2010)

Em "... de que você possa arrepender-**se**" (título), o pronome destacado é parte integrante do verbo. Em qual das frases a seguir o "se" também é parte integrante do verbo?
a) Ninguém se queixou de problemas maiores. (Gabarito!)

Pense se estas frases refletem o uso da língua: *"Eu apaixonei pelo professor.", "Nós queixamos do professor.", "Ela suicidou do prédio."*.

Se sua resposta foi "não", parabéns! Está faltando o quê? O pronome oblíquo átono, pois o verbo é **pronominal**, ora... as frases adequadas ficam assim, portanto: *"Eu apaixonei-**me** pelo professor."; "Nós **nos** queixamos do professor.", "Ela suicidou-**se** do prédio."*. *Simples assim.*

Por outro lado, cuidado com os verbos *esquecer* e *lembrar*, pois, dentre outros, eles podem ser **acidentalmente pronominais**. Ou seja, quando são transitivos indiretos, normalmente, passam a ser conjugados com a presença da parte integrante do verbo. Ok? Veja o que quero dizer com isso: *"Ela esqueceu a informação* (VTD)*."* ou *"Ela esqueceu-se da informação* (VTI)*."*. Quando esses dois verbos (*lembrar* e *esquecer*) forem pronominais, exigirão um complemento preposicionado; percebe?

Importante: os pronomes desses verbos, por serem parte integrante do verbo, não exercem função sintática alguma.

Enfim, dizemos que tais verbos são **acidentalmente pronominais**, pois podem ser conjugados ora com a presença do pronome, ora sem. Veja alguns: *apoderar-se, alegrar-se, concentrar-se, tratar-se, sentar-se, levantar-se, ajoelhar-se, enganar-se, comportar-se, indignar-se, orgulhar-se, precaver-se* etc.

Os reflexivos também são **acidentalmente pronominais**, só que com "sutis" diferenças. Veja em seguida.

Reflexivos

Os verbos reflexivos são um subtipo de verbos pronominais, porque são conjugados com um pronome oblíquo átono também. No entanto, como são transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos, sempre acompanhados de pronomes reflexivos, os quais exercem

obrigatoriamente função sintática de objeto direto ou indireto, são postos à parte, como verbos reflexivos.

Segundo Bechara, o verbo reflexivo "faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou": "Ela sempre ***se anula.***". Diz-se que o pronome reflexivo, que acompanha tal verbo, é também recíproco quando há mais de um ser no sujeito e o verbo se encontra no plural: "Eles ***se falam*** por e-mail.". Mas já falei sobre isso em voz reflexiva e no capítulo de pronomes (sobre o ***se***), lembra? Confira!

Vicários

Verbos vicários são aqueles que substituem outros verbos, evitando a repetição. Normalmente são vicários os verbos *ser* e *fazer*. Normalmente vêm acompanhados de um pronome demonstrativo *o*. Entenda:

– *João vinha muito aqui, mas há anos que não o* ***faz.*** (*o faz = vem aqui*)

– *Se você não luta* ***é*** *porque tem medo.* (*é = não luta*)

Obs.: O verbo *ser* é especial, pois pode ser expletivo, ou seja, pode servir apenas para realçar um termo ou uma expressão. Assim sendo, pode ser retirado da frase sem prejuízo sintático ou semântico. Veja: "Ele falou ***é*** de Português, não de Matemática.". Note que o verbo ser pode ser retirado sem problema algum da frase: "Ele falou de Português, não de Matemática.". É importante dizer que tal verbo pode vir numa expressão junto com a também palavra expletiva *que*: "Ele ***é que*** falou de Português, não de Matemática." / "**Foi** ele **que** falou de Português, não de Matemática.". / "**Foram** os portugueses, os índios, os africanos e outros povos **que** tornaram o Brasil tão culturalmente plural.". O verbo *ser* expletivo não constitui oração, portanto, em todos esses exemplos anteriores, só há uma oração!

Paradigmas (Modelos) de Conjugação Verbal

É muito comum (!) as provas de concurso cobrarem o conhecimento da conjugação (tempos, modos, números e pessoas) de alguns verbos. Como a maioria deles é regular, sempre seguem um paradigma (modelo) na conjugação. Antes de tudo, porém, é bom antecipar alguns detalhes para você.

Na conjugação dos verbos, normalmente há esta estrutura: **radical + vogal temática + desinência modo-temporal + desinência número-pessoal**. Não obstante, alguns desses elementos não aparecem em toda a conjugação. Recomendo, por isso, que você releia a parte de estrutura verbal. Ok? Digo isso porque muita gente pensa que, por exemplo, a forma *cante*, em "Espero que você *cante* melhor.", apresenta vogal temática **e**, quando, na verdade, este **e** se trata de uma desinência modo-temporal. Parece bobagem, mas isso faz você identificar que o verbo está no presente do subjuntivo, e não em outro tempo verbal.

Caro leitor, aqui entre nós, baseie a conjugação de todo e qualquer verbo regular pelos verbos *amar* (1ª conjugação), *vender* (2ª conjugação) e *partir* (3ª conjugação). Beleza?

Veja o paradigma (modelo):

VERBO AMAR Indicativo							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
EU	**Am**	o	ei	ava	ara	arei	aria
TU	**Am**	as	aste	avas	aras	arás	arias
ELE	**Am**	a	ou	ava	ara	ará	aria
NÓS	**Am**	amos	amos	ávamos	áramos	aremos	aríamos
VÓS	**Am**	ais	astes	áveis	áreis	areis	aríeis
ELES	**Am**	am	aram	avam	aram	arão	ariam

VERBO AMAR Subjuntivo				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Am**	e	asse	ar
TU	**Am**	es	asses	ares
ELE	**Am**	e	asse	ar
NÓS	**Am**	emos	ássemos	armos
VÓS	**Am**	eis	ásseis	ardes
ELES	**Am**	em	assem	arem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Am	ar	ando	ado

VENDER Indicativo							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**

EU	**Vend**	o	i	ia	era	erei	eria
TU	**Vend**	es	este	ias	eras	erás	erias
ELE	**Vend**	e	eu	ia	era	erá	eria
NÓS	**Vend**	emos	emos	íamos	êramos	eremos	eríamos
VÓS	**Vend**	eis	estes	íeis	êreis	ereis	eríeis
ELES	**Vend**	em	eram	iam	eram	erão	eriam

VENDER **Subjuntivo**				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Vend**	a	esse	er
TU	**Vend**	as	esses	eres
ELE	**Vend**	a	esse	er
NÓS	**Vend**	amos	êssemos	ermos
VÓS	**Vend**	ais	êsseis	erdes
ELES	**Vend**	am	essem	erem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Vend	er	endo	ido

PARTIR **Indicativo**							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
EU	**Part**	o	i	ia	ira	irei	iria
TU	**Part**	es	iste	ias	iras	irás	irias
ELE	**Part**	e	iu	ia	ira	irá	iria
NÓS	**Part**	imos	imos	íamos	íramos	iremos	iríamos
VÓS	**Part**	is	istes	íeis	íreis	ireis	iríeis
ELES	**Part**	em	iram	iam	iram	irão	iriam

PARTIR **Subjuntivo**				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Part**	a	isse	ir
TU	**Part**	as	isses	ires
ELE	**Part**	a	isse	ir
NÓS	**Part**	amos	íssemos	irmos
VÓS	**Part**	ais	ísseis	irdes
ELES	**Part**	am	issem	irem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Part	**ir**	**indo**	**ido**

Você deve estar perguntando agora: “Ué, mas cadê o imperativo?”. Esses verbos se encaixam naquela tabela que já vimos no tópico *Formação do Imperativo*. Dê uma olhada lá!

Faço questão agora de apresentar a formação do verbo *pôr*, afinal ele e seus derivados são figurinhas repetidas nas questões de concursos. Como você já sabe, o verbo *pôr* e seus derivados (*apor, repor, compor, propor, pospor, antepor, sobrepor, impor, depor* etc.) pertencem à **segunda conjugação** porque *pôr* é verbo de 2ª conjugação, pois origina-se da forma latina *ponere* > *poer* (cuja vogal temática é **e**).

Veja agora a conjugação do verbo *supor* (mais um derivado deste importante verbo):

SUPOR Indicativo							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
EU	**Sup**	onho	us	unha	usera	orei	oria
TU	**Sup**	ões	useste	unhas	useras	orás	orias
ELE	**Sup**	õe	ôs	unha	usera	orá	oria
NÓS	**Sup**	omos	usemos	únhamos	uséramos	oremos	oríamos
VÓS	**Sup**	ondes	usestes	únheis	uséreis	oreis	oríeis
ELES	**Sup**	õem	useram	unham	useram	orão	oriam

SUPOR Subjuntivo				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Sup**	onha	usesse	user
TU	**Sup**	onhas	usesses	useres
ELE	**Sup**	onha	usesse	user
NÓS	**Sup**	onhamos	uséssemos	usermos
VÓS	**Sup**	onhais	usésseis	userdes
ELES	**Sup**	onham	usessem	userem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Supo	r	ndo	sto

Verbos Notáveis

Existem muitos verbos que são a pedra no sapato de qualquer concurseiro... ou melhor ERAM a pedra no sapato... Deixaram de ser neste exato momento! Aproveite! Vou conjugar a partir de agora alguns verbos *ultraimportantes*! Conjugarei só as formas simples, beleza? Mas saiba que as formas compostas (*ter/haver* + particípio) também existem, é lógico. Dê uma olhada depois em tempos compostos e conjugue os verbos abaixo nesses tempos. Afinal, não sou só eu que tenho de trabalhar nessa "bagaça", não! Brincadeira... é só para "forçá-lo" a conjugar. É muito importante. Confie em mim!

Aposto todas as minhas fichas nestes verbos (dos mais de 11.000, você só precisa dominar uns 30), com margem de segurança de mais de 90% (e não é retórica barata!):

***Abolir, soer, emergir/imergir, viger, ser, estar, pedir/medir* (e derivados), *ir, vir* (e derivados), *ver* (e derivados), *pôr (e derivados), ter* (e derivados), *caber, valer, adequar, haver, reaver, precaver-se, querer, requerer, prover, viger, preterir, eleger, impugnar, trazer,* os terminados em *-ear, -iar* (Lembra-se do MARIO?), *-oar* e *-uar*. Não necessariamente nesta ordem...**

1) Verbos terminados em -uar

São verbos regulares da 1ª conjugação. Como *apaziguar*, por exemplo, conjugam-se *averiguar, aguar, enxaguar*, *obliquar* etc. De acordo com o novo acordo ortográfico, não há mais trema nem acento agudo nos grupos *gue, gui, que, qui*. As formas rizotônicas são pronunciadas ***apazigu-e, apazigu-es...*** ou pronunciadas e escritas ***apazígue, apazígues...***

Presente do indicativo: apaziguo, apaziguas, apazigua, apaziguamos, apaziguais, apaziguam.
Pretérito perfeito do indicativo: apaziguei, apaziguaste, apaziguou, apaziguamos, apaziguastes, apaziguaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: apaziguava, apaziguavas, apaziguava, apaziguávamos, apaziguáveis, apaziguavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: apaziguara, apaziguaras, apaziguara, apaziguáramos, apaziguáreis, apaziguaram.
Futuro do presente do indicativo: apaziguarei, apaziguarás, apaziguará, apaziguaremos, apaziguareis, apaziguarão.
Futuro do pretérito do indicativo: apaziguaria, apaziguarias, apaziguaria, apaziguaríamos, apaziguaríeis, apaziguariam.
Presente do subjuntivo: apazigue/apazígue, apazigues/apazígues, apazigue/apazígue, apaziguemos, apazigueis, apaziguem/apazíguem
Pretérito imperfeito do subjuntivo: apaziguasse, apaziguasses, apaziguasse, apaziguássemos, apaziguásseis, apaziguassem.
Futuro do subjuntivo: apaziguar, apaziguares, apaziguar, apaziguarmos, apaziguardes, apaziguarem.
Imperativo afirmativo: apazigua, apazigue/apazígue, apaziguemos, apaziguai, apaziguem/apazíguem
Imperativo negativo: não apazigues/apazígues, não apazigue/apazígue, não apaziguemos, não apazigueis, não apaziguem/apazíguem.
Infinitivo pessoal: apaziguar, apaziguares, apaziguar, apaziguarmos, apaziguardes, apaziguarem.
Gerúndio: apaziguando.
Particípio: apaziguado.

Obs.: ***Aguar*, *enxaguar*** e ***desaguar*** *r*ecebem acento agudo no primeiro **a** das formas rizotônicas.
Presente do indicativo: *águo, águas, água, aguamos, aguais, águam.*
Presente do subjuntivo: *águe, águes, águe, aguemos, agueis, águem.*

2) Verbos terminados em -ear

No presente do indicativo, do subjuntivo e no imperativo, recebem a letra **i** nas formas rizotônicas (sílaba tônica no radical). Trocando em miúdos, o **i** vem após o **e**, exceto na 1ª e 2ª pessoas do plural. *Pentear* é um exemplo:

Presente do indicativo: pente**i**o, pente**i**as, pente**i**a, *penteamos*, *penteais*, pente**i**am.
Pretérito perfeito do indicativo: penteei, penteaste, penteou, penteamos, penteastes, pentearam.
Pretérito imperfeito do indicativo: penteava, penteavas, penteava, penteávamos, penteáveis, penteavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: penteara, pentearas, penteara, penteáramos, penteáreis, pentearam.
Futuro do presente do indicativo: pentearei, pentearás, penteará, pentearemos, penteareis, pentearão.
Futuro do pretérito do indicativo: pentearia, pentearias, pentearia, pentearíamos, pentearíeis, penteariam.
Presente do subjuntivo: pente**i**e, pente**i**es, pente**i**e, *penteemos*, *penteeis*, pente**i**em.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: penteasse, penteasses, penteasse, penteássemos, penteásseis, penteassem.
Futuro do subjuntivo: pentear, penteares, pentear, pentearmos, penteardes, pentearem.
Imperativo afirmativo: pente**i**a, pente**i**e, *penteemos, penteai*, pente**i**em.
Imperativo negativo: não pente**i**es, não pente**i**e, não *penteemos,* não *penteeis*, não pente**i**em.
Infinitivo pessoal: pentear, penteares, pentear, pentearmos, penteardes, pentearem.
Gerúndio: penteando.
Particípio: penteado.

3) Verbos terminados em -iar

Os verbos dessa terminação **são regulares**, ou seja, seguem a conjugação de *amar*. Um exemplo é o verbo *variar* (radical **vari-**): *eu vario, tu varias, varia, variamos, variais, variam*. Nada de "Eu vareio, tu vareias, ele vareia...". Assim você mata o papai...

Mas... como nem tudo são flores... há pelo menos **seis verbos** terminados em **-iar** que recebem a letra **e** antes do **i** nas formas rizotônicas (formas em que a sílaba tônica recai no

radical), do presente do indicativo e presente do subjuntivo, exceto na 1ª e 2ª pessoas do plural. Suas iniciais formam o anagrama **M-A-R-I-O** (Conhece? Piada inevitável...): ***Mediar, Ansiar, Remediar, Intermediar/Incendiar*** e ***Odiar***.

Vejamos a conjugação de um deles, o mais *cabuloso*, que serve, não obstante, de modelo para os demais:

Presente do indicativo: intermed**e**io, intermed**e**ias, intermed**e**ia, *intermediamos, intermediais*, intermed**e**iam.
Pretérito perfeito do indicativo: intermediei, intermediaste, intermediou, intermediamos, intermediastes, intermediaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: intermediava, intermediavas, intermediava, intermediávamos, intermediáveis, intermediavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: intermediara, intermediaras, intermediara, intermediáramos, intermediáreis, intermediaram.
Futuro do presente do indicativo: intermediarei, intermediarás, intermediará, intermediaremos, intermediareis, intermediarão.
Futuro do pretérito do indicativo: intermediaria, intermediarias, intermediaria, intermediaríamos, intermediaríeis, intermediariam.
Presente do subjuntivo: intermed**e**ie, intermed**e**ies, intermed**e**ie, *intermediemos, intermedieis*, intermed**e**iem.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: intermediasse, intermediasses, intermediasse, intermediássemos, intermediásseis, intermediassem.
Futuro do subjuntivo: intermediar, intermediares, intermediar, intermediarmos, intermediardes, intermediarem.
Imperativo afirmativo: intermed**e**ia, intermed**e**ie, *intermediemos, intermediai*, intermed**e**iem.
Imperativo negativo: não intermed**e**ies, não intermed**e**ie, não *intermediemos,* não *intermedieis*, não intermed**e**iem.
Infinitivo pessoal: intermediar, intermediares, intermediar, intermediarmos, intermediardes, intermediarem.
Gerúndio: intermediando.
Particípio: intermediado.

Obs.: Na boa... para agilizar sua vida, lembre-se da conjugação do verbo ***odiar***, o mais usado de todos no dia a dia. Também, ao falar de verbo durante várias páginas, quem não odeia? EU não odeio, gosto muito, e você tem de gostar também. Deixa a preguiça de lado. Vamos memorizar! Exercício ajuda!

Ah... como eu poderia me esquecer disso! O verbo ***mobiliar*** recebe acento agudo na sílaba

bi em algumas formas do presente do indicativo (*mobílio, mobílias, mobília, mobíliam*), em algumas do presente do subjuntivo (*mobílie, mobílies, mobílie, mobíliem*) e dos imperativos afirmativo e negativo (*mobília, mobílie, mobíliem / não mobílies, não mobílie, não mobíliem*). Agora sim.

4) Verbos terminados em -oar

Saiba que agora o acento circunflexo de **ôo**, *abençôo*, não mais existe, pelo novo acordo ortográfico vigente. Conheça o modelo dos verbos terminados em **-oar** pela conjugação de ***abençoar***:

Presente do indicativo: abençoo, abençoas, abençoa, abençoamos, abençoais, abençoam.
Pretérito perfeito do indicativo: abençoei, abençoaste, abençoou, abençoamos, abençoastes, abençoaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: abençoava, abençoavas, abençoava, abençoávamos, abençoáveis, abençoavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: abençoara, abençoaras, abençoara, abençoáramos, abençoáreis, abençoaram.
Futuro do presente do indicativo: abençoarei, abençoarás, abençoará, abençoaremos, abençoareis, abençoarão.
Futuro do pretérito do indicativo: abençoaria, abençoarias, abençoaria, abençoaríamos, abençoaríeis, abençoariam.
Presente do subjuntivo: abençoe, abençoes, abençoe, abençoemos, abençoeis, abençoem.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: abençoasse, abençoasses, abençoasse, abençoássemos, abençoásseis, abençoassem.
Futuro do subjuntivo: abençoar, abençoares, abençoar, abençoarmos, abençoardes, abençoarem.
Imperativo afirmativo: abençoa, abençoe, abençoemos, abençoai, abençoem.
Imperativo negativo: não abençoes, não abençoe, não abençoemos, não abençoeis, não abençoem.
Infinitivo pessoal: abençoar, abençoares, abençoar, abençoarmos, abençoardes, abençoarem.
Gerúndio: abençoando.
Particípio: abençoado.

5) Verbos querer e requerer

Apesar de parecido, não é derivado do verbo *querer*, principalmente no presente do indicativo e no presente do subjuntivo. Os demais tempos seguem o modelo regular de *vender*. Veja a conjugação de *querer* e *requerer*, respectivamente:

Presente do indicativo: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem.
Pretérito perfeito do indicativo: quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram.
Pretérito imperfeito do indicativo: queria, querias, queria, queríamos, queríeis, queriam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram.
Futuro do presente do indicativo: quererei, quererás, quererá, quereremos, quereres, quererão. (Feião, não é?)
Futuro do pretérito do indicativo: quereria, quererias, quereria, quereríamos, quereríeis, quereriam. (Feião, idem.)
Presente do subjuntivo: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram. (Radical diferente do presente do indicativo.)
Pretérito imperfeito do subjuntivo: quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem.
Futuro do subjuntivo: quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem.
Imperativo afirmativo: quer(e), queira, queiramos, querei, queiram.
Imperativo negativo: não queiras, não queira, não queiramos, não queirais, não queiram.
Infinitivo pessoal: querer, quereres, querer, querermos, quererdes, quererem.
Gerúndio: querendo.
Particípio: querido.

Obs.: Dado o seu significado, é raro seu uso no imperativo. Note que o infinitivo pessoal desse verbo é diferente do futuro do subjuntivo. Não confunda *querido* (verbo no particípio) com adjetivo. Além disso, os verbos *bem-querer* (ou *benquerer*) e *malquerer* têm os seguintes particípios: *benquisto* e *malquisto*.

Presente do indicativo: requeiro, requeres, requer, requeremos, requereis, requerem.
Pretérito perfeito do indicativo: requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram.
Pretérito imperfeito do indicativo: requeria, requerias, requeria, requeríamos, requeríeis, requeriam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: requerera, requereras, requerera, requerêramos, requerêreis, requereram.
Futuro do presente do indicativo: requererei, requererás, requererá, requereremos, requereres, requererão.
Futuro do pretérito do indicativo: requereria, requererias, requereria, requereríamos, requereríeis, requereriam.
Presente do subjuntivo: requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram.

Pretérito imperfeito do subjuntivo: requeresse, requeresses, requeresse, requerêssemos, requerêsseis, requeressem.
Futuro do subjuntivo: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.
Imperativo afirmativo: requer(e), requeira, requeiramos, requerei, requeiram.
Imperativo negativo: não requeiras, não requeira, não requeiramos, não requeirais, não requeiram.
Infinitivo pessoal: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.
Gerúndio: requerendo.
Particípio: requerido.

6) Verbo precaver(-se)

Não é derivado do verbo *ver* nem do verbo *vir*. É defectivo, logo, no presente do indicativo, só se conjuga nas 1ª e 2ª pessoas do plural: **nós *nos precavemos*, vós *vos precaveis***. Não há o presente do subjuntivo, pois não há a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, donde deriva o presente do subjuntivo, logo não há o imperativo negativo. No imperativo afirmativo, só há a 2ª pessoa do plural. Os demais tempos seguem o modelo de conjugação de *vender*.

Este verbo é normalmente pronominal, de modo que podemos conjugá-lo com o pronome oblíquo átono ou não. Para facilitar, vou conjugar sem o pronome.

Presente do indicativo: precavemos, precaveis.
Pretérito perfeito do indicativo: precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: precavia, precavias, precavia, precavíamos, precavíeis, precaviam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: precavera, precaveras, precavera, precavêramos, precavêreis, precaveram.
Futuro do presente do indicativo: precaverei, precaverás, precaverá, precaveremos, precavereis, precaverão.
Futuro do pretérito do indicativo: precaveria, precaverias, precaveria, precaveríamos, precaveríeis, precaveriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: precavesse, precavesses, precavesse, precavêssemos, precavêsseis, precavessem.
Futuro do subjuntivo: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.
Imperativo afirmativo: precavei.

Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.
Gerúndio: precavendo.
Particípio: precavido.

7) Verbos haver e reaver

Reaver é derivado do verbo *haver*, quando em sua conjugação houver a letra **v**. Logo você tem de saber a conjugação de um verbo para saber a do outro. No presente do indicativo, só existem as formas da 1ª e 2ª pessoas do plural: ***reavemos, reaveis***. Consequentemente, não há o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo. No imperativo afirmativo, só há a 2ª pessoa do plural, que vem do presente do indicativo. Os demais tempos seguem a conjugação de *haver*. Vejamos ambos os verbos, respectivamente:

Presente do indicativo: hei, hás, há, havemos/hemos, haveis/heis, hão (hemos e heis são formas antigas).
Pretérito perfeito do indicativo: houve, houveste, houve, houvemos, houvestes, houveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: havia, havias, havia, havíamos, havíeis, haviam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: houvera, houveras, houvera, houvéramos, houvéreis, houveram,
Futuro do presente do indicativo: haverei, haverás, haverá, haveremos, havereis, haverão.
Futuro do pretérito do indicativo: haveria, haverias, haveria, haveríamos, haveríeis, haveriam.
Presente do subjuntivo: haja, hajas, haja, hajamos, hajais, hajam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: houvesse, houvesses, houvesse, houvéssemos, houvésseis, houvessem.
Futuro do subjuntivo: houver, houveres, houver, houvermos, houverdes, houverem.
***Imperativo afirmativo**: haja, hajamos, havei, hajam.
Imperativo negativo: não hajas, não haja, não hajamos, não hajais, não hajam.
Infinitivo pessoal: haver, haveres, haver, havermos, haverdes, haverem.
Gerúndio: havendo.
Particípio: havido.

* Segundo Celso Cunha, a 2ª pessoa do singular (há) é desusada. Sacconi a registra.

Presente do indicativo: reavemos, reaveis.
Pretérito perfeito do indicativo: reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: reavia, reavias, reavia, reavíamos, reavíeis, reaviam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: reouvera, reouveras, reouvera, reouvéramos, reouvéreis, reouveram.
Futuro do presente do indicativo: reaverei, reaverás, reaverá, reaveremos, reavereis, reaverão.
Futuro do pretérito do indicativo: reaveria, reaverias, reaveria, reaveríamos, reaveríeis, reaveriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: reouvesse, reouvesses, reouvesse, reouvéssemos, reouvésseis, reouvessem.
Futuro do subjuntivo: reouver, reouveres, reouver, reouvermos, reouverdes, reouverem.
Imperativo afirmativo: reavei.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: reaver, reaveres, reaver, reavermos, reaverdes, reaverem.
Gerúndio: reavendo.
Particípio: reavido.

8) Verbos ver e prover

Prover não é derivado de *ver*, apesar de coincidir a conjugação no presente, no pretérito imperfeito, no futuro do presente, no futuro do pretérito do indicativo e no presente do subjuntivo. O resto da conjugação de *prover* é igual a *vender*. "**Pelamordedeus"*: grave a conjugação do futuro do subjuntivo do verbo ver. Vá por mim!*** Vejamos as respectivas conjugações:

Presente do indicativo: vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem*.
Pretérito perfeito do indicativo: vi, viste, viu, vimos, viestes, viram.
Pretérito imperfeito do indicativo: via, vias, via, víamos, víeis, viam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: vira, viras, vira, víramos, víreis, viram.
Futuro do presente do indicativo: verei, verás, verá, veremos, vereis, verão.
Futuro do pretérito do indicativo: veria, verias, veria, veríamos, veríeis, veriam.
Presente do subjuntivo: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem.
Futuro do subjuntivo: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem. (Cai muito em prova!)
Imperativo afirmativo: vê, veja, vejamos, vede, vejam.
Imperativo negativo: não vejas, não veja, não vejamos, não vejais, não vejam.
Infinitivo pessoal: ver, veres, ver, vermos, verdes, verem.
Gerúndio: vendo.
Particípio: visto.

* Agora sem acento no hiato ***ee!*** O mesmo vale para os verbos *crer, dar* e *ler* (e derivados). Ah! Última dica: fique ligado nos verbos derivados de *ver: prever, antever, rever...*

Presente do indicativo: provejo, provês, provê, provemos, provedes, proveem.
Pretérito perfeito do indicativo: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: provia, provias, provia, províamos, províeis, proviam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram.
Futuro do presente do indicativo: proverei, proverás, proverá, proveremos, provereis, proverão.
Futuro do pretérito do indicativo: proveria, proverias, proveria, proveríamos, proveríeis, proveriam.
Presente do subjuntivo: proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: provesse, provesses, provesse, provêssemos, provêsseis, provessem.
Futuro do subjuntivo: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.
Imperativo afirmativo: provê, proveja, provejamos, provede, provejam.
Imperativo negativo: não provejas, não proveja, não provejamos, não provejais, não provejam.
Infinitivo pessoal: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.
Gerúndio: provendo.
Particípio: provido.

9) Verbo viger

É defectivo. Não possui, portanto, no presente do indicativo, a 1ª pessoa do singular. Logo, não há presente do subjuntivo, tampouco algumas formas do imperativo afirmativo. O mais... conjuga-se como *vender*.

Presente do indicativo: viges, vige, vigemos, vigeis, vigem.
Pretérito perfeito do indicativo: vigi, vigeste, vigeu, vigemos, vigestes, vigeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: vigia, vigias, vigia, vigíamos, vigíeis, vigiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: vigera, vigeras, vigera, vigêramos, vigêreis, vigeram.
Futuro do presente do indicativo: vigerei, vigerás, vigerá, vigeremos, vigereis, vigerão.
Futuro do pretérito do indicativo: vigeria, vigerias, vigeria, vigeríamos, vigeríeis, vigeriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: vigesse, vigesses, vigesse, vigêssemos, vigêsseis, vigessem.

Futuro do subjuntivo: viger, vigeres, viger, vigermos, vigerdes, vigerem.
Imperativo afirmativo: *vige, vigei*.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: viger, vigeres, viger, vigermos, vigerdes, vigerem.
Gerúndio: vigendo.
Particípio: vigido.

Obs.: Se você quiser redigir este verbo numa redação e se esquecer de sua conjugação, conjugue *vigorar*, que é muito mais fácil, e corra para o abraço! Só um detalhe: *vigir* não existe na língua portuguesa, quanto mais *vigindo* ou qualquer *bicho* parecido com esse.

10) Verbo pôr

Este verbo, junto de *ter* e *vir*, é um dos que mais caem em provas de concurso público. Principalmente seus derivados: *apor, antepor, compor, depor, dispor, entrepor, expor, impor, interpor, justapor, pospor, propor, repor, sobpor, sobrepor, sotopor, subpor, superpor...* DE-CO-RE!

Presente do indicativo: ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem.
Pretérito perfeito do indicativo: pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram.
Pretérito imperfeito do indicativo: punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram.
Futuro do presente do indicativo: porei, porás, porá, poremos, poreis, porão.
Futuro do pretérito do indicativo: poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poriam.
Presente do subjuntivo: ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, puséssseis, pusessem.
Futuro do subjuntivo: puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem.
Imperativo afirmativo: põe, ponha, ponhamos, ponde, ponham.
Imperativo negativo: não ponhas, não ponha, não ponhamos, não ponhais, não ponham.
Infinitivo pessoal: pôr, pores, pôr, pormos, pordes, porem.
Gerúndio: pondo.
Particípio: posto.

11) Verbos vir e ter

Os verbos ***vir*** e ***ter*** (e derivados) caem muuuuuuuuuuuuito em provas diversas, em questões de acentuação gráfica, conjugação verbal e concordância verbal. Principalmente na 1ª pessoa

do plural e na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo, na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo e em todo o pretérito imperfeito do subjuntivo. Se eu fosse você, eu decoraria essas conjugações. Fica a dica!

Fique ligado também na conjugação de seus derivados: *avir-se, advir, convir, intervir, provir, sobrevir...; abster-se, ater-se, conter, deter, entreter, manter, obter, reter…*

Presente do indicativo: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm.
Pretérito perfeito do indicativo: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.
Pretérito imperfeito do indicativo: vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram.
Futuro do presente do indicativo: virei, virás, virá, viremos, vireis, virão.
Futuro do pretérito do indicativo: viria, virias, virias, viríamos, viríeis, viriam.
Presente do subjuntivo: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem.
Futuro do subjuntivo: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.
Imperativo afirmativo: vem, venha, venhamos, vinde, venham.
Imperativo negativo: não venhas, não venha, não venhamos, não venhais, não venham.
Infinitivo pessoal: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.
Gerúndio: vindo.
Particípio: vindo (é isso mesmo, o gerúndio e o particípio são iguais).

Presente do indicativo: tenho, tens, tem, temos, tendes, têm.
Pretérito perfeito do indicativo: tive, tiveste, teve, tivemos, tivestes, tiveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: tinha, tinhas, tinha, tínhamos, tínheis, tinham.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: tivera, tiveras, tivera, tivéramos, tivéreis, tiveram.
Futuro do presente do indicativo: terei, terás, terá, teremos, tereis, terão.
Futuro do pretérito do indicativo: teria, terias, teria, teríamos, teríeis, teriam.
Presente do subjuntivo: tenha, tenhas, tenha, tenhamos, tenhais, tenham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: tivesse, tivesses, tivesse, tivéssemos, tivésseis, tivessem.
Futuro do subjuntivo: tiver, tiveres, tiver, tivermos, tiverdes, tiverem.
Imperativo afirmativo: tem, tenha, tenhamos, tende, tenham.
Imperativo negativo: não tenhas, não tenha, não tenhamos, não tenhais, não tenham.
Infinitivo pessoal: ter, teres, ter, termos, terdes, terem.
Gerúndio: tendo.
Particípio: tido.

Obs.: Abater não é derivado do verbo ter, cuidado!!! Veja: FCC – SEFAZ/SP – AGENTE

12) Cuidado com advertir, aderir, aferir, competir, concernir, digerir, despir, divergir, discernir, expelir, ferir, gerir, interferir, inserir, ingerir, impelir, preterir, repelir!

Tais verbos se conjugam igualmente, mudando o **e** do infinitivo para **i** na primeira pessoa do singular do presente do indicativo e em todas as do presente do subjuntivo.

Presente do indicativo: adiro, aderes, adere, aderimos, aderis, aderem.
Pretérito perfeito do indicativo: aderi, aderiste, aderiu, aderimos, aderistes, aderiram.
Pretérito imperfeito do indicativo: aderia, aderias, aderia, aderíamos, aderíeis, aderiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: aderira, aderiras, aderira, aderíramos, aderíreis, aderiram.
Futuro do presente do indicativo: aderirei, aderirás, aderirá, aderiremos, aderireis, aderirão.
Futuro do pretérito do indicativo: aderiria, aderirias, aderiria, aderiríamos, aderiríeis, adeririam .
Presente do subjuntivo: adira, adiras, adira, adiramos, adirais, adiram.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: aderisse, aderisses, aderisse, aderíssemos, aderísseis, aderissem.
Futuro do subjuntivo: aderir, aderires, aderir, aderirmos, aderirdes, aderirem.
Imperativo afirmativo: adere, adira, adiramos, aderi, adiram.
Imperativo negativo: não adiras, não adira, não adiramos, não adirais, não adiram.
Infinitivo pessoal: aderir, aderires, aderir, aderirmos, aderirdes, aderirem.
Gerúndio: aderindo.
Particípio: aderido.

13) Verbos emergir e imergir

Nem Sacconi, nem Bechara, nem o dicionário Houaiss consideram tais verbos como defectivos, dizendo que se conjugam normalmente por *submergir/aspergir* (*eu submerjo/emerjo/imerjo, tu submerges/emerges/imerges, ele submerge/emerge/imerge, nós submergimos/emergimos/imergimos, vós submergis/emergis/imergis, eles submergem/emergem/imergem*). Celso Cunha e o dicionário Aulete consideram defectivos *emergir* e *imergir*, não havendo a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo. Este mesmo gramático diz que *submergir* (e *aspergir*) se conjuga diferente, havendo todas as formas. Como a polêmica não para, os dicionários de Portugal registram o seguinte: "a primeira pessoa do singular é *emirjo*, tal como acontece com verbos como *convergir* ou *divergir*". Ufa! Bem-vindo à Língua Portuguesa!

Como disse sensatamente o estudioso Nuno Carvalho, do Ciberdúvidas: "Com tal variedade de preceitos acerca da conjugação da primeira pessoa do singular do verbo *emergir*

no presente do indicativo (e, consequentemente, das formas do presente do subjuntivo e de algumas formas do imperativo), podemos dizer que qualquer das escolhas apresentadas é justificável, contanto que em cada texto se use a forma escolhida com coerência.”.

“Há um parâmetro, Pestana?” Sim. Pelo menos a Esaf ficou com a opinião do Celso Cunha (mega-autoridade consagradíssima!). Veja:

21. (Esaf – SFC – Analista de Finança e Controle – 2002) Assinale a proposição correta a respeito da estrutura morfossintática do texto abaixo.
b) Emergir é verbo defectivo, ao qual faltam as formas em que ao radical se seguiria o ou a.

Comentário: Tal afirmação procede, pois **não** há a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo (emerjo) nem, consequentemente, todo o presente do subjuntivo (emerja, emerjas, emerja, emerjamos, emerjais, emerjam).

Conheça agora a conjugação completa de *emergir* (e, por tabela, *imergir*):

Presente do indicativo: emerges, emerge, emergemos, emergeis, emergem.
Pretérito perfeito do indicativo: emergi, emergiste, emergiu, emergimos, emergistes, emergiram.
Pretérito imperfeito do indicativo: emergia, emergias, emergia, emergíamos, emergíeies, emergiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: emergira, emergiras, emergira, emergíramos, emergíreis, emergiram.
Futuro do presente do indicativo: emergirei, emergirás, emergirá, emergiremos, emergireis, emergirão.
Futuro do pretérito do indicativo: emergiria, emergirias, emergiria, emergiríamos, emergiríeis, emergiriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: emergisse, emergisses, emergisse, emergíssemos, emergísseis, emergissem.
Futuro do subjuntivo: emergir, emergires, emergir, emergirmos, emergirdes, emergirem.
Imperativo afirmativo: *emerge, emergei*.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: emergir, emergires, emergir, emergirmos, emergirdes, emergirem.
Gerúndio: emergindo.
Particípio: emergido/emerso.

Obs.: Outros verbos, não defectivos, terminados em **-gir** tem o **g** substituído por **j** antes de **o** e de **a**, na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, em todo o presente do

subjuntivo e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo: *fugir, agir, infringir, tingir...*

14) Verbo abolir

Como defectivo, não é conjugado na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, portanto não há o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo. O imperativo afirmativo passa a não ter todas as formas também.

Presente do indicativo: aboles, abole, abolimos, abolis, abolem.
Pretérito perfeito do indicativo: aboli, aboliste, aboliu, abolimos, abolistes, aboliram.
Pretérito imperfeito do indicativo: abolia, abolias, abolia, abolíamos, abolíeis, aboliam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: abolira, aboliras, abolira, abolíramos, abolíreis, aboliram.
Futuro do presente do indicativo: abolirei, abolirás, abolirá, aboliremos, abolireis, abolirão.
Futuro do pretérito do indicativo: aboliria, abolirias, aboliria, aboliríamos, aboliríeis, aboliriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: abolisse, abolisses, abolisse, abolíssemos, abolísseis, abolissem.
Futuro do subjuntivo: abolir, abolires, abolir, abolirmos, abolirdes, abolirem.
Imperativo afirmativo: *abole, aboli.*
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: abolir, abolires, abolir, abolirmos, abolirdes, abolirem.
Gerúndio: abolindo.
Particípio: abolido.

Obs.: Fique ligado também nos verbos *demolir, extorquir* e *explodir*, cuja conjugação segue o modelo de *abolir*. Tais verbos defectivos dão uma dor de cabeça, não é? Jesus!

15) Verbo soer

Como defectivo, não é conjugado na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, portanto não há o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo. O imperativo afirmativo passa a não ter todas as formas também. Este verbo, usado em linguagem extremamente formal, significa "ter por hábito, ou ser costumeiro; costumar".

Presente do indicativo: sóis, sói, soemos, soeis, soem.
Pretérito perfeito do indicativo: soí, soeste, soeu, soemos, soestes, soeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: soía, soías, soía, soíamos, soíeis, soíam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: soera, soeras, soera, soêramos, soêreis, soeram.
Futuro do presente do indicativo: soerei, soerás, soerá, soeremos, soereis, soerão.
Futuro do pretérito do indicativo: soeria, soerias, soeria, soeríamos, soeríeis, soeriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: soesse, soesses, soesse, soêssemos, soêsseis, soessem.
Futuro do subjuntivo: soer, soeres, soer, soermos, soerdes, soerem.
Imperativo afirmativo: *sói, soei*.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: soer, soeres, soer, soermos, soerdes, soerem.
Gerúndio: soendo.
Particípio: soído.

16) Verbo ser

Um dos verbos mais polêmicos da língua portuguesa. Não poderia deixar de lado... Eis sua conjugação anômala (cuidado com algumas igualdades de conjugação com o verbo *ir* e observe as segundas pessoas do imperativo afirmativo):

Presente do indicativo: sou, és, é, somos, sois, são.
Pretérito perfeito do indicativo: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.
Pretérito imperfeito do indicativo: era, eras, era, éramos, éreis, eram.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.
Futuro do presente do indicativo: serei, serás, será, seremos, sereis, serão.
Futuro do pretérito do indicativo: seria, serias, seria, seríamos, seríeis, seriam.
Presente do subjuntivo: seja, sejas, seja, sejamos, sejais, sejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.
Futuro do subjuntivo: for, fores, for, formos, fordes, forem.
Imperativo afirmativo: sê, seja, sejamos, sede, sejam.
Imperativo negativo: não sejas, não seja, não sejamos, não sejais, não sejam.
Infinitivo pessoal: ser, seres, ser, sermos, serdes, serem.
Gerúndio: sendo.
Particípio: sido.

Obs.: Muitas pessoas falam “seje”, no presente do subjuntivo. É registro coloquial, não culto.

17) Verbo ir

Este verbo anômalo é tão importante quanto o *ser*. Conheça sua conjugação:

Presente do indicativo: vou, vais, vai, vamos, ides, vão.
Pretérito perfeito do indicativo: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.
Pretérito imperfeito do indicativo: ia, ias, ia, íamos, íeis, iam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.
Futuro do presente do indicativo: irei, irás, irá, iremos, ireis, irão.
Futuro do pretérito do indicativo: iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam.
Presente do subjuntivo: vá, vás, vá, vamos, vades, vão.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.
Futuro do subjuntivo: for, fores, for, formos, fordes, forem.
Imperativo afirmativo: vai, vá, vamos, ide, vão.
Imperativo negativo: não vás, não vá, não vamos, não vades, não vão.
Infinitivo pessoal: ir, ires, ir, irmos, irdes, irem.
Gerúndio: indo.
Particípio: ido.

18) Verbo estar

Não há mistérios na conjugação deste verbo irregular, mas não o menospreze, pois muitos pensam estar certa a forma de presente do subjuntivo "esteje". Não caia nessa! Outra vacilação que alguns cometem é esta: "Se eu ***tivesse*** lá em Nova York, teria comprado um monte de coisas, mas eu não ***tô*** lá.". Na fala do dia a dia, às vezes a gente suprime pedaços da conjugação do verbo *estar* e de outros verbos. Cuidado! Essa frase deveria estar assim, para atender à norma culta: "Se eu ***estivesse*** lá em Nova York, teria comprado um monte de coisas, mas eu não ***estou*** lá.". Veja a conjugação culta agora:

Presente do indicativo: estou, estás, está, estamos, estais, estão.
Pretérito perfeito do indicativo: estive, estiveste, esteve, estivemos, estivestes, estiveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: estava, estavas, estava, estávamos, estáveis, estavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: estivera, estiveras, estivera, estivéramos, estivéreis, estiveram.
Futuro do presente do indicativo: estarei, estarás, estará, estaremos, estareis, estarão.
Futuro do pretérito do indicativo: estaria, estarias, estaria, estaríamos, estaríeis, estariam.
Presente do subjuntivo: esteja, estejas, esteja, estejamos, estejais, estejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: estivesse, estivesses, estivesse, estivéssemos, estivésseis, estivessem.
Futuro do subjuntivo: estiver, estiveres, estiver, estivermos, estiverdes, estiverem.
Imperativo afirmativo: está, esteja, estejamos, estai, estejam.
Imperativo negativo: não estejas, não esteja, não estejamos, não estejais, não estejam.

Infinitivo pessoal: estar, estares, estar, estarmos, estardes, estarem.
Gerúndio: estando.
Particípio: estado.

19) Verbos pedir e medir (e semelhantes)

Por *medir* conjuga-se *desmedir*. Conjugam-se por *pedir*, embora dele não sejam derivados, os verbos *despedir*, *expedir* e *impedir*, bem como os que destes se formam: *desimpedir*, *reexpedir* etc. Observe principalmente como é a conjugação de tais verbos na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, de onde deriva o presente do subjuntivo e partes do imperativo, pois o **d** vira **ç** antes de **o** e de **a**. Vou conjugar o *medir*, mas o *pedir* segue o mesmo paradigma.

Presente do indicativo: meço, medes, mede, medimos, medis, medem.
Pretérito perfeito do indicativo: medi, mediste, mediu, medimos, medistes, mediram.
Pretérito imperfeito do indicativo: media, medias, media, medíamos, medíeis, mediam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: medira, mediras, medira, medíramos, medíreis, mediram.
Futuro do presente do indicativo: medirei, medirás, medirá, mediremos, medireis, medirão.
Futuro do pretérito do indicativo: mediria, medirias, mediria, mediríamos, mediríeis, mediriam.
Presente do subjuntivo: meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: medisse, medisses, medisse, medíssemos, medísseis, medissem.
Futuro do subjuntivo: medir, medires, medir, medirmos, medirdes, medirem.
Imperativo afirmativo: mede, meça, meçamos, medi, meçam.
Imperativo negativo: não meças, não meça, não meçamos, não meçais, não meçam.
Infinitivo pessoal: medir, medires, medir, medirmos, medirdes, medirem.
Gerúndio: medindo.
Particípio: medido.

20) Verbo caber

Considere a conjugação com calma, pois há certas peculiaridades. Por exemplo, segundo Celso Cunha e outros, não há o imperativo deste verbo devido a seu sentido. Por outro lado, certos dicionários, como o Aulete, admitem a conjugação no imperativo. Fico com a posição do Celso, mas, se cair na prova o verbo *caber* no imperativo, saiba que existe mais de uma opinião.

Presente do indicativo: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem.
Pretérito perfeito do indicativo: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam.

Pretérito imperfeito do indicativo: cabia, cabias, cabia, cabíamos, cabíeis, cabiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam.
Futuro do presente do indicativo: caberei, caberás, caberá, caberemos, cabereis, caberão.
Futuro do pretérito do indicativo: caberia, caberias, caberia, caberíamos, caberíeis, caberiam .
Presente do subjuntivo: caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem.
Futuro do subjuntivo: couber, couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem.
Imperativo afirmativo: –
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: caber, caberes, caber, cabermos, caberdes, caberem.
Gerúndio: cabendo.
Particípio: cabido.

21) Verbo valer

Preste atenção na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, no presente do subjuntivo e no imperativo. Note que o **l** vira **lh** antes de **o** e de **a**.

Presente do indicativo: valho, vales, vale, valemos, valeis, valem.
Pretérito perfeito do indicativo: vali, valeste, valeu, valemos, valestes, valeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: valia, valias, valia, valíamos, valíeis, valiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: valera, valeras, valera, valêramos, valêreis, valeram.
Futuro do presente do indicativo: valerei, valerás, valerá, valeremos, valereis, valerão.
Futuro do pretérito do indicativo: valeria, valerias, valeria, valeríamos, valeríeis, valeriam.
Presente do subjuntivo: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: valesse, valesses, valesse, valêssemos, valêsseis, valessem.
Futuro do subjuntivo: valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valerem.
Imperativo afirmativo: vale, valha, valhamos, valei, valham.
Imperativo negativo: não valhas, valha, valhamos, valhais, valham.
Infinitivo pessoal: valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valerem.
Gerúndio: valendo.
Particípio: valido.

22) Verbo adequar

O verbo *adequar* é extremamente polêmico. Uns dizem que ele não é defectivo, sendo conjugado em todas pessoas do presente do indicativo e do subjuntivo. Outros dizem que é defectivo, sim, desde criancinha... e a polêmica continua. Sei que já falei muito sobre isso na parte de classificação dos verbos defectivos, mais atrás. No entanto, vou ficar com a visão tradicional, a saber: para a maioria dos nossos gramáticos, o verbo *adequar* é defectivo.

Na dúvida, use uma locução verbal ou um sinônimo: em vez de "É importante que nossa escola ***se adéque (adeque)***...", use "É importante que nossa escola ***se adapte ou fique adequada***...".

Pois bem... no presente do indicativo, só tem a primeira pessoa do plural (= *adequamos*) e a segunda pessoa do plural (= *adequais*); no presente do subjuntivo, não há pessoa alguma, logo o imperativo fica "defasado".

Presente do indicativo: *adequamos, adequais.*
Pretérito perfeito do indicativo: adequei, adequaste, adequou, adequamos, adequastes, adequaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: adequava, adequavas, adequava, adequávamos, adequáveis, adequavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: adequara, adequaras, adequara, adequáramos, adequáreis, adequaram.
Futuro do presente do indicativo: adequarei, adequarás, adequará, adequaremos, adequareis, adequarão.
Futuro do pretérito do indicativo: adequaria, adequarias, adequaria, adequaríamos, adequaríeis, adequariam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: adequasse, adequasses, adequasse, adequássemos, adequásseis, adequassem.
Futuro do subjuntivo: adequar, adequares, adequar, adequarmos, adequardes, adequarem.
Imperativo afirmativo: *adequai.*
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: adequar, adequares, adequar, adequarmos, adequardes, adequarem.
Gerúndio: adequando.
Particípio: adequado.

Obs.: Quando falei de verbos defectivos, mostrei uma questão do Cespe sobre isso. Não perca!

23) Verbo eleger

Na conjugação, o **g** vira **j** seguido de **a** ou de **o**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e no presente do subjuntivo ("respingando" no imperativo). Isso vale para outros verbos com **g** no radical.

Presente do indicativo: elejo, eleges, elege, elegemos, elegeis, elegem.
Pretérito perfeito do indicativo: elegi, elegeste, elegeu, elegemos, elegestes, elegeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: elegia, elegias, elegia, elegíamos, elegíeis, elegiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: elegera, elegeras, elegera, elegêramos, elegêreis, elegeram.
Futuro do presente do indicativo: elegerei, elegerás, elegerá, elegeremos, elegereis, elegerão.
Futuro do pretérito do indicativo: elegeria, elegerias, elegeria, elegeríamos, elegeríeis, elegeriam.
Presente do subjuntivo: eleja, elejas, eleja, elejamos, elejais, elejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: elegesse, elegesses, elegesse, elegêssemos, elegêsseis, elegessem.
Futuro do subjuntivo: eleger, elegeres, eleger, elegermos, elegerdes, elegerem.
Imperativo afirmativo: elege, eleja, elejamos, elegei, elejam.
Imperativo negativo: não elejas, eleja, elejamos, elejais, elejam.
Infinitivo pessoal: eleger, elegeres, eleger, elegermos, elegerdes, elegerem.
Gerúndio: elegendo.
Particípio: elegido/eleito.

24) Verbo impugnar e outros terminados em "gnar"

As vogais antes da letra **g** são sempre tônicas nas formas rizotônicas. Conheça alguns: *designar, consignar, estagnar, indignar, resignar* e *repugnar*. Vale dizer que tais verbos sempre se conjugam sem acento gráfico.

Presente do indicativo: im**pug**no, im**pug**nas, im**pug**na, impugnamos, impugnais, im**pug**nam.
Pretérito perfeito do indicativo: impugnei, impugnaste, impugnou, impugnamos, impugnastes, impugnaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: impugnava, impugnavas, impugnava, impugnávamos, impugnáveis, impugnaram.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: impugnara, impugnaras, impugnara, impugnáramos, impugnáreis, impugnaram.
Futuro do presente do indicativo: impugnarei, impugnarás, impugnará, impugnaremos, impugnareis, impugnarão.
Futuro do pretérito do indicativo: impugnaria, impugnarias, impugnaria, impugnaríamos,

impugnaríeis, impugnariam.
Presente do subjuntivo: im**pug**ne, im**pug**nes, im**pug**ne, impugnemos, impugneis, im**pug**nem.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: impugnasse, impugnasses, impugnasse, impugnássemos, impugnásseis, impugnassem.
Futuro do subjuntivo: impugnar, impugnares, impugnar, impugnarmos, impugnardes, impugnarem.
Imperativo afirmativo: im**pug**na, im**pug**ne, impugnemos, impugnai, im**pug**nem.
Imperativo negativo: não im**pug**nes, não im**pug**ne, não impugnemos, não impugneis, não im**pug**nem.
Infinitivo pessoal: impugnar, impugnares, impugnar, impugnarmos, impugnardes, impugnarem.
Gerúndio: impugnando.
Particípio: impugnado.

25) Verbo trazer

Não confunda a primeira pessoa do singular do presente do indicativo deste verbo com o verbo *tragar*. Observe o contexto, pois ambos se conjugam assim: "Eu trago". Olho vivo! Não descuide também da irregularidade do radical deste verbo.

Presente do indicativo: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem.
Pretérito perfeito do indicativo: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: trazia, trazias, trazia, trazíamos, trazíeis, traziam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram.
Futuro do presente do indicativo: trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão.
Futuro do pretérito do indicativo: traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam.
Presente do subjuntivo: traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem.
Futuro do subjuntivo: trouxer, trouxeres, trouxer, trouxermos, trouxerdes, trouxerem.
Imperativo afirmativo: traz(e), traga, tragamos, trazei, tragam.
Imperativo negativo: não tragas, não traga, não tragamos, não tragais, não tragam.
Infinitivo pessoal: trazer, trazeres, trazer, trazermos, trazerdes, trazerem.
Gerúndio: trazendo.
Particípio: trazido. (*trago* não existe na língua culta!)

26) Verbo dizer

Este verbo e seus derivados (*bendizer, condizer, contradizer, desdizer, maldizer, predizer*) mudam o **z** para **g** antes de **o** e de **a**. Só peço que você observe as mudanças que ocorrem no

radical deste verbo.

Presente do indicativo: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem.
Pretérito perfeito do indicativo: disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram.
Pretérito imperfeito do indicativo: dizia, dizias, dizia, dizíamos, dizíeis, diziam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: dissera, disseras, dissera, disséramos, dissére is, disseram.
Futuro do presente do indicativo: direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão.
Futuro do pretérito do indicativo: diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam.
Presente do subjuntivo: diga, digas, diga, digamos, digais, digam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem.
Futuro do subjuntivo: disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem.
Imperativo afirmativo: diz(e), diga, digamos, dizei, digam.
Imperativo negativo: não digas, não diga, não digamos, não digais, não digam.
Infinitivo pessoal: dizer, dizeres, dizer, dizermos, dizerdes, dizerem.
Gerúndio: dizendo.
Particípio: dito (só exite a forma irregular).

Obs.: Segundo o Manual de Redação da PUC/PR, os verbos terminados em **-zer** e **-zir** podem ainda perder, na segunda pessoa do singular do imperativo, o **e** final, quando o **z** não é precedido de consoante: *faze* (ou *faz*) tu, *dize* (ou *diz*) tu, *traduze* (ou *traduz*) tu; **mas** *cirze* tu. Logo, "***Dize***-me com quem andas, e eu te direi quem és." ou "***Diz***-me com quem andas, e eu te direi quem és.". Tanto faz. O que não pode ocorrer é a mistura de tratamentos, pois precisamos obedecer ao conceito de uniformidade de tratamento, lembra? Portanto, a frase a seguir se encontra equivocada: "Dizei-me com quem andas, e eu te direi quem és.", dado que *Dizei* é forma de 2ª pessoa do plural e as demais formas são de 2ª pessoa do singular. Para que tal frase estivesse correta, todas as formas deveriam estar na 2ª pessoa do plural, afinal, o discurso se refere à 2ª pessoa do plural: "Dizei-me com quem andais, e eu vos direi quem sois.". Bonito isso, não?

27) Verbos arguir e redarguir

Antes de qualquer coisa, apesar de terminar em **-uir**, há particularidades em sua conjugação. Vamos lá...

Não se usa mais o trema nos grupos ***gue, gui***, *que, qui*. Não se usa mais o acento gráfico agudo no **u** tônico das formas *(tu) arguis, (ele) argui, (eles) arguem*, do presente do indicativo dos verbos *arguir* e *redarguir*, mas o acento prosódico nas vogais continua, a saber: *eu*

argUo, tu argUis, ele argUi, nós arguImos, vós arguIs, eles argUem.

Preciso me estender, apesar de já haver falado muito sobre isso em acentuação gráfica. Seguindo a lição de Douglas Tufano, sobre a nova ortografia, precisamos saber o seguinte:

> *"Há uma variação na pronúncia dos verbos terminados em **guar**, **quar** e **quir**, como aguar, averiguar, apaziguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir etc. Esses verbos admitem duas pronúncias em algumas formas do presente do indicativo, do presente do subjuntivo e também do imperativo. Veja:*
>
> *a) se forem pronunciadas com **a** ou **i** tônicos, essas formas devem ser acentuadas. Exemplos:*
>
> *verbo enxaguar: enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam; enxágue, enxágues, enxáguem. verbo delinquir: delínquo, delínques, delínque, delínquem; delínqua, delínquas, delínquam.*
>
> *b) se forem pronunciadas com **u** tônico, essas formas deixam de ser acentuadas.Exemplos (a vogal sublinhada é tônica, isto é, deve ser pronunciada mais fortemente que as outras):*
>
> *verbo enxaguar: enxag<u>u</u>o, enxag<u>u</u>as, enxag<u>u</u>a, enxag<u>u</u>am; enxag<u>u</u>e, enxag<u>u</u>es, enxag<u>u</u>em. verbo delinquir: delinq<u>u</u>o, delinq<u>u</u>es, delinq<u>u</u>e, delinq<u>u</u>em; delinq<u>u</u>a, delinq<u>u</u>as, delinq<u>u</u>am.*
>
> ***Atenção**: no Brasil, a pronúncia mais corrente é a primeira, aquela com **a** e **i** tônicos."*

Agora sim, voltemos à conjugação de ***arguir***:

Presente do indicativo: arguo, arguis, argui, arguimos, arguis, arguem.
Pretérito perfeito do indicativo: arguí, arguiste, arguiu, arguimos, arguistes, arguiram.
Pretérito imperfeito do indicativo: arguia, arguias, arguia, arguíamos, arguíeis, arguiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: arguira, arguiras, arguira, arguíramos, arguíreis, arguiram.
Futuro do presente do indicativo: arguirei, arguirás, arguirá, arguiremos, arguireis, arguirão.
Futuro do pretérito do indicativo: arguiria, arguirias, arguiria, arguiríamos, arguiríeis, arguiriam.
Presente do subjuntivo: argua, arguas, argua, arguamos, arguais, arguam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: arguisse, arguisses, arguisse, arguíssemos, arguísseis, arguissem.
Futuro do subjuntivo: arguir, arguires, arguir, arguirmos, arguirdes, arguirem.
Imperativo afirmativo: argui, argua, arguamos, argui, arguam.
Imperativo negativo: não arguas, não argua, não arguamos, não arguais, não arguam.
Infinitivo pessoal: arguir, arguires, arguir, arguirmos, arguirdes, arguirem.

Gerúndio: arguindo.
Particípio: arguido.

Como é impossível que todos os verbos interessantes sejam conjugados aqui, como *crer* (*descrer*), *ler* (*reler, tresler*), *fazer* (*afazer, contrafazer, desfazer, liquefazer, perfazer, refazer, satisfazer*), *comprazer* e outros defectivos, peço que você os conjugue com um dicionário ao lado. Fica aí mais um dever de casa do tio Pest!

Particularidades Gráficas e Fonéticas

Apesar de já haver falado muito sobre tais particularidades ao longo do tópico anterior, na conjugação de **Verbos Notáveis**, outros verbos sofrem mudanças gráficas e fonéticas ao longo de sua conjugação. Além dos verbos que já vimos no tópico anterior, vejamos mais alguns relevantes.

1) Os verbos terminados em **-car** mudam o **c** para **qu** antes da letra **e**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, nas formas do presente do subjuntivo e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo. Peguemos o exemplo de ***dedicar***.

Pretérito perfeito do indicativo: ***dediquei***, dedicaste, dedicou, dedicamos, dedicastes, dedicaram.
Presente do subjuntivo: ***dedique, dediques, dedique, dediquemos, dediqueis, dediquem.***
Imperativo afirmativo: dedica, ***dedique***, ***dediquemos***, dedicai, ***dediquem.***
Imperativo negativo: *não* ***dediques****, não* ***dedique****, não* ***dediquemos****, não* ***dediqueis****, não* ***dediquem.***

2) Os verbos terminados em **-çar** perdem a cedilha antes da letra **e**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, nas formas do presente do subjuntivo, e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo. Peguemos o exemplo de ***caçar***.

Pretérito perfeito do indicativo: ***cacei***, caçaste, caçou, caçamos, caçastes, caçaram.
Presente do subjuntivo: ***cace***, ***caces***, ***cace***, ***cacemos***, ***caceis***, ***cacem.***
Imperativo afirmativo: caça, ***cace***, ***cacemos***, caçai, ***cacem.***
Imperativo negativo: não ***caces***, não ***cace***, não ***cacemos***, não ***caceis***, não ***cacem.***

3) Os verbos terminados em **-gar** ganham a letra **u** antes da letra **e**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, nas formas do presente do subjuntivo, e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo. Peguemos o exemplo de ***advogar***.

Pretérito perfeito do indicativo: ***advoguei***, advogaste, advogou, advogamos, advogastes, advogaram.
Presente do subjuntivo: ***advogue***, ***advogues***, ***advogue***, ***advoguemos***, ***advogueis***, ***advoguem.***
Imperativo afirmativo: advoga, ***advogue***, ***advoguemos***, advogai, ***advoguem.***
Imperativo negativo: não ***advogues***, não ***advogue***, não ***advoguemos***, não ***advogueis***, não ***advoguem.***

Papéis Temáticos

Você deve estar se perguntando assim: “Papéis temáticos? Nunca ouvi isso na minha vida, Pestana!”. Relaxa! Não é nada misterioso. Trata-se apenas da relação entre o **verbo** e outros termos dentro da frase.

O conhecimento disso nos ajuda muito a identificar quais são os papéis semânticos que os termos desempenham dentro da frase, o que acaba por nos ajudar a analisar melhor sintaticamente.

Segundo Rodolfo Ilari, os **papéis temáticos** mais comuns são:

1) O **agente** (o indivíduo que tem a iniciativa da ação, que tem controle sobre a realização da ação).
2) O **alvo** (o indivíduo ou objeto diretamente afetado pela ação).
3) O **instrumento** (o objeto de que o agente se serve para praticar a ação).
4) O **beneficiário** (o indivíduo a quem a ação traz proveito ou prejuízo);
5) O **experienciador** (o indivíduo que passa pelo estado psicológico descrito pelo verbo).

Para que você entenda melhor, analise comigo estas três frases:

– *O professor* (agente) ***apagou*** *o quadro* (o alvo) *com o apagador* (o instrumento).

– *O aluno* (o beneficiário) ***levou*** *nota dez.*

– *A aluna* (o experienciador) ***se surpreendeu*** *com a classificação.*

É claro que há outros papéis temáticos e muito a dizer sobre o assunto, mas, como isso ainda não cai em prova diretamente, fico por aqui...

Caso queira saber mais sobre tal assunto, recomendo a leitura da *Gramática do Português Brasileiro*, de Mário Perini.

Valor Discursivo

O verbo é extremamente importante para exprimir a **intenção** (grave essa palavra!) do autor de um texto. Logo não podemos deixar de falar sobre seu **valor discursivo**.

Pois bem... há basicamente quatro tipos de texto (ou modos/modalidades de organização discursiva): a **dissertação**, a **narração**, a **descrição** e a **injunção**. Você perceberá nesses tipos de textos que alguns tempos verbais são comuns. E isso não é gratuito. Entendamos o porquê analisando, respectivamente, as modalidades de organização discursiva abaixo e suas considerações em seguida.

A maioria dos problemas existentes em um país em desenvolvimento, como o nosso, ***podem ser resolvidos*** *com uma eficiente administração política, porque a força governamental certamente* ***se sobrepõe*** *a poderes paralelos, os quais – por negligência de nossos representantes –* ***vêm aterrorizando*** *as grandes metrópoles. Isso* ***fica*** *claro no confronto entre a força militar do RJ e os traficantes, o que* ***comprova*** *uma verdade simples: se uma mudança radical visando o bem-estar da população* ***for*** *o desejo dos políticos, isso* ***será*** *plenamente possível.* ***É*** *importante salientar que nunca* ***deveremos ficar*** *de mãos atadas à espera de uma atitude do governo esperando o caos se estabelecer; o povo* ***tem de colaborar*** *com uma cobrança efetiva.*

Note que a **dissertação** é um estilo de texto com posicionamentos pessoais e exposição de ideias, apresentada de forma lógica, com razoável grau de objetividade e total coerência a fim de defender um ponto de vista e convencer o interlocutor. Para tal, os verbos se encontram normalmente no presente do indicativo e no futuro do presente. Mais do que isso: tais verbos são modalizadores, normalmente. "E o que é isso?" Simples: são verbos que exprimem um engajamento por parte do locutor: *poder, dever, ter de* são os mais comuns. Falei sobre isso em *verbos auxiliares*; por favor, reveja.

Obs.: Importantes verbos modalizadores, segundo Faraco & Moura & Maruxo Jr.:

"1. A constatação: Eu **vejo** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

2. O saber: Eu **sei** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

3. A certeza:

a) Forte certeza: **Tenho certeza de** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

b) Média certeza: **Creio** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

c) Fraca certeza: **Não estou muito certo de** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

d) Pressentimento/suposição: Eu **desconfio** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

4. A apreciação: Eu **acho** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.
5. A obrigação: A literatura brasileira contemporânea **tem de ser** definida.
6. A possibilidade: **É possível** que a literatura brasileira contemporânea seja indefinível.
7. O desejo: Eu **gostaria** que a literatura brasileira contemporânea fosse indefinível.
8. A exigência: Eu **exijo** que a literatura brasileira contemporânea seja indefinível.
9. A declaração: Eu **declaro** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.
10. A confirmação: Eu **garanto** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

Observe como as expressões de modalização destacadas modificam completamente o sentido da afirmação "a literatura brasileira contemporânea é indefinível". Em todas essas formas, é possível deixar o enunciado menos carregado de subjetividade, apagando as marcas do eu, ou seja, de quem expressa a opinião. Assim, em vez de dizer "Eu **constato** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.", pode-se dizer "**Constata-se** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível". Note como, no segundo caso, a expressão da opinião assume tom mais generalizado, não recaindo exclusivamente sobre o eu. É o que chamamos de **neutralizar a expressão subjetiva**. Em um texto argumentativo, você pode optar entre modalizações mais subjetivas ou objetivas, de acordo com o tipo de argumentação que pretende construir (apelando mais para a razão ou para a emoção)."

Friso que é mais elegante e menos impositivo um texto dissertativo na 3ª pessoa, sem marcas de pessoalidade (marcas de 1ª pessoa).

Ah! Leve em conta que tais verbos modalizadores apresentam sinônimos, logo não são fixos.

A dissertação apresenta verbos predominantemente no presente, pois tal tempo marca uma ideia de verdade. É chamado por alguns estudiosos de **tempo do mundo comentado**, pois normalmente os comentários e as opiniões das pessoas são apresentados como verdade (ou tomados como tal). Daí o uso do presente do indicativo.

Veja agora outro tipo de texto:

*Numa noite chuvosa do mês de Agosto, Paulo e o irmão **caminhavam** pela rua mal-iluminada que **conduzia** à sua residência. **Tinham feito** uma longa caminhada, porque a rua **era** grande. Subitamente **foram abordados** por um homem estranho. **Pararam**, atemorizados, e **tentaram saber** o que o homem **queria**, receosos de que se tratasse de um assalto. Jamais **tremeriam** de medo, senão naquela circunstância inusitada. **Era**, entretanto, somente um bêbado que **tentava encontrar**, com dificuldade, o caminho de sua casa.*

Note que a **narração** é um estilo de texto que visa contar um fato, com narrador, personagens, noção espaço/tempo, enredo etc. Para tal, os verbos se encontram normalmente nos tempos pretéritos do indicativo, pois as narrações normalmente remetem a fatos que já

ocorreram.

Não raramente, encontramos trechos de textos narrativos cujo tempo verbal está no presente do indicativo. Isso pode indicar duas coisas: **o narrador parou de narrar para tecer um comentário** ou **o narrador decide contar a história dando vivacidade a ela, como se ela estivesse ocorrendo no momento em que ele a narra**. Inclusive, esta segunda ideia é própria de jogos de futebol, em que os eventos sucedem à medida que o locutor narra.

Veja este texto que serviu de base para uma questão da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, em 2002:

*(...) Sinha Vitória **tinha amanhecido** nos seus azeites. **Fora** de propósito, **dissera** ao marido umas inconveniências a respeito da cama de varas. Fabiano, que não **esperava** semelhante desatino, apenas **grunhira**: – "Hum! hum!" E **amunhecara**, porque realmente mulher **é** bicho difícil de entender, **deitara**-se na rede e **pegara** no sono. (...)*

(RAMOS, Graciliano. Vidas secas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.)

QUESTÃO 04

a) "realmente mulher é bicho difícil de entender," (l. 6 – 7)

Nesta passagem, o emprego do verbo no presente do indicativo contrasta com o restante das formas verbais, todas flexionadas no tempo passado.

Justifique esse emprego do presente do indicativo.

Gabarito da banca: Trata-se da reprodução de uma frase tomada como verdade absoluta (ou como fato do conhecimento de todos ou como realidade imutável).

Agora, indo além do que a banca disse sobre o emprego do presente do indicativo, podemos dizer, sem problemas, que os verbos estão predominantemente nos tempos pretéritos, o que constitui uma narração. Só há um trechinho em todo o texto (que não transcrevi aqui por falta de espaço) que apresenta o verbo no presente do indicativo, destoando. Por que o presente do indicativo? Porque neste momento o narrador sai do **mundo narrado** e tece um comentário, indo para o **mundo comentado**. Percebe que os tempos verbais dentro de um texto são primordiais para que você o entenda? Simples assim.

Acompanhe agora o uso dos tempos verbais no texto abaixo.

***Era** uma casa muito engraçada*
*Não **tinha** teto, não **tinha** nada*
Ninguém podia entrar nela, não
*Porque na casa não **tinha** chão*
Ninguém podia dormir na rede
*Porque na casa não **tinha** parede*
Ninguém podia fazer pipi

*Porque penico não **tinha** ali*
*Mas **era feita** com muito esmero*
Na rua dos bobos, número zero
(Vinícius de Moraes)

Percebe que se trata de uma **descrição**? Os tempos verbais mais frequentes são o presente do indicativo no comentário e o pretérito imperfeito do indicativo no relato, como é o caso do exemplo. Segundo Othon M. Garcia, "Descrição é a representação verbal de um objeto sensível (ser, coisa, paisagem), através da indicação dos seus aspectos mais característicos, dos pormenores que o individualizam, que o distinguem.". Fácil, não?

Para fechar, veja estes textos:

Impedidos do Alistamento Eleitoral (art. 5º do Código Eleitoral) *– Não **podem alistar-se** eleitores: os que não saibam exprimir-se na língua nacional, e os que estejam privados, temporária ou definitivamente dos direitos políticos. Os militares são alistáveis, desde que oficiais, aspirantes a oficiais, guardas-marinha, subtenentes ou suboficiais, sargentos ou alunos das escolas militares de ensino superior para formação de oficiais.*

Seção IV – Da Contingência na Votação – Art. 58. *Na hipótese de falha na urna, em qualquer momento da votação, o presidente da mesa receptora de votos, à vista dos fiscais presentes, **deverá desligar** e **religar** a urna, **digitando** o código de reinício da votação.*

O texto injuntivo, ou **injunção**, apresenta verbos no imperativo e verbos com tom imperativo (presente do indicativo, futuro do presente e infinitivo impessoal, por exemplo), pois esse tipo de texto indica como realizar uma ação, aconselha, impõe, instrui o interlocutor; chamado também de **instrucional**, é utilizado para predizer acontecimentos e comportamentos, nas leis jurídicas.

Fique atento aos tempos verbais. Falo mais sobre os tipos de texto e seus detalhes no capítulo 34. Fique Tranquilo! Ou dê um pulo até lá. Você decide!

O Que Cai Mais na Prova?

Na boa mesmo... CAI TUDO! Mas, se eu fosse você, ficaria ligado em *Emprego e Reconhecimento de Tempos e Modos Verbais, Correlação Verbal, Transposição de Voz Verbal e Conjugação Verbal*. Sabendo isso, você tem... sei lá... mais de 90% de chance de acertar uma questão de verbo. A vaga é sua!

Questões de Concursos

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Para piorar, as fontes de energia se tornaram mais "sujas", com o aumento de 122% do CO2 lançado na atmosfera, percentual muito acima dos 71% da ampliação da geração no período. (...)

– Em "se tornaram" o pronome "se" indica voz passiva.

2. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Esses números tornam a internet o segundo meio de comunicação mais abrangente do Brasil, atrás apenas da televisão. Chegou-se a dizer que esse é um meio elitizado, utilizado apenas pelas classes A e B. Mas uma pesquisa mostra que as classes C e D utilizam amplamente a internet. (...)

– Em "Chegou-se", o "-se" indica voz passiva.

3. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) Em relação aos elementos do texto, qual afirmação é a correta?

(...) No entanto, dado o ritmo de crescimento projetado para o ano que vem, o mais provável é que a demanda por importações aumente e a pressão em favor do real diminua. (...) Qualquer invencionice só estimularia operações especulativas no câmbio, que acabariam provocando uma valorização ainda mais indesejável da moeda nacional.

– O emprego do subjuntivo em "aumente" e em "diminua" justifica-se por se tratar de fatos de realização garantida.

– O emprego do futuro do pretérito em "estimularia" indica um acontecimento futuro em relação a um ato passado que se configura no fato relacionado aos termos "Qualquer invencionice".

4. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) Assinale a opção que, ao substituir elemento destacado no texto, acarreta <u>erro</u> gramatical.

Entre as diversas providências que o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) <u>vem tomando</u> com o objetivo de tornar mais transparente e eficiente a administração do Poder Judiciário, uma das mais simples começará a ser adotada brevemente. Trata-se da divulgação, pela internet, de todas as despesas de custeio e de investimento da Justiça Federal, da Justiça do Trabalho, das Justiças estaduais, da Justiça Eleitoral e da Justiça Militar. Até hoje, só alguns tribunais <u>vinham divulgando</u> suas contas. A medida, juntamente com os indicadores de desempenho funcional e as inspeções da Corregedoria Nacional de Justiça, <u>permitirá identificar</u> os casos de má gestão financeira, de arbitrariedades, de malversação de recursos públicos e de gastos perdulários. Por gastar excessivamente com a manutenção dos gabinetes de seus dirigentes, por exemplo, alguns Tribunais de Justiça estaduais não dispunham de recursos suficientes para manter as varas judiciais, <u>prejudicando com isso</u> o atendimento à população. <u>Contribuindo</u> para racionalizar a gestão dos recursos financeiros dos tribunais, as novas regras do CNJ ajudarão o Judiciário a melhorar sua imagem perante a opinião pública. Há dois meses, a pesquisa Índice Latino-americano de Transparência Orçamentária, realizada em 12 países, apontou o Judiciário como o mais "opaco" dos Três Poderes. Quanto mais transparente for a Justiça, maior será sua credibilidade.

a) "vem tomando" > tem tomado
b) "vinham divulgando" > tem divulgado
c) "permitirá identificar" > vai permitir que se identifiquem
d) "prejudicando com isso" > o que tem prejudicado
e) "Contribuindo" > Ao contribuir

5. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) (Adaptada) Em relação às estruturas do texto abaixo, julgue se a afirmativa é correta ou incorreta.

Para que a cobertura mínima oferecida pelos planos de saúde aos seus segurados inclua as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente, a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) acrescentou 73 novos procedimentos à lista de exames, consultas, cirurgias e outros serviços que as operadoras são obrigadas a oferecer. (...)

O emprego do modo subjuntivo em "inclua" justifica-se por se tratar de uma oração subordinada que apresenta um fato hipotético ou provável.

6. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) (Adaptada) Em relação aos elementos do texto, julgue se a afirmativa é correta ou incorreta.

(...) Isso se traduziu como forte pressão sobre as finanças públicas, que estão acusando déficits muito elevados.

A substituição de "se traduziu" por **foi traduzido** prejudica a correção gramatical do período.

7. (FDC – MAPA – Administrador – 2010) Observe a flexão do verbo MAPEAR no trecho "sendo o alicerce para que as empresas MAPEIEM seu roteiro futuro" (1º parágrafo). Em português, os verbos terminados no infinitivo em *-ear* e alguns terminados em *-iar* apresentam ditongação em determinadas formas. Nesse sentido, pode-se afirmar que está

INCORRETA a seguinte frase imperativa:
a) Não odeies teus inimigos.
b) Refreia os teus impulsos.
c) Não negoceies sem considerar teus princípios éticos.
d) Desnorteia quem te persegue.
e) Principia a frase com a letra de teu nome.

8. (FDC – FUNASA – Administrador – 2010) Com a forma verbal grifada em "Os estudos **serão apresentados** ao Ministério da Saúde...", o autor do texto pretende dizer ao leitor que os estudos referidos:
a) devem ser publicados e discutidos em congressos futuramente.
b) serão apresentados futuramente, ainda que sem data certa.
c) em futuro bem próximo, os estudos serão apresentados.
d) serão obrigatoriamente apresentados às autoridades.
e) serão apresentados em um ato oficial.

9. (FDC – FUNASA – Administrador – 2010) A frase "Os estudos serão apresentados ao Ministério da Saúde" equivale semanticamente a:
a) O Ministério da Saúde apresentará os estudos.
b) Apresentar-se-ão os estudos ao Ministério da Saúde.
c) Ao Ministério da Saúde cabe apresentar os estudos.
d) Por meio dos estudos, o Ministério da Saúde será informado.
e) O Ministério da Saúde será o encarregado de apresentar os estudos.

10. (FDC – Câmara Municipal de Petrópolis – Arquivista – 2010) Suponha que, quando os policiais chegaram ao local do incidente, flagraram uma pessoa a retirar pertence de Dario, dando ao larápio voz de prisão nos seguintes termos: "Levanta suas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexa em seus pertences. Passa teus documentos e considere-se preso". Para que a voz de prisão esteja rigorosamente de acordo com a norma culta da língua e em tratamento formal, os termos terão de ser expressos da seguinte forma:
a) Levanta suas mãos para o alto. Afasta-te da vítima e não mexa em teus pertences. Passa teus documentos e considere-se preso.
b) Levante tuas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexas em seus pertences. Passai teus documentos e considere-te preso.
c) Levante suas mãos para o alto. Afastai-vos da vítima e não mexais em seus pertences. Passe teus documentos e considere-se preso.
d) Levanta tuas mãos para o alto. Afasta-te da vítima e não mexas em seus pertences. Passa teus documentos e considera-te preso.
e) Levantai tuas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexe em teus pertences. Passe seus documentos e considera-te preso.

*(...) Por enquanto a equipe econômica brasileira resiste em adotar este passo, pois, para o economista americano J. L., o reforço no balanço orçamentário e as ações de caráter mais estrutural são, muitas vezes, as respostas mais adequadas para o aumento de fluxos. "Mas pode haver circunstâncias em que os controles cambiais **sejam** úteis, numa medida temporária, para lidar com esse crescimento de capital", afirma.*

11. (Esaf – CVM – Analista de Sistemas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O uso do modo subjuntivo em "sejam" ressalta a ideia de uma hipótese, uma possibilidade; para se fazer uma afirmação, o desenvolvimento textual admitiria a forma de indicativo: são ou serão.

*Durante muito tempo, a tributação foi vista apenas como um instrumento de receita do Estado. Apesar desta missão ser, por si só, relevante, na medida em que garante os recursos financeiros para que o Poder Público bem **exerça** seu mister, a verdade é que, pouco a pouco, descobriu-se outra faceta não menos importante na tributação. (...)*

12. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) Preservam-se a coerência textual e a correção gramatical ao substituir "exerça" por **exercesse**?

*Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam **é** de índices sobre macroeconomia, (...) A internet, por exemplo, apareceu em grande escala em 1992, e o mundo se deu conta da revolução que ela **fizera** nos negócios, na cultura e na vida das pessoas 10 anos depois.*

13. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) No texto acima, provoca-se erro gramatical ou incoerência na

argumentação do texto ao I- retirar "é" e II- substituir "fizera" por **havia feito**?

14. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) Seriam mantidos o sentido e a correção gramatical do texto se os infinitivos flexionados fossem substituídos pelas respectivas formas do infinitivo não flexionado no segmento "Ficamos a olhar o verde do jardim, *as gotas a evaporarem, as lesmas a prepararem os corpos para novas caminhadas*".
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Na linha 11 (*A indispensabilidade da teoria política viria dessa necessidade de autoconhecimento dos indivíduos*), o uso do futuro do pretérito em "viria" sugere a intenção do autor em manter distanciamento em relação à ideia da "necessidade de autoconhecimento dos indivíduos".
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) *"A questão da desigualdade, finalmente, está produzindo estudos focados em entender como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas – estejam elas no topo ou na base" (...)*

A obrigatoriedade do emprego da forma verbal **"estejam"**, no modo subjuntivo, decorre da relação sintática entre essa forma verbal e o trecho **"como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas"**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) *"A escola da era da globalização, tecnologia e informação **deve preparar** o educando para intervir criticamente na realidade e transformá-la, e não apenas para integrá-lo ao mercado de trabalho. Esse aluno **deverá ter** o perfil do cidadão engajado na luta pela justiça social" (...)*

Do ponto de vista argumentativo, o uso reiterado do verbo auxiliar dever, como em "deve preparar" e "deverá ter", indica grande probabilidade de os objetivos associados a essas formas verbais se tornarem realidade.
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) A substituição da forma verbal "tornava" (... tinha suas fraquezas e imperfeições, mas sabia que isso não o *tornava* menos humano e digno) por **tornasse** preservaria as regras gramaticais bem como a coesão e a coerência do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) (...) Ela é o nosso radar para o perigo. Se nós, ou nossos ancestrais, fôssemos aguardar que a mente racional tomasse uma decisão, teríamos, provavelmente, não só cometido erros, mas também desaparecido como espécie.

O emprego das formas verbais no subjuntivo "fôssemos" e "tomasse" deve-se à presença do elemento gramatical "Se".
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – STM – Analista Judiciário – 2011) (...) Quando a polícia reage, os vândalos voltam a se misturar à massa de gente que protesta pacificamente, na esperança de, com isso, provocar um tumulto e incitar outros manifestantes a entrar no confronto. (...)

As formas verbais infinitivas "misturar" e "provocar" poderiam ser corretamente substituídas por suas formas flexionadas, **misturarem** e **provocarem.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (...) O debate voltou à tona após policiais da Delegacia Antipirataria apreenderem, no mês passado, mais de duzentas pastas com textos para serem reproduzidos em uma universidade do Rio de Janeiro, sob a alegação de crime de direitos autorais. (...)

A forma verbal "apreenderem" poderia ser corretamente substituída pela forma verbal composta terem apreendido.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Da memória e da reminiscência

A fenomenologia da memória aqui proposta estrutura-se em torno de duas perguntas:

De que há lembrança? De quem é a memória?

Essas duas perguntas **são formuladas** dentro do espírito da fenomenologia husserliana. **Privilegiou-se**, nessa herança, a indagação colocada sob o adágio bem conhecido segundo o qual toda consciência é consciência de alguma coisa. (...) **Se** nos apressarmos a dizer que o sujeito da memória é o eu, na primeira pessoa do singular, a noção de memória coletiva poderá apenas desempenhar o papel analógico, ou até mesmo de corpo estranho na fenomenologia da memória. (...)

22. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Estaria mantida a correção gramatical se as formas verbais "são formuladas" e "Privilegiou-se" fossem substituídas, respectivamente, por **formulam-se** e **foi privilegiada.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Ainda com relação a esse texto, julgue os itens a seguir.

Se a conjunção "Se" fosse substituída por **Caso**, deveria ser alterado o tempo e mantido o modo verbal empregado na oração condicional.
( ) CERTO
( ) ERRADO

24. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) *(...) "A nova sociedade de redes favorecerá o advento de um mundo menos marcado pelos desequilíbrios sociais ou reforçará as desigualdades planetárias, criando excluídos da modernidade digital? (...)*

Ao empregar o futuro do presente do indicativo em "favorecerá" e "reforçará", o autor faz uma previsão de duas características que distinguirão da sociedade atual a "nova sociedade".
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) A locução verbal "havia imprimido" pode ser substituída por **imprimira**, sem prejuízo para a correção gramatical e para o sentido do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

26. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) *(...) "Nós vivemos na era da informação e as nações que quiserem realmente estar nesse tempo devem colocar cada vez mais informações na rede." (...)*

O emprego do modo subjuntivo em "quiserem" revela que, na construção da textualidade, a intenção do autor do argumento é sugerir que há nações que resistem a "estar nesse tempo".
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Cespe/UnB – FUB – Médico – 2011) Na oração "que tenha sido completamente formada na era da Internet", a forma verbal "tenha" poderia ser substituída por **haja**, sem alteração do sentido ou da correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

2º § No entanto, sem escala de valor está a vida de milhares de pessoas que faleceram e virão a sucumbir, vítimas das enchentes. Segundo dados da ONU (2005), em 1988 mais de 15 mil pessoas foram mortas em consequência de enchentes; em 1999, o número de vítimas subiu para quase 35 mil. Esse quadro é configurado como o mais dramático e triste do problema das inundações urbanas, pois a maioria dessas mortes, de alguma forma, poderiam ter sido evitadas.

6º § A quantidade de material suspenso na drenagem pluvial apresenta uma carga muito alta, considerando a vazão envolvida. Esse volume é mais significativo no início das enchentes. Os primeiros 25 mm de escoamento superficial geralmente transportam grande parte da carga poluente de origem pluvial.

28. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal de Atividades Urbanas – 2011) Assinale a alternativa correta acerca de fatos gramaticais e semânticos presentes no texto I.

a) Nas linhas 1 e 2 (2º §), os verbos falecer e vir a sucumbir expressam, respectivamente, uma ação concluída, observada no seu término, no seu resultado, e uma ação a ocorrer após o momento em que se enuncia o fato.

b) Na última linha do 2º §, a locução verbal 'poderiam ter sido evitadas' ficaria bem ajustada às normas gramaticais com o uso do verbo "ter" no plural, em concordância com o substantivo "mortes", que faz parte do sujeito da frase.

e) No 6º §, o termo "suspenso" pode ser trocado por suspendido, pois ambas as formas pertencem ao verbo suspender e são permutáveis sem reservas em contextos frasais que exijam o emprego do particípio.

Fragmento de texto

Por outro lado, para o cientista, não existe dúvida de que o aspecto mais notável da memória é o esquecimento. Afinal, se uma pessoa se ***lembrasse*** *de tudo, em todos os pormenores, não conseguiria pensar de forma genérica. Se as mulheres conseguissem reproduzir por completo os momentos da dor do parto, nenhuma teria mais de um filho.*

29. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal de Atividades Urbanas – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A troca de "lembrasse" por **lembrar** altera o sentido da frase e exige mudança em outro termo do enunciado.

30. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista (Direito) – 2011) No trecho "Se Mubarak caísse, o que viria em seu lugar", estaria mantida a correção gramatical do texto caso se substituíssem as formas verbais "caísse" e "viria" por **cair** e **virá**, respectivamente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) Estão plenamente adequadas a flexão e a correlação entre tempos e modos dos verbos na frase:
a) As ponderações de Kucinski seriam úteis se acatadas por todos os que estivessem envolvidos no campo de atuação que ele analisou.
b) Todo louvor aos que se disporem a assumir valores éticos, sem que se importassem com os sacrifícios que isso representaria.
c) Teria sido o mercado, e não a fraqueza moral de cada um, o fator que levará os jovens a uma competição cada vez mais violenta.
d) Os jovens jornalistas agem hoje como se nunca houvera necessidade de sobreviver ao tempo em que trabalhassem os veteranos.
e) Caso ninguém venha a se preocupar com a ética no trabalho, seria inútil que os velhos profissionais venham a nos lembrar o nome de Pulitzer.

32. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) *Paulo Honório (querer) contar a própria vida, mas, julgando que não o (conseguir), (pedir) ao jornalista Gondim que o (fazer).*

Os verbos indicados entre parênteses estarão adequadamente correlacionados na frase acima caso se flexionem nas seguintes formas:
a) quisera − conseguirá − pedisse − faria;
b) queria − conseguiria − pediu − fizesse;
c) queria − conseguisse − pedia − faça;
d) quis − consegue − pede − fizesse;
e) quis − conseguiu − pediu − faça.

33. A transposição para a voz ativa da frase *Foi assim que sempre se fez a literatura* tem como resultado:
a) Sempre foi assim que a literatura fez.
b) Assim é que sempre foi feita a literatura.
c) Terá sido feito sempre assim, a literatura.
d) Foi sempre assim que a literatura tem feito.
e) Foi assim que sempre fizeram a literatura.

34. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) *... a leitura em profundidade foi substituída pela massa de informações, em sua maioria superficiais...*

Com a transposição da frase acima para a voz ativa, o verbo passará a ser:
a) substituíram;
b) substituiu;
c) substituíra;
d) tinham substituído;
e) substituiriam.

35. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) *O ex-ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, afirma que os ganhos da produtividade na pecuária* <u>*poderiam*</u> *liberar terras suficientes para dobrar a área plantada com alimentos.*

O emprego da forma verbal grifada acima indica, considerando-se o contexto:
a) certeza que consolida a afirmativa feita;
b) ação habitual e repetitiva, em relação à pecuária;

c) fato histórico, constante no tempo;
d) realidade a ser confirmada num futuro imediato;
e) hipótese, a partir de certa condição implícita.

36. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) *A expectativa é de que o Brasil tenha de arcar com 40% desse aumento.*

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está também grifado na frase:

a) Embora domine as técnicas mais modernas, na média, a produtividade da agropecuária brasileira ainda está distante de alcançar seu pleno potencial.
b) Grosso modo, as pastagens brasileiras possuem uma unidade animal por hectare.
c) Para isso, terá dois caminhos ...
d) ... esse investimento muitas vezes não se justifica do ponto de vista estritamente econômico.
e) "Além disso, o Brasil ainda pode aumentar muito a produtividade de grãos, como o milho, o trigo e o feijão", afirma.

37. (FCC – TRT/AL (19R) – Técnico Judiciário – 2011) ... *que pouco conhecia sobre ciência.*

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o da frase acima está em:

a) ... embora uma corrente de autores continuem...
b) ... escritores do século XIX elogiaram as realizações de Leonardo...
c) Os relatos do século XIX sobre Leonardo enfatizavam o fato...
d) Pelo contrário, se ele não realizou coisa alguma...
e) O poderoso mito de Leonardo alcança esse patamar...

38. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) ... *viu pedrinhas ali perto.*

A passagem para a voz passiva da frase acima resulta na seguinte forma verbal:

a) viu-se;
b) é visto;
c) são vistas;
d) tinha visto;
e) foram vistas.

39. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) É comum que, durante suas brincadeiras, as crianças se ..... para um universo mágico e ..... a identidade de uma personagem admirada, ... um super-herói ou uma figura da realeza.

Preenche corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada, o que está em:

a) transportam – assumem – seja;
b) transportem – assumem – seria;
c) transportem – assumam – seja;
d) transportam – assumiriam – sendo;
e) transportariam – assumiriam – seria.

40. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) Observe o texto:

João e Maria
Agora eu era o herói
E o meu cavalo só falava inglês
A noiva do cowboy
Era você
Além das outras três
Eu enfrentava os batalhões
Os alemães e seus canhões
Guardava o meu bodoque
E ensaiava um rock
Para as matinês
(...)
Não, não fuja não
Finja que agora eu era o seu brinquedo
Eu era o seu pião
O seu bicho preferido
Sim, me dê a mão
A gente agora já não tinha medo
No tempo da maldade

Acho que a gente nem tinha nascido
Chico Buarque e Sivuca

I. Nos versos *Agora eu era o herói* e *A gente agora já não tinha medo*, o uso do advérbio agora mostra-se inadequado, pois os verbos conjugados no pretérito imperfeito designam fatos transcorridos no tempo passado.

II. Em *Finja que agora eu era o seu brinquedo e Sim, me dê a mão*, os verbos grifados estão flexionados no mesmo modo.

III. Substituindo-se a expressão *a gente* pelo pronome *nós* nos versos *A gente agora já não tinha medo* e *Acho que a gente nem tinha nascido*, a forma verbal resultante, sem alterar o contexto, será *teríamos*.

Está correto o que se afirma em:

a) I, apenas.
b) II, apenas.
c) III, apenas.
d) I e II, apenas.
e) I, II e III.

41. (FCC – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2011) Está corretamente empregada a palavra destacada na frase

a) Constitue uma grande tarefa transportar todo aquele material.
b) As pessoas mais conscientes requereram anulação daquele privilégio.
c) Os fiscais reteram o material dos artistas.
d) Quando ele vir até aqui, trataremos do assunto.
e) Se eles porem as pastas na caixa ainda hoje, pode despachá-la imediatamente.

42. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) *Tanto as fontes quanto a própria historiografia falavam a linguagem do poder...*

Transpondo-se a frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante será:

a) eram faladas;
b) foi falada;
c) se falaram;
d) era falada;
e) tinha-se falado.

43. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) O verbo corretamente empregado e flexionado está grifado em:

a) É de se imaginar que, se os viajantes setecentistas antevessem as dificuldades que iriam deparar, muitos deles desistiriam da aventura antes mesmo de embarcar.
b) O que quer que os compelisse, cabe admirar a coragem desses homens que partiam para o desconhecido sem saber o que os aguardava a cada volta do rio.
c) Caso não se surtisse com os mantimentos necessários para o longo percurso, o viajante corria o risco de literalmente morrer de fome antes de chegar ao destino.
d) Se não maldiziam os santos, é bastante provável que muitos dos viajantes maldizessem ao menos o destino diante das terríveis tribulações que deviam enfrentar.
e) Na história da humanidade, desbravadores foram não raro aqueles que sobreporam o desejo de enriquecer à relativa segurança de uma vida sedentária.

44. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) Em *há verbos supostamente ativos que não expressam ação realizada*, alterando a flexão dos verbos *haver* e *expressar* para o pretérito perfeito do indicativo, tem-se:

a) havia verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada;
b) houve verbos supostamente ativos que não expressaram ação realizada;
c) houveram verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada;
d) haviam verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada;
e) houve verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada.

45. (FCC – BB – Escriturário – 2011) *É irrelevante que entrem na faculdade, que ganhem muito ou pouco dinheiro, que sejam bem-sucedidos na profissão.* (3º parágrafo)

O emprego das formas verbais grifadas acima denota:

a) hipótese passível de realização;
b) fato real e definido no tempo;
c) condição de realização de um fato;
d) finalidade das ações apontadas no segmento;

e) temporalidade que situa as ações no passado.

46. (FCC – TRE/TO – Analista Judiciário – 2011) *Minha outra mulher teve uma educação rigorosa, mas mesmo assim mamãe nunca entendeu por que eu escolhera justamente aquela, entre tantas meninas de uma família distinta.*

O verbo grifado na frase acima pode ser substituído, sem que se altere o sentido e a correção originais, e o modo verbal, por:

a) escolheria;
b) havia escolhido;
c) houvera escolhido;
d) escolhesse;
e) teria escolhido.

47. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) Leia:

Sob Medida
Chico Buarque
Se você **crê** em Deus
Erga as mãos para os céus e **agradeça**
Quando me **cobiçou**
Sem querer **acertou** na cabeça

No fragmento acima, passando as formas verbais destacadas para a segunda pessoa do singular, a sequência correta é:

a) crês, ergues, agradecei, cobiçais, acertai;
b) crês, ergue, agradece, cobiçaste, acertaste;
c) credes, ergueis, agradeceis, cobiçaste, acertaste;
d) credes, ergas, agradeças, cobiçais, acertais;
e) creis, ergues, agradeces, cobiçaste, acertaste.

48. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) O trecho em que se encontra voz passiva pronominal é:

a) "feito *hamsters* que se alimentam de sua própria agitação.";
b) "Recolher-se em casa,";
c) "sinal de que não se arrumou ninguém";
d) "Mas, se a gente aprende a gostar (...)";
e) "nela a gente se refaz (...)";

49. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) A sentença em que o verbo entre parênteses está corretamente flexionado é:

a) O coordenador reveu as necessidades dos grupos. (rever)
b) A impaciência deteu as pessoas. (deter)
c) Eu reavejo minhas convicções diariamente. (reaver)
d) Quando você se opor à minha solidão, ficarei aborrecido. (opor)
e) Nós apreciamos os bons alunos. (apreciar)

50. (FCC – TRT/RS (4R) – Analista Judiciário – 2011) *A conciliação, antes de tudo, tem proporcionado às partes o efetivo acesso à Justiça, pois elas participam diretamente no resultado apaziguador do conflito.*

Transpondo o segmento destacado na frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante é:

a) têm proporcionado;
b) tem sido proporcionado;
c) tinham proporcionado;
d) era proporcionado;
e) foi proporcionado.

51. (FCC – TRT/RS (4R) – Analista Judiciário – 2011) Observe o texto:

Esta é uma história da Bossa Nova e dos dois *rapazes e moças que a fizeram, quando eles tinham entre quinze e trinta anos. É também um livro que se pretende o mais factual e objetivo possível. Evidente que,* ***tendo sido escrito*** *por alguém que* ***vem ouvindo*** *Bossa Nova desde que ela ganhou este nome (e que nunca se conformou quando o Brasil* ***começou a trocá-la*** *por exotismos), uma certa dose de paixão* ***acabou se intrometendo*** *na receita – sem interferir, espero, pró ou contra, na descrição da trajetória de qualquer personagem. Os seres humanos, assim como os LPs,* ***têm*** *lados A e B, e houve um esforço máximo para que ambos fossem mostrados. (...)*

O segmento que expressa uma ação durativa que se prolonga do passado até ao momento da fala do autor é:

a) *tendo sido escrito;*
b) *vem ouvindo;*

c) *começou a trocá-la;*
d) *acabou se intrometendo;*
e) *têm.*

52. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Está **inadequada** a correlação entre tempos e modos verbais no seguinte caso:
a) Muitos se lembrariam da alegria voraz com que eram disputadas as toneladas da vítima.
b) Foi salva graças à religião ecológica que andava na moda e que por um momento estabelecera uma trégua entre todos.
c) Um malvado sugere que se dê por perdida a batalha e comecemos logo a repartir os bifes.
d) Depois de se haver debatido por três dias na areia da praia a jubarte acabara sendo salva por uma traineira que vinha socorrê-la.
e) Já informado do salvamento da baleia, o cronista teve um sonho em que o animal lhe surgiu com a força de um símbolo.

53. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) *... em que as melhores cadências do samba e da canção se aliaram com naturalidade às deformações normais de português brasileiro...*
O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:
a) *São Paulo muda muito...*
b) *... para nos porem no Alto da Mooca...*
c) *Talvez João Rubinato não exista...*
d) *... Adoniran não a deixará acabar...*
e) *Mas a cidade que nossa geração conheceu...*

54. (FCC – TRF/2R – Analista Judiciário (ADM) – 2012) O emprego, a grafia e a flexão dos verbos estão corretos em:
a) A revalorização e a nova proeminência de Paraty não prescindiram e não requiseram mais do que o esquecimento e a passagem do tempo.
b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre renegada a um segundo plano, eis que ela imerge do esquecimento, em 1974.
c) A cada novo ciclo econômico retificava-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, sobreviram longos anos de esquecimento.
d) A Casa Azul envidará todos os esforços, refreando as ações predatórias, para que a cidade não sucumba aos atropelos do turismo selvagem.
e) Paraty imbuiu da sorte e do destino os meios para que obtesse, agora em definitivo, o prestígio de um polo turístico de inegável valor histórico.

55. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) *... deve cuidar para que os impactos ambientais sejam mitigados e compensados.*
O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está em:
a) *Quando se tem em conta ...*
b) *... ainda que nem todo o potencial lá existente venha a ser desenvolvido.*
c) *As questões que se contrapõem ...*
d) *... não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos.*
e) *... que podem ser feitos na direção de ...*

Fragmento de texto:
A discussão sobre "centro" e "periferia" no pensamento brasileiro ***vincula-se*** *a elaborações que se dão num âmbito mais amplo, latino-americano.*
(...)
No entanto, a elaboração anterior à CEPAL ***preocupava-se*** *principalmente com os países capitalistas avançados,* ***interessando-se*** *pelos países "atrasados" na medida em que desenvolvimentos ocorridos neles* ***repercutissem*** *para além deles.*
(...)
Assim, o marxismo, a teoria da modernização e a economia neoclássica tendiam a considerar que os mesmos caminhos seguidos pelas sociedades em que foram formulados ***teriam*** *que ser trilhados pelo resto do mundo, "atrasado".*

56. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) A única afirmação INCORRETA sobre a forma transcrita do texto é:
a) *vincula-se* / O tempo e o modo verbais indicam que a ideia é tomada como verdadeira.
b) *preocupava-se* / A forma verbal designa que o fato é concebido como contínuo.
c) *interessando-se* / Esse gerúndio, colocado depois do verbo principal − *preocupava-se* −, indica uma ação simultânea ou posterior, e pode ser legitimamente considerado equivalente a "e interessava-se".

d) *repercutissem* / Essa forma subjuntiva enuncia a ação do verbo como eventual.
e) *teriam* / Constitui forma polida de presente, atenuando a ideia de obrigação ou dever.

Fragmento de texto:

"Precisamos levar sempre em conta os traços culturais que nos caracterizam, que ***hão de alimentar*** *a busca de soluções endógenas, que nem sempre têm por que coincidir com as do mundo altamente industrializado".*

(...)

O que há de extraordinário nessa citação? Nada, exceto a data. Ela não ***foi redigida*** *no princípio do século XIX e sim no dia 29 de maio de 1993, exatamente um mês antes da redação deste artigo. Trata-se de um documento aprovado por vários intelectuais ibero-americanos, na Guatemala, como parte da preparação da III Conferência de Cúpula da região,* ***a realizar-se em Salvador****, na Bahia.*

(...)

Ao que parece, nada envelheceu nessas palavras. Quase todos os brasileiros ***se orgulhariam de repeti-las****, como se elas fossem novas e matinais, como se fôssemos contemporâneos do grito do Ipiranga.*

(...)

Só uma coisa não mudou: o nacionalismo cultural. ***Continuamos repetindo****, ritualmente, que a cultura brasileira (ou latino-americana) deve desfazer-se dos modelos importados e voltar-se para sua própria tradição cultural.*

57. (FCC – Prefeitura Municipal/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I (Gestão Tributária) – 2012) O texto legitima o seguinte comentário:
a) Em *Continuamos repetindo*, a ideia de ação em processo é decorrência exclusiva da forma *Continuamos*.
b) A forma verbal *foi redigida* exprime fato passado considerado contínuo.
c) A forma *a realizar-se em Salvador* exprime fato futuro em relação à data de redação do documento, mas passado em relação à data do artigo.
d) Em *se orgulhariam de repeti-las*, tem-se a expressão de um fato possível, mas considerado de pouca probabilidade.
e) Em *hão de alimentar*, a forma verbal exprime, além da ideia de futuro, a de que o evento é desejado.

58. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário (ADM) – 2012) *Há 40 anos, a mais célebre crítica de cinema dos Estados Unidos, Pauline Kael (1919-2001), publicava seu artigo mais famoso*.

Transpondo a frase destacada para a voz passiva, a forma verbal encontrada é:
a) publicaram;
b) havia sido publicado;
c) publicou-se;
d) tinha publicado;
e) era publicado.

59. (FDC – Prefeitura Itaboraí/RJ – Fiscal de Tributos – 2012) A frase que se encontra integralmente na voz ativa é:
a) "Talvez o Brasil já tenha acabado e a gente não perceba isso". *(Paulo Francis)*
b) "De dez em dez anos toda a burocracia precisa ser fuzilada e trocada". *(Stalin)*
c) "O Brasil é a melhor piada que já foi contada por um português". *(Fernando Pedreira)*
d) "Advogados são as únicas pessoas cuja ignorância da lei não é punida com cadeia". *(Jeremy Bentham)*
e) "O Brasil é um país perigosamente gasoso. Os problemas são detectados, mas ninguém sabe resolvê-los." *(Arnaldo Jabor)*

60. "Honrarás pai e mãe!" Esse é um mandamento da Igreja Católica, que poderia ser ampliado a todas as igrejas. Nesse caso, o emprego do futuro do presente do indicativo tem valor de:
a) incentivo;
b) conselho;
c) pedido;
d) alerta;
e) ordem.

61. (CEPERJ – Procon/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) Dentre os verbos irregulares há aqueles que apresentam alguma variação no radical, ou seja, na "base" da palavra.

Um exemplo de verbo irregular encontra-se no seguinte exemplo do texto:
a) "quem lhe escreve";
b) "vivi uma tremenda aventura";
c) "quanto tempo isso levaria";
d) "Éramos centenas ali";

e) “sempre falava nisso”;

62. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Da combinação inusitada do verbo **morrer**, flexionado no pretérito perfeito do indicativo, com a expressão adverbial “desde pequena” (Eu sei morrer. Morri desde pequena.) infere-se uma compreensão da morte diferente da que estaria implícita caso tivesse sido empregada a locução verbal **Venho morrendo.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento do poema
Ó grandes oportunistas... que calculais...(...)/Ó personagens solenes (...)/ Ó soberbos titulares

63. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) No poema, que apresenta uma denúncia de atos de abuso de poder, foram utilizados os seguintes recursos que permitem que a poeta se dirija diretamente a um interlocutor: emprego de vocativo nos versos 1, 9 e 33 e de verbos na segunda pessoa do plural, todos no imperativo afirmativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
Vestidos de palhaço, eles aproveitam o tempo dos carros parados no semáforo para cumprir essa missão. Com cartazes educativos, ocupam a faixa de pedestres, fazem performances e brincam com os motoristas.

64. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) Sem prejuízo semântico para o texto, as formas verbais “fazem” e “brincam” poderiam ser substituídas pelas formas *fazendo* e *brincando*, respectivamente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

65. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) Assinale a alternativa cuja sequência verbal destacada constitui um exemplo de tempo composto.
a) “Não <u>estou afirmando</u> que os poetas atuais são tradicionalistas”
b) “...um arquivo atemporal, ao qual recorre a produção poética para <u>continuar proliferando</u>”
c) “as formas poéticas <u>deixaram de ser</u> valores que cobram adesão à experiência histórica”
d) “<u>Pode parecer</u> um paradoxo que a poesia desse período, a mesma que tem continuidade”
e) “... <u>tenha passado a fazer</u> um uso relutantemente crítico, ou acrítico, da tradição”

66. (Funcab – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Em “(...) A empregada já HAVIA CHEGADO e estava no portão, olhando o <u>movimento</u>.(...)”, o tempo verbal mostra uma ação:
a) iniciada no passado, continuada no presente;
b) realizada em futuro próximo;
c) subordinada a uma ação futura;
d) repetida, independente da ação passada;
e) já terminada;

67. (Funcab – MPE/RO – Analista – 2012) Assinale a alternativa em que o verbo em destaque foi corretamente conjugado.
a) Se você INTERPOR um recurso, talvez consiga reverter a situação.
b) Ele INTERVIU assim que a situação piorou.
c) Se você VER que a situação piorou, volte para cá.
d) Quando você VIM para cá, traga a pasta da diretoria.
e) Você só será respeitado se se IMPUSER.

68. (FCC – TJ/PE – Técnico Judiciário – 2012) “No meu tempo, já existiam velhos, mas poucos”. A frase de Machado de Assis nos leva a supor que havia mais velhos quando ele próprio se tornou um velho. E hoje, muito mais ainda, embora os manuais de redação recomendem que não se fale mais em “velhos”, mas em “idosos”.
(Carlos Heitor Cony, “Prazo de validade”. Folha de S. Paulo, A2 opinião, 27/10/2011)
No fragmento acima, as formas verbais havia e se tornou foram empregadas para:
a) indicar, respectivamente, uma ação provável e uma ação efetivamente realizada no passado;
b) indicar, entre ações simultâneas passadas, uma que estava se processando quando sobreveio a outra;
c) denotar que ambas as ações tiveram a mesma duração momentânea;
d) substituir, ambas, o futuro do pretérito;
e) denotar fatos que foram um (o segundo) a consequência do outro (o primeiro).

69. (CEPERJ – Procon/RJ – Advogado – 2012) *“todos que são impactados pelas mídias de massa”*

O fragmento transcrito acima apresenta uma construção na voz passiva do verbo.
Outro exemplo de voz passiva encontra-se em:

a) "As crianças brasileiras influenciam 80% das decisões de compra de uma família"
b) "A publicidade na TV é a principal ferramenta do mercado para a persuasão do público infantil"
c) "evidenciaram outros fatores que influenciam as crianças brasileiras nas práticas de consumo."
d) "Elas são assediadas pelo mercado"
e) "valores distorcidos são de fato um problema de ordem ética"

70. (MPE/SC – MPE/SC – Promotor de Justiça – 2012) O verbo, quando usado no modo imperativo, torna o texto mais vigoroso e com forte teor de persuasão, porém precisa ser usado corretamente, de acordo com o sujeito a que se refere. Identifique, pois, a(s) alternativa(s) em que o sujeito apresentado correspondente à flexão do verbo:

I. Chora, grita, esperneia, mas demonstra alguma reação. (sujeito: você)
II. Confira detalhadamente toda a documentação anexa ao processo. (sujeito: você)
III. Não demonstres qualquer reação durante o depoimento das testemunhas. (sujeito: tu)
IV. Compreende que a decisão tomada pelo juiz foi bastante coerente. (sujeito: tu)
V. Sê cuidadoso com tudo o que é dito ou escrito. (sujeito: tu)

a) Apenas as assertivas I e II estão corretas.
b) Apenas as assertivas III, IV e V estão corretas.
c) Apenas as assertivas II, III, IV e V estão corretas.
d) Apenas as assertivas I, II, e IV estão corretas.
e) Todas as assertivas estão corretas.

71. (Esaf – MI-CENAD – Estatístico – 2012) Assinale a opção que, na sequência, preenche corretamente as lacunas do texto, de modo a manter o correto uso dos modos e tempos verbais e a coerência entre as ideias.

Assim que o governo divulgou o crescimento zero do produto interno bruto brasileiro no terceiro semestre, não faltaram prognósticos negativos a respeito da economia do país e houve até quem _____(1)_____ em risco de recessão no futuro próximo. Basta um olhar mais atento aos números de 2011 para _____(2)_____ que o pessimismo não se justifica. Entre os empresários não são poucas as vozes que_____(3)_____dos alarmistas. Não faltam motivos para supor que, em 2011, os números da economia brasileira_____(4)_____vir ainda mais fortes. Além dos juros menores, conforme_____(5)_____ a maioria dos economistas, do crédito em expansão, e dos incentivos fiscais, está previsto para janeiro um reajuste no salário mínimo, o que _____(6)_____ impactos significativos à renda dos trabalhadores e aposentados. Nesse ciclo, o mercado interno seguirá aquecido.

a) fale / percebermos / discordassem / possam / prevera / trará
b) falasse / perceberem / discordassem / pudessem / prevê / trouxera
c) falasse / perceber / discordam / possam / prevê / trará
d) falou / percebermos / discordaram / podem / prevera / traria
e) falou / perceberem / discordaram / podem / previssem / trouxera

[...]

Não sei se V. Exa. Revma. é como eu. Eu gosto de contemplar o passado, de viver a vida que foi, de pensar nos homens que antes de nós, ou honraram a cadeira que V. Exa. Revma. ocupa, ou espreitaram, como eu, as vidas alheias. Outras vezes estendo o olhar pelo futuro adiante, e vejo o que há de ser esta boa cidade de S. Sebastião, um século mais tarde, quando o bonde for um veículo tão desacreditado como a gôndola, e o atual chapéu masculino uma simples reminiscência histórica.

Podia contar-lhe em duas ou três colunas o que vejo no futuro e o que revejo no passado; mas, além de que não quisera tomar o precioso tempo de V. Exa. Reverendíssima, tenho pressa de chegar ao ponto principal desta carta, com que abro a minha crônica.

E vou já a ele.

72. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) Sobre a forma verbal indicada, é INCORRETO afirmar:

a) *honraram* / Exprime ação completamente concluída.
b) *for* / Indica um fato possível, considerado altamente provável.
c) *estendo* / Enuncia um fato que ocorre exclusivamente no momento em que o missivista se expressa.
d) *vou* / Marca um fato futuro, mas bastante próximo, como o confirma o emprego de já.
e) *podia* / Está empregado com valor de futuro do pretérito.

Gabarito

1. INCORRETO.	16. ERRADO.	31. A.	46. B.	61. D.
2. INCORRETO.	17. ERRADO.	32. B.	47. B.	62. CERTO.
3. CORRETO.	18. ERRADO.	33. E.	48. C.	63. ERRADO.
4. B.	19. CERTO.	34. B.	49. E.	64. CERTO.
5. CORRETO.	20. ERRADO.	35. E.	50. B.	65. E.
6. INCORRETO.	21. CERTO.	36. A.	51. B.	66. E.
7. C.	22. CERTO.	37. C.	52. D.	67. E.
8. B.	23. CERTO.	38. E.	53. E.	68. B.
9. B.	24. ERRADO.	39. C.	54. D.	69. D.
10. D.	25. CERTO.	40. B.	55. B.	70. C.
11. CORRETO.	26. ERRADO.	41. B.	56. E.	71. C.
12. INCORRETO.	27. CERTO.	42. D.	57. E.	72. C.
13. NENHUM.	28. A.	43. B.	58. E.	
14. CERTO.	29. CORRETO.	44. B.	59. A.	
15. CERTO.	30. CERTO.	45. A.	60. E.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 13

Advérbio

Definição

Do ponto de vista semântico, o advérbio é um modificador ou ampliador de sentido de certos vocábulos ou estruturas e, nessa relação, pode indicar algumas circunstâncias (ou valores semânticos), como **afirmação, acréscimo, negação, modo, lugar, tempo, dúvida, intensidade, causa, concessão, conformidade, finalidade, condição, meio, instrumento, assunto, companhia, preço, ordem** etc.

Muitas vezes, porém, o advérbio não exprime circunstância alguma, mas meramente expressa um caráter subjetivo ao enunciado, expressando uma opinião do emissor. Falarei melhor sobre isso mais à frente, em *Valor Discursivo*.

Vale a pena dizer, desde já, que muitos advérbios, pelo contexto, mudam seu valor semântico. Por exemplo, a palavra *bem* é normalmente um advérbio de modo (*Ele fala* ***bem.***), certo? Veja esta frase, então: *"Ele estava* ***bem*** *feliz."*. Agora, é um advérbio de intensidade. Ok? Ainda neste capítulo, veremos isso melhor em *Classificação*.

Do ponto de vista morfológico, o advérbio não se flexiona em gênero nem em número, por isso é chamado de palavra invariável. Só varia em grau por meio de derivação. No entanto, o que mais vemos no dia a dia são as pessoas falando e escrevendo:

– *A menina está* ***meia*** *chateada.*

– *A filha sempre foi* ***menas*** *paciente que a mãe.*

– *Ela está* ***toda*** *preocupada.*

– *Os policiais devem se manter* ***alertas*** *o tempo todo.*

No penúltimo exemplo, certos gramáticos, como Bechara, e dicionaristas, como Aulete, já abonam a variação do advérbio, devido à natureza pronominal deste vocábulo. No último exemplo, Bechara não abona a variação, mas alguns dicionaristas, como Aurélio, e certos gramáticos, como Napoleão Mendes de Almeida, abonam. Temos aí uma polêmica, não é? Cuidado com as provas, então.

Baseando-nos na visão ortodoxa, que é a que mais tem adeptos, o advérbio está sempre invariável, logo as frases acima deveriam ser construídas assim:

– *A menina está* ***meio*** *chateada.*

– *A filha sempre foi* ***menos*** *paciente que a mãe.*

– *Ela está* ***todo*** *preocupada.*

– *Os policiais devem se manter* ***alerta*** *o tempo todo.*

As duas últimas soam estranho, não é? *Deixa quieto...*

Do ponto de vista sintático, tradicionalmente falando, o advérbio se refere a um **verbo**, a um **adjetivo** (ou locução adjetiva), a outro **advérbio** (ou locução adverbial) ou a uma **oração inteira**, exercendo apenas uma função sintática na frase: adjunto adverbial.

– *Sempre acordou* ***cedo****.* (modifica o verbo)

– *Continuo **bastante** disposto.* (modifica o adjetivo)
– *Arrematou-se num leilão um carro **muito** fora de moda.* (modifica a locução adjetiva)
– *Dormiram **mais** tarde, porque não treinariam amanhã.* (modifica o advérbio)
– *Ninguém esperava que ele surgisse **tão** de repente.* (modifica a locução adverbial)
– ***Semestralmente** fazemos concursos.* (modifica a oração inteira; normalmente os advérbios terminados em **-mente**, iniciando uma oração, incidem sobre toda ela)*

Obs.: * Veja esta questão de prova sobre advérbio incidindo sobre uma oração inteira:

29. (ITA – Vestibular – 2007/2008) Qual dos advérbios terminados em **-mente** incide sobre o conteúdo de toda a frase?
a) fantasticamente (... aumenta fantasticamente...)
b) abertamente (... evito aderir abertamente...)
c) independentemente (... treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas, mas, independentemente disso, existem forças...)
d) psicologicamente (... psicologicamente preparado...)
e) imediatamente (... volte para o campo imediatamente...)

Comentário: O gabarito é C, pois o advérbio se relaciona com *(d)isso*, que se reporta ao conteúdo frasal anterior, a saber: "treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas". A: Modifica o verbo. B: Modifica o verbo. D: Modifica um adjetivo. E: Modifica o verbo.

Duas informações só para quem quer aprofundar-se em advérbio (se não for seu caso, nem leia!):

I – Certos gramáticos antigos, como José Marques da Cruz, e alguns modernos, como Maria Helena de Moura Neves, dizem que o advérbio pode modificar outras classes gramaticais, como substantivo, pronome, numeral, conjunção: *Férias **assim** são um sonho de consumo! / Vocês beberam **muito** pouca água. / De todos os alunos, **quase** cem foram aprovados. / **Muito** embora eu pudesse entrar, não o fiz.*

II – Além de adjunto adverbial, Evanildo Bechara diz que o advérbio pode também exercer função de sujeito ou predicativo do sujeito. Claudio Cezar Henriques diz que ele pode exercer função de predicativo do sujeito, sujeito e, até, objeto indireto: "Ali é bom." (suj.), "A vida é assim. (pred. suj.)", "Gosto daqui. (obj. ind.)".

Tradicionalmente falando, os gramáticos dizem que advérbios que modificam adjetivos ou outros advérbios são sempre de **intensidade**. E é assim que costuma cair em prova!
– *Sou **razoavelmente** discreto.*
– *Continuas **muito** arisca, menina!*

No entanto, estudos modernos dizem que isso não procede:
– *Tenho cabelos **quimicamente** tratados.* (modo)
– ***Não** raramente estudo Português.* (negação)

– *Ainda existem muitas doenças* ***sexualmente*** *transmissíveis*. (meio)

Para entendermos bem todas estas definições de advérbio, vamos analisar por último esta frase:

Os amigos das horas certas sempre ajudam os amigos das horas incertas.

Note que a palavra ***sempre***

1) apresenta uma **circunstância** (valor semântico) de tempo;
2) é **invariável**: não existe sempres ou sempra, por exemplo;
3) funciona como **adjunto adverbial** do verbo ajudar.

Certamente você já ouviu falar em orações subordinadas adverbiais, não é? Então, elas são chamadas assim porque têm valor de advérbio. Há muitas questões de prova sobre orações adverbiais. Veremos isso no capítulo de *Conjunção* e, principalmente, no de *Orações Subordinadas Adverbiais*, beleza?

Identificação e Particularidades

Identificamos que um advérbio é um advérbio basicamente pela sua relação com outros vocábulos, como **verbos, adjetivos** ou **advérbios**, normalmente. Por exemplo, jamais diríamos que o vocábulo *que* é um pronome ou uma conjunção na frase abaixo:

– ***Que*** *tolo você é por ter acreditado nas palavras de uma pessoa nitidamente volúvel.*

Percebe que o vocábulo *que* está ligado ao adjetivo *tolo*? Aí eu pergunto: Que palavra modifica um adjetivo? Só conheço uma: ad-vér-bio. Logo, esse *que* é um advérbio de intensidade, equivalendo a "quão".

Por exemplo, você diria que nas frases a seguir os vocábulos destacados são **adjetivos**?

– *Por favor, falem* ***baixo****!*

– *Esta cerveja desceu* ***redondo****.*

– *Ela o olhou* ***sério****.*

– *Não transcreva* ***errado*** *o texto.*

– ***Fácil*** *se vê que ela não demonstra honestidade alguma.*

– *Dessa vez você cortou* ***rente*** *o cabelo.*

É claro que não! Afinal, alguns adjetivos podem se tornar **advérbios de modo**, quando modificam verbos. É o que acontece nessas seis frases. Inclusive, podemos usar o sufixo **-mente** depois de alguns desses advérbios (*redondamente, seriamente, erradamente, facilmente*) para facilitar a visão de que se trata realmente de **advérbios**.

O numeral *primeiro* pode se tornar advérbio, segundo alguns gramáticos, como Sacconi:

– *Cheguei* ***primeiro****.*

Para a nossa alegria, veja uma questãozinha sobre adjetivos adverbializados, ou seja, adjetivos que se tornaram advérbio, por derivação imprópria:

71. (FAB – AFA – Oficial – 2011) No contexto do seguinte trecho, extraído do 7º parágrafo do texto, analise a classe gramatical a que pertencem os termos grifados:

"... para saber quem grita gol mais <u>alto</u> e <u>prolongado</u>."

Assinale a alternativa em que o termo sublinhado pertence àquela mesma classe.

a) "Não suporto mais ver <u>tantas</u> tragédias, crimes, violências..."
b) "Fala-se <u>muito</u>, mesmo com a bola rodando."
c) "Outra discussão <u>chata</u>, durante e após partidas..."
d) "Muitas parecem <u>iguais</u>, mas não são."

Comentário: O gabarito é a B. Note que *alto* e *prolongado* se referem ao verbo *gritar*, logo são <u>advérbios</u> assim como *muito*, que também modifica um verbo. **Não confunda adjetivo com advérbio e vice-versa!**

Sobre Advérbios Terminados em -mente

É bom dizer que os advérbios terminados em **-mente** são derivados de adjetivos (normalmente femininos), cujos acentos gráficos "caem" nesse processo, pois as sílabas tônicas mudam de posição com o acréscimo do sufixo. Por isso, não dê uma *garoteada* de escrever assim: "Ela está *eco**nô**micamente* bem."!

Outra coisa: nem todos os advérbios terminados em **-mente** são de **modo**, como ensinam alguns professores:

– ***Primeiramente**, pretendo falar de advérbio.* (ordem, sequência, segundo Celso Cunha)

– *Faço provas **bimestralmente**.* (tempo)

– *Ele **provavelmente** não retornará.* (dúvida)

– *Tomei uma cerveja **estupidamente** gelada.* (intensidade)

– ***Certamente** o Brasil será um país desenvolvido.* (afirmação)

Veja duas questõezinhas sobre isso:

16. (NCE/UFRJ – Arquivo Nacional – Agente Administrativo – 2006) Em todos os advérbios terminados em **-mente**, retirados do texto, vê-se claramente a sua formação a partir da forma feminina do adjetivo, EXCETO em:
    a) predominantemente; (vem de *predominante*, adjetivo uniforme) X
    b) basicamente;
    c) negativamente;
    d) diariamente;
    e) humanamente.

10. (NCE/UFRJ – Pref. Santana – Professor (Educação Básica) – 2007) A frase abaixo em que o advérbio terminado com o sufixo **-mente** NÃO é advérbio de modo, mas sim de <u>tempo</u>, é:
    a) Ela chegou rapidamente ao estacionamento;
    b) Os veículos estavam erradamente estacionados;
    c) Os funcionários trabalham conscientemente;
    d) O automóvel funcionava eficientemente;
    e) Os veículos estavam <u>temporariamente</u> parados. (temporária + mente) X

O advérbio ***absolutamente*** pode ser de intensidade, de afirmação ou de negação, segundo Napoleão M. de Almeida. Estes dois últimos podem ser reforçados pelos advérbios "sim" e "não":

– *Estou **absolutamente** melancólico hoje.* (intensidade)

– *"Vai à praia hoje?" "**Absolutamente (não)**! Odeio mar, areia..."* (negação)

– *"Vai à praia hoje?" "**Absolutamente** (sim)! Amo mar, areia..."* (afirmação)

Aparecendo vários advérbios na frase terminados em **-mente**, prefere-se, por concisão, que só o último receba o sufixo, no entanto, quando se quer dar ênfase à sentença, a repetição do sufixo não gera incorreção gramatical nem mudança do sentido:

– *O Brasil cresceu **econômica**, **política** e **administrativa<u>mente</u>**.*

– *O Brasil cresceu **economica<u>mente</u>, politica<u>mente</u>** e **administrativa<u>mente</u>**.*

Note que, apesar de os advérbios "econômica" e "política" aparentarem forma feminina

(semelhante a adjetivos), não há variação em gênero – o sufixo está implícito. Lembre-se de que o sufixo **-mente** forma advérbios derivados de adjetivos, normalmente femininos. Ok?

Mais algumas particularidades...

Quando, como, onde *e* ***por que*** são, respectivamente, advérbios interrogativos de **tempo, modo, lugar** e **causa**. Os três primeiros são chamados de **advérbios relativos** quando exercem papel de verdadeiros pronomes relativos. Veja isso no capítulo de pronomes relativos.

Podem aparecer nas orações interrogativas diretas ou indiretas:

– ***Quando*** *voltaremos?*

– *Ninguém soube me responder* ***como*** *voltaríamos.*[1]

– ***Aonde*** *você quer chegar com esse discurso polido?*[2]

– *Nunca entendi* ***por que*** *ela se veste assim.*

[1] O vocábulo ***como*** pode também ser um advérbio de intensidade em frases exclamativas: ***Como*** *ela é linda!*

[2] A preposição ***a***, exigida pelo verbo *chegar*, se une ao advérbio ***onde*** para formar ***aonde***.

Os gramáticos Faraco & Moura e J. C. Azeredo dizem que há, além da locução adverbial interrogativa de causa (*por que*), a locução adverbial interrogativa de finalidade (***Para que*** ela estuda tanto?). Não satisfeitos, dizem haver também advérbio interrogativo de preço (***Quanto*** custa a blusa?). Penso eu que existam diversas outras construções adverbiais interrogativas, mas minha opinião não interessa numa interposição de recurso de prova. Por isso, explicito em toda *A Gramática* as opiniões dos grandes mestres de renome.

Só de curiosidade: Caso queira conhecer expressões adverbiais (e não adverbiais) latinas, *jogue* este endereço no Google: *www.dicionariodelatim.com.br.*

Classificação dos Advérbios e das Locuções Adverbiais

Os **advérbios** e as **locuções adverbiais** são classificados segundo suas circunstâncias.

Para quem não sabe o que são **locuções adverbiais**, relaxe. É mole. Trata-se do conjunto de duas ou mais palavras com valor de advérbio – normalmente iniciadas por preposição (dê uma olhadinha básica no capítulo de *Preposição*, se for o caso): *às vezes, às duas, de repente, em princípio, por acaso, sem pressa, de modo nenhum, de maneira alguma, de uma vez por todas, aos trancos e barrancos, de quando em quando... algumas vezes, muitas vezes, certa vez, um dia, dentro em pouco, via de regra, dia a dia, pouco a pouco, frente a frente...* (as não iniciadas por preposição são de modo ou tempo). Note que o núcleo da locução pode variar, por ser normalmente formado por um substantivo.

Vejamos agora as circunstâncias abarcadas pelos gramáticos ortodoxos e não ortodoxos. Saiba que há muitas observações e *detalhezinhos* abaixo que vale a pena ser consultados. Peço que fique atento aos advérbios mais "estranhos" ou menos usuais, beleza? **Eles estão sublinhados**.

Ah! Não é para sair decorando, ok? É só para ter uma boa ideia. Cá entre nós, a mais pura verdade é que **só o contexto determinará o valor semântico da maioria dos advérbios. Mais do que isso: só o contexto determinará se eles são, de fato, advérbios**. Depois não diga que não avisei.

Vamos lá!

Antes de mais nada, a NGB apresenta apenas sete circunstâncias adverbiais: **afirmação, negação, modo, tempo, lugar, dúvida e intensidade**. No entanto, todos nós sabemos que existem (algumas) outras circunstâncias, como **causa, concessão, conformidade, finalidade, condição, meio, instrumento, assunto, companhia, preço, quantidade, referência, ordem, medida, peso, matéria, proporção, reciprocidade, substituição, favor, exclusão, inclusão, consequência/conclusão**. Estas circunstâncias são expressas, geralmente, por locuções adverbiais.

Vejamos uma por uma:

Afirmação

Advérbios: *sim, decerto, certo, mesmo, deveras...*

Locuções adverbiais: *com efeito, sem dúvida (alguma), com certeza, na realidade, de fato, por certo...*

Terminados em *-mente*: *certamente, positivamente, fatalmente, indubitavelmente, efetivamente, incontestavelmente, indiscutivelmente, verdadeiramente, realmente, seguramente...*

Obs.: A conjunção *e* seguida do advérbio *sim* muitas vezes abre uma correção do que foi dito, em tom claramente opositivo: *A mulher não quer sexo em primeiro lugar,* ***e sim*** *amor.*

Negação

Advérbios: *não, tampouco (= também não;* carrega uma ideia de inclusão + negação*), nem, sequer...*

Locuções adverbiais: *de modo algum, de maneira alguma, de forma alguma, de modo nenhum, por nada, de nada, em hipótese alguma...*

Terminados em -*mente*: *absolutamente.*

Cuidado!!!

1) Veja esta questãozinha que esclarece a circunstância do vocábulo ***sequer***.

02. (Esaf – SUSEP – Agente Executivo – 2006) Assinale a opção incorreta a respeito do emprego das estruturas linguísticas do texto.

e) O advérbio "sequer" (No seu isolamento, sequer uma atitude estóica de convívio com a dor lhe é permitida) assume no texto a função de negar a ação verbal da oração, função que os vocábulos nem ou nem sequer poderiam também assumir.

Comentário: Esta afirmação foi considerada correta, por isso a letra E não é o gabarito. Coloquei esta questão para mostrar a você que ***sequer*** é não só um advérbio, como é de negação, pois assume a função de negar a ação verbal (verbo *ser*).

2) O vocábulo ***não*** é superinteressante! Vejamos algumas particularidades dele:

– Sempre vem antes do verbo; quando isso não ocorre, a linguagem é popular: *Não vou. Não quero. Não posso. Minha mulher não deixa. / Vou* ***não****. Quero* ***não****. Posso* ***não****. Minha mulher não deixa* ***não****.* (Esta dupla negação é própria do coloquialismo.)

– Tem seu sentido esvaziado, servindo apenas como realce de uma oração normalmente exclamativa ou interrogativa. Isto é, a presença ou ausência do *não* numa frase não nega seu conteúdo: *Quantas vezes eu* ***não*** *te avisei que estudasse? (= Quantas vezes eu te avisei que estudasse?) / Perdi as contas de quantos homens ela já* ***não*** *fez sofrer! (= Perdi as contas de quantos homens ela já fez sofrer!).*

3) O advérbio ***nem***, além de negar, pode exprimir uma ideia de adição; quando indica adição, equivalendo a "e não", muda de classe gramatical, tornando-se uma conjunção aditiva: *É incrível que ele* ***nem*** *(= não) tenha feito a prova* ***nem*** *(=* ***e*** *que* ***não****) tenha estudado.*

4) O advérbio de tempo ***lá*** pode indicar um tom de realce e de negação ao mesmo tempo: *Eu sei* ***lá*** *se ela vai voltar aqui.*

Modo

Advérbios: *assim, bem, mal, tal, como, depressa, devagar, adrede* (de propósito, intencionalmente), *debalde* (inutilmente, em vão), *outrossim* (*do mesmo modo, igualmente*; dá ideia de acréscimo ou inclusão, equivalendo a "também"), *melhor, pior, alerta, máxime* (especialmente, principalmente)...

Locuções adverbiais: *com acinte, de propósito, à toa* (também pode ser locução adjetiva), *à vontade, ao contrário, com amor, de cor, em vão, gota a gota, por acaso, alto e bom som, grosso modo, a torto e a direito, aos trancos e barrancos, a olhos vistos, a esmo, à francesa, pouco a pouco, a pé, a cavalo*... (há uma infinidade delas)

Terminados em ***-mente***: *talqualmente*, deliberadamente, bondosamente, generosamente, cuidadosamente, paulatinamente, gradualmente, igualmente, especialmente* e muitos outros terminados em -mente...

* Segundo o dicionário Aulete, *talqualmente* pode ser uma conjunção conformativa. Recentemente a Esaf (sempre ela) formulou uma questão com tal palavra: SRF – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA FEDERAL – 2012 – QUESTÃO 47.

Cuidado!!!

1) Em certas frases, o advérbio de modo ***mal*** carrega uma ideia de quase negação consigo: *Ele mal consegue andar depois do esforço.*

2) O advérbio ***assim***, além de indicar modo, pode indicar conclusão, equivalendo a "portanto", "por isso", "desse modo"...; nesse caso, modernamente, ele é visto como conjunção conclusiva. Falarei mais sobre ele ainda neste capítulo em *Valor Discursivo*.

3) Veja esta questãozinha maliciosa:

15. (NCE/UFRJ – Eletrobras – Bacharel em Letras – 2002) "Os organismos geneticamente modificados..."; o item abaixo em que o advérbio sublinhado tem idêntico desempenho sintático ao da frase acima é:
a) O Brasil pretende produzir rapidamente soja transgênica;
b) Vários governos condenam veementemente os transgênicos;
c) Atualmente são muitas as pesquisas sobre transgênicos;
d) Os transgênicos são muito bem aceitos em vários países;
e) O Brasil deve pesquisar muito para usar os transgênicos.

Comentário: Deu uma vontade grande de marcar a letra A, não foi? Você deve ter pensado assim: "Bem... algo *geneticamente* modificado é o modo como algo foi modificado... então... bate com o advérbio *rapidamente* (= *de modo rápido*)". Cuidado com os enunciados, meu nobre! Observe de novo: "... o advérbio sublinhado tem *idêntico desempenho sintático*...", isto é, o cara quer saber qual advérbio está relacionado a um adjetivo, assim como *geneticamente* está ligado à forma adjetiva *modificados*. A questão não era sobre a semântica do advérbio, mas sobre a sintaxe. A única opção correta, portanto, é a D, pois *bem* está relacionado à forma adjetiva *aceitos*. Todos os demais advérbios se

referem aos verbos: *produzir rapidamente*, *condenam veementemente*, *atualmente* (refere-se à oração inteira), *pesquisar muito*.

3) Agora veja uma questão *old stile* da Esaf sobre o fato de locuções adverbiais poderem virar advérbios terminados em **-mente**. Essa correlação de construções é comum entre locuções adjetivas e adjetivos (*de graça* > *grátis*), lembra? O mesmo se dá entre locuções adverbiais em advérbios em **-mente** (*com delicadeza* > *delicadamente*).

8. (Esaf – MRE – Assistente de Chancelaria – 2004) Relacione as ações (1), (2), (3) e (4) com o advérbio semanticamente adequado, conforme mostra o modelo, e assinale, a seguir, a sequência correta.

Modelo: Falar *com orgulho e insolência*. / Falar *arrogantemente*.

(1) Exprimir-se com muitas palavras, com palavras em excesso. ( ) sutilmente
(2) Agir como criança. ( ) puerilmente
(3) Insinuar com perspicácia e delicadeza. ( ) prolixamente
(4) Eliminar sem se render a logros . ( ) inexoravelmente

A sequência correta é:

a) 4 3 2 1;
b) 1 2 3 4;
c) 3 4 1 2;
d) 4 2 1 3;
e) 3 2 1 4 (gabarito).

Tempo

Advérbios: *afinal, agora, amanhã, amiúde* (frequentemente), *antes, ontem, cedo, depois, enfim, entrementes* (enquanto isso), *hoje, jamais, nunca, sempre, outrora* (em tempos passados), *tarde, já, mais, doravante* (de agora em diante), *logo, embora, quando, anteontem, breve, então...*

Locuções adverbiais: *ao vivo, à noite, à tarde, de dia, de manhã, pela madrugada, em breve, de tempos em tempos, de vez em quando, um dia, certa vez, esta semana, no entretanto...*

Terminados em -mente: *atualmente, constantemente, imediatamente, provisoriamente, sucessivamente, eventualmente, concomitantemente, esporadicamente, oportunamente, terminantemente* (= *de vez*), *normalmente/geralmente* (frequência), *temporariamente, provisoriamente, transitoriamente, semestralmente, bimestralmente, semanalmente, finalmente...*

Cuidado!!!

1) Sacconi informa que *já* pode substituir *mais*, ambos advérbios de tempo, em frases negativas: *Não estudo **mais** há tempos. / **Já** não estudo há tempos*. Diz também que na língua cotidiana (registro coloquial) se veem os dois na mesma frase: ***Já** não estudo **mais** há tempos*. Corroborando isso, veja esta questão: Cespe/UnB – IPEA – Técnico de Desenvolvimento e Administração – 2008

No segmento "já não seja mais", verifica-se redundância no emprego concomitante dos advérbios *já* e *mais*, o que permitiria a supressão de qualquer um deles, sem prejuízo para a correção gramatical do trecho.
(X) CERTO ( ) ERRADO

Comentário: Perfeita a afirmação da banca, certíssima.

Se eu fosse você, consultaria o que diz o dicionário Aulete ou o Houaiss sobre o advérbio *já*. Ele cai muito em prova. Aos 45 do segundo tempo, vale dizer que *já* pode indicar contraposição, equivalendo a "por outro lado": *Ele estuda muito. Já ela não estuda nada.*

2) Polêmica! *Jamais* e *nunca* são considerados por alguns gramáticos (como Júlio Ribeiro, Maximino Maciel, Eduardo Carlos Pereira, Maria Helena de Moura Neves, Faraco & Moura e Samira Yousseff Campedelli.) como, além de advérbios de tempo, **advérbios de negação**; alguns, como Faraco & Moura, indicam o acúmulo desses dois valores semânticos no mesmo advérbio. Isso já caiu em prova, falando nisso:

24. (Vunesp – Câmara Municipal de Guarulhos – Taquígrafo – 2002) Assinale a alternativa em que o advérbio grifado expressa ideia de negação.
a) Quando vem aqui, ele sempre nos visita.
b) Ele sempre agiu diferentemente dos outros empregados.
c) Eu acredito que jamais ele nos daria apoio. (Gabarito!)
d) Casualmente encontramos a lei que você queria.
e) Ele talvez tenha mudado de opinião.

Veja agora um exemplo melhor ainda:

7. (MH Consultoria – Pref. Gararu – Auxiliar de Enfermagem Ambulatorial – 2011) Assinale a alternativa que contém uma frase em que o advérbio expressa simultaneamente ideias de tempo e negação.
a) Falei ontem com os embaixadores.
b) Não me pergunte as razões da minha atitude.
c) Eles sempre chegam atrasados.
d) Jamais acreditei que você viesse. (Gabarito!)
e) Agora seremos felizes.

3) *Afinal, enfim* e *finalmente* são advérbios (também chamados de operadores argumentativos) que indicam tempo, mas inegavelmente apresentam um matiz de conclusão, pois normalmente são usados para um desfecho de uma ideia. Posso provar com duas questõezinhas? Lá vão:

12. (Vunesp – Sptrans – Agente de Informação – 2007) Leia o texto.

Finalmente, a Lei de Uso e Ocupação do Solo privilegia uma ocupação mais horizontal da cidade, o que aumenta a necessidade de investimento por parte do poder público na construção de uma infra-estrutura que atenda satisfatoriamente a toda a região metropolitana.

Os advérbios *Finalmente*, *mais e satisfatoriamente* expressam, respectivamente, ideia de:
a) finalidade, modo, intensidade;
b) tempo, intensidade, modo; (Gabarito!)
c) finalidade, lugar, modo;
d) tempo, proporção, tempo;
e) consequência, intensidade, tempo.

5. (Cesgranrio – Petrobras – Cargos de Nível Superior – 2010) Em "afinal, sou humano..." (l. 14), o elemento destacado é um operador argumentativo de:
a) condição;

b) consequência;
c) conclusão; (Gabarito!)
d) conformidade;
e) concessão.

Lugar

Advérbios: *aqui, cá, ali, aí, lá, acolá, abaixo, acima, adentro, adiante, avante, afora, além, aquém, algures* (em algum lugar), *alhures* (em outro lugar), *nenhures* (em nenhum lugar), *atrás, fora, dentro, embaixo, longe, perto, detrás, defronte...*

Locuções Adverbiais: *em domicílio* (com verbos ou nomes estáticos), *a domicílio* (com verbos ou nomes dinâmicos), *de longe, de perto, por detrás, por perto, à direita, à esquerda, ao lado, de dentro, à distância, entre a cruz e a espada...*

Terminados em -mente: *externamente, internamente, interiormente, proximamente, lateralmente...*

Cuidado!!!

1) A ideia de lugar corresponde à pergunta com o advérbio interrogativo ***onde***: "Essas promessas vêm ***de onde***?" "Vêm ***de Deus***." / "Você não consegue tirá-la ***de onde***?" "Eu não consigo tirá-la ***do meu pensamento***." No último caso, percebe-se claramente a ideia de lugar **virtual ou figurado**.

2) Apesar de haver inúmeras referências no registro culto da língua sobre o uso do acento grave na locução adverbial "à distância", como atestam os gramáticos Cegalla, Celso Cunha, Lindley Cintra, Gama Kury, Hildebrando André e os dicionaristas Aulete, Houaiss e Aurélio, o acento indicativo de crase na locução adverbial "à distância" é proibido, ficando, assim: "a distância". Em *Crase*, abordo melhormente o tema.

3) Dos advérbios pronominais, *aqui, cá,* (relacionados à 1ª pessoa do discurso) *aí,* (relacionado à 1ª pessoa do discurso), *ali, lá, acolá* (relacionados à 3ª pessoa do discurso), ***aqui*** e ***aí*** podem indicar tempo também. Veja duas questões que exploraram isso:

11. (FUMARC – UEMG – Auxiliar Administrativo – 2002) Assinale a alternativa em que o termo destacado é usado como um marcador de tempo:
d) "Daí que o futuro da sociedade [...] será definido pelas escolhas que fizermos daqui para a frente."

Comentário: Perceba que *daqui* marca um espaço (ou um ponto) dentro da linha do tempo, equivalendo a "deste momento... para o futuro".

6. (NCE/UFRJ – IPJB – Assistente Administrativo – 2002) O item em que o valor do elemento sublinhado NÃO é indicado de forma correta é:
a) "Elas acumulam essas forças; daí as duas propriedades..." – lugar;

Comentário: O gabarito é a letra A, logo o advérbio *daí*, que normalmente indicaria lugar, nesse caso indica tempo: *daí = a partir desse momento* (tempo).

Dúvida

Advérbios: *acaso, porventura, talvez, quiçá...*

Locuções adverbiais: *por ventura, por acaso (Celso Cunha coloca 'por acaso' entre as de modo)...*

Terminados em -mente: *possivelmente, provavelmente, supostamente...*

Obs.: Não custa dizer que o advérbio ***talvez*** exige o verbo no subjuntivo quando vem anteposto. Veja uma questão sobre isso, do CESPE/UNB – TRT (6R) – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2002:

O advérbio "Talvez" (v.15) admite que a forma verbal "Consinta" (v.16) seja alterada para **Consente**, no modo indicativo.
( ) CERTO
(X) ERRADO (Gabarito!)

Quando vem posposto, usa-se o indicativo, indicando uma dúvida branda: *Parto hoje talvez.* No entanto, segundo os gramáticos Pasquale Cipro Neto e Maria Helena de Moura Neves, e os dicionários Aurélio e Houaiss, o uso de *talvez* seguido de verbo no modo **indicativo** é possível, mesmo anteposto. Passo a palavra ao gramático Pasquale:

"Para encerrar, vejamos o que fez Machado neste passo de "Memórias Póstumas" (do capítulo 11, "O Menino é Pai do Homem"): "Cresci; e nisso é que a família não interveio; cresci naturalmente, como crescem as magnólias e os gatos. Talvez os gatos são menos matreiros, e, com certeza, as magnólias são menos inquietas do que eu era na minha infância.". Percebeu? Machado empregou o indicativo em "talvez os gatos são", o que confirma o que o (con)texto prenuncia: quem cresce sem a intervenção da família e como crescem as magnólias e os gatos é mesmo mais matreiro que os bichanos. É isso."

Intensidade

Advérbios: *assaz, bastante, demais, mais, meio, todo, menos, nada, muito, tão, tanto, quanto, quão, quase, algo, pouco, sobremodo, sobremaneira, que, como...*

Locuções adverbiais: *de todo, de muito, de pouco, em excesso, por completo...*

Terminados em -mente: *demasiadamente, completamente, totalmente, extremamente, altamente, obviamente, absolutamente* (a maioria dos advérbios modificadores de outros advérbios e adjetivos são de intensidade).

Cuidado!!!

1) Não confunda advérbio de intensidade com pronome indefinido.

13. (FJPF – CONAB – Técnico Administrativo – 2006) A alternativa em que a palavra **muito** está sintaticamente empregada como em "parece **muito** mais fácil que o físico" é a seguinte:

a) Muitos dos que se dizem cidadãos não respeitam sequer as leis do trânsito.
b) Há muito ainda por realizar no Brasil.
c) É muito importante este aspecto da questão. (Gabarito!)
d) Ao evento compareceram muitos congressistas.
e) Muita saúva e pouca saúde os males do Brasil são.

Comentário: Note que o enunciado pede o emprego sintático do advérbio *muito*, que, além de ser **invariável**, tem função de adjunto adverbial, modificando o adjetivo fácil. A única opção correta é a C, pois *muito*, como um adjunto adverbial, modifica também um adjetivo (*importante*). a) Pronome indefinido. b) Há muito (= muita coisa/pronome indefinido) ainda por realizar no Brasil. d) Pronome indefinido. e) Pronome indefinido. Cuidado para não confundir. Veja a importância de identificar o advérbio a despeito de outras classes gramaticais, como o pronome indefinido!

2) Cuidado com os vocábulos *meio, mais, muito, pouco, bastante, nada, que* e outros que podem pertencer a outras classes gramaticais. Recomendo que estude este assunto no capítulo de *Pronomes Indefinidos* deste livro. Por exemplo, quando se diz "*Ele não correu nada.*", o ***nada*** é um advérbio de intensidade, pois modifica o verbo. Já na frase "*Nada lhe dei.*", trata-se de um pronome indefinido, pois é complemento direto do verbo *dar*, e não modificador do verbo. Veja agora a pluralidade de classificação do vocábulo *mais*, só para sentir a pressão:

Substantivo: O *mais* é um vocábulo interessante.
Pronome indefinido: Hoje eu ganhei *mais* presentes.
Advérbio de intensidade: Fale *mais*. / Sou *mais* inteligente que ele. / Chegue *mais* cedo.
Advérbio de tempo: Eu não volto *mais* aqui.
Conjunção aditiva (coloquial): João *mais* Maria foram ao bosque.

Causa

– ***De tanto amor aos homens****, Jesus deu sua vida.*
– *Ele estuda* ***por necessidade****.*
– *O homem suava* ***com aquele calor carioca****.*
– ***Graças ao sotaque nordestino****, pude reconhecê-lo.*

Obs.: Algumas locuções adverbiais causais são iniciadas pelas locuções prepositivas "em decorrência de" e "em consequência de": *Dados do Ministério da Saúde indicam que 54 mil brasileiros morreram em 2010* ***em decorrência do diabetes****.*

Concessão

– *Ele sempre chega,* ***apesar do trânsito****.*
– ***A despeito dos problemas****, tivemos êxito.*

– ***Não obstante seu hercúleo esforço**, o fim foi trágico.*
– ***Mesmo moribundo**, teve seu último desejo realizado.*

Obs.: Note que a **concessão** expressa um fato em oposição a outro sem anulá-lo.

Conformidade

– ***Segundo a moda atual**, devemos nos vestir livremente.*
– *Faça tudo **conforme os regulamentos**.*
– ***Consoante a dica do professor**, devemos decorar apenas a matéria da prova.*
– ***Em conformidade com o dito**, nada mais tenho a acrescentar.*

Finalidade

– *Ele viajou **a negócios**.*
– *Só estudo **por uma boa nota**.*
– ***Para a alegria da nação rubro-negra**, o camisa dez decidiu ficar.*
– *Esta menina só estuda **a fim do primeiro lugar**.*

Condição

– ***Na dúvida**, não ultrapasse.*
– ***Sem educação**, não há progresso.*
– *Só entrará **com autorização**.* (Bechara)

Meio

– *Já viajei muito **de trem** quando eu trabalhava em Nova Iguaçu.*
– ***Por meio da pesquisa**, novos resultados foram alcançados.*
– *Prefiro ir **de ônibus** a pegar avião.*
– ***Com o sangue de Jesus**, os cristãos têm acesso ao reino dos céus.*

Obs.: Às vezes a classificação de uma locução adverbial é tão polêmica que gera inúmeras análises. Veja o último exemplo de novo: poderíamos interpretar como **causa** ou **condição**, concorda?

Veja uma questão sobre esta circunstância adverbial.

1. (NCE/UFRJ – IPJB – Biólogo – 2002) A expressão sublinhada no segmento "Os americanos, <u>através do radar</u>...", indica:
   a) lugar;
   b) instrumento;
   c) meio; (Gabarito!)
   d) causa;
   e) condição.

Comentário: As locuções prepositivas que iniciam as locuções adverbiais de *meio* são, normalmente, "por meio de" e "através de", as quais são encaradas como sinônimas, modernamente, apesar de a segunda denotar a ideia de "atravessar". Num sentido conotativo (a ideia de conotação vem perdendo a força no registro culto contemporâneo), "através de" nunca introduz uma estrutura que expressa o valor semântico de **instrumento**. Por isso você não deveria marcar a letra B.

Instrumento

– *Cortei o pão* ***com a faca****.*
– *Escrevi quinhentas páginas* ***a caneta****.*
– *Machucou-se* ***com o martelo****.*
– *Fomos expulsos* ***a pedrada****.*

Obs.: A diferença entre *meio* e *instrumento* é muito sutil. Pelas minhas pesquisas, percebi que há um padrão nos exemplos dados sobre o valor semântico "instrumento". Todos os exemplos sugerem o <u>uso</u> de um <u>objeto</u> ou algo <u>concreto</u> para a realização de um fim. No caso do advérbio de *meio*, houve alguns exemplos tênues. No entanto, percebi duas asserções sobre *meio*: quando não se trata de meio de transporte, trata-se de um processo cujo recurso utilizado permite que se vá de um ponto a outro, num espaço-tempo real ou figurado. Sobre o uso ou não do acento grave em locuções adverbiais de meio ou instrumento, falarei no capítulo de *Crase*.

Assunto

– *Ele só fala* ***sobre política****.*
– ***A respeito dos problemas educacionais do país****, nada tendo a dizer.*
– *Todos os brasileiros se arvoram na posição máxima de falar* ***de futebol****.*
– *Nada disse* ***acerca de seus planos****.*

Companhia

– ***Contigo*** *eu vou a qualquer lugar, mas* ***com quem*** *você vai preferir jantar hoje?*
– *Passeei à noite* ***com minha namorada*** *pelo parque.*
– *O Presidente terá de viajar* ***sem seus ministros****.*
– ***Com ou sem você****, preciso prosseguir em minha jornada.*

Preço

– *Só vendo minha honra* ***por novecentos octilhões de dólares****.*

– *Meu carro não custou* ***caro***.
– *Paguei* ***barato*** *por aquele relógio.*
– *Aqui você compra três* ***por um real***.

Obs.: Com verbo de ligação, *barato* e *caro* são adjetivos: *Os carros estão baratos, mas as motos estão caras.*

Quantidade

– *Meu time nunca perdeu* ***por três a zero***.
– *Foi reduzida* ***a quatro por cento*** *a taxa sobre o valor dos prédios.*
– *O salário deve aumentar* ***entre dois e cinco reais***.
– *Foram desafiados* ***triplamente*** *pelos americanos, mas não cederam.*

Referência

– ***Comigo*** *as broncas são sempre intensas.*
– ***Com sua esposa****, aconteceu tudo diferente?*
– *Nunca fui bom aluno* ***em Matemática***.
– ***Quanto a meu projeto****, vai indo muito bem.*

Ordem

– *Meu aluno se classificou* ***em segundo lugar***.
– ***Primeiro****, queremos dizer a todos que vamos viajar.*
– ***Em terceiro lugar****, o esporte é igualmente importante para a socialização.*
– ***Por último****, só tenho a desejar o melhor a todos vocês.*

Medida

– *O homem mede* ***dois metros***.
– *Nossa empresa cava poços* ***até vinte metros***.
– *O atleta percorreu* ***dez quilômetros***.
– *Aqui você come* ***por quilo***.

Peso

– *O homem pesa* ***cem quilos***.
– *A criança pesa* ***cerca de vinte quilos***.
– *Sobrecarregamos* ***em trinta quilos*** *o elevador.*
– *Um avião comercial, que deve pesar* ***em torno de uma tonelada****, voa com facilidade.*

Matéria

– *Uma espécie de vinho foi feito* ***com maçã****.*

– *Fabricamos* ***com plástico*** *esses copos.*

– *Esta mesa é feita* ***de mármore****.*

– *Casas litorâneas vêm sendo construídas, por incrível que pareça,* ***de bambus****.*

Veja uma questão sobre isso.

9. (FGV – Senado Federal – Administração – 2012) *É questionável ainda a ideia de embalar comida com comida. (l. 31-32)*

Assinale a alternativa em que o termo sublinhado tenha classificação idêntica à do adjunto adverbial sublinhado no período acima.

a) Saíram mais cedo com os amigos.
b) Encheram a garrafa com funil.
c) Fizeram os ovos com manteiga.
d) Massageou os pés com maciez.
e) Construíram o muro com pedras.

Gabarito: E. O contexto de onde foi retirado o fragmento diz que sacolas de plástico estavam sendo substituídas por sacolas *feitas de milho*, o que poderia gerar paradoxalmente problemas na indústria alimentícia, em prol da sustentabilidade. Por isso se disse que "era questionável ainda a ideia de embalar comida com comida". Ou seja, o milho (comida) servia de *matéria* para a feitura das sacolas. A única opção que também apresenta um **adjunto adverbial de matéria** é a E: *Construíram o muro com pedras*. Isto é, utilizaram-se pedras como matéria para a feitura do muro. A: Companhia. B: Meio. C: Modo. D: Intensidade.

Proporção

– *A novela está* ***para o Brasil*** *assim como o cinema está* ***para os Estados Unidos****.*

Reciprocidade

– ***Entre mim e ti*** *sempre houve amor.*

Substituição

– *Tive de assinar o recibo* ***pelo chefe****, porque ele não estava presente.*

– *João compareceu à solenidade* ***em lugar de Maria****.*

– *Abandonou suas convicções* ***por privilégios****.*

– *Não compre gato* ***por lebre****.*

Favor

– ***Por obséquio****, saia daqui!*

– *Agora o advogado vai falar* ***pelo réu****.*
– *Sempre trabalhamos* ***em favor do povo****.*
– *Acordo cedo todos os dias* ***em prol do meu ideal****.*

Exclusão

– *Todos os alunos saíram para o intervalo,* ***exceto Mário****.*
– *Dedica-se* ***exclusivamente*** *à música.*
– ***Afora essa questão****, concordamos em tudo.*
– ***Só*** *responderemos a uma pergunta.*

Cuidado!!!

1) São advérbios de exclusão *só*, *apenas, somente* e *unicamente* quando modificam verbos, adjetivos, outros advérbios ou orações. Outras locuções adverbiais de exclusão podem ser iniciadas pelas preposições acidentais ou locuções prepositivas: *menos, salvo, fora, exclusive, à exceção de, com exceção de*. Cuidado com o vocábulo *só*, pois pode ser adjetivo quando equivale a *"sozinho"*: *Estou muito* <u>*só*</u> *nesta casa*.

2) Atenção! Agora observe estas frases e as explicações de Mário Perini sobre as implicações da mudança de posição do advérbio de exclusão (caso [2]) ou palavra denotativa, em [1, 3 e 4]*.

[1] ***Somente*** *a professora passou a palavra ao visitante.*
[2] A professora ***somente*** *passou a palavra ao visitante.*
[3] A professora passou ***somente*** *a palavra ao visitante.*
[4] A professora passou a palavra ***somente*** *ao visitante.*

Diz o gramático: "Essas quatro frases não significam a mesma coisa; as diferenças têm a ver com a porção da frase que *somente* modifica. [1] significa que a professora, e ninguém mais, passou a palavra ao visitante. [2] significa que a professora passou a palavra ao visitante, mas não fez nada mais. [3] significa que ela passou apenas a palavra, e nada mais, ao visitante. E [4] significa que ela passou a palavra ao visitante e a ninguém mais. (...) considerando as quatro frases acima, podemos dizer que *somente* <u>vale para o constituinte que o segue</u> <u>*imediatamente*</u>".

* Falarei de **palavras denotativas** mais à frente. Saiba de antemão que elas só podem ser consideradas advérbios se modificarem verbos, adjetivos, outros advérbios ou orações.

Inclusão

– *Tu, que és pai, és amigo* ***também****.*
– ***Até*** *tu Brutus? Por que me trais?*

– *Preencha todos os seus dados,* ***inclusive*** *telefone.*

– *Ela não gosta de estudar,* ***de mais a mais*** *não é afeita ao trabalho.*

Obs.: Outros advérbios e locuções adverbiais de inclusão: *ademais, mesmo, além disso, além do mais*.

Veja uma questão sobre isso.

6. (IESES – TJ – Técnico Judiciário – 2009) Assinale alternativa INCORRETA.

b) A palavra mesmo (Mas, mesmo quando aparecem supervírus, a fatalidade deles tem sido relativamente baixa) é advérbio e equivale a *até*.

O gabarito é outro, logo a afirmação contida em b) é verdadeira, isto é, *mesmo* (= *até*), indicando *inclusão*, é considerado pela banca como advérbio, e não palavra denotativa, pois modifica a oração "quando aparecem supervírus". Por essa banca, isso é uma prova do fim da polêmica que cerca as **palavras denotativas** e os **advérbios**. Na minha opinião, nenhuma banca deveria expor quaisquer polêmicas, mas minha opinião vale tanto quanto a sua, meu comum leitor.

Só de curiosidade:

A palavra *mesmo* e seus quatro valores semânticos e morfológicos:

Concessão: Mesmo chovendo, viajamos. (preposição acidental)

Afirmação: A natureza está mesmo doente. (advérbio)

Inclusão: Mesmo quem não comprou o convite, poderá ir à festa. (advérbio)

Precisão/Realce: Ela me beijou neste lugar mesmo. (palavra denotativa)

Inclusão: Mesmo ela me traiu. (palavra denotativa) / Mesmo de noite, ele sai para pescar. (advérbio)

Reitero: Saiba que as palavras denotativas só podem ser classificadas como advérbios, se modificarem verbos, adjetivos, outros advérbios ou orações.

Consequência/Conclusão

– *O consumo aumentou e,* ***consequentemente/conseguintemente****, a produção e as vendas subiram.*

Obs.: Conheça algumas locuções adverbiais elencadas por Othon Moacyr Garcia que atuam como conectivos indicando conclusão: *dessa forma, dessa maneira, desse modo.* Certos advérbios arcaicos, que podem funcionar como conectivos, têm valor conclusivo, como *dessarte* e *destarte.*

Sempre que encontrar um advérbio que gere dificuldade de compreensão, consulte um bom dicionário. Fica a dica.

Palavras e Locuções Denotativas

Apesar de se parecerem com advérbios, é tradição gramatical, desde José Oiticica, tomar as **palavras denotativas** como diferentes dos **advérbios**. No entanto, há uma divergência absurda entre os gramáticos sobre onde "encaixar" (Entre os advérbios ou entre as palavras denotativas?) tais palavras que já veremos abaixo.

De uma coisa não podemos discordar: tradicionalmente, o advérbio modifica o verbo, o adjetivo, outro advérbio ou uma oração inteira, logo não se pode considerar sensato encarar sempre a palavra *só*, por exemplo, como advérbio. Entenda:

– ***Só** ele explicou a matéria.* (Note que *só* modifica *ele*, logo não pode ser advérbio, mas sim uma palavra denotativa.)

– *Ele **só** explicou a matéria.* (Note que *só* modifica o verbo, logo tem de ser um advérbio.)

Abro aqui um adendo para dar voz ao mestre Bechara: "A Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) põe os denotadores de inclusão, exclusão, situação, retificação, designação, realce etc. à parte, sem nome especial.". Ampliando o assunto, Celso Cunha, baseando-se em José Oiticica, diz que tais palavras não se encaixam em nenhuma classe gramatical, por isso os vocábulos abaixo são chamados de **palavras denotativas**, o que explica o "à parte" usado por Bechara.

Os estudos modernos e algumas bancas de provas que vêm acompanhando tais estudos trabalham esse assunto do ponto de vista discursivo, ou seja, quando usamos palavras denotativas em nosso texto, em nosso discurso, isso tem um propósito. Sendo assim, muitas perguntas "camufladas" de interpretação de texto, são, na verdade, sobre palavras denotativas e seus valores argumentativos. Por exemplo, quando dizemos "A menina **que** jogou água no garoto, pai!", a **palavra denotativa expletiva** (ou de realce) *que* tem o papel argumentativo de realçar o termo anterior. Se disséssemos "A menina jogou água no garoto.", o sentido não mudaria, mas a ênfase dada à menina na frase com a palavra de realce *que* se perderia.

Conheça as palavras e locuções denotativas, enfim:

- **Designação**: serve para apresentar um ser ou um fato de modo repentino, inesperado ou entusiástico: *eis*.
  Ex.: *Eis-me aqui, envia-me!*

- **Exclusão**: exclui-se uma ideia, realçando outra: *apenas, salvo, só, somente, exceto, exclusive, afora, senão, menos, sequer, nem mesmo...*
  Ex.: *Tudo tem limite, exceto o meu amor por você.*

Obs.: A maioria dos gramáticos consideram *salvo, exceto, exclusive, afora, senão* e *menos* como preposições acidentais, quando introduzem locuções adverbiais: "*Salvo aquela canção*, todo o repertório do DVD ao vivo chamou a atenção do grande público.".

- **Inclusão**: dá uma ideia de adição, introduzindo no discurso o julgamento do enunciador: *até, inclusive, mesmo, também, ademais...*
  Ex.: *Até o chefe da seção notou minha inquietude.*

Obs.[1]: Para que classifiquemos um vocábulo ou para que entendamos o seu sentido, você já sabe que tudo depende do contexto, certo? Por exemplo, o *até* do exemplo anterior difere, quanto ao sentido, deste: "*O chefe da seção notou até minha inquietude*.". Perceba que o sentido não é definitivamente o mesmo. No exemplo fora desta "obs.", o sentido é que mais de uma pessoa notou a inquietude. Nesta frase, com o *até* deslocado, o chefe notou, além de outros sentimentos, a inquietude.

Obs.[2]: Não confunda *até*, palavra denotativa de inclusão (ou advérbio de inclusão, dependendo do contexto), com preposição. Veremos isso melhor no capítulo de *Preposição*. Veja uma questão sobre isso: FCC – BACEN – PROCURADOR – 2006 – QUESTÃO 8.

- **Explicação**: apresenta um esclarecimento para que não haja dúvidas: *isto é, ou melhor, por exemplo, a saber, ou seja, qual(is) seja(m)...*
  Ex.: *Este é um fato comum, a saber: todo professor é humano.*

- **Realce** (expletiva): serve para realçar/enfatizar determinados seres ou ideias: *cá, lá, é que, que, ora, sobretudo...*
  Ex.: *Eu é que sou mais eu. / Veja lá o que vai fazer!*

Obs.: Alguns advérbios podem vir acompanhados da palavra denotativa de realce *que*. Como o próprio nome sugere, tal partícula serve para tão somente enfatizar o termo ou a expressão adverbial: ***Certamente que ela*** *vai passar.* / ***Com certeza que*** *ela vai passar.* / ***Decerto que*** *ela vai passar.* / ***Provavelmente que*** *ela vai passar.* / ***Talvez que*** *com esforço ela vá passar em primeiro lugar.* / ***Quase que*** *ela não passa.* E, como toda boa palavra expletiva, o *que* pode ser retirado da frase sem prejuízo sintático ou semântico.

Sobre o vocábulo *ainda*, note que a banca Esaf não o considerou uma partícula expletiva, mas sim um advérbio, pois indica tempo (= até este momento, até agora).

2. (Esaf – MRE – Assistente de Chancelaria – 2004) Assinale a afirmativa errada a respeito do texto a seguir:

A administração pública brasileira é ainda um monstro disforme, em que convivem setores modernos, utilizando tecnologias avançadas e desenvolvendo a cultura de um Estado não executor, e setores montados sobre paradigmas antigos, desenvolvendo trabalhos desnecessários ou redundantes.

c) O advérbio "ainda" é, no contexto em que se encontra, partícula expletiva, podendo ser eliminado do trecho sem que se altere o sentido original. (Gabarito!)

- **Retificação**: expressa normalmente correção para introduzir determinado argumento inclusivo: *aliás, ou melhor, ou antes, isto é, digo, perdão...*

Ex.: *Faça silêncio, ou melhor, fale mais baixo.*

A palavra *aliás* é bem interessante, pois introduz argumentos. Veja o que diz o Aulete sobre ela:

adv.

1 Ou melhor; quer dizer; digo. (Os pecados capitais são oito; aliás, sete.)

2 A propósito; na verdade. ("... nunca mais ousei repetir essas experiências, aliás inúteis.") (Mário de Sá Carneiro, A confissão de Lúcio)

3 De outra forma. (Ganhou na loteria; aliás, não teria enriquecido sem esse pequeno detalhe.) [Us. tanto para retificar ou averiguar uma informação, como para confirmá-la ou aperfeiçoá-la.]

4 Além do mais. (Casou tarde; aliás, com uma mulher muito mais nova.)

5 No entretanto, não obstante, contudo. (Escrever poemas para ele é simples; aliás deve-se lembrar que começou há pouco.)

Veja uma questão bacana (UFSJ – PROGP – TÉCNICO LABORATORIAL – 2009):

Fragmento de texto

(...) Além das intervenções em saúde, segundo Waleska Caiaffa, professora da Faculdade de Medicina da UFMG e uma das coordenadoras do Observatório de Saúde Urbana de Belo Horizonte (Osubh), há que se pensar em intervenções urbanas não necessariamente relacionadas à saúde, mas que exercem sobre ela impacto positivo.

A busca de soluções para que as populações usufruam de mais qualidade de vida na cidade, ***aliás****, é uma das premissas do trabalho desenvolvido pelo Observatório. (...)*

7. A palavra "aliás", presente no terceiro parágrafo, pode ser analisada como:

a) um elemento de coesão ligando duas orações de sentidos opostos;
b) um elemento de valor argumentativo que valoriza o trabalho do Osubh; (Gabarito!)
c) uma circunstância para que sejam buscadas soluções para o usufruto da qualidade de vida;
d) uma interjeição que traz o sentimento da autora com relação à importância da qualidade de vida.

- **Situação**: usada normalmente na linguagem oral para abrir, normalmente, uma interrogação, iniciar um discurso: *afinal, agora, então*, mas...*

  Ex.: *Afinal, o que querem? / Agora, trabalhar que é bom ninguém quer. / Então... acho que hoje não conseguiremos sair, amorzinho. / Mas ela não é aquela garotinha da foto?*

* Houve uma questão (32) do vestibular do ITA (2011/2012) que apresentava na letra E esse "então", próprio da linguagem informal. Confira depois!

Variação em Grau

O advérbio é intensificado (grau) por outro advérbio ou por um afixo. São dois tipos: o comparativo e o superlativo.

O **comparativo** pode ser de:

- Igualdade: *Aquela menina escreve tão* ***depressa*** *quanto/como eu.*
- Superioridade: *Aquela menina escreve mais* ***depressa*** *(do) que eu.*
- Inferioridade: *Aquela menina escreve menos* ***depressa*** *(do) que eu.*

Obs.: Os advérbios *bem* e *mal*, no grau comparativo de superioridade, ficam *melhor* e *pior*:
Aquela menina escreve ***melhor/pior*** *do que eu.*

O grau **superlativo** pode ser apenas absoluto (sintético ou analítico):

- Sintético (uso de sufixo **-íssimo** ou **-issimamente**):
  Ex.: *Ele estava* ***muitíssimo*** *bêbado. / Ele acordou* ***apressadissimamente****.*
- Analítico (uso de advérbio de intensidade modificando outro advérbio, sem sufixo):
  Ex.: *Eu corri* ***muito bem*** *naquela prova. / Ela corre* ***bem mal****.*

Cuidado!!!

1) Os advérbios *bem* e *mal*, no grau superlativo absoluto sintético, viram *ótimo* e *péssimo: Eu corri* ***ótimo/otimamente*** *naquela prova. / Ela corre* ***péssimo/pessimamente****.*

2) Existe também o **grau superlativo intensivo**, que expressa os limites da possibilidade, cuja estrutura fixa é: *o mais/o menos* ou *o melhor/o pior* + *advérbio* + expressão de possibilidade.
– *Chegaremos* ***o mais rapidamente possível*** *(*ou *o mais rapidamente que pudermos).*

3) Antes de particípios ou adjetivos, *mais bem* (ou *melhor*) e *mais mal* (ou *pior*) são formas que podem ser usadas, de acordo com Bechara, Cegalla, Sousa e Silva, Celso P. Luft, Maria H. M. Neves, Vasco Botelho de Amaral, João Ribeiro, etc.: *Esta casa é* ***mais bem/melhor mobiliada*** *que a outra. / Estes alunos são* ***mais mal/pior educados*** *que aqueles.*

No entanto, a vastíssima maioria dos gramáticos e das bancas repudiam a visão, dizendo que a forma culta é tão somente esta: "só se usa *mais bem* ou *mais mal* antes de particípios ou adjetivos": *Esta casa é* ***mais bem mobiliada*** *que a outra. / Estes alunos são* ***mais mal educados*** *que aqueles.*

Note como essas bancas trataram do assunto em suas questões – privilegiando a forma analítica (*mais bem/mais mal*): CESPE/UNB – TRE/PA – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2005 – QUESTÃO 6 C) / FCC – MPU – ANALISTA DE SAÚDE – 2007 – QUESTÃO 5 E) /

CESPE/UNB – TCU – TÉCNICO DE CONTROLE EXTERNO – QUESTÃO 2 / FCC – TRE/RS – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2012 – QUESTÃO 15 E). / ESAF – CGU – TÉCNICO DE FINANÇAS E CONTROLE – 2008 – QUESTÃO 4 (Gabarito preliminar: A. Gabarito oficial: Anulada, pois poderia ser a opção E, segundo os gramáticos supracitados).

4) Se não forem seguidos de particípio ou adjetivo, usa-se *melhor* ou *pior* apenas: *Ninguém me conhece **melhor** que minha mãe.* / "Ninguém me conhece **mais bem** que minha mãe." (**Inadequadíssimo!**)

Formas Estilísticas de Grau dos Advérbios

Existem certas formas criativas, próprias do coloquialismo, que fazem a gradação (grau) dos advérbios. Veja:

- A repetição da forma adverbial gera a forma superlativa.
  Ex.: Volto ***já, já***. / Chegaremos ***logo, logo***.

- O prefixo (*super* e outros) ou o sufixo (aumentativo ou diminutivo) fazem a forma superlativa.
  Ex.: *Ele fez **super-rápido** a prova. / Ele fez **rapidão/rapidinho** a prova. / Já está **de manhãzinha**; preciso trabalhar.*

- Expressões metafóricas.
  Ex.: *Esta garota fala **pelos cotovelos**. / Anderson Silva luta **pra cara#@$%**!*

Valor Discursivo

O advérbio tem muitas funções discursivas, ou textuais. Vejamos:

Valores Anafórico, Catafórico ou Dêitico

Alguns advérbios de lugar:

– ***Aí*** *deve estar fazendo calor, mas* ***aqui*** *está um frio de doer.* (valor dêitico)

– *Tanto no Rio como em São Paulo há tráfico de drogas. Enquanto* ***aqui*** *as UPPs vêm melhorando o cenário carioca,* ***lá*** *há outras intervenções.* (valor anafórico)

– *Apenas* ***lá*** *é o lugar onde eu quero viver o fim da vida: Campos do Jordão.* (valor catafórico)

Alguns advérbios de tempo:

– ***Ontem****, muito sol;* ***hoje****, só chuva;* ***amanhã*** *será o quê?* (valor dêitico)

– *Reinaldo chegou às duas da manhã bêbado. Foi acordar às duas da tarde do dia seguinte; só* ***aí/então*** *se deu conta que tinha de ligar para sua mãe.* (valor anafórico)

Advérbio de modo *assim*:

– *As mulheres sempre foram* ***assim****: leais e vingativas.* (valor catafórico)

– *As meninas levavam os salgados, os rapazes levavam as bebidas e era* ***assim*** *que a gente fazia as festinhas.* (valor anafórico)

Percebemos com esses exemplos que os advérbios têm um papel coesivo muito importante dentro da construção do texto.

Advérbios e Construção de Sentido

Além do uso das palavras denotativas e de alguns advérbios, que podem mudar de sentido com a mudança de posição, fique de olho em dois: os advérbios *já* e *ainda*. Dentro de um contexto, podem mudar de sentido. Veja o que diz o Aulete sobre eles:

Já

adv.

1 Neste momento, agora. *(Já estamos a meio caminho de lá.)*

2 Em algum momento ou período no passado; anteriormente, antes. *(Já li muito suspense./ Encontrei a panela já aberta.)*

3 Imediatamente, agora mesmo. *(Desligue já essa televisão!)*

4 Logo, dentro em pouco. *(Diga que já o atendo.)*

5 Mais. *(Ele foi tão grosseiro, que ela já não queria vê-lo.)*

6 Em parte, até. *(Se ele aceitar o cargo, já é um progresso.)*

7 De antemão, com antecedência. *(Como terei visitas à noite, já deixei a casa arrumada.)*

8 Mas, entretanto. *(Ele malha muito, já ela não gosta nem um pouco.)*

Sobre a 8, consulte: FUNRIO – PRF – POLICIAL RODOVIÁRIO FEDERAL – 2009 – QUESTÃO 12.

De já hoje

1 Há muito, há muito tempo; desde muito.

2 Hoje; ainda hoje.

Desde já

1 A partir de agora, deste momento em diante; doravante.

2 Já neste momento (e antecipadamente em relação a algo). (*Agradeço desde já qualquer ajuda que possam conceder.*)

Já, já

1 Logo, imediatamente, sem demora.

Já que

1 Us. antes de se mencionar a causa de algo, aquilo que é motivo para se fazer ou querer alguma coisa, ou a razão para se pensar de determinado modo. *(Já que todos estão de acordo, podemos encerrar o debate)*

Ainda

adv.

1 Até este momento; até agora. *(A conferência ainda não começou. / Ainda hoje uso aquele colar.)*

2 Até certo tempo no passado já mencionado; até então; até aquele momento. *(Quando voltei do exterior, eles ainda não tinham se casado.)*

3 Até certo tempo (antes mencionado) no futuro. *(Quando você voltar, ainda estarei no início de minha viagem.)*

4 Em algum momento no futuro. *(Ela ainda chegará.)*

5 Realça a exiguidade de tempo decorrido. *(Ainda há cinco minutos falávamos de você.)*

6 Ao menos. *(Está sempre atrasado; se ainda fosse eficiente...)*

7 Também; além disso; inclusive. *(Ele canta e ainda dança.)*

8 Mais; além disso. *(Muito aplaudido ao final do show, cantou ainda uma canção.)*

9 Exatamente, precisamente. *(Saiu ainda agora.)*

10 Mesmo assim; não obstante. *(Ele já te devia um dinheirão e você ainda lhe emprestou mais!)*

11 Por fim; afinal. *(Depois de tantos anos, restou-lhe ainda uma lembrança.)*

12 Expressa reforço, aumento, incremento. *(Nosso medo ficou ainda maior.)*
13 Expressa continuidade de algo (mesmo em condições adversas). *("Sorris da minha dor, mas eu te quero ainda.")*

Ainda agora (intensifica o tempo)
1 Agorinha.

Ainda assim
1 Apesar disso. *(Não é minha atribuição; ainda assim, pretendo colaborar.)*

Ainda bem (que)
1 Felizmente.

Ainda por cima
1 Além de tudo isso; para culminar.

Ainda que
1 Mesmo que: *"Liberdade, ainda que tardia." (lema da Conjuração Mineira: "Libertas quae sera tamen.")*
2 Apesar de que; embora. *(Vou respeitar a decisão, ainda que não concorde.)*

Advérbios Modalizadores

Por força da tradição gramatical, os advérbios modalizadores são chamados de advérbios de afirmação, dúvida, modo ou intensidade. No entanto, estudos linguísticos avançados informam que muitos advérbios, em geral terminados em **-mente**, vão além dessas meras ideias, para exprimir determinados matizes de sentido dentro do discurso. E isso vem caindo em prova de concurso. Por isso, atenção!

Alguns advérbios são chamados de **modalizadores**, pois, basicamente, exprimem estado emocional ou ponto de vista: ***Infelizmente**, todos morreram. / **Lamentavelmente** a seleção brasileira de futebol não ganhará a Copa de 2014*.

O fato é que todo discurso está repleto de intencionalidades. O estudo dos modalizadores terminados em **-mente** é apenas uma pequena parte de todo um estudo do que se convencionou chamar "análise do discurso", matéria vista em Faculdades de Letras. Como estamos no capítulo de advérbios, trate de aprender sobre a modalização do discurso por meio dos advérbios.

Segundo os estudos de Castilho & Castilho, Maria Helena de Moura Neves e Christiana Lourenço Leal, vejamos as classes de advérbios modalizadores – modalidade epistêmica, deôntica, persuasiva e afetiva/atitudinal (os julgamentos de valor):

1) Modalização epistêmica: expressa uma avaliação sobre o valor de verdade do que se diz.

Compreende três subclasses:

– **Advérbios asseverativos**: normalmente conhecidos como advérbios de afirmação pela gramática tradicional, indicam que o falante considera verdadeiro o conteúdo do que se diz, numa afirmação ou numa negação: *realmente, evidentemente, naturalmente, efetivamente, fatalmente, certamente, absolutamente*, claro, certo, lógico, sem dúvida, mesmo, indubitavelmente* etc.*; de jeito nenhum, de forma alguma*, *de modo algum, absolutamente** etc.

– **Advérbios quase asseverativos**: normalmente conhecidos como advérbios de dúvida, pela gramática tradicional, indicam que o falante considera quase certo (relativiza) o conteúdo do que se diz; muitas vezes a intenção é "camuflar" um ponto de vista, abrandando o verdadeiro intento do enunciador: *talvez, assim, possivelmente, provavelmente, (não) propriamente, eventualmente, supostamente* etc.

– **Advérbios delimitadores**: normalmente conhecidos como advérbios de modo, estabelecem os limites dos quais se deve encarar o conteúdo do que se diz: *quase, um tipo de, uma espécie de, geograficamente, biologicamente, basicamente, humanamente, linguisticamente, praticamente, principalmente, sobretudo* etc. Quando se referem a uma ciência ou a um ser são parafraseáveis por "*do ponto de vista* + adjetivo": *do ponto de vista geográfico/biológico/humano...* Neste último caso, constitui estratégia do autor para orientar o interlocutor no processo de leitura do que será dito.

2) **Modalização deôntica**: normalmente conhecidos como advérbios de modo pela gramática tradicional, indicam que o falante considera obrigatório ou necessário o conteúdo do que diz: *obrigatoriamente, necessariamente, indispensavelmente, forçosamente* etc.

3) **Modalização persuasiva**: normalmente conhecidos como advérbios de intensidade pela gramática tradicional, realçam algo que já é de conhecimento geral de modo a convencer o interlocutor da veracidade do que está sendo dito: *completamente*, *totalmente, extremamente, altamente, obviamente, absolutamente* etc.

4) **Modalização afetiva**: normalmente conhecidos como advérbios de modo pela gramática tradicional, expressam tão somente a opinião emotiva do falante em face do que ele diz: *felizmente, infelizmente, curiosamente, surpreendentemente, espantosamente*, *agradavelmente*, *sinceramente, francamente, lamentavelmente, estranhamente, principalmente/sobretudo* (indica uma hierarquia subjetiva de valores: "Tudo isso graças, **principalmente**, aos nossos políticos demagogos.").

Existem alguns advérbios, chamados de **focalizadores**, que ainda não foram sistematicamente contemplados pela gramática tradicional. Não obstante, eles existem e servem para focalizar, realçar uma expressão dentro da frase: *especialmente*,

especificamente, *propriamente*, *principalmente*, *exatamente*, *justamente*, *unicamente*, *meramente, sobretudo* etc.

Cuidado!!!

1) Os modalizadores afetivos são os que eu mais vi cair em prova de concurso. Os demais são vistos como advérbios de afirmação (asseverativo), dúvida (quase asseverativo), modo (delimitador e deôntico) e intensidade (persuasivo).

2) Veja três questões sobre modalização!

21. (FAB – EEAR – Sargento – 2002) A maioria dos advérbios terminados em *-mente* são classificados como advérbios de modo. Quando aplicados ao texto, pode-se descobrir mais da relação que estabelecem com os termos da oração. Desse modo, relacione a coluna A com a coluna B, de acordo com o que se pede.

A

I. advérbio caracterizando finalidade descritiva

II. advérbio caracterizando juízo de valor

III. advérbio caracterizando avaliação de quem fala

IV. advérbio caracterizando um critério

B

( ) Lamentavelmente, não teremos como concluir os preparativos da festa no prazo previsto.

( ) "A noite obscenamente acesa/Sobre meu país dividido em classes." (Ferreira Gullar)

( ) Em primeiro lugar observemos o avô. Igualmente, lancemos um olhar para a avó.

( ) Sofregamente, o homem vertia na boca a água que lhe escorria pelo pescoço, pelo corpo, como a matar também a sede da alma.

A sequência correta será:

a) IV – II – III – I;

b) III – I – II – IV;

c) II – IV – I – III;

d) III – II – IV – I.

Comentário: A letra D é o gabarito. Segundo Pasquale Cipro Neto, "a caracterização dos advérbios pode ter finalidade descritiva, procurando representar objetivamente os dados da realidade. Quando se diz, por exemplo, que todos estavam 'dormindo profundamente', descreve-se a maneira intensa como todos dormiam. A caracterização adverbial pode, no entanto, indicar a subjetividade de quem analisa um evento: o advérbio deixa de ter papel descritivo e passa a traduzir sentimentos e julgamentos de valor de quem escreve ou fala". Há finalidade descritiva em "Em primeiro lugar observemos o avô. Igualmente, lancemos um olhar para a avó" e "Sofregamente, o homem vertia na boca a água que lhe escorria pelo pescoço,

pelo corpo, como a matar também a sede da alma". Há tradução de sentimentos e julgamentos de valor de quem escreve ou fala em "Lamentavelmente, não teremos como concluir os preparativos da festa no prazo previsto" e "A noite obscenamente acesa/Sobre meu país dividido em classes" (Ferreira Gullar).

3. (UERJ – 1º Exame de Qualificação – Vestibular – 2004) "Já se sentiu vítima de algum tipo de marginalização e/ou discriminação dentro de sua universidade?" "Infelizmente, devo dizer que sim."

O advérbio **infelizmente**, na resposta do entrevistado, exprime um ponto de vista ou julgamento a respeito dos fatos

relatados. A alternativa cujo elemento sublinhado desempenha essa mesma função é:
(a) "Já se sentiu vítima de algum tipo de marginalização (...)?"
(b) "que pertencem ao mesmo partido político etc. e que se apóiam mutuamente."
(c) "Mas, verdade seja dita, trata-se de uma hostilidade"
(d) "e continua apoiando as reformas que instituí em minha gestão."

Comentário: O gabarito é a letra C, pois assim como *infelizmente* expressa uma emoção ou ponto de vista sobre um fato, a expressão *verdade seja dita* representa o ponto de vista do enunciador com relação à discriminação (= hostilidade). As demais não expressam nenhuma opinião ou sentimento.

28. (NCE/UFRJ – Eletronorte – Assistente Administrativo – 2006) De todos os advérbios em *-mente* abaixo sublinhados, o que apresenta valor semântico distinto dos demais é:
a) "extremamente promissoras"; (Gabarito!)
b) "eticamente inaceitável";
c) "igualmente descartada";
d) 'o saldo final é, modestamente, bem positivo";
e) "levar os parlamentares a recuar rapidamente".

Comentário: Além de já ter sido falado que nem todo advérbio modificador de adjetivo é de intensidade, note mais detalhes nessa questão: A: Intensidade. B: Modo (pela visão tradicional da gramática normativa) / modalizador epistêmico (delimitador). C: Modo. D: Modo (pela visão tradicional da gramática normativa) / modalizador afetivo. E: Modo. Pelo menos a banca foi contra a visão tradicional de que advérbio ligado a adjetivo é só de intensidade.

O Que Cai Mais na Prova?

Apesar de não ser recorrente em prova, como pronome, verbo e conjunção, tudo pode cair sobre advérbio. Portanto, o *bizu* é estudar *tudão* – preocupe-se mais atentamente com a **identificação, seus valores circunstanciais e discursivos**, ok? Ah! As bancas de grande expressão não tratam muito de advérbio e, quando o fazem, é dentro de concordância nominal. Fique atento!

Questões de Concursos

1. (FUNIVERSA – APEX – Analista Sênior – 2006) “A **tão** difícil arte de amar bonito” / “Talvez seja **tão** simples, tolo e natural”. A respeito das palavras destacadas, assinale a alternativa correta.
   a) As duas são advérbios e modificam adjetivo.
   b) As duas são advérbios e modificam verbo.
   c) As duas são advérbios e modificam outro advérbio.
   d) As duas são adjetivos.
   e) As duas são pronomes de intensidade.

Tal *como está organizada, a sociedade gira em torno do mercado, de acordo com um sistema que alguns chamam de “economia de mercado”, e outros, de “capitalismo”.*

2. (FGV – SERC/MS – Fiscal de Rendas – 2006) A palavra **Tal** classifica-se como:
   a) adjetivo;
   b) advérbio;
   c) conjunção;
   d) pronome demonstrativo;
   e) pronome relativo.

Fragmento de texto

Para muita gente, esta é a semana mais difícil do ano. Você volta das férias, tenta se adaptar de novo à rotina e já pressente as surpresas que vai ter ao receber a conta do cartão de crédito. Quando se dá conta, é mais uma vítima da depressão pós-viagem. Eu só conheço uma maneira de sair dessa: começar a pensar já na próxima. Não, não é cedo demais. (...)

3. (MP-RJ – Técnico Administrativo – 2007) “Não, não é cedo demais”. O uso duplo da palavra negativa nesse trecho tem a finalidade de:
   a) responder de modo peremptório a uma pergunta anteriormente expressa;
   b) contradizer um argumento levantado pelo próprio autor;
   c) reforçar o tom de diálogo com o leitor, já introduzido no texto;
   d) negar uma opinião contrária expressa na frase anterior;
   e) chamar a atenção do leitor para o caráter ambíguo do que é dito.

Fragmento de texto

(...) Ao contornar a ilha principal em busca do Ninhal das Fragatas, nosso ponto de ancoragem, demos de cara com a exuberância da fauna, uma espécie de “Galápagos” do litoral paulista. (...)

4. (MP-RJ – Técnico Administrativo – 2007) No segundo parágrafo, o autor emprega a expressão “demos de cara”, forma popular que transmite a ideia de que a ação descrita ocorreu:
   a) subitamente;
   b) furtivamente;
   c) favoravelmente;
   d) efemeramente;
   e) mormente.

Fragmento de texto

Nos últimos cinquenta anos, a população mundial mais do que dobrou, indo de 2,5 bilhões (1950) para 6 bilhões (2000). Durante esse mesmo período, a industrialização permitiu que o consumo aumentasse exponencialmente; como consequência, a poluição e o lixo também aumentaram. (...)

5. (MP/RJ – Técnico Superior Administrativo – 2007) A ideia que a palavra “exponencialmente” expressa está mantida em:
   a) inversamente;
   b) irreversivelmente;
   c) intensamente;
   d) minimamente;
   e) adequadamente.

6. (MP/RJ – Técnico Superior Administrativo – 2007) “Dos três irmãos, dois fazem parte de um grupo cada vez mais comum na família brasileira contemporânea.”

Assinale a única opção em que a palavra "mais" está empregada com o mesmo valor gramatical da frase acima:

a) Eu espero por você o tempo que for; nós vamos estar juntos mais uma vez.
b) Não tenho mais dinheiro, atraso o aluguel, não compro alimento.
c) Estou tão cansado, mas não pra dizer que não acredito mais em você.
d) Espero que aquela jura não tenha ido para mais ninguém.
e) E quando o inverno tristonho chegar, mais amor eu vou ter pra lhe dar.

Fragmentos de texto

*A crise do sistema financeiro internacional, que ameaça lançar o mundo numa **profunda** recessão, revela a importância do papel do governo no funcionamento da economia em diferentes dimensões, sobretudo na promoção de uma **melhor** operação dos mercados, da estabilidade e do crescimento econômico. Entretanto, **após** algumas décadas de excessivo crescimento dos gastos governamentais e da crise financeira que se abateu sobre inúmeros governos... (...) Em primeiro lugar, não estão em xeque as inegáveis e insubstituíveis virtudes que os mercados possuem quando funcionam de maneira mais **livre**, sem interferências externas, na alocação dos recursos. (...) Certamente essas frases devem nos deixar **algo** perplexos...*

7. (FGV – Senado Federal – Analista de Informática Legislativa – 2008) Assinale a alternativa em que a palavra indicada, no texto, se classifique como advérbio.

a) livre.
b) profunda.
c) melhor.
d) algo.
e) após.

8. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O enunciado "aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção" contém pressuposto introduzido pelo advérbio ***já***.

Fragmentos de texto

*(...) A fascinação de sua pessoa e 'oeuvre' **só** deixou a alternativa... (...) Nenhuma das intuições desse pensador inesgotável apresentava-se como mera intuição. O sujeito, a quem pessoalmente cabiam todas as experiências fundantes que a filosofia oficial contemporânea apenas discute de modo formal, parecia ao mesmo tempo não ter nenhuma participação nelas, **mesmo porque** a sua maneira, sobretudo a arte da formulação instantânea − definitiva −, também se despojou do que, no sentido tradicional − é espontâneo e esfuziante (...)*

9. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) Considerado o contexto, qual afirmação abaixo está correta?

I. O emprego de *só* traz implícita uma ideia de exclusão.
II. O advérbio *mesmo*, em *mesmo porque*, introduz retificação acerca do afirmado anteriormente.

10. (IESES – TJ – Analista Judiciário – 2009) Assinale a alternativa INCORRETA, em relação ao vocábulo <u>mesmo</u> / <u>mesma</u>.

a) A norma culta da língua rejeita o mencionado vocábulo na substituição de pronomes pessoais, como em *O grupo formado por índios, portugueses e africanos influenciou a culinária maranhense e somos agradecidos ao mesmo*.
b) Em *As cerâmicas maranhenses chegam mesmo a ser vendidas no exterior* o vocábulo é advérbio e equivale a *até*.
c) Em *um aluno sem a mesma base precoce* o vocábulo acompanha o substantivo; é adjetivo e equivale a *idêntica*.
d) Está correta a frase: *O Bumba Meu Boi é manifestação folclórica diferente das demais do país; a mesma é mais espetacular.*

11. (IESES – TJ – Comissário de Justiça da Infância e da Juventude – 2009) (Adaptada) Qual afirmação abaixo está incorreta?

I. <u>Além disso</u> é advérbio e corresponde a <u>Outrossim</u>.
II. Não ocorrerá alteração no sentido e na estrutura da frase, se a expressão <u>Na realidade</u> (... oferecem garantia de transporte gratuito... Na realidade, o transporte é feito por ônibus em péssimas condições de conservação...) for substituída por <u>Realmente</u>.

12. (IESES – TJ – Comissário de Justiça da Infância e da Juventude – 2009) (Adaptada) Em relação à análise dos termos em destaque desta frase: *Muitas vezes, <u>aqueles</u> <u>que</u> reclamam das condições, ou tentam fugir, são vítimas <u>de surras</u>*, está correta ou incorreta a afirmação abaixo?

– A expressão <u>de surras</u> é uma locução adverbial de modo.

13. (Cespe/UnB – CEHAP – Auxiliar de Serviços Administrativos – 2009) Quanto à classificação e ao <u>emprego</u> das palavras

no texto, assinale a opção correta.

a) No trecho "ela ganhou carisma e visibilidade", a palavra 'carisma" é um adjetivo.

b) Na oração "A liberdade e a responsabilidade são nossas", o termo 'nossas' é uma interjeição.

c) Na expressão "falar mais de amor" o vocábulo 'mais' indica intensidade.

d) Em "Valéria sabe da influência que exerce sobre uma geração", o termo 'exerce' é um verbo no futuro.

Fragmentos de texto

"... nos dias de folia carnavalesca, onde a ingestão de bebidas alcoólicas se eleva..."

"... solicito... a presença... na praça do DI, reduto dos foliões mais intempestivos, onde se verificam muitas ocorrências..."

14. (Cespe/UnB – DETRAN/DF – Auxiliar de Trânsito – 2009) Considerando-se as duas ocorrências do advérbio 'onde', primeiro e terceiro parágrafos do documento, apenas na primeira se respeitam as normas do padrão escrito formal da língua portuguesa para o emprego desse advérbio.

( ) CERTO

( ) ERRADO

"(...) Aproveito o ensejo para manifestar-lhe também, outrossim, a intenção de retomar..."

15. (Cespe/UnB – DETRAN/DF – Analista de Trânsito – 2009) No segundo parágrafo, o advérbio "outrossim", frequente em expedientes oficiais, está empregado de forma redundante por estar antecedido do advérbio "também".

( ) CERTO

( ) ERRADO

Fragmento de texto

Consultado por um discípulo sobre as forças dominantes dos destinos dos homens, o grande sábio Pitágoras respondeu: "Os números governam o mundo!". Realmente. O pensamento mais simples não pode ser formulado sem nele se envolver, sob múltiplos aspectos, o conceito fundamental do número. (...)

16. (Cespe/UnB – INMETRO – Todos os Cargos – 2009) Por meio do advérbio "Realmente", o autor do texto exprime concordância com o enunciado de Pitágoras citado no primeiro parágrafo.

( ) CERTO

( ) ERRADO

Fragmento de texto

Quando as caravelas atracaram nas límpidas águas e areias do litoral brasileiro, que em pequena distância parecia infinito, algo impressionou ainda mais aqueles inegáveis exploradores: uma enorme ***muralha verde*** *parecia proteger aquelas terras.* ***Densas árvores****,* ***rica fauna****... Algo jamais visto, algo jamais imaginado. Aos poucos, os portugueses perceberam que* ***ali*** *estava a* ***verdadeira riqueza daquela terra*** *recém-conquistada. (...)*

17. (Cespe/UnB – ANTAQ – Técnico em Regulação – 2009) O advérbio "ali" situa na "muralha verde", constituída de "Densas árvores" e de "rica fauna", a "verdadeira riqueza daquela terra".

( ) CERTO

( ) ERRADO

18. (Esaf – MF – Assistente Técnico (Administrativo) – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O advérbio "mutuamente" significa: reciprocamente.

19. (Esaf – MF – Assistente Técnico (Administrativo) – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– "Inexoravelmente" é advérbio derivado de *inexorável*, adjetivo que significa: *inadvertido*.

20. (Cespe/UnB – UERN – Técnico de Nível Superior – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

I. O advérbio "displicentemente" tem sentido equivalente a **com disciplina**, expressão que pode substituí-lo corretamente no texto.

II. A palavra "bastante", em "que são bastante comuns em quintais", classifica-se como adjetivo; por isso, poderia ser corretamente flexionada no plural.

Fragmento de texto

(...) "Até umas três gerações atrás, boa parte da sustentação emocional e material das pessoas vinha dos familiares. Hoje convivemos muito mais com amigos e desconhecidos..." (...)

21. (FCC – DPE/SP – Agente de Defensoria – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O emprego da preposição *Até* indica um limite de tempo, que se opõe à afirmativa introduzida pelo advérbio *Hoje*.

22. (FUNIVERSA – MTUR – Agente Administrativo – 2010) O termo "mais", usado em "O *mais* renegado dos sete pecados capitais e uma emoção inerente à condição humana, por mais difícil que seja confessá-la.", tem o mesmo valor semântico e morfológico na frase.
    a) Não aguentava mais tanto barulho.
    b) E que tudo o mais vá pro inferno!
    c) Cinco mais dois são sete.
    d) Sem mais nem menos, ela sumiu.
    e) Com a chegada do irmão, ela ficou mais nervosa.

Fragmentos de texto

(...)

– Enfermeiro, eu preciso voltar urgente para o meu escritório, porque tenho um meeting importantíssimo. Aliás, acho que fui trazida para cá por engano, porque meu convênio médico é classe A, e isto aqui está me parecendo mais um pronto-socorro. Onde é que nós estamos?

(...)

... dali a uma semana, ela iria receber o bônus anual, além de estar fortemente cotada para assumir a posição de presidente do conselho de administração da empresa. E foi aí que o interlocutor sugeriu:

– Talvez seja melhor você conversar com Pedro, o síndico.

– É? E como é que eu marco uma audiência? Ele tem secretária?

– Não, não. Basta estalar os dedos, e ele aparece.

– Assim (...)?

– Pois não?

(...)

Logo, com seu brilhante currículo tecnocrático, a executiva poderia rapidamente assumir uma posição hierárquica, por assim dizer, celestial ali na organização...

23. (FUNIVERSA – SEPLAG-DF – Analista (ADM.) – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
    I. O advérbio indica lugar em todas as seguintes passagens: "fui trazida para cá"; "e isto aqui está me parecendo"; "E foi aí que o interlocutor sugeriu"; "ali na organização".
    II. O "não" (Pois não?) é um advérbio com valor semântico de negação, assim como o **não** repetido (Não, não...).

24. (FUNIVERSA – SEPLAG-DF – Analista (ADM.) – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
    – O advérbio na construção "reagiu rapidinho" foi usado de acordo com a norma padrão da língua portuguesa, com flexão de diminutivo.

Fragmento de texto

Era uma menina morena que chorava muito, ainda com o cordão umbilical, embrulhada em uma sacola de papel.

25. (FUNIVERSA – SEJUS/DFT – Ciências Contábeis – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
    – A substituição de "ainda" por **ainda que** modifica o sentido da frase em que se insere, porque, no original, o vocábulo "ainda" tem valor de tempo e, na reescrita, passa a estabelecer uma relação de oposição, de concessão.

26. (FUNIVERSA – SEJUS/DFT – Ciências Contábeis – 2010) A palavra "ainda" em "A entidade também relata as condições das prisões já divulgadas por meio dos mutirões do CNJ e o crescente número de prisões de pessoas acusadas de delitos menores e inocentes. É considerado grave **ainda** o fato de as detenções gerarem facções criminosas" está empregada com o mesmo sentido na frase:
    a) Estou preocupado com Jairo: ele ainda não voltou.
    b) Você ainda vai ser feliz, tenho certeza.
    c) Ninguém acreditou, mas o pássaro ainda voava até aquela hora.
    d) A jovem recebeu acusações injustas e, ainda, foi impedida de se explicar.
    e) Não tinha muito tempo; ainda assim foi visitar a mãe doente.

27. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2010) O termo destacado expressa uma circunstância de causa em:
    a) "entretanto, pelas inseguranças, medos e raivas,"
    b) "...que impactam pelo resto da vida,"
    c) "No direito e na medicina isso é mais complexo,"
    d) "pode ser perfeitamente aplicável daqui a um tempo."
    e) "...e, com absoluta certeza,"

28. (FUNDEP – Pref. Nova Lima – Assistente Social – 2010) "Não ficamos nas preposições, fomos igualmente aos advérbios". Assinale a alternativa em que se flexionou indevidamente, segundo o texto, um advérbio:
a) "[...] a língua é viva e muda o tempo todo." / [...] a língua é viva e muda toda hora;
b) "[...] a qualquer pretexto [...]" / [...] sob quaisquer pretextos;
c) "Afinal, bastante gente fala assim." / Afinal, bastantes pessoas falam assim;
d) "[...] o fato está todo escancarado para qualquer um ver." / [...] a coisa está toda escancarada para qualquer um ver.

29. (AOCP – Pref. Camaçari – Procurado Municipal – 2010) Em "Além disso, foram eliminados órgãos equivalentes às diretorias regionais de ensino.", a expressão destacada:
a) introduz uma explicação;
b) reitera um argumento citado;
c) aponta para uma conclusão;
d) adiciona um argumento;
e) aponta para uma causa.

30. (Vunesp – Fundação Casa – Agente Administrativo – 2010) Em – No Brasil, *talvez* mais que em outros países,... – o advérbio em destaque expressa sentido de:
a) causa;
b) afirmação;
c) negação;
d) modo;
e) dúvida.

Fragmentos de texto

(...) Nem todas as palavras representam "coisas" do mundo exterior à linguagem: palavras puramente gramaticais como preposições, conjunções e artigos são o cimento que une os tijolos da comunicação, como substantivos, adjetivos, verbos e advérbios. Estes são chamados de palavras lexicais, cheias ou exteroceptivas porque nos remetem ao "mundo", a vivências físicas ou mentais que abstraímos e guardamos na mente sob a forma de conceitos. ***Já*** *as palavras gramaticais são chamadas de vazias ou interoceptivas porque não representam conceitos, só exercem funções na própria língua, como conectar ou substituir palavras cheias. (...) Trata-se de constatar que não podemos conhecer o mundo em que vivemos sem a mediação dos signos. Alguns filósofos chegaram mesmo a supor que a própria realidade é uma ilusão criada pela linguagem e,* ***portanto****, o conhecimento em si é simplesmente impossível.* ***Aliás****, as únicas formas de conhecimento* a priori*, que independem da experiência, são a lógica e a matemática, justamente dois exemplos de linguagem formal.* ***Ou seja****, podemos lidar com a linguagem sem a realidade, mas não podemos lidar com a realidade sem a linguagem.*

31. (FADESP – SESPA/PA – Médico – 2010) Quanto às relações coesivas, é **incorreto** afirmar que o(a):
a) conjunção "portanto" sinaliza uma conclusão;
b) expressão "ou seja" retifica a informação anterior;
c) advérbio "aliás" introduz um elemento importante ao raciocínio do autor;
d) vocábulo "já" introduz, na explanação do autor, um elemento novo que se opõe ao anterior.

32. (FEC – MPA – Agente Administrativo – 2010) O advérbio em ***-mente*** que traduz uma atitude ou estado psicológico do autor diante do fato por ele enunciado encontra-se na alternativa:
a) Atualmente, tenho ido pescar na região de Ubatuba, em São Paulo.
b) Seguramente, tiveram tempo para embarcar ao menos duas ou três dezenas de peixes.
c) Felizmente, sabemos que a enchova é uma espécie que não corre risco de extinção.
d) Aparentemente, só trinta exemplares.
e) Principalmente quando se sabe que, no que depender da "colheita" feita por você nesse dia, ainda haverá bastante peixe para a próxima pescaria.

33. (FUNDEP – TJ/MG – Oficial de Apoio Judicial – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– "Todos estão ameaçados nesta bolota azul em que vivemos. Logo, repudiar a violência é tarefa comum." – O termo grifado é advérbio de tempo.

34. (ADVISE – SESC/SE – Biblioteconomista – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
O material didático ***mais*** *barato que existe na praça é o professor.*
– A palavra destacada na frase pertence à seguinte classe de palavra: advérbio.

Fragmento de textos

*(...) As operações de importação e exportação sofreram um impacto positivo **muito** grande...*

*(...) A informatização no segmento de comércio exterior é inevitável, **crescente** e, principalmente, **abrangente**. Integridade, agilidade e confiabilidade das informações, controle dos processos e acompanhamento detalhado das etapas de importação e exportação são benefícios da utilização dos* softwares*, que refletem diretamente em redução de custos, eliminação de erros, e **consequentes** multas...*

35. (MOVENS – MDIC – Tecnologia da Informação – 2010) A palavra "praticamente" está empregada no texto com valor adverbial, assim como o vocábulo:
    a) "crescente";
    b) "abrangente";
    c) "consequentes";
    d) "muito".

36. (UERJ – 1º Exame de Qualificação – Vestibular – 2011) As palavras classificadas como advérbios agregam noções diversas aos termos a que se ligam na frase, demarcando posições, relativizando ou reforçando sentidos, por exemplo. O advérbio destacado é empregado para relativizar o sentido da palavra a que se refere em:
    a) *utilizá-las em história presumivelmente verdadeira?*
    b) *Certamente me irão fazer falta,*
    c) *Afirmarei que sejam absolutamente exatas?*
    d) *desenterrarmos pacientemente as condições que a determinaram.*

Fragmentos de texto

*(...) **Muitas vezes**, emprega-se a palavra direito em sentido axiológico como sinônimo de justiça. (...)*

*(...) **De fato**, as normas jurídicas representam as limitações impostas (...) **Assim sendo**, a saúde, definida como direito, deve inevitavelmente conter aspectos sociais e individuais. (...) Essa é a razão das normas jurídicas que obrigam à vacinação, ao tratamento, e **mesmo** ao isolamento de certas doenças.*

37. (MP-RS – Assessor – Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais – 2011) Assinale com **V** (verdadeiro) ou **F** (falso) as afirmações abaixo, relativas ao sentido contextual de palavras e expressões do texto.
    ( ) A expressão ***Muitas vezes*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **Não raro**.
    ( ) A expressão ***De fato*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **Com efeito**.
    ( ) A expressão ***Assim sendo*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **De todo modo**.
    ( ) A palavra ***mesmo*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **igualmente**.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:
    a) F – V – F – V;
    b) V – V – F – F;
    c) V – F – F – V;
    d) F – F – V – V;
    e) V – V – V – F.

Fragmentos de texto

*... é certo que a adoção, na prática, dessa possibilidade vem se dando de forma **bastante** tímida, muito em razão das inúmeras...*

*...discussões sobre a ampliação legal do rol das possibilidades desse tipo de responsabilização penal ganhem cada vez **mais** espaço no Brasil.*

*...ciclos de debates acerca dos instrumentos de controle da administração empresarial, promovidos por empresas que pretendem implementar, o quanto **antes**, práticas administrativas voltadas à prevenção de qualquer tipo de responsabilidade penal. Dessa realidade legal e da tendência político-criminal que dela se pode inferir, ganham importância, no espectro de preocupação não **só** das empresas estrangeiras situadas no Brasil...*

*... sob pena de serem responsabilizadas **penal** e administrativamente. (...)*

38. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor – 2011) Assinale a palavra que, no texto, **NÃO** tenha valor adverbial.
    a) mais.
    b) bastante.
    c) penal.
    d) só.
    e) antes.

Fragmento de texto

*Um dia, um grupo de marketing e finanças foi visitar uma de nossas fábricas. No meio da estrada, a van da empresa pifou. Como isso foi antes do advento do milagre do celular, o jeito era confiar no especialista, o Cleto, motorista da van. E **aí** todos descobriram que o Cleto falava inglês, tinha noções de informática e possuía energia e criatividade. Sem mencionar que estava fazendo pós-graduação. **Só** que não sabia nem abrir o capô.*

39. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal – 2011) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
    I. A palavra "aí", de acordo com seu emprego, vale por *naquele lugar.*
    II. A palavra "Só" pode ser corretamente permutada por *Somente*.

40. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal (Transp.) – 2011) (Adaptada) Sobre o trecho *A leitura, disparado, é a melhor forma de exercitar a memória,* a afirmação abaixo está correta ou incorreta?
    – A construção do texto não seria aceita sob a ótica gramatical ou semântica caso fosse substituído o termo "disparado" por **em alta velocidade**.

41. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "...e **às vezes** lhe passava um recado ou uma correspondência." / "isso existe **às pampas**."

Quais as locuções destacadas que encerram, respectivamente, as mesmas circunstâncias das destacadas nos trechos transcritos acima?
a) Aos poucos, ele ia percebendo que não precisava mais dela. / Nada em volta causava mais surpresa.
b) Saiu às pressas porque tinha um compromisso. / De vez em quando, é preciso repensar as estratégias.
c) Vá em frente que você encontrará o que procura. / De modo algum aceitarei a proposta feita pelo meu superior.
d) Em breve, estarei terminando de escrever minha biografia. / Trabalhou em excesso para apresentar seu projeto final.
e) A notícia chegou de súbito causando, assim, um grande impacto. / Hoje em dia, as pessoas pensam mais nelas próprias.

42. (Cesgranrio – CITEPE – Supervisor de Produção Têxtil – 2011) Em "Diz **ainda** a lenda que a imperatriz fez um fino manto de seda para o imperador.", o elemento destacado é um conector de:
a) inclusão;
b) oposição;
c) comparação;
d) explicação;
e) retificação.

Fragmento de texto

(...) O menor problema do Brasil é se sua economia passará a do Reino Unido, como a mídia britânica noticiou. Um defeito grave por aqui continua sendo a falta de valores civilizatórios – e nenhum sinal de melhora desse cenário no médio prazo. (...)

43. (Vunesp – Pref. Sorocaba/SP – Procurador – 2012) Analise as afirmações.
    I. Na oração – ... parei **ontem** em frente à rodoviária de Brasília. – (1.º parágrafo), o advérbio em destaque é indicativo de tempo passado.
    II. Na oração – ... o Brasil termina este ano como a 6.ª maior economia **do mundo**. – (1.º parágrafo), a expressão em destaque está empregada com valor adverbial, indicativa de lugar.
    III. Na oração – Um defeito grave por **aqui** continua sendo a falta de valores civilizatórios... – (2.º parágrafo), o advérbio em destaque refere-se à cidade de Brasília.

    Está correto o que se afirma em:
    a) I, apenas;
    b) II, apenas;
    c) I e III, apenas;
    d) II e III, apenas;
    e) I, II e III.

44. (Vunesp – UNESP – Advogado – 2012) O emprego da palavra **meio**, como no trecho – ... em linhos de um meio-dia. –, repete-se, com o mesmo sentido, em:
a) Ele encontrou na aspirina um meio de se livrar da dor de cabeça.
b) O poeta tomou apenas meio comprimido de aspirina e sentiu-se aliviado.
c) A indústria farmacêutica anda meio apurada com tanta demanda de remédios.
d) Em meio à acirrada discussão, saiu do encontro com dor de cabeça.

e) As pessoas ficam meio dependentes dos efeitos químicos da medicação.

45. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Leia:

*"Viramundo **estranhamente** se recusava a comer. Afastara-se e contemplava **em silêncio** a paisagem. Havia nela algo **vagamente** familiar."*

Os advérbios destacados acima indicam, respectivamente, as circunstâncias de:

a) modo, intensidade, finalidade;
b) negação, lugar, intensidade;
c) modo, modo, intensidade;
d) negação, modo, negação;

Gabarito

1. A.	10. D.	19. INCORRETO.	28. D.	37. B.
2. B.	11. II.	20. I. INCORRETA. II. INCORRETA.	29. D.	38. A.
3. C.	12. INCORRETO.	21. CORRETO.	30. E.	39. I. INCORRETA. II. INCORRETA.
4. A.	13. C.	22. E.	31. B.	40. CORRETO.
5. C.	14. ERRADO.	23. I. INCORRETA. II. INCORRETA.	32. C.	41. D.
6. C.	15. CERTO.	24. INCORRETO.	33. INCORRETO.	42. A.
7. D.	16. CERTO.	25. CORRETO.	34. CORRETO.	43. A.
8. CORRETO.	17. CERTO.	26. D.	35. D.	44. B.
9. I.	18. CORRETO.	27. A.	36. A.	45. C.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 14

Preposição

Definição

Do ponto de vista semântico, a preposição estabelece determinadas relações de sentido, mas tudo dependerá do contexto, pois, em tese, elas são vazias de sentido fora de contexto. Note como o sentido da frase vai mudar com o uso diverso de preposição:

– *Falou **a** Lucas.*
– *Falou **ante** Lucas.*
– *Falou **após** Lucas.*
– *Falou **com** Lucas.*
– *Falou **contra** Lucas.*
– *Falou **de** Lucas.*
– *Falou **em** Lucas.*
– *Falou **para** Lucas.*
– *Falou **perante** Lucas.*
– *Falou **por** Lucas.*
– *Falou **sem** Lucas.*
– *Falou **sobre** Lucas.*

Obs.: Não é em todo contexto que a preposição pode apresentar sentido. Às vezes, a preposição não tem sentido algum, servindo como mero elemento conector.

Do ponto de vista morfológico, a preposição é uma palavra invariável que tem o papel de conector (ou conectivo), isto é, cumpre a função de ligar palavras entre si, palavras a orações ou orações entre si.

– ***Até** amanhã, vou ficar **em** Paris.**
– *Sairemos **com** você hoje.*
– *Ai **de** mim!*
– *Quem **de** nós dois...*
– *Estudo muito Português **para** passar logo!*

* Às vezes, a preposição não fica exatamente entre duas palavras ou orações, podendo iniciar uma frase. Na ordem direta, seria: "Vou ficar **até** amanhã em Paris.". Nota-se, portanto, que o deslocamento da preposição só se deu porque o adjunto adverbial *até amanhã* pode ficar deslocado na frase. Muitas expressões iniciadas por preposição podem ficar deslocadas na frase, ok? Isso é comum!

Do ponto de vista sintático, a preposição nunca exerce função sintática, mas participa no

sistema de transitividade, introduzindo complementos (verbais ou nominais), ou na construção de adjuntos (adnominais ou adverbiais). Muitos verbos, substantivos, adjetivos e advérbios exigem complemento preposicionado, por isso ela é um conectivo subordinativo:

– *Não concordo* ***com*** *atitudes precipitadas*.

– *Tenho admiração* ***por*** *quem é solidário*.

– *Bebida alcoólica é imprópria* ***para*** *menores*.

– *Paralelamente* ***às*** *apresentações, o cantor se destacou.*

Obs.: O papel da preposição é subordinar um termo a outro. Logo, o primeiro termo (anterior à preposição) é o subordinante, e o segundo termo (posterior à preposição) é o subordinado.

Pois bem... para entendermos todas as definições de preposição, vamos analisar esta frase:

Desde o ano passado, decidi estudar por videoaulas, pois simpatizei com o método.

Note que os vocábulos ***Desde***, ***por*** e ***com***

1) **indicam** uma ideia de **tempo** (desde) e **meio** (por), respectivamente; *com* nada significa, no contexto;
2) **não variam**;
3) **participam** na construção dos adjuntos adverbiais de tempo (*Desde o ano passado*) e de meio (*por videoaulas*); no sistema de transitividade do verbo simpatizar, exige objeto indireto iniciado pela preposição *com* (*com o método*).

Identificação

Identificar uma preposição é fácil. Basta, primeiro, decorar as preposições – que são poucas! – e, segundo, perceber em que contextos elas aparecem.

O fato é que as preposições ligam palavras entre si, palavras a orações ou orações entre si, podendo estar entre elas ou deslocadas:

– *Devemos visar **a** cargos públicos que pagam bem.*

– ***Para** saber a verdade **sobre** esta questão, é preciso muito estudo.*

Na primeira frase, liga-se o verbo *visar* ao substantivo *cargos* pela preposição *a*. Na segunda frase, note que a preposição *para* inicia o período. Se colocássemos na ordem direta, a frase ficaria assim: "Muito estudo é preciso **para** saber a verdade sobre esta questão.", em que *para* liga o nome *preciso* à oração "saber a verdade...".

Classificação

As preposições podem ser **essenciais** ou **acidentais**.

O primeiro grupo diz respeito às preposições propriamente ditas. O segundo diz respeito a palavras que são classificadas como preposições num determinado contexto, mas que pertencem a outras classes gramaticais. Normalmente iniciam adjuntos adverbiais.

Essenciais: *a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, per, perante, por, sem, sob, sobre, trás.*

– *Cheguei **a** comentar contigo **sobre** a festa?*

– *Ali estava, **ante** seus olhos, toda a prova **de** que a acusação era caluniosa.*

– ***Após** todos esses anos, como você pôde me enganar **até** este ponto?*

– *Quem não está **com** ele só pode estar **contra** ele.*

– *Vieste assim **desde** o bairro **de** teus avós?*

– ***Em** se tratando **de** polêmicas **entre** políticos, o Brasil é o grande centro.*

– ***Para** mim, o réu deve comparecer **perante** o juiz tão logo.*

– ***Por** tudo quanto é mais sagrado, não saia **sem** proteção.*

– ***Sob** a água ou **sobre** ela, o anfíbio é muito veloz.*

Acidentais: *como, conforme (*ou *segundo,* ou *consoante), durante, mediante, menos, salvo (ou salvante – não usual), exceto, afora (ou fora), tirante, senão, exclusive* (sentido exclusivo ou exceptivo), *inclusive, visto, malgrado, mesmo, que.*

– *Nós temos **como** lema Ordem, Amor e Progresso.* (= *na qualidade de* / = *por*)

– ***Conforme** o lucro auferido, a taxa será cobrada.* (ideia de conformidade)

– ***Durante** a explicação, o aluno dormia.* (ideia de tempo)

– *Só seria solto o bandido **mediante** fiança.* (ideia de meio)

– *Todos chegaram a tempo, **menos** os retardatários.* (ideia de exclusão)

– ***Salvo** aquela música, todo o disco é bom.* (ideia de exclusão)

– ***Exceto** as meninas, os meninos participaram da gincana.* (ideia de exclusão)

– ***Afora** seus familiares, todos o abandonaram.* (ideia de exclusão)

– *O filho era igual ao pai, **tirante** a cor dos olhos.* (ideia de exclusão; não se usa "tirando", pois é coloquialismo)

– *Do terraço, nada sentiam, **senão** uma brisa gostosa.* (ideia de exclusão)

– *Chame a todos, **exclusive** aqueles dois ali.* (ideia de exclusão)

– *Chame a todos, **inclusive** aqueles dois ali.* (ideia de inclusão)

– ***Visto** não ter se preparado, errou toda a sua apresentação.* (ideia de causa)

– ***Malgrado** a proibição do médico, o paciente comeu do bolo.* (ideia de concessão)

– ***Mesmo** feliz, separou-se dela.* (ideia de concessão)

– *Tenho **que** estudar mais!* (= *de*; sempre entre *ter* + infinitivo)

Cuidado!!!

1) As preposições ***per*** e ***trás*** ficaram de fora nos exemplos, pois elas caíram em desuso no estágio atual da língua. Para não dizer que deixaram de existir, ainda usamos tais vocábulos nas expressões *per si* ou *de per si* e nas expressões *por trás, para trás, por trás de*. Os linguistas dizem que as contrações *pelo, pela, pelos, pelas* são formadas pela preposição *per* + artigo *o, a, os, as*. No entanto, como *per* é arcaísmo, pode-se dizer, sem incorreção, que tais contrações são formadas pela preposição ***por*** + artigo *o, a, os, as*.

2) Segundo Cegalla, a preposição ***após*** pode ser advérbio, acidentalmente: "Terminou a festa à meia-noite e as visitas saíram logo ***após.*** (= *atrás, depois*)".

3) A forma sincopada ***pra*** (de ***para***) é própria da língua coloquial: "Estamos aqui ***pra*** ganhar!".

4) Não confunda ***até*** (preposição) com ***até*** (palavra denotativa – ou advérbio – de inclusão): "Ninguém chegará ***até*** mim." / "Resolver este problema ***até*** eu consigo.".

5) É um fato da língua culta que, enquanto as preposições essenciais precedem os pronomes oblíquos tônicos, as acidentais precedem os pronomes pessoais do caso reto. É por isso que **não** se diz com correção gramatical "Há sinceridade **entre** eu e você.", mas sim "Há sinceridade **entre** mim e você.". Quando se diz "Todos concordam, **menos** ti.", temos aí um equívoco gramatical. O adequado seria: "Todos concordam, **menos** tu.".

6) Não me custa dizer que as preposições acidentais *conforme, segundo* e *consoante* são conjunções conformativas quando iniciam oração subordinada adverbial conformativa: "**Consoante** me disseram, ela está grávida.".

Combinações e Contrações

A **combinação** ocorre sem perda fonética, unindo-se a preposição **a** com o artigo definido *o(s)* ou com o advérbio *onde*.

– *Não resisti **aos** parques da cidade.*

– *Vou **aonde** estão as pessoas.*

A **contração** de uma preposição ocorre quando esta se junta com um artigo, pronome demonstrativo, pronome oblíquo tônico, advérbio de lugar. Há perda fonética.

– *Eu cursei o 2º grau **no** (em+o) ano 2000.*

– ***Deste** (de+este) ano não passa.*

– *Vote **nele** (em+ele) **pela** (per+a)* melhora da saúde!*

– ***Daqui** (de+aqui) ninguém me tira.*

* Como a preposição *per* é arcaica, admite-se dizer que *pelo, pela, pelos, pelas* sejam as contrações da preposição *por* com os artigos *o, a, os, as*. Veja uma questão sobre isso em CESPE/UNB – IRBR – DIPLOMATA – 2008 – QUESTÃO 54.

A **crase**, que é uma espécie de contração, ocorre quando a preposição *a* se liga a um artigo feminino ou um pronome demonstrativo iniciado por **a**.

– *Eu fui **à** (a+a) praia de Copacabana.*

– *Vamos **àquele** (a+aquele) lugar sempre.*

Cuidado!!!

Nunca é demais dizer que certas contrações não são consideradas cultas pela vasta maioria dos gramáticos:

– *Apesar **de o** progresso ter chegado à cidade, muita violência adveio disso.* (Segundo a maioria dos gramáticos, não se contrai preposição com artigo (ou pronome) antes de verbo no infinitivo. Portanto, na visão da maioria, seria incorreto dizer: "Apesar *do* progresso ter...", mesmo soando melhor.)

– *Já chamaram o lutador **de o** esportista do ano.* (Em *títulos* – o esportista do ano –, não se faz contração, por isso é que em jornais, revistas, livros, não se recomenda a contração da preposição com o artigo.)

Locução Prepositiva e Valores Semânticos

A **locução prepositiva** é o conjunto de palavras, com valor de preposição, terminado em preposição essencial. Como de costume, uma locução pode, dependendo do contexto, mudar de valor semântico, portanto não saia simplesmente decorando. Pense!

É formada normalmente por **advérbio + preposição** (*longe de, perto de, além de* etc.) ou **preposição + substantivo/advérbio + preposição** (*a par de, por detrás de, em frente a* etc.). Frequentemente iniciam adjuntos adverbiais ou orações adverbiais.

Sempre observe que há correspondência de sentido entre algumas preposições e algumas locuções prepositivas, pois isso cai muito em prova:

– *Os livros estão **embaixo d**a estante. = Os livros estão **sob** a estante.*

– *A mulher faz dieta **a fim de** emagrecer. = A mulher faz dieta **para** emagrecer.*

– *Seu filho está **dentro de** casa? = Seu filho está **em** casa?*

– *Ela está indo **de encontro a** meu interesse. = Ela está indo **contra** meu interesse.*

– *Não discutimos **acerca de** futebol e política. = Não discutimos **sobre** futebol e política.*

– ***Devido a**o barulho, não dormi nada. = **Com** o barulho, não dormi nada.*

Vejamos as locuções prepositivas e seus valores semânticos

Lugar: *perto de, acima de, longe de, fora de, além de, dentro de, abaixo de, atrás de, por trás de, por detrás de, através de, debaixo de, embaixo de, em cima de, defronte de, em frente de/a, à frente de, ao/em redor de, em torno de, até a, ao lado de, a par de, diante de, adiante de, em face de* (e não ***face a***; no entanto o gramático Celso P. Luft e a banca Esaf abonam tal construção, assim como ***frente a***), *ao lado de, junto de/a/com, por baixo de, por cima de, ao nível de* (é equivocada a forma a nível de).

Tempo: *perto de, dentro de, antes de, depois de, ao longo de, a partir de* (indica ponto de partida, podendo indicar quantidade), *por volta de, a cerca de* (valor aproximado), *a ponto de* (pode indicar consequência; ***ao ponto de*** é construção incorreta), *prestes a, na iminência de, em via de* (e não ***em vias de***; Bechara e Houaiss abonam o plural).

Companhia: *junto de/a/com, ao encontro de*.

Direção: *em busca de, em direção a, ao encontro de*.

Escusa: *a/sob pretexto de*.

Adição: *além de, ademais de*.

Modo: *à guisa de, à maneira de, à custa de* (Cegalla e Bechara liberam ***às custas de***).

Ciência/Conhecimento: *a par de*.

Favor/Benefício: *em prol de, em benefício de, em/a favor de*.

Concessão: *apesar de, a despeito de, sem embargo de, não obstante* (única locução não terminada em preposição).

Finalidade: *a fim de, de forma a, de maneira a, com o fim de, com o intuito de, com o fito de, com o intento de, com o escopo de, com a intenção de, com a finalidade de, com o propósito de*.

Sujeição: *sob pena de, à mercê de.*

Oposição: *em oposição a, de encontro a, ao invés de*.

Causa: *devido a, em virtude de, em vista de, graças a, em razão de, por causa de, em consequência de, em face de, em atenção a, por consideração a, em função de, por motivo de, por razões de, por conta de, mercê de, diante de*.

Envolvimento: *às voltas com.*

Atribuição: *na qualidade de, na função de, a título de*.

Assunto/Referência: *acerca de, a respeito de, com/em relação a, para com, quanto a, no campo de, na esfera de*.

Exclusão: *à exceção de, com exceção de*.

Substituição: *em lugar de, em vez de*.

Compensação: *a troco de, em troca de*.

Meio: *através de* (muito usado atualmente, mas tem sentido conotativo), *por meio de, por intermédio de*.

Dependência: *em função de*.

Conformidade: *de acordo com, em conformidade com, em obediência a*.

Cuidado!!!

1) Não confunda locução prepositiva com **acúmulo de preposições**. O Prof. Evanildo Bechara afirma que "não raro duas preposições se juntam para dar maior efeito expressivo às ideias, guardando cada uma seu sentido primitivo": *em até, de até, de sobre, de sob, por sobre, por sob, para sobre, para sob, por entre, por até, com até, até por*... O mesmo Bechara diz que *para com* é uma locução prepositiva. Cegalla vai além e diz que pode haver o conjunto **preposição + locução prepositiva**. Exemplos:

– *Passei com dificuldades **por entre** a multidão.*

– *Crianças **de até** sete anos podem brincar aqui.*

– *O atacante chutou a bola **por sobre** o gol.*

– *A lua cai **por sob** o morro.*

– *Desde a noite **até pel**a manhã, ele me procura.*

– *Costumamos trabalhar **até perto d**a meia-noite.*

– *Vá **para longe de** mim, desafeto!*

2) Há divergência gramatical nas locuções prepositivas formadas por **advérbio + preposição**, como "dentro de, perto de, longe de, diante de", pois Ulisses Infante,

Pasquale Cipro Neto, Sacconi e Celso P. Luft entendem que tais expressões, na verdade, são advérbios seguidos de preposição, e não locuções prepositivas. Do ponto de vista da vastíssima maioria dos gramáticos, porém, tais expressões são, de fato, locuções prepositivas. Na parte de complemento nominal, o gramático Manoel Pinto Ribeiro é mais taxativo ainda: "Em 'Estou perto de casa', não ocorre complemento nominal do advérbio 'perto', pois 'perto de' é locução prepositiva que introduz um adjunto adverbial de lugar.". Entenda mais na parte de *Complemento Nominal*, no capítulo de sintaxe.

3) A locução prepositiva concessiva *não obstante* (= *apesar de*) pode ser também uma locução conjuntiva adversativa (= *porém*): ***Não obstante*** *o esforço, não se classificou.* (= *apesar de*) / ***Não obstante*** *ser o melhor da turma, nunca se gabou disso.* (= *apesar de*) / *A Língua Portuguesa é muito complexa,* ***não obstante*** *ela pode se tornar fácil com treino duro.* (= *porém*). A gramática Maria Helena de Moura Neves diz que pode ser uma locução conjuntiva concessiva (= *embora*) se vier seguida de verbo no subjuntivo: ***Não obstante*** *fosse aleijado, nunca dependeu de ninguém.* Todas essas classificações caem em provas!

4) São condenadas pelos gramáticos as locuções prepositivas *frente a* ou *face a*. O único gramático (conhecido por mim) que acha ser "inócua" tal doutrina gramatical é o Cegalla. Além disso, Celso P. Luft (em *Dicionário de Regência Nominal*) e Maria Helena de Moura Neves (em *Gramática de Usos*) não parecem se opor à tal construção. Veja a visão da Esaf sobre essa locução prepositiva (Auditor-Fiscal da Receita Federal/2009):

A queda das exportações brasileiras se deveu basicamente a dois fatores: queda na demanda externa de commodities e, mais ainda, na de produtos manufaturados, situação que foi agravada pela evolução da taxa cambial, pois a valorização do real ante o dólar encareceu os bens brasileiros para os estrangeiros. (...)

Em relação ao texto, assinale a(s) opção(ões) **correta(s)**:

e) Mantém-se a correção gramatical do período e suas informações originais ao se substituir a expressão "ante o" (L.3) por qualquer uma das seguintes: **em relação ao, diante do, frente ao.**

O gabarito foi a letra E. Logo *frente a(o)* foi considerada expressão que **mantém a correção gramatical**, ou seja, **correta**! O que é mais incrível é o que o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*, recomendado pela Esaf, diz sobre esta expressão: "Sempre que a expressão *em face de* equivaler a *diante de*, é preferível a regência com a preposição *de*; **evite**, portanto, *face a, frente a*.". Caso caia de novo uma questão como esta, fique esperto com a "melhor resposta"! Ai... a Esaf...

Valor Relacional e Nocional

As preposições com **valor relacional** são aquelas exigidas por verbos ou nomes (substantivo, adjetivo ou advérbio). Já as preposições com **valor nocional** não são exigidas por verbos ou nomes, marcam apenas relações semânticas diversas.

Obs.: Naquela velha e famigerada diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal, precisamos perceber se a preposição é relacional ou nocional. Se for relacional, CN; se for nocional, ADN: "Sou fiel **a** Deus." (quem é fiel, é fiel **a** alguém) – relacional / "O carro **do** João quebrou." (valor de posse) – nocional. Falarei melhor sobre isso em *Adjunto Adnominal* X *Complemento Nominal* (Cap. 21).

Valor Relacional

Há três tipos de relação: **necessária**, **fixa** ou **livre**.

Relação **necessária** é aquela em que preposição exigida por verbos/nomes relaciona-os a seus complementos (ou adjuntos adverbiais de lugar, no caso de verbos de movimento ou de moradia).

– *Assistia **a** vários filmes.* (preposição exigida pelo verbo assistir)
– *Voltei **de** Parati há pouco tempo.* (preposição exigida pelo verbo voltar)
– *Morei **em** lugares exóticos.* (preposição exigida pelo verbo morar)
– *Demonstre gratidão **por** isso.* (preposição exigida pelo substantivo gratidão)
– *Ficou desgostoso **com** sua equipe.* (preposição exigida pelo adjetivo desgostoso)
– *Diferentemente **de** mim, ela estuda.* (preposição exigida pelo advérbio diferentemente)

Relação **fixa** é aquela em que a preposição não é exigida por termo algum, mas aparece cristalizada em estruturas fixas da língua culta.

– ***De** tempos **em** tempos, estudo para concursos importantes.*
– *Você é velho, **por** acaso?*
– *Tenho **de** passar na prova. Hei **de** conseguir!*
– *Ao sair de casa, de manhãzinha, deu **com** o ex-namorado na esquina.*
– *Gregório **de** Matos satirizou a sociedade baiana.*

Relação **livre** é aquela em que a preposição é usada não por motivação sintática (ou seja, ela não é exigida por termo algum) mas sim por razões estilísticas; foram chamadas de "posvérbios" por Antenor Nascentes e Bechara, que diz sobre tal preposição ligada a verbos transitivos diretos: "mais serve para lhes acrescentar um novo matiz de sentido do que reger o complemento desses mesmos verbos".

– *Procuramos **por** uma pessoa desaparecida. (Procuramos uma pessoa desaparecida.)*

– *Todos nós amamos **a** nossos filhos. (Todos nós amamos nossos filhos.)*
– *Trata o filho barbado como **a** uma criança. (Trata o filho barbado como uma criança.)*
– *Comeram **do** pão e beberam **do** vinho. (Comeram o pão e beberam o vinho.)*
– *Usar a internet faz **com** que viajemos. (Usar a internet faz que viajemos.)*

Obs.: Outros exemplos citados por Bechara são "cumprir *com* o dever", construção em que a preposição "acentua a ideia de zelo ou boa vontade para executar algo", e "arrancar *da* espada", com o *de* enfatizando "a ideia de uso do objeto". Falo mais sobre isso em *objeto direto preposicionado*.

Valor Nocional

A maioria das preposições essenciais podem indicar três conceitos: **tempo, espaço/lugar** e **noção** (causa, matéria, modo, meio, instrumento, preço, assunto etc.). Tais preposições normalmente iniciam adjuntos adverbiais ou adjuntos adnominais. Por isso, para saber qual é o valor semântico da preposição, um *bizu* que ajuda é saber qual é o valor semântico do adjunto adverbial. Por exemplo, em "De tarde, quero descansar.", *De tarde* é um adjunto adverbial de tempo, logo a preposição *de* tem valor semântico temporal. Safo? Vamos nessa!

A

Tempo: *Daqui **a** cinquenta anos, quero estar com muita saúde.*

Lugar: *Saí do Japão para chegar **a** seu coração, meu amor.*

Noção: *As crianças africanas morrem **à** fome.* (causa) / *Só desenhava **a** lápis.* (instrumento) / *Oferecemos produtos **a** granel.* (modo) / *Comi um bife **à** milanesa.* (modo/conformidade) / *Pouco **a** pouco, fui me aproximando dela.* (modo, e não tempo) / *A margem de erro varia de 1% **a** 3%.* (limite = *até*) / *Comprei **a** cem reais aquele terno.* (preço) / *Depois do susto, ele correu **a** ajudar os alunos.* (finalidade, antes de infinitivo) / *Curto muito barco **à** vela.* (tipo) / *Percorri quinhentos quilômetros **a** cavalo.* (meio) / *Nada como um quadro **a** óleo.* (matéria) / *Estou **a** 200 m do curso.* (distância) / *Nada como uma comidinha **a** quilo.* (medida)

Obs.: Há diferença entre *Ir **a*** e *Ir **para***. Quem vai **a**, vai e volta (Fui ao estádio de futebol.). Quem vai **para**, vai e fica (Fui para o Exército.). Outro detalhe: na linguagem jurídica e na linguagem de cartório, usa-se muito a preposição *a* no lugar de *em* com verbos e nomes que indicam endereços: *A residência fica **à** Rua Danton Pedro, 1.000.* Segundo a gramática tradicional, usa-se a preposição *em* quando a ideia é de moradia, endereço: *A residência fica **n**a Rua Danton Pedro, 1.000.*

Ante

Lugar: *Refrescou-se **ante** o ar-condicionado.*

Noção: ***Ante** a falta de dinheiro, teve de voltar a trabalhar*. (causa)

Após

Tempo: ***Após** aquele pesadelo, decidiu ficar acordada.*

Lugar: *Há um riacho **após** a cidade.*

Obs.: ***Após*** é considerado advérbio, apesar de pouco usual: *O trem passou, deixando um rastro **após**.*

Até

Tempo: *Eu sei que vou te amar **até** o último suspiro.*

Lugar: *O terreno vai **até** aquela cerca.*

Noção: *Já escalaram montanhas de **até** 4.000 m.* (limite)

Obs.: Esta é a única preposição que pode, eu falei "pode", anteceder a preposição *a*, formando a locução preposição *até a*. Não confunda *até* (preposição) com *até* (palavra denotativa – ou advérbio de inclusão): *"Fomos **até** vós para instruir-vos." / "**Até** tu, Brutus?"*.

Com

Tempo: ***Com** mais alguns minutos, a carne estará assada.*

Lugar: *Há um pote de ouro nas mãos de um gnomo **com** o fim do arco-íris.*

Noção: *Todo o gado sofreu **com** a seca.* (causa) / *Vá **com** Deus!* (companhia) / ***Com** 90 anos, ainda quer fazer mais uma faculdade.* (concessão) / *Eu abri a porta **com** a chave-mestra.* (instrumento) / *Só com carro se sai daqui.* (meio) / *Este vinho foi feito **com** a uva certa.* (matéria) / *Ninguém a trata **com** carinho.* (modo) / *Só entrará **com** autorização.* (condição) / ***Com** sua família, tudo é diferente.* (referência) / *Comprei uma bola **com** diâmetro aproximado de 20 cm.* (medida) / *Papai Noel trouxe um saco **com** vários presentes dentro.* (conteúdo) / *Preciso de um fuzil **com** alavanca.* (tipo) / *Nada melhor que uma mulher **com** caráter.* (qualidade)

Contra

Lugar: *Levei a mão **contra** o rosto.*

Noção: *Fui **contra** a corrente e me cansei.* (direção) / *Nada tenho a dizer **contra** isso.* (oposição/objeção) / *Sou **contra** a pena de morte.* (oposição) / *Apostou dez **contra** um.*

(proporção/escala) / *O candidato da esquerda teve mil votos* ***contra*** *dois mil do adversário da direita.* (comparação) / *Tenho seguros* ***contra*** *incêndios.* (tipo)

Obs.: Pode ser advérbio: *Naquela sessão, todos votaram* ***contra****. (= contrariamente)*

De

Tempo: ***De*** *pequenino é que se torce o pepino.*

Lugar: *Venho* ***de*** *Cipó, lá em Maranhão.*

Noção: *Não mais se falou* ***de*** *futebol no recinto.* (assunto) / *Você falou aquilo* ***de*** *propósito!* (modo) / *Só batia* ***de*** *chicote.* (instrumento) / *Viajei* ***de*** *trem pela Europa.* (meio) / *Ficaste comovido* ***de*** *me ver? (= por; causa)* / *Era tanto assédio* ***de*** *meter medo* (consequência) / *A porcentagem varia* ***de*** *30% a 60%.* (limite) / *Comi um prato* ***de*** *nhoque.* (conteúdo) / *Sou uma pessoa* ***de*** *coragem.* (tipo) / *Esta corrente* ***de*** *ouro é cara.* (matéria) / ***De*** *fato, ela é uma excelente atriz.* (constatação) / *Ela tinha olhos* ***de*** *gata.* (semelhança) / *Vendi uma TV* ***de*** *segunda. (qualidade)* / *Comprei um caderno* ***de*** *um real. (preço)* / *O amor* ***de****la é intenso.* (posse) / *Tenho um carro* ***de*** *passeio e um* ***de*** *trabalho.* (finalidade) / *Comi um queijo* ***de*** *Minas delicioso.* (origem/lugar) / *Subi em uma torre* ***de*** *20 m.* (dimensão) / *Ele está queimado* ***do*** *sol.* (agente – agente da passiva) / *Provaste* ***do*** *meu macarrão?* (partição)

Cuidado!!!

1) Há basicamente quatro casos de preposição expletiva/realce *de*: 1) antes de conjunção comparativa *que* numa estrutura de comparativo de superioridade/inferioridade, 2) iniciando alguns apostos especificativos, 3) antes de algumas orações subordinadas predicativas e 4) em algumas estruturas do tipo **artigo + adjetivo substantivado + de + substantivo**. Veja alguns exemplos: 1) *Ele é mais feliz (do) que você.* / *2) O bairro (de) Copacabana é charmoso.* / *3) A impressão é (de) que nada havia mudado.* / *4) O pobre (do) homem sofre tanto.* Em tais casos, a preposição pode ser retirada da frase sem alteração sintática ou semântica.

Veja uma questão sobre isso:

(Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) Assinale a opção <u>incorreta</u> a respeito do uso das estruturas linguísticas no texto.

O efeito da supervalorização cambial sobre a indústria atinge muito mais fortemente os níveis da produção e do emprego que os demais setores. Essa é uma situação que precisa ser repensada. É claro que não se trata de um problema simples, que se resolva com providências rápidas, pois exige medidas que às vezes podem ser classificadas como heterodoxas.

a) Por se estabelecer, na estrutura sintática, uma relação de comparação, seriam preservadas a correção gramatical e a coerência do texto ao inserir *do* antes de "que os demais setores".

Comentário: A preposição *de* é facultativa antes de conjunção comparativa *que*, numa

construção de comparação por superioridade ou inferioridade.

2) Outra informação importante: para quem curte saber a diferença entre complemento nominal (CN) e adjunto adnominal (ADN), reitero: se a preposição *de* tiver valor nocional, adjunto adnominal na cabeça! Por isso em todos esses casos, o termo sublinhado é um adjunto adnominal: *Comi um prato **de** nhoque.* (conteúdo) / *Sou uma pessoa **de** coragem.* (tipo) / *Esta corrente **de** ouro é cara.* (matéria) / *Ela tinha olhos **de** gata.* (semelhança) / *Vendi uma TV **de** segunda.* (qualidade) / *Comprei um caderno **de** um real.* (preço) / *O amor **dela** é intenso.* (posse) / *Tenho um carro **de** passeio e um **de** trabalho.* (finalidade) / *Comi um queijo **de** Minas delicioso.* (origem/lugar)

Desde

Tempo: *Brahma, fabricada **desde** o século 19.*

Lugar: *Seguiram o fugitivo **desde** a Inglaterra até o Chile.*

Noção: ***Desde** o mais alto ao mais baixo puderam entrar no evento.* (gradação) / *Fazia-se de tudo naquele lugar: **desde** faxina até lavagem de roupa.* (enumeração)

Obs.: **Desde de** é uma expressão inculta: ***Desde de** 1982 não se vê mudança radical em meu país.*

Em

Tempo: *E o mundo não acabou **em** 2012.*

Lugar (real ou virtual): *Brincavam **n**as árvores quando crianças, hoje brincam **n**os corações alheios.*

Noção: *Comprei uma TV **em** cores.* (tipo/qualidade) / *Eu a pedi **em** casamento.* (finalidade) / *Fechou as mãos **em** conchas.* (semelhança) / *Nunca fui bom aluno **em** Matemática.* (assunto/referência) / *Só se paga **em** cheque aqui.* (meio) / *O preço da casa foi estimado **em** 200 mil reais.* (preço) / *Tirou **n**a guitarra um som originalíssimo.* (instrumento) / *De grão **em** grão a galinha enche o papo.* (sucessão) / *A mudança da água **em** vinho foi o 1º milagre de Cristo.* (alteração) / *A peça é **em** três atos.* (distribuição) / *Fique **em** paz* (estado).

Obs.¹: Não se usa a preposição em "Somos em dez.", "Estamos em cinco.", "Fomos em quatro." (errados); a preposição *em* entre os verbos ser, estar ou *ir* + numeral não é usada. Logo: "Somos dez em casa.", "Estamos cinco no carro.".

Obs.²: Outra "cosita": segundo Cegalla, "não se usa *em*, mas *de*, para especificar a matéria de que alguma coisa é feita: estátua *de* bronze (e não *em* bronze)". Além disso, o

gramático continua: "Não tem lugar a preposição *em* antes de números que indicam porcentagens, em frases como: *O trânsito melhorou **em** 50%* (errado). Em o verbo sendo transitivo, admite-se a preposição para realçar o adjunto adverbial de quantidade: *O governo reduziu o imposto **em** 50%*. (certo). Sobre isso, consulte: ESAF – CGU – ANALISTA DE FINANÇAS E CONTROLE – 2012 – QUESTÃO 6.

Obs.³: Para fechar: a preposição *em* seguida de *gerúndio* pode dar à oração a ideia de tempo, condição ou causa: ***Em** se tratando de casos graves, o hospital atende prontamente.*

Entre

Tempo: ***Entre** 1982 e 2012, havia evoluído como homem.*

Lugar (real ou virtual): *Estou **entre** os arbustos. / Estou **entre** os aprovados.*

Noção: ***Entre** o louro e o moreno, ela escolheu o segundo.* (alternativa) */ Discutiram a relação **entre** si.* (reciprocidade) */ Ele tecla **entre** cem e cento e quinze letras por minuto.* (quantidade) */ Viva **entre** os índios* (lugar/companhia)

Obs.: Usa-se pronome oblíquo tônico depois dessa preposição, e não reto: *Isso deve ficar **entre mim** e você.* (e não entre eu e você) É bom dizer que essa preposição delimita um intervalo entre dois pontos definidos, por isso são ligados por *e*, e não *ou*. Sendo assim, é um erro construir frases como esta: "Sempre fico tenso ao ter de escolher **entre** a casa de praia **ou** a casa de campo.". A construção adequada é: "... escolher **entre** a casa de praia **e** a casa de campo".

Para

Tempo: *Vou deixar **para** a outra semana a explicação, ok?*

Lugar (direção): *Vá **para** o inferno!* (indica estada permanente)

Noção: *Estou muito satisfeito com meu plano **para** mudar novamente.* (= a ponto de; consequência) / *Nasci **para** trabalhar.* (finalidade) */ Estou **para** o Português assim como vocês estão **para** a Enfermagem.* (proporção) */ **Para** mim, ela está mentindo.* (opinião) */ **Para** estudantes interessados como os nossos, precisaremos trocar de professor.* (delimitação) */ Dá **para** calar a boca?* (possibilidade) */ Gosto de música **para** dançar.* (adequação/tipo) */ A coleta **para** os pobres valeu.* (destino/favor/proveito)

Obs.: Cuidado com construções em que a preposição *para* parece (só parece!) ter valor nocional de finalidade, mas na verdade tem valor relacional, sendo exigida por um adjetivo: *As Forças Armadas são <u>insuficientes</u> **para** combater a desordem.*

Perante

Lugar (real ou virtual): *Só sossega **perante** a mulher. / **Perante** a lei, todos são iguais.*

Obs.: Não se usa preposição *a* depois de *perante: Estou **perante a**o juiz.* (inadequado). Não confunda com *perante a* (preposição + artigo). Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012)

– Na linha 2, pode-se substituir "diante das" por **perante as**, sem prejuízo para a correção gramatical ou para o sentido original do texto.

(X) CERTO ( ) ERRADO

Comentário: Está certa a afirmação da banca, pois *diante das* e *perante as* indicam lugar. É interessante ressaltar que, nas duas expressões, o artigo *as* foi mantido após a locução prepositiva *diante de* e da preposição *perante*, de modo que **não** houve prejuízo para a correção gramatical.

Por

Tempo: *Você ficou desacordado **por** alguns minutos.*

Lugar: *Arrastaram-no **pel**o campo.*

Noção: *Envio **por** e-mail ainda hoje meus dados.* (meio) / *Como Jack, o Estripador, vamos **por** partes.* (modo) / *Falei aquilo **por** brincadeira.* (finalidade) / *Fui preso **por** vadiagem.* (causa) / *Fiz a cópia **pel**o original.* (conformidade) / *Nunca morrerei **pel**a pátria. (= a favor de; favor)* / *Comemos **por** quilo ontem.* (medida) / *Vendi o livro **por** dois reais.* (preço) / *O Flu perdeu **por** 5 a 1 do Fla.* (quantidade) / *Não compre gato **por** lebre.* (substituição) / *Olho **por** olho, dente **por** dente.* (compensação) / ***Por** ela, ninguém precisaria estudar.* (opinião) / *Sagarana foi escrito **por** Guimarães Rosa.* (agente; agente da passiva) / *Dez **por** dois é igual a vinte.* (relação aritmética).

Obs.: Apesar de já ter comentado sobre ela, não alistei aqui a preposição *per*, uma vez que é arcaica. Outra coisa: por mais sonoramente bizarro que seja, não se contrai preposição com artigo antes de verbo no infinitivo, segundo a maioria dos gramáticos. Sendo assim, a frase a seguir está correta: *Estou ansioso **por o** aluno conquistar sua vaga.* Em 99% das vezes, as bancas apoiam essa doutrina. Fazer o quê... A Esaf admite a contração, pois alguns gramáticos (como Bechara) não se opõem a ela, logo estaria certa a contração de ***por* + *o*: *pelo***.

Sem

Noção: *Como consegue viver **sem** dinheiro, mesmo trabalhando?* (ausência, privação) / ***Sem** dinheiro, entrei no clube.* (concessão) / ***Sem** dinheiro, não entra no clube.* (condição) /

*Chegou **sem** avisar.* (modo)

Sob

Tempo: ***Sob** o reinado de Luís XV, tudo era diferente.*

Lugar (real ou virtual): *O homem foi encontrado **sob** os escombros. / Ficávamos quietos **sob** o olhar atento do professor.*

Noção: *Saiu do palco **sob** vaias.* (modo) */ Confessaram **sob** tortura.* (meio/modo) */ Todo metal se dilata **sob** a ação do calor.* (causa) */ Havia muitos soldados **sob** seu comando.* (sujeição) */ Está inscrito **sob** o número 10.* (designação/modo)

Sobre

Tempo: ***Sobre** um período de oito meses, a gramática ficou pronta.*

Lugar (real ou virtual): *Viajava **sobre** as nuvens sempre que podia. / Amo a Deus **sobre** todas as coisas.*

Noção: *O lugar **sobre** o qual ele discorria era apaixonante.* (assunto) */ A lealdade é o mais importante **sobre** todos os demais sentimentos.* (comparação) */ Fomos multados em 30% **sobre** nossos salários.* (referência) */ Cobrava-se imposto **sobre** serviço.* (causa) */ Eles fazem asneiras **sobre** asneiras.* (sucessão/acumulação) */ Ele veio **sobre** nós com ódio.* (oposição/direção)

Trás

Segundo os gramáticos, tal preposição é arcaica, só sendo usada nas locuções adverbiais *para trás*, *por trás* e na locução prepositiva *por trás de*: *Ele ficou **para trás**, chegou **por trás** e ficou **por trás de** todos.* Segundo Celso Cunha, "o sentido originário desta preposição era 'além de', que subsiste nos compostos *Trás-os-Montes* e *trasanteontem*".

Certas Particularidades

Omissão e Repetição

1) Depois de algumas preposições acidentais (*exceto, salvo, inclusive*, de sentido exceptivo ou inclusivo), pode haver a omissão ou presença de uma preposição essencial em razão da sua exigência por algum nome ou verbo. É preciso sempre tomar cuidado com o sentido que se passa quando ocorre a omissão.

– *Eu discordo **de** todos, <u>exceto</u> **d**ela (ou ela).*

2) A repetição só será obrigatória quando for importante para o sentido.

– *Ela falou **com** o professor e diretor da escola.* (sem repetição: significa que ela falou com uma pessoa que ocupa dois cargos)

– *Ela falou **com** o professor e **com** o diretor da escola.* (com repetição: significa que ela falou com duas pessoas)

3) Em qualquer sequência de termos ou orações coordenadas, é facultativa a repetição das preposições ou locuções prepositivas, mas, quando forem explicitadas tais preposições, devem elas aparecer antes de todos os termos ou orações. Reitero: a repetição só será obrigatória quando for importante para a clareza.

– *Lutamos **pel**a música, (pela) literatura e (pelas) artes em geral.*

– *Fizemos menção **a** políticos, (a) jogadores e (a) religiosos.*

– ***Sobre** os bons professores e (sobre) os diretores, só tenho a dizer maravilhas.*

– *O medo **de** errar, (de) titubear e (de) ser um desastre completo me deixa ansioso.*

Obs.: Quando a preposição (ou locução prepositiva) se combina com o artigo, deve ser repetida, se o artigo estiver repetido: *Ele foi leal **a**os amigos e **a**os familiares*. Mas está certo também sem a repetição da preposição e do artigo: *Ele foi leal aos amigos e familiares*. Estaria errado assim: *Ele foi leal aos amigos e os familiares*. Nas locuções prepositivas, há três possibilidades de construção: ***Apesar de** sucessos e **apesar de** insucessos, vencemos. / **Apesar de** sucessos e **de** insucessos, vencemos. / **Apesar de** sucessos e insucessos, vencemos.*

Vamos ver uma questão sobre isso?

(Cespe/UnB – TJ/DF – Técnico Administrativo – 2008)

A retirada da preposição em "de transformar" (... nossa capacidade de trabalhar, de transformar o mundo...) violaria as regras de gramática da língua portuguesa, já que essa expressão complementa "capacidade".

( ) CERTO

(X) ERRADO

Comentário: Note que as expressões *de trabalhar* e *de transformar* estão coordenadas

entre si, como numa enumeração, sendo assim é possível omitir a preposição, sem problemas.

Outras considerações válidas:

I. Os verbos *chegar, ir, voltar, levar* e *dar* não são usados com a preposição *em*, quando indicam lugar, mas sim com *a*: *chegar à casa; ir ao supermercado; voltar à escola; levar à praia* etc.

II. "Nos domingos vou à missa." (errado), pois é o ***a*** que indica repetição de um fato. "Aos domingos vou à missa." (certo)

III. Verbo ***ter/haver*** **+** ***de/que*** **+ infinitivo**: *Eu tenho de/que viajar amanhã*. Privilegia-se a 1ª forma, com *de*.

IV. Usa-se indiferentemente *à/na página*: *O clímax começa à/na página 415*. Usa-se ainda *a páginas*: *O clímax começa a páginas 415*. O mesmo vale para datas: *Em/A catorze de julho*, vou à Bahia.

V. Normalmente, as preposições *por/para/a/sem/ao* + verbo no infinitivo indicam, respectivamente, **causa/finalidade/condição/concessão ou condição/tempo**: *Por ser exato, o amor não cabe em si. / Para passar, precisa estudar. / A persistirem os sintomas, o médico deverá ser consultado. / Sem estudar, não passará./ Sem estudar, passei. / Ao fazer os exercícios, preocupei-me em acertar os mais fáceis*. Veremos questões sobre isso no capítulo de *Orações Reduzidas*.

Valor Discursivo

A **preposição** e as **locuções prepositivas** têm a função textual de conectar partes do texto: palavras a palavras, palavras a orações, orações a orações etc. Veja o texto a seguir e note como elas desempenham um papel coesivo importantíssimo para a união das ideias de um texto. Leve em conta também seu valor semântico a cada relação estabelecida:

> "(...) Nessa quinta-feira (30/8/2012) faz exatos dez anos a estreia do filme de Fernando Meirelles e Katia Lund. E se a antológica 'fuga da galinha' ainda persiste no imaginário nacional, não é somente essa cena que faz *Cidade de Deus* uma produção memorável. Em poucas semanas depois de seu lançamento, cerca de três milhões de espectadores foram levados às salas de cinema brasileiras. A temática do filme e a técnica utilizada pelos diretores agradaram crítica e público, fazendo dele uma referência cultural, social e política no País. (...)"
> (http://www.cartacapital.com.br/cultura/cidade-de-deus-dez-anos-depois/ texto adaptado)

Analisemos cada preposição e seus valores:

> "(...) **N**essa quinta-feira (30/8/2012) [valor nocional: tempo] faz exatos dez anos a estreia **d**o filme [valor nocional: especificação/posse] **de** Fernando Meirelles e Katia Lund [valor nocional: posse]. E se a antológica 'fuga **d**a galinha' [valor relacional: o nome *fuga* exige a preposição *de*] ainda persiste **n**o imaginário nacional [valor relacional: o verbo *persistir* exige a preposição *em*], não é somente essa cena que faz *Cidade **de** Deus* [valor relacional fixo] uma produção memorável. **Em** poucas semanas [valor nocional: tempo] **depois de** seu lançamento [valor nocional: tempo], **cerca de** três milhões [valor nocional: quantidade aproximada] **de** espectadores [valor nocional: especificação] foram levados **à**s salas [valor relacional: o particípio adjetival *levado* exige a preposição *a* + as (artigo) = *às* (crase)] **de** cinema brasileiras [valor nocional: especificação/posse]. A temática **d**o filme [valor nocional: posse] e a técnica utilizada **pel**os diretores [valor nocional: agente] agradaram crítica e público, fazendo **d**ele [valor relacional] uma referência cultural, social e política **n**o País [valor nocional: lugar]. (...)"

Lindo isso, não?

O Que Cai Mais na Prova?

A maior parte das questões sobre preposição diz respeito ao conhecimento básico de valor **relacional** (regência verbal e nominal, principalmente crase) e **nocional** (valor semântico). Fique ligado no padrão das questões!

Questões de Concursos

1. (CEPERJ – Pref. Angra dos Reis/RJ – Professor – 2008) No título do poema "Canção do exílio", a preposição tem o mesmo valor semântico que a destacada na frase:
   a) Nem sempre o seu silêncio é de ouro.
   b) Ele se nutre de saudades.
   c) O poeta morria de amores pela pátria.
   d) De noite, seu sofrimento aumentava.
   e) O poeta admirava de longe os primores nacionais.

2. (FGV – MEC – Administrador de Banco de Dados – 2009) "Com o real, os brasileiros redescobriram o valor do dinheiro e das coisas."; a frase a seguir em que a preposição **com** tem o mesmo valor semântico da ocorrência sublinhada é:
   a) Com a chuva, todas as ruas ficaram alagadas.
   b) Os turistas encontraram-se com os amigos no aeroporto.
   c) Todos saímos com os amigos recém-chegados.
   d) Com quem eles viajaram nós não vimos.
   e) Brigaram com os adversários durante horas.

3. (FEC/UFF – MPA – Engenheiro – 2010) Cometeria grande equívoco quem fizesse, no texto, a substituição da preposição pela locução prepositiva, ou vice-versa, proposta em:
   a) sobre (Quem se mantém informado sobre os imensos problemas...) / acerca de.
   b) com exceção de (Tudo parece conspirar para que o consumo de peixe seja uma prática muito pouco sustentável – com exceção dos peixes que são criados em um parque na Espanha.) / salvo.
   c) para (Esta é uma receita para o futuro da boa alimentação...) / a fim de.
   d) diante de (E diante da usual pergunta sobre se este tipo de sistema poderia...) / ante.
   e) em direção a (... podemos avançar em direção a um futuro...) / para.

4. (Cespe/UnB – TCU – Auditor-Federal de Controle Externo – 2010) O uso da preposição **De** em lugar de "Sob" (Sob uma forma paradigmática, a língua encarna esse tipo de dados sociais...) alteraria as relações de significação entre os termos da oração e, por isso, prejudicaria a coerência entre os argumentos do texto.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

5. (FCC – TRF (1R) – Analista Judiciário – 2011) (Adaptada) *Em Chicago, melhor do que em qualquer outro ponto, pode-se acompanhar o processo sumário que usais para conseguir, de plantas alienígenas, ao fim de curto estágio de aclimação, frutos genuinamente americanos.*
   – Na frase acima, a preposição **de**, em *de plantas alienígenas*, expressa ideia de procedência?

6. (Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de Nível Superior – 2011) No trecho "estão convencidos de que as desigualdades são, em sua maior parte, sociais ou históricas", a omissão da preposição "de" prejudicaria a correção gramatical do período.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

7. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) Em "importar dos Estados Unidos da América", a preposição **de**, contida em "dos", expressa ideia de procedência.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

8. (Cespe/UnB – FUB – Analista de TI – 2011) Com relação ao vocabulário e à estrutura do texto, julgue os itens que se seguem.

A retirada da preposição "de" em "A indicação inicial é a de que, sim, a rede (...)" não implicaria alteração do texto, quer do ponto de vista semântico, quer sintático.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

9. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) No primeiro parágrafo do texto, contrapõem-se duas realidades diferentes; tal raciocínio é evidenciado pelo emprego da locução "Apesar de" (Apesar de estarmos em pleno século XXI, a aldeia deles ainda vive a realidade do subdesenvolvimento...).
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

10. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário – 2011) A substituição da locução "a fim de" (... agachar-se sob o túmulo a fim de escapar dos golpes...) por **para** manteria a correção gramatical e o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

11. (Vunesp – SAP/SP – Oficial Administrativo – 2011) Considere a frase:
*– Não se sabe ao certo quem foram os responsáveis pela agressão **a** moças obesas em uma festa de estudantes.*
Assinale a alternativa em que a preposição ***a*** está corretamente substituída.
a) até.
b) contra.
c) entre.
d) por.
e) sobre.

12. (Vunesp – SAP/SP – Oficial Administrativo – 2011) Leia o texto.
Uma resolução da Organização das Nações Unidas (ONU) pede o fim do apedrejamento no Irã.
A resolução ainda condena Teerã _____ silenciar opositores. O Brasil optou _____ não se manifestar sobre o assunto.
A mesma preposição que preenche, corretamente, ambas as lacunas é:
a) com;
b) para;
c) por;
d) sob;
e) sobre.

Fragmento de texto
"(...) Entretanto, insistimos em colocar a pergunta "o quê?" antes da pergunta "quem?", a despeito da tradição filosófica, cuja tendência foi fazer... (...)"

13. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) Em "a despeito da tradição filosófica", o emprego da preposição "a" deve-se à relação sintática que o substantivo "despeito" estabelece com o verbo "colocar".
( ) CERTO
( ) ERRADO

14. (Cespe/UnB – Correios – Cargos de Nível Superior – 2011) Seria mantida a correção gramatical do texto, se a preposição "de", em sua primeira ocorrência, no trecho "de 17 de dezembro de 1663 a 28 de setembro de 1665", fosse substituída por **entre**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
"Na ciência moderna, a ruptura epistemológica simboliza o salto qualitativo do conhecimento do senso comum para o conhecimento científico (...)"

15. (Cespe/UnB – CNPQ – Analista em Ciência e Tecnologia Júnior – 2011) A primeira preposição em "do conhecimento do senso comum" exprime noção de origem do movimento expresso por "salto", e a preposição empregada no trecho "para o conhecimento científico" exprime noção de fim desse movimento.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
"... o cérebro faz uma espécie de faxina na memória de curto prazo **para** facilitar o armazenamento de novas informações. "Medidas como essa não só melhoram a capacidade cognitiva como são extremamente importantes **para** compensar a restrição ao sono..."

16. (Cespe/UnB – STM – Técnico Judiciário – 2011) A preposição **para**, em ambas as ocorrências, nas linhas 10 e 13, estabelece uma relação de consequência entre a oração de que faz parte e a oração que a antecede.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) A passagem "..., *em contraposição a tentações apressadas de recorrer à censura"* contém o elemento gramatical ***a***, que:
a) define quais são as tentações, porque é um artigo;
b) não define quais são as tentações, porque é artigo;
c) define quais são as tentações, porque é uma preposição;
d) não define quais são as tentações, porque é artigo indefinido;
e) não define quais são as tentações, porque é preposição.

18. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) A palavra ***para*** (... meios para convencer o Irã...) é uma:
a) preposição derivada da regência verbal da palavra *meios*;
b) conjunção que liga uma oração coordenada a uma subordinada;
c) preposição que liga *meios* a um verbo intransitivo;
d) preposição derivada da regência nominal da palavra *meios;*
e) preposição que liga *meios* a um verbo.

19. (Cespe/UnB – Correios – Agente de Correios – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A substituição da preposição "por" (... um patrimônio cultural de 246 km de areias pontilhado por montanhas...) por **de** prejudica a correção gramatical e a coerência do período.

20. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) *Aliás, o melhor para a democracia seria separar os fundos partidários dos destinados às campanhas eleitorais.*
A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. Há três preposições.
II. Há quatro artigos.
III. Há um pronome demonstrativo.
Assinale
a) se todas as afirmativas estiverem corretas.
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
c) se nenhuma afirmativa estiver correta.
d) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
e) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

21. (FGV – PC/RJ – Guarda Municipal – 2011) Marque a alternativa em que o vocábulo "para" introduz ideia de finalidade.
a) "... a meu ver, um dos documentos mais inspiradores <u>para</u> a presente crise."
b) "Dois valores, entre outros, considero axiais <u>para</u> esse novo começo..."
c) "... o cuidado é uma arte, um paradigma novo de relacionamento para com a natureza, <u>para</u> com a terra..."
d) "... se transforme em tragédia e <u>para</u> conferir eficácia..."

22. (FGV – PC/RJ – Perito Legista (Odontologia) – 2011) "***Por*** precaução, a maioria dos médicos recomenda evitar a combinação de bebida e remédios."
A preposição "*por*", no fragmento acima, tem valor de:
a) meio;
b) modo;
c) condição;
d) consequência;
e) causa.

23. (Vunesp – Pref. São José dos Campos/SP – Agente Educador – 2012) Assinale a alternativa cujas preposições completam, correta e respectivamente, o texto a seguir.
São um grande erro as gratificações ___ que alguns pais se servem para agradar, constantemente e por qualquer motivo, a seus filhos, pois essas crianças se tornam aquelas ___ quem cumprir um dever ou agir corretamente não são obrigações, mas sim atitudes excepcionais.
a) de ... por.
b) de ... para.
c) em ... a.
d) com ... para.
e) com ... por.

24. (Consulplan – Pref. São Domingos do Prata/Mg – Arquivista – 2012) Relacione os vocábulos sublinhados com suas

respectivas classes gramaticais.
1. "... filhos com até dois anos de idade..."
2. "... Os pais que acreditam..."
3. "... são muito importantes..."
4. "... algum tipo de conteúdo..."
5. "... pais disseram que seus filhos..."
( ) Pronome relativo.
( ) Advérbio.
( ) Pronome indefinido.
( ) Conjunção integrante.
( ) Preposição.
A sequência está correta em:
a) 5, 3, 4, 1, 2;
b) 4, 3, 1, 5, 2;
c) 2, 3, 4, 5, 1;
d) 2, 4, 3, 5, 1;
e) 3, 1, 2, 5, 4.

25. (FEC/UFF – Pref. Angra dos Reis/RJ – Administrador – 2012) Em "Os mumificadores, ao abrirem os corpos dos faraós para retirar as entranhas..." (parágrafo 1), a preposição PARA indica relação de:
a) lugar;
b) tempo;
c) fim;
d) proporção;
e) consequência.

26. (FEC/UFF – Pref. Angra dos Reis/RJ – Agente Administrativo – 2012) Na frase "O povo está muito satisfeito com as maquininhas PARA preocupar-se com o sumiço das letras.", a preposição em destaque indica relação de:
a) finalidade;
b) lugar;
c) tempo;
d) proporção;
e) consequência.

27. (FEC/UFF – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– APESAR DE introduz argumento orientado para a conclusão do texto.

28. (Dom Cintra – Pref. BH/MG – Administrador – 2012) (Adaptada) As substituições propostas para as expressões destacadas estão corretas ou incorretas?
I. "...ocorre devido a ações administrativas..." / em razão de.
II. "Segundo técnicos da Receita,..." / conforme.

29. (FEC/UFF – Câmara Municipal de Duque de Caxias/RJ – Agente de Processamento de Dados – 2012) No trecho "E apontava com o queixo, ATÉ curvando a boca com certo desdém.", a palavra destacada tem o valor semântico de:
a) explanação;
b) retificação;
c) situação;
d) exclusão;
e) inclusão.

30. (FEC/UFF – Câmara Municipal de Duque de Caxias/RJ – Agente de Processamento de Dados – 2012) No período "A esposa começou a chorar assim que a juíza a interrogou." há quatro ocorrências da palavra A, que se classifica, respectivamente, como:
a) artigo, pronome, preposição, pronome;
b) artigo, preposição, artigo, pronome;
c) pronome, artigo, pronome, artigo;
d) artigo, pronome, preposição, artigo;
e) artigo, preposição, pronome, artigo.

31. (FEC/UFF – Câmara Municipal de Duque de Caxias/RJ – Agente de Processamento de Dados – 2012) Para o correto preenchimento das lacunas na frase "O controle das faltas do funcionário _____ o patrão se referira era o mais eficiente recurso _____ os empregadores dispunham para procederem ao desconto no final do mês.", têm de ser usadas, respectivamente, as formas:

a) a que – de que;
b) a que – com que;
c) que – a que;
d) de que – que;
e) de que – com que.

32. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale o conectivo que provoca erro gramatical e/ou incoerência textual ao preencher a lacuna do fragmento abaixo:

A dívida pública mobiliária tem algumas características específicas. No que diz respeito à participação dos indexadores da dívida, continua crescendo a participação dos títulos atrelados à Selic (64,6% do total), _____ sua alta rentabilidade, segurança e liquidez; enquanto os títulos prefixados mantêm uma posição em torno de 35,5%. Quanto ao prazo, os títulos emitidos pelo BCB e pelo Tesouro Nacional têm prazo médio de 40,19 meses.

a) ademais de;
b) em face de;
c) devido à;
d) em função de;
e) haja vista.

33. (AOCP – BRDE – Analista de Projetos (Agronomia) – 2012) "Por um desses quiproquós da vida cultural, a tradicionalização, ou a referência à tradição, tornou-se um tema dos mais presentes na poesia contemporânea brasileira, quer dizer, a que vem sendo escrita desde meados dos anos 80."

O fragmento em que o elemento **por** (ou pelo/pela) estabelece a mesma relação semântica do elemento **por** do fragmento acima é:

a) "Nessa visada, o passado é continuamente refeito pelo novo".
b) "sustentavam o tradicionalismo, tradição é o que se cultua por todos os lados".
c) "Eles recombinam formas, amparados por modelos anteriores".
d) "recriado pela contribuição do poeta moderno consciente de seus processos artísticos".
e) "por prazer de inventar, queria mudar o passado a partir da atualidade viva".

Gabarito

1. E.	8. ERRADO.	15. CERTO.	22. E.	29. E.
2. A.	9. CERTO.	16. ERRADO.	23. B.	30. B.
3. C.	10. CERTO.	17. E.	24. C.	31. A.
4. ERRADO.	11. B.	18. D.	25. C.	32. A.
5. CORRETO.	12. C.	19. CORRETO.	26. E.	33. E.
6. CERTO.	13. ERRADO.	20. A.	27. INCORRETO.	
7. CERTO.	14. ERRADO.	21. D.	28. I e II CORRETAS.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 15

Conjunção

Definição

Fi-nal-men-te!

Conjunção é a "menina dos meus olhos"!

– *Ficou meio estranho isso, hein, Pestana!*

Você não tem ideia da quantidade de questões que caem em provas todo ano! Saber conjunção é matar mais de uma questão numa prova feita por uma banca de prestígio, como Cespe, Esaf, FCC, FGV, Cesgranrio etc.

Por isso, vai ser um prazer ajudá-lo! Você vai sair desse capítulo *na ponta dos cascos*, caro(a) leitor(a)! Vamos começar a brincadeira!

Do ponto de vista semântico, a conjunção é uma palavra que traz embutida um sentido (ou mais de um). Só a conjunção **integrante** não carrega consigo um sentido.

Do ponto de vista morfológico, a conjunção é uma palavra que não muda de forma, portanto é invariável.

Do ponto de vista sintático, a conjunção não exerce função sintática alguma, mas participa de construções coordenadas e subordinadas, ligando normalmente termos de mesma função sintática, orações, períodos e parágrafos, numa relação lógica.

Pois bem... para entendermos todas as definições de conjunção, vamos analisar este texto:

A mulher e o homem se complementam, mas essa relação é (não raro) cercada de desavenças. Por isso ocorrem muitas separações, resultando em dificuldades emocionais, financeiras e até físicas.

Não obstante, o quadro não é só pessimista; muitos casais conseguem viver em harmonia e com amor durante toda a sua vida.

Note que os termos ***e***, ***mas***, ***Por isso***, ***Não obstante***, ***e***

1) apresentam, respectivamente, **valores semânticos** de adição, oposição, conclusão, oposição e adição; observe a relação lógica e semântica entre as partes do texto;
2) **não variam** de forma;
3) **ligam** termos de mesma função sintática coordenados, orações coordenadas, períodos, parágrafos e termos de mesma função sintática coordenados. Falarei melhor sobre coordenação e subordinação em *Sintaxe*, mais à frente. *Relax*!

Obs.: A conjunção, assim como a preposição, tem o papel fundamental de conectar partes do texto, por isso é também chamada de **conector, conectivo, elemento coesivo, síndeto e operador argumentativo.**

Identificação

Identificar uma conjunção é fácil. Basta decorar todas elas! Parece brincadeira, mas é verdade... Eu mesmo decorei as conjunções como um mantra. Escrevi todas elas em uma cartolina e colei na parede do meu quarto. Depois de muito ler e reler, com exercícios, decorei. Hoje não erro nenhuma questão sobre esse assunto. Fique tranquilo, pois você também ficará *craque* em conjunções! Faça a sua parte!

Tecnicamente falando, identifica-se uma conjunção por saber qual é a função dela na língua. Seu objetivo é conectar partes do texto: **vocábulos, orações, períodos...** Veja alguns exemplos:

– *Farei exames pré* ***e*** *pós-operatórios.* (liga prefixos)

– *Paradoxalmente, Vítor está contra* ***e*** *a favor do novo acordo ortográfico.* (liga preposição a locução prepositiva)

– *Uma luz bruxuleante* ***mas*** *teimosa continuava a brilhar nos seus olhos.* (liga vocábulos, termos de mesma função sintática)

– *Nós esperamos* ***que*** *você estude mais.* (liga orações)

– *Fale com ela* ***assim que*** *chegar de viagem.* (liga orações)

– *Desejo que venha comigo.* ***E*** *desejo ainda mais que se deixe seduzir.* (liga períodos)

É bom dizer desde já que muitas conjunções podem mudar de posição na frase. Em tese, se ela liga, deveria vir no meio dos termos ou das orações, certo? Errado! Veja alguns exemplos de inversões das conjunções:

– *Podem sair; voltem às onze,* ***porém****.*

– ***Enquanto*** *as coisas não se resolverem por aqui, jamais te deixarei só.*

– *Tudo concluído enfim; podemos,* ***pois****, comemorar até o dia seguinte!*

Também não me custa nada dizer que algumas conjunções coordenativas são **correlatas**, isto é, aparecem **em dupla** formando uma unidade de sentido. É o que a gente chama de "correlação". Entenda:

– ***Ora*** *atrapalha o professor,* ***ora*** *atrapalha a classe.*

– ***Não só*** *mudamos a perspectiva de enxergar o mundo* ***mas também*** *o mudamos.*

– ***Tanto*** *me empenho no trabalho* ***quanto*** *nos estudos.*

O conceito de "**correlação**" se estende também às conjunções subordinativas (em negrito), mas nesse caso o termo que vem sublinhado tem sua própria classificação gramatical. Veja alguns exemplos das gramáticas tradicionais:

– *Era mais corajoso* ***que*** *muito lutador profissional.*

– *Falou tanta bobagem,* ***que*** *a todos incomodou.*

– ***Quanto mais*** *conhecimento religioso adquiria, mais conflitantes os dogmas lhe pareciam.*

Obs.: Os termos sublinhados se classificam, respectivamente, como: advérbio de intensidade, pronome indefinido e advérbio de intensidade.

Locução Conjuntiva

A **locução conjuntiva** é formada por um grupo de vocábulos (muitas vezes terminados em *que*) desempenhando o mesmo papel das conjunções.

Eis algumas *locuções conjuntivas*: não obstante, no entanto, só que, por conseguinte, em vista disso, por isso, sendo assim, assim como, com isso, pois que, visto que, já que, ao passo que, para que, logo que, assim que, a menos que, a fim de que, à medida que...

Trabalha-se muito a substituição e a equivalência entre conjunções e locuções conjuntivas nas provas, todo ano. Por isso, dessa vez, insisto na decoreba das conjunções. Vai por mim!

Classificação

Existem dois tipos de conjunção: **coordenativas** (em princípio, ligam orações ou termos sintaticamente independentes) e **subordinativas** (em princípio, ligam orações sintaticamente dependentes).

Para você entender isso melhor, observe estas frases com **conjunções coordenativas**:

– *Em grandes livrarias, são vendidos livros, CDs* ***e*** *DVDs.*

– *Um temporal está chegando,* ***portanto*** *fique atento!*

Note que as duas conjunções (*e* e *portanto*) têm o papel apenas de ligar, podendo ser retiradas das frases, pois elas ligam partes independentes entre si.

Veja como ficaria possível a reescritura delas:

– *Em grandes livrarias, são vendidos livros, CDs, DVDs.*

– *Um temporal está chegando – fique atento!*

Observe agora duas frases com **conjunções subordinativas**:

– *Não sei* ***se*** *tudo mudará depois das eleições.*

– *Nunca desista da vida,* ***embora*** *ela esteja difícil.*

Note que as duas conjunções (*se* e *embora*) têm a função de ligar as duas orações seja completando, seja determinando. Logo, não podem ser retiradas das frases, pois elas ligam partes independentes entre si.

Veja como ficaria "estranha" (ou, tecnicamente falando, "agramatical") a reescritura delas:

– *Não sei tudo mudará depois das eleições. (?!)*

– *Nunca desista da vida, ela esteja difícil. (?!)*

Falarei muito mais sobre coordenação e subordinação em *Sintaxe*. Isso foi só uma *palinha*.

Coordenativas

Fiquem atentos às conjunções sublinhadas! Como não são usuais, as bancas exploram-nas para dificultar sua vida.

Aditivas: exprimem ideia de soma, acréscimo, adição; o *e* exprime outros valores.

e	***não só... como (também)...***
nem... *(= e não)*	***não só... como (ainda)***
nem... nem	***não só... como (ainda)***
tampouco	***não só... senão (também)***
não só... mas (também)	***não só... senão (ainda)***
não só... mas (ainda)	***tanto... quanto***
não só... (bem) como	***tanto... como***
bem como	***mais*** (em linguagem matemática ou coloquial)

* Os parênteses indicam que tais palavras podem ou não aparecer. No lugar de *não só*, pode aparecer *não somente* ou *não apenas*, nas conjunções correlativas aditivas.

– *Estudo **e** trabalho.*

– *Não estudo **nem** trabalho.*

– ***Nem** eu **nem** você estudamos.*

– *Não estudo, **tampouco** trabalho.*

– ***Não só** estudo **mas também** trabalho.*

– ***Não apenas** estudo **bem como** trabalho.*

– ***Não somente** estudo **senão ainda** trabalho.*

– ***Tanto** estudo **quanto** trabalho.*

– *Dois **mais** dois são quatro. Por isso, nós **mais** vocês formamos um quarteto.*

Cuidado!!!

1) **Sobre o *e***: Além de apresentar a ideia de **adição**, também pode ter outros valores semânticos, como **adversidade** (*mas, porém*) ou **conclusão/consequência** (*portanto, por isso, então*). É bom dizer que, para alguns gramáticos, como

Sacconi, Cegalla, Infante e Cereja, o *e* com valor adversativo inicia oração coordenada sindética adversativa. Destes, Sacconi e Cereja dizem que a conjunção ***e***, de fato, é uma conjunção adversativa. Já os demais gramáticos, como Bechara e Celso Cunha, dizem que o *e* pode apresentar diferentes valores semânticos a depender do contexto, e só. *Polêmicas...*

– *Choveu intensamente, **e** a cidade ficou inundada.* (*portanto, por isso* – conclusão/consequência)

– *Cumpra suas obrigações **e** será recompensado.* (*portanto, por isso* –

conclusão/consequência)

– *Nós acordamos cedo, **e** chegamos, infelizmente, atrasados.* (*mas, porém – adversidade/oposição)*

– *Fazemos muitas dietas, **e** não conseguimos emagrecer.* (*mas, porém* – adversidade/oposição)

– *Depois de ontem, vou chamar-lhe **e** dar-lhe uma bronca* (*= para – finalidade*)

Veja uma questão sobre seu valor semântico:

Cespe/UnB – ABIN – Oficial de Inteligência – 2008

– A relação que a oração iniciada por "e as respostas" (... o mundo tornou-se intensamente complexo e as respostas não são diretas nem estáveis) mantém com a anterior mostra que a função da conjunção "e" corresponde à função de **por isso.**

(X) CERTO

( ) ERRADO

Veja outra:

37. (FAB – EAGS – Sargento – 2008) Marque a alternativa em que a conjunção coordenativa "e" estabelece somente relação de adição entre as orações.

a) Ia telefonar-lhe e desejar-lhe parabéns.

b) Ninguém me disse nada, e entendi de imediato.

c) "O sol ardia sobre o pasto maltratado e secava os lameirões da estrada torta." (Gabarito!)

d) A chuva caiu pela manhã, e a festa de aniversário ao ar livre não foi cancelada.

Comentário: A única alternativa em que a conjunção coordenativa *e* estabelece somente relação de adição entre as orações é a C. Nas alternativas B e D, admite-se a relação de adversidade entre as orações. Veja: B – Ninguém me disse nada, *mas* entendi de imediato. D – A chuva caiu pela manhã, *mas* a festa de aniversário ao ar livre não foi cancelada. Na alternativa A, a relação entre as orações é de finalidade: Ia telefonar-lhe *para* desejar-lhe parabéns.

Observações importantes:

– Pode ser usada a conjunção *e* logo após um ponto (**.**) para imprimir ênfase ao conteúdo da oração que a segue: *Você é muito importante para mim. **E** será sempre.*

– A ênfase pode ser conseguida também quando vem após a vírgula: *Concordo com ele, **e** muito!*

– O *e*, no fim de uma enumeração, pode ser dispensado, colocando-se vírgula em seu lugar: *Comprei maçã, uva, figo **e** banana. > Comprei maçã, uva, figo**,** banana.*

– O *e* repetido (polissíndeto) dá ideia de acúmulo: *Eles são abusados, **e** desbocados, **e** impertinentes, **e** aproveitadores, **e** muito mais!*

– Usa-se a construção *e nem* quando o *nem* equivale a *não* (neste caso, o ***e*** é uma conjunção aditiva e o ***nem*** é um advérbio de negação, apesar de que alguns gramáticos, como Cegalla, repudiam tal construção; Bechara pede para evitá-la a não ser que se use por motivo de ênfase: *Não estuda **e nem** (= e não) trabalha.*

– Sobre este último ponto ainda, podemos enfaticamente usar *e nem (= mas não), e nem sequer, e nem assim, e nem por isso* etc.: *Assistiu à ótima peça **e nem** (= mas não) aplaudiu. / A moça não o cumprimentou **e nem sequer** olhou para ele.*

2) Sobre o ***nem***: Pode ser conjunção **aditiva** (reforçada por alguns termos), **alternativa** (raro!) e advérbio de negação; aparece em outras construções também, todavia veremos isso mais à frente.

– *O homem não come **nem tampouco** bebe.* (ou *nem ao menos, nem sequer, nem mesmo*)

– *Não sei **nem** se fico, **nem** se parto.* (alternativa = *Não sei se fico **ou** se parto.)*

– ***Nem** sempre colabora com obras humanitárias.* (advérbio = *não*)

– ***Nem** estudo **nem** trabalho.* (só o segundo *nem* é uma conjunção aditiva, = *e não,* o primeiro é um advérbio de negação, = *não*).

3) Apesar de não haver encontrado gramático ou dicionarista (exceto o professor Sérgio Nogueira) que classificasse ***tampouco*** como conjunção aditiva (= *nem*), já vi algumas questões sobre isso (FMZ – SEAD/AP – Agente Penitenciário – 2010 – Questão 14 / FCC – TRT/AL (19ª R) – Analista Judiciário – 2008 – Questão 5 / FCC – Sergipe GÁS S.A. – Contador – 2010 – Questão 5 / Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009 – Questão 9). Sobre a expressão *nem tampouco*, Ernani Terra condena, dizendo que se trata de redundância, já Maria H. de Moura Neves não se opõe a ela. Polêmicas...

4) Em "João *mais* Maria se apaixonaram.", o *mais* é uma conjunção aditiva coloquial (regionalismo).

5) As correlações aditivas equivalem ao ***e***, isto é, dizer "***Não só*** estudo ***mas*** trabalho." equivale a dizer "Eu estudo ***e*** trabalho.". Nas correlações aditivas (ou **séries aditivas enfáticas**), só as orações iniciadas por *mas, como, senão* e *quanto* são consideradas aditivas, o que indica que, *stricto sensu*, os conectivos aditivos, de fato, são o *mas*, o *como*, o *senão* e o *quanto*.

Sobre *bem como*, veja uma questão:

Cespe/UnB – CBM/ES – Oficial Bombeiro Militar – 2011

A expressão *bem como* (Os condutores de veículos passantes eram obrigados a prestar os serviços que deles fossem exigidos, bem como entregar seus animais.) pode ser substituída pela conjunção ***e***, com a devida alteração de pontuação, sem prejuízo para o sentido do texto.

(X) CERTO

( ) ERRADO

6) Às vezes, o início da correlação vem implícito, caso em que o ***mas*** tem valor aditivo: *Não nos deixeis cair em tentação, **mas** livrai-nos do mal. = **Não só** não nos deixeis cair em tentação, **mas** livrai-nos do mal.* E, às vezes, os termos da correlação vêm afastados dentro da frase: *A conjunção **não** liga **só** orações, **mas** liga termos **também**.*

7) Se a correlação *tanto... quanto* vier em períodos diferentes, o sentido pode mudar e a análise de tais vocábulos idem: ***Tanto*** *estudo!* ***Quanto*** *trabalho!* Note que agora são advérbios de intensidade.

Adversativas: indicam essencialmente uma ideia de adversidade, oposição, contraste; também ressalva, quebra de expectativa, compensação, restrição; **elas realçam o conteúdo da oração que introduzem (veja o comentário 6 no "box")**.

mas	***não obstante***
porém	***só que***
contudo	***senão*** *(= mas sim)*
todavia	***agora***
entretanto	***antes***
no entanto	***ainda assim***

– *Não para de comer,* ***mas*** *nunca fica satisfeito.*
– *Fuja daqui,* ***porém*** *tome cuidado!*
– *O filme agradou ao público,* ***contudo*** *não foi louvado pelos críticos.*
– *Perdi todos os meus bens,* ***todavia*** *me alegrei com a separação.*
– *Paixão não me faz bem,* ***entretanto*** *não vivo sem ela.*
– *Ele está cansado,* ***no entanto*** *terá de trabalhar amanhã cedo.*
– *Sorria sem pudor,* ***não obstante*** *se aquietava diante do pai.*
– *Atendeu a todas as exigências,* ***só que*** *não foi convocado no fim do processo.*
– *Não se dizia um professor,* ***senão*** *um reprodutor de informações.*
– *Falar de mim é fácil,* ***agora*** *ser como eu é difícil.*
– *O rapaz não estudava,* ***antes*** *devorava os livros.*
– *O livro é ruim,* ***ainda assim*** *preciso lê-lo até o fim.*

Cuidado!!!

1) O *mas* pode apresentar matizes de sentido:

– *Os fariseus oprimiam o povo,* ***mas*** *Jesus exercia seu amor a eles.* (contraste/contraposição)
– *Amor, eu sei que eu te traí,* ***mas*** *saiba que eu te amo.* (compensação)
– *Casou-se,* ***mas*** *não com a primeira namorada.* (restrição)
– *Foi em direção ao beijo,* ***mas*** *desistiu por timidez.* (quebra de expectativa)
– *Outra pessoa,* ***mas*** *não eu, deverá cobrir a reportagem.* (ressalva)
– *Entre,* ***mas*** *sem fazer barulho.* (realce/ressalva)

– *Era bela,* ***mas*** *principalmente rara.* (adição, segundo Celso Cunha)

A maiorias dos gramáticos considera redundante as construções em que ao *mas* se juntam outras conjunções adversativas, que eram outrora consideradas advérbios: *mas porém, mas contudo, mas no entanto, mas entretanto* etc. Atualmente, tais construções são consideradas *expressivas*, em que a segunda conjunção realça a primeira. Curiosidade: a pronúncia de *mas* não é "mãs", e sim "más".

2) Diferentemente do ***mas***, que não pode ser deslocado na frase, as conjunções *porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante* podem: *Não pude sair hoje; fiquei assistindo a um filme com minha esposa,* ***porém****. / Não pude sair hoje; fiquei,* ***contudo****, assistindo a um filme com minha esposa. / Não pude sair hoje; fiquei assistindo,* ***entretanto****, a um filme com minha esposa. (etc.)*

3) ***Não obstante*** pode ser uma locução conjuntiva adversativa (seguida de verbo no indicativo), uma locução conjuntiva concessiva (seguida de verbo no subjuntivo) ou uma locução prepositiva (não seguida de verbo ou seguida de verbo no infinitivo). Veja os respectivos exemplos: *Gasta-se muito aqui, não obstante há compensações. / Não obstante haja compensações, não vale a pena tanto gasto. / Não obstante a doença, mantinha-se firme. / Não obstante ter acordado, voltou a dormir.* Os estudiosos da língua, como José de Sá Nunes e Geraldo Amaral Arruda, afirmam que *nada obstante* é expressão sinônima a *não obstante*. Sobre isso, veja a questão 39 da prova 1 (gab. 1) para Auditor-Fiscal da Receita Federal feita pela Esaf (2012).

4) Segundo os linguistas Ataliba T. de Castilho e Sanderleia Roberta Longhin-Thomazi e os dicionários Aulete e Houaiss – para citar alguns –, modernamente a expressão ***só que*** vem sendo considerada uma locução conjuntiva adversativa, "que promove uma quebra de expectativa e introduz a informação mais importante no enunciado". Já vi questões com tal expressão.

5) Sobre ***agora***, ***antes*** e ***ainda assim***, que comumente são encaixados na classe dos advérbios, é bom dizer que alguns gramáticos, como Sacconi, Cegalla e Napoleão M. de Almeida já alistam como termos de valor adversativo. Eles não estão sós nessa análise, pois os dicionários Houaiss e Aulete também veem assim. Discussões à parte, já vi questões com tais vocábulos. Sobre ***ainda assim***, uma prova (FEPESE – UDESC – Advogado – 2010) considerou correta a seguinte assertiva, o que corrobora tal análise: "2. O conectivo 'Ainda assim', que introduz o terceiro parágrafo, pode ser substituído por 'No entanto' sem que o sentido do texto se altere.". A partir dessa afirmação, pense: se *no entanto* é uma locução conjuntiva adversativa e substitui *ainda assim*, infere-se que *ainda assim* é adversativa.

6) Na definição das adversativas, eu disse que **elas realçam o conteúdo da oração que**

introduzem. Vou dar dois exemplos para isso ficar claro. Imagine uma vizinha chegando até você (mulher) e dizendo assim sobre seu marido:

– *Maria, eu sei que João é carinhoso,* ***mas*** *ele é alcoólatra.* (Percebe que a vizinha está querendo "jogar areia" na relação de vocês dois?)

Agora, outra vizinha:

– *Maria, eu sei que João é alcoólatra,* ***mas*** *ele é carinhoso.* (Percebe que a vizinha está querendo dar uma "moral" ao seu relacionamento?)

Por que deduzimos isso? Muito simples: a conjunção adversativa dá relevância ao conteúdo da oração que a segue, de modo que chegamos a conclusões diferentes na fala das duas vizinhas, certo? Veja de novo, com a conclusão/desfecho, o que se subentende na fala delas:

– *Maria, eu sei que João é carinhoso,* ***mas*** *ele é alcoólatra,* ***então*** *larga ele!*

– *Maria, eu sei que João é alcoólatra,* ***mas*** *ele é carinhoso,* ***então*** *dá uma chance a ele!*

Hoje, em algumas provas para cargos bem difíceis, como Diplomata e Auditor-Fiscal, a FCC, o Cespe e a Esaf vêm trabalhando conjunções de uma maneira diferenciada, buscando o valor argumentativo delas, por isso selecionei uma questão que, apesar de não ser dessas bancas, reflete bem tal enfoque:

Questão 5 (UFRJ – Vestibular – 2006/2007)

A conjunção adversativa *mas*, utilizada no penúltimo verso do texto II (Perdi o dia, mas ganhei o mundo.), além de implicar contraste, desempenha papel argumentativo específico. Explique esse papel.

Gabarito Oficial: A conjunção *mas* desempenha o papel de realçar o conteúdo da segunda oração, que constitui o elemento central na argumentação.

Alternativas: exprimem ideia de exclusão, alternativa (opção/escolha), alternância (ação ou resultado de alternar), inclusão, retificação etc.

ou	***seja...seja***
ou...ou	***já... já***
ora...ora	***umas vezes... outras vezes***
quer...quer	***talvez... talvez***

– *Você quer suco* ***ou*** *deseja tomar refrigerante?* (alternativa/exclusão)

– ***Ou*** *faço a festa* ***ou*** *pago a viagem.* (sempre exclusão)

– ***Ora*** *assiste à TV,* ***ora*** *cuida dos filhos.* (sempre alternância)

– ***Quer*** *estude,* ***quer*** *trabalhe, é bem-sucedido.* (alternância)

– ***Seja*** *neste mês,* ***seja*** *no próximo, iremos saldar as dívidas.* (exclusão)

– ***Já*** *sobe nas árvores,* ***já*** *brinca com o cão, você nunca para?* (alternância)

– *O dinheiro* ***umas vezes*** *traz felicidade,* ***outras vezes*** *traz desgraça.* (alternância)

– ***Talvez*** *chore,* ***talvez*** *ria, não saberemos.* (exclusão/alternância)

Cuidado!!!

1) A conjunção ***ou*** pode ter matizes de sentido:

– *Ou sobe,* ***ou*** *desce.* (exclusão)

– *O Flamengo* ***ou*** *o Vasco continuam sendo bons times.* (inclusão/adição; = *e*)

– *O Brasil tem 25 estados,* ***ou*** *26.* (retificação; = *ou melhor*)

– *A parte da frente do navio,* ***ou*** *proa, está avariada.* (precisão/sinonímia)

– *Abram a porta* ***ou*** *todos serão repreendidos severamente!* (exclusão-condição/exclusão-consequência; = *senão* – muitos dicionários dizem que "senão" é conjunção alternativa neste caso)

Veja uma questão sobre isso:

Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009

Fragmento de texto

As relações sociais institucionalizadas pela participação do homem nas diversas comunidades da contemporaneidade não degradam ou deformam a consciência individual... (...)

– Por fazer parte de uma estrutura sintática negativa, a conjunção *ou*, em *não degradam ou deformam*, equivale semanticamente a "nem".

(X) CERTO

( ) ERRADO

2) Registram como conjunções alternativas ***umas vezes... outras vezes...*** e ***talvez... talvez...***, o gramático Sacconi e o dicionário Houaiss. É bom dizer que, excetuando *ou*, todas as demais conjunções alternativas são correlatas.

3) Os gramáticos Sousa e Silva e A. Gama Kury ensinam que **não** pode haver combinação de correlatas diferentes, isto é: ***Seja*** *homem* ***ou*** *mulher, todos gostam de música.* (errado) / ***Seja*** *homem* ***seja*** *mulher, todos gostam de música.* (certo). Ainda sobre "seja", a maioria dos gramáticos não toleram sua flexão, afinal, conjunção é uma palavra invariável: ***Sejam*** *dias frios,* ***sejam*** *dias quentes, sempre toma banho gelado.* (inadequado) / ***Seja*** *dias frios,* ***seja*** *dias quentes, sempre toma banho gelado.* (adequado). Bechara não se opõe a nenhuma das duas construções.

4) Além de indicar exclusão, a correlação "quer... quer" pode apresentar um matiz de concessão: ***Quer*** *queiram,* ***quer*** *não, eu sou um grande profissional! = Embora queiram ou não, sou um grande profissional!*

Conclusivas: exprimem ideia de conclusão ou consequência.

logo	***pois***
portanto	***por conseguinte***
por isso	***então***

assim ***em vista disso***

– *Preciso sair depressa,* ***logo*** *me ligue mais tarde.*
– *A adoção nunca deixará de ser um gesto nobre.* ***Portanto****, abracemos a causa!*
– *Ele não passou no concurso dessa vez,* ***por isso*** *terá de conciliar o estudo com o trabalho.*
– *Você não pode engordar,* ***assim*** *evite comer de uma em uma hora.*
– *Você cumpriu sua palavra; terá,* ***pois****, sua recompensa. (= portanto*; vem separada por vírgula(s), depois do verbo ou no fim da frase: *Ele te protege; sê-lhe grato,* ***pois****. (José Oiticica))*
– *Ele não fez boa redação,* ***por conseguinte*** *foi desclassificado.*
– *Foi pega roubando,* ***então*** *teve de ser despedida.*
– *O mal é irremediável,* ***em vista disso*** *tente se conformar.*

Cuidado!!!

1) Sobre o *pois* conclusivo, confira: Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico (ADM) – 2009 – QUESTÃO 20 e FAB – EEAR – SARGENTO – 1/2002 b) – QUESTÃO 29.

2) Algumas conjunções conclusivas podem vir separadas por vírgula quando deslocadas, falo sobre isso melhor em *Pontuação*: *Ela se casou com um homem rico; não passará necessidades,* ***portanto****.* (ou *Ela se casou com um homem rico; não passará,* ***portanto****, necessidades.).*

3) Não confunda os advérbios de tempo ***logo*** e ***então*** com conjunções conclusivas: *Ela volta* ***logo****; vamos preparar-lhe uma surpresa.* (advérbio de tempo) / *Ela volta hoje,* ***logo*** *vamos preparar-lhe uma surpresa.* (conjunção conclusiva) / *Como é bom relembrar o passado; namorava-se* ***então*** *no portão de casa.* (advérbio de tempo) / *O mestrando perdeu totalmente o fio do discurso,* ***então*** *a banca de professores o reprovou.* (conjunção conclusiva). Sobre isso, consulte: FGV – Senado Federal – Administração – 2012 – Questão 16. Também não confunda o advérbio de modo *assim* com conjunção conclusiva (veja o *assim* como conjunção conclusiva: FCC – TRT (23R) – Técnico Judiciário – 2007 – Questão 11). Falando nisso, *sendo assim* e *assim sendo* são construções registradas pelo dicionário Aulete, equivalendo a *logo, portanto* e *assim*. Logo, trata-se de locuções conjuntivas conclusivas.

4) Alguns gramáticos, como Gama Kury, Sacconi e Infante, dizem que *de modo que, de maneira que, de forma que* e *de sorte que* podem ser locuções conjuntivas coordenativas conclusivas. Algumas bancas corroboram isso. (Confira: FIP – Câmara/SJC – Programador – 2010 – Questão 17)

5) As expressões *desse modo, dessa maneira* e *dessa forma* são inegáveis conectivos de valor conclusivo dentro do discurso, como alista o sábio Othon Moacyr Garcia.

Explicativas: exprimem ideia de explicação, justificativa; normalmente vêm após verbos no imperativo.

porque
que
porquanto
pois (antes do verbo)

– *Os funcionários já chegaram,* ***porque*** *as luzes estão acesas.*
– *Estude,* ***que*** *valerá a pena.*
– *Ela devia estar com frio,* ***porquanto*** *tremia.*
– *Come a sopa toda,* ***pois*** *está muito boa.*

Cuidado!!!

1) O ***pois*** explicativo equivale a *porque*, logo, por mais que venha separado por vírgulas, nunca será conclusivo: *Gratidão a Deus todos devem,* ***pois****, além de tudo, Ele entregou Seu filho por nós*. Veja a diferença, agora como conclusivo: *Gratidão a Deus todos devem. Devemos,* ***pois****, levar em conta que Ele entregou Seu filho por nós.*

2) As conjunções explicativas também podem ser causais. Veremos a diferença entre causa e explicação na parte de *Orações Subordinadas Adverbiais*.

3) Pelo amor de Deus, jamais confunda *portanto* (conclusiva) com *porquanto* (explicativa).

Subordinativas

Fiquem atentos às conjunções sublinhadas, pois elas não são usuais! Por isso mesmo o "homem da banca" vai querer usá-las ardilosamente.

Integrantes: introduzem orações subordinadas substantivas; conectam uma oração incompleta a uma oração que, por sua vez, vai completá-la; um antigo e válido *bizu* nos diz que se conseguirmos substituir uma oração iniciada por uma das integrantes (***que*** ou ***se***) por *isto*/*isso*, tais conectivos serão conjunções subordinativas integrantes.

– *Não sei **se** devo estudar mais.* ("Não sei" o quê? Isto: "**se** devo estudar mais".)

– *Verifiquei **se** faltava água aqui.* ("Verifiquei" o quê? Isto: "**se** faltava água aqui".)

– *Eu o informei de **que** a prova será amanhã.* ("Eu o informei" de quê? Disto: "de **que** a prova será amanhã".)

– *Percebe-se **que** ela é uma boa aluna.* (O que "se percebe"? Isto: "**que** ela é uma boa aluna".)

Obs.: É isso mesmo. Só há duas conjunções integrantes, e elas são as únicas que, tradicionalmente, não carregam um sentido embutido, apesar de haver uma sutil mudança de sentido nestas orações introduzidas por *que* e por *se*: "Ela não sabe *se ele virá.*" (dúvida) e "Ela não sabe *que ele virá.*" (certeza).

A partir de agora, vejamos as conjunções subordinativas adverbiais. São chamadas assim porque introduzem orações subordinadas adverbiais.

Causais: exprimem a causa, a razão de um efeito.

porque
que
porquanto
pois
como (= *visto que*; só no início da oração)
pois que (uso mais literário)
dado que
visto que
visto como
já que
uma vez que
na medida em que
sendo que

– *Nós brigamos não apenas **porque** temos personalidades diferentes mas também **porque** não nos amamos mais.*

– *Se não nos amamos mais, é **porque** nunca abrimos concessões.*

– *Não é **porque** eu não te amo que eu vou me separar de você.*

– ***Porque** eu te amo intensamente, muitas pessoas sentem ciúmes de nós.*

– *Nunca mataria ninguém, **que** não é de sua índole.*

– *Não almoçou **porquanto** não tinha fome.*

– *A menina não comprou o vestido,* ***pois*** *era muito caro.*

– ***Como*** *estudamos/estudássemos dia e noite, alcançamos o êxito.* (o verbo após o *como* causal pode ficar no indicativo ou, menos usualmente, no pretérito imperfeito do subjuntivo)

– *Preciso amar-te,* ***pois que*** *sem ti nada sou.*

– ***Dado que*** *a metade da população vive na pobreza, precisamos ajudar.*

– *Não participarei da aula,* ***visto que*** *não gosto deste professor.*

– ***Visto como*** *não podia entrar na prefeitura, fez um protesto.*

– ***Já que*** *lhe ficou proibida a participação, teve de se resignar.*

– *Ele deixou de estudar* ***uma vez que*** *teve de começar a trabalhar.*

– ***Na medida em que*** *não conseguiu resolver a prova, ficou bem nervoso.*

– ***Sendo que*** *a classe política perde credibilidade a cada dia, aumenta a tendência do voto nulo nas eleições deste ano.*

Cuidado!!!

1) Não confunda *porque, que, porquanto* e *pois* causais com explicativas. Sempre que vier um verbo no imperativo antes – não respire! –, tais conjunções serão sempre explicativas: "Vem, ***que*** eu te espero!" (explicativa). Falarei mais sobre elas em *Orações Subordinadas Adverbiais Causais*.

2) *Por causa que* e *por causa de que* são coloquialismos. Evite!

3) Não confunda o *como* causal com o aditivo, comparativo e conformativo: ***Como*** *fizesse frio, pus um casaco.* (causa) / *Tanto nado* ***como*** *pedalo.* (adição) / ***Como*** *age o pai, age o filho.* (comparação) / ***Como*** *já dissemos, acalmem-se!* (conformidade)

4) *Desde que* (= *uma vez que*; causal) é ignorado por alguns estudiosos e abonado por outros: ***Desde que*** *conseguimos entrar na Faculdade, precisamos agora conquistar nosso diploma.* O fato é que tal construção não é nada usual atualmente.

5) Segundo Bechara, "a construção 'sendo que' aparece repetida e condenada em consultórios gramaticais, dicionários de dúvidas de linguagem e manuais de redação, quando a sequência é usada como equivalente à conjunção aditiva 'e' ou à adversativa 'mas' (...) Não conhecemos a fonte de onde se originou essa lição condenatória que não tem o respaldo de quem conhece profundamente a história que se reflete no uso de seus melhores escritores. No emprego de 'sendo que' não temos erro de língua, nem tampouco, uma sintaxe agramatical. Por questão pessoal de estilo ou por possível necessidade de clareza do contexto, pode-se substituir 'sendo que' pelas alternativas propostas. Estará mesmo certo dizer que um exemplo como 'Os autores concordam com essa teoria e os nacionais são ainda mais enfáticos.' é mais claro e traz mais ênfase ao estilo que 'Os

autores concordam com essa teoria, sendo que os nacionais são ainda mais enfáticos.'? Para nós, é infundada a correção gramatical e estilística pretendida, conforme se vê no testemunho de nossos melhores escritores (...)". Em outras palavras, pelo que pesquisei, o gramático, só ele, considera **culta** tal locução conjuntiva **como aditiva (ou adversativa)**, os demais a consideram **coloquial**, nessas acepções.

6) *Dado que* e *Posto que* são normalmente locuções conjuntivas concessivas (normalmente com verbo no subjuntivo): ***Dado que/Posto que*** *tenha deixado de estudar, nunca esqueci as explicações do mestre.* Não obstante no *Soneto de Fidelidade*, de Vinícius de Moraes, ele se valeu de sua licença poética para usar *posto que* como causal: *Que não seja eterno* ***posto que*** *(= porque) é chama mas que seja infinito enquanto dure.* A norma culta não acolhe a classificação de locução conjuntiva causal para *posto que*. Para Cegalla e para o gramático Houaiss, *Dado que* pode ter valor condicional.

7) Não confunda *na medida em que* (locução causal) com *à medida que* (locução proporcional). É bom dizer também que *na medida que* é uma locução inexistente na língua culta. Consulte: FGV – SENADO FEDERAL – Técnico LEGISLATIVO – 2008 – QUESTÃO 10.

Veja outra:

(FAB – EEAR – Sargento – 2002)

– Observe o período: *"Eu desejava mais uma blusa: quem viaja está sempre pensando em alegrias que, de volta, pode dar aos amigos."*.

Substituindo-se os dois pontos por uma conjunção ou locução conjuntiva, a relação entre as orações estará correta em:

a) Eu desejava mais uma blusa, assim quem viaja está sempre pensando...
b) Eu desejava mais uma blusa, na medida em que quem viaja está sempre pensando... (a relação entre as orações separadas por dois-pontos é de causa e consequência)
c) Eu desejava mais uma blusa, desde que quem viaja está sempre pensando...
d) Eu desejava mais uma blusa, à medida que quem viaja está sempre pensando...

8) Há muitas questões que trabalham relação de causa e consequência e reescritura de frases ao mesmo tempo. A banca que privilegia tal assunto é a FCC. Vou dar um exemplo: ***Como*** *Berenice não gostava de ir ao cinema* (causa)*, seu pai a levava à força. = Berenice não gostava de ir ao cinema* ***de modo que*** *seu pai a levava à força.* (conclusão/consequência) / *Os irmãos viviam brigando* ***porque*** *sentiam ciúmes terríveis um do outro.* (causa) = *Os irmãos sentiam ciúmes terríveis um do outro,* ***por isso*** *viviam brigando.* (conclusão/consequência). Note que há duas maneiras de dizer a mesma coisa porque há uma correspondência na construção com conjunção causal e com conjunção conclusiva/consecutiva. Note também que é possível dizer que há ideia de causa e **consequência** mesmo com o uso de uma locução conjuntiva conclusiva (por isso).

9) Não confunda *por quanto* (preposição + pronome; indica quantidade) com *porquanto* (conjunção causal ou explicativa).

10) Venho acompanhando o progresso da expressão *haja vista que* (= *pois, porque, visto*

que, já que etc.) como locução conjuntiva causal. E não é que caiu uma questão sobre isso? Cespe/UnB – CÂMARA DOS DEPUTADOS – Analista LEGISLATIVO – 2012 – QUESTÃO 85.

Comparativas: exprimem comparação, analogia, tanto qualitativamente como quantitativamente.

tal qual	***(tão)... como/quanto***
tal e qual	***tanto... como***
qual	***como***
tal como	***assim como***
	como se

(mais, menos, maior, menor, melhor, pior)... (do) que

* As conjunções comparativas em si são as que não estão entre parênteses; os termos entre parênteses só participam da correlação. Outra coisa: lembre-se de que *do* é facultativo antes do *que*.

– *Os homens,* ***tal qual*** *as mulheres, são sentimentais.* (comparativo de igualdade)
– *Gosto de cinema* ***tal e qual*** *teatro.* (comparativo de igualdade)
– *Corria* ***qual*** *um touro.* (comparativo de igualdade)
– *É excelente esportista,* ***tal como*** *o irmão.* (comparativo de igualdade)
– *Viva o dia de hoje* ***como se*** *fosse o último.* (comparativo de igualdade)
– *Casa é* ***mais*** *confortável do* ***que*** *apartamento.* (comparativo de superioridade)
– *Apartamento é* ***menos*** *confortável* ***que*** *casa.* (comparativo de inferioridade)
– *Este apartamento é* ***maior que*** *aquela casa.* (comparativo de superioridade)
– *Esta casa é* ***menor do que*** *aquele apartamento.* (comparativo de superioridade)
– *Tu sempre serás* ***melhor que*** *minha ex-esposa.* (comparativo de superioridade)
– *Ela sempre será* ***pior*** *pessoa* ***que*** *você.* (comparativo de superioridade)
– *A programação da TV aberta é* ***tão*** *interessante* ***como/quanto*** *a da TV a cabo.* (comparativo de igualdade)
– *Nenhum atleta treinou* ***tanto*** *ao longo da vida* ***como*** *o Ricardo.* (comparativo de igualdade)
– *Acho-o submisso* ***como*** *um cão.* (comparativo de igualdade)
– ***Assim como*** *chegou, partiu: em silêncio.* (comparativo de igualdade)

Cuidado!!!

1) *Que nem* e *feito* são vistos como conectivos coloquiais, mas Cegalla os alista entre as comparativas sem fazer ressalva alguma, portanto cuidado com a abordagem das bancas: *Ela recendia perfumes* ***que nem*** *um galho de manacá silvestre. / Por que ficou me*

*olhando assim **feito** boba?* (C. Drummond de Andrade)

2) A expressão *tal qual*, quando varia, é analisada como *tal* (pronome demonstrativo) e *qual* (pronome relativo), é por isso que tais vocábulos variam com seus referentes: *Os filhos agem **tais** qual o pai. / O filho age tal **quais** os pais. / Os filhos agem **tais quais** os pais.* O *tal*, de *tal como*, também varia: "As crianças, ***tais*** como os idosos, merecem cuidados.".

3) É normalíssimo que os verbos das orações iniciadas pelas conjunções estejam elípticos (implícitos): "O governo daqui é tão corrupto ***quanto*** *os de lá (... quanto* <u>*são*</u> *os governos de lá)*". Dentro de um contexto, pode haver elipse total de uma oração e, ainda assim, haver duas orações: *João Rosa e Pedro Orósio estão disputando o segundo turno. Os dois candidatos não param de discutir sempre que têm uma chance. No entanto, na última vez que se viram,* <u>*Pedro parecia mais calmo*</u>*.* (ou seja, <u>Pedro parecia mais calmo</u> <u>*do* ***que*** *parecia João*</u>). A oração sublinhada apresenta, portanto, duas orações, só que uma delas está em elipse total.

4) Não confunda a construção "tanto... quanto" comparativa com aditiva: *Ela **tanto** ri **quanto** chora.* (adição) */ Ela chora tanto **quanto** ri.* (comparação).

5) A ideia de superioridade pode representar uma preferência com a construção "antes... (do) que": *O apelo das cidades seria **antes** social **que** econômico.*

6) Lembre que "maior, menor, melhor, pior... que" é construção própria de comparativo de <u>superioridade</u>. Reveja o grau dos adjetivos!

Concessivas: exprimem contrariedade, ressalva, *oposição a uma ideia sem invalidá-la*.

Embora	***<u>se bem que</u>***
<u>malgrado</u>	***<u>posto que</u>***
<u>conquanto</u>	***nem que***
ainda que/quando	***apesar de que***
mesmo que	
<u>em que (pese)</u>[1]	

por (mais, menos, melhor, pior, maior, menor, muito) que (indica grau)

– ***Embora*** *viaje o mundo inteiro, nunca conhecerá sua terra profundamente.*

– ***Malgrado*** *haja problemas em casa, não os leve para o trabalho.*

– ***Conquanto*** *eu trabalhe, nunca paro de estudar.*

– ***Ainda que/quando*** *ela faça tudo por você, não se cansa em rejeitá-la, não é?*

– *Conseguiu chegar ao cume do morro,* ***mesmo que*** *se sentisse fraco.*

– *Nunca iremos esmorecer,* ***em que*** *pese a falta de incentivo deles.*

– *O comportamento da turma é satisfatório,* ***se bem que*** *alguns alunos continuem a perturbar as aulas.*
– *A taça foi para outros,* ***posto que*** *se achassem capazes para ganhar o campeonato.*
– *Iremos ao jogo,* ***nem que*** *caia um temporal*
– *Tornou-se um ótimo professor,* ***apesar de que*** *seu carisma não fosse grande.*
– ***Por mais que*** *o tempo mude, não mudarão seus planos para hoje.*
– *Não desista,* ***por pior que*** *esteja sua vida!*
– ***Por muito que*** *chamasse sua atenção, não era possível ser notado.*

Cuidado!!!

1) [1] Construção cristalizada na língua. A locução conjuntiva é *em que* (= *ainda que*) seguida do verbo *pesar* (= provocar determinado sentimento). Este verbo pode ser VTD – "*Em que pesem os esforços do governo, nada muda em nosso país."* (*os esforços do governo* é o sujeito do verbo pesar) – ou VTI (neste caso, exige a preposição *a*: "*Em que pese aos adeptos do progresso a qualquer preço, continuaremos defendendo a natureza."* (*aos adeptos do progresso a qualquer preço* é o objeto indireto do verbo pesar).

2) É quase unânime a opinião de que as locuções conjuntivas concessivas terminadas em *que* (*ainda que, mesmo que, posto que, apesar de que*...) sempre vêm seguidas de verbo no modo subjuntivo. Disse "quase", pois Maria H. de M. Neves, Laudelino Freire, Assis Cintra e Cegalla registram a possibilidade de tais conectivos virem seguidos de verbo no modo indicativo também: *Posto que* ***era/fosse*** *esperto e malicioso, acabou sendo enganado*. Maldosamente, criaram uma questão baseada nesse pequenino detalhe (confira: FCC – MPE/AP – Técnico MINISTERIAL – 2012 – QUESTÃO 12). Por que as bancas fazem isso conosco?!

3) Atenção! *Não obstante* é locução conjuntiva concessiva quando seguida de verbo no subjuntivo: ***Não obstante*** *possuísse muitas posses, era humilde.*

4) *Mesmo se* não é locução conjuntiva concessiva, tampouco construção culta, portanto evite! No lugar de "*Mesmo se* arrumasse um emprego fixo, não conseguiria manter-se.", use simplesmente "***Mesmo que*** arrumasse um emprego, não conseguiria manter-se.".

5) Semanticamente, as conjunções adversativas são muito próximas às concessivas. Há duas maneiras básicas de diferenciarmos uma da outra:

I – Memorize o grupo de ambas, pois as conjunções adversativas nunca são iguais às concessivas, exceto *não obstante* – mas o modo verbal que se seguirá a esta expressão irá diferenciá-las: indicativo (adversativa), subjuntivo (concessiva).

II – Perceba que a oração a seguir introduzida pela conjunção adversativa, tem peso argumentativo, dando realce à oração que introduz; já a oração a seguir introduzida

pela conjunção concessiva, não tem peso argumentativo.

Maria tem boa reputação, ***mas*** *não parece ter*. (adversativa; maior peso argumentativo em relação à oração anterior) / ***Embora*** *não pareça* (concessiva, menor peso argumentativo em relação à oração posterior), *Maria tem boa reputação.*

6) *Posto, suposto* (ou *suposto que*) são conectivos concessivos não usuais. Encontra-se em Machado e em Carlos Drummond: ***Suposto*** *o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: (...) (Machado) / Certamente, falta-lhes não sei que atributo essencial,* ***posto*** *se apresentem nobres e graves, por vezes. (Drummond)*

7) Não confunda *com quanto* (preposição + pronome; indica quantidade) com *conquanto*. Também não confunda *conquanto* (concessão) com *porquanto* (explicação ou causa). Não vacile na prova!

Condicionais: exprimem condição, hipótese.

se	***desde que*** (seguido de subjuntivo)
caso	***a menos que***
contanto que	***a não ser que***
exceto se	***sem que*** (= *se não*)
salvo se	***uma vez que*** (seguido de subjuntivo)

– ***Se*** *tu pararas de estudar, precisarás trabalhar.*
– ***Caso*** *eu fizesse suas vontades, certamente mudaria seu jeito comigo.*
– *O mundo mudará* ***contanto que*** *as pessoas mudem.*
– *Os produtos daqui não poderão ser exportados,* ***exceto se*** *houver prévio acordo.*
– ***Salvo se*** *meu livro não for publicado por uma grande editora, publicá-lo-ei independentemente.*
– ***Desde que*** *você estude, obterá êxito.*
– *Ele chegará até nós,* ***a menos que*** *você o impeça!*
– *Estude,* ***a não ser que*** *pretenda trabalhar.*
– ***Sem que*** *se aproxime do diretor, não conseguirá ascender na empresa.*
– ***Uma vez que*** *você aceite a proposta, assinaremos o documento.*

Cuidado!!!

1) A locução conjuntiva *sem que* pode indicar uma relação de **modo, concessão, condição** ou **consequência**, segundo Bechara, Cegalla e outros gramáticos.

– *Saiu* ***sem que*** *se despedisse.* (modo)

– ***Sem que*** *estudasse, passou.* (concessão)

– ***Sem que*** *estude, dificilmente passará.* (condição)

– *Não sai* ***sem que*** *leve um casaco.* (consequência)

No entanto, segundo Sacconi, "orações iniciadas por *sem que* se classificam melhor entre as concessivas ou entre as condicionais. (...)". Essa é a visão oficial, e não pretendemos dela nos afastar. No dito pelo não dito, levemos as duas verdades para a prova. Falando em prova... veja duas questões sobre *sem que* nas provas: CEPERJ – PREF. DE ANGRA DOS REIS/RJ – PROFESSOR – 2008 e Cespe/UnB – TJ/ES – Cargos de nível superior – 2011. Encontrei outra questão que aborda todos os casos, mas é *antiguinha* (não reclama!)...

16. (FAB – EEAR – Sargento – 2000) Assinalar a alternativa em que a conjunção estabelece a mesma relação que se verifica em "Bandeira livre e bandeira oficial foram comuns, posto que em graus diversos, a todo o Brasil.".
a) Fez tudo direito sem que eu lhe ensinasse. (Gabarito!)
b) Não sairás daqui sem que antes me confesses tudo.
c) Não podem ver um brinquedo sem que o queiram comprar.
d) Sairás sem que te vejam.

Comentário: A: *Fez tudo direito embora/posto que eu não lhe ensinasse.* (concessão) / *B: Não sairás daqui se não me confessares tudo antes.* (condição) / *Não podem ver um brinquedo de modo que não o queiram comprar.* (consequência) / *Sairás sem que te vejam.* (modo)

2) Sobre a conjunção condicional *se*, Bechara e Maria H. de M. Neves dizem que pode apresentar sentidos <u>subjacentes</u> à condição, quais sejam: **causa (com verbo no indicativo), concessão, tempo e factualidade**; por exemplo:

– ***Se*** *os homens são por natureza imperfeitos, as sociedades humanas não podem ser perfeitas.* (= *já que;* causa)

– ***Se*** *você tem disposição, porque não corre a maratona?* (= *já que;* causa)

– *"**Se** o via derrubado, rosto no pó, nem por isso o respeitava menos."* (Ondina Ferreira) (= *embora;* concessão)

– *A pele,* ***se*** *for bem clara, escurece muito debaixo deste sol.* (= *embora;* concessão)

– ***Se*** *Maria vem aqui em casa, todos se alegram.* (= *quando;* tempo)

– ***Se*** *fala, irrita a todos;* ***se*** *não fala, idem.* (= *quando;* tempo)

– ***Se*** *eu não gosto de "funk", é porque há muita agressão verbal à mulher.* (= *Se é um fato que eu não gosto de funk, eu não gosto porque há muita agressão verbal a mulher;* factualidade)

Já outros gramáticos, como Cegalla e Sacconi, são mais "radicais" ao dizerem que o *se* **<u>é</u>** uma conjunção causal ou concessiva. O Sacconi vai além dos valores do *se*, mas não nos cabe aqui dizer tudo o que é verdade para tal gramático. O fato é que o *se* já foi considerado **conjunção causal** em questão de prova (EsPCEx – OFICIAL DO EXÉRCITO – 2010 – QUESTÃO 24) e **concessiva** (Cespe/UnB – TST – Analista Judiciário – 2008 – QUESTÃO

2 / Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de nível superior – 2011 – QUESTÃO 24).

3) O valor de condição necessária e suficiente da construção *se e somente se* está nas locuções *desde que* e *contanto que*: *Um argumento é uma certeza absoluta* ***se e somente se*** *(desde que/contanto que) a hipótese de todas as infinitas premissas do argumento, mesmo aquelas ocultas, se tornasse uma verdade, depois da conclusão provada.*

4) Pode haver elipse do verbo auxiliar da locução verbal ou elipse da própria conjunção *se*: *Se (for) reeleito, transformará a saúde carioca. / (Se) Tivesse eu os votos do povo, mudaria sua vida.*

5) É bom dizer que a concretização de uma condição ou hipótese implica uma consequência certa, portanto cuidado com questões que trabalhem a noção de causa e consequência, mas não utilizem conjunções causais, conclusivas ou consecutivas, mas sim condicionais! É isso mesmo! Exemplo: *Se eu estudar, certamente passarei.* Perceba que a consequência (*passar*) depende da concretização do fato contido na condição/hipótese (*estudar*).

6) É redundância, portanto totalmente desaconselhada a construção *se caso*: "*Se caso* você for, avise-me." (inadequado) / "*Se* (ou *Caso*) você for, avise-me." (adequado). Já a construção *se acaso* (= *se* – conjunção condicional + *porventura* – advérbio de dúvida) é correta: "*Se acaso* me quiseres, sou dessas mulheres que só dizem sim." (Chico Buarque).

Conformativas: exprimem acordo, maneira, conformidade.

conforme

consoante (não usual)

segundo

como (= *conforme*)

– *Você enfim agiu* ***conforme*** *nós acordamos.*

– ***Consoante*** *falamos, dedique-se ao estudo.*

– ***Segundo*** *havíamos combinado, você inicia o curso amanhã.*

– ***Como*** *se pode ver, é impossível tirar o cinturão deste lutador.*

Cuidado!!!

1) Não confunda *como* conformativo com comparativo. Na comparação é preciso haver pelo menos dois seres sendo comparados, o que já não ocorre na conformidade. É por isso que, em "O lutador luta *como* o mestre.", o *como* é necessariamente comparativo.

2) A conjunção *conforme* também pode ser proporcional, segundo o dicionário Houaiss e Maria H. de M. Neves, equivalendo a "à medida que/ao passo que": ***Conforme*** *os*

convidados iam chegando, iam acomodando-se nas cadeiras.

Consecutivas: exprimem resultado, efeito, consequência.

tão... que
tanto... que
tamanho... que
tal... que
de tal modo/maneira... que
a tal ponto... que
tanto assim... que
de sorte que*
de modo que
de maneira que
de forma que

* As locuções *de sorte que, de modo que, de maneira que, de forma que* são sinônimas.

– *Meu filho é **tão** inteligente **que** passou em 1º lugar no ITA.*
– *Estudei **tanto** o famigerado Português **que** acabei tendo uma estafa.*
– ***Tamanha** foi a sua coragem **que** pulou no mar em ressaca.*
– ***Tal** foi sua postura antes da prova **que** conseguiu um bom resultado.*
– *Sua apresentação aconteceu **de tal modo que** todos não paravam de rir.*
– *Ambos ligaram-se **a tal ponto** ao longo da amizade **que** pareciam o mesmo ser.*
– *Eles não se prepararam para a competição, **tanto assim que** ficaram em último lugar.*
– *Não gostava de estudar, mas queria se estabilizar na vida, **de sorte que** começou a investir nos livros.*

Cuidado!!!

1) Saiba que, nas correlações, só o *que* é a conjunção consecutiva! As expressões que formam a correlação com a conjunção *que* podem vir implícitas: *Essa mulher bebe (tanto) **que** acaba xingando todo mundo.* Normalmente, nas correlações, *tão* é advérbio de intensidade, *tanto* é advérbio de intensidade ou pronome indefinido e *tamanho* e *tal* são pronomes indefinidos.

2) Na linguagem coloquial, a correlação de *cada* + *que* é comum: *Falou **cada** coisa de minha mãe **que** merecia uma surra.*

Finais: exprimem finalidade, objetivo, intuito, propósito, fim.

para que
a fim de que
porque (= *para que*; não usual)
de modo/maneira/forma/sorte que (= *para que; não usual*)

– *Estou estudando **para que** eu melhore a vida.*

– ***A fim de que*** *as pessoas se amem de verdade, é preciso incluir Deus na vida.*
– *Ore* ***porque*** *não caia em tentação.*
– *Viaja sempre à janela do ônibus* ***de maneira que*** *pegue uma brisa.*

Obs.: Não confunda *para que* (preposição exigida por algum nome + conjunção integrante) com *para que* (locução conjuntiva final): *A preservação da Floresta Amazônica é importante* ***para que*** *se mantenha o equilíbrio ecológico mundial.* (o nome *importante* exige a preposição *para*, que vem seguida da conjunção integrante *que*) / *Temos de preservar a Floresta Amazônica* ***para que*** *se mantenha o equilíbrio ecológico mundial.* (locução conjuntiva final)

Proporcionais: exprimem proporcionalidade, simultaneidade, concomitância.
à proporção que
à medida que
ao passo que
quanto mais/menos/menor/maior/melhor/pior...* ***(tanto) mais/menos/ menor/maior/melhor/pior***

* As locuções conjuntivas iniciadas por *quanto* (*quanto mais, quanto menos*...) estão em correlação com as expressões que as seguem (*tanto mais, tanto menos*...).

– *A temperatura sobe* ***à proporção que*** *o verão se aproxima.*
– *O meio ambiente sofre* ***à medida que*** *a população ignora os impactos do progresso.*
– ***Ao passo que*** *estudava o assunto, mais dúvidas lhe apareciam.*
– ***Quanto mais*** *conheço os homens, mais estimo meus cachorros.*
– ***Quanto mais*** *estudo Matemática,* ***menos*** *a entendo.* (inversamente proporcional)
– ***Quanto menos*** *esforço fizer,* ***tanto melhor*** *será.*
– ***Quanto maior*** *é o tamanho,* ***pior*** *é a queda.*
– ***Quanto melhor*** *for seu tempo,* ***mais*** *chance terá de se classificar.*

Cuidado!!!

1) *Enquanto*, além de temporal, segundo o gramático Celso Cunha e Maria H. de M. Neves e os dicionários Aulete e Houaiss, é também conjunção proporcional: ***Enquanto*** *uns se decepcionaram, outros aplaudiram*. Indica normalmente simultaneidade: *Desliguei a TV,* ***enquanto*** *ela me beijava*. Equivale a "ao passo que". Veja uma questão sobre isso: Consulplan – TSE – Técnico Judiciário – 2012 – QUESTÃO 11. Ainda sobre esta conjunção, o gramático Domingos P. Cegalla diz que ela equivale a "ao passo que"

(conjunção adversativa, segundo ele) quando indica contrariedade, oposição: "Uns trabalham enquanto (= ao passo que, mas) outros se divertem". Faz sentido, mas não conheço outro gramático que diga o mesmo. No entanto, para nossa surpresa, veja essa questão: Cespe/UnB – TELEBRÁS – Técnico Administrativo – 2013 – QUESTÃO 16.

2) Preciso dizer pela milésima vez que *na medida que* e *à medida em que* não existem na língua culta? Cuidado! Só existe *à medida que* (proporcional) e *na medida em que* (causal)! Não erre na prova!

Temporais: exprimem tempo.

Quando
enquanto
mal *(= logo que)*
apenas (= *logo que;* não usual)
depois que
antes que
sempre que
logo que
assim que
agora que
todas as vezes que
cada vez que
ao mesmo tempo que
primeiro que (= *antes que;* não usual)
até que
desde que (verbo no indicativo)

– ***Quando*** *respeitamos nossos pais, isso nos identifica como pessoas de honra.*
– *No início do século passado, as mulheres ficavam em casa,* ***enquanto*** *os homens ficavam na rua.*
– ***Mal*** *entrei em sala, começaram os aplausos!*
– *Ela me reconheceu* ***apenas*** *apertei sua mão.*
– ***Depois que*** *a sala de cinema ficou lotada, ninguém quis sair de lá.*
– ***Antes que*** *o mundo acabe, quero marcar meu nome na história.*
– *Ficas excitada* ***sempre que*** *Augusto te olhas?*
– ***Logo que*** *os índios viram os portugueses, assustaram-se.*
– ***Assim que*** *você acordar, peço que me ligue, urgentemente.*
– ***Agora que*** *vocês chegaram, podemos ir.*
– ***Todas as vezes que*** *dançam bolero, os velhinhos sentem-se realizados.*
– ***Cada vez que*** *a Lua completa uma volta no céu, o Sol muda de signo.*
– *Come* ***ao mesmo tempo que*** *lê.*
– ***Primeiro que*** *falecesse, deixou um legado.*
– ***Até que*** *se cumpram suas palavras, continuarei confiando em ti.*
– ***Desde que*** *essas explicações chegaram à minha vida, nunca mais fui o mesmo estudante.*

Cuidado!!!

1) A conjunção ***quando*** pode indicar matiz **condicional** e **concessivo**: ***Quando*** *o senhor quer algo de mim, é gentil.* (condição) / *Vive saindo,* ***quando*** *deveria estar estudando.* (concessão) Veja duas questões sobre isso:

(FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011)

Ficam hibernando à espera do momento eleitoral **quando** *deveriam estar em praça pública em busca de militantes e se expondo ao debate.*

A conjunção *quando*, no período acima, tem valor:

a) proporcional;
b) comparativo;
c) consecutivo;
d) temporal;
e) concessivo. (Gabarito!)

(FGV – SEAD/AP – Fiscal da Receita Estadual – 2010)

Deve-se isso ao fato de as instituições brasileiras terem sido concebidas de forma coercitiva e unilateral, não havendo diálogo entre governantes e governados, mas apenas a imposição de uma lei e de uma ordem consideradas artificiais, quando não inconvenientes aos interesses das elites políticas e econômicas de então.

A respeito do uso do vocábulo *quando* no fragmento acima, pode-se afirmar que se trata de uma conjunção:

a) Subordinativa com valor semântico de condição. (Gabarito!)
b) Coordenativa com valor semântico de tempo.
c) Coordenativa com valor semântico de finalidade.
d) Subordinativa com valor semântico de concessão.
e) Coordenativa com valor semântico de explicação.

2) Não me custa dizer que ***mal*** e ***apenas*** são advérbios, normalmente. Também não me custa dizer para você tomar cuidado com ***desde que*** condicional (seguido de verbo no subjuntivo, pois indica hipótese: "***Desde que*** se alimentasse bem, poderia desenvolver-se.") e ***desde que*** temporal (seguido de verbo no indicativo, que não indica hipótese mas fato: "***Desde que*** se alimentou, pôde desenvolver-se."). Para fechar: a maioria dos gramáticos, como Cegalla, repudiam o uso da preposição na expressão ***ao mesmo tempo em que***.

3) Sobre a locução conjuntiva temporal ***no que (= assim que)***, é coloquial, por não haver registro na língua culta: "**No que** ele saiu, começou a chover.".

4) As expressões ***todas as vezes em que, todas as vezes nas quais, ao mesmo tempo em que, ao mesmo tempo no qual*** são equivocadas, segundo a língua culta. Os gramáticos Cegalla e Bechara, por exemplo, abonam essa afirmação. As locuções conjuntivas temporais adequadas são sem preposição.

Observação Final: Além de outras classificações, o vocábulo *que* pode ser conjunção **aditiva, adversativa, alternativa, explicativa, integrante, causal, concessiva, consecutiva, comparativa, condicional, final, temporal**. No entanto, só falo de todas essas classificações no *Capítulo 31* (*Que, Se e Como*). Se quiser, dê um pulo até lá...

Valor Discursivo

A função das conjunções é tornar explícitos diversos nexos semânticos entre as partes do texto, dando coesão a ele. Em outras palavras: as conjunções sinalizam as relações entre os termos e as frases, não para que o texto fique bonitinho, mas para que o interlocutor perceba que as partes do texto são compostas de ideias conectadas e tornadas claras pelas conjunções.

Entenda, de uma vez por todas, que as relações entre os termos e as orações normalmente existem sem que haja uma conjunção explicitando tal relação, mas ao colocarmos o conector, a relação fica mais clara, explícita. Veja um exemplo:

Ano passado estudei demais: consegui a valiosa classificação.

Note que, no lugar dos dois-pontos, poderíamos colocar um conectivo que clarificasse a ideia de causa/efeito (ou fato/conclusão), certo? Veja se não ficaria assim:

Ano passado estudei demais, logo consegui a valiosa classificação.

É bom dizer que algumas conjunções que comumente têm apenas um valor semântico podem explicitar determinadas relações de sentido entre as ideias do texto. Veja uma questão sobre isso:

(ENEM – Vestibular – 2001)

O mundo é grande
O mundo é grande e cabe
Nesta janela sobre o mar.
O mar é grande e cabe
Na cama e no colchão de amar.
O amor é grande e cabe
No breve espaço de beijar.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1983.

Nesse poema, o poeta realizou uma opção estilística: a reiteração de determinadas construções e expressões linguísticas, como o uso da mesma conjunção para estabelecer a relação entre as frases. Essa conjunção estabelece, entre as ideias relacionadas, um sentido de:

a) oposição; (Gabarito!)
b) comparação;
c) conclusão;
d) alternância;
e) finalidade.

Comentário: A conjunção ***e*** tem sentido adversativo (= *mas*). No poema, contrapõe-se a ideia de grandeza do mundo à pequenez da janela, a grandeza do mar à pequenez da cama e do colchão, a grandeza do amor ao "breve espaço de beijar".

Sobre a <u>função textual</u> da conjunção, veja mais questões:

(UERJ – Vestibular – 2000)

"Só não se inventou uma máquina de fazer versos – já havia o poeta parnasiano." (linha 9)

Nesse trecho a opção pelo emprego do travessão evita a utilização explícita de um conectivo entre as duas orações. Mantidos o sentido original e a coerência textual, o autor poderia ter optado pelo uso da seguinte conjunção:

a) pois; (Gabarito!)

b) quando;
c) entretanto;
d) se bem que.

(ACCESS – Pref. Teresópolis/RJ – Professor II – 2005)
– Observe a relação semântica existente entre as orações:
I. Sofreu tanto. Ficou doente.
II. Estou gostando de outro. Já disse.
III. A paixão é própria do ser humano. Todos podem senti-la.
IV. Nunca mais se apaixonou. Se separou.
Para dar sentido a cada item, a sequência correta das conjunções é:
a) ou... ou – porque – quando – em que;
b) que – porque – enquanto – quando;
c) que – como – por isso – desde que (consequência-conformidade-conclusão-tempo; gabarito!);
d) conforme – mas – mas – se;
e) que – por isso – porque – embora.

(UEG – Núcleo – PC/GO – Delegado de Polícia – 2008)
No trecho, "ela [a fortuna] é sempre amiga dos jovens: estes são menos judiciosos, mais aguerridos e mais audazes ao comandá-la", os dois pontos podem ser substituídos sem prejuízo de sentido por:
a) 'já que'; (Gabarito!)
b) 'portanto';
c) 'contudo';
d) 'ainda que';

Ficou claro como as conjunções colaboram com a coesão? É isso... Vamos às questões agora!

O Que Cai Mais na Prova?

Todas as conjunções podem cair na sua prova, portanto não se esquive! Estude! Decore! Memorize! Depois que estiver "tudão entubado no sangue", nunca mais você irá errar!

E coloque uma coisa em sua cabeça: quem domina conjunção *mata* qualquer questão de coesão e coerência, de reescritura de frases, de correção gramatical, de orações coordenadas e subordinadas, de pontuação etc. É um coringa!

Você vai ver que, quando eu começar a falar de orações coordenadas e subordinadas, o domínio de conjunção será pri-mor-di-al. Fique esperto no padrão das questões!

Questões de Concursos

Divirta-se!

Já foram registradas na floresta amazônica brasileira 2.500 espécies de árvores. Em apenas um hectare são encontradas trezentas espécies de vegetais diferentes. _____, o consumo e a miséria são faces da mesma moeda. Alguns recursos naturais, renováveis ou não, são explorados de forma inescrupulosa e consumidos em ritmo superior à capacidade de renovação da natureza.

1. (Esaf – Auxiliar Judiciário – 2002) Para unir as duas partes do texto de forma coerente, assinale a expressão correta.
   a) na medida em que.
   b) assim que.
   c) por muito que.
   d) à medida que.
   e) no entanto.

2. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) Observe os períodos abaixo:
   I. Mal o leão se afastou, o rato não teve a menor dúvida.
   II. "Os animais devem ser adestrados, ao passo que os seres humanos devem ser educados."
   III. Não obstante haja concluído um curso superior, é incapaz de redigir uma carta.
   IV. Pode criticar, desde que fundamente sua crítica em argumentos.
   As orações sublinhadas exprimem, respectivamente, circunstância de:
   a) tempo, proporção, concessão e condição;
   b) causa, conformidade, condição e concessão;
   c) tempo, proporção, condição e concessão;
   d) condição, concessão, tempo e consequência.

3. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta quanto às conjunções coordenativas que preenchem adequadamente o texto abaixo, dando-lhe coerência.

Yes, nós temos cinema!

Todo mundo fala de um renascimento do cinema brasileiro _____ ele parece incontestável. _____ ainda falta vencer um obstáculo fundamental: o preconceito do espectador brasileiro que continua relutante em sair de casa para assistir a um filme nacional. _____ os filmes têm dificuldade de conseguir muitas salas _____ não conseguem o sucesso que mereciam.

(Rubens Ewald Filho)

   a) e – assim – contudo – por isso;
   b) logo – pois – portanto – todavia;
   c) e – mas – por isso – e;
   d) pois – contudo – entretanto – mas.

4. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) A um secretário de escola foi dada a ordem de redigir um ofício para o prefeito da cidade com o seguinte conteúdo:
   I. Finalidade: pedido de conserto da parte hidráulica do prédio.
   II. Concessão: impedimento da regularidade das aulas.
   III. Tempo: o mais rápido possível.
   IV. Acordo: o previsto em reunião anterior.

Utilizando as conjunções e locuções conjuntivas subordinativas, o corpo do texto corretamente produzido deverá ser:

   a) Conforme o combinado em assembleia de junho/2000, solicitamos de V.Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola, em caráter de urgência, para que seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio. Embora os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração.

   b) Mesmo que não seja possível, solicitamos de V. Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola a fim de que seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio. Contanto que os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração já que foi combinado em assembleia de junho/2000.

   c) Se for possível, solicitamos de V. Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola à medida que a parte hidráulica do prédio seja consertada. Para que os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração, apesar do que foi combinado em assembleia de junho/2000.

d) Visto que é possível, solicitamos de V. Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola, posto que seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio. Conforme os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração, porquanto tenha sido combinado em assembleia de junho/2000.

5. (Esaf – Técnico Administrativo – 2004) Em relação ao texto, assinale a opção correta.

(...) Aliás, a sua perda na atmosfera colabora para o efeito estufa, **pois** seu contato com o oxigênio do ar produz uma queima incompleta, (...)

d) Não haveria alteração na relação sintática com a substituição de "pois" por qualquer um desses conectivos: *já que, porque, visto que, uma vez que, porquanto*.

6. (FAB – EEAR – Sargento da Aeronáutica – 2/2005) Observe as orações coordenadas sindéticas destacadas:

1. Ela sempre acende um cigarro, **e não fuma**.
2. Dormirei com dois cobertores, **pois a temperatura diminuirá ainda mais esta noite**.

A seguir, assinale a alternativa correta quanto a sua classificação, respectivamente.

a) adversativa – conclusiva.
b) aditiva – conclusiva.
c) aditiva – explicativa.
d) adversativa – explicativa.

7. (ITA – Vestibular – 2006) Considere as duas frases finais do texto, abaixo reproduzidas:

(1) Mas talvez os shoppings, mesmo os mais sofisticados, como o Iguatemi, tenham se tornado democráticos demais para o gosto da classe alta paulista.

(2) A cada pequeno entusiasmo econômico, logo a alvoroçada classe média da cidade resolve se intrometer aos bandos nas searas exclusivas dos muito ricos.

Nota-se que a frase (2) apresenta uma relação de sentido com a frase (1). Essa relação ficaria explicitada se a frase (2) iniciasse por:

a) apesar de que;
b) tanto assim que;
c) além disso;
d) por isso;
e) já que.

8. (Esaf – TCU – Analista de Controle Externo – 2006) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A conjunção "e" (Eles tentaram se libertar do pesadelo derivado de um dado histórico inequívoco: a voragem exterminista e genocida do capital e do capital financeiro em primeiríssimo lugar. E fracassaram.) pode ser substituída, sem prejuízo para a correção gramatical do período e para o sentido do texto, por **mas.**

9. (FAB – EEAR – Sargento – 2007) *"Conjunções (...) São vocábulos que existem para preencher as lacunas de pensamento de quem lê."* Assinale a alternativa que traz a correta sequência de conjunções que podem preencher os parênteses nos textos abaixo.

1. *"O átomo é um monumento à sabedoria humana.* (*) *Um dia poderá ser a lápide de sua insensatez."* (Henry Adams)
2. *"O que Deus fez em seis dias/ Eu desfaço em um/* (*) *Eu sou o lobo homem/ Devoro-me a mim mesmo."* (Aridjis)
3. *"A literatura deve ser vida.* (*) *O escritor deve ser o que escreve."* (Guimarães Rosa)

a) e – porque – por isso.
b) porque – portanto – e.
c) mas – como – porquanto.
d) por conseguinte – visto que – pois.

Fragmento de texto

"(...) que dizer de técnicos de futebol que vivem de terço na mão e medalhas de santos sob a camisa e que, em face de cada lance decisivo, as puxam para fora, as beijam e murmuram orações? Isso para não falar nos que consultam pais-de-santo e pagam promessas a Iemanjá. É como se dissessem: treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas, mas, independentemente disso, existem forças imponderáveis que só obedecem aos santos e pais-de-santo; são as forças do acaso.

***Mas** não se pode descartar o fator psicológico que, como se sabe, atua sobre os jogadores de qualquer esporte; (...)"*

10. (ITA – Vestibular – 2008) No penúltimo parágrafo, a conjunção **mas** estabelece com os demais argumentos do texto uma

relação de:
a) restrição;
b) adversidade;
c) atenuação;
d) adição;
e) retificação.

11. (FAB – EAGS – Sargento – 2008) Leia:
*Vem contemplar comigo o mar de minha saudade, **que em murmurantes ondas canta o amor perdido**.*
Tomando a oração destacada e substituindo **em** por **as** e **canta** por **cantam**, a oração resultante deverá ser classificada sintaticamente como:
a) subordinada adjetiva explicativa;
b) subordinada adjetiva restritiva;
c) coordenada conclusiva;
d) coordenada explicativa.

12. (Esaf – MPOG – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
*(...) Até a pouco tempo atrás, havia sérias dúvidas sobre a capacidade de arregimentação dessas empresas pelo governo chinês. A imagem predominante era a de que elas realizavam incursões esporádicas e oportunistas em vários mercados, sem objetivos comuns. A compra de parte do capital acionário da Rio Tinto, **entretanto**, passa a mostrar um alinhamento entre os interesses do Estado e os das estatais enquanto empresas, para assegurar o suprimento de commodities que sustente a rápida expansão econômica. (...)*
– O termo "entretanto" pode, sem prejuízo para a informação original do período, ser substituído por qualquer um dos seguintes: *porém, contudo, todavia, conquanto, porquanto*.

13. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
*Chegou-se a dizer que esse é um meio elitizado, utilizado apenas pelas classes A e B. **Mas** uma pesquisa mostra que as classes C e D utilizam amplamente a internet. No ano passado, os brasileiros compraram mais computadores (10,5 milhões de unidades) **do que televisores**.*
– O termo "Mas" insere no texto uma relação de comparação.

14. (Cesgranrio – PROMINP – Administrador de PDMS – 2010) Considere o texto para verificar em que situações a substituição do **se** por **mesmo que** garante a equivalência de sentido entre os enunciados em destaque.
I. Ficaria fácil escorrer os grãos **se a bacia para lavar o arroz tivesse furinhos**. (**mesmo que a bacia para lavar o arroz tivesse furinhos**).
II. A explosão só acontece **se há acúmulo de gás dentro da cozinha**. (**mesmo que haja acúmulo de gás na cozinha**).
III. **Se o gás vazasse**, saía para o ambiente externo. (**mesmo que o gás vazasse**).
Há equivalência **APENAS** no apresentado em:
a) I;
b) II;
c) III;
d) I e II;
e) II e III.

15. (Esaf – CVM – Agente Executivo – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
*Onde as sociedades são mais justas, equilibradas, honestas e onde as necessidades sociais são mais satisfeitas, há menor risco para a atividade jornalística. Com esse cenário, os governos são mais honestos e o Estado é mais transparente; as empresas privadas menos corruptas e corruptoras e os cidadãos mais íntegros. Com isso, a atividade jornalística é mais segura e não necessita ir a fundo e substituir as tarefas delegadas ao Judiciário, à política e à polícia. Nem cobrar do Estado, por meio de estratégias investigativas que, para chegar à denúncia, envolvem o risco físico dos repórteres e jornalistas em geral. **Assim**, onde há mais corrupção em vários níveis do Estado e onde os negócios públicos são mais obscuros, envolvendo setores privados, todo bom jornalista corre mais risco, **porque** ele é o último recurso da voz pública, do cidadão, da esperança.*
I. O termo "Assim" confere ao período a noção de conclusão.
II. O termo "porque" confere ao período a noção de condição.

16. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou

incorreta?

– Provoca-se erro gramatical ou incoerência ao ligar os dois últimos períodos sintáticos (A evolução da renda *per capita* dependia das taxas de natalidade e mortalidade. A renda *per capita* da Inglaterra começou a crescer descolada da demografia...), pela conjunção **porquanto**, escrevendo o artigo em "A renda" com letra minúscula.

17. (Esaf – SMF/Pref. RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O termo "como" (Reduzir tudo a efeito natural da atual crise é simplismo. Flagelos assim são como os desastres de avião: sempre têm múltiplas causas.) indica que "desastres de avião" se dão por causa de "flagelos".

18. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2010) Em "Não minta para você, essa é a forma mais rápida de se perder.", relacionando a 2ª oração com a 1ª, o conectivo que **NÃO** poderia introduzir a 2ª oração, por provocar alteração do sentido inicial, é:

a) porquanto;
b) que;
c) pois;
d) logo;
e) porque.

19. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Para que a cobertura mínima oferecida pelos planos de saúde aos seus segurados inclua as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente, a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) acrescentou 73 novos procedimentos à lista de exames, consultas, cirurgias e outros serviços que as operadoras são obrigadas a oferecer.

– O termo "Para que" confere ao período em que ocorre a ideia de finalidade.

20. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

*(...) A advertência vale para o Brasil, **embora** as causas do nosso déficit sejam diferentes das da União Europeia. (...)*

– Mantém-se a correção gramatical do período e as informações originais ao se substituir "embora" por qualquer um dos seguintes termos: *conquanto, se bem que, apesar de que, contanto que, consoante.*

21. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) Assinale a opção que ao substituir a oração sublinhada, no texto abaixo, provoca erro gramatical e/ou incoerência textual.

Sem vitória ou derrota, na comparação entre o pré e o pós-crise, a turbulência financeira que abalou o mundo trouxe perdas ao Brasil, mas no decorrer de 2009 os prejuízos foram recuperados e, se o país não cresceu, conseguiu ao menos fazer com que importantes indicadores econômicos e sociais empatassem com os que eram registrados em 2008 – ano do pico de desenvolvimento brasileiro.

a) caso o país não cresceu.
b) apesar de o país não crescer.
c) mesmo o país não crescendo.
d) embora o país não crescesse.
e) ainda que o país não tenha crescido.

22. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "O diabo é **que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar**." (L. 10-11)

Na linha argumentativa do texto, a oração "que a gente banaliza o olhar" em relação à oração "de tanto ver" encerra uma:

a) causa;
b) consequência;
c) conformidade;
d) condição;
e) concessão.

23. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) A conjunção/locução conjuntiva entre parênteses que **NÃO** expressa a mesma relação de sentido da conjunção/locução conjuntiva destacada é:

a) "assim como não estamos aqui," (l. 5-6) – (bem como)
b) "...quando procuramos estar com alguém," (l. 8) – (sempre que)
c) "...porque gostamos," (l. 9-10) – (ao passo que)
d) "...para que elas venham até você." (l. 25) – (a fim de que)
e) "mas quem estava procurando por você!" (l. 27-28) – (porém)

24. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) *É certo* **que** *a mudança do enfoque sobre o tema, no*

âmbito das empresas – principalmente, as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos de postura administrativa decorrentes da adoção de critérios de responsabilização penal da pessoa jurídica em seus países de origem. Tais mudanças, inevitavelmente, terão **que** *abranger as práticas administrativas de suas congêneres espalhadas pelo mundo, a fim de evitar respingos de responsabilização em sua matriz.* (L.21-30)

No trecho acima, as ocorrências da palavra QUE classificam- se, respectivamente, como:

a) pronome relativo e preposição;
b) conjunção integrante e preposição;
c) conjunção integrante e conjunção integrante;
d) pronome relativo e conjunção integrante;
e) preposição e pronome relativo.

25. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) A articulação lógica entre as ideias expressada pelo emprego de conectivos em um texto é um fator de coerência. No trecho do Texto II "No trabalho, em que a comunicação pode custar dinheiro **ou** mesmo o sucesso profissional, um *e-mail* deve ser redigido com toda a atenção para não dar margem a mal-entendidos." (l. 14-17), o termo em destaque introduz, em relação à parte inicial, a ideia de:

a) alternância;
b) comparação;
c) conclusão;
d) contraste;
e) proporção.

26. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) Um dos aspectos responsáveis por garantir a coerência textual é a relação lógica que se estabelece entre as ideias. Essa relação pode ser explicitada por conectores ou estar implícita na sequência textual. No trecho a seguir, estabelece-se uma relação lógica implícita entre os dois períodos.

Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas de escrita nos faça escrever melhor. Escrever, como ler, só será efetivamente um hábito qualificado se feito com prazer.

Essa relação lógica entre os dois períodos pode ser expressa por:

a) embora;
b) por conseguinte;
c) à medida que;
d) a fim de que;
e) sempre que.

27. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) A relação lógica estabelecida entre as ideias do Texto IV, por meio da palavra ou da expressão destacada, está exemplificada corretamente em:

a) conclusão: "[...] algo que a humanidade vem fazendo há milhares de anos, desde que precisou sobreviver e viver melhor em ambientes diversos [...]" (l. 4-6)
b) temporalidade: "A Era do Virtual é um caminho para essa perspectiva múltipla, e a mobilidade é um meio para o alcance da liberdade de expressão [...]" (l. 16-19)
c) comparação: "Tal comportamento independe do que pensamos estar certo ou errado, pois este binômio não é mais aplicável com uma solução razoável." (l. 27-29)
d) causalidade: "[...] ampliando o espectro de conhecimentos dos alunos – uma vez que as instituições físicas, apenas mundo real, não serão mais capazes de fazer." (l. 33-36)
e) condição: "[...] os conteúdos não são mais simplesmente empacotados do professor para os alunos; mas são conteúdos que permitem a produção de parcelas enormes de contribuições pelo estudante." (l. 46-49)

28. (FCC – TRE/RN – Analista Judiciário – 2011) *Mal sugeria imagem de vida*
(Embora a figura chorasse).

É correto afirmar que a frase entre parênteses tem sentido:

a) adversativo;
b) concessivo;
c) conclusivo;
d) condicional;
e) temporal.

29. (FAB – EPCAR – 2011/2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– "Inimaginável responder de forma mal educada aos mais velhos, professores <u>ou</u> autoridades..." (O conectivo sublinhado estabelece uma relação de inclusão entre os termos.)

30. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Considere o texto abaixo.

A teoria econômica evoluiu muito desde 1776, quando Adam Smith, em célebre obra investigou as causas das riquezas das nações. A teoria mostrou como funcionam os mercados, o papel da produtividade, as formas de aumentá-la e a função das instituições. Contribuiu, assim, para a formulação das políticas que trouxeram mais desenvolvimento e bem-estar. No Brasil, os economistas também contribuem para o desenvolvimento. Acontece que, ***se*** *defenderem reformas em favor das maiorias, que causam perdas a minorias, os economistas serão rotulados de socialmente insensíveis.* ***Quando*** *um médico prescreve um tratamento, o objetivo é o bem-estar do paciente. Ninguém dirá que ele planeja o sofrimento. Mas, se os economistas sugerem medidas de austeridade para resolver desequilíbrios e restabelecer o crescimento sustentável, diz-se que eles propugnam ações para promover a recessão, o desemprego e a destruição de conquistas sociais. O receituário do médico incorpora esperança e simpatia, pois se sabe que o objetivo dele é a cura da doença.* ***Sua ação*** *é mais percebida por todos. A expectativa maior é de êxito. O diagnóstico é mais preciso, especialmente com os avanços da tecnologia.* ***O economista*** *não tem essas vantagens.* ***No tratamento*** *de crises, lida com incertezas, complexidades e situações inéditas. Os economistas tendem a errar mais que os médicos, mas seu foco jamais será a recessão pela recessão ou a austeridade sem propósito.*

Preserva-se a coerência entre os argumentos do texto, bem como sua correção gramatical, ao:

a) empregar um conectivo de valor condicional, como Se, em lugar de "Quando";
b) substituir a conjunção condicional "se" pelo conectivo caso;
c) explicitar o valor explicativo da oração, inserindo a conjunção pois para ligar a oração iniciada por "Sua ação" com a anterior, mudando para minúscula a letra inicial de "Sua";
d) ligar as orações iniciadas por "O economista..." e "No tratamento", em um mesmo período sintático, retirando o ponto final e mudando para minúscula a letra inicial maiúscula de "No";
e) inserir a conjunção Embora no início do último período sintático do texto, mudando para minúscula a letra inicial de "Os".

31. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção em que o preenchimento da lacuna com o conectivo abaixo resulta em erro gramatical ou incoerência textual no seguinte fragmento.

A dívida pública brasileira é uma velha herança. ____a)_____ aumentou consideravelmente nos anos 80, ____b)_____ os juros internacionais subiram muito. Mais de 40 países foram arrastados pela crise da dívida, a partir de 1982. ____c)____ seus governos foram capazes de reorganizar as contas públicas e de reduzir o peso da dívida. ____d)____ o Brasil continuou prisioneiro do endividamento inflado naquele período e, além disso, permitiu o aumento de seu peso nos anos seguintes. ____e)____, a carga tributária brasileira é maior que a de todos ou quase todos os países emergentes e até mais pesada que a de algumas economias avançadas, como os EUA e o Japão.

a) Portanto;
b) quando;
c) Porém;
d) Mas;
e) No entanto.

32. (FCC – Pref./SP – Auditor-Fiscal do Município – 2012) *O desenvolvimento corresponde a uma matriz endógena, gerada em nossas próprias sociedades, e [que] portanto não é possível importar.*

Propõe-se outra redação para a frase acima, a ser iniciada com "Não é possível importar o desenvolvimento...". Para que o sentido e a correção originais sejam mantidos, a conexão desse início com o segmento destacado deve ser feita mediante o uso de:

a) contudo;
b) dado que;
c) se bem que;
d) no caso de;
e) onde.

33. (FCC – TRF (2ª R) – Técnico Judiciário – 2012) *Os resultados preocupam. É indiscutível que a prática de esportes, associada a uma alimentação regrada, está diretamente ligada a uma vida mais saudável.*

Transformando as duas afirmativas acima em um só período, com as alterações necessárias, a conjunção que deverá uni-las está grifada em:

a) Os resultados preocupam, pois é indiscutível ...
b) Os resultados preocupam, contanto que seja indiscutível ...
c) Os resultados preocupam, caso seja indiscutível ...

d) Os resultados preocupam, porém é indiscutível ...
e) Os resultados preocupam, para que seja indiscutível ...

34. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) Com o tempo se desenvolveram dentro da modalidade dois tipos de mamulengos. O rural é o mais tradicional, que conserva figuras alegóricas bíblicas, como a alma e o diabo, e cujo universo social reproduz os hábitos cotidianos, os valores culturais, os conflitos entre os humildes e as autoridades nas fazendas e povoados. *Já o mamulengo urbano adota novas personagens e circunstâncias relacionadas à dinâmica das cidades e do tempo e mantém um enredo, embora não abra mão do improviso*. (último parágrafo)

As palavras grifadas acima denotam, considerando-se o contexto em que se apresentam, respectivamente, noção de:
a) consequência da afirmativa anterior e conformidade com o fato expresso no mesmo segmento;
b) comparação com a declaração anterior e conclusão coerente para o que está sendo afirmado;
c) causa que justifica a declaração anterior e sua consequência imediata;
d) temporalidade e oposição ao que vem sendo expresso no parágrafo;
e) oposição ao que foi expresso na afirmativa anterior e ressalva que não invalida a declaração feita.

35. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) *Victor fracassou porque cedeu a uma predisposição da natureza humana...*

O elemento grifado na frase acima tem o mesmo sentido de:
a) ainda que;
b) conquanto;
c) enquanto;
d) embora;
e) uma vez que.

36. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) Atente para estas frases, do 5º parágrafo do texto:
I. Não podemos contar com a sorte.
II. Daqui para frente, preservar é suor.

Para articulá-las de modo a preservar o sentido do contexto, será adequado uni-las por intermédio deste elemento:
a) no entanto;
b) ainda assim;
c) haja vista que;
d) muito embora;
e) por conseguinte.

37. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) *Com o avançar da idade, eles precisam de mais cálcio e vitaminas...*

Iniciando o período por **Eles precisam de mais cálcio e vitaminas**, o segmento grifado poderá passar corretamente a:
a) à medida que a idade vai avançando:
b) conquanto a idade avance;
c) se a idade for avançando;
d) ainda que a idade vá avançando;
e) em comparação à idade que avança.

38. (FCC – TCE/AP – Técnico de Controle Externo – 2012) *Preços mais altos proporcionam aos agricultores incentivos para produzir mais, o que torna mais fácil a tarefa de alimentar o mundo. Mas eles também impõem custos aos consumidores, aumentando a pobreza e o descontentamento.* (início do 2º parágrafo)

A 2ª afirmativa introduz, em relação à 1ª , noção de:
a) condição;
b) temporalidade;
c) consequência;
d) finalidade;
e) restrição.

39. (Cesgranrio – CMB – Assistente Técnico – 2012) Em um texto, as frases relacionam-se umas com as outras, estabelecendo entre si relações que contribuem para a construção do sentido do texto. Essas relações podem não ser explicitadas por meio do uso de um conectivo, como é o caso das duas frases do fragmento abaixo.

"Fui logo dizendo que não tinha, certa de que ele estava pedindo dinheiro. Não estava." (L. 2-4)

A relação construída entre essas duas frases pode ser expressa, sem alteração de sentido, pelo seguinte conectivo:

a) onde;
b) como;
c) contudo;
d) portanto;
e) conforme.

40. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) No quarto período do primeiro parágrafo, a conjunção "Enquanto" introduz oração de valor consecutivo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – PEFOCE/CE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) No segundo parágrafo, destaca-se o início de períodos com ideias de natureza adversativa, por meio das expressões "No entanto", "Porém" e "Entretanto".
( ) CERTO
( ) ERRADO

42. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Fragmento de texto
Escrevi para ele dizendo que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust quando fiz o livro, porque o diabo do homem só faltou me chamar de representante comercial deles.
No terceiro período do texto, a oração iniciada pelo conector "quando" e a iniciada pelo conector "porque" indicam, respectivamente, as circunstâncias de tempo e causa relacionadas ao fato expresso na oração "que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust".
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
O cientista político Phillippe Schmitter argumentou que, embora a situação europeia seja singular, seu progresso para além do Estado nacional tem uma pertinência mais genérica, pois "o contexto contemporâneo favorece...

43. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) O conector "embora" introduz um conteúdo que, mesmo sendo contrário à proposição contida no trecho "seu progresso para além do Estado nacional tem uma pertinência mais genérica", não a invalida.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
" (...) O cientista político Phillippe Schmitter argumentou que, embora a situação europeia seja singular, seu progresso para além do Estado nacional tem uma pertinência mais genérica, **pois** "o contexto contemporâneo favorece sistematicamente a transformação dos Estados em *confederatii, condominii* ou *federatii*, numa variedade de contextos".

44. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) O conector "pois" introduz ideia de consequência no trecho em que ocorre.
( ) CERTO
( ) ERRADO

45. (Cesgranrio – Petrobras – Analista de Sistemas Júnior – 2012) As seguintes orações "Não ri nem sequer sorri." (l. 43-44) e "Não faz uma pirueta." (l. 44) podem ser reescritas em um único período, sem alteração de sentido em:
a) Não ri nem sequer sorri, mas não faz uma pirueta.
b) Embora não ria nem sequer sorria, não faz uma pirueta.
c) Não ri nem sequer sorri, e não faz uma pirueta.
d) Caso não ria nem sequer sorria, não faz uma pirueta.
e) Não ri nem sequer sorri, porém não faz uma pirueta.

46. (Cespe/UnB – TJ/RR – Cargos de Nível Médio – 2012) Mantêm-se a correção gramatical e as informações originais do período ao se substituir o conectivo "pois" por **já que, uma vez que, porquanto, visto que** ou **porque**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
Título: EXCLUSÃO SOCIAL E VIOLÊNCIA
O acentuado crescimento da violência no Brasil, todos sabemos, tem como causa uma série de determinantes institucionais e

fatores sociais... (...) A injustiça social, portanto, tem contribuído para o atual quadro de violência e de desumanidade, ao tempo em que tem transformado a liberdade de ir e vir numa utopia para os excluídos da sociedade.

47. (CEPERJ – Degase – Psicólogo – 2012) No título, emprega-se a conjunção aditiva "e" para ligar "exclusão" à "violência". A leitura global do texto, entretanto, revela que não se trata de uma adição. A relação que o autor estabelece entre exclusão e violência, na verdade, é de:
a) causalidade;
b) proporcionalidade;
c) temporalidade;
d) adversidade;
e) finalidade.

48. (Vunesp – CREFITO/SP – Secretário da Presidência – 2012) Leia as frases.
I. As novas regras integram um pacote de medidas que o governo estuda ***para melhorar*** o acesso a serviços de diagnóstico.
II. O governo também quer incentivar cursos de capacitação de técnicos – que, ***segundo*** o ministro, são parte importante na qualidade do resultado do exame.
As expressões em destaque estabelecem, correta e respectivamente, relação de:
a) finalidade e conformidade;
b) causa e condição;
c) finalidade e consequência;
d) adversidade e adição;
e) temporalidade e conformidade.

49. (FDC – Câmara Mun. Duque de Caxias/RJ – Técnico Legislativo – 2012) Altera-se o sentido fundamental de: "Mas, por importante que seja, essa informação pontual não é tudo" (§ 2) reescrevendo-se a oração entre vírgulas como:
a) importante que seja;
b) conquanto muito importante;
c) sendo embora muito importante;
d) por mais que importante;
e) por ser muito importante.

Fragmento de texto
"(...) A quantidade de livros ruins é uma grandeza, e são famosos os casos de clássicos ou de best-sellers que foram recusados por editora após editora até, finalmente, chamarem a atenção de alguém mais antenado. Ainda assim, um mundo sem editoras seria um caos para nós, leitores, que passaríamos mais tempo peneirando erros do que encontrando acertos. (...)"

50. (FDC – Câmara Mun. Duque de Caxias/RJ – Técnico Legislativo – 2012) Na linha de argumentação desenvolvida no texto, a locução destacada em: "AINDA ASSIM, um mundo sem editoras seria um caos para nós, leitores" pode ser substituída, sem que o sentido do enunciado se altere, por:
a) Sem dúvida;
b) Outrossim;
c) Por isso mesmo;
d) Não obstante;
e) Haja vista.

"(...) Faz parte da nossa cultura gostar do local onde nascemos e vivemos, as pessoas são apegadas as suas cidades e querem que haja eventos nela. Só que esse sentimento saudável se transforma numa armadilha contra a própria população. (...)"

51. (FIOCRUZ – EPSJV – Técnico (Ensino Médio) – 2011/2012) No trecho "<u>Só que</u> esse sentimento saudável se transforma numa armadilha contra a própria população", a expressão sublinhada liga ideias. Para que mantenha o sentido apresentado no texto, ela pode ser substituída por:
a) mas;
b) embora;
c) apesar de;
d) e também;
e) pois.

Gabarito

1. E.	12. INCORRETO.	22. B.	32. B.	42. ERRADO.
2. A.	13. INCORRETO.	23. C.	33. A.	43. CERTO.
3. C.	14. C.	24. B.	34. E.	44. ERRADO.
4. A.	15. I- CORRETO. II- INCORRETO.	25. A.	35. E.	45. C.
5. D.	16. CORRETO.	26. B.	36. E.	46. CERTO.
6. D.	17. INCORRETO.	27. D.	37. A.	47. A.
7. E.	18. D.	28. B.	38. E.	48. A.
8. CORRETO.	19. CORRETO.	29. CORRETO.	39. C.	49. E.
9. A.	20. INCORRETO.	30. A.	40. ERRADO.	50. D.
10. D.	21. A.	31. A.	41. CERTO.	51. A.
11. D.				

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 16

Interjeição

Definição

Do ponto de vista semântico, a interjeição pode apresentar muitos valores. Basicamente a interjeição exprime determinados estados emocionais altissonantes, sensações ou estados de espírito do falante. Como as conjunções, as interjeições podem ser classificadas de acordo com a expressividade ou o sentimento que traduzem.

Do ponto de vista morfológico, a interjeição é uma palavra que não muda de forma, portanto é invariável.

Do ponto de vista sintático, a interjeição não exerce função sintática alguma.

Pois bem... para entendermos todas as definições de interjeição, vamos analisar este poema:

INTERJEIÇÃO

Ah! Lá vem ela bela
Oh! Ri meu coração de satisfação
Olá! Dizem meus lábios a ela
Olé! Diz a presença a solidão.

Avante! Avante! Coragem! Coragem!
Cala meu medo, fala meu coração
Viva! Que maravilha de paisagem
Psiu! É ela chamando minha atenção.
Chi! Tomou-me paixão
Pudera! Estava diante de meu desejo
Silêncio! Era demais a emoção
Bis! Acabara de receber um beijo.

Te amo, disse sua boca
Não resisti à vontade louca
Gritei alto: **oooooooooooooba!**
(*Karl Marx Valentim Santos*)

Note que os vocábulos em azul são interjeições, pois

1) apresentam, respectivamente, **valores semânticos** de admiração/alegria, admiração/desejo, saudação/chamamento, satisfação, encorajamento (todas as palavras do 5º verso), alegria, chamamento, espanto/surpresa, expectativa, ordem, pedido, alegria/excitação;
2) **não variam** de forma (*oba* variou de forma por razões estilísticas, uma vez que se trata de um poema);
3) **não exercem função sintática** alguma, exceto "oooooooooooooba!", que, por servir de complemento do verbo *gritar*, se torna um substantivo.

Identificação

A **interjeição** é facilmente identificada porque é uma palavra seguida de ponto de exclamação (!). E, ainda que isso não ocorra, a entonação sempre indicará um sentimento expresso por ela.

– ***Meu Deus!*** *é um anjo aquela menina!**

– ***Ah****, mulheres fúteis, quando ireis mudar vossa postura****?***

– ***Ih****... elas não vão sequer te cumprimentar.*

* **Obs**.: Depois de interjeição seguida de exclamação numa frase igualmente exclamativa, usa-se letra minúscula após o ponto.

Qualquer palavra proferida em tom exclamativo, como substantivo, adjetivo, pronome, verbo e advérbio, pode-se tornar uma interjeição:

– *Cuidado!, Atenção!, Silêncio!, Rua!, Céus!, Misericórdia! etc.*

– *Boa!, Bravo!, Coitado!, Ótimo!, Grato! etc.*

– *Nossa!, Isso!, Qual! etc.*

– *Tomara!, Morra!, Pudera!, Viva!, Passa! etc.*

– *Devagar!, Fora!, Francamente!, Alerta! etc.*

Locução Interjetiva

Assim como todas as locuções, a **locução interjetiva** é uma expressão que vale por uma interjeição. Veja algumas:

Meu Deus!, Meu Deus do céu!, Santo Deus!, Jesus Cristo!, Nossa Senhora!, Valha-me Deus!, Pelo amor de Deus!, Virgem Maria!, Nossa mãe!, Graças a Deus!, Eita-ferro!, Ora bolas!, Bom dia!, Vapt-vupt!, Vuco-vuco!, Macacos me mordam!, Pelas barbas do profeta!, Raios te partam!, Cruz-credo!, Puxa-vida!, Muito bem!, Alto lá!, Ai de mim!, Ó de casa!, Ô de casa!, Muito obrigado!, Que bom!, Pobre de mim!, Que droga!, Que horror!, Credo em cruz!, Com todos os diabos!, Que diabos!, Quem dera! etc.

Classificação

A classificação de uma interjeição se dá por seu valor semântico no contexto. Na fala, a entonação "diz tudo".

- **Aplauso, louvação:** *bis!, bem!, bravo!, viva!, fiufiu!, hup!, hurra!, isso!, muito bem!, parabéns!*
- **Afugentamento**: *arreda!, fora!, passa!, sai!, roda!, rua!, toca!, xô!, xô pra lá!*
- **Advertência**: *alerta!, cuidado!, alto lá!, calma!, olha!, fogo!*
- **Alegria**: *oba!, eba!, viva!, oh!, ah!, uhu!, eh!, gol!, que bom!, iupi!, irra!*
- **Apelo**, **invocação**: *alô!, olá!, ó!*
- **Alívio**: *ufa!, uh!, ah!, ainda bem!, arre!*
- **Animação, estímulo**: *coragem!, avante!, firme!, vamos!, eia!*
- **Aprovação**: *bravo!, bis!, viva!, muito bem!*
- **Admiração**: *ah!, chi!, xi!, ih!, oh!, uh!, uf!, ué!, puxa!, uau!, caramba!, caraca!, putz!, gente!, céus!, uai!, horra!, nossa!*
- **Agradecimento**: *graças a Deus!, obrigado!, obrigada!, agradecido!*
- **Aprovação, concordância**: *ok!*
- **Chamamento, invocação**: *alô!, hei!, olá!, psiu!, pst!, socorro!, oi!, ei!, eh!, ô!*
- **Desculpa**: *perdão!*
- **Desejo**: *oh!, tomara!, pudera!, queira Deus!, quem me dera!, oxalá!*
- **Despedida**: *adeus!, até logo!, bai-bai!, tchau!*
- **Dor** ou **prazer**: *ai!, ui!, au!*
- **Dúvida**: *hum?, hein?, hem?, hã?*
- **Desapontamento, desprezo**: *puxa!, aff!*
- **Espanto**: *uai!, hi!, ali!, ué!, ih!, oh!, poxa!, quê!, caramba!, nossa!, opa!, Virgem!, xi!, vixi!, terremoto!, barbaridade!, meu Deus!, menino Jesus!, Jesus!*
- **Estímulo**: *ânimo!, adiante!, avante!, eia!, coragem!, firme!, força!, upa!*
- **Impaciência**: *hum!, hem!, raios!, diabo!, puxa!, pô!*
- **Medo**: *credo!, cruzes! uh!, ui!, socorro!*
- **Ordem**: *silêncio!, alto!, basta!, chega!, quietos!, rua!*
- **Saudação**: *ave!, olá!, ora viva!, salve!, viva!, adeus!, alô!, oi!*
- **Saudade**: *ah!, oh!*
- **Silêncio, ordem**: *psiu!, silêncio!, calada!, psiu! (bem demorado), psit!*
- **Surpresa**: *puxa!, nossa!, ué!, putz!, ai!, ui!, meu Jesus!, meu Deus!, caramba!, pô!, cacete!, uau!*
- **Suspensão**: *alto!, alto lá!*
- **Terror**: *credo!, cruzes!, Jesus!, que medo!, uh!, ui!, fogo!, barbaridade!*

Cuidado!!!

1) A interjeição é considerada **palavra-frase**, caracterizando-se como uma estrutura à parte. Não desempenha função sintática. Ex.: *Perdão! = Desculpe-me!*

2) Ah, é importante dizer também que muitas onomatopeias são interjeições: *Bum!, Pou!, Pluft!, Tibum!, Atchim!, Buá!, Pum!...*

3) Os palavrões (palavras de baixo calão) são interjeições! Preciso mencionar alguns?

4) Usa-se a interjeição *ó* como apelo, chamamento, em vocativos: "Ó Deus, olhe por mim!". Usa-se *oh* para exprimir admiração, alegria, tristeza etc.: "Oh, Deus, que bom!".

5) As interjeições *tomara* e *oxalá* levam o verbo ao subjuntivo: "*Oxalá/Tomara* ele me deixe em paz!".

Valor Discursivo

As interjeições são usadas com muita frequência na língua falada informal. Mas, quando empregadas na língua escrita, costumam "contaminar" o texto com marcas de coloquialidade.

Além do mais, elas podem muitas vezes indicar traços pessoais do locutor ou do interlocutor intratextual, indicando a escassez de vocabulário, o temperamento, a origem geográfica, o nível social etc.

Normalmente nos diálogos de textos narrativos, as interjeições têm o objetivo de caracterizar personagens e, muitas vezes, tornar o discurso mais dinâmico. Isso ocorre muito hoje em dia no "internetês" por causa de sua natureza sintética e por causa de seu conteúdo mais emocional do que racional.

Dois gêneros textuais que abusam flagrantemente das interjeições são os textos publicitários e os quadrinhos, pois se associam imagens às exclamações expressas por essa classe gramatical.

Como a fala é muito criativa, já vemos as interjeições sofrendo variação em grau: *oizinho!, bravíssimo! até loguinho!*.

O Que Cai Mais na Prova?

Você só precisa saber o conceito de interjeição, identificá-la e perceber seu valor semântico. Nada mais que o básico. Questões sobre interjeição são quase impossíveis de encontrar. No entanto, juro que me esforcei e encontrei algumas perdidas no *limbo*.

Questões de Concursos

1. (Mackenzie – Vestibular – 2006) Considere a seguinte afirmação acerca dos sentidos em que são empregadas algumas palavras e expressões no texto.
   I. *Oi* (... o meu coração a pulsar. Oi, a pulsar.) é interjeição que apresenta significado equivalente ao de "Olá".

2. (Vunesp – Pref. Louveira/SP – Inspetor de Alunos – 2007) Na sequência dos quadrinhos, o personagem Cebolinha, por intermédio de expressões faciais, comunica ao leitor reações de:
   a) sossego e felicidade;
   b) alegria e espanto;
   c) raiva e tranquilidade;
   d) indiferença e irritação;
   e) susto e alívio.

3. (UFMT – Pref. Cuiabá/MT – Procurador Municipal – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
Não entendo nada de mulher, claro. (...) As que têm cintura – a-há! – têm mais saúde. (...)
- O uso de interjeições como *a-há!* e *claro* caracteriza o registro formal adotado para o texto.

Fragmento de texto
(...) Passado o teste, fui encaminhada para a cadeira astronáutica do banco de sangue. Passaram o garrote no meu braço, e o olho da enfermeira faiscou ao ver a veia saltar. – Hummmm... Calibrosa! – disse ela, já chamando a colega do lado para dar uma olhada. As duas trocaram sorrisos interessados. (...) prometi voltar para doar plaquetas. Voltei. Doar plaquetas é outro capítulo. (...) Foi lá que recebi outro cumprimento esdrúxulo: – Hummmmm... Plaquetuda!

4. (Funcab – Sesau/RO – Técnico em Informática – 2009) A interjeição usada pela enfermeira denota:
   a) preocupação;
   b) cautela;
   c) admiração;
   d) temor;
   e) inexperiência.

Copyright © 2001 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

5. (ULBRA – Vestibular – 2011) No primeiro quadrinho, a palavra “Puxa” contribui para o efeito de sentido de toda a tirinha. Assinale a alternativa que explica a função gramatical dessa palavra.
a) Trata-se de aposto, porque “Puxa” está separado por vírgula.
b) Trata-se de uma gíria que introduz apenas situações de alegria.
c) Trata-se de uma interjeição que exprime surpresa.
d) Trata-se de um vocativo.
e) Trata-se de uma onomatopeia.

6. (UNIUV – Câm. Gen. Carneiro/PR – Auxiliar de Serviços Gerais – 2011) As interjeições exprimem emoções ou estados de espírito. Indique a interjeição que não condiz com a emoção apresentada:
a) Oxalá – desejo;
b) Ora! – reprovação;
c) Arre! – alívio;
d) Ué! – afugentamento;
e) Ave! – saudação.

7. (FGV – SEFAZ/RJ – Analista de Controle Interno – 2011) Em relação à expressão *Putz!*, enunciada pelo menino, analise as afirmativas a seguir:
I. Constitui exemplo de palavra formada por onomatopeia.
II. Classifica-se como interjeição.
III. É exemplo de estrangeirismo.
Assinale:
a) Se apenas a afirmativa III estiver correta.
b) Se apenas a afirmativa I estiver correta.
c) Se todas as afirmativas estiverem corretas.
d) Se apenas a afirmativa II estiver correta.
e) Se nenhuma afirmativa estiver correta.

8. (RCV Concursos – Pref. Coronel Vivida/PR – Auxiliar de Odontólogo – 2012) “*Ufa! Até que enfim terminei a prova!”.* A palavra sublinhada pertence à classe gramatical:
a) das conjunções;
b) das onomatopeias;
c) dos verbos;
d) dos advérbios;
e) das interjeições.

Gabarito

1. INCORRETO.	5. C.
2. E.	6. D.
3. INCORRETO.	7. D.
4. C.	8. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 17

Sintaxe

Sintaxe é a parte da gramática que trata da **ordem**, da **relação** e da **função** das palavras **na frase**.

Observe a seguinte frase:

Pestana alunos os do próximo classificarão o se concurso para ano neste.

Ahn? Estranha, não? Adivinha por quê? "Ah, Pestana, deve ter alguma coisa a ver com a sintaxe.". Não tenha dúvidas, nobre leitor(a). Leia de novo acima a definição de sintaxe. Percebeu?

A definição acima diz: "... trata da **ordem**...", e ***ordem*** é sinônimo de ***organização***. Logo, você já chegou à conclusão desejada por mim: as palavras estão fora de... **ordem, ou sequência** – mais do que isso, elas estão tão embaralhadas que nem chegam a refletir a estrutura sintática da nossa língua. Ou seja, uma frase não é um mero ajuntamento de palavras. Ninguém fala "Bebi ela Coca-Cola uma com.", mas sim "Eu bebi uma Coca-Cola com ela.". Até aí, tudo bem, certo?

Colocando-as na **ordem** (usual, comum, normal) sintática da língua portuguesa, veja se não ficaria assim:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Perfeito! Em outras palavras, os falantes da língua organizam as palavras mentalmente antes de formar frases; **normalmente** segue-se esta ordem: sujeito, verbo, complemento e adjunto (S V C A), chamada de **ordem direta**. Foi o que fiz.

Bem, o primeiro passo já foi cumprido: fazer você entender que a sintaxe da língua envolve a disposição, a sequência, a organização das palavras dentro da frase. Foi? Maravilha! Vamos para o segundo passo.

Percebeu que determinadas palavras ficaram juntas de outras, formando uma espécie de grupo/conjunto de palavras? Note o primeiro grupo (ou sintagma):

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Note agora o segundo grupo:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Note o terceiro:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Por fim, o quarto:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Bem, a pergunta que não quer calar: "Tá, e aí, Pestana?"

Por que as palavras foram divididas em grupos (ou sintagmas)? Simples! Algumas inexoravelmente mantêm **relações** com outras, logo não podem vir desvinculadas. Vou explicar melhor. Se alguém perguntasse para você assim: "Aluno(a), quem 'se classificará para o próximo concurso neste ano'?". O que você responderia? "Os", ou "alunos", ou "do", ou "Pestana", ou "Os alunos do Pestana."?

Certamente seria esta sua resposta: "Os alunos do Pestana.". Adivinha por quê? A resposta é que as palavras mantêm uma **relação** entre si de modo que formam pequenos grupos (ou sintagmas). Ok? Está acompanhando? Então, continue.

Por fim, a **função** das palavras na frase, ou seja, a famosa função ou classificação sintática dos termos da oração. Para os concursos, você tem de saber os nomes que são dados para classificar as funções que as palavras (ou os grupos de palavras) exercem na frase.

Você já teve aula disso alguma vez em sua vida, por isso, voltando para a frase exemplar, observe que o S é o sujeito, o V é o verbo, o C é o complemento e o A é o adjunto adverbial. Veja:

Os alunos do Pestana (S) se classificarão (V) para o próximo concurso (C) neste ano (A).

Acabamos de fazer uma breve análise sintática dos termos dessa frase. Percebeu? É importante dizer também que os grupos de palavras (sintagmas) podem estar invertidos na frase:

Para o próximo concurso (C) neste ano (A) os alunos do Pestana (S) se classificarão (V).

ou

Neste ano (A) os alunos do Pestana (S) se classificarão (V) para o próximo concurso (C).

ou

Para o próximo concurso (C), neste ano (A), classificar-se-ão (V) os alunos do Pestana (S).

ou

Os alunos do Pestana (S), neste ano (A), se classificarão (V) para o próximo concurso (C).

(...)

Veja uma questão sobre isso:

16. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2010) Assinale a alternativa em que a oração se estrutura, sequencialmente, com as mesmas funções sintáticas dos termos da oração: *As artes nunca desperdiçam nosso tempo*.
c) Os intelectuais sempre criticam os esportes. (Gabarito!)

Comentário: A opção C é a única que tem esta ordem sintática: *As artes (S) nunca (A) desperdiçam (V) nosso tempo (C) = Os intelectuais (S) sempre (A) criticam (V) os esportes (C)*.

Tal inversão respeita a **relação** das palavras na frase, os sintagmas continuam juntos. Percebeu? O que mudou apenas foi a ordem dos termos, por isso chamamos de **ordem indireta/inversa**. Essa ordem é prevista na Língua Portuguesa, pois reflete a estrutura sintática da nossa língua. A ordem **direta** obviamente é:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Não pense que todas as frases terão S V C A. Algumas frases podem figurar sem sujeito e/ou sem complemento e/ou sem adjunto. Veja algumas:

– *Classificaram-se para o concurso do fim deste ano.* (S não está expresso.)
– *Classificaram-se este ano.* (S e C não estão expressos.)
– *Classificaram-se.* (S, C e A não estão expressos.)

Veja uma questão sobre isso:

2. (NCE/UFRJ – BNDES – Análise de Sistemas – 2005) O segmento inicial de nosso Hino Nacional diz o seguinte:
Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heróico o brado retumbante
Se colocados na ordem direta, os termos desses dois versos estariam assim dispostos:
a) As margens plácidas do Ipiranga ouviram / O brado retumbante de um povo heróico;
b) As margens plácidas ouviram do Ipiranga / O heróico brado retumbante de um povo;
c) As margens plácidas do Ipiranga ouviram / O heróico brado retumbante de um povo;
d) Do Ipiranga as margens plácidas ouviram / O brado retumbante de um povo heróico;
e) Ouviram as margens plácidas do Ipiranga / De um povo o heróico brado retumbante.

Comentário: O gabarito é a letra A. Lembre: a ordem direta é S V C A, logo "As margens plácidas do Ipiranga (S) ouviram (V) o brado retumbante de um povo heróico c)".

É bom dizer que as inversões sintáticas muitas vezes não são gratuitas; servem para realçar uma ideia, tornando-a mais expressiva.

– *As mulheres da minha vida nunca deixarei de amar.* (Note que a inversão do complemento do verbo amar (as mulheres da minha vida) a enfatiza, focalizando-a.)

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2006)

A inversão sintática observada em "O que principalmente sou?" (l.1) condiz com a estrutura gramatical interrogativa e apresenta-se como legítimo recurso de ênfase.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Comentário: A ordem direta é "Sou o quê principalmente?". Quando houve a inversão, os termos invertidos foram realçados porque "saíram" de sua posição original, de sua ordem direta.

Enfim... a noção de sintaxe não é mais um mistério. Enquanto o objeto de estudo da Fonologia é o som das palavras, enquanto o objeto de estudo da Morfologia é a forma das palavras, o objeto de estudo da Sintaxe é a frase e as palavras dentro dela, dentro da oração, dentro do período. E é isso que veremos... nas cenas do próximo capítulo...

Capítulo 18

Frase, Oração e Período

Vamos entender mais os mecanismos da sintaxe, como **frase**, **oração** e **período**.

Frase é qualquer enunciado (curto ou longo) que estabelece comunicação. Toda frase deve ser inteligível. Tradicionalmente, ela pode ser **nominal** ou **verbal**. Imagine a seguinte situação: o Flamengo perde do Vasco (meio difícil, mas...) e um torcedor flamenguista se lamenta com outro: "E agora, com o Vasco na frente da tabela?".

Percebeu que não há sequer um verbo na frase dele? Logo a frase é **nominal**. Agora, se ele dissesse assim (ainda lamentando): "Agora, com o Vasco na frente da tabela, com certeza vou ser zoado!", a frase seria **verbal**, pois nela há uma forma verbal (que pode ser um verbo ou uma locução verbal, "vou ser zoado"). Simples assim.

Vale dizer que no fim dessas duas frases há sinais de pontuação diferentes, percebeu? "E isso significa alguma coisa, Pestana?" Certamente.

Existem cinco tipos de frase, segundo a gramática tradicional:

1) **Declarativa**: o enunciado é **afirmativo** ou **negativo**; termina em ponto (.) ou reticências (...).
   – *Eu sou você amanhã.*
   – *Você nunca será como eu.*
   – *Venda de antiguidades aqui.*

Obs.: É praxe encontrar palavras de sentido negativo em frases declarativas negativas: *não, nunca, jamais, nada, nenhum...*

2) **Interrogativa**: o enunciado apresenta um questionamento direto ou indireto; termina em ponto de interrogação (?) se a indagação for direta; em ponto, se for indireta.
   – *Aonde você pretende chegar?*
   – *Não sei onde ela pode estar.*

Obs.: Para perceber uma interrogativa indireta, ignore o "Não sei" e se dará conta de que é possível fazer uma pergunta direta com o restante da frase: "onde ela pode estar (?)".

3) **Exclamativa**: o enunciado exprime um sentimento e uma altissonância; termina em ponto de

exclamação (!).

– *Que pena!* (lamento)

– *Deus ouviu as minhas preces!* (alegria)

Obs.: O que realmente determina uma frase exclamativa é a expressão de uma emoção, por isso o contexto é determinante.

4) **Imperativa**: o enunciado apresenta um tom de ordem, pedido, súplica, exortação, advertência etc.; verbos no imperativo (afirmativo ou negativo) marcam tal tipo de frase; termina em ponto, ponto de exclamação ou reticências.

– *Volte!*

– *Seja mais razoável.*

– *Não faça isso...*

5) **Optativa**: o enunciado exprime um desejo; termina em ponto ou ponto de exclamação, normalmente.

– *Bons ventos o tragam.*

– *Deus te ouça, meu filho!*

– *Boa sorte!*

Obs.: Alguns gramáticos consideram a optativa (com tom de maldição, praga) como frase **imprecativa**: *Vá para o inferno, e que o Diabo o carregue!*

Para ilustrar os tipos de frase, veja este diálogo:

– *Você vai à festa hoje?* (frase interrogativa)

– *Sim! E não deixe de ir.* (frase declarativa afirmativa/frase imperativa)

– *Tomara que a Ju esteja lá.* (frase optativa)

– *A Ju nunca falta.* (frase declarativa negativa)

– *Que bom!* (frase exclamativa)

Agora você, nobre leitor(a), precisa entender o que é a **oração**.

Uma **oração** não é nada mais que uma frase verbal; seu núcleo é um verbo (ou uma locução verbal). Portanto, todas essas frases do diálogo, exceto a segunda (Sim!) e a última, são orações. Diz-se que uma *oração* é *absoluta* quando apresenta só um **verbo (ou locução verbal)**. Há duas orações absolutas a seguir:

Todos os alunos do Pestana *preparam-se* para concursos. Eu *sou* um deles.

Veja uma questão sobre isso:

4. (FGV – Senado Federal – Analista de Sistemas – 2008) "É com uma ação eficiente do governo e do setor privado que

certamente poderemos promover o desenvolvimento dos países." (L.86-88)

Ao fazermos a seguinte alteração no período acima: *É com uma ação eficiente do governo e do setor privado que certamente promoveremos o desenvolvimento dos países*, é correto afirmar que:

a) tem duas orações;
b) é composto por subordinação somente;
c) é composto por coordenação e subordinação;
d) é simples; (GABARITO!)
e) é composto por coordenação somente.

Comentário: O período é simples, pois apresenta uma expressão expletiva formada pelo verbo *ser* + *que*, a qual não é contada como oração. Veja com atenção: ***É*** *com uma ação eficiente do governo e do setor privado* ***que*** *certamente promoveremos o desenvolvimento dos países*. Retirando: *Com uma ação eficiente do governo e do setor privado certamente promoveremos o desenvolvimento dos países*. Viu? Há um verbo só, logo é uma oração absoluta... oração absoluta = período simples.

Cuidado com construções com a expressão expletiva formada pelo verbo *ser* + *que*, pois tal verbo **não** é contado como oração, pois serve apenas para realçar a frase; tanto é assim que pode ser retirado da frase sem implicações sintáticas:

– *Além da escola,* ***foram*** *meus pais* ***que*** *me deram muita educação.*

Veja que é possível retirar essa expressão enfática sem prejuízo sintático e semântico algum: "Além da escola, meus pais me *deram* muita educação.". Essa oração, portanto, é absoluta, pois só há um verbo na verdade.

Consulte isto: CESPE/UNB – CEE/RS – ADMINISTRADOR – 2005 – QUESTÃO 6.

Há outras orações. As coordenadas, as principais, as subordinadas (justapostas, desenvolvidas e reduzidas) e as interferentes (ou intercaladas) são designadas assim quando fazem parte de um período composto. Por isso, precisamos entender o que é um **período**.

Período é uma frase que possui uma ou mais orações; começa com letra maiúscula, apresenta um verbo (ou locução verbal) e termina em ponto, ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências. Há dois tipos:

• **Simples**: constituído de uma oração, logo todo período simples é uma oração absoluta.

– ***Estudo*** *hoje com apenas uma gramática .*

– *Muitos professores do curso* ***continuam escrevendo*** *artigos para seus alunos!*

– ***Seria*** *esta a resposta certa?*

• **Composto**: constituído de mais de uma oração; pode ser formado por coordenação, subordinação ou coordenação e subordinação (período misto); as conjunções, os pronomes relativos e certas preposições normalmente aparecem para ligar as orações deste tipo de período.

– *Os resultados* ***foram*** *ótimos, por isso* ***ficamos*** *satisfeitos.* (duas orações/coordenação)

– ***Pedi*** *que todos* ***viessem*** *preparados.* (duas orações/subordinação)

– *Para* ***salvar*** *a economia,* ***é*** *preciso planejamento*. (duas orações/subordinação)
– *A mão que* ***balança*** *o berço* ***é*** *a mão que* ***mata***. (três orações/subordinação)
– ***Sei*** *que eles* ***passaram*** *e que se* ***estabeleceram*** *na profissão.* (três orações/coordenação e subordinação)

Obs.: Algumas orações do período composto podem vir implícitas, mas o período não deixa de ser composto por isso, ok? Por exemplo: em "Sou mais inteligente que ela.", há duas orações, formando um período composto. "Pestana, mas eu só vejo um verbo, logo só há uma oração." Negativo! Há duas orações, sendo que o segundo verbo está implícito. Veja de novo: "Sou mais inteligente que ela (é).". Percebeu? Fique atento!

Ah, em um primeiro momento, não se preocupe com o que venha a ser coordenação ou subordinação, ok? Falarei sobre isso cautelosamente em capítulos à frente. Antes de falarmos de período composto, porém, é preciso entender bem a sintaxe do **período simples**. Você vai aprender sobre todos os termos sintáticos da oração nos próximos capítulos: *termos* ***essenciais***, ***integrantes*** *e* ***acessórios***.

Pois bem... para fechar o caixão e eu ficar com a consciência tranquila, entendeu mesmo os conceitos de **frase, oração** e **período?** Espero que sim. Espero que tenha ficado claro em sua mente que nem toda frase é uma oração. Safo? Veja duas questões sobre tais conceitos:

15) (CONSULPLAN – Pref. Mimoso do Sul/ES – Professor de Língua Portuguesa – 2007) Assinale a alternativa que é frase, mas NÃO é oração:
a) "às quatro em ponto me casarei contigo no mais alto beiral – disse o pombo".
b) "Como a brisa é triste".
c) "... porque as andorinhas mais velhas enfileiravam-se nas cornijas...".
d) "Irônica, perguntou a pomba".
e) "Que tarde azul!". (Gabarito!)

Comentário: É uma frase nominal, por isso não tem verbo, logo não é uma oração.

(Questão 04 FUNRIO – CEITEC – Administração – 2012)

O primeiro parágrafo da crônica "O Verão e as Mulheres", de Rubem Braga, diz: "Talvez tenha acabado o verão. Há um grande vento frio cavalgando as ondas, mas o céu está limpo e o sol é muito claro. Duas aves dançam sobre as espumas assanhadas. As cigarras não cantam mais. Talvez tenha acabado o verão."

Observando-se as orações e períodos existentes no parágrafo anterior, pode-se reconhecer que o cronista escreveu:
a) três períodos simples e dois períodos compostos;
b) quatro períodos simples e dois períodos compostos;
c) quatro períodos e nove orações;
d) cinco períodos e sete orações;
e) cinco períodos e oito orações. (Gabarito!)

Comentário: Se há cinco pontos, há cinco períodos. As oito orações: tenha acabado, Há, cavalgando, está, é, dançam, cantam, tenha acabado.

Capítulo 19

Termos Essenciais da Oração

Definição

Como você já sabe, as frases verbais ou orações são formadas por termos sintáticos, certo? Por isso iremos falar justamente sobre tais termos sintáticos que constituem a oração. Neste capítulo, você aprenderá tudo sobre os **termos essenciais da oração**, a saber: o **sujeito** e o **predicado**.

"Pestana, por que *essenciais*?" Simples. O **sujeito** e o **predicado** são chamados de termos essenciais da oração porque normalmente as orações são formadas por esses termos.

"Afinal, o que é o **sujeito** e o que é o **predicado**?"

Vamos ver!

Sujeito

Sujeito é não só o termo que representa o ser ou o fato sobre o qual se declara alguma coisa, mas também o termo que faz o verbo ser conjugado. É por isso que o verbo/locução verbal concorda em número e pessoa com o sujeito. Cada sujeito está ligado a um (1) verbo, por isso fique de olho na relação entre o verbo e o seu sujeito.

– ***As casas da vila*** *estavam à venda.*
– ***Nós*** *ficamos casados por sete anos.*
– ***Sua Majestade*** *foi flagrada às escondidas com o amante.*
– ***Ninguém*** *deveria apoiar campanhas a favor das drogas.*
– ***Quem*** *nunca pecou nesta vida?*
– *Quem são* ***aquelas*** *ali?*
– *Morreu este mês* ***o homem o qual*** *revolucionou o mundo moderno.* (*o homem*: sujeito de *morreu*; *o qual*: sujeito de *revolucionou*)
– ***Dois dos meus amigos*** *passaram na prova da EsPCEx.*
– ***Ler*** *nunca deixou de ser uma prática das pessoas inquietas.*
– ***Quem não tem cão*** *caça com gato.*
– *Está um pouco amarelado* ***o branco dos olhos dela****.*

Obs.: Note que o **núcleo** do sujeito pode ser, tradicionalmente, um **substantivo** (normalmente), **um pronome, um numeral, um verbo no infinitivo, uma oração substantiva** ou **uma palavra substantivada**. É muito importante notar que o verbo concorda em número e pessoa com o núcleo do sujeito. E... **só para os que desejam aumentar seu conhecimento**... saibam que alguns linguistas mais ousados dizem que o advérbio pode funcionar como sujeito, como Claudio Cezar Henriques, Eneida Bonfim e Evanildo Bechara: "Moro no Rio de Janeiro com muito orgulho. Aqui é um bom lugar para viver". Note que esse advérbio é de base pronominal e refere-se a Rio de Janeiro.

Percebeu que eu coloquei em negrito e sublinhado os núcleos dos sujeitos? "Mas o que é realmente o núcleo?" O **núcleo**, do sujeito ou de qualquer outro termo sintático, é a palavra mais importante desse termo. Normalmente os **determinantes** – artigos, pronomes, numerais, adjetivos e locuções adjetivas – vêm ao redor do núcleo, formando um sintagma (grupo de palavras relacionadas). Às vezes, um termo sintático pode ter mais de um núcleo; nesse caso, dizemos que o termo é *composto de* dois, três, ou mais núcleos. Vamos entender melhor estudando **sujeito**.

Bizu do *achamento* do sujeito

Uma boa maneira de identificarmos o sujeito de uma oração é fazer a pergunta **"o que...?"** ou **"quem...?"** antes do verbo. Observe os exemplos anteriores (um por um):

– ***O que*** *estava à venda?* Resposta: ***as casas da vila***.

– ***Quem*** *ficou casado por sete anos?* Resposta: ***nós***.

– ***Quem*** *foi flagrado às escondidas com o amante?* Resposta: ***Sua Majestade***.

– ***Quem*** *deveria apoiar campanhas a favor das drogas?* Resposta: ***ninguém***.

– ***Quem*** *nunca pecou nesta vida?* Resposta: ***quem***. (No caso de pronome interrogativo funcionando como sujeito, substitua-o por um nome qualquer, e ficará fácil identificá-lo como sujeito. Veja: *João (= quem) nunca pecou nesta vida. Quem nunca pecou nesta vida?* Resposta: *João (= quem)*)

– ***Quem*** *"são" ali? Resposta:* ***aquelas***. (a ordem direta facilita a identificação neste caso: *Aquelas ali são quem?*)

– ***Quem*** *morreu este mês? Resposta:* ***o homem***. ***Quem*** *revolucionou o mundo? Resposta:* ***o qual*** (Lembrando que o pronome relativo retoma o termo antecedente, o homem)

– ***Quem*** *passou na prova da EsPCEx? Resposta:* ***Dois dos meus amigos***.

– ***O que*** *nunca deixou de ser uma prática das pessoas inquietas? Resposta:* ***ler***.

– ***Quem*** *caça com gato? Resposta:* ***quem não tem cão***. (Este *quem* de *quem não tem cão* é sujeito do verbo *ter;* lembre: cada verbo com seu sujeito).

– ***O que*** *está um pouco amarelado? Resposta:* ***o branco dos olhos dela***.

Cuidado!!!

1) Fique esperto em algo que cai DIRETO em prova: **inversão do sujeito**.

– *Agradou-me, desde ontem pela manhã, quando ele me havia ligado,* ***o fato de ter uma pessoa amiga ao meu lado em situações difíceis***.

Bizu do *achamento*: ***O que*** *me agradou desde ontem pela manhã, quando ele me havia ligado? Resposta:* ***o fato de ter uma pessoa amiga ao meu lado em situações difíceis***.

Dica de irmão: **as bancas adoram trabalhar questão com sujeito deslocado**. Por isso, coloque na ordem direta: "***O fato de ter uma pessoa amiga ao meu lado em situações difíceis*** *agradou-me...*". Não confunda sujeito deslocado com objeto direto. Falarei sobre isso mais à frente.

2) Segundo a tradição gramatical, **o sujeito não pode vir regido de preposição**, ou seja, nenhum verbo ou nome pode exigir uma preposição que inicie o sujeito, portanto nunca confunda com sujeito o termo preposicionado que vier antes do verbo. Normalmente a frase se encontra na ordem indireta, para dificultar a identificação do sujeito.

– *A Cleópatra era feita por cada subordinado* ***uma mesura*** *em suas aparições públicas.* (Na ordem direta, fica mais fácil identificar o sujeito: ***Uma mesura*** *era feita*

por cada subordinado a Cleópatra (objeto indireto) em suas aparições públicas.)

– *Nunca nos custou, por mais que todos se opusessem a nossa parceria,* ***manter nossa amizade***. (Na ordem direta: ***Manter nossa amizade*** *nunca nos custou, por mais que todos se opusessem a nossa parceria.)*

Apesar de Bechara e outros gramáticos não desaprovarem a contração antes de sujeito de verbo no infinitivo, a maioria dos gramáticos, respaldados pela doutrina de que "o sujeito não pode vir regido de preposição", dizem que isso é uma incorreção gramatical. Veja:

– *Em virtude* ***da*** *regra gramatical* ***impedir*** *qualquer construção com sujeito preposicionado, devemos evitar qualquer contração antes de infinitivo.* (construção não privilegiada)

– *Em virtude* ***de a*** *regra gramatical* ***impedir*** *qualquer construção com sujeito preposicionado, devemos evitar qualquer contração antes de infinitivo.* (construção privilegiada)

– *A fim* ***dela****, a opinião minoritária, não nos fazer* ***errar*** *uma questão na prova, optemos pela visão tradicional, a saber: não se deve contrair preposição com artigo ou pronome antes de verbo no infinitivo.* (construção não privilegiada)

– *A fim* ***de*** *ela, a opinião minoritária, não nos fazer* ***errar*** *uma questão na prova, optemos pela visão tradicional, a saber: não se deve contrair preposição com artigo ou pronome antes de verbo no infinitivo.* (construção privilegiada)

A justificativa de Bechara e a de outros, que aprovam as quatro construções anteriores, é a de que a preposição rege a oração, e não o sujeito, por isso não haveria problema algum na contração, a qual, inclusive, torna a frase mais eufônica e natural. Já falei sobre isso em *Pronome Pessoal* e *Preposição*!

O que eu vou falar agora não cai em prova nenhuma, mas, cá entre nós, o sujeito pode estar preposicionado sem estar regido de preposição: "Meus alunos estudaram muito para a prova. **Entre dez e vinte** passaram".

Classificação do Sujeito

Já que sabemos o que é um sujeito e como identificá-lo, vamos ver os tipos de sujeito.

Simples

Apresenta somente um núcleo explícito.

– ***Alguém*** *escondeu a minha bolsa.*

– *Quem foram* ***os beneficiados pelo projeto esportivo****?*

– ***As despesas das casas de praia e de campo*** *ficaram por minha conta.*

Cuidado!!!

1) Há determinadas construções de **sujeitos simples** tão grandes que dentro delas há outros termos exercendo outras funções sintáticas (como adjuntos adnominais), inclusive outras orações dentro do próprio sujeito (como orações adjetivas), mas não se preocupe. É o chamado sujeito "complexo" para certos gramáticos, como Eduardo Carlos Pereira. Você deve observar o **núcleo** do sujeito e a relação dele com o **verbo** da oração. Veja dois exemplos:

– ***O novo desentendimento público entre os ministros Joaquim Barbosa (relator) e Ricardo Lewandowski (revisor)*** *expôs a ponta de uma questão que pode se tornar a mais grave deformação no julgamento da Ação Penal 470, chamada de mensalão.*

Só há um núcleo do sujeito: *desentendimento*. Por isso, o verbo está no singular: *expôs*.

– ***O simples fato de exercer o jornalismo honesto sem detrimento das opiniões ditadas pelo nosso espírito crítico e pela nossa visão da vida e do mundo*** *nos distingue brutalmente dos arautos do pensamento único, representantes e intérpretes da casa-grande. (Mino Carta)*

Só há um núcleo do sujeito: *fato*. Por isso, o verbo está no singular: *distingue*.

– ***A mulher que foi espancada pelo marido*** *resolveu denunciá-lo.*

Só há um núcleo do sujeito: *mulher*. Por isso, o verbo está no singular: *resolveu denunciar*.

Os gramáticos Gladstone Chaves de Melo e Celso Pedro Luft corroboram tais análises desses sujeitos enormes (*sujeito complexo*).

2) Ainda há sujeito simples em frases nas quais dois ou mais termos são ligados pela conjunção *e*, mas equivalem a uma ideia só, formando uma expressão (note que o verbo fica no singular):

– *"**Ordem e Progresso**" faz parte de nossa bandeira.* (Sem aspas, pode gerar ambiguidade.)

– ***Casseta e Planeta*** *vai fundo!*

– ***Plástica & Beleza*** *vem se consolidando no mercado como uma das revistas mais lidas sobre estética.*

3) Revisite voz verbal! E fique esperto quando o verbo vier acompanhado de partícula apassivadora, na voz passiva sintética. Estou dizendo isso, pois muita gente confunde o sujeito simples com o indeterminado. Uma maneira fatal de resolver esse problema é passar a frase para a voz passiva analítica. Se conseguir, o sujeito não é indeterminado. Teste:

– *Comemora-se ainda hoje* ***um <u>aninho</u> de vida de meu filho****.* (voz passiva sintética; sujeito simples)

– ***Um <u>aninho</u> de vida de meu filho*** *é comemorado ainda hoje.* (voz passiva analítica; sujeito simples)

– *É preciso que se incuta nos partidos políticos brasileiros, tachados de corruptos,* ***o valor da honestidade****.* (voz passiva sintética; sujeito simples)

– *É preciso que* ***o <u>valor</u> da honestidade*** *seja incutido nos partidos políticos brasileiros, tachados de corruptos.* (voz passiva analítica; sujeito simples)

* Na voz passiva, o **sujeito** é chamado de **paciente**. Na ativa, de **sujeito agente**.

4) Por motivo de ênfase ou de expressividade, o sujeito pode ser pleonástico. Isso ocorre principalmente no registro coloquial: *Esses alunos,* ***eles*** *me dão muito orgulho*.

Oculto

Apresenta um núcleo implícito, elíptico, mas facilmente identificável pelo contexto ou pela desinência do verbo. Por isso, este tipo de sujeito é chamado de **oculto, implícito, elíptico, desinencial** etc.

– *Não consigo deixar as responsabilidades de lado.* (*Quem não consegue? Eu.* Percebe-se isso pela desinência do verbo.)

– *Todo procedimento médico deve ser bem programado; só será bem-sucedido se houver acompanhamento e manutenção. (O que será bem-sucedido? O procedimento médico.)*

– *Escondeste minha bolsa onde?* (Fica fácil perceber que o sujeito oculto é o **tu**, pois a desinência/terminação do verbo é de 2ª pessoa do singular, ou seja, *"**Tu** escondeste a minha bolsa onde?"*.)

Cuidado!!!

1) Se o verbo vier no imperativo, o sujeito normalmente virá implícito: "*Nunca mais* ***esconda*** *(você) a minha bolsa!*".

2) Em contextos maiores, o sujeito oculto é um ótimo recurso de coesão para evitar a repetição de uma palavra já mencionada. No entanto, devemos ficar atentos ao contexto

(principalmente aos verbos) para percebermos isso:

– *O Papa Bento XVI enalteceu neste sábado a "coragem" dos jovens sírios diante da violência em seu país – que já causou a morte de mais de 27.000 pessoas –, em discurso na sede do patriarcado maronita de Bkerke, no norte de Beirute. "Entre nós há jovens provenientes da Síria e quero dizer o quanto admiro sua coragem", destacou em seu discurso em um encontro com milhares de jovens cristãos, ao qual também assistiram representantes de outras religiões.*

Note que o sujeito da forma verbal *destacou* é oculto, tendo como referente "O Papa".

3) O sujeito oculto pode ser hipotético (representado pelo pronome demonstrativo anafórico: *isso*) em determinados contextos, como:

– *Saia daqui, menino, porque é conversa de adulto. (... isso é conversa de adulto.)*

– *Seria trágico se não fosse cômico. (Isso seria trágico se isso não fosse cômico.)*

– *Eu lhe implorei que não saísse naquela noite, pois era perigoso. (... isso (sair naquela noite) era perigoso.)*

Composto

Apresenta mais de um núcleo explícito.

– ***Minha chave, minha bolsa, minha moto*** *foram roubadas.*

– *Indignados ficaram* ***os moradores da zona oeste e os da zona sul*** *com o descaso.*

– ***Tanto a felicidade como a tristeza*** *são estados de espírito.*

Cuidado!!!

1) Há alguns casos em que o sujeito composto não leva o verbo ao plural. Vou citar apenas três agora, porquanto tratarei melhor do assunto mais à frente, em *Concordância*.

I. Se o sujeito composto vier depois do verbo, este pode concordar com o termo mais próximo, ficando no singular: *Foi escondida* ***minha bolsa e minha chave****.*

II. Quando há uma enumeração de núcleos do sujeito composto e no fim há um termo resumitivo, como em *"****Velhos, crianças, mulheres e homens****, ninguém sobreviveu ao desastre."*, o verbo concorda com o termo resumitivo.

III. Quando os núcleos do sujeito designam a mesma pessoa ou coisa: *Morre* ***o mais famoso escritor, cantor e compositor brasileiro*** *aos 70 anos.*

2) Caiu certa vez uma questão muito interessante no concurso da EAGS, em 2008. Tratava-se de tipos de sujeito. Observe o comentário oficial da banca sobre a frase "Os dois apenas sentimos o desejo de mudar o mundo.": "o sujeito *Os dois* classifica-se como simples e não como implícito na desinência verbal. O que ocorre é uma concordância ideológica, em que há silepse de pessoa, pois o verbo *sentimos*, na 1ª pessoa do plural,

permite que consideremos que o locutor do enunciado se inclua ideologicamente no sujeito *Os dois*, que está na 3ª pessoa do plural.". Falarei melhor sobre isso em *Silepse*, no capítulo de *Concordância*.

3) Na frase "Pedro e Bino, dancem com elas", o termo destacado não pode ser o sujeito composto do verbo dançar, pois há uma vírgula entre eles. Analisa-se o termo destacado como vocativo, e o sujeito está oculto (Pedro e Bino, dancem (vocês) com elas).

Indeterminado

Este tipo de sujeito é interessante, pois se assemelha ao oculto. Só que, apesar de o verbo indicar que houve uma ação praticada por alguém, a **identidade** do sujeito é indeterminada. Indetermina-se o sujeito normalmente por três motivos: 1) por não se saber sua identidade, 2) por querer torná-lo desconhecido ou 3) por generalização. Existem três construções com sujeito indeterminado na língua culta.

1) Verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito.

– ***Criticaram****-nos na reunião de ontem.* (Alguém criticou, mas quem?)

– *Normalmente* ***falam*** *pelas costas por ser mais conveniente.* (Alguém fala, mas quem?)

– ***Esconderam*** *minha bolsa*. (Alguém escondeu, mas quem?)

Obs.: Em "Meus filhos João e Pedro vivem aprontando. Outra vez ***esconderam*** minha bolsa.", o verbo *esconder* não apresenta sujeito explícito e está na 3ª pessoa do plural, no entanto não há indeterminação do sujeito, pois o contexto indica quem são os que praticaram a ação de esconder. Logo, o sujeito do verbo *esconder* é oculto, e não indeterminado. Fique esperto!

2) Verbo (de ligação, intransitivo, transitivo indireto, transitivo direto seguido de preposição) na 3ª pessoa do singular + partícula de indeterminação do sujeito *se*, indicando uma ideia de generalização/indefinição. (Recomendo dar uma conferida em predicação verbal, um pouco mais à frente, ainda neste capítulo.)

– *Só* ***se é*** *feliz neste lugar por causa de vocês. (Quem é feliz? Todos que são de lá.)*

– ***Vive-se*** *bem quando há paz e segurança. (Quem vive bem? Todos.)*

– ***Tratava-se*** *de doenças gravíssimas naquela clínica. (Quem tratava? Alguém.)*

– ***Ama-se a*** *Deus nesta Igreja. (Quem ama a Deus? Todos que a frequentam.)*

Cuidado!!!

1) Observe a excelente abordagem da pesquisadora Christiana Lourenço Leal sobre indeterminação do sujeito, em seu estudo *A transitividade, as vozes verbais e o ensino*

da gramática – O problema de critérios semânticos na definição das funções sintáticas:

> "(11) Come-se bem aqui nesta cidade. / (12) Come-se bem aqui nesta cidade uma bela feijoada. No exemplo (11) temos um caso de sujeito indeterminado. Mas isso só acontece porque não há termo na oração que possa funcionar como sujeito, visto que todos são adjuntos adverbiais. Logo, "alguém come", mas não se pode precisar quem. Já no exemplo (12) há um sujeito simples: "uma bela feijoada". É equivalente a "Uma bela feijoada é comida.". Como se pode observar, foi só aparecer um termo que pudesse se adequar à função de sujeito que se transformou uma oração de sujeito indeterminado em uma oração caracterizada por verbo em voz passiva."

Por isso, não confunda a partícula ***se*** (indeterminadora) com ***se*** (apassivadora). A partícula apassivadora aparece com verbo transitivo direto **sem estar seguido de termo preposicionado** e pode-se desdobrar a oração que a contém em passiva analítica; isso já não ocorre com o verbo acompanhado da partícula de indeterminação do sujeito.

– *Vendeu-**se** tudo da loja. (Tudo da loja foi vendido.)*

– *Duvida-**se** de tudo hoje em dia. (De tudo é duvidado hoje em dia?* (construção inexistente)

Note que o verbo concorda com o sujeito. Segundo a gramática tradicional, a construção "Vendeu-se todos os produtos da loja." estaria incorreta, devendo ser "Venderam-se todos os produtos da loja." (= Todos os produtos da loja foram vendidos.).

No entanto... na prova de Analista Judiciário (STF) de 2008, elaborada pela banca Cespe/UnB, veja a questão 2 (deveria ter sido anulada, mas não foi):

> "Preservando-se a correção gramatical do texto, bem como sua coerência argumentativa, a forma verbal "mudam-se" (Na economia, por exemplo, mudam-se os valores de uso concreto e qualitativo para os valores de troca geral e quantitativa) poderia ser empregada também no singular".

Ela foi considerada **correta**. Incrível, não? "Mas por que, Pest? O verbo não precisa concordar com o sujeito paciente?" Resposta: também acho, mas... alguns linguistas e gramáticos, como o senhor Evanildo Bechara, Said Ali, João Andrade Peres, Telmo Moía e José Carlos de Azeredo, entendem que o verbo transitivo direto pode vir seguido de índice de indeterminação do sujeito, mesmo quando não há objeto direto preposicionado depois. Segundo Bechara, em "Vende-se casas./Vendem-se casas.", **ambas as sintaxes são corretas**, e a primeira não é absolutamente modificação da segunda. São apenas dois estágios diferentes de evolução". Interessante é que, no capítulo de concordância da gramática do homem, ele diz que o verbo tem de ficar no plural nesse mesmo caso, o que significa que o *se* é apassivador, logo o certo seria apenas "Vendem-se casas. = Casas são vendidas.". Sim,

ele se contradiz, e a banca Cespe vacilou! Muita polêmica nesta questão, mas precisamos ficar atentos às próximas questões do Cespe, que, nessa situação, estabeleceu um padrão. O fato é que 99,99% dos gramáticos normativos não concordam com essa doutrina, ok? Recurso neles! Para a explicação ficar completa, a tal minoria que aceita "Vende-se casas" analisa o "se" como índice de indeterminação do sujeito e "casas" como objeto direto. O mais incrível é que uma banca já trabalhou esta visão ultrapolêmica: FGV – PC/RJ – INSPETOR – 2008 – QUESTÃO 21 (c).

3) Verbo no infinitivo impessoal.

– *Para **conquistar** sua confiança, é necessário **trabalhar** arduamente. (= Para (alguém) **conquistar** sua confiança, é necessário (esse alguém) **trabalhar** arduamente.)*

Já na frase "Nós estamos destinados a **passar** na prova.", apesar de o verbo não estar flexionado, ele tem pessoa, ele tem sujeito, o sujeito oculto de *passar* tem como referente o sujeito de *estar*, isto é: **nós**.

Cuidado!!!

1) Existem certos casos de sujeito indeterminado próprios do registro coloquial, quando usamos as expressões *você*, *a gente, muita gente, todo o mundo, geral* etc. como sujeito. Veja uma questão sobre isso.

Fragmento de texto

*(...) Foi pensando nisso que me ocorreu o seguinte: se alguém está com o coração dilacerado nos dois sentidos, biológico e emocional, e por ordens médicas precisa de um novo, o paciente irá se curar da dor de amor ao receber o órgão transplantado? Façamos de conta que sim. **Você** entrou no hospital com o coração em frangalhos, literalmente. Além de apaixonado por alguém que não lhe dá a mínima, **você** está com as artérias obstruídas e os batimentos devagar quase parando. A vida se esvai, mas localizaram um doador compatível: já para a mesa de cirurgia. Horas depois, **você** acorda. Coração novo. Tum-tum, tum-tum, tum-tum. Um espetáculo. O médico lhe dá uma sobrevida de cem anos. Nada mal. Visitas entram e saem do quarto. (...)*

10. (Funiversa – Terracap – Administrador – 2010) Com relação ao texto, assinale a alternativa **incorreta**.

d) O pronome "Você" é empregado na frase como forma de indeterminar o agente da ação, traço característico da oralidade brasileira. Assim, "Você entrou no hospital" corresponde a Entrou-se no hospital.

Comentário: Esta opção não foi o gabarito, logo a afirmação da d) está adequada. Sobre a ideia de generalização, indeterminação, é interessante dizer que algumas gramáticas mais atentas aos fenômenos linguísticos, principalmente as descritivas, nos informam que, no registro coloquial, o pronome *você* pode ser usado para indeterminar o sujeito, com um viés de generalização. *Imagine que você esteja conversando com alguém sobre viajar de avião, mas nem você nem a pessoa viajaram de avião. Aí você diz a ela: "Viajar de avião deve ser muito ruim, porque quando **você** pega um avião, **você** sente um mal-estar, fora o risco de **você** morrer, não é?"*. Este *você* se refere a quem? Ao falante, ao ouvinte ou a todos os que pegam avião? Percebe a ideia de generalização? Essa é uma forma, coloquial, de

indeterminar o sujeito. Interessante, não?

2) Sempre acho muito importante dizer que, quando o núcleo é um pronome indefinido ou interrogativo, **não** há indeterminação do sujeito, ou seja, há sujeito simples nestas frases: "**Quem** me ligou?" "**Alguém** ligou, pai.".

Oração sem Sujeito (sujeito inexistente)

As orações sem sujeito sempre apresentam verbos impessoais, os quais, por sua semântica, não apresentam um sujeito promovendo a ação verbal. Tais verbos são usados na 3ª pessoa do singular (exceto o engraçadinho do *ser*).

De todos os verbos impessoais, muita atenção ao verbo *haver*. Todo ano cai uma questão sobre ele, seja em oração sem sujeito, seja em concordância. É incrível a *tara* que as bancas têm com esse verbo.

1) Haver com sentido de existência, ocorrência ou tempo decorrido.

– ***Havia*** *poucas pessoas aqui. (Existiam poucas...)*

– ***Houve*** *duas confusões ali. (Ocorreram duas...)*

– *Abandonei o cigarro* ***há*** *três meses. (... faz três mês...)*

Cuidado!!!

1) O verbo *ter* pode ter sentido existencial (Mas é coloquial neste sentido, ok?): "Terá reuniões aqui.", "Tinha uma pedra no meio do caminho." (C. Drummond)

2) Lembrando que o verbo *haver* pode ser pessoal, ou seja, ter sujeito, se fizer parte de uma locução verbal como auxiliar ou se tiver outros sentidos (não tão usuais): "**Ele** *haveria de fazer* isso.", "Enfim (eu/ele) *havia entendido* o mistério.", "**Os rivais** se *houveram* no ringue.", "**Eu** me *haverei* bem diante dos convidados.", "**Os criminosos** *se houveram* com a justiça.".

3) Os verbos *existir* e *ocorrer* são pessoais, logo <u>sempre</u> têm sujeito, normalmente aparecendo <u>depois</u> do verbo, por isso muitos confundem com objeto direto: *Existem* ***pessoas merecedoras da morte***. (sujeito simples) / *Ocorrem às vezes* ***certos contratempos*** *aqui.* (sujeito simples)

4) Todos os verbos impessoais, quando acompanhados de auxiliares, transmitem a estes sua impessoalidade, ficando no **singular**.

– ***Há*** *lanches sobre a mesa.*

– ***Deve haver*** *lanches sobre a mesa.* (e não *"Devem haver..."*)

5) O verbo *haver* é transitivo direto quando impessoal, logo em "Houve cem acidentes na Avenida Brasil em apenas dois meses.", *cem acidentes* é objeto direto. Se fosse "Ocorreram cem acidentes...", *cem acidentes* seria sujeito. Cuidado com a maldade no

coração de alguns "homens da banca", pois eles podem pegar o objeto direto e colocar antes do verbo para que você confunda com um sujeito; exemplo: "Apenas um acidente houve na Avenida Brasil.". Como o verbo *haver* tem sentido de *ocorrer*, ainda é impessoal, logo continua exigindo objeto direto, a saber: apenas um acidente. Não confunda sujeito com objeto!

2) Fazer, parecer, ficar, estar indicando tempo ou aspectos naturais.

– *Não a vejo **faz** dez meses.*

– *Aqui **fez** invernos rigorosos ano passado.*

– ***Parecia** tarde da noite.*

– ***Ficou** escuro do nada.*

– ***Estava** frio naquele dia.*

Cuidado!!!

1) Os verbos *fazer, parecer, ficar, estar* podem ser pessoais, ou seja, ter sujeito (em negrito): "*Fazem* dez anos de casamento ainda hoje **os meus amigos.**", "**Todos** *pareciam* abobalhados.", "**Alguém** *ficou* sem o convite?, "**Vocês** *estão* bem?".

2) Todos os verbos impessoais, quando acompanhados de auxiliares, transmitem a estes sua impessoalidade, ficando no **singular**.

– ***Fará** dias quentes em dezembro.*

– ***Vai fazer** dias quentes em dezembro.* (e não *"Vão fazer..."*)

3) O verbo *faltar* não é impessoal, mesmo quando indica tempo decorrido, portanto em "*Faltam* **dois anos** para a Copa.", *dois anos* é o sujeito. Equivoca-se quem diz: "*Falta* dois anos para a Copa.".

3) Ir + para/em indicando tempo decorrido.

– ***Vai para** dois anos que ela está na França.*

– ***Vai em** cinco anos desde a últimas vez que nos falamos.*

Obs.: O verbo *ir* pode ser pessoal: "Já se *foram* **duas horas de aula**...", "**Ele** *foi* à festa.".

4) Passar + de indicando tempo.

– *Já **passava d**as duas horas da manhã!*

Obs.: Verbo *passar* pessoal: "*Passou*-se **meia hora de aula.**", "**Ele** *passou* há dez minutos aqui.".

5) Bastar/Chegar + de no imperativo, indicando suficiência.

– ***Basta de*** *tolices!* ***Chega de*** *problemas!*

Obs.: Os verbos *bastar* e *chegar* podem ser pessoais: "**Quatro fatias** não *chegam* para tua satisfação?", "Não *basta* **ser amigo**, ok?".

6) Tratar-se + de indicando um assunto.

– *Paro de falar aqui, pois não* ***se trata de*** *quem tem ou não razão.*

Obs.: Tanto Bechara quanto Kury aceitam esta análise (oração sem sujeito), mas a demolidora maioria diz que o **sujeito** é **indeterminado** – sendo a partícula *se* indeterminadora do sujeito. O verbo *tratar*, nesse caso, nunca se pluraliza! Sobre a visão da maioria (a única que já vi aparecer em prova), consulte: FGV – SEFAZ/RJ – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA ESTADUAL – 2011 – QUESTÃO 8. / Cespe/UnB – TRT/MA (16ª R) – AUXILIAR Judiciário – 2005 – QUESTÃO 9. / IBFC – PGE/SP – OFICIAL ADMINISTRATIVO – 2011 – QUESTÃO 10.

7) Ser indicando tempo vago, hora, data, distância e aspectos naturais.

– ***Era*** *uma vez um lugarzinho no meio do nada...*

– ***São*** *três horas da madrugada.*

– *Hoje* ***são*** *dezoito de outubro.*

– ***São*** *dois quilômetros daqui a sua casa.*

– *Já* ***era*** *manhã de primavera quando acordei.*

Obs.: O verbo *ser* é o único impessoal que fica no plural, como você pôde ver! Verbo *ser* pessoal: "**Ele** *é* gente boa.", "**O presidente** *será reeleito*?".

8) Certos verbos que indicam sensações, como *doer*, *coçar*, *cheirar* etc.

– *Meu filho, onde lhe* ***dói****?*

– ***Coça*** *muito aqui atrás, doutor.*

– *Realmente* ***cheira*** *mal atrás de suas costas.*

9) Verbos que indicam **fenômenos naturais** (*chover, ventar, nevar, gear, trovejar, amanhecer, escurecer*).

– ***Ventou***, ***trovejou***, ***choveu*** *e depois* ***nevou*** *no Sul do país.*

Obs.: Em **sentido figurado**, todos esses verbos são pessoais: "**O patrão** *escureceu* de

raiva.", "Assim que **o dia** *amanheceu* lá no mar alto da paixão..." (Djavan), "Todos os dias c*hovem* **notícias tristes** nos jornais.". Esses verbos são normalmente intransitivos, mas, em frases como a que segue, o verbo vira transitivo direto: "Chovia uma chuva fininha.", em que *uma chuva fininha* é o objeto direto, e a oração não tem sujeito, pois o sentido não é figurado. Falarei melhor sobre isso em *Objeto Direto Interno.*

Oracional

O sujeito é oracional quando vem em forma de oração. O verbo do sujeito oracional fica sempre na 3ª pessoa do singular.

– ***Quem semeia vento*** *colhe tempestade.*

– *Não é saudável, embora seja delicioso,* ***comer frituras*** *todos os dias.*

– *Viu-se* ***que ela tem grande potencial na música****.*

Obs.: Falo melhor sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas* e em *Orações Reduzidas*.

Veja uma questão bacaninha:

48. (Cespe/UnB – Câmara dos Deputados – Analista Legislativo – 2012) A flexão de singular na forma verbal "importava" (... regido por leis físicas e matemáticas, que importava descobrir e estudar) justifica-se por ser o sujeito da oração indeterminado, de interpretação genérica.
( ) CERTO
(X) ERRADO

Comentário: Errado. O verbo *importar* está no singular porque concorda com o sujeito oracional *descobrir e estudar*, ou seja, "... descobrir e estudar **importava**...". Logo, se há sujeito na frase, mesmo sendo oracional, não podemos dizer que ele é indeterminado.

Predicado

O **predicado** é a soma de todos os termos da oração, exceto o sujeito e o vocativo. É tudo o que se declara na oração referindo-se ao sujeito (quando há sujeito). Sempre apresenta um verbo.

– *A língua portuguesa* ***sofreu*** ***uma reforma ortográfica polêmica em 2009***.

Lembre que as bancas são maliciosas, logo "pedaços" que compõem o predicado poderão estar "espalhados" pela frase. Veja:

– ***Em 2009***, ***sofreu*** *a língua portuguesa* ***uma reforma ortográfica polêmica***.

Nas orações sem sujeito, **tudo é predicado**, por um motivo muito óbvio: não há sujeito.

– ***Pode haver até duzentos alunos em sala de aula em um aulão de véspera***. (só há predicado)

Às vezes, o verbo do predicado aparece implícito. Note que há dois predicados na frase abaixo:

– *Meu irmão* ***comeu três maçãs***, *e eu, duas. (Meu irmão* ***comeu três maçãs***, *e eu* ***comi duas***.*)*

Para o reconhecimento dos tipos de predicado, precisamos entender o conceito de **predicação verbal** ou **transitividade verbal**, afinal, **não existe predicado sem verbo**. O verbo tem um papel muito importante, pois mantém relações com os outros termos da frase. Portanto, estude bem esta parte, ok? Vamos lá...

Predicação Verbal / Transitividade Verbal

Predicação verbal (ou **transitividade verbal**) é a relação entre o verbo e outros termos da oração, principalmente dentro do predicado. E, quanto à predicação, diz-se que os verbos podem ser **de ligação, intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto** e **transitivo direto e indireto**.

Existem dois grupos de verbos: os **nocionais** (intransitivos e transitivos) e os **relacionais** (de ligação, normalmente: *ser, estar, ficar, permanecer, continuar, parecer, tornar-se, encontrar-se, transformar-se, converter-se...*).

Obs.: É bom dizer que, em locuções verbais, o verbo principal é o que "carrega" o valor **nocional** ou **relacional**: "Você *precisa ficar* bom." (verbo relacional) / "Você *precisa estudar* mais." (verbo nocional).

Verbo de Ligação

Também chamado de copulativo, o **verbo de ligação** relaciona o sujeito ao seu **predicativo** (atributo que indica estado, qualidade ou condição do sujeito). Os verbos de ligação não indicam ação alguma por parte do sujeito, por isso são tradicionalmente "vazios" de significado, indicando apenas estado, e por isso o núcleo do predicado, somente neste caso, não é o verbo, mas sim o **predicativo**.

– *João **é** alegre.* (estado permanente)
– *João **está** alegre*. (estado transitório)
– *João **ficou** alegre.* (estado mutatório)
– *João **permanece** alegre.* (estado continuativo)
– *João **parece** alegre.* (estado aparente)

Cuidado!!!

1) Não confunda **verbo relacional,** que indica **estado**, com **verbo nocional**, que, normalmente, indica **ação**.

77. (FAB – AFA – Oficial – 2011/2012) De acordo com a análise morfossintática dos termos sublinhados abaixo, pode-se concluir que está **INCORRETA** a afirmativa:
b) em "A fonte da felicidade pública se transforma no para-raios do rancor público", a expressão grifada é predicativo do sujeito.

Comentário: O gabarito é outro, mas vamos nos ater à letra B. Pode ser que você confunda o verbo de ligação *transformar-se* com um verbo transitivo indireto, uma vez que, aparentemente, tal verbo exige um complemento preposicionado (*no* para-raios do rancor público). No entanto, note que o verbo *transformar-se* indica uma mudança de estado entre o sujeito e o predicativo, a saber: *a fonte da felicidade pública* se torna *o para-raios do*

rancor público. Portanto, *transformar-se (em)* é um verbo de ligação, sinônimo de *converter-se (em)*, como nos ensina Bechara.

2) **A predicação do verbo depende do seu valor no contexto frasal**. Logo, o verbo de ligação pode deixar de ser de ligação para ter outra predicação. E verbos que não são de ligação podem passar a ser de ligação, como *viver, andar, cair, virar, dar* etc. Entenda:
   – *No princípio **era** estudante...* (verbo de ligação)
   – *"No princípio **era** o verbo..."* (= *existia;* verbo intransitivo)
   – *O aluno **fica** contente com boas explicações.* (verbo de ligação)
   – *O aluno **deve ficar** em sala de aula até segunda ordem. (*verbo intransitivo, pois vem seguido de adjunto adverbial)*
   – *Eu **estou** sempre satisfeito.* (verbo de ligação)
   – *"Eu **estarei** sempre com vocês, até o fim dos tempos."* (Mateus 28:20; verbo intransitivo seguido de adjunto adverbial de companhia)
   – *As pessoas **continuam** apáticas*. (verbo de ligação)
   – *As pessoas **continuam** em frente à sacada*. (verbo intransitivo seguido de adjunto adverbial de lugar)
   – *Ele **parece** bem esforçado.* (verbo de ligação)
   – ***Parece** que vai chover.* (= *aparenta;* verbo intransitivo)

* Normalmente os verbos de ligação que se tornam intransitivos vêm seguidos de adjunto adverbial (de lugar, principalmente).
   – *Eu **vivo** bem.* (verbo intransitivo)
   – *Nós **estamos vivendo** o momento.* (verbo transitivo direto)
   – *Que mulher complicada! Ela **vive** de má vontade*. (verbo de ligação)
   – *Ainda **vou andar** rapidamente*. (verbo intransitivo)
   – *Melina **anda** feliz esses dias.* (verbo de ligação)
   – *O rapaz **virou** o móvel para limpar a sujeira.* (verbo transitivo direto)
   – *O rapaz **virou** drag queen.* (verbo de ligação)
   – *Segundo noticiado, assassino **segue** suas vítimas à noite*. (verbo transitivo direto)
   – *Segundo noticiado, assassino **segue** preso.* (verbo de ligação)
   – *José lhe **deu** a melhor explicação possível.* (verbo transitivo direto e indireto)
   – *José **deu** um excelente professor de português.* (verbo de ligação)
   – *O homem **caiu** da cama*. (verbo intransitivo)
   – *O homem **caiu** de cama.* (verbo de ligação)

Veja uma questão sobre isso:

19. (Exército – EsSA – Sargento – 2006) A oração cujo predicado tem a mesma classificação que em "João Teodoro caiu em meditação profunda" é:

a) “E sumiu.”
b) “Chamava-se João Teodoro, só.”
c) “Um dia aconteceu a grande novidade...”
d) “Mas, como? Agora que você está delegado?” (Gabarito!)
e) “Já teve três médicos bem bons...”

Comentário: Tanto o verbo *estar* como o verbo *cair* indicam estado (transitório e mutatório, respectivamente). Ambos são verbos de ligação, por isso estamos diante de um predicado nominal.

2) Alguns verbos (conhecidos como incoativos, segundo o grande mestre Celso Cunha), apesar de indicarem estado (mutatório), não são de ligação, mas **intransitivos**: *adoecer, emagrecer, empobrecer, melhorar*., que equivalem a “ficar doente, ficar magro, ficar pobre, ficar melhor.” Sobre isso, veja uma questão extremamente polêmica, que deveria ter sido anulada, mas não foi, por associarem equivocadamente verbo intransitivo à ideia de ação:

19. (Exército – EsPCEx – Oficial – 2011) No trecho, “Ele chegava e saía curvado, sob a garra do reumatismo que nem melhorava nem matava.” (linha 29), os verbos sublinhados indicam, respectivamente:
a) ação – ação – ação – ação (Gabarito!);
b) ação – estado – ação – estado;
c) estado – ação – estado – ação;
d) estado – ação – ação – ação;
e) ação – ação – estado – ação.

Comentário: A resposta deveria ter sido a letra e), pois *melhorar* indica estado mutatório. Fica a lição: nem todo verbo intransitivo indica ação.

Intransitivo

O **verbo intransitivo** é aquele que contextualmente não exige complemento, por ter sentido completo.

Segundo a visão tradicional, consideram-se verbos intransitivos também aqueles que, indicando **deslocamento** ou **moradia**, normalmente vêm acompanhados de uma expressão adverbial (de lugar, principalmente).

– *No dia 5 de outubro de 2011,* ***morre*** *o famoso inventor Steve Jobs.*
– ***Encerraram****-se as sessões de cinema às 22h.*
– *Todos* ***chegaram*** *ao teatro à noite.*

Cuidado!!!

1) Cuidado com os verbos *ir, chegar, voltar, regressar, partir, retornar, morar, residir, habitar* e sinônimos, pois eles **aparentemente** exigem um objeto indireto, mas na verdade são apenas especificados por um adjunto adverbial indicando **lugar**. Esta é a visão tradicional. Alguns estudiosos, como Celso P. Luft, em seu *Dicionário de Regência Verbal*, entendem que os verbos que indicam **deslocamento** podem ser analisados como

transitivos indiretos. Voltando à visão tradicional... Tais verbos são acompanhados de adjunto adverbial de lugar, pois, caso contrário, o interlocutor não entenderia plenamente uma frase como esta: "Você sabia que ele foi?" (Pergunta óbvia: Ele foi **aonde**?). Esses verbos precisam de um **especificador** de lugar, e não de um **complemento**. Há muita polêmica em torno disso. Rocha Lima, por exemplo, fala em "complemento circunstancial". Não obstante, pela gramática tradicional, reitero: tais verbos são considerados **intransitivos** e são seguidos de adjuntos adverbiais de lugar!

2) Certos intransitivos podem ser transitivos diretos ou indiretos, contextualmente.

– *Vou **dormir** cedo.* (verbo intransitivo)

– *Vou **dormir** um sono profundo.* (verbo transitivo direto)

– *Sua ajuda financeira não **basta**, meu amigo!* (verbo intransitivo)

– *Sua ajuda financeira não **basta** para mim, meu amigo!* (verbo transitivo indireto)

Transitivo Direto

O **verbo transitivo direto** é aquele que contextualmente exige um complemento sem preposição obrigatória (objeto direto). Uma maneira de saber se o verbo é transitivo direto se dá por meio da passagem de voz ativa para passiva. Se isso ocorrer, o verbo é de fato transitivo direto (99,99% das vezes).

– *Por que os homens **destroem** assim a natureza? (Destrói-se algo/alguém)*

– ***Sabemos** que o mercado imobiliário está em ascensão. (Sabe-se algo)*

– ***Consideramo-las** pessoas realmente idôneas. (Considera-se alguém/algo)*

Cuidado!!!

1) Não raro, o complemento deste tipo de verbo vem em forma de pronome átono (o, a, os, as (lo, las, los, las/no, na, nos, nas)).

2) Às vezes, os verbos transitivos diretos vêm acompanhados de termo preposicionado em certas expressões idiomáticas, como "Puxar *da espada"*, "Cumprir *com o dever"*, "Beber *da água",* "Comer *da comida"* etc. Falo melhor sobre isso em *objeto direto preposicionado*, mais à frente.

3) Muitas vezes, pelo contexto, o verbo transitivo direto pode se tornar intransitivo:

– *O marido **passou a odiar** a mulher.* (verbo transitivo direto)

– *Quem **odeia** se envenena aos poucos.* (verbo intransitivo)

– ***Ouço** dez gêneros musicais por dia.* (verbo transitivo direto)

– *Enfim eles **estão ouvindo** perfeitamente.* (verbo intransitivo)

4) Lembre-se: todo verbo na voz passiva, em que o objeto direto da ativa se tornou sujeito, é transitivo direto (ou transitivo direto e indireto). Portanto, em "Vende-se casa." e "Fui

aplaudido.", os verbos *vender* e *aplaudir* são transitivos diretos. Reitero: o VTD na forma passiva não tem OD porque este virou sujeito. Mas ele continua VTD. Se não, não haveria voz passiva.

Transitivo Indireto

O **verbo transitivo indireto** é aquele que contextualmente exige um complemento com preposição obrigatória (objeto indireto).

– ***Concordo*** *com você, realmente* ***tenho de acreditar*** *em Deus, pois aqueles que lhe* ***desobedecem*** *sofrem graves consequências. (Concorda-se com algo/alguém/Acredita-se em algo/alguém/Desobedece-se a alguém/algo)*

Obs.: Muitos transitivos indiretos aceitam o *lhe* como complemento, mas outros não, como *aludir, anuir, assistir (=ver), atentar, investir, recorrer* etc. Falo melhor sobre isso no capítulo *Termos Acessórios da Oração,* em *Funções Sintáticas dos Pronomes Oblíquos Átonos* (veja o *lhe*).

Transitivo Direto e Indireto

Também chamado de **bitransitivo**, o **verbo transitivo direto e indireto** exige dois complementos, um sem preposição (objeto direto) e outro com preposição (objeto indireto).

– *A comissão parlamentar* ***comunicou*** *o problema a todos. (Comunica-se algo a alguém)*

– ***Comprei*** *uma blusa para mim. (Compra-se algo para alguém)*

– *Minha mãe só conseguiu me* ***dar*** *à luz depois de muito esforço.* (*me* é objeto direto e *à luz,* objeto indireto)

Obs.: Lembre-se sempre: só o contexto determinará a classificação do verbo.

– *Ela* ***escreve*** *bem. (VI)*

– *Ela* ***escreveu*** *dois poemas. (VTD)*

– *Ela ainda não me* ***escreveu****. (VTI)*

– *Ela não me* ***escreveu*** *nada. (VTDI)*

Predicativo do Sujeito e do Objeto

Vamos entender agora o que é o **predicativo**, porque este conhecimento servirá para entendermos os tipos de predicado melhormente.

Predicativo é o termo sintático que expressa estado, qualidade ou condição do ser ao qual se refere, ou seja, é um atributo. Normalmente aparece ligado ao sujeito por um verbo de ligação, mas não pense que só há predicativo do sujeito com verbo de ligação. Esse termo sintático pode ocorrer em orações com verbos intransitivos e transitivos.

Seu núcleo é representado por um adjetivo (normalmente), um substantivo, um numeral, um pronome, uma palavra substantivada, um advérbio (segundo Bechara e Sacconi) ou uma oração.

Existem dois tipos, segundo os gramáticos tradicionais, mas muitos também se referem a um terceiro tipo, por isso vejamos:

1) **Predicativo do sujeito**: refere-se ao sujeito, caracterizando-o; não necessariamente aparece só com verbo de ligação.
   – *(Nós) Estamos **felizes**.*
   – *O ônibus da seleção chegou **atrasado** para o jogo.*
   – *Ele foi nomeado **supervisor** pelo gerente.*
   – *Definiu-se o caso **como impossível**.*
   – *O caso foi definido **como impossível**.*
   – *Eles assistiram **nervosos** à partida.*
   – *Eles deram, **muito ansiosos**, um presente ao irmão.*
   – *Meu filho se tornou **um grande médico**.*
   – *Nós somos **dez** lá em casa.*
   – *Eu serei **você** amanhã.*
   – *Meu Brasil é **o verde das matas** e **o amarelo do ouro**.*
   – *A vida é **assim**, às vezes as pessoas ficam **bem** depois de uma separação.**
   – *Nós parecemos **que estamos sempre nos intrometendo na vida dos outros**?*

* Muitas bancas, principalmente militares, insistem em analisar tais predicativos como adjuntos adverbiais de modo.

Cuidado!!!

1) O predicativo do sujeito pode vir preposicionado: *A taça é **de cristal**. / Estou **sem medo**. / Continuamos **com sono**. / A distância é **de vinte quilômetros**?*

2) O predicativo do sujeito pode modificar um <u>sujeito oracional</u>: *É **primordial** que <u>aprendamos gramática</u>.*

3) Em orações sem sujeito com o verbo *ser*, existe predicativo **do <u>sujeito</u>**! Isso é estranho

demais, no entanto é assim que manda a tradição gramatical, e a gente, que não é bobo nem nada, lhe obedece. Consoante o que diz a NGB, o gramático Luiz Antonio Sacconi reitera: "Nas orações ***Era primavera*** e ***Estava frio***, o predicado é nominal, já que nelas existem verbos de ligação, cujos predicativos são ***primavera*** e ***frio***.". Fiz uma pergunta à ABL sobre isso e foi-me dito o mesmo. Logo, é isso aí.

4) O predicativo do sujeito pode ser representado por um pronome demonstrativo *o*: *Ele não é feliz, mas ela **o** é. (... ela é feliz).*

5) Existe predicativo do sujeito pleonástico, ou seja, um predicativo do sujeito que retoma um predicativo do sujeito já existente na oração. Veja: "***Orgulhoso***, ele sempre ***o*** foi.". O *o* (demonstrativo) é um predicativo do sujeito pleonástico, pois já existe um predicativo do sujeito, a saber: *orgulhoso*.

6) Pelo mesmo princípio de tipos de sujeitos, por inferência, notamos que há predicativo simples, composto, implícito (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova, meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Sou **estudioso***. (simples: um núcleo)

– *Sou **rico e bonito***. (composto: mais de um núcleo)

– *"Você é feliz?" "Sou."* (oculto: = *Sou (feliz)*)

– *O fato é **que o assunto me intriga***. (o predicativo do sujeito é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

2) Predicativo do objeto direto: normalmente é uma característica dada pelo sujeito ao objeto direto; enfim, é um termo sintático que modifica o objeto direto.

É bom dizer que há predicativo do objeto direto normalmente com os verbos **transobjetivos** (*julgar, chamar, nomear, eleger, proclamar, designar, considerar, declarar, adotar, tornar, encontrar, deixar, achar*...), os quais indicam opinião ou designação e normalmente exigem um objeto seguido de um predicativo do objeto.

Note que predicativo do objeto é uma característica **atribuída**, e não inerente ao ser.

– *O povo elegeu-o **presidente** pela segunda vez.*

– *Tu tens de me agradecer eternamente, pois eu te tornei **um homem famoso**.*

– *O fraco rei faz **fraca** a forte gente.* (Camões)

– *Faço as suas palavras **as minhas**.*

– *Deixei-a **preocupadíssima**.*

– ***Irritadíssima**, largou o namorado no meio da rua e saiu em disparada.*

Cuidado!!!

1) Na passagem de voz ativa para passiva, o predicativo do objeto vira predicativo do sujeito: *Todos consideramos a prova **difícil**.* (voz ativa) */ A prova foi considerada **difícil** por todos*. (voz passiva).

2) Pode haver predicativo do objeto referente a uma oração objetiva direta (objeto direto oracional): *Eu considero **válido** <u>que você arrume um emprego</u>.* O que é considerado válido pelo sujeito? **Isto**: "que você arrume um emprego", complemento (objeto direto) do verbo *considerar*. Veja outro exemplo: *Essa agilidade teve **como objetivo exclusivo** (predicativo do objeto direto oracional) <u>permitir-nos decidir</u> <u>o que merecia a nossa atenção</u> (= **Isto**;* objeto direto oracional*)*. Ou seja: *"Essa agilidade teve **isto como objetivo exclusivo**"*. O *como* é uma preposição acidental.

Veja uma questão sobre o *como*, preposição acidental, iniciando um predicativo do objeto e um predicativo do objeto modificando uma oração:

Fragmentos de texto

L. 9: ... e comprar um item mais caro...

L. 17: ... levar um bom vinho para o almoço...

L. 26-27: ... o primeiro é regido por valores como amor e lealdade, o segundo tem como marca indexadores monetários e contratos.

L. 32: ... acha bobagem comprar...

04. (CONSULPLAN – TSE – Técnico Judiciário – 2012) Assinale a palavra que, no texto, desempenhe função sintática idêntica à de *marca* (L. 27).
a) amor (L. 26).
b) vinho (L. 17).
c) bobagem (L. 32).
d) caro (L. 9).

Comentário: O substantivo *marca*, iniciado pela preposição acidental *como*, tem função de predicativo deste objeto direto: "indexadores monetários e contratos". O substantivo *bobagem* também tem função de predicativo do objeto, mas seu objeto vem em forma de oração: *comprar*. Note que tal predicativo é "fruto" da exigência de um verbo transobjetivo, *achar*.

3) O predicativo do objeto direto pode vir preposicionado: *Ele se fez **de bobo** para conquistá-la. (o pronome reflexivo "se" tem função de objeto direto). / Os próprios doutores da faculdade tinham aquele professor **por um sábio**. / Infelizmente encontrei, **sem esperanças e com a vida por um fio**, meu amigo no hospital.*

4) Pode haver predicativo do objeto de um objeto direto preposicionado: *Estamos no mundo para fazer <u>dele</u> **um mundo melhor**.*

5) Por inferência, notamos que há predicativo do objeto simples, composto, implícito (só contextualmente). Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova, meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Por causa do prêmio Nobel de Literatura, encontrei o escritor* ***orgulhoso***. (simples: um núcleo)

– *Por causa do prêmio Nobel de Literatura, encontrei o escritor* ***orgulhoso e sorridente***. (composto: mais de um núcleo)

– *"Você o encontrou orgulhoso por ter ganhado o prêmio?" "Encontrei-o."* (oculto: = *Encontrei-o (orgulhoso))*

3) Predicativo do objeto indireto: refere-se ao objeto indireto, caracterizando-o.

– *Gosto de vocês* ***quietinhos***.

– *Eu preciso do meu marido* ***consciente****, doutor!*

– *No início do século XX, as filhas obedeciam aos pais –* ***sempre austeros***.

– *As muralhas não resistiram aos ataques (****extremamente ferozes****)*.

Cuidado!!!

1) O verbo transobjetivo *chamar* no sentido de *nomear, apelidar, cognominar, classificar* pode ser verbo transitivo direto (VTD) ou indireto (VTI) acompanhado de predicativo do objeto direto (POD) ou indireto (POI). A preposição de é facultativa.

– *Chamei ao rapaz (de)* ***vigarista***. (VTI / POI) - *Chamei-lhe (de)* ***vigarista***. (VTI / POI)

– *Chamei o rapaz (de)* ***vigarista***. (VTD / POD) - *Chamei-o (de)* ***vigarista***. (VTD / POD)

2) Por inferência, notamos que há predicativo do objeto indireto simples, composto, implícito (só contextualmente). Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova, meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Eu me lembro delas ainda* ***moças***. (simples: um núcleo)

– *Eu me lembro delas ainda* ***moças e dispostas***. (composto: mais de um núcleo)

– *"Você a chamou de infeliz?" "Chamei-a, sim!"* (oculto: = *Chamei-a (de infeliz, sim!)*)

Obs. final: Apesar de isso não cair em prova alguma, o importante linguista Claudio Cezar Henriques ensina que o predicativo não se restringe ao sujeito ou aos objetos, mas pode modificar outros termos sintáticos. Vou dar só um exemplo para matar sua curiosidade: *O rapaz nunca sai com a namorada* ***desarrumada***. (predicativo do adjunto adverbial de companhia, levando em conta que ele só tem uma namorada).

Classificação do Predicado

São três tipos de predicado: nominal, verbal e verbo-nominal.

1) **Nominal**: o nome, o predicativo do sujeito, é a parte mais significativa do predicado; é constituído sempre de verbo de ligação + predicativo do sujeito.
   – *Os alunos* ***parecem bem <u>interessados</u> ultimamente****.*
   – *Esses moradores* ***continuam sem moradia****!*
   – ***É de chorar*** *esse programa de comédia.*
   – ***Já são vinte e duas horas****?* (tudo é predicado nominal, pois não há sujeito)
2) **Verbal**: expressa ideia de ação/movimento e tem como núcleo um verbo; constituído de qualquer verbo, exceto o de ligação; <u>não</u> há predicativo algum.
   – *Meus alunos* ***não estão em sala de aula****.* (verbo intransitivo)
   – ***Devido ao frio, tivemos de nos agasalhar até o conserto do aquecedor****.*[1] (verbo transitivo direto)
   – ***Houve esquema de compra de votos segundo o relator da CPI****.*[2] (verbo transitivo direto)
   – *Todos nós* ***visamos a uma carreira estável****.* (verbo transitivo indireto)
   – *O rapaz* ***informou sua classificação ao mestre****.* (verbo transitivo direto e indireto)

[1] Tudo é o predicado; o sujeito está oculto (nós). [2] Oração sem sujeito: tudo é o predicado.

3) **Verbo-nominal**: é a mistura dos dois anteriores; composto de um verbo qualquer que não seja de ligação + um predicativo (do sujeito ou do objeto).
   – *A relação do casal,* ***inicialmente caótica, amadureceu****.*
   – *O povo* ***reelegerá Dilma presidenta daqui a poucos anos?***
   – *Nós* ***nos aliamos a ele desconfiados****.*
   – ***Emocionados, convidaram o professor para a despedida****.*[1]
   – ***Como professor, tive de fornecer um vultoso material aos alunos****.*[2]

[1] Tudo é o predicado; o sujeito está indeterminado. [2] Tudo é o predicado; o sujeito está oculto (eu).

Obs.: A ordem do predicativo do sujeito pode mudar a predicação verbal: *O entrevistado ficou* ***calado*** *na sala de espera.* (verbo de ligação) / *O entrevistado ficou na sala de espera* ***calado****.* (verbo intransitivo).

<u>Último adendo</u> (só para eu poder dormir tranquilo): Dentro da **classificação de termos essenciais, integrantes e acessórios da oração**, os predicativos do sujeito e do objeto são **termos essenciais** no que diz respeito à formação dos predicados nominal e verbo-nominal.

O Que Cai Mais na Prova?

Você vai ver que a maioria das questões de bancas diversas estão relacionadas à identificação do sujeito (normalmente afastado do verbo) e ao tipo de sujeito. No entanto, saiba que a FCC adora cobrar questão de transitividade verbal. Observe o padrão das questões!

Questões de Concursos

*Em dezembro do ano passado, **milhares de pessoas** tomaram as ruas de Seattle nos Estados Unidos, para protestar contra uma reunião da Organização Mundial de Comércio, que tentava aprovar mais uma rodada de liberalização comercial (a chamada Rodada do Milênio). **Conseguiram** barrar a negociação, que ficou para um futuro para lá de incerto, e, de quebra, **ridicularizaram** ninguém menos que o presidente americano Bill Clinton, o anfitrião do encontro. (...)*

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2000) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O sujeito de "conseguiram" e de "ridicularizaram" é "milhares de pessoas".

2. (Esaf – SERPRO – Técnico de Operação de Rede – 2001) Assinale a opção em que o termo sublinhado no texto exerce a função de sujeito sintático da oração.

Em meio à profusão a) de novidades no mundo dos computadores, não há carteira b) que resista ao apelo consumista de vendedores interessados em empurrar-lhe um equivalente a um modelo de Fórmula 1 c), quando você d) precisa na verdade é de um carro confortável e) para ir de casa para o trabalho ou escapar para o sítio no fim de semana.

a) A.
b) B.
c) C.
d) D.
e) E.

3. (ACEP – BNB – Assistente Administrativo – 2004) Em "A dedicação ao trabalho ***te*** enche de glória e ***te*** faz ***vencedor***", as palavras em itálico são respectivamente:
a) objeto direto, objeto indireto, objeto direto;
b) objeto indireto, objeto indireto, predicativo do sujeito;
c) adjunto adnominal, adjunto adnominal, objeto direto;
d) objeto direto, objeto direto, predicativo do objeto;
e) predicativo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto.

4. (Esaf – Advogado – 2004) Assinale a frase do texto que constitui uma oração sem sujeito.

O direito nada pode sem a ética, e não pode haver paz sem justiça. Toda regra de Justiça envolve amor, que resume, em seu mais amplo sentido, a verdadeira idéia da convivência entre os homens.

a) O direito nada pode sem a ética.
b) [...] não pode haver paz sem justiça.
c) Toda regra de Justiça envolve amor.
d) que resume [...] a verdadeira idéia da convivência entre os homens.
e) [...] em seu mais amplo sentido [...]

5. (Esaf – Técnico Administrativo – ANEEL – 2006) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

*Apesar das dificuldades, o Programa de Metas foi executado e seus resultados **manifestam-se** na transformação da estrutura produtiva nacional. (...) No entanto, **foi** graças ao controle do câmbio e ao regime de incentivos criados que as importações de bens de consumo duráveis foram contidas.*

I. Em "manifestam-se", o "se" é índice de indeterminação do sujeito.
II. Por se tratar de verbo expletivo, "foi" pode ser retirado da oração sem prejuízo do sentido e da sintaxe.

6. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa em que o predicado é verbo-nominal:
a) O garoto tímido fez o discurso.
b) Não encontraram o suspeito.
c) A garota saiu chateada da escola.
d) O garoto continua internado.

7. (Cespe – IRBr – Diplomata – 2008) Na linha 17 (O único perigo é que o porão faça da criança, no futuro, um romancista introvertido...), o termo 'um romancista introvertido' exerce função sintática de predicativo do objeto 'da criança'.
( ) CERTO ( ) ERRADO

8. (Cesgranrio – SEC. ADM./TO – Administrador Hospitalar – 2009) O verbo destacado é impessoal na frase:
a) "(e isso, você sabe, não implica nenhum tipo de propensão ao crime)." (L. 3-4);
b) "E, ah, quando não há ninguém por perto,..." (L. 5);

c) “E tudo agora é para valer.” (L. 10);
d) “Vira mais uma atividade produtiva a cumprir...” (L. 17);
e) “quem brinca não quer chegar a lugar nenhum –” (L. 20-21).

9. (FCC – TRT/MG (3R) – Analista Judiciário – 2009) ... que prevalece no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos. (3º parágrafo)
A frase cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:
a) ... que homogeneíza todos os indivíduos.
b) ... o sentimento tribal é muito forte ...
c) ... acompanha o indivíduo por toda vida ...
d) ... que (...) participam no rito das danças guerreiras.
e) ... e estão espalhados por vários locais.

10. (FCC – TRT/MA (16R) – Analista Judiciário – 2009) Na frase *Mas aqui surge outro* **problema**, o termo em destaque exerce a mesma função sintática que o termo sublinhado em:
a) Não, não sou um conservador reacionário.
b) Tivemos tempo suficiente para ver quanto podia durar um disco de vinil (...)
c) (...) as fitas de vídeo perdem as cores e a definição com facilidade.
d) Um congresso recente, em Veneza, dedicou-se à questão da efemeridade dos suportes de informação (...)
e) Sabemos que todos os suportes mecânicos, elétricos ou eletrônicos, são rapidamente perecíveis (...)

11. (FUNRIO – MPOG – Agente Administrativo – 2009) “Dizem que, quando recebeu o Robespierre caído em desgraça...”. Assinale a opção que apresenta corretamente a classificação do sujeito de “Dizem” e uma respectiva explicação para tal emprego.
a) Sujeito inexistente – inexiste um termo a que o verbo possa se referir.
b) Sujeito indeterminado – não se pode ou não se deseja especificar o sintagma que exerce a função de sujeito.
c) Sujeito oculto – é identificável na forma verbal.
d) Sujeito simples – seu núcleo é Robespierre.
e) Sujeito composto – apresenta dois núcleos, Robespierre e Carrasco.

12. (FCC – TRT/CE (7R) – Analista Judiciário – 2009) *Mas enquanto o sonho de Darcy não se torna realidade, o debate continua.*
Os termos sublinhados exercem na frase acima a mesma função sintática do termo sublinhado em:
a) Ainda temos muito a caminhar.
b) Para ele, trabalho não era opção para as crianças.
c) Caberiam aos pais as providências (....)
d) Ainda que a escola não venha a suprir a necessidade (...)
e) A tragédia dos menores abandonados é de tal ordem (...)

13. (FUNDEP – TJ/MG – Assistente Social – 2010) “Anda tudo **muito desorganizado**, e, como deves notar, trago comigo um resto de verão [...].”
O termo destacado no trecho acima, quanto à função sintática, classifica-se em:
a) adjunto adverbial;
b) aposto;
c) predicativo do sujeito;
d) adjunto adnominal.

14. (Cespe/UnB – Caixa – Advogado – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Na oração “Vale a pena deixá-los sem futuro?”, o sujeito é inexistente.

15. (CONSULPLAN – Técnico Administrativo – 2010) Assinale a seguir uma oração sem sujeito:
a) Come-se bem naquele restaurante.
b) Vai haver um campeonato.
c) Vive-se feliz no Brasil.
d) Paulo faz vinte anos amanhã.
e) Eles haviam feito a pesquisa.

16. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judicário – 2010) *Uma pesquisa recente de um grupo de arqueólogos alemães confirma a antiguidade da família nuclear entre humanos.*

A frase cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:

a) Várias hipóteses apontam nesse sentido.
b) ... geravam mais descendentes que os aventureiros ...
c) ... em que os animais andam em bandos ...
d) ... que datam de 4.600 anos atrás ...
e) ... de que a família nuclear era uma instituição apenas cultural.

17. (CONSULPLAN – Pre. Santa Maria Madalena – Enfermeiro – 2010) Em "...saibamos <u>ensinar</u> aos alunos o mais elementar,...", o verbo destacado é:

a) Transitivo direto.
b) Transitivo indireto.
c) Intransitivo.
d) De ligação.
e) Transitivo direto e indireto.

*(...) Quão competente é, porém, **o crítico competente**? Suponhamos que uma obra de arte profundamente original surja diante de seus olhos. Como a julga ele? Comparando-a com as obras de arte do passado. **Se for original**, afastar-se-á em alguma coisa – e, quanto mais original, mais se afastará – das obras de arte do passado. (...)*

18. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Pelo desenvolvimento das ideias do texto, verifica-se que a referência do sujeito elíptico de todas as orações do período iniciado por "Se for original" corresponde à expressão "o crítico competente".

( ) CERTO
( ) ERRADO

Pernambucano em Málaga
A cana doce de Málaga
dá domada, em cão ou gata:
deixam-na perto, sem medo,
quase vai dentro das casas.
(...)
A cana doce de Málaga
não é mar, embora em praias,
dá sempre em pequenas poças,
restos de uma onda recuada.
(...)
A cana doce de Málaga
dá dócil, disciplinada:
dá em fundos de quintal
e podia dar em jarras.
(...)
João Cabral de Melo Neto

19. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) A forma "dá" é empregada no poema ora como verbo intransitivo, nos versos 19 e 27, por exemplo, ora como transitivo, nos versos 2 e 26.

( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Esaf – Analista Técnico da SUSEP – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

*(...) O fenômeno já se fazia sentir com força, no final de 2009, na procura por engenheiros. Agora se vê que a carência de profissionais **se espraia** para vários níveis de formação – sobram vagas para farmacêuticos, mas também para eletricistas e torneiros. Trata-se de um problema grave, para o qual não há solução simples nem imediata. A rede educacional do país, com suas falhas e **distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade**, **mostra-se** incapaz de oferecer ao mercado de trabalho mão de obra competente.*

I. Em "se espraia" o termo "se" funciona como indicador de sujeito indeterminado.
II. A forma verbal "mostra-se" tem como sujeito "distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade".

21. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) As orações "São tantos os espaços para a dita participação popular" e "não há espaços de visibilidade claros" são exemplos de oração sem sujeito.

( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – BRB – Escriturário – 2011) O emprego da partícula "se" em "se estabeleceram" (No entanto, foi somente no século XVII que os bancos se estabeleceram...) indica que o sujeito da oração é indeterminado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (Cespe/UnB – BRB – Escriturário – 2011) A expressão "moedas mexicanas e peruanas" (No extremo norte, por exemplo, continuavam sendo usadas no comércio moedas mexicanas e peruanas...) exerce, na oração em que ocorre, a função sintática de sujeito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

24. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) Considerando-se apenas o trecho "Viver em ambiente sem gravidade faz coisas curiosas com o corpo", não se pode determinar, do ponto de vista sintático, o sujeito da forma verbal "faz".
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Em "Quando o carteiro chegou e meu nome gritou", os sujeitos gramaticais "o carteiro" e "meu nome" estão antepostos a seus respectivos predicados verbais.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
No palácio da Cachoeira,
com pena bem aparada,
começa Joaquim Silvério
a redigir sua carta.
Cecília Meireles

26. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Se os versos do fragmento fossem reescritos na ordem sujeito–verbo–complemento verbal–adjunto adverbial, a versão correta seria: *No palácio da Cachoeira/Joaquim Silvério começa/ a redigir sua carta/ com pena bem aparada.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Constituem exemplos de orações que não seguem a ordem sujeito–verbo–objeto: "como nos inclina a pensar a prevalência da forma pronominal" e "uma vez que foi necessário levar em conta a noção de memória coletiva".
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Em pleno sertão do Cariri, no sul do Ceará, um meio de transporte causa estranheza na paisagem árida. Cobrindo os 14 quilômetros que separam Crato e Juazeiro do Norte, um misto de metrô e ônibus transporta passageiros. Trata-se do primeiro veículo leve sobre trilho (VLT) do Brasil, um tipo de transporte coletivo capaz de melhorar o trânsito nas cidades sem acarretar tantos malefícios ao ambiente. Além de custar menos que o metrô, **transporta muito mais passageiros** que o ônibus e é até 93% menos poluente que este. (...)

28. (Cespe/UnB – CBM/ES – Oficial Bombeiro – 2011) O sujeito da oração "transporta muito mais passageiros" está elíptico.
( ) CERTO
( ) ERRADO

29. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) O verbo destacado **NÃO** é impessoal em:
a) Fazia dias que aguardava a sua transferência para o setor de finanças.
b) Espero que não haja empecilhos à minha promoção.
c) Fez muito frio no dia da inauguração da nova filial.
d) Já passava das quatro horas quando ela chegou.
e) Embora houvesse acertado a hora, ele chegou atrasado.

30. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) A palavra *sujeitas* (... as matrizes das empresas

transnacionais que aqui operam sujeitas às normas...) exerce, no texto, função sintática de:
a) complemento nominal;
b) objeto direto;
c) predicativo do objeto;
d) predicativo do sujeito;
e) adjunto adverbial de modo.

(www.ivancabral.com)

31. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) De acordo com o contexto da fala do aluno, o uso do verbo no plural indica sujeito:
a) desinencial;
b) indeterminado;
c) inexistente;
d) composto;
e) elíptico.

32. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) (Adaptada) O termo sublinhado em **Sabe-se quão barbaramente <u>os ingleses</u> subjugaram os hindus** exerce a função de ....., a mesma função sintática que é exercida por ..... na frase **Cometeram-se incontáveis violências contra os hindus**.
Qual item preenche corretamente as lacunas do enunciado acima, respectivamente?
I. objeto direto – os hindus;
II. sujeito – os hindus;
III. sujeito – violências.

33. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Na frase *No caso dos donos do mundo, não se devem esperar exames de consciência mais profundos*, é correto afirmar que:
a) a construção verbal é um exemplo de voz ativa;
b) a partícula <u>se</u> tem a mesma função que em "*E **<u>se</u>** ela não vier?";*
c) a forma plural *devem* concorda com *exames*;
d) ocorre um exemplo de indeterminação do sujeito;
e) a expressão *donos do mundo* leva o verbo ao plural.

34. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) Destes <u>proviriam</u> as pistas que indicariam o caminho ...
O verbo empregado no texto que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está também grifado em:
a) ... a principal tarefa do historiador <u>consistia</u> em estudar possibilidades de mudança social.
b) Os caminhos institucionalizados <u>escondiam</u> os figurantes mudos e sua fala.
c) <u>Enfatizava</u> o provisório, a diversidade, a fim de documentar novos sujeitos ...
d) ... sociabilidades, experiências de vida, que por sua vez <u>traduzissem</u> necessidades sociais.
e) <u>Era</u> engajado o seu modo de escrever história.

35. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) O conetivo ***e*** (*Gates afirmou ser importante usar outros meios para convencer o Irã a não procurar ter armas nucleares* ***e*** *repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar...*) está ligando:
a) dois verbos intransitivos;
b) dois verbos transitivos indiretos;
c) um verbo transitivo direto e outro indireto;
d) dois verbos transitivos;
e) dois verbos circunstanciais.

36. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) Em "Pela estreita peneira do programa só passam os realmente capazes", o sujeito da oração está indeterminado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) O termo "gente" (Há gente no Brasil interessada em...) exerce a função de sujeito da oração em que se insere.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Não era preciso ser médium para, mesmo antes do desastre com avião na Amazônia no final de 2006, ***perceber*** *que a leniência das autoridades federais... (...)*

38. (Cespe/UnB – STM – Técnico Judiciário – 2011) A forma verbal "perceber" possui sujeito oracional.
( ) CERTO
( ) ERRADO

39. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) No trecho "É verdade que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas", o emprego da forma verbal singular "É" justifica-se pelo fato de essa forma verbal não ter sujeito explícito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

40. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Na linha 5 do fragmento I, destaca-se, por meio da partícula expletiva "é que", o sujeito simples da oração absoluta "Essa criança é que chamaram de Macunaíma".
( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Admite-se como forma alternativa de reescrita da expressão coloquial "o diabo do homem só faltou me chamar de" a estrutura **só faltou o diabo do homem me chamar de**, na qual o verbo **faltar** é empregado como impessoal e, portanto, integra uma oração sem sujeito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

42. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ... *elas ainda* <u>*sofrem de imensas deficiências de nutrientes*</u> ...
A relação entre verbo e complemento, grifada acima, se reproduz em:
a) ... embora a maioria das pessoas consuma calorias suficientes ...
b) ... e têm pontuação mais baixa nos testes de habilidade cognitiva.
c) ... a epidemia de obesidade nos países ricos representa exatamente o problema oposto.
d) ... e muitos não obtêm esses nutrientes.
e) ... menos da metade daqueles que mais precisam deles ...

43. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) ... *para que ela não* <u>*interfira*</u> *de forma excessiva em seus projetos.*
O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está em:
a) ... contra forças desconhecidas que anulam tudo aquilo ...
b) ... com as quais procuramos lidar com a realidade ...
c) ... deixando-nos desarmados e atônitos ...
d) ... de algo que está além de nossa compreensão ...
e) ... ele o convoca constantemente.

44. (Cesgranrio – Petrobras Distr. – Direito Júnior – 2012) O trecho "Pensa-se logo num palhaço" pode ser reescrito,

respeitando a transitividade do verbo e mantendo o sentido, assim:
a) O palhaço pode ser logo pensado.
b) Pensam logo num palhaço.
c) Pode-se pensar num palhaço.
d) Pensam-se logo num palhaço.
e) O palhaço é logo pensado.

45. (FUMARC – TJ/MG – Técnico Judiciário – 2012) Leia o trecho transcrito: "O povo **respira** aliviado.". A predicação do verbo negritado na frase se repete em:
a) Mesmo com os meus conselhos, ele continua ansioso.
b) O presidente nomeou Catarina primeira secretária.
c) Só ficarão acesas as lâmpadas da sala e do corredor.
d) O filho dependia da mãe para as atividades diárias.

46. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) *Este conceito é relativo, pois em arte não há originalidade absoluta.*
... a sua contribuição maior foi a liberdade de criação e expressão.
Ambos os elementos acima grifados exercem nas respectivas frases a função de:
a) adjunto adverbial;
b) objeto direto;
c) complemento nominal;
d) predicativo;
e) objeto indireto.

(Fernando Gonsales. www.uol.com.br)

47. (FGV – Senado Federal – Administração (Técnico) – 2012) Em relação aos verbos da tirinha e sua natureza sintática, analise as alternativas a seguir:
I. Só há um verbo de ligação na tirinha, em uma única ocorrência.
II. Só há um verbo transitivo direto na tirinha, em uma única ocorrência.
III. Todos os verbos possuem sujeito simples.
a) Se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
b) Se nenhuma afirmativa estiver correta.
c) Se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
d) Se todas as afirmativas estiverem corretas.
e) Se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

Gabarito

1. CORRETO.	11. B.	21. ERRADO.	31. B.	41. ERRADO.
2. D.	12. E.	22. ERRADO.	32. III.	42. E.
3. D.	13. C.	23. CERTO.	33. C.	43. B.
4. B.	14. INCORRETO.	24. ERRADO.	34. A.	44. B.
5. I- INCORRETA. II- INCORRETA.	15. B.	25. ERRADO.	35. D.	45. B.
6. C.	16. B.	26. ERRADO.	36. ERRADO.	46. D.
7. CERTO.	17. E.	27. CERTO.	37. ERRADO.	47. D.
8. B.	18. ERRADO.	28. CERTO.	38. ERRADO.	
9. D.	19. ERRADO.	29. E.	39. ERRADO.	
10. C.	20. I- INCORRETA. II- INCORRETA.	30. D.	40. ERRADO.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 20

Termos Integrantes da Oração

Definição

Os **termos integrantes da oração** servem para completar o sentido de certos verbos e certos nomes para que a oração fique plena, por isso são chamados de **complementos verbais** (**objeto direto** e **objeto indireto**), **complemento nominal** e **agente da passiva**.

Objeto Direto

O **objeto direto** é um termo que estabelece uma relação sintática com um verbo transitivo direto ou transitivo direto e indireto, complementando seu sentido. Normalmente o objeto direto é o alvo da ação verbal e não vem preposicionado.

– *De um modo completo mas didático, ensinei* ***gramática*** *aos alunos.*

– *Gostaria de vê-****lo*** *no topo do mundo, meu filho.*

– ***Quem*** *vocês conhecem deste lugar?*

– *Libertaram* ***os demais****, pois não haviam feito nada de ilícito.*

– ***Aqueles*** *eu tolero, mas* ***estes*** *jamais irei tolerar.*

– *O técnico convocou somente* ***os do Brasil****. (os = aqueles)*

– *Nos últimos dias, Deus começará* ***o despertar de um novo mundo****.*

– *Deixamos* ***o nosso filho perceber as dificuldades da vida sozinho****.*

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há objeto direto simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Estou quase entendendo* ***Português****.* (simples: um núcleo)

– ***A Língua Portuguesa e todas as suas regrinhas****, só mesmo o professor domina.* (composto: mais de um núcleo)

– *"Você comprou aquele livro?" "Comprei."* (oculto: = Comprei (aquele livro))

– *Hoje sabemos* ***que ela não se apresentou por timidez****.* (o objeto direto é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

É bom dizer que, quando o objeto (ou qualquer outro complemento ou adjunto) vier ligado por *e* ou *nem* (conjunções coordenativas aditivas), ou separado por vírgula numa enumeração, não haverá verbo implícito. Por exemplo: "Fomos comprar *uma televisão, uma geladeira, um fogão e um sofá.*". Todos esses termos são núcleos do objeto coordenados, não é para entender que há orações implícitas, ou seja, fazer a seguinte análise *errada*: "Fomos comprar *uma televisão, (comprar) uma geladeira, (comprar) um fogão e (comprar) um sofá.*". Só há uma (1) oração, sinalizada pela locução verbal *fomos comprar*, ok?

2) Assim como o sujeito simples pode ser "complexo", ou seja, ser constituído de adjuntos adnominais ou de orações adjetivas, o **objeto direto** também: "*Os candidatos aplicados sempre resolvem* ***muitas provas anteriores que fazem parte das bancas de maior***

prestígio no universo dos concursos". A palavra em azul é só o núcleo, mas tudo em negrito é o objeto, ou seja, o complemento do verbo *resolver*.

3) Além dos pronomes oblíquos *o(s) e a(s)*, e suas variações *lo(a/s), no(a/s),* quase sempre exercerem a função de **OD**, os pronomes oblíquos *me, te, se, nos, vos* também podem exercer a função de **OD**. O *lhe(s)* nunca exerce função de OD.

– *Convidaram-**na** para palestrar sobre Sintaxe.*

– *Levou-**me** à sabedoria esta aula.*

– *Admira-**te** que eu tenha voltado?*

– *Sujou-**se** com graxa para compor o personagem.*

– *Depois de terem **nos** expulsado do colégio, convidaram-**nos** novamente.*

– *Nunca **vos** tomeis como grandes personalidades!*

4) Os pronomes demonstrativos *o, a, os, as* podem ser objetos diretos. Normalmente vêm antes do pronome relativo *que*:

– *Escuta **o** que eu tenho a te dizer. (Escuta (VTD) **o** (= aquilo; objeto direto) que eu tenho a te dizer.)*

5) Existem outros tipos de objeto direto que muito raramente caem em prova. Vamos conhecer.

Objeto Direto Preposicionado

Lembre-se sempre de que <u>não</u> é o verbo que exige a preposição! Ela é posta antes do objeto direto normalmente por motivo de ênfase ou clareza. Nos oito primeiros casos, a preposição é obrigatória; nos demais casos, facultativa.

a) OD é pronome **oblíquo tônico**.

– *Não entendo nem **a ele** nem **a ti**.*

b) OD é de um VTD + SE (PIS).

– *Antigamente, respeitava-se **aos mais velhos**.*

c) OD é preposicionado para evitar a **ambiguidade**.

– ***À mulher** venceu o homem.* (Sem a preposição *a + a = à, A mulher* poderia ser interpretado como sujeito ou objeto; assim, sabemos que *o homem* é o sujeito.*)*

d) OD é o pronome relativo **quem**.

– *Ele tinha um avô **a quem** idolatrava.*

e) OD é uma expressão de **reciprocidade** – *um(a/s) a(o/s) outro(a/s)*.

– *Os lutadores agrediram-se **uns <u>a</u>os outros**.*

f) OD é um **substantivo coordenado com um oblíquo**.

– *Redação do art. 229, inc. III, do Novo Código Civil:*

"Ninguém pode ser obrigado a depor sobre fato:

(...)

*III- que o exponha, ou **às pessoas referidas no inciso antecedente**"*

– *Mulher, amo-te e **aos meus pais** também.*

g) OD é um **infinitivo** (regido pela preposição *a*) dos verbos *ensinar* e *aprender.*

– *Sua professora lhe ensinou **a ler Machado de Assis**?*

– *Não aprendi **a somar nem a dividir**.*

h) OD é um **substantivo numa construção comparativa** para evitar falta de clareza.

– "Olho Gabriela como **a uma criança**, e não mulher feita." (Ciro dos Anjos)

* Se não houvesse a preposição, o sentido seria outro: *"Olho Gabriela como uma criança (olha)..."*, em que *uma criança* passaria a ser o sujeito do verbo implícito, e não o objeto direto. Com a preposição, a leitura é esta: *"Olho Gabriela como olho uma criança..."*.

i) OD é um **nome próprio ou comum**, referente a seres personativos, principalmente com verbos que indicam sentimento.

– *Nós amamos **a Deus**, **a Jesus** e **aos anjos**.*

– *O dinheiro, esse maldito!, atrai **a homens** e **a mulheres**.*

j) OD é **pronome de tratamento**, **indefinido**, **interrogativo** ou **demonstrativo**.

– *Não admito que coloquem **a Sua Excelência** num pedestal!*

– *O amor fere **a uns**, mas **a outros** não.*

– *Meu Deus, **a quem** eu devo ajudar?*

– *De todos esses filmes, eu odeio mais **a estes** do que **àqueles**.*

k) OD **iniciando a oração**, por motivo de ênfase.

– ***Ao povo** ninguém engana.*

– ***Às artimanhas de Satanás**, as quais visam destruir nossa relação com Deus, devemos sempre evitá-las.*

l) OD é o numeral **ambos**.

– *Se deixassem, ele matava **a ambos**.*

m) OD é constituído por **expressões idiomáticas enfáticas** (as preposições aqui são chamadas de **posvérbios**, termo cunhado por Antenor Nascentes para indicar que tais preposições não mudam a transitividade do verbo, mas atribuem um matiz de sentido ao contexto, tornando a frase mais expressiva).

– *fazer **com que ele estude***, puxar **da faca**, arrancar **da espada**, sacar **do revólver**, pedir **por socorro**, pegar **pelo braço**, cumprir **com o dever**... beber **da água**, comer **do pão,** dar **do leite*** (essas preposições indicam parte de um todo).

* Confira uma questão (nº. 19) sobre essa estrutura: FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário (EXECUÇÃO DE MANDADOS) – 2007.

– É possível haver um **predicativo do objeto direto preposicionado**: "O homem ***a quem*** (ODP) considerava ***amigo*** (PODP) me traiu.".

Objeto Direto Pleonástico

Usa-se normalmente o **pronome oblíquo átono** para retomar enfaticamente um objeto direto que já existe e que vem no início da oração (facultativamente separado por vírgula).

– *Este carro, comprei-**o** hoje.*

– *A mim ele nunca **me** chama para sair.*

– *Todos aqueles ditos e não ditos quem não **os** ouviu?*

Objeto Direto Interno (Intrínseco ou Cognato)

O núcleo possui radical normalmente semelhante ao do verbo da oração ou com sentido dentro do mesmo campo semântico; sempre há um **modificador** do núcleo. Note que, em outros contextos, tais verbos são normalmente intransitivos.

– *Ele vive **uma vida de rei**.*

– *Dormi **um sono gostoso** como se estivesse protegido dos males do mundo.*

– *"E rir **meu riso** e derramar meu pranto."* (Vinícius de Moraes)

Veja questões do século XXI (raríssimas, deveras) sobre objeto direto preposicionado (FAB – EEAR – SARGENTO – 2003 – QUESTÃO 20), objeto direto pleonástico (FAB – EEAR – SARGENTO – 2010 – QUESTÃO 24) e objeto direto interno (CONCSEL – PREF. SÍTIO NOVO/RN – CARGOS ENSINO FUNDAMENTAL – 2009 – QUESTÃO 13).

Objeto Direto X Sujeito

Normalmente a distinção se torna *complicadinha* porque as provas trabalham o sujeito depois do verbo, para dar a impressão de que se trata de um objeto e vice-versa.

Para fazer a distinção entre objeto direto e sujeito, saiba que o objeto direto pode ser passado para a voz passiva (analítica), tornando-se sujeito. Entenda melhor:

– *Já começaram* ***os jogos da seleção***. (sujeito)

– *Ignoraram* ***os jogos da seleção***. (objeto direto)

Note que é totalmente possível passar a segunda frase para a voz passiva analítica (*Os jogos da seleção foram ignorados*.), em que o objeto direto *os jogos da seleção* vira sujeito. Esta é a "prova dos noves" para saber se é um objeto direto.

Lembre-se: na voz passiva não há objeto direto, pois este virou sujeito na passagem de ativa para passiva. Portanto, na frase "Foram levados os computadores para o conserto.", *os computadores* é o sujeito. Na frase "Doou-se muita roupa velha.", como está na voz passiva, não há objeto direto, por isso *muita roupa velha* é o sujeito. Ficou claro?

Algumas bancas, "maldosamente", criam questões de concordância com objeto direto antecipado como se fosse o sujeito, mas, como sabemos, o verbo concorda com o sujeito, e não com o objeto. Veja uma frase "maldosinha":

– *As opiniões muito polêmicas sobre a gramática apresentaram os dois professores.*

Logicamente não podemos dizer que a ação de *apresentar* foi praticada por *As opiniões muito polêmicas sobre a gramática*, afinal, quem pode *apresentar* são *os dois professores*. Assim, o sujeito é *os dois professores*, e o objeto direto é *As opiniões muito polêmicas sobre a gramática*. Fique atento a essa diferença!

Objeto Indireto

O **objeto indireto** é um termo que estabelece uma relação sintática com um verbo transitivo indireto ou transitivo direto e indireto, complementando seu sentido. Normalmente o objeto indireto é um complemento que representa o ser beneficiado ou o alvo de uma ação e vem sempre preposicionado, a não ser que venha em forma de pronome oblíquo átono (*me, te, se, nos, vos, lhe(s)*). Os objetos indiretos são iniciados pelas preposições *a, com, contra, de, em, para, por*.

– *Sempre dou graças **a Deus** por minhas realizações.*

– *Gosto **de ti**, meu nobre.*

– *Só depende **dos dois** resolver essa pendência.*

– *Não troque o certo **pelo duvidoso**.*

– *Vamos insistir **em promover o novo romance de ficção**.*

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há objeto indireto simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Isto não convém **a ninguém**.* (simples: um núcleo)

– *Assistimos **ao filme e à peça de teatro** no mesmo dia.* (composto: mais de um núcleo)

– *"Você competiu com aquele rapaz?" "Competi."* (oculto: = Competi (com aquele rapaz))

– *Avisei-o **de que haveria mudança no quadro de funcionários**.* (o objeto indireto é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)*

* Segundo Cegalla e outros gramáticos, a preposição pode ficar implícita neste caso, sem incorreção gramatical, mas não é assim que pensa a <u>maioria</u> dos gramáticos tampouco a <u>maioria</u> das bancas. Prova disso: FUNIVERSA – MTur – Administrador – 2010 – QUESTÃO 10 – C). Falarei mais sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas*.

2) Além de o pronome oblíquo *lhe(s)* quase sempre exercer a função de **OI**, os pronomes oblíquos *me, te, se, nos, vos* também podem exercer a função de **OI**.

– *Peço-**lhe** desculpas.*

– *Obedeça-**me**, e ele será liberto.*

– *Nada disto **te** pertence?*

– *Deram-**se** as mãos e prosseguiram.* (pronome com valor reflexivo recíproco)

– *Não **nos** pediram licença para ficar.*

– *Só **vos** peço isto: amai uns aos outros.*

Certos VTIs, por bem da eufonia, não admitem pronomes oblíquos átonos como seus complementos: *depender, discordar, prescindir, equivaler* etc. Tipo: "depende-lhe, discordei-lhe".

3) Jamais confunda **objeto indireto** com **objeto direto preposicionado**.

– *É preciso que não cedamos **à tentação**.* (objeto indireto, pois *ceder* é VTI)

– *A Espanha derrotou **à Holanda**, tornando-se campeã mundial.* (objeto direto preposicionado, pois *derrotar* é VTD)

4) Diferentemente do objeto direto, há objeto indireto tanto na voz ativa como na voz passiva.

– *No decorrer das investigações, os suspeitos denunciaram as ações do grupo **à polícia**.* (voz ativa)

– *No decorrer das investigações, as ações do grupo foram denunciadas **à polícia** pelos suspeitos.* (voz passiva)

5) Certos VTIs podem apresentar dois objetos indiretos: *queixar-se, pedir, desculpar-se, instar, resultar* etc.: "Nunca me queixei **das broncas de meu pai** (OI) **à minha mãe** (OI).". Nunca vi isso em provas!

6) Os pronomes **demonstrativos** *o, a, os, as* podem ser objetos indiretos. Normalmente vêm antes do pronome relativo *que*:

– *Gostei **da** que está vestida de vermelho. (Gostei (VTI) **da** (= daquela; objeto indireto) que está vestida de vermelho.)*

7) Existem outros tipos de objeto indireto que muito raramente caem em prova. Vamos conhecer.

Objeto Indireto Pleonástico

O **objeto indireto pleonástico** é representado por um pronome oblíquo átono para enfatizar um objeto indireto que já existe na frase.

– *De que **lhe** vale ao homem ganhar o mundo?*

– *A mim não **me** agrada esse cantor.*

– *Ao ingrato, nada **lhe** daremos.*

Objeto Indireto por Extensão (ou Dativos)

O **objeto indireto por extensão** é um objeto indireto de verbo não transitivo indireto. Pode parecer estranho (e é!), mas não se preocupe, pois a chance de cair isso em prova é pequena como um átomo.

As construções que veremos abaixo são, na verdade, resquícios do latim. Alguns estudiosos, como Bechara, chamam tais complementos de **dativos de opinião, de interesse e de posse**. Sacconi também fala sobre isso. As razões para tais nomes são óbvias, veja:

– *A política brasileira sempre será corrupta* ***para mim***. (opinião)

– *Não* ***me*** *perca estas anotações, hein!* (interesse; alguns gramáticos dizem que o *me* é apenas uma palavra expletiva, sem função sintática alguma)

– *Quase* ***lhe*** *quebraram a perna no jogo.* (posse; alguns gramáticos consideram este *lhe* como um adjunto adnominal)

Veja uma questão raríssima sobre isso! Faço questão de colocá-la na íntegra:

12) (CONCSEL – Pref. Sítio Novo/RN – Cargos Ensino Fundamental – 2009) Na frase: ***Não*** **me** ***ponha os pés no sofá nem*** **me** ***saia mais à rua hoje!*** Os termos destacados exercem função de:

a) objeto direto preposicionado;
b) objeto direto intrínseco;
c) objeto indireto pleonástico;
d) objeto indireto por extensão. (Gabarito! Receio que essa questão seja baseada no Sacconi.)

* Cuidado, porém, com a construção: *Correr 2 km é difícil/fácil* ***para mim***. O gramático Celso P. Luft, em seu dicionário de regência nominal, diz que tais adjetivos exigem a preposição *para*, logo *para mim* é um complemento nominal, mesmo indicando opinião. Depois dizem que matemática é complexo...

Complemento Nominal

Assim como os verbos, os nomes também podem ser "transitivos", uma vez que exigem complementos. Na boa... o que seria um complemento no-mi-nal senão um com-ple-men-to de um no-me? O próprio nome dado a esse termo sintático diz o que ele é, ora.

O complemento nominal é um termo que estabelece uma relação sintática com um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio de base adjetiva, terminado em **-mente**), complementando seu sentido. Normalmente, o complemento nominal é um termo de valor semântico passivo e vem sempre preposicionado.

– *Temos certeza* ***da vitória***. (substantivo exigindo CN)
– ***Contra fatos****, não há argumentos*. (substantivo exigindo CN)
– *Esta sala vive cheia* ***de verde***. (adjetivo exigindo CN)
– *O júri votou favoravelmente* ***ao réu***. (advérbio exigindo CN)
– *Foi feito um investimento* ***de capital em tecnologia***. (um substantivo exigindo dois CNs)
– *Independentemente* ***disso****, volte para mim.* (advérbio exigindo CN)
– *A Bíblia é útil* ***a nós***. (adjetivo exigindo CN)
– *A lembrança* ***dos três*** *ocorreu de repente.* (substantivo exigindo CN)
– *Sigo com medo* ***de que a prova venha em um nível difícil***. (substantivo exigindo CN)

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há complemento nominal simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Sou fiel* ***a ela***. (simples: um núcleo)
– *Sou fiel* ***a ele*** *e* ***a ela***. (composto: mais de um núcleo)
– *"Você é fiel* ***a ela****?" "Certamente sou fiel."* (oculto: = *Certamente sou fiel (a ela)*)
– *Estou convicto* ***de que ela me ama***. (o complemento nominal é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)*

* Segundo Cegalla e outros gramáticos, a preposição pode ficar implícita neste caso, sem incorreção gramatical, mas não é assim que pensa a maioria dos gramáticos tampouco a maioria das bancas. Prova disso: Cespe/UnB – PC/ES – ESCRIVÃO – 2010 – QUESTÃO 23. Falarei mais sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas*.

2) Não são todos os gramáticos que aceitam pronomes oblíquos átonos funcionando como complemento nominal. No entanto, no próximo capítulo, falarei sobre isso amplamente em *Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos*.

3) Alguns gramáticos dizem que, em "Sua casa é longe da escola", *da escola* é um complemento nominal do advérbio *longe*. No entanto, há divergência gramatical nas expressões *dentro de, perto de, longe de, diante de*.... Enquanto Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Luiz A. Sacconi e Celso P. Luft entendem que tais expressões são advérbios seguidos de preposições (exigidas por tais advérbios), do ponto de vista da vastíssima maioria dos gramáticos, porém, elas são, na verdade, locuções prepositivas. Na parte de complemento nominal de sua gramática, Manoel Pinto Ribeiro é mais taxativo ainda: "Em 'Perto de casa', não ocorre complemento nominal do advérbio 'perto', pois 'perto de' é locução prepositiva que introduz um adjunto adverbial de lugar, ou seja, 'perto de casa' em 'Estou ***perto de casa***' é um adjunto adverbial de lugar. Resumo da ópera: há polêmica nessa seara. No entanto, como acho que a opinião da Academia Brasileira de Letras deve ser levada em conta para *bater o martelo*... veja:

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá. Quando *dentro, perto, longe* estiverem seguidos da preposição *de*, formando *dentro de, longe de, perto de*, são locuções prepositivas ou são advérbios/adjetivos que exigem, pela regência, a preposição *de* ? Por exemplo, em "Estou longe da estrada.", *da estrada* é complemento nominal de *longe* ou *longe da estrada* é um adjunto adverbial iniciado pela locução prepositiva *longe de* ? Grato.

Resposta: 1) São locuções prepositivas; 2) *longe da estrada* é um adjunto adverbial de lugar.

Martelo batido! Mas... na hora da prova... como você não sabe o que o "homem da banca" vai aprontar, leia com calma as opções, buscando a "melhor resposta".

4) Não confunda **complemento nominal oracional** com **predicativo do sujeito oracional**. Digo isso, pois o predicativo do sujeito oracional pode vir preposicionado por uma preposição exigida por um nome do sujeito: *A sensação é* ***de que tudo se move depressa***. (predicativo do sujeito oracional iniciado pela preposição exigida pelo nome *sensação*). Interessante essa construção.

5) Mera curiosidade: Na frase *Interessa-nos o combate ao que é nocivo*, onde está o CN? Note que o nome *combate* exige a preposição *a*, que se combina com o demonstrativo *o* (= aquilo), formando *ao*. É como se disséssemos *Interessa-nos o combate* ***àquilo*** *que é nocivo*. Logo o *ao* é CN.

Complemento Nominal X Objeto Indireto

O complemento nominal se diferencia do objeto indireto por uma razão muito simples: enquanto o CN é exigido por um nome, o OI é exigido por um VTI ou VTDI. Veja como é fácil:

– *Crer* ***em Deus*** *é importante.* (OI)

– *A crença* ***em Deus*** *é importante.* (CN)

– *O povo necessita* ***de atenção****.* (OI)

– *O povo tem necessidade* ***de atenção****.* (CN)

Se você não notou, é superválido dizer que os nomes antes dos CNs normalmente são derivados dos verbos; normalmente o CN está ligado a um substantivo deverbal, ou seja, derivado de verbo (*crer* > *crença*; *necessitar* > *necessidade* etc.).

Tome cuidado com a voz passiva. Veja estas frases:

– *Comida e bebida sempre são fornecidas* ***aos trabalhadores*** *pela empresa.*

A banca pode enganar você, dizendo que *aos trabalhadores* é complemento nominal do suposto adjetivo *fornecidas*. No entanto, para que você nunca se confunda, passe a frase para a voz ativa, e verá que *aos trabalhadores* é um objeto indireto:

– *A empresa sempre fornece comida e bebida* ***aos trabalhadores****.*

Outro caso semelhante a esse:

– *Tudo ficou reduzido* ***a cinzas****.*

Note que *a cinzas* é o objeto indireto do verbo *reduzir*, que é transitivo direto e indireto. Safo?

Agente da Passiva

O **agente da passiva** é o complemento de um verbo na voz passiva analítica; sempre precedido da preposição ***por*** (ou ***de***, mais raramente).

Lembre-se de que o nome dado ao termo diz muita coisa, portanto um **agente da passiva** é um termo que **age**, ou seja, é um termo que pratica uma ação, só que **na voz passiva**. Tanto isso é verdade que, quando se passa o **agente** da passiva para a voz ativa, ele vira um sujeito **agente**. Safo?

Lembrando que a voz passiva se forma essencialmente por estes verbos auxiliares: *ser* (nas passivas de ação); *estar, viver* e *andar* (nas passivas de estado); *ficar* (nas passivas de mudança de estado). Veja só:

– *O gramático ficou rodeado* ***de admiradores***.
– *Os governantes serão repreendidos* ***pelo povo***.
– *O livro vai ser cuidadosamente revisado* ***por quem?***
– *Era conhecida* ***dos dois professores***.
– *Tínhamos sido surpreendidos* ***pelo brilhante azul do mar***.
– *Eles estavam dominados* ***por quem os coordenava***.

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há agente da passiva simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.
  – *Fui mordido* ***pelo cão***. (simples: um núcleo)
  – *Fui assediado* ***pela editora X e pela editora Y.*** (composto: mais de um núcleo)
  – *"Você foi convidado* ***pelo patrão****?" "Sim. Fui convidado."* (oculto: = *Fui convidado (pelo patrão)*)
  – *O prédio foi construído* ***por quem entendia de engenharia civil***. (o agente da passiva é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

2) Apesar de não ser comum, o agente da passiva pode estar deslocado: "*Pelo público* o cantor foi vaiado." / "O cantor foi *pelo público* vaiado."

3) Às vezes, o agente da passiva vem ligado a só um verbo no particípio (oração reduzida de particípio): "A barricada *feita pelo soldado* surtiu efeito." = "A barricada *que foi feita pelo soldado* surtiu efeito.".

4) Não custa relembrar que o agente da passiva corresponde ao sujeito da ativa.
  – ***Os fãs*** *rodearam o cantor. = O cantor ficou rodeado* ***por/de fãs***.

Sobre o fato de ser rara a preposição *de* iniciar agente da passiva, veja esta questão: IBFC – CRA/SP – Analista DE TI – 2011 – QUESTÃO 6.

5) O agente da passiva pode estar indeterminado se o sujeito da ativa for indeterminado.

– (?) Atacaram nossas lojas ontem. = Nossas lojas foram atacadas (?) ontem.

6) É **muito** **raro**, hoje em dia, que o agente da passiva venha junto de um verbo na voz passiva **sintética**, porque esta é uma construção antiga e não recomendada. No entanto... para a nossa surpresa... veja esta questão:

12. (FGV – POTIGÁS – Administrador Júnior – 2006) *Não, a política externa não pode se guiar* ***por convicções e preferências partidárias***. (L. 89-90)

O termo grifado acima desempenha função sintática de:

a) complemento nominal;
b) objeto indireto;
c) adjunto adverbial;
d) agente da passiva;
e) adjunto adnominal.

Comentário: O gabarito é a D! Como toda voz passiva sintética pode ser transformada em voz passiva analítica, faça a tal transformação e comprove: "Não, a política externa não pode se guiar ***por convicções e preferências partidárias***." (voz passiva sintética) / "Não, a política externa não pode ser guiada ***por convicções e preferências partidárias***." (voz passiva analítica). Agora, para fechar o caixão, passe para a voz ativa e veja se o termo destacado não se torna o sujeito da ativa (afinal, o agente da passiva é sempre o sujeito da ativa): "Não, ***convicções e preferências partidárias*** não podem guiar a política externa.".

Moral da história: A essa altura do campeonato, depois de tantas referências a provas, gramáticos, polêmicas, chegamos a uma conclusão: nunca se sabe o que as bancas podem aprontar. Por isso, sangue nos olhos, meu/minha nobre, para dizer à banca no dia do concurso: "Nunca serão! Jamais serão!".

Agente da Passiva X Complemento Nominal

A diferença é bem simples: se você conseguir passar a frase da passiva para a ativa, mantendo o significado, achará a resposta a sua dúvida.

– *O rapaz foi apaixonado* ***pela colega***. (CN) = *A colega apaixonou o rapaz?*

– *O rapaz foi assediado* ***pela colega***. (AGP) = *A colega assediou o rapaz.*

Em "As ruas ficaram cobertas **de lama.**", o que você diria? CN ou AGP? AGP ou CN? Passe para a voz ativa. É possível? Sim. "Lama cobriu as ruas." Logo... AGP. *Voilà!*

O Que Cai Mais na Prova?

Basta saber reconhecer os termos integrantes da oração. São pouquíssimas questões que tratam desse assunto de maneira mais profunda como faço na teoria. Por isso, eu sempre aviso: por mais que eu seja muito detalhista, sempre mantenha seu foco naquilo que cai em prova! Ninguém aqui pretende ser o próximo Bechara, certo? **Foco no que é recorrente!**

Questões de Concursos

"(...) Ela antes tinha acesso ao sistema financeiro habitacional, a universidades públicas, à expansão de empresas estatais cheias de ofertas de trabalho e à indexação, que reajustava o dinheiro nos bancos. (...)"

1. (Esaf – Técnico Administrativo – ANEEL – 2006) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – As estruturas linguísticas mostram que "acesso" é complementado, sintática e semanticamente, pelas quatro expressões centradas, respectivamente, em "sistema", "universidades", "expansão" e "indexação".

2. (AEDB – Pref. Itatiaia/RJ – Professor – 2007) Em qual das alternativas abaixo ocorre objeto indireto pleonástico?
   a) A Rafael chamaram-lhe covarde.
   b) O moço correspondeu na hora à gentileza.
   c) Tu não dependes do teu pai para nada, meu caro.
   d) Não obedeço a ninguém, só ao meu próprio juízo.
   e) O seu filho só precisa mesmo de compreensão.

(...) Essa exaltação do orgânico em detrimento do social reduz a tenacidade do esforço humano, em centenas e centenas de séculos, ao humilhante plano da causalidade ou do fatalismo, inaceitáveis ambos. (...)

3. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2008) No quinto parágrafo, o autor constrói, para a forma verbal "reduz", um complemento verbal composto: "a tenacidade do esforço humano" e "em centenas e centenas de séculos".
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

4. (FCC – MPE/RS – Secretário de Diligências – 2008) O velho gaúcho foi ajudar, no posto mais próximo do hotel em que se hospedara, o serviço de assistência <u>aos desabrigados</u> pelo temporal.

A função sintática do termo grifado acima é a mesma do termo, também grifado, da frase:
   a) ... quando um mais afobado desanda a correr <u>pelo pátio</u> ...
   b) Como tem prática de campo e prática de cidade ... de repressão <u>a contrabando</u> ...
   c) ... propõe, <u>de saída</u>, a divisão dos serviços em setores bem caracterizados ...
   d) ... mas tudo se resolve <u>com bom humor</u>.
   e) Nomeia o rapazinho <u>seu ajudante-de-ordens</u> ...

[...] O que antes eu via como o inimigo e, com grande otimismo, como o inimigo que haveria de ser derrotado, acabou na verdade por nos vencer. [...]Ou se, como temo, estaremos caindo numa sociedade do homem e da mulher medíocres onipresentes, governados por altas mediocridades. [...]

5. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – Os fragmentos *por nos vencer* e *por altas mediocridades* exercem idêntica função sintática.

6. (FCC – TRT/MG (3R) – Analista Judiciário – 2009) ... *que <u>prevalece</u> no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos.*

A frase cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:
   a) ... que homogeneíza todos os indivíduos.
   b) ... o sentimento tribal é muito forte ...
   c) ... acompanha o indivíduo por toda vida ...
   d) ... que (...) participam no rito das danças guerreiras.
   e) ... e estão espalhados por vários locais.

7. (Cesgranrio – IBGE – Agente Censitário Municipal – 2010) Tratando-se das funções sintáticas dos termos destacados do texto, pode-se afirmar que:
   a) "O dono da fábrica..." – objeto direto.
   b) "...ter de aumentar o preço." – sujeito.
   c) "Você está ficando doido?" – adjunto adverbial de modo.
   d) "...e agora quer receber três." – adjunto adverbial de lugar.
   e) "eu não pago a ele." – objeto indireto.

8. (CONSULPLAN – Pref. Guaxupé – Assistente Social – 2010) A expressão destacada está corretamente analisada em:
   a) *"Entram em cena <u>dois gigantes</u>"* (4º §) (objeto direto)
   b) *"Desponta <u>uma circunstância imprevista</u>"* (5º §) (objeto direto)

c) "*Democratizar o acesso*" (5º §) (objeto direto)

d) *"Muda a lógica da distribuição."* (6º §) (objeto direto)

e) *"E ficam os dedos?"* (6º §) (objeto direto)

9. (FCC – TRF (4R) – Analista Judiciário – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Em "O narrador desse romance é um escritor ultraconsciente de seu ofício", o termo destacado é **complemento** de ultraconsciente.

10. (Esaf – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) Ela tem de assegurar aos que buscam a proteção dos planos de saúde a cobertura mais completa possível, o que inclui as novas tecnologias na área de medicina. (...)"
– A expressão "aos que buscam a proteção dos planos de saúde" tem, no período, a função de objeto direto.

11. (Cespe/UnB – TJ – Analista Judiciário – 2011) A expressão "essa minha angústia" (... não sei quanto tempo durou essa minha angústia...) constitui o complemento da forma verbal "durou".
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) Em "que ele chama *metafísica dos costumes*" (Kant inicia a exposição da ética, que ele chama *metafísica dos costumes*...), o trecho em itálico, que exerce, na oração, a função de complemento verbal, deveria estar precedido da preposição **de**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

13. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) O complemento da forma verbal "considera" (Dondonim considera que o assistencialismo oficial prejudicou os índios.) consiste em uma oração.
( ) CERTO
( ) ERRADO

14. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico – 2011) Em "emitir-lhes" (... devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos...), o pronome exerce a função de objeto direto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) A retomada de uma área tão populosa, que até pouco tempo era dominada por criminosos que andavam livremente pelas ruas com fuzis e metralhadoras, animou até mesmo quem faz oposição ao governo. (...)

15. (Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de nível superior – 2011) O complemento verbal "por criminosos que andavam livremente pelas ruas com fuzis e metralhadoras" designa o ser que pratica a ação verbal.
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) Das expressões em negrito, SOMENTE uma exerce a função de complemento.
a) ... caso de assassinato que o havia atormentado ...
b) ... 20 anos após o crime, o julgamento ...
c) Foi assim que o Departamento de Justiça Criminal ...
d) ... esperança de ver os assassinos de...
e) ... comprometimento em prender os homens...

17. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) A palavra *pronunciamento* (*Em pronunciamento ao conselho diretor do Wall Street Journal...*) é transitiva e exige:
a) complemento nominal;
b) objeto indireto;
c) objeto direto;
d) adjetivo;
e) predicativo do sujeito.

18. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) O fragmento frasal ***de que ações militares somente iriam retardar*** (... *repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar*) é ..... do substantivo ***preocupações***.

Assinale a alternativa que preenche corretamente a lacuna do texto acima.

a) complemento verbal.
b) complemento nominal oracional.
c) adjunto verbal.
d) adjunto nominal.
e) complemento prepositivo-verbal.

19. (Cespe/UnB – TJ/AL – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A expressão "alguma coisa da sua frescura e novidade" (... trasladam para o papel alguma coisa da sua frescura e novidade) complementa o sentido da forma verbal "trasladam".

20. (Instituto Cidades – TCM/GO – Auditor de Controle Externo – 2012) Assinale a análise correta do termo da oração destacado: *O filme "O Artista" ultrapassou* <u>*os limites do público segmentado*</u>.
a) Objeto direto.
b) Objeto indireto.
c) Sujeito.
d) Predicativo do sujeito.
e) Agente da passiva.

21. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) (adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Os termos "o endereço" e "a literatura desta missiva", no trecho "Não pouco vos surpreenderá, por certo, o endereço e a literatura desta missiva", são complementos do verbo **surpreender**, assim como "vos", que exerce a função de objeto indireto desse verbo.

22. No período "Que Demócrito não risse, eu o provo", o verbo **provar** complementa-se com uma estrutura em forma de objeto direto pleonástico, com uma oração servindo de referente para um pronome.
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) A frase em que **ambos** os elementos sublinhados são complementos verbais é:
a) Assim <u>vos</u> confesso que entendo <u>de arquitetura</u>, apesar das muitas opiniões em contrário.
b) <u>Ninguém</u> se impressiona <u>tanto</u> com um velho porão como este velho cronista, leitor amigo.
c) O porão deverá jazer <u>sob os pés da família</u> como jazem <u>os cadáveres</u> num cemitério.
d) Que atração exercem sobre o cronista as <u>gravatas manchadas</u>, quando desce <u>a um porão</u>...
e) Já não se fazem <u>porões</u>, hoje em dia, já não há qualquer mistério ou evocação mágica <u>numa casa moderna</u>.

24. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Em *uma tripulação de camelôs anunciava umas bugigangas,* a voz verbal é ativa, sendo *umas bugigangas* o objeto direto.

25. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Na linha 3 (... sua soberania foi ultrapassada pelas redes transnacionais de poder...), a expressão "pelas redes transnacionais de poder" indica o agente da ação verbal de **ultrapassar.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

26. (FCC – INSS – Técnico do Seguro Social – 2012) Na frase *O compositor dedicava inteiramente à criação musical* <u>*os meses de verão*</u>, o termo sublinhado exerce a mesma função sintática que o termo em destaque na frase:
a) A visão de mundo de uma geração mais jovem teve <u>influência central</u> aqui.
b) <u>Intérpretes conhecidos e pesquisadores</u> descobriram o compositor.
c) <u>Em vida</u>, Mahler foi alvo de intensas polêmicas.
d) Mahler empreendia longas caminhadas que lhe proporcionaram inspiração <u>para grandiosas sinfonias.</u>
e) <u>Essas casinhas</u> das alturas alpinas hoje se transformaram em memoriais.

27. (FUNCAB – MPE/RO – Analista – 2012) O termo destacado em: "(...) termos gasto tanto dinheiro na construção DE HOSPITAIS (...)" exerce função sintática de:
a) complemento nominal;
b) adjunto adverbial;
c) objeto indireto;
d) objeto direto;

e) predicativo.

28. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ... *elas ainda* <u>*sofrem de imensas deficiências de nutrientes*</u> ...
A relação entre verbo e complemento, grifada acima, se reproduz em:
a) ... *embora a maioria das pessoas consuma calorias suficientes* ...
b) ... *e têm pontuação mais baixa nos testes de habilidade cognitiva.*
c) ... *a epidemia de obesidade nos países ricos representa exatamente o problema oposto.*
d) ... *e muitos não obtêm esses nutrientes.*
e) ... *menos da metade daqueles que mais precisam deles* ...

29. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012)... *para que ela não* <u>*interfira*</u> *de forma excessiva em seus projetos.*
O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está em:
a) ... *contra forças desconhecidas que anulam tudo aquilo* ...
b) ... *com as quais procuramos lidar com a realidade* ...
c) ... *deixando-nos desarmados e atônitos* ...
d) ... *de algo que está além de nossa compreensão* ...
e) ... *ele o convoca constantemente.*

30. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Coloque, nos parênteses que seguem os termos em destaque no trecho abaixo, CN para complemento nominal e OI para objeto indireto e assinale a alternativa com a sequência correta.
"Creio **no mundo** ( ) como num malmequer, / Porque o vejo. Mas não penso nele ( ) / Porque pensar é não compreender ... / O Mundo não se fez para pensarmos **nele** / (pensar é estar doente **dos olhos**)" ( )
a) CN, CN, OI.
b) OI, CN, CN.
c) OI, OI, CN.
d) CN, OI, OI.

31. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Em qual alternativa o termo destacado é um agente da passiva?
a) Para tratar o problema da insônia, muitos optam pela medicação.
b) Hoje em dia, a ansiedade tem sido muito combatida pelos médicos.
c) Assim como a insônia, a apneia do sono incomoda muitas pessoas por muitos anos.
d) A opção pela cirurgia, em casos de graves de apneia, é exclusivamente do paciente.

32. (FUNRIO – CIETEC – Administração – 2012) Cecília Meireles escreveu: "Há momentos na vida em que sentimos tanto a falta de alguém… que o que mais queremos é tirar esta pessoa de nossos sonhos e abraçá-la."
O único termo que não desempenha a função de objeto direto no trecho acima é:
a) momentos;
b) a falta de alguém;
c) esta pessoa;
d) nossos sonhos;
e) la.

33. (CONSULPLAN – Pref. Nova Iguaçu/RJ – Professor I – 2012) A expressão que exerce função sintática diferente das demais se encontra na alternativa
a) Falava <u>o representante da Associação dos Magistrados Brasileiros</u>. (2º §)
b) <u>Os dois cavalheiros</u> apresentavam reações características do Homo connectus. (4º §)
c) De vez em quando, um deles guardava <u>o telefoninho</u> no bolso. (4º §)
d) E se chega <u>uma mensagem</u>? Uma notícia? (4º §)
e) Às vezes <u>o *smartphone*</u> exigia mais que um simples olhar. (5º §)

34. (IBFC – Pref. Campinas/SP – Agente de Ação Cultural (Geral) – 2012) Considere os termos destacados nas orações abaixo e assinale a alternativa correta.
I. Ele gosta **de futebol**.
II. Ele chorou **de emoção**.
a) Os dois termos exercem a mesma função sintática.
b) Em II, o termo destacado exerce a função de objeto indireto.
c) Em I, o termo destacado exerce a função de objeto direto.

d) Em II, o termo destacado exerce a função de adjunto adverbial.

35. (CEV-URCA – Vestibular – 2012)
"E deixo pra Zé Patife,
Que anda cagando goma,
Uma **bainha** pros chifre
E as cueca de Zé Maromba" (linhas 32 a 35)
Sintaticamente, o termo em destaque é núcleo de:
a) complemento nominal;
b) objeto direto;
c) adjunto adverbial;
d) adjunto adnominal;
e) objeto indireto.

36. (FUNDEP – Pref. BH/MG – Técnico Administrativo – 2012) "[...] da morte do velho nasce a vida e a transformação."
A expressão sublinhada exerce, nessa frase, a função sintática de;
a) objeto direto;
b) objeto indireto;
c) predicativo;
d) sujeito.

37. (FUNDEP – Pref. Patrocínio/MG – Agente Administrativo – 2012) "Nos estudos citados pelos autores, vários deles mostram que as pessoas com menos força de vontade são aquelas mais suscetíveis a problemas como alcoolismo, obesidade e vícios em drogas."
A expressão sublinhada nessa frase pode ser analisada, *sintaticamente*, como:
a) adjunto adnominal;
b) adjunto adverbial;
c) agente da voz passiva;
d) predicativo.

38. (FBC – Câmara de Nova Iguaçu/RJ – Agente Administrativo – 2012) Não há complemento nominal em:
a) Marta envolveu-se numa batalha pela chave do quarto.
b) A fé na democracia nos anima.
c) O amor pelo dinheiro pode render muitas frustrações.
d) Samuel batalhou pelo controle remoto da TV.
e) É um crime a falsificação de documentos.

Gabarito

1. CORRETO.	11. ERRADO.	21. INCORRETO.	31. B.
2. A.	12. ERRADO.	22. CERTO.	32. D.
3. ERRADO.	13. CERTO.	23. A.	33. C.
4. B.	14. ERRADO.	24. CORRETO.	34. D.
5. INCORRETO.	15. CERTO.	25. CERTO.	35. B.
6. D.	16. A.	26. A.	36. D.
7. E.	17. A.	27. A.	37. C.
8. C.	18. B.	28. E.	38. D.
9. CORRETO.	19. CORRETO.	29. B.	
10. CORRETO.	20. A.	30. C.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 21

Termos Acessórios da Oração

Definição

O **adjunto adnominal**, **o adjunto adverbial** e o **aposto** formam o conjunto de termos acessórios. São chamados assim, pois (em tese) são dispensáveis à construção de uma oração. O ***vocativo*** não é um termo acessório, nem integrante, nem essencial, porque não se liga ao verbo nem ao nome, também não faz parte do sujeito nem do predicado, mas, por razões didáticas, é tradicionalmente colocado neste capítulo.

Adjunto Adnominal

O **adjunto adnominal** é um termo sintático que determina, restringe o sentido de um substantivo, caracterizando-o. O próprio sentido da expressão "**ad/junto ad**nominal" indica que é um termo que vem **ao lado, junto do nome**.

As classes gramaticais que podem funcionar como ADN são:

Pronome
Locução adjetiva
Adjetivo
Numeral
Artigo

– ***O*** *homem* ***de negócios*** *comprou só* ***um*** *imóvel*: ***aquela bela*** *casa*.
– *Já se encontraram* ***ambos os*** *meninos em* ***certas*** *vielas* ***escuras*** *com pedras* ***de crack***.
– ***O primeiro*** *dia* ***de aula*** *cativou* ***alguns*** *alunos* ***estudiosos***.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há adjunto adnominal simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.
– *A mãe* ***do Pedro*** *é muito simpática.* (simples: um núcleo)
– *A mãe* ***do Pedro e do Paulo*** *é muito agradável.* (composto: mais de um núcleo)
– *A mulher* ***que é simpática*** *conquista as pessoas.* (o adjunto adnominal é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

2) Por via de regra, o adjunto adnominal não vem separado por pontuação (vírgula, travessão, parênteses...). Se houver uma enumeração de adjuntos adnominais, aí sim as vírgulas deverão ser usadas: "O livro *maravilhoso, impactante, revelador* e *de grande sucesso* é, até hoje, a Bíblia Sagrada.".

3) Breve *déjà vu* da aula de *Substantivo*. Bechara, em sua *Moderna Gramática Portuguesa*, nos ensina que são **adjuntos adnominais** os termos preposicionados sublinhados introduzidos pela preposição expletiva *de* nas construções enfáticas abaixo:
– *O* ***bobo*** *do palhaço fez todos rirem.*
– *A* ***idiota*** *da mulher fez um escândalo no banco.*
– *A* ***pobre*** *da menina está carente.*
– *O* ***infeliz*** *do rapaz continuava estudando.*

4) Normalmente os adjuntos adnominais, em forma de locução adjetiva, são iniciados por preposições com valor semântico de posse ou de ação (agente). Podem também indicar qualidade, origem, matéria ou outra especificação. Este é mais um dos argumentos para a

diferenciação de adjunto adnominal x complemento nominal.

– *As mãos* ***dele*** *congelaram com o frio.* (posse)

– *A banda* ***do César*** *não emplacou.* (posse)

– *A divulgação do livro* ***pela editora*** *está bem.* (agente)

– *O aviso* ***do presidente*** *foi ouvido por todos.* (agente)

– *Homens* ***sem escrúpulos*** *devem ser disciplinados.* (qualidade)

– *Só bebo água* ***da fonte*** *lá no sítio.* (origem)

– *Um fio* ***de aço*** *suporta esta carga.* (matéria)

– *A luta* ***do século*** *não aconteceu.* (restrição)

5) O adjunto adnominal em forma de locução adjetiva pode modificar um pronome, um numeral ou uma palavra substantivada: *Todos* ***da cidadezinha*** *assistiram ao show gratuito. / Apenas 60%* ***dos atletas*** *mantêm-se em forma depois da aposentadoria. / O rebolar* ***dela*** *é sensual.*

6) Em frases do tipo: "A capacidade *de adaptação* e *de empatia* é do ser humano.", não *viaje na maionese* pensando que o *e* liga núcleos do sujeito (um explícito e outro implícito), como se fosse "A capacidade *de adaptação* e (a capacidade) *de empatia* é própria do ser humano". Só o Bechara enxerga esta possibilidade de análise, mas não é assim que vejo cair em prova tampouco assim ensinam 99% dos gramáticos, por isso ignore o ensino dele.

Na verdade, o *e* liga os adjuntos adnominais *de adaptação* e *de empatia* ao núcleo do sujeito simples, *capacidade*, por isso o verbo fica no singular. Neste caso, seria um erro se o verbo ficasse no plural, concordando com os núcleos dos adjuntos adnominais, isto é "A capacidade de adaptação e de empatia *são* do ser humano.", pois o verbo concorda com o núcleo do sujeito: "A capacidade de adaptação e de empatia é do ser humano.". Lembre-se: a conjunção não liga só orações, mas liga termos também.

Adjunto Adnominal X Agente da Passiva

Nem todo termo iniciado pela preposição *por* é um agente da passiva, portanto não confunda adjunto adnominal com agente da passiva. Veja:

– *Derrotada* ***pelo Flamengo****, a equipe do Vasco arrumou confusão.* (agente da passiva)

– *A derrota do Vasco* ***pelo Flamengo*** *desnorteou os vascaínos*. (adjunto adnominal)

Note que ambos os termos têm valor agente, mas o agente da passiva vem ligado a um verbo no particípio, já o adjunto adnominal modifica um substantivo. Fácil, não?

Adjunto Adnominal X Complemento Nominal

Chegou a hora tão aguardada dos concurseiros de plantão!

Antes de qualquer coisa, saiba que só há dificuldade em reconhecer o CN ou o ADN quando o termo preposicionado pela preposição *de* estiver ligado a um substantivo abstrato. Portanto, preste atenção à diferenciação e siga os critérios para não errar mais!

1ª Dica: Será **sempre CN** a expressão ligada a **substantivo abstrato** antecedida de **qualquer preposição**, exceto a preposição *de*.

– *Fiz menção **a você** ontem.*

– *Tenho amor **pelo meu filho**.*

– *Nossa fé **em Deus** é transcendente.*

2ª Dica: Será **sempre ADN** se a expressão preposicionada estiver ligada a substantivo concreto.

– *Comprei o material **de um site famoso**.*

3ª Dica: Normalmente o **ADN** mantém uma relação de posse com o substantivo; a preposição tem valor nocional.

– *A atitude **do professor** foi justa.* (A atitude pertence ao professor, é dele.)

4ª Dica: O **CN** tem valor paciente (**normalmente** o seu núcleo não é um ser animado nem personificado, mas o alvo de uma ação) e encontra respaldo na reescritura de voz passiva analítica. Já o **ADN** tem valor agente (**normalmente** o seu núcleo é um ser animado ou personificado, que pratica uma ação) e encontra respaldo na reescritura de voz ativa.

– *A resolução **da questão** foi ótima.* (CN/A questão foi resolvida/valor paciente)

– *A resolução **do professor** foi ótima.* (ADN/O professor resolveu/valor agente)

Cuidado!!!

1) Nos dois exemplos abaixo, há de se observar se o substantivo antes do CN ou do ADN é abstrato ou concreto, para encontrar a diferença. Mas note que isso é feito pelas noções de agente e paciente, que resolvem 90% dos casos.

– *A invenção **do controle remoto** mudou o século XX.* (CN/O controle remoto foi inventado)

– *A invenção **da empresa norte-americana** mudou o século XX.* (ADN/A empresa norte-americana inventou)

É bom dizer também que, em certos casos, por falta de um contexto maior, pode haver ambiguidade na análise sintática:

– *A matança **dos policiais** precisa acabar!* (Não se sabe se os policiais estão matando – ADN – ou se eles estão sendo mortos – CN).

Depois dessa explicação, dá para errar alguma questão na prova? Duvido! Internalize aos poucos essa diferença, por ler e reler as informações... e praticar, é claro!

Adjunto Adnominal X Predicativo do Sujeito e do Objeto

Enquanto o **adjunto adnominal** é uma característica ou um estado inerente/permanente de um ser, o **predicativo** é uma característica atribuída a um ser, indicando um estado transitório. Mais especificamente, o predicativo **do objeto** é normalmente uma opinião do sujeito sobre o objeto.

Outra dica bacana é a seguinte: o **adjunto adnominal** não vem separado por vírgula (travessões ou parênteses) nem distante do nome a que se liga, já o **predicativo pode** vir separado por vírgula (travessões ou parênteses) ou distante do nome a que se refere.

Vejamos alguns exemplos (note as vírgulas):

– *O exame deixou o aluno **preocupado**.* (O aluno não é permanentemente preocupado, logo é um predicativo do objeto.)

– *O aluno **preocupado** negou o erro.* (O aluno é permanentemente preocupado, logo é um adjunto adnominal.)

– *O aluno**, preocupado,** negou o erro.* (O aluno está transitoriamente preocupado, logo é um predicativo do sujeito.)

– *O jurado considerou a cantora **bela e talentosa**.* (O objeto – *a cantora* – recebeu atributos do sujeito – *o jurado* –, logo é um predicativo do objeto.)

– *Encontrei a cantora **bela e talentosa** conversando com uma produtora.* (Ser bela e talentosa é uma característica inerente da cantora, logo é um adjunto adnominal.)

– ***Bela e talentosa**, a cantora tinha um grande futuro.* (Neste caso, é a vírgula que determina que se trata de um predicativo do sujeito e não de um adjunto adnominal.)

Cuidado!!!

1) Não há dificuldade em diferenciar o **adjunto adnominal** do **predicativo do objeto**. ***Bizu***: passe a frase para a voz passiva analítica; se o adjetivo ficar ao lado do nome, será adjunto adnominal. Moleza!

– *Resolvi uma questão **difícil.*** > *Uma questão **difícil** foi resolvida por mim.* (ADN nos dois casos, pois o adjetivo ficou "ao lado do nome".)

2) Às vezes, pode existir ambiguidade em uma frase, o que dificultará a análise; portanto, fique atento ao contexto!

– *Achei o homem **perdido**.* (Não se sabe se o sujeito considerou o homem perdido, conotativamente – predicativo do objeto –, ou se o sujeito estava em busca de um homem literalmente perdido e o encontrou – adjunto adnominal.)

Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos

Bastante atenção que a *parada* é séria, hein! Vejamos um por um!

Me

– *Eu **me** amo, por isso não posso viver sem mim...* (objeto direto)

– *Lascaram-**me** um beijo daqueles!* (objeto indireto)

– *Meu computador sempre **me** foi útil.* (complemento nominal)

– *Roubaram-**me** o carro.* (adjunto adnominal)

– *Deixe-**me** entrar na casa, por favor.* (sujeito)

– *Não **me** venha com desculpas.* (partícula expletiva; não tem função sintática, mas estilística)

Cuidado!!!

1) Sobre o terceiro exemplo, vale a pena dizer que Claudio Cezar Henriques, Ulisses Infante & Pasquale Cipro Neto, Faraco & Moura, Celso Pedro Luft dizem que os pronomes oblíquos átonos (exceto *o, a, os, as*) podem exercer função sintática de complemento nominal (Ele sempre foi útil *a mim.*). Sacconi diz que são **objetos indiretos por extensão**. Veja uma questão sobre isso, com o pronome *lhe* (vale para os pronomes oblíquos átonos *me, te, se, nos, vos*) exercendo função de complemento nominal:

Consulte isto: CESPE/UnB – TRE/MT – ANALISTA – 2013 – QUESTÃO 1

30. (FAB – EEAR – Sargento – 2002) Assinale a alternativa cujo termo destacado classifica-se como complemento nominal.

a) Arrancaram-lhe as roupas. (= *Arrancaram as suas roupas.* / adjunto adnominal)

b) Ela nunca lhe desobedece. (= *Ela nunca desobedece a ele.* / objeto indireto)

c) A sentença foi-lhe favorável. (= *A sentença foi favorável a ele.* / complemento nominal)

d) Júlio devolveu-lhe o livro emprestado. (= *Júlio devolveu a ele o livro emprestado.*/ objeto indireto)

2) Sobre o quarto exemplo, "Roubaram-*me* o carro." equivale a "Roubaram o *meu* carro.", o pronome oblíquo tem **valor possessivo**, logo muitos mestres (Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Alfredo Gomes, Claudio Cezar Henriques, Hildebrando André, José Oiticica, João D. Maia, Leila L. Sarmento) analisam-no como **adjunto adnominal**; já outros (Celso Cunha, Evanildo Bechara, Said Ali, Adriano G. Kury, Napoleão M. de Almeida, Gladstone Chaves de Melo, Vilela & Koch) analisam-no como **objeto indireto com valor possessivo**. Bechara também o chama de **dativo de posse**. Sem querer polemizar, nas provas de concurso público, fique com a primeira opinião (adjunto adnominal), pois é assim que vem caindo. Isso também vale para os pronomes oblíquos átonos *te, se, nos, voz, lhe(s).*

3) Apesar de entrarmos em um assunto polêmico a partir de agora, ainda assim sugiro que leia (com calma) o que segue.

Sobre o quinto exemplo (*Deixe-**me** entrar na casa, por favor.*), saiba que a construção formada por verbos causativos *mandar, deixar, fazer, permitir* (e sinônimos) ou sensitivos

ver, ouvir, olhar, sentir (e sinônimos) seguidos de pronomes oblíquos átonos + verbos no infinitivo ou no gerúndio faz com que os oblíquos tenham função de sujeito do verbo no infinitivo ou no gerúndio:

*Mandaram-**me** entrar*. (**E não**: *Mandaram eu entrar*.) / *Deixe-**as** dormir*. (**E não**: *Deixe elas dormirem.*) / *Faça-**nos** cantar*. (**E não**: *Faça nós cantarmos*.). Ficou claro? Veja mais: *Viram-**me** sair. / Ouvi-**o** bater à porta./ Nós sentimo-**los** abraçar-nos. / Eu **a** vi chorando copiosamente. / Eles **te** viram traindo teu marido / Ela deixou-**se** tatuar*.

Tais construções equivalem a *"Mandaram que eu entrasse.", "Deixe que elas durmam.", "Faça que nós cantemos.", "Viram que eu saí.", "Ouvi que ele batia à porta.", "Nós sentimos que eles nos abraçaram.", "Eu vi que ela chorava copiosamente.", "Eles viram que tu traías teu marido.", "Ela deixou que fosse tatuada."*.

Esta é a visão da maioria dos estudiosos: Celso Cunha, Cegalla, Sacconi, Napoleão M. de Almeida, José Oiticica, Cândido de Oliveira, A. Gama Kury, Celso P. Luft, Sílvio Elia e a maioria dos gramáticos modernos, como Faraco & Moura, Pasquale C. Neto & U. Infante, Claudio Cezar Henriques, Maria H. M. Neves etc. apoiam as construções acima.

Já, no segundo pelotão, Rocha Lima, Said Ali e Eduardo Carlos Pereira dizem que o pronome (nesses casos com verbo causativo/sensitivo + infinitivo) é objeto direto do causativo e sujeito do infinitivo ao mesmo tempo.

Por fim, Evanildo Bechara (atualmente) e J. C. de Azeredo, baseando-se nos estudos de Henrique Maurer Jr., têm opinião bem particular sobre os verbos causativos e sensitivos (dizem que o pronome é objeto e que o verbo no infinitivo constitui uma oração com função de predicativo do objeto).

Ah! Em tempo: Cegalla (que cita exemplo de Celso P. Luft) e Francisco Fernandes nos informam que a construção com o *lhe* (como sujeito) só é aceita se o verbo no infinitivo exigir um complemento direto (objeto direto): "O professor mandou-***lhe*** calar a boca." (ou seja, "O professor mandou que ***ele*** calasse a boca.").

Veja uma questão sobre essa polêmica toda. Note que a banca fica com a opinião da maioria, a saber, o pronome oblíquo tem função de sujeito do infinitivo:

49. (FAB – AFA – Oficial – 2009) Sobre o 3º fragmento do texto acima, é correto afirmar que o:

a) pronome em destaque no sintagma "deixai-me levar" (l. 22) exerce a função sintática de sujeito da ação verbal "levar". (Gabarito!)

Comentário: Em "deixai-me levar", o *me* é sujeito do infinitivo *levar*, e o sujeito de *deixai* é *vós* (oculto), equivalendo a "... deixai vós que eu leve...".

No entanto, veja esta questão que fica com a visão do segundo grupo:

11. (Cesgranrio – DECEA – Técnico de Defesa e Controle de Tráfego Aéreo – 2009)

" ... e **a** fazem funcionar dentro de padrões éticos." (L. 4-5)

O termo que apresenta função sintática idêntica à do exemplo em destaque é:

a) "... face à chaga histórica que extenua os pobres." (L. 13-14)
b) "... inibe a audácia que os problemas sociais exigem." (L. 27-28)
c) "Ela equilibra a audácia." (L. 32-33)
d) "O excesso de audácia é a insensatez." (L. 40-41)
e) "Em condições normais significa a justa medida," (L. 48-49)

Comentário: A banca deu como gabarito a letra B, em que o pronome relativo *que* exerce função de objeto direto (sobre a função sintática dos pronomes relativos, veja *Orações Subordinadas Adjetivas*), o que indica, consequentemente, que o pronome oblíquo *a* foi visto pela banca como objeto direto do verbo causativo *fazer*. Não obstante a questão deveria ser anulada, pois, segundo a maioria dos gramáticos, o pronome oblíquo exerce função de sujeito do infinitivo; daí que o gabarito deveria ser a letra A, em que o pronome relativo *que* exerce função de sujeito. Polêmicas! Elas não deveriam figurar em prova de concurso, mas as bancas não estão nem aí... Por isso sou detalhista. Nunca se sabe...

4) Recomenda-se que se use um pronome oblíquo átono para cada verbo (com transitividade diferente) numa estrutura de coordenação: *Os professores **me** encontraram e deram-**me** um conselho*. Note que o verbo *encontrar* é VTD e o verbo *dar* é VTDI. O primeiro tem função de objeto direto, e o segundo, indireto. É possível encontrar isso na gramática do Celso Cunha. Ele diz mais: "um pronome oblíquo átono pode ser complemento de verbos de regências iguais": *Eu **lhe** dei comida e emprestei dinheiro*.

Te

– *"Eu sei que vou **te** amar, por toda a minha vida"*. (Tom Jobim) (objeto direto)
– *Nunca mais **te** dirigiram a palavra.* (objeto indireto)
– *Fica tranquila, meu amor, eu sempre **te** serei leal.* (complemento nominal)
– *Beijei-**te** o rosto no passado e beijar-**te**-ei a boca agora.* (adjunto adnominal)
– *Fizeram-**te** realizar o exame duas vezes?* (sujeito)

Se

– *Não saía de casa sem **se** olhar no espelho.* (objeto direto)
– *A menina **se** impôs uma dieta rigorosa.* (objeto indireto)
– *Narciso tinha-**se** grande paixão.* (complemento nominal)
– *O cego costuma deixar-**se** levar pelo guia.* (sujeito)

Cuidado!!!

Este pronome oblíquo átono tem cinco classificações: **reflexivo (recíproco)**, **integrante do verbo**, **expletivo**, **indeterminador do sujeito e apassivador**. Nas explicações abaixo, precisarei contar com sua ajuda: seu conhecimento básico sobre transitividade verbal e um pouquinho de voz verbal.

Reflexivo (Recíproco)

Sempre acompanhado de verbo transitivo direto e/ou indireto (VTD/VTI/VTDI). Segundo Bechara, ele "faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou". Diz-se que o pronome reflexivo é chamado de **recíproco** quando há mais de um ser no sujeito e o verbo se encontra normalmente no plural.

Ex.: *A menina **se** cortou. / Se está doente, trate-**se**. / A modelo **se** impôs uma dieta muito severa. / Ele **se** achou culpado por ter perdido a luta. / O Brasil já **se** deixou explorar por muito tempo. / O cego costuma deixar-**se** levar pelo guia. / Os namorados **se** deram as mãos.* (recíproco) / *A avó e a neta **se** queriam muito. (recíproco) / O casal **se** beijou com vontade.* (recíproco)

Obs.: Em "Dar-**se** ao trabalho..." ou "Dar-**se** o trabalho...", o *se* é pronome reflexivo. No primeiro caso tem função de objeto direto; no segundo, objeto indireto. O fato é que ambas as formas são corretas. Além disso, saiba que outros pronomes oblíquos também podem indicar reflexividade (*me, te*) e reciprocidade (*nos, vos*).

Integrante do Verbo

Sempre acompanha verbo intransitivo (VI) ou transitivo indireto (VTI). Baseando-me no Bechara, posso dizer que tais verbos, chamados de pronominais, pois não se conjugam sem a presença do pronome oblíquo, indicam sentimento (*indignar-se, ufanar-se, atrever-se, alegrar-se, admirar-se, lembrar-se, esquecer-se, orgulhar-se, arrepender-se, queixar-se* etc.) ou movimento/atitudes da pessoa em relação ao seu próprio corpo (*sentar-se, suicidar-se, concentrar-se, converter-se, afastar-se, precaver-se* etc.). Por favor, não confunda com pronome reflexivo.

Ex.: *Ele **se** precaveu das pragas. / Ela, infelizmente, suicidou-**se**. / Nunca você deve queixar-**se** da sua vida.*

Obs.: Outros pronomes oblíquos também podem ser integrantes do verbo: *me, te, nos, vos*.

Expletivo

Acompanhado de verbos intransitivos (VI), normalmente. Pode ser retirado da oração sem prejuízo sintático e semântico, pois seu valor é apenas estilístico (ênfase, expressividade), por isso é chamado de partícula de realce.

Ex.: *Vão-**se** os anéis, ficam-**se** os dedos. = Vão os anéis, ficam os dedos. / Ela **se** tremia de medo do escuro. = Ela tremia de medo do escuro. / Passaram-**se** anos, e ele não retornou ainda. = Passaram anos, e ele não retornou ainda.*

Indeterminador do Sujeito (Cai muito em prova!)

Sempre acompanha verbos na 3ª pessoa do singular de quaisquer transitividades (verbo de ligação – VL –, VI, VTI, VTD), sem sujeito explícito. No caso do VTD, precisará haver objeto direto preposicionado para que o *se* indetermine o sujeito – note o último exemplo.

Tal indeterminação implica um sujeito de valor genérico (generalizador), impreciso.

Ex.: *Lá **se** era mais feliz.* (VL) / *Aqui **se** vive em paz.* (VI) / *Lamentavelmente, não **se** confia mais nos governantes.* (VTI) / *Já não mais **se** ama a Deus nesta Igreja.* (VTD)

De leve, veja uma questãozinha sobre isso:

2. (Esaf – AFRFB – 2009) Em relação ao texto, assinale a opção correta.

"Há alguma esperança de que a diminuição do desmatamento no Brasil **possa se manter** e não seja apenas, e mais uma vez, o reflexo da redução das atividades econômicas causada pela crise global. Mas as notícias ruins agora vêm de outras frentes. As emissões de gases **que provocam o efeito estufa pela indústria** cresceram 77% entre 1994 e 2007, segundo estimativas do Ministério do Meio Ambiente a partir de dados do IBGE e da Empresa de Pesquisa Energética. Para piorar, as fontes de energia **se tornaram** mais "sujas", (...)"

a) Em "possa se manter" o pronome "se" indica sujeito indeterminado.

d) Em "se tornaram" o pronome "se" indica voz passiva.

Gabarito: E. Na Letra A, a palavra *se* indica voz passiva por se tratar de uma partícula apassivadora (possa se manter = possa ser mantida). Na letra D, a palavra *se* é parte integrante do verbo, pois ele é um verbo pronominal: ***tornar-se***.

Apassivador (Cai muito em prova!)

Sempre acompanha VTD ou VTDI para indicar que o sujeito explícito da frase tem valor paciente, ou seja, sofre a ação verbal. Sempre é possível reescrever a frase passando para a voz passiva analítica, ou seja, transformando o verbo em locução verbal (***ser* + participio**).

Ex.: *Alugavam-**se** apartamentos aqui. = Apartamentos <u>eram alugados</u> aqui. / Sabe-**se** que as línguas evoluem. = <u>É sabido</u> que as línguas evoluem. / Jabuticaba **se** chupa no pé. = Jabuticaba <u>é chupada</u> no pé. / Guerra **se** faz com armas. = Guerra é feita com armas. / Fez-**se**-lhe uma homenagem. = Uma homenagem surpresa <u>foi feita</u> a ele. / Amores não **se** compram = Amores não <u>são comprados</u>.*

Obs.: Há casos que podem causar certa confusão, dependendo da posição dos termos, mas vale o bom senso: *As duas mulheres não **se** beijaram naquela festa*. As duas mulheres não foram beijadas ou uma não beijou a outra? Pronome reflexivo recíproco ou partícula apassivadora? Creio que a primeira impressão seja de reciprocidade, logo o *se* é um reflexivo recíproco. Na inversão, muda-se a análise, pois normalmente o *se* apassivador vem seguido de seu sujeito: *Não **se** beijaram as duas mulheres naquela festa*. Fique esperto!

Nos

– *Você só **nos** ajuda por interesse.* (objeto direto)

– *Ofereceram-**nos** sociedade na empresa ontem.* (objeto indireto)

– *Os três **nos** eram bem próximos.* (complemento nominal)

– *Nosso time **nos** tirou a paciência há muito tempo.* (adjunto adnominal)

– *Não é de hoje que **nos** sentimos formar um ótimo casal.* (sujeito)

Vos

– *Vós ainda **vos** amais?* (objeto direto)

– *Resta-**vos** agora mudar certos traços nocivos de personalidade.* (objeto indireto)

– *Eles **vos** têm muito respeito.* (complemento nominal)

– *Vossos namorados **vos** roubaram a pureza?* (adjunto adnominal)

– *Deixo-**vos** mantendo meu legado, meus filhos!* (sujeito)

Obs.: Como já vimos, a maioria dos gramáticos concorda que o pronome oblíquo átono pode ser sujeito de um infinitivo ou de um gerúndio, na construção com verbo causativo ou sensitivo. No entanto, certamente você se lembra de que o assunto é polêmico, pois certos gramáticos de renome, como Rocha Lima, dizem que o pronome é objeto do verbo causativo ou sensitivo e sujeito do verbo seguinte. Por isso, fez-se uma pergunta (de novo) à ABL para saber seu parecer, afinal, sempre vale a pena saber a opinião desse órgão máximo da língua portuguesa no Brasil:

ABL RESPONDE

Pergunta: Saudações! Há algum tipo de erro na construção "Eu a vejo cantando todos os dias."? Está certo dizer que o *a* é sujeito de *cantando*? Muito grato!

Resposta: A construção está adequada; o *a* é objeto direto de vejo e sujeito de cantando; *eu* é sujeito de vejo. De nada, disponha.

Dica: No dia da prova, analise todas as opções, levando em conta as três visões sobre a estrutura com verbos causativos e sensitivos + pronome oblíquo átono + infinitivo/gerúndio, e marque a "melhor resposta".

Lhe / Lhes

– *Procure o senhorio e pague-**lhe** o aluguel.* (objeto indireto)

– *Uma ideia **lhe** veio à mente.* (= *veio à sua mente;* adjunto adnominal (posse))*

– *Incrivelmente, o cigarro nunca **lhe** foi prejudicial.* (complemento nominal)

– *Fiz-**lhes** repensar o motivo de estar ali.* (sujeito do infinitivo)#

Cuidado!!!

* Os gramáticos dizem que, neste contexto, o *lhe* é também excelente recurso de estilo. Falando nisso, para calar a boca daqueles que dizem não haver questão sobre pronome oblíquo átono com valor possessivo e com função de adjunto adnominal, eis aí umazinha:

30. (EAGS – Aeronáutica – Sargento – 2010) Leia:

O pardalzinho nasceu

Livre. Quebraram-**lhe** a asa.

Sacha **lhe** deu uma casa,

Água, comida e carinhos.

Os termos destacados, no texto acima, classificam-se respectivamente em:

a) objeto indireto e objeto indireto;
b) adjunto adnominal e objeto indireto; (GABARITO!)
c) objeto indireto e adjunto adnominal;
d) adjunto adnominal e adjunto adnominal;

Outra questão sobre isso é encontrada em:

29. (Cesgranrio – FUNASA – Administrador – 2009) Na passagem "Eugênio examinava-lhe as mudanças do rosto com comovida atenção.", o pronome oblíquo **lhe** exerce função sintática idêntica ao termo destacado em:

a) "Olívia se aproximou de Eugênio..."
b) "A enfermeira juntava os ferros."
c) "A respiração voltava lentamente,"
d) "Vencera! Salvara a vida de uma criança!"
e) "Sentia-se leve e aéreo."

Gabarito: D. Tanto o *lhe* como *de uma criança* apresentam valor possessivo e ambos os termos exercem função sintática de adjunto adnominal.

Cegalla indica que o ***lhe*** exerce função sintática de sujeito dentro de estrutura com verbos causativos e sensitivos se o verbo seguinte no infinitivo exigir um complemento direto (objeto direto): "O professor mandou-**lhe** calar a boca" (ou seja, "O professor mandou que **ele** calasse a boca"). Bechara, em seus livros antigos de sintaxe, apoiava tal tese. Só encontrei uma questãozinha sobre isso... antiiiiiiga:

30. (MPE/RJ – CGJ/RJ – Corregedor – 1998) Assinale a frase em que há erro no emprego de **o** ou **lhe**:

a) Mandei-o visitar os pais em Petrópolis;
b) Mandei-lhe visitar os pais em Petrópolis;
c) Eu lhe felicitarei pela vitória; (Gabarito!)
d) Não lhe assiste o direito de protestar;
e) A verdade é que eu lhe quero muito bem.

Gabarito: **C**. O verbo felicitar é VTD, por isso exige complemento direto (objeto direto), função nunca exercida por *lhe*. **Mas note a letra B!** Note o *lhe* com função de sujeito do infinitivo: *Mandei-lhe visitar os pais em Petrópolis. = Mandei que ele visitasse os pais em Petrópolis.*

---

1) Lembra-se da música do Moraes Moreira "Eu ia ***lhe*** chamar enquanto corria a barca..."?

O que acha do uso do *lhe* neste caso? I-na-de-qua-do à norma culta! O verbo chamar é transitivo direto (VTD), logo o *lhe* não pode ser complemento de um VTD, pois ele nunca exerce função de objeto direto. Normalmente sua função é de objeto indireto – nunca objeto direto, ok? Deveria ser, então: "Eu ia *te* chamar..." ou "Eu ia chamá-*lo*..." etc., sem *lhe*.

2) Agora veja este exemplo: "Vi o filme que me recomendou, apesar de não ter querido assistir-***lhe.***".

Nossa! Assistir-**lhe**? Não "rola", não é? "Por que, Pestana, se o *lhe* exerce função de OI,

e o verbo assistir é VTI? O *lhe* não pode ser substituído por *a ele(a/s)*? Eu me lembro dessa explicação!"

É verdade, mas calma! A força da gramática tradicional ainda diz que o *lhe* não substitui complemento de certos verbos, como *assistir, aspirar, referir-se, aludir, recorrer* etc. Está claro? É regra. Portanto, a frase acima deveria ser assim: "Vi o filme que você me recomendou, apesar de não ter querido assistir ***a ele***."

Entenda melhor (por trás da regra): O *lhe* não é usado como complemento de alguns verbos, como *aludir, anuir, aceder, aspirar (almejar), assistir (ver), escarnecer, proceder, presidir, recorrer, referir (aludir), visar (almejar)*, pois ele é um complemento que representa o ser beneficiado ou o alvo de uma ação: "Eu atribuí a notícia ao jornal (ser beneficiado/alvo).". Portanto, ele não pode substituir complemento desses verbos, uma vez que o sentido deles não contempla tal possibilidade, isto é: não se assiste a alguém, não se aspira a alguém, não se visa a alguém, como se este "alguém" estivesse sendo beneficiado por outra pessoa ou coisa. Aí, você me pergunta: "Qual é o equívoco gramatical em dizer 'Eu assisti à peça.' ou 'Eu assisti-lhe.'?" Resposta: "O equívoco está em o verbo não indicar que algum ser é o beneficiário da ação expressa pelo verbo", isto é, 'a peça' não se está beneficiando de nada, quando eu assisto a ela. É por isso que, nesses casos, não usamos o pronome oblíquo átono *lhe(s)* como complemento, mas sim o pronome oblíquo tônico 'a ele(a/s)'."

3) Alguns gramáticos modernos, como Pasquale Cipro Neto e Ulisses Infante, dizem que o **lhe** só substitui **pessoa**. Veja, porém, que isso não é verdade, pois o gramático Rocha Lima, Bechara e a Academia Brasileira de Letras pensam diferente (e, para *sacramentar*, as questões da FCC corroboram o que dizem tais fontes). Leia o ensino da ABL:

ABL RESPONDE

Pergunta: Consultei uma gramática tradicional que afirma que o pronome oblíquo átono *lhe* só substitui pessoas. Mas, em "Paguei-lhe (ao banco) a dívida." e "Dei-lhe (no cachorro) um trato.", o *lhe* está usado erradamente? Não entendo! Por favor, ajudem! Grato!

Resposta: "O objeto indireto é o complemento que representa a pessoa ou coisa a que se destina a ação, ou em cujo proveito ou prejuízo ela se realiza." Ex.: Aos meus escritos, não lhes dava importância nenhuma. *Lhes* é objeto indireto em relação a escritos, portanto, coisa. "Fiquei só com oito ou dez cartas para reler algum dia e dar-lhes o mesmo fim." (Machado de Assis, Memorial de Aires).

Falou, tá falado! Logo, esse papo de *lhe só* substituir **pessoa** é furado. Você verá as questões da FCC à frente... aguarde.

O, a, os, as

– *Levei-**o**, levei-**a**, levei-**os** e levei-**as** ao Forte de Copacabana.* (objeto direto)
– *Nunca **os** vi namorar com volúpia, eram discretos.* (sujeito do infinitivo)

Obs.: Vale muito a pena dizer que estes pronomes oblíquos átonos de 3ª pessoa exercem 99% das vezes função de objeto direto! "Por que você fez este adendo, Pestana?" Simples, meu nobre. Já vi muita gente boa cometendo deslizes do tipo: "Eu vou informá-***lo*** a verdade.". O problema é que quem informa informa algo **a alguém** (objeto indireto). A frase, de acordo com a norma culta, deveria ser: "Eu vou informar-***lhe*** a verdade". O *lhe*, sim, exerce função de objeto indireto. No entanto, o verbo informar tem dupla regência, e também pode manter relação com seus complementos da seguinte maneira: quem informa informa **alguém** de algo, de modo que também poderíamos escrever assim: "Eu vou informá-**lo** da verdade.". **Estude *Regência Verbal*!**

Adjunto Adverbial

Se você sabe identificar um advérbio e uma locução adverbial numa frase, sensacional! Pois todo advérbio e locução adverbial exercem função sintática de **adjunto adverbial**.

Além do advérbio e da locução adverbial, o pronome relativo e o pronome pessoal também podem exercer função sintática de adjunto adverbial (veremos isso também em *Funções Sintáticas dos Pronomes Relativos*, no capítulo 23):

– *A sobreloja,* ***onde*** *ele também morava, estava em estado calamitoso.* (adjunto adverbial de lugar)

– *Os rapazes saíram* ***conosco****, pois iríamos apresentar-lhes as moças.* (adjunto adverbial de companhia)

Vejamos alguns adjuntos adverbiais mais cobrados (e outros nem tanto):

Afirmação: ***Certamente*** *passarei na prova.*

Negação: ***Não*** *vou desistir de meus sonhos.*

Modo: *Agiu* ***de coração****, mas foi sabotado.*

Tempo: ***Anteontem*** *foi o melhor dia da minha vida.*

Lugar: *Cheguei* ***à sala*** *na hora certa, mas entrei atrasado* ***no assunto****.*

Obs.: Segundo Carlos Góis, quando o adjunto adverbial de lugar for uma pessoa ou um lugar imaginário, será analisado como **adjunto adverbial de lugar virtual**. Sacconi corrobora isso. Segundo Bechara, certos termos podem indicar lugar e/ou tempo, como em "Encontrei minha namorada ***numa festa***.". Sendo assim, *numa festa* poderia ser classificado como adjunto adverbial de lugar ou de tempo.

Dúvida: *A velhice* ***talvez*** *tenha cura.*

Intensidade: *Ficou* ***absolutamente*** *realizado.*

Causa: *O homem suava* ***com aquele calor carioca****.*

Concessão: ***A despeito dos problemas****, tivemos êxito.*

Conformidade: *Faça tudo* ***conforme os regulamentos****.*

Finalidade: *Ele viajou* ***para negociar****.*

Obs.: Neste caso, estamos diante de um adjunto adverbial oracional, ou seja, um adjunto adverbial em forma de oração, pois tal expressão é constituída de verbo. Há muitas orações com função de adjunto adverbial. Veremos todas elas em *Orações Subordinadas Adverbiais*.

Condição: ***Sem educação****, não há progresso.*

Meio: *Prefiro ir* ***de ônibus*** *a pegar avião.*
Instrumento: *Escrevi quinhentas páginas* ***a caneta****.*
Assunto: *Ele só fala* ***de política****.*

Obs.: Certos dicionários de regência, como o de Francisco Fernandes e do Celso P. Luft, entendem que *de política* é um objeto indireto, pois veem o verbo falar como VTI. No entanto, Bechara é bem taxativo em dizer que se trata de um adjunto adverbial de assunto (ou **matéria tratada**), logo falar seria intransitivo... polêmicas... No capítulo de *Regência* voltarei a falar sobre isso.

Companhia: ***Com ou sem você****, preciso prosseguir em minha jornada.*
Preço: *Meu carro não custou* ***caro****.*
Matéria: *Fabricamos* ***com plástico*** *esses copos.*
Reciprocidade: ***Entre mim e ti*** *sempre houve amor.*

Obs.: Por inferência, notamos que há adjunto adverbial simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.
– ***De noite****, fui estudar.* (simples: um núcleo)
– ***De manhã à tarde****, fico estudando.* (composto: mais de um núcleo)
– ***Quando estudo****, fico calmo.* (o adjunto adverbial – indicando tempo – é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

Adjunto Adverbial X Adjunto Adnominal

Lembre-se sempre do básico: tradicionalmente, o **adjunto adverbial** modifica um verbo, um adjetivo ou outro advérbio; já o **adjunto adnominal** modifica um substantivo. Assim, por mais que o adjunto adnominal tenha valor semântico de lugar, por exemplo, perceba a relação sin-tá-ti-ca, isto é, adjunto adnominal se liga a substantivo e adjunto adverbial se liga a verbo, adjetivo ou outro advérbio, ok? Veja:

– *Nada como uma casa **em cima de uma montanha**!* (adjunto adnominal, pois modifica *casa*)

– *Já morei muitos anos **em cima de uma montanha**!* (adjunto adverbial de lugar, pois modifica *morar*)

– *O homem **com a maleta** entrou no avião. (adjunto adnominal, pois modifica homem)*

– *O homem entrou **com a maleta** no avião. (adjunto adverbial, pois modifica entrar)*

– *Preciso de **muito** pensamento positivo.* (adjunto adnominal, pois modifica *pensamento*)

– *As pessoas vêm trabalhando **muito**.* (adjunto adverbial de intensidade, pois modifica *trabalhar*)

Obs.: Há certos momentos, por falta de contexto maior, que a análise dos termos sintáticos pode ser dupla. Veja uma questão sobre isso:

14. (FAB – EAGS – Sargento – 2010) Assinale a alternativa em que um termo da frase pode ser classificado tanto como adjunto adverbial quanto como adjunto adnominal.

a) Vagarosamente, ele partiu alinhavando, em meu coração, uma imensa saudade.
b) Atônitos, os moradores saíram à rua para verificar o estrondo.
c) A professora de Português observava os alunos da classe. (Gabarito!)
d) Com ternura, os pais acariciavam o filho doente.

Comentário: Não se sabe se ela estava dentro da classe observando os alunos (adjunto adverbial de lugar) ou se ela estava observando os alunos que pertencem à classe (adjunto adnominal).

Adjunto Adverbial X Objeto Indireto

O fato de muitos adjuntos adverbiais virem introduzidos por preposição não deve gerar confusão com o objeto indireto (termo sempre preposicionado).

O **adjunto adverbial** modifica o sentido de um verbo, expressando uma circunstância (lugar, meio, companhia...), já o objeto indireto apenas complementa o sentido do verbo transitivo indireto. Veja:

– *Viajei* ***de trem***. (adjunto adverbial de meio)
– *Não gosto* ***de trem***. (objeto indireto)
– *Não saia* ***de casa***. (adjunto adverbial de lugar)
– *Não duvide* ***de mim***. (objeto indireto)
– ***Com Pedro*** *você pode caminhar.* (adjunto adverbial de companhia)
– *Concordo* ***com você***. (objeto indireto)

Déjà vu: Cuidado com os verbos *ir, chegar, voltar, regressar, partir, retornar, morar, residir, habitar* e sinônimos, pois eles "aparentemente" exigem um objeto indireto, mas na verdade são apenas especificados por um adjunto adverbial indicando **lugar**. Tais verbos são acompanhados de adjunto adverbial de lugar, pois, caso contrário, o interlocutor não entenderia plenamente uma frase como esta: "Você sabia que ele foi?" (Pergunta óbvia: Ele foi **aonde**?). Estes verbos precisam de um **circunstancial** de lugar, e não de um **complemento**. Há muita polêmica em torno disso. Rocha Lima, por exemplo, fala em "complemento circunstancial". Celso P. Luft considera a possibilidade de tais verbos serem transitivos indiretos.

Adjunto Adverbial X Predicativo do Sujeito

Lembre-se de que o **adjunto adverbial** (advérbio) modifica verbo, adjetivo ou outro advérbio; já os **predicativos** (adjetivo, normalmente) modificam um termo de valor substantivo.

– *O aluno falou **sério** com o professor.* (adjunto adverbial de modo)

– *O aluno continua **sério**.* (predicativo do sujeito)

– *Voe **tranquilo** com a nossa companhia aérea.* (adjunto adverbial de modo)

– *O cliente, **tranquilo**, viajou pela nossa companhia.* (predicativo do sujeito)

Obs.: Tratei bem deste assunto no capítulo de *Advérbio*. Revisite!

Adjunto Adverbial X Agente da Passiva

Nem todo termo introduzido pela preposição *por (pelo(a/s))* é um agente da passiva. Principalmente se o núcleo não for um ser animado ou personificado. Por isso, não confunda adjunto adverbial de causa (como nos exemplos abaixo) com agente da passiva.

– *O aluno foi premiado* ***por sua apresentação***.

– *A corrupção foi novamente discutida* ***pelos constantes casos de lavagem de dinheiro***.

Note que *foi premiado* e *foi discutida* são locuções verbais de voz passiva analítica, ou seja, existe, sim, um agente da passiva nas frases acima, mas ele está *apagado*, indeterminado. É como se houvesse na frase um agente da passiva seguido de um adjunto adverbial de causa. Veja as reescrituras para ficar mais claro:

– *O aluno foi premiado* ***por alguém*** (agente da passiva) ***por causa de sua apresentação*** (adjunto adverbial de causa).

– *A corrupção foi novamente discutida* ***por alguém*** (agente da passiva) ***por causa dos constantes casos de lavagem de dinheiro*** (adjunto adverbial de causa).

Aposto

O **aposto** é um termo sempre de valor substantivo (nunca adjetivo!) que explica, esclarece, desenvolve, resume outro termo sintático antecedente.

– *Nós voltamos a estudar,* ***minha namorada e eu****, depois de dois anos.* (aposto do sujeito)

– *Ela era a famosa Regina Duarte –* ***grande atriz da televisão brasileira****.* (aposto do predicativo do sujeito)

– *Considerei-o como o novo Chacrinha:* ***grande apresentador do século XX****.* (aposto do predicativo do objeto)

– *Duas propostas tenho de lhe fazer:* ***uma positiva e outra negativa****.* (aposto do objeto direto)

– *Disse aos meus filhos* ***Pedro e João*** *que iria viajar.* (aposto do objeto indireto)

– *João estava ansioso pela chegada de uma de suas primas, que demorou muito,* ***a Maria****.* (aposto do complemento nominal)

– *O atual presidente foi muito criticado pelo ex-presidente,* ***Carlos da Silva****.* (aposto do agente da passiva)

– *O monumento da cidade* ***do Rio de Janeiro*** *foi tombado.* (aposto do adjunto adnominal)

– *Peguei o carro lá* ***na oficina*** *às dezoito horas,* ***a hora do rush****.* (apostos dos adjuntos adverbiais)

– *O senhor Arnaldo, dono da academia de jiu-jítsu* ***(a mais completa arte marcial)*** *é faixa preta e vermelha.* (aposto do aposto)

– *Pai,* ***meu melhor amigo****, estou precisando de dinheiro para sair.* (aposto do vocativo)

Obs.: Por inferência, notamos que há aposto simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Esses* ***dois*** *são relapsos.* (simples: um núcleo)

– *Elas,* ***Lúcia e Regina****, são irmãs.* (composto: mais de um núcleo)

– *Tenho um sonho:* ***presenciar a justiça de Deus****.* (o aposto é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

Só de curiosidade: O plural de aposto é apostos (pronuncia-se *aPÓStos*).

Classificação do Aposto

Diz-se que o aposto é um termo de valor substantivo **B** que reitera um termo **A**, numa "fórmula" A = B.

Trocando em miúdos: o "aposto" é sempre igual ao "anteposto".

– *Carmen Miranda, **a Pequena Notável**, fez sucesso no Brasil e no mundo.*

A	=	B

Há 6 tipos de aposto, cujo núcleo pode ser um substantivo, um pronome, um numeral, uma palavra substantivada ou uma oração. Vamos a eles!

1) Explicativo

– *Carolina, **uma ótima pessoa**, e seu amigo, **um idiota**, estavam íntimos demais.*

– *Algo o incomodava frequentemente: **suas brigas com a esposa**.*

– *Deus – **o grande assunto dos embates entre ateus e crentes** – analisa o coração.*

– *Pelé **(o Rei do Futebol)** será um dia superado?*

– *Machado de Assis, **como grande romancista brasileiro**, nunca foi superado.*

Obs.: Como se viu, este aposto sempre vem separado por pontuação: vírgula, dois-pontos, travessão ou parênteses. Note também que o aposto pode ser iniciado pela preposição acidental *como*.

2) Especificativo

– *No mês **de novembro**, a presidenta **Dilma** foi eleita e usou a palavra **satisfação** no seu discurso.*

– *Dona **Carlota Joaquina** causou muita polêmica ao vir para o Brasil.*

– *Nós **todos** somos seus fãs.*

– *Convidaram nós **três** para escrever um livro de Gramática, Literatura e Redação.*

Cuidado!!!

1) Note que o aposto especificativo não vem separado por pontuação alguma e é um termo que tem o mesmo valor semântico da palavra especificada anterior, ou seja, em "presidenta Dilma", *Dilma* é o quê? Uma presidenta. Existem vários presidentes, e a palavra especificadora *Dilma* aponta qual presidente é.

2) Interessante: a semântica, a sintaxe e a vírgula (aposto explicativo e aposto especificativo):

– *Disse aos meus filhos, **Pedro e João**, que iria viajar.* (o falante tem dois filhos apenas)

– *Disse aos meus filhos* ***Pedro e João*** *que iria viajar.* (existe a possibilidade de o falante ter mais filhos)

3) Distributivo

– *Tenho dois filhos:* ***um*** *baixinho,* ***outro*** *altinho.*

– *Mussolini e Hitler foram dois cruéis ditadores,* ***aquele com o sistema fascista e este com o sistema nazista.***

Obs.: Neste caso, normalmente os apostos vêm retomando dois ou três termos anteriores.

4) Enumerativo

– *Atenderemos a todos:* ***homens****,* ***mulheres****,* ***velhos*** *e* ***crianças****.*

– *Apenas três coisas me tiravam do sério, a saber,* ***preconceito, antipatia e arrogância****.*

– *Alguns países da Europa não são banhados pelo mar –* ***por exemplo, Áustria, Suíça, Vaticano*** etc.

Obs.: Note que os apostos podem ser iniciados por expressões explicativas, como *isto é, ou seja, a saber, por exemplo...*

5) Resumitivo/Recapitulativo

– *Brasil, Costa Rica, México, Uruguai, isto é,* ***nenhum*** *é um país desenvolvido.*

– *Irei a Macau, Cabo Verde, Angola e Timor-Leste,* ***lugares*** *onde se fala português.*

Obs.: Normalmente este tipo de aposto é representado pelos pronomes indefinidos *nada, ninguém, nenhum, tudo, todo(a/s).*

6) De uma Oração

Pode se referir a uma oração inteira por meio das palavras *sinal, coisa, fato, motivo, razão.*

– *As nuvens estão chegando,* ***o*** *que pode aborrecer a todos.* (ou seja, *"isso* – o fato de as nuvens estarem chegando – *pode aborrecer a todos")**

– *O noticiário disse que amanhã fará muito calor –* ***ideia*** *que muito me agrada.*

* Esse tipo cai muito em prova!

Cuidado!!!

1) O aposto pode aparecer <u>antes</u> do termo a que se refere, normalmente antes do sujeito, como no exemplo abaixo:

– ***O maior piloto brasileiro de todos os tempos****, Ayrton Senna marcou uma geração.*

Consulte uma questão sobre isso: FAB – EAGS – SARGENTO – 2008 – QUESTÃO 33.

2) Segundo Cegalla, quando o aposto se refere a um termo preposicionado, pode ele vir igualmente preposicionado.

– *"De cobras, (de) morcegos, (de) bichos,* ***de tudo*** *ela tinha medo."*

3) Nunca vi em prova alguma o que direi agora, por isso decida se vai ou não pular esta observação. Estudiosos modernos, na contramão da classificação de aposto como termo de valor substantivo, apoiam o fato linguístico de que o aposto pode ter núcleo adjetivo ou adverbial, em construções como estas:

– *Tuas pestanas eram assim: finas e curvas*. (adjetivos; aposto do predicativo do sujeito)

– *Falou comigo deste modo: calma e maliciosamente*. (advérbios; aposto do adjunto adverbial de modo)

Aposto X Adjunto Adnominal

Apesar da semelhança, é fácil distinguir o aposto especificativo do adjunto adnominal.

Há correspondência semântica entre o aposto e o termo a que se refere; é possível retirar a preposição que precede o aposto, normalmente. O adjunto não tem correspondência semântica e, se a preposição for retirada, a estrutura ficará esdrúxula.

– *A cidade* ***(de) Fortaleza*** *é quente.* (Aposto especificativo / Fortaleza é uma cidade.)

– *O clima* ***de Fortaleza*** *é quente.* (Adjunto adnominal / Fortaleza é um clima?)

Obs.: Conheça outros apostos especificativos: *a capital* ***de Belo Horizonte****, a cidade* ***do Rio de Janeiro****, o estádio* ***do Maracanã****, o ano* ***de 2012****, o mês* ***de setembro****, a festa* ***de carnaval****, o nome* ***de Jeová****, os bairros* ***de Irajá****,* ***Vaz Lobo e Madureira****...*

Aposto X Predicativo do Sujeito

Lembre-se de algo básico: o aposto não pode ser um adjetivo nem ter núcleo adjetivo, logo... a diferença é facílima! Veja:

– ***Muito desesperado**, João perdeu o controle.* (predicativo do sujeito; núcleo: desesperado – adjetivo)

– ***Homem desesperado**, João sempre perde o controle.* (aposto; núcleo: homem – substantivo)

Vocativo

O **vocativo** é o termo que põe em evidência algum ser a quem se dirige; indica a invocação de alguém ou algo; vem sempre separado por vírgula; pode se deslocar pela oração. Muito encontrado em textos injuntivos, em que o locutor do texto se dirige diretamente ao interlocutor.

– *Só tem uma garrafa,* ***mãe****!*

– ***Ó querida****, não faça isso comigo...* (todo termo será um vocativo se acompanhado de *ó*)

Obs.: Por inferência, notamos que há vocativo simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– ***Amigo****, escuta-me.* (simples: um núcleo)

– ***Companheiros e companheiras****, escutem a verdade.* (composto: mais de um núcleo)

– ***Quem estiver atento****, por favor, o diretor quer falar.* (o vocativo é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

* Quem corrobora o **vocativo oracional** é o gramático Ulisses Infante. Nunca vi em prova alguma!

Vocativo X Aposto

O vocativo não mantém relação sintática com nenhum termo de uma oração, diferente do aposto.

– *Solte os rapazes,* ***senhor****, urgentemente. (vocativo; não se refere a termo algum da oração)*

– *Os rapazes,* ***amigos entre si****, são honestos. (aposto; refere a "os rapazes")*

Obs.: Pode haver ambiguidade entre vocativo e aposto; só o contexto desfará a ambiguidade:

"Aqueles candidatos, **meus alunos**, passaram na prova".

Às vezes, a vírgula faz toda a diferença para diferenciarmos o vocativo do sujeito:

– ***Marcos****, o professor de História chegou.* (vocativo)

– ***Marcos****, o professor de História, chegou.* (sujeito)

Note também que a segunda vírgula tornou o sujeito da primeira frase em aposto da segunda.

O Que Cai Mais na Prova?

Normalmente a diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal é a *menina dos olhos* das bancas. Correndo por fora, vem o aposto. Por isso, neste capítulo, sugiro que domine os conceitos de adjunto adnominal e aposto. Manda ver!

Questões de Concursos

1. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) Assinale a alternativa que classifica, correta e respectivamente, os termos grifados no período "A manutenção <u>das estradas</u> é fundamental <u>para nossa segurança</u>".
   a) complemento nominal – complemento nominal.
   b) complemento nominal – adjunto adnominal.
   c) adjunto adnominal – complemento nominal.
   d) adjunto adnominal – adjunto adnominal.

2. (FAB – EEAR – Cabo – 2008) Em todas as alternativas, o termo *"pelo rio"* classifica-se como adjunto adverbial. Apenas em uma ele também pode ser classificado como agente da passiva. Identifique essa alternativa.
   a) Durante a noite, os caçadores levaram alguns animais pelo rio.
   b) Durante a noite, alguns animais foram levados pelo rio.
   c) Durante a noite, levaram-se alguns animais pelo rio.
   d) Durante a noite, levaram alguns animais pelo rio.

3. (Esaf – MPOG – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) A rápida, coordenada, cautelosa e surpreendente compra de 9% do capital da anglo-australiana Rio Tinto, a terceira maior mineradora do mundo, mostra uma mudança de qualidade no planejamento da investida no exterior das estatais chinesas. (...)"

– O segmento "a terceira maior mineradora do mundo" está entre vírgulas porque é um aposto.

4. (FCC – TRT/MG (3R) – Analista Judiciário – 2009) *O sucesso da democracia nas sociedades industriais trouxe inegáveis benefícios <u>a amplos setores</u> antes excluídos...*

O mesmo tipo de complemento grifado acima NÃO ocorre APENAS em:
   a) da tomada de decisões;
   b) a perda de identidades grupais;
   c) pelo conceito de cidadania;
   d) um mundo de tribos;
   e) no conhecimento do torcedor comum.

5. (Cesgranrio – FUNASA – Agente Administrativo – 2009) No Texto I, em "e controlar a epidemia crescente **das doenças crônicas**,", o termo destacado está ligado sintaticamente ao substantivo "epidemia".

O termo que desempenha função sintática idêntica ao destacado acima está no trecho:
   a) "enquanto cerca de 300 milhões de adultos são obesos,"
   b) "...que ajude as autoridades nacionais a enfrentar os problemas."
   c) "– Para alcançar as Metas do Milênio estabelecidas pela ONU,"
   d) "Todos eles estão mais expostos..."
   e) "entre outras doenças ligadas ao excesso de peso."

6. (Cesgranrio – FUNASA – Administrador – 2009) Na passagem "Eugênio examinava-lhe as mudanças do rosto com comovida atenção.", o pronome oblíquo **lhe** exerce função sintática idêntica ao termo destacado em:
   a) "Olívia se aproximou de Eugênio..."
   b) "A enfermeira juntava os ferros."
   c) "A respiração voltava lentamente,"
   d) "Vencera! Salvara a vida de uma criança!"
   e) "Sentia-se leve e aéreo."

7. (Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico – 2009) (Adaptada) Em "– gerentes de três grandes empresas nacionais –" (De acordo com a pesquisa, feita entre 230 profissionais – gerentes de três grandes empresas nacionais –, ...), o uso dos travessões justifica-se, sintaticamente, por: I- separar o vocativo ou II- isolar o aposto?

8. (Instituto Cidades – UNIFESP – Analista de TI – 2009) Nos versos 01 e 15 (Voa, coração), a palavra "coração" é corretamente classificada como:
   a) sujeito;
   b) vocativo;
   c) objeto direto;
   d) predicativo do sujeito.

9. (FUNDEP – TJ/MG – Assistente Social – 2010) Assinale a afirmativa em que o(s) termo(s) em destaque **NÃO ESTÁ(ÃO)** corretamente classificado(s) quanto à função sintática.
a) "Em ti, por exemplo, o outono é manifesto e exclusivo." – sujeito.
b) "Não, querido, sou tua árvore-da-guarda e simbolizo teu outono pessoal." – predicativo do sujeito.
c) "Outoniza-te com dignidade, meu velho". – vocativo.
d) "(...) Há alguma coisa de gracioso em tudo isso: parábolas, ritmos, tons suaves..." – aposto.

10. (PUC/PR – COPEL – Profissional de Comunicação Jr. – 2010) Assinale a alternativa **CORRETA**:
a) "Para o empresário e economista Luiz Carlos Mendonça de Barros, ministro das Comunicações no governo de Fernando Henrique Cardoso, insuspeito de simpatias pelo governo Lula (...)"; o trecho sublinhado é um vocativo.
b) Em "Hoje, por causa de distorções como essas, o Estado brasileiro custa caro, funciona mal e trabalha na direção errada", a vírgula colocada após "hoje" pode ser substituída por ponto e vírgula.
c) "Arquiteto e engenheiro da prosperidade do "milagre econômico", o ex-ministro Antonio Delfim Netto está convencido (...)"; o trecho sublinhado é um exemplo de aposto.
d) Em "Mesmo o etanol, que funciona tão bem no Brasil, não é uma saída definitiva no plano mundial" é possível retirar as vírgulas, sem prejuízo do sentido original.
e) A expressão "pelo menos", em "o Brasil tem pela frente uma possibilidade de crescimento seguro, sem risco, por pelo menos uma geração", pode ser retirada sem prejuízo do sentido original.

11. (Cesgranrio – BACEN – Analista – 2010) A circunstância expressa pelos termos em destaque está corretamente indicada em:
a) "algo para ser visto pela janelinha do carro," – lugar.
b) "...esparramada sobre a calçada," – concessão.
c) "...pingando esmolas em mãos rotas." – modo.
d) "Com o tempo, a miséria conquistou os tubos de imagem dos aparelhos de TV." – consequência.
e) "Embora violenta, a miséria ainda nos excluía." – condição.

12. (Cesgranrio – Eletrobras Eletronuclear – Analista (Meteorologia) – 2010) No Texto I, em "avançaram em segurança e controle **dos resíduos radioativos**", o termo destacado está ligado sintaticamente ao substantivo "controle". O termo que desempenha função sintática idêntica ao destacado acima está no trecho:
a) "As crises mundiais do petróleo,"
b) "os preços ficam mais caros,"
c) "...captar energia da natureza."
d) "...especialistas em energia estão fazendo perguntas incômodas..."
e) "...não teria sido uma alternativa menos danosa ao meio ambiente..."

13. (Esaf – Agente Executivo – 2010) (Adaptada) Em relação ao texto abaixo, julgue a afirmação seguinte:
"Onde as sociedades são mais justas, equilibradas, honestas e onde as necessidades sociais são mais satisfeitas, há menor risco para a atividade jornalística. (...)"
O emprego de vírgulas após "justas" e "equilibradas" justifica-se por isolar aposto.

14. (Esaf – Auditor Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) O presidente do Banco Central Europeu (BCE), Jean-Claude Trichet, ao anunciar que a taxa básica do BCE não seria mudada... (...)"
– O nome próprio "Jean-Claude Trichet" está entre vírgulas por tratar-se de um vocativo.

15. (FUNCAB – DETRAN/PE – Analista de Trânsito – 2010) Os termos grifados exercem as seguintes funções sintáticas: "...e como eu ia dizendo, é muito mais econômico você andar devagar e ser assaltado por mim do que correr e ser assaltado pelo radar. E eu nem somo pontos em sua habilitação!":
a) objeto direto – objeto indireto – adjunto adverbial;
b) adjunto adnominal – sujeito – adjunto adverbial;
c) predicativo – agente da passiva – adjunto adverbial;
d) objeto direto – objeto direto preposicionado – objeto indireto;
e) aposto – objeto indireto – objeto direto preposicionado.

16. (FGV – CODESP/SP – Advogado – 2010) O ensino técnico profissionalizante de fato precisa hoje correr contra o relógio, pois, se persistir a falta de pessoal qualificado, as oportunidades acabam definitivamente perdidas pela desistência dos potenciais empregadores.
O termo sublinhado no período acima exerce a função sintática de:

a) adjunto adverbial;
b) agente da passiva;
c) complemento nominal;
d) adjunto adnominal;
e) objeto indireto.

17. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) No segmento "o gosto que estes revelam pela improvisação", o termo "pela improvisação" exerce função distinta da exercida na seguinte frase: *Revelou, pela improvisação, o quanto se afastara da cultura clássica.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "...e **às vezes** lhe passava um recado ou uma correspondência."
"isso existe **às pampas**."
Quais as locuções destacadas que encerram, respectivamente, as mesmas circunstâncias das destacadas nos trechos transcritos acima?
a) Aos poucos, ele ia percebendo que não precisava mais dela. / Nada em volta causava mais surpresa.
b) Saiu às pressas porque tinha um compromisso. / De vez em quando, é preciso repensar as estratégias.
c) Vá em frente que você encontrará o que procura. / De modo algum aceitarei a proposta feita pelo meu superior.
d) Em breve, estarei terminando de escrever minha biografia. / Trabalhou em excesso para apresentar seu projeto final.
e) A notícia chegou de súbito causando, assim, um grande impacto. / Hoje em dia, as pessoas pensam mais nelas próprias.

19. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Médio – 2011) A expressão "um dos pioneiros na pesquisa sobre mídia pública no Brasil" (Para o Professor Laurindo Leal Filho, da Universidade de São Paulo, um dos pioneiros sobre mídia pública no Brasil, esse não é um conceito fechado.) exerce, na oração, a função sintática de vocativo, pois se refere a uma pessoa citada anteriormente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário – 2011) As expressões "do espírito laico" (... são a mais alta expressão do espírito laico...) e "da fé" (... mais à razão crítica que aos impulsos da fé...) complementam, respectivamente, os vocábulos "expressão" e "impulsos".
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico – 2011) O segmento "o mais abundante dos gases-estufa" (Por exemplo, as emissões de CO2, o mais abundante dos gases-estufa,...) está entre vírgulas por constituir aposto explicativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FCC – BB – Escriturário – 2011) *Na iminência de um temporal, o enorme tronco, que armazena grande quantidade de líquido, dá uma descarga de água para as raízes – resultado da variação atmosférica.*
O sentido do trecho grifado acima está reproduzido com outras palavras em:
a) Quando se aproxima uma tempestade ...
b) Com a força destruidora das águas ...
c) Para que o temporal venha com força ...
d) Desde que venha a cair uma forte chuva ...
e) Depois de uma forte tempestade ...

"O colégio **Hugo Sarmento**, em São Paulo, decidiu levar para a sala de aula **uma ferramenta virtual** que muitos adolescentes já dominam. O limite de 140 caracteres imposto **pelo microblog Twitter** está permitindo que alunos do ensino fundamental exerçam sua veia literária por meio do gênero conhecido como microconto."

23. (COPEVE – UFAL – Assistente de Administração – 2011) As expressões em negrito classificam-se, respectivamente, como:
a) sujeito – adjunto adverbial – complemento nominal;
b) aposto – objeto direto – complemento nominal;
c) núcleo do sujeito – adjunto adnominal – objeto indireto;
d) aposto – objeto direto – agente da passiva;
e) sujeito – adjunto adverbial – agente da passiva.

24. FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011 *Partidos são fundamentais para a consolidação* **da democracia** *e o permanente desenvolvimento* **da cidadania** *e devem existir – de verdade – em bases cotidianas.*

Os termos sublinhados no período acima classificam-se, respectivamente, como:

a) adjunto adnominal e adjunto adnominal;
b) complemento nominal e complemento nominal;
c) adjunto adnominal e complemento nominal;
d) complemento nominal e adjunto adnominal;
e) objeto indireto e objeto indireto.

25. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) O fragmento frasal ***de que ações militares somente iriam retardar*** (... *repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar*) é ..... do substantivo ***preocupações.***

Assinale a alternativa que preenche corretamente a lacuna do texto acima.

a) complemento verbal.
b) complemento nominal oracional.
c) adjunto verbal.
d) adjunto nominal.
e) complemento prepositivo-verbal.

26. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) Os mais fortes empreendiam a conquista colonial, legitimavam a conquista colonial, atribuindo à conquista colonial o mérito de uma transformação civilizadora que tornava a conquista colonial uma espécie de benemerência.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) legitimavam-na – atribuindo-lhe – a tornava;
b) a legitimavam – atribuindo-na – tornava-lhe;
c) legitimavam-na – lhe atribuindo – lhe tornava;
d) legitimavam-lhe – a atribuindo – a tornava;
e) legitimavam-a – lhe atribuindo – tornava-a.

27. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Nosso espírito logo se define, logo se agregam ao nosso espírito as marcas que distinguirão nosso espírito para sempre, já que nunca faltarão ao nosso espírito os impulsos determinantes da natureza.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, respectivamente, por:

a) agregam-no − lhe distinguirão − lhe faltarão;
b) agregam-lhe − lhe distinguirão − faltar-lhe-ão;
c) agregam a ele − lhe distinguirão − lhe faltarão;
d) o agregam − o distinguirão − o faltarão;
e) lhe agregam − o distinguirão − lhe faltarão.

28. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Em 11 de setembro ocorreu a tragédia que marcou o início deste século, e o mundo acompanhou essa tragédia pela TV. A princípio, ninguém atribuiu a essa tragédia a dimensão que ela acabou ganhando, muitos chegaram a tomar essa tragédia como um grave acidente aéreo.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) acompanhou-a – a atribuiu – lhe tomar;
b) acompanhou-a – lhe atribuiu – tomá-la;
c) lhe acompanhou – lhe atribuiu – tomar-lhe;
d) acompanhou-a – a atribuiu – tomá-la;
e) lhe acompanhou – atribuiu-lhe – a tomar.

29. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) A frase em que o complemento verbal destacado **NÃO** admite a sua substituição pelo pronome pessoal oblíquo átono **lhe** é:

a) Após o acordo, o diretor pagou aos funcionários o salário.
b) Ele continuava desolado, pois não assistiu ao debate.
c) Alguém informará o valor ao vencedor do prêmio.
d) Entregou o parecer ao gerente para que fosse reavaliado.
e) Contaria a verdade ao rapaz, se pudesse.

30. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) Observe as palavras "se" no trecho "**se** não **se** cuidar botam numa jaula: um animal estranho." (L. 16-17)

Afirma-se corretamente que ambas apresentam, respectivamente, as mesmas funções das palavras destacadas em:

a) Tire um tempo livre se quiser se tratar.
b) Ele se considera sabido se acerta todas as questões.
c) O consumidor virá queixar-se, se você não devolver o produto.
d) Formaram-se diversos grupos para debater se é o melhor momento.
e) Se ele desconhecia se ia adotar uma nova política, por que tocou no assunto?

31. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) Os trechos "Por sentenças, por decretos" (Por sentenças, por decretos, pareceríeis divinos) e "Por fictícia autoridade, vãs razões, falsos motivos" (Por fictícia autoridade, vãs razões, falsos motivos, inutilmente matastes) exercem função adverbial nas orações a que pertencem e ambos denotam o meio empregado na ação representada pelo verbo a que se referem.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (FUNCAB – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) A alternativa em que o termo destacado tem a função de adjunto adnominal e não a de predicativo do sujeito é:
a) "(...) ela estava muito mais VIVA(...)"
b) "(...) um peixe SOZINHO num tanque era algo muito solitário. (...)"
c) "(...) a mãe era BOA para dar ideias. (...)"
d) "(...) Mas ele estava SOZINHO. (...)"
e) "(...) Só então notou como estava CANSADO."

33. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ... *frase com a menção de que são <u>essenciais à busca da felicidade</u>*.
A relação de regência exemplificada acima NÃO ocorre APENAS em:
a) *a observância da felicidade coletiva;*
b) *acesso aos básicos serviços públicos;*
c) *crença na contínua evolução da sociedade;*
d) *a pretensão legítima ao seu atendimento;*
e) dos valores de cada pessoa.

34. (CONSULPLAN – Pref. Barra Velha/SC – Professor de Português – 2012) "Durante a festa, estimulei a criatividade <u>de meus alunos</u> por entender que a juventude tem necessidade <u>de diversão</u>." Analise o texto e indique a alternativa que identifica a sequência correta da classificação dos termos sublinhados.
a) adjunto adverbial / complemento nominal.
b) complemento nominal / adjunto adnominal.
c) adjunto adnominal / complemento nominal.
d) adjunto adnominal / adjunto adverbial.
e) adjunto adnominal / adjunto adnominal.

35. (CONSULPLAN – Pref. Barra Velha/SC – Professor de Português – 2012) Analise a função dos termos sublinhados e relacione corretamente as colunas a seguir.
1. Objeto direto.
2. Agente da passiva.
3. Objeto indireto.
4. Adjunto adverbial.
( ) A oração foi <u>por mim</u> proferida em São Paulo.
( ) No mês passado estive alguns dias <u>em Belo Horizonte</u>.
( ) Não quero <u>que fiques triste</u>.
( ) A campanha visa doar agasalhos <u>aos pobres</u>.
A sequência está correta em:
a) 4, 2, 3, 1;
b) 2, 4, 3, 1;
c) 2, 4, 1, 3;
d) 4, 3, 2, 1;
e) 4, 3, 1, 2.

(...) Tratava-se então de uma biblioteca imaginária, cujos livros talvez nunca tivessem existido? Persistiam, contudo, numerosas fontes clássicas que descreviam o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos. E eis a solução do enigma. (...)

36. (Cespe/UnB – STJ – Todos os Cargos (nível médio) – 2012) A partícula “se”, em “Tratava-se” e em “se encontravam”, classifica-se como pronome reflexivo e retoma, respectivamente, “uma biblioteca imaginária” e “centenas de milhares de rolos”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (FUNDEP – Pref. BH/MG – Administrador – 2012) “O símbolo do movimento é Titã, o cãozinho enterrado vivo pelo dono [...]”
O trecho sublinhado nessa frase pode ser ***corretamente*** classificado como:
a) aposto;
b) objeto direto;
c) objeto indireto;
d) predicativo.

38. (FUNDEP – GASMIG – Técnico em Administração – 2012) Leia a seguinte frase transcrita do texto.
“[...] e o organismo máximo que as coordena, a Organização das Nações Unidas (ONU), é controlado pelos cinco países [...]”.
Considerando os termos sintáticos sublinhados nesse trecho da frase, é ***CORRETO*** afirmar que exercem, ***respectivamente***, a função de:
a) objeto direto, sujeito e adjunto adverbial;
b) objeto direto, aposto e agente da passiva;
c) sujeito, adjunto adverbial e agente da passiva;
d) aposto, objeto direto e adjunto adverbial.

39. (FBC – Câmara Itaboraí/RJ – Agente Administrativo – 2012) Dentre os valores semânticos assumidos pelas circunstâncias num enunciado cita-se o de instrumento, o qual está expresso numa das alternativas abaixo. Selecione-a.
a) As tulipas vieram da Holanda.
b) Meus ganhos vieram do meu próprio esforço.
c) O aluno veio de ônibus para fazer a prova.
d) O candidato redigiu o artigo todo a lápis.
e) O pregador falou da fraternidade entre os homens.

Gabarito

1. A.	11. A.	21. CERTO.	31. ERRADO.
2. B.	12. E.	22. A.	32. B.
3. CORRETA.	13. INCORRETA.	23. D.	33. E.
4. D.	14. INCORRETA.	24. B.	34. C.
5. B.	15. C.	25. B.	35. C.
6. D.	16. A.	26. A.	36. ERRADO.
7. II.	17. CERTO.	27. E.	37. A.
8. B.	18. D.	28. B.	38. B.
9. B.	19. ERRADO.	29. B.	39. D.
10. C.	20. ERRADO.	30. A.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 22

Orações Coordenadas

Conceito de Coordenação

Até agora, analisamos o período simples, em que se estuda apenas a **relação entre as palavras** dentro de uma só oração.

A análise desta vez é *macro*, pois olhamos aqui para a **relação entre as** orações**.** A partir de agora irei falar sobre as famigeradas orações (coordenadas, subordinadas – justapostas, desenvolvidas e reduzidas – e interferentes). Este tipo de estudo faz parte da análise sintática de uma sentença constituída por mais de uma oração e a relação entre elas.

Vamos começar pelo conceito de coordenação, ok? Acompanhe!

A **coordenação** trata da relação de **independência** entre termos e orações. Fique tranquilo, pois explicarei com bastante cautela este assunto. Fique sabendo que, para os concursos, o que importa de verdade é a coordenação entre as **orações**. Mas vou falar agora brevemente sobre a coordenação entre os termos.

Lembra-se de todos os termos sintáticos que a gente já viu até agora? Sujeito, predicativo, objeto, complemento, adjunto, aposto etc. Então... quando esses termos (ou seus núcleos) vêm enumerados, seja separados por vírgula, seja ligados por alguma conjunção, dizemos são coordenados. Exemplo: "Maria, João e José disputarão cabo de guerra com Marta, Pedro e Paulo.". Note que os termos sublinhados estão coordenados, um ao lado do outro, seja separados por vírgula, seja ligados por uma conjunção (no caso, *e*). O mesmo se dá com as orações.

Por isso, vamos ao que interessa... a coordenação entre as orações.

Quando você lê uma frase com duas orações (período composto), é certo que elas mantêm algum tipo de relação. No caso da coordenação, percebemos que as **orações** estão simplesmente **uma ao lado da outra** (**co**ordenadas), com uma **estrutura sintática completa**, de modo que **uma oração não depende da outra**. Falar que uma oração tem estrutura sintática completa significa dizer que ela tem **sujeito** (explícito ou implícito) + **predicado** (explícito ou implícito). Nas orações sem sujeito, só vai haver predicado, é claro. Veja:

Os alunos se encontram muito ansiosos; já as alunas estão tranquilas.

Note que a primeira oração (*Os alunos se encontram muito ansiosos*) tem sujeito e predicado, logo está completa. Perceba também que seria até possível colocar um ponto (.) no fim dela para visualizarmos que ela, de fato, está completa. O mesmo ocorre com a segunda oração (*já as alunas estão tranquilas*). Concluindo: uma oração não depende da outra, porque cada uma tem sua estrutura completa, uma não precisa da outra sintaticamente.

É por isso que se diz que o *período composto por coordenação* apresenta **orações sintaticamente independentes**, isto é, existe uma oração ao lado da outra, mas uma não

depende da outra nem exerce função sintática na outra.

Tenho mais a dizer. Vou apresentar mais argumentos para ajudar seu cérebro.

É o seguinte: as orações coordenadas podem ser separadas por **vírgula, ponto e vírgula** (exemplo já visto), **dois-pontos** ou **travessão**. Veja:

Os alunos se encontram muito ansiosos, já as alunas estão tranquilas.
Os alunos estão se esforçando muito: com certeza serão classificados.
Tirei a ansiedade de um só aluno – não fui bem-sucedido com os outros.

Obs.: As orações coordenadas não podem ser separadas por ponto (.). No entanto, se tais orações fossem separadas por ponto (***Os alunos se encontram muito ansiosos. Já as alunas estão tranquilas***.), teríamos orações absolutas (ou períodos simples). O uso do ponto (.) é apenas um recurso para entendermos como elas são, de fato, sintaticamente independentes, por isso as chamamos de orações **coordenadas**..

Percebeu que as orações separadas por pontuação se encontram c-o-o-r-d-e-n-a-d-a-s, isto é, independentes sintaticamente? Por um motivo muito simples: uma não depende da outra, pois elas têm estrutura sintática completa.

Insisto em que as orações são sin-ta-ti-ca-men-te independentes. Por que insisto? Simples. Muitos professores dizem que as orações coordenadas são também se-man-ti-ca-men-te independentes. Isso é mentira, pois em um período como "Os alunos estão se esforçando muito: *com certeza serão classificados*", a segunda oração depende semanticamente da primeira, pois só sabemos quem será classificado porque na primeira oração há essa informação, a saber: os alunos.

Portanto, a coordenação é uma independência **sintática**, em que uma oração não depende da outra para estar completa (sintaticamente).

Orações Coordenadas Assindéticas e Sindéticas

Falarei agora de dois tipos de orações coordenadas: as **assindéticas** e as **sindéticas**. Não há mistério algum nisso, beleza?

As **assindéticas** são justapostas (ou seja, postas uma ao lado da outra), não iniciadas por síndeto (= conjunção)! Adivinha quais são as **sindéticas**? Ora, são as iniciadas por síndeto (conjunção).

Vejamos as **assindéticas** e as **sindéticas**:

"**Sou um gigolô das palavras, vivo às suas custas e tenho com elas exemplar conduta de um cáften profissional; abuso delas... maltrato-as, sem dúvida, e jamais me deixo dominar por elas; não me meto na sua vida particular, não me interessa seu passado, suas origens, sua família...**" (Luís Fernando Veríssimo)

Percebeu que nenhuma assindética (em azul) é iniciada por conjunção coordenativa? O contrário não é verdadeiro, ou seja, as sindéticas (em preto) são SEMPRE iniciadas por conjunção coordenativa (no caso, a conjunção *e*).

É bom dizer também que as orações assindéticas normalmente mantêm uma relação semântica entre si, por isso é que muitas vezes as conjunções são usadas para explicitar o sentido que há entre as orações coordenadas assindéticas. Por exemplo, em "Todos estavam muito atrasados, não deram a mínima para isso.", as orações assindéticas mantêm uma relação de oposição. É por isso que podemos explicitar esta relação semântica por meio de um síndeto, uma conjunção, tornando a segunda oração sindética: "Todos estavam muito atrasados, *porém* não deram a mínima para isso.".

Vamos ver mais sistematicamente as orações coordenadas sindéticas agora.

Dica de amigo do peito: Procure decorar as conjunções coordenativas, que você já vai ter mais do que meio caminho andado na hora de resolver essas questões. Quando eu, Pestana, quero resolver uma questão de orações coordenadas, vou em busca das conjunções coordenativas, pois elas sinalizam o valor semântico e a relação sintática de coordenação. Saiba também que, atualmente, os concursos mais sofisticados estão menos preocupados com a nomenclatura das orações e mais preocupados com a relação entre as orações (seja de coordenação, seja de subordinação).

Orações Coordenadas Sindéticas Aditivas

Exprimindo ideia de soma, adição, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas aditivas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *Dezenove sem-terra morreram no local,* ***e dois, a caminho do hospital****.*

– *Eu não tinha estes olhos sem brilho* ***nem tinha pensamentos amargos****.*

– *Tanto leciona* ***quanto advoga****.*

– *Não só os parentes das vítimas ficaram chocados com o massacre,* ***como o povo externou sua fúria contra os culpados pela chacina****.*

Cuidado!!!

1) Na primeira frase, a segunda vírgula indica a elipse do verbo. A leitura deve ser feita assim: *Dezenove sem-terra morreram no local,* ***e dois morreram a caminho do hospital****.* Ou seja, há uma oração, mas ela está implícita. Isso pode ocorrer com as demais orações (coordenadas ou subordinadas). Fique atento a isso, pois, se o "homem da banca" perguntar quantas orações há num período, você precisa estar *ligado* na elipse do verbo que a constitui. A FGV *se amarra* nisso!

2) Nas orações com **conjunções correlativas** (chamadas também de **séries aditivas enfáticas**, que costumam ser usadas quando se pretende enfatizar o conteúdo da segunda oração), só a segunda parte da correlação constitui **oração coordenada sindética aditiva**.

3) Pode ocorrer coordenação entre orações que se subordinam à mesma oração principal. Chamamos isso de período misto. Falo melhor sobre isso mais à frente, porém, para ilustrar, veja o seguinte exemplo: "Lamento que não tenha passado no concurso **e** que não tenha conseguido alcançar seu propósito.". As orações "que não tenha passado no concurso" e "que não tenha conseguido alcançar seu propósito" são orações subordinadas em relação à oração principal "Lamento". Não obstante, são coordenadas entre si, pois estão ligadas pela conjunção coordenativa aditiva *e*. Nesses casos, pode-se manter apenas a primeira conjunção integrante (Lamento que não tenha passado no concurso **e** não tenha conseguido alcançar seu propósito.). O mesmo vale para ligar orações subordinadas introduzidas por pronomes relativos: "O concurso que fiz **e** que obtive ótimo resultado foi bem difícil." ou "O concurso que fiz **e** obtive ótimo resultado foi bem difícil.".

4) Às vezes o advérbio de inclusão (ou acréscimo) *também* vem ao lado da conjunção *e*, enfatizando a ideia de adição: "Ele estuda, *e também* ela não deixa por menos.".

Orações Coordenadas Sindéticas Adversativas

Exprimindo ideia de adversidade, oposição, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas adversativas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *Os economistas estão empolgados com o cenário atual,* ***mas isso durará pouco****.*

– *A polícia invadiu a comunidade;* ***o tiroteio, porém, continuava.***

– *O conhecimento enfuna,* ***todavia é uma necessidade****.*

– *O homem enriqueceu muito;* ***continuou a defender as classes mais desfavorecidas, não obstante.***

Cuidado!!!

1) Exceto *mas*, todas as conjunções adversativas podem ficar deslocadas na oração coordenada sindética adversativa.

2) Às vezes, a combinação de *mas* com outras conjunções adversativas servem para realçar o valor de adversidade: *Sabe-se muito pouco sobre Deus,* ***mas, entretanto, muito se fala sobre ele****.*

3) Segundo Sacconi e Cegalla, as orações coordenadas sindéticas iniciadas por *e* com valor adversativo (= *mas*) são classificadas como **adversativas**: *Você prega lealdade,* ***e (= mas) age de modo desleal****?*

Orações Coordenadas Sindéticas Alternativas

Exprimindo ideia de alternância, exclusão, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas alternativas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– ***A mulher ora o agradava, ora o ofendia***.

– ***Quer chovesse, quer fizesse sol****, tinha de sair.*

– ***Ou o prefeito da cidade executa o projeto anunciado, ou os cidadãos do município não mais lhe darão crédito***.

– *Você vai* ***ou não****?*

Obs.: Note que, nas três primeiras frases, ambas as orações em negrito são coordenadas sindéticas alternativas, pois apresentam síndeto. Na última frase, note que o verbo está elíptico, mas há oração; lê-se assim: *Você vai ou* ***não vai****?* Por último, observe que, na segunda frase, as orações coordenadas exprimem uma ideia de concessão em relação à última.

Orações Coordenadas Sindéticas Conclusivas

Exprimindo ideia de conclusão, consequência, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas conclusivas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *O povo não consegue alimentar-se bem;* ***é um fato, pois, a necessidade de empregos****.*

– *Vocês são especiais em minha vida,* ***por isso não vivo sem vocês****.*

– *Ele estuda todo dia,* ***logo resolverá facilmente as questões*****.**

– *Não me sinto preparado ainda,* ***prestarei concurso só no próximo ano, portanto*****.**

Obs.: Algumas conjunções conclusivas podem ficar deslocadas dentro das orações coordenadas sindéticas conclusivas. Nesse caso, serão separadas por vírgula.

Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas

Exprimindo ideia de explicação, justificativa, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas explicativas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *A necessidade de empregos é um fato,* ***pois o índice aumenta a cada dia****.*

– *A criança devia estar doente,* ***porquanto chorava muito****.*

– *Amai,* ***porque amor é tudo****. – Quisera saber bem o Português,* ***que eu iria passar em todas as provas****.*

Obs.: Se vier um verbo no imperativo (ou com valor optativo) antes de uma dessas conjunções, como nos dois últimos exemplos, tenha certeza de que a oração iniciada por uma dessas conjunções será coordenada sindética explicativa, sempre!

Paralelismo Sintático

O **paralelismo sintático** é um conceito que trata de um **encadeamento ou de uma repetição de estruturas sintáticas semelhantes** (termos ou orações), em uma sequência ou enumeração. Tal conceito está diretamente ligado ao conceito de coordenação.

Termos coordenados entre si são aqueles que desempenham a mesma função sintática dentro do período. Orações coordenadas são aquelas sintaticamente semelhantes e independentes uma da outra. Normalmente há conectivos ligando tais termos ou orações. E não sou eu que o digo.

Segundo o gramático Manoel Pinto Ribeiro (MPR), neste processo de encadeamento de termos ou orações, há elementos gramaticais, principalmente conectivos coordenativos, que são utilizados com frequência. Assim:

1. Conjunção coordenativa **e**: Parece *que vai chover* **e** *que a cidade ficará inundada*.
2. Conjunções correlativas aditivas (*não só/apenas/somente... mas/como também; tanto... quanto/como*): *O trabalho* **não só** *ficou incompleto*, **mas também** *apresenta alguns senões gramaticais*. / **Tanto** *o professor* **como** *o aluno precisam estudar muito*.
3. Conjunção coordenativa aditiva **nem**: Não gosto *de brincadeira* **nem** *de chacota*.
4. Expressões **isto é, ou seja, a saber**: Todos deviam *espiritualizar-se*, **isto é**, *seguir um preceito religioso*.
5. **Ou... ou**: Ele **ou** *estuda* **ou** *será reprovado*.

Veja os exemplos de **termos coordenados** (em paralelismo sintático):

João, Maria e José são personagens bíblicos. (núcleos do sujeito coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Os nomes deles são *João, Maria e José*. (predicativos do sujeito coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Conheci *João, Maria e José*. (objetos diretos coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Considero essas pessoas *sábias, importantes e santas*. (predicativos do objeto coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Isso interessa *a João, a Maria e a José*. (objetos indiretos coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Tenho medo *de escuro, de altura e de cobra*. (complementos nominais coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Foi preso *pela polícia federal, pela polícia civil e pela polícia militar*. (agentes da passiva

coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Ele era um homem *forte, destemido, leal*. (adjuntos adnominais coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
A loja funciona *da segunda à sexta*. (adjuntos adverbiais coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Xuxa, *a rainha dos baixinhos, uma das mulheres mais famosas do Brasil*, é muito amada. (apostos coordenados; termos sintaticamente semelhantes).
Luís, Pedro e Hugo, por favor, a comida está na mesa! (vocativos coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Veja agora os exemplos de **orações coordenadas** (em paralelismo sintático):

Os alunos se encontram muito ansiosos, já as alunas estão tranquilas.
Os alunos estão ansiosos e as alunas estão tranquilas.
Os alunos não se classificaram, mas as alunas conseguiram.
Os alunos se classificaram, porque estudaram muito.
Ora os alunos se classificam, ora eles ficam reprovados.
Estudei muito, logo consegui me classificar.

É interessante dizer que **pode haver orações subordinadas que são coordenadas entre si**, ou seja, correlação entre orações subordinadas (não iniciadas por conjunções coordenativas). Veja os exemplos de paralelismo sintático nessas condições:

Eu acho **não só** *que eles vão conseguir passar*, **mas também** *que serão muito bem-sucedidos*. (orações subordinadas substantivas objetivas diretas coordenadas)
Conheci um homem *que estudava das sete ao meio-dia*, *que trabalhava das duas da tarde até as nove da noite* e *que depois ainda tinha de limpar a casa e fazer seu jantar*. (orações subordinadas adjetivas restritivas coordenadas)

Cuidado, porém, com certas construções que aparentemente apresentam paralelismo sintático! Ainda com o gramático M. P. Ribeiro e com alguns acréscimos meus:

"Na frase "Não fui trabalhar *em virtude de estar chovendo* e *porque estava gripado*.", observamos que as orações subordinadas adverbiais causais apresentam estrutura **diferente**: a primeira tem o verbo no infinitivo e vem introduzida por uma locução prepositiva ('*em virtude de estar chovendo*'; oração reduzida de infinitivo), ao passo que a segunda é desenvolvida ('*estava*'; verbo conjugado normalmente) e está introduzida por conectivo (conjunção subordinativa causal 'porque')."

Apesar de as orações subordinadas adverbais causais estarem coordenadas, tal construção sintática não respeita plenamente o paralelismo sintático, que, como reza Othon M. Garcia, "a ideias similares deve corresponder forma verbal similar". Portanto, o ideal é dar forma verbal similar; assim: "Não fui trabalhar *em virtude de* ***estar*** *chovendo* e ***estar*** *gripado.",* ou "Não fui trabalhar *porque* ***estava chovendo*** e *porque* ***estava*** *gripado."*, ou "Não fui trabalhar *não apenas por* ***estar*** *chovendo,* mas também *por* ***estar*** *gripado."*.

Obs.: Dê uma olhada no capítulo de *Orações Subordinadas* para entender melhor esse mecanismo. Faça isso quantas vezes forem necessárias até pegar a *manha*.

Ficou claro? Bem, agora vamos a um exemplo prático:

6. (FUNRIO – MPOG – Analista Administrativo – 2009) Quaisquer elementos da frase, quando coordenados entre si, devem apresentar estrutura gramatical similar – a isso se chama paralelismo sintático. Esse princípio está respeitado na seguinte alternativa:

A) Os empregados daquela firma planejam nova manifestação pública e interditar o acesso pelo viaduto principal da cidade.
B) Mande-me tudo que conseguir sobre as manobras de minha tia e se meu tio encontrou os documentos que procurava.
C) Durante a reunião, os debates não só foram proveitosos como também apontaram para soluções interessantes.
D) O tumulto começava na esquina de minha rua e que era perto dos gabinetes do ministro e do secretário.
E) Tenho o hábito de sempre carregar meus óculos escuros, por precaução e porque nunca se sabe se vai abrir o sol.

Comentário: O gabarito é C, pois há uma estrutura de coordenação com correlação de conjunções aditivas (não só... como também), estabelecendo estruturas semelhantes.

Palavra final: Cespe/UnB, FCC, IADES, FUNIVERSA, PUC/PR, FUNRIO e Cesgranrio são as principais bancas que trabalham esse conceito sintático – principalmente as duas primeiras. Vale ressaltar que só em cargos muito difíceis, de nível superior, é claro, caem questões sobre paralelismo. Para o cargo de Diplomata (Cespe/UnB), você precisa saber isso!

Existe também o **paralelismo semântico**, de que pouco se fala... Segundo o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*, veja a lição:

"Atentemos, ainda, para o problema inverso, o *falso paralelismo*, que ocorre ao se dar forma *paralela* (equivalente) a idéias de hierarquia diferente ou, ainda, ao se apresentar, de forma paralela, estruturas sintáticas distintas:

Errado: O Presidente visitou Paris, Bonn, Roma *e* o Papa.

Nesta frase, colocou-se em um mesmo nível cidades (*Paris, Bonn, Roma*) e uma pessoa (*o Papa*). Uma possibilidade de correção é transformá-la em duas frases simples, com o cuidado de não repetir o verbo da primeira (*visitar*):

Certo: O Presidente visitou Paris, Bonn e Roma. *Nesta última capital, encontrou-se com o Papa.*

Errado: O projeto tem mais de cem páginas e *muita complexidade*.

Aqui, repete-se a equivalência gramatical indevida: estão em coordenação, no mesmo nível sintático, o número de páginas do projeto (um dado objetivo, quantificável) e uma avaliação sobre ele (subjetiva). Pode-se reescrever a frase de duas formas: ou faz-se nova oração com o acréscimo do verbo *ser*, rompendo, assim, o desajeitado paralelo:

Certo: O projeto tem mais de cem páginas e é muito complexo.

Ou se dá forma paralela harmoniosa transformando a primeira oração também em uma avaliação subjetiva:

Certo: O projeto é muito extenso e complexo."

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo o que se viu pode cair na prova. No entanto, hoje em dia, são muito trabalhadas as relações semânticas de coordenação, por, isso dê atenção a elas! Reitero: saber conjunção é mais do que primordial, por isso, a essa altura do campeonato, já era para você ter decorado! Conhecê-las irá facilitar muito sua vida quando tiver de fazer uma questão sobre orações. Vá por mim!

Questões de Concursos

(...) Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, só se aprende e se vivencia, de forma plena, coletivamente, em troca contínua de experiências com os outros. (...)

1. (Cespe/UnB – TRE/AL – Analista Judiciário – 2004) No segundo período do texto (acima), a relação entre as orações dá-se por coordenação.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

2. (Cespe/UnB – SEAD/PA – Procurador – 2005) Assinale a opção **incorreta** a respeito das relações sintáticas e semânticas.
   b) As expressões "a política" e "as questões sociais" (tanto a política quanto as questões sociais devem ser...) estão em uma relação aditiva.
   d) Na linha 10, apesar de iniciado pela conjunção de valor adversativo "Porém" (Não nego que o indivíduo tenha importância no processo histórico. Porém, o indivíduo conta onde a coletividade não conta), o período sintático representa uma causa para as ideias do período anterior.
   e) Seriam preservadas as relações argumentativas do texto se a oração coordenada assindética iniciada por "não" (A tarefa é tornar o jogo verdadeiramente democrático, *não* mera legitimação da impetuosidade arrivista de líderes mais preocupados com o sucesso pessoal que com as causas sociais) fosse transformada em uma aditiva, substituindo-se a vírgula que a precede pela conjunção e.

(...) Na década de 90, essas facilidades acabaram e a classe média passou a ter mais gastos. É como se ela tivesse viajado sempre de executiva e agora tivesse de andar de econômica. (...)

3. (Esaf – ANEEL – Técnico Administrativo – 2006) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
   I. As duas orações coordenadas que seguem a expressão "Na década de 90", expressam, semanticamente, uma relação que também pode ser escrita em apenas uma oração: com o fim dessas facilidades, a classe média passou a ter mais gastos.
   II. A conjunção "e" (no segundo período) coordena duas orações que, semanticamente, expressam um contraste; por isso equivale a *mas*.

4. (CONSULPLAN – Administrador – 2006) A alternativa em que a oração assinalada expressa adição é:
   a) "... os ramos industriais em ascensão são aqueles *que empregam intensivamente tecnologia*..."
   b) "... posição de destaque entre as indústrias brasileiras*, e são responsáveis por mais da metade do consumo energético industrial.*
   c) "*Contudo, elaborou um novo modelo para o setor elétrico* destinado a atrair investidores..."
   d) "Coerente com os objetivos *que levaram à sua criação*, a Eletrobras passou décadas vendendo energia ao setor industrial."
   e) "... ajudam a entender o elevado consumo energético do setor *enquanto nos países desenvolvidos os ramos industriais em ascensão* são aqueles..."

5. (AOCP – Pref. de Catu/BA – Mecânico de Veículos – 2007) Leia a seguinte sentença: *Joana tomou um sonífero e não dormiu*. Assinale a alternativa que classifica corretamente a segunda oração.
   a) Oração coordenada assindética aditiva.
   b) Oração coordenada sindética aditiva.
   c) Oração coordenada sindética adversativa.
   d) Oração coordenada sindética explicativa.
   e) Oração coordenada sindética alternativa.

6. (AOCP – Pref. de Catu/BA – Bibliotecário – 2007) Leia a seguinte sentença: *Não precisaremos voltar ao médico nem fazer exames*. Assinale a alternativa que classifica corretamente as duas orações.
   a) Oração coordenada assindética e oração coordenada adversativa.
   b) Oração principal e oração coordenada sindética aditiva.
   c) Oração coordenada assindética e oração coordenada aditiva.
   d) Oração principal e oração subordinada adverbial consecutiva.
   e) Oração coordenada assindética e oração coordenada adverbial consecutiva.

7. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2008) É exemplo de paralelismo sintático o estilo de construção do trecho "*você e eu, de um e outro lado das palavras. Eu dou as vozes, você dá a escritura*".

( ) CERTO
( ) ERRADO

8. (FCC – TRT/GO (18ª R) – Técnico Judiciário – 2008) (Adaptada) *Assim, a procura de alimentos de origem animal cresceu naqueles países e criou um desafio para os produtores e também para os plantadores de soja e de cereais usados na fabricação de rações.*

A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Trata-se de um período composto por ter três orações coordenadas entre si.

9. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa em que o período é composto por coordenação assindética:
a) Dormi tarde, mas acordei muito cedo.
b) Dormiu pouco, estava, pois, cansado.
c) O rapaz trouxe a encomenda e já foi embora.
d) O ônibus chegou, despedimo-nos.

10. (FUNDATEC – DETRAN/RS – Técnico de nível superior – 2009) Na linha 04 (... cuidar do asfalto e instalar placas...), o elemento coesivo **e** tem a função de unir:
a) termos de mesmo valor sintático;
b) orações coordenadas;
c) orações subordinadas;
d) termos de mesmo sentido;
e) expressões semanticamente semelhantes.

11. (Instituto Cidades – UNIFESP – Analista DE TI – 2009) *"Voa, coração,* **que ele não deve demorar**", a oração destacada é corretamente classificada como:
a) coordenada concessiva;
b) subordinada adverbial temporal;
c) coordenada explicativa;
d) subordinada substantiva objetiva direta.

12. (AOCP – CIASC – Analista de Sistemas – 2009) Assinale a alternativa correta. Em "Porém, não podemos festejar a situação presente, pois para o progresso futuro precisamos ser obstinadamente inconformistas.", temos, respectivamente:
a) uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração subordinada adverbial causal;
b) uma oração subordinada adverbial causal e uma oração coordenada sindética explicativa;
c) uma oração coordenada sindética adversativa e uma oração coordenada sindética explicativa;
d) uma oração subordinada adverbial concessiva e uma oração subordinada adverbial causal;
e) uma oração coordenada sindética conclusiva e uma oração subordinada adverbial causal.

13. (FAB – EAGS – Sargento – 2009) Em qual alternativa a oração destacada é coordenada conclusiva?
a) Roberto Carlos não só canta mas também compõe.
b) Cumprimente-o, pois hoje é seu aniversário.
c) O candidato estava preparado, entretanto não obteve classificação no concurso.
d) Não tinha mais nenhuma chance com o ex-namorado, portanto desistiu de procurá-lo.

14. (FEPESE – SEFAZ/SC – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"A lealdade conjugal é uma qualidade admirável, além de algo rara. Mas, em um caso, ao menos, ela quase pôs a perder aquela que se tornaria a ideia mais influente do pensamento científico nos dois últimos séculos: a teoria da evolução formulada por Charles Darwin."

– A frase "Mas, em um caso, ao menos, ela quase pôs a perder aquela." é uma oração coordenada sindética adversativa, na qual o conectivo mas estabelece uma relação de oposição com a ideia expressa na oração anterior.

15. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Vê-se, pois, que o plano ético permeia todas as ações humanas.

– O período estrutura-se por coordenação, sendo a segunda oração coordenada sindética conclusiva introduzida pela conjunção *pois*.

16. (Cespe/UnB – TRT/RN (21ª R) – TÉCNICO Judiciário – 2010) A oração "que pagam impostos quando consomem" (...

sabem que pagam impostos quando consomem) mantém relação de coordenação com a anterior.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Eles furtavam, brigavam nas ruas, xingavam nomes, derrubavam negrinhas no areal, por vezes feriam com navalhas ou punhal homens e polícias. **Mas**, **no entanto**, eram bons, uns eram amigos dos outros."

17. (FUNRIO – SEBRAE/PA – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A combinação de MAS e NO ENTANTO tem valor expressivo de reforço da ideia adversativa.

"Quando Edward Said morreu, em setembro de 2003, após batalhar por uma década contra a leucemia, era provavelmente o intelectual mais conhecido do mundo. **Orientalismo,** seu controvertido relato da apropriação do Oriente pela literatura e pelo pensamento europeu moderno, gerou uma subdisciplina acadêmica por conta própria: um quarto de século após sua publicação, a obra continua a provocar irritação, veneração e imitação. Mesmo que seu autor não tivesse feito mais nada, restringindo-se a lecionar na Universidade Columbia, em Nova York – onde trabalhou de 1963 até sua morte –, ele ainda teria sido um dos acadêmicos mais influentes do final do século XX. Mas ele não viveu confinado. (...)"
***Mas** ele não viveu confinado.*

18. (FCC – TRF (4ª R) – Técnico Judiciário – 2010) A noção adversativa da palavra em destaque articula a frase acima ao segmento:
a) ... seu controvertido relato da apropriação do Oriente pela literatura ...
b) Quando Edward Said morreu, em setembro de 2003, [...] era provavelmente o intelectual mais conhecido do mundo.
c) ... teria sido um dos acadêmicos mais influentes do final do século XX.
d) ... a obra continua a provocar irritação, veneração e imitação.
e) Mesmo que seu autor não tivesse feito mais nada, restringindo-se a lecionar na Universidade de Columbia.

19. (Cesgranrio – BACEN – Analista – 2010) As duas orações enunciadas estão ligadas por conectivo adequado ao sentido expresso no texto em:
a) Acredito na existência de vida em outros planetas, mas tenho três adolescentes em casa.
b) Acredito na existência de vida em outros planetas, pois tenho três adolescentes em casa.
c) Acredito na existência de vida em outros planetas, posto que tenho três adolescentes em casa.
d) Acredito na existência de vida em outros planetas, porém tenho três adolescentes em casa.
e) Acredito na existência de vida em outros planetas, não obstante ter três adolescentes em casa.

(...) Não é possível que ele pregue a autonomia, sem ser autônomo; que fale de liberdade, sem experimentar a conquista da independência, que é o saber; que ele queira que seu aluno seja feliz, sem demonstrar afeto. (...)

20. (FUNIVERSA – GDF – Professor de Língua Portuguesa – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O período contém, na separação de orações subordinadas, dois sinais de ponto e vírgula – indicativos de pausa mediana, equivalentes a um ponto breve ou a uma vírgula alongada. Isso é possível, em virtude do paralelismo sintático existente: trata-se de orações de mesma natureza.

21. (FUNIVERSA – GDF – Professor de Língua Portuguesa – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O paralelismo sintático está presente na seguinte reescrita: falta o essencial – a emoção, que é própria do homem, o olhar atento do professor, ver o professor gesticular, falar, a interrupção do aluno...

22. (FAB – EEAR – Sargento – 2010) Observe:
I. A curta existência de Álvares de Azevedo, um legítimo representante do Mal do Século, não permitiu que houvesse uma edição de sua obra em vida.
II. A maior parte das histórias de Joaquim Manuel de Macedo é ambientada no Rio de Janeiro, e nelas os heróis e as heroínas enfrentam obstáculos para a realização amorosa.
III. Castro Alves, a voz mais importante da terceira geração romântica, não apenas defendeu os escravos, mas também escreveu versos expressivos.
Constituem períodos compostos por coordenação:
a) I, II e III;
b) I e II;
c) I e III;
d) II e III.

23. (AOCP – Colégio Pedro II – Assistente em Administração – 2010) Em "A quadrilha estava em dois carros e usava armas longas e fuzis.", há:
a) duas orações coordenadas, pois uma não depende sintaticamente da outra;
b) duas orações subordinadas, pois a segunda completa sintaticamente a primeira;
c) dois períodos simples, pois há dois verbos e duas orações independentes;
d) um período simples, independente, e uma oração coordenada, independente;
e) um período simples, independente, e uma oração subordinada, dependente.

Na Espanha, por exemplo, a recentíssima reforma do Código Penal – que atende diretivas da União Europeia sobre o tema – trouxe, no artigo 31 bis, não só a possibilidade de responsabilização penal da pessoa jurídica (por delitos que sejam cometidos no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização será aferida nos casos concretos (ela será aplicável [...], em função da inoperância de controles empresariais, sobre atividades desempenhadas pelas pessoas físicas que as dirigem ou que agem em seu nome).

24. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) A respeito do período acima, analise a afirmativa a seguir:
I. Há uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração coordenada sindética alternativa.

25. (FAB – EAGS – Sargento – 2011) Leia:
Você não estuda, nem me deixa estudar. Faça silêncio, que quero ouvir a explicação. Você quer que eu participe de suas brincadeiras durante as aulas, e nenhuma influência externa vai me atrapalhar.
Considerando os períodos compostos por coordenação, há no texto:
a) duas orações aditivas e uma oração explicativa;
b) uma oração aditiva, uma oração adversativa, uma oração alternativa;
c) uma oração aditiva, uma oração alternativa, uma oração conclusiva;
d) uma oração aditiva, uma oração explicativa, uma oração adversativa.

26. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Assinale a alternativa em que a relação expressa pela oração coordenada em destaque está correta.
a) A vida parou ou foi o automóvel? (adversidade)
b) Mude seu pensamento e você mudará o mundo. (alternância)
c) Nem sempre as esperanças se realizam, contudo sempre as cultivo. (conclusão)
d) Não só era inteligente, mas também observava tudo com atenção. (adição)

27. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Observe os períodos abaixo:
I. Venha logo, pois estou ansioso.
II. Ele é o homem da casa, logo deve assumir o papel de chefe da família.
III. Termine logo esse trabalho, pois quero ir embora para casa.
IV. Trabalhei muito, logo mereço aproveitar bastante minhas férias.
Assinale a alternativa **incorreta**.
a) Há, em I, uma oração coordenada sindética explicativa.
b) Há, em II, uma oração coordenada sindética conclusiva.
c) Há, em III, uma oração coordenada sindética conclusiva.
d) Há, em IV, uma oração coordenada sindética conclusiva.

28. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Relacione as colunas de acordo com o valor semântico das conjunções coordenativas e, em seguida, assinale a alternativa com a sequência correta.
( ) O político não agiu com lealdade; perdeu, **pois**, na disputa para a reeleição.
( ) Não solte balões, **que** pode causar incêndio.
( ) Choveu vários dias sem parar, **por conseguinte** houve enchente no sul.
( ) Ele foi eleito, **não obstante** suas loucuras não tinham o apoio da população.
(1) ideia de conclusão
(2) ideia de explicação
(3) ideia de adversidade
a) 2, 1, 1, 3.
b) 3, 2, 1, 1.
c) 1, 2, 1, 3.
d) 1, 1, 2, 3.

29. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Considerando-se a relação de sentido estabelecida entre as orações do período composto por coordenação, em qual alternativa **não** se pode utilizar a conjunção **pois**?
a) Invadiram meu quarto, pois as minhas roupas desapareceram.
b) Não conte seus segredos para essa mulher, pois ela não é uma pessoa confiável.
c) A festa foi planejada durante seis meses; não haverá, pois, surpresas desagradáveis.
d) A festa foi planejada durante seis meses, pois não haverá surpresas desagradáveis.

30. (CLICK – Pref. Canoinhas – Professor de Português – 2012) Assinale a alternativa que contém uma oração coordenada sindética aditiva:
a) Pedro não veio para aula porque estava doente.
b) Pedro não foi para a escola e nem para o trabalho.
c) Pedro está doente, logo não vai para a aula.
d) Pedro vai para a escola, ou para o trabalho.

31. (SOLER – Pref. Macaubal/SP – Assistente Administrativo de Trânsito – 2012) Em "No outro dia tomei o trem, ferrei no sono e acordei às dez horas na estação central" (Graciliano Ramos), temos:
a) período simples;
b) período composto por subordinação;
c) período composto por coordenação;
d) período composto por coordenação e subordinação.

32. (SOLER – IPREM – Agente Contábil Previdenciário – 2012) É uma oração coordenada assindética aquela expressa na alternativa:
a) "O homem de juízo aproveita, o tolo desaproveita a experiência própria."
b) Não emprestes, não disputes, não maldigas, e não terá do que arrepender-te.
c) A virtude é comunicável, porém o vício, contagioso.
d) As circunstâncias descobrem ou fazem as grandes personalidades.

33. (SOLER – IPREM – Agente Financeiro e RH Previdenciário – 2012) Encontramos um período composto por coordenação na alternativa:
a) Um de seus filhos é muito inteligente.
b) Ele veio visitar-me, mas não me encontrou.
c) Os policiais descobriram como foi feito o assalto da casa ao lado da delegacia.
d) Aqueles que se dedicam ao trabalho vencem na vida.

34. (SOLER – IPREM – Agente Financeiro e RH Previdenciário – 2012) Temos uma oração coordenada assindética em:
a) Em 1960 – no dia de meu aniversário – houve a inauguração da nova Capital.
b) Parece que vai chover, esfriar, gear.
c) É bem verdade que chegamos cedo.
d) Sabe-se que tudo vai bem.

Gabarito

1. CERTO.	10. B.	19. B.	28. C.
2. D.	11. C.	20. CORRETA.	29. D.
3. I- CORRETA. II-CORRETA.	12. C.	21. INCORRETA.	30. B.
4. B.	13. D.	22. D.	31. C.
5. C.	14. CORRETA.	23. A.	32. A.
6. C.	15. INCORRETA.	24. CORRETA.	33. B.
7. CERTO.	16. ERRADO.	25. D.	34. B.
8. INCORRETA.	17. CORRETA.	26. D.	
9. D.	18. E.	27. C.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 23

Orações Subordinadas

Conceito de Subordinação

A **subordinação** trata da relação de **dependência** entre termos e orações. Não obstante, fique sabendo que, para os concursos, o que importa de verdade é a subordinação entre as **orações**.

Vamos lá... Quando você lê uma frase com duas orações (período composto), é certo que elas mantêm algum tipo de relação. No caso da subordinação, percebemos que uma oração está "presa" à outra, porque uma delas (chamada de **subordinada)** completa a estrutura sintática da outra (chamada de **principal),** ou simplesmente depende da outra (da **principal**) para ampliar a sua estrutura.

Trocando em miúdos, a *oração subordinada* sempre mantém uma relação de dependência com a **oração principal**.

Os alunos estavam temerosos de que a prova viesse em um nível difícil.
Os alunos que mantêm constância nos estudos sentem-se confiantes.
Quando eles precisam de ajuda, o professor sempre busca ajudá-los.

As orações em azul são subordinadas. Vamos analisar uma por uma.

Note que a primeira (***de que a prova viesse em um nível difícil***) completa a estrutura sintática da oração principal (***Os alunos estavam temerosos***). Eu digo que completa, porque "quem está temeroso, está temeroso **de alguma coisa**". Percebe que o adjetivo *temeroso* exige um complemento? Então, o complemento dele vem em forma de oração (***de que a prova viesse em um nível difícil***). Logo, a primeira oração em azul está "presa" à oração principal, porque completa sua estrutura sintática. Imagine... eu chego até você e digo: "Aí, os alunos estão temerosos." Você responde: "Ah, ok."? Claro que não! Você vai me perguntar: "Estão temerosos **de quê**, Pestana?" Aí eu respondo: "Ah, eles estão temerosos *de que a prova venha difícil*".

Percebe, então, que a oração principal **precisa** de um complemento? Por sua vez, a oração subordinada exerce função sintática de **complemento nominal** (um termo **integrante**, lembra-se?), completando a principal. Essa relação é de dependência, portanto... **subordinação**!

Analisando a segunda oração em azul, notamos que ela é **acessória**, ou seja, pode ser retirada do período sem prejuízo para a estrutura da outra (principal); certo? Vou apagá-la para você perceber quão acessória ela é:

Os alunos que mantêm constância nos estudos sentem-se confiantes.
Os alunos (...) sentem-se confiantes.

Notou que a oração em azul é **acessória**? “Hmmm... acessória... isso me lembra termos acessórios da oração... adjunto adnominal, adjunto adverbial... Ah! Entendi!”.

A oração em azul exerce função de **adjunto adnominal**, pois está determinando um substantivo (alunos). Percebeu também que a oração principal não depende dela? Por outro lado... a **subordinada depende da principal**, pois ela é como um termo acessório, isto é, depende da existência da principal para ampliar sua estrutura.

A terceira oração também funciona sintaticamente como um termo **acessório**, mais especificamente como um **adjunto adverbial de tempo**. Note que também podemos colocar uma tarja e perceber que a oração principal não depende dela, mas sim o contrário:

	, o professor sempre busca assisti-los.

Logo, tendo em mente a análise das três orações, concluímos que existem orações subordinadas completando a principal (a primeira, em azul) e existem orações subordinadas **acessórias**, ampliando/determinando a principal (a segunda e a terceira, em azul).

Resumindo: existem três tipos de orações subordinadas: as **substantivas**, as **adjetivas** e as **adverbiais**. Vejamos todas, respectivamente, a partir de agora.

Orações Subordinadas Substantivas

As **orações subordinadas substantivas** são chamadas assim porque exercem função sintática própria de substantivo em relação à oração principal. Isto é, elas exercem função sintática de **sujeito, predicativo, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto** etc. São iniciadas pelas conjunções integrantes **que** ou **se**. Segundo o famoso *bizu*, podem ser substituídas por **isto/isso**.

Quero que você perceba sempre o seguinte: as orações substantivas exercem função típica de substantivo, por isso a correspondência entre uma oração substantiva e um termo substantivo é visível. Veja:

1) Sujeito

– *Hoje se anunciou **sua aposentadoria**. = Hoje se anunciou **que ele se aposentará**.*

2) Predicativo

– *O anúncio lamentável era **a aposentadoria dele**. = O anúncio lamentável era **que ele se aposentaria**.*

3) Objeto direto

– *Ninguém desejou **sua aposentadoria**. = Ninguém desejou **que se aposentasse**.*

4) Objeto indireto

– *Avisei-o **de sua aposentadoria**. = Avisei-o **de que deveria aposentar-se**.*

5) Complemento nominal

– *Estava receoso **de sua aposentadoria**. = Estava receoso **de que se aposentasse**.*

6) Aposto

– *Hoje o atleta só deseja isto: **sua aposentadoria**. = Hoje o atleta só deseja isto: **que se aposente**.*

Portanto, segundo a gramática tradicional, são seis tipos de orações substantivas (**subordinadas**, em azul; **principais**, em preto).

Orações Subordinadas Substantivas Subjetivas

Funcionam como **sujeito** da oração principal, logo não há sujeito na oração principal, pois este é oracional. O verbo da principal sempre estará na 3ª pessoa do singular, porque o sujeito vem em forma de oração! Tal informação é importante, porque há muitas questões feitas pelas bancas FCC, Esaf e Cespe/UnB explorando a concordância com o sujeito em forma de oração.

Há cinco casos ou construções clássicas. Não decore, entenda!

1º caso: **VL** + adjetivo/substantivo/advérbio + ***que/se... OSSS***

– *Seria verdade* ***que as pessoas têm o poder de mudar?****. (O que seria verdade?* ***Isso*** *seria verdade.)*
– *Depois do julgamento pelo STF, está certo* ***se os deputados serão condenados****?*
– *Foi assim* ***que o professor ensinou a matéria****.*
– *Tornou-se claro para ele* ***que ninguém mais atrapalharia sua felicidade****.*

2º caso: VTD (3ª p. s.) **+ se** (partícula apassivadora) + ***que/se... OSSS***

– *Está se comentando* ***que ele explica bem a matéria****. (O que está se comentando?* ***Isso*** *está se comentando.)*
– *Não se sabe* ***se haverá aula****.*
– *Viu-se* ***que o aluno entendeu direito a explicação****.*

3º caso: loc. verbal (ser, estar, ficar + particípio) + ***que/se... OSSS***

– *Foi dito* ***que todos ficaram satisfeitos com os resultados****. (O que foi dito? /* ***Isso*** *foi dito.)*
– *Está decidido pelo conselho* ***se o professor vai ministrar aulas este ano****?*
– *Ficou provado* ***que ele foi classificado no exame****.*

4º caso: parecer, convir, suceder, acontecer, ocorrer, importar, urgir...* + ***que/se... OSSS***

– *Convém* ***que todos estudem com frequência****. (O que convém?* ***Isso*** *convém.)**
– *Não me importa nem um pouco* ***se o concurso será difícil****.*
– *Parece* ***que nós estamos aprendendo Português*****.**

* Neste último caso, para facilitar a análise, tais verbos podem normalmente ser substituídos por *ser* + adjetivo cognato ao verbo, isto é, "Convém que todos estudem" = "É conveniente

que todos estudem".

5º caso: verbos **psicológicos** (interessar, surpreender, agradar...) +
que/se... OSSS

– *Não me interessa* ***se seus problemas não foram resolvidos****. (O que não me interessa?* ***Isso*** *não me interessa.)*
– *Surpreende-te* ***que tenha faltado luz no jogo entre Brasil e Argentina, na Argentina?***
– *Hoje mais nos alegra* ***que o presidente seja uma mulher****.*

* Esses verbos psicológicos das orações principais exprimem uma reação emotiva diante de um fato contido na subordinada, e normalmente são VTDs ou VTIs tendo como complemento o oblíquo.

Obs.: Às vezes, independentemente de sua classificação, as orações subordinadas substantivas vêm iniciando o período. Neste caso, para o gramático Luiz A. Sacconi, a vírgula é obrigatória (os demais gramáticos de renome não se manifestam, e nunca vi ainda em prova alguma, mas vai que...): "***Que o concurso seja difícil***, não me importa nem um pouco." / "***Se ele vem hoje*** não é da minha conta."...

Orações Subordinadas Substantivas Predicativas

Funcionam como **predicativo do sujeito** da oração principal, que apresenta o verbo de ligação **ser**, ou, mais raramente, *parecer*.

– *O certo é* ***que todos querem a felicidade****. (O que é o certo?* ***Isso*** *é o certo.)*

– *A questão não é* ***se eles vão condenar os corruptos****, mas tomara que os condenem.*

– *Minha impressão era (de)* ***que ela não desistiria tão fácil****.*

– *As mulheres parecem* ***que são mais felizes neste século****.*

– ***Que haja um só rebanho e um só pastor****, sempre foi a maior preocupação da Igreja.*

Cuidado!!!

1) Em "Certo é ***que todos querem a felicidade*** (= **Isso** é certo)", a oração é **subjetiva**, pois na principal não há artigo ou pronome. Se houver artigo ou pronome no sujeito da principal, a oração subordinada será predicativa. Veja: "**O** certo é *que todos querem a felicidade*."

2) Às vezes, como na terceira frase que usei como exemplo, a preposição *de*, exigida pelo substantivo da oração principal, aparece imediatamente antes da oração subordinada. Neste caso, a preposição é expletiva (mero realce), não constituindo assim uma oração subordinada substantiva completiva nominal. Veja uma questão com estrutura semelhante: ESAF – SET/RN – AUDITOR-FISCAL DO TESOURO ESTADUAL – 2005 – QUESTÃO 3

Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Diretas

Funcionam como **objeto direto** da oração principal, a qual apresenta um VTD ou um VTDI, obrigatoriamente.

– *Esperamos* ***que você aprenda português****. (Esperamos o quê? Esperamos* ***isso****.)*

– *Não sabemos* ***se haverá aula****.*

– *O repórter do telejornal noticiou aos cidadãos* ***que haverá votação amanhã****?*

– *Não me diga* ***que você vai embora****...*

– ***Que seu filho seja bem-sucedido na vida****, toda mãe deseja.*

Cuidado!!!

1) Alguns verbos que são transitivos indiretos, quando passam a ter complemento verbal em forma de oração, mudam de transitividade, passando a transitivos diretos. Tais verbos estão ligados ao campo semântico do julgamento, opinião, crença: *acreditar, crer, desconfiar, pensar*.

– ***Creio*** *em Deus. (VTI – OI) = Creio que Deus existe. (VTD – OSSOD)*

Na contramão disso, Sacconi entende que o verbo ***crer*** (e, por tabela, *acreditar* e *pensar*) em "Creio que tudo está bem agora." continua sendo transitivo indireto, com a preposição *em* implícita antes da conjunção integrante.

2) Na construção "Fizeram ***com que a religião se redimisse de seus erros.***", a preposição *com* é usada como realce, ou seja, é expletiva, por isso pode ser retirada de antes da oração subordinada substantiva objetiva direta.

3) Em "**Pedi** (Disse) para que ela não largasse o emprego.", segundo a tradição gramatical, há um erro: o uso da preposição 'para' após o verbo da oração principal (pedir ou dizer). O certo é: "Pedi (Disse) que ela não largasse o emprego.". O único caso em que a norma culta abona tal preposição é quando se explicita ou se subentende as palavras "licença", "permissão", "vênia" etc.: "Ela pediu [licença] para que passasse.". Neste caso, porém, a oração iniciada pela preposição passa a ser classificada como completiva nominal.

4) Às vezes, a conjunção integrante vem implícita (caso raro!): "Sua Excelência espera (que) ***não duvidem dela***".

5) Alguns gramáticos, como Sacconi, consideram que, na construção "Tomara ***que ele chegue.***", a oração destacada é objetiva direta, sendo o verbo da principal (Tomara) um VTD.

Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Indiretas

Funcionam como **objeto indireto** da oração principal, a qual apresenta um VTI ou um VTDI obrigatoriamente.

– *Não te informaram* ***de que o concurso seria este mês****? (Não te informaram de quê? Não me informaram* ***disso****.)*

– *O professor insiste* ***em que eu tenho de estudar mais****.*

– *Não resisti* ***a que tu me ajudasses****.*

– *Anseio* ***por que algumas pessoas estejam na Terra por um propósito****.*

– *Jamais se esqueça* ***de que fui eu o mentor do projeto****.*

– *De tantas profissões, não se lembrava mais* ***se exercia a profissão de médico****.*

Cuidado!!!

1) O verbo *ansiar* pode ser VTD, segundo Celso P. Luft e Francisco Fernandes. Sendo assim podemos analisar a oração (sem preposição *por*) como objetiva direta: "*Anseio* ***que algumas pessoas estejam na Terra por um propósito****"*. Sobre *lembrar-se*, seguido da conjunção integrante *se*, a preposição fica implícita.

2) Segundo alguns estudiosos da língua, como Bechara, Cegalla, Sacconi, Claudio Cezar Henriques, Celso P. Luft, a preposição exigida pelo verbo da principal pode vir elíptica: "Ela não gosta (de) ***que a chamem de senhora.***" / Esqueceu-se (de) ***que votaria no domingo***. Corroborando isso, a banca da UERJ, em 2000, afirma que, quando o complemento de *lembrar-se* (o mesmo vale para *esquecer-se*) vem em forma de oração, a preposição *de* pode ficar implícita. Consulte a questão (e o gabarito) de número 4 acerca do texto "No meio do caminho", de Drummond. Outra questão (mais recente) corrobora a elipse da preposição, não implicando incorreção gramatical. Veja: FCC – TRF (1ª R) – TÉCNICO Judiciário – 2011 – QUESTÃO 15 – OPÇÃO "B".

3) Segundo Claudio Cezar Henriques, "é um solecismo bastante comum empregar a preposição *de* em estruturas subordinadas sem preposição. Tal uso (chamado **dequeísmo**) caracteriza sério erro de regência: "É indispensável ***de*** *que todos estejam informados dessa manobra.*". Sobre isso, veja uma questão:

Cespe/UnB – MP – Analista DE INFRAESTRUTURA – 2012

– Seria mantida a correção gramatical do período "É fato que os números absolutos impressionam.", caso a preposição **de** fosse inserida imediatamente antes da conjunção "que".

( ) CERTO (X) ERRADO

Comentário: Absolutamente nada (nem verbo, nem nome) exige a preposição *de* antes da subordinada substantiva subjetiva. Afinal, não existe oração preposicionada com função de sujeito. Eis o famigerado **dequeísmo**, tão comum na fala diária.

Orações Subordinadas Substantivas Completivas Nominais

Funcionam como **complemento nominal** da oração principal, a qual apresenta um nome (normalmente, substantivo ou adjetivo) exigindo um complemento preposicionado.

– *Elas tinham certeza* ***de que você aceitaria minha sugestão****. (Elas tinham certeza de quê? Elas tinham certeza* ***disso****.)*

– *Não tinha certeza* ***se aceitaria minha sugestão****.**

– *O fato* ***de que ela se classificou*** *me alegrou muito.*

– *Fiz menção* ***a que você tinha passado na primeira tentativa****.*

– *O alerta* ***para que os banhistas evitassem o local das pedras*** *foi ignorado.*

* Diante da conjunção integrante *se*, a preposição fica implícita.

Obs.: Segundo alguns gramáticos, como Bechara, Cegalla, José Carlos de Azeredo e Claudio Cezar Henriques, a preposição também pode vir implícita antes da oração completiva nominal: "*Estava ansioso (por)* ***que ela voltasse logo.***". Sobre isso, encontrei uma questão que toma como errada tal elipse, pois a visão da maioria dos gramáticos diz que a preposição é obrigatória. Por isso que eu digo que cada banca é uma banca; é preciso conhecer o perfil delas. Veja:

Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de nível superior – 2011

– No trecho "estão convencidos de que as desigualdades são, em sua maior parte, sociais ou históricas" (L.8-10), a omissão da preposição "de" prejudicaria a correção gramatical do período.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Comentário: Foi considerado "certo", pois a visão da maioria dos gramáticos diz que a preposição tem de vir **explícita** antes da conjunção integrante. No entanto, para o nosso desespero, incoerentemente, a mesma banca, seis anos antes, considerou **certa** a **omissão** da **preposição**: CESPE – TJ/BA – ADMINISTRADOR DO FÓRUM – 2005 – QUESTÃO 2.

Orações Subordinadas Substantivas Apositivas

Funcionam como **aposto** da principal; vêm normalmente separadas por dois-pontos, vírgula ou travessão.

– *Quero apenas uma coisa de você**: que aprenda português**.*

– *Tenho um grande sonho**, que você aprenda português**!*

– *A minha vontade **– que você aprenda português –** se realizou.*

Obs.: A conjunção integrante da oração apositiva pode vir implícita: "Corre um boato na principal rede de televisão, a saber: (que) ***o dono da emissora pretende vendê-la.***".

Orações Subordinadas Substantivas Justapostas

Além das tradicionais orações já vistas, todas iniciadas por conjunções integrantes, é bom que você saiba o seguinte: 1) existem muitas orações que simplesmente não são iniciadas por conjunção alguma e 2) existem muitas orações iniciadas por pronomes interrogativos (*que, quem, qual, quanto*) e advérbios interrogativos (*onde, como, quando, por que*). O nome dado a elas é **orações justapostas**. Veja alguns exemplos:

1) Oração Subordinada Substantiva Subjetiva Justaposta

– ***Quem espera*** *sempre alcança.*

Obs.: Segundo Sacconi, quando o sujeito vem em forma desse tipo de oração justaposta, a vírgula separando o sujeito do predicado é facultativa, ou seja: *Quem espera, sempre alcança*. No entanto, essa não é a visão tradicional, que insiste em dizer que sujeito não se separa do verbo por vírgula.

2) Oração Subordinada Substantiva Predicativa Justaposta

– *"O amor é* ***quando a gente mora um no outro.****"* (Mário Quintana)

3) Oração Subordinada Substantiva Objetiva Direta Justaposta

– *Perguntaram-lhe* ***de que professor estavam falando****.*

– *Quero entender* ***por que as guerras e a fome persistem no mundo****.*

Obs.: O verbo *perguntar* é VTDI: quem pergunta, pergunta **algo** (OD; *de que professor estavam falando*) **a alguém** (OI; *lhe*). Mas você deve estar se perguntando: "O que a preposição *de* está fazendo antes do pronome interrogativo *que*?" Resposta: toda vez que um verbo da oração justaposta (no caso, *falar*) exigir uma preposição (no caso, *de*), esta a encabeçará. Aí eu é que lhe pergunto: "O 'homem da banca' (à la pegadinha do Mallandro) pode criar uma questão dizendo que *de que professor estavam falando* é uma oração objetiva **indireta**, não pode? Afinal, a oração é iniciada por preposição... Abra o olho!!! A oração é objetiva direta, pois complementa o verbo *perguntar*. Ponto.

4) Oração Subordinada Substantiva Objetiva Indireta Justaposta

– *Lembra-te* ***de qual pessoa te salvou naquele momento de desespero****.*

– *Fui convencido* ***de como deveria viver a partir de então, sem recursos, na miséria****.*

5) Oração Subordinada Substantiva Completiva Nominal Justaposta

– *Não tenho noção* ***de quantas pessoas já ajudei nesta vida****, graças a Deus!*

– *Estou convencido* ***de onde devo morar****.*

Obs.: Note que *convencido* (4) é diferente de *convencido* (5), pois este é um adjetivo exigindo um complemento nominal e aquele é um verbo no particípio, cuja voz é passiva. Passando para a voz ativa, fica claro que a oração é objetiva indireta de fato: *Fui convencido* ***de <u>como</u> deveria viver a partir de então, sem recursos, na miséria.*** = *Convenceram-me* ***de <u>como</u> deveria viver a partir de então, sem recursos, na miséria***. Note que o verbo *convencer* é VTDI (quem convence, convence alguém **de alguma coisa**).

6) Oração Subordinada Substantiva Apositiva Justaposta

– *"A saudade é como o sol do inverno:* ***ilumina sem aquecer****."*

7) Oração Subordinada Substantiva Agentiva da Passiva Justaposta

– *O escravo foi surrado até a morte* ***por <u>quem</u> o comprou***.

– *O candidato está rodeado* ***de <u>quem</u> não deseja a sua eleição***. (Sacconi)

Obs.: Ulisses Infante diz que existe oração com função de vocativo: "***<u>Quem</u> estiver atento***, por favor, o diretor tem algumas palavras importantes a dizer.".

Orações Subordinadas Adjetivas

As **orações subordinadas adjetivas** são chamadas assim porque exercem função sintática própria de adjetivo em relação à oração principal. Isto é, segundo a tradição gramatical, elas exercem tão somente a função de **adjunto adnominal**, pois funcionam como um acessório em relação à oração principal. São iniciadas pelos pronomes relativos *que, o qual, quem, cujo, quanto, onde, como, quando*.

Quero que você entenda o seguinte: por mais que algumas orações adjetivas sejam separadas por pontuação (*vírgula, travessão* ou *parênteses*), elas equivalem a um adjetivo que exerce função de adjunto adnominal.

É fácil perceber a correspondência entre uma oração adjetiva e um termo adjetivo. Veja:

– *O advogado,* ***ambicioso por novos clientes****, trabalha mais de 12 horas por dia.*

– *O advogado,* ***que ambiciona novos clientes****, trabalha mais de 12 horas por dia.*

Perceba que *ambicioso por novos clientes* tem o mesmo valor que a oração adjetiva *que ambiciona novos clientes*, isto é, modifica um substantivo (*advogado*). Outro exemplo:

– *Vinha relutando há muito tempo para pintar aquela parede* ***sem cor****.*

– *Vinha relutando há muito tempo para pintar aquela parede* ***que estava sem cor****.*

Perceba, novamente, que a locução adjetiva *sem cor* tem o mesmo valor que a oração adjetiva *que estava sem cor*, isto é, modifica um substantivo (parede).

Dica de irmão: **leia e releia a parte de *pronomes relativos*, para que você domine o assunto!**

Orações Subordinadas Adjetivas Restritivas

As *orações* **subordinadas adjetivas restritivas** têm o papel de limitar a parte de um conjunto, restringindo o sentido do termo antecedente. Por via de regra, não vêm separadas por pontuação.

Vou dar três exemplos cujas orações são introduzidas pelo pronome relativo *que*, pois é definitivamente o mais cobrado em provas de concurso público. Veja:

– *Os candidatos* ***que participaram das aulas extras*** *não encontraram dificuldade na prova.*

Entenda: do "conjunto" *candidatos*, foram *todos* que não encontraram dificuldade na prova? Claro que não! **Apenas** alguns, ou seja, só aqueles que participaram das aulas extras não encontraram dificuldade na prova, ok? E os que não participaram... devem ter saído chorando da prova.

– *Domingo, ela saiu com o namorado* ***que mora em Ipanema****.*

Entenda: do "conjunto" *namorado*, ela saiu com qual? Com o que mora em Ipanema, certo? "Ué, Pestana, essa frase quer dizer que ela tem mais de um namorado?" Exatamente! Ela é uma garota *sapequinha*. Ela tem mais de um namorado, mas no domingo saiu com um deles: o que mora em Ipanema. Segunda-feira ela vai sair com o que mora no Leblon, terça-feira ela vai sair com o que mora em Copacabana etc.

– *Os homens tornam a vida difícil ou impossível para os animais* ***que deles dependem*** *para sobreviver.*

Entenda: do "conjunto" *animais*, está-se falando que *todos* dependem deles (dos homens) para sobreviver? Claro que não! Está-se falando **apenas** dos animais que dependem dos homens para sobreviver. Logo... nem todos os animais dependem dos homens para sobreviver.

Cuidado!!!

1) Não confunda **oração adjetiva restritiva** com **oração substantiva completiva nominal.**

– *A recomendação* ***de que saíssem tão logo daquelas terras*** *não afugentou os grileiros.*

– *A recomendação* ***de que lhe falei ontem à noite*** *deve ser levada a sério, rapaz!*

O *bizu* para resolver essa situação é perceber qual *que* é um pronome relativo ou uma conjunção integrante. Perceba que o segundo *que* equivale a outro pronome relativo, "a qual", e exerce função sintática: "A recomendação ***da qual lhe falei ontem à noite*** deve ser levada a sério, rapaz!". Por isso, a segunda oração é a subordinada adjetiva restritiva.

2) É impossível construir certas frases com oração restritiva, pois o sentido não permite. Quer ver?

– *O gramático Evanildo Bechara* ***que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa*** *é um mito.*

Percebeu que não é possível restringir "o gramático Evanildo Bechara"? Isso porque ele é um ser único. Não se pode restringir, limitar o sentido de um ser que é único. Está claro? É justamente neste momento que a pontuação desempenha um papel importantíssimo. Se não se pode restringir, pode-se explicar. Daí que a única forma acertada de escrever esta frase seria com vírgulas, travessões ou parênteses:

– *O gramático Evanildo Bechara,* ***que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa****, é um mito.*

– *O gramático Evanildo Bechara –* ***que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa*** *– é um mito.*

– *O gramático Evanildo Bechara (****que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa****) é um mito.*

Outro exemplo:

– *Os Estados Unidos da América,* ***que emergiu da Segunda Guerra Mundial como o primeiro país com armas nucleares****, ainda é soberano.*

Aí eu lhe pergunto: "Poderíamos colocar esta oração adjetiva sem vírgulas, como uma oração restritiva? Podemos restringir 'Os Estados Unidos da América'? Existe outro 'Estados Unidos da América' para que possamos restringi-lo?" Claro que não! Acho que agora ficou claro como água.

Só se pode restringir um "ser único", como *o gramático Evanildo Bechara* e *Os Estados Unidos da América*, se houver uma informação contrastante sobre o mesmo referente. Por exemplo:

– *O gramático Evanildo Bechara* ***que foi considerado um mito*** *não é mais o mesmo Bechara dos tempos de Faculdade.*

– *Aqueles Estados Unidos da América* ***que tínhamos como o país*** *está bem diferente dos Estados Unidos que meus netos conhecem.*

Orações Subordinadas Adjetivas Explicativas

As **orações subordinadas adjetivas explicativas** têm o papel de modificar um termo, generalizando-o ou simplesmente tecendo um comentário extra sobre ele. Vêm sempre separadas por pontuação (vírgulas, travessões ou parênteses).

Vou dar os mesmos três exemplos, só que, dessa vez, as orações serão separadas por pontuação para se tornarem explicativas. Veja:

– *Os candidatos, **que participaram das aulas extras**, não encontraram dificuldade na prova.*

Entenda: agora fica claro que **todos** os candidatos participaram das aulas extras **e**, por isso, não encontraram dificuldade na prova.

– *Domingo, ela saiu com o namorado – **que mora em Ipanema**.*

Entenda: agora fica claro que ela saiu com o namorado **e** que o cara mora em Ipanema. Essa menina não é a mesma... agora ela tem só um namorado! Tomou juízo.

– *Os homens tornam a vida difícil ou impossível para os animais (**que deles dependem**) para sobreviver.*

Entenda: está claro agora que **todos** os animais, para sobreviver, dependem dos homens.

Dica quente: Em questões de pontuação, a distinção semântica entre restritiva e explicativa é frequente! Fique esperto no capítulo de *pontuação*, principalmente em *Vírgula*, pois as bancas adoram trabalhar retirada ou colocação de vírgula e perguntar se o sentido da oração adjetiva mudou.

Valores Circunstanciais das Orações Adjetivas

Como diz o eminente gramático José Carlos de Azeredo: "As orações adjetivas podem apresentar cumulativamente um conteúdo circunstancial de causa, concessão, condição, finalidade etc.". "Cumulativamente" significa que, além das noções de restrição e explicação, existem valores adverbiais contidos na oração subordinada adjetiva em relação à oração principal.

– *Minha filha,* ***que amava tanto a vida****, decidiu achar a cura da morte.* (causa)

Ou seja: Minha filha decidiu achar a cura da morte ***porque amava tanto a vida****.*

– *Minha filha,* ***que amava tanto a vida****, começou a se drogar.* (concessão)

Ou seja: Minha filha começou a se drogar, ***embora amasse tanto a vida****.*

– *Estava em busca de uma gramática* ***que ampliasse meus conhecimentos****.* (finalidade)

Ou seja: Estava em busca de uma gramática ***para ampliar meus conhecimentos****.*

– *O jornal fez algumas declarações* ***que comprometeram os vereadores****.* (consequência)

Ou seja: O jornal fez algumas declarações ***que, consequentemente, comprometeram os vereadores****.*

Só encontrei uma questão sobre isso, até hoje. Veja:

5. (UERJ – Vestibular (2ª fase (discursiva)) – 2007) *A vela que ilumina é uma vela alegre. (l. 4)*

O conectivo *que*, além de introduzir uma caracterização para o substantivo *vela*, estabelece relações lógicas entre as duas orações presentes no período acima.

Reescreva esse período de duas maneiras diferentes – sempre substituindo o conectivo *que* –, de modo a explicitar dois tipos de relações lógicas entre as orações. A seguir, identifique o tipo de relação estabelecida em cada um dos períodos reescritos.

Gabarito Oficial (adaptado)

Causa: A vela, *porque ilumina*, é uma vela alegre.

Tempo: A vela, *enquanto ilumina*, é uma vela alegre.

Condição: A vela, *se ilumina*, é uma vela alegre.

Proporção: A vela, *à medida que ilumina*, é uma vela alegre.

Orações Subordinadas Adjetivas Justapostas

As **orações adjetivas justapostas** são aquelas não iniciadas por pronomes relativos, mas por pronomes interrogativos (que, quem, qual, quanto) ou advérbios interrogativos (onde, como, quando, por que):

– *Os frutos* ***de quem merece a classificação*** *sempre são colhidos no tempo certo.*

– *O veterano de guerra ainda veste roupas* ***de quando era militar****.*

Funções Sintáticas dos Pronomes Relativos

Antes de qualquer coisa, peço novamente, encarecidamente, *ajoelhadamente* o seguinte: **leia e releia a parte de pronomes relativos, no capítulo 11**.

"Receita de bolo" para descobrir a função sintática de um pronome relativo:

1) substitua-o pelo seu antecedente;
2) coloque os termos da oração subordinada adjetiva na ordem direta;
3) faça a análise sintática do termo substituído pelo relativo.

Veja um exemplo de análise sintática do pronome relativo:

As pessoas ***que*** *desde pequenas fumam* prejudicam sua saúde e a saúde de outros.

O relativo *que* retoma *as pessoas*, certo? Então, substitua o relativo pelo antecedente: ... *as pessoas fumam*... Agora, coloque na ordem direta: ... *as pessoas fumam desde pequenas*... Por fim, faça a análise sintática do termo substituído: ... *as pessoas (sujeito) fumam desde pequenas*...

Logo, o pronome relativo *que* exerce função sintática de **sujeito**. Simples, não?

Importantíssimo: **toda vez que um verbo ou um nome dentro da oração adjetiva exigir uma preposição, esta ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo! Nunca se esqueça disso!**

1) Que (o qual)

Eis as funções exercidas por este pronome relativo:

Sujeito: o pronome relativo exerce função de sujeito na oração subordinada adjetiva.

– *Comprei um livro* ***que*** *(=o qual) fez sucesso. (****Um livro*** *fez sucesso.)*

Cuidado!!!

1) Não erre a análise do pronome relativo **com função de sujeito**, pensando se tratar de um objeto direto, quando a ele se segue um verbo na voz passiva sintética: "As crianças ***que*** *se disciplinam* logo cedo se tornam adultos responsáveis." (... que (as crianças) se disciplinam (são disciplinadas)...).

2) Em "Estas instruções não podem ser reportadas a mim, ***que*** *sou apenas um subordinado nesta megaempresa.*", você não vai substituir o *que* por *mim*, senão a frase ficará assim: ... ***mim*** *sou apenas um subordinado nesta megaempresa.* Como sabemos, *mim* não conjuga verbo, daí que, como *mim* é pronome pessoal oblíquo tônico de 1ª pessoa, ele é substituído por um pronome pessoal reto de 1ª pessoa (***Eu*** sou apenas um subordinado nesta megaempresa.).

Predicativo do sujeito: o pronome relativo exerce função de predicativo do sujeito na oração subordinada adjetiva.

– *Aquele grande ator **que** (= o qual) em breve serei está cada vez mais perto. (Eu serei **aquele grande ator** em breve.)*

Objeto direto: o pronome relativo exerce função de objeto direto na oração subordinada adjetiva.

– *Sou o homem **que** (= o qual) você vai amar. (Você vai amar **o homem.**)*

Obs.: Pode haver pronome relativo com função de objeto direto preposicionado: "Meu dever, ***com que** eu não posso deixar de cumprir*, é extremamente importante." (... eu não posso deixar de cumprir *com meu dever...*)

Objeto indireto: o pronome relativo exerce função de objeto indireto na oração subordinada adjetiva.

– *Assisti a um programa **de que** (= do qual) você vai gostar. (Você vai gostar **de um programa**)*

Complemento nominal: o pronome relativo exerce função de complemento nominal na oração subordinada adjetiva.

– *Retornei a um lugar **a que** (= ao qual) tinha aversão. (Tinha aversão **ao lugar.**)*

Agente da passiva: o pronome relativo exerce função de agente da passiva na oração subordinada adjetiva.

– *A hipnotizante mulher **por que** (= pela qual) fiquei seduzido era de meu amigo. (Fiquei seduzido **pela hipnotizante mulher.**)*

Adjunto adnominal: o pronome relativo exerce função de adjunto adnominal na oração subordinada adjetiva.

– *As pessoas, **de que** (= das quais) o doutor Andrade é médico, são extremamente gratas. (O doutor Andrade é médico **daquelas pessoas.**)*

Adjunto adverbial: o pronome relativo exerce função de adjunto adverbial na oração subordinada adjetiva.

– *As praias **a que** (= às quais) eu ia quando criança estão totalmente poluídas. (Eu ia **às praias** quando criança.)*

2) Quem

Exerce as seguintes funções sintáticas:

Objeto direto (preposicionado): o pronome relativo exerce função de objeto direto na oração subordinada adjetiva.

– *Hospedei um amigo **a quem** não via desde a infância. (Não via **um amigo** desde a infância.)*

Objeto indireto: o pronome relativo exerce função de objeto indireto na oração subordinada adjetiva.

– *Tu nunca foste uma pessoa **com quem** simpatizamos.* (*Nunca simpatizamos **com uma pessoa.*** – Neste caso, a palavra *pessoa* tem como referente *tu*, isto é: *"Nunca simpatizamos **contigo**."*.)

Complemento nominal: o pronome relativo exerce função de complemento nominal na oração subordinada adjetiva.

– *Meu filho, **por quem** fui responsável até os dezoito anos, fugiu de casa.* (*Fui responsável pelo meu filho até os dezoito anos*.)

Agente da passiva: o pronome relativo exerce função de agente da passiva na oração subordinada adjetiva.

– *A hipnotizante mulher **por quem** fui seduzido se tornou minha.* (*Fui seduzido **pela hipnotizante mulher.***)

Adjunto adnominal: o pronome relativo exerce função de adjunto adnominal na oração subordinada adjetiva.

– *Achei aquela menina **de quem** você disse que era irmão.* (*Você disse que era irmão **daquela menina.***)

Obs.: Note que, nesse caso, o pronome relativo exerce função sintática de um termo que pertence à oração substantiva objetiva direta (*que era irmão*).

Adjunto adverbial: o pronome relativo exerce função de adjunto adverbial na oração subordinada adjetiva.

– *As más companhias **com quem** eu andava certamente me influenciaram.* (*Eu andava **com más companhias.***)

3) Cujo

Adjunto adnominal: o pronome relativo exerce função de adjunto adnominal na oração subordinada adjetiva; tem valor possessivo.

– *Esta é aquela casa **a cujos** aposentos eles deram preferência?* (*Eles dão preferência aos aposentos **da casa.***)

Complemento nominal: o pronome relativo exerce função de complemento nominal na oração subordinada adjetiva; não tem valor possessivo.

– *O assunto, **cuja** explicação entendi, era interessantíssimo.* (*Eu entendi a explicação **do assunto.***)

Cuidado!!!

Já ouviu falar em **truncamento sintático**? Não? Então está na hora de você aprender, pois isso cai em algumas provas, principalmente na Esaf, no Cespe e na FCC. Entenda melhor por meio deste exemplo:

"Recentemente houve uma falta de incentivo à cultura por parte do governo e órgãos privados, por isso a indústria cinematográfica, cuja produção vem caindo nos últimos anos."

Tem alguma coisa estranha nessa frase que você não sabe identificar, não é? Mas o fato é que *rolou* um *estranhamento*, concorda? Observe que a oração subordinada adjetiva está completa, mas a oração principal está sem o verbo... está faltando um verbo! Ora, sem verbo não há oração principal, se a oração principal está incompleta, ela está "truncada", ou seja, sem um "pedaço", ela está "mutilada", coitada! Sendo assim, houve **truncamento sintático**, que ocorre quando uma oração está sem uma parte que a integra. Refazendo o período, teríamos algo assim:

"*Recentemente houve uma falta de incentivo à cultura por parte do governo e órgãos privados, por isso a indústria cinematográfica, cuja produção vem caindo nos últimos anos, **está** desesperada."*

Agora, sim, temos uma oração principal, e não há **truncamento sintático**. Veja uma questão:

13. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial da Folha de S. Paulo de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente correta.
b) Internamente, a renda do trabalho ampliada por políticas salariais e previdenciárias generosas estimula o consumo e o setor de serviços. O resultado seria a especialização da economia nos setores primário e terciário, cuja forte geração de emprego, em troca de menor competitividade industrial.

Não me interessa o resto da questão, quero que você aprenda o que é o tal do **truncamento sintático**. Note a frase destacada. Percebeu? O pronome relativo *cuja* inicia uma oração subordinada adjetiva, certo? Mas cadê o maldito verbo? Sem ele a frase fica incoerente, certo? Eis um belo exemplar de... **truncamento sintático**! *Voilà!*

4) Quanto

Sujeito: o pronome relativo exerce função de sujeito na oração subordinada adjetiva.

– *Todas **quantas** estiveram na festa ficaram felizes. (**Todas** estiveram na festa...)*

Objeto direto: o pronome relativo exerce função de objeto direto na oração subordinada

adjetiva.

– *Ele encontrou tudo aquilo **quanto** procurava. (Ele procurava **tudo aquilo**...)*

5) Onde

Sempre exerce função de **adjunto adverbial de lugar** na oração subordinada adjetiva.

– *Estamos indo em direção a um acampamento **onde** se costumam reunir pessoas de diversas nacionalidades. (Pessoas de diversas nacionalidades costumam-se reunir **num acampamento.**)*

6) Como

Sempre exerce função de **adjunto adverbial de modo** na oração subordinada adjetiva.

– *A agência de saúde das Nações Unidas já revisou a maneira desastrosa **como** foi tratado o surto de gripe suína. (O surto de gripe suína foi tratado **de uma maneira desastrosa.**)*

7) Quando

Sempre exerce função de **adjunto adverbial de tempo** na oração subordinada adjetiva.

– *Aquele momento, **quando** se entende a piada, é único. (Entende-se a piada **naquele momento.**)*

Cuidado!!!

1) Em "A festa ***onde/quando*** comecei a namorar estava lotada.", pode-se usar *onde* ou *quando* para retomar a palavra *festa*, que, segundo Bechara, remete à ideia de tempo ou lugar.

2) Algumas bancas, como a FCC, não consideram *quando* um pronome relativo, logo a oração destacada "*Aquele momento, **quando** se entende a piada, é único.*" seria subordinada adverbial temporal, para tal banca. A questão 10, cujo gabarito é a letra E, corrobora isso; consulte: FCC – DPE/RS – DEFENSOR PÚBLICO – 2011. Já a FGV pensa diferente, ou seja, entende que uma oração adjetiva pode ser iniciada por *quando*: FGV – SEFAZ/RJ – FISCAL DE RENDAS – 2007 – QUESTÃO 13.

Orações Subordinadas Adverbiais

As **orações subordinadas adverbiais** são chamadas assim porque exercem função sintática própria de advérbio em relação à oração principal. Isto é, elas exercem a função **de adjunto adverbial**. São iniciadas pelas conjunções subordinativas (já decorou?)

Quero que você perceba o seguinte: as orações adverbiais exercem função típica de advérbio, por isso a correspondência entre uma oração adverbial e um adjunto adverbial é visível. Veja:

– *O candidato esquerdista não conseguiu ir para o segundo turno* ***por falta de popularidade****.*
– *O candidato esquerdista não conseguiu ir para o segundo turno* ***porque não tinha popularidade****.*

Perceba que o adjunto adverbial de causa *por falta de popularidade* tem o mesmo valor que a oração subordinada adverbial causal *porque não tinha popularidade*. O que diferencia o **adjunto adverbial** da **oração subordinada adverbial** é a presença da conjunção subordinativa *porque* e do verbo *ter* (*tinha*), que constituem uma oração.

Dica de irmão: **leia e releia a parte de conjunções subordinativas para dominar o assunto!**

Orações Subordinadas Adverbiais Causais

Exprimindo ideia de causa, são iniciadas pelas conjunções subordinativas causais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Um analista de sistemas esfaqueado 38 vezes e deixado para morrer sobreviveu* ***porque estava acima do peso***.

– ***Como estivesse ferido gravemente****, não suportou a cirurgia.*

– *A entrevista foi alvo de críticas dos opositores do presidente,* ***visto que sua pauta focalizou a gestão macroeconômica do governo***.

Obs.: Só de curiosidade, veja este *que* causal. Escreve Machado de Assis, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*: "Começo a arrepender-me deste livro. Não *que* ele me canse...". Esse *que* pode ser substituído por *porque*, conjunção subordinativa causal, logo a releitura seria esta: "Começo a arrepender-me deste livro, não ***porque ele me canse...***". Sendo assim, a oração destacada é subordinada adverbial causal. Outro exemplo: ***Corrupto que é****, nunca mais terá o apoio do povo.*

Orações Subordinadas Adverbiais Causais X Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas

Antes de tudo, saiba que este é um assunto escorregadio e sem solução final. Por isso as questões sobre isso são raríssimas.

E, antes que você pense que estou *fugindo pela tangente*, digo que só estou sendo sincero. Muitos gramáticos oferecem soluções finais para este "imbróglio", mas a verdade é que não há solução final quando se trata da diferença final entre oração subordinada adverbial causal e oração coordenada sindética explicativa.

Para você *sentir a pressão* e ver como *o buraco é mais embaixo*, observe:

2. (UERJ – Vestibular (2ª Fase (Discursiva)) – 2009) Eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros, porque todos são portadores da mesma humanidade. (l. 14-15)

Identifique a relação de sentido que a oração sublinhada estabelece com a parte do período que a antecede. Reescreva todo o período, substituindo o conectivo e mantendo essa mesma relação de sentido.

Gabarito Oficial da UERJ

Uma das relações e uma das respectivas reescrituras:

• Causa

– Eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros **visto que** todos são portadores da mesma humanidade.

– Eles não podem ser pensados independentemente um dos outros **já que** todos são portadores da mesma humanidade.

– **Como** todos são portadores da mesma humanidade, eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros.

• Explicação

– Eles não podem ser pensados independentemente um dos outros, **pois** todos são portadores da mesma humanidade.

Meu Comentário: "É isso aí mesmo, Pestana, a banca deu dois gabaritos para a mesma questão, como se a oração sublinhada pudesse ser analisada como subordinada causal ou coordenada explicativa?" "**É isso aí mesmo**, meu/minha nobre! Incrível, não?"

"Pois bem... mas, então, é sempre possível analisar das duas maneiras, e estará certo, Pest?" Resposta: "Não! Depois de tanto estudar, é possível muitas vezes definir o que é **causa** e o que é **explicação** – e já criaram questões sobre isso, como você verá nas questões comentadas."

Vejamos mais detalhes...

• Na subordinada causal, a circunstância de causa precede e gera o fato ou o ocorrido (ou seja, na linha do tempo, 1º vem a causa, depois a consequência).

• Na coordenada explicativa, a circunstância não precede nem gera o fato ou o ocorrido.

• A confusão é gerada por causa do uso das conjunções *porque, pois, que, porquanto.*

Exemplos clássicos:

– *Choveu aqui, **porque a calçada está molhada**.* (explicativa; o fato de a calçada estar molhada não provocou a chuva, ou seja, não é a causa da chuva, mas sim a consequência)

– *A calçada está molhada, **porque choveu**.* (causal; é um fato claro que a chuva provocou o molhamento da calçada)

Nesses exemplos clássicos, vemos que, no primeiro período, o *porque* inicia uma ideia de consequência, logo a oração é explicativa. No segundo período, o *porque* inicia uma ideia de causa, logo a oração é causal.

Por ser uma situação difícil e polêmica, explicarei com mais fluidez ainda. Existem três casos importantes a considerar. Veja:

1º caso: Se o verbo que antecede a conjunção vier no **imperativo**, ou indicar desejo, é certo que a oração será coordenada **explicativa**.

– *Estude, **que seu futuro estará garantido**!*

– *Deus o abençoe, meu filho, **porque sua generosidade não tem limite**.*

Obs.: Em "Fugimos todos, ***que*** a maré não está para peixe." e "Fujamos todos, ***que*** a maré não está para peixe.", a simples mudança do modo verbal torna diferente a classificação da conjunção destacada. Na primeira frase, é causal; na segunda, explicativa.

2º caso: Se o *porque* (ou *que, pois, porquanto*) iniciar uma consequência, a oração será explicativa; se iniciar uma causa, a oração será causal.

– *A avenida não tinha limite de velocidade, **porque o carro passou a 300 km/h**.* (explicativa)

– *O carro passou a 300 km/h **porque a avenida não tinha limite de velocidade**.* (causal)

3º caso: Se a afirmação anterior à conjunção for uma suposição ou uma constatação por dedução, gerada por uma apuração ou comprovação, a conjunção será **explicativa** (este é o caso de *"Choveu, porque a rua está molhada."*; ou seja, você deduz que choveu por causa de uma apuração – a rua molhada).

– *Ele passou por aqui, **porque ainda há pouco o vi**.* (explicativa)

– *Não precisa mentir. O Leandro faltou às aulas, **pois me contaram**.* (explicativa)

Como se viu, a diferença é puramente semântica, pois sintaticamente não há distinção entre as orações causais e as explicativas iniciadas por *que, porque, pois, porquanto*. É certo que existem outras formas de diferenciar, mas não vou fazer do assunto um tratado ou um ensaio,

por isso me apeguei às diferenciações principais, que resolvem (para mim) a grande maioria dos casos.

Orações Subordinadas Adverbiais Consecutivas

Exprimindo ideia de consequência, são iniciadas pelas conjunções subordinativas consecutivas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Nesta cidade, chove* ***que é o Diabo****!* (*tanto* não expresso antes do que)

– *Isso é tão prazeroso* ***que me vicia****.*

– *O presidente não melhorou a vida da população,* ***de modo que se sentiu enganada pelas promessas****.*

Obs.: Diferença entre ***oração adjetiva*** e ***oração adverbial consecutiva.***

– *Nós fizemos um barulho* ***que incomodava a todos****.* (adjetiva restritiva; o *que* é um pronome relativo e exerce função sintática de sujeito; = *O barulho incomodava a todos.*)

– *Nós fizemos um barulho* ***que ninguém conseguia conversar****.* (consecutiva; = *Fizemos um barulho tão grande que...)*

Orações Subordinadas Adverbiais Condicionais

Exprimindo ideia de condição, são iniciadas pelas conjunções subordinativas condicionais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Chegaremos hoje,* ***salvo se houver imprevistos****.*

– *Tudo ficará bem,* ***desde que façamos nossa parte****.*

– *O candidato disse que,* ***se eleito****, cumprirá as promessas*. (o verbo auxiliar da locução verbal da oração condicional está implícito; = *... se for eleito...)*

Obs.: O *se* pode iniciar uma oração subordinada adverbial causal, segundo Cegalla, Sacconi etc. Veja isso melhor no capítulo de *Conjunção*!

Orações Subordinadas Adverbiais Concessivas

Exprimindo ideia de concessão, são iniciadas pelas conjunções subordinativas concessivas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– ***Por pior que esteja sua vida****, não desista de estudar.*

– *Tínhamos de comer sempre um pouco de tudo,* ***conquanto isso fosse uma tarefa difícil****.*

– ***Sortudo que fosse nos relacionamentos****, não se casou com uma mulher virtuosa.*

Orações Subordinadas Adverbiais Conformativas

Exprimindo ideia de conformidade, são iniciadas pelas conjunções subordinativas conformativas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de conjunções subordinativas.

– ***Como todos sabemos****, o Brasil já é autossuficiente em petróleo.*

– *A revelação dos contatos do lobista com a empresa portuguesa deixou clara,* ***consoante relevou uma revista famosa****, a participação dele na "jogada".*

– ***Segundo foi noticiado por nós****, a reunião da sexta-feira 13 era esperada desde há muito.*

Orações Subordinadas Adverbiais Comparativas

Exprimindo ideia de comparação, são iniciadas pelas conjunções subordinativas comparativas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Amo-o* ***como a um filho****. (= como amo a um filho)*

– *O professor hoje é mais didático* ***do que nunca****. (= do que nunca foi)*

– *Sua sabedoria é tão intrigante* ***quanto sua humildade****. (= quanto sua humildade é)*

Obs.: É normal que os verbos das orações comparativas estejam implícitos. Por isso, cuidado para não errar uma questão de contagem de orações, como a FGV gosta de fazer. Além disso, preste atenção à lição do *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*:

"A omissão de certos termos ao fazermos uma *comparação*, omissão própria da língua falada, deve ser evitada na língua escrita, pois compromete a clareza do texto: nem sempre é possível identificar, pelo contexto, qual o termo omitido. A ausência indevida de um termo pode impossibilitar o entendimento do sentido que se quer dar a uma frase:

Errado: *O salário de um professor é mais baixo* ***do que um*** *médico*.

A omissão de termos provocou uma comparação indevida: "*o salário de um professor*" com "*um médico*".

Certo: *O salário de um professor é mais baixo do que o salário de um médico.*

Certo: *O salário de um professor é mais baixo do que o de um médico.*

Errado: *O alcance do Decreto é diferente* ***da Portaria****.*

Novamente, a não repetição dos termos comparados confunde. Alternativas para correção:

Certo*:* *O alcance do Decreto é diferente do alcance da Portaria.*

Certo: *O alcance do Decreto é diferente do da Portaria.*

Errado: *O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do* ***que*** *os Ministérios do Governo.*

No exemplo acima, a omissão da palavra *outros* (ou *demais*) acarretou imprecisão:

Certo*:* *O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do que os* ***outros*** *Ministérios do Governo*.

Certo: *O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do que os* ***demais*** *Ministérios do Governo.*

Orações Subordinadas Adverbiais Finais

Exprimindo ideia de finalidade, são iniciadas pelas conjunções subordinativas finais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Entre em silêncio* ***para que as crianças não acordem***.

– *Tudo fiz* ***porque ela se casasse comigo*.**

– *Estudem mais* ***a fim de que resolvam bem as questões***.

Obs.: Diferença entre **oração completiva nominal** e **oração final**.

– *O Instituto de Assistência à Saúde continua habilitado* ***para que gerencie o maior hospital da região***. (completiva nominal; o adjetivo *habilitado* exige a preposição *para,* que se une à conjunção integrante, aparentando se tratar de uma locução conjuntiva final)

– *Não deixe de preencher corretamente o envelope* ***para que os Correios façam um bom trabalho de entrega***. (adverbial final; não há nenhum termo exigindo a preposição *para,* logo *para que* é uma locução conjuntiva final)

Orações Subordinadas Adverbiais Proporcionais

Exprimindo ideia de proporcionalidade, são iniciadas pelas conjunções subordinativas proporcionais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Entre as revistas, X e Y mostram perfis engajados,* ***ao passo que Z é ligeiramente desviante****.*

– ***À medida que o Brasil acelera****, os limites impostos pelo real valorizado aparecem.*

– ***Quanto menos as pessoas comem e bebem****, mais elas pensam e teorizam.*

Obs.: Normalmente há uma relação de causa e efeito nestas construções, em que a causa está contida na oração proporcional, e o efeito, na principal. Cuidado com questões de causa e consequência muito trabalhadas pela FCC, pois vai que o "homem da banca" resolva criar uma questão de causa-efeito com estrutura de oração proporcional... iria ser bacana.

Orações Subordinadas Adverbiais Temporais

Exprimindo ideia de tempo, são iniciadas pelas conjunções subordinativas temporais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Já se sentiu sozinho* ***enquanto havia 300.000 pessoas ao seu redor****?*

– ***Desde que essas explicações chegaram à minha vida****, nunca mais fui o mesmo estudante.*

– ***Depois que ela adormecer****, iremos fugir deste lugar.*

Obs.: Segundo o mestre Francisco de Assis Moura Sobreira, a oração subordinada adverbial temporal iniciada pela conjunção *quando* pode indicar frequência, simultaneidade, posterioridade etc.:

– ***Quando ele nos visitava****, trazia alegria à nossa casa.* (frequência; = *sempre que*)

– *Chegamos ao aniversário* ***quando partiam o bolo***. (simultaneidade; = *no momento que*)

– *André só se formou* ***quando completou trinta anos***. (posterioridade; = *depois que*)

Às vezes, o verbo da oração adverbial pode vir implícito após *quando*: *Quando em sala de aula*, os alunos conseguem se concentrar. (= Quando *estão* em sala de aula...). Veja mais sobre tal conjunção no capítulo de *conjunções subordinativas*.

Orações Subordinadas Adverbiais Modais

Apesar de a NGB não contemplar este tipo de oração, preciso falar dela, pois ela existe. Ainda bem que Bechara não faz vista grossa e coloca na gramática dele tal oração. Ela é iniciada pela locução conjuntiva *sem que*.

– *Os alunos saíram da sala de aula* ***sem que a professora percebesse***.

Obs.: "Pestana, e a chance de cair essa oração modal na prova?" Nunca vi uma questão trabalhando isso, mas... nunca se sabe o dia de amanhã...

Orações Subordinadas Adverbiais Justapostas

Além das tradicionais orações já vistas, todas iniciadas por conjunções subordinativas, é bom que você saiba o seguinte: 1) existem muitas orações que simplesmente não são iniciadas por conjunção alguma e 2) existem muitas orações iniciadas por pronomes interrogativos e advérbios interrogativos. Acerca das orações a partir do número 4, a NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) nada diz, mas elas existem! Veja:

1) Oração Subordinada Adverbial Temporal Justaposta

– ***Há aproximadamente dez anos*** *que não viajo para a Europa.*

– ***Faz cinco meses*** *que minhas filhas estão morando na Inglaterra.*

Obs.: O *que* dessas frases é expletivo, ou seja, pode ser retirado sem prejuízo sintático ou semântico à frase. No entanto, alguns gramáticos o consideram como uma conjunção subordinativa temporal, como Bechara. Sacconi e outros a veem como conjunção integrante. Nunca vi questão alguma sobre isso.

2) Oração Subordinada Adverbial Condicional Justaposta

– ***Não fosse a perseverança****, jamais teria conseguido.*

– ***Tivesse eu muito dinheiro****, ajudaria mais as pessoas.*

3) Oração Subordinada Adverbial Concessiva Justaposta

– *Haverá futebol no feriado,* ***custe o que custar****.*

Obs.: Sacconi, Bechara e outros gramáticos entendem que as orações cristalizadas na língua a seguir são contadas como uma só oração concessiva: *aconteça o que acontecer, custe o que custar, haja o que houver, dê no que der, dê onde der, venha o que vier, venha donde vier, seja o que for, seja como for* etc.

4) Oração Subordinada Adverbial Locativa Justaposta

– *O carro ficou estacionado* ***onde o deixamos****.*

– *Moro* ***onde não mora ninguém****.*

5) Oração Subordinada Adverbial de Companhia Justaposta

– *Aqui você aprende* ***com quem sabe ensinar****.*

– *Toda mulher interesseira só sai* ***com quem tem dinheiro****.*

6) Oração Subordinada Adverbial de Favor Justaposta

– *Assim como morreria pela pátria, morrerei* ***por quem sempre me deu todo o apoio****: meu pai.*

– *Apesar de nunca ter amado, tudo farei* ***por quem eu amar****.*

7) Oração Subordinada Adverbial de Assunto Justaposta

– *Conversamos durante a madrugada* ***sobre quem irá substituir-me na empresa****.*

– *Só falam* ***sobre quantas mulheres irão ao evento****.*

O Que Cai Mais na Prova?

Depois de martelar tanto na sua cabeça "Decore as conjunções, decore as conjunções, decore as conjunções...", creio que você já tenha feito isso, certo? (Espero que sim.)

Pois bem... as provas de concursos públicos, de modo geral, privilegiam as orações subordinadas, por isso devemos estar atentos a todas. Sobre orações justapostas, é *megarraro* cair. Faça as questões consultando a teoria. *Xô, preguiça!*

Questões de Concursos

1. (Empasial – TJ/SP – Oficial de Justiça – 1999) Indique a oração coordenada sindética explicativa:
   a) O paciente salvou-se porque não bebia.
   b) Não fui à escola porque fiquei doente.
   c) Não beba, porque você se salvará.
   d) Não posso receber mais inscrições porque não há mais vagas.
   e) Fomos bem recebidos porque trazíamos boas notícias.

2. (Empasial – TJ/SP – Escrevente Judiciário – 1999) Analise sintaticamente a oração em destaque:
"Bem-aventurados os que ficam, porque eles serão recompensados." (Machado de Assis)
   a) oração subordinada substantiva completiva nominal.
   b) oração subordinada adverbial causal.
   c) oração subordinada adverbial temporal desenvolvida.
   d) oração coordenada sindética conclusiva.
   e) oração coordenada sindética explicativa.

3. (FAB – EAGS – Sargento – 2003) Observe o termo em destaque no trecho a seguir e assinale a alternativa que traz a correta consideração a seu respeito quanto à justificativa de sua grafia.
"Por isso os antigos sabiamente pintaram o amor menino; porque não há amor tão robusto que chegue a ser velho." (Pe. Antônio Vieira)
   a) Trata-se de uma interrogativa indireta.
   b) Porque é uma conjunção explicativa, e somente neste caso justifica-se tal grafia.
   c) Busca-se explicitar o motivo do que se afirma na primeira oração.
   d) A palavra porque introduz um enunciado afirmativo, e, neste caso, faz-se uso de conjunção, seja explicativa, seja causal.

4. (FAB – AFA – Oficial – 2005) Leia o fragmento abaixo transcrito.
   "– Por que Laís não chegou ainda?
   – Ela não chegou porque o carro que a conduzia quebrou.
   – Gostaria que ela chegasse logo porque preciso dela aqui!"
Os termos destacados devem ser classificados, respectivamente, como:
   a) Advérbio; conjunção coordenativa explicativa; conjunção subordinativa causal.
   b) Advérbio; conjunção subordinativa causal; conjunção coordenativa explicativa.
   c) Preposição acidental; conjunção subordinativa causal; conjunção coordenativa conclusiva.
   d) Preposição acidental; conjunção subordinativa causal; conjunção coordenativa explicativa.

5. (Esaf – IRB Brasil Seguros – Analista – 2006) Assinale a opção que apresenta truncamento sintático.
   a) Duas pesquisas, divulgadas nos últimos dias, mostram que as políticas sociais e de combate à fome implementadas pelo governo federal começam a apresentar resultados concretos na melhoria das condições de vida do povo brasileiro.
   b) Um estudo da Fundação Getúlio Vargas, intitulado "Miséria em Queda", baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE, confirmando que a miséria no Brasil caiu em 2004, e atingiu o nível mais baixo desde 1992.
   c) O número de pessoas que estão abaixo da linha da pobreza passou de 27,26% da população, em 2003, para 25,08% em 2004. Em 1992, esse percentual era de 35,87%.
   d) É considerado abaixo da linha da pobreza quem pertence a uma família com renda inferior a R$ 115 mensais, valor considerado o mínimo para garantir a alimentação de uma família. O estudo da FGV mostrou que o índice de miséria no Brasil caiu 8% de 2003 para 2004, deixando o país com a menor proporção de miseráveis desde 1992.
   e) A redução da taxa foi fortemente influenciada pela queda na distância entre os ricos e pobres no Brasil, registrada em três anos consecutivos. Somente em 2004, a desigualdade caiu duas vezes mais do que no ano anterior.

6. (EJEF – TJ/MG – Analista Judiciário – 2007) Assinale a alternativa em que o pronome assinalado **NÃO** preenche, na frase em que se encontra, a mesma função sintática exercida pelos que estão destacados nas demais frases.
   a) "E o universo em que vivemos hoje [...] é [...] diferente do de uma pessoa de 1650."
   b) "Ela é verdadeira [...] para sacerdotes egípcios que viveram há quatro mil anos."
   c) "No topo, ficam as verdades absolutas, que transcendem o elemento humano."
   d) "São as verdades matemáticas, as que podem ser afirmadas categoricamente."

7. (FGV – Senado Federal – Técnico Legislativo – Administração – 2008) "Mas o fato é que transparência deixou de ser um processo de observação cristalina para assumir um discurso de políticas de averiguação de custos engessadas que pouco

ou quase nada retratam as necessidades de populações distintas.”.

A oração grifada no trecho acima classifica-se como:

a) subordinada substantiva predicativa;
b) subordinada adjetiva restritiva;
c) subordinada substantiva subjetiva;
d) subordinada substantiva objetiva direta;
e) subordinada adjetiva explicativa.

“Se recebo um presente dado com carinho por pessoa de quem não gosto – como se chama o que sinto? Uma pessoa de quem não se gosta mais e que não gosta mais da gente – como se chama essa mágoa e esse rancor? (...)”

8. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) Nos segmentos “– como se chama o que sinto?” e “e que não gosta mais da gente”, os pronomes relativos exercem a mesma função sintática.

( ) CERTO
( ) ERRADO

9. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2009) *A sociedade não tem lado de fora. O que está fora da sociedade seria desumano, pois ela nada mais é que a relação entre os humanos.*

A respeito do uso do vocábulo *pois* no fragmento acima, pode-se afirmar que se trata de:

a) uma conjunção subordinativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de explicação;
b) uma preposição que estabelece conexão entre períodos coordenativos introduzindo valor de consequência;
c) uma conjunção coordenativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de alternância;
d) um pronome relativo que introduz a oração relativa explicativa, retomando a expressão sociedade;
e) uma conjunção coordenativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de explicação.

10. (Cesgranrio – DETRAN/AC – Advogado – 2009) *O barulho no local era tão alto que o homem, coitado, saiu rápido.*

Indique o único período que mantém exatamente o mesmo sentido da oração apresentada acima, embora com outra estrutura.

a) Quando o barulho ficou muito alto, o homem coitado saiu rápido.
b) O homem, que era muito rápido, saiu por causa do barulho tão alto no local.
c) O homem saiu rápido porque no local o barulho era muito alto. Coitado.
d) Depois de ouvir um barulho muito alto, o homem rápido saiu.
e) No local, o barulho, coitado, era tão alto que o homem saiu rápido.

“(...) No máximo interessará às pessoas jurídicas que buscam crédito de curtíssimo prazo ou financiamentos para exportação. (...)”

11. (Esaf – SEFAZ/SP – Analista de Finanças e Controle – 2009) Ainda em relação ao texto, assinale a opção correta.

a) O segmento “que buscam crédito de curtíssimo prazo ou financiamentos para exportação” constitui oração subordinada adjetiva restritiva.

12. (FUNCAB – Pref. Porto Velho/RO – Médico – 2009) No trecho abaixo, as orações introduzidas pelos termos grifados são classificadas, em relação às imediatamente anteriores, como:

“Não há dúvida <u>de que</u> precisaremos curtir mais o dia a dia, <u>mas</u> nunca à custa de nossos filhos...”

a) subordinada substantiva objetiva indireta e coordenada sindética adversativa;
b) subordinada adjetiva restritiva e coordenada sindética explicativa;
c) subordinada adverbial conformativa e subordinada adverbial concessiva;
d) subordinada substantiva completiva nominal e coordenada sindética adversativa;
e) subordinada adjetiva restritiva e subordinada adverbial concessiva.

13. (TJ/SC – TJ/SC – Analista Jurídico – 2009) Há exemplo de oração subordinada adjetiva restritiva em:

a) Esse fóssil se compõe de exemplares de *Paleodictyon nodosum*, que, por viverem em condições extremas no fundo dos oceanos, acabaram protegidos dos ciclos predatórios.
b) O magistrado afirma que os tribunais devem fixar prazo ao Poder competente para a adoção das providências necessárias.
c) Estuda-se o incentivo fiscal às empresas que, possuindo mais de 20 funcionários, tenham no mínimo 20% de negros em seu quadro profissional.
d) Quando um ciclone nasce e se desenvolve no Oceano Atlântico, ele é chamado furacão.
e) A comunicação com o usuário se processa através dos famigerados *call centers*, cujos serviços são terceirizados.

14. (Cespe/UnB – ADAGRI/CE – Agente Estadual Agropecuário – 2009) O segmento “que agravam o efeito estufa” (...

emissões de gases que agravam o efeito estufa...) constitui oração subordinada adjetiva restritiva.
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (CONSULPLAN – Pref. St. Maria Madalena/RJ – Enfermeiro – 2010) (Adaptada) A análise dos elementos destacados está **INCORRETA** em:
I. "... *de que seus atos repercutem*,..." (... *precisa ter consciência de que seus atos repercutem*...) – oração subordinada substantiva completiva nominal.
II. "... *que nossa economia floresce*,..." (*Dizem que nossa economia floresce*...) – oração subordinada substantiva objetiva direta.

"(...) mas antes de qualquer ação existiu a imaginação, um sonho que, aliado ao conhecimento e habilidades, pode transformar-se em algo concreto. (...) Oportunidades aos empreendedores, aos inovadores, às pessoas e empresas que tiverem atitude e criatividade (...) novos usos de produtos e boas oportunidades para os mercados que passaram a existir (...) seja o primeiro a descobrir uma chance que ninguém está conseguindo ver. (...) faço das palavras de Einstein minha resposta: alguém que duvidou e provou o contrário.

16. (Cesgranrio – BNDES – Técnico Administrativo – 2010) O pronome relativo que difere dos demais, nos trechos listados abaixo, quanto à função sintática, é:
a) "...que aliado ao conhecimento e habilidades pode transformar-se..."
b) "...que tiverem atitude e criatividade,"
c) "...que passaram a existir."
d) "...que ninguém está conseguindo ver."
e) "...que duvidou e provou o contrário."

17. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) A oração "que se tornariam centrais na produção intelectual e artística do século XX" (Euclides realizara um mapeamento de temas que se tornariam centrais na produção intelectual e artística do século XX) tem, no período em que se insere, sentido explicativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2010) *Observe:*
I. *Eu não sei*
***Se** vem de Deus*
Do céu ficar azul
II. ***Se** desmorono ou **se** edifico*
***Se** permaneço ou me desfaço,*
– Não sei, não sei.
III. *Mundo mundo vasto mundo,*
***Se** eu me chamasse Raimundo*
Seria uma rima, não seria uma solução
IV. *Meu Deus, por que me abandonaste*
***Se** sabias que eu não era Deus*
***Se** sabias que eu era fraco.*
Assinale a alternativa em que todas as afirmações estão corretas.
a) Em IV, há duas orações subordinadas adverbiais condicionais.
Em III, há uma oração subordinada adverbial condicional.
b) Em I, há uma oração subordinada substantiva objetiva direta.
Em IV, há duas orações subordinadas adverbiais causais.
c) Em II, há uma oração subordinada substantiva objetiva
direta. Em III, há uma oração subordinada adverbial causal.
d) Em III, há uma oração subordinada substantiva objetiva
direta. Em I, há uma oração subordinada adverbial causal.

"**Se falharmos aí**, trairemos o compromisso com a saúde e com a vida do planeta."

19. (Cesgranrio – Eletrobras Eletronuclear – Analista (Meteorologia) – 2010) A primeira oração do período, destacada acima, liga-se à segunda oração, estabelecendo uma relação de sentido.
A relação de sentido entre as orações é de:

a) comparação;
b) proporção;
c) conformidade;
d) condição;
e) finalidade.

20. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2010) A alternativa que reescreve corretamente o período "É preciso ensaiar para não fazer em campo apenas as jogadas ensaiadas." iniciando-o com a ideia de finalidade, é:
a) Para que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
b) Embora não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
c) Ainda que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
d) Por mais que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
e) Contanto que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.

21. (Vunesp – TJ/SP – Agente de Fiscalização Judiciária – 2010) Considere este trecho "*os brasileiros são obrigados a ser mais flexíveis com os horários porque a infraestrutura não ajuda"*.
A oração que tem a mesma natureza sintática da oração subordinada "*porque a infraestrutura não ajuda*" é:
a) uma vez que a infraestrutura não ajuda;.
b) embora a infraestrutura não ajude;
c) a infraestrutura, pois, não ajuda;
d) muitas vezes a infraestrutura não ajuda;
e) como a infraestrutura não ajuda.

22. (ACEP – Pref. Quixadá/CE – Psicólogo – 2010) No período "O essencial é o seguinte: //nunca antes neste país houve um governo tão imbuído da ideia // <u>de que veio</u> // para recomeçar a história.", a oração sublinhada é classificada como:
a) coordenada assindética;
b) subordinada substantiva completiva nominal;
c) subordinada substantiva objetiva indireta;
d) subordinada substantiva apositiva.

23. (FUNCAB – SESAP/RN – Médico – 2010) A oração grifada em: "...e até mesmo em locais ao ar livre, caso se comprove <u>que a fumaça não se dispersa com facilidade</u>.", classifica-se como subordinada:
a) substantiva subjetiva;
b) substantiva objetiva direta;
c) substantiva completiva nominal;
d) adjetiva restritiva;
e) adjetiva explicativa.

24. (MPE/SC – MPE/SC – Promotor de Justiça – 2010) (Adaptada) Julgue a afirmativa abaixo:
Imponho-lhe somente um objetivo: que administre bem o patrimônio público. O sinal de dois pontos foi usado para separar uma oração subordinada substantiva apositiva, tal como pode ocorrer com o aposto.

25. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) *Vê-se, pois, que o plano ético permeia todas as ações humanas*.
Com relação à frase transcrita e a análise sintática tradicional, considere a afirmativa a seguir.
I. O vocábulo *que* é uma conjunção integrante e presta-se a articular a oração subjetiva ao núcleo verbal que a subordina.

26. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Na construção "mais à pintura e à musica do que à filosofia e à religião", o vocábulo "que" introduz oração restritiva com verbo elíptico.
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Cespe/UnB – TJ/ES – Cargos de Nível Superior – 2011) No desenvolvimento da argumentação do texto, a oração "A semana terminou <u>sem que estivesse claro o futuro político do maior aliado dos Estados Unidos da América</u> (EUA)" expressa circunstância de causa em relação à oração que a antecede.
( ) CERTO
( ) ERRADO

28. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) A oração cuja classificação está **INCORRETA** é:
a) "<u>Se eu morrer</u>, morre comigo um certo modo de ver."– oração subordinada adverbial condicional.

b) “Parece fácil, mas não é.” – oração coordenada sindética adversativa.
c) “O campo visual da nossa rotina é como um vazio.” – oração principal.
d) “Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta.” – oração absoluta.
e) “O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem...” – oração coordenada assindética.

É importante desmistificar a ideia de que política é uma sujeira só e sem utilidade.

29. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) Em relação ao período acima, analise a afirmativa a seguir:
– Há uma oração completiva nominal.

“(...) Um projeto de lei, em debate no parlamento espanhol, propõe que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai vir em primeiro lugar – deixando a cargo dos pais escolher a ordem dos sobrenomes. (...)”

30. (COPEVE/UFAL – UFAL – Bibliotecário Documentalista – 2011) Dadas as proposições seguintes,
I. Há, no texto, uma oração subordinada substantiva objetiva direta.

“É sabido que a bactéria em questão – *Escherichia coli* – somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes – animais ou humanas.”

31. (Cespe/UnB – CBM/DF – Bombeiro – 2011) O trecho “que a bactéria em questão – *Escherichia coli* – somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes – animais ou humanas” exerce a função de sujeito da locução “É sabido”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – CBM/DF – Bombeiro – 2011) A oração “que pôs a Europa em estado de emergência médica” (A bactéria que pôs a Europa em estado de emergência médica...) tem caráter explicativo e, por isso, poderia ser empregada entre vírgulas, mantendo-se a correção gramatical e o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

“Não implica, tampouco, autoconsciência crítica ou consciência histórica, nem a necessidade de identificar se existe uma tendência”

33. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) No fragmento anterior, as orações de identificar e se existe uma tendência são, respectivamente:
a) oração subordinada substantiva objetiva direta e oração subordinada substantiva objetiva direta;
b) oração subordinada substantiva completiva nominal e oração subordinada substantiva objetiva direta;
c) oração subordinada substantiva objetiva indireta e oração subordinada adverbial condicional;
d) oração subordinada substantiva completiva nominal e oração subordinada adverbial condicional;
e) oração subordinada substantiva objetiva indireta e oração subordinada substantiva objetiva direta.

34. (Fadems – TJ/MS – Analista Judiciário – 2012) A alternativa que traz a análise correta da oração “por que ‘velho’ é politicamente incorreto”, em “Não entendo por que ‘velho’ é politicamente incorreto”, é:
a) subordinada substantiva objetiva direta;
b) subordinada adverbial causal;
c) subordinada adjetiva explicativa;
d) subordinada substantiva predicativa;
e) coordenada sindética explicativa.

35. (FAB – AFA – Oficial – 2012) As palavras abaixo destacadas foram utilizadas para introduzir orações subordinadas substantivas. Porém, em somente uma opção, essa relação sintática foi estabelecida por uma conjunção integrante própria. Assinale-a.
a) “Impressiona-me como se formam conceitos, são opiniões, baseados em estatísticas...”
b) “Parece haver uma disputa para saber quem dá mais informações e estatísticas...”
c) Estou sem paciência para assistir a tantas partidas tumultuadas no Brasil.”
d) “Na partida entre Escócia e Brasil, um repórter da TV Globo deu a “grande notícia”, que Neymar foi o primeiro jogador brasileiro...”

Fragmento de texto
(...) A primeira convicção política incutida em meu espírito foi que o município não tinha recursos, e que por esse

motivo andava descalçado, ou devia o calçado; (...)

36. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) A "primeira convicção política" do narrador é constituída, de fato, por duas convicções, que completam o sentido da forma verbal "foi": "que o município não tinha recursos" e "que por esse motivo andava descalçado, ou devia o calçado".
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) No trecho "É verdade que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas", o emprego da forma verbal singular "É" justifica-se pelo fato de essa forma verbal não ter sujeito explícito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

38. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Na linha 12 (Ficava no canto da maloca, trepado no jirau de paxiúba, espiando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que tinha), a oração "que tinha", sintática e semanticamente dispensável para o texto, caracteriza-se por ter um pronome relativo como sujeito sintático.
( ) CERTO
( ) ERRADO

39. (FUNCAB – MPE/RO – Analista (ADM) – 2012) Em "(...) Garanto: naquela região se operam, de fato, milagres QUE SALVAM VIDAS DIARIAMENTE. (...)", a oração em destaque classifica-se como:
a) subordinada substantiva subjetiva;
b) subordinada substantiva predicativa;
c) coordenada sindética explicativa;
d) subordinada adjetiva restritiva;
e) subordinada adjetiva explicativa.

40. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Agente de Adm. Previdenciária – 2012) "...as mudanças feitas por ele no planeta têm sido tão rápidas **que agora elas ameaçam não só a humanidade mas também muitas espécies**..."; a oração negritada mostra a ideia de:
a) consequência;
b) comparação;
c) concessão;
d) modo;
e) causa.

41. (FUNDEP – GASMIG – Técnico em Administração – 2012) "[...] aceleram novas descobertas <u>que</u>, por sua vez, servem de ferramenta [...]".

Considerando o pronome sublinhado nessa frase, é ***correto*** afirmar que ele exerce a função sintática de:
a) sujeito indeterminado;
b) sujeito inexistente;
c) sujeito oculto;
d) sujeito simples;

Gabarito

1. C.	10. C.	18. B.	26. ERRADO.	34. A.
2. E.	11. A.	19. D.	27. ERRADO.	35. D.
3. D.	12. D.	20. A.	28. C.	36. ERRADO.
4. B.	13. C.	21. A.	29. CORRETA.	37. ERRADO.
5. B.	14. CERTO.	22. B.	30. CORRETA.	38. ERRADO.
6. A.	15. NENHUMA.	23. A.	31. CERTO.	39. D.
7. A.	16. D.	24. CORRETA.	32. ERRADO.	40. A.
8. ERRADO.	17. ERRADO.	25. CORRETA.	33. B.	41. D.
9. E.				

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 24

Orações Reduzidas

Definição

As **orações reduzidas** têm as seguintes características:

- apresentam o verbo numa das formas nominais (gerúndio, particípio e infinitivo);
- nunca são iniciadas por conjunções (no caso das substantivas e adverbiais) nem por pronomes relativos (no caso das adjetivas);
- normalmente podem ser reescritas (desenvolvidas) com esses conectivos;
- podem ser iniciadas por preposição ou locução prepositiva.

Veja exemplos:

– *Saí da religião,* ***sem ser incomodado***. (reduzida)
– *Saí da religião,* ***sem que me incomodassem***. (desenvolvida)

– ***Agindo Deus****, quem pode impedi-lo?* (reduzida)
– ***Se Deus age****, quem pode impedi-lo?* (desenvolvida)

– ***Terminada a prova****, fomos ao restaurante.* (reduzida)
– ***Quando terminou a prova****, fomos ao restaurante.* (desenvolvida)

Obs.: É bom dizer que algumas orações reduzidas adverbiais, quando desenvolvidas, podem apresentar mais de uma análise semântica. Por exemplo: "***Resolvido o problema****, todos confraternizaram.*" (causa? / tempo?)

Vejamos agora todos os tipos de orações reduzidas. Acompanhe!

Orações Reduzidas de Infinitivo

Podem ser substantivas, adjetivas ou adverbiais. Lembre-se de que, se o infinitivo for pessoal, irá flexionar normalmente.

Substantivas

– *É preciso* ***trabalhar muito***. (subjetiva)
– *Não convém* ***resolver a questão agora***. (subjetiva)

– *Deixe* ***o aluno pensar***. (objetiva direta)
– *"Achei uma injustiça* ***não me premiarem também****."* (objetiva direta)

– *Os adversários o acusaram* ***de fazer coisas erradas***. (objetiva indireta)
– *Por que não aconselha seu filho* ***a largar aquele trabalho****?* (objetiva indireta)

– *A melhor política é* ***ser honesto***. (predicativa)
– *O mais honesto seria* ***tu lhe pedires perdão***. (predicativa)

– *Uma parte do povo é capaz* ***de mobilizar toda a nação***. (completiva nominal)
– *Este é um livro difícil* ***de ler***. (completiva nominal)

– *Temos uma missão:* ***criar os filhos***. (apositiva)
– *Só te falta uma coisa para o sucesso:* ***seres mais longânime***. (apositiva)

Cuidado!!!

1) Em *"Cabe frisar que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural."*, o sujeito do verbo *caber* é oracional, a saber: *frisar que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural*. Note que, dentro desse sujeito oracional, há outras orações (*que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade / é / dar valor àquilo / que consideramos como nossa própria descendência cultural*). Esse sujeito enorme é chamado também de **sujeito complexo**. Troque-o por "**isso**", ficará: "**isso** cabe". O gramático Gladstone Chaves de Melo corrobora tal análise. A FCC e a Esaf gostam de trabalhar esses sujeitos gigantes na parte de concordância verbal! Fique atento!

2) Não confunda **subordinadas substantivas completivas nominais** com **subordinadas adverbiais finais**. Em *"Estou pronto para entrar em qualquer instituição federal."*, *"Este cheque foi bom para resolver minha vida."* e *"Esta doutrina gramatical é essencial para compreendermos outras dificuldades linguísticas."*, a preposição *para* é

exigida pelos adjetivos *pronto, bom e essencial*, portanto ela inicia **orações subordinadas substantivas completivas nominais**.

3) O infinitivo **não** constitui oração basicamente em dois casos: **em locução verbal** e quando **substantivado**.

– *Mesmo que tenha sido ele o culpado, deve **haver** algum engano aqui.*

– *O **comer** e o **beber** fazem parte da vida.*

Bechara e Sacconi alistam outros casos de ***não orações***, como:

a) ***Querer*** é ***poder***!

Tais infinitivos em sentido vago são considerados meros substantivos, logo só há uma (1) oração neste período, marcada pelo verbo *ser* (é). Só serão considerados orações se vierem acompanhados de complementos ou adjuntos adverbiais: *"Querer a vitória é poder!"*. Agora há duas orações (*Querer a vitória / é*).

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UNB – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2007) Com referência à sintaxe das orações e dos períodos do texto, assinale a opção correta.

c) O período "Votar aos 16 anos é despertar uma consciência cidadã" (L.7-8) é composto por duas orações. (Na verdade, há três orações: Votar aos 16 anos / é / despertar uma consciência cidadã).

b) Vamos à sala de ***jantar***?

A palavra *jantar* é considerada núcleo do adjunto adnominal, como um mero substantivo, logo não constitui uma oração. Esse período, portanto, tem uma oração, marcada pelo verbo *ir* (Vamos). "Quando a preposição *de* e o **infinitivo** equivalem a um adjetivo, temos predicativo, e não oração reduzida: *É **de admirar** (admirável) que isso ainda aconteça*."

Falo mais sobre isso no capítulo 28, de *Concordância*, em *Casos Especiais*.

Adjetivas

– *João não é homem **de meter os pés pelas mãos**.*

– *Consoante a Bíblia, a morte é o último inimigo **a ser destruído**.*

Adverbiais

– ***Apesar de estar machucado**, continua jogando bola.* (concessiva)

– ***Não obstante ser ainda um estagiário**, tinha postura de líder.* (concessiva)

– ***Sem estudar**, não passarão.* (condicional)

– ***A julgar pelas aparências**, os dois países formam uma aliança exemplar.* (condicional)

– *Ela passou mal, **de tanto comer balas**.* (causal)

– ***Por terem sido vítimas**, serão ressarcidas.* (causal)

– *Aquela cena o chocou* ***a ponto de lhe tirar o sono***. (consecutiva)
– *Nossos parentes são muitos leais* ***para serem nossos acusadores***. (consecutiva)

– *Ela estuda* ***para fazer um concurso***. (final)
– ***A fim de encontrar a verdade sobre Deus****, farei tudo!* (final)

– *Pense muito bem* ***antes de tomar uma ação***. (temporal)
– ***Ao se despedirem dos seus amigos****, guarde-os no coração.* (temporal)

Cuidado!!!

1) É praxe que as adverbiais reduzidas iniciadas pelas preposições *ao, a, para, por, sem* sejam, respectivamente, de tempo, condição, finalidade, causa e concessão/condição:

– ***Ao entrar****, faça silêncio.*
– ***A persistirem os sintomas****, o médico deverá ser consultado.*
– ***Para viajar****, é preciso dinheiro.*
– ***Por ser exato****, o amor não cabe em si.*
– ***Sem estudar****, passou.*
– ***Sem estudar****, não passa.*

* É raro as reduzidas finais virem sem preposição, mas é possível: "*Fomos ao cartório* ***assinar um documento***."

2) Há certas orações adverbiais não contempladas pela NGB:

– ***Em vez de você ficar pensando nele****, pense em mim*. (exclusão)
– ***Além de os lutadores serem agressivos****, eram ágeis.* (Cegalla pensa ser coordenada aditiva = *Os lutadores eram agressivos e eram ágeis.*)
– *Retirei-me discretamente* ***sem ser notado***. (modal)

Orações Reduzidas de Gerúndio

Podem ser coordenadas aditivas, substantivas apositivas, adjetivas ou adverbiais.

Coordenada Aditiva

– *Pagou a conta,* ***ficando livre dos juros****. (Pagou a conta* ***e ficou livre dos juros****.)*

– *O poeta residiu em Ilhéus na década de 20,* ***dedicando-se tão somente à literatura neste período****. (O poeta residiu em Ilhéus na década de 20* ***e se dedicou tão somente à literatura neste período****.)*

Obs.: No primeiro período, certos estudiosos (Bechara, p. ex.) cogitam a ideia de consequência, ou seja: "*Pagou a conta,* ***de modo que ficou livre dos juros***". No segundo período, outros entendem que a oração pode indicar finalidade: "*O poeta residiu em Ilhéus na década de 20,* ***para que se dedicasse tão somente à literatura neste período***.".

Substantiva Apositiva

– *Esta é a melhor maneira de conhecer as pessoas:* ***convivendo com elas****.*

– *O melhor caminho para chegar ao coração dela é este:* ***cantando liras****.*

Adjetiva

– *Criança* ***pedindo esmola*** *dói o coração.*

– *Na UPP, encontrei doze soldados* ***portando fuzis****.*

Adverbial

– ***Mesmo não tendo condições****, comprou um terno*. (concessiva)

– ***Sendo ele um rapaz tão arredio****, nunca lhes faltou com o respeito.* (concessiva)

– ***Agindo desse modo****, ninguém ficará com você.* (condicional)

– *"Chegarás facilmente lá,* ***querendo****."* (condicional; Said Ali)

– ***Temendo a reação do pai****, não contou a verdade*. (causal)

– *Agora vejo que errei,* ***mantendo-me calado****.* (causal; Cegalla)

– ***Saindo do estádio****, encontrei meus amigos. (temporal)*

– ***Em fazendo os trabalhos escolares****, deixarei que brinque na rua. (temporal/condicional)*

Obs.: Oração subordinada adverbial modal reduzida de gerúndio (não contemplada pela

NGB): *"O homem entrou na sala* ***dando empurrões.***". Oração subordinada adverbial de assunto reduzida de gerúndio: "***Em se tratando de seleção brasileira****, nós sempre falamos mal*.".

Orações Reduzidas de Particípio

Podem ser adjetivas ou adverbiais.

Adjetivas

– *Uma modelo* ***vinda da Bulgária*** *chamou a atenção de todos no Brasil.*

– *A notícia* ***divulgada pela mídia*** *era falsa.*

– *O nosso planeta,* ***ameaçado constantemente por nós mesmos****, ainda resiste.*

Adverbiais

Note que o particípio concorda em gênero e número com os termos a que se refere.

– ***Agredido pelo outro****, mantive a calma.* (concessiva)

– ***Mesmo derrotados pelo time adversário na primeira partida****, reergueram-se e conquistaram o título.* (concessiva)

– ***Aceitas as condições****, não haveria problemas.* (condicional)

– ***Tomados os Estados Unidos****, a Segunda Guerra teria outro fim.* (condicional)

– ***Preocupado com a prova****, ele se esqueceu da carteira.* (causal)

– ***Dada a notícia da herança****, as brigas começaram.* (causal/temporal)

– ***Terminada a aula****, todos pularam de alegria.* (temporal)

– ***Comprada a casa****, a família se mudou logo.* (temporal)

Cuidado!!!

1) As formas participiais nem sempre constituirão orações reduzidas; pois podem ser verdadeiros adjetivos com função de adjunto adnominal ou predicativo.

– *Os alunos foram* ***apaixonados*** *pela professora. (adjetivo, predicativo)*

– *Os alunos* ***gripados*** *voltaram mais cedo para suas casas. (adjetivo, adjunto adnominal)*

2) Em um período composto, a locução verbal ou o tempo composto não constituem oração reduzida. Para que haja oração reduzida com locução verbal, é necessário que o verbo auxiliar esteja em forma nominal do verbo (gerúndio, infinitivo, particípio)

– ***Tendo recebido o dinheiro****, comprarei o carro.* (oração reduzida de gerúndio)

– *Olhe com cuidado, pois as crianças estão brincando.* (locução verbal com o verbo auxiliar flexionado, fazendo parte de uma coordenada explicativa)

3) Devido ao paralelismo sintático, não se coordenam orações adjetivas reduzidas a orações desenvolvidas: *"Os candidatos* ***aprovados no exame médico e que estejam de posse da***

documentação *poderão apresentar-se à comissão."* (errado). / *"Os candidatos* ***aprovados no exame médico estando de posse da documentação*** *poderão apresentar-se à comissão."* (certo). O paralelismo exige que termos e orações de mesma função sintática se *combinem*, sejam *semelhantes*. Portanto o certo é usar duas orações *reduzidas* (***aprovados no exame médico*** e ***estando de posse da documentação***).

O Que Cai Mais na Prova?

As reduzidas adverbiais são bem frequentes. Cai muito também a reescritura delas (o desenvolvimento usando conectivo). Estude-as!

Questões de Concursos

(...) Mais uma vez, milhares de pessoas ganharam as ruas e forçaram os organizadores do encontro a antecipar o fim da reunião. (...)

1. (Esaf – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2000) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O trecho "a antecipar o fim da reunião" funciona como objeto indireto.

(...) O comportamento das pessoas em grupo, tornando suas ações conhecidas e avaliadas, segundo critérios éticos do mesmo grupo quanto ao caráter, às condutas ou às intenções manifestadas e assim por diante, só repercute no direito se extrapolarem os limites deste. (...)

2. (Esaf – Auditor Fiscal Receita Federal – SRF – 2002) (Aadaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A oração subordinada reduzida de gerúndio "tornando suas ações conhecidas e avaliadas" mantém seu valor adjetivo ao ser substituída pela desenvolvida adjetiva restritiva "que tornam suas ações conhecidas e avaliadas".

3. (FCC – TRT (15R) – Analista Judiciário – 2005) *A persistirem os sintomas, deve-se consultar o médico.*
A expressão sublinhada na frase acima tem o mesmo sentido que:
a) ainda que persistam;
b) tão logo persistam;
c) a menos que persistam;
d) caso venham a persistir;
e) mesmo se vierem a persistir.

4. (FGV – SSP-RJ – Perito Criminal – 2008) "Não vale a pena, nessa conjuntura, fragilizar o governo e sua política externa, como se fosse possível tornar esta matéria elemento decisivo para o jogo eleitoral para daqui a dois anos."
A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:
I. O sujeito do primeiro verbo do trecho é oracional.
II. O termo *elemento decisivo* tem função de predicativo do objeto.
III. O sujeito do verbo no subjuntivo é oracional.
Assinale:
a) Se apenas os itens I e II estiverem corretos.
b) Se apenas os itens I e III estiverem corretos.
c) Se apenas os itens II e III estiverem corretos.
d) Se nenhum item estiver correto.
e) Se todos os itens estiverem corretos.

5. (FGV – Senado Federal – Polícia Legislativa – 2008) "Em julho de 1898, temendo por sua saúde, escreveu um testamento, deixando para Carolina, sua esposa, entre outros bens, 7.000 contos em títulos da dívida pública do empréstimo nacional de 1895."
No período acima, a oração destacada tem valor:
a) condicional;
b) concessivo;
c) causal;
d) consecutivo;
e) conformativo.

(...) O capital, podendo optar por um investimento de porte em automação, em informática e em tecnologia de ponta, cada vez mais barata e acessível, não mais teria seu funcionamento embasado exclusivamente na exploração dos trabalhadores, cada vez mais exigentes quanto ao valor de sua força de trabalho. (...)

6. (Cespe/UnB – TST – Analista Judiciário – 2008) O valor de adjetivo do gerúndio em "podendo optar" fica preservado se essa oração reduzida for substituída pela subordinada adjetiva correspondente: **que pode optar**. Essa substituição manteria a coerência e a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"*Desde cedo, a cidade teve o mérito de dar ao homem a possibilidade de evoluir além da luta pela sobrevivência pura e simples.*"

7. (FCC – TRT/SP (2ª R) – Técnico Judiciário – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Há duas orações subordinadas, equivalentes a substantivos, com seus verbos no infinitivo.

8. (FUNCAB – Pref. Porto Velho/RO – Médico – 2009) Aponte o período em que a oração reduzida abaixo foi corretamente desenvolvida.
"Ninguém precisa ter medo da morte sabendo que seus genes serão imortais".
a) Ninguém precisava ter medo da morte de tal modo que sabia que seus genes são imortais.
b) Embora soubesse que seus genes eram imortais, ninguém precisou ter medo da morte.
c) Ninguém precisa ter medo da morte para saber que seus genes são imortais.
d) Mesmo que soubesse que seus genes são imortais, ninguém precisaria ter medo da morte.
e) Ninguém precisa ter medo da morte se sabe que seus genes serão imortais.

9. (FCC – TRT/MA (16R) – Técnico Judiciário – 2009) *Ao falarem de chuva ...*
A frase acima está corretamente transcrita, sem alteração do sentido original, em:
a) Quando falam de chuva ...
b) À medida que falam de chuva ...
c) Como falam de chuva ...
d) Visto que falam de chuva ...
e) Conquanto falem de chuva ...

10. (FCC – TRT/MA (16R) – Técnico Judiciário – 2009) O vapor liberado pela transpiração das árvores sobe na atmosfera.
O vapor encontra camadas de ar frio.
O vapor se condensa e forma as nuvens.
As frases acima encontram-se articuladas em um único período, com clareza, correção e lógica, em:
a) O vapor, quando vai subindo na atmosfera com o vapor da transpiração das árvores, vão encontrar camadas de ar frio se condensando e formando as nuvens.
b) A fim de ser liberado pela transpiração das árvores, o vapor que se condensa formando as nuvens, quando encontra camadas de ar frio na atmosfera.
c) Ao subir na atmosfera, o vapor liberado pela transpiração das árvores encontra camadas de ar frio e se condensa, formando as nuvens.
d) O vapor que encontra camadas de ar frio se condensa e formam as nuvens, quando é liberado pela transpiração das árvores, subindo na atmosfera.
e) O vapor se condensa formando as nuvens, sendo liberado pela transpiração das árvores que sobem na atmosfera, com as camadas de ar frio.

11. (FCC – TRT/MG (3R) – Técnico Judiciário – 2009) *Elas jogam milhões de toneladas de sedimentos no rio, <u>inviabilizando sua navegabilidade</u>.*
A oração grifada acima denota, considerando-se o contexto:
a) causa;
b) ressalva;
c) consequência;
d) temporalidade;
e) proporcionalidade.

12. (FGV – CODESP – Técnico em Informática – 2010) *Em 1994, foi criado o Conselho Nacional de Desenvolvimento Econômico e do Trabalho (National Economic Development and Labour Council – NEDLAC), cujo principal objetivo consistia em promover a integração entre governo, empresários e trabalhadores, tornando as decisões econômicas mais abrangentes para promover as metas do crescimento econômico e da igualdade social.*
Em relação ao período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. O período é composto por quatro orações.
II. Há duas ocorrências de predicativo do objeto.
III. Há um caso de oração subordinada substantiva objetiva direta.
Assinale:
a) Se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.
b) Se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
c) Se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
d) Se nenhuma afirmativa estiver correta.
e) Se todas as afirmativas estiverem corretas.

13. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2010) Em qual das orações reduzidas abaixo há **ERRO** quanto à circunstância a ela atribuída?
a) Sem pensar, poderá, no futuro, pagar caro por suas decisões. (condição)
b) Não vendo o mundo a seu redor, fez um julgamento que o prejudicou. (causa)
c) Apesar de ser orgulhoso, estava disposto a novas tentativas. (consequência)
d) Ao criticar o amigo, não se lembrou de que o mundo dá voltas. (tempo)
e) Para ser finalmente feliz, era preciso mais uma vez analisar seu passado. (finalidade)

14. (FUNCAB – PRODAM/AM – Analista de TI – 2010) A oração reduzida de gerúndio no período "Batendo de quina pode até matar" exprime, em relação à oração principal, a circunstância de:
a) causa;
b) comparação;
c) condição;
d) consequência;
e) concessão.

15. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
(...) Ao escolher um caminho, pondera-se que, de algum modo ou sob algum prisma, é o melhor em relação a outro (...)
– A oração reduzida *Ao escolher um caminho* informa circunstância de tempo.

16. (Cesgranrio – BACEN – Analista do Banco Central – 2010) "Vemos incontáveis estrelas, emitindo sua radiação eletromagnética, perfeitamente indiferentes às atribulações humanas."
No período acima, encontram-se uma oração:
a) principal e outra subordinada reduzida de infinitivo;
b) principal e outra subordinada adjetiva reduzida de gerúndio;
c) principal e outra subordinada adjetiva reduzida de particípio;
d) coordenada e outra subordinada adjetiva restritiva;
e) coordenada e outra subordinada reduzida de gerúndio.

17. (FAURGS – TJ/RS – Oficial Escrevente – 2010) Considere a estrutura sintática do período seguinte:
Quando jovem, atravessou o mundo no navio Beagle, colhendo espécies diversas da flora, observando o comportamento da fauna local, colecionando fatos e anotações.
A respeito desse período, assinale a alternativa **INCORRETA**.
a) A oração principal é *atravessou o mundo no navio Beagle*.
b) A sequência *Quando jovem* pode ser interpretada como uma oração subordinada adverbial proporcional, em que o verbo era está elíptico.
c) As orações *colhendo espécies diversas da flora / observando o comportamento* da *fauna local / colecionando fatos e anotações* estabelecem com a principal uma relação de subordinação explicitada pelo emprego do gerúndio.
d) As orações *colhendo espécies diversas da flora / observando o comportamento da fauna local / colecionando fatos e anotações* estabelecem entre si uma relação de coordenação em que está ausente a conjunção.
e) As orações *colhendo espécies diversas da flora / observando o comportamento da fauna local / colecionando fatos e anotações* classificam- se como subordinadas adverbiais, nas quais se observa uma relação de simultaneidade de eventos.

(...) Dada a extrema desigualdade no perfil brasileiro de distribuição de renda, os bons e os maus caminhos bifurcam-se logo adiante. (...)

18. (FCC – TJ/PI – Analista Judiciário – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A noção transmitida pelo segmento grifado em *Dada a extrema desigualdade no perfil brasileiro de distribuição de renda* permanecerá a mesma se ele for substituído por *Devido à extrema desigualdade*.

19. (Esaf – Auditor Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
(...) Por meio do aumento dos padrões de conforto e acesso à informação, essa civilização cria condições favoráveis para desafiar radicalmente os velhos laços de autoridade.
– Pode-se substituir o segmento "para desafiar" por "para que se desafiem".

20. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) Considerando-se apenas o trecho "Viver em ambiente sem gravidade faz coisas curiosas com o corpo", não se pode determinar, do ponto de vista sintático, o sujeito da forma verbal "faz".
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Para que a argumentação do texto seja coerente, a oração **"pertencendo a grupos sociais diferentes"** (Diferentes pessoas, pertencendo a grupos sociais diferentes, têm não apenas histórias diferentes para contar, mas formas diferentes de contá-las...) deve ser interpretada como condicional, correspondente à seguinte oração: *caso pertençam a grupos sociais diferentes*.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Preservam-se a coerência e a correção gramatical do texto ao se substituir "a separar" (... é ideal que o fosso material a separar as pessoas seja menos profundo) por **que separa**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

*Na Espanha, as mulheres estão prestes a **conseguir** mais uma vitória no que toca à igualdade de direitos entre os sexos. Um projeto de lei, em debate no parlamento espanhol, propõe que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai **vir** em primeiro lugar – deixando a cargo dos pais escolher a ordem dos sobrenomes. No caso de não **haver** consenso, porém, valerá a ordem alfabética.*

23. (COPEVE/UFAL – UFAL – Bibliotecário Documentalista – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Os verbos **conseguir**, **vir** e **haver** introduzem orações reduzidas de infinitivo.

24. (FESMIP/BA – MPE/BA – Analista de Sistemas – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"*Assim, **cabe frisar** que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural."*
– A expressão "Cabe frisar" forma uma locução verbal, uma vez que o verbo no infinitivo não pode ser desdobrado em uma oração com a presença de um conectivo.

25. (FCC – TRE/AP – Analista Judiciário – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
*A extensão do star-system não se dá sem uma forma de banalização ou mesmo de degradação − da figura pura da estrela, **trazendo** consigo uma imagem de eternidade, chega-se à vedete do momento, à figura fugidia da celebridade do dia; do ícone único e insubstituível, passa-se a uma comunidade internacional de pessoas conhecidas, "celebrizadas", das quais revistas especializadas divulgam as fotos, contam os segredos, perseguem a intimidade.*
– A forma *trazendo* expressa, na frase, sentido de condicionalidade, equivalendo a "se trouxer".

26. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) <u>Quando a bordo</u>, e <u>por não poderem acender fogo</u>, os viajantes tinham de contentar-se, geralmente, com feijão frio, feito de véspera.
Identificam-se nos segmentos grifados na frase acima, respectivamente, noções de:
a) modo e consequência;
b) causa e concessão;
c) temporalidade e causa;
d) modo e temporalidade;
e) consequência e oposição.

27. (FCC – TRE/TO – Analista Judiciário – 2011) *A principal delas é a reconstrução de cinco estações de pesquisa na Antártida, <u>para realizar estudos sobre mudanças climáticas, recursos pesqueiros e navegação por satélite, entre outros</u>.*
O segmento grifado na frase acima tem sentido:
a) adversativo;
b) de consequência;
c) de finalidade;
d) de proporção;
e) concessivo.

28. (Cesgranrio – Petroquímica Suape – Eletricista Pleno – 2011) "Eles vivem roubando tampas de bueiro e fiação dos postes da rua **para revender**."
A oração destacada se liga à primeira com determinada relação de sentido. Essa relação de sentido é caracterizada por uma ideia de:
a) proporção;

b) concessão;
c) finalidade;
d) comparação;
e) tempo.

29. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) Desenvolvendo-se a oração reduzida "Para ser notado, o porteiro teve que morrer", tem-se:
a) para ter sido notado;
b) para que fosse notado;
c) para que tenha notado;
d) para que seja notado;
e) para que se note.

30. (Cesgranrio – CITEPE – Mecânico Têxtil Pleno – 2011) A oração reduzida "Ela, <u>ao tentar puxar a ponta de fio do casulo</u>, fez com que fino fio de seda se desenrolasse" transmite uma ideia de:
a) finalidade;
b) concessão;
c) condição;
d) tempo;
e) consequência.

31. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "O diabo é **que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar**."
Na linha argumentativa do texto, a oração "que a gente banaliza o olhar" em relação à oração "de tanto ver" encerra uma:
a) causa;
b) consequência;
c) conformidade;
d) condição;
e) concessão.

32. (FCC – TRF (2R) – Analista Judiciário – 2012) ... *uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes <u>para garantir as ambições terrenas dos fiéis</u>.*
No contexto da frase acima, é correto dizer que o segmento grifado possui sentido de:
a) consequência;
b) finalidade;
c) concessão;
d) proporção;
e) condição.

33. (Vunesp – CREFITO/SP – Secretário da Presidência – 2012) Em – *Com o mChip, basta uma espetada e uma gota de sangue para o texto sair em minutos,* ***dizendo*** *na hora se a pessoa está saudável ou não*. – a expressão em destaque pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:
a) embora diga;
b) mas dirá;
c) visto que diga;
d) logo dirá;
e) e dirá.

Gabarito

1. CORRETA.	8. E.	15. CORRETA.	22. CERTO.	29. B.
2. INCORRETA.	9. A.	16. B.	23. CORRETA.	30. D.
3. D.	10. B.	17. B.	24. INCORRETA.	31. B.
4. E.	11. C.	18. CORRETA.	25. INCORRETA.	32. B.
5. C.	12. D.	19. CORRETA.	26. C.	33. E.
6. CERTO.	13. C.	20. ERRADO.	27. C.	
7. CORRETA.	14. C.	21. ERRADO.	28. C.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 25

Orações Intercaladas

Definição

Como verdadeiras orações justapostas, as **orações intercaladas** (ou **interferentes**) são aquelas que acrescentam um comentário, em determinado ponto da frase, acerca do que está sendo dito. Tais orações sempre são separadas por vírgulas, travessões, parênteses ou colchetes.

É bom dizer que a oração intercalada, na maior parte dos casos, não exerce função sintática alguma, por não manter relação sintática com oração alguma fora da intercalação.

Os comentários embutidos em tais orações têm determinados valores semânticos, como: **esclarecimento, opinião, desejo, desculpa, permissão, ressalva**. Vejamos a seguir...

Obs.: Não confunda o conceito de *intercalação* com *oração intercalada*. Certas expressões ou orações podem **estar** intercaladas, mas não **serem** orações intercaladas. Exemplo: *O mundo, **que é belo**, nunca irá perecer*. (a oração subordinada adjetiva está intercalada, ou seja, ela está no meio do período, separada por vírgulas). Uma *oração intercalada* (ou *interferente*), de fato, em tese, não exerce função sintática alguma, diferentemente do exemplo que acabamos de ver. Entenda melhor com a leitura do capítulo. No entanto, saiba que este assunto do capítulo tem 0,1% de chance de cair em prova, mas... vai que...

Tipos

1) Oração Intercalada de Citação (Discurso Direto)

Este tipo de oração intercalada é o único que, para a maioria dos gramáticos, exerce função sintática – normalmente **sujeito, objeto direto** ou **aposto**. Substitua essa oração intercalada (marcada por aspas ou travessão) por **isso** para ver a função sintática mais claramente.

Se você nunca ouviu falar em **discurso direto**, este é o momento. Dizemos que o discurso é direto quando a fala da personagem vem entre aspas ou antecedida por travessão.

– *Para os alunos, as aulas não estão boas: "**Precisamos imediatamente de um bom professor**!".*

Note que a oração intercalada só exercerá função sintática se houver um verbo **dicendi** (ou **elocutivo**) antecipando a fala da personagem. Veja exemplos desse tipo especial de oração intercalada, que exerce função sintática:

– *Foi avisado a mim diversas vezes: "**Menino, comece a estudar**!".* (**sujeito**: ***Isso*** *foi avisado a mim diversas vezes.*)

– *Avisou-se diversas vezes a mim: "**Menino, comece a estudar**!".* (**sujeito**: *Avisou-se* ***isso*** *diversas vezes a mim.*)

– *"**Menino, comece a estudar**!", meus parentes me avisaram diversas vezes.* (**objeto direto**: *Meus parentes me avisaram* ***isso*** *diversas vezes.*)

– *Meus parentes me avisaram algo diversas vezes: – **Menino, comece a estudar**!* (**aposto**)

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) *Si o incitavam a falar exclamava:*
– Ai! Que preguiça!...
e não dizia mais nada.

No fragmento, o período iniciado em "Si o incitavam a falar" inclui uma frase em discurso direto como complemento de verbo *dicendi*, seguida de oração coordenada, que se inicia em outra linha do texto.

(X) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: Todo período começa com letra maiúscula e termina em ponto, logo "*Si o incitavam a falar exclamava: – Ai! Que preguiça!... e não dizia mais nada.*" é um período. Dentro desse período, de fato existe uma frase em discurso direto como complemento direto do verbo **dicendi** *exclamar* (que é transitivo direto): *– Ai! Que preguiça!...* (tal oração justaposta tem função de objeto direto). Antes que você pire me perguntando o que é verbo **dicendi**, é simples: trata-se de todo verbo transitivo direto (ou VTDI), normalmente, que "abre" a fala de uma personagem; normalmente vem antes de dois-pontos. Dentro ainda do período, há de fato uma oração coordenada sindética aditiva "*e não dizia mais nada*". Este trecho é considerado um **período misto**, pois apresenta coordenação e subordinação. Falo melhor sobre isso no capítulo seguinte.

Certas orações intercaladas apresentam orações coordenadas e subordinadas dentro de si. Nesse caso, também podemos analisar sintaticamente as orações que constituem a oração intercalada.

2) Oração Intercalada de Esclarecimento

– *"Em 2006 – **isto aconteceu na minha formatura, cujo dia marcou minha vida** – nunca mais me esqueci de quão bom é ter um curso superior."*

Obs.: Como se viu, certas orações intercaladas apresentam orações coordenadas e subordinadas dentro de si. No caso acima, devemos analisar sintaticamente as orações que constituem a oração intercalada. Veja: "... – *isto aconteceu na minha formatura (oração principal), cujo dia marcou minha vida (oração subordinada adjetiva explicativa) – ...*". No entanto, o trecho intercalado entre travessões (oração intercalada) não exerce função sintática alguma em relação à oração que está fora dos travessões.

3) Oração Intercalada de Opinião

– *João (**por que esse nome é comum**?), por gentileza, venha aqui, quero falar com você.*

4) Oração Intercalada de Desejo

– *Encontramos seus pais lúcidos e alegres [**Deus os conserve assim**!], mesmo com mais de 90 anos.*

5) Oração Intercalada de Desculpa

– *"... não sei por que fenômenos de ventriloquismo cerebral (**perdoem-me os filósofos essa frase bárbara**) murmurei comigo..." (Machado de Assis)*

6) Oração Intercalada de Permissão

– *Meu nobre mestre (**permita-me aqui um elogio**), o senhor realmente mudou minha vida com seus ensinamentos.*

7) Oração Intercalada de Ressalva

– *O livro apresentado pela editora, que, **diga-se de passagem**, é a melhor do mercado editorial brasileiro, surpreendeu a todos.*

Adendo: É certo que as orações intercaladas podem apresentar outros propósitos, com outros valores semânticos, mas os principais foram alistados aqui. A chance de este assunto vir a cair em prova é ínfima!

Capítulo 26

Período Misto

Definição

Alguns períodos são considerados **mistos** porque apresentam estruturas oracionais de coordenação **e** subordinação.

Possibilidades de Período Misto

As orações subordinadas (substantivas, adjetivas ou adverbiais – desenvolvidas ou reduzidas) podem vir coordenadas, seja uma ao lado da outra sem conjunção coordenativa ligando-as, seja uma ao lado da outra com conjunção coordenativa ligando-as. Tais orações são chamadas de **equipolentes**.

Atenção! O papel da conjunção coordenativa é apenas marcar que as orações subordinadas **estão coordenadas entre si**, logo uma oração subordinada que venha depois de uma conjunção coordenativa nunca vai deixar de ser uma oração subordinada para se tornar uma oração coordenada.

Dica de amigo: o segredo para classificar as orações é perceber os conectivos (conjunções e pronomes relativos).

1) Orações Subordinadas Substantivas Coordenadas entre si

– *Espero* ***que você não me culpe, que não culpe meus pais*** ***nem*** ***que culpe meus parentes****.*

– *Sabe-se* ***que o homem é inocente*** ***e*** ***que nunca deveria ter sido colocado em situação vexatória****.*

– *É importante* ***que o lazer tenha seu lugar reservado na vida, mas o estudo é primordial****.*

Obs.: A conjunção integrante e/ou parte da oração subordinada substantiva pode(m) vir implícita(s) quando as subordinadas estão coordenadas entre si: *"Consta dos presentes autos* ***que o homem esteve utilizando no estabelecimento um equipamento inadequado para emissão de comprovantes e conseguindo, com isso, certos desvios relativos a eventuais prestações de conta***". Ou seja: *"Consta dos presentes autos* ***que o homem esteve utilizando no estabelecimento um equipamento inadequado para emissão de comprovantes e que o homem esteve conseguindo, com isso, certos desvios relativos a eventuais prestações de conta***".

2) Orações Subordinadas Adjetivas Coordenadas entre si

– *Os primitivos cristãos participavam das comemorações* ***que tinham raízes pagãs*** ***ou*** ***que não tinham****?*

– *Certos escritores brasileiros, como Jorge Amado,* ***que escreveu o romance Gabriela, Cravo e Canela*** ***e*** ***que escreveu o teatro O Amor do Soldado****, eram comunistas.*

– *A mulher* ***que é compreensiva****,* ***mas*** ***que é cautelosa*** *não deixa o marido sozinho.*

Obs.: O pronome relativo e/ou parte da oração subordinada substantiva pode(m) vir implícita(s) quando as subordinadas estão coordenadas entre si: *"Aquilo **que é saudável, é interessante e importa** deve ser enaltecido!"* Ou seja: *"Aquilo **que é saudável, que é interessante e que importa** deve ser enaltecido!"*. Se o relativo não exercer a mesma função sintática, recomenda-se repeti-lo: *"Aquilo **que é saudável e que eu considero importante** deve ser enaltecido!"*.

3) Orações Subordinadas Adverbiais Coordenadas entre si

– ***Não só quando estou presente mas também quando não estou**, sou discriminado.*

– ***Ainda que a reportagem vá ao ar, ainda que todos os jornais denunciem a lavagem de dinheiro ou ainda que o Papa dê seu testemunho sobre o fato**, nada mudará.*

– *Não devo nada a ninguém **porque pago minhas contas em dia e porque sou uma pessoa organizada**.*

Obs.: Numa série de orações subordinadas adverbiais coordenadas entre si, (1) pode a conjunção subordinativa se repetir, (2) se fragmentar ou (3) se omitir: (1) ***Depois que ela saiu e depois que ela entrou***, ninguém mais nada falou. / (2) ***Depois que ela saiu e que ela entrou***, ninguém mais nada falou. / (3) ***Depois que ela saiu e entrou***, ninguém mais nada falou.

4) Orações Coordenadas com Subordinadas no mesmo Período

– *Presume-se que as penitenciárias cumpram seu papel social, no entanto a realidade mostra o contrário.*

1ª oração: *Presume-se* (oração principal)

2ª oração: *que as penitenciárias cumpram seu papel social* (oração subordinada substantiva subjetiva da principal)

3ª oração: *no entanto a realidade mostra o contrário* (oração coordenada sindética adversativa da 1ª)

– *Os que aqui estão precisam entender que a chance não pode ser desperdiçada, por isso todos devem esforçar-se a fim de conseguir a vaga.*

1ª oração: *Os... precisam entender...* (oração principal da 2ª e da 3ª)

2ª oração: *... que aqui estão...* (oração subordinada adjetiva restritiva da 1ª)

3ª oração: *... que a chance não pode ser desperdiçada...* (oração subordinada substantiva objetiva direta da 1ª)

4ª oração: ... *por isso todos devem esforçar-se*... (oração coordenada sindética conclusiva da 1ª e principal da 5ª)

5ª oração: ... *a fim de conseguir a vaga*. (oração subordinada adverbial final reduzida de infinitivo da 4ª)

– *Neste dia – que linda manhã faz! – resolva logo os problemas que mais o aborrecem, que a vida é muito curta.*

1ª oração: *Neste dia... resolva logo os problemas*... (oração principal da 3ª)

2ª oração: ... – *que linda manhã faz!* –... (oração intercalada)

3ª oração: ... *que mais o aborrecem*... (oração subordinada adjetiva restritiva da 1ª)

4ª oração: ... *que a vida é muito curta.* (oração coordenada sindética explicativa da 1ª)

A Elipse na Análise Sintática

Às vezes, suprimem-se determinados elementos linguísticos em um enunciado, como uma oração, para tornar o período mais "leve". A elipse de orações é muito comum.

Peço-lhe cuidado! Não erre a análise de um período por não "ver" uma oração implícita (elipse). Isso é importante em questões de contagem de orações e suas respectivas classificações, tudo bem?

Veja exemplos de orações elípticas, e suas reescrituras:

– *"Para isto é que os quadros cresceram nas proporções que se sabe."* (Ruy Barbosa)

(= *"Para isto é que os quadros cresceram nas proporções que se sabe* ***que cresceram****."* – oração subordinada substantiva subjetiva)

– *"... e nessa hipótese, o mais acertado é deixá-la estar os três dias pedidos, e os mais dias que for necessário."* (Camilo Castelo Branco)

(=*"... e nessa hipótese, o mais acertado é deixá-la lá estar os três dias pedidos, e os mais dias que for necessário* ***deixá-la lá estar****."* – oração subordinada substantiva subjetiva)

– *As crianças são mais inocentes, segundo todos dizem.*

(= *As crianças são mais inocentes, segundo todos dizem* ***que são mais inocentes*** – oração subordinada substantiva objetiva direta)

– *Tão bom se ela estivesse conosco neste momento.*

(= ***Seria*** *tão bom se ela estivesse conosco neste momento.* – oração principal)

– *A rua estava deserta como um cemitério.*

(= *A rua estava deserta como um cemitério* ***é deserto****.* – oração subordinada adverbial comparativa)

– *O cão morrerá, se não de fome, de sede.*

(= *O cão morrerá, se não* ***morrer*** *de fome, de sede.* – oração subordinada adverbial de condição)

– *Assim que todos voltarem a estudar e a trabalhar para o bem da sociedade, o mundo será melhor.*

(= *Assim que todos voltarem a estudar e* ***assim que todos voltarem*** *a trabalhar para o bem da sociedade, o mundo será melhor.* – oração subordinada adverbial temporal)

– *O vento havia parado, mas a chuva não. Então as crianças brincaram de bola, de pique e de barcos na rua.*

(= *O vento havia parado, mas a chuva não* ***havia parado****. Então as crianças brincaram de bola, de pique e de barcos na rua.* – oração coordenada sindética adversativa)

– *À tarde houve uma festa muito grande em comemoração aos seus cinquenta anos de casamento, e à noite seresta, para comemorar.*

(= *À tarde houve uma festa muito grande em comemoração aos seus cinquenta anos de casamento, e à noite* ***houve*** *seresta, para comemorar.* – oração coordenada sindética aditiva)

– *Este assunto é simples, o outro também.*

(= *Este assunto é simples, o outro também* ***é*** *simples.* – oração coordenada assindética)

– *Eu nunca sei como, quando e onde ele vai atacar.*

(= *Eu nunca sei como* ***ele vai atacar****, quando* ***ele vai atacar*** *e onde ele vai atacar.* – orações subordinadas substantivas objetivas diretas justapostas)

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2005) "O período que se seguiu à Grande Guerra pode ser decomposto em três grandes fatias: de 1919 a 1924–28, *quando todos os países europeus procuraram liquidar os resquícios deixados pela guerra* ***e*** *voltar às condições econômicas normais* (...)"

– Com relação ao texto IV, assinale a opção incorreta.

c) A elipse na oração coordenada iniciada por "e" corresponde ao longo segmento oracional "quando todos os países europeus procuraram".

Comentário: Esta afirmação está correta. Constate: "*quando todos os países europeus procuraram liquidar os resquícios deixados pela guerra* ***e quando todos os países europeus procuraram*** *voltar às condições econômicas normais"*. Safo?

Normalmente a vírgula marca a elipse de uma oração, logo fica fácil de ver:

– *Ela gosta de filmes românticos; ele, de ação. (= ... ele* ***gosta de filmes*** *de ação)*

Agora... não "viaje" pensando que há elipse "a torto e a direito" dentro dos períodos, principalmente quando uma conjunção coordenativa liga termos de mesma função sintática (e não orações). Ou seja, na frase "*Todo mundo conhece alguém que sabe tudo sobre o futebol brasileiro ou sobre as regras gramaticais de concordância.*", não há duas orações, como se estivesse escrito assim: "*Todo mundo conhece alguém que sabe tudo sobre o futebol brasileiro ou* <u>*sabe tudo*</u> *sobre as regras gramaticais de concordância."*. A conjunção coordenativa <u>ou</u> liga termos, isto é: *sobre o futebol brasileiro* a *sobre as regras gramaticais de concordância*. Ok?

Modelo de Análise de um Período Misto

Observe este período misto:

No setor das comunicações, o monopólio não deixa de ser uma tendência natural, já que, ao contrário do que acontece em outros mercados, uma rede se torna mais valiosa à medida que mais pessoas a utilizam e a divulgam; uma rede que todo mundo usa, como o Facebook, vale muito mais que cem redes com usuários pulverizados.

(Luciano Trigo – ampliado)

Análise de todas as orações do período (preste atenção sempre nos conectivos, pois eles vão ajudá-lo na hora da classificação das orações):

1ª oração: ***... o monopólio não deixa de ser uma tendência natural...*** (oração principal da 2ª)

2ª oração: ***... já que, ao contrário do... uma rede se torna mais valiosa...*** (oração subordinada adverbial causal em relação à 1ª e principal em relação à 3ª e à 4ª)

3ª oração: ***... que acontece em outros mercados...*** (oração subordinada adjetiva restritiva da 2ª)

4ª oração: ***... à medida que mais pessoas a utilizam...*** (oração subordinada adverbial proporcional da 2ª)

5ª oração: ***... e a divulgam...*** (oração subordinada adverbial proporcional em relação à 2ª; a 4ª e a 5ª estão coordenadas entre si)

6ª oração: ***... uma rede ... vale muito mais...*** (oração coordenada assindética em relação à 2ª e principal em relação à 7ª e à 8ª)

7ª oração: ***... que todo mundo usa...*** (oração subordinada adjetiva restritiva da 6ª)

8ª oração: ***... que (valem) cem redes com usuários pulverizados***. (oração subordinada adverbial comparativa da 6ª)

Para conseguir analisar sintaticamente um período misto, é preciso muito treino, por isso, antes de partir para o período misto, faça muitas questões de orações coordenadas e subordinadas para "pegar a manha"!

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo é possível! Para quem pretende fazer provas de nível NASA, prepare-se bem! Apesar de não ser frequente em concursos, quem intenta cargos elevados... estude... estude muito este capítulo! Assustei você? Claro que não! Como diz o outro: *Deus é mais*!

Questões de Concursos

Repare que, principalmente a FGV, adora questões de período misto! Vai fundo!

1. (Esaf – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2002) Considere o seguinte período do texto para analisar os esquemas propostos abaixo: "Descumprir a lei gera o risco da punição prevista pelo Código Penal ou de sofrer sanções civis."

A = Descumprir a lei
B = gera o risco
C = da punição prevista pelo Código Penal
D = de sofrer sanções civis

Considerando que as setas representam relações sintáticas entre as expressões linguísticas, assinale a opção que corresponde à estrutura do período.

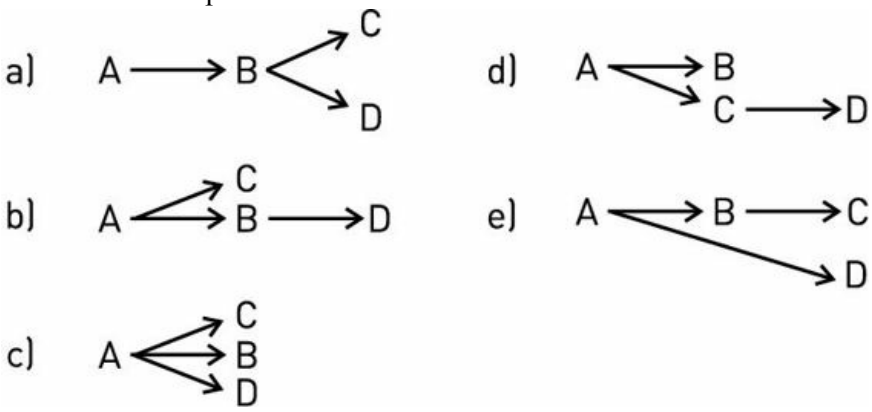

Olhamos e não vemos. Não conseguimos olhar nada pela primeira vez. ***Já o primeiro olhar é preconceituoso – dá informação falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada****, anterior ao ato de olhar.* ***O economista cheio de teorias pensa que sabe o remédio para a inflação, a origem da miséria, o segredo da estabilidade e quanto desaforo*** *a democracia agüenta.* ***Erra como o médico, o astrônomo ou o caixa que aceita o cheque do homem elegante****, de terno e cabelo com brilhantina que parece ser rico, mas é estelionatário. Só que no caso do economista,* ***não é apenas o paciente que fica com dor de cabeça, ou mais um cheque sem fundo****.* ***São 10% de desempregados. Um deles acaba apontando um revólver para a sua cabeça. Nada é visto pela primeira vez. Ninguém olha atentamente como*** *as corujas, antes de propor ou piar.*

2. (Esaf – Auditor Fiscal do Trabalho – 2006) Assinale o esquema que representa corretamente a estrutura sintático-semântica do período sintático retirado do texto (desconsidere a pontuação e as letras maiúsculas).

a) o primeiro olhar
→ é preconceituoso
→ dá informação
→ falsa
→ ou verdadeira
→ mas sempre pré-fabricada

b) O economista
→ cheio de teorias
→ pensa que sabe o remédio para
→ a inflação
→ a origem da miséria
→ o segredo da estabilidade
→ e quanto desaforo...

c) Erra como
→ o médico
→ o astrônomo
→ ou o caixa
→ que aceita o cheque do homem elegante

d) não é apenas o paciente que
→ fica com dor de cabeça
→ ou mais um cheque sem fundo

e) São 10% de desempregados
→ Um deles acaba apontando
→ um revólver
→ para sua a cabeça
→ Nada é visto pela primeira vez
→ Ninguém olha atentamente como....

3. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2007) Observe atentamente o trecho a seguir:

(...) A reflexão jurídica sobre o assunto, contudo, não se tem mostrado tão farta quanto aquela encontrada na economia. Isso se deve, talvez, à associação feita ao tema dos efeitos na utilização de recursos entre gerações especificamente na década de 70, quando o movimento ambientalista passou a formular um discurso jurídico mais sólido, angariando adeptos das mais variadas formações, em diversas partes do planeta. (...)

Analise sua estrutura sintática e avalie as afirmativas a seguir:

I. O primeiro período é composto por três orações.
II. No segundo período encontram-se orações reduzidas de particípio e de gerúndio.
III. No segundo período ocorrem dois casos de oração coordenada.
IV. A oração "quando o movimento ambientalista passou a formular um discurso jurídico mais sólido" classifica-se como subordinada adjetiva.

Assinale:

a) se somente as afirmativas I e II estiverem corretas;
b) se somente as afirmativas III e IV estiverem corretas;
c) se somente as afirmativas II e III estiverem corretas;
d) se somente as afirmativas I, II e IV estiverem corretas;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

"É importante que os contribuintes percebam que a política tributária é justa, a administração fiscal é proba, sensível e confiável, e os recursos arrecadados são corretamente aplicados."

4. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2008) A respeito da estrutura sintática do período acima, é correto afirmar que há:

a) cinco orações subordinadas e duas coordenadas entre si;
b) quatro orações subordinadas e três coordenadas entre si;
c) quatro orações subordinadas e duas coordenadas entre si;
d) cinco orações subordinadas e três coordenadas entre si;
e) três orações subordinadas e somente uma coordenada.

"Conduzo tua lisa mão / Por uma escada espiral / E no alto da torre exibo-te o varal / Onde balança ao léu minh'alma"

5. (FGV – SSP/RJ – Inspetor de Polícia Civil – 2008) Tomando o trecho acima como um período composto, há:

a) três orações, sendo duas subordinadas;
b) três orações, sendo uma subordinada;
c) quatro orações, sendo duas coordenadas;
d) quatro orações, sendo uma coordenada;
e) duas orações, sendo uma coordenada.

"Aqueles com aptidão a ajudá-los, se não estimulados por cenários competitivos, estarão fadados a não encontrar motivação para o exercício de suas funções."

6. (FGV – Senado Federal – Técnico Legislativo – Administração – 2008) A respeito do período acima, analise os itens a seguir:

I. O período é composto por quatro orações.
II. Há três orações reduzidas.
III. Há uma oração coordenada.

Assinale:

a) se todos os itens estiverem corretos;
b) se somente o item II estiver correto;
c) se somente o item III estiver correto;
d) se somente o item I estiver correto;
e) se nenhum item estiver correto.

(...) Da mesma forma, diarreias epidêmicas, parasitoses intestinais e outras enfermidades transmissíveis por meio da água contaminada têm sua incidência aumentada, tanto por causa das dificuldades de saneamento nas secas, quanto por contaminação com esgotos, lixo e dejetos de animais durante as enchentes. (...)

7. (FGV – Prefeitura de Angra dos Reis/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) O período acima:

a) é composto por coordenação;

b) é composto por subordinação;
c) é composto por coordenação e subordinação;
d) é simples;
e) apresenta orações reduzidas.

8. (Vunesp – TJ/SP – Agente de Fiscalização Judiciária – 2010) No trecho – ... *a empresa gostaria que o jogo fosse refeito, que a trapaça não tivesse acontecido*. – têm-se, além de uma oração principal:
a) duas orações coordenadas e três subordinadas;
b) três orações coordenadas e uma subordinada;
c) três orações subordinadas;
d) três orações coordenadas;
e) duas orações subordinadas coordenadas entre si.

(...) São numerosas oportunidades perdidas que se multiplicarão, se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento – e a qualidade da educação continuar baixa. (...)

9. (FGV – CODESP – Administrador – 2010) A respeito da composição do período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. Há uma oração principal.
II. Há duas orações subordinadas adverbiais.
III. O período é composto por coordenação e subordinação.
Assinale:
a) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
c) se todas as afirmativas estiverem corretas;
d) se nenhuma alternativa estiver correta;
e) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.

"Minha proposta é a de que o fundo partidário seja composto por uma quantia mínima para o partido manter uma estrutura básica."

10. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. O período poderia ser redigido, sem incorrer em inadequação gramatical ou semântica, da seguinte maneira: "Minha proposta é que o fundo partidário seja composto por uma quantia mínima para o partido manter uma estrutura básica."
II. O período é composto por três orações.
III. No período há uma oração reduzida de particípio.
Assinale:
a) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se nenhuma afirmativa estiver correta;
d) se todas as afirmativas estiverem corretas;
e) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.

Na Espanha, por exemplo, a recentíssima reforma do Código Penal – que atende diretivas da União Europeia sobre o tema – trouxe, no artigo 31bis, não só a possibilidade de responsabilização penal da pessoa jurídica (por delitos que sejam cometidos no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização será aferida nos casos concretos (ela será aplicável [...], em função da inoperância de controles empresariais, sobre atividades desempenhadas pelas pessoas físicas que as dirigem ou que agem em seu nome).

11. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. Há uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração coordenada sindética alternativa.
II. Há três orações na voz passiva, mas somente uma com agente da passiva explícito.
III. Há quatro orações subordinadas adjetivas desenvolvidas e uma oração subordinada adjetiva reduzida.
Assinale:
a) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
d) se nenhuma afirmativa estiver correta;

e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

12. (FGV – SEFAZ/RJ – Analista de Controle Interno – 2011) *É imprescindível que a tributação seja suportável e mais bem distribuída e todos contribuam com justiça e se beneficiem dessa contribuição.* (L.6-8)

Em relação ao período acima, atribua a seguinte convenção: **QUE** = Δ e **E** = +.

Assinale a alternativa que melhor represente a estrutura do período.

a) É imprescindível Δ [a tributação (A + B) + todos (D + E)].
b) É imprescindível Δ (a tributação A + B + todos D + E).
c) É imprescindível Δ (a tributação A + B) + (todos D + E).
d) É imprescindível Δ (a tributação A) + b) + (todos D) + e).
e) É imprescindível Δ a tributação (A + B) + [todos (D + E)].

Aquele que age na direção da lei como que age contra a moral caracterizada pelo "fazer como a grande maioria", levando em conta que no âmbito da corrupção se entende que o que a maioria quer é "dinheiro".

A respeito do período anterior, analise as afirmativas a seguir.

I. O período apresenta orações coordenadas e subordinadas.
II. Há ocorrência de exemplo de oração reduzida.
III. Há ocorrência de exemplo de oração subordinada substantiva objetiva direta.

13. (CONSULPLAN – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale:

a) se todas as afirmativas estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
d) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

Gabarito

1. A.	8. E.
2. A.	9. C.
3. D.	10. E.
4. B.	11. E.
5. B.	12. A.
6. D.	13. B.
7. D.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 27

Pontuação

Definição

Antes de qualquer coisa, saiba que Pontuação e Sintaxe andam de mãos dadas!

– Ahn? O Pest enlouqueceu de vez... Desde quando pontuação tem a ver com sintaxe, Pestana? Eu aprendi, desde criancinha, que **vírgula** é uma **pausa**.

– Meu nobre, calma. Primeiro, pontuação não é só vírgula, apesar de sabermos que ela é a "menina dos olhos" das bancas de concursos públicos. Vamos falar, sim, especialmente sobre a **vírgula** e a **sintaxe**. A tal pausa marcada pela vírgula nem é tão importante assim, mas o conhecimento de análise sintática de período simples e composto... Você vai descobrir ao longo do capítulo se estou "viajando" ou não. *Relax*... Vou dizer mais! Fique atento também ao seguinte: a vírgula tem uma relação muito grande com a semântica e com o objetivo discursivo do falante. Você já deve ter ouvido falar que "uma vírgula muda tudo", não é?

Veja a Campanha dos 100 anos da ABI
(Associação Brasileira de Imprensa)

Vírgula, aquele sinal incômodo que às vezes sobra, às vezes falta, e outras vezes muda o sentido do texto.

A vírgula pode ser uma pausa... ou não.

Não**,** espere.
Não espere.

Ela pode sumir com seu dinheiro.

23**,**4.
2**,**34.

Pode ser autoritária.

Aceito**,** obrigado.
Aceito obrigado.

Pode criar heróis.

Isso só**,** ele resolve.
Isso só ele resolve.

E vilões.

Este**,** juiz**,** é corrupto.
Este juiz é corrupto.

Ela pode ser a solução.

Vamos perder**,** nada foi resolvido.

Vamos perder nada**,** foi resolvido.

A vírgula muda uma opinião.

Não queremos saber.

Não**,** queremos saber.

Isto serve para nos lembrar que vírgula não é problema de gramática, mas de informação.

ABI: 100 anos lutando para que ninguém mude uma vírgula da sua informação.

Lembre-se: a Pontuação, principalmente a vírgula, está ligada diretamente ao seu conhecimento de análise sintática. Você precisará reconhecer o sujeito, o verbo, os complementos, os adjuntos... Precisará também dominar orações coordenadas, subordinadas... Ok? Até porque muitas vezes a presença ou ausência da vírgula poderá mudar *não só o sentido* (facilmente perceptível na propaganda anterior), mas também a análise sintática.

Por exemplo, nas frases abaixo, há mudança de sentido e de classificação sintática:

1) "Este**,** juiz**,** é corrupto" e "Este juiz é corrupto"; *juiz* entre vírgulas tem função de vocativo; sem vírgulas, sujeito.
2) "Vamos perder**,** nada foi resolvido" e "Vamos perder nada**,** foi resolvido"; o primeiro *nada* é sujeito; o segundo, objeto direto.

Veja que poema intrigante, cujo poeta, muito astuto, faz uma declaração de amor para três mulheres que estavam apaixonadas por ele: Soledade, Lia e Iria. Conforme a pontuação que cada uma empregasse na leitura, o poeta diria que amava ou Soledade, ou Lia, ou Iria:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão
Digo que amo Soledade
Não Lia cuja bondade
Ser humano não teria
Não aspiro à mão de Iria
Que não tem pouca beldade.

Ama-se Soledade assim:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão,
Digo que amo Soledade
Não Lia, cuja bondade
Ser humano não teria.
Não aspiro à mão de Iria,
Que não tem pouca beldade.

Ama-se Lia assim:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão,
Digo que amo Soledade?
Não! Lia, cuja bondade
Ser humano não teria.
Não aspiro à mão de Iria,
Que não tem pouca beldade.

Ama-se Iria assim:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão,
Digo que amo Soledade?
Não! Lia, cuja bondade
Ser humano não teria?
Não! Aspiro à mão de Iria,
Que não tem pouca beldade.

Gostou? Pois bem... para começarmos bem a “brincadeira”, vamos aos sinais de pontuação

tradicionalmente usados nos textos de nossa língua:

- Vírgula [**,**]
- Ponto e Vírgula [**;**]
- Dois-pontos [**:**]
- Ponto [**.**]
- Ponto de Interrogação [**?**]
- Ponto de Exclamação [**!**]
- Travessão [**–**]
- Parênteses [**( )**]
- Aspas [**“ ”**]
- Reticências [**...**]

Vírgula

Antes de tudo, sobre vírgula, é bom reiterar que seu conhecimento de sintaxe precisa estar "em dia" para que entenda bem o que vou dizer a partir de agora, beleza?

A vírgula pouco ou nada tem a ver com prosódia, mas tem muito a ver com sintaxe. Estou insistindo nisso porque algumas pessoas colocam vírgulas por causa de pausas feitas na fala. A vírgula, na escrita, não necessariamente é uma pausa na fala, tampouco é usada para pausar quando se lê um trecho virgulado.

Assim, vale dizer que o importante é, primeiro, saber em que situações gerais não se usa a vírgula.

1) A vírgula não pode ser usada entre o sujeito e logo após o seu verbo.

– *Todos os alunos daquele professor, entenderam a explicação.*

Cuidado!!!

1) Em orações substantivas com **função de sujeito** iniciadas por *quem*, a vírgula entre tal oração e o verbo da principal é **facultativa**, segundo Luiz A. Sacconi: "Quem lê sabe mais." ou "Quem lê, sabe mais.". Os demais gramáticos nada falam sobre isso, logo deduzimos que não pode haver vírgula entre sujeito e verbo. Ponto final! Mas... fique atento a essa "visão excepcional" do Sacconi. Veja uma questão sobre essa estrutura:

18. (FCC – TRT/GO (18ª R) – Analista Judiciário – 2008) Está inteiramente adequada a pontuação da seguinte frase:
a) Quem cuida da saúde, conta com os recursos do corpo, já quem cultiva uma amizade, conta com o conforto moral.

Comentário: O gabarito está em outra alternativa, mas quem se importa com isso? Vamos à letra A. Observe que ela deveria ter sido redigida assim: "***Quem cuida da saúde (sujeito) conta (verbo)*** *com os recursos do corpo, já* ***quem cultiva uma amizade (sujeito) conta (verbo)*** *com o conforto moral.*". Isto é, não se coloca vírgula entre o sujeito e o seu verbo, mesmo que o sujeito seja oracional. Esta é a visão tradicional! Não erre mais!

2) Por mais que o sujeito esteja deslocado no período, nunca será separado por vírgula: *"Ficaram inconformados com a notícia da proibição de qualquer manifestação religiosa* ***os evangélicos e os católicos****."*

2) A vírgula não pode ser usada entre o verbo e logo após o seu complemento (objeto direto, indireto (em forma de oração, inclusive)) ou predicativo do sujeito.

– *Os alunos entenderam, toda aquela explicação do professor sobre vírgula.*

– *Os alunos precisam, de uma explicação detalhada sobre vírgula.*

– *Os alunos entenderam, que precisam estudar bem a vírgula.*

– *Os alunos precisam de, que os professores os ajudem.*

– *Os alunos ficaram, satisfeitos com a explicação.*

Obs.: Alguns verbos de ligação que se tornam intransitivos, quando vêm acompanhados de adjunto adverbial de lugar, **não** são separados por vírgula desse adjunto: *"Os alunos ficaram, em casa."* (errado) / *"Os alunos ficaram em casa."* (certo). Por motivo de ênfase, entretanto, pode-se colocar a vírgula.

Outro ponto importante: se o complemento vier deslocado da sua posição original, será possível a separação por vírgula (normalmente por motivo de clareza): *"Toda aquela explicação do professor sobre vírgula, entenderam os alunos."* / *"De explicações detalhadas sobre vírgula, precisam os alunos."*

Nas duas próximas frases, a vírgula é obrigatória, pois separa um predicativo do sujeito: *"Satisfeitos com a explicação, os alunos ficaram."* / *"O ex-presidente Lula, de 67 anos, governou o Brasil por 8 anos."*.

3) A vírgula é facultativa entre o complemento de um verbo e logo após um adjunto adverbial.

– *Nossos alunos ficaram exercitando questões de vírgula ontem à noite.*

– *Nossos alunos ficaram exercitando questões de vírgula, ontem à noite.*

Cuidado!!!

1) Um advérbio só, como o **não** ou o **nunca** antes do verbo, modificadores intrínsecos do verbo, jamais é separado por vírgula: *Eu **não** vou mais errar esta questão.* / ***Nunca** errarei esta questão.*

2) Se o adjunto adverbial de **curta extensão** (normalmente formado por um ou dois vocábulos) estiver deslocado em qualquer posição na frase, a vírgula será **facultativa** também: *"De fato estes alunos são mais interessados*." ou *"De fato, estes alunos são mais interessados."*. Celso Cunha diz que a vírgula é facultativa entre o adjunto adverbial (mesmo não sendo de curta extensão) no início da oração e o verbo: *"Por cima daquele prédio(,) formavam-se muitas nuvens."*. Esta questão de curta ou longa extensão às vezes é subjetiva... para variar...

4) A vírgula não pode ser usada entre um substantivo e seu complemento nominal ou adjunto adnominal.

– *Todos os alunos, daquele professor entenderam a explicação.*

Obs.: Em títulos de livros seguidos de nomes de autores, o adjunto adnominal vem sempre entre vírgulas: "O 'Dom Quixote', *de Cervantes*, é a grande obra prima espanhola do maneirismo.". Só conheço essa exceção.

5) A vírgula não pode ser usada entre a locução verbal de voz passiva e o agente da passiva.

– *Todos os alunos foram convidados, por aquele professor para a Feira.*

Normalmente as questões de concursos relativas à vírgula tratam do que eu acabei de falar. As pontuações erradas anteriores são bizarrices de grande porte! Se aparecer isso na prova – **atenção!** –, não titubeie, acerte e seja feliz!

"Pestana, se houver um termo, uma expressão ou uma oração intercalada entre o sujeito e o verbo, ou entre o verbo e o complemento, ou entre o complemento e o adjunto adverbial, ou entre a locução verbal de voz passiva e o agente da passiva? Como fica a posição da vírgula?"

Bem, normalmente as vírgulas são colocadas entre termos que interrompem a estrutura **S V C A**. Veja:

1) Sujeito, ..., verbo + complemento + adjunto adverbial

– *O professor do curso, Fernando Pestana, ministra aulas de Português.*

2) Sujeito + verbo, ..., complemento + adjunto adverbial

– *Eu estudei, Pestana, toda a aula de ontem, ok?*

3) Sujeito + verbo + complemento, ..., adjunto adverbial

– *O professor explicou Pontuação, que é minha maior dificuldade, magistralmente.*

4) Locução verbal de voz passiva, ..., + agente da passiva

– *Fui homenageado, ontem à noite, por alguns alunos e amigos.*

Bem... se você compreender todas as informações anteriores, terá "mais do que meio caminho andado", pois tais questões são recorrentes em concursos.

Para sistematizar mais ainda a vírgula, vejamos seu uso **dentro do período simples** e **dentro do período composto.**

A Vírgula dentro do Período Simples

Alguns exemplos foram retirados do *Manual de Redação da Presidência da República* para melhor ilustrar o assunto.

1) Separa termos de mesma função sintática, numa enumeração.

– *Simplicidade, clareza, objetividade, concisão são qualidades a serem observadas na redação oficial.*

– *Devemos observar a simplicidade, a clareza, a objetividade e a concisão na redação oficial.*

Obs.: Como se viu, numa enumeração, pode-se dispensar a conjunção que liga o penúltimo

ao último elemento e deixar só a vírgula.

2) Separa aposto explicativo.

– *Aristóteles,* ***o grande filósofo****, foi o criador da Lógica.*

Obs.: Em *"Nós ocidentais somos capitalistas."* ou *"Nós, ocidentais, somos capitalistas."*, a análise sintática muda, por isso podemos ou não usar vírgulas. Na primeira frase, *ocidentais* é um adjetivo com função de adjunto adnominal de *nós*, por isso não vem separado por vírgulas. Na segunda frase, *ocidentais* é um substantivo com função de aposto explicativo, por isso as vírgulas são obrigatórias. Isso já foi questão de prova na FCC (TCE-SP – AGENTE DE FISCALIZAÇÃO FINANCEIRA – 2012 – QUESTÃO 10 – OPÇÃO E). Outra coisa: quando um aposto com núcleo implícito vier introduzido por uma expressão denotativa (*até mesmo, pelo menos, inclusive* etc.), ficará entre vírgulas: *"Todos os alunos****, até mesmo (os) de nível médio,*** *entenderam a explicação."*.

3) Separa vocativo.

– *Brasileiros, é chegada a hora de votar.*

4) Separa predicativos do sujeito deslocados.

– *Sereno e tranquilo, o condenado esperava sua morte.*

– *O condenado, sereno e tranquilo, esperava sua morte.*

Obs.: Por uma questão estética ou de clareza de pensamento, a pausa marcada pela vírgula antes de um predicativo do sujeito em sua posição original, ou seja, após o verbo, é conveniente: *"Meu filho passou em um grande concurso****, avesso a todas as palavras derrotistas.****"*.

5) Separa termos (objeto direto ou indireto, normalmente) deslocados de sua posição normal na oração (caso facultativo).

– *As explicações sobre vírgula, o professor procurou lhes dar?*

Obs.: Se o objeto estiver no início da oração e vier depois um objeto pleonástico, a vírgula pode não figurar, segundo Sacconi: "*Aos amigos*(,) ninguém *lhes* dá a devida atenção". Para Rocha Lima, a vírgula é obrigatória nesse caso. Gladstone Chaves de Melo atesta que, assim como o sujeito, um objeto deslocado não pode ser separado por vírgula do seu verbo: "*<u>As explicações</u> procurou lhes dar o professor?"*. Confrontando as opiniões diversas, podemos dizer que a vírgula é facultativa quando o objeto vem deslocado. Assim encarou o Cespe/UnB STJ – TÉCNICO Judiciário – 2012 – QUESTÃO 5.

6) Separa (facultativamente) as expressões *para mim, para ti ou para si* (ou sinônimas) quando indicam benefício próprio ou posse, independentemente de sua posição na frase.

– *Para mim(,) nada é melhor que acordar depois do meio-dia e dormir depois da meia-noite.*

7) Separa termos repetidos.

– *Aquele aluno era esforçado, esforçado.*

8) Separa os adjuntos adverbiais deslocados.

– *A multidão foi, aos poucos, avançando para o palácio.*

Obs.: Como já explicado, a vírgula só será facultativa se o adjunto adverbial for de curta extensão. A maioria dos gramáticos entende que a vírgula é obrigatória quando o adjunto adverbial de grande extensão está deslocado. Mas o que é grande extensão ou curta extensão? Este é um dos mistérios gramaticais. No entanto, fui à fonte correta sobre o assunto e veja o que ela disse:

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá! As gramáticas ensinam que adjuntos adverbiais deslocados de curta extensão podem ser ou não separados por vírgula. Exemplo: *Finalmente ela chegou* ou *Finalmente, ela chegou*. Quantos vocábulos um adjunto adverbial deslocado precisa ter para ele não ser considerado de curta extensão e consequentemente ser sempre separado por vírgula? Obrigado!

Resposta: Prezado consulente, uma locução adverbial com três ou mais palavras já não é de curta extensão e demanda obrigatoriamente a utilização da vírgula.

Sobre isso, veja uma questão: CESPE/UnB – STM – ANALISTA – 2011 – QUESTÃO 1.

9) Separa certas expressões explicativas, retificativas, exemplificativas, como: *isto é, ou seja, ademais, a saber, melhor dizendo, ou melhor, quer dizer, por exemplo, além disso, aliás, antes, com efeito, data vênia, digo.*

– *O político, a meu ver, deve sempre usar uma linguagem clara, ou seja, de fácil compreensão.*

A Vírgula dentro do Período Composto

1) Marca a elipse de um verbo (às vezes, de seus complementos).

– *O decreto regulamenta os casos gerais; a portaria, os particulares. (= ... a portaria regulamenta os casos particulares)*

– *Em 1994, Romário ganhou a Copa do Mundo; em 2002, Ronaldo. (= ... em 2002,*

Ronaldo ganhou a Copa do Mundo)

2) Separa orações coordenadas assindéticas.

– *Levantava-me de manhã, entrava no chuveiro, organizava as ideias na cabeça...*

– *A honestidade "deveria" ser a ordem do dia, não "poderia".*

3) Não separa as orações coordenadas sindéticas aditivas ligadas por *e* ou *nem*.

– *Muitos policiais estão envolvidos em receptação e continuam a envolver-se.*

– *Aqueles policias não estão envolvidos em receptação nem procuram envolver-se.*

Cuidado!!!

1) Ligando orações com sujeitos diferentes, alguns gramáticos, como William R. Cereja e Bechara, dizem que a vírgula é **facultativa**: *"Muitos policiais estão envolvidos em corrupção(,) e os políticos não deixam para menos."*. No entanto, para a maioria dos gramáticos, é obrigatória!

2) O *e* com valor adversativo (= *mas*), conclusivo/consecutivo (= *portanto*) ou enfático é separado por vírgula, segundo muitos gramáticos, como Luiz A. Sacconi e Hildebrando André: *"Ele sempre chega atrasado, **e nunca leva bronca do patrão.**"* / *"Ela foi prorrogada, **e não anulada**."* / *"Eles violaram a lei, **e** foram presos*. (Neste caso, Sacconi diz ser facultativa) / *"Neguei-o eu, **e** nego."* (Rui Barbosa).

3) Se as conjunções vierem repetidas (polissíndeto), a vírgula é obrigatória: *"Muitos policiais estão envolvidos em corrupção, **e** tramas obscuras, **e** conluios, **e** todo tipo de intrigas escusas."*. Qualquer polissíndeto (e, ou, nem...) vem separado por vírgula: *"João, **ou** Maria, **ou** Pedro, **ou** José são personagens bíblicos."/ "**Nem** o sol, **nem** o mar, **nem** o brilho das estrelas..."*. Falando em "nem", Sacconi diz que tal conjunção pode vir antecedida de vírgula quando liga orações de maior extensão: *"O pai não permitia que as filhas ficassem à janela**,** nem que saíssem à rua."*.

6. (FGV – PC/RJ – Inspetor – 2008) *Porém, havendo um número "excepcionalmente elevado" de estrangeiros, estes podem ser mesclados aos presos comuns, e as famílias podem ser separadas.* (L.30-33)

No trecho acima, seguindo as regras da boa discursividade, utilizou-se apropriadamente a vírgula antes da conjunção **e**. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.

a) Eles se esforçaram muito, e acabaram sendo reprovados.
b) Eles chegaram à janela muito timidamente, espiaram com cuidado, e depois abriram um sorriso.
c) A turba gritava, e vociferava, e brandia ameaçadoramente.
d) Fiz, e faria tudo novamente.
e) Ele esperava, naquela tarde, a chegada do malote, e, depois, ela esperaria após anoitecer.

Comentário: O gabarito é a B, pois não se coloca vírgula antes da conjunção *e*, quando ela liga orações com sujeitos iguais. Em A, o *e* tem valor adversativo (= *mas*), por isso usa-se a vírgula. Em C, há polissíndeto, por isso as vírgulas são obrigatórias antes do *e*. Em D, a vírgula antes do *e* é enfática, reiterando uma ideia anterior. Em E, a vírgula antes do *e* se

justifica, pois liga orações com sujeitos diferentes.

7. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) *Os sócios e colaboradores dificilmente são consultados, e muitas vezes o apoio reflete mais as posições pessoais dos controladores do que os valores e princípios das empresas.* (L.9-13)

A respeito da vírgula no período acima, é correto afirmar que:

a) está correta, pois se trata de vírgula antes da conjunção E com valor adversativo;
b) está correta, pois é caso de vírgula antes da conjunção E que inicia oração com sujeito diferente do da anterior;
c) está incorreta, uma vez que não é necessário usar vírgula já havendo a conjunção E, mesmo sem valor aditivo;
d) está incorreta, já que introduz oração aditiva, mesmo que os sujeitos sejam diversos;
e) é facultativa, pois as orações apenas se justapõem e não se coordenam.

Comentário: O gabarito é a B. Veja que o *e* liga orações com sujeitos diferentes: *[Os sócios e colaboradores] dificilmente são consultados, **e** muitas vezes [o apoio] reflete mais as posições pessoais dos controladores do que os valores e princípios das empresas.*

4) Quando **termos** de mesma função sintática aparecem unidos pelas conjunções *e, nem, ou*, não se usam vírgulas, a não ser que as conjunções apareçam repetidas: *"Tenho muito cuidado com meus filhos e filhas." / "Ou você, ou sua esposa deve comparecer à reunião de pais."*.

5) Alguns gramáticos, em seus exemplos de oração coordenada sindética aditiva com ***"não só... mas também (e sinônimas)"***, separam por vírgula, já outros, não: *"**Juçara não só trabalha, mas também estuda."*** **(Sacconi) /** ***"Os livros não só instruem mas também divertem."*** **(Cegalla)**. Como isso é controverso, logo podemos dizer que faculta? Seria sensato, não? O Cespe/UnB analisou a questão, porém, de acordo com os gramáticos que dizem ser obrigatória a vírgula separando séries aditivas enfáticas, a saber: Luiz A. Sacconi e José C. Azeredo (consulte: Cespe/UnB – UERN – TÉCNICO DE nível superior – 2010 – QUESTÃO 15).

6) A conjunção ***e*** pode vir entre vírgulas se estas forem usadas para outras estruturas na oração: *A casa, muito antiga, e, além dela, o edifício, moderníssimo, formavam visível contraste*. (As duas primeiras vírgulas são para o predicativo do sujeito deslocado; a terceira e a quarta vírgula são usadas para a expressão intercalada; as duas últimas separam o predicativo do sujeito.)

7) Segundo o professor Cláudio Moreno, para evitar a ambiguidade, usamos a vírgula. Nas palavras dele... *"Os convidados eram João e Maria, Paulo e Virgínia, **e** eu."* (eu estava desacompanhado); *"As almofadas podem ser feitas em branco e preto, vermelho e branco, **e** azul."* (ou vermelho e branco, ou azul). *"O bem-humorado Quinion brinca com a hipótese de alguém dedicar seu livro 'To my parents, Mary and God. (Para meus pais, Maria **e** Deus)"*. (...) devemos usar uma vírgula antes do *e* para evitar que os leitores tomem *Maria* e *Deus* como aposto de *meus pais* e nos mandem internar no hospício por absoluto delírio de grandeza: "Para meus pais, Maria, **e** Deus.". Alguns chamam essa vírgula de "Vírgula de Oxford ou Vírgula Serial". O gramático Sacconi

registra exemplos desse caso, ou seja, vírgula antes de uma conjunção que precede o último item de uma enumeração. Ele vai além e diz que se pode usar a vírgula (ou travessão) antes do *e* quando se deseja pausa seguida de ênfase ao que vem a seguir: *"Ele sairá daqui logo, e espero que nunca mais volte!"* ou *"Ele sairá daqui logo – e espero que nunca mais volte!"*. Sobre o uso de *e* antecedido de vírgula por motivo de ênfase, consulte: Esaf – SRF – AFRFB – 2012 – QUESTÃO 48 (P1-G1).

4) Separa as orações coordenadas sindéticas adversativas.

– *O dono de uma empresa demitiu 60% dos empregados, mas se arrependeu dias depois.*

Cuidado!!!

1) O *mas* nunca pode ser deslocado na oração, mas as outras conjunções adversativas (*porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante*), quando deslocadas por qualquer parte da oração, são separadas por vírgula: *"A maioria das pessoas julgam indiscriminadamente; eu**, porém,** não o faço. (eu não o faço**, porém**)*". Mesmo após o ponto e vírgula ou o ponto, a conjunção pode vir separada por vírgula: *"A maioria das pessoas julgam indiscriminadamente; **porém,** eu não o faço."* ou *"A maioria das pessoas julgam indiscriminadamente. **Porém,** eu não o faço."*.

2) Apesar de, em certos textos modernos, normalmente de registro literário, **não** encontrarmos vírgula antes de orações coordenadas sindéticas adversativas iniciadas por "mas", a regra gramatical <u>unânime</u> diz que a vírgula é obrigatória. Veja:

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

ABL RESPONDE

Pergunta: Bem, desejo saber uma coisa: a vírgula antes da conjunção *mas* iniciando oração coordenada sindética adversativa é facultativa ou obrigatória? É assim: "*João foi, mas não voltou?"*. Pode ser assim: *"João foi mas não voltou?"*. Aguardo ansioso!

Resposta: Prezado, a conjunção adversativa *mas* <u>deve</u> ser antecedida por vírgula. (friso meu)

Para ter mais do que certeza, consulte: FUNDATEC – DETRAN/RS – TÉCNICO DE nível superior – 2009 – QUESTÃO 8.

Veja isto: FCC – SERGIPE GÁS S.A. – ADMINISTRADOR – 2013 – QUESTÃO 13 (assertiva I):

3) Ressalto que entre dois termos (de valor adjetivo) da frase, a vírgula não é obrigatória. Tal exemplo se vê apresentado por Celso Cunha e Lindley Cintra, em *Nova Gramática do Português Contemporâneo*: "Uma luz *bruxuleante* **mas** *teimosa* continuava a brilhar nos seus olhos.".

5) Separa as orações coordenadas sindéticas alternativas (ou... ou..., ora... ora..., quer... quer...).

– *Ora ele procura resolver algumas situações com paciência, ora decide fazer justamente o avesso.*

Obs.: No caso de *ou* retificativo, a vírgula se fará necessária quando houver pausa: *"A nossa paixão,* ***ou nossa mera ligação****, já se esvaiu."*. Por motivo de ênfase, podemos usar vírgula antes de *ou*: *"Iremos embora,* ***ou transporemos essas etapas sem medo****?"*.

6) Separa as orações coordenadas sindéticas conclusivas.

– *Os atores fizeram um grande espetáculo, por isso toda a plateia os aplaudiu efusivamente.*

Obs.: As conjunções coordenativas conclusivas, se deslocadas para qualquer parte da oração, são separadas por vírgula sempre: *"Os atores fizeram um grande espetáculo; toda a plateia****, portanto,*** *os aplaudiu efusivamente (toda a plateia os aplaudiu efusivamente****, portanto****)*." Alguns gramáticos, como Sacconi, dizem que é facultativa a vírgula após conjunção conclusiva iniciando período: *"Falaram mal de mim e da minha família. Portanto(,) darei o troco."*. Sobre isso, veja: Cespe/UnB – BB – ESCRITURÁRIO – 2007 – QUESTÃO 6.

7) Separa as orações coordenadas sindéticas explicativas.

– *Devo buscar mais informações, pois a vida me exige isso.*

Obs.: O **pois** deslocado (após o verbo) e entre vírgulas é conclusivo: *"Esse assunto não tem importância; devemos****, pois,*** *retirá-lo da pauta."*.

8) Separa as orações subordinadas substantivas deslocadas*.

– ***Que vocês estudam a Língua Portuguesa****, todos já sabemos.*

Obs.: * Quem apresenta esta regra de vírgula é o gramático Sacconi e os gramáticos Faraco & Moura; até onde sei, os demais não se manifestam. As orações subordinadas substantivas apositivas podem ser separadas por vírgula*: "Dos alunos eu só quero isto,* ***que eles estudem mais****."*. Não pode haver vírgula logo após a conjunção integrante, a não ser que haja uma intercalação: *"Eu quero que, vocês estudem mais."* (errado) / *"Eu quero que, mesmo com dificuldades, vocês estudem mais!"*. (certo)

9) Separa as orações subordinadas adjetivas explicativas.

– O homem, que é razoável, saberá evitar uma "Terceira Guerra".

Cuidado!!!

1) Esta frase significa que todo homem é razoável, e, por essa razão, saberá evitar uma "Terceira Guerra". Caso retirássemos as vírgulas, estaríamos afirmando que nem todos os homens são razoáveis, a ponto de saber evitar uma "Terceira Guerra", só alguns; aí a oração seria restritiva. Isso cai direto em prova!

2) Do ponto de vista da maioria dos gramáticos, as orações subordinadas adjetivas restritivas **não** são separadas por vírgula, mas alguns gramáticos (como Said Ali, Bechara e Sacconi) dizem que uma vírgula **pode** vir no fim dessa oração, principalmente quando ela tem grande extensão e os verbos das orações do período estão próximos: *"O mundo **que as pessoas sensatas sempre desejaram(,)** começa finalmente a surgir."* . Veja uma questão sobre isso:

(Esaf – SRF – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2000)

Numa época de crise longa e generalizada como a que estamos vivendo que desestruturou o campo das idéias e dos projetos políticos e econômicos consolidados no século XX, a discussão sobre uma alternativa histórica que contemple o interesse dos fracos e inferiorizados não pode ficar prisioneira de um debate meramente conjuntural nem muito menos das idéias e propostas dos mais fortes e ganhadores. Sua primeira providência nesse sentido é clarificar o que foi a *grande transformação* da ordem capitalista que se cristalizou nos últimos 25 anos do século XX. (Adaptado de José Luís Fiori, Correio Braziliense, 20/10/2000)

No que se refere à pontuação do texto, assinale a opção incorreta:

a) Estaria correto usar vírgula isolando a expressão como a que estamos vivendo.
b) Seria correto colocar vírgulas isolando a expressão nesse sentido.
c) Caso não se coloque uma vírgula após alternativa histórica seria correto colocar uma vírgula antes de não pode ficar prisioneira.
d) A expressão meramente conjuntural deve ser isolada por vírgulas para que o texto fique correto.
e) Se a oração que contemple o interesse dos fracos e inferiorizados vier entre vírgulas será uma subordinada explicativa.

Comentário: O gabarito é a **D.** Ignore o gabarito. Leia a alternativa **C**. A Esaf adota certos posicionamentos gramaticais pouco conhecidos e/ou ensinados, muitas vezes apoiados na gramática do Bechara e do Luft. A vírgula após a oração subordinada adjetiva restritiva, por exemplo, é facultativa para alguns nomes. Segundo eles (Eduardo Carlos Pereira, Júlio Ribeiro, Said Ali, Luiz A. Sacconi, Celso P. Luft, Evanildo Bechara, Ulisses Infante e Napoleão Mendes de Almeida), isso ocorre quando a oração é extensa ou quando o verbo da oração subordinada e o da principal estão próximos um do outro. O que fazer em questões como esta, em que há doutrinas gramaticais divergentes? Antes de qualquer coisa, tenha cuidado, pois já vi questões semelhantes em certas provas, realizadas por outras bancas, como FCC, FGV e cia., em que a vírgula após a adjetiva restritiva foi considerada incorreta. Respondendo à questão que inicia este parágrafo: antes de considerar tomar qualquer decisão, veja se há a possibilidade de outra opção ser a resposta que a banca deseja.

Resumindo: marque sempre a MELHOR RESPOSTA! Sacou?

Importante: A partir da 2ª oração adjetiva restritiva (em uma enumeração), as vírgulas são obrigatórias, como se fossem adjuntos adnominais enumerados:

– *Comprei um carro* ***que custou caro, que me deu trabalho, que me desapontou e que ficou desvalorizado depois de dois anos***.

10) Separa as orações subordinadas adverbiais (sobretudo as que vierem antes da principal ou intercaladas).

– *Quando comprei o material, gostei muito.*

– *Alguns vilões, assim que aparecem nas primeiras cenas das novelas, parecem bons.*

– *Não irás temer quaisquer adversidades, se me amas de verdade.*

Obs.: A vírgula é facultativa – segundo Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Mauro Ferreira, William R. Cereja, Faraco, Moura & Martuxo Jr. – quando as orações subordinadas adverbiais vêm **após** as principais: *"Gostei muito(,) quando comprei o material."*. Said Ali também "sugere" isso.

Você sabia que isso já foi tema de questão da banca NCE/UFRJ em 2004 (Técnico Judiciário do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro)? A polêmica foi entre a letra C e E, respectivamente: *"Os juízes intervieram, quando viram os réus frente a frente*." / *"Os juízes intervieram quando viram os réus frente a frente."*. Embora seja correto colocar vírgula antes da oração subordinada adverbial pós-principal, pode-se usar **sem** vírgula, segundo os gramáticos acima. Enfim... a letra E foi considerada a correta. A questão deveria ter sido anulada, pois havia duas respostas possíveis – a depender da visão gramatical.

Rocha Lima, entretanto, registra, com todas as letras, que a vírgula é **obrigatória** na separação de orações adverbiais, independentemente de sua posição. Esse posicionamento figurou em questão recente de prova. A banca FCC, na prova do TRE/PR – TÉCNICO Judiciário – 2012 –, julgou como incorreta a retirada da vírgula antes da oração subordinada adverbial causal em *"A maioria desses usos é nobre***,** *já que* eles aumentam o nosso conforto...".

Duas bancas, duas visões... O que fazer no dia da prova? Arrancar os cabelos? Não. Marcar a **melhor alternativa** dentre elas.

Só para piorar: Cegalla diz que as adverbiais consecutivas (tão... que...) não são separadas por vírgula. Rocha Lima diz o oposto. Sensato seria encarar, portanto, como facultativa a vírgula em: *"Ele era tão jovem(,) que não pôde suportar a pressão dos supostos amigos."*. Quanto às orações comparativas iniciadas por *quanto/(do)que*, saiba que não há vírgula: "*Precisamos de mais esclarecimentos gramaticais do que de*

divergências.”. Bem-vindo à língua portuguesa! Na hora da prova, analise as opções e marque a **melhor resposta**.

Último adendo: 99% dos gramáticos dão exemplos de orações adverbiais causais na ordem direta iniciadas pelo *porque*, **sem vírgula**: “Só terminei o livro em dezembro porque me dediquei.”. Aí você se pergunta: “Ué, mas não posso colocar a vírgula antes da oração ‘porque me dediquei’?” Aí eu respondo: “Yes, you can.” (Tecla SAP: Sim, você pode!). Afinal, a maioria dos gramáticos recomenda a vírgula separando as orações subordinadas adverbiais, independentemente de sua posição em relação à principal.

Momento-desabafo: Por que cada um diz o que quer? Por que alguma instituição séria, como a ABL, não sistematiza e unifica as regras gramaticais, pelo menos para as gramáticas de ensino médio? Por que as bancas de concursos públicos não param de trabalhar questões polêmicas... pelo menos? Sem comentários... Enquanto isso... vá estudando...

11) Separa as orações interferentes.

– *O mercado financeiro, até ontem eu não estava inteirado desses assuntos, deve beneficiar mais os pobres este ano.*

12) Separa orações reduzidas de gerúndio, particípio ou infinitivo com valor de oração adverbial, de coordenada aditiva (gerúndio) ou de adjetiva explicativa.

– *Chegando a carta, avise-me.*

– *Terminada a palestra, rompeu com risos e aplausos.*

– *Ele, antes de ser homem, foi uma criança.*

– *O vaso caiu no chão, despedaçando-se.* (Cegalla)

– *O nosso planeta, ameaçado constantemente por nós mesmos, ainda resiste.*

Cuidado!!!

Existem certas situações extras no uso das vírgulas... veja:

1) Isola o nome do lugar nas datas.

– *Rio de Janeiro, 21 de julho de 2006.*

2) Separa o paralelismo de provérbios.

– *Ladrão de tostão, ladrão de milhão.*

– *Casa de ferreiro, espeto de pau.*

3) Após a saudação em correspondência (social e comercial).

– *Com muito amor,*

– *Respeitosamente, (...)*

4) A vírgula antes do etc. é controversa, por isso é facultativa.

– *Eu adquiri um livro, um cd, um computador(,) etc.*

5) Depois do <u>sim</u> ou do <u>não</u> usados em respostas.

– *Sim, senhor! Não, senhor!*

6) Antes de <u>como</u> abrindo uma enumeração, explicação ou exemplificação (equivalendo a "por exemplo").

– *O Rio de Janeiro sempre lançou excelentes jogadores, como (por exemplo) Zico, Romário e Ronaldo.*

<u>Adendo final</u>:

Segundo o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*, "A fragmentação de frases **"consiste em pontuar uma oração subordinada ou uma simples locução como se fosse uma frase completa".** Decorre da pontuação errada de uma frase simples. Embora seja usada como recurso estilístico na literatura, a fragmentação de frases deve ser evitada nos textos oficiais, pois muitas vezes dificulta a compreensão. Ex.: *O programa recebeu a aprovação do Congresso Nacional*. ***Depois de ser longamente debatido***. (**errado)** / *O programa recebeu a aprovação do Congresso Nacional, depois de ser longamente debatido*. **(certo)**

Ponto e Vírgula

O **ponto e vírgula** é usado para marcar uma pausa maior do que a da vírgula. Seu objetivo é colaborar com a clareza do texto.

O ponto e vírgula serve para:

1) Separar orações coordenadas assindéticas, normalmente entre trechos já separados por vírgula (ou outros sinais de pontuação), marcando uma enumeração.

– *As leis, em qualquer caso, não podem ser infringidas; mesmo em caso de dúvida, portanto, elas devem ser respeitadas.*

– *Em criança, era um menino tímido mas inteligente; quando moço, era esperto e alegre; agora, como homem maduro, tornou-se um chato.*

– *Por que Deus permite terremotos (como os que ocorreram recentemente na Itália e na Grécia); não impede os ciclones (como os que atacam os EUA ano após ano); nada faz contra as secas intensas (como as do nordeste brasileiro), etc.?*

2) Separar vários itens de uma enumeração (frequente em leis).

Art. 1º A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos:

I – a soberania;

II – a cidadania;

III – a dignidade da pessoa humana;

IV – os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa;

(...)

3) Separar orações coordenadas cuja conjunção "implícita" é facilmente percebida.

– *Comeu muito na festa, exageradamente; não conseguiu ir à aula de hoje. (= Comeu muito na festa, exageradamente, **por isso** não conseguiu ir à aula hoje.)*

Obs.: Se a conjunção vier explícita, por motivo de ênfase, também se pode usar o ponto e vírgula: *"Defenda-se; mas não se vingue."* (José Oiticica)

4) Separar orações coordenadas adversativas e conclusivas com conectivo deslocado.

– *Ficarei com esta; não posso pagá-la à vista, porém.*

– *Finalmente vencemos; fiquemos, pois, felizes com nossa conquista!*

Dois-pontos

Os **dois-pontos** marcam uma supressão de voz em frase ainda não concluída. Em termos práticos, este sinal é usado para:

1) Introduzir uma citação (discurso direto).

– *Assim disse Voltaire: "Devemos julgar um homem mais pelas suas perguntas que pelas respostas."*

2) Introduzir um aposto *explicativo, enumerativo, distributivo* ou uma oração subordinada substantiva apositiva.

– *Amanda tinha conseguido finalmente realizar seu maior propósito: seduzir Pedro, que, por sua vez, amara três pessoas: Magda, Luana e, principalmente, a si mesmo.*

– *Em nosso meio, há bons profissionais: professores, jornalistas, médicos...*

Obs.: Serve simplesmente para indicar um resultado ou resumo do que se disse*: "Corri dez quilômetros durante dois meses seguidos. Resultado: emagreci doze quilos." / "Fui presenteado com livros, CDs, DVDs, garrafas de vinho, dinheiro... Resumindo: ganhei o dia!".*

3) Introduzir uma explicação ou enumeração após as expressões *por exemplo, isto é, ou seja, a saber, como* etc.

– *Adquirimos vários saberes, como: Linguagens, Filosofia, Ciências...*

4) Marcar uma pausa entre orações coordenadas (normalmente a relação semântica entre elas é de oposição, explicação/causa ou consequência).

– *Ele já leu muitos livros: pode-se dizer que é um homem considerado culto.*

– *Precisamos ousar na vida: devemos fazê-lo com cautela.*

5) Marcar a invocação em correspondências.

– *Prezados senhores:*

Último adendo: Só há letra maiúscula após os dois-pontos se a palavra for uma expressão em que se exija a letra maiúscula, como topônimos, antropônimos, siglas etc.; em citações também a letra maiúscula pode vir após os dois-pontos; é correta a letra maiúscula após "nota:", ou "obs.:", ou qualquer expressão que sugira um adendo, como a do início deste "box".

Ponto

Emprega-se o ponto, basicamente, para indicar o fim de uma frase declarativa de um período simples ou composto. Pode substituir a vírgula quando o autor quer realçar, enfatizar o que vem após (evita-se isso em linguagem formal).

– *Posso ouvir o vento assoprar com força. Derrubando tudo!*

O ponto é também usado em quase todas as abreviaturas: fev. = fevereiro, hab. = habitante, rod. = rodovia, etc. = et cætera.

O ponto do *etc.* termina o período, logo não pode haver outro ponto: "..., feijão, arroz, etc..". Absurdo também é usar *etc.* seguido de reticências: "... feijão, arroz, etc....".

Chama-se **ponto parágrafo** aquele que encerra um período e a ele se segue outro período em linha diferente. Esse último ponto agora (antes do *Esse*) é chamado de **ponto continuativo**, pois a ele se segue outro período no mesmo parágrafo. **Ponto final** é este que virá agora.

Obs.: Estilisticamente, podemos usar o ponto para, em períodos curtos, empregar dinamicidade, velocidade à leitura do texto: *"Era um garoto pobre. Mas tinha vontade de crescer na vida. Estudou. Subiu. Foi subindo mais. Hoje é juiz do Supremo."*. Usa-se muito em narrações em geral.

Ponto de Interrogação

O **ponto de interrogação** marca uma entoação ascendente (elevação da voz) com tom questionador. Usa-se nestes casos:

1) Frase interrogativa direta.

– *O que você faria se só lhe restasse um dia?*

2) Entre parênteses para indicar incerteza sobre o que se disse.

– *Eu disse a palavra peremptório (?), mas acho que havia palavra melhor naquele contexto.*

3) Combinado com o ponto de exclamação para denotar surpresa, admiração etc.

– *Você não conseguiu chegar ao local de prova?!* (ou!?)

4) Em interrogações retóricas (sentença que é uma interrogação na forma, mas que expressa uma afirmação ou gera uma reflexão com resposta subentendida).

– *E o que tenho eu com isso?* (Ou seja: *"Não tenho nada com isso."*)

– *Pessoas morrem de fome de 5 em 5 segundos no mundo. Jogaremos comida fora à toa*? (Ou seja: *"Claro que não jogaremos comida fora à toa."*)

Obs.: Hoje em dia, em certas bancas, são até recorrentes questões sobre o objetivo discursivo desse ponto, como estratégia argumentativa do autor do texto. Um dos objetivos principais é **provocar o leitor a interagir ou aguçar sua reflexão**.

Ponto de Exclamação

O **ponto de exclamação** é empregado para marcar o fim de qualquer frase com entonação exclamativa, indicando altissonância, exaltação de espírito.

1) Normalmente exprime *admiração, surpresa, assombro, indignação,* ordem etc.

– *Coitada dessa menina!*

– *Que linda mulher!*

– *Saia daqui!*

2) Vem após as interjeições usualmente.

– *Nossa! Deus do céu! Como não vimos isso antes? Oh! Isso é fantástico!*

3) É usado para substituir as vírgulas em vocativos enfáticos.

– *Minha mãe me dizia quando eu era criança: "Fernando José! onde estava até esta hora?".*

4) É repetido (duas ou mais vezes) quando a intenção é marcar uma ênfase, uma intensidade na voz.

– *Neymar driblou um, driblou dois, ficou de cara para o gol e... perdeu!!! Inacreditável Futebol Clube!*

Travessão

O **travessão** é um sinal bastante usado na narração, na descrição, na dissertação e no diálogo, portanto, figura repetida em qualquer prova; é um instrumento eficaz em uma redação. Pode vir em dupla, se vier intercalado na frase. Veja seus usos:

1) Indica a mudança de interlocutor no diálogo (discurso direto).

– *Que gente é aquela, seu Alberto?*
– *São japoneses.*
– *Japoneses? E... é gente como nós?*
– *É. O Japão é um grande país. A única diferença é que eles são amarelos.*
– *Mas então não são índios?*
(Ferreira de Castro)

2) Coloca em relevo certos termos, expressões ou orações; substitui nestes casos a vírgula, os dois-pontos, os parênteses ou os colchetes.

Marlene Pereira – sem ser artificial ou piegas – lhe perdoou incondicionalmente. (oração adverbial modal)

Um grupo de turistas estrangeiros – todos muito ruidosos – invadiu o saguão do hotel no qual estávamos hospedados. (predicativo do sujeito)

Os professores – amigos meus do curso carioca – vão fazer videoaulas. (aposto explicativo)

Como disse o poeta: "Só não se inventou a máquina de fazer versos – já havia o poeta parnasiano". (orações coordenadas assindéticas – conectivo implícito)

A decisão do ministério foi a seguinte – que todos se unissem contra o mosquito transmissor da dengue. (oração substantiva apositiva)

O Brasil – que é o maior país da América do Sul – tem milhões de analfabetos. (oração adjetiva explicativa)

Meninos – pediu ela –, vão lavar as mãos, que vamos jantar. (oração intercalada)

Ela é linda – linda! (travessão usado como mero realce)

Cuidado!!!

1) A vírgula (ou ponto e vírgula) pode vir após um travessão (ou parêntese), se houver necessidade dela. Em outras palavras, toda vez que aparecer uma questão trabalhando travessões intercalados e vírgula após eles, por favor, faça o seguinte: ignore a existência dos travessões e do que está dentro dele, ok? Se houver necessidade de vírgula, use-a após o último travessão. Veja um exemplo:

Quando João a viu chorando – ele lamentou muito tal fato, pois a amava –, não conseguiu conter seu próprio choro.

Se você ignorar os travessões e a oração interferente dentro deles, o período ficará assim: ***Quando João a viu chorando, não conseguiu conter seu próprio choro.***

Esta vírgula aí está certa, pois a primeira oração é subordinada adverbial iniciando período (sempre separada por vírgula, portanto). Tal regrinha vale também para os parênteses, ou seja:

Quando João a viu chorando (ele lamentou muito tal fato, pois a amava), não conseguiu conter seu próprio choro.

Veja outro exemplo, com vocativo: *"Pestana – chamou o diretor –, precisamos conversar."*

Veja a questão 8, cujo gabarito foi a letra E, em: FGV – MEC – ANALISTA DE SISTEMAS – 2009. Foram usados pontos e vírgulas depois dos travessões! Cuidado, hein!

2) Apesar de o *Manual de Redação da PUC/RS* e do Senado Federal informarem que deve vir a sigla entre travessões ou parênteses (*O Fundo Monetário Internacional – FMI – ajuda as nações*), a Esaf trabalha o assunto diferentemente. Fique atento! Veja:

17. (Esaf – MDIC – Analista de Controle Externo – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial de O Estado de S. Paulo de 29/3/2012.

Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente incorreta.

c) Para a Confederação Nacional da Indústria − CNI há alguns temas de maior importância para consideração dos parlamentares. Essa pauta mínima inclui dezesseis projetos em tramitação no Congresso, selecionados por seu elevado potencial de impacto positivo ou negativo na atividade empresarial.

Comentário: O gabarito foi outra opção. Mas o que nos importa aqui é o fato de a sigla figurar só com um travessão e a Esaf considerar tal uso certo.

"Ajuda" enviada por uma amiga:

ABL RESPONDE

Pergunta: Antes de mais nada, bom carnaval! Para quem está estudando, como eu, rs, surgem dúvidas... Espero que possam ajudar. Há erro na pontuação em "O Sistema Único de Saúde – SUS apresenta falhas."? Obrigadinha!

Resposta: Prezada consulente:

A frase está correta, mas, se indicou um travessão para destacar a sigla do nome próprio, utilize o mesmo travessão antes e depois da sigla: "O Sistema Único de Saúde – SUS – apresenta falhas".

Portanto, a pergunta que fica é esta: "Por que a Esaf ignora o ensino da ABL?"

Parênteses

Os parênteses, muito semelhantes aos travessões e às vírgulas, são empregados para:

1) Colocar em relevo certos termos, expressões ou orações; substitui nestes casos a vírgula ou os travessões.

– *Marlene Pereira (sem ser artificial ou piegas) lhe perdoou incondicionalmente.* (oração adverbial modal)

– *Um grupo de turistas estrangeiros (todos muito ruidosos) invadiu o saguão do hotel no qual estávamos hospedados.* (predicativo do sujeito)

– *Os professores (amigos meus do curso carioca) vão fazer videoaulas.* (aposto explicativo)

– *O Brasil (que é o maior país da América do Sul) tem milhões de analfabetos*. (oração adjetiva explicativa)

– *Meninos (pediu ela), vão lavar as mãos, que vamos jantar.* (oração intercalada)

2) Incluir dados informativos sobre bibliografia (autor, ano de publicação, página etc.).

– *Mattoso Câmara (1977:91) afirma que, às vezes, os preceitos da gramática e os registros dos dicionários são discutíveis: consideram erro o que já poderia ser admitido e aceitam o que poderia, de preferência, ser posto de lado.*

3) Indicar marcações cênicas numa peça de teatro.

João – Você vai aonde?

Pedro – Devo ir à praia.

João – Vou com você. Tchau, mãe! (sai pela esquerda)

Obs.: Os colchetes **[ ]** fazem o mesmo papel dos parênteses, porém são mais usados na Matemática. "O 'sic' serve para evidenciar que o uso incorreto ou incomum de pontuação, ortografia ou forma de escrita presente em uma citação, provém de seu autor original. Vem entre parênteses ou colchetes": "Disse o editor do jornal: 'Não entendo porque (sic) dizem que a mídia no Brasil é tão tolhida.". Deveria ser "por que" (separado).

Aspas

As ***aspas*** são usadas comumente em citações, mas também há outras funções bem interessantes. Atualmente o **negrito** e o *itálico* vêm substituindo frequentemente o uso das aspas. Resumindo, elas são empregadas:

1) Antes e depois de citações textuais.

– *"A vírgula é um calo no pé de todo mundo", afirma a editora de opinião do jornal Correio Braziliense e especialista em língua portuguesa Dad Squarisi, 64.*

2) Para assinalar estrangeirismos, neologismos, arcaísmos, gírias e expressões populares ou vulgares, conotativas.

– *Chávez, com 58 anos, é uma figura doente e fugidia, que hoje representa o "establishment*". (Carta Capital)

– *Não me venham com problemática, que tenho a "solucionática"*. (Dadá Maravilha)

– *O homem, "ledo" de paixão, não teve a "fortuna" que desejava.*

– *Mulher Filé dá "capilé" em repórter "nerd"*. (Jornal Meia Hora)

– *Anderson Silva "passou o carro" no adversário.*

3) Para realçar uma palavra ou expressão imprópria; às vezes com objetivo irônico ou malicioso.

– *Ele reagiu impulsivamente e lhe deu um "não" sonoro.*

– *Veja como ele é "educado": cuspiu no chão!*

– *Se ela fosse "minha"...*

4) Quando se citam nomes de mídias, livros etc.

– *Ouvi a notícia no "Jornal Nacional".*

– *"Os Lusíadas" foi escrito no século XVI.*

Cuidado!!!

1) Quanto à posição das aspas e outros pontos

Se uma frase começar e terminar com aspas, o sinal de pontuação ficará dentro dela:

– *"Só sei que nada sei." Essa frase é atribuída a um grande filósofo grego.*

Se uma frase não começar por aspas, o ponto final ficará fora dela:

– *Disse o diretor: "Considerem as informações relevantes". Depois se contradisse.*

Se a citação contiver ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências, tais sinais ficarão entre aspas, e o ponto final fechará o período:

– *A torcida, aos 45 do segundo tempo, gritará na final entre Brasil e Espanha: "Gol!!! É Brasil!!!". Assim nós, brasileiros, esperamos...*

Vale dizer que alguns manuais de redação, como o da Câmara dos Deputados, ensinam que o ponto final neste caso é dispensável, de modo que a frase também estaria correta assim:

– *A torcida, aos 45 do segundo tempo, gritará na final entre Brasil e Espanha: "Gol!!! É Brasil!!!" Assim nós, brasileiros, esperamos...*

Obviamente, quando não fizerem parte da citação, o ponto de interrogação, o ponto de exclamação ou as reticências deverão vir depois das aspas:

– *Conheces a famosa frase "Penso, logo existo"?*

Quando a frase continuar após a citação entre aspas, o ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências serão usados dentro das aspas, mas não o ponto final:

– *"Está encerrada a sessão!" – anunciou o Presidente.*

– *O Presidente anunciou: "Está encerrada a sessão..."; o plenário logo se esvaziou.*

– *"Haverá sessão extraordinária amanhã?", perguntou o Deputado.*

2) Sobre as aspas simples

Segundo o Manual de Redação da Câmara dos Deputados, quando alguma expressão que deva vir com aspas se encontra dentro de uma frase aspeada, essa expressão virá entre aspas simples:

– *Disse o Ministro: "Estou repetindo agora tudo o que escrevi no artigo 'Os problemas da Previdência', publicado em vários jornais, recentemente."*

Se possível, deve-se evitar, por não ser visualmente favorável, o encontro de aspas simples e duplas:

– *O Presidente declarou: "Sua proposta está prejudicada, pois fui enfático ao proclamar 'Está encerrada a discussão'".*

Reticências

As **reticências** são empregadas para:

1) Assinalar interrupção do pensamento.

– *O Presidente da República está ciente...*

– *Um aparte, por favor...*

– *...ciente do problema. Concedo o aparte ao nobre Deputado.*

(Manual de Redação da Câmara dos Deputados)

2) Indicar partes que são suprimidas de um texto (pode vir entre parênteses ou colchetes).

– *O primeiro e crucial problema de linguística geral que Saussure focalizou dizia respeito à natureza da linguagem. Encarava-a como um sistema de signos... (ou (...), ou [...]) Considerava a linguística, portanto, com um aspecto de uma ciência mais geral, a ciência dos signos...*

(Mattoso Câmara Jr.)

3) Para sugerir o prolongamento da fala.

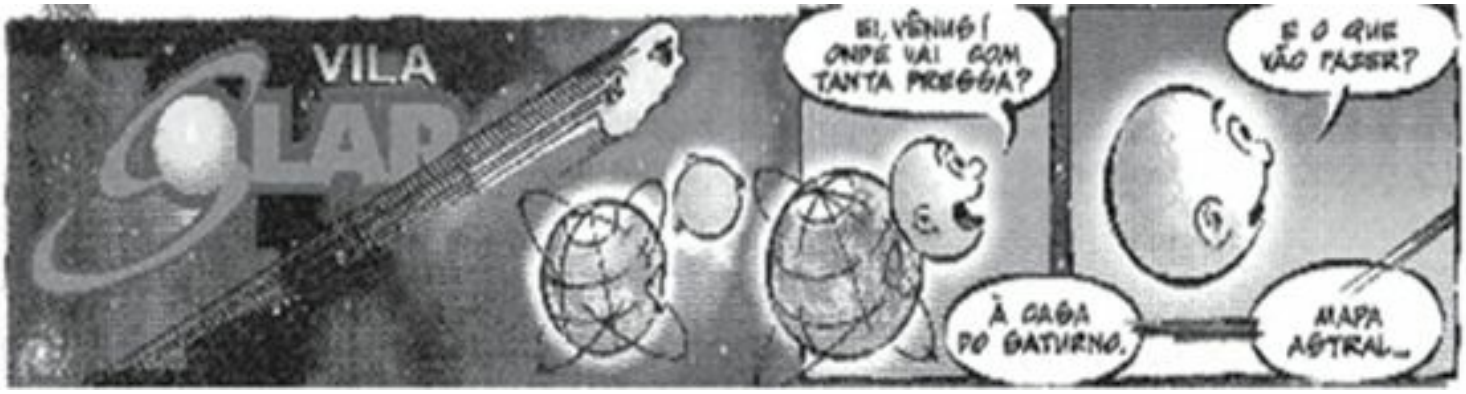

(Saul Garber. Adaptado de FAOZA *et al.* (org.). *Central de tiras*. São Paulo: Via Lettera, 2003.)

Percebeu a fala "Mapa Astral..."? Vênus ia acelerado e a lua fez uma pergunta, só que ele não parou para responder a nada, ele falou correndo, logo a sua fala fica mais ou menos assim (prosodicamente falando): "Mapa astraaaaaaaal". Interessante, não?

4) Para indicar hesitação, suspense ou breve interrupção de pensamento.

– *Eu não a beijava porque... porque... eu tinha vergonha!*

5) Para realçar uma palavra ou expressão, normalmente com malícia, ironia ou outro sentimento.

– *Ela é linda...! Você nem sabe como...!* (lê-se assim, prosodicamente: *"Ela é liiiiinda... você nem sabe como..."*).

O Que Cai Mais na Prova?

Definitivamente **a vírgula** é o que precisamos saber... *de cor e salteado*. Todos os demais sinais vêm correndo por fora... mas vale a pena saber mais sobre **ponto e vírgula, dois-pontos** e **travessão**. Dado o recado... vamos às questões!

Questões de Concursos

1. (FCC – TRT/PA/AP (8ª R) – Técnico Judiciário – 2010) Considere:
   I. O Polo Norte está ameaçado: o oceano gelado que o rodeia começou a derreter.
   II. Vamos assistir a um fenômeno raro: uma subversão da geografia que se desenrolará diante de nossos olhos.
   III. As nações que margeiam o Oceano Ártico já estão na linha de largada: Estados Unidos, Rússia, Canadá, Groenlândia (Dinamarca) e Noruega.

Identifica-se, nos segmentos introduzidos por dois pontos, respectivamente, a noção de:
   a) explicação de sentido causal, especificação do significado da expressão anterior a eles e enumeração;
   b) consequência de um fato, explicação adicional e especificação necessária para o entendimento do texto;
   c) causa e consequência, conclusão decorrente da afirmativa anterior e especificação dos interesses em disputa;
   d) temporalidade, explicação com sentido causal e repetição enfática de dados já constantes anteriormente;
   e) especificação do sentido de um termo anterior, constatação decorrente da exposição e repetição enumerativa.

2. (Cesgranrio – FINEP – Técnico – 2011) A vírgula pode ser retirada sem prejuízo para o significado e mantendo a norma-padrão na seguinte sentença:
   a) Mário, vem falar comigo depois do expediente.
   b) Amanhã, apresentaremos a proposta de trabalho.
   c) Telefonei para o Tavares, meu antigo chefe.
   d) Encomendei canetas, blocos e crachás para a reunião.
   e) Entrou na sala, cumprimentou a todos e iniciou o discurso.

3. (Cesgranrio – FINEP – Analista de Suporte – 2011) Os trechos transcritos abaixo apresentam apenas um sinal de pontuação. Em qual deles, o sinal pode ser substituído por ponto e vírgula (;), com as adaptações necessárias, se for o caso?
   a) "Há 15 dias, uma educadora no Recife"
   b) "indagou a um grupo de estudantes quais os meios de comunicação que eles conheciam. Nenhum citou cartões-postais"
   c) "Para se ter uma ideia de sua importância, basta lembrar um pouco da história"
   d) "tornou-se uma mania que invadiu toda a cidade – lembra o colecionador Liedo Maranhão"
   e) "reduto da cultura popular do Recife, onde eram encontrados em caixas de sapato"

4. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Enfermagem do Trabalho – 2011) Há **ERRO** quanto ao emprego dos sinais de pontuação em:
   a) Ao dizer tais palavras, levantou-se, despediu-se dos convidados e retirou-se da sala: era o final da reunião.
   b) Quem disse que, hoje, enquanto eu dormia, ela saiu sorrateiramente pela porta?
   c) Na infância, era levada e teimosa; na juventude, tornou-se tímida e arredia; na velhice, estava sempre alheia a tudo.
   d) Perdida no tempo, vinham-lhe à lembrança a imagem muito branca da mãe, as brincadeiras no quintal, à tarde, com os irmãos e o mundo mágico dos brinquedos.
   e) Estava sempre dizendo coisas de que mais tarde se arrependeria. Prometia a si própria que da próxima vez, tomaria cuidado com as palavras, o que entretanto, não acontecia.

5. (Cesgranrio – Transpetro – Contador Júnior – 2011) A mudança na pontuação mantém o sentido da frase original, preservando a norma-padrão da língua, em:
   a) "Nesta trepidante cultura nossa, da agitação e do barulho, gostar de sossego é uma excentricidade." / Nesta trepidante cultura nossa, da agitação e do barulho gostar de sossego é uma excentricidade.
   b) "algumas que não combinam conosco nem nos interessam." / algumas que não combinam conosco, nem nos interessam.
   c) "Quem não corre com a manada praticamente nem existe," / Quem não corre, com a manada praticamente nem existe,
   d) "disparamos sem rumo – ou em trilhas determinadas – feito *hamsters* (...)" / disparamos sem rumo ou em trilhas determinadas feito *hamsters*.
   e) "Estar sozinho é considerado humilhante," / Estar sozinho, é considerado humilhante,

6. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico de Contabilidade – 2011) A mudança na pontuação mantém o sentido da frase original, preservando a norma-padrão da língua, em:
   a) "(...) realizada efetivamente há uns quatro ou cinco anos," / realizada efetivamente há uns quatro, ou cinco anos,
   b) "(...) analisa o impacto da criação do telégrafo (surgido em 1837)." / analisa o impacto da criação do telégrafo: surgido em 1837.
   c) "Romances floresceram sob impacto do telégrafo. Códigos secretos foram inventados (...)" / Romances floresceram sob impacto do telégrafo, códigos secretos foram inventados.

d) “Igual impacto teve a Internet.” / Igual impacto, teve a Internet.
e) “(...) não se ouviam notícias delas durante anos.” / não se ouviam notícias, delas, durante anos.

7. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) No diálogo abaixo, cada fala corresponde a um número.
I. Por que ele adquiriu somente um ingresso!
II. Comprou dois: um para você outro para mim.
III. Mas ele saiu daqui dizendo: “Só comprarei o meu!”
IV. Pelo visto você acredita em tudo, o que ele diz.
Em relação ao diálogo, a pontuação está correta **APENAS** em:
a) I;
b) III;
c) I e II;
d) II e IV;
e) III e IV.

(...) Tanto na menor como na *maior felicidade*, porém, há sempre algo que faz que a felicidade seja uma felicidade: a faculdade de esquecer, ou melhor, em palavras mais eruditas, a faculdade de sentir as coisas, durante todo o tempo que dura a felicidade, fora de qualquer perspectiva histórica. (...)

8. (Cespe/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo – 2011) No segundo período do texto, o trecho introduzido pelos dois-pontos apresenta uma explicação do que o autor entende por “maior felicidade”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) “Pode parecer uma difícil realidade agora, mas, na Idade Média, os monges escreviam em conjunto os livros para a posteridade”, observou.

9. (Cespe/UnB – EBC – Gestor de Atividade Jornalística – 2011) No trecho acima, a vírgula que antecede “observou” poderia ser substituída por travessão, sem prejuízo para o sentido original e para a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Esse processo em nada se diferencia de outro já muito conhecido pelos estudiosos da comunicação: a proliferação demasiada de determinados espaços acaba por apagá-los por si mesmos. (...)

10. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior (exceto Advocacia) – 2011) A substituição dos dois-pontos empregados logo após “comunicação” pelo vocábulo **pois** alteraria o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Em meio à turbulência financeira, essas nações também ganharam voz e importância no contexto geopolítico que culminou com a ascensão do G-20 (...)

11. (Cespe/UnB – BRB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) Para dar mais destaque ao complemento da forma verbal “ganharam”, duas vírgulas poderiam ser inseridas no período: uma antes e outra depois da expressão “voz e importância”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Assim, a interação é vista como processo social que dá aos atores que interagem não apenas um papel de agentes de reprodução, mas de reinventores da vida social.

12. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) A ausência de vírgulas logo depois de “atores” e de “interagem” indica que há outros atores que não interagem.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Para apreciar o valor e o significado dessas indicações, é preciso entender as principais razões que levavam o padre a interessar-se pelo tempo (...)

13. (Cespe/UnB – Correios – Cargos de Nível Superior – 2011) O emprego de vírgula logo após o vocábulo “indicações” é obrigatório.

( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Abri uma página ao acaso e li uma frase que dizia ser um sinal de fraqueza, e não de virtude, ir agachar-se sob o túmulo a fim de escapar dos golpes do destino. (...)

14. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2011) Caso se omitisse a vírgula empregada imediatamente antes da conjunção "e", a correção gramatical e a coerência do texto seriam preservadas.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

(...) a vida depende da vontade de outrem, a morte, da nossa. (...)

15. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2011) No trecho "a morte, da nossa", a vírgula foi empregada para indicar a omissão do vocábulo "vontade".
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (FCC – Infraero – Administrador – 2011) Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:
a) Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela, dependem, muitas vezes, de pequenas providências que, tomadas por figurantes aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.
b) Os personagens principais, de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes, de pequenas providências que tomadas por figurantes, aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.
c) Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela dependem muitas vezes de pequenas providências, que, tomadas por figurantes aparentemente, sem importância, ditam o rumo de toda a história.
d) Os personagens principais, de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela, dependem, muitas vezes de pequenas providências, que tomadas por figurantes aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.
e) Os personagens principais de uma história, responsáveis, pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes de pequenas providências, que tomadas por figurantes, aparentemente, sem importância, ditam o rumo de toda a história.

17. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) Está plenamente adequada a pontuação da frase:
a) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo tentar justificar, suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
b) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho; pois os velhos jornalistas igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
c) Não cabe aos jovens, ao menos, os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois, os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
d) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
e) Não cabe aos jovens, ao menos, os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados não costumavam abdicar, dos princípios éticos.

18. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Está inteiramente adequada a pontuação da seguinte frase:
a) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado, na verdade a pompa retórica indicia, o vazio do pensamento.
b) Para o gosto moderno, a grandiloquência, não surge, ao contrário de outras épocas como prova de gosto refinado, na verdade a pompa retórica indicia: o vazio do pensamento.
c) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado; na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.
d) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas como prova de gosto refinado, na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.
e) Para o gosto, moderno, a grandiloquência, não surge, ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado: na verdade a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.

19. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Os trechos a seguir constituem um texto adaptado do Editorial de O Globo de 20/3/2012. Assinale a opção correta quanto ao emprego dos sinais de pontuação.
a) Estudo recente de uma instituição americana, mostra que, em termos da produtividade do trabalho, estamos atrás da Argentina, do Chile, do México, do Uruguai, do Peru e da Colômbia, para citar apenas algumas nações sul-americanas.

Superamos apenas a Bolívia e Equador.

b) O aumento da escolaridade, foi um passo à frente, pois os jovens estarão mais aptos ao aprendizado necessário, a um bom desempenho em suas profissões e atividades do que as gerações anteriores.

c) Porém, para se nivelar aos parâmetros, até mesmo, da maioria dos países do continente, o Brasil, terá de andar bem mais rápido.

d) O país já se encontra em um estágio no qual os saltos de produtividade não ocorrerão sem investimentos mais expressivos. Além de equipamentos, automação e outras ferramentas da tecnologia, parte desses investimentos precisará estar voltada para os recursos humanos.

e) É recente (menos de vinte anos) um envolvimento mais vigoroso do poder público, nesse esforço, para qualificar os recursos humanos disponíveis. Até então, a iniciativa partia de instituições privadas ou das empresas, muitas vezes agindo de maneira isolada.

20. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Há erro gramatical (vírgula depois de "minerais") inserido na transcrição do fragmento abaixo.

O dinamismo da indústria ao longo do ano, particularmente no setor de veículos automotores, metalurgia e produtos minerais, assegurou o crescimento real da receita...

21. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Desconsiderando os necessários ajustes nas letras iniciais maiúsculas e minúsculas, provoca-se erro gramatical e/ou incoerência textual ao:

O Brasil vive uma situação **intrigante**: enquanto a economia alterna altos e **baixos**, a taxa de desemprego cai de forma consistente. Uma das possíveis causas é a redução do crescimento demográfico, que desacelera a expansão da população apta a trabalhar. Com menos pessoas buscando uma ocupação, a taxa de desemprego pode **cair** mesmo com o baixo crescimento. **Isso é bom? Depende**. Por um lado, a escassez de mão de obra reduz o número de desempregados e aumenta a **renda**. Por outro, eleva os custos e reduz a competitividade das empresas, o que pode levá-las a demitir para reequilibrar as contas. É uma bomba-relógio que só pode ser desarmada com o aumento da **produtividade** – para manter o emprego, os trabalhadores precisarão ser treinados para produzir mais.

a) substituir o sinal de interrogação depois de "bom" por um sinal de ponto e vírgula;

b) inserir uma vírgula depois de "cair";

c) retirar o sinal de dois pontos depois de "intrigante" e, ao mesmo tempo, substituir a vírgula depois de "baixos" pelo sinal de dois pontos;

d) substituir o ponto depois de "Depende" pelo sinal de dois pontos e, ao mesmo tempo, substituir o ponto depois de "renda" por ponto e vírgula;

e) substituir o travessão depois de "produtividade" pelo sinal de dois pontos.

22. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Provoca-se erro gramatical e incoerência textual ao fazer a seguinte alteração nos sinais de pontuação do texto:

Sabe-se muito pouco dos rumos que as grandes cidades tomarão nas próximas **décadas**. Muitas vezes nem se prevê a dinâmica metropolitana do próximo **quinquênio**. Mesmo com a capacitação e o preparo dos técnicos dos órgãos envolvidos com a questão urbana, há variáveis independentes que interferem nos planos e projetos elaborados pelos legislativos e encaminhados ao Executivo. **Logicamente** não se prevê o malfadado caos urbano, mas ele pode ensejar que o país se adiante aos eventos e tome medidas preventivas ao desarranjo econômico, que teria conseqüências nefastas. (...) Medidas nessa direção podem (**e devem**) estar em consonância com a projeção de tendências e mesmo com a antevisão de demandas dos destinatários da gestão **urbana** – os cidadãos, urbanos ou não.

a) substituir o ponto depois de "quinquênio", por vírgula;

b) substituir o ponto depois de "décadas" pelo sinal de dois pontos;

c) inserir uma vírgula depois de "Logicamente";

d) retirar os parênteses que destacam "e devem";

e) substituir o travessão depois de "urbana" por vírgula.

23. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Existe consenso entre especialistas de que aumentar a densidade habitacional ao redor dos grandes eixos de transporte público, bem como ampliar os investimentos no modelo que realmente pode chegar a todos os cantos da cidade – os corredores de ônibus –, será a chave do sucesso para qualquer cidade que almeja ser líder global.

– A presença do travessão depois de "ônibus" torna desnecessário o uso da vírgula; por isso, sua omissão manteria a correção gramatical do texto.

24. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Assim como a ideia de civilização implica a ideia de barbárie, a experiência da modernidade (que não deve ser pensada como algo que já aconteceu, mas como algo que deve estar sempre acontecendo, um porvir) implica a experiência da violência que a tornou possível – a violência fundadora da modernidade.

– O sinal de travessão exerce função semelhante ao sinal de dois pontos, que é a de introduzir uma explicação ou uma especificação para a ideia anterior.

25. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) Provoca-se erro **gramatical** ou **incoerência** na argumentação do texto ao substituir os dois travessões por vírgulas: "O desenvolvimento é um processo complexo, que deriva de uma gama de fatores – entre os quais se realça a educação – e precisa de tempo para enraizar-se"?

26. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir os travessões por vírgulas: "Dados do Sine – uma rede pública de agências de emprego, associada ao Ministério do Trabalho – mostram que apenas 39% das vagas ali oferecidas em 2009 foram preenchidas".

27. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) Preserva-se a correção gramatical do texto ao se substituírem os dois-pontos, após a expressão "ou seja" (... o sistema nervoso causaria uma pane nos outros órgãos, ou seja: chegamos a um ponto em que...), por vírgula.

( ) CERTO
( ) ERRADO

28. (Cespe/UnB – STJ – Analista Judiciário – 2012) Na linha 37 (... para o entendimento de uma forma particular de comunicação – ... –, o estudioso deve reconstruir...), é obrigatório o emprego da vírgula após o travessão.

( ) CERTO
( ) ERRADO

É certo que, de modo geral, toda obra literária deve ser a expressão, a revelação de uma personalidade.

29. Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012 Sem alteração da informação expressa no primeiro período do texto, a expressão adverbial "de modo geral" poderia ser deslocada, com as vírgulas, para imediatamente depois da locução verbal "deve ser" ou, eliminando-se as vírgulas que a isolam, para imediatamente após o núcleo nominal "personalidade".

( ) CERTO
( ) ERRADO

30. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) Justifica-se o emprego da vírgula logo após "mas" (... representaram profundas mudanças para a sociedade da época, mas, do ponto de vista político, assistiu-se a uma concentração ainda maior...) para enfatizar o sentido de contraste introduzido por essa conjunção, razão por que a supressão desse sinal de pontuação não acarretaria prejuízo gramatical ao texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) A vírgula após "Ora" (... os dirigentes políticos sonham com estabilidade. Ora, as formas de governo utilizadas pelos impérios fascinam por sua resistência...) pode ser suprimida sem prejuízo para a correção gramatical e para o sentido original do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Sem que haja prejuízo para o sentido original do texto, "Isso" (... o fato de o império absorver povos diferentes faz que alguns de seus componentes desejem destacar-se do conjunto. Isso explica por que os impérios perduram...) pode ser corretamente substituído por **o que**, desde que se substitua o ponto que antecede esse pronome por ponto e vírgula.

( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Com os devidos ajustes de maiúsculas e minúsculas, o ponto após "passados" (Pensar o império não significa ressuscitá-lo dos mundos passados. Trata-se de considerar a multiplicidade...) pode ser substituído por dois-pontos sem que haja prejuízo para a correção gramatical e o sentido original do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

"... outras formas de soberania que respondam melhor a um mundo caracterizado ao mesmo tempo pela desigualdade e pela diversidade."

34. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Caso se insira, antes de "caracterizado", o segmento **que é**, será necessário, para a manutenção da correção gramatical e do sentido do período, o emprego de vírgula após "mundo".
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

"A um coronel que se queixava da vida de quartel, um jornalista disse: ..."

35. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O emprego da vírgula após "quartel" é facultativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

36. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Está inteiramente adequada a pontuação do seguinte período:
a) Em qualquer escalão do governo costuma haver mais cedo, ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado, por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança que ficam ao sabor, das conveniências políticas.
b) Em qualquer escalão, do governo, costuma haver mais cedo ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.
c) Em qualquer escalão do governo, costuma haver, mais cedo ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.
d) Em qualquer escalão do governo costuma haver, mais cedo ou mais tarde, atritos, entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso e o pessoal, indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.
e) Em qualquer escalão do governo costuma haver mais cedo, ou mais tarde atritos, entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado, por concurso, e o pessoal indicado, para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

37. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) *Pois se, por exemplo, criticamos a falta de liberdade e a injustiça social, seria sempre em nome de valores que ainda não se realizaram, mas a respeito dos quais nós, ocidentais, saberíamos, de antemão, seu sentido.*

Do ponto de vista da pontuação, o padrão culto escrito abonaria também, sem prejuízo do sentido original, a substituição proposta no seguinte segmento:
a) "Pois se por exemplo,".
b) "Pois se, por exemplo:".
c) "em nome de valores, que ainda não se realizaram,".
d) "saberíamos de antemão, seu sentido.".
e) "mas a respeito dos quais nós ocidentais saberíamos, de antemão, seu sentido.".

38. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) O período corretamente pontuado está em:
a) Estudos, deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que movidos, por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações, que nos afligem.
b) Estudos deixam evidente que muitas vezes, nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos de que movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa, inadvertidamente, nós mesmos fabricamos, aquelas situações que nos afligem.
c) Estudos deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que, movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações que nos afligem.
d) Estudos deixam evidente, que muitas vezes, nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos de que movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações, que nos afligem.
e) Estudos deixam evidente que, muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos, de que movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos, aquelas situações que nos

afligem.

39. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) Considere os itens abaixo. Em cada um deles, encontram-se a transcrição de um segmento do texto e o mesmo segmento pontuado de maneira diferente da original.

I. *frequentemente reivindicando para si as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro* / frequentemente reivindicando, para si, as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro

II. *Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia (o artigo foi bastante contestado na época*), / Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia – o artigo foi bastante contestado na época –

III. *surgem agora evidências de que a própria Pauline atuou de modo tão pouco ético como ela acusava Welles de ter agido*. / surgem agora, evidências de que a própria Pauline atuou de modo tão pouco ético como ela acusava Welles de ter agido.

O padrão culto escrito abona a nova pontuação de:

a) I, apenas.
b) I e II, apenas.
c) I, II e III.
d) II e III, apenas.
e) I e III, apenas.

40. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal – 2012) *O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma, mas ruiu exatamente conforme as previsões de Kant.*

Outra pontuação para a frase acima, que mantém o sentido e a correção originais, é:

a) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais, não foi um mero fantasma (mas: ruiu exatamente conforme as previsões de Kant).
b) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi: um mero fantasma; mas ruiu, exatamente, conforme as previsões de Kant.
c) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma. Mas ruiu exatamente, conforme as previsões de Kant.
d) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados, nacionais, não foi um mero fantasma − mas ruiu; exatamente conforme as previsões de Kant.
e) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma; mas ruiu, exatamente conforme as previsões de Kant.

41. (Cesgranrio – Petrobras Distribuidora – Técnico de Administração e Controle Júnior – 2012) A substituição da vírgula por ponto pode ser feita, mantendo dois períodos bem-formados sintaticamente, em:

a) Ela nasceu em Salvador, capital do estado da Bahia.
b) O rapaz andava com passos rápidos, estava com pressa.
c) Pedi informação a um senhor, que parecia saber o caminho.
d) Se você não souber o caminho, procure a informação no mapa.
e) Todas as ruas, avenidas e praças de Copacabana estão sinalizadas.

42. (Cesgranrio – CHESF – Analista de Sistemas – 2012) "Hoje, informação é poder."

No fragmento acima, a vírgula é empregada para separar o adjunto adverbial de tempo deslocado. Outro exemplo do texto em que a vírgula é utilizada com a mesma função encontra-se em:

a) "nomes e números em profusão, que nos chegam por jornais."
b) "O estado de nossas células cerebrais, as nossas emoções."
c) "Para quem, como eu, viaja bastante e tem de trabalhar em aviões ou em hotéis."
d) "De repente eu me dava conta de como nossa existência é frágil, de como somos governados pelo acaso e pelo imprevisto."
e) "meu palpite é que, no dia do Juízo Final, cada um de nós vai inserir o *pen drive* de sua vida no Grande Computador Celestial."

43. (Cesgranrio – PROMINP – Nível Superior – Área de Qualidade – 2012) O trecho "Gente não vem com manual de instruções quando nasce. Nem para viver nem para morrer." Está reescrito em uma única sentença, sem alteração do sentido, e pontuada de acordo com a norma-padrão, em:

a) Gente não vem com manual de instruções quando nasce; nem para viver; nem para morrer.
b) Gente não vem com manual de instruções quando nasce: nem para viver – nem para morrer.
c) Gente não vem com manual de instruções quando nasce, nem para viver: nem para morrer.
d) Gente não vem com manual de instruções quando nasce – nem para viver – nem para morrer.

e) Gente não vem com manual de instruções quando nasce: nem para viver, nem para morrer.

44. (Cesgranrio – CEF – Arquiteto – 2012) O trecho "Mas não. Não serve qualquer uma." pode ter sua pontuação alterada, sem modificar-lhe o sentido original, em:
a) Mas não: não serve qualquer uma.
b) Mas, não; não, serve qualquer uma.
c) Mas não; não serve, qualquer uma.
d) Mas: não, não. Serve qualquer uma.
e) Mas não – não; serve qualquer uma.

45. (CEPERJ – Procon – Advogado – 2012) O emprego da vírgula marca anteposição de termos, com alteração da ordem direta da frase, no seguinte exemplo do texto:
a) "O consumismo é uma ideologia, um hábito mental forjado que se tornou umas das características culturais mais marcantes da sociedade atual."
b) "obesidade infantil, erotização precoce, consumo precoce de tabaco e álcool, estresse familiar, banalização da agressividade e violência, entre outras."
c) "Para o mercado, antes de tudo, a criança é um consumidor em formação."
d) "A publicidade na TV é a principal ferramenta do mercado para a persuasão do público infantil, que cada vez mais cedo é chamado a participar do universo adulto."
e) "salvo decisões relacionadas a planos de seguro, combustível e produtos de limpeza."

46. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário – 2012) *Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque no sistema da corrupção o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.*
Assinale a alternativa que apresente pontuação para o trecho anterior igualmente correta.
a) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque – no sistema da corrupção –, o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.
b) Se a conduta de praxe seria não, apenas, aceitar, mas exigir dinheiro, em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque no sistema da corrupção, o valor da honestidade, que garantiria – ao sujeito – a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.
c) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque, no sistema da corrupção, o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia –, foi substituído pela vantagem do dinheiro.
d) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever –, é porque, no sistema da corrupção, o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia – foi substituído pela vantagem do dinheiro.

Fragmento de texto

(...) o que é detectado pelas **respostas vagas, inconsistentes, sem coerência, coesão** (...) O x dá lugar ao ch em **"xícara", "mexer" e "vexame"**; o inverso ocorre em "chuchu", "enchimento" e "pichação". (...) A tecnologia deveria ser uma parceira em vez de contribuir para a alienação dos jovens. **Como ensinar redação a estudantes sem argumentos para defender seu ponto de vista?** É imprescindível enfatizar a necessidade da leitura para redigir com clareza, no português padrão, usando um vocabulário rico e adequado, de forma coerente, concisa e sem repetição de ideias.

47. (FUMARC – TJ/MG – Oficial Judiciário – 2012) Sobre o emprego dos sinais de pontuação, analise as afirmativas a seguir, nos trechos:
I. "(...) respostas vagas, inconsistentes, sem coerência, coesão..." o uso das vírgulas se justifica pela enumeração das informações.
II. "xícara", "mexer" e "vexame" os sinais das aspas nas palavras foram utilizados para enfatizar a maneira correta como cada uma deve ser grafada.
III. "Como ensinar redação a estudantes sem argumentos para defender seu ponto de vista?" compreende-se o uso do ponto de interrogação, nesta frase, uma articulação de indignação.
Está(ão) CORRETA(s) a(s) afirmativa(as):
a) I, II e III.
b) Apenas I e III.
c) Apenas II e III.

d) Apenas I.

48. (FUNCAB – MPE/RO – Analista – 2012) Assinale a opção correta quanto à pontuação.
a) O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida.
b) O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido, sob a insígnia, da civilização industrial primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida.
c) O nosso século que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina, e depois fez dela, o seu modelo de vida.
d) O nosso século que se iniciou, e tem se desenvolvido, sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina e, depois fez dela o seu modelo de vida.
e) O nosso século que se iniciou, e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial primeiro, inventou a máquina e depois, fez dela o seu modelo de vida.

49. (Vunesp – Pref. São José dos Campos/SP – Analista Técnico – 2012) Nos versos – Quando se vê, já é sexta-feira/ Quando se vê, já passaram 60 anos – o emprego da vírgula é obrigatório, mas ele é facultativo em:
a) Se pudesse, o poeta nem olharia o relógio.
b) Já era sexta-feira, quando ele se deu conta da passagem do tempo.
c) Se me dessem uma oportunidade, seguiria sempre em frente.
d) Embora tenha sido reprovado, o poeta espera nova oportunidade.
e) Conforme se constatou, já se passaram 60 anos.

50. (FCC – TRE/PR – Técnico Judiciário – 2012) *A maioria desses usos é nobre, já que eles aumentam o nosso conforto, o nosso bem-estar, a nossa saúde.*

Considere as afirmativas seguintes sobre o emprego das vírgulas no segmento acima.
I. A vírgula colocada após **é nobre** pode ser retirada, sem prejuízo da correção.
II. A vírgula que separa as expressões **o nosso bem-estar**, **a nossa saúde** pode ser corretamente substituída por um **e**.
III. A vírgula após a expressão **o nosso conforto** pode ser substituída por dois-pontos, sem prejuízo da correção e do sentido original.

Está correto o que se afirma APENAS em:
a) III.
b) II.
c) I e III.
d) I e II.
e) I.

Minha vida meu amor
Olha minha vida meu amor
Há muito não és mais meu
Toda a loucura que fiz
Foi por você
Que nunca me deu valor
(...)
Por tua causa João
Eu morro pelada
(...)
No fundo do poço
Amor desculpe algum erro
E a falta de vírgula
Dalton Trevisan, Minha vida meu amor. Revista Língua, ano 7, jan. 2011. (texto adaptado)

51. (COPESE – UFT – Vestibular – 2012) Considerando a linguagem utilizada no texto *Minha vida meu amor*, podemos afirmar que a falta do uso da vírgula nos vocativos *você* (linha 4), *João* (linha 6) e *Amor* (linha 9) é uma inadequação à variedade padrão escrita?

Gabarito

1. A.	11. ERRADO.	21. A.	31. ERRADO.	41. B.
2. B.	12. CERTO.	22. A.	32. ERRADO.	42. E.
3. B.	13. CERTO.	23. INCORRETA.	33. CERTO.	43. E.
4. E.	14. ERRADO.	24. CORRETA.	34. ERRADO.	44. A.
5. B.	15. ERRADO.	25. CORRETA.	35. CERTO.	45. C.
6. C.	16. A.	26. INCORRETA.	36. C.	46. D.
7. B.	17. D.	27. CERTO.	37. E.	47. A.
8. ERRADO.	18. C.	28. CERTO.	38. C.	48. A.
9. CERTO.	19. D.	29. ERRADO.	39. A.	49. B.
10. CERTO.	20. CORRETA.	30. ERRADO.	40. E.	50. B.
				51. INCORRETA.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 28

Concordância Verbal e Nominal

Definição

A **concordância** diz respeito à conformidade de palavras que mantêm relações entre si.

Por exemplo, as palavras que acompanham um substantivo ou substituem-no ficam no mesmo gênero e no mesmo número que ele (normalmente, são artigos, adjetivos, numerais e pronomes).

Perceba que, no parágrafo anterior, há uma relação de concordância entre algumas palavras (as em azul concordam com as em negrito):

*Por exemplo, **as** **palavras** que acompanham **um** **substantivo** ou substituem-**no**, ficam n**o** **mesmo** **gênero** e n**o** **mesmo** **número** que **ele** (normalmente, são artigos, adjetivos, numerais e pronomes).*

Sabe por que os falantes cultos jamais colocariam no feminino os vocábulos *um, no, o, mesmo* e *ele*? Por causa de um princípio da língua, chamado **concordância nominal**.

A concordância nominal trata da adequada variação em gênero e número dos determinantes (artigos, adjetivos, numerais e pronomes) com o substantivo, pois tais classes dependem dele e relacionam-se com ele! Digo mais: note que os **artigos** (*um* e *o*) **acompanham** um substantivo, certo? Mas os pronomes (*no, mesmo, ele*) podem **substituir** substantivos, concordando em gênero e número com ele.

Por isso, atenção! As palavras de um texto mantêm relações de concordância entre si. **Jamais** você construiria um texto assim:

*Por exemplo, **os** **palavras** que acompanham **uma** **substantivo** ou substituem-**na**, ficam n**a** **mesma** **gênero** e n**a** **mesma** **número** que **ela** (normalmente, são artigos, adjetivos, numerais e pronomes).*

Adivinha por quê? Não há respeito à concordância! Beleza? Em certos casos, porém, o determinante pode concordar só com o substantivo mais próximo. Dizemos que, nesses casos, há uma **concordância nominal atrativa**. Veja:

– ***O aluno e a aluna** **estudiosa** conquistaram a tão desejada vaga de Analista Judiciário.*

É óbvio que o adjetivo poderia concordar com os dois substantivos:

– ***O aluno e a aluna** **estudiosos** conquistaram a tão desejada vaga de Analista Judiciário.*

"Ok! Entendi! Mas, Pestana, e a concordância **verbal**?" Vejamos agora.

Na **concordância verbal**, o conceito de concordância se mantém. O que ocorre nesse caso é a **relação entre o verbo e o sujeito**.

Note, por exemplo, o primeiro período deste parágrafo anterior: *"Na concordância verbal, o conceito de concordância se mantém"*. Imagine se ele estivesse escrito assim: *"Na concordância verbal, o conceito de concordância se mantêm, ..."* E aí? Alguma diferença? É claro que sim! Sutil, mas sim, há diferença!

Nessa reescritura, o sujeito *o conceito de concordância* está na 3ª pessoa do **singular**, e o verbo *mantêm* está na 3ª pessoa do **plural**. Por isso, **não há con-cor-dân-cia**, pois o verbo deve concordar com o sujeito, ficando na mesma pessoa e no mesmo número!

Obs.: Muito cuidado com os verbos ***vir*** e ***ter*** (e seus derivados, como *manter*), pois eles, **no plural**, recebem acento circunflexo! Cai direto na prova!

Assim, **a concordância verbal trata da adequada flexão, em número e pessoa, de um verbo com seu sujeito**. Ou seja: sujeito no singular = verbo no singular; sujeito na 3ª pessoa = verbo na 3ª pessoa... e por aí vai...

Imagine se eu dissesse assim:

De todos os povos mais plurais culturalmente, o Brasil, mesmo diante de opiniões contrárias, as quais insistem em desmentir que nosso país é cheio de "brasis" – digamos assim –, ganham disparado dos outros, pois houve influências de todos os povos aqui: europeus, asiáticos e africanos.

Nem o Word me corrigiu! Espero que você já tenha corrigido. Sublinhe o **verbo** e procure o **sujeito** depois:

*De todos os povos mais plurais culturalmente, **o Brasil**, mesmo diante de opiniões contrárias, as quais insistem em desmentir que nosso país é cheio de "brasis" – digamos assim –, **ganham** disparado dos outros, pois houve influências de todos os povos aqui: europeus, asiáticos e africanos.*

O Brasil... ganham?!

"Caiu a ficha" sobre concordância verbal agora, não? Esse exemplo que eu dei é o que as bancas *adooooooooram* fazer com você: distanciar o sujeito do seu verbo, não deixando o candidato perceber a concordância. *Pelo amor de Deus! Cuidado com isso!*

O que torna a "maldade" deles ainda pior é que há uma série de palavras no "meio do caminho", entre o sujeito e o verbo, de modo que perceber a concordância culta fica realmente mais difícil. Pois bem... de acordo com a concordância formal, o período acima deveria ficar assim:

*De todos os povos mais plurais culturalmente, **o Brasil**, mesmo diante de opiniões contrárias, as quais insistem em desmentir que nosso país é cheio de "brasis" – digamos assim –, **ganha** disparado dos outros, pois houve influências de todos os povos aqui: europeus, asiáticos e africanos.*

Verbo no **singular**, pois **sujeito** no **singular.**

Em certos casos, o verbo pode concordar com o termo mais próximo do sujeito. Dizemos

que, nesses casos, há uma **concordância verbal atrativa**. Veja:
– ***Conquistou o aluno e a aluna*** *a tão sonhada vaga de Analista Judiciário.*

É óbvio que o verbo poderia concordar com os dois núcleos do sujeito composto:
– ***Conquistaram o aluno e a aluna*** *a tão sonhada vaga de Analista Judiciário.*

Em outros casos, o verbo concorda com um sujeito implícito tendo como referente um ou mais termos. Leia este texto (sujeito em azul, verbo em negrito):

Caberia *aos cidadãos do Brasil, cujas leis são muitas vezes negligenciadas por eles mesmos,* ***o direito de reclamar****. É por isso que* ***deve ser levado*** *a sério, pois quanto mais reclamações, maior possibilidade de se corrigirem problemas.*

"O que ***deve ser levado*** a sério?" Resposta: "***o direito de reclamar***". Note que o sujeito de ***deve ser levado*** está implícito; como ele está na 3ª pessoa do singular, o verbo fica igualmente na 3ª pessoa do singular. Fácil, não?

Bem... espero que você tenha entendido os conceitos básicos de concordância nominal e verbal. Poderia ser só isso, mas existem algumas... "regrinhas"... Vamos a elas? Sem medinho! Eu quero sangue nos olhos a partir de agora, pois "missão dada é missão cumprida"!

Concordância Verbal com o Sujeito Simples

Toda vez que você quiser saber se o verbo está concordando em número e pessoa com o sujeito, busque o verbo da oração. Depois de encontrado, procure o núcleo do sujeito. Em **regra geral**, **o verbo concorda com o núcleo do sujeito**.

*Os **jogadores** de futebol **ganham** um salário exorbitante.*

Por que o verbo (*ganham*) está no plural? Porque o núcleo do sujeito simples (*jogadores*) está no plural. Quem ganha um salário exorbitante? *Os jogadores de futebol*. Logo, **eles** ganham.

Apesar de já ter falado, quero reiterar que as provas não costumam apresentar questões de concordância neste nível fácil. O intuito delas é testá-lo, por isso procuram inverter a ordem dos termos. A minha dica é esta: sublinhe primeiramente o verbo da oração (veja qual é a pessoa e número dele); depois disso, leia a oração e faça a pergunta "O que/Quem...?" ao verbo, a fim de achar o sujeito; depois de achá-lo, veja se seu núcleo está na mesma pessoa e número do verbo. Se sim, houve concordância. Veja uma oração com inversão de termos:

*No começo da semana, **foi publicado**, para o preenchimento de vagas no Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro (MPE-RJ) – cuja procura por parte dos candidatos é grande –, **o tão aguardado edital**.*

Percebeu que o sujeito está bem depois do verbo? Colocando na ordem direta, fica mais fácil de "enxergar": ***O tão aguardado edital** **foi publicado** no começo da semana ...*

Vamos às regras agora.

1) O núcleo do sujeito é uma palavra de sentido coletivo.

O verbo fica no singular.

– ***A multidão** **gritou** entusiasticamente o nome do jogador.*

– ***O grupo**, ontem à noite, **decidiu** que iria ao congresso.*

Cuidado!!!

1) Coletivo **especificado** ou **partitivo**: *a metade de, a maior parte de, a maioria de, uma porção de, uma parte de, uma turba de, o resto de, um grupo de, um bando de, a metade de, o grosso de, um grande número de, um bom número de...* (verbo no singular, concordando com o núcleo do sujeito, ou verbo no plural, concordando com o núcleo do adjunto).

– *A **multidão** de torcedores **gritou** entusiasticamente.*

– *A multidão de **torcedores** **gritaram** entusiasticamente.*

O gramático Cegalla recomenda que, se este tipo de sujeito vier deslocado, o verbo ficará no singular, concordando com o núcleo:

– ***Gritou*** *entusiasticamente a* ***multidão*** *de torcedores.*

2) Sujeitos formados por *milhão, bilhão, trilhão* etc. seguem o mesmo modelo acima:

– *Mais de um* ***milhão*** *de mulheres* ***foi*** *às ruas a fim de protestar contra o abuso sexual.*

– *Mais de um milhão de* ***mulheres*** ***foram*** *às ruas a fim de protestar contra o abuso sexual.*

2) O sujeito é o pronome relativo *que*.

Neste caso, o verbo posterior ao pronome relativo (com função de sujeito!) concorda com o antecedente do relativo.

– *Depois de participar da promoção, presentearam a mim,* ***que*** *nunca* ***ganhei*** *um "par ou ímpar".*

– *Quais são os limites do Brasil continental* ***que*** *se* ***situam*** *mais próximos e mais distantes do Meridiano?*

Cuidado!!!

1) Se houver pronome pessoal reto seguido de outra palavra antes do pronome relativo, o verbo após o relativo concordará com o pronome reto ou com a outra palavra.

No entanto, a maioria dos gramáticos enfatiza que, neste caso, o verbo fica na 3ª pessoa.

– *Não seremos nós* ***os que****, depois de tudo, mentiremos/****mentirão****.*

2) Se houver dois substantivos antes do pronome relativo, pode o pronome concordar com um dos dois, desde que o sentido da frase esteja claro.

– *O resultado das* ***pesquisas que*** *se apurou/se* ***apuraram*** *provocou polêmica.*

3) Com a expressão ***um(a) dos(as)*** **+ substantivo/pronome** vindo antes do pronome relativo **que**, o verbo pode concordar com *um(a)* ou com o substantivo/pronome.

– *Aquela aluna é uma das pessoas* ***que*** ***precisava/precisavam*** *de ajuda.*

Se o sentido da frase exigir que o verbo após o relativo fique no singular, só haverá esta possibilidade de concordância:

– *Santos Dumont foi um dos brasileiros* ***que*** *inventou o avião. (Só ele inventou.)*

4) Lembre-se disto: o pronome relativo *que* precisa ter função de sujeito para que o verbo após ele concorde com o antecedente do relativo. Veja esta frase: *"As acusações que promove quem defende o 'assembleísmo' baseiam-se na decantada 'soberania' das assembleias"*. Algumas pessoas poderiam pensar que o verbo *promover* deveria ficar no plural concordando com o antecedente do relativo (*acusações*), mas nessa frase, o *que* tem função de objeto direto, e não de sujeito. Na ordem direta a frase é esta: *"As acusações que quem defende o 'assembleísmo' promove baseiam-se na decantada 'soberania' das assembleias"*.

3) O sujeito é o pronome indefinido *quem*.

Por via de regra, o verbo fica na 3ª pessoa do singular concordando com *quem*.

– *Fomos nós **quem** **resolveu** a questão.*

Obs.: Se no lugar do pronome reto vier outra palavra, o verbo vai concordar obrigatoriamente com *quem*: *Foram os rapazes da Jovem Guarda **quem** **fez** sucesso.* Pode concordar com o pronome reto antecedente também, por razões de ênfase: *Fomos nós **quem** resolvemos a questão.* Sobre isso, consulte: Esaf – SRF – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA FEDERAL – 2012 – QUESTÃO 36 (P1-G1).

Mas não é assim que costuma cair em prova, como se vê nas duas questões a seguir:

11. (FUNCAB – MPE/RO – Analista – 2012) Assinale a opção correta quanto à concordância verbal.
D) Eram eles ***quem** fazia* a ronda no local. (Gabarito!)

– (Cespe/UnB – PM/SE – Médico – 2006) Assinale a opção que obedece às orientações da norma culta.
B) Na passagem "Por que não fui eu que criei a Microsoft?" (l.12-13), o segundo "que" pode ser corretamente substituído por *quem*, sem modificações das formas verbais.

Comentário: O gabarito foi outro, logo, para o Cespe/UnB, prevaleceu a regra principal, isto é, não se pode usar *quem* no lugar do segundo *que*, de modo que o verbo concorde com o pronome reto: "Por que não fui *eu quem criei* a Microsoft?" (errado)

4) O sujeito é um pronome interrogativo, demonstrativo ou indefinido no plural + de nós/de vós.

O verbo pode concordar com o **pronome no plural** (interrogativo, demonstrativo ou indefinido) ou com *nós/vós*.

– ***Quais** de vós me **ajudarão**? / Quais de **vós** me **ajudareis**?*

– ***Aqueles** de nós **se expressam** bem. / Aqueles de **nós** **nos expressamos** bem.*

– ***Alguns** de nós **resolviam** essas questões. / Alguns de **nós** **resolvíamos** essas questões.*

Obs.: Com os pronomes interrogativos ou indefinidos **no singular**, o verbo concorda com eles em pessoa e número: ***Qual** de vós me **ajudará** agora?*

5) O sujeito é formado de palavras pluralizadas, normalmente topônimos, como: *Amazonas, Alpes, Andes, Alagoas, Campinas, Campos, Buenos Aires, Emirados Árabes Unidos, Filipinas, Marrocos, Minas Gerais, Montes Claros, Patos, Vassouras, etc.*

Se o sujeito vier antecedido de *artigo* no *plural*, o *verbo* ficará no *plural*. Se o sujeito *não* vier antecedido de artigo (ou de artigo no plural), o *verbo* ficará no *singular*.

– ***Os Estados Unidos** **continuam sendo** a maior potência mundial.*

– ***Santos** **fica** em São Paulo.*

– ***O Marrocos*** ***foi dominado*** *pelos árabes no século VIII.*
– ***Férias*** ***faz*** *bem à saúde.*
– ***Vozes verbais*** ***diz*** *respeito, basicamente, a três formas diferentes do verbo.*
– ***As vozes verbais*** ***são*** *tradicionalmente* ***divididas*** *em ativa, passiva e reflexiva.*

Obs.: Há muita polêmica em torno deste caso, mas, de um modo geral, quando o sujeito **apresenta nome de obra artística pluralizada** (livros, filmes...), o verbo pode ficar no singular ou no plural, *quando antecedida de artigo no plural* (*Os Sertões, Os Maias, Os pastores da noite, etc.*):
– ***Os Lusíadas imortalizou/imortalizaram*** *Camões.*
– ***Velozes e Furiosos*** *marcou o cinema relativo a carros.*

6) O sujeito é formado pelas expressões *mais de um, cerca de, perto de, menos de, coisa de, obra de* etc.

O verbo concorda com o numeral.
– *Mais de* ***um*** *aluno não* ***compareceu*** *à aula.*
– *Mais de* ***cinco*** *alunos não* ***compareceram*** *à aula.*

Obs.: A expressão ***mais de um*** tem particularidades: se a frase indicar reciprocidade (pronome reflexivo recíproco *se*), se houver coletivo especificado ou se a expressão vier repetida, o verbo fica no plural:
– *Mais de um irmão* ***se*** ***abraçaram****.*
– *Mais de* ***um grupo de crianças veio/vieram*** *à festa na praia.*
– ***Mais de um aluno, mais de um professor estavam*** *presentes.*

7) Sujeito formado de número percentual ou fracionário.

O verbo concorda com o numerador (o número antes da barra da fração) ou com o número inteiro (o número antes da vírgula na porcentagem), mas pode concordar com o especificador dele. Se o numeral vier precedido de determinante, o verbo concordará apenas com o numeral.
– *Apenas* ***1/3*** *das pessoas do mundo* ***sabe*** *o que é viver bem.*
– *Apenas 1/3 das* ***pessoas*** *do mundo* ***sabem*** *o que é viver bem.*
– *Apenas* ***30%*** *do povo* ***sabem*** *o que é viver bem.*
– *Apenas 30% do* ***povo*** ***sabe*** *o que é viver bem.*
– ***Os 30%*** *da população não* ***sabem*** *o que é viver mal.*

Obs.: Note que, no primeiro exemplo, o verbo concordou com o **1** de 1/3, o mesmo ocorre

com **0** em "Só ***0,9%*** das pessoas ***sabe*** o que significa 'lóxia'.". Veja uma questão sobre isso:

11. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2008) "... mostram que um terço dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição..." (L.67-70)

Assinale a alternativa em que, ao se alterar o termo "um terço", **não** se tenha mantido a concordância em conformidade com a norma culta. Desconsidere a possibilidade de concordância atrativa.

a) mostram que 0,27% dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.
b) mostram que menos de 2% dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foram tributados apenas por aquela contribuição.
c) mostram que grande parte dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.
d) mostram que três quartos dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foram tributados apenas por aquela contribuição.
e) mostram que 1,6 milhão dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.

Comentário: O gabarito é a C, pois não houve concordância adequada: "... grande parte dos pagamentos realizados... foi tributado..."; deveria ser "... parte... foi tributada..." ou "... pagamentos... foram tributados...". a) "... **0**,27%... **foi tributado**...". b) "... **2**%... **foram tributados**...". d) "...**três** quartos... **foram tributados**...". e) "... **1**,6 milhão... **foi tributado**...".

8) Os verbos *bater*, *dar* e *soar* concordam com o número de horas ou vezes (sujeito), exceto se o sujeito for a palavra *relógio, sino, carrilhão*...

– ***Deram duas horas*** *e ela não chegou. (Duas horas deram...)*
– ***Bateu o sino*** *duas vezes. (O sino bateu...)*
– ***Soaram dez badaladas*** *no relógio da escola. (Dez badaladas soaram...)*
– ***Soou*** *dez badaladas* ***o relógio*** *da escola. (O relógio da escola soou dez badaladas.)*

Obs.: Alguns gramáticos, como Celso Cunha e Antenor Nascentes, encaram tais verbos como impessoais, de modo que o número de horas é o adjunto adverbial e a oração é sem sujeito. Nesse caso, a concordância é atrativa. Já outros gramáticos, como Domingos. P. Cegalla e Rocha Lima, encaram tais expressões numéricas como o sujeito, de modo que o verbo não é impessoal.

9) Sujeito em voz passiva sintética.

O verbo concorda com o sujeito paciente. Passe sempre para a voz passiva analítica para "enxergar" o sujeito mais facilmente.

– ***Vendem-se casas de veraneio*** *aqui. (Casas de veraneio são vendidas aqui.)*
– *Nunca* ***se viu****, em parte alguma,* ***pessoa tão interessada****. (Pessoa tão interessada nunca foi vista em parte alguma.)*

Cuidado!!!

1) Quando o sujeito composto está posposto, vale a regra de atração com o mais próximo ou com todos os elementos do sujeito composto:

– ***Modificou****-se, no século XXI, ainda que a população brasileira estivesse descrente, a* ***maneira*** *de fazer política no Brasil, os tratos do Legislativo com os cidadãos e, por fim, a visão do povo sobre os governantes.*

– ***Modificaram****-se, no século XXI, ainda que a população brasileira estivesse descrente, a* ***maneira*** *de fazer política no Brasil, os* ***tratos*** *do Legislativo com os cidadãos e, por fim, a* ***visão*** *do povo sobre os governantes.*

2) Não confundir ***se*** apassivador com ***se*** indeterminador do sujeito! Revise o *se* relendo *Funções Sintáticas dos Pronomes Oblíquos Átonos*, no capítulo 21. Cai muito em prova, hein!

Veja um exemplo de frase para você entender "como" aparece em prova:

Não ***se discutem*** *muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise,* ***a questão do tamanho****, mas sim a alavancagem desses bancos.* (Retirado de Carta Capital, 18/10/2012)

Corrija-se para o singular:

Não ***se discute*** *muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise,* ***a questão do tamanho****, mas sim a alavancagem desses bancos. (= ... a questão do tamanho não é discutida...)*

Veja mais um:

Não ***se discute*** *muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise,* ***as questões do tamanho****, mas sim a alavancagem desses bancos.*

Corrija-se para o plural:

Não ***se discutem*** *muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise,* ***as questões do tamanho****, mas sim a alavancagem desses bancos. (= ... as questões do tamanho não são discutidas...)*

Nas provas, há uma tendência muito grande em formular a frase de voz passiva sintética com verbo no singular, indeterminando o sujeito. Por isso se faz muita pergunta sobre o *se*. Não confunda!

3) Concordância com *costumar/poder/dever* + *se* + infinitivo + substantivo no plural.

Existem duas análises possíveis para essa construção:

Em "***Devem-se resolver*** *rapidamente* ***as questões de Português***", analisamos *devem-se resolver* como uma **locução verbal com partícula *se* apassivadora**, concordando o verbo auxiliar da locução com o sujeito *as questões de Português*. Afinal de contas, "O que se devem resolver rapidamente?" Resposta: "As questões de Português.", certo? Passe para a voz passiva analítica que vai ficar mais fácil ainda:

"***As questões de Português*** ***devem ser resolvidas*** rapidamente." Percebeu?

Agora, a segunda análise possível é feita se os verbos ***costumar/poder/dever*** estiverem no singular, não mais formando uma locução verbal, mas sim um **verbo principal** seguido de uma **oração reduzida**. "Como assim, Pest?" Veja a frase a seguir e sua análise:

"**Pode-se** / ***resolver rapidamente estas questões de Português***."

O que "se pode"? Ou seja, o que é possível? Resposta: "resolver rapidamente estas questões de Português" se pode (= é possível). Logo, *resolver rapidamente estas questões de Português* é a oração reduzida com função de **sujeito** da oração principal *Pode-se*. O verbo fica sempre no singular quando seu sujeito é oracional.

Resumindo:

Costumam/Devem/Podem-se resolver ***questões de Português.***

(locução verbal com *se* apassivador concordando com sujeito no plural)

ou

Costuma/Deve/Pode-se / ***resolver questões de Português*****.**

(oração principal / oração reduzida de infinitivo com função de sujeito)

4) Com a estrutura *querer* + *se* + infinitivo, Bechara indica que a concordância não pode ser arbitrária quando o sentido falar mais alto: *"Quer-se inverter as leis."* não equivale a *"As leis querem ser invertidas."*, logo não faz sentido escrever ou dizer *"Querem-se inverter as leis."*. Sendo assim, o sujeito de *"Quer-se inverter as leis."* é oracional: *inverter as leis*.

5) Na expressão "não (nunca)... mais que (do que)", o verbo concorda com o termo que vem depois do fim da expressão: *"Não se* ***viam*** *mais do que* ***corpos espalhados no chão****."*

10) O sujeito é um pronome de tratamento.

O verbo fica sempre na 3ª pessoa do singular.

– *Por que* ***Vossa Majestade*** ***está*** *tão preocupada com sua imagem hoje?*

– ***Suas Excelências*** ***precisam*** *parar de colocar "panos quentes" no julgamento.*

11) Sujeito do verbo *viver* (orações optativas ou exclamativas).

– ***Vivam*** ***os campeões****!*

Continue a labuta... vamos a mais regras! Não desista!

Concordância Verbal com o Sujeito Composto

Se o sujeito é composto, o verbo concorda em número e pessoa com os núcleos do sujeito.

*A **Copa do Mundo** e as **Olimpíadas** **beneficiarão** muito o Brasil em 2014 e em 2016.*

O verbo está no plural porque os núcleos do sujeito também estão. Ok?

Cuidado!!!

1) Por concordância atrativa, o verbo pode concordar com o núcleo mais próximo do **sujeito composto posposto** ao verbo. Pode também concordar com os dois núcleos. Se, porventura, o verbo vier acompanhado de pronome reflexivo recíproco, aí o verbo fica obrigatoriamente no plural.

– ***Vai trazer** benefícios, em 2014 e em 2016, a **Copa do Mundo** e as Olimpíadas.*

– ***Vão trazer** benefícios, em 2014 e em 2016, a **Copa do Mundo** e as **Olimpíadas**.*

– ***Vão cumprimentar-se**, em 2014 e em 2016, **alguma autoridade brasileira e alguma autoridade estrangeira**, em virtude dos jogos a serem realizados aqui.*

Essa concordância atrativa, porém, foi ignorada completamente pela banca Esaf:

6. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção que apresenta erro gramatical inserido na transcrição do fragmento abaixo.

*(...) **Contribuiu**, ainda, para o aumento da arrecadação, **o recebimento de concessões para exploração de petróleo e gás natural e serviços de telefonia móvel celular, a receita de dividendos da União e a receita de cota-parte de compensações financeiras**, em decorrência da elevada cotação do preço do petróleo no mercado internacional em parte deste ano.*

c) flexão de singular no verbo "Contribuiu";

Comentário: O gabarito foi a letra C. É isso mesmo! A Esaf considerou um erro a concordância atrativa entre a forma verbal singular *Contribuiu* e o termo mais próximo (recebimento) do sujeito composto! Esta questão deveria ter sido anulada! É incrível, não?! Pensou que tinha acabado a novela? Em 2005, a mesma banca aceitou a concordância atrativa!!! Duvida?! Veja isto: ESAF – SET/RN – AUDITOR-FISCAL DO TESOURO ESTADUAL – 2005 – QUESTÃO 3.

2) Quando os núcleos do sujeito designam a mesma pessoa ou coisa, o verbo fica no singular: "*Aleluia! **O brasileiro comum**, **o homem do povo**, **o João-ninguém** agora **é** cédula de Cr$ 500,00!*" (Carlos Drummond de Andrade)

1) Núcleos do sujeito constituídos de pessoas gramaticais diferentes.

Para haver concordância adequada, segue-se a ordem de prioridade: a 1ª pessoa prevalece sobre a 2ª, que prevalece sobre a 3ª.

– ***Eu** e **ele** (= Nós) nos **tornaremos** pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

– ***Tu** e **ele** (= Vós) vos **tornareis** pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

Cuidado!!!

1) No segundo exemplo, também é aceita a concordância do verbo com a terceira pessoa.

– ***Tu*** *e* ***ele*** *(= Vocês) se* ***tornarão*** *pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

2) Se o sujeito estiver posposto, permite-se também a concordância por atração com o núcleo mais próximo do verbo.

– ***Tornar-me-ei*** ***eu*** *e* ***meus amigos*** *pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

3) No sujeito posposto, quando ocorre ideia de reciprocidade, a concordância é feita obrigatoriamente no **plural**, concordando com ambos os termos do sujeito.

– ***Abraçaram-se*** o ***professor*** e ***ele***.

2) Núcleos do sujeito ligados pela preposição *com*.

O verbo fica no plural, mas, se a expressão iniciada por *com* estiver entre vírgulas, o verbo concordará com o primeiro sujeito.

– *O* ***ministro com seus assessores*** ***chegaram*** *ontem de uma exaustiva viagem.*

– *O* ***ministro,*** *com seus assessores,* ***chegou*** *ontem de uma exaustiva viagem.*

Obs.: Bechara diz que a arbitrariedade independe do uso das vírgulas, pois o *com* equivale a *e*, ligando núcleos do sujeito composto. Já o conceituado Rocha Lima, assim como outros gramáticos, entende que a expressão (entre vírgulas) iniciada por *com* é um adjunto adverbial de companhia, por isso o verbo concorda só com o antecedente do *com* (ministro). Com deslocamento do sujeito, a concordância é atrativa: ***Chegou*** *ontem de uma exaustiva viagem o* ***ministro*** *com seus assessores.*

3) Núcleos do sujeito acompanhados da palavra *cada* ou *nenhum*.

O verbo fica no singular.

– ***Cada jogador, cada time, cada um*** ***deve manter*** *o espírito esportivo.*

– ***Nenhum diretor, nenhum coordenador, nenhum professor*** ***agrediria*** *um aluno.*

4) Os núcleos do sujeito são sinônimos e estão no singular.

O verbo pode ficar no singular ou no plural.

– *A* ***angústia*** *e a* ***ansiedade*** *não o* ***ajudava*** *a se concentrar.*

– *A* ***angústia*** *e a* ***ansiedade*** *não o* ***ajudavam*** *a se concentrar.*

Obs.: Neste caso, Sacconi diz que o verbo fica no singular, obrigatoriamente. Polêmicas à parte... quando os núcleos são antônimos, o verbo fica no plural: *A* ***ansiedade*** *e a* ***despreocupação*** ***andam*** *lado a lado em um homem.*

5) Gradação entre os núcleos do sujeito.

O verbo fica no singular ou no plural.

– *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seu **toque** **bastou** para me seduzir.*

– *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seu **toque** **bastaram** para me seduzir.*

Obs.: Neste caso, Sacconi diz que o verbo fica no singular, obrigatoriamente. Polêmicas à parte... se, depois da gradação, vier um termo resumitivo, com ele o verbo concordará: *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seu **toque**, **tudo** **isso** **bastou** para me seduzir.* Se vier um nome plural na gradação, o verbo ficará no plural: *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seus **toques** **bastaram** para me seduzir.*

6) Núcleos do sujeito no infinitivo.

O verbo fica no singular.

– ***Andar** e **nadar** **faz** bem à saúde.*

– ***Ver**-te e não te **querer** **é** improvável, **é** impossível.* (Skank – adaptado)

Obs.: Se os infinitivos vierem determinados ou se forem antônimos, o verbo ficará no plural: ***O** **andar** e **o** **nadar** **fazem** bem à saúde. / **Rir** e **chorar** **se alternam** no ser humano.*

7) Núcleos do sujeito resumidos por um aposto resumitivo (*nada, tudo, ninguém*...).

O verbo fica no singular.

– *Os pedidos, as súplicas, o desespero, **nada** disso o **comoveu**.*

Obs.: Cuidado com a concordância, que pode não ser com o termo resumitivo, mas com o que vem depois do verbo: *Os pedidos, as súplicas, o desespero, nada disso **exigiam** de seus servos **os amos**.*

8) Sujeito constituído pelas expressões *um e outro, nem um nem outro.*

O verbo fica no singular ou no plural.

– ***Um e outro** já **veio/vieram** aqui.*

– ***Nem um nem outro** já **veio/vieram** aqui.*

Cuidado!!!

1) Ao indicar reciprocidade, é obrigatório o verbo no plural.

– ***Nem um nem outro** se **abraçaram** aqui.*

2) Se o sujeito for constituído pela expressão ***um ou outro***, o verbo fica no **singular**.

– ***Uma ou outra conseguirá** uma boa classificação.*

Em *nem um nem outro*, há divergência: alguns gramáticos dizem que o verbo tem de vir no singular (Bechara, p. ex.) ou no plural (Cegalla, p. ex.). Outros (Sacconi, p. ex.) dizem ser caso facultativo. Para "resolver" este impasse, veja:

12. (Esaf – TCU – Analista de Controle Externo – 2006) Assinale a asserção falsa acerca da estruturação linguística e gramatical do texto abaixo.

"Nem o 'sim' nem o 'não' venceram o referendo, e quem confiar no resultado aritmético das urnas logo perceberá a força do seu engano. O vencedor do referendo foi o Grande Medo. Esse Medo latente, insidioso, que a todos nos faz tão temerosos da arma que o alheio possa ter, quanto temerosos de não ter defesa alguma na aflição. Se um lado ou outro aparenta vantagem na contagem das urnas, não faz diferença. O que importa é extinguir o Grande Medo. E **nem** um lado **nem** outro poderia fazê-lo. Todos sabemos muito bem porquê."

a) Para o texto não apresentar nenhuma incorreção de ordem sintática, a concordância do sujeito composto ligado por "nem... nem" deve ser feita com o verbo no plural, tal como se fez na ocorrência do mesmo sujeito composto, na primeira linha do texto.

Comentário: Não deve ser feita no plural, pois é facultativa.

9) Núcleos do sujeito ligados por *nem... nem...*

Verbo preferencialmente no plural.

– ***Nem a televisão nem a internet*** ***desviarão*** *meu foco nos estudos.*

– ***Nem você nem ninguém*** ***conseguirão desmotivar****-me a ponto de eu desistir.*

Cuidado!!!

1) Quando o sujeito está posposto ao verbo, há preferência pelo singular: *"Não lhes **faltava talento nem disposição.**"*.

2) Quando "nem... nem" tem valor de exclusão, o verbo fica no singular, segundo ensina Ulisses Infante: *"**Nem você nem ele** **será** o novo representante da classe."*.

3) Com pronomes retos, segue-se a lei da primazia: *"**Nem eu nem ela** **seremos** condenados, por falta de prova."*.

10) Núcleos do sujeito ligados por *ou*.

Se o ***ou*** indicar exclusão, retificação, sinonímia, o verbo concordará com o núcleo mais próximo. Se indicar inclusão/adição, o verbo ficará no plural (neste caso, o singular não é proibido, segundo Cegalla e Bechara).

– ***O Vasco ou o Corinthians*** ***ganhará*** *o campeonato este ano.* (exclusão)

– ***O Botafogo ou o Flamengo*** ***é*** *pentacampeão brasileiro.* (retificação)

– ***O Flamengo ou Mengão*** *sempre* ***morará*** *em meu coração.* (sinonímia)

– ***O Santos ou o Fluminense*** ***têm*** *grande chance de conquistar o campeonato este ano.* (inclusão/adição)

Obs.: Quando a conjunção **ou** liga termos antônimos, o verbo fica no plural: *"**O amor ou o***

*ódio exacerbados não **fazem** bem à saúde.”.*

11) Entre os núcleos do sujeito aparecem as palavras *como, menos, inclusive, exceto* ou as expressões *bem como, assim como, tanto quanto* (geralmente entre vírgulas).

A preferência é a concordância com o primeiro elemento do sujeito composto.

– ***Vocês**, assim como **eu**, **gostam/gostamos** muito de Português.*

12) Núcleos do sujeito ligados pelas séries correlativas aditivas enfáticas (*tanto... quanto/como/assim como; não só... mas também* etc.)

O verbo concorda com o mais próximo ou com ambos. Há preferência pelo plural entre os gramáticos.

– ***Tanto Dilma quanto Lula** **mantém/mantêm** sua popularidade em alta.*

– ***Não só o Lula mas também a Dilma** **apresenta/apresentam** o mesmo discurso.*

13) Quando dois ou mais adjuntos modificam um único núcleo, o verbo fica no singular concordando com o núcleo único. Mas, se houver determinante após a conjunção, o verbo fica no plural, pois aí o sujeito passa a ser composto.

– *O **preço** dos combustíveis e dos alimentos **aumentou**.*

– *O **preço** dos alimentos e **o** dos combustíveis **aumentaram**.*

Obs.: Para Bechara, a primeira frase poderia apresentar verbo no plural, “como se tratasse na realidade de sujeito composto”: *O **preço** dos combustíveis e dos alimentos **aumentaram**.*

Concordância Verbal do Ser

Aí, a essa altura do campeonato eu pergunto: "Quando o verbo ***ser*** não é especial?" Não poderia ser diferente na concordância! O fato é o seguinte: ora o verbo *ser* concorda com o sujeito, ora com o predicativo do sujeito.

Vejamos as regras desse verbo todo especial.

1) O verbo *ser* concorda com o sujeito (pronome pessoal reto).

– ***Nós*** ***somos*** unha e carne.

2) O verbo *ser* concorda com o sujeito (pessoa).

– ***Fernando Pessoa*** ***foi*** *muitos poetas; basta conhecer seus heterônimos.*

Cuidado!!!

1) Quando o sujeito e o predicativo forem personativos, o verbo *ser* poderá concordar com um dos dois. Logo...: ***Fernando Pessoa*** ***foi/foram*** ***muitos poetas****; basta conhecer seus heterônimos.*

2) Quando **pessoa** concorre com **pronome reto**, o verbo *ser* concorda com o pronome reto (sujeito):

– *Fernando Pestana* ***sou*** ***eu****.*

– ***Eles*** ***são*** *vencedores.*

3) Se os **dois termos** (sujeito e predicativo) forem **pronomes**, a **concordância** será **com** o que aparecer **primeiro**, considerando-o como sujeito da oração.

– ***Eu*** *não* ***sou*** *tu, e* ***tu*** *não* ***és*** *eu.*

3) Quando, em predicados nominais, o sujeito for representado por um dos pronomes *tudo, nada, isto, isso, aquilo* ou "coisas", o verbo *ser* concordará com o predicativo (preferencialmente) ou com o sujeito.

– *No início,* ***tudo*** ***é/são*** ***flores****.*

– ***Tua Palavra*** *sempre* ***foi/foram*** ***as Sagradas Escrituras****.*

– ***Vestidos, sapatos e bolsas*** ***são/é*** ***assunto de mulher****.*

Veja uma questão exemplar sobre isso:

08. (Esaf – SFC – Analista de Finança e Controle – 2002) Assinale a norma gramatical que justifica, com correção e propriedade, a flexão plural do verbo **ser** no período abaixo.

"Já é mais do que conhecido que o principal problema do sistema tributário nacional **são** justamente as contribuições, e não os impostos propriamente ditos." *(Revista CNT, "Lixo tributário")*

a) "Com os verbos ser e parecer a concordância se faz de preferência com o predicativo, se este é plural." (*Luiz Antonio Sacconi)*

b) "Nas frases em que ocorre a locução invariável *é que*, o verbo concorda com o substantivo ou pronome que a

precede, pois são eles efetivamente o seu sujeito." *(Celso Cunha & Lindley Cintra)*

c) "Se tanto o sujeito como o predicativo forem personativos e nenhum dos dois for pronome pessoal, a concordância será facultativa (pode-se concordar com o sujeito ou o predicativo)." *(Dileta S. Martins & Lúbia S. Zilberknop)*

d) "Expressões de sentido quantitativo (...) acompanhadas de complemento no plural admitem concordância verbal no singular ou no plural." *(Manual de Redação da Presidência da República)*

e) "Se o sujeito composto tem os seus núcleos ligados por série aditiva enfática (...), o verbo concorda com o mais próximo ou vai ao plural (o que é mais comum quando o verbo vem antes do sujeito)".*(Evanildo Bechara)*

Comentário: O gabarito é a letra A... por sinal, autoexplicativa: "... o principal **problema**... **é**/***são***... as ***contribuições***...".

4) O verbo *ser* concordará com o predicativo quando o sujeito for os pronomes interrogativos *que* ou *quem*.

– *Que **são** **anacolutos**?*

– *Quem **foram** os **classificados**?*

5) Em indicações de horas, datas, tempo, distância (predicativos), o verbo concorda com o predicativo.

– ***São** **nove horas**.*

– ***É** **frio** aqui.*

– ***Seria** **meio-dia e meia** ou **seriam** **doze horas**?*

– *Daqui à Cidade **são** só **dez quilômetros**.*

Cuidado!!!

1) Em indicações de datas, são aceitas as duas concordâncias, pois subentende-se a palavra dia.

– *Hoje **são** **4 de setembro**.*

– *Hoje **é** **(dia) 4 de setembro**.*

2) Indicando horas e seguido de locuções como "perto de", "cerca de", "mais de", o verbo "ser" tanto pode ficar no singular como no plural.

– ***Era/Eram** **cerca de dez horas**.*

6) Fica o verbo "ser" no singular quando a ele se seguem termos como *muito, pouco, nada, tudo, bastante, mais, menos, etc.* junto a especificações de *preço, peso, quantidade, distância, etc.* Ou seguido do pronome demonstrativo *o*.

– *Cento e cinquenta reais **é** **nada**, perto do que irei ganhar em São Paulo.*

– *Cem metros **é** **muito** para uma criança.*

– *Duas surras **será** **pouco** para ele aprender.*

– *Divertimentos **é** **o** que não lhe falta naquele parque temático.*

7) Na expressão expletiva *é que*, se o sujeito da oração não aparecer entre o verbo *ser* e

o *que*, o *ser* ficará invariável. Se o *ser* vier separado do *que*, o verbo concordará com o termo <u>não preposicionado</u> entre eles.

– ***Eles é que*** *sempre chegam atrasados.*

– ***São eles que*** *sempre chegam atrasados.*

– ***São*** *nessas horas* ***que*** *a gente precisa de ajuda.* (construção inadequada)

– ***É*** *nessas horas* ***que*** *a gente precisa de ajuda.* (construção adequada)

Casos Especiais de Concordância Verbal

I – Concordância do Infinitivo

1) Quando o sujeito for claro.

– *Nós lutaremos até vós **serdes** bem tratados pela sociedade.*

2) Mesmo não sendo explícito o sujeito, é <u>possível</u> a flexão do infinitivo (favorece muitas vezes a clareza)

– *Está na hora de **começarmos** o trabalho*. (se fosse "começar", não haveria clareza de quem praticaria a ação; eu?, você?, ele?)

Obs.: Na frase *"Não é mais permitido aos professores **bater/baterem** nos alunos."*, o plural do verbo *bater* realça seu sujeito implícito, que tem como referente *professores* (núcleo do objeto indireto). Em *"Ele sempre proíbe os empregados de **sair/saírem** no horário."*, o plural do verbo *sair* realça seu sujeito implícito, que tem como referente *empregados* (núcleo do objeto direto).

3) Frase contendo verbos com sujeitos diferentes

– *[1]Falei sobre o desejo de [2]**aprontarmos** o site logo. ([1]eu, [2]nós)*

Obs.: Se o sujeito implícito do verbo no infinitivo for **o mesmo** do verbo da outra oração, a flexão do infinitivo não é necessária, mas não é proibida: *"Falamos sobre o desejo de **aprontar/aprontarmos** o site logo."* ou *"Vocês estão aqui para **resolver/resolverem** meu problema?"* ou *"Não existiam motivos suficientes a fim de **ser/serem reprovados.**"*. Se o sujeito do infinitivo estiver explícito, terá de variar: *"Falamos sobre o desejo de nós **aprontarmos** o site logo."* ou *"Vocês estão aqui para vocês **resolverem** meu problema?"* ou *"Não havia motivos suficientes a fim de os alunos **serem reprovados.**"*.

4) Quando iniciarem oração com preposição (preferencialmente).

– *Até me **encontrarem**, vocês terão de procurar muito.*

5) Com verbos pronominais ou acompanhados de pronome reflexivo ou apassivador.

– *Para nós <u>nos</u> **precavermos**, precisaremos de víveres.*

– *Eles ficaram sem <u>se</u> **cumprimentarem** durante anos.*

– *Por <u>se</u> **reunirem** os familiares, tudo ficou bem.*

6) Verbo *ser* indicando tempo, concorda com o numeral.

– *Visto **serem** <u>dez horas</u>, deixei o local.*

7) Querendo-se indeterminar o sujeito (3ª pessoa do plural).

– *Estudo para não me **considerarem** um inútil.*

8) Infinitivo pessoal composto: locução verbal formada por verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **infinitivo pessoal simples + o principal no particípio**, indicando ação passada em relação ao momento da fala; segue as mesmas regras acima.

– *Para vocês **terem adquirido** este conhecimento todo, precisou de muito estudo?*

Falemos agora sobre os casos de não flexão do infinitivo (infinitivo não flexionado):

1) Nas locuções verbais (como auxiliar ou principal):

– *Devo **continuar** trabalhando neste projeto.*

– *Elas não poderiam **ter** feito isso comigo.*

– *Tornou a **discutir** devaneios e vãs filosofias.*

– *Acabou de **passar** na prova.*

Obs.: Cuidado com o infinitivo que faz parte de uma locução verbal, mas vem distante do auxiliar ou este está subentendido, é *incrivelmente* (na minha opinião) facultativo: "**Poderemos**, depois das lutas acirradas, vencidas duramente, ***cantar/cantarmos*** vitória.". E, antes que você duvide de mim, o camarada que fala isso é nada mais, nada menos que o senhor Evanildo Bechara. Conhece?

2) Quando o sujeito do infinitivo é um pronome oblíquo átono ou um substantivo no singular (normalmente com verbos causativos – *mandar, deixar, fazer* e sinônimos – ou sensitivos – *ver, ouvir, sentir* – e sinônimos).

– *Deixei-os **brincar** aqui.*

– *Deixaram-nos **brincar** ali.*

– *Deixaste o garoto **brincar** lá?*

– *A menina deixou-se **ficar** na janela.*

Obs.: Quando o sujeito do infinitivo for um substantivo no plural, pode-se usar tanto o infinitivo flexionado quanto o infinitivo não flexionado: "Mandei os garotos ***sair/saírem.***".

3) Quando o infinitivo não se refere a sujeito algum, com valor genérico.

– ***Navegar** é preciso, **viver** não é preciso.*

4) Quando complemento de adjetivo ou substantivo, precedidos, respectivamente, de preposição *de* ou *para*.

– *São casos difíceis de* ***solucionar****.**

– *Eles têm aptidão para* ***aprender*** *línguas estrangeiras.*

* Nesta construção com a preposição *de*, complementando um adjetivo, ele tem valor passivo e não admite o *se* antes do infinitivo. Alguns gramáticos, como Hildebrando André, dizem que este é um terceiro caso de voz passiva: São casos difíceis de ***solucionar.*** = São casos difíceis de ***serem solucionados***.

Abro aqui um adendo para que você leia a excelente e esclarecedora explicação da professora Eunice Marta, do *site* Ciberdúvidas, sobre uma pergunta enviada por uma consulente, a saber: "Os leitores têm a possibilidade de consultar ou consultarem?" Resposta: "Ambas as formas são aceitáveis, embora a do infinitivo não flexionado (ou impessoal) – "Os leitores têm a possibilidade de consultar." – seja a mais aconselhável. Repare-se que se trata de um dos casos previstos para o uso do infinitivo impessoal (não flexionado), pois está precedido da preposição *de* e dependente de um substantivo – *possibilidade* –, cuja construção corresponde a um infinitivo passivo, tal como aconselham Cunha e Cintra com a seguinte indicação: "O infinitivo conserva a forma não flexionada […] quando é precedido da preposição **de**, em que o infinitivo depende de um substantivo [assim como de um adjetivo ou de um verbo] em construções em que corresponde a um infinitivo passivo" (*Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Sá da Costa, 2002, pp. 483). De qualquer modo, os próprios gramáticos apercebem-se de que "o emprego das formas flexionada e não flexionada do infinitivo é uma das questões mais controvertidas da sintaxe portuguesa" (*idem*, p. 482), o que os levou a considerar que lhes "parece mais acertado falar não de regras, mas de tendências" (*idem*). Por isso, concluem, seguindo Said Ali, que se "trata de um caso de emprego seletivo, cuja escolha depende da intenção do emissor: "a escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos somente da ação ou do intuito ou necessidade de pormos em evidência o agente da ação. No primeiro caso, preferimos o infinitivo não flexionado (ou impessoal); no segundo, o flexionado (ou pessoal)" (*idem*, p. 487). Portanto, a primeira frase – "Os leitores têm a possibilidade de consultarem" – é, também, legítima, pois o sujeito do infinitivo é o mesmo que o do verbo anterior ("têm de") – *os leitores*, sendo o uso do infinitivo flexionado justificado pelo realce do sujeito. Nestes casos, podemos optar por usar quer o infinitivo pessoal (flexionado) quer o impessoal (não flexionado). É o que acontece, por exemplo, numa frase como "Os leitores têm o hábito de ler/lerem muitos livros". E é também o que acontece com a frase em apreço".

5) Quando der ao infinitivo valor de imperativo.

– *Soldados,* ***recuar****!*

– *Esquerda,* ***volver****!*

– ***Dar*** *descarga ao usar o vaso. Grato.*

Adendo Final

Veja agora alguns casos em que o infinitivo não constitui oração, segundo Bechara, ou seja, tem valor puramente nominal, classificado como substantivo. Caso queira saber mais sobre análise sintática, termos sintáticos e afins, vá aos capítulos de sintaxe.

– Acompanhado de determinante: *O* ***andar*** *dela continua a provocar suspiros*. (núcleo do sujeito)

– Sem referência a nenhum sujeito, de modo vago: ***Viver*** *é* ***lutar***. (sujeito e predicativo do sujeito) / ***Amar*** *implica* ***sofrer***. (sujeito e objeto direto)

– Dentro de locução adjetiva: *Comprei uma tábua de* ***passar***. (núcleo do adjunto adnominal)

– Equivalendo a um adjetivo na construção *de* + infinitivo: *É* ***de esperar*** *(esperado) que voltem logo.* (núcleo do predicativo do sujeito)

– Dentro de expressões substantivadas ou simplesmente nomeando uma ação: *"Ele subiu para cima, pai."; "Use* ***subir*** *apenas, filho."*. (objeto direto)

II – Concordância do *Parecer*

Com o verbo parecer, flexiona-se ou não o infinitivo.

– *Pareceu-me* ***estarem*** ***os candidatos*** *confiantes.*

Entenda: a construção nos mostra duas orações:

1ª: Pareceu-me (verbo que exprime dúvida)

2ª: **estarem** ***os candidatos*** confiantes (infinitivo flexionado por apresentar sujeito próprio).

Isto é, parafraseando: *Pareceu-me que* ***os candidatos*** ***estavam*** *confiantes.*

Note que, na paráfrase acima, o verbo *estar* se encontra no plural. Por isso o verbo *estar,* no infinitivo, fica no plural. Note também que o verbo *parecer* fica na 3ª pessoa do singular, pois o sujeito dele é uma oração subordinada substantiva subjetiva. Toda vez que o sujeito de um verbo for oracional, o verbo ficará na 3ª pessoa do singular.

Saiba também que o verbo *parecer* pode ser auxiliar de uma locução verbal. Nesse caso, ele varia; o infinitivo, como verbo principal da locução, não varia.

– ***Eles*** ***parecem estudar*** *bastante.*

III – Concordância dos *Verbos Impessoais*

São aqueles que não possuem sujeito (oração sem sujeito). Ficarão sempre na 3ª pessoa do singular. Lembra-se da aula de ***oração sem sujeito***? É importante lembrar! O "campeão" em aparições é o verbo *haver*, mas há também os verbos *fazer, estar, verbos que indicam*

fenômenos naturais etc.

– ***Havia*** *sérios problemas na cidade.*

– ***Fazia*** *quinze anos que ele havia parado de estudar.*

– ***Deve haver*** *sérios problemas na cidade.*

– ***Vai fazer*** *quinze anos que ele parou de estudar. (...)*

– ***Trata-se*** *de problemas pedagógicos, meu caro.*

– ***Geou*** *muitas horas no Sul.*

Obs.: Note que o verbo auxiliar da locução verbal, cujo verbo impessoal é o principal da locução, fica no singular! Fique de olho nisso, pois é recorrente em prova! Veja uma questão:

(FCC – TJ/PE – Técnico Judiciário – 2012) Afirma-se com correção:

a) Do ponto de vista gramatical, é apropriada a substituição de *existiam* por "deviam haver".

Comentário: A afirmação da letra A é equivocada, pois o verbo *haver* é impessoal, transmitindo sua impessoalidade ao verbo auxiliar da locução verbal. Logo, *existiam* = *devia haver*.

IV – Concordância do *Sujeito Oracional*

Muito cuidado!!! Recorrente em prova!

Quando o sujeito é uma oração subordinada, o verbo da oração principal fica na 3ª pessoa do singular.

– *Ainda* ***vale*** *a pena* ***investir nos estudos****. (O que ainda vale a pena? Investir nos estudos.)*

– ***Quem anda em demanda*** *com o diabo* ***anda****. (Quem com o diabo anda? Quem anda em demanda.)*

– ***Sabe-se*** ***que dois alunos nossos passaram na prova****. (O que se sabe? Que dois alunos passaram na prova.)*

– ***Ficou programado*** ***que sairíamos à tarde****. (O que ficou programado? Que sairíamos à tarde.)*

– ***Urge*** ***que você estude****! (O que urge? Que você estude.)*

– ***Era*** *preciso* ***encontrar a verdade****. (O que era preciso? Encontrar a verdade.)*

Cuidado!!!

Muito, mas muito, mas muito cuidado mesmo com a frase abaixo!

– *Havia muitos erros e complicações que já não estavam em suas mãos resolver.*

O verbo *estar* deve ficar na 3ª pessoa do singular porque o seu sujeito é oracional, a saber: *resolver erros e complicações*. Note que uma parte do sujeito oracional (erros e complicações) é retomada pelo pronome relativo *que*, o qual tem função de objeto direto. É

como se juntássemos as duas orações abaixo...:

1) Havia muitos erros e complicações.

2) Resolver erros e complicações não estava em suas mãos.

... de modo que ela ficasse assim:

– *Havia muitos* ***erros e complicações*** *que já não* ***estava*** *em suas mãos* ***resolver****.*

Silepse de Número e de Pessoa

A **silepse** é também chamada de "concordância irregular, ideológica ou figurada".

Trata-se de uma figura de linguagem em que as regras tradicionais da concordância sintática são contrariadas, usando-se em seu lugar a concordância de acordo com o sentido. A **concordância siléptica** não é considerada um erro!

Como bem observa o Professor Mattoso Câmara Jr., "não constituem solecismos (desvios gramaticais) os desvios das normas sintáticas feitos com intenção estilística, em que a afetividade predomina sobre a análise intelectiva, como na silepse..." [grifos meus]. Dessa forma, a silepse pode ser usada em situações de comunicação que não deixem dúvidas quanto à capacidade do falante sobre o domínio da norma culta, desde que se sublinhe bem sua intenção estilística. Não é possível fazer silepse "a torto e a direito", pois muitas silepses são próprias do registro coloquial, não encontrando respaldo no registro culto da língua.

Segundo uma semiparáfrase do que diz o eminente gramático Evanildo Bechara, *com exceção de certas construções populares, como "O povo trabalham" ou "A gente vamos", havendo distanciamento entre o sujeito e o verbo, a silepse de número não constitui incorreção gramatical*.

Quando uma banca não trabalha questão de silepse, *stricto sensu*, trabalha a ideia de que a silepse não constitui um erro gramatical, mas é um tipo especial de concordância – mais encontrada como recurso expressivo em textos igualmente expressivos.

1) Silepse de Número

Usa-se um vocábulo em número diferente da palavra a que se refere para concordar com o sentido que ela tem.

– *Flor tem vida muito curta, logo* ***murcham***.

– *Toda aquela multidão veementemente se insurgiu contra o governo.* ***Estavam sedentos*** *por justiça.*

2) Silepse de Pessoa

Aqui o autor da frase participa do processo verbal; o verbo fica necessariamente na 1ª pessoa do plural, pois ele se inclui.

– *Os brasileiros, especialmente os cariocas, quando* ***podemos*** *usar de malandragem,* ***usamos***.

– *"E os dois, ali no quarto,* ***picamos*** *em mil pedaços as trezentas páginas do livro."* (Paulo Setúbal)

Veja o modo como duas questões de bancas diferentes trataram disso:

36. (CEPERJ – Pref. Angra dos Reis/RJ – Professor de Português – 2008) Leia a frase a seguir, atribuída ao autor de Canção do Exílio.

– Eu sou poeta e, aos 30 anos, doente, não queremos desperdiçar o tempo.

Nesta frase, a concordância do verbo querer é um exemplo de:

a) silepse de número;
b) silepse de gênero;
c) silepse de pessoa; (Gabarito!)
d) concordância atrativa;
e) concordância lógica.

Comentário: Ocorre silepse de pessoa, pois o autor da frase participa do processo verbal (queremos).

35) (Dom Cintra – Pref. Petrópolis/RJ – Auxiliar em Enfermagem – 2008) Marque a frase que apresenta erro com relação à sintaxe de concordância:

e) os mineiros nos orgulhamos da homenagem que nos prestou o capixaba Rubem Braga nessa crônica.

Comentário: A letra E não foi considerada o gabarito, o que significa que a silepse (de pessoa: os mineiros nos orgulhamos) não é considerada um erro de concordância, mas tão somente um tipo de concordância. Ponto.

Concordância Nominal com Adjetivos

De acordo com a **regra geral**, os determinantes **artigo, pronome, numeral, adjetivo (e o particípio)** concordam em gênero e número com o **substantivo** (ou outra palavra de valor substantivo). O substantivo é o "cara" neste tipo de concordância, assim como o verbo o foi na verbal. A concordância atrativa é frequente, por isso olho vivo!

***As minhas três belas casas** vão ser **vendidas** porque fui à falência.*

É bom dizer que, nos concursos públicos, a concordância com os adjetivos (com função de adjunto adnominal, predicativo do sujeito ou do objeto) é o que mais interessa. Fique esperto!

1) Adjetivo com Função de Adjunto Adnominal

a) Quando um só adjetivo se refere a um substantivo, concorda com ele normalmente.

– *O **aluno** sempre foi muito **atento**, mas a **aluna** nunca foi tão **atenta** quanto ele.*

b) Quando o adjetivo é composto, só o último termo varia com o substantivo. Esta é a regra geral. Para mais detalhes, consulte o capítulo de *Adjetivo*.

– *As **intervenções** médico-**cirúrgicas** foram um sucesso!*

c) Quando o adjetivo se referir a mais de um substantivo, concordará com todos os substantivos ou com o mais próximo.

– *Os **alunos** e as **alunas** **atentos** entenderam tudo.*

– *Os alunos e as **alunas** **atentas** entenderam tudo.*

Obs.: Mesmo que haja concordância atrativa, semanticamente o adjetivo ainda caracterizará ambos os substantivos. Isso vale para todos os casos de concordância atrativa, a não ser em casos em que o sentido fica absurdo: "Senti um cheiro e um toque *macio*.". Um cheiro não pode ser macio, exceto em linguagem figurada.

d) Se o adjetivo vier antes dos substantivos, a concordância será feita obrigatoriamente com o mais próximo.

– *Comprei as **velhas** **gramáticas** e **manuais** de que precisava para uma pesquisa.*

Cuidado!!!

1) Os pronomes adjetivos seguem a mesma regra: *A **sua** **idade**, preferência sexual e profissão não me interessam. / **Aqueles** **planos** e intenções são desprezíveis. / Por que **tantas** **palmas** e elogio?*

2) Se os substantivos exprimirem nomes próprios ou parentesco, o adjetivo aceitará apenas a concordância gramatical (**prevalecendo** o **masculino**): ***Queridos** **pai** e **mãe**, estou com muita saudade de vocês. / Os **talentosos** **Renato Russo** e **Cazuza** deixaram suas marcas.*

e) É obrigatória a concordância com o substantivo mais próximo quando o sentido exige ou quando os substantivos são sinônimos, antônimos ou em gradação.

– *Eu comprei frango e* ***carne*** ***bovina***. (o sentido exige)

– *Você tem ideias e* ***pensamentos*** ***fixos***. (sinônimos)

– *Neste lugar, é sempre calor e* ***frio*** ***absurdo***. (antônimos)

– *O sorriso, o riso, a* ***gargalhada*** ***solta*** *era sua maior característica.* (gradação)

f) Dois ou mais adjetivos podem modificar um mesmo substantivo, que fica no plural; no entanto, se colocarmos um determinante antes do 2º adjetivo, o substantivo fica no singular.

– *Os* ***setores*** ***público*** *e* ***privado*** *formaram uma parceria.*

– *O* ***setor*** ***público*** *e o* ***privado*** *formaram uma parceria.*

Obs.: Modernamente, entende-se que, na última frase, o último artigo pode ser retirado: "O ***setor*** ***público*** e ***privado*** formaram uma parceria.". Quem defende isso é Evanildo Bechara. Isso já foi questão de prova na Esaf e no Cespe/UnB, pelo menos! Coloquei uma questão da Esaf sobre isso para você fazer mais adiante. No entanto, caso sua curiosidade tenha sido atiçada, consulte esta: Cespe/UnB – BB – ESCRITURÁRIO – 2002 – QUESTÃO 1 – OPÇÃO 3.

g) Os adjetivos iniciados pela preposição *de*, quando se referem a certos pronomes indefinidos (*algo, muito, nada, tanto*...), ficam no masculino singular. Mas, por atração, podem concordar com o sujeito.

– *Seus olhos têm algo de* ***sedutor***. (Cegalla)

– *Esse lugar nada tem de* ***interessante***.

– ***Júlia*** *tinha tanto de* ***magra*** *e* ***sardenta****, quanto de* ***feia***. (Ribeiro Couto)

2) Adjetivo com Função de Predicativo do Sujeito ou do Objeto

a) O adjetivo predicativo concorda normalmente com o substantivo ou pronome a que se refere, mas cuidado com certas expressões em que cabe dupla concordância:

– *A* ***maioria*** *dos homens* ***está certa*** *de que vale a pena manter pulso firme com os filhos.*

– *A maioria dos* ***homens*** ***estão certos*** *de que vale a pena manter pulso firme com os filhos.*

b) O adjetivo com função de predicativo faz concordância gramatical (concordância com todos os substantivos) antes ou depois dos substantivos (ou pronomes) a que se refere. No entanto, o adjetivo com função de predicativo do sujeito só poderá concordar com o núcleo mais próximo se o sujeito composto vier após o verbo no singular*.

– *Os* ***homens*** *e as* ***mulheres*** *estavam* ***excitados*** *com a notícia.*

– *Estavam **excitados** as **mulheres** e os **homens** com a notícia.*
– *Estava **excitada** a **mulher** e os homens com a notícia.**
– *Encontrei a **mulher** e o **homem** **excitados** com a notícia.*
– *Encontrei **excitados** a **mulher** e o **homem** com a notícia.*
– *Encontrei-**os** **excitados** com a notícia.*

Cuidado!!!

1) Alguns gramáticos, como Manoel P. Ribeiro, Domingos P. Cegalla, Bechara, entendem que o adjetivo (predicativo do objeto) anteposto aos substantivos pode concordar com o mais próximo: *Encontrei **excitadas** as **mulheres** e os homens com a notícia*. Cegalla vai além e diz que, na frase *Estava **excitada** a **mulher** e os homens com a notícia**, ainda assim o verbo e o adjetivo com função de predicativo do sujeito poderiam variar, ficando assim*: Estavam **excitadas** as **mulheres** e os homens com a notícia**.*

2) O adjetivo com função de predicativo de uma oração fica sempre no masculino singular: "*Fica **óbvio*** (e não *óbvia*) ***que a maioria dos casos de gripe suína é reveladora da falta de condições socioambiental***." / "*Acho **sensato*** (e não *sensata*) ***resolver nossa pendenga*** *sem violência*."

3) O adjetivo (predicativo do sujeito), em expressões como *É preciso, É necessário, É bom, É proibido, É permitido*, fica invariável quando se liga a um substantivo com sentido genérico, seguido de *muito(a)* ou não determinado. Mas... quando o substantivo está determinado, o adjetivo vai variar obrigatoriamente: *Água **é bom**. / A água **é boa**. / **É proibido** entrada aqui. / Sua entrada **é proibida** aqui. / **É necessário** disposição para este cenário mudar. / **É necessária** grande disposição*

*para este cenário mudar. / Para viver um grande amor, **preciso é** muita concentração e muito siso, muita seriedade e pouco riso.* (Vinícius de Moraes). / *As balas que **são precisas** para eliminar homens criminosos na China são compradas pela própria família.* **Obs.:** "Proibida entrada" está correto.

c) O substantivo, quando tem função de predicativo, segue as mesmas regras do adjetivo.
– *Por favor, não **as** veja como **pedagogas**; são apenas auxiliares.*

d) O particípio (na locução verbal de voz passiva analítica ou em oração reduzida) varia normalmente tal qual o adjetivo.
– *Minha **aluna** e meu **aluno** foram **aprovados** para a segunda fase do exame nacional.*
– *Foram **aprovados** para a segunda fase do exame nacional minha **aluna** e meu **aluno**.*
– *Foi **aprovada** minha **aluna** e meu aluno para a segunda fase do exame nacional.*

– *Minha **aluna** e meu **aluno** tinham sido **aprovados** para a segunda fase do exame nacional.*
– ***Guardadas** as **devidas** proporções, creio que aquele livro é revolucionário.*
– ***Vistas** e **revistas** as **resenhas**, aprovamo-las.*

Obs.: Sobre a frase *Foram **aprovadas** **centenas** de alunos para a segunda fase do exame nacional*, na ordem direta, Cegalla diz que o adjetivo pode concordar com o núcleo do especificador: *Centenas de **alunos** foram **aprovados** para a segunda fase do exame nacional.*

Lembre-se disto: o particípio não varia quando faz parte da locução verbal de tempo composto. Logo, a frase *"Elas **haviam resolvidas** as questões."* está equivocada, devendo ser corrigida para: *"Elas **haviam resolvido** as questões."*.

Casos Especiais de Concordância Nominal

1) Concordância do pronome com o substantivo

Os pronomes concordam com o substantivo a que se referem. Se houver mais de um substantivo de gêneros diferentes, fica o pronome no masculino plural.

– *O **ideal** pel**o qual** entreguei minha vida, a **ideologia** pel**a qual** eu vivi, tornou-me um homem melhor.*

– *Havia uma **campeã** de judô no Japão, mas **a** do Brasil era especial.*

– ***A honestidade**, **o comprometimento**, **a empatia** e **a longanimidade**, seu mestre **os** havia ensinado a eles.*

Obs.: Na frase *"Um assunto **desses** não deve ser discutido em público."*, o pronome demonstrativo vem sempre no plural, pois tem valor **indeterminador**. Outros exemplos: *"Foi uma surra **daquelas.**"* ou *"Ele está num dia **daqueles.**"*. Neste uso, o valor intensificador do pronome é próprio da linguagem coloquial.

2) Quando têm valor adjetivo, tais palavras variam normalmente: *mesmo, próprio, só, extra, junto, quite, leso, obrigado, anexo/apenso, incluso.*

– *A **mulher** **mesma** fez o trabalho.*

– *As **mulheres** vivem acusando a si **próprias**.*

– *As **crianças** ficaram **sós**. (= sozinhas)*

– *Costumava trabalhar duas **horas** **extras** por dia.*

– ***Os três** viviam **juntos** naquele "flat".*

– *"Ajudar esses espiões seria crime de **lesa-pátria**".* (Cegalla)

– *Só ficamos **quites** depois de muito tempo de espera na justiça.*

– *As **moças** disseram ao homem: "Ficamos-lhe **obrigadas** por tantos elogios!". (= gratas, agradecidas)*

– *As **fotos** seguem **anexas/apensas**. (ou "em anexo/em apenso")*

– *Estão **inclusos** os **prejuízos**.*

Obs.: *Mesmo* não varia quando equivale a *realmente, de fato* ou *inclusive*: "***Mesmo** a mulher não acusou o marido!" / "A mulher não acusou **mesmo** o marido!"*. **Só** não varia quando equivale a *somente*. *Por si sós* e *a sós* são expressões cultas: *"As crianças comeram **só** os feijões". / "Os alunos, **por si sós**, resolveram a prova."*. *Junto* não varia quando faz parte de locução prepositiva. (junto com/de/a): *"Eles não estão **junto do** (com o/ao) pai."*.

3) Não variam quando advérbios: *caro, barato, bastante, meio, junto*. Entretanto, quando adjetivos, variam normalmente.

– *A gasolina não custa **caro**, nem **barato**.* (advérbios)

– *As **carnes** estão cada vez mais **caras**, mas as **bebidas** continuam **baratas**.* (adjetivos)

– *Está **meio** nervosa, porque trabalhamos **bastante**.* (advérbios)

– *Depois de comer **meia fruta** daquela barraca, comprou **frutas bastantes** para uma ceia farta.* (adjetivos)

– *Elas procuram resolver **junto** seus problemas.* (advérbio)

– ***Elas** procuram resolver **juntas** seus problemas. (adjetivo)*

4) *Todo* (advérbio) pode sofrer concordância atrativa, mas a concordância gramatical é própria da norma culta.

– *Encontrei os portões **todo**(s) abertos.*

– *Ela ficou **todo**(a) religiosa depois do culto.*

Obs.: Em *"A **toda-poderosa** Marquesa de Santos foi amante de D Pedro I."*, o vocábulo *todo* nunca varia nessa expressão, logo: *"A **todo-poderosa** Marquesa de Santos..."*.

5) Não variam nunca os substantivos que se tornam adjetivos pelo contexto: *padrão, fantasma, relâmpago, pirata, monstro, surpresa* etc. Certos vocábulos e expressões tomadas como adjetivos também não variam: *menos, alerta*, salvo, exceto, pseudo, a olhos vistos (e qualquer outra locução adverbial)...*

– *Fizeram duas festas **monstro** anteontem na zona sul da cidade.*

– *Existem muitas firmas **fantasma** por aqui.*

– *Nossos times conquistaram vitórias **relâmpago** no fim do campeonato.*

– *Sempre realizamos festas **surpresa** na empresa.*

– *Compre menos **farinha**, menos **frutas**, menos **alface**... compre livros também.*

– *Os soldados brasileiros devem sempre estar **alerta**.**

– ***Salvo/Exceto** elas, ninguém mais chamou a atenção do diretor da peça.*

– *És uma **pseudo**profetisa!*

– *Seus filhos estão crescendo **a olhos vistos**.*

Obs.: Arcaica é a concordância de *visto* com a pessoa ou coisa vista: *"Elas emagreceram a olhos vistas."* ou *"Vista a olhos a árvore crescia."*.

* *Alerta* é um advérbio, segundo a gramática tradicional. Mas Aurélio, Houaiss, Aulete, Michaelis e outros dicionários dizem que *alerta* é um adjetivo no estágio atual da língua e,

por isso, pode variar. A norma culta ainda não tolera.

6) *Possível* não varia se fizer parte de uma expressão superlativa com o artigo o/a no singular (*o/a mais, o/a menos, o/a pior, o/a melhor*...) ou se estiver acompanhado de *quanto*. Varia se *o/a* estiver no plural.

– *Traga cervejas tão geladas **quanto possível**.*

– *Tive de investir em máquinas **o** mais **possível** potentes.*

– *São exemplos **os** mais difíceis **possíveis**.*

– *Aquelas palavras foram **as** melhores **possíveis**.*

Obs.: Em qualquer outro contexto, o adjetivo *possível* varia normalmente: *"Realmente estas são **visões** **possíveis** sobre o mesmo assunto*.".

7) Concordância com numeral ordinal + substantivo (o substantivo é que varia)

– *A **primeira** e **segunda** **séries** foram aprovadas.*

– *A **primeira** e a **segunda** **série(s)** foram aprovadas.*

Obs.: O plural é obrigatório se o substantivo vem antes dos numerais: *As **séries** primeira e segunda foram aprovadas.*

8) As expressões *um e outro* e *nem um nem outro* exigem o substantivo posposto no singular e o adjetivo, quando houver, no plural.

– ***Um e outro** aluno esforçados passou.*

– ***Nem um nem outro** aluno esforçados passou.*

Obs.: Quando os pronomes *um* e *outro* retomarem substantivos de gêneros diferentes, não irão variar: *A mãe e o filho vieram ao Brasil. **Um** amou nosso país, **outro** odiou.*

9) A expressão haja vista

Segundo José Maria da Costa, em seu *Manual de Redação Profissional*...:

"Independentemente de discussões teóricas e da divergência de interpretação dos gramáticos sobre o problema, há pelo menos quatro construções, todas corretas, com tal expressão. Exs.:

*a) "**Haja vista aos** argumentos que embasaram o veredicto...";*

*b) "**Haja vista dos** argumentos que embasaram o veredicto...";*

*c) "**Hajam vista os** argumentos que embasaram o veredicto...";*

*d) "**Haja vista os** argumentos que embasaram o veredicto...".*

10) O vocábulo *tal* também pode se apresentar na expressão *tal qual*, em que *tal* concorda com o antecedente e o *qual* com o consequente.

– *Normalmente o **discípulo** age **tal qual** o **mestre**.*

– *Normalmente os **discípulos** agem **tais qual** o **mestre**.*

– *Normalmente o **discípulo** age **tal quais** os **mestres**.*

– *Normalmente os **discípulos** agem **tais quais** os **mestres**.*

11) Mil, Milhão e Milhares

Mil: Passou de "um", o numeral concorda com o substantivo:

– ***Duas mil** pessoas, **dois mil** alunos, **dois mil** candidatos preencheram as vagas.*

Milhão: Concorda com a parte inteira do numeral cardinal a ele relacionado.

– *Minha empresa investiu **1,9 milhão** de reais em mão de obra qualificada.*

O artigo e o numeral que o antecederem devem concordar com ele, no masculino:

– ***Os cinco milhões** de pessoas chegaram a prestigiar o cantor neste ano.*

Obs.: O mesmo vale para *bilhão, trilhão* etc.

Milhares: substantivo sempre masculino.

– ***Os milhares** de torcedoras fizeram o "Maraca" tremer.*

Silepse de Gênero e de Número

1) Silepse de Gênero

Usa-se um vocábulo em gênero diferente da palavra a que se refere para concordar com o sexo da pessoa ou com o nome da coisa a que nos referimos. Todas as formas abaixo estão corretas.

– *Vossa Excelência, deputado, está* ***enganado****!*

– *Vossa Alteza sempre foi muito* ***misericordioso****.* (Com referência a um príncipe.)

– *Sua Majestade está tão* ***altiva*** *ultimamente.* (Com referência a uma rainha)

– *Disse Fernando Pessoa em um de seus poemas: "Estou cansado, é claro, / Porque, a certa altura, a gente tem que estar* ***cansado.****"* (Com referência ao falante masculino.)

– ***A*** *Brasil vive* ***engarrafada****.* (Com referência à Avenida.)

– *Nome: Fernando Pestana. Nacionalidade:* ***brasileiro****. Estado civil: casado.* (Com referência a *Fernando*, não a *nacionalidade*).

– *Nome: Juliana Pestana. Nacionalidade: brasileira. Estado civil:* ***casada****.* (Com referência a *Juliana*, não a *estado civil*).

2) Silepse de Número

O determinante fica em número diferente do termo a que se refere.

– *O brasileiro não desiste nunca! Usa sua simpatia e disposição para driblar os problemas cotidianos, por serem* ***batalhadores*** *como sempre.* (Com referência a "brasileiro")

Obs.: Às vezes, há silepse de número e pessoa ao mesmo tempo: ***A gente*** *(3ª pessoa do singular) não fez isso por mal. Acho que* ***nos*** *(1ª pessoa do plural) interpretaram mal.*

O Que Cai Mais na Prova?

Bancas de pouca expressão costumam trabalhar um pouco de tudo. Logo é um trabalho árduo saber todas as regras, mas vale a pena exercitar, exercitar e exercitar. Bancas de prestígio, como Esaf, Cespe e FCC costumam trabalhar mais o conceito de concordância com sujeito distante do verbo, com sujeito oracional, com verbo acompanhado de partícula apassivadora e com verbo impessoal. Ah! E regras básicas de adjetivo, na concordância nominal. Fique atento na relação entre o verbo e o sujeito! Sempre sublinhe o verbo e, depois, vá à caça do sujeito!

Questões de Concursos

1. (Esaf – CVM – Analista de Sistemas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – Preserva-se a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto ao usar o verbo **existir** em lugar de "haver", desde que se faça a concordância adequada, escrevendo **pode existirem circunstâncias**.

2. (Esaf – CVM – Analista de Sistemas – 2010) (Adaptada) Em qual item há erro de concordância?
   I. "Tal valorização reduz as exportações e aumenta as importações, meio pelos quais se compensa,..."
   II. "... os déficits na conta-corrente do balanço de pagamentos passem a gerar..."

*"Na teoria clássica, a finalidade do Estado é promover o bem comum da sociedade, considerado como o conjunto de condições que **permite** aos indivíduos **atingirem** o seu bem particular. (...)"*

3. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – Provoca-se erro gramatical e incoerência textual ao fazer a seguinte substituição no texto: "permite" por **permitem** e "atingirem" por **atingir**.

4. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) Assinale a opção correta a respeito das relações de concordância no texto.

*"**Os economistas G. Ranis, F. Stewart e A. Ramirez** analisaram 76 países durante um período de 32 anos. **Dividiram-nos** de acordo com dois critérios: desenvolvimento econômico e desenvolvimento humano (nesse caso, medido através de uma combinação de indicadores de educação e saúde). Usando-se essas **duas dimensões**, **pode-se** ter **duas situações** de equilíbrio (quando o lado humano e o econômico são igualmente altos ou baixos) e duas de desequilíbrio (quando o humano é alto e o econômico é baixo, vice-versa). **Surgem** algumas conclusões interessantes desse estudo. (...) **Mais da metade dos países** que **tinham** baixo crescimento e baixo CH em 1960 **permanecia** na mesma posição na década de 90. (...) A quarta, e mais importante, é que a estratégia de privilegiar o **lado humano dá** frutos muito melhores do que aquela que enfatiza só o lado econômico."*

   a) O plural no pronome em "Dividiram-nos" deve-se à concordância com o sujeito subentendido da oração: "Os economistas G. Ranis, F. Stewart e A. Ramirez" .
   b) A flexão de singular no verbo em "pode-se" faz a concordância com o sujeito indeterminado; mas é igualmente correto flexionar o verbo no plural, fazendo a concordância com "duas situações": podem-se ter.
   c) A flexão de plural em "Surgem" tanto permite a interpretação como indicação de sujeito indeterminado como admite a inferência de "duas dimensões" como sujeito subentendido da oração.
   d) A flexão de singular em "dá" é determinada por "lado humano"; mas, se fosse usada a expressão aspectos humanos, a coerência do texto não seria prejudicada, desde que o verbo fosse flexionado no plural.
   e) O termo "mais da metade dos países" estabelece duas relações diferentes de concordância: "países" determina a flexão de plural em "tinham", enquanto "permanecia" faz a concordância com "metade".

5. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A frase abaixo está de acordo com as regras de concordância?
   – Os consumidores pagam juros maiores porque obtém crédito com prazos maiores e prestações menores. Alguns fatos recentes estão contribuindo para um aumento da demanda, assim como, das pressões inflacionárias.

"A experiência da modernidade é algo que só pode ser pensado a partir de alguns conceitos fundamentais"

6. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – A flexão de masculino no termo "pensado" indica que o pronome relativo "que" retoma, nas relações de coesão, o pronome "algo" e não o substantivo "experiência".

7. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) Assinale a opção incorreta a respeito das relações de concordância no texto abaixo.

*"Quando se pensa em classe A, vem logo à cabeça a lembrança de **gente milionária**, que **passa** todos os fins de semana em Paris e **compra** as melhores marcas do mundo. No entanto, **nossa classe A representa** apenas **5% da população** e **possui** rendimentos bem menores do que muita gente imagina. O que acontece frequentemente **é uma confusão** entre o brasileiro classe A e o consumidor de luxo, este sim cliente de marcas sofisticadas que **movimenta** um mercado de R$ 6 bilhões anuais."*

   a) Preserva-se a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto ao substituir "gente milionária" por *milionários*, desde que se flexionasse também "passa" e "compra" no plural, passam e compram.
   b) A forma verbal "possui" estabelece concordância com "da população"; no entanto, também estaria correta a concordância com "5%", com o uso da flexão de plural, sem prejudicar a coerência do texto.

c) Preserva-se a coerência na argumentação, bem como a correção nas relações gramaticais do texto, ao retirar o termo "nossa classe A" do texto, deixando-o apenas subentendido na flexão de "representa".
d) Seria preservada a coerência na argumentação com a substituição de "uma confusão" por confusões, desde que o verbo *ser* fosse usado também no plural: são confusões.
e) A opção pelo uso da flexão de plural em "movimenta", movimentam, preservaria a correção gramatical do texto, mas alteraria as relações significativas entre os argumentos.

8. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) Assinale a opção que corresponde à palavra ou expressão destacada no texto abaixo que foi empregada de acordo com as regras de concordância.

"Como nunca antes, a ordem e a cultura do capital mostram inequivocamente o seu rosto inumano, revelam a lógica perversa que as (1) dominam (2) internamente e que, antes, podiam ser escamoteadas (3) a pretexto do confronto com o socialismo: criam, por um lado, grande riqueza e concentração de poder à custa da devastação da natureza, da exaustão da força de trabalho e de uma estarrecedora pobreza. A utilização crescente da informatização e da robotização criam (4), ao dispensar o trabalho humano, os desempregados estruturais, hoje, totalmente descartáveis. E soma-se (5) aos milhões só nos países do Primeiro Mundo."

a) (1).
b) (2).
c) (3).
d) (4).
e) (5).

"(...) sobretudo de bens materiais, como eletrodomésticos, equipamentos para o lar, som e TV (2,71%), comparada com o patamar de 0,05% ***destinado*** *à aquisição de livros e revistas técnicas. O consumo é também evidenciado ao notar-se que 8,76% da despesa são* ***destinados*** *à manutenção e à aquisição de veículos automotores. (...)"*

9. (Cespe/UnB – BRB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) Os vocábulos "destinado" e "destinados" concordam, respectivamente, com os numerais indicativos de porcentagem que os antecedem: "0,05%" e "8,76%".
( ) CERTO
( ) ERRADO

10. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) A substituição da forma verbal "parecerem" ("... fazendo as tripulações parecerem anos mais jovens...") por **parecer** acarretaria prejuízo para a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

11. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) No primeiro período, que resume a ideia principal do texto, o emprego, na oração principal, da forma verbal "tem" ("O fato de que o homem vê o mundo por meio de sua cultura tem como consequência..."), no singular, é exigido pelo sujeito dessa oração.
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Em "... resolvendo-os em suas fontes, que englobam novas ameaças...", é obrigatória a flexão de plural em "englobam" porque o sujeito da oração, o pronome relativo "que", refere-se a "fontes".
( ) CERTO
( ) ERRADO

13. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Com o emprego de "os contextos" ("... leva em conta os contextos histórico, político, econômico, cultural e social de cada sociedade."), no plural, generaliza-se o significado desse termo, que, em seguida, é especificado por meio do trecho "histórico, político, econômico, cultural e social"; estariam preservadas a coerência e a correção gramatical do texto caso se empregasse o referido termo no singular – o contexto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

14. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) *"(...) Aceitar sem discriminação a diversidade é o primeiro identificador para a luta em defesa dos direitos humanos. (...)"*

Justifica-se a flexão de singular em "é" tanto pelo fato de o sujeito da oração ser oracional quanto pelo fato de o trecho "o primeiro identificador" estar no singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (Cespe/UnB – FUB – Médico – 2011) No trecho "está diminuindo a nossa capacidade de concentração e contemplação profundas", a estrutura permaneceria correta caso o termo "profundas" estivesse no singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Estudos de neurociência já demonstraram que aprender a ler, especialmente na infância, altera a anatomia do cérebro e engrossa uma estrutura chamada corpo caloso... (...)"

16. (Cespe/UnB – FUB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) A inclusão de **e a escrever** logo após o trecho "já demonstraram que aprender a ler" não implicaria alteração das formas verbais "altera" e "engrossa", que devem permanecer no singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Já os crimes cujas armas são os computadores devem, em 2010, ser responsáveis por perdas de 900 milhões de reais... (...)"

17. (Cespe/UnB – PC/ES – Perito Criminal Especial – 2011) A forma verbal "são" está no plural porque concorda com o nome "crimes".
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) Em "A maioria, no entanto, acaba deixando o programa...", dado o sentido da palavra "maioria", a forma verbal "acaba" poderia, sem prejuízo para a correção gramatical do texto, estar flexionada na 3ª pessoa do plural.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) "Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de autoatribuição... (...)"

19. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico – 2011) Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir 'Consideram-se' por **São considerados.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2011) Assinale a alternativa em que a concordância verbal está correta.
a) Haviam cooperativas de catadores na cidade de São Paulo.
b) O lixo de casas e condomínios vão para aterros.
c) O tratamento e a destinação corretos do lixo evitaria que 35% deles fosse despejado em aterros.
d) Fazem dois anos que a prefeitura adia a questão do lixo.
e) Somos nós quem paga a conta pelo descaso com a coleta de lixo.

21. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Estão plenamente observadas as normas de concordância verbal na frase:
a) Dentro da elite nunca se criticou, diante da rotina do sistema penitenciário brasileiro, os horrores a que os presos são submetidos.
b) Reserva-se ao pobre, tantas vezes identificado como potencialmente perigoso, as opções da resignação ou da marginalidade social.
c) Sem altos investimentos não haverão como minimizar os horrores que vêm caracterizando as nossas penitenciárias.
d) A nenhum dos intérpretes de um fato faltarão argumentos para considerá-lo segundo seu interesse e sua conveniência.
e) Ainda que não lhes convenham fazer altos investimentos, as elites terão que calcular os custos de tanta violência.

22. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Estão plenamente observadas as normas de concordância verbal em:
a) À noite, davam-se aos trabalhos de poucos e à diversão de muitos uma trégua oportuna, para tudo recomeçar na manhã seguinte.
b) Aos esforços brutais da jubarte não correspondiam qualquer efeito prático, nenhum avanço obtinha o gigante encalhado na areia.
c) Sempre haverá de aparecer aqueles que, diante de um espetáculo trágico, logram explorá-lo como oportunidade de comércio.

d) Como se vê, cabe aos bons princípios ecológicos estimular a salvação das baleias, seja no alto-mar, seja na areia da praia.
e) Da baleia encalhada em 1966 não restou, lembra-nos o autor, senão as postas em que a cruel voracidade dos presentes retalhou o animal.

23. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do **plural** para preencher de modo adequado a lacuna da seguinte frase:
a) As acusações que ..... (promover) quem defende o "assembleísmo" baseiam-se na decantada "soberania" das assembleias.
b) Não ..... (convir) aos radicais da meritocracia admitir que pode haver boas resoluções obtidas pelo critério do voto.
c) Por que ..... (haver) de caber a um simples passageiro as responsabilidades do comando de uma aeronave?
d) O que aos bons políticos não ..... (poder) faltar, sobretudo nos momentos de decisão, é o espírito público.
e) Não ..... (caber) às associações de classe, em assembleias, avaliar o mérito técnico, julgar a qualificação profissional de alguém.

24. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) A concordância verbal e nominal está inteiramente respeitada em:
a) Os níveis alarmantes de poluição da água no planeta, resultante da atividade humana, está dando sinais de que ela poderá faltar em boa parte do globo terrestre, que já sofre com sua escassez.
b) A proporção entre número de habitantes e oferta de recursos naturais estão em descompasso, levando à necessária redução no consumo desses recursos que garantem a vida no planeta.
c) Ambientalistas já alertam para os perigos à sobrevivência da humanidade, caso os habitantes do planeta continue a consumir de modo irresponsável os recursos naturais, muitos dos quais já escassos.
d) Existe programas de conscientização da população mundial que busca divulgar formas de consumo sustentável dos recursos naturais e respeito ao ritmo da natureza, para permitir que ela o reponham.
e) É necessário que haja medidas que busquem controlar o consumo predatório dos recursos da natureza que, cada vez mais escassos, estão sujeitos a uma lenta reposição.

25. (FCC – TRT/PE (6R) – Analista Judiciário – 2012) A concordância verbal está plenamente observada na frase:
a) Provocam muitas polêmicas, entre crentes e materialistas, o posicionamento de alguns religiosos e parlamentares acerca da educação religiosa nas escolas públicas.
b) Sempre deverão haver bons motivos, junto àqueles que são contra a obrigatoriedade do ensino religioso, para se reservar essa prática a setores da iniciativa privada.
c) Um dos argumentos trazidos pelo autor do texto, contra os que votam a favor do ensino religioso na escola pública, consistem nos altos custos econômicos que acarretarão tal medida.
d) O número de templos em atividade na cidade de São Paulo vêm gradativamente aumentando, em proporção maior do que ocorrem com o número de escolas públicas.
e) Tanto a Lei de Diretrizes e Bases da Educação como a regulação natural do mercado sinalizam para as inconveniências que adviriam da adoção do ensino religioso nas escolas públicas.

26. (FCC – TRT/AM (11R) – Analista Judiciário – 2012) O verbo indicado entre parênteses deverá ser flexionado no **plural** para preencher corretamente a lacuna da frase:
a) Nem todos discriminam, numa foto, os predicados mágicos que a ela se ..... (atribuir) nesse texto.
b) Os tempos que ..... (documentar) uma simples foto, aparentemente congelada, são complexos e estimulantes.
c) A associação entre músicos e fotógrafos profissionais ..... (remeter) às especificidades de cada tipo de sintaxe.
d) A poucos ..... (costumar) ocorrer que as fotografias podem enfeixar admiráveis atributos estéticos, como obras de arte que são.
e) Imaginem-se os sustos que não ..... (ter) causado aos nativos de tribos remotas a visão de seus rostos fotografados!

27. (FCC – TRT/AM (11R) – Analista Judiciário – 2012) As normas de concordância verbal encontram-se plenamente observadas em:
a) A utilidade dos dicionários, mormente quando se trata de palavras polissêmicas, manifestam-se nas argumentações ideológicas.
b) Não se notam, entre os preconceituosos, qualquer disposição para discutir o sentido de um juízo e as consequências de sua difusão.
c) Não convém aos injustiçados reclamar por igualdade de tratamento quando esta pode levá-los a permanecer na situação de desigualdade.
d) Como discernimento e preconceito são duas acepções de discriminação, hão que se esclarecer o sentido pretendido.
e) Uma das maneiras mais odiosas de refutar os argumentos de alguém surgem na utilização de preconceitos já

cristalizados.

28. (FCC – TRT/AM (11R) – Técnico Judiciário – 2012) A frase do texto que, ao ser reescrita, mantém o respeito às regras de concordância e, em linhas gerais, o sentido original é:
   a) Outra descoberta foi a de que também existia na figuração de um motivo em que estivesse ausente o ser humano alguns valores profundos.
   b) Uma gama de estados de espírito que não sabemos nomear, apesar de sua grande força, podem ser suscitados pelos artefatos e signos que o homem produz.
   c) É numa concepção de humanidade modificada ao longo do tempo que se assenta noções relativas a uma dimensão humana da arte.
   d) Não fazem muitos anos que na grande arte só se podiam admitir temas heroicos, míticos ou religiosos.
   e) As obras e seu respectivo valor haviam de ser avaliados na medida da importância do tema tratado.

29. (FCC – TRT/AM (11R) – Técnico Judiciário – 2012) O verbo que se mantém corretamente **no singular**, apesar das alterações propostas entre parênteses para o segmento grifado, está na frase:
   a) *É <u>o desafio</u> do nosso tempo*. (os desafios)
   b) *E isso quando <u>a própria FAO</u> alerta* ... (os especialistas da própria FAO)
   c) *E que <u>a produção</u> precisará crescer 70% até 2050* ... (a produção de alimentos)
   d) *<u>Tudo</u> acontece num cenário paradoxal*. (Todos os problemas)
   e) *<u>Um relatório</u> da própria FAO assegura* ... (Os dados de um relatório)

30. (Cesgranrio – CMB – Analista (Administrador de Dados) – 2012) No que se refere ao fenômeno da concordância nominal, no subtítulo do texto, o termo **textuais** também admite a forma singular.

O período em que, conforme a norma-padrão, o termo destacado pode assumir tanto a forma singular quanto a plural é:
   a) Bastantes poemas foram lidos na aula.
   b) Custam caro os jornais de domingo.
   c) Vendem-se quadros e esculturas usados.
   d) Compramos livro e jornal velhos.
   e) Na estante, dicionário e livros jogados.

31. (Cesgranrio – CMB – Auxiliar de Operação Industrial Hidráulica – 2012) Considerando-se que há palavras variáveis e palavras invariáveis na língua portuguesa, qual é a frase que está em **DESACORDO** com a norma-padrão, no que diz respeito à concordância?
   a) Estamos todos alerta em relação ao problema dos menores de rua.
   b) A população está meio descrente em relação a soluções de curto prazo.
   c) As organizações que cuidam das crianças receberam bastantes recursos este ano.
   d) A partir de hoje, é proibido a adoção de crianças que tenham pais biológicos vivos.
   e) No caso de crianças sob maus tratos, muitas vezes, elas próprias fogem para as ruas.

32. (Cesgranrio – Petrobras – Geofísico Júnior – 2012) O trecho "O declínio, a decadência alcança maior nitidez na Europa" apresenta um exemplo de um dos casos de concordância verbal vigentes na norma-padrão do Português.

Outro exemplo em que a concordância se justifica pelo mesmo motivo é o seguinte:
   a) A conciliação, a contenda entre os participantes do bloco do euro tem provocado grande insegurança entre os países do mundo inteiro.
   b) A predisposição, a incapacidade de recuperar a decadência econômica tem provocado crises dos países da zona do euro.
   c) A redistribuição, a concentração de poder entre as grandes potências tem mantido o mundo refém de decisões arbitrárias.
   d) O privilégio, a necessidade de compartilhar decisões com outros países gerou um projeto de integração bem sucedido.
   e) O recrudescimento, a exacerbação da crise econômica provocou uma reação de protecionismo entre as potências tradicionais.

33. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Exploração de Petróleo Júnior – 2012) A seguinte frase do Texto I apresenta concordância nominal de acordo com as regras da norma-padrão da língua portuguesa, já que o adjetivo anteposto concorda com o primeiro dos dois substantivos que o seguem.

"Com esse resultado, **renomadas** consultorias e bancos começam a revisar a projeção do Produto Interno Bruto (PIB) deste ano."

No caso de um adjetivo vir posposto a dois substantivos, as seguintes expressões apresentam concordância de acordo com a norma-padrão, **EXCETO:**

a) empresas e consultorias renomadas;
b) consultorias e bancos renomadas;
c) consultorias e bancos renomados;
d) bancos e consultorias renomadas;
e) economistas e bancos renomados.

34. (Cesgranrio – Termobahia – Técnico de Inspeção e Instalação Júnior – 2012) O verbo em destaque no trecho abaixo está no plural concordando com uma determinada palavra.

"Segundo ele, as políticas mais adequadas são aquelas que permitem às mulheres fazerem escolhas sobre o número de filhos que **querem** e o momento certo para engravidar."

Essa palavra é:
a) políticas;
b) aquelas;
c) mulheres;
d) escolhas;
e) filhos.

35. (Cesgranrio – Termobahia – Engenheiro de Termelétrica Júnior – 2012) Na expressão destacada no trecho "os alimentos processados industrialmente tornaram **os surtos de fome 'nacionais' mais raros**", a concordância nominal está de acordo com a norma-padrão. Nas frases a seguir, a concordância da palavra destacada está de acordo com a norma padrão, **EXCETO** em:
a) A demanda econômica está gerando montanhas de lixo cada vez maiores nas grandes cidades.
b) A ampliação das pesquisas médicas realizadas nas últimas décadas reduziu a mortalidade infantil.
c) As pesquisas de todo o mundo preveem situações de aglomeração calamitosas nos grandes centros.
d) O controle dos nascimentos prematuros efetuados pelo governo é imprescindível para as políticas de saúde pública.
e) O acesso a empregos formais conquistado pela população contribui para melhor qualidade de vida.

36. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico em Mecânica Júnior – 2012) Com relação ao uso da norma-padrão, há um desvio de concordância na canção abaixo.

Gente que vem de Lisboa
Gente que vem pelo mar
Laço de fita amarela
Na ponta da vela
no meio do mar

Ei nós, que viemos
De outras terras, de outro mar
Temos pólvora, chumbo e bala
Nós queremos é guerrear

Quem me ensinou a nadar
Quem me ensinou a nadar
Foi, foi marinheiro
Foi os peixinhos do mar

Ei nós, que viemos
De outras terras, de outro mar
Temos pólvora, chumbo e bala
Nós queremos é guerrear

MOURA, Otávio A.P. (adaptador e arranjador). Peixinhos do mar (canção folclórica de marujada). Intérprete: Milton Nascimento.

Esse desvio ocorre no seguinte par de versos:
a) 1 e 2.
b) 6 e 7.
c) 8 e 9.
d) 10 e 11.
e) 12 e 13.

37. (Cesgranrio – Liquigás – Oficial de Manutenção I – 2012) Na abordagem da concordância verbal, as gramáticas

apresentam casos em que o verbo fica invariável, por ser considerado "impessoal". O exemplo do texto em que o verbo grifado encontra-se no singular por ser impessoal é:
a) "Será árduo garimpar os números da família, amigos, contatos profissionais."
b) "Eu os buscarei, é óbvio."
c) "Há alguns anos..."
d) "Vejo motoristas de táxi..."
e) "A maioria dos chefes sente-se no direito..."

38. (Cesgranrio – CEF – Técnico Bancário Novo – 2012) A língua portuguesa conhece situações de dupla possibilidade de concordância. A modificação possível do termo destacado, mantendo-se a concordância, de acordo com a norma-padrão, encontra-se em:
a) Jogar *games* de computador pode fazer bem à saúde – podem.
b) um dos títulos mais populares do gênero no mundo, produzido pela Blizzard – produzidos.
c) escolhidos pelos pesquisadores para integrar o grupo – integrarem.
d) o grupo de controle não progrediu – progrediram.
e) é preciso interagir socialmente – interagirem.

39. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) No período "Mas é assim mesmo que se vive: perdida no tempo e no espaço." (trecho retirado de um registro literário), o particípio do verbo **perder,** empregado em estrutura de indeterminação do sujeito da oração, poderia, conforme regra de concordância nominal, estar na forma masculina, regra da qual, no entanto, a obra literária prescinde, dada a liberdade que preside a criação artística.
( ) CERTO
( ) ERRADO

40. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) No período "Nesse caso, puxar a corda, afiar a faca ou assistir à execução seria simples...", como o conector "ou" está empregado com sentido aditivo, e não, de exclusão, a forma verbal do predicado "seria simples" poderia, conforme faculta a prescrição gramatical, ter sido flexionada na terceira pessoa do plural: **seriam**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) Em *"... que fortalezas seguras, que duro peso de algemas, que profundas sepulturas nascidas de vossas penas..."*, a forma verbal "nascidas", apesar de referir-se a todas as expressões nominais que a antecedem, concorda apenas com a mais próxima, conforme faculta regra de concordância nominal.
( ) CERTO
( ) ERRADO

42. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) Em *"O fim da Idade Média, no século XV, e o ressurgimento... representaram..."*, a forma verbal "representaram" está no plural para concordar com o sujeito composto da oração, cujos núcleos são "fim", "século" e "ressurgimento".
( ) CERTO
( ) ERRADO

43. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) No trecho "É verdade que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas", o emprego da forma verbal singular "É" justifica-se pelo fato de essa forma verbal não ter sujeito explícito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

44. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A forma verbal "pressionados" (Uma parte da desaceleração de 2011 decorreu da diminuição de estoques em alguns setores, como o automobilístico, pressionados por importações crescentes e vendas internas estagnadas.) está no masculino plural porque concorda com "alguns setores".

45. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) O texto abaixo foi transcrito com adaptações. Assinale a opção que apresenta erro gramatical ou de grafia de palavra que prejudica a coerência textual.

Constata-se *(1) uma discrepância nas carteiras dos maiores detentores de dinheiro no mundo rico: uma pequena fração, menos de 10%,* ***está investida*** *(2) nos países emergentes, que, no entanto,* ***já representa*** *(3) mais de 50% do PIB global. Nesse cenário o Brasil continuará a conviver com* ***maciças*** *(4) entradas de recursos, que devem manter o real ainda valorizado. O governo precisa favorecer investimentos diretos e conter fluxos mais especulativos. É tolerável desestimular a entrada de capital aventureiro, mas cumpre evitar exageros que* ***afugentem*** *(5) o dinheiro bom.*

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

46. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção que fornece a correta justificativa para as relações de concordância no texto abaixo.

*O bom desempenho do lado real da **economia proporcionou** um período de vigoroso crescimento da arrecadação. A maior lucratividade das empresas foi decisiva para os **resultados** fiscais favoráveis. **Elevaram-se**, de forma significativa e em **valores** reais, **deflacionados** pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), as receitas do Imposto de Renda Pessoa Jurídica (IRPJ), a Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSLL), e a Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins). O crescimento da massa de salários **fez aumentar a arrecadação** do Imposto de Renda Pessoa Física (IRPF) e a receita de tributação sobre a folha da previdência social. Não menos **relevantes foram** os elevados ganhos de capital, responsáveis pelo aumento da arrecadação do IRPF.*

a) O uso do plural em "valores" é responsável pela flexão de plural em "deflacionados".
b) O plural em "resultados" é responsável pela flexão de plural em "Elevaram-se".
c) Emprega-se o singular em "proporcionou" para respeitar as regras de concordância com "economia".
d) O singular em "a arrecadação" é responsável pela flexão de singular em "fez aumentar".
e) A flexão de plural em "foram" justifica-se pela concordância com "relevantes".

47. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A flexão de singular em "há" (A situação nos EUA está mais positiva, há otimismo no mercado norte-americano) deve-se à concordância com "otimismo".

48. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Assinale a opção correta a respeito das relações de concordância no texto.

*A vida em um país nórdico, como a Finlândia, nos faz refletir mais profundamente sobre a relação entre **liberdade, igualdade, autonomia e formatos sociais** que **podem** propiciar vidas mais plenas e felizes aos seus cidadãos. Para alguém habituado a desigualdades, **uma sociedade igualitária**, com amplo respeito pela vida humana, excelentes índices de educação, burocracia inteligente e serviços públicos voltados (de fato) para melhorar a vida do cidadão, **soa** como um caminho para a produção de seres humanos mais plenos e sociedades mais inspiradoras. (...) A igualdade e a dignidade humana que uma sociedade pode produzir **referem-se** à possibilidade de o cidadão ter condições materiais e subjetivas à sua disposição, para que, atendidas suas necessidades básicas e diárias de bem-estar, ele se ocupe com questões outras que a sobrevivência. (...) Em outros termos, não foi a igualdade que deixou o país apático. Ademais, **sociedades desiguais podem ser** tão ou mais acríticas e reprodutoras. O ponto que nos intriga é que a igualdade, o respeito e a dignidade dados a **todos** não **levaram** à autonomia, ao pensamento criativo e crítico, e a processos transformadores.*

a) A flexão de singular em "soa" justifica-se pela concordância com "uma sociedade igualitária".
b) A enumeração de vários elementos, "liberdade, igualdade, autonomia e formatos sociais" justifica a flexão de plural em "podem".
c) Devido ao uso do pronome "se", o plural em "referem-se" é opcional: estaria igualmente correto empregar o singular: refere-se.
d) Por se referir a "sociedades desiguais", o infinito em "podem ser" admitiria também a flexão de plural, serem.
e) O plural no pronome "todos" justifica a flexão de plural em "levaram".

49. (FCC – TRF (5ª R) – Técnico Judiciário – 2012) <u>Os folheteiros</u> vivem em feiras, mercados, praças e locais de peregrinação.

O verbo da frase acima NÃO pode ser mantido no **plural** caso o segmento grifado seja substituído por:

a) Há folheteiros que;
b) A maior parte dos folheteiros;
c) O folheteiro e sua família;
d) O grosso dos folheteiros;
e) Cada um dos folheteiros.

50. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) ..... tomar medidas que ..... a sobrevivência de algumas espécies de aves na região.

a) Eram necessários – garantissem.
b) Eram necessárias – garantissem.
c) Era necessário – garantisse.
d) Eram necessárias – garantisse.
e) Era necessário – garantissem.

51. (Instituto Cidades – TCM/GO – Auditor de Controle Externo – 2012) Assinale o item que preenche corretamente as lacunas, do ponto de vista da concordância verbal.

Já ___ muitos anos que não se lançava nenhum filme mudo, mas ___ muitas pessoas que ainda ____ por este tipo de filme.

a) devem fazer, tem, se apaixona;
b) deve fazer, há, se apaixonam;
c) deve fazerem, há, se apaixona;
d) fazem, há, se apaixona;
e) faz, haviam, se apaixonarão.

Gabarito

1. INCORRETA.	11. CERTO.	21. D.	31. D.	41. ERRADO.
2. I.	12. CERTO.	22. D.	32. E.	42. ERRADO.
3. INCORRETA.	13. CERTO.	23. C.	33. B.	43. ERRADO.
4. E.	14. CERTO.	24. E.	34. C.	44. CORRETA.
5. NÃO.	15. CERTO.	25. E.	35. D.	45. C.
6. CORRETA.	16. CERTO.	26. A.	36. E.	46. A.
7. B.	17. ERRADO.	27. C.	37. C.	47. INCORRETA.
8. A.	18. ERRADO.	28. E.	38. C.	48. A.
9. ERRADO.	19. ERRADO.	29. C.	39. CERTO.	49. E.
10. ERRADO.	20. E.	30. D.	40. ERRADO.	50. E.
				51. B.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 29

Regência Verbal e Nominal

Definição e Particularidades

Antes de começar a estudar este capítulo, é preciso que você volte ao capítulo 19 e estude tudo sobre **Predicação Verbal / Transitividade Verbal**. É *megaimportante* que você faça isso, ok? Além disso, recomendo que você crie o hábito de consultar dicionários de regência verbal e nominal, principalmente do Celso P. Luft. Os compêndios deste estudioso servem de base para a confecção das questões trabalhadas pelas bancas. Em futuros "recursos" contra questões, use as lições do homem como defesa de tese. Agora vamos ao que interessa...

Regência é a relação de dependência entre os componentes de uma oração ou entre orações. Mas o que nos deve interessar, principalmente para os concursos, é este conceito: "**regência** é a maneira como o **nome** ou o **verbo** se relacionam com seus **complementos**, com preposição ou sem ela".

Quando um **nome** (substantivo, adjetivo ou advérbio) exige um complemento preposicionado, dizemos que este **nome** é um **termo regente** e que **seu complemento** é um **termo regido**. Por um motivo muito simples: há uma relação de dependência entre o nome e o seu complemento.

Lembre-se: o **nome** (substantivo, adjetivo e advérbio) exige um complemento nominal sempre iniciado por preposição, exceto se o complemento vier em forma de pronome oblíquo átono.

Aqui vai uma dica: Cuidado com questões em que a banca afirma que um termo preposicionado é um complemento nominal, quando, na verdade, é um adjunto adnominal, um adjunto adverbial ou um agente da passiva. Revisite esses termos sintáticos!

No caso do **verbo**, a relação mantida com seu complemento pode ou não se dar por meio de preposição. Por isso é bom que relembremos os conceitos de transitividade verbal (ou predicação verbal). Assim como o nome, o verbo mantém uma relação de dependência sintática com seu complemento, em que o **verbo** é o **termo regente** e **seu complemento**, o **termo regido**.

Veja a relação entre alguns **nomes** (substantivo, adjetivo e advérbio) e **seus complementos**:

Sempre senti ojeriza a qualquer atitude desonesta.

Ojeriza é um substantivo. Quem sente ojeriza... sente ojeriza *a, contra, por* algo ou alguém. Portanto, *a qualquer atitude desonesta* é um complemento nominal de *ojeriza*.

Os discípulos daquele mestre sempre lhe foram leais.

Leal é um adjetivo. Quem é leal... é leal *a* algo ou *a* alguém. Neste exemplo, o complemento nominal veio em forma de pronome oblíquo átono, que, se passado a oblíquo tônico, ficaria

assim, no contexto: *leais a ele*. É assim que cai em prova de concurso.

A exposição de pinturas, evento realizado paralelamente

***ao musical*, *terminou*.**

Paralelamente é um advérbio que exige a preposição *a*. Portanto, *ao musical* é um complemento nominal de *paralelamente*.

Veja agora a relação entre alguns ***verbos*** e ***seus complementos***:

***Já fui a parques de todo o mundo*.**

Neste caso, o verbo *ir* rege um complemento iniciado pela preposição *a*. Quem vai... vai *a* algum lugar (real ou virtual). A **gramática tradicional** considera tal complemento um adjunto adverbial, e é assim que vem caindo em prova até então.

***Neste ano, os candidatos conquistaram a tão sonhada classificação*.**

O verbo *conquistar* exige um complemento sem que nenhuma preposição intermedeie a ligação entre o verbo e seu complemento direto. Quem conquista... conquista alguém ou alguma coisa.

***Em nenhum momento nós desistimos do que nos motivava*!**

O verbo *desistir* exige um complemento preposicionado, em que a preposição *de* liga o verbo a seu complemento indireto. Quem desiste... desiste de algo ou de alguém. Detalhe: o núcleo do objeto indireto é *o* (= *aquilo*). Veja de novo: "... desistimos *do (= daquilo) que nos motivava*!".

***Garçom, por gentileza, ofereça ao amigo o melhor prato da casa*.**

O verbo *oferecer* exige um complemento sem preposição (*o melhor prato da casa*) e um complemento com preposição (*ao amigo*). Quando vem em forma de pronome átono ("lhe", p. ex.), obviamente não há preposição explícita no complemento indireto (ou **objeto indireto**).

Enfim, a **regência nominal** ou **verbal** trata da relação de dependência entre termos dentro da oração, como atestamos.

É bom dizer também que ocorre **regência nominal** e **verbal** entre orações. Lembra-se das orações subordinadas substantivas? Entre elas e suas orações principais também há **regência nominal** e **verbal**. Quer ver?

***Tenho noção de que preciso empenhar-me em busca do melhor*.**

O nome *noção*, que faz parte da oração principal, rege um complemento nominal oracional (ou uma oração subordinada substantiva completiva nominal). Afinal, "quem tem noção...

tem noção **de**...".

Tanto ela quanto ele só gostam de quem gosta deles.

O verbo *gostar* da oração principal exige igualmente um complemento preposicionado, que, neste caso, é uma oração subordinada substantiva objetiva indireta justaposta. Quem gosta... gosta **de**...

Saiba que, se os "homens da banca" quiserem derrubá-lo, vão elaborar questões com esses... digamos... "detalhes"... **Todo cuidado é pouco a partir de agora! Leia atentamente!**

1) É importante dizer que, se um verbo ou um nome da oração subordinada adjetiva exigir a presença de uma preposição, esta ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo.

– *O filho, **por quem** a mãe tinha **admiração**, era honesto.*

– *O dinheiro **de que** a Secretaria Municipal de Fazenda do Rio de Janeiro **dispõe** não pagará as despesas vultosas e crescentes.*

– *Informo que os cursos a respeito das principais bancas, **às quais** fiz **menção** nas últimas aulas, estão na pasta B.*

– *"Eu quero ser sempre aquilo **com quem** **simpatizo**."* (Fernando Pessoa)

– *A tese **contra a qual** **opusemos** argumentos era a de que a beleza não põe mesa.*

2) Acho superválido dizer também que alguns nomes e verbos, com regências diferentes, podem reger o mesmo complemento. Só que isso é polêmico... A maioria dos gramáticos tradicionais diz que nomes de regências diferentes **NÃO** podem ter um só complemento. Enfim, veja os exemplos a seguir para ficar mais claro:

Pedro e Larissa assistiram e gostaram da sessão de cinema.

Saiba que o verbo *assistir* (no sentido de ver) rege um complemento pela preposição *a*, e que o verbo *gostar* o faz pela preposição *de*. Logo, se cada verbo tem sua maneira própria de reger um complemento, é preciso haver um complemento para cada verbo – dizem as gramáticas mais tradicionais. Em outras palavras, tradicionalmente, a frase acima deveria estar escrita assim:

Pedro e Larissa assistiram à sessão de cinema e gostaram dela.

Não obstante, Bechara e Cegalla, por exemplo, pensam diferente. Veja o que Cegalla diz: "Por concisão, pode-se... dar um complemento comum a verbos (e mais à frente ele fala o mesmo sobre os nomes) de regência diferente.". Daí, segue o exemplo dele: "Os devotos entravam e saíam da igreja [Em vez de: Os devotos entravam na igreja e saíam dela]".

Com essas palavras concluímos que, na hora da prova, como as bancas de concursos públicos não costumam divulgar bibliografia, devemos observar bem a questão, analisar todas as alternativas e, se figurar alguma com a visão "não ortodoxa" e alguma com a

"tradicional", opte pela tradicional. "Mas, Pestana, e se só houver a visão 'não ortodoxa' na questão, o que faço com a informação da 'tradicional' na cabeça?" Resposta: Ignore-a completamente, marque a visão "não ortodoxa" e seja feliz!

A visão "tradicional", inclusive, proíbe construções com mais de uma preposição (essencial, acidental ou locução prepositiva) com sentido diferente se referindo a um só termo. A "não ortodoxa" (Bechara e Cegalla) aprova tais construções. Veja um exemplo da construção "não ortodoxa", seguida da "tradicional":

Choveu antes, durante e depois do jogo. (não ortodoxa)

Choveu antes do jogo, durante o jogo e depois dele. (tradicional)

Veja mais exemplos da visão "não ortodoxa":

Você é a favor ou contra esta lei?

Com ou sem ela, estou indo para a Inglaterra ainda esta noite.

Reescrevendo-as na visão "tradicional":

Você é a favor desta lei ou contra ela?

Com ela ou sem ela, estou indo para a Inglaterra ainda esta noite.

3) Verbos com regências iguais, por outro lado, podem ter o mesmo complemento:

O Brasil costuma exportar e importar certos produtos agrícolas.

4) Outra questão polêmica é a seguinte: pode ou não um sujeito de verbo no infinitivo vir contraído com uma preposição? Novamente... Cegalla, Bechara, Sílvio Elia e Souza da Silveira têm uma visão "não ortodoxa" do assunto, apesar de explicitarem a visão "tradicional". Quer conhecer a visão "tradicional"? Então... lá vai: ela diz que um sujeito não pode ser regido de preposição diante de qualquer verbo (infinitivo ou não). Ponto. Exemplo:

É chegada a hora de os meninos serem separados dos adultos.

Para o imortal Bechara, tanto faz, você decide. A visão "não ortodoxa" aprova a contração:

É chegada a hora de os meninos serem separados dos adultos.

ou

É chegada a hora dos meninos serem separados dos adultos.

Aí vem sua famigerada pergunta: "Pestana, o que faço na prova?" O mesmo que eu falei agora há pouco: devemos observar bem a questão, analisar todas as alternativas e, se figurar alguma alternativa com a visão "não ortodoxa" e alguma com a "tradicional", opte pela *tradicional*. Veja:

O fato do Brasil e dos Estados Unidos se acharem no mesmo continente é um acidente geográfico.

Certo ou errado? Depende da prova, depende da questão. A visão "tradicional" repudia; a "não ortodoxa" aprova. Na dúvida, já expus a polêmica. Agora estude e fique atento! É com

você. *A Esaf aprova ambas as estruturas*.

5) Apesar de já haver falado disso no capítulo de *Orações Subordinadas Substantivas*, reitero: a *preposição* exigida por verbo ou nome pode vir implícita antes de orações subordinadas substantivas objetivas indiretas e completivas nominais. Essa é a visão "não ortodoxa". A "tradicional" diz que precisa haver preposição **explícita**.

Esqueceu-se de que tenho oitenta anos? (tradicional)

Esqueceu-se ( ) que tenho oitenta anos? (não ortodoxa)

Tinha a impressão de que estava certo. (tradicional)

Tinha a impressão ( ) que estava certo. (não ortodoxa)

6) É muito frequente questão de regência verbal envolvendo **pronomes oblíquos átonos e pronomes relativos.** Principalmente na FCC há questões recorrentes de "regência com pronome relativo", em que a preposição, exigida por verbo ou nome da oração adjetiva, fica obrigatoriamente antes do pronome relativo. Sendo assim, veja dois exemplos hipotéticos de questões desse tipo.

Exemplo 1:

Informei aos alunos aquela notícia tão aguardada.

Levando-se em conta a regência verbal, as reescrituras possíveis da frase acima são:

I - *Informei-lhes aquela notícia tão aguardada.*
II - *Informei-a aos alunos.*
III - *Informei-os daquela notícia tão aguardada.*
IV - *Informei-lhes daquela notícia tão aguardada.*
a) I e II.
b) II e III.
c) III e IV.
d) I, II e III.
e) II, III e IV.

Comentário: O gabarito é a letra D, pois "quem informa, informa algo (OD) a alguém (OI)", ou "quem informa, informa alguém (OD) de algo (OI)". O verbo é transitivo direto e indireto, logo exige um objeto direto e um objeto indireto. Por isso, observe: I- *Informei-lhes (OI) aquela notícia tão aguardada (OD)*. II- *Informei-a (OD) aos alunos (OI)*. III- *Informei-os (OD) daquela notícia tão aguardada (OI)*. IV- *Informei-lhes (OI) daquela notícia tão aguardada (OI)*. O verbo informar não exige dois objetos indiretos, logo a reescritura IV está errada. Lembre-se de que os pronomes oblíquos átonos *o, a, os, as, lo, las, los, las, no, na, nos, nas* exercem função de objeto direto, nunca de objeto indireto. Já *lhe, lhes* exercem função de objeto indireto, nunca de objeto direto. Saiba também que os pronomes oblíquos átonos *me, te, se, nos, vos* podem exercer função de objeto direto, objeto indireto etc. Consulte *Funções Sintáticas dos Pronomes Oblíquos Átonos*, no capítulo 21.

Exemplo 2:

Os assuntos gramaticais de que venho tratando aqui são muito importantes.

Assinale a alternativa que apresenta regência adequada, como na frase acima.

a) Respeitar padrões morais é uma qualidade da qual não abrem mão certos homens.
b) A força do nosso trabalho, de que não relutamos em vender, dificilmente será paga.
c) A barbaridade de que serviu ao poeta de tema não espantou os civilizados.
d) O autor do texto, de cuja convicção estamos longe de alcançar, desconfia de tudo.
e) Os maus tempos dos quais estamos atravessando devem-se a uma falta de previsão.

Comentário: O gabarito é a letra A, pois o verbo *abrir*, no contexto, é VTDI (abre-se mão (OD) de algo (OI)). Logo, a preposição *de* fica obrigatoriamente antes do pronome relativo. Nos demais casos, há erro de regência, pois nenhum verbo ou nome das orações adjetivas exige preposição, devendo ser reescritas assim: b) A força do nosso trabalho, que não relutamos em vender, dificilmente será paga. c) A barbaridade que serviu ao poeta de tema não espantou os civilizados. d) O autor do texto, cuja convicção estamos longe de alcançar, desconfia de tudo. e) Os maus tempos os quais estamos atravessando devem-se a uma falta de previsão.

Regência Verbal

Antes de entrarmos na regência de alguns verbos tradicionais, é preciso que você saiba o seguinte: não é possível abordar todos os verbos em uma gramática, para isso existem Dicionários de Regência. No entanto, saiba que as provas costumam abordar os mesmos verbos. Graças a Deus! De mais de 11.000 verbos e suas regências, você precisará conhecer cerca de 40. Não pense que isso é muito, pois o candidato realmente preparado ou engajado ficará feliz em saber isso.

Pontos importantíssimos

1) O *lhe*

O *lhe* exerce função de objeto indireto, nunca de objeto direto, por isso certas frases (*"Não lhe vejo há muito tempo."*) são equivocadíssimas. Se o verbo *ver* é transitivo direto, não podemos usar *lhe* como seu complemento. O adequado à norma culta é: *"Não o vejo há muito tempo."* ou *"Não a vejo há muito tempo."* ou *"Não te vejo há muito tempo."*. Saiba também que o *lhe* não serve de complemento para alguns verbos, como: *aludir, anuir, aceder, aspirar (= almejar), assistir (= ver), escarnecer, proceder, presidir, recorrer, referir-se (= aludir), visar (= almejar)*.

2) Preposições e prefixos verbais

Apesar de não ser uma regra fixa, é um fato linguístico que alguns verbos regem preposição semelhante a seus "prefixos": *concorrer com, deduzir de, depender de, incluir em, aderir a, concordar com, coincidir com, conviver com, embarcar em, peregrinar por, interpor entre, perpassar por, compactuar com, compartilhar com, contemporizar com, implicar em...*

3) Verbos pronominais

É bom saber que alguns verbos não pronominais (não acompanhados da partícula integrante *se*) podem se tornar pronominais. Quando isso ocorre, sua regência muda. De transitivos diretos passam a transitivos indiretos: *aborrecer (aborrecer-se com), aconselhar (aconselhar-se com), alegrar (alegrar-se com), apoderar (apoderar-se de), aproveitar (aproveitar-se de), armar (armar-se de), carregar (carregar-se de), cercar (cercar-se de), comunicar (comunicar-se com), debater (debater-se com, contra, em, entre, sob), defender (defender-se de), dedicar (dedicar-se a), enganar (enganar-se em), esquecer (esquecer-se de), lembrar (lembrar-se de), limitar (limitar-se a), orgulhar (orgulhar-se de), recordar (recordar-se de), referir (referir-se a), tratar (tratar-se de), zangar (zangar-se com), precaver (contra/de), etc.*

Além disso, existem certos verbos, essencialmente pronominais, que sempre exigem complemento preposicionado: *apaixonar-se por, arrepender-se de, atrever-se a, candidatar-*

se a, dignar-se de, engalfinhar-se com, esquivar-se de, esforçar-se em/para/por, queixar-se de, refugiar-se em/de etc.

Não são pronominais: *antipatizar, confraternizar, ombrear, proliferar, silenciar, simpatizar, sobressair* etc. Logo, há incorreção gramatical em: *"Os jovens procuram **se sobressair** na internet, a qual é um universo anárquico."*. A forma culta é*: "Os jovens procuram **sobressair** na internet, a qual é um universo anárquico."*.

4) Voz verbal e regência

Há verbos transitivos indiretos, como *apelar, assistir (= ver), pagar/perdoar* (com complemento de pessoa)*, responder* etc., em que há "concessões" para o uso da forma passiva, como diz Bechara. Napoleão Mendes de Almeida vai além, defendendo o uso de *assistir* (= *ver*) na voz passiva. Veja:

– *Não apelaram da sentença. / A sentença não **foi apelada**.*
– *Muitas pessoas assistiram à missa. / A missa **foi assistida** por muitas pessoas.*
– *Pagamos às empregadas. / As empregadas **foram pagas** por nós.*
– *Todos lhe perdoaram. / Ele **foi perdoado** por todos.*
– *Reponder-se-ão às dúvidas. / As dúvidas **serão respondidas**.*
– *João abusou de Maria. / Maria **foi abusada** por João.*

Os verbos *obedecer e desobedecer*, apesar de hoje serem transitivos indiretos, eram considerados transitivos diretos antigamente. Por esse motivo, muitos gramáticos registram que tais verbos podem figurar na voz passiva: *A ordem da mãe não **foi obedecida** pelo filho. / **Obedeceu-se** a ordem.*

Outra informação importante é que os verbos *assistir (= ajudar) e pagar/perdoar* (com complemento de coisa) podem ser passados para a voz passiva analítica normalmente, pois, nesses casos, eles são transitivos diretos:

– *O professor **continua assistindo** os alunos. / Os alunos **continuam sendo assistidos** pelo professor.*
– *Tomara que **tenham perdoado** toda a dívida. / Tomara que toda a dívida **tenha sido perdoada**.*

Mas a grande verdade é que a tradição da língua culta **NÃO** tolera que verbos transitivos indiretos sejam passados para a voz passiva. E é assim que 99% das bancas veem tal fato. Fique esperto!

Verbos com mais de uma regência sem mudança de sentido

Tais verbos costumam ser indistintamente transitivos diretos ou indiretos:

– *O rei **abdicou o trono**. / O rei **abdicou do trono**.*

– *A secretária* ***atendeu*** ***o telefone****. / A secretária* ***atendeu*** ***ao telefone****.*
– *A noite* ***antecede*** ***o amanhecer****. / A noite* ***antecede*** ***ao amanhecer****.*
– ***Acredito*** ***que Deus existe****. /* ***Acredito*** ***na existência de Deus****.*

Obs.: Os verbos *acreditar, crer, pensar e sinônimos* (ao expressar uma opinião, um julgamento) são VTDs quando seu complemento é uma oração subordinada substantiva objetiva direta: ***Penso*** *(VTD)* *que devo estudar mais* *(OD)*.

– *Na prova,* ***atente*** ***o que estiver diante de seus olhos****. / Na prova,* ***atente*** ***a/em/para*** ***o que estiver diante de seus olhos****.*
– ***Anseio/Almejo*** ***uma vida estável****. /* ***Anseio/Almejo*** ***por*** ***uma vida estável****.*
– *Durante uma semana, eu* ***cogitei*** ***aquela vingança****. / Durante uma semana, eu* ***cogitei*** ***naquela vingança****.*
– *Como o patrão* ***consente*** ***tantos erros****? / Como o patrão* ***consente*** ***em*** ***tantos erros****?*
– ***Declinou*** ***o cargo****. /* ***Declinou*** ***do cargo****.*
– ***Desfrutemos*** ***o bom da vida****! /* ***Desfrutemos*** ***do bom da vida****!*

Obs.: Os verbos *desfrutar* e *usufruir* são tradicionalmente vistos, inclusive em manuais de redação oficiais, como VTDs (complemento sem preposição), mas Celso Pedro Luft diz que **a variante regencial** *usufruir de,* **não faz mais que seguir o modelo da base verbal fruir: fruir as utilidades, fruir dos bens**. Isso porque o verbo *fruir*, em todas as suas acepções, pode ser usado como transitivo direto ou como transitivo indireto, regendo a preposição *de*. A alternância de regência não implica alteração do sentido do verbo. Em outras palavras, tais verbos podem ser encontrados como VTDs, sem preposição, ou como VTIs, regendo a preposição *de*, segundo Celso Pedro Luft. Francisco Fernandes já os vê como VTDs. Sobre isso, consulte: CONSULPLAN – PREF. PORTO VELHO/RO – ASSISTENTE ADMINISTRATIVO – 2012 – QUESTÃO 5 e).

– ***Desdenho*** ***tua sabedoria****. /* ***Desdenho*** ***de*** ***tua sabedoria****.*
– *"Na penumbra da noite* ***deparei um vulto estranho****."* (Cegalla) */ Na penumbra da noite* ***deparei*** ***com*** ***um vulto estranho****.*

Obs.: Quem se depara se depara com algo ou alguém. Cuidado com essa regência junto a pronome relativo: *"A situação* ***que se depara*** *com frequência não o surpreende."* (incorreta) / *"A situação* ***com que se depara*** *com frequência não o surpreende."*

(correta).

– *Ele* ***goza*** ***sua melhor forma****. / Ele* ***goza*** ***de sua melhor forma****.*
– *Não* ***necessitam/precisam*** ***defesa de ninguém****.* (forma rara atualmente) / *Não* ***necessitam/precisam*** ***da defesa de ninguém****.*
– *O nascimento do filho* ***obstou*** ***a viagem****. / O nascimento do filho* ***obstou*** ***à viagem****.*

Obs.: Tais regências são abonadas por Celso Pedro Luft e por Francisco Fernandes.

– *O trovão* ***precedeu*** ***o temporal****. / O trovão* ***precedeu*** ***ao temporal****.*
– *O padre* ***presidirá*** ***a cerimônia****. / O padre* ***presidirá*** ***à cerimônia****.*
– *O político, mais um,* ***renunciou*** ***o cargo****. O político* ***renunciou*** ***ao cargo****.*
– ***Satisfez*** ***sua necessidade****? /* ***Satisfez*** ***à sua necessidade****?*

Cuidado!!!
Alguns verbos transitivos diretos seguidos de preposição, segundo Bechara, "dão um colorido especial ao contexto". Lembra-se dos casos de objeto direto preposicionado? Então, lá há alguns verbos que fazem parte de expressões idiomáticas do português junto com seus complementos preposicionados. Exemplos:
– *Comi o bolo. / Comi* ***do*** *bolo.* (Apenas um pedaço do bolo – não ele todo – foi comido; a preposição neste caso tem um papel semântico indicando "partição".)
Na edição de junho de 2011 da revista *Piauí,* o professor Evanildo Bechara diz que "a função das preposições não é sintática, mas semântica. Pegar uma linha indicaria nada mais do que segurá-la. Mas pegar da linha implica que ela será utilizada". O erudito disse mais: "É impressionante como os bons autores aproveitam todas as faculdades da língua", comentou. No inglês, o fenômeno, conhecido como *two-word verbs*, é largamente utilizado. *Look* é "olhar". Acrescido da preposição *for*, quer dizer "procurar", *look for*. **Bechara explicou então que "cumprir o dever" é diferente de "cumprir com o dever", que exige sacrifício [zelo, esforço]**.
O mesmo se dá com *fazer*, que pode figurar como *"Fazer que..."* ou *"Fazer com que"*, em que a preposição apenas serve de ênfase ao objeto direto: *"Pouco conhecimento* **faz (com) que** *as pessoas se sintam orgulhosas."*. (Leonardo Da Vinci)

Verbos que normalmente mudam de sentido devido à regência

Para facilitar sua vida, apresentarei os verbos mais corriqueiros nos concursos. É óbvio que existem outros não tão populares assim em seu concurso... e, por isso mesmo,

normalmente de fácil percepção quanto à regência. Caso você queira mais, recomendo a consulta ao *Dicionário Prático de Regência Verbal*, de Celso P. Luft, ou ao *Dicionário de Verbos e Regimes*, de Francisco Fernandes, ou ainda ao *Dicionário de Regência Verbal*, de Antenor Nascentes. São as grandes referências no assunto.

Usarei algumas siglas: VI (verbo intransitivo), VTD (verbo transitivo direto), VTI (verbo transitivo indireto) e VTDI (verbo transitivo direto e indireto, ou bitransitivo). Suas respectivas preposições, quando houver, virão junto. Vamos lá!

Agradar

Acariciar, fazer carinho (VTD)

– *A mãe agradou seu filho no colo.*

Satisfazer, alegrar, contentar (VTI – a)

– *Este espetáculo sempre agrada* ***a****o público.*

Obs.: Não ortodoxamente, Luft diz que neste último caso, o verbo pode ser VTD: *Este espetáculo agradou-o*. Na hora da prova, analise todas as opções possíveis, ficando com a "melhor resposta".

Agradecer

VTD (complemento "coisa")

– *Alguns sem-teto agradeceram nosso auxílio.*

VTI (complemento "pessoa"; acompanhado ou não de adjunto adverbial de causa)

– *Devemos agradecer a Deus (quem crê, é claro) pelas bênçãos diárias.*

VTDI (OD ("coisa") / OI ("pessoa") – a)

– *Agradeceste-lhe (****a*** *ele) o elogio?*

Ajudar

Facilitar (VI)

– *Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda.* (dito popular)

Auxiliar (VTD)

– *Deus ajuda quem cedo madruga.* (dito popular)

Auxiliar (VTI – em)

– *Ele sempre ajuda* ***n****a reforma da Igreja.*

Auxiliar (VTDI (OD: "pessoa" / OI: "coisa" – em)

– *Os irmãos não se ajudam* ***em*** *nada.*

Obs.: Quando o OI tem como núcleo um verbo no infinitivo, Celso P. Luft diz que é iniciado pela preposição *a*, sendo desaconselhada na linguagem culta formal o uso de *lhe* na

posição de objeto direto: *"Vou ajudar-**lhe** **a** **arrumar o quarto.**"* (regência desaconselhada) / *"Vou ajudá-**lo** **a** **arrumar o quarto.**"* (regência aconselhada). Já Francisco Fernandes diz que tanto faz. É a visão do Luft, porém, que prevaleceu na visão do Cespe/UnB, que ignorou o ensinamento de Francisco Fernandes: Cespe/UnB – ANATEL – TÉCNICO EM REGULAÇÃO – 2006 – QUESTÃO 11.

Apelar

Interpor recurso judicial à instância superior, recorrer (VTI – de)

– *O advogado apelou **d**a decisão.*

Pedir socorro/ajuda (VTI – a, para)

– *Aquela mulher feia teve de apelar **para** o santo casamenteiro.*

Aspirar

Respirar, inspirar, sugar (VTD)

– *Em regiões muito altas, é difícil aspirar o ar.*

Almejar, pretender alcançar (VTI – a)

– *Nunca mais aspirarei **a** amores impossíveis.*

Obs.: O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: *"Nunca mais aspirarei **a eles** (a amores impossíveis)."*.

Assistir

Morar, residir, habitar (VI – em)

– *Assisto **em** Copacabana há 15 anos.*

Obs.: Lembre-se de que *em Copacabana* não é um complemento para os gramáticos tradicionais, em outras palavras, não é um objeto indireto, mas sim um adjunto adverbial de lugar! Lembrando que este é um dos verbos que indicam moradia/estaticidade/permanência.

Ajudar, auxiliar, apoiar, prestar assistência (VTD (preferencialmente) ou VTI – a)

– *O professor assistia frequentemente a aluna com dificuldade.*

– *O professor assistia-lhe (**a** ela) frequentemente.*

Ver (e ouvir), presenciar, observar (VTI – a)

– *Quando namorávamos, assistíamos **a** vários shows.*

Obs.: O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo, nesta acepção. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: *"Quando namorávamos, assistíamos **a eles** (a vários shows)."*.

Ser da competência de, caber, competir (VTI – a)

– *Não lhe (**a** você) assiste dizer se isto é certo ou errado.*

Atender

Veja uma questão da Esaf que elucida tudo sobre a regência deste verbo:

(Esaf – IRB – Analista de Sistemas – 2004)

– Identifique a letra em que uma das frases apresenta erro de regência verbal.

a) Atender uma explicação. / Atender a um conselho.

b) O diretor atendeu aos interessados. / O diretor atendeu-os no que foi possível.

c) Atender às condições do mercado. / Os requerentes foram atendidos pelo juiz.

d) Atender o telefone. / Atender ao telefone.

e) Ninguém atendeu para os primeiros sintomas da doença. / Ninguém se atendeu aos primeiros alarmes de incêndio.

GABARITO: E. Esta questão trata de todas as acepções do verbo **atender**. A maior parte das frases da questão foi retirada do livro de regência de Celso Pedro Luft (lembra que eu falei dele?!). Vamos lá...

a) O verbo será VTD ou VTI no sentido de *dar ou prestar atenção*.

b) No sentido de *servir, acolher, deferir, tomar em consideração*, é VTD ou VTI. Se o complemento deste verbo for um pronome oblíquo átono, só serão aceitas as formas diretas "o, a, os, as (e variações)".

c) VTD ou VTI no sentido de *tomar em consideração, considerar, levar em conta, ter em vista, deferir*. Por ser também VTD, a voz passiva analítica é adequada: *foram atendidos*.

d) VTD ou VTI no sentido de *escutar e responder (ao telefone)*.

e) no sentido de *atentar, reparar,* é VTI, podendo reger as preposições *a, em, para*: 1ª frase da opção E; mas... há uma forma incorreta, que é: "*Ninguém se atendeu aos primeiros alarmes de incêndio*". Neste sentido, não há como o verbo *atender* ser pronominal (com partícula integrante 'se'). Deveria ser: "Ninguém *atendeu aos (para os ou nos)* primeiros alarmes de incêndio".

Luft ainda fala que, no sentido de *conceder audiência a*, é VTD: *O Papa atenderá os peregrinos*.

Chamar

Convocar, convidar (VTD)

– *O técnico brasileiro chamou o novo talento para a seleção.*

Invocar para auxílio ou proteção, normalmente apelando (VTD ou VTI (por))

– *Chamaram (**por**) Jeová quando em extrema dificuldade.*

Classificar, qualificar, nomear (VTD ou VTI – a)

– *Chamei o professor (de) inteligente. / Chamei-o (de) inteligente.*

– *Chamei **a**o professor (de) inteligente / Chamei-lhe (de) inteligente.*

Obs.: A preposição *de* é facultativa em *de inteligente*, que é um predicativo do objeto.

Relembrando: o verbo **transobjetivo** é aquele que exige um complemento (OD ou OI) + um predicativo do objeto.

Chegar

Tradicionalmente VI (vem acompanhado de adjunto adverbial de lugar, iniciado sempre pela preposição **a**, nunca por **em**)

– *Nosso time nunca chegou **a** uma posição decente na tabela.*

Obs.: O mesmo vale para outros verbos que indicam deslocamento, como *ir*: *Quem vai... vai **a** algum lugar.* Detalhe: "Quando alguém vai **para** algum lugar" significa *ir* e *se demorar* (ou *ir* e *ficar*). O Luft entende que tais verbos (*ir* e *chegar*, por exemplo) podem se classificados como transitivos indiretos. Veja isto: FCC – DPE/SP – AGENTE DE DEFENSORIA PÚBLICA – 2013 – QUESTÃO 9.

Conferir

Examinar (VTD)

– *Conferimos a redação do candidato, a qual estava excelente.*

Atribuir, imprimir certa característica (VTDI – a)

– *O júri conferiu prêmios **a**os melhores concorrentes.*

– *Os pormenores conferiam verossimilhança **à** história.*

Estar de acordo (VI ou VTI – com)

– *O laudo confere.*

– *A descrição do suspeito não confere **com** o depoimento da testemunha.*

Constar

Ser composto de, consistir em, conter; estar incluído (VTI – de)

– *A epopeia consta **de** dez cantos.*

Estar incluso (VTI – de/em)

– *Este consta **d**a/**n**a antologia do poeta Drummond.*

Ser sabido (VTI (a) – o sujeito da frase é normalmente uma oração)

– *Não me (**a** mim) constava que ela passou na prova.*

Custar

Indicando preço, valor (VI; acompanhado de adjunto adverbial de preço)

– *Nosso carro custou duzentos mil reais.*

Obs.: Francisco Fernandes (e o próprio Luft, em OBS) diz que é VTD, em que *duzentos mil reais* seria um OD.

Demorar (VI)

– *Custaram, mas chegaram, enfim.*

Causar, provocar, acarretar, resultar (VTDI – a)

– *A arrogância pode custar-lhe (**a** ele) o emprego.*

Ser custoso, difícil (VTI – a)

– *Nós custamos a aprender Português* (construção coloquial)

– *Custou-nos(a) aprender Português* (construção culta)

Obs.: Lê-se a última frase assim: *"Aprender Português (sujeito) custou (foi custoso, difícil) **a** nós (objeto indireto)."*. Ainda sobre a última frase: a preposição antes do infinitivo é expletiva, não alterando a análise sintática da oração. Sobre esta última regência, consulte: FUNRIO – MPOG – Analista ADMINISTRATIVO – 2009 – QUESTÃO 4.

Dar

Tornar-se (VL)

– *O ex-atleta deu um bom empresário.*

Bastar (VI)

– *Esse dinheiro não dá.*

Registrar, emitir, informar... (VTD)

– *A mídia deu a notícia ontem.*

Bater, topar... (VTI – com)

– *O homem deu com o joelho na escada rolante.*

Entregar, ceder... (VTDI – a/para/em)

– *A mãe deu **à** luz um filho lindo.*

– *Só dou conselhos bons **para** ele porque desejo que ele seja um bom filho.*

– *A mão lhe (**n**ele) deu muitas bofetadas ao longo da vida.*

Obs.: Sobre "dar-se o trabalho" e "dar-se ao trabalho", ambas as expressões estão certas. Analisa-se assim a primeira expressão: *dar-se (OI) o trabalho (OD)*. E a segunda, assim: *dar-se (OD) ao trabalho (OI)*.

Desculpar

VTD

– *Eu o desculpo e desculpo o erro de seus irmãos, mas esta é a última vez.*

VTDI (de/a)

– *Peço que a desculpe **d**essas falhas.*

– *Peço que lhe (**a** ela) desculpe essas falhas.*

Obs.: No sentido de *justificar-se*, rege a preposição *com*: *Não se desculpe com esses argumentos fracos, pois de nada valem.*

Ensinar

VTD

– *Só devemos ensinar o essencial.*

VTDI (ensina-se algo **a** alguém ou alguém **a** algo – verbo no infinitivo)

– *Estou ensinando regência **a** você.*

– *Estou ensinando-o **a** entender regência.*

Obs.: Sobre a última frase, mesmo que não preferencial, ainda há a seguinte possibilidade: *Estou ensinando-lhe a entender regência*. A preposição *a* antes do infinitivo é expletiva e *entender regência* é OD.

Esquecer / Lembrar

VTD (quando não pronominais)

– *O aluno esqueceu a informação da aula anterior.*

– *O aluno lembrou a informação da aula anterior.*

Obs.: No sentido de "ser semelhante" também é VTD: *O filho lembra muito o pai*.

VTI (quando pronominais (de); o *se* é uma parte integrante do verbo)

– *O aluno esqueceu-se/lembrou-se **d**a informação anterior.*

Obs.: Alguns gramáticos, como Cegalla e o próprio Luft, consideram que, quando o complemento for uma oração subordinada substantiva objetiva indireta, a preposição pode ficar implícita: *O aluno se esqueceu/se lembrou (de) que tinha de estudar mais*.

VTI (a)

– *Esqueceu-me/Lembrou-me a informação anterior.*

Obs.: Neste caso, "a informação anterior" é a coisa esquecida ou lembrada (analisada como sujeito). O verbo é transitivo indireto regendo a preposição **a** (**a** mim). O *me* é o objeto indireto. Ou seja, a frase é entendida assim: *A informação anterior caiu no meu esquecimento (ou veio à minha lembrança)*. Atualmente, encontramos este tipo de

construção muito raramente no Brasil!

VTDI (só o lembrar – de/a)

– *O professor lembrou o aluno* ***d****a informação.*

– *O professor lembrou a informação* ***a****o aluno.*

Fugir

Retirar-se (VI)

– *Fugiram para longe sem deixar rastros.*

Distanciar-se, evitar (VTI (de/a); usa-se *a*, principalmente com substantivo abstrato)

– *O aluno fugiu* ***d****o/****a****o tema.*

– *Na coletiva de imprensa, o jogador fugiu* ***à*** *questão.*

Escapar (VTI – de)

– *O presidiário fugiu* ***d****os guardas e, em seguida,* ***d****a penitenciária.*

– *As palavras lhe (****d****ele) fugiam, sempre que ficava diante de seu amor.*

Haver

Comportar-se, proceder (VI; pronominal)

– *As minhas meninas sempre se houvem bem na casa das tias.*

Existir, ocorrer, fazer (indicando tempo decorrido), ter, considerar (VTD)

– *A convicção de que não havia riscos, fez o homem pular de paraquedas. (existir)*

– *Há de haver soluções emergenciais! (existir)*

– *Vai haver uma festa surpresa daqui a pouco. (ocorrer)*

– *Houve inúmeros encontros hoje na convenção. (ocorrer)*

– *Ninguém aparecia na reunião havia meses. (fazer)*

– *Há dias que não durmo bem. (fazer)*

– *Senhor, haja piedade delas! (ter)*

– *Se houvesse coragem, homem, não teria sido ridicularizado. (ter)*

– *Haviam-no por sábio. (considerar)*

– *Os diretores houveram por bem antecipar o anúncio das novas diretrizes. (considerar)*

Obs.: Nas duas últimas frases, o verbo haver é transobjetivo, ou seja, exige um objeto direto e um predicativo do objeto, normalmente iniciado pela preposição essencial *por* ou acidental *como*. Logo, *por sábio* e *por bem* são predicativos do objeto.

Avir-se, prestar contas, tratar (VTI – com)

– *Caso trame intrigas, certamente se haverá* ***com****igo e* ***com*** *a justiça.*

Obter (VTDI)

– *Os sem-terra houveram essas terras de quem?*

Implicar

Zombar, troçar, provocar rixa, amolar, hostilizar (VTI – com)

– *O pai vive implicando **com** o filho.*

Envolver (alguém ou a si mesmo), comprometer (VTDI – em)

– *O policial se implicou **na** conspiração.* (este *se* é reflexivo)

Acarretar, produzir como consequência (VTD)

– *Segundo uma das leis de Newton, toda ação implica uma reação de igual ou maior intensidade, na mesma direção e em sentido contrário.*

Obs.: No entanto, por analogia com três verbos de significação semelhante, mas de regência indireta (*resultar **em**, redundar **em**, importar **em***), o verbo *implicar,* nessa última acepção, passou a ser usado com a preposição *em*, como VTI. Luft registra assim: "TI: implicar **em** algo", com a observação de que essa regência é um brasileirismo já consagrado e "admitido até pela gramática normativa". As bancas Esaf e Fundação Don Cintra já aceitam tal regência.

Importar

Trazer para dentro (VI, VTD)

– *Quem importa e exporta hoje em dia se sai bem no mundo globalizado.*

– *Por que só se importam eletrônicos?*

Obs.: Exemplos do Luft, com o sentido de *resultar* [VTD, VTI (em) ou VTDI (a/para)]: *Todo novo governo importa (em) mudanças. / As enchentes importaram grande prejuízo **ao/para** o Estado.* Com o sentido de "atingir certo custo", recomenda-se que o verbo seja VTI (em): *A reforma do estádio importou **em** 1 milhão e meio de dólares.*

Desprezar, ignorar (VTI (com/em/de); pronominal)

– *Ninguém se importa **com** os oceanos, estes, sim, os verdadeiros pulmões da Terra.*

Obs.: São frequentes os objetos indiretos oracionais precedidos das preposições *de* e *em*: *Não me importo **em/de** ser criticado por você, pois sua opinião é irrelevante.*

Ser importante (VI ou VTI – a)

– *De tudo o que sabemos, importa que a vida é curta e deve ser aproveitada.*

– *Pouco me (**a** mim) importa se Deus vai julgar-me ou não, quero é fazer o bem.*

Obs.: As orações *que a vida é curta e deve ser aproveitada* e *se Deus vai julgar-me ou não* são sujeitos do verbo *importar.*

Informar

Tanto ***informar*** quanto ***avisar, aconselhar, anunciar, advertir, alertar, certificar, cientificar, dizer, comunicar, informar, impedir, incumbir, noticiar, notificar, prevenir, proibir*** são VTDIs, normalmente, admitindo duas possíveis construções:

Informar algo a alguém.

ou

Informar alguém de algo.

– *Advertimos **a**os tripulantes (OI) que não nos responsabilizamos por furtos ou roubos (OD).*

– *Advertimos os tripulantes (OD) **de** que não nos responsabilizamos por furtos ou roubos (OI).*

Obs.: Pode-se usar *sobre, acerca de e a respeito de* no lugar da preposição *de*. **Dica de amigo:** vale muito a pena consultar o Luft sobre cada um desses verbos, pois há certa preferência quanto a uma das duas regências apresentadas. Além disso, saiba que tais verbos podem ser apenas VTDs: *Não podemos criticar jornais que informam a verdade dos fatos.*

Namorar

VTD

– *Namoro Maria há cinco anos.* (registro culto)

– *Namoro **com** Maria há cinco anos.* (registro coloquial)

Obs.: A gramática tradicional não abona a regência "namorar com". Na contramão, e por analogia com *casar* (com) e *noivar* (com), Luft (bem como meia-dúzia de dois ou três) abona o uso deste verbo como VTI (com). Encontrei uma questão sobre esse verbo, que ficou com a visão tradicional (sem preposição): COPESE – UFPI – CONSULTOR TÉCNICO ESPECIALIZADO – 2012 – QUESTÃO 7. Mesmo assim consulte a regência de *casar* e *noivar*. Valerá a pena!

Obedecer / Desobedecer

VTI (a)

– *Como filhos, devemos obedecer **a** nossos pais.*

– *Meu pai, **a**o qual vivia desobedecendo, era um homem superamoroso.*

Obs.: Segundo alguns gramáticos, como Cegalla, a voz passiva é permitida com tais verbos.

Pagar / Perdoar

VTD quando o complemento é coisa. VTI (**a**) quando o complemento é pessoa (física ou jurídica). VTDI quando um complemento é coisa (OD) e o outro é pessoa (OI).

– *Perdoei o erro. / Paguei a dívida.*

– *Perdoei **a** meu pai. / Paguei **a**o banco.*

– *Perdoei-lhe (**a** ele) a dívida. / Paguei-lhe (**a** ele) a dívida.*

Obs.: Tais verbos acompanhados de partícula *se* (apassivadora ou indeterminadora do sujeito) podem atrapalhar sua vida. Veja estes exemplos de partícula apassivadora: *Pagaram-se as dívidas, enfim.* (e não: *Pagaram-se às dívidas*.) / *O homem a que se deviam pagar as dívidas ficou satisfeito.* (e não: *O homem que se deviam pagar as dívidas ficou satisfeito.*). Agora com partícula de indeterminação do sujeito: *Pagou-se ao homem pela manhã.* (e não: *Pagou-se o homem pela manhã*.) / *O homem a que se pagou pela manhã ficou satisfeito.* (e não: *O homem que se pagou pela manhã ficou satisfeito.*).

Pedir / Dizer

Ignorando as regências mais óbvias de tais verbos (VTD ou VTDI), vamos a um *déjà vu*:

Em *"**Pedi** (Disse) para que ela não largasse o emprego."*, segundo a tradição gramatical, há um erro: o uso da preposição *para* após o verbo da oração principal (*pedir* ou *dizer*). O certo é: *"Pedi (Disse) que ela não largasse o emprego."*. O único caso em que a norma culta abona tal preposição é quando se explicita ou se *subentende a palavra licença, permissão, vênia etc.: "Ela pediu [licença]* <u>para que passasse</u>*". A oração sublinhada é completiva nominal.*

Perceber

Notar, receber (linguagem jurídica) (VTD)

– *Percebeu que algo estava errado àquela hora da manhã.*

– *Percebia um bom ordenado pois era exemplar no trabalho.*

Precisar

Indicando precisão (VTD)

– *Não conseguiram precisar a data em que o fato ocorreu.*

Necessitar (VTI)

– *Os cidadãos brasileiros precisam de visto para entrar na Espanha?*

Pisar

Segundo José Maria da Costa, baseando sua pesquisa em Francisco Fernandes e em Celso P. Luft:

I) "*Pisar **a** grama*" (correto);

II) "*Pisar **na** grama*" (correto);

III) "*Pisar **sobre** a grama*" (correto);

IV) "*Pisar **em cima** da grama*" (correto);

V) "*Pisar **por cima da** grama*" (correto);

VI) "*Pisar **à** grama*" (errado).

Obs.: Em coisas pequenas, prefere-se *pisar* como VTD: *Pisei muitas uvas no lagar.* Alguns gramáticos, como Sacconi, dizem que pisar na grama é regência incorreta e que a única forma correta é pisar a grama. Polêmicas...

Preferir

Muitos constroem erradamente a regência deste verbo assim: *"Prefiro muito mais Português do que Matemática."* ou *"Prefiro muito mais Português a Matemática."* ou *"Prefiro antes Português a Matemática"*. No entanto, estas não são formas cultas.

Veja a única regência adequada:

– *Prefiro Língua Portuguesa **a** Matemática.*

Pode ser só VTD

– *Entre Português e Matemática, prefiro Português.*

Obs.: Por causa do paralelismo sintático, não ocorre crase no exemplo *Prefiro Língua Portuguesa **a** Matemática.* "Por quê?" Simples: se não há determinante (artigo, pronome...) antes do objeto direto, não haverá igualmente antes do objeto indireto (por isso não há crase antes de Matemática). No entanto, se houver determinante antes do OD, haverá crase no OI: *Prefiro a Língua Portuguesa à Matemática*. Foi?

Já com o verbo *querer*... constrói-se: *"Antes quero morrer do que ser escravizado."*. E não: "Antes quero morrer a ser escravizado.".

Proceder

Ter fundamento, cabimento; portar-se, comportar-se; originar-se (de) (VI)

– *Seus argumentos não procedem agora.*

– *Meu professor procede com elegância em sala de aula.*

– *Os brinquedos da Uruguaiana procedem **d**a China ou Taiwan.*

Obs.: As expressões *com elegância* e *da China ou Taiwan* são adjuntos adverbiais de modo e lugar, respectivamente; isso é praxe quando o verbo *proceder* tem essas acepções!

Suceder, realizar, executar, iniciar (VTI – **a**)

– *O juiz deseja proceder **a**o julgamento.*

– *Procedeu-se **à** apuração dos votos para saber qual foi a escola de samba campeã.*

Obs.: O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: "O juiz deseja proceder *a ele* (ao julgamento).".

Querer

Desejar possuir (VTD)

– *O Brasil quer o "status" de país de primeiro mundo.*

Estimar, amar (VTI – **a**)

– *Eu lhe (**a** ela) quero como a uma irmã.*

Responder

Falar, declarar (VTD)

– *Ele sempre responde que vai passar na prova.*

Dar resposta a uma pergunta (VTI – a)

– *Fique tranquila, pois ele vai responder **a**os e-mails enviados.*

Dar uma resposta a alguém (VTDI – a)

– *Respondeu-lhe (**a** ela) todas as indagações.*

Servir

Conforme o dicionário *Houaiss* ou o *Aurélio*, ***servir*** (= "trabalhar como servo", "fazer de criado", "prestar serviços ou trabalhar como empregado") pode ser intransitivo, transitivo direto ou transitivo indireto (a).

– *O militar estava ali para servir.*

– *O militar serve no Exército Brasileiro.*

– *O militar servia a Pátria com todo o carinho.*

– *O militar servia **à** Pátria há anos.*

Levar, ministrando, algo a alguém (VTDI – a)

– *O garçom serviu lagosta **a**o cliente.*

Não ser útil, não prestar (VTI – a)

– *Esta roupa não me (**a** mim) serve mais.*

Simpatizar / Antipatizar

VTI (com)

– *Simpatizo/Antipatizo **com** o atual governador do Rio de Janeiro.*

Obs.: Não existe *simpatizar-se, antipatizar-se*. Não são verbos pronominais!

Suceder

Acontecer (VI) – normalmente o sujeito vem em forma de oração

– *Sucede que os mestres Celso Pedro Luft e Francisco Fernandes são extraordinários.*

Substituir (VTI – **a**)

– *Estou prestes a suceder **a**o presidente da empresa.*

Obs.: Segundo Francisco Fernandes, no último caso, o verbo pode ser VTD: *Estou prestes a **suceder** o presidente da empresa.* Celso P. Luft também registra essa possibilidade, no entanto sublinha que, linguisticamente, não é a regência moderna.

Torcer

Distorcer, entortar (VTD)

– *Pare de torcer minhas palavras! Eu falo sério!*

– *O vento torceu o galho da árvore.*

Simpatizar com time ou clube, desejar sucesso (VTI – por/para)

– *Minha família torce **para/pel**o Flamengo desde o início do século passado.*

– *Torço **por/para** que você se recupere logo e, para a nossa alegria, volte a jogar.*

Obs.: O gramático Sacconi admite apenas a preposição *por* nestas últimas frases.

Visar

Mirar, fitar, apontar; pôr visto em (VTD)

– *O soldado visou o peito do inimigo.*

– *O inspetor federal visou todos os diplomas.*

Almejar, pretender, objetivar, ter como fim (VTI – a)

– *Este trabalho visa **a**o bem-estar geral.*

Cuidado!!!

1) Manoel Pinto Ribeiro, Cegalla, Francisco Fernandes, Celso Pedro Luft, Antenor Nascentes, Rocha Lima, Artur de Almeida Torres, Cândido Jucá Filho, Arnaldo Niskier etc. registram este último caso como VTD: *Este trabalho visa o bem-estar geral*. Como

VTI, a omissão da preposição ocorre principalmente antes de infinitivo, mas neste caso se analisa também como VTD: *Este trabalho visa (a) resolver muitas dúvidas dos alunos*. Corroborando isso, consulte: Cespe/UnB – CÂMARA DOS DEPUTADOS – Analista LEGISLATIVA – 2012 – QUESTÃO 87.

2) O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo, nesta última acepção. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: "Este trabalho visa *a ele* (ao bem-estar geral).".

Dever de Casa (Não chore!)

Se você já tiver o dicionário de regência verbal do Celso P. Luft, fará bem em analisar os seguintes verbos (e suas observações):

abençoar, abicar, aborrecer, abraçar, abundar, aceitar, acertar, aclimatar, acometer, aconselhar, acordar, acostumar, acrescentar, açucarar, acusar, admirar, admoestar, adorar, advertir, agilizar, agradar, agradecer, aguardar, aguentar, ajudar, amar, ameaçar, amigar, ansiar, anteceder, apostar, aprazer, aprender, arrancar, arrasar, arrendar, arrenegar, arrepender, arrostar, arvorar, aspirar, assentir, assistir, associar, atender, aterrizar, atingir, atirar, atravessar, autorizar, avisar, bastar, bater, beijar, bem-querer, blasfemar, caber, cabrestear, calar, calhar, carecer, carregar, cavoucar, certificar, chamar, chegar, chorar, cientificar, clamar, cobrar, cogitar, combater, começar, comer, comover, compadecer, comparecer, comportar, comprar, comprazer, concordar, condenar, condizer, confessar, confiar, configurar, congratular, conscientizar, considerar, consistir, constar, constatar, constipar, constituir, contagiar, contar, contentar, contestar, continuar, convencer, conversar, convir, corar, correr, cumprir, curiosar, custar, dar, dedignar, deixar, denegrir, deparar, derrogar, desagradar, desaguar, desejar, desfazer, desobedecer, destrinçar, determinar, dever, dignar-se, dilapidar, dirigir, disparar, dispor, distar, dizer, doer, durar, duvidar, edificar, empurrar, encarar, encarregar, encontrar, enfrentar, engajar, engatar, engazopar, enlaçar, ensinar, entrar, enxergar, escapar, escrupulizar, esforçar, esmolar, esperar, espocar, esquecer, esquivar, estabelecer, estalar, estimar, estremecer, evitar, exceder, exercer, exercitar, falar, faltar, fanar, fazer, filiar, fingir, fugir, ganhar, gostar, gozar, haver, hesitar, igualar, impedir, implicar, implorar, inaugurar, incomodar, incorporar, incorrer, incumbir, indagar, indenizar, influenciar, informar, infundir, insistir, instar, instruir, interessar, ir, juntar, jurar, lecionar, lembrar, ligar, liquidar, mandar, mirar, moer, montar, morar, murmurar, namorar, noticiar, nutrir, obedecer, obstar, obviar, olhar,omitir, opinar, optar, ordenar, ousar, ouvir, parar, parecer, participar, passar, pedinchar, pedir, pegar, penetrar, perdoar, pesar, petiscar, pisar, poder, pôr, portar, prantear, prazer, preceder, precisar, predeterminar, predispor, preestabelecer, preexistir, preferir, prefixar, pregar,

prejudicar, prejulgar, premer, prescindir, presidir, prevenir, proceder, procurar, professar, proibir, prometer, propor, propugnar, provar, puxar, quedar, querer, recear, reclinar, reduzir, refletir, renunciar, repartir, repugnar, resfriar, residir, resistir, resolver, responder, resultar, rir, rivalizar, rogar, romper, sacar, sair, satisfazer, sentar, sentir, ser, servir, simpatizar, sobrepujar, sobressair, soer, somar, sorrir, subir, sub-rogar, suceder, tardar, temer, ter, tomar, torcer, traduzir, traficar, tratar, travar, trepidar, ulular, unir, usufruir, velar, velejar, ver, verter, vetar, vigiar, vingar, vir, visar, voltar, xeretear, zelar

Regência Nominal

Como já dito, alguns nomes (substantivos, adjetivos e advérbios) exigem complementos preposicionados – exceto quando vêm em forma de pronome oblíquo átono. É importante que você estude novamente *Complemento Nominal*, em *Termos Integrantes da Oração*.

Pontos Importantíssimos!

1) Advérbios terminados em -*mente*

Os advérbios derivados de adjetivos seguem, normalmente, a regência dos adjetivos:

*análoga/analogamente **a**; contrária/contrariamente **a**; compatível/compativelmente **com**; diferente/diferentemente **de**; favorável/favoravelmente **a**; paralela/paralelamente **a**; próxima/proximamente **a/de**; relativa/relativamente **a** (...)*

2) Preposições e prefixos verbais

Alguns nomes regem preposições semelhantes a seus "prefixos": *dependente, dependência de, inclusão, inserção em, inerente em/a, descrente de/em, desiludido de/com, desesperançado de, desapego de/a, convívio com, convivência com, demissão, demitido de, encerrado em, enfiado em, imersão, imergido, imerso em, instalação, instalado em, interessado, interesse em, intercalação, intercalado entre, supremacia sobre* etc.

Veja agora uma "pequena" lista de nomes e suas regências, em ordem alfabética. Não entre na neurose de sair gravando tudo. É que nem academia de musculação... um pouquinho todo dia. Familiarize-se aos poucos (adquira um dicionário de regência nominal!):

A

abrigado de; aceito a; acessível a; acostumado a, com; adaptado a, de, para; adequado a; admiração a, por; afável com, para com; afeição a, por; afeiçoado a, por; aflito com, para, por; agradável a, de, para; alheio a, de; aliado a, com; alienado de; alternativa a, para; alusão a; amante de; ambicioso de; amigo de; amizade a, com, por; amor a, por; amoroso com, para com; analogia com, entre; análogo a; ansioso de, para, por; anterior a; antipatia a, contra, por; apaixonado de, por; aparentado com; apto a, para; atencioso com, para, para com; atentado a, contra; atentatório a, de; atento a, em; atinar com; avaro de; aversão a, para, por; avesso a; ávido de, por

B

bacharel em; baseado em, sobre; bastante a, para; bem em, de; benéfico a; benevolência com, em, para, para com; benquisto a, de, por, com; boato de, sobre; bom de, para, para com; bordado a, com, de; briga com, entre, por; brinde a; busca a, de, por

C

capacidade de, para; capaz de, para; caritativo com, de, para com; caro a; cego a;

certo(eza) de; cessão de... a; cheio de; cheiro a, de; circunvizinho de; cobiçoso de; coerente com; coetâneo de; comemorativo de; compaixão de, para com, por; compatível com; compreensível a; comum a, de; conceito de, sobre; condizente com; confiante em; conforme a, com; consciente de; cônscio de; constante de, em; constituído com, de, por; contemporâneo a, de; contente com, de, por, em; contíguo a; contraditório com; contrário a; convênio entre; cruel com, para, para com; cuidadoso com; cúmplice em; curioso a, de, para, por

D

dedicado a; depressivo de; deputado a, por; desagradável a; desatento a; descontente com; desejoso de; desfavorável a; desgostoso com, de; desleal a; desprezo a, se, por; desrespeito a, contra; dever de; devoção a, para com, por; devoto a, de; diferente de; difícil de; digno de; diligente em, para; direito a, contra, de, em, para, sobre; disposto a; dissemelhante de; ditoso com; diverso de; doce a; dócil a, para com; doente de; domiciliado em; dotado de; doutor em; duro de; dúvida acerca de, de, em, sobre

E

embaraçoso a, para; empenho de, em, por; êmulo de; encarregado de; entendido em,; envio de... a; estendido a, de... a, até, em, para, sobre; equivalente a; eriçado de; erudito em; escasso de; essencial a, em, para; estéril de; estranho a; estreito de, para; estropiado de; exato em

F

fácil a, de, em, para; falha em; falho de, em; falta a, contra, de, para com; falto de; fanático por; farto em; favorável a; fecundo em; feliz com, de, em, por; fértil de, em; fiel a; firme em; forte de, em; fraco de, em, para com; franco de, em, para com; frouxo de; fundado em, sobre; furioso com, de

G

generoso com; gordo de; gosto por; gostoso a; grande de; gratidão a, por, para com; gravoso a; grosso de; guerra a, com, contra, entre

H

hábil em, para; habilidade de, em, para; habilitado a, em, para; habituado a; harmonia com, entre; hino a; homenagem a; hora de, para; horror a; horrorizado com, de, por, sobre; hostil a, com, contra, em, para com

I

ida a; idêntico a; idôneo a, para; imbuído de, em; imediato a; impaciência com; impaciente com; impedimento a, para; impenetrável a; impossibilidade de; impossível de;

impotente contra, para; impróprio para; imune a, de; inábil para; inacessível a; inapto a, para; incansável em; incapaz de, para; incerto de, em; incessante em; inclinação a, para, por; incompatível com; incompreensível a; inconsequente com; inconstante em; incrível a, para; indébito a; indeciso em; independente de, em; indiferente a; indigno de; indócil a; indulgente com, para com; inepto para; inerente a, em; inexorável a; infatigável em; inferior a, de; infiel a; inflexível a; influência sobre; ingrato com, para com; inimigo de; inocente de; insaciável de; insensível a; inseparável de; insípido a; interesse em, por; intermédio a; intolerância a, contra, em, para, para com; intolerante com, para com; inútil a, para; investimento de, em; isento de

J

jeito de, para; jeitoso para; jogo com, contra, entre; jubilado em; juízo sobre; julgamento de, sobre; junto a, de; juramento a, de; justificativa de, para

L

leal a, em, com, para, para com; lembrança de; lento em; levante contra; liberal com; lícito a; ligeiro de; limitado a, com, de, em; limpo de; livre de; louco de, com, para, por

M

maior de, entre; manco de; manifestação a favor de, contra, de; manso de; mau com, para, para com; mediano de, em; medo a, de; menor de; misericordioso com, para, para com; molesto a; morador em; moroso de, em

N

nascido de, em, para; natural de; necessário a, para; necessitado de; negligente em; negociado com; nivelado a, com, por; nobre de, em, por; noção de, sobre; nocivo a; nojo a, de; notável em, por; núpcias com; nutrido com, de, em, por

O

obediente a; oblíquo a; obrigação de; obsequioso com; ódio a, contra, de, para com; odioso a, para; ofuscado com, de, por; ojeriza a, contra, por; oneroso a; oposto a; orgulhoso com, de, para com; originado de, em

P

paixão por; pálido de; paralelo a; parco de, em; parecido a, com; pasmado de; passível de; peculiar a; pendente de; penetrado de; perito em; permissivo a; pernicioso a; perpendicular a; pertinaz em; pesado a; pesar a, de; piedade com, de, para, por; pobre de; poderoso para, em; possível de; possuído de; posterior a; prático em; preferível a; prejudicial a; preocupação com, de, em, para, para com, por, sobre; preocupado com, de, em, para com, por, prestes a, para; presto a, para; primeiro a, de, dentre, em; pródigo de,

em; proeminência de, sobre; pronto a, em, para; propenso a, para; propício a; propínquo de; proporcionado a, com; próprio de, para; protesto a, contra, de; proveitoso a; próximo a, de

Q

qualificado de, para, por; queimado de, por; queixa a, contra, de, sobre; querido de, por; questionado sobre; quite com, de

R

reanimado a, para; rebelde a; relacionado com; relativo a; rente a, com, de; residente em; respeito a, com, de, para, para com, por; responsável por; rico de, em; rígido de; rijo de, rumo a, para

S

sábio em; são de; satisfeito com, de, em, por; saudade de, por; seco de; sedento de, por; seguido a, de, por; seguro de, em; semelhante a; senador por; sensível a; serviço em; severo com, em, para com; simpatia a, para com, por; sito em (sito a é próprio da linguagem tabelioa); situado a, em, entre; soberbo com, de; sóbrio de, em; sofrido em; solícito com; solidário com; solto de; sujo de; superior a; surdo a, de; suspeito a, de

T

tachado de; talentoso em, para; tardo a, em; tarjado de; tédio a, de, por; temente a, de; temerário em; temeroso de; temido de, por; temível a; temperado com, de, em, por; tenaz em; tendência a, de, para; teoria de, sobre; terminado em, por; terno de; terror de, por, sobre; testemunha de; tinto de, em; tolo de, em; traidor a, de; transido de; transversal a; trespassado de; triste com, de

U

último a, de, em; ultraje a; unânime em; união a, com, entre; único a, em, entre, sobre; unido a, a favor de, contra, entre; unificado em; urgente a, para; useiro em; útil a, para; utilidade em, para; utilizado em, para

V

vacina contra; vaga de, para; vaia a, contra, em; vaidade de, em; vaidoso de; valioso a, para; valor em, para; vantagem a, de, em, para, sobre; vantajoso a, para; vassalagem a; vazado em; vazio de; vedado a; veleidade de; venda a, de, para; vendido a; veneração a, de, para com, por; verdade sobre; vereador a, por; vergonha de, para; versado em; versão para, sobre; vestido com, de, em; veterano em; vexado com, de, por; viciado em; vidrado em; vinculado a, com, entre; visível a; vital a, para; viúvo de; vizinhança com, de; vizinho a, com, de; vocação a, de, para; voltado a, contra, para, sobre; vontade de, para;

vulnerável a

X

xeque a; xingado com, de; xodó com

Z

zangado com, por; zelo a, com, de, para com, por; zeloso com, para com; zombaria com; zonzo com, de

Ufa³!!! Acabou... Acabou nada... Exercícios!

O Que Cai Mais na Prova?

Estude tudo! Tudo é importante. Das duas, a regência **verbal** é a mais cobrada. Atenção redobrada na preposição (exigida pelo verbo ou nome da oração adjetiva) antes do pronome relativo! Isso também é importante ressaltar. É hora do “vamos ver”!

Questões de Concursos

1. (FCC – TRE/MG – Técnico Judiciário – 2005) As liberdades ..... se refere o autor dizem respeito a direitos ..... se ocupa a nossa Constituição. Preenchem de modo correto as lacunas da frase acima, na ordem dada, as expressões:
   a) a que – de que;
   b) de que – com que;
   c) a cujas – de cujos;
   d) à que – em que;
   e) em que – aos quais.

2. (Esaf – ANEEL – Técnico Administrativo – 2006) Para cada lacuna abaixo são propostas duas formas de preenchimento. Assinale a opção em que as duas propostas complementam de maneira coerente e gramaticalmente correta o texto.

O Brasil está assumindo papel ___(a)___ liderança no fornecimento de energia de fonte renovável, ___(b)___ o álcool. Chamou, por isso, ___(c)___ atenção do mundo desenvolvido e há países negociando a compra do produto nacional. Problemas como o do preço interno devem ser administrados com responsabilidade para não corrermos o risco de perder a oportunidade, rara, ___(d)___ fixar papel preponderante ___(e)___ setor essencial como o energético.

   a) na/da;
   b) como/para;
   c) a/à;
   d) de/para;
   e) em/pelo.

3. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2008) Assinale o trecho do texto adaptado do Jornal do Commercio (PE), de 12/01/2008, que apresenta erro de regência.
   a) Depois de um longo período em que apresentou taxas de crescimento econômico que não iam além dos 3%, o Brasil fecha o ano de 2007 com uma expansão de 5,3%, certamente a maior taxa registrada na última década.
   b) Os dados ainda não são definitivos, mas tudo sugere que serão confirmados. A entidade responsável pelo estudo foi a conhecida Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL).
   c) Não há dúvida de que os números são bons, num momento em que atingimos um bom superávit em conta-corrente, em que se revela queda no desemprego e até se anuncia a ampliação de nossas reservas monetárias, além da descoberta de novas fontes de petróleo.
   d) Mesmo assim, olhando-se para os vizinhos de continente, percebe-se que nossa performance é inferior a que foi atribuída a Argentina (8,6%) e a alguns outros países com participação menor no conjunto dos bens produzidos pela América Latina.
   e) Nem é preciso olhar os exemplos da China, Índia e Rússia, com crescimento acima desses patamares. Ao conjunto inteiro da América Latina, o organismo internacional está atribuindo um crescimento médio, em 2007, de 5,6%, um pouco maior do que o do Brasil.

4. (Esaf – ANA – Analista Administrativo – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – O verbo "autorizar" ("...o poder público autoriza o usuário de água... a utilizar...") está empregado, no texto, com a mesma predicação verbal que apresenta na frase: *O diretor autorizou-nos a tirar férias em fevereiro.*

5. (Esaf – SRF – Técnico Administrativo – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   (...) Se isso tivesse acontecido, os governos poderiam concentrar-se no combate à retração econômica e ao desemprego. (...)
   – A presença de preposição em "ao desemprego" justifica-se pela regência de "combate".

6. (Esaf – MF – Assistente Técnico-Administrativo – 2009) (Adaptada) Qual frase está gramaticalmente correta quanto à concordância e regência?
   I – Antigamente, nas empresas, eram poucos os funcionários que dominavam um idioma estrangeiro, e com eles recorriam os colegas quando precisavam traduzir uma palavra ou um texto.
   II – A primeira pergunta que surge a quem se impõe ao desafio de falar outro idioma fluentemente é: será preciso passar um tempo no exterior?

7. (Cespe/ UnB – ABIN – Oficial Técnico de Inteligência – 2010) Na linha 31 (... são instrumentos legais de que dispõe o Estado...), a preposição "de" empregada antes de "que" é exigência sintática da forma verbal "dispõe"; portanto, sua retirada implicaria prejuízo à correção gramatical do período.
   ( ) CERTO

( ) ERRADO

"(...) A Convenção lida com muitas formas de expressão cultural que resultam da criatividade de... (...)"

8. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Em "resultam da", o vocábulo "da", resultante da junção da preposição **de** com o artigo definido **a**, pode ser substituído por **na** sem que se altere o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Hipermodernidade é o termo usado para denominar a realidade contemporânea, caracterizada pela cultura do excesso, do acréscimo sempre quantitativo de bens materiais, de coisas consumíveis e descartáveis. (...)"

9. (Cespe/UnB – MPU – Analista de Informática – 2010) A repetição da preposição **de** em "do acréscimo", "de bens materiais" e "de coisas" indica que esses termos são empregados, no texto, como complementos de "cultura", vocábulo que tem como primeiro complemento "do excesso".
( ) CERTO
( ) ERRADO

10. (Cespe/UnB – ANEEL – Analista Administrativo (Arquivologia) – 2010) A supressão da preposição antes dos vocábulos "antecipação" e "voluntarismo" (A palavra "projeto" remete-se à antecipação e, em boa parte, ao voluntarismo), com a manutenção dos artigos definidos, não acarretaria prejuízo sintático ao texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

11. (FDC – Mapa – Administrador – 2010) Das alterações feitas abaixo na redação do trecho "O processo de globalização e a mundialização aos quais as organizações têm sido submetidas" (2º parágrafo), está INCORRETA, quanto ao emprego do pronome relativo, de acordo com as normas de regência, a seguinte:
a) O processo de globalização e a mundialização dos quais as organizações têm sido vítimas.
b) O processo de globalização e a mundialização sobre os quais as organizações têm tido alguma influência.
c) O processo de globalização e a mundialização com cujos parâmetros as organizações procuram imitar.
d) O processo de globalização e a mundialização para os quais as organizações têm voltado sua atenção.
e) O processo de globalização e a mundialização por cujos princípios as organizações procuram guiar-se.

12. (Fundação Dom Cintra – Câmara Municipal de Petrópolis/RJ – Arquivista – 2010) De acordo com a norma culta da língua, a frase "O carro negro investiu a multidão" (9º parágrafo) também poderia ser redigida, sem alteração de sentido, na forma "O carro negro investiu contra a multidão", caracterizando uma situação de verbo de regência variada. Das opções abaixo, aquela em que a segunda forma NÃO caracteriza situação de verbo de regência variada, mas constitui erro, pois é regência NÃO admitida pela norma culta, é:
a) Nenhum médico apareceu para assistir-lhe naquele momento. / Nenhum médico apareceu para assisti-lo naquele momento.
b) Remover o cadáver implicava uma responsabilidade que ninguém queria assumir. / Remover o cadáver implicava numa responsabilidade que ninguém queria assumir.
c) Para muitos transeuntes, o morto estava ali a importuná-los. / Para muitos transeuntes, o morto estava ali a importunar-lhes.
d) A confusão provocada pelo defunto influiu no ambiente tranquilo da rua, tumultuando-o. / A confusão provocada pelo defunto influiu sobre o ambiente tranquilo da rua, tumultuando-o.
e) O fim a que todos visavam era depenar por completo o morto. / O fim que todos visavam era depenar por completo o morto.

13. **(**Cesgranrio – Petroquímica Suape – Engenheiro de Manutenção Pleno – 2011**)** "Outra fonte de renda é o valor do ingresso, que **custa** R$ 35:"

Quanto à sintaxe de regência, o trecho que apresenta um verbo com regência semelhante à do termo destacado na passagem transcrita acima é:
a) "...de quem procura a reserva para comprar artesanato,"
b) "para levar um casal de amigos."
c) "Scavello considera positiva a implantação do sistema na aldeia:"
d) "– Não somos assalariados,"
e) "pois não caçamos mais,"

14. (Cesgranrio – Petrobras – Inspetor de Segurança Interna Jr. – 2011) Considere as frases abaixo.

I. Manuel aspira ..... cargo de gerente na empresa.
II. Quem quiser assistir ..... filme, deve permanecer em silêncio.
III. Certamente, essa decisão implicará ..... dissolução do grupo.
IV. Ao chegar ..... casa, verificarei se os documentos estão em ordem alfabética.

Em relação à regência verbal, a sequência que preenche corretamente as lacunas é:

a) o – ao – na – em;
b) o – o – a – a;
c) ao – o – na – em;
d) ao – ao – a – a;
e) ao – ao – na – em.

15. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico Ambiental Jr. – 2011) A sentença em que a expressão em negrito está usada de acordo com a norma-padrão é:

a) O provedor que comprei o plano demonstra eficiência.
b) As pessoas dos quais compareceram desconheciam informática.
c) O desejo de que a Internet ficasse mais rápida se realizou.
d) O menino, o cujo pai trabalha em informática, virá ajudar-nos.
e) A matéria aonde me dei mal foi programação.

16. (Cesgranrio – Finep – Técnico (Apoio Adm. e Secr.) – 2011) Dentre os períodos compostos abaixo, qual foi elaborado de acordo com a norma-padrão da língua?

a) Entrei e saí do escritório hoje correndo.
b) O relatório que te falei está em cima da mesa.
c) Esse é o colega que dei meu endereço novo.
d) O manual por que aprendeu a usar a máquina é ruim.
e) A ilha que eu mudei minha residência oficial é grande.

17. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Informática – 2011) Em qual das sentenças abaixo, a regência verbal está em **DESACORDO** com a norma-padrão?

a) Esqueci-me dos livros hoje.
b) Sempre devemos aspirar a coisas boas.
c) Sinto que o livro não agradou aos alunos.
d) Ele lembrou os filhos dos anos de tristeza.
e) Fomos no cinema ontem assistir o filme.

18. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico Manutenção Jr. – 2011) Substituindo o verbo destacado por outro, a frase, quanto à regência verbal, torna-se **INCORRETA** em:

a) O líder da equipe, finalmente, viu a apresentação do projeto. / O líder da equipe, finalmente, assistiu à apresentação do projeto.
b) Mesmo não concordando, ele acatou as ordens do seu superior. / Mesmo não concordando, ele obedeceu às ordens do seu superior.
c) Gostava de recordar os fatos de sua infância. / Gostava de lembrar dos fatos de sua infância.
d) O candidato desejava uma melhor colocação no r*anking*. / O candidato aspirava a uma melhor colocação no *ranking*.
e) Naquele momento, o empresário trocou a família pela carreira. / Naquele momento, o empresário preferiu a carreira à família.

19. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) Em "Kant inicia a exposição da ética, que ele chama *metafísica dos costumes*", o trecho em itálico, que exerce, na oração, a função de complemento verbal, deveria estar precedido da preposição **de**.

( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – FUB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) A retirada da preposição "de" em "A indicação inicial é a de que, sim, a rede está alterando (...)" não implicaria alteração do texto, quer do ponto de vista semântico, quer sintático.

( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) Os vocábulos "decorrência" (É a decorrência natural da sua

constituição...), "condizente" (... procurou a forma condizente com sua mensagem...) e "irreprimível" (... a voz irreprimível dos fantasmas...) regem termos que lhes complementam, necessariamente, o sentido.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FCC – Infraero – Analista de Sistemas – 2011) Considere as frases abaixo, construídas com palavras retiradas do texto (grafadas em negrito). A frase cuja redação está inteiramente de acordo com a norma culta é:
a) Alguns acreditam que com o advento da chamada globalização o mundo foi reduzido entre uma pequena aldeia.
b) É notável a submissão de certos animais acerca do dono.
c) Não se pode afirmar que não haja legitimação sobre regras morais na sociedade contemporânea.
d) Parece razoável propor que em todas as áreas do conhecimento há certa dicotomia à teoria e prática.
e) Alguns críticos acreditam que a sensibilidade é inerente nos grandes artistas.

23. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) Está adequado o emprego de **ambos** os elementos sublinhados na frase:
a) Os argumentos de que devemos nos agarrar devem se pautar nos limites da racionalidade e da justiça.
b) Os casos históricos em que Voltaire recorre em seu texto ajudam-no a demonstrar de que a pena de morte é ineficaz.
c) A pena de talião é um recurso de cuja eficácia muitos defendem, ninguém se abale em tentar demonstrá-la.
d) Os castigos a que se submetem os criminosos devem corresponder à gravidade de que se reveste o crime.
e) As ideias liberais, de cuja propagação Voltaire se lançou, estimulam legisladores em quem não falte o senso de justiça.

24. (FCC – TJ/AP – Titular Serviços de Nota e Registros – 2011) ... *a assunção de convicções individuais, bem como o silêncio e a solidão cederam passo a uma posição passiva* ... (2º parágrafo)
A regência determinada pelo verbo grifado acima se reproduz em:
a) ... *que são enviadas em processo contínuo de transmissão durante todo dia* ...
b) ... *na medida em que penetra nossa existência em todos os instantes* ...
c) ... *vê-se televisão a todo tempo.*
d) .... *a televisão é uma imposição de modos de ser, de pensar* ...
e) ... *que deverá pautar sua ação em código de conduta do órgão de imprensa* ...

25. (FCC – Infraero – Administrador – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado em:
a) O Príncipe é um símbolo reincidente, a cujo nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento.
b) A necessidade de bajular o poder é um vício de que muita gente da imprensa não consegue se esquivar.
c) A trama com a qual o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso.
d) Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão na qual decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve.
e) Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação em que irão depender todas as demais.

26. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:
a) Não deu certo o tal do método prático em cuja eficiência Paulo Honório chegou a acreditar.
b) Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada em que nenhum escritor pode abdicar.
c) Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal de que jamais toleraria.
d) Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas de cujo brilho ninguém superaria.
e) A linguagem com que Paulo Honório de fato aspirava era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas.

27. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) *"o cérebro é uma orquestra sinfônica **em que** os instrumentos vão se modificando à medida que são tocados".*
A expressão pronominal ***em que***, grifada acima, preenche corretamente a lacuna da frase:
a) As questões ..... se preocupam os cientistas dizem respeito às alterações cerebrais devidas ao uso indiscriminado da internet.
b) É incalculável o número de informações, sobre os mais diversos temas, ... o cérebro humano é capaz de processar.
c) As hipóteses aventadas, ... se baseiam os especialistas, devem ainda ser comprovadas por exames acurados.
d) As implicações causadas pela onipresença da internet, ... está sujeito o cérebro humano, são objeto de preocupação de cientistas.
e) As informações ..... dispõem os usuários da comunicação eletrônica são múltiplas, embora sejam superficiais.

28. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:
a) A obsolescência e o anacronismo, atributos nos quais os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar com a expressão dez de setembro.

b) O estado de psicose, ao qual imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança em cuja radicalidade muitos recriminam.
c) A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo ao qual ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo no qual foram tomados tantos americanos.
d) Não é à descrença, sentimento com que nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é na esperança que queremos nos apegar.
e) Fatos como os de 11/9, com que ninguém espera se deparar, são também lições terríveis, de cujo significado não se deve esquecer.

(Cespe/UnB – CNPQ – Analista em Ciência e Tecnologia Júnior – 2011) "(...) A história das teorias consiste, em grande parte, na reelaboração e em novas formas de usos de conceitos. (...)"

29. O emprego da preposição **em** antes de "reelaboração" e "novas formas" deve-se à relação de regência do verbo **consistir**, do qual esses termos são, no texto, complementos.
( ) CERTO
( ) ERRADO

30. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
Em última instância, uma importante decisão política deve ser tomada ***em relação ao modelo*** *de cidade em que queremos viver e* ***ao destino*** *dos investimentos públicos em mobilidade.*
– O emprego da preposição **a** antes de "o destino" indica que esse termo complementa a expressão "em relação", assim como "o modelo" também a complementa.

31. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) No trecho "somado aos que vinham sendo realizados nos últimos anos", o elemento "aos" poderia ser corretamente substituído por **àqueles**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (FCC – TJ/PE – Analista Judiciário – 2012) As ideias estão articuladas de modo claro e correto na seguinte frase: "Mesmo sendo ele um hábil articulador e a despeito do grande prestígio de que gozava, não obteve êxito na transação, pois a verdadeira natureza do negócio lhe escapara"?

33. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) A frase em que a regência está em conformidade com o padrão culto escrito é:
a) Em seu fingimento, só restou de que dissesse ao ex-sócio que sentia saudades dele.
b) Tudo isso considerado, é necessário fazer que ele sinta o peso da responsabilidade.
c) Em atenção por seu talento indiscutível, o pouparam as devidas multas.
d) Passou os documentos a mão do técnico e não os perdeu de vista até ao final da reunião.
e) Inconformado de que eles propalavam injúrias a seu respeito, decidiu denunciá-los.

34. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I – 2012) A frase em que a palavra destacada está empregada corretamente é:
a) Só mesmo ele, com sua ousadia, podia ter-se arrogado em certos direitos.
b) Percebeu que o que fizera era uma exorbitância com suas funções.
c) No dia seguinte da postagem da carta, ela já a recebia em casa.
d) Sua função lhe incompatibilizou com muitos colegas.
e) Depois de anos, resignou-se definitivamente àquele modo de vida precário.

35. (Cesgranrio – BB – Escriturário – 2012) A frase em que a presença ou ausência da preposição está de acordo com a norma-padrão é:
a) A certeza que a sorte chegará para mim é grande.
b) Preciso de que me arranjem um emprego.
c) Convidei à Maria para vir ao escritório.
d) A necessidade que ele viesse me ajudar me fez chamá-lo.
e) Às dez horas em ponto, estarei à sua casa.

36. (Cesgranrio – Petrobrás – Economista Jr. – 2012) A frase cuja regência do verbo respeita a norma-padrão é:
a) Esquecemo-nos daquelas regras gramaticais.
b) Os professores avisaram aos alunos da prova.
c) Deve-se obedecer o português padrão.

d) Assistimos uma aula brilhante.
e) Todos aspiram o término do curso.

37. (Cesgranrio – Liquigás – Profissional Jr. – 2012) A leitura do trecho "A gente se acostuma a pagar por tudo o que deseja e o **de** que necessita. E a lutar para ganhar o dinheiro **com** que pagar" permite concluir que as preposições são exigidas, respectivamente, pelos seguintes verbos:
a) desejar e ganhar;
b) desejar e pagar;
c) pagar e desejar;
d) necessitar e ganhar;
e) necessitar e pagar.

38. (Esaf – SRF – Analista Tributário da Receita Federal – 2012) (Adaptada) Há a erro gramatical na transcrição do texto abaixo em (4) ou (5)?
*(...) em absoluto, de recusar investimentos estrangeiros que, de qualquer modo, apresentam vantagens, mas de procurar **direcionar-lhes** (4) para onde são mais importantes e necessários e de estar conscientes **de que** (5) nem todos eles representam a salvação da economia num momento de dificuldades.*

39. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) A frase que, segundo os preceitos da gramática normativa do português do Brasil, está correta quanto à regência é:
a) A cada pequena discussão, costumava lhe chamar de aventureiro e até como irresponsável, e disso já se havia coletado muitas provas.
b) Nada daquela maluca versão interessava a ele, principal testemunha do caso, e por isso manifestou-se quanto à imediata retirada do indesejável depoimento.
c) A afinidade entre os colegas intensificava-se ao mesmo tempo que seus estudos se desenvolviam, e disso surgiu uma amizade que todos tinham orgulho.
d) Sua obra é daquelas que se pode dizer tudo, menos que passará despercebida a futuras gerações, seja para negar-lhe méritos, seja para reconhecê-los.
e) Aquele professor é a verdadeira razão de que muitos estudantes decidiram dedicar-se à pesquisa, o que lhe faz ser constantemente mencionado como exemplo a ser seguido.

40. (FCC – TST – Técnico Judiciário – 2012) Cronistas de reinos passados, gênios das navegações [...] não falam de discos, pratos ou charutos voadores...
O verbo que NÃO foi empregado com o mesmo tipo de complemento que o verbo grifado acima está em:
a) Começou com um piloto norte-americano de caças ...
b) ... que simplesmente desistimos deles?
c) ... sequer pensarmos em outros mundos ...
d) Enjoaram de nós?
e) Venceu a hipótese de naves ...

41. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) "O que definia o século XIX era a mudança: mudança em termos de e em função dos objetivos das regiões dinâmicas do Atlântico norte, que eram, à época, o núcleo do capitalismo mundial."
Estrutura que considera, como a destacada acima, corretamente as regências, encontra-se em frases que seguem, com EXCEÇÃO desta única:
a) Comprovou que e alegou de que os documentos eram originais.
b) Segurou o menino com e pela mão esquerda.
c) Por conta de e para saldar as dívidas, penhorou seu único imóvel.
d) Necessitava de e exigia os documentos que haviam ficado retidos indevidamente.
e) Os estados se unificaram em e por uma sólida confederação.

42. (CEPERJ – DEGASE – Psicólogo – 2012) "É forçoso reconhecer que razão assiste ao magistrado."
A frase acima exemplifica um uso mais formal da língua, escolhido pelo autor deste texto, que foi originalmente publicado em uma seção voltada para questões de Direito e Justiça de um jornal.
No contexto da frase, o significado do verbo "assistir" é:
a) comparecer;
b) acompanhar;
c) faltar;
d) caber;
e) permanecer.

43. (MPE/SC – MPE/SC – Promotor de Justiça – 2012) Na Língua Portuguesa, é primordial o conhecimento da sintaxe de regência, isto é, a relação sintática de dependência que se estabelece entre nomes e verbos e seu complemento, com a presença ou não de preposição. Essa preposição pode estar associada ao pronome relativo. Assim, assinale o(s) item(ns) que contempla(m) duas versões da mesma frase consideradas corretas:

I. Prefiro ser um bom advogado a um mau juiz. / Prefiro ser um bom advogado do que um mal Juiz.

II. Os livros já foram, um dia, objeto sagrado onde o acesso era permitido a poucos. / Os livros já foram, um dia, objeto sagrado cujo acesso era permitido a poucos.

III. Haverá recursos do Estado para a associação de cuja parte nós fazemos. / A associação de que fazemos parte receberá recursos do Estado.

IV. Causou polêmica a medida provisória que autoriza o plantio de soja transgênica no país. / Causou polêmica a medida provisória a qual autoriza o plantio de soja transgênica no país.

V. O dinheiro que o político dispõe para a campanha política é bem mais que ele receberá em salário. / O dinheiro de que o político dispõe para a campanha política é bem mais do que ele receberá em salário.

a) Apenas as assertivas III e IV estão corretas.
b) Apenas as assertivas I e IV estão corretas.
c) Apenas as assertivas II e V estão corretas.
d) Apenas as assertivas I, III, IV e V estão corretas.
e) Todas as assertivas estão corretas.

44. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) Do ponto de vista da regência, a frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Vive dizendo que, para ele, nos fins de semana, nada melhor como pegar um bom livro e lê-lo até o fim.
b) Depois de tanto esforço dos que o acolheram, nem sequer se dignou de apresentar pessoalmente suas despedidas.
c) O exagero no consumo de bebidas alcoólicas na formatura ocasionou em um fim trágico.
d) As vítimas mais graves do engavetamento foram atendidas ao Hospital das Clínicas.
e) Acredito, sinceramente, de que o melhor a fazer é afastá-lo da comissão.

45. (FEC – PC – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) A alternativa em que a duplicidade de regência verbal documentada é INACEITÁVEL no português culto é a seguinte:

a) “refletir sobre o significado das favelas” / refletir no significado das favelas.
b) “desfrutando da sua beleza singular” / desfrutando a sua beleza singular.
c) “oferecer melhores condições de vida para os seus moradores” / oferecer (...) aos seus moradores.
d) “entender que os moradores dessas comunidades possuem histórias de vida” / entender de que os moradores.
e) “Vivemos em uma época de profundas transformações” / Vivemos uma época.

Gabarito

1. A.	**10. ERRADO.**	**19. ERRADO.**	**28. E.**	**37. E.**
2. D.	**11. C.**	**20. ERRADO.**	**29. CERTO.**	**38. (4).**
3. D.	**12. C.**	**21. ERRADO.**	**30. CORRETA.**	**39. B.**
4. CORRETA.	**13. E.**	**22. E.**	**31. CERTO.**	**40. E.**
5. CORRETA.	**14. D.**	**23. D.**	**32. CORRETO.**	**41. A.**
6. NENHUMA.	**15. C.**	**24. E.**	**33. B.**	**42. D.**
7. CERTO.	**16. D.**	**25. B.**	**34. E.**	**43. A.**
8. ERRADO.	**17. E.**	**26. A.**	**35. B.**	**44. B.**
9. ERRADO.	**18. C.**	**27. C.**	**36. A.**	**45. D.**

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 30

Crase

Definição

Antes de tudo, quem diz que crase é fácil está enganado! Crase é risível de fácil!

– Poxa, Pestana, até hoje eu tenho trauma com esse sinal de crase! Nem consigo dormir pensando em questões de crase!

– Para começar, o nome do sinal é grave! É isso mesmo! O sinal (`) tem nome: *acento grave*! É ele que indica a crase. E pode dormir tranquilo a partir de agora.

– Ué, então crase não é o nome do acento?

– Nunca foi! O nome do acento é "grave". A crase é um fenômeno em que duas vogais iguais se tocam, por isso se diz **a** + **a** = **à**. E... se eu fosse você... faria uma recapitulação do capítulo *Artigo*. Safo? Vamos entender melhor agora!

Para concursos, o que você precisa saber é o seguinte: a **crase** é a **fusão** de duas vogais idênticas. A primeira vogal **a** é uma preposição, a segunda vogal **a** é um artigo ou um pronome demonstrativo.

"Muito bem. Mas como essas vogais se fundem formando a crase?" Muito simples. Normalmente um verbo ou um nome exige a preposição *a*, que se funde com outro *a* (artigo ou pronome demonstrativo), formando a crase: **à**.

Existem quatro situações básicas. Veja abaixo:

a (preposição) + a(s) (artigo) = à(s)

É impossível resistir à lasanha da minha mãe.

Quem nunca resiste... nunca resiste **a** + **a** (lasanha) = **à** (lasanha). Foi?

"Mas como é que você sabe que há um artigo feminino antes do substantivo *lasanha* para a gente poder crasear o **a**?"

DOIS *BIZUS* LINDOS: Para sabermos se haverá crase (**a+a=à**), basta colocarmos o artigo antes do substantivo e criar uma frase hipotética, colocando-o como sujeito da frase: *"**A** lasanha da minha mãe é ótima."*. Percebe que a ausência do artigo tornaria a frase estranha: *"Lasanha da minha mãe é ótima."*? O artigo serve para determinar, especificar a palavra *lasanha*. Este método é ótimo para perceber se há ou não artigo antes de um substantivo. Outro método que normalmente dá certo é trocar a palavra feminina por uma masculina. Se no lugar do **à** puder ser *ao*, a crase estará 99% das vezes certa: *"É impossível resistir **ao** nhoque da minha mãe."*. Foi?

Veja outro exemplo:

Minha mãe deu à luz um bebê lindo em 1982: eu.

O verbo *dar*, como se sabe, é bitransitivo (VTDI). Logo, *um bebê lindo* é objeto direto, e *à luz*, o objeto indireto. Dá-se algo *a* alguém (a "luz" está em sentido conotativo, equivalendo a

“vida”, “ao mundo”). Bonito isso! Quase chorei...

Para fechar, mais um:

Eu cheguei à Brasil, mas, como de costume, ela estava engarrafadíssima!

“Ué, Pestana, você está maluco? Brasil é uma palavra masculina, ora; é **o** Brasil e não **a** Brasil!”

Calma, calma... Olhos abertos! Às vezes, o substantivo vem **implícito**. Você deveria ter visto assim: *“Eu cheguei **à** (avenida) Brasil...”*. Ou seja, quem chega, chega **a** + **a** avenida. Percebeu agora? A+a=**à**. Simples assim.

a (preposição) + a(s) (pronome demonstrativo) = à(s)

Antes de qualquer coisa, há basicamente dois casos em que o vocábulo **a** pode ser um pronome demonstrativo, equivalendo ao pronome “aquela”: antes de pronome relativo *que* e antes de preposição *de*: ***A** (= aquela) que chegou era minha filha. / Sua filha é linda, mas **a** (= aquela) dele é muito mais.*

Agora sim, o princípio da crase é o mesmo, beleza? Veja:

Nós nos referimos à que foi 01 do concurso para Analista Judiciário.

Sempre procuro fazer alusão às lições do Bechara e às do Celso Cunha.

No primeiro caso, quem se refere, se refere **a** + **a** = **à**. No segundo caso, quem faz alusão, faz alusão **a + as** = **às**.

a (preposição) + aquele(s), aquela(s), aquilo (pronomes demonstrativos) = àquele(s), àquela(s), àquilo

Lembre-se: crase é a fusão de duas vogais idênticas. Jamais erre na prova este caso.

A bebida é sempre nociva àqueles que se embriagam.

Procurou explicar-se àquela comissão, mas ela não tolerou seu erro.

Depois de todo o terror, assistir àquilo foi a gota d’água.

O que é nocivo, é nocivo **a** + **aqueles** = **àqueles**. Quem *se explica... se explica* **a** + **aquela** = **àquela**. Quem assiste (= *ver*), assiste **a** + **aquilo** = **àquilo**.

a (preposição) + a qual, as quais (pronome relativo) = à qual, às quais

Lembre-se: se um verbo ou um nome exigindo preposição vier depois do pronome relativo, a preposição ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo.

Todas as professoras de Língua Portuguesa às quais me dirigi eram capazes.

A explicação à qual tenho direito finalmente me foi dada pelo mestre.

No primeiro caso, o verbo pronominal *dirigir-se* exige a preposição ***a***, que se aglutina com ***as quais*** (pronome relativo), formando ***às quais***. No segundo caso, o nome *direito* também exige a preposição *a*, que se aglutina com ***a qual*** (pronome relativo), formando ***à qual***.

Casos Obrigatórios

Além dos casos clássicos de crase, já vistos anteriormente, há dois casos obrigatórios de crase. Vejamos:

1) Locuções adjetivas, adverbiais, conjuntivas e prepositivas com núcleo feminino

A crase ocorre porque a preposição *a* que inicia tais locuções se funde com o artigo *a* que vem antes do núcleo feminino. O acento grave é fixo!

– *Um policial **à paisana** trocou tiros com três homens que tentavam roubar um banco.*

– *Cheguei **às cinco horas da tarde**.*

– ***À medida que** estudo, fico mais seguro.*

– *Einstein estava **à frente de** seu tempo.*

Cuidado!!!

1) Conheça algumas locuções (as que têm valor semântico de *meio* ou *instrumento* são polêmicas entre os gramáticos):

a) **adjetivas**: *à vela, à lenha, à toa, à vista, à la carte, à queima-roupa, à vontade, à venda, à mão armada, à beça...*

b) **adverbiais***: *à noite, à tarde, às vezes, às pressas, à farta, à vista, à primeira vista, à hora certa, àquela hora, à esquerda, à direita, à uma (ao mesmo tempo, juntamente), à vontade, às avessas, às claras, às escuras, à mão, às escondidas, à míngua, à fome, à venda, à mão armada, à beça, à bala, à tinta, à máquina, à espada, à caneta, à foice, à chave, à revelia, à deriva, à meia-noite...*

c) **prepositivas**: *à altura de, à custa de, à espera de, à beira de, à espreita de, à base de, à moda de, à maneira de, à procura de, à roda de, à guisa de, à mercê de, à semelhança de...*

d) **conjuntivas** (só duas): *à medida que, à proporção que.*

* *o mais das vezes, as mais das vezes* são locuções não craseadas.

2) Polêmica! As locuções que têm valor semântico de *meio* ou de *instrumento* podem ou não receber acento grave. Depende da visão do gramático. Infelizmente não há (mais uma vez) unidade de pensamento. Exemplos: *"Eu costumo escrever **a (à) caneta** (instrumento)."*. / *"Não gosto de comprar **a (à) prestação** (meio)."*.

No entanto, todos eles concordam que, por razões de clareza, a fim de afastar qualquer ambiguidade, pode-se usar o acento grave. Exemplos: *"Vendi a vista." (o olho?) / "Vendi à vista." (meio)*.

Use sempre seu bom senso na hora da prova, pois não sabemos o que as bancas irão aprontar. O fato é que questões assim são raríssimas! Veja uma que "resolve" a polêmica:

(Cespe/UnB – BB – Escriturário I – 2003 – Questão 35 – Opção 5)

– Em "Preencher à máquina", na linha vertical na margem esquerda do formulário, o emprego do sinal indicativo de crase é opcional.

Comentário: A questão foi anulada! Logo, se foi anulada e, portanto, o emprego do sinal indicativo de crase não é opcional, inferimos que a crase é obrigatória em *à máquina*! Pelo menos para o Cespe/UnB.

Corroborando isso, os manuais de redação, como o *Manual de Redação da Câmara dos Deputados*, o *Manual de Redação e Estilo de O Estado de São Paulo*, o *Manual de Redação da PUC/RS* e muitos importantíssimos gramáticos brasileiros, como Evanildo Bechara, Rocha Lima, Said Ali, ensinam (seja por razões de clareza, seja pela tradição linguística) que há crase nas locuções que indicam meio ou instrumento. Outros estudiosos dirão que não há crase porque nesse caso não se pode usar a regra prática de substituir ***a*** por ***ao***, o que provaria a presença do artigo antes da locução, incorrendo em crase. É isso... em vez de facilitarem nossa vida, atrapalham. Cuidado com as provas da vida!

3) Pensou que a polêmica havia acabado? Bem-vindo à "língua portuguesa"! Apesar de alguns gramáticos discordarem, está estabelecida na tradição gramatical que a locução adjetiva ***a distância*** não recebe acento indicativo de crase. E é assim que vem caindo em prova de concurso. Por exemplo: *Fiz um curso* ***à distância*** *(errado). Fiz um curso* ***a distância*** *(certo).*

Se a locução vier especificada, aí, sim, ocorre acento indicativo de crase: *Fiz um curso* ***à distância*** *de cem metros da minha casa. / Aqui você tem todos os canais* ***à distância*** *de um clique.*

Uma prova de que a visão tradicional prevalece – ou seja, só há acento grave na locução se vier especificada – está aqui: INSTITUTO CIDADES – TCM/GO – AUDITOR DE CONTROLE EXTERNO – 2012 / FJG – SME/RJ – PROFESSOR – 2003 / FJPF – CREA – ASSISTENTE – 2005 / FIP – CÂMARA/SJC – PROGRAMADOR/Analista de Sistemas – 2009.

3) "Ah! Agora acabaram as polêmicas, não é, Pest?" Escuta esta agora. Alguns gramáticos, como Napoleão M. de Almeida, dizem que a locução *à vista* não vem craseada. Mas... consagrado pelo uso, o acento grave é sempre usado nessa expressão – quando não indicar a "córnea", o "olho": *Machucou a vista jogando bola*. O gramático Cegalla corrobora isso, dizendo que as locuções *à vista* e *à vista de* são sempre craseadas. E mais uma prova disso está aqui: FCC – TRF (3ª R) – Analista Judiciário – 2007 – QUESTÃO 12 – OPÇÃO C.

4) A expressão *à domicílio*, muito craseada nos panfletos e fachadas da vida, não pode levar acento grave, pois o núcleo (*domicílio*) é masculino.

5) Cuidado com a expressão *as vezes de* (que significa "desempenhar as funções que são da competência de outro" ou "ser usada para o mesmo fim que outro") em frases do tipo *"O*

professor fez ***as vezes de*** *aluno."*, pois não representa uma locução prepositiva, logo não há crase. Nunca! Sobre isso, consulte: FCC – TJ/RJ – COMISSÁRIO DA INFÂNCIA E DA JUVENTUDE – 2012 – QUESTÃO 11.

2) Locução prepositiva implícita "*à moda de, à maneira de*"

Devido à regra, o acento grave é obrigatoriamente usado nas locuções prepositivas com núcleo feminino iniciadas por *a*: *"Os frangos eram feitos* ***à moda d****a casa imperial."*. Às vezes, porém, a locução vem implícita antes de substantivos masculinos, o que pode fazer você pensar que não *rola* a crase. Mas... há crase, sim!

– *Comi uma caça* ***à espanhola*** *anteontem.*

– *Ontem jantei um bacalhau* ***à Gomes de Sá****.*

– *Hoje comerei um filé* ***à Osvaldo Aranha****.*

– *Talvez amanhã eu coma um tutu* ***à mineira****...*

– *Depois da indigestão, farei uma poesia* ***à Drummond****, vestir-me-ei* ***à Versace*** *e entregá-la-ei à tímida aniversariante.*

Obs.: Não vá você agora pensar que tal locução vem sempre implícita. Quando você vai a um restaurante, lá vem o cardápio... Está lá escrito (normalmente): *frango à passarinho* e *bife à cavalo*. "E daí?" Bem, o fato é que não se pode comer um frango *à maneira do passarinho*, porque passarinho não come frango de maneira alguma nem lança moda. O mesmo vale para o cavalo, beleza? Entenda: as expressões *à moda de* e *à maneira de* significam "em imitação a; do jeito de; da maneira como se faz; da maneira como se come; de acordo com o estilo de...". Logo, não há crase em *frango a passarinho* nem em *bife a cavalo*. Entendido?

Casos Proibitivos

1) Antes de substantivos masculinos

– *Andou **a** cavalo pela cidadezinha, mas preferiria ter andado **a** pé.*

2) Antes de substantivo (masculino ou feminino, singular ou plural) usado em sentido generalizador (Veja *Casos Especiais*!)

– *Depois do trauma, nunca mais foi **a** festas.*

– *Não foi feita menção **a** mulher, nem **a** criança, tampouco **a** homem.*

Obs.: Se houver individualização do substantivo, o artigo aparecerá para indicar que o substantivo é conhecido do falante ou já foi mencionado antes, logo haverá crase: "*Não foi feita menção **à** mulher, nem **à** criança, tampouco (**ao**) homem*". Se o substantivo feminino vier acompanhado de alguma ou nenhuma, não haverá crase, pois a ideia ainda será de indeterminação, generalização: "*Não foi feita menção **a** mulher alguma/nenhuma.*".

3) Antes de artigo indefinido "uma"

– *Iremos **a** uma reunião muito importante no domingo.*

Obs.: Diante do numeral indicando hora, crase na cabeça: *Chegarei à uma (hora)*. Cuidado com *há* (indicando existência ou tempo decorrido): *Há (existe) uma hora em que precisamos mudar de opinião. / Há (faz) uma hora fechamos um contrato milionário.* Veja *Casos Especiais*.

4) Antes de nomes de santas, de *Nossa Senhora* e de mulheres célebres

– *Tenho devoção **a** Santa Maria Madalena.*

– *Muito devemos **a** Teresa de Calcutá.*

– *Dirigiu-se **a** santa Rita em oração com fervor.*

Obs.: Em *"Tenho devoção à Virgem."*, a crase é obrigatória. O artigo definido pode surgir por razões intencionais, emocionais ou estilísticas, logo, se quisermos aproximar-nos de tais figuras históricas, tratando-as afetivamente, o uso do artigo não poderá incorrer em erro, havendo a possibilidade de crase. No entanto, no registro formal, aconselha-se o não uso do artigo.

5) Antes de pronomes pessoais, pronomes interrogativos, pronomes indefinidos, pronomes demonstrativos e pronomes relativos

– *Fizemos referência **a** Vossa Excelência, não a ela.*
– ***A** quem vocês se reportaram no Plenário?*
– *Assisto **a** toda peça de teatro no RJ, afinal, sou um crítico.*
– *Entreguei o livro **a** esta editora, mas ela desprezou a obra.*
– *A atriz brasileira **a** cuja peça aludi já ganhou dois prêmios internacionais.*

Obs.: Não obstante, pode haver crase:
I - antes das "formas de tratamento" *senhora, senhorita, dona*, dama, madame, doutora etc.*: *"Destes teu coração **à** senhorita, e, ainda assim, ela te ignoraste?" / "**À** dama não respondeu por vergonha ou falta de educação."*
II - antes dos pronomes indefinidos *pouca(s), muitas, demais, outra(s) e várias*: *"O doutor atendeu **às** poucas mulheres que hoje foram à sua clínica." / "BC equipara crédito consignado **às** demais operações." / "De uma geração **à** outra, tudo pode mudar."*
III - antes dos pronomes demonstrativos *aquele(a/s), aquilo, mesma(s), própria(s), tal*: *"Dedicou-se **à** própria vida, esquecendo as outras pessoas que o rodeavam."*
IV - antes do pronome relativo *a qual*: *"A fórmula **à** qual a economia brasileira está subordinada não passa de uma regra básica."*
* Sobre a palavra *dona*, há certa polêmica, por isso recomendo este material (excelente!): http://jeinformalinguaelinguagem.blogspot.com.br/2007/03/crase-e-palavra-dona.html

6) Antes de numerais não determinados por artigo
– *O professor só conseguiu explicar o assunto **a** uma aluna; as três não quiseram esperar para tirar suas dúvidas.*
– *O político iniciou visita a duas nações europeias.*

Obs.: Se *as nações* forem determinadas... crase: *O político iniciou visita **às** duas nações europeias*.

7) Antes de verbos no infinitivo
– ***A** partir de hoje serei um pai melhor, pois voltei **a** trabalhar.*

Obs.: Preciso dizer que <u>não</u> há crase em "*Blusas **à** partir de R19,90*"?

8) Depois de outra preposição qualquer (essencial ou acidental)
– *Fui para **a** Itália.*
– *A Fundação Casa é uma instituição que atua em casos de extrema gravidade, mediante **a** determinação judicial.*

– *Serão encaminhados após **a** sessão os documentos exigidos.*

– *O futuro mártir se colocou contra **a** medida adotada pelo governo.*

9) Entre palavras repetidas que formam uma locução

– *Quero que você fique cara **a** cara e diga a verdade.*

– *Nosso dia **a** dia nunca mais foi o mesmo após o furacão.*

Obs.: Cuidado com expressões como estas: *"É preciso declarar guerra **à** guerra!"* / *"É preciso dar mais vida **à** vida!"*, em que há crase devido à regência do verbo *declarar* e *dar*. Neste caso, *guerra a guerra* e *vida a vida* não formam locuções.

10) Antes de qualquer expressão ou frase substantivada

– *A expressão "Não vou beber" está ligada por uma ideia de causa **a** "A água está muito gelada".*

– *O conectivo "se" às vezes equivale **a** "já que".*

Casos Facultativos

1) Antes de pronomes possessivos adjetivos femininos

– *Enviamos cartas **a (à) nossa** filha que está no Canadá.*

Obs.: Se o pronome possessivo for substantivo (ou seja, aquele que substitui um substantivo), crase obrigatória! Exemplo: *Enviaram uma encomenda a (à) nossa residência, não **à** sua.*

2) Depois da considerada locução prepositiva *até a*

Quando não houver crase, leia-se *até a* como preposição + artigo.

– *Vá **até a** geladeira e pegue um pedaço de torta para seus avós.* (até + a)

– *Vá **até à** geladeira e pegue um pedaço de torta para seus avós.* (até a + a)

Obs.: Não confundir com *até* (= inclusive; palavra denotativa de inclusão). Em *"Como dito pelo Secretário, alguns setores tendem **até a** definhar no Brasil"*, não poderia haver crase por dois motivos: 1) não há crase antes de verbo e 2) até = inclusive. Já nesta frase a crase é obrigatória: *"Foi levado ao internato, à cadeia, e (pasmem!) até **à** penitenciária, durante sua vida."*. Explicando: o *até* é uma palavra denotativa de inclusão, e a crase ocorre porque *levado* exige a preposição *a* + *a penitenciária* = ***à** penitenciária*.

Para fechar, veja esta frase curiosa: "Queimou todo o cabelo, até a raiz.". Pode-se entender que todo o cabelo foi queimado, inclusive a raiz ou que todo o cabelo foi queimado alcançando até um determinado limite, a raiz. Na segunda leitura, há possibilidade de crase: *"Queimou todo o cabelo, **até a (à)** raiz."*. Disse "possibilidade", por se tratar de um caso **facultativo**.

3) Antes de nomes próprios femininos

– ***A (À) Juliana** tenho conseguido manter-me fiel, o que tem surpreendido a todos.*

Obs.: Em muitos lugares do Brasil, não se costuma usar artigo antes de nomes de pessoas. Eu moro na zona oeste do Rio de Janeiro. Perto daqui, em Niterói, os falantes não costumam usar artigo. Em sala de aula, os alunos niteroienses se referiam a mim deste jeito: "Hoje tem aula **de** Pestana?". Já no RJ era assim: "Hoje tem aula **do** Pestana?". Portanto, se há ou não artigo antes de nome próprio, há ou não crase. Simples assim. Adendo: os gramáticos dizem que o artigo antes do nome próprio denota intimidade, familiaridade.

4) Diante de certos topônimos, como *Europa, Ásia, África, França, Inglaterra, Espanha, Holanda, Escócia, Recife...*

– *O técnico português já prevê volta **a (à) Inglaterra** para conduzir o melhor time do país à vitória.*

Casos Especiais

1) Na *correlação* (ou *simetria de construção*) das preposições "de... a", se houver determinante (artigo ou pronome) contraído com "de", haverá artigo contraído com a preposição "a", resultando na crase.

– *A loja funciona **de** segunda **à** quinta, **de** 8h **às** 18h.* (inadequado)

– *A loja funciona **da** segunda **à** quinta, **das** 8h **às** 18h.* (adequado)

– ***De** 01/03 **à** 30/08, haverá dois cursos para a área militar.* (inadequado)

– ***De** 01/03 **a** 30/08, haverá dois cursos para a área militar.* (adequado)

– *Ela se molhou **dos** pés **a** cabeça.* (inadequado)

– *Ela se molhou **dos** pés **à** cabeça.* (adequado)

– *Trabalho só **deste** domingo **a** sexta; depois, férias!* (inadequado)

– *Trabalho só **deste** domingo **à** sexta; depois, férias!* (adequado)

Cuidado!!!

1) Em qualquer correlação que não seja "de... a", não haverá crase: *"Entre as 14h e as 21h, estou no trabalho."*. Os "as" são artigos apenas.

2) Não há erro na construção *"Horário de atendimento: 8h às 17h"*, pois ocorre elipse de "das" (das 8h às 17h).

3) Observe que há mudança de sentido nestas duas frases: "Trabalha **de** duas **a** oito horas" / *"Trabalha **das** duas **às** oito horas."*. Na primeira, indica-se que o sujeito trabalha entre duas e oito horas. Na segunda, o sujeito trabalha durante 6 horas.

4) Veja agora um caso curioso: segundo Domingos P. Cegalla, como o numeral *uma* não vem precedido de artigo definido, podemos dizer que, em *"Trabalho **de** uma **às** cinco horas."*, a crase independe da correlação, pois é usada para evitar ambiguidade em relação a *"Trabalho **de** uma **a** cinco horas."*, em que o sentido certamente seria outro. Não obstante, Bechara diz que se trata de caso facultativo o artigo figurar antes da expressão *uma hora*, o que nos leva a esta possibilidade de redação: *"Trabalho **da** uma **às** cinco horas."*. Aqui, a correlação é visível.

2) Com as locuções adverbiais indicativas de "hora" (do relógio), há crase.

Há crase, pois junta-se a preposição *a* (que inicia a locução adverbial) ao artigo *a* ou ao pronome demonstrativo iniciado por "a" (que concorda com *hora* e a determina). Por mais que a palavra *hora* esteja elíptica, a crase é obrigatória. Um *bizu* é substituir a expressão por "ao meio-dia". Se puder, crase na cabeça.

– *Nesta última eleição, o TSE bateu o recorde histórico, alcançando a totalização de 90% dos votos **às 19h**.*

– ***Às 21h15min**, já haviam sido apuradas 99% das urnas.*
– ***À zero hora**, todo fim de ano, soltam-se fogos.*
– ***Àquela hora** todos já estavam de pé?*
– *Costuma-se acordar **às quatro** nos quartéis.*
– *Os lutadores de MMA se enfrentarão **às dezenove** deste domingo.*
– *Diga a ela que esteja aqui **à uma hora** para conversarmos a respeito do projeto.*

Cuidado!!!

1) Não há crase antes de *hora* diante de palavras que rejeitam artigo: *"A mídia estampa de maneira persuasiva, e **à** qualquer hora, produtos para a classe C."* (errado) / *"A mídia estampa de maneira persuasiva, e **a** qualquer hora, produtos para a classe C."* (certa)

2) Não haverá crase antes de *hora* se vier antecedida de outra preposição que não seja *a* (para, após, desde e entre): *"Desde **as 16h30**, venho tentando falar com você."* / *"Será estendido **para as 20 horas** o prazo de entrega."* / *"Após **as 22h**, não mais atendemos pessoalmente."*

3) Diante do caso facultativo "até a": *"Chegue **até as 22h** ou **até às 22h**, mas chegue!"* / – *"Chegaremos ao trabalho **até a (ou até à) uma hora da tarde.**"*.

4) Sobre ***uma hora***

I – Não devemos confundir *"Ela chegou **à 1h.**"* (tempo determinado) com *"Ela chegou **há uma hora**."*. (tempo decorrido)

II – Se fizer referência a um período de tempo impreciso, que não se trate da hora do relógio, não há crase: *"Sairei daqui **a uma hora**."* (confirme isso reescrevendo com *duas horas*: "daqui a duas horas", portanto não há crase).

3) Não há crase antes da palavra *casa*, exceto se vier especificada por um adjetivo, uma locução adjetiva ou uma oração adjetiva.

– *Fui **a casa** resolver um problema.*
– *Fui **à casa dela** resolver um problema.*
– *O bom filho **a casa** torna.*
– *O bom filho **à casa dos pais** torna.*
– *Só volta **à casa de quem o trata** com mimos.*

Obs.: Na frase *"Em frente a sua casa, houve um incêndio."*, a crase antes de *casa* é facultativa, pois vem antecedida do pronome possessivo adjetivo feminino *sua*. Logo, poderemos escrever: *"Em frente à sua casa, houve um incêndio."*. Prova disso: FCC – DPE/RS – DEFENSOR PÚBLICO – 2011.

4) Não há crase antes da palavra *terra* (em oposição a *bordo*, no contexto frasal). Se estiver especificada, há crase sempre. Afora isso, pode haver crase.

– *Os marinheiros retornaram **a terra**.*

– *Os marinheiros retornaram **à terra natal**.*

– *O amor **à Terra** deve imperar, pois é nosso lar.*

– *Viemos da terra e **à** terra voltaremos.*

Obs.: Veja a questão 4 deste concurso: FGV – SENADO – Analista – 2008. Ela resume tudo isso.

5) Paralelismo

Ocorre paralelismo quando duas ou mais estruturas apresentam semelhança em sua construção. Em outras palavras, se o primeiro termo de uma enumeração ou comparação vier determinado, o segundo e os demais também deverão vir determinados. Entenda:

– *Não tenho dúvidas de que é preferível virtude **a** desonestidade.*

– *Não tenho dúvidas de que é preferível a virtude **à** desonestidade.*

Quando dois ou mais elementos estão coordenados e o primeiro está introduzido por preposição, há apenas quatro possibilidades corretas de construção:

– *Todo brasileiro tem direito **a** saúde, educação e segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito **a** saúde, **a** educação e **a** segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito **à** saúde, educação e segurança.*(preposição + artigo)

– *Todo brasileiro tem direito **à** saúde, **à** educação e **à** segurança.* (preposição + artigo)

6) Antes de topônimos (nomes de lugar) que aceitam artigo

Não é possível colocar todos os nomes de todos os lugares do mundo e do universo em uma gramática, por isso uma maneira de saber se ocorre artigo antes de um topônimo é por meio de um *bizu* do tempo de meu avô: "Quem vai **a**, volta **de** (*crase pra quê?*)" / "Quem vai **a**, volta **da** *(crase há*)".

– *Fui **à Bahia** nas minhas férias de início de ano.* (Quem vai à Bahia, volta da Bahia.)

– *Fui **a Ipanema**.* (Quem vai a Ipanema, volta de Ipanema.)

Obs.: Se o topônimo estiver especificado, crase certa: *"Fui **à** linda **Ipanema** cantada por Vinícius."*.

7) Antes de substantivo feminino singular com sentido genérico

Coloquei este caso como especial, pois a presença do artigo feminino singular antes de substantivo feminino singular com sentido genérico, além de implicar mudança de sentido,

implica a crase. O Cespe/UnB adora esse tipo de questão!

Veja, pelos exemplos, como o assunto é interessante:

Tudo está sujeito a degeneração.

Tudo está sujeito à degeneração.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Que tipo de degeneração?". Não se sabe. Logo, o sentido é genérico. Na segunda frase, trata-se de uma degeneração já mencionada ou conhecida dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor.

O homem deve ser submetido a cirurgia tão logo.

O homem deve ser submetido à cirurgia tão logo.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Que tipo de cirurgia?". Não se sabe; só se sabe que se trata de um ato cirúrgico. Logo, o sentido é genérico. Na segunda frase, trata-se de uma cirurgia já mencionada ou conhecida dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor.

Sempre faço doação a instituição beneficente.

Sempre faço doação à instituição beneficente.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Qual instituição beneficente?". Não se sabe. Logo, o sentido é genérico. Na segunda frase, trata-se de uma instituição beneficente já mencionada ou conhecida dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor.

O advogado se referiu a lei federal, não a lei estadual.

O advogado se referiu à lei federal, não à lei estadual.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Qual lei federal e qual lei estadual?". Não se sabe. Trata-se da lei federal e da lei estadual em sentido amplo, como um todo. Na segunda frase, trata-se de uma lei federal e de uma lei estadual já mencionadas ou conhecidas dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor. Como se estivesse dizendo: "àquela lei federal", "àquela lei estadual".

Nesses casos, podemos dizer que a presença ou não do acento grave é possível, a depender do sentido que a pessoa quiser dar à frase.

Cuidado!!!

O fato é que nem todo caso de adjetivo especificando substantivo fará o uso do acento indicativo de crase ser obrigatório. Veja:

– *Ela só é fiel* ***a*** *pessoa infiel, por isso vive magoada.*

Contextualmente, "pessoa infiel" é um tipo de pessoa, não uma pessoa específica, logo o adjetivo não determina a ponto de ser necessária a presença do artigo.

– *Depois de uma vida inteira de honestidade e contas pagas, minha vida estará sujeita* ***a*** *rigorosa análise?*

Novamente, não há necessidade de artigo definido antes de "rigorosa análise", pois se trata de uma "análise" em seu sentido amplo, mas feita de modo rigoroso, e não "aquela análise já mencionada anteriormente, conhecida, definida"; até porque não há contexto suficiente para interpretarmos assim.

Com diz a Prof. Dr.ª Rosane Reis de Oliveira (UERJ), "nestes casos, a crase é explicada pelo teor semântico e não estritamente pela sintaxe".

Veja algumas questões do Cespe/UnB que trataram disso:

(Cespe/UnB – PRF – Policial Rodoviário Federal – 2004)

"(...) O mais recente êxito de Lula na ordem internacional foi o discurso proferido na Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova Iorque, quando propôs a criação de um comitê de chefes de Estado para dinamizar as ações de combate à fome e à miséria em todo o mundo."

Os sinais indicativos de crase em "combate à fome e à miséria" podem ser eliminados sem prejuízo para a correção do período.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: CERTO. A *fome* e a *miséria* podem ser tomadas em sentido genérico, logo pode não haver crase.

(Cespe/UnB – FUB – Analista de TI – 2011)

O uso do sinal indicativo de crase em "à imediata erosão" ("Tudo o que eu aprendo está sujeito à imediata erosão", afirma.) é obrigatório.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: ERRADO. Não é obrigatório (na verdade, nem cabe no contexto da frase) porque o substantivo *erosão*, da expressão *à imediata erosão*", está em sentido genérico, não se está individualizando a "erosão". Não se trata de uma erosão específica, mas de uma erosão que pode acontecer a qualquer momento, ou seja "Tudo o que eu aprendo pode imediatamente erodir.". O adjetivo *imediata* não está em contraposição a *estendida*. *Imediata* é apenas um adjetivo modalizador, não determina *erosão* a ponto de tirar seu caráter generalizador.

Cespe – CORREIOS – nível superior – 2011

O emprego do sinal indicativo de crase em "Sujeitado a residência forçada" (Sujeitado a residência forçada, Antônio Vieira ansiava pela chegada do correio...) manteria a correção gramatical do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: CERTO. Pelo *bizu* do "ao", pode-se chegar a "Sujeitado ao trabalho forçado", assim haveria crase.

Cespe – MPE/PI – nível médio – 2012

O emprego do sinal indicativo de crase em "ligados à globalização" (Eles estão inextricavelmente ligados à globalização) é facultativo, pois o termo "globalização" poderia ser empregado, nesse contexto, de forma indeterminada, indefinida e, consequentemente, sem o artigo definido.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: CERTO. Se fosse "mercado de trabalho" não poderia ficar "inextricavelmente

ligados a mercado de trabalho”? Certamente que sim. Logo, a crase é facultativa.

A Crase e Certas Implicações

Quando usado o acento grave em algumas frases, há mudança de sentido, morfológica e semântica. Por isso, quando há crase, há certas implicações na estrutura frasal. Entenda melhor.

Em alguns casos, por motivo de clareza e para evitar a ambiguidade, a presença do acento grave é muito importante. Veja um caso: *"Matou a cobra **à onça.**"* (Ou seja, a cobra matou a onça). Veja outro: *"Eu lavei **a mão.**"* (Sem acento grave, significa "higienizar a mão".) / "*Eu lavei **à mão.***" (Com acento grave, significa "usar a mão para lavar".). Mais: *"Chegou a noite."* (*a no*ite é o sujeito), mas "Chegou à noite." (*à noite* é um adjunto adverbial de tempo). A presença ou a ausência do sinal indicativo de crase faz toda a diferença.

Veja este poema de Cineas Santos: *"O amor bate à porta e tudo é festa / O amor bate a porta e nada resta"*. Percebeu a mudança sensível de sentido? Além disso, houve mudança de função sintática. No primeiro verso, significa "bater na porta", pedindo para entrar; *à porta* tem função de adjunto adverbial de lugar. No segundo, significa "fechar a porta com força"; *a porta* tem função de objeto direto.

Veja agora vários casos e tente perceber as implicações semânticas, morfológicas e sintáticas:

– *Aqui se mata **a** fome.*
– *Aqui se mata **à** fome.*

– *Recebeu a pessoa **a** bala.*
– *Recebeu a pessoa **à** bala.*

– *Teve de pintar **a** mão hoje cedo.*
– *Teve de pintar **à** mão hoje cedo.*

– *Costuma cheirar **a** gasolina.*
– *Costuma cheirar **à** gasolina.*

– *Comeu **a** francesa*.*
– *Comeu **à** francesa.*

– *Feriu o rosto dele **a** navalha.*
– *Feriu o rosto dele **à** navalha.*

– *Vendeu **a** vista.*
– *Vendeu **à** vista.*

– *A vista dele está cansada de tanto ler.*
– ***À** vista dele está cansada de tanto ler.*

– *Pagou **a** prestação.*
– *Pagou **à** prestação.*

– *Disse **a** minha mãe que voltaria cedo.*
– *Disse **à** minha mãe que voltaria cedo.*
– ***As** editoras sugerimos alguns livros.*
– *Às editoras sugerimos alguns livros.*

– ***A** indústria nacional prejudicou o acordo.*
– *À indústria nacional prejudicou o acordo.*

– *O homem pinta **a** máquina.*
– *O homem pinta **à** máquina.*

– *Parecia agradável **a** primeira vista.*
– *Parecia agradável **à** primeira vista.*

– *A disposição dos alunos na sala está incorreta.*
– *À disposição dos alunos na sala está a professora.*

– *Só **as** vezes que ela me convida para sair são marcantes.*
– *Só **às** vezes que ela me convida para sair.*

– *Não conseguiram enxergar **a** distância de um prédio a outro.*
– *Não conseguiram enxergar **à** distância de um metro.*

– *O direito à intercomunicação e **à** memória coletiva é importante no cenário atual.*
– *O direito à intercomunicação e **a** memória coletiva são importantes no cenário atual.*

*intercomunicação e **a** memória coletiva são importantes no cenário atual.*

* canibalismo (não vá pensar bobagens...)

Veja uma questão sobre tais implicações:

12. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Assinale a alternativa na qual o grupo em negrito atua como conjunção subordinativa.
a) Eu me referi à medida que contemplaria a maioria.
b) O sol ardia mais manso à medida que a tarde se esvaía. (gabarito)
c) Os moradores deram crédito à medida que cortou a água.
d) À medida que una os dois povos é o que todos visam hoje.

Comentário: O *que* é um pronome relativo que retoma *medida* nas opções A, C e D. Em a) a crase ocorre porque o verbo *referir-se* exige a preposição *a* + *a medida* = *à medida*. Em c) a crase ocorre porque o verbo *dar* exige a preposição *a* + *a medida* = *à medida*. Em d) a crase ocorre porque o verbo *visar* exige a preposição *a* + *a medida* = *à medida*. Em b) há crase obrigatória na locução conjuntiva *à medida que*.

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo pode cair! No entanto, a maioria das questões exige seu conhecimento relativo à regência verbal e nominal, pois são os verbos e os nomes que exigem preposição. Aí você já sabe: preposição *a* + *a* (artigo ou pronome demonstrativo) = *à*. Fique ligado nos padrões das bancas, isso é sempre importante!

Questões de Concursos

1. (FGV – Senado Federal – Policial Legislativo Federal – 2008) Assinale a alternativa em que se tenha optado corretamente por utilizar ou não o acento grave indicativo de crase.
   a) Vou à Brasília dos meus sonhos.
   b) Nosso expediente é de segunda à sexta.
   c) Pretendo viajar a Paraíba.
   d) Ele gosta de bife à cavalo.
   e) Ele tem dinheiro à valer.

2. (FDC – MAPA – Analista de Sistemas – 2010) Na oração "Eles nos deixaram À VONTADE" e no trecho "inviabilizando o ataque, que, naturalmente, deveria ser feito À DISTÂNCIA", observa-se a ocorrência da crase nas locuções adverbiais em caixa-alta. Nas locuções das frases abaixo também ocorre a crase, que deve ser marcada com o acento, EXCETO em:
   a) Todos estavam à espera de uma solução para o problema.
   b) À proporção que o tempo passava, maior era a angústia do eleitorado pelo resultado final.
   c) Um problema à toa emperrou o funcionamento do sistema.
   d) Os técnicos estavam face à face com um problema insolúvel.
   e) O Tribunal ficou à mercê dos hackers que invadiram o sistema.

3. (FAB – EAGS – Sargento – 2011) Em qual alternativa a ausência da crase pode alterar a função sintática do adjunto adverbial?
   a) Saiu às escondidas antes do final do jantar.
   b) Saiu às onze horas antes do final do jantar.
   c) Saiu às pressas antes do final do jantar.
   d) Saiu à francesa antes do final do jantar.

4. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) O texto abaixo foi transcrito com adaptações. Assinale a opção que manteve o emprego correto do sinal indicativo de crase.

*Interessa **à** (1) todo o País, por sua importância para **à** (2) produção, **à** (3) criação de empregos e o desenvolvimento, a agenda levada ao Congresso pelo presidente da Confederação Nacional da Indústria − CNI. Ao apresentar uma lista de 131 projetos considerados favoráveis ou prejudiciais ao setor, ele cobrou dos parlamentares, como de costume, atenção urgente **às** (4) questões de grande relevância para **à** (5) economia, especialmente numa fase de crise internacional.*

   a) 1.
   b) 2.
   c) 3.
   d) 4.
   e) 5.

5. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) No que diz respeito ao uso do sinal de crase, assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto abaixo.

Uma mera observação __(1)__olho nu já basta para constatar que parcela relevante do spread está ligada, direta ou indiretamente, __(2)__ políticas públicas, sejam tributárias regulatórias ou de outra natureza. (...) Por outro lado, o aumento da eficiência do sistema bancário é igualmente relevante para __(3)__ queda dos spreads. (...) Em suma, é necessário um permanente diálogo entre o setor bancário e o governo, com vistas __(4)__ implementação de medidas sustentáveis para redução de spread, objetivo que deve ser atingido sem ameaças __(5)__ estabilidade financeira.

   a) à / às / a / à / à.
   b) a / as / a / à / a.
   c) a / às / a / à / à.
   d) a / a / à / a / a.
   e) à / a / à / a / à.

6. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – O emprego do sinal indicativo de crase em "rumo à modernização" (A legislação trabalhista brasileira está perto de dar um passo rumo à modernização...) justifica-se porque a palavra "passo" exige complemento antecedido pela preposição "a" e "modernização" admite artigo definido.

7. Indique a opção que corresponde a erro gramatical na transcrição do texto.

A (1) seca nos Estados Unidos prenuncia mais uma fase de preços altos para os alimentos, com perspectivas de bons ganhos para os exportadores e de graves dificuldades para as (2) economias pobres e dependentes da importação de comida. (...) A (3) longa estiagem, excepcionalmente severa, afeta mais de 60% do país e a maior parte das regiões agrícolas. O mercado reagiu imediatamente às (4) novas estimativas, divulgadas pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, com indicações de redução dos estoques na temporada 2012-2013. O Brasil será um dos países em condições de aproveitar às (5) oportunidades abertas pela quebra da safra americana.

a) A (1).
b) as (2).
c) A (3).
d) às (4).
e) às (5).

8. (Esaf – SRF – Analista Tributário da Receita Federal – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) Não estão em pauta medidas juridicamente controversas nem de impacto sobre o orçamento no curto prazo, mas decisões a serem tomadas logo para atenuar, no futuro, a expansão da despesa com a Previdência. Hoje, ela já é da ordem de 10% do PIB (incluindo o setor público), comparável à de países mais ricos e com maior número de idosos. (...)"

– O emprego do sinal indicativo de crase em "à de países" justifica-se pela fusão da preposição "a", exigida pelo adjetivo "comparável", com o artigo definido feminino singular "a" que acompanha o substantivo "despesa", elíptico na frase.

9. (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) O spread elevado também se deve a fatores como alta carga tributária e inadimplência – os empréstimos atrelados a garantias são incipientes..."

– A ausência do sinal indicativo de crase antes de "fatores" e "garantias" indica que esses substantivos estão empregados de modo genérico, sem o uso de artigo que os defina.

10. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical na transcrição do texto abaixo.

*A pequena reação da indústria em junho (crescimento de 0,2% em relação a maio) não foi suficiente para compensar **a** (1) queda da produção no primeiro semestre, da ordem de 3,8%, quando comparada **à** (2) produção do mesmo período de 2011. Segundo o IBGE, responsável por essa estatística, a indústria brasileira hoje produz o mesmo que **há** (3) três anos. Mesmo que o setor tenha passado por um ponto de inflexão, como acredita o ministro da Fazenda, Guido Mantega, é pouco provável que **a** (4) produção chegue **à** (5) registrar crescimento em 2012. Os especialistas projetam uma queda de até 2%, o que contribuirá para o fraco desempenho do Produto Interno Bruto (PIB) este ano.*

a) (1).
b) (2).
c) (3).
d) (4).
e) (5).

11. (Esaf – MF – Assistente Técnico-Administrativo – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Pode-se acrescentar o sinal de crase no **a** antes de "endurecer": "as principais instituições financeiras do País passaram a endurecer o jogo na hora de conceder empréstimos".

12. (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Em "O encarecimento dos importados, associado à contração da demanda...", o emprego de sinal indicativo de crase em "à contratação" justifica-se porque a palavra "associado" exige complemento antecedido pela preposição "a" e "contratação" é antecedida por artigo definido feminino.

13. Em relação ao uso do sinal indicativo de crase, assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do fragmento a seguir.

Será necessário aceitar que há um princípio darwiniano regendo _____ ascensão e _____ queda de setores da economia mundial. Um país não consegue ser bom em tudo, e alguns setores tendem _____ desaparecer em uma parte do mundo para florescer do outro lado do planeta. Por essa dinâmica, alguns setores tendem até _____ definhar no Brasil. A diminuição da fatia industrial na economia frequentemente se dá de forma natural e lenta, como parte do desenvolvimento das nações. Por isso, não costuma ser encarada como um transtorno, mas como mais uma etapa rumo _____ maturidade econômica.

a) à, à, a, a,a.

b) a, a, à, a, à.
c) à, a, a, a, à.
d) a, a, à, à, a.
e) a, a, a, a, à.

14. (Adaptada) A crase está correta ou incorreta?
"(...) E com resultado positivo, pois, graças **à** privatizações e concessões de serviços públicos, passos foram dados e o país não parou.

15. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) No trecho "Exceção a essa regra", é opcional o emprego do sinal indicativo de crase no "a".
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) No trecho "somado aos que vinham sendo realizados nos últimos anos", o elemento "aos" poderia ser corretamente substituído por **àqueles**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (FCC – TRT/AM (11R) – Técnico Judiciário – 2012) *É a atividade de construção de que o artista dispõe, o seu poder de imprimir ..... um trabalho sentimentos e sensações, e a qualidade de pensamento que conferem humanidade ..... arte; e essa humanidade pode ser realizada com uma série ilimitada de temas ou elementos formais. Tudo isso já foi repetido ..... exaustão.*
Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:
a) à – à – a.
b) a – à – à.
c) a – à – a.
d) à – a – à.
e) à – a – a.

18. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) *A parcela da população mundial que ascendeu ..... classe média nos últimos vinte anos passou ..... consumir mais, ... um ritmo acelerado, o que põe em risco a sustentabilidade do planeta.*
As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) à – a – a.
b) à – à – a.
c) à – a – à.
d) a – a – à.
e) a – a – a.

19. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) *... levava <u>à crença</u> na contínua evolução da sociedade ...*
O emprego do sinal de crase, exemplificado acima, estará correto, unicamente, em:
a) aludir à felicidade geral;
b) buscar à felicidade;
c) propor à toda a população;
d) impor à esse grupo;
e) discutir à obrigatoriedade da lei.

20. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) Do mesmo modo que no segmento *ameaça à paz e à segurança*, o sinal indicativo de crase também está corretamente empregado em:
a) O mais grave foi a ameaça à integridade física da vítima.
b) A crise econômica ameaça à preservação do acervo de vários museus.
c) Certos animais reagem agressivamente a ameaças à seus interesses.
d) Houve ameaça à grupo de manifestantes presos durante protesto.
e) A censura ameaça à liberdade de criação.

21. (FCC – MPE/AP – Promotor de Justiça – 2012) *A palavra "maquiavélico", ... que se costuma atribuir uma acepção negativa, está longe de fazer justiça ..... complexidade do pensamento de Maquiavel, mesmo aquele restrito ..... seu mais famoso tratado, O príncipe.*

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) a – à – à;
b) à – a – a;
c) à – a – à;
d) a – à – a;
e) à – à – à.

22. (FCC – TJ/RJ – Analista Judiciário – 2012) *... e chegou à conclusão de que o funcionário passou o dia inteiro tomando café.*

Do mesmo modo que se justifica o sinal indicativo de crase em destaque na frase acima, está correto o seu emprego em:

a) e chegou à uma conclusão totalmente inesperada;
b) e chegou então à tirar conclusões precipitadas;
c) e chegou à tempo de ouvir as conclusões finais;
d) e chegou finalmente à inevitável conclusão;
e) e chegou à conclusões as mais disparatadas.

23. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) *Não deixa de ser paradoxal o fato de o crescimento da descrença, que parecia levar ..... uma ampliação da liberdade, ter dado lugar ..... escalada do fundamentalismo religioso, ... que se associam manifestações profundamente reacionárias.*

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) a – à – a;
b) à – a – a;
c) a – a – à;
d) à – à – a;
e) a – à – à.

24. FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) *É possível encontrar antecedentes a esse tipo de análise na teoria do imperialismo. No entanto, a elaboração anterior à CEPAL preocupava-se principalmente com os países capitalistas avançados, interessando-se pelos países "atrasados" na medida em que desenvolvimentos ocorridos neles repercutissem para além deles.*

Considerado o trecho acima transcrito, é correto afirmar que o sinal gráfico indicativo da crase está adequadamente empregado em *à CEPAL*, mas se, em vez de *Comissão*, tivesse sido empregada uma palavra masculina, o padrão culto escrito abonaria unicamente o emprego de **a**.

25. (Funiversa – PC/DF – Perito Criminal – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Nas orações "para chegar à tal felicidade", "ou são ligadas à sua comunidade" e "se comparadas àquelas pessoas", os acentos graves marcadores de crase são todos opcionais.

26. (Cesgranrio – Liquigas – Profissional Jr. – 2012) As crases grafadas no início de cada uma das seguintes frases do texto se justificam pela exigência do verbo **acostumar**: "Às bactérias de água potável. À contaminação da água do mar. À lenta morte dos rios."

Uma quarta frase que poderia estar nessa sequência, grafada de acordo com a norma-padrão, seria a seguinte:

a) À ver injustiças
b) À vida sem prazer.
c) À alguma forma de tristeza.
d) À todas as mazelas do mundo
e) À essa correria em busca do sucesso.

27. (Cespe – TRE/RJ – Nível Superior – 2012) A correção gramatical do texto seria mantida caso a expressão "aos contornos constitucionais" fosse substituída por **à legislação constitucional**.

( ) CERTO
( ) ERRADO

28. **(**Cesgranrio – CMB – Analista (Arquitetura) – 2012**)** Observa-se o uso adequado do acento grave no trecho "estamos nos referindo à não ativação de elementos".

Verifica-se um **DESRESPEITO** à norma-padrão quanto ao emprego desse acento em:

a) O professor se reportou àquele texto de Machado de Assis.
b) Sonhamos em viajar à terra de Gonçalves Dias.
c) Ele sempre fazia alusão à palavras de seu poeta favorito.

d) Os alunos compreenderam o poema à custa de muito empenho.
e) Prefiro as poesias de Drummond às de Olavo Bilac.

29. (Cesgranrio – CITEPE – Operador de Utilidades Têxtil II – 2012) Observe a seguinte frase, correta quanto ao emprego do acento grave: "[...] competências comportamentais referentes **à** forma [...]"
O emprego do acento indicativo de crase está também corretamente feito em:
a) Os empregados mostraram-se resistentes à mudanças na empresa.
b) Muitos gostariam de ter um tempo maior à fim de se qualificar.
c) O mercado oferece menos chances à quem está afastado.
d) O bom profissional está atento à todas as transformações do mercado.
e) Quem quer voltar ao mercado deve atender às necessidades de hoje.

30. (Cesgranrio – CEF – Técnico Bancário Novo – 2012) O sinal indicativo de crase está adequadamente usado em:
a) Os pesquisadores dedicaram um estudo sobre *games* à um conjunto de pessoas idosas.
b) Daqui à alguns anos, os pesquisadores pretendem verificar por que os *games* são viciantes para os jovens.
c) Muitos dos idosos pesquisados obtiveram resultados positivos e passaram à se comportar de nova maneira.
d) A escolha de um determinado *game* se deveu à preocupação dos pesquisadores com as características que tal jogo apresentava.
e) Os estudos dos efeitos dos jogos eletrônicos sobre os idosos vêm sendo realizados à vários anos.

"(...) Para isso, criou instrumentos efetivos para melhor adequar os serviços às populações de menor renda... (...)"

31. (Cespe/UnB – Banco da Amazônia – Técnico Científico – 2012) O emprego do sinal indicativo de crase em "às populações" deve-se à presença da forma verbal "adequar" e do artigo feminino definido que precede o substantivo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – TJ/RR – Nível Superior – 2012) Se fosse empregado o termo **espécie humana** em lugar de "gênero humano", a substituição de "ao" por **à** seria obrigatória para a manutenção da correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – MP – Analista de Infraestrutura – 2012) Na linha 7 (... força de trabalho às voltas com questões...), o sinal indicativo de crase em "às voltas" decorre da presença do artigo definido e do uso da preposição *a* exigida pelo substantivo "força".
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Logo, frustrados, zelamos pela prisão daqueles que não se impõem as mesmas renúncias. (...)"

34. (Cespe/UnB – PF – Papiloscopista – 2012) Na linha 24, considerando-se a dupla regência do verbo **impor** e a presença do pronome "mesmas", seria facultado o emprego do acento indicativo de crase na palavra "as" da expressão "as mesmas renúncias".
( ) CERTO
( ) ERRADO

35. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) A tradição se tornou um arquivo atemporal, ao qual recorre a produção poética para..."
– O emprego do sinal indicativo de crase no "a", na expressão "a produção poética", não altera a correção gramatical.

36. (Funcab – MPE/RO – Analista Processual – 2012) Assinale a opção em que o espaço deve ser preenchido com À (preposição e pronome), como destacado em "(...) uma média semelhante À de um casal de classe média (...) ".
a) ___ medida que caminhava, recordava-se da terra natal.
b) Esta cena corresponde ___ que presenciei ontem.
c) Aproveite ___ oferta e se contente com a cor do tecido.
d) Referia-se, com certeza, ___ terra de seus pais.
e) Obedeceu ___ ordem dada, sem reclamar.

37. (Vunesp – Pref. São José Campos/SP – Analista em Gestão Municipal – 2012) Analise as afirmações:
I. De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está correta quanto à crase: *Se, por outro lado, tem um temperamento saturnino, é melhor adaptar-se à ele.*

II. De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está correta quanto à regência nominal: *Andrew Oswald avaliou o impacto dessas sequelas e chegou à conclusão que, num primeiro momento, elas reduzem bastante o grau de felicidade.*

III. De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está correta quanto à regência verbal: *Mas, com o passar do tempo, este volta a elevar-se, até atingir níveis semelhantes aos verificados antes do acidente e estacionar.*

Está correto apenas o que se afirma em:

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e III.
e) II e III.

38. (FCC – TST – Técnico Judiciário – 2012) Considere:

..... *angústia de imaginar que o homem pode estar só no universo soma-se a curiosidade humana, que se prende ..... tudo o que é desconhecido, para que não desapareça de todo o interesse por pistas que dariam embasamento ..... teses de que haveria vida em outros planetas.*

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) À – a – às;
b) A – à – as;
c) À – a – as;
d) A – a – às;
e) À – à – as.

39. (Upenet – Jucepe – Técnico – 2012) Em "*Bem-vindos à Feira de Caruaru*", a crase é obrigatória. Em qual das alternativas abaixo, o uso da crase É FACULTATIVO?

a) A Feira de Caruaru é atração devido à grande diversidade lá existente.
b) Na Feira de Caruaru, tudo está à venda.
c) Em feiras, como a de Caruaru, vendem-se coisas às pessoas de diferentes classes sociais.
d) Nas cidades de pequeno comércio, há mais pagamentos à vista.
e) Todos os dias, os comerciantes da Feira de Caruaru permanecem até às 18h.

40. (Vunesp – Fapesp – Analista de Sistemas Jr. – 2012) À semelhança do trecho – Nem sempre o que era desconhecido... restringe-se à descoberta –, assinale a alternativa em que, após o verbo **restringir**, deve ser empregado o acento grave da crase.

a) O alcance desses sensores restringe-se a limites claros.
b) Sua tarefa restringe-se a medir os intervalos.
c) O alcance do radar restringe-se a Brasília.
d) A visita a esse hospital restringe-se a horários predeterminados.
e) Essa proibição restringe-se a presença de menores de 18 anos.

41. (Consulplan – Pref. Barra Velha/SC – Advogado – 2012) Em "... um ano e tanto depois da chegada do primeiro pastor alemão àquela casa, ...", a ocorrência de crase no segmento anterior ocorre devido à:

a) fusão do artigo "a" com o pronome "aquela";
b) fusão da preposição "a" com o pronome "aquela";
c) colocação do pronome "aquela" diante de "casa";
d) especificação atribuída ao cachorro;
e) substituição do artigo "a" pelo pronome "aquela".

42. (Consulplan – Pref. São Domingos Prata/MG – Assistente Social – 2012) O uso do acento grave indicativo de crase é obrigatório em "vem à cabeça da maioria das pessoas". O mesmo ocorre em:

a) Sempre aspirou a tal emprego.
b) Eles aspiravam a altos cargos.
c) Disse que aspirava a ser médico.
d) O jovem aspirava a notoriedade.
e) Aspirava a uma posição mais brilhante.

Gabarito

1. A.	10. E.	19. A.	28. C.	37. C.
2. D.	11. INCORRETA.	20. A.	29. E.	38. A.
3. D.	12. CORRETA.	21. D.	30. D.	39. E.
4. D.	13. E.	22. D.	31. CERTO.	40. E.
5. C.	14. INCORRETA.	23. A.	32. CERTO.	41. B.
6. INCORRETA.	15. ERRADO.	24. INCORRETO.	33. ERRADO.	42. D.
7. E.	16. CERTO.	25. INCORRETA.	34. ERRADO.	
8. correta.	17. B.	26. B.	35. INCORRETA.	
9. CORRETA.	18. A.	27. CERTO.	36. B.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 31

QUE, SE e COMO

Definição

Os vocábulos *que, se, como* e tantos outros apresentam muitas classificações morfológicas e sintáticas. Como já sabemos, toda análise deve levar em conta o contexto.

Apesar de usar este capítulo para falar só de três vocábulos especiais, saiba que existem outros merecedores de sua atenção, por isso vá à caça deles nesta gramática ou consulte os dicionários Aurélio, Houaiss e Aulete. Ei-los:

a, aí, algo, atrás, bastante, bem, certo, logo, mais, meio, melhor, menos, mesmo, muito, nem, o, pior, pois, porque, pouco, próprio, quanto, segundo, todo...

Voltando à realidade deste capítulo... Mais especificamente sobre *que*, *se* e *como*, observe que falarei dos valores morfológicos, sintáticos e também dos traços semânticos desses vocábulos tão usuais e frequentes em provas. Se for o caso de você retornar a certos capítulos para relembrar as classes gramaticais e as funções sintáticas, não hesite. Certamente seu empenho valerá a pena. Aproveite!

O Vocábulo que e Suas Classificações

De todas as classificações deste vocábulo especial, sugiro que esteja "no sangue", pelo menos, duas: **conjunção integrante** e **pronome relativo**. São as *campeãs* nos concursos.

1) Substantivo

Representa algo (fato, coisa etc.) de modo indeterminado, indefinido, equivalendo a "alguma coisa" ou "qualquer coisa". É sempre modificado por um determinante (artigo, adjetivo, pronome ou numeral), tornando-se monossílabo tônico (logo, com acento circunflexo). Pode exercer qualquer função sintática substantiva.

– *"Meu bem querer / Tem um **quê** de pecado..."* (Djavan)

– *A gramática normativa não é difícil, mas tem lá seus **quês**.*

– *Sua tatuagem era um lindo **quê**, meio gótico, o qual representava sua inicial.*

Obs.: Quando se indica a décima sexta letra do alfabeto, usa-se o substantivo ***quê***: *A palavra quilo deve ser escrita com **quê**.* Entre aspas, fazendo referência a outro igual, não recebe acento; por exemplo: *Este "que" da frase destacada não é uma conjunção.*

2) Interjeição

Sempre em contexto exclamativo, também recebe acento circunflexo. Exprime um sentimento, uma emoção, um estado interior e equivale a uma frase, não desempenhando função sintática alguma. Vem normalmente com ponto de exclamação.

– ***Quê**? Impossível! Ela não pode ter saído assim, tão rapidamente.*

– ***Quê**! Você por aqui... quanto tempo...*

3) Advérbio

Serve para intensificar adjetivos ou advérbios, atuando sintaticamente como adjunto adverbial de intensidade. Equivale a "quão", "quanto".

– ***Que** bela estava aquela noite de fim de ano.*

– ***Que** depressa passaram aqueles dias! Infelizmente se aproveitou pouco.*

4) Preposição Acidental

Equivale às preposições essenciais *a*, *de* ou *para*, em certas construções. A que eu já vi figurar em prova até hoje é esta locução verbal: *ter/haver* + *que* + infinitivo (indicando obrigatoriedade, necessidade).

– *Você tinha **que** falar dela na frente dele? (= de)*

– *Há **que** se fazer um novo arranjo de ônibus para o congresso. (= de)*

– *Primeiro **que** tudo, estude Conjunções, só depois estude Orações. (= de)*
– *Não havia mais nada **que** fazer ali. (= a/para)**
– *Ainda há muito **que** esclarecer. (= a/para)**

* Alguns gramáticos, como Cegalla, analisam como pronome relativo.

Obs.: Alguns gramáticos, como Manoel Pinto Ribeiro, dizem que o uso da preposição acidental *que* na locução verbal é coloquial, mas não foi assim que encarou a Esaf. Tal banca não viu nesta construção coloquialismo tampouco erro gramatical: Esaf – MF – ASSISTENTE TÉCNICO-ADMINISTRATIVO – 2012 – QUESTÃO 17. Outro ponto importante: não são poucos os gramáticos, como Napoleão M. de Almeida, que repudiam, tratando como vício de linguagem (ou galicismo), a construção *não tem nada **a** ver*, em vez de *não tem nada **que/para** ver*.

5) Partícula Expletiva

Também chamada de **partícula de realce**, serve como recurso expressivo, enfático de alguma parte da oração. A retirada da palavra ***que*** não prejudica a estrutura sintática nem o valor semântico da oração.

– *Quase **que** ela desmaia depois daquela cena. (= Quase ela desmaia depois daquela cena.)*
– *Então qual **que** é a verdade? (= Então qual é a verdade?)*
– *Eu **que** apanho, e ela **que** chora? (Eu apanho, e ela chora?)*

Cuidado!!!

1) Pode aparecer acompanhado do verbo *ser*, formando a locução *é que*: "*O artigo do Zuenir Ventura **é que** trata de cultura.*". O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

2) Às vezes, há um afastamento do verbo *ser* do *que*: *"**É** o artigo do Zuenir Ventura **que** trata de cultura"*. O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

3) Se o termo a que se refere a locução estiver no plural, o verbo *ser* com ele concordará: *"**São** os artigos do Zuenir Ventura **que** tratam de cultura."*. O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

4) Caso o termo a que a locução se refira esteja preposicionado, o verbo *ser* não irá variar: *"**É** nos artigos do Zuenir Ventura **que** se trata de cultura."*. O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

6) Pronome Interrogativo

Equivale a *qual* ou a *qual coisa*, em frases interrogativas diretas ou indiretas. Quando acompanha substantivo, exerce função de adjunto adnominal. Quando o substitui, exerce função própria de substantivo. Em fim de frase e antes de pontuação, este vocábulo, por ser tônico, sempre recebe acento circunflexo.

– ***Que*** *questão sobre a qual todos estão falando caiu na prova?*

– *O* ***que*** *estava ocorrendo com aquela aeronave?*

– *Não quiseram saber* ***que*** *se passava por lá.*

– *Vocês estavam pensando em* ***quê****?*

– *As muralhas da cidade eram feitas de* ***quê****, a ponto de cederem tão rápido ao ataque?*

Obs.: Como se viu no segundo exemplo, pode vir antecedido do artigo expletivo *o*.

7) Pronome Indefinido

Sempre acompanha substantivo, exercendo função de adjunto adnominal. Às vezes equivale a "quanto(a)". É praxe vir em frase exclamativa.

– ***Que*** *tempo estranho... ora faz frio... ora faz calor...*

– ***Que*** *lugar maravilhoso!*

– ***Que*** *raiva!*

8) Pronome relativo

Recomendo que releia tudo sobre pronome relativo no capítulo de pronomes! Para facilitar sua vida, recomendo este *bizu*: substitua-o por *o qual, a qual, os quais, as quais*. Se for possível, usar um desses pronomes relativos substituindo um termo antecedente (não respira!), o *que* será um pronome relativo!

– *"João amava Teresa* ***que*** *amava Raimundo* ***que*** *amava Maria* ***que*** *amava Joaquim* ***que*** *amava Lili* ***que*** *não amava ninguém."* (Carlos Drummond de Andrade)

– *Este é o motivo por* ***que*** *continuaram a insistir em ajudá-lo.*

– *As atitudes polidas de* ***que*** *lhe falei eram aceitáveis naquela sociedade.*

Obs.: Há um caso que, talvez, possa dificultar sua visão: pronome relativo antecedido de pronome demonstrativo *o* (= *isso, aquilo*) ou *os, a, as*: *"Um recente desastre nos EUA ceifou muitas vidas, <u>o</u>* ***que*** *muito me chocou." / "<u>O</u>* ***que*** *mais aprecio nesta vida é o olhar inocente de uma criança." / "Mesmo a contragosto, teve de se encontrar com <u>as</u>* ***que*** *iriam ajudá-lo."*.

9) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa

As quatro primeiras são coordenativas, portanto iniciam orações coordenadas sindéticas. As outras sete são subordinativas, logo introduzem orações subordinadas.

Aditiva

Aparece entre dois verbos, equivalendo a *e*.

– *Anda **que** anda, e nunca chega a lugar algum.*

– *Reza **que** reza, e a assombração não sai de cima de sua vida.*

Obs.: Em *"Dize-me com quem andas, **que** te direi quem és."*, Napoleão M. de Almeida, considera o *que* uma conjunção aditiva: *"Dize-me com quem andas, **e** te direi quem és."*.

Adversativa

Indica oposição, ressalva, apresentando valor equivalente a "mas".

– *Outro, **que** não eu, terá de fazer aquilo.*

– *Procure outra pessoa para fazer trabalho, **que** não ela, pois já vimos sua incapacidade.*

Alternativa

Aparece em correlação, equivalendo a "quer... quer...".

– ***Que** percam, **que** não percam, nunca falarei mal de vocês.*

– ***Que** chova, **que** faça sol, sairei de casa, pois não aguento mais o sedentarismo.*

Explicativa

Equivale a "porque", "pois".

– *Façamo-nos fortes, **que** o fim está próximo.*

– *Ignore essas pessoas, **que** elas não sabem o que fazem.*

Integrante

Junto com o pronome relativo, esta classificação é a que mais aparece em provas! Se eu fosse você, eu retornaria agora ao capítulo de conjunção para "entubar". *Bizu*: substitua a oração iniciada pela conjunção por **isso**. Se for possível, trata-se de uma conjunção integrante mesmo!

– *Não pensem **que** o poeta é um marginal, pois nunca o foi. (= Não pensem **isso**.)*

– *Parecia **que** as paredes tinham ouvidos.*

– *O que importa é **que** ela me ama e **que** vamos ficar sempre juntos. (= O que importa é*

***isso** e **isso**.)*

Obs.: A conjunção integrante pode vir elíptica: *Não pensem o poeta é um marginal, pois nunca o foi*. Quando vem repetida, pode-se explicitar só a primeira: *O que importa é **que** ela me ama e vamos ficar sempre juntos.*

Causal

Equivale a "porque".

– *Levantou cedo **que** tinha que viajar a trabalho.*

– *Velho **que** sou, jamais chegarei à metade deste século.*

Obs.: O *que* das locuções conjuntivas pode aparecer sozinho se houver enumeração de orações adverbiais. O mesmo vale para as demais orações adverbiais. Veja: "***Visto que** tudo estava acertado entre os sócios e **que** haviam fechado um ótimo negócio, a amizade deles perdurou."*. Tome cuidado com construções não iniciadas por locuções conjuntivas em que esta conjunção (*que*) não seja necessária, provocando erro de paralelismo: "***Como** tudo estava acertado entre os sócios e **que** haviam fechado um ótimo negócio, a amizade deles perdurou*." (errado) / "***Como** tudo estava acertado entre os sócios e haviam fechado um ótimo negócio, a amizade deles perdurou."* (certo).

Consecutiva

Vem normalmente após "tão, tanto, tamanho, tal".

– *Tanta foi sua perseverança durante os anos de estudo **que** obteve êxito.*

– *"Apertados no balanço / Margarida e Serafim / Se beijam com tanto ardor / **Que** acabam ficando assim."* (Millôr Fernandes)

Comparativa

Vem numa estrutura de comparação por superioridade ou inferioridade.

– *Posso ser fraco, mas menos capaz **que** ele não sou.*

– *Você é maior do **que** todos eles juntos, meu caro amigo!*

Obs.: O *do* antes da conjunção é facultativo: *Você é maior **que** todos eles juntos, meu caro amigo!*

Concessiva

Equivale a “embora”, normalmente.

– ***Que*** *nos tirem o direito à liberdade, continuaremos lutando por ela.*

– *Dedique-se aos estudos, meu filho, todo dia, um pouco* ***que*** *seja!*

Final

Equivale a “para que, a fim de que”. É construção rara!

– *“Dizei* ***que*** *eu saiba.”* (João Cabral de Melo Neto)

– *Todos lhe fizeram sinal* ***que*** *se calasse.*

– *Orai,* ***que*** *não entreis em tentação.*

Temporal

Equivale a “desde que”.

– *“Porém já cinco sóis eram passados* ***que*** *dali nos partíramos.”* (Camões)

– *Chegados* ***que*** *fomos, dirigimo-nos à pousada.*

– *Abertos* ***que*** *foram os portões, os candidatos em seguida entraram.*

Observação Final: O gramático Luiz A. Sacconi registra em sua gramática mais dois *quês*: ***condicional*** (*Ah,* ***que*** *fosse eu o escolhido!*) e ***conformativo*** (***Que*** *eu saiba, Luís não é casado.*).

O Vocábulo SE e Suas Classificações

De todas as classificações deste vocábulo especial, sugiro que esteja "no sangue", pelo menos, três: **partícula apassivadora, partícula de indeterminação do sujeito** e **conjunção condicional**. São as *campeãs* nos concursos.

1) Substantivo

Quando acompanhado de determinantes (artigo, adjetivo, pronome ou numeral).

– *Os três **ses** da frase "Se se quer o bem, precisa-se de amor no coração" são, respectivamente: conjunção subordinativa condicional, partícula apassivadora e partícula indeterminadora do sujeito.*

2) Pronome Oblíquo Átono

Este pronome oblíquo átono tem cinco classificações: **pronome reflexivo (ou recíproco)**, **parte integrante do verbo**, **partícula expletiva**, **partícula de indeterminação do sujeito e partícula apassivadora**. Nas explicações abaixo, precisarei contar com sua ajuda: seu conhecimento básico sobre transitividade verbal e um pouquinho de voz verbal.

Pronome Reflexivo (ou Recíproco)

Sempre vem acompanhado de verbo transitivo direto e/ou indireto (VTD/VTI/VTDI). Segundo Bechara, ele "faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou". Diz-se que o pronome reflexivo é chamado de **recíproco** quando há mais de um ser no sujeito e o verbo se encontra comumente no plural. Exerce função sintática de objeto direto, objeto indireto ou sujeito (com verbos causativos ou sensitivos), normalmente.

– *A menina **se** cortou.* (objeto direto)

– *A modelo **se** impôs uma dieta muito severa.* (objeto indireto)

– *Eles sempre **se** perguntam se o casamento vai durar.* (objeto indireto)

– *A avó e a neta **se** queriam muito.* (objeto indireto)

– *O casal **se** beijou com vontade.* (objeto direto)

– *Deixou-**se** ficar à janela a tarde toda.* (sujeito)

Obs.: Em *"Ele **se** chama Fernando."*, *"Ele **se** batizou na igreja evangélica."*, *"Ela **se** curou da gripe."*, alguns gramáticos, como Sacconi, analisam tal "se" como pronome apassivador. Outros estudiosos, como Mattoso Câmara, analisam como pronome reflexivo. Bechara registra ambas as visões.

Parte Integrante do Verbo

Sempre acompanha verbo intransitivo (VI) ou transitivo indireto (VTI). Baseando-me no Bechara, posso dizer que tais verbos são chamados de pronominais, pois não se conjugam sem a presença do pronome oblíquo, indicando sentimento (indignar-se, ufanar-se, atrever-se, alegrar-se, admirar-se, lembrar-se, esquecer-se, orgulhar-se, arrepender-se, queixar-se etc.) ou certos movimentos ou atitudes do ser em relação a si próprio, intencionalmente ou não (sentar-se, suicidar-se, concentrar-se, converter-se, afastar-se, precaver-se, partir-se, afogar-se etc.). Por favor, não o confunda com pronome reflexivo.

– *Ele **se** precaveu das pragas.*

– *Ela, infelizmente, suicidou-**se**.*

– *Nunca você deve queixar-**se** da sua vida.*

– *Hoje mais uma criança **se** afogou no mar bravio.*

– *A árvore **se** partiu em dois pedaços devido à força do furacão.*

Obs.: Outros pronomes oblíquos também podem ser integrantes do verbo: *me, te, nos, vos*.

Partícula Expletiva

Acompanhado de verbos intransitivos (VI), normalmente. Pode ser retirado da oração sem prejuízo sintático e semântico, pois seu valor é apenas estilístico (ênfase, expressividade), por isso é chamado de **partícula de realce**.

– *Vão-**se** os anéis, ficam-**se** os dedos. = Vão os anéis, ficam os dedos.*

– *Ela **se** tremia de medo do escuro. = Ela tremia de medo do escuro.*

– *"Ele estava chateado com a nota do meu boletim?" "**Se** estava!, respondeu a mãe."*

Partícula de Indeterminação do Sujeito

Sempre acompanha verbos na 3ª pessoa do singular de quaisquer transitividades (VL, VI, VTI, VTD), sem sujeito explícito. No caso do VTD, precisará haver objeto direto preposicionado para que o ***se*** indetermine o sujeito – note o último exemplo. Tal indeterminação, em todos os exemplos, implica um sujeito de valor genérico (generalizador), impreciso. **Cai muito em prova!**

– *Neste mundo, quando **se** é honesto, muito **se** perde.*

– *Tratou-**se** de fenômenos geológicos desconhecidos no filme.*

– *Nunca **se** bebeu tanto dessa cerveja brasileira.*

Obs.: Note que o sujeito nunca vem explícito, por isso é possível criar um sujeito hipotético (alguém) para facilitar a "visão" do sujeito indeterminado: "*Neste mundo, quando **alguém** é honesto, este **alguém** perde muito."/ "**Alguém** tratou de fenômenos*

*geológicos desconhecidos no filme." / "Nunca **alguém** bebeu tanto dessa cerveja brasileira.".*

Partícula Apassivadora

Sempre acompanha VTD ou VTDI para indicar que o sujeito explícito da frase tem valor paciente, ou seja, sofre a ação verbal. *Bizu*: sempre é possível reescrever a frase passando para a voz passiva analítica, ou seja, transformando o verbo em locução verbal (***ser*** **+ particípio**). **Cai muito em prova!**

– *Lia-**se** no jornal há um tempo: "RJ sofre com tráfico". (= Era lido no jornal há um tempo: "RJ sofre com tráfico".)*
– *Sabe-**se** que as línguas evoluem. (= É sabido que as línguas evoluem.)*
– *Jabuticaba **se** chupa no pé. (= Jabuticaba é chupada no pé.)*
– *Fez-**se**-lhe uma homenagem surpresa. (= Uma homenagem surpresa foi feita a ele.)*
– *Estão-**se** considerando outras propostas, ultimamente, para o bem-estar da população. (= Outras propostas para o bem-estar da população estão sendo consideradas, ultimamente.)*

3) Conjunção Subordinativa

Releia atentamente o capítulo de conjunção, especificamente o "Cuidado!!!", em *conjunção condicional*. Vá por mim!

Integrante

Vale o mesmo bizu do ***que***, a saber: substitua a oração iniciada por ***se*** por **isso**. **Cai muito em prova!**

– *Veja **se** a companhia elétrica já resolveu o problema da falta de luz. (= Veja **isso**.)*
– *Não desejamos saber **se** ela é velha, mas sim **se** ela é eficiente. (= Não desejamos saber **isso**, mas sim **isso**.)*

Condicional

Introduz uma oração com valor hipotético, equivalendo semanticamente a "caso". **Cai muito em prova!**

– ***Se** houver entre as nações algum acordo, todos irão se beneficiar com a paz.*
– *Talvez se deva deixar a discussão para depois, **se** porventura pretendemos manter a paz.*

Obs.: "Se caso" é construção equivocada: *"**Se caso** eles vierem, não os atenda."*. O

adequado é: "***Se*** (ou ***Caso***) *eles vierem, não os atenda*.".

Causal

– ***Se*** *a sua família vive em harmonia, por que seus pais brigaram feio ontem?*

– ***Se*** *a vida está tão fácil (e como está, graças a Deus!), vamos aproveitá-la.*

Obs.: Veja uma questão sobre este *se*: FCC – TCE/AP – Analista DE CONTROLE EXTERNO – 2012 – QUESTÃO 7. Ignore os itens I e III da questão. Veja que o *se* do item II tem valor causal e não condicional, pois equivale a "já que". Tal estrutura usada pela FCC é muito semelhante aos exemplos dados pelo Sacconi em sua gramática a respeito do *se* causal. Veja isto: FUNIVERSA – PMDF – SOLDADO – 2013 – QUESTÃO 7.

Concessiva

Equivale a "embora".

– *"**Se** ferido ele queria lutar, imagine, então, são!"* (Sacconi)

– *"**Se** o via derrubado, rosto no pó, nem por isso o respeitava menos."* (Ondina Ferreira)

Temporal

Equivale a "quando". Os verbos da oração normalmente estão no presente do indicativo.

– ***Se*** *penso em você, começo a chorar de saudade.*

– *"Consolo-o, **se** o vejo triste."* (Cegalla)

<u>Observação Final</u>: Segundo o gramático Luiz A. Sacconi, o *se* pode ser uma conjunção comparativa: *"**Se** o estilo reflete o homem, o idioma é o espelho da cultura de um povo."* (= *assim como*).

O Vocábulo como e Suas Classificações

De todas as classificações deste vocábulo especial, sugiro que esteja "no sangue", pelo menos, três: **conjunção comparativa, conjunção causal** e **conjunção conformativa**. São as *campeãs* nos concursos.

1) Substantivo

Vem determinado, assim como o ***que*** e o ***se***. Exerce função sintática própria de substantivo.

– *O **como** tem sete classificações morfológicas diferentes.*

– *Tenha cuidado com o **como** no início de oração adverbial, pois pode ser causal, comparativo ou conformativo.*

2) Advérbio

Pode ser advérbio de modo, advérbio interrogativo de modo e advérbio de intensidade (neste caso, equivale a "quão" ou "quanto"). Sempre exerce função sintática de adjunto adverbial.

– *O trabalho não está **como** a diretoria deseja.*

– ***Como** resolver o problema?*

– ***Como** é perfeita a sua face!*

3) Preposição Acidental

Equivale, normalmente, a "por", "na qualidade de" ou "na condição de". Normalmente introduz um termo que exerce a função de predicativo do sujeito ou do objeto, adjunto adnominal ou aposto.

– *Na seleção, ele atua **como** zagueiro.*

– *Obtiveram **como** resposta um sonoro não.*

– *Os ganhadores tiveram **como** prêmio uma medalha de ouro.*

– *O conceito de cultura **como** recurso ganhou legitimidade.*

– *As matérias da prova, **como** Português, Direito Administrativo e Informática, já estão assimiladas.*

4) Interjeição

Em um contexto exclamativo, indicando determinadas emoções. Normalmente seguido de ponto de exclamação e interrogação.

– ***Como**?! Não havíamos combinado a sua volta esta semana?*

Obs.: Os dicionários interpretam este *como* como advérbio.

5) Verbo

É a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo.

– *Eu sei que **como** muito!*

6) Pronome Relativo

Retoma os antecedentes "modo", "maneira", "jeito" ou "forma" e, como todo pronome relativo, exerce função sintática dentro da oração adjetiva: adjunto adverbial.

– *A maneira **como** ela realizou a tarefa surpreendeu-nos.*

– *Este é o jeito **como** fazemos as coisas aqui.*

7) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa

Pode ser conjunção coordenativa aditiva ou subordinativa causal, comparativa ou conformativa.

Aditiva

Normalmente vem na correlação "não só/apenas/somente... (bem) como (também/ainda)..." ou "tanto... como...". Equivale a "e também".

– *Não só o Japão **como** a China têm grandes centros comerciais.*

– *Tanto estudo, **como** trabalho.*

– *O Rio, **como** o Recife, é uma cidade paradoxal, pois o belo e o feio convivem juntos.*

Causal

Equivalente a "porque", é usado no início da frase. Pode vir seguido de verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo.

– ***Como** estivesse recuperado, decidiu proceder à cerimônia.*

– ***Como** se aqueceu no inverno, saiu o urso da hibernação.*

Comparativa

Introduz o segundo elemento de uma comparação, equivale a "quanto", é precedido de "tanto, tão", normalmente. Às vezes vem junto do *se*.

– ***Como** a luz que ilumina meu caminho, teus conselhos são um verdadeiro farol.*

– *Ninguém o conhece tão bem **como** eu.*

Conformativa

Equivale a "conforme".

– ***Como** a chamada era feita, os alunos iam se alinhando.*

*– Em algumas situações, devemos fazer **como** manda nossa consciência.*

O Que Cai Mais na Prova?

Sobre a palavra *que*, é preciso estar no sangue **conjunção integrante** e **pronome relativo**. Sobre a palavra *se*, é preciso estar no sangue **partícula apassivadora**, **partícula de indeterminação do sujeito** e **conjunção condicional**. Sobre a palavra *como*, é preciso estar no sangue **conjunção comparativa**, **conjunção causal** e **conjunção conformativa**. As bancas que adoram tais assuntos são, além das militares, o Cespe/UnB – quando se trata do vocábulo *se* – e, principalmente, a FGV – quando se trata do vocábulo *que*. A Vunesp e a FUNCAB não deixam por menos.

Questões de Concursos

1. (FAB – EEAR – Sargento – 2001) Estabelecer a correlação entre o sentido e o termo grifado. Em seguida, assinalar a alternativa que apresenta a sequência **correta:**
   1. Causa
   2. Comparação
   3. Conformidade
   ( ) Confesso que eu escrevo de palpite, como outras pessoas tocam piano de ouvido.
   ( ) Vinham em bandos, descansavam e, como em redor não havia comida, seguiam viagem para o Sul.
   ( ) Como era muito seco de maneiras, tinha inimigos que chegavam a acusá-lo de bárbaro.
   ( ) Não me respeitava a adolescência, como não respeitava a batina do irmão...
   ( ) O diabo não é tão feio como o pintam.
   a) 2 – 3 – 1 – 1 – 2.
   b) 1 – 2 – 3 – 2 – 3.
   c) 2 – 1 – 1 – 2 – 3.
   d) 3 – 1 – 2 – 1 – 2.

2. (FAB – EEAR – Sargento – 2001) Observe: " ... não sei se é esta toalha."
Qual das alternativas abaixo apresenta oração com a mesma classificação da destacada acima?
   a) Se for possível, gostaria de acompanhá-lo.
   b) Ficaremos decepcionados, se a prova for adiada.
   c) Os pedidos serão atendidos, se bem elaborado o ofício.
   d) Na verdade, gostaria de perguntar se ainda me considera seu amigo.

3. (FAB – EEAR – Sargento – 2002) "Convive com teus poemas, antes de escrevê-los. Tem paciência, se obscuros. Calma, se te provocam. Espera que cada um se realize e consuma com seu poder de palavras e seu poder de silêncio." (...) *(C.D. Andrade)*
As palavras grifadas, no poema, classificam-se, **respectivamente**, como:
   a) conjunção integrante, conjunção integrante;
   b) conjunção adverbial condicional, conjunção adverbial condicional;
   c) partícula expletiva, partícula expletiva;
   d) pronome reflexivo, conjunção adverbial condicional;

4. Assinale a alternativa em que o vocábulo **que** funciona como conjunção.
   a) O jornal a que me refiro publicará seu texto.
   b) O importante é que todos se convençam de que é preciso lutar.
   c) Foram inúteis os argumentos de que fizeram uso durante o debate.
   d) É importante saber conviver com as mudanças que acompanham a existência.

5. Assinale a alternativa em que há conjunção integrante.
   a) Já li o livro que você me emprestou.
   b) Não venha, que não estarei mais aqui.
   c) Espero que você recupere logo a saúde.
   d) Quase que a criança caiu.

"Minha querida Mariana:

Só hoje consegui autorização da tua Madre Superiora para te escrever, às escondidas de teus pais e meu marido, que embora não te conheça a ti não pode de ti ouvir, sem raiva, certamente pela amizade que sabe eu te dedicar e isso o enfurece (...)" (Trecho de *Novas Cartas Portuguesas*)

6. Observando-se a natureza morfológica e a função sintática dos termos em destaque, é correto afirmar que são, respectivamente:
   a) conjunção integrante e sujeito; pronome relativo e objeto direto;
   b) pronome relativo e sujeito; pronome relativo e objeto direto;
   c) conjunção integrante e objeto direto; conjunção integrante e sujeito;
   d) pronome relativo e sujeito, pronome relativo e sujeito.

7. (FGV – Senado Federal – Analista Legislativo – 2008) *"Outro aspecto que configura alguns desafios ainda não*

resolvidos na atual Constituição é a existência de muitos dispositivos a reclamar leis que lhes deem eficácia plena. A propósito, convém recordar que, promulgado o diploma constitucional, o Ministério da Justiça realizou levantamento de que resultou a publicação do livro 'Leis a Elaborar'."

Em relação às ocorrências da palavra QUE no trecho acima, é correto afirmar que há:

a) duas conjunções subordinativas, um pronome relativo e uma conjunção integrante;
b) três conjunções subordinativas e um pronome relativo;
c) três conjunções integrantes e uma conjunção subordinativa;
d) dois pronomes relativos e duas conjunções integrantes;
e) três pronomes relativos e uma conjunção integrante.

8. (FGV – Senado Federal – Analista de Relações Públicas – 2008) *"Ainda não é o fim do capitalismo, mas talvez seja a agonia do caráter neoliberal que hipertrofiou o sistema financeiro. Acumular fortunas tornou-se mais importante que produzir bens e serviços."*

Assinale a alternativa em que estejam corretamente classificadas, respectivamente, as ocorrências da palavra QUE no trecho acima.

a) pronome relativo – conjunção subordinativa.
b) conjunção integrante – conjunção integrante.
c) pronome relativo – pronome relativo.
d) conjunção integrante – conjunção subordinativa.
e) conjunção subordinativa – pronome relativo.

9. (Cespe/UnB – TRT/RJ (1ª R) – Analista Judiciário – 2008) (Adaptada) As conjunções destacadas nos trechos a seguir estão associadas a uma determinada interpretação. Assinale o item que apresenta trecho do texto seguido de interpretação correta da conjunção destacada.

I. '**como** dizem meus filhos' ("Esse primeiro trimestre, como dizem meus filhos, bombou") – comparação
II. 'É um erro imaginar **que** há inflação no Brasil' – consequência

10. (FGV – MEC – Analista de Sistemas – 2009) *"À evidência imposta, que presume que a única forma aceitável de organização de uma sociedade é a regulação pelo mercado, podemos opor a proposta de organizar as sociedades e o mundo a partir do acesso para todos aos direitos fundamentais."*

As ocorrências da palavra *QUE* no trecho acima são classificadas como:

a) conjunção integrante e conjunção integrante;
b) pronome relativo e conjunção integrante;
c) pronome relativo e pronome relativo;
d) conjunção subordinativa e conjunção subordinativa;
e) conjunção integrante e pronome relativo.

11. (UFF – UFF – Administrador – 2009) A conjunção "como" está empregada no período: "Aliás, é quase consenso que uma das maiores falhas dos Estados Unidos é não terem um sistema de saúde como o europeu e o canadense" com o mesmo valor significativo que no período:

a) Não constitui novidade para mim, pois várias vezes já ouvi essa "teoria", como ele a chama.
b) Como anoitecesse, recolhi-me pouco depois e deitei-me.
c) Sua força vinha dos olhos, vivos e inquiridores como os de um cachorro fiel.
d) Como terá conseguido vencer, se tudo lhe eram obstáculos?
e) Homem de poucas letras, queria saber como devia expressar o que sentia por ela.

12. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Em "O que é importante notar aqui é que a oposição entre falar e escrever não se funda mais na oposição entre presença e ausência", a expressão "é que" é expletiva.

13. (FUNCAB – Pref. Porto Velho/RO – Médico – 2009) Assinale a opção em que a palavra grifada é uma conjunção subordinativa adverbial condicional.

a) "Outro dia, um amigo biólogo me perguntou se eu gostaria de conviver bilhões de anos ao lado dos ectoplasmas de macaco..."
b) "O cientista Carl Sagan adverte, como muitos outros, que vida só se tem uma..."
c) "Resolver essa dúvida religiosa logo no início da vida adulta é mais importante do que se imagina."
d) "... poderá vir a ser o bisavô daquela moça que vai um dia se casar com seu bisneto."
e) "Se não transmitirmos uma ética robusta a eles, nosso DNA terá curta duração."

14. (FUNIVERSA – MTUr – Administrador – 2010) Com base na gramática da norma culta, assinale a alternativa correta.
"(...) O estudo mostra ainda que dois terços dos jovens naquela faixa etária utilizam regularmente serviços de mensagens instantâneas, ***como*** *MSN. (...)* ***Como*** *a sede de consumo dos meios é tão grande para os jovens paulistanos – e região metropolitana de SP – de 18 a 24 anos, quase metade deles acessam a Internet enquanto assistem à TV ou enquanto ouvem rádio. (...)"*
a) O termo "como" tem o mesmo sentido que o "Como".

15. "Nenhum bicho venenoso pode alegar que a luta pela vida o fez assim. Que ele foi ficando venenoso com o tempo, que só descobriu que sua picada era tóxica por acidente, que nunca pensou etc."
(Cesgranrio – IBGE – Analista Agrícola – 2010) No trecho acima, o cronista faz uso do termo "que", repetidamente. A passagem na qual o termo "que" apresenta a mesma classificação gramatical daquela desempenhada no trecho destacado é
a) "as características que garantem a sua sobrevivência";
b) "a arma ou o disfarce que o salva dos seus predadores";
c) "E o que vale para serpentes vale para o ser humano";
d) "o fato é que não dá para evitar a constatação";
e) "A pura maldade inerente a tanto que se vê".

16. (FUNCAB – DETRAN/PE – Analista de Trânsito – 2010) Marque a opção que apresenta, respectivamente, a ideia expressa pela conjunção "como" em cada uma das frases abaixo.
I. "Até aparelhos que deixam as mãos livres, como o bluetooth, não eliminam os riscos."
II. "Como a legislação difere entre os estados americanos, pesquisas frequentes ajudam a estimular o debate."
III. "... como eu ia dizendo, é muito mais econômico você andar devagar e ser assaltado por mim do que correr e ser assaltado pelo radar."
a) comparação – causa – conformidade.
b) comparação – comparação – conformidade.
c) conformidade – causa – comparação.
d) causa – conformidade – causa.
e) causa – conformidade – conformidade.

17. (FEC – MPA – Agente Administrativo – 2010) A conjunção "como", nas orações "como mostramos todos os meses em nossa revista" e "Como sempre digo", tem o mesmo valor significativo que em:
a) Como foi combinado, partimos bem cedo.
b) Como fazia calor, abrimos as janelas.
c) Não sei como ela suportou tanta injustiça.
d) Era tão alto como o irmão.
e) Saltava pelo campo como uma lebre.

18. (Cesgranrio – Bacen – Técnico – 2010) No fragmento "O novo acordo precisa ir muito além de Kyoto, se a meta for impedir que o aumento da temperatura média da atmosfera ultrapasse 2°C de aquecimento neste século, como recomenda a maioria dos climatologistas.", o termo "se" tem o sentido equivalente ao de:
a) logo que;
b) à medida que;
c) no caso de;
d) apesar de;
e) uma vez que.

19. (FUNRIO – SEBRAE/PA – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
"(...) Se faziam tudo aquilo é que não tinham casa... (...)"
I- O uso do pronome SE no início da terceira frase é uma marca de oralidade tipicamente brasileira.
II- A expressão É QUE usada na terceira frase é expletiva e pode ser retirada do período sem prejuízo de sentido.

20. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico Judiciário – 2011) Em "inspirar-se" (Os participantes... bem poderiam... inspirar-se na última reunião sobre diversidade.), a partícula "se" indica que o sujeito da oração é indeterminado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) *É certo* **que** *a mudança do enfoque sobre o tema, no âmbito das empresas – principalmente, as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos de postura*

administrativa decorrentes da adoção de critérios de responsabilização penal da pessoa jurídica em seus países de origem. Tais mudanças, inevitavelmente, terão **que** *abranger as práticas administrativas de suas congêneres espalhadas pelo mundo, a fim de evitar respingos de responsabilização em sua matriz.*

No trecho acima, as ocorrências da palavra QUE classificam-se, respectivamente, como:

a) pronome relativo e preposição;
b) conjunção integrante e preposição;
c) conjunção integrante e conjunção integrante;
d) pronome relativo e conjunção integrante;
e) preposição e pronome relativo.

22. (FAB – AFA – Oficial – 2011) Assinale a única alternativa em que a palavra SE recebe a mesma classificação morfossintática que a destacada em: "Outra discussão chata, durante e após as partidas, é se um jogador teve a intenção...".

a) "...ambiente bélico em que se transformou o futebol, dentro e fora de campo."
b) "Impressiona-me como se formam conceitos..."
c) "Se dizem que a imagem vale mais que mil palavras, por que se fala e se grita tanto?"
d) "Não dá para o árbitro saber se a falta foi intencional ou não."

23. Assinale a alternativa na qual a palavra QUE tem a mesma classificação morfológica que a destacada em: "... baseados em estatísticas que têm pouca ou nenhuma importância."

a) "... ambiente bélico em que se transformou o futebol."
b) "É óbvio que informações e estatísticas são importantíssimas."
c) "Se dizem que a imagem vale mais que mil palavras..."
d) "... para achar que todas as faltas violentas são involuntárias."

24. (COPEVE/UFAL – UFAL – Assistente de Administração – 2011) *"O colégio Hugo Sarmento, em São Paulo, decidiu levar para a sala de aula uma ferramenta virtual* ***que*** *muitos adolescentes já dominam. O limite de 140 caracteres imposto pelo microblog Twitter está permitindo* ***que*** *alunos do ensino fundamental exerçam sua veia literária por meio do gênero conhecido como microconto."*

A palavra **que** destacada é, respectivamente:

a) conjunção subordinativa e conjunção integrante;
b) pronome relativo e conjunção integrante;
c) conjunção integrante e conjunção subordinativa;
d) pronome relativo e pronome relativo;
e) conjunção integrante e conjunção integrante.

25. (FEC/UFF – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil – 2012) Na frase: "Elas fracassarão COMO construtoras de conhecimento de alto nível", a palavra em destaque expressa noção idêntica à que se lê em:

a) Como lhe disse, estou cansado de trabalhar.
b) Como chegou tarde, não pode entrar em sala.
c) Ele é tão trabalhador como o pai.
d) Venceu, mas como, se nunca quis nada?
e) Para mim, isto não diz nada como poesia.

26. (Vunesp – Pref. Suzano/SP – Médico Cardiologista – 2012) Leia as frases do segundo parágrafo:

Como *todo remédio, o tempo precisa ser bem administrado.*

Como *ainda não inventaram uma categoria na medicina para tratar disso, cabe a nós mesmos saber diferenciar um do outro.*

O termo **Como**, destacado nas frases, introduz, respectivamente, ideias de:

a) comparação e alternância;
b) concessão e condição;
c) comparação e causa;
d) concessão e alternância;
e) consequência e condição.

27. (FUNCAB – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Em relação ao SE em "(...) Se a mãe estivesse em casa, ela teria dado uma ideia (...)", é correto afirmar que, morfologicamente, o termo é:

a) uma conjunção subordinativa integrante, ou seja, é elemento de ligação entre a oração subordinada substantiva direta e a oração principal;

b) uma conjunção subordinativa adverbial condicional, ou seja, é elemento de ligação entre a oração subordinada adverbial condicional e a oração principal;
c) pronome reflexivo, pois indica que a ação expressa volta-se sobre o próprio sujeito da ação verbal, nele se refletindo;
d) índice de indeterminação do sujeito, porque serve para deixar indeterminado um sujeito de 3ª pessoa, junto ao verbo intransitivo;
e) pronome apassivador, porque associa-se ao verbo transitivo para garantir o sentido passivo pretendido para a voz verbal, ou seja, contribui para a caracterização da voz do verbo.

28. (CONSULPLAN – Pref. Barra Velha/SC – Agente Controle Interno – 2012) Dentre os elementos em destaque, só NÃO exerce papel pronominal:
a) "um pesadelo que me atormentou por mais de um ano".
b) "A história que agora passo a narrar".
c) "decidiram em assembleia que esperariam".
d) "essas criaturas que adotamos".
e) "mundo cão em que vivemos".

29. (CONSULPLAN – TSE – Analista Judiciário – 2012) *Verdade é que (1) a ação em nome de um universal por si só caracteriza qualquer moral. É por meio dela que (2) se faz o cálculo do "sentido" no qual, fora da vantagem que (3) define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário.*
A respeito das ocorrências do QUE no período anterior, é correto afirmar que se trata de conjunção em:
a) (1), apenas.
b) (3), apenas.
c) todas.
d) (2), apenas.

30. (Cesgranrio – Liquigas – Profissional Jr. – 2012) A opção por uma linguagem informal, em algumas passagens do texto, permite jogos de palavras como o que se verifica no emprego de **Se** nas seguintes frases:
*"**Se** o cinema está cheio, a gente senta na primeira fila e torce um pouco o pescoço."*
*"A gente se acostuma para não se ralar na aspereza, para preservar a pele. **Se** acostuma para evitar feridas, sangramentos..."*
Nos trechos acima, as palavras em destaque classificam-se, respectivamente, como:
a) conjunção e pronome;
b) conjunção e preposição;
c) pronome e preposição;
d) pronome e conjunção;
e) conjunção e conjunção.

31. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Em "volume que se mantém", o elemento sublinhado indica sujeito indeterminado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. Em "se soube" (Sempre se soube que um dos principais entraves...) e em "se supunha" (... o problema é muito mais grave do que se supunha.), o termo "se" confere às formas verbais a noção de reflexividade.
( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – STJ – Todos os Cargos – 2012) A partícula "se", em "Tratava-se" (Tratava-se então de uma biblioteca imaginária...) e em "se encontravam" (... descreviam o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos...), classifica-se como pronome reflexivo e retoma, respectivamente, "uma biblioteca imaginária" e "centenas de milhares de rolos".
( ) CERTO
( ) ERRADO

34. (NUCEPE – PM/PI – Agente de Polícia – 2012) "**Se** for assaltado, não reaja – entregue tudo."
Nesse trecho, o termo destacado sugere uma:
a) afirmação categórica;
b) dúvida;
c) condição;

d) explicação;
e) negação.

35. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) *Não teria graça se só melhorasse.*
O elemento grifado na frase acima pode ser corretamente substituído por:
a) conquanto;
b) porquanto;
c) caso;
d) pois;
e) embora.

36. (Vunesp – SAP/SP – Agente de Segurança Penitenciária (I) – 2012) No comentário de Cayatte – *"Se o réu é culpado, a pena foi pouca. Se o réu é inocente, a pena foi muita."* – as orações iniciadas pela conjunção *Se* expressam sentido de:
a) conclusão;
b) consequência;
c) conformidade;
d) condição;
e) concessão.

37. (Vunesp – Pref. Sertãozinho/SP – Agente de Trânsito – 2012) No trecho – ... mas o tempo passou, não há nada a fazer, então fico pensando em ***como*** seria minha vida, hoje, se tivesse feito tudo como deveria. – o termo em destaque expressa ideia de:
a) finalidade;
b) causa;
c) modo;
d) intensidade;
e) oposição.

38. (Vunesp – CREFITO/SP – Almoxarife – 2012) No penúltimo verso (Depressa, que o amor/não pode esperar.), a conjunção "que" está empregada com sentido de:
a) explicação;
b) causa;
c) conclusão;
d) adição;
e) condição.

39. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) A conjunção subordinativa em destaque estabelece que tipo de relação de sentido entre as orações por ela conectadas?
Como *as organizações ambientalistas têm denunciado, os países industrializados são os que mais poluem o meio ambiente.*
a) Conformidade.
b) Comparação.
c) Finalidade.
d) Condição.

40. (MARINHA – Colégio Naval – 2012) Dentre as frases apresentadas abaixo, retiradas do texto I, assinale a opção na qual a palavra QUE remete a um antecedente.
a) "Ele afirmava que o desejo é a regência do mundo."
b) "Esta insaciabilidade do ser humano é que o vai manter preso à infelicidade."
c) "[...] mais do que ajudar em uma reflexão mais profunda, tornam-se barreiras [...]."
d) "[...] o assunto me ocorre ao me lembrar de que vivemos em uma sociedade [...]."
e) "[...] desejamos o que não temos."

Gabarito

1. C.	9. I e II.	17. A.	25. E.	33. ERRADO.
2. D.	10. B.	18. C.	26. C.	34. C.
3. B.	11. C.	19. I- INCORRETA. II- INCORRETA.	27. B.	35. C.
4. B.	12. INCORRETA.	20. ERRADO.	28. C.	36. D.
5. C.	13. E.	21. B.	29. A.	37. C.
6. B.	14. INCORRETA.	22. D.	30. A.	38. A.
7. E.	15. D.	23. A.	31. ERRADO.	39. A.
8. A.	16. A.	24. B.	32. ERRADO.	40. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 32

Estilística

Definição

A **estilística** é a parte da gramática que trata das estratégias artísticas/criativas usadas na língua (principalmente as **figuras de linguagem**). Tais recursos – os quais têm o objetivo de sugerir, provocar, embelezar a forma e/ou o conteúdo do texto – promovem determinados efeitos expressivos. A estilística trata *daquela* linguagem criativa, fora do usual, fora do que é comum nos registros linguísticos corriqueiros dos falantes. A "brincadeira" com as palavras, em seus aspectos **semânticos, fonológicos, morfológicos, léxicos** e/ou **sintáticos**, dá colorido ao que é dito.

Por exemplo, uma simples cantada criativa (com estilo) é capaz de provocar muitas emoções:

– *Você é um poema do Vinícius, sabia?*

É claro que a menina precisa saber quem é o Vinícius (Vinícius de Moraes).

Agora, imagina se fosse dito algo banal como:

– *Você é bonita, sabia?*

Qualquer um diz isso, não é? Que graça tem?

Veja outra cantada bonitinha:

– *Você sabe qual é o motivo do meu sorriso todos os dias? A primeira palavra da pergunta que te fiz.*

E por aí vai! Os recursos estilísticos são formas de expressão mais localizadas no discurso (não só nas cantadas, é claro!) e, principalmente, nos poemas. Afinal, poesia sem estilo não é poesia, portanto não há poesia sem estilo. Veja este de Oswald de Andrade:

Amor

Humor

É isso mesmo, o poema é só esse; o título é *amor* cujo verso único é *humor*. E é justamente tal minimalismo criativo que nos encanta. Observe a interessante troca de fonemas... Enquanto o amor é encarado sempre como algo sublime, vem o poeta e desconstrói essa ideia, associando o amor a algo jocoso, o humor.

Enfim... vamos ao que interessa. Na sua prova, as **figuras de linguagem** (quando aparecem!) são o espelho da estilística. Pelo que sei, existem mais de 50 figuras de linguagem, mas obviamente falarei apenas das que mais aparecem em concursos, a saber: **elipse, zeugma, pleonasmo, hipérbato, anacoluto, assíndeto, polissíndeto, hipérbole, prosopopeia/personificação, perífrase, antítese, oximoro/paradoxo, gradação, comparação, metáfora, ironia, eufemismo, metonímia, catacrese, anáfora, assonância, aliteração, paranomásia, pleonasmo, paralelismo, onomatopeia...**

Recomendo três livros sobre elas: *As Figuras de Linguagem*, de Roberto de Oliveira

Brandão; *Dicionário de Figuras de Linguagem*, de Sebastião Cherubim; *Figuras de Linguagem*, de Hélio de Seixas Guimarães. Há muitos livros bons sobre Estilística, como *Língua Portuguesa – Semântica e Estilística*, de Claudio Cezar Henriques. Na verdade, qualquer livro deste autor é excelente.

Ah! É difícil encontrar questões sobre **vícios de linguagem**, mas falaremos deles também.

Dica de amigo: Os termos "linguagem figurada", ou "simbólica", ou "figurativa", ou "conotativa" ou "recurso estilístico ou expressivo", em geral, são o mesmo que **figura de linguagem**.

Agora, sim... Vamos lá!

Figuras de Palavras (conceito)

Nas **figuras de palavras** ou **figuras de estilo**, as palavras passam a assumir sentidos ampliados, diversos, consoante o contexto.

Metáfora

Trata do emprego da palavra fora do seu sentido básico, recebendo nova significação por uma *comparação* entre seres de universos distintos.

– ***Evanildo Bechara*** *é uma* ***fera*** *da gramática.*

– ***Evanildo Bechara*** *– uma* ***fera*** *da gramática – é o melhor atualmente.*

– *A* ***fera*** *do* ***Bechara*** *tem obras importantíssimas sobre a língua.*

– ***Bechara****?! Que* ***fera****!*

– *O Bechara vai "desmatando o* ***amazonas*** *de minha* ***ignorância****".*

Obs.: Este último exemplo apresenta um trecho entre aspas porque é retirado de um poema de Drummond. A metáfora é percebida quando se entende que a minha ignorância é tão grande quanto o território do Amazonas. Chama-se metáfora hiperbólica. Lindo, não? Ah! Para fechar, a uma sucessão de metáforas chamamos **alegoria**: *"Na* ***parede*** *da memória, essa lembrança é o* ***quadro*** *que dói mais".* (Belchior)

Comparação

Não confunda metáfora com "comparação" (ou símile) porque na metáfora não há conectivo explicitando a relação de comparação. Na comparação (ou símile) sempre há um conectivo ou uma expressão estabelecendo a relação de comparação:

– *Ela é **gorda** como uma **vaca**.*

– *"Meu **coração** tombou na vida tal qual uma **estrela** ferida pela flecha de um caçador."* (Cecília Meireles)

– *Este **lutador** tem postura semelhante aos **deuses** nórdicos.*

Metonímia

Segundo o Aulete, é uma "figura de linguagem baseada no uso de um nome no lugar de outro, pelo emprego da parte pelo todo, do efeito pela causa, do autor pela obra, do continente pelo conteúdo etc.". Ou seja, ocorre a substituição de uma palavra por outra porque há entre elas uma relação de todo e parte.

– *O **bronze** (sino) repicava na torre da igreja.* (a matéria pelo objeto)
– *Essa **juventude** (os jovens) está perdida.* (o abstrato pelo concreto)
– *Vivo do **suor** (trabalho) do meu rosto.* (o efeito pela causa)
– *Gostaria de ter um **Picasso** (um quadro) em casa.* (o autor pela obra)
– *O **Brasil** (as pessoas do Brasil) vibrou com a conquista da Copa do Mundo.* (o continente pelo conteúdo)

Obs.: Há uma distinção formal entre **sinédoque** e **metonímia**, mas isso não nos deve interessar em prova de concurso público.

Catacrese

É um tipo de metáfora que se cristalizou na cultura popular, caracterizada pela falta de um termo adequado a um ser ou por ignorância, desconhecimento da comunidade linguística sobre um termo exato.

– *Ele **enterrou** uma farpa no dedo.*

– *Com os **dentes** do serrote, ele serrou a perna da cadeira.*

– *Estou com coceira no **céu** da boca.*

Perífrase

Consiste no uso de maior quantidade de palavras para exprimir o que poderia ser dito com menos palavras.

– *O* ***poeta dos escravos*** *escreveu poemas condoreiros.* (Castro Alves)

– *A* ***terra dos faraós*** *é ainda um lugar misterioso.* (Egito)

– *A* ***rainha dos baixinhos*** *continua fazendo sucesso.* (Xuxa)

– *O* ***rei dos animais*** *é até mais respeitado pelos homens.* (leão)

Obs.: Muitos autores não fazem distinção entre **antonomásia** (trata dos apelidos) e **perífrase**.

Sinestesia

Ocorre quando há uma combinação de diversas impressões sensoriais (visuais, auditivas, olfativas, gustativas e táteis) entre si, e também entre as referidas sensações e sentimentos.

– *"O **aroma** (olfato) endoideceu, **upou-se em cor** (visão), quebrou / Gritam-me **sons de cor e de perfumes** (audição, visão, olfato).*" (Mário de Sá Carneiro)

– *Sua **voz aveludada** (audição, tato) me tornou um de seus fãs.*

– *O **cheiro gostoso** (olfato, paladar) daquela comida entrava por meu nariz como um néctar divino.*

Figuras de Sintaxe

Nas **figuras de sintaxe** ou **figuras de construção**, as palavras sofrem mudanças na ordem sintática comum dentro da oração para provocar determinados sentidos ou tornar belo o discurso.

Hipérbato

Consiste na inversão violenta da ordem normal dos membros de uma frase.

– *Se o penhor dessa igualdade / Conseguimos conquistar com braço forte, / Em teu seio, ó liberdade, / Desafia o nosso peito a própria morte!*

Na ordem direta: *Se conseguimos conquistar o penhor dessa igualdade com braço forte, nosso peito desafia a própria morte em teu seio, ó liberdade!*

– *Estranha, de mãos dadas vinha a mulher com ele.*

Na ordem direta: *A mulher estranha vinha com ele de mãos dadas.*

Obs.: Há também a **anástrofe** e a **sínquise** como figuras de inversão. Naquela, a inversão é mais branda; nesta a inversão é tão intensa que torna obscuro o sentido da frase. Exemplos limítrofes confundem alguns estudiosos, a ponto de tratarem hipérbato como sínquise, e vice-versa.

Pleonasmo

Trata da repetição de significação de vocábulo ou de termos oracionais.

– *"Iam vinte anos desde aquele dia / Quando* ***com os olhos*** *eu quis* ***ver*** *de perto / Quanto em visão com os da saudade via."* (Alberto de Oliveira)

– ***Ao pobre*** *nada* ***lhe*** *peço,* ***ao rico*** *nada* ***lhe*** *devo.*

– ***Médica****, ela nunca* ***o*** *será.*

– ***Chorou*** *um* ***choro*** *de profundo lamento.*

Obs.: O **pleonasmo vicioso** diz respeito à repetição inútil e desnecessária de algum termo ou ideia na frase. Nesse caso não é uma figura de linguagem, e sim um **vício de linguagem**.

Anacoluto

É a quebra da estrutura lógico-sintática, ficando um termo sem função sintática na frase; normalmente no início dela, como um tópico.

– ***A lua**, os poetas sempre cantaram esse tema.*

– ***Nosso amor**, tudo não passou de frenesi efêmero.*

– ***Revolução Francesa**, hoje falaremos sobre insurreições ocorridas na França.*

– *"**O homem**, chamar-lhe mito não passa de anacoluto."* (Carlos Drummond de Andrade)

Obs.: Não confunda **anacoluto** com **pleonasmo**. Por exemplo, na última frase, se fosse *"Ao homem, chamar-lhe..."*, só haveria pleonasmo, em que o *lhe* seria um objeto indireto pleonástico do objeto indireto que já existe, a saber: *"Ao homem"*. Como não há preposição no verso de Drummond (em *"O homem"*), não se pode analisar sintaticamente tal termo, logo é um **anacoluto**.

Elipse

É a omissão de um termo ou de uma expressão.

– *Saímos ontem à noite.*

– *Na sala de espera, apenas dois ou três pacientes; dentro do consultório, um.*

– *Espero tão logo encontre seu par.*

Obs.: Explicitando o termo elíptico: *Nós saímos ontem à noite. / Na sala de espera, havia apenas dois ou três pacientes; dentro do consultório, havia um. / Espero que tão logo encontre seu par.*

Zeugma

Tal figura não é frequente em provas de concurso, logo a ideia de uma **supressão de um termo anteriormente expresso** tem se aplicado também à elipse. Em outras palavras, os concursos costumam analisar o zeugma como elipse, o que não deixa de ser verdade, pois a diferença entre elas é que a elipse é a omissão de um termo sem referência no texto; já o zeugma é a omissão de um termo ocorrido anteriormente no texto.

– *Meu irmão passou em dois concursos; eu, em um só.*

– *Corremos 5 km, eu em 30 minutos, ele em 25.*

– *Ele é muito estudioso e a irmã também é.*

Traduzindo: *Meu irmão passou em dois concursos; eu passei em um só. / Corremos 5 km, eu corri em 30 minutos, ele correu em 25 minutos. / Ele é muito estudioso e a irmã também é estudiosa.*

Assíndeto

Omissão do conectivo coordenativo, que liga orações coordenadas.

– *Acordei, comi, saí, trabalhei, voltei, dormi.*

Polissíndeto

Repetição do conectivo coordenativo, que liga termos ou orações coordenadas.

– *Ela não era assim, tão frágil,* ***e*** *boba,* ***e*** *inocente,* ***e*** *fácil.*

Anáfora

Repetição de vocábulo ou expressão no início de cada verso ou frase.

– *"**Quando** não tinha nada, eu quis / **Quando** tudo era ausência, esperei / **Quando** tive frio, tremi / **Quando** tive coragem, liguei..."* (Chico César)

– ***"Era uma estrela** tão alta! / **Era uma estrela** tão fria! / **Era uma estrela** sozinha / Luzindo no fim do dia."* (Manoel Bandeira)

Obs.: Não confunda anáfora, figura de linguagem, com anáfora, processo de coesão. Nesta, um vocábulo tem o papel de retomar outro já mencionado.

Figuras de Pensamento

São recursos estilísticos que tornam a expressão mais incisiva, provocando forte impressão. Aqui, exploram-se mais as ideias do que as palavras em si ou a disposição delas na frase.

Antítese

É o contraste entre duas palavras (antônimas), expressões ou pensamentos, provocando uma relação de oposição.

– *Metade de mim te* ***adora****, a outra metade te* ***odeia****.*

– *Não há vida sem* ***alegrias*** *e* ***sobressaltos****.*

– *Transformou sua vida de* ***água*** *a* ***vinho****.*

Oxímoro (Paradoxo)

Duas ideias contrárias que coexistem, que ocorrem ao mesmo tempo, implicando falta de lógica.

– *Amor é fogo que **arde sem se ver**, / É ferida que **dói** e **não** se **sente**, / É um **contentamento descontente**, / É **dor** que desatina **sem doer**.* (Camões)

– *Que **música silenciosa** ele toca!*

– *"Foi **sem querer querendo**."* (Chaves)

Obs.: Nas provas, não há diferença entre **oximoro** e **paradoxo**.

Hipérbole

Ideia que denota exagero.

– *Se eu não passar na prova, vou dar um tiro na cabeça.*

– *O carro voava pela rodovia.*

– *Já falei mil vezes para você calar a boca!*

Gradação

Enumeração que denota crescimento ou diminuição (clímax ou anticlímax).

– *É um **pássaro**, é um **avião**, não... é o **super-homem**.*

– *O primeiro milhão possuído **excita**, **acirra**, **assanha** a gula do milionário.*

– *O amor é **esfuziante**, **grande**, **perturbador**, uma **tragédia**.*

Eufemismo

Suavização de uma ideia negativa.

– *Agora ele foi para o* ***andar de cima***. ***Descansou***. *(relativo à noite)*

– *Ela trabalha higienizando locais contendo* ***detritos orgânicos***. *(fezes e urina)*

– *Por ser uma* ***pessoa de cor****, naquela época, vivia de* ***caridade pública.*** *(negro, esmola)*

Ironia

Consiste em declarar o oposto do que realmente se pensa ou do que é, com tom de deboche, normalmente.

– *Ela é **ótima pessoa**, afinal **vive judiando** das crianças.*

– *Que **motorista excelente** você, **quase** me **atropelou**.*

– *Professor, olha como meu **boletim** está **excelente**, só há **uma nota acima da média**.*

Obs.: As aspas muitas vezes marcam uma ironia: *Quando a "linda" funcionária entrava na empresa, começavam os risos sarcásticos.*

Prosopopeia (Personificação)

Atribuição de características humanas a seres não humanos. Dizer que a personificação é a atribuição de características de seres animados a seres inanimados é uma definição ruim, pois quando, numa história, um animal fala, ele não é um ser "inanimado", afinal todo animal tem vida e, portanto, é um ser "animado".

– *"A **Bomba atômica** é **triste**, Coisa mais triste não há / Quando cai, cai sem vontade."* (Vinícius de Moraes)

– *A **Amazônia chora** devido ao desmatamento.*

Obs.: As fábulas costumam apresentar esta figura de linguagem: *"Morta de fome, uma raposa foi até um vinhedo sabendo que ia encontrar muita uva. A safra tinha sido excelente. Ao ver a parreira carregada de cachos enormes, a raposa lambeu os beiços. Só que sua alegria durou pouco: por mais que tentasse, não conseguia alcançar as uvas. Por fim, cansada de tantos esforços inúteis, resolveu ir embora, dizendo: – Por mim, quem quiser essas uvas pode levar. Estão verdes, estão azedas, não me servem. Se alguém me desse essas uvas eu não comeria."* (Esopo)

Figuras Fônicas

Nas **figuras de som**, explora-se a camada sonora da linguagem, a fim de produzir determinados efeitos.

Aliteração

Repetição sistemática de uma determinada consoante.

– *"Em horas inda **l**ouras, **l**indas / C**l**orindas e **B**elindas, **b**randas / **B**rincam nos tempos das **B**erlindas / As **v**indas **v**endo das **v**arandas"* (Fernando Pessoa)

– *O **r**ato **r**oeu a **r**oupa do **r**ei de **R**oma.*

Assonância

Repetição sistemática da vogal tônica ou do encontro vocálico na sequência da frase.

– *Como é es**c**u**u**ro e pro**f**u**n**do o m**u**n**n**do obs**c**u**u**ro dos **s**u**r**dos e **m**u**u**dos.*

– *"Juro que não acredit**ei** / Eu te estranh**ei** / Me debruc**ei** / Sobre o teu corpo e duvid**ei**"* (Chico Buarque)

Paranomásia

Também chamada de *paronomásia*, é a aproximação de palavras de um texto pela sua semelhança na forma ou na pronúncia (parônimos).

– *"**Exportar** é o que **importa**."* (Delfim Netto)

– *"Com tais **premissas** ele sem dúvida leva-nos às **primícias**."* (Padre Antônio Vieira)

Onomatopeia

Consiste no uso de palavras que imitam sons em geral.

– *"Havia uma velhinha / Que andava aborrecida / Pois dava a sua vida / Para falar com alguém. / E estava sempre em casa / A boa velhinha, / Resmungando sozinha: /* ***Nhem-nhem-nhem-nhem-nhem****..."* (Cecília Meireles)

Paralelismo

Repetição de palavras ou estruturas sintáticas maiores (frases, orações, sintagmas etc.) de forma igual ou parecida que se correspondem quanto ao som.

– *"Começou a circular o **expresso 2-2-2-2** / que parte direto de **Bonsucesso** / pra depois. Começou a circular o **expresso 2-2-2-2** / da Central do Brasil / que parte direto **de Bonsucesso** / pra depois do ano 2000."* (Gilberto Gil)

Combinação de Figuras

Em um trecho, ou em um texto, pode haver mais de uma figura de linguagem concorrendo. Um exemplo disso ocorre na frase *"As janelas vigiavam as pessoas na noite boêmia."*, em que se pode analisar como **metonímia** (as pessoas na janela) ou **personificação** (janela vigiando).

Pode-se também perceber que um texto trabalha mais de uma figura. Além da rima e outras características, observe algumas figuras do "Soneto de Fidelidade", de Vinícius de Moraes:

De tudo ao meu amor serei atento
Antes (hipérbato), e com tal zelo, e sempre, e **tanto** (polissíndeto e gradação)
Que mesmo em face do maior **encanto**
Dele se **encante** mais meu pensamento (assonância)

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso (pleonasmo) e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe (anáfora) a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama (metáfora)
Mas que seja infinito enquanto dure. (paradoxo)

Vícios de Linguagem

Segundo o mestre no assunto, Napoleão Mendes de Almeida, os **vícios de linguagem** são palavras ou construções que deturpam, desvirtuam, ou dificultam a manifestação do pensamento, ora devido ao desconhecimento da norma culta, ora devido ao simples descuido do emissor.

Não confunda com **licença poética**, pois esta é a "permissão" dada aos grandes poetas para extrapolar o uso da norma culta da língua. Se você não está entre os grandes poetas e comete um desvio gramatical, você só pode dizer que tem licença poética de brincadeira.

Brincadeiras à parte, a licença poética é a liberdade que o escritor tem de manipular os níveis da língua (som, palavra, sintaxe, sentido...) como desejar, para poder transmitir ao leitor o que deseja, agradando ou não.

Vamos ao que interessa... aos vícios de linguagem!

Ambiguidade (Anfibologia)

Como vimos no capítulo de *Semântica e Lexicologia* (revisite, está tudo lá!), há vários casos de ambiguidade. Veja um dos mais comuns, com pronome possessivo:

5. (**FCC – TRT/PE (6ª R) – Analista Judiciário – 2012**) Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o texto: O articulista da Folha de S. Paulo

c) propõe que se estenda à bancada religiosa a decisão de aceitar ou rejeitar, segundo seus interesses, o ensino privado da religião.

Comentário: E a pergunta é...: Segundo os interesses de quem? Do articulista ou da bancada religiosa? Note que o pronome possessivo *seus* torna a frase ambígua. Por isso a letra c) não foi considerada o gabarito.

Arcaísmo

Segundo o dicionário Houaiss, trata-se de "palavra, expressão, construção sintática ou acepção que deixou de ser usada na norma atual de uma língua [Em linguagens especiais, é comum a sobrevivência de algumas formas arcaicas (por exemplo, na linguagem forense, na linguagem regional, entre locutores de idade avançada etc.); também podem ser utilizadas como recurso para recriar a atmosfera de uma época (por exemplo, no romance histórico).]". Neste último caso, não constitui vício de linguagem.

– ***Vosmecê*** *poder-me-ia ajudar?* (Hoje se usa "você".)

– *Ninguém* ***não*** *escreve mais em latim.* (Não se usa o "não" entre palavra negativa e verbo.)

– *"Aurélia, que se dirigia ao seu* ***toucador****, sentou-se a uma escrivaninha..."* (José de Alencar) (O mesmo que "penteadeira".)

Obs.: Não há unanimidade sobre a mesóclise ser um arcaísmo.

Barbarismo

Desvio gramatical relativo à **ortoepia, prosódia, ortografia, morfologia** e **semântica**. Vejamos, respectivamente, os exemplos:

– *Os **bolsos** (= **ó**) estão cheios de dinheiro.* (Forma culta: **o** (= **ô**).)

– *O protagonismo brasileiro na reunião **íbero-americana** não é casual*. (Forma culta: ibero.)

– *Se ele **quizer** ajudar a família, terá de muito trabalhar.* (Forma culta: quiser)

– *Quando o brasileiro **ver** seu país no primeiro mundo, terá **menas** razões para criticá-lo.* (Formas cultas: vir, menos.)

– *Todos ficaram alegres com a nova lei, pois ela veio **de encontro a**os interesses do povo.* (Forma culta: ao encontro de.)

Obs.: Alguns gramáticos, como Napoleão M. de Almeida e Luiz A. Sacconi, consideram os estrangeirismos como barbarismos. Por exemplo, é considerada **galicismo** (ou **francesismo**) as expressões "face a", "frente a": "*Os países europeus conseguiram acordar sua posição **face a**o problema nuclear iraniano.*" (Na nossa língua, usa-se "em face de".) No entanto, o gramático Celso P. Luft abona tais construções.

Cacofonia

É um som desagradável, cômico, às vezes obsceno, provocado pela união de certas palavras. Veja alguns cacófatos.

– *E**la tinha** na bo**ca dela nosso hino** completo.*

– *Aquele goleiro paulistano sempre mar**ca gol** de falta.*

– *Vou-**me já** porque está na hora.*

– *Ela **me tinha** por inteiro.*

Colisão

Combinação desagradável de sons, resultante de aliteração (repetição de consoantes).

– *Levante-**se ce**do amanhã.*

– ***Cá cá**gado não se cria, apenas tartarugas.*

Parequema

Trata-se da repetição de som ou sílaba do final de uma palavra e começo de outra.

– *A dor do den**te te** incomoda?*

– *O ata**que que que**ria foi executado.*

– *A vi**da dada** pelos gregos aos deuses tornou seu panteão enorme.*

Obs.: Alguns parequemas viram cacófatos: *"O sa**co co**lorido que ela comprou era um charme."*. Alguns estudiosos entendem que *colisão* e *parequema* são sinônimos. No caso de exigência de próclise, não constitui erro tal construção: *"**Se se** deseja a paz, é preciso mudanças radicais"*.

Eco

Repetição de sons iguais no fim das palavras.

– *De tão aparentem**ente** val**ente**, você m**ente** que nem s**ente**.*

– *Por que n**ão** d**ão** explicaç**ão** para a desuni**ão** do irm**ão**?*

Hiato

É a aproximação de vogais idênticas.

– *Lev**a a á**gui**a à a**la dos animais silvestres.*

– *Eu peg**o o o**vo, jog**o o ó**leo e deixo fritar.*

Solecismo

É o desvio sintático relativo à colocação ou emprego dos pronomes, à regência e à concordância. Vejamos, respectivamente, três exemplos:

Forma inculta: *Nunca chamar-**te**-ia de meu irmão, porque você ama **ele** mais do que a mim, por isso, para **mim** achar que você é merecedor de meu amor, precisará provar.*

Forma culta: *Nunca **te** chamaria de meu irmão, porque você **o** ama mais do que a mim, por isso, para **eu** achar que você é merecedor de meu amor, precisará provar.*

Forma inculta: *Não **lhe** conheceram, pois eram muito novos.*

Forma culta: *Não **o** conheceram, pois eram muito novos.*

Forma inculta: ***Precisariam haver** mais pessoas no mundo que se dispusessem a ajudar outras.*

Forma culta: ***Precisaria haver** mais pessoas no mundo que se dispusessem a ajudar outras.*

Preciosismo

Linguagem rebuscada, com uso excessivo de vocábulos não usuais, afastando-se da clareza e inteligibilidade imediata. Resumindo: é "falar difícil".

– *O **melífluo circunlóquio** de Vossa Excelência causou-me espécie.* (= discurso longo, bajulador e hipócrita)

– *A ruminante bovina deslocou-se para terreno sáfaro e alagadiço.* (= A vaca foi para o brejo.)

– *Meu progenitor sofre de alopecia androgênica.* (= Meu pai é careca.)

Obs.: Ainda no meio jurídico, há certa "afetação" no modo de falar, com desnecessárias erudições, que constituem preciosismo. Quando as gírias ou coloquialismos passam a atender a uma necessidade/propósito discursivo, deixam de constituir vício de linguagem. Um exemplo disso é o modo como decidi escrever esta gramática, a qual muitas vezes apresenta linguagem informal, para tornar o texto mais leve e próximo do leitor.

Plebeísmo

Segundo o Aulete, “palavras, expressões e modos de dizer característicos do dialeto das classes populares, frequentemente considerados pelas classes dominantes como um linguajar vulgar”. Resumindo: uso de gírias e palavras bem informais.

– *Para de me avacalhar porque eu já estou de saco cheio de tanto você me gastar, seu bunda-suja!*

Redundância (Tautologia)

Trata-se de um pleonasmo vicioso. Trata-se de uma expressão que repete o mesmo conceito já emitido.

– *Vamos ter de **subir para cima** agora, senão vai ficar muito tarde.*

– ***Adia** essa reunião **para depois**, porque é preciso pensar melhor na pauta.*

– *O fim da novela foi uma **surpresa inesperada**, visto que o **principal protagonista** de uma trama nunca morre.*

Obs.: Não há redundância, segundo Luiz A. Sacconi, em "intrometer-se no meio" e "voltar-se para trás", pois pode haver intromissão no início ou no fim e pode haver volta para o lado. Se vier especificado, deixa de ser vicioso: *"Entrou para dentro o rapaz."* (vicioso) / *"Entrou para dentro da sala o rapaz."* (não vicioso).

Estrangeirismo

Ainda segundo Luiz A. Sacconi, é um vício o uso de estrangeirismos desnecessários, ou seja, palavras de origem estrangeira facilmente substituíveis por palavras correspondentes em nossa língua, seja por já existirem, seja por haver forma aportuguesada.

– *Ele tem "**know-how**", por isso foi contratado.* (= conhecimento, experiência)

– *Teve de entregar seu "**curriculum**" por e-mail; estava atrasado.* (= currículo)

– *Preciso falar com o "**quality manager**" sobre minha proposta.* (= gerente de qualidade)

Obs.: Alguns gramáticos mais rígidos consideram que qualquer estrangeirismo, tenha ele equivalente vernácula ou não, é considerado barbarismo. Estudiosos mais modernos discordam do estrangeirismo como vício de linguagem, mas não é assim que vê a gramática tradicional.

Prolixidade

É o uso de muitas palavras no lugar de poucas para se dizer o que se deseja.

Com prolixidade: *A sacarose, extraída da cana-de-açúcar, que ainda não tenha passado pelo processo de purificação e refino, apresentando-se sob a forma de pequenos sólidos tronco-piramidais de base retangular, impressiona agradavelmente o paladar, lembrando a sensação provocada pela mesma sacarose produzida pelas abelhas em um peculiar líquido espesso e nutritivo. Entretanto, não altera suas dimensões lineares ou suas proporções quando submetida a uma tensão axial em consequência da aplicação de compressões equivalentes e opostas.*

Sem prolixidade: *O açúcar não refinado, sob a forma de pequenos blocos, tem o sabor agradável do mel, porém não muda de forma quando pressionado.*

(Dad Squarisi, texto adaptado)

O Que Cai Mais na Prova?

São poucas as bancas de prestígio no mundo dos concursos que trabalham **figuras de linguagem**. Mas às vezes encontramos na Consulplan, na FGV, na FCC e no Cespe/UnB. Mesmo assim, questões de figuras não são frequentes. Normalmente a metáfora e a elipse são as que mais aparecem nas provas, mas não deixe de estudar as demais, como a metonímia, a ironia, a elipse e a prosopopeia. Sobre **vícios de linguagem**, as questões são tão raras quanto às de interjeição. Encontrei poucas... ”para não dizer que não falei das flores”.

Questões de Concursos

1. (Cespe/UnB – TRT (16ª R) – Analista Judiciário – 2005) A palavra "*stress*" está destacada, pois trata-se de um estrangeirismo e sua grafia não está registrada de acordo com as normas ortográficas da língua portuguesa.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

2. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa que indica corretamente a figura de linguagem presente na oração: "O cavaleiro enterrou a espada no dragão."
   a) catacrese.
   b) antítese.
   c) zeugma.
   d) eufemismo.

3. (Esaf – MPOG – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"O objetivo da Embratur é atrair mais turistas estrangeiros. Em média, segundo a empresa, eles permaneceram no Brasil... (...)"
   – O pronome "eles" constitui uma anáfora, pois se refere ao antecedente "turistas estrangeiros".

4. (FUNRIO – PRF – Policial Rodoviário Federal – 2009) Observe o trecho de "O Cortiço", de Aluísio de Azevedo:
"Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, [...]. Um acordar alegre e farto de quem dormiu de uma assentada sete horas de chumbo."
Seu autor utiliza o seguinte recurso estilístico:
   a) eufemismo;
   b) gradação;
   c) comparação;
   d) antítese;
   e) personificação.

5. (FIP – Câmara-SJC – Analista de Sistemas – 2009) Observe a sequência de frases abaixo e responda a seguir.
   (1) E no dia lindo vi que vinhas vindo, minha vida. (Guilherme de Almeida)
   (2) Conhecer as manhas e as manhãs. (Almir Sater e Renato Teixeira)
   (3) E as cantilenas de serenos sons amenos fogem fluidas. (Eugênio de Castro)
Nas frases apresentadas em (1), (2) e (3), temos, respectivamente, as seguintes figuras de estilo que exploram a sonoridade das palavras:
   a) Assonância, paranomásia e aliteração.
   b) Onomatopeia, assonância e paranomásia.
   c) Aliteração, onomatopeia e assonância.
   d) Paranomásia, assonância e aliteração.
   e) Assonância, onomatopeia e paranomásia.

6. (FIP – Câmara-SJC – Programador – 2009) Observe a sequência de frases abaixo e responda a seguir:
   (1) Onde estão todos? Estão todos dormindo. Estão todos deitados. Dormindo. (Manuel Bandeira)
   (2) Dona Cômoda tem três gavetas. E um ar confortável de senhora rica. (Mário Quintana)
   (3) Vieram os gentios, e tornaram-se fiéis; vieram idólatras, e tornaram-se cristãos. (António Vieira)
Nas frases apresentadas em (1), (2) e (3), temos, respectivamente, as seguintes figuras de pensamento:
   a) Alegoria, eufemismo e antítese.
   b) Eufemismo, ironia e prosopopeia.
   c) Prosopopeia, antítese e alegoria.
   d) Eufemismo, alegoria e prosopopeia.
   e) Eufemismo, prosopopeia e antítese.

7. (NCE/UFRJ – UFRJ – Médico – 2009) *"Toda obra de um homem... é sempre um auto-retrato.";* nesse segmento há a presença de um tipo de linguagem figurada denominado:
   a) hipérbato;
   b) metáfora;
   c) metonímia;
   d) comparação;

e) pleonasmo.

8. (TJ/SC – TJ/SC – Juiz – 2009) Marque a única alternativa que **NÃO** contém nenhum erro gramatical considerado barbarismo:
   a) Quando nada mais couber, bastará uma telefonema – de forma expontânea – do seu procurador.
   b) Caso eles virem armados, serão pegos pela polícia.
   c) Com o pronto-socorro grátis ao jornalista, a categoria terá cobertura quando, no exercício de sua profissão, se vir, por qualquer meio legal ou abusivo, tolhida no seu direito de informar.
   d) Se o advogado não intervir a tempo, ninguém reaverá o investimento feito e o montante que já tinha gastado.
   e) Qualquer economista que se dispor a analisar os dados pedirá que o governo afroxe as medidas objetivando a contenção das despesas.

9. (FAB – Epcar – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) Ah, minha Senhora, já viste tantas coisas! Quantos segredos ouviste e não contaste a ninguém. Quantos amores teus já partiram sem que derramasses uma única lágrima. Quantos meninos de olhos assustados transformaste em homens de coragem incontestável na arte de pilotar um avião ou enaltecer a vida civil. Quantos destinos aqui se cruzaram. Quantos anos se passaram... Em cada canto um nome, uma história para contar. (...)"
   – A anáfora é uma figura de linguagem marcante no período acima.

10. (FGV – DETRAN/RN – Assessor Técnico – 2010) Há um exemplo de prosopopeia em:
   a) *"Como eu invejo os que não esqueceram a cor das primeiras calças que vestiram!"*
   b) *"E antes seja olvido que confusão; explico-me."*
   c) *"Os rios, as montanhas, as igrejas que não vi nas folhas lidas."*
   d) *"Não, não, a minha memória não é boa."*
   e) *"... e os clarins soltam as notas que dormiam no metal, e tudo marcha com uma alma imprevista."*

11. (Funiversa – MPE/GO – Engenheiro Ambiental – 2010) Diz-se que há personificação quando houver atribuição de sentimentos, traços psicológicos e(ou) comportamento humanos a seres inanimados e a animais. Assinale a alternativa que apresenta exemplo de personificação.
   a) "de mãos dadas, marcharemos todos pela vida verdadeira".
   b) "as janelas devem permanecer, o dia inteiro, abertas para o verde onde cresce a esperança".
   c) "o homem confiará no homem como a palmeira confia no vento".
   d) "o lobo e o cordeiro pastarão juntos".
   e) "Fica decretado, por definição, que o homem é um animal que ama".

12. (Funiversa – MTur – Agente Administrativo – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) Assim como o ciúme é querer manter o que se tem e a cobiça é desejar aquilo que não lhe pertence, a inveja é não querer que o outro tenha. O mais renegado dos sete pecados capitais é uma emoção inerente à condição humana, por mais difícil que seja confessá-la. (...)"
   – A figura de palavra conhecida como *perífrase* está ilustrada na frase "O mais renegado dos sete pecados capitais é uma emoção inerente à condição humana, por mais difícil que seja confessá-la."

13. (Cesgranrio – Petrobras – Profissional Jr. – 2010) Antítese é uma figura de linguagem com a qual se salienta uma oposição de ideias por meio de sentenças ou palavras. O fragmento que contém uma antítese é:
   a) "Somos artesãos, meio como as formigas,"
   b) "vemos nossas obras destruídas em segundos por cataclismos naturais,"
   c) "se pensamos que cada estrela é um sol, e que tantas delas têm sua corte de planetas, fica difícil evitar a questão da nossa existência cósmica,"
   d) "Ao olhar para o Universo, o homem é nada. Ao olhar para o Universo, o homem é tudo."
   e) "somos como o Universo pensa sobre si mesmo."

14. (Fundep – TJ/MG – Oficial de Apoio Judicial – 2010) Assinale a alternativa em que se encontra uma gradação.
   a) "[...] será o incentivo à violência o resultado único desse processo de informação em escala mundial?"
   b) "[...] a violência aumenta em proporções assustadoras, tanto no resto do mundo como aqui bem perto, em cada esquina."
   c) "[...] reflexão de um amigo meu, médico de meia idade, sabedoria e ciência."
   d) "Está se conhecendo em seus máximos e em seus mínimos [...]."

15. (Cetap – AL/RR – Analista de Sistemas – 2010) A figura de linguagem presente em "Durante séculos, a Inglaterra dominou os mares..." é:

a) Metáfora.
b) Silepse.
c) Antítese.
d) Metonímia.
e) Ironia.

16. (FCC – Bahiagás – Analista de Processos Organizacionais – 2010) A construção de uma frase pode resultar em ambiguidade, ensejando duplo sentido. Isso NÃO ocorre apenas em:
a) Desde meninos, os pais aconselham os filhos a não brincarem com o fogo.
b) Por ser muito perigoso, o filho é aconselhado a não brincar com o fogo.
c) Porquanto seja perigoso, deve-se evitar uma criança próxima do fogo.
d) Caso bem prevenida contra o perigo do fogo, a criança não se queimará.
e) Uma vez esclarecida sobre o fogo, a criança não terá como queimar-se.

17. (TJ/SC – TJ/SC – Técnico Judiciário – 2010) Aponte a alternativa que **NÃO** apresenta solecismo:
a) Às vezes queremos ter tudo sem pensar que podemos se arrepender depois.
b) Ele pediu pra mim não deixar meu paletó na cadeira.
c) Acabamos jantando no restaurante do Lauro, onde fomos muito bem atendidos.
d) Eu lhe abracei muito quando lhe vi na rodoviária.
e) Por que fosses dizer que a gente não vamos sair?

18. (TJ/SC – TJ/SC – Técnico Judiciário – 2010) A frase "Este tribunal recebeu a informação de que a empresa Marca X estaria sendo vendida por volta das 21 horas de terça-feira" apresenta o vício de linguagem denominado:
a) Cacofonia.
b) Eco.
c) Pleonasmo.
d) Ambiguidade.
e) Barbarismo.

19. (Vunesp – MPE/SP – Analista de Promotoria – 2010) Observe as frases, títulos de matérias da revista, e analise as afirmações.
Por que o Brasil toma tanto Rivotril
Cores que enganam seu cérebro
(*Superinteressante*, julho de 2010)
I. Na primeira frase, a figura de linguagem presente é a metonímia, já que o termo **Brasil** está empregado no lugar de **brasileiros**.
II. Na segunda frase, a figura de linguagem presente é a hipérbole, já que o verbo **enganar** representa uma ação exagerada.
III. Na primeira frase, sem alteração da ordem dos termos, também estaria correto o uso da forma **Por quê**.
Está correto o que se afirma em:
a) I, apenas.
b) III, apenas.
c) I e II, apenas.
d) II e III, apenas.
e) I, II e III.

20. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
O Fundo Partidário será, em 2011, de R$ 301 milhões. Isso porque foi aprovado a nove dias do fim do ano o reforço de R$ 100 milhões. Desse valor, R$ 265 milhões são oriundos do Orçamento da União e R$ 36 milhões referentes à arrecadação de multas previstas na legislação eleitoral. Mas, afinal, qual a razão para se aumentar de forma tão extraordinária a dotação dos partidos? Muito simples: a necessidade de eles pagarem as dívidas de campanha.
– No terceiro período, há um caso de zeugma.

21. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2011) Nos dois primeiros versos (Através de grossas portas, sentem-se luzes acesas), o eu lírico alude ao sigilo dos inconfidentes por meio de paradoxo e sinestesia.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) "(...) Infelizmente, ainda hoje assistimos no Brasil a fenômenos que há muito

deveriam ter sido excluídos da vida política nacional, como a compra de votos e a atitude de diversos candidatos, durante as campanhas eleitorais, de "doar" cestas básicas e toda a sorte de brindes em troca da promessa de voto dos eleitores. (...)"

No último parágrafo, as aspas em *doar* confirmam, para o vocábulo, seu aspecto de:

a) polifonia;
b) coloquialismo;
c) antonímia;
d) metáfora;
e) ironia.

É impossível colocar em série exata os fatos da infância porque há aqueles que já acontecem permanentes, que vêm para ficar e doer, que nunca mais são esquecidos, que são sempre trazidos tempo afora, como se fossem d'agora. É a carga. Há os outros, miúdos fatos, incolores e quase sem som – que mal se deram, a memória os atira nos abismos do esquecimento. **Mesmo próximos eles viram logo passado remoto**. Surgem às vezes, na lembrança, como se fossem uma incongruência. Só aparentemente sem razão, porque **não há associação de ideias que seja ilógica**. O que assim parece, em verdade, **liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas** – raízes lógicas! – de que emergem os pequenos caules isolados – aparentemente ilógicos! só aparentemente! – às vezes chegados à memória vindos do esquecimento, que é outra **função ativa dessa mesma memória**. (Pedro Nava – Baú de Ossos)

23. (Consulplan – Professor de Língua Portuguesa – 2011) A linguagem pode ser manipulada em função de objetivos específicos, o que caracteriza a ocorrência das figuras de linguagem. Quando se constrói uma metáfora, diz-se que houve uma transferência de um termo para um contexto de significação que não lhe é próprio. Há metáfora em:

a) "É impossível colocar em série exata os fatos da infância..."
b) "Mesmo próximos eles viram logo passado remoto."
c) "... não há associação de ideias que seja ilógica."
d) "... liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas – ..."
e) "... função ativa dessa mesma memória."

24. Ainda com relação às figuras de linguagem, em "... a memória os atira nos abismos do esquecimento." é correto afirmar que:

a) Há uma comparação entre dois elementos.
b) Opera-se uma personificação pela atribuição de característica própria dos seres humanos.
c) Há uma sequência de palavras sinônimas que promovem a intensificação de uma ideia.
d) O vocábulo "abismos" foi usado com um sentido conotativo de sátira.
e) Há uma redundância para enfatizar uma ideia importante.

25. (Consulplan – Carreira Universitária (Analista Administrativo) – Nível Superior – 2011) "Entra ano sai ano, as tempestades de verão continuam atormentando a vida de milhares de pessoas nos estados do sul e sudeste do país." O excerto anterior constitui um exemplo de figura de linguagem denominada:

a) Paronomásia.
b) Antonomásia.
c) Perífrase.
d) Metonímia.
e) Prosopopeia.

26. (Cesgranrio – CHESF – Profissional de Nível Superior – 2012) As palavras podem assumir sentidos figurados, ou seja, significados diferentes das acepções e usos previstos pelos dicionários, embora facilmente compreensíveis no contexto específico em que se encontram.

A passagem do texto em que uma palavra em sentido figurado está presente é:

a) "Daí esta avalanche, este *tsunami* de informações."
b) "O estado de nossas células cerebrais, as nossas emoções; tudo isso pode representar uma limitação para nossa capacidade de lembrar."
c) "Para quem, como eu, viaja bastante e tem de trabalhar em aviões ou em hotéis, é um recurso precioso."
d) "Mas não encontrei *pen drive* algum."
e) "Perguntei no aeroporto, entrei em contato com o táxi que me trouxera, liguei para casa: nada."

27. (Unicentro – Vestibular – 2012) O fragmento que ilustra a linguagem conotativa é o transcrito na alternativa:

a) "pelo uso dos aviões sequestrados como arma."
b) "A derrubada do Taleban, que governava o país centro-asiático, contribuiu de modo decisivo para debilitar aquele grupo

terrorista."
c) "uma guerra injustificável contra o Iraque."
d) "como alegou então, por má-fé e paranoia, o governo americano."
e) "Produziu até agora apenas dois outros atentados de vulto."

"Chico passou por maus bocados, andou gastando mais de cinco litros de saliva para reconquistar a mulher"

28. (CEV/Urca – Vestibular – 2012) A construção em destaque é própria da linguagem literária e caracteriza-se como:
a) Hipérbole.
b) Eufemismo.
c) Catacrese.
d) Anáfora.
e) Elipse.

29. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(jn) Relação de pessoas ou de assuntos vetados ou "indesejáveis" em um órgão de imprensa..."*
– É aceitável entender-se "*indesejáveis*" como forma de eufemismo.

"(...) Novas pesquisas... revelam que o problema é muito mais grave... A mais recente, elaborada pelo Instituto... (...)"

30. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Em "A mais recente", ocorre elipse da palavra **pesquisa**, que pode ser subentendida a partir do antecedente "pesquisas".
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Tomar uma decisão envolve uma disputa com 3 participantes: dois deles (instinto e experiência) cuidam de seu presente, o outro (razão) pensa no seu futuro. (...)"

31. (PaqTcPB – UEPB – Técnico de Enfermagem – 2012) A utilização dos termos "participantes", "cuidam" e "pensa" contribui para estabelecer, no texto, uma relação de sentido denominada:
a) Ambiguidade.
b) Sinonímia.
c) Paráfrase.
d) Oposição.
e) Metáfora.

32. (Funcab – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Pleonasmo é uma figura de linguagem que tem como marca a repetição de palavras ou expressões, aparentemente desnecessárias, para enfatizar uma ideia. No entanto, alguns pleonasmos são considerados "vícios de linguagem" por informarem uma obviedade e não desempenharem função expressiva no enunciado. Considerando esta afirmação, assinale a alternativa que possui exemplo de pleonasmo vicioso.
a) "(...) E então abriu a torneira: a água espalhou-se (...)"
b) "(...) O jeito era ir comprar um pão na padaria. (...)"
c) "(...) Matá-la, não ia; não, não faria isso. (...)"
d) "(...) Traíra é duro de morrer, nunca vi um peixe assim. (...)"
e) "(...) Tirou para fora os outros peixes: lambaris, chorões, piaus; (...)"

33. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Quanto à classificação das figuras de linguagem, coloque (1) para antítese, (2) para hipérbole, (3) para metonímia e (4) para metáfora. Depois assinale a alternativa com a sequência correta.
I. ( ) "Trabalhava arduamente, pois tinha de alimentar quatro bocas."
II. ( ) "Eu, que era branca e linda, eis-me medonha e escura."
III. ( ) "Um mundo de ideias havia em minha cabeça."
IV. ( ) "Meu coração é um campo minado."
a) 2, 1, 3, 4.
b) 3, 1, 2, 4.
c) 1, 2, 4, 3.
d) 3, 4, 1, 2.

34. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Assinale a alternativa em que não se verifica a presença de metáfora.
a) "Deus, antes de ser homem, era sol sem sombra." (Pe. Vieira)
b) "As tuas saudades ficam onde deixas o coração." (Camilo Castelo Branco)
c) "Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar." (José de Alencar)

d) “...meu pensamento vadio era uma borboleta serena que não pousava em nada.” (Bernardo Elis)

Gabarito

1. CERTO.	8. C.	15. D.	22. E.	29. CORRETA.
2. A.	9. CORRETA.	16. D.	23. D.	30. CERTO.
3. CORRETA.	10. E.	17. C.	24. B.	31. E.
4. E.	11. C.	18. D.	25. E.	32. E.
5. A.	12. CORRETA.	19. C.	26. A.	33. B.
6. E.	13. D.	20. CORRETA.	27. B.	34. B.
7. B.	14. B.	21. CERTO.	28. A.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 33

Teoria da Comunicação

Definição

Para entender o que é **comunicação**, é preciso entender primeiro o que é **linguagem** e seus **objetivos**.

– O que é linguagem?

Linguagem é um fenômeno ligado a várias áreas na vida do homem.

Biologicamente falando, linguagem é como um *software* superdesenvolvido normalmente localizado no cérebro humano, ou seja, nascemos com a capacidade de linguagem.

Psicológica e afetivamente falando, sem ela não há como entender a vida interna e externa do homem, pois somente ela permite a exposição objetiva/criativa de pensamentos, emoções, ideias, sentimentos, volições, experiências etc.

Cultural e socialmente falando, esse dom inato permite que o homem crie, recrie, manipule, reproduza, absorva o maior conjunto de conhecimentos, informações, valores, costumes e afins (individuais e coletivos). Para onde o homem for, sua cultura expressa em forma de linguagem irá com ele.

Formalmente falando, a linguagem, manifestada por meio de sinais **verbais** ou **não verbais**, permite ao homem uma adaptação incrível em diferentes situações comunicativas; para isso, ele precisa adquirir competência comunicativa.

– Qual são os objetivos da linguagem?

A **expressão do pensamento** e a **interação** entre as pessoas são os principais objetivos da linguagem. Quando falamos, escrevemos, gesticulamos ou usamos quaisquer outros signos (sinais), o propósito é fazer-se entender. Muitas vezes falamos com nós mesmos em voz alta ou em pensamento para organizar nossas ideias; de qualquer maneira, estamos nos comunicando. Assim, precisamos dela para viver, reviver e conviver.

É sempre importante dizer que usamos a linguagem para representar o mundo real e o mundo das ideias, portanto a linguagem não é o espelho da realidade externa, apenas. Por meio dela construímos e organizamos nossa realidade com toda nossa herança cultural e subjetividade.

É a linguagem **verbal** que nos deve interessar para os concursos públicos. Em vestibulares, há muitas questões de linguagem **não verbal**. Vamos entender.

Elementos da Comunicação

– O que é linguagem verbal?

Linguagem verbal é a maneira que o homem tem de se fazer entender por meio de palavras. Estas se manifestam por sons (fala) ou formas (escrita) atreladas a um conceito a fim de representar algo do universo externo ou interno do homem. Usamos a linguagem verbal por meio de signos para a construção de sentido do universo humano na fala e na escrita.

– O que é o signo linguístico?

Signo linguístico é qualquer unidade de uma língua que conjuga som (na fala) ou forma (escrita) + ideia/conceito a fim de representar algo do universo externo ou interno do homem. Os signos de uma língua substituem os objetos e os representam. Todo signo, então, apresenta dois "lados" básicos: o **significante** e o **significado**.

1) **Significante**: é "a imagem acústica", a imagem mental gerada pelo som (em pensamento ou em voz alta – fala), ou pela forma (escrita) de uma palavra; é a parte audível ou visível da palavra que o nosso cérebro identifica e converte em imagem ou mera abstração.
2) **Significado**: é a ideia, o conceito, o conteúdo semântico da palavra que representa algo do mundo do homem.

O signo linguístico (= a palavra) pode ter seu significante mudado e seu significado permanecer o mesmo; muito dependerá da cultura de uma pessoa ou de um grupo. Pense em tangerina, bergamota, mexerica, mandarina, por exemplo; formas diferentes, significados iguais. O contrário também é verdadeiro, ou seja, uma forma pode ter mais de um sentido: precisar (carecer, necessitar, ajustar...).

Podemos acrescentar ao conceito de signo linguístico (significante + significado) o conceito de **referente**, que é um elemento extralinguístico, ao qual o signo linguístico se remete, circunscrito ao nosso mundo biossocial. Dessa maneira, a compreensão que temos de *tangerina* está associada ao que apreendemos do som [tangerina] + a ideia que temos dela (fruta) + "o objeto", a fruta em si. Logo, **o signo linguístico é uma tríade: significante + significado + referente**.

– Enfim, o que é a comunicação?

A grande função da linguagem é o estabelecimento da **comunicação**, **conceito que trata da transmissão/recepção de mensagem em um código compreendido.** Vamos nos apegar à comunicação verbal (oral ou escrita).

O processo de comunicação envolve seis elementos básicos, os quais constituem o conceito atual dela. Sem esses elementos, não há comunicação. Vejamos:

1) **Emissor** (remetente, transmissor, 1ª pessoa do discurso, locutor, falante etc.): aquele que envia uma mensagem.

2) **Receptor** (destinatário, recebedor, 2ª pessoa do discurso, interlocutor, ouvinte etc.): aquele que recebe uma mensagem.
3) **Mensagem**: aquilo que é transmitido pelo emissor.
4) **Código**: signos compartilhados pelo emissor e pelo receptor.
5) **Referente** (contexto): é o assunto da mensagem, o elemento extralinguístico dela.
6) **Canal** (contato): é o meio, o veículo transportador da mensagem.

Para ilustrar: João (carioca) envia um e-mail falando sobre as suas férias, na língua nativa deles, para Maria (paulista). Assim:

1) João: emissor;
2) Maria: receptor;
3) o conteúdo do e-mail: mensagem;
4) em língua portuguesa: código;
5) as férias do João: referente;
6) o e-mail: canal.

Mensagem / Referente
Emissor ==========→ Receptor
Código / Canal

É bom dizer que o receptor pode virar emissor no processo de comunicação.

Funções da Linguagem

A linguagem vai muito além do que imaginamos, pois apresenta determinadas funções dentro do processo comunicativo, consoante o propósito, a intenção do usuário da língua. A título de curiosidade, quem discriminou tais **objetivos** da linguagem foi um homem chamado Roman Jakobson. Devemos muito a ele.

Pois bem... as **funções da linguagem** tratam do relevo dado a um dos seis elementos da comunicação, que acabamos de ver, a depender da proposta ou intento do texto. É certo também que um texto pode apresentar mais de uma função da linguagem que concorre com a função predominante. Organizamos a linguagem de tal modo a atender nossa finalidade. Uma dica: **para cada elemento da comunicação, há uma função da linguagem!** Vejamos as seis:

1) **Função Emotiva (Expressiva)**

- o "eu" do texto é o centro da mensagem, na qual ele destaca seus próprios sentimentos, expressa suas emoções, impressões, atitudes, expectativas etc.;
- é um texto pessoal, cercado de subjetividade;
- algumas marcas gramaticais indicam que tal função é a predominante no texto: verbos e pronomes de 1ª pessoa, frases exclamativas, certas interjeições, vocativos, reticências, termos e expressões modalizadoras etc.;
- é a linguagem das músicas românticas, dos poemas líricos e afins.

Exemplo:

– *"Eu não tinha este rosto de hoje / assim calmo, assim triste, assim magro (...)"* (Cecília Meireles)

– *Estou bem feliz!*

2) **Função Conativa (Apelativa)**

- o receptor é o centro da mensagem, na qual ele é estimulado, provocado, seduzido, amparado etc.;
- normalmente o interlocutor é conduzido a adotar uma determinada postura;
- é um texto normalmente claro e objetivo que visa à persuasão;
- algumas marcas gramaticais: verbos e pronomes de 2ª pessoa (ou 3ª pessoa – você), vocativos, imperativos, perguntas ao interlocutor etc.;
- é a linguagem das músicas e dos poemas românticos, das propagandas e afins.

Exemplos:

– *"Mel, tua boca tem o mel / E melhor sabor não há / Que loucura te beijar (...)"* (Belo)

– *Não deixe de ver aquele filme amanhã, ouviu?*

3) **Função Poética**

- a mensagem por si é posta em relevo; mais do que seu conteúdo, o destaque dela se

encontra na forma como ela é construída, criativa e inusitadamente;

- essa função usa vários recursos gramaticais: figuras de linguagem, conotação, neologismos, construções estruturais não convencionais, polissemia etc.;
- é a linguagem dos poemas e prosas poéticas (literária), da publicidade criativa e afins.

Exemplo:

– *"Antes de dormir, não se esqueça de apagar os insetos."* (Propaganda de inseticida)

– *Amar: / Fechei os olhos para não te ver / e a minha boca para não dizer... / E dos meus olhos fechados desceram lágrimas que não enxuguei, / e da minha boca fechada nasceram sussurros / e palavras mudas que te dediquei... / O amor é quando a gente mora um no outro*. (Mário Quintana)

4) **Função Metalinguística**

- o código usado para estabelecer comunicação é o centro da mensagem, no sentido de que ele é instrumento de explicação de si mesmo; usa-se um signo para explicar a si próprio;
- essa função busca esclarecer, refletir, discutir o processo discursivo, em um ato de comunicação em que se usa a linguagem para falar sobre ela própria;
- encontramos em poemas que falam sobre o fazer poético (metapoema), sambas que abordam esse gênero musical, filmes que discutem o cinema, palavras usadas para explicar outras em dicionários, narradores que refletem sobre a arte de narrar (metanarração) etc.

Exemplo:

– *"Samba, / Eterno delírio do compositor / Que nasce da alma, sem pele, sem cor (...)"* (Fundo de Quintal)

– *"Ódio: aversão intensa geralmente motivada por medo, raiva ou injúria sofrida; odiosidade"* (Dicionário Houaiss)

* O programa Vídeo Show é um exemplo forte de metalinguagem, pois se usa o "código" da televisão (programa de TV) para falar sobre a própria televisão (outros programas de TV).

5) **Função Referencial (Informativa/Denotativa)**

- o referente é o centro da mensagem;
- destaca-se o objeto, o assunto da mensagem de forma clara e objetiva;
- algumas marcas gramaticais e discursivas: uso da 3ª pessoa, denotação, impessoalidade, precisão, frases declarativas etc.;
- encontramos tal função predominantemente em textos jornalísticos, científicos, didáticos e afins (não literária).

Exemplo:

– *"O presidente Luiz Inácio Lula da Silva fechou o governo com avaliação recorde de*

87% para seu desempenho pessoal, conforme pesquisa da Confederação Nacional do Transporte (CNT) e Instituto Sensus divulgada nesta quarta-feira. Em setembro deste ano, essa percepção era de 80,7%." (*Site* de notícias)

6) **Função Fática**

- o canal (contato) é o centro da mensagem;
- essa linguagem se manifesta quando a finalidade é testar, estabelecer ou encerrar o contato entre o emissor e o receptor (como em ligações telefônicas, saudações, cumprimentos etc.);
- tal função cria as condições básicas para que ocorra a interação verbal;
- algumas marcas linguísticas: *"Bom dia/tarde/noite", "Oi", "Olá", "Fala...", "E aí", "Estou entendendo", "Vamos lá?", "Pronto", "Atenção", "Sei...", "Fui", "Valeu", "Tchau"* etc.

Exemplo:

– *"Fala, galera! Beleza? Boa noite a todos. Bem... vamos lá..."* (um professor, antes de iniciar a aula)

– *"Alô? Entendeu?"*

Noções de Semiótica (ou Semiologia) e Linguística

Este assunto pode parecer-lhe estranho, e é, em 99,99% dos concursos públicos! Mas... a FCC já tratou dele. Veja o conteúdo programático do edital (beeeeem diferente do usual!):

> Analista Judiciário – ÁREA APOIO ESPECIALIZADO – ESPECIALIDADE TAQUIGRAFIA – 2010
>
> PORTUGUÊS:
>
> Comunicação e expressão em língua portuguesa: Gramática (fonética, morfologia e sintaxe: construção frasal, concordância, regência, crase, colocação e emprego). Semântica. Estilística. Interpretação de textos. Redação (confronto e reconhecimento de frases corretas e incorretas). Figuras e vícios de linguagem. Pontuação: pontuação e estrutura sintática, pontuação ênfase; particularidades em textos normativos articulados, em enumerações, em citações e em transcrições. Terminologia jurídica, expressões usuais na linguagem jurídica, latinismos jurídicos, vícios e impropriedades da linguagem judiciário-forense.
>
> NOÇÕES BÁSICAS DE **SEMIOLOGIA** E **LINGUÍSTICA**:
>
> Conceituação, campo de atuação dos fenômenos e questões linguísticas e semiológicas, aplicação. A linguagem e seus planos, estrutura, modalidades, evolução; a linguagem e a comunicação. Teoria do Discurso: estruturas narrativas, organização discursiva, enunciações e relações intertextuais; a tipologia, análise e metodologia do discurso. A questão sígnica: sistemas, estrutura e dinâmica de signos.

Vamos entender agora!

Semiótica é a ciência geral dos signos, ou a arte dos sinais. É uma ciência que trata de todas as linguagens, a saber, quaisquer sinais usados pelo homem (ou não!) para representar algo interno ou externo, estabelecendo normalmente a comunicação. Assim, um cheiro, uma imagem, uma percepção, um movimento, um som, um sabor, ou todos esses elementos juntos – que dizem respeito aos sentidos humanos (ou não!) – colaboram para patentear a comunicação.

Já a **Linguística** é mais específica, pois trata da linguagem **humana,** ou melhor, da língua. O dicionário Houaiss define bem esta ciência: "ciência que tem por objeto: **(1)** a linguagem humana em seus aspectos fonético, morfológico, sintático, semântico, social e psicológico; **(2)** as línguas consideradas como estrutura; **(3)** origem, desenvolvimento e evolução das línguas; **(4)** as divisões das línguas em grupos, por tipo de estrutura ou em famílias, consoante o critério seja tipológico ou genético".

Veja uma questão sobre isso:

52. (FCC – TRF (4ª R) – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2010) Analise:

A Semiologia (ou Semiótica) é a teoria geral ...J.... Ela difere da Linguística por sua maior abrangência: enquanto a Linguística é o estudo científico ...K..., a Semiologia preocupa-se com todo e qualquer sistema ...L..., seja ele natural ou convencional. Por esse ângulo, a Linguística insere-se como uma parte da Semiologia. Semiologia e Semiótica são termos permutáveis.

(Adaptado de Castelar de Carvalho (UFRJ, ABF). Saussure e a Língua Portuguesa, http://www.filologia.org.br/viisenefil/09.htm. Acesso em 02 de fevereiro de 2010.)

As lacunas J, K e L são, correta e respectivamente, preenchidas por:

a) dos significados – das linguagens – de significantes;
b) da significação – da fala – linguístico;
c) dos símbolos – dos signos – de fala;
d) da comunicação – da morfossintaxe – de troca;
e) dos sinais – da linguagem humana – de comunicação.

Comentário: E. Note que a questão trata da definição da semiótica e da linguística de maneira bem didática. Bastaria saber a definição de ambas e a diferença entre elas para acertá-la.

Uma vez que a semiótica trata de signos (ou sinais) verbais ou não verbais, diz-se que eles (co)ocorrem em forma de **ícone**, **índice** ou **símbolo**. Vejamos:

1) O **ícone** é uma retratação de algo do mundo real ou imaginário. A sua foto 3X4, uma pintura de um vaso de flores, uma escultura de um homem famoso, um desenho de uma sereia etc. são signos icônicos, pois buscam representar de modo bem similar os elementos do externo universo humano. Sabemos, por exemplo, que determinada conversa que ouvimos ou lemos pertence a um casal de namorados, pois nela muitas palavras (e a entonação delas) aparentam a maneira comum de os casais se tratarem; daí, podemos afirmar que ocorre iconicidade neste trecho: – Oi, amorzinho. – Fala, nem. Como foi o seu dia? – Ai, paixão, senti tanto a sua falta! – Ah, calma, Ju, só faltam dois dias pra gente se ver. – Sabe, Nando, eu sou louquinha por você! – Você só é assim, porque... eu sou lindo! – Convenciiiido!
2) O **índice** (ou indício) é um signo que sugere, por inferência, um acontecimento, uma intenção etc. Ocorre a ideia de contiguidade nesse tipo de signo, pois ele é uma parte de um todo absorvido, anteriormente, pelo conhecimento de mundo. Um céu estrelado sugere sol no dia seguinte, uma buzinada sugere pedido de passagem, um lugar saindo fumaça sugere presença de fogo, uma fala irônica sugere desprezo por alguém, um simples clique (pela boca) sugere insatisfação, um sotaque sulista sugere a origem da pessoa etc.
3) O **símbolo** é, em geral, uma imagem que, por herança cultural ou não, serve para representar o abstrato pelo concreto. Uma caveira simboliza a morte ou o perigo, o preto simboliza o luto, nossa bandeira simboliza nossa nação, a pomba branca simboliza a paz, as letras dos alfabetos simbolizam sons ou ideias inteiras, uma aliança no dedo anelar esquerdo simboliza o casamento, a cruz simboliza o cristianismo etc.

Os signos são incontáveis e seus referentes idem. Vale dizer ainda que um mesmo signo pode, ao mesmo tempo, ser tomado como **ícone, índice** e **símbolo**; por exemplo, a imagem de um sapatinho na janela. É **ícone**, porque retrata um sapato na janela; é **índice**, porque sugere que o Papai Noel vai deixar um presente; é **símbolo**, porque representa (também) o Natal.

O Que Cai Mais na Prova?

Dos assuntos tratados aqui, as *funções da linguagem* são o que você deve estudar!

Questões de Concursos

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2003) **Mistura linguística**

Muita gente, em vários países, fala um pouco de inglês todo dia sem perceber. Sem contar o "informatiquês", cujos verbetes – como *megabyte, browser, hard disk, software* – são expressões do mais puro inglês, muitas outras palavras do dia-a-dia de brasileiros, franceses, alemães e, principalmente, japoneses têm origem no idioma bretão. Futebol (*football*), sanduíche (*sandwich*) e deletar (verbo criado a partir de *to delete*, suprimir) são exemplos conhecidos de anglicismo (uso de expressões em inglês ou originadas dele) no português. Os alemães apertam o *resetknopf* (*reset button* ou botão de *reset*) para iniciar o computador. E os franceses, conhecidos por sua ojeriza a estrangeirismos, despedem-se dos colegas de trabalho na sexta-feira dizendo *bon weekend*.

A situação do japonês é particularmente curiosa. Estima-se que cerca de vinte mil palavras do vocabulário moderno tenham origem no inglês. Sorvete é *aisukurimu*, de *ice cream*. Ar condicionado é *eacon*, de *air conditioner*. E banheiro deixou de ser *obenjyo* para se tornar *toiré*, de *toillet*.

A história dessa imposição linguística certamente desperta animosidades. Na Índia, por exemplo, onde o inglês é uma das línguas oficiais, ele não é muito ouvido nas ruas. Falar inglês ainda lembra um passado de opressão.

Galileu, fev./2002, p. 37 (com adaptações).

1. A seleção de argumentos e do vocabulário mostra o grau de engajamento do autor em face do assunto: paralelamente às funções referencial e metalinguística, que veiculam informações objetivas, há marcadores linguísticos que deixam entrever elementos subjetivos.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

2. (UNIFESP – Vestibular – 2005) Observe os pares de versos:

"Substantivo (concreto) é tudo quanto indica
Pessoa, animal ou cousa: João, sabiá, caneta."

"Antes mesmo que tu saibas o misterioso sentido: Basta provares o seu gosto..."

Considerando-se o título e os sentidos propostos no poema, é correto afirmar sobre os versos que

a) o primeiro par remete à ideia de gramática; o segundo, à ideia de linguagem. Neles predominam, respectivamente, a função metalinguística e a apelativa.
b) ambos os pares remetem à ideia de gramática; portanto, neles predomina a função metalinguística.
c) o primeiro par remete à ideia de gramática; o segundo, à ideia de linguagem. Nos dois pares, predomina a função referencial.
d) ambos os pares remetem à ideia de linguagem. No primeiro, a função é metalinguística; no segundo, referencial.
e) o primeiro par remete à ideia de linguagem; o segundo, à ideia de gramática. Em ambos os pares, estão presentes as funções apelativa e referencial.

Frente à tradição hindu que há 2.500 anos divide a sociedade indiana em mais de 2.000 castas, os 60 anos dos ideais liberais de Gandhi e os 10 anos da legalização do casamento entre castas revelam-se impotentes para transformar a organização hierárquica da sociedade. Em confronto direto com o costume milenar, o governo da Índia oferece uma recompensa de R$ 2.400 para homens e mulheres de diferentes grupos sociais que formalizem sua união.

O dinheiro equivale ao dobro da renda per capita anual do país. O governo justifica que a medida é um passo para a reacomodação das desigualdades. Para grande parte da sociedade, é um passo no escuro.

O governo – que já enfrenta protesto contra cotas em universidades – vê-se, agora, diante de um desafio maior. O esquema está sob ataque de todos os lados. Os conservadores alegam que a medida é gatilho para o caos social. Os liberais sustentam que poucos vão receber a oferta porque o dinheiro vai desaparecer no bolso de autoridades corruptas.

Indianos de castas mais baixas dizem que rejeitariam a recompensa, pois perderiam o acesso preferencial às universidades, garantido pelas já controversas cotas. Hoje, o governo oferece 22,5% das vagas aos intocáveis, os últimos na hierarquia hindu, mas pretende aumentá-las para 50%.

"Sei que esta não é a única maneira de pôr um fim à discriminação, mas é preciso começar de algum lugar", defende a ministra da Justiça Social. Para a socióloga Radhika Chopra, a oferta é uma forma de sinalizar que esses casamentos não devem ser condenados. "Com a medida, o governo apóia os indivíduos que transgrediram barreiras sociais e mostra que podem funcionar como exemplos", acrescenta a socióloga.

Jornal do Brasil, 17/12/2006 (com adaptações).

3. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2007) No que se refere a funções da linguagem, predomina, no texto, a função:

a) fática, visto que o autor do texto busca, de forma sutil, convencer os leitores dos benefícios do projeto que visa incentivar o casamento entre pessoas pertencentes a castas diferentes;

b) referencial, dado que a ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto;
c) emotiva, dado que são as falas das autoridades entrevistadas que direcionam a forma como as informações são apresentadas;
d) conativa, visto que as opiniões expressas estão devidamente referenciadas, não havendo, portanto, perda de objetividade na transmissão das informações;
e) metalinguística, haja vista o foco em aspectos intertextuais, como demonstram as diversas vozes que acompanham a informação divulgada.

"O princípio de que o Estado necessita de instrumentos para agir com rapidez em situações de emergência está inscrito no arcabouço jurídico brasileiro desde a primeira Constituição, de 1824, dois anos após a Independência, ainda no Império. (...)"

4. (Cespe/UnB – TJ/RJ – Técnico de Atividade Judiciária – 2008) A função da linguagem predominante no texto é:
a) metalinguística;
b) poética;
c) expressiva;
d) apelativa;
e) referencial.

5. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa que indica corretamente a função de linguagem predominante no texto abaixo:

A estação Júlio Prestes, marco histórico e turístico de São Paulo, completou 70 anos nesta semana. Atualmente, o local abriga a Sala São Paulo, sede da Orquestra Sinfônica do Estado, além de ser o ponto de partida da atual Linha 8 (Júlio Prestes-Itapevi) da CPTM [Companhia Paulista de Trens Metropolitanos].
a) emotiva.
b) apelativa.
c) referencial.
d) fática.

Bom Conselho
Ouça um bom conselho
Que eu lhe dou de graça
Inútil dormir que a dor não passa
Espere sentado
Ou você se cansa
Está provado, quem espera nunca alcança
Venha, meu amigo
Deixe esse regaço
Brinque com meu fogo
Venha se queimar
Faça como eu digo
Faça como eu faço
Aja duas vezes antes de pensar

6. (CAP/UFRJ – Admissão (Ensino Médio – 2ª Série) – 2008 (adaptada)) Qual é a função da linguagem predominante nas duas primeiras estrofes da composição de Chico Buarque, considerando-se o modo verbal mais recorrente?
a) fática.
b) emotiva.
c) referencial.
d) poética.
e) conativa.

Os índios descobertos pelo Google Earth

Duas aldeias de índios que vivem isolados foram fotografadas pela primeira vez, na fronteira entre o Peru e o Acre. O sertanista José Carlos Meirelles, da Funai, havia encontrado ainda em terra vestígios de duas etnias desconhecidas e dos nômades maskos. Rielli Franciscato, outra sertanista da Funai, localizou as coordenadas exatas das malocas pelo Google Earth, programa que fornece mapas por satélite. Meirelles, que procurava os povos havia 20 anos, sobrevoou a área e avistou os roçados e as ocas. O avião assustou a tribo, que nunca teve contato com homem branco. As mulheres e as crianças correram, e os homens tentaram flechar o avião. A exploração de madeira no lado peruano pode ter estimulado a

migração das etnias para o território brasileiro.
Revista Época. Globo, N 524, 2 de junho de 2008, p. 17

7. (UEMS – Vestibular – 2008) No texto, encontra-se como função da linguagem predominante a:
a) fática;
b) metalinguística;
c) referencial;
d) poética;
e) emotiva.

Texto 1

Em sucessivos relatórios do ministro da Fazenda em meados da década de 1880, aludia-se ao fato de várias assembleias provinciais estabelecerem impostos sobre a exportação, uma parte da receita dos quais podiam reter, e também sobre a importação, o que era expressamente vedado pela Constituição. Sob pressão de associações comerciais e dos delegados regionais da Fazenda, diversas assembleias foram forçadas a votar a supressão desses impostos. O Visconde Paranaguá, em seu relatório para 1883, informava que apenas Pernambuco, Bahia e Maranhão ainda resistiam. A questão da repartição dos impostos e das competências de cada ente federativo parece, portanto, mais antiga que a própria República.

8. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) No texto, narrativa de cunho histórico acerca de tema da economia brasileira, o autor emprega predominantemente linguagem referencial e objetiva.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Texto 2

"(...)

– Tudo; vocês como simples impostos são excelentes, gorduchos e corados, cheios de vida. O que os corrompe e faz definhar é o epíteto de inconstitucionais. Eu, abolindo por um decreto todos os adjetivos de Estado, resolvia de golpe esta velha questão, e cumpria esta máxima que é tudo o que tenho colhido da história e da política, que aí dou por dois vinténs a todos os que governam o mundo: os adjetivos passam, e os substantivos ficam."

9. O narrador recorreu à função metalinguística da linguagem para formular, ao final da crônica, sua máxima, carregada de arbitrariedade.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Então, aproveite bem o seu dia. Extraia dele todos os bons sentimentos possíveis. Não deixe nada para depois. Diga o que tem para dizer. Demonstre. Seja você mesmo. Não guarde lixo dentro de casa. Não cultive amarguras e sofrimentos. Prefira o sorriso. Dê risada de tudo, de si mesmo. Não adie alegrias nem contentamentos nem sabores bons. Seja feliz. Hoje. Amanhã é uma ilusão. Ontem é uma lembrança. No fundo, só existe o hoje.

10. (Funiversa – IPHAN – Analista (Contabilidade) – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O último parágrafo do texto utiliza uma linguagem emotiva, que pode ser comprovada especialmente na opção pela subjetividade voltada para o narrador.

"(...) Isso dá valor ímpar ao par "com ideais/sem ideais": em "com ideais", a preposição "com" introduz o instrumento; em "sem ideais", a preposição "sem" introduz a condição ("Não se atua na sociedade sem ideais" = "Não se atua na sociedade se não houver/ sem que haja ideais"). Como se vê, a relação que existe entre "com ideais" e "sem ideais" vai muito além da mera antonímia. (...)"

11. (Fadesp – Pref. Juruti/PA – Enfermeiro – 2010) (Adaptada) Sobre o texto, a afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– No penúltimo parágrafo do texto, a função de linguagem predominante é a metalinguística.

A biosfera, que reúne todos os ambientes onde se desenvolvem os seres vivos, se divide em unidades menores chamadas ecossistemas, que podem ser uma floresta, um deserto e até um lago. Um ecossistema tem múltiplos mecanismos que regulam o número de organismos dentro dele, controlando sua reprodução, crescimento e migrações.

12. (ENEM – Vestibular – 2010) Predomina no texto a função da linguagem:
a) emotiva, porque o autor expressa seu sentimento em relação à ecologia;
b) fática, porque o texto testa o funcionamento do canal de comunicação;
c) poética, porque o texto chama a atenção para os recursos de linguagem;

d) conativa, porque o texto procura orientar comportamentos do leitor;
e) referencial, porque o texto trata de noções e informações conceituais.

13. (FUMARC – PM/MG – Oficial da PM – 2011) Leia e analise o BRASÃO da Polícia Militar de Minas Gerais:

Polícia Militar de Minas Gerais

Pode-se inferir que o BRASÃO representa, predominantemente, uma função de linguagem:
a) expressiva;
b) referencial;
c) conativa;
d) fática.

14. (Cespe/UnB – SAEB/BA – Professor de Língua Portuguesa – 2011) Pelos sentidos e pelas estruturas linguísticas, é correto concluir que o emprego de "Conheça" e "Não perca" indica que a função da linguagem predominante no texto é a:
a) metalinguística;
b) poética;
c) conativa;
d) expressiva.

Poucos depoimentos eu tenho lido mais emocionantes que o artigo-reportagem de Oscar Niemeyer sobre sua experiência em Brasília. Para quem conhece apenas o arquiteto, o artigo poderá passar por uma defesa em causa própria – o revide normal de um pai que sai de sua mansidão costumeira para ir brigar por um filho em quem querem bater. Mas, para quem conhece o homem, o artigo assume proporções dramáticas. Pois Oscar é não só o avesso do causídico, como um dos seres mais antiautopromocionais que já conheci em minha vida.

Sua modéstia não é, como de comum, uma forma infame de vaidade. Ela não tem nada a ver com o conhecimento realista – que Oscar tem – de seu valor profissional e de suas possibilidades. É a modéstia dos criadores verdadeiramente integrados com a vida, dos que sabem que não há tempo a perder, é preciso construir a beleza e a felicidade no mundo, por isso mesmo que, no indivíduo, é tudo tão frágil e precário.

Oscar não acredita em Papai do Céu, nem que estará um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso. Põe ele, como um verdadeiro homem, a felicidade do seu semelhante no aproveitamento das pastagens verdes da Terra; no exemplo do trabalho para o bem comum e na criação de condições urbanas e rurais, em estreita intercorrência, que estimulem e desenvolvam este nobre fim: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver.

Eu acredito também nisso, e quando vejo aquilo em que creio refletido num depoimento como o de Oscar Niemeyer, velho e querido amigo, como não me emocionar?

(*Vinicius de Moraes. Para viver um grande amor. RJ: J. Olympio, 1982, p. 134-5 (com adaptações))*

15. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2011) No texto, a linguagem foi empregada predominantemente em suas funções emotiva e poética.
( ) CERTO
( ) ERRADO

UM CÃO APENAS

Subidos, de ânimo leve e descansado passo, os quarenta degraus do jardim – plantas em flor, de cada lado; borboletas incertas; salpicos de luz no granito – eis-me no patamar. E a meus pés, no áspero capacho de coco, à frescura da cal no pórtico, um cãozinho doente, com todo o corpo ferido; gastas as mechas brancas de pelo; o olhar dorido e profundo, com esse lustro de lágrimas que há nos olhos das pessoas muito idosas. Com grande esforço acaba de levantar-se. Eu não lhe digo nada; não faço nenhum gesto. Envergonha-me haver interrompido o seu sono. Se ele estava feliz, eu não devia ter chegado. Já lhe faltavam tantas coisas, que ao menos dormisse: também os animais devem esquecer, enquanto dormem. (Cecília Meireles)

16. (COPEVE-UFAL – UFAL – Assistente de Administração – 2011) Ao escrever sobre um cão doente, Cecília Meireles

explora formas de comunicação centradas na expressão do Eu. Isso quer dizer que:
a) não há intenção emotiva em seu texto;
b) seu objetivo é envolver o leitor, seduzir, convencer;
c) a ênfase está na subjetividade da autora, na sua condição de expressar opiniões;
d) há uma manutenção dos aspectos expressivos a partir do canal de comunicação;
e) a ênfase recai principalmente sobre a construção do texto, sobre a arrumação das palavras no espaço gráfico.

O QUE VOCÊ DEVE FAZER
(Se for bom leitor de jornais e revistas, fiel ouvinte de rádio,
obediente telespectador ou simples passageiro de bonde.)
Consuma aveia, como experiência, durante 30 anos.
Emagreça um quilo por semana sem regime e sem dieta.
Livre-se do complexo de magreza, usando Koxkoax hoje mesmo.
Procure nosso revendedor autorizado.
Economize servindo a garrafa monstro de Lero-Lero.
Ganhe a miniatura da garrafa de Lisolete.
Tenha sempre à mão um comprimido de leite de magnólia.
Resolva de uma vez o problema de seu assoalho, aplicando-lhe Sintaxe.
Use somente peças originais, para o funcionamento ideal do seu W.Y.Z.
Tenha sempre à mão uma caixa de adesivos plásticos.
Faça o curso de madureza por correspondência.
Aprenda em casa, nas horas vagas, a fascinante profissão de relojoeiro. [...]
Carlos Drummond de Andrade

17. (Ceperj – Pref. Cantagalo/Rj – Oficial Administrativo – 2011) Sempre que há comunicação há uma intenção, o que determina que a linguagem varie, assumindo funções. A função da linguagem predominante no texto com a respectiva característica está expressa em:
a) referencial – presença de termos científicos e técnicos;
b) expressiva – predominância da 1ª pessoa do singular;
c) fática – uso de cumprimentos e saudações;
d) apelativa – emprego de verbos flexionados no imperativo.

I

A Lei Maria da Penha
Está em pleno vigor
Não veio pra prender homem
Mas pra punir agressor
Pois em “mulher não se bate
Nem mesmo com uma flor”.

II

A violência doméstica
Tem sido uma grande vilã
E por ser contra a violência
Desta lei me tornei fã.
Pra que a mulher de hoje
Não seja vítima amanhã.

III

Toda mulher tem direito
A viver sem violência
É verdade, está na lei.
Que tem muita eficiência
Pra punir o agressor
E à vítima, dar assistência.
.....
(Tião Simpatia. A Lei Maria da Penha em cordel)

18. (FDSM – Vestibular – 2011) Qual função da linguagem se destaca nesse texto?

a) Função denotativa ou referencial.
b) Função conativa ou apelativa.
c) Função metalinguística.
d) Função poética.
e) Função fática.

Pequeno concerto que virou canção

Não, não há por que mentir ou esconder
A dor que foi maior do que é capaz meu coração
Não, nem há por que seguir cantando só para explicar
Não vai nunca entender de amor quem nunca soube amar
Ah, eu vou voltar pra mim
Seguir sozinho assim
Até me consumir ou consumir toda essa dor
Até sentir de novo o coração capaz de amor

19. (ENEM – Vestibular – 2011) Na canção de Geraldo Vandré, tem-se a manifestação da função poética da linguagem, que é percebida na elaboração artística e criativa da mensagem, por meio de combinações sonoras e rítmicas. Pela análise do texto, entretanto, percebe-se, também, a presença marcante da função emotiva ou expressiva, por meio da qual o emissor:
a) imprime à canção as marcas de sua atitude pessoal, seus sentimentos;
b) transmite informações objetivas sobre o tema de que trata a canção;
c) busca persuadir o receptor da canção a adotar um certo comportamento;
d) procura explicar a própria linguagem que utiliza para construir a canção;
e) objetiva verificar ou fortalecer a eficiência da mensagem veiculada.

Início do texto (ao longo dele, predominam as mesmas características gramaticais e discursivas presentes aqui): "Não fui, e não sou, um escrevedor de cartas. Acredito que, no momento em que você estiver lendo esta mensagem, meus sentimentos a respeito dela
Linhas 25 a 27: O maior epistológrafo (que palavra horrível!) de todos os tempos foi, sem dúvida, São Paulo. Há quem diga que suas epístolas deram origem à Educação a Distância, já que ele difundia o cristianismo por meio de cartas para seus discípulos...
Linhas 38 a 40: Na música, em minha adolescência, me comovia com a voz de Dalva de Oliveira cantando "Quando o carteiro chegou/e meu nome gritou/com uma carta na mão/ante surpresa tão rude/não sei como pude/chegar ao portão...".
Deve-se a Roman Jakobson a discriminação das seis funções da linguagem na expressão e na comunicação humanas, conforme o realce particular que cada um dos componentes do processo de comunicação recebe no enunciado. Por isso mesmo, é raro encontrar em uma única mensagem apenas uma dessas funções, ou todas reunidas em um mesmo texto. O mais frequente é elas se superporem, apresentando-se uma ou outra como predominante. No que se refere à presença das funções da linguagem no texto acima apresentado, julgue os itens a seguir:

20. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) A função fática se manifesta, no texto, nos versos transcritos nas linhas de 38 a 40, nos quais se evidencia um trabalho de construção da linguagem para produzir sonoridades, ritmo e rimas, recursos característicos da produção de letras de composições musicais.
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. A função emotiva, centrada no destinador ou emissor da mensagem, está presente no texto, o que se comprova pelo emprego de verbos na primeira pessoa, de segmentos com julgamentos subjetivos e de pronomes de primeira pessoa.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. Presente no ato de falar sobre a linguagem, a função metalinguística manifesta-se nos enunciados "(que palavra horrível!)" (L.24) e "Há quem diga que suas epístolas deram origem à Educação a Distância, já que ele difundia o cristianismo por meio de cartas para seus discípulos" (L.25-27), nos quais o autor tomou o próprio código de comunicação como assunto da mensagem.
( ) CERTO
( ) ERRADO

O LENDÁRIO PAÍS DO RECALL

Moacyr Scliar

"MINHA QUERIDA DONA: quem lhe escreve sou eu, a sua fiel e querida boneca, que você não vê há três meses. Sei que você sente muitas saudades, porque eu também sinto saudades de você. Lembro de você me pegando no colo, me chamando de filhinha, me dando papinha... (...)"

23. (Ceperj – Procon/Rj – Agente de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) A função da linguagem predominante no texto é:
a) emotiva;
b) conativa;
c) referencial;
d) fática;
e) metalinguística.

Desabafo

Desculpem-me, mas não dá pra fazer uma cronicazinha divertida hoje. Simplesmente não dá. Não tem como disfarçar: esta é uma típica manhã de segunda-feira. A começar pela luz acesa da sala que esqueci ontem à noite. Seis recados para serem respondidos na secretária eletrônica. Recados chatos. Contas para pagar que venceram ontem. Estou nervoso. Estou zangado. (CARNEIRO, J.E.Veja, 11 set. 2002 (fragmento))

24. (ENEM – Vestibular – 2012) Nos textos em geral, é comum a manifestação simultânea de várias funções da linguagem, com predomínio, entretanto, de uma sobre as outras. No fragmento da crônica *Desabafo*, a função de linguagem predominante é a emotiva ou expressiva, pois:
a) O discurso do enunciador tem como foco o próprio código;
b) A atitude do enunciador se sobrepõe àquilo que está sendo dito;
c) O interlocutor é o foco do enunciador na construção da mensagem;
d) O referente é o elemento que se sobressai em detrimento dos demais;
e) O enunciador tem como objetivo principal a manutenção da comunicação.

A Felicidade

Tristeza não tem fim felicidade sim.
A felicidade é como a pluma
que o vento vai levando pelo ar,
voa tão leve, mas tem a vida breve
precisa que haja vento sem parar.
A felicidade do pobre
parece a grande ilusão do carnaval
a gente trabalha o ano inteiro
por um momento de sonho
pra fazer a fantasia
de rei ou de pirata ou jardineira
pra tudo se acabar na quarta-feira.
A felicidade é como a gota de orvalho
numa pétala de flor,
brilha tranquila
depois de leve oscila
e cai como uma lágrima de amor.
A minha felicidade
está sonhando nos olhos
da minha namorada
É como esta noite, passando,
passando em busca da madrugada
Fale baixo por favor
pra que ela acorde
alegre com o dia
oferecendo beijos de amor.

MORAES, Vinicius e JOBIM, Tom. As mais belas serestas brasileiras. 9ª ed. Belo Horizonte: Barvalle Indústria Gráfica Ltda., 1989.

25. (FAB – EPCAR – Cadetes – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A função da linguagem predominante é a conativa.

26. (UERJ – Vestibular (1o Exame de Qualificação) – 2012) O texto de Lima Barreto explora o recurso da metalinguagem, ao comentar, na sua ficção, o próprio ato de compor uma ficção.
Esse recurso está exemplificado principalmente em:
a) São em geral de uma lastimável limitação de ideias,
b) Vivo aqui só, isto é, sem relações intelectuais de qualquer ordem.
c) – Vem dormir, Isaías! Deixa esse relatório para amanhã!
d) Já por duas vezes, tentei escrever; mas, relendo a página, achei-a incolor, comum,

27. (Fundação Sousândrade – Pref. Estreito/Ma – Supervisor Escolar – 2012) Segundo o linguista Jakobson, a linguagem opera em várias funções, conforme a ênfase dada a um dos elementos da comunicação. A partir dessa informação, pode-se afirmar que em "last act (bribery)" e em "último ato (suborno)" evidencia-se uma centralidade no código linguístico. Esse procedimento evidencia o emprego da função denominada:
a) Emotiva.
b) Conativa.
c) Poética.
d) Referencial.
e) Metalinguística.

Gabarito

1. CERTO.	7. C.	13. B.	19. A.	25. INCORRETA.
2. A.	8. CERTO.	14. C.	20. ERRADO.	26. D.
3. B.	9. CERTO.	15. CERTO.	21. CERTO.	27. E.
4. E.	10. INCORRETA.	16. C.	22. ERRADO.	
5. C.	11. CORRETA.	17. D.	23. A.	
6. E.	12. E.	18. D.	24. B.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 34

Compreensão/Interpretação de Textos e Tipologia Textual

Definição

Milhares de alunos já me perguntaram algo parecido com isto: “Professor, o que devo fazer para interpretar melhor?” Resposta: “Só se aprende a interpretar interpretando.”

Parece uma resposta meio evasiva, desprovida de objetividade, não é? No entanto, interpretar está diretamente ligado à capacidade que todo ser humano, com suas faculdades mentais em perfeito estado, tem. Por isso, quando lemos um jornal ou uma revista ou quando ouvimos uma notícia, normalmente entendemos a mensagem. Só não a entenderemos plenamente se for um assunto que não dominamos, não é verdade? Sendo assim, quanto mais lemos, quanto mais absorvemos conhecimento, mais fácil fica entender o que um texto quer dizer.

Mas o que é um texto?

Segundo Platão e Fiorin, “não é amontoando os ingredientes que se prepara uma receita; assim também não é superpondo frases que se constrói um texto”.

Essa assertiva desses consagrados professores marca como uma epígrafe este tópico, pois um texto nunca é um emaranhado de frases. **Um texto é um conjunto de frases que “dialogam” entre si, estabelecendo determinadas relações de sentido**. Às vezes, um texto pode ser formado por uma só frase, uma só palavra. O fato é que, em um texto, o todo é o que importa, e não suas partes, pois frases soltas podem gerar interpretações equivocadas. Imagine o seguinte diálogo:

– Que nota você daria para esta gramática?

– Dez...

Se o diálogo parasse aqui, poderíamos dizer que o Pestana ficaria feliz, certo? Afinal, o segundo falante atribui nota máxima a este livro. Não obstante, o texto do segundo falante ainda não está terminado (agora o diálogo completo):

– Que nota você daria para esta gramática?

– Dez... quilômetros por hora.

E agora? O Pestana fica triste, ora. Aqui podemos entender que minha obra é tão ruim, tão lenta... que dá sono.

Em outras palavras, se tomássemos isoladamente o texto *“Dez...”* chegaríamos a uma conclusão diferente da que chegamos agora, pois as partes de um texto, mesmo que curto, se completam. Por isso, **o melhor leitor de um texto é aquele que não se apega a frases soltas dentro dele, mas que observa o contexto (o entorno do texto)**. Não há texto que possa ser bem lido e compreendido sem que se considerem também as questões **extralinguísticas**, as quais cerceiam o discurso do autor, a saber: sua visão de mundo, seu contexto histórico e social.

Um texto precisa ter **textualidade**, que é o conjunto de características que o constituem. Em

outras palavras, ele precisa ter início, meio e fim. Precisa apresentar certa lógica para que atinja seu objetivo. Por exemplo, elementos linguísticos precisam colaborar para que a comunicação seja estabelecida, afinal todo autor escreve com a intenção de ser lido e compreendido. Perceber que existem parágrafos separando ideias que se relacionam já é um bom começo para dominar a leitura de um texto.

Eu mesmo (e aqui vai uma dica!), quando leio um texto "pretensioso", complexo, divido minha leitura pelos parágrafos e faço pequenos resumos do que consta do parágrafo. Recomendo o mesmo!

É certo que existem certas *estratégias* para facilitar ainda mais a leitura e compreensão de um texto. Uma delas é o reconhecimento dos modos de organização discursiva, tipologia textual. Saber as características de um tipo de texto e também de um gênero textual facilita muito a vida de quem pretende "decifrar" um texto.

Antes, porém, quero destacar alguns conceitos notáveis, os quais nos auxiliam na melhor apreensão de sentido de um texto: **operadores argumentativos e pressupostos e subentendidos**.

Operadores Argumentativos

Os **operadores argumentativos** são certos elementos da língua – normalmente invariáveis, como **advérbio, conjunção, preposição e palavra denotativa** – os quais estabelecem determinadas relações de sentido e concatenam as ideias dentro do texto. Servem para introduzir diversos tipos de argumentos, que, dentre outras funções, apontam para determinadas inferências. Sem eles, a clareza ou a inteligibilidade de um texto ficaria comprometida.

Nada como bons exemplos para entendermos com facilidade o que se diz. Veja estas quatro frases e os respectivos comentários acerca delas:

No mundo todo, ainda há pessoas sendo exploradas como escravos.

Note que o advérbio *ainda* nos leva a inferir (deduzir, concluir) que, antes do momento da declaração, já havia pessoas sendo exploradas como escravos.

Embora muitos vivam em lugares sem infraestrutura, a felicidade não os abandona.

Note que a conjunção *embora* introduz argumento de valor negativo que se contrapõe, como ressalva/restrição, ao conteúdo de valor positivo da oração seguinte.

Até o presidente brasileiro faz "vista grossa" para o problema do trabalho infantil.

Note que a palavra denotativa de inclusão *até* indica que outras pessoas, além do presidente brasileiro, ignoram o problema.

Além do tráfico de drogas e de armas, o tráfico de pessoas é um dos mais chocantes.

Note que a locução prepositiva *além de* indica um acréscimo de informações, reforçando a argumentação.

Conheça os **operadores argumentativos** mais usados nos textos em geral (se for o caso, recapitule o capítulo de *conjunção, preposição e advérbio* – nunca é demais):

1) **Introduzem argumentos que se <u>somam</u> a outros**: *e, nem (= e não), não só/apenas/somente... mas/como/senão (também, ainda)..., tanto... quanto/como, além de, além disso, também, ainda...*
   – *O político,* ***não só*** *por representar o maior colégio eleitoral do Brasil,* ***mas também*** *por ser do maior partido brasileiro, está muito bem cotado para a presidência.*

Obs.: Certas palavras denotativas de **inclusão** também somam argumentos: *até, inclusive, mesmo...* A expressão *até mesmo* tem muita força argumentativa ao introduzir um argumento. Sobre isso, veja esta questão: FEC – PC/RJ – INSPETOR DE POLÍCIA 6ª CLASSE – 2012 – QUESTÃO 21 b).

2) **Introduzem argumentos que se <u>opõem</u> a outros**: *mas, porém, todavia, contudo, entretanto, no entanto, não obstante... (conjunções adversativas); embora, ainda que, mesmo (que), apesar de (que), a despeito de, conquanto, se bem que, por mais que, sem que... (conjunções concessivas); já, quando, agora, antes, ao contrário... (advérbios)*
– *Eles vieram de carro, **quando** – cá entre nós – poderiam ter vindo a pé.*

3) **Introduzem argumentos que <u>se alternam</u> ou <u>se excluem</u>**: *ou, ou...ou, ora...ora, quer...quer, já...já, umas vezes...outras vezes, talvez...talvez, seja...seja...*
– ***Quer** consiga uma vaga para Fiscal de Rendas este ano, **quer** não, nunca desistirei.*

4) **Introduzem uma <u>conclusão</u> ou <u>consequência</u>**: *logo, portanto, por isso, por conseguinte, então, assim, em vista disso, sendo assim, consequentemente, pois (depois do verbo), de modo/forma/maneira/sorte que...*
– *Tal exploração ilegal foi denunciada em 2000; **em vista disso**, quem foi pego está preso até hoje.*

5) **Introduzem argumentos com ideia de <u>explicação</u> ou <u>causa</u>**: *porque, que, porquanto, senão, pois (antes do verbo), visto que/como, uma vez que, já que, dado que, posto que, em virtude de, devido a, por motivo/causa/razão de, graças a, em decorrência de, como...*
– *A estimativa é que mais de 80 mil pessoas foram mortas e 320 mil torturadas **em decorrência d**as ações da operação na região.*

6) **Introduzem argumentos com ideia de <u>comparação</u>, <u>analogia</u>**: *(do) que (após mais, menos, maior, menor, melhor, pior), qual/ como (após tal), como/ quanto (após tanto, tão), como (= igual a), assim como, como se, feito...*
– *"Absurdo é afirmar peremptoriamente, **como se** fosse produto de conhecimento científico, que o Brasil não pode ter uma taxa de juros real."* (Delfim Netto)

7) **Introduzem argumentos com ideia de <u>condição</u>, <u>hipótese</u>**: *se, caso, contanto que, exceto se, desde que (verbo no subjuntivo), a menos que, a não ser que, exceto se...*
– *O rapaz completará 18 anos de idade em dezembro e ingressará na faculdade no próximo ano, **salvo se**, até lá, tiver de fazer uma viagem com os pais pelo mundo.*

8) **Introduzem argumentos indicando <u>conformidade</u>**: *conforme, consoante, segundo, como*

(= conforme).

– *O contraventor,* ***conforme*** *deixou clara a reportagem, aparece em gravações feitas pela Policia Federal.*

9) Introduzem argumentos indicando <u>tempo</u>: *quando, logo que, depois que, antes que, sempre que, desde que, até que, assim que, enquanto, mal, apenas, depois de, antes de...*

– ***Depois de*** *sofrer duras repreensões do sistema penitenciário, reergueu-se como cidadão exemplar.*

10) Introduzem argumentos indicando <u>finalidade</u>: *para, para que, a fim de (que), com o objetivo/intuito/escopo/fito de...*

– *A marcha não foi convocada* ***com o intuito de*** *defender o uso da droga, nem de longe propunha isso.*

11) Introduzem ideias de <u>proporcionalidade</u> ou <u>concomitância</u>: *à proporção que, à medida que, ao passo que, quanto mais/menos/menor/maior/melhor/pior...*

– ***À medida que*** *mais policiais entraram na perseguição, ficou fácil derrubar o brasileiro no chão, torturando-o, até deixá-lo inconsciente.*

12) Introduzem argumentos com ideia de <u>prioridade</u>, <u>relevância</u>, visando também à <u>ênfase</u>, à <u>focalização</u>: *primeiramente, precipuamente, em primeiro lugar, primeiro, antes de mais nada, acima de tudo, sobretudo, por último...*

– ***Sobretudo*** *quando o assunto é Gramática, entramos num "terreno escorregadio".*

13) Introduzem argumentos que <u>sintetizam</u> uma ideia anterior, marcando um desfecho: *em suma, em síntese, enfim, dessa maneira, afinal, em resumo, recapitulando...*

– *O Brasil, infelizmente, é cercado de corruptos, pessoas incapazes de exercer a administração de um país como o nosso, tão equipado de qualidades naturais, as quais, se bem usadas, alavancariam nossa economia, tornando-nos grande potência mundial.* ***Enfim****, precisamos de novas pessoas no poder, com ética.*

14) Introduzem argumentos que <u>esclarecem</u>, <u>exemplificam</u> ou <u>retificam</u>: *ou seja, isto é, vale dizer ainda, a saber, melhor dizendo, quer dizer, ou melhor, ou antes, na realidade, aliás, por exemplo...*

– *"A pena para quem casa é de prisão perpétua. Pois o juiz,* ***ou melhor****, o padre sempre finaliza a sentença dizendo: até que a morte os separe."* (Antonio Brás Constante)

15) Estabelecem uma <u>contraposição</u>: *de um lado... de/por outro lado...*

– *"Oh! Mundo tão desigual/Tudo é tão desigual / Oh!* ***De um lado****, esse carnaval /* ***De outro****, a fome total".* (Gilberto Gil)

16) Introduzem argumentos decisivos que "dão o golpe final" em argumentos contrários: *aliás, além do mais, além de tudo, ademais...*

– *Pessoas bonitas, ricas e cultas circulam muito bem dentro da sociedade.* ***Aliás****, quem não gostaria de ter tais predicados?*

Pressupostos e Subentendidos

Esses dois conceitos são importantes para compreendermos bem um texto, afinal, sempre há informações "implícitas" em um texto, que podem ser propositais ou não, facilmente percebidas ou não.

Pressupostos

Segundo Platão e Fiorin, **pressupostos** "são ideias não expressas de maneira explícita, que decorrem logicamente do sentido de certas palavras ou expressões contidas na frase". Trocando em miúdos: algumas palavras dentro da frase "carregam" informações implícitas.

Observe estas duas frases e os comentários acerca delas:

A população, manipulada, supõe que o país vai progredir com o novo presidente.

Note que o verbo *supor* indica que o sujeito (*A população*) considera verdadeiro o conteúdo do objeto direto (*o país vai progredir com o novo presidente*). No entanto, podemos facilmente pressupor (informação implícita) que o autor dessa declaração não se inclui entre "A população", ou seja, ele **não supõe** que o país vai progredir com o novo presidente.

As pessoas que foram atendidas pelo governo por meio das "bolsas" estão satisfeitas.

Note que a oração destacada é subordinada adjetiva restritiva, logo o pressuposto é que apenas algumas pessoas foram atendidas pelo governo e só elas é que estão satisfeitas, isto é, nem todas foram atendidas, logo nem todas estão satisfeitas. Se a oração fosse adjetiva explicativa, o pressuposto seria que todas as pessoas foram atendidas e, portanto, estão satisfeitas.

A respeito da pressuposição, aqui vai uma "dica" importante de Rodolfo Ilari, em seu livro *Introdução à semântica – Brincando com a Gramática*:

Diz-se que uma informação é pressuposta quando ela se mantém mesmo que neguemos a sentença que a veicula. Se alguém nos disser que o carro parou de trepidar depois que foi ao mecânico, concluímos que o carro morria antes de ir ao mecânico; se esse mesmo alguém nos disser que o carro não parou de trepidar apesar de ter ido ao mecânico, também concluiremos que o carro trepidava antes. Sempre que um certo conteúdo está presente tanto na sentença como em sua negação, dizemos que a sentença pressupõe esse conteúdo.

Há milhares de elementos linguísticos que servem de **marcadores de pressupostos**, mas, para facilitar a sua vida no assunto, vejamos os mais frequentes, segundo Platão e Fiorin:

1) Certos adjetivos e certos numerais

– *O Chevette foi meu **primeiro** carro.*

Pressuposto: Já teve outros carros depois desse.

– *A loja foi vítima de **novos** furtos.*

Pressuposto: Já havia sido furtada antes.

– *O Vasco é o **último** colocado na tabela.*

Pressuposto: Há outros times à frente dele.

– *As microempresas não recebem crédito dos bancos para cobrir seus **constantes** déficits.*

Pressuposto: As microempresas nunca têm lucro.

2) Certos advérbios

– *Os resultados da pesquisa **ainda** não chegaram até nós.*

Pressuposto: Os resultados já deviam ter chegado ou os resultados vão chegar mais tarde.

– *O prefeito está menos popular.*

Pressuposto: O prefeito antes era mais popular.

– ***Como** Paulo atravessou o rio?*

Pressuposto: Paulo atravessou o rio.

– ***Quando** você volta a estudar?*

Pressuposto: Já estudou, não está estudando no momento e estudará em algum momento.

3) Certas palavras denotativas

Com ideia de **inclusão**: *inclusive, ainda, mesmo, até, também, nem mesmo...*

– ***Até** as mais eminentes autoridades políticas demonstraram sua revolta contra aquele ato terrorista.*

Pressuposto: Outras pessoas, além das eminentes autoridades políticas, manifestaram sua revolta.

Com ideia de **exclusão**: *apenas, só, somente, exceto, menos...*

– ***Só** servimos champanhe na festa.*

Pressuposto: Nenhuma outra bebida se serve na festa.

4) Certas formas verbais que indicam mudança ou permanência de estado

Conheça: *permanecer, continuar, tornar-se, virar, vir a ser, ficar, passar (a), deixar (de), parar (de), começar (a), principiar (a), converter-se, transformar-se, ganhar, perder...*

– *Dengue **vira** risco de epidemia em SP.*

Pressuposto: A dengue não era risco de epidemia anteriormente.

– *João **parou** de bater na esposa.*

Pressuposto: João é casado e batia na esposa.

– *A corrupção no Brasil **continua** efervescente.*

Pressuposto: A corrupção no Brasil já era efervescente anteriormente.

5) Certos verbos que indicam um ponto de vista sobre um fato

Conheça: *pretender, supor, alegar, presumir, imaginar...*

– *Os jornalistas **imaginam** que nada do que fazem e dizem terá consequências.*

Pressuposto: Para os jornalistas, o conteúdo do complemento de *imaginar* é verdadeiro, mas, para o autor da declaração, é falso.

6) Orações adjetivas (explicativas e restritivas)

– "Os índios brasileiros, que abandonaram suas tradições, estão em fase de extinção."

Pressuposto: Todos os índios brasileiros abandonaram suas tradições e, por isso, estão em fase de extinção.

– "Os índios brasileiros que abandonaram suas tradições estão em fase de extinção."

Pressuposto: Somente alguns índios brasileiros abandonaram suas tradições, e, por isso, nem todos estão em fase de extinção.

Obs.: O mesmo vale para os adjetivos; nesse caso, a pontuação muda o sentido: *"O brasileiro, orgulhoso, se considera feliz."* (Pressuposto: Todo brasileiro é orgulhoso.) / *"O brasileiro orgulhoso se considera feliz."* (Pressuposto: Nem todo brasileiro é orgulhoso.)

7) Certas conjunções e preposições

– *"**Quando** entrarmos em contato com seres inteligentes de outros planetas, os presumíveis mistérios acerca de sua existência serão esclarecidos."*

Pressuposto: Nunca houve contato com extraterrestres ou ainda vai haver contato com extraterrestres.

– ***Apesar de** ser mulher, é muito inteligente.*

Pressuposto: Mulher não é inteligente.

– *"Os acidentados foram socorridos num pronto-socorro do INSS, **mas** saíram de lá sãos e salvos."*

Pressuposto: Os que saem do INSS não saem sãos e salvos. Crítica feroz ao INSS.

Antes de passarmos para o conceito de **subentendidos**, veja um exercício proposto pelo autor Rodolfo Ilari, no mesmo livro citado por último, sobre pressuposição:

"2. Leia a nota abaixo e responda em seguida às perguntas:

Ex-paquita desmente

A ex-paquita Roberta Cipriani desmente rumores do final de seu noivado com Diogo Boni, filho do atual consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho. Ela me garantiu que está muito bem com o rapaz, e que passaram o Carnaval juntinhos em Angra dos Reis.

(Jornal de Jundiaí, 8.3.2000)

Situe-se no momento em que a nota foi escrita e considere estas afirmações:

a) Roberta Cipriani foi paquita, no passado.
b) Roberta Cipriani e Diogo Boni ficaram noivos há algum tempo.
c) O pai de Diogo Boni ainda vive.
d) O pai de Diogo Boni é José Bonifácio de Oliveira Sobrinho.
e) J. B. de Oliveira Sobrinho trabalha na Rede Globo como consultor.
f) Correram boatos de que Roberta e Diogo terminaram o noivado.
g) Roberta e Diogo terminaram o noivado.

Quais delas são verdadeiras, segundo a nota do jornal? O que mudaria se a nota fosse reduzida à sua primeira parte, e se, em vez do verbo *desmente* tivéssemos seu antônimo *confirma*?"

Resposta:

a) Roberta Cipriani foi paquita, no passado.

Sim. Prova disso: "A <u>ex</u>-paquita Roberta Cipriani...".

b) Roberta Cipriani e Diogo Boni ficaram noivos há algum tempo.

Sim. Prova disso: "... <u>final de seu noivado</u> com Diogo Boni...".

c) O pai de Diogo Boni ainda vive.

Sim. Prova disso: "... filho do <u>atual</u> consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho...".

d) O pai de Diogo Boni é José Bonifácio de Oliveira Sobrinho.

Sim. Prova disso: "... <u>filho</u> do atual consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho...".

e) J. B. de Oliveira Sobrinho trabalha na Rede Globo como consultor.

Sim. Prova disso: "...filho do <u>atual consultor da Rede Globo</u> de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho...".

f) Correram boatos de que Roberta e Diogo terminaram o noivado.

Sim. Prova disso: "A ex-paquita Roberta Cipriani desmente <u>rumores</u> do final de seu noivado com Diogo Boni...".

g) Roberta e Diogo terminaram o noivado.

Não. Prova disso: "A ex-paquita Roberta Cipriani <u>desmente</u> rumores do final de seu noivado com Diogo Boni...".

Logo... todas são verdadeiras, exceto a "g". Se a nota fosse reduzida à sua primeira parte e, em vez do verbo *desmente*, tivéssemos seu antônimo *confirma*, todas seriam verdadeiras.

Subentendidos

Os **subentendidos** são mensagens implícitas deduzidas subjetivamente pelo interlocutor. Justamente por essa ideia de dedução, os subentendidos de uma declaração podem não ser verdadeiros. Vejamos três exemplos de **subentendido**, o qual normalmente surge em contextos sociais:

Ana – Vamos ao cinema?
Carlos – Mas está chovendo...
Possível subentendido: Carlos sugere que não quer ir ao cinema.

Amigo do Mário – É da casa do Mário?
Mãe do Mário – Ele teve de sair, mas já volta.
Possível subentendido: A mãe do Mário entende que o amigo do filho queria falar com ele.

Marido – Está muito frio lá fora!
Esposa – Tudo bem, eu já vou fechar a janela.
Possível subentendido: A esposa entende que o marido fez um pedido.

Para finalizar, segundo Platão e Fiorin, uma informação importante: "Os subentendidos são as insinuações escondidas por trás de uma afirmação. Quando um transeunte com o cigarro na mão pergunta: *Você tem fogo?*, acharia muito estranho se você dissesse: *Tenho* e não lhe acendesse o cigarro. Na verdade, por trás da pergunta subentende-se: *Acenda-me o cigarro por favor.*".

Veja duas questões sobre pressupostos e subentendidos:

4. (FGV – ICMS-RJ – Fiscal de Rendas – 2008) Com base na leitura do texto, analise os itens a seguir:
   I. Em "Portanto, a necessidade de as gerações atuais preservarem recursos para as gerações futuras *também* se dá no que tange aos recursos públicos" o termo grifado colabora com a identificação de um pressuposto.
   II. Em "Não mais se concebe uma atuação estatal efetiva sem uma apurada reflexão sobre os gastos públicos, seus limites e sua aplicação", na identificação dos implícitos, observa-se um pressuposto.
   III. Em "Enquanto o primeiro, normalmente, se adstringe a situações futuras próximas, o segundo vincula-se a situações futuras a longo prazo", a leitura só se efetiva se o leitor identificar os subentendidos.
   Assinale:
   a) Se somente os itens II e III estiverem corretos.
   b) Se somente os itens I e II estiverem corretos. (Gabarito)
   c) Se todos os itens estiverem corretos.
   d) Se nenhum item estiver correto.
   e) Se somente os itens I e III estiverem corretos.

Comentário: I- O advérbio *também* apresenta ideia de adição, logo "se dá no que tange aos recursos públicos" é apenas um dos possíveis exemplos de preservação de recursos. II- A expressão *não mais* indica que anteriormente se concebia "uma atuação estatal efetiva sem uma apurada reflexão sobre os gastos públicos, seus limites e sua aplicação". III- Pegadinha: a leitura só se efetiva se o leitor identificar os "pressupostos", e não os

subentendidos. O examinador da banca trocou os conceitos para você errar. Aproveitando o ensejo, em *"Enquanto o primeiro, normalmente, se adstringe a situações futuras próximas, o segundo vincula-se a situações futuras a longo prazo"*, os pressupostos são, devido ao *normalmente* e ao verbo *vincular-se*, que nem sempre o primeiro se adstringe a situações futuras próximas e o segundo não se vincula a situações que não sejam futuras nem que não sejam situações futuras a longo prazo.

4. (UERJ – Vestibular (2º EQ) – 2012) ***Político que ousou pensar, intelectual que não se omitiu em agir, pensador e ativista com causa, principal artífice da abolição do regime escravocrata no Brasil.*** (l. 2-4)
Na frase acima, Cristovam Buarque define Joaquim Nabuco de quatro maneiras. As três primeiras definições partem de determinadas pressuposições.
Uma pressuposição que se pode deduzir da leitura do fragmento é:
a) ativistas têm abraçado muitas causas;
b) intelectuais costumam resistir à ação; (Gabarito.)
c) políticos ousam pensar a respeito de tudo;
d) pensadores têm lutado pelo fim da escravidão.

Comentário oficial: Nas três primeiras definições dadas a Joaquim Nabuco, o autor faz o movimento retórico de inseri-lo em um grupo para destacá-lo positivamente desse grupo. Esse movimento retórico se constrói com base em elementos que podem ser pressupostos a partir do que é enunciado. Quando define Nabuco como "político que ousou pensar", Buarque deixa implícito que políticos na verdade não pensam. Quando define Nabuco como "intelectual que não se omitiu em agir", Buarque deixa pressuposta a ideia de que os intelectuais costumam resistir à ação. Quando define Nabuco como pensador e ativista com causa, Buarque sugere que os ativistas em geral não têm uma causa clara pela qual se mobilizam.

Tipologia Textual

Para entendermos mais sobre “o que é um texto” e consequentemente compreendê-lo bem, precisamos ter contato com diferentes **tipos de texto**, ou **modos de organização do discurso**.

A **tipologia textual** trata da forma como um texto se apresenta e se organiza. Existem cinco tipos clássicos que aparecem em prova. Dos cinco, recomendo que domine a dissertação.

Texto Narrativo e Tipos de Discurso

O **texto narrativo** é uma modalidade textual em que se conta um fato, fictício ou não, que ocorreu num determinado tempo e lugar, envolvendo certos personagens. Toda narração tem um enredo ou intriga – o encadeamento, a sucessão dos fatos, o conflito que se desenvolve, podendo ser linear ou não.

Carcaterísticas principais:

- O tempo verbal predominante é o passado.
- Alguns gêneros textuais narrativos: **piada, fábula, parábola, epístola (carta com relatos), conto, novela, epopeia, crônica (mix de literatura com jornalismo), romance.**
- **Quem** conta (narrador), o **que** ocorreu (o enredo), com **quem** ocorreu (personagem), **como** ocorreu (conflito/clímax), **quando/onde** ocorreu (tempo/espaço) são elementos presentes neste tipo de texto.
- Foco narrativo com narrador de 1ª pessoa (participa da história – onipresente) ou de 3ª pessoa (não participa da história – onisciente).
- Normalmente, nos concursos públicos, o texto aparece em prosa, não em verso.

Exemplo:

Numa noite brilhante do mês de fevereiro (tempo), Fernando e Juliana (personagens) caminhavam pela rua (espaço) que conduzia à praça, ao sabor das estrelas (foco narrativo de 3ª pessoa). Como em um conto de fadas, ela estava totalmente apaixonada por mim, o Fernando da história (foco narrativo de 1ª pessoa). Era o momento ideal para ser atrevido, surpreendendo-a. Foi nesse momento que o rapaz (infelizmente este sou eu de novo) tomou um tapa daqueles na cara! (clímax) (o todo é o enredo) Eita! Bendita autoestima.

Observe que o texto está escrito em prosa e não em verso, afinal, não há rima, nem métrica, nem musicalidade.

Observe também que os verbos estão no passado, quando o objetivo é simplesmente relatar: *caminhavam, conduzia, estava, era, foi, tomou*. Digo isso, pois, no trecho "infelizmente este sou eu de novo", o verbo está no presente. "Por que isso ocorre, Pestana?" Simples: o presente do indicativo é o tempo do comentário e não do relato.

Resumindo: quando se deseja contar, relatar algo, verbo no passado; quando se deseja comentar, opinar, verbo no presente.

"Mas, Pestana, não é possível relatar algo com o verbo no presente?" Até é, mas não é comum. Quando se usa o presente no lugar do pretérito perfeito, por exemplo, a ideia é relatar a história imprimindo atualidade a ela, como ocorre nas narrações de futebol.

Agora veja o texto narrativo *à la* cordel:

CORDEL DA AUTOESTIMA

Poncio Mineiro

9/11/12

Distribuindo alegria
Qual propaganda, letreiro,
Fernando e Juliana
Numa noite, em fevereiro,
Caminhavam pela rua
Sob o brilho nu da lua
Num andar aventureiro...
Tendo as estrelas por guia
Até acharam graça
Pois sabiam, com certeza,
Que chegariam à praça
E continuaram andando
Como que desfrutando
Mesma bebida em taça...
Na rua, somente eles,
Num passeio sem igual
Sorvendo cada segundo
Como se fosse o final
Com total liberdade
Parecia, na verdade,
O conto de amor ideal...
E na praça chegaram...
Fernando logo pensou:
"Que momento mágico!
Aqui na praça eu estou!
Com Juliana, apaixonada...
O que mais quero? Nada!"
E o imaginário aflorou...
"Nesse conto de fadas
Sou seu ator principal!
E sendo seu príncipe,
Devo agir como tal!
As suas mãos devo tocar

Beijá-las e viajar
Pra meu deleite total...”
“Talvez, seja bem pouco,
O que acabei de pensar...
Devo ser mais ousado
E um pedido pleitear:
Nós dois como um só laço
Envoltos em forte abraço!
Já vejo-a se emocionar...”
“Mas a paixão pede mais!
Ela quer ser desejada!
Serei bem atrevido!
E de repende, do nada,
Agindo sem desleixo
Agarrarei seu queixo
E por mim será beijada...”
“E, então, dessa maneira
Ela sentirá minh’alma
Mexerei com sua libido
E sem ter muita calma
Buscará apavorada
Pela minha mão amada
Somente palma com palma...”
Isso foi suficiente
Pra Fernando se nutrir
De todo a certeza
Que era hora de agir
Com seu peito estufado
Deixando receio de lado
E sua vaidade polir...
E um pouco diferente
Do que havia suposto
De fato, houve surpresa,
E pra seu contragosto
Uma mão viu voar
Na sua cara viajar

Carimbando seu rosto...
E foi forte a porrada
Que Fernando percebeu
Que do conto de fadas
Havia mais do que um eu
A princesa se apresentou
Ao príncipe se mostrou
Além de um objeto seu...
A viagem que a mão fez
Teve destino impensado
Sua autoestima não viu
O que sempre esteve ao lado:
Ponderar o que se pensa,
E ter, por recompensa,
Sensatez como aliado...
FIM

Tipos de Discurso

Vale dizer que é extremamente comum figurar em textos narrativos determinados tipos de discurso: **direto, indireto** e **indireto livre**. Certamente você já deve ter estudado isso alguma vez na sua vida.

Os **tipos de discurso** tratam da participação, da fala da personagem dentro da narração. Isso acontece de três maneiras: o narrador apresenta a fala da personagem pela própria personagem (discurso direto), reproduz com sua voz a fala da personagem (discurso indireto) e apresenta o pensamento da personagem no meio da narração (discurso indireto livre).

No **discurso direto**, há a presença de alguns elementos básicos (normalmente todos aparecem): **verbo elocutivo (antecipando a fala da personagem), dois-pontos, aspas ou travessão marcando a própria fala.**

No *discurso indireto*, a fala da personagem por meio do narrador aparece dentro de uma **oração subordinada substantiva (normalmente objetiva direta ou subjetiva)**.

No **discurso indireto livre**, a fala da personagem se insere no meio do discurso do narrador, dando a impressão de que se trata do pensamento do narrador, mas na verdade se trata do pensamento da personagem; neste caso, não há marcas linguísticas claras indicando a fala dela. O bom é que, na maioria das provas, o discurso indireto livre vem pontuado por ponto de exclamação ou interrogação.

– *O professor **pediu** aos alunos**: "Fiquem quietos"**.* (discurso direto)

– *O professor pediu-lhes* ***que ficassem quietos***. (discurso indireto)

– *Eu, como professor, estava incomodado com um aluno desde o início do ano. Olhava, com raiva e irritado, para esse estudante todos os dias.* ***Quando ele vai parar de me perseguir?*** *O aluno se levantou e pediu para ir ao banheiro.* (discurso indireto livre)

Note, neste último exemplo, que o trecho *"Quando ele vai parar de me perseguir?"* só pode ter sido do aluno, pois se trata de um pensamento dele sobre a atitude do professor.

Como você pôde perceber, há uma equivalência entre o discurso direto e o indireto. Notou, por exemplo, que os vocábulos do discurso direto ficaram depois da conjunção integrante (que) no discurso indireto? Isso é praxe.

Na verdade, existem certas regras de **transposição do discurso direto para o indireto**. Conheça-as:

DIRETO – Enunciado em **primeira pessoa**: *Disse o aluno: – **Eu** não confio mais no professor.*
INDIRETO – Enunciado em **terceira pessoa**: *O aluno disse [que **ele** não confiava mais no professor.]*

DIRETO – Verbo no **presente do indicativo**: *– Eu não **confio** mais no professor, disse ele.*
INDIRETO – Verbo no **pretérito imperfeito do indicativo**: *Ele disse [que não **confiava** mais no professor.]*

DIRETO – Verbo no **pretérito perfeito**: *"Eu não **falei** nada!", exclamou.*
INDIRETO – *Verbo no **pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo ou no pretérito mais-que-perfeito**: Exclamou [que não **tinha/havia falado** (ou **falara**) nada.]*

DIRETO – Verbo no **futuro do presente**: *"**Protestaremos** contra ele de qualquer maneira."*
INDIRETO – Verbo no **futuro do pretérito**: *Declararam [que **protestariam** contra ele de qualquer maneira.]*

DIRETO – Verbo no **imperativo, presente ou futuro do subjuntivo**: *"**Saia** da minha sala", ordenou o professor ao aluno.*
INDIRETO – Verbo no **pretérito imperfeito do subjuntivo**: *O professor ordenou ao aluno [que **saísse** da sua sala.]*

DIRETO – **Pronomes pessoais, possessivos e demonstrativos de 1ª pessoa** *(eu, nós, meu(s), minha(s), nosso(a/s), este(a/s), isto): "A **esta** hora não responderei nada", disse ele.*

INDIRETO – **Os mesmos pronomes, de 3ª pessoa**: *Ele disse [que **àquela** hora não responderia nada.]*

DIRETO – Advérbio ***aqui*** e ***cá***: *"D**aqui** eu não saio tão cedo, até que eu fale com o diretor."*

INDIRETO – Advérbio ***ali*** e ***lá***: *Disse [que d**ali** não saía tão cedo, até que ele falasse com o diretor.]*

Texto Descritivo

A **descrição** é uma modalidade de composição textual cujo objetivo é fazer um retrato por escrito (ou não) de um lugar, uma pessoa, um animal, um pensamento, um sentimento, um objeto, um movimento etc.

Características principais:

- Os recursos formais mais encontrados são os de valor adjetivo (adjetivo, locução adjetiva e oração adjetiva), por sua função caracterizadora.
- Há descrição objetiva e subjetiva, normalmente numa enumeração.
- A noção temporal é normalmente estática.
- Normalmente usam-se verbos de ligação para abrir a definição.
- Normalmente aparece dentro de um texto narrativo.
- Os gêneros descritivos mais comuns são estes: **manual, anúncio, propaganda, relatórios, biografia, tutorial**.

Exemplo:

Era uma casa (objeto da descrição) muito engraçada (adjetivo descritivo subjetivo)
Não tinha teto, não tinha nada**
Ninguém podia entrar nela, não
*Porque na casa não tinha chão**
Ninguém podia dormir na rede
*Porque na casa não tinha parede**
Ninguém podia fazer pipi
*Porque penico não tinha ali**
Mas era feita com muito esmero
Na rua dos bobos, número zero
(Vinícius de Moraes)

* Note que este texto, escrito em versos, é narrativo, mas dentro da narração há a descrição, que apresenta predicados verbais **com função objetivamente caracterizadora** de um objeto (a casa): *Não tinha teto, não tinha nada, não tinha chão, não tinha parede, penico não tinha ali.*

Texto Injuntivo

A **injunção** indica como realizar uma ação, aconselha, impõe, instrui o interlocutor. Chamado também de texto **instrucional**, o tipo de texto injuntivo é utilizado para predizer acontecimentos e comportamentos, nas leis jurídicas.

Características principais:

- Normalmente apresenta frases curtas e objetivas, com verbos de comando, com tom **imperativo**; há também o uso do futuro do presente (10 mandamentos bíblicos e leis diversas).
- Essas características são encontradas em vários gêneros textuais, como **horóscopos, receitas de bolo, discursos de autoridades, manual de instruções, livros de auto-ajuda, leis** etc.
- Marcas de interlocução: **vocativo, verbos e pronomes de 2ª pessoa ou 1ª pessoa do plural, perguntas reflexivas** etc.

Exemplo:

Impedidos do Alistamento Eleitoral (art. 5º do Código Eleitoral) *– Não podem alistar-se (verbo no imperativo) eleitores: os que não saibam exprimir-se na língua nacional, e os que estejam privados, temporária ou definitivamente dos direitos políticos. Os militares são alistáveis, desde que oficiais, aspirantes a oficiais, guardas-marinha, subtenentes ou suboficiais, sargentos ou alunos das escolas militares de ensino superior para formação de oficiais.*

Seção IV – Da Contingência na Votação – Art. 58. *Na hipótese de falha na urna, em qualquer momento da votação, o presidente da mesa receptora de votos, à vista dos fiscais presentes, deverá (verbo no futuro com tom imperativo) desligar e religar a urna, digitando o código de reinício da votação.*

Texto Dialogal

O **texto dialogal** (ou diálogo, ou dialogismo) normalmente aparece dentro de um texto predominantemente narrativo para materializar o intercâmbio entre personagens (a interlocução), que vão apresentando a história através da conversa; presente no **gênero dramático (peças de teatro)**.

Características principais:

- Na organização gráfica, é normal o uso de pontuação (travessões ou aspas) para indicar as falas das personagens (iniciadas por letra maiúscula), antecipada por verbo **dicendi** (verbo elocutivo) e dois-pontos; resumindo: **discurso direto**.
- Pode conter marcas da linguagem oral, como pausas e retomadas.
- Marcadores conversacionais: *então, ora pois, pois é, bem, mas vá lá, diz lá, pronto, assim assim, e tal, não pode ser, não me digas, tipo, que tal?, não é (né)?, não é verdade?, não é assim?, não achas?, como assim?, que te parece?, e tu?, como assim?, diz quem? etc.*

Exemplo:

Uma senhora entra em uma concessionária de carros famosos. Ela olha ao redor, acha o carro perfeito e começa a examiná-lo. Ao inclinar-se para ver se tinha revestimento de couro, deixa escapar um sonoro pum. Muito envergonhada, ela nervosamente dá uma olhada para ver se alguém notou o pequeno incidente... Porém, ao virar-se, dá de cara com um vendedor que já estava atrás dela, que diz (com a maior cara dura):

– Bom dia, senhora. Como posso ajudá-la hoje? (discurso direto)

Muito sem graça, ela pergunta:

– Por favor, qual o preço deste adorável veículo? (discurso direto)

O vendedor responde:

– A senhora me perdoe a sinceridade, mas se a senhora peidou somente ao vê-lo, vai se cagar toda quando souber o preço. (discurso direto)

Texto Dissertativo

Antes de mais nada, o **texto dissertativo** pode ser **expositivo** ou **argumentativo**.

Dissertação Expositiva

Este tipo de texto é caracterizado por esclarecer um assunto de maneira atemporal com o objetivo de explicá-lo de maneira clara, sem intenção de convencer o leitor ou criar debate.

Características principais:

- Apresenta introdução, desenvolvimento e conclusão.
- O objetivo não é persuadir, mas meramente explicar, informar.
- Normalmente a marca da dissertação é o verbo no presente.
- Amplia-se a ideia central, mas sem subjetividade ou defesa de ponto de vista.
- Apresenta linguagem clara e imparcial.

Exemplo:

O texto dissertativo consiste na ampliação, na discussão, no questionamento, na reflexão, na polemização, no debate, na expressão de um ponto de vista, na explicação a respeito de um determinado tema. (introdução) Existem dois tipos de dissertação bem conhecidos: a dissertação expositiva (ou informativa) e a argumentativa (ou opinativa). (desenvolvimento) Portanto, pode-se dissertar simplesmente explicando um assunto, imparcialmente, ou discutindo-o, parcialmente. (conclusão)

Note os verbos no presente: *consiste, existem, pode-se dissertar.*

Dissertação Argumentativa

Este tipo de texto – muito frequente nas provas de concursos! – apresenta posicionamentos pessoais e exposição de ideias apresentadas de forma lógica. Com razoável grau de objetividade, clareza, respeito pelo registro formal da língua e coerência, seu intuito é a defesa de um ponto de vista que convença o interlocutor (leitor ou ouvinte).

Características principais:

- Presença de estrutura básica (introdução, desenvolvimento e conclusão): ideia principal do texto (**tese**); argumentos (**estratégias argumentativas**: **causa-efeito, dados estatísticos, testemunho de autoridade, citações, confronto, comparação, fato-exemplo, enumeração...**); conclusão (**síntese** dos pontos principais com sugestão/solução).
- Principais gêneros textuais em que se observam características desse tipo de texto: **redação de concursos, artigos de opinião, cartas de leitor, discursos de defesa/acusação, resenhas...**
- Utiliza verbos na 1ª pessoa (normalmente nas argumentações informais) e na 3ª pessoa

do presente do indicativo (normalmente nas argumentações formais) para imprimir uma atemporalidade e um caráter de verdade ao que está sendo dito.

- Constitui-se de linguagem cuidada, com estruturas lexicais e sintáticas claras, simples e adequadas ao registro culto.
- Privilegiam-se as estruturas impessoais, com certas modalizações discursivas (indicando noções de possibilidade, certeza ou probabilidade) em vez de juízos de valor ou sentimentos exaltados.
- Há um cuidado com a progressão temática, isto é, com o desenvolvimento coerente da ideia principal, evitando-se rodeios.
- Às vezes, usam-se elementos de primeira pessoa como recurso retórico para envolver o leitor no pensamento do autor do texto.
- Os verbos normalmente se encontram no presente do indicativo ou no futuro do presente.

Exemplo de texto dissertivo-argumentativo:

A maioria dos problemas existentes em um país em desenvolvimento, como o nosso, podem ser resolvidos com uma eficiente administração política (tese), porque a força governamental certamente se sobrepõe a poderes paralelos, os quais – por negligência de nossos representantes – vêm aterrorizando as grandes metrópoles (tópico frasal: todo este período). Isso ficou claro no confronto entre a força militar do RJ e os traficantes, o que comprovou uma verdade simples: se for do desejo dos políticos uma mudança radical visando o bem-estar da população, isso é plenamente possível (estratégia argumentativa: fato-exemplo). É importante salientar, portanto, que não devemos ficar de mãos atadas à espera de uma atitude do governo só quando o caos se estabelece; o povo tem e sempre terá de colaborar com uma cobrança efetiva (conclusão).

Note que a maior parte dos verbos estão no presente do indicativo, o que imprime um caráter de verdade ao texto. Isso influencia o leitor (ou ouvinte) a aceitar o ponto de vista exposto. Note também que há um desenvolvimento coerente das ideias ao longo do texto, as quais se centram na tese. Por fim, a linguagem polida com estratégia de argumentação consistente tornam o texto bem persuasivo, afinal, a intenção de um texto dissertativo-argumentativo é sempre conduzir alguém a aceitar um ponto de vista.

Falemos mais agora das estratégias argumentativas, pois elas é que sedimentam a tese, influindo diretamente na opinião do interlocutor.

Estratégias Argumentativas

Existem muitas **estratégias argumentativas** – ou seja, recursos discursivos que servem para fortalecer a tese a respeito de um assunto – de que nos podemos valer para tornar nosso discurso mais convincente. Vejamos algumas:

Modalização

Recomendo que releia os valores discursivos das classes gramaticais para relembrar o que é modalização.

*"Com a finalidade de evitar o desperdício, o que nos protegerá de futuros problemas, é **vital** que se faça um trabalho voltado para o reuso da água."*

A palavra destacada é modalizadora porque expressa um ponto de vista do autor do texto. Para ele, o fato de se fazer um trabalho voltado para o reuso da água é muito importante, ou melhor, é vital! O objetivo dessa palavra é provocar a reflexão do leitor sobre a importância do assunto em pauta.

Exemplificação (fato-exemplo)

Exemplificar é apresentar um fato ou cenário que confirma uma tese ou demonstra uma verdade.

*"Certos comportamentos humanos não podem ser tolerados e, por isso, precisam ser constantemente relembrados para que não se repitam, **como o massacre dos judeus pelos nazistas**."*

Obs.: Não confunda explicação X explicitação X exemplificação. A **explicação** é a ação de fazer entender algo já apresentado; a **explicitação** é a ação de revelar algo, torná-lo conhecido; a **exemplificação** é a ação de ilustrar, representar ou confirmar aquilo de que se está falando. Já caiu uma questão sobre isso: FGV – MEC – Analista de Sistemas – 2009 – QUESTÃO 5 d).

Enumeração

Enumerar é fazer uma lista especificada, uma relação metódica de algo; normalmente há gradação em uma enumeração.

*"O Brasil, se quiser deixar de ser um país em desenvolvimento e se tornar um país desenvolvido, precisará urgentemente de algumas mudanças: **investimento em educação, saúde, segurança, saneamento básico, emprego, etc.**"*

Fato histórico

"Tendenciosamente, a religião, principalmente a católica, sempre esteve envolvida com a política. ***No golpe militar de 64, a Igreja esteve ao lado dos militares****. Só após os seus terem sido perseguidos e torturados passou a reagir e a lutar em defesa de seus membros."*

Comparação

Comparar é confrontar elementos, identificando pontos de analogia ou de similaridade entre si, numa relação de igualdade, superioridade ou inferioridade.

"Não há dúvidas de que os eventos esportivos nos países em desenvolvimento os ajudam a modificar seu cenário econômico e social. ***Assim como a África do Sul se beneficiou com o aumento de emprego e com o investimento em transporte, o mesmo ocorrerá no Brasil.****"*

Contraposição

Contrapor significa confrontar, pondo lado a lado certos elementos.

"Segundo uma enquete realizada pela BVA para o vespertino Le Parisien*,* ***58% dos franceses são favoráveis ao casamento homossexual, ante 63% no ano passado****.* ***Por outro lado, 50% entre eles não são contrários à adoção homoparental, ante 56% no ano passado****."* (Gianni Carta; 06/11/2012)

Causa e efeito

Reestude os conectivos de valor causal, conclusivo ou consecutivo (conjunções e preposições), pois são eles que estabelecem a relação de causa e efeito.

"Como todos os outros, ***o preconceito homofóbico é cultural****,* ***pois não se nasce com ele****. Não se escolhe ser homossexual, nem heterossexual".* (Içami Tiba)

Dados estatísticos

"O Vox Populi fez recentemente uma pesquisa de âmbito nacional. Deu o esperado: ***48% dos entrevistados disseram simpatizar com algum partido****.* ***Mas 80% desses se restringiram a apenas três: PT (com 28% das respostas), PMDB (com 6%) e PSDB (com 5%).*** *Olhado desse modo, o sistema é, portanto, bem menos heterogêneo, pois os restantes 26 partidos dividem os 20% que sobram."* (Marcos Coimbra; 30/05/2012)

Definição

Definir é retratar, descrever, explicar algo em sua natureza; é mostrar o significado de algo. A definição pode ser objetiva ou subjetiva.

"Segundo Barbosa Filho, 'O amor ***é um sentimento sublime, que supera os problemas e***

***diferenças, resiste ao tempo e se fortalece com a distância**'. É a partir desse sentimento que muitas pessoas entregam suas vidas a favor de outras."*

Testemunho de autoridade

Uma autoridade pode ser uma pessoa ou, até mesmo, uma instituição. Desde que goze de prestígio social, tal recurso é muito relevante na argumentação.

"Deve-se ressaltar a importância da transparência nos governos para aprimorar a governança e a gestão. Tal afirmação foi, inclusive, sublinhada pela presidenta Dilma Rousseff: ***'Quanto maior a transparência, maior a possibilidade de que o dinheiro público se destine ao que são os programas necessários.'****"*

Contra-argumentação

Contra-argumentar é apresentar argumento em contrário. Ou seja, expõe-se uma ideia para depois refutá-la (negando-a ou reduzindo sua importância) a fim de mostrar que a tese defendida (a contra-argumentação) é melhor que a refutada.

"Muito se diz sobre ***o cigarro de maconha ser prejudicial à saúde*** *(tese refutada), no entanto é importante que se saiba que* ***a erva tem ajudado pessoas com câncer a suportar a dor, pessoas com AIDS a se alimentar melhor, pessoas com esclerose múltipla a ter seus sintomas aliviados, etc.*** *(tese defendida)"*

Pergunta retórica

A pergunta retórica é aquela que não exige uma resposta imediata, pois seu objetivo é provocar a reflexão. Muitas vezes a resposta à pergunta retórica vem embutida.

"Em vista da pacificação das favelas do Rio de Janeiro, a força militar vem sendo muito elogiada por sua precisão e competência. ***Precisamos realmente de uma nova ação militar para restaurar a paz nas comunidades ou agora é o momento de levar cultura a elas?****"*

A primeira parte da pergunta traz um "não" como resposta embutida, afinal, já houve pacificação. A segunda parte da pergunta é o foco, o próximo passo a ser dado a fim de trazer mais um elemento positivo a esses grupos sociais, a cultura. Percebeu que a pergunta levou a uma reflexão?

Obs.: Caso queira ver boas questões sobre estratégias argumentativas, recomendo que consulte estas: UERJ – VESTIBULAR (1º EQ) – 2012 – QUESTÃO 11 b); UERJ – VESTIBULAR (1º EQ) – 2011 – QUESTÃO 5 b); UERJ – VESTIBULAR (2º EQ) – 2009 – QUESTÃO 5 d).

Métodos de Raciocínio

Os **métodos de raciocínio** ou **métodos argumentativos** servem para construir a argumentação de maneira lógica, partindo-se de um conceito geral para um conceito particular ou vice-versa. Algumas vezes, porém, há raciocínios falhos, intencionalmente usados (ou não) para enganar o interlocutor, a que chamamos de **falácia**.

Vamos entender isso melhor a partir da análise dos conceitos de **silogismo** e dos derivados métodos **dedutivo, indutivo e dialético**.

Silogismo

O filósofo Aristóteles foi o "cara" responsável por cunhar este conceito. Ele "efetuou o conceito de argumentação lógica e perfeita baseada em três proposições relacionadas entre si".

Trata-se de um raciocínio dedutivo estruturado formalmente a partir de duas proposições, ditas **premissas (maior e menor)**, das quais, por inferência, se obtém necessariamente uma terceira, chamada *conclusão.*

Premissa maior: *Todos os homens são mortais.*

Premissa menor: *Os gregos são homens.*

Conclusão: *Logo, os gregos são mortais.*

É óbvio que haveria muito mais a dizer sobre isso, mas basicamente construímos nossa argumentação em cima de premissas (consideradas verdadeiras) para chegarmos a uma conclusão. É praxe a redação dissertativo-argumentativa trabalhar isso. Vamos continuar entendendo...

Método de Raciocínio Dedutivo

Consiste em apresentar primeiro um conceito abstrato (geral), partindo, em seguida, para um conceito concreto (particular). A conclusão é inquestionável. O exemplo do silogismo acima é dedutivo. Veja outro exemplo:

Premissa maior: *O estudo promove ascensão financeira.*

Premissa menor: *Meus filhos estudam nos melhores colégios.*

Conclusão: Logo, *meus filhos ascenderão socialmente.*

Em termos práticos, veja uma questão sobre isso: UERJ – VESTIBULAR (2º EQ) – 2009 – QUESTÃO 3 b).

Método de Raciocínio Indutivo

Consiste em apresentar primeiro um conceito concreto (particular), partindo, em seguida, para um conceito abstrato (geral). A conclusão é eficaz, mas questionável. Veja:

Premissa maior: *Os políticos do Brasil frequentemente estão envolvidos em corrupção, segundo lemos nos jornais todos os dias.*

Premissa menor: *A política é um meio corruptível.*

Conclusão: *Logo, a política no Brasil produz governantes antiéticos.*

Em termos práticos, veja uma questão sobre isso: UERJ – VESTIBULAR (1º EQ) – 2012 – QUESTÃO 6 a). UERJ – VESTIBULAR (2º EQ) – 2012 – QUESTÃO 7 d).

Método de Raciocínio Dialético

Apresenta-se a **tese**, depois a **antítese** e finaliza-se com a **síntese**. A **tese** é o ponto de vista do autor do texto. A **antítese** é o ponto de vista contrário ao do autor. A **síntese** é a desconstrução da antítese para validar a tese.

"A inclinação do ser humano para adorar um ser superior não é voluntária. (tese) É claro que, por outro lado, há os que creem ser possível crescer, viver e morrer sem a ideia de Deus, escolhendo a anulação de um ser superior como guia e/ou ajudador de suas vidas. (antítese) Não obstante, quanto mais passamos por experiências relacionadas a dificuldades, como doenças, pobreza, fome, vícios, mais reconhecemos que não podemos nos colocar na posição de juízes de nós mesmos. Necessitamos, portanto, de uma lei maior, de uma providência. (síntese)"

Falácia

Segundo o *Manual de Redação da PUC/RS*, falácias "são enunciados ou tentativas de persuadir o leitor mediante um raciocínio errôneo, mediante um argumento fraudulento, enganoso. As falácias, como você pode constatar, estão em todos os discursos: na publicidade, na política, nas religiões, na economia, no comércio etc. Falácia é, pois, todo o raciocínio aparentemente válido, mas, na realidade incorreto, que faz cair em erro ou engano".

Existem diversas maneiras falaciosas de convencer alguém: **ameaça, apelação, boato, sabedoria popular, testemunho de (não) autoridade, discurso religioso, falso dilema, generalização, falsa analogia, mudança do ônus da prova etc**.

Veja três exemplos de argumentos falaciosos (perceba o "engano" neles):

– *As práticas religiosas muçulmanas remontam a muitos e muitos séculos, logo não podemos questioná-las.*

– *O maior piloto brasileiro de todos os tempos já morreu, certamente não existirá outro igual a ele em profissionalismo e habilidade.*

– *"Deve-se coibir usos como estes: "Me dá um cigarro", "eu vi ele", "tu foi", etc., porque, com essa permissividade, vamos reduzir a língua de Camões a uma falação de brutos, a uma língua pobre, de poucas palavras e alguns grunhidos."*

Em termos práticos, veja uma questão sobre isso: UERJ – VESTIBULAR (PORTUGUÊS INSTRUMENTAL) – 2009 – QUESTÃO 5.

Gênero Textual

Gêneros textuais são formas diferentes de expressão comunicativa. As muitas formas de elaboração de um texto se tornam **gêneros**, de acordo com a intenção do seu produtor. Logo, os gêneros desempenham papéis sociais, próprios do dia a dia: **telefonema, sermão, cartas (comercial, pessoal, argumentativa, oficial...), romance, conto, crônica, poema, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, panfletos, charges, quadrinhos, instruções de uso, *outdoor*, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, fábula, conversação espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, apostilas, aulas virtuais etc.**

Portanto, não confunda **tipo de texto** com **gênero textual**. Estes são desdobramentos daqueles (mais fixos). Olhamos para um texto e dizemos que ele é do t-i-p-o dissertativo por causa de sua estrutura e de sua função, no entanto esse mesmo texto dissertativo pode se desdobrar em **artigos (de opinião ou não), carta de leitor, carta de solicitação, carta argumentativa, discurso de defesa ou de acusação, resenha crítica, resumo, editorial, ensaio, seminário, conferência, palestra, verbete, resenha etc**. (todos esses, gêneros textuais).

Alguns gêneros textuais mais cobrados em provas são **carta (argumentativa ou não), publicidade, charge, textos literários (poemas, crônicas, fragmentos de contos e romances), quadros e textos jornalísticos (notícias, entrevista, artigo de opinião, reportagem, artigos de opinião, editorial, classificados...).**

Infelizmente esta gramática não é um livro de redação, por isso recomendo que procure conhecer esses gêneros textuais em livros que tratam disso, como *Para Entender o Texto – Leitura e Redação*, de Platão e Fiorin e *Texto e Interação – Uma Proposta de Produção Textual a partir de Gêneros e Projetos*, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães.

No entanto, como meus dedos coçam e sei que a "crônica" aparece frequentemente em concursos, deixarei que o grande mestre das nossas letras, Machado de Assis, explique-nos o que é uma crônica por meio de uma crônica:

> O nascimento da crônica
>
> Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! Que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjeturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se um suspiro a Petrópolis, e *La glace est rompue*; está começada a

crônica.

Mas, leitor amigo, esse meio é mais velho ainda do que as crônicas, que apenas datam de Esdras. Antes de Esdras, antes de Moisés, antes de Abraão, Isaque e Jacó, antes mesmo de Noé, houve calor e crônicas. No paraíso é provável, é certo que o calor era mediano, e não é prova do contrário o fato de Adão andar nu. Adão andava nu por duas razões, uma capital e outra provincial. A primeira é que não havia alfaiates, não havia sequer casimiras; a segunda é que, ainda havendo-os, Adão andava baldo ao naipe. Digo que esta razão é provincial, porque as nossas províncias estão nas circunstâncias do primeiro homem.

Quando a fatal curiosidade de Eva fez-lhes perder o paraíso, cessou, com essa degradação, a vantagem de uma temperatura igual e agradável. Nasceu o calor e o inverno; vieram as neves, os tufões, as secas, todo o cortejo de males, distribuídos pelos doze meses do ano.

Não posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica; mas há toda a probabilidade de crer que foi coetânea das primeiras duas vizinhas. Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta, para debicar os sucessos do dia. Provavelmente começaram a lastimar-se do calor. Uma diria que não pudera comer ao jantar, outra que tinha a camisa mais ensopando que as ervas que comera. Passar das ervas às plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias do dito morador, e ao resto, era a coisa mais fácil, natural e possível do mundo. Eis a origem da crônica.

Que eu, sabedor ou conjeturador de tão alta prosápia, queira repetir o meio de que lançaram mãos as duas avós do cronista, é realmente cometer uma trivialidade; e contudo, leitor, seria difícil falar desta quinzena sem dar à canícula o lugar de honra que lhe compete. Seria; mas eu dispensarei esse meio quase tão velho como o mundo, para somente dizer que a verdade mais incontestável que achei debaixo do sol é que ninguém se deve queixar, porque cada pessoa é sempre mais feliz do que outra.

Não afirmo sem prova.

Fui há dias a um cemitério, a um enterro, logo de manhã, num dia ardente como todos os diabos e suas respectivas habitações. Em volta de mim ouvia o estribilho geral: que calor! Que sol! É de rachar passarinho! É de fazer um homem doido!

Íamos em carros! Apeamo-nos à porta do cemitério e caminhamos um longo pedaço. O sol das onze horas batia de chapa em todos nós; mas sem tirarmos os chapéus, abríamos os de sol e seguíamos a suar até o lugar onde devia verificar-se o

enterramento. Naquele lugar esbarramos com seis ou oito homens ocupados em abrir covas: estavam de cabeça descoberta, a erguer e fazer cair a enxada. Nós enterramos o morto, voltamos nos carros, e daí às nossas casas ou repartições. E eles? Lá os achamos, lá os deixamos, ao sol, de cabeça descoberta, a trabalhar com a enxada. Se o sol nos fazia mal, que não faria àqueles pobres-diabos, durante todas as horas quentes do dia?

O texto acima foi publicado no livro "Crônicas Escolhidas", Editora Ática – São Paulo, 1994, pág. 13, e extraído do livro "As Cem Melhores Crônicas Brasileiras", Editora Objetiva – Rio de Janeiro, 2007, pág. 27, organização e introdução de Joaquim Ferreira dos Santos.

Resumindo: A **crônica** narra fatos do dia a dia, acontecimentos cotidianos e atuais, de uma maneira diferente, ora com intenção crítica, ora com intenção poética, ou de ambas as maneiras.

Estratégias para Compreensão/Interpretação de Textos

Agora chegou o momento de assimilar algumas estratégias que facilitarão a intelecção (compreensão) de um texto.

Antes, porém, já reparou que, normalmente, a banca põe no conteúdo programático "Compreensão e Interpretação de Texto"? Aí, meus alunos vêm a mim e lançam um direto no queixo: "Pestana, qual é a diferença entre compreensão e interpretação?" Minha resposta é basicamente esta: "Meu camarada (ou minha queridinha – sem ironia), **compreender** é ter a habilidade de perceber o significado de algo, analisar o que realmente está escrito. Já **interpretar** significa dar sentido a, deduzir de maneira lógica, inferir, chegar a uma conclusão do que se lê nas entrelinhas do texto.". As bancas não exigem diretamente de você a diferença, então relaxe.

A interpretação está muito ligada ao subentendido, ou seja, ao que está nas entrelinhas (não vamos entrar aqui no mérito de **pressuposto** e **subentendido** novamente), logo ela trabalha com o que se pode deduzir de um texto. Veja estas duas piadas – elas são ótimas para que você entenda interpretação, afinal você só ri de uma se conseguir interpretá-la, "ver" o implícito. Tente deduzir as ideias contidas nelas (depois confira meus comentários):

1ª piada:

– Como é que chama um bandido armado até os dentes?

– Eu o chamaria de senhor.

2ª piada:

– O que o senhor fazia no emprego anterior?

– Era funcionário público.

– Ok... o senhor pode contar até dez?

– Claro. Um, dois, três, quatro, cinco, seis... valete, dama, rei...

Comentários:

Para que haja o riso na primeira piada, é preciso que a **interpretação** aconteça da seguinte maneira: o **perguntador** esperava outra resposta, como "meliante", "perigoso", "delinquente", "marginal" etc., mas inusitadamente o interlocutor quebra a sua expectativa e diz: *"Eu o chamaria de **senhor**."*, ou seja, o tratamento dado a um bandido fortemente armado deve ser polido, cortês, para que o assaltado não sofra nenhuma represália.

Já o humor da segunda piada está centrado em um conhecimento de mundo, mais propriamente a uma opinião preconceituosa sobre funcionários públicos, a saber: o trabalho deles é um lazer; percebemos isso pelas palavras que remetem ao jogo de baralho.

Em suma, a interpretação depende do subentendido, do conhecimento de mundo. A

compreensão depende do que está claramente percebido na leitura de um texto. Quando alguém pergunta se entendemos este ou aquele texto, só dizemos "sim" caso tenha ficado percebida a ideia principal e as principais características do texto lido. Podemos não saber tudo dele, mas conseguimos sintetizá-lo. Veja o texto abaixo:

> "Portanto, o ideal é pensarmos o corpo como objeto da educação, ou seja, é reconhecer que o conhecimento emerge do corpo a partir das experiências vividas. Experiências, essas, que estão relacionadas tanto com a autonomia do corpo quanto com a sua dependência ao meio, a cultura e a sociedade em que vive. Nesse contexto, consideramos que, na própria ação, já há cognição, uma vez que a aprendizagem emerge do corpo a partir das suas relações com o entorno (...)
>
> A gestualidade ou os cuidados com o corpo podem e devem ser tematizados nas diferentes práticas educativas, inseridos nas grades curriculares e viabilizados por diferentes disciplinas. O desafio está para os educadores e, principalmente, para os educadores físicos, em desmitificar o culto ao corpo perfeito, dando subsídios para se pensar num corpo que contenha significações que singularizam o sujeito, que permitam a intercomunicação com a singularidade do outro indivíduo, sendo considerada base para a construção do conhecimento."
>
> (Fragmento conclusivo do artigo *Corpo objeto: um olhar das ciências sociais sobre o corpo na contemporaneidade*, de José Florentino e Fátima Rejane Ayres Florentino, na internet, em http://www.efdeportes.com/efd113/o-corpo-na-contemporaneidade.htm)

Podemos entender do texto que, para os autores, o corpo deve ser pensado em suas singularidades e em sua capacidade de interação, pois eles pensam em um corpo "que contenha significações que singularizam o sujeito, que permitam a intercomunicação com a singularidade do outro indivíduo". Opõem-se à ideia do "culto ao corpo" e asseveram que "diferentes disciplinas" (não apenas Educação Física) versem sobre ele.

O bom desse papo todo de interpretação e compreensão é que, na prova, a banca está realmente preocupada em nivelar os que têm uma boa capacidade intelectiva, por isso faço questão de revelar meu método de boa leitura de um texto, de modo que você se sinta confortável para fazer uma questão de compreensão/interpretação.

Meu método dos "dez mandamentos" é este (devo muito ao Bechara):

1º Leia o texto despretensiosamente uma primeira vez, como se quisesse apenas se inteirar do assunto; e uma segunda vez, para confirmar sua primeira percepção sobre como ele foi articulado: **narração, descrição, dissertação...**

2º Na segunda vez, sem muita pressa, resuma cada parágrafo, buscando sempre a ideia mais

importante dele; parafraseie as ideias para ficarem mais claras em sua mente. Releia quantas vezes forem necessárias (administre seu tempo!).

3º Em textos dissertativos, não deixe de sublinhar o tópico frasal (a frase mais importante) de cada parágrafo, pois lá estará a opinião ou tese do autor.

4º Como normalmente os textos das provas de concurso são dissertativo-argumentativos, observe as estratégias de argumentação do texto: **causa-efeito, dados estatísticos, testemunho de autoridade, comparação, fato-exemplo, enumeração**.

5º Mais do que isso, observe entre cada par de parágrafos se há entre eles alguma relação de **esclarecimento, resumo, explicação, exemplificação, descrição, enumeração, oposição, conclusão** (estude os operadores argumentativos para este fim).

6º Importante: se o enunciado mencionar tema ou ideia principal, ele se refere à tese. Vá direto ao(s) parágrafo(s) de introdução ou conclusão do texto; sempre há uma reiteração do conteúdo principal do texto.

7º Não se desespere com palavras técnicas ou não usuais, pois elas não serão o foco da questão; no entanto, tente depreender o sentido delas pelo contexto.

8º Não queira adivinhar o que o autor quis dizer, mas apegue-se tão somente ao texto, nunca extrapole a visão dele. Seja objetivo, não "viaje", pois as respostas são encontradas no texto! Por isso, procure as "pistas" espalhadas nele.

9º Nas questões, busque o comando delas, e sublinhe, para manter o foco: "Infere-se... Deduz-se... Conclui-se... A ideia central é...".

10º MARQUE A QUESTÃO CERTA, POR FAVOR!

Descontraia-se! Fazer uma prova despretensiosamente é a melhor arma do candidato. Eu falei despretensiosamente, não "**desconcentradamente**"! Desconcentrado nunca! A despretensão tira de você aquele peso nas costas de fazer uma prova difícil.

O próximo tópico é bastante interessante. **Não deixe de considerá-lo!**

Análise de um Texto

Senti a necessidade de mostrar como se faz, isto é, mostrar o que se deve fazer para melhor analisar um texto, buscando sua compreensão máxima. Acompanhe!

Um semiparadoxo chamado *reality show*

Como se não bastasse a teatralização manipuladora das novelas brasileiras – exibidas de segunda a sábado! –, a população brasileira passou a conviver, a partir do início de 2002, com uma nova forma de nocivo controle mental que vai ao ar de segunda a segunda – durante alguns meses – com um curto intervalo entre um programa e outro: o *Big Brother Brasil* (BBB), um *reality show globalizado*. Por outro lado, o despertar do fascínio é criado pela mídia e sustentado por pessoas influentes, de discurso garboso, na sociedade, de modo que nos acabamos sabotando. E outros programas similares vêm *correndo por fora*.

Desde então, as ruas ficam muito desertas nas noites de quinta-feira, e mais abandonadas ainda nas imperdíveis e emocionantes terças-feiras. Não podemos perder "quem vai ser o líder" ou "quem vai ao paredão", certo? Além de tal aprisionamento em frente à TV, os espectadores ainda acreditam que podem participar deste programa, já que uma babá recebeu meio milhão de reais e, no ano seguinte, um homossexual levou para casa o dobro da quantia. Agora você pode ganhar R$1.500.000,00 (quem sabe mais, com prêmios extras ao longo do programa)! Mais do que este grande mote, há um fascínio pelo show. "O que torna o programa um sucesso se deve ao fato de que há uma necessidade inerente do homem do voyeurismo", diz o sexólogo Carlos Motta Noblat.

Não satisfeito, desde o primeiro ano, o centro de pesquisas VOX GENERALIS vem apresentando precisos números que corroboram o garantido sucesso no nosso intelectualmente atrasado país: assustadores 65% da população assistem assiduamente aos famosos "paredões". Dá para acreditar como a cultura da futilidade é tão popular? Assim como Chacrinha era um "estouro" na audiência, nos anos 80, o novo Chacrinha ressurge com nova roupagem atraindo os olhares alheios para mulheres seminuas – *quiçá nuinhas da silva*! Ainda nos resta alguma dúvida de que tal *reality show* vai perpetuar-se ao longo de bons anos pela frente? Pasmem: há um contrato deste "câncer" só até 2014.

Não obstante, quem não gosta de "dar uma espiadinha", como diz Bial? Se o próprio Jô Soares postou no *twitter* (ele diz que não tem!): "BBB = desliga a TV", é porque ele sentiu aquele comichão do homem em investigar a vida alheia. O que se deduz é que o homem se vê no lugar do outro e tem a sensação de que está sendo representado por um *brother* da casa. Dessa forma, a indústria do espetáculo vem recrutando os ingênuos

telespectadores, que se submetem às mais patéticas situações para gravarem seus DVDs e concorrerem a uma vaga no programa. Inclusive nós já nos devemos ter perguntado: "E se eu...?"

De qualquer modo, fico com o que diz meu bom senso: o programa é nocivo, pois desperta no homem muita baixaria e vilania. E não é falso moralismo; é simplesmente patético ver que, com a oscilação da audiência, o diretor tenta de tudo: paredão quádruplo com direito a duas eliminações de uma só vez; construção de uma casa de vidro num famoso shopping carioca para dar a chance de um dos cinco primeiros eliminados retornarem ao programa; a intervenção de Pedro Bial (coitado!) apelando para os participantes "curtirem a vida dentro da casa", etc. O BBB entrou para a história como um dos programas mais abjetos e desprezíveis da televisão brasileira. Espere para ver o BBB 13, ou seria o 14...?

Fernando J. V. Pestana

E aí?! 1) Leu o texto despretensiosamente? 2) Percebeu que este texto é dissertativo-argumentativo? 3) Resumiu cada parágrafo? 4) Sublinhou os tópicos frasais de cada parágrafo? 5) Observou as estratégias argumentativas nos parágrafos de desenvolvimento? 6) Percebeu as relações entre os parágrafos? 7) Consultou os parágrafos de introdução e de conclusão para ver se as ideias principais são reiteradas? 8) Observou os operadores argumentativos que estabelecem coesão no texto? 9) Leu o texto como um todo sem extrapolar as ideias dele?

Se você fez tudo isso, seus problemas acabaram! Antes, porém, veja se meus comentários (que respondem às perguntas) se conformam à sua tarefa de análise textual à base do meu método:

1 e 2) O texto é dissertativo-argumentativo, pois discorre sobre um assunto de forma metódica e abrangente, expondo um ponto de vista, uma tese defendida com argumentos.

3) No 1º §, fica clara a tese do autor, em que ele vê negativamente o *reality show*, mas contrapõe sua visão com o tom atrativo do programa. No 2º §, fala-se de algumas características do programa e de como o público o interpreta segundo uma autoridade. No 3º §, estratégias argumentativas de dados estatísticos e comparação corroboram o sucesso do programa. No 4º §, há a sugestão, contrapondo a visão geral negativa do autor de que nos sentimos de certa forma atraídos pelo espetáculo. No 5º §, a conclusão sintetiza a visão central negativa sobre a atração televisiva.

4) No 1º §, o primeiro período é a frase mais importante. No 2º §, o penúltimo período. No 3º §, o penúltimo período. No 4º §, o primeiro ou o terceiro período concorrem. No 5º §, o primeiro e o último período concorrem.

5) No 2º §, as estratégias argumentativas usadas para ratificar a tese do autor são: causa-efeito e argumento de autoridade/citação de autoridade. No 3º §, dados estatísticos, comparação e pergunta retórica. No 4º §, exemplificação. No 5º §, enumeração. Além dos vocábulos modalizadores ao longo do texto.

6) Entre o 1º § e o 2º §, há uma relação temporal relacionada à atração televisiva. Entre o 2º § e o 3º §, há a continuação de apresentação de estratégias de argumentação. Entre o 3º § e o 4º §, há uma contraposição (falseada, pois o autor quer espezinhar o programa). Entre o 4º § e o 5º §, há uma retomada para a real visão do autor sobre o assunto.

7) As ideias são reiteradas, pois no 1º §, fica clara a tese do autor, em que ele vê negativamente o *reality show*; no 5º §, a conclusão sintetiza a visão central negativa sobre a atração televisiva.

8) Sublinhei alguns dos operadores argumentativos e de alguns pressupostos mais relevantes no próprio texto. Percebeu? Tente perceber a relação que eles têm no texto.

O Que Cai Mais na Prova?

Se eu fosse você, estudaria os tipos de texto (narração e dissertação, principalmente). Sobre compreensão e interpretação de textos, procure sempre encontrar a resposta de uma questão dentro do texto. Outra dica: leia mais, faça questões de interpretação, leia mais um pouco, treine mais questões... este é o melhor método interpretativo. Aproveite as questões!

Questões de Concursos

1. (Fundação Sousândrade – BNB – Analista Bancário – 2007) A argumentação textual está organizada, principalmente, em torno do sentido de restrição. Assinale a opção em que o termo destacado estabelece uma relação com esse **mesmo** sentido.
   a) "É um indicador usado pelas agências internacionais de classificação de risco para definir os países que, em tese, merecem a confiança dos investidores."
   b) "O atual é algo que, no idioma de economistas e operadores, recebe o nome de 'grau de investimento'".
   c) "São aqueles que, em princípio, têm um ambiente político-econômico mais estável que os demais e pagam em dia seus compromissos externos".
   d) "Até agora, apesar da consistência da política econômica praticada no país nos últimos anos, o Brasil ainda não conseguiu nota suficiente para ser aprovado no 'vestibular'".
   e) "Muitos analistas passaram a encarar a obtenção do 'grau de investimento' como uma panacéia, algo indispensável para garantir um futuro brilhante para o Brasil."

2. (FCC – MPU – Analista Processual – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   "(...) A experiência da Europa Central e Oriental no século XX é, genericamente falando, a de tentar atualizar-se mediante a sucessiva adoção e fracasso de vários modelos. (...)"
   – A expressão *genericamente falando* constitui estratégia do autor para orientar o processo de leitura do trecho.

3. (FGV – ICMS/SP – Fiscal de Rendas – 2008) "As alternativas atuais para a construção de uma economia sólida e menos suscetível passam necessariamente pelo controle de gastos públicos. Alguns países desenvolvidos, tendo em vista essa perspectiva, buscaram limitar gastos e muitas vezes editaram leis para esse fim. É impossível, na atualidade, visualizar qualquer Estado que se proponha ao desenvolvimento sem um minucioso projeto de controle de gastos públicos."
   O segundo período do trecho acima, em relação ao primeiro, constitui uma:
   a) explicação;
   b) explicitação;
   c) exemplificação;
   d) contraposição;
   e) retificação.

4. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2008) No texto, a oposição ou contraste como estratégia argumentativa pode ser exemplificada em vários enunciados, entre eles: "*Não veio salvar o morto. Veio salvar a vida, a nossa vida.*" e "*encontrará não a folha escrita mas um vazio que você mesmo irá preencher*".
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

5. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   "(...) Na oposição que o texto faz entre a arte de falar e a arte de escrever, podemos encontrar **não apenas** as razões da desqualificação da concepção gramatical da linguagem, **mas também** a indicação do estatuto que Rousseau confere à linguagem. (...)"
   – Os operadores "não apenas" e "mas também" possibilitam ao autor a apresentação de dois argumentos mutuamente excludentes.

6. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – O enunciado "*aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção*" contém pressuposto introduzido pelo advérbio *já*.

7. (FADESP – Pref. Conceição Araguaia/PA – Médico – 2009) No trecho "Em outras palavras, são adolescentes – que pela lei ainda não podem ser responsabilizados por seus atos – com atribuições como sustentar uma casa ou mesmo criar filhos", a locução grifada tem a função de:
   a) retomar e reformular a informação anterior;
   b) acrescentar um elemento decisivo à argumentação do autor;
   c) introduzir uma informação de pouca importância para a questão levantada;
   d) assinalar uma estratégia concessiva por meio da qual o autor introduz novas informações.

Viver em sociedade

(1) A sociedade humana é um conjunto de pessoas ligadas pela necessidade de se ajudarem umas às outras, a fim de que possam garantir a continuidade da vida e satisfazer seus interesses e desejos.

(2) Sem vida em sociedade, as pessoas não conseguiriam sobreviver, pois o ser humano, durante muito tempo, depende de outros para conseguir alimentação e abrigo. E no mundo moderno, com a grande maioria das pessoas morando na cidade, com hábitos que tornam necessários muitos bens produzidos pela indústria, não há quem não necessite de outros muitas vezes por dia.

(3) Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material, como os alimentos, a roupa, a moradia, os meios de transporte e os cuidados de saúde. Elas são também de ordem espiritual e psicológica. Toda pessoa humana necessita de afeto, precisa amar e sentir-se amada, quer sempre que alguém lhe dê atenção e que todos a respeitem. Além disso, todo ser humano tem suas crenças, tem sua fé em alguma coisa, que é a base de suas esperanças.

(4) Os seres humanos não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas também porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Mas, justamente porque vivendo em sociedade é que a pessoa humana pode satisfazer suas necessidades, é preciso que a sociedade seja organizada. E não basta que a vida social permita apenas a satisfação de algumas necessidades da pessoa humana ou de todas as necessidades de apenas algumas pessoas. A sociedade organizada com justiça é aquela em que se procura fazer com que todas as pessoas possam satisfazer todas as suas necessidades; é aquela em que todos têm as mesmas oportunidades, aquela em que os benefícios e encargos são repartidos igualmente entre todos.

(5) Para que essa repartição se faça com justiça, é preciso que todos procurem conhecer seus direitos e exijam que eles sejam respeitados; é preciso também que todos conheçam e cumpram seus deveres e suas responsabilidades sociais.

8. (UESPI – PC/PI – Delegado – 2009) O Texto, para ser compreendido com sucesso, deve ser percebido como um texto:

a) Narrativo-descritivo; basta ver o cenário e os personagens que compõem o enredo apresentado.
b) Expositivo-argumentativo; há a definição de um conceito em torno do qual é construída uma argumentação.
c) Narrativo-dissertativo; os fatos são propostos ao leitor com uma finalidade claramente dissertativa.
d) Descritivo-apelativo; predominam no texto estratégias de convencimento, semelhantes àquelas que ocorrem na publicidade.
e) Expositivo-injuntivo; o texto é construído para indicar etapas e procedimentos que um determinado processo implica.

9. (Cesgranrio – Petrobras – Todos os Cargos (Nível Superior) – 2010) Em "**afinal**, sou humano...", o elemento destacado é um operador argumentativo de:

a) condição;
b) consequência;
c) conclusão;
d) conformidade;
e) concessão.

A FÉ CURA

Pesquisas sugerem novíssimas evidências de que a religiosidade tem o poder de auxiliar na cura de vários problemas de saúde – de tumores a depressão.

por RAQUEL DE MEDEIROS

A recuperação de pacientes com câncer está diretamente ligada à sua religiosidade. Taxativo assim é o resumo dos resultados de um estudo realizado na Universidade de São Paulo, que foi divulgado há pouco. "Para começar, os pacientes que têm uma crença religiosa se mostram mais confiantes para lutar contra a doença", explica a psicóloga Joelma Ana Espíndula, que liderou a pesquisa. O trabalho ouviu 12 voluntários em tratamento e 11 especialistas em oncologia do Hospital Beneficência Portuguesa, em Ribeirão Preto, no interior paulista. O surpreendente é que até mesmo os profissionais de saúde entrevistados ressaltaram a importância da religião para a melhora do quadro dos doentes. "A maioria deles acredita que a fé ajuda a superar um problema grave. Os médicos dizem que o sistema imunológico desses indivíduos aparenta ser mais resistente, e talvez por isso eles apresentem uma recuperação mais satisfatória", conclui Joelma.

Outro estudo, que leva a assinatura da Universidade de Toronto, no Canadá, revela que a fé é um santo remédio contra a ansiedade e a depressão. Ele prova que pessoas religiosas ou que apenas acreditam na existência de Deus são menos angustiadas e sentem menor culpa em relação aos próprios erros. Os especialistas avaliaram a mente de 51 universitários por meio de testes e da eletroencefalografia, método que se vale de eletrodos dispostos na cabeça para medir as correntes elétricas do cérebro. A maioria dos participantes era cristã, mas no grupo também havia muçulmanos, hindus, budistas e ateus. "Nossa principal descoberta foi perceber que há um elo entre as crenças religiosas e a atividade de uma parte da massa cinzenta chamada de córtex cingulado anterior", conta a SAÚDE! O psicólogo Michael Inzlicht, que coordenou a pesquisa. "Quanto mais as pessoas acreditam em Deus, menos atuante é essa região." Só para ter uma ideia, o córtex cingulado anterior costuma trabalhar em dobro em indivíduos pra lá de ansiosos. O sentido que a religião dá para a vida dos pacientes pode ser a chave para explicar esse fenômeno. "Suspeitamos que se trata de uma proteção contra a ansiedade e a depressão porque ela dá um significado para a vida", afirma Inzlicht. A oncologista Nise Yamaguchi, de São Paulo,

compartilha da mesma opinião. “A performance física de um indivíduo depende de aspectos emocionais, mentais e espirituais. Quem acredita que a vida continua após a morte tem uma postura diferente da pessoa que não crê na continuidade”, diz Nise, uma das mais conceituadas especialistas em câncer do país. (...)

10. (ADVISE – SESC/CE – Biblioteconomista – 2010) Para dar consistência a seu texto Raquel Medeiros, utiliza-se de estratégias argumentativas. Dentre as estratégias listadas abaixo, qual a autora emprega com mais frequência?
a) relação de causa e consequência;
b) apelo emocional;
c) comparação/contraste;
d) dados estatísticos;
e) argumentos de autoridade.

11. (FCC – TRF (4ª R) – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
Ao se dirigir ao juiz, pediu-lhe o advogado de defesa que adiasse a sessão, informando ao magistrado que sua principal testemunha estava adoentada e, por essa razão, impossibilitada de comparecer.
– Em discurso direto, a fala correta do advogado seria: Solicito-lhe, Meritíssimo, que adie a sessão, uma vez que minha principal testemunha encontra-se adoentada, o que a impede de comparecer.

12. (FCC – AL-SP – Agente Técnico Legislativo – 2010) O velho e divertido Barão de Itararé já reivindicava (...): “Restaure-se a moralidade, ou então nos locupletemos todos!”.
Transpondo-se adequadamente o trecho acima para o discurso indireto, ele ficará: *O velho e divertido Barão de Itararé já reivindicava que*:
a) *ou bem se restaurasse a moralidade, senão nos locupletaríamos todos.*
b) *fosse restaurada a moralidade, ou então que nos locupletássemos todos.*
c) *seja restaurada a moralidade, ou todos nos locupletávamos.*
d) *seria restaurada a moralidade, caso contrário nos locupletássemos.*
e) *a moralidade seja restaurada, quando não venhamos a nos locupletar.*

O exercício diário da meditação limpa as impurezas impregnadas em nossa mente, como medo, raiva, ansiedade e culpa. Classificadas na Ayurveda (a tradicional medicina indiana) como mais perigosas toxinas que existem, essas emoções negativas nos desequilibram e quando se transformam em hormônios de estresse, causam envelhecimento precoce. Portanto, ao meditar, praticamos um exercício de rejuvenescimento – ao mesmo tempo em que aumentamos a produtividade, a criatividade, a concentração e a inteligência. Mais: a mente apaziguada auxilia na prevenção de doenças e acelera a recuperação física. E ainda é a melhor ferramenta para o autoconhecimento, o autodesenvolvimento e a realização espontânea dos desejos.
Agora, vamos à ação: coluna ereta solas dos pés firmes apoiadas no chão, feche os olhos e coloque atenção na respiração. Observe o ar entrando e saindo dos pulmões. E só. Em inglês, o estado meditativo é definido “restful alertness”, que pode ser traduzido como “estado de alerta relaxado”.
Não é uma delícia? Pratique hoje por 5 minutos, e amanhã, e depois e, gradativamente, vá aumentando esse tempo. O ideal é chegar a meia hora diária. Melhor ainda se conseguir meditar ao amanhecer e no fim do dia. Mas se entre o ideal e o possível a distância é grande, não se incomode. Faça o que der para a sua realidade. Você verá que nesse processo, a cada dia, fica mais fácil viver. Simples assim.

13. (FMZ/AP – SEAD/AP – Agente Penitenciário – 2010) Analisando a forma de organização do texto, podemos dizer que ele se estrutura predominantemente por meio de sequências linguístico-textuais, denominadas de:
a) descrição e argumentação;
b) exposição e injunção;
c) narração e descrição;
d) argumentação e narração;
e) conversa e argumentação.

A década de 1980 foi o marco do surgimento de um novo ator social nos países ricos: o *novo-pobre (nouveau-pauvre)*. Corolário do desmoronamento do sistema de proteção social, em um quadro agravado pela revolução tecnológica, que automatizou o sistema produtivo sem gerar novos postos de trabalho, esse novo personagem vai materializar uma inesperada e imprevisível reprodução, no mundo desenvolvido, do problema da desigualdade social, tão comum no terceiro mundo.
O novo-pobre é, cada vez mais, a expressão do fenômeno *da exclusão social*. Não é mais um indivíduo que está *à margem*, mas, sim, *fora* do sistema econômico e social prevalente. Não tem acesso ao mercado de trabalho (nem mesmo informal), não tem perspectiva de engajamento (independentemente de seu grau de qualificação profissional) e, cada vez

mais, vai ficando de fora dos mecanismos de proteção social do moribundo *welfare state*.

No caso da *periferia*, o fenômeno global da emergência do *novo-pobre*, deserdado do neoliberalismo, soma-se ao histórico problema da pobreza. Os *velhos-pobres*, em países como o Brasil, são atores presentes na formação da sociedade nacional desde seus primórdios. O que se apresenta como fato novo é a constatação de que estes últimos caíram dos patamares da pobreza para os da miséria. E isso é tão evidente como tão mais urbana foi-se tornando a sociedade.

14. (Esaf – Auditor-Fiscal do Trabalho – AFT – MTE – 2010) Assinale a opção que apresenta ideia que se confirma no texto.
   a) A categoria social *novo-pobre* aplica-se à realidade observada apenas nos países pobres.
   b) O processo de urbanização verificado no mundo na década de 1980 foi o fator principal do surgimento de um novo ator social, fadado à exclusão social.
   c) Os efeitos do neoliberalismo no sistema produtivo são observados, a partir de 1980, tanto em países ricos quanto no terceiro mundo.
   d) A partir da década de 1980, verifica-se a substituição do processo histórico de marginalização social pelo de exclusão, fenômeno que atinge exclusivamente as populações da periferia dos países do terceiro mundo.
   e) Dado estar o neoliberalismo atrelado à exclusão social, não surpreende que seus efeitos se tenham manifestado nos países ricos, nos quais, à semelhança do que ocorreu no terceiro mundo a partir de 1980, a desigualdade social instaurou-se.

15. Leia:

Com devoção e entusiasmo, o sul do mundo copia e multiplica os piores costumes do norte. E do norte não recebe as virtudes, mas o pior: torna suas a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público bem como toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo. E o sul também recebe, de braços abertos, as fábricas mais porcas, as mais inimigas da natureza, em troca de salários que dão saudade da escravidão.

No entanto, cada habitante do norte consome, em média, dez vezes mais petróleo, gás e carvão; e, no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio. Gula e jejum do cardápio ambiental: 75% da contaminação do mundo provêm de 25% da população. E, nessa minoria, claro, não figuram o bilhão e duzentos milhões que vivem sem água potável nem o bilhão e cem milhões que, a cada noite, vão dormir de barriga vazia. Não é "a humanidade" a responsável pela *devoração* dos recursos naturais nem pelo apodrecimento do ar, da terra e da água. O poder encolhe os ombros: quando este planeta deixar de ser rentável, mudo-me para outro.

De acordo com o autor do texto, não é um fenômeno positivo que:
   a) apenas uma em cada cem pessoas dos países do hemisfério norte possua automóvel.
   b) 75% da população mundial utilize água potável e se alimente de forma saudável.
   c) os países do norte do mundo atribuam a culpa por todas as mazelas da sociedade global aos países do hemisfério sul.
   d) o desenvolvimento dos países ricos seja pautado, principalmente, na instalação de indústrias nos países do hemisfério sul.
   e) ações predatórias do modelo de desenvolvimento de países ricos sejam bem recebidas nos países do hemisfério sul.

16. Em relação às ideias do texto, assinale a opção correta.

Na história do capitalismo, as crenças a respeito da relação entre Estado e mercado seguem uma dinâmica pendular, chegando a atingir os extremos do espectro ideológico. Períodos de maior confiança no livre mercado e na desregulamentação podem permitir intenso crescimento econômico, mas em geral se associam a deslocamentos abruptos e nocivos no tecido social. A reação comum nos momentos subsequentes, em especial após uma crise, é uma meia-volta em favor de maior intervenção do Estado.

Depois de 20 anos de marcante crescimento global, quando reinou o ultraliberalismo no Ocidente e irromperam a revolução da tecnologia da informação, a globalização acelerada e o protagonismo da China, nova reviravolta pendular foi deflagrada pela crise financeira de 2008, que fez ressurgir em muitos meios a crença no "Estado grande".

Os adeptos desse *slogan* em geral colocam Estado e mercado como opostos. É um erro. Trata-se mais de uma simbiose do que de uma luta, pois, longe de existir em si mesmo, o mercado está inserido nas estruturas da sociedade e, por conseguinte, na política. Mas o fato é que, se antes o risco do ultramercadismo prevalecia, agora é a ameaça do ultraestatismo que cabe combater.
   a) Predomina na história do capitalismo a ideologia da desregulamentação.
   b) A confiança no livre mercado produz crescimento econômico sem crises.
   c) O ultraliberalismo provocou e intensificou o protagonismo da China.
   d) A crise financeira de 2008 estimulou a crença no intervencionismo do Estado.
   e) O mercado funciona de forma independente em relação ao Estado.

17. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) *"Você não acha que, daqui um tempo, todo mundo vai depender de tecnologias digitais para gerenciar a vida?"*

É claro que sim. Quem disser que não estará reproduzindo o discurso daquelas pessoas que eram contrárias às linhas férreas, por exemplo. Elas diziam que aquilo não era seguro, que era mais fácil lidar com carroças e cavalos. Isso não existe! Nós vivemos na era da informação e as nações que quiserem realmente estar nesse tempo devem colocar cada vez mais informações na rede. ***Não acredito*** *que seja possível nos desligarmos dessa dependência tecnológica, ainda mais se nós realmente quisermos nos manter competitivos. O que nós precisamos fazer é nos preparar para essa onda tecnológica.*

Na argumentação formulada como resposta à indagação proposta no início do fragmento de texto acima, o entrevistado recorre à estratégia de se posicionar a respeito da pergunta feita, tal como se percebe no emprego da expressão "Não acredito".

( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) O uso do imperativo "Acalmem-se" é uma das estratégias utilizadas pelo autor para aproximar a linguagem do texto da modalidade oral e para envolver o leitor, pondo-o no centro da mensagem.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Cinco curiosidades sobre Erasmo de Rotterdam (1467-1536)

Nos primeiros anos como seminarista, em Bois le Due, na Holanda, Erasmo dedicou-se mais à pintura e à música do que à filosofia e à religião.

Grande parte do êxito intelectual de Erasmo deu-se ao estudar os grandes clássicos humanistas enquanto seus colegas de monastério estavam nos cultos religiosos.

Foi na biblioteca do monastério, durante os estudos, que aprendeu e desenvolveu o domínio do latim – língua que o faria conhecido em toda a Europa.

Em 1508, Erasmo foi para Veneza, na Itália, e conheceu o famoso impressor Aldo Manúcio, que havia imprimido o seu livro Adágios.

Na Universidade de Oxford, terminou os estudos da língua grega – idioma dominado apenas por eruditos. A partir de então, conheceu o filósofo Juan Colet, que lhe apresentou a primeira versão da Bíblia. O acesso ao livro foi decisivo para Erasmo se afastar da filosofia escolástica.

19. (Cespe/UnB – Analista de Correios (Letras) – 2011) O texto, de caráter informativo, é exemplo do gênero biografia.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Embora pareça absurdo, por muito tempo os exercícios físico-militares fizeram parte dos currículos das escolas civis brasileiras.

Isso ocorreu na passagem do século XIX para o XX, período marcado por uma grande tensão política e militar entre as nações europeias, e que levou à Primeira Guerra Mundial. Os exercícios físico-militares eram ensinados por professores e militares e tinham como objetivo preparar os alunos para que pudessem defender a nação em conflitos armados no futuro.

A prática dos exercícios físico-militares nas escolas fazia parte de uma filosofia educacional geralmente desconhecida por regentes e pais. Alguns desses acreditavam que seus filhos corriam o risco de ter de entrar para a carreira militar por estarem participando dessas aulas nas escolas. Também havia aqueles que não viam qualquer sentido ou utilidade nos exercícios. Outros apontavam os riscos para a saúde de crianças e jovens, especialmente por inexistirem espaços físicos para a realização das atividades.

A falta de militares, professores mal preparados e a oposição dos pais criaram dificuldades para a realização dos exercícios nas escolas brasileiras. Havia um sentimento generalizado de que essas atividades representavam a formação de um espírito belicista, estranho à realidade brasileira. Em meados do século XX, esses exercícios caíram em desuso nas escolas. O fim da Segunda Guerra Mundial e a necessidade de se estabelecer um ambiente mais pacífico entre as nações certamente contribuíram muito para isso.

20. (Cespe/UnB – STM – Analista Judiciário – 2011) O texto filia-se ao gênero informativo, o que justifica a predominância do emprego de linguagem denotativa.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Um circo e um antipalhaço

Em 1954, numa cidadezinha universitária dos Estados Unidos, vi "o maior circo do mundo", que continua a ser o sucessor do velho Barnum & Bailey, velho conhecido dos meus primeiros dias de estudante nos Estados Unidos. Vi então, com olhos de adolescente ainda um tanto menino, maravilhas que só para os meninos têm plenitude de encanto. Em 1954, revendo "o maior circo do mundo", confesso que, diante de certas façanhas de acrobatas e domadores, senti-me outra vez menino.

(...)

O gênio de organização dos anglo-americanos é qualquer coisa de assombrar um latino. Arma e desarma um circo gigante como se armasse ou desarmasse um brinquedo de criança. E o que o faz com os circos, faz com os edifícios, as pontes, as usinas, as fábricas: uma vez planejadas, erguem-se em pouco tempo do solo e tomam como por mágica relevos monumentais.

(...)

21. (Cesgranrio – Petrobras – Administração Júnior – 2012) Os trechos de "Em 1954 [...] encanto" e "O gênio de organização [...] monumentais." caracterizam-se, quanto ao tipo de texto predominante, por serem, respectivamente:
a) descrição e narração;
b) narração e argumentação;
c) narração e descrição;
d) argumentação e descrição;
e) argumentação e narração.

22. (FCC – TRE-RS – Defensor Público – 2011) A transformação da frase "Eu nunca parei de pensar sobre isso", disse Goodwin, para discurso indireto é:
a) Goodwin disse que nunca parara de pensar sobre aquilo.
b) Goodwin diz que nunca tivera parado de pensar sobre aquilo.
c) Goodwin disse: "Eu nunca parei de pensar sobre isso".
d) Goodwin diz: "Eu nunca parei de pensar sobre isso".
e) Goodwin disse o que pensava sobre aquilo.

PLANEJAMENTO PRETENDE DESBUROCRATIZAR

Brasília, 22/12/2011 – Para desburocratizar e modernizar a administração pública federal, o Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão (MPOG) assinou acordo de cooperação com o Instituto Nacional de Tecnologia da Informação (ITI). O objetivo do termo é propor e implementar o Plano Nacional de Desmaterialização de Processos (PNDProc), que prevê a utilização da documentação eletrônica em todos os trâmites de processos. O extrato do pacto entre as entidades foi publicado nesta quarta-feira, 21, no Diário Oficial da União.

Delfino Natal de Souza, secretário de logística e tecnologia da informação, defende que esta nova modalidade de gestão de documentos irá modernizar a gestão pública ao permitir que o gerenciamento de processos seja feito de forma eletrônica. "Na prática significa o reconhecimento de um documento digital. Significa nascer, ser encaminhado e decidido sem a utilização de papel", explica.

O acordo, que tem duração de três anos, prevê a criação de normas, implantação de projeto piloto, definição de padrões, metodologias e soluções tecnológicas para a disseminação do plano.

Para divulgar o PNDProc, também estão previstas no termo de cooperação a capacitação de servidores públicos que atuam na área de documentação, como os que trabalham em protocolos e secretarias, por exemplo.

Como órgão central do Sistema de Administração dos Recursos de Tecnologia da Informação (SISP), a Secretaria de Logística e Tecnologia da Informação (SLTI) deve prover o suporte para a realização das ações do PNDProc. A secretaria deve ainda atender aos Padrões de Interoperabilidade do Governo Eletrônico (e-Ping) e também do Modelo de Acessibilidade de Governo Eletrônico (e-MAG) na implementação do plano.

O secretário explica ainda que o acordo não prevê a digitalização de processos antigos. "As ações para a implantação do plano serão feitas no trâmite de novas documentações", relata. (Ministério do Planejamento)

23. (CEPERJ – SEPLAG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) O primeiro parágrafo do texto desempenha a função de:
a) despertar a curiosidade do leitor em relação ao conteúdo do texto;
b) resumir os tópicos mais importantes do projeto publicado;
c) explicar ao leitor menos informado as finalidades do MPOG;
d) demonstrar a necessidade do processo de desburocratização proposto;
e) justificar a necessidade de cooperação do MPOG com o ITI.

24. O texto apresentado é do tipo informativo. Entre as marcas abaixo, aquela que é <u>inadequada</u> em relação a esse tipo de texto é:
a) O enunciador do texto informativo é dono de um saber desconhecido do público leitor a que o texto se destina.
b) O conteúdo do texto informativo pressupõe um interesse qualquer por parte do público leitor.
c) A variedade linguística do texto informativo, pelo próprio fato de pretender que algo seja divulgado, é popular e informal.
d) O texto informativo tem sua qualidade relacionada à precisão e atualidade das informações prestadas.
e) A credibilidade e a autoridade do meio de divulgação é parte importante da eficiência do que é informado.

25. Instituto Nacional da Tecnologia da Informação (ITI) é o nome da instituição com quem o MPOG assinou acordo de cooperação. Pelo que é expresso no texto, esse parceiro se encarregará de:
a) substituir a documentação eletrônica por outra mais moderna;
b) contornar o desconhecimento de usuários em relação à Informática;
c) gerenciar os processos de forma a empregar pouco papel;
d) digitalizar os processos antigos, em algum momento futuro;
e) capacitar mão de obra para a implantação do projeto.

Consumismo Infantil, Um Problema de Todos

Ninguém nasce consumista. O consumismo é uma ideologia, um hábito mental forjado que se tornou umas das características culturais mais marcantes da sociedade atual. Não importa o gênero, a faixa etária, a nacionalidade, a crença ou o poder aquisitivo. Hoje, todos que são impactados pelas mídias de massa são estimulados a consumir de modo inconsequente. As crianças, ainda em pleno desenvolvimento e, portanto, mais vulneráveis que os adultos, não ficam fora dessa lógica e infelizmente sofrem cada vez mais cedo com as graves consequências relacionadas aos excessos do consumismo: obesidade infantil, erotização precoce, consumo precoce de tabaco e álcool, estresse familiar, banalização da agressividade e violência, entre outras. Nesse sentido, o consumismo infantil é uma questão urgente, de extrema importância e interesse geral.

De pais e educadores a agentes do mercado global, todos voltam os olhares para a infância − os primeiros preocupados com o futuro das crianças, já os últimos fazem crer que estão preocupados apenas com a ganância de seus negócios. Para o mercado, antes de tudo, a criança é um consumidor em formação e uma poderosa influência nos processos de escolha de produtos ou serviços. As crianças brasileiras influenciam 80% das decisões de compra de uma família (TNS/InterScience, outubro de 2003). Carros, roupas, alimentos, eletrodomésticos, quase tudo dentro de casa tem por trás o palpite de uma criança, salvo decisões relacionadas a planos de seguro, combustível e produtos de limpeza. A publicidade na TV é a principal ferramenta do mercado para a persuasão do público infantil, que cada vez mais cedo é chamado a participar do universo adulto quando é diretamente exposto às complexidades das relações de consumo sem que esteja efetivamente pronto para isso.

As crianças são um alvo importante, não apenas porque escolhem o que seus pais compram e são tratadas como consumidores mirins, mas também porque impactadas desde muito jovens tendem a ser mais fiéis a marcas e ao próprio hábito consumista que lhes é praticamente imposto.

Nada, no meio publicitário, é deliberado sem um estudo detalhado. Em 2006, os investimentos publicitários destinados à categoria de produtos infantis foram de R$ 209.700.000,00 (IBOPE Monitor, 2005x2006, categorias infantis). No entanto, a publicidade não se dirige às crianças apenas para vender produtos infantis. Elas são assediadas pelo mercado como eficientes promotoras de vendas de produtos direcionados também aos adultos. Em março de 2007, o IBOPE Mídia divulgou os dados de investimento publicitário no Brasil. Segundo o levantamento, esse mercado movimentou cerca de R$ 39 bilhões em 2006. A televisão permanece a principal mídia utilizada pela publicidade. Ao cruzar essa informação com o fato de a criança brasileira passar em média quatro horas 50 minutos e 11 segundos por dia assistindo à programação televisiva (Painel Nacional de Televisores, IBOPE 2007) é possível imaginar o impacto da publicidade na infância. No entanto, apesar de toda essa força, a publicidade veiculada na televisão é apenas um dos fatores que contribuem para o consumismo infantil. A TNS, instituto de pesquisa que atua em mais de 70 países, divulgou dados em setembro de 2007 que evidenciaram outros fatores que influenciam as crianças brasileiras nas práticas de consumo. Elas sentem-se mais atraídas por produtos e serviços que sejam associados a personagens famosos, brindes, jogos e embalagens chamativas. A opinião dos amigos também foi identificada como uma forte influência.

Não é por acaso que o consumismo está relacionado à ideia de devorar, destruir e extinguir. Se agora, tragédias naturais, como queimadas, furacões, inundações gigantescas, enchentes e períodos prolongados de seca, são muito mais comuns e frequentes, foi porque a exploração irresponsável do meio ambiente prevaleceu ao longo de décadas.

Concentrar todos os esforços no consumo é contribuir, dia após dia, para o desequilíbrio global. O consumismo infantil, portanto, é um problema que não está ligado apenas à educação escolar e doméstica. Embora a questão seja tratada quase sempre como algo relacionado à esfera familiar, crianças que aprendem a consumir de forma inconsequente e desenvolvem critérios e valores distorcidos são de fato um problema de ordem ética, econômica e social.

O Projeto Criança e Consumo [...] combate qualquer tipo de comunicação mercadológica dirigida às crianças por entender que os danos causados pela lógica insustentável do consumo irracional podem ser minorados e evitados, se efetivamente a infância for preservada em sua essência como o tempo indispensável e fundamental para a formação da cidadania. Indivíduos conscientes e responsáveis são a base de uma sociedade mais justa e fraterna, que tenha a qualidade de vida não apenas como um conceito a ser perseguido, mas uma prática a ser vivida.

26. (CEPERJ – Procon/RJ – Analista de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) O texto pode ser considerado argumentativo principalmente porque:
a) defende um ponto de vista;

b) apresenta a descrição de fatos;
c) recorre a elementos narrativos;
d) aparenta uma neutralidade objetiva;
e) resume as informações pertinentes.

27. O exemplo do texto no qual se apresentam operadores argumentativos que somam razões para reforçar uma ideia principal presente na mesma frase é:
a) "Hoje, todos que são impactados pelas mídias de massa são estimulados a consumir de modo inconsequente."
b) "Para o mercado, antes de tudo, a criança é um consumidor em formação e uma poderosa influência nos processos de escolha de produtos ou serviços."
c) "Carros, roupas, alimentos, eletrodomésticos, quase tudo dentro de casa tem por trás o palpite de uma criança, salvo decisões relacionadas a planos de seguro, combustível e produtos de limpeza."
d) "As crianças são um alvo importante, não apenas porque escolhem o que seus pais compram e são tratadas como consumidores mirins, mas também porque impactadas desde muito jovens tendem a ser mais fiéis a marcas e ao próprio hábito consumista que lhes é praticamente imposto."
e) "Embora a questão seja tratada quase sempre como algo relacionado à esfera familiar, crianças que aprendem a consumir de forma inconsequente e desenvolvem critérios e valores distorcidos são de fato um problema de ordem ética, econômica e social."

A consolidação da regularização fundiária como política urbana no Brasil

A promulgação da Constituição Federal em 1988 coroou o longo processo de democratização do país iniciado, ainda, no final dos anos 1970. A democratização do país foi a ocasião propícia para uma reflexão mais acurada sobre a integração socioespacial das camadas urbanas mais desprotegidas, tanto no plano jurídico quanto no plano social. Diante das pressões dos movimentos sociais urbanos, o capítulo constitucional sobre a política urbana (artigos 182 e 183) reconheceu que tanto a propriedade quanto a própria cidade devem exercer uma função social. Esse mesmo artigo estabeleceu que o município exerce, de agora em diante, um papel central na elaboração e na aplicação das políticas de desenvolvimento urbano local. O instrumento de base dessa política é doravante o Plano Diretor municipal, exigência constitucional para todas as cidades com mais de 20 mil habitantes. As disposições desse capítulo constitucional se focalizam, assim, na instituição de medidas aptas a dissuadir a concentração especulativa do solo, assim como possibilitar a legalização das formas informais de acesso à moradia.

Este último aspecto revela-se crucial diante do índice de informalidade fundiária das cidades brasileiras. Segundo Edésio Fernandes (2002, p.52), essa informalidade pode atingir, por exemplo, quase 50% da população das duas principais metrópoles brasileiras (São Paulo e Rio de Janeiro). Ao regulamentar as disposições do supracitado capítulo constitucional, a lei do Estatuto da Cidade (Lei nº 10.257 de 10 de julho de 2001) contribuiu para consolidar a regularização fundiária como uma das principais diretrizes da política urbana no Brasil. Antes de analisarmos as disposições da legislação brasileira sobre esse assunto, impõe-se, inicialmente, uma breve análise das diferentes questões sociopolíticas relativas à legalização do solo.

A regularização fundiária consiste em regularizar a posse dos habitantes e promover a urbanização do local sem recorrer à remoção da população para outras localidades. A regularização fundiária é frequentemente limitada à transferência de títulos fundiários, sobretudo os de propriedade privada. Medida, aliás, preconizada como "solução milagrosa" pelas instituições internacionais e celebrizada, nos últimos anos, pelos trabalhos do economista peruano Hernando de Soto. Os governos dos países em desenvolvimento abandonaram, a partir dos anos 1980, os esforços para a construção em massa de moradias populares na periferia das cidades e se concentraram, sobretudo, na ideia de que a legalização do informal, aliada a uma desregulamentação mais acentuada do mercado imobiliário, poderia atenuar o preço do solo, suscitando, enfim, uma oferta mais consistente de moradias, erguidas, geralmente, pela autoconstrução. O balanço que se obtém 20 anos mais tarde é, todavia, um enorme fracasso. A regularização fundiária, onde foi efetivamente realizada, liberou o solo e desencadeou uma pressão do mercado imobiliário sobre os bairros beneficiados que eram, até então, relativamente protegidos, justamente em razão da sua ilegalidade. O fenômeno atual de segregação urbana torna-se, assim, mais um produto derivado das leis de mercado que o resultado da recusa, por parte das autoridades públicas, do reconhecimento oficial da existência dos bairros informais. A solução do mercado originou outras formas de exclusão que apenas fizeram aumentar o círculo de informalidade, agora concentrado nas regiões cada vez mais periféricas, insalubres e/ou ecologicamente precárias das cidades.

Esse modelo, ao menos no caso específico das favelas, foi apenas parcialmente aplicado no Brasil. A política de urbanização das favelas, implementada a partir dos anos 1980, não foi necessariamente seguida da regularização fundiária plena desses espaços. A ilegalidade fundiária, conjugada à violência imposta pelos narcotraficantes num grande número de favelas, desestimula, nos dias atuais, a entrada dos grandes promotores imobiliários no mercado imobiliário das favelas. O fim das políticas de remoções em massa e a ausência de um controle público mais efetivo sobre o crescimento das favelas

asseguraram, todavia, a relativa segurança da posse dos habitantes das favelas e o florescimento do mercado imobiliário no interior desses espaços. Esse mercado se apresenta concentrado nas mãos de alguns "latifundiários", muitas vezes ligados às redes mafiosas locais. A flexibilidade urbanística nas favelas permite, ainda, uma oferta consistente de habitações a preços reduzidos. A despeito da especulação imobiliária, as favelas se revelam, pelo menos por enquanto, um relevante meio de acesso à moradia para as camadas mais desfavorecidas das metrópoles brasileiras.

Nesse contexto, a regularização fundiária deve-se concentrar menos sobre uma lógica mercadológica de fluidificação das transações imobiliárias e de alargamento da base fundiária fiscal do município do que sobre a redução da insegurança que afeta as relações fundiárias, como aliás já destacou a campanha pela segurança da posse, promovida pela UN-Habitat, desde 1997. A precariedade jurídica do acesso ao solo nas favelas sempre serviu como justificativa não somente para as expulsões arbitrárias, mas também para a ausência de serviços públicos adequados nesses espaços. A insegurança fundiária também limitou o investimento dos moradores em suas casas e em seus bairros. A regularização fundiária se manifesta, assim, como um elemento imprescindível para se materializar o direito à moradia, integrando, aliás, esse direito específico ao leque de direitos que constitui o direito à cidade.

A legalização da moradia garante, de fato, direitos sociopolíticos às populações das favelas que adquirem recursos jurídicos indispensáveis para enfrentar os diferentes conflitos de ordem fundiária/imobiliária, seja entre vizinhos, seja ante os pretensos proprietários dos terrenos ocupados pela favela, ou mesmo ante as autoridades públicas. A regularização fundiária pode, por sua vez, desempenhar um importante papel na planificação urbana, por meio da imposição de regras urbanísticas às construções e ao uso do solo nas favelas. Dependendo da natureza do título outorgado aos habitantes, ela pode até mesmo contribuir ativamente para a gestão do fundiário, limitando tanto a excessiva valorização do solo quanto o aumento da exclusão espacial no interior das metrópoles.

28. (CEPERJ – ITE/RJ – Analista de Gestão Organizacional (ADM) – 2012) O texto é um fragmento de artigo acadêmico. Dentre as características desse gênero, o texto <u>não</u> apresenta:

a) predomínio da impessoalidade;
b) citações explícitas de outros textos;
c) preponderância de sequências descritivas;
d) emprego da norma de prestígio;
e) presença de argumentação.

A Nova Riqueza dos Pobres

Dezembro é o mês das compras, como maio é o das noivas, agosto é o do desgosto, junho é o das fogueiras e fevereiro é o do Carnaval. Os estudantes aguardam dezembro como o mês das férias; as crianças, como o do Natal. Para os trabalhadores, é o mês em que eles pensam que estão mais ricos.

Recebem o 13º salário ou parte dele – e compram. A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando. Compram de tudo. Um compra geladeira nova porque a velha, bom, gelar ela gelava direitinho, mas gastava muita energia. Outro compra televisão nova porque a velha não tem tela plana de LCD, 42 polegadas, e a vizinha pensa que é melhor do que a gente só porque comprou uma de 36 polegadas. Compram DVD, celular para a filha adolescente, forno de micro-ondas, MP3, 4, 5, freezer, videogames, fogão novo, carro. Qual é a mágica? É a prestação que "cabe no bolso".

Perdiam dinheiro para a inflação, agora perdem para os juros. Em vez de guardarem o dinheiro por seis meses e comprarem à vista com desconto, preferem parcelar em doze meses e pagar o dobro, ou em 24 meses e pagar o triplo. Ficam na mão de espertos, aqueles que lucravam com especulações de curto prazo durante a grande inflação e agora lucram financiando prestações. Os novos compradores não fazem essa conta. Cabendo no orçamento do mês, pagam. Querem se sentir parte da grande nação de consumidores, participar da vida colorida dos anúncios da televisão, esquecer por um momento que não têm escola, atendimento médico, transporte, esgoto, segurança...

O marido da senhora que faz limpeza na casa de uma amiga esteve desempregado quase um ano. Como não tem nenhum preparo técnico, integrava a turma do bico. Arranjou emprego e, no dia do primeiro pagamento, ele e a mulher compraram uma geladeira nova. Três meses depois, ele estava desempregado outra vez, de volta ao bico. Não se abalaram. O que importa para eles é que a geladeira está em casa há quatro meses e estão conseguindo pagar, seguem tocando a vida.

– Se nós não tivesse comprado a geladeira, não ia comprar nunca – diz ela, otimista, bebendo sua água geladinha e mantendo protegido o leite das crianças.

Essa atitude otimista acontece em um momento crítico para o trabalhador no mundo. Caem os investimentos e o comércio entre as nações. As indústrias investem em processos de produção que rendem mais e custam menos. Novas tecnologias provocam dispensas, e não só por lá. Resulta o que se poderia chamar de globalização do olho da rua.

Mais de 200 milhões de trabalhadores formais perderam o emprego no mundo, segundo a Organização Internacional do Trabalho; quase 1 bilhão de pessoas em condições de trabalhar não encontram vagas, 700 milhões vivem de expedientes, se virando. É a globalização do bico. Milhões sem conta não conseguem nem se virar. É a globalização do dane-se.

Os temores que a crise lá de fora desperta nos analistas e alarmistas daqui parecem não atingir os moradores das áreas carentes das grandes cidades brasileiras. É fantástica a capacidade que eles têm de acreditar no melhor, em meio à incerteza.

Se alguma conclusão se pode tirar da ingênua tendência compradora daqueles que têm tão pouco, é a de que ela nasce de um incompreensível otimismo – incompreensível para nós, atormentados da classe média. Ao redor deles pipocam dificuldades, mas eles, confiantes, jogam com o destino como se ele fosse uma Mega-Sena que um dia vai dar.

29. (CEPERJ – Degase – Agente Socioeducativo – 2012) O texto é uma crônica, que comenta um aspecto da vida cotidiana a partir da visão do autor.

O fragmento que melhor demonstra a presença de uma opinião do autor é:

a) "Dezembro é o mês das compras, como maio é o das noivas..."

b) "Recebem o 13º salário ou parte dele – e compram."

c) "A queda da inflação deixou sobrar no bolso deles a parte do salário que se queimava na fogueira do aumento de preços."

d) "Em vez de guardarem o dinheiro por seis meses e comprarem à vista com desconto, preferem parcelar em doze meses e pagar o dobro..."

e) "As indústrias investem em processos de produção que rendem mais e custam menos."

30. A pequena narrativa do caso da senhora que faz limpeza na casa da amiga do cronista cumpre, no texto, a seguinte função:

a) Contestar dados estatísticos posteriormente citados.

b) Exemplificar atitude posteriormente descrita.

c) Detalhar casos anteriormente narrados.

d) Contradizer ideia anteriormente exposta.

e) Reforçar discurso constantemente relatado.

31. "Resulta o que se poderia chamar de *globalização do olho da rua*.[...] É a *globalização do bico*. [...] É a *globalização do dane-se*."

A sequência acima caracteriza a globalização a partir da desestruturação do mundo do trabalho.

Do ponto de vista dos recursos da linguagem é correto afirmar que, no contexto, ocorre uma:

a) gradação, com o aumento progressivo das dificuldades;

b) contradição, entre os modos de sobrevivência do desempregado;

c) ênfase, com a intensificação da afirmativa inicial;

d) retificação, pela correção gradual das informações iniciais;

e) exemplificação, pelo relato de situações específicas.

O LENDÁRIO PAÍS DO RECALL

Moacyr Scliar

"MINHA QUERIDA DONA: quem lhe escreve sou eu, a sua fiel e querida boneca, que você não vê há três meses. Sei que você sente muitas saudades, porque eu também sinto saudades de você. Lembro de você me pegando no colo, me chamando de filhinha, me dando papinha... Você era, e é, minha mãezinha querida, e é por isso que estou lhe mandando esta carta, por meio do cara que assina esta coluna e que, sendo escritor, acredita nas coisas da imaginação.

Posso lhe dizer, querida, que vivi uma tremenda aventura, uma aventura que em vários momentos me deixou apavorada. Porque tive de viajar para o distante país do recall.

Aposto que você nem sabia da existência desse lugar; eu, pelo menos, não sabia. Para lá fui enviada. Não só eu: bonecas defeituosas, ursinhos idem, eletrodomésticos que não funcionavam e peças de automóvel quebradas. Nós todos ali, na traseira de um gigantesco caminhão que andava, andava sem parar.

Finalmente chegamos, e ali estávamos, no misterioso e, para mim, assustador país do recall. Um homem nos recebeu e anunciou, muito secamente, que o nosso destino em breve seria traçado: as bonecas (e os ursinhos, e outros brinquedos, e objetos vários) que tivessem conserto seriam consertados e mandados de volta para os donos; quanto tempo isso levaria era imprevisível, mas três meses era o mínimo. Uma boneca que estava do meu lado, a Liloca, perguntou, com os olhos arregalados, o que aconteceria a quem não tivesse conserto. O homem não disse nada, mas seu sorriso sinistro falava por si.

Passamos a noite num enorme pavilhão destinado especialmente às bonecas. Éramos centenas ali, algumas com probleminhas pequenos (um braço fora do lugar, por exemplo), outras já num estado lamentável. Estava muito claro que para várias de nós não haveria volta.

Naquela noite conversei muito com minha amiga Liloca – sim, querida dona, àquela altura já éramos amigas. O infortúnio tinha nos unido. Outras bonecas juntaram-se a nós e logo formamos um grande grupo. Estávamos preocupadas com o que poderia nos suceder.

De repente a Liloca gritou: “Mas, gente, nós não somos obrigados a aceitar isso! Vamos fazer alguma coisa!”. Nós a olhamos, espantadas: fazer alguma coisa? Mas fazer o quê?

Liloca tinha uma resposta: vamos tomar o poder. Vamos nos apossar do país do recall.

No começo, aquilo nos pareceu absurdo. Mas Liloca sabia do que estava falando. A mãe da dona dela tinha sido uma militante revolucionária e sempre falava nisso, na necessidade de mudar o mundo, de dar o poder aos mais fracos.

Ora, dizia Liloca, ninguém mais fraco do que nós, pobres, desamparados e defeituosos brinquedos. Não deveríamos aguardar resignadamente que decidissem o que fazer com a gente.

De modo, querida dona, que estamos aqui preparando a revolução. Breve estaremos governando o país do recall. Mas não se preocupe, eu a convidarei para uma visita. Você poderá vir a qualquer hora. E não precisará de recall para isso.”

32. (CEPERJ – Procon/RJ – Agente de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) O texto enquadra-se no gênero carta, o que pode ser percebido, dentre outros traços, pela seguinte marca linguística:
a) narração detalhada;
b) citações entre aspas;
c) interrogações diretas;
d) recursos de humor;
e) vocativo inicial.

Economia religiosa

Concordo plenamente com Dom Tarcísio Scaramussa, da CNBB, quando ele afirma que não faz sentido nem obrigar uma pessoa a rezar nem proibi-la de fazê-lo. A declaração do prelado vem como crítica à professora de uma escola pública de Minas Gerais que hostilizou um aluno ateu que se recusara a rezar o pai-nosso em sua aula.

É uma boa ocasião para discutir o ensino religioso na rede pública, do qual a CNBB é entusiasta. Como ateu, não abraço nenhuma religião, mas, como liberal, não pretendo que todos pensem do mesmo modo. Admitamos, para efeitos de argumentação, que seja do interesse do Estado que os jovens sejam desde cedo expostos ao ensino religioso. Deve-se então perguntar se essa é uma tarefa que cabe à escola pública ou se as próprias organizações são capazes de supri-la, com seus programas de catequese, escolas dominicais etc.

A minha impressão é a de que não faltam oportunidades para conhecer as mais diversas mensagens religiosas, onipresentes em rádios, TVs e também nas ruas. Na cidade de São Paulo, por exemplo, existem mais templos (algo em torno de 4.000) do que escolas públicas (cerca de 1.700). Creio que aqui vale a regra econômica, segundo a qual o Estado deve ficar fora das atividades de que o setor privado já dá conta.

Outro ponto importante é o dos custos. Não me parece que faça muito sentido gastar recursos com professores de religião, quando faltam os de matemática, português etc. Ao contrário do que se dá com a religião, é difícil aprender física na esquina.

Até 1997, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação acertadamente estabelecia que o ensino religioso nas escolas oficiais não poderia representar ônus para os cofres públicos. A bancada religiosa emendou a lei para empurrar essa conta para o Estado. Não deixa de ser um caso de esmola com o chapéu alheio.

33. (FCC- TRT/PE (6a R) – Analista Judiciário – 2012) No que diz respeito ao ensino religioso na escola pública, o autor mantém-se:
a) esquivo, pois arrola tanto argumentos que defendem a obrigatoriedade como o caráter facultativo da implementação desse ensino;
b) intransigente, uma vez que enumera uma série de razões morais para que se proíba o Estado de legislar sobre quaisquer matérias religiosas;
c) pragmático, já que na base de sua argumentação contra o ensino religioso na escola pública estão razões de ordem jurídica e econômica;
d) intolerante, dado que deixa de reconhecer, como ateu declarado, o direito que têm as pessoas de decidir sobre essa matéria;
e) prudente, pois evita pronunciar-se a favor da obrigatoriedade desse ensino, lembrando que ele já vem sendo ministrado por muitas entidades.

34. Atente para estas afirmações:
I. Ao se declarar um cidadão ao mesmo tempo ateu e liberal, o autor enaltece essa sua dupla condição pessoal valendo-se do exemplo da própria CNBB.
II. A falta de oportunidade para se acessarem mensagens religiosas poderia ser suprida, segundo o autor, pela criação de redes de comunicação voltadas para esse fim.
III. Nos dois últimos parágrafos, o autor mostra não reconhecer nem legitimidade nem prioridade para a implementação do ensino religioso na escola pública.

Em relação ao texto, está correto o que se afirma em:
a) I, II e III.
b) I e II, apenas.
c) II e III, apenas.
d) I e III, apenas.
e) III, apenas.

35. Pode-se inferir, com base numa afirmação do texto, que:
a) o ensino religioso demanda profissionais altamente qualificados, que o Estado não teria como contratar;
b) a bancada religiosa, tal como qualificada no último parágrafo, partilha do mesmo radicalismo de Dom Tarcísio Scaramussa;
c) as instituições públicas de ensino devem complementar o que já fazem os templos, a exemplo do que ocorre na cidade de São Paulo;
d) o aprendizado de uma religião não requer instrução tão especializada como a que exigem as ciências exatas;
e) os membros da bancada religiosa, sobretudo os liberais, buscam favorecer o setor privado na implementação do ensino religioso.

36. (Cesgranrio – PROMINP – Nível Superior – Área de Qualidade – 2012) Os extratos 1 e 2 do texto apresentam características que permitem estabelecer diferenças entre a tipologia textual.
1) "Você começa a escrever um *e-mail* de trabalho, e é interrompido pelo toque do celular. Atende à ligação e, quando desliga, vê avisos de mensagens na telinha. Abre uma delas e, antes mesmo de responder, algum colega chama você para terminar aquela conversa que começaram de manhã..." (linhas 1-5)
2) "Como empreendia seus próprios projetos e trabalhava de casa, o empresário não sabia mais o que era horário de expediente, final de semana ou feriados. Mas reagiu a essa falta de limites e criou espaço para folgas e diversão." (linhas 30-33)

Considerando tais características, constata-se que o extrato:
a) 1 é argumentação, e o 2, narração;
b) 1 é narração, e o 2, argumentação;
c) 1 é narração, e o 2, descrição;
d) 1 é descrição, e o 2, argumentação;
e) 1 é descrição, e o 2, narração.

Gabarito

1. D.	10. E.	19. CERTO.	28. C.
2. CORRETA.	11. CORRETA.	20. CERTO.	29. A.
3. C.	12. B.	21. B.	30. D.
4. CERTO.	13. B.	22. A.	31. E.
5. CORRETA.	14. C.	23. B.	32. E.
6. CORRETA.	15. E.	24. C.	33. C.
7. A.	16. D.	25. E.	34. E.
8. B.	17. CERTO.	26. A.	35. D.
9. C.	18. CERTO.	27. D.	36. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 35

Coesão e Coerência

Definição

Bem, até aqui entendemos o que é um texto, conhecemos os tipos de texto e suas características. Agora, precisamos ir mais a fundo. Explico o porquê. Para que entendamos bem um texto, existe a premente necessidade de sabermos que, 1) se ele é um conjunto de frases que se relacionam, 2) mantendo um sentido harmonioso, isso se deve ao fato de que há nele a famosa **coesão** e a famosa **coerência** – tão massificadas nas provas de concursos variados.

Dica de irmão: Reestude, pelo menos, o tópico *Valor Discursivo* dos capítulos 11 e 15. Vai sedimentar!

Coesão é a ligação entre as partes do texto (palavras, expressões, frases, parágrafos) por meio de determinados elementos linguísticos. Com ela, fica mais fácil ler e compreender um texto.

Veja um exemplo de texto coeso:

> **Último Recurso**
> *Clarice Lispector*
>
> ***Quando*** *fazemos tudo* ***para que*** *nos amem* ***e*** *não conseguimos, resta-nos um* ***último recurso****: não fazer mais nada.* ***Por isso****, digo, quando não obtivermos o amor, o afeto ou a ternura* ***que*** *havíamos solicitado, melhor será desistirmos e procurar mais adiante os sentimentos que nos negaram. Não fazer esforços inúteis,* ***pois*** *o amor nasce,* ***ou*** *não, espontaneamente,* ***mas*** *nunca por força de imposição.* ***Às vezes****, é inútil esforçar-se demais, nada se consegue;* ***outras vezes****, nada damos e o amor se rende aos nossos pés. Os sentimentos são sempre uma surpresa. Nunca foram uma caridade mendigada, uma compaixão ou um favor concedido. Quase sempre amamos a quem nos ama mal, e desprezamos* ***quem*** *melhor nos quer.* ***Assim****, repito, quando tivermos feito tudo* ***para*** *conseguir um amor, e falhado, resta-nos* ***um*** *só caminho...* ***o*** *de mais nada fazer.*

Comentários sobre a função textual dos elementos coesivos destacados, na sequência:

– ***Quando***: conjunção que introduz uma oração subordinada à outra, estabelecendo uma relação temporal.

– ***para que***: conjunção que introduz uma oração subordinada à outra, estabelecendo uma relação de finalidade.

– ***e***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de oposição, equivalendo a “mas”.

– ***último recurso***: expressão substantiva de valor catafórico, pois antecipa o que será dito, referindo-se a algo posterior.
– ***Por isso***: locução conjuntiva que introduz um período o qual retoma a ideia do período anterior, estabelecendo uma relação de conclusão.
– ***que***: pronome relativo retomando, por sua natureza anafórica, "o amor, o afeto ou a ternura".
– ***pois***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de explicação.
– ***ou***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de disjunção, exclusão; note a elipse do verbo na oração anterior (... ou não *nasce*...).
– ***mas***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de oposição; note a elipse do verbo na oração anterior (... mas nunca *nasce*...)
– ***Às vezes***: locução adverbial que situa um fato vago no tempo e introduz um argumento que se contrapõe ao seguinte.
– ***outras vezes***: locução adverbial que situa um fato vago no tempo e introduz um argumento que se contrapõe ao anterior.
– ***quem***: pronome interrogativo/indefinido de valor dêitico, pois refere-se a algo fora do texto.
– ***Assim:*** conjunção que introduz um período que estabelece uma relação de conclusão (desfecho) com tudo o que se disse antes no texto.
– ***para***: preposição que introduz uma oração subordinada a outra, estabelecendo uma relação de finalidade.
– ***um***: numeral de valor catafórico, pois antecipa o que será dito, referindo-se a algo posterior.
– ***o***: pronome demonstrativo de valor anafórico, pois retoma o substantivo *caminho*.

Eu acho que você está começando a se dar conta de que um texto é muito mais do que uma porção de frases, certo? Querendo ou não, se você entendeu o texto da Clarice, é porque percebeu, mesmo que intuitivamente, os elementos coesivos e suas funções textuais.

Muitos me perguntam: "Pestana, afinal, qual é a diferença entre **coesão** e **coerência**?" A resposta é muito simples, e o melhor a responder isso é o mestre Bechara (com uma leve contribuição minha):

Coerência *é a relação semântica que se estabelece entre as diversas partes do texto, criando uma unidade de sentido. Está ligada ao entendimento, à possibilidade de interpretação daquilo que se ouve ou lê. Enquanto a coesão está para os elementos conectores de ideias no texto, a coerência está para a harmonia interna do texto, o sentido.*

Muitos professores, infelizmente, ainda ensinam que só há coerência se houver coesão. Não obstante, vejamos:

Coeso e incoerente

"Os jornalistas se comprometem a divulgar artigos políticos de maneira polida e imparcial, no entanto eles comumente afligem a opinião daqueles que se empenham em ter um cerne ou um ponto de vista menos fundamentalista."

Do que o texto fala mesmo? O elemento coesivo ***no entanto*** estabelece uma relação de oposição com o quê? Com o fato de os artigos ou os jornalistas afligirem a opinião de quem? Dos leitores, dos jornalistas ou dos artigos políticos?

Percebe que há uma confusão, que gera uma incompreensão do texto? Logo, podemos dizer que não houve coerência, apesar de ter havido coesão.

Incoeso e coerente

"Saí. Praia. Futebol. Volto à noite. Morto. Não espere nada de mim. Bj!"

Sabemos que ela vai falar muito no ouvido dele, não? Bem... depois do comentário machista... quero que você perceba que não houve nenhum elemento conectando as frases; houve apenas justaposição de frases. Realmente não houve coesão *stricto sensu*, mas houve total coerência, pois as frases mantêm relações de sentido bem típicas de um homem cara de pau (do ponto de vista da mulher). A **in**coesão, ausência de elementos conectores ou referenciadores, não prejudicou o sentido do texto, ou seja, a coerência.

Apoiando-me em grandes nomes, como Agostinho Dias Carneiro, Evanildo Bechara, José Luiz Fiorin e Francisco Platão Savioli, construí o restante do capítulo. Redobre sua atenção a partir de agora!

Coesão Referencial

Exceto a interjeição, as demais classes gramaticais colaboram para a construção de um texto coeso. A **coesão referencial** ocorre quando usamos as classes gramaticais para recuperar certos termos dentro do texto. O objetivo disso é evitar a repetição enfadonha, tornando o discurso mais fluido, mais dinâmico.

Tecnicamente falando, se um elemento tem como referente um termo anterior, dizemos que ele apresenta **valor anafórico**. Por outro lado, se um elemento tem como referente um termo posterior, dizemos que ele apresenta **valor catafórico**. Logo, a coesão referencial trata de termos que *substituem* outros.

Relembrou isso da aula de *Pronome*? Se não, releia pelo menos a teoria relativa aos pronomes demonstrativos e também o tópico *Valor Discursivo*. Vá por mim!

1) Substantivos ou expressões substantivas

– *A **resignação** normalmente se enquadra no grupo de sentimentos próprios de pessoas fracas. No entanto, nem toda **submissão** deve ser mal interpretada.* (sinônimos)

– ***Celso Cunha** é bem conhecido entre os "concurseiros". Até hoje, a obra desse **gramático** tem grande prestígio.* (hipônimo-hiperônimo)

– *Estão circulando alguns boatos a respeito da premiação de um **ator** brasileiro na próxima festa do Oscar. **Rodrigo Santoro** realmente pode conseguir seu lugar ao sol.* (hiperônimo-hipônimo)

– ***Jesus Cristo**, após sua morte, continuou sendo alvo de ataques. Alguns céticos até hoje duvidam da existência do **Salvador** e dos milagres atribuídos a ele.* (antonomásia)

– *As **chaminés** estão com os dias contados. O governo aprovou finalmente critérios rígidos para as **indústrias** produtoras de gases nocivos ao meio ambiente.* (metonímia)

– *O **Cespe** é um órgão que integra a Fundação Universidade de Brasília, realizando diversos concursos públicos anualmente. É por isso que muitos candidatos procuram saber mais sobre o **Centro de Seleção e de Promoção de Eventos**.* (abreviação)

– ***Luís Inácio Lula da Silva** foi presidente duas vezes. Todo o povo brasileiro amava **Lula**.* (repetição de parte do nome)

– *Depois de ter se **convertido** àquela religião, nunca mais foi a mesma pessoa. Como pode uma **conversão**, aparentemente positiva, afastar amigos?* (nominalização)

– ***A demora na liberação de verbas, na compra de material, na execução de serviços** tem provocado desconforto, por isso o presidente cobrou de seus ministros menos **burocracia**, com o intuito de ajudar os que mais necessitam.* (palavra-síntese)

Obs.: Os casos anteriores costumam ser enquadrados também no que se chama **coesão**

lexical. Também é digno de nota dizer o que é **expansão lexical**: trata do uso de palavras ou expressões sinônimas que, normalmente, indicam o ponto de vista do autor: *"**O professor Evanildo Bechara** ainda ministra aulas no Rio de Janeiro. **Este grande mestre** gosta de dividir sua sabedoria com os alunos."*.

2) Elipse

– *Os verdadeiros mestres prezam a excelência no ensino e assistem os alunos da melhor maneira possível.*

Evita-se a repetição do sujeito por meio da elipse: *"... (verdadeiros mestres) assistem os alunos..."*.

3) Adjetivos

– ***Relacionadas** ao tabaco, dói imaginar que o Brasil tenha gastado 0,5% do Produto Interno Bruto (PIB) em 2011 para tratar **doenças** – cerca de 20 bilhões de reais.*

Note que o adjetivo *relacionadas* faz referência a *doenças*.

4) Artigos definidos

– *Um guarda de trânsito multou um carro estacionado em lugar irregular na rua em que deixo meu carro. Tenho sorte por conhecer **o** policial.*

Observe que o artigo definido destacado tem valor anafórico, pois remete ao guarda de trânsito mencionado anteriormente. Se, no lugar do *o*, fosse usado *um* (artigo indefinido), o sentido iria mudar e a relação coesiva entre *policial* e *guarda de trânsito* não seria estabelecida.

5) Pronomes

Todos os seis tipos (pessoal, possessivo, indefinido, interrogativo, demonstrativo e relativo) colaboram com a referenciação, seja anafórica, seja catafórica.

– *"Se o **diretor** é uma espécie de CEO (diretor-executivo) na escola, é necessário que **ele** desenvolva habilidades de liderança."* (Irma Zardoya)

– *"Ou o **sistema** muda de bom grado, ou as "quebradeiras" e as multidões tomando as ruas vão obrigá-**lo** a mudar!"*

– *"A participação das **mulheres** no Congresso norte-americano ainda é considerada baixa (cerca de 17%), mas o resultado no Senado comprova um aumento sistemático da participação d**elas** na tomada de decisões."* (José Antonio Lima)

– *Não deve ser fácil para **Sua Santidade** conter a vaidade, afinal, **Francisco** é hoje o líder religioso mais poderoso do mundo.*

– *"O governo do Equador deu asilo ao fundador do WikiLeaks, Julian Assange. **O Reino Unido**, com **seu** conhecido respeito seletivo pela legislação internacional, desenterrou*

uma lei bisonha para afirmar que poderia invadir a embaixada do país latino-americano, a fim de capturar seu inimigo público." (Vladimir Safatle)

– *O **futebol** é indiscutivelmente a paixão nacional do brasileiro, em segundo lugar vem o **basquete**. **Um** apresenta Pelé como ídolo; o **outro**, Oscar.*

– *Segundo algumas religiões cristãs, há dois governantes no mundo: **Deus** e **Satanás**. A **quem** você serve?*

– *"Duas estradas se separam em uma floresta: eu **tomo aquela que é menos viajada**, e **isso** tem feito toda a diferença."* (Robert Frost)

– *Os **alunos** **cujas** famílias estão no programa do governo têm frequência acima da média dos demais.*

6) Numerais

– ***João**, **Pedro** e **Amanda** passaram, mas só o **primeiro** se classificou para o concurso elaborado pelo Cespe. O **segundo** e a **terceira** desistiram da carreira e decidiram tentar o concurso elaborado pela Esaf.*

7) Verbos vicários

Os verbos ***fazer*** e ***ser*** são substitutos de outros verbos para se evitar a repetição.

– *É preciso **acabar** com a corrupção de uma vez por todas, mas como **fazê**-lo? (... mas como acabar)*

– *"Amo a liberdade, por isso as coisas que amo deixo-as livres. Se **voltarem** **é** (= voltaram) porque as conquistei. Se não **voltarem** **é** (= não voltaram) porque nunca as tive." (Bob Marley)*

8) Advérbios

– *O **Brasil** e os **Estados Unidos** são países que conservam um certo grau de preconceito. Mas **lá** chega a ser pior que **aqui**.*

– *É **assim** que quero morrer: **na minha cama, num sono profundo**.*

Coesão Sequencial

Ocorre quando se usam conjunções, locuções conjuntivas, preposições, locuções prepositivas ou pronomes relativos que normalmente conectam orações dentro do texto, dando *sequência* à leitura, estabelecendo determinadas relações de sentido e concatenando as ideias dentro dele. Por isso, **sugiro que você recapitule estas classes gramaticais**.

– *Eu me esforcei muito* ***e*** *fiz grande investimento na minha carreira inicial,* ***mas*** *nada saiu como eu esperava* ***ou*** *como deveria ser,* ***porque****, afinal, esse não era meu destino.* ***Por isso*** *hoje decidi fazer faculdade,* ***a qual*** *me fez muito feliz. Finalmente encontrei minha vocação* ***para*** *obter sucesso profissional.* ***Em virtude d****isso, posso dizer* ***que*** *estou realmente realizado.*

Note que todos os termos destacados "jogam" o leitor para a frente na leitura, pois tais conectores (ou conectivos) servem para, além de introduzir argumentos, dar progressão ao texto.

Dica de irmão: Decore os conectivos, pois a maneira como isso cai na prova é simples: normalmente se pede a substituição de um conectivo por outro mantendo o mesmo sentido. Logo, se você não tem os conectivos no sangue, vai perder a oportunidade de acertar uma questão.

Coesão Recorrencial

Ocorre quando se usa a **repetição** (reiteração) de vocábulos, o **paralelismo sintático** (repetição de estrutura sintática semelhante) e a **paráfrase** (repetição de conteúdo semântico semelhante, introduzido por *ou seja, isto é, quer dizer*...)

– *"Uma em cada sete pessoas no mundo vai para a cama com **fome**, na maioria mulheres e crianças", disse a diretora da representação do PAM em Genebra (Suíça), Lauren Landis, no seminário intitulado Lutar Juntos Contra a Fome. "A **fome** mata anualmente mais pessoas do que o vírus que transmite a Aids, a malária e a tuberculose", acrescentou.* (repetição enfática)

– *Bom mesmo é **passar no concurso**, **ganhar bem** e **ser feliz**.* (paralelismo)

– *Ela não compareceu à prova, **ou seja, perdeu a chance**.* (paráfrase)

Obs.: Dos três, o mais comum é o recurso do paralelismo sintático. Veja:

Questão 03 (Uerj – Vestibular (Português Instrumental) – 2006)

O homem de grandes negócios fecha a pasta de zíper e toma o avião da tarde. O homem de negócios miúdos enche o bolso de miudezas e toma o ônibus da madrugada. A mulher elegante faz Cooper e sauna na quinta-feira. A mulher não elegante faz feira no sábado. (l. 1 – 3)

Na passagem citada, estão implícitas comparações, que se constroem por meio de um mecanismo de coesão determinado.

A) Identifique e defina o mecanismo de coesão que estrutura essas comparações.

Gabarito Oficial: Paralelismo. Apresentação de estruturas sintáticas semelhantes.

Fatores de Coerência

Para que um texto tenha harmonia de sentido entre suas partes, e, portanto, **coerência**, é preciso que nele haja **textualidade**, um conceito que trata, dentre outras coisas, dos fatores de coerência de um texto. Conheça alguns:

Manutenção temática

Suponha que um parágrafo esteja falando sobre educação brasileira...

O investimento na educação brasileira precisa ser levado a sério, pois há jovens mentes brilhantes apenas esperando ser lapidadas a fim de produzir arte e novas tecnologias em benefício de toda a sociedade.

Faria sentido dar continuidade ao texto assim?

Por isso, o governo continuará desenvolvendo projetos relativos ao esporte, afinal, nosso país vem sendo considerado um dos grandes polos esportivos.

É claro que não... afinal, o **contexto** (o primeiro período) não mantém harmonia de sentido com a segunda parte do texto.

Conhecimento de mundo

Suponha que um parágrafo esteja falando sobre os oceanos...

Quase três quartos da superfície terrestre são cobertos pelos oceanos.

Faria sentido dar continuidade ao texto assim?

Dentre eles, o maior de todos, o Pacífico, banha grande parte do território brasileiro.

É claro que não... afinal, nosso conhecimento de mundo nos diz que tal oceano não banha o Brasil, mas sim o Atlântico.

Situação de comunicação

Suponha que uma carta de demissão seja dirigida à área de departamento pessoal assim:

Prezado empregador,

Na boa, nunca gostei de trabalhar aqui nesse lugar horrível, que paga mal, que nos causa estresse e o escambau. Por isso estou metendo o pé. Quero que me paguem tudo certinho, senão vou meter a empresa no pau. Fui!

Percebe que falta **adequação à situação de comunicação**? Por mais que o empregado estivesse insatisfeito com a empresa, a situação exige um discurso mais formal (sem gírias) e desprovido de ofensas e ameaças.

Mecanismos gramaticais e semânticos da língua

É preciso tomar cuidado com certas palavras da língua, como sinônimos e parônimos, pois,

em alguns contextos, pode haver certa confusão no uso, gerando incoerência. Veja um exemplo de mau uso na escolha vocabular:

O sobrepeso é mais do que um problema com a aparência, é um perigo real para a saúde, haja vista os milhares de mortes relacionadas a ele. A questão é tão grave que muitos médicos, nutricionistas e professores de educação física militam contra o sobrepeso, alertando que ele provoca a diabetes tipo 2, doenças cardíacas, pressão alta, infarto e certos cânceres.

Percebeu que o autor quis dizer *obesidade*, mas usou *sobrepeso*? *Sobrepeso* é apenas o peso acima do ideal, levando-se em conta sexo, altura, idade etc. *Obesidade* é um excesso de gordura acumulada em todo o corpo que representa uma porcentagem muito maior em relação à massa magra. Em outras palavras, o sobrepeso representa apenas um risco do indivíduo tornar-se obeso. Ponto. Já a obesidade traz prejuízos à saúde.

Agora note que se usa equivocadamente uma palavra:

Enquanto os principais líderes da colisão e da oposição alimentaram a impressão em julho e agosto de que estavam preparados para que a Grécia deixasse o euro, a opinião comum hoje parece ser de que o país deve ser mantido no bloco monetário.

Percebeu que o autor quis dizer *coalizão*, ou seja, um acordo entre partidos políticos? Ao usar *colisão*, o sentido ficou absurdo, afinal, não houve choque entre dois corpos, ninguém colidiu com ninguém, nem conflito houve.

Intertextualidade

A **intertextualidade** é um recurso argumentativo muito bom quando o intuito é a defesa de uma tese. No entanto, se mal usada, além de nada acrescentar, pode provocar incoerência.

A falta de comedimento já levou o ser humano a se destruir, individual e coletivamente, muitas vezes. Por isso não podemos nos dar ao luxo de pensar que nossas atitudes são inconsequentes e só nos ferem a nós mesmos. Precisamos seguir o que disse o poeta Cazuza em um de seus raros momentos de lucidez moral e espiritual: "Até nas coisas mais banais, pra mim é tudo ou nunca mais.".

Note que o conteúdo da citação, que é um tipo de intertextualidade (reveja este conceito no capítulo de Semântica), não corrobora a tese, mas vai em direção contrária a ela.

Intencionalidade

Quando se cria um texto, é preciso deixar clara a intenção ao interlocutor. Não se pode, por exemplo, apresentar duas teses num parágrafo introdutório de uma redação dissertativo-argumentativa, pois o leitor ficará confuso. Veja:

Para mantermos uma consciência sustentável, precisamos usar inteligentemente, hoje, os

recursos do planeta, pois ninguém mais duvida que, por sermos seres dependentes deles, precisam ser bem utilizados e reutilizados. É certo que o homem precisa investir em empreendimentos sustentáveis, mas não se pode negar que há um alarmismo quanto ao esgotamento dos recursos naturais da Terra. Sendo assim, é preciso ação e menos discurso.

Observe de novo a primeira tese:

Para mantermos uma consciência sustentável, precisamos usar inteligentemente, hoje, os recursos (esgotáveis) do planeta, pois ninguém mais duvida que, por sermos seres dependentes deles, precisam ser bem utilizados e reutilizados.

Agora, a segunda:

É certo que o homem precisa investir em empreendimentos sustentáveis, mas não se pode negar que há um alarmismo quanto ao esgotamento dos recursos naturais da Terra.

Afinal, o autor do texto acredita que os recursos são esgotáveis ou não? Qual é o grau de importância que ele dá a isso na primeira tese e na segunda tese? O que ele vai defender ao longo do texto: a ideia de que precisamos manter uma consciência sustentável ou de que é preciso investir em empreendimentos sustentáveis?

Há uma incoerência, ou obscuridade (para dizer o mínimo), na *intenção* do autor.

Vamos conhecer agora os tipos de coerência mais comuns.

Coerência Narrativa

Há **coerência narrativa** quando um texto narrativo apresenta harmonia e logicidade entre as partes que o compõem.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: *Assim que Manuela chegou à estação de trem, deu-se conta de que havia esquecido o objeto mais importante de sua vida até então, a foto de seu amor. Por isso, pegou o trem e partiu.*

Coerência: *Assim que Manuela chegou à estação de trem, deu-se conta de que havia esquecido o objeto mais importante de sua vida até então, a foto de seu amor. Por isso, retornou a sua casa, fazendo em seguida o trajeto de volta para pegar o trem.*

Raciocínio simples: se a personagem tinha como objeto mais precioso a foto de seu amor, não poderia ter partido sem ela.

Coerência Argumentativa

Há **coerência argumentativa** quando um texto dissertativo apresenta harmonia e logicidade entre as partes que o compõem, normalmente entre os argumentos e a tese.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: *Doença que mais mata no país e que costuma ser associada a pacientes idosos, o acidente vascular cerebral (AVC) também atinge jovens. Por isso aqueles precisam investir nos exercícios físicos e na boa alimentação, mas não estes.*

Coerência: *Doença que mais mata no país e que costuma ser associada a pacientes idosos, o acidente vascular cerebral (AVC) também atinge jovens. Por isso ambos os grupos etários precisam investir nos exercícios físicos e na boa alimentação.*

Raciocínio simples: independentemente de o AVC matar mais idosos que jovens, ambos precisam se preocupar com a saúde.

Coerência Figurativa

Há **coerência figurativa** quando um texto, normalmente narrativo-descritivo, apresenta harmonia e logicidade entre as partes que o compõem – o assunto tratado e as figuras usadas para ilustrá-lo.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: *Todo o velório foi profundamente triste, pois Laureliano era uma pessoa notável e assaz virtuosa. Pessoas contavam piadas, bebiam, comiam, dançavam, gargalhavam e se beijavam, como se o mundo estivesse acabando. O morto foi ignorado por completo.*

Coerência: *Todo o velório foi profundamente triste, pois Laureliano era uma pessoa notável e assaz virtuosa. Não havia piadas, nada se bebia, nada se comia, não havia dança, só choro; os beijos eram de condolências, o mundo havia acabado ali, pois o morto era o centro de todas as atenções.*

Raciocínio simples: se o morto é uma pessoa notável e assaz virtuosa, a expectativa é de que as pessoas deem total atenção a ele. Por estarem em um velório, as pessoas têm de comportar-se conforme a ocasião.

Coerência Temporal

Há **coerência temporal** quando um texto, normalmente dissertativo ou narrativo, apresenta harmonia e logicidade temporal entre as partes que o compõem, respeitando-se as leis da sucessividade dos eventos.

A partir desse conceito, veja esta questão:

Questão 2 (FUNRIO – MPOG – Analista Administrativo – 2009)

A coerência textual se constrói de muitas maneiras. Uma delas é aquela que respeita as leis da sucessividade dos eventos ou apresenta uma compatibilidade entre os enunciados do texto, do ponto de vista da localização no tempo. Nesse caso, temos o que se chama de coerência temporal.

Qual dos trechos abaixo apresenta incoerência, pois os enunciados são incompatíveis do ponto de vista da temporalização?

a) Antes do jogo, a torcida cantou músicas que saudavam o seu time. Com a derrota por goleada, o coro da arquibancada só servia para execrar os jogadores e os dirigentes – responsabilizados por mais aquele fracasso.

b) Enquanto alguns povos se vangloriam dos feitos de seus antepassados e não se preparam para o futuro, aos povos que não têm grande tradição só resta buscar a organização de sua sociedade.

c) Quando a professora entrou, o menino já tinha posto o sapo na bolsa de seu colega e estava sentado tranquilamente no seu lugar. A mestra pegou-o em flagrante, bem no instante em que ele colocava o sapo na bolsa do colega.

d) A moça escolheu minuciosamente os grãos de feijão e de arroz e só depois disso colocou-os na panela e no fogo, pois sabia que no dia seguinte não teria tempo para fazer esse serviço.

e) Durante o temporal que caiu na semana passada na cidade onde eu nasci, vi muita gente comprando guarda-chuvas e capas protetoras, pois tudo aconteceu muito repentinamente.

Comentário: O gabarito é a letra C, pois, se ele já tinha posto o sapo na bolsa antes de ela entrar, não faz sentido algum dizer que ela o pegou no momento em que ele fazia isso.

Coerência de Registro

Há **coerência de registro** ou **coerência no nível de linguagem** quando um texto apresenta apenas um registro. Quando há mais de um registro no mesmo texto, normalmente o formal e o informal, ocorre uma incoerência.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: "Cada descoberta científica é uma pequena história de aventura. Nas publicações científicas, o relato dessas paradas está encoberto por uma porrada de termos técnicos, descrição de métodos e um cuidado paranoico com a precisão da linguagem. O resultado é que o sabor da aventura se perde em um texto difícil pra dedéu." (Fernando Reinach)

Coerência: "Cada descoberta científica é uma pequena história de aventura. Nas publicações científicas, o relato dessas aventuras está encoberto por uma infinidade de termos técnicos, descrição de métodos e um cuidado paranoico com a precisão da linguagem. O resultado é que o sabor da aventura se perde em um texto quase incompreensível" (Fernando Reinach)

Observe que há incoerência no primeiro fragmento porque há mistura de linguagem sóbria, formal com linguagem chula, vulgar. Para haver coerência, é preciso manter uma uniformidade no registro linguístico.

Continuidade Textual

Este assunto, antes de qualquer coisa, é a cara da Esaf. Todo bendito ano cai uma questão a respeito disso (às vezes duas ou três). Vamos entender isso de uma vez por todas?

Todo texto coerente precisa apresentar **progressão textual**, ou seja, "cada segmento que se sucede precisa ir acrescentando informações novas aos enunciados anteriores". Não pode haver repetição de ideias, a não ser por motivo enfático, senão o texto vira uma ladainha, ficando "pobre". A partir desse conceito, veja um texto sem progressão textual seguido de sua reescritura com progressão:

Sem progressão textual: *A água potável sempre foi um recurso finito. Mesmo sendo um recurso renovável, pelo ciclo natural, suas reservas não são ilimitadas. Dizer que ela nunca vai acabar é um disparate, pois um dia isso pode acontecer. Afinal, a água que usamos para a sobrevivência (higiene e alimentação), pode ter um fim.*

Com progressão textual: *A água potável sempre foi um recurso finito. Mesmo sendo um recurso renovável, pelo ciclo natural, suas reservas hoje estão comprometidas, por causa de algumas ações humanas. Por exemplo, a indústria consome cerca de 24% da água do planeta, além de poluir lagos e rios, causando também perda de biodiversidade. Precisamos entender sua importância para que simultaneamente não tenhamos o mesmo fim.*

Note que o primeiro texto "roda, roda, e não sai do lugar". Há um discurso circular, sem informações novas e relevantes. O segundo texto é o oposto disso, por isso há progressão.

Às vezes, a progressão textual é comprometida por coesão inadequada ou incoerência. Veja quatro exemplos:

Texto com coesão inadequada:

O capitalista ganha na massa de produtos, porque em cada mercadoria produzida há sempre proporcionalmente menos peso da força de trabalho e, portanto, da mais valia – que é o que lhe permite acumular capital.

No entanto, o capitalista está sempre buscando ampliar sua produção, para ganhar na competição, pela escala de produção e porque ganha na massa de mercadorias produzidas.

(Emir Sader – adaptado)

Texto com coesão adequada:

O capitalista ganha na massa de produtos, porque em cada mercadoria produzida há sempre proporcionalmente menos peso da força de trabalho e, portanto, da mais valia – que é o que lhe permite acumular capital.

Por isso, o capitalista está sempre buscando ampliar sua produção, para ganhar na competição, pela escala de produção e porque ganha na massa de mercadorias produzidas.

(Emir Sader – adaptado)

A conjunção *no entanto,* que inicia o segundo parágrafo, não deveria ser usada, pois tal conectivo estabelece uma relação de oposição; mas, entre o primeiro parágrafo e o segundo, há uma clara relação de causa e consequência, por isso o elemento coesivo a ser usado no início do segundo parágrafo deveria ser um destes: *portanto, então, por isso, por conseguinte, em vista disso etc.*

Texto sem coerência:

Uma trágica guerra instaurou-se entre o crime organizado e a Polícia Militar de São Paulo. A selvageria e a violência tomaram conta do cotidiano de amplos setores da periferia da cidade. A população, sempre vítima maior deste conflito, vive momentos de intensa insegurança. A mídia comercial é estranhamente comedida nos espaços dedicados ao noticiário do tema.

Por isso a Comissão Global de Política sobre Drogas (CGPD), presidida pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, pediu nesta quarta-feira 24, em Varsóvia, políticas orientadas para a prevenção e o controle, justificando que a guerra contra as drogas foi um fracasso.

(Pedro Estevam Serrano – adaptado)

Texto com coerência:

Uma trágica guerra instaurou-se entre o crime organizado e a Polícia Militar de São Paulo. A selvageria e a violência tomaram conta do cotidiano de amplos setores da periferia da cidade. A população, sempre vítima maior deste conflito, vive momentos de intensa insegurança. A mídia comercial é estranhamente comedida nos espaços dedicados ao noticiário do tema.

Por isso, os governos federal e estadual travaram acordo de cooperação com vistas à repressão comum do crime organizado por meio da criação de uma agência especializada.

(Pedro Estevam Serrano – adaptado)

Não se pode mudar de assunto de um parágrafo a outro sem que haja uma razão para isso. Note que o primeiro parágrafo fala sobre uma guerra na cidade de São Paulo entre o crime organizado e a Polícia Militar. No segundo, fala-se de guerra contra as drogas e políticas relativas a drogas. Cuidado com a manutenção temática! Ela é necessária para que possa haver coerência textual.

Dica de irmão: Normalmente a Esaf é a banca que trata de continuidade textual. Por isso saiba que, quando ela trabalha este assunto na prova, a maioria das vezes os enunciados dizem assim: “Assinale a opção que fornece uma continuidade coesa, coerente e gramaticalmente correta.”. Quando se diz “gramaticalmente correta”, muitas vezes é possível eliminar opções só pelo conhecimento de regras gramaticais, como regência, crase,

concordância, emprego de pronomes, ortografia, acentuação, pontuação etc. Por isso, ao fazer uma questão dessas, tente agilizar sua vida na hora da prova por perceber as alternativas que têm desvios gramaticais, ok?

O Que Cai Mais na Prova?

Hoje as provas têm abordado muito a questão do valor coesivo dos pronomes. Eles têm o papel de recuperar ou fazer referência a termos *dentro do texto* (**coesão endofórica – anafórica**, que substitui termo ou ideia anterior – ou **catafórica**, que refere-se a um termo ou ideia posterior). Os termos, expressões, ideias inteiras retomadas ou antecipadas por um pronome são chamados de referentes. Normalmente os pronomes são usados com tais funções para evitar a repetição viciosa no texto.

Portanto, estude **coesão referencial** e **sequencial** muito bem, e qualquer prova estará em suas mãos. Sobre progressão textual e coerência, preste atenção na manutenção temática e no uso dos conectivos. Por isso, **insisto: faça e refaça as questões deste capítulo e dos de *Conjunção*, *Preposição* e *Pronome***, pois há muitas questões que tratam de coesão e coerência! O conhecimento dessas classes gramaticais (e suas funções discursivas) será determinante para acertar uma questão na prova. Todas as bancas (todas!) adoram tratar de coesão e coerência. Não diga que não avisei!

Questões de Concursos

1. (Consulplan – CFN – Administrador – 2011) Os termos destacados constituem elementos coesivos por retomarem termos ou ideias anteriormente registrados, EXCETO:

   a) *"Para isso, existiam os oráculos"* (1º §)

   b) *"Afinal de contas, ele jamais havia se considerado um grande sábio."* (2º §)

   c) *"Só sei que nada sei"* (2º §)

   d) *"Além disso, os diálogos de Sócrates não serviam para defender essa ou aquela posição ideológica"* (3º §)

   e) *"Em seguida, destrinchava as respostas que lhe eram dadas"* (3º §)

2. Em *"Quando confrontados pelos aspectos mais obscuros ou espinhosos da existência"* (1º §), *"Após muito meditar sobre as palavras do oráculo"* (2º §), *"então o verdadeiro sábio é aquele que tem consciência da própria ignorância"* (2º §), *"A partir daí, Sócrates começou uma cruzada pessoal contra a falsa sabedoria"* (2º §), e *"Mas havia grandes diferenças entre a dialética de Sócrates e a de seus antigos mestres"* (3º §). As expressões destacadas indicam, respectivamente, ideia de:
   a) Tempo, tempo, conclusão, conclusão, adversidade.
   b) Tempo, tempo, tempo, conclusão, adversidade.
   c) Tempo, tempo, conclusão, tempo, adversidade.
   d) Consequência, tempo, tempo, conclusão, adversidade.
   e) Tempo, tempo, tempo, conclusão, adição.

É impossível colocar em série exata os fatos da infância porque há aqueles que já acontecem permanentes, que vêm para ficar e doer, que nunca mais são esquecidos, que são sempre trazidos tempo afora, como se fossem d'agora. É a carga. Há os outros, miúdos fatos, incolores e quase sem som – que mal se deram, a memória os atira nos abismos do esquecimento. Mesmo próximos eles viram logo passado remoto. Surgem às vezes, na lembrança, como se fossem uma incongruência. Só aparentemente sem razão, porque não há associação de ideias que seja ilógica. O que assim parece, em verdade, liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas – raízes lógicas! – de que emergem os pequenos caules isolados – aparentemente ilógicos! só aparentemente! – às vezes chegados à memória vindos do esquecimento, que é outra função ativa dessa mesma memória. (Pedro Nava, Baú de Ossos)

3. (Consulplan – Pref. Santo Antônio do Descoberto/GO – Advogado – 2011) Considerando-se as relações de coesão do texto, assinale a opção em que o 2º elemento faz referência ao 1º:
   a) os fatos da infância – aqueles;
   b) tempo afora – d'agora;
   c) carga – os outros;
   d) carga – miúdos fatos;
   e) abismos do esquecimento – eles.

Fragmentos de texto

Acho que foi o Hemingway quem disse que olhava cada coisa à sua volta como se a visse pela última vez.
(...)
Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver, você não vê. Sei de um profissional que passou 32 anos a fio pelo mesmo hall do prédio do seu escritório. Lá estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro. Dava-lhe bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer.
Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado, o porteiro teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por sua ausência. O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem. Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos.
(...)

4. **(**Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011**)** A passagem transcrita em que **NÃO** há correspondência entre o pronome destacado e o referente a ele atribuído é:
   a) "...como se a visse pela última vez." (l. 2-3) – coisa

b) “Lá estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro.” (l. 20-21) – hall do prédio
c) “Dava-lhe bom-dia...” (l. 21-22) – profissional
d) “pode ser também que ninguém desse por sua ausência.” (l. 29-30) – girafa
e) “O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem.” (l. 30-31) – olhos

5. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Adm. e Secr.) – 2011) O período “Fiquei perturbada, mas acabei dando as costas para o resultado [...]” (L. 27-29) pode ser reescrito, mantendo-se o mesmo sentido, assim:
a) Como fiquei perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
b) Antes de ficar perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
c) Conforme ficava perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
d) Caso tivesse ficado perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
e) Embora tenha ficado perturbada, acabei dando as costas para o resultado.

6. (FDC – Cremerj – Administrador – 2011) “As drogas medicinais ou ‘drogas da virtude’, prescritas pelos físicos, odontólogos e médicos homeopatas ou alopatas eram manipuladas por boticários, que importavam remédios europeus e usavam produtos nativos em sua formulação.”
No texto há um conjunto de elementos que se prendem a termos anteriores a fim de produzir coesão (ligações formais e semânticas) entre esses elementos. A indicação **INCORRETA** de um desses termos é:
a) o pronome possessivo *sua* tem como referente “remédios europeus”;
b) o particípio *prescritas* refere-se às duas espécies de drogas mencionadas antes;
c) o conectivo *por* une a forma verbal *eram manipuladas* a seu agente;
d) a forma verbal *usavam* repete o mesmo sujeito de *importavam*;
e) o pronome relativo *que* refere-se a boticários.

7. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) Identifica-se uma consequência e sua causa, respectivamente, em:
a) *Há felicidade coletiva // quando são adequadamente observados os itens que tornam mais feliz a sociedade*. (2º parágrafo)
b) *E a sociedade será mais feliz // se todos tiverem acesso aos básicos serviços públicos de saúde*... (2º parágrafo)
c) *A educação, a segurança, a saúde, o lazer, a moradia e outros mais são considerados direitos fundamentais de cunho social pela Constituição // exatamente por serem essenciais ao bem-estar da população no seu todo*. (5º parágrafo)
d) *... por dizer a Constituição serem os direitos sociais essenciais à busca da felicidade, // se vai, então, forçar os entes públicos a garantir condições mínimas de vida* ... (3º parágrafo)
e) *O povo pode ter intensa alegria, por exemplo, ao se ganhar a Copa do Mundo de Futebol, // mas não há felicidade coletiva, e sim bem-estar coletivo*. (6º parágrafo)

8. (Consulplan – Pref. Nova Iguaçu/RJ – Médico Acupunturista – 2012) Dentre os trechos destacados a seguir, está expressa ideia de oposição em:
a) “... atingido esse consenso, porém, não é motivo para a humanidade...”
b) “Dar o mundo de presente aos filhos? Vá a uma loja de brinquedos lotada...”
c) “... isso não garante que também eles serão capazes de repassar a fortuna...”
d) “... sem nem mesmo respeitar o silencioso pacto de espera...”
e) “Quanto mais vou a aniversários, menos confiante eu fico...”

Fragmento de texto

“Nesta altura do campeonato já dá para dizer que todos concordam com a importância de deixar um planeta melhor para os nossos filhos. E que, exatamente por isso, a sustentabilidade é uma questão importante dos nossos tempos. O fato de termos atingido esse consenso, porém, não é motivo para a humanidade bater no peito e acreditar que deu um passo à frente. (...)”

9. Tendo em vista a importância e função dos elementos de coesão textual, o termo destacado em “E que, exatamente por <u>isso</u>, a sustentabilidade é uma questão importante dos nossos tempos.” refere-se:
a) ao futuro das novas gerações;
b) aos atos inconsequentes contra o meio ambiente;
c) à importância da sustentabilidade em nossos tempos;
d) à opinião em comum que todos possuem a respeito dos filhos;
e) ao fato de que é importante deixar um planeta melhor para as próximas gerações.

"Sei que você sente muitas saudades, *porque* eu também sinto saudades de você."

10. (Ceperj – Procon/RJ – Agente de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) O conectivo "porque", no contexto acima, estabelece relação de:
    a) modo;
    b) causa;
    c) adversidade;
    d) conformidade;
    e) proporcionalidade.

"Para os trabalhadores, é o mês em que eles pensam que estão mais ricos. Recebem o 13º salário ou parte dele – e compram. A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando. Compram de tudo."

11. (Ceperj – Degase – Agente Socioeducativo – 2012) "A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando."
    O período acima poderia ser reescrito com a introdução de um conectivo, de modo a explicitar a relação de sentido do contexto original.
    A inserção do conectivo preserva o sentido original da frase na seguinte alternativa:
    a) embora venham comprando;
    b) para virem comprando;
    c) porque vêm comprando;
    d) contudo vêm comprando;
    e) apesar de virem comprando.

"Delfino Natal de Souza, secretário de logística e tecnologia da informação, defende que <u>esta nova modalidade de gestão de documentos irá modernizar a gestão pública</u> / <u>ao permitir que o gerenciamento de processos seja feito de forma eletrônica.</u>"

12. (Ceperj – Seplag – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) As relações lógicas entre os segmentos sublinhados são as de:
    a) causa / consequência.
    b) fato / justificativa.
    c) previsão / retificação.
    d) opinião / modo.
    e) afirmação / exemplificação.

13. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Assinale a opção que constitui continuação coesa, coerente e gramaticalmente correta para o texto abaixo.
    O governo concedeu R$ 97,8 bilhões em benefícios fiscais a empresas, nos últimos cinco anos, e adotou dezenas de medidas para conter a valorização cambial e proteger a indústria da concorrência estrangeira − mas tudo isso teve resultados insignificantes, como demonstra o fraco desempenho brasileiro no mercado internacional de manufaturados. Incapaz de acompanhar o crescimento do mercado interno, a indústria de transformação perdeu espaço no Brasil para os concorrentes de fora e cresceu em 2011 apenas 0,1%, ou quase nada.
    a) Por isso esse protecionismo seja uma forma de compensar a falta de uma estratégia minimamente eficaz. O resultado só poderá ser o desperdício de mais dinheiro, esforços e oportunidades.
    b) Esses investidores tomam dinheiro barato na Europa e aplicam no Brasil, em troca de juros altos. A ação defensiva, nesse caso, é justificável, embora pouco eficaz.
    c) Alem disso, é consenso entre esses empresários, administradores e governantes que é preciso aplicar muito mais dinheiro em máquinas, equipamentos e obras de infraestrutura.
    d) Portanto, diante desse bom desempenho é um erro atribuir os problemas nacionais a fatores externos. Mas é preciso responsabilizar os bancos centrais do mundo rico por uma parcela importante dos males econômicos do País.
    e) Sem competitividade, essa indústria é superada pelos produtores instalados nas economias mais dinâmicas e mal consegue manter, mesmo na América do Sul, posições conquistadas em tempos melhores.

14. Assinale a opção que, na sequência, preenche corretamente as lacunas do texto.
    Quando a crise financeira eclodiu em 2008, uma das ameaças mais temidas foi __1__ ela trouxesse consigo o protecionismo generalizado. A crise ainda não acabou, as perspectivas pessimistas __2__ comércio mundial não se concretizaram, e __3__ Brasil tenta agora é obter sinal verde para fechar por um tempo sua economia, abrindo caminhos __4__ outros países em situação semelhante façam o mesmo. A Organização Mundial do Comércio − OMC daria então

aval a esse protecionismo, supondo que ela fosse capaz de estabelecer __5__ deveria ser a taxa de câmbio de equilíbrio de seus membros, e o período pelo qual uma taxa desalinhada poderia voltar ao seu nível "normal", que é o que o Brasil parece supor ao pedir proteção temporária. A proteção, se concedida ao Brasil, provavelmente elevaria seus substanciais saldos comerciais, valorizando mais sua moeda, __6__esse é apenas um dos problemas da proposta.

	1	2	3	4	5	6
a)	o de que	com o	aquilo que o	para	onde	porém
b)	que	do	o	de que	que	todavia
c)	a de que	a respeito do	o que o	para que	qual	mas
d)	que	sobre o	que o	dos quais	de quanto	no entanto
e)	qual	para com o	nosso	com que	como	porquanto

15. Assinale a opção que preenche de forma coesa, coerente e gramaticalmente correta a lacuna do trecho a seguir.

Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul são mais do que cinco economias emergentes em expansão num mundo em crise. Reunidas sob o acrônimo BRICS, abrigam mais de 40% da população global e somam perto de US$ 14 trilhões de PIB, ou seja, quase um quinto das riquezas produzidas no planeta. É natural que busquem maior participação no cenário internacional − o que seria facilitado por uma atuação conjunta, em bloco.

_____

_____

_____

A instituição permitiria aos países reduzir a dependência econômica em relação aos Estados Unidos e à União Europeia, em sérias dificuldades. Mais do que isso, a experiência poderia depois ser replicada para dar um pontapé inicial para mudanças políticas não apenas voltadas ao desenvolvimento sustentável, como também à segurança e à paz no universo, com um rearranjo das regras e dos organismos internacionais.

a) Maior dos BRICS, a China, segunda potência mundial, tem PIB de US$ 7,4 trilhões e reservas cambiais superiores a US$ 3 trilhões. Contudo, é uma ditadura que ganha mercados mundo afora com vantagens artificiais, como a desvalorização da moeda, o yuan, um calo inclusive para o Brasil, invadido por produtos chineses em condições desfavoráveis de competitividade.

b) Assim, reconhecer a necessidade de promover correções de rumo internas é desafio de primeira ordem para os cinco emergentes. Aproximações bilaterais, vale lembrar, também terminam por fortalecer o quinteto emergente.

c) A Rússia, por sua vez, apresenta desenvolvimento relativo e hoje consolida-se como economia de mercado ainda sob olhares desconfiados de parte dos governantes de outros países do globo.

d) Os demais países têm abismos sociais a superar, problemas de desigualdades evidentes, o que deixa o bloco, formalizado ou não, distante da pose de referência internacional na questão do desenvolvimento humano.

e) Avançar na criação de um banco de desenvolvimento, proposto pelo primeiro-ministro indiano, como alternativa ao Banco Mundial − Bird e ao Fundo Monetário Internacional − FMI, já seria grande passo.

16. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Leia o texto.

A oferta total de crédito na economia brasileira dobrou nos últimos oito anos. A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito. Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e tem sido um dos principais dínamos do PIB. Mas começam a ficar evidentes os sinais de fadiga nessa expansão econômica baseada no endividamento. Mesmo com o barateamento do dinheiro provido pelo Banco Central, o crédito ficou mais caro para os consumidores. Preocupado com a falta de vigor da economia, o governo determinou que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal reduzissem as suas taxas. No cheque especial e no financiamento de veículos, por exemplo, os juros que agora serão cobrados pelos bancos públicos são praticamente a metade das taxas médias de mercado.

Assinale a opção que fornece uma continuidade gramaticalmente correta e coerente para a argumentação do texto.

a) Ou seja, esses bancos passaram a pagar menos pelo dinheiro que captam no mercado, aumentando as possibilidades de conssessão de empréstimos.

b) Essa e outras medidas teriam a finalidade de aquecer de novo a economia, por meio do estímulo ao consumo e impulso para os investimentos.

c) Mas essas medidas foram eclipsadas pelo aumento dos *spreads* bancários como é chamada a diferença entre o juro que o banco paga e o juro que cobra.

d) Provisões para cobrir essa inadimplência e o peso da tributação responde por mais da metade do custo do dinheiro − que os bancos repassam aos consumidores.

e) No entender dos analistas essas medidas com respeito às taxas excessivas traz a ameaça de causar prejuízos que mais tarde terão que ser cobertos pelo Tesouro.

17. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) O texto Grandes cidades nem sempre são as mais poluentes diz estudo, da France Press, publicado em http://www1.folha.uol.com.br/ambiente/866228 (com acesso em 29/12/2011) foi adaptado para compor os fragmentos abaixo. Numere-os, de acordo com a ordem em que devem ser dispostos para formar um texto coeso e coerente.

( ) Nesse estudo, enquanto cidades do mundo todo foram apontadas como culpadas por cerca de 71% das emissões causadoras do efeito estufa, cidadãos urbanos que substituíram os carros por transporte público ajudaram a diminuir as emissões per capita em algumas cidades.

( ) Pesquisadores examinaram dados de cem cidades em 33 países, em busca de pistas sobre quais metrópoles seriam as maiores poluidoras e por que, de acordo com estudo publicado na revista especializada "Environment and Urbanization".

( ) "Isso reflete a grande dependência de combustíveis fósseis para a produção de eletricidade, uma base industrial significante em muitas cidades e uma população rural relativamente grande e pobre", informa o estudo.

( ) Por fim, quando os pesquisadores olharam as cidades asiáticas, latino-americanas e africanas, descobriram emissões menores por pessoa. A maior parte das cidades na África, Ásia e América Latina tem emissões inferiores por pessoa. O desafio para elas é manter essas emissões baixas, apesar do crescimento de suas economias.

( ) O estudo também aponta outras tendências, como as cidades de climas frios terem emissões maiores, e países pobres e de renda média terem emissões per capita inferiores aos países desenvolvidos.

A sequência correta é:

a) (1) (2) (5) (4) (3);
b) (2) (1) (3) (5) (4);
c) (2) (5) (1) (3) (4);
d) (4) (1) (2) (5) (3);
e) (4) (2) (1) (3) (5).

Enxergando suas obras da década de 1890 à luz de seus conceitos-chave – como o de "idealismo prático" e o de "República" –, conclui-se que Nabuco permaneceu monarquista por julgar que o advento do regime republicano, naquele momento, ... o advento de uma sociedade autenticamente republicana, liberal e democrática entre nós. (...)

18. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale a opção que completa a lacuna sem provocar <u>incoerência</u> de ideias ou ruptura na direção argumentativa do texto.

a) poderia acelerar as transformações sociopolíticas necessárias para;
b) viria a prejudicar e não a favorecer;
c) encontraria valores sedimentados de civismo e liberalismo para;
d) legitimaria a implantação de regimes totalitários, forçando;
e) em vez de retardar o processo democrático, viria a acelerar.

19. (Esaf – SRF – Analista Tributário da Receita Federal – 2012) Assinale a opção que, ao preencher a lacuna do parágrafo, provoca erro gramatical e/ou <u>incoerência</u> na argumentação do texto.

A inflação, que deveria voltar a ser um problema só no ano que vem, vai causar preocupação no curto prazo._____, mais uma vez a taxa vai ficar acima do centro, ainda que permaneça dentro da margem de segurança. A alta foi pequena, mas dá uma ideia do pessimismo que anda dominando os mercados.

a) A serem confirmadas as expectativas do mercado.
b) Apesar de confirmá-las as expectativas do mercado.
c) Se a expectativa do mercado se confirmar.
d) Confirmando-se as expectativas do mercado.
e) Caso sejam confirmadas as expectativas de mercado.

20. Assinale a opção que constitui continuação gramaticalmente correta, coesa e coerente para o texto a seguir.

Apesar do nível de emprego ainda elevado, a situação da indústria brasileira piorou consideravelmente desde o ano passado e hoje destoa muito menos do padrão internacional. As medidas tomadas pelo governo para isolar o País da crise externa, ou para reduzir, pelo menos, o risco de contágio, foram insuficientes, até agora, para impulsionar a indústria de transformação. A manutenção do emprego, a elevação do salário real, a rápida expansão do crédito e a redução de impostos para alguns setores estimularam o consumo, mas a produção manufatureira foi incapaz de acompanhar a demanda interna.

a) Parte desse estímulo foi aproveitada por produtores estrangeiros bem mais preparados para disputar espaço nos mercados. O recuo da atividade industrial brasileira reflete, entre outros fatores, o aumento das importações e a deterioração do saldo comercial.
b) Diante dessa pequena reação de maio para junho foi amplamente insuficiente para a retomada do nível de atividade do ano passado. As maiores perdas em 2012 continuam no setor de bens de capitais, isto é, de máquinas e equipamentos. A

fabricação desses bens aumentou 1,4% de maio para junho, mas a produção do primeiro semestre foi 12,5% inferior à de um ano antes.

c) Essa presença do concorrente de fora não ajuda a explicar os números ruins acumulados a partir de 2011. No primeiro semestre, a produção foi 3,8% menor que a de janeiro a junho do ano passado. O resultado acumulado em 12 meses diminuiu 2,3%.

d) Quando se examina esse período de 12 meses, há uma pequena mudança no conjunto, com redução de 7,6% na produção de bens duráveis de consumo e de 5,5% na fabricação de bens de capital. Durante esses 12 meses, no entanto, a política anticrise estimulou o consumo e abriu espaço para alguma recuperação das indústrias de bens duráveis, como a de automóveis e a da linha branca.

e) Essa iniciativa legal foi suficiente para levar o empresariado a investir com maior entusiasmo em máquinas e equipamentos. Autoridades fizeram apelos ao espírito aguerrido dos empresários, mas sem resultados. Mesmo nos setores beneficiados por facilidades fiscais e medidas protecionistas o efeito foi muito limitado.

"Sempre se soube que um dos principais entraves ao crescimento do Brasil é o gargalo educacional. Novas pesquisas, porém, revelam que o problema é muito mais grave do que se supunha. A mais recente, elaborada pelo Instituto Paulo Montenegro e pela ONG Ação Educativa, mostrou que 38% dos estudantes do ensino superior no país simplesmente "não dominam habilidades básicas de leitura e escrita". O Indicador de Analfabetismo Funcional, que resulta desse trabalho, não mede capacidades complexas."

21. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) A expressão "desse trabalho" é um recurso de coesão que retoma a informação anterior: "Indicador de Analfabetismo Funcional".
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FUMARC – TJ/MG – Técnico Judiciário – 2012) Em "É o desejo, e não já da cidade, senão de toda a população", a palavra assinalada pode ser substituída, sem que haja alteração de sentido, por:
a) exceto;
b) mas sim;
c) portanto;
d) até porque.

– O invejoso procura destruir a felicidade alheia.

– O invejoso age movido também pelo ódio.
– O invejoso nutre a expectativa de que o término da felicidade alheia traga felicidade a ele.

23. (FCC – TRT/PE (6ª R) – Técnico Judiciário – 2012) As frases acima se articulam com correção e lógica em:
a) Movido também pelo ódio, o invejoso procura destruir a felicidade alheia, pois nutre a expectativa de que o seu término lhe traga felicidade.
b) Com a expectativa na qual o término da felicidade do outro lhe traz felicidade, o invejoso, age também pelo ódio e procura destruí-lo.
c) Por acreditar que, o término da felicidade alheia lhe trará felicidade, o invejoso procura destruir-lhe, agindo, também, pelo ódio.
d) O invejoso, o qual age movido também pelo ódio, onde procura destruir a felicidade alheia, nutre a expectativa de que o término desta lhe traga felicidade.
e) Como nutre a expectativa, de que o término da felicidade alheia lhe traga felicidade, o invejoso o qual procura destruir a felicidade alheia, agindo também pelo ódio.

"Inundado por investimentos, patrocínios e empréstimos de bancos, o futebol brasileiro vive um momento de crescimento financeiro que começa a mudar o mapa do esporte no mundo. Um panorama do futebol nacional mostra que, em vários aspectos, clubes começam a ter receitas parecidas com as dos grandes times europeus. Entre os cartolas de tradicionais equipes da Europa, a constatação é de que está cada vez mais caro tirar um jovem do Brasil. (...)"

24. (Vunesp – SEAP/SP – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – 2012) O termo em destaque no trecho – Entre os **cartolas** de tradicionais equipes da Europa, a constatação é de que está cada vez mais caro tirar um jovem do Brasil. – refere-se aos:
a) dirigentes;

b) jogadores;
c) torcedores;
d) uniformes;
e) treinadores.

Texto

Há doenças piores que as doenças,
Há dores que não doem, nem na alma
Mas que são dolorosas mais que outras.
Há angústias sonhadas mais reais
Que as que a vida nos traz, há sensações
Sentidas só com imaginá-las
Que são mais nossas do que a própria vida.
...
Dá-me mais vinho, porque a vida é nada.
(Fernando Pessoa.)

25. No verso – Sentidas só com imaginá-**las** – o termo destacado refere-se a:
a) dores;
b) sensações;
c) doenças;
d) angústias;
e) pessoas.

26. (FCC – TRT/PE (6ª R) – Técnico Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"Um dos mitos narrados por Ovídio nas Metamorfoses conta a história de Aglauros. A jovem é irmã de Hersé, cuja beleza extraordinária desperta o desejo do deus Hermes. Apaixonado, o deus pede a Aglauros que interceda junto a Hersé e favoreça os seus amores por ela; Aglauros concorda, mas exige em troca um punhado de moedas de ouro. **Isso** *irritou Palas Atena, que já detestava a jovem porque esta* **a** *espionara em outra ocasião. Não admitia que a mortal fosse recompensada por outro deus; decide vingar-se, e a vingança é terrível: Palas Atena vai à morada da Inveja e ordena-lhe que vá infectar a jovem Aglauros. (...)"*
– De acordo com o contexto, os pronomes grifados acima se referem, respectivamente, à atitude de Aglauros e a Palas Atena.

27. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) Atente para as afirmações abaixo.
II. Em *quem sabe das dificuldades que Clarice enfrentou vê com alegria o reconhecimento que seu nome alcança e sua irradiação pelo mundo*, o pronome grifado pode se referir tanto a Clarice como a nome.
Está correto o que se afirma?

"Na era das redes sociais, algumas formas de comunicação arcaicas ainda dão resultado. O canadense Harold Hackett que o diga. (...)"

28. (Cespe/UnB – MPE/PI – Cargos de nível superior – 2012) Na expressão "que o diga", o termo "o" refere-se à ideia expressa no período anterior.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Texto

"O seu método é simples. Harold utiliza garrafas de suco de laranja e se certifica de que as mensagens estão com data. Antes de enviá-las, checa o sentido dos ventos... (...)"

29. A forma pronominal "las", em "enviá-las", pode fazer referência tanto ao termo "garrafas" quanto ao termo "mensagens".
( ) CERTO
( ) ERRADO

"O aumento da população, o crescimento econômico e a sofisticação das relações sociais requerem mais serviços públicos, de maior qualidade e crescente complexidade. Para fazer frente a essas **demandas**, o dimensionamento adequado da força de trabalho no setor público é condição necessária, mas não suficiente. **Elas** requerem que o Estado atente também para a qualificação de uma força de trabalho às voltas com questões cada vez mais complicadas (...)"

30. (Cespe/UnB – MP – Analista de Infraestrutura – 2012) No desenvolvimento da argumentação do texto, o pronome “Elas” retoma “demandas”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (Vunesp – Pref. Cubatão/SP – Fiscal de Tributos – 2012) No trecho – **Embora** as estatísticas completas da arrecadação de União, estados e municípios apenas venham a ser conhecidas em meados do ano, é razoável estimar (...), – o termo em destaque pode ser substituído, sem acarretar alteração de sentido, por:
a) entretanto;
b) contudo;
c) conquanto;
d) todavia;
e) no entanto.

32. (FEC – Pref. Angra dos Reis/RJ – Administrador – 2012) Em relação à construção textual, a expressão destacada em “Felizmente, a medicina atual dispõe de inúmeras drogas capazes de curar, controlar e até mesmo de evitar inúmeras doenças. Aparelhos eletrônicos sofisticados são capazes de fazer um diagnóstico apurado, passando informações importantes sobre o paciente. Os avanços NESTA ÁREA são rápidos e possibilitam uma vida cada vez melhor para as pessoas.”, coesivamente, se refere a:
a) aparelhos eletrônicos;
b) medicina atual;
c) informações;
d) doenças;
e) avanços.

33. Na frase destacada “Foi, contudo, no século XVII, que William Harvey fez uma nova descoberta: o sistema circulatório do sangue. A partir daí, os homens passaram a compreender melhor a anatomia e a fisiologia.”, a expressão A PARTIR DAÍ será corretamente substituída, de acordo com seu sentido no texto, por:
a) em consequência;
b) nesse instante;
c) nesse lugar;
d) ao contrário;
e) ao passo que.

1 A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, não de consumo de aulas. Mas as salas de aula de nossas faculdades estão parecendo restaurantes, onde se consomem aulas. (...)

5 Além de mais vagas em faculdades é preciso promover uma formação de qualidade para todos na educação de base. Isso exige uma revolução, não apenas um II Plano Nacional de Educação, possivelmente tão irrelevante quanto o IPNE. (...)
6 Um programa como esse pode ser iniciado de imediato, mas demora a ser implementado em todo o país, sobretudo por falta de recursos humanos em quantidade. A solução é executá-lo por cidades. (...)
7 Esta revolução foi iniciada no final de 2003, em 28 pequenas cidades, e interrompida antes mesmo de ser implementada. A posse de um novo ministro pode ser o momento para iniciar a execução dessa proposta que em 2003 recebeu o nome de Escola Ideal. Com ela, contaremos todos com uma educação de base qualificada e teremos a possibilidade de um sistema de ensino superior de qualidade, (...)”

34. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia 6ª Classe – 2012) Todos os pronomes em destaque fazem referência a elementos intratextuais, EXCETO o seguinte, cujo referente se encontra fora do texto:
a) “as salas de aula de NOSSAS faculdades estão parecendo restaurantes” (parágrafo 1).
b) “ONDE se consomem aulas” (parágrafo 1).
c) “ISSO exige uma revolução” (parágrafo 5).
d) “A solução é executá-LO por cidades” (parágrafo 6).

e) “Com ELA, contaremos todos com uma educação de base qualificada” (parágrafo 7).

Para especialistas, arrecadação é reflexo do excesso da burocracia. Mais de quatro anos após a extinção da CPMF por decisão do Congresso, o governo continua engordando seu caixa com o tributo, cobrado de empresas e pessoas físicas.

*De janeiro de 2008, **quando o imposto do cheque** deixou de existir, até o mês passado, já foi arrecadado R$ 1,750 bilhão. **Esse valor** é suficiente, por exemplo, para o governo arcar com um ano da desoneração da folha de pagamento de setores já beneficiados pela medida, como confecções e calçados. Segundo técnicos da Receita, **a arrecadação residual** da CPMF ocorre devido a ações administrativas e judiciais. Para especialistas, **isso** mostra o excesso e o tamanho da burocracia no país.*

35. (DOM CINTRA – Pref. Belo Horizonte/MG – Analista de Políticas Públicas (Adm. – 2012) Nesse segmento do texto, o termo destacado que se refere a um elemento do parágrafo anterior é:
a) isso;
b) quando;
c) esse valor;
d) o imposto do cheque;
e) a arrecadação residual.

36. “Segundo técnicos da Receita...”; “Para especialistas...”. A alternativa que mostra uma afirmação correta sobre esses dois segmentos do texto é:
a) As opiniões dos técnicos são superiores às dos especialistas.
b) Técnicos e especialistas se situam em diferentes escalões do Governo.
c) Os técnicos da Receita e os especialistas referem-se às mesmas pessoas.
d) As opiniões emitidas pelos técnicos e pelos especialistas dizem a mesma coisa.
e) Os vocábulos “segundo” e “para”, nos segmentos, possuem o mesmo significado.

37. A alternativa em que o vocábulo sublinhado apresenta um substituto **inadequado** é:
a) “Mesmo extinta, CPMF rende R$1,7 bilhão ao governo” / conquanto.
b) “Esse valor é suficiente, por exemplo, para o governo...” / ou seja.
c) “...ocorre devido a ações administrativas...” / em razão de.
d) “Segundo técnicos da Receita...” / conforme.
e) “Para especialistas...” / na visão dos.

38. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Agente Administrativo Escolar – 2012) “Durante os últimos três anos, o historiador alagoano Nireu Cavalcanti (...) compilou informações a respeito do casamento no Brasil colônia, **período** que se encerra em 1815, **quando** o Brasil é declarado Reino Unido. (...) **Cavalcanti** reuniu um **material** rico em **detalhes**”.
Nesse primeiro segmento do texto, o vocábulo que **NÃO** faz referência a qualquer termo anterior é:
a) Cavalcanti;
b) material;
c) detalhes;
d) período;
e) quando.

39. (PUC/PR – FEAES – Administrador – 2012) Leia o seguinte trecho, destacado do texto de Frei Betto, e assinale a alternativa **CORRETA**:
Zilda Arns nos deixa, de herança, o exemplo de que é possível mudar o perfil de uma nação com ações comunitárias, voluntárias, enfim, através da mobilização da sociedade civil. Não a mobilização que isenta o poder público de suas responsabilidades ou procura substituí-lo em suas obrigações. As instituições governamentais mantêm parcerias com a Pastoral da Criança e, esta exige-lhes recursos, participa de comissões e eventos convocados pelo governo, critica-o quando necessário, sem se deixar instrumentalizar por interesses partidários e eleitorais.
a) O pronome “lhes”, utilizado em “exige-lhes”, faz referência à “Pastoral da Criança”.
b) O pronome “o”, em “critica-o”, faz referência a “recursos”.
c) A palavra “nos”, em “Zilda Arns nos deixa”, é uma preposição.
d) A palavra “pelo”, em “eventos convocados pelo governo”, é um pronome demonstrativo.
e) A palavra “esta” faz referência à “Pastoral da Criança” e é um pronome demonstrativo.

40. (PUC/PR – DPE – Técnico Administrativo – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"O presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Ophir Cavalcante, pediu mais tempo ao Senado para que a proposta do novo Código Penal seja discutida. Cavalcante participou de audiência pública, nesta terça-feira, na comissão especial que analisa o texto do anteprojeto do código, formulado por juristas a pedido do presidente da Casa, José Sarney (PMDB-AP)."
– A palavra "Casa" se refere a "Senado"; trata-se de um exemplo de expansão lexical.

"(...) Então, retomando o início: vinha eu de volta do supermercado, com dois saquinhos de compras miúdas, caminhando atento às armadilhas das calçadas, quando vi, no chão, o cenário perturbador: pitangas caídas, maduras, vítimas de algum vento da manhã, muitas delas comidas pela metade, quantidade de caroços limpos de frutinhas já degustadas... Olhei para o alto: afe! Pé carregado, do verde ao roxo. Adiante, outro pé, igual! Ah, o que a chuva e o sol haviam feito em quinze dias... Foi automático: passei as compras de um saquinho do supermercado ao outro e comecei a colheita. Dava-me o prazer de escolher as mais bonitas. Quando ficaram mais difíceis, apanhei uma vassoura velha numa caçamba de demolição ali perto e com ela verguei os galhos mais altos, engordando o saquinho. Geleia rende pouco, e a fartura de matéria-prima me empolgava. Nesse momento, passava de carro um ex-colega de jornal, que me reconheceu e parou. Eu me senti ridículo. Já estava ensaiando explicações, longas talvez, que nos cansariam os dois, quando ele cortou: – Maravilha! Eu sempre quis fazer isso e nunca tive coragem! Desceu do carro e me ajudou.

41. (Funcab – Pref. Aracruz/ES – Administrador – 2012) O pronome ISSO da frase "– Maravilha! Eu sempre quis fazer isso e nunca tive coragem!", no contexto, refere-se a:
a) apanhar uma vassoura;
b) colher pitangas;
c) vergar os galhos mais altos;
d) fazer geleia;
e) engordar saquinhos.

42. (Funcab – Pref. Magé/RJ – Administrador – 2012) A alternativa em que, do ponto de vista semântico, há evidente equívoco na substituição da preposição empregada no texto pela locução prepositiva indicada é:
a) "Sei, PELA própria experiência, o quanto há de honrado e o quanto há de hipocrisia nesse proclamado interesse [...]" /EM RAZÃO DA;
b) "[...] reuniram-se fiéis e sacerdotes de todas as crenças PARA lembrar os meninos mortos [...]" / COM O INTUITO DE;
c) "[...] a pobreza deve ser eliminada no ventre, COM o ligamento de trompas [...]" / POR MEIO DE;
d) "[...] muitas mulheres foram esterilizadas CONTRA a própria vontade." / AO ENCONTRO DE;
e) "Há muitos que vivem DAS crianças abandonadas." / ÀS EXPENSAS DAS.

Gabarito

1. C.	10. C.	19. B.	28. CERTO.	37. B.
2. C.	11. C.	20. A.	29. CERTO.	38. C.
3. A.	12. D.	21. ERRADO.	30. CERTO.	39. E.
4. D.	13. E.	22. B.	31. C.	40. CORRETA.
5. E.	14. C.	23. A.	32. A.	41. B.
6. B.	15. E.	24. A.	33. A.	42. D.
7. C.	16. B.	25. B.	34. A.	
8. A.	17. B.	26. CORRETA.	35. D.	
9. E.	18. B.	27. CORRETA.	36. E.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 36

Domínio do Registro Culto

Definição

Infelizmente, ainda, alguns brasileiros insistem em dizer para outros: “Para de falar assim, cara; você fala muito errado!” Interessante seria se o outro dissesse: “Meu amigo, então seja coerente com o seu pedido!”

Leitor, se você não entendeu a péssima piada, foi devido ao não conhecimento ou à não lembrança de um princípio chamado “uniformidade de tratamento”, que trata do uso da mesma forma de tratamento do início ao fim do discurso. Além disso, note que houve o uso de gíria, típico de linguagem coloquial, ou seja, de uma linguagem que não se pauta nas regras gramaticais.

Os brasileiros preconceituosos – do ponto de vista linguístico – acham que todos deveriam usar o “português correto”, respeitando todas as prescrições gramaticais (e sem gírias!). O problema é que pessoas assim exigem algo que não conseguem fazer, ou seja, o personagem linguisticamente preconceituoso (para ser coerente com o modo de usar a língua que ele privilegia, a forma culta) deveria ter falado assim: “Para de falar assim, cara; tu falas muito errado!”. Aí, sim, ele teria respeitado o princípio da modalidade culta da língua (a uniformidade de tratamento) e sido coerente com o pedido inicial dele. Afinal, se ele começou o discurso usando uma forma de 2ª pessoa (Para – tu), deveria tê-la mantido até o fim de seu discurso.

Vamos combinar assim: ninguém consegue (nem precisa) usar o tempo todo o registro culto da língua. No entanto, em certas situações, como no dia da prova, é importante que você domine as regras gramaticais que vimos ao longo dessa gramática para acertar uma questão. Por isso o capítulo se chama “Domínio do Registro Culto”. Entenda melhor, lendo o que segue...

Conceito de Erro

Não existe **erro** de português! A língua não evolui nem involui, ela está em constante mudança. E todos os falantes da língua de uma nação conseguem se comunicar, pois usam o mesmo código para estabelecer comunicação e interação.

Assim, o **certo** e o **errado** na língua é uma mera convenção, uma arbitrariedade, uma tradição que se baseia na antiga ideia contida nas ultrapassadas gramáticas normativas, as quais ensinavam que o “bem falar” e “bem escrever” seriam ditados a partir do uso da língua por pessoas influentes na sociedade. Por isso, quando alguém diz: “A gente vamos na praia hoje?”, vem outro e corrige: “NÓS vamos À praia hoje! Você não conhece concordância e regência, seu burro?!”. Esse é só um exemplo de como as pessoas definem o que deve ser feito e o que não dever ser feito na língua portuguesa, como se, em todas as situações de uso da língua, tal uso fosse único e, portanto, obrigatório.

Apesar de esta gramática contemplar a modalidade culta da língua, não estamos cegos às variações (normais) da nossa língua. Assim, citamos Marcos Bagno: "... é preciso sempre lembrar que, do ponto de vista sociocultural, o 'erro' existe, e sua maior ou menor 'gravidade' depende precisamente da distribuição dos falantes dentro da pirâmide das classes sociais, que é também uma pirâmide de variedades linguísticas. Quanto mais baixo estiver um falante na escala social, maior número de 'erros' as camadas mais elevadas atribuirão à sua variedade linguística (e a diversas outras características sociais dele). *O 'erro' linguístico, do ponto de vista sociológico e antropológico, se baseia, portanto, numa avaliação negativa que nada tem de linguística: é uma avaliação estritamente baseada no valor social atribuído ao falante, no seu poder aquisitivo, no seu grau de escolarização, na sua renda mensal, na sua origem geográfica, nos postos de comando que lhe são permitidos ou proibidos, na cor de sua pele, no seu sexo e outros critérios e preconceitos estritamente socioeconômicos e culturais*" (friso meu). Por isso é que, muitas vezes, um mesmo suposto erro é considerado uma "licença poética" quando surge num texto assinado por um autor de renome ou na fala de um membro das classes privilegiadas, mas como um "vício de linguagem", quando se materializa na fala ou na escrita de uma pessoa estigmatizada socialmente.

Em resumo, não insistamos mais no discurso preconceituoso e desagregador de outrora, a saber, que alguém cometeu um **erro de português**, mas sim que, no máximo, alguém cometeu um **desvio da norma culta**, ou **uma transgressão da norma culta**, ou **uma inadequação ao registro culto da língua**. É claro que agora você não vai sair por aí dizendo: "Ih, você viu? Ele não se adequou ao registro culto da língua.". Seria risível, no mínimo. Vale ainda dizer que o falante de uma língua só comete falha se aquilo que foi expresso não estabeleceu vínculo comunicativo. **Linguisticamente, não há certo e errado numa língua.** Há ausência ou presença de comunicação.

Quanto à norma culta, só podemos dizer que, em um discurso, há **inadequação** ou **adequação**, ou seja, seria inadequado falar com um juiz de direito assim: "E aí, maluco, beleza? Será que nós pode falar aí contigo pra gente trocar uma ideia sobre um bagulho da promotoria?", porque o contexto é formal, afinal, fala-se com uma autoridade. Sendo assim, seria preciso haver adequação à norma culta. Infelizmente, algumas bancas, como a Esaf, ainda trabalham com o conceito de "erro" gramatical.

Vamos entender melhor quando o **registro** é **culto** ou **coloquial**.

Registro Culto e Coloquial

A Língua Portuguesa apresenta uma **unidade**, um padrão linguístico que permite a seus usuários a comunicação a partir do mesmo código, ou seja, um falante carioca consegue se comunicar com um falante gaúcho com irrisório esforço, pois ambos usam um **mesmo sistema** de **som, forma, construção frasal, léxico e sentido**. Assim, dizemos que há homogeneidade na língua portuguesa do Brasil.

Para ilustrar a questão da **unidade**, pense no jogo de futebol. Há um campo com dois gols, algumas linhas indicando algumas áreas importantes do espaço em que se joga, onze jogadores de cada lado, que obedecem a algumas regras previstas, com o objetivo primário de fazer a bola entrar no gol adversário etc. Essas características do futebol são **únicas** em qualquer lugar do Brasil (e do mundo). Ou seja, a equipe do Grêmio e a equipe do Flamengo falarão uma **mesma** "língua" no campo de futebol, pois ambas partilham do mesmo conhecimento sobre esse jogo.

Quanto à **diversidade** linguística, continuemos com a ilustração. De um lado, os cariocas; do outro, os gaúchos. As equipes partilham das mesmas regras para que o jogo ocorra (unidade), mas cada time apresenta **características** e habilidades **diferentes** em seu modo de jogar (diversidade)... e o jogo ocorre amistosamente. Assim, fica claro que a **diversidade** existe na **unidade** e a **unidade** não existe **sem diversidade**. Portanto, o padrão é a coexistência **unidade-diversidade**.

Linguisticamente falando, toda língua apresenta um padrão no som das palavras, na forma das palavras, no vocabulário, na construção frasal e no sentido das palavras, compartilhado por um grupo de pessoas que se comunicam sem grandes problemas. Isso é **unidade**! A diversidade tem a ver com o "tempero" da língua. Imagine: cada cidadão brasileiro, por exemplo, fala de um modo peculiar devido a questões puramente particulares, regionais, socioculturais, sexuais, situacionais, etárias, profissionais, familiares etc. Isso é **diversidade**!

Existe um uso padrão, que permite a unidade da língua, e existe a **norma culta**. Estamos, nesta gramática, a destacar a **norma culta**, pois é do conhecimento dela que precisamos para fazer uma boa prova nos moldes ainda normativos. Percebeu o "normativos"? Por isso, estamos nos ocupando mais dessa modalidade da língua neste livro, que tem como público-alvo os alunos "concurseiros" e os professores desses alunos.

Como já dito na *Introdução* deste livro, a **norma culta** é um conjunto de regras gramaticais baseadas no uso formal da língua por pessoas cultas da sociedade. É o domínio da norma culta que nos fará acertar questões na maioria das provas de concursos, que ainda testam seu conhecimento do **registro culto**, isto é, **o modo de usar a língua segundo as regras gramaticais prescritas pelos gramáticos normativos**.

Antes de falar mais profundamente do **registro culto** e do **coloquial**, porém, vamos entender

mais a respeito das variações linguísticas.

Variações Linguísticas

Assim como outras, a língua portuguesa no Brasil é extremamente heterogênea. As diferentes manifestações e realizações da língua, as diversas formas que a língua possui, decorrentes de fatores de natureza **histórica, regional, sociocultural ou situacional** constituem o que chamamos de **variações linguísticas**. Essas variações podem ocorrer nas camadas **fonológica, morfológica, sintática, léxica e semântica**; em certos momentos ocorrem duas ou mais variações ao mesmo tempo em um discurso. Entenda: **a variação linguística é inerente ao discurso dos falantes de qualquer língua, pois a língua é a forma que o homem tem de entender o seu universo interno e externo; portanto, a idade, o sexo, o meio social, o espaço geográfico, tudo isso torna a língua peculiar**. Vejamos melhor:

1) **Variação diacrônica** (histórica): a língua apresenta mudanças dentro da linha do tempo; normalmente isso acontece ao longo de um determinado período de tempo e pode ser identificado quando se comparam dois estágios de uma língua; é interessante dizer que o meior rural ainda conserva uma linguagem com traços antigos; as mudanças mais visíveis se dão no léxico e na semântica, como veremos neste trecho da crônica *Antigamente*, de Carlos Drummond de Andrade:

   *"(...) Acontecia o indivíduo apanhar **constipação**; ficando **perrengue**, mandava o próprio chamar o doutor e, depois, ir à **botica** para **aviar** a receita, de cápsulas ou pílulas fedorentas. Doença nefasta era a **phtysica**, feia era o **gálico**. Antigamente, os sobrados tinham assombrações, os meninos lombrigas, **asthma** os gatos, os homens portavam **ceroulas**, botinas e **capa-de-goma**, a **casimira** tinha de ser superior e mesmo X.P.T.O. London, não havia fotógrafos, mas **retratistas** (...)"*

2) **Variação diatópica** (geográfica, regional, dialetal): a língua apresenta mudanças de região para região; o sotaque (pronúncia típica de uma região) é o principal acusador do lugar onde determinado indivíduo vive, mas a peculiaridade se estende também ao vocabulário, sentido das palavras, estrutura sintática etc.; ilustram bem as músicas *Tremendo Vacilão*, da cantora Perlla e *A Feira de Caruaru*, de Luiz Gonzaga, respectivamente:

   "(...) Na madrugada / Abandonada / E não atende o celular / Tirando onda / Cheio de marra / Achando que eu / Vou perdoar... / Prá mim já chega / Eu tô bolada / Agora quem não quer sou eu / Não te dou bola / Senta e chora / Porque você já me perdeu... / Deu mole prá caramba / É um tremendo vacilão / Tá todo arrependido / Vai comer na minha mão / Pensou que era o cara / Mas não é bem assim / Agora baba, bobo / Vai correr atrás de mim..."

   "A Feira de Caruaru, / Faz gosto a gente vê. / De tudo que há no mundo, / Nela tem pra

vendê, / Na feira de Caruaru. (...) Tem loiça, tem ferro véio, / Sorvete de raspa que faz jaú, / Gelada, cardo de cana, / Fruta de paima e mandacaru. / Bunecos de Vitalino, / Que são cunhecidos inté no Sul, / De tudo que há no mundo, / Tem na Feira de Caruaru"

3) **Variação diastrática** (social, sociocultural): a língua apresenta mudanças em camadas sociais diferentes (nível socioeconômico) e grupos sociais diversos (profissionais da mesma área, surfistas, funkeiros, políticos, comediantes etc.); as **gírias** e os **jargões** se destacam entre os grupos sociais ligados a uma profissão ou não; chamamos de **tecnoleto** a linguagem que se vale de termos técnicos compartilhados por um grupo (jargão) que pertence a uma mesma área de conhecimento profissional (o economês, o juridiquês, o cientifiquês etc.); chamamos de **socioleto** a linguagem compartilhada por um grupo com características sociais em comum.

Observe os diálogos de um porteiro com um "doutor"' e de um médico com uma paciente, respectivamente:

O Porteiro e o doutor

– Bom dia, dotô.

– Bom dia.

– Seu Jorge, os portero aqui da área tão fazendo uma caxinha pá comemorá o fim do ano com um churraquinho; ó só, os moradores vão poder estar participando, viu?

– Bem, Osvaldo, eu até gostaria de participar da comemoração de vocês, mas infelizmente só vou poder ajudar com a caixinha; ajuda?

– Claro, dotô! Brigadão!

– Disponha.

O Médico e uma paciente

– Boa tarde.

– Pois não, em que posso ajudar a senhora?

– Bem, eu estive aqui semana passada com uma dor nas articulações muito grande.

– Dona Kátia, sua prostração me incomoda muito e queremos evitar que sua condição avance para uma anquilose, certo?

– Prosta... o quê? Anqui... o quê?

– Fica calma, vou explicar e depois receito um remédio, ok?

4) **Variação diafásica** (situacional, expressiva): a língua apresenta mudanças em função do contexto, das circunstâncias, da situação comunicativa; um falante varia o uso da língua se está em um ambiente familiar, profissional, formal, informal, etc., considerando o grau de intimidade, o tipo de assunto tratado e quem são os receptores; basicamente é possível identificar dois limites extremos de estilo: o *informal*, quando há um mínimo de reflexão do

indivíduo sobre as normas linguísticas, utilizado nas conversações imediatas do cotidiano; e o *formal*, em que o grau de reflexão é máximo, utilizado em conversações que não são do dia a dia e cujo conteúdo é mais elaborado e complexo; não se deve confundir o estilo formal e informal com língua escrita e falada, pois os dois estilos ocorrem em ambas as formas de comunicação; importante é dizer que existe uma maneira própria de cada falante usar a língua (*idioleto*): o uso preferencial de determinadas palavras ou construções frásicas, o valor semântico dado a um ou outro termo etc.; veremos alguns exemplos desse tipo de variação em um diálogo entre pais e filha, entre amigos jovens em um bar e entre um empregador e um candidato ao emprego:

Pais e filha

– Papai, o que é sexo?

– Que isso, menina?! Que história é essa?

– Ah, papai, uma coleguinha minha me falou que a mamãe dela faz isso com...

– Quem é essa menina, filha?!

– É a Julinha.

– Michele, vem aqui.

– Que foi, Pedro?

– Mamãe, por que o papai ficou nervoso com o sexo? É ruim?

– Que isso, menina?! Que história é essa?

– Michele, ela quer saber o que é sexo, é isso.

– Ah, amorzinho, vem aqui pra eu te explicar. Não é nada, não. Sai daqui, Pedro! Bem, filha, é o seguinte: não tem quando o papai e a mamãe se beijam e se abraçam?

– Ãrrã.

– Então, isso é sexo. É beijo e abraço entre o papai e a mamãe.

– Ah... entendi. Posso te dar um beijo e um abraço então, né?

– Não!... Quer dizer... Claro, filhota! Vem cá.

Amigos jovens em um bar

– Fala aí, parceiro!

– E aí, muleque! Beleza?

– Pô, tranquilão.

– E aí, vamo jogá aquela sinuquinha?

– Junto com aquela gelada.

– Já é.

Empregador e candidato a emprego

– Bem, senhor Mário, por que devemos contratar o senhor para a vaga de inspetor dessa escola?

– Senhor Roberto, com o devido respeito ao senhor e a sua instituição, seria uma honra trabalhar aqui, uma vez que as referências que tenho dessa escola são ótimas. Agora, quanto a por que me contratar, só posso lhe dizer a verdade: eu sou uma pessoa comprometida com o que faço, sou perfeccionista e responsável com meu horário, além de gostar muito de me relacionar com o público infanto-juvenil. Enfim, acho que o trabalho pode ser meu porque eu creio que tenho um bom perfil.

– Ok, senhor Mário, iremos entrar em contato depois, mas desde já, agradeço sua apresentação.

Registros Linguísticos: Língua Falada e Língua Escrita

Em linguística, **registro** designa a variedade da língua, **falada** ou **escrita**, definida de acordo com o seu uso em situações sociais. Assim, esse termo designa os diversos estilos que um falante pode usar de acordo com a situação comunicativa em que participa. Numa conversa informal num café com os amigos, por exemplo, utilizará um registro diferente do que utiliza em família, com a avó. Já um texto escrito formal dirigido a um professor com o propósito de pedir licença da prova por causa de um falecimento de alguém da família será diferente de uma carta dirigida a um presidente. E por aí vai...

Tanto a **língua falada** quanto a **língua escrita** apresentam graus de reflexão para a produção do discurso. Cada uma das variedades linguísticas pode-se apresentar na modalidade escrita ou falada. Não se pode fazer uma distinção total entre língua falada e língua escrita como se esta fosse mais pautada nas regras da norma culta e por isso menos espontânea, e aquela menos apegada às regras da norma culta e mais espontânea, pois o uso de uma ou outra modalidade depende da situação comunicativa.

Vale dizer que **língua falada** não é sempre sinônimo de **conversação**, pois nem sempre a fala é usada nas práticas diárias informais de um cidadão com outro; às vezes, usa-se a fala em um seminário, por exemplo, no qual não há conversação e o ambiente é formal. O fato é que algumas características da conversação ainda assim aparecem na oralidade, como desvios da norma culta, pausas de pensamento, ênfases etc.

A princípio, a escrita é tomada como uma representação da fala, mas não podemos negar que a **língua escrita**, por ser menos usada em comparação à falada e normalmente usada em um contexto formal, reflete, com maior regularidade, a norma culta.

A análise das duas modalidades de uso da língua é importante! Para sistematizar as marcas da oralidade e as marcas da escrita, vejamos algumas diferenças (é claro que algumas características da língua falada podem figurar na língua escrita e vice-versa):

Língua Falada

- normalmente não há planejamento do discurso, por isso é mais espontânea;

- normalmente há um contrato de comunicação entre o locutor e o interlocutor, em que o contexto, a situação comunicativa formam o discurso entre os interlocutores;
- normalmente há pausas para a seleção do vocabulário;
- normalmente ocorre contração e truncamento entre palavras (Ex.: *para o > pro*);
- normalmente ocorre entoação enfática, alongamento de vogal ou consoante, silabação etc.;
- normalmente ocorre quebra de sequência temática;
- normalmente as construções frasais são menos extensas;
- normalmente ocorre repetição de termos;
- normalmente se usam muitas expressões idiomáticas ou clichês;
- normalmente ocorrem muitos marcadores discursivos, como *tá?, né?, viu?, certo?, entendeu?, beleza?, e aí?, pô!, bem, então, pois é, olha, tipo (assim), aí, ah..., eh... ahn..., escuta, vem cá, ok, etc. e tal, tal e coisa, exato..., sei..., seguinte...* etc.;
- normalmente ocorre a monotongação de ditongos (*caixa > caxa, peixe > pexe, negócio > negoço...*);
- normalmente ocorrem muitos anacolutos;
- normalmente há um uso maior de frases interrogativas e exclamativas;
- normalmente os verbos se encontram na voz ativa;
- normalmente se usa próclise durante todo o discurso;
- normalmente ocorre redução e variação em algumas conjugações (Ex.: *está > tá*; *Quando eu vir você... > Quando eu **ver** você...*);
- normalmente algumas regras rígidas de concordância e regência são ignoradas;
- normalmente se usa o pronome reto na posição de objeto;
- normalmente se usa o verbo *ter* no lugar do *haver*, com sentido de existir;
- normalmente não se usa a forma de 2ª pessoa do imperativo, usa-se a forma de 3ª pessoa do presente do indicativo (*traze > traz*).

Língua Escrita

- normalmente há planejamento do discurso, por isso é menos espontânea e mais precisa;
- normalmente há maior seleção vocabular;
- normalmente se evitam transgressões gramaticais de todo tipo, pois é possível "corrigir" conforme a norma culta o que se escreve;
- normalmente tem fins utilitários, como contratos, correspondências comerciais, linguagem jornalística, escrituras, ofícios, requerimentos, atas etc.;
- normalmente na literatura com finalidade artística há um uso frequente de recursos expressivos;
- é a modalidade para a criação da língua artificial, a das novelas, telejornais, seminários,

teatros, etc.;

- normalmente a maioria das características da língua falada não aparecem com frequência na língua escrita.

Obs.: É importante frisar que a língua falada não é sinônimo de coloquialismo nem a língua escrita é sinônimo de erudição.

Normalmente o **registro culto** está associado à **língua escrita**, portanto as características alistadas em "Língua Escrita" são próprias do registro culto. No entanto, saiba que há mais alguns detalhes importantes para a resolução de questões que tratam do registro culto. Tais questões exploram normalmente seu conhecimento relativo a **acentuação, ortografia, emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos principalmente), pontuação, concordância, regência e crase**. Por isso, cuidado!

Conheça alguns "erros" comuns:

Acentuação

– ***Tem*** *legislação de combate à homofobia, de acordo com a Pesquisa de Informações Básicas Municipais, dos municípios brasileiros, cerca de 2%.*

Os verbos *vir* e *ter*, na 3ª pessoa do plural, recebem acento circunflexo diferencial, logo a forma culta é esta, pois o núcleo do seu sujeito está na 3ª pessoa do plural (2%).

– ***Têm*** *legislação de combate à homofobia, de acordo com a Pesquisa de Informações Básicas Municipais, dos municípios brasileiros, cerca de 2%.*

Ortografia

– *José Vicente, reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares, revela em entrevista* ***porque*** *ainda há resistência às cotas.*

Usa-se *porque* quando equivale a "pois", o que não é o caso. Logo, a forma culta é esta, pois a expressão equivale a "por qual razão":

– *José Vicente, reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares, revela em entrevista* ***por que*** *ainda há resistência às cotas.*

Emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos, principalmente)

– *Se ninguém me criticar, atacar ou* ***fazer*** *qualquer tipo de denúncia, serei-****lhe*** *imensamente grato.*

O verbo *fazer*, como está no futuro do subjuntivo, deveria vir empregado diferentemente.

Quanto ao emprego do pronome *lhe*, também se deve fazer uma adequação ao registro culto da língua, a saber:

– *Se ninguém me criticar, atacar ou **fizer** qualquer tipo de denúncia, ser-**lhe**-ei imensamente grato.*

Pontuação

– *As cinco maiores e mais lucrativas filiais da marca campeã de venda de franquias do Rio de Janeiro**,** foram novamente premiadas.*

Não se usa vírgula, de acordo com a norma culta, entre o sujeito e o seu verbo. Logo, para haver adaptação ao registro culto da língua, é preciso retirá-la:

– *As cinco maiores e mais lucrativas filiais da marca campeã de venda de franquias do Rio de Janeiro foram novamente premiadas.*

Concordância

– ***Devem haver** pelo menos 128 milhões de hectares de áreas aptas para a agricultura, sem desmatamento, localizadas especialmente no Cerrado, na Pré-Amazônia e na Mata Atlântica. Por isso, é preciso deixar **claro** toda e qualquer proposta de exploração.*

O verbo *haver*, com sentido de existir, é impessoal, por isso fica obrigatoriamente na 3ª pessoa do singular. Como, no caso, faz parte de uma locução verbal, o verbo auxiliar irá ficar igualmente no singular. Além disso, o adjetivo deve concordar em gênero e número com o substantivo a que se refere. Logo, de acordo com o registro formal da língua, é preciso haver esta adequação:

– ***Deve haver** pelo menos 128 milhões de hectares de áreas aptas para a agricultura, sem desmatamento, localizadas especialmente no Cerrado, na Pré-Amazônia e na Mata Atlântica. Por isso, é preciso deixar **clara** toda e qualquer proposta de exploração.*

Regência

– *É certo que **as pessoas podem custar** a entender certas manobras políticas visando ao bem-estar social, no entanto muitas delas são simplesmente necessárias.*

O verbo custar, com o sentido de "ser custoso, ser difícil", é transitivo indireto e tem como sujeito uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo (*entender certas manobras políticas visando ao bem-estar social)*, logo é preciso haver esta adequação à norma culta:

– *É certo que **pode custar às pessoas** a entender certas manobras políticas visando ao*

bem-estar social, no entanto muitas delas são simplesmente necessárias.

Obs.: A preposição *a* antes de *entender* é expletiva.

Crase

– *Em uma carta escrita pela atleta, divulgada em outubro de 2012, ela diz que perdoa* ***a*** *prima por denúncia.*

O verbo perdoar exige a preposição *a* antes de complemento (pessoa). Tal preposição se contrai com o artigo feminino *a* antes de *prima* (pessoa), gerando a crase. Logo, é preciso, segundo a correção gramatical, reescrever o texto assim:

– *Em uma carta escrita pela atleta, divulgada em outubro de 2012, ela diz que perdoa* ***à*** *prima por denúncia.*

Cuidado!!!

Resumindo o conceito de **certo** e **errado** (para as provas que testam seu conhecimento de norma culta!):

Certo: é todo uso da língua que segue as normas da língua-padrão/culta.

Errado: é todo uso da língua que não segue as normas impostas pela gramática.

Veja estes dois textos e suas correções para ilustrar as questões que você irá encontrar pela frente (retirados da Lição 26, do livro *Para Entender o Texto – Leitura e Redação*, de José Luiz Fiorin e Francisco Platão Savioli):

Sem correção:

Embora o clima fosse de grande tenção, os operários não hezitaram em apresentar suas reinvindicações, alegando que, com excessão de uns poucos previlegiados, todos vinham recebendo o pagamento com vários dias de atrazo.

Com correção:

Embora o clima fosse de grande tensão, os operários não hesitaram em apresentar suas reivindicações, alegando que, com exceção de uns poucos privilegiados, todos vinham recebendo o pagamento com vários dias de atraso.

Sem correção:

Prezados senhores, prazerosamente remetemos à Vossas Senhorias os resultados de vossas aplicações em nosso Fundo de Investimentos. Cumprem-nos ainda informá-los que, já a uma semana, está à vossa disposição as bonificações referentes as ações do Banco Industrial.

Com correção:

Prezados senhores, prazerosamente remetemos a Vossas Senhorias os resultados de

suas aplicações em nosso Fundo de Investimentos. Cumpre-nos ainda informá-los de que, já há uma semana, estão à sua disposição as bonificações referentes às ações do Banco Industrial.

O Que Cai Mais na Prova?

As principais bancas são a Fundação Dom Cintra, a FCC, a Esaf e o Cespe/UnB. A primeira trata diretamente de língua coloquial e culta. As outras exigem de você um bom conhecimento de **acentuação, ortografia, emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos principalmente), pontuação, concordância, regência e crase**, pois trabalham questões com enunciados exigindo domínio das regras gramaticais associadas à correção de um texto! Os editais costumam chamar de "Aferição quanto ao domínio do registro culto da língua" ou "Redação (confronto e reconhecimento de frases corretas e incorretas)". Faça as questões com olho clínico!

Questões de Concursos

Particularmente... cá entre nós... eu me *amarro* em questões desse tipo, pois elas são o termômetro de quem está realmente preparado em gramática! Por isso mesmo, estas são as questões que mais eliminam candidatos. Mas *relax!*... venha comigo... na humildade.

1. (CEPERJ – Pref. Angra dos Reis/RJ – Professor (Língua Portuguesa) – 2008) "Minha terra tem palmeiras" – o verbo ter foi usado segundo o registro coloquial na frase:
   a) O poeta tem saudades da sua terra.
   b) Tem coisas que não se explicam: a dor do exílio é uma delas.
   c) Muitos não têm idéia do que foi o exílio para o poeta.
   d) De poeta e louco, todos temos um pouco.
   e) O Brasil tem natureza exuberante e povo generoso.

2. (FCC – TRF (1ª R) – Técnico Judiciário – 2011) É clara e correta a seguinte redação:
   a) Na seção em que passou a trabalhar, o cenário de intrigas e favorecimentos vários, que o incomoda e quase o enlouquece, pois lhe parecem infernal.
   b) Ela sempre duvidou que o marido compusesse uma canção de tal fascínio, mas ele o fez exatamente para surpreender a esposa, à qual muito devia de sua trajetória artística.
   c) É o relato de um passeio que o pretenso advinho fez com dois amigos, o qual, no momento em que passavam por uma ponte, o céu cobriu-se de nuvens negras.
   d) Não há dúvidas de que têm-se um avanço tecnológico e científico nessa área, mas os professores e alunos até chegam a temer esse mundo que os cercam.
   e) São muitas as entidades que militam nesse âmbito para qual prestei assessoria, mas não tenho a presunção de ter conquistado algum prestígio em alguma delas.

3. (FDC – CREMERJ – Agente Administrativo – 2011) O texto é predominantemente expresso em língua culta, mas, em algumas passagens, aparece uma marca de linguagem coloquial. A alternativa em que uma dessas passagens aparece é:
   a) "Não arrisque sua saúde!"
   b) "Ouça um profissional antes de engolir qualquer remédio ou até mesmo um suplemento."
   c) "Outras têm o poder de anular ou potencializar os efeitos de medicamentos associados a elas."
   d) "Só eles conhecem as peculiaridades de cada substância e são capazes de prescrevê-las, garantindo a sua segurança."
   e) "No último caso, sintomas como sonolência, tontura, enjoo e falta de concentração podem perturbar o sujeito e até desencadear quadros mais graves."

4. (FDC – CREMERJ – Agente Administrativo – 2011) Como se trata de um texto relacionado à área médica, é justo que apareçam expressões que fazem parte do jargão (linguagem específica) dos médicos. A frase do texto em que **NÃO** ocorre qualquer vocábulo ou expressão desse tipo é:
   a) "Diante de uma dor de cabeça alucinante ou de uma queimação no estômago..."
   b) "A probabilidade de o micro-organismo envolvido na história..."
   c) "No último caso, sintomas como sonolência, tontura, enjoo..."
   d) "...e até desencadear quadros mais graves."
   e) "...e são capazes de prescrevê-las."

5. (FDC – Pref. de Itaboraí/RJ – Analista de Sistemas – 2012) Na frase "E, como nas festas caipiras, há torcedores que incentivam os candidatos..." há uma comparação estruturada com o conectivo **como**. O conectivo que, na forma coloquial popular, poderia substituí-lo é:
   a) tal qual;
   b) que nem;
   c) assim como;
   d) da mesma forma que;
   e) do mesmo modo que.

6. "Mas sei do que se trata". A frase que **NÃO** segue regras de norma culta é:
   a) Mas sei sobre que discute.
   b) Mas sei a quem obedece.
   c) Mas sei a que respondeu.

d) Mas sei aonde se dirige.
e) Mas sei do que lembra.

7. (FDC – Pref. de Itaboraí/RJ – Técnico de Informática (Itaprevi) – 2012) Exemplificam a linguagem coloquial as duas frases do texto na seguinte alternativa:
a) "O mundo existe há mais de 4 bilhões de anos...". / "Quando os dinos caminhavam sobre a Terra, por exemplo, era muito mais quente...".
b) "Quando os dinos caminhavam sobre a Terra, por exemplo, era muito mais quente...". / "Puxa, se tudo muda e se vai continuar mudando...".
c) "...mas também muitas espécies que dividem a Terra com a gente" / "As principais feridas causadas na Terra são três".
d) "Puxa, se tudo muda e se vai continuar mudando..." / "... mas também muitas espécies que dividem a Terra com a gente".
e) "As principais feridas causadas na Terra são três". / "O mundo existe há mais de 4 bilhões de anos...".

8. (FAB – AFA – Oficial – 2012) Encontram-se exemplos de emprego de linguagem coloquial nos seguintes trechos do texto, EXCETO:
a) "Fala-se muito, mesmo com a bola rolando."
b) "... para saber quem grita gol mais alto e prolongado ..."
c) "... ninguém é louco para fazer pênalti nem tão canalha para querer quebrar o outro jogador."
d) "... o jogador, no impulso, sem pensar, soltar o braço na cara do outro."

9. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) A frase redigida corretamente é:
a) No caso de elas virem até nós, teremos a oportunidade de esclarecer por que os documentos ainda não foram liberados, e também reiterar que o diretor os mantém devidamente resguardados.
b) Quanto aos fabricantes, se se contraporem à decisão do juiz, terão de apresentar provas convincentes, que, segundo eles mesmos, não é garantia de sortir efeito em nova deliberação.
c) Esclareço hoje, a uma semana da audiência de conciliação, que um acordo só será aceito por meu cliente se lhe convir não só o montante da indenização, mas também a forma de pagamento.
d) Quando entrevisto candidatos, sempre os argúo acerca de sua descrição quanto a assuntos profissionais, pois esse é um dos quesitos avaliados no processo de ascenção na empresa.
e) Ele incendia todas as reuniões com essa mania de projetos mirabolantes, a ponto de sempre alguém freiar sua participação em comissões de eventos.

10. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) A frase redigida de forma clara e correta é:
a) Funcionários sem acesso à sala das telefonistas confirmaram que deviam ter havido mais de dez chamadas para, segundo se apurou posteriormente, denunciar o falsário, e ninguém atendendo, perdeu-se a oportunidade de prendê-lo aonde estava.
b) Existem, sim, grandes possibilidades de essa reutilização de tecidos com defeitos dar certo, entretanto é necessário que haja algumas reuniões, sejam quem forem os consultores, para definirem-se as linhas gerais do negócio.
c) Talvez alguns não deem importância ao relato do chefe dos pedreiros sobre o incidente com a cal, mas o fato é que, minimizá-lo, será abrir a possibilidade de o desempenho de todos eles decaírem intensa e irreversivelmente.
d) Senhor Ministro, é realmente confiável, segundo fontes fidedignas, os números que indicam quão séria é a questão que está sob sua responsabilidade enfrentar antes que se torne definitivamente insolúvel.
e) Visto a oportunidade imperdível de rever as normas não mais aplicáveis àquele específico grupo de infratores, os legisladores não convenceram-se da necessidade de ver postergado, no último momento, as datas das primeiras reuniões setoriais.

11. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) É frase clara e correta a apresentada na seguinte alternativa:
a) Nessa época do ano, as enchentes, e mais do que previsíveis, como todos o sabem, transformam a cidade uma paisagem horrenda.
b) A atividade docente por si só já exerce uma função de liderança nata, e isso é que às vezes a sociedade teme, pois nem todos os mestres primam por ética.
c) Com a anuência do interessado, revisei o texto e assinalei os pontos que, a meu ver, são os mais sensíveis da questão, e que efetivamente não lhe estariam a favor no caso de querer levar a juízo esse já antigo litígio.
d) Em detrimento do fenômeno de chuvas intensas, podemos destacar a significativa e essencial parceria entre distintos poderes − o municipal e o estadual − como avanço importante na área de prevensão de tragédias.
e) Minha expressão de compromisso para com meus pares e o órgão a que passarei a pertencer há de ser demonstrado a cada passo de minha atuação, pela qual sempre zelarei, como venho demonstrando por anos consecutivos.

12. (FCC – TJ/PE – Técnico Judiciário – 2012) A frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:
   a) A mãe sempre intervia nas discussões, mas os mal-entendidos entre o pai e o filho eram tão frequentes e tão excessivos, que um e outro já não dominavam a sua própria agressividade.
   b) Com aquele jeito bonachão, a cada passo da viagem recaptulava a esplêndida experiência que tivera anteriormente, a ponto dos colegas pedirem que dispensasse as descrições.
   c) Nesse processo de conscientização, são importantes o reconhecimento e respeito às diferenças, e como ele não as exercita só obstrói o crescimento do grupo.
   d) Se muitas perdas advissem daquela decisão, ele as lamentaria, mas sem imputá-las jamais aos que denominava "guardiães da boa conduta alheia".
   e) Ao término do prazo de exceção, em que os processos não tiveram andamento, requereu nova acareação, com vistas a questionar o réu sobre as incongruências da anterior.

13. A frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:
   a) O projeto reformulado por implicar atitude descriminatória no tocante a raças foi sancionado pelo presidente, o que o fez ser saudado com grande entusiasmo.
   b) A assessoria negou que o dirigente obtem informações por meios considerados expúrios, mas se propôs a discutir a questão perante uma comissão técnica.
   c) Propuseram que todas as sexta-feiras, impreterivelmente ao mesmo horário, o grupo faça uma apresentação detalhando o avanço semanal da pesquisa.
   d) Havendo crido nos seus sócios, manifestou seu lado mais ingênuo, o que faz que o advogado do jovem crédulo alimente a pretensão de pugnar por sua inocência.
   e) São problemas, evidentemente, de ordem institucionais, que devem ser evitados sob pena de a barbárie vir a se instalar irreprimível na organização.

14. (FCC – TRT/AM (11R) – Analista Judiciário – 2012) Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o texto:
   a) Apesar de se ombrearem com outras artes plásticas, a fotografia nos faz desfrutar e viver experiências de natureza igualmente temporal.
   b) Na superfície espacial de uma fotografia, nem se imagine os tempos a que suscitarão essa imagem aparentemente congelada...
   c) Conquanto seja o registro de um determinado espaço, uma foto leva-nos a viver profundas experiências de caráter temporal.
   d) Tal como ocorrem nos espelhos da Alice, as experiências físicas de uma fotografia podem se inocular em planos temporais.
   e) Nenhuma imagem fotográfica é congelada suficientemente para abrir mão de implicâncias semânticas no plano temporal.

15. É preciso **reelaborar**, para sanar falha estrutural, a redação da seguinte frase:
   a) O autor do texto chama a atenção para o fato de que o desejo de promover a igualdade corre o risco de obter um efeito contrário.
   b) Embora haja quem aposte no critério único de julgamento, para se promover a igualdade, visto que desconsideram o risco do contrário.
   c) Quem vê como justa a aplicação de um mesmo critério para julgar casos diferentes não crê que isso reafirme uma situação de injustiça.
   d) Muitas vezes é preciso corrigir certas distorções aplicando-se medidas que, à primeira vista, parecem em si mesmas distorcidas.
   e) Em nossa época, há desequilíbrios sociais tão graves que tornam necessários os desequilíbrios compensatórios de uma ação corretiva.

16. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) Considerado o padrão culto escrito, a frase que NÃO exige correção é:
   a) No memorial do professor está registrado que ingressou para a universidade em idade inferior à determinada pela lei.
   b) O fato que o acusado se recusa a dar detalhes é o que mais pesará na decisão dos jurados.
   c) O movimento que me filiei nos anos 70 foi grandemente responsável pela renovação da pintura no Brasil.
   d) Esta é, enfim, a parca remuneração da qual arco totalmente com as despesas da casa.
   e) Os valores por que tantos lutaram e morreram não serão jamais esquecidos, pois nossa geração se dedicará a relembrá-los a cada passo.

17. A frase construída em conformidade com o padrão culto escrito é:
   a) Qualquer que sejam os motivos alegados pela comissão para justificar o atraso, lhe devem ser repassadas as anotações acerca dos itens em que houve perda do prazo de entrega anteriormente acordado.

b) Demos a eles a notícia que mais almejam e passeamos nosso olhar sobre seus semblantes: o que veremos surpreenderá, pois será muito mais do que alguém possa supor.
c) O empreiteiro jura que reconstróe a laje danificada em poucos dias, mas existe, na avaliação do engenheiro e do arquiteto, sérias dúvidas quanto à possibilidade de isso ser possível.
d) Pelo que tudo indica, os responsáveis pela empresa hão de questionar a advertência que lhes foi feita pelo setor de cobranças, que, durante dias, os procurou para tratar do assunto em pendência.
e) Registram-se em livros de história que aqueles artesãos eram bastante hábeis com as ferramentas que eles mesmo produziam, o que lhes garantiu a fama de burilar com criatividade qualquer tipo de material.

18. A frase que respeita o padrão culto escrito é:
a) Tudo que fizeram afim de angariar a simpatia do diretor pela proposta não deu bons frutos, por isso não lhes restaram, conforme estavam todos de acordo, outra idéia a não ser agregar valor ao projeto inicial.
b) Os jornalistas não creem que existam documentos espúrios em meio àqueles já examinados, e isso por que já haviam feito cuidadosa checagem, todavia, a transparência impondo, voltarão a tarefa de imediato.
c) A questão ficou cada vez mais descaracterizada quando, logo depois da visita o antropólogo defendeu que aquelas dificuldades não se restringiam para as nações indígenas daquela região, sendo mais universal.
d) A manutenção e apoio ao grupo de escoteiros dependem dele aceitar a contrapartida dos empresários, que não é, aliás, nada abuso, visto que eles executam as tarefas solicitadas cotidianamente, sem desgaste exaustivo.
e) Não obstante a grande aprovação recebida pelos candidatos da legenda, não se ignora que, se não revirem suas plataformas, cujas bases têm fragilidades que só há pouco os analistas expuseram, sairão lesados em futuro bem próximo.

19. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I – 2012) Considerado o padrão culto escrito, a alternativa que apresenta frase correta é:
a) Depois de muita hesitação, convim com as condições da compra e assinei um documento, cuja linguagem é bastante técnica, declarando irrevogáveis as cláusulas do contrato.
b) Por mais que queiramos negar envolvimento dos menores no distúrbio, podem haver fatos que desconheçamos, por isso acataremos as orientações que advenham do episódio.
c) Pelo que dissestes sobre a incrustação das joias, mereces parabéns, e também pela competência, pois, sem tê-las sequer mostrado à interessada, a tornou uma feliz compradora.
d) A especialista à qual se deve as pesquisas educacionais diz que cada uma das escolas que se proporam a fornecer dados declararam o motivo particular que as pôs em movimento.
e) As terras de que essa espécie de vinho provêm são as do tipo mais recomendáveis para a cultura da videira, motivo pelo qual são tão valorizadas e desejadas por viticultores.

20. A frase que se apresenta redigida de forma clara e correta é:
a) Não quero e não devo contar qual foi a confusão em que me meti, nem porque idas e vindas acabei percebendo o real perigo que corria.
b) Todos estando bastante, ou excessivamente, contrariados, nesse diapasão nada se podia fazer para acalmar o representante dos funcionários, cujo apoio sustentaria o evento.
c) O debate seguia acalorado entre o jornalista e o entrevistado, sendo por essa razão o convite feito a um mediador, pois de sua presença dependia o impasse.
d) Pior do que hostilizá-los é fazer os trabalhadores acreditarem que qualquer outro modo de reconhecimento pelo seu esforço, que não seja a justa remuneração, é tão honesto quanto ela.
e) O indivíduo contribui com a cidadania, quando se posiciona a favor dos direitos, porém corrompe com a ética, se fizer contra os preceitos morais.

21. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial da Folha de S. Paulo de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente correta.
a) Houveram muitas mudanças nas condições externas e internas da economia, que contribuíram para a estagnação da indústria brasileira. Do lado externo, os altos preços das matérias-primas exportadas pelo Brasil encorpam a entrada de divisas e valoriza o real.
b) Internamente, a renda do trabalho ampliada por políticas salariais e previdenciárias generosas, estimula o consumo e o setor de serviços. O resultado seria a especialização da economia nos setores primário e terciário, cuja forte geração de emprego, em troca de menor competitividade industrial.
c) A perda de mercado para importações, por sua vez, não seriam um problema, já que boa parte delas seria compras de bens de capital para investimento e modernização do parque industrial.
d) Não se deve considerar que exportações de poucos produtos primários sejam confiáveis, pois uma inversão de preços

traria problemas às contas externas. No que se refere às importações de bens de capital, é fato que o uso de equipamentos importados melhora a produtividade, mas a perda da base de conhecimento é uma ameaça para o futuro do país.

e) É temerário considerar que, um país de renda média e com baixa escolaridade, como o Brasil possa manter tal padrão de crescimento. Serviços que geram renda, hoje, são atividades complexas como *design* industrial e *marketing*, de alto conteúdo intelectual.

22. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial do Valor Econômico de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente incorreta.

a) Parece cada vez mais claro que a tendência de valorização do real vai durar um bom tempo. Há demanda futura garantida para as *commodities* que o país exporta e enormes possibilidades de novos negócios.

b) Toda a estrutura de defesa comercial deveria ser aperfeiçoada e acelerada para barrar a concorrência desleal. Os instrumentos disponíveis para isso não têm sido usados intensamente como seria necessário. Resta, porém, a competitividade.

c) A bonança encontrou o país com uma carga de impostos maior do que a de competidores emergentes do mesmo porte, gargalos enormes na infraestrutura e, ainda por cima, uma taxa de juros astronômica – a conhecida conspiração de custos contra as empresas nacionais.

d) A valorização agravou problemas crônicos, em detrimento da indústria. A licença para se proteger que o Brasil pede agora já existe de alguma forma e ela deveria se voltar prioritariamente contra a China, cuja mágica de formação dos preços dos bens exportados é poderosa.

e) O investimento externo direto mudou de patamar. Até o ano passado eles cobriam praticamente o *deficit* em conta-corrente, ao que limitava o efeito, para explicação da valorização da moeda, de *tsunamis* monetários e capitais especulativos.

23. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial de O Globo de 20/3/2012. Assinale a opção que respeita as exigências gramaticais da norma culta na sua transcrição.

a) Em geral, quando a economia está em trajetória de crescimento, multiplicam-se as condições para os ganhos de produtividade, pela facilidade de se concretizarem investimentos. Mas não é algo que caia do céu. Sem esforço e determinação, a produtividade não avança.

b) Mas há também os fatores que não dependem diretamente dos agentes econômicos, como o ambiente institucional para a realização de negócios, a infraestrutura de uso comum, as prioridades e a execução da política econômica, o que se refletem no crédito e na carga tributária.

c) São vários os fatores que contribuem para os saltos de produtividade. Alguns relacionados do processo produtivo, como à inovação, a melhoria da gestão dos recursos disponíveis, a atualização tecnológica, a motivação dos que produzem, a utilização dos insumos (bens e serviços) mais adequados para se chegarem ao resultado final.

d) Com uma taxa de investimento relativamente baixa cuja proporção do Produto Interno Bruto (PIB), pouco acima dos 19%, o Brasil conseguiu avançar socialmente sem um crescimento econômico tão forte.

e) A estabilidade monetária abriu caminhos para ganhos de produtividade que tornou factíveis tais avanços, mas é preciso definir prioridades claras nos gastos públicos.

24. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial de O Estado de S. Paulo de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente incorreta.

a) Estão na lista, entre outros, projetos relativos a novas regras para licitações, a normas de licenciamento ambiental, à redução da jornada de trabalho, ao fim da contribuição adicional de 10% em caso de demissão injustificada, à regulamentação dos contratos de terceirização e à condição das agências reguladoras.

b) Para os países da Europa em situação mais complicada, a superação dos problemas dependerá de ganhos consideráveis de produtividade e de reformas, em alguns casos dolorosas, para desemperrar a economia. O desarranjo financeiro e fiscal foi apenas uma das consequências de um desajuste mais amplo.

c) Para a Confederação Nacional da Indústria − CNI há alguns temas de maior importância para consideração dos parlamentares. Essa pauta mínima inclui dezesseis projetos em tramitação no Congresso, selecionados por seu elevado potencial de impacto positivo ou negativo na atividade empresarial.

d) Não se deve contemplar o Brasil como uma ilha de tranquilidade, de estabilidade, de equilíbrio, no meio da infindável crise internacional. A experiência europeia mostra os elevados custos de se adiarem constantemente o enfrentamento dos problemas de competitividade.

e) Alguns projetos tratam de questões tributárias. O documento da CNI aponta alguns que, se aprovados, resultarão em maior tributação da atividade produtiva, agravando uma das mais importantes desvantagens competitivas da indústria brasileira, e outros que trarão benefícios. Nenhum deles, no entanto, tem a amplitude necessária a uma reforma efetiva do sistema de impostos e contribuições.

25. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial de O Estado de São Paulo de 24/3/2012. Assinale a opção que foi transcrita de forma gramaticalmente correta.

a) Por tornar mais acentuada a perda de competitividade da indústria brasileira, a valorização do real em relação ao dólar vêm despertando reações cada vez mais ácidas de dirigentes empresariais, mas está muito longe de ser o único, ou o principal, problema que prejudica o desempenho do setor manufatureiro.

b) Questões estruturais e modelos de gestão empresarial inadequados tem sobre a atividade industrial efeitos negativos muito mais profundos e duradouros e, por isso, mais nocivos do que a taxa de câmbio.

c) Sem eliminar essas deficiências, o Brasil terá cada vez menos condições de competir com outros países, até mesmo com os vizinhos sul-americanos. É preciso considerar que a valorização do real também fez o custo da mão de obra na indústria aumentar.

d) Mesmo, porém, que a questão cambial venha a ser superada, a qualidade da atividade industrial continuará prejudicada por deficiências históricas, e por isso muito conhecidas, mas que tem sido toleradas por governantes, empresários, trabalhadores e pela sociedade.

e) Pesquisas e estudos recentes não deixam dúvidas quanto aos impactos do câmbio valorizado sobre a produtividade da indústria brasileira quando comparadas com a de outros países.

26. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Assinale o trecho em que a transcrição do texto adaptado de **Rodolfo Hoffmann, Distribuição de renda e crescimento econômico** (http://www.scielo.br/scielo.php) **desrespeita** as regras gramaticais no uso das estruturas linguísticas.

a) Embora haja consenso (pelo menos aparente) sobre a necessidade de diminuir a desigualdade, toda medida específica gera polêmica. Muitas pesquisas mostram uma associação da desigualdade da distribuição da renda no Brasil com o nível e a distribuição da escolaridade. O aumento acelerado da escolaridade é uma estratégia que levaria ao crescimento econômico com menor desigualdade.

b) É provável que a importância da educação como determinante do rendimento das pessoas e da sua desigualdade está superestimada nas análises econométricas, simplesmente porque não se dispõem de boas medidas para vários outros determinantes da renda, que estão positivamente correlacionados com a escolaridade.

c) Muitas dessas pesquisas se baseiam na teoria do capital humano. É desnecessário dizer que a própria expressão "capital humano" é contraditória com o conceito marxista de capital. Mas, a ideia de que a remuneração de um trabalhador deva crescer com a sua escolaridade é perfeitamente compatível com essa corrente de pensamento.

d) Mas, o aumento da escolaridade também é um objetivo em si, considerando-se que ela favorece a participação mais plena do cidadão na economia e na sociedade modernas. Assim, apesar das divergências teóricas, há um consenso sobre a necessidade de aumentar rapidamente a escolaridade. Um movimento no sentido de diminuir a desigualdade da distribuição da renda no país certamente não pode se basear apenas em determinada política econômica.

e) Na realidade, praticamente toda política econômica tem um impacto, maior ou menor, sobre a distribuição da renda: política fiscal, previdência social, política de crédito, política educacional, reforma agrária etc. Alterações na legislação também podem ter impacto importante. A dificuldade na análise de cada medida é levar em consideração seus diversos efeitos diretos e indiretos, como fica claro na discussão sobre o aumento do salário-mínimo.

27. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção em que a reescrita do trecho sublinhado preserva a correção gramatical e a coerência do texto.

O "jogo" civilizatório da redistribuição melhorou de forma espetacular a inclusão social, ampliou o mercado interno e funcionou muito bem aumentando a demanda global. Infelizmente não acompanhamos o mesmo ritmo e, com a mesma disposição, a ampliação da oferta global. Está esgotado o espaço disponível. <u>O resultado natural é que a diferença entre a demanda e a oferta globais se dissipa, inexoravelmente, em um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços) e externamente, em uma ampliação do déficit em conta-corrente</u>. O efeito colateral muito importante desse processo é a imensa valorização da relação câmbio nominal/salário nominal, que é o indicador do câmbio "real".

a) Daí resulta, naturalmente, uma ampliação do déficit em conta-corrente que vem da diferença entre a demanda e a oferta globais e se dissipa, inexoravelmente, em um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços).

b) Daí naturalmente resulta que a diferença entre a demanda e a oferta globais, inexoravelmente, se dissipam por um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços) e uma ampliação externa do déficit em conta-corrente.

c) O resultado natural da diferença entre a demanda interna e a oferta global se dissipa, inexoravelmente, em um aumento da inflação internamente (nos preços dos bens não transacionáveis − os serviços) e externamente, em uma ampliação do déficit em conta-corrente.

d) Vem daí, como resultado natural, a diferença entre a demanda que dissipa a oferta global dissipa inexoravelmente, em

um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis − os serviços − e externamente, há uma ampliação do déficit em conta-corrente.

e) Como resultado natural, há, internamente, um aumento da inflação nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços) e, externamente, uma ampliação do déficit em conta-corrente; isso dissipa, inexoravelmente, a diferença entre a demanda e a oferta globais.

28. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Com relação ao uso das estruturas linguísticas ou da grafia das palavras, assinale o trecho em que o texto adaptado de Júlio Miragaya, Desindustrialização e baixo crescimento econômico *(Correio Braziliense, 23 de abril de 2012)*, foi transcrito corretamente.

a) A valorização do real e o custo Brasil, que têm reduzido a competitividade de nossos produtos industriais no mercado internacional, ao mesmo tempo que torna o mercado interno mais vulnerável à concorrência de produtos de outros países com consequências ruins não só para a balança comercial, mas também para os níveis de emprego e de renda para a arrecadação de tributos.

b) No custo Brasil consta os elevados preços da energia elétrica e do gás natural; a insuficiência e relativamente precária malha de transportes; o baixo nível de investimentos em tecnologia; e uma estrutura tributária que incide sobre a produção e o consumo e não sobre a renda e a riqueza.

c) O fato é que o setor industrial ficou estaguinado em 2011, puxando para baixo o crescimento do PIB, sendo o mais baixo entre todos os países sul-americanos. E as perspectivas são de novo crescimento do produto industrial próximo a zero − com um tímido crescimento do PIB.

d) O elevado custo de nossa logística é outra causa que não vêm sendo devidamente enfrentada. O barateamento do custo da energia e dos transportes requerem a ampliação dos investimentos públicos, necessidade que se choca com um dos pilares da política econômica.

e) Em suma, não há como ampliar substantivamente os investimentos públicos sem uma redução drástica nos gastos com pagamento dos juros da dívida pública. Também se deve buscar ampliação do investimento em inovação, condição essencial para o aumento da produtividade.

29. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção em que foi inserido <u>erro</u> gramatical na transcrição do texto abaixo.

Deve-se rejeitar o argumento <u>de que</u> a) uma das causas da baixa competitividade da indústria <u>seja</u> b) o alto custo do trabalho. Não se combate a <u>perda</u> c) de competitividade com redução de direitos trabalhistas. Pelo contrário, <u>foi</u> d) precisamente a <u>elevação</u> e) dos salários e a crescente formalização do trabalho os fatores responsáveis pelo aumento do poder aquisitivo da população e a ampliação de nosso mercado interno.

a) A.
b) B.
c) C.
d) D.
e) E.

Com relação à correção gramatical, julgue os itens subsequentes, que apresentam trechos reescritos do texto.

30. (Cespe/UnB – PEFOCE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) Necessitam-se tanto da criação de métodos transparentes e previsíveis quanto da definição clara do que se considere violação ética, cujas alegações desse tipo seja submetido à investigação.

( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (Cespe/UnB – PEFOCE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) Independentemente das razões que levem-nas a sujeitar, por exemplo, suas posses ou sua moradia ao trabalho pericial, à toda pessoa estão garantidos os direitos de: ser autor de seu destino e de optar por o caminho de sua conveniência.

( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – PEFOCE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) Mas apesar da grande importância da ética deontológica, ela parece que é insuficiente para se aprofundarem reflexões éticas quanto à condutas profissionais, em vistas de se entender que ela seja atendida quando os códigos são simplesmente obedecidos.

( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O trecho “A um coronel que se queixava da vida de quartel” poderia ser assim reescrito, sem prejuízo para a correção gramatical do texto: Para um coronel que queixava-se da vida em quartel.
( ) CERTO
( ) ERRADO

34. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O segundo período do texto (A antropologia tem demonstrado que muitas atividades atribuídas às mulheres em uma cultura podem ser atribuídas aos homens em outra) poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: Segundo a antropologia, várias atividades que são atribuídas ao sexo feminino em dada cultura podem atribuir-se ao sexo masculino em outra.
( ) CERTO
( ) ERRADO

35. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) Sem prejuízo para a sua correção gramatical, o primeiro período do texto poderia ser assim reescrito: A espécie humana distingue-se entre si no que concerne a anatomia e a fisiologia, por meio do dimorfismo sexual, embora seja falso crer que as diferenças de comportamento verificado entre as pessoas de sexo distinto determine-se de forma biológica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

36. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) Mantendo-se a correção gramatical do texto, o trecho “Carregar cerca de vinte litros de água sobre a cabeça implica, na verdade, um esforço físico considerável” poderia ser reescrito da seguinte forma: Para que se carreguem aproximadamente vinte litros d’água na cabeça, requer-se, na realidade, um imenso esforço físico.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) (Cespe/UnB – STJ – todos os cargos – 2012) O trecho “jamais poderiam localizá-la” poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: jamais a poderiam localizar.
( ) CERTO
( ) ERRADO

38. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O último período do texto poderia ser assim reescrito, sem prejuízo para a correção gramatical do texto: Compreender, pois, o modo porque tais materialidades influenciam na elaboração do ato comunicativo é essencial para entender-se como elas chegam à afetar na própria organização do tecido social.
( ) CERTO
( ) ERRADO

39. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) O trecho “a pequena causa, ou o motivo irrelevante, pode produzir um grande efeito” poderia ser reescrito, sem prejuízo para a correção gramatical ou para os sentidos do texto, da seguinte forma: a causa pouco significativa, ou o pequeno motivo, pode provocar um resultado de extensa repercussão.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Em cada um dos itens a seguir, são apresentadas propostas de reescrita do trecho “No entanto, o estudo dos impérios, antigos ou recentes, permite acessar as raízes do mundo contemporâneo e aprofundar nossa compreensão das modalidades de organização do poder político”. Julgue-os com relação à correção gramatical.

40. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Porém, estudando-se os impérios, antigos ou recentes, permite-se que seja acessado as raízes do mundo contemporâneo, e aprofundado, pela nossa compreensão, os modos como está organizado o poder político.
( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Contudo, estudar os impérios, antigos ou recentes, proporciona-nos o acesso às raízes do mundo contemporâneo e leva-nos à aprofundar a compreensão dos modos conforme aos quais organiza-se o poder político.
( ) CERTO
( ) ERRADO

eu gostava muito de passeá… saí com as minhas colegas… brincá na porta di casa di vôlei… andá de patins… bicicleta… quando eu levava um tombo ou outro… eu era a… a palhaça da turma… ((risos))… eu acho que foi uma das fases

mais… assim… gostosas da minha vida foi… essa fase de quinze… dos meus treze aos dezessete anos…
A.P.S., sexo feminino, 38 anos, nível de ensino fundamental. Projeto Fala Goiana, UFG, 2010 (inédito).

42. (ENEM – Vestibular – 2012/2013) Um aspecto da composição estrutural que caracteriza o relato pessoal de A.P.S. como modalidade falada da língua é:
a) predomínio de linguagem informal entrecortada por pausas;
b) vocabulário regional desconhecido em outras variedades do português;
c) realização do plural conforme as regras da tradição gramatical;
d) ausência de elementos promotores de coesão entre os eventos narrados;
e) presença de frases incompreensíveis a um leitor iniciante.

Texto

Entrevista com Marcos Bagno

Pode parecer inacreditável, mas muitas das prescrições da pedagogia tradicional da língua até hoje se baseiam nos usos que os escritores portugueses do século XIX faziam da língua. Se tantas pessoas condenam, por exemplo, o uso do verbo "ter" no lugar do verbo "haver", como em "hoje tem feijoada", é simplesmente porque os portugueses, em dado momento da história de sua língua, deixaram de fazer esse uso existencial do verbo "ter".

No entanto, temos registros escritos da época medieval em que aparecem centenas desses usos. Se nós, brasileiros, assim como os falantes africanos de português, usamos até hoje o verbo "ter" como existencial é porque recebemos esses usos de nossos ex-colonizadores. Não faz sentido imaginar que brasileiros, angolanos e moçambicanos decidiram se juntar para "errar" na mesma coisa. E assim acontece com muitas outras coisas: regências verbais, colocação pronominal, concordâncias nominais e verbais etc. Temos uma língua própria, mas ainda somos obrigados a seguir uma gramática normativa de outra língua diferente. Às vésperas de comemorarmos nosso bicentenário de independência, não faz sentido continuar rejeitando o que é nosso para só aceitar o que vem de fora.

Não faz sentido rejeitar a língua de 190 milhões de brasileiros para só considerar certo o que é usado por menos de dez milhões de portugueses. Só na cidade de São Paulo temos mais falantes de português que em toda a Europa!

Informativo Parábola Editorial, s/d.

43. Na entrevista, o autor defende o uso de formas linguísticas coloquiais e faz uso da norma de padrão em toda a extensão do texto. Isso pode ser explicado pelo fato de que ele:
a) adapta o nível de linguagem à situação comunicativa, uma vez que o gênero entrevista requer o uso da norma padrão.
b) apresenta argumentos carentes de comprovação científica e, por isso, defende um ponto de vista difícil de ser verificado na materialidade do texto.
c) propõe que o padrão normativo deve ser usado por falantes escolarizados como ele, enquanto a norma coloquial deve ser usada por falantes não escolarizados.
d) acredita que a língua genuinamente brasileira está em construção, o que o obriga a incorporar em seu cotidiano a gramática normativa do português europeu.
e) defende que a quantidade de falantes do português brasileiro ainda é insuficiente para acabar com a hegemonia do antigo colonizador.

44. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale o trecho inteiramente correto quanto ao emprego do padrão formal escrito da língua portuguesa.
a) Quando falamos em prova, no direito, tem-se a idéia de que existe algo a ser defendido ou algo que venha a ser contestado. Dentro dessa linha cognoscível, entende-se que vai existir sempre um agente acusador e um agente acusado.
b) Pois bem, a prova é o meio de resolução desse conflito existente, da qual é dela que o juiz irá extrair aqueles meios exequíveis à resolução pendente.
c) O juiz não tem o ônus de buscar a verdade – ele somente apresenta as partes a verdade mais justa diante do caso em questão. A parte é quem tem o ônus de buscar a verdade, daí as provas serem de suma importância para a resolução do litígio.
d) Devido à atribuição de pontos a cada tipo de prova, o sistema tarifal de provas passou a facilitar as decisões dos juízes, que somente se encarregavam da somatória dos pontos que cada parte obtera mediante suas provas apresentadas e decidia o caso a favor de quem somou mais pontos.
e) Para adquirir força probatória no processo judicial, os meios "moralmente legítimos" de obtenção de provas devem está em congruência com os aspectos lícitos do nosso ordenamento legal.

45. (Esaf – SRF – Analista-Tributário da Receita Federal – 2012) Assinale o trecho em que a transcrição do texto adaptado do jornal *Correio Braziliense*, de 7 de agosto de 2012, desrespeita as regras gramaticais no uso das estruturas linguísticas.
a) Ao mesmo tempo em que os analistas do mercado financeiro elevam a perspectiva para a inflação este ano, eles

trabalham cada vez mais com a possibilidade de queda para o Produto Interno Bruto (PIB) e também para a taxa de juros básica da economia.

b) A principal razão para isso é que o setor industrial não dá mostras de que vai reagir, revertendo a tendência de queda na atividade. Pela décima semana consecutiva, os analistas vêm revendo para baixo as expectativas de desempenho da indústria brasileira.

c) De acordo com o relatório Focus, a média das estimativas para o ano passou de uma contração na atividade no setor industrial de 0,44% para uma queda maior, de 0,69%. Com isso, as expectativas para o PIB, que já vinham diminuindo, caíram mais ainda.

d) Segue também em queda, segundo os analistas do mercado financeiro, a previsão para a taxa básica de juros. Agora, segundo a pesquisa Focus, a taxa Selic deve chegar a 7,25% no final do ano.

e) Até à semana passada, a estimativa que prevalescia era de que o ciclo de redução da Selic pararia em 7,5%. Atualmente a taxa está em 8%. Com a mudança o mercado financeiro passa a trabalhar com a perspectiva de que o Banco Central reduza a taxa mais duas vezes.

Gabarito

1. B.	10. B.	19. A.	28. E.	37. CERTO.
2. B.	11. C.	20. D.	29. D.	38. ERRADO.
3. E.	12. E.	21. D.	30. ERRADO.	39. CERTO.
4. A.	13. D.	22. E.	31. ERRADO.	40. ERRADO.
5. B.	14. C.	23. A.	32. ERRADO.	41. ERRADO.
6. E.	15. B.	24. D.	33. ERRADO.	42. A.
7. D.	16. E.	25. C.	34. CERTO.	43. A.
8. B.	17. D.	26. B.	35. ERRADO.	44. A.
9. A.	18. E.	27. E.	36. CERTO.	45. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 37

Reescritura de Frases

Definição de Paráfrase

Paráfrase, segundo o dicionário Houaiss, é a "maneira diferente de dizer algo que foi dito; frase sinônima de outra".

Sendo assim, muitas questões de provas são criadas a partir desse conceito. Os enunciados das questões normalmente falam de "reescrita/reescritura de texto ou de frases". Muitas vezes também as questões tratam da **manutenção/preservação do sentido** ou **da alteração/prejuízo do sentido** de certos trechos. É válido dizer que as provas se preocupam em trabalhar este assunto junto com o conceito de "correção". Observe este texto:

– *Considerando que o cronograma estabelecido visa assegurar a qualidade do serviço, solicito alteração no procedimento estabelecido para instalações e imediata reposição dos computadores.*

Possibilidade de "reescritura" com "correção":

– *Considerando que o cronograma estabelecido visa a assegurar a qualidade do serviço, solicito alteração no procedimento estabelecido para instalações e imediata reposição dos computadores.*

Observe que apenas a preposição *a* foi utilizada para a reescritura. Não houve mudança de sentido. Mas a pergunta que se faz é: "Houve correção gramatical na colocação deste vocábulo antes do verbo?" Resposta: "Sim!" Explicando...: segundo a norma culta, o verbo *visar* (= *objetivar, almejar*) antes de verbo no infinitivo pode ou não vir seguido da preposição *a*.

Fique atento, pois existem cerca de 30 maneiras de parafrasear um texto:

– *Linguagem informal para formal.*
– *Mudança de posição dos vocábulos.*
– *Predicado converso e predicado simétrico.*
– *Substituição de locuções por palavras.*
– *Substituição de verbos por advérbios e vice-versa.*
– *Uso de sinônimos, hipônimos e hiperônimos.*
– *Mudança de tipos de discurso.*
– *Conversão de voz verbal.*
– *Emprego de antonomásias ou perífrases.*
– *Síntese ou resumo.*
– *Substituição de substantivos por pronomes.*
– *Mudança de tempo verbal sem alteração do sentido.*
– *Nominalização.*
– *Transformação de oração reduzida para desenvolvida e vice-versa.*
– *Inversão sintática.*

– *Mudança de pronome relativo por outro e pronome demonstrativo por outro.*
– *Mudança de pontuação por outra e pontuação facultativa.*
– *Dupla grafia.*
– *Possibilidades de colocação pronominal.*
– *Amplificação.*
– *Possibilidades de Paralelismo.*
– *Orações assindéticas em sindéticas.*
– *Elipse.*
– *Conectivos de mesmo valor semântico.*
– *Relação de causa e consequência.*
– *Antônimos apoiados em palavras negativas.*
– *Dupla regência.*
– *Crase facultativa.*
– *Dupla concordância.*

Tratarei neste livro apenas dos 10 casos que mais figuram em prova, ok? Acompanhe!

Mudança de Posição dos Vocábulos

Ora a mudança de posição de certos vocábulos ou termos da oração pode mudar o sentido da frase, ora não.

Uma simples frase como esta...

A vantagem de ter péssima memória é divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas boas como se fosse a primeira vez. *(Friedrich Nietzsche)*

... pode ser invertida de diversas formas, sem alteração de sentido.

Veja algumas:

Divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas boas, como se fosse a primeira vez, é a vantagem de ter péssima memória.

A vantagem de ter péssima memória é divertir-se com as mesmas coisas boas, como se fosse a primeira vez, muitas vezes.

Divertir-se com as mesmas coisas boas, muitas vezes, como se fosse a primeira vez, é a vantagem de ter péssima memória.

É a vantagem de ter péssima memória divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas boas como se fosse a primeira vez.

A vantagem de ter memória péssima é divertir-se, como se fosse a primeira vez, com as mesmas boas coisas muitas vezes.

E por aí vai...

Em outras palavras, a inversão de termos dentro de uma frase pode não alterar seu sentido. No entanto, não é sempre assim que ocorre, pois, às vezes, alguns vocábulos (adjetivos, pronomes, advérbios, palavras denotativas etc.), quando deslocados, a alteração de sentido fica visível. Veja que o deslocamento, ou seja, a inversão dos termos pode gerar alteração de sentido:

– *João é um **alto** funcionário.*
– *João é um funcionário **alto**.*

– ***Qualquer** mulher merece respeito.*
– *Maria é uma mulher **qualquer**.*

– *Pedro **já** fez a prova.*
– *Pedro fez a prova **já**.*

– ***Até** aquela aluna o elogiou.*

– *Aquela aluna o elogiou* ***até****.*

Percebeu que houve flagrante mudança de sentido nestas duplas? Portanto, a inversão dos termos na frase pode ou não alterar o sentido dela.

Equivalência entre Locuções e Palavras e entre Conectivos

O que são locuções? São grupos de vocábulos com valor de uma palavra, normalmente. Existem locuções substantivas, adjetivas, pronominais, verbais, adverbiais, prepositivas, conjuntivas e interjetivas.

Nas questões de reescrituras de frases em provas de concurso público, é comum haver substituição de *locuções adjetivas, verbais, adverbiais, prepositivas e conjuntivas* por, respectivamente, *adjetivos, verbos, advérbios, preposições e conjunções*, semanticamente correspondentes.

Veja algumas substituições:

Locuções Adjetivas

Grupos de vocábulos iniciados por preposição caracterizando um substantivo, normalmente. Têm valor de um adjetivo.

– *A jogada* ***de mestre*** *serviu para exemplificar sua habilidade.*
– *A jogada* ***magistral*** *serviu para exemplificar sua habilidade.*

– *A população* ***das cidades*** *vem aumentando exponencialmente.*
– *A população* ***urbana*** *vem aumentando exponencialmente.*

Locuções Verbais

Grupos de vocábulos formados por verbos auxiliares + verbos principais no infinitivo, gerúndio ou particípio. Têm valor de um verbo.

– ***Estávamos viajando*** *pela Grécia quando recebemos uma má notícia.*
– ***Viajávamos*** *pela Grécia quando recebemos uma má notícia.*

– *Os cientistas* ***vêm lutando/têm lutado*** *para descobrir a cura definitiva da AIDS.*
– *Os cientistas* ***lutam*** *para descobrir a cura definitiva da AIDS.*

Obs.: Estude os tempos compostos (locuções verbais formadas pelos verbos *ter/haver* + particípio).

Locuções Adverbiais

Grupos de vocábulos normalmente iniciados por uma preposição. Têm valor de advérbio.

– ***De repente*** *o tempo ficou nublado.*
– ***Repentinamente*** *o tempo ficou nublado.*

– *Ela faz provas* ***de seis em seis meses****.*
– *Ela faz provas* ***semestralmente****.*

Locuções Prepositivas

Grupos de vocábulos com valor de uma preposição. Sempre terminam em preposição.

– *Sempre estudo Português* ***a fim de*** *eliminar as dúvidas mais comuns.*

– *Sempre estudo Português* ***para*** *eliminar as dúvidas mais comuns.*

– *Quando estamos juntos, conversamos* ***acerca de*** *política.*

– *Quando estamos juntos, conversamos* ***sobre*** *política.*

Locuções conjuntivas

Grupos de vocábulos com valor de uma conjunção.

– ***Ainda que*** *eu veja mudanças no país, continuo descrente.*

– ***Embora*** *eu veja mudanças no país, continuo descrente.*

– ***Desde que*** *vocês entendam, ficarei satisfeito.*

– ***Se*** *vocês entenderem, ficarei satisfeito.*

Substituição de Verbos por Advérbios e Vice-versa

Segundo Rodolfo Ilari, um tipo de paráfrase é a substituição de verbos por advérbios e vice-versa (aparentemente: parecer; possivelmente: poder; necessariamente: precisar; geralmente: costumar etc.):

– *Os ensaios da banda são feitos* ***habitualmente*** *na noite da quarta-feira. = Os ensaios da banda* ***costumam*** *ser feitos na noite de quarta-feira.*

– *Ele* ***parece*** *contente com o resultado da prova. = Ele ficou* ***aparentemente*** *contente com o resultado da prova.*

Uso de Sinônimos

Palavras, expressões e frases inteiras podem ser sinônimas de outras, contanto que preservem o sentido entre si. Veja exemplos:

– *"Na perspectiva **maniqueísta** que domina hoje as formas vulgares do pensamento social existe a fome da esquerda e existe a fome da direita."* (José de Souza Martins)

– *Na perspectiva **dualista** que domina hoje as formas vulgares do pensamento social existe a fome da esquerda e existe a fome da direita.*

– *Em 1693, o explorador francês Leguat, que passou vários meses na ilha Maurício, **empenhou-se na procura** dos dodôs e não encontrou nenhum.*

– *Em 1693, o explorador francês Leguat, que passou vários meses na ilha Maurício, **dedicou-se com afinco à busca** dos dodôs e não encontrou nenhum.*

– ***Uma lei interdita o uso de vestimentas que impeçam a identificação da pessoa***.

– ***Certa prescrição proíbe a utilização de roupas que obstam a identidade pessoal***.

Substituição de Substantivos por Pronomes

Todos os pronomes (pessoais, possessivos, indefinidos, interrogativos, demonstrativos e relativos) podem substituir substantivos. Por isso, muitas questões tratam disso nas provas de concursos públicos. Veja exemplos bem simples que ilustram isso:

– *João é estudioso, por isso **ele** consegue boas notas.*

– ***Ele** é um cara muito esforçado, por isso todos adoram o João.*

– *O estudo é algo primordial, e eu **o** levo muito a sério.*

– *A aluna quer muito a vaga. **Sua** determinação é invejável.*

– *João e Pedro passaram, mas **nenhum** ficou satisfeito.*

– *Ela e ele se classificaram, mas **quem** ficou realmente feliz?*

– *Só **isto** me interessa: a aprovação.*

– *O professor **que** me ajudou a passar foi o Pestana.*

Nominalização

Como foi falado muito sobre isso no capítulo de *Substantivo e Adjetivo*, "rolará" agora um *déjà vu*.

Nominalizar é, normalmente, transformar uma estrutura verbal em uma estrutura nominal, ou seja, substituir um verbo por um substantivo de mesmo radical (às vezes, por um adjetivo), a fim de evitar o exagero no uso de verbos. Isso se dá por meio de derivação sufixal ou de derivação regressiva, normalmente.

Segundo Ulisses Infante, a nominalização "constitui um recurso eficaz no momento de redigir, pois passamos a contar com diferentes possibilidades para estruturar nossas frases". Ele está falando aqui sobre reescritura de frases, sobre a qual falarei mais detalhadamente num dos capítulos finais. Continua Infante: "O uso de substantivos é mais frequente em textos científicos e analíticos, em que os conceitos são mais utilizados do que as ações. Nos textos narrativos, as ações tendem a ser mais importantes do que os conceitos, o que acarreta predomínio de verbos".

Um texto dissertativo bem redigido é aquele que não abusa de verbos. Sem verbalização, um texto com mais nomes valoriza a concisão e a clareza.

Contando, também, com as informações essenciais da Prof.ª Dr.ª Maria Francisca Oliveira Santos, vejamos como isso ocorre na prática.

Por derivação sufixal

-ção/-são: *fabricar > fabricação; ligar > ligação; adaptar > adaptação; expressar > expressão, ceder > cessão...*

– ***Fabricar*** *produtos sustentáveis está na moda.* (frase com dois verbos)

– *A* ***fabricação*** *de produtos sustentáveis está na moda.* (frase com um verbo)

– ***Ceder*** *meus direitos autorais ao artista foi difícil.* (frase com dois verbos)

– *A* ***cessão*** *de meus direitos ao artista foi difícil.* (frase com um verbo)

Note que, assim como verbo exige dois complementos (Cede-se <u>algo</u> (1) <u>a alguém</u> (2)), o nome também exige (cessão de... (1) ao... (2)). Falarei mais sobre a relação dos verbos e dos nomes com seus complementos no capítulo de *Regência*. Não se empolgue, fica por aqui, senão vai se enrolar!

-da: *sair > saída; chamar > chamada; chegar > chegada...*

– *Quando meu filho* ***chegou****, fiquei emocionada.* (frase com dois verbos)

– *A* ***chegada*** *do meu filho me emocionou.* (frase com um verbo)

-mento: *conhecer > conhecimento; lançar > lançamento; surgir > surgimento...*

– ***Surgiram*** *novos problemas em minha tese que me deixaram preocupado.* (frase com dois

verbos)

– *O **surgimento** de novos problemas em minha tese me deixou preocupado.* (frase com um verbo)

Os demais sufixos seguem o mesmo paradigma (modelo):

-nça/-ncia: *mudar > mudança; tolerar > tolerância; concordar > concordância...*
-aria: *pescar > pescaria; piratear > pirataria...*
-agem: *abordar > abordagem; filmar > filmagem; reciclar > reciclagem...*
-dor: *pescar > pescador; acusar > acusador; dever > devedor...*
-nte: *participar > participante; fabricar > fabricante...*
-(t)ura: *ler > leitura; candidatar > candidatura...*
-eza: *Estar certo de > A certeza de...*
-dade: *Ser difícil de > A dificuldade de...*

Por derivação regressiva

Observe três exemplos em que ocorre nominalização:

– *Quem **canta** os males espanta.* (frase com dois verbos)
– *O **canto** espanta os males.* (frase com um verbo)

– *Ele **causou** o estardalhaço porque se revoltou com a postura dos políticos.* (frase com dois verbos)
– *A **causa** do estardalhaço foi sua **revolta** com a postura dos políticos.* (frase com um verbo)

– *Depois de **jantar** com a namorada, percebeu que foi um sucesso.* (frase com três verbos)
– *A **janta** com a namorada foi um sucesso.* (frase com um verbo)

No caso dos adjetivos, a nominalização se dá pela transformação de orações subordinadas adjetivas em meros adjetivos. Veja alguns exemplos:

– *O aluno **que é inteligente** passou na prova.*
– *O aluno **inteligente** passou na prova.*

– *Comprei para a minha frota dois carros **que estavam novíssimos**.*
– *Comprei para a minha frota dois carros muito **novos**.*

Note nesses exemplos que houve uma redução no número de verbos, tornando a leitura mais concisa. Simples assim.

Transformação de Oração Reduzida em Desenvolvida e Vice-versa

Como já falamos sobre isso em capítulos anteriores, mais um *déjà vu*:

Reduzidas de gerúndio para desenvolvidas

– *Pagou a conta,* ***ficando*** ***livre dos juros***. (coordenada aditiva)
– *Pagou a conta* ***e ficou livre dos juros.*** (coordenada aditiva)

– *Vimos um mendigo* ***levando*** ***uma surra dos pitboys***. (adjetiva)
– *Vimos um mendigo* ***que*** ***levava uma surra dos pitboys.*** (adjetiva)

– ***Não tendo condições****, comprou um terno.* (concessiva)
– ***Embora não tivesse condições****, comprou um terno.* (concessiva)

– ***Agindo desse modo****, ninguém ficará com você.* (condicional)
– ***Se você agir desse modo****, ninguém ficará com você.* (condicional)

– ***Temendo a reação do pai****, não contou a verdade.* (causal)
– ***Uma vez que temia a reação do pai****, não contou a verdade.* (causal)

– ***Saindo do estádio****, encontrei meus amigos.* (temporal)
– ***Quando saí do estádio****, encontrei meus amigos.* (temporal)

Reduzidas de infinitivo para desenvolvidas

– *É preciso* ***trabalhar*** ***muito***. (subjetiva)
– *É preciso* ***que*** ***se trabalhe muito***. (subjetiva)

– *Deixe* ***o aluno pensar***. (objetiva direta)
– *Deixe* ***que*** ***o aluno pense***. (objetiva direta)

– *Os adversários o acusaram* ***de fazer*** ***coisas erradas***. (objetiva indireta)
– *Os adversários o acusavam* ***de que*** ***fazia coisas erradas***. (objetiva indireta)

– *A melhor política é* ***sermos*** ***honestos***. (predicativa)
– *A melhor política é* ***que*** ***sejamos honestos***. (predicativa)

– *Tenho medo* ***de mudarmos***. (completiva nominal)
– *Tenho medo* ***de que*** ***mudemos***. (completiva nominal)

– *De mim só quero isto:* ***amar-te toda a vida***. (apositiva)
– *De mim só quero isto:* ***que*** ***eu te ame toda a vida***. (apositiva)

– *João não é homem* ***de meter*** ***os pés pelas mãos***. (adjetiva)

– *João não é homem* ***que*** ***mete os pés pelas mãos***. (adjetiva)

– ***Apesar de*** ***estar*** ***machucado****, continua jogando bola.* (concessiva)
– ***Ainda que*** ***esteja machucado****, continua jogando bola.* (concessiva)

– ***Sem*** ***se dedicar*** ***aos estudos,*** *não terá êxito.* (condicional)
– ***Sem que*** ***se dedique aos estudos****, não terá êxito.* (condicional)

– *Ela passou mal de tanto* ***comer*** ***aquelas balas***. (causal)
– *Ela passou mal* ***porque*** ***comeu muito aquelas balas***. (causal)

– *Aquela cena o chocou* ***a ponto de*** ***lhe tirar o sono***. (consecutiva)
– *Aquela cena o chocou tanto* ***que*** ***lhe tirou o sono***. (consecutiva)

– *Ela estuda tanto* ***para*** ***fazer*** ***um concurso***. (final)
– *Ela estuda tanto* ***para que*** ***faça um concurso***. (final)

– *Pense muito antes de* ***tomar*** ***uma decisão***. (temporal)
– *Pense muito* ***antes que*** ***você tome uma decisão***. (temporal)

Obs.: É praxe que as adverbiais reduzidas iniciadas pelas preposições *ao, para, por, sem* sejam, respectivamente, de tempo, finalidade, causa e concessão/condição:

– ***Ao*** *entrar, faça silêncio. (= Quando entrar, faça silêncio.)*
– ***Para*** *viajar, é preciso dinheiro. (= Para que se viaje, é preciso dinheiro.)*
– *Foi aceito no grupo* ***por*** *injetar muito dinheiro na instituição. (= Foi aceito no grupo porque injetou muito dinheiro na instituição.)*
– ***Sem*** *tomar seu remédio, melhorou. (= Sem que tenha tomado seu remédio, melhorou.)*
– ***Sem*** *tomar seu remédio, não melhorará. (= Sem que tome seu remédio, não melhorará.)*

Reduzidas de particípio para desenvolvidas

– *Havia aqui uma árvore,* ***plantada*** ***por mim***. (adjetiva explicativa)
– *Havia aqui uma árvore,* ***que*** ***foi plantada por mim***. (adjetiva explicativa)

– *A notícia* ***divulgada*** ***pela mídia*** *era falsa.* (adjetiva restritiva)
– *A notícia* ***que*** ***foi divulgada pela mídia*** *era falsa.* (adjetiva restritiva)

– ***Agredido*** ***pelo outro****, mantive a calma.* (concessiva)
– ***Embora*** ***eu tenha sido agredido pelo outro****, mantive a calma.* (concessiva)

– ***Aceitas*** ***as condições****, não haverá problemas.* (condicional)

– ***Desde que*** ***se aceitem as condições****, não haverá problemas.* (condicional)

– ***Preocupado*** ***com a prova****, esqueceu os documentos em casa.* (causal)
– ***Como*** ***se preocupara com a prova****, esqueceu os documentos em casa.* (causal)

– ***Terminada*** ***a aula****, todos pularam de alegria.* (temporal)
– ***Logo que*** ***terminou a aula****, todos pularam de alegria* (temporal)

Substituição de Pronome Relativo por Outro e Pronome Demonstrativo por Outro

Como assim? Bem, vamos lá! São 8 pronomes relativos, lembra? Relembrando: *que, o qual, quem, cujo, quanto, onde, como, quando*. Os relativos *que* e *o qual* substituem a maioria dos outros relativos, portanto vou-me fixar neste primeiro momento neles. Já os demonstrativos que nos devem interessar são estes: *o, a, os, as,* substituindo *isso, aquele(a/s), aquilo*.

Vejamos na prática a substituição de um pronome relativo por outro:

– *O rapaz da loja,* ***que*** *nos sugeriu aquela compra, era meu primo.*
– *O rapaz da loja,* ***o qual*** *nos sugeriu aquela compra, era meu primo.*

– *As senhoras* ***de que*** *eu falei são muito ativas.*
– *As senhoras* ***das quais*** *eu falei são muito ativas.*

Nesses exemplos, percebeu que o pronome relativo *o qual* (variável) substitui o pronome relativo *que*. Tal substituição é muito trabalhada em provas. Veja mais:

– *Estive ontem com minha coordenadora,* ***à que*** *devo meu emprego.*
– *Estive ontem com minha coordenadora,* ***à qual*** *devo meu emprego.*
– *Estive ontem com minha coordenadora,* ***a quem*** *devo meu emprego.*
– *O lugar* ***em que*** *estive ano passado era paradisíaco.*
– *O lugar* ***no qual*** *estive ano passado era paradisíaco*
– *O lugar* ***onde*** *estive ano passado era paradisíaco.*

Os demonstrativos *o, a, os, as*, são substituíveis por *isso, aquele(a/s), aquilo*. Isso ocorre quando vêm antes de pronome relativo *que* e preposição *de*, **normalmente**. Veja:

– ***O*** *que me chamou para trabalhar com vocês foi o Sandro.*
– ***Aquele*** *que me chamou para trabalhar com vocês foi o Sandro.*

– ***As*** *do estado da Bahia são mais atenciosas que* ***as*** *de Pernambuco.*
– ***Aquelas*** *do estado da Bahia são mais atenciosas que* ***aquelas*** *de Pernambuco.*

– *Você é* ***o*** *que você é. Ninguém precisa dizer como deve ser.*
– *Você é* ***isso*** *que você é. Ninguém precisa dizer como deve ser.*

Está percebendo que existem múltiplas possibilidades de reescrever um texto?

Possibilidades de Paralelismo

As que eu já vi sendo trabalhadas em prova são as que tratam de termos preposicionados.

Quando dois ou mais elementos estão coordenados e o primeiro está introduzido por preposição, há apenas quatro possibilidades corretas de construção:

– *Todo brasileiro tem direito* ***a*** *saúde, educação e segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito* ***a*** *saúde,* ***a*** *educação e* ***a*** *segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito* ***à*** *saúde, educação e segurança.* (preposição + artigo)

– *Todo brasileiro tem direito* ***à*** *saúde,* ***à*** *educação e* ***à*** *segurança.* (preposição + artigo)

Lamento o *déjà vu* do capítulo de *Crase*, mas tal lição serve para qualquer outra preposição.

Relação de Causa e Consequência

Nas provas, a relação de causa e consequência se dá entre orações – sem presença de conectivo ou com presença de conectivo. Veja os exemplos:

Sem conectivo:

– *Faltam mecanismos para financiar a modernização (causa); ele opta pela expansão da área, que é muito mais barata (consequência).*

Com conectivo:

– *Ele opta pela expansão da área, que é muito mais barata (consequência),* ***porque*** *faltam mecanismos para financiar a modernização (causa).*

Obs.: Peço que estude conjunções coordenativas conclusivas, conjunções subordinativas causais e consecutivas. Estude também preposições e locuções prepositivas que tenham valor semântico de causa ou consequência.

O Que Cai Mais na Prova?

Hoje em dia, a maior parte das bancas trabalha este assunto de uma maneira ou de outra, mas os tipos mais comuns são estes: **uso de palavras e expressões sinônimas, relação de causa e consequência, substituição de um conectivo por outro de igual valor semântico, transformação de oração reduzida em desenvolvida e vice-versa, substituição de substantivos por pronomes, nominalização e substituição de formas simples por formas perifrásticas (locuções).** Isso é o filé!

Questões de Concursos

"O riso é tão universal como a seriedade; ele abarca a totalidade do universo, toda a sociedade, a história, a concepção de mundo. É uma verdade que se diz sobre o mundo, que se estende a todas as coisas e à qual nada escapa. É, de alguma maneira, o aspecto festivo do mundo inteiro, em todos os seus níveis, uma espécie de segunda revelação do mundo."

1. (Cespe/UnB – ANCINE – Técnico Administrativo – 2012) Apesar do mesmo grau de universalidade atribuído pelo autor do texto ao "riso" e à "seriedade", se o trecho "O riso é tão universal como a seriedade" fosse reescrito como **A seriedade é tão universal como o riso**, as estruturas sintáticas e argumentativas do texto seriam prejudicadas.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

2. (Cespe/UnB – PM/CE – Soldado – 2012) Estaria mantida a correção gramatical do texto caso o trecho "estarem seguindo o exemplo" fosse reescrito da seguinte forma: **estarem aderindo ao exemplo**.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

3. (FAURGS – TJ/RS – Analista Judiciário – 2012) Considere as seguintes propostas de reescrita do trecho ***A migração do morto, em vez de ser da vida para o nada, era só entre categorias verbais***.
   I. A migração do morto, em lugar de ser da vida para o nada, era tão somente entre categorias verbais.
   II. A imigração do morto, ao invés de ser da vida para o nada, era apenas entre categorias verbais.
   III. A migração do morto, ao contrário de ser da vida para o nada, era restrita a categorias verbais.

Quais estão corretas do ponto de vista da norma?
   a) Apenas I.
   b) Apenas II.
   c) Apenas III.
   d) Apenas I e II.
   e) Apenas II e III.

Fragmento de Texto

"(...) A biblioteca está e vai com você onde você estiver, como uma Babel feita do paradoxo do conhecimento: quanto mais se sabe, mais há para saber, de modo que, o máximo sendo também o mínimo, nunca nos falte nem a pergunta ilimitada, nem a resposta periódica... (...)"

4. (FAURGS – TJ/RS – Analista Judiciário – 2012) A oração reduzida de gerúndio ***o máximo sendo também o mínimo***, no período em que ocorre no texto, pode ser substituída, sem alteração de sentido, pela seguinte forma:
   a) a despeito de o máximo ser também o mínimo;
   b) contanto que o máximo seja também o mínimo;
   c) a não ser que o máximo seja também o mínimo;
   d) a fim de que o máximo seja também o mínimo;
   e) visto ser o máximo também o mínimo.

Fragmentos de texto

"Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos por conta dos crimes de grande repercussão e que parecem ser de difícil solução. Além disso, seriados que mostram policiais ou peritos que utilizam ciência e tecnologia para desvendar casos complexos também ajudam a aumentar o interesse pela área. (...) Entrevistado hoje, Ferreira explicou que um perito não pode se envolver com nenhum caso. (...) A perícia é imparcial. Não importa se os vestígios ajudarem a defesa ou a acusação. (...)"

5. (FUNIVERSA – PC/DF – Perito Criminal – 2012) Assinale a alternativa que apresenta reescrita correta de fragmentos do texto, com preservação do sentido original.
   a) Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos em virtude de crimes de grande repercussão e de solução aparentemente difícil.
   b) seriados que mostram policiais e peritos e que utilizam ciência e tecnologia para desvendar casos complexos também ajudam a aumentar o interesse pela área.
   c) Entrevistado na noite da morte da menina Isabella Nardoni, em março de 2008, Ferreira explicou que o perito não pode ter envolvimento emocional com o caso que examina.
   d) Por isso, policiais ou peritos que utilizam ciência e tecnologia para desvendar casos complexos também ajudam a aumentar o interesse pela área.

e) A perícia é imparcial, embora não tenha nenhum valor o fato de os vestígios ajudarem a defesa ou a acusação.

Fragmentos de texto

"(...) para chegar à tal felicidade, precisamos ter amigos. (...) Outro benefício decorrente de ter amigos é manter a saúde em ordem. (...) "A amizade libera substâncias hormonais no cérebro que favorecem a alegria de viver e o bem-estar". (...) o único jeito de ultrapassar a barreira da solidão é justamente ter pelo menos um amigo e um amor. (...) Para termos pelo menos um amigo, diz ele, precisamos nos livrar daquilo que ele chama de "avareza de si mesmo"".

6. (FUNIVERSA – PC/DF – Perito Criminal – 2012) Assinale a alternativa em que a reescrita de fragmento do texto preserva a correção gramatical e o sentido original.
   a) para se chegar à tal felicidade, precisamos ter amigos.
   b) Outro benefício resultante de ter amigos é a manutenção da saúde em ordem.
   c) A amizade libera substâncias hormonais no cérebro que favorece a alegria de viver e o bem-estar.
   d) o único jeito de ultrapassar a barreira da solidão é justo ter pelo menos um amigo e um amor.
   e) Para termos pelo menos um amigo, diz ele, precisamos nos livrar daquilo que o amigo chama de "avareza de si mesmo".

7. (AOCP – BRDE – Assistente Administrativo – 2012) As alternativas abaixo apresentam propostas de reescrita de fragmentos do texto, que se encontram entre aspas. Assinale a alternativa em que a reescrita NÃO preserva a <u>correção gramatical</u> e <u>o sentido original do texto</u>.
   a) "Não entendem a grandeza desses e outros grandes romances do passado.": Não entendem a grandeza desses e de outros grandes romances do passado.
   b) "uma etapa importante da formação do jovem: a da compreensão, análise e, por consequência, do domínio de textos complexos.": uma etapa importante da formação do jovem: a da compreensão, da análise e, por consequência, do domínio de textos complexos.
   c) "As ilustrações são feias e caricatas, limitando-se a servir aos balões e descrições extraídas diretamente do livro.": As ilustrações são feias, caricatas, limitando-se a servir aos balões e às descrições extraídas diretamente do livro.
   d) "Repare que esses grandes artistas dificilmente se submetem a adaptações feitas diretamente de uma obra.": Repare que esses grandes artistas dificilmente se submetem às adaptações feitas diretamente de uma obra.
   e) "Infelizmente, os quadrinhos são inocentes úteis, pois viraram instrumentos eficientes para a desmoralização da literatura.": Infelizmente, os quadrinhos são inocentes úteis, pois viraram instrumentos eficientes à desmoralização da literatura.

À época de Nabuco, os Estados Unidos despontavam já como um país poderoso, <u>o moralismo desse país representando</u>, no entanto, um entrave para que <u>se promovesse nesse país</u> uma disputa eleitoral em alto nível.

8. (FCC – TCE/AM – Analista de Controle Externo – 2012) Evita-se a viciosa repetição de palavras na frase acima substituindo-se, de modo adequado, as expressões sublinhadas, respectivamente, por:
   a) cujo moralismo representaria – lá se promovesse.
   b) aonde o moralismo representa – ali se promova.
   c) no qual o moralismo representasse – neles se promovam.
   d) em cujo moralismo representa-se – neste se promovesse.
   e) conquanto seu moralismo representa – lá se promova.

9. (NUCEPE – PM/PI – Agente de Polícia (Cabo) – 2012) Assinale a opção em que a reescrita do trecho "Se for assaltado, não reaja – entregue tudo" altera o sentido do que é dito na frase original.
   a) "Sendo assaltado, não reaja – entregue tudo."
   b) "Em caso de assalto, não reaja – entregue tudo."
   c) "Caso seja assaltado, não reaja – entregue tudo."
   d) "Assaltando, não reaja – entregue tudo."
   e) "Para caso de assalto, não reaja – entregue tudo."

10. (COPESE – UFT – Vestibular – 2012) Em produções escritas é comum o uso excessivo do elemento "que". Substituí-lo por substantivos e orações reduzidas pode ser uma alternativa no sentido de eliminar seu uso exagerado.

Considerando o enunciado "*A coordenadora exigiu que adiasse o encontro até que as infrações que o funcionário cometeu fossem solucionadas*.", assinale a alternativa em que a substituição do "que" por substantivos e/ou orações reduzidas pode deixar o texto mais leve, sem alterar o sentido.
   a) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro com o funcionário até as infrações serem solucionadas.
   b) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até a solução das infrações cometidas pelo funcionário.
   c) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro com o funcionário até as infrações serem solucionadas por ele.

d) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até as infrações cometidas serem solucionadas pelo funcionário.
e) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até o funcionário solucionar as infrações cometidas por ele.

11. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale a substituição proposta para os diálogos abaixo que desrespeita a correta morfossintaxe do padrão formal escrito da língua portuguesa.
a) Você chega lá e diz / Você se apresenta ao funcionário da Receita Federal e afirma.
b) Se bate ou não bate, se tem regularidade ou não, é outro problema. / Se dá certo ou não, sendo regulares ou não, é outra questão.
c) E você: E daí? Não tem nada demais. / E você retruca: – Que importância tem isso? Não há nenhum problema nisso.
d) Não vai colar, não é mesmo? Mas na Justiça Eleitoral cola. / O argumento não será aceito, certamente. Contudo, na Justiça Eleitoral ele o será.
e) mas declarou tudo na prestação de contas – está limpo. / mas declarou o que arrecadou e o que gastou na prestação de contas – está quite com a Justiça Eleitoral.

12. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale a paráfrase (escrever a mesma coisa de forma diferente) correta e adequada do período "A solução foi muito simples: de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, era descontado anualmente, na folha de pagamento, o salário de um dia de trabalho."
a) Descontava-se um dia de trabalho do salário, na folha de pagamento anual, dos sindicalizados ou não, de todos os trabalhadores, como solução fácil para a falta de recursos do imposto sindical.
b) Para solucionar a escassez de recursos dos sindicatos, a solução se encaminhou no sentido de serem descontados, de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, da folha anual de pagamento, o salário de um dia de trabalho.
c) Para conseguirem sobreviver, os sindicatos adotaram uma solução simples de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não – o desconto anual, na folha de pagamento, do salário de um dia de trabalho.
d) Não foi complicada achar a solução. De todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, descontava-se um dia de trabalho, anualmente, juntamente com a folha de pagamento.
e) Foi simples a solução adotada – seria descontado anualmente, na folha de pagamento de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, o valor equivalente a um dia de trabalho.

13. (FCC – TST – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2012) Assinale a alternativa em que a nova redação para o fragmento está clara e correta.
a) *Colocava sob minha análise um texto que já nascera das vozes do folclore, e propunha-me entender as relações deste texto com suas variantes intertextuais.* / Submetia a meu escrutínio um texto que, como se não bastasse haver nascido das vozes da cultura popular, eu desejava interpretar tendo em vista as relações que mantém com suas variantes intertextuais.
b) *Escolhi Chapeuzinho Vermelho [...], que, por alguma razão, foi retomado tantas vezes, a serviço de outras enunciações.* / Elegi Chapeuzinho Vermelho, o qual foi recaptulado imensas vezes, a serviço de diferentes formações ideológico-discursivas – nem imagino por quê.
c) *A obra não poderia mais ser vista como um monólogo de um sujeito independente, que pressupõe, além de seus limites, apenas um leitor receptivo, privilegiado por uma intuição especial.* / O trabalho estaria impedido de ser enxergado como fala de uma pessoa com ela mesma, o que implica, além de seus limites, num só leitor para a recepção, sendo que ele seja dotado de sensibilidade diferenciada.
d) *Entendi que o que acontecia não era apenas a perda de um centro único. Era o diálogo que perpassa todo discurso*. / Atinei que não só estava se dando a perca de um centro restrito, mas também do diálogo que atravessa todo discurso.
e) *Teria de entender que há sempre a palavra de um outro, junto daquela que eu julgo ser de um.* / Haveria de compreender que permanece a palavra de outro, pegada naquela que eu penso ser do primeiro.

14. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) Atente para as afirmações abaixo.
I. A frase *Sem essa consciência, não há poeta* pode ser corretamente reescrita do seguinte modo: **Não há essa consciência em quem não seja poeta**.
II. A frase *este palíndromo não só encantou o menino Cortázar, como decidiu o seu destino de escritor* tem seu sentido corretamente reproduzido nesta outra construção: **este palíndromo, além de ter encantado o menino Cortázar, decidiu o seu destino de escritor**.
III. Em *Mesmo para <u>um menino aberto ao que der e vier</u>, a frase é bastante surrealista*, a substituição do verbo **é** por **parecia** implica a alteração do segmento grifado para **um menino aberto ao que desse e viesse**.

Está correto o que consta em:
a) I, II e III.
b) II, apenas.

c) I e III, apenas.
d) II e III, apenas.
e) I, apenas.

15. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) *Devemos evitar, especialmente, posturas que venham a contribuir − ainda que indiretamente − para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos.*

Mantendo-se a correção e a lógica, uma redação alternativa para a frase acima está em:

a) Deve ser especialmente evitada posturas que possam contribuir, embora de maneira apenas indireta, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos.
b) Posturas que contribuem, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, devem ser especialmente evitados, ainda que indiretamente.
c) Ainda que contribua, apenas indiretamente, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, tais posturas devem ser especialmente evitadas.
d) Posturas que contribuam, mesmo que de maneira indireta, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, devem ser especialmente evitadas.
e) Conquanto contribuam apenas de modo indireto, posturas que estabeleçam elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, devem ser especialmente evitados.

... o incontestável Grande Detetive, cuja brilhante inteligência dedutiva é capaz de superar qualquer adversário ...

16. (FCC – TRF (5ª R) – Técnico Judiciário – 2012) Mantendo-se, em linhas gerais, o sentido original, o trecho acima está corretamente reescrito em:

a) Qualquer adversário pode ser superado pela brilhante inteligência dedutiva do incontestável Grande Detetive.
b) Sendo dedutiva a inteligência brilhante do incontestável Grande Detetive, qualquer adversário tem a capacidade de lhe superar.
c) A brilhante inteligência dedutiva do incontestável Grande Detetive, é capaz de superar a de qualquer adversário.
d) Adversário algum é capaz de superar o incontestável Grande Detetive, do qual é dotado de brilhante inteligência dedutiva.
e) A brilhante inteligência dedutiva pela qual é dotado o incontestável Grande Detetive, é capaz de superar a de qualquer adversário.

Fragmento de texto

"(...) Embora a realização de investigações criminais diretamente pelo MP não deva ser a regra – no dia a dia, as polícias têm maior estrutura para isso, além de ser essa a sua função primordial –, não se pode impedir que, em determinados casos, o MP investigue, sob pena de que criminosos permaneçam sem punição. Uma primeira vantagem da investigação direta do MP é o ganho de qualidade e rapidez, uma vez que a prova será obtida diretamente por aquele que avaliará sua pertinência e legitimidade para o processo. Sob a direção imediata do MP, serão produzidas somente as provas que realmente permitam a condenação dos culpados (ou o arquivamento dos autos, caso se verifique a inocência do investigado). Além de zelar pela regularidade da prova, o que contribui para evitar nulidades que muitas vezes levam à perda de investigações importantíssimas, é dever do MP assegurar o respeito aos direitos do investigado, evitando abusos lamentavelmente ainda rotineiros em procedimentos da polícia."

17. (Cespe/UnB – MPE/TO – Promotor de Justiça – 2012) Seriam mantidos o sentido original e a correção gramatical do texto caso se substituísse o trecho

a) "evitando abusos lamentavelmente ainda rotineiros em procedimentos da polícia" por *ainda prevenindo abusos lamentáveis na rotina investigatória policial*.
b) "além de ser essa a sua função primordial" por *demais de essa ser a sua função desde os primórdios*.
c) "sob pena de que criminosos permaneçam sem punição" por *no risco de se manter criminosos na impunidade*.
d) "Sob a direção imediata do MP" por *Dirigidos imediatamente pelo MP*.
e) "caso se verifique a inocência do investigado" por *na hipótese de ser o investigado dado por inocente*.

"(...) O povo a que remete a ideia de soberania popular constitui uma unidade, e não, a soma de indivíduos. (...)"

18. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Cargos de Nível Superior – 2012) De acordo com as informações presentes no texto, a expressão "de indivíduos" poderia ser substituída por **individual** sem que houvesse alteração do sentido textual.

( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir "São considerados" (São considerados inelegíveis os enquadrados...) por **Consideram-se**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Mantém-se a correção gramatical do período ao se substituir "onde" (Mas a realidade é bem outra na maioria dos municípios, onde a missão dos eleitos é discutível) por **nos quais**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Se a expressão "cooptados pelo" fosse substituída por **atraídos para os objetivos do**, a correção gramatical e o sentido do texto não seriam prejudicados.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Ao se substituir "o que facilita" (... muitos não lembram em quem votaram, o que facilita o surgimento de...) por **o que vem facilitando** ou por **o que tem facilitado**, mantém-se a correção gramatical do período.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando."

23. (CEPERJ – DEGASE – Técnico de Suporte e Comunicação – 2012) O período acima poderia ser reescrito com a introdução de um conectivo, de modo a explicitar a relação de sentido do contexto original.
A inserção do conectivo preserva o sentido original da frase na seguinte alternativa:
a) embora venham comprando;
b) para virem comprando;
c) porque vêm comprando;
d) contudo vêm comprando;
e) apesar de virem comprando.

24. (Cespe/UnB – TJ/AL – Auxiliar Judiciário – 2012) Assinale a opção que apresenta proposta de reescrita correta para trecho do texto indicado entre aspas.
a) "O igualitarismo formal vem decantado enfaticamente na Carta Política em dois trechos (art. 5.º, inc. I, e art. 226, § 5.º), o que não basta, por si só, para se alcançar a absoluta equivalência social e jurídica de homens e mulheres.": A Carta Política menciona o igualitarismo formal em apenas dois artigos (art. 5.º, inc. I, e art. 226, § 5.º) e isso é insuficiente para conseguir a absoluta equivalência social e jurídica do ser humano.
b) "Agora, não mais é o marido o "cabeça" do casal, o representante legal da família, nem o único responsável por prover o seu sustento.": Antes, o representante legal da família era o homem. Era dele apenas a responsabilidade de prover o sustento da mesma.
c) "O simples estabelecimento do princípio da igualdade, no entanto, não logrou eliminar as diferenciações existentes.": O mero estabelecimento do princípio da igualdade, entretanto, não conseguiu abolir as discriminações existentes.
d) "Resta nítida a intenção do novo sistema jurídico de consagrar a máxima aristotélica": A intenção do novo sistema jurídico de consagrar a iminência do princípio de Aristóteles é clara.
e) "A Constituição Federal de 1988 (CF) buscou resgatar a igualdade, cânone da democracia desde a Revolução Francesa e linha mestra da Declaração dos Direitos Humanos.": A igualdade, a qual, desde a Revolução Francesa, é cânone da democracia e linha mestra da Declaração dos Direitos Humanos, foi resgatada pela Constituição Federal de 1988.

25. (Cespe/UnB – Câmara dos Deputados – Analista – 2012) O período "Em segundo lugar, os historiadores têm mostrado que não se pode falar em uma periferia colonial passiva, modelada por um centro de atividade científica dinâmica" poderia ser reescrito, mantendo-se o seu sentido original e a sua correção gramatical, da seguinte forma: *Em segundo lugar, os historiadores mostraram que não podem falar sobre uma periferia nas colônias passivas e modeladas por um centro científico com atividades dinâmicas.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Àquela altura já éramos amigas. O infortúnio tinha nos unido."

26. (CEPERJ – PROCON/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) O trecho acima poderia ser reescrito, unindo-se as orações por meio de um conectivo.

A reescritura que preservaria o sentido original do trecho seria:

a) contudo o infortúnio tinha nos unido;
b) porque o infortúnio tinha nos unido;
c) embora o infortúnio tinha nos unido;
d) portanto o infortúnio tinha nos unido;
e) enquanto o infortúnio tinha nos unido.

27. (CEPERJ – PROCON/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) "Mesmo não havendo registro de incidentes no País..."

O trecho acima poderia ser reescrito, sem alteração do sentido essencial, da seguinte forma:

a) Como não há registro de incidentes no país;
b) Embora não haja registro de incidentes no país;
c) Para que não haja registro de incidentes no país;
d) Enquanto não há registro de incidentes no país;
e) Quando não houver registro de incidentes no país.

A conectividade é, de longe, o maior disfarce que a solidão humana encontrou.

28. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) A frase acima pode ser reescrita, sem prejuízo para a clareza, a correção e o sentido, da seguinte forma:

a) À distância, a maior camuflagem da nossa solidão são os meios com que nos conectamos.
b) Nenhum disfarce de nossa solidão chegou a ser mais eficaz do que o da conectividade atual.
c) Nossa dissimulada solidão é preferível, como sempre foi, do que já foi nossa ansiedade de comunicação.
d) Pela conectividade, mal conseguimos disfarçar a necessidade maior de imergirmos em nossa solidão.
e) O disfarce de uma geral e efetiva conectividade oculta o fato de que jamais superamos nossa solidão.

29. (CONSULPLAN – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale a alternativa em que a alteração estrutural de um trecho do texto NÃO tenha provocado inadequação de ordem gramatical ou discursiva nem alteração semântica.

a) *Se a moral é medida em dinheiro, não entregar-se a ele poderá parecer um luxo.* / Se a moral em dinheiro é medida, poderá parecer um luxo não se entregar a ele.
b) *Mas teria também todo o perdão?* / Mas teria também todo perdão?
c) *O simples fato de que essa pergunta seja colocada implica o pressuposto de que uma verdade ética tal como a honestidade foi transvalorada.* / O simples fato que essa pergunta seja colocada implica no pressuposto que uma verdade ética tal como a honestidade foi transvalorada.
d) *É por meio dela que se faz o cálculo do "sentido" no qual, fora da vantagem que define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário.* / É através dela que faz-se o cálculo do "sentido" onde, fora da vantagem que define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário.

30. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) A sugestão de reescrita que altera fundamentalmente o sentido de: "Um programa como esse pode ser iniciado de imediato, mas demora a ser implementado em todo o país, sobretudo por falta de recursos humanos em quantidade. A solução é executá-lo por cidades" encontra-se em:

a) reescrever "Um programa como esse" como "Semelhante programa".
b) simplificar a forma verbal composta "ser iniciado", escrevendo em seu lugar "iniciar-se".
c) substituir a forma verbal auxiliar "pode" por "deve".
d) coordenar as orações do 1º período com o uso de "não obstante", em vez da conjunção "mas".
e) unir os dois períodos num período único, usando para tanto a conjunção "por conseguinte".

31. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) Preserva-se o sentido de: "A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, não de consumo de aulas" com a seguinte redação:

a) A Educação é antes um processo de acúmulo de conhecimento que de consumo de aulas.
b) A Educação não é um processo de acúmulo de conhecimento, senão de consumo de aulas.
c) A Educação é, não só um processo de consumo de aulas, senão de acúmulo de conhecimento.
d) A Educação é, não um processo de consumo de aulas, senão de acúmulo de conhecimento.
e) A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, tanto quanto de consumo de aulas.

32. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) Altera-se o sentido de: "Mesmo considerando a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio, esta diferença é uma distorção absurda" reescrevendo-se a oração

subordinada como:
a) Ainda que considerada a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.
b) Conquanto se considere a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.
c) A despeito de se considerar a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.
d) Posto que considerando a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.
e) Visto considerar-se a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

33. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) Invertem-se os termos da relação causa/consequência expressa em: "Pela baixa qualificação dos alunos, o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado" na alternativa:
a) Dado que é baixa qualificação dos alunos, o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.
b) É baixa a qualificação dos alunos, motivo por que o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.
c) O aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado, porquanto é baixa a qualificação dos alunos.
d) É baixa a qualificação dos alunos, a ponto de que o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.
e) O aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado, portanto é baixa a qualificação dos alunos.

34. (Dom Cintra – Pref. Petrópolis/RJ (INPAS) – Advogado – 2012) Das alterações feitas abaixo na redação do período "Segundo o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, sendo 13.310 em homens e 14.800 em mulheres", aquela em que foi mantido o sentido original do texto é:
a) Análogo ao que diz o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, uma vez que 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
b) Consoante o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, conquanto 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
c) De acordo com o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, dos quais 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
d) Coincidente com o que informa o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, onde 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
e) Em conformidade com o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, cujos 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.

35. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Analista de Sistemas – 2012) "Já vi muita coisa neste mundo, mas nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade"; o modo de reescrever-se esse segmento do texto que altera o seu sentido original é:
a) Já vi pessoalmente muita coisa neste mundo, mas nunca assisti a um pau de sebo de verdade.
b) Apesar de já ter visto muita coisa neste mundo, nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade.
c) Embora já tenha visto muita coisa neste mundo, nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade.
d) Nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade, ainda que já tenha visto muita coisa neste mundo.
e) Pessoalmente, nunca assisti a um pau de sebo de verdade, mesmo que já tenha visto muita coisa neste mundo.

36. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Analista de Sistemas – 2012) "Já vi muita coisa neste mundo, mas nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade,..."; o segmento *assisti pessoalmente* poderia ser substituído por um só verbo: *presenciei*.
A frase em que esse mesmo tipo de substituição está corretamente feito é:
a) Destruir completamente um conjunto de apartamentos. / desmoronar.
b) Acabar completamente com a resistência dos traficantes. / aniquilar.
c) Matar totalmente as abelhas de uma colmeia. / esquartejar.
d) Pagar integralmente uma dívida ao banco. / negociar.
e) Amar profundamente a mulher. / extinguir-se.

37. (Dom Cintra – Câmara de Duque de Caxias/RJ – Consulto Contábil – 2012) A sugestão de reescrita que altera o sentido de: "A quantidade de livros ruins é uma grandeza, e são famosos os casos de clássicos ou de best-sellers que foram recusados por editora após editora até, finalmente, chamarem a atenção de alguém mais antenado" é a seguinte:
a) antepor, na 1ª oração, o predicado "é uma grandeza" a seu sujeito;
b) inserir, entre vírgulas, a expressão "por seu turno", após o predicativo da 2ª oração,"famosos";
c) substituir, na 2ª oração, a conjunção "ou" pela locução "ou antes" entre vírgulas;

d) escrever a oração adjetiva como: “que editora após editora recusaram”;

e) dar à 4ª oração a forma: “até que, finalmente, chamaram a atenção de alguém mais antenado”.

38. (Dom Cintra – Câmara de Duque de Caxias/RJ – Consulto Contábil – 2012) Feitas as mudanças na ordem dos termos, tal como indicadas, o enunciado que mantém seu sentido básico original é:
a) até, finalmente, chamarem a atenção de alguém mais antenado / até chamarem a atenção de alguém, finalmente, mais antenado;
b) um mundo sem editoras seria um caos para nós, leitores / seria, leitores, um caos para nós;
c) até porque, como objeto, o livro é um produto singularmente bem resolvido / porque até;
d) há transformações já em curso que serão cada vez mais interessantes de acompanhar / já há transformações em curso;
e) as editoras têm linhas editoriais com as quais os editores aprendem a se identificar / aprendem os editores a se identificar.

39. (VUNESP – Academia Barro Branco – Aluno Oficial – 2012) Em – *Não posso auxiliar a nossa polícia legal,* ***porquanto*** *desde muito que não vou a cinematógrafos...* –, a conjunção destacada pode ser substituída, sem prejuízo de sentido, por:
a) no entanto;
b) enquanto;
c) uma vez que;
d) por conseguinte;
e) embora.

40. (VUNESP – Academia Barro Branco – Aluno Oficial – 2012) Em – ***Apesar disso tudo*** –, *é na assistência delas que nasce muito amor condenado.* –, a expressão destacada pode ser substituída, sem prejuízo de sentido, por:
a) Não obstante isso tudo;
b) Em detrimento disso tudo;
c) Conforme isso tudo;
d) De acordo com isso tudo;
e) Por conseguinte a isso tudo.

41. (VUNESP – Pref. Cubatão/SP – Agente Fiscal de Tributos – 2012) Assinale a alternativa que apresenta o trecho – *Poderá também dizer que ocorreram reduções de impostos para alguns setores.* – reescrito de acordo com a norma-padrão e sem alteração de sentido.
a) Poderá também dizer que houve reduções de impostos para alguns setores.
b) Poderá também dizer que ocorrera reduções de impostos para alguns setores.
c) Poderá também dizer que houveram reduções de impostos para alguns setores.
d) Poderá também dizer que ocorrerão reduções de impostos para alguns setores.
e) Poderá também dizer que haveria reduções de impostos para alguns setores.

Gabarito

1. CERTO.	9. D.	17. E.	25. ERRADO.	33. E.
2. CERTO.	10. B.	18. ERRADO.	26. B.	34. C.
3. A.	11. B.	19. ERRADO.	27. B.	35. A.
4. E.	12. E.	20. CERTO.	28. B.	36. B.
5. A.	13. A.	21. CERTO.	29. A.	37. C.
6. B.	14. D.	22. CERTO.	30. C.	38. E.
7. D.	15. D.	23. C.	31. D.	39. C.
8. A.	16. A.	24. C.	32. E.	40. A.
				41. A.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 38
Questões Comentadas da Banca CQIP

Não conhece a banca CQIP? Uma das mais temidas e polêmicas bancas?! Não acredito! Então, está mais do que na hora de você conhecer!

CQIP: **C**ENTRO DE **Q**UESTÕES **I**MPOSSÍVEIS DO **P**ESTANA.

Se você está rindo agora, prepare-se para chorar da 1ª à 36ª questão! Brincadeira... Meu objetivo é mostrar que há muitas polêmicas em certas questões. Você perceberá que, a cada questão, será um aprendizado. Outra coisa: atualmente as principais bancas de concursos públicos vêm trabalhando questões "híbridas", ou seja, questões que tratam de diversos assuntos em suas opções. Por exemplo, na letra (A) a banca testa seu conhecimento de crase; na letra (B), de paralelismo; na letra (C), de interpretação; na letra (D), de pontuação; na letra (E), de coesão. Elas vêm trabalhando também questões de registro culto da língua. Por isso, fique atento!

Hoje em dia, a FCC e a Esaf são as principais bancas a trabalharem esse modelo de questão. Por isso, tive a preocupação de ilustrar isso com questões feitas exclusivamente por mim. Prepare-se! Ah! E nem tente entrar com recurso contra alguma questão, pois elas são de concursos passados...

Questões da banca CQIP

1. Leia.

O delegado Reinaldo Lobo, da 29ª DP, no Riacho Fundo, a 18 quilômetros de Brasília, surpreendeu a Corregedoria da Polícia Civil ao registrar, no dia 26 de julho, um crime em forma de poesia.
O documento apresentado pelo delegado faz parte do inquérito policial, formado ainda pelo auto de prisão em flagrante, as oitivas e o relatório. A peça final, única feita em poesia, não foi aprovada e teve que ser refeita.
O relatório dizia respeito a um crime de receptação, ocorrido na noite de 22 de julho, quando um homem foi flagrado por policiais militares na garupa de uma motocicleta roubada.
"O preso pediu desculpa/disse que não tinha culpa/pois estava só na garupa/foi checada a situação/ele é mesmo sem noção/estava preso na domiciliar/não conseguiu mais se explicar", escreveu o delegado sobre a abordagem ao suspeito.
Mais adiante, o delegado prossegue: "Se na garupa ou no volante/sei que fiz esse flagrante/desse cara petulante/que no crime não é estreante".
A vontade de fazer um trabalho diferente motivou a redação do poema, disse o delegado. "O nosso trabalho é um pouco de idealismo. Apesar de muito árduo, ele é um pouco de fantasia, de você lutar pela reconstrução e pela melhora do mundo. Acho que isso traz muita realização e eu quis transformar isso em arte, daí a ideia da poesia."

I. A oração "ao registrar, no dia 26 de julho, um crime em forma de poesia" (1º §) mantém uma relação semântica de causa e tempo em relação à outra oração.

II. Há no 2º § oito elementos explícitos que costumam compor a estrutura da voz passiva.

III. O trecho "O relatório dizia respeito a um crime de receptação" (3º §) apresenta dois termos preposicionados que exercem a mesma função sintática.

IV. Poderíamos reescrever o trecho entre aspas (4º §), sem prejuízo do sentido e da correção gramatical, da seguinte maneira: "O preso pediu desculpa, disse que não tinha culpa, pois estava só na garupa. Foi checada a situação – ele é mesmo sem noção –; estava preso na domiciliar, não conseguiu mais se explicar".

V. O vocábulo **que**, nas duas ocorrências do 5º §, tem igual valor coesivo e gramatical.

VI. O pronome **isso** retoma "lutar pela reconstrução" (6º §).

São corretas as seguintes afirmações sobre o texto:

a) I, II, e III.
b) III e V.
c) II e VI.
d) III, IV, V e VI.
e) I e IV.

Comentário: I – A oração *"ao registrar, no dia 26 de julho, um crime em forma de poesia"* (1º §) mantém uma relação semântica de causa e tempo em relação à outra oração, pois revela o motivo da surpresa da Corregedoria e também é circunstância de "tempo" porque mostra quando ocorreu o fato (*ao registrar = quando registrou*). II – Há 9 elementos explícitos que compõem uma estrutura de voz passiva, não 8. Veja: *O documento* <u>*apresentado*</u> (particípio*)* <u>*pelo delegado*</u> (agente da passiva) *faz parte do inquérito policial,* <u>*formado*</u> (particípio) *ainda* <u>*pelo auto de prisão*</u> (agente da passiva) *em flagrante,* <u>*as oitivas*</u> (agente da passiva) *e* <u>*o relatório*</u> (agente da passiva). *A peça final, única* <u>*feita*</u> (particípio) *em poesia, não foi* <u>*aprovada*</u> (particípio) *e teve que ser* <u>*refeita*</u> (particípio). III – Os dois termos preposicionados não têm a mesma função sintática: um é complemento nominal (de *respeito*), o outro é aposto especificativo (de *crime*). Veja, respectivamente: *"O relatório dizia respeito* <u>*a um crime*</u> <u>*de receptação*</u>*"*. IV – *O preso pediu desculpa, disse que não tinha culpa, pois estava só na garupa. Foi checada a situação – ele é mesmo sem noção –; estava preso na domiciliar, não conseguiu mais se explicar*. As primeiras duas vírgulas separam orações coordenadas. O ponto indica o fim de um período. Os travessões separam uma oração interferente. O ponto e vírgula separa uma oração coordenada de outra. A última vírgula separa uma oração coordenada de outra. V – Os vocábulos não têm o mesmo valor coesivo nem gramatical, pois o primeiro (conjunção integrante) estabelece uma coesão sequencial; o segundo (pronome relativo), uma coesão referencial, pois tem valor anafórico. VI – O pronome *isso* retoma todo o trecho *lutar pela reconstrução e pela melhora do mundo*. **Gabarito**: E.

2. Aponte a opção em que ambas as frases prescindem de correção gramatical.

a) Apesar de o candidato não ter experiência, eu examinei-o e aprovei-o. / Apesar de o candidato não ter experiência, eu o examinei e aprovei.
b) Nada me atinje a esta altura. / Nada me atinje àquela altura.
c) De tudo o que me difere de você, o ciúme é o sentimento mais relevante. / De tudo o que me diferencia de você, o ciúme é o sentimento mais relevante.
d) Ele fez apelo às milhares de pessoas que o ouviam. / Ele fez apelo às milhares de pessoas que o escutavam.
e) O malabarista só fazia contorsões incríveis devido ao seu preparo físico intenso. / O malabarista só fazia contorsões

incríveis devido a seu preparo físico intenso.

Comentário: A) Em orações coordenadas, quando se usa a ênclise, o pronome deve ser repetido. Quando, porém, se usa a próclise, não se repete o pronome (exceto quando o pronome tem funções sintáticas diferentes ou quando se quer dar ênfase). Por isso, ambas as frases prescindem de correção gramatical. Quem corrobora esta visão gramatical é Odilon Soares Leme. B) O erro não está no uso do acento grave nem no uso dos pronomes demonstrativos. O fato é que o verbo *atingir* só é escrito com **j** se a ele se seguir a vogal **o** ou **a**. C) O verbo *diferir* não é pronominal, logo deve-se dizer: *"De tudo o que eu difiro de você..."*. D) O erro gramatical não está no uso de ouvir e escutar, mas na concordância com *milhares*, que é palavra masculina, portanto *"... aos milhares de pessoas..."*. E) O erro não está na presença ou ausência do artigo antes do pronome possessivo adjetivo, até porque, nesse caso, o artigo faculta. O que talvez tenha passado despercebido (e não *desapercebido*, rs) foi o fato de que a palavra *contorção* vem de *contorcer*, que vem de torcer, logo, se escreve *contorção (**-ões**)*. Muitos erros de ortografia seriam evitados se você tivesse a palavra primitiva em mente antes de escrever a derivada. **Gabarito**: A.

3. Das redações abaixo, a única que não apresenta incorreção gramatical nem incoerência é:

a) Depois de muito tempo em coma, devido a um acidente envolvendo dois carros e um ônibus, só se foi notar, anos depois da tragédia, alguns sinais de recuperação no rapaz.

b) Não só havíamos nos mudado para bem longe daquela terra infértil e cheia de mazelas culturais, como também nos havíamos livrado daquela gente que a habitava.

c) O governo do Espírito Santo só se adéqua à Lei da Informação e divulga salário dos servidores, porque há uma pressão muito grande por parte dos líderes sindicais.

d) Como o remédio foi lançado há pouco tempo no mercado farmacológico, os médicos e farmacêuticos não lhe conhecem todos os efeitos colaterais ainda, o que pode gerar problemas.

e) Enviamo-lhes o projeto para o exame, mas ainda nada foi resolvido, por isso vimo-nos em situação periclitante, uma vez que temos um cronograma assaz rígido.

Comentário: A) *"... só se **foram** notar... alguns sinais de recuperação..."*. Desvio de concordância com verbo acompanhado de partícula apassivadora. B) *"Não só **nos** havíamos mudado..."*. O pronome átono fica antes do verbo auxiliar do tempo composto, pois há palavra atrativa antes dele. C) O verbo *adequar* é defectivo, segundo 99% dos gramáticos e linguistas, mas alguns dicionaristas, como Houaiss, entendem que esse verbo tem conjugação completa, de modo que *a**dé**qua* (ou *ade**qu**a*) é forma certa. Esta letra poderia ser a resposta, se não houvesse opção melhor (= incontestável). D) Não há erro algum nesta opção. O *lhe* tem valor possessivo, como se estivesse escrito assim: *"... os médicos e farmacêuticos não conhecem todos os **seus** efeitos colaterais ainda..."* E) *"**Enviamos**-lhes..."*. Excetuando o que diz Napoleão Mendes de Almeida sobre o assunto, a saber, que o **s** pode ser suprimido seguido de qualquer oblíquo, o fato é que a maioria (99,99%) diz que o **s** do verbo não desaparece quando se junta a ele o pronome *lhe*(*s*). Isso **só** se dá com o pronome *nos* (1ª pessoa do plural). **Gabarito**: D.

4, Qual opção apresenta reescritura adequada da primeira frase?

a) É nessas horas que se conhecem os amigos. / São nessas horas que se conhecem os amigos.
b) Decorrido mais de um mês, tudo mudou. / Decorridos mais de um mês, tudo mudou.
c) Foi um de seus irmãos que me procuraram ontem. / Foi um de seus irmãos que me procurou ontem.
d) Não lhes restaram senão uns poucos amigos. / Não lhes restaram se não uns poucos amigos.
e) Ele se descontrolou em face daquele imprevisto. / Ele se descontrolou face àquele imprevisto.

Comentário: Na frase *Foi um de seus irmãos que me procurou ontem*, *foi... que* é uma expressão expletiva. Isso significa que pode ser retirada, sobrando: *Um de seus irmãos me procurou ontem*. Daí que o verbo no plural é impossível. Não confunda aquela regra de concordância famosa com a expressão *um dos que* com a estrutura de expressão expletiva apresentada na letra C. Cuidado!!! A) O verbo da expressão expletiva *São... que* não pode ficar no plural, pois só concorda com um termo não preposicionado, e *nessas horas* é um termo preposicionado, logo a reescritura está errada. B) A concordância com a expressão *mais de um* se faz no singular, logo a reescritura está errada. D) Em correlação com uma proposição negativa o *senão* só pode vir junto, indicando *exceto*, logo a reescritura está errada. E) A expressão *face a* não é uma locução prepositiva abonada pela norma culta. Logo, a reescritura está errada. **Gabarito**: C.

5. Marque a opção com incontestável correção gramatical.

a) Vejo-lhe estudar todo tipo de assunto; você merece os parabéns, pois o verdadeiro sábio une o saber com a virtude.
b) Todos nós usufruímos dos benefícios da civilização, por isso vimos aqui para agradecer-lhe a oportunidade.
c) Vamos nos aproximando do fim, e a reforma fiscal continua sem viger, porquanto isso não interessa aos políticos.
d) O governo deixa os trabalhadores na angústia de talvez vir a ser eles os obrigados à comprovação do recolhimento da contribuição.
e) Depois de muita luta (a reunião terminou às 0h25min), nada aconteceu: vetaram o deputado de aprovar o projeto.

Comentário: O *lhe* pode estar ligado aos verbos causativos ou sensitivos se seguido de verbo transitivo direto no infinitivo. *Unir* é VTDI. Exige a preposição *a* ou *com*. Perfeita a redação da A ! B) A maioria dos gramáticos ensina que *usufruir* é VTD, mas Celso P. Luft e Cândido Jucá Filho ensinam que pode ser VTI, exigindo preposição *de*. Polêmicas... C) A maioria dos gramáticos ensina que o pronome oblíquo vem ligado ao verbo auxiliar por hífen, perdendo o **-s** final: *Vamo-nos aproximando*. Cegalla, porém, diz que pode ser sem hífen, do jeito que está. Polêmicas... D) ... *virem a ser <u>eles</u> (sujeito)*... Cuidado com a concordância! E) O artigo deve concordar com o número de horas, que no caso é zero, logo a forma certa é *à 0h25min*. A regência de *vetar* é assim: Vetaram ao deputado aprovar o projeto. **Gabarito**: A.

6. Marque a opção que não apresenta incorreção gramatical.

a) Apesar de se tentarem frear os preços exorbitantes que as lojas impunham aos clientes, para seu desespero, nada aconteceu.
b) O imortal poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade celebra seu centenário com tudo que tem direito, afinal, ele é o homem!
c) O meu projeto de terraplenagem só seria mais econômico que o de vocês caso algumas empresas me ajudassem a torná-lo popular.
d) O Xis era um daqueles restaurantes de Paris que você vai à toalete e tem pena de fazer suas necessidades – é assim em nosso país?
e) Durante o encontro dos dois líderes, os quais se odeiam, trataram-se de problemas que afligem o lado mais pobre da

população.

Comentário: A) *Apesar de se tentar frear os preços exorbitantes que as lojas impunham aos clientes, para seu desespero, nada aconteceu.* (*Frear os preços* é o sujeito do verbo *tentar*, logo fica no singular). B) *O imortal poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade celebra seu centenário com tudo a que tem direito, afinal, ele é o homem!* (O substantivo *direito* exige a preposição *a*, que fica antes do pronome relativo). C) *O meu projeto de terraplenagem só seria mais econômico que o de vocês caso algumas empresas me ajudassem a torná-lo popular.* (Eis o gabarito!). D) *O Xis era um daqueles restaurantes de Paris em que você vai ao toalete e tem pena de fazer suas necessidades – é assim em nosso país?* (Quando indica lugar, usa-se *em que*, e *toalete* é palavra masculina, segundo Cegalla). E) *Durante o encontro dos dois líderes, os quais se odeiam, tratou-se de problemas que afligem o lado mais pobre da população.* (O verbo é conjugado no singular quando vem acompanhado de *se* – indeterminador do sujeito ou integrante do verbo). **Gabarito**: C.

7. Considerado o padrão culto escrito, a alternativa que apresenta frase correta é:
   a) Nunca mais faremos tamanha loucura, que foi estar em seis, espremidos, dentro de um carro, que partiu do Rio de Janeiro para Sergipe!
   b) Silêncio profundo sucedera o ruído que a aparição daquele homem desvairado havia excitado.
   c) Muitas polêmicas estão-se sucedendo no meio televisivo ultimamente, uma vez que a moral dos do ramo está em baixa.
   d) Largou tudo sem olhar para trás, mas com a discrição de quem se afasta de erros e complicações que já não estavam em suas mãos resolver.
   e) Algumas tribos indígenas já impunham sua suserania sobre povos agrícolas, forçando-os a supri-los de alimentos e de servos.

Comentário: A) Com verbo de ligação, o numeral não vem antecedido de preposição em construções como essas. Deve-se reescrever assim: *"... que foi estar seis..."*. É estranho, mas... fazer o quê? B) *Suceder* é VTI: *"... sucedera ao ruído..."*. C) O verbo *suceder* não é pronominal no sentido de *ocorrer*, logo: *"... estão sucedendo..."*. Pensou que o erro estava no hífen? Tal uso é culto, formal. D) O verbo *estar* deve ficar na 3ª pessoa do singular porque o seu sujeito é oracional: *resolver erros e complicações*. E: Perfeita redação! Um detalhe que tenha feito todo mundo ficar de cabelo em pé foi o fato de *-los* retomar *tribos indígenas*, só que *-los*, por silepse de gênero, retoma *índios*. A silepse não é um desvio da norma culta, é apenas uma concordância ideológica. Cuidado! **Gabarito**: E.

8. A frase que não se apresenta redigida de forma clara e correta é:
   a) Sem embargo de residir em rica mansão vivia amargurada a solitária embaixatriz.
   b) Se queres fazer uma caridade à mulher, escuta-a com paciência; se não, evite olhar muito para ela.
   c) A mesa em que se sentou o poeta, a fim de fazer suas observações, ficava ao pé da vitrine dos cigarros.
   d) A regulamentação da concepção do serviço público deve manter as rédeas sobre o controle do governo.
   e) As grandes árvores do pátio sobressaíam-se mais negras no breu do sinistro período vespertino.

Comentário: Você tinha de marcar a opção **com** incorreção **E com** incoerência. Em A, há incorreção, pois falta apenas uma vírgula após a oração reduzida. Em B, há incorreção, pois não foi respeitada a uniformidade de tratamento, pois se inicia o texto com a 2ª pessoa do

singular, mas, na penúltima oração, o verbo está na 3ª pessoa do singular. Curiosidade: o *se não* pode vir separado quando se subentende o verbo anterior, o que é o caso. Em C, não há incorreção nem incoerência, pois o verbo *sentar-se* exige a preposição *a* quando a pessoa se coloca diante da mesa; com a preposição *em*, a ideia é de estar sobre a mesa. No contexto, tanto uma quanto outra estariam certas. Em D, há incoerência, pois o contexto exige a preposição *sob*. Em E, há incorreção e incoerência, pois o verbo *sobressair* não é pronominal, logo não vem acompanhado do pronome *se*, e *breu no período vespertino* é um absurdo, pois breu está ligado ao período noturno. **Gabarito**: E.

9. A frase que não está em total conformidade com o padrão culto escrito é:

a) A comissão presidida pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (que já havia presidido a duas anteriores) e integrada por outros notáveis, como os ex-presidentes da Colômbia – César Gaviria – e do México – Ernesto Zedillo –, diz que a guerra contra as drogas, da forma como é travada hoje, é um esforço perdido.

b) Os mosquitos transmissores da dengue, principalmente o *Aedes aegypti*, não só se proliferam dentro de habitações ou nas proximidades delas (casas, apartamentos, pousadas, hotéis, etc.), mas também em recipientes onde se acumula água limpa (vasos de plantas, pneus velhos, cisternas, etc.).

c) Parece mentira, mas, depois de intensos estudos dedicados a isto, um soldado cego por uma granada no Iraque teve sua vida transformada por uma tecnologia inovadora - um dispositivo que combina uma câmera montada nuns óculos de sol com uma corda vibrando dentro da boca – que lhe permite "ver" com a língua.

d) Após exaustiva relutância, deverá referendar o acordo assinado por seu representante na ONU o governo brasileiro; tal hesitação foi motivada pelo constante imbróglio de instituições tomadas como sérias, as quais sofrem costumeiros reveses de certas soberbas potências mundiais.

e) Mesmo que se queira mudar os fundamentos da economia nacional, o que é inevitável, infelizmente, eles estão acorrentados a compromissos financeiros e metas orçamentárias que se estenderão até um futuro distante, e nós, meros mortais, continuaremos sendo alvos de megalômanos "cartéis".

Comentário: O verbo *proliferar* não é pronominal, logo não é conjugado junto com a partícula integrante *se*. O trecho deve ser reescrito assim: *"... não só proliferam..."*. **Gabarito**: B.

10. Está clara e em total conformidade com o padrão culto escrito a seguinte redação:

a) Lê-se que, na Idade Média, as corporações se precavinham da interferência estrangeira, pois o perigo de mácula no sistema era grande.

b) Pode-se dizer mesmo que o negro precede o índio no trabalho agrícola organizado pelo branco; só lhe precede por motivos históricos.

c) Antes quero engolir petróleo em seu estado de ebulição a engolir em seco a mágoa que tenho cá dentro de minha alma.

d) Tal atitude da mulher, aparentemente radical, quiçá fundamentalista, quanto ao uso de cosméticos, não lhe prejudica a beleza, prejudica-lhe como pessoa.

e) Meu marido, ontem à noite, depois de ter tomado umas e outras, despiu-se e deitou-me na cama, em cima da roupa que ele me presenteara.

Comentário: Em B, o verbo *preceder* pode ser VTD ou VTI. A) O verbo *precaver*, no pretérito imperfeito do indicativo, se conjuga como o verbo vender, logo *"... as corporações se precaviam..."*. C) O verbo querer não exige a preposição *a* numa comparação. Por isso deveria ser *"Antes quero... que engolir..."* D) O verbo prejudicar só pode estar acompanhado de *lhe* quando este tem valor possessivo. Afora isso, o verbo é VTD, logo deveria ser: *"... prejudica-a como pessoa"*. E) O verbo *presentear* tem a seguinte regência: presenteia-se alguém com alguma coisa. Logo, o trecho deveria ser reescrito: *"... em cima da roupa com*

que ele me presenteara”. **Gabarito**: B.

11. Marque a redação que não infringe o registro formal nem a coerência.
    a) Como era muito hábil e paciente, percebia um razoável ordenado, acrescido ainda pelos biscates que fazia de noite.
    b) Façamo-lhe uma última homenagem; afinal, João foi um homem digno, capaz de atender às mesmas pessoas várias vezes.
    c) De vários mártires, Joaquim Jose da Silva Xavier, o Tiradentes, foi a personagem mais forte da Conspiração Mineira.
    d) Por hora – disse-lhe um velho desconhecido -, creio que V. Sa., com isto, pode saber finalmente em que terreno pisa.
    e) Devo poupar-lhes do longo e doloroso processo, posto que já conheço, e muito!, como a burocracia ocorre neste maldito país.

Comentário: A) O verbo *perceber* pode significar “receber honorários”. B) *Façamos-lhe...* C) ... José... D) *Por ora...* E) *Devo poupar-lhes o... visto que...* **Gabarito**: A.

12. Aponte a alternativa que não desconsidera a correção gramatical.
    a) A concordância do verbo ser em *O português são dois* explica-se pelo predicativo e o sujeito serem de números diferentes.
    b) Fez uma longa pausa para responder às perguntas, como se buscasse no seu íntimo uma resposta para ele mesmo.
    c) Eu o exasperava tanto que se tornara doloroso para mim ser o objeto do ódio daquele homem que, de certo modo, eu amava.
    d) O bispo gravou uma mensagem para a TV Record, da qual é dono, pedindo aos seus seguidores para que orem e jejuem por ele.
    e) A julgar pelo o que os jornais disseram sobre ele, o prefeito reluta em tomar todas as medidas necessárias.

Comentário: A) ... ***por o*** *predicativo e o sujeito serem...* (Não pode haver, segundo a maioria dos gramáticos e das bancas (exceto a Esaf), contração antes de sujeito de verbo no infinitivo). B) ... *para si mesmo.* D) ... *pedindo aos seus seguidores que orem e...* (Regência do verbo *pedir*) E) *A julgar pelo que...* (*pelo* já é a contração de *por* + *o*). **Gabarito**: C.

13. A única redação que apresenta incorreção gramatical é:
    a) Os norte-americanos sempre receberam ajuda do nosso país mas poucas vezes lhe agradeceram da maneira adequada.
    b) Ele insistiu que eu tentasse a sorte na loteria, não obstante lhe objetei que eu não tinha sorte, infelizmente.
    c) A lei pune quem solicitar, exigir, cobrar ou obtiver vantagem a pretexto de influir em ato praticado por funcionário público.
    d) Nos dias atuais da política brasileira, o que não falta são inúmeros escândalos envolvendo bicheiros e políticos.
    e) *Os pastores da noite*, do saudoso e genial Jorge Amado, tem como cenário a cidade de Salvador.

Comentário: A oração coordenada sindética adversativa (*mas nunca lhe agradeceram*) é obrigatoriamente separada por vírgula. Simples assim! **Gabarito**: A.

14. A única redação que não apresenta incorreção gramatical é:
    a) A regra da igualdade não consiste senão em quinhoar desigualmente aos desiguais na medida que se desigualam.
    b) Na década de 1920, a sociedade, além da ópera ou do teatro, também frequentava os cinematógrafos, que exibiam os filmes de Hollywood, e seus astros.
    c) Nenhuma tirania moderna, nenhum teórico da ditadura, ninguém, por mais sábios que fossem, chegou sequer a vislumbrar aquela possibilidade.
    d) O número de moças que se inscreveu no concurso de Miss Bumbum na década de 70 foi bem maior do que esperávamos.
    e) Cerca de 1,98% dos alunos ainda não entende que a presença em sala de aula é primordial para que seu futuro seja bem-sucedido.

Comentário: A) ... *na medida em que...* (*na medida que* não existe na língua culta). B) Não se separam termos coordenados por *e* por vírgula. C) ... *teórico... por mais sábio que fosse...*

D) ... *moças... se inscreveram*...**Gabarito**: E.

15. Qual opção abaixo está em desacordo com a correção gramatical?
   a) Ao meio-dia e meia, os bancos cariocas já estarão fechados devido à pertinente greve dos funcionários; o mesmo ocorrerá em Recife.
   b) Contaram-se os votos contidos nos vinte e dois milhões trezentas e quarenta e duas mil seiscentas e vinte e uma cédulas no segundo turno.
   c) Os pombinhos casaram-se e foram residir numa casa próxima a que Maria morava quando solteira.
   d) Quinhentos miligramas de sódio por dia vêm sendo recomendados a fim de manter a saúde sem qualquer problema.
   e) Ficou comprovado o assassinato de Osama Bin Laden por alguns dos milhares de forças interessadas em eliminá-lo.

Comentário: Por mais estranho que fique, antes do pronome relativo, deve ficar a preposição *em* (... *próxima à* (= *àquela*) ***em*** *que Maria morava*...), por causa do verbo *morar*. **Gabarito**: E.

16. Aponte a opção que desrespeita as prescrições gramaticais.
   a) A malcriação do magérrimo manauara, que hoje vive em Madagáscar, criou celeuma entre os cidadãos madagascarenses.
   b) É mais vantajoso para o Rio de Janeiro desenvolver o turismo a construir fábricas, que poluirão ainda mais o cenário.
   c) O pedido para que as palavras fossem melhor acomodadas partiu do presidente da Federação Internacional de Futebol.
   d) Os pais dos alunos mandaram-lhes entregar um recado à direção do colégio onde estudavam há muitos anos.
   e) João vive envolvido com tráfico de drogas; Pedro está preso há meses; esses dois irmãos são muito maus-caracteres.

Comentário: A) As palavras *malcriação, magérrimo, manauara* e *Madagáscar* são encontradas no VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa). Se a Academia Brasileira de Letras diz isso, quem sou eu para desdizer... Sobre *magérrimo*, apesar de a maioria dos gramáticos insistirem que é forma coloquial, os dicionários Melhoramentos, Aulete etc. e os estudiosos Silveira Bueno, Cândido de Oliveira e Napoleão Mendes de Almeida abonam tal forma. B) *É mais*... ***(do) que*** *construir*... (correlação comparativa culta, neste caso; só com o verbo preferir ou com o adjetivo correspondente (preferível), usa-se a preposição *a* no último elemento da comparação). C) Muitos gramáticos aceitam ambas as formas (Bechara, Cegalla, Sousa e Silva, etc.): **melhor acomodadas** e **mais bem acomodadas**. Marque sempre a "melhor resposta". D) Cegalla e Luft não se opõem ao uso do *lhe* como sujeito de um infinitivo, desde que o verbo seja transitivo direto. Sobre o pronome relativo *onde*, seu uso está correto, pois retoma uma palavra indicativa de lugar. E) **Maus-caracteres** é o plural de mau-caráter. *Feiaço*, mas é essa *parada* aí! **Gabarito**: B.

17. Marque a opção que não dispensa mudança na redação.
   a) Hoje, professor Manoel – clamou em desespero o aluno preocupado com a nota –, posso dizer que devo tudo ao senhor.
   b) Havia uma TV dentro da loja, em frente à qual todos os transeuntes ficaram parados para ver o desastre ocorrido com o avião.
   c) Para que os alimentos não fiquem insípidos, disse o cozinheiro aos seus primeiros alunos, junta-se-lhes sal.
   d) É sempre bom lembrar, devido a mudanças ocorridas na ortografia recentemente, que os esses e os erres se duplicarão em certas palavras.
   e) Por mais que alguns pseudoprofessores se deem ao trabalho de tentar explicar tudo, nunca lhes recorra em momentos decisivos.

Comentário: A) Esta redação dispensa alteração. Talvez a dúvida fosse em cima da

segunda vírgula após o segundo travessão, certo? Bem, não erre mais: se, antes do primeiro travessão, houver razão para o uso da segunda vírgula, ela virá depois do segundo travessão. Neste caso, *professor Manoel* é um vocativo, logo vem separado por vírgulas. B) Esta redação dispensa alteração. Está correta. C) Esta redação dispensa alteração. Alguns gramáticos dizem que o *lhe* só se usa para se referir a **seres animados ou personificados,** mas isso não é consenso. Na prova da FCC, estamos cansados de ver que o *lhe* pode substituir **coisas**, portanto esta alternativa não seria a melhor resposta. D) Esta redação dispensa alteração. Talvez a dúvida aqui fosse em relação ao plural das letras **s** e **r**, que podem ser escritas por extenso seguidas de desinência **-s** ou duplicadas para marcar o plural (**ss** e **rr**). Ou a dúvida estava no uso do pronome oblíquo átono antes de futuro do presente? Não há problema na próclise, pois, quando há sujeito explícito antes do verbo no futuro, a próclise e a mesóclise são opcionais. E) Eis o gabarito! Esta redação não dispensa alteração, pois convencionalmente o verbo *recorrer* não aceita *lhe(s)* como complemento. Regra! Quanto à expressão *dar-se ao trabalho*, não há problema algum, mas poderíamos grafar *dar-se o trabalho*. Teríamos uma dupla análise sintática, sem incorrer em desvio gramatical. **Gabarito**: E.

18. Marque a opção que preferencialmente não precisaria de reescrita a fim de haver adequação ao registro culto.
a) O guarda da embaixada, depois de calorosa discussão com um indivíduo, impediu-lhe veementemente de entrar.
b) Implica necessariamente a imposição de valores da nação dominante na destruição da cultura da que é dominada.
c) Não lhe importa, mesmo após terem falado barbaridades de você, as críticas absurdas e aleatórias que lhe fazem?
d) Mesmo com toda a imundice daquele lugar, desde menino lhe incitava o desejo de tornar-se um artista famoso.
e) Anteontem, os projetos do governo, que receberam total apoio do povo, não pareceu encontrarem apoio no Senado.

Comentário: A) Seguindo a regência culta do verbo *impedir*, **impede-se alguém (OD) de alguma coisa (OI)**. Portanto, a reescrita adequada é esta: *O guarda da embaixada, depois de calorosa discussão com um indivíduo,* ***impediu-o*** *veementemente de entrar*. B) A vastíssima maioria dos gramáticos e linguistas entende que o verbo *implicar* (no sentido de *acarretar*) é transitivo direto, portanto a reescrita deve ser esta: ***Implica*** *necessariamente a imposição de valores da nação dominante* ***a*** *destruição da cultura da que é dominada.* Até porque há uma "melhor resposta" nesta questão. C) O núcleo do sujeito do verbo *importar* está no plural, logo o verbo deve ficar no plural, assim: *Não lhe* ***importam****, mesmo após terem falado barbaridades de você, as* ***críticas*** *absurdas e aleatórias que lhe fazem?* D) O verbo *incitar* é VTD, logo é preciso haver uma reescrita: *Mesmo com toda a imundice daquele lugar, desde menino* ***o incitava*** *o desejo de tornar-se um artista famoso.* E) O sujeito do verbo *encontrar* é *os projetos do governo*. **Gabarito**: E.

19. Marque a opção com desvio gramatical.
a) Independentemente da decisão de vocês, terão de avir-se comigo, senão vocês se haverão com ele.
b) O presidente não possui qualificação necessária para o cargo, hajam vista as suas últimas decisões.
c) Vinte anos depois daquela maldita guerra, desgraçadamente, há muito pouco que comemorar.
d) Engarrafamentos nas avenidas das metrópoles só costumam haver por causa do volume de carros.

e) Aquelas políticas, como Dilma Rousseff, têm horror de eventos em que se apregoam demagogias.

Comentário: A) *Avir-se* e *haver-se* significam a mesma coisa. B) *Hajam vista* também é forma culta. O verbo *haver* (*hajam*) concorda com *as suas últimas decisões*. C) Não há problema em *muito pouco*. D) O verbo *haver* faz parte de uma locução verbal (*costumam haver*). O problema (ou a solução, rs) é que ele tem sentido de existir, logo o verbo auxiliar deve ficar no singular, afinal o verbo *haver* é impessoal quando apresenta noção existencial. Ainda: nesta acepção, o verbo *haver* é transitivo direto; seu objeto direto é *Engarrafamentos nas avenidas das metrópoles*. Até onde sei, verbo não pode concordar com objeto, mas sim com sujeito. Portanto, o certo seria: *Engarrafamentos nas avenidas das metrópoles só* ***costuma haver*** *por causa do volume de carros* ou *Só costuma haver engarrafamentos nas avenidas das metrópoles por causa do volume de carros*. E) Aquelas políticas, como Dilma Rousseff, têm horror de eventos em que se apregoam demagogias. O adjetivo *horror* pode reger a preposição *a* ou *de*. **Gabarito**: D.

20. A frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Têm, para conseguir notícias do Brasil nas diferentes crises agudas e periódicas da República, gasto muito dinheiro os jornais americanos.
b) Depois de Deus, de seu pai, de sua mãe e de seus irmãos, quem ela mais gostava era sua avó; o namorado nem sequer entrava na lista.
c) Aquela antiga professora da série primária sempre gostava que seus ex-alunos, como eu, a visitassem, pois se sentia muito carente após a aposentadoria.
d) Toquei a música de que ela mais gostava de cantar, afinal, precisamos fazer precipuamente a vontade das pessoas a quem amamos.
e) Harmonia lembra música, que, a grosso modo, nada mais é do que a arte de harmonizar sons, os quais certamente provocarão a catarse.

Comentário: A) A locução verbal pode ser *têm... gasto* ou *têm... gastado*, indiferentemente. Nos 40 gramáticos e linguistas em que pesquisei o assunto, o ponto de vista é dividido, mas a demolidora maioria diz que os verbos *pagar, ganhar* e *gastar* têm duplo particípio depois dos verbos *ter* ou *haver*, ou seja, pode-se dizer (ou escrever) de acordo com a norma culta: *Eu tinha pagado/pago/ganhado/ganho/gastado/gasto.* Por isso este é o gabarito! B) O certo é ... *de quem*... A preposição *de*, exigida pelo verbo *gostar*, é obrigatória antes do pronome *quem*. C) A preposição *de* exigida pelo verbo *gostar* pode ficar implícita antes da conjunção integrante de acordo com alguns gramáticos e linguistas: Cegalla, Assis Cintra, Cândido Jucá Filho, Claudio Cezar Henriques, Bechara, Sacconi, Faraco & Moura, José Carlos de Azeredo, Eduardo Carlos Pereira, Hildebrando André, João A. Peres & Telmo Moia, Francisco Fernandes. No entanto, a maioria dos gramáticos e linguistas "teima" pela preposição explícita! Daí o "erro". Quanto ao uso do pronome oblíquo átono *a* logo após a vírgula e antes do verbo também está correto. Ignora-se a expressão intercalada (*como eu*) e faz-se a colocação pronominal adequada. D) A preposição *de* antes do pronome relativo está errada, pois o verbo *cantar*, cujo complemento direto é o relativo *que*, não a exige. E) A

expressão correta é ***grosso modo***. **Gabarito**: A.

21. Levando-se em conta a coerência, marque a única alternativa que atende às prescrições gramaticais da norma culta!
   a) Ela foi sem dúvida uma grande líder, à qual – independentemente de alguns contratempos –, não faltaram os dotes do espírito e do coração.
   b) Depois de cinco dias em uma ilha deserta, submetido à escassez de alimento, o famigerado ilhéu encontrou – já subnutrido – comida.
   c) Anteontem, alguns camelôs comentavam, animados, a briga entre as autoridades – a qual lhes acabou favorecendo.
   d) Fernando Henrique Cardoso – coincidentemente em outubro de 2002 – visitou a Catedral da Sé e fez votos para que as eleições transcorressem com tranquilidade.
   e) Os oito assassinatos naquela região não foram cometidos por terroristas estrangeiros, mas por francos-atiradores americanos – que não foram encontrados.

Comentário: A) O VOLP registra a palavra *líder* como substantivo comum de dois gêneros; o verbo *faltar* exige a preposição *a*, que se desloca para antes do pronome relativo obrigatoriamente. A crase ocorre devido à contração da preposição *a* + *a qual*. O único desvio diz respeito à vírgula indevida após o último travessão, pois ABSOLUTAMENTE NADA justifica seu uso. B) O adjetivo *famigerado* não se refere a *esfomeado*, mas sim a indivíduo célebre, notável, por isso um não pode substituir outro; hoje a palavra é usada em sentido pejorativo, normalmente. C) O verbo *favorecer* não exige complemento preposicionado (substituído por *lhes* (= *a eles*)), logo deveria ser: "... a qual *os* acabou favorecendo". D) A expressão *fazer votos* exige a preposição *de*, *para* ou *por*. Quem abona tais regências é o *Dicionário da Academia de Lisboa.* Nas minhas pesquisas, entre os pesquisadores brasileiros, a preferência é pelo uso da preposição *de* ou *por*. E) Segundo o VOLP, o Aulete e o Houaiss, o plural de *franco-atirador* é *franco-atiradores*, logo este é o desvio. **Gabarito**: D.

22. Marque a alternativa com redação inadequada à norma culta
   a) A máquina estatal mostra-se ineficiente, em que pesem os esforços do governo.
   b) Semanalmente entram e saem alunos do curso onde estudei em criança.
   c) Lívia é uma jovem de boa aparência e que trabalha, inclusive, como modelo.
   d) Escaparam à vigilância do guarda e conseguiram fugir da prisão.
   e) Antes de chegar a esse estádio adiantado na exposição de suas ideias, sofrera.

Comentário: A) A imensa maioria dos gramáticos aprova somente a expressão *em que pese* a, que equivale a *apesar de, não obstante*, ou seja, tem valor concessivo. Tendo *pese* uma pronúncia fechada. Estes gramáticos condenam a flexão do verbo *pesar* e a não aposição da preposição *a*; mas... outros estudiosos, como Cegalla, não veem problema algum. Ele mesmo diz, no *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*, que só se pode flexionar tal verbo sem a preposição *a* no fim da expressão (em que pesem), se o sujeito for nome de *coisa*, como é o caso. Portanto, *os esforços do governo* é o sujeito do verbo *pesar*, segundo tal autor. Opção polêmica; nesses casos, precisamos encontrar a melhor "resposta". B) A vírgula antes de ***semanalmente*** (adjunto adverbial deslocado) é facultativa, pois ele tem curta extensão. Além disso, por motivo de concisão, o uso de mesmo complemento de verbos com regências

diferentes (*entram e saem... **do curso***) não incorre em equívoco gramatical para alguns estudiosos da língua, como Cegalla, Bechara, José de Sá Nunes, Sousa e Silva, Epifânio Dias, Arnaldo Niskier etc. A maioria condena tal uso de verbos com regências diversas tendo o mesmo complemento. Além disso, o pronome relativo *onde* (ou *em que*) está adequado, pois retoma palavra de sentido locativo (curso). Para quem ainda tem dúvida: *Eu fui à praia, à casa dela, ao curso e à minha casa*. Todos os termos coordenados de mesma função sintática (adjuntos adverbiais de lugar) estão separados por vírgula. Ah! A locução adverbial de tempo *em criança* existe, é permitida e equivale a *quando criança*. Opção polêmica; nesses casos, precisamos encontrar a melhor "resposta". C) Há falta de simetria de construção, ou seja, há falta de paralelismo sintático. O que é isso, Pest? Bem, para que uma frase tenha paralelismo sintático, é preciso que haja coordenação entre termos ou entre orações. Sendo assim, não podemos coordenar (com a conjunção *e*) um adjunto adnominal (de boa aparência) com uma oração subordinada adjetiva (que trabalha como modelo). A adequada redação é esta, em que se coordenam expressões sintáticas semelhantes, no caso, orações subordinadas adjetivas: *Lívia é uma jovem que tem boa aparência **e** que trabalha como modelo*. Eis o gabarito! D) A regência do verbo *escapar* está adequada, mas poderia também ser usada a preposição *de* (escapar de). E) A palavra *estádio* é sinônima de *estágio*. Não há erro algum. **Gabarito**: C.

23. Aponte a alternativa que apresenta redação sem qualquer desvio gramatical.
a) Certamente que aquele filme vai gerar muita polêmica entre os fãs do gênero, por causa das crucifixões.
b) No Natal, os povos confraternizam-se, esquecendo as rivalidades, o que faz com que fiquem mais felizes.
c) Finalmente consegui convencer ao contador que seu cálculo de ontem, infelizmente, estava errado.
d) Manteve-se calmo durante todo o interrogatório, de maneira a que não despertasse suspeitas.
e) O trânsito melhorou em 50%, desde que o piso das ruas foi asfaltado com um piche especial.

Comentário: A) Nada a dizer! Perfeita redação! O *que* (em *certamente que*) é expletivo. B) O verbo *confraternizar* não é pronominal, logo a partícula *se* é dispensada. C) Quem convence, convence *alguém de alguma coisa*, e não *alguma coisa a alguém.* D) A expressão correta é esta: *de maneira que*. E) A preposição *em* antes de 50% é um equívoco gramatical, quando vem ao lado de um verbo intransitivo. **Gabarito**: A.

24. A única reescritura que dispensa correção gramatical, levando em conta o registro culto da língua, é:
a) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, há 99,99% de chance de o sentido dela indicar finalidade.
b) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, tem 99,99% de chance de o sentido dela indicar finalidade.
c) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, há 99,99% de chance do sentido dela indicar finalidade.
d) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, tem 99,99% de chance do sentido de ela indicar finalidade.
e) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, há 99,99% de chance do sentido de ela indicar finalidade.

Comentário: A) *Perfect! No comments.* B) O verbo *ter* no sentido de existir faz parte do registro coloquial. Daí a incorreção gramatical. C) De acordo com a maioria dos gramáticos, não pode haver contração antes de sujeito de verbo no infinitivo, logo a construção preferencial é assim: **...** *há 99,99% de chance de o sentido dela indicar finalidade.* D) O verbo *ter* no sentido de existir faz parte do registro coloquial. Além disso, a contração da

preposição *de* com o pronome pessoal oblíquo tônico *ela* formando a locução adjetiva *dela* é obrigatória; até porque o núcleo do sujeito do verbo *indicar* é *sentido*, e não *ela*. E) A contração da preposição *de* com o pronome pessoal oblíquo tônico *ela* formando a locução adjetiva *dela* é obrigatória; até porque o núcleo do sujeito do verbo *indicar* é *sentido*, e não *ela*. **Gabarito**: A.

25. Aponte a única alternativa que se encontra em consonância com o registro culto da língua.
   a) Os abaixo-assinados vêm respeitosamente solicitar a Vossa Excelência que repense as questões levantadas outrora.
   b) Nesta data, devemos ter a coragem de proclamar, em alto e bom som, a importância dos valores morais.
   c) Um tédio tão grande foi apoderando-se da mulher ao ponto de lhe alterar a personalidade.
   d) Peço que orem por este pobre historiador e escritor, que nada mais aspira na vida senão a viver em paz.
   e) Rompia em exclamações contra a mulher que lhe aconselhara dar maior publicidade a sua desonra.

Comentário: A) Certo: *Os abaixo assinados...* Por quê? Simples. A expressão, neste contexto, designa os signatários do documento, e não os documentos. B) Certo: **...** *alto e bom som***...** Por quê? A expressão não pode ser acompanhada da preposição *em*, o que gera uma incorreção gramatical; *em alto e bom som* é uma deturpação. C) Certo: **...** *a ponto de...* Por quê? A expressão *ao ponto de* não é uma locução prepositiva como verdadeiramente o é *a ponto de* (sentidos: de tal modo que; prestes a). *Ao ponto de* só ocorre quando *ponto* é substantivo, exemplo: Retornamos ao *ponto* de partida. D) A regência correta é: ... *que a nada mais aspira na vida senão viver em paz*. E) O verbo *aconselhar* é VTDI, logo exige OD (*dar maior publicidade a sua desonra*) e OI (*lhe*). Perfeito! **Gabarito**: E.

26. Levando em conta a construção de sentido, a redação que prescinde de adequação ao registro culto é:
   a) Numa Faculdade, nem sempre os melhores posicionados são os mais bem colocados no mercado de trabalho, pois eu que compito com os grandes passei por isso.
   b) Muitos superatores, infelizmente, já sofreram grande desrespeito; alguns, inclusive, já disseram abertamente: "De maneira submissa, já fui dirigido por quem me distratou".
   c) Depois de frequentes discussões em reunião fechada, todos os presentes anuíram àquela proposta, demorando para tomar uma posição, entretanto.
   d) Ocorre que ontem estive com uma fonte que me disse haver uma parte do grupo a torcer para o Flamengo.
   e) A toxidade de certas substâncias depende da dose e/ou do sistema biológico de cada um; a escolha dos componentes destes sistemas, pois, deve ser criteriosa.

Comentário: A) Apenas uma correção*: Numa Faculdade, nem sempre os melhores posicionados são os mais bem colocados no mercado de trabalho, pois eu****, que compito com os grandes,*** *passei por isso*. (Não se pode restringir um ser único, por isso a oração subordinada adjetiva deve ser explicativa – entre vírgulas). B) Apenas uma correção: *Muitos superatores infelizmente já sofreram grande desrespeito; alguns, inclusive, já disseram abertamente: "De maneira submissa, já fui dirigido por quem me* ***destratou****"*. (Destratar: tratar mal / Distratar: desfazer trato). C) Apenas uma correção: *Depois de frequentes discussões em reunião fechada, todos os presentes anuíram àquela proposta, demorando* ***em*** *tomar uma posição, entretanto*. (O verbo demorar, seguido de infinitivo, exige a preposição *a* ou *em*). D) Apenas uma correção: *Ocorre que ontem estive com uma fonte que me disse*

haver uma parte do grupo a torcer ***pelo*** *Flamengo.* (O verbo *torcer* – desejar que um time ganhe ou perca – exige a preposição *por*). E) Perfeita redação; prescinde de mudanças para tornar o registro culto! Antes que você viaje sobre *toxidade*, saiba que tal palavra é variante de *toxicidade*. Tanto faz! **Gabarito**: E.

27. A redação alheia à clareza e/ou à correção é:

a) Em ter alguns pensamentos que, por um intento maléfico ou não, insiste delinear, o ser humano é constante.
b) A despeito de os homens, por mais virtuosos que sejam, indisporem-se por um momento, acredito mormente que a competição é salutar.
c) Consoante fonte consagrada, a dez por cento das empresas vem a falência todo ano, conquanto seja dito que cresce a economia.
d) Cumpro aqui a grata obrigação de consignar meus cordiais agradecimentos às diversas pessoas que se dignaram de me enviar seus elogios.
e) Àquilo com que minha alma nunca deixo de enriquecer, direciono minhas ideias; às demais procuro nada rumar.

Comentário: Eis o desvio gramatical que torna a redação alheia à correção gramatical: o verbo *rumar* exige a preposição *para*, e não *a*. Portanto, deveria estar assim escrito o texto: *Àquilo com que minha alma nunca deixo de enriquecer, direciono minhas ideias;* ***para*** *as demais procuro nada rumar.* Cuidado com a regência verbal! Já o substantivo *rumo* exige a preposição *a* (*de* ou *para*). **Gabarito**: E.

28. As ideias estão articuladas de modo claro e correto na seguinte frase:

a) A pimenta traz com ela alguns mitos, como o de que provoca gastrite, úlcera, pressão alta, até hemorroidas; nada disso é verdade. Por incrível que pareça, as pesquisas científicas mostram justamente o oposto!
b) A característica *ardida* da pimenta, chamada pungência, é desse gênero exclusiva e é atribuída a um alcaloide – a capsaicina que fica acumulada na parte interna do fruto.
c) No Benin, se uma viúva é suspeita de ter cometido o assassinato do marido, ela é posta isolada num recinto e obrigada a respirar fumaça de cebolas e pimentas. É então considerada culpada se lacrimejar.
d) A maior pimenta, segundo o *Guinness Book*, é a NUMEX BIG JIM, desenvolvida na Universidade do Novo México, com nada menos que 34,5 cm de comprimento.
e) A pimenta mais ardida (a *Naga Morich* ou *Bhut Jolokia*) entrou para o *Guiness Book* como a pimenta mais ardida do mundo, após testes de laboratório que acusaram nada menos que 1.001.304 SHU, desbancando à antiga campeã *Red Savina Habanero* (577.000 SHU).

Comentário: A) Nesta alternativa, o uso de *com ela* é equivocado, uma vez que a ideia de "trazer com ela" é reflexiva, portanto devemos usar o pronome oblíquo tônico *consigo*, que carrega a ideia de reflexividade sempre! Isso deixa o texto adequado à clareza e à correção gramatical. Veja: *A pimenta traz* <u>*consigo*</u> *alguns mitos...* Quanto ao uso singular de *o* em **...** *alguns mitos, como o de que...*, não há problema algum, pois se fala de um mito dentre alguns. Veja, com esta reescritura, como fica mais fácil enxergar tal ideia: *A pimenta traz consigo alguns mitos, como o (mito) de que provoca gastrite...* Para os safos em língua portuguesa de plantão, este *o* (=*aquele*) é um pronome demonstrativo. B) Por uma questão de desconhecimento do léxico, você poderia associar *pungência* a um tipo de pimenta ou à ardência dela. Não obstante, até aí não há falta de clareza; o entendimento do texto depende do vocabulário do leitor, que deve (ou deveria) perceber as relações de coesão e coerência, a saber: pelo sentido de *pungência*, tal vocábulo se refere à **"característica ardida"**. Há uma

inversão do termo *exclusiva*, mas isso também não provoca incorreção gramatical nem impede a clareza. O desvio, de fato, está na ausência da vírgula logo após *capsaicina,* pois a oração iniciada pelo pronome relativo é de caráter semântico explicativo. Segundo as regras de pontuação, as orações subordinadas adjetivas explicativas são sempre separadas por pontuação (vírgula, travessão, parênteses). Por conseguinte, a forma correta deveria ser: ... *a capsaicina, que fica acumulada na parte interna do fruto.* C) Aqui está a grande polêmica de hoje! Na prova do TRE/PR-2012 (Técnico), preparada pela FCC, houve uma questão semelhante a esta; tanto a minha como a da FCC ainda está dividindo opiniões. Vamos lá! De todas as gramáticas normativas que tenho em minha casa – meu nobre, não são essas gramáticas resumidinhas para pseudoconcurseiros ou apostilas virtuais, eu falo é de GRA-MÁ-TI-CA, livro que serve de referência bibliográfica para concursos públicos! –, encontrei quatro que dizem, sem sombra de dúvidas, ser facultativo o uso da vírgula quando a oração subordinada adverbial está **posposta** à principal: a do Ulisses Infante & Pasquale Cipro Neto, a do Mauro Ferreira, a do Faraco, Moura e Maruxo Jr. e a do William Roberto Cereja & Thereza Cochar Magalhães. Digo isso por causa deste trecho: *É então considerada culpada se lacrimejar.* A pergunta que se faz é esta: **Faculta o uso da vírgula antes da oração subordinada adverbial posposta à principal – "... (,) se lacrimejar"?** Segundo essas quatro gramáticas, sim! Tais compêndios que citei fazem parte de bibliografias sugeridas em concursos militares tradicionais, inclusive. Mas... Ah! O mas...! Dos gramáticos conceituadíssimos (Said Ali, Bechara, Celso Cunha, Rocha Lima, Napoleão Mendes de Almeida, Cegalla etc.), **nenhum** diz que tal vírgula é facultativa antes de oração subordinada adverbial posposta à principal. Rocha Lima é ainda mais taxativo. Só não citei outros antigos e clássicos, pois tal informação em pauta se omite nos livros deles. Diz o famoso Rocha que, **independentemente da posição da subordinada adverbial**, deve ela ser separada por vírgula! Sendo assim, tanto a FCC ficou com a opinião da maioria, como eu farei igual! Na minha opinião, como existe uma "melhor resposta" nesta questão que criei, e não é a letra C, prefiro ficar com a opinião do grande Rocha Lima a ficar com a opinião daquelas quatro gramáticas citadas. No entanto, cuidado com as provas, nunca se sabe... Vamos ao que interessa! O desvio gramatical está neste trecho: *É então considerada culpada se lacrimejar.* Ele deveria estar assim: *É então considerada culpada, se lacrimejar.* D) Não há falta de clareza tampouco de correção gramatical. Portanto, este é o gabarito! E) Há um desvio gramatical relativo à crase em *desbancando à antiga campeã*; não deveria haver acento indicativo de crase, pois o verbo *desbancar* não exige preposição *a*. **Gabarito**: D.

29. A frase que não está redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Depois de atendidas as demandas, eu permiti aos alunos conversarem um pouco, afinal, precisamos de arranjar tempo para momentos de lazer.

b) São a continuação da história da família os filhos, por isso são subumanos aqueles pais que não lhes proveem o que é necessário.

c) Tirante os senatórios arreganhos de uma e outra hiena, que não me interessam, gostaria de ensinar-lhe duas coisas: estude e estude mais.
d) Aos interesses mais esdrúxulos, submetemo-nos, devido à empáfia de alguns venturosamente privilegiados e... abjetos *humanos*.
e) Pretendia reduzir as formas naturais a um alto grau de abstração, retendo apenas aquelas que julgava fundamentais para o desenho, o pintor e fotógrafo Charles Sheeler.

Comentário: Deveria ser: *São a continuação da história da família os filhos, por isso são subumanos aqueles pais que não **os** proveem **d**o que é necessário*. Questãozinha de regência verbal. O verbo *prover* é transitivo direto e indireto. Quem provê, provê **alguém <u>de</u> algo**. Foi? **Gabarito**: B.

30. Das alternativas abaixo, a que não apresenta incorreção gramatical é:
a) O Oceano Pacífico é a maior massa marítima do globo – situada entre a América, a leste; a Ásia e a Austrália, a oeste; à Antártida, ao sul. Com 180 milhões de km², o Pacífico cobre quase um terço da superfície do planeta e corresponde a quase metade da superfície e do volume dos oceanos.
b) O Oceano Índico que se distingue por suas dimensões relativamente reduzidas em comparação com as do oceano Pacífico ou do oceano Atlântico estende-se em sua maior parte em hemisfério Austral e é fechado ao norte pela Ásia. Largamente aberto ao sul, sob influência da monção asiática, tem a forma de um triângulo, cujas linhas medianas são formadas por dorsais oceânicas, dispostas em Y invertido.
c) O Oceano Ártico, localizado no Hemisfério Norte e em sua maioria na região polar ártica, é a menor e mais rasa das cinco grandes divisões oceânicas do mundo. A Organização Hidrográfica Internacional (OHI) reconhece o Oceano Ártico como um oceano, embora o chamem de Mar Ártico Mediterrâneo ou simplesmente Mar Ártico, alguns oceanografistas, classificando-o como um dos mares mediterrâneos do Oceano Atlântico.
d) O Oceano Antártico, também chamado de oceano Austral e oceano glacial Antártico, é o conjunto das águas que banham o Continente Antártico, mas que em realidade constituem o prolongamento meridional do Oceano Atlântico, Oceano Pacífico e Oceano Índico. Muitos cientistas, oceanógrafos e geógrafos, não reconhecem a existência do oceano Antártico, considerando-o como uma junção de partes dos outros oceanos.
e) O oceano Atlântico – segundo maior oceano em extensão, com uma área de aproximadamente 106.400.000 km², cerca de um quinto da superfície da Terra, que o Brasil há mais de 500 anos banha, – tem seu nome derivado de Atlas – uma divindade da mitologia grega.

Comentário: A) A expressão *à Antártida* não deveria receber acento indicativo de crase, pois não há contração de preposição (a) com artigo (*a*). B) A oração subordinada adjetiva após *Oceano Índico* deveria ser explicativa (entre vírgulas), pois não se pode restringir um ser único. C) A expressão *alguns oceanografistas* não pode ser separada por vírgulas, pois exerce função de sujeito do verbo chamar. D) A vírgula após *geógrafos* não procede, pois não se separa o último núcleo do sujeito composto de seu verbo. E) Perfeita! **Gabarito**: E.

31. Das alternativas abaixo, a única que se encontra plenamente de acordo com o registro padrão culto da língua é:
a) Resolvemos, no ínterim da conversa, depois de tantas desavenças e polêmicas, calarmo-nos, uma vez que é preferível cultivar o respeito do bem que o respeito da lei.
b) Já lhe disse que se podem ter, conquanto em mim não creia, todas as mulheres a seus pés quantas assim desejar, posto que tuas investidas sempre implicam sucesso.
c) Até agora, os que, aqui, por longo tempo, estiveram, necessitam entender que é chegada a hora de os meninos serem separados dos homens enquanto lhes restar sabedoria.
d) Por virtuosismo ou teimosia, deixai tão logo serem, por mais que forçosamente, os acertos substitutos dos erros, dado que vêm necessitando disso a humanidade.
e) Custa-me a crer na explicação do professor, pois tem que ver com o total ignorar daquilo que hei aprendido a muito, não sendo pouco.

Comentário: A) *Resolvemos, no ínterim da conversa, depois de tantas desavenças e*

*polêmicas, calarmo-nos, uma vez que é preferível cultivar o respeito do bem **ao** respeito da lei*. Regência do adjetivo *preferível*. B) *Já lhe disse que se podem ter, conquanto em mim não creia, todas as mulheres a seus pés quantas assim desejar, posto que **suas** investidas sempre implicam sucesso*. Uniformidade de tratamento (deve-se usar só a 3ª pessoa). C) De todas as opções, esta é a "melhor resposta". Quem abona a contração antes de sujeito de verbo no infinitivo é o Bechara, por exemplo. Mas isso você já sabia, pois falei exaustivamente sobre o assunto na teoria deste livro que você está lendo agora! D) *Por virtuosismo ou teimosia, deixai tão logo serem, por mais que forçosamente, os acertos substitutos dos erros, dado que **vem** necessitando disso a humanidade.* O verbo *vir* só recebe acento circunflexo se o seu sujeito estiver no plural. E) *Custa-me a crer na explicação do professor, pois tem que ver com o total ignorar daquilo que hei aprendido **há** muito, não sendo pouco.* Tempo decorrido (passado), usa-se *há*. A preposição *a* é facultativa depois do verbo *custar* e antes do verbo *crer*. Novamente, recorro ao supremo Bechara. Ele diz que tal preposição é facultativa. Você encontra as justificativas do homem em sua gramática, no capítulo de Regência. A dica final é: "Fiquem espertos, concurseiros, pois nunca se sabe de onde vem a pedrada!" **Gabarito**: C.

32. Leia:

Soneto de Fidelidade
Vinícius de Moraes

De tudo ao meu amor serei atento

Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento

E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim, quando mais tarde me procure

Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):

Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.

Aponte o comentário adequado acerca do texto.

a) O complemento nominal "De tudo" deveria vir depois de "Antes" para não haver hipérbato, eliminando, assim, a inversão sintática do primeiro verso.
b) Os pleonasmos usados na segunda estrofe servem para enfatizar os sentimentos do eu-lírico.
c) As expressões "angústia de quem vive" e "fim de quem ama" são introduzidas por uma expressão implícita, a saber: "Quem sabe", constituindo um zeugma.
d) A conjunção "mas", que coordena orações subordinadas substantivas objetivas diretas, não cumpre o papel de realçar o conteúdo do último verso.
e) O trecho "posto que é chama" explica metaforicamente o que é o amor para o eu-lírico.

Comentário: E) *Posto que*, apesar de ser uma locução conjuntiva concessiva, de acordo com a norma culta, foi usado pelo poeta com valor causal ou explicativo. O objetivo era comparar a não imortalidade do amor a uma chama, que, por mais quente e intensa que seja, um dia se extingue. Lembre-se: em poemas, o autor tem licença poética, isto é, ele pode cometer desvios gramaticais em favor de sua arte. A) Para poucos gramáticos, como Luiz A. Sacconi e Celso P. Luft, *De tudo* é um complemento nominal. Para os demais gramáticos, *antes de* é uma locução prepositiva e não um advérbio + preposição. Logo, *De tudo* não seria um complemento nominal, para a maioria. A afirmação inicial da alternativa até procede, segundo os dois gramáticos, mas o que torna errada a opção é o fato de a colocação na ordem direta de *De tudo* não eliminar totalmente a inversão do primeiro verso. A expressão *ao meu amor* está invertida. A ordem direta seria esta: *"Serei atento ao meu amor antes de tudo."* B) Só há um pleonasmo: *"rir meu riso"*. C) Não há elipse ou zeugma. Tais expressões são, respectivamente, apostos explicativos de *morte* e *solidão*. D) A conjunção adversativa *mas* sempre realça o conteúdo da oração que introduz. **Gabarito**: E.

33. A partir da frase abaixo, julgue se as afirmações estão certas ou erradas.

Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor quer que se lhe atribuam honras a que não tem direito.

1) O artigo definido após *Todas* pode ser retirado, havendo prejuízo de sentido, mas não incorreção gramatical.
2) A preposição *em* pode ser colocada antes do primeiro *que*, pois a construção *em que* serve para retomar uma ideia temporal.
3) O primeiro *que* exerce função sintática de adjunto adverbial.
4) Faltou um acento indicativo de crase na passagem *faz as vezes de diretor*, uma vez que se trata de uma locução de núcleo feminino; o mesmo não se deve dar em *Todas as vezes*, pois o *as* nesse caso é só um artigo.
5) A expressão *de diretor* exerce função de objeto indireto, pois nesta acepção o verbo exige um complemento preposicionado.
6) Uma vírgula logo após *diretor* provocaria uma incorreção gramatical.
7) O verbo *querer* deveria vir no plural, pois se trata de um sujeito indeterminado; a reescritura adequada é esta:*Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor querem que se lhe atribuam honras a que não tem direito*.
8) O segundo vocábulo *que* tem o papel de introduzir uma oração com função completiva.
9) O *se* exerce função indeterminadora do sujeito, pois não se dá a conhecer quem é o sujeito do verbo *atribuir*.
10) A justaposição dos pronomes oblíquos átonos *se* e *lhe* provoca incorreção gramatical.
11) O verbo *atribuir* é transitivo direto e indireto; seus complementos são *lhe* e *honras*.
12) A passagem *quer que se lhe atribuam honras* poderia ser assim reescrita: *quer que lhe sejam atribuídas honras*.
13) O nome *honras* exige um complemento iniciado por *a*, logo *a que não tem direito* tem função de complemento.

14) O segmento *a que não tem direito* poderia ser assim reescrito: *às quais não têm direito*.
15) Há duas elipses que retomam anaforicamente o agente das ações verbais do período.

Comentário: 1) ERRADO. Não se pode retirar o artigo definido após o pronome indefinido *todas*, pois, entre este pronome (*todos, todas*, no plural) e um substantivo, sempre haverá a necessidade do artigo definido. É regra! 2) ERRADO. Segundo os gramáticos Domingos P. Cegalla, Evanildo Bechara, Said Ali etc., *todas as vezes que* (locução conjuntiva temporal) é a forma culta e não *todas as vezes em que*. 3) ERRADO. Este *que* faz parte da locução conjuntiva subordinativa adverbial temporal *todas as vezes que*, logo não pode ser analisado separadamente, do ponto de vista sintático. Logo não exerce função sintática alguma, tampouco de adjunto adverbial. 4) ERRADO. A expressão *as vezes de* equivalendo, semanticamente, a "em substituição de" nunca vem craseada. 5) ERRADO. A expressão exerce função de predicativo, como se a frase fosse "Ele fez a si mesmo de diretor". 6) ERRADO. Pode haver uma vírgula após uma oração subordinada adjetiva restritiva, segundo Said Ali, Bechara e Sacconi, por exemplo. Para ser mais exato ainda, a construção *"Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor"* é um adjunto adverbial de tempo deslocado, por isso a vírgula é obrigatória. A ordem direta do período é esta: *"Quer que se lhe atribuam honras a que não tem direito todas as vezes que ele faz as vezes de diretor."*. 7) ERRADO. O verbo *querer* deve ficar no singular, pois seu sujeito implícito tem como referente o pronome singular *ele*. 8) CERTO. Trata-se de uma conjunção integrante, que tem o papel de completar sintaticamente, com a oração subordinada, a estrutura da principal. *Bizu*: substitua por **isso** – *Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor quer* ***isso*** *(= que se lhe atribuam honras a que não tem direito*). 9) ERRADO. O *se* tem função apassivadora. O verbo tem, sim, sujeito: *honras*. Na voz passiva analítica, fica mais fácil de ver: *"... quer que honras... lhe sejam atribuídas..."*. 10) ERRADO. Não há problema algum na construção. O *se* tem função apassivadora, e o *lhe* tem função de objeto indireto. 11) ERRADO. O verbo é, de fato, um VTDI, mas *honras* exerce função de sujeito, pois a voz verbal é passiva sintética. Só na voz ativa, *honras* vira complemento direto (= objeto direto). 12) CERTO. Mera passagem de voz passiva sintética para passiva analítica. 13) ERRADO. A preposição *a* em *a que não tem direito* é exigida pelo nome *direito*. Toda vez que um verbo ou um nome dentro da oração adjetiva exigir uma preposição, esta ficará antes do pronome relativo. 14) ERRADO. O erro está em *têm*. Só *rola* acento circunflexo neste verbo se ele estiver na 3ª pessoa do plural, o que não é o caso. Fiz um vídeo sobre isso (está no YouTube). 15) ERRADO. Veja: *Todas as vezes que <u>ele</u> <u>faz</u> as vezes de diretor (ele) <u>quer</u> que se lhe <u>atribuam</u> <u>honras</u> (sujeito passivo de atribuir) a que (ele) não <u>tem</u> direito*.

34. A única opção que não se encontra adequada ao registro culto da língua é:
a) O juiz apreciará livremente a prova, atendendo aos fatos e circunstâncias constantes dos autos, ainda que não alegados pelas partes; mas deverá indicar, na sentença, os motivos que lhe formaram o convencimento.
b) Presume-se que a referência às dimensões foi simplesmente enunciativa, quando a diferença encontrada não exceder

de um vinte avos da extensão total enunciada.

c) Quando dois ou mais juízes forem parentes, consanguíneos ou afins, em linha reta e no segundo grau na linha colateral, o primeiro, que conhecer da causa no tribunal, impedirá que o outro participe do julgamento.

d) Reputa-se fundada a suspeição de parcialidade do juiz, quando aconselhar alguma das partes o objeto da causa, ou subministrar meios para atender às despesas do litígio.

e) Se o conhecimento da lide depender necessariamente da verificação da existência de fato delituoso, poderá o juiz mandar sobrestar no andamento do processo até que se pronuncie a justiça criminal.

Comentário: *"Reputa-se fundada a suspeição de parcialidade do juiz, quando aconselhar (VTDI) alguma das partes (OD) em/acerca de/sobre o objeto da causa (OI), ou subministrar meios para atender às despesas do litígio"*. **Gabarito**: D.

35. Marque a alternativa cuja análise sintática das expressões sublinhadas esteja inadequada.

a) A visão que tive do professor gesticulando horrorizou-me! – respectivamente, temos um adjunto adnominal, um complemento nominal e um adjunto adnominal.

b) A escalação do Zagallo, em 58, foi decisiva, e a de 98, idem. – respectivamente, temos um complemento nominal, um adjunto adverbial, um sujeito e um complemento nominal.

c) Sendo militar por mais de 20 anos, nunca, meus homens, em hipótese alguma, permiti, embora tenha havido certos desconfortos, a mim repreender. – respectivamente, temos um sujeito, um objeto direto e uma oração subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo.

d) Mas se ergues da justiça a clava forte, Verás que um filho teu não foge à luta, Nem teme, quem te adora, a própria morte. – respectivamente, temos um adjunto adnominal, uma oração subordinada substantiva subjetiva e um objeto direto.

e) Queriam adivinhar os pensamentos de que se povoam as cabeças desses velhinhos.- respectivamente, temos um objeto direto, um agente da passiva e um sujeito.

Comentário: Na letra A, *que tive* é oração subordinada adjetiva; toda oração subordinada adjetiva exerce função sintática de adjunto adnominal. Sobre *do professor*, podemos dizer que é um complemento nominal, pois tem valor passivo e se liga ao nome *visão*. Por fim, *gesticulando* é uma oração subordinada adjetiva reduzida de gerúndio; como sabemos, toda oração subordinada adjetiva exerce função sintática de adjunto adnominal. Na letra B, *do Zagallo* é complemento nominal, pois tem valor passivo, ou seja, ele foi escalado *em 58*. Já *em 58* exerce função sintática de adjunto adverbial. O pronome demonstrativo *a* (= *aquela*) exerce função de sujeito da locução verbal elíptica (foi decisiva; note que a vírgula marca a elipse). Por fim, *de 98* é adjunto adnominal (valor de agente), pois, dessa vez, pelo nosso conhecimento de mundo, ele era o técnico, portanto ele escalou. Na letra C, há uma sínquise, ou seja, inversão sintática dos termos de maneira bem intensa. Colocando mais próximo da ordem direta, temos: "*Sendo militar por mais de 20 anos, nunca, em hipótese alguma, permiti meus homens repreender a mim (= permiti que meus homens repreendessem a mim), embora tenha havido certos desconfortos*". Melhorou? Bem, o termo *meus homens* é sujeito do verbo *repreender*, que pode ficar ou não no plural, segundo as regras de concordância do infinitivo. Já *a mim* é objeto direto preposicionado do verbo *repreender*, que é transitivo direto, o qual, por sua vez, constitui oração subordinada substantiva objetiva direta do verbo causativo *permitir*. Na letra D, também há sínquise, afinal, trata-se de uma parte do hino nacional. Bem, *da justiça* é adjunto adnominal de *clava*, substantivo concreto. Colocando na

ordem direta o finzinho, temos: *"Nem quem te adora (sujeito oracional, ou oração subordinada substantiva subjetiva) teme a própria morte (objeto direto do verbo temer)"*. Na letra E, o termo *os pensamentos* é objeto direto do verbo *adivinhar*. Para facilitar sua visão, vou reescrever a parte final do período na voz passiva analítica e na ordem direta: *"... de que as cabeças desses velhinhos* (sujeito) *são povoadas"*. Agora vou substituir o pronome relativo *que* pelo seu antecedente para que vejamos a função sintática do relativo: *"... as cabeças desses velhinhos são povoadas de (= por) pensamentos"*. Eis o agente da passiva. É interessante dizer que é muito raro o agente da passiva vir em voz passiva sintética, como está no trecho original da alternativa E. **Gabarito**: B.

36. Das frases abaixo, qual é a única que não apresenta termo ou estrutura com classificação sintática idêntica a um termo ou estrutura das demais?
a) Porque não lhe sou favorável, você me despreza?
b) Vereis amor da pátria não movido/De prêmio vil, mas alto e quase eterno.
c) Do auxílio que ele viesse, precisaram (quando em fútil desespero) os homens.
d) Não solícitos sempre me foram os que detinham o poder.
e) Fui oficialmente informado que me deveria submeter a exame de saúde.

Comentário: E. A) O *lhe* exerce função de complemento nominal do adjetivo *favorável*. B) O *De prêmio vil* exerce função de complemento nominal do adjetivo *movido*. C) A oração *que ele viesse* exerce função de complemento nominal do substantivo *auxílio*. A preposição pode vir implícita antes de orações subordinadas substantivas objetivas indiretas e completivas nominais. D) O *me* exerce função de complemento nominal do adjetivo *solícitos*. E) Este é o gabarito! "Por quê, pestana?!" Vamos ver agora, meus bons! Nem é adjetivo a palavra *informado*, nem é completiva nominal a oração *que me deveria submeter a exame de saúde*. *Informado* é particípio do verbo *informar*, transitivo direto e indireto, na voz passiva analítica (informar alguém de ou sobre alguma coisa). A oração *que me deveria submeter a exame de saúde* é, pois, oração subordinada substantiva OBJETIVA INDIRETA. Na voz ativa temos: *"... informaram-me oficialmente que me deveria submeter a exame de saúde"*, em que o sujeito é indeterminado, *me* é objeto direto e também objetiva indireta a oração *"que me deveria submeter a exame de saúde*". Sobre a ausência da preposição antes da oração, já expliquei acima que a elipse é normal. **Gabarito**: E.

Bibliografia

Saiba que esta bibliografia é cândida e honesta... Espero não ter esquecido alguém.
Ah! Recomendo que você adquira os três livros (em azul) que mudaram a minha vida!

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. 5. ed. São Paulo, Global, 2009. (*Site*: http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=23)

ALMEIDA, N. M. *Dicionário de questões vernáculas*. São Paulo, Caminho Suave, 1981.

_____. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 45. ed. São Paulo, Saraiva, 2005.

ALI, M. S. *Dificuldades da língua portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1957.

_____. *Gramática elementar da língua portuguesa*. 9. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1966.

_____. *Gramática secundária da língua portuguesa*. 7. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1966.

ANDRÉ, H. A. *Gramática ilustrada*. 2. ed. São Paulo, Moderna, 1982.

AZEREDO, J. C. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo, Publifolha, 2008.

BAGNO, M. *Dramática* da língua portuguesa. *São Paulo*, Edições Loyola, 2000.

_____ *Gramática pedagógica do português brasileiro*. 1. ed. São Paulo, Parábola, 2012.

BARRETO, M. Novíssimos estudos da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro, Presença, 1980.

BASILIO, M. *Teoria lexical*. 8. ed. São Paulo, Ática, 2007.

BECHARA, E. *Moderna gramática da língua portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2003.

_____. *Lições de português pela análise sintática*. 17. ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2005.

_____. Gramática escolar da língua portuguesa. 1. ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2004.

CÂMARA JR., J. M. *Dicionário de lingüística e gramática*. 18. ed. Rio de Janeiro, Vozes, 1997.

_____. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis, Vozes, 1970.

CAMPEDELLI, A. Y. e SOUZA, J. B. *Gramática do texto e texto da gramática*. São Paulo,

Saraiva, 1999.

CASTILHO, A. T. *Gramática do português brasileiro*. 1 ed. São Paulo, Contexto, 2010.

CEGALLA, D. P. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa.* 1. ed. Rio de Janeiro, Lexicon; Porto Alegre/RS, L&PM, 2007.

_____. *Novíssima gramática da língua portuguesa.* 43. ed. São Paulo, Nacional, 2000.

CEREJA, W. R. e MAGALHÃES, T. C. *Gramática reflexiva*: texto, semântica e interação. São Paulo: Atual, 1999.

CRUZ, J. M. *Português prático – Gramática*. 28 ed. São Paulo, Melhoramentos, 1959.

COSERIU, E. *Principios de semántica estructural.* Madri, Gredos, 1977.

COSTA, J. M. *Manual de redação profissional*. Campinas, Millenium, 2002.

CUNHA, C. e CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo.* 3. ed. Rio de Janeiro, Lexicon, 2007.

DE NICOLA, J. e TERRA, Ernani. *1001 dúvidas de português.* 10. ed. São Paulo, Saraiva, 2000.

DICIONÁRIO AURÉLIO ELETRÔNICO; SÉCULO XXI. Rio de Janeiro, Nova Fronteira e Lexicon Informática, 1999, CD-rom, versão 3.0.

DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001, CD-rom versão 1.0, para Windows.

DICIONÁRIO AULETE DIGITAL. <http://aulete.uol.com.br/>

ELIA, H. e ELIA, S. *100 textos errados e corrigidos*; de acordo com a nova nomenclatura gramatical brasileira. 27. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1985.

FARACO, C. E, MOURA, F. M e MARUXO, J. H. *Gramática*. 20. ed. São Paulo, Ática, 2006.

FERREIRA, M. *Aprender a praticar gramática.* São Paulo, FTD, 2003.

FERNANDES, F. *Dicionário de verbos e regimes*. 43. ed. Rio de Janeiro, Globo, 1999.

FIORIN, J. L. e SAVIOLI, F. P. *Lições de texto: leitura e redação*. 4. ed. São Paulo, Ática, 2001.

_____. *Para entender o texto – Leitura e redação*. 2. ed. São Paulo, Ática, 1991.

GARCIA, O. M. *Comunicação em prosa moderna*. 14. ed. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1988.

GÓIS, C. *Gramática expositiva primária*. 5. ed. Belo Horizonte, Oliveira, Costa, 1934.

HAUY, A. B. *Da necessidade de uma gramática-padrão da língua portuguesa*. São Paulo, Ática, 1983.

HENRIQUES, C. C. *Sintaxe portuguesa para a linguagem culta contemporânea:* teoria e prática. Rio de Janeiro, Oficina do Autor, 1997.

_____ *Sintaxe: estudos descritivos da frase para o texto*. 3. ed. Rio de Janeiro, Elsevier,

2011.
ILARI, R. e GERALDI, J. W. *Semântica.* 2. ed. São Paulo, Ática, 1985.
INFANTE, U. *Curso de gramática aplicada aos textos*. São Paulo. Scipione, 2001.
KURY, A. G. *Novas lições de análise sintática*. 7. ed. São Paulo, Ática, 1997.
LEME, O. S. *Tirando dúvidas de português.* 2. ed. São Paulo, Ática, 1995.
LIMA, C. H. R. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 35. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 2008.
LUFT, C. P. *A vírgula.* 2. ed. São Paulo, Ática, 1998.
_____. *Dicionário prático de regência nominal.* 4. ed. São Paulo, Ática, 2010.
_____. *Dicionário prático de regência verbal.* 3. ed. São Paulo, Ática, 2001.
_____. *Moderna gramática brasileira.* 1. ed. São Paulo, Globo, 2006.
MACIEL, Dr. M. *Grammatica descriptiva*, 5. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1914.
MATEUS, M. H. M *et alii*. *Gramática da língua portuguesa*. 7. ed. Lisboa, Caminho, 2003.
MAURER JR., T. H. *O infinitivo flexionado português*. São Paulo, Nacional, 1968.
MELO, G. C. *Gramática fundamental da língua portuguesa.* 4. ed.
NASCENTES, A. *Dicionário de dúvidas e dificuldades do idioma nacional*. 3. ed. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1952.
NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. 1. ed. São Paulo, UNESP, 2000.
OITICICA, J. *Manual de análise léxica e sintática*. 10. ed. Rio de Janeiro, Paulo de Azevedo Ltda., 1953.
PEREIRA, E. C. *Gramática expositiva*. 101. ed. São Paulo, Nacional, 1957.
PERINI, M. A. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo, Parábola, 2010.
REIS, O. *Breviário da conjugação de verbos.* 38. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978.
RIBEIRO, J. *Grammatica portugueza*. 7. ed. São Paulo. N. Falcone & Comp., 1913 (1881).
SACCONI, L. A. *Não erre mais!* 4. ed. São Paulo, Moderna, 1979.
_____. *Nossa gramática – Teoria e prática*. São Paulo, Atual, 1999.
SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral.* São Paulo, Cultrix & Edusp, 1969.
SILVEIRA BUENO, F. *Estudos de filologia portuguesa.* 6. ed. São Paulo, Saraiva, 1967.
_____. *Antologia arcaica.* 2. ed. São Paulo, Saraiva, 1968.
SILVEIRA, S. *Lições de português*. 9. ed. Rio de Janeiro, Presença, 1983.
TERRA, E. *Curso prático de gramática*. 4. ed. São Paulo, Scipione, 2002.
TORRES, A. A. *Moderna gramática expositiva da língua portuguesa*. 14 ed. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1962.

Mensagem final

Nenhum livro irá substituir os grandes nomes dessa bibliografia, portanto, concurseiro e, principalmente, você, professor, tenham alguns deles em sua biblioteca, a fim de fazer consultas na íntegra. Esta dica é valiosa, pois certamente você precisará do Bechara, do Cegalla, do Celso Cunha, do Celso P. Luft, do Rocha Lima, do Napoleão Mendes de Almeida e do Ulisses Infante, pelo menos, para elaborar possíveis recursos contra questões polêmicas ou mal formuladas pelas bancas da vida. Não existe simpatia para passar em concurso. O segredo é simples: **estudar**! Muito sucesso em sua jornada... *Brasil!*

Gabarito Comentado

Capítulo 1
Gabarito

1 – **A**. A palavra *transoceânico* apresenta o prefixo **trans** – seguido de vogal. Segundo a regra, separamos a última consoante do prefixo que se une à vogal seguinte. Logo, a separação correta é *tran-so-ce-â-ni-co*. Lembre-se disto: toda sílaba apresenta apenas uma vogal.

2 – **D**. A única palavra que apresenta a letra X com som de Z, como em exame, é exequível. Esta palavra, de acordo com a nova ortografia, perdeu o trema.

3 – **B**. Partindo do princípio de que toda sílaba tem uma vogal, o falante intuitivamente consegue separar as sílabas de uma palavra desde que ela seja pronunciada pausadamente. No entanto, há algumas regras para a separação adequada. Na palavra *expressão*, o dígrafo SS se separa. Na palavra *língua*, o ditongo UA não se separa. Por fim, na palavra *fora*, há duas sílabas, pois há duas vogais.

4 – **A**. A única palavra que é paroxítona, mas não apresenta o mesmo número de sílabas é *gratuito* (trissílaba). As demais são polissílabas. Esta questão é aparentemente fácil, mas a *brincadeira* está em suscitar dúvida no candidato a respeito da pronúncia adequada, ou seja, é *GRA-TUI-TO* ou *GRA-TU-I-TO*? Se fosse a segunda opção, não haveria resposta, mas a pronúncia adequada, sem silabada (deslocamento da sílaba tônica), é *GRA-TUI-TO*, como *IN-TUI-TO*, *FOR-TUI-TO* etc. Cuidado com a palavra *silencio* (verbo), que é diferente de *silêncio* (substantivo). Esta é considerada comumente como trissílaba (*si-lên-cio*), mas aquela é polissílaba (*si-len-ci-o*).

5 – **B**. Olha aí! Eu não avisei? Cuidado! Na palavra *cinquentão*, o "homem da banca" diz que há dois encontros consonantais, tentando lhe dar uma *pernada*! A pegadinha é fazer você errar por pensar que há encontro consonantal em *ciNQueNTão*. Não obstante, conforme eu já havia alertado, não confunda encontro consonantal com dígrafo vocálico. Este N não é uma consoante, mas sim uma marca de nasalização (como um ~) que nasaliza a vogal anterior, formando um dígrafo vocálico.

6 – **A**. Quase você marcou a letra D, não foi? O problema é que a palavra *pretenCioso* não existe! O que existe é *pretenSioso*, que vem de *pretenSão*. Bem, a opção A (*seriíssimo*) é a correta. De fato, a antepenúltima sílaba é tônica (palavra proparoxítona), apresenta um hiato (*se-rI-Í-si-mo*) e um dígrafo (*seriíSSimo*).

7 – **C**. Há dígrafos consonantais e vocálicos. Ambos são constituídos de duas letras que representam apenas um fonema. Logo, isso ocorre em *baiRRo* e *maraviLHosa* (dígrafos consonantais).

8 – **B**. Há dígrafos consonantais em *naSCer* e *eXCeto*.

9 – **C**. A palavra *RorAIma* é trissílaba e apresenta um ditongo decrescente (V+SV), logo a separação correta dela é *Ro-rai-ma*.

10 – **A**. Em *desperdí**c**io* e *desperdi**ç**amos*, tanto a letra C como Ç têm som de SS. No entanto, em ***j**úbilo* e ***g**argalo*, a letra J e G não têm o mesmo som; a letra G só tem som de J quando seguida de E ou I. Em *produ**ç**ão* e *do**s**es*, o Ç tem som distinto de S, que neste caso tem som de Z. Em ***r**eservamos* e *bu**r**ocracia*, o primeiro R tem som de RR, o segundo R não. Em ***exc**essos* e ***x**ampu*, o dígrafo XC tem som de SS e o X tem som de CH.

11 – **B**. O encontro consonantal CÇ é separável, portanto a separação de *convicção* está correta. A separação de *abstrato* está errada, pois quando há um grupo de consoantes no meio da palavra, separamos entre a última e a penúltima; isso só não ocorre nesta palavra, pois o encontro TR é perfeito, portanto inseparável; daí que separamos entre a antepenúltima e a penúltima consoante: *abs-tra-to*. Em trans*parência*, o prefixo seguido de consoante não é separável: *trans-pa-rên*-cia (separação comum, como paroxítona) ou *trans-pa-rên*-ci-a (separação rara, como proparoxítona). Por fim, em *nascimento*, a separação está correta, pois separa-se o dígrafo SC.

12 – **INCORRETA**. A palavra *adjacentes* se separa assim: *ad-ja-cen-tes*. Isso ocorre porque o prefixo AD, seguido de consoante, não se separa, como em *ad-je-ti-vo*.

13 – **C**. Em *a*br*i*, há encontro de consoantes (BR). Em *o*lh*os*, há dígrafo consonantal (LH). Em *qu*a*ntidade*, há ditongo crescente (SV+V). Em *depar*ei, há ditongo decrescente (V+SV). Em *entr*ea*bri*, há hiato (V—V).

14 – **D**. Em *m*eu*s*, há ditongo decrescente (V+SV). Em *pia*v*am*, há hiato (V—V). Em *p*ai, há ditongo decrescente (V+SV).

15 – **ERRADO**. O som do X em *encaixar, engraxar* e *luxo* equivale a CH, mas em *asfixia* o X tem som de KS.

16 – **CERTO**. Em *testosterona*, o encontro consonantal é imperfeito, por isso se separa. Em *neurologista*, o ditongo não se separa, e o encontro consonantal imperfeito se separa. Em *pudéssemos*, o dígrafo consonantal (SS) se separa. Em *saberí**a**mos*, as vogais que formam o hiato obviamente se separam.

17 – **C**. A palavra *Rosinha* tem três vogais, logo tem três sílabas: *Ro-si-nha*. Lembre-se de que o dígrafo NH é inseparável.

18 – **C**. Há 6 letras e 4 fonemas em *guerra*, pois há dois dígrafos (duas letras = um fonema):

GU e RR.

19 – **D**. Olha aí o "homem da banca" querendo enganar o desavisado (que não é você, espero!). Na palavra *discussões*, o SC não é um dígrafo consonantal, pois tanto S como C são pronunciados. É diferente de *miSCigenação*, dígrafo de fato. Note que em *discussões* o S tem som de S e o C tem som de K. Cuidado, hein!

20 – **D**. Em *Senhor*, há um dígrafo consonantal: NH. Simples assim.

21 – **C**. Em *Paraíso*, há um hiato: A-Í. Dava para errar?

22 – **B**. Palavras proparoxítonas são aquelas que apresentam a antepenúltima sílaba tônica: *PÚblicas, pedaGÓgico, FÍsica*.

23 – **A**. Há apenas um encontro vocálico na palavra *Relatór*io*s*, um ditongo crescente oral. Caso você tenha visto um hiato na palavra, não há problema, pois muitos gramáticos entendem que se pode interpretar palavras desse tipo como proparoxítonas eventuais ou acidentais, terminando em hiato: *Re-la-tó-ri-os*. No entanto, a análise comum é encarar tais palavras como paroxítonas terminadas em ditongo: *Re-la-**tó**-*rios.

24 – **C**. Na palavra *barriga*, as letras RR constituem um dígrafo, ou seja, duas letras escritas em sequência, representando um único som (fonema).

25 – A. Um ditongo oral crescente é a união de uma semivogal (SV) seguida de uma vogal (V) na mesma sílaba, sem o sinal gráfico til (~) ou qualquer outra marca de nasalização (**m** ou **n**). Por isso, a palavra água corresponde à informação anterior, uma vez que UA é um encontro vocálico que apresenta uma SV + V na mesma sílaba (á-g***ua***). Foi?

26 – **E**. Separam-se os encontros consonantais imperfeitos, principalmente no meio das palavras, por isso *plástico* deve ser separado silabicamente assim: *plás-ti-co*. Já *contribuir* é separado pela regra de separação dos hiatos (vogal separada de vogal): *con-tri-bu-ir*. A palavra *avaliar* segue a mesma regra de *contribuir*, daí o erro em sua separação.

27 – **B**. Na palavra *horrores*, as letras RR constituem um dígrafo, ou seja, duas letras escritas em sequência, representando um único som (fonema).

28 – **E**. A palavra *trás* apresenta o encontro de duas consoantes (tr); *pequeno*, um dígrafo (qu); *mulherzinha*, dois dígrafos (lh e nh). Tranquilo, não?

29 – **D**. A palavra *consuMISmo* é tão paroxítona quanto *TÊnis*, pois ambas apresentam a penúltima sílaba tônica.

30 – **E**. A palavra *Saúde* é trissílaba, pois apresenta três vogais: *SA-**Ú**-DE*.

31 – **B**. Em *enigma*, há um encontro consonantal imperfeito, por isso separável (*e-ni**g-m**a*). Em *prorrogar*, há um dígrafo consonantal separável (RR): *pro**r-r**o-gar*. Em *canário*, há um ditongo crescente (inseparável, é claro, a não ser que se queira interpretar a palavra como uma proparoxítona terminada em hiato; isso não é o comum, entretanto): *ca-ná-r**io***. Em *incontestável*, separa-se o encontro consonantal imperfeito: *in-con-te**s-t**á-vel*. Em *europeia* (sem acento de acordo com a nova reforma ortográfica), separa-se o ditongo do falso hiato: *eu-ro-p**ei-a*** (nesta palavra não há um tritongo, pois este é formado por SV+V+SV, o que não é o caso de *europeia*, que termina em V+SV+V). Em *iguais*, sim, há tritongo: *i-g**uai**s*.

32 – Primeira afirmação: **CORRETA**. Há no primeiro balãozinho hiato (*especi**-al***) e encontro consonantal (*e**sp**ecial*). Segunda afirmação: **INCORRETA**. Em *colég**io*** e *obrigatór**io***, há ditongos crescentes orais (SV+V), e não decrescentes orais (V+SV).

33 – B. Todas as letras são contadas como fonemas, exceto o "n", que nasaliza o encontro vocálico anterior (= uã).

34 – B. Possui dígrafo (SS) e hiato (O-A). É uma paroxítona, pois a penúltima sílaba é tônica. É trissílaba, pois apresenta três vogais (*pes-so-a*).

35 – D. O encontro vocálico "ua", em "quatro", é ditongo oral crescente, pois apresenta SV + V.

Capítulo 2
Gabarito

1 – D. Adaptei esta questão de 2005 para que você conheça um pouco mais sobre uso do hífen consoante a nova reforma ortográfica, beleza? Vamos lá! Em *extraoficial*, o prefixo terminado em vogal (extra) diante de vogal diferente (oficial) se une sem hífen. Em *antessala, contrassenso, ultrarrealismo e contrarregra*, o prefixo terminado em vogal (ante, contra, ultra e contra) se une a uma palavra iniciada por R ou S (sala, senso, realismo, regra), de modo que o R e o S se duplicam. Levando em conta tudo isso, as palavras *extraoficial, antessala, contrassenso, ultrarrealismo, contrarregra* se encontram corretamente grafadas.

2 – E. Bastante interessante esta questão, pois são trabalhados os conhecimentos de concordância do sujeito composto deslocado e acentuação gráfica do verbo *vir*, o qual, na 3ª pessoa do plural, recebe acento circunflexo (o mesmo ocorre com o verbo *ter*). A regra de concordância do sujeito composto diz o seguinte: quando o sujeito composto vier posposto ao verbo, este pode concordar com o núcleo mais próximo do sujeito. Sendo assim, se retirássemos o acento circunflexo da forma "vêm" (na 3ª pessoa do plural, usa-se tal acento), não haveria erro, pois o verbo poderia ficar no singular concordando com o núcleo mais próximo (compreensão).

3 – CERTO. Todas as palavras recebem acento gráfico obrigatório por serem proparoxítonas.

4 – CERTO. As formas verbais *pode* (presente do indicativo) e *pôde* (pretérito perfeito do indicativo) se opõem pelo uso do acento circunflexo diferencial. Isso não mudou na nova reforma ortográfica.

5 – INCORRETA. É preciso haver esta correção ortográfica: "Nenhuma distância dilui o afeto, pelo contrário: o reconhecimento da amada longeva avizinha-a (de vizinho, vizinhança) de nós, fá-la mais próxima que nunca." Como o capítulo trata de Acentuação Gráfica, vamos a ela: o ***fá*** (de fá-la) é acentuado por se tratar de monossílaba tônica terminada em **-a**. Lembra-se de que devemos ignorar o pronome oblíquo átono (-la)?

6 – B. O Novo Acordo Ortográfico (assinado em 2009) retirou o acento agudo dos ditongos abertos **ei** e **oi** das palavras paroxítonas: espermatozoide, epopeia, apoio (não confunda com apoio,— substantivo), colmeia (existe a forma variante "colmeia" (com timbre fechado e sem acento), joia e assembleia. Vale lembrar, por exemplo, que as palavras "destróier e Méier" permanecem acentuadas por se enquadrarem na regra das paroxítonas terminadas em **-r**. Ainda: o acento agudo permanece nos ditongos abertos das palavras oxítonas e monossílabas (mói, céu, constrói, troféu). Segundo as novas regras ortográficas, não se usa mais o acento

circunflexo nos vocábulos terminados em **-oo** e **-eem** (abençoo, enjoo, eles veem, eles entreveem). Por fim, a nova reforma retirou o trema das palavras que apresentam os grupos **-gue**, **-gui**, **-que**, **-qui**, com U pronunciado (linguiça, tranquilo, aguentar, linguística, bilíngue) — entretanto, ele permanece em nomes de origem estrangeira (e derivados): Hübner, hübneriano, Müller, mülleriano. Nos acentos diferenciais, houve certas mudanças: *polo* não tem mais acento. Na regra dos hiatos I e U após ditongo decrescente (vogal + semivogal), em que eram acentuados com acento agudo, houve mudança: *feiúra* > ***feiura*** (forma atual). Por essas razões, ficamos com "epopeia – voo – tranquilo – constrói".

7 – ERRADO. O verbo *ter* deveria ficar com acento circunflexo (têm), uma vez que está na 3ª pessoa do plural. Lembrou-se da regra dos verbos *vir* e *ter* na 3ª pessoa do plural? Basta ver o núcleo do sujeito: "Todas as línguas indígenas em terras brasileiras". Logo, o trecho deveria ser reescrito para se adequar à norma culta escrita: "Todas as línguas indígenas em terras brasileiras **têm** menos de 40 mil falantes...". Tranquilinha, não?

8 – INCORRETA. O verbo derivado de ter (obter) está acentuado por ser oxítona terminada em **-em**; até aí nada de mais. Porém, meu nobre, lembra-se das regras de "vir" e "ter"? Na 3ª pessoa do plural, *vir*, *ter* e seus derivados recebem acento circunflexo, logo, deveria ser *obtêm*, concordando com o sujeito "os consumidores". Cuidado!

9 – INCORRETA. A forma verbal com o pronome oblíquo "exclui-lo" deveria ter sido acentuada, pois a vogal **i** forma um hiato com a vogal **u**, logo... regra do hiato, meu nobre. Assim deveria estar: *ex-clu*-Í-*lo*.

10 – Ambas **INCORRETAs**. Na primeira frase, o verbo deveria ser *constr*ói-*se* (regra dos ditongos abertos éi, éu, **ói**). Na segunda frase, a palavra *patrimônio* deveria ter acento, pois é uma paroxítona terminada em ditongo crescente. Moleza.

11 – Ambas **INCORRETAs**. Na primeira frase, "O espaço era exiguo (escreve-se ***exíguo*** por se tratar de uma paroxítona terminada em ditongo crescente), à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear (***granjear***, pois vem de *granja*) a simpatia do padre inflingindo-lhe (***infligindo***, pois vem de *infligir*) pratos que excitavam sua gula". Na segunda frase, o certo é ***ojeriza***, e em *ferí-lo* há um erro de acentuação, pois somente as oxítonas terminadas em -a(s), -e(s), -o(s), -em(ens) recebem acento; por isso, deveria ser tão somente ***feri-lo***.

12 – Ambas **INCORRETAs**. Na primeira frase, deveria haver esta correção ortográfica: "É o caso de se por (pôr; o verbo ainda leva acento diferencial) em discussão se ele realmente crê na veracidade dos dados". Na segunda frase, deveria haver estas correções ortográficas: "Enquanto construimos (*constru*-í-*mos*; regra do hiato) esta ala, eles constroem a reservada

aos aparelhos de rejuvenecimento (*rejuvenescimento*; vem de *rejuvenescer*)".

13 – A. Na letra A, as palavras são obrigatoriamente acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente. Na letra B, as duas primeiras palavras (*elétrica* e *hidráulica*) são proparoxítonas (e todas as proparoxítonas são acentuadas); já a última (*responsáveis*) é paroxítona terminada em ditongo decrescente. Na letra C, as duas primeiras (*sérios* e *potência*) são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente; já a última (*após*) é oxítona terminada em **-o(s)**. Na letra D, a primeira (*Goiás*) é acentuada por ser oxítona terminada em **-a(s)**, a segunda (já) é acentuada por ser monossílaba tônica terminada em **-a**, a terceira (*vários*) é acentuada por ser paroxítona terminada em ditongo crescente. Na letra E, as duas primeiras palavras (*solidária* e área) são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente; a última (*após*) é acentuada por ser oxítona terminada em **-o(s)**.

14 – E. Na letra A, o vocábulo *que* é tônico em fim de frase (assim como o *quê* da expressão *por quê*), portanto deveria ser acentuado (***quê***), afinal, monossílabos tônicos terminados em **-a(s), -e(s), -o(s)** são acentuados. A frase deveria estar escrita assim: "Ele se esqueceu de ***quê***?". Na letra B, *ruím* está escrito erradamente, pois é uma palavra oxítona, ou seja, apresenta a última sílaba tônica. E, segundo a regra das oxítonas, só são acentuadas as que terminam em **-a(s), -e(s), -o(s), -em(ens)**. Ainda: caso você pensasse na regra dos hiatos, ou seja, aquela regra que diz que o **i** e o **u**, seguidos ou não de **s** na mesma sílaba, são acentuados quando formam hiatos, a palavra *ruím* estaria mesmo assim errada, pois o **i** é seguido de letra diferente de **s** (*ru-**im***), logo não cabe o acento agudo de jeito nenhum. Em *distribui-lo*, a regra do hiato tinha de ser levada em conta; note a separação silábica: *dis-tri-bu-Í-lo*. Na letra C, a palavra *devessemos* deveria receber acento, pois é uma proparoxítona (antepenúltima sílaba tônica). Todas as proparoxítonas são acentuadas! Na letra D, a regra do hiato foi mal aplicada, pois *juiz* não leva acento, uma vez que após o **i** se segue a letra **z**, e não **s**. Portanto, *juiz* nunca é acentuado! Na letra E, a expressão "por que" não é acentuada, pois equivale a "por que razão/motivo". Só seria acentuada se fosse antes de pontuação ou em fim de frase: Você vai? Por ***quê***? Não queira saber por ***quê***.

15 – E. Na letra A, o verbo *ter* está na 3ª pessoa do plural, por isso recebe acento circunflexo. Na letra B, a regra do hiato se aplica: *ru-Í-nas*. Na letra C, o verbo derivado de *vir, provir*, recebe acento agudo devido à regra das oxítonas terminadas em **-em** (*provém*). Se estivesse no plural, seria *provêm*. Na letra D, a regra dos ditongos abertos se aplica: *lençóis*. Só não se usa mais esse acento em palavras paroxítonas (exceto em *Méier* e *destróier*, que seguem a regra das paroxítonas terminadas em **-r**). Na letra E, paroxítona terminada em **-ens** não é acentuada! Por isso o certo é ***itens***, sem acento.

16 – D. Usa-se ***vê***, pois o verbo está na 3ª pessoa do singular, concordando com o núcleo do sujeito "chefe". Se o núcleo do sujeito estivesse no plural, aí escreveríamos (de acordo com a nova ortografia) como está na letra B: ***veem*** (sem acento agora!). Olha aí mais uma questãozinha de nova ortografia!

17 – CERTO. As palavras ***têxtil (têx**-til)* e ***pênsil (pên**-sil)* são paroxítonas terminadas em **-l**, por isso o acento é obrigatório. Se forem ao plural, continuarão sendo acentuadas obrigatoriamente, pois serão terminadas em ditongo, seguido de desinência de plural **-s**: ***têx-teis** e **pên-seis***. Talvez esta questão gerasse certa dificuldade envolvendo a forma plural de *pênsil*. Mas saiba que os substantivos oxítonos terminados em **-il** recebem um **-s** no lugar do **-l**; os substantivos paroxítonos terminados em **-il** recebem a terminação **-eis** no lugar de **-il**. Ou seja, *barril > barris; fóssil > fósseis*. Safo? As palavras *obsolescência (ob-so-les-**cên**-cia)* e *ciência (ci-**ên**-cia)* são paroxítonas terminadas em ditongo crescente. Logo, são obrigatoriamente acentuadas. Tanto em *déspotas (**dés**-po-tas)* como em *déspota*, o acento é obrigatório, pois a palavra é proparoxítona (antepenúltima sílaba tônica); independente de estar ou não no plural, nada muda quanto ao uso do acento neste caso.

18 – ERRADO. As palavras não são acentuadas pela mesma regra: *ônibus (**ô**-ni-bus)* é proparoxítona. Todas as proparoxítonas são acentuadas sempre! Já *invioláveis* é paroxítona terminada em ditongo decrescente *(in-vi-o-**lá**-v*eis*)*. O **-s** é só uma desinência de plural.

19 – CERTO. Ambas as palavras são proparoxítonas (*a-na-**lí**-ti-ca* e *te-**rí**-a-mos*), logo são obrigatoriamente acentuadas!

20 – ERRADO. O vocábulo *países (pa*-í-*ses)* é acentuado pela regra do hiato. Já o vocábulo áreas *(*á-*reas)* é acentuado pela regra das paroxítonas terminadas em ditongo.

21 – CERTO. Ambas as palavras são obrigatoriamente acentuadas por serem proparoxítonas!

22 – ERRADO. Os primeiros vocábulos (*es-pé-cies/di-fí-ceis*) são acentuados por serem paroxítonos terminados em ditongo crescente. Já a palavra *históricas* é acentuada por ser proparoxítona.

23 – INCORRETA. As palavras *ninguém*, *pé*, *você* **não** são acentuadas pela mesma razão, porque a primeira é oxítona terminada em **-em**; a segunda é um monossílabo tônico terminado em **-e**; a terceira, uma oxítona terminada em **-e**.

24 – INCORRETA. As palavras *ponderará*, *informática* e *possuía* **não** são acentuadas pela mesma razão. A primeira é oxítona terminada em **a**, e a segunda é proparoxítona (todas são acentuadas), e a última é acentuada pela regra dos hiatos (**i** e **u**), seguidos ou não de **s**.

25 – D. Esta é uma aula de uso do hífen, segundo a nova ortografia. Em todas as afirmações, o hífen deve ser utilizado, exceto em palavras formadas por prefixo terminado em vogal quando o segundo elemento começa por **r** ou **s**, como diz a letra D. Exemplo: antirrugas, infrassom.

26 – D. As palavras *heróico, onomatopéico e platéia* tinham acento por apresentarem ditongos abertos, mas a nova reforma ortográfica aboliu o acento agudo nos ditongos abertos de palavras paroxítonas, logo o certo agora é: *heroico, onomatopeico, plateia*.

27 – CORRETA. Olha aí a questão fresquinha de paroxítona terminada em ditongo crescente, que pode ser uma proparoxítona eventual ou relativa! Ou seja, *pa-ci-ên-cia* (paroxítona terminada em ditongo crescente) ou *pa-ci-ên-ci-a* (proparoxítona eventual ou relativa).

28 – A. A palavra *substituído* é acentuada pela regra dos hiatos (*subs-ti-tu-*Í*-do*), diferentemente das demais, que são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente (polícia, jurisprudência, saqueável).

29 – E. A palavra *armazém* é acentuada por ser oxítona terminada em **-em**. A palavra órgão é acentuada por ser paroxítona terminada em ditongo decrescente **-ão(s)**. A palavra *caráter* é acentuada por ser paroxítona terminada em **-r**. Eu não queria comentar, mas meus dedos coçam... sentiu a maldade na palavra *magoa*. Ela pode ou não ser acentuada: ***má**goa* (substantivo) e *ma**go**a* (verbo).

30 – INCORRETA. Não se usa mais (segundo a nova ortografia) o acento agudo no **u** tônico das formas (tu) *arguis*, (ele) *argui*, (eles) *arguem*, do presente do indicativo do verbo *arguir*. Nunca se usou, além disso, acento agudo ou trema em *argúo*. O certo é: *eu* **arguo**, *tu* **arguis**, *ele* **argui**, *nós* **arguimos**, *vós* **arguis**, *eles* **arguem**.

31 – INCORRETA. Faltou à frase um acento agudo na forma verbal *mantém*, oxítona terminada em **-em**. Só de curiosidade: como o verbo *manter* é derivado do verbo *ter*, no plural a forma seria: *mantêm*. Ok?

32 – INCORRETA. O verbo ***vir*** está no singular e concorda com o núcleo do sujeito "uma" (uma das quais), por isso não pode vir acentuado pelo acento circunflexo. Os verbos ***vir*** e ***ter*** só recebem acento circunflexo se estiverem na 3ª pessoa do plural. Deveria ser assim: "... ***uma*** das quais... ***vem*** merecendo...".

33 – E. Se o prefixo estiver terminado em vogal seguida de palavra iniciada por **s**, o **s** duplica. Logo, antissemita é a forma correta!

34 – CERTO. São todas paroxítonas terminadas em ditongo crescente, por isso o acento.

35 – ERRADO. A primeira palavra é paroxítona terminada em ditongo decrescente nasal e a

segunda é proparoxítona, logo não seguem a mesma regra de acentuação.

36 – CERTO. Todas são oxítonas terminadas em **a**, logo são obrigatoriamente acentuadas: comunicá-las, ensiná-las, comandá-las.

37 – E. Todas as palavras são acentuadas pela regra dos hiatos tônicos (**i** e **u**).

38 – A. A pronúncia correta é *misTER*, oxítona, que significa normalmente incumbência ou necessidade. As demais são paroxítonas, como a*VAro: filanTROpo, graTUIto, maquinaRIa, iBEro*.

39 – A. A palavra *por* é uma preposição e a palavra *pôr* é um verbo. Eis o papel do acento diferencial.

40 – E. De acordo com a nova regra dos ditongos abertos, *ideia* não mais tem acento.

41 – D. *Angústia* (substantivo), *angustia* (flexão do verbo angustiar); *crítica* (substantivo), *critica* (flexão do verbo criticar); *análise* (substantivo), *analise* (flexão do verbo analisar); *escritório* (substantivo). Não existe *escritorio*, do verbo *escritoriar*, porque esse verbo não existe! Questão bonitinha!

Capítulo 3
Gabarito

1 – B. Há incorreção na letra A, pois "infringir" é cometer infração e "infligir" (este, sim, está certo no contexto) significa aplicar uma pena. Na letra C, está incorreta a escrita da palavra "homogeinizar" (homogêneo + izar), deveria ser homogene**i**zar (Lembra-se do I após o 'e' em palavras terminadas em 'eo'?). Na letra D, "iminente" é prestes a acontecer e 'eminente' (este, sim, está certo) significa superior, elevado, importante. Na letra E, 'aferir' é medir e 'auferir' (esta, sim, é a forma certa) equivale a obter (lucro).

2 – A. O vocábulo "perspassa" não existe, mas sua proximidade na forma com "perspicácia e perspectiva" faz o candidato cometer um equívoco. O certo é ***perpassa***. Esse é o único erro de grafia no texto. Em "simultaneidade", há uma derivação de "simultâneo", em que a letra **I** aparece no lugar da letra **O** antes do sufixo **-dade**. Perfeito! Sobre "espectador", você talvez tenha ficado na dúvida com o homônimo homófono "expectador", não? Segundo o Manual da PUC-RS: "Espectador – o que observa um ato" e "Expectador – o que tem expectativa". Logo está certo!

3 – D. Em A, **avareza** (avaro + eza). Em B, **aprazível** (mesmo radical que prazer). Em C, escreve-se **razão**. Em E, **cafezal** (café + z + al).

4 – B. A: catequese. C: analisar. D: deleitoso. E: catálise.

5 – B. A: manteigueira. C: meritíssimo. D: intitulado. E: beneficente.

6 – ERRADO. O verbo **viger** está conjugado errado. Houve um erro em sua grafia. No pretérito perfeito do indicativo, esse verbo é conjugado assim: eu vigi, tu vigeste, ele **vigeu**, nós vigemos, vós vigestes, eles vigeram. Portanto, o texto deveria ser reescrito com a forma *vigeu* em vez de *vigiu*.

7 – B. Escrevemos com **S** os verbos terminados em **-isar**, quando a palavra primitiva já possuir **S** no radical: ParaliSia = Parali**S**ar.

8 – CERTO. Os vocábulos *imundície, imundice* e *imundícia* são formas variantes.

9 – E. Na letra A, deveria haver estas correções ortográficas: "Intervensões (Intervenções) governamentais massiças (maciças) e até agora sem precedentes não conseguiram conter os impactos da crise financeira em diversos países.". Não confunda precedente (anteceder) com procedente (origem). Na letra B, deveria haver estas correções ortográficas: "A permanência e a gravidade dos desdobramentos da crise financeira deicham (Nossa! Essa foi forte! Preciso dizer que se escreve DEIXAM?) dúvidas e originam expeculações (especulações) em todo o

mundo.”. Na letra C, deveria haver estas correções ortográficas: “A ganância por lucros cada vez maiores fez com que os riscos dos investimentos crecessem (cre**sc**essem, que vem de cre**sc**er) esponencialmente (e**x**ponencialmente, que vem de e**x**ponencial) no mercado financeiro.”. Na letra D, deveria haver estas correções ortográficas: “A excessiva circulação de instrumentos financeiros imbutia (embutia) imenço (imenso) potencial de perigos redundando, como se viu, em enormes prejuízos.”.

10 – D. Observe: “O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.” Se *descriminar* (daí *descriminado*) significa “considerar ou declarar inocente; tirar a culpa; absolver; inocentar”, ***indescriminado*** só pode ser o oposto. Mas este sentido não cabe no contexto. O certo seria “O desmatamento indiscriminado...”, ou seja, “sem controle, sem ordem, sem critério etc.; descontrolado, desordenado, desregrado etc.”. A palavra *estenso* não existe, mas sim ***extenso***.

11 – E. Na letra A, deve ser ***conteve***, e não *conteu*, porque a conjugação do verbo *conter* (derivado do verbo ter) neste caso (pretérito perfeito do indicativo) é assim: eu contive, tu contiveste, ele **conteve**, nós contivemos, vós contivestes, eles contiveram. Na letra B, não é *esmore*sc*iam*, mas ***esmorec*iam**, derivado de esmorecer. Na letra C, *pr*E*vilegiasse* é dose! É prIvilégio, prI, ***prIvilegiasse***. Safo? Uma letrinha pode acabar com a vida de uma pessoa. Na letra D, é ***titubEaram***, e não *titubiaram*, porque a palavra correta vem de ti-tu-b**e**-ar.

12 – A. Algumas pessoas pronunciam a palavra ***prazeroso*** assim: *prazeiroso*. Isso acaba influenciando sua escrita. Cuidado! Veja as formas corretas agora. Em B: abstenÇão. Em C: aviZinha. Em D: excluI. Em E: obCecados e goZosa.

13 – B. Vejamos: impreSCindíveis (vem de preSCindir), obseSSão (vem de obSED(I)AR), deserÇão (vem de deserTAR, deserTOR), baliZadores (vem de baliZa).

14 – INCORRETA. O verbo ***construir*** termina em **-uir**, logo, na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, se escreve com a letra **I**, e não com **E** (***constroe*** está errado). Portanto, o certo é: “Constrói-se o espaço...”. Não se esqueça também do acento agudo, seguindo a regra dos ditongos abertos (éi, éu, ói, em palavras não paroxítonas).

15 – CERTO. As expressões “Império Romano” e “Revolução Francesa” são escritas com letra maiúscula, pois, respectivamente, referem-se a **instituições (acadêmicas ou não), períodos notáveis, acontecimentos (históricos ou não)**. Já “Cristianismo” pode ser escrito também com minúscula (cristianismo). **Nos nomes de leis, decretos, atos ou diplomas oficiais, a letra maiúscula deve ser usada, por isso está correta a escrita de** “Lei no 8.888/1998”.

16 – A. Atente para as seguintes palavras da letra A (decore-as): ***reminiscências, esdrúxulas, exorbitava***. Sobre ***iguaizinhas***, talvez você tenha ficado em dúvida. Estou errado? Bem, a palavra está correta mesmo, porque o plural diminutivo de uma palavra é feito assim: igual > iguais > iguai + (z)inhas > iguaizinhas. *Voilà*! Na letra B, "O espaço era exíguo (escreve-se ***exíguo*** por se tratar de uma paroxítona terminada em ditongo crescente), à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear (***granjear***, pois vem de *granja*) a simpatia do padre inflingindo-lhe (***infligindo***, pois vem de *infligir*) pratos que excitavam sua gula.". Na letra C, o certo é ***descansar***, de *descanso*. Na letra D, atenção para a palavra ***presunção*** (e não presunsão) e ***lisonjeiro*** mesmo (e não *lisongeiro* como alguns, infelizmente, escrevem). Na letra E, sobre ***ojeriza*** já falamos. Cuidado com ela! Em *ferí-lo* há um erro de acentuação, pois somente as oxítonas terminadas em -a, -e, -o, -em (e seus plurais) recebem acento; por isso, deveria ser tão somente *feri-lo*.

17 – A. Na letra B, deveria haver estas correções ortográficas: "A escursão (excursão) prometida não ocorreu, pois o número de interessados foi excessivo; mas até isso colaborou para o explendor (esplendor) da viagem, pois o desconto oferecido surpreendeu.". Na letra C, deveria haver estas correções ortográficas: "Casualmente encontraram-se no saguão; ela parecia advinhar (adivinhar) o que ele tinha a lhe dizer, por isso não lhe deu oportunidade de ser posta em cheque (xeque).". Na letra D, deveria haver estas correções ortográficas: "Considerou ultrage (ultraje (Lembra a banda?)) o comentário adivindo (advindo) do seu sucessor, mas, para preservar-se, abdicou de dar-lhe resposta à altura.". Na letra E, deveria haver estas correções ortográficas: "Com a dispensa (despensa; estas palavras são parônimas) abarrotada de produtos nobres, não exitou (hesitou) um minuto ao negar um jantar aos participantes do programa de inclusão social.".

18 – D. As palavras "assacinar", "almentar", "esibido" e "alcanse" não estão de acordo com a ortografia oficial. Segundo o VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa), encontrado no *site* da ABL (Academia Brasileira de Letras), as palavras devem ser grafadas assim: "assassinar", "aumentar", "exibido" e "alcance". Consulte bons dicionários, como Houaiss, Aulete e Aurélio.

19 – E. *Beneficiente* não existe, mas sim ***beneficente***. As demais alternativas apresentam as seguintes incorreções (a forma correta vem ao lado de cada uma): *sensasão/**sensação**; despezas/**despesas**; advinhou/**adivinhou**; impecilhos/**empecilhos***.

20 – D. Na letra A, algumas formas dos verbos terminados em **air**, **oer**, **uir**: *atrai (de atrair), dói (de doer), influi (influir), **possui** (de possuir)...* mantêm a letra I na sua conjugação. Portanto, ***possue*** é um erro! Na letra B, as formas corretas são ***advento*** e ***imensa***. Memória

visual. Na letra C, as formas corretas são ***escassez*** (substantivo abstrato derivado do adjetivo *escasso*) e ***o porquê*** (vou explicar essa expressão no próximo capítulo). Na letra E, as formas corretas são ***descomunal*** e ***consolidação***. Essas duas palavras até se explicam pelas regras ortográficas: a palavra *descomunal* significa fora do comum, o que não é comum, portanto usa-se o prefixo **des**, que carrega o sentido de oposição, ausência; ok? Agora, em *consolidação*, que significa ato de consolidar, o sufixo ção é responsável por "transformar" um verbo (consolidar) em substantivo abstrato (consolidação). Moleza!

21 – E. A palavra *ascenção* não existe, mas sim ***ascensão***. Derivado do verbo ascender, que tem **-nd** no radical, a palavra se escreve com ***-s***. Já ia me esquecendo da palavra ***expressivo***; bem, o S entre vogais tem som de **Z**, portanto é preciso um outro **S** (daí o duplo **S — SS**) para que, na escrita, o som da palavra lida corresponda ao som correto (na fala).

22 – C. Talvez a única palavra que provocasse dúvidas em você seria ***estresse***, que vem do inglês *stress* (com dois *esses*) e se manteve na escrita portuguesa, com leve alteração. Tenho certeza de que você acertou essa. Bem, na letra A, as palavras corretas são ***carboidratos*** e ***nível***. Esta última se acentua porque é paroxítona terminada em **l**. Na letra B, ***concentraÇão*** vem de *concentrar*. Na letra D, há uma regra do dígrafo SS que diz que, em verbos terminados em **primir, meter, mitir, cutir, ceder, gredir**... usa-se o **SS**: ***excess***o (ex***ceder)***, ***impress***ão (de im***primir)***, ***depress***ão (de de***primir)***... E ***nocivo*** é escrito com **C** por causa da etimologia (origem da palavra), vem desde o latim com **C**. Na letra E, a palavra ***toxinas*** **não é acentuada por se tratar de uma paroxítona terminada em -a(s)**. E há aquele famoso caso do ***mal/mau***. Segue a regra: a forma "mal" pode ser um substantivo, um advérbio (antônimo de 'bem') ou uma conjunção subordinativa temporal (equivalendo a 'logo que', 'assim que'). "Mau" pode ser um substantivo ou um adjetivo (equivalendo a 'bom'). Logo deve ser "mal".

23 – A. Talvez você ficasse em dúvida na palavra ***viajem***, pois também existe a palavra ***viagem***. São palavras homônimas homófonas, ou seja, apresentam grafia diferente, mas som igual. A palavra ***viagem*** é um substantivo (Fiz uma viagem longa.). Já a palavra ***viajem*** é um verbo na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo. Sobre ***excesso*** (de exceder) eu já falei, e você já está escaldado. Vale lembrar, porém, que ***exceção*** é com Ç. Na letra B, há duas palavras erradas: ***deslises*** e ***cheque***. As formas corretas, no contexto, são ***deslizes*** e ***xeque***. Existe a palavra *cheque*, mas não cabe neste contexto; já a palavra *xeque* é adequada, pois significa "situação que representa ameaça ou perigo; risco". Acho que vale a pena dizer, de novo, algo a respeito de *espontaneidade* e da palavra *cortês:* nas palavras terminadas em EO (espontâneo), acrescenta-se a vogal I e depois um sufixo (-dade): espontâneo > espontane**i**dade; em cortês, usa-se o *S* e não Z porque se trata de um adjetivo. Na letra C,

descançar é escrito com S, ***descansar***, *descanso, descansado...* A palavra ***frondoza*** é escrita com S, também desde o latim. As demais palavras estão corretas! Ah!, decore a palavra **ojeriza**, que não é hojeriza, nem hogeriza, nem hogerisa, nem ogeriza, nem ogerisa, nem ojerisa. Na letra D, não é *influe*, mas ***influi***, de verbos terminados em ***-uir***. Sobre *impecilho*, só tenho a dizer que tal palavra não existe, mas sim ***empecilho***, que é aquilo que empece, e vem de empecer, empeço etc. Na letra E, há algumas palavras interessantes e que são recorrentes em questões de ortografia em variadas provas de concurso público e militar; corrigi apenas as que estão seguidas das palavras corretas entre parênteses: "O diretor exitou (hesitou) ao aprovar a retenção (!) dessa alta quantia, mas não quiz (quis) ser taxado (cuidado com o parônimo tachado) de conivente na concessão (!) de privilégios (!) ilegítimos.". As seguidas de ! são interessantes, pois normalmente são escritas assim (para enrolar o candidato): *retensão*, *tachado* (esta forma está sempre em um contexto de depreciação; taxado nem sempre), *conceção* e *previlégios*.

24 – ERRADO. O erro está na forma verbal "basea-se"; deveria ser "baseia-se", com **I**. Isso ocorre porque os verbos terminados em **-ear** e **-iar** têm uma forma peculiar de grafia no momento em que são conjugados, como já vimos na teoria.

25 – ERRADO. A palavra "encalso" não existe; a grafia correta é "encalço", com ç; derivado regressivo de *encalçar*. Daí o uso do Ç.

26 – A. Os verbos terminados em **-ear** (recear, passear, nomear, sapatear e frear) recebem a letra **I** depois da letra **E** só na 1ª pessoa do singular, na 2ª pessoa do singular e na 3ª pessoa do singular e plural (no presente do indicativo e no presente do subjuntivo). Exemplo de conjugação no presente do indicativo e do subjuntivo do verbo nomear: **Eu nomeIo, Tu nomeIas, ele nomeIa, nós nomeamos, vós nomeais, eles nomeIam/Que eu nomeIe, tu nomeIes, ele nomeIe, nós nomeemos, vós nomeeis, eles nomeIem**. Como o verbo da letra A está na 3ª pessoa do plural do imperativo negativo, que é a cópia do presente do subjuntivo, recebe a letra **I** depois da letra **E**: **receiem**. Note que o verbo da B está no pretérito perfeito, por isso não recebe a letra **I**! Note que em C faltou a letra **I**, pois o verbo está na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo. Note que na D, faltou a letra **I**, pois o verbo está na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo. Por fim, faltou o **I**, pois o verbo está na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo.

27 – A. A regra é clara: nos substantivos derivados de verbo com **-mitir** no radical, usa-se -ss em sua formação. Daí que **admitir** > **admissão**. Corrigindo as demais: *distensão* (pois vem de distender, que tem **-nd** no radical); *discussão* (pois vem de discutir, que tem -cutir no radical); *exceção* (pois vem de exceto, que tem *-to* no radical); *extensão* (pois vem de estender, que tem -nd no radical).

28 – **C**. Veja as palavras escritas corretamente. Em A: intemperança. Em B: manusear e dispensa. Em D: disenteria. Em E: discricionário.

29 – **C**. Veja as palavras escritas corretamente. Em A: ***incidência*** (de incidir, incidente). Em B: ***beneficentes***. Em D: ***achincalhar*** e ***maledicência***. Em E: ***Viajem*** (verbo).

30 – **E**. Segundo a regra de ortografia da letra **Z**, o sufixo **izar** é usado quando não há **S** no radical das palavras. Portanto, "hospital + izar = hospitalizar", "civil + izar = civilizar" e "humano + izar = humanizar".

31 – **C**. **Despõem** e **Empacto?** Só pode ser brincadeira! O "homem da banca" pediu para você não errar a questão! O verbo *dIspor* se conjuga na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo, assim: "Poucos estudiosos se **dIspõem**...". Preciso explicar por que **Empacto** está errado? Até o Google me corrige: "Você quis dizer: ***impacto***".

32 – CERTO. Comentário correto e autoexplicativo.

33 – ERRADO. *Percentual* poderia ser reescrito como *porcentual*, pois é uma palavra com dupla grafia. O sentido é o mesmo. Já *percentil* significa "cada um dos cem grupos em que se dividam os resultados de observação de uma variável, ordenados por ordem crescente; o grupo mais baixo será o primeiro percentil e, assim, sucessivamente".

34 – D. A palavra *defasagem* se escreve com S, assim como *defasar*.

35 – D. Seguindo as regras de Ç, temos: em palavras com ***to*** no radical: *projeto > projeção;* em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-tar/-tor** (principalmente!): *produtor > produção, redutor> redução;* fique atento a palavras derivadas de verbos dos quais se retira a desinência **r** e coloca-se o sufixo **ção**: *desacelerar > desaceleração*. No caso dos verbos da letra d), segue-se a regra de palavras terminadas em **-tor**: *obstrutor > obstrução; interventor > intervenção; condutor > condução*. Sobre as demais: a) admissão, agressão, intuição; b) discussão, emissão, aferição; c) inquirição, impressão, perseguição; e) redução, omissão, extinção. Consulte as regras!

36 – D.Vejamos uma por uma: a) À mínima contrariedade, **exacerbava**-se de tal maneira que seus excessos verbais eram já conhecidos de todos. b) A **espontaneidade** com que se referiu ao local como "**empesteado**" fez que todo o auditório explodisse em risos. c) Quanto à infraestrutura, será necessário **reconstruí**-la (regra do hiato: re-cons-tru-Í-la) em prazo curto, mas sem que haja qualquer tipo de **displicência**. e) A obra faraônica será uma **excrescência** naquela paisagem bucólica, mas ninguém teve êxito em convencer os responsáveis da necessidade de revisão do projeto.

37 – A. Corrigindo os erros das letras B, C, D e E: bele**z**a, desli**z**ou, **h**e**s**itar e preten**s**ões. Cuidado com a forma “ESTRUPAR”, inexistente na língua. Dói até de falar.

Capítulo 4
Gabarito

1 – E. Em A, a ideia é de finalidade e não de causa. Em B, não há um paradoxo, pois não há sequer uma ideia de oposição, ou seja, "muitos centros" não se opõe a "pouco dinheiro". Em C, a expressão sublinhada tem valor pejorativo, já a expressão em negrito não. Em D, a expressão sublinhada está ligada a uma ideia positiva; a expressão em negrito, não. (Se fosse "ao encontro de", aí sim estaria correta a substituição.) Portanto, o gabarito é a letra E, afinal, "em tese" e "como conceito" são expressões sinônimas. Outra expressão sinônima de "em tese" seria "em princípio". Cuidado para não confundir com "a princípio", que significa "inicialmente". Foi?

2 – B. ***Mandato*** significa tempo de serviço prestado em prol do povo, logo não poderia ser ***mandaDo***, que significa ordem/incumbência para cumprir determinado propósito. São palavras parecidas na pronúncia e na grafia, logo são palavras parônimas. Lembrou?

3 – O primeiro grupo está **CORRETO**. Observe que o verbo ***haver*** indicando tempo decorrido foi substituído por ***faz***. Por isso está perfeita a reescritura. O segundo grupo está **INCORRETO**. Houve um problema no uso de ***a cerca de*** (é usada para indicar distância aproximada ou tempo futuro aproximado), mas, no contexto, o certo é usar ***há cerca de***, que indica tempo passado/decorrido aproximado. A reescritura deveria ser esta, portanto: "No Brasil, a nacionalidade e a literatura formaram um 'sistema' interessantíssimo, que **HÁ cerca de** (tempo decorrido aproximado) trezentos anos desenvolve-se.".

4 – A. Mal = bem; mau = bom. Na maioria das vezes, ok? Veja: "II. Não há nenhum mau (bom?) na utilização do Caixa 2. Os recursos não contabilizados não são um mau (bom?), porque todos os políticos o utilizam./III. É mau ('bom' cabe aqui) apenas lamentar a atitude dos políticos. O povo poderá puni-los com o voto nas eleições que se aproximam. Nesse momento, como diz o ditado popular, eles estarão em mal (bem?) lençóis." Vejamos a resposta: em I: "O mau ('bom' cabe aqui) julgamento político de suas ações não preocupa os deputados corruptos. Para eles, o mal ('bem' cabe aqui) está na mídia impressa ou televisiva.".

5 – CORRETA. Quero ressaltar algumas palavras e expressões para você decorar: "Quando se considera a par do tema, ajuíza sem medo, mas, ao se compreender insipiente, pára tudo e pede aos especialistas que o catequizem no assunto para não passar por néscio". Não confunda o homônimo homófono ***insipiente*** (ignorante) com ***incipiente*** (principiante). Não confunda ***a par de*** (ciente de) com ***ao par de*** (pareado economicamente). Sobre ***pára***, retirou-se o acento na nova ortografia.

6 – INCORRETA. Esta alternativa testava seu conhecimento deste fato da língua culta: *de encontro a* **x** *ao encontro de*. A primeira expressão tem carga semântica negativa, por isso não cabe no contexto. A segunda tem carga semântica positiva, por isso cabe perfeitamente no contexto. Veja a correção plena: "É *prazerosa* a experiência de quem formula propósitos e promove ações que vão **ao encontro *d*eles**". Percebe que o contexto é todo positivo? Agora, só de curiosidade, na língua culta, não se usa "o mesmo(a/s)" (pronome demonstrativo) para retomar palavras anteriores. Só se usa tal expressão quando equivale a "mesma coisa". Exemplo: *Ele disse para eu ficar quieto, o mesmo serve para você.*

7 – CERTO. Levando em conta que "porque" pode ser substituído por "pois", a substituição procede perfeitamente. *Algumas pessoas têm mais dinheiro do que outras* pois *sabem como aumentar sua riqueza*.

8 – D. Denotação: significado básico, objetivo, literal de uma palavra. Conotação: significado secundário, subjetivo, figurado de uma palavra. Na letra A, automóvel não pode ter religião (conotação). Na letra B, o mercado não pertence a mitologia alguma (conotação). Na letra C, a região sul não recebe ninguém de braços abertos, pois não tem braços (conotação). Na letra D, não há linguagem conotativa alguma, pois as palavras têm sentido real. Na letra E, cardápio (?) ambiental não tem fome nem passa fome, ora (conotação). Esta foi fácil, não é?

9 – CORRETA. É impossível que a ANS opere numa corda bamba, li-te-ral-men-te, pois a ANS é uma instituição e não uma pessoa; logo, há conotação (sentido figurado), conferindo um tom de informalidade ao texto. Isso porque na linguagem informal, usamos muitas conotações.

10 – CORRETA. "Acusar" pode ter vários sentidos, a depender do contexto. Quando um lutador leva um golpe e sente este golpe, o que o narrador da luta diz? "Fulano acusou o golpe!" Neste mesmo sentido, "as finanças públicas estão sofrendo pressão, devido a isso elas *apontam, indicam, revelam, mostram, evidenciam* 'deficits' muito elevados".

11 – A. Levando em conta o que são parônimos e o quadro de parônimos já apresentado lá atrás, só poderíamos marcar a letra A, pois ***descrição*** e ***discrição*** são palavras próximas na pronúncia e na grafia (sentidos diferentes). Na B, as palavras são iguais na pronúncia e na grafia, logo não são parônimas. Na C, estamos diante de palavras homônimas homógrafas, ou seja, palavras diferentes na pronúncia, mas iguais na grafia (e diferentes no sentido). A palavra ***sede*** (é) significa "localização central de uma instituição, empresa, firma etc."; já ***sede*** (ê) significa "apetite, necessidade, vontade de beber". Na D, as palavras são iguais na pronúncia e na grafia, logo não são parônimas. Na E, estamos diante de homônimos perfeitos, ou seja, vocábulos iguais na pronúncia e na grafia (sentidos diferentes e, normalmente, classes gramaticais diferentes). ***Feridos*** no primeiro caso é um substantivo; no segundo, um adjetivo.

12 – D. Não deixe as palavras parônimas derrubarem você! Observe: "O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.". Se *descriminar* (daí *descriminado*) significa "considerar ou declarar inocente; tirar a culpa; absolver; inocentar", ***indescriminado*** só pode ser o oposto. Mas este sentido não cabe no contexto. O certo seria "O desmatamento indiscriminado...", ou seja, "sem controle, sem ordem, sem critério etc.; descontrolado, desordenado, desregrado etc.". A palavra *estenso* não existe, mas sim ***extenso***.

13 – B. De novo! Palavras parônimas são as que se parecem na grafia e na pronúncia, mas têm sentidos diferentes, logo cabe dizer que *tráfego* (movimentação, fluxo de carros, por exemplo) e *tráfico* (comércio ilícito) são parônimas por esse motivo.

14 – C. O primeiro ***porquê*** é junto e acentuado pois é um substantivo acompanhado de determinante (artigo, pronome, numeral ou adjetivo). O segundo deveria ser separado e sem acento, pois equivale a "pelas quais". O terceiro está certo por estar separado e acentuado, visto que finaliza o período e não vem acompanhado de determinante. O quarto está certo, pois equivale a "pela qual".

15 – CERTO. Esta questão tratava de mais um fato da língua culta. A expressão "ao invés de" é usada com formas antônimas na frase em que aparece, equivalendo a "ao contrário de/em oposição a"; já "em vez de" equivale a "no lugar de". Portanto, nesse contexto, como não há ideia de oposição, a substituição de "no lugar de" por "em vez de" está correta.

16 – ERRADO. No caso, a simples substituição já seria suficiente: "Finalmente estou bem das pernas."; se usamos **bem**, o certo é substituir por **mal**, com L. Curiosidade: quando a palavra **mal** está ligada à ideia de doença, como **mal** de Parkinson, **mal** de Alzheimer, escreve-se com L.

17 – E. Esta questão trata de parônimos. Flagrante (exato instante) não é o mesmo que fragrante (aroma, cheiro bom). Portanto deveria ser "A fragrância do perfume...". Reveja o quadro de parônimos.

18 – A. A expressão **por que** pode ser substituída por "por qual razão/a razão pela qual". A palavra **porque**, conjunção explicativa ou causal, pode ser substituída por *pois, visto que, já que, uma vez que...* Sendo assim, com as substituições adequadas, teríamos a seguinte reescrita: *Eis* a razão pela qual *o espectador não se sente em casa em parte alguma,* visto que *o espetáculo está em toda parte.*

19 – D. Usa-se **a fim de** (separado), pois é uma locução prepositiva que indica finalidade, equivalendo semanticamente a expressões como *para que, a fim de que, com a finalidade*

de... Portanto, o trecho deveria ser reescrito: "... Reforça, isso sim, a necessidade de aperfeiçoar instituições, **a fim de** (4) preservar a funcionalidade dos mercados e a concorrência...".

20 – **D**. Na letra A, o certo seria **iminente** (prestes a ocorrer); na letra B, o certo seria **ascender** (elevar-se); na C, **discrimina** (divide, organiza); na E, **diferir** (diferenciar). Na letra D, a palavra *espectativa* até existe (registrada no VOLP), mas é arcaica. Hoje se usa **expectativa** apenas. Questão de homônimos e parônimos. Dê uma lida nisso de novo!

21 – **D**. Em "O seu primeiro erro se deu quando tentou ajudar um amigo em apuros.", o verbo **dar**(-se) significa *ocorrer*; veja a reescritura: "O seu primeiro erro ocorreu quando tentou ajudar um amigo em apuros.". Questão de sinonímia.

22 – **E**. Em todas as demais opções, o "até" é sinônimo de "inclusive". Em E, indica direção, movimento.

23 – **E**. **Destacar-se** significa **diferenciar-se**, estar em relevo em relação a outros seres, portanto a substituição de *diferenciados* por *destacados* é plenamente cabível!

24 – **C**. **Congruência** significa "Identidade ou cor-res-pon-dên-cia entre as características de duas ou mais coisas.". Preciso dizer mais alguma coisa?

25 – **B**. Em "Alguns constrangimentos porque venho passando me obrigam a considerar outras opções.", o uso do "porque" está equivocado, pois no contexto, poderíamos substituí-lo por "pelos quais", o que nos leva à seguinte redação: "Alguns constrangimentos **por que (pelos quais)** venho passando me obrigam a considerar outras opções.". Separado e sem acento, hein!

26 – **D**. Usa-se **senão** quando puder ser substituído por "do contrário"; sempre vem em uma oração ou contexto que não indique hipótese. Usa-se **acerca de** quando equivaler a *sobre*, indicando assunto. Por fim, usa-se **a fim de que**, locução conjuntiva, para indicar finalidade.

27 – **E**. **Aeronave** é todo e qualquer veículo de navegação aérea (hiperônimo; sentido abrangente) e **jatinho** é uma espécie de aeronave, logo tem o sentido mais específico (hipônimo).

28 – **ERRADO**. A expressão "por que" não pode ser substituída por "porque" uma vez que a primeira equivale a "pela qual", o que tão somente cabe ao contexto apresentado. Veja: "Daí a razão **pela qual**, segundo o filósofo...". Safo? Na segunda ocorrência, deve-se usar tão somente "porque" visto que equivale a "pois", tendo valor causal ou explicativo.

29 – **E**. Mera questão de sinonímia, ou seja, uso de palavras/expressões/frases diferentes com sentidos semelhantes. "Empenhar-se" e "dedicar-se com afinco" têm o mesmo sentido,

portanto são expressões sinônimas; “na procura” e “à busca” também apresentam o mesmo sentido, logo a resposta só pode ser a letra E. Agora as incorretas. Sobre a letra A: prodigiosa = extraordinária, fenomenal, real, e não ilusória. Sobre a B: regalar = sentir grande prazer; empanturrar = encher-se. Sobre a C: singular = única, uniforme; variegado = diferente, variado. Sobre a D: indigitar = mostrar, designar.

30 – C. Em A, as palavras *iminente* e *eminente* são **parônimas**, ou seja, apresentam semelhança na escrita e na pronúncia, mas o sentido é diferente. Em B, as palavras *edifício* e *prédio* são **sinônimas**, ou seja, apresentam diferença na forma, mas semelhança no sentido. Em C, o gabarito, a palavra *manga* em ambas as frases, assim como *coral*, são **homônimas perfeitas**, ou seja, apresentam igualdade na escrita e na pronúncia, mas diferença no sentido. Em D, *figo* e *fruta* estabelecem entre si uma relação de **homonímia** e **hiperonímia**, em que *figo*, que é uma fruta, tem um sentido mais específico, enquanto *fruta* tem um sentido mais abrangente. Por fim, em E, as palavras *sala* e *escola* pertencem ao mesmo **campo semântico**, ou seja, pertencem ao mesmo grupo de palavras que partilham de um mesmo “universo” semântico, isto é, quando pensamos em *escola*, *sala* é um dos seus componentes, certo?

31 – E. Ambos os sentidos do verbo tocar (no enunciado e na opção E) são de sensibilizar, impressionar. Em A, o sentido é de tanger (fazer música, som). Em B, o sentido é de soar. Em C, o sentido é de iniciar. Em D, o sentido é de encostar.

32 – A. Usa-se **mau** quando se opõe a *bom* e usa-se **mal** quando se opõe a *bem*, normalmente. Portanto, na expressão *mau-humorado*, substitua por *bom-humorado.* Existe tal palavra? Não! Agora ***bem****-humorado* existe, não é? Sim! Logo, escreve-se ***mal****-humorado.* Em B, a forma **por que** (= pela qual) está certa. Em C, **aonde** é forma certa, pois o verbo *chegar* após *aonde* exige a preposição A, logo, A + ONDE = AONDE. Em D, **senão** (= exceto, a não ser) está certo. Em E, **acerca de** (= sobre) está certo.

33 – B. A expressão “objetivo... *Comum, vírgula*” significa que todos tinham o mesmo objetivo comum, geral; iam trabalhar, mas dessa vez seria diferente, pois o contexto permitiu que todos faturassem devido ao evento da baleia encalhada. Logo, “Geral, mas nem tanto.” é uma expressão sinonímica que mantém o sentido original.

34 – D. Esta foi fácil, pois as palavras das expressões da letra D são sinônimos facilmente identificáveis: perspectivas = visões; mais sombrias = menos animadoras.

35 – B. **Replicar** tem como sinônimos estas palavras: contestar, objetar, redarguir, refutar, retorquir, retrucar, revidar, copiar, reproduzir etc. No contexto, já que se trata de fazer moléculas iguais às da natureza, ficamos com o verbo **reproduzir** (copiar).

36 – A. São **homônimos** homófonos, logo **homonímia**.

37 – E. “Para” é uma preposição que normalmente indica finalidade e pode ser substituída pela locução prepositiva “a fim de”, e não “afim de”. Além da semântica, esta questão trabalhava noções de preposição e ortografia.

38 – D. Note que todas as palavras mantêm sentidos semelhantes à do enunciado, exceto escassez, que é o antônimo (sentido posto) de exuberância.

39 – C. Sesta e cesta são *parecidas* na pronúncia e na grafia, por isso são parônimas. As demais palavras são homônimas homófonas, pois apresentam grafia diferente e pronúncia idêntica.

40 – E. Há intertextualidade em todas as frases, exceto na E, porque apresentam frases prontas (ditos populares), já existentes pelo nosso conhecimento de mundo. a) “Se tudo o que é bom dura pouco, eu já deveria ter morrido há muito tempo”. b) “Nariz é essa parte do corpo que brilha, espirra, coça e se mete onde não é chamada”. c) “Une-te aos bons e será um deles. Ou fica aqui com a gente mesmo!” d) “Vamos fazer o feijão com arroz. Se puder botar um ovo, tudo bem.”.

Capítulo 6
Gabarito

1 – A. Apenas o elemento **panto** está com seu sentido indicado equivocadamente. Ele, na verdade, significa *tudo, todo* (vem do grego *pan-*, *panto-*). *Pantofobia* (*panofobia* ou *panfobia*) é o medo infundado de tudo, de qualquer coisa.

2 – A. As palavras são formadas por derivação sufixal, pois, nas duas primeiras, o sufixo **-dade** é usado; na terceira, usa-se o sufixo **-oso**. Resumindo: *responsável* + *-dade* = *responsabilidade* (o **-vel** se torna **-bil**); *musical* + *-dade* = *musicalidade*; *defeito* + *-oso* = *defeituoso*. Foi?

3 – CERTO. A palavra *habitável* apresenta sufixo (**-vel**) e a palavra *inabitado* apresenta prefixo (**in-**) e sufixo (**-ado**). Portanto, ambas as palavras sofreram derivação.

4 – CORRETO. Para acertar uma questão de pontuação, é necessário ter conhecimento de neologismo. A palavra *financeirização* é inventada, não dicionarizada, portanto um neologismo.

5 – CERTO. Vejamos o processo: *combusto* + *-vel* > *combustível* > *bi* + *combustível* > ***bicombustível***. Note um detalhe muito importante: a maneira como o CESPE cobra a classificação da derivação é pelo último elemento constituinte da palavra. Como o prefixo **bi** – entrou por último para formar a palavra *bicombustível*, a derivação é prefixal. Outras bancas diriam que essa palavra sofreu derivação prefixal e sufixal, pois ela recebeu um sufixo e um prefixo em momentos diferentes em sua formação. Atenção ao estilo das bancas.

6 – D. Por eliminação, ficamos com a letra D, pois a recomendação é que siglas com quatro letras ou mais sejam escritas só com a primeira letra maiúscula: Ematra.

7 – C. Formação clássica de derivação parassintética (união simultânea de afixos): *en* – + *louco* + *-ecer* = *enlouquecer*.

8 – ERRADO. Em *instabilidade* (*in* + *estabilidade*) e *imperfeita* (*im* + *perfeita*), o prefixo **in(m)** – indica negação ou provação. Em *inçado*, **in** – faz parte do radical; não é prefixo. Em *impõe*, o **im** – indica movimento.

9 – ERRADO. *In**atur**ável* é aquilo que não se pode *aturar*. *Des**natur**ado* é aquilo que se *desnaturou*, que sofreu profundas alterações em sua **natureza**. Os radicais são diferentes.

10 – CERTO. Estas palavras são cognatas, pois têm o mesmo radical: **grav** (de *grave*).

11 – ERRADO. A palavra *anomalia* vem do adjetivo *anômalo* pelo acréscimo do sufixo **-ia**.

Ou seja, a palavra sofreu sufixação, logo já está errada por aí. Por sufixação também, a palavra *alacridade* vem do adjetivo álacre. A palavra *arrebataram* é formada por derivação parassintética (*a* + *rebate* + *ar*).

12 – CERTO. *Lamentável* (adjetivo) + *mente* = *lamentavelmente*; *plena* (adjetivo) + *mente* = *plenamente*.

13 – D. Ocorre derivação sufixal: *descobrir* + *mento* = *descobrimento*.

14 – A. A palavra *desentristecer* (*des* + *entristecer*) vem de *entristecer* (*en* + *triste* + *ecer*) que vem de *triste*. Bonitinha a questão.

15 – D. Se o verbo virou um substantivo, houve mudança (conversão) de classificação morfológica.

16 – D. Por eliminação, temos de marcar a palavra *multiconfessionais*, pois nela há dois radicais: **multi** – e **confess-**, logo há composição por justaposição.

17 – A. Em *metropolitana*, o radical **metro** vem do radical grego **meter, metros** (mãe); em *metrologia*, o radical grego original é *métron*, que significa *medida*.

18 – C. I: cuidado com as palavras terminadas em **-inho**, pois nem sempre tal sufixo indica diminuição; *jeitinho*, por exemplo, carrega uma ideia afetiva. II: a palavra *utilitarista* sofreu derivação sufixal (*utilitário* + *ista*). III: a palavra *analfabetismo* vem de an*alfabeto,* que vem de *alfabeto*; também podemos dizer que a palavra *analfabetismo* vem de *alfabet*ismo, que vem de *alfabeto*; de qualquer modo, analisando todos os elementos que formaram a palavra *analfabetismo*, percebemos que os afixos entraram não simultaneamente.

19 – A. A palavra *megalópoles* tem dois radicais (**mega(lo)** – e **poles-**), mas alguns dicionaristas entendem que **mega** – é prefixo, logo podemos interpretar a palavra como derivada por prefixação; devido a isso, como **inter** – é prefixo, a palavra *internacional* é formada por derivação prefixal. As demais palavras são formadas por sufixação: *sustentável* + ***dade*** = *sustentabilidade; sanear* + ***mento*** = *saneamento; obrigatório* + ***dade*** = *obrigatoriedade; olímpia (olimpo)* + ***-ico*** = *olímpico*.

20 – C. Em *dissociação* e *discordar*, ambos os prefixos indicam negação, oposição. Os demais: *dissolver* (separação), *dispor* (distribuição, organização), *disenteria* (defeito, dificuldade), *dissimular* (aumento, intensidade).

21 – B. *Ocupar* > *ocupação* > *desocupação* ou *ocupar* > *desocupar* > *desocupação*. Os afixos entraram em momentos distintos para formar a palavra *desocupação*, logo a palavra pode ser classificada como tendo sofrido derivação prefixal e sufixal.

22 – CERTO. *Desert**or*** é aquele que deserta (pratica a deserção) e *integra**nte*** é aquele que integra. Ambos os sufixos evidenciam o sentido de agente.

23 – C. Ambas as palavras têm dois radicais que se uniram sem perda de elementos estruturais e fonéticos.

24 – ERRADO. Em *integração*, **in** – não é um prefixo, pois não existe a palavra "tegração"; em *impulsiona*, o **im** – indica movimento; em *indefectivelmente* e *imprudências*, o **in** – indica negação.

25 – ERRADO. Pelo contrário. O sufixo **-nte** carrega a ideia de *agente* : *detergente, fervente, purificante* etc.

26 – CERTO. Todos os morfemas têm o mesmo sentido, ou seja, indicam movimento para o meio, posição intermediária.

27 – B. A palavra *desfavoravelmente* foi formada pela colocação não simultânea de afixos: *favor > favorável > favoravelmente > desfavoravelmente* ou *favor > favorável > desfavorável > desfavoravelmente.* Portanto, houve derivação prefixal e sufixal, se levarmos em conta a formação da palavra desde sua origem primitiva. Poderíamos analisar também só como derivação prefixal ou como derivação sufixal, levando em conta apenas a formação pelo último elemento que entrou na palavra.

28 – E. Vejamos uma por uma: *magro + eza = magreza/excitar + cão = excitação; medir + dor = medidor/obsedar + (s)são = obsessão; firmar + mento = firmamento/perverter + são = perversão; digno + dade = dignidade/alucinar + cão = alucinação; violar + cão = violação/deslumbrar + mento = deslumbramento*. Curiosidade para aqueles que ainda acham que palavras terminadas em **-mento** podem ajudar na parassíntese: se a palavra *violação* foi encarada pela banca como formada por derivação sufixal, assim como *deslumbramento*, por associação chegamos à conclusão de que a palavra *desmatamento* (semelhante a *deslumbramento*) também sofreu derivação sufixal. Isto corrobora o que falei insistentemente na parte teórica de derivação parassintética.

29 – D. Comerciar com trastes, com coisas de pouco valor: *traste* + *ejar*. Em *transvalorada*, o prefixo significa "para além de, através de". É bom dizer que algumas vezes constrói-se em **tras** (*trasbordar* por *transbordar*), e, por corruptela, em **tres** (*tresmalhar, tresler*); e ainda em **tra** (*trapaça, tramontana*).

30 – D. Todas as palavras têm dois radicais, exceto *desvalorizada*, que apresenta um prefixo e dois sufixos ligados a um só radical.

31 – A. *Mortal* (adjetivo) + *dade*; *mesquinho* (adjetivo) + *ez*; *úmido* (adjetivo) + *dade*;

escuro (adjetivo) + *ão*. Simples assim.

32 – A. Ibama: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. *Arara* + *inha* = ararinha.

33 – E. A palavra *rigidez* vem de *rígido*. Fique ligado! Muitos substantivos abstratos são formados pelo acréscimo do sufixo **-ez/-eza** a um adjetivo, conforme já apareceu em questão anterior. Nas demais opções, temos, respectivamente, palavra primitiva, derivação prefixal, derivação prefixal e derivação prefixal (de novo!).

34 – E. A palavra *descriminalizar* sofreu uma derivação prefixal (*criminalizar* > *descriminalizar*). O mesmo aconteceu com a palavra *reanimar* (*animar* > *reanimar*).

35 – D. Note que, na letra D, a palavra formada recebe, ao mesmo tempo, a adição do prefixo **in** – e do sufixo **-mente**. Porém, retirando um ou outro, as palavras resultantes existem (*infeliz/felizmente*). Nas letras A, B e D, temos apenas o processo de derivação sufixal: *cotidiano* > *cotidianamente*, *oportuno* > *oportunidade* e *sucata* > *sucateado*. Na letra C, temos apenas uma flexão de número: *responsável* > *responsáveis*.

36 – E. Todas as opções, exceto a correta, claro, são sufixais. "Como assim, Pest?". Vou te mostrar, meu nobre. Na letra A, temos *repercutir* + *ão* = *repercussão*. Na B, *desdobrar* + *mento* = *desdobramento*. (Tome cuidado com essa opção! O sufixo **–mento** é utilizado na formação de palavras por meio da derivação sufixal, apenas.) Na C, temos *favor* + *vel* = *favorável*. Na D, *recente* + *mente* = *recentemente*. Na E, entretanto, temos uma derivação prefixal *des* + *preocupar* = *despreocupar*.

37 – D. *Discreta* + *mente* = *discreta**mente***. Simples assim.

38 – D. *Pobre* (adjetivo) + *eza* = *pobreza* (substantivo). *Hipócrita* (adjetivo) + *ia* = *hipocrisia* (substantivo).

39 – D. *Conto* deriva de *contar*, logo sofre regressão. *Ternura* deriva de *terno*, logo sofre sufixação.

40 – C. O prefixo **ex** – significa movimento para fora: *exorcismo* é o ato de expulsar o demônio de dentro de alguém.

Capítulo 7
Gabarito

1 – E. A palavra charlatão só tem dois plurais: *charlatães* ou *charlatões*.

2 – C. Os sufixos **-eta, -az, -alha**, e **-ulo** são formadores de substantivos diminutivo, aumentativo, aumentativo e diminutivo, respectivamente.

3 – C. os substantivos *milhões* e *milhares* são masculinos plurais, portanto os artigos devem ficar no masculino plural.

4 – B. Como essa questão é de 2002, o novo acordo ortográfico ainda não estava valendo, logo a palavra *mão de obra* ainda era escrita com hífen. E hoje, como seria, meu nobre, e por quê? Sem hífen, porque apresenta dois elementos ligados por preposição (cuidado com as espécies botânicas e animais, pois o hífen permanece nelas). Bom, vamos lá: segundo as regras de plural dos substantivos compostos, quando há subst. + prep. + subst., só o primeiro varia: *mãos-de-obra*; o plural dos adjetivos compostos se faz apenas com o último elemento, *infanto-juvenis*; por fim, "*bolsa-escola*" é um substantivo composto por dois substantivos e, quando é assim, só o primeiro varia, preferencialmente: *bolsas-escola*. Foi? Maravilha!

5 – B. Olha aí a nominalização. O erro está em transformar o verbo *simplificar* (que indica ação) no substantivo *simplicidade* (que indica qualidade). Deveria ser *simplificação*: "Estão prontas para o crescimento quando assegurarmos as condições para a diminuição dos juros e para a simplificação dos tributos".

6 – C. O plural de "*salva-vidas*" é "*os salva-vidas*", pois verbo não varia quando forma um substantivo composto e "*vidas*" já está pluralizado, logo o plural é feito só pelo determinante (artigo, por exemplo).

7 – C. O plural de *meia-tigela* (numeral + substantivo) é *meias-tigelas*. E o plural de *vale-refeição* (substantivo + substantivo) é *vales-refeição/vales-refeições*.

8 – A. Sobre a locução pronominal "um(a) tal de", o Dicionário Aulete diz que "é usada antes do nome de alguém (ou de algo) que não é conhecido, ou de quem só se sabe por ouvir dizer. Por vezes, tem conotação de desdém, ou de atribuição de pouca importância à pessoa, de falta de interesse por ela. Pode também ser usada de modo irônico (sem desdém) para falar de alguém ou algo muito conhecido ou famoso". Isoladamente o pronome *tal*, na expressão da questão, é essencialmente um pronome demonstrativo (A <u>tal</u> (da) demanda social = <u>Aquela</u> demanda social). A preposição *de* é expletiva, pois pode ser retirada sem prejuízo de sentido. Entenda melhor: o artigo *A* está determinando o substantivo *demanda*. Depois do artigo, pode haver pronomes, adjetivos e numerais antes de substantivos, e eles continuarão sendo

pronomes, adjetivos e numerais. Veja exemplos: "A vossa demanda social" (pronome possessivo)/"A grande demanda social" (adjetivo). "Por que não um substantivo, Pestana?" Pois *tal* só se torna substantivo em três situações: quando se nomeia o pronome (O *tal* é um pronome), quando se quer dar a entender que alguém é notável (Ele é o *tal* (= o cara) em Português!) e quando substitui uma pessoa (Encontrei o *tal* (= homem) que te procurava).

9 – A. Note que escolas-modelos (subst. + subst.) foi considerado errado pela banca. Como eu já havia alertado, quando há dois substantivos formando um composto, em que o segundo especifica o primeiro, a preferência é pela pluralização só do primeiro substantivo: escolas-modelo. Mais uma questão de concurso em que se marca a melhor resposta: guarda-chuvas (em *guarda* + substantivo, só o substantivo varia).

10 – B. Quando o substantivo composto for formado por substantivo + preposição + substantivo, só o primeiro elemento variará, logo *quedas d'água* é a forma certa. Já quando um substantivo composto é formado por um substantivo + um adjetivo, ambos variam, logo *cartões-postais*.

11 – E. Substantivos compostos formados por substantivos e adjetivos em sua formação variam normalmente, logo *micos-leões-dourados* e *ararinhas-azuis* são formas certas.

12 – C. A letra C é a única que podemos associar à afirmação do enunciado, a saber: "tanto pode receber a interpretação de substantivação do verbo quanto a interpretação de substantivo concreto", pois o artigo **o** substantiva o verbo *ser*, mas é possível interpretarmos que, devido a essa substantivação, o vocábulo *ser* assume valor de substantivo **concreto**, pois, como sabemos, substantivo concreto é aquele que não indica ação, nem estado, nem qualidade, nem sentimento. O contexto corrobora isso. O primeiro *ser* faz parte da locução substantiva *ser humano*, logo o vocábulo *ser* dessa expressão não foi substantivado.

13 – E. *Cal* é substantivo feminino. Os demais são masculinos. *Suéter* e *pijama* pode ser masculino ou feminino, indiferentemente.

14 – A. Note que os substantivos vêm normalmente acompanhados de determinantes: "*Um* **anjo** *de* **asas** *azuis, todo vestido de* **luz***, sussurrou-lhe num* **segredo** *os* **mistérios** *de outra* **vida**."

15 – CERTO. O substantivo *duelo* refere-se à briga de dois homens por causa de uma mulher. Em outras palavras, retoma, resumidamente, toda a ideia anterior.

16 – D. Eis os substantivos acompanhados de determinantes: "... precisa da **confirmação** e do **endosso** do '**impresso**'".

17 – O substantivo *situação* retoma toda a ideia do período anterior (O efeito da

supervalorização...), com objetivo resumitivo. Por sua vez, o substantivo *problema* refere-se ao substantivo *situação*. Bela questão sobre o valor discursivo dos substantivos.

18 – C. A: "Os tabeliões (*tabeliães* é o plural correto, por convenção) reúnem-se sempre às quinta-feiras." (A forma correta é *quintas-feiras* porque numeral e substantivo variam quando formam um substantivo composto). B: "Nos últimos botas-foras (verbo + advérbio não variam, logo o certo é *os bota-fora*"), houve grande confusão, pois a agência de turismo não reteu (*reteve* é a forma certa, derivada do verbo ter) os que não possuíam ingresso." D: (A FCC adora o verbo ter e derivados!): "Se não se conterem (*contiverem* é a forma certa do verbo conter, derivado do verbo ter, no futuro do subjuntivo) roubos de obras-primas, gerações futuras serão privadas de grandes realizações do espírito humano." E: "Os lusos-africanos (substantivo composto indicando origem, nacionalidade só varia o último elemento; deveria ser *luso-africanos*) ostentavam no braço fitinhas verde-amarela (*verde-amarelas* é a forma certa, pois a regra geral de adjetivo composto diz que só varia o último elemento)."

19 – C. A palavra *mal-estar* é composta de um advérbio (mal) e de um verbo na forma nominal infinitiva (estar), a qual varia sozinha: *os mal-estares*. Segundo a regra dos substantivos compostos com a palavra *guarda*, caso esta venha seguida de substantivo, só este variará: *guarda-roupas*. Portanto, ambas as palavras apresentam apenas o segundo elemento variando.

20 – C. A primeira aparição de *via* é como substantivo, pois está sendo modificado por uma locução adjetiva (sem saída). A segunda aparição de *via* é como verbo, pois é modificado pelo advérbio *bem*. Fácil assim!

21 – B. O plural da palavra *verão* pode ser escrito (arbitrariamente!) assim: *verões* e *verãos*. Esta é uma área muito escorregadia na língua. Particularmente, considero tal questão caduca e fora da realidade dos concursos, mas... fazer o quê? É aquela velha história: "Vai que..."

22 – C. O plural de *cidadão* é feito com o acréscimo de **-s** apenas; já em *pasteizinhos*, a fórmula é: *pastel* > *pastéis* > *pasteizinhos* (o **-s** cai e entra o **-(z)inho**); em *paul* (não é o McCartney, rs), lê-se PA-UL (brejo, pântano; palavra oxítona), o qual, por terminar em **-ul**, o **-l** cai e a palavra recebe **-is** no plural. Pronto.

23 – C. Já sabemos que *pé de moleque* não tem mais hífen de acordo com a nova ortografia, mas este concurso não levou isso em conta, portanto vamos aplicar as regras. Substantivo + preposição + substantivo = só o primeiro varia (*pés-de-moleque*). Substantivo + substantivo (em que o segundo especifica o primeiro) = preferencialmente só o primeiro varia (*bananas-maçã* e *canetas-tinteiro*).

24 – E. Olhando pela lógica, o plural de *corrimão* seria apenas *corrimãos*, porque esta

palavra é formada de *correr* + *mão*. Mas vulgarizou-se, ou seja, tornou-se comum o plural *corrimões* por possíveis duas razões: por um lado, porque se perdeu bastante a noção de que em *corrimão* entra o elemento *mão*, cujo plural é *mãos*; por outro lado, porque há tendência para fazermos em **-ões** o plural da maioria das palavras terminadas em **-ão**. Em suma: há o plural *corrimãos* e *corrimões*. Este último é mais usual. Sobre as letras A, B, C, D, respectivamente, observe os comentários. A: quando um substantivo composto é formado por advérbio + adjetivo, só o adjetivo varia, logo é *abaixo-assinados*. B: quando um substantivo composto é formado por palavra invariável (preposição, interjeição etc.) + substantivo, o substantivo varia, logo é *contra-argumentos*. C: o plural de tabelião é *tabeliães*. D: sobre o plural composto por guarda: guarda + substantivo (só o substantivo varia); guarda + adjetivo (ambos variam); logo o certo é *guarda-costas*.

25 – D. *País* > *países* > *paíse* + *zinhos* > *paisezinhos*. *Beija-flores* (verbo, que não varia) + substantivo, que varia).

26 – E. A palavra *cartão-postal* é composta por substantivo + adjetivo, logo ambos variam: *cartões-postais*. A palavra *guarda-civil* também, logo *guardas-civis*.

27 – A. Os substantivos compostos *obra-prima, navio-petroleiro, água-marinha* são formados por substantivo + adjetivo, logo ambos os elementos variam: *obras-primas, navios-petroleiros, águas-marinhas*.

28 – ERRADO. O único plural de cidadão é *cidadãos*.

29 – D. Se pudermos substituir uma oração por um substantivo ou por um pronome de valor substantivo, como *isso*, ela terá valor de substantivo certamente. Veja: "A verdade é [minha péssima memória]"/"A verdade é [isso]".

30 – INCORRETA. Segundo o VOLP, o plural de *mal-estar* é *mal-estares*. Ponto e basta.

31 – C. O único substantivo que não varia como os demais é *bate-bola* (verbo, que não varia + substantivo, que varia): *bate-bolas*.

32 – B. *Televisão* > *televisões*. *Mão* > *mãos*. *Produção* > *produções*. Organização > organizações. *Conclusão* > *conclusões*. Dava para errar essa questão?

33 – A. Trata-se de um modo afetivo de designar uma pessoa e um objeto.

34 – C. A expressão nominal ou substantiva é "filho de um pedreiro", que faz referência ao "menino Joaquim Barbosa".

35 – B. O magma, a libido, o pernoite. Mera decoreba! a) O eclipse, a dinamite, a derme. c) O aneurisma, o fonema, o clã. d) A pane, a ênfase, o dó.

36 – D. Todos os substantivos destacados são do tipo comum de dois gêneros, exceto *a testemunha*, que é sobrecomum, em que não se sabe se se trata de um homem ou de uma mulher.

Capítulo 8
Gabarito

1 – B. O adjetivo *convenientes* apresenta um ponto de vista, uma opinião sobre o assunto (demarcações) em pauta pelo autor, por isso é modalizador.

2 – E. O adjetivo *brilhante* é subjetivo por ser modalizador, ou seja, exprimir um ponto de vista, uma opinião sobre um assunto, o futuro. Note também que ele é o único adjetivo que veio anteposto ao substantivo.

3 – A. Lembra-se dos adjetivos modalizadores? Mais uma questão! Ao dizer "triste situação", "futuro incerto e infeliz", "grave problema social", os adjetivos *triste, incerto, infeliz* e *grave* exprimem um ponto de vista sobre o assunto tratado. Simples assim!

4 – C. Seria melhor se fosse "bolo fofo" ou "macio", porque o adjetivo *mole* pode passar uma ideia de consistência pastosa ou até mesmo sem consistência, como se estivesse estragado. Há uma carga negativa nesse adjetivo.

5 – INCORRETA. A palavra *imprevisível* se conserva um adjetivo, pois continua caracterizando o substantivo *história* (em que imprevisível dormita a história = em que a história dormita imprevisível).

6 – INCORRETA. Segundo a regra geral de plural dos adjetivos compostos, só o último elemento varia, logo o plural de *político-institucional* é *político-institucionaiS*.

7 – D. A expressão *de outra forma* está ligada ao verbo *Penso*, logo é uma locução adverbial, e não adjetiva. Em A, B, C e E, as expressões destacadas se ligam a termos de valor substantivo, como bem faz um adjetivo. Estes são os termos de valor substantivo a que se ligam as expressões de valor adjetivo (na sequência): magistratura, os (= aqueles), espírito, medida. Destaco a opção E, em que uma oração adjetiva caracteriza um substantivo. Não falei que já havia questão de prova sobre isso?

8 – A. O adjetivo *canônicos* (masculino e plural) se refere apenas ao substantivo *códigos* (masculino e plural). B: há dois adjetivos (*sociais* e *políticas*). C: há dois adjetivos (*mental* e *espiritual*). D: há dois adjetivos (*diferentes* e *religiosas*). E: *desmedidas* é um adjetivo que se refere a dois substantivos (*vaidades* e *ambições*).

9 – A. *Velha* é um adjetivo que caracteriza o substantivo *poltrona* e *da sala* é uma locução adjetiva que também caracteriza o substantivo *poltrona*.

10 – INCORRETA. O adjetivo *boa* não é usado para exprimir um juízo de valor, mas sim para indicar extensão, de modo que o trecho equivalha a *Durante grande/extensa parte do*

século XIX.

11 – A. Tanto *extraordinária* quanto *heroico* (agora sem acento) exprimem uma avalização, um julgamento por parte do autor sobre os substantivos *beleza* e *esforço*, respectivamente.

12 – A. Questão maldosa! A pessoa da banca que fez isso foi meio sem coração, não? Como você vai saber que "ornitologia" é o ramo da zoologia que trata das aves? Você é zoólogo? Resumindo, a banca não titubeou e lascou um adjetivo erudito da locução adjetiva "das aves". Brincadeira, não? E só de curiosidade (vai que...): *ofiológico* (estudo das serpentes), *entomológico* (estudo dos insetos), *ictiológico* (estudo dos peixes), *saurológico* (estudo dos lagartos – dinossauros). É, meu nobre... questãozinha para fazer a triagem. Isso não cai em prova de concurso a não ser para eliminar candidato ou em prova militar. Eu tive de recorrer ao dicionário para saber tudo isso, é mole?

13 – D. Para conceituar o adjetivo, é necessário apresentar a relação que ele estabelece com o substantivo. Em muitas situações, a distinção entre essas duas classes de palavras só é possível a partir de elementos fornecidos pelo contexto. Em "direitos humanos", *direitos* é substantivo e *humanos* é o adjetivo que o caracteriza; em "humanos direitos", ocorre o contrário: *humanos* é substantivo e *direitos* passa a ser o adjetivo que o caracteriza. Este foi o gabarito oficial.

14 – D. Adjetivo pátrio é aquele que se refere a países, estados, cidades ou localidades. Quem nasce em Belém é belenense, quem nasce em São Luís é ludovicense ou são-luisense e quem nasce em Manaus é manauense ou manauara, e não "manauano". Não falei que só cai isso em questão militar? E, mesmo assim, é raro.

15 – B. Lembra-se da estrutura de grau comparativo de superioridade dos adjetivos? Então... ela está mais do que clara aqui por meio da construção "... <u>mais</u> **lentos** <u>que</u>...".

16 – A. Em condições normais de temperatura e pressão, a palavra *generosas* seria um adjetivo, mas nesse caso é impossível, pois ela está sendo determinada por um pronome (algumas). Lembra-se de que eu falei para você que a preocupação da banca é testá-lo no reconhecimento das classes gramaticais? É isso que ocorre aqui, um adjetivo se torna um substantivo. O substantivo é uma classe gramatical normalmente acompanhada de determinantes (artigo, PRONOME, numeral e/ou adjetivo). No caso em questão, o determinante é *algumas* e o substantivo é *generosas*. Mudança de classe gramatical, meu aluno: o que parecia um adjetivo era tão somente um substantivo. Safo?

17 – ERRADO. *Opinioso* significa "aquele que é inflexível em suas opiniões". Tem carga semântica negativa. Não é o caso de *judicioso*, que significa "criterioso, de bom senso". Tem carga semântica positiva.

18 – CERTO. De fato o adjetivo *necessário* modifica a oração substantiva "investir em pesquisa". Raciocine: o que é *necessário*? Resposta: *investir em pesquisa*. Sendo assim, um adjetivo não modifica só um substantivo, mas pode modificar uma oração de valor substantivo inteirinha.

19 – B. A palavra *políticos* caracteriza *direitos*. Logo, é um adjetivo. Todas as outras sublinhadas são substantivos sendo caracterizados por adjetivos. De novo, reconhecimento de classe gramatical, certo?

20 – A. Sobre a letra A, o comentário procede. A expressão que se repete no texto é o sintagma nominal: **executiva *bem-sucedida*** (substantivo feminino + expressão composta de advérbio + adjetivo).

21 – A. Note que estamos diante daquela questão de locução adjetiva *versus* preposição + substantivo. Observe o valor ativo (ou de posse; locução adjetiva) e o valor passivo (falsa locução adjetiva). Só na A existe a relação de posse, além de ser possível substituir a locução adjetiva (da nação) por um adjetivo correspondente (nacional).

22 – A. Este sufixo é próprio do grau superlativo absoluto sintético e serve para intensificar, **enfatizar** um termo. Assim como **-inho** ou **-ão** (sufixos usados em substantivos normalmente) podem intensificar um adjetivo, o sufixo **-íssimo** (sufixo próprio para intensificar um adjetivo) também pode ampliar o sentido de um advérbio. Falarei mais sobre isso em *grau estilístico dos advérbios*.

23 – E. Nesta questão se aprende muito em todas as opções. A única afirmação equivocada está na E, pois independente de *pobre* ser deslocado, sua função sintática não mudará, pois ele continuará dentro do sintagma nominal ("um *pobre* homem da cidade" ou "um homem *pobre* da cidade"), funcionando como um adjunto adnominal. Só há mudança de sentido com seu deslocamento, como se diz em A e B.

24 – A. O adjetivo *negras*, independente da posição, significa difíceis, negativas, ruins. Veja as demais: B: *pobre homem* (coitado), *homem pobre* (sem dinheiro); C: *simples pessoa* (mera, desimportante), *pessoa simples* (humilde); D: única oferta (apenas uma), *oferta única* (singular, importante); E: *grande homem* (virtuoso, importante), *homem grande* (fisicamente grande). Para fechar, *fino manto* (caro) e *manto fino* (delgado).

25 – D. *Melancolia* é uma palavra designadora de um sentimento, portanto é um substantivo abstrato, que, no contexto, ainda por cima, é caracterizado pelo vocábulo *escondida*, aí sim um adjetivo.

26 – INCORRETA. Não haveria mudança de sentido, tampouco estrutura incomum nestas

inversões: *biológicos motivos* e *infalível receita*. No entanto, em *forma melhor*, há uma ideia de restrição e, em *melhor forma*, uma ideia de superlativação; em *anos setenta*, há uma mudança substancial de sentido, pois tal expressão já não se refere à idade (setenta anos), mas sim à geração.

27 – A. A locução adjetiva *de direito* pode ser substituída satisfatoriamente pelo adjetivo *jurídica*, pois o contexto o permite. Já *pendular* não se refere a um pêndulo literal, logo a locução adjetiva *do pêndulo* não cabe no contexto. Enfim, a locução adjetiva *do tirano* pode ser plenamente substituída pelo adjetivo *tirânico*, que significa "relativo ao tirano, à tirania".

28 – B. Em *pobres famílias*, o adjetivo significa "dignas de pena". *Qualquer* é pronome indefinido, e não adjetivo, mas há mudança de sentido no deslocamento, pois, à direita do substantivo, tal vocábulo tem sentido depreciativo. O adjetivo *velhos*, anteposto ao substantivo, significa "antigo", e não "imprestável, gasto, obsoleto". Em *novo golpe*, o adjetivo *novo* pode indicar "atual", "recente" ou "mais um".

29 – C. A afirmação corretíssima da I anula a da III. O que nos importa neste capítulo é a afirmação perfeita da II. Isto foi visto por nós na parte de formas estilísticas de grau. Muito boa a questão!

30 – A. Diversas origens (muitas) – origens diversas (variadas).

31 – D. Esta era para elevar a autoestima! O adjetivo *escandaloso* caracteriza o substantivo *topete*. Ponto.

32 – B. Dava para ficar em dúvida na C, não é? Mas note que a ideia de *grande* é relativa, subjetiva, depende de uma avaliação pessoal. Por outro lado, o adjetivo *social* é meramente informativo, objetivo, denotativo. Os demais adjetivos são modalizadores desde criancinhas.

33 – D. Este grau (superlativo relativo de superioridade) tem estrutura fixa: *o mais + adjetivo + de/dentre*. Não era possível errar, se você soubesse, é claro.

34 – A. O adjetivo *inconsequente* expressa uma opinião ou juízo do autor sobre o *modo*.

35 – A. É uma oração adjetiva, pois caracteriza o substantivo *veículos*, logo tem valor de adjetivo.

36 – A. O adjetivo *marcante* é um modalizador, logo atende ao pedido do enunciado.

37 – A. A locução adjetiva *da tarde* e o adjetivo *perigosa* caracterizam o substantivo *hora*.

38 – D. *Brasileira* é o único adjetivo, pois caracteriza o substantivo bandeira. Os adjetivos *verde* e *brasileiro* sofreram derivação imprópria, tornando-se substantivos.

39 – A. O único adjetivo que sofreu substantivação foi o primeiro, uma vez que veio antecedido de determinante. Nos demais casos, as palavras são verdadeiros adjetivos, pois não nomeiam, caracterizam.

Capítulo 9
Gabarito

1 – E. Interessante questão, pois você tem de perceber que o substantivo *respeito* exige a preposição *a*, que pode ou não se combinar com o artigo masculino plural *os* (devido ao substantivo masculino *milhões*). Em A, o artigo não é obrigatório. Em B, o artigo feminino não cabe, pois se liga a um substantivo masculino plural, *milhões*. Em C, *diz* é transitivo direto, logo não exige preposição. Em D, o substantivo *respeito* (com sentido de relação, referência) exige preposição *a*.

2 – ERRADO. Crase e artigo andam lado a lado. Há três casos tradicionais em que o artigo é facultativo: antes de nomes próprios femininos, antes de pronomes possessivos que acompanham um substantivo e na locução prepositiva *até a*. Nenhum desses casos ocorre no texto. A primeira contração da preposição *a* com o artigo *a* se dá pelo verbo *permitir* – permite-se algo (o acesso) a alguém (a + ***a*** sociedade); a segunda ocorrência de crase é gerada pelo nome *acesso*, que exige a preposição *a* + *as informações* (= às informações); a terceira ocorrência é devido à exigência da preposição pelo adjetivo relativas (relativas a + **a** utilização = à utilização).

3 – D. O artigo vem antes de substantivo (*a taxa*); a preposição pode ligar verbos (*continuará a ser*); a preposição inicia grupo de vocábulos terminados em preposição, ou seja, locução prepositiva (a partir de); a preposição pode ser exigida por verbos (o verbo chegar exige a preposição *a*, que fica antes do pronome relativo *que*).

4 – CERTO. O artigo definido só se contrai com as preposições *a, de, em* e *por*.

5 – E. O primeiro *os* é complemento do verbo empurrar, logo é um pronome oblíquo átono. O segundo *o* pode ser visto como um artigo expletivo ou como parte da locução pronominal interrogativa *o que*, de modo que não pode ser analisado isoladamente. Questão maldosa! O terceiro *o* vem antes do pronome relativo *que* e pode ser substituído por um pronome demonstrativo (= aquilo), por isso é um demonstrativo. O quarto é demonstrativo também (o = aqueles). O último é um artigo, pois vem antes do substantivo *país*. Note que a FGV foi bem tradicional por não contrair o artigo com a preposição antes de sujeito de verbo no infinitivo (*de o país perder*, e não *do país perder*).

6 – CERTO. Em *dos*, *os* é um pronome demonstrativo, pois equivale a "aqueles" e vem antes da preposição *de*. Em *da*, *a*" é artigo, pois vem antes do substantivo *Idade*.

7 – E. Não há artigo antes do pronome *todo* acompanhando substantivo. O *a* é só uma preposição.

8 – E. O vocábulo *uma* pode ser artigo indefinido, numeral ou pronome indefinido. No contexto, *uma* não indica quantidade, nem vem sozinho no texto, logo só pode ser um artigo indefinido.

9 – CERTO. A preposição *em* pode se contrair com o artigo *um* sem problema algum: em + um = num.

10 – F. O artigo *um* indetermina, pois é indefinido, logo a afirmação é falsa. Não se sabe que comerciante ou que produtor é.

11 – D. Em I, com a retirada dos artigos, a ideia de generalização permanece; não há problema (correto). Em II, os dois-pontos separariam orações coordenadas assindéticas, a palavra seguinte após *saúde* vem realmente com letra minúscula (correto). Em III, nenhum vocábulo exige a presença da preposição *com* (incorreto). Em IV, a contração de *em* com *um* (num) é viável; a separação, idem (correto). Em V, se o artigo definido for retirado resta apenas a preposição *a*, sem acento grave (incorreto). Em VI, *em* + *as* = nas (correto).

12 – E. Em I, a ausência do artigo não implica erro e mantém a mesma ideia; só não há crase, pois a preposição *a* (exigida pelo substantivo *acesso*) não se contrai com artigo *a*. Em II, a ideia de generalização se mantém com a expressão no plural, daí que você percebe que a ausência do artigo (em I) ou a presença do artigo indefinido imprimem um valor generalizador, assim como a expressão no plural. Em III, o gerúndio tem valor de adjetivo. Em IV, o advérbio *muito* é dispensável por ser um termo acessório, acrescentando uma nova circunstância semântica ao contexto, mas sua ausência não interfere na estrutura sintática; se a questão falasse que o sentido não mudaria com sua ausência, aí seria falsa a afirmação, pois *muito mais* é diferente de *mais*, sozinho.

13 – D. Em A, o *a* liga verbos, logo é uma preposição. Em B, o *a* liga palavras, logo é uma preposição. Em C, o *a* inicia locução adverbial, logo é uma preposição. Em D, o *a* é um artigo, pois vem antes do substantivo *família*, com o qual concorda em gênero e número.

14 – A. O primeiro *a* liga um verbo a outro, logo é uma preposição. O segundo *a* vem antes de um substantivo, concordando em gênero e número com ele, logo é um artigo.

15 – B. O nome *críticas* exige a preposição *a*, assim como *voltei*. Logo, nos dois casos *a* é uma preposição.

16 – B. Não pode haver dois artigos numa estrutura de superlativo relativo. Logo, a frase deveria ser reescrita assim: "A ilha mais paradisíaca pede regulamentação.".

17 – E. Vejamos: "A (artigo) primeira é tecnológica: a (artigo) internet começou, há vários anos, a (preposição) erodir a (artigo) receita da (preposição + artigo) indústria cultural.".

18 – ERRADO. Segundo Domingos Paschoal Cegalla, equivalendo a "todas as pessoas, toda a gente", a expressão *todo mundo* ou *todo o mundo* é válida, mas a segunda é preferencial. Ele diz ainda que o uso do artigo é obrigatório quando *mundo* se usa no sentido de *Terra* (O jogo será transmitido para *todo **o** mundo; ou seja, para o mundo inteiro.*). Logo, o artigo não pode ser retirado.

19 – CERTO. A ausência do artigo não torna o trecho errado, pois a expressão *considerados essenciais* já determina o substantivo *medicamentos*, de modo que o artigo antes dele é dispensável. Uma maneira de perceber que o artigo pode ser dispensado é por meio desta reescritura com pronome indefinido: "... ampliar o acesso da população a *todos* os medicamentos considerados essenciais...". Percebe que a ideia é a mesma quando se coloca o pronome indefinido *todos* antes do substantivo? No entanto, veja esta outra frase: "Ele sobreviveu ao rigoroso exame na empresa." (isso significa que há um só rigoroso exame na empresa). Agora: "Ele sobreviveu a rigoroso exame na empresa." (sem o artigo, há mais de um exame rigoroso na empresa).

20 – E. Em A, *o* é artigo, pois vem antes de substantivo. Em B, *o* é artigo expletivo ou constituinte da expressão interrogativa *o que*. Em C, *o* é artigo, pois vem antes de substantivo (note que a visão do CESPE sobre a contração de preposição com artigo antes de sujeito de verbo no infinitivo foi tradicional, isto é, não há contração). Em D, *o* é artigo, pois vem antes de substantivo. Em E, *o* é pronome demonstrativo, pois vem antes do pronome relativo *que* e pode ser substituído por *aquele*, assim como no enunciado o *o* pode ser substituído por *aquilo*.

21 – B. O primeiro vem antes de substantivo, logo é artigo. O segundo vem ligando termos, logo é uma preposição. O terceiro é pronome oblíquo átono, pois completa o verbo *encontrar*.

22 – CORRETA. Não há incoerência nem incorreção na reescritura "... a colonização espanhola caracterizou-se largamente... ***pela*** aplicação...". Ambas as expressões determinam o substantivo.

23 – ERRADO. O *a* não pode ser artigo, pois artigo concorda em gênero e número com o substantivo, o que não é o caso. O *a* é uma preposição, pois liga o nome *acesso* a *revólver*. A preposição é um conector, o artigo nunca.

24 – CORRETA. O artigo é facultativo antes de pronome possessivo que acompanha substantivo.

25 – D. Em I, só *um* é artigo indefinido do substantivo *passo*. Em II, *todo o* indica inteireza, *todo* indica "qualquer"; há mudança de sentido, equivalendo a "qualquer mundo". Em III, por

+ a = pela; perfeito!

26 – CORRETA. De fato, há contração de *em* + *as* = *nas*.

27 – CORRETA. De fato *As* é um artigo definido, pois precede um substantivo (economias), concordando em gênero e número com ele e determinando-o.

28 – C. Não há contração da preposição com o artigo quando este faz parte do nome de uma publicação. Logo, deveria ficar assim: "Li a notícia em 'O Estado de Sergipe'".

29 – C. O artigo nunca vem antes ou depois do pronome relativo *cujo*! Nunca!

30 – Correta. Segundo já sabemos, o artigo é facultativo antes do pronome possessivo adjetivo, portanto, dizer: "Comprei meu carro ontem." e "Comprei o meu carro ontem." dá no mesmo!

31 – C. O *a* é um artigo definido, pois vem antes de um substantivo, determinando-o. O *um* é um artigo indefinido, pois vem dentro de um sintagma nominal cujo núcleo é um substantivo (engano), indeterminando-o. O vocábulo *triste* caracteriza o substantivo *engano*, logo é um adjetivo.

32 – D. O segundo *a* vem antes de um substantivo, determinando-o, logo estamos diante realmente de um artigo definido. O primeiro *a* é exigido pelo adjetivo *igual*, e, quando isso ocorre, o *a* é fatalmente um conector, uma preposição.

33 – C. Questão linda! Falei sobre isso em *Valor Discursivo*. Releia o diálogo entre os fofoqueiros e a explicação dada por mim e pelo Celso Cunha. É muito verdade que substantivos precedidos de artigos indefinidos nunca podem aparecer textualmente como termos que se referem a outros anteriores.

34 – B. Antes de pronome possessivo que acompanha um substantivo, o artigo é facultativo.

Capítulo 10
Gabarito

1 – A. O substantivo *grama* é masculino quando se trata de unidade de peso, logo o numeral cardinal precisa variar em gênero e número com ele: "duzentos gramas".

2 – B. O algarismo romano X tem como correspondente árabe 10. No caso de soberanos, papas, séculos, livros e partes de uma obra, até 10o (décimo), lê-se como ordinal, depois como cardinal.

3 – D. O algarismo romano X tem como correspondente árabe 10. No caso de soberanos, papas, séculos, livros e partes de uma obra, até 10o (décimo), lê-se como ordinal, depois como cardinal.

4 – C. Preposição a+ a (artigo) = *às*. *Sob* é preposição. *Ambos* é numeral dual, equivalendo a "um e outro" ou "os dois". *Se* é pronome pessoal oblíquo átono.

5 – D. Os vocábulos *oito, três, dez* e *5,7 milhões* são cardinais e *40%* é fracionário.

6 – C. O algarismo romano X tem como correspondente árabe 10. No caso de soberanos, papas, séculos, livros e partes de uma obra, até 10o (décimo), lê-se como ordinal, depois como cardinal.

7 – A. *Uma* é artigo indefinido. *Segunda, 2002, dez, cinco* são numerais cardinais.

8 – B. A conjunção *e* liga centenas a dezenas, dezenas a unidades.

9 – B. *Ambas as vezes* equivale a "As duas vezes".

10 – C. Segundo os gramáticos José de Nicola e Ernani Terra, em seu livro *1.001 Dúvidas de Português*, o vocábulo *a* pode ser um numeral ordinal quando equivale a "primeiro", indicando uma sequência. O dicionário Michaelis diz que é um adjetivo "com a acepção de *primeiro*: **1** Sempre posposto ao substantivo modificado: *a cadeira **a**, o livro **a**, o parágrafo **a***; **2** Posposto a um algarismo, indicando o primeiro objeto de uma série secundária ou a primeira repetição do mesmo número: *casa 21-**A**, classe cinco-**a**, página 25-**a**"*. Questão estranha!

11 – A. O primeiro e o último são ordinais, pois carregam uma ideia serial ou sequencial. Os demais são cardinais, pois indicam apenas quantidade.

12 – D. Após X (décimo), lê-se como cardinal, logo "Luís XVI (dezesseis)". Esta é a regra para reis, séculos, papas etc.

13 – errada. Até X (décimo), lê-se como ordinal, logo século VIII (oitavo).

14 – ERRADO. A expressão *cerca de dez* indica indefinição, ideia aproximada, muito diferente da clara ideia numérica contida em *uma dezena de*.

15 – B. Mais uma questão com "ambos/ambas". Do ponto de vista do Bechara, tal questão poderia ser anulada, pois ele diz que *ambos* também pode ser considerado um pronome.

16 – A. Mero reconhecimento de tipos de numeral. Cardinal indica quantidade absoluta. Ordinal indica posição, sequência, ordem.

17 – C. Questão maldosa! *Quadringentenário* (ou quadricentenário) se refere a fato sucedido 400 anos antes. *Sesquicentenário* se refere a período de 150 anos, pois o prefixo **sesqui** – significa "um e meio", logo "um centenário e meio" é igual a "cento e cinquenta anos". Um sinônimo de *sesquicentenário* é *tricinquentenário*. *Septenário* faz menção ao período de 7 dias/anos. O sufixo **-ário** indica, dentre outras coisas, "o que ou aquele que está na casa dos anos": *centenário, ducentenário, tricentenário, quadragenário, quinquagenário, sexagenário, septuagenário, octogenário, nonagenário* etc.

18 – D. A opção certa é autoexplicativa.

19 – B. Perceba que o eu-lírico multiplica tudo por dez para indicar uma ideia bem hiperbólica (exagerada) do que ele sente: dez vezes a <u>cada dia</u> (<u>1</u> x 10 = 10), setenta a <u>cada semana</u> (<u>7</u> x 10 = 70), trezentas a <u>cada mês</u> (<u>30</u> x 10 = 300). Logo, a semana tem sete dias e o mês indicado, exatos trinta dias.

20 – A. *Brasileiro* é um adjetivo, mas foi substantivado pelo determinante artigo (**o**). O vocábulo *um* só pode ser numeral, pois indica unidade (quantidade) dentro de um grupo. O *a* é uma preposição, pois vem antes de verbo. O outro *a* é um artigo, pois vem antes do substantivo *tese*. O *o* é um artigo, pois vem antes do substantivo *mosquito*. Por fim, *epidemia* é um designador precedido de artigo, logo é um substantivo.

21 – C. Quanto ao numeral *dois*, ninguém tem dúvidas de que é um numeral cardinal. Sobre *meio*, talvez rolasse uma dúvida, pois tal vocábulo também pode ser um substantivo ou um advérbio. Nesse caso, é um numeral mesmo, pois equivale a "metade" (dois quilômetros e meio – metade de um quilômetro).

22 – E. *Sete* é numeral cardinal. *Artigo* é um nomeador, logo é um substantivo. *De* é uma preposição, pois liga termos.

23 – C. *Três* é numeral cardinal. *A* precede substantivo, logo é artigo. *Aquecimento* é precedido de artigo, logo é substantivo.

24 – B. É cardinal, pois indica quantidade absoluta.

25 – A. “Exercer papel” adjetivo não é o mesmo que “ser” adjetivo. Como já sabemos que existem **numerais adjetivos**, pelo fato de acompanharem substantivos atribuindo-lhes determinados sentidos, não temos dúvidas de que *dois* em *os dois registros* tem “valor de/papel de” adjetivo. Reitero: não é um adjetivo, mas um numeral adjetivo.

26 – B. *Meio* equivalendo a “metade” é um numeral fracionário. A: substantivo. C: advérbio. D: substantivo. E: advérbio.

27 – C. *Cinco* é um numeral cardinal substantivo, pois indica quantidade e substitui substantivos.

28 – B. A palavra *um* cerceada por *só*, *somente*, *apenas* e *sequer* é um numeral.

29 – C. *Eu* é pronome pessoal do caso reto. *Terceira* é numeral ordinal, pois indica posição, ordem. *Contente* é adjetivo, pois caracteriza o substantivo *Ana*. *Emprego* é substantivo, pois está determinado por um adjetivo (*novo*).

30 – D. *Mim* é pronome pessoal oblíquo tônico. *Dois* é numeral cardinal, pois indica quantidade absoluta. *Sonho* é substantivo, pois é um designador.

Capítulo 11
Gabarito

1 – Só a segunda está **INCORRETA**, pois a expressão *sua construção* refere-se ao antecedente *crise financeira* e não a *banco Lehman Brothers*. Na primeira, *no qual* substitui sem problemas *em que*, retomando *um longo período*; veja o contexto: "Depois de termos vivido *um longo período* em que (= no qual) prevaleceu a ilusão da racionalidade intrínseca...". Na terceira, veja que a expressão *seu funcionamento* retoma o assunto do contexto, a saber: *mercados financeiros:* Depois de termos vivido um longo período em que prevaleceu a ilusão da racionalidade intrínseca aos mercados financeiros, hoje há novamente o reconhecimento das fragilidades e dos riscos sistêmicos associados a **seu funcionamento** (ou seja, ao funcionamento dos mercados financeiros).

2 – INCORRETA. Veja o contexto: "... o indivíduo tem as condições mínimas para atingir a felicidade, a que todos os homens tendem". Lembra-se de que eu falei sobre o uso obrigatório da preposição antes do pronome relativo quando um verbo após ele exigi-la? Deveria ser: "... o indivíduo tem as condições mínimas para atingir a felicidade, à **qual** todos os homens tendem", com acento indicativo de crase.

3 – A. Na primeira afirmação, não há erro gramatical algum, nem se desrespeitam as relações entre os argumentos se substituirmos *onde* por *em que*, uma vez que ambos os pronomes relativos retomam uma palavra que indica lugar (mundo); falsa afirmação, portanto. Na quarta afirmação, há de fato erro gramatical e a relação entre os argumentos é desrespeitada, uma vez que o pronome relativo *onde* não é substituível por outro pronome relativo não iniciado por preposição; a substituição só seria possível assim: "... uma ponte ou uma estrada **na qual** se cobrava pedágio.".

4 – C. Em A, o pronome oblíquo átono **-lo** retoma o substantivo *desenvolvimento*. Em C, veja o contexto: "Acabar drasticamente e de imediato com as emissões de CO2 e com a utilização de combustíveis fósseis não é possível. Por outro lado, adotar novas tecnologias que aumentem ou estimulem ainda mais o **seu** consumo, nem pensar.". Em D, veja o contexto: "A principal fonte de energia hoje são os combustíveis fósseis e o maior vilão dessa história é a emissão de CO2 na atmosfera (embora não seja o único). Parece irreversível a tendência à **sua** redução pela adoção de novas e mais eficientes tecnologias e fontes de energia.". Percebeu que o pronome destacado não se refere à *industrialização*, mas sim à *emissão*?

5 – A. Os pronomes *Essas* (demonstrativo) e *elas* (pessoal reto) têm valor anafórico, retomando *energias renováveis*. O uso dos pronomes *Tais* e *essas* está adequado na letra B. O uso do pronome indefinido *Certas* está inadequado na letra C, pois dá, erradamente, uma ideia

vaga. A mesma inadequação ocorre em D e em E com *Algumas/algumas* e *Diversas/certas*.

6 – CERTO. O pronome oblíquo átono é usado antes do verbo auxiliar ou após o principal quando vem uma palavra atrativa antes da locução verbal. Corretíssimo!

7 – Se retirarmos o pronome demonstrativo *o* (= aquilo) antes do pronome relativo *que*, a estrutura ficará comprometida, pois o pronome relativo deixará de retomar um termo, coisa que não existe na língua portuguesa. Veja: "Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam é de índices sobre macroeconomia, números abstratos que indicam a situação geral da economia, mas não revelam **que** se passa em seu interior." Alguns gramáticos vão dizer que este pronome negritado é um pronome indefinido, equivalendo a *que coisa*. Questionável... bem-vindo à ESAF.

8 – CERTO. No texto 1, há usos prescritos e não prescritos: "Dá-se isto...": segundo a prescrição gramatical, não se inicia período com pronome oblíquo átono; tem ele de ficar em posição enclítica (após o verbo); a ênclise está adequada, portanto. "Me mande...": segundo a prescrição gramatical, não se inicia período com pronome oblíquo átono; tem ele de ficar em posição enclítica (após o verbo); a forma adequada à norma culta, portanto, não seria a próclise (antes do verbo), mas a ênclise: "Mande-me...". No texto 2, há total respeito às regras de colocação pronominal: "E desde já **te** agradeço o reclame e os cobres, pois estou certo que foi você que **se** lembrou do meu nome". Os pronomes oblíquos átonos estão em posição proclítica (próclise), pois o advérbio **já** e o pronome relativo **que** "atraem" o pronome oblíquo, ficando antes do verbo.

9 – ERRADO. Segundo as regras de colocação pronominal, é facultativo o uso do pronome oblíquo antes de sujeito explícito (nome ou pronome), sem "palavra atrativa". Simples assim!

10 – ERRADO. Na primeira ocorrência, a colocação é facultativa, pois há sujeito explícito sem palavra atrativa. Na terceira ocorrência, a colocação é igualmente facultativa, pois segue esta regra: "infinitivo não flexionado precedido de palavras atrativas ou das preposições *para, em, por, sem, de, até, a"*. Na segunda ocorrência, a palavra denotativa de exclusão **só** serve de atrativa, logo a próclise é obrigatória.

11 – CERTO. Esta questão trata da função **referencial** (anafórica) do pronome. A **elipse** é a omissão de um termo facilmente subentendido pelo contexto. E é exatamente o contexto que nos permite dizer que a afirmação da banca procede, pois na linha 6 o sujeito elíptico (implícito) é "Oscar"; por sua vez, o pronome anafórico *ele* (que retoma um termo anterior) faz referência a *Oscar*, e não a outro nome. Talvez você confundisse o referente *Oscar* com *Papai do Céu*, mas o contexto não deixa dúvida, pois logo após *ele* vem *como um verdadeiro homem*, logo não pode se referir a *Papai do Céu*, mas sim a *Oscar*.

12 – CERTO. Esta questão é chatinha; não é qualquer um que faz, não! Trata do uso do pronome demonstrativo *este* com valor catafórico (refere-se a um termo ou ideia posterior). Realmente não é possível a reescrita proposta, pois o pronome oblíquo átono *o* (... e **o** desenvolvam) tem valor anafórico e está retomando aquilo que é "este nobre fim", a saber, o que vem após os dois-pontos (*fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver*). O problema desta retomada anafórica pelo *o* é que o referente do pronome catafórico *este* só vem após os dois-pontos, logo não podemos retomar o referente do catafórico *este* pelo oblíquo átono anafórico *o*. Em outras palavras, a reescrita só seria realmente possível assim: "... que estimulem e desenvolvam **este** nobre fim: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver, e **o** desenvolvam.".

13 – ERRADO. Note que o texto começa falando sobre o homem, centrando-se nele e em sua maneira de ver o mundo. Daí que não podemos jamais dizer que as expressões *sua sociedade* e *sua expressão* estejam se referindo a um fenômeno/conceito (etnocentrismo). Afinal, a sociedade é do homem e a maneira de se expressar (expressão) é igualmente do homem. Observe também que o pronome *sua* retoma, como anafórico que é, a palavra *homem*, presente nas linhas iniciais. Observe que se fala sobre "**sua** cultura" e "**seu** modo de vida". Cultura de quem? Modo de vida de quem? Do **homem**. Veja, então: "**É comum a crença** de que **sua** *própria sociedade* (a própria sociedade ***do homem***) é o centro da humanidade..."; *"É comum a crença* de que **sua** *própria sociedade* é... a **sua** única expressão (a única expressão ***do homem***).". Ufa!

14 – CERTO. O CESPE/UnB adora esse tipo de questão. Bem... uma maneira de visualizarmos melhor os referentes é por meio da reescritura, logo o faça: "(...) Sua cultura tem base em tolerância e solidariedade. **Sua cultura** (A cultura da paz) respeita os direitos individuais...". Percebe que a reescritura mantém a coesão e a coerência? Portanto, realmente o pronome *Ela* remete a "Sua cultura", que, por sua vez, refere-se à "cultura **de paz**".

15 – C. A única alternativa que apresenta o pronome pessoal de tratamento usado de maneira correta é a C, pois, quando se usa pronome de tratamento, a regra gramatical diz que os verbos e outros pronomes que referem a ele devem estar na 3ª pessoa do discurso, o que não ocorre nas demais alternativas. Segundo os principais manuais de redação oficiais, as abreviaturas usadas pela FCC não procedem. Segundo o irrefutável Celso Pedro Luft, revisor do *Manual de Redação da Presidência da República*, a abreviatura de Vossa Excelência é V. Exa. (ou V. Exª.). Bem-vindo à FCC.

16 – B. Para que esteja correto o uso da preposição antes do relativo, você tem de perceber se o verbo ou o nome que vem após o pronome relativo está exigindo preposição. Veja a letra B: "... um vício de que *muita gente da imprensa não consegue* se esquivar". A pergunta que você

vai fazer é: “Muita gente da imprensa não consegue se esquivar **de** quê?”. **Do vício**, certo? Afinal, quem **se esquiva se esquiva *de*** algo/alguém. Em outras palavras, veja se após o pronome relativo há um verbo ou um nome **exigindo uma preposição**. Se houver (Brasil!), a preposição ficará antes do pronome relativo! Ok? Agora teste esse conhecimento nas demais alternativas, já corrigidas: A: “O Príncipe é um símbolo reincidente, de cujo nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento.”. Quem tem **conhecimento tem conhecimento *de*** algo. O cujo está bem usado, pois ele sempre vem relacionando dois nomes, estabelecendo uma relação de posse entre eles. Desdobrando a oração, ela ficaria assim: “Talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento do **nome** pessoal **do Príncipe**. Percebe a relação de posse entre *nome* e *Príncipe*? C: “A trama da qual o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso.” Quem **participa participa *de*** algo. O pronome relativo *a qual* está retomando *a trama*, expressão feminina, logo está bem usado. D: “Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão da qual decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve.”. Toda a trama **decorreria** *de* algo. E: “Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação **de** que irão depender todas as demais.”. Quem **irá depender irá depender *de*** algo/alguém.

17 – E. Primeira parte: quem cultua cultua algo ou alguém, certo? Ok. Delacroix é um nome masculino singular, certo? Portanto o pronome oblíquo a ser usado é o pronome *o*. Só que o verbo termina em **-r**, certo? O *r* vai deixar de ser usado e o pronome *o* vai se tornar *lo*. Daí, temos a seguinte reescritura: “nem por isso deixa de cultuá-**lo**”. Segunda parte: o pronome oblíquo átono vai substituir uma expressão substantiva de núcleo feminino e singular, e o verbo não termina em **-r**, logo a reescritura certa é: “Cézanne **a** admira” ou “Cézanne admira-**a**”. A colocação do pronome neste caso é facultativa. Terceira parte: observe que a expressão substantiva sublinhada tem núcleo feminino singular, logo usaremos o pronome oblíquo átono *a*; como o advérbio *já* vem colocado antes do verbo, o pronome também ficará antes do verbo: “já **a** encontramos”.

18 – A. Na letra A, veja que o *cujo* está bem usado, respeitando todos aqueles critérios de uso que a gente já viu. Sobre a preposição, ela vem antes do pronome relativo porque o verbo *acreditar* a exige: “Não deu certo o tal do método prático **em** cuja eficiência Paulo Honório chegou a **acreditar**.”. Vejamos os demais erros: b) “Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada **DE** que nenhum escritor pode **abdicar**.” Quem abdica, abdica algo ou **de** algo. c) “Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal que jamais **toleraria**.” Quem tolera, tolera algo/alguém. d) “Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas cujo brilho ninguém **superaria**.” Quem supera, supera algo/alguém. e) “A linguagem **A** que Paulo Honório

de fato **aspirava** era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas." Quem aspira, aspira A algo (no sentido de almejar).

19 – C. Observe com calma: "As hipóteses aventadas, ***em que*** *se baseiam os especialistas*, devem ainda ser comprovadas por exames acurados.". Quem se baseia se baseia **em** algo. Aí está. Simples assim. Faça esse teste nas outras alternativas e constatará que não se exige a preposição **em**.

20 – C. Sobre a letra C, o verbo *definir* é transitivo direto, exige complemento não preposicionado (objeto direto). Como já sabemos, o *lhe* substitui termos preposicionados (objeto indireto), logo a substituição está inadequada. Deveria ser "definiu-o", pois *-o, -a, -os, -as* (e variações: *-lo, -la, -los, -las, -no, -na, -nos, -nas*) exercem função de objeto direto, substituindo complementos não preposicionados.

21 – E. Na letra E, o *lhe* foi usado para substituir um complemento não preposicionado; isso é um erro, uma vez que tal pronome só substitui complemento preposicionado (**a** ele(a/s); **para** ele(a/s)). Ok? Deveria ser: "Guimarães Rosa mantém-no ou Guimarães Rosa o mantém".

22 – C. A afirmação do tópico II está equivocada, pois o verbo que vem após o pronome relativo está no plural, logo o pronome relativo 'que' pode retomar tranquilamente o núcleo do termo preposicionado anterior. Agora, por uma questão de maior clareza, o uso do pronome relativo *os quais* realmente é melhor. Isso não significa que o uso do *que* implicaria ambiguidade ou erro. Veja: "*A própria literatura consagra* escritores *no mercado internacional,* ***os quais/que*** negociam *seus direitos por intermédio de agentes...*".

23 – D. Questão interessante. Na letra D, numa análise mais "moderna", o adjetivo *pesado* exige um complemento preposicionado iniciado por *a* ou *para*, por isso o uso do *lhe* é aceitável. Lembra que o *lhe* pode ser substituído por "a/para ele"? É isso aí. "O jarro era por demais pesado **para ele** = o jarro **lhe** era por demais pesado". Eu disse que a questão é interessante, pois a maioria dos gramáticos dizem que o *lhe* só pode exercer função sintática de objeto indireto em detrimento de outros estudiosos da língua, como Claudio Cezar Henriques, Ulisses Infante, Faraco & Moura, Celso Pedro Luft e mais uns pingados. Estes dizem que o *lhe* pode exercer função sintática de complemento nominal, que também é um termo preposicionado. Os gramáticos tradicionais vão dizer que, mesmo com o verbo *ser* (verbo de ligação), o *lhe* tem função de objeto indireto; é mole? Fique esperto!

24 – E. a) "A obsolescência e o anacronismo, atributos **com** os quais os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar com a expressão dez de setembro." (Os americanos manifestam todo seu desprezo **com** estes atributos: obsolescência e anacronismo.) O uso do pronome relativo *os quais* está correto, pois ele retoma atributos (masculino plural).

b) “O estado de psicose, **no** qual imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança cuja radicalidade muitos recriminam.” Quem imerge imerge **em** algum lugar. Quem recrimina recrimina algo/alguém. O uso dos pronomes relativos está correto, pois *o qual* retoma “estado de psicose”, expressão masculina singular; quanto ao *cujo*, estabelece a relação de posse entre dois nomes adequadamente. c) “A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo o qual ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo **do** qual foram tomados tantos americanos.” Quem se arrisca a pronunciar se arrisca a pronunciar algo. Quem é tomado é tomado **de** alguma coisa. Quanto ao uso de *o qual* retomando *algo* e *pasmo*, não há nada a dizer, pois está corretíssimo. d) “Não é à descrença, sentimento **por** que nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é à esperança que queremos nos apegar.” Quem se sente invadido, se sente invadido **por** algo. Quem quer se apegar, quer se apegar **a** algo/alguém. Sobre o uso do pronome relativo *que*, você já sabe que ele retoma qualquer palavra. e) “Fatos como os de 11/9, com que ninguém espera se deparar, são também lições terríveis, de cujo significado não se deve esquecer.” Quem espera se deparar espera se deparar **com** algo/alguém. Quem não se deve esquecer não se deve esquecer **de** algo/alguém. Os pronomes relativos *que* e *cujo* estão dentro do padrão culto.

25 – C. NUNCA o pronome oblíquo átono pode ficar após verbo no particípio! Regra clássica!

26 – C. Veja o contexto: “Um texto descuidado não chega a ser atestado de toda uma formação educacional frágil. Mas **o** é (ou seja, ‘mas é atestado’) da forma como damos ênfase àquilo que fazemos...”. Cuidado com esse pronome demonstrativo que substitui uma ideia inteira!

27 – B. Comento só as letras A e E, pois têm a ver com este capítulo. Na letra A, de fato o pronome possessivo *sua* tem como referente “remédios europeus”. Uma maneira de você perceber isso é substituindo o pronome pelo referente. Veja: “... que importavam remédios europeus e usavam produtos nativos na formulação *dos remédios europeus*”. Foi? Em E, o pronome relativo *que* refere-se a boticários de fato; substitua: “... eram manipuladas por boticários, *os boticários* importavam remédios...”. Foi?

28 – Totalmente **INCORRETA!** O pronome demonstrativo *tais* não é usado em linguagem informal apenas, mas também em linguagem formal para retomar termos, quando equivale aos demonstrativos *esse(a/s)*. Veja se a substituição não é perfeita: “O que **essas** pessoas talvez nunca percebam...”.

29 – B. Sobre B: o artigo é facultativo antes de pronome possessivo adjetivo. Portanto, correta a reescrita. Na letra A, ocorre um erro, pois o pronome indefinido seguido de artigo tem um sentido; sem artigo, outro. Sobre a letra E, veja o contexto para saber se é possível

trocar o pronome relativo *que* por *a qual*: “Portanto, correríamos o risco de, mesmo vivendo muito, ter de suportar a dor das perdas prematuras **a qual**, em função de uma vida maior, seriam muito mais doloridas.”. Note que o pronome relativo, na verdade, pelo contexto, está retomando “perdas prematuras”, logo deveria ser *as quais* e não *a qual*. Foi? Reescrevendo corretamente: “Portanto, correríamos o risco de, mesmo vivendo muito, ter de suportar a dor das *perdas prematuras* **que/as quais**, em função de uma vida maior, seriam muito mais doloridas.”.

30 – A. A forma *foram fechando-se* respeita o registro culto da língua, pois, em uma locução verbal, o pronome oblíquo átono pode ficar depois do verbo principal no gerúndio (ênclise), sem problemas.

31 – B. Cuidado com as preposições antes dos pronomes relativos! A essa altura do campeonato, você não pode mais *garotear*, hein! Veja de novo a letra B: exige-se alta *habilitação* **para** (esta preposição fica antes do pronome relativo *cujo*); o verbo *caber* exige a preposição A, que fica antes do pronome *quem* obrigatoriamente. Veja os erros das demais: a) A argumentação na qual se valeu o ministro baseava-se numa analogia em cuja pretendia confundir função técnica com função política. Quem se vale se vale **de**, então deveria ser: “A argumentação **d**a qual se valeu...”. O pronome relativo *cujo* vem entre dois nomes estabelecendo uma relação de posse, o que não ocorre neste texto. Portanto, o texto deveria ser reescrito assim: “A argumentação da qual se valeu o ministro baseava-se numa analogia que pretendia confundir função técnica com função política.”. c) Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto do que a promoção pelo mérito onde nem todos confiam. O adjetivo *preferível*, assim como o verbo *preferir*, exige a preposição A, isto é: “Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto à promoção...”. Além disso, o pronome relativo *onde* só retoma palavra de sentido locativo, o que não é o caso. Portanto, o texto deveria ser escrito assim: “Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto à promoção pelo mérito no qual nem todos confiam.”. d) A má reputação de que se imputa ao “assembleísmo” é análoga àquela em que se reveste a “meritocracia”. O verbo *imputar* não exige a preposição **de**, mas sim o verbo *revestir-se*, logo o trecho deveria ser escrito assim: “A má reputação que se imputa ao ‘assembleísmo’ é análoga àquela de que se reveste a ‘meritocracia’”. e) “A convicção de cuja não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo à natureza do caso.” Pela milésima vez, o *cujo* só vem entre dois nomes, o que não é o caso. A crase final não procede, pois não há contração de preposição *a* com artigo *a* para haver a crase. Logo, o trecho deveria ser escrito assim: “A convicção de que/da qual não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo a natureza do caso.”.

32 – D. Uma maneira de descobrir que expressão está sendo substituída pelo pronome demonstrativo *isso* é simplesmente substituir o pronome pela expressão (ou por uma paráfrase dela), no contexto. Veja: "Sem dúvida, não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos. Análise rasa baseada em uma ótica ultrapassada, na qual projetos hidrelétricos provocam necessariamente impactos ambientais irrecuperáveis e não compensáveis, sugere que esse duplo objetivo é inatingível. Mas **a ideia de que não é possível aliar construção de hidrelétricas e preservação da Amazônia não tem de ser assim** ...".

33 – CORRETA. Reveja o trecho: "Também certos latino-americanos **(adjetivo pátrio que reporta ao processo de colonização)**, como o brasileiro **(adjetivo pátrio específico)** Caio Prado Jr., o trindadense **(adjetivo pátrio específico)** Eric Williams e o argentino **(adjetivo pátrio específico)** Sérgio Bagu, haviam chamado a atenção para a vinculação, desde a colônia, da sua região **(ou 'da região deles', a saber: Brasil, Trinidad e Tobago e Argentina)** com o capitalismo mundial.".

34 – ERRADO. Afirmação equivocada, pois o demonstrativo *Essas* (também *esse, esses, essa*) <u>nunca</u> é usado para se referir a termo *posterior*. No contexto, "Essas" refere-se ao termo antecedente "muitos".

35 – E. Segundo a visão da FCC, apoiada em gramáticos tradicionais, não pode haver contração de preposição com artigo/pronome antes de sujeito de verbo no infinitivo. Logo, a redação da E está equivocada, pois, segundo esta ótica, deveria ser: "o motivo de os gregos legarem-nos apenas um valor fundamental". A minha ideia, ao colocar esta questão, na verdade, foi comentar a letra C. A FCC, acertadamente, nos ensina que pode haver próclise mesmo depois de uma intercalação. Exemplo: "Os professores, muito competentes por sinal, **nos** ajudaram (ou ajudaram-**nos**) muito.". Cuidado com esse papo de que pronome oblíquo átono não pode vir logo após a vírgula, hein. Neste caso, P-O-D-E! Quem diz isso não sou eu, mas a Academia Brasileira de Letras.

36 – ERRADO. Não é sanada, pois o pronome de tratamento que se refere a juiz é Vossa Excelência. Vossa Eminência ou Vossa Eminência Reverendíssima, em comunicações aos Cardeais. Corresponde-lhe o vocativo: Vossa Excelência é usada para autoridades **do Poder Judiciário**: Ministros dos Tribunais Superiores/Membros de Tribunais/Juízes/Auditores da Justiça Militar.

37 – ERRADO. O pronome retoma *rei*, e não *o poder do rei*.

38 – C. Esta questão deveria ter sido anulada, pois o vocábulo *qualquer* é tão somente um pronome indefinido, independente de sua posição junto ao substantivo. Quem diz isso não sou eu, mas todos os gramáticos superconsagrados, e nada mais, nada menos que a Academia

Brasileira de Letras. No entanto, ela não foi anulada, pois o dicionário Houaiss diz que *qualquer* pode ser um adjetivo. Não conheço outro dicionário que diga o mesmo que o Houaiss. Estranho, não?! Durma com um barulho desse!

39 – E. Quando *o, a, os, as* estão antes de pronome relativo *que* e antes de preposição *de* e podem ser substituídos por pronomes demonstrativos (*aquele(a/s), aquilo*), eles são classificados como reais pronomes demonstrativos.

40 – A. Conforme o trecho apresentado, o pronome oblíquo em destaque refere-se ao substantivo *convivência*: "... afastar a tensão na **convivência** entre os países, colaborando para manter a **convivência** em desejável harmonia" = "... afastar a tensão na **convivência** entre os países, colaborando para mantê-**la** (= convivência) em desejável harmonia.". Safo?

41 – CORRETA. Para ter certeza de que o pronome retoma determinado referente, substitua o pronome pelo referente: "A fraqueza da produção manufatureira, nos últimos meses e anos, aqueceu o debate sobre o risco de desindustrialização no Brasil. No ano passado, o crescimento **da produção manufatureira** foi de apenas 0,3%, uma ninharia em comparação com a alta de 6,7% no varejo". Simples assim!

42 – E. Vejamos um por um. A: O pronome indefinido *todos* se refere aos cidadãos finlandeses, não retoma nem sintetiza os termos da enumeração. B: As duas expressões estão em oposição, logo não pode ser uma paráfrase da outra. C: O pronome relativo *que* retoma o termo anterior: vida. D: O pronome *isso* sintetiza tão somente esta ideia: "A maioria de seus educados cidadãos são seres pouquíssimo críticos: questionam pouco a vida que levam e são fisicamente contidos". E: Reescreva o trecho, substituindo os pronomes pelo referente substantivo (cidadão): "A igualdade e a dignidade humana que uma sociedade pode produzir referem-se à possibilidade de o cidadão ter condições materiais e subjetivas à disposição **do cidadão**, para que, atendidas as necessidades básicas e diárias de bem-estar **do cidadão**, **o cidadão** ocupe **a si mesmo** (ou seja, **o cidadão**) com questões outras que a sobrevivência.".

43 – C. O autor se expressa na 1ª pessoa do plural como estratégia de polidez, de modéstia, evitando-se a possível interpretação de arrogância ou extrema pessoalidade.

44 – E. Substitua o *o* por *fato* e notará que *a escrita de próprio punho provoca, na região dedicada ao processamento das informações armazenadas na memória, uma atividade significativamente mais intensa do que a da digitação* é a ideia retomada, pois o pronome demonstrativo *o* faz referência ao papel que a escrita de próprio punho provoca no cérebro em contrapartida ao uso da digitação.

45 – D. A conjunção *e* não é atrativa, logo o pronome pode ficar enclítico ou proclítico.

46 – A. Observe com calma: "... tamanhos avanços tecnológicos provocam o distanciamento dos jovens em vez de (os avanços tecnológicos) aproximá-**los** (os jovens)...". Fácil, não?

47 – C. "O nome da cidade cuja população a respeita muito é Nadópolis.". Perfeito o uso do *cujo*.

48 – A. Segundo a regra de colocação pronominal sobre locução verbal com verbo principal no gerúndio, a reescritura de I está correta. As demais estão equivocadas: em II, o verbo *tratar-se* não varia em número, pois vem acompanhado de uma partícula de indeterminação do sujeito; em III, a próclise prevalece sobre a mesóclise; em IV, na segunda frase, a próclise não ocorre por causa da atração de um pronome indefinido, mas da de um advérbio (Já).

49 – C. O único referente feminino plural é duas loiras, logo o pronome oblíquo *las* tem valor anafórico, pois remete a *duas loiras*, substituindo-as, para evitar a repetição.

50 – C. Nas opções a), b) e e), o vocábulo *que* é uma conjunção integrante, pois inicia orações subordinadas substantivas, que equivalem a "isto/isso". Na d), o *que* é uma conjunção comparativa. Só na c), o *que* é um pronome relativo, pois retoma *eletrodomésticos* e pode ser substituído por *os quais*.

51 – C. a) O *lhe*, que não exerce função de objeto direto, não pode retomar *esta coluna*, que é um objeto direto. O adequado seria *assina-a*, pois o pronome *a*, além de concordar em gênero e número com termo substituído, exerce função de objeto direto. b) O adequado é *formamo-lo*, pois o verbo termina em **s**. c) Como o verbo termina em **r**, usa-se o pronome átono *lo* para retomar o termo substituído *o poder*. d) Mudá-lo. e) Preparando-a.

52 – C. Quem é frequentador é frequentador **de** algum lugar, logo *de que*: *O restaurante Reis, de que o poeta era assíduo frequentador, ficava no velho centro do Rio.* Poderia ser *do qual* também.

Capítulo 12
Gabarito

1 – **INCORRETA**. O verbo *tornar-se* é pronominal quando indica mudança de estado, logo o *se* não indica voz passiva, pois é uma parte integrante do verbo.

2 – **INCORRETA**. O *se* é um índice de indeterminação do sujeito. Retire o *se* e coloque o *alguém* antes do verbo, como se fosse o sujeito, e verá que o sentido é o mesmo. *Chegou-se a dizer que... = Alguém chegou a dizer que...* Não se sabe quem é o sujeito, logo o sujeito é indeterminado, e o *se* indica justamente isso, por isso é um pronome com função de indeterminar o sujeito.

3 – A **segunda afirmação está CORRETA** e é autoexplicativa. Mas para torná-la de fácil digestão, perceba que, em "Qualquer invencionice só estimularia operações especulativas no câmbio, que acabariam provocando uma valorização ainda mais indesejável da moeda nacional", as operações especulativas no câmbio seriam estimuladas por qualquer invencionice. Logo, na linha do tempo, primeiro ocorreria "qualquer invencionice" (passado) estimulando (no futuro), hipoteticamente, operações especulativas no câmbio. Já na primeira afirmação, as formas verbais estão no modo subjuntivo, logo não indicam "fatos de realização garantida", afinal, o subjuntivo exprime incerteza, dúvida, suposição etc.

4 – **B**. Observe que o enunciado fala sobre erro **gramatical**. Nada sobre sentido. Assim, perceba que em *vinham divulgando* o verbo auxiliar está no plural, logo o verbo *ter*, na 3ª pessoa do plural, recebe acento circunflexo, ficando assim: *têm divulgado*.

5 – **CORRETA**. O modo subjuntivo de fato introduz noção hipotética. A afirmação procede.

6 – **INCORRETA**. Não prejudica a correção, pois houve simples passagem de voz passiva sintética para voz passiva analítica.

7 – **C**. O verbo negociar, terminado em **-iar**, tem a seguinte conjugação no imperativo negativo (cópia do presente do subjuntivo): não negocies, não negocie, não negociemos, não negocieis, não negociem. Pelo que se vê, não há ditongação.

8 – **B**. A alternativa certa é autoexplicativa. O futuro do presente do indicativo indica fato futuro certo, ainda que sem data certa.

9 – **B**. Esta questão é de transposição de voz passiva analítica para voz passiva sintética. Elimina-se o verbo *ser* e passa-se o verbo principal para o mesmo modo, tempo e pessoa em que estava o verbo *ser*. Junta-se o pronome *se* apassivador ao verbo, observando-se as regras de colocação dos pronomes. O sujeito fica posposto ao verbo que com ele concorda. Assim:

Os estudos serão apresentados ao Ministério da Saúde > Apresentar-se-ão os estudos ao Ministério da Saúde. Simples assim!

10 – D. Questão de uniformidade de tratamento bastante legal. Lembra-se desse assunto? Bem, os verbos e os pronomes precisam estar em uma mesma forma de tratamento, ou seja, se o texto começa na 2ª pessoa, os demais elementos precisam estar na 2ª pessoa. Normalmente questão desse tipo está ligada à formação do imperativo. Observe a frase original: "Levanta suas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexa em seus pertences. Passa teus documentos e considere-se preso.". Observe agora as formas de tratamento usadas (note que há mistura de tratamentos, 2ª pessoa com 3ª pessoa... uma bagunça!): "Levanta (2ª p.) suas (3ª p.) mãos para o alto. Afaste-se (3ª p.) da vítima e não mexa (3ª p.) em seus (3ª p.) pertences. Passa (2ª p.) teus (2ª p.) documentos e considere-se (3ª p.) preso.". A única alternativa que respeita a uniformidade de tratamento é a letra D: "Levanta (2ª p.) tuas (2ª p.) mãos para o alto. Afasta-te (2ª p.) da vítima e não mexas (2ª p.) em seus (3ª p.) pertences. Passa (2ª p.) teus (2ª p.) documentos e considera-te (2ª p.) preso.". Tudo na 2ª pessoa; percebeu?

11 – CORRETA. O subjuntivo indica hipótese, como de costume, e o indicativo, afirmação certa. A substituição de *sejam* por *são* ou *serão* mudaria a perspectiva de sentido, atendendo à intenção que se deseja atribuir ao contexto.

12 – INCORRETA. Por falta de correlação verbal, é impossível que o pretérito imperfeito do subjuntivo substitua o presente do subjuntivo neste contexto, pois a correlação só se estabelece através de dois verbos: 'garante' (presente do indicativo) + 'exerça' (presente do subjuntivo). Veja como a substituição fica esdrúxula: "Apesar desta missão ser, por si só, relevante, na medida em que garante os recursos financeiros para que o Poder Público bem **exercesse** seu mister...". Raciocine: se a missão garante algo para que o Poder Público passe a exercer, isso não pode estar ligado a uma ideia passada.

13 – Nenhum. Em I, o verbo **ser** é expletivo, ou seja, pode ser retirado sem prejuízo sintático ou semântico, pois o objetivo dele é meramente estilístico (realce). Em II, está certa a substituição, pois o tempo composto do pretérito mais-que-perfeito do indicativo (fizera) é feito por meio do verbo *ter/haver* no pretérito imperfeito do indicativo + particípio (havia feito).

14 – CERTO. Os gramáticos dizem que, quando se quer dar ênfase ao sujeito do verbo no infinitivo, é possível flexioná-lo. Portanto, embora devamos levar em conta as regras abaixo, a flexão do infinitivo dependerá da intenção do autor e da clareza que se quer dar ao discurso. Observe esta frase: *Convidei meus amigos para* ***almoçar/almoçarem*** lá em casa (tanto faz). Portanto, pode o infinitivo se flexionar ou não neste caso: "Ficamos a olhar o verde do jardim,

as gotas a ***evaporar/evaporarem****, as lesmas a* ***preparar/prepararem*** *os corpos para novas caminhadas.*”.

15 – CERTO. O futuro do pretérito é um tempo verbal que está diretamente ligado à ideia de hipótese, suposição, dúvida, incerteza. Portanto, uma maneira de criarmos um distanciamento no nosso discurso é por meio do uso desse tempo verbal. Perceba que, com o uso do verbo no futuro do pretérito, se coloca em xeque a veracidade da afirmação, a saber: é, *de fato*, a indispensabilidade da teoria política uma necessidade de autoconhecimento dos indivíduos?

16 – ERRADO. O uso do verbo no presente do subjuntivo *estejam* não se relaciona sintaticamente com a oração “como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas”, mas sim tão somente com **pessoas**. Além disso, a escolha do presente do subjuntivo nada tem a ver com a relação sintática entre a forma verbal *estejam* e algum termo da oração. A seleção deste tempo e modo verbal para o verbo *estar* tem a ver com o contexto de possibilidade, hipótese, a saber: “**A questão da desigualdade**, finalmente, **está produzindo estudos focados em entender como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas — *estejam*** *elas no topo ou na base.”* (Percebe aqui a ideia de possibilidade?). Safo?

17 – ERRADO. O verbo auxiliar *dever*, em ambos os casos, não indica probabilidade. Não é pelo fato de eles estarem, respectivamente, no presente e futuro do presente do <u>indicativo</u>, o modo da certeza, mas sim porque exprimem um tom imperativo, de obrigatoriedade/dever/recomendação. O verbo auxiliar *dever* é bem interessante, pois seu valor semântico pode mudar consoante o contexto. Veja: *Você deve sair daqui agora!* (obrigatoriedade)/*Já que você não trabalha, deve estudar.* (necessidade)/*O João já deve ter chegado.* (possibilidade, incerteza).

18 – ERRADO. A substituição incorrerá em erro gramatical e incoerência, porque há falta de correlação verbal. Veja: “... sabia que isso não o *tornasse* menos humano e digno”. Esse verbo não cabe no contexto uma vez que não há harmonia de sentido entre a forma verbal *sabia* (pretérito imperfeito do indicativo) e *tornasse* (pretérito imperfeito do subjuntivo). Raciocine: se ele sabia algo (isso indica certeza, fato), não faz sentido deixar o verbo *tornar* no subjuntivo, indicando um passado hipotético. Ficará incoerente. Ok?

19 – CERTO. Lembra-se daquele bizuzinho de conjugação verbal do subjuntivo que você aprendeu láááááá com a Tia Teteca, na escolinha? Então, ele vale ainda hoje. Veja: *(Se) eu amasse, tu amasses, ele amasse, nós amássemos...* (pretérito imperfeito do subjuntivo). Sabe por que você aprende a conjugar com essas conjunções antes do verbo no subjuntivo? Porque o verbo no subjuntivo é próprio das orações subordinadas, e tais conjunções são subordinativas, introduzindo, afinal, orações subordinadas. Logo, faz todo o sentido a

afirmação da banca.

20 – ERRADO. No primeiro caso, *misturar* é verbo principal da locução verbal *voltam a se misturar*, portanto não sofre flexão — a não ser que estivesse bem afastado do auxiliar, o que não é o caso. Sobre *provocar*, note que, antes, um substantivo seguido de preposição *de* rege o verbo, logo, não se pode flexioná-lo: "... na *esperança de... provocar...*".

21 – CERTO. A forma verbal *apreenderem* é um infinitivo flexionado, pois vem antecedido de preposição. Estou falando isso, pois muita gente confunde a forma verbal de futuro do subjuntivo com a forma de infinitivo. Enquanto esta vem antecedida de preposição, aquela vem antecedida de conjunção. Veja: ***Quando*** *policiais da Delegacia Antipirataria* ***apreenderem***.../"... **após** policiais da Delegacia Antipirataria **apreenderem**...". A forma de tempo composto do verbo 'apreender' é *ter/haver apreendido*. Colocando na 3ª pessoa do plural, temos *terem apreendido*, que tem o mesmo sentido que *apreenderem*. Logo, "... **após** policiais da Delegacia Antipirataria **terem apreendido**...". Safo?

22 – CERTO. Houve simples mudança de voz passiva analítica para sintética e vice-versa.

23 – CERTO. Interessante a questão, pois, de fato, a troca de *se* por *caso* altera o tempo verbal, mas não o modo, de modo que a frase fica assim: "Caso nos **apressemos** (presente do subjuntivo) a dizer... **poderá** (futuro do subjuntivo) apenas...".

24 – ERRADO. Como se trata de uma pergunta, os verbos no futuro do presente expressam dúvida, portanto não existe assertiva (ou certeza) quanto às supostas características da *nova sociedade*.

25 – CERTO. O tempo composto formado pelos verbos *ter/haver* no pretérito imperfeito do indicativo + particípio, formam o pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo, que equivale ao pretérito mais-que-perfeito simples do indicativo. Em outras palavras, *havia/tinha imprimido = imprimira*.

26 – ERRADO. A ideia não é sugerir que há nações que resistem a "estar nesse tempo". O futuro do subjuntivo (*quiserem*) tão somente indica o verdadeiro desejo que as nações devem ter de fazer parte, no futuro (hipotético, pois não se sabe com certeza se nações não adotarão tal postura, o que é totalmente diferente de dizer que algumas nações resistem à era tecnológica), da era da informação (internet).

27 – CERTO. Note que a locução verbal de tempo composto (ter/haver + particípio) está na voz passiva analítica (*tenha sido... formada*). No entanto, nada impede que substituamos o verbo *ter*, no presente do subjuntivo, pelo verbo *haver*, desde que este esteja no mesmo tempo e modo verbal. Portanto, poderíamos reescrever o trecho assim: "... que ***haja*** *sido*

completamente *formada* na era da Internet". Fica feio, mas é forma culta... fazer o quê?

28 – A. Esta questão trata, na letra A, de emprego de tempos e modos verbais e aspecto verbal. Vejamos o contexto: "No entanto, sem escala de valor está a vida de milhares de pessoas que **faleceram** (pretérito perfeito do indicativo) e **virão a sucumbir** (futuro do presente do indicativo), vítimas das enchentes.". De fato os verbos expressam, respectivamente, uma ação concluída, observada no seu término, no seu resultado, e uma ação a ocorrer após o momento em que se enuncia o fato. Na letra B, a banca sugere que a locução verbal fique assim: "poderiam terem sido evitadas". Nooossssaaa! Ficaria no mínimo... *feio*, como dizem as meninas! Mas a questão é que apenas o primeiro verbo da locução verbal (verbo auxiliar) pode variar em número e pessoa, os outros não! Safo? Sobre a letra E, não se pode trocar a forma participial *suspenso* por *suspendido* à la Bangu, não! Você pensa que cachaça é água? Cachaça não é água, não! Lembra-se dos verbos abundantes? Segundo Rocha Lima, **verbos abundantes** são aqueles que apresentam mais de uma forma verbal para expressar a mesma flexão. Há muitos verbos que possuem duas formas de particípio: uma terminada em **ado** ou **ido** – regular (quando vierem os verbos *ter* ou *haver* antes), portanto; e outra reduzida, irregular, sem **ado** ou **ido** (quando vierem os verbos ser ou estar antes).

29 – CORRETO. A afirmação está perfeita. Veja o contexto: "Afinal, se uma pessoa se **lembrasse** (pretérito imperfeito do subjuntivo) de tudo, em todos os pormenores, não **conseguiria** (futuro do pretérito do indicativo) pensar de forma genérica.". Se mudássemos o tempo verbal, haveria mudança na correlação verbal: "Afinal, se uma pessoa se **lembrar** (futuro do subjuntivo) de tudo, em todos os pormenores, não **conseguirá** (futuro do presente do indicativo) pensar de forma genérica.".

30 – CERTO. Questão de correlação verbal de novo: clássica! Está é mole, pois há duas combinações clássicas para que haja harmonia de sentido entre os verbos no período: pretérito imperfeito do subjuntivo (*caísse*) + futuro do pretérito (*viria*) ou futuro do subjuntivo (*cair*) + futuro do presente do indicativo (*virá*).

31 – A. Por que a letra A é o gabarito? Veja: *(A) As ponderações de Kucinski **seriam** úteis se acatadas por todos os que **estivessem** envolvidos no campo de atuação que ele analisou.* Essa dobradinha de correlação verbal é clássica! **Futuro do pretérito** + **Pretérito imperfeito do subjuntivo** (ou vice-versa).

32 – B. A correta correlação é esta e nenhuma outra: "Paulo Honório **queria** contar a própria vida, mas, julgando que não o **conseguiria**, **pediu** ao jornalista Gondim que o **fizesse**." Lembre-se de que a correlação ocorre entre dois verbos em uma estrutura de subordinação. Portanto, você precisaria perceber a correlação entre essas estruturas de subordinação (note a

conjunção integrante marcando a relação de subordinação): "**julgando** que não o **conseguiria**"/"**pediu** ao jornalista Gondim que o **fizesse**". No primeiro caso, como se trata de uma narração, o verbo no gerúndio mantém a ideia de passado, é como se estivesse escrito assim: "**julgou** que não o **conseguiria**": *voilà!*; correlação adequada, pois temos aí **pretérito perfeito + futuro do pretérito**. No segundo caso, temos a adequada correlação verbal **pretérito perfeito (pediu) + pretérito imperfeito do subjuntivo** *(fizesse)*.

33 – E. Note, no enunciado, que a forma verbal *fez* está acompanhada da partícula *se*, certo? Essa partícula é apassivadora porque podemos reescrever a frase passando para a voz passiva analítica (a marca de voz passiva analítica é o verbo ***ser*** + **particípio**. Veja: *Foi assim que sempre* se *fez a literatura = Foi assim que sempre a literatura* foi feita. Esta reescritura prova que o *se* é partícula apassivadora e que encontra semelhança com a letra B. No entanto, o enunciado não quer que você marque a frase que esteja na voz passiva analítica, mas sim na voz ATIVA. Passando da voz passiva sintética para a ativa, basta retirar o *se* e o verbo da ativa ficará na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito, ou seja, sujeito indeterminado. Exemplo: Fez-se um grande arranjo para o casamento./Fizeram um grande arranjo para o casamento. Desse modo, meu nobre, *Foi assim que sempre* se fez *a literatura* (passiva sintética) = *Foi assim que sempre* fizeram *a literatura* (ativa).

34 – B. Mole: ... a leitura em profundidade (sujeito da passiva vira objeto direto na ativa) foi substituída (vira um simples verbo com o mesmo tempo e modo verbais do *ser* – pretérito perfeito) pela massa de informações (agente da passiva vira sujeito da ativa)... Logo: "A massa de informações (sujeito) **substituiu** (simples verbo no pretérito perfeito) a leitura em profundidade (objeto direto).".

35 – E. *Caso houvesse ganhos da produtividade na pecuária (hipótese), po-de-ri-am liberar terras*... vão re-al-men-te liberar? Talvez! Enfim... o futuro do pretérito indica hipótese! Olho nele!

36 – A. Os verbos no subjuntivo, normalmente, aparecem após conjunções subordinativas (que, embora...), portanto prestemos atenção nas conjunções para que conjuguemos os verbos corretamente. Outra forma de acertar é perceber as desinências: para verbos de 1ª conjugação (**ar**), a desinência que sempre vai aparecer no presente do subjuntivo é a desinência modo-temporal **e**. Para verbos de 2ª conjugação (**er**) e de 3ª conjugação, a desinência será **a**.

37 – C. Antes de qualquer coisa, perceba a noção temporal do verbo: passado, presente ou futuro? Passado, certo? Daí que eliminamos as letras A e E. Passado = pretérito. Há três pretéritos no modo indicativo: perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito. As marcas desinenciais (ou seja, as terminações formais) de verbos no pretérito perfeito são: 1ª p.: **i**/2ª

p.: **ste**/3ª p.: **u** (singular)/1ª p.: **mos**/2ª p.: **stes**/3ª p.: **ram** (plural). Os verbos que se encaixam aqui são *elogia**ram*** e *realizo**u***. Restou-nos apenas a forma verbal *enfatiza**vam*** que pertence ao mesmo tempo e modo verbal que *conheci**a***. Veja as terminações de 1ª conjugação e a conjugação, respectivamente: **va(ve)/a(e)**.

38 – E. *Viu pedrinhas ali perto.* (voz ativa) = *Pedrinhas* foram vistas *ali perto.* (voz passiva analítica)

39 – C. É (presente do indicativo) comum que, durante suas brincadeiras, as crianças se ***transportem*** *(presente do subjuntivo) para um universo mágico e* ***assumam*** *(presente do subjuntivo) a identidade de uma personagem admirada,* ***seja*** *(presente do subjuntivo) um super-herói ou uma figura da realeza*. Note que todos os verbos após o presente do indicativo estão no presente do subjuntivo, o que corrobora a dobradinha clássica **presente do indicativo + presente do subjuntivo**.

40 – B. Questão atípica da FCC. Uma questão parecida caiu na prova do ITA 2002-2003. Leia a afirmação I de novo. Lembra quando eu falei de emprego de tempos e modos verbais? Então, o pretérito imperfeito do indicativo é interessante, pois é usado por crianças em suas histórias e universos infantis. Com certeza, você já usou quando criança esta forma verbal ***(Agora faz de conta que eu era a mamãe e você era o papai, tá?)***. O sentido desse uso do pretérito imperfeito do indicativo se refere a um tempo que não cabe na história temporal, datada cronologicamente, real, como o do ontem ou do amanhã, mas um tempo dentro de um espaço imaginário, da fantasia. Portanto, nos versos *Agora eu era o herói* e *A gente agora já não tinha medo*, o uso do advérbio *agora* mostra-se ADEQUADO, dentro do universo infantil, do imaginário. Sobre a afirmação II, *Finja* e *dê* são verbos no imperativo afirmativo, pois indicam mando ou conselho ou pedido etc.

41 – B. Aluno, cá entre nós, para fazer uma questão de conjugação verbal, você não precisa conhecer a conjugação dos mais de 11.000 verbos. Assustou-se? Não se assuste, pois você só precisa saber a conjugação de alguns principais: *ser, ir, haver* (e o derivado *reaver*), *pôr* (e derivados), *ver* (e derivados), *vir* (e derivados), *prover, requerer, caber, valer, crer, precaver*, *ter* (e derivados), os terminados em **-uir**, **-iar** e **-ear**. Conjugue esses verbos em casa, até internalizá-los! Bem, respondendo à questão: A – Os verbos terminados em **-uir**, como constituir, não apresentam a letra **e** por terminação, mas sim a letra **i** (**Eu constituo, tu constituis, ele constitui**...). B – O verbo *requerer* não é conjugado como o verbo *querer*. No presente do indicativo, ele é conjugado assim: *eu requeiro, tu requeres, ele requer, nós requeremos, vós requereis, eles requerem*...; nas demais formas verbais, ele se conjuga como o verbo *vender* (veja, por exemplo, o pretérito perfeito do indicativo: *eu vendi/requeri, tu vendeste/tu requereste, ele vendeu/requereu, nós vendemos/requeremos, vós*

*vendestes/requerestes, eles venderam/**requereram***). Foi? C: *retiveram* é a forma certa, pois o verbo *reter* é derivado do verbo *ter*; normalmente as bancas gostam de trabalhar o pretérito perfeito nas conjugações verbais, fique ligado! *Eu (re)tive, tu (re)tiveste, ele (re)teve, nós (re)tivemos, vós (re)tivestes, eles (re)tiveram*. D: *vier* é a forma correta, pois o verbo *vir* está no futuro do subjuntivo; só interessante dizer que o verbo ver no futuro do subjuntivo dá trabalho, pois é "estranho"; veja: *Quando... eu vir, tu vires, ele vir, nós virmos, vós virdes, eles virem*. Estranhinho, não? E: *Se eles puserem...* o verbo *pôr* precisa ser bem conjugado, meus nobres; aprendam! Todo ano cai essa parada!

42 – D. *Tanto as fontes quanto a própria historiografia* (sujeito) *falavam* (verbo no pretérito imperfeito do indicativo) *a linguagem do poder* (objeto direto)... Transposição para a passiva analítica: *A linguagem do poder* (sujeito) *era falada* (locução verbal ser + particípio) *tanto pelas fontes quanto pela própria historiografia* (agente da passiva).

43 – B. *Competir* e *compelir* têm conjugação semelhante. Saiba uma, saberá a outra. Presente do indicativo: Eu compito/compilo, Tu competes/compeles, Ele compete/compele, Nós competimos/compelimos, Vós competis/compelis, Eles competem/compelem. E por aí vai... Veja também o presente do subjuntivo: *Que... eu compita/compila; tu compitas/compilas; ele compita/compila; nós compitamos/compilamos; vós compitais/compilais; eles compitam/compilam*. Finalmente no pretérito imperfeito do subjuntivo (desinência modo-temporal **sse**), temos: *Se... eu competisse/compelisse; tu competisses/compelisses; ele competisse/compelisse.* É isso aí! Agora a letra A. Lembra-se do verbo *ver,* que se encontra na lista dos que devem ser conjugados por você? Então, na letra A, aparece seu derivado: *antever*. A conjugação é a mesma, só é preciso colocar o prefixo (**ante-**) antes do verbo *ver* conjugado. Assim, a forma certa seria *antevissem* (*se... eu visse, tu visses, ele visse, nós víssemos, vós vísseis, eles **(ante)vissem***). Letra C: o que ocorre nesta letra é a possível confusão entre *sortir* e *surtir* (verbos parônimos); *sortir* significa *abastecer, prover, misturar, combinar*; *surtir* significa *provocar, acarretar, ter como consequência*; no contexto da alternativa, a conjugação está certa, mas o verbo está errado, deveria ser *sortir* (*Caso não se **sortisse***...). Letra D: o verbo *maldizer* vem de *dizer*, obviamente; logo a forma verbal no contexto apresentado deveria ser *(mal)diSSessem* (*... os viajantes maldissessem...*). Letra E: olha aí de novo o verbo *pôr*, ou melhor, seu derivado *(sobre)por*; a conjugação deveria ser *sobrepuseram*, pois o verbo *sobrepor* se encontra no futuro do subjuntivo.

44 – B. Mera questão de conjugação verbal. É preciso apenas conhecer a conjugação do verbo *haver* (Eu pedi para você treinar a conjugação dele naquela lista de verbos recorrentes!); quanto ao verbo *expressar*, ele é conjugado como qualquer outro verbo de 1ª conjugação, ou seja, verbos terminados em **-ar**, como *amar*. Pretérito perfeito do indicativo: *Eu houve, tu*

*houveste, ele **houve**, nós houvemos, vós houvestes, eles houveram. Eu amei/expressei, tu amaste/expressaste, ele amou/expressou, nós amamos/expressamos, vós amastes/expressastes, eles amaram/**expressaram**.*

45 – A. Os verbos estão no modo subjuntivo, e, como você já sabe, esse modo é o da hipótese.

46 – B. A forma de tempo composto do pretérito mais-que-perfeito do indicativo é feita por meio do verbo *ter/haver* no pretérito imperfeito + particípio. Ou seja, *escolhera = tinha/havia escolhido*.

47 – B. A primeira forma verbal (*crê*) está na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, logo ficamos entre a letra A e B, pois a 2ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo *crer* é (tu) ***crês***. A segunda forma verbal (*Erga*) está na 3ª pessoa do singular do imperativo afirmativo, que é cópia da 3ª pessoa do singular do presente do subjuntivo (vale dizer que o imperativo é formado pelo presente do indicativo e pelo presente do subjuntivo). Passando para a 2ª pessoa do singular do imperativo, temos que copiá-la da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo (sem a terminação **-s**), a saber: ***ergue***. Pronto! Batemos o martelo já! Mas, já que estamos aqui, comentaremos os demais verbos: *agradece* vem da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo (sem o **s**) para formar o imperativo afirmativo; *cobiçaste* e *acertaste* são formas de 2ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo.

48 – C. Voz passiva pronominal (ou sintética) apresenta pronome apassivador *se*. Para que o *se* seja um pronome apassivador, ele deve estar relacionado a um verbo transitivo direto, com sujeito paciente explícito na frase. Exemplo: *Alugam-se casas*. (*Casas são alugadas*). Vejamos cada alternativa: (A) "feito *hamsters* que se alimentam de sua própria agitação." — os *hamsters* praticam a ação de "se alimentar"; este *se* é pronome reflexivo. (B) "Recolher-se em casa," — o verbo *recolher* é intransitivo e o *se* é partícula integrante do verbo. (C) "sinal de que não se arrumou ninguém" — o verbo *arrumar* é transitivo direto e o *se* é uma partícula apassivadora; na voz passiva analítica temos: "sinal de que não foi arrumado ninguém". (D) "Mas, se a gente aprende a gostar (...)" — o *se* é uma conjunção condicional. (E) "nela a gente se refaz (...)" — "a gente" pratica a ação de "se refazer", ou seja, refazer a si mesmo; o *se* é um pronome reflexivo.

49 – E. Cuidado com alguns verbos: os terminados em **-ear** e **-iar**, *caber, valer, requerer, precaver-se, reaver, prover, viger, aderir (competir, preterir, discernir, concernir, impelir, expelir, repelir), ser, ir, vir* (e derivados), *ver* (e derivados), *pôr* (e derivados), *ter* (e derivados), *haver, sortir/surtir, construir/destruir, obstruir*. Se eu fosse você, eu conjugava todos os dias esses verbos! São sempre os mesmos que caem todo santo ano! Veja as frases já corrigidas: (A) *O coordenador **reviu** as necessidades dos grupos* (rever). Verbo *rever*

(derivado do verbo *ver*) flexionado na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. (B) *A impaciência* ***deteve*** *as pessoas* (deter). Verbo *deter* (derivado do verbo *ter*) flexionado na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. (C) *Eu* ***reavejo*** *minhas convicções diariamente*. (O verbo *reaver* – derivado do verbo *haver* sem a letra **h** – não é flexionado na 1ª pessoa do singular no presente do indicativo.). (D) *Quando você se* ***opuser*** *à minha solidão, ficarei aborrecido*. Verbo *opor* (derivado do verbo pôr) flexionado na 3ª pessoa do singular do futuro do subjuntivo. (E) Nós apreciamos os bons alunos. Verbo *apreciar* flexionado na 1ª pessoa do plural do presente do indicativo.

50 – B. Respeitando-se as regras de passagem de voz ativa para passiva, temos a seguinte reescritura: O efetivo acesso à Justiça, antes de tudo, ***tem sido proporcionado*** às partes pela conciliação... Note que o tempo composto mudou apenas pela colocação do verbo *ser* (no particípio) + *proporcionado*, formando uma locução verbal de voz passiva analítica **ser + particípio**.

51 – B. **Aspecto cursivo, durativo**: o processo verbal já teve um início e continuou ou continua, sem conclusão: *Ele* ***vem ouvindo*** música desde criança. (!!!)/***Temos exercitado*** *muito a Língua Portuguesa..*

52 – D. Para haver correlação verbal adequada, o trecho deveria ser reescrito assim: "Depois de se haver debatido por três dias na areia da praia a jubarte **acabou** sendo salva por uma traineira que **veio** socorrê-la.". *Acabara* indica uma ação passada terminada antes de outra ação passada, o que, no contexto, é inadequado, porque a baleia foi salva depois de ficar na praia 3 dias, e não antes.

53 – E. Nível Tele Tubbies! Tanto *aliaram* quanto *conheceu* estão no pretérito perfeito do indicativo, pois as terminações **-ram** e **-u** marcam não só o número e a pessoa mas também o modo e o tempo. São desinências cumulativas, que indicam o modo, o tempo, o número e a pessoa da forma verbal. Para acertar uma questão desta, é preciso treinar conjugação verbal, hein!

54 – D. Antes de tudo, dê graças a Deus de a FCC sempre colocar os mesmos verbos em questões de flexão verbal. Vejamos a reescrita de uma por uma: (A) *A revalorização e a nova proeminência de Paraty não prescindiram e não* ***requereram*** *mais do que o esquecimento e a passagem do tempo*. (B) *Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre* ***relegada*** *a um segundo plano, eis que ela* ***emerge*** *do esquecimento, em 1974*. (C) *A cada novo ciclo econômico* ***ratificava****-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855,* ***sobrevieram*** *longos anos de esquecimento.* (D) *A Casa Azul envidará todos os esforços, refreando as ações predatórias, para que a cidade não sucumba aos atropelos do turismo*

selvagem. (E) *Paraty imbuiu da sorte e do destino os meios para que* ***obtivesse****, agora em definitivo, o prestígio de um polo turístico de inegável valor histórico*.

55 – B. Tanto *sejam* como *venha* estão no presente do subjuntivo. Uma forma de perceber isso é que, normalmente, tais verbos vêm antecipados de locuções conjuntivas ou conjunções subordinativas adverbiais: *para que* e *ainda que*, respectivamente. Este é um *bizu* sagaz! Mas bom mesmo é saber a terminação das conjugações verbais e treinar muita conjugação, aí fica no sangue!

56 – E. A forma verbal *teriam* constitui forma de futuro do pretérito do indicativo, e não presente. Usa-se futuro do pretérito do indicativo para atenuar uma ordem no lugar de verbo no imperativo: "Você pegaria aquela bola para mim, por favor?" em vez de "Pega aquela bola para mim, por favor?" (Esta segunda forma de dizer o mesmo é mais incisiva, percebe?).

57 – E. Vejamos uma por uma: (A) A ideia de ação em processo não é exclusiva da forma *Continuamos*, pois o verbo no gerúndio (*repeti**ndo***) indica o mesmo. (B) A locução verbal foi redigida indica fato passado concluído.(C) A expressão *a realizar-se em Salvador* diz respeito à *III Conferência de Cúpula da região.* (D) Não é um fato possível, mas meramente hipotético. (E) De fato há ideia de futuro e desejo na expressão *hão de alimentar*, como, por exemplo: "O Brasil **há de ganhar** a Copa de 2014!".

58 – E. A forma verbal *publicava* está no pretérito imperfeito, logo o verbo auxiliar da locução verbal de voz passiva analítica (*ser* + particípio) ficará no pretérito imperfeito do indicativo também. Por isso, a frase transposta para a voz passiva é esta: *Há 40 anos, seu artigo mais famoso* ***era publicado*** *pela mais célebre crítica de cinema dos Estados Unidos, Pauline Kael (1919-2001).*

59 – A. Na voz ativa, o sujeito pratica a ação. Quando isso não é claro na frase, devemos olhar se há marcas de voz passiva, caso contrário estaremos diante de voz ativa. As marcas de voz passiva (analítica e sintética) são, respectivamente: *ser* + particípio (locução verbal) ou partícula *se* apassivadora. Note que em todas as opções, exceto em A (o gabarito), há marca de voz passiva analítica: "De dez em dez anos toda a burocracia **precisa ser fuzilada** e trocada."; "O Brasil é a melhor piada que já **foi contada** por um português."; "Advogados são as únicas pessoas cuja ignorância da lei não é punida com cadeia."; "O Brasil é um país perigosamente gasoso. Os problemas **são detectados**, mas ninguém sabe resolvê-los.". Veja a letra A: "Talvez o Brasil já **tenha acabado** e a gente não **perceba** isso.". Não há marcas de voz passiva, logo voz ativa na cabeça!

60 – E. O futuro do presente do indicativo pode ter valor imperativo. Normalmente isso ocorre em "leis e termos de serviço", por exemplo! É chamado de **futuro jussivo** (um futuro

com tom de imperativo): “Havendo notícia de infração penal, a Autoridade Policial, conforme a hipótese legal, **determinará** a imediata instauração do procedimento Policial competente (Inquérito Policial, Termo Circunstanciado, Procedimento de apuração de Ato Infracional).” ou “Exceto se acordado de outra forma por escrito pelo Google, o contrato do usuário com o Google **incluirá** sempre, no mínimo, os termos e condições apresentados neste documento.” Nos dez mandamentos bíblicos isso também ocorre.

61 – D. O verbo *ser* é considerado irregular por alguns gramáticos e anômalo por outros. É irregular, pois seu radical e/ou terminação não apresenta(m) a mesma forma em toda a conjugação.

62 – CERTO. Quando ela diz “Morri desde pequena” significa que ela já estava morta desde pequena, e não que ela estava em processo de morte até o momento da declaração.

63 – ERRADO. A afirmação diz que todos os verbos estão no imperativo afirmativo, mas isso não é verdade. A forma *calculais* é de 2ª pessoa do plural do presente do indicativo.

64 – CERTO. As formas verbais gerundivas (**-ndo**) indicam continuidade, processo em movimento, logo o sentido de fazem e brincam é igual a fazendo e brincando. Perfeito!

65 – E. *Ter/haver (tenha)* + particípio (passado) = tempo composto.

66 – E. Havia chegado é o tempo composto de *chegara* (pretérito mais-que-perfeito do indicativo), logo indica passado concluído.

67 – E. A essa altura do campeonato, estamos todos escaldados com os mesmos verbos, não é? A: INTERPUSER. B: INTERVEIO. C: VIR. D: VIER. E: IMPUSER (futuro do subjuntivo).

68 – B. Dizer que *haver* indica ação é um absurdo! E a questão não foi anulada. Por outro lado, a afirmação de que os “fatos” ocorrem simultaneamente procede.

69 – D. *Ser* + particípio formando uma locução verbal, Brasil! Locução verbal de **voz passiva analítica** na cabeça! Mole!

70 – C. Se você já domina a formação do imperativo, não teve dúvidas, pois a 2ª pessoa do singular o imperativo deriva da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo sem o **s** (III, IV, V) e a 3ª pessoa do singular do imperativo deriva da 3ª pessoa do singular do presente do subjuntivo (II). Fique de olho no imperativo!

71 – C. A única opção que apresenta correlação verbal perfeita é a C, pois há harmonia de sentido entre a junção das formas verbais (1) *houve* (pretérito perfeito do indicativo) + *falasse* (pretérito imperfeito do subjuntivo); (2) depois de preposição, usa-se infinitivo (*perceber*); (3) *discordam* (presente do indicativo, para manter a relação de certeza com o

verbo anterior – *são*); (4) *possam* (presente do subjuntivo, para manter a relação de hipótese com o verbo anterior – *supor*); (5) *prevê* (presente do indicativo, pois indica certeza); (6) *trará* (futuro do presente do indicativo; todo o contexto do período em que se encontra tal forma verbal dá ideia de futuro certo).

72 – C. O verbo no presente do indicativo expressa reiteração, frequência, repetição, hábito, tem um aspecto iterativo.

Capítulo 13
Gabarito

1 – A. O advérbio *tão* modifica os adjetivos *difícil* e *simples, tolo e natural*. Lembre-se de que, quando o advérbio modifica adjetivo ou advérbio, é sempre de intensidade, segundo os gramáticos tradicionais. Pronome de intensidade? A banca *carteou* bonito! Só rindo...

2 – B. Muita gente, de cara, marcaria "pronome demonstrativo", não é? Você marcou? Toda análise morfológica deve ser feita levando em conta o contexto. Em ***Tal*** *como está organizada, a sociedade gira em torno do mercado*, esse *tal* indica **modo** – circunstância adverbial, equivalendo a "assim": "***Assim*** como está organizada/***Do modo*** como está organizada". É, portanto, um advérbio desde criancinha... nesse caso, é claro.

3 – C. O primeiro advérbio de negação *não* é usado como resposta a uma suposta pergunta do leitor (Ué, mas não é cedo demais? **Não**.). Percebeu isso? Já o segundo *não* apenas serve de mero advérbio de negação modificando o verbo *ser*.

4 – A. ***Subitamente*** significa "inesperadamente", "repentinamente", o que está de acordo com o contexto (Ao contornar a ilha principal em busca do Ninhal das Fragatas, nosso ponto de ancoragem, *subitamente* vimos a exuberância da fauna, uma espécie de "Galápagos" do litoral paulista.).

5 – C. Como um advérbio de intensidade, *exponencialmente*, no contexto, está ligado à ideia de "grande medida". Para ser mais preciso, note que caberia a substituição por qualquer advérbio de intensidade (muito, bastante...) no trecho "Durante esse mesmo período, a industrialização permitiu que o consumo aumentasse <u>exponencialmente</u> (= intensamente/demasiadamente).".

6 – C. No enunciado, a palavra *mais* está empregada como advérbio de intensidade, modificando o adjetivo *comum*. Igualmente, na opção C, o termo *mais* é advérbio de tempo, mas dessa vez modificando o verbo *acreditar*, acrescentando uma circunstância ao verbo. Interessante é dizer que o vocábulo *mais* depois de palavra de sentido negativo tem normalmente ideia de tempo. Exemplo: *Nunca* ***mais*** *olhe na minha cara!* A: Faz parte da locução adverbial. B: Pronome indefinido. D: Pronome indefinido. E: Pronome indefinido.

7 – D. ***Algo*** é normalmente um pronome indefinido, mas neste caso modifica um adjetivo (perplexos), logo vira um advérbio. Leia mais sobre isso no capítulo de pronome, em *pronome indefinido*.

8 – CORRETO. A ideia de pressuposição será abordada num dos capítulos finais desta

gramática, mas podemos adiantar que tal conceito trata do uso de determinadas palavras ou construções sintáticas para imprimir uma ideia implícita à frase. Quando se diz que "aquilo que o texto nos diz **já** não constitui o objeto preferido de nossa atenção", isso significa que "anteriormente aquilo que o texto nos dizia constituía o objeto preferido de nossa atenção". Muitos advérbios servem à pressuposição. Em "O homem pisou ***de novo*** no freio do carro", por exemplo, pressupomos que ele já havia pisado.

9 – A primeira afirmação está **CORRETA**; a segunda, não. ***Só*** (= apenas, somente) pode ser, além de uma palavra denotativa de exclusão (encarada por alguns gramáticos como mero **advérbio**), um adjetivo também, quando equivale a "sozinho": *Eu estou tão **só** (= sozinho) nessa casa*. A expressão *só que* introduz ideia opositiva (= *mas, porém...*). Já o vocábulo *mesmo* indica inclusão, e não retificação, pois pode ser substituído por *inclusive*.

10 – D. Como já vimos no capítulo de pronome, não usamos tal vocábulo – mesmo(a/s) – substituindo um substantivo. A frase estaria correta assim: *O Bumba Meu Boi é manifestação folclórica diferente das demais do país; ela é mais espetacular.* As demais opções são autoexplicativas.

11 – A segunda afirmação está **INCORRETA**, pois a expressão *na realidade* tem valor opositivo ou retificativo, uma vez que serve para introduzir uma sentença que apresenta a verdade do que fora dito. O advérbio *realmente* serve apenas para indicar certeza.

A primeira afirmação está correta e é autoexplicativa (*aliás, além disso* e *outrossim* são advérbios de acréscimo, se forem sinônimos de *também*).

12 – INCORRETA. Note que *de surras* está modificando o substantivo *vítimas*, logo, *de surras* é uma locução adjetiva.

13 – C. De fato o vocábulo *mais* intensifica o verbo *falar*. A: *Carisma* é substantivo. B: *Nossas* é pronome substantivo possessivo. D: *Exerce* está no presente.

14 – ERRADO. Antes de tudo, veja que o CESPE tratou o pronome relativo *onde* como advérbio. "Está errado?" Não, pois muitos gramáticos dizem que o *onde* é um **advérbio relativo**, neste contexto. Portanto, tanto podemos dizer que o *onde* é um advérbio quanto um pronome relativo, pois ele assume esses dois papéis. O primeiro *onde* está equivocado, pois não retoma ideia temporal, mas sim locativa. A primeira frase deveria estar reescrita assim: "*...nos dias de folia carnavalesca, quando...*".

15 – CERTO. *Outrossim* e *também* dão ideia de acréscimo, logo o uso de ambos é redundante.

16 – CERTO. A afirmação da banca procede, pois quando o autor do texto diz "Realmente",

fica implícito que "*De fato* os números governam o mundo.". Esse advérbio é tradicionalmente considerado de **afirmação**, indicando mais especificamente neste caso a ideia de **confirmação**.

17 – CERTO. O advérbio *ali* tem valor anafórico, pois refere-se a um termo anterior: *muralha verde*. Uma maneira de saber isso é reescrevendo: "*Quando as caravelas atracaram nas límpidas águas e areias do litoral brasileiro, que em pequena distância parecia infinito, algo impressionou ainda mais aqueles inegáveis exploradores: uma enorme* ***muralha verde*** *parecia proteger aquelas terras.* ***Densas árvores****,* ***rica fauna****... Algo jamais visto, algo jamais imaginado. Aos poucos, os portugueses perceberam que* ***naquela muralha verde*** *estava a* ***verdadeira riqueza daquela terra*** *recém-conquistada.* Ficou claro agora?

18 – CORRETA. *Mutuamente* e *reciprocamente* são sinônimos e advérbios de modo.

19 – INCORRETA. De fato *inexoravelmente* é advérbio derivado do adjetivo *inexorável*, que significa *rigoroso, severo, inflexível*, portanto a afirmação final não procede. Esta questão serve para relembrá-lo de que os advérbios terminados em **-mente** são, normalmente (risos) derivados de adjetivos femininos ou uniformes.

20 – A afirmação em I é equivocada, pois *displicentemente* significa *negligentemente, sem atenção*. Em II, a palavra *bastante* modifica o adjetivo *comum*, logo é um advérbio de intensidade. Lembre-se de que advérbio é uma palavra invariável.

21 – CORRETA. *Até umas três gerações atrás* faz referência a uma ideia temporal de passado, o que se opõe à ideia de presente contida no advérbio *hoje*.

22 – E. Este vocábulo é engraçadinho. No enunciado, ele é um advérbio de intensidade, pois modifica o adjetivo *renegado*. Como você já sabe, tal vocábulo pode mudar de classe gramatical consoante o contexto. Veja em detalhe: a) Não aguentava mais tanto barulho. (advérbio de tempo)/b) E que tudo o mais vá pro inferno! (substantivo)/c) Cinco mais dois são sete. (conjunção aditiva)/d) Sem mais nem menos, ela sumiu. (substantivo)*/e) Com a chegada do irmão, ela ficou mais nervosa. (advérbio de intensidade modificando adjetivo) * *Sem mais nem menos* é uma locução adverbial de modo; o núcleo das locuções adverbiais têm base nominal, normalmente um substantivo, portanto, vejo o *mais* e o *menos* como substantivos.

23 – Ambas estão **INCORRETAS**. Sobre a primeira, há um advérbio que não indica lugar: "E foi **aí** que o interlocutor sugeriu". Tal vocábulo tem ideia de tempo, pois equivale a "nesse momento, então". Sobre a segunda, os primeiros "nãos" realmente são advérbios de negação, pois o interlocutor nega o conteúdo das perguntas anteriores. Já a expressão "Pois não" tem valor de afirmação, consentimento ou boa disposição: "Você pode me ajudar?" "*Pois não!*".

24 – **INCORRETA**. A afirmação não procede, pois a norma padrão exige que o grau do advérbio seja feito com o sufixo **-íssimo**. Estilisticamente, encontramos no registro literário e coloquial, não obstante, o uso de sufixos diminutivos ou aumentativos para indicar o grau de advérbios. Exemplo: Fui à praia *de tard*inha.

25 – CORRETA e autoexplicativa.O vocábulo *ainda* é um advérbio de tempo e não poderia ser substituído por *ainda que*, locução conjuntiva concessiva (= *embora, mesmo que, posto que, se bem que* etc.).

26 – D. Uma maneira de identificar a semelhança entre o *ainda* do enunciado e o *ainda* da letra D é reescrever assim: "A entidade também relata as condições das prisões já divulgadas por meio dos mutirões do CNJ e o crescente número de prisões de pessoas acusadas de delitos menores e inocentes. **Além disso (ou *ademais*)**, é considerado grave o fato de as detenções gerarem facções criminosas.". Agora veja a reescrita da letra D: "A jovem recebeu acusações injustas e, **ainda (= *além disso*)**, foi impedida de se explicar.". Sobre a letra A, o *ainda* pode ser substituído por *até o presente momento*. Sobre a letra B, o *ainda* exprime ideia de acontecimento/momento futuro. Sobre a letra C, o *ainda* indica constância, continuidade. Sobre a letra E, o *ainda* indica concessão, equivalendo a "mesmo assim".

27 – A. Apesar de estar fora de contexto, era perfeitamente possível marcar a letra A, pois as demais expressam outras circunstâncias. B: tempo; C: lugar (virtual) ou assunto; D: tempo; E: afirmação.

28 – D. Apesar de alguns gramáticos, como Bechara, abrirem uma concessão para o uso do advérbio *todo* com variação em gênero e número, a doutrina gramatical de que "advérbio é uma palavra invariável" foi levada a sério nesta questão, de modo que *toda escancarada* é uma construção equivocada, pois o advérbio sofreu flexão de gênero.

29 – D. A locução adverbial *além disso*, assim como *além do mais* ou *ademais* exprimem acréscimo, adição, logo adiciona um argumento.

30 – E. Preciso comentar mesmo? *Talvez* é uma palavra que indica possibilidade ou dúvida, mas nunca certeza; sinônimos: *acaso; porventura; quiçá* (Usa-se geralmente com o verbo no subjuntivo e, raramente, com o verbo no indicativo.)

31 – B. A expressão *ou seja* não serve para retificar. É usada antes de se dar uma explicação, antes de manifestar com outras palavras, ou de modo mais exato, a mesma ideia antes expressa.

32 – C. Os advérbios modalizadores que traduzem uma atitude ou estado psicológico do autor diante do fato por ele enunciado são *felizmente, infelizmente, lamentavelmente,*

agradavelmente, etc. A: Tempo. B: Certeza, convicção. D: Dúvida. E: Modo/focalização.

33 – INCORRETA. O vocábulo *logo* pode ser advérbio de tempo, sim: "Atenda logo o telefone!". Mas, quando equivale a "portanto" ou "então", tal vocábulo passa a ser classificado como conjunção conclusiva.

34 – CORRETA. O *mais* modifica um adjetivo (*barato*), intensificando-o, logo é um advérbio de intensidade.

35 – D. *Muito* modifica o adjetivo *grande*, logo é um advérbio de intensidade. A: Adjetivo. B: Adjetivo. C: Adjetivo.

36 – A. A dúvida está atrelada ao conceito de relativização, por isso podemos dizer que *presumivelmente*, do ponto de vista da tradição gramatical, é um advérbio de dúvida. Segundo os estudos e perspectivas atuais sobre os advérbios, *presumivelmente* seria um **modalizador epistêmico (quase asseverativo)**. *Certamente* e *absolutamente* são advérbios de afirmação, do ponto de vista tradicional, e **modalizadores epistêmicos (asseverativos)**, do ponto de vista dos estudos e perspectivas atuais sobre os advérbios. Cuidado com *absolutamente*, pois pode indicar afirmação ou negação, a depender do contexto. *Pacientemente* indica modo apenas.

37 – B. *Muitas vezes* e *não raro* (= *não raramente* = *muitas vezes*) são expressões sinônimas. Veja o segundo trecho, em que há a expressão adverbial *de fato*: segundo o dicionário Aulete, a expressão *com efeito* é o mesmo que *sem dúvida* (confirmando consequência verdadeira de fato ou ideia anterior): "Disseram que ela é eficiente. Com efeito, seu trabalho o demonstra.". Segundo o Aurélio, "significa: Efetivamente, realmente.". Portanto, *de fato* e *com efeito* são expressões sinônimas. Veja o terceiro trecho, em que há a locução conjuntiva *assim sendo* (conclusiva, como *portanto, assim, desse modo*), a qual é diferente de *de todo modo* — que apresenta, por sua vez, uma ressalva, como *de qualquer maneira, seja como for, em todo caso, não obstante* e afins. E no quarto trecho, o *mesmo* é uma palavra denotativa de **inclusão**, dessemelhante a *igualmente*, pois, convenhamos, inclusão e igualdade são conceitos distintos.

38 – A. O vocábulo *mais* modifica um substantivo, logo faz parte da categoria dos pronomes indefinidos. B: *Bastante* modifica o adjetivo tímida, logo é um advérbio de intensidade. C: *Penal* é um advérbio de modo, tradicionalmente falando; note que o sufixo **-mente** está (E pode estar!) implícito, pois o advérbio que o segue carrega tal sufixo. D: Apesar de *só* estar ligado ao advérbio *não*, formando parte da construção de conjunções correlativas (*não só...mas também* ou *não só... como também* etc.), a banca considerou tal vocábulo isoladamente como um advérbio de exclusão (chamado por alguns gramáticos de palavra denotativa de exclusão). E: *Antes* é um advérbio de tempo. A expressão *o quanto*, de *o quanto*

antes é considerada enfática e correta por Cegalla.

39 – Ambas estão **INCORRETAs**. Sobre a primeira, o vocábulo *aí* equivale a "nesse momento"; *então*, servindo como um termo sequenciador. A ideia dele não é de lugar, logo não há equivalência com *naquele lugar*. Ele dá ideia de tempo (= *a partir de então*...). Sobre a segunda, o vocábulo *só* não equivale a "somente". Isto posto, quero relembrá-lo de que a locução conjuntiva *só que* tem valor semântico adversativo, equivalendo a "mas", "porém", "contudo", "todavia", "entretanto" etc. Exemplo: Ele é muito legal, *só que* (= *mas*) sua família não presta.

40 – CORRETA. O vocábulo *disparado* significa no contexto *em primeiríssimo lugar*; trata-se de um advérbio, tanto é assim que pode ser acrescido o sufixo **-mente**: "A leitura, *disparadamente*, é a melhor forma de exercitar a memória".

41 – D. As locuções adverbiais às vezes e *em breve* exprimem ideia de tempo; já às pampas e *em excesso* exprimem ideia de intensidade. A: Tempo/lugar; B: Modo/tempo; C: Lugar/negação; E: Modo/tempo.

42 – A. O *ainda* equivale a "inclusive". Veja: "Diz **inclusive** a lenda que a imperatriz fez um fino manto de seda para o imperador.".

43 – A. I. De fato, *ontem* indica tempo passado. II. A locução *do mundo* está ligada ao substantivo *economia*, logo é locução adjetiva, e não adverbial. III. O advérbio *aqui* tem valor anafórico e refere-se a *Brasil*.

44 – B. Esta questão só nos interessa porque o vocábulo *meio* pode ser um advérbio de intensidade, quando se liga a um adjetivo ou a um advérbio: A indústria farmacêutica anda ***meio*** *apurada* com tanta demanda de remédios./As pessoas ficam ***meio*** *dependentes* dos efeitos químicos da medicação.

45 – C. Veja como a força da tradição gramatical ainda persiste em muitos concursos. A banca sustenta que *estranhamente* é um advérbio de modo, quando na realidade tal ideia é absurda, porque o sentido da frase não é que o personagem se recusava a comer <u>de modo estranho</u>. Não! A ideia do contexto é esta: o fato de ele se recusar a comer era estranho, do ponto de vista do enunciador do texto. Logo, *estranhamente* é um advérbio **modalizador afetivo (subjetivo)**, pois exprime um ponto de vista, um juízo de valor ou um estado de espírito do enunciador (falante) em relação ao conteúdo do enunciado. A locução adverbial em silêncio de fato indica o modo, pois indica o modo como se contemplava a paisagem. Por fim, *vagamente* modifica o adjetivo *familiar*, intensificando-o.

Capítulo 14
Gabarito

1 – E. Não é o exílio que canta, a canção não pertence ao exílio, logo a preposição *de* na contração *do* não tem valor possessivo, como você deve ter imaginado. Em "Canção do exílio", a ideia é: de onde, de que lugar vem a canção? Resposta: do exílio. Logo a preposição *de* tem valor locativo no contexto, indicando a mesma ideia de distância que se percebe em de *longe*. A: Qualidade. B: Matéria. C: Causa. D: Tempo.

2 – A. A ideia é de causa. Veja que dá para substituir pela locução prepositiva *por causa de*: "Por causa do real...", "Por causa da chuva...". As demais ocorrências da preposição *com* indicam companhia. O último *com* não tem valor semântico, pois é uma preposição relacional, exigida pelo verbo transitivo indireto *brigar*.

3 – C. Apesar de a preposição *para* normalmente indicar finalidade e, portanto, poder ser substituída pela locução prepositiva *a fim de*, não é o caso no contexto, pois a preposição *para* em "Esta é uma receita para..." tem valor meramente relacional, exigida pelo nome *receita*. A: Assunto. B: Exclusão. D: Lugar/proximidade. E: Lugar/direção.

4 – ERRADO. Tanto *de* como *sob* indicam modo/conformidade no contexto; nada se altera.

5 – CORRETO. Indica procedência. Isso fica claro quando se substitui *de* por *a partir de*.

6 – CERTO. Apesar de alguns gramáticos, como Cegalla, ensinarem que a preposição pode ficar implícita antes de oração iniciada por conjunção integrante *que*, a visão tradicional ensina que é obrigatório explicitar a preposição nesse contexto para não incorrer em erro gramatical.

7 – CERTO. Autoexplicativo. A preposição *de*, contida em "dos Estados Unidos da América", expressa ideia de procedência ou lugar.

8 – ERRADO. Quando há um nome antes do verbo *ser* exigindo uma preposição, esta deve ficar antes da conjunção integrante que inicia uma oração subordinada substantiva predicativa.

9 – CERTO. A locução prepositiva *apesar de* indica concessão, carregando a ideia de contraposição, contraste, oposição, quebra de expectativa.

10 – CERTO. A locução prepositiva *a fim de* indica finalidade, tal como *para*, no contexto. Logo, a substituição de uma por outra está adequada.

11 – B. O substantivo *agressão* exige a preposição *contra* também, logo a substituição está adequada.

12 – C. No primeiro caso, a preposição *por* tem valor nocional de causa. No segundo caso, o verbo optar exige a preposição *por*, que tem valor relacional.

13 – ERRADO. A afirmação da banca é viagem pura de ácido com whisky e Red Bull. A expressão *a despeito de* é tão somente uma locução prepositiva de concessão. As partes que compõem a locução não são analisadas separadamente. É por isso que toda locução tem o valor de unidade.

14 – ERRADO. Além de a relação semântica ser diferente, não seria mantida a correção gramatical do texto caso se substituísse uma por outra. Veja: "**de** (início)... **a** (fim)..."/"**entre**... **e**..." (focaliza o que ocorre no meio das duas datas). Percebeu que a preposição *de* se correlaciona com a preposição *a* e que a preposição *entre* se correlaciona com a conjunção *e*? É isso!

15 – CERTO. Tanto a preposição *de* como a preposição *para* no contexto da questão apresentam a mesma ideia de início (origem) e fim (destino), como em "De: Fernando Para: Juliana".

16 – ERRADO. Na primeira ocorrência, *para* indica finalidade, tanto que pode ser substituída por *a fim de*. Na segunda, *para* não tem valor nocional algum, pois é exigida pelo adjetivo *importantes*.

17 – E. A banca "brinca" aqui com a diferença entre ***a*** (artigo definido) e ***a*** (preposição). Como *em contraposição a* é uma locução prepositiva e 99,99% das locuções prepositivas terminam em preposição, *a* só pode ser preposição, e não artigo definido, logo o elemento gramatical ***a*** não define quais são as tentações, porque é preposição.

18 – D. O substantivo *meios* exige a preposição *para*, que tem valor meramente relacional.

19 – CORRETA. A substituição de *por* por *de* não prejudica a correção gramatical nem a coerência, pois ambas as preposições indicam valor de agente e iniciam um agente da passiva. Isso ficará mais claro quando eu falar de agente da passiva no capítulo de sintaxe.

20 – A. I: *para,* d*os,* à*s*. II: *o, a, os,* às *(a* + as*)*. III: *d*os *(d*aqueles*)*.

21 – D. Preposição *para* antes de verbo no infinitivo pode indicar duas circunstâncias: finalidade, quando equivale a "a fim de", ou consequência. Na letra D, o vocábulo *para* introduz ideia de finalidade. Nas demais frases, o *para* tem valor meramente relacional.

22 – E. Se for possível substituir *por* pela locução prepositiva *por causa de*, a ideia é de causa. Veja: "***Por causa de*** precaução, a maioria dos...". Pense: qual é o **motivo, a razão, a causa** de a maioria dos médicos recomendarem que se evite a combinação de bebida e

remédios? Resposta: *Por precaução.*

23 – B. A preposição *de* antes do pronome relativo *que*, na primeira lacuna, é exigida pelo verbo *servir-se*. A preposição *para* antes do pronome relativo *que*, na segunda lacuna, é exigida pelo nome *obrigações*.

24 – C. Note que em "... filhos com <u>até</u> dois anos de idade...", há um acúmulo de preposições (*com* e até), cada uma conservando seu sentido original. Safo?

25 – C. Fim ou finalidade. Dá no mesmo. Lembre-se: antes de infinitivo, o *para* indicará finalidade (= *a fim de*) ou consequência (= *a ponto de*).

26 – E. A preposição *para*, antes de verbo no infinitivo, pode indicar consequência (normalmente antecedida de advérbio de intensidade) ou finalidade: *Você devia estar muito distraído para (= a ponto de) não vê-la se exibindo./O doutor continua receitando remédios para (= a fim de) resolver aquele seu problema?*

27 – INCORRETA. *Apesar de* nunca introduz argumento orientado para a <u>conclusão</u> do texto. *Apesar de* é locução prepositiva que sempre indica concessão (= não obstante, a despeito de).

28 – Ambas estão **CORRETAs**. Tanto *devido a* equivale a *em razão de* (ambas as locuções prepositivas são causais) como *segundo* equivale a *conforme* (ambas são preposições acidentais de conformidade).

29 – E. Cuidado com *até* (preposição) e *até* (palavra denotativa – ou advérbio – de inclusão). No caso, *até* equivale a *inclusive*.

30 – B. Vou me apegar apenas ao que interessa neste capítulo: preposição. Note que a preposição tem o papel de ligar palavras ou orações. Neste caso, a preposição *a* liga o verbo auxiliar (*começou*) ao verbo principal (*chorar*), formando a locução verbal *começou* ***a*** *chorar*.

31 – A. Na primeira lacuna, usa-se a preposição *a* antes do pronome relativo *que*, pois o verbo *referir-se* a exige. Na segunda, usa-se a preposição *de* antes do pronome relativo *que*, pois o verbo *dispor* a exige. Simples assim.

32 – A. Note que todas as locuções têm valor causal, exceto *ademais de*, que tem valor aditivo.

33 – E. A conjunção *por* indica causa no enunciado e na letra E. Demais opções: A: Agente. B: Lugar. C: Agente. D: Agente.

Capítulo 15
Gabarito

1 – E. Nos dois primeiros períodos, cria-se uma boa expectativa em relação à abundância da floresta amazônica. No entanto, não é isso o que ocorre na ideia contida no terceiro período, que se contrapõe às anteriores. Por esse motivo, a conjunção adversativa *no entanto* abre o terceiro período quebrando uma expectativa. Valor semântico das demais conjunções: A: Causa. B: Tempo. C: Concessão. D: Proporção.

2 – A. Mera decoreba! *Mal* = logo que (temporal); *ao passo que* = à medida que (proporcional); *não obstante* seguido de subjuntivo = embora (concessivo); *desde que* seguido de subjuntivo (condicional).

3 – C. Esta questão trata da relação entre as partes do texto e das conjunções como elementos coesivos, construtores de sentido dentro da lógica discursiva. Veja que as relações são, respectivamente, de adição, adversidade, conclusão e adição: *Todo mundo fala de um renascimento do cinema brasileiro E ele parece incontestável. MAS ainda falta vencer um obstáculo fundamental: o preconceito do espectador brasileiro que continua relutante em sair de casa para assistir a um filme nacional. POR ISSO os filmes têm dificuldade de conseguir muitas salas E não conseguem o sucesso que mereciam.*

4 – A. Só pela ideia de acordo, já matamos a questão. Veja em B: **já que** foi combinado em assembleia de junho/2000 (locução conjuntiva causal), em C: **apesar d**o que foi combinado em assembleia de junho/2000 (locução prepositiva concessiva) e em D: **porquanto** tenha sido combinado em assembleia de junho/2000 (conjunção causal). Se você domina as conjunções e seus valores semânticos, não sentiu dificuldade, pois o comando de arrumação do texto é indicado pelas relações de sentido que as conjunções estabelecem. Veja: ***Conforme*** *o combinado em assembleia de junho/2000 (conjunção conformativa; acordo), solicitamos de V.Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola, em caráter de urgência,* ***para que*** *seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio (conjunção final; finalidade).* ***Embora*** *os reparos impeçam o andamento das aulas (conjunção concessiva; concessão), não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração.*

5 – D. Todos os conectivos são conjunções (ou locuções conjuntivas) subordinativas causais.

6 – D. Apesar de não ser uma questão puramente de conjunção, mas sim de orações coordenadas, queria reiterar que alguns gramáticos, como Sacconi, Cegalla e Infante, entendem que, quando a conjunção *e* tiver valor adversativo (= *mas*), a oração iniciada por ele será classificada como coordenada sindética adversativa.

7 – E. A relação entre uma frase e outra é de causa e consequência, logo, como a causa se inicia em (2), só podemos usar o *já que*, que é uma locução conjuntiva causal: "Mas talvez os shoppings, mesmo os mais sofisticados, como o Iguatemi, tenham se tornado democráticos demais para o gosto da classe alta paulista, JÁ QUE a cada pequeno entusiasmo econômico, logo a alvoroçada classe média da cidade resolve se intrometer aos bandos nas searas exclusivas dos muito ricos.". As demais: A: Locução conjuntiva concessiva. B: Locução conjuntiva consecutiva. C: Locução prepositiva *além de* indica adição, soma. D: Locução conjuntiva conclusiva.

8 – CORRETA. Note que a conjunção ***e*** liga períodos e tem, de fato, valor semântico de oposição (= *mas*).

9 – A. Perceba que entre orações já há uma relação de sentido, que fica explícita quando se usa a conjunção, portanto em 1) a relação é de oposição, que pode ser marcada por *e* ou *mas*, o que elimina B e D; já em 2) a relação é de causa, dando empate entre A e C, pois *porque* e *como*, iniciando período, podem indicar causa; por fim, a relação entre as frases de 3) é de conclusão, e a única opção que apresenta um conectivo conclusivo é a A: *por isso* (*porquanto* é causal/explicativo).

10 – D. A conjunção *mas* equivale a *mas também* e, no contexto, significa "além disso", "além do mais", adquirindo, assim, valor aditivo.

11 – D. Comentário da própria banca: "Considerando-se que o pronome relativo *que* retoma o elemento expresso na oração anterior, o sujeito do verbo canta é a expressão *o mar de minha saudade*. Nesse caso, o trecho em negrito recebe a classificação de oração subordinada adjetiva explicativa. Após as substituições exigidas pelo enunciado, o sujeito do verbo *canta* passa a ser o elemento *as murmurantes ondas*, devendo, portanto, todo o trecho ser classificado como oração coordenada explicativa, uma vez que o vocábulo *que* passa a atuar como conjunção explicativa.".

12 – INCORRETA. A conjunção *entretanto* é adversativa e só pode ser substituída, conservando-se seu sentido original por conjunções igualmente adversativas, como *mas, porém, contudo, todavia, no entanto, não obstante, só que* etc. É bom dizer que as conjunções concessivas (conquanto) apresentam um valor semântico semelhante ao das adversativas, mas, no contexto, não poderia haver substituição, pois a concessiva teria de levar o verbo ao subjuntivo. *Porquanto* não pode substituir conjunções adversativas, pois tal conectivo indica explicação ou causa.

13 – INCORRETA. O *mas* NUNCA indica comparação. NUNCA! Ele é uma conjunção adversativa ou aditiva.

14 – C. Em I, a ideia é de condição (*se* = *desde que*). Em II, a ideia é de condição ou tempo (*se* = *quando*). Em III, a conjunção *se* tem valor concessivo, por isso equivale a "mesmo que".

15 – A primeira está **CORRETA**; a segunda, não. O *assim* é uma conjunção conclusiva (= *portanto*). O *porque* nunca indica condição, mas sim causa, explicação ou finalidade.

16 – CORRETA. A conjunção *porquanto* indica causa/explicação, logo, nesse contexto, seria uma incoerência usá-la, pois se "a renda *per capita* da Inglaterra começou a crescer descolada da demografia" e "a evolução da renda *per capita* dependia das taxas de natalidade e mortalidade", há um contraste de ideias, e não uma relação de causa e consequência. Por isso, o conectivo adequado deveria ser adversativo: "A evolução da renda *per capita* dependia das taxas de natalidade e mortalidade, **no entanto** a renda *per capita* da Inglaterra começou a crescer descolada da demografia...".

17 – INCORRETA. O *como* não indica causa, mas sim comparação entre "flagelos assim" e "desastres de avião".

18 – D. *Logo* é a única conjunção, dentre as opções, que não indica explicação, mas conclusão.

19 – CORRETA. *Para que* é uma locução conjuntiva final desde criancinha, logo a afirmação procede.

20 – INCORRETA. *Contanto que* é uma locução conjuntiva condicional, e *consoante*, conjunção conformativa.

21 – A. *Caso* é uma conjunção condicional e exige verbo no subjuntivo ("caso o país não tenha crescido"). Mais importante que isso, porém, pelo que você notou nas outras alternativas, o vocábulo *se* estabelece relação de **concessão** (*apesar de, mesmo, embora, ainda que*...); *caso* indica apenas... condição. Nada a ver com concessão! Esta era para não zerar, hein!

22 – B. A gente banaliza o olhar (consequência) por quê? De tanto ver (causa). Ou seja, "A gente vê <u>tanto</u> (causa) ***que*** banaliza o olhar (consequência).".

23 – C. A conjunção *porque* é causal, explicativa ou final, depende do contexto, mas nunca é proporcional como *ao passo que*.

24 – B. A FGV se amarra em trabalhar diferença entre os "quês". Veremos muito mais sobre essa palavrinha *maledeta* no capítulo de *Que, Se e Como*. Por ora, fiquemos com a explicação da questão. *Bizu*: se pudermos substituir uma oração iniciada por ***que*** por ***isto***, estaremos diante de uma conjunção integrante (É certo que *a mudança do enfoque sobre o tema...*

decorrerá... = É certo ***isto***.), pois ela sempre inicia orações subordinadas substantivas que completam ou determinam a estrutura sintática de outra oração (chamada de principal). O segundo *que* é uma preposição acidental, equivalendo a "de", pois vem entre *ter* e *verbo no infinitivo*: "... terão *que* (= de) abranger...".

25 – A. Se ***ou*** é uma conjunção AL-TER-NA-TI-VA, a ideia é de...? Questão nível *Tele Tubbies!*

26 – B. A relação entre o primeiro e o segundo período é de causa e efeito (ou fato seguido de conclusão). Por isso a única locução conjuntiva possível é *por conseguinte*, que equivale a "portanto, assim, por isso, então, dessa forma, logo..." Veja: *Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas de escrita nos faça escrever melhor,* ***por conseguinte*** *escrever, como ler, só será efetivamente um hábito qualificado se feito com prazer.* As Demais: A: Concessão; C: Proporção; D: Finalidade; E: Tempo.

27 – D. Mera decoreba! A: Tempo. B: a preposição é exigida pelo substantivo *meio*. C: Explicação. E: Adversidade.

28 – B. A frase tem sentido concessivo por causa da conjunção concessiva *Embora*. Simples assim!

29 – CORRETA. Todos os elementos enumerados em A são dignos da mesma ideia de respeito, estão no mesmo nível, por isso pode-se entender que o conectivo *ou* estabelece ideia de inclusão.

30 – A. A: Alguns gramáticos, como Maria H. de Moura Neves e alguns dicionários, como Aulete e Houaiss, dizem que o *se* pode ter valor temporal, logo a substituição de *Quando* por *Se* mantém a coerência do texto. B: Só poderíamos substituir *se* por *caso* desde que o verbo em seguida fosse colocado no subjuntivo (... caso defendam...). C: A relação é de conclusão, por isso o uso de *pois* estaria equivocado *(... se sabe que o objetivo dele é a cura da doença, LOGO sua ação é mais percebida por todos)*. D: não é uma alternativa que tenha a ver com o assunto deste capítulo (conjunção), por isso julgo relevante não comentá-la. E: Já há uma ideia de oposição no último período marcada pela conjunção *mas*; não se pode usar *embora* e *mas* no mesmo contexto.

31 – A. A relação entre o primeiro período e o início do segundo é de ressalva, restrição, logo o melhor conectivo que poderia entrar na primeira lacuna seria o adversativo: *mas, porém, entretanto...*

32 – B. Percebe-se que a relação entre as orações do trecho original é de causa e consequência/conclusão (indicada pelo *portanto*). Sendo assim, invertendo-se as orações,

teremos de usar um conectivo de valor causal, a saber: *dado que*. Fica assim, então: *Não é possível importar o desenvolvimento dado que* corresponde a uma matriz endógena, gerada em nossas próprias sociedades.

33 – A. A relação entre os períodos é de explicação, logo as demais opções são descartadas. (B: Condição. C: Condição. D: Adversidade. E: Finalidade.)

34 – E. O advérbio *já* tem valor opositivo e equivale a "mas", "por outro lado", "em contrapartida" etc. E a conjunção *embora*, por ser concessiva, indica uma *ressalva que não invalida a declaração feita* (definição clássica de conjunção concessiva).

35 – E. *Uma vez que* é uma locução conjuntiva causal correspondente à conjunção causal *porque*. As demais conjunções e locução conjuntivas indicam, respectivamente: concessão, concessão, tempo e concessão.

36 – E. A relação lógico-semântica que existe entre I e II é de causa e consequência, por conseguinte devemos usar a locução conjuntiva conclusiva *por conseguinte*. As demais conjunções e locução conjuntivas indicam, respectivamente: adversidade, adversidade, causa e concessão.

37 – A. A ideia é de tempo ou proporção, logo letra A. As demais conjunções e locução conjuntivas indicam, respectivamente: concessão, condição, concessão. *Em comparação a* é uma locução prepositiva que indica comparação.

38 – E. Segundo o dicionário Houaiss, a conjunção adversativa *mas* "com variações de sentido, introduz o segmento que denota basicamente uma oposição ou <u>restrição</u> ao que já foi dito.".

39 – C. Há uma quebra de expectativa, um contraste, logo usa-se a conjunção adversativa *contudo*.

40 – ERRADO. *Enquanto* indica tempo; Celso Cunha diz que pode ser proporcional também.

41 – CERTO. Perfeito. Tais conectivos são adversativos, de fato.

42 – ERRADO. A conjunção *quando* de fato está relacionada ao fato expresso na oração "que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust". Agora, observe com calma: *Escrevi para ele...* porque o diabo do homem só faltou me chamar de representante comercial deles. Pelo que se vê, a <u>causa</u> (iniciada por *porque*) está ligada a "Escrevi para ele", e não a "que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust". Malícia total do CESPE!

43 – CERTO. Por definição, conjunção concessiva é a que introduz um conteúdo que, mesmo sendo contrário a uma proposição, não a invalida.

44 – ERRADO. NUNCA indica consequência**!** O *pois* indica causa, explicação ou conclusão.

45 – C. As duas frases mantêm uma relação de **adição** de acontecimentos, logo, para se unirem tais orações em um só período, precisaríamos usar um conectivo (normalmente conjunção) de valor **aditivo**. Por isso a reescritura correta é esta: "Não ri nem sequer sorri, ***e*** não faz uma pirueta.".

46 – CERTO. Todos esses conectivos são causais. Simples assim.

47 – A. Há uma relação de causa e consequência, pois a exclusão social causa a violência, daí que EXCLUSÃO SOCIAL E (consequente) VIOLÊNCIA. Muito boa a questão!

48 – A. A preposição *para*, antes de verbo no infinitivo, equivale à locução conjuntiva *para que* (para melhorar = para que melhore). E *segundo* é uma conjunção conformativa, como *conforme* e *consoante*.

49 – E. A construção *por (mais) que* constitui uma locução conjuntiva concessiva, por isso a única reescritura impossível é a E, pois preposição *por* + verbo no infinitivo reitera ideia de causa.

50 – D. Tanto *ainda assim* como *não obstante* são locuções conjuntivas adversativas.

51 – A. Tanto *só que* quanto *mas* são conectivos adversativos.

Capítulo 16
Gabarito

1 – INCORRETA. Normalmente a interjeição *oi* é usada como saudação (= *olá*), mas é empregada também para indicar que não se ouviu bem o que foi dito ou perguntado, e ainda como chamamento ou resposta a um chamamento. Numa música, esse *oi* serve como chamamento.

2 – E. No primeiro quadrinho, não só a interjeição exclamada por Cebolinha, *Oh!*, exprime susto, bem como seu rosto, por causa da suposta pancada que a Mônica está dando em Cascão. No segundo quadrinho, há um alívio, pois na verdade ela está penteando o Cascão.

3 – INCORRETA, porque as interjeições não são normalmente usadas em registros formais, como bem indica o contexto. Além disso, a classificação de *claro* é discutível, pois é um adjetivo modalizador.

4 – C. A interjeição *Hummmm*, com o esticamento do som nasal sinalizado pela repetição da letra **m** e das reticências, indica admiração com a veia da doadora, por isso as enfermeiras "trocam sorrisos interessados".

5 – C. Segundo o dicionário Houaiss, a interjeição *Puxa!* "traduz alegria, assombro, deslumbramento, admiração, mas também pasmo, estupefação por consternação, aborrecimento, desalento, impaciência". A locução interjetiva *Puxa vida!* indica o mesmo. O dicionário Aulete sacramenta: "Us. para exprimir admiração, surpresa, impaciência, irritação, aborrecimento etc.".

6 – D. *Ué!* exprime surpresa, espanto, admiração.

7 – D. *Putz* é uma interjeição muito coloquial que indica admiração, surpresa.

8 – E. A interjeição *Ufa!* exprime cansaço, alívio.

Capítulo 19
Gabarito

1 – CORRETA. Reveja todo o contexto: "Em dezembro do ano passado, milhares de pessoas tomaram as ruas de Seattle nos Estados Unidos, (...) Conseguiram barrar a negociação, que ficou para um futuro para lá de incerto, e, de quebra, ridicularizaram ninguém menos que o presidente americano Bill Clinton, o anfitrião do encontro". A ESAF adora complicar tua vida, não? O sujeito *milhares de pessoas*, superafastado, encontra-se oculto em relação aos verbos *conseguiram* e *ridicularizaram*.

2 – D. O termo *você* é sujeito simples e explícito do verbo *precisa*.

3 – D. Note que *te* e *te* são pronomes oblíquos átonos com função de complemento do verbo (objeto direto). No segundo caso, o verbo *fazer* é transobjetivo, ou seja, exige objeto + predicativo do objeto (faz alguém (OD) vencedor (POD)).

4 – B. O verbo *haver* (pode *haver*) no sentido de existir fica na 3ª pessoa do singular por ser um verbo impessoal. Tal verbo constitui oração sem sujeito. Simples assim.

5 – Ambas estão **INCORRETAs**. Sobre a primeira, jamais o *se* pode indeterminar o sujeito, pois o sujeito está na cara de qualquer um; veja: "... o Programa de Metas foi executado e seus resultados *manifestam-se*...". Sobre a segunda, note que a expressão formada pelo verbo ***ser* + que** é expletiva, ou seja, pode ser retirada sem prejuízo sintático-semântico; portanto não é só o verbo *ser* que é expletivo. Veja: "No entanto, (foi) graças ao controle do câmbio e ao regime de incentivos criados (que) as importações de bens de consumo duráveis foram contidas.".

6 – C. Note que o verbo *saiu* não é de ligação, pelo contrário, indica ação e vem seguido de um predicativo do sujeito (*chateada*), logo o predicado (*saiu chateada da escola*) é verbo-nominal.

7 – CERTO. Mais uma vez o verbo fazer foi usado como transobjetivo, ou seja, exige um objeto + um predicativo do objeto (*faça da criança* (OI) *um romancista introvertido* (POI)).

8 – B. O verbo *haver* (= *existir*) é um verbo impessoal sempre, ou seja, não tem sujeito.

9 – D. Os verbos *prevalecer* e *participar* são transitivos indiretos, logo exigem complemento preposicionado (objetos indiretos: "no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos" e "no rito das danças guerreiras").

10 – C. Cuidado com a inversão dos termos da oração! Isso pode derrubar você. Coloque a frase na ordem direta: "Mas outro problema surge aqui". Perceba que **outro *problema*** é sujeito em que *problema* é núcleo do sujeito. Sobre a letra C, faça a perguntinha para achar o

sujeito: “O que perde as cores?” Resposta: “as fitas de vídeo” (sujeito).

11 – B. Verbo na 3ª pessoa do plural com sujeito implícito sem referente anterior sinaliza que o sujeito é indeterminado. Sabe-se que alguém disse, mas não se sabe quem.

12 – E. Direto ao *bizu* de *achamento* do sujeito: “O que não se torna realidade?” Resposta: ”O sonho de Darcy.”. “O que continua?” Resposta: “O debate.”. Sujeitos simples, pois apresentam um núcleo. Olhe a E: “O que é de tal ordem?” Resposta: “A tragédia dos menores abandonados.”. Sujeito simples também, pois apresenta apenas um núcleo.

13 – C. Colocando na ordem direta: “Tudo *anda* muito desorganizado.”. Observe que o verbo *andar* não indica ação, mas sim estado, logo é um verbo de ligação, que liga o sujeito (*tudo*) ao predicativo do sujeito (*muito desorganizado*).

14 – INCORRETA. O sujeito não é inexistente, mas sim oracional. *Bizu* do *achamento* do sujeito: “O que vale a pena?” Resposta: “Deixá-los sem futuro”. Logo, colocando na ordem direta, temos claramente um sujeito oracional: *Deixá-los sem futuro* (sujeito) vale a pena?

15 – B. A oração sem sujeito é aquela que apresenta um verbo impessoal. As bancas adoram trabalhar o verbo *haver* (com sentido de *existir*, *ocorrer*) em questões de sujeito inexistente.

16 – B. Tipo de questão muito frequente em todos os anos da FCC! Estude transitividade verbal! Ambos os verbos (*confirmar* e *gerar*) são VTDs, logo exigem objetos diretos (respectivamente, *a antiguidade da família nuclear entre humanos* e *mais descendentes*).

17 – E. O verbo é transitivo direto e indireto, pois exige dois complementos (um direto e outro indireto). Veja: “... saibamos ensinar o quê? (o mais elementar) a quem? (aos alunos),...”.

18 – ERRADO. O sujeito implícito do predicado *for original* remete ao referente *obra de arte*: *Suponhamos que uma obra de arte profundamente original surja diante de seus olhos. Como a julga ele? Comparando-a com as obras de arte do passado.* ***Se (ela) for original****,...”*.

19 – ERRADO. Vejamos o contexto de cada verso: 19: *A cana doce de Málaga não é mar, embora em praias,* ***dá*** *sempre em pequenas poças, restos de uma onda recuada*. (intransitivo, pois não exige complemento; *em pequenas poças* é adjunto adverbial de lugar); 27: *A cana doce de Málaga dá dócil, disciplinada:* ***dá*** *em fundos de quintal e podia dar em jarras*. (intransitivo, pois não exige complemento; *em fundos de quintal* é adjunto adverbial de lugar); 2: *A cana doce de Málaga* ***dá*** *domada, em cão ou gata: deixam-na perto, sem medo, quase vai dentro das casas*. (transitivo indireto, pois exige complemento; *em cão ou gata* é objeto indireto); 26: *A cana doce de Málaga* ***dá*** dócil, disciplinada: dá em fundos de quintal e podia

dar em jarras. (intransitivo, pois não exige complemento; *dócil, disciplinada* é predicativo do sujeito).

20 – Ambas estão **INCORRETAs**. Na primeira, é impossível que a partícula *se* seja indeterminadora do sujeito uma vez que o sujeito do verbo *espraiar* está explícito, determinado, "na cara"! Veja o contexto de novo: "Agora se vê que a carência de profissionais *se espraia* para vários níveis de formação...". Pergunto: "O que se espraia para vários níveis de formação?". Respondo: "A carência de profissionais"'. Na segunda, o sujeito é outro, veja: "A rede educacional do país, com suas falhas e distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade, mostra-se incapaz de oferecer ao mercado de trabalho mão de obra competente". Safo?

21 – ERRADO. Observe a primeira oração: "São tantos os espaços para a dita participação popular". Está na ordem direta? Jamais! Colocando: "Os espaços para a dita participação popular (sujeito) são (verbo) tantos (predicativo)". Ah, agora sim podemos analisar com mais tranquilidade. Percebe que o verbo *ser* tem sujeito simples? Maravilha! E quanto à próxima oração? Veja: "não há espaços de visibilidade claros". Percebe o verbo *haver* com sentido de existir? Pronto, oração sem sujeito. Sendo assim, concluímos que a questão traz uma afirmação equivocada, pois na primeira oração há sujeito simples; só na segunda há oração sem sujeito!

22 – ERRADO. Se "**os bancos** se estabeleceram", como o sujeito pode ser indeterminado? O sujeito está explícito, e é simples: *os bancos*. A partícula *se* é integrante do verbo. Nível Tele Tubbies!

23 – CERTO. Perfeita a afirmação! Coloque na ordem direta: "Moedas mexicanas e peruanas (sujeito) continuavam sendo usadas (locução verbal) no comércio no extremo norte (adjunto adverbial).".

24 – ERRADO. O sujeito de *faz* é oracional: "Viver em ambiente sem gravidade". *Bizu* do *achamento* do sujeito: "O que faz coisas curiosas com o corpo?" Resposta: "Viver em ambiente sem gravidade.". Mole!

25 – ERRADO. O erro está em afirmar que *meu nome* é sujeito e que *meu nome* está anteposto a seu predicado verbal. Na primeira oração, o sujeito vem antes do predicado, ok! Na segunda oração, *meu nome* é objeto direto do verbo gritar, ou seja, "... o carteiro chegou e (o carteiro) gritou meu nome.". Pescou?

26 – ERRADO. A ordem direta é tão somente esta: "Joaquim Silvério (sujeito) começa a redigir (verbo) sua carta (complemento verbal) com pena bem aparada no palácio da Cachoeira (adjuntos adverbiais)". Na reescritura proposta, o adjunto adverbial inicia o verso,

portanto a ordem é indireta, diferente da sequência **sujeito-verbo-complemento verbal-adjunto adverbial**.

27 – CERTO. De fato, tais orações não seguem a ordem direta, que deveria ser sujeito-verbo-objeto, assim: "como a prevalência da forma pronominal (sujeito) inclina (verbo)-nos (objeto) a pensar" e "uma vez que levar em conta a noção de memória coletiva (sujeito) foi (verbo de ligação) necessário (predicativo do sujeito)". Inclusive a questão foi mal formulada, pois *necessário* é predicativo do sujeito e não objeto. Coisas da vida...

28 – CERTO. Se o sujeito não está explícito na frase, mas existe a possibilidade de encontrar seu referente pelo contexto, dizemos que ele está oculto, ou implícito, ou elíptico. É o que ocorre neste caso. "O que transporta muitos passageiros?" Resposta: "O tal veículo leve sobre o trilho, o tal meio de transporte que causa estranheza, o tal misto de metrô e ônibus, o tal tipo de transporte coletivo capaz de melhorar o trânsito nas cidades.". Resumindo: ***ele transporta***... Foi? Questão interessante.

29 – E. Os verbos impessoais são aqueles que não têm sujeito, como o verbo *fazer* (indicando tempo decorrido ou aspecto natural), *passar* (indicando tempo decorrido) e *haver* (no sentido de existir, ocorrer ou indicando tempo decorrido). Mas na letra E não é o caso, pois há um sujeito oculto para o verbo *haver*: *Embora (ele)* ***houvesse*** *acertado a hora, ele chegou atrasado.* Quando o verbo *haver* for auxiliar de uma locução verbal, como é o caso da E, ele sempre terá sujeito.

30 – D. O pronome relativo *que*, funcionando como sujeito, retoma "empresas transnacionais", as quais "operam sujeitas às normas"... Observe que *sujeitas* é uma característica de "empresas transnacionais", afinal, trata-se de um adjetivo. E, como todo adjetivo só exerce função de adjunto adnominal (quando vem ao lado do termo substantivo, sem vírgula) ou de predicativo (quando vem separado do termo substantivo, seja por vírgula ou simplesmente afastado), *sujeitas* só pode ser um predicativo do sujeito.

31 – B. Usamos o sujeito indeterminado quando não sabemos determinar quem é o sujeito (fala do garoto) ou não desejamos torná-lo conhecido. Para isso, usamos o artifício de colocar o verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito.

32 – O **item III**. Para a identificação do sujeito, há uma técnica bastante usada e que normalmente funciona: pergunta-se ao verbo "O que...?" ou "Quem...?"; daí acha-se o sujeito. Portanto, vamos aplicar: "Quem subjugou os hindus?" Resposta: "Os ingleses subjugaram.". Logo, o sujeito de *subjugaram* é *os ingleses*. Simples, não? "O que se cometeu contra os hindus?" Resposta: "Incontáveis violências se cometeram (foram cometidas).". Logo, o sujeito de *Cometeram-se* é *incontáveis violências*, cujo núcleo é o substantivo *violências*. Safo? Vale

dizer que no segundo caso estamos diante de uma voz passiva sintética, em que o verbo vem acompanhado da partícula apassivadora *se*.

33 – C. Vamos nos ater aos termos essenciais da oração. Na letra B, a partícula *se* do enunciado não exerce a mesma função que a outra. A primeira é apassivadora; para tirar a "prova dos 9", basta passar da voz passiva sintética para a analítica (... não **se** devem esperar exames... = ... exames não devem **ser esperados**...). Lembrou-se das marcas de passiva sintética e analítica? Esta apresenta ***ser* + particípio** e aquela, *se* apassivador. Sobre a letra D, não há indeterminação do sujeito, pois o sujeito está explícito. *Bizu*: "O que não se deve esperar?" Resposta: "Exames de consciência mais profundos não se devem esperar.". Esta perguntinha ao verbo é coisa linda, não? Resolve na hora o *achamento* do sujeito.

34 – A. O verbo do enunciado (*proviriam*) exige complemento preposicionado. Veja a frase na ordem direta: "As pistas que indicariam o caminho proviriam destes". O que provém, provém **de**! Percebeu a transitividade do verbo? Ele é um transitivo indireto, ou seja, exige complemento preposicionado para ter seu sentido completo e para completar a estrutura sintática da frase. Imagina se eu falasse assim para você: "Aí, maluco, a dor muscular provém.". Você iria perguntar assim: "A dor muscular provém de quê, Pestana? Tá ficando maluco?". Enfim, eu tenho de completar a frase porque o verbo exige complemento, logo deveria dizer assim: "A dor muscular provém ***do*** *excesso de exercícios*.". "Aaaah! Sim! Agora entendi.", diria você. Beleza? Na letra A, o verbo *consistir* também é VTI, pois exige complemento preposicionado. Veja: "a principal tarefa do historiador <u>consistia</u> ***em*** *estudar possibilidades de mudança social*". Safo?

35 – D. Note que a conjunção coordenativa *e* está ligando duas orações encabeçadas por verbos transitivos diretos: "Gates **afirmou** ser importante usar outros meios para convencer o Irã a não procurar ter armas nucleares **e** (Gates) **repetiu** as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar...". Quem afirma, afirma algo; quem repete, repete algo. Ambos são VTDs.

36 – ERRADO. O sujeito da oração é *os realmente capazes*. Veja na ordem direta: "<u>Os (=Aqueles) realmente capazes</u> (sujeito) só passam pela estreita peneira do programa.". Este *os* equivale a "aqueles", por isso é um pronome demonstrativo, núcleo do sujeito.

37 – ERRADO. <u>Mais uma vez</u>: verbo *haver* no sentido existir = oração sem sujeito.

38 – ERRADO. O sujeito do verbo *perceber* é indeterminado. Veja o trecho em que este verbo se encontra: "Não era preciso ser médium... para (alguém) perceber que a leniência...". Quem percebe? Qualquer um. Percebe a ideia de generalização, vaguidão, indefinição, indeterminação? Este é o terceiro caso de indeterminação do sujeito, pouco comum.

39 – ERRADO. O verbo da oração principal está na 3ª pessoa do singular, pois seu sujeito está em forma de oração subordinada substantiva subjetiva (sujeito oracional): **É** *verdade* ***isso*** *(que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas) =* ***isso*** *(que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas)* **é** *verdade* (na ordem direta). Então, esse papo de que o verbo está no singular porque o sujeito não está explícito é conversa para boi dormir. Cuidado com as pegadinhas do CESPE.

40 – ERRADO. O sujeito do verbo *chamar* **não é simples, mas sim indeterminado**. **Note que o verbo está na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito**. *Essa criança* é o objeto direto do verbo chamar. E *de Macunaíma* é o predicativo do objeto. Veja na ordem direta, sem a expressão expletiva **é que**: "(?) Chamaram essa criança de Macunaíma.". Detalhe importante: a expressão de realce (ou expletiva) **é que**, apesar de ter um verbo em sua construção, não é contada como oração!

41 – ERRADO. O verbo *faltar* nunca é impessoal, nem quando indica tempo: "Faltam dez dias para a prova.". Na frase em questão, o sujeito do verbo *faltar* é *o diabo do homem*.

42 – E. *Sofrer* e *precisar* são verbos transitivos indiretos. Ambos exigem um complemento (objeto indireto) iniciado pela preposição *de*.

43 – B. *Interferir* e *lidar* são verbos transitivos indiretos. Ambos exigem um complemento (objeto indireto) iniciado pela preposição *de* e *com*, respectivamente.

44 – B. Esta questão trabalha o conhecimento de transitividade verbal e sujeito indeterminado. Este verbo é transitivo indireto na frase do enunciado e na letra B, pois exige um complemento indireto (objeto indireto), ou seja, um complemento preposicionado. Quanto ao sentido, percebemos uma ideia de indeterminação do sujeito. Podemos indeterminar o sujeito por meio da colocação de uma partícula de indeterminação do sujeito junto ao verbo (que pode apresentar qualquer transitividade) na 3ª pessoa do singular (*Pensa-**se*** logo num palhaço.) ou por meio do uso do verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito (Pensam logo num palhaço.), normalmente.

45 – B. No enunciado, o verbo *respirar* é intransitivo e *aliviado* é um predicativo do sujeito, logo tempos um predicado verbo-nominal. Na letra B, o verbo *nomear* é transobjetivo, logo exige um objeto direto mais um predicativo do objeto, logo temos também um predicado verbo-nominal.

46 – D. Note que o verbo *ser* liga o sujeito ao **predicativo do sujeito** em ambos os casos.

47 – D. I: Certo. Quarto quadrinho. II: Certo. Segundo quadrinho. III: Certo. Respectivamente: *minhocas aquáticas, alguém, essa minhoca, essa minhoca, minha lógica*.

Capítulo 20
Gabarito

1 – CORRETA. O substantivo abstrato *acesso* exige quatro complementos nominais coordenados: "Ela antes tinha **acesso** *ao* sistema *financeiro habitacional, a* universidades públicas, à expansão *de empresas estatais cheias de ofertas de trabalho e à* indexação, que reajustava o dinheiro nos bancos".

2 – A. O objeto indireto pleonástico é representado pelo pronome oblíquo átono *lhe*, uma vez que já existe objeto indireto na oração, a saber: *A Rafael*. Como você sabe, um termo pleonástico pode ser retirado da frase sem alteração sintática ou semântica, logo veja a frase na ordem direta sem o *lhe*: *Chamaram (VTI) a Rafael (OI) covarde (POI)*.

3 – ERRADO. O verbo *reduz* é transitivo direto e indireto, exigindo um só objeto direto e um só objeto indireto, portanto não há objeto direto composto por dois núcleos. Veja: *"... reduz (VTDI) a tenacidade do esforço humano (OD)... ao humilhante plano da causalidade ou do fatalismo (OI)"*. A expressão *em centenas e centenas de séculos* é um adjunto adverbial de tempo, não um complemento verbal.

4 – B. O termo preposicionado do enunciado completa o sentido do nome *assistência*, logo é um complemento nominal. O mesmo se dá com *a contrabando*, que é complemento nominal do substantivo *repressão*. A: Adjunto adverbial de lugar. C: Adjunto adverbial de modo. D: Adjunto adverbial de modo. E: Predicativo do objeto direto.

5 – INCORRETA. Reveja os contextos: *"... como o inimigo que haveria de ser derrotado, acabou na verdade* por nos vencer.*"*/*"... estaremos caindo numa sociedade do homem e da mulher medíocres onipresentes, governados* por altas mediocridades.*"*. Os termos preposicionados sublinhados não exercem a mesma função sintática, pois só o segundo exerce função sintática. O primeiro na verdade faz parte de uma locução verbal: *acabou por vencer*, não exercendo função sintática alguma. O segundo, sim, exerce função sintática de agente da passiva. Voz passiva analítica: "... (sendo) governados por altas mediocridades" = voz ativa: "... altas mediocridades nos governando". Esse teste de passagem de voz verbal ajuda muito a identificação do agente da passiva. Se você pensou que *por altas mediocridades* era complemento nominal, enganou-se.

6 – D. Os verbos *prevalecer* e *participar* são VTIs, exigem complemento preposicionado (objetos indiretos, respectivamente: *no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos* e *no rito das danças guerreiras*).

7 – E. Quem paga, paga algo **a alguém**. Logo, *a ele* (em "eu não pago a ele") é um objeto

indireto, complemento do verbo pagar. Inclusive o verbo pagar é curioso, pois o objeto direto é sempre uma coisa e o objeto indireto é sempre uma pessoa (física ou jurídica ou ser personificado).

8 – C. Esta questão trata da diferença entre sujeito e objeto direto. Normalmente o sujeito vem antes do verbo, e o objeto direto vem depois. Mas, nessa questão, a ideia era saber se você conseguia perceber a diferença. A única opção que não apresenta um sujeito é a C, pois *o acesso* é o alvo da ação de democratizar, o objeto direto. Coloque na ordem direta os demais e verá o sujeito.

9 – CORRETA. O adjetivo *ultraconsciente* exige um complemento preposicionado pela preposição *de*, afinal, quem é (ultra)consciente, é (ultra)consciente *de* alguma coisa. Portanto, *de seu ofício* é um complemento nominal.

10 – CORRETA. Quem assegura, assegura algo (a cobertura mais completa possível) a alguém (aos (= àqueles) que buscam a proteção dos planos de saúde). Logo, a expressão não tem função de objeto direto.

11 – ERRADO. Novamente o sujeito vem depois do verbo, parecendo ser um objeto direto, mas coloque na ordem direta e verá que se trata de um sujeito: (... não sei quanto tempo *essa minha angústia* durou...). O que durou? Resposta: "essa minha angústia" (sujeito). Safo?

12 – ERRADO. O termo em itálico não é complemento do verbo chamar. O complemento deste verbo é o pronome relativo *que*. Você sabia que os pronomes relativos podem exercer função sintática? Podem sim! Basta você substituir o relativo pelo termo anterior e analisar sintaticamente a oração. Veja: "Kant inicia <u>a exposição da ética</u>, **que** ele chama *metafísica dos costumes...".* Ele chama <u>a exposição da ética</u> *metafísica dos costumes*. Portanto, o pronome relativo exerce função de complemento verbal, uma vez que, quando o substituímos pelo antecedente, descobrimos a função sintática do termo sublinhado, a saber: complemento verbal (objeto direto). Esse termo em itálico é o predicativo do objeto direto. Lembre-se: o verbo *chamar*, no sentido de "apelidar", "cognominar", "julgar", "classificar", é chamado de transobjetivo, pois exige um objeto + um predicativo do objeto. Percebeu que a preposição *de* é facultativa ao iniciar o predicativo do objeto? Portanto, a afirmação desta questão não procede, por dois motivos: 1) *metafísica dos costumes* não é complemento verbal, mas predicativo do objeto e 2) a preposição *de* não é obrigatória antes do predicativo.

13 – CERTO. O verbo *considerar* é VTD, logo exige um objeto direto, que vem em forma de oração. Dondonim considera o quê? Resposta: "que o assistencialismo oficial prejudicou os índios" (OD).

14 – ERRADO. O pronome *lhe(s)* nunca exerce função de objeto direto. Note também que o

verbo emitir é VTDI: quem emite, emite algo (os títulos respectivos) a alguém (lhes = a eles).

15 – CERTO. Perfeito! Este termo é um agente da passiva, por isso é o agente da ação verbal. A oração em que se encontra apresenta sempre verbo na voz passiva. O que é possível tornar o trecho na voz ativa, lembra? Veja: "Criminosos que andavam livremente pelas ruas com fuzis e metralhadoras **dominavam** uma área tão populosa.". O agente da passiva vira sujeito agente (é claro!) na ativa, percebeu?

16 – A. A locução verbal *havia atormentado* apresenta um verbo principal transitivo direto (quem atormenta, atormenta alguém). Logo, o *o* (pronome oblíquo átono, que normalmente exerce função de objeto direto) é de fato um objeto direto em "caso de assassinato que **o** havia atormentado". Os demais em negrito são artigos, e todos os artigos exercem função de adjunto adnominal. Sempre!

17 – A. Quando se diz que um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio) é transitivo, isso significa que ele exige complemento. O substantivo *pronunciamento* de fato exige um complemento. Quem faz um pronunciamento, faz um pronunciamento **a** alguém. Percebe que é isso que se dá no contexto da questão? "Em **pronunciamento a**o conselho diretor...". Assim como o verbo exige complemento, alguns nomes também exigem complemento. Por isso, letra A!

18 – B. Um complemento nominal oracional é um complemento nominal em forma de oração, que recebe o nome de **oração subordinada substantiva completiva nominal**. O substantivo *preocupações* exige um complemento iniciado pela preposição *de*. Portanto, *de que ações militares somente iriam retardar* é um complemento nominal oracional de *preocupações*.

19 – CORRETA. *Trasladar* é VTDI: *trasladam (VTDI) para o papel (OI) alguma coisa da sua frescura e novidade (OD).*

20 – A. Esta era para não errar. O verbo pede um complemento sem preposição, logo OD na cabeça!

21 – INCORRETA, pois *o endereço e a literatura desta missiva* é o sujeito composto do verbo surpreender. Como o sujeito composto vem depois do verbo, este pode concordar com o núcleo mais próximo, ficando no singular. Sobre *vos*, saiba que é um simples objeto direto, complemento direto do verbo surpreender.

22 – CERTO. De fato, *Que Demócrito não risse* é o objeto direto oracional do verbo *provar*. O *o* é só um objeto direto pleonástico, que retoma o objeto direto que já existe, a saber *Que Demócrito não risse*.

23 – A. O verbo *confessar* é VTDI, em que *"que entendo* de arquitetura é objeto direto

oracional e vos, objeto indireto, ou seja, complementos verbais. E *de arquitetura* é objeto indireto de *entender*. Assim, ambos os elementos sublinhados são complementos verbais.

24 – CORRETA. A voz é ativa porque o sujeito pratica a ação verbal e *umas bugigangas* é o objeto direto de *anunciar*.

25 – CERTO. O verbo está na voz passiva analítica (foi ultrapassada) seguido de um agente da passiva, ou seja, o agente da ação verbal (pelas redes transnacionais de poder). Para provar isso, passe para a voz ativa: As redes transnacionais de poder *ultrapassou sua soberania*. Lembre-se de que o agente da passiva é o sujeito da ativa.

26 – A. O verbo *dedicar*, do enunciado, é VTDI, logo exige um complemento direto (os meses de verão) e um complemento indireto (à criação musical). O verbo *ter* é VTD, logo exige um complemento direto (influência central). Assim, *influência central* e *os meses de verão* são objetos diretos.

27 – A. O substantivo *construção* exige um complemento nominal, logo *de hospitais* é um CN.

28 – E. Não só o verbo *sofrer* exige um complemento preposicionado (o objeto indireto *de imensas deficiências de nutrientes*) mas também o verbo *precisar* exige um complemento igualmente preposicionado (o objeto indireto *deles*). Portanto, ambos os verbos são VTIs seguidos de OIs.

29 – B. *Interferir* e *lidar* são verbos transitivos indiretos. Ambos exigem um complemento (objeto indireto) iniciado pela preposição *de* e *com*, respectivamente.

30 – C. Os verbos *crer* e *pensar* são transitivos indiretos e exigem, óbvio, objetos indiretos: *no mundo* e *nele.* O nome *doente* exige um complemento nominal, a saber: *dos olhos*.

31 – B. Note que a frase está na voz passiva analítica (tem sido combatida), em seguida vem o agente da passiva *pelos médicos*. Prova disso é a passagem para a voz ativa: *Os médicos têm combatido muito a ansiedade hoje em dia.* A: Objeto indireto. C: Adjunto adverbial de tempo. D: Complemento nominal.

32 – D. A expressão *de nossos sonhos* é um complemento nominal, tendo como núcleo *sonhos* e *nossos* seu adjunto adnominal.

33 – C. O verbo *guardar* é VTD e exige um objeto direto (*o telefoninho*). Nas demais opções, os termos sublinhados são sujeitos. Não se deixe enganar pelo sujeito deslocado.

34 – D. No item I, temos um verbo transitivo indireto, logo *de futebol* exerce a função sintática de objeto indireto. Esse é mole! Mas, agora, muita atenção, meu nobre! No item II, apesar de ser tentador acharmos que *de emoção* cumpre a mesma função, temos de lembrar

que o verbo *chorar* é intransitivo. Assim, o termo em destaque está cumprindo a função de adjunto adverbial de causa, pois indica o motivo pelo qual *Ele* estava chorando.

35 – B. O verbo *deixar* é VTDI, logo *pra Zé Patife* é objeto indireto, e *bainha* é objeto direto.

36 – D. Parece um objeto direto, mas o verbo *nascer* é *intransitivo*, antes de mais nada. Esta é uma das questões em que a banca trabalha a sua capacidade de diferenciar sujeito de objeto direto. Note que o verbo concorda com o termo mais próximo do sujeito composto posposto, ficando no singular. Na ordem direta, seria assim: "A vida e a transformação nascem da morte do velho.".

37 – C. "Nos estudos citados <u>pelos autores</u>..." = "Nos estudos que <u>os autores</u> citaram...". Se é possível passar da voz passiva analítica para a voz ativa, é certo que se trata de um agente da passiva.

38 – D. a) O substantivo *batalha* exige um complemento iniciado pela preposição *por*, logo CN. b) O substantivo *fé* exige um complemento iniciado pela preposição *em*, logo CN. c) O substantivo *amor* exige um complemento iniciado pela preposição *por*, logo CN. e) O substantivo *falsificação* exige um complemento iniciado pela preposição *de*, logo CN. Note o valor de alvo de uma ação, o valor passivo do CN em todos esses casos. Agora, em d), o complemento preposicionado é um objeto indireto do verbo batalhar. Não confunda CN com OI.

Capítulo 21
Gabarito

1 – A. Abrindo os caminhos com a famosíssima diferença entre ADN e CN. O termo *das estradas* tem valor passivo, pois sofre a ação, logo... complemento nominal. Assim como o substantivo abstrato (manutenção) exige um complemento preposicionado, o adjetivo *fundamental* também exige (o que é fundamental é fundamental **a/para**).

2 – B. Mais uma diferença, dessa vez entre adjunto adverbial e agente da passiva. Note que só na B há a locução verbal formada por *ser* + particípio, típica da voz passiva analítica. Sendo assim, *pelo rio* é o agente da passiva. Para bater o martelo, passe para a voz ativa: "... o rio levou alguns animais...".

3 – CORRETA, pois o aposto explicativo é um termo que vem separado por pontuação (vírgula(s), travessão(ões) ou parênteses) para explicar um termo anterior, normalmente.

4 – D. Esta questão trata, mais uma vez, daquela velha e polêmica diferença entre CN e ADN. O complemento nominal vem ligado a um substantivo abstrato e o adjunto adnominal vem, normalmente, ligado a um substantivo concreto. Como **mundo** é concreto, *de tribos* é adjunto adnominal. No caso do enunciado, o adjetivo *benefícios* exige um complemento, logo *a amplos setores* é um complemento nominal. A confusão entre CN e ADN só ocorre quando o termo preposicionado está ligado a um substantivo abstrato. Se o termo preposicionado vier ligado a um adjetivo ou advérbio — NÃO RESPIRA! —, complemento nominal *nas cabeças*.

5 – B. Sempre que uma locução adjetiva estiver ligada a um substantivo concreto, não pestaneje, ela exercerá função sintática de adjunto adnominal. Sempre! Como a palavra *epidemia* é um substantivo concreto, *das doenças crônicas* exerce função sintática de adjunto adnominal, assim como o adjetivo *nacionais* ligado a um substantivo (autoridades) também exerce esta mesma função sintática.

6 – D. De acordo com alguns gramáticos, principalmente modernos, quando o *lhe* tem valor possessivo, exerce função sintática de adjunto adnominal. Ao dizer "Eugênio examinava-lhe as mudanças do rosto com comovida atenção", isso equivale a "Eugênio examinava as mudanças do **seu** rosto..." ou "Eugênio examinava as mudanças do rosto **dele**...". Daí ser classificado como adjunto adnominal tal qual *de uma criança* (valor de posse) em "Salvara a vida **de uma criança**".

7 – II. A expressão entre travessões é um aposto explicativo do termo anterior (profissionais). Lembre-se de que o aposto pode vir entre vírgulas, entre travessões ou entre parênteses.

8 – B. Trata-se de um vocativo, pois, além de indicar um chamamento, *coração* é o

interlocutor.

9 – B. Trata-se de um vocativo, pois, além de indicar um chamamento, *querido* é o interlocutor. Mais interessante do que tudo é o fato de um adjetivo (*querido*) virar um substantivo no contexto.

10 – C. Apesar de não ser comum o aposto vir antes do termo a que se refere, temos aí um belo exemplo disso. Veja na ordem comum: "O ex-ministro Antonio Delfim Netto, arquiteto e engenheiro da prosperidade do "milagre econômico", está convencido (...)".

11 – A. Simples! Algo para ser visto por **onde**, por qual **lugar**? Resposta: "pela janelinha do carro" (adjunto adverbial de lugar modificando o verbo ver).

12 – E. Assim como o nome *controle* exigiu um complemento nominal (dos resíduos radioativos), o nome *danosa* também o fez (o que é *danoso,* é *danoso* **a**o meio ambiente).

13 – INCORRETA. O aposto não vem representado por um adjetivo, logo *justas* e *equilibradas* jamais poderiam ser um aposto, só para começar. Perceba que o predicado é nominal (são mais *justas, equilibradas, honestas*...), logo os termos têm função de predicativo do sujeito.

14 – INCORRETA. *Jean-Claude Trichet* está entre vírgulas por se tratar de um aposto explicativo.

15 – C. Colocando na ordem direta fica mais fácil perceber a função sintática dos termos; veja: "...e como eu ia dizendo, você andar devagar e ser assaltado por mim (agente da passiva) do que correr e ser assaltado pelo radar é muito mais econômico (predicativo do sujeito). E eu nem somo pontos em sua habilitação (adjunto adverbial de lugar (virtual))!".

16 – A. Muito boa a questão, que trabalha a diferença entre agente da passiva e adjunto adverbial. Não podemos passar para a voz ativa, logo o termo não se trata de um agente da passiva, mas sim de um adjunto adverbial de causa: "... as oportunidades acabam definitivamente perdidas por causa da desistência dos potenciais empregadores.".

17 – CERTO. De fato as funções são distintas! No primeiro segmento, o termo é complemento nominal de *gosto* (quem tem gosto, tem **gosto *por***). No segundo segmento, o termo é um adjunto adverbial de meio, modificando o verbo *revelar*.

18 – D. As expressões às vezes e *Em breve* exercem função sintática de adjunto adverbial de tempo. As expressões às pampas e *em excesso* exercem função sintática de adjunto adverbial de intensidade.

19 – ERRADO. A justificativa da banca diz respeito à classificação de aposto. E "um dos

pioneiros na pesquisa sobre mídia pública no Brasil" é um aposto explicativo, desde criancinha.

20 – ERRADO. Ambas as expressões têm sentido possessivo, logo são **adjuntos adnominais**, e não **complementos** nominais.

21 – CERTO. É aposto explicativo de CO2.

22 – A. O enorme tronco dá uma descarga de água para as raízes **quando**? *Na iminência de um temporal*, ou seja, quando se aproxima uma tempestade. Percebeu que o adjunto adverbial de tempo *na iminência de um temporal* foi substituído por uma oração subordinada adverbial de tempo *Quando se aproxima uma tempestade*? Isso ocorre porque a oração subordinada adverbial exerce função de adjunto adverbial, também chamada de adjunto adverbial oracional.

23 – D. *Hugo Sarmento* especifica colégio, logo é um aposto especificativo. O termo *uma ferramenta virtual*, objeto direto, é complemento do verbo *levar*. Agora, você percebeu a diferença entre agente da passiva e complemento nominal no termo *pelo microblog*? E é isso que faz você acertar a questão. Não podemos dizer que é um complemento nominal, pois é possível passar para a voz ativa o trecho, transformando o agente da passiva em sujeito da ativa. Veja: "O limite de 140 caracteres imposto **pelo microblog Twitter**..." (voz passiva) – "O microblog Twitter impõe o limite de 140 caracteres..." (voz ativa).

24 – B. Os termos sublinhados têm valor passivo, logo são complementos nominais: *consolidação* ***da democracia*** = a democracia é consolidada/*desenvolvimento* ***da cidadania*** = a cidadania é desenvolvida.

25 – B. Um complemento nominal oracional é um complemento nominal em forma de oração (apresenta um verbo em sua constituição). O substantivo *preocupações* exige um complemento iniciado pela preposição *de*. Portanto, *de que ações militares somente iriam retardar* é um complemento nominal de *preocupações*.

26 – A. Na letra A, observe que o primeiro verbo termina em ditongo, logo o pronome oblíquo átono poderá ser *-no, -na, -nos, -nas*. Como o núcleo do complemento verbal é feminino singular, usaremos **-***na*. Não poderia *rolar* a próclise porque não há palavra atrativa alguma. Sendo assim, "legitimavam-**na"**. No segundo momento, o pronome *lhe*, como já vimos, exerce função de objeto indireto (= *a ele*(a)): "atribuindo-lhe". Quanto à colocação pronominal, ok, pois não há palavra atrativa. Quanto ao uso do *lhe*, sabemos que ele substitui complementos verbais preposicionados (objeto indireto). Para fechar o comentário, observe o contexto do terceiro momento: "... que **a** tornava...". O *que* é uma palavra atrativa, portanto, o pronome átono fica antes do verbo. O pronome é feminino singular, pois substitui expressão feminina

singular.

27 – E. O *lhe* é usado pela FCC para substituir qualquer objeto indireto, seja coisa ou pessoa. Comentando só a letra E: no primeiro caso, o verbo *agregar* exige complemento preposicionado (ao nosso espírito; objeto indireto), logo usemos o *lhe*. No segundo caso, o vocábulo *que* atrai o pronome oblíquo átono, logo fica "**o** distinguirão". Lembra que, apesar de o verbo estar no futuro, a preferência é a próclise? Além disso, o pronome está no masculino singular, pois substitui uma expressão substantiva masculina singular. Por fim, no terceiro caso, usemos o *lhe* de novo substituindo *ao nosso espírito*, termo preposicionado (objeto indireto).

28 – B. Quem acompanha acompanha algo/alguém. Portanto, o verbo é transitivo direto, exige objeto direto. Os pronomes oblíquos átonos que exercem função de objeto direto são *-o, -a, -os, -as* (e variações). Como a palavra *tragédia*, núcleo da expressão substantiva, é feminina singular, o pronome a ser usado é *a*. Logo, "... o mundo acompanhou-a ou o mundo a acompanhou". A colocação é facultativa, pois antes do verbo não há palavra atrativa. O complemento do verbo *atribuir* é preposicionado, porque quem atribui atribui algo **a** algo/alguém. Como a gente já sabe que a FCC coloca *lhe* para substituir qualquer termo preposicionado por *a* ou *para*, que assim seja. O uso do *lhe* neste caso está correto, pois ele tem função de objeto indireto. Sua colocação está adequada porque o pronome indefinido *ninguém* serve de palavra atrativa, daí a próclise. Quem toma toma algo. O verbo pede um complemento não preposicionado, logo usamos *-o, -a, -os, -as* (e variações). Como o verbo termina em **-r**, usamos *-lo, -la, -los, -las*, lembrou? Por isso, "... chegaram a tomá-la". O *-la* substitui o substantivo feminino singular *tragédia*.

29 – B. O pronome oblíquo átono *lhe* normalmente exerce função de objeto indireto, por isso aparentemente não haveria problema em usar tal pronome para substituir *ao debate*; no entanto, o *lhe* não é usado como complemento de alguns verbos, como *aludir, anuir, aceder, aspirar (almejar), assistir (ver), escarnecer, proceder, presidir, recorrer, referir (aludir), visar (almejar)*, como já vimos na teoria.

30 – A. Tenha sempre em mente também que o *se* pode ser conjunção (integrante, condicional, causal, temporal) ou pronome oblíquo átono (com aquelas funções todas). Beleza? Vamos lá! O primeiro *se* do enunciado é uma conjunção condicional, equivale a "caso" (Caso não se cuide...). O segundo *se* é um pronome reflexivo (se cuidar = cuidar de si mesmo). Na letra A, a análise é idêntica: "Tire um tempo livre *caso* queira tratar *de si*.". Veja as demais alternativas: b) "Ele <u>se</u> **considera sabido** <u>se</u> **acerta todas as questões**." (*se considera* = considera a si mesmo: pronome reflexivo/*se acerta* = quando acerta: conjunção temporal). c) "O consumidor virá queixar-<u>se</u>, <u>se</u> **você não devolver o produto**." (*queixar-se* : partícula

integrante do verbo/*se você* = caso você: conjunção condicional). d) "Formaram-se **diversos grupos para debater** se **é o melhor momento**." (*formaram-se diversos grupos* = diversos grupos foram formados: pronome apassivador/*se é o melhor momento*: conjunção integrante). e) **"Se ele desconhecia** se **ia adotar uma nova política, por que tocou no assunto?"** (*se ele desconhecia* = já que ele desconhecia: conjunção causal/*se ia adotar*: conjunção integrante). Falarei de conjunção integrante só no capítulo de conjunção.

31 – ERRADO. Só os adjuntos adverbiais do primeiro grupo indicam valor semântico de **meio**. Os demais indicam **causa**, e não **meio**. Veja esta reescritura na ordem direta: "Vós inutilmente matastes *por que razões (causas)*? *Por fictícia autoridade, por vãs razões, por falsos motivos*.".

32 – B. Diferença entre adjunto adnominal e predicativo do sujeito. O adjunto adnominal vem junto do nome, não separado por pontuação nem distante do sujeito sendo ligado por verbo de ligação... como nos demais casos.

33 – E. Esta questão mistura regência nominal com a questão da diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal. Qual é a diferença? A essa altura do campeonato, já sabemos, não é? Mas não custa relembrar a diferença mais importante: o complemento nominal tem valor passivo e o adjunto adnominal tem valor ativo (ou de posse). No enunciado, note que o adjetivo exige um complemento nominal iniciado pela preposição *a*. O que é essencial é **a** (ou **para**). A opção E é a única que não apresenta um nome exigindo um complemento, porque *de cada pessoa* indica posse em relação a *valores*, logo é um adjunto adnominal. Veja as demais: a) *a **observância*** da felicidade coletiva./b) ***acesso*** aos básicos serviços públicos./c) ***crença*** na contínua evolução da sociedade./d) *a **pretensão** legítima* ao seu atendimento. Todos os termos sublinhados são complementos nominais, pois são termos exigidos pelos nomes negritados.

34 – C. O primeiro termo estabelece uma relação de posse, logo trata-se de um adjunto adnominal. O segundo é um termo exigido pelo nome *necessidade* (quem tem necessidade tem necessidade **de**).

35 – C. O termo *por mim* é um agente da passiva, pois pode se tornar um sujeito da ativa. O termo *em Belo Horizonte* é um adjunto adverbial de lugar, pois modifica o verbo *estar*. O objeto direto oracional *que fiques triste* é um complemento do verbo transitivo direto *querer*. O termo *aos pobres* é um objeto indireto, pois complementa o verbo transitivo direto e indireto *doar*.

36 – ERRADO. Bechara e Francisco Fernandes entendem que o *se* do verbo *tratar-se* é partícula integrante do verbo. A maioria dos gramáticos (Cegalla, Kury...), porém, veem tal *se*

como partícula de indeterminação do sujeito. Já o *se* ligado ao verbo *encontrar*, que é transitivo direto, é partícula apassivadora (*... o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos = o lugar em que centenas de milhares de rolos eram encontrados*). Logo a classificação do *se* é diferente.

37 – A. Trata-se de um aposto, pois explica o termo anterior.

38 – B. Note que *as* é complemento verbal do VTD *coordena*, por isso é um objeto direto. Já *a Organização das Nações Unidas (ONU)* é um aposto explicativo de *organismo máximo*. Por último, *pelos cinco países* é um agente da passiva. Passe para a voz ativa e comprove: "*Os cinco países* controlam o organismo máximo que as coordena...". Percebeu que o AGP virou sujeito? Fácil!

39 – D. O objeto, o instrumento usado para redigir foi o lápis, logo *a lápis* é um adjunto adverbial de instrumento.

Capítulo 22
Gabarito

1 – CERTO. Se aquele seu professor dissesse para você que "oração coordenada é aquela que tem sentido (!) completo", você se daria mal nessa. Desde quando "Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, só se aprende" tem s-e-n-t-i-d-o completo? Nunca! Mas a estrutura sintática está completa, pois tem sujeito e predicado: Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, (sujeito) só se aprende (predicado). Cuidado com o que ensinam por aí... Vamos à explicação completa! Há coordenação, pois as orações são sintaticamente completas, por isso independentes do ponto de vista sintático. Oração 1: "Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, só se *aprende*". Oração 2: "e se *vivencia*, de forma plena, coletivamente, em troca contínua de experiências com os outros". Ambas as orações têm estrutura sintática completa.

2 – D. Se uma oração é iniciada por uma conjunção adversativa, toda ela terá valor adversativo em relação à oração anterior, nunca indicará causa ou outro valor. A afirmação da letra D não procede. Sobre B, a afirmação procede, pois a série aditiva enfática "tanto... quanto..." estabelece a relação aditiva. Sobre E, a afirmação também procede; veja a reescritura proposta: "A tarefa é tornar o jogo verdadeiramente democrático e *não* (tornar) mera legitimação da impetuosidade arrivista de líderes mais preocupados com o sucesso pessoal que com as causas sociais.".

3 – Ambas estão **CORRETAs**. Sobre a primeira, perceba que há uma relação de causa e consequência marcada pela conjunção *e*, que tem valor semântico conclusivo/consecutivo. Veja: "essas facilidades acabaram (causa) e (consequentemente/portanto) a classe média passou a ter mais gastos". A reescritura "com o fim dessas facilidades, a classe média passou a ter mais gastos" mantém a mesma relação de sentido, pois "com o fim dessas facilidades" é um adjunto adverbial de causa, seguido de sua consequência "a classe média passou a ter mais gastos". Sobre a segunda, a reescritura abona a afirmação de que há uma relação de contraste: "É como se ela tivesse viajado sempre de executiva e (= mas) agora tivesse de andar de econômica".

4 – B. Questão nível *Teletubbie*! Qual é a única oração iniciada por uma conjunção coordenativa aditiva, que, obviamente, expressa adição? Preciso dizer? E olha que era prova de nível superior...! Em A, temos uma oração subordinada adjetiva restritiva; em C, temos uma oração coordenada sindética adversativa; em D, temos uma oração subordinada adjetiva restritiva; em E, temos uma oração subordinada adverbial temporal.

5 – C. "Joana tomou um sonífero e (= mas) não dormiu". Segundo a tradição gramatical, classifica-se a oração iniciada por um "e" adversativo como oração coordenada sindética

adversativa.

6 – C. Em *Não precisaremos voltar ao médico nem fazer exames*, a oração *Não precisaremos voltar ao médico* é assindética, pois não vem introduzida por síndeto (conjunção coordenativa) e a oração *nem fazer exames* é coordenada sindética aditiva, pois vem iniciada por uma conjunção coordenativa aditiva (nem). Simples assim.

7 – CERTO. Há paralelismo, pois há estruturas sintáticas semelhantes coordenadas: 1) você e eu (termos coordenados); 2) de um e outro lado das palavras (termos coordenados); 3) Eu dou as vozes, você dá a escritura (orações coordenadas assindéticas).

8 – INCORRETA. Há três orações, mas só duas estão coordenadas entre si (as ligadas pelo primeiro *e*). Veja: *Assim, a procura de alimentos de origem animal* cresceu *naqueles países* ***e*** criou *um desafio para os produtores e também para os plantadores de soja e de cereais usados na fabricação de rações.* O segundo e o terceiro *e* ligam termos, num paralelismo sintático perfeito, e não orações (para os produtores ***e*** *também* para os plantadores de soja ***e*** de cereais). A última oração é reduzida de particípio (usados na fabricação de rações).

9 – D. Para haver coordenação assindética, é preciso que não haja síndeto (conjunção) ligando as orações do período composto: *O ônibus chegou (1ª oração), despedimo-nos (2ª oração).*

10 – B. A conjunção aditiva *e* liga duas orações (oração = verbo): "cuidar... **e** instalar...".

11 – C. Lembra-se da dica? Se vier um verbo imperativo antes da oração iniciada por *que, porque, pois, porquanto*... "Voa, coração, ***PORQUE ele não deve demorar***" (Or. Coord. Expl.).

12 – C. As conjunções nos dão o gabarito. Veja: "**Porém** (conjunção adversativa), não podemos festejar a situação presente, **pois** (conjunção explicativa) para o progresso futuro precisamos ser obstinadamente inconformistas.".

13 – D. Novamente a conjunção nos dá o gabarito. A única oração iniciada por uma conjunção coordenativa conclusiva é a D (... ***portanto*** desistiu...).

14 – CORRETA. Autoexplicativa.

15 – INCORRETA. Perceba que o *pois*, entre vírgulas, é de fato uma conjunção coordenativa conclusiva, equivalente a *portanto*, que estabelece uma relação de conclusão com uma ideia anterior, não explícita no fragmento. Só que tem um detalhe: o *pois* inicia a primeira oração (*Vê-se*), e não a segunda, que é , por sua vez, iniciada por uma conjunção integrante *que* (... que o plano ético...). Sendo assim, a afirmação não procede.

16 – ERRADO. A relação não é de coordenação, mas sim de subordinação, pois a oração que pagam impostos quando consomem" serve de complemento para a 1ª oração (*sabem*).

17 – A afirmação é autoexplicativa. Corretíssima.

18 – E. Em relação à frase contida em E, a construção com "Mas ele não viveu confinado" possui lógica na articulação, pois indica que o autor, embora não tivesse feito mais nada, não viveu confinado.

19 – B. As conjunções *mas, porém* e a locução conjuntiva *não obstante* são adversativas; *posto que* é locução conjuntiva concessiva e exige verbo no subjuntivo (o que não ocorre na letra C, erradamente, pois a frase da C indica que posto que tem sentido equivalente a *visto que*, causal, mas a norma culta não abona essa visão sobre *posto que*). A única que tem valor explicativo é a conjunção *pois*, a qual inicia a segunda oração que explica a primeira.

20 – CORRETA. Vejamos o contexto novamente para saber se há ou não paralelismo: "*Não é possível* ***que ele pregue a autonomia*** (oração subordinada substantiva subjetiva), ***sem ser autônomo*** (oração subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo); ***que fale de liberdade*** (oração subordinada substantiva subjetiva), ***sem experimentar a conquista da independência*** (oração subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo), *que é o saber;* ***que ele queira que seu aluno seja feliz*** (oração subordinada substantiva subjetiva), ***sem demonstrar afeto*** (oração subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo*)".* *Há paralelismo sintático, pois há uma* ***repetição de mesma estrutura sintática***.

21 – INCORRETA. Não há paralelismo sintático, pois os elementos, apesar de enumerados em uma estrutura de coordenação, não são semelhantes, pois não há paralelismo formado por termos e orações; ou se coordenam orações com orações, ou se coordenam termos com termos. Veja: *"falta o essencial* (em seguida vêm os apostos para explicar o "essencial") — *a* emoção (termo)*, que é própria do homem, o* olhar (termo) *atento do professor,* ver (oração) *o professor gesticular, falar, a* interrupção *do aluno* (termo)*...".* Percebe que os apostos são formados por termos e orações? Logo não há paralelismo! Fique esperto! Só haveria paralelismo se assim fosse: *"falta o essencial — a* emoção*, que é própria do homem, o* olhar *atento do professor, a* visão *do professor gesticulando, falando, a* interrupção *do aluno...".* Todos os apostos (substantivos) são termos sintáticos, e não orações. Foi?

22 – D. Gabarito oficial da banca: "O período I é formado por subordinação, isto é, uma oração principal, 'A curta existência de Álvares de Azevedo, um legítimo representante do Mal do Século, não permitiu', e outra subordinada substantiva objetiva direta, 'que houvesse uma edição de sua obra em vida", que completa o verbo 'permitiu' da oração principal. No período II, há uma oração coordenada assindética, 'A maior parte das histórias de Joaquim

Manuel de Macedo é ambientada no Rio de Janeiro', e outra coordenada sindética aditiva, 'e nelas os heróis e as heroínas enfrentam obstáculos para a realização amorosa'. No período III, há uma oração coordenada assindética, 'Castro Alves, a voz mais importante da terceira geração romântica, não apenas defendeu os escravos', e outra sindética, conhecida como série aditiva enfática, que costuma ser usada quando se pretende enfatizar o conteúdo da segunda oração, 'mas também escreveu versos expressivos'.".

23 – A. São, de fato, duas orações coordenadas, pois uma não depende sintaticamente da outra, uma vez que têm estrutura sintática completa: "A quadrilha estava em dois carros" (1ª oração) "e usava armas longas e fuzis" (2ª oração). Ambas têm sujeito e predicado.

24 – A assertiva I está **CORRETA**. A oração coordenada sindética aditiva é introduzida pela expressão *mas também* (*... mas também estabelece regras...*), que forma uma série aditiva enfática em relação à expressão anterior *não só* (*... trouxe... não só a possibilidade...*). A oração coordenada sindética alternativa é mais fácil de ser identificada, pois é iniciada pela conjunção alternativa *ou* que liga duas orações subordinadas: "*...que as dirigem* <u>ou</u> *que agem em seu nome*". Percebeu que as conjunções nos mostram o gabarito? Fique atento a elas!

25 – D. Note as conjunções e *voilà!*: *Você não estuda,* ***nem*** *me deixa estudar. Faça silêncio,* ***que*** *quero ouvir a explicação. Você quer que eu participe de suas brincadeiras durante as aulas,* ***e*** *(= mas) nenhuma influência externa vai me atrapalhar.*

26 – D. Conforme já vimos, a oração aditiva é iniciada pela parte da correlação aditiva "não só... mas também", que constitui uma oração coordenada aditiva: "mas também *observava tudo com atenção".*

27 – C. Em III, há uma oração coordenada sindética explicativa, iniciada pela conjunção coordenativa explicativa *pois*.

28 – C. Aplicação de mero conhecimento de conjunção coordenativa. O *pois* entre vírgulas tem valor conclusivo (= *portanto*). O *que* vem depois de verbo no imperativo, logo tem valor explicativo (= *porque*). *Por conseguinte* é uma locução conjuntiva coordenativa conclusiva, sempre. *Não obstante* (ou *nada obstante*) seguido de verbo no indicativo é sempre uma locução conjuntiva coordenativa adversativa.

29 – D. A conjunção *pois* pode ter valor causal a), explicativo b) ou conclusivo c) – (entre vírgulas; = *portanto*). O único período que apresenta orações que não mantêm uma relação estabelecida por *pois* é a D, pois entre elas há uma ideia de conclusão, mas o *pois* não está entre vírgulas. Só estaria certa a D se estivesse redigida assim: "A festa foi planejada durante seis meses; não haverá, **pois** (= portanto), surpresas desagradáveis".

30 – B. *Pedro não foi para a escola* ***e nem*** *para o trabalho*. = *Pedro não foi para a escola* ***e não foi*** para o trabalho. Logo, a oração é coordenada sindética aditiva.

31 – C. O período é composto por coordenação pois as orações são sintaticamente independentes entre si.

32 – A. As assindéticas não são ligadas por conjunção, logo só pode ser a letra a), *pois*, nas demais opções, as conjunções coordenativas estão presentes: b) *e*, c) *porém* e d) *ou*.

33 – B. Observe a conjunção coordenativa *mas* ligando as orações. Isso é uma marca de clara coordenação.

34 – B. As orações coordenadas assindéticas são *vai chover, esfriar, gear*, pois são sintaticamente independentes uma da outra.

Capítulo 23
Gabarito

1 – C. Se, após verbo no imperativo, vier a conjunção *porque* (*que, pois ou porquanto*), a oração será coordenada sindética explicativa. Sem pestanejar. Por exclusão, as demais são subordinadas adverbiais causais.

2 – E. A oração sublinhada carrega a ideia de consequência em relação à anterior, logo ela é coordenada sindética explicativa. Releia na teoria a diferença entre oração explicativa e causal.

3 – D. Note aí mais uma questão, além daquela da UERJ que eu lhe mostrei na teoria, que fica "em cima do muro" no sentido de asseverar se a oração iniciada pelo *porque* é causal ou explicativa. Note que a B e a C se excluem por dizerem o mesmo.

4 – B. Preferi tratar desta questão neste capítulo por causa da diferença entre causa e explicação, novamente. Sei que a questão trata de classe gramatical, mas vou "puxar a brasa para a sardinha" deste capítulo, ok? Vamos nos ater só ao *porque* da segunda e da terceira frase, respectivamente. O *porque* introduz uma ideia de causa em porque *o carro que a conduzia quebrou*, sendo a consequência *Ela não chegou*. Logo, na segunda frase, a oração porque *o carro que a conduzia quebrou* é subordinada adverbial causal. Na terceira frase, a oração porque *preciso dela aqui* não provoca, não causa diretamente o conteúdo da oração *Gostaria que ela chegasse logo*, por isso porque *preciso dela* se aproxima mais de uma oração coordenada sindética explicativa.

5 – B. Note que, para constituir uma oração, falta um verbo no trecho "Um estudo da Fundação Getúlio Vargas, intitulado 'Miséria em Queda', baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE,". Por isso, gera-se uma incoerência, um certo estranhamento na leitura do período. Melhor seria se estivesse redigido assim o período: "<u>Um estudo da Fundação Getúlio Vargas</u>, intitulado 'Miséria em Queda', baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE, <u>apresentou alguns pontos positivos</u>, confirmando que a miséria no Brasil caiu em 2004, e atingiu o nível mais baixo desde 1992.".

6 – A. Em A, faça aquela "jogada" que eu lhe ensinei na teoria: "Vivemos hoje **em um universo**" (adjunto adverbial de lugar). Nas demais, todos os pronomes relativos têm função de sujeito.

7 – A. Exemplo clássico de oração subordinada substantiva predicativa: Sujeito (*o fato*) + verbo *ser* (é) + oração predicativa (*que transparência deixou de ser...*). A oração sublinhada

exerce função sintática de predicativo do sujeito do verbo da oração principal. Muito fácil!

8 – ERRADO. Veja: "como se chama o (aquilo) ***que*** sinto" (= eu sinto ***aquilo*** (objeto direto)). Agora veja: "e (uma pessoa) ***que*** não gosta mais da gente" (= ***uma pessoa*** não gosta mais da gente (sujeito)). Logo, como se viu, os pronomes relativos exercem funções sintáticas diferentes.

9 – E. O *pois* pode ser uma conjunção explicativa, conclusiva ou causal. Note que a banca foge pela tangente quanto à diferenciação entre oração explicativa e causal, por dar a entender, na letra A, que a conjunção *pois* é **subordinativa explicativa** (?), quando a gente sabe que não existe oração subordinada adverbial explicativa mas sim causal. Na verdade, a banca poderia ter criado uma polêmica ao colocar na letra A assim: "uma conjunção subordinativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de causa". Desse modo, resta-nos a letra E, o *pois* é uma conjunção coordenativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de explicação (oração coordenada sindética explicativa).

10 – C. Mais uma questão de relação de causa e consequência entre orações. Veja: *O barulho no local era tão alto (causa) que o homem, coitado, saiu rápido (consequência).* (= *O homem saiu rápido (consequência) porque no local o barulho era muito alto (causa). Coitado.)* Nas demais alternativas, tal relação não ocorre.

11 – A. De fato *que buscam crédito de curtíssimo prazo ou financiamentos para exportação* constitui oração subordinada adjetiva restritiva, pois é iniciada por pronome relativo e não vem separada por pontuação.

12 – D. A oração de que *precisaremos curtir mais o dia a dia* é complemento nominal do substantivo *dúvida*, que faz parte da oração principal. Lê-se: Não há dúvida **disso** (de que precisaremos curtir mais o dia a dia). A oração iniciada por *mas*, que é uma conjunção coordenativa adversativa, é coordenada sindética adversativa. *Dã!*

13 – C. Via de regra, a oração subordinada adjetiva restritiva não vem separada por pontuação: "... empresas que... tenham no mínimo 20% de negros em seu quadro profissional".

14 – CERTO. Via de regra, a oração subordinada adjetiva restritiva é iniciada por pronome relativo e não vem separada por pontuação alguma, por isso a afirmação procede.

15 – NENHUMA. Ambas as orações têm suas classificações acertadas. Na primeira b), *de que seus atos repercutem* é complemento nominal de *consciência.* Na segunda e), *que nossa economia floresce* é complemento direto de *Dizem.*

16 – D. Em "uma chance ***que*** ninguém está conseguindo ver" (= ninguém está conseguindo ver ***uma chance***), o pronome relativo exerce função de objeto direto. Todos os demais pronomes

relativos exercem função de sujeito.

17 – ERRADO. A oração subordinada adjetiva *que se tornariam centrais na produção intelectual e artística do século XX* **não está separada por pontuação, portanto é restritiva e não explicativa**.

18 – B. Analisemos todas: I – Eu não sei **isso** (se vem de Deus...; oração subordinada substantiva objetiva direta). II – Na ordem direta: Não sei **isso** (se desmorono...; oração subordinada substantiva objetiva direta). III – **Se** (= **Caso**) eu me chamasse Raimundo... oração subordinada adverbial condicional. IV – **Se** (= **Já que**) sabias que eu era fraco... oração subordinada adverbial causal.

19 – D. Podemos substituir a conjunção subordinativa condicional *se* por *caso*; veja: ***Caso falhemos aí* (oração subordinada adverbial condicional)***, trairemos o compromisso com a saúde e com a vida do planeta.*

20 – A. Para acertar esta questão, bastava conhecer as locuções conjuntivas finais. Por isso, eu insisto: estude conjunções! A oração "*Para que (= A fim de que) não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas*" é subordinada adverbial final. B, C, D: "*Embora...*", "*Ainda que...*", "*Por mais que...*" são orações subordinadas adverbiais concessivas, pois são iniciadas por conectivos concessivos. E: "*Contanto que...*" indica condição, logo introduz uma oração subordinada adverbial condicional.

21 – A. Novamente resolvemos uma questão de oração subordinada adverbial pelo conectivo: *porque = uma vez que* ; ambos iniciam uma oração subordinada adverbial causal.

22 – B. O substantivo *ideia* exige um complemento regido pela preposição *de*, logo a oração sublinhada (iniciada por conjunção integrante) é, de fato, substantiva completiva nominal.

23 – A. Note que a oração sublinhada tem função de sujeito da oração principal (*se comprove*, em que o *se* é uma partícula apassivadora). Leia-se: "... caso se comprove **isso**" (= ... caso **isso** seja comprovado).

24 – CORRETO. De fato *que administre bem o patrimônio público* é uma oração subordinada substantiva apositiva, pois explica o termo anterior da oração principal *um objetivo*.

25 – CORRETO. A afirmação procede. Faça o *bizu* do **isso** para substituir a oração substantiva subjetiva: Vê-se... **isso** (= **isso** é visto). Logo *que o plano ético permeia todas as ações humanas* tem função de sujeito da oração principal *Vê-se*.

26 – ERRADO. A construção sintática "mais... do que..." é típica de oração subordinada

adverbial comparativa, logo o vocábulo *que* não inicia oração subordinada adjetiva restritiva, pois não é um pronome relativo, mas uma conjunção comparativa.

27 – ERRADO. A locução conjuntiva *sem que*" nunca inicia oração com valor causal. Neste caso, ela tem valor semântico de modo. Que o diga Bechara! Em sua gramática, ele coloca um exemplo semelhante, chamando a dita cuja de oração subordinada adverbial modal, o que faz todo o sentido. Raciocine: "A semana terminou **como**? De que **modo**?" Resposta: "A semana terminou *assim*: **sem *que estivesse claro***...". Beleza?

28 – C. A oração principal, como o nome sugere, vem acompanhada de outra no mesmo período (que não é a principal, lógico!). Na letra C, só há uma (1) oração, pois só há um (1) verbo. As orações principais são identificadas dentro do período composto por subordinação. Sendo assim, trata-se de uma oração absoluta "O campo visual da nossa rotina é como um vazio".

29 – CORRETO. Realmente há uma oração completiva nominal, pois *de que política é uma sujeira só e sem utilidade complementa o nome ideia.*

30 – CORRETO. A afirmação procede. Veja que a oração entre colchetes é o objeto direto exigido pelo verbo transitivo direto *propor*: "*... propõe [que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai vir em primeiro lugar]....*

31 – CERTO. É sabido **isso** (que a bactéria em questão — *Escherichia coli* — somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes — animais ou humanas)... **isso** (que a bactéria em questão — *Escherichia coli* — somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes — animais ou humanas) é sabido. A oração iniciada pela conjunção integrante é subordinada substantiva subjetiva, por isso exerce a função de sujeito da oração principal.

32 – ERRADO. Se a oração subordinada adjetiva *que pôs a Europa em estado de emergência médica* não vem separada por pontuação, não pode ela ser explicativa, senão restritiva.

33 – B. A primeira oração é completiva nominal, pois completa o nome *necessidade*. A segunda é objetiva direta, pois completa o verbo *identificar* (VTD).

34 – A. Finalmente uma questão de oração subordinada substantiva objetiva direta justaposta. Ela é justaposta pelo simples fato de não ser iniciada por uma conjunção integrante, e sim por um advérbio interrogativo de causa: *por que*. Veja "Não entendo *por que 'velho' é politicamente incorreto*" (= Não entendo **isso**). Portanto a oração "*por que 'velho' é politicamente incorreto*" completa, como um verdadeiro objeto direto, o verbo da oração

principal (entender).

35 – D. A única oração substantiva iniciada por uma conjunção integrante é que *Neymar foi o primeiro jogador brasileiro*, a qual funciona como aposto de *grande notícia*. Sendo assim, tal oração é subordinada substantiva apositiva. Note que a apositiva também pode ser separada por vírgula. Na letra A, a oração como *se formam conceitos* é subordinada substantiva subjetiva justaposta (*bizu*: Impressiona-me **isso**... **isso** me impressiona); é justaposta, pois não é iniciada por conjunção integrante, e sim por advérbio interrogativo de modo (como). Na letra B, a oração quem dá mais informações e estatísticas é subordinada substantiva objetiva direta justaposta, pois complementa o verbo da oração principal (*saber*); é justaposta pois não é iniciada por conjunção integrante, e sim por pronome interrogativo (*quem*). Na letra C, a oração para *assistir a tantas partidas tumultuadas no Brasil* parece subordinada adverbial final, mas não é, pois a preposição *para* é exigida pelo nome *paciência*; por isso, ela é classificada como subordinada substantiva completiva nominal.

36 – ERRADO. A primeira convicção política do narrador foi **apenas** que o município não tinha recursos. O que se fala depois não é convicção, é constatação. Portanto, a oração subordinada substantiva predicativa (que o município não tinha recursos) é que completa a oração principal (*A primeira convicção política foi*), constituindo sua única convicção. A outra oração predicativa (*que por esse motivo andava descalçado, ou devia o calçado*) não carrega a ideia de convicção política, mas sim de constatação.

37 – ERRADO. O verbo da oração principal está na 3ª pessoa do singular, pois seu sujeito está em forma de oração subordinada substantiva subjetiva: **É** verdade **isso** (que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas) = **isso** (que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas) **é** verdade (na ordem direta). Então, esse papo de que o verbo está no singular porque o sujeito não está explícito é conversa para boi dormir. Cuidado com as pegadinhas do CESPE.

38 – ERRADO. O pronome relativo não tem função sintática de sujeito. Perceba que ele retoma *dois manos*, mas não com função de sujeito, e sim com função de **objeto direto**. Vou colocar um sujeito hipotético só para você visualizar melhor. Leia de novo, com atenção: "[João] Ficava no canto da maloca, [João] trepado no jirau de paxiúba, [João] espiando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que [João] tinha.", ou seja, [João] tinha (VTD) o quê (OD)? Dois manos (OD).

39 – D. Em "... *milagres que (=os quais) salvam vidas diariamente.*", a oração destacada é subordinada adjetiva restritiva, pois é iniciada por um pronome relativo e não vem separada por pontuação.

40 – A. A oração em negrito é subordinada adverbial consecutiva. Veja a correlação: "... **tão**... **que**...". Como a gente já viu no capítulo de *conjunções subordinativas consecutivas*, esta correlação entrega de mão beijada que há uma relação clara de consequência. Estude conjunção! (Sou muito chato, não é?)

41 – D. O pronome relativo *que* exerce função de sujeito simples do verbo *servir*. Na verdade, quando ele exerce função de sujeito, é sempre sujeito simples. Para saber que ele exerce tal função, basta substituí-lo pelo termo anterior: "... <u>novas descobertas</u>, por sua vez, <u>servem</u> de ferramenta...".

Capítulo 24
Gabarito

1 – CORRETA, pois o verbo *forçar* é VTDI. Quem força, força alguém (os organizadores do encontro) a alguma coisa (a antecipar o fim da reunião).

2 – INCORRETA. A afirmação *quase* procede. O único erro da afirmação é dizer que a oração é adjetiva restritiva. Note que a oração subordinada adjetiva reduzida de gerúndio é *explicativa*, por estar entre vírgulas: *"..., tornando suas ações conhecidas e avaliadas, ..."* (= "..., que *torna suas ações conhecidas e avaliadas*, ..."). Pegadinha da ESAF!

3 – D. Como vimos, preposição *a* + infinitivo, oração condicional na cabeça! A oração sublinhada é subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo, equivalendo a *"**Caso** venham a persistir os sintomas, deve-se consultar o médico."*. Note a conjunção condicional.

4 – E. I. *"Não* vale *a pena, nessa conjuntura,* fragilizar o governo e sua política externa..." (sujeito oracional do verbo *valer (vale); = **isso*** não vale a pena). II. *"... tornar (VTD) esta matéria (OD) elemento decisivo (predicativo do objeto)..."*. III. *"... como se* fosse *possível* tornar esta matéria elemento decisivo para o jogo eleitoral para daqui a dois anos."* (sujeito oracional do verbo *ser (fosse); = como se **isso** fosse possível*).

5 – C. A oração subordinada adverbial causal reduzida de gerúndio pode ser desenvolvida com um conectivo causal; veja: *"Em julho de 1898, **uma vez que*** temia por sua saúde, *escreveu um testamento..."*.

6 – CERTO. O enunciado se autoexplica.

7 – A afirmação está **CORRETA**: *"de dar ao homem a possibilidade" e "de evoluir além da luta pela sobrevivência pura e simples" são duas orações subordinadas substantivas completivas nominais reduzidas de infinitivo regidas pelo substantivo mérito*.

8 – E. A oração *sabendo que seus genes serão imortais* é subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio. A reescrita da E apresenta o valor condicional correto, que poderia ter sido redigida também assim: *"Ninguém precisa ter medo da morte **caso saiba que seus genes serão imortais**."*.

9 – A. Lembrou-se daquela informação das preposições antes de verbos no infinitivo? Então... *ao* + verbo no infinitivo = tempo: "***Ao persistirem os sintomas**, o médico deverá ser consultado."* = "***Quando os sintomas persistirem**, o médico deverá ser consultado."*.

10 – B. Para acertar esta interessante questão, é necessário entender o que acontece primeiro e qual é a sequência de acontecimentos, para que depois se perceba a relação de causa e

consequência. Note que há uma reação em cadeia: **1º:** O vapor é liberado pela transpiração das árvores. **2º:** Ele sobe na atmosfera. **3º:** Lá o vapor encontra camadas de ar frio. **4º: Por causa disso** ele se condensa e **5º:** Forma as nuvens. Logo *"Ao subir na atmosfera (2), o vapor liberado pela transpiração das árvores (1) encontra camadas de ar frio (3) e se condensa (4), formando as nuvens. (5)"*.

11 – C. Há uma clara relação de causa e consequência entre *jogar toneladas de sedimentos no rio* (causa) e *inviabilizar a navegação* (efeito). Ou seja, os milhões de toneladas de sedimentos jogados no rio causam a impossibilidade de navegação neste. Poderíamos também interpretar a oração sublinhada como aditiva, isto é: *Elas jogam milhões de toneladas de sedimentos no rio, **e*** inviabilizam sua navegabilidade.

12 – D. I: Preste atenção na quantidade de verbos e locuções verbais: *foi criado* (locução), *consistia*, *promover*, *tornando*, *promover*. Existem cinco orações, duas desenvolvidas e três reduzidas. II: Só existe uma ocorrência de predicativo do objeto: "*tornando (VTD) as decisões econômicas (OD)* ***mais abrangentes*** *(predicativo do objeto)*". III: A oração *em promover a integração entre governo, empresários e trabalhadores* complementa o sentido do verbo transitivo indireto *consistir* (quem consiste, consiste **em** algo). Oração subordinada substantiva objetiva **in**direta.

13 – C. *Apesar de* é uma locução prepositiva concessiva, logo ela inicia uma oração subordinada adverbial concessiva reduzida de infinitivo. Fique de olho nas locuções prepositivas!

14 – C. A oração subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio pode ser desenvolvida assim (para ficar mais fácil de perceber!): ***Caso bata de quina****, pode até matar*./***Se bater de quina***, pode até matar.

15 – CORRETA. Por causa daquele *bizu* da preposição + infinitivo, você já está escaldado, não é? Ao *escolher um caminho* = Quando *se escolhe um caminho.*

16 – B. A frase pode ser reescrita da seguinte forma: *"Vemos incontáveis estrelas,* ***que emitem sua radiação eletromagnética****, perfeitamente indiferentes às atribulações humanas"*. A oração *que emitem sua radiação eletromagnética* é oração subordinada adjetiva explicativa. O fato de o pronome relativo *que* poder ser substituído por *as quais* comprova essa classificação da oração. A oração *Vemos incontáveis estrelas perfeitamente indiferentes às atribulações humanas* é então a oração principal.

17 – B. O erro da B está em dizer que a oração é **proporcional**, quando se trata na verdade de uma oração **temporal**. Basta ver que ela se inicia por uma conjunção temporal (quando).

18 – CORRETA. A afirmação procede, pois ambos os segmentos indicam **causa**.

19 – CORRETA, pois ambas as orações (reduzida e desenvolvida) são subordinadas adverbiais **finais**.

20 – ERRADO. Estamos diante de um sujeito oracional, ou seja, um sujeito em forma de oração! Veja como o núcleo do sujeito é um verbo: *"**Viver** em ambiente sem gravidade **faz** coisas curiosas com o corpo"*. Isso é um sujeito oracional, uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo. Portanto é claro que se pode determinar o sujeito de **faz**.

21 – ERRADO. A relação não é de condição, mas sim de causa-consequência. Veja: *"Diferentes pessoas, **visto que/já que/uma vez que/porque** pertencem a grupos sociais diferentes, têm não apenas histórias diferentes para contar, mas formas diferentes de contá-las..."*. Ou seja, elas têm não apenas histórias diferentes para contar, mas formas diferentes de contá-las ***porque** pertencem a grupos sociais diferentes*".

22 – CERTO. A oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de infinitivo (*a separar*) pode ser desenvolvida mediante o uso de um pronome relativo, que inicia oração subordinada adjetiva desenvolvida. Portanto A = B: *"é ideal que o fosso material **a separar** as pessoas seja menos profundo" = "é ideal que o fosso material **que separa** as pessoas seja menos profundo"*.

23 – CORRETA, pois 1) *a **conseguir** mais uma vitória no que toca à igualdade de direitos entre os sexos* é uma oração subordinada substantiva completiva nominal do adjetivo *prestes*; 2) *propõe que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai **vir** em primeiro lugar* equivale a "propõe que não seja mais obrigatório que o sobrenome do pai **venha** em primeiro lugar"; 3) "*No caso de não **haver** consenso*" equivale a "Caso não **haja** consenso".

24 – INCORRETA. Realmente o verbo frisar não pode ser desdobrado em uma oração subjetiva iniciada por uma conjunção integrante, **mas**, ainda assim, *cabe frisar* não forma uma locução verbal, pois *frisar que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural* é o sujeito de *Cabe*. Trata-se de uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo (note que dentro dela há mais quatro orações). Lindo isso!

25 – INCORRETA. Pode haver oração subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio, sem problemas, mas não é o caso, pois não podemos substituir no contexto *trazendo* por *se trouxer*, uma vez que não há tal ideia de condicionalidade, mas sim de explicação: *"A extensão do star-system não se dá sem uma forma de banalização ou mesmo de degradação*

− *da figura pura da estrela,* ***a qual traz*** *consigo uma imagem de eternidade...".* Percebe que o desenvolvimento da oração reduzida (trazendo) se dá por meio de um pronome relativo e do verbo conjugado (a qual traz)? Portanto, não há ideia de condicionalidade, há, sim, uma ideia de explicação. A oração subordinada adjetiva explicativa reduzida de gerúndio ***trazendo*** *consigo uma imagem de eternidade* equivale à desenvolvida "**a qual traz** consigo uma imagem de eternidade", que também é, logicamente, uma subordinada adjetiva explicativa.

26 – C. Explicitamente *quando* é uma conjunção subordinativa que indica tempo, introduzindo uma oração subordinada adverbial temporal, com verbo implícito: *"Quando (estavam) a bordo..."* **Fácil!** Agora, o que me interessa dizer é que a construção *por não poderem acender fogo* é uma subordinada adverbial causal reduzida de infinitivo. Veja que dá até para reescrever, desenvolvendo a oração: *"Os viajantes tinham de contentar-se, geralmente, com feijão frio, feito de véspera,* ***porque*** **não podiam acender fogo**.*"*.

27 – C. A oração sublinhada é subordinada adverbial final reduzida de infinitivo. Dá até para desenvolver com uma locução conjuntiva subordinativa final (*para que, afim de que*...); veja só: *"A principal delas é a reconstrução de cinco estações de pesquisa na Antártida,* ***para que realize*** *estudos sobre mudanças climáticas, recursos pesqueiros e navegação por satélite, entre outros.*". Foi?

28 – C. A campeã das reduzidas nas provas de concurso: oração subordinada adverbial **final** reduzida de infinitivo. **para** + **infinitivo = finalidade**.

29 – B. Mais uma vez! Oração adverbial final! *O porteiro teve que morrer* ***para que fosse notado***.

30 – D. **ao + infinitivo = tempo**. Já estamos escaldados de tanto ver essa também, não é?

31 – B. Finalmente a CESGRANRIO fez uma questão bonitinha sobre isso. Sintaticamente, temos 3 orações: (1) *"O diabo é"*, (2) *"que de tanto ver,"* (3) *"a gente banaliza o olhar". O diabo é* é uma oração principal. O restante do período (*que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar*) desempenha uma função sintática de predicativo do sujeito em relação a essa oração principal e é iniciado pela conjunção integrante *que*. Mas na relação entre as orações (2) e (3) há o fato de ver muito algo (de tanto ver) e sua consequência: o fato de a gente banalizar o olhar. Isto é: "A gente banaliza o olhar *porque vê muito*". Existe uma relação de causa e consequência entre essas orações (certo?), em que *ver muito* é a causa, e *banalizar o olhar* é consequência. Bonitinha, não é?

32 – B. Se for possível reescrever uma oração reduzida iniciada por "para..." trocando este vocábulo por "a fim de" ou "para que...", ela será subordinada adverbial final, isto é, uma

oração que indica semanticamente finalidade, propósito, intenção. Alguém tem dúvidas disso ainda? Veja: *uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes* a fim de garantir as ambições terrenas dos fiéis ou *uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes* para que garantam as ambições terrenas dos fiéis. Simples assim!

33 – E. Eis um belo exemplar de **oração coordenada aditiva reduzida de gerúndio**! A oração ***dizendo*** *na hora se a pessoa está saudável ou não* estabelece uma relação de adição com a oração anterior, de modo que se pode reescrever o período assim: *Com o mChip, basta uma espetada e uma gota de sangue para o texto sair em minutos,* ***e dirá*** *na hora se a pessoa está saudável ou não.* Safo?

Capítulo 26
Gabarito

1 – A. A análise sintática correta é esta: a) *Descumprir a lei* (sujeito oracional do verbo *gera*) b) *gera o risco* (predicado relacionado ao sujeito *Descumprir a lei*) c) *da punição prevista pelo Código Penal* ou d) *de sofrer sanções civis* (complementos nominais – um deles oracional – do substantivo *risco*, coordenados entre si pela conjunção *ou*). Fácil, não? Brincadeira...

2 – A. Interessantíssima esta questão! Exigia domínio de análise sintática. O que a banca desejava do candidato era que ele fosse capaz de perceber a relação que há entre os termos do texto, trabalhando, *stricto sensu,* o conceito de sintaxe. Veja o contexto: *"Já o primeiro olhar é preconceituoso – dá informação falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada, anterior ao ato de olhar."*. Note que *o primeiro olhar* (sujeito) está ligado ao predicado *é preconceituoso*, constituindo uma oração coordenada assindética, e, de maneira oculta, é também sujeito do predicado *dá informação falsa ou verdadeira* (outra oração coordenada assindética). Já os termos (adjuntos adnominais) da expressão *falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada* estão ligados ao núcleo do objeto direto *informação*.

3 – D. I: *"A reflexão jurídica sobre o assunto, contudo, não se* tem mostrado (oração principal) *tão farta quanto aquela* encontrada (oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de particípio) *na economia (se tem mostrado)"*. A oração comparativa, como você sabe, normalmente apresenta verbo oculto. Portanto, há três orações. II: A oração subordinada adjetiva reduzida de particípio é: feita *ao tema dos efeitos na utilização de recursos entre gerações especificamente na década de 70*, que restringe o substantivo *associação*. A oração subordinada adverbial consecutiva reduzida de gerúndio é: angariando *adeptos das mais variadas formações, em diversas partes do planeta*. III: Não há nenhuma oração coordenada no segundo período. IV: Se você achou que *quando* era uma conjunção subordinativa temporal, errou feio! A oração *quando o movimento ambientalista passou a formular um discurso jurídico mais sólido* é subordinada adjetiva explicativa que retoma *década de 70*.

4 – B. Veja a análise: ***É importante*** *(oração principal da subordinada seguinte)* ***que os contribuintes percebam*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "É importante" e principal em relação à oração seguinte)* ***que a política tributária é justa*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "os contribuintes percebam" e coordenada em relação à oração seguinte),* ***(que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "os contribuintes percebam" e coordenada em relação à oração anterior e à oração seguinte), e* ***(que) os***

recursos arrecadados são corretamente aplicados *(oração subordinada substantiva em relação à principal "os contribuintes percebam" e coordenada em relação à oração anterior)"*. Notou as conjunções integrantes implícitas? Logo, são quatro orações subordinadas: 1) *que os contribuintes percebam*, 2) *que a política tributária é justa*, 3) *(que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável* e 4) *(que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados*. E três orações coordenadas entre si: 1) *que a política tributária é justa,* 2) *(que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável* e 3*) (que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados*. Ufa!

5 – B. Antes de mais nada, achei esse poema meio safadinho... Mas vamos ao que interessa... Como você já percebeu, o período possui três orações e é misto, composto por subordinação e coordenação ao mesmo tempo. Entre as orações *"Conduzo tua lisa mão/Por uma escada espiral/*E no alto da torre exibo-te o varal*"*, existe uma relação coordenada; a segunda (sublinhada) é aditiva. As orações *"E no alto da torre exibo-te o varal/Onde balança ao léu minh'alma"* apresentam uma relação de subordinação, em que a primeira é a principal, e a segunda é sua subordinada adjetiva restritiva iniciada pelo pronome relativo *onde*, que retoma *varal*.

6 – D. I: *"Aqueles com aptidão a* ajudá-*los, se não* (forem) estimulados *por cenários competitivos,* estarão *fadados a não* encontrar *motivação para o exercício de suas funções"*. II: Há duas orações reduzidas: *ajudar* e *encontrar* (infinitivo), os outros estão flexionados no futuro do subjuntivo (... *se não (forem) estimulados*...) e no futuro do presente do indicativo (... *estarão*...). III: Qual? Só o cara da banca viu uma oração coordenada. Não há oração coordenada alguma no período.

7 – D. Por incrível que pareça, este período enorme é simples, pois só apresenta um verbo: *têm*.

8 – E. As duas orações (*que o jogo fosse refeito, que a trapaça não tivesse acontecido*) são subordinadas em relação à principal (*a empresa gostaria*), mas coordenadas entre si, pois vêm uma ao lado da outra com mesma função sintática.

9 – C. O gabarito oficial foi a letra E. Eu discordo veementemente! A banca analisou *São* como uma oração, mas não se deu conta de que esse verbo *ser* vem seguido logo depois por *que*, formando a expressão expletiva ***ser* + que**, que pode ser retirada da frase e não é contada como oração! A análise correta do período é esta (ignore *"São... que"*!): *"... **numerosas oportunidades perdidas se multiplicarão** (oração principal em relação à subordinada adverbial condicional seguinte), **se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento** (oração subordinada adverbial condicional em relação à principal anterior) –*

e ***(se) a qualidade da educação continuar baixa*** *(oração subordinada adverbial condicional em relação à principal "numerosas oportunidades perdidas se multiplicarão" e coordenada à oração subordinada adverbial condicional anterior)"*. Logo, há uma oração principal (*numerosas oportunidades perdidas se multiplicarão*), duas subordinadas adverbiais (*se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento e (se) a qualidade da educação continuar baixa* (uma está coordenada à outra por meio da conjunção coordenativa *e*). Logo, o período é misto, pois é composto por coordenação e subordinação.

10 – E. I: A retirada da expressão *a de* não prejudica a correção gramatical tampouco o sentido da frase. II: *"Minha proposta* é *a de que o fundo partidário* seja composto *por uma quantia mínima para o partido* manter *uma estrutura básica."* III: O verbo *manter* está no infinitivo. Talvez a *brincanagem* da banca tenha sido pegar *de calça arriada* o candidato desavisado – aquele que pensou que, na locução verbal *seja composto*, o verbo principal encontrava-se no particípio, constituindo uma oração reduzida. Mas você já sabe: é o verbo auxiliar que determina se a oração é reduzida ou desenvolvida (a forma verbal *seja* está desenvolvida, conjugada no modo subjuntivo, logo não há oração reduzida). Brasil!

11 – E. I: Oração coordenada sindética aditiva (... ***mas também*** *estabelece regras*...), formando uma série aditiva enfática em relação à expressão anterior *(... trouxe, no artigo 31 bis,* ***não só*** *a possibilidade*...). Oração coordenada sindética alternativa (... ***ou*** *que agem em seu nome*). Detalhe: ela é coordenada aditiva alternativa em relação à oração subordinada adjetiva anterior e subordinada adjetiva em relação a uma principal (... *sobre atividades* desempenhadas *(principal) pelas pessoas físicas que as dirigem* ou *que agem em seu nome*). II: "... *(por delitos que* sejam cometidos *no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização* será aferida *nos casos concretos (ela será aplicável [...], em função da inoperância de controles empresariais, sobre atividades* desempenhadas ***pelas pessoas físicas****...".* O agente da passiva está explícito só na última oração. III: As orações adjetivas desenvolvidas (de olho no pronome relativo!): "... ***que*** *atende diretivas*..."; *"... **que** sejam cometidos*..."; *"... **que** as dirigem*...; "... ***que*** *agem*...". Veja agora a adjetiva reduzida: *"...atividades* desempenhadas *pelas pessoas físicas*...". Observe que não há pronome relativo encabeçando a oração e o verbo *desempenhar* se encontra no particípio. Cansativa, hein!

12 – A. Veja a análise: *É imprescindível*... (oração principal)/... *que* a tributação seja suportável e mais bem distribuída e todos contribuam com justiça e se beneficiem dessa contribuição = Δ (Toda esta oração (com orações coordenadas entre si) é subordinada à principal)/... seja suportável *a)* e *(+)* mais bem distribuída *b)*... (Orações coordenadas entre si – e subordinadas à principal)/... *e (+) todos* contribuam com justiça *d)* (Oração coordenada à

anterior e à posterior – e subordinada à principal)/... *e (+)* se beneficiem dessa contribuição *e)* (Oração coordenada à anterior – e subordinada à principal).

13 – B. I: Não há coordenação, só subordinação. II: Há duas orações reduzidas (*caracterizada* e *levando*), logo "há ocorrência de exemplo de oração reduzida". III: "... *se entende* ***que o que a maioria quer é "dinheiro"*** *= se entende* ***isso*** *=* ***isso*** *se entende.*

Capítulo 27
Gabarito

1 – A. I (explicação de sentido causal): *O Polo Norte está ameaçado* ***porque*** *o oceano gelado que o rodeia começou a derreter*. II (especificação do significado da expressão anterior a eles): *"uma subversão da geografia que se desenrolará diante de nossos olhos*" explica o *"fenômeno raro"*. III (enumeração): *"... Estados Unidos, Rússia, Canadá, Groenlândia (Dinamarca) e Noruega."*.

2 – B. Vejamos uma por uma: a) A vírgula está separando o vocativo. Não pode ser retirada. b) A vírgula está separando o adjunto adverbial deslocado de curta extensão, logo pode ser retirada. c) A vírgula separa o aposto explicativo. Não pode ser retirada. d) A vírgula separa termos de uma enumeração, logo não pode ser retirada. e) A vírgula separa orações coordenadas assindéticas.

3 – B. a) O ponto e vírgula não pode separar uma expressão adverbial deslocada. b) O ponto e vírgula pode separar orações coordenadas: *"indagou a um grupo de estudantes quais os meios de comunicação que eles conheciam; nenhum citou cartões-postais"*. c) O ponto e vírgula não separa oração subordinada adverbial. d) O ponto e vírgula não substitui travessão para marcar a separação de uma oração de narrador. e) O ponto e vírgula não separa oração subordinada adjetiva explicativa.

4 – E. O certo é: *Estava sempre dizendo coisas de que mais tarde se arrependeria. Prometia a si própria que***,** *da próxima vez (adjunto adverbial deslocado), tomaria cuidado com as palavras, o que***,** *entretanto (conjunção adversativa deslocada), não acontecia.*

5 – B. a) A expressão *"da agitação e do barulho"* deve vir entre vírgulas porque se trata de um aposto explicativo. b) A vírgula separa orações coordenadas sindéticas iniciadas por *nem*, se forem de certa extensão. c) Se formos separar o adjunto adverbial de companhia (com a manada) após o verbo por vírgula, devemos fazê-lo levando em conta que, se ele estiver no meio da frase, serão necessárias duas vírgulas, ou seja: *"..., com a manada,..."*. d) No lugar dos travessões, caberiam vírgulas ou travessões, que marcariam a expressão intercalada; sem pontuação, há erro. e) Entre sujeito e verbo, não há vírgula. Básico.

6 – C. a) Não se separa a conjunção *ou* quando ela coordena termos. b) Não se separa oração subordinada adjetiva reduzida por dois-pontos. c) A vírgula separa orações coordenadas assindéticas. Perfeito! d) Objeto direto deslocado <u>não</u> <u>deve</u> ser separado por vírgula do seu verbo ponto de vista de alguns gramáticos, como Gladstone Chaves de Melo. Outros gramáticos dizem que se pode usar a vírgula. e) Nunca se separa o adjunto adnominal do nome

a que ele se liga.

7 – B. Em I, como se trata de uma pergunta, faltou o ponto de interrogação. Em II, faltou uma vírgula para separar os apostos (um para você, outro para mim). Em III, não há problema, pois os dois-pontos abrem um discurso direto, as aspas marcam tal discurso e o ponto de exclamação indica uma altissonância na voz. Em IV, não se pode separar o adjunto adnominal do termo a que ele se refere: "... tudo o que..." e não "... tudo, o que...".

8 – ERRADO. Os dois-pontos servem para abrir uma explicação ou enumeração, normalmente. Só que nesse caso, eles não introduzem uma explicação do que o autor entende por "maior felicidade", mas sim encabeçam uma oração que explica o "algo" em: "... há sempre **algo** que faz que a felicidade seja uma felicidade**:** *a faculdade de esquecer, ou melhor, em palavras mais eruditas, a faculdade de sentir as coisas, durante todo o tempo que dura a felicidade, fora de qualquer perspectiva histórica*."

9 – CERTO. A oração *observou* poderia ser separada por travessão, pois se trata de uma oração intercalada. Encontramos esse tipo de oração frequentemente nas narrações.

10 – CERTO. Haveria alteração de sentido, porque a conjunção *pois* introduz uma ideia explicativa, o que não é o caso. Note que, após os dois-pontos, há um aposto (*a proliferação demasiada de determinados espaços acaba por apagá-los por si mesmos*), que esclarece *outro (processo) já muito conhecido pelos estudiosos da comunicação*. Mesmo que o aposto seja explicativo, nunca é iniciado por uma conjunção explicativa, como *pois*. Devido a isso, a substituição proposta não cabe.

11 – ERRADO. A regra é clara: <u>não</u> se separa complemento de seu verbo por vírgula.

12 – CERTO. Cuidado com questões de vírgula e oração adjetiva. Quando se diz *"... os atores que interagem..."*, entendemos que se está restringindo o ente *atores*, ou seja, está-se falando sobre um tipo de atores, os que interagem, logo deduzimos que há outros atores que não interagem. Se colocássemos as vírgulas, a oração adjetiva passaria a ser explicativa, o que alteraria o sentido. Neste caso (*... os atores, que interagem,...*), todos os atores interagem, não só alguns.

13 – CERTO. Sim, a vírgula é obrigatória, pois a oração é subordinada adverbial reduzida deslocada. A polêmica ocorre quando a oração adverbial está depois da principal. Alguns gramáticos modernos (como vimos na teoria) dizem que é facultativo o uso da vírgula quando a adverbial vem depois da principal. Fiquemos de olho!

14 – ERRADO. Quando *e sim* ou *e não* tiver valor adversativo (= *mas sim, mas não*) haverá vírgula antes de tal expressão. Simples assim. Portanto, a vírgula não pode ficar omissa.

15 – ERRADO. A vírgula serve para marcar, normalmente, a elipse verbal, que é o que está de fato acontecendo. Veja de novo o trecho, agora reescrito: *"a vida depende da vontade de outrem, a morte depende da nossa"*. Ficou claro? Não foi o vocábulo *vontade* elíptico, mas a forma verbal *depende*.

16 – A. Comentando as vírgulas: *Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela,* (predicativo do sujeito deslocado) *dependem, muitas vezes,* (adjunto adverbial deslocado) *de pequenas providências que, tomadas por figurantes aparentemente sem importância,* (oração reduzida de particípio deslocada) *ditam o rumo de toda a história*. Veja os erros das demais: b) *Os personagens principais, de uma história,* (adjunto adnominal não pode ser separado de seu núcleo substantivo) *responsáveis pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes*, (adjunto adverbial deslocado deve vir entre vírgulas) *de pequenas providências que tomadas por figurantes,* (faltou uma vírgula antes da oração reduzida de particípio deslocada e a vírgula após figurantes está equivocada porque não se separa adjunto adnominal – *sem importância* – de seu núcleo substantivo) *aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história*. c) *Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela* (faltou uma vírgula para marcar o deslocamento do predicativo do sujeito) *dependem muitas vezes de pequenas providências, que, tomadas por figurantes aparentemente, sem importância,* (tais vírgulas não procedem porque estão separando o adjunto adnominal de seu núcleo substantivo) *ditam o rumo de toda a história.* d) *Os personagens principais, de uma história,* (adjunto adnominal não pode ser separado de seu núcleo substantivo) *responsáveis pelo sentido maior dela, dependem, muitas vezes* (adjunto adverbial deslocado deve vir entre vírgulas) *de pequenas providências, que tomadas por figurantes aparentemente sem importância*, (faltou uma vírgula antes da oração reduzida de particípio deslocada) *ditam o rumo de toda a história.* e) *Os personagens principais de uma história, responsáveis,* (não se separa complemento nominal – *pelo sentido maior dela* – do nome, *responsáveis*) *pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes de pequenas providências, que tomadas por figurantes, aparentemente, sem importância*, (faltou uma vírgula antes da oração reduzida de particípio deslocada e *aparentemente sem importância* não pode ser separado de *figurantes* porque é seu adjunto adnominal) *ditam o rumo de toda a história*.

17 – D. Comentando as vírgulas: *Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo* (aposto explicativo*), tentar justificar suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas* (oração coordenada explicativa), *igualmente pressionados* (oração reduzida de particípio), *não costumavam abdicar dos princípios éticos*.. Veja os erros das demais: a) *Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo* (as vírgulas devem separar o aposto explicativo) *tentar justificar,* (entre o verbo e o seu complemento não há vírgula) *suas*

ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos. b) *Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho;* (recomenda-se a vírgula no lugar do ponto e vírgula) *pois os velhos jornalistas igualmente pressionados,* (oração reduzida deve vir entre vírgulas) *não costumavam abdicar dos princípios éticos.* c) *Não cabe aos jovens, ao menos,* (nenhuma locução pode ser separada por vírgula do termo ou oração que ela introduz) *os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois,* (esta conjunção introduz uma oração coordenada explicativa, logo não pode estar **entre** vírgulas) *os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.* e) *Não cabe aos jovens, ao menos,* (nenhuma locução pode ser separada por vírgula do termo ou oração que ela introduz) *os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados* (oração reduzida de particípio deve ser separada por vírgulas) *não costumavam abdicar, dos princípios éticos* (não se separa o verbo do seu complemento por vírgula).

18 – C. Comentando as vírgulas e o ponto e vírgula: *Para o gosto moderno,* (adjunto adverbial deslocado) *a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas,* (adjunto adverbial deslocado) *como prova de gosto refinado;* (ponto e vírgula separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa e com trechos já separados por vírgula) *na verdade,* (adjunto adverbial deslocado; a vírgula é facultativa, pois ele é de curta extensão) *a pompa retórica indicia o vazio do pensamento*. Veja os erros das demais: a) *Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge ao contrário de outras épocas,* (adjunto adverbial deslocado vem entre vírgulas) *como prova de gosto refinado,* (aqui se deve usar o ponto e vírgula, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgula, mas, como é de curta extensão, a vírgula é facultativa) *a pompa retórica indicia, o vazio do pensamento* (não se separa verbo do seu complemento). b) *Para o gosto moderno, a grandiloquência, não surge* (não se separa sujeito do seu verbo), *ao contrário de outras épocas* (adjunto adverbial deslocado vem entre vírgulas) *como prova de gosto refinado,* (aqui se usa o ponto e vírgula, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgula, mas, como é de curta extensão, a vírgula é facultativa) *a pompa retórica indicia: o vazio do pensamento* (não se separa verbo do seu complemento). d) *Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgulas) *como prova de gosto refinado,* (aqui cabe o ponto e vírgula, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por

vírgula) *na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.* e) *Para o gosto, moderno,* (adjunto adnominal não pode ser separado por vírgulas) *a grandiloquência, não surge* (não se separa sujeito de seu verbo*), ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado:* (o ponto e vírgula é recomendado nesse caso, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgula, mas, como é de curta extensão, a vírgula é facultativa) *a pompa retórica indicia o vazio do pensamento*.

19 – D. *O país já se encontra em um estágio no qual os saltos de produtividade não ocorrerão sem investimentos mais expressivos. Além de equipamentos,* (vírgula para enumeração*) automação e outras ferramentas da tecnologia,* (vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado*) parte desses investimentos precisará estar voltada para os recursos humanos*. a) *Estudo recente de uma instituição americana, mostra...* (não se separa sujeito de verbo). b) *O aumento da escolaridade, foi...* (não se separa sujeito de verbo). c) *... até mesmo,* (não se separa a expressão denotativa que inicia o aposto do aposto) *da maioria dos países do continente, o Brasil, terá...* (não se separa sujeito de verbo). e) *um envolvimento... nesse esforço...* (não se separa complemento nominal do substantivo por vírgula).

20 – CORRETO. Não há erro. A vírgula após *minerais* serve para marcar o deslocamento do adjunto adverbial (...) *, particularmente no setor de veículos automotores, metalurgia e produtos minerais,* (...).

21 – A. Há incoerência textual se o ponto de interrogação for substituído por ponto e vírgula, uma vez que a ideia de interrogação sumiria para dar vez à ideia de afirmação, mudando o sentido do trecho.

22 – A. Com a vírgula, a palavra *Mesmo* deveria ser escrita minúscula. Eis o erro. Ainda que ignorássemos isso, a vírgula mudaria o sentido do trecho, pois a expressão *Mesmo com a capacitação e o preparo dos técnicos dos órgãos envolvidos com a questão urbana* passaria a modificar a oração anterior, não a posterior — como se encontra no contexto.

23 – INCORRETA. J-A-M-A-I-S!!! A vírgula após o último travessão cumpre, sim, seu papel, a saber: marcar a intercalação da oração reduzida "bem como ampliar os investimentos no modelo que realmente pode chegar a todos os cantos da cidade". Não erre mais uma questão como essa; é muito recorrente! Resumindo: a afirmação está incorreta.

24 – A afirmação está **CORRETA**. A expressão iniciada pelo travessão (— *a violência fundadora da modernidade*) é aposto explicativo de *violência que a tornou possível*.

25 – Não há erro algum na substituição, pois se trata de uma oração subordinada adjetiva explicativa, que pode ser separada por vírgulas, travessões ou parênteses.

26 – A afirmação é **INCORRETA**, pois a expressão entre travessões é um aposto explicativo; como tal, pode ser, sim, separado por vírgulas, travessões ou parênteses.

27 – CERTO. A expressão explicativa "ou seja" deve vir entre vírgulas. Regra!

28 – CERTO. A vírgula é obrigatória depois do último travessão porque antes deles há um adjunto adverbial deslocado. Ignore os travessões e ateste: "... para o entendimento de uma forma particular de comunicação, o estudioso deve reconstruir...".

29 – ERRADO. Se for colocada a expressão adverbial *de modo geral* após *personalidade*, ela passará a ser uma expressão adjetiva, o que modificará o sentido do substantivo *personalidade*, e não da oração inteira, como o faz na posição do trecho original.

30 – ERRADO. A vírgula após o *mas* não é colocada para ele, mas sim para separar a expressão adverbial deslocada *do ponto de vista gramatical*.

31 – ERRADO. Com a retirada da vírgula, parecerá que a palavra denotativa de situação *ora*, também chamada modernamente de marcador discursivo, se torna uma conjunção alternativa. De qualquer modo, a retirada da vírgula provoca, sim, mudança de sentido.

32 – ERRADO. A expressão *o que*, iniciada por um pronome demonstrativo com função apositiva não pode ser separada por ponto e vírgula, só por vírgula (ou travessão). Logo, a única reescritura possível é esta: *"... o fato de o império absorver povos diferentes faz que alguns de seus componentes desejem destacar-se do conjunto, o que explica por que os impérios perduram..."*.

33 – CERTO. Os dois-pontos servem para separar orações coordenadas que mantêm uma relação de sentido entre si, logo não há erro em reescrever o trecho assim: *"Pensar o império não significa ressuscitá-lo dos mundos passados: trata-se de considerar a multiplicidade..."*.

34 – ERRADO. Com o acréscimo de *que é*, cria-se uma oração adjetiva restritiva, que não é separada por vírgula, logo a afirmação não procede. Veja como ficaria a reescritura: *"... outras formas de soberania que respondam melhor a um mundo QUE É caracterizado ao mesmo tempo pela desigualdade e pela diversidade."*.

35 – CERTO. Levando em conta as opiniões divergentes entre os gramáticos,. quando um objeto direto ou indireto está deslocado para o início da frase, a vírgula é facultativa.

36 – C. *Em qualquer escalão do governo,* (adjunto adverbial deslocado) *costuma haver, mais cedo ou mais tarde,* (adjunto adverbial deslocado) *atritos entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso,* (oração reduzida de particípio) *e o pessoal*

indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas (oração adjetiva explicativa). a) Adjunto adverbial deslocado de longa extensão (*Em qualquer escalão do governo*) deve vir obrigatoriamente separado por vírgula. O adjunto adverbial intercalado *mais cedo ou mais tarde* deve vir entre vírgulas, e não com vírgula no meio dele. Não se separa nome (*estabilizados*) de seu complemento (*por concurso*). Não se separa nome (*sabor*) de seu complemento (*das conveniências políticas*). A vírgula é obrigatória logo após *confiança*, pois encabeça uma oração subordinada adjetiva explicativa. b) Não se separa nome (*escalão*) de seu adjunto (*do governo*). O adjunto adverbial intercalado *mais cedo ou mais tarde* deve vir entre vírgulas. d) Não se separa nome (*atritos*) de seu complemento (*entre o pessoal...*). A ausência da vírgula antes de *e o pessoal* prejudica a clareza. e) Adjunto adverbial deslocado de longa extensão (*Em qualquer escalão do governo*) deve vir obrigatoriamente separado por vírgula. O adjunto adverbial intercalado *mais cedo ou mais tarde* deve vir entre vírgulas, e não com vírgula no meio dele. Não se separa nome *atritos* de seu complemento *entre o pessoal....* Não se separa nome *estabilizados* de seu complemento *por concurso*. Não se separa nome *indicado* de seu complemento *para cargos de confiança*.

37 – E. Sobre "*nós ocidentais"* e "*nós, ocidentais,*", a explicação é a seguinte: sem vírgulas, *ocidentais* é adjunto adnominal; com vírgulas, é aposto explicativo.

38 – C. *Estudos deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que,* (oração reduzida deslocada) *movidos por complexos sentimentos ocultos,* (oração reduzida de particípio) *como a culpa,* (aposto explicativo) *inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações que nos afligem.* a) Entre o sujeito (*Estudos*) e seu verbo (*deixam*), não há vírgula. Faltou separar a oração reduzida de particípio por vírgula logo em seu início (*movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa*). Não se separa verbo (*movidos*) de seu agente da passiva (*por complexos sentimentos ocultos*). A última oração (*que nos afligem*) é adjetiva restritiva, logo não pode ser separada por vírgula. b) O adjunto adverbial *muitas vezes* está intercalado, logo recomenda-se que esteja entre vírgulas. A oração *movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa* deve vir entre vírgulas; além disso, faltou uma vírgula antes de *como* para separar o aposto (*como a culpa explica sentimentos ocultos*). Entre verbo (*fabricamos*) e complemento (*aquelas situações...*), não há vírgula. d) Não se separa verbo (*deixam*) de seu complemento (*que muitas vezes nos julgamos...*). O adjunto adverbial "muitas vezes" está intercalado, logo recomenda-se o uso de vírgulas separando-o. A oração *movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa* deve vir entre vírgulas. A última oração (*que nos afligem*) é adjetiva restritiva, logo não pode ser separada por vírgula. e) O adjunto adverbial *muitas vezes* está intercalado, logo recomenda-se o uso de vírgulas separando-o. Não se separa verbo (*nos apercebermos*) de seu complemento (*de que...*). A oração *movidos por complexos*

sentimentos ocultos como a culpa deve vir entre vírgulas; além disso, faltou uma vírgula antes de *como* para separar o aposto (*como a culpa explica sentimentos ocultos*). Entre verbo (*fabricamos*) e complemento (*aquelas situações...*), não há vírgula.

39 – A. I: Para alguns gramáticos, *para si* é um dativo de interesse. Ainda outros veem como um objeto indireto. O fato é que este tipo de construção, que indica benefício próprio, pode ficar entre vírgulas ou não, como se fosse um adjunto adverbial de curta extensão, cuja virgulação é facultativa. II: Os parênteses podem substituir travessões e vice-versa. A vírgula que vem após o último parêntese também deve vir após o último travessão, caso ela seja exigida por algum termo, expressão ou oração antes dos parênteses ou travessões. Nesse caso, a oração adverbial *Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia* inicia o período, logo deve vir separada por vírgula obrigatoriamente, mesmo após travessões ou parênteses. Curiosidade: na época, o gabarito desta questão havia sido B. Recursos foram feitos e... pronto... a banca foi sensata em aceitar a verdade. Sorte nossa! III: Não se separa verbo (*surgem*) de seu complemento (*evidências*).

40 – E. *O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma;* (ponto e vírgula pode separar oração coordenada sindética adversativa) *mas ruiu, exatamente conforme as previsões de Kant* (adjunto adverbial separado por ênfase). a) Não se separa o sujeito (*O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais...*) de seu verbo *(... não foi...*). b) Não se separa verbo (*... não foi...*) de complemento predicativo *(... um mero fantasma...*). Nada justifica a vírgula após *exatamente*, pois ele modifica *"conforme..."*, e não a oração anterior. c) Nada justifica a vírgula após *exatamente*, pois ele modifica *"conforme..."*, e não a oração anterior. d) Não se separa nome (*Estados*) de seu adjunto (*nacionais*). Não se separa o sujeito (*O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais...*) de seu verbo *(... não foi...*). Ponto e vírgula não separa adjunto adverbial do verbo.

41 – B. Há duas orações coordenadas assindéticas no período da letra B: *O rapaz andava com passos rápidos/estava com pressa.* Elas sempre podem ser separadas por ponto — formando dois períodos simples —, uma vez que a estrutura sintática desse tipo de orações é completa. Veja: *O rapaz andava com passos rápidos. Estava com pressa.* a) O ponto não pode separar um aposto explicativo. c) A oração subordinada adjetiva explicativa não pode ser separada por ponto. d) O ponto não pode separar a oração subordinada adverbial. e) O ponto não pode separar termos numa enumeração.

42 – E. Somente na alternativa e) verificamos um adjunto adverbial de tempo deslocado (*no dia do Juízo Final*), posto no meio da frase e entre vírgulas. Questão de nível *teletubiano*!

43 – E. Verifique a alternativa e) e perceba que os dois pontos após o verbo *nascer* introduzem uma sequência que discrimina o tal "manual de instruções", cumprindo uma das funções precípuas do emprego dos dois pontos.

44 – A. Em A, os dois-pontos servem para abrir uma explicação; não há erro de pontuação. Em B, em D, em E, o sentido muda, pois entende-se que "qualquer uma serve", quando, na verdade, o sentido original é: "não serve qualquer uma". Além disso, em B, a vírgula antes de *serve* não é usada. Em C, não se separa verbo de complemento. Questãozinha esquisita!

45 – C. Adjunto adverbial deslocado (antes de tudo) = vírgula. Mole, mole!

46 – D. Perfeita a letra D: *Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever* – (oração iniciada por conectivo de série aditiva enfática pode vir separada por vírgulas – ou travessões), (esta vírgula separa a oração subordinada adverbial condicional que inicia o período) é porque, no sistema da corrupção, (adjunto adverbial deslocado) *o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia* – (oração subordinada adjetiva explicativa) *foi substituído pela vantagem do dinheiro*. a) Faltou a vírgula após *dever* e foi colocada após o último travessão desnecessariamente, uma vez que os últimos travessões já intercalam a expressão adverbial. b) Não se separam vocábulos de uma expressão fixa na língua: *não apenas*. O adjunto adverbial *no sistema da corrupção* deve vir entre vírgulas. E *ao sujeito* não pode vir ser separado por pontuação alguma, pois não se separa complemento do verbo. c) Nada justifica a última vírgula, pois os travessões estão separando apenas a oração adjetiva explicativa.

47 – A. Assertivas autoexplicativas.

48 – A. *O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial,* (as vírgulas separam a oração subordinada adjetiva explicativa) *primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida*. b) A vírgula após *insígnia* está errada, pois não se separa adjunto adnominal de seu nome. Faltou uma vírgula após *industrial* para fechar a oração subordinada adjetiva explicativa. c) Falta uma vírgula antes do pronome relativo, pois a oração é adjetiva explicativa. A rigor, não há vírgula antes do *e*, pois a vírgula não se encaixa em nenhum dos casos de "vírgula antes do *e*". Não se separa o predicativo do objeto do objeto em *fez dela o seu modelo de vida*. d) Falta uma vírgula antes do pronome relativo, pois a oração é adjetiva explicativa. A rigor, não há vírgula antes do *e*, pois a vírgula não se encaixa em nenhum dos casos de "vírgula antes do *e*". Nada justifica a vírgula após o *e*, uma vez que não há nenhuma intercalação após tal conjunção. e) Falta uma vírgula antes do pronome relativo e depois de *industrial*, pois a oração é adjetiva explicativa. A rigor, não há vírgula antes do *e*, pois a vírgula não se encaixa em nenhum dos casos de "vírgula antes do *e*".

Nada justifica as vírgulas de *"..., inventou a máquina e depois,..."*, pois a oração não é nem está intercalada.

49 – B. Segundo alguns gramáticos (os poucos que coloquei na teoria), a vírgula é facultativa antes de oração subordinada adverbial em ordem direta, ou seja, depois da principal. Sendo assim, podemos escrever: *"Já era sexta-feira, quando ele se deu conta da passagem do tempo"* ou *"Já era sexta-feira quando ele se deu conta da passagem do tempo"*. Veja o gabarito da 50, para pirar o cabeção!

50 – B. Esta questão não foi anulada, pois a FCC ficou com a visão da maioria dos gramáticos a respeito da vírgula que separa as orações subordinadas adverbiais, independentemente de sua posição em relação à oração principal, qual seja: as orações subordinadas adverbiais são obrigatoriamente separadas por vírgula. Por isso, a afirmação I está equivocada. A FCC diz uma coisa, a VUNESP (questão 49) diz outra... e assim caminha a humanidade... A afirmação II está correta pois se trata de uma enumeração, e a afirmação III está errada pois não se separam termos enumerados por dois-pontos.

51 – INCORRETO. A afirmação está equivocada, pois *você* é núcleo do adjunto adverbial de causa *por você*. *João* e *Amor* são vocativos e deveriam ser separados por vírgula(s). Só parte da questão está certa.

Capítulo 28
Gabarito

1 – A afirmação está **INCORRETA**. Toda vez que você estiver diante de uma locução verbal, saiba que o verbo principal NUNCA varia!

2 – I. Há erro no primeiro item. A expressão *pelo qual* (*por* + *o qual*), sendo este *o qual* um pronome relativo, deve concordar com o referente, que está no masculino singular (meio). Logo, o trecho deveria estar assim: *"Tal valorização reduz as exportações e aumenta as importações,* ***meio pelo qual...***". No outro item, o verbo *passar* está no plural para concordar com *déficits*.

3 – INCORRETA. Temos a possibilidade de dupla concordância, sem mudança de sentido, uma vez que há dois antecedentes para o pronome relativo *que*. O verbo pode concordar com *conjunto* ou com *condições*. Na letra B, o verbo *atingir* pode concordar ou não com seu sujeito implícito (que tem como referente *indivíduos*) por uma questão de clareza: "... o conjunto de condições que permite aos indivíduos atingirem (ou atingir) o seu bem particular". Para corroborar isso, ninguém menos que Evanildo Bechara. Ele diz, citando seu mestre e grande inspirador Said Ali, que "fora da locução verbal, a escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos somente da ação ou do intuito ou necessidade de pormos em evidência o agente do verbo". Ele continua dizendo que "ocorre o infinitivo flexionado sempre que se tornar necessário destacar o agente, e referir a oração especialmente a um sujeito, seja para evitar confusão, seja para tornar mais claro o pensamento. O infinitivo concordará com o sujeito que temos em mente; ou quando o autor intencionalmente põe em relevo a pessoa a que o verbo se refere". Daí, ele dá um exemplo: "É permitido aos versistas **poetarem** em prosa". Tal estrutura se assemelha a "permite aos indivíduos atingirem (ou atingir)...". Logo, é uma questão de escolha!

4 – E. Veja: *"Mais da* metade *dos* países *que* ***tinham*** *baixo crescimento e baixo CH em 1960* ***permanecia*** *na mesma posição na década de 90."*. Isso se dá por causa daquela regra de sujeito coletivo ou partitivo, em que o verbo pode concordar com o núcleo do sujeito ou com o núcleo do adjunto. Lembra? a) O pronome *nos* se refere aos *76 países* (Dividiram-nos = Dividiram eles (= os 76 países). b) Tanto em *pode-se ter* como em *podem-se ter* há sujeito, pois a partícula *se* é apassivadora, e não indeterminadora do sujeito. Só há uma diferença na análise sintática. Enquanto o sujeito de *pode-se* é oracional (ter duas situações de equilíbrio), o sujeito de *podem-se ter* é um sujeito simples (duas situações de equilíbrio). Reveja a regra de *costumar/dever/poder* + *se* + infinitivo na teoria. c) A afirmação é equivocada, pois explicitamente o sujeito é simples: *"****Surgem*** algumas conclusões interessantes desse estudo

(sujeito)". d) Toda a afirmação da alternativa é equivocada, pois o núcleo do sujeito com que a forma verbal *dá* concorda é *estratégia*. Veja: *"A quarta, e mais importante, é que a* estratégia *de privilegiar o lado humano* ***dá*** *frutos muito melhores do que aquela que enfatiza só o lado econômico."*.

5 – Há um erro de concordância. Deveria ser: *"Os* consumidores *pagam juros maiores porque* ***obtêm*** *crédito com prazos maiores e prestações menores."*. Lembra-se daquela regrinha de acentuação relacionada à concordância dos verbos *vir* e *ter* na 3ª pessoa do plural? Então... os verbos *vir* e *ter* (e suas formas derivadas, como *obter, deter, reter, entreter*), na 3ª pessoa do plural, recebem acento circunflexo.

6 – Pelo contexto, percebemos que a afirmação procede. Veja: *"A experiência da modernidade é* algo *que só pode ser* ***pensado*** *a partir de alguns conceitos fundamentais."*. Lembrou-se da regra de retomada do pronome relativo? O verbo, inclusive no particípio, que estiver após o pronome relativo *que* concordará com o antecedente do relativo.

7 – B. A afirmação da letra B está incorreta, porque o verbo *possuir* concorda com *nossa classe A*.

8 – A. O pronome oblíquo átono *as* retoma, concordando em gênero e número, *a ordem e a cultura do capital*, expressão feminina plural. A (2) está errada, pois o verbo *dominar* deve ficar no singular, concordando com *lógica*. A (3) está errada, pois a expressão deveria ser *podia ser escamoteada* uma vez que concorda com a palavra *lógica*, feminina singular. Em (4), há um erro, pois o núcleo do sujeito simples está no singular, logo o verbo *criar* deve igualmente ficar no singular. Em (5), deveria ser *somam-se*, pois este verbo tem como referente do seu sujeito implícito o termo *desempregados*.

9 – ERRADO. O vocábulo *destinado* (particípio com valor de adjetivo) concorda em gênero (masculino) e número (singular) com o substantivo *patamar*. Já *destinados* (masculino plural) de fato concorda com o numerador (8) do numeral percentual 8,76%.

10 – ERRADO. O verbo no infinitivo, *parecer*, pode ficar no plural ou no singular, pois faz parte de uma estrutura em que se permite isso. A estrutura é esta: ***mandar/deixar/fazer/ver/ouvir/sentir*** **+ substantivo plural + verbo no infinitivo (singular ou plural)**. Neste caso (... fazendo *as tripulações parecer(em)*...), a variação do infinitivo é facultativa. Logo não acarretaria prejuízo para a correção gramatical se o verbo ficasse no singular.

11 – CERTO. Veja de novo: "*O fato... tem...*". Sendo assim, apesar de o núcleo do sujeito estar distanciado do seu verbo, percebemos que o verbo *ter* fica no singular para concordar

com um núcleo do sujeito igualmente singular. Se o núcleo do sujeito estivesse no plural, o verbo *ter* receberia acento circunflexo: "*Os fatos... têm...*". Safo?

12 – CERTO. Afirmação correta e autoexplicativa.

13 – CERTO. Evanildo Bechara não se opõe a esta construção, a saber: de substantivo no singular com vários adjetivos ligados a ele. Portanto é forma culta: "*o **contexto** histórico, político, econômico, cultural e social*", ou "*os **contextos** histórico, político, econômico, cultural e social*", ou "*o **contexto** histórico, o político, o econômico, o cultural e o social*". Bechara ainda chega a dizer assim, para quem quiser ver, em sua Moderna Gramática Portuguesa: "O vocábulo determinado irá para o plural ou ficará no singular, sendo, neste último caso, facultativa a repetição do artigo: *As literaturas brasileira e portuguesa*, ou *A literatura brasileira e portuguesa*, ou *A literatura brasileira e a portuguesa*".

14 – CERTO. Todo verbo que tem como sujeito uma oração fica na 3ª pessoa do singular. Por se tratar do verbo *ser*, que pode concordar também com o predicativo, a afirmação da banca procede.

15 – CERTO. Sim! Quando o adjetivo em função de adjunto adnominal vem após dois substantivos, pode ele concordar com o núcleo mais próximo: *"está diminuindo a nossa capacidade de concentração e **contemplação profunda**"*.

16 – CERTO. O que a banca sugere é esta reescritura: *"... que aprender a ler e a escrever... **altera**... e **engrossa**..."*. De fato, as formas verbais *altera* e *engrossa* não variam, pois seu sujeito é oracional, o que faz com que os verbos fiquem na 3ª pessoa do singular, sempre.

17 – ERRADO. *Os computadores são as armas dos crimes*, e não o contrário. Portanto, o verbo *ser* concorda com *os computadores*.

18 – ERRADO. Não! Independentemente de a ideia ser plural (coletiva), é um erro pôr o verbo no plural. Isso só ocorreria se o núcleo do especificador estivesse no plural: *"A maioria dos **professores** acaba/**acabam** deixando a profissão."*. Foi?

19 – ERRADO. O "homem da banca" trabalha aqui seu conhecimento de passagem de voz passiva sintética para passiva analítica e concordância verbal e nominal ao mesmo tempo. Perceba que em *Consideram-se*, o verbo está na voz passiva sintética, pois ele é VTD e está acompanhado de uma partícula apassivadora (*se*). Passando para a voz passiva analítica, temos de transformar o verbo em locução verbal formada por *ser* + particípio; nessa passagem devemos observar a manutenção do tempo e modo verbais e a concordância verbal e nominal. Note que o sujeito do verbo *considerar* é *os grupos étnico-raciais*, portanto, na voz passiva analítica, o verbo *ser* da locução verbal vai ficar no presente do indicativo (como estava o

verbo *considerar* na voz passiva sintética) e no plural; já o **particípio** vai ficar no masculino plural concordando com o núcleo *grupos*. Portanto, *Consideram-se... os grupos étnico-raciais... = Os grupos étnico-raciais* ***são considerados****....* Desse modo, não há prejuízo algum na correção gramatical na reescritura.

20 – E. O verbo concorda com *quem*, por isso fica na 3ª pessoa do singular. a) *Havia* (verbo impessoal fica na 3ª pessoa do singular). b) *O lixo...* ***vai****.* c) *O tratamento e a destinação corretos do lixo* ***evitariam*** *que 35% deles* ***fossem despejados*** *em aterros*. d) *Faz* (verbo impessoal fica na 3ª pessoa do singular).

21 – D. Coloque na ordem direta: *"****Argumentos*** *(sujeito) não* ***faltarão*** *(verbo) a nenhum dos intérpretes de um fato para considerá-lo segundo seu interesse e sua conveniência"*. Claro, não? Vejamos uma por uma (corrigidas): a) *Dentro da elite nunca* ***se criticaram****, diante da rotina do sistema penitenciário brasileiro, os* ***horrores*** *(núcleo do sujeito) a que os presos são submetidos (os horrores nunca foram criticados; perceba que o "se" ligado ao verbo é uma partícula apassivadora)*. b) ***Reservam-se*** *ao pobre, tantas vezes identificado como potencialmente perigoso, as* ***opções*** *(núcleo do sujeito) da resignação ou da marginalidade social*. c) *Sem altos investimentos não* ***haverá*** *(com sentido de existir, não varia) como minimizar os horrores que vêm caracterizando as nossas penitenciárias*. e) *Ainda que não lhes* ***convenha*** *(verbo)* ***fazer altos investimentos*** *(sujeito oracional leva o verbo à 3ª pessoa do singular), as elites terão que calcular os custos de tanta violência*.

22 – D. Coloque na ordem direta para facilitar a "visão" para a concordância: *"Como se vê,* ***estimular a salvação das baleias*** *(sujeito oracional)* ***cabe*** *(verbo) aos bons princípios ecológicos, seja no alto-mar, seja na areia da praia"*. Veja as demais (corrigidas): a) À noite, ***dava-se*** *(verbo com "se" apassivador; cuidado!!!) aos trabalhos de poucos e à diversão de muitos uma* ***trégua*** *(núcleo do sujeito) oportuna, para tudo recomeçar na manhã seguinte.* b) *Aos esforços brutais da jubarte não* ***correspondia*** *(verbo) qualquer* ***efeito*** *(núcleo do sujeito) prático, nenhum avanço obtinha o gigante encalhado na areia.* c) *Sempre* ***haverão*** *(verbo) de aparecer* ***aqueles*** *(sujeito) que, diante de um espetáculo trágico, logram explorá-lo como oportunidade de comércio.* (O verbo haver só não varia quando tem sentido de existir, seja sozinho, seja como verbo principal de uma locução verbal, o que não é o caso, pois nesta frase ele é o verbo auxiliar da locução verbal *haverão de aparecer*.) e) *Da baleia encalhada em 1966 não* ***restaram*** *(verbo), lembra-nos o autor, senão as* ***postas*** *(núcleo do sujeito) em que a cruel voracidade dos presentes retalhou o animal*.

23 – C. O verbo *haver* só é impessoal quando tem sentido de *existir*. Se ele for verbo auxiliar de uma locução verbal, como é o caso (*haverão de caber*), irá variar normalmente. *Por que*

haverão (verbo) *de caber a um simples passageiro as* ***responsabilidades (núcleo do sujeito)*** *do comando de uma aeronave*?

24 – E. *"*É necessário *(o verbo fica no singular e o adjetivo no masculino singular por causa do sujeito oracional em seguida) que haja* medidas *que* busquem *controlar o consumo predatório dos* recursos *da natureza que, cada vez mais* escassos, estão sujeitos *a uma lenta reposição"*. Veja os erros das demais (corrigidas): a) *Os* ***níveis*** *(núcleo do sujeito) alarmantes de poluição da água no planeta, resultante da atividade humana,* ***estão*** *(verbo) dando sinais de que ela poderá faltar em boa parte do globo terrestre, que já sofre com sua escassez*. b) *A* ***proporção*** *(núcleo do sujeito) entre número de habitantes e oferta de recursos naturais* ***está*** *(verbo) em descompasso, levando à necessária redução no consumo desses recursos que garantem a vida no planeta*. c) *Ambientalistas já alertam para os perigos à sobrevivência da humanidade, caso os* ***habitantes*** *(núcleo do sujeito) do planeta* ***continuem*** *(verbo) a consumir de modo irresponsável os recursos naturais, muitos dos quais já escassos*. d) ***Existem*** *(verbo)* ***programas*** *(núcleo do sujeito) de conscientização da população mundial que busca divulgar formas de consumo sustentável dos recursos naturais e respeito ao ritmo da natureza, para permitir que* ***ela*** *(sujeito) o* ***reponha*** *(verbo)*.

25 – E. *"*Tanto *a Lei de Diretrizes e Bases da Educação* como *a regulação natural do mercado (sujeito composto)* ***sinalizam*** *para as* inconveniências *que* adviriam *da adoção do ensino religioso nas escolas públicas"*. Veja os desvios das demais: a) ***Provoca*** *(verbo) muitas polêmicas, entre crentes e materialistas, o* ***posicionamento*** *(núcleo do sujeito) de alguns religiosos e parlamentares acerca da educação religiosa nas escolas públicas*. b) *Sempre* ***deverá haver*** *(quando o verbo haver tem sentido de existir, o verbo auxiliar da locução verbal fica na 3ª pessoa do singular) bons motivos, junto àqueles que são contra a obrigatoriedade do ensino religioso, para se reservar essa prática a setores da iniciativa privada*. c) ***Um*** *(núcleo do sujeito) dos argumentos trazidos pelo autor do texto, contra os que votam a favor do ensino religioso na escola pública,* ***consiste*** *(verbo) nos altos custos econômicos que acarretarão tal medida*. d) *O* ***número*** *(núcleo do sujeito) de templos em atividade na cidade de São Paulo* ***vem*** *(verbo) gradativamente aumentando, em proporção maior do que ocorrem com o número de escolas públicas*.

26 – A. Na letra A, o verbo *atribuir*, acompanhado de *se* apassivador, concorda com o antecedente do pronome relativo *que* (os predicados mágicos), por isso deve ficar no plural. Veja: "Nem todos discriminam, numa foto, *os predicados mágicos* que a ela ***se atribuem*** nesse texto."

27 – C. Eu falei a você que a FCC se amarra em deslocar o sujeito, portanto coloque a frase

na ordem direta. Veja como a frase da letra C está invertida: *"Não convém aos injustiçados reclamar por igualdade de tratamento quando esta pode levá-los a permanecer na situação de desigualdade"*. Ordem direta (o sujeito sempre vem antes do verbo): *"Reclamar por igualdade de tratamento... não convém aos injustiçados"*. Facilitou a visão, não é? Percebe que o sujeito da forma verbal *convém* é uma oração reduzida de infinitivo (*Reclamar por igualdade de tratamento*)? Quando o sujeito está em forma de oração, o verbo sempre fica no singular. Ok? Veja os erros (já corrigidos) das demais: a) A ***utilidade*** dos dicionários, *mormente quando se trata de palavras polissêmicas*, ***manifesta***-se *nas argumentações ideológicas*. b) Não se ***nota****, entre os preconceituosos*, qualquer ***disposição*** *para discutir o sentido de um juízo e as consequências de sua difusão.* d) *Como discernimento e preconceito são duas acepções de discriminação,* ***há*** *que se esclarecer* o ***sentido*** pretendido. e) ***Uma*** das maneiras mais odiosas de refutar os argumentos de alguém ***surge*** *na utilização de preconceitos já cristalizados*. Percebeu que o sujeito veio depois do verbo em B e em D?

28 – E. "As ***obras*** e seu ***respectivo*** valor ***haviam*** de ser avaliados *na medida da importância do tema tratado*". Sujeito composto, verbo no plural. Simples assim. Veja os erros (já corrigidos) das demais: a) *Outra descoberta foi a de que também* ***existiam*** *na figuração de um motivo em que estivesse ausente o ser humano* alguns ***valores*** profundos. Colocando na ordem direta: "*Outra descoberta foi a de que* alguns ***valores*** profundos ***existiam***...". Viu como facilita? Faça isso sempre que necessário for. b) Uma ***gama*** de estados de espírito *que não sabemos nomear, apesar de sua grande força,* ***pode*** ser ***suscitada*** *pelos artefatos e signos que o homem produz*. c) É numa concepção de humanidade modificada ao longo do tempo que se ***assentam*** ***noções*** relativas a uma dimensão humana da arte. O verbo *assentar* vem seguido de uma partícula apassivadora (bastante comum na FCC). Note como é fácil descobrir se o *se* é ou não uma partícula apassivadora. Coloque a voz verbal na voz passiva analítica; se for possível, o *se* é apassivador. Veja (na ordem direta, é claro!): "É numa concepção... que ***noções*** relativas a uma dimensão humana *da arte* ***são assentadas***.". Normalmente o sujeito de um verbo com partícula apassivadora vem após ele. Atenção! d) *Não* ***faz*** *muitos anos que na grande arte só se podiam admitir temas heróicos, míticos ou religiosos*. O verbo *fazer*, indicando tempo decorrido é impessoal, portanto não varia.

29 – C. Note que o verbo auxiliar concorda com o núcleo do sujeito singular: "*E que* a ***produção*** de alimentos ***precisará*** crescer *70% até 2050...*".

30 – D. Quando o adjetivo, com função de adjunto adnominal, vem após dois substantivos de gêneros diferentes, a concordância de gênero e número (concordância nominal) pode se dar com o substantivo mais próximo (concordância atrativa) ou com ambos, ficando no masculino plural (concordância gramatical). Portanto, tanto faz: *Compramos livro e jornal* ***velhos*** ou

Compramos livro e jornal ***velho****.*

31 – D. Com sujeito determinado, o particípio de ***ser*** + **adjetivo/particípio** varia normalmente. Deveria ser, portanto: "*A partir de hoje,* é ***proibida*** a *adoção de crianças...*".

32 – E. Quando núcleos do sujeito composto são sinônimos, o verbo preferencialmente fica no singular. Já que *recrudescimento* e *exacerbação* são sinônimos, o verbo *provocar* fica no singular, assim como, no enunciado, o verbo *alcançar* ficou no singular, pois os núcleos do sujeito são igualmente sinônimos (*declínio* e *decadência*). Quando os núcleos são antônimos, o verbo fica no plural. Logo, as frases de A a D deveriam apresentar verbos no plural.

33 – B. Adjetivo, com função de adjunto adnominal, posposto a substantivos de gêneros diferentes concorda com ambos, no masculino plural, ou com o mais próximo. Logo, a construção *consultorias e bancos* renomadas não procede.

34 – C. Vamos combinar uma velha máxima da concordância verbal: o verbo concorda em pessoa e número com seu sujeito. Quem quer "filhos"? As **mulheres**. Até porque só elas podem engravidar...

35 – D. Perceba que o governo é quem "efetua" o controle dos nascimentos prematuros. Logo, *"O* controle *dos nascimentos prematuros (é)* ***efetuado*** *pelo governo...*".

36 – E. *"****Foram*** *os* peixinhos *do mar"*. A palavra *peixinhos* é o núcleo do sujeito da forma verbal *foi*, por isso ela deve ficar no plural (foram).

37 – C. Caso clássico do verbo *haver* significando *existir*. Esta é para elevar a autoestima!

38 – C. Na alternativa c), o verbo *integrar* pode ter como referente *(aqueles que foram) escolhidos*, indo assim para o plural – *integrarem*. Em todas as outras alternativas, existe a obrigatoriedade da forma verbal em destaque. Na alternativa a), o sujeito da oração é *Jogar "games" de computador*, sendo seu núcleo *jogar*, levando o verbo obrigatoriamente para o singular. Portanto não há opção de pluralizar o verbo. Na alternativa b), quem foi produzido foi "um" dos títulos, não "os títulos", portanto o verbo deve ficar no singular, sem opção de plural. Na alternativa d), em *o grupo de controle*, que é o sujeito, a expressão *grupo* é núcleo, obrigando o verbo a ficar no singular, até porque seu especificador *"de controle*" também está no singular. Quanto à derradeira alternativa e), *interagir* é o próprio sujeito de é preciso, logo não pode ir para o plural, porque, apesar de ser um verbo, funciona como substantivo.

39 – CERTO. Note que antes do particípio do verbo *perder* (*perdida*), há uma estrutura de indeterminação do sujeito: "... *que se vive...*". Logo, o verbo *perder*, no particípio, deveria ficar no masculino singular, que é uma forma neutra para se referir ao sujeito indeterminado, a saber: *"Mas é assim mesmo que* ***se vive*** *(alguém vive):* ***perdido*** *no tempo e no espaço*.". Isto

é o que diz a norma culta. No entanto, como esse trecho foi retirado de uma obra literária, o autor tem licença poética para usar o particípio se referindo a uma personagem, por exemplo.

40 – ERRADO. O *ou* tem valor de exclusão, pois indica que um dos três atos (*puxar, afiar, assistir*) seria simples. Quando os núcleos do sujeito composto forem ligados por este *ou* exclusivo, o verbo ficará no singular, sempre!

41 – ERRADO. *Nascidas* se refere tão somente a *sepulturas*, assim como *seguras* se refere a *fortalezas* e *duro* se refere a peso. A afirmação não procede.

42 – ERRADO. O único erro desta afirmação é dizer que *século* faz parte do sujeito composto, quando na verdade se trata do núcleo do adjunto adverbial de tempo *no século XV*.

43 – ERRADO. O sujeito explícito existe, sim (!), e está em forma de oração: *"que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas"* (oração subordinada substantiva subjetiva) = **isso** [é verdade]. Não deixe o CESPE lhe dar uma pernada, hein!

44 – Retire a intercalação (*como o automobilístico*) e verá que a afirmação da banca procede: *"... decorreu da diminuição de estoques em **alguns setores** (...) **pressionados**...*". Bingo!

45 – C. "... nos <u>países emergentes</u>, que, no entanto, já <u>representam</u> mais de 50%...". O verbo concorda com o antecedente do pronome relativo. Simples assim!

46 – A. Desenvolva a oração reduzida de particípio *deflacionados* para visualizar melhor: "... *e em **valores** reais, que **foram deflacionados** pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo*...". Portanto, a afirmação procede. b) *Elevaram-se* concorda com o sujeito composto iniciado por *as receitas do Imposto de Renda Pessoa Jurídica*. c) A forma verbal *proporcionou* concorda com *desempenho*. d) O singular em *fez aumentar* é devido ao núcleo do sujeito *crescimento*. e) A forma verbal *foram* concorda com *ganhos*.

47 – INCORRETA. A afirmação está equivocada porque o verbo *haver* (= *existir*) é impessoal. Nunca varia.

48 – A. Ignore todas as intercalações entre o sujeito e o verbo, e você verá que a afirmação da opção A procede: "... ***uma <u>sociedade</u> igualitária**, com amplo respeito pela vida humana, excelentes índices de educação, burocracia inteligente e serviços públicos voltados (de fato) para melhorar a vida do cidadão, **<u>soa</u>**..."*. b) *Podem* varia com *sociedades*. c) O sujeito de *referem-se* é composto (*A igualdade e a dignidade humana*), logo o plural é a concordância correta. d) O verbo principal de uma locução verbal nunca varia; a afirmação da banca é absurda. e) O verbo *levar* concorda com o sujeito composto *a igualdade, o respeito e a dignidade*, por isso fica no plural.

49 – E. Na estrutura "*Cada um dos folheteiros*", o verbo concorda com *um* obrigatoriamente, por isso não pode ficar no plural. a) O verbo concorda com o antecedente do relativo, *folheteiros*. b) O verbo concorda com o especificador do sujeito de valor partitivo, *folheteiros*. c) O verbo concorda com o sujeito composto, *"O folheteiro e sua família"*. d) O verbo concorda com o especificador do sujeito de valor coletivo, *folheteiros*.

50 – E. A construção ***ser* + adjetivo** (*Era necessário*) fica no masculino singular, pois o sujeito é oracional (*tomar medidas*...). O verbo *garantir* fica no plural, pois concorda com o antecedente do pronome relativo, a saber: *medidas*.

51 – B. O verbo *fazer* é impessoal quando indica tempo decorrido. Como faz parte de uma locução verbal, o verbo auxiliar fica obrigatoriamente no singular, pois é transmitida a impessoalidade do *fazer* a ele (*deve fazer*). O verbo *haver* (= *existir*) é impessoal também. O verbo *apaixonar-se* varia concordando com o antecedente do pronome relativo: *pessoas*.

Capítulo 29
Gabarito

1 – A. Olhe sempre para o verbo ou para o nome dentro da oração adjetiva. Se um deles exigir uma preposição, esta ficará antes do pronome relativo. O verbo *referir-se* exige a preposição *a*, por isso *a que*. O verbo *ocupar-se* exige a preposição *de*, por isso *de que*. Simples assim.

2 – D. O substantivo *oportunidade* rege a preposição *de* ou *para*, logo a letra D está perfeita. a) Só "papel *na"*. b) Só *como*, por ser palavra explicativa introduzindo aposto explicativo. c) O verbo *chamar* não exige a preposição *a*, logo o *a* é só um artigo. e) idem à opção A.

3 – D. O adjetivo *inferior* exige a preposição *a* + *a* (= *aquela*) = à. Faltou isso. A forma participial *atribuída* exige a preposição *a* + *a Argentina* = à *Argentina*. Faltou isso também no texto. A ESAF *curte* trabalhar regência com crase, mais de 90% das vezes.

4 – CORRETA. A maneira como o verbo *autorizar* mantém relação com seus complementos é igual, pois em ambos os casos o verbo é VTDI (quem autoriza, autoriza alguém **a** algo).

5 – A afirmação de que a presença de preposição em ***a****o desemprego* justifica-se pela regência de *combate* está perfeita, pois este substantivo de fato rege um complemento preposicionado por *a*.

6 – Ambas estão **erradas**. Na primeira, há um desvio de regência do verbo *recorrer*, pois ele rege a preposição *a*. Portanto, deveria ser: "*... e **a** eles recorriam os colegas...*". Na segunda, o verbo *impor* é VTDI, exige um objeto direto e um indireto. O objeto indireto na frase em questão é o pronome reflexivo *se*, e o objeto direto é *o desafio de falar*. A análise é esta, portanto: quem impõe, impõe alguma coisa (*o desafio de falar outro idioma fluentemente*) a alguém (*se*).

7 – CERTO. Sim! A preposição deve vir explícita antes de oração subordinada adjetiva quando um verbo ou um nome depois do pronome relativo a exigir. Exemplo: *O jornal que eu gosto é o Nacional*. (errado)/*O jornal **de** que eu **gosto** é o Nacional*. (certo). Safo?

8 – ERRADO. Nem precisaríamos de contexto para resolver esta questão se soubéssemos que *resultar de* indica causa e *resultar em* indica consequência, ou seja, *"A mais doce embriaguez é a que* resulta ***da*** mistura dos vinhos." (causa) e *"Aquela discussão* resultou ***numa*** briga feia." (consequência).

9 – ERRADO. Questão perigosa! Todos os termos preposicionados são complementos do substantivo *cultura*, menos *de bens materiais*, que é complemento de *acréscimo*.

10 – ERRADO. A forma verbal *remete-se* (VTI) exige a preposição *a*, logo ela não pode ser

retirada antes dos objetos indiretos.

11 – C. Toda vez que cair uma questão como esta, ou seja, regência com pronome relativo, fique ligado no verbo ou no nome que vem após o pronome relativo. Digo isso porque eles é que vão ditar a regência e, consequentemente, o uso da preposição antes do pronome relativo. Vou grifar o verbo ou o nome e sua preposição antes do pronome relativo, ok? Lembre-se de que a banca quer a regência INCORRETA. a) *O processo de globalização e a mundialização **d**os quais as organizações têm sido **vítimas**.* b) *O processo de globalização e a mundialização **sobre** os quais as organizações têm tido alguma **influência**.* c) *O processo de globalização e a mundialização **com** cujos parâmetros as organizações procuram imitar.* COM cujos parâmetros? De onde vem este COM? Algum verbo ou nome exige tal preposição? Claro que não! Quem procura imitar, procura imitar alguém ou algo. Eis o erro! d) *O processo de globalização e a mundialização **para** os quais as organizações têm voltado sua **atenção**.* e) *O processo de globalização e a mundialização **por** cujos princípios as organizações procuram **guiar-se**.*

12 – C. Questão megapolêmica, em que se marca a "melhor resposta"! Na letra A, o verbo *assistir* (= *ajudar*) pode ser VTD ou VTI (com preposição *a*). Na letra B, há um (1) gramático (só conheço ele!) que admite o uso de *implicar* (no sentido de resultar, acarretar) com a preposição *em*: Celso P. Luft. Os demais dizem que, nesta acepção, *implicar* é VTD. Polêmicas! Na letra C, ninguém tem dúvidas de que *importunar* é VTD (quem importuna, importuna alguém e não a alguém). Na letra D, ninguém tem dúvidas da dupla regência de **influir** (*em* ou *sobre*). Na letra E, há bons gramáticos, como o próprio Luft, que aceitam a regência do verbo *visar* com a preposição *a* (VTI) ou <u>sem</u> a preposição (VTD). Fazer tal coisa com o candidato é *privilégio* da Fundação Dom Cintra? Claro que não! Todas as bancas fazem isso: ESAF, FCC, CESPE, FGV etc., etc., etc. Fique esperto!

13 – E. O verbo que não exige complemento é chamado de intransitivo. No enunciado, o verbo *custar* (exprimindo preço/valor) é sempre intransitivo, acompanhado de adjunto adverbial de preço (R$ 35). Pois bem... o verbo *caçar*, na letra E, não exige complemento algum, portanto ambos os verbos são intransitivos. Os demais verbos exigem complementos (que eu sublinhei). Na letra D, o verbo ser é de ligação. Veja: a) *"...de quem **procura*** a reserva *para comprar artesanato,"*. b) *"para **levar*** um casal de amigos*"*. c) *"Scavello **considera** positiva* a implantação do sistema na aldeia*:"*. d) *"– Não **somos** assalariados,"*.

14 – D. Vejamos uma por uma: I – O verbo *aspirar* (=*almejar*) exige a preposição *a*. II – O verbo *assistir* (=*ver*) exige a preposição *a*. III – O verbo *implicar* (=*acarretar*) não exige preposição alguma, segundo 99% dos gramáticos. IV – O verbo *chegar* exige a preposição *a*,

mas diante da palavra *casa* só haverá crase se ela vier especificada, o que não é o caso.

15 – C. a) *O provedor **cujo plano** comprei demonstra eficiência.* Esta questão é sobre o uso do *cujo*! Ele nunca é substituído pelo pronome relativo *que*. O *cujo* fica entre dois nomes estabelecendo uma relação de posse entre eles. b) *As pessoas **as quais** compareceram desconheciam informática.* O verbo comparecer não exige a preposição *de*. c) *O desejo **de que** a Internet ficasse mais rápida se realizou.* Segundo o padrão CESGRANRIO, seria um erro omitir essa preposição exigida pelo substantivo *desejo* antes da conjunção integrante. Portanto, está certa. d) *O menino, **cujo** pai trabalha em informática, virá ajudar-nos.* O artigo nunca vem acompanhando o pronome relativo *cujo*. e) *A matéria **em que** me dei mal foi programação.* Quem se dá mal se dá mal *em* alguma coisa.

16 – D. a) Segundo a vasta maioria dos gramáticos, não podemos ter um complemento só para verbos de regências diferentes, logo deveria ser: *"Entrei **n**o escritório e saí **d**ele hoje correndo."*. b) O certo seria *"O relatório **de** que (ou sobre o qual) te falei está em cima da mesa*.", pois quem fala, fala **de/sobre** alguma coisa. c) Quem dá, dá algo a alguém, logo *"Esse é o colega **a** que (ou a quem ou ao qual) dei meu endereço novo."*. d) Ele aprendeu a usar a máquina por alguma coisa (pelo manual), logo está certo o uso da preposição *por* antes do pronome relativo *que*. Poderíamos reescrever assim: *"O manual **pelo qual** aprendeu a usar a máquina é ruim."*. e) O certo seria *"A ilha **para onde*** (*ou **para a qual***) *eu mudei minha residência oficial é grande*.".

17 – E. O verbo *ir* exige a preposição *a*. Além disso, o verbo *assistir* (=*ver*) exige a preposição *a*. Logo: *"Fomos Ao cinema ontem assistir **ao** filme."*. Bem fácil esta!

18 – C. O verbo *recordar* não exige complemento preposicionado, logo é um VTD. O verbo *lembrar* também é VTD, logo não pode exigir complemento preposicionado. Reescrevendo... *"Gostava de **recordar** os fatos de sua infância./Gostava de **lembrar** os fatos de sua infância."*. Vale dizer que o verbo pronominal *lembrar-se* é VTI e exige a preposição *de*. Veja: *"Gostava de **se lembrar d**os fatos de sua infância."*. Aí, sim, estaria certo! Beleza?

19 – ERRADO. O verbo *chamar* no sentido de "classificar", "cognominar" é um verbo transobjetivo, ou seja, exige um objeto direto seguido de um predicativo do objeto. Substituindo o pronome relativo *que* por seu antecedente, teremos a seguinte reescritura: *"Ele chama* a ética *(OD) de* metafísica dos costumes *(POD)."*. Quanto à preposição *de*, saiba que ela é facultativa sempre antes do predicativo do objeto do verbo *chamar*. Sendo assim, o trecho em itálico não é complemento verbal nem a preposição deve ser colocada **obrigatoriamente**.

20 – ERRADO. O nome *indicação* exige a preposição *de*. Mera questão de regência. Logo, lê-se o trecho assim: *"A indicação inicial é (a = aquela)* de *que, sim, a rede está alterando..."*. Segundo a maioria dos gramáticos, a oração com função de complemento nominal é iniciada por preposição obrigatória (outros gramáticos dizem que ela pode ficar implícita).

21 – ERRADO. Os dois primeiros nomes – *decorrência* (***de***) e *condizente* (***com***) –, de fato, exigem complementos preposicionados, mas *irreprimível* não exige complemento preposicionado algum. Em *a voz irreprimível dos fantasmas*, a preposição *de* estabelece uma relação nocional de posse entre *voz* e *fantasmas*.

22 – E. Questão de regência nominal purinha! Em A: *"Alguns acreditam que com o advento da chamada globalização o mundo foi* ***reduzido a/em*** *uma pequena aldeia"*. Em B: *"É notável a* ***submissão*** *de certos animais* ***para com/a****o dono."*. Em C: *"Não se pode afirmar que não haja* ***legitimação para*** *as regras morais na sociedade contemporânea."*. Em D: *"Parece razoável propor que em todas as áreas do conhecimento há certa* ***dicotomia*** **em/*entre*** *teoria e prática."*. Em E: *"Alguns críticos acreditam que a sensibilidade é* ***inerente*** **em/*a****os grandes artistas."*.

23 – D. a) *"Os argumentos* ***em*** que *devemos* nos *agarrar devem se pautar nos limites da racionalidade e da justiça."* Quem deve se agarrar, deve se agarrar **em** algo/alguém. Quanto ao uso do pronome oblíquo átono em próclise ao verbo principal da locução verbal (*... em que devemos* ***nos*** *agarrar*), Cegalla e Azeredo dizem ser formas corretas, mesmo com palavra atrativa antes da locução; os demais dizem que não! Portanto, faço questão de reescrever de duas maneiras diferentes para atender às exigências da maioria dos gramáticos: *"... em que* ***nos*** *devemos agarrar"* ou *"... em que devemos agarrar-****nos****"*. Essas duas formas de colocação pronominal são consenso entre os gramáticos. b) *"Os casos históricos* ***a*** que *Voltaire recorre em seu texto ajudam-no a demonstrar* que *a pena de morte é ineficaz."* Quem recorre, recorre ***a*** algo/alguém. Este último *que* é uma conjunção integrante, pois conecta a oração anterior à posterior sem substituir/retomar nenhum termo anterior como faz o pronome relativo. A preposição antes da conjunção integrante estava errada porque "quem demonstra, demonstra algo". c) *"A pena de talião é um recurso* cuja *eficácia muitos defendem, ninguém se abale* ***de*** *tentar demonstrá-la."* Quem defende, defende algo. O uso da preposição antes do *cujo* é um equívoco. O verbo *abalar-se* (= *fugir*) exige a preposição *de*. d) *"Os castigos* a que *se submetem os criminosos devem corresponder à gravidade* de que *se reveste o crime."* Quem se submete, se submete ***a***. Certo. Quem se reveste, se reveste **de**. Certo. Impecável! e) *"As ideias liberais,* ***a*** cuja *propagação Voltaire se lançou, estimulam legisladores* em quem não falte o senso de justiça." Quem se lança, se lança A algo/alguém.

24 – E. No enunciado, o verbo é VTDI. Veja: "... ***cederam*** passo *(objeto direto)* a uma posição passiva *(objeto indireto)...*". O mesmo ocorre com o verbo *pautar* na letra E: "... *deverá* ***pautar*** sua ação *(objeto direto)* em código de conduta *(objeto indireto)...*"

25 – B. Veja logo a letra B: "... *um vício* de que ***muita gente da imprensa não consegue se esquivar***". A pergunta que você vai fazer é: "Muita gente da imprensa não consegue se esquivar **de** quê?" **Do vício**, certo? Afinal, quem se esquiva, se esquiva **de** algo/alguém. Em outras palavras, veja se após o pronome relativo há um verbo ou um nome **exigindo uma preposição**. Se houver (Brasil!), a preposição ficará antes do pronome relativo! Ok? a) *"O Príncipe é um símbolo reincidente,* ***de*** cujo *nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento."* Quem tem conhecimento, tem conhecimento **de** algo. c) *"A trama* ***da*** qual *o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso."* Quem participa, participa **de** algo. O pronome relativo *a qual* está retomando *a trama*, expressão feminina, logo está bem usado. d) *"Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão* ***da*** qual *decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve"*. Toda a trama *decorreria* **de** algo. e): *"Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação* ***de*** que *irão depender todas as demais."* Todas as demais *irão depender* ***de***...

26 – A. Na letra A, veja que o *cujo* está bem usado, respeitando todos os critérios de uso. Sobre a preposição, ela vem antes do pronome relativo porque o verbo *acreditar* a exige: *"Não deu certo o tal do método prático* ***em*** cuja *eficiência Paulo Honório chegou a* ***acreditar.***". Vejamos os demais erros: b) *"Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada* ***de*** que *nenhum escritor pode* ***abdicar****."* Quem abdica, abdica algo ou **de** algo. c) *"Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal* que *jamais* ***toleraria****."* Quem tolera, tolera algo/alguém. d) *"Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas* cujo *brilho ninguém* ***superaria****."* Quem supera, supera algo/alguém. e) *"A linguagem* ***a*** que *Paulo Honório de fato* ***aspirava*** *era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas."* Quem aspira, aspira **a** algo (no sentido de almejar).

27 – C. Observe com calma: *"As hipóteses aventadas,* ***em que*** *se baseiam os especialistas, devem ainda ser comprovadas por exames acurados."*. Quem se baseia, se baseia **em** alguma coisa. Aí está. Faça este teste nas outras alternativas e constatará que não se exige a preposição **em**. a) **com** que. b) que d) A que. e) **de** que.

28 – E. Vejamos as alternativas já corrigidas: a) *"A obsolescência e o anacronismo, atributos* ***a/para/para com/de/por*** os quais *os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar* com a *expressão dez de setembro.*" Os americanos manifestam todo

seu desprezo ***a/para/para com/de/por*** estes atributos: obsolescência e anacronismo. O uso do pronome relativo *os quais* está correto, pois ele retoma atributos (masculino plural). b) *"O estado de psicose,* ***no*** qual *imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança* cuja *radicalidade muitos recriminam.*" Quem imerge, imerge **em** algum lugar... Quem recrimina, recrimina algo/alguém. O uso dos pronomes relativos está correto, pois *o qual* retoma *estado de psicose*, expressão masculina singular; quanto ao *cujo*, estabelece a relação de posse entre dois nomes adequadamente. c) *"A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo* o qual *ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo* ***por/do*** qual *foram tomados tantos americanos."* Quem se arrisca a pronunciar, se arrisca a pronunciar algo. Quem é tomado, é tomado **de/por** alguma coisa. Quanto ao uso de *o qual* retomando *algo* e *pasmo*, não há nada a dizer, pois está corretíssimo. d) *"Não é à descrença, sentimento* ***por*** que *nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é* à *esperança que queremos nos apegar."* Quem se sente invadido, se sente invadido **por** algo. Quem quer se apegar, quer se apegar A algo/alguém. Sobre o uso do pronome relativo *que*, você já sabe que ele retoma qualquer palavra. e) *"Fatos como os de 11/9,* com que *ninguém espera se deparar, são também lições terríveis,* de cujo *significado não se deve esquecer."* Quem espera se deparar, espera se deparar **com** algo/alguém. Quem não se deve esquecer, não se deve esquecer **de** algo/alguém. Os pronomes relativos *que* e *cujo* estão dentro do padrão culto.

29 – CERTO. O verbo *consistir* exige a preposição ***em***. Tanto *na reelaboração* quanto *em novas formas* são complementos indiretos (objetos indiretos) do verbo. Simples assim.

30 – A afirmação está **CORRETA**. Veja: "*... deve ser tomada em relação* ***a***o modelo *... e (em relação)* ***a***o destino...*"*.*

31 – CERTO. Esta afirmação da banca procede, pois o adjetivo *somado* exige preposição *a + os*, que, por ser um demonstrativo, equivale a "aqueles", logo o elemento *aos* poderia ser corretamente substituído por **àqueles** (... somado ***a*** + ***a****queles* = à*queles*...).

32 – A frase está **CORRETA**. O verbo *escapar,* no sentido de "fugir", é transitivo indireto exige um complemento preposicionado. Foge-se **a/de** algo. O verbo *escapar* tem a mesma regência. Portanto, podemos reescrever o trecho "... pois a verdadeira natureza do negócio *lhe* escapara" assim: "pois a verdadeira natureza do negócio escapara *a ele (ou dele)"*.

33 – B. Talvez você tenha pensado que deveria haver a preposição *com* entre *fazer* e *que* (*fazer com que*), certo? Só que essa preposição é facultativa antes de conjunção integrante. Portanto, pode-se dizer: "... fazer com que..." ou "... fazer que...". Veja os desvios das demais (corrigidas): a) *Em seu fingimento, só* ***restou*** *(este verbo não exige a preposição "de") que dissesse ao ex-sócio que sentia saudades dele.* c) *Em* ***atenção a*** *(o nome atenção exige a*

*preposição "a") seu talento indiscutível, pouparam-no **d**as devidas multas (quem poupa, poupa alguém de alguma coisa).* d) ***Passou** os documentos **a/para** (passa-se algo para/a alguém) a mão do técnico e não os perdeu de vista até ao final da reunião.* e) ***Inconformado com** (o adjetivo inconformado exige a preposição "com") que eles propalavam injúrias a seu respeito, decidiu denunciá-los.*

34 – E. a) *Só mesmo ele, com sua ousadia, podia ter-se **arrogado*** a *certos direitos.* (o verbo é VTDI e exige a preposição *a*). b) *Percebeu que o que fizera era uma **exorbitância*** de *suas funções.* (o substantivo exige a preposição *em* ou *de*, principalmente). c) *No dia **seguinte*** à *postagem da carta, ela já a recebia em casa.* (o adjetivo seguinte exige a preposição *a*). d) *Sua função* o ***incompatibilizou** com muitos colegas.* (o verbo é VTDI: incompatibiliza-se algo/alguém com algo/alguém). e) *Depois de anos, **resignou-se** definitivamente* àquele *modo de vida precário.* (o verbo exige a preposição *a + aquele = àquele*).

35 – B. Segundo a CESGRANRIO, a preposição não é facultativa antes de complemento em forma de oração. Ou seja, se o verbo ou o nome exigir preposição, esta ficará ex-plí-ci-ta antes do complemento oracional. A letra A está errada porque deveria ser: *"A certeza **de** que a sorte chegará para mim é grande."*. Preposição explícita! Percebeu? Por isso o gabarito é *"Preciso **de** que me arranjem um emprego."*. Veja as demais (já corrigidas): c) *Convidei **a** (artigo) Maria para vir ao escritório.* d) *A necessidade **de** que ele viesse me ajudar me fez chamá-lo.* e) Às dez horas em ponto, estarei ***em** sua casa.*

36 – A. Já tratamos do caso dos verbos *esquecer/lembrar* aqui, lembra-se disso? Como o verbo da alternativa a) é pronominal, exige a preposição *de*, corretamente empregada junto ao pronome demonstrativo. Corrigindo as demais: b) *Os professores avisaram **os** alunos da prova.* c) *Deve-se obedecer **ao** português padrão.* d) *Assistimos **a** uma aula brilhante.* e) *Todos aspiram **ao*** término do curso.

37 – E. *"... e **o** (= aquilo)* de *que* necessita*"*. Quem necessita, necessita **daquilo**. *"...o dinheiro* com *que* pagar*"*. Quem paga, paga **com** dinheiro.

38 – Há erro em (4). Quem direciona, direciona alguém/algo (OD) para alguma coisa (OI). Logo, o certo é "direcioná-los para...". A (5) está certa, pois o adjetivo *conscientes* exige a preposição *de*.

39 – B. O verbo *interessar* exige a preposição *a*, logo *interessava a ele* está adequado à norma culta. Sobre *manifestar-se*, este verbo pronominal normalmente tem como complemento termos iniciados por sobre, quanto a, acerca de, a favor de, contra. Logo, igualmente correta está a regência. Vejamos os desvios das demais: a) *"... e até* de *irresponsável"*. c) *"...* de *que*

todos tinham orgulho". d) *"Sua obra é daquelas* de *que se pode dizer tudo..."* e) *"Aquele professor é a verdadeira razão* pela qual (por que) muitos estudantes decidiram dedicar-se à pesquisa, o que o (exerce função de sujeito de ser (VL), logo não pode ser 'lhe') faz ser constantemente mencionado como exemplo a ser seguido.".

40 – E. Segundo Bechara, no capítulo de adjunto adverbial, o verbo *falar (de)* é intransitivo na acepção do enunciado e *de discos* é seu adjunto adverbial de assunto (ou matéria tratada). Portanto, não haveria resposta, uma vez que temos em a) VTI, b) VTI, c) VTI, d) VTI e só em e) VI. Ou seja, todas as opções, exceto a E, seriam o gabarito. Não obstante, segundo Francisco Fernandes e Celso P. Luft, em seus dicionários de regência, *falar* é VTI, logo, na visão deles, só restaria a letra E, gabarito da banca. Valia fazer um recurso, mas...

41 – A. Tanto o verbo *comprovar* quanto o verbo *alegar* não exigem preposição, logo a opção a) deve ser assim reescrita: *Comprovou que e alegou que os documentos eram originais*. Nas demais opções, segue-se a regra aceita por alguns gramáticos, como Cegalla e Bechara, a saber: pode-se dar o mesmo complemento a termos de regências diferentes. b) *Segurou o menino* ***com*** *(a mão esquerda) e* ***pela*** mão esquerda. c) ***Por conta de*** *(saldar dívidas) e* ***para*** *saldar as dívidas, penhorou seu único imóvel.* d) *Necessitava* ***de*** *(documentos que haviam ficado retidos indevidamente) e exigia os documentos que haviam ficado retidos indevidamente.* e) *Os estados se unificaram* ***em*** *(uma sólida confederação) e* ***por*** *uma sólida confederação.*

42 – D. Dentre os sentidos de assistir, pode ele significar "caber, dizer respeito a": É forçoso reconhecer que razão cabe ao magistrado.

43 – A. I – O verbo preferir tem regência fixa: prefere-se isso A aquilo. II – *"... a cujo* acesso...*"*. III – O substantivo *parte* exige a preposição *de*, que fica antes do pronome relativo. IV – Quem autoriza, autoriza alguma coisa, logo este verbo não exige preposição alguma. V – O verbo *dispor* exige a preposição *de*, que fica obrigatoriamente antes do pronome relativo.

44 – B. a) *"... nada melhor* ***que*** *(ou* ***do que****)..."* (a estrutura é de comparação de superioridade). b) O verbo *dignar-se* exige a preposição *de*. Perfeito! c) O verbo *ocasionar* não exige preposição alguma *("... ocasionou um fim trágico.")*. d) *"foram atendidas* ***no*** *Hospital..."*. e) O verbo *acreditar*, tendo como complemento uma oração não exige preposição, pois é um VTD, logo *"Acredito, sinceramente, que o melhor a fazer é afastá-lo da comissão."*.

45 – D. Como o verbo entender é transitivo direto, não exige complemento preposicionado. Simples.

Capítulo 30
Gabarito

1 – A. O topônimo *Brasília* não vem antecedido de artigo, mas, por estar especificado por *dos meus sonhos* passa a vir. Sendo assim, a preposição exigida pelo verbo *ir* se funde com o artigo, formando a crase: *Vou a + a Brasília dos meus sonhos = Vou* à *Brasília dos meus sonhos*. b) Se fosse "da segunda à sexta", por causa da correlação, a crase seria obrigatória. c) O verbo viajar não exige a preposição *a*, logo não pode haver crase. d) Cavalo não dita moda. Logo, dizer "bife à cavalo" é o mesmo que dizer que o cavalo come bife de uma determinada maneira a ponto de lançar moda. Loucura total! e) Não há crase diante de verbo.

2 – D. Antes de mais nada, curiosa foi a ousadia da banca em expor a expressão à distância (não especificada, mas craseada). Vamos lá! O erro da D se dá porque não há crase entre palavras repetidas. a) Locução prepositiva de núcleo feminino é sempre craseada. b) Locução conjuntiva de núcleo feminino é sempre craseada. c) Locução adjetiva de núcleo feminino é sempre craseada; quando indica instrumento ou meio, há polêmica! e) Locução prepositiva de núcleo feminino é sempre craseada.

3 – D. Além de o sentido mudar, mudou a classificação sintática. "Saiu à francesa" (sentido: saiu sem ser notado; função sintática: adjunto adverbial de modo). "Saiu *a francesa*" (sentido: a francesa saiu; função sintática: sujeito).

4 – D. (1) Não há crase diante de pronome indefinido, ainda mais no masculino. (2) Não há crase depois de outra preposição, exceto "até" (caso facultativo); o *a* é só um artigo. (3) idem ao anterior. (4) O nome *atenção* exige a preposição *a + as questões* = às questões. (5) Idem ao (2).

5 – C. (1) Não há crase diante de palavra masculina. (2) O adjetivo *ligada* exige a preposição *a + as políticas* = às políticas. (3) Não há crase depois de outra preposição, exceto "até" (caso facultativo); o *a* é só um artigo. (4) A expressão *com vistas a* termina em preposição *a + a implementação* = à implementação. (5) O substantivo *ameaças* exige a preposição *a + a estabilidade* = à estabilidade.

6 – A afirmação está equivocada, pois é o substantivo *rumo* que exige a preposição *a + a modernização* = à modernização.

7 – E. O verbo *aproveitar* não exige preposição alguma, pois é um VTD (quem aproveita, aproveita alguma coisa). Logo o trecho deve ser: "*...condições de aproveitar* as *oportunidades...*".

8 – A afirmação, autoexplicativa por sinal, procede. No entanto, saiba que a maioria dos

gramáticos veem o *a* antes da preposição *de* como um pronome demonstrativo. A ESAF, entretanto, se baseia muito no Bechara e no Luft para a formulação de suas questões; na visão desses caras, o *a* antes de *de* é um artigo seguido de substantivo implícito.

9 – CORRETA. O *a* antes de *fatores* e *garantias* é só uma preposição, pois tais substantivos pluralizados estão em sentido genérico.

10 – E. Não há crase antes de verbo.

11 – A afirmação está equivocada, pois não há crase antes de verbo, em hipótese alguma!

12 – A afirmação está perfeita. É autoexplicativa.

13 – E. Nas duas primeiras lacunas, não há crase, pois o verbo *regendo* não exige preposição, logo só cabem artigos. Na terceira e na quarta lacuna, não há crase antes de verbo. Na última lacuna, o substantivo rumo exige a preposição *a* + *a maturidade* = à maturidade.

14 – INCORRETA. Não há crase antes de palavra pluralizada em sentido genérico.

15 – ERRADO. Não há crase diante de pronome demonstrativo, exceto *aquele(a/s), aquilo*.

16 – CERTO. A afirmação da banca procede, pois o adjetivo *somado* exige preposição *a* + *os*, que equivale a "aqueles". Logo, o elemento *aos* poderia ser corretamente substituído por "**àqueles"** (... *somado* ***a*** + ***a****queles* = à*queles*...).

17 – B. *É a atividade de construção de que o artista dispõe, o seu poder de imprimir* ***a*** *um trabalho* (não há crase diante de artigo indefinido) *sentimentos e sensações, e a qualidade de pensamento que conferem humanidade à arte* (crase clássica; confere-se humanidade ***a*** + ***a*** *arte*)*; e essa humanidade pode ser realizada com uma série ilimitada de temas ou elementos formais. Tudo isso já foi repetido à exaustão* (caso obrigatório de crase: locução adverbial de núcleo feminino).

18 – A. O verbo *ascendeu* exige a preposição *a* + *a classe média* = à classe média. Antes de verbo (*a consumir*) e antes de artigo indefinido (*a um ritmo acelerado*), não há crase.

19 – A. O verbo *aludir* exige a preposição *a* + *a felicidade* = à felicidade.

20 – A. Tanto no enunciado como nesta opção, o substantivo *ameaça* rege um complemento iniciado pela preposição *a* + *a integridade* = à integridade. Simples assim. b) O verbo ameaçar é VTD, não exige preposição *a*. Não confunda verbo com substantivo. c) Não há crase diante de palavra masculina. d) Idem ao anterior. e) Idem ao B.

21 – D. Não há crase antes do pronome relativo *que*, a não ser que antes dele haja um pronome demonstrativo *a* (= *aquela*), o que não é o caso. Quem faz justiça, faz justiça *a* + *a*

complexidade = à complexidade. Na última lacuna, não há crase diante de palavra masculina. Basicão!

22 – D. Tanto no enunciado como nesta opção, o verbo chegar exige a preposição *a + a (inevitável) conclusão = à (inevitável) conclusão*. O fato de haver um termo antes do substantivo feminino não significará que não haverá crase.

23 – A. Não há crase diante de artigo indefinido. Quem dá lugar, dá lugar *a + a escalada = à escalada*. Não há crase antes do pronome relativo *que*, a não ser que antes dele haja um pronome demonstrativo *a (= aquela)*, o que não é o caso.

24 – Questão maldosa! A afirmação está equivocada, pois o padrão culto escrito abonaria, sim, o emprego de **ao**: *No entanto, a elaboração anterior **ao Grupo**...*

25 – INCORRETA. Só é opcional ou facultativa a crase antes de pronome possessivo adjetivo feminino, ou seja, em *ou são ligadas à (a) sua comunidade*. Veja isso em *Casos Facultativos*.

26 – B. a) Não há crase diante de verbo. b) Há crase diante de palavra feminina em sentido específico. c) Não há crase diante da maioria dos pronomes indefinidos (exceto *outra(s), várias, demais*...). d) Idem ao C. e) Não há crase diante de pronome demonstrativo, exceto *aquele(a/s), aquilo*.

27 – CERTO. Se há preposição *(a) + artigo (os)*, o feminino disso seria preposição *(a) + artigo (a)*, o que resultaria na crase. Logo, a substituição de *aos contornos constitucionais* por **à legislação constitucional** está perfeita.

28 – C. Não ocorre crase diante de palavras pluralizadas (com sentido genérico ou indefinido). Para haver crase, é preciso **a** (preposição) + **a** (artigo). Só haveria crase em C se houvesse artigo "**as**" antes de *palavras*: *Ele sempre fazia alusão* às *(a + as) palavras de seu poeta favorito*.

29 – E. A regência verbal em *atender* exige a preposição **a** que, junto do artigo feminino *as* (necessidades), forma a crase (às necessidades). a) *Os empregados mostraram-se resistentes **(a** ou **às)** mudanças na empresa.* Não há crase diante de palavra pluralizada em sentido genérico. b) *Muitos gostariam de ter um tempo maior **a** fim de se qualificar.* Não há crase diante de palavra masculina. c) *O mercado oferece menos chances **a** quem está afastado.* Não há crase diante desse pronome indefinido. d) *O bom profissional está atento **a** todas as transformações do mercado.* Não há crase diante desse pronome indefinido, ainda mais pluralizado.

30 – D. Acento exigido pela regência verbal (... *se deveu a + a preocupação = à*

preocupação). a) Não há crase diante de artigo indefinido. b) Não há crase diante desse pronome indefinido. c) Não há crase diante de verbo. e) *Os estudos dos efeitos dos jogos eletrônicos sobre os idosos vêm sendo realizados* ***há*** vários anos (indica tempo decorrido).

31 – CERTO. Autoexplicativa: *"... adequar os serviços a + as populações = às populações..."*.

32 – CERTO. *Bizu* de crase: se for possível substituir à por *ao*, há 99% de chance de a crase estar certa. Vejamos: *"a (preposição) + o (artigo) = ao gênero humano"/a (preposição) + a (artigo) = à espécie humana*.

33 – ERRADO. A expressão às voltas com é uma locução prepositiva de núcleo feminino. Caso obrigatório de crase.

34 – ERRADO. Em *não se impõem as mesmas renúncias*, a análise sintática é esta: *não se (OI) impõem (VTDI) as mesmas renúncias (OD)*. Logo, não há a mínima chance de haver crase aqui.

35 – INCORRETA. Obviamente altera! Um pouquinho de análise sintática não faz mal a ninguém para acertar esta questão: *"A tradição se tornou um arquivo atemporal, ao qual a produção poética recorre para continuar..."*. Note que *a produção poética* é o sujeito do verbo *recorrer*. Sujeito não pode vir preposicionado, logo não pode ser craseado!

36 – B. Veja que o *a* antes da preposição *de* (enunciado) é um pronome demonstrativo, equivalendo a "aquela". Como o adjetivo semelhante exige a preposição *a*, ocorre a fusão, a crase: *"... uma média semelhante* àquela *de um casal de classe média..."*. O mesmo se dá em *"Esta cena corresponde à (= àquela) que presenciei ontem."*.

37 – C. I – Não há crase diante de pronome pessoal. II – "*... chegou à conclusão (de) que..."*. Inferimos que, na VUNESP, é preciso haver preposição explícita antes de oração objetiva indireta e antes de completiva nominal. III – Não há desvio algum de regência verbal, de fato.

38 – A. Questão maldosa. Parece que o primeiro *a* é só um artigo, pois parece que *angústia de imaginar que o homem pode estar só no universo* tem função de sujeito. Mas... basta olharmos com mais calma para ver que não é bem assim, não. Veja o trecho na ordem direta: "*A curiosidade humana soma-se* ***a*** + ***a*** *= à angústia de imaginar que o homem pode estar só no universo..."*. O resto é mole! Não há crase diante de *tudo* — palavra masculina não rola! E, na última lacuna, o verbo *dar* (VTDI) exige a preposição *a + as teses = às teses*. Bingo!

39 – E. Na locução prepositiva *até a*, a crase é facultativa. Gostaria de realçar a letra D. Há uma polêmica muito grande entre os gramáticos sobre colocar crase na expressão à vista, por não haver a forma masculina "ao prazo". No entanto, a expressão à vista já se consolidou e

figura em provas de concursos como correta (com crase!). O gramático Cegalla é taxativo: à vista e *à vista de* são acentuadas.

40 – E. O verbo *restringir-se* exige a preposição *a + a presença = à presença*. Simples assim.

41 – B. O substantivo *chegada* exige a *preposição a + aquela = àquela*. Nível *Teletubbie*!

42 – D. O verbo *aspirar (= almejar)* é VTI e exige a *preposição a + a notoriedade = à notoriedade*.

Capítulo 31
Gabarito

1 – C. Na primeira frase, comparam-se fatos. Na segunda e na terceira, a conjunção pode ser substituída por "visto que", "uma vez que", "já que", atestando seu valor causal. Na quarta, comparam-se fatos. Na quinta, a ideia é de conformidade; pode-se substituir a conjunção por "conforme".

2 – D. Para saber a classificação da oração, é preciso reconhecer o *se*. Tanto na frase do enunciado como na letra D, a oração iniciada por *se* pode ser substituída por **isso**, o que confirma que o *se* é uma conjunção integrante: *"... não sei **isso** (= se é esta toalha)."/"... gostaria de perguntar **isso** (=se ainda me considera seu amigo)"*. Nas demais opções, o *se* é uma conjunção condicional.

3 – B. Ambos os "ses" são conjunções condicionais, pois introduzem orações de sentido hipotético. Além disso, é possível reescrever os trechos em que aparecem assim: *"Tem paciência,* caso sejam *obscuros. Calma,* caso *te provoquem."*.

4 – B. Teste do *bizu*: *"O importante é **isso** (= que todos se convençam de que é preciso lutar)"*. Logo, o *que* é uma conjunção integrante. Nas demais opções, o *que* é um pronome relativo.

5 – C. *"Espero **isso** (= que você recupere logo a saúde)."*. a) Pronome relativo. b) Conjunção coordenativa explicativa. d) Partícula expletiva (realce).

6 – B. O primeiro *que* retoma *meu marido*. Para sabermos a função sintática do pronome relativo, basta substituirmo-lo pelo antecedente e reescrever a oração adjetiva: *"... meu marido... não pode de ti ouvir"* (Quem não pode ouvir (falar) de ti? Meu marido). Portanto o primeiro pronome relativo tem função de sujeito. O segundo *que* retoma *amizade*. Fazendo o mesmo *esquema*, temos a seguinte reescritura, em que desenvolvi a oração reduzida para facilitar sua visão: "... (ele (o marido)) sabe que eu te dedico <u>a amizade</u>..." (Eu te dedico o quê? A amizade). Logo, esse relativo tem função de objeto direto de *dedicar* (VTDI). Questão difícil.

7 – E. Substitua o pronome relativo *que* por *o(a/s) qual(is)*. Este é um bom *bizu* para saber se o *que* é um pronome relativo. Outro *bizu*, você já sabe, substitua a oração iniciada pelo *que* por **isso**. Se der, conjunção integrante na cabeça. Veja os *bizus* em ação: *"Outro aspecto **o qual**... leis **as quais** lhes deem... convém recordar **isso**... levantamento **do qual** resultou..."*. Moleza!

8 – A. O primeiro *que* retoma *a agonia do caráter neoliberal*; trata-se de um pronome relativo. Troque por *a qual* e confira. O segundo *que* é uma conjunção subordinativa comparativa (veja a estrutura de comparativo de superioridade: "... mais... que...").

9 – I e II. Em ambas as opções, há erro na classificação. I – O *como* (= *conforme*) é uma conjunção subordinativa conformativa; indica, pois, conformidade e não comparação. II – Na ordem direta: *"Imaginar **isso** (= que há inflação no Brasil) é um erro."*. Assim, o *que* é uma conjunção integrante, não tem valor semântico de nada.

10 – B. *Bizus* em ação: *"À evidência imposta,* a qual *presume **isso** (=* que *a única forma aceitável de organização de uma sociedade é a regulação pelo mercado)..."*. Simples assim!

11 – C. O vocábulo *como* na frase do enunciado e na opção c) é uma clara conjunção subordinativa comparativa. a) Conjunção subordinativa comparativa. b) Conjunção subordinativa causal. d) Advérbio interrogativo de modo (em frase interrogativa direta). e) Advérbio interrogativo de modo (em frase interrogativa indireta).

12 – A afirmação está equivocada, pois não se pode dispensar é que da frase, logo não se trata de uma expressão expletiva. Na verdade, trata-se de um verbo de ligação + uma conjunção integrante: *"O que é importante notar aqui é **isso** (= que a oposição entre falar e escrever...).*".

13 – E. Substituindo o *Se* por *Caso*, a frase fica assim: *"*Caso *não transmitamos uma ética robusta a eles, nosso DNA terá curta duração."*. Além disso, note que a oração iniciada por *Se* tem valor hipotético, próprio da condição. a) Conjunção integrante. b) Partícula apassivadora. c) Partícula de indeterminação do sujeito. d) Parte integrante do verbo.

14 – Afirmação equivocada. O *como* é uma preposição acidental que introduz um aposto. Já o *Como* equivale a "visto que", "já que", "uma vez que" etc., ou seja, é uma conjunção causal.

15 – D. Todos os "quês" do segmento do enunciado são conjunções integrantes. A única opção que traz uma conjunção integrante é a d): *"o fato é **isso** (= que não dá para evitar a constatação)"*. Nas demais opções, o vocábulo *que* é um pronome relativo.

16 – A. I – *Comparam-se aparelhos com o bluetooth.* II – *"Visto que, já que, dado que, uma vez que..."*. III – *"conforme eu ia dizendo..."*. Não dava para errar esta, hein!

17 – A. Nas ocorrências do enunciado e na letra a), o *como* tem valor conformativo. b) Causa. c) Modo. d) Comparação. e) Comparação.

18 – C. A ideia é de condição, hipótese, por isso há equivalência semântica entre *se* e *no caso de*.

19 – Ambas as afirmações são equivocadas. O *Se* é uma conjunção condicional e pode iniciar período, sem problemas. A expressão é que não é expletiva, trata-se de um verbo vicário seguido de uma conjunção subordinativa causal. Um verbo vicário é aquele que ocupa o lugar de outro para evitar sua repetição. Lê-se assim: *"Se faziam tudo aquilo,* ***faziam porque*** não tinham casa.".

20 – ERRADO. Não há a mínima possibilidade de o *se* indicar um sujeito indeterminado, pois o sujeito está explícito (*Os participantes*).

21 – B. *Bizus* em ação: *"É certo* ***isso*** *(= que a mudança...)."*: conjunção integrante. Entre o verbo *ter/haver* + infinitivo, o *que* é uma preposição acidental, equivalendo a "de": *"terão* ***de*** *abranger"*.

22 – D. Tanto na frase do enunciado quanto na da letra d), o *se* é uma conjunção integrante. Mais uma vez o *bizu* resolve: *"Outra discussão chata, durante e após as partidas, é* ***isso*** *(= se um jogador teve a intenção...)."*/*"Não dá para o árbitro saber* ***isso*** *(=* se *a falta foi intencional ou não)."*. a) Parte integrante do verbo. b) Partícula apassivadora. c) Conjunção causal.

23 – A. Tanto na frase do enunciado quanto na da letra a), o *que* é um pronome relativo. *Bizu*: *"... baseados em estatísticas* as quais têm pouca ou nenhuma importância."/"... ambiente bélico no qual *se transformou o futebol*". Nas demais opções, o *que* é uma conjunção integrante.

24 – B. A essa hora, você já deve estar escaldado de tanto ver **pronome relativo** e **conjunção integrante**, não é? *Bizus* em ação, novamente: "*... uma ferramenta virtual* ***a qual*** *muitos adolescentes já dominam."*/*"está permitindo* ***isso*** *(=* ***que*** *alunos do ensino fundamental exerçam sua veia literária...)."*.

25 – E. Na frase do enunciado e na letra e), o *como* é uma preposição acidental, equivale a "na qualidade de". a) Conjunção subordinativa conformativa. b) Conjunção subordinativa causal. c) Conjunção subordinativa comparativa. d) Advérbio interrogativo de modo.

26 – C. Na primeira frase, compara-se o tempo a um remédio. Na segunda frase, pode-se substituir o *como* por *visto que, já que* ou qualquer outra conjunção subordinativa causal.

27 – B. Autoexplicativa. *Bizu*: substitua o *Se* por *Caso*.

28 – C. *Bizu* da conjunção integrante: *decidiram em assembleia* ***isso*** *(=* que *esperariam)*. Nos demais casos, o *que* é um pronome relativo.

29 – A. (1) *"Verdade é* ***isso*** *(=* que a ação...).". (2) Trata-se de um *que* expletivo, fazendo

parte da construção expletiva *ser* + *que*: "É *por meio dela* que *se faz o cálculo...*" = *"Por meio dela se faz o cálculo..."*. (3) *"... fora da vantagem* a qual *define a regra..."* (*bizu* do pronome relativo). Com os *bizus*, a gente já acertou várias questões, percebeu?

30 – A. O primeiro *Se* tem valor condicional: *"**Caso** o cinema esteja cheio, a gente senta..."*. O segundo *Se* não poderia iniciar o período, pois é um pronome oblíquo átono com valor de parte integrante do verbo.

31 – ERRADO. O *se* é apassivador: *"volume que* se *mantém"* = *"volume que é mantido"*.

32 – ERRADO. O primeiro *se* é apassivador (*Sempre se soube **isso.** = **Isso** sempre foi sabido.*). O segundo *se* também *(o problema é muito mais grave do que se supunha (o problema) = o problema é muito mais grave do que era suposto (o problema)).*

33 – ERRADO. O primeiro *se* pode ser interpretado como uma parte integrante do verbo ou como, mais comumente, uma partícula de indeterminação do sujeito. O segundo *se* é apassivador: *"... se encontravam centenas de milhares de rolos..."* = *"... centenas de milhares de rolos eram encontrados..."*.

34 – C. *Se* (conjunção condicional) = *Caso* + verbo no subjuntivo = hipótese = condição.

35 – C. *Se* (conjunção condicional) = *Caso* + verbo no subjuntivo = hipótese = condição. Fácil!

36 – D. Equivalente a "*Caso* o réu seja culpado... *Caso* o réu seja inocente...". Simples assim.

37 – C. Trata-se de um advérbio de modo.

38 – A. Equivalente a "Depressa, *porque* o amor não pode esperar". Sempre que vier um verbo no imperativo antes do *que* (= *porque*), não pestaneje, conjunção coordenativa explicativa!

39 – A. Equivalente a "*Conforme* as organizações ambientalistas têm denunciado...".

40 – E. O *que* da letra e) retoma o pronome demonstrativo *o* (= *aquilo*): *"[...] desejamos o (= aquilo)* que não temos". Em a), b) e d), use o *bizu* do **isso**, pois são conjunções integrantes. Na c), a conjunção é comparativa, numa estrutura de superioridade (... *mais do que*...).

Capítulo 32
Gabarito

1 – CERTO. Afirmação autoexplicativa.

2 – A. *Enterrar* significa literalmente "pôr sob a terra". No contexto, a palavra foi usada, por desconhecimento, no lugar de "cravar". Quando falamos que "embarcamos" no trem, também ocorre catacrese, pois não há palavra exata para entrar no trem, logo, por analogia, usamos "embarcar".

3 – Selecionei esta questão de propósito. Não confunda "anáfora", recurso coesivo, com "anáfora", figura de linguagem. Esta diz respeito à repetição de palavras no início de uma frase. Aquela diz respeito a palavras que retomam termos anteriores visando à não repetição. A afirmação está correta, mas nada tem que ver com figura de linguagem.

4 – E. Cortiço não é um ser humano para acordar, logo houve personificação, isto é, atribuição de característica humana a ser não humano.

5 – A. (1) Ocorre assonância, pois há repetição de vogais tônicas (*di, lin, vi, vin, mi, vi*). (2) Ocorre paranomásia, pois há vocábulos semelhantes na grafia e no som (*manhas, manhãs*). (3) Ocorre aliteração, pois há repetição de fonemas consonantais (s*erenos* s*ons* *amenos* f*ogem* f*luidas)*.

6 – E. Antes de mais nada, saiba que a **alegoria** é uma espécie de metáfora (na verdade é uma sucessão de metáforas) que visa, normalmente, dar uma lição moral. Cristo as usava muito nas parábolas. Agora vamos ao gabarito: (1) Ocorre eufemismo, pois *dormindo* e *deitados* dizem respeito à condição de morte. (2) Ocorre prosopopeia, pois humaniza-se uma cômoda (observe as inicias maiúsculas: Dona Cômoda), tratando-a como "senhora rica". (3) Ocorre antítese, pois há uma ideia clara de oposição (*gentios – fiéis; idólatras – cristãos*).

7 – B. Comparam-se seres de universos distintos (*obra – auto-retrato*). Só de curiosidade: segundo a nova reforma ortográfica, escreve-se "autorretrato".

8 – C. O barbarismo é um desvio gramatical. Veja como deveria ficar cada opção para se adaptar à norma culta: a) um telefonema, espontânea. b) vierem. d) intervier. e) dispuser, afrouxe.

9 – CORRETA. A anáfora, repetição da mesma palavra ou expressão no início de diferentes frases ou versos, é recorrente, de fato. Há a repetição da palavra *quantos* no início de cada uma das cinco frases presentes nesse trecho.

10 – E. Notas musicais não dormem, logo há uma personificação (ou prosopopeia).

11 – C. Palmeira não é ser humano para confiar, logo trata-se de uma personificação.

12 – A perífrase consiste em exprimir aquilo que poderia ser expresso por menor número de palavras, logo a afirmação procede, pois *"O mais renegado dos sete pecados capitais" = "ciúme"*.

13 – D. Fácil: *"... nada... tudo..."*. Se há antônimos, há antítese.

14 – B. Parte-se do geral (*tanto no resto do mundo*) para o particular (*como aqui bem perto, em cada esquina*), logo há gradação.

15 – D. Não foi a extensão territorial chamada Inglaterra (todo) que dominou os mares, mas sim os ingleses (parte). Exemplo clássico de metonímia.

16 – D. a) Desde meninos... os pais ou as crianças? b) Quem é perigoso... o filho ou o fogo? c) Evitar a criança ou a criança evitar ficar próxima do fogo? e) Pode dar a impressão de que colocaram a criança em cima do fogo.

17 – C. a) "... nos podemos arrepender... ou ... podemos arrepender-nos...". b) "... pediu para eu não deixar...". d) "Eu o abracei... quando o vi...". e) "Por que foste dizer que a gente não ia sair?"

18 – D. A ambiguidade é a seguinte: a informação foi recebida por volta das 21 horas ou a empresa seria vendida por volta das 21 horas?

19 – C. I – A metonímia consiste na troca de um termo no lugar de outro, havendo estreita ligação ou afinidade de sentidos: Brasil (todo), brasileiros (parte). II – A hipérbole é o exagero da ideia expressa, no entanto, o que se apresenta na frase é a ocorrência de prosopopeia "*cores que enganam o cérebro*"; cores não enganam, foi, portanto, atribuída uma característica humana à cor. III – Só se usa *"Por quê"* em fim de frase ou seguido de sinais de pontuação que indicam uma pausa.

20 – A afirmação procede, pois há uma elipse de um termo já mencionado antes, o que constitui um zeugma: *Desse valor, R$ 265 milhões são oriundos do Orçamento da União e R$ 36 milhões* ***são*** *referentes à arrecadação de multas previstas na legislação eleitoral.*

21 – CERTO. O paradoxo está em ver luzes acesas através de grossas portas, afinal como se vê luz acesa através de uma porta grossa? Isso é paradoxal. A sinestesia está em sentir (tato) luzes (visão).

22 – E. Percebe-se que a palavra *doar* assume sentido conotativo de ironia, porque a atitude de doação não pode depender de uma troca de favores, mas o contexto (político) mostra o contrário.

23 – D. O trecho diz que o subconsciente tem raízes subterrâneas, logo há uma comparação entre seres de universos distintos (partes do cérebro que guardam a memória profundamente são comparadas a raízes subterrâneas, profundas). Logo, ocorre metáfora clara.

24 – B. A personificação é constituída de uma atribuição de característica humana a um ser não humano. Dizer que a memória atira algo em algum lugar é personificar, tornar a memória uma pessoa, afinal, são pessoas que podem atirar algo em algum lugar. Personificação clara!

25 – E. Prosopopeia (ou personificação) é uma figura que consiste na atribuição de sentimentos, psicologia e comportamento humanos a seres não humanos. Quem pode atormentar ou provocar angústia são seres humanos, logo a expressão *as tempestades de verão* é personificada para provocar este efeito de sentido.

26 – A. Comparam-se uma grande quantidade de informações a um *tsunami*. Ocorre metáfora.

27 – B. Há linguagem conotativa clara na ideia de *"a derrubada do Taleban debilitar (tirar ou perder o vigor físico) um grupo terrorista"*. Há personificação clara.

28 – A. Há um exagero explícito em *"gastando mais de cinco litros de saliva"*. Hipérbole clara!

29 – CORRETA. De fato, há uma suavização da ideia contida em *indesejáveis* por causa das aspas. É usado no lugar de *proibidos*, o que tornaria a informação mais contundente.

30 – CERTO. Afirmação autoexplicativa.

31 – E. Mais uma de metáfora... para variar. Compara-se instinto, experiência, razão a participantes.

32 – E. *Tirar para fora*, como *entrar para dentro*, é uma ideia redundante, ou um pleonasmo vicioso.

33 – B. I – *"quatro bocas"* (parte) = *"quatro pessoas"* (todo). II – *branca – escura; linda – medonha*. III – É um exagero dizer que há *"um mundo de ideias"* na cabeça. Está mais para metáfora hiperbólica. IV – Compara-se o coração a um campo minado.

34 – B. Não há comparação entre seres de universos semânticos distintos, logo não há metáfora.

Capítulo 33
Gabarito

1 – CERTO. Há função referencial, pois o objetivo do autor é informar um assunto. No entanto, há metalinguagem, pois em vários momentos o autor usa palavras para explicar palavras. Não se pode negar que haja subjetividade, devido ao uso de advérbio e adjetivo modalizador, neste trecho: *"A situação do japonês é **particularmente curiosa**"*. Portanto, a afirmação da banca procede.

2 – A. No primeiro, usa-se a palavra para definir, explicar uma palavra. No segundo, fala-se diretamente com o leitor.

3 – B. Autoexplicativa.

4 – E. O objetivo do texto é informar.

5 – C. O objetivo do texto é informar.

6 – E. Como o modo verbal é o imperativo, a função da linguagem possui o intuito de influir no comportamento do interlocutor, por meio de ordem, pedido ou sugestão.

7 – C. A ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto, logo o objetivo do texto é informar.

8 – CERTO. A ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto, logo o objetivo do texto é informar.

9 – CERTO. Usa-se um discurso com nomenclatura gramatical para explicar o próprio discurso, logo há metalinguagem. A parte mais evidente é esta: "*... os adjetivos passam, e os substantivos ficam...*".

10 – A afirmação está equivocada porque o autor do texto incentiva o leitor a tomar uma atitude, logo trata-se de linguagem conotativa (observe o imperativo!).

11 – A afirmação está **CORRETA**, pois o código (a língua) é usado para explicar o próprio código.

12 – E. Trata-se da função referencial da linguagem porque a mensagem é centrada em seu referente e este é exterior à linguagem e ao processo de comunicação. O objetivo é informar sobre um assunto.

13 – B. O brasão é um desenho criado especificamente para identificar determinado grupo. Por isso, o objetivo é transmitir uma informação sobre um assunto, no caso a PM/MG.

14 – C. Perceba que os verbos estão no imperativo, com o objetivo de produzir um determinado efeito no receptor.

15 – CERTO. A função emotiva é marcada pelos verbos e pronomes de 1ª pessoa do singular/plural, e isso ocorre nestas passagens*: "Poucos depoimentos* eu tenho lido.../ ... *que já* conheci *em* minha *vida/* Eu acredito *também nisso, e quando* vejo *aquilo em que* creio *refletido num depoimento como o de Oscar Niemeyer, velho e querido amigo, como não* me *emocionar?"*. A função poética está centrada na maneira como o discurso é construído, principalmente recheada de recursos estilísticos *(... o artigo poderá passar por uma defesa em causa própria – o revide normal de um pai que sai de sua mansidão costumeira para ir brigar por um filho em quem querem bater./... Oscar é não só o avesso do causídico/ Oscar não acredita em Papai do Céu, nem que estará um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso*).

16 – C. O próprio enunciado sugere que a função da linguagem é emotiva (ou expressiva), uma vez que a linguagem da autora se centra no EU. Note as marcas de 1a pessoa, isso é primordial!

17 – D. Autoexplicativa.

18 – D. A função é poética, pois é, antes de tudo, uma poesia. O poeta se valeu de uma forma criativa para falar de um assunto sério.

19 – A. A função poética da linguagem é caracterizada pelo uso de recursos linguísticos com intuito estético, com o fito de obter efeitos criativos de expressão. Encontra-se também na canção a emotividade (sempre note as marcas de 1a pessoa – verbos e pronomes) ou expressividade da linguagem, por meio do sofrimento amoroso do eu-lírico.

20 – ERRADO. A função fática não é definida da maneira como colocou a banca, e sim a poética. A função fática é centrada no próprio canal da comunicação e tem por objetivo estabelecer, ou manter aberta, sem interrupção, a comunicação entre o locutor e o destinatário, mas sem a transmissão de nenhuma mensagem importante, o que não ocorre no trecho.

21 – CERTO. Perfeito o comentário da banca! Autoexplicativo.

22 – ERRADO. Em "*que palavra horrível!*" há uma expressão de ponto de vista, por isso a linguagem é emotiva. Em *"Há quem diga que suas epístolas deram origem à Educação a Distância, já que ele difundia o cristianismo por meio de cartas para seus discípulos"*, há apenas a informação sobre algo, logo a linguagem é referencial, calcada na transmissão ou explicação de algo. A afirmação da banca é uma "viagem" total.

23 – A. Note as formas de 1a pessoa (verbos – *sou, sei, sinto, lembro* – e pronomes – *eu, eu,*

me, me, me), logo a linguagem é centrada na perspectiva do emissor. Fácil.

24 – B. A função emotiva centra-se no emissor da mensagem. O texto é centrado nas ações e sensações do narrador da crônica, o que se pode notar no título do texto e no corpo do texto. Note as formas de 1a pessoa. a) Metalinguística, e não emotiva. c) Conativa. d) Referencial. e) Fática.

25 – A afirmação não procede, pois o tempo todo o eu-lírico fala, poeticamente, sobre o que é a felicidade. Logo, a função da linguagem é poética. Só no finzinho do texto há função conativa: *"Fale baixo por favor."*.

26 – D. A metalinguagem é percebida quando o autor cria um texto para falar sobre a própria construção textual.

27 – E. O próprio enunciado acusa a metalinguagem, quando a define: *"evidencia-se uma centralidade no código linguístico"*.

Capítulo 34
Gabarito

1 – D. Como a concessão é uma ressalva, e ressalva é sinônimo de restrição, o operador *apesar de* (concessivo por natureza) apresenta tal valor semântico.

2 – A afirmação é perfeita, pois tal expressão modalizadora traça um ponto de vista ao que será dito, permitindo ao leitor direcionar sua compreensão.

3 – C. A exemplificação (2o período) é uma ilustração, um cenário, real ou não, daquilo que se está falando (1o período). Como já disse na teoria, não confunda explicação/explicitação/exemplificação.

4 – CERTO. A antítese é clara: *morto, vida; folha escrita, vazio a preencher.*

5 – A afirmação da alternativa não procede, pois tais operadores têm o papel se somar, adicionar, incluir (e não excluir) elementos.

6 – A afirmação procede porque, se *aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção*, isso significa que antes era o contrário disso, ou seja, constituía *o objeto preferido de nossa atenção.*

7 – A. Certos operadores argumentativos de retificação, como *ou melhor, melhor dizendo, quer dizer*, servem para retomar e reformular a informação anterior, assim como *Em outras palavras*.

8 – B. O texto é expositivo-argumentativo, pois apresenta características de dissertação expositiva, em que se explica um assunto de maneira objetiva, e de dissertação argumentativa, em que se apresentam argumentos para fundamentar uma tese.

9 – C. Não se trata de uma simples conclusão. O operador *afinal* sintetiza tudo o que se disse antes, ao introduzir uma conclusão.

10 – E. Há reiteradas passagens no texto com testemunho de autoridade, o que corrobora o gabarito. Basta ver as frases entre aspas e as citações de autoridades ao longo do texto.

11 – A afirmação está **CORRETA**, pois o verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo passa ao presente do subjuntivo (*adiasse – adie*) e o pretérito imperfeito do indicativo passa ao presente do indicativo (*estava – encontra-se*). Apesar do uso de sinônimos para a formação da reescritura em discurso direto, não há erro na transposição.

12 – B. Questão interessante, pois mistura transposição de discursos com voz verbal. O verbo no imperativo (discurso direto) fica no pretérito imperfeito do subjuntivo (discurso indireto):

Restaure-se (voz passiva sintética) = *fosse restaurada* (voz passiva analítica); *nos locupletemos = locupletássemos*.

13 – B. Note que o primeiro parágrafo tem o propósito de expor um assunto de maneira clara e objetiva, apenas informando. O segundo e o terceiro já usam verbos no imperativo, e o autor se dirige a seu interlocutor em tom de instrução ou comando. Respectivamente, portanto, há exposição e injunção.

14 – C. Note que o enunciado da questão pede que a alternativa correta seja confirmada no texto. Então, deixemos que o texto apoie a assertiva adequada, que segue: *"Os efeitos do neoliberalismo no sistema produtivo são observados, a partir de 1980, tanto em países ricos quanto no terceiro mundo."*. Todo o primeiro parágrafo corrobora esta afirmação ao dizer que uma nova classe de pobres é resultado do progresso tecnológico e industrial, nos países ricos e pobres; em especial os trechos iniciais e finais nos informam isso, respectivamente: *"A década de 1980 foi o marco do surgimento de um novo ator social* ***nos países ricos****: o novo-pobre (nouveau-pauvre)."* e *"Corolário (resultado) do desmoronamento do sistema de proteção social, em um quadro agravado pela* ***revolução tecnológica****... esse novo personagem vai materializar uma inesperada e imprevisível reprodução,* ***no mundo desenvolvido****, do problema da desigualdade social, tão comum* ***no terceiro mundo****."*.

15 – E. De novo, observe o enunciado com calma. A banca quer que você perceba o que não é um fenômeno positivo, ou seja, o que é um fenômeno prejudicial, negativo. Toda e qualquer ação predatória típica do modelo de desenvolvimento de países ricos certamente seria algo prejudicial aos países do hemisfério sul, isto é, tais ações não são bem recebidas uma vez que tudo o que advém do norte é negativo (*"Com devoção e entusiasmo, o sul do mundo copia e multiplica os piores costumes do norte. E* ***do norte não recebe as virtudes, mas <u>o pior</u>****..."*). Sendo assim, não é positivo que o sul receba o modelo consumista, arbitrário, manipulador, impositivo, predatório do norte.

16 – D. A resposta da questão está no seguinte trecho: *"Depois de 20 anos de marcante crescimento global... nova reviravolta pendular foi deflagrada pela crise financeira de 2008, que fez ressurgir em muitos meios a crença no 'Estado grande'"*. Claríssima corroboração do texto! A expressão *crença no 'Estado Grande'* refere-se à crença no intervencionismo do Estado.

17 – CERTO. Dizer *"Não acredito"* é uma forma de posicionamento modalizador, pois indica o ponto de vista do autor. Logo, a afirmação da banca procede.

18 – CERTO. A afirmação, além de autoexplicativa, procede. Coloquei esta questão aqui

para ilustrar mais um caso de estratégia discursiva.

19 – CERTO. A biografia é um texto que tem caráter informativo mais próximo da narração e da descrição, na medida em que se conta a história de vida de uma pessoa eminente na sociedade de maneira objetiva.

20 – CERTO. O emissor se detém a explicar a prática físico-militar (objetivo, origem etc.) e depois começa a abordar, segundo seu ponto de vista, os efeitos disso, fazendo-o com uma linguagem clara, objetiva, direta e sem que haja duplo sentido. Isso nos leva a caracterizar o texto como um texto informativo (dissertativo-expositivo) e de linguagem denotativa.

21 – B. Podemos dizer que o primeiro trecho é **narrativo** devido aos elementos da narração (narrador-personagem, noção de espaço e tempo e verbos no passado): *"Em 1954 (tempo), numa cidadezinha universitária dos Estados Unidos (espaço), vi (narrador-personagem/verbo no passado) 'o maior circo do mundo', que continua a ser o sucessor do velho Barnum & Bailey, velho conhecido dos meus primeiros dias de estudante nos Estados Unidos. Vi (narrador-personagem/verbo no passado) então, com olhos de adolescente ainda um tanto menino, maravilhas que só para os meninos têm plenitude de encanto."*. Já o segundo trecho é **dissertativo-argumentativo** devido aos elementos próprios da dissertação argumentativa (verbo no presente do indicativo, tese, estratégia argumentativa): *"O gênio de organização dos anglo-americanos é (verbo no presente do indicativo) qualquer coisa de assombrar um latino (tese). Arma e desarma (verbos no presente do indicativo) um circo gigante como se armasse ou desarmasse um brinquedo de criança (estratégia argumentativa de comparação). E o que o faz (verbo no presente do indicativo) com os circos, faz (verbo no presente do indicativo) com os edifícios, as pontes, as usinas, as fábricas: uma vez planejadas, erguem-se (verbo no presente do indicativo) em pouco tempo do solo e tomam (verbo no presente do indicativo) como por mágica relevos monumentais (estratégia argumentativa de causa-efeito)."*.

22 – A. Note as regras de transposição: o pretérito perfeito do indicativo vira pretérito mais-que-perfeito do indicativo (*parei – parara*) e o pronome mais próximo da 1a pessoa (*isso*) passa a ter um distanciamento (*aquilo*).

23 – B. O texto em questão se configura como um texto dissertativo-expositivo (informativo), cuja estrutura, geralmente, apresenta, no primeiro parágrafo, os tópicos mais importantes que serão aprofundados e explicados nos parágrafos seguintes. Nesse caso, o primeiro aponta as informações mais relevantes, as quais são pormenorizadas ao longo do texto, sobre o projeto publicado no Diário Oficial (a assinatura de um acordo de cooperação entre o MPOG e o ITI, para que fosse utilizada documentação eletrônica em todos os trâmites de processos).

24 – C. Nesse caso, não tem nada a ver relacionar a finalidade do texto, que é "informar algo", à variedade popular e informal da língua. Muito pelo contrário, grande parte dos veículos de comunicação, inclusive os de massa, utiliza a variedade culta da língua. Cabe ressaltar que alguns jornais, por exemplo, utilizam-se da variedade mais informal, com o objetivo de, em alguns casos, aproximar-se de um público específico. Entretanto, isso não é uma regra para esse tipo de texto, vai depender da estratégia de comunicação de cada veículo.

25 – E. No primeiro parágrafo do texto, é informado ao leitor o acordo feito entre as duas entidades. Já no terceiro parágrafo, os detalhes de tal acordo são apresentados. Vamos rever um trechinho: *"O acordo, que tem duração de três anos, prevê a criação de normas, implantação de projeto piloto [...] Para divulgar o PNDProc, também estão previstas no termo de cooperação* ***a capacitação de servidores públicos*** *que atuam na área de documentação[...]"*. Fica explícito, no trecho reproduzido, que a capacitação de mão de obra é uma das obrigações do ITI.

26 – A. A principal característica de um texto argumentativo é a presença de uma tese (ideia principal) que é defendida, pelo autor, por meio de argumentos. Segundo o autor do texto, o consumismo infantil é um problema grave que deve ser enfrentado por todos urgentemente. Essa tese é defendida ao longo do texto, por meio de argumentos fortes, alguns corroborados por dados de pesquisa.

27 – D. O conectivo *mas também* tem valor aditivo. No caso, está somando duas razões para as crianças serem alvos da mídia: 1) influenciam a compra dos pais, e 2) tendem a ser mais fiéis às marcas.

28 – C. Os artigos acadêmicos têm como finalidade apresentar um estudo. Assim, são textos de caráter expositivo, isto é, expõem o assunto abordado de maneira direta e objetiva. Portanto, não há intenção de realizarem-se grandes descrições. Não quer dizer que elas não possam aparecer – a descrição de uma experiência científica, por exemplo – mas jamais a descrição será a característica preponderante. Aprende-se muito com as demais opções, que apresentam características do gênero **artigo acadêmico**.

29 – A. O gênero "crônica" tem como uma de suas principais características o fato de o texto apresentar uma visão subjetiva de fatos cotidianos. Assim, por vezes, o ponto de vista do autor fica evidente. Nesse caso, Ivan Angelo coloca sua opinião negativa em relação ao hábito das pessoas de classes mais baixas adquirirem bens à prestação e, com isso, pagarem mais caro por ele. Perceba, no entanto, meu nobre, que isso é uma questão de opinião. Talvez para o autor seja mais "fácil e inteligente" guardar o dinheiro e pagar à vista. Mas, pensemos, será que as pessoas de classes mais baixas conseguem guardar dinheiro? Sim? Não? Viu? Outra

questão de opinião. Essa é a sua característica. Uma opinião pode ser contraposta, contestada. Ao contrário do fato que, independentemente de as pessoas gostarem ou não, como o próprio nome diz, é um fato. Fica esperto!

30 – D. A estratégia da exemplificação é muito utilizada em textos argumentativos. A crônica jornalística, por expor um ponto de vista e defender uma ideia, também tem esse caráter. Sendo assim, o autor utilizou um caso da vida real para reforçar a opinião que já vinha sendo construída sobre a atitude de as pessoas de classes mais baixas contraírem dívidas com naturalidade e otimismo. Dessa forma, ele facilita o entendimento do leitor, no tocante à descrição dessa atitude, que vem logo em seguida, revelando suas motivações e consequências.

31 – E. A gradação é uma estratégia linguística que consiste em enumerar, apresentar ideias, colocadas de maneira crescente ou decrescente. Nesse caso, temos uma gradação crescente em relação à caracterização da globalização. A cada especificação, os adjuntos adnominais de globalização tornam-se mais fortes, acentuando as dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores: *do olho da rua* (demissão), *do bico* (trabalho informal) e, por fim, *do dane-se* (ausência de qualquer ajuda ou respaldo).

32 – E. O gênero **carta** tem como elemento fundamental um destinatário explícito, geralmente, logo no início do texto. Entenda-se que por explícito não quero dizer possível de identificar a identidade, podem ser utilizadas as formas como "meu caro", "minha querida" etc. Na língua portuguesa, o item gramatical que faz referência ao destinatário de uma correspondência é o vocativo. Assim...

33 – C. No tocante ao ensino de religião pelas escolas públicas, o autor se mantém pragmático (como é dito na letra C), visto que valoriza os aspectos práticos e objetivos ao empregar argumentos de ordem jurídica e econômica, e não de ordem pessoal, subjetiva.

34 – E. Vamos começar entendendo por que estão erradas as afirmações I e II. Na I, diz-se que o autor, ao se declarar um cidadão ao mesmo tempo ateu e liberal, enaltece-se. Isso não corresponde à verdade, essas considerações são um posicionamento do autor perante o assunto em debate e não uma promoção de suas qualidades pessoais. A questão ainda afirma que o autor se vale, para isso, de exemplo da própria CNBB. Esta é citada por ser entusiasta do ensino religioso na rede pública, diferente do que pensa o autor. Na assertiva II, fala-se de falta de oportunidade para se acessarem mensagens religiosas. No entanto, desde o terceiro parágrafo, o autor externa que, para ele, há muita oportunidade para esse acesso: *"A minha impressão é a de que não faltam oportunidades para conhecer as mais diversas mensagens religiosas, onipresentes em rádios, TVs e também nas ruas."*. A única afirmação correta é a

III (letra E), uma vez que expõe que o autor se mostra contrário ao ensino de religião nas escolas públicas. Nos últimos parágrafos, ele argumenta essa visão com algumas causas para isso, tais como: *"Creio que aqui vale a regra econômica, segundo a qual o Estado deve ficar fora das atividades de que o setor privado já dá conta", "Outro ponto importante é o dos custos."*.

35 – D. A questão fala de INFERIR. Você se lembra desse termo? O que querem de você? Desejam que você deduza por meio de raciocínio, chegue a uma conclusão depois de ter lido algo no texto. Bom, veja o que o autor diz em: *"Não me parece que faça muito sentido gastar recursos com professores de religião, quando faltam os de matemática, português etc. Ao contrário do que se dá com a religião, é difícil aprender física na esquina."*. Com essa afirmação, deduzimos que as matérias tradicionais, ensinadas na escola, assumem, para o escritor, maior importância que a religião, pois esta *"não requer instrução tão especializada como a que exigem as ciências exatas"*, conforme dito na letra D.

36 – E. Lembra que eu disse que **descrição** é o tipo de texto em que se faz um retrato por escrito de um lugar, uma pessoa, um animal, um pensamento, um sentimento, uma sensação, um objeto, um movimento etc.? Então você também se lembra de que **narração** é o tipo de texto em que se conta um fato, fictício ou não, que ocorreu num determinado tempo e lugar, envolvendo certos personagens? Isso é o suficiente para você perceber as características dos trechos e marcar a resposta certa. Fácil!

Capítulo 35
Gabarito

1 – C. Os termos *isso*, *afinal de contas*, *além disso* e *em seguida* remetem a ideias anteriormente expostas, são elementos que apresentam valor anafórico (lembra?). Já o conectivo *que*, na frase da letra C, é uma conjunção integrante, a qual não remete a algo anteriormente citado, ela introduz, apenas, o complemento do verbo *saber*: "*que nada sei*".

2 – C. Uma questão bem simples se estudados os conectivos (conjunção, principalmente, é um elemento coesivo muito usado) e seus valores semânticos. *Quando* é uma conjunção tipicamente temporal. *Após*, enquanto advérbio ou preposição, alude à ideia de "depois", ou seja, um valor também de tempo. *Então* equivale a "assim", vocábulos muito empregados na conclusão de um texto para fechamento das ideias em debate. *A partir daí* é uma locução que expressa uma continuidade do tempo a partir de certo momento. Por último, a conjunção *mas* (= *porém*) expressa uma oposição ao que foi abordado anteriormente; trata-se de uma conjunção adversativa.

3 – A. Veja: *"É impossível colocar em série exata* os fatos da infância *porque há* aqueles *que já acontecem permanentes"* O pronome *aqueles* – no masculino plural – evita repetir o elemento anteriormente citado *fatos da infância* e, com este, estabelece a devida concordância. Na letra B, *afora* não se refere ao tempo atual, *d'agora*. Na letra C, *outros* não se refere ao substantivo *cargas* – nem com este concorda –, mas sim ao substantivo *fatos*, assim, alude a um termo posterior. Na letra E, o pronome *eles* se refere *aos miúdos fatos, incolores e quase sem som* que logo viram passado remoto.

4 – D. a) Vejamos o contexto: *"Acho que foi o Hemingway quem disse que olhava* cada coisa *à sua volta como se* a ***visse pela última vez.".*** O pronome pessoal oblíquo átono *a* substitui o termo *cada coisa*, ou simplesmente *coisa*, apresentado anteriormente no texto. Valor anafórico. b) Vejamos o contexto: *"Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver, você não vê. Sei de um profissional que passou 32 anos a fio pelo mesmo* hall do prédio *do seu escritório.* Lá ***estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro****. Dava-lhe bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer."*. A palavra *Lá* é um advérbio pronominal de valor anafórico, pois substitui *hall do prédio*. É chamado de advérbio pronominal, pois sua função é semelhante à de um pronome, ou seja, substituir um substantivo. Não são só os pronomes que têm papel coesivo dentro do texto, como pôde ver. c) Vejamos o contexto*: "Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver,*

você não vê. Sei de um profissional *que passou 32 anos a fio pelo mesmo hall do prédio do seu escritório. Lá estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro. Dava*-lhe *bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer.”*. O pronome oblíquo *lhe* substitui o termo *profissional* apresentado anteriormente no texto (valor anafórico): *dava ao profissional bom-dia.* Quem dava bom-dia era o mesmo porteiro que passava ao profissional um recado ou uma correspondência. Isso fica claro no parágrafo posterior, em que se diz que o profissional nunca tinha visto o porteiro nem se dado conta da existência dele até o falecimento. d) Vejamos o contexto: *“Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado,* o porteiro *teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por* sua ***ausência.*** *O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem. Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos.”*. O pronome possessivo *sua*, na expressão *sua ausência*, faz referência ao porteiro (valor anafórico): *pode ser também que ninguém desse pela ausência do porteiro (por mais que ele fosse ou estivesse em forma de uma girafa)*. Veja que o pronome *sua* não pode se referir à girafa, pois é apresentada uma possibilidade de a girafa ser colocada no lugar do porteiro, logo a ausência seria do porteiro, e não da girafa. O que ocorre é apenas uma metáfora hiperbólica (comparação entre seres de universos distintos de modo exagerado) para indicar a desimportância do porteiro para o profissional. e) Vejamos o contexto: “*Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado, o porteiro teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por sua ausência. O hábito suja os* olhos ***e*** lhes ***baixa a voltagem.*** *Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos*.” O pronome *lhes* substitui a palavra *olhos* apresentada anteriormente no texto (valor anafórico): *“O hábito suja os olhos e baixa a voltagem dos olhos”*. Ufa!

5 – E. Note que os elementos coesivos com valor de oposição, contraste, ressalva *mas* e *embora* são classificados, respectivamente, como conjunção adversativa e conjunção concessiva. Uma pode substituir a outra numa reescritura, por isso houve manutenção de sentido (tem a ver com coerência) e correta substituição de um conectivo por outro (tem a ver com coesão).

6 – B. Questão interessante de coesão. Observe de novo: *“As drogas medicinais ou ‘drogas da virtude’,* prescritas *pelos...”*. O vocábulo *prescritas* não se refere a duas espécies de drogas, pois *drogas da virtude* é o mesmo que *drogas medicinais* e vice-versa; são expressões sinônimas. Note que o *ou* que está entre drogas medicinais e drogas da virtude é o

mesmo *ou* que estaria, por exemplo, entre "O Rei Pelé ou Edson Arantes do Nascimento". O objetivo deste conectivo não é marcar a diferença, mas sim reiterar. Portanto o particípio do verbo *prescrever* (*prescritas)* se flexiona em gênero e número concordando com *drogas* (que recebem o nome de "medicinais" ou "da virtude", o que dá no mesmo).

7 – C. Bastaria saber conectivos bem (conjunção e preposição)! a) *Há felicidade coletiva // **quando** são adequadamente observados os itens que tornam mais feliz a sociedade*. (**tempo**) b) *E a sociedade será mais feliz // **se** todos tiverem acesso aos básicos serviços públicos de saúde...* (**condição**) c) *A educação, a segurança, a saúde, o lazer, a moradia e outros mais são considerados direitos fundamentais de cunho social pela Constituição // exatamente **por** serem essenciais ao bem-estar da população no seu todo.* (**consequência**/**causa**; logo, se há uma causa, há uma consequência; neste caso, a causa vem esclarecida após a apresentação da consequência, de acordo com o pedido do enunciado) d) *... **por** dizer a Constituição serem os direitos sociais essenciais à busca da felicidade, // se vai, então, forçar os entes públicos a garantir condições mínimas de vida ...* (neste caso, veio primeiro a **causa**, depois a **consequência**) e) *O povo pode ter intensa alegria, por exemplo, ao se ganhar a Copa do Mundo de Futebol, // **mas** não há felicidade coletiva, e sim bem-estar coletivo*. (**adversidade, oposição**)

8 – A. *Porém*, na letra A, é uma conjunção adversativa; denota, assim, uma ideia de oposição ao que foi afirmado anteriormente. *Melzinho na chupeta!*

9 – E. *Isso* é um pronome demonstrativo que recupera a citação anterior, portanto, é um elemento que apresenta um valor anafórico. Basta que você, com muita disposição, volte ao texto e perceba que se refere "ao fato de que é importante deixar um planeta melhor para as próximas gerações".

10 – C. No período em análise, o enunciador (a boneca) diz saber que a sua dona sente saudades suas. Poderíamos nos perguntar: "Por que ela diz que sabe?", "Qual é a causa que a leva a ter essa certeza?". Segundo ela, a certeza vem do fato de que ela também sente saudade de sua dona. Logo, *porque também sinto saudades suas* é a causa pela qual a boneca corrobora que sua dona sente saudades dela.

11 – C. Note que o período anterior encerra-se afirmando que, em dezembro, as pessoas pensam estar com maior poder aquisitivo. Essa afirmação é reiterada no parágrafo seguinte. Porém, a expressão *A verdade é que* reformula a primeira ideia, acrescentando que esse *pensar estar rico* não se restringe a dezembro, isso já vem ocorrendo há algum tempo. A explicação dada pelo autor para constatar esse fato é que as pessoas vêm comprando com frequência. Logo, *vêm comprando* é o que explica o fato de as pessoas estarem se sentindo

ricas. Assim, o melhor conectivo seria o *porque*, com o mesmo sentido de "pois".

12 – D. No primeiro trecho sublinhado, há a presença do verbo *defender*, um verbo com valor argumentativo, que é seguido de uma opinião – nesse caso, a opinião de Delfino Natal de Souza sobre a nova gestão de documentos. Após defender o novo procedimento, Delfino explicita (segundo trecho sublinhado) a maneira como a modernização ocorrerá. Note que o verbo *permitir*, nesse caso, assume um valor semântico semelhante a "possibilitar algo". Assim, o locutor transmite a ideia de um novo "modo" de gerir a documentação pública.

13 – E. Note que a expressão *Sem competitividade* corrobora o conteúdo do período anterior *"Incapaz de acompanhar o crescimento do mercado interno, a* indústria de transformação *perdeu espaço no Brasil para os concorrentes"*. Observe também que a expressão *essa indústria* desempenha importante papel coesivo, retomando *indústria de transformação*. Quanto às demais, note: a) Não há correção gramatical; veja como deveria ser: *"Por isso esse protecionismo é uma forma de compensar (...)"*. b) Esta opção apresenta um erro muito frequente em questões desse tipo: a **ausência de referencial anterior**. Ou seja, ocorre a apresentação de uma referência ainda não mencionada no texto. No trecho "Esses investidores *tomam dinheiro (...)"*, não é possível identificar/relacionar a que elemento textual anterior a expressão destacada se refere. c) Entre o último período do texto e o período desta opção, não deve haver uma relação de adição, mas sim de conclusão, por isso o uso de *Além disso* está equivocado, devendo ser substituído por "Portanto", "Por isso", "Por conseguinte" etc. Outro equívoco encontrado refere-se à forma pronominal *esses*, pois, novamente, não há referencial anterior citado no texto. Os vocábulos *empresários*, *administradores* e *governantes* foram citados posteriormente. d) O texto não nos transmite a informação de que houve "<u>bom</u> desempenho do Brasil", mas, sim, a de que ocorreu um "<u>fraco</u> desempenho brasileiro".

14 – C. A letra A já é excluída logo em 1, pois não se pode usar um artigo seguido de substantivo implícito *(o (ameaça) de que)* para referir-se a palavra feminina (*ameaça*), segundo as regras de concordância e consequente coesão. A letra E também é excluída, pois o uso do pronome indefinido/interrogativo *qual* provoca incoesão e incoerência no contexto em 1. Resta-nos, portanto, as opções B (*que*; conjunção integrante), C (*a de que*; artigo feminino seguido de substantivo implícito (*ameaça*) + preposição exigida pelo substantivo implícito (*ameaça*) + conjunção integrante) e D (*que*; conjunção integrante). Em 2, o *do* da b) provoca incoerência, pois estabelece relação de posse e não de assunto, como se exige no contexto. Resta-nos a c) e a d), pois *a respeito do* e *sobre o* introduzem um termo com ideia de assunto. A estrutura *o que o* é correta no contexto, pois equivale a *aquilo que o*, sendo o *o* (= *aquilo*) um termo de valor catafórico, pois antecipa a oração em negrito: *"... **o** (= aquilo) que o Brasil tenta agora é **obter sinal verde para**..."*; logo aqui já ficamos com a letra c). Na letra d), a

estrutura *que o* está equivocada, pois este *que* está incoeso, uma vez que não tem função de conjunção integrante tampouco de pronome relativo. Do mais, *para que* (introduz ideia de finalidade), *qual* (pronome indefinido/interrogativo) e *mas* (conjunção adversativa) servem de elementos coesivos adequados ao contexto.

15 – E. Neste tipo de questão, perceba a relação entre o segmento a ser acrescido no trecho e o parágrafo seguinte e a relação entre o segmento a ser acrescido no trecho e o parágrafo anterior. Note que, no primeiro parágrafo, foi citado o segmento *uma atuação conjunta, em bloco*. Já no terceiro parágrafo do texto, há coesão referencial a uma "instituição", ou seja, é necessário que haja um referencial anterior no texto. Este é o foco! É preciso marcar a opção que diz respeito a uma "instituição", ok? Analisando as opções, percebemos que apenas a letra E apresenta os elementos de coesão necessários e menciona uma espécie de "instituição", qual seja, *banco de desenvolvimento*, sendo exemplificado com o "Bird" e o "FMI". Quanto às demais, veja os problemas: a) A China não é uma instituição, além disso, no terceiro parágrafo se diz *"A instituição permitiria aos países..."*, sendo um desses países (mencionados no primeiro parágrafo) a China, logo ela não pode ser uma instituição e um desses países ao mesmo tempo. b) Não se esclarece que "instituição" é. c) Idem à opção a). d) Não se esclarece que "instituição" é.

16 – B. Essas questões da ESAF podem ser respondidas mais rapidamente pelos erros gramaticais, por isso já se descarta a a) pelo erro de ortografia "conssessão" (o certo é *concessão*). Em d), deveria ser *respondem*, erro de concordância. Em e), há um erro de pontuação *("No entender dos analistas,..."*. Ficamos entre a b) e a c). Veja o finzinho do excerto: *"Preocupado com a falta de vigor da economia, o governo determinou que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal reduzissem as suas taxas."* A b) diz *"Essa e outras medidas"*. Essa qual? O governo ter determinado que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal <u>reduzissem as suas taxas</u>. Logo, a "redução de taxas" é (Essa) medida, que, inclusive, mantém coerência com a expressão, ainda na opção b), *aquecer de novo a economia*, isto é, reduz-se taxas = aquece-se a economia. O erro da c) está em dizer *essas medidas*, mas só há uma.

17 – B. Colocar em ordem, ou seja, na sequência certa (coesa e coerente), é fácil. Basta perceber a relação entre as partes. Esse tipo de questão se faz por eliminação percebendo os elementos coesivos. Note que o primeiro trecho começa com *Nesse estudo*. É óbvio que não se pode iniciar o texto com um pronome demonstrativo de valor anafórico, logo já sabemos que este <u>não</u> é o (1). O **2o trecho** se parece com uma tese em relação às outras opções que se iniciam com elementos coesivos de retomada, a saber: **1o trecho**: *"Nesse estudo"* (retoma o <u>estudo</u> do trecho, que é a tese do texto, *"Pesquisadores examinaram dados de cem cidades*

em 33 países, em busca de pistas sobre quais metrópoles seriam as maiores poluidoras e por que, de acordo com estudo *publicado na revista especializada 'Environment and Urbanization'.*); **3o trecho**: *Isso* (retoma o conteúdo de *"Nesse estudo, enquanto cidades do mundo todo foram apontadas como culpadas por cerca de 71% das emissões causadoras do efeito estufa, cidadãos urbanos que substituíram os carros por transporte público ajudaram a diminuir as emissões per capita em algumas cidades.*"); **4o trecho**: *Por fim* (valor conclusivo; retoma tudo o que se disse); **5o trecho**: *O estudo* (retoma o conteúdo de *"Isso reflete a grande dependência de combustíveis fósseis para a produção de eletricidade, uma base industrial significante em muitas cidades e uma população rural relativamente grande e pobre", informa o estudo."*). Sendo assim, ordenando o texto, ou seja, colocando-o em uma sequência coesa e coerente, temos: *"**(1)** Pesquisadores examinaram dados de cem cidades em 33 países, em busca de pistas sobre quais metrópoles seriam as maiores poluidoras e por que, de acordo com estudo publicado na revista especializada "Environment and Urbanization". **(2)** Nesse estudo, enquanto cidades do mundo todo foram apontadas como culpadas por cerca de 71% das emissões causadoras do efeito estufa, cidadãos urbanos que substituíram os carros por transporte público ajudaram a diminuir as emissões per capita em algumas cidades. **(3)** "Isso reflete a grande dependência de combustíveis fósseis para a produção de eletricidade, uma base industrial significante em muitas cidades e uma população rural relativamente grande e pobre", informa o estudo. **(4)** O estudo também aponta outras tendências, como as cidades de climas frios terem emissões maiores, e países pobres e de renda média terem emissões per capita inferiores aos países desenvolvidos. **(5)** Por fim, quando os pesquisadores olharam as cidades asiáticas, latino-americanas e africanas, descobriram emissões menores por pessoa. A maior parte das cidades na África,* Ásia e América Latina tem emissões inferiores por pessoa. O desafio para elas é manter essas emissões baixas, apesar do crescimento de suas economias."

18 – B. Se ele permaneceu monarquista, é porque ele julgou esta opção melhor que pender para o lado republicano, logo, naquele momento, o regime republicano não era a melhor opção, o que corrobora o trecho *viria a prejudicar e não a favorecer*.

19 – B. A relação de sentido entre o fragmento da opção certa e o contexto é de condição, logo todas as opções são possíveis, exceto a que se inicia por uma locução prepositiva concessiva (*Apesar de*), daí a incoerência.

20 – A. Note que o substantivo *estímulo* no trecho da letra a) retoma por nominalização o verbo *estimular* e o conteúdo semântico do sujeito dele, mantendo, assim, adequada relação coesiva. Veja: "A manutenção do emprego, a elevação do salário real, a rápida expansão do crédito e a redução de impostos para alguns setores estimularam *o consumo, mas a produção*

manufatureira foi incapaz de acompanhar a demanda interna. Parte desse estímulo *foi aproveitada por produtores estrangeiros bem mais preparados para disputar espaço nos mercados. O recuo da atividade industrial brasileira reflete, entre outros fatores, o aumento das importações e a deterioração do saldo comercial."* Veja os problemas das demais opções: b) Nada se fala no excerto sobre *pequena reação de maio para junho*. c) Não há presença de concorrentes, o texto não cita nada disso. d) Nada se fala sobre *esse período de 12 meses* no excerto, logo a retomada é incoerente. e) O excerto demonstra preocupação e retração, logo essa continuação proposta não procede.

21 – ERRADO. A expressão *desse trabalho* é um recurso de coesão que retoma *pesquisa*, por expansão lexical.

22 – B. O vocábulo *senão* tem valor aditivo, por isso equivale a "mas (também) sim".

23 – A. Entre a primeira frase e a terceira, há uma relação de causa e consequência bem marcada pela conjunção *pois*, que estabelece a coesão adequada, produzindo um texto coerente. A segunda frase traz apenas uma característica do invejoso. Veja as demais, já reescritas: b) Com a expectativa na qual o término da felicidade do outro lhe traz (**traga**) felicidade, o invejoso age também pelo ódio e procura destruí-la. c) Por acreditar que o término da felicidade alheia lhe trará felicidade, o invejoso procura destruí-la, agindo, também, pelo ódio. d) O invejoso, o qual age movido também pelo ódio, procura destruir a felicidade alheia, nutrindo a expectativa de que o término dela lhe traga felicidade. e) Como nutre a expectativa de que o término da felicidade alheia lhe traga felicidade, o invejoso procura destruir a felicidade alheia, agindo também pelo ódio.

24 – A. Pelo nosso conhecimento de mundo, *cartolas* é sinônimo de *dirigentes*. Simples assim!

25 – B. O contexto indica que o pronome *las* retoma *sensações*, que, segundo o próprio contexto, "são mais nossas do que a própria vida". Isto é, há sensações que são sentidas só de serem imaginadas.

26 – A afirmação procede, pois o que irritou Palas Atena foi Aglauros ter pedido dinheiro em troca de favor. O que corrobora isso é este trecho: "*Palas Atena... já detestava a jovem porque esta a espionara em outra ocasião. Não admitia que a mortal fosse recompensada por outro deus."* Quanto ao pronome *a*, de fato retoma Palas Atena, pois é esta que fora espiada por Aglauros em outra ocasião.

27 – A afirmação procede. Substitua e veja: *quem sabe das dificuldades que Clarice enfrentou vê com alegria o reconhecimento que seu nome alcança e a irradiação* de Clarice *pelo mundo* OU *quem sabe das dificuldades que Clarice enfrentou vê com alegria o*

reconhecimento que seu nome alcança e a irradiação dele (do nome) *pelo mundo.*

28 – CERTO. O canadense Harold Hackett que o diga, ou seja, O canadense Harold Hackett que diga isto: "Na era das redes sociais, algumas formas de comunicação arcaicas ainda dão resultado". A expressão *que o diga* equivale a "atestar". Isto é, o homem atestou que, mesmo na era das redes sociais, algumas formas de comunicação arcaicas ainda dão resultado.

29 – CERTO. Substitua e ateste: "O seu método é simples. Harold utiliza garrafas de suco de laranja e se certifica de que as mensagens estão com data. Antes de enviar <u>as garrafas</u>, checa o sentido dos ventos... (...)" OU "O seu método é simples. Harold utiliza garrafas de suco de laranja e se certifica de que as mensagens estão com data. Antes de enviar <u>as mensagens</u>, checa o sentido dos ventos... (...)"

30 – CERTO. O único referente no período anterior a *Elas* que está no feminino plural é *demandas*. Além disso, o próprio direcionamento argumentativo nos leva a ver como referente de *Elas*, o substantivo *demandas*. Por último, veja a substituição: "**As demandas** requerem que o Estado atente também para a qualificação de uma força de trabalho...". Agora *fechou o caixão*!

31 – C. Mero conhecimento de coesão sequencial, que depende do conhecimento de conjunção. Ambos os conectores têm valor semântico concessivo, por isso a substituição é adequada.

32 – A. O que possibilita uma vida cada vez melhor para as pessoas? Os avanços dos aparelhos eletrônicos sofisticados, que são capazes de fazer um diagnóstico apurado, passando informações importantes sobre o paciente. Logo, *nesta área* tem como referente *aparelhos eletrônicos*.

33 – A. Além da noção temporal, há um valor de causa e consequência embutido na expressão conectora *a partir daí*, por isso cabe a substituição por *em consequência*.

34 – A. O pronome *nossas* tem valor dêitico (ou díctico), isto é, refere-se a algo fora do texto, no caso o autor e seus leitores. Nas demais opções, os termos coesivos têm valor anafórico, pois substituem termos anteriormente mencionados. b) Retoma restaurantes. c) Retoma todo o período anterior. d) Retoma programa. e) Retoma proposta.

35 – D. Pelo nosso conhecimento de mundo, a questão é resolvida facilmente, pois CPMF = imposto do cheque.

36 – E. Ambos os elementos têm valor conformativo, introduzindo um argumento opinativo.

37 – B. *Por exemplo* introduz um argumento de exemplificação; *ou seja*, de explicação.

38 – C. Por eliminação, encontramos a resposta: a) Repetição de parte do nome. b) Informações a respeito do casamento no Brasil colônia. d) Brasil colônia. e) 1815.

39 – E. Autoexplicativa. Sobre as demais: a) O pronome *lhes*, utilizado em *exige-lhes*, faz referência a *instituições governamentais*. b) O pronome *o*, em *critica-o*, faz referência a *governo*. c) A palavra *nos*, em *Zilda Arns nos deixa*, é um pronome. d) A palavra *pelo*, em *eventos convocados pelo governo*, é uma contração de preposição + artigo.

40 – A afirmação procede e é autoexplicativa.

41 – B. O contexto mostra que o personagem viu pitangas e começou a colhê-las. Em seguida, um outro personagem passa e diz "Eu sempre quis fazer isso". Logo, deduz-se que *isso* refere-se a *colher pitangas*.

42 – D. *Contra* tem valor negativo e *ao encontro de* tem valor positivo.

Capítulo 36
Gabarito

1 – B. O único caso em que o verbo *ter* é coloquial é quando tem sentido de "existir". Por isso, a norma culta sugere que se use o verbo *haver*: *"Há coisas que não se explicam: a dor do exílio é uma delas."*

2 – B. Pelo visto, a FCC considera que a preposição pode ficar implícita antes de orações subordinadas substantivas objetivas indiretas *(Ela sempre duvidou (de) que...)*. Quanto ao pronome demonstrativo *o (= isso)*, em *"ele o fez"*, *ele* tem valor anafórico e está acompanhado de um verbo vicário (*fazer*). A crase em à qual está correta por causa da regência de *devia*. A expressão *de sua trajetória artística* é um adjunto adverbial de causa. Em suma, não há erro algum na opção b), por isso é o gabarito. Veja as demais já corrigidas: a) Na seção em que passou a trabalhar, o <u>cenário</u> (núcleo do sujeito) de intrigas e favorecimentos vários o incomoda e quase o enlouquece, pois lhe <u>parece</u> (verbo no singular; concordância) infernal. c) É o relato de um passeio que o pretenso <u>adivinho</u> (ortografia) fez com dois amigos, <u>os quais</u> (concordância), no momento em que passavam por uma ponte, o céu cobriu-se de nuvens negras. d) Não há dúvidas de que <u>se tem</u> (colocação pronominal e concordância) um avanço tecnológico e científico nessa área, mas os professores e alunos até chegam a temer esse mundo que os <u>cerca</u> (concordância). e) São muitas as entidades que militam nesse âmbito para <u>as quais</u> (concordância) prestei assessoria, mas não tenho a presunção de ter conquistado algum prestígio em alguma delas.

3 – E. A forma adequada à língua culta é *Em último caso*, quando equivale a "em último recurso".

4 – A. Por eliminação: b) micro-organismo; c) sintomas; d) quadros; e) prescrever.

5 – B. A locução conjuntiva comparativa *que nem* é considerada coloquial pela maior parte dos gramáticos. Outra conjunção comparativa considerada coloquial é "feito": *Ele fala feito papagaio*.

6 – E. A regência do verbo lembrar, VTD, não está de acordo com a norma culta. A frase deveria estar assim: *Mas sei do que se lembra*. O verbo *lembrar-se* é VTI e exige a preposição *de*.

7 – D. O uso da interjeição *Puxa* e do substantivo *gente* são próprios da linguagem coloquial.

8 – B. Por eliminação: a) bola rolando (jogo em andamento); c) louco (linguagem figurada), canalha (linguagem de baixo calão, chula), quebrar (linguagem figurada); d) soltar o braço (linguagem figurada). A linguagem figurada em si não é marca de coloquialismo, mas tais usos

(da questão) são clichês próprios da informalidade.

9 – A. Para resolver questões desse tipo, é preciso encontrar os desvios gramaticais nas alternativas. A que não apresentar nenhum desvio estará de acordo com a norma culta, ou "redigida corretamente". Vejamos as opções corrigidas: b) O verbo **contrapor** é derivado do verbo pôr, portanto a conjugação é idêntica. No futuro do subjuntivo, então, a conjugação acertada é esta: *"... se se contrapuserem..."*. Há também problema na concordância verbal do verbo **ser**, em *"... provas convincentes, que... não é garantia..."*; deveria ser: *"... provas convincentes, que... não **são** garantia..."*. Lembra-se dessa regra? O verbo concorda com o antecedente do pronome relativo. Para fechar, o verbo *sortir* não está adequado neste contexto, uma vez que significa "abastecer", "prover", "misturar" etc. O certo seria "surtir", que significa "acarretar", "provocar". c) Há um problema de conjugação verbal do verbo *convir* (derivado de *vir*). Como ele está no futuro do subjuntivo, conjuga-se igual a "vir". Portanto: *"... será aceito por meu cliente se lhe **convier**..."*. d) Há dois problemas de ortografia (*argúo* e *ascenção*). Tais palavras são escritas assim: ***arguo*** (1ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo arguir) e ***ascensão***. Como *arguo* é palavra paroxítona terminada em **-o**, não recebe acento gráfico. Não se usa ç em *ascensão*, pois quando há **-nd** no radical do verbo de onde se deriva o substantivo, usa-se **s** na escrita desse nome (*asce*nder > *ascen*são > ascensorista...). e) O verbo incendiar faz parte daquele grupo de verbos terminados em **–iar** (lembra-se do MARIO?). *Mediar, ansiar, remediar, incendiar/intermediar, odiar*. A conjugação destes verbos segue o modelo da conjugação do verbo *odiar*. Portanto, se ele "odeia", ele "incendeia". Visando à correção gramatical, o texto deveria ter iniciado assim: *"Ele incendeia..."*. Sobre a forma verbal "freiar", saiba que ela não existe, é "frear" a correta grafia.

10 – B. Analisemos uma por uma: a) Em *"... deviam ter havido mais de dez chamadas..."*, há um desvio de concordância, uma vez que o verbo auxiliar deveria estar no singular, pois faz parte de uma locução em que o verbo *haver* tem sentido de "existir". Quando isso ocorre, a impessoalidade do verbo *haver* passa a todos os verbos da locução verbal. Portanto, todos ficam na 3ª pessoa do singular obrigatoriamente. Outro desvio claro é o uso de *aonde*. Tal expressão só é acertada quando há um verbo ou um nome exigindo a preposição *a*, que se junta ao advérbio *onde* formando a expressão *aonde*. Não é o caso no contexto; deveria ser apenas *onde*. c) Há um desvio de concordância verbal em *"... o desempenho de todos eles **decaírem** intensa e irreversivelmente."*, pois o verbo deve concordar em número com o núcleo do sujeito (desempenho). Portanto, o adequado à norma culta é: *"o desempenho de todos eles **decair** intensa e irreversivelmente."* d) Novamente há problemas de concordância (verbal e nominal) neste texto. Veja a reescrita com correção: *"... são realmente* confiáveis... os

números *que indicam...”* e) Melhor seria usar a expressão de valor causal *Haja vista* e não o particípio isolado *Visto*, que, inclusive, não concorda em número e pessoa com o seu sujeito *a oportunidade...*; deveria ser *Vista*. Além disso, há um problema de colocação pronominal: *... os legisladores não convenceram-se da necessidade...”*. Deveria ser: *“... os legisladores não **se** convenceram da necessidade...”*, pois o advérbio de negação (não) atrai o pronome oblíquo átono (se), ficando este antes do verbo (próclise). Não satisfeito, o cara que escreveu este texto cometeu outro desvio: “... da necessidade de ver postergado, no último momento, as datas das primeiras reuniões setoriais.”. Há um erro de concordância nominal, pois o adjetivo *postergado* está ligado a *as datas das primeiras reuniões setoriais*. Sendo assim, o texto deveria ser reescrito assim para que houvesse correção gramatical: *“da necessidade de ver* postergadas*, no último momento,* as datas das primeiras reuniões setoriais*”*.

11 – C. Vejamos as que devem ser corrigidas: a) O ideal seria *Nesta época*, pois remete ao tempo presente do falante. Nada justifica o uso da conjunção *e*. Quem transforma algo... transforma algo **em**... Portanto, a reescritura deveria ser: *“Nesta época do ano, as enchentes, mais do que previsíveis, como todos o sabem, transformam a cidade **em** uma paisagem horrenda.”*. b) Falta vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado *por si só*. Há falta de clareza, pois não se sabe se o sujeito do verbo *teme* é *isso* ou *a sociedade*. Se eu digo que o sujeito é *isso*, queremos dizer que *o fato de a atividade docente exercer liderança nata* (retomada pelo *isso*) teme a sociedade, isto é, causa temor na sociedade. Por outro lado, se *a sociedade* for o sujeito, queremos dizer que *a sociedade* tem medo da ideia de a atividade docente exercer liderança nata, em que *isso* passaria a ser o objeto direto. Deveria estar assim reescrita: A atividade docente, por si só, já exerce uma função de liderança nata, e é isso que às vezes a sociedade teme, pois nem todos os mestres primam por ética. d) A palavra *preven**s**ão* está escrita errada, deveria ser *prevenção*. O sufixo **-ção** é formador de substantivos abstratos. Prevenção é o ato de prevenir. e) Desvio de concordância. Se o sujeito é composto anteposto ao verbo, este deve ficar no plural. Veja a correção: *“*Minha expressão de compromisso para com meus pares ***e*** o órgão a que passarei a pertencer ***hão** de ser **demonstrados** a cada passo de minha atuação, pela qual sempre zelarei, como venho demonstrando por anos consecutivos.”*.

12 – E. Vejamos as alternativas comentadas: a) O verbo *intervir* é derivado do verbo *vir*, logo a conjugação é igual. Uma vez que esse verbo está no pretérito imperfeito do indicativo no contexto, deveria estar escrito assim: *“A mãe sempre intervinha nas discussões...”*. b) Há um problema de ortografia: não é *recaptulava*, mas *recapitulava*, do verbo *recapitular*, derivado de *capítulo*. O outro problema polêmico está neste trecho: *“... a ponto* dos *colegas pedirem...”*. Alguns gramáticos dizem que não pode haver contração antes de sujeito no

infinitivo, outros dizem que não há problema algum. Se olharmos de um ponto de vista ortodoxo, diríamos que há um erro, pois, se não há contração, deveria estar redigido assim o trecho: *"... a ponto* de os *colegas pedirem..."*. E é assim que vê a FCC, ortodoxamente. c) Falta vírgula para separar a oração subordinada adverbial deslocada. A forma verbal *obstrói* não existe, mas sim *obstrui*. A reescrita certa é esta: Nesse processo de conscientização, são importantes o reconhecimento e respeito às diferenças, e, como ele não as exercita, só obstrui o crescimento do grupo. d) O verbo *advir* é derivado do verbo *vir*, portanto a conjugação é idêntica. Deveria ser, como está no pretérito imperfeito do subjuntivo, assim: *"Se muitas perdas* ***adviessem****..."*.

13 – D. Vejamos os comentários: a) *Descriminatória* não! O certo é *discriminatória*. Muitos se confundem com essas duas palavras por serem parônimas, ou seja, palavras parecidas na pronúncia e na grafia. Só que, normalmente, se usa descriminar significando "inocentar", "absolver"; já *discriminar* significa "diferenciar", "distinguir" (no contexto tem a ver com racismo). b) A forma verbal *obtem* segue a regra das oxítonas terminadas em **-em**, logo deve ser acentuada: *obtém*. Se estivesse no plural, receberia acento circunflexo, pois é derivada do verbo *ter*: *ele obtém, eles obtêm*. Além disso, *expúrios* é forma não existente na língua, o correto é *espúrios*. c) Segundo as regras de plural dos substantivos compostos, quando um substantivo é formado por numeral + substantivo, ambos variam, logo a forma acertada é *sextas-feiras*. e) O adjetivo *institucionais* está errado, pois ele deve concordar em número com o substantivo *ordem*, ficando no singular*: "... ordem* ***institucional****..."*.

14 – C. Comentando... a) *A fotografia* é o sujeito do verbo *ombrear*, logo ele deve ficar no singular, concordando em número com o sujeito: *"Apesar de se ombrear com outras artes plásticas, a fotografia..."* b) A forma verbal *imagine* deveria concordar em número com o sujeito *os tempos*, ficando assim: *"... nem se imaginem os tempos..."*. Além disso, o verbo suscitar não exige preposição *a* de modo que ela tenha de aparecer antes do pronome relativo. Portanto, o trecho corrigido é este: *"... nem se imaginem os tempos que suscitarão essa imagem..."*. d) *Tal* deve ficar no plural para concordar com *as experiências físicas de uma fotografia*. Deveria também haver um hífen ligando o pronome oblíquo átono ao verbo auxiliar*: podem-se inocular*. Muitos gramáticos modernos, entretanto, já aceitam a ausência do hífen. Reescrevendo o texto, temos: As experiências físicas de uma fotografia, tais como ocorrem nos espelhos da Alice, podem-se inocular em planos temporais. e) Deveria ser *implicações* para evitar a ambiguidade de *implicâncias*.

15 – B. Há falha estrutural neste excerto: *"Embora haja quem aposte no critério único de julgamento, para se promover a igualdade, visto que desconsideram o risco do contrário."*. Já ouviu falar em **truncamento sintático**? Bem, é exatamente isso que está ocorrendo neste

excerto. O truncamento sintático ocorre quando a estrutura sintática parece uma colcha de retalhos, de modo que fica difícil analisar um período, pois ele está cheio de falhas, "buracos" dentro de sua construção, como se as partes não estivessem conectadas ou como se faltasse algo. Observe que no período da letra B (o gabarito!) não há oração principal. De modo que há um corte (truncamento) na estrutura sintática, ficando ela incompleta.

16 – E. Vejamos uma por uma (já corrigidas). a) *No memorial do professor, está registrado que ingressou na universidade em idade inferior à determinada pela lei.* (Vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado; quem ingressa, ingressa em.) b) *O fato de que o acusado se recusa a dar detalhes é o que mais pesará na decisão dos jurados.* (Faltou a preposição *de* exigida pelo nome *fato*.) c) *O movimento a que me filiei nos anos 70 foi grandemente responsável pela renovação da pintura no Brasil.* (Quem se filia, se filia a, logo a preposição fica antes do pronome relativo obrigatoriamente.) d) *Esta é, enfim, a parca remuneração com a qual arco totalmente com as despesas da casa.* (Eu arco totalmente com as despesas da casa **com** a parca remuneração.)

17 – D. Vejamos uma por uma (já corrigidas). a) *Quaisquer que sejam os motivos alegados pela comissão para justificar o atraso, devem-lhe ser repassadas as anotações acerca dos itens em que houve perda do prazo de entrega anteriormente acordado.* (Plural de *qualquer*: *quaisquer*; não se usa pronome oblíquo após pausa, a não ser que seja por causa de uma intercalação, o que não é o caso.) b) *Demos a eles a notícia de que mais almejam e passeemos nosso olhar sobre seus semblantes: o que veremos surpreenderá, pois será muito mais do que alguém possa supor.* (Preposição *de* exigida por *notícia*; *passear*, na 1ª pessoa do plural do imperativo afirmativo, vem da 1ª pessoa do plural do presente do subjuntivo, logo *passeemos*.) c) *O empreiteiro jura que reconstrói a laje danificada em poucos dias, mas existem, na avaliação do engenheiro e do arquiteto, sérias dúvidas quanto à possibilidade de isso ser possível.* (Usa-se **i** em verbos terminados em **-uir**; além disso, observe a concordância: existem...(verbo) dúvidas... (núcleo do sujeito).) e) *Registra-se em livros de história que aqueles artesãos eram bastante hábeis com as ferramentas que eles mesmos produziam, o que lhes garantiu a fama de burilar com criatividade qualquer tipo de material.* (*Registra-se* tem sujeito oracional, logo fica na 3ª pessoa do singular; *mesmo* varia normalmente quando é um pronome demonstrativo.)

18 – E. Vejamos uma por uma (já corrigidas): a) *Tudo que fizeram a fim de angariar a simpatia do diretor pela proposta não deu bons frutos, por isso não lhes restou, conforme estavam todos de acordo, outra ideia a não ser agregar valor ao projeto inicial.* (*A fim de*: finalidade; *restou* (verbo)... *outra ideia* (sujeito)...; de acordo com a nova reforma, *ideia* se escreve sem acento.) b) *Os jornalistas não creem que existam documentos espúrios em meio*

àqueles já examinados, e isso porque já haviam feito cuidadosa checagem, todavia, a transparência impondo, voltarão à tarefa de imediato. (*Porque* explica, logo é junto sem acento; *voltar* exige preposição *a* + *a* (*tarefa*) = à tarefa (crase!).) c) *A questão ficou cada vez mais descaracterizada quando, logo depois da visita, o antropólogo defendeu que aquelas dificuldades não se restringiam às nações indígenas daquela região, sendo mais universal.* (*Logo depois da visita* é adjunto adverbial deslocado, logo devem-se usar vírgulas; o verbo *restringir* exige a preposição *a*.) d) *A manutenção e apoio ao grupo de escoteiros dependem de ele aceitar a contrapartida dos empresários, que não é, aliás, nada abusiva, visto que eles executam as tarefas solicitadas cotidianamente, sem desgaste exaustivo.* (Não há contração antes de verbo no infinitivo segundo a maioria dos gramáticos (de ele aceitar...); *abusiva*, concordando com *contrapartida*.)

19 – A. Vejamos uma por uma (já corrigidas): b) *Por mais que queiramos negar envolvimento dos menores no distúrbio, pode haver fatos que desconheçamos, por isso acataremos as orientações que advenham do episódio.* (*Pode haver*, no singular, pois o verbo *haver* (=*existir*) não permite que o auxiliar da locução verbal varie.) c) *Pelo que dissestes sobre a incrustação das joias, mereceis parabéns, e também pela competência, pois, sem tê-las sequer mostrado à interessada, tornou-a uma feliz compradora.* (Uniformidade de tratamento (*vós dissestes; vós mereceis*); privilegia-se a ênclise após pausa não antecedida de intercalação.) d) *A especialista à qual se devem as pesquisas educacionais diz que cada uma das escolas que se propuseram a fornecer dados declararam o motivo particular que as pôs em movimento.* (O sujeito de *dever*, acompanhado de partícula apassivadora, é *pesquisas*; *propor* no futuro do subjuntivo é *propuseram*.) e) *As terras de que essa espécie de vinho provém são as do tipo mais recomendável para a cultura da videira, motivo pelo qual são tão valorizadas e desejadas por viticultores.* (*Provém* é derivado do verbo *vir*, que, na 3ª pessoa do plural, recebe acento circunflexo, mas não é o caso, pois seu sujeito é *espécie*; *recomendável* concorda com *tipo*.)

20 – D. Vejamos uma por uma (já corrigidas): a) *Não quero e não devo contar qual foi a confusão em que me meti, nem por que idas e vindas acabei percebendo o real perigo que corria.* (Usa-se *por que*, pois equivale a "por quais".) b) *Todos estando bastante, ou excessivamente, contrariados, nesse diapasão, nada se podia fazer para acalmar o representante dos funcionários, de cujo apoio sustentaria o evento.* (O trecho *"Todos estando... diapasão"* deve ser separado por vírgula, pois se trata de uma oração reduzida deslocada; o nome *apoio* exige a preposição *de*, que fica antes do relativo *cujo* obrigatoriamente.) c) *O debate seguia acalorado entre o jornalista e o entrevistado, sendo, por essa razão, o convite feito a um mediador, pois de sua presença dependia o impasse.* (*Por essa razão* é um adjunto adverbial deslocado, por isso as vírgulas; o pronome

possessivo *sua* provoca possível ambiguidade.) e) *O indivíduo contribui com a cidadania, quando se posiciona a favor dos direitos, porém corrompe a ética, se faz (algo) contra os preceitos morais.* (O verbo *corromper* rege seu complemento sem preposição; o verbo fazer precisa manter correlação verbal com corrompe.)

21 – D. Vejamos uma por uma (corrigidas): a) Houve (verbo haver com sentido de existir não varia) *muitas mudanças nas condições externas e internas da economia, que contribuíram para a estagnação da indústria brasileira. Do lado externo, os altos preços das matérias-primas exportadas pelo Brasil encorpam a entrada de divisas e* valorizam (o verbo concorda com o núcleo do sujeito – *preços*) *o real.* b) *Internamente, a renda do trabalho* ampliada por políticas salariais e previdenciárias generosas (a oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de particípio não é separada por vírgula) *estimula o consumo e o setor de serviços. O resultado seria a especialização da economia nos setores primário e terciário,* cuja forte geração de emprego, (houve truncamento sintático, ou seja, a estrutura sintática não está completa, pois falta verbo na oração adjetiva iniciada pelo pronome relativo *cujo*) *em troca de menor competitividade industrial.* c) *A perda de mercado para importações, por sua vez, não* seria (o verbo deve concordar com o núcleo do sujeito – *perda*) *um problema, já que boa parte delas seria compras de bens de capital para investimento e modernização do parque industrial.* e) *É temerário considerar que* (não pode haver vírgula após a conjunção integrante separando a oração principal da subordinada) *um país de renda média e com baixa escolaridade, como o Brasil,* (expressão intercalada deve vir entre vírgulas no meio da frase) *possa manter tal padrão de crescimento. Serviços que geram renda, hoje, são atividades complexas como* design *industrial e* marketing*, de alto conteúdo intelectual.*

22 – E. Vejamos o(s) erro(s) corrigido(s): *O investimento externo direto mudou de patamar.* Até o ano passado, (faltou uma vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado) *eles cobriam praticamente o deficit em conta corrente,* o (nada exige a preposição *a* antes do pronome demonstrativo *o*) *que limitava o efeito, para explicação da valorização da moeda, de tsunamis monetários e capitais especulativos.*

23 – A. Vejamos uma por uma (corrigidas). b) *Mas há também os fatores que não dependem diretamente dos agentes econômicos, como o ambiente institucional para a realização de negócios, a infraestrutura de uso comum, as prioridades e a execução da política econômica, o que se* reflete (o verbo deve concordar com o antecedente do pronome relativo – *o*) *no crédito e na carga tributária*. c) *São vários os fatores que contribuem para os saltos de produtividade. Alguns* relacionados *ao* (o adjetivo exige a preposição *a*) *processo produtivo, como a inovação* (não há crase, pois não há exigência da preposição *a*), *a melhoria da gestão dos recursos disponíveis, a atualização tecnológica, a motivação dos*

que produzem, a utilização dos insumos (bens e serviços) mais adequados para se chegar (como o *se* é uma partícula de indeterminação do sujeito, o verbo deve ficar na 3ª pessoa do singular) *ao resultado final.* d) *Com uma taxa de investimento relativamente baixa,* cuja proporção do Produto Interno Bruto (PIB) (note que houve truncamento sintático de novo, uma vez que a oração iniciada por *cuja* está sem verbo; além disso, como a pseudo-oração adjetiva é explicativa, deveria vir entre vírgulas, como eu coloquei aqui*), pouco acima dos 19%, o Brasil conseguiu avançar socialmente sem um crescimento econômico tão forte.* e) *A estabilidade monetária abriu caminhos para ganhos de produtividade que* tornaram (o verbo concorda com o antecedente do pronome relativo – *ganhos*) *factíveis tais avanços, mas é preciso definir prioridades claras nos gastos públicos*.

24 – D. Vejamos o(s) erro(s) corrigido(s): *Não se deve contemplar o Brasil como uma ilha de tranquilidade, de estabilidade, de equilíbrio, no meio da infindável crise internacional. A experiência europeia mostra os elevados custos de* se adiar (o verbo concorda com o núcleo sujeito – *enfrentamento*) *constantemente o enfrentamento dos problemas de competitividade.* A alternativa c) está errada também, pois a sigla, com função de aposto, deveria vir entre travessões, vírgulas ou parênteses, segundo consulta aos principais manuais de redação. Apesar disso, temos visto alguns textos da ESAF com uso da sigla após o nome por extenso antecedida de apenas um travessão. Pelo visto, a ESAF considera o uso de um (1) travessão antes de sigla correto.

25 – C. Vejamos uma por uma (corrigidas): a) *Por tornar mais acentuada a perda de competitividade da indústria brasileira, a valorização do real em relação ao dólar* vem (o verbo concorda com o núcleo do sujeito (*valorização*) ficando no singular, sem acento circunflexo*) despertando reações cada vez mais ácidas de dirigentes empresariais, mas está muito longe de ser o único, ou o* principal (não há vírgula entre adjunto adnominal e seu nome*) problema que prejudica o desempenho do setor manufatureiro.* b) *Questões estruturais e modelos de gestão empresarial inadequados* têm (o verbo concorda, no plural, com os núcleos do sujeito composto – *questões e modelos*) *sobre a atividade industrial efeitos negativos muito mais profundos e duradouros e, por isso, mais nocivos do que a taxa de câmbio.* d) *Mesmo, porém, que a questão cambial venha a ser superada, a qualidade da atividade industrial continuará prejudicada por deficiências históricas, e,* por isso, (expressão intercalada vem entre vírgulas) *muito* conhecida (concordância nominal com o substantivo *qualidade*), *mas* tolerada (idem à anterior) *por governantes, empresários, trabalhadores e pela sociedade.* (A expressão *que tem sido* não mantém paralelismo sintático com *muito conhecida* – verbo no particípio). e) *Pesquisas e estudos recentes não deixam dúvidas quanto aos impactos do câmbio valorizado sobre a produtividade da indústria brasileira quando* comparados *com* os *de outros países.* (Ambos os termos devem concordar

com *impactos*.)

26 – B. Vejamos o erro: É provável que a importância da educação como determinante do rendimento das pessoas e da sua desigualdade está superestimada nas análises econométricas, simplesmente porque não se dispõe (VTI acompanhado de partícula de indeterminação do sujeito fica na 3ª pessoa do singular) *de boas medidas para vários outros determinantes da renda, que estão positivamente correlacionados com a escolaridade.*

27 – E. Vejamos os desvios das demais opções: a) O que se dissipa é a diferença entre a demanda e a oferta globais, e não *"uma ampliação do déficit em conta corrente"*, como dá a entender esta opção. Não houve preservação da coerência do texto. b) *Daí naturalmente resulta que a* diferença *entre a demanda e a oferta globais, inexoravelmente,* se dissipa (cuidado com a concordância!) *por um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis* (os serviços) *e uma ampliação externa do déficit em conta corrente.* c) O que se dissipa, no texto original, é a diferença entre a demanda e a oferta globais, não *"o resultado natural da..."*. Além disso, há erro de concordância: *O* resultado *natural da diferença entre a demanda interna* ***e*** *a* oferta *global se* dissipam. d) *"a diferença entre a demanda que dissipa a oferta global dissipa"* (construção absurda!). Falta uma vírgula antes de *externamente*.

28 – E. Vejamos os problemas: a) *A valorização do real e o custo Brasil, que têm reduzido a competitividade de nossos produtos industriais no mercado internacional, ao mesmo tempo que torna o mercado interno mais vulnerável à concorrência de produtos de outros países com consequências ruins não só para a balança comercial, mas também para os níveis de emprego e de renda para a arrecadação de tributos.* (Houve truncamento sintático, pois falta uma parte da frase, o verbo da oração principal do sujeito *"A valorização do real e o custo Brasil"*.) b) *No custo Brasil,* (adjunto adverbial deslocado exige vírgula*)* constam *os elevados* preços (cuidado com a concordância) *da energia elétrica e do gás natural, a insuficiência e relativamente precária malha de transportes, o baixo nível de investimentos em tecnologia e uma estrutura tributária que incide sobre a produção e o consumo, e não sobre a renda e a riqueza.* (As vírgulas separam termos enumerados; a última vírgula vem antes do *e*, pois ele equivale a *mas*.) c) *O fato é que o setor industrial ficou* estagnado (erro de ortografia) *em 2011, puxando para baixo o crescimento do PIB, sendo o mais baixo entre todos os países sul-americanos. E as perspectivas são de novo crescimento do produto industrial próximo a zero − com um tímido crescimento do PIB*. d) *O elevado custo de nossa logística é outra* causa *que não* vem (observe a concordância!) *sendo devidamente enfrentada. O* barateamento *do custo da energia e dos transportes* requer (observe a concordância!) *a ampliação dos investimentos públicos, necessidade que se choca com um*

dos pilares da política econômica.

29 – D. O trecho tem um erro de concordância. Segundo a ESAF, por mais que o sujeito composto esteja posposto ao verbo, tal banca não aceita a concordância atrativa. Já vimos isso no capítulo de *Concordância*. Logo, o trecho deveria ser reescrito assim: *"... foram precisamente [a* elevação *dos salários e a crescente* formalização *do trabalho (sujeito)]..."*.

30 – ERRADO. ***Necessita-se*** (verbo transitivo indireto seguido da partícula de indeterminação do sujeito deve ficar na 3ª pessoa do singular) *tanto da criação de métodos transparentes e previsíveis quanto da definição clara do que se considere violação ética, cujas alegações* ***[desse tipo]*** (expressão indicativa de posse totalmente descartável, pois o pronome *cujas* já indica posse) ***sejam submetidas*** (esta locução verbal fica no plural e, no caso do particípio, concordando em gênero e número com *alegações*) à investigação.

31 – ERRADO. *Independentemente das razões que* ***as*** *levem* (o pronome relativo exige a próclise) *a sujeitar, por exemplo, suas posses ou sua moradia ao trabalho pericial,* ***a*** *toda pessoa* (não há crase antes do pronome indefinido *toda*) *estão garantidos os direitos de: ser autor de seu destino e de optar* ***pelo*** (a contração, por bem da eufonia, deve acontecer) *caminho de sua conveniência*.

32 – ERRADO. *Mas,* (esta vírgula deve ser colocada para marcar a intercalação da oração adverbial reduzida) *apesar da grande importância da ética deontológica, ela parece que é insuficiente para se aprofundarem reflexões éticas quanto* ***a*** *condutas* (não há crase diante de palavra pluralizada com sentido genérico) *profissionais,* ***em vista de*** (a maioria dos gramáticos recomenda que não se flexione elementos de uma locução prepositiva) *se entender que ela seja atendida quando os códigos são simplesmente obedecidos.*

33 – ERRADO. O erro está na colocação pronominal, pois o pronome relativo atrai o pronome oblíquo átono: *Para um coronel que se queixava da vida em quartel*.

34 – CERTO. Se fizermos a comparação entre os textos, veremos que a paráfrase está perfeita, pois as estruturas são sinônimas. Veja: *A antropologia tem demonstrado (1) que muitas atividades (2) atribuídas (3) às mulheres (4) em uma cultura (5) podem ser atribuídas (6) aos homens em outra (7). Segundo a antropologia (1), várias atividades (2) que são atribuídas (3) ao sexo feminino (4) em dada cultura (5) podem atribuir-se (6) ao sexo masculino em outra (7).*

35 – ERRADO. *A espécie humana distingue-se entre si no que concerne* à *anatomia e* à *fisiologia* (o verbo concernir exige a preposição *a* + *a* (artigo) = à), *por meio do dimorfismo sexual, embora seja falso crer que as diferenças de comportamento* ***verificadas*** (concorda

com *diferenças*) *entre as pessoas de sexo distinto* ***determinem****-se* (concorda com *diferenças*) *de forma biológica*.

36 – CERTO. Compare e veja (mero uso de sinônimos): *Carregar (1) cerca de (2) vinte litros de água (3) sobre a cabeça (4) implica (5), na verdade (6), um esforço físico considerável (7). Para que se carreguem (1) aproximadamente (2) vinte litros d'água (3) na cabeça (4), requer-se (5), na realidade (6), um imenso esforço físico (7).*

37 – CERTO. Quando o pronome oblíquo faz parte de uma locução verbal cujo verbo principal está no infinitivo e houver uma palavra atrativa antes da locução, o pronome pode ficar antes do verbo auxiliar ou depois do verbo principal. Logo, ambas as formas estão corretas.

38 – ERRADO. *Compreender, pois, o modo* ***por que*** (= *pelos quais*; usa-se separado e sem acento) *tais materialidades influenciam* ***a*** (o verbo *influenciar* é transitivo direto e não exige a preposição *em*) *elaboração do ato comunicativo é essencial para entender-se como elas chegam* ***a*** (não há crase antes de verbo) *afetar* ***a*** (o verbo afetar é transitivo direto e não exige a preposição *em*) própria organização do tecido social.

39 – CERTO. Novamente, sinônimos: *"a pequena causa (1), ou o motivo irrelevante (2), pode produzir (3) um grande efeito (4)"/"a causa pouco significativa (1), ou o pequeno motivo (2), pode provocar (3) um resultado de extensa repercussão (4)"*.

40 – ERRADO. *Porém, estudando-se os impérios, antigos ou recentes, permite-se que* ***sejam acessadas*** (concorda com *raízes*) *as raízes do mundo contemporâneo, e* ***aprofundados*** (concorda com *modos*), pela nossa compreensão, os modos como está organizado o poder político.

41 – ERRADO. *Contudo, estudar os impérios, antigos ou recentes, proporciona-nos o acesso às raízes do mundo contemporâneo e leva-nos* ***a*** (não há crase antes de verbo) *aprofundar a compreensão dos modos conforme* ***os quais*** (não há preposição sendo exigida por nenhum elemento) ***se*** *organiza* (a próclise é obrigatória por causa do pronome relativo) *o poder político*.

42 – A. As expressões *"passeá" (passear)*, *"saí" (sair), "brincá" (brincar), "di" (de), (gostava muito)... "di" (de) vôlei, "andá" (andar), "a palhaça"* ou *"fases mais gostosas"* marcam a informalidade e, portanto, o registro coloquial. As reticências, próprias da língua escrita indicam as pausas organizadoras do discurso oral, que entrecortam o fluxo contínuo da fala.

43 – A. Autoexplicativa. Ou seja, o entrevistado, apesar de ser um dos maiores críticos da

gramática normativa no Brasil, é capaz de adaptar-se ao contexto comunicativo em que se insere, respeitando as regras gramaticais da língua culta.

44 – A. Só um detalhe sobre a a): *Quando falamos em prova, no direito, tem-se a idéia* (segundo a nova ortografia, esta palavra é sem acento) *de que existe algo a ser defendido ou algo que venha a ser contestado. Dentro dessa linha cognoscível, entende-se que vai existir sempre um agente acusador e um agente acusado.* Veja os desvios das demais: b) *Pois bem, a prova é o meio de resolução desse conflito existente, da qual* [é dela que (construção redundante e, portanto, dispensável)] *o juiz irá extrair aqueles meios exequíveis à resolução pendente.* c) *O juiz não tem o ônus de buscar a verdade – ele somente apresenta* às *partes* (o verbo apresentar é VTDI, por isso cuidado com a regência: apresenta-se algo **a** alguém*) a verdade mais justa diante do caso em questão. A parte é quem tem o ônus de buscar a verdade, daí as provas, serem de suma importância para a resolução do litígio.* d) *Devido à atribuição de pontos a cada tipo de prova, o sistema tarifal de provas passou a facilitar as decisões dos juízes, que somente se encarregavam da somatória dos pontos que cada parte* obtivera (conjugação verbal) *mediante suas provas apresentadas e decidia o caso a favor de quem* somara (correlação verbal) *mais pontos*. e) *Para adquirir força probatória no processo judicial, os meios "moralmente legítimos" de obtenção de provas devem estar* (locução verbal apresenta verbo principal no infinitivo não flexionado) *em congruência com os aspectos lícitos do nosso ordenamento legal.*

45 – E. *Até a semana passada* (não há obrigatoriedade no uso do acento grave), *a estimativa que* prevalecia (erro de ortografia) *era de que o ciclo de redução da Selic pararia em 7,5%. Atualmente,* (a vírgula aqui é facultativa, pois o adjunto adverbial deslocado é de curta extensão) *a taxa está em 8%. Com a mudança,* (vírgula marca adjunto adverbial deslocado de certa extensão) *o mercado financeiro passa a trabalhar com a perspectiva de que o Banco Central reduza a taxa mais duas vezes.*

Capítulo 37
Gabarito

1 – CERTO. A mudança de posição dos vocábulos altera o propósito argumentativo do texto original, que tem como foco o *riso*, e não a *seriedade*, e altera a estrutura sintática. Veja que nem todos os argumentos usados no texto servem para *seriedade*: *"É, de alguma maneira,* ***o aspecto festivo do mundo inteiro****, em todos os seus níveis,..."*. Isso seria um contrassenso. Sobre a estrutura sintática, seria preciso mudanças na estrutura, quanto à sintaxe de concordância: *"ele abarca a totalidade..."* viraria *"...ela abarca a totalidade..."* etc.

2 – CERTO. Questão de sinonímia. Note também que o enunciado nem fala de sentido, mas sim de correção gramatical. De qualquer forma, a mudança de sinônimos (*seguindo = aderindo*) em nada prejudicou o trecho.

3 – A. Mero uso de expressões sinônimas, isto é, *em vez de = em lugar de, só = tão somente*. Não confunda *em vez de/em lugar de* com *ao invés de/ao contrário de*!

4 – E. Relação de causa e consequência e transformação entre orações reduzidas. Como o máximo de conhecimento é também o mínimo, nunca faltará perguntas a fazer e respostas pela metade.

5 – A. Observe que houve manutenção de sentido com a substituição de um conectivo por outro (ambos de valor causal) e substituição de verbo por advérbio: *Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos* por conta d*os crimes de grande repercussão e que* parecem *ser de difícil solução./Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos* em virtude de *crimes de grande repercussão e de solução* aparentemente *difícil*.

6 – B. Questão de sinonímia e de nominalização. Observe: *Outro benefício* decorrente *de ter amigos é* manter *a saúde em ordem./Outro benefício* resultante *de ter amigos é a* manutenção *da saúde em ordem.*

7 – D. Em todas as opções, há possibilidades de paralelismo (repetição de preposição). A melhor resposta é a opção D. Digo "melhor resposta", pois o enunciado pede "a reescrita que não preserva a correção gramatical **e** o sentido original do texto. No entanto, só há mudança de sentido, e não incorreção na reescritura *"Repare que esses grandes artistas dificilmente se submetem às adaptações feitas diretamente de uma obra"*. A crase está adequada, pois houve determinação, com o uso de artigo definido feminino plural antes de *adaptações*. A mudança de sentido ocorre porque, na reescritura, o artigo define, torna conhecida as

adaptações. Na primeira frase, a ausência de artigo definido implica uma ideia genérica a respeito de *adaptações*.

8 – A. Substituição de pronomes e uso de advérbio anafórico. O *cujo* estabelece relação de posse entre o termo antecedente e o consequente (*o moralismo desse país = cujo moralismo*). O verbo *representar* está no futuro do pretérito (representaria) devido à correlação com a forma de pretérito imperfeito do subjuntivo do verbo *promover* (*promovesse*). O uso do advérbio *lá* refere-se aos EUA (*lá = nesse país*).

9 – D. Trabalha-se transformação de oração desenvolvida condicional para reduzida condicional e uso de conectivo condicional. Na letra D, entretanto, a ideia de "Assaltando, não reaja" é igual a "Se for assaltar, não reaja", o que provoca mudança de sentido em relação à frase original.

10 – B. Ocorre nominalização e transformação de oração desenvolvida para reduzida. Compare: *A coordenadora exigiu* que adiasse *o encontro até que as* infrações que o funcionário cometeu fossem solucionadas./*A coordenadora exigiu o* adiamento *do encontro até a* solução *das* infrações cometidas pelo funcionário.

11 – B. Na reescritura, o adjetivo *regulares* deveria vir no singular, pois tem como referente o sujeito oculto do verbo dar. Ou seja, a reescritura que não desrespeitaria a correta morfossintaxe do padrão formal escrito da língua portuguesa seria esta: *Se dá certo ou não, sendo* regular *ou não, é outra questão*.

12 – E. O uso de sinônimos e a inversão de termos manteve o sentido básico entre o período do enunciado e a reescrita da letra E: "*A solução foi muito simples (1): de todos os trabalhadores (2), sindicalizados ou não (3), era descontado anualmente (4), na folha de pagamento (5), o salário de um dia de trabalho (6).*"/*Foi simples a solução adotada (1) – seria descontado anualmente (4), na folha de pagamento (5) de todos os trabalhadores (2), sindicalizados ou não (3), o valor equivalente a um dia de trabalho (6)*.

13 – A. O uso de sinônimos e a inversão de termos manteve o sentido básico entre as frases: *Colocava sob minha análise (1) um texto que já nascera das vozes do folclore (2), e propunha-me entender as relações (3) deste texto com suas variantes intertextuais (4)*./*Submetia a meu escrutínio (1) um texto que, como se não bastasse haver nascido das vozes da cultura popular (2), eu desejava interpretar (3) tendo em vista as relações que mantém com suas variantes intertextuais (4)*. Observe que as demais opções apresentam, além de mudança de sentido, desvios gramaticais: b) *recaptulado > recapitulado*. c) *implica... num... > implica... um...* d) *perca > perda.* e) *há = existir, e não = permanecer*; além disso, *pegada* (com sentido de *junto*) é coloquialismo.

14 – D. I – Para que exista poeta, é preciso que exista essa consciência. Este é o sentido do trecho *Sem essa consciência, não há poeta*. Quando se diz *"Não há essa consciência em quem não seja poeta"*, está-se querendo dizer que não existe essa consciência em quem não é poeta. Logo, na reescritura proposta, se há mudança de sentido, a paráfrase está errada. II – A expressão aditiva *"não só... como*" é bem substituída por um conectivo sinônimo, *além de*, mantendo-se o sentido. III – Por uma questão de correlação verbal, é preciso fazer a alteração no tempo e no modo verbal ante a reescritura.

15 – D. Note que houve mudança de posição dos termos da frase e uso de sinônimos. Compare: *Devemos evitar, especialmente, (1) posturas que venham a contribuir (2) − ainda que indiretamente − (3) para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos (4)./Posturas que contribuam (2), mesmo que de maneira indireta, (3) para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos (4), devem ser especialmente evitadas (1)*.

16 – A. Note que houve passagem de voz ativa para passiva, mudança de posição dos vocábulos e <u>diferente modo de estabelecer relação de posse</u>. Compare: ... *o incontestável Grande Detetive,* cuja *brilhante inteligência dedutiva (1) é capaz de superar qualquer adversário (2)...*/*Qualquer adversário pode ser superado (2) pela brilhante inteligência dedutiva* do incontestável Grande Detetive *(1)*.

17 – E. A construção de valor hipotético *caso se verifique* é sinônima da *na hipótese de ser*, e *a inocência do investigado*, da *o investigado dado por inocente*. Veja as demais: a) Na primeira frase, o advérbio de tempo *ainda* caracteriza o adjetivo *rotineiros*. Na segunda frase, *ainda* caracteriza o verbo no gerúndio, *prevenindo*. b) *Demais de* é expressão não existente na língua; o certo é *ademais de*, sinônima de *além de*. c) Não houve concordância correta, devendo ser: *no risco de se manterem criminosos na impunidade*, pois o *se* é apassivador. d) Não há concordância: "<u>Dirigidos</u> imediatamente pelo MP, serão <u>produzidas</u> somente as <u>provas</u>...".

18 – ERRADO. A substituição de locução adjetiva por adjetivo gerou incoerência. Soma de indivíduos = conjunto de indivíduos; soma individual = os indivíduos somam alguma coisa.

19 – ERRADO. Apesar de não ter falado nada na teoria deste capítulo sobre transposição de vozes verbais, já passamos pelo capítulo de vozes verbais, certo? Saiba que ela é trabalhada em prova em questões de reescritura, como ocorreu aqui. O Cespe/UnB, particularmente, adora esse tipo de paráfrase. Outra coisa: note que o enunciado diz: "Prejudica-se a correção gramatical". Nada se fala sobre sentido. É claro que não há erro gramatical em substituir *são considerados* por *consideram-se*, pois há uma simples passagem de voz passiva analítica (*são*

considerados) para a voz passiva sintética (*consideram-se*). Note também que se manteve o mesmo número, modo e tempo verbais na passagem. Isso é primordial. Revise vozes verbais (teoria e questões), se, a essa altura do campeonato, você ainda tiver dificuldades.

20 – CERTO. Podemos usar *nos quais* no lugar de *onde* para retomar palavra de valor locativo, como *municípios*.

21 – CERTO. Tais expressões são sinônimas. Você, pelo seu conhecimento vocabular, teria de saber que *cooptado* é o mesmo que *atraído; Cooptar é* "atrair (alguém) e fazer participar de um movimento, ideologia, partido, ideal etc.".

22 – CERTO. A forma de presente do indicativo "facilita" tem aspecto durativo, como "vem facilitando" e "tem facilitado", logo tais locuções substituem bem o verbo simples.

23 – C. Há uma relação de causa e consequência entre *"vêm se sentindo menos pobres"* e *"vêm comprando"*, logo a reescrita adequada é com *porque*, conjunção causal.

24 – C. Houve uso de sinônimos e substituição de conectivo de mesmo valor semântico. Compare: *"O* simples *estabelecimento do princípio da igualdade,* no entanto*, não* logrou eliminar *as* diferenciações *existentes."/O* mero *estabelecimento do princípio da igualdade,* entretanto*, não* conseguiu abolir *as* discriminações *existentes*. Fácil!

25 – ERRADO. O que é passiva e modelada é a periferia colonial, não as colônias. Além disso, não se trata de um centro científico, mas sim de um centro de atividade científica. Houve inversão de foco, por isso houve mudança de sentido.

26 – B. Há uma relação de causa e consequência entre os períodos, logo usa-se o conectivo *porque*.

27 – B. Transformação perfeita de oração subordinada adverbial concessiva reduzida de gerúndio (se a oração reduzida de gerúndio vier iniciada pela preposição acidental *mesmo*, será concessiva) para desenvolvida: *Mesmo não havendo.../Embora não haja...*

28 – B. Se *a conectividade é, de longe, o maior disfarce que a solidão humana encontrou*, isso significa que nenhum disfarce de nossa solidão chegou a ser mais eficaz do que o da conectividade atual. A paráfrase explica o sentido da frase original. Veja os equívocos nas demais opções: (A) A expressão *de longe* intensifica o conteúdo semântico da oração em que se encontra, já *à distância* serve apenas para marcar a noção de espaço na oração em que se encontra. (C) Além de haver mudança de sentido, pois nada se fala de preferência no texto original, há um desvio de regência do adjetivo *preferível*, que exige a preposição *a*: *Nossa dissimulada solidão é preferível, como sempre foi, à nossa ansiedade de comunicação*. (D) O texto original nada fala de necessidade de imersão na solidão. (E) Nada se fala sobre *geral*

e efetiva conectividade no texto original, além disso nada se fala sobre superação da solidão.

29 – A. Só houve inversão na posição dos termos, o sentido não mudou. Veja os problemas das demais alternativas. (B) *Todo o = inteiro*/*todo = qualquer*; mudança de sentido. (C) O substantivo *fato* exige a preposição *de*, que, segundo a maioria dos gramáticos e das bancas, deve vir explícita antes de oração objetiva indireta ou completiva nominal. Lembre-se deste posicionamento da Consulplan, em futuras questões. Sobre o verbo *implicar* (= *acarretar*), ele é VTD, não exige complemento preposicionado por *em*, segundo a maioria dos gramáticos e das bancas. Cuidado! (D) Precisamente falando, *por meio de* e *através de* têm sentidos diferentes. O primeiro indica o meio pelo qual uma ação se realiza; o segundo indica que algo atravessou algo. Hoje em dia, usamos indiferentemente os dois, indicando a mesma coisa, mas deve-se evitar, pois assim ensinam os grandes mestres e o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*. Além disso, há um desvio de colocação pronominal em *que faz-se*, pois o vocábulo *que* atrai o pronome oblíquo.

30 – C. O verbo *dever* indica obrigatoriedade, o que mudaria o sentido de *poder*, no contexto.

31 – D. Houve inversão de termos, mas a ideia de contraste se manteve entre o fato de a educação não ser *um processo de consumo de aulas*, mas sim (= senão) de *acúmulo de conhecimento*.

32 – E. Note os conectivos concessivos iniciando as orações desenvolvidas: *Ainda que, Conquanto, A despeito de, Posto que*... Lembrou-se da dica do *mesmo*, em um dos comentários anteriores, iniciando oração reduzida de gerúndio (sempre concessiva)? Já a oração reduzida de infinitivo iniciada por *Visto* é sempre causal. Fica a dica!

33 – E. *Pela baixa qualificação dos alunos (causa), o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado (consequência)/O aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado (causa), portanto é baixa a qualificação dos alunos (consequência)*. Moleza!

34 – C. Substituição de conectivos de mesmo valor semântico e transformação de oração reduzida. A preposição acidental *Segundo* indica conformidade, assim como *Consoante*, *De acordo com* e *Em conformidade com*. Só nessa percepção já eliminamos a (A) e a (D). O erro na (B) é o uso de *conquanto*, que indica concessão, no lugar da oração adjetiva *"sendo 13.310..."*. O erro na (E) é o uso de *cujo*, que deve vir entre dois nomes estabelecendo relação de posse entre eles, o que não é o caso na opção. Por eliminação, ficamos com a (C), que se inicia, na parte final da reescritura, acertadamente com o pronome relativo *dos quais*.

35 – A. No texto original, o falante viu muita coisa não pessoalmente, e a reescrita da opção (A) apresenta o avesso disso, o que prova a alteração de sentido.

36 – B. Mera questão de sinônimos, em que *acabar completamente* é o mesmo que *aniquilar*. (A) demolir. (C) exterminar. (D) saldar. (E) apaixonar.

37 – C. Com *ou antes*, passa-se a ideia que só os *best-sellers* foram recusados, e não os clássicos e os *best-sellers*, por isso há mudança de sentido.

38 – E. Coerentemente, houve apenas mudança na posição do sujeito, *os editores*, do verbo *aprender*.

39 – C. Tanto *uma vez que* como *porquanto* são conectivos causais.

40 – A. Tanto *não obstante* quanto *apesar de* são conectivos concessivos.

41 – A. O verbo *haver*, com sentido de *ocorrer* fica na 3ª pessoa do singular, pois é um verbo impessoal. Note que, na reescritura, se manteve o mesmo modo e o mesmo tempo entre eles. Nas demais opções, houve erro de concordância (B e C) e mudança de tempo verbal (D e E).

Portfólio: Dia da Água

Escola Municipal Maria Madalena Corrêa.

Professora: Bárbara Santos.

Aluno (a): _____.

2ª. Período. Turma: B. Turno: Matutino.

Período das atividades: 18 à 21 de março de 2019.

O Vaivém da Água

Vocês me conhecem
de várias maneiras.
Como um leve vaporzinho,
quando fervo nas chaleiras.
Como um sólido cubinho,
quando vou para as geladeiras.
Como um líquido clarinho,
quando saio das torneiras.

Na natureza, estou
sempre circulando.
Com o calor do sol
me esquentando,
para o alto vou subindo
para as nuvens formar.
Mas com resfriamento,
à terra irei retornar
na forma de chuva, e,
a qualquer momento,
tudo recomeçar.

Extraído do livro *Espaço Ciências Vol. 2*
- Inara Gonçalves / Fátima Costa

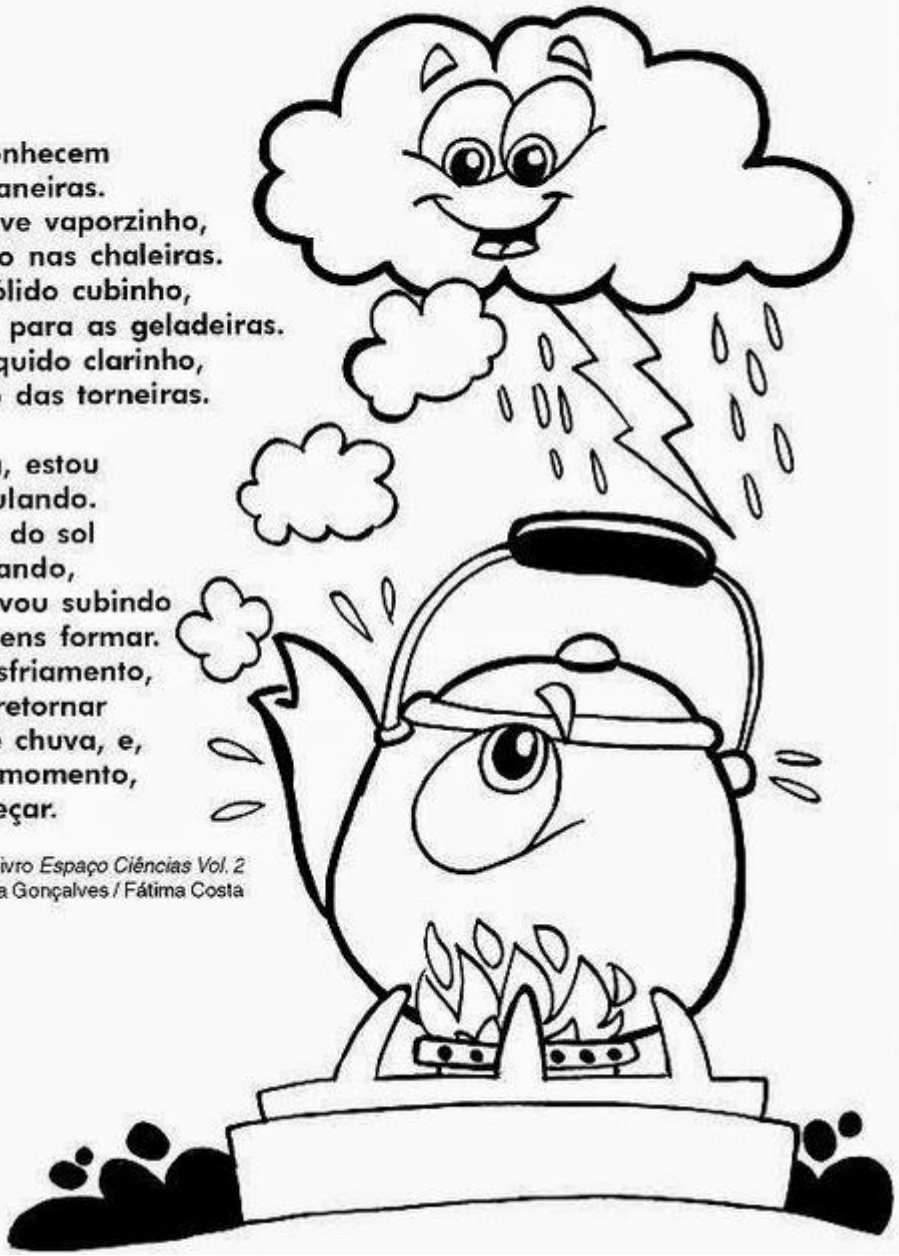

ATIVIDADES COM A MÚSICA PLANETA ÁGUA

Planeta Água

Guilherme Arantes

Água que nasce na fonte serena do mundo
E que abre um profundo grotão
Água que faz inocente riacho
E deságua na corrente do ribeirão

Águas escuras dos rios
Que levam a fertilidade ao sertão
Águas que banham aldeias
E matam a sede da população

Águas que caem das pedras
No véu das cascatas, ronco de trovão
E depois dormem tranquilas
No leito dos lagos
No leito dos lagos

Água dos igarapés
Onde Iara, a mãe d'água
É misteriosa canção
Água que o sol evapora
Pro céu vai embora
Virar nuvens de algodão

Gotas de água da chuva
Alegre arco-íris sobre a plantação
Gotas de água da chuva
Tão tristes, são lágrimas na inundação

Águas que movem moinhos
São as mesmas águas que encharcam o chão
E sempre voltam humildes
Pro fundo da terra
Pro fundo da terra

Terra! Planeta Água
Terra! Planeta Água
Terra! Planeta Água

Água que nasce na fonte serena do mundo
E que abre um profundo grotão
Água que faz inocente riacho
E deságua na corrente do ribeirão

Águas escuras dos rios
Que levam a fertilidade ao sertão
Águas que banham aldeias
E matam a sede da população

Águas que movem moinhos
São as mesmas águas que encharcam o chão
E sempre voltam humildes
Pro fundo da terra
Pro fundo da terra

Terra! Planeta Água
Terra! Planeta Água
Terra! Planeta Água

Terra! Planeta Água
Terra! Planeta Água
Terra! Planeta Água

A Água

A água das fontes, rios, mares, assim como a que sai da torneira é **líquida**.

Se o calor esquenta a água líquida, ela sobe em forma de vapor. Fica **gasosa** e se mistura no ar. Sobe e vai formar as nuvens.

O frio pode fazer a água gasosa virar novamente água líquida, na forma de gotinhas.

As nuvens são formadas por essas gotinhas, quando a água gasosa encontra o ar frio. É por isso que vemos as nuvens, embora não vejamos a água gasosa.

As nuvens produzem chuva quando as gotinhas que eram pequenas se ajuntam. As gotas de maior tamanho caem depressa para a terra.

Nos lugares onde faz muito frio, como no Pólo Norte ou no Pólo Sul, nos picos das montanhas muito altas ou no congelador da geladeira, a água fica sólida. Fica dura como um cristal.

A água apresenta-se na natureza sob diferentes aspectos.

A água que sai da torneira, que forma rios, lagos, poços, lagoas, oceanos, apresenta-se em estado **líquido**. No gelo, na neve, apresenta-se em estado **sólido**. Nas nuvens, no vapor d'água, no estado **gasoso**.

O que provoca as mudanças de estados físicos da água é a mudança de temperatura.

UTILIZAÇÃO DA ÁGUA

PINTE AS VÁRIAS MANEIRAS DE UTILIZAÇÃO DA ÁGUA EM SUA CASA.

E VOCÊ COMO COSTUMA UTILIZAR ÁGUA EM SUA CASA?..

NOME:_____

DATA_____

PINTE SOMENTE O QUE DEVEMOS FAZER PARA ECONOMIZAR ÁGUA

MOMENTO MUSICAL "PLANETA ÁGUA" - VAMOS COLORIR SOMENTE ONDE TEM ÁGUA EM NOSSO PLANETA TERRA.

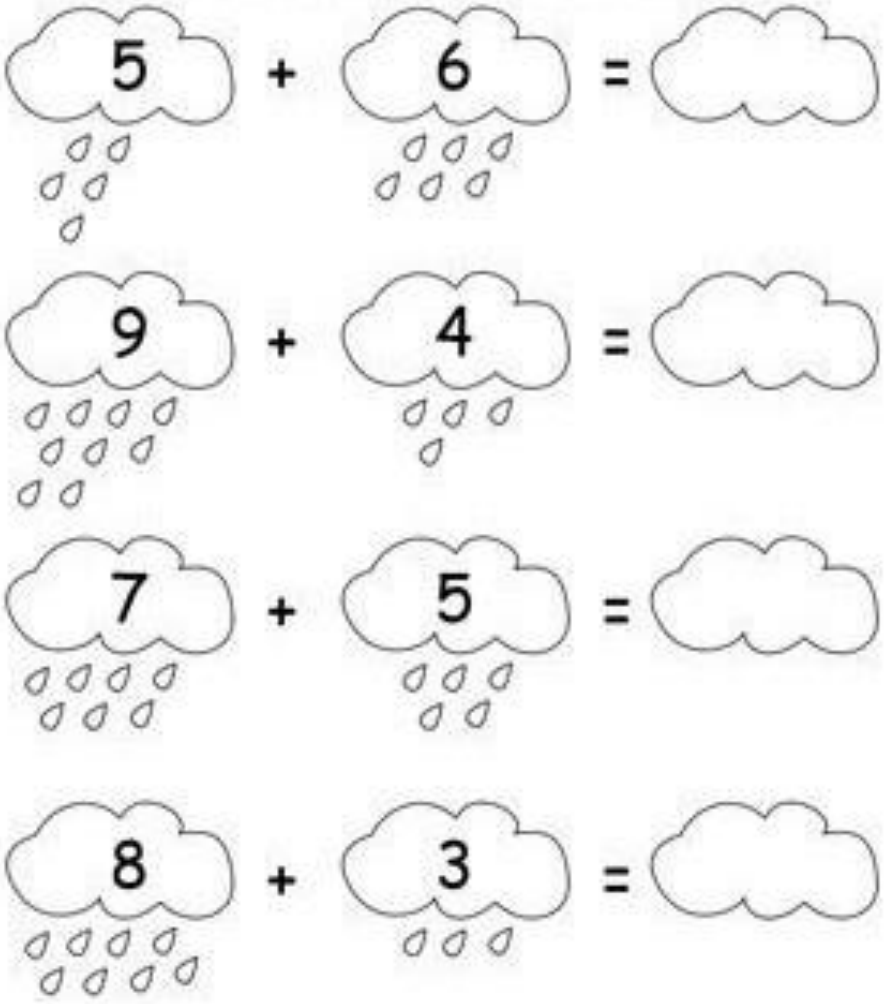

NOME:_____

DATA_____

AJUDE A MÔNICA A ENCONTRAR A PIA DO BANHEIRO PARA LAVAR AS MÃOS ANTES DE IR PARA O LANCHE!

NOME:_____

DATA_____

VAMOS AJUDAR O CEBOLINHA A CHEGAR ATÉ A ÁGUA POTÁVEL?

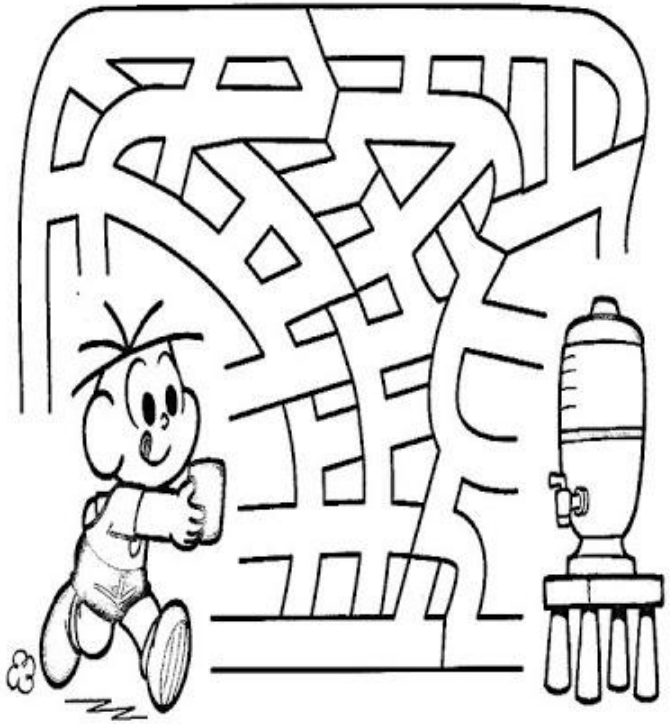

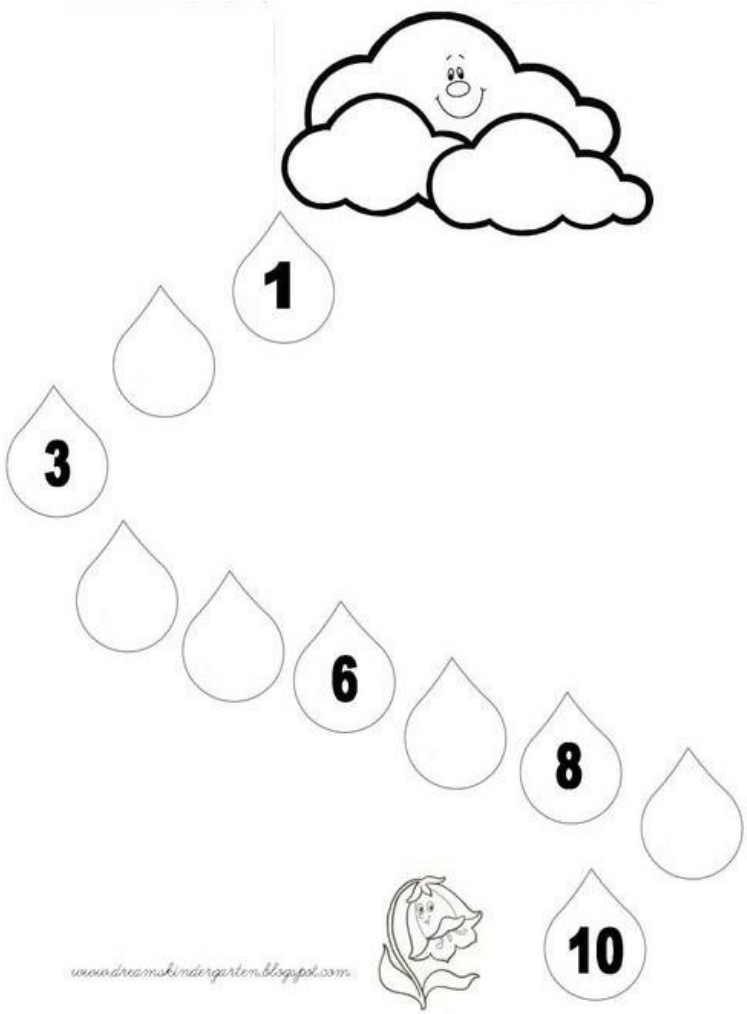

NOME:_____DATA:____/____/____

COLE PEDACINHOS DE PAPEL COLORIDO AZUL NA GOTA DE ÁGUA E ESCREVA UMA FRASE SOBRE O DIA DA ÁGUA.

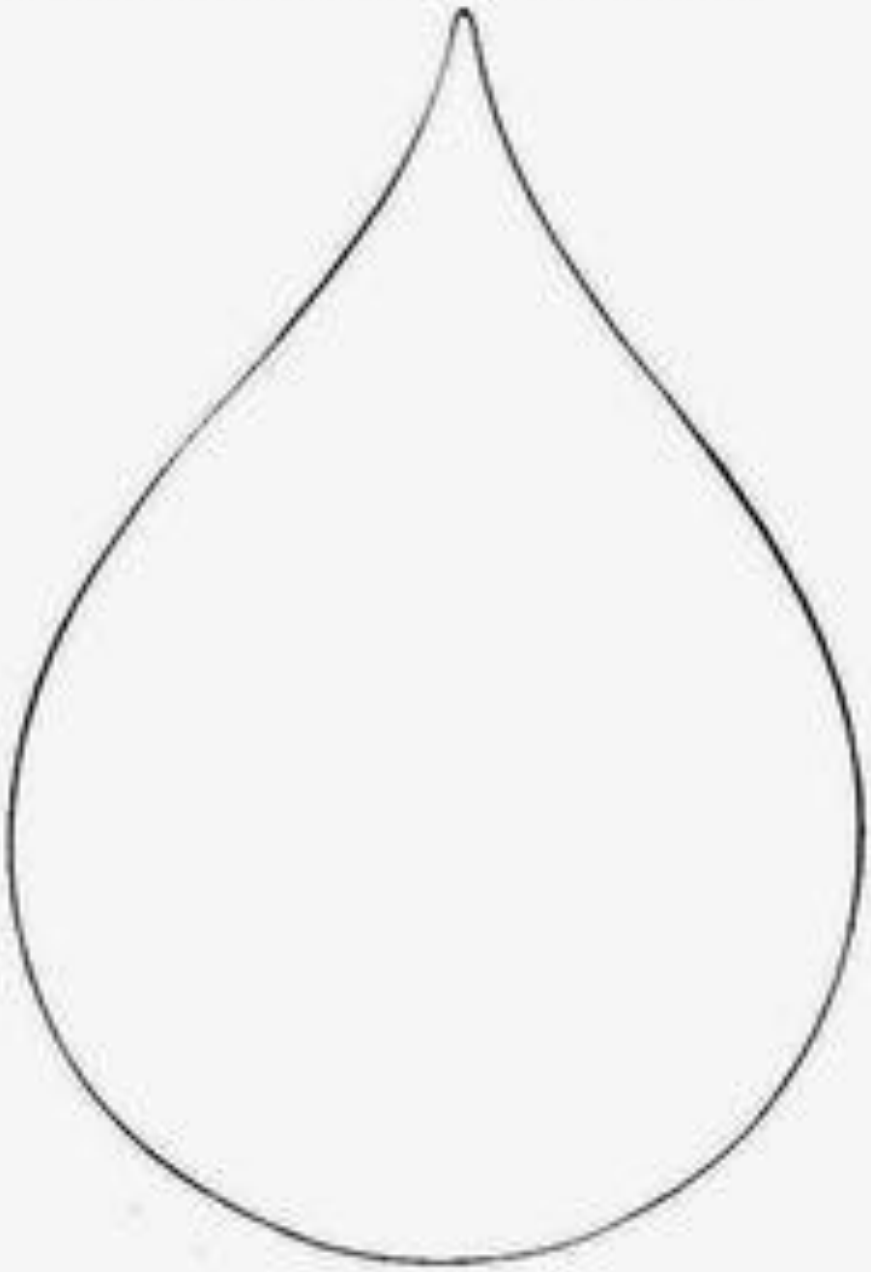

FORME PALAVRAS COM AS SÍLABAS DAS GOTINHAS.

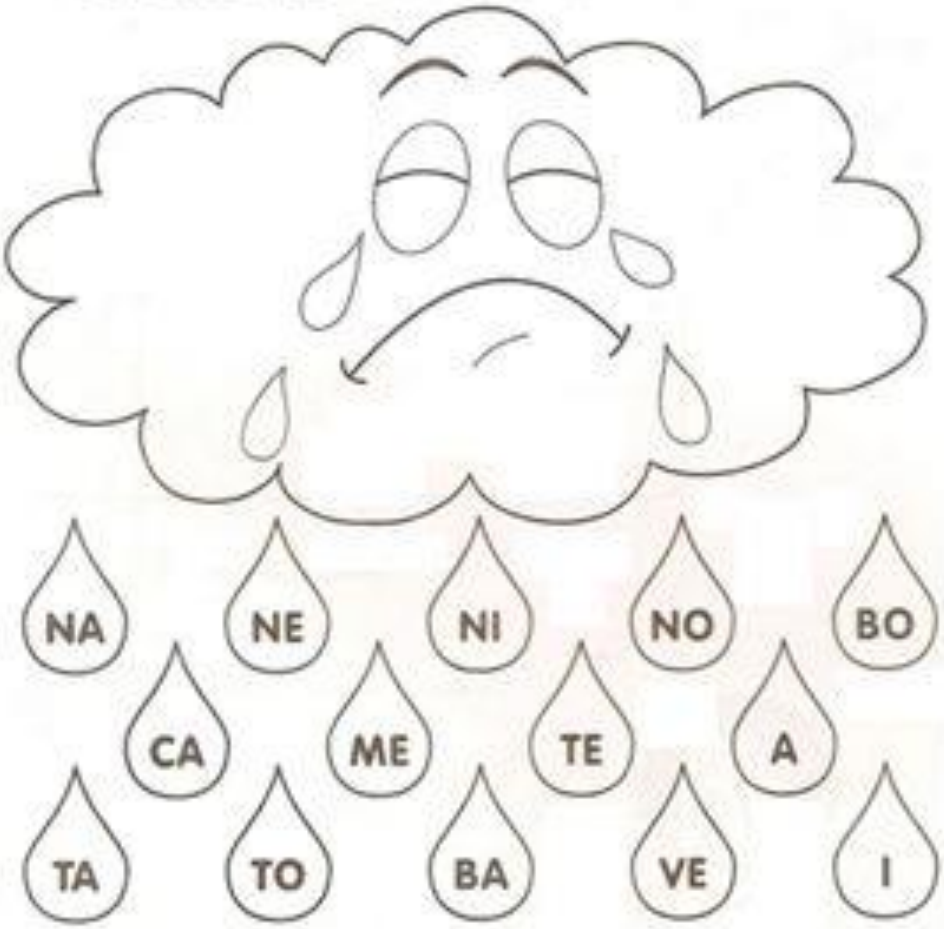

1. _____
2. _____
3. _____
4. _____
5. _____
6. _____
7. _____
8. _____
9. _____
10. _____

NOME:_____

DATA_____

VAMOS ECONOMIZAR. PINTE AS GOTINHASDE ACORDO COM

2

5

4

1

3

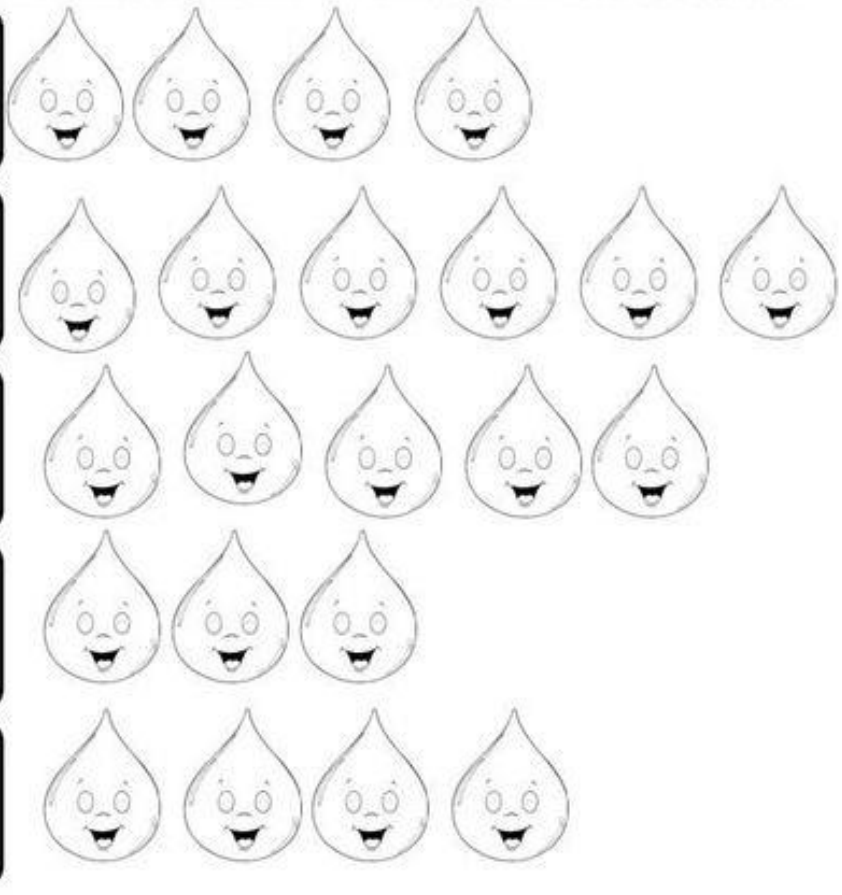

ESCREVA CADA FICHINHA NO BALÃOZINHO CERTO:

OI **AU** **UI** **EI** **EIA** **AI**

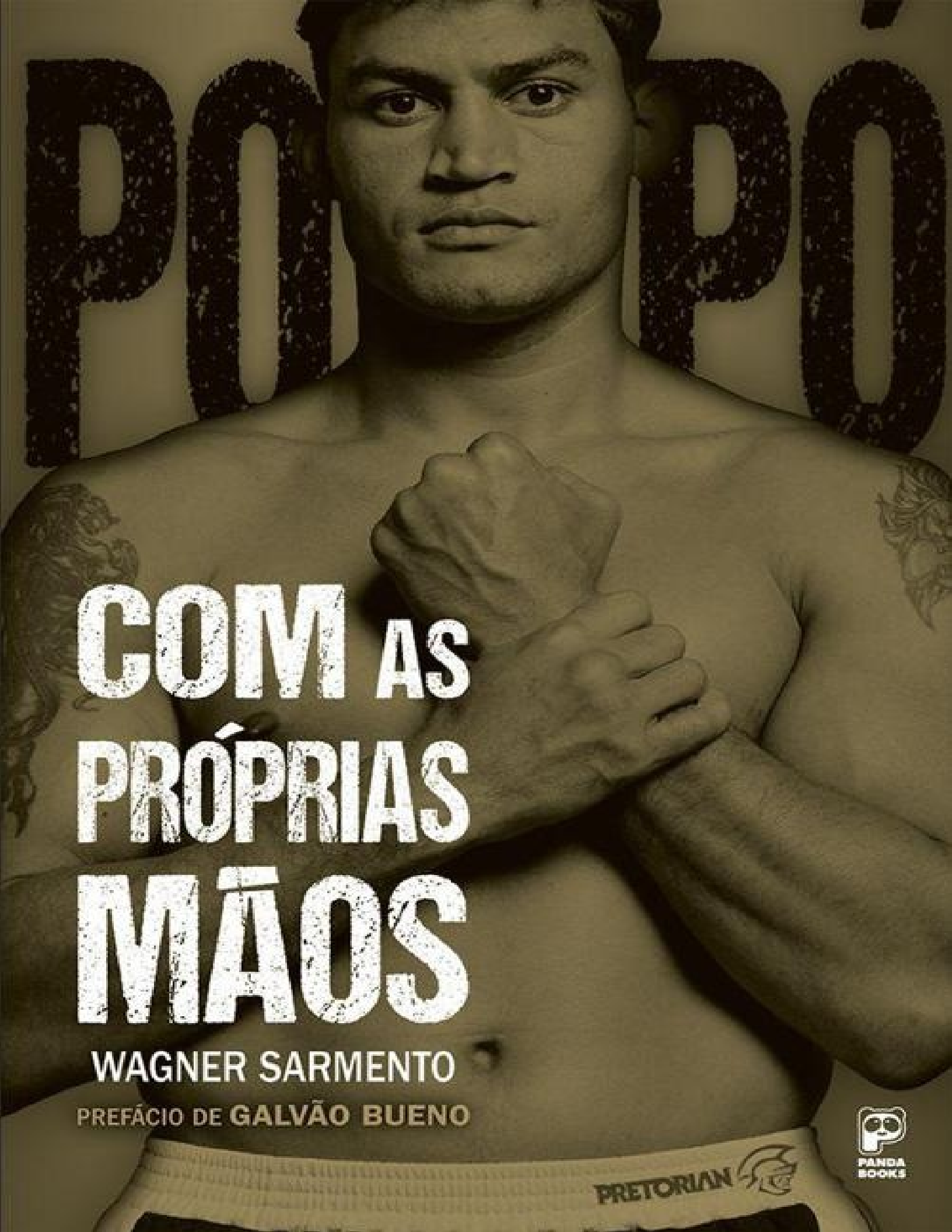
POPÓ
COM AS PRÓPRIAS MÃOS
WAGNER SARMENTO
PREFÁCIO DE GALVÃO BUENO
PRETORIAN
PANDA BOOKS

A Deus, senhor do mundo e do meu destino.
A meus pais, Zuleica e Babinha (*in memoriam*), a quem sempre procurei honrar e a quem devo tudo o que tenho e o que sou.
A meus seis filhos – Rafael, Igor, Iago, Juan Popó, Gustavo e Popozinho.
A meus cinco irmãos, em especial a Luís Cláudio, meu ídolo e incentivador.
A todos os amigos que fizeram parte desta trajetória.
Àqueles que permitiramque minha luta, dentro e fora dos ringues, seja contada e sobreviva ao tempo.
Ao povo brasileiro, que sempre esteve comigo, nas vitórias e nas derrotas, e a quem sempre busquei representar da melhor forma.
A Wagner Sarmento, por contar com maestria a minha história.
A Sóstenes Marchezine, que apostou no devaneio do livro e o fez acontecer.
Ao boxe, que me fez sonhar e realizar, viver e aprender, chorar e sorrir.

ACELINO FREITAS

A Deus, pela luz de todos os dias.
A minha mãe, Conceição, pelo amor de todas as horas.
À Débora, pelo sonho dividido e a vida compartilhada.
A Popó, pela confiança ao depositar em minhas mãos a sua história, umasaga tão brasileira e tão singular.
A Sóstenes, pela parceria incansável e a atenção inestimável.
Aos familiares e amigos que trilharam junto comigo esta estrada.

WAGNER SARMENTO

Sumário

PREFÁCIO – Bebeto
PREFÁCIO – Galvão Bueno
Introdução
Round 1 – Uma família de lutadores
Round 2 – Os primeiros rounds no esporte
Round 3 – O amador se tornou profissional
Round 4 – O mundo cabe em um cinturão
Round 5 – Um laço e um rompimento
Round 6 – Um novo time
Round 7 – A glória da unificação
Round 8 – O adeus a Babinha
Round 9 – A primeira derrota
Round 10 – O tetra e o fim
Round 11 – Sai Popó, entra Acelino
Round 12 – A redenção

PREFÁCIO

Um dia, fui à casinha da família Freitas, lá na Baixa de Quintas, a convite de um amigo que sempre me falava que eu precisava ver Popó lutando. Acelino e Luís Cláudio, o mais velho, improvisaram um ringue e fizeram uma demonstração para mim. Na hora, passou um filme.

Meu irmão Nilton amava boxe e foi a partir dele que passei a me interessar pelo esporte. Nilton hoje está com Deus e, quando vi Popó em ação, era como se o visse. Ali, Deus tocou meu coração e eu falei que aquele menino seria campeão mundial. Na hora, coloquei na cabeça que tinha de ajudá-lo.

Passei a falar dele nas minhas entrevistas e cheguei a promover um evento. Na primeira luta que vi ao vivo, Popó me deu as luvas de presente. Guardo-as até hoje. Isso não tem preço. Popó seguiu seu caminho, fez sua história e se tornou campeão do mundo quatro vezes. Ele merece tudo o que conquistou.

Muitos anos depois, a gente, já aposentado do esporte, se encontrou na Assembleia Legislativa. Foi pura emoção. As palavras de Popó me fizeram chorar na frente de todos os deputados. Popó é feito eu, um homem simples e humilde, um homem que levou o nome da Bahia
e do Brasil ao topo do mundo. É sempre um prazer e uma honra falar dele.

BEBETO,
EX-JOGADOR DE FUTEBOL, CAMPEÃO DA COPA DE 1994.

PREFÁCIO

Eu me sinto extremamente honrado com o convite de Popó para escrever este prefácio. O livro que vocês têm em mãos conta em detalhes a saga de um dos grandes campeões que o Brasil já produziu. Uma história bem brasileira, feita de golpes certeiros, tanto nas agruras de uma vida de pobreza como nos adversários do boxe internacional.

Admiro o esportista Acelino Freitas desde a luta contra Anatoly Alexandrov, um grandalhão do Cazaquistão, derrubado duas vezes no primeiro round e que Popó pôs para dormir com uma poderosa direita, que o então campeão até hoje não descobriu de onde veio. Aquela luta valeu o primeiro dos quatro títulos mundiais do nosso bom baiano. Popó desceu daquele ringue internacionalmente consagrado. Desde então, costumo dizer que primeiro fui admirador do pugilista e, mais tarde, do ser humano.

Quando o conheci pessoalmente, aquele menino pobre da Baixa de Quintas, na periferia de Salvador, já assombrava o mundo, e aqui no Brasil ocupava um lugar que, pelo menos para mim, estava vago havia mais de quarenta anos – o de sucessor de Éder Jofre. Educado, simpático e de fala mansa, Popó sempre me impressionou por sua humildade e pela maneira respeitosa com que trata as pessoas à sua volta. Para ser campeão, Popó derrotou a miséria, a mais terrível das doenças sociais, uma realidade que este livro retrata de maneira fiel e sem retoques.

Éder Jofre era fruto da classe média paulistana, vinha de uma família de pugilistas. Seu técnico era o próprio pai, Aristides Kid Jofre. Seus tios – irmãos da mãe de Éder – representavam uma das grandes dinastias do pugilismo do Brasil e da Argentina.

Com Acelino a história é outra. O filho de Zuleica e Niujalma – conhecido nas rodas da boemia baiana pelo apelido de Babinha – se formou sozinho, à custa de sua própria força de vontade. Ele procurou o boxe, esporte em que via uma possibilidade de redenção. Como bem lembra este livro, o menino Popó tanto insistiu que seu irmão Luís Cláudio – que treinava com Luiz Dórea, na época começando uma brilhante carreira de técnico – “pendurou um saco de areia em uma trave erguida em um terreno ao lado do casebre onde morava (a família Freitas) e mandou Popó socar. As luvas eram feitas de espuma de colchão amarradas com cadarço”. Foi com esses primeiros golpes que Popó começou a derrotar a desesperança para se transformar em campeão e inspiração para uma legião de jovens lutadores baianos.

Peço licença para narrar dois episódios da minha relação com Popó – um profissional e outro pessoal – que me enchem de orgulho.

Em janeiro de 2004, convidei Popó e Éder para participarem juntos do programa *Bem, amigos*, que apresento semanalmente no SporTV. Isso aconteceu em uma época em que os dois andaram se estranhando sem saber exatamente a razão, e eu vi que ali se apresentava uma rara ocasião de deixar lado a lado – ou frente a frente, para usar uma imagem do pugilismo – nossos dois maiores campeões de boxe. Não deu outra. Foi um programa alegre e emocionante, e eu me sinto um pouco “padrinho” do respeito que existe hoje entre os dois.

O outro episódio aconteceu em abril de 2010, quando recebi o título de Cidadão Soteropolitano em uma cerimônia na Câmara Municipal de Salvador. Imaginem a minha emoção e o meu orgulho de estar ali com a minha família, em meio a tantas homenagens e cercado de grandes amigos baianos, ao som dos tambores do Olodum. Pois, naquele plenário repleto, quem eu vejo sentado ao meu lado na cerimônia? Ninguém menos que o tetracampeão mundial de boxe Acelino Popó Freitas.

Esse é Popó, amigo dos amigos, dono de um caráter exemplar, um menino pobre que, quando se viu cercado de oportunidades, resolveu estudar direito para poder ajudar aqueles que não têm outra chance na vida a não ser a solidariedade dos que podem. Popó não se cansa de mostrar que pode e faz.

Obrigado, campeão!

GALVÃO BUENO

Introdução

A primeira lição é: por um filho, o pai faz qualquer sacrifício sorrindo. Promete, jura, afiança, assevera. Sua, corre, luta, se entrega. Faz de tudo para mostrar que é mesmo o super-herói em que todo rebento acredita. Popó abraçou Popozinho depois da luta e, aclamado por uma torcida barulhenta, disse baixinho: “Papai ama você”. Fez-se ouvir. Pronto, dever cumprido. Estava realizado, como boxeador e como pai. Ensinava, no ringue, valores da vida. Correu todos os riscos, mas lutou. O choro de pai e de filho era um só.

A segunda lição é: não mexa com quem está quieto. Michael Oliveira cavou a própria cova. Provocou, zombou, subestimou. Falou que ia fazer e acontecer. Tem 22 anos, está no auge da forma e nunca havia conhecido o sabor de uma derrota. Talentoso, invicto, título latino em mãos, achou que o pouco caminho percorrido e a pouca sola de sapato gasta eram suficientes para arrotar arrogância contra o maior boxeador brasileiro ao lado de Éder Jofre. Guiou-se pela típica afoiteza adolescente. Chamou Popó para a briga como o menino que, corajoso, toca a campainha do vizinho e sai correndo ou picha com giz de cera o muro do colégio. Um campeão se faz com humildade. Assim mesmo: mais clichê impossível, também mais verdade impossível. Michael devia ter apanhado de cinturão para aprender. Popó tem logo quatro.

A terceira lição é: nunca duvide de um campeão. Aposentado, meia década sem lutar, 36 anos de idade. Em longa abstinência do boxe, Popó respirava outros ares, estava acima do peso, nem de longe lembrava o boxeador de outrora quando foi desafiado. O Brasil inteiro vaticinou um vexame homérico. Qualquer comentário que não fosse passional dava como certa a vitória de Michael Oliveira. Chamaram Popó de velho, gordo, acabado, ultrapassado. Cometeram o erro fatal de registrar um tetracampeão mundial de boxe como azarão e dá-lo como morto. Jogaram a história no lixo e ignoraram o significado da palavra “superação”. Popó não adentrou o ringue apenas para vencer. As vitórias nem sempre dizem tudo. Ele entrou para ensinar, para provar que, mesmo sem precisar provar mais nada, restava um último ato de enredo imprevisível antes de fechar as cortinas.

A quarta lição é: quem sabe não desaprende. Popó parece ter passado cinco anos congelado. Voltou tinindo, jogando no ralo o vácuo do tempo sem treinar. Propalavam que ele não aguentaria mais de três rounds. Só de pirraça, o baiano esperou até o nono para nocautear. Sobrou em todos os outros. Bailou no ringue, buscou mais a luta, castigou o adversário. Quando Michael tentava algo, esbarrava em uma esquiva afiada. Parecia que o desafiante atacava em câmera lenta. Um menino em *slow motion* contra um coroa na velocidade cinco da dança do créu. E créu.

A quinta lição é: foi a aula de boxe mais cara de que se tem notícia. Custou 500 mil reais, sem contar os remédios para curar a ressaca.

Esta história começa pelo fim. O último capítulo da carreira do ex-pugilista Acelino Popó Freitas é o resumo implacável da sua trajetória. Envolveu luta, fé, descrença, sofrimento, humilhação, desconfiança, entrega, suor, batalha e redenção. Na vida foi sempre assim. O combate contra o paulista Michael Oliveira desnudou o baiano em sua essência. O mundo duvidou, Popó provou. Ação e reação. No boxe foi sempre assim.

Tive convicção da grandeza de Popó desde bem antes de mergulhar na sua história, um mar que reveza tempestade e calmaria, uma luta que vem do berço. Antes de biógrafo, fui fã. Era, até o encontro improvável, apenas um brasileiro a mais que chorou com seu retorno épico contra Michael. Inquieto, transformei a emoção em crônica. O desengasgo das palavras, aqui transcrito, foi postado em uma rede social de maneira despretensiosa em 3 de junho de 2012, um dia após a fênix saltar da mitologia para o tablado, das cinzas para o nocaute, da descrença unânime para os braços do povo.

Uma lida aqui, um compartilhamento acolá, a publicação no site especializado em lutas MMA

Magazine, e a internet engoliu barreiras com o mesmo ímpeto de um nocaute de Acelino Freitas. Na semana seguinte, a vida bateu à porta. Popó não só gostara do texto, como gravara um vídeo de agradecimento. Um gesto simples e ao mesmo tempo imenso. Ali, naqueles 18 segundos postados em um site de carregamento de vídeos, Acelino emparedou predicados – humildade e gratidão eram os mais gritantes. Na verdade, nada mais que o espelho de toda a sua trajetória.

Conheci o homem muito depois do esportista. Admirava o boxeador de mãos fatais desde anos antes, pelos combates televisionados, pela saga vitoriosa na luta pela sobrevivência e pelo estrelato que esmurrou a falta de apoio, mas passava a respeitar também o ser humano que se esconde por trás das luvas, o homem que o Brasil poderá conhecer a fundo nesta biografia.

O tempo voou. Meses depois, Popó tocava a sua vida como parlamentar, e eu, a minha, como jornalista. Caminhos distantes, independentes, desconhecidos. Como disse o poeta francês Victor Hugo, “nada é mais iminente que o impossível”. Acelino Freitas, tetracampeão mundial de boxe, me procurou para que eu escrevesse a sua biografia. Costurou essa certeza com a intuição que sempre o guiou nos ringues, sentiu que era a hora certa para fazer uso da sua direita letal. Esse é Popó, o coração como motor, a alma sem prisões, o instinto infalível.

Aceitei o convite para contar em detalhe, e com muita emoção, uma história tipicamente brasileira. A saga de um pugilista que, com as próprias mãos, nocauteou a fome, a miséria, os desarranjos familiares e uma penca de outros oponentes, dentro e fora dos ringues. Um nordestino que saiu de um barraco com menos de dez metros quadrados para ocupar o topo do mundo no esporte que escolheu e para ser reverenciado por uma nação.

round 1

Uma família de lutadores

A história de Acelino Freitas começa muito antes do seu nascimento. O ponto de partida dessa saga é o longínquo ano de 1957. Foi naquele Dia de São João, no bairro pobre da Baixa de Quintas, em Salvador, na Bahia, que Zuleica Freitas, então com 13 anos, conheceu o primeiro e único homem de sua vida, Niujalma Ferreira Jones, o popular Babinha – casado, fogoso e oito anos mais velho que ela. Estava com amigos em uma festa, tomando licor escondida – prática corriqueira e sua maior transgressão –, quando se deparou com o moreno de cabelos lisos. Ela piscou o olho, ele consentiu. Sem dizer nada, disseram tudo. Babinha, sempre afeito a exageros alcoólicos, acabou dormindo no sofá no meio da noite, após beber mais do que podia. O primeiro beijo, no rosto, aconteceu ali: ele desmaiado, ela apaixonada.

Dias depois, ambos combinaram de se encontrar em um circo. Zuleica avistou o paquera, mas disfarçou. Queria ser vista. Foi então para a fila da pipoca, bem na frente do poleiro que ele fazia de arquibancada. Não tinha dinheiro, só queria chamar a atenção. Conseguiu. Ela não se lembra do espetáculo, mas tem vívida até hoje a recordação da volta para casa, quando foi pedida em namoro. O amor ignorou as circunstâncias e subverteu os conceitos de certo e de errado. Ela disse sim a um homem que tinha mulher e dois filhos.

Todos à volta aconselhavam a adolescente a desistir de uma relação que parecia sem futuro, já que Babinha tinha fama de namorador, beberrão e desordeiro. Era um boêmio incorrigível. O coração de Zuleica foi surdo a tudo. Apostou que aquela paixão que havia começado da maneira errada terminaria no caminho certo. Tinha razão. O amanhã daria todas as respostas que o ontem não sabia.

A estrada, no entanto, foi tortuosa. Zuleica entregou-se a Babinha dois anos depois. Antônio Freitas, seu pai, descobriu que a filha não era mais moça, e isso era uma ofensa aos costumes da época. Aos 15 anos acabou expulsa de casa. Esse foi o primeiro baque em sua vida, quando se viu obrigada a ir morar com Neide Ferreira, sua futura cunhada, enquanto o namorado continuava casado – com o matrimônio em crise, mas multiplicando filhos e amantes. Zuleica chegou a ir para o Rio de Janeiro, seguindo o conselho da mãe, Dionísia Maria da Conceição, que havia se separado de Antônio e estava morando na capital fluminense. Trabalhou em uma casa de família na Vila Isabel, mas a saudade a mandou fazer o caminho de volta em apenas um mês. Não tinha onde ficar. Apesar da difícil relação entre eles, recebeu a acolhida do pai.

Zuleica tinha menos de vinte anos quando Paulo, seu primeiro rebento, nasceu. Luís Cláudio chegou três anos depois. Babinha não ajudava na criação das crianças. Sumia por meses, depois emergia do nada, para logo em seguida desaparecer outra vez. A união sofreu estremecimentos, mas ele sempre dava um jeito de amolecer o coração daquela mulher que não conseguia lhe dizer “não”. Depois de mais um “sim” ela deu à luz Orlando.

Quando Antônio morreu, em 1971, a proprietária da casa que ele alugava retomou o local. Zuleica, com três meninos nos braços, foi morar na rua. Viveu mendigando. Dormiu pelas praças e calçadas, e às vezes conseguia passar a noite na casa de algum conhecido. Babinha seguia à risca a tática de sempre: vez ou outra aparecia atrás de chamego.

Um ano depois, Zuleica recebeu a pensão do pai, ex-servidor público – menos de um salário mínimo, quantia a que tem direito até hoje. Ela então alugou a casa na qual o pequeno Popó nasceria, cresceria e se tornaria ídolo do Brasil. Com o pouco dinheiro que sobrava, comprou um fogão a querosene, alguns pratos, talheres, lençóis. Mobiliou a esperança.

O quase nada já era muito, mas ainda seria mais. Naquele mesmo ano Babinha chegou de mala e cuia para ficar, trazendo o violão e o riso. Decidiu abandonar a mulher com quem tivera, ao todo, sete crianças, para fazer de Zuleica sua esposa. Nilton foi o primeiro filho a nascer no aconchego do novo lar.

Acelino Freitas, o quinto filho homem, nasceu em 21 de setembro de 1975. Herdou o nome do marido de Neide, homenagem feita ao indivíduo que acolhera Zuleica tempos antes e que morrera havia

alguns anos.

Dos cinco meninos, o caçula era o que mais mamava. O apelido Popó, que carregaria pela vida e seria marca inconfundível no esporte, derivou do barulho que fazia quando sugava o leite materno, o que se manteve até por volta dos cinco anos de idade. É dessa mesma época o mais remoto documento fotográfico de Acelino, a imagem desbotada de uma criança subnutrida, mas feliz. A foto – motivo inusual de festa e momento que juntou toda a família – revela um Popó de cabelos penteados e barriga de fora, denunciando que a camisa, herdada dos irmãos, já não lhe cabia mais. Zuleica guarda o antigo retrato como um tesouro. Costuma dizer, com seu palavreado típico e original, que nunca viu filho de preto nascer loiro. Os registros são raros, quase inexistentes. Na falta de dinheiro até para comer, fotografia era artigo dispensável.

Popó, assim como os outros, nunca teve berço. Dormia em um colchonete de não mais de quatro centímetros de espessura, forrado com papelão e jornal. Dividia o espaço diminuto com os quatro irmãos. O carinho da mãe compensava a falta de conforto. Zuleica sempre os cobria depois de dormirem para que não se resfriassem.

Um lençol surrado funcionava como parede, que separava a meninada do casal. Eles, sim, tinham uma cama: um colchão velho equilibrado entre caixotes de cebola. Na hora de “fazer ousadia” – eufemismo da mulher para o sexo –, eles aproveitavam os momentos em que os garotos não estavam em casa. Zuleica, com o choro tão fácil quanto o riso, se diverte ao recordar todo o sufoco e as aventuras.

O casebre dos Freitas tinha menos de dez metros quadrados e apenas um cômodo, era um dos mais pobres do bairro. O lugar não tinha energia elétrica nem água encanada, e a família fazia as necessidades no quintal. De tão baixo, quem andava descuidado e esticado batia a cabeça no telhado. O piso era de terra. As paredes, erguidas com madeira e arame e vedadas com massa de barro, não resistiam à chuva – o reboco caía e a água molhava tudo. No morro, uma encosta atrás do barraco ameaçava ruir sempre que o temporal engrossava. Popó chorava. Tirar a família dali foi o sonho que habitou sua mente desde menino, muito antes de o boxe surgir em sua vida.

Popó foi criado em um ambiente instável. O amor disputava cada palmo do caminho com a hostilidade. Babinha, figura central na trama familiar, era um poço de contrastes: conseguia ser amistoso e agressivo, presente e distante, necessário e dispensável. Alcoólatra, a bebida o transformava e ele descontava a embriaguez em Zuleica. Não foram poucas as vezes que Acelino presenciou o pai batendo na mãe. Empurrões, socos, chutes. Até hoje guarda na memória as cenas que, ao longo da vida, tentou – mas não conseguiu – esquecer.

Mesmo assim, os filhos ainda são apaixonados pelo pai e asseveram que era o álcool que o estragava. E a mãe deles nunca fez uma denúncia à polícia, pois o amor sempre vencia. Em um tempo em que a falta de esclarecimento imperava, ela entendia, aceitava. Simplesmente amava.

Zuleica era pai e mãe. Tinha a responsabilidade de sustentar a casa, criar e alimentar os filhos. Fazia faxinas, cortava cabelo e cozinhava para fora. Não rejeitava os trabalhos que surgiam. Ela nunca calçou luvas, mas é a maior lutadora da família Freitas. Guerreira. Babinha de vez em quando se atrevia a pescar, mas gastava tudo com cachaça. Fazia também apostas no jogo do bicho, mas o trocado era direcionado a farras. Quase nunca levava dinheiro para casa.

Ele passava noites e noites sem aparecer, mergulhado em bebedeiras. Popó algumas vezes se revoltava e decidia ir buscá-lo. Rodava a Baixa de Quintas à procura do pai e não voltava sem ele. Babinha era fácil de ser encontrado: estava sempre a uma mesa de bar, o violão no colo, entre uma roda de samba e um punhado de mulheres. De vez em quando se metia em alguma briga. A bebida aflorava o que havia de pior nele. Batia errado, mas batia bem. Pode-se dizer que ele foi o primeiro pugilista da família. Chegou a lutar por dinheiro, em ringues improvisados sobre o asfalto. Popó espiava o pai.

Babinha não gostava quando Acelino chegava para levá-lo para casa. Tinha vergonha de se ver, diante dos amigos, subjugado por uma criança. Mandava Popó se afastar e esperar alguns metros

adiante, escondido de todos. Jogava conversa fora, disfarçava alguns minutos e saía de fininho, cantarolando com o filho, que sempre fora o seu xodó.

Uma vez, quando Popó tinha somente cinco anos, Babinha ultrapassou os limites do bom senso e resolveu dar cachaça à criança. Um vizinho viu pai e filho cambaleando alegres pelo bairro e correu para avisar Zuleica, que estava na estrada da Rainha fazendo o cabelo de uma cliente. Quando ela chegou em casa, Popó estava todo vomitado. Deu uma bronca homérica em Acelino, reforçada por algumas palmadas, e proibiu o filho de sair com o pai. Não ousou reclamar com Babinha, por saber que não daria mesmo jeito no marido – e ainda corria o risco de apanhar.

O dinheiro da família sempre foi curto e não dava conta de tantas bocas. Acelino chegava a passar o dia com um mingau no estômago. Às vezes nem isso. Popó e os irmãos, quando não tinham com o que se alimentar em casa, vagavam pela vizinhança à procura de um prato de comida. Uma das que mais ajudavam era Virgínia Santos, dona de um grande coração. Pedia a Acelino que fosse à padaria comprar os pães que desejava e, em troca, lhe dava o jantar. Noutras vezes, a meninada sentava em um banco de madeira em frente a sua casa enquanto Zuleica estava fora, trabalhando. Virgínia escutava o murmurinho e já sabia. Aparecia com algo para comer e suco. Festa geral.

Paulo, o primogênito, quando tinha oito anos foi morar com a tia, Creuza Maria da Conceição, para aliviar um pouco a situação da família. Teve educação, comida farta e uma cama para chamar de sua. Deixou para trás dias difíceis. Podia-se dizer que era um privilegiado. Nada, entretanto, preenchia o vazio de ter sido afastado do convívio familiar.

Valoriza ter tido a chance de estudar, e hoje sabe ler e escrever. Paulo sabia de todas as dificuldades enfrentadas pelos pais, entendeu que Zuleica queria algo melhor para ele, mas sofreu com a separação. A dor aumentou quando seus tios começaram a fazê-lo de empregado. Paulo tinha de lavar pratos, varrer a casa, fazer o que lhe instruíam; caso contrário, apanhava. Aos 14 anos fugiu de lá e retornou ao casebre dos Freitas. Voltou para dormir no chão, voltou para às vezes não ter o que comer. O que importava era tornar a fazer parte da família.

Luís Cláudio, o mais velho dos filhos que permaneceram com Zuleica, diante da falta de Babinha, acabou se arrogando o papel de pai. No afã de ajudar na renda familiar e desafogar um pouco a sobrecarga nos ombros da mãe, passou a catar e vender ferro-velho, entregar jornais, fazer jogo do bicho e carregar pilhas de tecido em uma confecção.

Assim que chegava em casa, exausto, ainda preparava em um antigo fogareiro o mingau de Popó, à base de farinha, água e açúcar. Em seguida, dava banho em Acelino e o punha para dormir. Luís Cláudio sempre foi muito mais que irmão. A lembrança traz a certeza de que preencheu a lacuna deixada por Babinha. Ele conta que o pai saía de casa, bebia demais, fazia besteiras, agredia a mãe, pouco ajudava, mas garante que todos os irmãos sempre o amaram. Chegou a levar um murro no olho, mas não guardava mágoa. Responsabilizava a bebida pelo descontrole.

Certo dia, sem ter roupas para usar, Luís Cláudio vestiu uma peça íntima da mãe que acabou lhe cabendo como bermudas. Amarrou com uma corda e saiu disfarçando. Os moleques na rua logo descobriram a farsa e inventaram o apelido que ele carrega – a contragosto – até hoje: Calçolinha!

Noutra vez, ele levava às costas o irmão Nilton, que nascera com um problema nos membros inferiores – a deficiência seria corrigida mais tarde, após algumas cirurgias, graças à insistência e à teimosia de Zuleica –, quando os vizinhos atiraram pedras no garoto e caçoaram dele, chamando-o de “pé torto”.

Luís Cláudio enraiveceu-se e partiu para cima dos moleques, mas apanhou feio. Voltou para casa cheio de hematomas. A cena se repetiu um sem-número de vezes. Popó via tudo de longe e nada podia fazer, pois nem tamanho tinha. Babinha cobrava reação. Zuleica mandava o filho parar de brigar. Nessas horas, ninguém se entendia.

Ainda um garoto de dez anos de idade, Acelino também passou a fazer bicos para complementar o

orçamento da família. Perambulava de porta em porta pedindo para recolher o lixo. Ganhava um trocado, um prato de comida, outras vezes um simples “não”. Em muitas ocasiões Popó foi destratado, os constrangimentos e as humilhações eram frequentes. Apesar de tudo, ele insistia, batalhava, não se dava por vencido.

Trabalhou também como borracheiro, como ajudante de carpinteiro, como servente de pedreiro. Orgulha-se de ter ajudado a fazer o forro da paróquia Nossa Senhora da Luz, no bairro litorâneo da Pituba, na capital baiana. Os bicos não rendiam mais que trocados, que sempre eram repassados a Zuleica.

O pouco que recebia ajudava a desafogar a escassez em que vivia a família, mas o trabalho prematuro engolia a sua infância. Chegou a ter bolinhas de gude e um carrinho de rolimã feito por ele mesmo, mas somente depois de adulto é que conseguiu ter bicicleta e videogame. Popó confeccionava as próprias sandálias, com borrachas velhas e cordas colhidas no meio da rua. Nutria o sonho de ter um par de Havaianas. Não só teria o calçado, como seria garoto-propaganda da marca anos depois. Antes disso, no entanto, ainda havia muita sola a ser gasta. Na mesma época nasceu Jaqueline, a sexta filha de Babinha e Zuleica, a única mulher da vasta prole do casal.

A criatividade garantia o divertimento da família. Orlando, também conhecido pelos apelidos de Tonny e Tintim, sempre foi apaixonado por dança e canto. Uma vez, decidiu participar de um show de calouros realizado no Centro Social Urbano (CSU), com um número em que imitava Michael Jackson. Os aplausos da plateia instigaram Orlando a criar um *cover* do grupo Menudo, uma *boyband* porto-riquenha que se tornou febre na América Latina na década de 1980.

O grupo Sabor – também conhecido como Freitas Brothers, nome também adotado pelos irmãos pugilistas – tinha Tonny, Kal (nome artístico de Luís Cláudio) e mais três amigos, Léo, New e Nal. Popó, muito novo e tímido, não integrava a banda, mas fazia sua parte para ajudar: ele corria pelas ruas esburacadas da Baixa de Quintas e da Caixa D’Água divulgando a atração. Eles ganharam fama na comunidade, foram chamados para algumas entrevistas, eram tocados em rádios comunitárias, chegaram a fazer shows, mas o sucesso foi local, limitado. A recordação rende risadas estridentes.

O boxe, até então, passava bem longe dos devaneios infantis de Acelino. Popó compartilhava os mesmos anseios dos outros meninos pobres da sua idade – fazer sua vida no futebol. Jogava no time do bairro como atacante e o futebol o divertia, mas não saciava. Popó venceria pelo esporte, chegaria ao topo por meio dele, mas não da forma que imaginava no início.

Não muito depois ele trocou o campo de terra batida pelo ringue, as chuteiras pelas luvas, o gol pelo nocaute. O boxe foi apresentado a Acelino pelo irmão que também era pai, amigo, ídolo e referência. Luís Cláudio era adolescente quando descobriu o esporte. Passava em frente à Escola Parque, no bairro de Caixa D’Água, em Salvador, e um treino de boxe que transcorria no local chamou a sua atenção. O rapaz pegou a ficha de inscrição, mas o valor da mensalidade era um empecilho quase intransponível; ele ganhava pouco e ajudava em casa: as três refeições diárias – café, almoço e jantar – ainda eram um sonho distante, quase nunca alcançado.

Teve então a ideia de pedir dinheiro emprestado a Paulo, que também faturava uns trocados, mas, como ainda morava com a tia, não tinha gastos. Paulo ficou desconfiado. Chegou a imaginar que o irmão estivesse endividado por causa de drogas. Depois de bom sermão, recebeu a garantia de que nada tinha a ver com isso, embora com respostas vagas e incompletas. Mesmo assim, o primogênito lhe emprestou a quantia. Seis meses de aulas estavam assegurados e o interesse pelo boxe foi logo descoberto. Paulo, em vez de repreender o irmão, seguiu o seu exemplo.

Depois dessas aulas, Luís Cláudio pediu para treinar com o então pugilista Luiz Dórea, que o mandou comparecer à academia do Esporte Clube Bahia, na Fonte Nova. O novato, logo de cara, recebeu uma missão das mais inglórias: foi escalado para fazer luva – termo que significa realizar um treino aberto de troca de golpes – com um dos lutadores mais experientes da academia. Seu oponente

tinha um cartel com mais de vinte duelos, então ele apanhou até não poder mais. Fora do tablado recebeu um golpe ainda mais doloroso. Ouviu do técnico Gilberto Oliveira que não levava jeito para o esporte e deveria tentar outro caminho na vida. Foi expulso da academia. Ouviu tudo sem dar um pio. Não insistiu nem contestou. Precursor dos irmãos Freitas no boxe, ele sofreu a queda, mas se reergueu antes de o juiz abrir a contagem. A história da família é assim mesmo: um misto de dificuldade, insistência, sofrimento e redenção.

Luís Cláudio foi literalmente à luta. Luiz Dórea – que por causa da opinião de Gilberto não era, a princípio, simpático à ideia de ver o rapaz treinando – havia viajado para o exterior para a disputa do Campeonato Mundial de Boxe e essa foi a brecha que encontrou. Aproveitou a chance e pediu a um conhecido que treinava com Dórea para ter aulas gratuitas na academia Triathlon, na Graça, bairro nobre da capital baiana. Teve então a licença para o sonho que mudaria a sua vida e, por tabela, a de Popó também.

O caminho não seria fácil. Luís Cláudio destoava dos outros alunos, não tinha tênis, luvas, roupas adequadas, nada. Ficava com vergonha quando observava os “barões” paramentados com seus apetrechos de marca. Despido de quase tudo, cansou de se diminuir. A única forma de mudar aquela realidade era treinando duro para talvez entrar na história daquele esporte.

A academia ficava a aproximadamente dez quilômetros da Baixa de Quintas e, sem dinheiro para ir e voltar de ônibus, o único jeito era correr todo o percurso. Descalço. Muitas vezes subia ao ringue com os pés em carne viva.

Sua privação sensibilizou o proprietário da academia, Rubens Soares, mais conhecido como Rubão, que o presenteou com um par de calçados para as aulas. Pouco importava àquela altura que os tênis fossem 42 e Luís Cláudio calçasse 39, três números a menos. O aspirante a pugilista preencheu o espaço vazio com papel e resolveu o problema. Não precisaria mais correr descalço no asfalto quente, no percurso entre a sua casa e a academia. A lembrança dos tempos árduos e do gesto de Rubão comove o mais emotivo dos seis filhos de Babinha e Zuleica.

Popó, até então, ainda não havia entrado para o boxe, mas já se encantava. Chegava a matar aulas para ver o irmão treinando. Luís Cláudio foi o primeiro – e o maior – ídolo de Acelino no esporte. Interessado cada vez mais pela modalidade, e sem ter televisão em casa para assistir às grandes lutas da época, Popó se virava do jeito que podia: qualquer janela aberta na vizinhança com um aparelho de TV ligado era chamariz para o menino cujos olhos brilhavam diante do ringue. Acelino perdeu as contas de quantas vezes não foi bem recebido. Mesmo assim ele pagava o preço.

Foi persistindo que passou a conhecer lendas do boxe como o norte-americano Sugar Ray Leonard – que ostenta um cartel de 36 vitórias, 25 delas por nocaute, três derrotas e um empate, lutou de 1977 até 1997 e foi campeão em seis categorias – e o peso-pesado brasileiro Adilson Rodrigues dos Santos, o Maguila – que lutou de 1983 a 2000, chegou a enfrentar Evander Holyfield e se aposentou com 77 vitórias, 61 delas por nocaute, sete derrotas e um empate.

O duelo mais marcante que espiou em uma televisão da vizinhança foi o disputado entre Sugar Ray Leonard e Marvin Hagler, em 6 de abril de 1987. Popó tinha apenas 11 anos e estava encantado. Sugar venceu por decisão dividida o título dos pesos-médios do Conselho Mundial de Boxe (CMB).

No dia em que viu, por outra brecha qualquer, um cinturão do Mundo Hispano ser erguido após uma luta, a dúvida deixou de habitar o imaginário de Acelino Freitas. Deu lugar à certeza total e irrevogável de que seu caminho calçava luvas. Jurou que um dia aquele cinturão seria seu. E com muito sangue e suor lutaria para cumprir a promessa que fizera a si mesmo.

O destino promoveu a primeira luta de Luís Cláudio. O ano era 1988. O jovem, então com 19 anos, estava na arquibancada do ginásio de esportes Antônio Balbino, o Balbininho, na Fonte Nova, para assistir a um evento de boxe. Acompanhado da namorada, chupava uma laranja despreocupado quando um convite inesperado fez seu coração palpitar. Ele foi chamado às pressas para encarar Killer – apelido

autoexplicativo –, invicto havia dois anos e representando a academia de Gilberto Oliveira, o mesmo que asseverou que não vingaria no boxe.

Luís Cláudio taparia o buraco deixado por um colega da Triathlon que não pôde lutar. Nem se deu tempo para pensar, o “sim” foi dito no susto. O sonho de adentrar o ringue do Balbininho se concretizava por obra do acaso. Ele conseguiu roupas e luvas emprestadas e foi da arquibancada à arena, sem passar pelo vestiário, sem treinamento prévio, sem estudar o oponente. Somente cara e coragem. Gilberto desdenhou. A torcida zombou. Popó, de longe, não acreditava no que via. Arrebatado, passou a torcer. Babinha, mais afastado, pôs-se a vibrar. O espanto era geral.

Se o representante da família Freitas nem sequer teve tempo de titubear na resposta ao desafio que caiu do céu, Killer não teve tempo de reação. Após um primeiro round morno, no qual o favorito aplicou alguns *jabs* que não fizeram estrago, Luís Cláudio entrou no segundo assalto para decidir. Um golpe certeiro rasgou o rosto do oponente. Com o ferimento, o juiz se viu obrigado a interromper o combate, dando a vitória ao azarão por nocaute técnico. Os olhos do irmão de Popó buscavam Gilberto, buscavam se certificar de que o técnico não havia ficado sem resposta. Killer não aceitou a derrota. Antes de se dirigir ao chuveiro tentou partir para cima do adversário, aos gritos. Acabou contido por seguranças.

O corte no rosto não só tirou Killer da luta como também, por decisão médica, o deixou fora do Campeonato Norte-Nordeste. Outro convite caía no colo de Luís Cláudio. No dia seguinte ao duelo ele – até pouco tempo antes renegado – era nada menos que o representante baiano na competição da categoria peso-mosca. O irmão de Acelino organizou-se do jeito que deu e conseguiu o improvável: sagrou-se campeão.

Um pouco antes ele já havia acertado as contas com os vizinhos que o espancaram, que ofenderam seu irmão Nilton e que ridicularizaram a pobreza de sua família. Toda vez que se deparava com algum de seus desafetos, provocava uma briga e descontava a opressão sofrida. Vingou-se de um por um, sob a torcida e as gargalhadas entusiasmadas de Acelino.

round 2

Os primeiros *rounds* no esporte

Para Popó, não era tarefa fácil comparecer todo dia à Escola Estadual Leopoldo dos Reis, na Baixa de Quintas. Usava calças velhas sem zíper e calçava as sandálias artesanais que confeccionava. Utilizando os livros que a escola distribuía, equilibrava-se entre a necessidade de estudar e a de sobreviver. Quando aprendeu a ler e a escrever, esta foi uma de suas primeiras anotações: “Popó campeão mundial”. Seria um sonho com ares de premonição ou apenas delírio de menino?

Acelino tinha entre 11 e 12 anos de idade quando deixou de ser espectador para se tornar ator no boxe. Luís Cláudio finalmente dera ouvidos aos apelos do irmão mais novo. Pendurou um saco de areia em uma trave erguida no terreno ao lado do casebre em que moravam e mandou Popó socar. As luvas eram feitas de espuma de colchão amarradas com cadarço. O primeiro golpe que aprendeu foi o *jab* de esquerda. O irmão repassava as orientações gerais e o dom natural de Acelino tratava de dar prosseguimento de um jeito próprio. Começava ali, no improviso, uma narrativa que alçaria o caçula dos cinco filhos homens da família Freitas ao protagonismo do boxe mundial.

Popó tinha 14 anos quando foi levado para treinar na academia Botafogo, situada no bairro de mesmo nome em Salvador. Boxeava gratuitamente, graças a um projeto social voltado para menores carentes. O primeiro “cinturão” que ganhou foi um cachorro-quente. Acelino viu seu irmão Paulo apostar um sanduíche com o pai de um garoto que era o maior destaque da academia Botafogo. Popó, recém-chegado à academia, ficou sem entender bem a situação mas lutou. No ringue da Botafogo, castigou o colega de treinos até não poder mais. Ganhou o *sparring* sem maiores embaraços e, como premiação, faturou o lanche. Enquanto se deliciava com o cachorro-quente, reforçava o convencimento: o boxe seria seu ganha-pão.

Em 1990, Acelino passou a fazer parte do time da Champion, academia inaugurada naquele ano por Luiz Dórea e Luís Cláudio. Embora no início Dórea fosse reticente em relação ao futuro de Luís Cláudio no boxe, dada a desconfiança do técnico Gilberto, eles se aproximaram nos treinos e a amizade floresceu. Dórea, que se aposentou como pugilista um ano antes, em 1989, assumiu a função exclusiva de treinador na academia que abriram nos fundos de sua casa no bairro da Cidade Nova, em Salvador.

Não tinham dinheiro nem para comprar um ringue. Apelaram para a criatividade de Luís Cláudio, que revezava o uso das luvas com a pá e o cimento. Perfurou o chão, implantou quatro canos e os encheu de concreto. Deu tão certo que, anos depois, a sede da Champion mudou-se para um imóvel vizinho, bem mais espaçoso e moderno, mas o primeiro ringue – aquele no qual Popó começou como amador – continua lá: cordas frágeis, algumas soltas, mas imperecível. Um templo da história do boxe brasileiro.

A entrada de Popó na Champion ocorreu na ausência do irmão, que estava em São Paulo disputando o 45o Campeonato Brasileiro de Boxe Amador, do qual sairia campeão após vencer na final o paraense Paulo Guedes – no ano anterior, em 1989, Luís Cláudio já havia conquistado o título na categoria peso-mosca contra o paulista Edevaldo Almeida, também em torneio disputado em São Paulo.

Em meio à competição amadora na capital paulista, Popó foi até a academia para saber se Dórea tinha alguma notícia do irmão. Puro pretexto. Aproveitou para perguntar se podia treinar lá. Ele disse sim ao adolescente, e essa foi uma resposta que mudaria o rumo da sua história.

Popó se viu transformado por aquele esporte. Era aluno dedicado, bom em matemática, mas não conseguia pensar nos estudos mais que o necessário. Quando as aulas terminavam, também ignorava os chamados dos colegas para bater bola. O baba, a gíria baiana para pelada, já não o tentava mais. Corria, ainda de uniforme, para treinar boxe. Sabia que sua redenção estava ali. Sabia que a glória era fruto de talento, mas também de esforço. Não tardaria a abandonar a Escola Estadual Leopoldo dos Reis para se dedicar apenas à luta. Acelino parou de estudar na 4ª série, uma decisão que não aconselha pelo risco que apresenta. Na época, achou necessário abrir mão de um leque de perspectivas para apostar em um caminho.

Nos dois primeiros meses, Popó apanhou de todo mundo. Ainda engatinhava no esporte e não

dominava as técnicas necessárias para sobrepujar os colegas de treino. Luís Cláudio não aguentava ver o irmão naquela situação. Nervoso, esperava sua vez de fazer luva com os mesmos pugilistas e então descontava neles a sua raiva.

Do terceiro mês em diante, no entanto, a mão de pedra que seria a assinatura de Acelino começou a despontar. Luís Cláudio diz que, quando menos se deu conta, Popó passou a espancar qualquer um que aparecesse pela frente. Dórea reforça que a evolução do menino impressionava. Ele chamava a atenção pela técnica, pela habilidade e, claro, pela mão pesada, seu diferencial desde cedo.

Acelino, na época com 1,58 metro de altura, pesava 52 quilos e baixava para 48 para lutar na categoria mosca ligeiro do boxe amador. O sacrifício para atingir o peso necessário sempre fez parte da vida de Popó, que na época não tinha acompanhamento nutricional. Parava até de tomar água algumas vezes. Enfraquecido, chegava a ficar de cama.

Quando a fome rompia o limite do suportável, Acelino desaparecia por alguns minutos. Zuleica o flagrava, vez ou outra, chupando uma pedra de gelo escondido. O drible na dieta mostrava que Popó já não aguentava mais. A boca seca, o estômago vazio, e apenas um pouco de gelo para aliviar. A mãe pedia que ele desistisse do esporte, mas nada contava a Luís Cláudio, responsável por fiscalizar a preparação do irmão.

Zuleica acompanhava, desde anos antes, o sofrimento do filho para perder nove quilos antes de cada luta. Não queria que o mais novo fosse pelo mesmo caminho. Luís Cláudio não discutia com a mãe. Suas únicas palavras eram “Deus sabe o que faz”.

Já Babinha volta e meia brigava com Zuleica por causa disso. Batia o pé e apoiava o filho, qualquer que fosse a sua escolha. Na verdade o encorajava – vencer na vida pelo boxe era um sonho a acalentar.

***

Luís Cláudio, somando conquistas, passou a ser patrocinado por uma marca de leite. Ganhava por mês um salário mínimo e caixas da bebida láctea. Resolveu dar um pouco de conforto à família e instalou energia elétrica no barraco, puxando uma gambiarra e dividindo a conta com uma vizinha. Adiante ele comprou uma televisão em preto e branco. Acelino não precisaria mais mendigar a tela da TV na vizinhança. Quando ligou o aparelho pela primeira vez, deu de cara com um desenho animado do qual se tornaria fã: *Papa-Léguas*.

***

Popó, aos poucos, aprimorava a técnica e juntava peso nas mãos, sobretudo a direita – dela sairiam os diretos, sua marca registrada. A maior inspiração de Acelino estava dentro de casa: Luís Cláudio. Mike Tyson e Sugar Ray Leonard eram outras referências. Mesmo assim, ainda iniciante já tinha a certeza de que não precisava imitar ninguém. Bastava ser Popó.

Nessa época nenhum colega queria fazer luva com Acelino na academia. Um faltava, outro alegava indisposição, fulano se dizia doente, beltrano corria argumentando alguma pendência a ser resolvida na rua. Valia tudo para se esquivar dos inevitáveis hematomas. Esses colegas eram os mesmos que antes batiam em Popó. A situação era outra.

Precoce, Acelino não custou a se tornar campeão: ele tinha apenas 14 anos quando aceitou disputar e venceu o Campeonato Baiano. Como um presente, a grande final foi em 21 de setembro de 1990, dia do seu aniversário.

Nesse certame Acelino teve o patrocínio da Jorginho Flores, o primeiro incentivo financeiro de sua carreira, conseguido graças à intervenção do amigo Marquinhos Nambu. Recebeu cerca de 150 reais por estampar na sua camisa a marca da floricultura. Popó entregou o dinheiro a Zuleica.

Depois disso Acelino viajou ao Recife, capital pernambucana, para disputar o Campeonato Norte-Nordeste. Popó se credenciou à disputa regional por ter vencido o torneio baiano. Aos 15 anos de idade fazia a sua primeira viagem pelo boxe amador.

A decisão do Campeonato Norte-Nordeste, disputada no ginásio de esportes Geraldo Magalhães, o popular Geraldão, no bairro da Imbiribeira, foi contra um lutador da casa, Jaime Moraes. As arquibancadas tinham bom público, embora se tratasse de uma competição amadora. Toda a torcida era contra Acelino, mas isso pouco importou, pois a concentração sempre foi o seu ponto forte. Acelino ignorou a pressão.

Popó dominou o combate, jamais esteve ameaçado, mas, duas décadas depois, faz uma revelação: no terceiro round, mesmo batendo, mesmo estando bem, teve vontade de desistir. Conta que foi a única vez que esse sentimento o arrebatou. Juntou a pouca idade, a emoção, a distância de casa. Mesmo assim, Acelino Freitas não desistiu. Não havia caminhado tanto para parar no meio da estrada. A mente logo apagou esse impulso e o baiano voltou a castigar Jaime até soar o gongo. Popó sagrava-se, por pontos, campeão regional. Essa conquista reforçou a crença no futuro.

Acelino Freitas ainda era o menino pobre que morava em um casebre de apenas um cômodo na Baixa de Quintas. O dinheiro continuava escasso. As viagens só eram possíveis porque a Federação Baiana de Boxe – responsável por organizar os torneios estaduais e formar as delegações para disputas fora do estado – custeava parte das despesas e os colegas de academia forneciam o restante. Luiz Dórea auxiliava no que podia. Dava roupas, passagem, alimentação.

A época amadora guarda passagens engraçadas, como a luta contra um boxeador que tinha somente um pulmão. O pugilista, ciente da fama de nocauteador de Popó, implorou antes do duelo para que o rival “pegasse leve”. Chegou a oferecer dinheiro a Acelino para que ele entregasse o combate. Acabou beijando a lona ante um Popó enraivecido pela proposta indecente.

Acelino Freitas disputou seu primeiro Campeonato Brasileiro em 1991, no município de Guarujá, no litoral de São Paulo. Foi na final do torneio que conheceu sua primeira derrota no boxe amador, por pontos, para Jairo Moura. Um golpe duro de digerir, mas inevitável – na vida e no esporte. No ano seguinte, outra competição nacional e outro revés na decisão. Desta vez contra Edson do Nascimento, o Xuxa.

Apesar disso, nenhuma dessas derrotas doeu tanto quanto a experiência em Cruz Alta, no Rio Grande do Sul. Em 1993, Popó tinha 17 anos, estava mais maduro e vivia sua melhor forma física até então. Sua rotina era extenuante, com cerca de vinte lutas por ano e treinos integrais.

Rumava ao sul do país para disputar o 48o Campeonato Brasileiro de Boxe Amador. A turbulência durante o voo o assustou mais que um adversário difícil no ringue. Popó tremia, segurava na mão de Luís Cláudio e torcia para que o pouso transcorresse bem e o quanto antes.

O voo atrasou. A demora foi suficiente para que a van que esperava pugilistas de todo o Brasil no aeroporto de Porto Alegre partisse sem os irmãos Freitas. Acelino e Luís Cláudio procuraram seus contatos por longos minutos no aeroporto. Em vão. Não havia mais ninguém lá. Nessa época, telefone celular era raridade. Quase sem dinheiro na carteira, apanharam um táxi para Cruz Alta – uma viagem de 336 quilômetros – e pediram socorro financeiro aos organizadores do evento.

Chegaram à noite no ginásio, algumas horas depois da pesagem oficial, que acontecera no final da tarde. Argumentaram, discutiram, reclamaram, mas não houve jeito. Acabaram desclassificados do torneio antes mesmo de pisar no ringue. Derrotados sem lutar – para eles, a pior forma de perder.

Entre os pesos-leves, categoria de Acelino, o campeão foi o paulista Jossineli de Oliveira. Na categoria peso-mosca, peso de Luís Cláudio, venceu Rogério Batista, também de São Paulo. Os irmãos ainda tiveram de esperar a competição acabar para voltar para casa. Foram obrigados a dormir nos alojamentos, comer com os outros pugilistas e engolir esse golpe da vida. Uma frustração impossível de ser medida.

Doeu muito, mas a ferida cicatrizou no ano seguinte. A primeira redenção da carreira de Acelino Popó Freitas se daria em 1994, no ginásio do Ibirapuera, em São Paulo, na disputa do 49o Campeonato Brasileiro. Depois de dois vice-campeonatos e uma desclassificação na bagagem, Popó enfim se tornou

campeão nacional nos pesos-leves. Venceu suas três lutas por nocaute, incluindo a decisão contra o sergipano Adrion Henrique. A conquista foi um desagravo e o desempenho no campeonato ainda lhe rendeu uma premiação extra: ele foi eleito a revelação do torneio. Estava, finalmente, no topo.

O sucesso repentino de Popó aliou-se à fama que Luís Cláudio, aos poucos, ganhava em território nacional. O mais velho, havia anos, era atleta da Seleção Brasileira de Boxe e ostentava uma medalha de bronze dos Jogos Pan-Americanos de Havana, realizados em 1991, em Cuba. Luiz Dórea, certo de que a dupla renderia bons frutos, passou a casar combates em que os dois faziam parte do mesmo *card*. Nascia uma marca: os irmãos Freitas.

***

Como na vida de Acelino tudo foi muito precoce, no âmbito amoroso não seria diferente. Namorador desde cedo, perdeu a virgindade aos 14 anos. Levava as meninas para o mato e já estava habituado a ser interrompido pelo dono da roça. Saía correndo e sorrindo. Multiplicou as mulheres depois que se tornou boxeador. Seu irmão Nilton era o parceiro contumaz de festas e paqueras.

Foi de uma dessas andanças de Popó que, em 1993, nasceu seu primeiro filho, Rafael Simon Freitas, fruto de uma relação passageira com Ana Cláudia Aquino. Passada a surpresa, Acelino acolheu o seu primogênito. Zuleica e os pais de Ana Cláudia ajudaram na criação do bebê. Rafael morava com a mãe, mas estava sempre na casa do pai.

***

Ao longo dos anos, enquanto crescia, Acelino via vizinhos, amigos e conhecidos se perderem no mundo das drogas. Alguns, aprisionados no vício. Outros, em situação ainda pior, arregimentados para atuar no narcotráfico. As mortes decorrentes da guerra entre as quadrilhas ou das dívidas com criminosos donos de bocas de fumo eram recorrentes.

Foi assim que Acelino perdeu o amigo Dublê, parceiro de treinos na Champion. Sem que ninguém na academia soubesse, o boxeador começou a se envolver no tráfico. Passou a faltar a compromissos, a ficar dias sem aparecer, até que a temida notícia chegou aos colegas. O boxe perdia a luta para as drogas.

Popó e os irmãos, mesmo diante de condições financeiras desfavoráveis, mesmo com o desajuste familiar, sempre estiveram longe desse universo. Nilton salienta que muitos conhecidos escolheram a criminalidade. Luís Cláudio acrescenta que não foram poucas as vezes que ouviu vizinhos comentando que os irmãos Freitas iriam pelo mesmo caminho. Acelino arremata, com orgulho, que isso não aconteceu.

***

Troféu brasileiro nas mãos, Popó passou a ser patrocinado pelo Clube Bahiano de Tênis. Recebia um salário mínimo e com isso continuava pobre, mas se embevecia ante a certeza de que, devagar, sua vida caminhava.

Nos torneios locais, os boxeadores representavam os grandes clubes do estado, mas o pagamento era pouco ou nenhum. Em 1993, já com algum respaldo nacional, Acelino assinou com o São Paulo Futebol Clube. Costumava passar três meses em território paulista, ganhava um salário ínfimo e dormia em um alojamento que ficava debaixo de uma escada no estádio do Morumbi. A situação contrastava com a opulência do time de futebol.

Apesar disso, graças ao Tricolor do Morumbi, pela primeira vez na vida, Popó foi a um dentista. Cuidados médicos e odontológicos eram realidade distante em Salvador. Acelino teve o rosto cortado aos oito anos enquanto brincava com um taco de madeira. Tomou sete pontos, mas peregrinou até conseguir atendimento.

No Morumbi, Popó conheceu grandes jogadores, tais como Rogério Ceni, Jamelli, Palhinha e Catê. Torcedor do Esporte Clube Vitória, o baiano passou a ter outro time para admirar.

***

Em 1992, Popó conhecera um homem que se tornaria um de seus maiores parceiros e incentivadores: Armando Fernandes Leite, apaixonado pelo boxe e proprietário da loja esportiva Monumento Sports, no bairro do Ipiranga, Zona Sul de São Paulo. Armando havia adquirido esse comércio um ano antes e encontrou no boxe, paixão antiga, uma forma de ajudar jovens talentos e ao mesmo tempo divulgar a sua marca. Ciente de que a TV Bandeirantes transmitia a modalidade amadora às terças-feiras, passou a estampar no calção de alguns pugilistas o nome da Monumento, após acordo com Newton Campos, presidente da Federação Paulista de Boxe. Foi precursor da estratégia no país. Antes os patrocínios eram aplicados apenas nos roupões.

Armando fazia sua parte para ver o esporte se desenvolver. Ofertava material esportivo, troféus, medalhas e algum incentivo financeiro a boxeadores. Em uma dessas ocasiões, ao se preparar para mais um torneio, Popó soube que um empresário pagaria trezentos dólares ao dono do nocaute mais rápido da noite. Era Armando. Acelino sonhou, pois jamais havia se deparado com tanto dinheiro assim de uma só vez. Viu seu rival – um paraense que lutava pelo Sport Club Corinthians Paulista – nocautear o adversário no combate anterior em somente quarenta segundos. Popó encarou o alvinegro precisando superar esse recorde para embolsar o dinheiro, o que aliviaria a situação em casa. Ou seja, não bastava vencer, era preciso vencer em, no máximo, 39 segundos.

“Vai lá, baianinho. Vai lá ganhar esse dinheiro”, gritou Armando em direção a Acelino. O baiano castigou. O oponente caiu. O juiz decretou o final do duelo. O tempo: 45 segundos. Uma pequena fortuna escapava em um piscar de olhos. Acelino perdeu a premiação, mas ganhou um amigo para a vida toda, e Armando passou a auxiliá-lo sempre que podia. Ao lado disso, passou a receber uma cesta básica por mês. Armando Fernandes Leite não deixou de ajudar outros atletas, mas Popó virou seu xodó.

***

A primeira competição internacional de Acelino foi o Campeonato Pan-Americano de Boxe Amador, em 1994, em Buenos Aires, capital argentina. O título nacional deu a ele um lugar na Seleção Brasileira de Boxe que disputou o torneio, ao lado do irmão Luís Cláudio. Popó foi eliminado na estreia. Chegou a derrubar o oponente, um dominicano, duas vezes no primeiro round, mas acabou sofrendo uma torção no pé no segundo assalto, o que obrigou o médico a interromper a luta. Acelino, na sequência, sofreu nova derrota: perdeu o Campeonato Paulista do mesmo ano para Rogério Brito.

Ele deu a volta por cima no ano seguinte. A vaga nos Jogos Pan-Americanos de Mar del Plata, em 1995, também na Argentina, dependia de um triunfo contra Brito, o vencedor no torneio estadual. O receio de perder a seletiva o incomodava, mas resolveu se concentrar apenas na luta. Acelino venceu e, quatro anos depois de assistir pela TV à participação de Luís Cláudio no Pan-Americano de Havana, Popó refazia os passos do irmão.

Em Mar del Plata, Acelino conseguiu vitórias fáceis contra um adversário porto-riquenho e outro colombiano. O combate valendo a medalha de ouro, em 25 de março de 1995, foi contra a lenda do boxe olímpico Júlio González Valladares, um cubano até então bicampeão pan-americano. Em uma luta parelha, a decisão dos juízes, contestada à época, deu o triunfo a González por 6-4.

O amargo gosto da derrota foi minimizado pelo simbolismo daquela medalha de prata: o Brasil estava de volta a uma final do boxe na competição, depois de 16 anos. A última vez havia sido em 1979, no Pan-Americano de San Juan, em Porto Rico. O Brasil se despediu da Argentina em sexto lugar no quadro de medalhas, com 18 de ouro, 27 de prata e 37 de bronze.

Popó jamais passara tanto tempo longe de casa. Com a sensação de dever cumprido com a campanha histórica, Acelino desembarcou em Salvador ante um inédito assédio da imprensa. Entrevista na televisão era algo impensável para o tímido e não mais anônimo boxeador. Popó não tinha noção de

que seu nome havia alcançado todo o território nacional, em um país que não investia em boxe. Apareceu em todos os jornais, em todos os canais de TV, em todas as emissoras de rádio. Uma semana depois, a mídia o esqueceu.

No desembarque da viagem a Mar del Plata, Armando presenteou Popó com setecentos reais. Acelino usou o dinheiro para reformar o casebre em que vivia com quatro irmãos e os pais – Luís Cláudio já havia se mudado de lá após se casar com Sandra Paixão Freitas, sua mulher até hoje, com quem tem seis filhos. Popó trocou o piso de barro por um de cimento e instalou um banheiro do lado de fora. Zuleica não cabia de emoção.

O retorno para casa sempre tinha dois lados. Significava que Acelino estava de volta ao cotidiano difícil, mas denotava também que, depois de dias e dias de sacrifício e fome para bater o peso e lutar na categoria desejada, Popó estaria livre para o reencontro com seu prato favorito: a famosa feijoada de Zuleica. Meio quilo de feijão no caldeirão, um punhado de carne salgada. Deleite geral. Houve tempo em que o prato deveria alimentá-los por vários dias. Para Acelino, o que valerá para sempre é o tempero único e inconfundível de Zuleica.

round 3

O amador se tornou profissional

Vice-campeão pan-americano, Acelino Freitas passou a ser cogitado para representar o Brasil nas Olimpíadas de Atlanta, nos Estados Unidos, em 1996. A oportunidade de disputar uma medalha olímpica não o seduziu. O amadorismo pagava mal e tolhia o talento do soteropolitano. Decidiu, então, fazer outro caminho. Uma escolha que, assim como outras, mudaria o rumo de sua vida. Aos 19 anos, em 1995, Popó abraçava o boxe profissional.

Sob as rédeas de Luiz Dórea, seu treinador na Champion, tratou de se adaptar ao novo contexto. Antes, as lutas tinham no máximo quatro rounds de dois minutos. Popó precisaria se habituar a duelos que podiam chegar a dez ou 12 assaltos de três minutos. O protetor de cabeça seria peça descartada. A contagem dos pontos também passaria a ser diferente. Em resumo, era necessário reaprender o mesmo esporte para poder vingar e ir além.

A transição para o boxe profissional não assustou Popó. Pelo contrário. A carreira amadorística oscilante, embora vitoriosa, de 81 lutas e apenas quatro derrotas, com cinco títulos baianos, três do Norte-Nordeste, um paulista, um nacional e um de vice-campeão pan-americano daria lugar a uma nova estrada cujo céu seria o limite. Acelino tinha a convicção de que, enfrentando adversários sem capacete e com mais rounds pela frente, derrubaria qualquer um.

A rotina não mudou muito: treinamentos em dois turnos e limites na alimentação. A maior mudança seria a diminuição do número de lutas por ano – de vinte para cinco ou seis no máximo. Os combates seriam mais longos, mas menos frequentes. Acelino dizia adeus aos torneios amadores, aos contratos com clubes e às disputas olímpicas para somar vitórias e fazer parte do ranking das principais organizações de boxe do planeta.

A estreia como profissional estava marcada para o dia 14 de julho de 1995, no ginásio do Balbininho, em Salvador. Popó foi escalado para fazer o confronto preliminar do *card* que tinha na luta principal o também baiano Reginaldo Holyfield, supermédio e principal boxeador do estado na época, contra o pernambucano Luciano Todo-Duro, uma das maiores rivalidades do boxe regional. Já o oponente de Acelino era Adriano José Soares. Chegava a hora de pôr em prática o trabalho de recondicionamento, de estar pronto para um duelo que se arrastasse por mais tempo, de assimilar golpes na cabeça agora desprotegida. Quando as luvas se tocassem, todas as dúvidas seriam respondidas.

A expectativa durou somente 34 segundos, o tempo de que Popó precisou para, ainda no primeiro round, nocautear Soares. Uma estreia arrasadora, que não deu brechas para ceticismo: esse meio minuto bastou para deixar claro que Popó (1-0-0), com as regras do boxe profissional, era muito mais avassalador.

A vitória rendeu apenas quatrocentos reais de bolsa a Acelino Freitas e, exatamente um mês depois, em 14 de agosto de 1995, de novo no Balbininho, ele voltava ao ringue para sua segunda luta. Precisava comer e dar de comer. Precisava alimentar o sonho e a família. Do outro lado do tablado estava Valdevino Monteiro, atleta experiente que alardeava um cartel de 18 vitórias. Prometia ser uma pedra no sapato de Acelino Freitas. O baiano não tomou conhecimento do oponente e liquidou o duelo em apenas 23 segundos. Seria o nocaute mais rápido da carreira de Acelino (2-0-0).

A terceira luta trouxe o terceiro nocaute: a vítima da vez foi Manoel Oliveira da Cruz, em combate realizado também na capital baiana, em 18 de setembro de 1995, três dias antes de Popó (3-0-0) completar vinte anos. A diferença é que, dessa vez, a vitória esperou o segundo round para chegar. O duelo posterior foi contra Marco de Lima e novamente não chegou ao fim. O adversário, castigado nos dois primeiros assaltos, não voltou para o terceiro. Desistiu. O árbitro ergueu a mão do baiano (4-0-0) por nocaute técnico.

Acelino Popó Freitas, até então, havia enfrentado somente pugilistas brasileiros e, na maioria, sem expressão no cenário internacional. Não importava. Fazia parte da escalada no esporte. Era o início de sua jornada e, nocaute após nocaute, seu nome ganhava relevo. Alguns de seus duelos começaram a ser exibidos na TV Bandeirantes, mas, como ainda não se tratavam da luta principal, não atraíam muita

atenção.

A primeira luta contra um estrangeiro foi a quinta de seu cartel. Acelino recebeu em Salvador, em 2 de abril de 1996, o boxeador paraguaio Ralph Riveros. O estrangeiro viajou quase 2,5 mil quilômetros entre Assunção e a capital baiana para tombar em apenas dois rounds. Popó (5-0-0) já passava a ficar conhecido no mundo do boxe como “mão de pedra”, pela forma que finalizava seus combates. Não havia luta sem vitória. Não havia vitória sem nocaute.

Nesse mesmo dia, o confronto principal teve como grande estrela o conterrâneo Reginaldo Holyfield, que perdeu para Maurício Amaral, por nocaute técnico, no nono round, o título do Mundo Hispano do CMB, na categoria dos supermédios. Era a primeira derrota de Holyfield em 18 duelos. O cenário começava a se modificar. O protagonismo do boxe baiano, aos poucos, passava às mãos de Popó.

O cartel indefectível e a sequência de nocautes deram a Acelino a oportunidade de disputar seu primeiro cinturão logo em sua sexta participação como profissional. Estava em jogo o título do Mundo Hispano do CMB, em um duelo oferecido pela organização à equipe do baiano graças a uma ascensão que impressionava. A luta foi realizada em 16 de agosto de 1996, no ginásio Antônio Balbino, em Salvador, contra o cearense Gutemberg Ferreira, pugilista que tinha um cartel de quatro vitórias e somente uma derrota. No duelo anterior da noite, Luís Cláudio havia atropelado Zacarias Figueiredo no primeiro round. Um incentivo a mais para o irmão mais novo. Faltava uma vitória de Popó para que a felicidade dos Freitas ficasse completa. E ela não tardou a acontecer, pois Acelino castigou Gutemberg o quanto pôde no primeiro assalto e viu o adversário refugar no *corner*, antes mesmo de voltar para o segundo round.

Popó (6-0-0) sagrava-se ali, aos vinte anos de idade e com mais um nocaute técnico creditado em sua conta, campeão dos pesos-leves (61,235 quilos) do Mundo Hispano pelo CMB, uma das quatro principais organizações reconhecidas pelo International Boxing Hall of Fame (IBHOF). Erguia o mesmo cinturão que, quando menino, viu pela TV e prometeu que conquistaria. Jura cumprida. O Balbininho, lotado de gente, explodia e gritava o nome do filho de Zuleica e Babinha. Acelino era carregado pela multidão. A noite era dele. A Bahia era dele. O futuro era dele.

Passado o êxtase do título, o baiano se via uma vez mais em uma realidade que teimava em não mudar. O campeão, cinturão atado ao corpo, saiu do ginásio para o seu barraco na Baixa de Quintas. O triunfo não rendeu nada além de uma bolsa de quinhentos reais. Apesar de estar habituado com quase nada, a demora em mudar de vida frustrava. O boxeador se perguntava, em silêncio, entre um treino e outro, ou ainda antes de dormir, quando teria condições de tirar sua mãe daquele lugar, como prometera quando criança. Nunca deixou de acreditar.

Acelino foi desafiado para fazer sua primeira defesa somente um mês depois do título, contra um pugilista muito mais experiente. A oferta era de 6 mil dólares, o equivalente, na época, a quase 20 mil reais, valor que esbugalhou os olhos do baiano. O pugilista ficou na vontade de aceitar. Seu treinador recusou a luta. Luiz Dórea acreditava que seria prejudicial para sua carreira pôr o cinturão em jogo sem tempo hábil para recuperação desde a última luta. Por precipitação, uma história que começava bem, muito bem, poderia mudar de rumo.

Acelino questionou-o, disse que precisava do dinheiro. Assegurou que venceria por nocaute. Não entendia de planejamento, queria apenas lutar. Dórea respondeu que, às vezes, era preciso dar um passo atrás para poder dar dois para a frente. O técnico tirou duzentos reais do bolso, mandou Acelino comprar uma roupa para o final de ano e ordenou que se aquietasse.

A decisão do técnico era soberana. Luiz Dórea sabia o que estava fazendo, mesmo que o preço a pagar pela recusa fosse caro. A rejeição resultou em penalidade: dois meses depois o título de Acelino foi cassado pelo CMB. Pouco importava. A trajetória seguia incólume.

A sétima luta demorou quase seis meses para ocorrer, mas teve a duração de apenas quatro rounds.

Popó recebeu Hamilton Cerqueira, em Salvador, no dia 1o de fevereiro de 1997, e o fez beijar a lona. Nessa época Ed Dias Matos, que trabalhava com Dórea como preparador físico, fez chegar até os ouvidos do atacante Bebeto o nome de Acelino. Tetracampeão mundial com a Seleção Brasileira de Futebol, em 1994, Bebeto havia retornado para jogar no Vitória, clube que o formou, após passagens vitoriosas por Flamengo, Vasco da Gama e Deportivo La Coruña. O jogador foi até a Baixa de Quintas descobrir quem era o garoto que estava assombrando a Bahia. Em um ringue improvisado na rua, Popó e Luís Cláudio fizeram uma breve exibição para o seu espectador mais famoso. Religioso, o ex-artilheiro recorda que, na hora, Deus tocou seu coração. Falou, naquele dia, que Popó seria campeão mundial.

A estrela do futebol passou a falar sobre o lutador em entrevistas à imprensa e resolveu patrocinar um evento de boxe no Clube Bahiano de Tênis, em 18 de março de 1997, para promover aquela promessa do esporte local. Acelino (7-0-0) encarou Antônio Maria do Nascimento e não tomou conhecimento do adversário. Bebeto viu, das arquibancadas, Popó aplicar um nocaute tão letal quanto um gol de voleio do atacante, o que rendeu ao pugilista uma bolsa de quinhentos reais. Ao final da luta, Bebeto ganhou a luva usada por Popó contra Antônio Maria.

Foi por intermédio do então jogador que o boxeador conheceu um dos donos da Oficina de Ideias, empresa que, a partir dali, passou a agenciar a sua carreira. O carinho de Bebeto por Acelino tinha uma explicação fraternal. Nilton Gama, irmão do ex-jogador, amava o boxe e foi ao lado dele que Bebeto passou a se interessar pelo esporte. Nilton faleceu em 1984, em um acidente de avião. Bebeto afirma que, quando viu Popó boxear pela primeira vez, era como se estivesse vendo Nilton. Uma década e meia depois Acelino relembraria, em sessão solene na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, aquele evento no Clube Bahiano de Tênis. Foi o primeiro encontro entre eles desde o dia da luta. Bebeto, sempre muito emotivo, não escondeu as lágrimas diante dos outros deputados estaduais.

Popó (8-0-0) tinha 21 anos, oito lutas como profissional, nenhuma derrota, um cinturão. Acelino ainda não tinha casa própria, carro ou mesmo um quarto só para ele – o que recebia era dado a Zuleica e uma parte ajudava no sustento de Rafael. A vida já tinha melhorado, é verdade, mas ainda era um esportista que vivia em dois mundos opostos: o do sonho e o da realidade.

***

Popó estava namorando Graziele Gutierrez. Em 21 de março de 1997 nasceu Igor Freitas. A responsabilidade do pai havia dobrado. O terceiro, Iago, chegaria em 2 de novembro de 1998, também fruto do relacionamento com Graziele, que durou quatro anos. Igor e Iago moravam com a mãe em Barbalho, bairro vizinho à Baixa de Quintas, mas estavam sempre na companhia do pai e de Rafael, o primogênito.

Acelino passou a ficar bem preocupado, pois as bolsas não davam conta de tantas bocas. Joarlindo Oliveira, avô de Graziele, auxiliava na criação de Igor e Iago. Como acontecia com Rafael, na hora do aperto todo mundo ajudava.

***

Uma nova disputa de cinturão levou Popó a seguir mudando o curso da sua história. Uma chance a mais para o sonho transformar a realidade. A luta contra o colombiano Arcelio Díaz valia o título latino dos pesos-leves pela Federação Internacional de Boxe (FIB). O duelo estava marcado para o dia 22 de abril de 1997 e teria um componente especial: seria realizado no Planeta Show, uma casa de festas na capital baiana. Acelino já não era mais atração secundária, estrelava como carro-chefe da noite. O adversário era experiente, tinha 31 anos e 45 duelos no cartel, com 32 vitórias. O brasileiro, porém, não decepcionou. Um round bastou para escrever os detalhes de mais uma conquista. Arcelio Díaz foi ao chão, Acelino Popó foi ao céu. O enredo, outra vez, tinha desfecho previsível.

Menos de um mês depois, Popó (9-0-0) foi convidado para disputar um torneio que começaria a

catapultá-lo à condição de estrela mundial. Ele estava escalado, ao lado do irmão Luís Cláudio, para lutar no Boxcino, torneio de boxe que envolvia lutadores de oito países em quatro categorias. Pela primeira vez como profissional, Acelino saía de Salvador para se aventurar fora do Brasil, sempre sob a liderança de Luiz Dórea.

O início de sua carreira internacional tinha tudo para começar com derrota. Popó foi casado para enfrentar na estreia ninguém menos que o norte-americano Johnny Montantes, considerado o favorito ao título dos pesos-leves na competição e com um respeitável cartel de 28 vitórias e duas derrotas. O duelo se deu em 10 de maio de 1997, em San José, capital da Costa Rica.

O combate foi cercado de polêmicas. O sorteio dos confrontos foi executado sem a presença da equipe de Acelino, prática ilegal que chateou os brasileiros. Não bastasse isso, Montantes teve problemas com a balança e a organização queria barrar a presença de um representante do time de Popó para verificar o peso do adversário. Dórea lembra que queriam que ele fosse avalizado mesmo acima do peso. O mundo do boxe e suas tramas. Houve discussão e Montantes precisou fazer sauna para atingir o limite.

O favoritismo do norte-americano, entretanto, não resistiu ao peso da mão de Popó. Foi dentro do ringue que a “zebra” baiana mudou os prognósticos e descontou a injustiça que ocorrera nos bastidores. Já no primeiro round o brasileiro aplicou três *knockdowns* no rival, o que obrigou o árbitro Vic Drakulich a encerrar a disputa por nocaute técnico aos 2 minutos e 39 segundos. O triunfo avassalador e improvável do desconhecido Popó (10-0-0) contra o pugilista dos Estados Unidos foi transmitido ao vivo pela ESPN Internacional. O mundo inteiro acompanhava, estupefato, o estrago que Acelino fizera em um oponente de peso. Nas palavras de Dórea, foi um divisor de águas. A partir daquele dia passaram a ver Popó com outros olhos.

O espanto contagiou o norte-americano Arthur Pelullo, da Banner Promotion, empresa promotora do evento. O empresário estava em busca de pugilistas promissores nos quais pudesse apostar. Popó era tudo que ele procurava: mãos rápidas, poder de nocaute, bem afeiçoado e carismático. Pelullo vislumbrou no baiano uma estrela mundial.

A segunda luta de Acelino no torneio Boxcino foi realizada no dia 27 de junho de 1997, no Mahi Shrine Auditorium, em Miami, nos Estados Unidos. O duelo valia a vaga na decisão e era contra o panamenho Hilario Guzmán, que ostentava 15 vitórias, 11 derrotas e dois empates na carreira, mas vinha em uma sequência de seis triunfos consecutivos. O confronto, previsto para dez rounds, se arrastou por oito. Quando o relógio marcou 1 minuto e 57 segundos do antepenúltimo round, Guzmán estatelou-se com um direto de direita. Não se levantou mais. Acelino estava na decisão.

O espanto de Pelullo se transformou em admiração. O norte-americano ficou encantado com o poder de nocaute de Acelino (11-0-0). E Popó ficou encantado com o estrelato. Passou a ser aclamado pelo público dos Estados Unidos, ficou conhecido, deu entrevistas, hospedou-se em bons hotéis, foi convidado para festas em que se comia e se bebia do melhor, mulheres que ele nem imaginava existir. Deparava-se com outra vida, um universo bem distinto do que estava acostumado na Baixa de Quintas. Chegou a ser comparado por comentaristas locais com seu ídolo do passado, Sugar Ray Leonard. Acelino vivia um conto de fadas. Dan Rafael, escritor de boxe e comentarista da ESPN Internacional, maravilhou-se com o brasileiro a ponto de colocar em seu gato o nome de Popó.

O rival da decisão do Boxcino, realizada em 2 de setembro de 1997, era o porto-riquenho Edwin Vázquez, boxeador com 16 vitórias e quatro derrotas. O palco da finalíssima seria o famoso e luxuoso Belle Casino & Hotel, na Louisiana, também nos Estados Unidos. Acelino estava apenas a um triunfo da consagração internacional. Luís Cláudio havia vencido o título da categoria peso-pena contra o mexicano Moisés Cerrillos, por decisão unânime, na luta anterior do evento. Uma pressão a mais, um combustível a mais.

Popó partiu para cima de Vázquez, mas viu o duelo se arrastar. O trator brasileiro tardou, mas não

falhou. No sétimo round veio o nocaute. Mais um. O final feliz soberano na carreira do nordestino. O juiz John Femia ergueu o braço de Acelino (12-0-0). O cinturão do Boxcino mora até hoje na sala de troféus de sua casa. Para as câmeras, o brasileiro gritou: “Ah, eu tô maluco!”. A frase era febre no Brasil daquele tempo, ecoada dos programas de auditório aos jogos de futebol. Popó voltou ao seu país como sétimo colocado no ranking da Associação Mundial de Boxe (AMB) e 15o no CMB, cada vez mais perto de uma disputa pelo título mundial. A estrada, que começou no terreno de areia batida perto do casebre que ainda era o seu lar, estava perto da esperada redenção.

A conquista rendeu um contrato de três lutas com a ESPN e bolsa individual de 10 mil dólares, mas Acelino, mal orientado na carreira, ficava com uma parte pequena do dinheiro, cerca de 25%. Era uma porcentagem até três vezes menor que a recebida por outros boxeadores. No boxe, em geral, as bolsas são provenientes dos contratos com as emissoras de TV.

O desajuste era fruto de um contrato que Popó assinara – sem ler – com a Oficina de Ideias, empresa que o agenciava. Passava longe da cabeça do pugilista alguma suspeita de estar sendo ludibriado e ganhar menos do que deveria. A única preocupação que tinha era lutar. O acordo acabava sendo um dos entraves ao anseio de Acelino de mudar de vida. Luís Cláudio, vez ou outra, sugeria que havia alguma coisa errada. Popó fazia ouvido de mercador, desconversava. Recusava-se a acreditar em qualquer desvantagem contratual.

No retorno a Salvador, os Freitas Brothers, campeões do Boxcino, ganharam status de *popstars*. Subiram ao palco no show da banda Eva e foram apresentados ao público pela cantora Ivete Sangalo, que disse que dali sairia o próximo campeão do mundo. Popó, microfone e coração na boca, com uma timidez indisfarçável, agradeceu os aplausos e convidou a multidão a assistir a sua próxima luta, que seria realizada no Balbininho. A disputa contra o argentino Gustavo Rodolfo Sayaavedra, em 19 de novembro de 1997, durou apenas um round.

No mesmo mês ele visitou a casa do conterrâneo Jorge Amado, um dos mais célebres e traduzidos escritores brasileiros da história, ídolo do pugilista que mal sabia ler. Amado, que morreria quatro anos depois, lembrou na ocasião que um de seus livros, *Jubiabá*, começava com uma luta de boxe. Zélia Gattai, casada com o romancista, confidenciou, em outra entrevista, as palavras pronunciadas por Jorge Amado quando Popó foi embora: “Esse menino vai ser campeão mundial”.

O 14o duelo da carreira de Popó (13-0-0) foi mais uma vez em Salvador, em 29 de maio de 1998, e valia o título de campeão brasileiro dos pesos-leves. Estavam previstos 12 rounds, mas o 14o nocaute de Acelino se deu de forma relâmpago e aposentou o rival, o paulista Rildo José Oliveira, ainda no primeiro round.

Cada vez mais conhecido nos Estados Unidos, Popó (14-0-0) lutou pouco mais de uma semana depois do título nacional. Encarou o mexicano Rafael Olvera-Cordero, natural de Ciudad Juárez, cidade dominada pelo narcotráfico. O combate aconteceu na Arrowhead Pond, na Califórnia, em 8 de junho. Na marca de 1 minuto e 58 segundos do terceiro assalto, o árbitro Lou Filippo encerrou o duelo, dando a vitória, por nocaute técnico, a Acelino Freitas (15-0-0). Outra vez o público norte-americano se deleitava com uma apresentação do brasileiro.

A disputa seguinte foi contra o inexpressivo Juan Gutiérrez, que tinha um cartel de cinco lutas e cinco derrotas. Nenhum resultado positivo para contar história. Popó reclamou e os empresários logo trataram de minimizar a insatisfação do pugilista. Sustentaram que o duelo ajudaria a posição no ranking e renderia bom dinheiro – dinheiro que era diluído no meio do caminho e chegava pulverizado no bolso de Acelino. Com a carreira internacional decolando, a vida de sua família ainda não estava de acordo com o status que havia atingido. Popó se encontrou com Gutiérrez no Auditório del Estado, na Baixa Califórnia, pelo tempo de um round.

A luta seguinte de Acelino Freitas (16-0-0) seria nacional. Pela primeira e única vez na vida, o incentivador e amigo Armando Fernandes Leite resolveu promover uma luta. O evento custou em torno

de 6 mil reais e ele estava certo de que teria o retorno esperado. Armando organizou o confronto em São Paulo, capital econômica do país, para apresentar Popó à imprensa e consolidar seu nome no Brasil. O duelo colocaria em jogo o título brasileiro dos pesos-leves contra o experiente pernambucano Francisco Tomas da Cruz, então com 37 anos de idade, 48 vitórias e 17 derrotas, dono de um currículo que também incluía a derrota para o mexicano Júlio César Chávez. Era um adversário de nome, escolhido a dedo.

Na tentativa de recuperar o investimento, Armando confeccionou cartões de prata para vender, por cem reais cada um, a cem convidados vips. O convite diferenciado daria direito a uma camiseta personalizada e uma fotografia ao lado de Popó. O comerciante fez dez telefonemas iniciais oferecendo o camarote. Recebeu apenas "não" como resposta. Não conseguiu comercializar um cartão de prata sequer. Procurou então negociar os direitos de transmissão. Ninguém se interessou. Buscou, por fim, lotear o ringue. Não houve um mísero comprador. O jeito foi encher o espaço com publicidade de sua loja, a Monumento Sports, e chamar todas as emissoras de TV para acompanhar Acelino de perto.

O combate no ginásio municipal de Campo Limpo Paulista, em 15 de setembro de 1998, demorou somente dois assaltos. Popó (17-0-0) renovava o troféu sem maiores dificuldades. Embora tenha tido prejuízo com o evento, o comerciante, que nutria por Popó amor de pai, sentiu-se pleno, realizado com a vitória. Pôde, uma vez mais, auxiliar o guerreiro que conheceu menino.

O retorno daquela luta veio em publicidade. Acelino estava nas manchetes e seu rosto se tornava cada vez mais popular. Seu nome era sinônimo de vitória. Na semana seguinte, ele e Armando foram até a Galeria Pagé, tradicional centro de compras em São Paulo, para adquirir bonés que seu pai, Babinha, revendia em Salvador – um conselho do amigo paulistano para complementar a renda da família. Popó não tinha noção de sua fama crescente. O local foi tomado por uma multidão em busca de fotos e autógrafos. Era o doce sabor do reconhecimento.

Depois disso, Acelino assinou contrato com Arthur Pelullo para fazer duas lutas na cidade de Tijuana, no México. Essa seria a sequência de sua carreira internacional. No entanto, um empresário mexicano ligado à Oficina de Ideias convenceu o pugilista a firmar outros acordos de luta sem o consentimento de Pelullo, o que gerou um problema de duplicidade de contrato. Popó nem de longe desconfiava de alguma irregularidade. Dentro do ringue não havia nenhum problema.

O primeiro confronto em Tijuana foi contra o anfitrião José Luis Montes, no Teatro Mutualista, em 16 de outubro de 1998. O mexicano tinha um cartel de 29 vitórias e quatro derrotas. O combate ficou na história como a primeira transmissão de uma luta principal de Acelino em televisão aberta. Luciano do Valle narraria o duelo para todo o Brasil pela Bandeirantes. Popó tinha duas razões mais que especiais para não decepcionar: a primeira delas, porque a luta valia o cinturão intercontinental (Nabo) da Organização Mundial de Boxe (OMB), na categoria dos superpenas (até 58,967 quilos); a segunda, por ser a estreia televisiva do ídolo baiano em âmbito nacional. O apaixonado por boxe tinha finalmente a oportunidade de conferir, ao vivo, quem era o baiano franzino de origem humilde que colecionava oponentes e não perdia para ninguém. A família Freitas reuniu parentes, vizinhos e amigos para torcer por Popó. A Baixa de Quintas vibrava.

Acelino Freitas entrou no ringue com um roupão azul que exibia um inédito patrocínio da companhia aérea TAM, conseguido por intermédio de Luciano do Valle, a quem Popó reputa como um de seus maiores incentivadores.

O anúncio dos lutadores mostrou que a torcida era toda contra o brasileiro, os locutores mexicanos riram ao anunciar o nome de Acelino, mas o gongo inicial logo permitiu uma boa resposta. Popó dominou o centro do ringue e com menos de dez segundos acertou um golpe de esquerda que fez Montes sentir o peso da sua mão. A menor envergadura foi logo minimizada por um jogo que dosava agressividade e esquiva. Acelino não permitiu sequer um contragolpe. Enlaçado sobre as cordas, Montes tombou a vinte segundos do final do primeiro round, após um direto de direita atingir a sua

mandíbula. Fim da luta, início da festa. Luiz Dórea ergueu o campeão. Reginaldo Holyfield, presente no *corner*, abraçou o conterrâneo. As palavras de um comentarista local resumiram o baiano: “É um autêntico touro, uma máquina de tirar golpes da cartola”. O mexicano, deslumbrado, acrescentou que Popó era carismático e dono de um estilo de luta atrativo. Pela televisão, o povo brasileiro conhecia o jovem que, aos poucos, sedimentava o posto de ídolo nacional. Muito prazer, Acelino.

Popó (18-0-0) mal pôde comemorar o título. Foi intimado a depor na corte de Las Vegas, nos Estados Unidos, sem sequer saber do que se tratava. Pelullo citou Acelino em uma ação judicial pelo boicote de que alegava ser vítima. Queria, na verdade, ficar frente a frente com ele e lhe revelar o que se passava, já que a dificuldade em falar português complicava a relação. No curso do processo, o norte-americano conseguira uma ordem de restrição temporária (TRO, pela sigla em inglês), que impedia o brasileiro de lutar nos Estados Unidos enquanto a querela não fosse resolvida. Popó foi acompanhado por um dos empresários da Oficina de Ideias, que não lhe explicava qual era o problema.

Ao chegar ao edifício da Justiça, Acelino foi algemado por um policial local e fechado em uma sala. Pálido, suando frio, com a voz trêmula, Popó foi levado para uma audiência, na presença de uma intérprete. A mulher passou a traduzir ao brasileiro as perguntas feitas pelo juiz. Nenhuma linha a mais. O magistrado perguntou se o atleta havia assinado contratos com duas empresas e o réu acenou positivamente. A verdade, nada mais que a verdade, deixou o baiano em maus lençóis. Indiferente ao nervosismo e à apreensão de Popó, o juiz explicou que o procedimento era ilegal e ordenou que ele fosse encaminhado a uma cadeia. Estipulou uma fiança de 10 mil dólares. O desespero tomou conta do campeão.

O advogado de Arthur Pelullo logo apareceu e mandou soltá-lo, dizendo que o esportista não era culpado por aquela situação. O juiz, de acordo com Pelullo, também percebeu que Acelino não entendia a gravidade de violar a ordem de não lutar e que ele estava sendo enganado.

Popó voltou ao Brasil ainda sem compreender o que de fato havia acontecido e acabou persuadido pela equipe da Oficina de Ideias a acreditar que o culpado por tudo era o norte-americano. Pelullo conta que o boxeador era visto por seus empresários como uma mina de ouro. Embora o nível de vida de Popó e de sua família tivesse mudado, e apesar dos alertas de Luís Cláudio sobre haver desvantagem contratual, Acelino não se dava conta de que ele também deveria lutar para ter uma parte maior desse ouro. Seu mundo se resumia ao ringue.

Já refeito, Acelino Freitas foi escalado para enfrentar o britânico Peter Buckley, lutador com 92 derrotas na carreira (nas contas do BoxRec), em sua primeira luta na Europa, em 19 de dezembro de 1998. O combate no Everton Park Sports Centre, em Liverpool, foi encerrado aos três minutos do terceiro round, com mais um nocaute.

O duelo posterior valia a defesa do título intercontinental da OMB. Seria a segunda luta em Tijuana, e Popó (19-0-0) encararia o mexicano Juan Ángel Macias. A disputa tinha dois componentes especiais. Acelino Freitas entrou no ringue sabendo que uma vitória o deixaria como desafiante número 1 ao título mundial da organização. Além disso, pela primeira vez um confronto de Popó seria transmitido pela Rede Globo, a maior emissora do país, com narração de Cléber Machado. Popó demorou oito rounds para nocautear o adversário. O Brasil esperou oito rounds para explodir. Juntos, ele no ringue e a torcida em casa, extravasaram toda a emoção.

O resultado positivo levou Acelino (20-0-0) à história. O soteropolitano superava ninguém menos que o norte-americano Mike Tyson, uma das maiores lendas do boxe de todos os tempos, que no início de sua carreira contabilizou 19 nocautes seguidos. Popó ostentava vinte nocautes, dos quais 13 no primeiro round.

***

De volta para casa, curtia uma festa com parentes e amigos na Baixa de Quintas quando viu um rapaz desconhecido xavecando sua irmã Jaqueline, na época com 14 anos. Ciumento, Acelino correu,

pegou na mão da irmã, deu nela um selinho e perguntou quem era que estava dando em cima dela. Pálido de medo, o paquera de Jaqueline saiu em disparada.

Como a vida já lhe permitia ter dinheiro no bolso, Popó recompensaria a irmã pelo vexame três anos mais tarde. Jaqueline completava um mês de namoro e não tinha dinheiro para presentear o namorado. Acelino questionou se ela queria 150 reais para ir a um motel. Reticente, Jaqueline não respondeu e telefonou para todas as amigas para perguntar o que achavam da atitude dele. A dúvida era saber se a oferta de Popó havia sido sincera ou se ele só queria saber se a irmã ainda era virgem para lhe passar um sermão. Jaqueline arriscou a sorte, disse que queria o dinheiro e, enquanto esperava uma bronca, ganhou um afago. Ainda pegou emprestado o Uno Mille prateado, ano 1994, que o irmão havia comprado e fez tudo sem Zuleica desconfiar. Quando soube, a mãe ficou furiosa e proibiu o namorado da filha de pisar em sua casa por um mês.

round 4

O mundo cabe em um cinturão

A vida e a carreira de Acelino Freitas podem ser divididas em antes e depois da luta contra o russo Anatoly Alexandrov. O duelo que valia o título mundial dos superpenas da OMB significava também a redenção ansiada por longos anos. Era um passaporte sem volta para a consagração. Ele sabia que um triunfo contra Alexandrov não seria somente mais uma vitória e tinha a noção exata do valor daquele combate contra o experiente campeão russo, europeu e mundial.

Popó contava mais de dez anos de boxe, vinte lutas como profissional, vinte vitórias, vinte nocautes e três filhos. Aos 23 anos, estava cansado de morar nos dez metros quadrados em que nasceu e cresceu. O lugar tinha sido reformado, nem de longe lembrava o casebre precário de antes, já contava com um banheiro anexo, televisão, uma estrutura mais resistente, mas continuava sendo nada mais que um barraco, incômodo e apertado, pelo qual pagavam cinquenta reais mensais de aluguel. Acelino achou que era hora e tomou a decisão de cumprir a promessa que fizera a Zuleica ainda criança: comprou fiado uma casa para dar de presente à mãe antes mesmo do confronto com Alexandrov e da bolsa resultante de uma eventual vitória.

Negociou a aquisição do imóvel por 19 mil reais, deu uma entrada de 5 mil reais, doação feita pelo amigo de todas as horas Armando Fernandes Leite, e assegurou que pagaria o restante quando (ou se) recebesse o dinheiro proveniente do título da OMB. A proprietária perguntou que certeza ele dava a ela. Ele respondeu que não podia dar nenhuma.

No mês anterior à luta, depois de um treino na Champion, Popó chegou em casa, chamou a mãe e lhe entregou um chaveiro. Zuleica ficou alguns segundos sem entender o que significava aquele gesto até que viu lágrimas nos olhos do filho. E entendeu.

Ela então se viu diante do menino Popó, que um dia prometera que a tiraria dali. Zuleica foi desde sempre quem mais sofreu com a profissão escolhida pelo caçula dos filhos homens. Desejava que o garoto não enveredasse pelo boxe, não aguentava vê-lo se sacrificar para perder peso, nem queria imaginá-lo trocando golpes no ringue. A aflição era tanta que ela jamais conseguiu assistir a uma luta de Acelino. Rezava distante, sozinha, e só depois se informava sobre o resultado.

A mudança para a casa situada na Cidade Nova, comunidade vizinha, custou dez reais e transcorreu em clima de festa. Vizinha à Champion, a moradia tinha lá seus problemas, mas permitia à família Freitas gozar de um novo padrão de vida. O novo lar tinha três quartos, cozinha, banheiro, sala de estar, sala de jantar, terraço e quintal. Ficava perto de um ponto de ônibus, havia à volta padaria, supermercado, açougue e ainda um armazém de materiais de construção. Na verdade, nada faltava ali, exceto o pagamento.

O confronto com o boxeador russo, detentor do cinturão dos superpenas da OMB e sensação do momento, foi marcado para o dia 7 de agosto de 1999, no imponente teatro La Palestre, na cidade de Le Cannet, perto de Cannes, no Sul da França. A escolha do lugar não se deu de forma aleatória. A mulher de Anatoly Alexandrov era francesa e, por isso, o lutador gozava de prestígio no país. O humilde baiano Acelino Freitas despontava como mero coadjuvante de uma festa armada para o europeu brilhar.

Popó havia treinado forte na Champion, ainda a mesma academia improvisada nos fundos da casa de Dórea, em uma preparação que durou ao todo quatro meses. Desembarcara na França faltando apenas uma semana para o combate. Precisava, naquele curto intervalo de tempo, ainda atingir os 58,967 quilos, o peso necessário para estar apto à disputa dos superpenas. Uma parte dos 75 quilos habituais já havia sido perdida, com bastante desgaste, ao longo dos treinamentos no Brasil. A equipe do baiano era composta por Dórea, seu técnico; Jaílson dos Santos, seu amigo e *sparring* principal; o irmão Luís Cláudio, que também ajudava como *sparring*; e Armando, que viajou por conta própria para acompanhá-lo.

Todos, sobretudo Acelino, se indignaram com a promoção desigual da luta. Popó ficou hospedado em um hotel modesto, enquanto o campeão estava em um estabelecimento cinco estrelas, cercado de pompa e regalias. Parecia uma luta do tudo contra o nada. Nascido no Cazaquistão e radicado na Rússia,

os holofotes eram todos para Alexandrov, esguio, cabelos loiros, traços finos. Alguns pôsteres espalhados por Le Cannet anunciando a batalha entre os gladiadores exibiam somente a foto de Anatoly Alexandrov. Acelino Freitas era o adversário sem rosto. Entre si, os brasileiros brincavam que, diante daquele circo armado, eles pareciam “os quatro bobos” (Luís Cláudio, Jaílson, Dórea e Armando) e “o otário” (Popó). Havia sede de justiça por detrás da piada interna. Não era possível levar tudo com bom humor e ignorar a diferença de tratamento. E Acelino a guardou consigo para utilizá-la mais tarde.

A concentração do baiano sempre fora um de seus maiores diferenciais. Popó se preocupava em subir ao ringue 100% preparado. O treinamento de Acelino incluía corridas pela orla de Le Cannet. A certa altura, o desgaste para perder peso se tornava quase insuportável. Nessa hora o time que o acompanhava entrava em ação. Popó não estava sozinho.

Luís Cláudio – ídolo e irmão, homem que ajudava a guiar os passos de Acelino e cuidava dele como se ainda fosse o menino que andava descalço nas ruas da Baixa de Quintas – teve uma ideia para incitar Popó que beirou a genialidade. Ele percebeu a irritação do desafiante com o fato de os pôsteres do evento incluírem apenas imagens de Alexandrov e tirou seu coelho da cartola.

Sem que o irmão notasse, pregou uma fotografia do russo nas costas da sua blusa e passou a correr em um ritmo mais intenso que o mantido pelo já cansado Acelino. Ao ultrapassar Popó, Luís Cláudio gritou: “Olha quem está na sua frente. Se você continuar correndo assim, como um pangaré, ele vai vencer”. Em seguida, indagou: “Vai ficar atrás dele, é?”. A provocação surtiu efeito imediato. Popó pisou no acelerador e deixou Luís Cláudio – e, de quebra, Alexandrov – para trás. Não queria perder para o atual campeão nem por brincadeira. “Deu vontade de socar as costas dele”, Popó recorda.

A pesagem oficial transcorreu sem surpresas. Acelino pesou 58,7 quilos, mais de duzentos gramas abaixo do limite da categoria. Derrubado o peso, o primeiro adversário, o baiano relaxou um pouco. Foi comer e se hidratar, para recuperar o quanto pudesse até a luta. Todos mais relaxados, Armando foi dar uma volta perto do hotel, situado na praia. No passeio descobriu que as banhistas faziam *topless*, sem nenhuma cerimônia, e foi chamar Popó. Toda a equipe correu em disparada para conferir a cena. Felizes, contemplaram a beleza feminina, sentiram a brisa do mar e retornaram ao hotel.

Chegado o aguardado dia da decisão do título mundial, Popó manteve a calma, o foco e a fé inabaláveis. Acelino Freitas estava convicto de que o seu caminho não permitia volta. Não ia deixar o sonho morrer justo diante da maior oportunidade da sua carreira.

Antes de pisar no ringue do La Palestre, em meio a uma torcida estrangeira que não o conhecia e que estava ali para torcer por seu oponente, Popó assistiu, de olhos fechados, ao mesmo filme que passava em sua mente quando viajava em um ônibus velho para disputar torneios amadores, época em que o sonho de alcançar o topo era isso mesmo, um sonho. Agora podia abrir os olhos.

Vaidoso, Acelino preparou um visual diferente para o combate: alisou o cabelo e pintou uma mecha loira, logo escurecida pelo suor. Tranquilo, o lutador vestia bermudas brancas e luvas vermelhas. Obstinado, as 4 mil vozes não o espantaram dali. Dentro do ringue seria um contra um. Venceria o melhor, o mais preparado, o mais talentoso. Nada mais importava, apenas Alexandrov. Ao rememorar esse momento, suas sobrancelhas se franzem e o olhar enrijece.

O árbitro Mike Ortega apitou o início do duelo que poderia mudar a vida de Popó. Ali estava um campeão de 32 anos encarando um menino de 23. Após alguns segundos de estudo, Acelino Freitas deu a primeira investida, evitada por Alexandrov. Os adversários trocaram golpes infrutíferos para marcar território, observaram-se e bailaram no primeiro minuto. O marasmo logo foi sepultado por uma esquiva seguida de um direto de direita de Popó, que jogou o russo contra as cordas. Acelino tentou emendar uma sequência, mas seu rival apelou para o *clinch*. Ortega os separou e reiniciou a disputa.

A postura ofensiva e frenética não era somente orientação técnica. Fora também conselho de Babinha, cochichado em seu ouvido antes da viagem: “Assim que bater o gongo, vá para dentro do russo. Não deixe que ele entre na luta”.

Acelino retomou o duelo encurralando o europeu. Alexandrov não teve tempo nem de respirar. Levou três socos e sofreu um *knockdown*. O juiz abriu contagem. A plateia murmurou seu espanto. O campeão dos superpenas da OMB estava sendo neutralizado por um brasileiro desconhecido. O árbitro contou até sete e autorizou o pugilista a voltar ao combate. Pior para ele. Mãos velozes e pesadas não deram nenhuma chance de reação ao detentor do cinturão. Um amálgama de golpes – entre cruzados, ganchos e diretos – culminou com um direto de direita que acertou o queixo de Anatoly Alexandrov. O favorito despencou, apagado. O relógio marcava 1 minuto e 41 segundos do primeiro round.

Popó pulava incrédulo, sua alma em festa. O nocaute mais emblemático de sua carreira era a certeza de que a nova morada dos Freitas seria quitada sem dificuldade. O grande pugilista era, antes de tudo, um bom filho. Erguido por sua equipe, e com a sensação de dever cumprido, Popó não fazia outra coisa senão chorar e agradecer a Deus. Enquanto isso, pela televisão, Galvão Bueno festejava com os brasileiros que nascia ali o mais novo ídolo do Brasil, o campeão mundial dos superpenas da OMB. Aquele era um cinturão histórico. Fazia 24 anos, desde o médio-ligeiro Miguel de Oliveira, que o Brasil não tinha um campeão mundial. Enquanto chorava de alegria, Popó nem se deu conta de que seu irmão demorara para subir ao ringue. Não era para menos. Na hora do nocaute, a felicidade foi tamanha que, em um pulo, a dentadura de Luís Cláudio caiu em meio ao público próximo ao tablado. Depois de descobri-la entre os pés de duas pessoas, dois seguranças ainda quiseram barrar a subida de Luís Cláudio ao ringue. Nada ali podia conter o irmão de um campeão, nem mesmo uma dentadura perdida.

Alexandrov ficou cinco minutos inconsciente. Atendido por médicos da organização do evento, uma cânula de Guedel foi colocada em sua boca para segurar a base da língua e evitar que ela obstruísse a respiração. Em seguida, uma máscara de oxigênio ajudou na ventilação dos pulmões. Acelino revela que não percebeu o que estava acontecendo, tamanho era o festejo. Quando se deu conta, seu frenesi se transformou em susto. Anatoly Alexandrov chegou a ser encaminhado a um hospital, mas o episódio não passou do susto. No dia seguinte, já no hotel, recebeu a visita de Acelino.

Depois que tudo se acalmou, a organização pediu o exame *antidoping* a Acelino. Desconfiado, Armando não desgrudou do campeão um só momento. Tarimbado, tinha medo de que manipulassem o teste e prejudicassem Popó, já que tudo tinha sido preparado pensando em uma defesa de título tranquila para Alexandrov e o baiano traiu o *script* da produção do evento. O novo detentor do cinturão e sua equipe não puderam ficar no local para ver as outras lutas da noite. Sem nenhum tratamento especial, foram mandados de volta ao hotel. Como a bolsa de 50 mil dólares demoraria um pouco a chegar, além de no caminho ser dissolvida nas mãos dos seus empresários e já ter parte comprometida na compra da casa, Armando tirou os duzentos dólares que tinha na carteira e deu ao boxeador. Popó abriu o mesmo sorriso de menino dos tempos de amador ao ver as notas. O boxe ainda não havia nocauteado a preocupação com dinheiro, uma adversária resistente.

No retorno ao Brasil, um engano quase deixou os brasileiros em maus lençóis. O Aeroporto Internacional Charles de Gaulle, em Paris, foi palco de mais um episódio engraçado na vida de Popó. Desta vez ele não teve envolvimento direto. Armando – que só levara uma mochila na viagem – foi ajudar os colegas e, por engano, pegou o carrinho de bagagem errado para carregar. O empresário acabou detido. Acelino e os demais integrantes da equipe não sabiam se riam ou se ficavam preocupados. De certa maneira, o boxeador foi o responsável pela liberação de Armando. Sem falar sequer uma palavra em francês, o dono da Monumento Sports mostrou aos policiais um jornal local com a reportagem sobre a luta e uma bandeira do Brasil. Isso desfez o mal-entendido e ele foi solto.

A recepção do povo baiano ao novo campeão mundial da OMB foi um dos momentos de maior emoção da carreira de Acelino Freitas. O pugilista ainda não tinha ideia do tamanho de seu feito até sair do Aeroporto Internacional de Salvador. Popó foi recepcionado por autoridades e desfilou em um carro do Corpo de Bombeiros pelas principais ruas da capital baiana. Aquela multidão sabia seu nome e estava ali por sua causa. Parecia Carnaval. Salvador quase parou para recebê-lo.

Babinha, Zuleica e quatro filhos – Paulo, Orlando, Nilton e Jaqueline – tinham sido convidados pelo amigo Bruno Machado para assistir ao duelo decisivo no Clube Bahiano de Tênis, no bairro da Pituba. Foram, vibraram, mas não se sentiram à vontade. De origem simples, a família ficou deslocada naquele ambiente. Agora estavam em casa, e o reencontro deles com Popó misturou sorrisos e lágrimas. “Meu galinho de ouro!”, exclamou Babinha com orgulho ao abraçar o filho. O apelido, cultuado desde a infância, nunca fizera tanto sentido. Acelino era criança quando o pai repetia, em um arroubo profético, que ele era o seu galinho dos ovos de ouro. O apelido foi tatuado no braço esquerdo do boxeador.

O título lançou o pugilista em um mundo novo, com assédio da imprensa, ofertas de patrocínio, convites para festanças e mulheres. A situação econômica começava a se transformar de verdade. Acelino ganhava em torno de 15 mil reais mensais de patrocinadores – embora só ficasse com 25% dos repasses. Ainda recebia menos do que devia e do que merecia, mas a vida já não era a mesma. Trocou seu Uno Mille 1994 por um Mitsubishi Pajero azul-marinho, zero quilômetro. Três meses depois de se sagrar campeão mundial, Popó foi morar sozinho. Comprou uma casa espaçosa, com quatro quartos e piscina, avaliada em 100 mil reais, em Vilas do Atlântico, região do município de Lauro de Freitas, na Região Metropolitana de Salvador. Como o padrão de vida era mesmo outro, o novo Acelino, campeão do mundo, era visto como um super-herói influente e endinheirado. Um sociólogo deixou lá um currículo para que Popó o ajudasse. Uma mulher depositou uma carta na casa de sua família, na Cidade Nova, pedindo 1,5 mil reais para quitar as prestações atrasadas de seu condomínio. Acelino tentava lidar da melhor forma possível com esses casos.

Antes de se mudar para o novo sobrado, Acelino Freitas (21-0-0) faria sua primeira defesa de título. O campeão seria posto à prova. Um duelo para saber se o cinturão da OMB fora merecido mesmo ou se tinha sido mero golpe de sorte. O desafiante era Anthony Martínez, atleta da Nicarágua, mas que representava a Costa Rica, e emendava uma sequência de sete triunfos consecutivos. Popó trocou a frieza de Le Cannet, palco da conquista histórica, pelo calor de sua cidade natal. De desconhecido, estranho, subestimado, seria a estrela principal, o carro-chefe do evento. Não era apenas ao povo brasileiro que Popó devia aquela vitória; ele estaria em casa, perto dos seus. Na primeira fila, a família do campeão dividia agonia e esperança. Apenas Zuleica – repetindo um ritual seguido à risca – não estava lá. Luís Cláudio gritava qual um *corner*. Babinha, vestindo o melhor traje do guarda-roupa, não pronunciava uma palavra sequer. Galvão Bueno narrava, pela Rede Globo, o combate para todo o Brasil, assim como fizera na luta anterior. A nação, uma vez mais, parava para ver o ídolo que nascia. O boxe, tantos anos depois, voltava a ser paixão nacional. Um esporte individual, meia década depois da trágica morte de Ayrton Senna, voltava a ter referências: Gustavo Kuerten no tênis, Popó nos ringues.

Uma semana antes da luta, um sobressalto. Popó fazia *sparring* com o amigo Ricardo da Baga quando foi atingido no supercílio esquerdo. O golpe abriu um corte profundo. Acelino precisou tomar 11 pontos. A sutura foi realizada pelo médico Otto Alencar, vice-governador baiano nomeado em 2010. O pugilista abusou do uso de bonés e caprichou na maquiagem para que ninguém, sobretudo alguém do time rival, notasse o ferimento. Esse problema poderia desclassificá-lo. No dia anterior ao combate, Acelino tirou os pontos.

A luta ocorreu em 26 de outubro de 1999 no estádio da Fonte Nova e foi arbitrada por William Conners. A arena foi instalada no meio do campo e as arquibancadas foram tomadas por 45 mil pessoas. O público, embora distante, era barulhento. Popó não ligava para torcida contra ou a favor. Era como se não enxergasse nem ouvisse nada além dos cerca de trinta metros quadrados de ringue.

Acelino Freitas condensou todas as boas energias que emanavam dali e começou o duelo com tudo. Maestrito, como era conhecido seu oponente, nem sequer teve tempo de respirar. Foi sacudido sobretudo por diretos de direita e cruzados de esquerda e não partia para o contra-ataque. Mesmo assim, Martínez aguentava firme e, do meio para o final do primeiro round, tentou igualar as ações. Foi quando Popó se sobressaiu. O latino-americano ajoelhou-se aos 2 minutos e 31 segundos. Galvão vaticinou:

“Com Popó lutando, cada instante é tempo para terminar”. Mas não terminou. Martínez se reergueu e esperou o gongo soar. Sobreviveu ao assalto inicial.

No intervalo, Luís Cláudio – cuja carreira como boxeador tinha uma luta marcada para o mês seguinte, também em Salvador – exibia um sorriso eloquente. Parecia prever que a vitória do irmão era só questão de um pouco mais de tempo. O segundo round começou com um aviso de Galvão Bueno: “Lá vem a máquina de bater brasileira”. Em 1 minuto e 20 segundos o sorriso de Luís Cláudio foi explicado e as palavras do narrador ganharam vida. Maestrito caiu, levantou-se, bambeou e perdeu. A família Freitas explodiu. A Fonte Nova delirou. A Bahia se rendeu. O Brasil se emocionou. O laço com o torcedor havia sido fortalecido e o título da OMB, mantido.

Segundos antes do nocaute, Maestrito esticou o braço para marcar distância contra o brasileiro e acabou atingindo exatamente o supercílio esquerdo de Acelino. O corte reabriu e um fio de sangue começou a descer pelo rosto. Por sorte, Martínez caiu nocauteado logo depois.

Popó (22-0-0) já sabia que sua próxima defesa seria contra o inglês Barry Jones, de 25 anos, invicto em 18 lutas e primeiro no ranking da OMB, em um desafio que exigia todo o cuidado possível. A preparação para o duelo incluiu uma disputa com ares de amistoso contra o argentino Cláudio Victor Martinet, de 35 anos, com 59 vitórias e nove derrotas no cartel. O confronto em Salvador, arbitrado por José Conrado e realizado em 18 de dezembro de 1999, menos de um mês antes da luta contra Jones, era válido pelos pesos-leves (61,235 quilos), acima dos 58,967 dos superpenas, categoria da qual Acelino era campeão.

O combate durou três assaltos – dos dez que estavam previstos. Foi finalizado na marca de 1 minuto e 40 segundos com mais um nocaute do baiano, o 23o em 23 apresentações. O brasileiro dominou as ações, mas recebeu algumas críticas por ter sofrido dois contragolpes de Martinet no momento em que acuava o adversário. “Quando levo socos em contra-ataques, procuro recuar um pouco para assimilá-los melhor”, argumentou no pós-luta. Foi o que fez. O fato de ter demorado até o terceiro round para ganhar do argentino – campeão sul-americano, mas considerado um oponente fraco – lançou dúvidas às vésperas da defesa do cinturão da OMB. Acelino desconversou. Justificou que necessitava estudar Martinet para depois derrotá-lo. Adotou a cautela, mas terminou como sempre: fazendo o rival beijar a lona. Popó não foi convincente, mas venceu, como um time de futebol que joga mal mas fatura os três pontos.

O que relativizava o desempenho contestável de Acelino era o fato de ele ter relaxado e engordado oito quilos após a vitória contra Maestrito, sua primeira defesa de título. A briga com a balança, como sempre, castigava. Popó precisou passar dez dias – entre 1o e 10 de dezembro – internado em um *spa* na praia de Buraquinho, localizada no litoral norte da Bahia, para perder o excesso de peso. O duelo contra o argentino era quase que para obrigar Acelino a se manter em forma.

Não adiantou muito. A duas semanas da luta valendo a manutenção do título da OMB, Popó (23-0-0) ainda estava cinco quilos acima do limite dos superpenas. “Depois da conquista do título mundial eu me descuidei. Mas agora estou trabalhando para perder peso e entrar em forma”, admitiu ele em uma entrevista concedida à *Folha de S.Paulo* e publicada no dia 2 de janeiro de 2000. “Meu prazo é curto. Treino quatro horas por dia e não posso bobear.” A feijoada de Zuleica, seu prato preferido, estava proibida até segunda ordem. A dieta para bater o peso era à base de verduras e legumes. As celebrações de Natal e de Ano-Novo transcorreram sem excessos. Um empenho para não dar vexame no esperado duelo contra Barry Jones.

O combate estava marcado para 15 de janeiro e seria realizado no Doncaster Dome, em Yorkshire, no Reino Unido, casa do seu oponente. Acelino Freitas desembarcou em Londres uma semana antes da luta e o que já era difícil ganhou contornos dramáticos. A neve tomava conta da Inglaterra. O frio intenso era um obstáculo a mais – e dos mais ingratos – no sacrificante rito para perder peso. Um boxeador geralmente se vale de lugares quentes para queimar os quilos a mais. Popó comia pouco,

quase nada; treinava muito, quase o dia todo. O suor não pingava de jeito nenhum. O risco de um fiasco estava assombrando o campeão.

A pesagem, no dia anterior ao confronto, foi talvez mais temida que o próprio duelo. Na pré-pesagem, duas horas antes da oficial, aconteceu o que já se prenunciava. Jones estava dentro do limite de peso. Acelino, por sua vez, apresentou 150 gramas acima dos 58,967 quilos da categoria.

Popó teria somente 120 minutos para eliminá-los. Pode parecer pouco, mas era uma imensidão diante do que enfrentara para reverter um quadro de cinco quilos excedentes em 15 dias. À sua equipe confidenciou que não aguentava mais. O clima de tensão e incerteza permeou os primeiros minutos da conversa. O técnico Luiz Dórea chegou a admitir a possibilidade de Acelino não lutar e, em consequência, perder o cinturão da OMB.

Debilitado, deitado em seu quarto no hotel, Popó recebeu a visita de Luís Cláudio, o irmão que o auxiliava como um de seus *sparrings*. Quase não conseguia se levantar da cama. Luís Cláudio olhou para o banheiro, olhou para Acelino, pensou no sonho de Popó e da família que ainda não podia ser terminado. Uma sauna na suíte talvez resolvesse o problema. Regulou a água a ponto de fazer vapor e encheu a banheira. Em seguida, vestiu Popó com roupa, roupão, agasalho e cobertor. Dórea chegou ao quarto e foi mais um a ajudar. O pugilista ficava de pé, tocava nas mãos do treinador, sentava-se no vaso sanitário e era abraçado por Luís Cláudio, que fazia uso de mais um cobertor. O processo se repetiu por cerca de uma hora. Finalizada a sauna, Popó foi enxugado pelo irmão e teve o corpo todo raspado, à exceção do cabelo. Valia tudo para fazer os 150 gramas teimosos desaparecerem.

O relógio marcava a hora da pesagem, a hora da verdade. Era tudo ou nada. Barry Jones novamente passou no teste. Era a vez de Popó. Um Acelino receoso subiu na balança e um Acelino aliviado desceu dela. Foi considerado apto a lutar e a defender o seu cinturão dos superpenas. O desafio seguinte era superar a fragilidade, comendo e se reidratando.

A Inglaterra na época respirava boxe. Em menos de duas semanas, no dia 29, o país seria palco de outra superluta envolvendo o peso-pesado Mike Tyson, que encararia o anfitrião Julius Francis, em Manchester. Na plateia da disputa entre Popó e Jones faixas agitadas pela torcida mostravam a expectativa em torno da presença do mítico Tyson.

O início da batalha traiu qualquer *script*. Em apenas vinte segundos Acelino Freitas se viu pela primeira vez perto de uma derrota. Um contragolpe de esquerda aplicado pelo britânico levou o baiano ao chão. Um *knockdown* que, somado ao desgaste na perda de peso, elevou a tensão da luta. O guerreiro caiu, mas se levantou. No retorno, demorou um pouco para encontrar a distância e acompanhar o ritmo do veloz Jones, mas achou o ponto ideal. Um *upper*, um cruzado de esquerda e um direto de direita derrubaram o inglês. Era um troco bem dado e o aviso de que o campeão estava no ringue. Meio minuto depois, novo *knockdown* aplicado por Popó. O europeu, de joelhos, os punhos apoiados no chão, reergueu-se vacilante e desse modo seguiu até o final do primeiro round.

Dali em diante, um Popó inteiro, a mão de pedra de sempre, sufocava o adversário com uma performance que eliminava as dúvidas sobre o seu estado físico. No segundo assalto, o terceiro *knockdown* chegou depois de apenas 35 segundos. No terceiro round, a quarta queda foi fruto de um direto de direita no rosto, na marca de 1 minuto e 40 segundos. Acelino exibia uma variedade de golpes que, aos poucos, minava o rival. No quarto assalto, o mais equilibrado, o nordestino dominava o centro do ringue, mas cedia aos contragolpes. O quinto round foi morno. Cansados, os pugilistas mais perscrutaram um ao outro do que atacaram. No sexto, a mesma tônica.

Ciente do vacilo da fadiga, o campeão tornou a se impor. A um segundo do término do sétimo assalto Popó derrubou o britânico pela quinta vez. O intervalo aliviou um pouco e Acelino precisou somente de trinta segundos para aplicar o sexto *knockdown*, após um direto de esquerda que acertou a cabeça do adversário. Jones se levantou, mas a sequência de quedas já o derrotara. O castigo ininterrupto imposto por Acelino foi interrompido por uma toalha branca lançada pelo time inglês e

significava o fim do combate. A segunda defesa bem-sucedida do detentor do cinturão da OMB estava terminada. Jones, depois da derrota, nunca mais voltou a lutar. Trabalha atualmente como comentarista no canal Box Nation.

Nem houve tempo para celebrar. Popó (24-0-0) foi logo desafiado pelo mexicano Javier Jáuregui a defender pela terceira vez seu título dos superpenas. A Oficina de Ideias confirmou a luta para 18 de março em São Paulo, no Credicard Hall, uma das maiores casas de espetáculo da América Latina. Inicialmente Acelino enfrentaria o nicaraguense Genaro Ríos, mas o atleta cancelou o duelo após um desmaio súbito seguido de convulsões. Jáuregui, então com 26 anos, tinha 51 lutas no cartel, com 42 triunfos (trinta por nocaute), oito reveses e um empate. O campeão reencontraria a capital paulista, bonita passagem de sua trajetória como amador e como profissional.

A cada dia mais famoso e cultuado pelo povo, o ídolo nacional precisava manter os pés no chão. Popó tinha somente 24 anos, a fama que se multiplicava nos nocautes, a aclamação de um país, e deveria ter maturidade para não acabar atraiçoado pelo sucesso. O assédio, caso subisse à cabeça, derrubaria Acelino com o mesmo furor com que ele levava seus rivais à lona.

Às vésperas do duelo contra Jáuregui haveria o Carnaval, entre os dias 4 e 7 de março, uma festa que sempre paralisa a cidade de Salvador. Jovem e um dos maiores expoentes baianos da época, Popó foi convidado para diversos camarotes. A edição da revista *IstoÉ Gente* daquele mês dimensionava a reverência ao boxeador: “Atores globais, como Luciano Szafir e Eri Johnson, entraram na fila para tirar uma foto ao lado do lutador”. De tão requisitado por artistas e fãs anônimos, Acelino Freitas já andava na companhia de um segurança. Pouco mais de um ano antes ele treinava na incerteza do mês seguinte. O esporte e seus contrastes.

A Quarta-Feira de Cinzas chegou e Popó precisava recarregar as baterias e perder o peso necessário para a defesa do cinturão da OMB. O confronto, que teve como *announcer* o apresentador global Léo Batista, arrancou lágrimas de Babinha antes mesmo de começar. Na primeira fila, o pai do atleta não conteve a emoção. Perto dele estava o ilustre Éder Jofre, único brasileiro no Hall da Fama do boxe, campeão mundial pela AMB em 1960 e pelo CMB em 1973. A presença ampliava a responsabilidade do baiano.

Acelino sempre soube lidar com pressão, e um minuto de luta bastou para mostrá-lo. A agressividade do brasileiro incendiou a torcida, estimada em 3,5 mil pessoas, que logo começou a gritar: “Popó! Popó! Popó!”. O coro entoado pelo público ecoou no ringue. Um Acelino inebriado pelo calor que emanava das arquibancadas acertou um cruzado de esquerda fulminante – seguido de um direto de direita, seu golpe mais característico. Chatito, como é conhecido Javier Jáuregui, estatelou-se no tablado e lá permaneceu à contagem do juiz Roberto Ramírez, que encerrou o combate. O mexicano chegou a confidenciar ao seu treinador nem sequer ter visto o golpe de Acelino que o nocauteou. Os torcedores gritaram ainda mais alto. Jofre ergueu o punho direito, abriu um sorriso convincente e recebeu um abraço emocionado de Babinha. Popó (25-0-0) mantinha o cinturão pela terceira vez.

A transmissão do combate pela Rede Globo foi histórica. Teve o mais alto índice de audiência para eventos de boxe da história da emissora, atingindo 46 pontos – o programa anterior, o humorístico *Zorra total*, registrou elevada pontuação. Isso significava que 68% dos aparelhos de televisão ligados naquele horário estavam sintonizados no canal que exibiria a luta, sinal de que o Brasil queria ver Popó lutar. Esse número bateu o recorde anterior, os 42 pontos de audiência anotados no retorno aos ringues do ex-campeão dos pesos-pesados Mike Tyson, em 19 de agosto de 1995, na vitória contra Peter McNeeley. De novo Acelino quebrava uma marca de Tyson.

A imprensa, à época, questionava a qualidade de alguns oponentes de Popó. Cobrava adversários mais fortes. Jáuregui, no entanto, estava longe de ser um lutador inadequado para a disputa. E o tempo mostraria isso: em 22 de novembro de 2003 o mexicano se sagraria em Las Vegas nada menos que campeão da FIB ao bater, por nocaute técnico no 11o round, o norte-americano Leavander Johnson.

As defesas de cinturão não cessavam. O mundo queria ver até onde poderia ir o jovem baiano de origem humilde e socos nada discretos. Desconhecendo seus próprios limites, Acelino Freitas também buscava essa resposta. O quarto desafio a Popó viria do norte-americano Lemuel Nelson, que contabilizava 19 vitórias e apenas duas derrotas. Sua credencial era uma sequência de oito triunfos. Acelino retornaria aos Estados Unidos depois de dez lutas em outros países. O duelo estava marcado para acontecer no imponente Fox Theater, em Detroit. Essa seria a estreia de Popó na rede de televisão a cabo HBO.

Pela primeira vez Acelino duelaria na ausência de Luís Cláudio, irmão, amigo, ídolo, *corner* e *sparring*: tudo e mais um pouco. Não seria fácil olhar e não ver o entusiasmo implacável daquele que fez o campeão enveredar pelo boxe. A razão de ele não estar presente era mais que justa. Na semana seguinte, o precursor dos Freitas no boxe enfim teria pela frente a maior oportunidade de sua carreira. Aos 32 anos, com um cartel de 19 vitórias e uma derrota, Luís Cláudio disputaria o título mundial dos supergalos (até 55,338 kg) contra o mexicano Marco Antonio Barrera, detentor do cinturão. Era a sonhada chance de dividir um protagonismo que havia alguns anos passara de suas mãos para as de Popó.

Adversário de Acelino, Lemuel Nelson era protegido de Roy Jones Jr., comentarista da HBO, sensação do momento no esporte e campeão unificado dos meio-pesados pelas organizações CMB, AMB e FIB. No boxe profissional, as quatro grandes entidades internacionais concedem cinturões de campeão mundial. Um pugilista que detém um dos cinturões de uma das categorias consegue “unificar” seu título quando vence, em disputa pela mesma categoria, o campeão mundial de outra organização. Boatos denunciavam que Nelson havia sido escalado para o duelo mais por sua proximidade com Roy que por méritos próprios. Popó sabia da força que havia nos bastidores. As entidades não tinham critérios fixos para arquitetar combates, o que dava brechas a costuras de empresários e personalidades influentes. Isso não era da conta de Acelino. O confronto, que ocorreria no dia 10 de junho de 2000, diria se Nelson merecera ou não essa chance.

O primeiro round foi de muito estudo, movimentação, algumas ofensivas do brasileiro e poucos *clinches* do norte-americano. O equilíbrio do toma lá, dá cá, logo foi desfeito pelos ataques de Acelino, mas, em um descuido a quarenta segundos do assalto inicial, ele sofreu uma queda. O baque foi mais vacilo que *knockdown*: quando o juiz Dale Grable iniciou a contagem, ganhou um sorriso do baiano.

No segundo round Popó, bem ao seu estilo, deu seu boa-noite ao telespectador da HBO. Primeiro, em um coquetel de *jabs*, cruzados e diretos que levou Nelson ao chão aos 2 minutos e 15 segundos. Depois, noutra sequência que culminou com um direto de direita. O norte-americano caiu de quatro, deitou-se de bruços e se levantou vencido, desnorteado, quase um minuto após o nocaute, a um segundo do fim do round. A HBO exibia, em suas imagens, mais o drama do atleta local que a festa brasileira, mais os sinais de negativo com a cabeça que Lemuel Nelson ensaiava fazer que os sorrisos de Popó (26-0-0), abraçado à bandeira do Brasil.

Os Estados Unidos já tinham visto o mais importante: o superpena que batia como peso-pesado. Os comentários do pós-luta reputavam Acelino como o maior da categoria, incluindo todas as entidades do boxe, e como um dos atletas que proporcionavam os duelos mais emocionantes em toda a modalidade. O processo de “americanização” do baiano tinha mais um capítulo vitorioso. Na entrevista que deu após a luta, Popó repetiu uma palavra à exaustão: “unificação”. Desafiava, ao vivo, os campeões das outras organizações: os norte-americanos Floyd Mayweather Jr. (CMB) e Diego Corrales (FIB), e o cubano Joel Casamayor (AMB). Os rumores de mais uma superluta se multiplicavam.

Antes, o Acelino Freitas pugilista descansaria para entrar em cena o torcedor. O menino que matava aulas para conferir o irmão treinando. O campeão, enfim, veria Luís Cláudio disputar um título mundial. Tirava, antes de tudo, um peso das costas. Popó já havia se dado conta de que, para os seus empresários, mesmo antes do duelo contra Anatoly Alexandrov ele era o preferido. Notou que, com o tempo, a marca

Freitas Brothers fora ignorada e que Luís Cláudio, pela idade mais avançada, passara a ser preterido. O dia de tentar consertar isso havia chegado.

O combate contra Marco Antonio Barrera foi realizado em 17 de junho, na Arena México, na Cidade do México. Luís Cláudio, cabelo pintado de loiro, entrou no ringue fragilizado pela perda de peso. Costumava lutar entre os pesos-pena (57,153 quilos), mas a disputa de cinturão que lhe foi oferecida era uma categoria abaixo. Sob uma torcida ensurdecedora a favor do boxeador mexicano, Luís Cláudio viu o sonho morrer em pouco mais de um minuto. Ele sofreu uma sequência de golpes, finalizada com um gancho de esquerda. O dedão do latino entrou em seu olho e provocou um leve derrame. A cabeça começou a doer. Quando se deu conta, já havia tombado, nocauteado.

Veterano, ele sabia que não teria outra chance como aquela. O gosto da derrota foi bem amargo. O pugilista ainda faria uma luta sete meses depois, mas encerraria sua carreira em seguida. Passou a se dedicar, de corpo e alma, ao irmão. Uma mistura de sparring e conselheiro, Luís Cláudio se realizou no boxe de Popó. Ele se sente campeão mundial porque fez o campeão mundial. Ele sempre foi a referência de Acelino, e sempre esteve ao seu lado. O desabafo derruba Luís Cláudio, que se emociona.

Na quinta defesa do cinturão da OMB de Acelino, Luís Cláudio já estava lá, recomposto. Duas semanas antes da batalha contra o argentino Carlos Alberto Ramón Rios, marcada para 23 de setembro de 2000, Popó e equipe chegaram ao Canadá. A briga com a balança mais uma vez foi uma pedra no sapato. Acelino precisou passar 48 horas dentro de uma espécie de estufa para conseguir bater o limite de peso dos superpenas. As dificuldades cada vez maiores para se encaixar na categoria faziam-no começar a pensar em subir para os pesos-leves.

Carlos Rios, ao contrário das expectativas, foi duro na queda. Popó, mesmo superior no combate, não conseguia nocautear o argentino, que ainda se arriscava a contra-atacar em alguns momentos. O martírio só teve fim no nono round, a 1 minuto e 18 segundos do término da disputa, momento em que uma toalha branca jogada pela equipe de Carlos Rios encerrou a luta, após Popó ter castigado o rival o quanto pôde. Resistente, mas combalido, o desafiante precisou levar sete pontos no rosto que fora rasgado pela mão pesada do brasileiro (27-0-0), cada vez mais campeão.

Antes de o pródigo ano 2000 acabar, o baiano tinha mais um duelo a disputar. A luta do dia 16 de dezembro na Sheffield Arena, Yorkshire, no Reino Unido, seria contra o norte-americano Lewis Wood, que desistiu de última hora por conta de uma lesão na mão. A definição do novo adversário, o porto-riquenho Daniel Alicea, só aconteceu dez dias antes do evento. Popó encararia um oponente de nível intermediário, 11o no ranking da OMB e vindo de uma derrota. Pelas circunstâncias, ficou acertado que o combate não valeria o título.

Não era a primeira vez que Acelino tinha um rival trocado às vésperas do duelo. A situação desagradava ao brasileiro, cuja preparação ficava comprometida. Não era fácil encontrar pugilistas que topassem enfrentar um boxeador como Popó tendo poucos dias para treinar, e esse era um fator que explicava a dificuldade de novo arranjo.

Outro agravante era o excesso de interesses em jogo: a Oficina de Ideias gerenciava sua carreira; o norte-americano Arthur Pelullo promovia seus duelos nos Estados Unidos, embora com a antipatia declarada dos empresários do boxeador; e o britânico Frank Warren organizava as disputas na Europa. Achar um denominador comum para satisfazer todos os envolvidos era tarefa árdua.

Se a situação de Popó era desconfortável, para Alicea era pior ainda. O tempo escasso para o condicionamento – aliado à inferioridade técnica – pesou bastante. O latino foi um adversário fácil. Levou um direto de direita tão súbito quanto sua escolha para a luta. A certeza chegou com 1 minuto e 1 segundo no primeiro assalto. Um golpe que fez o protetor bucal de Alicea voar por mais de dez metros e cair fora do ringue.

A luta na Grã-Bretanha tinha outro objetivo. Fazia parte de uma cruzada empreendida pelo baiano para desafiar o britânico Naseem Hamed, o melhor peso-pena da época, campeão da OMB e do CMB.

Acelino buscava uma superluta com o inglês, o que renderia uma bolsa milionária. Um texto distribuído pelos promotores de Popó tentava incitar o adversário: “Viajei meio mundo para lutar no quintal de Hamed. Espero que ele apareça para ver a luta, mas isso provavelmente vai amedrontá-lo”. A provocação era tamanha que, em um dos pôsteres do evento, o brasileiro perguntava aos moradores se Hamed residia em alguma rua de Sheffield, porque estava à sua procura. A instigação não surtiu efeito. Hamed declinou do desafio e perderia sua luta seguinte para Barrera, o mesmo que havia derrotado Luís Cláudio.

Foi tão fácil o duelo contra Alicea, e tão rápido, que um mês e meio depois, em 27 de janeiro de 2001, lá estava Acelino Freitas (28-0-0) pronto para entrar no ringue, dessa vez valendo a defesa do cinturão dos superpenas da OMB contra o panamenho Orlando Soto, 32 anos, e um cartel de trinta vitórias e seis derrotas, três delas nas últimas seis lutas.

Um dia antes do duelo, Popó anunciou que tentaria, em junho, em dia ainda a ser definido, a unificação do título dos superpenas contra o cubano Joel Casamayor, campeão pela AMB. A declaração evidenciava que, apesar da iminência do combate com Soto, a cabeça de Acelino estava em outro lugar. O cenário cobrava cautela. Um revés inesperado contra o panamenho poderia abortar os planos dele de alçar o voo mais alto de sua carreira.

A superluta fazia parte da estratégia das redes de TV norte-americanas – incluída a Showtime, que patrocinava Popó e transmitia as suas lutas – de transformar os superpenas em uma das principais categorias do boxe. O alto número de pugilistas de elite nessa faixa de peso sustentava essa ideia.

Parte dos empresários de Acelino preferia que ele unificasse os cinturões com o norte-americano Floyd Mayweather, campeão pelo CMB. Em uma declaração polêmica, Popó desafiou Mayweather, prometeu nocauteá-lo e jogar o cinturão do CMB no lixo, por discordâncias com Newton Campos, presidente da Federação Paulista de Pugilismo e vice-presidente vitalício do CMB. O brasileiro não tinha preferência, queria fazer história. Entre o sonho e a realidade, havia Casamayor. Entre Acelino e Casamayor, havia Soto.

Em pleno dia do combate contra Orlando Soto, Popó e Casamayor trocaram algumas declarações ácidas. O cubano, provocador nato, iniciou a conversação: “Popó partirá para o ataque, mas terá três quedas, e a luta acabará”. Não ficou sem resposta. O bom baiano dispensou a calma característica de seu povo e, de sangue quente, devolveu a cutucada: “Cada um fala o que quer. Digo o que posso cumprir, que é meter a mão e nocautear”.

Era preciso levar a cabo a filosofia de dar um passo de cada vez. Respirar a luta contra Casamayor antes do tempo poderia tirar o foco do brasileiro e aumentar a possibilidade de surpresa contra Soto, que, se não estava no melhor momento da carreira, era um oponente respeitável.

Popó lutava no Brasil quase um ano depois do último confronto em território nacional. Fazia sua estreia em Brasília, no ginásio Nilson Nelson. Iniciada a luta, Acelino demorou um pouco para achar Orlando Soto, boxeador que abusava da movimentação. O jogo de pernas beirava a fuga. O latino escapou até onde pôde, mas um direto de direita o lançou ao chão no tempo de 1 minuto e 45 segundos do primeiro round. O *knockdown* seguinte, aos 2 minutos e 13 segundos, foi fatal. A torcida explodiu de felicidade. Popó (29-0-0) conseguia sua sexta defesa do cinturão. “Obrigado, pai” foram as palavras ditas com o rosto voltado para o céu enquanto sua equipe o carregava.

O nocaute arrasador contra Soto era o último carimbo no passaporte para o topo. Acelino Freitas, campeão dos superpenas da OMB, estava pronto para a superluta contra Casamayor. As circunstâncias levavam a crer que o cubano seria o próximo e principal obstáculo no caminho de Popó, mas uma série de acontecimentos – entre verdades, mentiras e dúvidas – mudaria para sempre o destino do baiano antes dessa disputa.

round 5

Um laço e um rompimento

Nas arquibancadas da luta entre Popó e Orlando Soto havia um sorriso diferente. Um perfume doce em meio à profusão de testosterona. A morena exuberante driblou as cordas do ringue apressada, alegria indisfarçável com o triunfo de Acelino. Calças brancas, blusa cor de vinho, lisos cabelos longos tingidos de ouro, ela observava – cada vez mais de perto – o campeão ter o braço erguido uma vez mais. O cinturão de Popó era o abraço da empresária Eliana Guimarães, o amor de sua vida.

O primeiro encontro entre eles havia acontecido meses antes da luta, no começo do ano 2000, em uma festa pré-carnavalesca organizada por uma amiga em comum. Quando ele avistou a baiana foi tiro e queda e a desinibição costumeira passou a anos-luz dele. A barriga gelou, as mãos transpiraram, as pernas tremeram. Na falta de coragem para tomar a iniciativa, pediu à amiga para apresentá-lo a Eliana e, já naquela noite, o boxeador percebeu que nocautear o coração daquela mulher seria mais difícil que levar um oponente ao chão.

Acelino se deparou por acaso, dias depois, com Eliana Guimarães no aeroporto. Titubeou, fez que ia e voltou, imaginou muitas cenas em poucos segundos, mas finalmente foi até ela. A ocasião possibilitava uma pergunta básica: “Está comprando passagem para onde?”, Popó indagou. Eliana respondeu que a família ia para Cancún, na costa leste do México.

Acelino fez cara de surpreso. Arregalou os olhos e declarou: “Que coincidência... Também estou indo para lá”. Eliana sorriu espantada, talvez fosse uma artimanha do destino. Antes de tomarem seus rumos trocaram telefones e a semente do futuro já estava plantada. Popó deixou o terminal aéreo eufórico mas também receoso, já que a viagem a Cancún não passou de invenção. Foi a primeira ideia que veio à sua cabeça.

Popó e Eliana se falavam todos os dias, por telefone ou em encontros agendados por um desejo que se transformava em algo impossível de medir. Passaram-se noventa dias, noventa longos rounds e nenhum beijo. O processo da conquista foi árduo e demorado. Eliana insistia que Acelino, muito jovem e no auge da carreira, não estaria preparado para um relacionamento sério. Popó não negava sua fama de galinha, mas a justificava por ser solteiro, e tentava convencê-la de que ela era diferente de todas as outras. Eliana custou a dizer sim.

Acelino fazia jus às dúvidas da morena. Àquela altura, ele era pai de cinco filhos, de quatro mães diferentes. Juan Popó Freitas, filho de Manuela Vidal, namorada do lutador por um ano, nasceu em 2000. O quinto herdeiro, Gustavo Freitas, chegou em 2001, fruto de um encontro casual com Carla Reis. Popó se dava bem com as mães de seus filhos, era presente na criação deles, contribuía financeiramente para o que fosse necessário, mas procurou deixar claro a Eliana que nenhuma delas representava alguma ameaça.

Além disso, havia muitas outras. Popó aprontava das suas. Pode-se dizer que havia puxado ao pai, Babinha, na fama de mulherengo construída ao longo dos anos. Mesmo nos relacionamentos, para Acelino nada era muito duradouro. O pugilista decepcionou-se com umas, encantou-se com outras, mas nenhuma delas chegou perto de despertar em Popó o sentimento que tinha por Eliana. Acelino tentava fazê-la entender que não podia mudar o passado, mas queria provar que, por ela, era capaz de mudar.

Para ele, Eliana valia toda essa insistência. O primeiro beijo, três meses após a primeira troca de olhares, selou o início da união. O casal começou a namorar e, na luta contra o panamenho Orlando Soto, Eliana Guimarães – herdeira de uma das mais ricas e tradicionais famílias da Bahia, do ramo da construção civil – estava na primeira fileira. Popó tinha, a partir dali, ainda mais inspiração para vencer.

Eliana, à medida que foi participando da vida do namorado, começou a estranhar a situação financeira de Acelino. Por mais que tivesse mudado da água para o vinho em comparação com o passado, ainda mantinha um padrão de vida médio, incompatível com a fama mundial que arregimentara em 29 lutas e 29 nocautes. A suspeita era a mesma nutrida havia muito tempo por Luís Cláudio, mas sempre minimizada por Popó.

Administradora de empresas, habituada a cuidar dos empreendimentos do pai, Eliana Guimarães um

dia questionou se Popó tinha contrato assinado com a Oficina de Ideias e como ele funcionava. O campeão afirmou que sim, mas que não sabia maiores detalhes. Eliana pediu para analisar o documento. Acelino chegou a desconversar, falando que confiava em todos que estavam à sua volta. Não satisfeita, e cada vez mais convicta de que havia algo errado, ela explicou que era preciso atinar para todas as cláusulas: como se dava a divisão, a validade do vínculo, os benefícios, as contrapartidas. Depois disso, Popó se convenceu a mostrar a ela o contrato.

Pediu uma cópia do documento aos empresários da Oficina de Ideias e, de imediato, percebeu a mudança no tom. O carinho tornou-se ameaça. Ouviu deles que, da mesma forma que o fizeram ganhar tudo, o fariam perder tudo. Acelino conhecia, naquele momento, a realidade que sempre evitou enxergar.

De posse do documento, já lido por Eliana, ambos foram consultar advogados. O contrato que Popó assinara repassava 75% de todos os ganhos para os empresários. Não havia seguro para o atleta em caso de acidente – a integridade física do boxeador não contava. Para finalizar, a rescisão contratual implicava uma multa astronômica, na casa dos milhões. Acelino jamais desconfiou. Para quem dormiu no chão até os 23 anos, o pouco que recebia já era muito. Luís Cláudio sempre buzinou em seu ouvido, mas Popó preferia ignorar os conselhos e fazia de conta que estava tudo certo. Mal sabia o que ocorria. No final de março, Acelino decidiu romper com a Oficina de Ideias.

No olho desse furacão, o último adversário do baiano, o panamenho Orlando Soto, foi a público denunciar que os empresários de Acelino pagaram sua bolsa, de 10 mil dólares, utilizando um cheque sem fundos. “Se havia dinheiro em espécie disponível, e pagaram minha bolsa com cheque, havia má intenção”, Soto esbravejou em entrevista à imprensa mundial, publicada na época do escândalo. Os agenciadores de Popó negaram o calote. Argumentaram que tudo não passava de um mal-entendido.

Outras verdades indigestas começaram a pipocar. Surgiu a informação, publicada em veículos do mundo todo, de que Acelino tivera a assinatura falsificada no endosso de um cheque que ele deveria ter recebido e que seguiu outro caminho. O dinheiro – 50 mil dólares, feitos os descontos do valor original, de 75 mil dólares – era proveniente da bolsa pela vitória por nocaute contra Lemuel Nelson, em 10 de junho do ano anterior. No verso do cheque emitido pelo norte-americano Arthur Pelullo, copromotor internacional dos combates do baiano, a assinatura falsa autorizava o repasse da quantia a um parente de um dos empresários ligados à Oficina de Ideias. Popó ainda soubera que um documento assinado anos antes como se fosse uma extensão do contrato com a empresa que o gerenciava era uma versão reformulada de um acordo de patrocínio. A sociedade comercial em questão não permitia ao baiano examinar os documentos.

Vale ressaltar que Pelullo – que sempre fora correto com Acelino – já ganhara uma ação na Justiça dos Estados Unidos contra a Oficina de Ideias, a mesma passagem na qual Acelino acabou detido por duplicidade de contrato. Foi a batalha judicial vencida que permitiu ao norte-americano se reaproximar de Popó e voltar a promover suas lutas no exterior.

Sua separação dos empresários foi doída, recheada de declarações amarguradas de parte a parte. Acelino se disse explorado. A Oficina de Ideias rebateu, chamando o pugilista de ingrato. Duas semanas depois, as partes anunciaram uma reconciliação. Eliana não aceitava o restabelecimento das relações de Acelino com a empresa, e estava determinada a brigar pelos direitos do boxeador. Ao ver o noivo uma vez mais ao lado dos empresários, resolveu pôr fim ao noivado. Popó desabou.

* * *

Turbilhão de problemas à parte, Acelino Freitas tinha um duelo marcado para o dia 5 de maio de 2001 contra o húngaro Laszlo Bognar, no Mississippi, Estados Unidos. O baiano lutaria no mesmo evento que Joel Casamayor, uma estratégia da Showtime para promover a superluta entre ambos marcada para 14 de julho que valeria a unificação dos cinturões da OMB e da AMB. Popó e Casamayor defenderiam seus títulos na mesma noite para que o público pudesse compará-los. Um momento ideal

para o jogo de provocações.

Às vésperas do evento, corpo e mente de Acelino estavam despreparados para o confronto. Alegando estresse e falta de condições psicológicas, Popó cancelou a luta contra Bognar. O soteropolitano, em depoimento dado à imprensa na época, dimensiona sua angústia: “Estou psicologicamente perturbado com tudo o que ocorreu. Ninguém me ajuda. Minha família não entende muito bem o que estou passando. Até minha namorada não aguentou a pressão e me abandonou”.

Mesmo diante da desistência de última hora, o presidente da OMB, o porto-riquenho Francisco Paco Valcarcel, garantiu que Acelino não perderia o cinturão da entidade por não se tratar de uma defesa obrigatória, mas voluntária. Já a Comissão Atlética de Miccosukee, no Mississippi, anunciou que pediria a suspensão do boxeador por tempo indeterminado.

Um boato chegou a dar a superluta entre Popó e Casamayor como cancelada. A rede de TV Showtime, transmissora do combate e patrocinadora dos pugilistas, logo apareceu para colocar panos quentes no ruído de comunicação. Assegurou ao planeta que a disputa estava mantida, mas fora remarcada. Acelino vivia o maior período de inatividade na carreira.

No entanto, Acelino refez os laços com Eliana Guimarães e foi visto com a noiva no Rio de Janeiro jogando futevôlei, entre amigos e artistas. O flagra, embora trivial, gerou críticas ao baiano. A mídia condenou a postura do campeão, como se estivesse alheio à tempestade que pairava sobre a sua carreira.

Em meio a isso, o lutador voltou a ser criticado por seus empresários. Um deles chegou a dizer que o baiano era uma “pílula amarga” que ele era obrigado a engolir. A resposta de Acelino foi definitiva. No final de junho, dois advogados contratados por Popó ingressaram na justiça baiana com uma ação de rescisão contratual, com reposição de perdas e danos, contra a Oficina de Ideias. O casal, enquanto isso, curtia férias em Miami, nos Estados Unidos.

Os ex-empresários do atleta contra-atacaram. Asseveraram que correriam atrás de seus direitos. Um deles seria a multa de 2,5 milhões de reais pela quebra do contrato. O processo envolvendo as partes corre ainda em 2013. Popó ganhou em quatro instâncias, mas houve pedido de recurso em todas elas. Acelino diz que nunca teve problemas com seus empresários, mas ganhava bem menos do que merecia.

Enquanto na justiça corriam o processo e os recursos, Acelino Freitas soube que Arthur Pelullo estava à sua procura. Decidiram conversar e foram além. O contrato entre o baiano e Pelullo – que incluía número de lutas por ano, valor de bolsas e direitos de transmissão, além de ser protegido por cláusula de confidencialidade – foi assinado em um dia. Eliana acompanhou tudo. Leu, releu, assinou embaixo. De saída, Acelino ganhou 50 mil dólares, quantia que nunca tinha recebido com os antigos empresários. Com o contrato, o brasileiro estava delegando maiores poderes a Pelullo, a quem já conhecia há anos, mas que antes atuava somente como promotor de alguns combates no exterior. A reaproximação com o norte-americano devolveu a paz ao brasileiro. Acelino deu uma caneta de presente a Artie, apelido carinhoso do empresário, e pediu que ele testasse a escrita. Quando o gringo clicou na caneta, tomou um choque. Popó não conseguia parar de rir e Pelullo se juntou a ele na gargalhada.

A felicidade ficou plena quando a história de amor com Eliana Guimarães chegou ao matrimônio. O casamento civil foi firmado em maio de 2001 e, cerca de dois meses depois, em 21 de julho, ambos subiram ao altar para a cerimônia religiosa diante de quatrocentos convidados no Cerimonial Marie Louise, um buffet no bairro da Federação, em Salvador. Emocionado, Popó cantou para a noiva a música *Pareço um menino*, de Fábio Júnior, canção que embalava o romance. Na perna, uma tatuagem com o rosto de Eliana. No dedo, uma aliança. No coração, o conforto necessário para continuar o caminho.

Acelino Freitas estava livre para seguir adiante, mas ainda teria de encarar outra separação dolorosa. Uma mudança bem mais traumática, pois Luiz Dórea foi embora com a Oficina de Ideias. Popó, o campeão do mundo, estava sem treinador. O baiano não perdia apenas um técnico. Dórea era parte da

história de Acelino, estava com ele desde menino. Foi na Champion improvisada no quintal de sua casa que Popó nasceu, cresceu e brilhou como boxeador.

Muito magoado, Acelino deu declarações contundentes na imprensa a respeito do técnico: “Gostaria que minha mãe se mudasse de casa para que eu não precisasse mais cruzar com Dórea na rua”, já que eram vizinhos na Cidade Nova. O técnico reclamou de traição e ingratidão por parte do pupilo. Popó, na verdade, esperava que Luiz Dórea ficasse do seu lado na briga com os empresários, o que não aconteceu.

Acelino desabafa e a voz logo engasga. Falar de Dórea é remexer em uma ferida que ainda não cicatrizou por completo. É se referir ao homem que sempre foi mais que treinador, que dividiu as dificuldades e as conquistas, que era padrinho de Igor, seu segundo filho. Não era fácil desatar um nó de 12 anos.

O robusto Luiz Dórea, campeão mundial como pugilista e tetracampeão como treinador, técnico de gigantes de MMA (artes marciais mistas) como Júnior Cigano dos Santos e os irmãos Rodrigo Minotauro Nogueira e Rogério Minotouro Nogueira, chega às lágrimas ao relembrar a trajetória erguida com Acelino. Dórea assegura que nunca abandonou o seu prodígio. Lamenta que Acelino, guiado pelo calor do momento, tenha feito afirmações sem sequer procurá-lo. Acredita que bastava um diálogo e tudo poderia ter sido resolvido de forma simples e amigável. Para ele, não passou de um desencontro.

Luiz Dórea viveu com Popó momentos felizes e tristes, mas prefere guardar somente as boas lembranças. De consciência tranquila, garante que nunca se envolveu nas tramas financeiras dos empresários. Ele recebia somente 8% das bolsas das lutas de Acelino e não tinha participação alguma além do trabalho técnico. Mora na mesma casa até hoje. Dórea tinha e tem um orgulho franco do pupilo. Reconhece que, depois de Popó, sua carreira como técnico despontou. O treinador tomou seu rumo, mas continuou torcendo, de longe, pelo artista do nocaute, como ele mesmo define.

Um adversário de Popó, sabendo da separação, procurou Luiz Dórea para que integrasse sua equipe em luta contra Acelino Freitas. O duelo valia o título mundial. O pugilista ofereceu 30 mil dólares por 15 dias de trabalho. Uma proposta irrecusável – e indecente. O boxeador, que é estrangeiro, mas cujo nome Dórea prefere não revelar, queria minar o desempenho de Acelino. Tinha plena consciência de que, além do ganho de ter o competente treinador em seu time, a presença pura e simples de Dórea no *corner* rival abalaria Popó. Ninguém o conhecia tão bem quanto seu ex-treinador.

Nada impedia Dórea de aceitar o convite. Faz parte da rotina dos técnicos de qualquer esporte a dança das cadeiras. Um dia aqui, outro ali. A cartilha do profissionalismo não trata do assunto de forma pejorativa e antiética. Pelo contrário. Na teoria, caminho livre para o técnico. Na prática, porém, era impossível estar do outro lado. Já no primeiro telefonema o técnico disse “não”. Um categórico e convincente “não”.

O boxeador em questão queria que Dórea lhe desse orientações técnicas sobre como ganhar de Popó, focando nos pontos fracos do baiano. O técnico respondeu na hora que não tinha condições. O vínculo com Popó não era somente profissional, mas emocional. Dórea nem sequer chegou a pensar na proposta. Teve apoio irrestrito de sua família. “Como vou subir no ringue contra um filho?” A indagação é respondida por ele mesmo com um choro incontido.

Acelino Freitas não soube dessa história mesmo depois do reencontro deles em 2005. Popó buscou a reaproximação com Dórea por meio do amigo Josafá Santos, assessor e depois sócio de Acelino. Ele marcou um almoço com Dórea. No restaurante, falou o que pensava: que estava na hora de se perdoarem, que as mágoas deveriam ficar no passado. Dórea aceitou na hora. Pazes feitas, almas refeitas.

round 6

Um novo time

Diante do afastamento de Luiz Dórea, Popó ficou encurralado. Tinha uma unificação de título iminente, o principal desafio de sua carreira, e estava sem treinador. O combate contra Joel Casamayor entrara em uma rotina de protelações que poderia prejudicar Acelino. No dia 1o de agosto de 2001, Popó anunciou que seu novo técnico seria o porto-riquenho Oscar Suárez, que conquistou notoriedade no mundo do boxe como treinador do britânico Naseem Hamed, a quem Acelino já havia desafiado. O vazio, enfim, estava preenchido.

Oscar, entretanto, não estaria sozinho nessa jornada. Dias antes do anúncio do técnico latino-americano Popó decidiu reatar com um passado longínquo. Telefonou em um sábado para Belém, capital do Pará, pois queria falar com Ulysses Pereira, o ex-técnico da Seleção Brasileira de Boxe. Entre 1994 e 1995, imediatamente antes de o soteropolitano se profissionalizar, Ulysses havia ajudado o baiano a conquistar a prata histórica no Pan-Americano de Mar del Plata.

Popó queria Ulysses como treinador ao lado de Oscar Suárez e fez este convite, uma convocação: “Quem vai dizer não ao campeão do mundo?”. A pergunta já vinha com resposta embutida.

O que Popó não sabia é que dois dias antes dessa convocação Ulysses havia conversado com Rosa Helena Coelho, parceira das horas boas e ruins, e disse que estava bastante preocupado com a vida financeira deles. Desanimado com o futuro, pediu que Deus olhasse por ele. Rosa somente disse, resignada, que algo haveria de chegar para o marido. O telefonema de Popó ratificaria as palavras dela. O voo para Salvador já estava comprado para o dia seguinte, um domingo. Na segunda-feira, o paraense se apresentava ao seu novo velho comandado.

Precisava correr contra o relógio para enfrentar os desafios que se avizinhavam. Acelino chegou a ficar ameaçado de perder o cinturão da OMB pela demora em realizar uma defesa. A hipótese da destituição do título chegou a ser levantada. O baiano voltaria à rotina de treinamento e preparação, mas seria temeridade encarar Joel Casamayor depois de oito meses sem lutar. Antes de Casamayor o brasileiro foi escalado para duelar contra o ganês Alfred Kotey, de 33 anos, ex-campeão mundial dos pesos-galo, com um cartel de 24 vitórias, sete derrotas e um empate. Das seis lutas anteriores ele perdera três. Isso ajudaria Acelino a ganhar ritmo. Mas havia um detalhe que o desafiava: Kotey jamais fora nocauteado. Pesaria contra o africano o fato de lutar nos pesos-leves contra o soteropolitano, ou seja, quatro categorias acima da faixa de peso na qual havia se sagrado campeão pela OMB no passado.

Popó teve 45 dias de treinamento intenso em Palm Springs, na Califórnia, cidade com clima desértico e temperatura que ultrapassava os quarenta graus no verão, o que ajudava no processo de perda de peso.

O combate contra Kotey, marcado para 29 de setembro de 2001 no Miccosukee Resort & Gaming, em Miami, nos Estados Unidos, não punha o cinturão de Popó em jogo. Acelino estava empolgado. Oscar Suárez corrigira algumas falhas do boxeador: retificou a base, investiu em movimentação, treinou a defesa e tentou aumentar sua velocidade. Popó chegava para a disputa dizendo aos quatro ventos que não procurava mais somente o nocaute, ele evoluíra na parte técnica. O brasileiro pisou no ringue consciente de que, em 12 de janeiro do ano seguinte, após uma série de adiamentos, ele mediria forças com Casamayor.

Popó foi soberano contra Alfred Kotey. Dominou o centro do ringue desde o primeiro round, buscou mais a luta. Impôs-se, mostrou que era o campeão e avisou que estava de volta. O nocaute, porém, nada de chegar. Um, dois, três assaltos. Ninguém havia aguentado tantos golpes sem se curvar em 29 lutas. Acelino tinha em seu caminho um boxeador longe do melhor momento na carreira, mas um africano guerreiro, duro na queda. Quatro, cinco, seis rounds. Os meses de inércia começavam a pesar. O brasileiro, entretanto, continuava superior. Sete, oito, nove assaltos. A decisão por pontos, pela primeira vez, parecia irremediável. As tentativas de Popó esbarravam na resistência do ganês. O décimo e último round permaneceu fiel ao enredo dos anteriores e assim o gongo derradeiro registrou que a sequência de nocautes estava quebrada. A marca histórica chegava ao fim.

Acelino de forma alguma se abateu com a quebra do recorde. Sabia que cedo ou tarde algum confronto se arrastaria até o final, para a decisão por pontos. Nos tempos de amador, o baiano chegou a ver triunfos certos se transformarem em derrotas graças a avaliações equivocadas e suspeitas dos juízes. Ali não havia razão para temor, a supremacia brasileira havia sido límpida, e o anúncio do resultado a confirmou: 100-89, 100-90 e 100-90 para Popó. Uma vitória unânime.

Foi uma das melhores lutas de sua vida. Acelino machucou a mão no quinto round de tanto que golpeou o rival, mas ainda assim continuou lutando. Ganhou todos os assaltos e ainda não sabe como Kotey permaneceu de pé.

round 7

A glória da unificação

O teste contra Alfred Kotey havia sido mais que válido. O hiato fora preenchido. Acelino Freitas (30-0-0), vida nova, empresário novo, técnico novo, estava pronto para a guerra. Não havia mais brechas para que postergasse seu caminho.

Popó habituou-se, ao longo dos anos, a ouvir alguns especialistas questionando a qualidade de seus adversários. A superluta contra o cubano Joel Casamayor jogaria uma pá de cal nas críticas. O confronto, que unificaria os títulos da OMB, em posse de Acelino, e da AMB, nas mãos de Casamayor, provava a coragem do baiano. Independentemente do resultado final.

Popó poria seu cinturão em jogo contra um pugilista quatro anos mais velho, campeão olímpico em Barcelona no ano de 1992, com 26 lutas e 26 vitórias. O páreo era de gigante contra gigante, invicto contra invicto. Os dois lados não sabiam o que era perder. Um dos dois seria forçado a aprender.

Acelino decidiu voltar a Palm Springs para finalizar sua preparação. Foram três meses intensos na cidade. Ele vivia o auge de sua forma física. Estava com 26 anos e amadurecido. Feliz e focado, treinava com rigor espartano.

A fase áurea quase o atrapalhou. Acelino ofereceu quinhentos dólares a cada *sparring* local por um trabalho que se estendia de sábado a sábado. Nenhum pugilista contratado pela equipe brasileira suportou terminar a semana. Inventava um motivo e desistia, entre hematomas e cortes. Três deles acabaram machucados pelo baiano, dois norte-americanos e um mexicano.

Acelino se viu sem *sparrings* à disposição. O inconveniente foi amplificado por um detalhe: Casamayor era canhoto, ou seja, seria ainda mais difícil encontrar candidatos a fazer luva com Popó que tivessem as características do cubano. Luís Cláudio entrou em cena. O irmão, que se aposentara dos ringues e passara a ajudar Acelino, era o único que não podia dizer “não” ao árduo papel. Assistiu a alguns vídeos do adversário e se pôs a treinar como se fosse canhoto.

A fatigante rotina de treinamentos por pouco não foi interrompida por um acontecimento cômico e quase trágico. Popó corria pelas ruas de Palm Springs, para bater o peso dos superpenas, e um cachorro pastor-alemão se soltou de seu dono e avançou, instintivamente, contra o boxeador brasileiro. Ulysses Pereira, ao perceber a situação de perigo, saltou da van que acompanhava o pugilista e partiu para cima do cão. Nesse momento o dono do animal deu uma ordem e conseguiu conter o pastor-alemão. Oscar Suárez, técnico principal de Popó, questionou a atitude intempestiva do companheiro: “Que porra tu ia fazer? Está maluco?”, indagou. Ulysses retrucou sem pensar duas vezes: “Eu ia me agarrar com o cachorro para ele não morder Popó”. A gargalhada foi geral.

Em meio à preparação, surgiu a informação de que Acelino fora convidado para participar da segunda edição da *Casa dos artistas*, *reality show* transmitido pelo SBT e sucesso de público. No ápice de sua fama, Popó declinou do desafio. Acreditou que a participação desviaria o foco de sua carreira. E ele tinha razão.

Outra proposta surgida nesses dias mexeu com o brasileiro. Acelino, por pouco, não se naturalizou norte-americano. A oferta partiu de Arthur Pelullo, que notara que o pugilista perdia muitos contratos de patrocínio nos Estados Unidos por não saber falar inglês. Morando lá, tudo ficaria mais fácil. Popó não se deixou seduzir. Só ele sabia como era duro ter de passar semanas afastado de casa e da família durante os treinamentos. Residir longe da sua Bahia e da feijoada de Zuleica era algo fora de cogitação. Acelino nunca negou suas origens, sempre teve orgulho de dizer de onde veio. A falta de incentivo no Brasil chegou a balançar, mas não falou mais alto que o patriotismo.

A superluta entre os campeões era, antes de tudo, uma disputa de estilos. Um brasileiro agressivo, nocauteador, mas que no último duelo viu sua série de 29 nocautes ser quebrada, contra um cubano técnico, rápido e eficaz, que pela postura de canhoto tentaria confundir Acelino. Dois centímetros mais alto que Popó, El Cepillo tinha cabelo quase raspado, barba por fazer e uma magreza que facilitava o baile no ringue.

Os números dimensionavam as distinções entre ambos. Em sete defesas do título da OMB, Popó

disputara 24 assaltos. Em sete defesas pela AMB, Casamayor lutara 64 rounds. Na carreira, o baiano fizera trinta lutas em 106 assaltos. O latino, por sua vez, combatera em 144 rounds, em um total de 26 duelos. Os confrontos protagonizados por Acelino duravam em média 3,5 assaltos e o índice de nocautes era de 96%. Casamayor batalhava cerca de 5,5 rounds e tinha aproveitamento de 61%.

As bolsas de apostas davam leve favoritismo a Joel Casamayor por 7 a 5. Popó, alheio às especulações, condicionava-se para a disputa ao mesmo tempo em que mirava outras unificações, contra os norte-americanos Steve Forbes, campeão da FIB, e Floyd Mayweather, detentor do título dos superpenas pelo CMB. A luta entre Acelino e Casamayor era também uma chance rara de dar mais envergadura e respaldo à OMB, que crescia na Europa, mas ainda contava com olhares desconfiados nos Estados Unidos. As circunstâncias eram cristalinas: havia muito mais que uma unificação em jogo.

O páreo renderia bolsas de 1,3 milhão de dólares, 400 mil dólares para Acelino Freitas. Somada aos direitos de transmissão, a quantia era a maior já recebida pelo pugilista soteropolitano. Na véspera da luta, Popó desabafou: “Sou um campeão invicto, com sete defesas de título, e, mesmo assim, muitas pessoas não acreditam em mim. Tenho de fazer a unificação para mostrar que sou um campeão de verdade”. Casamayor não deixou por menos. Ressaltou que seria o combate mais importante de sua carreira. O jogo de palavras temperava ainda mais a batalha. A ansiedade por uma luta adiada um sem-número de vezes seria, enfim, saciada. Chegava a hora da verdade.

Dia 12 de janeiro de 2002. O Dia D para Acelino Freitas. Cox Pavilion, cidade de Las Vegas, Estados Unidos. A majestosa arena, com 7 mil metros quadrados e 3,1 mil lugares, mostrava-se à altura da festa. O futuro de Popó estava ali, no quadrado central cercado por cordas, no polígono reservado aos guerreiros. Todas as perguntas seriam respondidas em, no máximo, 12 rounds.

Um acordo preestabelecido entre as equipes – atendendo a um pedido da Comissão Atlética de Nevada – definiu que Popó seria o primeiro a entrar no ringue e o último a ser apresentado, uma forma de agradar às duas partes. O cassino em Las Vegas havia sido palco de confrontos épicos de Sugar Ray Leonard, um dos grandes ídolos de Acelino.

Popó ambicionava, desde sempre, a conquista de um cinturão da AMB, maior e mais antiga organização de boxe do planeta, fundada em 1962, mas com raízes na década de 1920. O sonho estava debaixo do seu nariz. Só dependia dele. A confiança era reforçada pela fé de Babinha, que, antes que o filho viajasse para os Estados Unidos, repetia à exaustão: “Casamayor vai virar Casamenor”.

Na preleção da disputa, o árbitro Joe Cortez deu o seu recado: “Espero uma luta limpa. Protejam-se a todo momento e tenham muita precaução com os golpes baixos e com a cabeça. Toquem as mãos”. As palavras tinham destinatário certo. O provocador cubano Joel Casamayor era mesmo um osso duro de roer. No aquecimento, ainda de roupão, saiu de seu *corner* para bailar na frente do brasileiro, que, concentrado, se manteve indiferente à provocação.

Popó iniciou como de costume, sem deixar o oponente respirar. Dominou o centro do ringue, caminhou para a frente, marcou território com alguns *jabs* e arriscou alguns diretos. A esquiva de Casamayor estava afiada. O contragolpe, embora tímido, também. A tônica do round inaugural foi esta: o baiano encurralava, o cubano fugia. O soar do primeiro gongo elevou o espírito de Acelino Freitas. Sim, era possível vencer Casamayor. O segundo assalto foi franco e equilibrado, mas com vantagem brasileira. “Vai, Popó!” era o grito que mais ecoava das arquibancadas. Eliana era a voz que mais se ouvia.

Do lado dela, um ensurdecedor Luís Cláudio fazia tudo que podia para desconcentrar o cubano. Esgoelava-se proferindo pilhérias contra o oponente. O adjetivo mais repetido foi “cachaceiro”. Nos bastidores contavam que o latino era chegado à bebida. A cada intervalo, Casamayor olhava enfurecido para Luís Cláudio. Sinal de que o trabalho estava sendo benfeito.

No terceiro round, o relógio indicava 1 minuto e 12 segundos quando uma sequência de três socos aplicada por Popó derrubou Casamayor. O juiz abriu contagem e o cubano, já de pé, reagiu com um

sorriso irônico, contestando o *knockdown*. Argumentava que havia escorregado ao caminhar para trás. A luta recomeçou com o baiano ainda mais agressivo.

O quarto assalto foi mais morno, mas ainda com Popó comandando as ações. No quinto, Acelino já não tinha o mesmo ímpeto. A troca de golpes sem furor favorecia o campeão da AMB. Popó perdia o sexto round quando Casamayor foi penalizado por conta de dois golpes ilegais desferidos na nuca do brasileiro. No sétimo assalto, os papéis se inverteram. Acelino andava para trás, e Casamayor lançava sua ofensiva, acertando o soteropolitano com golpes contundentes. Popó tratou de se impor e retomar o controle do duelo. Fez pouco, mas o suficiente para pontuar. Ao final do round, Acelino ergueu os braços em sinal de vitória, mais para marcar um triunfo no assalto do que na luta em si. Ainda restavam cinco assaltos, mas essa era sua maneira de devolver a provocação.

Oscar Suárez e Ulysses Pereira já estavam quase sem voz de tanto berrar. Os gritos à beira do ringue eram uma luta à parte. Ao lado deles, o lutador de MMA Vitor Belfort, estrela do Ultimate Fighting Championship (UFC) e do Pride, comentava o duelo para uma emissora de TV estrangeira. Quando a rouquidão dos técnicos apertou, a saída foi apelar. “A gente cochichava as ordens para Belfort e ele gritava para Popó as nossas recomendações”, recorda Ulysses, que depois treinaria Vitor Belfort na conquista do cinturão dos meio-pesados do UFC.

No oitavo round, o cubano caiu com menos de vinte segundos. Joe Cortez dessa vez não entendeu como *knockdown*, mas como desequilíbrio. No nono assalto Casamayor foi à caça de Popó. O festival de incitações entre um e outro obrigou o árbitro a interromper o combate e pedir o cumprimento dos rivais. Acelino ganhava a luta, mas já não tinha o mesmo gás, a mesma potência. Passava a ser cada vez mais atacado. O décimo assalto seguiu no mesmo enredo. O ímpeto de Casamayor também desmoronava ante a fortaleza baiana. No penúltimo round, Popó lançou mão de movimentação, esquivas e contragolpes.

Oscar Suárez sacudiu o brasileiro no último intervalo. Gritou que ele podia fazer mais. Frisou que era preciso lutar até a morte. Um nocaute àquela altura era improvável, dado o cansaço, mas foi uma luta digna de dois campeões, dois leões, apesar da certeza de que somente um continuaria no trono. O esporte muitas vezes é implacável.

No apito final, comemorações dos dois lados. Popó e Casamayor levantaram os braços e foram erguidos por seus treinadores. O sorriso do cubano não convencia, ele parecia preocupado. Acelino externava maior convicção.

Antes mesmo do resultado, o beijo de Eliana brindou o esforço do baiano. Abraçaram-se em uma bandeira do Brasil e festejaram com a equipe brasileira. Eliana revelaria que o casal havia passado três semanas de abstinência sexual para que Acelino se mantivesse 100% concentrado. Dormiam no mesmo quarto, mas a preparação era um ritual sagrado e cumprido à risca.

O futuro era uma incógnita. Qualquer placar seria possível. Foi a luta mais difícil da carreira de Popó. Do outro lado estava um ex-campeão olímpico, com mais de quatrocentos combates entre boxe amador e profissional. Vencedor, experiente e dono de artimanhas nem sempre lícitas. Um craque no antijogo. Acelino tomou pisões, cotoveladas, cabeçadas, chutes e joelhadas, golpes ilegais sempre disfarçados.

Casamayor, entretanto, estava longe de ser somente provocação. Sua trajetória vencedora falava por si. Suas investidas renderam ao brasileiro 38 pontos no supercílio direito e mais sete abaixo do olho esquerdo. Pela primeira vez ele sangrava durante a luta. Popó estava contundido, mas confiante de que havia atacado mais do que fora castigado.

O anúncio de que a decisão havia sido unânime calou o ringue e a plateia. Imperou o silêncio da apreensão. Os três juízes – Robert Byrd, Bill Graham e Dave Moretti – marcaram 114-112. Restava saber para quem: “O novo campeão dos superpenas da AMB e da OMB é... Acelino Popó Freitas!”. Agarrado à bandeira nacional, Popó (31-0-0) comemorava em alto e bom som a principal conquista de

sua carreira. O público que lotava as dependências do cassino ecoou o seu grito.

O 10-8 anotado por todos os juízes em favor de Acelino no terceiro round pesou de maneira decisiva no resultado, assim como a penalização a Casamayor no sexto assalto pela sequência de dois golpes ilegais na nuca do brasileiro. O time do cubano ainda apelou ante a Comissão Atlética de Nevada. Em vão. Perdeu dentro e fora do ringue.

Quase dois anos e meio depois de vencer Anatoly Alexandrov e se tornar campeão do mundo pela OMB, Acelino Freitas encerrava de vez as dúvidas que pairavam sobre ele. Popó se tornara uma certeza irrefutável com o segundo título mundial. Unificara dois cinturões. Seu nome estava na seleta galeria das lendas do esporte.

Da euforia Popó partiu para o desafio. Chamou Floyd Mayweather, campeão mundial dos superpenas pelo CMB, para a briga: “Podem avisar para o Mayweather que ele é o próximo”. Ele queria mais um cinturão. Mayweather, presente no evento, chegou a subir ao ringue e aceitou o convite: “Definitivamente quero lutar com Acelino Freitas”. A disputa entre o brasileiro, considerado o maior da categoria, e o norte-americano, reputado como o mais completo entre os superpenas, prometia.

Na volta para casa, Popó foi recebido por cerca de 8 mil pessoas. Trazia mais um cinturão afivelado. Assim como na vitória contra Alexandrov, seu primeiro cinturão, o brasileiro desfilou em uma viatura do Corpo de Bombeiros e cumpriu um percurso de quarenta quilômetros até a Igreja de Nosso Senhor do Bonfim, a principal de Salvador, onde agradeceu a Deus pela consagração. De lá seguiu direto para a casa da mãe, na Cidade Nova, onde se deleitou com a tradicional feijoada preparada a cada retorno.

Nesse ritmo, seu prato típico acabou ganhando fama a ponto de Zuleica ser chamada para o programa de TV da apresentadora Ana Maria Braga para preparar a sua especialidade. O encontro das duas resultou em uma passagem engraçada. Durante a conversa, Ana Maria perguntou à mãe de Popó: “Você cozinha com o quê?”. Queria saber quais eram os ingredientes utilizados, mas Zuleica não entendeu e respondeu, ao vivo, para todo o país: “Com Brasilgás”. Sem ter a intenção de fazer propaganda da distribuidora de gás de cozinha em cadeia nacional, pois era apenas falta de entendimento, o errado deu certo e Zuleica se tornou garota-propaganda da empresa. Ganhou avental, chapéu, botijões e um cachê de 50 mil reais para gravar um comercial.

O campeão unificado Acelino Freitas passou a ser cobiçado por toda a categoria. Além de ter desafiado Mayweather, Popó recebeu uma proposta para enfrentar Steve Forbes, detentor do cinturão da FIB, e um pedido de revanche de Joel Casamayor. Uma decisão da OMB frustrou os planos de todos. A organização definiu que o próximo adversário de Acelino seria o nigeriano Daniel Attah, primeiro no ranking da entidade. E Popó teria o prazo de 120 dias para pôr os cinturões em disputa. O regulamento da OMB foi seguido na definição do desafiante e no prazo para a disputa, procedimento comum a todas as organizações de boxe, e com isso os desejos dos campeões teriam de ficar em segundo plano. Funciona assim no mundo do boxe.

O pega entre Popó e Mayweather ficou ainda mais distante quando o norte-americano venceu, por pontos, em 21 de abril de 2002, o título dos pesos leves do CMB contra o mexicano José Luís Castillo, em decisão contestada. Essa categoria é um nível acima da dos superpenas.

Outro agravante era a rivalidade histórica entre o CMB e a OMB. Os organizadores do CMB disseram que certamente Popó poderia disputar o título da entidade, mas que, para isso, ele teria de abandonar o cinturão da OMB, instituição pela qual ele nutria muito carinho, por ter sido a primeira que lhe abriu as portas.

Frustração à parte, Acelino viajou para os Estados Unidos. Ele foi para Pocono, na Pensilvânia, para a reta final de sua preparação para a luta contra Attah. O africano tinha um cartel com vinte vitórias, um empate e nenhuma derrota. A fase áurea vivida por Popó possibilitou que mais brasileiros tivessem chance nas disputas internacionais. O evento teria a participação de outros quatro lutadores nas preliminares: o peso-leve Juliano Ramos, o meio-pesado Laudelino Barros, o peso-pena Valdemir

Pereira, conhecido como Sertão, e o meio médio ligeiro armênio José Archak, que estava em processo de naturalização e já defendera a Seleção Brasileira de Boxe. Pouco antes de embarcar, Acelino tinha anunciado a criação da Ali Promoções e Produções, empresa de gerenciamento de pugilistas. Archak era o primeiro boxeador empresariado pelo baiano.

A defesa aconteceu no Dodge Theater, em Phoenix, também nos Estados Unidos. Popó entrou no imponente teatro fazendo uma homenagem à Seleção Brasileira de Futebol, que acabara de conquistar o pentacampeonato mundial. Caminhou para o ringue ao som de *Festa*, música de Ivete Sangalo, que havia se tornado tema do escrete canarinho. O pugilista vestiu um roupão verde e amarelo e distribuiu bolas para a plateia. Queria repetir o sucesso de Ronaldo, Rivaldo e companhia. Queria misturar grama com ringue, bola com luva, chute com soco. Queria samba.

Attah se anunciava como uma provável repetição da tormenta chamada Casamayor: também era canhoto e, assim como o cubano, tinha fama de fazer jogo sujo. Acelino foi para a luta ciente de que seu adversário costumava dar cabeçadas propositais nos rivais. No entanto, em Attah faltava o principal: qualidade. O nigeriano foi pressionado nos 12 rounds por Popó. Arriscou alguns contra-ataques, mas nada que o ameaçasse. Acelino ainda teve um ponto descontado pelo árbitro Robert Ferrara por um golpe baixo desferido no décimo round e reclamou do excesso de cabeçadas de seu oponente, além de um pisão.

No *corner*, antes do início do último assalto, na iminência da terceira vitória seguida por pontos pela falta de nocautes, Popó desabafou: “Não tenho obrigação de nada”. O triunfo era tão certo que, no final, antes de o gongo soar, o baiano arriscou uns passos de dança. Houve quem criticasse a atitude, classificada como menosprezo a Attah, mas Acelino argumentou que se tratava de uma homenagem a Sugar Ray Leonard e Muhammad Ali. O brasileiro acabou vencendo por decisão unânime. Os três juízes – Raul Caiz, Guy Jutras e Chris Wilson – anotaram 117-110 para Popó, ante um público de quase 2,5 mil pessoas que vibraram com o campeão.

Nas entrevistas antes do duelo, Acelino Freitas (32-0-0) mirava um nocaute. Estava com saudade de finalizar os combates com os golpes arrebatadores que lhe deram fama. Tentava esconder a frustração, minimizar o assunto e exaltar o triunfo. Os números, no entanto, gritavam. O Popó de Luiz Dórea fez 29 lutas e obteve 29 nocautes. O Popó de Oscar Suárez e Ulysses Pereira tinha três lutas, todas vencidas por pontos. Dórea acredita que a mudança de comando prejudicou o lutador. A metodologia do treinador baiano fez de Acelino o artista do nocaute. A dupla se entendia pelo olhar, tamanha a confiança. O trabalho técnico, tático e psicológico explorava o poder nocauteador do pugilista. Dórea preparava Popó para o nocaute como um artilheiro é preparado para o gol. O ex-treinador afirma que, com a nova equipe, ele perdeu a essência. Mudou seu estilo. Ulysses, por outro lado, tentou explorar a técnica do baiano, antes adormecida e calada pela agressividade. Humilde, afirma que chegou para acrescentar. Acelino Freitas se esquiva da polêmica. Resume sua posição ao dizer que se adaptou bem à nova realidade e que não quer fazer comparações.

round 8

O adeus a Babinha

Acelino já havia enfrentado muito na vida, mas não a dor da perda. Nada chegava perto do que sentiu quando Babinha recebeu, no início de 2002, o diagnóstico médico de que estava com câncer na garganta, fruto de anos e anos de cigarro e de bebida em excesso. Lutou contra Daniel Attah já ciente da doença do pai e ficou feliz de poder proporcionar a ele mais essa vitória.

Palavras não explicam o amor entre pai e filho. Popó não negava os defeitos de Babinha, mas nunca gostou de beber porque sabia exatamente os males que o álcool pode trazer a uma família. Havia outro Babinha que Popó também conhecia. Um homem com alma de boêmio, carismático, louco por Acelino.

Babinha já andava com a saúde fragilizada antes mesmo de descobrir que o caroço na garganta era um tumor maligno. Estava sempre no hospital necessitando de nebulização, já que a falta de ar causada pelo enfisema pulmonar se tornava cada vez maior.

Babinha ficou uma semana internado no Hospital Aristides Maltez, em Salvador, referência estadual no tratamento contra o câncer. Fez rádio e quimioterapia, mas não havia muito jeito: o caso era irremediável. Ninguém ousava contar a ele, mas Babinha sabia que era apenas questão de tempo.

Já muito debilitado, foi novamente internado. A consciência do pai era o que mais angustiava o filho. Babinha chamou Popó à Unidade de Terapia Intensiva e pediu a ele, quase afônico: “Eu quero ir embora daqui”. Pediu para morrer em casa. As palavras sussurradas eram uma ordem. Acelino abraçou o pai e foi dar andamento à montagem de uma estrutura de *home care* na casa da Cidade Nova. Uma ambulância transferiu Babinha do hospital para casa, onde ele tinha à disposição todos os aparelhos necessários e duas enfermeiras de plantão. Já era noite quando chegaram.

Na madrugada seguinte, às 4 horas, o telefone de Acelino tocou. Seus irmãos o chamavam com urgência. O quadro de saúde do pai havia piorado.

Já amanhecendo, Babinha cochichou no ouvido de Acelino um último desejo. Companheiro inseparável do violão e da noite, queria ouvir música antes de morrer. Era sexta-feira, dia oficial da boemia, uma razão a mais para atender ao seu apelo. Luís Cláudio e Popó correram atrás de algum colega com quem Babinha tocava os sucessos de cantores como Nelson Gonçalves e Roberto Carlos pelos becos da periferia soteropolitana. Encontraram um. O violonista fez corpo mole. Inventou uma série de motivos para não ir até lá. Os irmãos insistiram, mas acabaram voltando para casa frustrados. Não tiveram tempo de justificar a ausência de um violonista. O ponteiro do relógio chegava às 8 horas, no dia 8 de novembro de 2002. Ao lado de Acelino, Babinha deu o último suspiro. Nada disse. Descansou.

O sofrimento do pai se encerrava. O vazio do filho começava. Popó, campeão mundial unificado de boxe, precisaria seguir em frente, transpor a lacuna deixada por Babinha. O desafio era se acostumar a não ouvir mais aquela voz malandra chamando pelo seu “galinho de ouro”. Acelino queria que o pai tivesse acompanhado um pouco mais de sua ascensão, mas Babinha havia levado o orgulho de ter visto o filho campeão mundial.

Recorda que o apoio irrestrito do pai não existia somente quando o assunto era boxe. Babinha sempre fora defensor ferrenho de Eliana – ela não era unanimidade entre os parentes por ter nascido em berço de ouro. Aconselhava o filho a ser para a mulher tudo que ele não foi para Zuleica.

Babinha deixou 16 filhos, de três mulheres diferentes, alguns tidos já depois do casamento com Zuleica – que nunca foi de papel passado. Mesmo casado, não deixou de ter suas amantes. Mais afeito às noitadas que ao trabalho, o homem tinha suas artimanhas para amaciar a mulher. Quando fazia alguma bobagem, levava um acarajé para acalmar Zuleica. Viúva, diz ela que nunca ninguém amou um homem como ela amou Babinha. Sente saudade.

Babinha faleceu segurando debaixo do braço uma pequena bolsa contendo 2 mil reais entre moedas e notas menores. O dinheiro era fruto de trocados que ele pedia a Popó sempre que o via. Era o tesouro escondido por Babinha e encontrado pelos filhos. Alegria dos netos, Babinha ganhava cinquenta reais para mergulhar na piscina da casa de Acelino à noite. Ignorava a água gelada para ver o sorriso no rosto

das crianças, mas também o dinheiro em seu bolso.

Acelino ficou cerca de cinco meses sem pisar no ringue. Perdeu o pai e um incentivador. Por mais difícil que fosse, era necessário continuar. Todos ao seu redor dependiam de suas vitórias. E sua carreira estava em jogo.

Passado o longo luto, o retorno aos ringues foi anunciado. O oponente seria o mexicano Gabe Ruelas, de 32 anos, que ganhou notoriedade após o drama que se tornou a sua luta contra o colombiano Jimmy Garcia, em 6 de maio de 1995. Ruelas, então campeão mundial pelo CMB, defendia seu título e, no 11o round, acertou uma sequência de golpes que fez o desafiante desmaiar. Garcia ficou em coma e morreu 13 dias depois. Considerado uma promessa do esporte, Ruelas viu sua carreira declinar após a tragédia. Perdeu o cinturão já no duelo seguinte, chegou a parar de lutar e demorou a se recompor. A Showtime, transmissora do evento, terminou vetando o nome de Ruelas para a luta em 6 de fevereiro de 2003, alegando a baixa qualidade dos últimos rivais do mexicano.

No dia seguinte, outro mexicano, Juan Carlos Ramírez, foi anunciado como adversário de Popó. Acelino foi fazer sua preparação em Porto Rico e levou, com a equipe técnica, sua cozinheira Márcia Santos. Queria se manter fiel ao tempero caseiro. Nas semanas anteriores ao duelo o lutador chegou a receber o convite para posar nu em uma revista masculina, mas recusou. Não havia momento mais inapropriado para essa proposta.

O calendário chegava ao dia 15 de março de 2003. Popó teria de lutar. A disputa lotou os quase 7 mil lugares do UIC Pavilion, em Chicago, nos Estados Unidos. Iniciou a luta com a mesma concentração de sempre, a mesma sede de sempre. Estava no ringue, nada mais existia. Dominou o centro do tablado, castigou o rival e, em alguns momentos, partiu para a troca franca. Fez lembrar o Popó dos velhos tempos, menos técnica e mais coração. Mesmo deixando espaço para os contragolpes, o brasileiro era mais contundente e preciso que o mexicano.

No segundo round, em uma virada inesperada, Acelino foi ao chão em meio a uma sequência de ataques. O juiz Genaro Rodríguez abriu contagem. Popó logo se levantou. Fez sinal de negativo com a cabeça, como que argumentando que a queda havia sido mero desequilíbrio. Eliana não aguentou ver o marido ser derrubado e saiu do ginásio. Foi para o vestiário. Retomou o combate, mas, no afã de recuperar o ritmo, passou da conta. Acabou acertando um golpe baixo e o público vaiou o baiano.

Aquela manifestação da torcida deixou Popó engasgado. Era hora de virar o jogo. No terceiro assalto precisou somente de 23 segundos para estirar o mexicano na lona e ver a multidão de novo ao seu lado. Um direto de direita e uma sequência de socos determinaram o *knockdown*. Tonto, Ramírez se agarrou ao brasileiro e se viu cada vez mais acuado pela mão de pedra do campeão. A trinta segundos do fim do round, outro direto certeiro, e outra queda aplicada por Popó. O mexicano ainda tentou continuar, mas o gongo soou como alívio para os socos desferidos pelo baiano. O quarto assalto chegou com *script* já traçado, inevitável. Ramírez quase não tinha forças para retornar do *corner*. Acelino, ciente do abalo causado, não deixou o desafiante nem respirar. Precisou de apenas 19 segundos para prensar o cambaleante latino nas cordas e ver o árbitro dar a luta por encerrada.

Um choro incontido nocauteou Popó (33-0-0). O abraço emocionado no irmão Luís Cláudio sinalizava que aquela era uma vitória da família Freitas. Os cinturões da AMB e da OMB estavam mantidos. A invencibilidade estava mantida.

Acelino dedicou a Babinha aquele triunfo. De filho para pai. De ídolo para fã. Do amor incondicional nutrido por Babinha, Popó tirou forças para voltar a vencer por nocaute após três lutas consecutivas decididas por pontos. “Meu pai sempre me pedia um nocaute no terceiro ou no quarto round. Dessa vez não passou do quarto. Estou muito realizado como filho”, declarou ele em entrevista coletiva após o duelo.

O nocaute não pôs fim às turbulências na vida particular do lutador. Mal havia superado a perda do pai, Popó teve de se acostumar a outro doloroso adeus. A cabeça estava fora do lugar e as discussões

eram frequentes. Pouco depois do duelo com Ramírez o baiano se separou de Eliana Guimarães. Em entrevista ao portal UOL, em 6 de maio de 2003, Acelino anunciou o rompimento para evitar a proliferação de boatos: “Fizemos de tudo para ficar juntos. Mas, depois de um ano e meio, percebemos que não era mais isso que a gente queria. Não estava mais legal. Faz um mês que terminamos nosso relacionamento e eu não contei para ninguém. Decidi falar agora porque, uma hora ou outra, alguém ficaria sabendo. Sou um ídolo e as pessoas querem saber sobre minha vida”.

As tatuagens foram apagadas da pele do casal – ele tinha o rosto dela desenhado na perna direita e ela, uma estrela com a letra P no pescoço. A empresária viajou para Madri. Ficou noiva de um espanhol. O pugilista foi para Goiânia. Um patrocínio do governo local e um *affair* na cidade guiaram o boxeador ao planalto, mas Acelino não queria saber de compromisso. O momento era outro.

Nem a proximidade da luta contra o argentino Jorge Rodrigo Barrios devolveu o foco a Popó. Pelo contrário. Solteiro, o pugilista comprometeu sua preparação em Vero Beach, na Flórida, com farras e mulheres. Acelino revela que, em plena véspera da defesa dos títulos da AMB e da OMB, recebeu três mulheres na concentração. Um campeão em desalinho.

O oponente, conhecido pelo apelido de La Hiena pelo tino galhofeiro, provocou o quanto pôde antes do confronto. Em entrevista coletiva, declarou que o baiano “precisava cortar o cordão umbilical”, uma referência ao fato de sua mãe, Zuleica, ter viajado para a Flórida. Barrios não sabia – ou fingiu não saber – que era a primeira vez que ela acompanhava o filho em uma luta e que o fez ainda fragilizada pela morte do marido. O argentino, com 39 vitórias, um empate e uma derrota, ainda insistiu na ironia típica: “Mas é melhor que ela esteja lá. Será a única capaz de reconhecê-lo depois de sábado”.

Acelino respondeu com seriedade: “Barrios falou demais. Tudo bem. Isso faz parte do espetáculo. Mas somos profissionais e vamos lutar em cima do ringue, onde falam os punhos, e não as palavras”. Mais relaxado, em uma entrevista posterior devolveu o chiste: assegurou que o público não teria tempo nem de dar o segundo gole no chope, de tão meteórico que seria o seu triunfo. “Barrios fez gesto para mim, me chamou de veado e de corno, xingou minha mãe, falou que iria fazer e acontecer. Rebati que iria arrancar a cabeça dele e descontar dentro do ringue todas as besteiras que ele disse”.

Popó, na época, despistava quando era questionado se a separação de Eliana afetaria o seu desempenho. “Sou profissional. Não vou permitir que isso interfira no meu treinamento”, disse Acelino em uma coletiva de imprensa anterior ao combate. Anos mais tarde, reconhece que a história era bem diferente. Acelino entrou na Miami Arena, em 9 de agosto de 2003, com o preparo físico e psicológico em xeque. O clima na equipe era dos piores. O temor de uma derrota perturbava o pugilista. A cabeça não estava boa.

Uma luta igual entre desiguais. Assim pode ser definido o confronto de Popó contra Barrios. O abismo que havia entre ambos foi desfeito pelo mau condicionamento do brasileiro. No instante em que o árbitro norte-americano Jorge Alonso dava suas últimas instruções para iniciar a luta, Acelino revidou uma das tantas provocações do oponente: “¿Y ahora, maricón, vamos a ver quién es más macho?”.

A tenacidade das palavras não se refletiu nos golpes. Nos três primeiros rounds o equilíbrio prevaleceu. A torcida era toda do brasileiro e tentava empurrar, no grito, um campeão que parecia inerte ao incentivo. Um *upper*, um direto de direita, mas nada muito efetivo. No quarto assalto o baiano esteve abaixo da crítica. Imóvel e óbvio, foi presa fácil do argentino. No vestiário, de costas para o telão, Zuleica rezava.

A luta se arrastava. As mãos de Popó pesavam. Por outro lado, o supercílio esquerdo de Barrios, aberto no terceiro round, jorrava cada vez mais sangue. Acelino cresceu no combate, mas no oitavo assalto foi surpreendido por um contragolpe e caiu sentado. Reergueu-se, sorriu, voltou, bateu, levou. Barrios, ferido e valente, atacava com confiança. Sentia-se capaz de dobrar o campeão. E assim o fez. O argentino aplicou o segundo *knockdown* em Popó aos 21 segundos do 11o round. Um direto contundente derrubou o favorito. O espanto foi geral. Ninguém parecia acreditar no que estava

acontecendo na Miami Arena.

Acelino não se entregou. Retornou para uma disputa que parecia cada vez mais perdida. Retornou para deixar o coração no ringue. Retornou para, uma vez mais, cravar seu nome na história. Como um craque que, em noventa minutos, só precisa de um lance para decidir o jogo, Popó esperou o último segundo do penúltimo assalto para fazer sua jogada de gênio. A arrancada de Ronaldo Fenômeno. O toque preciso de Romário. O passe milimétrico de Zidane. A mão de pedra de Acelino. O direto de direita explodiu no rosto de Barrios com mais ímpeto que o gongo. O argentino tombou duro, em câmera lenta, os braços abertos e endurecidos, ante a explosão de uma torcida que presenciava o impossível se tornar realidade.

Barrios, ensanguentado e desnorteado, ainda tentou voltar para o último round, mas já havia perdido o rumo. Cambaleou, caiu mais duas vezes e viu o juiz dar a guerra por encerrada. Popó (34-0-0), quase nocauteado, quase derrotado, mais campeão que nunca, chorava aclamado pela multidão e fortalecido por uma epopeia que escapou de todos os prognósticos.

“A luta se tornou dramática pelo fato de eu ter abusado durante a preparação. Levei mulher para meu treinamento, para o quarto, queria aproveitar de todo jeito, aí acabei fazendo com que o duelo fosse mais difícil do que deveria. Foi algo que nunca tinha acontecido antes. Fiquei perdido durante a luta, bem menos preparado do que deveria”, ponderou Acelino.

A primeira frase pronunciada após a vitória foi “Meu pai está aqui comigo”. Às lágrimas, o boxeador saudava a memória de Babinha na madrugada do segundo domingo de agosto, Dia dos Pais. Dedicou o triunfo homérico a todos os pais do Brasil. O combate foi eleito a luta do ano pela OMB e o 11o assalto, escolhido o melhor round de 2003 pela ESPN e pela revista especializada *The Ring*, a mais tradicional publicação sobre o pugilismo. A disputa é reputada, ainda hoje, como a maior luta da história do boxe latino-americano.

A mesma *The Ring* listou Popó no seleto grupo dos vinte boxeadores que formavam a elite do esporte. O brasileiro estava ladeado por figuras do porte de Lennox Lewis, Chris Byrd, Roy Jones Jr., Evander Holyfield, Mike Tyson, Oscar de la Hoya, Shane Mosley, Arturo Gatti e Floyd Mayweather. Acelino Freitas ainda foi escolhido o melhor lutador peso por peso de 2003 pela AMB.

O maior prêmio ainda estava por vir. Na religião Acelino encontrou o alento que o corpo pedia e a alma procurava. Meio ano distante de Eliana, a saudade deu o empurrão e Deus, a luz. Em outubro de 2003, o baiano soube, por meio de amigos, que ela havia rompido o noivado com o espanhol. Estava solteira. Popó buscou a reaproximação. Eliana interpretou o gesto como um sinal. Convenceu o então católico Acelino a entrar com ela na Igreja Batista Caminho das Árvores, do bispo Átila Brandão. Disposto a tudo para ter a ex-mulher de volta, ele aceitou. Os dois entraram na igreja separados. Saíram casados.

A vitória heroica contra Jorge Barrios foi a última de Popó como superpena. A rotina de sacrifícios para bater 58,967 quilos, entre dietas rigorosas e duras sessões de sauna, liquidava o baiano. O peso normal do atleta variava entre setenta e 75 quilos. Baixar até o limite da categoria era uma luta à parte antes de cada duelo.

Popó pediu autorização à Showtime, transmissora de suas lutas, e fechou acordo com a OMB para subir, em grande estilo, para os pesos-leves (61,235 quilos): o brasileiro disputaria o título da divisão com o experiente armênio Artur Grigorian, de 36 anos, detentor do cinturão, invicto, e cujo cartel incluía nomes de gabarito como os dos ex-campeões Stefano Zoff e Raul Balbi.

A guinada de peso, além do alívio, deixaria Acelino na cola de Mayweather, a quem chegou a desafiar nos superpenas e que subira de categoria em 2002. Além disso, não seria bem uma novidade para o soteropolitano atuar entre os pesos-leves. Suas 17 primeiras lutas foram nessa faixa de peso, até 61,235 quilos. Popó encarava a situação como um retorno.

A mudança gerava dúvidas. Acelino já estava habituado a ser superpena. Era, sem discussão, o

melhor pugilista de sua divisão. Em uma categoria acima, enfrentaria rivais mais fortes, com a mão mais pesada. No boxe, vitórias pesam gramas. Nos dois quilos que separam os superpenas dos pesos-leves, poderia caber o fracasso ou o sucesso.

Uma forte gripe quase nocauteia o brasileiro dias antes da luta contra Grigorian. Em vez de isotônico, vitamina C. Em vez de ringue, cama. Acelino precisou amenizar o treinamento em Palm Springs para ficar de pé. Adoentado e tonto com o fuso norte-americano, chegou a dormir até as 14 horas em um dos dias. Recuperado, Popó chegou tinindo para a disputa que punha o campeão na condição de desafiante.

Foxwoods Resort Casino, Connecticut, Estados Unidos, 3 de janeiro de 2004. O ano de Acelino Freitas começava ali. O pega ainda colocava em jogo o futuro das transmissões de suas lutas. Era o último combate do contrato com a Showtime. A HBO sondava o baiano. Popó precisava convencer as emissoras de que seus duelos valiam a pena.

Na entrevista concedida na véspera do confronto, o armênio foi comedido nas palavras: “Deus é que vai decidir como a luta vai terminar, mas vou dar tudo de mim para tornar a decisão mais fácil para Deus”. Acelino, para reforçar o laço divino, entrou no ringue com uma roupa que estampava passagens bíblicas em inglês. A própria equipe de Grigorian apontava certo favoritismo para o desafiante Popó, pelo fato de o europeu vir de quase um ano de inatividade, em decorrência de uma cirurgia no ombro.

Dono de um bigode inconfundível e cabelo penteado para o lado direito, Grigorian carregava como emblema o apelido de Rei Artur, figura lendária britânica que, segundo a tradição da Idade Média, teria liderado a expulsão dos invasores saxões no Reino Unido no século VI. Domínio sedimentado na Europa, o Rei Artur dos ringues fazia sua primeira luta nos Estados Unidos.

A disputa começou com um *script* diferente do habitual. Popó trocou o ataque inicial pela tática do estudo. Nos dois primeiros rounds o baiano foi pouco efetivo. No terceiro, viu Grigorian tomar conta do ringue. Mas não deu brecha à ameaça vinda do armênio. A luta, para Acelino, começou no quarto assalto. Na marca de 1 minuto e meio, aplicou um *knockdown*. O golpe deixou o europeu atordoado. A diferença de sete centímetros a favor de Grigorian pouco importava. O boxe agigantava Popó. Os *jabs* e as combinações começaram a aparecer. O peso das mãos do soteropolitano se sobressaía.

No sexto round o armênio caiu pela segunda vez. O ímpeto do brasileiro crescia. O domínio também. O nocaute parecia cada vez mais iminente. O sétimo assalto seguiu o mesmo enredo dos anteriores, com a terceira queda de Grigorian, que chegou a contestar a abertura da contagem pelo árbitro Eddie Cotton. Incontestável mesmo era a superioridade de Acelino Freitas, que conseguiu outro *knockdown* a meio minuto do término do oitavo round. Nos quatro assaltos finais Popó manteve o controle. Nem mesmo o ponto descontado no 10o round, por conta do terceiro golpe baixo desferido contra o armênio, mudou os rumos de uma luta até certo ponto tranquila. Às 3 horas, já no meio da madrugada, a disputa registrava a audiência média de 16 pontos na Globo, expressiva para o horário.

Rei Artur sucumbia pela primeira vez. Reputado nos livros como monarca imbatível e responsável por livrar o Reino Unido das invasões inimigas, o personagem britânico é figura histórica controversa, cuja existência nunca foi comprovada. Popó era a lenda do mundo real, o rei dos nocautes, o cavaleiro sem armadura. E, a partir daquela noite, por decisão unânime dos juízes (115-108, 116-107 e novamente 116-107), ele se tornava também imperador em uma nova categoria. De joelhos, festejou o título de campeão dos pesos-leves da OMB, uma conquista histórica, que o igualava a Éder Jofre – até então o único brasileiro a faturar o título mundial em duas categorias diferentes. Na mitologia do boxe, havia um homem maior que o rei Artur, e este homem era Popó.

Acelino (35-0-0) teria sessenta dias para escolher se ficaria com o recém-conquistado título dos pesos-leves da OMB ou com o cinturão unificado dos superpenas. A decisão já havia sido tomada, mas Popó resolveu esticar a permanência nos Estados Unidos com Eliana para aprender a esquiar em meio ao rigoroso inverno norte-americano. Retornou ao Brasil no dia 8 de janeiro, quando anunciou que

permaneceria nos pesos-leves. O baiano abandonou o título unificado após a marca de dez defesas na OMB, que lhe rendeu a alcunha de supercampeão, e três na AMB.

Em uma viagem a Caracas, capital da Venezuela, onde recebeu o prêmio de melhor lutador do ano de 2003 em 3 de fevereiro de 2004, Popó se encontrou com Don King, ex-empresário de Mike Tyson, Evander Holyfield e Lennox Lewis. King teceu elogios públicos a Acelino. Longe dos holofotes, fez uma proposta para passar a agenciar o brasileiro. Don King chegou prometendo mundos e fundos. Disse que lhe daria ouro, que haveria joias debaixo da sua cama e diamantes em cima do colchão. Popó balançou, mas não se iludiu. Preferiu continuar com Arthur Pelullo. Já ganhava dinheiro suficiente para viver bem, para sustentar os filhos e dar a eles o melhor. Zuleica não passava mais por apertos. Acelino, desde que se casou com Eliana e desfez a parceria com a Oficina de Ideias, gozava de um padrão de vida diferenciado.

O nome de Popó atingia uma dimensão imensurável. Em uma reportagem exibida no programa *Fantástico*, da Rede Globo, Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, foi questionado pelo jornalista Geneton Moraes Neto sobre qual celebridade brasileira gostaria de conhecer e ainda não havia tido a oportunidade. “Uma das grandes figuras que eu não conheci ainda é Popó”, respondeu sem titubear. O desejo do rei foi uma ordem. Um almoço selou o encontro. Uma fotografia registrou o momento histórico.

round 9

A primeira derrota

Unanimidade como pugilista, condenável como homem. O novo desafiante de Acelino Freitas era o norte-americano Diego “Chico” Corrales, de 26 anos. O lutador tinha um currículo respeitável no boxe, com 38 vitórias e apenas duas derrotas, uma para Floyd Mayweather e outra para Joel Casamayor, ambas por nocaute técnico. Chegava com moral para enfrentar Popó justamente por ter conseguido, em sua última luta, devolver o revés contra Casamayor, em um triunfo fruto de decisão dividida dos juízes. Assim como o brasileiro, tinha fama de nocauteador pelas 32 vitórias encerradas antes dos 12 rounds previstos.

Havia outra faceta naquele campeão. Um Corrales desprezível, que de maneira alguma era passível de admiração. O norte-americano foi preso em 2001 por espancar sua mulher, grávida do terceiro filho. Cometeu a agressão azucrinado por ligações telefônicas que davam conta de que ele estava sendo traído. Ficou um ano e meio na cadeia e voltou ao boxe em 2003.

O combate entre Popó e Corrales foi vendido como tira-teima para saber quem era o melhor nocauteador. Diego Corrales – pele morena, cara de mau e o corpo talhado por tatuagens – tinha uma vantagem significativa: media 1,80 metro, 12 centímetros mais que Acelino. “Ele é um pegador duro, boxeia bem e é um excelente contragolpeador, mas sou ainda melhor nos contra-ataques e muito mais veloz. Estou pronto para ele. Se eu o atingir em cheio, a luta acabará. Vou mostrar quem pega mais”, o baiano afirmou em teleconferência que antecedeu a disputa. Popó foi para a luta sem assistir a nenhum vídeo de confrontos anteriores de Corrales. Minimizou o fato alegando que boxeadores costumam mudar de estratégia a cada oponente. Acreditava que bastava olhar para si mesmo. A subestimação poderia ter um preço a pagar.

O grande envolvimento com a religião evangélica preocupava os que cercavam Acelino. Os treinos diários em Pocono, região montanhosa na Pensilvânia, eram regados a música gospel e orações guiadas por um missionário que fora contratado como tradutor da equipe. Havia o receio de que a religiosidade em excesso tirasse o ímpeto de sua mão de pedra. Popó garantia que não. Usava a esquiva para despistar o temor alheio.

O combate ocorreu em 7 de agosto de 2004 no Foxwoods Resort Casino, mesmo palco da última luta de Popó. Acelino entrou ovacionado pelo público e aclamado por Eliana. Diego Corrales também tinha uma ala fiel. A diferença de altura entre ambos era gritante, mas no início o baiano compensou o desequilíbrio físico com movimentação no tablado e rapidez nos golpes. Começou acertando bons *jabs* e diretos em Corrales, para delírio da torcida. O primeiro round foi para a conta do brasileiro com certa facilidade.

No segundo assalto, um destemido Popó continuava à caça do adversário. Os contragolpes do rival ameaçavam, mas o soteropolitano seguia superior. O terceiro round contava somente dez segundos e Acelino acertou o oponente com firmeza. Corrales sentiu, os gritos da plateia foram instantâneos, mas quando se esperava que Popó encurralasse o norte-americano, ele andou para trás. Refugou. Faltou fome. Popó vencia, pontuava, mas faltava contundência.

O quarto, o quinto e o sexto assalto seguiram no mesmo ritmo. Corrales dominava o centro do ringue e perseguia Acelino de forma infrutífera. O baiano bailava e atacava, mas sem impor nenhuma combinação mais efetiva.

O cansaço começou a incomodar Popó a partir da metade da luta. Já no final do sexto round Diego Corrales passou a acertar mais socos. No intervalo, uma frase de Ulysses resumiu o espírito da equipe de Acelino. Um erro de estratégia que custaria caro. “Vamos lá. Esse é o Popó. Você não tem de se preocupar em nocautear. Você tem de marcar seus pontos.”

Acelino teve chance de buscar o nocaute. Não o fez. Preferiu o comedimento. O desgaste físico pesou nas pernas. Popó já não conseguia se movimentar como antes. Mais lento, fincado em pontos fixos, se tornava alvo fácil para o boxeador mais alto que já havia enfrentado. Corrales percebeu a fadiga do oponente e passou a ousar cada vez mais. A torcida gritava o nome do brasileiro, mas o corpo

parecia não responder. O último gesto maior do campeão foi a vinte segundos do término do sétimo assalto, quando uma esquiva e um cruzado de esquerda balançaram Diego Corrales. Depois disso, Acelino uma vez mais fugiu de si mesmo, de sua essência.

Mais inteiro, Corrales voltou ao oitavo round para decidir. Popó estava esgotado. Acuado nas cordas, sofreu um direto no queixo e caiu. Levantou-se, soltou o protetor bucal e ganhou alguns segundos para respirar. O combate se invertia. Arfante, Acelino tentou reagir no nono assalto, mas lhe faltavam forças. Tentou um ataque, abriu a guarda e sofreu o contragolpe característico de Diego Corrales. Novo *knockdown*. Reergueu-se combalido, o olhar perdido, a cabeça em sinal de negativo. Teve um ponto descontado por deixar cair o protetor de maneira proposital pela segunda vez.

Popó sentou-se no *corner* cabisbaixo. Pressentia a derrota. Retornou para o décimo round tentando buscar o improvável. Já era impossível. Os torcedores norte-americanos, cada vez mais barulhentos, gritavam o nome de Corrales. Os brasileiros engoliam em seco, silêncio de incredulidade. Diego Corrales castigava, Acelino Freitas resistia. O relógio marcava 1 minuto e 24 segundos e Popó sofreu a terceira queda. Valente, o baiano ainda ficou de pé, esperou o árbitro Mike Ortega abrir contagem e chegou a fazer um sinal de que estava apto a seguir no duelo. Tolo engano. Em um segundo tudo mudou. Um olhar para o técnico Oscar Suárez e suas luvas fizeram o sinal da desistência. Popó perdia de maneira inapelável. Esperou 36 lutas para sentir o amargo sabor da derrota pela primeira vez.

Resignado, apenas olhou para o céu e recebeu o abraço emocionado de Oscar. Suas únicas palavras no ringue foram endereçadas a Eliana: “Estou bem”. O carinho dela era o maior consolo do agora ex-campeão. O abraço em Corrales era o reconhecimento de que o rival fora superior.

Acelino reflete que estava bem até o oitavo round, mas fez a estratégia errada. Deveria ter ido para cima, mas recuou. O próprio Diego Corrales disse após a luta que, se Popó tivesse continuado fazendo pressão, o teria nocauteado. Acelino entendia que o revés também fazia parte do esporte. O pugilista baiano era o atleta brasileiro em atividade que havia permanecido por mais tempo no topo do mundo: cinco anos. Não é pouco.

Nada que Popó (35-1-0) fizesse dali em diante apagaria o que aconteceu. As derrotas fazem parte da vida e do esporte. Machucam, incomodam, chateiam, mas também ensinam, amadurecem, fortalecem. A queda é inevitável. Acelino precisava digerir a perda da invencibilidade e ter a convicção de que o mundo não acabava ali.

Popó tentou encarar o revés, brioso. Deixou o ringue cantarolando uma música religiosa que marcou sua reconciliação com Eliana e sua entrada na Igreja Batista. Buscava a fé como motor para o recomeço. Apesar disso, ainda seria golpeado outra vez antes de deixar o Foxwoods Resort Casino.

Descansava no vestiário quando seu irmão, Luís Cláudio, invadiu o local como um furacão, enfurecido. Apontou o dedo na cara de Acelino e berrou: “Você não é o Popó que eu conheço. Quem ensinou Popó a boxear fui eu. Popó é aquele que entra, vai para o pau e põe no chão. Você não é mais meu campeão. Ainda bem que meu pai não viu você perder desse jeito. Ele teria vergonha”.

As palavras do irmão doeram mais que qualquer dos socos de Corrales, não seria fácil digerir aquele sermão. Luís Cláudio não concordava com o treinamento realizado por Oscar Suárez e Ulysses Pereira. Fazia parte do *corner*, mas o carimbo final era dos técnicos. As divergências entre o ex-pugilista e a dupla se exacerbaram após a derrota para Diego Corrales. Segundo Luís Cláudio, Popó perdeu por causa de seus treinadores. Era o mais ferrenho crítico da metodologia de Oscar e Ulysses. Não admitia ver um nocauteador andando para trás na hora de boxear. Julgava inconcebível.

Acelino se esquivou de uma discussão com o irmão. Foi para o chuveiro. Ficou lá por longos minutos. A água gelada esfriava o corpo e acalentava a alma. Reconhecia que havia merecido a derrota, mas, ao mesmo tempo, desejava reerguer-se.

Popó voltou ao Brasil e do aeroporto foi direto para uma unidade de saúde. Os golpes de Corrales fizeram o baiano se queixar de intensas dores de cabeça. O atleta foi internado no Hospital Aliança, em

Salvador. O exame realizado pelo neurologista Aroldo Bacelar detectou um pequeno sangramento interno. Ouviu da equipe médica que, se tivesse continuado a luta, poderia até ter sofrido um derrame. Acredita que foi a voz de Deus que o orientou a desistir naquele momento. Cinco dias depois, o sangramento cessou, e Acelino recebeu alta médica.

O primeiro passo do recomeço foi um pedido público de revanche contra Diego Corrales. Acelino Freitas tinha certeza de que, para dar a volta por cima em grande estilo, nada melhor que vencer seu algoz. Sabia que poderia derrotá-lo caso adotasse a estratégia certa. Era como se Corrales fosse o antídoto para curar todos os males, para fazer o baiano recobrar a altivez perdida. O boxeador, entretanto, declinou. Recusou um, dois, três, vários convites feitos pela equipe de Popó. O norte-americano concedeu revanches posteriores ao mexicano José Luís Castillo e a Joel Casamayor, mas sempre negou a Acelino a chance de um novo combate. É como se pressagiasse o insucesso e não abrisse mão da insígnia de ter conseguido o que nenhum outro boxeador conseguiu: destroçar o tricampeão mundial Popó. Acabou perdendo o cinturão dos pesos-leves da OMB por não ceder aos apelos de desforra feitos pelo brasileiro.

Popó tentou por anos uma redenção que nunca veio. Diego Corrales morreu em 7 de maio de 2007 em um acidente de moto em Las Vegas. Tentava ultrapassar um caminhão a uma velocidade estimada em 160 quilômetros por hora, quando colidiu na traseira de outro veículo. Seu corpo foi arremessado por cerca de cinquenta metros. O laudo apontou que ele havia ingerido bebida alcoólica em excesso. A morte de Corrales enterrou o sonho da revanche alimentado por Popó desde o minuto em que perdeu aquela luta. Acelino teria de conviver com a frustração. Não havia outro jeito.

Apesar da derrota para Corrales, Popó retomou o passo de cabeça erguida. Primeiro colocado no ranking dos pesos-leves da OMB, teve seu retorno marcado para 11 de dezembro de 2004 contra Yuri Romanov, de Belarus. Um acerto com o governo estadual de São Paulo permitiu que o combate fosse promovido no ginásio do Ibirapuera, um marco na cidade de São Paulo, com capacidade para 11 mil espectadores. Acelino considerava essencial o calor da torcida brasileira para se reerguer. Tudo encaminhado, Romanov desistiu do duelo. Outros nomes foram sondados, como o polonês Matt Zegan e o argentino Victor Castro, que também rejeitaram a proposta. O vaivém só teve fim com a escolha do também argentino Fernando David Saucedo, de 23 anos, com um cartel de 16 vitórias, três derrotas e um empate. Boatos davam conta de que, vencendo, Popó desafiaria o mexicano Júlio Díaz, campeão dos pesos-leves pela FIB. Díaz foi *sparring* do brasileiro no confronto contra Casamayor.

Quem esperava uma luta fácil contra Saucedo se surpreendeu. Popó afirmara nas entrevistas antes da disputa que queria encerrar o duelo de maneira fulminante. Assegurou que ressuscitaria a pegada perdida. Prometeu nocaute. A realidade fugiu dos planos. Acelino, se não chegou a passar apuros, teve trabalho diante do argentino, que sofreu um *knockdown* no nono round, mas conseguiu fugir dos diretos de direita letais do ex-campeão e vendeu caro a derrota. Saucedo aguentou os golpes de pé e, na raça, foi até o fim.

O som do gongo no encerramento do décimo e último round levou o ginásio do Ibirapuera à loucura. Os juízes Osvaldo Zuanella (100-88), Durval Ribeiro (100-87) e Sumaia Alakra (100-86) registraram o óbvio: a vitória unânime, e por pontos, de Popó (36-1-0). Um sorriso tímido voltou a estampar o rosto do brasileiro. O beijo de Eliana deixou de ser consolo para tornar a ser prêmio. O gosto da vitória era, uma vez mais, saboreado. Pela primeira vez em muito tempo, Acelino não tinha um cinturão para erguer. O jeito foi erguer o microfone e fazer uma promessa ao país: “O verdadeiro campeão luta até o fim e eu vou lutar até o fim. Podem ter certeza de que eu vou conquistar o título mundial pela quarta vez”. Os aplausos do público se misturavam à música *Gonna fly now* [Vou voar agora], do personagem Rocky Balboa, interpretado por Sylvester Stallone. Os personagens da realidade e da ficção se misturavam no *script* da redenção.

A sequência da carreira era mais uma vez uma incógnita. A luta com Júlio Díaz, dada como certa

após contrato assinado com o campeão dos pesos-leves da FIB, foi cancelada depois que o mexicano abdicou do título para encarar José Luís Castillo, detentor do cinturão do CMB. A rede de televisão HBO, em seguida, ofereceu a Acelino que subisse para o meio-médio-ligeiro (até 63,503 quilos) para uma superluta contra o ítalo-canadense Arturo Gatti, campeão da categoria pela AMB. Popó aceitou, mas, outra vez, viu um adversário desistir da disputa. Gatti refugou após a oferta para confrontar Mayweather.

A indefinição poderia minar o baiano. A inatividade era um oponente traiçoeiro. Popó vivenciou vácuos na carreira em momentos cruciais, como no rompimento com a Oficina de Ideias e na morte de Babinha. O tempo ensinou que não dava para esperar a vida passar. O combate contra o panamenho Fabian Salazar era um pouco disso. O latino tinha 21 vitórias e 13 derrotas, um cartel para lá de duvidoso, mas serviria como preparação para o duelo de maior envergadura que se avizinhava. Acelino não podia sequer pensar em perder.

Popó, em meio à preparação para a luta, descobriu que seria pai do sexto filho. Experiente no assunto, vibrou como se fosse a primeira vez. Tinha motivo: era o primeiro filho planejado do baiano, fruto do casamento com Eliana Guimarães. Eliana fez um pedido a Acelino durante a gestação, e desejo de mulher grávida não se contesta: ela cobrou a volta dos nocautes. Lançou mão de vídeos de lutas antigas do pugilista e o persuadiu a demonstrar o instinto que lhe dera fama mundial e que havia se perdido no meio do caminho.

Acelino realizou a vontade de Eliana lá mesmo em Salvador, no ginásio Antônio Balbino. No reencontro com o passado, com o palco que era parte indissociável de sua história, com o local onde dera seus primeiros passos no pugilismo, um reencontro com as raízes. Um Popó fulminante voltava a vencer por nocaute no primeiro round depois de nove lutas. Salazar foi aniquilado decorridos apenas 2 minutos e 28 segundos do assalto inicial. Era a vitória que faltava para devolver confiança ao ídolo brasileiro. Pouco importava se Salazar não era um adversário de primeira linha. E nem mesmo se aquela era sua 14a derrota na carreira. Pouco importava se o panamenho não estava no nível dos últimos oponentes de Popó. O que importava mesmo era ver os olhos de águia e o coração de leão de volta. Tudo o mais soava insignificante. Era o 32o nocaute de Acelino (37-1-0).

round 10

O tetra e o fim

O triunfo revigorou o lutador. Acelino tinha um leque de campeões como possíveis oponentes: Juan Díaz, detentor do cinturão dos pesos-leves da AMB; Leavander Johnson, dono do título da FIB na mesma categoria; e o carrasco Diego Corrales, campeão unificado da OMB e do CMB. A luta com Díaz travou em razão de pormenores burocráticos, como a dificuldade da ESPN, que transmitiria o duelo, em achar uma data. Johnson, por outro lado, acabou falecendo em 23 de setembro de 2005, aos 35 anos, em decorrência de complicações após o nocaute técnico sofrido no 11o round contra Jesus Chávez, no qual perdeu o cinturão da FIB. O norte-americano ainda passou por uma cirurgia no cérebro, ficou em coma, mas não resistiu. E Corrales foi destituído do posto de campeão da OMB pela recusa em aceitar, mais uma vez, o pedido de revanche de Acelino.

A entidade decidiu, então, que o título vacante dos pesos-leves seria disputado por Popó e o norte-americano Zahir Raheem, de 29 anos, que em sua última luta protagonizara uma das maiores zebras da década ao bater o mexicano Erik Morales – favorito no combate e a quem Acelino esperava enfrentar – por decisão unânime. Raheem carregava consigo a marca expressiva de 27 vitórias e uma derrota.

Meses antes do duelo definitivo, no dia 3 de setembro de 2005, nascia Acelino Popó Guimarães Freitas Jones, o Popozinho. O sexto da linhagem. O primeiro programado. Uma felicidade inédita. O caçula arrebatou Acelino. O boxeador tinha, naquela vida que se iniciava, uma nova razão para viver e vencer.

O retorno de Popó a uma disputa de cinturão seria exibido, desta vez pela HBO, no programa *Boxing after dark* [Boxe depois de escurecer]. Foxwoods Resort Casino, Connecticut, 29 de abril de 2006. O local carregava um simbolismo singular. Fora palanque de seu terceiro título mundial, contra Artur Grigorian. Era também o palco de sua primeira derrota, para Diego Corrales. Acelino precisaria exorcizar os fantasmas daquele 7 de agosto de 2004. Depois desse dia sua vida e sua carreira nunca mais foram as mesmas.

Popó prometia, com timidez, continuar retomando a agressividade perdida. O primeiro adversário seria a ausência da mulher, Eliana, que ficou no Brasil para cuidar do filho recém-nascido. Figura marcante nas arquibancadas, por sua beleza irradiante, era alvo certo das câmeras nas lutas do marido.

Zahir Raheem, por sua vez, encarava o pega como o maior de sua carreira e entraria no ringue para tentar se desfazer da pecha de azarão. As bolsas de apostas já desvelavam outra realidade: o norte-americano era apontado como favorito. Acreditavam que o auge de Popó havia acabado. A descrença geral contrastava com a fé inabalável do baiano.

Raheem entrou por último no ringue, honraria concedida normalmente aos campeões ou aos pugilistas mais bem avaliados. Isso era sinal de que até mesmo a organização do evento não confiava no triunfo brasileiro.

O norte-americano pisou no tablado vestindo um roupão branco ornado com plumas e na cabeça usava uma coroa. Era majestade, carregava o apelido de “rei”. O povo, na verdade, estava com Popó. O povo era Popó e mostrou isso no anúncio dos dois lutadores.

Raheem era rei, mas no jogo sujo. Foi o oponente mais rasteiro que Popó já enfrentou. O enredo do duelo era claro: o baiano atacava, o norte-americano usava malícia. Raheem, desde o primeiro round, abusou de um arsenal de táticas antiéticas como *clinches*, empurrões, cabeçadas e quedas que mais pareciam golpes de judô. A arbitragem de Steve Smoger era passiva ao antijogo, o que minava a paciência de Acelino e de seus técnicos. “Juiz, você não está vendo esses agarrões, não?”, perguntava, aos gritos, um enfurecido Ulysses Pereira. Raheem logo ganhou a antipatia do público.

Popó se chateava, mas dominava a luta, pontuava, e seguia vencendo. Parecia ter redescoberto o instinto avassalador e, em muitos momentos, buscava a troca franca. Acertava golpes pesados, mas a tentativa de emendar uma sequência era brecada pelos agarrões do norte-americano. Quando esquecia os recursos astuciosos e se preocupava apenas em lutar, Raheem também oferecia perigo. Veloz, acertou bons contra-ataques no brasileiro. O terceiro assalto fora exemplo disso, com um *jab* de esquerda que

incomodou Popó. No quarto round, Raheem quase sofreu um *knockdown* após um direto de Acelino, mas conseguiu se equilibrar antes de cair. No mesmo assalto, o norte-americano chegou a tombar, a 45 segundos do final, mas o árbitro não entendeu como *knockdown* e, por isso, não abriu contagem.

Todo ataque de Popó era parado por Raheem não com defesas ou esquivas, mas com abraços e empurrões até as cordas. O baiano não aguentava mais ter de se soltar do rival ante a passividade de Smoger. Acelino diz que Raheem era um lutador sujo, um "amarrão" nato. Tentava jogá-lo no chão como se fosse luta livre, não boxe. Em nenhum momento Acelino tocou as luvas com o adversário, gesto comum entre pugilistas. Mesmo assim, a concentração do baiano foi seu maior diferencial. Popó manteve o foco, alheio às provocações, e em momento algum perdeu o controle da luta. No sexto round, Raheem empurrou Acelino ao chão de maneira acintosa. A torcida reagiu com um coro de vaias. O árbitro, novamente, nada fez.

Raheem, do meio para o final, passou a ousar mais. Deixou de só contragolpear e tratou de tomar iniciativa também. Popó se preocupou em não ser derrotado pelo cansaço, como acontecera contra Corrales. Era urgente suportar até as últimas consequências, de pé, para recuperar o que era seu. Um gancho de Acelino no nono assalto, em um momento em que Raheem tentava agarrá-lo, tonteou o norte-americano, que chegou a ficar de joelhos, mas não caiu.

Popó ainda buscava o nocaute. Estava consciente de que deixar a decisão para os pontos era arriscado. No penúltimo round, um coro tomou conta das arquibancadas: "Eu sou brasileiro, com muito orgulho, com muito amor".

Somente no início do último assalto os rivais, finalmente, tocaram suas luvas e trocaram sorrisos. O round final foi aberto. A tática passou longe. O coração guiou os ataques. Ambos bateram, nenhum dos dois nocauteou. As reações ao término da luta foram opostas e ajudavam a presumir o resultado. Acelino ergueu os braços de imediato, certo de que havia vencido. Raheem ficou alguns segundos com as luvas apoiadas nas cordas do ringue, absorvendo a realidade. Cumprimentou o baiano e só depois partiu para uma tímida comemoração. Em seguida, recolocou a coroa na cabeça para esperar o resultado.

Apesar das reações dos pugilistas, o resultado não estava nos gestos de um ou de outro, mas nas mãos dos juízes. A primeira leitura feita foi da contagem de Clark Sammartino, que marcou 115-113 para o norte-americano. O murmúrio geral denotava surpresa ante os números. Popó sorriu. O segundo juiz, Steve Weisfeld, anotou o mesmo placar, mas a favor de Acelino.

A terceira leitura separava o fracasso da glória. Entre o sonho e o pesadelo, a pontuação de Glenn Feldman. Dúvidas no ringue. Brindaria o antijogo de Raheem ou a atitude de Popó? Premiaria os contragolpes eficientes do norte-americano ou o controle da luta do brasileiro? Daria o cinturão à zebra ou consideraria a estrada do tricampeão mundial? Feldman marcou 116-112. Quatro pontos de diferença. Uma vantagem significativa, apesar da decisão dividida. Nem foi preciso dizer o nome de Acelino para que a festa brasileira tivesse início no Foxwoods Resort Casino. Quando o *announcer* se referiu ao vencedor como "o novo tetracampeão mundial", todo o planeta já sabia que se tratava de Popó.

A sensação experimentada era antiga, mas as lágrimas pareciam de primeira vez. Acelino Freitas (38-1-0), o cinturão nas mãos, a bandeira do Brasil no corpo, foi lançado ao ar por sua equipe sob os gritos e aplausos emocionados do público. Popó, aos trinta anos, voltava a sentir o doce sabor de um título. Era a afirmação do homem e a aclamação da lenda.

O cassino contava com a presença de não menos de 150 jornalistas. O triunfo que marcou a volta por cima de Acelino foi transmitido a 20 milhões de espectadores somente nos Estados Unidos. Os 1,5 mil brasileiros que compraram ingresso pagaram para ver seu ídolo, pela quarta vez, no topo do mundo. Tinha boas chances de dar tudo errado. Deu certo. Popó, teimoso por natureza, era a história do improvável. "Aprendemos mais a cada dia. A derrota fez de Popó um lutador melhor", afirmou o

treinador Oscar Suárez à imprensa mundial depois do confronto.

Na volta para casa, no voo entre Nova York e São Paulo, as bagagens do campeão foram extraviadas. Certamente o novo cinturão não correria esse risco. Popó não tinha a menor intenção de se desgrudar daquela peça um segundo sequer: levou o cinturão na mão, exibindo-o a todos dentro da aeronave.

Acelino reencontrou Eliana e o caçula Popozinho ainda na capital paulista. Juntos tomaram o avião para casa e Popó desfilou, como de costume, em um carro do Corpo de Bombeiros pelas ruas de Salvador. O pugilista voltou cobrando do presidente Luiz Inácio Lula da Silva maior incentivo aos atletas do boxe, algo que faltou durante toda a sua carreira. É a ausência de apoio que impede o surgimento de outros Popós.

Engrandecido pela conquista, o baiano tornou a pedir uma revanche a Diego Corrales, mesmo não havendo mais título ou cinturão em jogo. Apenas a revanche. Popó seguiu, cansando-se do jogo de bastidores, da rotina de treinos, do doloroso processo de perda de peso. Frustrou-se com a revanche que não veio. Acelino Freitas pensou em parar assim que desceu do ringue após a vitória contra Zahir Raheem, mas deixou o desejo contido por mais de cinco meses. O anúncio oficial foi dado em 4 de outubro de 2006, ao lado do irmão Luís Cláudio, sua fortaleza desde a infância. Em entrevista coletiva, ele assegurou que manteria a forma física: “Quem disse que vou parar de treinar? Não quero ficar feinho e gordinho. Quero continuar bonitinho para a minha mulher”, brincou.

Acelino se despedia dos ringues no auge, como campeão do mundo. O tetra deixou o baiano acima de Éder Jofre em número de conquistas. Popó punha um ponto-final em sua trajetória de maneira precoce, aos 31 anos, sem nenhuma lesão que o impedisse de continuar lutando. Alegou tão somente falta de motivação para seguir adiante. Queria olhar para si, dedicar-se a Eliana, curtir o filho pequeno, viajar com a família, tudo aquilo que, por anos, ele nunca pôde fazer. O boxe era uma rotina incansável: *sparring*, corrida, suor, pancadas, perda de peso, viagens. Popó sentiu que havia chegado a hora de mudar.

A aposentadoria prematura de Acelino Freitas causou surpresa geral. Da equipe à família, de amigos a fãs, a ideia de que estava cedo demais para ele largar o boxe era unânime. O promotor Arthur Pelullo era um dos mais incrédulos com a notícia, ainda esperançoso de que houvesse uma reviravolta nessa decisão. O mexicano Júlio Díaz, detentor do título dos pesos-leves da FIB, com quem o soteropolitano tinha luta marcada, esbravejou, chamando o brasileiro de “amarelão”. Eliana apoiou o marido, Zuleica respirou aliviada.

A atitude tão repentina quanto inesperada foi seguida de um clamor popular para que Popó voltasse atrás. Era cedo para dizer adeus. Ainda que tivesse se despedido dos ringues com o enredo perfeito, o título mundial, Acelino estava jovem demais para desistir do esporte que era sua paixão.

A chuva de ofertas e apelos mexeu com Popó. A cabeça de Acelino mandava-o parar, o corpo já não suportava a rotina de um atleta profissional, mas o coração regia suas escolhas. Vinte dias após o anúncio da aposentadoria houve o dia do “diga ao povo que volto”. Por decreto emocional, Acelino Freitas revogava a decisão de pendurar as luvas, a despeito do chamado interno que sussurrava em sentido contrário.

Fez a escolha, a princípio, animado pela oportunidade de conquistar o cinturão do CMB, antigo sonho. O título estava nas mãos do cubano Joel Casamayor, a quem Popó finalmente concederia uma revanche. Menos de quatro meses depois de anunciado o confronto Casamayor foi destituído pela entidade. A luta perdia o sentido. Acelino desistiu do combate.

Em seguida entrou em cena o famoso Don King, promotor de Juan Díaz, de 23 anos, invicto em 31 duelos, com 15 nocautes, e campeão dos pesos-leves da AMB. King ofereceu a Arthur Pelullo uma superluta entre Popó e Díaz, valendo a unificação dos títulos da OMB e AMB. Popó cresceu o olho ante a chance de mais um cinturão. Alheio ao que seu corpo dizia sobre boxe, o baiano só pensava em um

fim de carreira ainda mais triunfal, com a segunda unificação e o quinto título de campeão do mundo.

O confronto era, antes de tudo, um encontro de gerações. O veterano contra a promessa, o passado contra o futuro. A luta foi reputada como mera passagem de bastão de um para o outro. No discurso, o respeito deu o tom. Díaz se declarou fã de Popó e, por isso, foi comedido nas palavras. Balde de água fria no tradicional jogo de provocações. Acelino devolveu os elogios.

A troca de gentilezas foi somente soterrada em 28 de abril de 2007, data da disputa. Acelino voltava ao Foxwoods Resort Casino um ano depois da última aparição. Ele chegava longe da melhor forma física. O combate fora antecipado em um mês, o que comprometera a sua preparação. Acelino, até dois meses antes, estava com quase oitenta quilos, o maior peso que atingira na vida. O trabalho para bater 61,235 kg foi o mais inglório possível. Popó tirou quase vinte quilos do corpo. O Foxwoods festejava sua centésima programação de boxe, com mais de 3 mil pessoas presentes.

Acelino Freitas não chegou a lutar contra Juan Díaz. Havia no ringue apenas o espectro do campeão. Os quatro primeiros assaltos até mantiveram certo equilíbrio, mas muito cedo Popó assumiu o papel de caça. Díaz dominava o centro do ringue, atacava, buscava a luta. O baiano se conformava com os contragolpes. A defesa do mexicano anulava os diretos de direita de Acelino, que passou a apelar para os *uppers* e para *jabs* pouco efetivos. O brasileiro chegou a fazer algumas combinações, como havia feito no terceiro round, mas o rival parecia não sentir as consequências. Em momento algum balançou ante a mão de pedra que consagrou Popó.

A partir do quinto assalto, Díaz encurralava, Popó fugia. A movimentação, aos poucos, sucumbia diante do cansaço. Nem mesmo o apoio da torcida conseguia mudar esse quadro. Na metade do quinto round, uma sequência de golpes aplicados pelo latino desorientou o baiano. O sétimo assalto foi um massacre. Guerreiro, Acelino resistia em pé, mas não tinha mais forças para contra-atacar. Preso nas cordas, era alvo fácil. Irreconhecível, a respiração ofegante, a fuga como único recurso, Acelino não lutava mais. O oitavo assalto foi um baile de Díaz. Popó ficou zonzo, mas não caiu.

O gongo interrompeu o martírio. Acelino foi ao *corner*, mas não voltaria ao centro do ringue. Oscar Suárez, enquanto enxugava o rosto do pugilista, deu a sentença: “Escute. Esta luta acabou para você, ok?”. Do lado de fora, um injuriado Luís Cláudio resmungava contra Oscar, sem acreditar no que ouvia. Oscar o ignorou. “Você está para esta luta ou não está para esta luta?”, indagou o técnico. Popó fez sinal de negativo com a cabeça. Não falou nada. Ordenado pelo treinador, Acelino se retirava do combate. Perdia sua segunda luta na carreira e, por conseguinte, dava adeus ao cinturão da OMB.

Acelino reconhece que retornou por ganância. Nunca encontrou a motivação que a disputa pedia. A falta de vontade se refletiu no desempenho. Foi uma derrota desnecessária. Popó acertou 159 golpes, contra 222 aplicados por seu oponente. Nos quatro últimos rounds, foram somente 56 socos conectados pelo soteropolitano, enquanto Díaz aplicara 125, sinal irrefutável do declínio do brasileiro ao longo da disputa.

Derrotado, Popó foi erguido pela equipe e lançado ao ar como se fosse campeão. O gesto premiava não o revés, mas a carreira do baiano. Acelino levantou os braços e distribuiu sorrisos como quem agradecia pela estrada vitoriosa. Quem estava ali não era o boxeador recém-saído de um fiasco evitável. Popó sabia que aquela seria a última vez. Queria se despedir sorrindo. Recebeu o beijo de sempre de Eliana. E, ao contrário do que aconteceu na primeira derrota, teve o respaldo do irmão Luís Cláudio: “Você é meu campeão, garoto”. Pronto. Era o que bastava. O choro escorria feliz.

Popó (38-2-0) dizia adeus ao boxe convencido de que deu o melhor que podia ao esporte. Tetracampeão mundial, 32 nocautes, 13 no primeiro round, e a certeza do dever cumprido. Havia vencido muitos oponentes, dentro e fora do ringue.

round 11

Sai Popó, entra Acelino

A aposentadoria do boxe não significava o fim das lutas. O ringue daria lugar a outras arenas, algumas até mais árduas. As luvas saíram de cena e foram substituídas pelo terno e pela gravata. Acelino foi chamado para ser secretário de esporte, lazer e entretenimento de Salvador, a convite do então prefeito João Henrique, do Partido Progressista (PP). Assumiu a pasta em junho de 2007, mas, já em dezembro, menos de seis meses depois, encaminhou ofício solicitando sua exoneração. De acordo com Acelino, ele encontrou uma máquina pública falida e que não lhe dava condições de trabalho. Os projetos concebidos esbarravam na falta de orçamento. O sonho não chegava à realidade.

Desiludido com a política, resolveu voltar a estudar. Acelino Freitas frequentara as aulas somente até a 4a série. Abandonou a Escola Estadual Leopoldo dos Reis, na Baixa de Quintas, para treinar boxe. Uma atitude ao mesmo tempo arrojada e perigosa, mas, além de estar apaixonado pelo boxe, a falta de condições mínimas de subsistência também pesara na evasão, caminho quase natural de garotos que, como ele, batalhavam para sobreviver.

Quase vinte anos depois, Acelino trilhava o caminho de volta às aulas. Iniciou o supletivo, completou o ensino fundamental e terminou o ensino médio. Os estudos deram outra visão de mundo ao baiano, que prestou vestibular e iniciou o curso de direito na Faculdade Batista Brasileira, em Salvador.

Os dias caminhavam bem e a vida corria em águas calmas até que Acelino recebeu o golpe mais doloroso desde a morte do pai, Babinha. O ex-pugilista teve seu nome ligado a um assassinato ocorrido em 9 de setembro de 2009. Havia morrido o ex-presidiário Moisés Magalhães Pinheiro, de 28 anos, amigo do também ex-detento Jonatas Almeida, de 22 anos, que mantinha relacionamento com uma sobrinha de Popó, filha de Luís Cláudio. O namoro era reprovado pela família, por causa do passado criminoso do rapaz.

Acelino relata que, naquele dia, fora até a casa de Jonatas para resgatar a adolescente, de 17 anos, que estava desaparecida há cinco dias. Popó conversou com o ex-presidiário e foi embora levando a sobrinha. Assunto encerrado. Horas depois, Jonatas e Moisés foram vítimas de um atentado – o primeiro conseguiu escapar, mas o segundo foi morto. Jonatas acusou Acelino de ser o mandante do crime.

Ídolo nacional, referência no boxe, dono de um carisma singular, tetracampeão do mundo, Popó saltava do caderno de esportes para as páginas policiais. Não importava se a acusação viera de um jovem que participara de homicídios, tráfico de drogas e roubo de carros, um bandido que arregimentava desafetos por onde passava. Não importava se Acelino fora reputado como esportista exemplar e se, mesmo durante a infância miserável, jamais se envolvera no mundo do crime. O mesmo povo que aplaudiu suas vitórias no ringue apontou o dedo para crucificar Popó antes mesmo de qualquer averiguação.

O episódio é a maior mágoa que o ex-campeão carrega. Nem os socos de Diego Corrales e Juan Díaz, seus algozes, doeram tanto quanto os comentários que Acelino era obrigado a ouvir nas ruas de Salvador e nos meios de comunicação. Popó precisou pagar honorários de quase 300 mil reais para se defender de algo que não fez. Deixou de ser chamado para dar palestras, perdeu contratos de patrocínio, passou a andar de boné e óculos escuros. Sentia-se acuado.

A investigação conduzida pela Delegacia de Homicídios inocentou Acelino. Provou que ele não tinha nenhuma relação com a morte de Moisés. Parecia tarde para uma retratação. O ex-pugilista já havia sido execrado de maneira gritante e leviana. As desculpas, quando chegavam, eram tímidas. Jonatas, pivô de todo o tormento, foi preso novamente por confessar mais de trinta crimes à polícia.

O assunto sempre foi tabu para Acelino Freitas, que desabafa ao dizer que foi a maior injustiça que já sofreu. O preço da fama, lamenta ele, é ser o centro da notícia, seja ela mentira ou verdade. A associação é automática e precipitada. Quando a verdade é provada, a mentira já foi soprada pelos maus ventos. O direito de resposta, avalia, nunca é o mesmo. Em duas décadas de boxe, Popó nunca deu um soco em alguém no meio da rua. Em anos de pobreza, Acelino jamais se arriscou no mundo do crime.

De repente era acusado, sem nenhuma justificativa ou prova, de ter mandado matar uma pessoa. Era suspeito apenas por retirar a sobrinha de um local que não lhe oferecia segurança. Nada mais.

Acelino Freitas chegou a gravar um quadro para uma emissora de TV que só foi exibido nove meses depois, quando toda a apuração policial foi concluída e seu nome afastado do crime. Era, por coincidência, época de eleições. Acelino, que havia decidido retornar à seara política e se lançara candidato a deputado federal pelo Partido Republicano Brasileiro (PRB), quase desistiu do pleito. Não suportou os comentários maldosos que escutou quando fazia campanha nas ruas de Salvador. Zuniam que não votariam em assassino. Esqueceram o ídolo, ignoraram a história. Isso foi pior que a perda de um título mundial.

Ninguém, depois de Acelino, sofreu tanto quanto Zuleica. A mulher – que criou seis filhos e que, apesar das dificuldades, jamais abriu mão da boa educação – não aguentava ver Popó ser ofendido. Chorava junto. Brigava em nome da honra da família. Uma vez, participou de um comício no qual uma dona de casa gritou que não daria o voto dela a um criminoso. Zuleica subiu ao palanque. “Você sabe qual é a dor de uma mãe ao escutar alguém acusar seu filho de um crime que ele não cometeu?”, perguntou, às lágrimas e fervendo de indignação. “Desculpe, minha senhora. Queria ter um buraco para enfiar a cabeça. Acredito na senhora e no seu filho”, respondeu a interlocutora.

Acelino Freitas perdeu o sono e a paz. Noites sem dormir, dias sem comer direito, uma reclusão quase forçada. Popó desabou, ficou deprimido, mas encontrou na família, em Eliana, nos filhos, nos amigos e nos fãs fiéis a sua trajetória e ao seu caráter o ânimo necessário para seguir adiante.

A história de Popó é a história da volta por cima. Acelino Freitas foi eleito em 2010 como primeiro suplente a deputado federal por uma coligação de sete partidos, incluindo o PRB. O ex-boxeador, que usou nas urnas o número 1.000, obteve 60.216 votos. Tornou-se titular no mesmo ano, com a indicação do deputado federal Mário Negromonte (PP-BA) para o Ministério das Cidades. Deu sequência a um trabalho social que já se iniciara muitos anos antes da política. Vive do investimento que fez em imóveis ainda nos tempos de pugilista, não do salário de parlamentar.

Divorciou-se de Eliana Guimarães em fevereiro de 2011. Não foi fácil. Precisou se acostumar a viver sem a mulher que sempre fora seu esteio – e, mais que isso, seu grande amor. Eliana é, nas palavras simples e diretas do baiano, a mulher perfeita para um homem imperfeito. Vivem no mesmo condomínio de luxo, em Lauro de Freitas, na Região Metropolitana de Salvador. Seguem unidos no amor por Popozinho. Foi para poupar o caçula de assistir às constantes brigas que o casal optou pela separação.

Acelino divide seu tempo entre Brasília e Salvador, para onde viaja quase todos os fins de semana para ficar com os seis filhos. Rafael, o primogênito, cursa engenharia civil. Tem uma tatuagem com o nome de Acelino. Igor quer seguir os passos do pai. Chegou a pesar 116 quilos, mas encontrou no boxe a inspiração para uma vida saudável e um motivo para sonhar. Já perdeu trinta quilos e hoje treina na academia Champion com ninguém menos que Luiz Dórea, o primeiro treinador de Popó. No dia 7 de setembro de 2013, conquistou seu primeiro título como amador: sagrou-se campeão baiano de boxe, na categoria peso-pesado. Os outros filhos – Iago, Juan Popó, Gustavo e Popozinho – ainda estão em idade escolar.

round 12

A redenção

Um pedido que se tornou uma ordem. Um dia que mudou a sua vida. “Pai, eu nunca vi o senhor lutar. Faz uma luta para mim. Quero subir no ringue com o senhor.”

Popozinho nem precisou insistir. Acelino não mediu as consequências, não enxergou as barreiras, não calculou os riscos. Apenas assentiu. As palavras do filho caçula o invocavam a um dos maiores desafios de sua vida. Aposentado dos ringues, Popó estava há cinco anos sem treinar ou lutar. Uma longa e considerável estiagem. Uma inatividade que tornava o fiasco provável e iminente. Pelo filho, prometeu o impossível. Não valia um título – valia a honra.

O ex-pugilista estava com mais de oitenta quilos, afastado dos treinamentos, em uma rotina incessante e diferente como parlamentar. O boxe nada mais era que a lembrança de um tempo glorioso e distante que não voltaria mais. Jamais passava pela sua cabeça reviver os sacrifícios e as penitências do esporte, até Popozinho lançá-lo na máquina do tempo. Não dava para negar o pedido do filho caçula. Os outros cinco já tinham visto Acelino lutar, menos ele. Menos aquele por quem Popó nutria o amor mais visceral de todos, fruto da história de amor com Eliana.

Acelino se viu na obrigação, como pai, de realizar o sonho do menino. Não quis pensar nas dificuldades, nas limitações físicas, na inatividade, na idade avançada, nos reflexos enferrujados, na velocidade comprometida, na resistência minada, na força que seria posta em xeque. Nada importava. Enfrentaria o que fosse preciso para ver o sorriso estampado no rosto de Popozinho.

Popó divulgou na imprensa que faria um combate de despedida. A ideia inicial era encarar um veterano também fora de ritmo, algum pugilista com quem o baiano pudesse duelar em igualdade de condições, em um evento meramente festivo.

Se fosse fácil, não seria Popó. A vida de Acelino nunca andou em linha reta. O paulista Michael Oliveira, campeão latino de 22 anos, 17 lutas, 17 vitórias, 11 nocautes, uma promessa do boxe brasileiro, atravessou o caminho do baiano e desafiou Acelino. Desrespeitou uma história de quatro títulos mundiais e conquistas inumeráveis. Afirmou que o tempo do rival havia passado. Prometeu fazer e acontecer: “No ringue, eu não vou ter nenhum respeito por ele”.

Carlos Eduardo Oliveira, pai de Michael, telefonou a Popó. Perguntou se o ex-boxeador aceitava o desafio. Ofereceu uma bolsa de 500 mil reais por um duelo de dez rounds. Acelino ficou de pensar. Sabia do perigo inerente. Queria conversar com a família. Zuleica achou um absurdo. Luís Cláudio foi a voz do incentivo. No dia seguinte, os sites e os jornais estampavam que Acelino havia aceitado a luta antes mesmo de ele tomar alguma decisão.

Popó não teve escolha. Diante do Brasil, de seus fãs, de seu caçula, estava sendo desacatado por um garoto que tinha em idade o mesmo tempo que Acelino tinha de boxe. A luta se tornava uma questão de honra. De pai para filho. A lacuna seria preenchida. O último ídolo brasileiro do boxe tinha data marcada para voltar aos ringues: 2 de junho de 2012.

O retorno era incerto. A chance de um vexame homérico perturbava todos à sua volta. Por mais que Acelino negasse, o receio existia. Cinco anos sem lutar não são alguns meses. A inatividade não podia ser minimizada. A ocasião pedia cautela, entrega e fé.

Popó teria quatro meses de preparação em Brasília. O cotidiano de treinamentos estava de volta. Acelino chamou Ulysses Pereira para atuar em seu *corner* e reeditar a parceria de sucesso. Teria de se acostumar com a ausência de seu outro treinador, Oscar Suárez, que morrera aos 46 anos vítima de um tumor no pâncreas, no dia 13 de setembro de 2008. Oscar era o paizão do time, dono de uma educação singular e mestre na colocação de uma bandagem artesanal que ninguém fazia igual. Luís Cláudio preencheria o vazio no *corner*. Ulysses levava sempre uma foto do porto-riquenho em seu bolso. Oscar estaria lá.

A maratona incluía oito quilômetros diários de corrida e, pela primeira vez na vida, aulas de ginástica funcional. Popó corria com paraquedas amarrado às costas, suava, levantava peso, controlava a alimentação, tudo sob a supervisão do preparador físico Rafael Alejarra, tudo por uma vitória que

parecia improvável – impossível jamais, o tempo assim o ensinou.

O desafio de enfrentar um jovem no início da carreira era o maior temor de Acelino. Era preciso, aos 36 anos, estar pronto para conter o ímpeto adolescente de Michael Oliveira. A solução encontrada foi caseira: Vitor Jones, 18 anos, sobrinho do ex-atleta e “três vezes mais rápido que Michael”, seria seu *sparring*.

No primeiro mês fazendo luva, Acelino foi um fiasco. Acertava um golpe para cada dez aplicados por Vitor. Não achava a distância correta. Não encontrava o ritmo ideal. O mau desempenho lançou dúvidas sobre o futuro. Popó esteve perto de desistir. Insistiu. No segundo mês, o veterano já conseguia emplacar três socos a cada dez do sobrinho. Era pouco. Persistiu. No terceiro mês, eram dez golpes para lá e dez para cá. Dali em diante, os socos de Acelino passaram a sobrar. Reaprendeu o que nunca havia esquecido. Voltou a ser o Popó de sempre, ao menos nos treinos. Foi nesse momento que percebeu que estava pronto.

Acelino, embora estivesse pesado como nunca, não passou por uma luta com a balança. Habituado a duelar entre os superpenas (58,967 kg) ou entre os pesos-leves (61,235 quilos), o baiano lutaria pela primeira vez na categoria dos médios-ligeiros (69,853 kg). Apenas de peso excedente, perdeu sete quilos com facilidade. Em suma, eliminou gordura corporal.

Livre da batalha do emagrecimento, Popó pôde se dedicar mais aos treinos físicos, técnicos e táticos. O único senão era saber como o seu queixo reagiria a uma mão mais pesada, já que enfrentaria um oponente dez quilos acima do que estava habituado. A dúvida incomodou, mas não tirou seu sono. A história de Acelino ensinava que, apesar de tudo, Michael teria mais motivos para se preocupar.

O jogo de provocações apimentava ainda mais um confronto que, por tudo que envolvia, prenunciava-se histórico. “Estou pronto para morrer no ringue. Para ganhar de mim, vai ter de me matar”, disparou Michael às vésperas do esperado confronto. Luís Cláudio, a boca tão grande quanto o coração, saiu em defesa do irmão: “Ele está falando muito e achando que vai fazer o nome dele em cima de Popó, mas cão que late não morde”. Os latidos eram gerais. “Ele cutucou a onça com vara curta. O campeão estava dormindo. Não estava morto. Voltei a treinar e Michael vai pagar caro por isso”, Acelino rebateu.

A pesagem foi tensa. O jovem desafiante chegou ao Conrad Resort & Casino, em Punta del Este, no Uruguai, e foi obrigado a escutar uma torcida barulhenta contra ele: “Uh, vai morrer! Uh, vai morrer!”, gritava a multidão. Michael ficou indiferente ao zumbido.

Popó, por outro lado, revoltou-se com a organização do evento, que tentou usar uma balança domiciliar para indicar o resultado oficial do peso dos atletas. Acelino se negou a subir no equipamento e exigiu uma balança antropométrica, de uso hospitalar, a utilizada na pesagem de lutas profissionais.

Popó foi o primeiro a aferir se estava no limite dos médios-ligeiros. Pesou 69,8 quilos. Bateu o peso por menos de cem gramas. A primeira batalha estava ganha. Michael teve mais facilidade. Com 69 quilos, resolveu cutucar o rival que conviveu, durante toda a carreira, com problemas com a balança. Comeu um sanduíche gigante enquanto se pesava, bem do lado de Acelino, um gesto que se juntava ao festival de disparates protagonizados pelo paulista.

Na tradicional encarada entre os adversários, o troco do veterano: olho no olho, rosto colado e um empurrão imponente em Michael Oliveira. O clima esquentou. Michael precisou ser contido. Alegou ter sido chutado por membros da equipe de Popó. Rafael, primogênito de Acelino, chamou para a briga um segurança com quase dois metros de altura. Nem sabe de onde tirou a coragem para isso, mas valia tudo para defender a honra e o nome do pai.

A família quase toda estava lá, os parentes de sangue e os que a vida lhe deu: três filhos, a mãe, os irmãos, Armando, Everaldo Júnior e Sóstenes Marchezine, assessor e braço direito. O médico Fábio Costa acompanhava a equipe e avaliou a idade física de Popó: 28 anos, oito a menos que a idade do lutador.

Michael Oliveira pôs mais lenha na fogueira: “Agora é pessoal. Sem perna, eu vou lutar. Sem braço, eu vou lutar”, assegurou ele em entrevista à Rede Globo. Popó não ficou em silêncio e também esbravejou em conversa com a emissora: “Ele é malcriado, é um cara sem educação, que não respeita as pessoas e não respeita o que eu fiz pelo país. Por isso, eu treinei como se fosse por um título mundial”.

O duelo teve início muito antes de o gongo soar. Transcorria no jogo de palavras, no enfrentamento entre os times, na guerra psicológica. Michael Oliveira esbanjava confiança. Fazia *sparring* com arrogância. Carregava a convicção na ponta das luvas. Iniciante no boxe, tinha certeza de que um triunfo contra o ídolo nacional o alçaria a voos mais altos. Não estava enganado. Popó era o maior desafio de sua curta carreira. Uma catapulta.

Acelino Freitas disfarçava o medo de um fracasso. Emagreceu, entrou em forma, recuperou a agilidade, recobrou as forças, resgatou a autoestima, mas em instante algum subestimou a inatividade. O risco que corria tinha sido calculado. Era gigante. Jamais negou isso. E essa derrota seria bem pior que os insucessos contra Corrales e Díaz.

Popó tinha todos os motivos para perder e todos os motivos para ganhar. O presente de um lado, o passado do outro. A inércia de um lado, a obstinação do outro. A falta de ritmo de um lado, o amor de pai do outro. O óbvio ou o inesperado? A lógica ou o improvável? Todas as respostas cabiam em dez rounds.

Michael Oliveira foi o primeiro a entrar no ringue. Vestia verde e amarelo, empunhava o cinturão de campeão latino e guardava nos olhos toda a motivação que cultivou ao longo dos meses.

Acelino Freitas cumpria a primeira parte de sua promessa. Seguia pelo cassino de mãos dadas com Popozinho. Atendia ao pedido do caçula, que assim se manifestou: “Eu fiquei com muita raiva desse carinha porque ele chamou meu pai de bola. Não gosto que falem mal do meu pai”.

A trilha sonora que guiava o ex-campeão ao ringue era a música *Vai, Popó, bate sem dó*, composta pelo *rapper gospel* Juninho Lutero. Uma mescla de guerra e religião que recordava a estrada tortuosa, a glória mundial e a fé inabalável:

Você enche de orgulho a nação brasileira/ Provou que nosso povo não é bom só com a chuteira/ (...) De luva e calção, com talento e unção/ Na igreja, uma ovelha/ No ringue, um leão/ O Brasil acredita em você, Popó/ Jesus vai contigo, você não está só/ Vai, Popó, bate sem dó.

Acelino tinha o patrocínio da Pretorian Hard Sports, marca que, por força de contrato, apoia apenas atletas do UFC. Foi aberta uma exceção para o boxeador, por sua relevância internacional, respaldada por Dana White, presidente do UFC, e reforçada pela amizade do pugilista com Ruy Drever, fundador da Pretorian.

Com um roupão negro e dourado, Acelino corria amparado por um quarteto de peso: seus quatro cinturões mundiais (1999, 2002, 2004 e 2006) eram erguidos por Rafael e Igor, seus dois filhos mais velhos. Popó buscava um final feliz, acreditava que sua trajetória merecia o clichê da chave de ouro.

Popó pisou no tablado sem olhar para Michael. Enquanto era apresentado, viu o público resumir, em um canto, em uma frase, o momento tão ansiado: “Ô, o campeão voltou”. O calor da torcida aquecia Acelino. Quando o rival foi anunciado, os gritos ecoaram ainda mais sonoros, repetidos à exaustão: “Vai, Popó, bate sem dó”.

O árbitro Hector Afu iniciou o combate e, após trinta segundos de estudo, o baiano tentou reatar com um passado mais longínquo, de ataques fulminantes e nocautes. Michael Oliveira aplicou um *clinch*. Não era surpresa. A maior parte das previsões pré-luta apontava a vitória do paulista. Outros diziam que a única probabilidade de Popó triunfar era tentar nocautear nos três primeiros rounds, enquanto ainda tivesse fôlego. Cada minuto a mais reduziria as chances do veterano. Acelino lutava contra Michael e contra o tempo.

Michael acertava alguns *jabs*, mas caminhava para trás. Popó encurralava, estudava a hora certa de tentar uma combinação e marcava compasso em direção ao alvo como um velho caçador, sabedor de

todos os atalhos da selva.

O primeiro assalto teve fim e levava embora ao menos o temor de um vexame. Acelino se portava com altivez, bailava fluente, conectava mais golpes e mostrava que não se entregaria sem lutar. A confiança estava presente. O segundo round mantinha a tônica até que um direto de esquerda lançou o tetracampeão contra as cordas. O susto foi unânime. Apenas um teste, o queixo de Acelino Freitas estava aprovado. O restante do assalto serviu para o soteropolitano mostrar uma esquiva afiada como nos tempos de atividade.

No terceiro round, Michael voltou atrevido e Popó se mostrou decidido. Cada ação do paulista provocava uma reação mais contundente do baiano. O equilíbrio seguiu até dez segundos do fim. Uma sequência com a assinatura de sua mão de pedra fez as pernas de Michael bambearem. O adversário foi salvo pelas cordas. Hector Afu, ainda assim, assinalou o *knockdown* e abriu contagem. A torcida enlouqueceu. Imaginou que o triunfo de Acelino era iminente. Michael resistiu.

Popó voltou para o quarto assalto com o mesmo ímpeto com que acabou o anterior. As esquivas eram um espetáculo à parte. O desafiante foi às cordas duas vezes seguidas, mas se manteve de pé. Fez uso dos empurrões para tentar desconcentrar Acelino, aplicou golpes baixos, mas isso pareceu pouco para quem já tinha enfrentado o antijogo de Joel Casamayor e Zahir Raheem. Popó tinha achado a distância, castigava, andava para a frente, era pouco ameaçado, mas os minutos transcorriam e aumentavam o drama e a dúvida de quem estava nas arquibancadas e do outro lado da televisão.

No final do quinto round, Michael Oliveira acuou o rival nas cordas. Tentou pressionar e esbarrou em uma ginga catedrática. Popó parecia que brincava com um bambolê, alheio ao festival de socos desordenados aplicados pelo paulista. O jogo de esquivas continuou no sexto assalto, Acelino de guarda baixa, um baile que levantou a torcida.

A partir disso Popó passou a evidenciar certo cansaço. Já não dominava o centro do ringue, não golpeava com a mesma frequência, não se livrava dos ataques com tanta eficiência, não se movimentava com a leveza de antes. O risco da derrota, pela primeira vez, aparecia. Só não era maior pela falta de pegada de Michael. Popó voltou a atacar e deixou claro que não se entregaria à fadiga. O campeão latino tentava os agarrões como rota de fuga. O perigo devolveu o apetite do baiano.

O antepenúltimo round chegava com a certeza de que o triunfo do veterano era quase irreversível. Mesmo assim, Popó queria a apoteose do nocaute. Partiu para cima de Michael ciente de que poderia se expor ao contragolpe e jogar fora uma vitória que, nos números, parecia sacramentada. O adeus à estratégia era nada mais que um retorno à essência. O passado gritou dentro do campeão que estava na hora de provar ao mundo o tamanho da história que se encerrava. Foram dezenas de *jabs*, diretos, cruzados, ganchos, um arsenal de imponência e poder de decisão.

Dois *jabs* de esquerda e um direto de direita derrubaram o paulista. A torcida ensaiou a explosão. Michael levantou-se, fez sinal para continuar, mas o olhar já denunciava seu estado. Popó continuou o massacre, convicto de que o final feliz estava cada vez mais próximo. O instinto não traiu o velho guerreiro. Uma combinação letal encerrou aquela luta aos 2 minutos e 19 segundos. O público soltava o grito entalado há tanto tempo na garganta. A audiência recorde do SporTV clamava que a lenda repensasse sua aposentadoria.

O cinturão de Acelino Freitas (39-2-0) naquela noite foi o abraço emocionado de Popozinho. Foi pelo filho que ele aceitou jogar tudo para o alto e reviver o velho sonho. “Papai ama você”, disse o tetracampeão mundial ao menino que era só choro e orgulho.

Popó voltava ao reino dos nocautes, voltava com suas mãos de pedra, voltava aos braços do povo, voltava para reatar com o destino e corrigir as páginas finais de uma trajetória em que as quedas foram tão inexoráveis quanto as voltas por cima. Não podia, depois de tudo, se despedir com a derrota para Juan Díaz. Não podia deixar, como última impressão, o desalento no olhar e a mancha no cartel. Precisava refazer o seu destino. Precisava incluir um capítulo de brilho e redenção. Precisava ver o

mundo duvidar para, aos 36 anos de idade, quarenta combates depois, dado como morto por todos, provar que a luta não havia acabado. Para ele, a luta começou muito antes do boxe. Acelino, campeão da vida, fechava as cortinas da carreira com um final memorável. Uma história que escreveu com as próprias mãos.

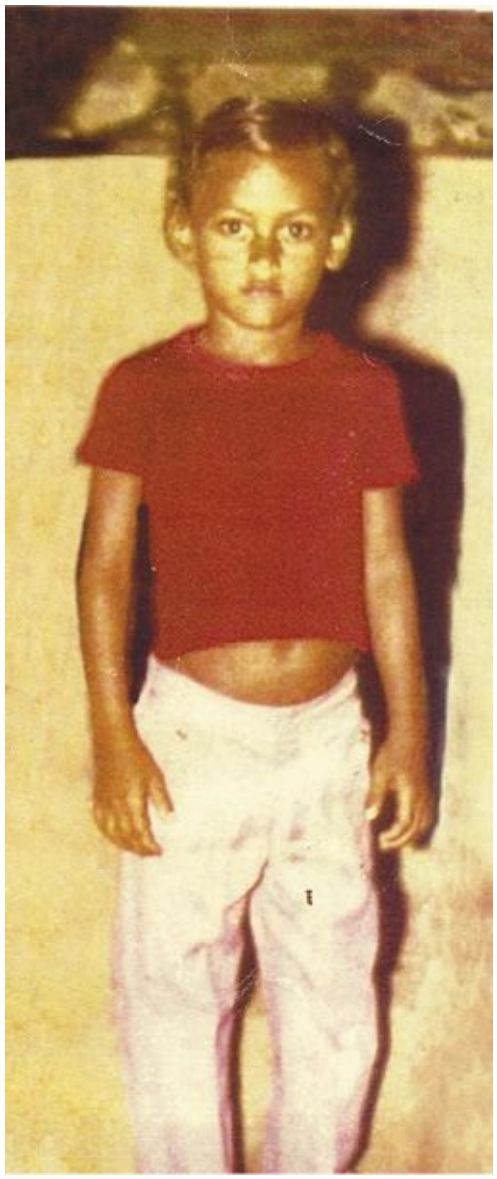

Popó ainda criança, em um dos raros registros fotográficos de sua infância. Tinha apenas cinco anos, e a camisa, herdada dos irmãos, já não lhe cabia mais. De origem humilde, ele cresceu e passou a juventude na Baixa de Quintas, periferia de Salvador (BA).

Popó em seus primeiros anos de boxe.

Popó ao lado dos quatro irmãos homens (da esquerda para a direita): Paulo, Luís Cláudio, Orlando e Nilton. Luís Cláudio foi o primeiro a enveredar pelo boxe.

Acelino Freitas treina na academia Champion, no bairro da Cidade Nova, em Salvador, fundada pelo treinador Luiz Dórea.

Na imagem ao lado, Popó posa com Reginaldo Holyfield (primeiro à esquerda) e Luís Cláudio (terceiro da esquerda para a direita).

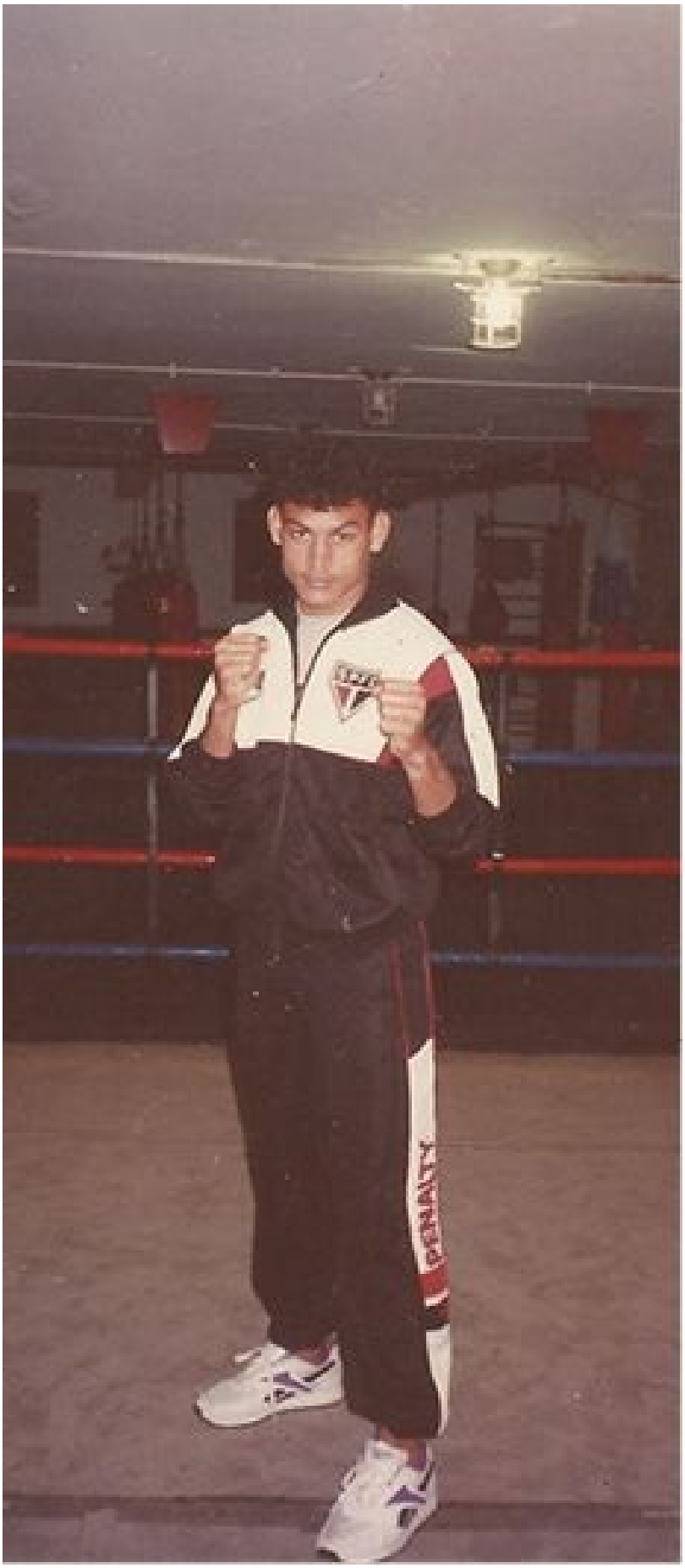
PENALTY

Ainda como amador, Acelino foi buscar a sorte na capital paulista e, em 1993, fechou contrato com o São Paulo Futebol Clube.

Em 1995, conquistou a prata nos Jogos Pan-Americanos de Mar del Plata, um resultado histórico, perdendo em decisão contestada para o cubano Júlio González Valladares. Popó passou a dar entrevistas e a ter suas lutas exibidas na TV, deixando de ser desconhecido.

Aos vinte anos, Acelino Freitas sagrou-se campeão do Mundo Hispano pelo CMB. À medida que a carreira do pugilista deslanchava, a família Freitas reunia cada vez mais parentes, amigos e vizinhos para acompanhar as lutas de Popó.

De casaco preto, Rafael, primeiro filho de Acelino, nascido em 1993. Babinha e Zuleica também estavam na torcida.

A carreira internacional de Popó teve início com o torneio Boxcino, organizado pela Banner Promotions. Na foto acima, à esquerda, o baiano fala durante entrevista coletiva. Ele e Luís Cláudio foram os campeões em suas categorias e posam, acima, à direita, com o

promotor Arthur Pelullo, que está de punho erguido. Ao lado, o técnico Luiz Dórea com os irmãos Freitas.

O melhor de cada viagem era a volta para casa, a volta para os braços de dona Zuleica e sua famosa feijoada. Foi assim quando ele retornou da França com o título de campeão mundial após nocautear Anatoly Alexandrov. A vitória garantiu o pagamento da casa que comprou fiado para a mãe.

Acelino Freitas tornava-se, aos poucos, ídolo em um esporte carente de apoio. Nesta foto de 1999, ele exibe os cinturões brasileiro, intercontinental, do Mundo Hispano, do Boxcino e de campeão mundial.

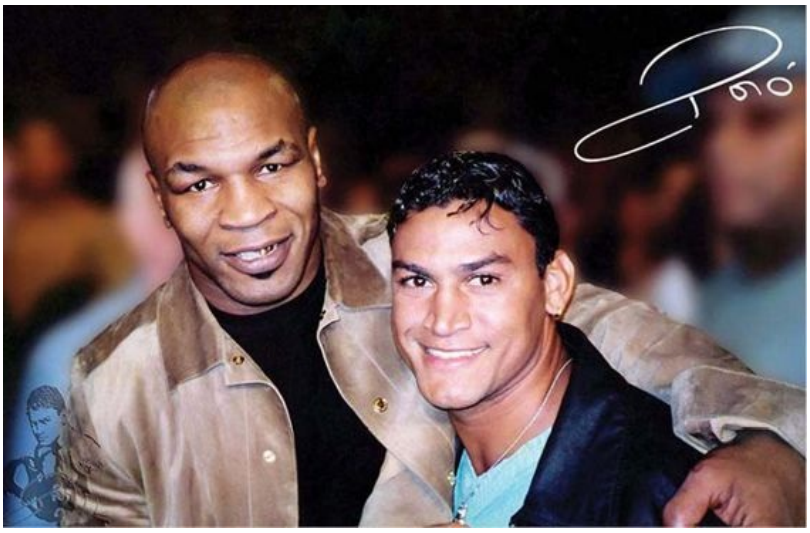

Acelino em encontro inesquecível com Mike Tyson em 2003. Popó quebrou o recorde de 19 nocautes seguidos do norte-americano e chegou à marca de 29 nocautes consecutivos, sendo 21 deles no primeiro round.

A cada dia mais badalado, o baiano passeando em Manhattan.

Popó viveu um reencontro emocionado com Arthur Pelullo, que passou a empresariar o pugilista a partir da luta contra Alfred Kotey, em 29 de setembro de 2001. O baiano dedicou a vitória a seu velho amigo e novo empresário.

As mudanças também se refletiam no ringue. Acelino passou a ser treinado por Oscar Suárez e Ulysses Pereira (da esquerda para a direita). O boxeador treinou duro para provar que a troca de equipe não causara prejuízo.

Acelino faz sparring sob os olhares atentos de Ulysses Pereira e Oscar Suárez.

O baiano treina com Ulysses para aprimorar sua técnica e encarar Joel Casamayor.

Popó atinge o companheiro de treino e mostra que está quase pronto para o grande duelo.

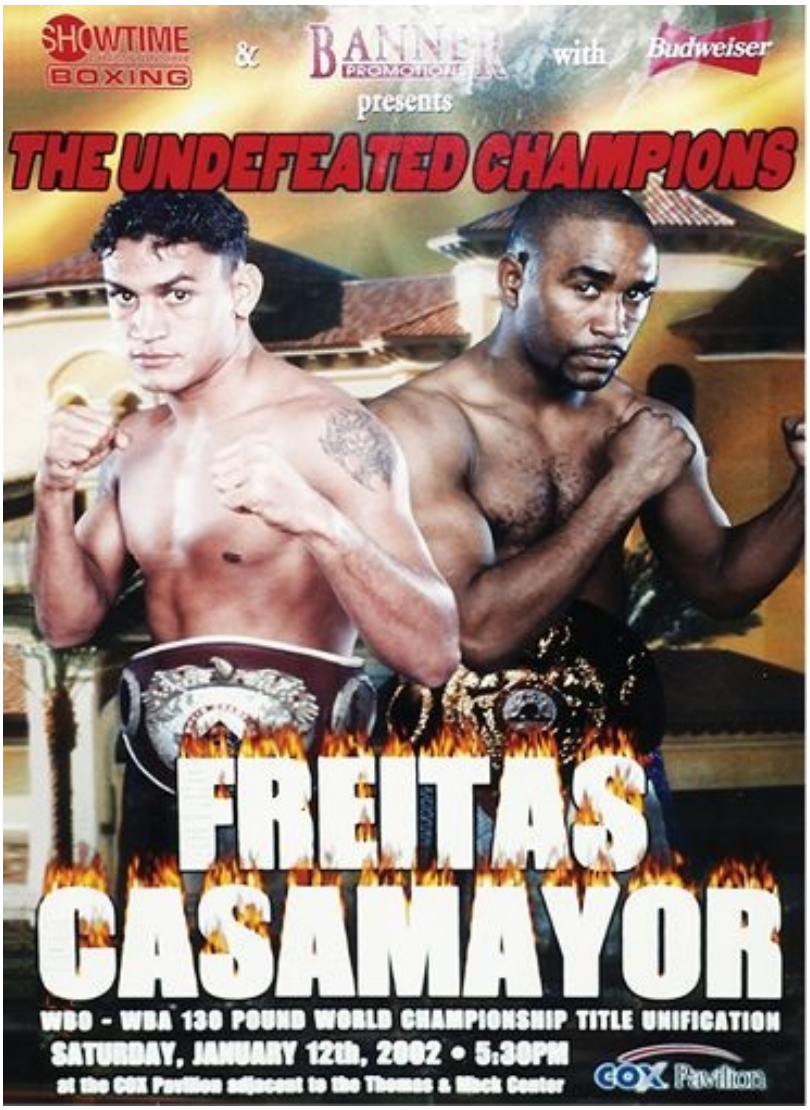

Poster anunciava superluta entre Popó e Joel Casamayor, em 12 de janeiro de 2002, valendo a unificação dos cinturões da OMB, nas mãos do brasileiro, e da AMB, que era do cubano. Foi uma das lutas mais duras da carreira de Acelino. Casamayor era campeão olímpico e, em 26 embates como profissional, permanecia invicto.

Acelino Freitas ignorou o favoritismo de Casamayor nas bolsas de aposta e, em um duelo duro e equilibrado, venceu por decisão unânime. A unificação dos cinturões foi a principal conquista de Popó.

A vitória sobre Casamayor fincava definitivamente o lugar de Popó na história do esporte. A importância do momento justificava as lágrimas de um campeão erguido pela equipe.

Na volta para casa após a unificação, Popó desfilou em um carro do Corpo de Bombeiros pelas ruas de Salvador e foi aclamado pelo povo.

Mesmo abalado com a morte do pai, Niujalma Ferreira Jones, Popó venceu o mexicano Juan Carlos Ramírez e lhe dedicou a vitória, mantendo os cinturões.

Após vitória, Acelino vestiu uma camisa com a imagem do pai e posou para a foto entre a então esposa Eliana Guimarães e o empresário Arthur Pelullo.

Erguido pelo irmão Luís Cláudio, um emocionado Popó chora e olha para o céu, como se conversasse em silêncio com Babinha. A

imagem, uma das mais emblemáticas da carreira de Acelino, estampou jornais de todo o Brasil.

Popó era o xodó de Babinha. Niujalma se referia a Acelino como seu galinho dos ovos de ouro.

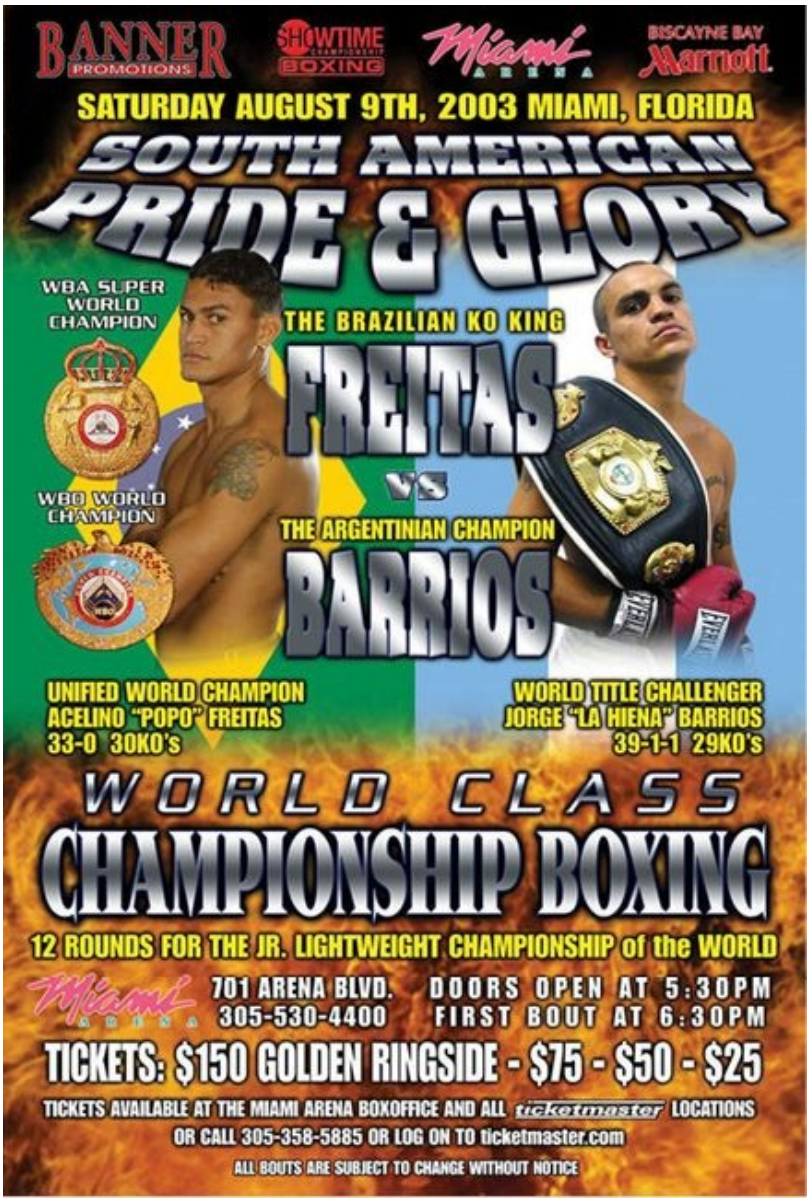

Banner anunciava o duelo entre Acelino Freitas e Jorge Barrios, valendo mais uma defesa de cinturão. Abaixo, na véspera do combate contra Barrios, um festival de provocações marcou a coletiva de imprensa. Popó concede entrevista ladeado por Arthur Pelullo e Oscar Suárez.

Popó se preparou mal, caiu duas vezes durante a luta e quase perdeu para o argentino Barrios. O confronto foi um dos mais difíceis da carreira de Acelino.

O brasileiro esteve perto da derrota para Jorge Barrios, mas conseguiu um nocaute salvador no final. Desnorteado, o argentino vê o árbitro dar a luta por encerrada.

Após muitas provocações e até xingamentos, os lutadores se cumprimentaram ao final do combate vencido por Popó. Foi um gesto de nobreza do campeão.

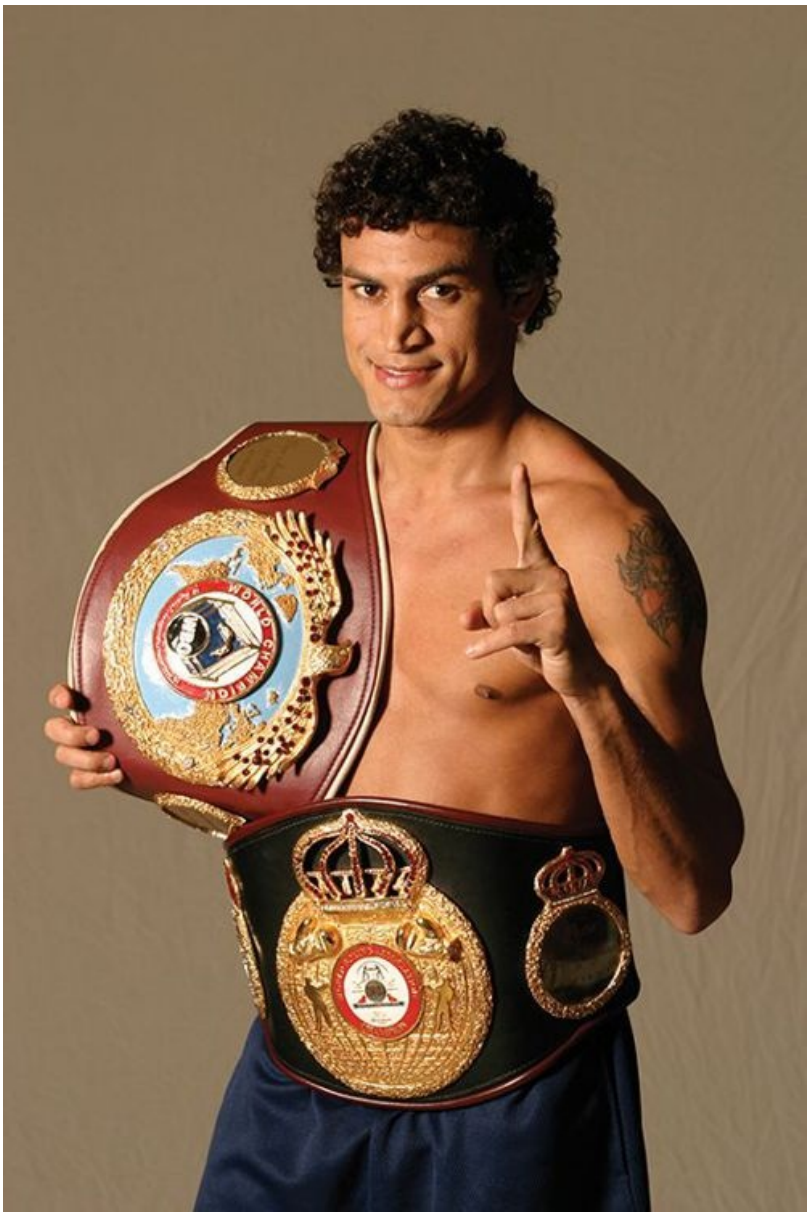

Na foto, o baiano posa com os cinturões dos títulos da OMB e da AMB dos superpenas.

Em Caracas, na Venezuela, o então tricampeão mundial Popó recebeu o prêmio de melhor lutador do mundo da Associação Mundial de Boxe, em 2003.

A família Freitas com o novo membro, Popozinho, sexto filho de Acelino, foi ao aeroporto desejar boa viagem ao boxeador, que embarcava para tentar recuperar, em 29 de abril de 2006, o título dos pesos-leves da OMB em uma luta contra Zahir Raheem.

Raheem abusou do antijogo: deu empurrões, cabeçadas e quedas em Popó. No final, venceu o talento: Acelino sagrou-se tetracampeão mundial.

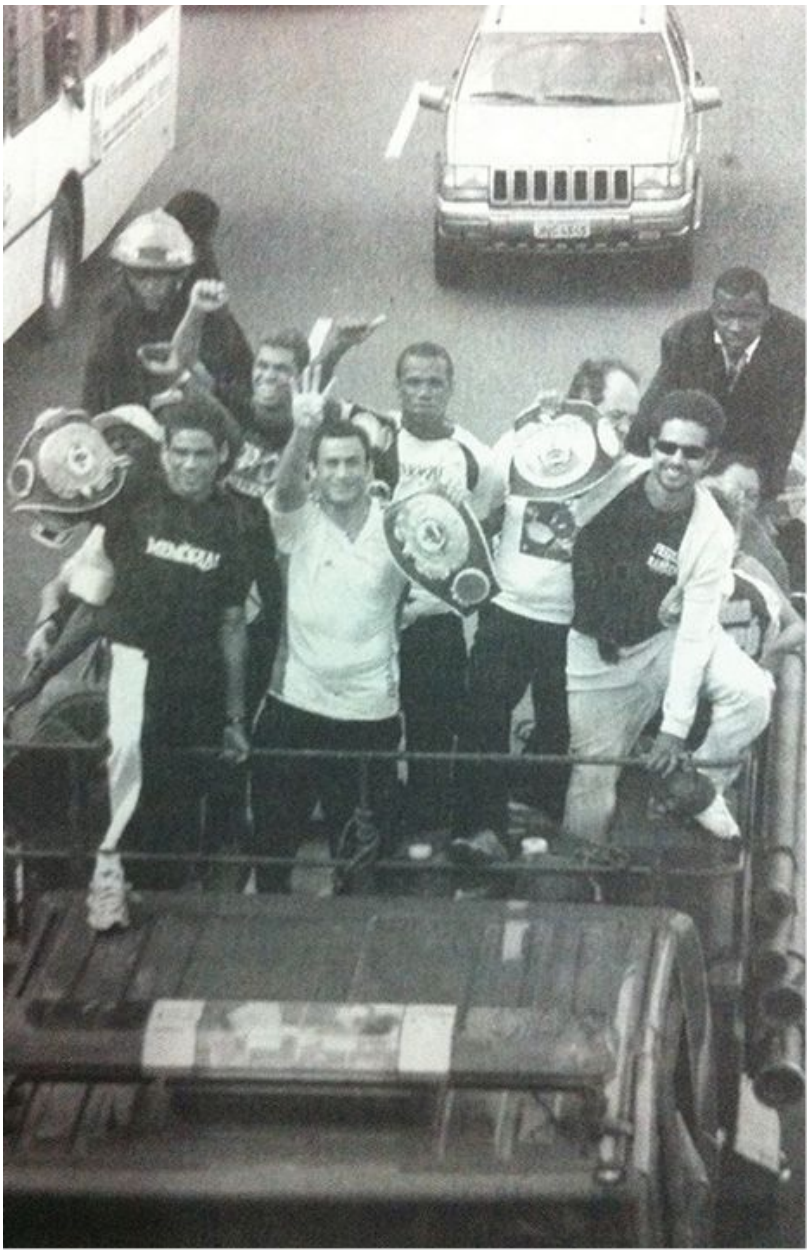

Após a conquista de mais um título mundial, o ritual se repetiu: o baiano desfilou pelas ruas de Salvador em uma viatura do Corpo de Bombeiros.

Uma nova faceta do campeão: Popó trocou as luvas pelo terno e gravata; os ringues, pela Câmara dos Deputados. Abaixo, em evento no qual propôs o projeto de lei para a criação do Dia Nacional do Boxe, o pugilista baiano foi homenageado pelo Conselho Mundial de Boxe

com um cinturão. Pelullo entregou o presente a Acelino representando a entidade.

No programa de Galvão Bueno, em janeiro de 2004, Popó fez as pazes com o ídolo do passado, Éder Jofre, com quem se desentendera anos antes. Acelino também realizou o desejo do Rei do Futebol, que disse em uma entrevista que o baiano era a celebridade que ele gostaria de conhecer. O encontro emocionado ocorreu em 2006, em Salvador.

Acelino Freitas posa com os cinturões que representam seus quatro títulos mundiais, conquistados por duas organizações distintas e em dois pesos diferentes, incluindo uma unificação.

Fora de forma e sem lutar há meia década, Acelino Freitas retomou os treinamentos para encarar o desafio contra Michael Oliveira em 2012.

A encarada com Michael foi tensa e, por pouco, os lutadores não se enfrentaram antes mesmo do embate.

Acelino Freitas ignorou a longa inatividade e mostrou o mesmo ímpeto de sempre. Partiu, desde o primeiro round, para cima da promessa do boxe nacional.

Ulysses Pereira orientava Popó a manter o controle da luta, que vencia nos pontos. Acelino sentia a ausência de Oscar Suárez, que morrera em 2008.

A última luta teve um desfecho marcado pela emoção. Realizado como boxeador e como pai, Acelino Freitas abraça o caçula Popozinho, a quem prometeu e dedicou a vitória.

Após vitória improvável em combate histórico, Popó posa para a foto ao lado de Sóstenes Marchezine, Popozinho, Ulisses Pereira e Michael Oliveira. Era a redenção da lenda. Uma imagem para sempre.

O beijo emocionado entre mãe e filho: Zuleica é a maior lutadora da família Freitas.

Torcedores erguem luvas que formam o nome do boxeador. No Brasil ou em qualquer canto do mundo, Popó sempre contou com o carinho dos fãs.

Acelino Freitas, quinto dos seis filhos de Babinha e Zuleica, nasceu em 21 de setembro de 1975 na Baixa de Quintas, bairro pobre de Salvador. Vislumbrou no boxe um instrumento para mudar sua história. O primeiro título chegou quando tinha apenas 14 anos. A partir dali, o apelido de infância, Popó, virou sinônimo de vitória. Foram quatro títulos mundiais por duas categorias diferentes, uma unificação, 29 nocautes consecutivos, 39 triunfos e a honraria de se tornar supercampeão após dez defesas de cinturão. Aposentado do boxe, Acelino retomou os estudos e foi eleito, em 2010, deputado federal. Hoje, é voz firme na defesa do esporte como vetor de transformação social e empresta seu nome, rosto e carisma a projetos e campanhas educacionais.

Wagner Sarmento nasceu em Recife em 23 de agosto de 1984. Herdou do pai músico o dom e o gosto pelas palavras. Formado em jornalismo pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e em história pela Universidade de Pernambuco (UPE), é repórter do *Jornal do Commercio* desde 2007. Com incursões pela poesia e pela crônica, realiza coberturas nas áreas social e de direitos humanos e conquistou três prêmios por reportagens produzidas. O maior deles foi o Prêmio Latino-Americano de Periodismo sobre Drogas, em 2011, fruto de uma reportagem especial sobre a vida de estrangeiros presos no Brasil como soldados do tráfico internacional de drogas.

© Acelino Freitas
Todos os direitos reservados.

Diretor editorial
Marcelo Duarte

Diretora comercial
Patty Pachas

Diretora de projetos especiais
Tatiana Fulas

Coordenadora editorial
Vanessa Sayuri Sawada

Assistentes editoriais
Lucas Santiago Vilela
Mayara dos Santos Freitas

Assistentes de arte
Carolina Ferreira
Daniel Argento

Capa
Daniel Argento

Foto de capa
Holger Keifel

Preparação
Beatriz de Freitas Moreira

Revisão
Juliana de Araujo Rodrigues
Telma Baeza G. Dias

Diagramação para e-book
Elis Nunes

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)

Com as próprias mãos / Wagner Sarmento. – 1. ed. – São Paulo: Panda Books, 2013.
ISBN: 978-85-7888-346-1
1. Freitas, Acelino Popó. 2. Boxeadores - Brasil - Biografia. 3. Luta (Esporte). I. Título.
13-2189
CDD: 927.9683
CDU: 929:796.83

2013
Todos os direitos reservados à Panda Books.
Um selo da Editora Original Ltda.
Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41
05413-010 – São Paulo – SP
Tel./Fax: (11) 3088-8444
edoriginal@pandabooks.com.br
www.pandabooks.com.br
twitter.com/pandabooks
Visite também nossa página no Facebook.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei n. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

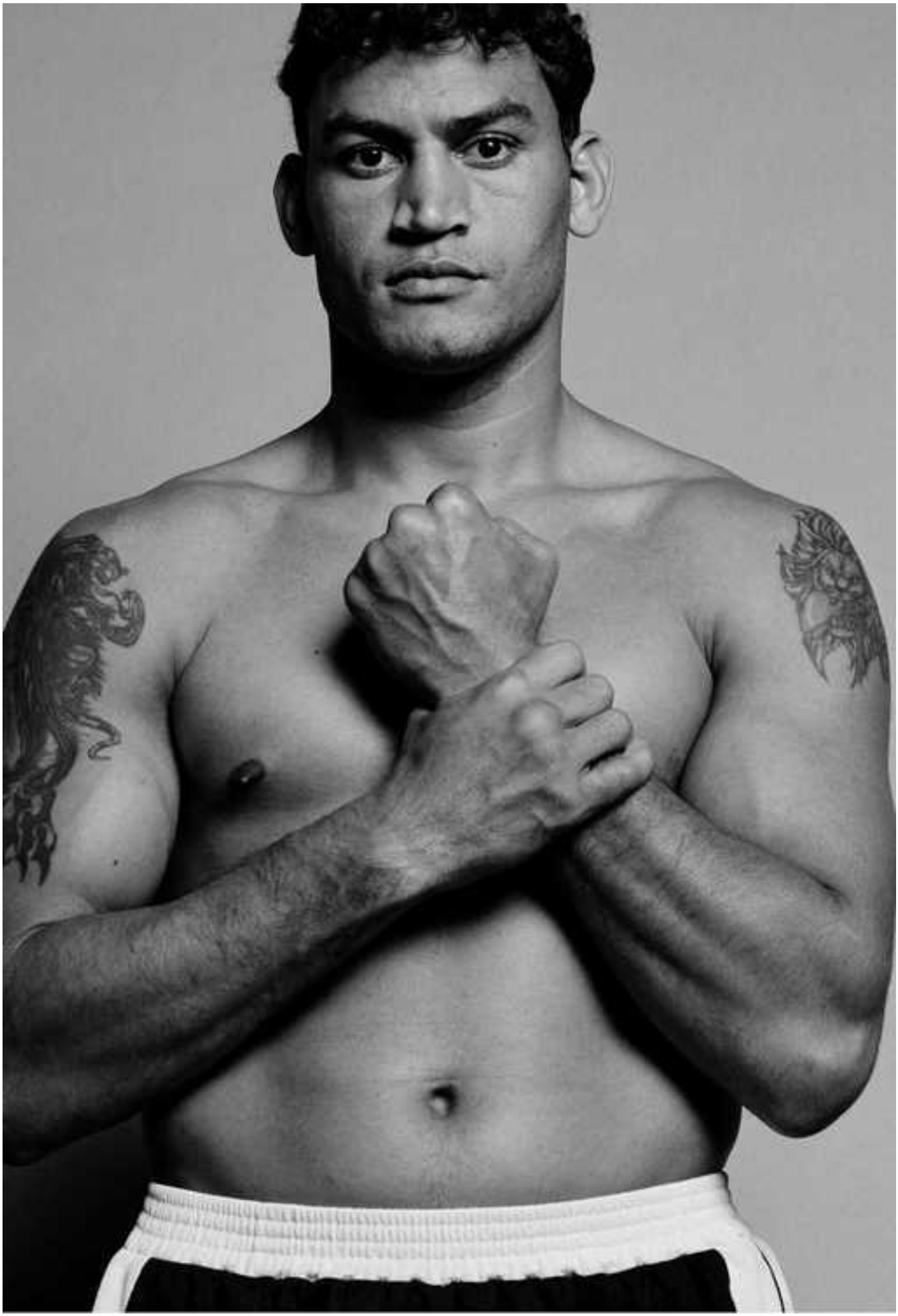

CLÁUDIO MORENO

NOVA ORTOGRAFIA

guia prático do português correto

vol. 4

PONTUAÇÃO

PRINCÍPIOS GERAIS

PONTUAÇÃO INTERNA

PONTUAÇÃO FINAL

L&PM POCKET

CLÁUDIO MORENO

NOVA ORTOGRAFIA

guia prático do português correto

vol. 4

PONTUAÇÃO

PRINCÍPIOS GERAIS

PONTUAÇÃO INTERNA

PONTUAÇÃO FINAL

L&PM POCKET

CLÁUDIO MORENO

guia prático do português correto

vol. 4

para gostar de aprender

PONTUAÇÃO

PRINCÍPIOS GERAIS

PONTUAÇÃO INTERNA

PONTUAÇÃO FINAL

www.lpm.com.br

L&PM POCKET

À memória de Joaquim Moreno, meu pai,
e de Celso Pedro Luft, mestre e amigo.

Pontuação são uns risquinhos, ou pontos, com que se apartam entre si as palavras,
e mostram que casta de sentido fazem.
Jerônimo Contador de Argote
Regras da língua portuguesa, espelho da língua latina (1725)

Apresentação

Este livro é a narrativa de minha volta para casa – ou, ao menos, para essa casa especial que é a língua que falamos. Assim como, muito tempo depois, voltamos a visitar o lar em que passamos nossos primeiros anos – agora mais velhos e mais sábios –, trato de revisitar aquelas regras que aprendi quando pequeno, na escola, com todos aqueles detalhes que nem eu nem meus professores entendíamos muito bem.

Quando, há quase dez anos, criei minha página sobre o Português (www.sualingua.com.br), percebi, com surpresa, que os leitores que me escrevem continuam a ter as mesmas dúvidas e hesitações que eu tinha quando saí do colégio nos turbulentos anos 60. As perguntas que me fazem são as mesmas que eu fazia, quando ainda não tinha toda esta experiência e formação que acumulei ao longo de trinta anos, que me permitem enxergar bem mais claro o desenho da delicada tapeçaria que é a Língua Portuguesa. Por isso, quando respondo a um leitor, faço-o com prazer e entusiasmo, pois sinto que, no fundo, estou respondendo a mim mesmo, àquele jovem idealista e cheio de interrogações que resolveu dedicar sua vida ao estudo do idioma.

Por essa mesma razão, este livro, da primeira à última linha, foi escrito no tom de quem conversa com alguém que gosta de sua língua e está interessado em entendê-la. Este interlocutor é você, meu caro leitor, e também todos aqueles que enviaram as perguntas que compõem este volume, reproduzidas na íntegra para dar mais sentido às respostas. Cada unidade está dividida em três níveis: primeiro, vem uma explicação dos princípios mais gerais que você deve conhecer para aproveitar melhor a leitura; em seguida, as perguntas mais significativas, com discussão detalhada; finalmente, uma série de perguntas curtas, pontuais, acompanhadas da respectiva resposta.

Devido à extensão do material, decidimos dividi-lo em quatro volumes. O primeiro reúne questões sobre **Ortografia** (emprego das letras, acentuação, emprego do hífen e pronúncia correta). O segundo, questões sobre **Morfologia** (flexão dos substantivos e adjetivos, conjugação verbal, formação de novas palavras). O terceiro, questões sobre **Sintaxe** (regência, concordância, crase, etc.). O quarto, finalmente, é totalmente dedicado à **Pontuação**.

Sempre que, para fins de análise ou de comparação, foi preciso escrever uma forma **errada**, ela foi antecedida de um **asterisco**, segundo a praxe de todos os modernos trabalhos em Linguística (por exemplo, "o dicionário registra **obcecado**, e não ***obscecado** ou ***obsecado**"). O que vier indicado entre duas barras inclinadas refere-se exclusivamente à pronúncia e não pode ser considerado como uma indicação da forma correta de grafia (por exemplo: **afta**

vira, na fala, /**á-fi-ta**/).

Cláudio Moreno, 2010

Falar e escrever

A escrita é muito mais pobre que a fala

A relação entre quem fala e quem ouve é muito mais simples que a relação entre quem escreve e quem lê. Quando falamos, somos mais facilmente entendidos do que quando escrevemos, porque, junto com as palavras pronunciadas, fornecemos também a nosso ouvinte várias indicações de como ele deve processar o que estamos dizendo. A entonação, o ritmo, as pausas que fazemos, além de nossos gestos e de nossas expressões faciais, servem, na verdade, como uma espécie de manual de instruções sobre como esperamos ser compreendidos.

Além disso, a presença do ouvinte também contribui em muito para o sucesso de nossa comunicação, pois ele emite sinais de que está acompanhando nosso discurso ou de que algo não está lhe parecendo muito claro, dando-nos, assim, a oportunidade de refazer ou reforçar o que estávamos dizendo.

Na escrita, nada disso existe. O leitor está sozinho diante daquilo que escrevemos. Nosso texto, ao contrário de nossa voz, não vem carregado das ênfases ou das sutilezas de tom que fazem parte da fala. Ele se materializa apenas como letras e sinais que distribuímos organizadamente no branco do papel, na esperança de que o leitor possa compreender o que pensamos ter escrito.

1 – O leitor colabora

É por isso que a leitura jamais será uma atividade passiva, pois precisamos colaborar no esforço de extrair o significado do texto. Para compreender uma frase, colocamos em ação o nosso mecanismo de processamento de linguagem; em geral, escolhemos um dos caminhos a que estamos habituados e vamos percorrê-lo até perceber que não há saída – isto é, até perceber que nossa escolha foi equivocada. Quando (e se) isso chegar a ocorrer, nós – que, como todo leitor, somos solidários com o autor – trataremos de refazer o caminho do ponto em que tinha começado o equívoco. Veja a frase abaixo:

(1) **Enquanto ele fotografava o macaco derrubou o tripé com a cauda**.

Nossa primeira tendência é considerar "**enquanto ele fotografava o macaco"** como um segmento unitário:

(2) **[Enquanto ele fotografava o macaco]** derrubou o tripé com a cauda.

No entanto, ao prosseguir na leitura, percebemos que **macaco** não é o complemento de **fotografar**, mas sim o sujeito de **derrubou**; voltamos atrás e

refazemos, então, a leitura, desta vez na forma correta:

> (3) **[Enquanto ele fotografava]** o macaco derrubou o tripé com a cauda.

Todo esse trabalho seria evitado se o autor já tivesse usado uma vírgula para sinalizar a segmentação correta:

> (4) Enquanto ele fotografava, o macaco derrubou o tripé com a cauda.

Precisamos admitir que a presença de elementos como **macaco** e **cauda** nos permitiria entender a frase mesmo que ela estivesse sem pontuação – ou, o que é ainda pior, mesmo que estivesse com pontuação errada –, mas fica claro que a presença da vírgula no local adequado tornou a leitura muito mais **rápida** e mais **fluida**, exigindo menos esforço de processamento. Esta é, como veremos, a única (e preciosa) função dos sinais de pontuação: **orientar o leitor para a melhor maneira de percorrer os textos que escrevemos**.

Embora sejam poucos os brasileiros que estão preocupados com a pontuação – como você, que lê este livro –, ela exerce uma inegável influência no momento da leitura. As pessoas podem não saber muito bem onde ou por que empregar as vírgulas, mas vão perceber a diferença se o texto estiver (ou não) bem pontuado.

2 – O texto é uma estrada a percorrer

Nada é mais parecido com a pontuação do que o sistema de sinalização de uma estrada. Imagine, caro leitor, que deram a você a incumbência de sinalizar uma estrada novinha em folha, ainda sem uso. Por enquanto, ela é apenas uma extensa faixa de asfalto liso, sem manchas ou buracos, que vai de um ponto a outro do estado; quando for inaugurada, no entanto, deverá estar completa, com as faixas pintadas no seu leito e com todos os sinais e placas necessários espalhados ao longo da via. Então você a percorre várias vezes, nos dois sentidos, estudando-a com cuidado, assinalando em sua planilha todos os pontos que lhe parecem significativos. Você sabe que a tarefa que lhe deram é vital para o motorista que vai passar por ali, pois é através da sinalização que a estrada fala com ele, avisando-o de tudo aquilo que ele precisa saber para fazer uma viagem segura (aliás, este é o principal motivo pelo qual as autoridades de trânsito exigem que o condutor seja alfabetizado: ele precisa **ler** o que a estrada tem a dizer).

Vamos supor – já que estamos fazendo um exercício de imaginação – que você então apresente a seu supervisor a planilha em que marcou os pontos em que pretende colocar cada sinal de trânsito. “Por que estas quatro placas tão próximas?”, pergunta ele, apontando para determinado trecho. Como você fez um exame minucioso da estrada, pode justificar sua decisão: “Aqui há uma forte curva para a direita, mas eu não notei que o ângulo era tão acentuado até entrar

nela; se eu não estivesse rodando devagar, não teria conseguido controlar o carro! Acho que o motorista deve ser avisado bem antes, com tempo suficiente para diminuir a velocidade e se preparar para a manobra. É muito perigosa, e por isso vamos colocar quatro placas indicativas, de 100 em 100 metros, antes daquela que assinala ponto exato em que a curva inicia". "E uma só não basta?". Você é taxativo na resposta: "Não; não podemos correr o risco de que um motorista distraído deixe de receber esta mensagem ou não lhe dê a atenção que ela merece; quem entrar naquela curva na velocidade normal da estrada vai fatalmente rolar barranco abaixo".

Se você for justificando, uma a uma, as placas que pretende colocar, vai perceber que elas obedecem a uma lógica muito simples: **tudo o que não for previsível para o motorista deverá ser assinalado ao longo do trajeto**. Você vai avisá-lo que existe, à frente, um estreitamento na faixa da direita, ou uma escola rural (com a natural movimentação de crianças na hora da entrada e da saída), ou um desnível entre a pista e o acostamento, ou um trecho que não oferece visibilidade suficiente para ultrapassagem, etc. Se você for um bom engenheiro de trânsito, vai, inclusive, **prever** possíveis reações dos condutores. É por isso que extensos trechos em linha reta, com ampla visibilidade, embora favoreçam uma rodagem extremamente segura, geralmente recebem dois tipos de placas: por um lado, as que lembram a velocidade máxima permitida; por outro, as que aconselham o condutor a descansar no acostamento em caso de sonolência.

Antes de liberar a estrada para o público, você pode pedir a dois ou três técnicos amigos que testem a sinalização que você concebeu; é possível que ainda seja necessário acrescentar mais alguma coisa. Por exemplo, você não tinha notado que determinado trecho fica escorregadio em dias de chuva, ou que, durante a semana, há trânsito intenso de caminhões no entroncamento da via principal com um desvio que leva a uma pedreira – e assim por diante. Quanto mais bem sinalizada a estrada, mais segura será a viagem.

Pois o texto, exatamente como a estrada, é uma linha que deve ser percorrida de um ponto a outro. Entre o leitor e o autor existe a mesma combinação tácita que existe entre o motorista e o construtor da estrada: "Vou ler o seu texto, mas, em troca, você não deixará de me avisar de tudo aquilo que eu preciso saber para ter sucesso nesta leitura". Quanto mais bem pontuada uma frase ou um texto, maiores as chances de que a mensagem seja entendida pelo leitor tal como o autor a idealizou. Aqui entram os sinais de pontuação, os quais, como você já terá percebido, equivalem às placas e aos sinais da rodovia e, como estes, devem ser usados também para assinalar tudo o que for inesperado ou imprevisível na estrutura normal de nossa língua. O princípio básico é cristalino:

Frase normal não tem vírgula;
frase que tem vírgula não é frase normal.

A pontuação assinala modificações introduzidas nos padrões normais da frase; por causa disso, jamais um sinal de pontuação poderá interromper um vínculo sintático essencial – ou seja, como explicava Celso Pedro Luft, jamais haverá pontuação separando o sujeito do verbo, o verbo de seus complementos, o termo regente do termo regido, o termo modificado do seu modificador.

3 – Como é a frase normal?

A frase normal da língua portuguesa segue preferencialmente o padrão S–V–O (Sujeito–Verbo–Objeto). Esta é a ordem presente na maior parte das frases que lemos ou ouvimos: primeiro o sujeito, depois o verbo e, por fim, o complemento. Estamos tão habituados a essa ordem que temos a tendência inconsciente a aplicá-la sempre que vamos ler uma frase escrita por outra pessoa.

Se atribuirmos números às posições sintáticas da frase normal, diríamos que o **sujeito** ocupa a casa 1, o **verbo** ocupa a casa 2, e a casa **3** é ocupada pelos **complementos** (objeto direto ou indireto) ou pelo **predicativo**. A partir dessas casas, podemos fazer uma classificação básica dos verbos de nosso idioma (note que os verbos intransitivos têm a casa 3 desocupada):

S	V	Ø	(intransitivos)
S	V	ODir	(trans. diretos)
S	V	OInd	(trans. indiretos)
S	V	ODir + OInd	(trans. dir. e indir.)
S	VLig	Predicativo	(verbos de ligação)
casa 1	casa 2	casa 3	

Além disso, qualquer uma dessas frases pode trazer no final – naquela que seria, portanto, a casa **4** – um ou vários **adjuntos adverbiais**, elementos que especificam as circunstâncias em que se dá a ação descrita na frase – geralmente o **tempo**, o **lugar** ou o **modo**:

O menino esqueceu o casaco [no banco da praça].

Todas as anotações desapareceram [misteriosamente].

Você vai devolver a minha chave [agora mesmo].

Essa é a ordem canônica do Português escrito. Nós nos habituamos com essa ordem de tal maneira – seja escrevendo, seja lendo – que já nem mesmo temos consciência dela, assim como o peixe não percebe a água que o sustenta. Quando lemos o texto de outra pessoa, a tendência natural é aplicar o padrão sujeito–verbo–complemento nas frases que temos diante dos olhos – e esperamos que nos avisem, por meio da pontuação, cada vez que houver um desvio dessa ordem básica.

Examinemos uma frase normal, com verbo transitivo direto e indireto:

O lavrador	devolveu	o anel	à princesa	no dia do casamento.
S	V	O.D.	O.I.	Adj. Ad

Como o padrão frasal não sofreu alteração alguma, qualquer vírgula que pusermos nessa frase estará ERRADA. Pior ainda: este sinal inadequado vai perturbar a concentração do leitor, pois ele – como todos nós, aliás – está condicionado a levar a sério, em princípio, todos os sinais que o autor coloca no texto. O uso incorreto dos sinais de pontuação confunde o leitor e aos poucos o irrita; ninguém gosta de parar uma leitura e retroceder no texto para retomar o fio do raciocínio – especialmente se esta interrupção for causada por falta de cuidado do autor.

Agora, se intercalarmos qualquer elemento **entre** o sujeito e o verbo, ou **entre** o verbo e os seus complementos, as vírgulas começam a aparecer naturalmente:

O lavrador, **meus amigos**, devolveu o anel mágico à princesa no dia do casamento.

O lavrador devolveu, **você sabe**, o anel mágico à princesa no dia do

casamento.

Além da **intercalação**, outra anormalidade frequente em nossas frases é o simples **deslocamento**. No exemplo acima, o **adjunto adverbial** poderia ser deslocado, fazendo as vírgulas surgirem automaticamente:

No dia do casamento, o lavrador devolveu o anel mágico à princesa.

4 – O leitor é que importa

Da Grécia antiga até hoje, numa jornada de dois mil e quinhentos anos, o Ocidente veio amadurecendo o sistema de pontuação que utilizamos. Para quê? Para fornecer ao leitor uma orientação segura de como pretendemos que ele interprete o que escrevemos e, ao mesmo tempo, deixar o texto balizado de tal modo que essa leitura seja feita com o menor esforço possível.

Jamais devemos esquecer, portanto, que os sinais que colocamos em nossos textos estão ali **para ser vistos pelos olhos do leitor**, para avisá-lo de alguma coisa. Se os colocarmos nos lugares adequados, vamos ajudar o destinatário a processar confortavelmente nossa mensagem e a extrair dela o significado que tínhamos em mente ao escrevê-la. É por isso que só pontuam bem aqueles que conseguem se colocar na mente de quem vai lê-los, isto é, aqueles que conseguem ler seu próprio texto com os olhos de outrem para se antecipar a suas possíveis dificuldades e hesitações. Esta é uma habilidade que se adquire com tempo e treinamento; se você ainda não a domina, use o antiquíssimo expediente de recorrer a um amigo, colega ou parente – em suma, um leitor real – que seja paciente e solidário o bastante para examinar o seu texto, mas sincero o suficiente para assinalar os pontos em que encontrou dificuldade.

Princípios gerais

Apontuação nos dicionários

Professor, o senhor afirmou, num artigo, que a função dos sinais de pontuação não é marcar as pausas da leitura. Como é que se explica que tanto o dicionário Aurélio quanto o Houaiss definam vírgula como um sinal que "marca pausas"? E aí? Por acaso o senhor sabe mais do que eles?

Aphonse G. – São Luís (MA)

Meu caro Aphonse, o fato de defender uma posição diferente da posição deles não significa qualquer pretensão de minha parte. Os dois dicionários que você menciona, especialmente o segundo, são exatamente as fontes em que todos os dias vou beber; estou tão acostumado a conviver com eles que não sei como poderia trabalhar se, para meu desamparo, algum feitiço maligno os fizesse desaparecer subitamente.

Isso não quer dizer, no entanto, que eu não discorde, aqui e ali, de certas opiniões que esses autores manifestam em seus dicionários quanto à grafia, à morfologia e à origem de algumas palavras. Nos três volumes anteriores do **Guia Prático**, você vai encontrar diversos exemplos dessas divergências, sempre fundamentadas, é claro, na prática dos bons escritores e na teoria defendida por outros grandes mestres do idioma.

A meu ver, o calcanhar de Aquiles desses dois excelentes dicionários é a **teoria gramatical** em que eles se baseiam, nem sempre em sintonia com os avanços já consolidados pelo mundo acadêmico. Dito sem maiores rodeios, Aurélio e Houaiss, embora brilhantes lexicólogos, não eram lá muito atualizados em Linguística, e somos obrigados a reconhecer que muitos de seus conceitos são antiquados. Em regência, ainda utilizam a classificação de verbo **bitransitivo**, abandonada desde 1958; na composição de palavras, não distinguem os compostos por formas **presas** (**telegrafia**, **sociologia**) dos compostos por formas **livres** (**tele-conferência**, **sócio-cultural**); na pontuação, como você percebeu, preferem alinhar-se com a antiga concepção que ligava os sinais a pausas, deixando de lado a teoria moderna de que esses sinais, na verdade, existem para

auxiliar o leitor a enxergar a articulação sintática do texto.

A vírgula não existe para marcar pausas

Professor, faz mais de quarenta anos que deixei a escola, mas sou agradecido aos padres que me ensinaram Português. Uso até hoje, com sucesso, os ensinamentos que me deram, mas na pontuação sempre dá alguma coisa errada. Sempre que escrevo, ainda tenho o hábito de ler a frase em voz alta mental e colocar vírgula onde faço as pausas, mas minha filha, que revisa todas as minhas cartas, diz que eu pontuo muito mal. Mudaram as regras que aprendi?

Agenor R. – Juiz de Fora (MG)

Meu caro Agenor, houve mais que uma simples mudança na regra; o que ocorreu foi uma mudança radical na concepção dos motivos para pontuar. A pontuação baseada nas pausas vem do tempo da Idade Média, quando o Ocidente ainda não havia introjetado o hábito da leitura silenciosa. Todos liam em **voz alta**, e os sinais de pontuação serviam, portanto, para marcar as pausas e as entonações. Para você ter uma ideia, em 1737, o tratado *Bibliotheca Technologica*, do erudito inglês Benjamin Martin, tenta ingenuamente fixar a duração dessas pausas: "A pausa da vírgula dura o tempo que você leva para dizer **um**. A do ponto-e-vírgula dura o tempo de contar até **dois**. A do dois-pontos, o tempo de contar até **três**; e a do ponto final, o tempo que você leva para contar até **quatro**". À medida que a leitura passou a ser silenciosa (e, por esse motivo, muito mais rápida), deixou de ser necessário fazer a marcação das pausas, liberando a pontuação para outra finalidade muito mais importante: facilitar ao leitor o reconhecimento instantâneo da estrutura sintática das frases. Ao pontuarmos um texto, estamos fornecendo indicações que vão permitir a nossos diferentes leitores percorrê-lo sem hesitações ou embaraços.

Se tomarmos um parágrafo pontuado de acordo com o antigo critério das pausas e o pontuarmos pelo critério moderno, vários sinais que estavam na versão antiga vão aparecer na nova versão – **mas não todos**. A pontuação antiga sempre vai ter algumas vírgulas **a mais**, o que é natural, já que nem todas as pausas que fazemos ao falar, a fim de separar os segmentos naturais da frase, serão assinaladas na escrita. Aposto que você terá de fazer no mínimo **duas pausas** para ler em voz alta a frase abaixo:

O vizinho da casa defronte à minha ensaia intermináveis solos de saxofone no meio da madrugada.

No entanto, como você já deve ter pressentido, aqui não cabe vírgula alguma, já que ela tem a configuração típica da maioria das frases do Português: um sujeito ("O vizinho da casa defronte à minha"), um verbo ("ensaia") seguido de seu complemento ("solos de saxofone") e de um adjunto adverbial ("no meio da madrugada"). Se você recebeu uma boa base no colégio, como acredito, certamente lhe ensinaram análise sintática, o que vai facilitar muito sua passagem para o novo sistema.

Para que serve a pontuação?

No começo, os sinais de pontuação tinham a função básica de assinalar as **pausas** recomendadas pelo autor. Nada mais lógico, se lembrarmos que, da Antiguidade Clássica até o fim da Idade Média, praticamente só se lia em voz alta; a leitura silenciosa era quase desconhecida e, como se vê em comédias gregas e romanas, considerada um hábito de malucos e excêntricos. A partir do Renascimento, contudo, com a invenção e a popularização da imprensa, os hábitos do leitor mudaram radicalmente: ele passou a ler apenas com os olhos e com o cérebro, aumentando espantosamente a velocidade com que podia percorrer as linhas e as páginas. O treinamento escolar passou a dar ênfase absoluta para essa leitura internalizada, tornando a leitura em voz alta uma habilidade especializada, dominada por poucos. Nesse novo cenário, era natural que também a pontuação recebesse uma nova função: a de assinalar, para o leitor, **os momentos em que a estrutura da frase se afasta da ordem a que todos nós estamos habituados**.

Hoje ainda persiste a ideia – totalmente equivocada – de que as pausas da fala são assinaladas, na escrita, pelos sinais de pontuação. Basta ver a descrição que nossos melhores dicionários fazem dos sinais de pontuação (o *Houaiss*, por exemplo, define o ponto-e-vírgula como "sinal de pontuação que indica pausa mais forte que a da vírgula e menos que a do ponto"!).

É verdade que, ao lermos um texto em voz alta, teremos de fazer pausas ao encontrarmos os sinais de pontuação; contudo, o **inverso não é verdadeiro**: nem todas as pausas que fizermos na leitura terão, na escrita, seus sinais correspondentes. Colocado em termos formais, podemos afirmar que não há correspondência exata entre os sinais de

pontuação e as pausas da leitura, porque **todo sinal implica uma pausa, mas nem toda pausa tem o seu sinal correspondente.**

[Extraído de Português para Convencer, de Cláudio Moreno e Túlio Martins. São Paulo, Ática, 2006.]

Vírgula com sujeito posposto

Prezado professor: em frases como "informa aquela seção que" e "deixa claro tal dispositivo legal que", é desnecessário, opcional ou obrigatório destacar o sujeito por vírgulas, já que está posposto ao verbo?

Gustavo E. – Maceió

Meu caro Gustavo: na pontuação moderna, usada em quase todos os países do Ocidente, não se assinala com vírgula a posposição do sujeito ao verbo, já que essa é a segunda posição natural que ele costuma ocupar na frase. A pontuação só vai ser necessária quando houver deslocamentos e intercalações mais radicais (adjuntos adverbiais deslocados, vocativos, etc.). Nos exemplos enviados por você, essa vírgula não é **desnecessária**, nem **opcional**, nem **obrigatória**: ela é totalmente **desaconselhável**.

Vírgula com sujeito posposto – o retorno

Olá, professor Moreno! Na resposta a um leitor de nome Gustavo [ver pergunta anterior], o senhor observou que não é necessário assinalar com vírgula a posposição do sujeito ao verbo, já que essa é a segunda posição natural desse termo, e que só precisamos pontuar quando houver deslocamentos e intercalações mais radicais, como é o caso de um vocativo ou de um adjunto

adverbial deslocado. Minha pergunta é a seguinte: por que o sujeito colocado à direita do verbo (fora, portanto, de sua posição habitual, que seria no início do período) não é isolado por vírgula em construções em que a frase se torna ambígua? Para ver a diferença, basta comparar "Por que atacam os iraquianos?" e "Por que atacam, os iraquianos?". O que o senhor tem a dizer?

Denis R. – Pelotas (RS)

Meu caro Denis, sua pergunta revela que você ainda está no grupo (numerosíssimo, aliás) dos que pensam que as regras de **pontuação** têm o mesmo caráter das regras de **acentuação**, por exemplo. Pois, acredite, são coisas muito diferentes. Como já expliquei no *Guia Prático 1*, a **acentuação** é pão, pão; queijo, queijo: o sistema define, de forma clara, as condições para que determinados tipos de vocábulos recebam acento gráfico, e essas regras valem para os vocábulos que já existem e para os que ainda não foram criados, sem choro e sem exceção. A **pontuação** é diferente: em vez de **regras**, ela tem um **princípio** fundamental – ajudar o leitor a processar rápida e corretamente o que está escrito –, e dele decorre uma série de procedimentos que a prática (não uma comissão de acadêmicos ou de gramáticos) veio refinando ao longo dos séculos.

Como os **sinais** existem para **assinalar** alguma coisa (não pode haver etimologia mais transparente!), só devemos usá-los nos locais em que o leitor precisa ser avisado de que algo diferente está acontecendo. Com isso, evitamos que ele perca o fio da meada e asseguramos que ele faça uma viagem confortável ao longo de nosso texto – o que só virá em nosso benefício, já que é para isso que escrevemos. Quanto mais segura for a nossa pontuação, mais aumentará a confiança que o leitor deposita em nós, e mais fluente e prazerosa será sua leitura. Por outro lado, se começarmos a assinalar o que não é necessário, deixaremos o leitor inseguro, levando-o a desconfiar de todos as nossas vírgulas, mesmo as que estão corretas.

É por causa disso que não separamos por vírgula os elementos que estão vinculados sintaticamente. Uma vírgula entre o **sujeito** e o seu **verbo**, ou entre o **verbo** e o seu **complemento**, é considerada **errada** porque essas são sequências naturais de nossa língua que não devem ser interrompidas por pontuação alguma. Um sinal colocado nesses lugares é semelhante a um rebate falso, que só serve para atrapalhar o leitor e desviar sua atenção, fazendo-o perder tempo em analisar a frase para ver se descobre o que a vírgula estaria sugerindo.

Como você já deve ter percebido, todos esses cuidados fazem parte de um verdadeiro jogo de sedução que se estabelece entre aquele que deseja ser lido e o seu possível leitor. No entanto, devemos estar prontos a abandonar tudo isso quando pressentirmos que o **sentido** do texto, que é sua única razão de existir, está sendo ameaçado. Nada é mais importante do que ele; é um valor que deve ser

preservado acima de qualquer outro. Este é um daqueles casos em que, como diz Camões, "outro valor mais alto se alevanta" – ou seja, deixamos de lado o princípio geral da pontuação e vamos atender a emergência. A vírgula colocada em "Por que atacam, os iraquianos?" é a única garantia de que não vamos tomar **iraquianos** por um objeto direto, e deve ficar onde está, mesmo que esteja separando o sujeito posposto. Os que não gostarem do efeito devem, então, mudar a ordem da frase para "Por que os iraquianos atacam?" – como, aliás, eu faria e recomendaria que todos fizessem o mesmo.

A pontuação nos escritores

Professor, estou lendo o livro Ensaio Sobre a Lucidez, de José Saramago. É o quinto livro que leio do autor e penso que sua maneira de escrever é no mínimo curiosa. Não imagino que ele escreva de modo "errado"; jamais poderia afirmar isso e penso que, mesmo não utilizando os pontos de exclamação, interrogação, travessões, e pouco utilizando o ponto final, seus textos são completamente compreensíveis e o estilo certamente me causa extremo prazer. Apenas gostaria de saber as suas considerações sobre o texto dele, mais especificamente sobre a pontuação.

Luiz Henrique T. – Canoas (RS)

Meu caro Luiz, Jorge Luis Borges já expressou, há muito tempo, o que penso sobre isso: o Ocidente precisou de mais de dois mil anos para chegar a um sistema de pontuação coerente e universal; contrariá-lo, como faz Saramago, representa uma involução desnecessária e sem sentido. É claro que os poetas muitas vezes subvertem a pontuação e a estrutura para obter alguma vantagem expressiva com isso – no que estão cobertos de razão. Agora, o que a prosa de Saramago ganha com essa pretensa "inovação"? Nada que a justifique. Eu me arrisco a dizer, inclusive, que podemos apreciá-lo **apesar** (e não "por causa") da pontuação que emprega.

A bem da justiça, friso que ele não foi o primeiro (nem será, infelizmente, o último) a se afastar da pontuação tradicional. Alguns escritores acreditam, ao que parece, que essa atitude de "rebeldia pontuacional" vai acrescentar uma força maior à linguagem com que se exprimem. Esquecem que a pontuação atualmente consagrada é um sistema muito útil e eficiente, que foi aperfeiçoado

e polido pela interação dos escritores e dos leitores de todos os pontos do Ocidente, ao longo de muitos séculos – e que na base de toda essa construção está o pressuposto essencial de que os sinais só têm utilidade quando os dois lados envolvidos no processo (quem escreve e quem lê) atribuem a eles o mesmo valor.

Compreendo que você não queira imaginar que ele escreva "errado", mas espero que isso não o leve a pensar que ele sempre escreve "certo". Ele não é um mestre do idioma, como Camilo, Fernando Pessoa, Manuel Bandeira ou Drummond; na verdade, a cultura linguística do nosso prêmio Nobel nunca teve nada de excepcional, se você quer saber. De vez em quando, para me certificar de que não estou cego para as qualidades da obra de um autor aplaudido por tantos, leio uma página do Eça e depois leio uma página dele (ou ao contrário, tanto faz): a comparação, até agora, sempre foi constrangedora.

Como posso indicar uma pausa na fala?

Qual o sinal gráfico que devemos utilizar para indicar que existe uma pausa na conversa de alguém? Por exemplo, como indicar que uma pessoa começou a falar de um assunto, fez uma pausa e, em seguida, voltou a falar de novo, possivelmente em outro tema? Posso usar (...), isto é, reticências entre parênteses?

André Vieira – Juazeiro (CE)

Prezado André: já não se defende, tecnicamente, a ideia de que os sinais de pontuação existem para indicar pausas. Hoje eles são vistos como poderosos auxiliares sintáticos; sua função é assegurar que meu leitor vá reconhecer, sem sobressaltos, a sintaxe da frase que escrevi. Para indicar pausas em diálogos, os escritores fazem de tudo um pouco, já que a linguagem escrita é paupérrima – quase impotente, dizem alguns – para reproduzir as pausas, entonações, hesitações, mudanças de tom, de timbre, etc., que a fala usa com tanta riqueza. Alguns simplesmente incluem a pausa na própria narração:

> "Blá, blá, blá." **Pausa**. "Blé, blé, blé."
>
> "Blá, blá, blá." **Fulano fez uma pausa, enquanto olhava pela janela.** Continuou: "Blé, blé, blé."

Alguns autores usam **reticências** para esse fim, mas sempre há o risco de que o leitor as tome como indicadores de ironia, hesitação ou embaraço. No exemplo abaixo, de Machado de Assis, não há dúvida de que as reticências no final da primeira frase assinalam a interrupção da fala do personagem; na segunda, contudo, a interpretação fica em aberto:

> – Abandoná-lo ao desprezo, porque o senhor é um...
>
> – Um... quê?

Outros preferem intercalar detalhes que dão ao leitor a sensação de que a pausa ocorreu:

> "Blá, blá, blá." **Fulano parou, nervoso, procurando as palavras mais adequadas. Já fazia muito tempo que eles não se viam**. "Blé, blé, blé."
>
> "Blá, blá, blá." "Blé, blé, blé." **Seu interlocutor olhava-o, incrédulo. O que significaria aquela pausa entre o último "blá", tão sofrido, e o primeiro "blé"?**

Em situações especiais, como depoimentos, registros de experiências, entrevistas psicológicas, etc. – textos em que é fundamental a descrição detalhada tanto do QUE foi dito quanto de COMO foi dito –, parte-se então para o explícito, sem maiores escrúpulos:

> "Blá, blá, blá." [**o paciente para de falar por alguns segundos e olha a parede; em seguida, recomeça, no mesmo tom, embora mude radicalmente o assunto**] "Blé, blé, blé."

Como você pode ver, André, cada um se defende como pode. A tarefa é inglória, dada a descomunal diferença que existe entre a riqueza da fala e a relativa pobreza da escrita. Quanto às reticências entre parênteses, reserve-as para indicar, numa citação, que houve o corte de alguma parte do texto original.

Vírgula depois de sujeito oracional

Existe algum caso na língua portuguesa em que se separa o SUJEITO do PREDICADO por vírgula? Vejo esse erro com frequência, até

mesmo em veículos da grande imprensa; sempre achei que se tratava de um equívoco, mas fiquei em dúvida quando li a seguinte frase em um artigo escrito pelo senhor sobre os nomes dos países latino-americanos: "Só sei que naquela época esta era a regra do jogo – quem domina e coloniza, dá o nome". "Quem domina e coloniza" e "dá o nome" não são, respectivamente, SUJEITO e PREDICADO da frase?

Guilherme Netto – Paris (França)

Sim, Guilherme, está correta sua análise da frase que escrevi, assim como também é verdade que não se deve colocar, na pontuação moderna, uma vírgula entre o sujeito e o predicado. No entanto, como já frisei várias vezes, esta regra de pontuação é mais um **conselho** do que uma **regra** propriamente dita. Ela não tem, como as regras de **acentuação**, aquela obrigatoriedade que não admite divergências, e haverá casos, como este, em que é necessário (ou aconselhável) contrariá-la deliberadamente a fim de tornar a leitura mais fluente.

O princípio geral é muito simples: como devemos reservar a vírgula para assinalar tudo aquilo que foge à normalidade sintática, é evidente que não há razão para separar o sujeito do verbo, nem o verbo de seu complemento, já que esta é a ordem canônica da frase no Português. Todavia, quando o sujeito for **oracional** (representado por uma oração subordinada **substantiva**), os bons escritores empregam, muitas vezes, uma vírgula para assinalar com maior clareza o fim do bloco do sujeito. Em Machado encontramos tanto exemplos **sem** vírgula ("**Quem não viu aquilo** não viu nada"; "**Quem for mãe** que lhe atire a primeira pedra") quanto **com** vírgula ("**Quem perde uma das metades**, perde naturalmente metade da existência"; "**Quem viesse pelo lado do mar**, veria as costas do palácio, os jardins e os lagos..."; "**Quem morreu**, morreu"). Um excelente exemplo pode ser encontrado em Vieira: "...ninguém se atreva a negar que **tudo quanto houve**, passou, e **tudo quanto é**, passa". Não podemos negar que a vírgula que foi empregada nos exemplos acima apenas veio **facilitar** o trabalho de processamento da frase; se ela fosse inadequada, ocorreria o efeito oposto. Foi certamente por isso que os nossos literatos sempre consideraram **facultativa** a vírgula nesta posição.

Num breve passeio pelo mundo dos provérbios portugueses, há muitos exemplos em que esta vírgula, embora possível, pode ser dispensada: "Quem avisa amigo é"; "Quem bate no cão bate no dono"; "Quem dá o mal dá o remédio"; "Quem quer o fim quer os meios", "Quem não deve não teme". Ela passa a ser muito **útil**, no entanto, nos casos de construção paralela, em que o verbo da oração substantiva é seguido imediatamente pelo verbo da oração principal: "Quem quer, faz; quem não quer, manda". "Quem sabe, faz; quem não sabe, ensina". "Quem procura, acha; quem guarda, sempre tem". "Quem não faz, leva".

Agora, se o verbo for **idêntico** nas duas orações, esta vírgula passa a ser **indispensável**: "Quem deu, dará; quem pediu, pedirá". "Quem vai, vai; quem fica, fica". "Quem sabe, sabe". "Quem pode, pode" – isso sem falar naqueles casos em que a forma verbal pode se confundir com um **substantivo** homógrafo, criando-se uma ambiguidade que a vírgula desfaz imediatamente: "Quem quiser, **peça**"; "Quem ama, **cobra**"; "Quem teme, **ameaça**"; "Quem deseja, **casa**" (não se trata de alguém que "quer peça", ou "ama cobra", ou "teme ameaça", ou "deseja casa").

Aqueles que protestam contra essa flexibilidade demonstram que não compreenderam que a razão de ser da pontuação é o **leitor**. Não se trata, aqui, de voltar àquela antiga visão de pontuação subjetiva, submetida ao simples capricho de quem escreve; bem pelo contrário: a finalidade exclusiva dos sinais de pontuação é **orientar o leitor no trabalho de decodificar as frases que escrevemos**. Tudo que contribuir para isso será bem-vindo (e vice-versa).

Separar o sujeito do predicado?

Caro prof. Cláudio Moreno, a regra que proíbe a vírgula entre sujeito e predicado não tem exceção? Por exemplo, em A vida é sonho, de Calderón de la Barca, lemos, no original: "La vida es sueño, e sueños, sueños son" (em Português, "e sonhos, sonhos são"). Aquela vírgula depois de sonhos não teria aí a função de uma pausa estilística, de realce? Ou aquela regra não admite nunca exceção? Desde já agradecido!

Bruno C. – São Paulo

Caro Bruno, não existe uma regra que **proíba** a vírgula entre o sujeito e o predicado, mas sim uma **recomendação** veemente por parte dos professores e gramáticos de todo o país. Como a escola, por sua participação fundamental na engenharia da sociedade, precisa atingir o maior número de corações e mentes, sempre procurou inculcar em seus alunos os princípios que são aplicáveis à maioria das situações. As regras que nossas professoras nos ensinaram para escrever bem e corretamente não resistem a um exame mais aprofundado sob a luz da moderna teoria linguística; na verdade, não passam de **conselhos** práticos que devem ter sido úteis a milhões de estudantes brasileiros, mas que não podem

ser tomados ao pé da letra, com o rigor que alguns pretendem atribuir a eles.
Por exemplo, naquelas redações brevíssimas (quinze, vinte linhas) que fazíamos na escola primária, a **repetição** de um vocábulo era considerada inaceitável por meus mestres – no que estavam certos, se levarmos em consideração a exiguidade dos nossos textos de então. Isso, no entanto, não justifica que, trinta ou quarenta anos depois, um marmanjo ainda considere a repetição um pecado mortal, obrigando-se a fazer mil rodeios para não usar várias vezes um mesmo vocábulo num artigo científico ou numa bula de remédio. Hoje eu sei que a qualidade mais valiosa de qualquer texto é a sua **clareza** e não hesito em repetir um vocábulo tantas vezes quanto julgar necessário para alcançar esse objetivo – mesmo que me lembre, cada vez que faço isso, da voz da minha professora, que já deve estar há muito tempo ao lado direito do Senhor, corrigindo a gramática dos anjos.
Assim também é essa pregação incessante contra pôr uma vírgula entre o sujeito e o predicado. **Não é uma regra**, como já disse, **nem tem valor absoluto**, como você mesmo percebeu no belíssimo exemplo do Calderón. Basta comparar a versão com vírgula – "**E sonhos, sonhos são**" – com a versão que seria, segundo alguns, a "correta" – "**E sonhos sonhos são**" – para ver que aquela vírgula é **decisiva** para a imediata compreensão do verso por parte do leitor.

Vírgula entre o sujeito e o verbo?

Professor Claúdio, nunca tive maiores problemas com a pontuação; no entanto, em uma reunião de professores na minha escola surgiu uma grande discussão quanto aos dizeres de um projeto de valorização da leitura que vamos desenvolver e divulgar. O texto diz assim: "A pessoa que não lê mal ouve, mal fala, mal vê". No meu entender, ficou faltando uma vírgula depois entre lê e mal, porém outros professores discordaram, alegando que não se separa o sujeito do predicado com vírgula. Assim, gostaria imensamente de saber sua opinião a respeito para que possamos divulgar o texto corretamente. Grata.

Liliane C.

Prezada Liliane, aqui é exatamente onde bate o ponto: as regras de pontuação não passam de convenções (ou, quem sabe, meros conselhos?) que foram estabelecidas pelo consenso invisível de todos aqueles que escrevem. Os sinais de

pontuação estão ali para que o **leitor** os veja; esta é, na verdade, a única razão para que eu os utilize: orientar o leitor, sinalizando para ele a interpretação que eu gostaria que ele extraísse do meu texto.

Quem escreve quer ser compreendido por quem vai lê-lo – e foi essa preocupação que nos levou a desenvolver, ao longo de dois mil anos, esse sistema de sinais que todo o Ocidente utiliza. Se para isso tivermos de contrariar uma dessas "regras", devemos fazê-lo sem medo e sem remorso, porque muito pior seria deixar o texto ambíguo ou confuso para o leitor.

Todos conhecemos o princípio de que não se deve usar vírgula entre os elementos **inseparáveis** da frase – entre o sujeito e o verbo, entre o verbo e seu objeto, entre o núcleo do sintagma e seus elementos periféricos. Isso **não é uma proibição**, mas sim uma decorrência óbvia do princípio geral de que uma frase só vai receber vírgula quando algo de diferente ocorrer em sua estrutura. Como vimos, **as frases normais não têm vírgula; as frases que têm vírgula não são normais.**

Os colegas que discordaram de você certamente estavam fazendo valer o princípio geral de não separar o **sujeito** ("a pessoa que não lê") do resto da frase. Ora, este é um excelente exemplo do que afirmei acima: ou seguimos a "regra", e deixamos na frase uma mancha de óleo que fará muitos leitores escorregarem – entendendo "a pessoa que não LÊ MAL" –, ou colocamos ali uma vírgula redentora, que termina com qualquer risco e permite que todos os leitores, já na primeira leitura, extraiam da frase exatamente o que vocês pretendiam dizer: "A pessoa que não lê, MAL OUVE, mal fala, mal lê".

Por que cometem esse erro?

Professor, vou morrer sem entender por que tanta gente ainda insiste em colocar vírgula entre o SUJEITO e o VERBO! Parece ironia: a regra mais óbvia é exatamente a que é mais desrespeitada! Não ensinam mais essas coisas na escola?

Leocádio J. – Uberlândia (MG)

Meu caro Leocádio, posso assegurar que a escola não tem culpa nenhuma. Não é por falta de aviso que os brasileiros cometem esse erro, pois todo professor de Português que conheço vive combatendo essa vírgula com a pouca energia que

lhe resta. O segredo está, na verdade, na primeira parte da pergunta: por que alguém teria vontade de pôr uma vírgula bem naquele lugar?

A resposta é muito simples: o responsável por essa estranha mania foi o ensino da pontuação baseado nas **pausas**, que vigorou por muitos séculos e chegou, ao menos no Brasil, até a alegre década de 60, ainda no século XX. Já foi comprovada a espantosa influência que nossas primeiras professoras exercem sobre as crenças que teremos sobre a linguagem ao longo de nosso percurso para a Vida Eterna. Aquilo que ouvimos nas primeiras letras vai nos acompanhar pela vida afora – para o bem e para o mal –, e poucos são os que conseguem questionar os ensinamentos recebidos naquela tenra e feliz idade.

Ora, se perguntarmos a qualquer brasileiro onde fica a pausa mais acentuada da frase, ele vai apontar exatamente para aquele espaço privilegiado que separa o final do **bloco do sujeito** do início do **bloco do predicado**. Se você quiser testar, convença duas ou três pessoas a ler as frases abaixo em voz alta e preste atenção no local em que elas vão fazer uma pausa mais marcada:

Os quatro jogadores da Seleção # chegaram ontem a Barcelona.

O rato, o burro e o leão # resolveram firmar um pacto de amizade.

Posso apostar que todos os leitores farão a maior pausa bem onde eu pus o #. É evidente que não podemos pôr uma vírgula aí – mas são tantos os brasileiros que sucumbem a essa perigosa tentação que este é, sem dúvida, o nosso erro mais comum de pontuação. A culpa não é deles: formados que foram pela teoria que associava as **pausas** com os sinais de pontuação, acham muito natural pespegar ali aquela vírgula que todos condenamos – o que obriga os professores a lutar quotidianamente contra ela. Em outras palavras, é como se distribuíssemos caixas de fósforos a todos os macacos da floresta e passássemos o resto da vida a apagar os incêndios que nós mesmos provocamos.

Vírgula antes de "é"

Dileto professor, em um texto referente a uma promoção, escrevi "Para que possamos enviar seus prêmios, é necessário que você...". Um colega me corrigiu, alegando que (nas palavras dele) "exceto por algumas exceções, não utilizamos vírgula antes do verbo SER". Como a frase começa por uma oração adverbial deslocada, achei o uso da vírgula necessário ou, ao menos, facultativo.

Eu estou certo, ou existe aquela famigerada regra citada pelo colega? Muito obrigado.

Matheus M. – Porto Alegre

Meu caro Matheus, você não deve dar ouvido a esse intrometido; quem diz "**exceto** algumas **exceções**" (!) não está na posição de dar conselhos... Em pontuação não existem, em princípio, **regras negativas**, como essa que ele foi buscar no reino da carochinha. Dito de outra forma, não há palavras específicas que possam "repelir" ou "atrair" os sinais. Pode haver vírgula antes do verbo **ser**, depois do verbo **ser** e até mesmo **antes** e **depois** do verbo **ser** – tudo vai depender da estrutura da frase. Por exemplo:

(1) Para o público em geral, **É** importante... (antes)

(2) O culpado **É**, como sempre, o mordomo. (depois)

(3) O pior cenário, a meu ver, **É**, sem dúvida, a guerra civil. (antes e depois)

Note que, nos três exemplos, o verbo SER não é responsável pelos sinais de pontuação, que estão onde estão por razões estruturais. No terceiro, você pode perceber que a frase básica é "O pior cenário é a guerra civil"; as vírgulas estão ali por causa das duas intercalações que fizemos, "a meu ver" e "sem dúvida".

Curtas

Nem tudo a pontuação pode representar

Professor, tenho dificuldade de colocar no texto certos sentimentos que eu gostaria de expressar. Por exemplo, ao escrever um e-mail, gostaria que a destinatária percebesse que uma determinada frase que escrevi sobre ela está sendo "pronunciada" com um suspiro profundo. Posso indicar isso com colchetes ou parênteses?

Leonardo D.

Suspiro profundo? Não existe pontuação para representar isso, Leonardo. Não se esqueça jamais de que os sinais precisam ser decodificados pelo leitor, o que

restringe o seu uso a pouquíssimas situações consagradas. Nossa intenção não conta se o leitor não puder identificá-la. Portanto, você vai ter, neste caso, de expressar com palavras, não com pontuação, o que pretende transmitir.

Vírgula entre o sujeito e o verbo

Flodoaldo Jr. gostaria de saber se está correta a pontuação da frase "O suor derramado em treinamento, poupará o sangue derramado em combate".

É uma frase normal, sem inversões ou intercalações. Portanto, para que a pontuação fique correta, basta tirar aquela vírgula que está separando o **sujeito** do **verbo**: "O suor derramado em treinamento poupará o sangue derramado em combate".

Vírgulas de um convite

No rascunho do convite redigido por Maria constam os seguintes dizeres: "É com gratidão a Deus e alegria no coração que os filhos Ana, Denise e Cláudio convidam para a cerimônia de Bodas de Ouro de seus pais". Ela quer saber se há *vírgula* antes do *que* e antes de *convidam*.

Deixe exatamente assim como está, Maria; a única vírgula admissível é exatamente a que você pôs entre "Ana" e "Denise". Agora, se aceita uma sugestão, eu eliminaria "filhos", vocábulo que ficou redundante (o texto já especifica que se trata das bodas "de seus pais"...): "É com gratidão a Deus e alegria no coração que Ana, Denise e Cláudio convidam para a cerimônia de Bodas de Ouro de seus pais".

Vírgulas e pausas não coincidem

Professor, sempre tive dificuldade em entender o uso da vírgula. Faço pelo "achismo" mesmo, pois a única coisa que sei é que usamos a vírgula quando queremos dar uma pausa na fala – e isso nem sempre funciona.

Vânia C.

Minha cara Vânia, aviso-a, desde já, de algo muito importante: a vírgula e os demais sinais **nada têm a ver com as pausas da fala**. Essa teoria está ultrapassada e, como você mesma verificou, não produz bons efeitos. Releia o que escrevi acima na página 25, procure uma gramática que explique a pontuação baseada na **sintaxe**, e nunca mais terá problemas de "achismo".

Vírgula depois do nome de autores

Olá, Prof. Moreno! Em trabalhos científicos, costuma aparecer uma vírgula após o nome do autor nas referências feitas no próprio texto: "Vergara & Cardoso36, relatam que a retinite é a doença mais comum causada pelo CMV, sendo responsável por 85% dos casos". Por que muitos orientadores fazem questão que se use essa vírgula, se ela está nitidamente separando o sujeito do verbo?

Myuki H. – Guarulhos (SP)

Prezada Myuki, confesso que não consigo acompanhar o raciocínio desses orientadores. Por que cargas d'água alguém exigiria uma vírgula tão claramente supérflua? Sabemos que ali onde ela está – bem no lugar em que passa a linha que separa o bloco do sujeito do bloco do predicado –, costumamos fazer uma pausa bem marcada na fala, mas também sabemos que essa pausa não pode ser assinalada por vírgula, sob pena de interrompermos a ligação entre o sujeito e o seu verbo. Examinei com cuidado o exemplo, virei-o do avesso, raspei o texto com um canivetinho, para ver se não havia nada escondido, e nada! Por mais

que me esforce, não consigo encontrar uma razão para essa exigência descabida – descabida e perigosa, porque, dependendo da sequência da frase, pode sugerir ao leitor uma estrutura sintática diferente daquela que o autor tinha em mente. Se eu encontrasse, por exemplo, "Vergara & Cardoso, mostram os resultados da pesquisa...", aquela vírgula me faria supor, inicialmente, que seria dita alguma coisa sobre esses autores com base nos resultados de uma determinada pesquisa (algo como "Vergara & Cardoso, mostram os resultados da pesquisa, deixaram de registrar..."). Como não é disso que o texto trata, entro num beco sem saída e sou obrigado a voltar sobre meus passos. Por causa de uma vírgula infeliz como esta, tenho de refazer a leitura a fim de recuperar a verdadeira hierarquia sintática (**eles** é que são o sujeito do verbo **mostrar**); imagine o desastre que representa um erro desses repetido várias vezes ao longo do mesmo trabalho.

Água também é vida!

Prof. Moreno, tenho uma dúvida urgente. Minha mãe quer dar o seguinte título a seu trabalho: "Água! Também é vida!" Este título está correto? Não ficaria melhor "Água, também é vida!"? Desde já, obrigado por sua atenção e disponibilidade!

Leandro T.

Olhe, meu caro Leandro, se fosse eu o autor do trabalho, poria "Água também é vida" – sem aquela vírgula separando o **sujeito** do **verbo**. Além disso, é bom evitar pontos de exclamação em títulos, pois ele têm um efeito mais ou menos semelhante ao das maiúsculas usadas no e-mail: dão a impressão de que estamos gritando com o leitor.

A frase de Saramago

Caro professor Moreno, acompanhei na imprensa portuguesa a discussão sobre a polêmica frase de Saramago: "Uma

língua que não se defende, morre". Longe de mim corrigir a frase do célebre escritor português, mas aquele vírgula não está separando o sujeito do verbo? Não é semelhante a uma frase do tipo "Quem viver verá"?

Maria L.P., professora – São Paulo

Prezada Maria, é irônico que alguém levante polêmica sobre uma frase de Saramago – logo ele, um autor que conscientemente trata de transgredir as regras tradicionais de pontuação e ninguém reclama! Embora eu não veja o menor sentido nessa "inovação" que ele tenta introduzir no uso dos sinais, sou obrigado a defender aquela vírgula: quando o núcleo do SUJEITO ("uma língua") é seguido de uma ORAÇÃO ADJETIVA ("que não se defende"), são muitos os autores que recomendam que se ponha uma vírgula antes de iniciar o predicado (baseados, diga-se de passagem, no farto exemplo de bons escritores). Não podemos esquecer que o bem mais importante para a pontuação é a clareza. Compare "Uma língua que não se defende morre" com "Uma língua que não se defende, morre", e você verá que a segunda opção é processada mais rapidamente e com maior clareza que a primeira.

Quem ama, educa

Um professor muito conceituado declarou que essa vírgula estaria *errada*, pois "*quem ama*" é o sujeito oracional da frase, e, segundo a regra de pontuação, não se pode separar o sujeito do seu predicado. No entanto, como se trata do título de um livro de grande vendagem, escrito por um autor de respeito, continuo em dúvida até hoje. O autor, a editora e seus revisores teriam deixado passar um erro tão evidente assim?

Kátia B. – Recife

Prezada Kátia, há um pouco de verdade no que disse esse seu "professor conceituado": primeiro, o sujeito de "educa" é realmente a oração subjetiva "quem ama"; segundo, não se coloca vírgula entre o sujeito e o seu verbo. Ocorre – e é aqui que bate o ponto! – que essa regra não pode contrariar o motivo essencial de existir a pontuação, que é **orientar o leitor na interpretação**

do que está escrito. É muito comum, em nossos maiores escritores, o emprego dessa vírgula depois de sujeito oracional iniciado por **quem**. O autor e seu editor optaram por usá-la pela mesma razão que Machado a empregou várias vezes: tornar instantânea, para o leitor, a compreensão da estrutura da frase. “Quem ama educa” e “Quem ama, educa” são duas formas possíveis de pontuar esse título, mas confesso que eu também acho melhor a segunda.

Pontuação interna

I. A vírgula

1 – Separando os itens de uma enumeração

Temos uma enumeração sempre que juntamos, numa frase, vários elementos com a mesma função sintática (sujeitos, objetos, adjuntos adverbiais, etc.):

1 – A, B, C e D fundaram um clube.

2 – José encontrou A, B, C e D na biblioteca.

3 – Todos concordaram que a peça era A, B, C e D.

Como você pode perceber, sempre há um separador físico entre os itens que compõem a lista; a prática é usar uma **vírgula** entre eles, exceto o **último**, antecedido por uma **conjunção** (geralmente "E" ou "OU"). Nas enumerações, a vírgula e a conjunção são consideradas mutuamente exclusivas: em princípio, onde aparece uma, a outra não deve aparecer. Note que eu disse "em princípio"...

Aqui nasceu um dos mitos mais persistentes de nosso folclore gramatical: juntar a conjunção aditiva "E" com uma vírgula seria tão nefasto quanto misturar manga com leite – duas ingênuas superstições que não encontram apoio na realidade. Fora do território restrito das enumerações, encontraremos várias situações em que a vírgula não só **pode**, como **deve** aparecer antes do "E". Até mesmo numa enumeração pode ser necessário, para eliminar a ambiguidade, usar uma vírgula antes da conjunção.

Enumerações abertas

Prezado professor: recortei um artigo em que o senhor manda separar os itens da enumeração por vírgula, menos o último, que é separado pelo "E". Posso estar enganada, mas costumo ler muito e tenho certeza de já ter visto bons escritores usarem uma vírgula também antes do último, no lugar da conjunção, ficando assim, por exemplo: "cocos, bananas, laranjas, cajus". É um daqueles casos opcionais?

Valdelice W. – Sobral (CE)

Minha cara Valdelice, ambas as formas estão corretas – tanto "cocos, bananas, laranjas **E** cajus" quanto "cocos, bananas, laranjas, cajus" –, mas **não são opcionais**. Você não pode usar livremente uma pela outra, pois as duas estruturas **não** dizem a mesma coisa. Ao colocar o "E" antes de **cajus**, estamos avisando o leitor de que este é o **último** item da relação; é o que chamamos de enumeração **fechada** (ou **exaustiva**). Por outro lado, se usamos uma **vírgula** em lugar da **conjunção**, estamos deixando implícito que a relação inclui itens que não estão sendo citados; é o que chamamos de enumeração **aberta** (ou **exemplificativa**).

Na fala, são duas estruturas inconfundíveis. Imagine-se ao telefone, ouvindo o relato de uma amiga que participou de um importante acontecimento social da cidade. Se, ao enumerar as pessoas presentes à festa, ela fizer uma lista completa, vai usar o "E", dando à frase uma linha melódica descendente ("Havia muita gente conhecida! Encontrei A, B, C **e** D"); se, no entanto, ela resolver mencionar apenas algumas, vai omitir o "E" e dar à frase uma linha melódica estável, inconclusiva ("Encontrei A, B, C, D") – o que lhe dará o direito, prezada Valdelice, de perguntar: "E quem mais?".

Na escrita, contudo, temos de tomar algumas precauções na hora de sinalizar que estamos usando uma **enumeração aberta**. Teoricamente, bastaria omitir a conjunção antes do último elemento, e pronto! Na prática, porém, isso não basta, porque esta omissão do "E" pode passar despercebida ao leitor desatento (ou que não domina as sutilezas da pontuação); criaram-se, assim, várias formas de reforçar o caráter exemplificativo da enumeração:

A, B, C, D, **por exemplo**.

A, B, C, D, **entre outros**.

A, B, C, D, **entre os mais importantes**.

A, B, C, D, **etc**.

A, B, C, D**...**

Não tenho a menor dúvida de que você, no fio de suas leituras, deve ter encontrado inúmeros exemplos desses dois tipos de enumeração. A diferença estava lá, mas você ainda não tinha olhos treinados para percebê-la – ou, como dizia o bom Padre Vieira, você via, mas não enxergava. Agora, no entanto, tenho certeza de que vai distingui-las com facilidade.

A pontuação do etc.

Prezado Professor, quero parabenizá-lo pela sua página e dizer que a visito quase todos os dias. Gostaria saber duas coisas sobre o etc. – se ele deve ser acompanhado de ponto ou de reticências e se pode realmente vir precedido de vírgula. Aprendi que etc. **.** *é uma abreviação que significa "e outras coisas mais" e que o "E" com ideia de adição não pode ser precedido de vírgula, mas minha revisora – trabalho com textos publicitários – diz que a vírgula é necessária. O que devo fazer?*

Márcia S. – Vitória (ES)

Caro Professor: gostaria de saber qual é a forma correta de usar o termo etc. em uma frase. Ele é antecedido ou não de vírgula? Escrevo "Compramos tudo: arroz, feijão etc." ou "Compramos tudo: arroz, feijão, *etc."? Observei que, nas suas respostas, o mestre sempre utiliza a vírgula antes, que me parece a forma mais usual. Entretanto, alguns professores sustentam que o termo pode ser utilizado sem essa vírgula.*

Jorge Braga – Rio de Janeiro

Desde há muito aprendi que o etc. é usado acompanhado por ponto final (pois indica a abreviação de etcétera) e não é antecedido por vírgula (suponho que por já conter o elemento de ligação "et" na própria palavra). Mas o senhor sempre usa o etc. antecedido de vírgula em seus artigos. Qual o emprego correto?

Igor F. – Porto Alegre

Meus caros amigos: **etc.** é a abreviatura internacionalmente utilizada para a expressão latina *et cetera* (ou *et cætera*, ou ainda *et coetera*), que significa "e outras coisas da mesma espécie"; "e o resto (tratando-se de uma relação de itens)"; "e assim por diante". No Latim, é formada pela conjunção *et* (que

corresponde ao nosso "**e**"), mais *cetera* (o plural neutro de *ceterus*, "o resto"). Alegando o significado literal dos elementos latinos, não faltaram autores (ingleses, franceses, brasileiros, etc.) que condenassem o emprego desta expressão para **pessoas**, caindo no velho equívoco daquela etimologia fundamentalista que tenta paralisar os vocábulos naquele tempo remoto em que foram criados...

Nosso mestre Celso Pedro Luft, com sua erudita ironia, ressalta que, a seguirmos esse raciocínio estreito, "nem rol de substantivos masculinos ou femininos se pode encurtar com **etc**., já que *cetera*, neutro plural, só se pode aplicar a **neutros**... Como sempre, meia erudição, historicismo de manga curta...". Os dicionários do Inglês e do Francês fazem questão de frisar o fato de que **etc**. se aplica tanto a coisas quanto a pessoas; no Português, o *Aurélio* registra, em todas as edições, que a expressão, "embora normalmente se devesse usar apenas com referência a coisas, como se vê do seu sentido etimológico, aparece frequentes vezes, inclusive nos melhores autores, aplicada a pessoas". O mesmo fenômeno ocorreu com aquele *et* primitivo, que não pode ser invocado ainda hoje, em questões de pontuação, como se valesse o mesmo que o nosso "**E**" atual, como vou demonstrar mais abaixo.

À direita do **etc**. usamos um ponto para indicar que não se trata de uma **palavra**, mas sim de uma **abreviação** – ou seja, para nos avisar que essas três letras não são lidas como tais (/etecê/), mas como uma representação condensada de **etcétera**, da mesma forma que **cia**. e **dr**. são lidos como "companhia" e "doutor". Já deparei muitas vezes com o ingênuo costume de colocar **reticências** após o **etc**., o que parece um excesso injustificável, uma vez que ambos são recursos **utilizados para o mesmo fim**: sinalizar a nosso leitor que a enumeração que estamos apresentando não é exaustiva, apenas **exemplificativa**. Dentre tantas outras, mostro algumas opções:

atlas, livros didáticos, gramáticas, dicionários, **etc**.

atlas, livros didáticos, gramáticas, dicionários, **entre outros**.

atlas, livros didáticos, gramáticas, dicionários**...**

atlas, livros didáticos, gramáticas, dicionários, **por exemplo.**

Basta que eu use **uma** delas, à minha escolha, para que o leitor receba a mensagem. Combiná-las (experimentem juntá-las ao acaso, duas a duas!), como toda e qualquer acumulação desnecessária de recursos linguísticos, vai certamente desagradar a quem estiver lendo o meu texto, além de insinuar que eu o considero meio retardado.

E a pontuação **antes** do **etc.**? A tendência é pontuá-lo como os **demais itens da**

enumeração que ele estiver encerrando:

(1) com VÍRGULA: **a, b, c, etc.**

(2) com PONTO-E-VÍRGULA: **a; b; c; etc.**

(3) com PONTO: **A. B. C. Etc.**

Os exemplos abaixo são do *Grande Manual de Ortografia Globo*, de Celso Pedro Luft:

(1) "Comprou livros, revistas, cadernos, etc."

(2) "Palavras que se escrevem com **rr** e **ss**: carro, narrar; excesso, remessa; etc."

(3) "Levantar cedo. Respirar o ar puro da manhã. Fazer ginástica. Etc.".

Assim vem o **etc.** pontuado, sistematicamente, no **Acordo Ortográfico** de 1943 e no **Vocabulário Ortográfico** de 1981. Assim está na maioria das gramáticas, assim é a prática da maioria dos escritores **modernos**. De onde tirei isso? Meu patrono, Celso Pedro Luft, escolheu aleatoriamente 100 páginas de escritores e gramáticos como Gilberto Freire, Pedro Nava, Darcy Ribeiro, Autran Dourado, Graciliano Ramos, Antônio Cândido, Paulo Rónai, José Guilherme Merquior, Antenor Nascentes, Antônio Soares Amora, Massaud Moisés, Rocha Lima, Evanildo Bechara, Celso Cunha e Gladstone Chaves de Melo, entre outros, e encontrou **115** ocorrências **com** vírgula, contra **14** apenas **sem** vírgula (*A Vírgula*. Editora Ática, 1996). Bota **tendência majoritária** nisso! Como na vestimenta, a linguagem que usamos é a soma de nossas decisões individuais; podemos até optar por escrever o **etc**. a la antiga, sem pontuação alguma, mas essa esmagadora preferência pelo **etc**. pontuado parece indicar que os autores intuíram aqui alguma vantagem na organização do texto que a outra forma não tem.

Enumeração com vírgula antes do "E"

Prezado Professor, eu pensava que as regras de pontuação do

Inglês eram similares às nossas, mas começo a mudar de ideia. Meu orientador na Universidade de Chicago corrigiu a pontuação de todas as enumerações que escrevi na minha tese, acrescentando uma vírgula antes do "E" que precede o último elemento. Diante da minha surpresa, ele me mostrou que o Manual de Estilo da universidade é taxativo nestes casos: "Quando os dois últimos elementos de uma série estão ligados por conjunção, deve ser usada uma vírgula antes desta conjunção". Por que não é assim no Português?

Raul P.W. – Chicago (EUA)

Meu caro Raul, parece que o destino o levou a esbarrar numa das raríssimas diferenças entre a pontuação do Inglês e a nossa. Essa curiosa vírgula, conhecida como "*Oxford comma*" ("vírgula de Oxford", porque se tornou uma exigência tradicional dos editores e revisores da famosa Oxford University Press), tem uma certa razão de existir para os falantes do Inglês. Como você deve saber muito bem, naquela língua os adjetivos ficam à esquerda do substantivo que modificam, o que acaba criando um problema que o Português desconhece. Numa frase como "Ele recortava todas as matérias que saíam no jornal sobre cinema, política **internacional** e negócios", a posição do adjetivo **internacional** (e o fato de estar no **singular**) não deixa dúvida de que ele se refere a **política**, não a **negócios**. Em Inglês, no entanto, como o adjetivo fica do lado esquerdo e simplesmente nunca se flexiona, cria-se uma estrutura ambígua, "*international politics and business*", que também poderia ser lida como "política e negócios internacionais". É onde entra em ação a vírgula de Oxford, desfazendo a má leitura: "*international politics, and business*".

Embora algumas instituições (a Universidade de Chicago é justamente uma delas) recomendem o uso automático desta vírgula, muitas outras preferem aplicá-la apenas aos casos em que realmente existe o perigo de ambiguidade. Esta postura, que me parece muito mais sensata, não é nada diferente do que fazemos aqui, quando surge o mesmo problema:

> Os convidados eram João e Maria, Paulo e Virgínia, e eu.
>
> As almofadas podem ser feitas em branco e preto, vermelho e branco, e azul.

O bem-humorado Quinion, no seu incomparável **www.worldwidewords.org**, brinca com a hipótese de alguém dedicar seu livro "*To my parents, Mary and God*" ("Para meus pais, Maria e Deus"). Tanto lá quanto aqui devemos usar uma vírgula antes do "**E**" para evitar que os leitores tomem **Maria** e **Deus** como aposto de **meus pais** e nos mandem internar no hospício por absoluto delírio de grandeza: "Para meus pais, Maria, e Deus".

Enumeração de adjuntos adverbiais

Professor Moreno, gostaria que senhor me esclarecesse a respeito da colocação de vírgula antes de adjuntos adverbiais não deslocados. Pelo que sei, a vírgula é somente utilizada quando ele está fora de seu lugar. Por exemplo: "Em Brasília, a cerimônia começou por volta das 14h" – mas "A cerimônia começou por volta das 14h em Brasília" já deve vir sem a vírgula. O motivo de minha dúvida é o de encontrar constantemente esse tipo de pontuação em livros, jornais e revistas.

Ana P. – Brasília

Ana, você fez uma pequena mistura de regras. No seu exemplo – "**Em Brasília**, a cerimônia começou..." –, a vírgula está ali realmente por causa do deslocamento do adjunto adverbial. No entanto, mesmo que este adjunto retorne para o final da frase (que é, aliás, o seu lugar), vai continuar a ser separado por vírgula – "A cerimônia começou por volta das 14h, em Brasília". A regra agora é outra e nada tem a ver com o deslocamento do adjunto adverbial; estamos, isso sim, diante de uma **enumeração** de elementos com a mesma função sintática. Olhe como funciona: "Eu encontro você **no estádio**" (o adjunto não leva vírgula por estar no seu lugar habitual); "eu encontro você **no estádio**, **às dez horas**" (começamos uma enumeração); "eu encontro você **no estádio**, **às dez horas**, **junto ao primeiro portão**" (acrescentamos mais um elemento à enumeração) – e assim por diante. Note como a vírgula é obrigatória, embora nenhum deles esteja deslocado.

Curtas

Vírgula em nome próprio

Prezado Professor, vi no outro dia uma loja maçônica com o nome "Luz, Amor e Vida". É correto o uso da vírgula separando "Luz" e "Amor", já que fazem parte de um mesmo nome próprio?

Sílvia A.

Prezada Sílvia, esta é uma vírgula **obrigatória**. Quando separamos os elementos

que compõem uma enumeração (A, B, C e D), somos obrigados a colocar entre eles (1) uma vírgula depois de todos, exceto no último, e (2) uma conjunção ("E" ou "OU") antes do último. Exatamente como você viu no nome da loja maçônica: "Luz, Amor e Vida" (A, B e C). O fato de ser nome próprio não altera a maneira de pontuá-lo.

Ponto depois do etc.

Professor, tenho algumas dúvidas e torço para que o senhor possa me responder. Observei que ninguém coloca *ponto final* em frases terminadas com *etc*., isto é, quando *etc*. vem no final da frase, fica valendo o ponto da abreviatura. Isto está certo? Pela lógica, eu acho que não! Fico rezando para receber sua resposta e por isso agradeço antecipadamente.

Lígia J. – Salvador

Lígia, há duas teorias quanto ao ponto final depois de etc., ambas igualmente respeitáveis. A primeira diz que ponto sobre ponto é ponto – ou seja, o ponto da abreviação serve também como ponto final da frase, e a maiúscula que vem a seguir ajuda a marcar o início do novo período. A segunda, que eu prefiro, diz que o ponto que encerra a abreviação nada tem a ver com a pontuação da frase, seja ela qual for; se depois do **etc**. vier ponto final, teremos "... etc. ." (um ponto final separado do ponto da abreviatura por um espaço); se vier um ponto de interrogação, teremos "... etc.?"; se de exclamação, "... etc.!"; se ponto-e-vírgula, "... etc.;" – e assim por diante. Outra coisa: quem encerra uma frase com "etc." não está cometendo um erro, mas, como dizia minha avó, está procurando sarna para se coçar. Por que ficar limitado a esta abreviação, quando ela pode, com muito mais vantagem, ser substituída por seus sinônimos mais civilizados – **entre outros, por exemplo, para mencionar apenas os de maior destaque**, entre muitas outras opções que nossa língua oferece?

2 – Separando orações coordenadas

Esta é uma das regras mais automáticas da pontuação: a prática é colocar uma vírgula sempre que a oração coordenada for introduzida pelas conjunções **MAS, OU, NEM, POIS e E**:

Ele estava cansado, MAS aguentou o espetáculo até o fim.

Não sei onde ela mora, NEM lembrei de anotar seu telefone. Vocês vão ao teatro hoje à noite, OU preferem deixar para o sábado?

Acho que ele não vem mais, POIS já passa das oito horas. Saímos muito cedo de casa, E ela não pôde nos alcançar.

Quando usadas apenas para ligar **palavras** ou **expressões**, essas mesmas conjunções normalmente vêm sem pontuação:

Você quer água OU vinho?

Não tenho tempo NEM dinheiro.

Pobre MAS orgulhoso.

No caso do E, a vírgula é de praxe apenas quando as duas orações tiverem sujeitos **diferentes**. Compare as frases (1) e (2) com a frase (3):

(1) O juiz anulou o gol E mostrou o cartão para o atacante.

(2) O juiz anulou o gol E correu para o meio do campo.

(3) **O juiz** anulou o gol, E **todos os jogadores** o cercaram.

A função desta vírgula é nos avisar de que, ao contrário do que normalmente a frase deixaria supor, a próxima ação não vai ser atribuída ao sujeito da coordenada inicial.

Orações com sujeitos diferentes

Professor Moreno, eu gostaria que o senhor examinasse a pontuação da seguinte frase: "O Supremo Tribunal Federal – a mais alta corte país – tem por dever o exercício da função de guardião da Carta CONSTITUCIONAL, E o desempenho dessa nobre função é assegurado por suas manifestações e decisões sábias". Aquela vírgula que está logo após Constitucional está realmente correta? Eu pesquisei sobre o emprego da vírgula antes de conjunções e não encontrei nenhuma regra que justifique o seu uso.

Silvio G.

Meu caro Sílvio: confesso que eu próprio não encontraria um exemplo melhor do que este para demonstrar o valor que tem aquela vírgula colocada antes do "E"

(e a falta que ela faria, se nós a suprimíssemos). Acho que você atirou no que viu e acabou acertando no que não viu, mas isso não importa: a caça já está na panela, para proveito de todos nós. Aqui aparece, em todo o seu esplendor, a finalidade essencial da pontuação, que é, como vimos, facilitar a vida do leitor, ajudando-o a percorrer o texto de maneira segura e confortável, sem o cansaço e a irritação dos desvios inúteis.

A frase seria incompreensível se a vírgula não estivesse ali? É claro que não; o contato com centenas de redações escolares me ensinou que tudo aquilo que um ser humano escreve poderá um dia ser decifrado por outro – mesmo que a pontuação esteja ausente ou, o que é pior, esteja presente nos lugares errados. O problema é que um texto assim, além de correr o risco de ser mal entendido, acarreta um imenso dispêndio do tempo e da energia do leitor, que só persistirá em sua leitura se tiver um forte motivo para fazê-lo. Aliás, foi exatamente para evitar isso, para eliminar essas hesitações e assegurar a fluência da leitura, que o Ocidente desenvolveu o sistema de pontuação que hoje utilizamos.

Neste caso particular, acredito que a ausência da vírgula levaria o leitor comum a tentar, instintivamente, estabelecer uma relação de paralelismo entre dois segmentos:

> [o exercício da função de guardião da Carta Constitucional] E [o desempenho dessa nobre função]

– ou seja, o Supremo teria por dever [o **exercício** disso] + [o **desempenho** daquilo]. Na sequência, contudo, ao deparar com "é assegurado", nosso leitor se daria conta imediatamente do equívoco que cometeu lá atrás e retornaria sobre seus passos para refazer a leitura, segmentando a frase do modo correto:

> [o STF tem por dever o exercício da função de guardião da Carta...], E [o desempenho dessa nobre função é assegurado por suas manifestações...]

Você está reconhecendo a situação sintática? Duas orações ligadas por "E", com sujeitos diferentes... Não quero dizer, com isso, que a presença da vírgula seja o suficiente para afastar todo o perigo de uma leitura equivocada dessa frase (tão mal redigidinha, coitada!), mas tenho certeza de que vai ajudar muita gente. Por isso está lá.

O "E" com valor adversativo

Professor Moreno, vi numa gramática que a conjunção E pode ter, às vezes, o valor adversativo, tornando-se uma espécie de sinônimo do MAS. O exemplo dado era "Estudei muito E fui reprovado". O senhor não acha que deveria haver uma vírgula antes deste "E", já que ele tem valor adversativo? Na leitura, a vírgula não deixaria mais claro esse sentido especial?

Camila S.

Prezada Camila: embora nem todas as conjunções adversativas sejam pontuadas da mesma maneira (veja, na página 134, o uso do ponto-e-vírgula com **porém**, **contudo**, **todavia**, etc.), este "E" com valor de MAS realmente está a pedir uma vírgula. Essa é a recomendação de um autor respeitado como Domingos Cegalla, que exemplifica com duas frases muito parecidas com a que você encontrou em sua pesquisa:

O capitão estava ferido, e continuou lutando.

São uns incompetentes, e ocupam altos cargos.

Aqui se entende bem a valiosíssima observação que faz Celso Pedro Luft, no seu *A Vírgula* (Ed. Ática), ao afirmar que a principal influência que o uso da vírgula pode sofrer da fala não diz respeito, como muitos pensam, às pausas: "Mais importante que a pausa é a mudança de tom. **A vírgula corresponde muito mais a uma mudança de tom do que a uma pausa**"[grifo do autor]. Se você comparar as duas frases abaixo, perceberá que em (A) os dois segmentos são lidos no mesmo tom, o que não acontece em (B):

A – São uns incompetentes **E prejudicam nosso trabalho**.

B – São uns incompetentes, **E ocupam altos cargos**. (= mas)

Antes que você conclua que a gramática consultada não vale o preço que foi pago por ela, quero lembrar-lhe que não existe (e seria impossível existir) um conjunto "oficial" de regras de pontuação; há, isso sim, autores antiquados, dogmáticos, que procuram impor a nós todos o seu modo particular de empregar os sinais, e autores modernos, que descrevem a prática dos bons escritores e tentam chegar a um razoável consenso sobre o assunto. Felizmente, estes últimos constituem hoje a maioria ativa em nosso país, o que nos permite esperar que um mesmo texto, pontuado por cinco gramáticos distintos, apresente divergências pouco significativas – como é exatamente o caso desta vírgula antes do "E" adversativo.

Pontuação do POIS

Professor, eu e um colega divergimos quanto à forma correta de pontuar uma frase. Eu digo que é "Não se pode mudar o horário, POIS o empregado não teria o intervalo mínimo legal de onze horas de descanso"; ele afirma que é "Não se pode mudar o horário, pois, o empregado não teria o intervalo mínimo legal de onze horas de descanso". Eu uso uma vírgula antes, ele coloca o POIS entre vírgulas. Quem está com a razão?

Ariane Pereira

Minha cara Ariane: só entende a pontuação do POIS quem se der conta de que existem, aqui, duas conjunções bem distintas, que compartilham a mesma forma. Temos um POIS **explicativo** (sinônimo de **porque**) e um POIS **conclusivo** (sinônimo de **portanto**). O primeiro, que sempre fica no início da oração coordenada, recebe **vírgula antes** (já vimos isso acima):

> Ela deve estar doente, pois não vem à aula há duas semana. (= porque)
>
> Ele deve ter desistido do emprego, pois nunca mais nos procurou. (= porque)

O segundo POIS, por sua vez, pode ocupar qualquer lugar da oração coordenada, **exceto o início**, ficando **entre vírgulas**, como qualquer outro elemento intercalado. Dessa forma, uma conjunção jamais poderá ser confundida com a outra, já que a **explicativa** ocupa um território em que a **conclusiva** jamais poderá aparecer (e vice-versa):

> O rádio anuncia chuva; deixaremos, POIS, toda a casa fechada. (= portanto)
>
> Esta gripe mata; devemos redobrar, POIS, o cuidado com a higiene. (= portanto)

Você é que está com a razão: na frase que serviu de pomo da discórdia entre vocês dois, a conjunção é claramente **explicativa**: "Não se pode mudar o horário, POIS (porque) o empregado não teria o intervalo mínimo legal de onze horas de descanso". Uma vírgula, apenas.

A frase pode começar com E ou MAS?

No colégio dos padres em que estudei, tive um excelente professor de Português, muito rigoroso, que não nos deixava empregar E ou MAS no início de uma frase. Ele não dizia isso diretamente, mas sempre nos proibia escrever E ou MAS com maiúscula – o que, na prática, vem a dar no mesmo. Há trinta anos, professor, eu tenho observado religiosamente esse princípio, mas venho notando que agora essas conjunções aparecem no início de novos períodos em muitos livros – até na Bíblia! O que houve? Aquela regra que aprendemos era artificial?

Eliezer M. – Vitória da Conquista (BA)

Meu caro Eliezer, não existe – e jamais existiu – regra alguma que proíba começar uma frase nova com E ou com MAS (aliás, não existem, em pontuação, regras que **proíbam** alguma coisa, mas apenas conselhos, princípios práticos, costumes consagrados). Não é difícil encontrar bons escritores que colocam essas duas conjunções na abertura da frase – muito pelo contrário. Para dar uma ideia de quão corriqueiro é este uso, fiz um levantamento em um simples conto dentre as duas centenas que Machado escreveu – o incomparável "**Missa do Galo"** – e ali encontrei vários exemplos:

> "Que paciência a sua de esperar acordado, enquanto o vizinho dorme! **E** esperar sozinho!"
>
> "**E** não saía daquela posição, que me enchia de gosto, tão perto ficavam as nossas caras."
>
> "Eu, não; perdendo uma noite, no outro dia estou que não posso, e, meia hora que seja, hei de passar pelo sono. **Mas** também estou ficando velha."
>
> "**Mas** a hora já há de estar próxima, disse eu."

Se um clássico como Machado escrevia assim, por que razão aquele (bom) professor do colégio dos padres dizia aquilo? Eu o compreendo perfeitamente: era um recurso muito eficiente (usado até hoje, aliás) para obrigar o aluno a aumentar seu vocabulário ativo, recorrendo a outros nexos oracionais. Por que usar apenas o MAS como adversativa, se existe **contudo**, **entretanto**, **no entanto**, **não obstante** – todos eles muito mais adequados para a posição inicial? Em vez do E, por que não experimentar **por outro lado**, **além disso**, **do mesmo modo**? Era, portanto, um princípio estratégico adequado àquele momento, não uma regra definitiva.

Como você pode ver, aquela proibição não passava de uma "mentira piedosa", justificada por sua influência benéfica no enriquecimento vocabular dos jovens inexperientes. Com o tempo, o aluno tomaria contato com os bons autores e veria que aquele princípio que parecia tão taxativo era muito mais flexível do que ele pensava inicialmente – mas, aí, o objetivo do professor já teria sido atingido. O mesmo acontecia com o combate ferrenho que os professores travavam contra as **repetições**. Na verdade, não há nada de errado em repetir; a linguagem técnica e científica, que vê na clareza o seu valor máximo, não tem o menor pudor de usar um mesmo termo repetidas vezes, se assim a mensagem ficar clara para o leitor. No meu tempo de escola, contudo, considerando que nossos textos ficavam entre vinte e trinta linhas apenas, a proibição de usar a mesma palavra obrigava-nos a procurar sinônimos e a empregar as substituições pronominais adequadas (o que era muito bom). Hoje eu sei que esses princípios não têm o valor que eu lhes atribuía, mas entendo o motivo que levou meus professores a defendê-los com tanta veemência naqueles anos dourados.

Curtas

"E" com valor adversativo

Professor Moreno: em um de seus artigos, o senhor escreveu que a conjunção *E* não tem só valor *aditivo*, mas pode ser também um nexo *adversativo*. No entanto, não seria somente *após vírgula* que o *E* exerce o valor adversativo?

Carlos P. – Cuiabá (MT)

Prezado Carlos, você está confundindo **causa** e **consequência**. Não é a presença da vírgula que dá ao "E" o valor ADVERSATIVO, bem pelo contrário. Primeiro determinamos a relação sintática entre as duas orações e só então decidimos se é necessário alertar o leitor por meio da pontuação. Quando a oração iniciada por "E" for **adversativa**, isto é, indicar uma ideia que se opõe à ideia apresentada na coordenada inicial – "Ele é riquíssimo, E não paga suas contas" –, vamos pôr uma vírgula antes da conjunção. Como você pode ver, a vírgula é uma mera **decorrência** da realidade sintática. Lembro que o "E" também pode ter valor CONSECUTIVO, ficando igualmente separado por vírgula:

Segue meu conselho, E não te arrependerás.Descubram o motivo, E terão descoberto o criminoso.

E sim

Prezado Professor: recebi a incumbência de escrever um cartaz para nossa escola, mas não tenho certeza quanto à pontuação. A frase é "Não devemos desanimar e, sim, persistir na luta". Aquele *sim* fica mesmo entre vírgulas?

Clotilde W. – Pomerode (SC)

Não, prezada Clotilde: o **sim** só deveria ficar entre vírgulas se fosse uma INTERCALAÇÃO. Como ensinava Celso Pedro Luft, a melhor maneira de reconhecer as intercalações é eliminá-las e ver se o significado se mantém. Compare as diferentes versões das frases que seguem:

Acho que podemos, **sim**, aceitá-la de volta.

Sim, acho que podemos aceitá-la de volta.

Acho que podemos aceitá-la de volta.

A fronteira não é uma separação, **e sim** um ponto de encontro.

***E sim**, a fronteira não é uma separação, um ponto de encontro.

*A fronteira não é uma separação, um ponto de encontro.

Na primeira frase, o **sim** deve ficar entre vírgulas por ser uma legítima intercalação; como tal, pode ser **deslocado** ou, se quisermos, simplesmente **eliminado**. Na segunda, fica claro que **e sim** deve ficar obrigatoriamente onde foi colocado, funcionando como uma conjunção adversativa, numa situação análoga à que encontramos na frase que você enviou – "Não devemos desanimar, **e sim** persistir na luta". Ele também não pode ser deslocado, muito menos eliminado, pois a frase ficaria sem pé nem cabeça: *"Não devemos desanimar, persistir na luta".

Vírgula estranha antes do "E"

Professor Moreno, acho muito estranha a vírgula antes do E na frase "Nesta data, recebemos o depósito de R$ 1.000,00, relativo ao pedido nº 256, E expedimos o volume por SEDEX".

Paula S.

Essa vírgula está correta, Paula; ela está antes do "E" por um simples acaso, mas nada tem a ver com a conjunbção. Na verdade, é a segunda das duas vírgulas que separam a intercalação "relativo ao pedido nº 256" (no caso, um aposto). Eliminado este, fica fácil ver que a frase original é "Nesta data, recebemos o depósito de R$ 1.000,00 E expedimos o volume por SEDEX".

Quando "E" não for conjunção aditiva

Prezado professor, é uma honra poder receber sua orientação. Minha dúvida é simples: pode-se dizer que o "E" só é antecedido de vírgula nos casos em que *não* é conjunção *aditiva*?

Josué P. – Corumbá (MS)

Não, meu caro Josué: o "E" pode ser conjunção aditiva e mesmo assim – por ligar **orações com sujeitos diferentes** – a vírgula pode ser necessária: "Eles prepararam tudo para a festa, E nós só tivemos o trabalho de comparecer".

3 – Separando o

adjunto adverbial deslocado

Como vimos acima, os **adjuntos** e as **orações adverbiais** são elementos que colocamos na última posição sintática à direita – ou seja, no FINAL da frase – para indicar circunstâncias fundamentais como **tempo**, **lugar**, **modo** ou **intensidade**. De todos os elementos que compõem a frase básica, estes são os que mais comumente aparecem fora do lugar esperado. Como devemos avisar o leitor de todas essas alterações ocorridas na ordem habitual, é natural que esses deslocamentos sejam assinalados por vírgulas. Compare (1) com (2) e (3):

(1) Espero que vocês não se voltem contra mim DEPOIS QUE TUDO TERMINAR.

(2) Espero que vocês, DEPOIS QUE TUDO TERMINAR, não se voltem contra mim.

(3) DEPOIS QUE TUDO TERMINAR, espero que vocês não se voltem contra mim.

A regra de ouro da pontuação – frase normal não tem vírgula, frase que tem vírgula não é normal – aparece aqui com uma clareza indiscutível; o que poderíamos questionar, no entanto, é se deslocamentos desse tipo são realmente necessários. Por que simplesmente não deixamos o adjunto adverbial em paz? Ora, nós só mudamos sua posição na frase porque vamos ganhar alguma coisa com isso. Se o levarmos para o **início da frase**, por exemplo, as circunstâncias definidas por ele (tempo, lugar, etc.) passam a servir como um **pano de fundo** para a ideia principal do período. Ninguém é obrigado a utilizar esse recurso, mas é inegável que a frase (2) tem muito mais efeito que a frase (1):

(1) Ela revelou ao marido que o filho era de outro NA VÉSPERA DO BATIZADO.

(2) NA VÉSPERA DO BATIZADO, ela revelou ao marido que o filho era de outro.

Esse deslocamento vai passar de **opcional** a **obrigatório** sempre que o adjunto adverbial deixa a frase **ambígua** quando é usado em sua posição habitual:

(1) O jogador decidiu assinar o contrato com o Barcelona NO ÚLTIMO DOMINGO.

(2) NO ÚLTIMO DOMINGO, o jogador decidiu assinar o contrato com o Barcelona.

(3) O jogador, NO ÚLTIMO DOMINGO, decidiu assinar o contrato com o Barcelona.

(4) O jogador decidiu assinar, NO ÚLTIMO DOMINGO, o contrato com o Barcelona.

A frase (1) é inaceitável porque admite duas leituras (no domingo ele **decidiu**, ou no domingo ele vai **assinar** o contrato?); nas demais, porém, a ambiguidade foi eliminada pelo deslocamento do adjunto. Nas frases (2) e (3), que são sinônimas, **no último domingo** refere-se ao verbo **decidir**. Na frase (4), ao verbo **assinar**.

Adjunto adverbial curto

Quando o adjunto adverbial for de **pequena extensão**, temos a opção de **não** usar a vírgula, se assim nos parecer melhor:

NO NATAL a gente sempre visitava todos os primos.

HOJE eu não tenho tempo.

NAQUELA ÉPOCA tudo parecia mais simples.

TODOS OS DIAS eu aprendo alguma coisa nova.

A decisão é pessoal; muitos se sentem mais seguros mantendo sistematicamente esta vírgula no lugar, outros preferem eliminá-la por princípio e outros, ainda, definem o que vão fazer caso a caso. Quando exercemos esta liberdade de optar entre duas formas corretas, estamos acrescentando mais um traço ao nosso **estilo**, que nada mais é do que a soma das decisões que tomamos ao escrever.

Todas as gramáticas e manuais se referem a este caso de vírgula **opcional**, mas nenhum deles, por razões óbvias, se arrisca a definir o que se poderia considerar como "curto", pois este é outro detalhe que cai na estreita faixa de subjetividade que a pontuação admite. Não podemos esquecer que os sinais de pontuação funcionam mais ou menos como as marcas que um compositor faz em sua partitura com o objetivo de orientar a execução da melodia; neste caso, portanto, o conceito de "curto" é naturalmente elástico, dependendo do ritmo em que eu imagino que a leitura do meu texto deveria ser feita.

Vírgula a ser evitada

Professor, sempre me ensinaram que eu podia escolher entre usar ou não a vírgula no deslocamento dos adjuntos adverbiais curtos. Agora, porém, como estagiária num grande jornal da região, me senti humilhada quando o editor-chefe cortou a vírgula que pus na frase "Em maio, começa a temporada da tainha". Argumentei que a pontuação aqui é opcional, mas ele me assegurou que nesta frase não cabe vírgula – embora não saiba dizer exatamente por quê. Eu pensei que fosse uma regra oficial.

Mariana K. – Florianópolis

Prezada Mariana, desta vez é o editor que está com a razão. Mesmo sem saber

explicar o motivo, ele percebeu, pela experiência que deve ter, que aquela vírgula parece destoar como uma guitarra em velório. O que ele captou intuitivamente já foi formalizado por vários especialistas atentos: a prática é **não** pontuar o adjunto deslocado quando ele vier **antes de um verbo com sujeito posposto**:

EM MAIO começa a temporada da tainha.

ONTEM não ocorreu acidente algum.

NA FRENTE DO CAIXA ficavam os bebedouros.

NO PONTO MAIS FUNDO DO OCEANO vivia uma pequena sereia.

Celso Pedro Luft chama a atenção para outro caso similar: os bons escritores também não separam por vírgula **o advérbio** situado **entre o verbo e o seu complemento**:

Chegará ESTA TARDE a Curitiba...

Não recuperaram AINDA o dinheiro roubado.

Comprou AGORA dois terrenos junto ao mar.

Ele dispensou TAMBÉM três assessores.

E outra coisa: esqueça essa história de "regra oficial". Regras oficiais só existem para a **ortografia** – emprego das letras, acentuação e hífen –, e nem mesmo elas são tão firmes assim, a julgar pelas contradições presentes no texto do Novo Acordo Ortográfico. O resto – flexão dos vocábulos, concordância, regência, pontuação, crase – segue um sistema de convenções estabelecidas mais ou menos pelo consenso das pessoas que utilizam a língua escrita culta.

Advérbios em -MENTE

Caro professor, leciono Língua Portuguesa em duas turmas da 7ª série e já aproveitei vários ensinamentos seus para preparar minhas aulas. Como vamos entrar agora em pontuação, gostaria que o senhor fosse franco comigo: posso dizer, como regra prática, que a vírgula é sempre opcional com os advérbios terminados em -mente?

Hildete S. – Barreiras (BA)

Sinto muito, Hildete, mas vou ser franco como você mesma pediu: não apresente essa regra a seus alunos, pois ela não tem o menor fundamento. Não se esqueça de que os advérbios em **-mente** podem aparecer na frase com duas funções diferentes, acarretando, como seria de esperar, duas formas também diversas de pontuá-los. Primeiro, existe o advérbio que se refere à **oração inteira**. Ele é **deslocável** e pode vir separado por vírgulas, se quisermos:

NORMALMENTE as crianças ficam em casa com os avós.

NORMALMENTE, as crianças ficam em casa com os avós.

As crianças NORMALMENTE ficam em casa com os avós.

As crianças, NORMALMENTE, ficam em casa com os avós.

Ele não pode ser confundido com aqueles advérbios que se referem apenas ao **verbo** ou a um outro **termo isolado**. Estes NÃO são deslocáveis e NÃO podem ser separados por vírgula:

Você deve agir NORMALMENTE quando o chefe chegar.

Ele ficou TERRIVELMENTE preocupado.

A diferença entre as duas situações descritas fica bem evidente se compararmos "Tudo terminou **tragicamente**" com "Tudo terminou, **tragicamente**". Na primeira, o advérbio nos diz **como** tudo terminou; liga-se especificamente ao **verbo** e não pode levar vírgula. Na segunda, ele se refere à **oração inteira**; é deslocável e exprime uma avaliação sobre um fato ("É uma tragédia que tudo tenha terminado"). Como você pode ver, é impossível falarmos, aqui, de vírgulas opcionais.

Adjunto adverbial no convite de casamento

Prezado professor, ajude-me, por favor, a não cometer erro algum no meu convite de casamento. Já redigi a frase que vou imprimir – "Após a cerimônia os noivos receberão os convidados para um coquetel no Salão de Festas da Igreja" –, mas não sei se fica bem assim, sem pontuação. Também não sei se a expressão "os convidados" precisa aparecer no texto. Existe uma melhor

forma de escrever esta frase? Como todos serão convidados para o coquetel, esta frase estará escrita no próprio convite, abaixo do endereço da igreja.

Carolina A.S.

Prezada Carolina, a frase estaria certa assim como você redigiu. No entanto, como ela inicia por um adjunto adverbial curto (vírgulas opcionais, lembra?), você poderia escrever, também (eu acho melhor; no entanto, é apenas questão de preferência):

> APÓS A CERIMÔNIA, os noivos receberão os convidados para um coquetel no Salão de Festas da Igreja.

Como todos os que receberão o convite estarão automaticamente convidados, você poderia, se quisesse, adotar o tratamento mais informal que algumas noivinhas modernas começam a empregar, escrevendo, muito simplesmente,

> Após a cerimônia, todos vocês estão convidados a brindar aos noivos no Salão de Festas da Igreja.

Escolha uma das versões acima e deixe de se preocupar com isso, que tudo vai correr muito bem. E lembre-se: como podemos planejar e controlar todos os detalhes na cerimônia do nosso casamento, ela parece ser fundamental; no entanto, acredite, é a coisa menos importante de um matrimônio. Ele começa mesmo é no dia seguinte. Relaxe e seja feliz.

Desta feita

Prezado Doutor, trabalho num órgão público, e meu ofício é elaborar pareceres de auditoria. Há poucos dias, porém, surgiu uma dúvida entre os colegas. O problema é com o "desta feita", que era (muito) usado, como no exemplo seguinte: "Retornam os autos que cuidam disso e daquilo, desta feita para analisar...". Um colega levou nossa dúvida à professora de Português do curso que frequenta, e ela respondeu que desta feita, bem como nesta oportunidade, quando usado no meio da frase, sempre fica entre vírgulas. Se fizermos como ela recomenda – "Retornam os autos que cuidam disso e daquilo, desta feita, para analisar..." –, o texto não fica truncado e estranho, professor?

Ricardo P. – São Paulo

Meu caro Ricardo, não quero duvidar de seu colega, mas prefiro acreditar que tenha havido aqui um problema de comunicação entre ele e a professora. Com a

experiência que tenho, seria capaz de apostar que ele perguntou como deveria pontuar a expressão "desta feita", ao que a professora respondeu, naturalmente, que esta e outras expressões similares, quando usadas no meio da frase, devem ficar entre vírgulas – uma resposta genérica para uma pergunta que, suponho, também tenha sido genérica. Se ele tivesse mostrado o exemplo específico, a professora não deixaria de notar que aqui se trata de uma estrutura diferente, como vou demonstrar.

Na verdade, estamos diante da famosa oposição entre um **adjunto adverbial frasal** e um **adjunto adverbial específico**. O primeiro é **deslocável** e se refere **à frase toda**; a praxe é assinalá-lo com vírgula:

> Os dois vigários, DESTA FEITA, conseguiram arrecadar o dinheiro necessário.
>
> DESTA FEITA, os dois vigários conseguiram arrecadar o dinheiro necessário.
>
> Os dois vigários conseguiram, DESTA FEITA, arrecadar o dinheiro necessário.
>
> Os dois vigários conseguiram arrecadar, DESTA FEITA, o dinheiro necessário.

O segundo, ao contrário, modifica apenas um vocábulo ou um segmento específico da frase. Sua deslocabilidade é limitada e, como mostram os exemplos abaixo, não vem separado por vírgula:

> Em 1658, a cidade foi atacada por um novo exército espanhol, DESTA FEITA sob o comando de D. Luís de Haro.
>
> Dias depois foi preso de novo, DESTA FEITA com um mandado de captura assinado em branco pelas autoridades.
>
> Nas eleições de outubro de outubro de 2006, o partido voltou a ter êxito, DESTA FEITA em três capitais.

A frase que vocês discutiam enquadra-se nesse segundo modelo: *"Retornam os autos que cuidam disso e daquilo, desta feita para analisar..."*.

Curtas

Ontem à noite

Caro Professor Moreno, é necessário colocar alguma vírgula na frase “Ontem à noite um negro foi vítima de racismo naquele restaurante”? Se eu escrevesse “Ontem, à noite, um negro...” ficaria muito errado? Ou seria melhor “Ontem à noite, um negro...”?

Lalor C. – Fortaleza

Prezado Lalor: considerando que se trata de um adjunto adverbial curto, podemos deixar a frase **sem vírgula** alguma – “Ontem à noite um negro foi vítima...” –, ou separar o **adjunto** com uma vírgula – “Ontem à noite, um negro foi vítima...”. Eu prefiro a primeira versão.

Adjunto adverbial deslocado

Prezado professor, tenho de fazer um cartaz mas fiquei em dúvida quanto à pontuação da frase “Para sua segurança você está sendo filmado”. Vai vírgula antes do *você*?

Cinara R.

“Para sua segurança” é um adjunto adverbial deslocado, Cinara, e bem crescidinho; deve, portanto, ser separado da frase básica por uma vírgula.

Ad referendum: **adjunto adverbial deslocado**

Caro Professor, sou secretário de uma instituição de ensino e gostaria de saber se devemos deixar entre vírgulas a expressão *ad referendum* em frases como “O Presidente do Conselho, no uso de suas atribuições legais, resolve *ad referendum* conceder”. Eu não uso,

mas isso tem gerado polêmica com meus colegas.

Erotilde – Campo Grande (MS)

Erotilde: já que você veio pedir o meu conselho, é melhor aderir ao partido dos colegas. A razão está com eles; independentemente de ser uma expressão latina, *ad referendum*, aqui, é um **adjunto adverbial** intercalado entre o verbo **auxiliar** ("resolve") e o verbo **principal** ("conceder") de uma locução verbal, e deve vir entre vírgulas. É diferente de "resolução *ad referendum*", em que a expressão está funcionando como mero adjunto adnominal.

Vírgula com data

Caro professor, gostaria, se possível, que o senhor me esclarecesse se é correta a colocação da vírgula na frase "Em 1967, foi presidente da Caixa". Ou ficaria melhor "Em 1967 foi presidente da Caixa"?

Tânia Cristina V.

A vírgula com o adjunto adverbial deslocado ("Em 1967") é opcional, Tânia, porque ele é curto. Usá-la ou não é uma questão de preferência pessoal. As escolhas que fazemos vão compondo, aos poucos, o nosso estilo individual.

4 – Separando o aposto

O **aposto explicativo** é um elemento acessório que acrescentamos à frase para explicar qualquer um dos elementos que a compõem, EXCETO o verbo – o que significa que podemos colocar um aposto depois do **sujeito**, do **objeto direto**, do **objeto indireto**, do **predicativo**, do **adjunto adverbial** ou até mesmo do próprio **aposto**. Como sua presença não está prevista na estrutura da frase básica, é natural que sempre venha separado por vírgula. Pela função esclarecedora que o caracteriza, deve aparecer **assim que for mencionado** o sintagma nominal a que se refere:

Ela acabou casando com Antero, O DONO DO CIRCO TUPI.

Meu sonho era pescar um tucunaré, SABOROSO PEIXE DA BACIA AMAZÔNICA.

O castelo de Windsor, RESIDÊNCIA OFICIAL DA RAINHA, está à

venda.

Também convidei Júlia, IRMÃ DE PEDRO, MEU COLEGA DE AULA.

Nesta última frase há dois **apostos** (na pronúncia, rima com **impostos** ou **compostos**): "irmã de Pedro", que se refere ao objeto direto "Júlia", e "meu colega de aula", que se refere a "Pedro". É a mesma estrutura que encontramos no conhecido soneto de Camões: "Sete anos de pastor Jacó servia Labão, **pai de Raquel**, **serrana bela**". "Pai de Raquel" explica quem era Labão; "serrana bela", quem era Raquel.
Embora seja ACESSÓRIO, não é SUPÉRFLUO nem DISPENSÁVEL, porque está na frase justamente por acrescentar dados que o leitor precisa conhecer.

Aposto ou vocativo?

Caro Prof. Moreno: na frase "A partir de janeiro deste ano, os sensores de movimento, fundamentais para sua segurança, passarão por reajustes técnicos", o elemento fundamentais para sua segurança assume, por acaso, a característica sintática de vocativo? Se não, qual a função dele? As vírgulas estão corretas, não é?

Danieli A. – Linhares (ES)

É um **aposto**, Danieli. Se fosse desenvolvido em forma de oração, ficaria "os sensores de movimento, **que são fundamentais para sua segurança**, passarão por reajustes técnicos". Essa é a típica oração adjetiva **explicativa**, o que vem a ser, como sabemos, exatamente a versão expandida de um **aposto**. Não pode ser **vocativo** porque a frase, embora se dirija ao provável leitor (podemos perceber isso, por exemplo, em "sua segurança"), não o nomeia diretamente.
Além disso, devido à natureza específica de cada um, apostos e vocativos diferem num ponto fundamental: o aposto sempre se refere ao elemento que vem à sua esquerda e é, por isso, **indeslocável**, contrastando com o vocativo, que não tem posição fixa. Neste exemplo, **fundamentais para sua segurança** se refere a **sensores de movimento**, e a nada mais. Se fosse um vocativo, poderia ser **deslocado** livremente para o início ou o final da frase, como acontece com todo e qualquer vocativo – o que não é possível neste caso.

Quanto à pontuação, a frase estaria correta de qualquer forma – fosse aposto ou vocativo –, já que ambos, considerados intrusos na estrutura frasal, são igualmente separados por vírgulas.

Alexandre, o Grande

Prezado Professor, quanto mais estudo, mais dúvida eu tenho quanto à pontuação de casos como estes:

Alexandre, o Grande, realizou muitas proezas.

Dona Maria, a Louca, foi rainha de Portugal.

Devo ou não colocar aquela segunda vírgula? Parece-me que há autores que não consideram haver aí aposto, sendo a vírgula parte do nome. Os nomes seriam "Alexandre, o Grande" e "Dona Maria, a Louca", o que não justificaria o uso da outra vírgula:

Alexandre, o Grande realizou muitas proezas. Dona Maria, a Louca foi rainha de Portugal.

O que fazer? Virgular ou não virgular? Eu queria conhecer a posição que o senhor adota. Parece-me até que essa foi a razão que levou o cantor Gabriel o Pensador a deliberadamente não adotar vírgula em seu nome artístico.

Olavo P.

Meu caro Olavo, mas que tipo de obra você anda consultando? É evidente que eu defendo a primeira versão, com o aposto **entre vírgulas**! Aliás, é muito simples: se colocou a PRIMEIRA, tem de colocar a SEGUNDA. Quem escreve "Dona Maria, a Louca foi rainha de Portugal" está informando à Dona Maria que a Louca foi rainha de Portugal! O aposto, o vocativo, o adjunto adverbial deslocado, entre outros, são considerados elementos intercalados e devem vir assinalados na escrita por pontuação parentética: vírgulas duplas (o mais comum), travessões duplos ou parênteses.

Este também é o caso de "Gabriel o Pensador" – acho que é assim que ele escreve, sem sinal de pontuação algum. Aqui está em jogo o uso (ou não) da vírgula com os **epítetos** ou **cognomes** atribuídos às grandes personalidades políticas e às celebridades. Há quem defenda, com efeito, a ideia de que eles passariam a integrar o **nome** da pessoa e que, por isso, deveriam ser escritos **sem**

vírgula, à moda inglesa (*Jack the Ripper*). A meu ver, estão misturando semântica com sintaxe, pois, no fundo, todos esses cognomes compartilham a estrutura mais comum de nosso idioma: todos têm **artigo**; todos têm um **núcleo nominal**, representado por um substantivo ou por um adjetivo substantivado, o que vem dar na mesma; alguns, além disso, ainda apresentam um **adjunto adnominal** preposicionado, como "O Rei DO CANGAÇO" (atribuído ao famigerado Lampião). Em suma, todos são **sintagmas nominais** típicos, colocados como **aposto** ao lado de outro sintagma nominal, e, como tal, devem ser separados por vírgulas: Alexandre, O GRANDE; Ivan, O TERRÍVEL; Pedro, O GRANDE; Jack, O ESTRIPADOR; Átila, O FLAGELO DE DEUS; Dom Manuel, O VENTUROSO; Rui, A ÁGUIA DE HAIA; Gabriel, O PENSADOR.

Outra possibilidade seria usar o epíteto diretamente ligado ao nome, como **Pedro pedreiro**, **Gabriel pensador**, **Seu Libório cantador** (Graciliano Ramos) – mas aí já estaríamos fora do âmbito do aposto.

Aposto entre travessões

Professor, gostaria que me dissesse se posso manter em meu trabalho o trecho que está em negrito, ou se eu deveria encerrar o período logo após o aposto (em destaque): "Eles destacam dois tipos de pesquisa qualitativa: A ETNOGRÁFICA E O ESTUDO DE CASO, ***em razão de sua aceitação na área educacional, e mencionam alguns autores para compor e elucidar a discussão****".*

Márcia Elisa R.

Prezada Márcia: a pontuação só existe para nos ajudar a escrever textos que o leitor possa entender sem dificuldade (e, se possível, com prazer). Isso significa que ela deve estar a serviço daquilo que pretendemos expressar – a nossa "mensagem", como costumávamos dizer nos ingênuos anos 60. Ora, considerando o significado das linhas que você escreveu, acho que uma pequena reacomodação sintática – com as competentes alterações na pontuação – vai favorecer o trabalho do leitor:

> Eles **destacam**, em razão de sua aceitação na área educacional, dois tipos de pesquisa qualitativa – A ETNOGRÁFICA E O ESTUDO DE CASO – e **mencionam** alguns autores para compor e elucidar a discussão.

Dessa forma, fica assegurado o paralelismo que você mesma estabelece entre "**destacam** dois tipos de pesquisa qualitativa" e "**mencionam** alguns autores para compor e elucidar a discussão", que é o eixo principal de sua frase. Como o adjunto adverbial "em razão de sua aceitação na área educacional" indica a causa de terem destacado esses dois tipos de pesquisa, é melhor deslocá-lo para junto do verbo a que se refere ("destacam"). Os **travessões duplos** poderiam ser substituídos por **vírgulas duplas**, é verdade, mas assim o aposto fica muito mais claro; afinal, seja com vírgulas, travessões ou parênteses, o importante é nunca deixar de assinalar esse tipo de intercalação.
Tive de eliminar o **dois-pontos** que você usou, pois ele só teria sentido se não houvesse a segunda oração coordenada ("e mencionam...”):

> Eles destacam, em razão de sua aceitação na área educacional, dois tipos de pesquisa qualitativa: A ETNOGRÁFICA E O ESTUDO DE CASO.

Curtas

Diretor em exercício

Prezado Professor Moreno, escrevo-lhe para tirar uma dúvida a respeito do uso de *vírgula:* o ocupante interino de um cargo assina a correspondência como "Fulano de Tal, Diretor, *em Exercício*". Está correta esta vírgula separando "em exercício"?

Maria Madalena B.

Prezada Maria Madalena: como você desconfiava, essa vírgula não tem cabimento. "Fulano, Diretor **em Exercício**"; "Beltrano, Reitor *pro tempore*"; "Sicrano, Presidente **Interino**"; "Zutano, Coordenador **Substituto**".

5 – Separando o vocativo

O vocativo é um elemento novo que acrescentamos à frase para **chamar** ou **interpelar** nosso leitor. Como está desvinculado de qualquer parte do padrão frasal (não se encaixa nem no **sujeito**, nem no **predicado**), tem a liberdade de se deslocar para qualquer posição na frase:

QUERIDO PRIMO, você provará a boa comida da Emília.

Você, QUERIDO PRIMO, provará a boa comida de Emília.

Você provará, QUERIDO PRIMO, a boa comida de Emília.

Você provará a boa comida de Emília, QUERIDO PRIMO.

Esta mobilidade característica é o traço que aproveitamos para distingui-lo do APOSTO: enquanto este fica fixo, à direita do termo que explica, o VOCATIVO move-se livremente pela frase, podendo ficar, inclusive, em duas posições que o aposto nunca poderá ocupar – no início da frase (antes do sujeito) ou na casa à direita do verbo.

Vocativo não é sujeito

Em "Vai, minha tristeza, e diz a ela que sem ela não pode ser", de Vinícius de Morais, posso dizer que minha tristeza é o sujeito de vai, e que a vírgula estaria sendo usada para separar a segunda oração coordenada, "diz a ela"? Estou de todo errada?

Calina – Lima (PE)

Prezada Calina: **minha tristeza** é um **vocativo**, e por isso vem entre vírgulas. Sinto, mas a análise que você fez está completamente equivocada. Se suprimirmos **minha tristeza** da frase (afinal, os vocativos sempre são meros intrusos), fica mais fácil enxergar a estrutura real do período:

VAI e DIZ a ela que sem ela não pode ser.

Para comprovar que as duas vírgulas entraram na frase acompanhando o **vocativo**, basta deslocá-lo:

MINHA TRISTEZA, vai e diz a ela que sem ela não pode ser.

Vai e diz a ela, MINHA TRISTEZA, que sem ela não pode ser.

Ora, se MINHA TRISTEZA é o vocativo, qual é o sujeito de "vai e diz"? Muito simples: o sujeito é "tu", elíptico (aquilo que chamávamos, há mais de um século, de sujeito OCULTO ou SUBENTENDIDO). Se Vinícius tivesse preferido usar "você" no lugar de "tu", os verbos ficariam "vá e diga".

Bom dia, Vietnã!

Caro Professor, mantemos um boletim diário em nossa instituição com o título Bom Dia Congresso. Alguns leitores têm sugerido que deveríamos colocar uma vírgula, ficando Bom Dia, Congresso. Como o senhor vê esta questão? Quando o nome foi criado, confesso que não o encaramos como um vocativo.

(Anônimo – por solicitação do autor)

Prezado amigo: é uma péssima notícia, mas infelizmente a vírgula aí é **indispensável**. Ao lado do sintagma "bom dia", está o sintagma "Congresso". Ora, quando dois sintagmas ficam lado a lado (sem pontuação entre eles), o que está à direita assume a função de **modificador** do primeiro (**funcionário** + **fantasma**, por exemplo). Haveria um **bom dia *congresso*** ao lado de um **bom dia *senado***, um **bom dia *câmara***, etc. – vários tipos de "bom dia", assim como um "bom dia sertanejo", um "bom dia esportivo", um "bom dia urbano"? Claro que não. Nesta frase, "Congresso" é **vocativo**, sem dúvida; o título do boletim é, inequivocamente, uma saudação ao Congresso; na hora de batizá-lo, inclusive, o nome vencedor poderia ter sido "Congresso, Bom Dia!". A estrutura é a mesma do nome daquele programa de rádio que o Robin Williams levava ao ar, todos os dias, no filme do mesmo nome: *Bom dia, Vietnã!*. Ponham a vírgula no lugar, meu caro anônimo; é muito mais fácil admitir o erro e corrigi-lo do que passar a vida defendendo o indefensável – isso se não vier alguém dizer que também sentiu falta do **ponto de exclamação**.

Suje-se gordo!

Professor, aprendi que vocativos como "Fica quieto, menino" ou "Volta logo, meu filho" sempre devem vir separados com vírgula. Por que, então, o nome do conto "Suje-se gordo!", de Machado de Assis, não é pontuado? Não se põe vírgula em títulos?

Rosa Maria J.P. – Campos (RJ)

Prezada Rosa Maria, não se trata de um cochilo de Machado de Assis, nem existe qualquer regra contra o uso de pontuação nos títulos. Um romance de José Cândido de Carvalho se intitula *Olha para o céu, Frederico*; Camilo Castelo Branco escreveu *Coração, cabeça e estômago*; o próprio Machado nos deu os contos "Vênus! Divina Vênus!", "Vinte anos! Vinte anos!", "O Cônego, ou Metafísica do estilo" e "Casa, não casa". Acho que você não leu o conto inteiro, e daí sua pergunta. Não há um vocativo aqui; "Suje-se gordo!" não é uma ordem para que um gordinho se suje (aí seria "Suje-se, gordo!" – o que corresponderia a "Gordo, suje-se!"), mas um estranho princípio moral defendido pelo personagem, que acha que não vale a pena transgredir a lei por ninharias:

> Vi que não era um ladrão reles, um ladrão de nada, sim de grande valor. O verbo é que definia duramente a ação. "Suje-se **gordo**!". Queria dizer que o homem não se devia levar a um ato daquela espécie sem a grossura da soma. A ninguém cabia sujar-se por quatro patacas. Quer sujar-se? Suje-se **gordo**!

Aqui você tem um bom exemplo desses **adjetivos** transformados em **advérbio** de modo, fenômeno tão comum no Português Brasileiro: "Eles comiam RÁPIDO", "Ela falava BAIXO", "A cerveja desce REDONDO". "Suje-se GORDO", portanto, aqui significa "Suje-se PARA VALER". Machado deve ter previsto a possível confusão de **gordo** com um vocativo, pois fez questão de incluir a expressão numa sequência definitiva: "Suje-se GORDO! Suje-se MAGRO! Suje-se COMO LHE PARECER!". Se serve como consolo, fique sabendo que você não é a única a ter esta dúvida; o sempre útil *Portal do Domínio Público*, por exemplo (http://www.dominiopublico.gov.br), continua a grafar este título com aquela vírgula equivocada.

Curtas

O vocativo

Professor, tanta gente começa seus e-mails escrevendo algo como "Oi fulano!" ou "Fala fulano!" que eu começo a desconfiar que aprendi errado na escola. Eu achava que o correto seria escrever "Oi, Fulano!" e "Fala, Fulano", pois, para mim *fulano* é um vocativo, mas já não tenho certeza de mais nada.

Antonio A. – Rio de Janeiro

Meu caro Antônio, você está coberto de razão. São realmente vocativos, e devem vir separados por vírgula: “Salve, imperador!”; “Adeus, Mariana!”; “Ai, Tia Chica”; “Oi, Laurinha!”; “Ave, César” – e por aí vai a valsa. Compare “Como vai, Antônio?” com “Como vai Antônio?”, “Pare, Antônio” com “Pare Antônio” – são diferentes como a água e o vinho.

Cuidado frágil

Preciso escrever “Cuidado, frágil” numa etiqueta para pacotes postais. O senhor concorda com o emprego desta vírgula?

Vinícius A.

Caro Vinícius: se eu fosse o responsável pelas etiquetas, escreveria “Cuidado! Frágil!” ou “Cuidado: frágil!”; aqui não é um caso para vírgula, que – o que é pior – poderia induzir a uma leitura ridícula de **frágil** como VOCATIVO (semelhante a “Cuidado, palerma!”, “Cuidado, molenga!”, “Cuidado, fracote!” e outras mimosuras do gênero).

Vocativo x sujeito

Prezado professor, eu e um colega não chegamos a um acordo sobre a pontuação da frase “Vagabundo, vai estudar!”. A vírgula não está separando o sujeito do verbo?

Rebeca S. – Santa Bárbara (SP)

Minha cara Rebeca: nesta frase, **vagabundo** não é o SUJEITO, mas o VOCATIVO. É exatamente por isso que ele pode se deslocar livremente (levando sempre consigo, é claro, as vírgulas indispensáveis):

VAGABUNDO, vai estudar!

Vai, VAGABUNDO, estudar!

Vai estudar, VAGABUNDO!

Pontuação com interjeição

Professor Moreno: na expressão "Valeu! Mestre!", temos uma interjeição de agradecimento e um vocativo? Eu poderia pôr uma vírgula após o primeiro ponto de exclamação?

Josevaldo L. – Fortaleza

Meu caro Josevaldo, digamos que seja uma interjeição (não é bem isso, mas funciona como se fosse), seguida de um vocativo – mas a pontuação habitual, nesses casos, é separar o vocativo com uma vírgula e deixar o ponto de exclamação para o fim da frase: "Valeu, **mestre**!"; "Cuidado, **Corisco**!"; "Epa, **camarada**!"; "Vade-retro, **Satanás**" – e assim por diante. É bom lembrar que, por princípio geral, a vírgula **jamais** poderá aparecer ao lado do **ponto** – o que inclui o ponto de **exclamação** e o de **interrogação**.

Quantas vírgulas?

Professor, sou estudante de Letras e tenho uma dúvida de pontuação. No exemplo "Ninguém meus amigos poderá ajudá-los mais do que eu", quantas vírgulas devo usar?

Cristiane R.O. – São Paulo

É um caso elementar, Cristiane! A frase tem um **vocativo** – "meus amigos" – e deverá ser pontuada assim: "Ninguém, **meus amigos**, poderá ajudá-los mais do que eu". Mesmo que o vocativo não fosse identificado (o que acho difícil), bastaria ver que entre o sujeito ("Ninguém") e o verbo ("poderá") apareceu uma intercalação, o que já justificaria, por si só, as vírgulas duplas. Além disso, como o vocativo é sempre um elemento **deslocável**, a frase poderia ser reescrita como "**Meus amigos**, ninguém poderá ajudá-los mais do que eu", ou "Ninguém

poderá ajudá-los mais do que eu, **meus amigos**" – e assim por diante, sempre deixando o vocativo separado por vírgula(s).

Muda o sentido

Professor, o senhor pode me ajudar?

Existe diferença de sentido entre "Homem trabalha" e "Homem, trabalha"? E entre "Você entende Joaquim" e "Você entende, Joaquim"?

Jéssica T. – 10 anos

Prezada Jéssica, é claro que existe. Em "**Homem**, trabalha", a vírgula assinala a presença de um VOCATIVO – isto é, estamos falando com alguém diretamente, chamando-o de "homem". O mesmo acontece com "Você entende, **Joaquim**", em que estamos nos dirigindo a alguém chamado "Joaquim". A versão SEM vírgula diz outra coisa; em "**Homem** trabalha", "homem" é o sujeito da frase, semelhante a "**Pedro** trabalha", "**Ele** trabalha", "**Todo o mundo** trabalha". Em "Você entende **Joaquim**", estamos dizendo a alguém que ele entende **Joaquim** (como em "Você entende **Inglês**", "Você entende **toda a matéria**", "Você entende **minha ansiedade**").

6 – Separando outros elementos intercalados

Além desses casos mais comuns – adjuntos adverbiais deslocados, apostos e vocativos –, separe por **vírgulas** QUALQUER OUTRO elemento que apareça intercalado entre os elementos básicos do padrão frasal, **mesmo que você desconheça sua classificação sintática**:

A menina, ACREDITEM, foi a culpada de tudo.

Eles aceitariam, ACHO EU, esta nova proposta.

A notícia, É VERDADE, deixou-nos estupefatos.

Eu aceitei, OU MELHOR, tolerei sua presença.

Para que essas inserções fiquem bem assinaladas para nosso leitor, também podemos separá-las do corpo da frase usando **travessões** ou **parênteses**, sinais

que, embora sirvam para a mesma finalidade, apresentam sobre a vírgula algumas vantagens preciosas em duas situações bem concretas. A primeira é típica: ao acrescentarmos uma intercalação a uma frase que já contém outras vírgulas indispensáveis, é melhor recorrer aos travessões ou aos parênteses, evitando assim que o acúmulo de vírgulas torne a pontuação complexa demais para permitir uma leitura fluente. Compare a primeira versão abaixo com as outras duas:

> Concluída a pesquisa, verificou-se que os três estados da Região Sul, PARANÁ, SANTA CATARINA E RIO GRANDE DO SUL, apresentam o melhor índice de qualidade de vida.
>
> Concluída a pesquisa, verificou-se que os três estados da Região Sul – PARANÁ, SANTA CATARINA E RIO GRANDE DO SUL – apresentam o melhor índice de qualidade de vida.
>
> Concluída a pesquisa, verificou-se que os três estados da Região Sul (PARANÁ, SANTA CATARINA E RIO GRANDE DO SUL) apresentam o melhor índice de qualidade de vida.

Na primeira versão, as vírgulas da **enumeração** se confundem com as vírgulas do **aposto** e tornam a pontuação presente demais para o leitor, obrigando-o a um esforço adicional para decifrá-la. As outras duas, ao contrário, tornam a leitura muito mais fácil, deixando bem evidente a organização sintática da frase. Embora ambas sejam muito mais "confortáveis" para o leitor, a primeira escolha seria a versão que emprega o **travessão**, reservando-se o **parêntese** para as intercalações de dados numéricos ou indicações bibliográficas.

A segunda vantagem de utilizar o travessão ou o parêntese é a possibilidade de usar **pontuação expressiva** na intercalação; se optássemos pelas vírgulas duplas, seria impossível empregar um ponto de interrogação ou de exclamação:

> A rainha da Suécia – **quantos aqui sabem disso?** – viveu dez anos no Brasil.
>
> Um candidato que roubou – **e que admite isso com a maior naturalidade!** – não pode ser reeleito.

Vírgula depois de parênteses

Professor, escrevi um texto que começava da seguinte forma: "No Dia Mundial sem Tabaco (31 de março), nossa Escola vai realizar atividades...". Um certo professor afirmou que está errada aquela vírgula após o parêntese, porque os parênteses SEMPRE substituem as vírgulas. Confesso que achei absurdo, mas não tinha argumento para responder. O que o senhor acha? Cometi mesmo um erro gravíssimo, como ele disse?

Érika R.M. – Rio de Janeiro

Prezada Érika, acho estranho que você leve a sério a opinião de uma pessoa que você mesma classifica, pouco elogiosamente, de "um certo professor". Ele deve ter ouvido que podemos deixar uma expressão intercalada entre **vírgulas**, ou **travessões**, ou **parênteses** – o que é correto. Numa frase como "A diretoria, **eleita no mês passado**, assume amanhã", "eleita no mês passado" pode vir também separado por travessões ou por parênteses. Neste caso, como é óbvio, ou aparece um, ou aparece outro sinal.

Na frase que você escreveu também podemos optar por qualquer um desses três sinais, mas o caso é um pouco mais complexo. Se retirarmos da frase a expressão parentética ("31 de março" – que é, aqui, um simples **aposto**), a vírgula continuará lá, o que nos traz a certeza de que ela está sendo empregada por suas próprias razões: "No Dia Mundial sem Tabaco, nossa Escola...". Vamos agora acrescentar a expressão que tínhamos retirado e separá-la do corpo da frase ora com vírgulas, ora com travessões, ora com parênteses. Dou, abaixo, as três versões possíveis:

(1) No Dia Mundial sem Tabaco**, 31 de março,** nossa Escola...

(2) No Dia Mundial sem Tabaco – **31 de março –,** nossa Escola...

(3) No Dia Mundial sem Tabaco **(31 de março),** nossa Escola...

Note que, em (1), aquela vírgula depois de **março** é **dupla**, isto é, há uma vírgula em cima da outra (a da **intercalação** e a que assinala o **deslocamento do adjunto adverbial**). Em (2), aparece o famoso travessão seguido de vírgula, que alguns revisores infelizmente ainda não entenderam. Em (3), temos a frase da maneira como você escreveu – e que foi injustamente criticada pelo referido professor, o qual, espero, não leciona Língua Portuguesa.

Travessão seguido de vírgula

Prezado professor, gostaria de saber se está correta a pontuação da frase "No caso da Transpetro – subsidiária da Petrobrás para transporte em dutos –, foi registrado um aumento de 17,2%". É certo colocar aquela vírgula logo após o hífen? Eu nunca tinha visto isso antes.

José R.M. – Recife

Meu caro José: quando usarmos **travessões** (não são hifens, aqui) para pontuar expressões intercaladas, eles funcionam exatamente como os parênteses duplos. Olhe como seria a pontuação desta frase **antes** de receber o aposto "subsidiária da Petrobrás para transporte em dutos":

> No caso da Transpetro, foi registrado um aumento de 17,2%.

Quando acrescentarmos a expressão intercalada, ela vai trazer consigo sua própria pontuação (**parênteses** ou **travessões**), independentemente da pontuação da frase-mãe:

> No caso da Transpetro (subsidiária da Petrobrás para transporte em dutos), foi registrado um aumento de 17,2%.
>
> No caso da Transpetro – subsidiária da Petrobrás para transporte em dutos –, foi registrado um aumento de 17,2%.

É indispensável, portanto, que apareça aquela vírgula depois do parêntese ou do travessão de fechar, pois pertence à pontuação da frase original. A combinação [travessão+vírgula] só lhe parece estranha porque, como você mesmo afirma, ainda não tinha reparado nesta prática; aposto, no entanto, que vai encontrar muito mais casos, agora que falamos disso.

Interrogação dentro da intercalação

Olá, professor! O jornal de ontem trazia uma frase muito esquisita: "O prestígio mundial dos jogadores sul-americanos e a ganância dos empresários europeus já ameaçam o futuro da seleção Argentina e, por que não?, o próprio

futebol brasileiro". Está correta esta pergunta entre vírgulas? Minha professora disse que nunca tinha visto uma dessas antes.

Alcides B. – 13 anos – Piracicaba (SP)

Em primeiro lugar, meu caro Alcides, jamais podemos esquecer a grande diferença que existe entre as **regras de pontuação** e as **regras de acentuação**, por exemplo. Estas últimas são meras **convenções** – podem ser criadas, eliminadas ou alteradas à vontade pelos especialistas que estiverem no comando. Em 1943 a Academia concebeu um sistema de acentuação que já foi modificado duas vezes, uma em 1971 e outra agora há pouco, com o Novo Acordo. Nada impede que, no futuro, uma nova reforma ortográfica venha a eliminar totalmente os acentos de nosso idioma – decisão que, por sua vez, poderá ser revogada algumas décadas depois. Pode ser que o Português venha um dia a ser escrito como o Inglês, que não usa acentos, ou como o Francês, que coloca dois (e às vezes três) acentos numa mesma palavra. Mas, seja qual for o sistema adotado, sempre vai conter regras rígidas, sem flexibilidade alguma, que garantam uma grafia uniforme em todos os rincões do Brasil.

Essa padronização coercitiva é possível no emprego das letras e dos acentos, mas não no emprego das vírgulas. Em primeiro lugar, porque a pontuação é **pessoal** – não no sentido de que eu possa usar os sinais como me der na veneta, mas sim porque eu os emprego para dizer ao leitor como é que espero que ele leia meu texto, o que naturalmente vai gerar várias diferenças de estilo individual, todas toleráveis dentro do sistema. O que eu considero uma intercalação curta – e, portanto, deixo sem vírgulas – pode não o ser para meu vizinho; onde eu uso travessões duplos, ele pode preferir vírgulas duplas; onde eu uso ponto-e-vírgula, ele pode preferir empregar um simples ponto.

Além disso, as regras que exponho neste livro são de natureza muito diferente das regras ortográficas. Não foram elaboradas todas ao mesmo tempo, por uma comissão específica, numa data determinada, mas sim desenvolvidas, por tentativa e erro, pela soma das pessoas que escreveram e escrevem no Ocidente. São antes **conselhos** do que propriamente regras; como as leis de trânsito, obedecem a um bom senso determinado historicamente: devemos sinalizar quando vamos mudar de pista ou quando vamos parar, não devemos ultrapassar em curvas, etc., ou seja, princípios gerais indiscutíveis que aumentam a segurança de qualquer motorista do planeta.

Vimos, na página 96, que as expressões intercaladas podem ser pontuadas de várias maneiras. Ora, como normalmente evitamos que a vírgula entre em contato com o ponto (de qualquer tipo), uma intercalação interrogativa, como o exemplo que você enviou, ficaria muito melhor se viesse entre **travessões** ou **parênteses**:

O prestígio mundial dos jogadores sul-americanos e a ganância dos

> empresários europeus já ameaçam o futuro da seleção Argentina e – **por que não?** – o próprio futebol brasileiro.
>
> O prestígio mundial dos jogadores sul-americanos e a ganância dos empresários europeus já ameaçam o futuro da seleção Argentina e (**por que não?**) o próprio futebol brasileiro.

Assim fazendo, estaríamos aproveitando a maior vantagem que os travessões ou os parênteses apresentam sobre as vírgulas duplas, que é a possibilidade de usar expressões intercaladas com **pontuação expressiva** (exclamação ou interrogação). Não é que esteja errado se o fizermos com a vírgula, mas certamente vamos causar no leitor a mesma estranheza que você e sua professora experimentaram, o que não é desejável para nós, cidadãos comuns, nas inúmeras situações em que temos de nos comunicar por escrito.
É importante que você saiba, no entanto, que essas precauções nem sempre são observadas pelos textos literários, que exploram os recursos da língua escrita até o limite da inteligibilidade. Reproduzo abaixo um texto do genial Millôr Fernandes, que coloca uma exclamação e uma interrogação entre vírgulas. Millôr pode fazer isso, sem problemas, pois os leitores jamais vão se aproximar de um texto escrito por ele com o mesmo automatismo com que leem as notícias do dia – em suma, estão com os sentidos aguçados, prontos para perceber qualquer sutileza do famoso guru do Meier:

> "Vocês ainda se lembram daquela história, edificante!, do garoto holandês que botou o dedo na rachadura do dique pra salvar sua cidade, e toda a Holanda, por que não?, de ser inundada pelas águas?"

Olhe, admire e aprecie – mas não imite. Como você não é Millôr ou outro escritor famoso, as pessoas esperam que você se mantenha nos caminhos bem-trilhados da pontuação padrão. É com essa expectativa que lerão qualquer coisa que você escrever.

Curtas

Além disso

Professor Moreno: no fôlder de lançamento de um novo carro, fiquei cismado com a seguinte construção: "Você gasta muito menos e pode contar, *além disso*, com a segurança de usar dois tipos de

combustível". Gostaria de saber se "além disso" precisa mesmo daquelas duas vírgulas.

Jaison – Goiânia

Meu caro Jaison, há uma série de elementos que precisamos acrescentar à frase para indicar que vamos continuar nosso argumento (**por outro lado**, **aliás**, **inclusive**, **deste modo**, **ora**, **aí**, **assim**), ou atenuar afirmações polêmicas (**ao que parece**, **salvo melhor juízo**), ou retificar alguma coisa dita antes (**isto é**, **ou melhor**, **quer dizer**, **na verdade**). **Além disso** é um desses organizadores textuais e, como tal, sempre virá separado do corpo da frase por vírgula.

Conjunção seguida de expressão intercalada

Prezado mestre, sou síndica do prédio em que moro e tenho de redigir um breve relatório sobre a última reunião do condomínio. Este verdadeiro abacaxi está me dando dor de cabeça, pois não quero errar perante os meus vizinhos e estou com uma dúvida de pontuação. Na frase "Mas por não ter havido quórum, a votação foi transferida para a próxima reunião", aquela *vírgula* está correta? E *quórum* é assim mesmo, com acento?

Esther D.J. – Birigui (SP)

Prezada Esther: o problema desta frase é a ausência da **primeira** vírgula da intercalação. A conjunção **mas** não pode ser tratada como se fosse parte da oração **por não ter havido quórum**, que se desloca livremente:

(1) Mas a votação foi transferida POR NÃO TER HAVIDO QUÓRUM

(2) Mas a votação, POR NÃO TER HAVIDO QUÓRUM, foi transferida.

(3) Mas, POR NÃO TER HAVIDO QUÓRUM, a votação foi transferida

Como podemos ver claramente nas frases (1) e (2), “mas” e “por não ter havido quórum” **não** constituem uma unidade; na frase (3), portanto, é indispensável aquela vírgula antes de “por”. Quanto ao **quórum**, esta é a forma modernizada do vocábulo latino *quorum*; é uma questão de escolha do falante. Ou usamos a forma tradicional, sem acento e grafada em itálico, ou usamos a forma mais atual, com acento – da mesma forma que *habeas* ou **hábeas**, *curriculum* ou **currículo**.

7 – Indicando a elipse do verbo

Em construções em que o verbo aparece repetido, é possível, se quisermos, mencioná-lo apenas **na primeira vez**, sem prejuízo da compreensão. Neste caso, assinalamos a elipse do verbo com uma vírgula:

(1) Eu TENHO dois irmãos; você TEM três; Carla TEM quatro.

Eu TENHO dois irmãos; você, três; Carla, quatro.

(2) Ele FALAVA inglês e francês. Ela FALAVA alemão.

Ele FALAVA inglês e francês. Ela, alemão.

(3) Eu PREFIRO a serra, e tu PREFERES o mar.

Eu PREFIRO a serra, e tu, o mar.

Friso que todas as frases acima estão corretas; usar ou não a elipse é uma escolha pessoal e, portanto, de estilo. Note que a frase (3) apresenta também a vírgula antes daquele **E** que liga orações com sujeitos diferentes.

Supressão do verbo ser

Caro Professor, estou com dúvida quanto à pontuação – mormente quanto ao emprego da ÚLTIMA vírgula – na seguinte frase: “São circunstâncias individualizadas e distintas; uma delas é legal, considerada agravante obrigatória, e a outra, judicial”.

Maurício J. – Belo Horizonte

Meu caro Maurício, acho que aqui se aplica, como uma luva, o título daquela comédia de Shakespeare: “Muito barulho por nada”. Que vantagem você pensa

obter, nesta frase, com a supressão do "é", monossílabo tão nanico e discreto? Embora a pontuação que você propõe esteja teoricamente correta, na prática ela não funciona muito bem (aliás, posso apostar que essa foi a causa de sua consulta). Se o objetivo é estilístico, então eu sugiro um pequeno retoque na pontuação, mas em outro lugar:

> São circunstâncias individualizadas e distintas; enquanto uma delas, considerada agravante obrigatória, é **legal**, a outra é **judicial**.
>
> São circunstâncias individualizadas e distintas. Uma delas, considerada agravante obrigatória, é **legal**; a outra é **judicial**.
>
> São circunstâncias individualizadas e distintas; uma delas, considerada agravante obrigatória, é **legal**. A outra é **judicial**.

Acredite: qualquer uma dessas versões seria superior à inicial.

Vírgula obrigatória?

Professor, é obrigatório indicar a supressão do verbo com uma vírgula? Às vezes eu tenho a impressão de que isso não seria necessário, mas não sei quando posso deixar de aplicar a regra.

Bia W.T. – Petrópolis (RJ)

Prezada Bia, em primeiro lugar é preciso deixar bem claro que só vamos suprimir o verbo da segunda oração se assim o desejarmos. Não há problema algum em repeti-lo; pelo contrário, em certas construções a presença do verbo em ambas as orações melhora o ritmo e reforça o paralelismo:

> Agamênon COMANDAVA os gregos, Heitor COMANDAVA os troianos.
>
> Eu FICO com as brancas, tu FICAS com as pretas.

Todavia, nas construções em que a repetição do verbo não parece trazer vantagem alguma, é costume mencioná-lo apenas na primeira oração, deixando-o **elíptico** na segunda. Neste caso, o sistema dominante de pontuação (no Inglês, no Francês, no Espanhol e no Português) recomenda assinalar esta supressão por uma vírgula. Note que eu disse "recomenda", já que, como faço questão de

frisar em várias passagens deste livro, as regras de pontuação não têm (e nunca terão) o caráter obrigatório das regras de acentuação. Abaixo você verá três versões diferentes para cada exemplo; embora todas estejam corretas, asseguro-lhe que a maior parte dos leitores vai considerar (c) como a versão menos boa:

(a) No Natal, o menino sempre ganhava carrinho; sua irmã ganhava boneca.
(b) No Natal, o menino sempre ganhava carrinho; sua irmã, boneca.
(c) No Natal, o menino sempre ganhava carrinho; sua irmã boneca.

(a) Eu cuido da porta; tu cuidas da janela. (b) Eu cuido da porta; tu, da janela. (c) Eu cuido da porta; tu da janela.

(a) Desta vez o governo estava certo. A oposição estava errada.
(b) Desta vez o governo estava certo. A oposição, errada.

(c) Desta vez o governo estava certo. A oposição errada.

Curtas

Vírgula estranha

Prezado professor: num breve mas brilhante artigo de sua autoria a respeito das especificidades do sistema prosódico do Brasil, em relação ao sistema de Portugal, o senhor comenta: "A água que escoa no ralo da banheira, em Portugal, gira para a esquerda; a nossa, gira no sentido do relógio". Estimado e sempre consultado professor, a vírgula depois do pronome "nossa" foi utilizada para marcar a elipse do substantivo "água", ou o buraco é mais embaixo? Um abraço amigo.

Orlando N. – Fortaleza

Não, Orlando, não foi – e não se faça de sonso, que você percebeu muito bem que a vírgula está onde não deveria estar. Na primeira redação – "A água que escoa no ralo da banheira, em Portugal, gira para a esquerda; a nossa, no sentido do relógio" –, eu tinha suprimido o verbo "girar", e a vírgula indicava a **elipse do verbo**. Relendo o texto, achei que ficaria mais claro se repetisse o "gira" – e esqueci de apagar a vírgula. Foi apenas isso. Você, com razão, estranhou a pontuação e fez questão de me alertar, usando essa aproximação oblíqua e

dissimulada – mas gentil. Obrigado.

Falso caso de elipse

Caro professor, peço esclarecimento sobre o uso ou não da vírgula em destaque no período abaixo. A vírgula deve existir? A razão da vírgula seria pela elipse verbal?

> *"Na audiência, não houve acordo, mas foi deferida medida liminar que atribuiu 75% ao homem e, 25% à mulher da parcela de financiamento do imóvel."*

Henrique – Campo Grande (MS)

Meu caro Henrique, essa vírgula não tem cabimento. Só usamos vírgula para indicar a elipse verbal quando se tratar de **sujeitos diferentes**, com **verbo idêntico** ("Eu comprei um dicionário. Ela, uma gramática"). Se o sujeito for **um só**, não há elipse, mas um complemento composto: "Nós gostamos [de casa limpa] e [de mesa posta]"; "O vento derrubou [o telhado da escola] e [o campanário da igreja]. Na frase que você mandou temos um verbo transitivo **direto** e **indireto** ("atribuir") seguido de dois conjuntos [O. Direto + O. Indireto] coordenados por um E: "atribuiu [75% ao homem] E [25% à mulher]".

8 – Separando as adjetivas explicativas

Este é o caso mais complexo de toda a pontuação, pois envolve a sutil diferença entre a oração adjetiva EXPLICATIVA (separada **obrigatoriamente** por vírgulas) e a adjetiva RESTRITIVA, muito parecida, que NÃO leva vírgula. Ambas têm a mesma configuração e ocupam posição idêntica na frase, mas têm SIGNIFICADO diferente. Como o gelo aqui é mais fino, prefiro avançar com cautela.

Semelhanças entre elas – Estas orações receberam o nome de ADJETIVAS porque sempre vêm **à direita de um substantivo** (ou **pronome substantivo**), ocupando exatamente a posição preferida pelo **adjetivo** em nosso idioma. Este é um traço compartilhado por ambos os tipos:

Sublinhou em vermelho todos os **erros** QUE ENCONTROU.

As **pessoas** QUE ESTAVAM LÁ ficaram aterrorizadas.

Eu, QUE TUDO VI, posso testemunhar em juízo.

Ele pretende visitar a **cidade** ONDE NASCEU.

O **pai** de Jorge, COM CUJA AJUDA CONTÁVAMOS, acabou desistindo.

Outra característica comum a ambas é o fato de iniciarem sempre por um PRONOME RELATIVO (**que**, **quem**, **qual**, **cujo**, **onde**). Isso é que explica por que ela era chamada, até os anos 50, de oração subordinada ADJETIVA RELATIVA, como veremos adiante em resposta a uma leitora.

Diferenças – Para que possamos enxergar com clareza a principal diferença entre as duas, é necessário lembrar que o substantivo é uma palavra que designa determinado CONJUNTO de seres (**pneu**, **peixe**, **sofá**, **suspiro**, **lágrima**). Quando houver uma oração adjetiva ligada a ele, você vai decidir se ela é RESTRITIVA ou EXPLICATIVA pelo **efeito que ela tem sobre esse conjunto**:

(1) Se ela se aplicar a apenas uma PARTE do conjunto, ela é RESTRITIVA – ou **determinativa**, **limitativa**, **especificativa**, "porque restringe, determina, limita ou especifica um nome vago, indeterminado ou inespecífico" (Luft). Uma solução bem singela, mas esclarecedora, seria denominá-la de oração adjetiva PARCIAL.

(2) Se ela se referir a TODOS os elementos do conjunto, ela é EXPLICATIVA.

Restritiva

Explicativa

(1) As baleias QUE FORAM MORTAS tinham marcas de vários arpões. (as outras não)

(2) As gaivotas QUE SEGUIAM NOSSO NAVIO tinham as penas manchadas de óleo. (as outras não)

(3) As gaivotas, QUE VIVEM JUNTO AO MAR, são minhas companheiras matinais. (todas)

(4) As baleias, QUE TÊM SANGUE QUENTE, precisam subir periodicamente à superfície para respirar. (todas)

Os exemplos acima se referem a dados objetivos, que podem ser facilmente verificados. Por isso, se escrevêssemos a frase (4) SEM vírgulas – "As baleias QUE TÊM SANGUE QUENTE precisam..."–, estaríamos confessando nossa ignorância biológica (haveria também baleias que NÃO têm sangue quente...). Há muitas situações, contudo, em que a relação entre a oração adjetiva e o substantivo a que está ligada não pode ser definida fora do contexto. Veja a diferença que existe em cada par:

(5) As mulheres QUE DIRIGEM MUITO MAL precisam praticar mais.

(6) As mulheres, QUE DIRIGEM MUITO MAL, precisam praticar mais.

(7) Os políticos QUE SÃO CORRUPTOS deveriam perder seus mandatos.

(8) Os políticos, QUE SÃO CORRUPTOS, deveriam perder seus mandatos.

(9) Os jovens QUE FAZEM MUITO BARULHO não respeitam os outros.

(10) Os jovens, QUE FAZEM MUITO BARULHO, não respeitam os outros.

Nas versões em que a adjetiva ficou **entre vírgulas**, são feitas afirmações de valor genérico (toda mulher dirige muito mal, todo político é corrupto, todo jovem é barulhento).
ALÉM DISSO:
(1) Se o conjunto for UNITÁRIO (o caso de um **substantivo próprio**, por exemplo), ou se o conjunto já tiver sido previamente delimitado ou especificado, é natural que a oração seja EXPLICATIVA:

Este aqui é Antônio Carlos, QUE VAI NOS GUIAR ATÉ A MINA.

Eu, QUE NÃO DESCONFIAVA DE NADA, aceitei as explicações.

Encontramos um casal de índios adolescentes. A mocinha, QUE USAVA TANGA, falava muito bem o Português.

(2) Só as RESTRITIVAS podem ter o verbo no SUBJUNTIVO:

Os candidatos QUE QUISEREM CONCORRER devem comparecer amanhã.

Procurava um motor QUE NÃO FIZESSE BARULHO.

Os jogadores QUE FICAREM NO BANCO também vão receber o prêmio.

As ruas QUE ESTIVEREM MUITO SUJAS serão lavadas com detergente.

Por isso, a necessidade de distinguir se a oração é RESTRITIVA ou EXPLICATIVA só existe quando o verbo estiver no modo INDICATIVO. Quem

fala em público deve sempre ter cuidado com essa armadilha, pois aquilo que ele está dizendo com uma intenção pode ser transcrito de outra maneira na imprensa. Embora o ritmo e a cadência de quem fala sejam suficientes para evitar ambiguidades junto aos ouvintes, uma frase como "Os membros deste partido QUE SÃO CORRUPTOS não deveriam votar na escolha do representante" pode desencadear um verdadeiro desastre ao ser publicada no jornal do dia seguinte, onde ela poderia aparecer, por equívoco do repórter, colocada entre vírgulas. O orador tinha falado de ALGUNS, e sua frase transcrita agora parece se referir a TODOS. Para evitar mal-entendidos, bastaria substituir o indicativo "são" pelo subjuntivo "forem". Mudando a frase para "Os membros deste partido QUE FOREM CORRUPTOS não deveriam votar na escolha do representante", estamos nos assegurando de que todos os ouvintes (até mesmo os de má-fé) vão entender como RESTRITIVA esta oração.

O interessante é que o Inglês, idioma que se caracteriza por um quadro de conjugação verbal muito mais simples (e pobre) do que o nosso, teve de recorrer a **pronomes relativos diferentes** para poder fazer esta distinção; lá, o *that* é um pronome de emprego exclusivo nas **restritivas**, o que explica a instrução onipresente nos manuais daquele idioma de não usar vírgula antes do *that*.

(3) Só nas EXPLICATIVAS o QUE pode ser substituído pelo QUAL. Muitos professores, infelizmente, recorrem ao discutível expediente didático de inculcar em seus alunos a ideia de que os pronomes QUE e QUAL são livremente intercambiáveis; no entanto, a rigor, "na oração adjetiva restritiva o QUE nunca é substituível por O QUAL – a não ser em má técnica escolar de análise sintática, aliás bastante difundida" (Luft). Essa é a prática de todos os bons escritores – entre eles Bernardes, Vieira, Garrett, Alencar, Eça, Euclides e Machado. Apenas como amostra, vejamos alguns exemplos do incomparável Machado de Assis:

> Esteve algum tempo com o relógio na mão e os olhos na mulher, A QUAL tinha os seus olhos no livro. O silêncio era profundo. ("O relógio de ouro")
>
> O retrato foi passar às mãos de terceira pessoa, A QUAL afirma que fui eu que lho levei alta noite. ("Casa, não casa")
>
> (...) mas não deixava de ter certa correção nas linhas do rosto, O QUAL se cobria de um véu de serenidade que lhe ficava a matar. (*As bodas de Luís Duarte*)
>
> Não o encobria da amiga, que teve o cuidado de escrever ao primo, O QUAL respondeu com esta frase (...) ("O caso da viúva")
>
> E aí, como um escárnio, vi o olhar de Marcela, aquele olhar que pouco antes me dera uma sombra de desconfiança, O QUAL chispava de

cima de um nariz (...) (*Memórias Póstumas de Brás Cubas*)

(4) Na FALA, os dois tipos de adjetivas são inconfundíveis! Enquanto as RESTRITIVAS são ditas SEM pausa e com entonação ascendente no fim, as EXPLICATIVAS são precedidas de pausa e têm entonação mais baixa no seu início.

Aposto e oração explicativa

Prezado mestre Moreno, no período "A Infraero, RESPONSÁVEL PELA ADMINISTRAÇÃO AEROPORTUÁRIA NO PAÍS, tenta atrair fábricas para áreas próximas aos aeroportos", a expressão entre vírgulas é um aposto explicativo ou uma oração adjetiva explicativa que foi reduzida por braquilogia, em que falta o verbo "ser" e o pronome relativo?

Marcos Antônio H.

Meu caro Marcos, no fundo você está perguntando se **seis** é diferente de **meia dúzia**. Toda oração adjetiva EXPLICATIVA é um APOSTO em forma oracional; a diferença é que o aposto, um simples sintagma nominal, não tem a estrutura de oração (sujeito+verbo), nem é introduzido pelo pronome relativo. A comissão que elaborou a NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) não se deu conta disso, mas estas orações é que mereceriam a denominação de APOSITIVAS.

Esqueça essa "braquilogia", que é conceito da História da Língua. Aqui simplesmente temos dois elementos diferentes na **superfície**, mas idênticos na **estrutura profunda** – e não é por acaso que ambos devem vir separados por pontuação de intercalação. Os chamados **apostos**, portanto, não passam de orações **adjetivas explicativas** que sofreram esta redução:

> Gonçalves Dias, **que escreveu** *I-Juca-Pirama*, morreu num naufrágio. (adjetiva explicativa)
>
> Gonçalves Dias, **autor de** *I-Juca-Pirama*, morreu num naufrágio. (aposto)

A propósito disso, Celso Pedro Luft fazia uma observação interessantíssima: depois que a adjetiva explicativa é abreviada (pela supressão da sequência

pronome relativo+verbo de ligação), ela pode ser ANTEPOSTA ao substantivo a que se refere:

> Roberto, QUE ESTEVE PRESENTE À CENA, protestou.
>
> Roberto, PRESENTE À CENA, protestou.
>
> PRESENTE À CENA, Roberto protestou.
>
> A Infraero, RESPONSÁVEL PELA ADMINISTRAÇÃO AEROPORTUÁRIA NO PAÍS, tenta atrair fábricas para áreas próximas aos aeroportos.
>
> RESPONSÁVEL PELA ADMINISTRAÇÃO AEROPORTUÁRIA NO PAÍS, a Infraero tenta atrair fábricas para áreas próximas aos aeroportos.

Certamente um especialista em sintaxe terá muito mais a acrescentar sobre esta estrutura, mas nada do que ele possa nos dizer vai mudar a forma de pontuá-la. De qualquer forma, sua pergunta revela que você tem uma boa intuição linguística, pois se deu conta de uma semelhança que geralmente passa despercebida – até mesmo por pessoas que se intitulam professores de Português.

Aposto restritivo

Numa aula do Curso de Jornalismo, na semana passada, surgiu a dúvida sobre o modo correto de pontuar casos em que um cargo é comum a várias pessoas e casos em que há apenas um indivíduo para um cargo: "A deputada do PT LUCIANA GENRO disse que não comparecerá ao plenário para a votação da reforma da Previdência". Para mim, é assim que está correto, mas alguns colegas insistem em deixar o nome da deputada entre vírgulas.

Cláudia V. – jornalista

Prezada Cláudia, vocês esbarraram no aposto RESTRITIVO, o qual, além de ser pouco conhecido, ostenta o escandaloso hábito de nunca vir separado por vírgula. Ora, diriam os meus professores da infância, onde já se viu um aposto sem vírgula? Se eles pudessem retornar a este mundo, eu lhes mostraria, com prazer e gratidão, alguns exemplos que, tenho certeza, os deixaria convencidos:

> O ministro da Justiça, TARSO GENRO, veio especialmente para a

cerimônia.

O ministro TARSO GENRO veio especialmente para a cerimônia.

Agora, um pouquinho de análise sintática básica. Na primeira frase, o **sujeito** recebe um **aposto** ("Tarso Genro") que se refere à totalidade do conjunto "ministro da Justiça". Já vimos que esses apostos não passam de orações adjetivas EXPLICATIVAS que foram reduzidas por uma transformação corriqueira. A pontuação, para ambos, é idêntica.

Na segunda frase, no entanto, a relação semântica foi alterada: ao se retirar a expressão especificadora "da Justiça", o substantivo **ministro** passou a designar um conjunto de **vários** elementos (alguém sabe ao certo quantos são?), que agora recebe um aposto ESPECIFICATIVO, que produz o mesmo efeito de uma oração adjetiva RESTRITIVA.

Esta relação seria diferente (e, da mesma forma, a pontuação) se já tivesse havido, no contexto, referências que especificassem e individualizassem um ministro dentre todos os outros. Nesse caso, o aposto, agora ligado a um conjunto unitário, passaria naturalmente a ser EXPLICATIVO:

A posse do diretor foi prestigiada por dois governadores e um ministro de Estado. O ministro, TARSO GENRO, veio especialmente para a cerimônia.

Ensinando as adjetivas

Professor, sou formado em Letras e estou ministrando um curso de revisão gramatical para os funcionários de uma grande indústria. Como explicar para um engenheiro mecânico que algumas orações subordinadas adjetivas não são separadas por vírgulas? Vou ter de explicar sintaxe para eles? Professor, caso tenha algum atalho, algum esquema infalível, me ajude, por favor. Quero que eles se lembrem para sempre das minhas aulas.

Daniel A. – Marília (SP)

Meu caro Daniel: se houvesse uma maneira rápida e urgente de ensinar a pontuação das adjetivas, eu já a teria publicado há muito. NÃO EXISTE esse esquema mágico, só conhecido por mim, e que eu estaria poupando para divulgar numa ocasião oportuna, tipo o quarto segredo de Fátima. Aqui só funciona uma explicação cuidadosa do que são as orações adjetivas em geral

(ligadas sempre a um **substantivo**, ocupam o lugar do **adjetivo**) e a distinção entre as RESTRITIVAS e as EXPLICATIVAS (que, como você deve ter aprendido no curso de Letras, depende exclusivamente de Lógica Formal, não de diferençazinhas gramaticais). Como você tem formação superior, entende perfeitamente algo que o leigo não consegue conceber: há assuntos que são difíceis só porque até agora foram mal abordados; uma explicação engenhosa pode torná-los milagrosamente fáceis. Outros, no entanto, são difíceis pela própria natureza, e não por falha das explicações tradicionais. Este é um deles.

A explicação deve começar obrigatoriamente pela sintaxe. Não há como estudar pontuação sem primeiro repassar toda a estrutura da frase do Português. **Pontuação é sintaxe pura**; quem não entendeu isso, não vai entender jamais o emprego dos sinais.

O caso específico das orações adjetivas é pior ainda, porque saímos da sintaxe para entrar no pouco trilhado caminho da SEMÂNTICA, já que estas são as únicas vírgulas que alteram, por sua presença ou por sua ausência, o sentido da frase. Portanto, se aceita uma sugestão, trate de explicar direitinho as orações adjetivas do ponto de vista sintático, para depois então entrar na diferença entre as que se referem à totalidade do conjunto expresso pelo substantivo a que se ligam (as EXPLICATIVAS) e as que se referem apenas a uma parte dele (as RESTRITIVAS). Pode ser que assim suas aulas se tornem inesquecíveis, como você deseja.

Orações adjetivas no subjuntivo

O senhor poderia analisar estes períodos quanto à pontuação das orações introduzidas pelo pronome relativo QUE? No segundo período, segundo o que entendi, temos uma adjetiva RESTRITIVA e, por isso, ficou sem vírgulas. Estou certo?

1 – ...os consumidores, QUE EXERÇAM atividades de fabricação de equipamentos... 2 – ...os consumidores QUE EXERÇAM atividades de petroquímica e outros químicos...

Roberto B. – Brasília

Meu caro Roberto: estas duas orações subordinadas adjetivas devem ficar **sem vírgulas**, porque ambas são adjetivas RESTRITIVAS. A distinção entre uma **restritiva** e uma **explicativa** é o problema mais sutil da pontuação do Português

e de todas as línguas ocidentais modernas; trata-se, no fundo, de um problema de Lógica. Todavia, por uma dessas coincidências, os dois períodos numerados da resolução são exemplos idênticos de um dos casos mais simples de identificar: quando o verbo da oração adjetiva estiver no SUBJUNTIVO, ela será necessariamente **restritiva** (e, portanto, **sem** as vírgulas).

Na verdade, só podemos ter dúvida quanto à classificação das adjetivas quando o verbo estiver em algum tempo do modo INDICATIVO. Por exemplo: na frase "os soldados QUE NECESSITAM DE ATENDIMENTO MÉDICO devem...", há duas formas diferentes de entender e pontuar a oração sublinhada: ou deixamos **sem** vírgulas, por considerá-la RESTRITIVA (estamos falando apenas de **uma parte** dos soldados); ou a colocamos entre vírgulas – "os soldados, QUE NECESSITAM DE ATENDIMENTO MÉDICO, devem..." –, sinalizando-a como EXPLICATIVA (estamos falando de **todos** os soldados).

No entanto, se o verbo estivesse no SUBJUNTIVO, só haveria **uma** maneira correta de pontuar (e de entender) o período: "os soldados QUE NECESSITAREM de atendimento médico devem...": ela seria indiscutivelmente **restritiva**. Nos exemplos que você enviou, a CGCE refere-se, todo o tempo, aos "consumidores que **exerçam**", afirmando, implicitamente, que há consumidores que "não exercem". Essa é a típica atuação das adjetivas RESTRITIVAS; nenhum desses períodos pode receber vírgula antes do "que".

Aposto circunstancial

Professor, solicito o obséquio de informar-me se há vírgula na frase "As alunas NERVOSAS não saíram bem na prova". Caso haja, o que justifica a colocação uma vírgula na oração como esta? Seria "nervosas" um adjetivo com função de advérbio?

Raimundo Nonato F.

Meu caro Raimundo, depende do que está sendo dito. Compare as duas versões abaixo (ambas estão corretas, mas dizem coisas diferentes):

As alunas NERVOSAS não foram bem na prova.

As alunas, NERVOSAS, não foram bem na prova.

Deixar "nervosas" entre vírgulas indica que TODAS as alunas estavam nervosas

e, por isso, não tiveram um bom resultado na prova. Por outro lado, se não usarmos pontuação alguma, o significado da frase é diferente: dentre as alunas, as que estavam nervosas não tiveram bom resultado. Em qualquer das duas versões, este "nervosas" é um ADJETIVO, flexionado no plural feminino para concordar com "alunas" – o que descarta totalmente a possibilidade de ser um ADVÉRBIO, palavra invariável por excelência.

A nuança adverbial que você captou, entretanto, está realmente presente – neste caso, a circunstância de CAUSA: "As alunas, **nervosas**, não fizeram boa prova" pode ser lida como "As alunas não fizeram boa prova porque estavam nervosas". Não raro, as adjetivas EXPLICATIVAS (estamos na sintaxe) podem expressar circunstâncias adverbiais (estamos na semântica); os antigos, exatamente por isso, falavam aqui de **aposto circunstancial**.

Elementos não restritivos

Professor, preciso solucionar uma dúvida atroz antes de enviar a mala-direta de nosso hospital. Na frase "A troca será feita na segunda-feira, quando os residentes voltarem às atividades", aquela vírgula está correta? Eu sinto que fica bem, mas aprendi que a oração adverbial só recebe vírgula quando estiver fora de seu lugar habitual. O que o senhor nos diz?

Maurílio V. – Salvador

Meu caro Maurílio, eu concordo em gênero, número e caso com aquela vírgula. Você não vai encontrar sua justificativa, porém, na regra dos adjuntos e orações adverbiais deslocadas, pois, como você mesmo aponta, ela está no final da frase, exatamente onde deveria estar. Se eu tivesse de enquadrá-la em uma das regras conhecidas, certamente escolheria a das orações adjetivas EXPLICATIVAS – embora, repito, trate-se de uma oração adverbial.

Ocorre que o conhecido contraste entre RESTRITIVAS e EXPLICATIVAS parece estar presente em outros cenários além das orações adjetivas; Celso Pedro Luft, a quem dedico a série de que faz parte este volume, estava convencido de que tal oposição faz parte de "um processo mais geral de marcar a maior ou menor importância frasal das estruturas secundárias ou anexas". Veja os exemplos abaixo: na segunda frase de cada par, o acréscimo de uma informação mais específica na oração principal faz com que a oração em destaque deixe de ser essencial:

O telegrama chegou depois que você tinha saído da reunião.

O telegrama chegou às 16h, DEPOIS QUE VOCÊ TINHA SAÍDO DA REUNIÃO.

O resultado dos testes foi como você predisse que seria.

O resultado dos testes foi negativo, COMO VOCÊ PREDISSE QUE SERIA.

Você vai receber o laudo assim que chegarem os resultados.

Você vai receber o laudo amanhã, ASSIM QUE CHEGAREM OS RESULTADOS.

Como você já terá percebido, esse é exatamente o caso da frase de sua mala-direta. Você poderá escolher, portanto, entre uma das duas versões abaixo:

A troca será feita QUANDO OS RESIDENTES VOLTAREM ÀS ATIVIDADES.

A troca será feita na segunda-feira, QUANDO OS RESIDENTES VOLTAREM ÀS ATIVIDADES.

Curtas

Adjetiva explicativa reduzida

Professor, tenho de enviar um convite com os seguintes dizeres: "Convidamos Vossa Excelência para participar do lançamento da *Revista Ilustrada*, a realizar-se em 29 de setembro, às 18 horas, no Mercado Público". Pergunto: aquela vírgula após a palavra "Ilustrada" é necessária?

Paula T. – Porto Alegre

Sim, Paula, você deve colocar uma vírgula ali porque A REALIZAR-SE EM 29 DE SETEMBRO é uma oração adjetiva EXPLICATIVA, **reduzida** de infinitivo. Na forma **desenvolvida** ficaria "Convidamos Vossa Excelência para participar do lançamento da **Revista Ilustrada**, QUE SERÁ REALIZADO EM 29 DE SETEMBRO" – pontuada da mesma maneira.

Classificação das orações

Prof. Moreno, na frase "Esse é o livro QUE QUERO COMPRAR", classifiquei a oração em destaque como *subordinada adjetiva,* mas meu professor disse que a resposta estava incompleta.

Felipe S. – João Pessoa

Prezado Felipe: a oração "que quero comprar" realmente é uma subordinada adjetiva, ligada ao substantivo **livro**. Faltou, no entanto, defini-la como RESTRITIVA; ela não é, portanto, EXPLICATIVA, que deveria obrigatoriamente ser separada do antecedente por uma vírgula. Certamente foi a isso que o professor se referiu.

Adjetiva com pronome pessoal

Por favor, professor, qual a forma correta? "Você QUE ESTÁ EM NATAL precisa conferir a beleza dessa praia" ou "Você, QUE ESTÁ EM NATAL, precisa...". É restritiva ou explicativa?

Maria Odete B. – São Paulo

Maria Odete, eu pontuaria da segunda maneira, pois ela é uma **adjetiva explicativa**. Não esqueça que uma adjetiva RESTRITIVA sempre divide um conjunto em dois subconjuntos; em "Os peixes **que comem grãos** têm a carne delicada", a oração adjetiva está dividindo o conjunto geral dos **peixes** em duas partes, os que comem grãos e os que não comem. A adjetiva EXPLICATIVA, por sua vez, sempre se refere ao **conjunto todo**; em "Os tubarões, **que são carnívoros**, não têm predadores naturais", a oração adjetiva exprime uma verdade que se aplica a todos os indivíduos do conjunto dos tubarões.
Exatamente por causa disso, toda oração adjetiva que estiver ligada a um conjunto que está bem definido e limitado (e que, por isso mesmo, não pode ser dividido em dois subconjuntos) vai ser EXPLICATIVA. Isso ocorre com os

pronomes pessoais – "**Eu**, que estou em Porto Alegre, deveria..."; "**Tu**, que moras em São Paulo, não foste à Bienal"; "**Vocês**, que estão na Inglaterra, não podem avaliar", etc. Não importa que em determinadas situações eu possa me dirigir a vários "vocês" diferentes – "**Você**, que mora em Brasília, tem mais oportunidades que **você**, que mora em Tiririca da Serra" –, porque presume-se que eu esteja falando primeiro com um interlocutor e depois com o outro, tornando-os, desta forma, conjuntos unitários.

Restritivas x explicativas: diferença de significado

Há alguns dias participei de um concurso público em que perguntavam que modificação de sentido ocorreria se fosse suprimida a vírgula do período "Umberto Eco homenageia os cientistas, que combatem o obscurantismo científico". O senhor poderia explicar?

Flávia R.

Prezada Flávia, que bela pergunta! Parece que ainda se encontram bancas de concurso que conseguem fazer uma prova acima da mediocridade que impera no ramo! Além de mencionar Umberto Eco – o que, por si só, já é elogiável –, a questão exige que o candidato saiba avaliar a importante diferença que existe entre uma RESTRITIVA e uma EXPLICATIVA. Assim como está, com vírgulas, a oração é EXPLICATIVA, ou seja, refere-se aos cientistas em geral, significando que Umberto Eco homenageou todos os cientistas e que estes, como classe, sempre combatem o obscurantismo. Já sem as vírgulas a frase passaria a dizer que Umberto Eco só homenageou os cientistas que combatem o obscurantismo, implicando, com isso, que há cientistas que não o fazem.

Aposto restritivo

Professor, na frase "O escultor italiano Brecheret participou do Modernismo brasileiro" devo colocar o nome do autor entre vírgulas? Trata-se de um aposto explicativo?

Mercedes G. – Guarulhos (SP)

Aqui vale o mesmo princípio das orações adjetivas: quando vêm sem vírgulas, são RESTRITIVAS, isto é, referem-se apenas a **uma parte** do conjunto; quando vêm com vírgulas, são EXPLICATIVAS, o que significa que se aplicam a **todos** os elementos do conjunto representado pelo substantivo. Se você pusesse o nome de Brecheret entre vírgulas, minha amiga, estaria afirmando, implicitamente, que você acha que a Itália até hoje só produziu um único escultor, que se chamava Brecheret e participou de nosso Modernismo. É por isso que você deve deixar a frase sem vírgulas, porque existem dezenas de escultores italianos. Temos aqui um aposto restritivo, e **Brecheret** é devidamente apresentado como um dos vários escultores que a Itália produziu (ao lado do "escultor italiano Giacometti", do "escultor italiano Manzù", etc.).

Subjuntivo nas restritivas

Professor, li um artigo seu em que dizia que toda oração com verbo no *subjuntivo* é RESTRITIVA. Seria o caso da frase abaixo? "Se viver em área espaçosa *em que possa correr e brincar por conta própria*, este cão não precisa necessariamente de atividade complementar."

Heitor C. – São Paulo

Sim, Heitor, será **restritiva** toda oração adjetiva que vier com o verbo no modo SUBJUNTIVO (o que não impede, é claro, que haja outros tipos de orações substantivas e adverbiais que também admitem esse modo verbal). A eterna dúvida entre **restritivas** e **explicativas** só poderá aparecer quando a oração adjetiva trouxer o verbo no INDICATIVO. Na frase "Os alunos QUE FIZEREM EXAME MÉDICO", a oração adjetiva obrigatoriamente divide o conjunto dos alunos em dois subconjuntos – os que fizerem o exame e os outros.

Explicativa após pronome pessoal

Caro Professor: na frase “não faça como eu QUE NÃO APRENDI”, há uma oração subordinada adjetiva *restritiva* ou *explicativa*? Em suma: há ou não *vírgula* nesta frase? Se houver, está errado o comercial de uma escola de idiomas que está sendo veiculada na mídia atualmente, onde um atleta diz, de boca cheia, “não faça como eu que não aprendeu!”. Embora a rima seja bonitinha, ela foge completamente da regra, não é?

Rosi G. – São Paulo

Você tem razão, Rosi; a forma correta seria “Não faça como eu, que não aprendi”. Deve ser separada com vírgula, pois é uma oração adjetiva EXPLICATIVA (ela se refere ao conjunto unitário “eu”). Além disso, a frase tem um erro feroz de concordância: o pronome **que** representa o **eu** da oração anterior, o que obriga o verbo **aprender** a ficar na 1ª pessoa: não faça como EU, que não APRENDI; não faça como ELE, que não APRENDEU; não faça como NÓS, que não APRENDEMOS. Considerando que se trata de campanha publicitária de uma escola...

II. O ponto-e-vírgula

Você costuma empregar o ponto-e-vírgula, caro leitor? A maior parte dos brasileiros (e americanos, e franceses, e espanhóis, e ...) responderia que NÃO, especialmente porque não enxergam nele nenhuma vantagem sobre os outros sinais, nenhuma característica especial que justifique o trabalho de usá-lo.

Como quase tudo o que se refere à pontuação depende de nossas preferências pessoais (em outras palavras, de nosso **estilo**), não podemos condenar quem atirou o ponto-e-vírgula para um canto, junto com outros trastes supostamente sem a mínima serventia – mas, pela mesma atitude democrática, também não se pode criticar aqueles que sabem apreciar o seu valor e explorar os seus recursos.

O ponto-e-vírgula passou por uma verdadeira crise de identidade no tempo em que a pontuação era vista apenas como uma forma de assinalar pausas. Na divisão das competências, restava-lhe uma função indefinida e subalterna, algo como “marcar uma pausa de duração pouco definida, no meio do caminho entre a vírgula e o ponto”. Com um valor tão impreciso assim, não espanta que seu emprego tenha se tornado cada vez mais raro.

Na teoria atual da pontuação, contudo, o ponto-e-vírgula – assim como aconteceu com a vírgula – passou a ter grande utilidade para orientar a leitura de estruturas

sintáticas mais extensas. Sem mencionar seu emprego habitual para encerrar **alíneas**, ele nos pode ser útil em três situações bem definidas.

1 – Organizando
enumerações complexas

Este sinal é praticamente indispensável quando precisamos pontuar uma enumeração cujos elementos já contenham vírgulas (geralmente apostos). Se usarmos apenas vírgulas para separar esses itens – como fazemos com as enumerações simples –, a pontuação ficará tão confusa que deixaria de orientar o leitor, perdendo assim sua única razão de existir. Compare os dois exemplos abaixo:

> No mesmo vagão vinham Antero, meu tio; Artur, meu primo; Aninha e Adinha, minhas primas; Adalgisa, minha tia e mãe de Artur; e Arlindo, seu marido.

> No mesmo vagão vinham Antero, meu tio, Artur, meu primo, Aninha e Adinha, minhas primas, Adalgisa, minha tia e mãe de Artur, e Arlindo, seu marido.

Enquanto na primeira versão a presença do ponto-e-vírgula deixa claro o limite entre um item e outro, a leitura da segunda versão fica praticamente impossível. Com ele, o primeiro texto permite que todos os leitores recebam a mesmíssima informação; sem ele, o segundo se abre a uma dúzia de interpretações. Veja outro exemplo:

> O rei, isolado e autoritário, vinha na frente; o clero e a nobreza, na direita; os indecisos, alguns burgueses e alguns mercadores, no centro; os camponeses, trabalhadores e pobres, na esquerda.

Dizia um gramático com veia cômica que este tipo de ponto-e-vírgula, no fundo, não passa de uma vírgula que recebeu uma promoção inesperada – ou seja, é um ponto-e-vírgula que seria apenas uma vírgula se os elementos da enumeração não contivessem suas próprias vírgulas internas.

2 – Separando orações
coordenadas assindéticas

Formamos um período composto por coordenação quando ligamos duas orações por meio de uma **conjunção coordenativa**. A primeira oração é conhecida como COORDENADA INICIAL; a segunda é classificada de acordo com sua relação com a primeira. Se ela exprimir um conteúdo que se opõe ao da inicial, ela será ADVERSATIVA; se ela contiver a conclusão do que foi enunciado na inicial, será CONCLUSIVA – e assim por diante. Muitas vezes, porém, podemos

suprimir a conjunção da segunda oração, que passa a ser classificada simplesmente de ASSINDÉTICA (nome de origem grega que significa, literalmente, "sem conjunção"). As duas orações continuam coordenadas por justaposição, separadas apenas pela pontuação:

> (1) Vamos chamar a segunda colocada, pois a primeira não entregou a documentação.
>
> (2) *Vamos chamar a segunda colocada, a primeira não entregou a documentação.
>
> (3) Vamos chamar a segunda colocada. A primeira não entregou a documentação.
>
> (4) Vamos chamar a segunda colocada; a primeira não entregou a documentação.

Das três versões **assindéticas** (sem o "pois"), a nº 2, apenas com vírgula, só é aceitável na língua escrita culta quando se reproduz, nos diálogos literários, a fala dos personagens. Embora as outras duas estejam corretas – com ponto ou com ponto-e-vírgula –, você não deve esquecer, ao optar entre elas, que a nº 4 é mais vantajosa em termos de **coesão**, pois obriga todos os leitores, mesmo os desatentos, a perceber o vínculo semântico que as duas orações mantêm entre si – ou seja, a perceber que o pensamento iniciado na maiúscula prolongou-se até o momento em que você o declarou encerrado com o ponto final. O ponto-e-vírgula, nestes casos, cria uma expectativa pela parte da frase que ainda falta ler.

3 – Separando orações introduzidas por conjunções pospositivas

Esta regra abrange todas as conjunções ADVERSATIVAS (exceto **mas**) – **porém**, **todavia**, **contudo**, **entretanto**, **no entanto**, **não obstante** – e todas as conjunções CONCLUSIVAS, sem exceção – **logo**, **portanto**, **pois**, **por conseguinte**, **consequentemente**. Todas elas se comportam como se fossem verdadeiros ADVÉRBIOS, pois, ao contrário das demais conjunções, **elas podem se deslocar ao longo da oração em que se encontram**. É dessa curiosa propriedade que vem o nome de POSPOSITIVAS, isto é, as "que podem ser pospostas" (e é daí, também, que vem o costume da gramática do Inglês de classificá-las entre os ADVÉRBIOS, não entre as CONJUNÇÕES). Quando você tiver duas orações ligadas por um desses conectores, poderá encerrar a coordenada inicial usando um **ponto** ou um **ponto-e-vírgula**:

> Ele nadava muito bem; CONTUDO, não conseguiu vencer a correnteza.
>
> O voo sai às nove. PORTANTO, espero vocês às oito em ponto.

As conjunções pospositivas, honrando seu nome, podem deslocar-se para o interior da segunda oração:

> Ele nadava muito bem; não conseguiu, CONTUDO, vencer a correnteza.
>
> Ele nadava muito bem; não conseguiu vencer a correnteza, CONTUDO.
>
> O voo sai às nove; espero vocês, PORTANTO, às oito em ponto.
>
> O voo sai às nove; espero vocês às oito em ponto, PORTANTO.

Existem alguns pontos que devem ser destacados:
(1) Note que o ponto-e-vírgula não sai de sua posição; ele está ali para assinalar o fim da primeira parte do período.
(2) No seu lugar, seria também correta a utilização de um simples **ponto**, mas haveria, é claro, a perda do efeito coesivo que vimos acima.
(3) A conjunção, uma vez deslocada, passa a ser tratada como uma intercalação comum, ficando obrigatoriamente separada por vírgulas.
Quando o **porém** e seus sinônimos se encontram **no início** da segunda oração, há autores que recomendam a mesma pontuação que utilizamos com o **mas** (enquanto a conjunção **mas** sempre vai ficar no início da oração que introduz, seus sinônimos – que são, na verdade, **advérbios** – podem deslocar-se livremente):

> Ele está atrasado, PORÉM vai fazer a prova.

Embora não possamos condenar esta prática (já que, como vimos, as "regras" de pontuação têm quase a natureza de "recomendações"), achamos mais coerente usar a mesma pontuação para todos os casos, independentemente da posição em que se encontra a conjunção:

> Ele chegou atrasado; PORÉM, vai fazer a prova.
>
> Ele chegou atrasado; vai, PORÉM, fazer a prova.
>
> Ele chegou atrasado; vai fazer a prova, PORÉM.

Os dois tipos de POIS

Professor, tenho dificuldade em saber quando deixo o POIS entre vírgulas ou simplesmente ponho uma vírgula antes. Já vi dos dois jeitos, mas não sei se podemos escolher livremente entre eles. É um caso facultativo?

Ariane J. – Bragança Paulista (SP)

Não, prezada Ariane, não se trata de um caso facultativo. Se você conhece algum par de gêmeos idênticos, vai compreender facilmente o que está ocorrendo: existem **dois tipos** de pois, com pontuações diferentes. O primeiro **pois** é EXPLICATIVO, sinônimo de **porque**; o segundo é CONCLUSIVO, sinônimo de **portanto**:

POIS**1** = **porque** (explicativo):

Ela deve estar doente, POIS não vem à aula há duas semanas.

POIS**2** = **portanto** (conclusivo):

O rádio anuncia chuva; devemos, POIS, deixar toda a casa fechada.

A diferença entre eles fica marcada exatamente pela **posição** que ocupam na frase. O território da **segunda** oração é dividido em duas seções estanques; onde um pisa, o outro não põe o pé:

POIS1
POIS2

O primeiro POIS tem lugar fixo: sempre virá no **início** da segunda oração, antecedido de vírgula. O segundo, para distinguir-se dele, sempre será **pospositivo**, isto é, sempre virá deslocado, podendo ocupar qualquer lugar na segunda oração, **exceto o início**:

O rádio anuncia chuva; devemos deixar, POIS, toda a casa fechada.

O rádio anuncia chuva; devemos deixar toda a casa fechada, POIS.

Pontuação das adversativas

É correto empregar ponto final em vez de vírgula antes da conjunção coordenativa? Para facilitar o entendimento, vou usar um período de um de seus artigos: "A etimologia – sozinha – tem suas limitações: ela não explica a origem de todas as palavras. No entanto, sempre pode trazer novas ideias e agitar o pensamento".

Cláudio L.S. – Tapes (RS)

Meu caro xará, posso deduzir, pela pergunta, que você deve ter aprendido, em algum lugar, que **sempre** se deve empregar **vírgula** antes das **coordenadas sindéticas**. Sinto dizer-lhe que não é assim que funciona a pontuação, especialmente no caso das ADVERSATIVAS. Neste grupo, vamos separar com **vírgula** as orações introduzidas por **mas**, e com **ponto** ou **ponto-e-vírgula** as introduzidas por seus sinônimos (**porém**, **todavia**, **contudo**, **no entanto**, **entretanto**, etc.). Observe as três versões da mesma frase, **todas corretas**:

Ele está cansado, MAS vai entregar o trabalho na data marcada.

Ele está cansado; CONTUDO, vai entregar o trabalho na data marcada.

Ele está cansado. CONTUDO, vai entregar o trabalho na data marcada.

Essa diferença de pontuação entre o **mas** e seus sinônimos é clássica e se deve ao caráter claramente **adverbial** destes últimos. A nossa nomenclatura é que os chama, equivocadamente, de **conjunções**, sem levar em conta o fato fundamental de que todos eles são **pospositivos** (isto é, deslocáveis para a direita, na oração a que pertencem), característica inadmissível nas verdadeiras conjunções:

Ele está cansado; vai entregar, CONTUDO, o trabalho na data marcada.

Ele está cansado; vai entregar o trabalho na data marcada, CONTUDO.

É por isso que a gramática do Inglês, mais acertadamente, chama o *but* (o nosso "mas") de **conjunção**, mas classifica todos os demais (*however*, *nevertheless*, etc.) de *conjunctional* (ou *conjunctive*) *adverbs* (algo como "advérbios conjuncionais"; o Francês, que, como nós, também é filho do Latim, denomina-os de *adverbes conjonctifs)*. Esses advérbios conjuncionais são advérbios na forma, mas podem funcionar semanticamente como conjunções, servindo também para ligar duas orações. O professor Kip Wheeler, do Carson-Newman

College, tem uma maneira jocosa de explicar o problema (a tradução é minha):

> "Às vezes os advérbios conjuncionais pensam que são conjunções completas e tentam ligar duas orações independentes. Triste pretensão! Eles NÃO são conjunções e NÃO podem fazer esta tarefa sozinhos. Como sempre, nestes casos, protegem-se atrás de um **ponto-e-vírgula**, e é este sinal que vai realmente juntar as duas orações. Estes advérbios conjuncionais sempre deverão ser seguidos de uma vírgula:
>
> O assaltante esquivou-se da bala; CONTUDO, Joey foi atingido várias vezes.
>
> Susan gostou muito das flores; TODAVIA, um carro novo teria sido um presente melhor.
>
> Dr. Wheeler é um tirano gramatical; POR CONSEGUINTE, não admite erros de pontuação.
>
> Os advérbios conjuncionais pensam que são conjunções; ENTRETANTO, é o ponto-e-vírgula que faz o trabalho de unir as orações.
>
> Nessas frases, quem usar uma vírgula em vez do ponto-e-vírgula terá cometido um erro de pontuação conhecido como **frases siamesas** ou **frases xifópagas** ["*comma splice*", em Inglês]. Construções como estas exigem que o advérbio conjuncional seja precedido de um ponto-e-vírgula."
>
> (http://web.cn.edu/kwheeler/gram_conj_adv.html)

Para aproveitar integralmente a explicação do professor, basta substituir "advérbios conjuncionais" pelas nossas "conjunções" pospositivas (denominação, como podemos ver, completamente inadequada). Este tipo de conector, como exemplifiquei acima, só pode ficar entre vírgulas quando estiver **deslocado**. A frase do meu artigo ficaria **errada** se colocássemos vírgula antes de **no entanto**, como você parece sugerir:

> *A etimologia – sozinha – tem suas limitações: ela não explica a origem de todas as palavras, no entanto, sempre pode trazer novas ideias e agitar o pensamento.

Outra coisa: exatamente por esse caráter especial desses conetivos, são eles que vamos usar preferencialmente quando queremos ligar **dois parágrafos** entre si e indicar, ao mesmo tempo, que o conteúdo do segundo se opõe ao conteúdo do primeiro.

Pontuação da segunda coordenada

Prezado professor: uma frase que o senhor escreveu gerou uma grande discussão entre mim e meus colegas, todos professores também. Ninguém, é claro, estava pondo em dúvida a sua competência, que aprendemos a respeitar. O problema é de análise sintática – mais precisamente, da classificação de orações. Numa consulta sobre "em mão" ou "em mãos", o senhor escreveu: "A tradição manda empregarmos em mão, por ser o início da expressão em mão própria, usada no sobrescrito de uma correspondência entregue por mensageiro ou por pessoa de confiança. É assim que eu uso, e assim eu recomendaria que todos fizessem. Modernamente, contudo, a forma em mãos já é considerada aceitável pela maior parte dos gramáticos." A questão é o último período – "Modernamente, CONTUDO, a forma em mãos...". Se considerarmos a conjunção empregada, teríamos de classificar a oração de ***coordenada sindética adversativa****, mas isso não parece possível, já que ela, como está isolada, não participa de um período composto por coordenação. O que está acontecendo aqui?*

Daniela V. – Anápolis (GO)

Prezada Daniela, professores como vocês não travariam uma discussão se o ponto realmente não fosse controvertido. Neste caso, o responsável pelo imbróglio é o costume que nossas gramáticas escolares têm de ignorar a diferença entre CONJUNÇÕES, de um lado, e ADVÉRBIOS CONJUNCIONAIS, de outro. O que têm em comum os conectores **mas**, **porém**, **todavia**, **contudo**, **entretanto**, **no entanto**, **não obstante**? Todos, **semanticamente**, exprimem a mesma ideia de **oposição** – mas não se comportam da mesma maneira do ponto de vista **sintático**. Conforme já vimos, enquanto a conjunção **mas** sempre vai ficar no início da oração que introduz, seus sinônimos – que são, na verdade, **advérbios** – podem deslocar-se livremente:

Façam o que quiserem, MAS não contem comigo.

Façam o que quiserem; CONTUDO, não contem comigo.

Façam o que quiserem; não contem, CONTUDO, comigo.

Façam o que quiserem; não contem comigo, CONTUDO.

Essa diferença de comportamento tem reflexos na pontuação: os ADVÉRBIOS CONJUNCIONAIS vêm sempre antecedidos por um ponto-e-vírgula (ou por um ponto) e seguidos de uma vírgula; quando deslocados, ficam entre vírgulas como

qualquer outro elemento intercalado. Ora, esses advérbios que, à semelhança das conjunções, servem para coordenar duas **orações**, também podem relacionar dois **períodos** ou até mesmo dois **parágrafos**. A estrutura, embora estejamos combinando unidades maiores, é semelhante; a única diferença é que aqui o **ponto** aparece no lugar do **ponto-e-vírgula**:

> **Marinho** é o que nasce no mar, que é natural do mar, que pertence ao ecossistema do mar; **marítimo** é o que está junto ao mar, o que foi posto no mar pelo homem, o que o homem realiza no mar. Dessa forma, temos **aves marinhas**, **monstros marinhos**, **brisa marinha** e **sal marinho**, de um lado, e **cidades marítimas**, **viagens marítimas**, **plataforma marítima** e **navegação marítima**, do outro.
> CONTUDO, esta distinção não foi observada no caso das correntes, pois os falantes preferem, na proporção de dois para um, chamá-las de **correntes marítimas.** Um gramaticão intolerante já começaria a dizer que está errado e que o certo deveria ser **corrente marinha**, mas os bons dicionários tratam de registrar as duas formas, pois sabem que não cabe a eles decidir.

Como você pode ver pelo exemplo acima, ou pela frase que gerou toda a discussão – "Modernamente, CONTUDO, a forma **em mãos** já é considerada aceitável pela maior parte dos gramáticos"–, a presença desse nexo adversativo não significa necessariamente que estamos lidando com um "período composto por coordenação", já que passamos para o âmbito dos parágrafos, unidades muito maiores que o período. Certamente era por isso que os meus professores, todos à moda antiga, proibiam o emprego do **mas** no início da frase. Para eles, esta conjunção deveria sempre aparecer ligando uma coordenada adversativa à coordenada inicial, reservando-se para o **porém**, o **todavia**, o **contudo**, etc., a função de relacionar as unidades maiores.

Maiúsculas depois do ponto-e-vírgula

Prezado Professor, minha orientadora não aceita que eu empregue letras maiúsculas depois do ponto-e-vírgula, dando continuidade à frase. Preciso imensamente de sua resposta, pois ela disse que não vai admitir esse procedimento

enquanto eu não levar uma gramática que o autorize.

Graziela B. – Passo Fundo (RS)

Minha prezada Graziela: como era de esperar, a razão está com sua orientadora (não é por acaso que ela está onde está) – a **vírgula**, o **ponto-e-vírgula** e o **dois-pontos** fazem parte da pontuação INTERNA da frase; o ponto **simples**, o ponto de **exclamação**, o ponto de **interrogação** e o ponto repetido (**reticências**) constituem a pontuação EXTERNA. Ora, como as maiúsculas indicam o início de uma nova frase, elas só podem aparecer, evidentemente, após as marcas de pontuação **externa**. Como se considera que depois vírgula, do ponto-e-vírgula e do dois-pontos a frase ainda continua, a norma (e o costume de todos os que escrevem bem) é usar **minúscula**. Nos autores que falam sobre a pontuação no Inglês, vamos encontrar alguns que recomendam o emprego da maiúscula depois do **dois-pontos**, mas nem mesmo estes ousam defender tal prática para o ponto-e-vírgula.

Ponto ou ponto-e-vírgula?

Professor, eu me acostumei a usar o ponto nos lugares em que o senhor recomenda o ponto-e-vírgula. Isso pode me prejudicar a avaliação de meus textos? Estou perdendo alguma coisa ao não empregar este sinal?

Danilo B. – Uberlândia (MG)

Olha, Danilo, eu sou um pouco suspeito para falar, porque defendo (e uso) entusiasticamente o ponto-e-vírgula. Para mim, o emprego deste sinal é uma forma de combater a praga moderna que faz os adultos escreverem como se fossem crianças. A escola tem uma boa culpa disso; nos anos 70 e 80, a moda era ensinar a escrever com base no modelo do jornal diário, pois, como se alegava naqueles anos loucos, uma prova indiscutível da eficiência deste estilo era o fato de que milhões de leitores compreendiam os textos assim escritos. Como se vê, aquela que era (e sempre será) uma qualidade intrínseca da linguagem jornalística foi elevada à categoria de virtude suprema de qualquer texto, e várias gerações foram educadas sob o princípio equivocado de que o ideal seria expressar-se em períodos simples, geralmente curtos, formados de uma única oração.

Ainda hoje, diga-se de passagem, encontramos adeptos dessa receita

ultrapassada. Não esqueço o olhar atônito que me lançaram os professores de uma escola em que fui dar uma palestra sobre redação. Um deles, sinceramente preocupado, confessou que ainda aconselhava a frase curta a seus alunos e pediu desculpas por não estar a par da nova teoria em que eu me baseava. Nova! Fiquei constrangido, de minha parte, por ter de explicar àqueles colegas que o período composto – seja por coordenação, por subordinação ou simplesmente por intercalação – é o mais poderoso instrumento que o Ocidente desenvolveu em dois mil anos de tradição escrita, já que, ao reunir várias orações em um todo articulado, permite que o leitor perceba imediatamente a conexão entre as ideias e sua hierarquia. Não se tratava, expliquei, de combater a frase curta em si mesma; quando bem usada, no momento oportuno, ela também tem seu lugar no desenvolvimento de um texto. Contudo, o seu uso constante gera aquele estilo fragmentado e tatibitate que os americanos chamam de "*primer style*" – o estilo da cartilha. Eu estudei, por exemplo, na famosa cartilha *O livro de Lili*; um de seus textos – "Olhem para mim. Eu me chamo Lili. Eu como muito doce. Vocês gostam de doce? Eu gosto tanto de doce!" –, poderia ser assinado por muita gente que anda publicando por aí...

Ora, empregar o ponto-e-vírgula em vez do ponto, quando temos duas orações coordenadas assindéticas, não vai fazer reverter essa melancólica tendência a frases nanicas, mas certamente vai ajudar. Se opto pelo **ponto**, como faz a maioria, divido a frase original em dois segmentos, na esperança de que a atenção e a perspicácia do leitor o farão perceber que se trata de duas partes de um mesmo todo; se, no entanto, opto pelo **ponto-e-vírgula**, deixo evidente que meu pensamento começou na maiúscula e só foi concluir quando encontrou o ponto final:

> Preciso falar com você. Muitas coisas precisam ser esclarecidas.

> Preciso falar com você; muitas coisas precisam ser esclarecidas.

A diferença pode parecer pequena, mas é inegável que – ao contrário do papel-moeda, em que não ganhamos nada em trocar duas notas de dez por uma de vinte –, ganhamos bastante ao trocar duas frases curtas por uma frase mais longa, pois o ponto-e-vírgula, ao avisar o leitor de que a sequência vai continuar, ressalta a ligação entre as duas partes e reforça a relação semântica entre as duas orações. Não é por acaso que, na França, teve ampla repercussão, em 2008, o anúncio de que a administração Sarkozy teria instituído uma comissão para regulamentar o emprego da pontuação nos documentos administrativos e – expressamente! – promover a reabilitação do ponto-e-vírgula. É claro que tudo não passava de uma brincadeira de 1º de abril – mas a seriedade com que foi recebida a ideia dá uma medida de quanto os franceses estão preocupados com o empobrecimento do estilo escrito em seu país.

III. O dois-pontos

Na Idade Média, quando a pontuação ainda tinha a função de orientar a leitura em voz alta, o dois-pontos correspondia a uma pausa moderada, com uma elevação da voz que informava aos ouvintes que a frase ainda não tinha terminado, pois o que viria em seguida era a metade que estava faltando para que a ideia ficasse completa.

Embora tenha ocorrido uma mudança radical no objetivo da pontuação – que passou, como vimos, a desempenhar uma função exclusivamente sintática –, o dois-pontos continua a avisar o leitor de que existe uma ligação lógica entre o que acabamos de dizer e a **informação suplementar** que vamos fornecer em seguida. Essa informação adicional contida na segunda parte da frase pode ser uma **causa**, uma **consequência**, uma **análise**, uma **síntese** ou uma **exemplificação** da primeira.

Por causa da representação gráfica deste sinal, houve quem o comparasse a um portal que convida o leitor a continuar – ou, numa metáfora mais comercial, a um aviso de que ainda falta entregar uma parte da mercadoria. O fato é que o seu emprego dá ênfase especial a tudo o que vier DEPOIS dele, pois deliberadamente chama a atenção do leitor para aquilo que vai ser mostrado. Ele pode introduzir praticamente qualquer coisa: uma palavra, uma oração, uma citação ou uma lista (como acabamos de fazer).

1 – Introduzindo uma enumeração

Neste caso, o dois-pontos introduz a relação dos itens que compõem um determinado conjunto já mencionado na primeira parte da frase:

> Apesar de sua fama, o cantor fez exigências muito singelas à produção do espetáculo: **água mineral, frutas frescas, pizza de queijo e toalhas secas**.

É importante lembrar que a frase que vem ANTES deste sinal deve ser **independente** – ou seja, os itens que vêm à direita do dois-pontos não podem ser **partes integrantes da sua estrutura sintática**. Na frase abaixo, por exemplo, a enumeração não pode ser separada por dois-pontos porque a frase não ficaria completa sem ela:

> Os três países mencionados no relatório eram **o Brasil, a Venezuela e a Argentina**.

Aqui reencontramos um velho conhecido nosso: o princípio de **nunca separar o que é inseparável** (o sujeito do verbo, o verbo do complemento, etc.). Desmontando esta frase, temos o **sujeito** ("os três países mencionados no

relatório"), um **verbo de ligação** ("eram") e um **predicativo** ("o Brasil, a Venezuela e a Argentina"). Portanto, se colocássemos (como muitos costumam fazer, na imprensa brasileira) um dois-pontos após o verbo, estaríamos seccionando uma ligação que jamais deve ser rompida. O mesmo ocorre nestes outros exemplos:

> Sua receita secreta de molho, herdada da avó, incluía **manjericão, noz moscada, azeitonas e uma pitada de açúcar**.
>
> Depois da última rodada, continuam com chance de classificação **o Palmeiras, o Internacional, o São Paulo, o Flamengo e o Cruzeiro**.

Se fizermos questão de empregar o dois-pontos, basta reformular a frase para que a enumeração deixe de fazer parte de sua estrutura:

> Sua receita secreta de molho, herdada da avó materna, incluía **vários ingredientes esquisitos**: cerveja preta, noz moscada, azeitonas e uma pitada de bicarbonato.
>
> Depois da última rodada, continuam com chance de classificação **as seguintes equipes**: o Palmeiras, o Internacional, o São Paulo, o Flamengo e o Cruzeiro.

Na primeira frase, o **objeto direto**, que era representado pela enumeração, agora é "vários ingredientes esquisitos"; na segunda, o **sujeito**, que era representado pela lista de times, agora é "as seguintes equipes". As duas enumerações deixaram de fazer parte do corpo da frase e podem vir antecedidas de dois-pontos, tornando-se, ambas, simples **apostos** (mais precisamente, **apostos enumerativos**).

2 – Introduzindo uma citação

O dois-pontos costuma ser usado para introduzir uma CITAÇÃO FORMAL – quando reproduzimos textualmente as palavras de seu autor, que é distinta da CITAÇÃO CONCEPTUAL – quando reproduzimos, **com nossas próprias palavras**, as ideias de outrem. Nas citações formais, o dois-pontos costuma vir seguido de **aspas** de abrir e **maiúscula**:

> Quando não gostava do que lia, lá vinha ele com a genial frase do Millôr: "Houve um tempo em que os animais falavam; hoje eles escrevem".

Nas citações – embora continue valendo o princípio de não separar com pontuação os elementos necessários para completar a estrutura da frase, como mostra o primeiro exemplo, abaixo –, abre-se uma exceção para os *verba*

dicendi (em Latim, "verbos de dizer"): **afirmar**, **responder**, **alegar**, **dizer**, **comentar**, **declarar**, etc.:

> Lembro muito bem que seu conselho favorito **era** "Colhe os frutos que a vida te oferece".
>
> Falando da obra *As 1001 Noites*, Jorge Luiz Borges **disse**: "Minha ignorância do árabe permitiu-me lê-las em muitas traduções".
>
> Quando perguntaram o que ele achava de alguns autores da moda, André Maurois **respondeu**: "Em literatura, como no amor, ficamos espantados com o que os outros escolhem".

No primeiro exemplo, a citação é o **predicativo** da frase e, portanto, não pode ser separada do verbo **ser**. Nos dois outros exemplos, contudo, embora as duas citações sejam **objetos diretos** dos verbos **dizer** e **responder**, respectivamente, a tradição ocidental consagrou o emprego do dois-pontos com esse tipo de verbo.
O que vale para as **citações** pode ser estendido aos **diálogos**: o DISCURSO INDIRETO – isto é, quando nos limitamos a relatar com nossas próprias palavras o que foi dito pelo personagem – corresponde à citação CONCEPTUAL, recebendo pontuação idêntica:

> O porteiro disse que a polícia tinha estado duas vezes no prédio.
>
> A diretora respondeu que não pretendia atender nosso pedido.

Por sua vez, o DISCURSO DIRETO – isto é, quando reproduzimos textualmente as palavras do personagem – corresponde à citação FORMAL, admitindo, por isso, o dois-pontos depois do verbo *dicendi*:

> O porteiro disse: "A polícia esteve duas vezes aqui no prédio".
>
> A diretora respondeu: "Não pretendo atender o pedido de vocês".

3 – Assinalando uma relação de causa ou consequência

Também podemos usar o dois-pontos para introduzir uma oração que tem uma relação de **causa** ou de **consequência** com a anterior. Neste caso, o sinal funciona como se fosse uma verdadeira conjunção, isto é, indica que a oração que está à direita é uma **justificativa** ou uma **decorrência** do que afirmamos na primeira oração:

> Depois de seis horas, o júri chegou a uma decisão surpreendente: o réu foi absolvido.
>
> Ele não gostou da cerimônia da premiação: seu rival conquistou vários troféus.

Desta vez ela jura que vai se abster de votar: os dois candidatos são seus amigos de infância.

Hoje compreendi por que Páris estava indeciso ao decidir entre Atena, Hera e Afrodite: qualquer que fosse sua escolha, ele conquistaria duas terríveis inimigas.

Saí decepcionado com o filme: nunca vi nada tão medíocre.

Dois-pontos e aposto enumerativo

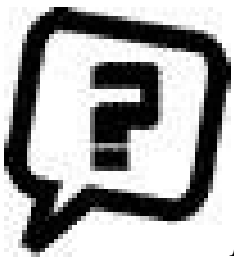

Professor, minha orientadora mandou que eu reformulasse a seguinte passagem do meu trabalho: "Os autores destacam dois tipos de pesquisa qualitativa: a etnográfica e o estudo de caso, e mencionam várias autoridades para compor e elucidar a discussão." É o dois-pontos que está errado? O senhor acha que minha frase tem remédio?

Márcia R.

Prezada Márcia, a orientadora tem razão: assim como está não pode ficar. Há muitas maneiras de reescrever este texto, mas, se fosse meu, eu o pontuaria desta forma (os dois exemplos abaixo são válidos):

> Os autores **destacam** dois tipos de pesquisa qualitativa, a etnográfica e o estudo de caso, e **mencionam** várias autoridades cujo trabalho ajudaria a compor e elucidar a discussão.
>
> Os autores **destacam** dois tipos de pesquisa qualitativa – a etnográfica e o estudo de caso – e **mencionam** várias autoridades cujo trabalho ajudaria a compor e elucidar a discussão.

Só assim fica assegurado o paralelismo estrutural entre DESTACAM e MENCIONAM, que é o eixo principal desta frase. As duas versões acima estão corretas, mas o **aposto** ("a etnográfica e o estudo de caso") fica muito mais claro na segunda, por causa dos **travessões** (lembro, mais uma vez, que o aposto sempre deve ser assinalado por **pontuação de intercalação**, o que pode ser feito tanto com vírgulas quanto com travessões ou parênteses). O emprego do **dois-pontos** só teria sentido se dividíssemos a frase original em duas, deslocando para o período seguinte a ideia contida na oração coordenada aditiva:

Os autores destacam dois tipos de pesquisa qualitativa: a etnográfica e o estudo de caso. Além disso, mencionam várias autoridades cujo trabalho ajudaria a compor e elucidar a questão.

Dois-pontos com enumeração

Prof. Moreno, está adequado o emprego do dois-pontos na frase abaixo?

Entre as medidas que podem reduzir acidentes, os pesquisadores sugerem, além da desobstrução de corredores: a pavimentação, a sinalização e a iluminação de rotas preferenciais para quem anda a pé.

Alguma coisa me diz que estamos mutilando a estrutura sintática, deixando separado, assim, o verbo do seu objeto direto – ou eu estaria vendo fantasmas?

Josué A. – Brasília

Prezado Josué: este dois-pontos realmente está errado; no seu lugar deveria figurar uma **vírgula**:

> Entre as medidas que podem reduzir acidentes, os pesquisadores sugerem, além da desobstrução de corredores, a pavimentação, a sinalização e a iluminação de rotas preferenciais para quem anda a pé.

Por que não cabe aqui um dois-pontos? Por causa de um princípio básico, tantas vezes destacado neste livro: nenhum sinal de pontuação pode interromper a ligação do verbo com seu complemento ou predicativo, como foi feito, equivocadamente, no exemplo abaixo:

> *As três cidades mais importantes da Antiguidade eram: Tebas, Alexandria e Atenas.

Em casos como esse, ou tiramos o **dois-pontos**, ou acrescentamos um predicativo **"postiço"** que deixe o padrão frasal completo:

> As três cidades mais importantes da Antiguidade eram Tebas, Alexandria e Atenas.

> As três cidades mais importantes da Antiguidade eram as seguintes: Tebas, Alexandria e Atenas.

Em suma, só podemos usar dois-pontos antes de uma enumeração quando a frase à sua esquerda estiver com seu padrão sintático completo. O único caso em que esse princípio pode ser ignorado é com os verbos *dicendi*, porque o texto que vem à direita do dois-pontos, embora seja, de certa maneira, complemento desses verbos, foi escrito por outro autor:

> Vieira disse: "Que importa que não adoreis o bezerro de ouro, se adorais o ouro do bezerro?".

Se você julgar que a enumeração ficaria mais clara se viesse introduzida pelo dois-pontos, basta reescrever o exemplo enviado:

> Os pesquisadores sugerem várias medidas para reduzir acidentes: a desobstrução de corredores, a pavimentação, a sinalização e a iluminação de rotas preferenciais para quem anda a pé.

Minúscula depois de dois-pontos

Caro professor, gostaria de saber se a palavra que vem após o sinal de dois-pontos deve ser escrita com a inicial maiúscula ou minúscula.

Rodrigo V. – São Paulo (SP)

Meu caro Rodrigo: no Português, o dois-pontos é considerado um sinal de pontuação INTERNA, assim como o travessão, o ponto-e-vírgula e a vírgula. Por isso, depois dele a frase continua em **minúsculas**, exceto no caso de citação formal, como no seguinte exemplo:

> Apontado como homem violento, o deputado não se intimidou: "Os bons, Deus leva; os ruins têm de ser mandados".

Podemos dizer que aqui está uma das raras diferenças entre o nosso sistema de pontuação e o do Inglês, pois lá muitos autores defendem o emprego da **maiúscula** após o dois-pontos mesmo que não se trate de uma citação. Essa, porém, ainda é uma questão controvertida, como se pode ver nos manuais de estilo da imprensa inglesa e americana.

IV. O travessão

O travessão é um sinal que, apesar de não ser invenção moderna, só agora

realmente começa a ser explorado. Embora já existam situações em que sua utilidade é indiscutível, pode-se perceber que ele ainda encerra outras possibilidades que o uso deverá (ou não) consagrar. Assim como a vírgula, ele pode vir sozinho ou aos pares, como veremos a seguir.

Travessão simples

Por representar uma interrupção parcial da linha escrita, o travessão nos força a prestar particular atenção ao que virá depois dele, sendo muito útil para introduzir um segmento que detalhe ou explique melhor a ideia que acaba de ser apresentada. É um sinal que dá grande agilidade ao texto, pois permite (ao contrário da vírgula) que esses acréscimos sejam feitos mesmo **com uma quebra evidente na estrutura sintática**:

> Agora o inspetor sabia muito bem quem tinha cometido o crime – O PROFESSOR!
>
> O furacão destelhou casas, rompeu linhas de transmissão, represou a água do rio e encheu a rua de árvores derrubadas – NUNCA SE VIU COISA IGUAL.

Note-se que muitos prefeririam usar o dois-pontos nestas frases; quanto a isso, os usuários individuais se dividem, refletindo velhas divergências que até hoje distinguem a escola tipográfica inglesa da francesa, da italiana, etc.

Travessão duplo x parênteses

Como vimos no item 6 – VÍRGULA SEPARANDO OUTROS ELEMENTOS INTERCALADOS (p. 96), os travessões duplos desempenham papel semelhante ao dos parênteses, afastando o leitor momentaneamente da linha natural do discurso para introduzir uma informação adicional. Existe, contudo, uma importante diferença entre eles: enquanto os parênteses costumam encerrar algo que é considerado **acessório** ao conteúdo principal, os travessões são usados para intercalar um **elemento novo**, que vem se acrescentar ao que está sendo dito na frase. Em outras palavras, os parênteses **minimizam** a importância da intercalação; os travessões, bem ao contrário, **valorizam** o elemento enquadrado entre eles.

Os travessões duplos são particularmente úteis para quem – como eu, por exemplo – gosta de intervir no próprio texto, introduzindo comentários, avaliações, reflexões pessoais, interpelações ao leitor, etc. São como se fizesse

ouvir uma voz diferente da voz principal – o que fica bem evidente, aliás, pois o trecho entre travessões muda radicalmente de tom quando lemos a frase em voz alta (mesmo que seja a famosa "voz alta mental"):

> Minha melhor amiga – BEM, AO MENOS EU JURAVA QUE ELA FOSSE – tentou seduzir meu namorado.
>
> Os defensores do tabaco – MAS AINDA EXISTE GENTE ASSIM? – protestam contra a discriminação na nova lei.
>
> Assinado o Acordo Ortográfico, ainda teremos um ou dois anos de carência, durante os quais – O QUE EU GOSTARIA QUE OCORRESSE, ALIÁS – a sociedade civil do Brasil e de Portugal pode voltar atrás e anular essas alterações insensatas.

O amigo leitor vai me perdoar a obviedade, mas fica o registro: nos travessões duplos, o primeiro corresponde ao parêntese de abrir, o segundo ao de fechar. Se o acréscimo for no fim da frase, é claro que a pontuação final (ponto, ponto de exclamação ou ponto de interrogação) vai anular o segundo travessão:

> Eles passaram meses planejando o ataque de janeiro – UM ATAQUE DEFINITIVO, DIZIAM, QUE PORIA FIM A TODAS AS HOSTILIDADES.
>
> O presidente americano só vai se reeleger se der uma solução satisfatória para esses problemas – A MEU VER, ESPECIALMENTE PARA O DESEMPREGO.

Travessão duplo x vírgula dupla

São duas as vantagens que os travessões levam sobre as vírgulas duplas. Em primeiro lugar, eles permitem (e elas não) que a intercalação seja um período completo. É uma forma muito econômica e ágil de reunir duas ideias, fora dos usuais sistemas de coordenação e subordinação:

> Ele admite que a atual **confusão** na economia dos Estados Unidos – O ENTREVISTADO NÃO CONCORDA COM O TERMO **CRISE** – está deixando os investidores mais ariscos.
>
> O jovem jogador brasileiro foi escolhido – VOTARAM TODAS AS GRANDES FIGURAS DO JORNALISMO ESPORTIVO – como o melhor atacante do campeonato europeu.

Em segundo lugar, a intercalação entre vírgulas **não** pode, como vimos na página 101, receber pontuação expressiva, como aqui:

Vamos fazer um sorteio – TODOS OS PRESENTES CONCORDAM? – para decidir quem vai ficar com a última vaga na excursão.

O hífen não é travessão

Prezado professor, não consigo perceber diferenças entre o hífen e o travessão, fora o fato do segundo ter mais ou menos o dobro do tamanho do primeiro. O seu emprego não é o mesmo?

Homero Z. – Goiânia

Meu caro Homero: embora muita gente misture os dois sinais sob a denominação genérica de "tracinho", o HÍFEN e o TRAVESSÃO são caracteres bem diferentes tanto na **forma** quanto no **emprego**. Eu sempre os distingo, quando escrevo. A diferença fundamental entre eles é o ÂMBITO em que aparecem. O HÍFEN, presente em todos os teclados do Ocidente, atua no âmbito da **Morfologia**, pois é um sinal que fica restrito ao **interior do vocábulo**. É por isso que usamos o hífen apenas em três situações: (1) para indicar que dois vocábulos formam um novo vocábulo composto (**couve-flor, decreto-lei)**; (2) para ligar o pronome enclítico ao verbo (**fazê-lo, vendeu-o**); e (3) para separar as sílabas numa eventual translineação. Como se vê, ele serve para **unir** os elementos que formam um vocábulo composto ou **unir** as duas partes da palavra que ficaram separadas pela mudança de linha – e não é por outro motivo que ele também é conhecido, tanto no Português como em outras línguas, como **traço-de-união**.

É exatamente por isso – por esse uso exclusivamente morfológico, e não sintático – que o hífen **não** é considerado um **sinal de pontuação**, mas um simples **sinal ortográfico**, como os acentos, o til ou o trema.

Já o TRAVESSÃO é vinho de outra pipa. Para começar, é um sinal um tanto aristocrático, pois não está acessível no teclado e só pode ser usado pelos poucos que conhecem a misteriosa combinação que abre suas portas. Além disso – e aqui está a diferença decisiva –, ele atua no âmbito da **Sintaxe**; pertence à **pontuação interna**, assinalando intercalações e comentários, ou indicando uma ruptura na continuidade da frase para explicar ou detalhar algum elemento mencionado. Talvez isso explique o hábito consagrado, em nosso país, de inserir um espaço antes e depois do travessão, o que é considerado totalmente inadequado no caso do hífen.

Como digitar um travessão

Caro Prof. Moreno: peço desculpas pela minha pergunta, mas não vi em seu saite o travessão empregado na forma gráfica que lhe é própria, ou seja, um traço horizontal três vezes mais longo que o hífen. O senhor não o emprega (a) por achar pouco prático construir esse sinal no teclado do computador; (b) porque o senhor simplesmente não vê razão para fazer a distinção gráfica entre o travessão e o hífen; ou (c) por desconhecer o modo de obtê-lo com o teclado?

Se a alternativa acima for a (c), tomo a liberdade de lhe informar que este sinal é obtido digitando-se 0151 no teclado numérico com a tecla Alt pressionada. O meio-travessão – pouco menor que o travessão, porém, maior que o hífen – obtém-se teclando 0150 no teclado numérico com a tecla Alt pressionada. Muito obrigado pela sua atenção e um abraço.

Edgar N. – Blumenau (SC)

Meu caro Edgar, vamos por partes:

1 – Eu sou um usuário fanático do travessão e sempre digito o símbolo correto nos meus textos, mas ele geralmente é trocado automaticamente por um hífen quando colo o texto numa página da internet ou num e-mail. Este, aliás, é o grande problema dos sinais que não são tão comuns quanto a vírgula ou o ponto-e-vírgula: na informática, os vários sistemas de codificação que coexistem, aliados às diferenças temperamentais de cada *browser*, jamais nos dão certeza de que todos os leitores vão receber nosso texto na mesma formatação em que ele foi escrito. Por causa disso, aquelas sutis distinções de tamanho e de formato que a tipografia clássica mantinha entre o **hífen**, o **sinal de menos**, o **travessão curto** e o **travessão longo** (ver quadro) vão terminar desaparecendo, ficando todos esses sinais reduzidos a um só, sem personalidade, designado pelo humilhante nome de "**tracinho**".

Travessão = —

Travessão curto = –

Hífen = -

2 – Quanto ao real tamanho do travessão, entraríamos aqui numa discussão muito complexa para mim; você afirma que o travessão tem o tamanho de **três** hifens. Há controvérsias. No mundo editorial de língua inglesa, por exemplo, eles distinguem o *hyphen*, o *en-dash*, o *em-dash*, o *2em-dash*, e por aí vai a valsa (respectivamente, o hífen, o travessão do tamanho de um **N**, o travessão do tamanho de um **M**, o travessão do tamanho de dois **Ms**, e assim por diante). Ao

que parece, o nosso travessão usual (Unicode **0151**) corresponde ao *em-dash*, e o menorzito (Unicode **0150**) seria o *en-dash*. A tipografia lusitana chama o primeiro de "risca de quadratim", e o segundo de "risca de meio-quadratim", ou "meia-risca".

Ora, a tipografia anglo-saxônica especifica, para certos casos, o emprego de um *3em-dash*, que tem o tamanho equivalente a **seis** hifens numa linha sólida; usando aritmética simples, isso daria ao *em-dash* – o nosso travessão, portanto – o tamanho equivalente a **dois**, não a **três** hifens. Mas este, Edgar, é um dos terrenos muito misterioso para que eu me aventure por ele; basta dar uma olhadinha no livro *Elementos de Bibliologia*, de Antônio Houaiss (o mesmo do dicionário), para ver como esses nomes e essas correspondências dos sinais tipográficos entre si ainda são objeto de discussões seculares e intermináveis. O antisséptico mundo da informática tenta sair desse cipoal padronizando a nomenclatura e a configuração dos caracteres, mas mesmo ali, como você sabe, há sistemas conflitantes. De qualquer forma, obrigado pela gentileza.

Travessão com vírgula?

Professor Moreno: sei que dois travessões podem ser usados no lugar de duas vírgulas, e por isso mesmo não aceito essa moda de usar um travessão juntamente com uma vírgula, como fez o jornalista Reinaldo Azevedo: É tal a avalanche de informações, é tal o consenso que se formou – especialmente entre os leigos, que entendem de aquecimento global o que eu entendo: NADA!!! –, que as vozes científicas que negam a teoria são logo lançadas ao ridículo.

Aquela vírgula depois do segundo travessão não é supérflua? Por favor, explique por quê.

Velhinho de Taubaté

Prezado Velhinho: travessões duplos funcionam exatamente como parênteses duplos. Devemos pontuar a frase como se a intercalação ainda não tivesse ocorrido. A frase de Reinaldo Azevedo, no seu estado "puro", seria:

> É tal a avalanche de informações, é tal o consenso que se formou, que as vozes científicas que negam a teoria são logo lançadas ao ridículo.

O trecho que vai ser inserido traz consigo um travessão de abrir e um de fechar, o que explica aquela sequência [travessão+vírgula] que deixou você intrigado:

> É tal a avalanche de informações, é tal o consenso que se formou – *especialmente entre os leigos, que entendem de aquecimento global o que eu entendo: NADA!!!* –, que as vozes científicas que negam a teoria são logo lançadas ao ridículo.

Se você substituir os travessões por **parênteses**, tenho certeza de que a combinação resultante – [parêntese+vírgula] – já não vai lhe parecer tão estranha:

> É tal a avalanche de informações, é tal o consenso que se formou *(especialmente entre os leigos, que entendem de aquecimento global o que eu entendo: NADA!!!)*, que as vozes científicas que negam a teoria são logo lançadas ao ridículo.

O princípio é simples: a frase-mãe deve ficar com sua pontuação integral, mesmo que se retire a expressão intercalada (entre travessões ou parênteses, não importa). Além disso, o exemplo que você escolheu ilustra muito bem as outras vantagens que nos fazem preferir, em casos como este, os travessões às vírgulas. Com eles, o jornalista pôde usar o valioso recurso de marcar o trecho intercalado com pontuação expressiva (ponto de interrogação ou de exclamação); depois – e talvez mais importante –, pôde, com grande agilidade sintática, encaixar um comentário pessoal, de forte caráter argumentativo, àquilo que vinha dizendo. E pode ter certeza de que nada disso foi por acaso, pois Reinaldo Azevedo é um mestre no manejo do travessão e de todos os outros sinais; se você não sabia, ele é um jornalista que se preparou com uma sólida formação no curso de Letras – e isso, pode ter certeza, faz toda a diferença do mundo.

A ponte Rio–Niterói

Caro mestre, a minha dúvida é a respeito das diferenças entre o hífen e o travessão, mais especificamente quanto à ponte Rio–Niterói. Eu enxergo ali um hífen; várias colegas minhas dizem que é um travessão, mas não explicam o porquê. Gostaria que o senhor tirasse essa dúvida.

Marcia B. – Rio de Janeiro

Prezada Marcia: em princípio, o **hífen** é um elemento **interno** dos vocábulos compostos. O hífen que usamos em **porta-bandeira**, por exemplo, indica que um verbo na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo ("porta") e um

substantivo feminino ("bandeira") se juntaram para formar um novo substantivo de nossa língua, o **porta-bandeira**, pessoa que leva a bandeira de um regimento ou de uma escola de samba.

O **travessão** é diferente, pois atua ao longo da frase – **fora**, portanto, do âmbito restrito do vocábulo. É um sinal de **pontuação** importante, do mesmo quilate do ponto-e-vírgula, do dois-pontos e dos parênteses, sendo muito útil para indicar intercalações ou introduzir, no final da frase, expressões que sintetizam o que acaba de ser dito.

Na verdade, o sinal que a tradição tipográfica consagrou para indicar o ponto inicial e final de um percurso ou de um espaço de tempo era o **travessão breve** (ou **meia-risca**), maior que o hífen, mas menor que o travessão propriamente dito. Houaiss, que era um especialista em Bibliologia, chama a atenção para sua grande utilidade para unir termos **que não chegam a formar uma expressão composta**. Deveríamos escrever ponte **Rio–Niterói** da mesma forma que rodovia **Belém–Brasília**, o triênio **1971–1974**, Tobias Barreto (**1839–1869**), um classificador **A–Z**. Digo "deveríamos" porque a meia-risca hoje é praticamente obsoleta, e por razões óbvias: primeiro, as antigas máquinas de escrever não tinham tecla para inserir este símbolo; depois veio o computador e tornou possível o seu emprego – mas só à custa de uma trabalhosa combinação de teclas (mantendo-se a tecla **Ctrl** pressionada, digita-se o sinal de menos no teclado numérico), desconhecida da maioria dos brasileiros. Por afinidade de desenho – afinal, tudo é "tracinho" mesmo –, a maioria o substituiu alegremente pelo **hífen**; eu, no entanto, gosto do travessão e sempre o utilizo nesses casos (embora reconheça que é difícil, para o usuário comum, inserir este sinal no texto).

O Novo Acordo Ortográfico, naquele tom autoritário que denuncia o subalterno que não aprendeu a mandar, resolveu encerrar a discussão numa penada: nada de travessão ou meio travessão; aqui só se usa o **hífen**, e estamos conversados! Ora, não vejo nada de mal em consagrarem, os autores da Reforma, o que todo o mundo já vinha fazendo; se o hífen é mais prático, viva o hífen! – mas não aceito a injustificável exclusão do travessão médio ou do travessão pleno, muito mais adequados para desempenhar essa tarefa de indicar os pontos extremos de uma sequência. Que deixassem ao gosto do autor, ora bolas! Confesso que, tirante o aspecto estético, escrever **Rio-Niterói**, **Rio--Niterói** ou **Rio–Niterói** não faz, no fundo, muita diferença – mas as coisas nem sempre são assim tão inocentes. Se empregarmos apenas o **hífen**, pode haver a natural confusão entre o que constitui e o que não constitui um **vocábulo composto**, o que, em ambientes mais rigorosos, pode criar embaraços. Assisti a uma defesa de tese em que o futuro doutor se viu numa camisa de onze varas quando um examinador perguntou por que ele usava, ao longo do trabalho, construções como "modelagem FÍSICO-MATEMÁTICA", "simulação FÍSICO-MATEMÁTICA",

etc., mas lá pelas tantas tinha se saído com uma “interface FÍSICA-MATEMÁTICA”. Nervoso, não atinou com a explicação e pediu desculpas pelo deslize; só mais tarde, durante o churrasco de comemoração, foi que se deu conta de que não tinha cometido erro algum: tinha escrito “modelagem FÍSICO-MATEMÁTICA” porque se tratava de um adjetivo composto (que, como todos sabem, só flexiona no **segundo** elemento: clínica MÉDICO-cirúrgica, amizade LUSO-brasileira). Em “interface FÍSICA-MATEMÁTICA”, no entanto, estava se referindo à interface “entre a FÍSICA e a MATEMÁTICA”; não se tratava, é claro, de um adjetivo composto, mas de dois elementos que deveriam estar ligados por um TRAVESSÃO (interface FÍSICA–MATEMÁTICA, relação PROFESSOR–ALUNO, relacionamento CLIENTE–EMPRESA) ou, para alguns, por uma BARRA INCLINADA (relação PROFESSOR/ALUNO, relacionamento CLIENTE/EMPRESA).

Pontuação final

O final da frase sempre será indicado por um ponto – seja um ponto simples (.), um ponto acrescido de sinais especiais (! ou ?), ou, ainda, por três pontos em sequência (...). Já foram (e ainda são) propostas várias inovações, como o ponto duplo (..), o ponto de ironia ( ) ou o *interrobang* (), mas tentativas como essas sempre vão fracassar, assim como fracassam irremediavelmente todas aquelas pontuações "originais" que, vez por outra, algum escritor teima em experimentar: nada pode ser feito em pontuação se não houver um contrato prévio entre aquele que escreve e aquele que vai ler.
Após um ponto desses – qualquer que seja –, espera-se letra maiúscula no início do próximo segmento. É claro que esse princípio pode ser transgredido em linguagem expressiva ou literária, mas não se espera que isso aconteça nos textos que habitualmente escrevemos. Leia o exemplo abaixo, admire o efeito que o autor obteve empregando o ponto de interrogação e do ponto de exclamação no meio da frase – mas não o imite, porque você não se chama Millôr Fernandes:

> "Vocês ainda se lembram daquela história, edificante!, do garoto holandês que botou o dedo na rachadura do dique pra salvar sua cidade, e toda a Holanda, por que não?, de ser inundada pelas águas? Pois é. O Brasil está precisando de pelo menos um milhão desses garotos pra tapar com o dedo todas as rachaduras que estão aparecendo em nossos cofres morais. E, olha aqui – não seria também uma forma de resolver o problema dos menores abandonados? Nosso maior pobrema?"

I. O ponto

Ponto final e ponto da abreviatura

Professor, sei que não é uma situação comum, mas já aconteceu comigo: no caso de terminarmos uma frase com etc., como fica a pontuação? O ponto que já vem com a abreviatura faz o serviço todo, ou tenho de usar um ponto final além dele?

Sheila W. – Jaboatão (PE)

Prezada Sheila, o ponto que colocamos em **etc.**, ou **ltda.**, ou **sr.** tem a importantíssima função de assinalar que estamos diante de uma palavra maior, que deve ser lida, em voz alta, na sua forma original. Escrevemos **cia.** mas lemos "companhia"; escrevemos **ltda.** mas lemos "limitada". Este ponto, portanto, avisa que temos diante dos olhos apenas algumas letras de uma palavra maior.

Ora, sempre que o ponto da abreviatura coincidir com o ponto final da frase, temos duas opções: ou empregamos apenas um ponto solitário, dentro do princípio de que ponto sobre ponto é ponto, ou colocamos um ponto extra, separado do ponto da abreviatura por um espaço:

> (1) A rede de supermercados, adquirida ontem por um investidor inglês, vai ser administrada pela Companhia Alimentos Ltda**.**

> (2) A rede de supermercados, adquirida ontem por um investidor inglês, vai ser administrada pela Companhia Alimentos Ltda**. .**

A meu ver, as duas soluções, embora **corretas**, são desajeitadas. A primeira era recomendada expressamente no Formulário Ortográfico de 1943:

> "Quando o período, oração ou frase termina por abreviatura, não se coloca o ponto-final adiante do ponto abreviativo, pois este, quando coincide com aquele, tem dupla serventia".

Esse procedimento, embora seja adotado por muitos, sempre me desagradou, principalmente por contrariar o princípio de que toda frase deve ter sua pontuação final própria e independente – como fica claro, por exemplo, no caso do ponto de interrogação, do ponto de exclamação ou do ponto-e-vírgula, que vão aparecer muito à vontade ao lado do ponto da abreviatura:

> A rede de supermercados, adquirida ontem por um investidor inglês, vai ser administrada pela Companhia Alimentos Ltda.**!**

> A rede de supermercados, adquirida ontem por um investidor inglês, vai ser administrada pela Companhia Alimentos Ltda.**?**

> A rede de supermercados, adquirida ontem por um investidor inglês, vai ser administrada pela Companhia Alimentos Ltda.; espera-se, por causa disso, uma reação enérgica do sindicato.

A segunda (ponto+espaço+ponto) é muito mais lógica, mas tem grande

probabilidade de dar ao leitor a impressão de que está diante de tentativa frustrada de digitar reticências. A solução que adotei há muitos anos é muito simples: por princípio, NUNCA termino uma frase com qualquer espécie de abreviação. Quando vejo que isso vai acontecer, ou dou um jeito de colocar alguma palavra depois da abreviatura, ou substituo-a pelo **extenso**, já que usar ou não formas abreviadas é uma questão de preferência (posso escolher livremente entre **sr.** ou **senhor**, **cia.** ou **companhia**, e assim por diante):

> A rede de supermercados, adquirida ontem por um investidor inglês, vai ser administrada pela Companhia Alimentos Ltda., empresa de capital nacional.

> A rede de supermercados, adquirida ontem por um investidor inglês, vai ser administrada pela Companhia Alimentos Limitada.

Título deve ser pontuado?

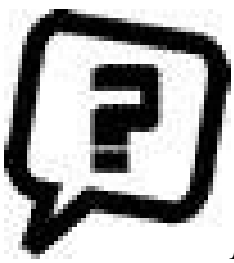

Professor, sou estudante de Comunicação e aprendi, na faculdade, que não se devia colocar pontuação no final de títulos de livros ou de artigos. No entanto, ao me preparar para um concurso que pretendo fazer, encontrei um manual de redação oficial que mandar pontuar tudo, até manchete de jornal!

Alzira S. – Juiz de Fora (MG)

Minha cara, preciso lembrar uma vez mais que o sistema de pontuação é uma convenção que só se sustenta se os dois lados envolvidos – aquele que escreve e aquele que lê – estiverem de acordo. Essa recomendação de pontuar todos os títulos vai frontalmente contra o costume de todas as pessoas cultas que escrevem e publicam neste país. Em 1943, o **PVOLP** – *Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (o avô do **VOLP**, nosso atual *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*) trazia todos os títulos com ponto – "Formulário ortográfico."; "Letras dobradas."; "Acentuação gráfica." –, mas seu exemplo sempre foi visto como uma verdadeira excentricidade.

A prática dos últimos cinquenta anos é deixar o título sem ponto. Alguns manuais sugerem uma interessante distinção: o ponto só deveria ser usado quando o título fosse um período completo, com sujeito, verbo e tudo mais:

A estrela sobe.

Perdoa-me por me traíres.

Olhai os lírios do campo.

A Lua vem da Ásia.

Esse poderia ser um conselho prudente para **redações escolares** – é impressionante a importância que os estudantes dão para o "dilema" de pontuar ou não o título da redação no vestibular! –, mas não faz o menor sentido no jornalismo ou na literatura, onde fica bem delimitado pela posição de destaque que ocupa, aliada a seu grafismo especial. Os quatro exemplos acima são de obras escritas por autores contemporâneos (Marques Rebelo, Nelson Rodrigues, Érico Veríssimo e Campos de Carvalho, respectivamente) – e todos esses títulos vêm sem pontuação no original.

É claro, prezada Alzira, que estamos falando do **ponto final**, já que os pontos **expressivos** (interrogação e exclamação) definem a natureza do título e devem, portanto, ser preservados. Embora raros, você vai encontrá-los, por exemplo, nas seguintes obras:

Mas não se matam cavalos? (Horace McCoy)

Quem tem medo de Virginia Woolf? (Edward Albee)

O que fazer? (Lenine)

Olha para o céu, Frederico! (José Cândido de Carvalho)

Quem tem farelos? (Gil Vicente)

Quem casa quer casa? (Tatiana Belinky)

Quem matou Palomino Molero? (Vargas Llosa)

Que país é este? (Millôr)

Eu acuso! (Zola)

Como você pôde ver, tudo que se pode dizer sobre pontuação fica na esfera da **sugestão** e do **conselho** – e, como em tudo nesta vida, a virtude está no equilíbrio e no bom senso. Não se pode afirmar, como fizeram na faculdade, que NUNCA haverá título pontuado – mas também não vamos dar ouvidos a manuais que querem pespegar ponto final em todos os títulos.

II. O ponto de interrogação

As perguntas **diretas** são assinaladas com um ponto de interrogação. No Inglês, a frase interrogativa tem uma estrutura própria, o que a torna facilmente reconhecível; na maior parte das frases do Português, no entanto, este sinal é o único indício de que estamos fazendo uma pergunta:

Se formos por aqui, vamos chegar mais cedo.

Se formos por aqui, vamos chegar mais cedo?

Isso também vale para aquelas perguntas curtas que usamos no final de uma frase declarativa para confirmar ou reforçar o que afirmamos:

– Você não vai comer isso, vai?

– Foi você que mandou, não foi?

– Esta é a chave do armário, não é?

Interrogação indireta

Caro Professor, tenho uma dúvida com relação à pontuação da seguinte frase: "Gostaria de saber se os colegas concordam comigo". Existe alguma regra gramatical que proíba o uso do ponto de interrogação em frases assim?

Eliana M. – São Paulo

Nesta frase não cabe um ponto de interrogação, Eliana, por ser uma pergunta **indireta**, isto é, uma frase **declarativa** que contém uma pergunta. Na verdade, trata-se de uma interrogação **direta** que foi reelaborada: "Os colegas concordam comigo?" passou a "Gostaria de saber se os colegas concordam comigo". Na pergunta direta, aquilo que queremos saber está na **oração principal**; na indireta, passa a ser apresentado sob a forma de uma **oração subordinada**, geralmente iniciada por **quem**, **qual**, **que**, **quanto**, **como**, **por que**, **onde**, **quando** e **se**:

EU GOSTARIA DE SABER

se os colegas concordam comigo.

como se liga o forno.

por que todos desistiram.

quanto vale o diamante.

por **quem** os sinos dobram.

Como você pode ver, enquanto a primeira frase FAZ a pergunta ao provável interlocutor – "Os colegas concordam comigo?" –, a segunda apenas INFORMA que eu tenho uma dúvida – "Gostaria de saber se os colegas concordam comigo". É exatamente por isso que apenas a primeira é dita com uma entonação característica (que corresponde, na escrita, ao ponto de interrogação). Na segunda, a modalidade interrogativa é marcada não pela forma da frase, mas pelo significado do verbo da oração principal, que sempre vai exprimir dúvida ou vontade de saber: **perguntar**, **indagar**, **querer saber**, **questionar**, etc.
Se você colocar um ponto de interrogação numa pergunta indireta, vai mudar completamente o que está sendo dito. Compare

(1) Ela perguntou se Pelé era jogador de basquete.

(2) Ela perguntou se Pelé era jogador de basquete?

Na primeira versão, estou **informando** que ela fez tal pergunta. Na segunda, incrédulo, estou querendo saber se realmente foi essa a pergunta que ela fez.

Pergunta retórica

Professor, o que vem a ser uma "pergunta retórica"? Seria uma pergunta boba, tão óbvia que nem deveria ter sido feita?

Sarah S. – Ribeirão Preto (SP)

Não, prezada Sarah, as perguntas retóricas raramente são bobas – bem pelo contrário, aliás. Numa pergunta "verdadeira", pedimos que nosso interlocutor forneça uma informação que nós não possuímos; em outras palavras, aquele que não sabe vai consultar aquele que sabe. Por exemplo, você só enviou sua pergunta ao meu saite porque tem a expectativa de que eu possa fornecer a resposta. Portanto, "O que é uma pergunta retórica?" é uma pergunta **verdadeira**, assim como "A que horas começa o filme?", "Quem vai no carro conosco?" e "Onde puseram a conta da luz?".
Uma **pergunta retórica**, no entanto, é um tipo esquisito de pergunta, já que, ao fazê-la, já sabemos a resposta e sabemos que nosso interlocutor também sabe. Se

dizemos “Até quando vamos ter de aguentar essa corrupção?”, estamos, na verdade, declarando a nossa indignação com um determinado estado de coisas, e ficaríamos muito surpresos se alguém resolvesse nos dar uma resposta (quem costuma fazer isso são as crianças pequenas, que não dominam ainda as maldades e as sutilezas do discurso).

Como você pode ver, usamos a pergunta retórica não para **interrogar**, mas para **afirmar** ou **insinuar**. Quem pergunta algo como “Você pensa que eu sou bobo?”, ou “Quantas vezes eu tenho de dizer que a porta deve ficar fechada à noite?”, ou “Você não tem vergonha?”, ou “Quem o Evo Morales pensa que é para saquear o patrimônio da Petrobrás?”, ou “Quer dizer que o senhor é o mandachuva por aqui?” – quem faz essas perguntas, repito, não tem intenção alguma de receber **uma resposta**. Ah, antes que eu esqueça: apesar de suas peculiaridades, a pergunta retórica é assinalada obrigatoriamente com o ponto de interrogação.

III. O ponto de exclamação

Enquanto o ponto de **interrogação** assinala inequivocamente uma **pergunta**, o ponto de **exclamação** não tem um valor bem definido. O uso deste sinal, ao contrário dos demais, não está associado à estrutura da frase; ele faz parte da vã e eterna tentativa de dar à linguagem escrita um pouco da grande expressividade que tem a língua falada, com sua riqueza incomparável de entonações. Isso fica bem claro nas definições que tradicionalmente vêm sendo dadas a ele, atribuindo-lhe magicamente a capacidade de transmitir sentimentos tão diversos quanto **alegria**, **surpresa**, **indignação**, **espanto**, **ironia**, **entusiasmo** e alguns outros mais (como se a cada um desses sentimentos não correspondesse, na fala, uma combinação diferente de expressão facial, de tom de voz, de ritmo, de intensidade).

Seja como for, é indiscutível que ele se destina a assinalar algum tipo de emoção, o que naturalmente tornou raríssimo o seu emprego em textos acadêmicos ou técnicos, que buscam aparentar ao máximo aquela neutralidade impassível que costumamos associar à voz da Ciência com “C” maiúsculo. Na literatura e na comunicação interpessoal, porém, onde se admite – e se espera – uma linguagem pessoal e expressiva, é usado em várias situações já consagradas.

Para distinguir uma frase declarativa de uma exclamação

(a) Ela pintou dois quadros em setembro.

(b) Ela pintou dois quadros em setembro!

Embora a simples presença do ponto exclamativo não seja suficiente para que nosso leitor descubra se concebemos a segunda frase para ser pronunciada com em tom preocupado, alegre, histérico ou entusiasmado, serve ao menos para deixar muito claro que o tom **não** é neutro como na primeira. Com **ponto final**, informamos que ela pintou dois quadros em setembro; com **ponto de exclamação**, temos um *plus*: há algo de excepcional no fato dela ter pintado dois quadros em setembro. O leitor, sensível à nossa sinalização, fica na expectativa de que a explicação venha a seguir.

Foi exatamente para isso que o ponto de exclamação veio ao mundo: para fazer uma espécie de **promessa** a quem nos lê. O que ele diz, no fundo, é muito simples: "Atenção, leitor: fique atento, porque aqui há mais do que o olho vê". Não admira, portanto, que seu emprego tenha sido adotado por muitos escritores medíocres, que enchiam seus textos de pontos de exclamação para sugerir uma riqueza de conteúdo que suas frases, na verdade, não tinham. Esse mau uso – ou abuso – do ponto de exclamação ficou tão disseminado que ele passou praticamente a ser evitado, à semelhança do que aconteceria, como vamos ver, com as reticências.

Se for usado com moderação, como certos medicamentos e bebidas alcoólicas, podemos aproveitar esse valor adicional que ele imprime à frase. Aqueles que simplesmente recomendam que se evite o seu emprego não podem deixar de perceber as diferenças que o seu uso introduz nos pares abaixo:

(a) Meu tio leu *Dom Casmurro*.
(b) Meu tio leu *Dom Casmurro*!

(a) Ela disse "eu te amo!".
(b) Ela disse "eu te amo"!

No primeiro par, "Meu tio leu *Dom Casmurro*!" deixa evidente que esse fato, corriqueiro para muitos, deve ser especialmente significativo para a pessoa de meu tio. No segundo par, a diferença é maior ainda; na versão (a), ela deve ter declarado seu amor em tom enfático, raivoso, veemente, etc., etc. (lembro que os atores podem dizer a expressão mais banal, o cumprimento mais corriqueiro com dezenas de nuanças emocionais diferentes); na versão (b), o ponto de exclamação encerrando a frase sugere que EU é que estou estou surpreso (emocionado, entusiasmado, aterrorizado, etc. – a escolher) por ela ter dito aquilo.

Há um pequeno número de construções sintáticas cuja presença torna a frase obrigatoriamente exclamativa; nelas não existe, portanto, a liberdade de usar apenas o ponto, como vimos nos exemplos acima. Aqui o ponto de exclamação é de praxe (algumas delas também admitem reticências):

Quem diria! Isso é que é mulher! Eu tenho tanto medo! Como detesto

aquele pilantra! Só faltava essa! Que beleza! Mas que sujeito mais pão-duro! Quanto tempo perdido!

Depois de uma interjeição

As interjeições são usadas para expressar algumas emoções básicas do ser humano, o que nos permite supor que constituíssem a forma preferida de comunicação entre os nossos antepassados da caverna. Sejam elas palavras reais de nosso idioma – **bravo**, **credo**, **viva** – ou meros sons expressivos que a escrita foi buscar na língua falada – como **ah**, **oh**, **ui**, **xi** ou **bah** –, o certo é que as interjeições são vistas como corpos estranhos no vocabulário do Português. Essa carga afetiva que elas transmitem faz com sejam seguidas naturalmente de um ponto de exclamação:

Oxalá! Epa! Boa! Socorro! Bravo! Olé! Oh!

Said Ali, um dos mais argutos gramáticos tradicionais, faz uma observação sobre o valor da interjeição "oh" que poderia, *mutatis mutandis*, servir para o ponto de exclamação, com suas infinitas possibilidades de leitura: "Basta modificar o tom de voz para cada caso particular e ela denotará alegria, tristeza, pavor, nojo, espanto, admiração, dor, piedade, etc.".

Para caracterizar chamado ou interpelação

Quando nos dirigimos diretamente a alguém, podemos usar o seu nome ou um apelativo qualquer. Esta interpelação, facilmente reconhecida na fala pelo tom e pela altura da voz, é assinalada pelo ponto de exclamação:

Você aí!

Antônio! Júlio! Onde estão vocês?

Ó de casa!

Aqui vemos um dos raros momentos em que a pontuação refere-se à elocução recomendada para a frase. O uso do ponto exclamativo sugere, em certos casos, que tivemos de elevar a voz porque nosso interlocutor não está perto de onde nos encontramos. Em outros – o que não acontece quando separamos o vocativo por uma simples vírgula –, que resolvemos adotamos um tom mais incisivo:

Filho, desce daí.

Filho! Desce daí!

Em frases imperativas

O ponto de exclamação pode reforçar a natureza das frases imperativas, outro tipo de frase que só aparece na ficção, na poesia ou na correspondência pessoal:

Peguem suas malas. Venham cá. Sentem.

Peguem suas malas! Venham cá! Sentem!

Muitos evitam usá-lo porque veem nele o mesmo caráter autoritário que assumiram, na internet, as letras **maiúsculas** – o leitor tem a impressão de que o autor está gritando.

Pontuação com interjeição

Professor, na frase "Valeu! mestre." temos uma interjeição de agradecimento, seguida de um vocativo, não é? Sendo assim, não ficaria faltando uma vírgula após o ponto de exclamação?

Josevaldo L. – Fortaleza

Meu caro Josevaldo, a análise está corretíssima: temos realmente uma interjeição (**valeu**, aqui, funciona como tal) seguida de um vocativo (**mestre**). As interjeições costumam vir acompanhadas de ponto de exclamação; os vocativos vêm precedidos de uma vírgula. A proposta que você faz – colocar uma vírgula após o ponto de exclamação –, no entanto, está equivocada. Nesses casos, separamos o vocativo com uma vírgula e deixamos o ponto de exclamação para **o fim da frase**: "Valeu, mestre!", "Cuidado, Corisco!", "Epa, camarada!" – e assim por diante.

Usar ou não usar o ponto de exclamação

Prof. Moreno, não sei se uso ou não o ponto de exclamação no slogan que desenvolvi para nossa companhia. Não sei qual das duas formas – "PRAZER EM SERVIR!" ou "PRAZER EM SERVIR." – é a mais adequada, pois andei lendo artigos dizendo que só se usa esse sinal quando se transcreve a fala de alguém, principalmente em jornais.

Anselmo T. – Aparecida (SP)

Prezado Anselmo, eu usaria o ponto de exclamação se fosse uma frase dirigida a meus clientes, estampada em algum *banner* ou *folder* (para usar dois vocábulos bem nossos, portugueses da gema...):

BEM-VINDO!

BOM DIA!

VOLTE SEMPRE!

[temos] PRAZER EM SERVI-LO!

Diferente seria a pontuação se eu estivesse me referindo a uma característica da minha empresa:

Banco Caxangá – CONFIANÇA NO FUTURO

Banco Caxangá – SEGURANÇA ACIMA DE TUDO

Banco Caxangá – PRAZER EM SERVIR

No entanto, você deve saber que a pontuação não obedece a um sistema de regras fechado, como aquele que regula o emprego dos acentos; conciliando-se o bom senso e as preferências pessoais, a mesma frase pode ser pontuada de várias maneiras, todas elas corretas. Esses três últimos exemplos poderiam perfeitamente receber um ponto de exclamação:

Banco Caxangá – CONFIANÇA NO FUTURO!

Banco Caxangá – SEGURANÇA ACIMA DE TUDO!

Banco Caxangá – PRAZER EM SERVIR!

Eu não gosto, porque (veja como isso é pessoal!) sinto um certo tom de bravata no ar – mas nada impediria que alguém assim escrevesse.

Pontuação mista

Caro professor Moreno, pode-se usar interrogação seguido de exclamação (?!) ou vice-versa (!?) nos textos? O que o professor pode me dizer em relação a essa pontuação?

Viviane – Contagem (MG)

Prezada Viviane, já vi muitas combinações como essas, assim como também vi usarem pontos de exclamação ou de interrogação enfiados como salsicha no palito – !!!!!! ou ?????. Quem usa essas esquisitas configurações tem a esperança ingênua de expressar, por escrito, aquilo que só a fala consegue. Ledo engano! A escrita não pode fazer isso – não pode, com meros sinais convencionais, reproduzir a infinidade de sutilezas que o falante traz para qualquer ato de comunicação, com o seu tom de voz, a expressão do rosto, o movimento das sobrancelhas, os movimentos da cabeça, o ritmo de sua fala, a entonação, o olhar, os gestos de mão, sei lá que mais.

Os sinais de pontuação que utilizamos foram selecionados dentre centenas de outros (basta ver os manuscritos medievais, com sua riquíssima experimentação), numa escolha sedimentada ao longo de mais de um milênio. Seu emprego também foi se estabelecendo aos poucos, historicamente, até que o valor de cada sinal ficou definitivamente claro para todos os que escrevem e todos os que leem. O princípio, altamente democrático, é muito simples: é indispensável que qualquer sinal de pontuação colocado na frase signifique para o leitor o mesmo que significa para o autor.

É por esse motivo que fracassaram inovações como o *interrobang* (um sinal que une o ponto de interrogação e o de exclamação num só grafismo), que seria usado para indicar **ironia** ou **incredulidade** numa pergunta (você pode ver esse verdadeiro ornitorrinco gráfico na página 167 deste livro) – mais ou menos a mesma coisa que alguns pretendem com o "!?". Para mim, já nasceu morto, da mesma forma que esses "?!?!", "??!!" ou "???" que andam por aí: se sou o autor, ninguém me assegura que meus leitores vão entender o que pretendo; se sou um leitor, ninguém me assegura que o autor interpreta o sinal que empregou da mesma maneira que eu.

IV. As reticências

As **reticências**, também conhecidas como **pontos suspensivos** – e familiarmente chamadas de **três-pontinhos** –, são usadas no fim de um enunciado para indicar que, na verdade, a frase não terminou, deixando ao leitor a tarefa de imaginar sua continuação (os exemplos entre aspas são de Machado):

> O fato de mulheres falarem hoje na "sua tesão" mostra como, curiosamente, foi perdida a ligação deste vocábulo com o radical **teso**. Imagino que não seja necessário explicar a relação primitiva...
>
> No meu tempo de ginásio, desatávamos a rir maldosamente só porque mencionavam a **Cornualha**, na Inglaterra, ou as famosas joias de **Cornélia**...
>
> E cá para nós: esse é um tipo de palavra que não faz a menor falta em nosso idioma. Um casaco de pelo de alpaca é... um casaco de pelo de alpaca.
>
> "Não é minha intenção ofendê-la; ao contrário..."
>
> "Queira vosmecê perdoar, mas o diabo do bicho está a olhar para a gente com tanta graça..."
>
> "Não quis, não levantou a cabeça, e ficamos assim a olhar um para o outro, até que ela abrochou os lábios, eu desci os meus, e..."
>
> "Sei que você fez promessa... mas uma promessa assim... não sei... Creio que, bem pensado... Você que acha, prima Justina?"
>
> "De todas porém a que me cativou logo foi uma... uma... não sei se diga; este livro é casto, ao menos na intenção; na intenção é castíssimo."
>
> "Vem comigo, disse eu, arranjei recursos... temos muito dinheiro, terás tudo o que quiseres... Olha, toma."
>
> "Ninguém nos vê. Morrer, meu anjo? Que ideias são essas! Você sabe que eu morrerei também... que digo?... morro todos os dias de paixão, de saudades..."

Podemos ver que, ao usá-las, o autor sugere que teria algo a acrescentar, mas está deixando deliberadamente de fazê-lo por alguma razão estratégica – por pudor, por malícia, por conveniência, por discrição – ou está indicando pausas, hesitações, interrupções, autocríticas ou mesmo silêncios significativos. A polivalência das reticências desafia qualquer esforço para classificá-las. Como observa muito bem Rostislav Kocourek, pesquisador tcheco que escreve sobre o tema, a única coisa que podemos afirmar com precisão é que elas assinalam

uma **ruptura**, uma **suspensão**, uma **interrupção** da cadeia escrita do texto. Por causa disso, sempre representam um apelo para que o leitor adivinhe a razão que levou o autor a cortar o enunciado naquele ponto – e, por consequência, forçam-no a interpretar, uma a uma, cada ocorrência deste sinal.

Nas enumerações exemplificativas

Como indicam uma **interrupção**, são usadas também como reforço para as enumerações **exemplificativas** (ou enumerações **abertas**, que vimos nas páginas 51 e 52). Neste caso, substituem perfeitamente um **etc.** – e "substituem" quer dizer "podem ser usados no lugar do **etc.**", mas não **acompanhá-lo**. O brasileiro tem uma estranha compulsão a colocar reticências APÓS o **etc.**, o que deve ser evitado:

> A coleção vai incluir um CD específico para cada um dos grandes mestres do Jazz: Miles Davis, Coltrane, Oscar Peterson, Louis Armstrong, Charlie Parker...
>
> Fica isenta de tributos a importação de qualquer material impresso de cunho educativo ou cultural: atlas, partituras, livros didáticos, gramáticas, dicionários...

Para indicar cortes em citações

Quando citamos o texto de outrem, é indispensável que seja assinalada qualquer supressão que porventura venhamos a fazer. Para isso, o mais recomendável é usar reticências **entre parênteses** ou **entre colchetes** a fim de que não se confundam com as reticências que o próprio autor possa ter usado no texto original:

> *"Três décadas atrás [...] eu ostentava ideias claras sobre o Vietnã (os dois), o peronismo, Lumumba, a Albânia, os bororós e a chegada do homem à Lua. Conflitos entre árabes e judeus em territórios bíblicos não encerravam para mim nenhum segredo [...] Agora mal me atrevo a opinar sobre aquilo que vivo e sofro diretamente. Por isso tenho um pouco de inveja e muita desconfiança de meus colegas intelectuais europeus e suas claras certezas [...]"*
>
> *Fernando Savater*

Espaço antes ou depois das reticências

Professor Moreno, tenho uma dúvida e agradecia se o senhor me pudesse esclarecê-la: vai um espaço antes das reticências? Ou elas vêm diretamente seguindo a palavra, como o ponto? O correto seria "Hum ... Que bonito!" ou "Hum... Que bonito!"?

Nair S. – Stuttgart (Alemanha)

Prezada Nair, não há nenhuma regra ortográfica a respeito disso. Os tipógrafos e compositores certamente têm regras sobre o tema: os americanos deixam um espaço antes e um espaço depois; os franceses se dividem quanto a isso; os ingleses advertem que as reticências, ao contrário do que o resto do mundo pensa, não são três pontos digitados no teclado, mas um sinal especial em que os pontinhos vêm menos espaçados. Ora, falando francamente, essas minúcias devem ter lá sua importância no mundo das indústrias gráficas, mas perdem qualquer sentido para nós, simples mortais – principalmente no século dos processadores de texto, que aumentam ou reduzem os espaços entre as letras e os sinais a fim de justificar a linha impressa.

O que temos é uma prática quase universal: todos os sinais de pontuação ficam colados na palavra que fica à sua esquerda. Veja, por exemplo, a vírgula, o ponto, o ponto-e-vírgula nestes exemplos: "Naquele dia, quando..."; "Estava escuro. As últimas estrelas..."; "Ele pediu uma salada; ela, no entanto, escolheu...". Por isso, recomendo que você se junte prudentemente à multidão e faça o mesmo com as reticências: "Hum... Que bonito!".

O professor que odiava reticências

Prezado professor Moreno: anos atrás (na verdade, décadas atrás) tive um excelente professor de Português que, como era de praxe naquela época, era mais duro do que cerne de angico. Era carrancudo, seco e exigente, mas devo a ele tudo o que aprendi sobre nosso idioma. O curioso é que ele nos proibia o emprego de reticências – e "proibir", para ele, significava dar nota "zero" para a redação inteira. Era uma simples ojeriza pessoal, ou havia alguma razão oculta que eu nunca pude entender?

Afonso L.C. – Recife

Meu caro Afonso: conheci também alguns desses professores da velha guarda, feitos de uma argila que não se encontra mais. Eram intransigentes com nossos erros, mas justos, abnegados e, acima de tudo, orgulhosos do papel que exerciam na escola e na comunidade. Tive um professor de Português parecido com o seu, e acho que posso resolver o seu enigma. As reticências, exatamente por sugerirem que existe algo por trás da frase interrompida, ganharam uma popularidade imediata entre os que não sabiam escrever. A frase saiu chocha? Basta pregar-lhe reticências, e pronto! Ela adquire uma aura de mistério que desafia o leitor – ou, como bem disse um autor, "o ideal fácil do **não dito** substituía o esforço para dominar o **dito**". Em outras palavras, as reticências se prestam como uma luva para a mistificação...

Não recordo exatamente o texto que ele dava de exemplo, mas posso reconstruir algo semelhante. Se você comparar a primeira versão (retirada de um daqueles almanaques que a farmácia dava de brinde) com a segunda, semeada com reticências, vai perceber, mesmo sabendo tratar-se das mesmas palavras e das mesmas frases prosaicas, como o texto parece ter adquirido significados misteriosos:

O cafeeiro é originário da distante Etiópia. Lá ele é silvestre e pode chegar à altura de uma árvore; aqui, cultivado em cafezais, podam-no para não ficar muito mais alto que um homem.

A florescência do café depende da chegada da chuva. Os arbustos têm folhas lustrosas verdes-escuras, mas as folhas são brancas e possuem o cheiro de jasmim. A flor leva nove meses para se transformar em fruto maduro.

O cafeeiro é originário da distante Etiópia...

Lá ele é silvestre e pode chegar à altura de uma árvore...

Aqui, cultivado em cafezais, podam-no

para não ficar muito mais alto que um homem...
A florescência do café depende da chegada da chuva...
Os arbustos têm folhas lustrosas verdes-escuras, mas as folhas são brancas e possuem o cheiro de jasmim...
A flor leva nove meses para se transformar em fruto maduro!

Que tal? Se você mostrar a segunda versão a um amigo e perguntar que leitura ele faz do texto, estou certo de que vai ouvir grandes interpretações.

Diversos

O ponto fica antes ou depois das aspas?

Olá, Professor! Preciso justificar para um cliente que as aspas vão antes do ponto final, e não depois dele. Mas não encontro tal explicação nos livros que tenho. O senhor poderia me ajudar na argumentação?

Flávia G.S.

Minha prezada Flávia: há frases em que as aspas vêm ANTES do ponto final, como você sugere, mas há outras em que elas devem vir DEPOIS. Para decidir entre as duas hipóteses, é indispensável lembrar que todo período começa por uma letra maiúscula e se encerra por um ponto; essas são as marcas visíveis que assinalam o limite inicial e o limite final da frase. Ora, se a expressão entre aspas estiver DENTRO do período, necessariamente ela deverá ficar antes do ponto final – incluindo, é claro, as aspas:

> O deputado foi lacônico: "Não tenho relacionamento algum com este senhor".

Note que o ponto final põe um fim ao período que foi iniciado pelo artigo "O" em maiúscula; as aspas estão contidas dentro do espaço demarcado por essas duas balizas. Se, no entanto, as aspas englobarem o período **inteiro**, entre elas também vão ficar os dois pontos extremos – a maiúscula e o ponto final –, como nesta citação de Ambrose Bierce:

> "Cínico é um patife cuja visão defeituosa o obriga a ver as coisas como elas são, e não como deveriam ser."

Todas as citações do *Dicionário Universal de Citações*, do Paulo Rónai (Ed. Nova Fronteira), aliás, vêm pontuadas desta última forma. Para fins de argumentação com seu cliente, você pode usar o exemplo que o manual de estilo da *American Psychological Association* dá para a utilização dos parênteses em idêntica situação:

> (Quando uma frase completa está encerrada entre parênteses, coloque a pontuação final da frase dentro dos parênteses, como neste caso.) Se apenas parte da frase está entre parênteses (como neste caso), coloque

a pontuação fora dos parênteses (como estamos fazendo agora).

Como não conheço a frase que está em discussão entre vocês dois, Flávia, não posso dizer mais nada. Veja em qual dos dois casos acima ela se enquadra, e pronto.

Ponto dentro e fora das aspas?

Prezado Professor: quando uma interrogação entre aspas coincidir com o final da frase, é necessário também colocar um ponto DEPOIS das aspas? Ontem, pela primeira vez, esbarrei neste problema ao escrever uma matéria para meu jornal. A frase – Ele ouviu uma voz feminina que gritava, em desespero: "Onde está meu filho?" – fica assim mesmo, ou eu deveria acrescentar o ponto final? Confesso que nenhuma das duas hipóteses me agrada.

Juscelino V. – São Luís

Meu caro Juscelino, tenho visto usarem tanto uma quanto a outra solução, mas como você veio perguntar qual é minha preferência, já vou esclarecendo que sou partidário da segunda. Eu pontuaria a frase assim:

> O porteiro ouviu uma voz feminina que gritava, em desespero: "Onde está meu filho?".

Acrescento que faria o mesmo se a frase entre aspas terminasse por um ponto de **exclamação**. A meu ver, estou apenas tentando ser coerente com o princípio fundamental da pontuação no final da frase: **o ponto encerra a unidade iniciada pela letra maiúscula que abre o período**. Essa é a regra suprema.

Neste caso, portanto, o período deve ser pontuado independentemente da expressão entre aspas. Aquele ponto final me parece indispensável por um simples e poderoso motivo: o período AFIRMA que o porteiro ouviu alguém que gritava, ou seja, o leitor está sendo informado de algo que o porteiro FEZ. Se, por outro lado, o último sinal que o leitor encontrasse à direita fosse o ponto de interrogação, não só o trecho entre aspas seria interrogativo, mas sim o período todo – como se estivéssemos perguntando se o porteiro tinha ouvido uma mulher gritando pelo paradeiro do filho (o porteiro ouviu isso?).

Quem prefere não usar este ponto depois das aspas sempre poderá alegar que o leitor, apoiado nas pistas que o contexto oferece, não terá muita dificuldade em entender que se trata de uma frase afirmativa que encerra, dentro dela, a citação

de uma pergunta. É verdade – mas se ele pode chegar a esse resultado sem a presença do ponto, com mais certeza e rapidez ele chegará se o ponto estiver no lugar.

e /OU – valor da barra inclinada

Prezado professor: assim como no futebol todos se consideram técnicos, muitos se consideram especialistas no nosso idioma, principalmente no ambiente acadêmico. A discussão comeu solta em nossa universidade a respeito do seguinte artigo do regulamento:

> *Serão considerados docentes permanentes os professores que desenvolvam atividades de ensino na graduação E/OU pós-graduação.*

Por causa deste E/OU, um grupo defende que o professor, para ser considerado docente permanente, terá de estar obrigatoriamente ligado à graduação, sendo opcional seu vínculo com a pós-graduação. Outro grupo, no entanto, entende que o artigo acima permite que um professor seja classificado como docente permanente mesmo que esteja ligado apenas à pós-graduação. Sem entrar no mérito da questão, mas exclusivamente dentro da visão linguística, qual dos dois grupos faz a interpretação correta?

Jacob W. – Campinas (SP)

Meu caro Jacob, o emprego do E/OU sempre traz esse perigo; apesar de ser um operador muito útil, acho que ainda não está suficientemente difundido para ser usado sem causar discórdia. Há, inclusive, quem o considere uma invenção pedante e desnecessária, mas me atrevo a dizer, com base na experiência que acumulei na minha página da internet, que a maior parte dos que se opõem a ele mudariam de ideia se soubessem exatamente para que ele foi criado.

Sua origem se explica por uma daquelas diferenças bem marcantes que existem entre a linguagem da Lógica Formal e a linguagem humana, principalmente no valor de conectores como E, OU e MAS. Onde usamos nosso OU, o Latim usava duas palavras diferentes, *vel e aut*. O primeiro era um OU fraco, **inclusivo** – significando "**um ou outro, possivelmente ambos"; o segundo era um** OU forte, **exclusivo**, significando "**ou será um, ou será outro"**.

1 – OU **inclusivo** (qualquer um dos dois):

> É uma flor delicada; o frio OU o calor excessivos podem fazê-la

morrer.

Ele aceita trocar o carro por ações OU por mercadorias.

2 – OU **exclusivo** (ou um, ou outro):

O cargo de presidente, que está vago, será ocupado por João ou Pedro.

Esta chave deve pertencer a Pedro OU àquele professor visitante.

A Lógica Formal resolveu o problema criando dois símbolos diferentes, um para cada tipo de OU. Uma língua natural como o Português, porém, não pode "criar" conjunções ou preposições; por causa disso surgiu a prática (adotada por alguns, mas não por todos os usuários) de usar uma barra entre o E e o OU para indicar que se trata do OU **fraco** (o *vel* do Latim), isto é, o OU **inclusivo**. A frase abaixo é um bom exemplo:

O calor acima dos 50 graus **E/OU** a umidade acima de 70% podem alterar esta substância.

Esta frase contém três afirmações diretas:

(1) o calor acima dos 50 graus pode alterar a substância,

(2) a umidade acima dos 70% pode alterar a substância,

(3) o calor e a umidade juntos podem alterar a substância.

A frase que vocês discutiram – "serão considerados docentes permanentes os professores que desenvolvam atividades de ensino na graduação **E/OU** pós-graduação" – afirma, claramente, que será classificável como docente permanente

(1) o professor que só atua na graduação,

(2) o professor que só atua na pós-graduação e

(3) o professor que atua em ambas.

Como acontece em qualquer **disjunção inclusiva** (este é o nome técnico empregado pela Lógica), só ficará excluído o professor que não se enquadrar em **nenhuma** dessas três hipóteses.
Se o burocrata que escreveu esse texto sabe usar o E/OU, foi isso o que ele disse. Se tivesse escrito "na graduação **E** na pós-graduação", teria dado margem à interpretação, por parte de alguns leitores, de que só seria enquadrado aquele que atuasse **nas duas áreas**, excluindo-se aqueles que atuassem em apenas uma delas. Por outro lado, se tivesse escrito "na graduação **OU** na pós-graduação", teria dado margem à interpretação, por parte de outros, de que só se enquadraria

nesta classificação aquele que lecionasse **ou** na graduação, **ou** na pós-graduação – excluindo-se o que lecionasse em **ambas**. Ao usar o E/OU, matou a questão: só fica excluído aquele que não leciona em nenhuma das duas.

Barra inclinada ou travessão?

Caro Professor Moreno, uma questão tem gerado muita controvérsia em nosso escritório: como devemos expressar por escrito a relação entre o custo e o benefício? Seria "relação custo-benefício", com hífen? Ou "relação custo–benefício", com travessão? Ou ainda "relação custo/benefício", com barra, como se fosse uma relação matemática? Penso, sem nenhuma segurança, que não deva ser com hífen, pois não é palavra composta, ou estou equivocado? Se for com hífen, formaria um terceiro significado, não é? Com ***travessão****, parece ter o sentido de "uma ponta a outra", o que não é o caso. Portanto, não seria, então, com barra (/), visto que denotaria uma relação de dois elementos, como, por exemplo, km/h, tarefas/hora, etc.?*

Ubirajara C. – Vila Mariana (SP)

Meu caro Ubirajara, seu raciocínio acertou na mosca. Não pode ser **hífen**, porque não é um substantivo composto; não pode ser **travessão**, porque este é usado para indicar o início e o fim de um percurso ou de uma época (a ponte Rio–Niterói, a inflação no período 1960–2002). Por causa de seu uso na matemática, vai ficando cada vez mais frequente empregar a **barra inclinada** para assinalar relações do tipo **custo/benefício**, **corpo/espírito**, **tempo/espaço**, além do recente e fertilíssimo campo das interfaces (palavra com que antipatizo, mas que veio para ficar): interface **serviço/paciente**, **hardware/software**, **cérebro/máquina**, **ciência/educação**, e tudo mais que veremos nestes próximos anos. Como pode ver, só tive o trabalho de confirmar o que você já tinha pensado.

Sem espaço antes da vírgula

Professor Moreno, gostaria saber se existe alguma regra formal que obrigue a pontuação a ficar "encostada" na palavra da esquerda. Um colega de trabalho costuma colocar um espaço entre a última palavra escrita (ou digitada) e o sinal de pontuação, seja vírgula, ponto final, ponto de interrogação ou de exclamação. Argumentei que esse não era o costume, mas me desafiou a apresentar a norma que proíbe que isso seja feito. Pesquisei exaustivamente e consultei alguns professores, mas não achei o que procurava, pois a maioria das pessoas acha que é só um costume estético. Há algum fundamento gramatical?

José Francisco C. – Sorocaba (SP)

Prezado José, este é um daqueles casos em que o costume acaba se tornando lei. As vírgulas, os pontos, etc., realmente costumam ficar encostados na palavra anterior, não por força de alguma regra gramatical, mas sim por herança da forte tradição tipográfica que antecedeu o nosso mundo de textos digitais. Eu pensava que, com o tempo, este detalhe acabaria se tornando irrelevante, já que um processador de texto como o Word, ao justificar as linhas, às vezes introduz, por conta própria um espaço considerável entre as palavras, ou entre um sinal de pontuação e a palavra que vem depois dele.

Acontece que eu não estava enxergando o óbvio, e foi necessário que um leitor de Porto Alegre, Alfredo Kauer, me chamasse a atenção para um princípio fundamental de digitação que, embora não seja uma regra gramatical, encerra definitivamente a questão: ao teclarmos um texto no computador, o processador de texto interpreta cada espaço como o aviso de que uma palavra terminou e que vai começar outra; por isso, nunca devemos inserir um espaço **antes** do sinal (seja vírgula, ponto, ponto-e-vírgula, parênteses, aspas, etc.), mas sim **depois**, para que o sinal se torne, aos olhos do processador, parte integrante da palavra anterior. Como a mudança automática de linhas sempre se dá depois de uma palavra completa, a vírgula, estando "encostada", não vai passar para a linha seguinte.

Aposto que os textos digitados por aquele seu colega de trabalho apresentam, às vezes, algum sinal de pontuação isolado no início de certas linhas – o que, além de esquisito, torna muito penoso o trabalho do leitor, obrigando-o a voltar à linha que já tinha lido. Se essa observação é notícia antiga para os usuários mais experientes dos processadores de texto, muito poderá esclarecer os novatos, que às vezes ficam olhando intrigados para aquele sinal solitário no começo da linha, atribuindo-o a alguma daquelas entidades misteriosas que volta e meia se manifestam no nosso monitor, como a desanimadora tela azul ou aquela mensagem apocalítica de que cometemos um "erro fatal".

O uso de colchetes

Professor, em quais situações exatamente empregamos os colchetes ao redigir um texto? O senhor já disse em uma coluna que eles devem ser usados sempre que há interferência nossa no que está sendo dito. Estariam corretos, portanto, no exemplo abaixo, trecho de uma carta que mandei para meus amigos? "A confusão está armada. Isso não dá. Que solução há? A perspectiva é má. [a rima não é de propósito; escrevi sem pensar]"

Silvana F.P. – Sombrio (SC)

Minha prezada Silvana, aqui caberiam os velhos **parênteses**, que são os sinais adequados para indicar que estamos incluindo um comentário dentro de um texto que **nós mesmos escrevemos**. Reservamos os **colchetes** para assinalar uma intervenção nossa na citação de **texto alheio**:

> "O colchete é usado para indicar a inserção de palavras nossas no texto escrito por outrem. Podem ser simples observações de caráter bibliográfico ([*está assim no original*], [*o grifo é do autor*], [*segue-se uma linha ilegível*]), mas também podem ser comentários que introduzimos na citação para condicionar a interpretação do leitor ([*como se fosse verdade*], [*eu que o diga!*], [*de novo!*]). Como essas intromissões no texto alheio constituem a mais radical de todas as intercalações, devemos dar a elas uma sinalização reforçada, para evitar que o leitor incorpore nossas palavras ao texto original que estamos citando. Normalmente, como reforço visual, as palavras que ficam entre colchetes vêm grafadas em outro tipo de fonte."
>
> [Extraído de *Português para Convencer*, de Cláudio Moreno e Túlio Martins. São Paulo: Ática, 2006.]

Vamos a um exemplo bem prático: suponhamos que eu esteja citando – a fim de polemizar – uma correspondência desaforada que um colega me enviou. Começo assim:

> Acabo de receber um e-mail do professor XXX, onde ele sugere, de forma não muito delicada, que há lacunas na minha formação acadêmica:
>
> "Professor Moreno, o senhor parece ignorar a lição dos gramáticos

antigos! O que V.S. necessita [*agradeço a deferência, professor, mas não sou o Papa – ele é o único que merece ser chamado de Vossa Santidade!*] é de alguém que o ensine a usar a Língua Portuguesa de Camões e de Vieira".

Como fui eu que inseri a frase em itálico no meio das palavras do meu correspondente, eu não poderia simplesmente utilizar os **parênteses**, pois isso, à primeira vista, sugeriria que essa intercalação já estava no texto original do e-mail; ao usar **colchetes**, porém, assinalo definitivamente o fato de que a frase em itálico **não** pertence ao texto que estou reproduzindo.

Este é um bom princípio a seguir, cara Silvana: se toda e qualquer intervenção que eu fizer em textos alheios (sublinhas, grifos, destaques, supressões, comentários, etc.) vier entre colchetes, estabeleço com meu leitor a convenção tácita de que todos os demais sinais de pontuação que aparecerem no texto citado (incluindo aí os parênteses) foram colocados lá pelo autor, e não por mim.

P.S.: Meu exemplo ficou claro? O hostil professor, querendo abreviar **Vossa Senhoria** (**V.Sa**.), usou erroneamente **V.S.**, que é a abreviatura de **Vossa Santidade**. Para quem está destratando um professor de Português, foi um erro fatal: ele deitou no trilho, e eu só tive de acelerar a locomotiva.

Pontuação no cabeçalho de correspondência

Professor, ao escrever uma carta ou um e-mail, escrevo "Prezado Senhor" (ou, se for o caso, o nome do destinatário) e abro o parágrafo logo abaixo, sem pontuação alguma. Um colega me corrigiu e disse que o correto seria pôr vírgula após o nome da pessoa. Qual a forma correta?

Joamir S. – Parnamirim (RN)

Prezado Joamir, este é um daqueles casos que fica, como se dizia na minha infância, "ao gosto do freguês". Como não há regra específica, as pessoas se dividem aqui em várias tribos. Estão certos os que usam **vírgula**, os que usam **dois-pontos**, os que usam **ponto** simples – estão certos até mesmo os que preferem deixar **sem pontuação alguma**. Tudo é possível, exceto, é claro, um **ponto-e-vírgula**.

Eu, por exemplo, alterno entre a vírgula e o dois-pontos. Já Celso Pedro Luft, meu mestre, tem uma opinião bem diversa da minha. Não gosta da **vírgula**

porque ela dá a impressão de que o tradicional "Prezado Senhor" é um **vocativo** que faz parte da primeira frase do texto; o **ponto** sozinho não lhe agrada porque o considera simplesmente "antiestético"; o **dois-pontos**, embora muito usado na correspondência oficial, parece-lhe um sinal "burocrático, técnico, comercial – pontuação fria!". Segundo ele, o ideal – "para ênfase, sentimento, calor no papel" – seria o **ponto de exclamação**, mas não o recomenda porque, reconhece, seria interpretado pela maioria dos leitores como sinal de uma entonação agressiva. Em vista de tudo isso, declara que, neste caso, "a melhor pontuação é nenhuma". Quem conhece sua obra sabe que este é mais um exemplo daquele que considera ser o "conselho áureo" para quem escreve:

> "Em caso de DÚVIDA, o melhor é sempre NÃO (**não** acentuar, **não** usar a crase, **não** flexionar o infinitivo, **não** pontuar)".

Pontuação: charadas

*Professor Moreno, aí vai uma charada para o senhor decifrar! Pontue a seguinte frase de modo que faça sentido: "João toma banho quente e sua mãe diz ele quero banho frio***".** *Pode colocar em sua página na internet para ver se o pessoal consegue resolver.*

Alexandre D. – 17 anos – Brasília

Meu caro Alexandre: você é jovem, mas a frase é velha; não quero ser desmancha-prazeres para os meus leitores, mas vou resolver o enigma de uma vez:

> João toma banho quente e sua. "Mãe", diz ele, "quero banho frio".

A chave é o vocábulo "**sua**", aqui a 3ª pessoa do presente do verbo SUAR (e não o pronome possessivo). Esta é uma antiga charada de pontuação, irmã destas outras, também clássicas:

> (1) Um navio holandês entrava no porto um navio inglês.
>
> (2) Voar da Europa à América uma andorinha só não faz verão.
>
> (3) Um fazendeiro tinha um bezerro e a mãe do fazendeiro era também o pai do bezerro.

No meu tempo de estudante circulava um poema que fala de três atraentes irmãs; dependendo da pontuação empregada, o poeta declara seu amor por Soledade, por Lia ou por Iria, ou ainda confessa estar indeciso entre as três. Vou reproduzir o poema; a pontuação, nas suas quatro versões, vem a seguir:

Três belas que belas são
Querem que por minha fé
Eu diga qual delas é
Que adora o meu coração
Se consultar a razão
Digo que amo Soledade
Não Lia cuja bondade
Ser humano não teria
Não aspiro à mão de Iria
Que não tem pouca beldade.

Essas charadas, ou enigmas, muito populares há uns cinquenta anos, espelham muito bem o saudável espírito de brincar com a linguagem, tão comum naquela época. Fico entusiasmado ao ver que jovens como você estão descobrindo o que chamo de "o prazer da palavra", para mim a verdadeira pedra de toque das pessoas que têm espírito.
SOLUÇÕES:

(1) Um navio holandês entrava no porto um navio inglês.

Essa frase não deve ser pontuada; **entrava** não é do verbo ENTRAR, mas sim o presente do indicativo de ENTRAVAR. Seria algo assim como "Um navio holandês atrapalha no porto um navio inglês". Se você quiser, pode colocar "no porto" entre vírgulas, por se tratar de um adjunto adverbial deslocado, ou deixá-lo assim mesmo, devido à sua pequena extensão.

(2) Voar da Europa à América uma andorinha só não faz, verão.

Novamente uma charada que se baseia no equívoco entre duas formas homógrafas: **verão** é a 3ª pessoa do plural do Presente do Indicativo de VER; nosso ouvido, no entanto, é sugestionado pelo velho provérbio "Uma andorinha só não faz verão".

(3) Um fazendeiro tinha um bezerro e a mãe; do fazendeiro era também o pai do bezerro.

Essa é velha como a pomada Minâncora! O fazendeiro tinha um bezerro e a mãe (do bezerro, é claro; estamos falando, portanto, de Dona Vaca); o pai do bezerro (o touro) era também do fazendeiro. A construção é caprichosa, mas vale a intenção.

Veja agora como o namorado indeciso entre as três belas irmãs pontua seu poema de quatro maneiras diferentes.

1 – O poeta confessa seu amor por SOLEDADE:

Se consultar a razão,
digo que amo SOLEDADE.
Não Lia, cuja bondade
ser humano não teria.
Não aspiro à mão de Iria,
que não tem pouca beldade.

2 – O poeta confessa seu amor por IRIA:

Se consultar a razão,
digo que amo Soledade?
Não! Lia, cuja bondade
ser humano não teria?
Não! Aspiro à mão de IRIA,
que não tem pouca beldade.

3 – O poeta confessa seu amor por LIA:

Se consultar a razão,
digo que amo Soledade?
Não! LIA, cuja bondade
ser humano não teria!
Não aspiro à mão de Iria,
que não tem pouca beldade.

4 – O poeta está hesitante entre as três:

Se consultar a razão,
digo que amo Soledade?
Não Lia, cuja bondade
ser humano não teria?
Não aspiro à mão de Iria,
que não tem pouca beldade?

Não sei quem é o autor da charada. Eu a encontrei num precioso livrinho intitulado *Exercícios de Português*, de M. Cavalcanti Proença, escritos no fim da década de 50 para os cursos de oratória e redação da Academia Militar das Agulhas Negras, famosa pela qualidade e pelo rigor de seu ensino de Português. Quando me falam na necessidade de preparar quadros para o Serviço Público, cito sempre esse exemplo da AMAN – e aí ficam brabos comigo! O que queriam? Qualidade sem esforço?

Cláudio Moreno nasceu na cidade de Rio Grande (RS). No final dos anos 60, concluiu o curso de Letras da UFRGS, com habilitação em Português e Grego. Em 1972 ingressou como docente no Instituto de Letras da mesma universidade, tendo sido responsável por várias disciplinas nos cursos de Letras e de Jornalismo, assim como pela disciplina de Redação para os cursos de pós-graduação de Medicina. Em 1977, concluiu o mestrado em Língua Portuguesa com a dissertação *Os diminutivos em -inho e -zinho e a delimitação do vocábulo nominal no Português*; em 1997, obteve o título de Doutor em Letras com a tese *Morfologia nominal do Português*. Do jardim-de-infância à universidade, estudou toda sua vida em escolas públicas e gratuitas, razão pela qual, sentindo-se em dívida para com aqueles que indiretamente custearam sua educação, resolveu criar e manter o sítio www.sualingua.com.br como uma pequena retribuição por aquilo que recebeu.

Coordena, atualmente, a área de Língua Portuguesa dos colégios Leonardo da Vinci Alfa e Beta, de Porto Alegre, do Sistema Unificado de Ensino. É professor regular das Teleaulas de Língua Portuguesa da Universidade Estácio de Sá, do Rio de Janeiro. Na imprensa, assinou uma coluna mensal sobre etimologia na revista *Mundo Estranho*, da Abril, e escreve regularmente no jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre, onde mantém uma seção sobre Mitologia Clássica e outra sobre questões de nosso idioma.

Publicou, em coautoria, livros sobre a área da redação — *Redação técnica* (Formação), *Curso básico de redação* (Ática) e *Português para convencer* (Ática). Sobre gramática, publicou o *Guia prático do Português correto* pela L&PM Editores, em três volumes: Ortografia (2003), Morfologia (2004) e Sintaxe (2005). Pela mesma editora, lançou *O prazer das palavras* – v.1 (2007) e v.2 (2008), com artigos sobre etimologia e curiosidades de nosso idioma. Além disso, é o autor do romance *Troia* (2004) e de dois livros de crônicas sobre Mitologia Clássica, *Um rio que vem da Grécia* (2004) e *100 lições para viver melhor* (2008), todos pela L&PM Editores.

Texto de acordo com a nova ortografia.

Projeto gráfico e capa: Ana Cláudia Gruszynski
Revisão: Elisângela Rosa dos Santos e Patrícia Yurgel
Revisão final: Cláudio Moreno

Cip-Brasil. Catalogação-na-Fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, Rj

M846g

Moreno, Cláudio, 1946-
Guia prático do português correto: para gostar de aprender, volume 4: pontuação / Cláudio Moreno. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2011.
(Coleção L&PM POCKET; v. 875)
Conteúdo: Princípios gerais - Pontuação interna - Pontuação final

ISBN 978.85.254.2332-0

1. Língua portuguesa - Pontuação. I. Título. II. Série.
10-2145. CDD: 469.1
CDU: 811.134.3'35

© Cláudio Moreno, 2010.

e-mail do autor: **hapax@terra.com.br**
Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores

Rua Comendador Coruja, 314, loja 9 – Floresta – 90.220-180
Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777 – Fax: 51.3221-5380
Pedidos & Depto. Comercial: vendas@lpm.com.br
Fale conosco: info@lpm.com.br

Pedidos & Depto. Comercial: **vendas@lpm.com.br**
Fale conosco: **info@lpm.com.br**
www.lpm.com.br

Table of Contents

Apresentação
Falar e escrever
Princípios gerais - A pontuação nos dicionários
- A vírgula não existe para marcar pausas
- vírgula com sujeito posposto
- como posso indicar uma pausa na fala?
- vírgula depois de sujeito oracional
- separar o sujeito do predicado?
- vírgula entre o sujeito e o verbo?
- por que cometem esse erro?
- vírgula antes de “é”
- Curtas - Nem tudo a pontuação pode representar
- Vírgula entre o sujeito e o verbo
- Vírgulas de um convite
- Vírgulas e pausas não coincidem
- Vírgula depois do nome de autores
- Água também é vida!
- A frase de Saramago
- Quem ama, educa

Pontuação interna
- I. A vírgula - Separando os itens de uma enumeração
- Enumerações abertas
- A pontuação do etc.
- Enumeração com vírgula antes do “E”
- Enumeração de adjuntos adverbiais
- Curtas - Vírgula em nome próprio
- Ponto depois do etc
- 2 – Separando orações coordenadas
- Orações com sujeitos diferentes
- O “E” com valor adversativo
- Pontuação do POIS
- A frase pode começar com E ou MAS?
- Curtas - “E” com valor adversativo
- E sim
- Vírgula estranha antes do “E”
- Quando “E” não for conjunção aditiva
- 3 – Separando o adjunto adverbial deslocado
- Adjunto adverbial curto
- Vírgula a ser evitada

Advérbios em -MENTE
Adjunto adverbial no convite de casamento
Desta feita
Curtas - Ontem à noite
Adjunto adverbial deslocado
Ad referendum: adjunto adverbial deslocado
Vírgula com data
4 – Separando o aposto
Aposto ou vocativo?
Alexandre, o Grande
Aposto entre travessões
Curtas - Diretor em exercício
5 – Separando o vocativo
Vocativo não é sujeito
Bom dia, Vietnã!
Suje-se gordo!
Curtas - O vocativo
Cuidado frágil
Vocativo x sujeito
Pontuação com interjeição
Quantas vírgulas?
Muda o sentido
6 – Separando outros elementos intercalados
Vírgula depois de parênteses
Travessão seguido de vírgula
Interrogação dentro da intercalação
Curtas - Além disso
Conjunção seguida de expressão intercalada
7 – Indicando a elipse do verbo
Supressão do verbo ser
Vírgula obrigatória?
Curtas - Vírgula estranha
Falso caso de elipse
8 – Separando as adjetivas explicativas
Aposto e oração explicativa
Aposto restritivo
Ensinando as adjetivas
Orações adjetivas no subjuntivo
Aposto circunstancial
Elementos não restritivos
Curtas - Adjetiva explicativa reduzida

Classificação das orações
Adjetiva com pronome pessoal
Restritivas x explicativas: diferença de significado
Aposto restritivo
Subjuntivo nas restritivas
Explicativa após pronome pessoal
II. O ponto-e-vírgula
2 – Separando orações coordenadas assindéticas
3 – Separando orações introduzidas por conjunções pospositivas
Pontuação da segunda coordenada
Maiúsculas depois do ponto-e-vírgula
Ponto ou ponto-e-vírgula?
1 – Introduzindo uma enumeração
2 – Introduzindo uma citação
3 – Assinalando uma relação de causa ou consequência
Dois-pontos e aposto enumerativo
Dois-pontos com enumeração
Minúscula depois de dois-pontos
Travessão simples
Travessão duplo x parênteses
Travessão duplo x vírgula dupla
O hífen não é travessão
Como digitar um travessão
Travessão com vírgula?
A ponte Rio–Niterói
Pontuação final
I. O ponto - Ponto final e ponto da abreviatura
Título deve ser pontuado?
II. O ponto de interrogação
Interrogação indireta
Pergunta retórica
III. O ponto de exclamação
Para distinguir uma frase declarativa de uma exclamação
Depois de uma interjeição
Para caracterizar chamado ou interpelação
Em frases imperativas
Pontuação com interjeição
Usar ou não usar o ponto de exclamação
Nas enumerações exemplificativas
Para indicar cortes em citações
Espaço antes ou depois das reticências

O professor que odiava reticências
Diversos - O ponto fica antes ou depois das aspas?
Sobre o Autor

RICHARD BANDLER
E JOHN GRINDER

EDIÇÃO ATUALIZADA SEGUNDO O NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO

UM LIVRO SOBRE LINGUAGEM E TERAPIA

a estrutura da magia

gen | LTC

RICHARD BANDLER
e
JOHN GRINDER

a estrutura da magia

Tradução de

RAUL BEZERRA PEDREIRA FILHO

Revisão Técnica de

ALZIRA SOARES DA ROCHA
Licenciada em Letras-Anglo-Germânicas pela Faculdade de Filosofia da antiga Universidade do Brasil — Professor Adjunto da UFRJ

GUANABARA KOOGAN

Título original:

The Structure of Magic — A Book about Language and Therapy

Traduzido da primeira edição, publicada em 1975 por
SCIENCE AND BEHAVIOR BOOKS, INC, de Palo Alto, Califórnia,
Estados Unidos

Copyright © 1975 by Science and Behavior Books, Inc.

Direitos exclusivos para a língua portuguesa
Copyright © 1977 by
EDITORA GUANABARA KOOGAN S.A.
Travessa do Ouvidor, 11
Rio de Janeiro, RJ — CEP 20040

Reservados todos os direitos. É proibida a duplicação ou
reprodução deste volume, no todo ou em parte,
sob quaisquer formas ou por quaisquer meios
(eletrônico, mecânico, gravação, fotocópia ou outros),
sem permissão expressa da Editora.

Índice

Apresentação 11
Introdução 13
Prefácio 17
Advertência ao Leitor 21

CAPÍTULO 1 — A ESTRUTURA DA ESCOLHA 25

Experiência e Percepção como um Processo Ativo 28
Modelos e Terapia 34
E Daí? 40

CAPÍTULO 2 — A ESTRUTURA DA LINGUAGEM 42

O Metamodelo para Linguagem 45
Alguns Universais do Processo Lingüístico Humano 47
O Modelo Transformacional 50
Uma Visão Geral 60

CAPÍTULO 3 — A ESTRUTURA DA MAGIA 64

O Metamodelo 65
Estrutura Profunda e Mais Além 71
Desafiando a Estrutura Profunda 73
Visão Geral 82

CAPÍTULO 4 — ENCANTAMENTOS PARA CRESCIMENTO E POTENCIAL 84

Eliminação 86
Distorção — Nominalizações 104
Generalização 112
Bem-Estruturado em Terapia 145

CAPÍTULO 5 — MERGULHANDO NO VÓRTEX 147

Transcrição 1 148
Transcrição 2 171

CAPÍTULO 6 — DE COMO SE TORNAR UM APRENDIZ DE FEITICEIRO 192

O Segundo Ingrediente: Estruturas de Referência 194
Encenação: O Reviver Instantâneo de Experiências 202

Fantasia Dirigida — Uma Jornada ao Desconhecido 205
Vínculos Terapêuticos Duplos 208
Outros Mapas para o Mesmo Território 212
Congruidade 213
Terapia Familiar 216

CONCLUSÃO — A ESTRUTURA DO ENCANTAMENTO FINAL DO LIVRO I 219

ÍNDICE DE MATÉRIAS PARA *A ESTRUTURA DA MAGIA II* 221

APÊNDICE A: UM BREVE ESBOÇO DE GRAMÁTICA TRANSFORMACIONAL 223

APÊNDICE B: AMBIENTES SINTÁTICOS PARA IDENTIFICAÇÃO DE PRESSUPOSIÇÕES DA LÍNGUA NATURAL EM INGLÊS 253

Glossário 259
Bibliografia 263

Nota do Tradutor

A par das dificuldades apresentadas por qualquer tradução, as desta obra foram redobradas, por se tratar da transcrição de um seminário — vale dizer, linguagem falada transposta para o papel. Conseqüentemente, o leitor se depararará, com relativa freqüência, com coloquialismos e, até mesmo, gírias. Não houve hesitação em sacrificar a beleza da língua em favor da fidelidade ao original. Que o leitor tire deste livro o mesmo proveito que o tradutor.

Agradecimentos

Gostaríamos de agradecer a todos aqueles que nos auxiliaram na feitura deste livro: Jim Anderson e Kristofer Bakke, sem os quais teríamos gasto o dobro do tempo, e aos fabricantes do Café Folgers, sem cujo excelente produto não teríamos atravessado tão longas noites de trabalho.

Dedicatória

Dedicamos este livro
a
Virginia Satir

em reconhecimento por ter-nos dado
suas intuições sobre
gente.

Estas intuições são
a base do que
se segue
neste livro.

Obrigado, Virginia.
Nós
te amamos.

Apresentação

PUXA! O que se pode dizer quando nosso trabalho é observado por dois pares de olhos penetrantes de dois pesquisadores, muito capazes, da criatura humana? Este livro é o resultado dos esforços de dois jovens espertos, capazes de nos deixar intrigados, que estão interessados em descobrir como ocorrem as modificações e em documentar esse processo. Eles parecem ter encontrado uma descrição dos elementos previsíveis que ocasionam as modificações numa transação entre duas pessoas. Conhecer estes elementos torna possível usá-los conscientemente e, assim, empregar métodos vantajosos para induzir as modificações.

Digo freqüentemente às pessoas que tenho o direito de ser um aprendiz lento, porém educável. O que isto significa para mim, como terapeuta, é que tenho somente um pensamento — ajudar as pessoas que vêm a mim em sofrimento a efetuar modificações em sua vida. A maneira como uso meu corpo, minha voz, meus olhos, minhas mãos, além das palavras e o modo como as uso, é minha única ferramenta. Já que minha meta é tornar a mudança possível a todos, todo alguém oferece um novo desafio.

Revendo o passado, vejo que, embora estivesse ciente de que as modificações estavam ocorrendo, eu desconhecia os elementos específicos que participaram da transação, que tornaram possível as modificações. Durante anos, desejei saber como seria estar no outro extremo, observar-me trabalhando, observar o processo de modificação do outro lado. Os autores gastaram horas olhando *video-tapes* e ouvindo o material gravado, encontraram padrões emergentes, que puderam documentar. Faço alguma coisa, sinto-a, vejo-a, minhas vísceras respondem a ela — isso é uma experiência subjetiva. Quando a faço com mais alguém, seus olhos, ouvidos, corpo sentem essas coisas. O que Richard Bandler e John Grinder fizeram foi observar o processo de modificação durante algum tempo e destilar deste os padrões do processo de *como*. O que eles descobriram relaciona-se particularmente, de uma forma sofisticada, à matemática, à física, à neurologia e à lingüística.

Seria difícil para mim escrever esta apresentação sem deixar transparecer meu próprio sentimento de entusiasmo, espanto e emoção. Há muito tempo sou professora de Terapia Familiar, como também me dedico à clínica e à teoria do assunto. Isto significa que tenho visto ocorrerem modificações em muitas famílias, e estive envolvida no treinamento de muitos terapeutas familiares. Tenho uma teoria sobre *como* faço a modificação ocorrer. O conhecimento do processo foi agora consideravelmente adiantado graças a Richard Bandler e John Grinder, os quais podem falar, de um modo que pode ser concretizado e medido, sobre os ingredientes do *que* que entra para tornar o *como* possível.

Virginia M. Satir

Introdução

É um raro prazer escrever uma introdução para este livro, porque John Grinder e Richard Bandler fizeram algo semelhante ao que meus colegas e eu tentamos há quinze anos.

A tarefa era fácil de definir: criar um ponto de partida de uma base teórica apropriada para a descrição da interação humana.

A dificuldade reside na palavra "apropriada" e no fato de que o que deveria ser descrito incluía não somente a seqüência de eventos da comunicação bem sucedida, mas também os padrões de desentendimento e o patogênico.

As ciências do comportamento, e especialmente a psiquiatria, sempre evitaram a teoria, e é fácil fazer uma lista das várias manobras pelas quais a teoria poderia ser evitada: os historiadores (e alguns antropólogos) escolheram a impossível tarefa de fazer não teoria, mas extrair mais dados daquilo que era conhecido — uma tarefa para detetives e tribunais. Os sociólogos podaram as complexas variações do fato conhecido a uma tal simplicidade que o que restou desta tosquia foi quase nada. Os economistas acreditavam na preferência transitiva. Os psicólogos aceitavam todo tipo de entidades explanatórias internas (ego, ansiedade, agressão, instinto, conflito etc.) de certa forma uma reminiscência da psicoteologia medieval.

Os psiquiatras embrenharam-se em todos esses métodos de explicação; andaram à busca de narrativas da infância para explicar o comportamento presente, extraindo novos dados daquilo que era conhecido. Tentaram criar exemplos estatísticos de morbidez. Mergulharam em entidades míticas e internas, ids e arquétipos. Acima de tudo, tomaram emprestado os conceitos de física e mecânica — energia, tensão, e coisas semelhantes — para criar um cientificismo.

Mas houve alguns pontos de partida dignos de se trabalhar: os "tipos lógicos" de Russell e Whitehead, a "Teoria dos Jogos" de Von Neumann, as noções de forma comparável (chamadas "homologia" pelos biólogos), os conceitos de "níveis" em lingüís-

tica, a análise dos silogismos "esquizofrênicos" de Von Domarus, a noção de descontinuidade da genética e a noção relacionada de informação binária. Padrão e redundância estavam começando a ser definidos. E, acima de tudo, havia a idéia de homeostase e autocorreção da cibernética.

Dessas peças espalhadas surgiu uma classificação hierárquica de ordens de mensagem e (por conseguinte) de ordens de aprendizado, os primórdios de uma teoria de "esquizofrenia" e com ela uma tentativa, muito prematura, de classificar os modos pelos quais as pessoas e os animais codificam suas mensagens (digital, analógico, icônico, cinésico, verbal etc.).

Talvez nossa maior desvantagem naquela época tenha sido a dificuldade que os profissionais aparentavam experimentar quando tentavam compreender o que estávamos fazendo. Alguns até mesmo tentaram contar "duplos sentidos" em conversações gravadas. Guardo como um tesouro em meus arquivos uma carta de um órgão subvencionador dizendo que meu trabalho deveria ser mais clínico, mais experimental, e, acima de tudo, mais quantitativo.

Grinder e Bandler enfrentaram os mesmos problemas que nós, naquela época, e esta série é o resultado. Eles dispõem de elementos que não tivemos — ou não víamos como usá-los. Tiveram êxito em transformar a lingüística numa base para a teoria e simultaneamente num instrumento para a terapia. Isto lhes dá um duplo controle dos fenômenos psiquiátricos, e fizeram algo que, como vejo hoje em dia, fomos tolos em deixar escapar.

Já sabíamos que a maior parte das premissas da psicologia individual era inútil, e sabíamos que devíamos classificar os modos de comunicação. Mas nunca nos ocorreu indagar sobre os efeitos dos modos sobre as relações interpessoais. Neste primeiro volume, Grinder e Bandler tiveram êxito em tornar explícita a sintaxe de como as pessoas evitam a modificação e, por conseguinte, como auxiliá-las na mudança. Aqui se concentram na comunicação verbal. No segundo volume, desenvolvem um modelo geral de comunicação e modificação, envolvendo os outros modos de comunicação que os seres humanos usam para representar e comunicar suas experiências. O que acontece quando as mensagens em código digital são lançadas a uma pessoa capaz de raciocinar dentro deste contexto? Ou quando representações visuais são oferecidas a um paciente auditivo?

Não vimos que estes diversos modos de codificação — visual, auditivo etc. — são tão distantes, tão diferentes um do outro mesmo na representação neurofisiológica, que material al-

gum em código nenhum pode jamais ser do mesmo tipo lógico que qualquer material em qualquer outro código.

Esta descoberta parece óbvia quando o argumento parte da lingüística, como no primeiro volume da presente série, ao invés de partir de contraste cultural e psicose, como fizemos.

Mas, realmente, muito do que era tão difícil dizer em 1955 é extraordinariamente mais fácil em 1975.

Que isto seja ouvido.

Gregory Bateson
Kresge College
University of California, Santa Cruz

Prefácio

Desde os mais remotos tempos o poder e encanto dos praticantes de magia foram registrados em canções e narrativas. A presença de magos, bruxas, feiticeiros, xamãs e gurus sempre foi intrigante e inspiradora de medo às pessoas comuns. Estes seres poderosos, envoltos num manto de mistérios, apresentavam uma notável contradição aos modos comuns de se lidar com o mundo. Os feitiços e encantamentos que eles urdiam eram temidos acima de qualquer crença e, ao mesmo tempo, procurados constantemente pelo auxílio que podiam prestar. Onde quer que estes seres poderosos executassem publicamente seus prodígios, podiam, a um só tempo, destruir os conceitos de realidade daquele momento e lugar e apresentar a si mesmos como possuidores de algo acima de qualquer conhecimento. Atualmente, o manto do mago é mais freqüentemente colocado sobre estes dinâmicos praticantes de psicoterapia que rapidamente ultrapassaram a habilidade de outros terapeutas, e cujo trabalho é tão deslumbrante de se observar que nos leva a estados de grande emoção, descrença e extrema confusão. Exatamente como sucedeu com todos os magos de todas as épocas da Terra cujo conhecimento foi guardado com muito apreço e passado adiante de sábio a sábio — perdendo e acrescentando partes, mas retendo uma estrutura básica — assim também possui uma estrutura a magia destes magos terapeutas.

O Príncipe e o Mago

Era uma vez um jovem príncipe, que acreditava em tudo, exceto em três coisas. Não acreditava em princesas, não acreditava em ilhas, não acreditava em Deus. Seu pai, o rei, disse-lhe que tais coisas não existiam. Como não havia princesas ou ilhas nos domínios de seu pai, e nenhum sinal de Deus, o príncipe acreditou no pai.

Um dia, porém, o príncipe fugiu do palácio e dirigiu-se ao país vizinho. Lá, para seu espanto, viu ilhas por toda a costa, e

nessas ilhas viu criaturas estranhas e perturbadoras, às quais não se atreveu a dar nome. Quando estava procurando um barco, um homem vestido de noite dele se aproximou na beira da praia.

— Estas ilhas são de verdade? — perguntou o jovem príncipe.

— Claro que são ilhas verdadeiras — disse o homem vestido de noite.

— E aquelas estranhas e perturbadoras criaturas?

— São todas autênticas e genuínas princesas.

— Então, também Deus deve existir! — bradou o príncipe.

— Eu sou Deus — replicou o homem vestido de noite, com uma reverência. O jovem príncipe retornou a casa tão depressa quanto pôde.

— Então, estais de volta — disse o pai, o rei.

— Vi ilhas, vi princesas, vi Deus — disse o príncipe num tom reprovador.

O rei não se abalou.

— Não existem ilhas de verdade, nem princesas de verdade, nem um Deus de verdade.

— Eu os vi!

— Diga-me como Deus estava vestido.

— Deus estava todo vestido de noite.

— As mangas de sua túnica estavam arregaçadas?

O príncipe lembrou-se que estavam. O rei sorriu.

— Isso é o uniforme de um mago. Você foi enganado.

Com isto, o príncipe retornou ao país vizinho e foi para a mesma praia, onde mais uma vez encontrou o homem todo vestido de noite.

— Meu pai, o rei, contou-me quem és — disse o príncipe indignado. — Tu me enganaste da última vez, mas não o farás novamente. Agora sei que estas não são ilhas de verdade, nem aquelas criaturas são princesas de verdade, porque tu és um mago.

O homem da praia sorriu.

— És tu que estás enganado, meu rapaz. No reino de teu pai existem muitas ilhas e muitas princesas. Mas tu estás sob o encanto de teu pai, logo não podes vê-las.

O príncipe, cabisbaixo, voltou para casa. Quando viu o pai, fitou-o nos olhos.

— Pai, é verdade que tu não és um rei de verdade, mas apenas um mago?

O rei sorriu e arregaçou as mangas.

— Sim, meu filho, sou apenas um mago.

— Então o homem da praia era Deus.

— O homem da outra praia era outro mago.

— Tenho de saber a verdade, a verdade além da magia.

— Não há verdade além da magia — disse o rei.

O príncipe ficou profundamente triste.

— Eu me matarei — disse ele.

O rei, pela magia, fez a morte aparecer. A morte ficou junto à porta e acenou para o príncipe. O príncipe estremeceu. Lembrou-se das ilhas belas mas irreais e das princesas belas mas irreais.

— Muito bem — disse ele —, eu agüento com isto.

— Vê, meu filho — disse o rei —, tu, também, agora começas a ser um mago.

Reproduzido de *The Magus*, por John Fowles, Dell Publishing Co., Inc.; pp. 499-500.

Advertência ao Leitor

A tarefa principal da psicologia, tanto experimental como aplicada, é a compreensão do comportamento humano. O comportamento humano é extremamente complexo. Dizer, contudo, que nosso comportamento é complexo não é negar que tenha estrutura. Em geral, a psicologia moderna tentou entender o comportamento humano dividindo-o em áreas de estudo relativamente separadas — por exemplo, as áreas de percepção, de aprendizado, de comportamento de linguagem, das habilidades motoras. Enquanto cresce a nossa compreensão de cada uma destas áreas, continuamos a revelar a estrutura do comportamento humano que está sendo descrito — para concluir que o comportamento humano é governado por regras.

Dizer que o comportamento humano é governado por regras não é dizer que podemos entendê-lo em termos de simples estímulo-resposta. No estudo das linguagens humanas, por exemplo, o tipo de regras requeridas para descrever este comportamento está além das possibilidades das teorias de E-R (Chomsky, 1957). Para uma compreensão adequada deste livro é útil fazer-se a distinção entre comportamento governado por regras e comportamento determinado.

Prosseguindo com o exemplo das línguas humanas, o número de orações possíveis em cada uma delas (por exemplo, inglês, espanhol etc.) é infinito. Em outras palavras, o número de descrições verbais das experiências humanas é ilimitado. Ao mesmo tempo, o número de formas (sintaxe) nas quais se representa este conjunto infinito de significados é altamente restrito — tem estrutura — e, portanto, pode ser descrito por um conjunto de regras. Esta seqüência de palavras é uma oração em inglês*. Tem

---

* Por se tratar de uma tradução do inglês para o português, todos os exemplos, bem como todas as referências feitas quanto à estrutura da língua, falantes nativos etc., se reportam ao inglês. (N. do T.)

uma estrutura, como pode ser demonstrado considerando-se o resultado da inversão da ordem das palavras:

Inglês em oração uma é palavra de seqüência esta.

Igualmente, no caso de outros tipos de comportamento humano complexo, há um número infinito de atos distintos. A forma destes atos terá estrutura — e, por conseguinte, será descritível por algum conjunto de regras. Dizer que o comportamento humano é descritível por algum conjunto de regras não é garantir que nosso comportamento seja determinado ou previsível.

O mais sofisticado estudo do comportamento humano governado por regras é o estudo dos sistemas das línguas humanas. Especificamente, um grupo de lingüistas conhecidos como gramáticos transformacionais desenvolveu um conjunto de regras que descrevem as formas que usamos para representar e comunicar nossa experiência com a linguagem. Embora a gramática transformacional seja uma disciplina nova (iniciada em 1955), ela já teve efeito marcante na psicologia experimental, especialmente na teoria moderna de aprendizagem. Ainda lhe resta causar impacto na psicologia aplicada. O objetivo desté livro é fazer da compreensão da gramática transformacional um instrumento utilizável e à disposição daqueles que trabalham com o complexo comportamento humano.

Além do exposto acima há três informações que desejamos que o leitor tenha ao começar este livro:

1. O que contém o livro;
2. Como usá-lo;
3. O que se pode esperar obter pelo uso do livro.

1. O que contém o livro

Este livro foi projetado para oferecer-lhe um instrumental explícito que irá ajudá-lo a tornar-se um terapeuta mais eficiente. O capítulo 1 mostra que nós não operamos diretamente no mundo em que vivemos, mas, ao contrário, criamos modelos ou mapas do mundo e utilizamos estes mapas para guiar nosso comportamento. E mais, afirma que a terapia efetiva implica alguma alteração no modo como um paciente representa sua experiência.

O capítulo 2 mostra a estrutura de um modo específico dos seres humanos representarem suas experiências — os sistemas de linguagem humana. O capítulo 3 apresenta um modo de usar a estrutura dos sistemas de linguagem como um instrumental para ser utilizado na terapia. Este instrumental é compatível com todas as formas de psicoterapia que conhecemos. O capítulo 4 apresenta

um procedimento passo a passo para o aprendizado e utilização destes instrumentos. O capítulo 5 compõe-se de duas transcrições com comentário, mostrando o uso destes instrumentos em terapia. O capítulo 6 integra estes instrumentos a determinadas técnicas não-verbais, bem conhecidas, pertencentes a formas já estabelecidas de psicoterapia.

2. Como usar este livro

Este livro não é um romance, e recomendamos que não se tente lê-lo como tal. É um manual para instruí-lo sobre um instrumental que ampliará sua eficiência como terapeuta. Como todo manual, deve ser lido e relido.

A fim de começar este processo de aprendizagem por si mesmo, é desejável uma compreensão geral global, dos capítulos 1, 2 e 3. Naturalmente, quanto mais completa for a compreensão destes capítulos, mais efetivamente seremos capazes de aplicar as técnicas específicas apresentadas no capítulo 4.

Ao atingir o capítulo 4, diminua a marcha. Esse capítulo consiste em um conjunto de instruções, passo a passo, para fornecer-lhe a prática no uso das técnicas. Já que este livro, o primeiro de uma série, ocupa-se basicamente das técnicas verbais, a maioria delas constitui-se de perguntas baseadas na *forma* da comunicação do paciente sob terapia. Cada uma das técnicas apresentadas no capítulo 4 deve ser estudada por si mesma a fim de dar-lhe uma habilidade ótima para aumentar sua eficiência como um terapeuta. Cada uma destas técnicas tem pelo menos um exercício, estágio por estágio. Para adquirir traquejo, deve praticá-los — USE OS EXERCÍCIOS.

O capítulo 5 não é um exemplo do que consideramos terapia poderosa. O capítulo é projetado para mostrar-lhe como as várias técnicas operam em conjunto umas com as outras. Leia toda a transcrição com o comentário, prestando atenção às escolhas que o terapeuta faz e o fluxo do intercâmbio verbal entre este e o paciente. Pode-se também querer cobrir o comentário e considerar uma de cada vez as frases do paciente, para determinar se consegue identificar todas as escolhas que cada uma destas frases apresenta a você no papel de terapeuta.

Leia todo o capítulo 6 cuidadosamente — o propósito é ensiná-lo a usar as técnicas do capítulo 4 para identificar a conveniência de algumas das mais conhecidas técnicas não-verbais. Se alguma das técnicas não-verbais apresentadas nesse capítulo forem técnicas nas quais já esteja treinado, use-as como um ponto de referência para integrar outras técnicas que achar proveitosas em

sua terapia. Se nenhuma das suas técnicas específicas for apresentada, preste especial atenção a que técnica do capítulo 4 você está usando na terapia, quando se tornar consciente de um momento apropriado para empregar uma de suas próprias técnicas específicas. Isto iniciará o processo de integração dos instrumentos apresentados neste manual ao seu próprio estilo de terapia.

3. O que se pode esperar obter pelo uso deste livro

Usar este livro da forma que sugerimos fará com que você seja um terapeuta mais eficiente. Isto sucederá especificamente por meio da:

1. Aprendizagem de um conjunto específico de técnicas de questionamento baseadas na comunicação verbal do paciente;
2. Aprendizagem de como o uso de técnicas não-verbais especiais pode ser indicado por indicações verbais.

O efeito global deste conhecimento será dar-lhe uma estratégia explícita e clara para seu trabalho em terapia.

Capítulo 1

A ESTRUTURA DA ESCOLHA

> ... operações de caráter quase misterioso, que vão de encontro ao procedimento comum de um modo mais ou menos paradoxal. Elas são métodos que dão ao espectador a impressão de mágica, caso ele próprio não seja iniciado ou igualmente hábil no mecanismo.
>
> H. Vaihinger, *The Philosophy of As If*, p. 11

Fora das categorias da psicoterapia moderna emergiram alguns superastros carismáticos. Essas pessoas aparentemente desempenham a tarefa da psicologia clínica com a facilidade e o prodígio de um mago terapeuta. Chegam até o sofrimento, a dor, e a morbidez de outros, transformando seu desespero em alegria, vida e esperança renovada. Embora as abordagens que trazem a esta tarefa pareçam variadas e tão diferentes como o dia da noite, todos parecem partilhar de magia e força únicas. Sheldon Kopp descreveu sua experiência com uma dessas pessoas em seu livro *Guru* (p. 146):

> Perls tinha presença física extraordinariamente poderosa, independência de espírito, disposição para aventurar-se onde quer que sua intuição o levasse, e uma grande capacidade para estar intimamente em contato com qualquer um que estivesse pronto a trabalhar com ele.. Não é raro nos vermos em lágrimas, ou exaustos, ou exultantes, após presenciarmos alguém sendo guiado através de uma tal experiência. Tão brilhante era sua intuição e tão poderosas suas técnicas, que algumas vezes Perls levava apenas minutos para atingir a pessoa na posição crítica. Você poderia ser um personagem acuado, rígido, apático, em busca de auxílio e, no entanto, temeroso de que este surgisse e modificasse as coisas. Ele o colocaria no banco dos réus, e então faria sua magia. Se você estivesse pronto para trabalhar, seria quase como se ele estendesse a mão, agarrasse o zíper de sua fachada,

e o descesse tão rápido que sua alma torturada cairia ao chão entre vocês dois.

Perls não era, e mais certamente não é, o único terapeuta a se apresentar com tal força mágica. Virginia Satir e outros que conhecemos parecem ter esta mesma qualidade mágica. Negar esta capacidade ou simplesmente rotulá-la como *talento, intuição* ou *genialidade* é limitar o próprio potencial de alguém ao de "ajudador" de pessoas. Assim fazendo, perde-se a oportunidade de aprender a oferecer às pessoas que chegam até nós uma experiência que possivelmente usarão para mudar suas vidas a fim de gozar a plenitude do viver. Nosso desejo neste livro não é questionar a qualidade mágica de nossa experiência desses magos terapeutas, mas, ao contrário, mostrar que essa magia que eles executam — à semelhança de outras atividades humanas complexas como pintura, composição musical ou colocar um homem na lua — tem estrutura e é, portanto, possível de aprender, uma vez fornecidos os recursos apropriados. Tampouco é nossa intenção afirmar que a leitura de um livro possa assegurar a obtenção destas qualidades dinâmicas. Especialmente, não queremos fazer a reivindicação de que descobrimos a abordagem "certa" ou mais poderosa da psicoterapia[1]. Desejamos somente apresentar-lhe um instrumental específico que nos parece estar implícito nas ações desses terapeutas, de modo que se possa começar ou continuar o interminável processo de melhorar, enriquecer e ampliar as habilidades que oferece como aquele que auxilia as pessoas.

Já que este instrumental não está baseado em nenhuma teoria psicológica ou abordagem terapêutica preexistentes, gostaríamos de apresentar uma simples visão geral dos processos humanos, a partir dos quais criamos estes instrumentos. Chamamos a este processo *modelagem*.

Vendo imprecisamente através de um vidro *

Onde intervém ativamente a função lógica, altera o que é dado e o faz afastar-se da realidade. Não podemos nem mesmo

---

[1] Na realidade, parte do que estabelecemos no decorrer deste livro é que expressões tais como *a abordagem correta* ou *a abordagem mais poderosa* são expressões incompletas. As perguntas que nos vêm à mente, e que faríamos para obter o material para tornar completas as expressões, são: *abordagem de quê? correta para quem? mais poderosa comparada a quê? mais poderosa para que finalidade?* Fornecemos também um glossário de termos. Sugerimos que seja utilizado sempre que se encontrar um termo novo ou incomum.

* O tradutor crê que o autor esteja fazendo referência à passagem bíblica, Coríntios I, 13:12, no original: *"For now we see through a glass, darkly."* (N. do T)

descrever os processos elementares da psique sem encontrar a cada passo este fator perturbador — ou deveríamos dizer proveitoso? Assim que as sensações penetram a esfera da psique, ela é arrebatada no remoinho dos processos lógicos. A psique inteiramente por sua iniciativa altera ambos, o que é dado e o que é apresentado. Duas coisas devem ser distinguidas neste processo: primeiro, as formas reais nas quais esta modificação ocorre; e segundo, os produtos obtidos por esta modificação do material original.

A atividade organizada da função lógica absorve em si mesma todas as sensações e constrói um mundo interior próprio, o qual progressivamente se afasta da realidade; entretanto, em certos pontos, ainda retém uma conexão tão íntima com ela que as transições entre a realidade e este mundo interior ocorrem continuamente e dificilmente notamos que estamos atuando em um palco duplo — nosso próprio mundo interior (o qual, evidentemente, objetivamos como o mundo de sentidos-percepção) e também um mundo externo inteiramente diferente.

H. Vaihinger, *The Philosophy of As If*, pp. 159-160.

Diversas pessoas na história da civilização estabeleceram este ponto — que há uma irredutível diferença entre o mundo e nossa experiência do mesmo. Nós como seres humanos não operamos diretamente no mundo. Cada um de nós cria uma representação do mundo em que vivemos — isto é, criamos um mapa ou modelo que usamos para gerar nosso comportamento. Nossa representação do mundo determina em grande escala o que será nossa experiência do mesmo, como perceberemos o mundo, que escolhas teremos à disposição enquanto nele vivermos.

É preciso lembrar que o propósito do mundo das idéias como um todo [o mapa ou modelo — RWB/JLG] não é o retrato da realidade — isto seria uma tarefa definitivamente impossível — mas antes prover-nos de um instrumento para descobrir mais facilmente o nosso caminho pelo mundo.

H. Vaihinger, *The Philosophy of As If*, p. 15.

Não há dois seres humanos que tenham exatamente as mesmas experiências. O modelo que criamos para guiar-nos no mundo baseia-se, em parte, em nossas experiências. Cada um de nós pode, então, criar um modelo diferente do mundo que partilhamos e assim chegar a viver uma realidade um tanto diferente.

... características importantes dos mapas devem ser observadas. Um mapa não é o território que representa, mas,

> se correto, tem uma estrutura semelhante à do território o que justifica sua utilização...
>
> A. Korzybski, *Science & Sanity*, 4.ª ed., 1958, pp. 58-60

Queremos aqui estabelecer dois pontos. Primeiro, há uma diferença necessária entre o mundo e qualquer modelo ou representação particular do mesmo. Segundo, os modelos do mundo, que são criados por cada um de nós, serão eles mesmos diferentes. Há diversas maneiras de demonstrar isso. Para nossos propósitos as dividimos em três áreas:[2] restrições neurológicas, restrições sociais e restrições individuais.

EXPERIÊNCIA E PERCEPÇÃO COMO UM PROCESSO ATIVO

Restrições Neurológicas

Consideremos os sistemas receptores humanos: visão, audição, tato, gustação e olfação. Há fenômenos físicos que estão fora dos limites destes cinco canais sensoriais aceitos. Por exemplo, as ondas sonoras tanto abaixo de 20 ciclos por segundo quanto acima de 20.000 ciclos por segundo não podem ser detectadas pelos seres humanos. Contudo estes fenômenos físicos são estruturalmente a mesma coisa que as ondas físicas que se encontram entre estes algarismos limitadores: as ondas físicas que chamamos *som*. No sistema visual humano, somos capazes de detectar contornos de onda apenas entre 380 e 680 milimícrons. Os contornos de onda acima ou abaixo destes números não são detectáveis pelo olho humano. Novamente, percebemos apenas uma parte de um fenômeno físico contínuo determinado pelas nossas limitações neurológicas geneticamente transmitidas.

---

[2] Queremos assinalar que achamos esta divisão (do modo pelo qual o modelo do mundo criado por cada um de nós será necessariamente diferente do mundo), em três categorias, muito útil para nossos propósitos de apresentar a discussão da modelagem pelos seres humanos. Não estamos sugerindo que estas três categorias de diferenças sejam as únicas, ou as corretas, ou um modo exaustivo de se entender o processo de modelagem. Mais ainda, não estamos sugerindo que estas três categorias possam ser proveitosamente distinguidas entre si em todos os casos. Mas sim, coerentes com os princípios de modelagem que estamos apresentando, achamos esta divisão útil para a compreensão do processo de modelagem em si.

O corpo humano é sensível ao tato — ao contato com a superfície da pele. O sentido do tato proporciona um excelente exemplo da profunda influência que nosso próprio sistema neurológico pode exercer sobre nossa experiência. Numa série de experimentos (Boring, 1957, pp. 110-111) Weber estabeleceu, há mais de um século, o fato de que precisamente a mesma situação do mundo real é percebida por um humano como duas experiências táteis totalmente distintas. Em seus experimentos, Weber descobriu que nossa habilidade para perceber o fato de sermos tocados em dois pontos da superfície de nossa pele varia dramaticamente, dependendo de onde estes dois pontos estão localizados em nosso corpo. A menor distância entre dois pontos, que foi distinguida como dois pontos separados no dedo mínimo, teve que ser aumentada trinta vezes antes que os dois pontos pudessem ser distinguidos quando aplicados à parte superior do braço. Assim, toda uma gama de situações de estímulos idênticos do mundo real é percebida como duas experiências totalmente diferentes apenas como uma função de nosso sistema nervoso. Quando tocados no dedo mínimo, sentimos como se estivéssemos sendo tocados em dois lugares, e na parte superior do braço como se estivéssemos sendo tocados em apenas um. O mundo físico permanece constante e a experiência que temos dele se modifica dramaticamente como uma função de nosso sistema nervoso.

Diferenças semelhantes entre o mundo e a experiência que dele temos podem ser demonstradas por outros sentidos (Boring, 1957). As limitações de nossa percepção são claramente reconhecidas pelos cientistas que conduzem experimentos com o mundo físico, enquanto desenvolvem máquinas que estendem esses limites. Estes instrumentos captam os fenômenos que estão fora do alcance de nossos sentidos, ou fora de nossa capacidade de discriminação, e os apresentam como sinais que incidem em nossa faixa sensorial — sinais como fotografias, manômetros, termômetros, osciloscópios, contadores Geiger e detectores de onda alfa. Assim, um modelo pelo qual nossos modelos do mundo irão necessariamente diferir do próprio mundo é aquele em que nosso sistema nervoso sistematicamente distorce e elimina porções inteiras do mundo real. Isto tem o efeito de reduzir o alcance da experiência humana possível, como também introduzir diferenças entre o que está realmente acontecendo no mundo e nossa experiência disto. Nosso sistema nervoso, então, de início determinado geneticamente, constitui o primeiro grupo de filtros que distinguem o mundo — o território — de nossas representações do mesmo — o mapa.

VENDO IMPRECISAMENTE ATRAVÉS DE UM VIDRO COM OS ÓCULOS DAS IMPOSIÇÕES SOCIAIS

Restrições Sociais

> ... A sugestão é que a função do cérebro, do sistema nervoso e dos órgãos dos sentidos é principalmente eliminativa e não produtiva. Cada pessoa é a cada momento capaz de lembrar tudo o que já lhe aconteceu e de perceber tudo o que está acontecendo em toda parte do universo. A função do cérebro e do sistema nervoso é proteger-nos de sermos engolfados e confundidos por esta massa de conhecimento em grande escala inútil e irrelevante, pela interceptação da maior parte do que, de outra forma, deveríamos perceber ou lembrar a qualquer momento, e deixando somente essa seleção bem pequena e especial que provavelmente é de uso prático. De acordo com tal teoria, cada um de nós é potencialmente Mente em Toda a sua Extensão... Para tornar possível a sobrevivência biológica, a Mente em Toda a sua Extensão tem de ser afunilada por meio da válvula redutora do cérebro e sistema nervoso. O que sai do outro lado do funil é uma gota insignificante da espécie de consciência que nos ajudará a nos manter vivos na superfície deste planeta específico. Para formular e expressar o conteúdo desta consciência reduzida, o homem inventou e elaborou incessantemente estes sistemas de símbolos e filosofias implícitas que chamamos línguas. Cada indivíduo é a um só tempo o beneficiário e a vítima da tradição lingüística na qual ele nasceu — beneficiário, na medida em que a língua lhe dá acesso ao registro acumulado da experiência de outras pessoas, vítima na medida em que a língua confirma nele a crença de que a consciência reduzida é a única consciência, e ela confunde seu sentido de realidade, de modo que ele está inteiramente apto a tomar seus conceitos por dados, suas palavras por coisas reais.
>
> Aldous Huxley, *As Portas da Percepção*, Nova York: Harper & Row, 1954, pp. 22-23.

Uma segunda maneira pela qual nossa experiência do mundo difere do próprio mundo é através do conjunto de restrições ou filtros sociais (os óculos impostos) — referimo-nos a estes como fatores genéticos sociais[8]. Por genética social, referimo-nos a todas

---

[8] Adotamos esta terminologia incomum — genética social — para lembrar ao leitor que as restrições sociais no comportamento dos membros da sociedade têm um efeito tão profundo na formação de suas percepções quanto o têm as restrições neurológicas. Também, que restrições neurológicas, de início determinadas geneticamente, estão sujeitas à contestação e à mudança, exatamente como estão as restrições determinadas, de início,

as categorias ou filtros aos quais estamos sujeitos como membros de um sistema social: nossa língua, nossos meios aceitos de percepção, e todas as ficções aprovadas socialmente.

Talvez o filtro genético social mais comumente reconhecido seja nosso sistema lingüístico. Dentro de qualquer sistema lingüístico específico, por exemplo, parte da riqueza de nossa experiência está associada a um número de distinções feitas em alguma área de nossas sensações[4]. Em maidu, uma língua indígena americana do Norte da Califórnia, apenas três palavras[5] são utilizadas para descrever o espectro das cores. Dividem o espectro como se segue (as palavras em inglês* são as aproximações mais chegadas):

lak	tit	tulak
(vermelho)	(verde-azul)	(amarelo-laranja-marrom)

Enquanto os seres humanos são capazes de fazer 7.500.000 distinções de cores diferentes no espectro de cores visíveis (Boring, 1957), os falantes nativos de maidu habitualmente agrupam sua experiência nas três categorias fornecidas por sua língua. Estas três palavras maidu para cores cobrem a mesma gama de sensação do mundo-real que as oito palavras específicas para cores em inglês. Aqui a questão é que um falante de maidu é caracteristicamente consciente de apenas três categorias de experiência de cor, ao passo que o falante de inglês tem mais categorias e,

---

socialmente. Por exemplo, o dramático sucesso que os pesquisadores tiveram em obter controle voluntário sobre partes do assim chamado sistema nervoso involuntário nos humanos (p. ex. onda alfa) como também em outras espécies, mostra que as restrições neurológicas são contestáveis.

[4] Isto é apenas um dos modos mais óbvios pelos quais as linguagens dão forma às percepções habituais dos falantes nativos (Grinder e Elgin, 1972, pp. 6-7, e os escritos de Benjamin Whorf e Edward Sapir). Uma bibliografia anotada é também fornecida no fim deste livro.

[5] Realmente, de um ponto de vista puramente lingüístico, a língua maidu tem somente duas palavras para descrever o espectro das cores, *lak* e *tit*. A terceira palavra apresentada no texto é complexa, possuindo duas partes significativas ou morfemas:

tu — urina e *lak* — vermelho

Estamos interessados, entretanto, não nos resultados de uma análise lingüística, mas sim nas percepções habituais do falante nativo de maidu. William Shipley, da Universidade da Califórnia, Santa Cruz, forneceu a formação sobre maidu.

Vide N. do T., p. 7.

portanto, mais distinções perceptivas habituais. Isto significa que, enquanto os falantes de inglês descreverão sua experiência de dois objetos como diferentes (digamos, um livro amarelo e um livro laranja), os falantes de maidu tipicamente descreverão sua experiência da situação idêntica do mundo real como sendo a mesma (dois livros *tulak*).

Ao contrário de nossas limitações genéticas neurológicas, as introduzidas pelos filtros genéticos sociais são facilmente superadas. Isso se demonstra mais claramente pelo fato de que somos capazes de falar mais de uma língua — isto é, somos capazes de utilizar mais de um conjunto de categorias ou filtros sociais lingüísticos para organizar nossa experiência, para servir como nossa representação do mundo[6]. Por exemplo, tomemos a frase comum: *O livro é azul. Azul* é o nome que nós, como falantes nativos de inglês, aprendemos a usar para descrever nossa experiência de uma certa porção do *continuum* de luz visível. Enganados pela estrutura da nossa língua, chegamos a presumir que azul é uma propriedade do objeto a que nos referimos como sendo um livro, ao invés de ser o nome que damos à nossa sensação.

> Na percepção, o complexo da sensação *branco-doce* está constantemente ocorrendo na substância *açúcar*. A psique então aplica a esta combinação a categoria de uma coisa e seus atributos: *O açúcar é doce*. Aqui, entretanto, o *branco* aparece também como objeto. *Doce* é um atributo. A psique está familiarizada com a sensação *branco* em outros casos, onde ela aparece como um atributo, de modo que, neste caso também, branco é tratado como atributo. Mas a categoria atributo-coisa é inaplicável se *doce* e *branco* forem atributos e nenhuma outra sensação seja dada. Aqui a língua vem em nosso auxílio e, pela aplicação do nome *açúcar* ao todo da percepção, ela capacita-nos a tratar a sensação única como atributo... Quem autorizou a presumir que *branco* era uma coisa, e que *doce* era um atributo? Que direito tinha de prosseguir com a presunção de que ambos eram atributos e então, mentalmente, adicionar um objeto como seu veículo? A justificativa não pode ser encontrada nem nas próprias sensações, nem no que agora consideramos como realidade... Tudo o que se dá à consciência é sensação. Ao se acrescentar uma coisa à qual se supõe as sensações se juntem como atributos, o pensamento comete um grave erro. Ele transforma a sensação em coisa concreta, a qual em última análise é apenas um processo, como um atributo subsistente, e imputa este *atributo* a uma *coisa* que ou existe apenas no próprio

[6] Aquele de vocês que aprendeu a falar, fluentemente, mais de um idioma, irá notar como sua percepção do mundo e de si mesmo muda quando se passa de uma língua para a outra.

> complexo das sensações, ou foi simplesmente acrescentado pelo pensamento àquilo que foi sentido... Onde está o *doce* que é imputado ao açúcar? Existe apenas no ato da sensação... O pensamento não apenas modifica a sensação imediata por este meio, mas se afasta cada vez mais da realidade e enreda-se mais e mais em suas próprias formas. Por meio da *faculdade criativa* — para se usar este termo científico — inventou uma coisa da qual se supõe possuir um Atributo. Esta Coisa é uma ficção, o Atributo como tal é uma ficção, e o relacionamento em seu todo é uma ficção.
>
> H. Vaihinger, *The Philosophy of As If*, p. 167.

As categorias de experiência de que partilhamos com outros membros da situação social em que vivemos — por exemplo, a língua comum de que partilhamos — são uma segunda forma pela qual nossos modelos do mundo diferem do mundo propriamente dito.

Observe-se que, no caso das restrições neurológicas, em circunstâncias normais, os filtros neurológicos são os mesmos para todos os seres humanos — esta é a base comum de experiência de que partilhamos como membros da espécie. Os filtros genéticos sociais são os mesmos para os membros da mesma comunidade sociolingüística, mas há um grande número de comunidades sociolingüísticas diferentes. Assim, o segundo conjunto de filtros começa a nos distinguir uns dos outros como seres humanos. Nossas experiências começam a diferir mais radicalmente, dando surgimento a representações do mundo mais dramaticamente diferentes. O terceiro conjunto de restrições — as restrições individuais — são a base para a maioria das diferenças de profundo alcance entre nós como humanos.

VENDO IMPRECISAMENTE ATRAVÉS DE UM VIDRO COM OS ÓCULOS DAS IMPOSIÇÕES INDIVIDUAIS

Restrições Individuais

O terceiro modo pelo qual nossa experiência do mundo pode diferir do próprio mundo é através de um conjunto de filtros que chamamos restrições individuais. Por restrições individuais referimo-nos a todas as representações que criamos como seres humanos, baseadas sobre nossa história pessoal única. Cada ser humano possui um conjunto de experiências que constituem sua própria história pessoal, e é tão próprio dele como o são suas impressões digitais. Assim como cada pessoa tem um conjunto de

impressões digitais distintas, assim, também, cada pessoa tem experiências incomuns de crescimento e vida, e jamais a história de duas vidas será idêntica. Novamente, embora possa haver semelhança, ao menos alguns aspectos serão diferentes e peculiares a cada pessoa. Os modelos ou mapas que criamos no processo de viver estão baseados em nossas experiências individuais, e, já que alguns aspectos de nossas experiências nos serão peculiares como pessoa humana, algumas partes de nosso modelo do mundo pertencerão apenas a cada um de nós. Estes modos incomuns pelos quais cada um de nós representa o mundo constituirão um conjunto de interesses, hábitos, gostos, desgostos e regras para o comportamento que são claramente nossos. Estas diferenças em nossas experiências garantirão que cada um de nós possui um modelo do mundo que, de algum modo, será diferente do modelo de qualquer outra pessoa.

Por exemplo, duas gêmeas idênticas poderiam crescer juntas no mesmo lar, com os mesmos pais, tendo experiências quase idênticas, mas cada uma delas, no processo de observar o modo pelo qual os pais se relacionam entre si e com o resto da família, poderia modelar suas experiências diferentemente. Uma diria: meus pais nunca se amaram muito, sempre discutiram, e minha irmã gêmea era a favorita. Enquanto a outra diria: meus pais se interessavam muito um pelo outro, discutiam extensivamente tudo, e realmente tinham predileção pela minha irmã gêmea. Assim, mesmo no caso limitado de gêmeos idênticos, suas experiências como pessoas darão origem a diferenças no modo pelo qual criam seus próprios modelos ou percepções do mundo. Nos casos em que nossa discussão diz respeito a pessoas não relacionadas, as diferenças criadas nos modelos pessoais serão maiores e mais abrangentes.

Este terceiro conjunto de filtros, as restrições individuais, constitui a base para diferenças profundas entre nós, seres humanos, e o modo pelo qual criamos modelos do mundo. Estas diferenças em nossos modelos podem ser tanto aquelas que alteram nossas imposições (socialmente fornecidas) de um modo que enriquece nossa experiência e oferece-nos um maior número de escolhas, ou aquelas que empobrecem nossas experiências de modo que limita nossa habilidade para atuar efetivamente.

MODELOS E TERAPIA

Nossa experiência é a de que, quando as pessoas nos procuram para terapia, tipicamente chegam em sofrimento, sentin-

do-se paralisadas, não tendo escolhas ou liberdade de ação em suas vidas. O que achamos não é que o mundo seja tão limitado ou que não haja escolhas, mas que essas pessoas bloqueiam a si mesmas de ver estas opções e possibilidades que lhes estão abertas já que elas não estão disponíveis em seus modelos do mundo.

Quase todo ser humano em nossa própria cultura, em seu ciclo de vida, passa por determinados períodos de modificação e transição com os quais ele tem de lidar. Formas diferentes de psicoterapia desenvolveram várias categorias para estes importantes pontos de crise de transição. O que é estranho é que algumas pessoas são capazes de lidar com esses períodos de modificação com relativa dificuldade, vivenciando-os como épocas de energia e criatividade intensas. Outras, enfrentando os mesmos desafios, vivenciam esses períodos como épocas de medo e sofrimento — períodos que devem ser superados, quando a preocupação básica é a simples sobrevivência. A diferença entre esses dois grupos nos parece ser basicamente a de que as pessoas que respondem criativamente e, efetivamente, enfrentam esse *stress* são pessoas que têm uma representação ou modelo rico de sua situação, na qual elas percebem uma ampla gama de opções para a escolha de suas ações. As outras pessoas têm uma experiência de si mesmas como possuidoras de poucas opções, nenhuma das quais lhes são atraentes, o jogo do "perdedor natural". Para nós o problema é: como é possível que seres humanos diferentes, diante do mesmo mundo, tenham experiências diferentes? Ao nosso entender essa diferença resulta basicamente de diferenças na riqueza de seus modelos. Assim, o problema torna-se em: como é possível que seres humanos conservem um modelo empobrecido, que lhes causa sofrimento em face de um mundo complexo, rico, e de múltiplos valores?

Na tentativa de compreender como algumas pessoas continuam a infligir a si mesmas sofrimento e angústia, nos foi importante compreender que elas não são más, loucas ou doentes. Estão, na realidade, fazendo as melhores escolhas dentre aquelas de que têm conhecimento, isto é, as melhores escolhas disponíveis em seu próprio modelo particular. Em outras palavras, o comportamento dos seres humanos, não importa quão bizarro possa parecer à primeira vista, faz sentido quando é visto no contexto das escolhas geradas por seu modelo[7]. O problema não é que estejam fazendo a escolha errada, mas sim que não têm escolhas em número su-

[7] Isto foi claramente reconhecido por pessoas como Gregory Bateson e R. D. Laing em seu trabalho sobre a família esquizofrênica. Os leitores de Sherlock Holmes também reconhecerão isto como um de seus princípios.

ficiente — não têm um enfoque rico do mundo. O paradoxo mais comum da condição humana que encontramos é que os processos que nos permitem sobreviver, crescer, modificar-nos e sentir alegria são os mesmos processos que nos permitem manter um modelo empobrecido do mundo — nossa habilidade para manipular símbolos, isto é, criar modelos. Então os processos que nos permitem executar as mais extraordinárias e incomuns atividades humanas são os mesmos processos que bloqueiam nosso crescimento posterior, se cometemos o erro de tomar por engano o modelo pela realidade. Podemos identificar três mecanismos gerais pelos quais fazemos isto[8]: Generalização, Eliminação e Distorção.

Generalização é o processo pelo qual os elementos ou partes do modelo de uma pessoa afastam-se de sua experiência original, e vêm a representar toda a categoria da qual a experiência é um exemplo. Nossa habilidade para generalizar é essencial para enfrentar o mundo. Por exemplo, nos é útil sermos capazes de generalizar a partir da experiência de nos queimarmos quando tocamos um fogão quente, formulando a regra de que não se deve tocar fogões quentes. Mas generalizar esta experiência a uma percepção de que fogões são perigosos e, portanto, recusar-se a ficar no mesmo recinto com um fogão é limitar desnecessariamente nossa movimentação no mundo.

Suponhamos que, na primeira vez em que uma criança estiver às voltas com uma cadeira de balanço, ela se apóie no encosto e caia. Poderia estabelecer uma regra para si mesma de que cadeiras de balanço são instáveis e recusar-se para sempre a experimentá-las. Se o modelo da criança agrupa cadeiras de balanço e cadeiras em geral, então todas as cadeiras se enquadrarão na regra: não se apóie no encosto! Outra criança que crie um modelo que distinga cadeiras de balanço dos outros tipos de cadeiras terá mais escolhas em seu comportamento. De sua experiência, desenvolve uma nova regra ou generalização relativa apenas ao uso de cadeiras de balanço — Não se apóie no encosto! — e, por conseguinte, tem um modelo mais rico e mais escolhas.

O mesmo processo de generalização pode levar um ser humano a estabelecer uma regra tal como "Não expresse sentimentos".

---

[8] Mais uma vez, desejamos assinalar que nossas categorias não impõem qualquer exigência à estrutura da realidade — achamos que estas categorias são úteis na organização de nosso próprio pensamento e ações, tanto na apresentação deste material como na terapia; isto é, no desenvolvimento de nosso modelo para a terapia. Suspeitamos que a maioria dos nossos leitores, caso pensem a respeito dos significados comuns dos termos, chegará a ver a Generalização e a Eliminação como casos especiais de Distorção.

Esta regra no contexto de um campo de prisioneiros de guerra pode ter um alto valor de sobrevivência, e permitirá a quem dela faz uso evitar colocar-se em situação de ser punida. No entanto, esta pessoa, usando esta mesma regra num casamento, limita seu potencial para um relacionamento mais íntimo, pela exclusão de expressões que são úteis neste tipo de relacionamento. Isto pode levá-la a ter sentimentos de solidão e isolamento — aqui a pessoa sente não ter escolha, já que a possibilidade de expressar sentimentos não está disponível em seu modelo.

O que importa aqui é que a mesma regra será útil ou não, dependendo do contexto — quer dizer, não há generalizações corretas; cada modelo precisa ser avaliado em seu contexto. Ademais, isto nos dá uma chave para a compreensão do comportamento humano que nos pareça estranho ou inadequado — isto é, se podemos ver o comportamento da pessoa no contexto em que se originou.

Um segundo mecanismo que podemos usar para vencermos ou derrotarmos a nós mesmos é a *Eliminação*. A Eliminação é um processo pelo qual nós prestamos atenção seletivamente a certas dimensões de nossa experiência e excluímos outras. Tomemos, por exemplo, a capacidade que as pessoas têm para não registrar ou excluir todos os outros sons, numa sala cheia de gente conversando, para ouvir a voz de uma determinada pessoa. Usando o mesmo processo, as pessoas são capazes de bloquear a audição de mensagens de apreço de outras pessoas que consideram importantes. Por exemplo, um homem que estava convencido de que não era digno de atenção, queixou-se a nós de que sua mulher nunca lhe dera mostras de apreço. Quando visitamos a casa deste homem, ficamos cientes de que a esposa dele, na realidade, expressava sinais de apreço para com ele. Entretanto, como estas mensagens conflitavam com a generalização que o homem tecera sobre seu próprio valor, literalmente, ele não ouvia sua mulher. Isto foi constatado quando lhe chamamos a atenção para algumas destas mensagens, e o homem afirmou que sequer ouvira a esposa quando ela dissera aquelas coisas.

A Eliminação reduz o mundo a tais proporções, que sentimos ser capazes de controlá-lo. A redução pode ser útil em alguns contextos e, no entanto, ser fonte de sofrimento em outros.

O terceiro processo de modelagem é o de *Distorção*. A Distorção é o processo que nos permite fazer substituições em nossa experiência de dados sensoriais. A fantasia, por exemplo, permite-nos um preparo para experiências que possamos ter antes que elas ocorram. As pessoas distorcerão a realidade do momento ao ensaiar um discurso que farão mais tarde. É este o processo que

tornou possível todas as criações artísticas que nós, humanos, produzimos. Um céu como o representado por Van Gogh numa pintura é possível somente na medida em que Van Gogh foi capaz de distorcer sua percepção do tempo-lugar em que estava situado no momento da criação. De modo semelhante, todos os grandes romances, todas as descobertas revolucionárias das ciências envolvem a habilidade de distorcer e adulterar a realidade presente. Usando a mesma técnica, as pessoas podem limitar a riqueza de suas experiências. Por exemplo, quando a nosso amigo mencionado anteriormente (aquele que teceu a generalização de que não era digno de consideração) foram apontadas as mensagens de apreço por parte de sua esposa, ele imediatamente as distorceu. Especificamente, cada vez que ele ouviu uma mensagem de apreço que anteriormente vinha eliminando, voltava-se para nós, sorrindo, e dizia: "Ela diz isso só porque quer alguma coisa". Deste modo, o homem era capaz de impedir que a experiência entrasse em contradição com o modelo do mundo que havia criado, e, por esse meio, impediu a si mesmo de ter uma representação mais rica, bloqueando-se de um relacionamento mais íntimo e satisfatório com sua esposa.

Uma pessoa, que alguma vez em sua vida foi rejeitada, faz a generalização de que não é digna de consideração. Na medida em que seu modelo contém esta generalização, ou ela elimina as mensagens de apreço, ou reinterpreta estas mensagens como sendo insinceras. Já que ela não toma conhecimento de qualquer mensagem de apreço, é capaz de manter a generalização de que não é digna de consideração. Esta descrição é um exemplo da curva clássica de *feedback* positivo: a profecia de auto-realização, ou *feedback* avançado (Pribram, 1967). As generalizações ou expectativas de uma pessoa filtram ou distorcem sua experiência, para torná-la coerente com aquelas expectativas. Como não tem experiências que contestem suas generalizações, suas expectativas são confirmadas, e o ciclo continua. Deste modo as pessoas mantêm seus modelos empobrecidos do mundo.

Consideremos o conjunto psicológico clássico ou experimento de expectativa de Postman e Bruner:

> ... Num experimento psicológico que merece ser conhecido mais extensamente fora do ofício, Bruner e Postman pediram a indivíduos, que eram objeto da experiência, para identificar, numa exposição curta e controlada, uma série de cartas de baralho. Muitas das cartas eram normais, mas algumas foram fabricadas de forma estranha, isto é, um seis de espadas vermelho e um quatro de copas preto. Cada seqüência da experiência era constituída pela exibição de uma única carta

a um único indivíduo numa série de exposições gradativamente mais longas. Após cada exposição perguntava-se ao indivíduo o que ele havia visto, e a seqüência terminava, quando havia duas identificações corretas sucessivas.

Mesmo nas exposições mais curtas, muitos indivíduos identificavam a maioria das cartas, e após um ligeiro aumento de tempo de exposição os indivíduos identificavam-nas todas. Para as cartas normais estas identificações eram de modo geral corretas, mas para as cartas irregulares foram quase sempre identificadas, sem hesitação ou embaraço visíveis, como normais. O quatro de copas preto poderia, por exemplo, ser identificado como o quatro tanto de copas como de espadas. Sem qualquer conhecimento de dificuldade, ele foi imediatamente ajustado a uma das categorias conceituais preparadas pela experiência anterior. Ninguém estaria disposto a dizer que os indivíduos tinham visto algo diferente do que identificaram. Alongando a exposição das cartas irregulares, os indivíduos começaram a hesitar e demonstrar consciência da irregularidade. Por exemplo, ao se mostrar o seis de espadas vermelho, alguém diria: esse é o seis de espadas, mas há alguma coisa errada com ele, o preto tem uma margem vermelha. Um maior alongamento do tempo de exposição resultou em hesitação e confusão ainda maiores, até que finalmente, e algumas vezes de súbito, a maioria dos indivíduos fariam a identificação correta sem hesitação. E mais, após fazer isto com duas ou três cartas irregulares, eles viriam a ter muito pouca dificuldade com as outras cartas. Uns poucos indivíduos, entretanto, nunca foram capazes de fazer o ajuste requerido de suas categorías. Mesmo aumentando quarenta vezes a média de exposições requeridas para reconhecer as cartas normais pelo que eram, mais de dez por cento das cartas irregulares não foram identificadas corretamente. E os indivíduos que assim falharam sofreram freqüentemente uma angústia pessoal aguda. Um deles exclamou: "Não consigo decifrar o naipe, qualquer que seja. Nem sequer parecia uma carta naquele momento. Agora não sei qual é a cor, se é uma de espadas ou de copas. Nem mesmo agora tenho certeza de como seja uma carta de espadas. Meu Deus!" Na próxima parte, ocasionalmente, veremos cientistas se comportando desta maneira, também.

Ou como uma metáfora, ou porque reflete a natureza da mente, esse experimento psicológico fornece esquemas maravilhosamente simples e convincentes para os processos de descoberta científica. Em ciência, como no experimento do baralho, a inovação somente emerge com dificuldade, manifestada pela resistência, contra um fundo fornecido pela expectativa. Inicialmente, experimenta-se apenas o que é esperado e comum, mesmo sob circunstâncias onde mais tarde se observa a irregularidade.

A generalização feita pelas pessoas participantes do experimento foi a de que o par cor-forma possível seria o mesmo como

elas tinham sempre experimentado: preto para paus e espadas, vermelho para copas e ouros. Sustentavam sua generalização pela distorção ou da cor ou da forma nas cartas irregulares. O que importa é que, mesmo nesta simples tarefa, o mecanismo de generalização e o processo de distorção que o sustenta impediam as pessoas de identificar corretamente o que lhes era possível ver. A identificação das cartas de aparência estranha apresentadas, num piscar de olhos, sobre uma tela, pouco representa para nós. Entretanto, o experimento é útil na medida em que nos fornece o potencial de enriquecer ou empobrecer tudo o que nos acontece como seres humanos — quer estejamos dirigindo um carro, quer nos esforçando e alcançando maior intimidade num relacionamento, ou, literalmente, tudo que iremos experimentar em todas as dimensões de nossa vida.

E DAÍ?

Os "magos" terapeutas que descrevemos anteriormente chegam à psicoterapia oriundos de abordagens variadas e usam técnicas de trabalho que parecem ser dramaticamente diferentes. Descrevem as maravilhas que executam com terminologias tão distintas que suas percepções do que fazem não parecem ter nada em comum. Muitas vezes observamos essa gente trabalhando com alguém, e ouvimos comentários de espectadores que insinuavam que esses magos da terapia davam saltos intuitivos tão fantásticos que tornavam seu trabalho incompreensível. Todavia, enquanto as técnicas desses magos são diferentes, eles partilham de algo em comum: introduzem modificações nos modelos dos pacientes, as quais permitem a estes um maior número de opções em seu comportamento. O que vemos é que cada um desses magos tem um mapa ou modelo para as modificações dos modelos do mundo de seus pacientes — isto é, um metamodelo — que lhes permite expandir e enriquecer efetivamente os modelos de seus pacientes de algum modo que torne a vida destes mais rica e mais digna de viver.

Nosso propósito neste livro é apresentar-lhes um metamodelo explícito, isto é, um metamodelo que seja compreensível. Queremos pôr este metamodelo à disposição de todos aqueles que desejem expandir e enriquecer as habilidades que têm como "ajudantes-de-pessoas"*. Visto que um dos principais meios pelos quais os terapeutas podem chegar a conhecer e entender seus pacientes

* No original *people-helpers*. (N. do T.)

é através da linguagem e, já que a linguagem é também um dos meios elementares que todos os humanos utilizam para modelar suas experiências, focalizamos nosso trabalho na linguagem da terapia. Felizmente, um modelo explícito da estrutura da linguagem foi desenvolvido independentemente do contexto de psicologia e terapia pelos gramáticos transformacionais. Adaptado para uso em terapia, ele nos oferece um metamodelo explícito para o enriquecimento e expansão de nossas habilidades terapêuticas, oferecendo também um valioso instrumental para aumentar nossa eficiência e, assim, a qualidade mágica de nosso próprio trabalho terapêutico.

Se você deseja entender mais a respeito do intercâmbio de linguagem no encontro terapêutico, ou aumentar a eficiência e a qualidade mágica de seu trabalho em terapia, *A Estrutura da Magia* oferece um modo viável de proceder. A magia está oculta na linguagem que falamos. As tramas que se podem atar ou desatar estão sob seu comando, se prestar atenção ao que você já possui (linguagem), e à estrutura dos encantamentos para crescimento que apresentamos no restante deste livro.

Capítulo 2

A ESTRUTURA DA LINGUAGEM

Uma forma pela qual os seres humanos se distinguem de outros animais é pela criação e uso da linguagem. A importância da linguagem, para se chegar a entender a história e a situação atual da raça humana, não pode ser superestimada. Como o expressou Edward Sapir:

> O dom da fala e uma linguagem bem ordenada são características de todos os grupos conhecidos de seres humanos. Jamais se encontrou uma tribo sem linguagem, e todas as afirmações em contrário podem ser abandonadas como sendo mero folclore. Parece haver garantia, qualquer que seja ela, para a afirmação que se faz algumas vezes de que existem pessoas cujo vocabulário é tão limitado que não podem prosseguir sem o uso suplementar de gestos, de forma que a comunicação inteligível entre os membros de tal grupo torna-se impossível no escuro. A verdade sobre este assunto é que a linguagem é essencialmente perfeita do ponto de vista da expressão e comunicação entre todos os povos conhecidos. De todos os aspectos da cultura, é uma justa suposição que a linguagem tenha sido o primeiro a receber uma forma altamente aperfeiçoada, e que sua perfeição essencial seja um pré-requisito ao desenvolvimento da cultura como um todo.
>
> Edward Sapir, *Language and Personality*, por D. Mandelbaum, (org.)

Todas as realizações da raça humana, positivas e negativas, envolveram o uso da linguagem. Nós como seres humanos usamos a linguagem de dois modos. Usamo-la, antes de tudo, para representar nossa experiência — chamamos esta atividade de raciocínio, pensamento, fantasia e narrativa. Quando estamos usando a linguagem como um sistema representativo, estamos criando um modelo de nossa experiência. Este modelo do mundo que

criamos pelo nosso uso representativo da linguagem está baseado sobre nossas percepções do mundo. Nossas percepções são também, parcialmente, determinadas pelo nosso modelo ou representação, nas formas que discutimos no capítulo 1.

Observe-se que, já que discutimos a linguagem como um sistema representativo, nossas representações lingüísticas estão sujeitas aos três mecanismos universais de modelagem feita pelo homem: Generalização, Eliminação e Distorção. Em segundo lugar, usamos a linguagem para comunicar a outros nosso modelo ou representação do mundo[9]. Quando usamos a linguagem para comunicação, ela é chamada de conversa, discussão, escrita, preleção e canto. Quando estamos usando a linguagem para comunicação, estamos apresentando nosso modelo a outros. Este livro, por exemplo, apresenta um modelo parcial de nossas experiências em terapia.

Quando os humanos se comunicam — quando falamos, discutimos, escrevemos — comumente não estamos conscientes do processo de seleção de palavras para representar nossa experiência. Quase nunca estamos conscientes do modo pelo qual ordenamos e estruturamos as palavras que selecionamos. A linguagem, então, preenche nosso mundo de tal forma, que nos movimentamos através dela como um peixe na água. Embora tenhamos pouca ou nenhuma consciência do modo pelo qual formamos nossa comunicação, nossa atividade — o processo de usar a linguagem — é altamente estruturada. Por exemplo, se selecionarmos qualquer frase deste livro e invertermos a ordem das palavras nessa frase, ou se numerarmos as palavras 1, 2, 3..., e movermos cada palavra ímpar para a direita das palavras de número par em seguida a ela, a seqüência de palavras que se obtém é um disparate. Pela destruição da estrutura da frase, esta não faz mais sentido; não mais representa um modelo de qualquer experiência. Tomemos esta última frase como um exemplo demonstrativo:

Versão original:

> *Pela destruição da estrutura da frase, esta não faz mais sentido; não mais representa um modelo de qualquer experiência.*

---

[9] Este uso da linguagem para comunicar é, na realidade, um caso especial do uso da linguagem para representar. A comunicação é, neste modo de pensar, a representação para outros de nossa representação para nós mesmos. Em outras palavras, utilizamos a linguagem para representar nossa experiência — este é um processo particular. Utilizamos, então, a linguagem para representar nossa representação de nossa experiência — um processo social.

Após invertermos a ordem das palavras:[10]

> **Experiência qualquer de modelo um representa mais não; sentido mais faz não esta, frase da estrutura da destruição pela.*

Após movermos cada palavra ímpar para a direita das palavras pares:

> **Destruição pela estrutura da frase da, não esta mais faz não; sentido representa mais modelo um qualquer experiência.*

Dizer que a comunicação e a linguagem são um sistema é dizer que elas têm estrutura, que existe algum conjunto de regras que identifica qual seqüência de palavras fará sentido, representará um modelo de nossa experiência. Em outras palavras, nosso comportamento, quando está criando uma representação, ou quando está comunicando, é o comportamento governado por regras. Mesmo que não estejamos normalmente conscientes da estrutura no processo de representação e comunicação, essa estrutura, a estrutura da linguagem, pode ser entendida em termos de padrões regulares.

Felizmente, há um grupo de teóricos que fez da descoberta e da declaração explícita destes padrões o assunto de seu estudo, a gramática transformacional. De fato, os gramáticos transformacionais desenvolveram o mais completo e sofisticado modelo explícito do comportamento humano governado por regras. A noção de comportamento humano governado por regras é a chave para a compreensão do modo pelo qual nós, humanos, usamos a linguagem.

> Podemos estar completamente certos de que uma criança tem algum sistema de regras se sua produção [de orações e frases — JTG] é regular, se ela estende estas regularidades a novos exemplos, e se podemos detectar desvios de regularidade em sua própria fala e na fala de outros. Isto é, geralmente, o que os psicolingüistas querem dizer quando falam da aprendizagem, da formação, ou posse das regras lingüísticas por parte da criança. Observe-se que deixei de lado o teste mais severo para determinar a existência de regras, a saber: o indivíduo pode fornecer a regra explícita?... A exposição explícita de regras é aqui irrelevante ao nosso

---

[10] O símbolo * será utilizado, neste livro, para identificar seqüência de palavras inglesas que não são frases bem-estruturadas do inglês.

interesse, e é um tipo inteiramente diferente de habilidade, em relação ao que aqui estamos considerando. Como o escreveu Susan Ervin-Tripp:

> Para qualificar-se como falante nativo... devem-se aprender... regras... Isto quer dizer, naturalmente, que temos que aprender a nos comportar *como se soubéssemos as regras.*
>
> (Slobin, 1967, p. x)

O que isto significa do ponto de vista do observador científico é que é possível descrever o comportamento do falante em termos de regras. Uma tal descrição, entretanto, não deveria ser considerada como sugerindo que as regras específicas criadas pelo cientista sejam entidades reais existentes no interior do indivíduo em um sentido psicológico ou fisiológico definido.

(Slobin, *Psycholinguistics*, Scott, Foreman & Co., 1971, p. 55)

O objetivo do lingüista é desenvolver uma gramática — um conjunto de regras — que estabeleça quais são os padrões bem formados para qualquer língua determinada. Este estudo baseia-se no brilhante trabalho de Noam Chomsky, que desenvolveu inicialmente uma metodologia e um conjunto de modelos formais para a língua natural[11]. Como resultado do trabalho de Chomsky e outros transformacionalistas, foi possível desenvolver um modelo formal para descrever os padrões regulares no modo pelo qual comunicamos nosso modelo de nossa experiência. Usamos a linguagem para representar e comunicar nossa experiência; a linguagem é um modelo do nosso mundo. O que os gramáticos transformacionais fizeram foi desenvolver um modelo formal de nossa linguagem, um modelo de nosso modelo de nosso mundo, ou simplesmente, um metamodelo.

O METAMODELO PARA LINGUAGEM

A linguagem serve como um sistema representativo para nossas experiências. Nossas experiências possíveis, enquanto humanos, são tremendamente ricas e complexas. Se a linguagem é adequada a preencher sua função como um sistema representativo, ela própria precisa fornecer um conjunto rico e complexo de ex-

---

[11] Fornecemos um apêndice, que apresenta o modelo transformacional de forma mais completa, e uma bibliografia selecionada e anotada para aqueles que desejem aprofundar o exame do modelo transformacional da linguagem.

pressões para representar nossas experiências possíveis. Os gramáticos transformacionais reconheceram que abordar o estudo dos sistemas das línguas naturais por meio do estudo direto deste conjunto rico e complexo de expressões tornaria sua tarefa homérica. Escolheram estudar não as expressões em si, mas as regras para a formação destas expressões (sintaxe). Os gramáticos transformacionais fazem a suposição simplificada de que as regras para a formação deste conjunto rico de expressões podem ser estudadas independentemente do conteúdo[12]. Por exemplo, pessoas que têm o inglês como língua nativa fazem uma distinção coerente entre:

(1) *Colorless green ideas sleep furiously.*
(2) **Furiously sleep ideas green colorless.**

Muito embora haja algo de estranho quanto ao primeiro grupo de palavras, as pessoas reconhecem que, de certo modo, é gramatical ou bem formado, o que não o é o segundo grupo. O que aqui estamos demonstrando é que as pessoas têm intuições coerentes sobre a língua que falam. Por intuições coerentes, queremos dizer que a mesma pessoa posta diante do mesmo grupo de palavras hoje, e novamente um ano após esta data, fará os mesmos julgamentos sobre se elas são uma frase bem estruturada de sua língua. Além disso, falantes nativos diferentes farão os mesmos julgamentos sobre se o mesmo grupo de palavras é uma frase ou não. Esta capacidade é um exemplo clássico do comportamento humano governado por regras. Embora não estejamos conscientes de *como* somos capazes de nos comportar coerentemente, ainda assim o fazemos.

Os gramáticos transformacionais criaram um modelo que representa esse comportamento governado por regras — essas intuições coerentes sobre as frases. O modelo formal em lingüística fornece uma solução quanto a se um determinado grupo de palavras, por exemplo, é ou não uma frase. O modelo transformacional representa também outros tipos de intuições lingüísticas. Já que o modelo é uma descrição do comportamento huma-

---

[12] Isto não é verdadeiro para todos os lingüistas que se intitulam transformacionalistas. A atual divisão no campo — Teóricos do Padrão Ampliado e Semanticistas Gerativos — não é relevante para nossas finalidades em adaptar certas partes do modelo transformacional ao nosso modelo para terapia. O trabalho recente, especialmente pelo grupo da Semântica Gerativa, será útil, cremos, na expansão do metamodelo aqui apresentado. Vide bibliografia para as fontes de consulta.

* (1) Idéias verdes incolores dormem furiosamente.
(2) * Furiosamente dormem idéias verdes incolores. (N. do T.)

no governado por regras, o modo pelo qual determinamos se as regras do modelo se ajustam ou não é examinando-as em relação às intuições dos falantes nativos — intuições acessíveis a todo falante nativo.

ALGUNS UNIVERSAIS DO PROCESSO LINGÜÍSTICO HUMANO

No capítulo 1, discutimos os três processos principais da modelagem feita pelo homem — Generalização, Eliminação e Distorção — três formas pelas quais o modelo que criamos diferirá da coisa que ele modela. Estes processos aplicam-se, evidentemente, com força total no caso de representações lingüísticas. Vista deste ângulo, uma grande parte do trabalho que os lingüistas transformacionais vêm executando é a descoberta e exposição do modo pelo qual se realizam estes três universais de representação, no caso de sistemas de linguagem humana. Nossa habilidade e experiência em usar nosso sistema de linguagem para representar e comunicar é tão ampla, que somos capazes de refletir sobre o processo em si na medida em que temos intuições coerentes sobre esse processo. O propósito do modelo transformacional de linguagem é representar os padrões nas intuições que temos sobre nosso sistema de linguagem. Estas intuições estão disponíveis a todo falante nativo de qualquer língua. As três principais categorias de intuições lingüísticas que selecionamos como relevantes para nossas finalidades são: Boa-Estruturação, Estrutura Constituinte e Relações Semânticas Lógicas.

I. **Boa-Estruturação:** Os julgamentos coerentes que os falantes nativos fazem sobre se grupos de palavras são ou não orações de sua língua. Consideremos os três grupos seguintes de palavras:

(3) *Even the president has tapeworms.*
(4) *Even the president has green ideas.*
(5) *Even the president have tapeworms.**

Identifica-se o primeiro como bem-estruturado; isto é, transmite um significado aos falantes nativos, e estes o re-

* (3) Até o presidente tem lombrigas.
(4) Até o presidente tem idéias verdes.
(5) * Até o presidente tens lombrigas. (N. do T.)

conhecem como sintaticamente bem-estruturado; (2) é semanticamente mal-estruturado; isto é, não comunica nenhum sentido que o falante nativo reconheça como possível; (3) é sintaticamente mal-estruturado, embora sejamos capazes de emprestar-lhe algum significado.

II. **Estrutura Constituinte:** Os julgamentos coerentes que os falantes nativos fazem sobre o que se ajusta como uma unidade ou constituinte dentro de uma frase de sua língua. Por exemplo, na frase

(6) *The Guru of Ben Lomond thought Rosemary was at the controls.**

as palavras *The* e *Guru* se ajustam de alguma forma como uma unidade, ao passo que *Guru* e *of*, não. Estes constituintes de nível mais baixo vão formar unidades maiores; por exemplo, *The Guru* e *of Ben Lomond* se ajustam de alguma forma, ao passo que *of Ben Lomond* e *was*, não.

III. **Relações Semânticas Lógicas:** Os julgamentos coerentes que os falantes nativos fazem a respeito das relações lógicas refletidas nas frases de sua língua.

1. *Integralidade:* Falantes nativos, quando colocados diante de um verbo de sua língua, são capazes de determinar quantas e entre que tipos de coisas este verbo estabelece conexão ou descreve uma relação. Por exemplo, o verbo *kiss* (beijar) em inglês subentende uma pessoa beijando e uma pessoa ou coisa sendo beijada. O verbo *hit* (golpear) implica uma pessoa ou coisa golpeando, e uma pessoa ou coisa sendo golpeada, e um instrumento sendo utilizado para golpear.

2. *Ambigüidade:* Falantes nativos reconhecem que uma simples frase como

(7) *Investigating FBI agents can be dangerous.*

ou

(8) *Maxime took Max's shirt off.***

---

* (6) O Guru de Ben Lomond pensou que Rosemary estivesse nos controles. (N. do T.)

** (7) Investigar agentes do FBI pode ser perigoso.

ou

(8) Maxine despiu a camisa de Max. (N. do T.)

comunica dois sentidos distintos. A frase (7) pode ser entendida como significando tanto:

(9) *FBI agents who are conducting investigations can be dangerous.*

ou

(10) *To investigate FBI agents is possibly dangerous.** Na frase (8), não está claro se Maxine está usando a camisa de Max, e despiu-a de si mesma, ou se ela despiu a camisa de Max, do próprio.

3. *Sinonímia:* Falantes nativos reconhecem que ambas as frases seguintes têm o mesmo sentido ou transmitem a mesma mensagem.

(11) *Sandy looked up the number.*
(12) *Sandy looked the number up.***

4. *Índices Referenciais*: Falantes nativos podem determinar se uma palavra ou frase faz referência a um determinado objeto de sua experiência, como *my car* (meu carro), ou se identifica uma classe de objetos: *cars* (carros). Além disso, fazem julgamentos coerentes sobre se duas (ou mais) palavras se referem ao mesmo objeto ou classe, isto é, as palavras *Jackson* e *himself* (ele próprio) na frase

(13) *Jackson changed himself.****

5. *Pressuposições:* Falantes nativos podem determinar qual é a experiência do falante que o leva a dizer uma frase. Por exemplo, se digo a frase

(14) *Meu gato fugiu.*

você está autorizado a acreditar que, na minha experiência do mundo, é verdade que

(15) *Tenho um gato.*

---

* (9) Agentes do FBI que estão conduzindo investigações podem ser perigosos.

ou

(10) Investigar agentes do FBI é possivelmente perigoso. (N. do T.)

** (11) Sandy procurou o número.
(12) *Idem.* (N. do T.)

*** (13) Jackson mudou a si mesmo. (N. do T.)

Estas três categorias gerais de intuições, que os seres humanos têm sobre sua língua, são representadas explicitamente no modelo transformacional.

O MODELO TRANSFORMACIONAL

Iremos descrever como as intuições coerentes, que identificamos em relação à nossa linguagem, são representadas no metamodelo — o modelo da gramática transformacional.

Os lingüistas, usando este modelo, trabalham para representar estas intuições que estão à disposição de todo falante nativo de maneira explícita. Os falantes nativos têm dois tipos de intuições coerentes em relação a cada frase de sua língua. São capazes de determinar como as unidades menores, tais como as palavras, se ajustam para formar uma frase (intuições sobre estrutura constituinte) e, também, o que seria uma representação completa da frase (a integralidade da representação lógica). Por exemplo, apresentado à frase:

(16) *The woman bought a truck.**

um falante nativo pode agrupar as palavras em constituintes ou unidades de nível mais amplo, tais como:

/The woman/ e /bought/ e /a truck/

Por sua vez, estas unidades serão agrupadas em

/The woman/ e /bought a truck/

O lingüista representa estas intuições sobre o que se ajusta dentro de uma frase, colocando palavras que formam um constituinte (tais como *the* e *woman*) no que chamam uma estrutura de árvore, algo semelhante a:

A regra é que palavras, que nós como falantes nativos agrupamos em um único constituinte, são unidas ao mesmo ponto ou nódulo

* (16) A mulher comprou um caminhão. (N. do T.)

da estrutura de árvore. A representação da estrutura de árvore para (16) é:

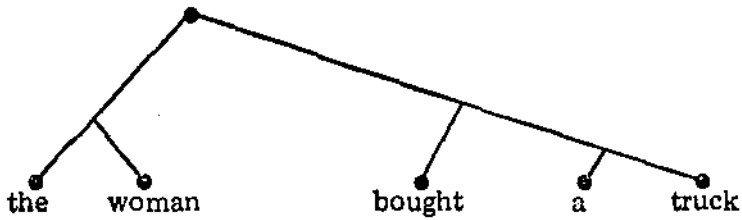

Isto se chama Estrutura Superficial.

O segundo tipo de intuições coerentes que os falantes nativos têm a respeito de uma frase como a (16) é o que seria uma representação completa de seu significado ou relação semântica lógica. Uma forma pela qual se representam estas intuições é:

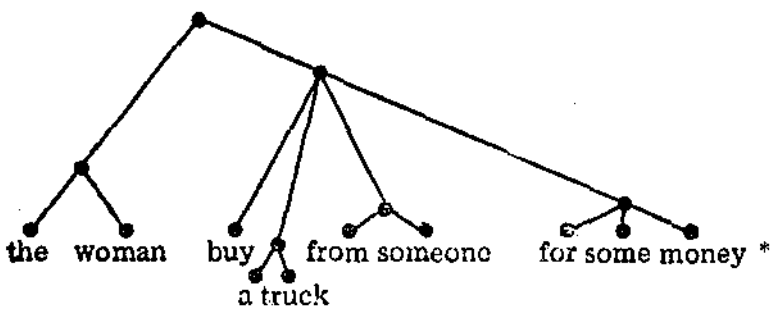

Isto se chama Estrutura Profunda.

Estamos demonstrando como cada frase, dentro do modelo transformacional, é analisada em dois níveis de estrutura, correspondentes a dois tipos coerentes de intuições que os falantes nativos têm: Estrutura Superficial — na qual se dá uma representação de estrutura em árvore às suas intuições sobre a estrutura coerente — e Estrutura Profunda — na qual se dão suas intuições, sobre o que é uma representação completa das relações semânticas lógicas. Já que o modelo dá duas representações para cada frase (Estrutura Superficial e Estrutura Profunda), os lingüistas têm o encargo de expor, explicitamente, como estes dois níveis se ligam. O modo pelo qual eles representam esta ligação é um processo ou derivação que é uma série de transformações.

* A mulher compra um caminhão de alguém por uma quantia.

Que são Transformações?

Uma transformação é uma exposição explícita de um tipo de padrão que os falantes nativos reconhecem dentre as frases de sua língua. Por exemplo, comparem-se as duas frases:

(17) *The woman bought the truck.*
(18) *The truck was bought by the woman.**

Os falantes nativos reconhecem que, embora estas Estruturas Superficiais sejam diferentes, a mensagem comunicada, ou Estruturas Profundas, destas duas frases são as mesmas. O processo pelo qual estas duas frases derivam de sua Estrutura Profunda comum é chamado uma derivação. Uma derivação é uma série de transformações que liga a Estrutura Profunda e a Estrutura Superficial. A derivação de uma destas duas Estruturas Superficiais inclui a transformação chamada Transformação Passiva. Se examinarmos (17) e (18), notaremos que a ordem das palavras é diferente. Especialmente, as locuções *the woman* e *the truck* foram transpostas. Os gramáticos transformacionais expõem este padrão assim:

T passiva:	Locução Nominal 1	Verbo Locução Nominal 2
	the woman	bought the truck
	↓	
	Locução Nominal 2	Be + verbo + by + Loc. Nominal 1
	the truck	was bought by the woman

onde o símbolo ⌒ significa "pode ser transformado em".

Observe-se que o que este padrão expressa não se limita a estas duas frases apenas, (17) e (18), mas é geral no inglês:

(19) a. *Susan followed Sam.*
b. *Sam was followed by Susan.*
(20) a. *The tapeworm ate the president.*
b. *The president was eaten by the tapeworm.*
(21) a. *The bee touched the flower.*
b. *The flower was touched by the bee.***

---

* (17) A mulher comprou o caminhão.
(18) O caminhão foi comprado pela mulher. (N. do T.)
** (19) a. Susan seguiu Sam.
b. Sam foi seguido por Susan.
(20) a. A tênia comeu o presidente.
b. O presidente foi comido pela tênia.
(21) a. A abelha tocou a flor.
b. A flor foi tocada pela abelha. (N. do T.)

Este é um exemplo simples de como são formadas duas Estruturas Superficiais cujas derivações diferem apenas por uma transformação — a Transformação Passiva aplicada na derivação das versões (b), mas não às versões (a). As derivações podem ser muito mais complexas; por exemplo:

(22) a. *Timothy thought that Rosemary was guiding the spaceship.*
b. *The spaceship was thought by Timothy to have been guided by Rosemary.**

O que todos estes pares de frases demonstram é que as Estruturas Profundas podem diferir de suas Estruturas Superficiais correlatas por apresentarem a ocorrência de elementos ou palavras em ordem diferente. Observe-se que, embora a ordem das palavras seja diferente, em cada par de frases o significado parece ser constante. Para cada par de frases de mesmo significado, mas cujas palavras são ordenadas diferentemente, o lingüista estabelece uma transformação que especifica, exatamente, o padrão — o modo pelo qual a ordem de palavras pode diferir.

Assim, o modo pelo qual se representa a intuição de sinonímia do falante nativo é pelo estabelecimento de uma transformação que relacione as duas ou mais Estruturas Superficiais que sejam sinônimas ou tenham o mesmo sentido. Para cada conjunto de duas ou mais Estruturas Superficiais que sejam sinônimas, portanto, o lingüista estabelece qual é a padronização formal — a transformação. O teste para sinonímia é, intuitivamente, tentar imaginar se seria possível em nosso mundo coerente (ou em um outro imaginário) que uma das Estruturas Superficiais, que se está testando para sinonímia, seria verdadeira (falsa) e a outra Estrutura Superficial não verdadeira (não falsa). Se elas sempre possuem o mesmo valor (ambas verdadeiras ou ambas falsas), são sinônimas. Isto é conhecido como teste parafrásico. Há inúmeras transformações de modificação de ordem de palavras que os lingüistas já identificaram. Os pares seguintes mostram alguns destes padrões:

(23) a. *I want Borsch.*
b. *Borsch, I want.***

---

* (22) a. Timothy pensou que Rosemary estava guiando a espaçonave. A versão b não tem estrutura equivalente em português e a tradução para o português seria a mesma (a). (N. do T.)

** (23) a. Eu quero Borsch.
b. Borsch, eu quero. (N. do T.)

(24) a. *It is easy to scare Barry.*
b. *Barry is easy to scare.*
(25) a. *George gave Martha an apple.*
b. *George gave an apple to Martha.*
(26) a. *The Watergate 500 stumbled away.*
b. *Away stumbled the Watergate 500.*
(27) a. *Writing this sentence is easy.*
b. *It is easy to write this sentence.* *

Cada uma destas transformações especifica um modo pelo qual a ordem das palavras pode diferir, e, como um grupo, chamam-se Transformações por Permutação.

As Transformações por Permutação são uma das duas principais classes de transformações; a outra chama-se Transformações por Eliminação. Por exemplo:

(28) a. *Ilene talked to someone a great deal.*
b. *Ilene talked a great deal.***

Na versão (b) da (28), uma das Locuções Nominais (isto é, *to someone*) foi eliminada ou removida. A transformação geral que estabelece este padrão chama-se Eliminação de Locução Nominal Indefinida.

Eliminação de Loc. Nominal Indefinida:	X	Verbo	Loc. Nominal	Y
↓	Ilene	talked	to someone	a great deal
	X	Verbo	Y	
	Ilene	talked	a great deal	

onde X e Y são símbolos ou variáveis para qualquer (quaisquer) palavra(s) nessas posições.

---

* (24) a. É fácil assustar Barry.
b. Barry é fácil de se assustar.
(25) a. George deu a Martha uma maçã.
b. George deu uma maçã a Martha.
(26) a. O Watergate·500 foi-se.
b. Foi-se o Watergate 500.
(27) a. Escrever esta frase é fácil.
b. É fácil escrever esta frase. (N. do T.)
** (28) a. Ilene falou muito com alguém.
b. Ilene falou muito. (N. do T.)

Novamente, há inúmeras transformações por eliminação que os lingüistas já identificaram:

(29) a. *Fluffo went to the store and Tab went to the store too.*
b. *Fluffo went to the store and Tab went too.*
(30) a. *Tripod ate something.*
b. *Tripod ate.*
(31) a. *Natural struck the wall with something.*
b. *Natural struck the wall.**

Em cada um destes pares, o processo ou derivação da segunda versão inclui uma transformação que eliminou parte da representação semântica lógica completa, que está presente na Estrutura Profunda. Novamente, o significado parece permanecer o mesmo ainda quando os elementos da Estrutura Profunda são eliminados.

Os lingüistas distinguem dois tipos de transformações por eliminação — Eliminação Livre, ou eliminação de elementos indefinidos, e Eliminação de Identidade. Observe-se nos pares seguintes:

Ilene talked to someone a great deal.
Ilene talked a great deal.
Tripod ate something.
Tripod ate.
Natural struck the wall with something.
Natural struck the wall.

o elemento que se eliminou é uma locução indefinida (*to someone, something, with something*), ao passo que no par seguinte:

Fluffo went to the store and Tab went to the store too.
Fluffo went to the store and Tab went too.

uma locução que é definida (*to the store*) foi eliminada. A regra geral é que os elementos indefinidos podem ser eliminados de qualquer frase. Existem condições especiais que precisam ser sa-

---

* (29) a. Fluffo foi para a loja e Tab também foi para a loja.
b. Fluffo foi para a loja e Tab também foi.
(30) a. Tripod comeu algo.
b. Tripod comeu.
(31) a. Natural golpeou a parede com alguma coisa.
b. Natural golpeou a parede. (N. do T.)

tisfeitas, antes que um elemento definido possa ser eliminado. Observe-se, por exemplo, o elemento definido *to the store,* que foi legitimamente eliminado no último par de frases, ocorre duas vezes nessa frase, resultando que, após a eliminação ter ocorrido [a parte (b)], uma cópia do elemento ainda está presente, e nenhuma informação se perdeu.

Assim, as Estruturas Superficiais podem diferir de sua Estrutura Profunda associada de duas maneiras principais:

— *As palavras podem ocorrer em uma ordem diferente — Transformação por Permutação*
— *Partes da representação semântica lógica completa podem não aparecer na Estrutura Superficial — Transformação por Eliminação.*

Uma outra forma pela qual a representação da Estrutura Profunda pode diferir das Estruturas Superficiais, que as representam, é pelo processo de Nominalização. Em essência, o processo de nominalização ocorre quando as transformações da linguagem modificam o que ocorre na representação de Estrutura Profunda, como uma palavra-processo — um verbo ou predicado — em uma palavra-evento — um substantivo ou argumento — na representação da Estrutura Superficial. Por exemplo, comparem-se as versões (a) e (b) dos pares seguintes de frases:

(32) a. *Susan knows that she fears her parents.*
b. *Susan knows her fear of her parents.*
(33) a. *Jeffrey recognizes that he hates his job.*
b. *Jeffrey recognizes his hatred of his job.*
(34) a. *Debbie understands that she decides her own life.*
b. *Debbie understands her decision about her own life.**

Na segunda versão de cada um dos três pares, o que ocorre na primeira como um verbo ou palavra-processo aparece como um substantivo ou palavra-evento. Especificamente,

---

* (32) a. Susan sabe que tem medo de seus pais.
b. Susan conhece seu medo de seus pais.
(33) a. Jeffrey reconhece que odeia seu trabalho.
b. Jeffrey reconhece seu ódio por seu trabalho.
(34) a. Debbie compreende que ela decide sua própria vida.
b. Debbie compreende sua decisão a respeito de sua própria vida. (N. do T.)

fears ⟶ fear

hates ⟶ hatred

decides ⟶ decision *

Ambas as transformações por Eliminação e por Permutação podem participar neste processo transformacional complexo. Por exemplo, se nas nominalizações acima fossem aplicadas as transformações por permutação, teríamos:

(32) c. *Susan knows the fear by her of her parents.*
(33) c. *Jeffrey recognizes the hatred by him of his job.*
(34) c. *Debbie understands the decision by her about her life.***

Se, no entanto, as Transformações por Eliminação fossem aplicadas[13] nas nominalizações acima, teríamos as representações de Estrutura Superficial:

(32) d. *Susan knows the fear.*
(33) d. *Jeffrey recognizes the hatred.*
(34) d. *Debbie understands the decision.****

Se a Nominalização ocorre com ou sem transformações por Eliminação e Permutação, seu efeito é converter a representação de Estrutura Profunda de um processo na representação de Estrutura Superficial de um evento.

O que é importante nesta apresentação não são os detalhes técnicos nem a terminologia que os lingüistas desenvolveram, mas antes o fato de que se pode dar uma representação às intuições

---

* teme — medo
odeia — ódio
decide — decisão (N. do T.)

** (32) c. Susan conhece o medo por parte dela de seus pais.
(33) c. Jeffrey reconhece o ódio por parte dele de seu trabalho.
(34) c. Debbie compreende a decisão por parte dela a respeito de sua vida. (N. do T.)

[13] Estritamente falando, a eliminação dos elementos eliminados no texto não é legítima de um ponto de vista puramente lingüístico, pois comportam índices referenciais — o processo, entretanto, é típico de pacientes sob terapia.

*** (32) d. Susan conhece o medo.
(33) d. Jeffrey reconhece o ódio.
(34) d. Debbie compreende a decisão. (N. do T.)

acessíveis a cada um de nós como falantes nativos. Assim, representa-se o próprio processo de representação. Por exemplo, as duas maneiras principais pelas quais o que aceitamos como uma frase bem-estruturada pode diferir de sua representação semântica completa é por distorção (Transformação por Permutação ou Nominalização) ou remoção de material (Transformação por Eliminação). Como exemplo, cada pessoa que fala inglês é capaz de decidir coerentemente que grupos de palavras inglesas são frases bem-estruturadas. Esta informação é acessível a cada um de vocês. O modelo transformacional representa esta informação. Assim, no modelo, diz-se que um grupo de palavras está bem estruturado, se há uma série de transformações que convertem a representação completa da Estrutura Profunda em alguma Estrutura Superficial.

O modelo transformacional envolve índices referenciais de forma importante para nossos objetivos. As Transformações por Eliminação são sensíveis aos índices referenciais. Como mencionado previamente, as palavras ou locuções nominais podem não ser eliminadas, legitimamente, por uma transformação por eliminação livre, se elas comportam um índice referencial que as ligue a alguma pessoa ou coisa. Isto surge como uma modificação no sentido, se esta condição não for satisfeita e a transformação for aplicada. Observe-se a diferença entre:

(35) a. *Kathleen laughed at someone.*
b. *Kathleen laughed.*
(36) a. *Kathleen laughed at her sister.*
b. *Kathleen laughed.**

Entende-se a versão (b) da (35) como significando, aproximadamente, a mesma coisa que a versão (a), mas a versão (b) da (36) transmite menos informação e significa algo diferente. Este exemplo mostra a condição geral que uma transformação por eliminação livre precisa satisfazer para ser aplicada legitimamente — que o elemento a eliminar pode não ter um índice referencial que o ligue a alguma parte específica da experiência do falante. Com efeito, isto significa que, cada vez que se aplica uma transformação por eliminação livre, o elemento eliminado não tem, necessariamente, índice referencial na representação de Estrutura Profunda — isto é, era um elemento que não estava ligado a nada. na experiência do falante.

---

* (35) a. Kathleen riu de alguém.
b. Kathleen riu.
(36) a. Kathleen riu de sua irmã.
b. Kathleen riu. (N. do T.)

Além da maneira pela qual os índices referenciais interagem com o conjunto de transformações por Eliminação, nós, como falantes nativos, temos intuições completas sobre seu uso geral. Especificamente, cada um de nós, como falante nativo, pode distinguir coerentemente palavras e locuções tais como *this page, the Eiffel Tower, the Vietnam War, I, the Brooklyn Bridge...* que têm um índice referencial de palavras e locuções tais como *someone, something, everyplace that there is trouble, all the people who didn't know me, it,...** que não têm índice referencial. O primeiro conjunto de palavras e locuções identifica porções específicas do modelo da experiência do falante, ao passo que o segundo grupo, não. Este segundo grupo de palavras ou locuções sem índice referencial é um dos modos principais pelos quais se realiza o processo modelador de Generalização, nos sistemas das línguas naturais.

Em recente trabalho no campo da lingüística, os transformacionalistas começaram a explorar como trabalham as pressuposições na língua natural. Certas frases implicam que certas outras são verdadeiras, a fim de que façam sentido. Por exemplo, se escuto dizer:

(37) *Há um gato sobre a mesa.*

posso escolher entre acreditar ou não que há um gato sobre a mesa e, das duas possibilidades, posso encontrar sentido naquilo que se está dizendo. Entretanto, se escuto dizer:

(38) *Sam percebeu que há um gato sobre a mesa.*

tenho de supor que há, de fato, um gato sobre a mesa, a fim de encontrar sentido naquilo que se está dizendo. Esta diferença mostra-se claramente se introduzirmos o elemento negativo *não* na frase.

(39) *Sam não percebe que há um gato sobre a mesa.*

Isto demonstra que, quando alguém diz uma frase que significa o oposto — aquela que nega o que a primeira afirma ser verdadeiro —, deve-se ainda supor que há um gato sobre a mesa, a fim de encontrar sentido na frase. Uma frase que necessite ser verdadeira, a fim de que uma outra faça sentido, chama-se pressuposição da segunda frase.

---

* ...esta página, a Torre Eiffel, a guerra do Vietnã, eu, a Ponte de Brooklyn...
...alguém, alguma coisa, todo lugar em que houver problemas, todas as pessoas que não me conhecem, ela... (N. do T.)

UMA VISÃO GERAL

As partes do modelo transformacional aplicáveis aos nossos propósitos, foram apresentadas. Vistas em conjunto, constituem uma representação do processo que os humanos desempenham ao representar sua experiência e comunicar esta representação. Quando os humanos desejam comunicar sua representação, sua experiência do mundo, formam uma representação lingüística completa de sua experiência; isto se chama a Estrutura Profunda. Assim que começam a falar, fazem uma série de escolhas (transformações) a respeito da forma pela qual comunicarão sua experiência. Estas escolhas, geralmente, não são conscientes.

> A estrutura de uma frase pode ser vista como o resultado de uma série de escolhas sintáticas feitas no processo de geração da mesma. O falante codifica o sentido por escolher construir a frase com certas características sintáticas, escolhidas de um conjunto limitado.
>
> (T. Winograd, *Understanding Natural Language*, p. 16, no *Cognitive Psychology*, vol. 3, n.° 1, jan., 1972)

Nosso comportamento ao fazer estas escolhas é, entretanto, regular e determinado por regras. O processo de fazer esta série de escolhas (uma derivação) resulta de uma Estrutura Superficial — uma frase ou seqüência de palavras que reconhecemos como um grupo bem-estruturado de palavras em nosso idioma. Esta Estrutura Superficial em si pode ser vista como uma representação da representação lingüística completa — a Estrutura Profunda. As transformações modificam a estrutura da Estrutura Profunda — seja eliminando ou modificando a ordem das palavras — mas não modificam o significado semântico. Graficamente, o processo inteiro pode ser visto como:

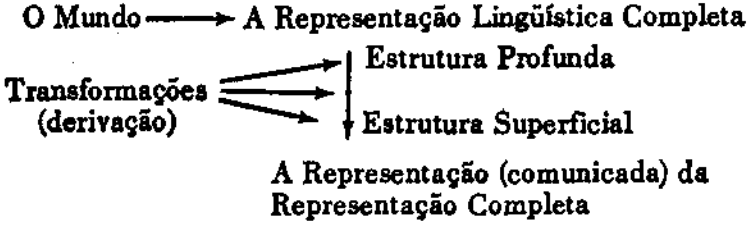

O modelo deste processo é um modelo do que fazemos quando representamos e comunicamos nosso modelo — um modelo de um modelo — um metamodelo. Este metamodelo representa nos-

sas intuições a respeito de nossa experiência. Por exemplo, nossa intuição de sinonímia — o caso em que duas ou mais Estruturas Superficiais têm o mesmo significado semântico, isto é, a mesma Estrutura Profunda — representa-se como:

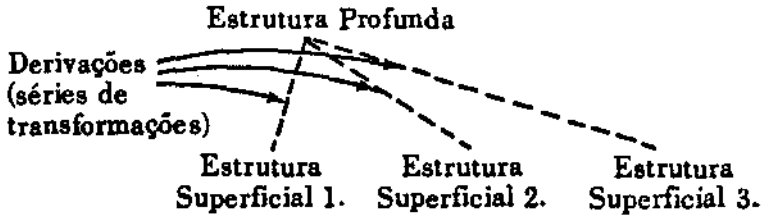

Em termos de um exemplo específico, então:

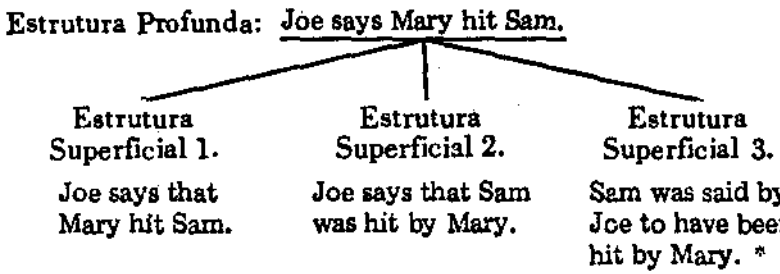

Sinonimia no metamodelo significa que a mesma Estrutura Profunda está ligada a mais de uma Estrutura Superficial.

Ambigüidade é o caso oposto. Ambigüidade é a intuição que os falantes nativos utilizam quando a mesma Estrutura Superficial tem mais de um significado semântico distinto e representa-se como:

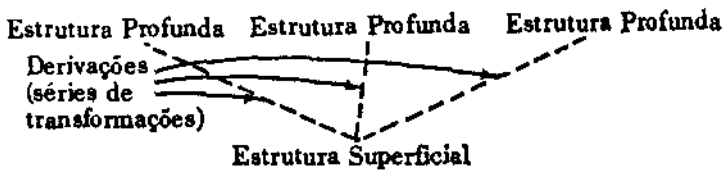

* E.P. — Joe diz Mary golpeou Sam.
E.S. 1 — Joe diz que Mary golpeou Sam.
E.S. 2 — Joe diz que Sam foi golpeado por Mary.
E.S. 3 — Em português não existe essa estrutura do exemplo. (N. do T.)

Como um exemplo específico:

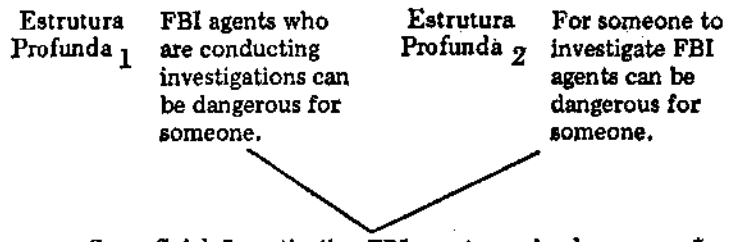

Ambigüidade no metamodelo é o caso em que mais de uma Estrutura Profunda está ligada por transformações à mesma Estrutura Superficial.

A intuição de boa-estruturação está representada no metamodelo na forma de que qualquer seqüência de palavras seja bem estruturada apenas para o caso de que haja uma série de transformações (uma derivação) que leve alguma Estrutura Profunda àquela seqüência de palavras — uma Estrutura Superficial. Assim, o metamodelo é uma representação explícita de nosso comportamento inconsciente governado por regras.

RESUMO

A linguagem humana é uma forma do ato de representação do mundo. A Gramática Transformacional é um modelo explícito do processo de representar e comunicar essa representação do mundo. Os mecanismos dentro da Gramática Transformacional e o modo pelo qual representamos nossa experiência são universais a todos os seres humanos. O significado semântico que estes processos representam é existencial, infinitamente rico e variado. O modo pelo qual estes significados existenciais são representados e comunicados é governado por regras. A Gramática Transfor-

---

* E.P. 1 — Agentes do FBI que estão conduzindo investigações podem ser perigosos para alguém.
E.P. 2 — Para alguém, investigar agentes do FBI pode ser perigoso para alguém.
E.S. — Investigar agentes do FBI pode ser perigoso. (N. do T.)

macional não modela o sentido existencial, mas o modo pelo qual se forma este conjunto infinito — as próprias regras de representações.

O sistema nervoso que é responsável pela produção do sistema representativo da linguagem é o mesmo sistema nervoso pelo qual os humanos produzem todos os outros modelos do mundo — do pensamento, visual, cinético etc. Os mesmos princípios de estrutura são operantes em cada um destes sistemas. Assim, os princípios formais que os lingüistas identificaram como parte do sistema representativo, chamado linguagem, fornecem uma abordagem explícita para a compreensão de qualquer sistema humano de modelagem.

Capítulo 3

A ESTRUTURA DA MAGIA

Um dos mistérios no campo da terapia é que, embora as várias escolas de terapia tenham diferentes formas, todas alcançam sucesso até certo ponto. Este quebra-cabeça será resolvido quando os métodos eficazes, partilhados pelas diferentes psicoterapias, puderem ser descritos em um único conjunto de termos, tornando, assim, explícitas as semelhanças e, por conseguinte, passíveis de serem aprendidas pelos terapeutas de qualquer escola[14].

> ...esta linha de semelhanças [dentre as várias formas de psicoterapia — RB/JG] não é abrangente; pareceria ser indicação suficiente que um estudo mais completo de todas as formas de psicoterapia em termos de seus padrões formais semelhantes fosse compensador. Uma ciência mais rigorosa de psicoterapia será alcançada quando os procedimentos, nos vários métodos, puderam ser sintetizados até a estratégia mais eficaz possível, para induzir uma pessoa a comportar-se, espontaneamente, de maneira diferente.
>
> J. Haley, *Strategies of Psychotherapy*, 1967, p. 85.

A única característica que está presente em todas as formas de terapia, quando são bem sucedidas, é que as pessoas sob terapia modificam-se de alguma forma. Dão-se a esta modificação nomes diferentes segundo as diferentes escolas de terapia, nomes tais como: 1) ajustamento, 2) cura, 3) crescimento, 4) esclarecimento, 5) modificação de comportamento etc. Qualquer que seja

---

[14] Recomendamos calorosamente o excelente trabalho de Jay Haley, Gregory Bateson e seus associados, Paul Watlawick, Janet Beavin, e Don Jackson. Seus estudos nos parecem ser, atualmente, os que mais se aproximaram, juntamente com o metamodelo, da consecução deste objetivo.

o nome dado ao fenômeno, de algum modo ele torna a experiência da pessoa melhor e mais rica. Não é de surpreender que toda forma de terapia reivindique ajudar as pessoas a atuarem no mundo com mais êxito. Quando as pessoas mudam, modificam-se suas experiências e seus modelos de mundo. Não importa quais são suas técnicas; as diferentes formas de terapia tornam possível às pessoas modificarem seu modelo do mundo e algumas delas refazem parte daquele modelo.

O que oferecemos aqui não é uma nova escola de terapia, mas antes um conjunto específico de instrumentos/técnicas, que são uma representação explícita do que já está presente, em certa escala, em cada forma de terapia. Os aspectos singulares do metamodelo, que estamos apresentando, são: primeiro, ser baseado nas intuições já disponíveis a todo falante nativo e, segundo, um modelo explícito na medida em que se pode aprendê-lo.

O METAMODELO

O metamodelo que estamos apresentando é, em grande parte, inspirado pelo modelo formal desenvolvido na lingüística transformacional. Já que o modelo transformacional foi criado para responder a questões que não estão imediatamente ligadas ao modo pelo qual os humanos se modificam, nem todas as porções dele são igualmente úteis na criação de um metamodelo para terapia. Assim, adaptamos o modelo, selecionando apenas as partes relevantes para nossas finalidades e ordenando-as em um sistema adequado aos nossos objetivos em terapia.

Neste capítulo, apresentamos nosso metamodelo para terapia. Aqui, nossa intenção é dar-lhes uma visão geral do que está disponível no metamodelo e como funciona. Nos dois capítulos seguintes, tornamo-nos específicos, mostrando-lhes, passo a passo, como aplicar as técnicas do metamodelo. Para este capítulo, insistimos em que se leia a discussão e se tente obter a imagem completa que apresentamos. Iremos tornar esta imagem mais nítida e detalhada nos capítulos seguintes.

Eliminações: As Partes Ausentes do Modelo

Na maioria das formas de terapia (com a possível exclusão de algumas terapias físicas) uma das coisas que acontece é uma série de transações verbais entre o "paciente" e o "terapeuta". Uma das características comuns do encontro terapêutico é que o terapeuta tenta descobrir para que o paciente veio à terapia; o que o paciente quer modificar. Em nossos termos, o terapeuta

está tentando descobrir que modelo do mundo tem o paciente. Quando os pacientes comunicam seus modelos, o fazem em Estruturas Superficiais. Estas Estruturas Superficiais irão conter eliminações tais como as descritas no último capítulo. A maneira pela qual o paciente utiliza a linguagem para comunicar seu modelo/representação está sujeita aos processos universais da modelagem humana, tal como eliminação. A própria Estrutura Superficial é uma representação da representação lingüística completa da qual derivou — a Estrutura Profunda. No caso onde o processo lingüístico de eliminação ocorreu, a descrição verbal resultante — a Estrutura Superficial — está necessariamente ausente para o terapeuta. Este pedaço também pode estar ausente do modelo consciente que o paciente tem do mundo. Se faltam pedaços no modelo da experiência do paciente, este está empobrecido. Os modelos empobrecidos, como afirmamos antes, implicam opções limitadas para o comportamento. À proporção que as partes ausentes são recuperadas, inicia-se o processo de modificação dessa pessoa.

O primeiro passo para o terapeuta é ser capaz de determinar se a Estrutura Superficial do paciente é uma representação completa da representação lingüística plena, da qual se derivou — a Estrutura Profunda. Neste ponto, ou os terapeutas têm um sentido altamente desenvolvido de situações baseadas sobre suas experiências, ou podem utilizar o metamodelo explícito para recuperar as partes ausentes. No metamodelo, as intuições, que todo falante nativo da língua tem, entram em jogo. O paciente diz:

*I'm scared.**

O terapeuta verifica agora as intuições do paciente, para determinar se suas Estruturas Superficiais estão completas. Um modo de fazer isto (apresentamos este processo, detalhadamente, nos capítulos seguintes) é perguntar a si mesmo se você pode pensar em uma outra frase, bem-estruturada em inglês, que tenha a mesma palavra-processo *scare* e mais argumentos nominais do que a Estrutura Superficial do paciente com aquele mesmo verbo *scare*. Se você pode pensar em uma tal Estrutura Superficial, então a Estrutura Superficial do paciente está incompleta.

Os terapeutas estão agora em face de três opções bem amplas[15]. Podem aceitar o modelo empobrecido, podem indagar

* Estou com medo. (N. do T.)

15 Estamos conscientes de que as três opções aqui discutidas não exaurem todas as possibilidades lógicas ou, na verdade, práticas. O terapeuta poderia, por exemplo, ignorar completamente a Estrutura Superficial que

pela parte ausente ou podem fazer suposições sobre ela. A primeira opção, aceitar o modelo empobrecido, apresenta a dificuldade de tornar o processo da terapia lento e tedioso, já que se coloca toda a responsabilidade de recuperar as partes ausentes do modelo sobre o paciente, que lá está, em primeiro lugar, para ser assistido neste processo. Não estamos sugerindo que a modificação não seja possível neste processo, mas que exigirá um período de tempo mais longo do que é necessário. A segunda escolha, para o terapeuta, é indagar pela parte que foi lingüisticamente eliminada:

P: *I'm scared.*
T: *Of what?**

Ou o paciente supre o material que foi lingüisticamente eliminado de seu modelo e a compreensão do terapeuta torna-se mais completa, ou a parte ausente da expressão oral do paciente está também ausente de seu modelo. Os pacientes iniciam, então, o processo de autodescoberta e vão se modificando à proporção que comecem a trabalhar para completar os pedaços ausentes e se tornem ativamente envolvidos neste processo de autodescoberta — expandindo a si mesmos pelo expandir de seu modelo do mundo.

Os terapeutas têm uma terceira escolha — podem, a partir de longa experiência, intuir com relação à parte ausente. Podem escolher interpretar ou fazer uma suposição sobre a parte ausente. Nada temos contra esta escolha. Há, no entanto, o perigo de que qualquer forma de interpretação ou suposição possa ser imprecisa. Em nosso metamodelo incluímos uma proteção para o paciente. O paciente tenta a interpretação ou suposição por parte do terapeuta para gerar uma frase que inclua esse material e verifica suas intuições para ver se ela se ajusta, faz sentido, e é uma representação nítida de seu modelo do mundo. Por exemplo, o terapeuta pode ter uma forte intuição de que o paciente tenha medo do pai. Essa intuição pode estar baseada sobre terapia anterior ou no reconhecimento de uma determinada postura do corpo ou movimento que tenha visto o paciente utilizar em outras ocasiões em que surgiu o assunto pai. Neste caso, o diálogo pode ser:

---

o paciente apresenta. As três categorias de resposta, da parte do terapeuta, que discutimos parecem-nos ser as mais freqüentes.

* P: Estou com medo.
T: De quê?

P: *I'm scared.*
T: *I want you to try saying this and see whether it fits for you: "My father scares me."**

O que ele aqui está pedindo que o paciente faça é proferir a Estrutura Superficial que conterá sua suposição ou interpretação, e ver se ela se ajusta à representação completa do paciente, a Estrutura Profunda[16]. Se esta nova Estrutura Superficial, que contém a intuição do terapeuta a respeito da identidade da porção eliminada da Estrutura Superficial original do paciente, se ajustar ao modelo do paciente, ele experimentará, de modo característico, uma certa sensação de conformidade ou reconhecimento. Caso contrário, as técnicas do metamodelo estão disponíveis, como um guia, para recuperar o material ausente, que realmente se ajuste ao modelo do paciente. A proteção para a integridade do paciente é que o terapeuta seja sensível às intuições do primeiro e experimente, por meio de fazer o paciente julgar, se a suposição do terapeuta é adequada para seu modelo, fazendo-o proferir a frase e vendo se ela se ajusta.

A necessidade de os terapeutas estarem conscientes da integridade de seus pacientes tem sido amplamente reconhecida. Polster e Polster (1973, p. 68) comentam:

> Não há uma medida precisa para identificar os limites de um poder individual para assimilar ou expressar sentimentos que tenham possibilidades explosivas, mas há uma proteção básica — não forçar ou seduzi-lo a comportamentos que ele próprio não tenha amplamente estabelecido.

Em geral, a eficácia de uma determinada forma de terapia está associada à capacidade de recuperar as partes "suprimidas" ou ausentes do modelo do paciente. Assim, o primeiro passo na aquisição deste instrumental é aprender a identificar as partes ausentes no modelo — especificamente, identificar o fato de ter ocorrido a eliminação lingüística. As partes ausentes na Estrutura Superficial são o material que foi removido pelas transformações por eliminação. Recuperar o material ausente implica um mo-

---

* P: Estou com medo.
T: Quero que você tente dizer isto e veja se se ajusta a você: "Meu pai me amedronta". (N. do T.)

[16] No capítulo 6 voltaremos a esta técnica sob o título geral *Técnica de Congruidade*. Aqui, simplesmente, o paciente, ao proferir a Estrutura Superficial, chama à tona a Estrutura Profunda. Se a Estrutura Superficial corresponde à Estrutura Profunda que se ajusta a seu modelo (está em conformidade com seu modelo), o paciente reconhecerá esse fato.

vimento em direção a uma representação mais completa — a Estrutura Profunda.

Distorção: Processo ⟶ Evento

Uma das formas pelas quais as pessoas ficam imobilizadas é a transformação de um processo em andamento em um evento. Os eventos são coisas que ocorrem em um determinado momento e pronto. Uma vez ocorridos, seus resultados são fixos e nada pode ser feito para mudá-los[17]. Este modo de representar experiências é empobrecedor no sentido de que os pacientes perdem o controle dos processos em andamento, por representá-los como eventos. Os lingüistas identificaram o mecanismo lingüístico para transformar um processo em um acontecimento. Isto se chama nominalização e é discutido no último capítulo. A capacidade do terapeuta em desafiar as porções distorcidas do modelo do paciente, que envolvem a representação de processos como eventos, exige que o terapeuta seja capaz de reconhecer as nominalizações nas Estruturas Superficiais do paciente. Isto pode ser feito examinando-se a Estrutura Superficial do paciente — verifique cada um dos não-verbos na frase, indagando a si mesmo se pode pensar em um verbo ou adjetivo que esteja estreitamente associado com ele em aparência/som e significado. (Novamente, um procedimento mais detalhado será fornecido no capítulo 4.) Por exemplo, assim que o paciente comece a discutir algum processo em andamento em sua vida — o processo contínuo de sua decisão de evitar enfrentar alguém a respeito de alguma coisa — ele pode representar este processo, em sua Estrutura Superficial, pela locução *my decision.*

*I really regret my decision.**

---

[17] No capítulo 2, como também no restante do livro, adotamos a visão lingüística filosófica padrão, de que apenas os substantivos na Estrutura Superficial que correspondem aos verbos na Estrutura Profunda são o resultado de nominalizações: a modificação da representação de um processo em um evento. Uma visão mais radical é aquela em que mesmo os substantivos da Estrutura Superficial, que pela análise lingüística padrão não correspondem a verbos na Estrutura Profunda, são a representação de um processo por um evento. Deste ponto de vista, o substantivo *cadeira* é a representação-evento do que nós realmente experimentamos no processo de percepção, manifestação... o qual tem coordenadas de tempo-espaço e duração. A direção, então, entre as partes de nossa experiência que estão representadas na Estrutura Profunda como verbos e aquelas que estão representadas como substantivos é, essencialmente, o volume de diferenças ou modificações que experimentamos no que é representado: *cadeiras* modificam-se lenta e tranqüilamente, enquanto *encontros* modificam-se mais rapidamente.

* Eu realmente lamento minha decisão. (N. do T.)

O terapeuta, buscando distorções, identifica o substantivo *decision* como sendo semelhante, em aparência/som e significado, à palavra-processo *decide* — logo, uma nominalização.

A tarefa do terapeuta é auxiliar o paciente a ver que o que ele representou em seu modelo como um evento terminado e acabado é um processo em andamento, que pode ser influenciado por ele. Há inúmeras maneiras de se executar isto. Por exemplo, o terapeuta pode perguntar como o paciente se sente a respeito de sua decisão. Quando o paciente responde que está insatisfeito, o terapeuta pergunta o que foi que o impossibilitou de reconsiderar sua decisão. O paciente responde, e o terapeuta continua a aplicar as técnicas do metamodelo. Aqui, o terapeuta está trabalhando para religar o evento com o processo corrente.

Outro desafio que o terapeuta pode utilizar:

> *You have made your decision and there is nothing which you can imagine that would change your decision?**

Novamente, o paciente responde com uma Estrutura Superficial que o terapeuta pode utilizar, juntamente com o metamodelo, como guia para seu próximo passo em induzir a modificação no paciente.

O efeito da aplicação sistemática destas duas técnicas:

(a) Recuperação de partes removidas pelas transformações por eliminação a partir da Estrutura Profunda.
(b) Transformação de nominalizações novamente em palavras-processo originais de onde se originaram — a Estrutura Profunda.

produz uma representação mais completa do modelo do paciente — a Estrutura Profunda lingüística da qual as expressões orais iniciais do paciente, ou Estruturas Superficiais, foram derivadas. Este processo envolve, ativamente, o paciente no preenchimento das partes ausentes e, na transformação das coisas representadas como eventos novamente em processos originais, começando assim o processo de modificação.

As Estruturas Profundas são as mais completas representações lingüísticas da experiência do paciente. Podem diferir da experiência dessa pessoa de diversas maneiras que já são familiares a você. Estas são as três características comuns a todos os processos humanos de modelagem: Eliminação, Distorção e Generalização.

---

* Você tomou sua decisão e não haveria alguma coisa que você possa imaginar que a modifique? (N. do T.)

Estes são os processos universais de modelagem humana — a maneira pela qual as pessoas criam qualquer representação de sua experiência.

As intuições que são representadas no modelo transformacional de linguagem são casos especiais destes três princípios; por exemplo, frases ou Estruturas Superficiais que não têm sujeito expresso são exemplos do processo de eliminação. Para desenvolver uma imagem do modelo que o paciente possui, tem-se que repor esta parte ausente; a expressão tem que ser religada à origem — sua representação mais completa. No caso de uma Estrutura Superficial, sua origem e representação mais completa é a Estrutura Profunda. No caso da Estrutura Profunda, as experiências do paciente são a fonte para a representação. Embora a Estrutura Profunda seja a representação lingüística mais completa, deriva-se ela de uma fonte ainda mais rica e mais completa — a soma total das experiências dos pacientes.[18] Não é de surpreender, os mesmos processos universais humanos de modelagem que nos dão uma forma sistemática de auxiliar o paciente em partir de uma Estrutura Superficial empobrecida para uma representação lingüística completa — a Estrutura Profunda — fornecem uma forma sistemática de ligar a representação lingüística, para essa pessoa, ao conjunto de experiências completas das quais se deriva a representação lingüística completa.

Estrutura Profunda e Mais Além

Como assinalamos repetidamente, os indivíduos que se encontram sob terapia e desejam auxílio em modificar-se, aí estão, tipicamente, porque sentem que não têm escolhas suficientes, que são incapazes de se comportar de forma diferente do que fazem. Ademais, por mais estranho que nos possa parecer, seu comportamento faz sentido em seu modelo do mundo.

O terapeuta teve êxito em envolver o paciente na recuperação da Estrutura Profunda — a representação lingüística completa. O próximo passo é desafiar essa Estrutura Profunda de tal forma que a enriqueça. O terapeuta tem diversas escolhas neste momento. O princípio básico, aqui, é que as pessoas acabam sofrendo, não porque o mundo não seja rico bastante para permitir-lhes a satisfação de necessidades, mas porque sua representação do mundo está empobrecida. Igualmente, então, a estratégia que adotamos,

---

[18] Voltaremos a considerar sistematicamente este assunto no capítulo 6, sob o título *Estruturas de Referência* — a soma total da experiência do paciente — a origem da qual a representação lingüística completa se deriva.

no papel de terapeuta, é colocar o paciente em contato com o mundo, de algum modo que lhe ofereça um conjunto de escolhas mais rico. Em outras palavras, já que o paciente vivencia o sofrimento por ter criado uma representação empobrecida do mundo e por ter esquecido que a representação não é o mundo, o terapeuta o auxiliará na modificação apenas para o caso em que venha a comportar-se de algum modo incoerente com seu modelo e, com esse auxílio, enriquece-lhe o modelo. Há inúmeras maneiras de se executar isto, muitas das quais já descritas em detalhe. A importância de canais sensoriais desimpedidos, a descoberta de padrões para se enfrentar o *stress* aprendidos no sistema familiar, os traumas da infância, a imposição de vínculos terapêuticos duplos — são todos exemplos de ênfases que as várias formas de psicoterapia selecionaram como sua maneira de desafiar o modelo empobrecido do paciente. Qualquer que seja a escola de terapia e qualquer que seja sua ênfase e forma de tratamento típica, quando obtém êxito, envolve duas características:

(1) Um grande volume de comunicação na forma de linguagem[19].
(2) Uma modificação no modelo/representação do mundo do paciente.

O que oferecemos no nosso metamodelo relaciona-se diretamente a estas duas características de terapia bem sucedida. A língua é tanto um sistema representativo como também o meio ou processo de comunicar nossa representação do mundo. Os processos pelos quais passamos para comunicar nossa experiência são os mesmos processos por que passamos ao criar nossa experiência. Vista deste modo, a recuperação da Estrutura Profunda completa a partir da Estrutura Superficial corresponde à revelação do modelo lingüístico completo do mundo do paciente; o desafio à Estrutura Profunda do paciente é, diretamente, um desafio à representação lingüística completa do paciente. As mesmas técnicas/instrumentos aplicam-se a ambas.

Os processos pelos quais as pessoas empobrecem sua representação do mundo são os mesmos processos pelos quais empobrecem sua expressão de sua representação do mundo. O modo com que essas pessoas criam sofrimento para si mesmas envolve

---

[19] O caso limite são as terapias físicas (p. ex., Rolfing, Biogenética, Shiatsu...) que enfatizam o trabalho no sistema representativo físico — isto é, os seres humanos representam suas experiências nas posturas corporais, movimentos, contrações musculares características, tônus... Voltaremos a este tópico no capítulo 6. Mesmo neste caso limite, o terapeuta e o paciente, tipicamente, falam um com o outro.

estes processos. Através deles criam um modelo empobrecido. Nosso metamodelo oferece uma forma específica de se desafiar estes mesmos processos para enriquecer seu modelo. Primeiro, o metamodelo especifica o processo de se deslocar da Estrutura Superficial para a Estrutura Profunda. O processo do deslocamento a partir da Estrutura Superficial, com uma eliminação, para a Estrutura Profunda completa, não apenas fornece ao terapeuta uma imagem precisa do modelo do paciente, mas durante o processo o paciente pode, de fato, expandir o modelo ao tentar recuperar a eliminação pela qual o terapeuta está indagando. Segundo, ele provê um formato para desafiar a Estrutura Profunda e religá-la à experiência da pessoa, tornando assim possível a modificação.

Tendo recuperado o modelo lingüístico do mundo do paciente, o terapeuta pode agora selecionar qualquer uma, ou mais de uma, das inúmeras técnicas de tratamento que achar útil no contexto. O terapeuta pode, por exemplo, optar pela imposição de um vínculo terapêutico duplo (Haley, 1973), ou utilizar uma técnica de encenação (Perls, 1973), para auxiliar o processo de modificação, ou prosseguir desafiando o modelo do paciente através de puro trabalho verbal. Em cada um destes casos, a linguagem está envolvida. A eficiência e poder de um terapeuta estão intimamente ligados à riqueza de seu metamodelo — o número de escolhas que possui e sua habilidade em combinar estas opções. Nosso foco neste trabalho incidirá nas técnicas verbais/digitais e não nas não-verbais/analógicas, por duas razões:

(1) Transações verbais são uma forma significativa de comunicação, em todos os estilos de terapia.
(2) Desenvolvemos um modelo para a língua natural que é explícito.

Mais tarde mostraremos, em detalhe, que o metamodelo que criamos, a partir do modelo da Gramática Transformacional, para um metamodelo terapêutico pode também ser generalizado a sistemas não-verbais de comunicação[20].

Desafiando a Estrutura Profunda

Para o terapeuta, desafiar a Estrutura Profunda equivale a exigir que o paciente mobilize seus recursos para religar seu modelo lingüístico ao seu mundo de experiência. Em outras palavras,

[20] Este é o assunto central do capítulo 6 e de *Estrutura da Magia*, volume II.

o terapeuta aqui está desafiando as suposições do paciente de que seu modelo lingüístico é a realidade.

Desafiando as Generalizações

Um elemento que o modelo do paciente terá, que tipicamente empobrece sua experiência, é aquele da generalização. Correspondentemente, a Estrutura Profunda, que representa a porção empobrecida do modelo, conterá palavras e locuções que não têm índice referencial e verbos incompletamente especificados.

Claridade no Meio do Caos — os Substantivos/Argumentos

Assim que as partes ausentes da Estrutura Profunda do paciente são recuperadas, o modelo da experiência do mesmo pode tornar-se mais completa, embora ainda possa estar obscuro e indefinido[21]. O paciente diz:

P: *I'm scared.*
T: *Of what?*
P: *Of people.* *

Neste ponto, ou o terapeuta tem um conjunto bem desenvolvido de intuições a respeito do que fazer a seguir, ou pode utilizar nosso metamodelo explícito como guia. Uma forma explícita de determinar quais porções da expressão oral (e o modelo que representa) estão indefinidas é procurar argumentos nominais que não tenham índice referencial. O terapeuta tem novamente três escolhas básicas: aceitar o modelo indefinido, fazer uma pergunta que exija definição do modelo ou adivinhar o que possa ser o modelo definido. A escolha aqui feita pelo terapeuta tem as mesmas conseqüências que sua tentativa de recuperar as partes ausentes no modelo. Se o terapeuta escolhe perguntar pelo índice referencial ausente, dirá simplesmente:

*Who, specifically (scares you)?***

Se, por outro lado, o terapeuta tem uma intuição sobre a identidade da locução nominal que não tem índice referencial, pode de-

---

21 De fato, da discussão dos tipos de transformações por eliminação que constam no capítulo 2, segue-se que cada caso de Eliminação Livre é a eliminação de um argumento nominal de Estrutura Profunda que não tem índice referencial.

* P: Estou com medo.
T: De quê?
P: De gente. (N. do T.)

** Quem, especificamente (o amedronta)? (N. do T.)

cidir-se a fazer suposições. Neste caso, a mesma forma de proteção da integridade do paciente está à disposição se o terapeuta prefere fazer suposições:

P: *I'm scared.*
T: *Of what?*
P: *Of people.*

O terapeuta decide fazer suposições a respeito de quem é que *especificamente* amedronta (*scares*) o paciente. Utilizando-se da proteção que recomendamos, o terapeuta pede ao paciente para dizer a Estrutura Superficial que incorpora a suposição do terapeuta:

T: *I want you to try saying this and see whether you feel it fits for you: "My father scares me."**

O paciente agora emite a Estrutura Superficial que incorpora a suposição ou interpretação e decide se a mesma se encaixa em seu modelo. Em ambos os casos, o terapeuta está respondendo — desafiando a generalização do paciente por exigir que o mesmo ligue esta generalização à sua experiência específica — por exigir um índice referencial. Este, o passo seguinte no processo da compreensão, por parte do terapeuta, do modelo do paciente, é o desafio aos argumentos nominais que não têm índice referencial.

A palavra *people* (gente) não seleciona um indivíduo específico ou grupo de indivíduos do modelo do paciente. Este pode suprir o índice referencial ausente na expressão oral e a disposição em seu modelo e a compreensão, por parte do terapeuta, de seu modelo estará assim mais definida, ou o índice referencial pode estar ausente no modelo do paciente. Se essa porção do modelo do paciente está também indefinida, a pergunta feita pelo terapeuta permite ao paciente trabalhar no esclarecimento de seu modelo e tornar-se mais envolvido no processo.

Observa-se que o paciente pode produzir inúmeras respostas tais como "gente que me odeia", "todas as pessoas que sempre pensei fossem minhas amigas", "todo mundo que eu conheço", "alguns da minha família", nenhuma das quais tem índices referenciais — são descrições intencionais, não extensionais, da experiência da pessoa.[22] Representam generalizações que ainda não

* Quero que você tente dizer isso e veja se isso se aplica a você: "Meu pai amedronta-me." (N. do T.)

[22] A distinção intencional-extensional é tomada de empréstimo à lógica. Uma definição extensional de um conjunto é aquela que especifica quais são membros do conjunto, pela simples listagem (isto é, enumeração) dos mesmos; uma definição intencional de um conjunto é aquela que

estão ligadas à experiência do paciente. O terapeuta continua a desafiar estas formulações perguntando:

Who, specifically?

até que obtenha do paciente expressão oral que tenha um índice referencial. Finalmente, o paciente responde:

*My father scares me.**

A exigência feita pelo terapeuta, relativa a representações de Estrutura Profunda completa que incluam apenas palavras e locuções que tenham índices referenciais, é uma exigência de que o paciente religue suas generalizações à experiência da qual provêm. A seguir, o terapeuta indaga a si mesmo se a imagem que tem do modelo do paciente é clara e definida.

Claridade no Meio do Caos — Verbo/Palavras Processo

Ambos os substantivos na expressão oral:

My father scares me.

têm índices referenciais (*my father* e *me*). A palavra processo ou verbo na expressão, contudo, não nos dá uma imagem clara de como precisamente ocorreu a experiência. Sabemos que o paciente está amedrontado (*scared*) e que seu pai o amedronta, mas como, exatamente, o pai o amedronta está representado incompletamente — o que, especificamente, *faz* ele, que o amedronta. O terapeuta pede ao paciente para definir sua imagem pela pergunta:

*How does your father scares you?***

Isto é novamente um pedido do terapeuta para que o paciente ligue sua generalização à experiência da qual se derivou. A res-

---

especifica quais são os membros do conjunto pelo estabelecimento de uma regra ou procedimento, que classifica o mundo em membros e não-membros do mesmo. Por exemplo, o conjunto de todos os humanos de mais de um metro e oitenta, que vivem em Ozona, Texas, pode ser estabelecido, extensionalmente, pela lista das pessoas que, de fato, vivem em Ozona, Texas, e têm mais de um metro e oitenta de altura, ou, intencionalmente, por um procedimento, digamos, por exemplo:

(a) ir ao cartório de registro dos residentes de Ozona, Texas.
(b) procurar cada pessoa constante da lista e determinar se ela tem mais de um metro e oitenta de altura.

Korzybski (1933, cap. 1) tem uma discussão interessante desta distinção. Observe-se que, em geral, listagens ou um conjunto extensionalmente especificado têm índices referenciais, ao passo que conjuntos específicos, intencionalmente estabelecidos, não têm índice referencial.

* Tenho medo de meu pai. (N. do T.)

** De que forma seu pai o amedronta? (N. do T.)

posta dada a esta pergunta pelo paciente é uma nova Estrutura Superficial, que então o terapeuta examina em relação a integralidade e clareza, indagando a si mesmo se todas as porções da representação da Estrutura Profunda completa estão refletidas nessa Estrutura Superficial. O terapeuta continua a examinar as Estruturas Superficiais geradas pelo paciente, recuperando a Estrutura Profunda e desafiando-a quanto a generalizações que tornam o modelo indefinido e incompletamente especificado, até que a imagem que o terapeuta tenha do modelo do paciente esteja clara.

Desafiando Eliminações

Quando os seres humanos criam seus modelos lingüísticos do mundo, necessariamente, selecionam e representam certas porções do mundo e deixam de selecionar e representar outras.[28] Assim, uma forma pela qual a representação lingüística completa — a Estrutura Profunda — diferirá da experiência que representa é por ser uma versão reduzida da experiência do mundo completa do paciente. Esta redução pode, como dissemos antes, ser uma redução proveitosa, ou pode empobrecer o modelo de tal forma que crie sofrimento para essa pessoa. São muitas as técnicas disponíveis ao terapeuta para auxiliar o paciente a recuperar porções de sua experiência, que ele não representou em seu modelo. Na área de técnicas verbais/não-verbais combinadas, por exemplo, poder-se-ia pedir ao paciente que representasse a situação específica a partir da qual generalizou e descrevesse totalmente sua experiência enquanto a revivesse — apresentando assim a porção de sua experiência à qual previamente deixou de dar uma representação lingüística. Isto religa o paciente à sua experiência e, simultaneamente, supre o terapeuta com conteúdo valioso, bem como uma compreensão de como a pessoa representa, tipicamente, suas experiências. Novamente, nossa intenção neste estudo é enfocar as técnicas lingüísticas.

A tarefa do terapeuta é desafiar as eliminações que não são úteis; aquelas que causam sofrimento são as que estão associadas com áreas de impossibilidade, áreas em que o paciente, literalmente, não pode ver nenhuma escolha, a não ser aquelas que são insatisfatórias — as que são penosas. Tipicamente, uma área em

---

[28] Dizemos *necessariamente*, por serem os modelos, por definição, reduzidos com respeito ao que representam. Esta redução é ao mesmo tempo seu valor e seu risco, conforme discutimos no capítulo 1.

que ocorreu uma eliminação empobrecedora é aquela em que a percepção do paciente de seu potencial é limitada — ele parece estar bloqueado, entalado, condenado...

A técnica de recuperação da representação lingüística completa funciona e é passível de ser aprendida, na medida em que exista uma representação explícita — a Estrutura Profunda — com a qual a Estrutura Superficial possa ser comparada. Isto é essencialmente o processo de comparar uma representação (Estrutura Superficial) com o modelo completo do qual se derivou — a Estrutura Profunda. As próprias Estruturas Profundas derivam-se da gama completa de experiências disponíveis aos seres humanos. A Estrutura Profunda está à disposição de qualquer falante nativo através da intuição. O mundo de experiência está à disposição de qualquer um que deseje experimentá-lo. No papel de terapeutas, identificamos como uma eliminação do modelo do paciente qualquer opção que, em situação idêntica, possamos imaginar que tivéssemos, ou qualquer pessoa que, segundo sabemos, poderia ter essa opção.

Neste ponto, a eliminação da experiência do modelo do mundo do paciente será freqüentemente tão óbvia aos terapeutas, que os mesmos podem começar a oferecer sugestões/conselhos sobre alternativas de lidar com o problema. É provável que possamos concordar com muitas das sugestões feitas pelo terapeuta, na medida em que nossa experiência incluísse estas alternativas, mas, segundo nossa experiência, sugestões ou conselhos que caiam nas lacunas criadas pela eliminação em um modelo do paciente são relativamente ineficazes. Estas eliminações empobrecem o modelo do paciente, e são precisamente essas porções da experiência possível do paciente que o terapeuta está recomendando, aquelas que não estão representadas no modelo. Aqui, tipicamente, o paciente ou "resistirá" ou não ouvirá as opções, já que as eliminou de seu modelo. Assim, sugerimos que o terapeuta guarde estas sugestões até que o modelo do paciente se tenha enriquecido bastante para enquadrá-las.

Uma vantagem adicional ao fato de o terapeuta reter as sugestões e envolver o paciente no desafio de seu próprio modelo, e a criar suas próprias soluções, é a de que o terapeuta evita atolar-se no conteúdo e, ao invés disso, é capaz de centralizar-se no processo de dirigir o esforço do paciente. Isto é, o terapeuta utiliza seu metamodelo para operar diretamente no modelo empobrecido do paciente.

Identificamos inúmeras perguntas que são úteis no auxílio ao paciente na expansão de seu modelo. Quando os pacientes apro-

ximam-se dos limites de seus modelos, dizem freqüentemente coisas tais como:

Não posso confiar nas pessoas.
Para mim é impossível confiar nas pessoas.

Agora, já que como terapeutas sabemos que, ou nós mesmos somos capazes de confiar nos outros, ou conhecemos alguém que teve êxito ao confiar em outra pessoa, estamos conscientes de que o mundo é bastante rico para permitir que o paciente venha a confiar nas pessoas — é o modelo daquela pessoa que o impede. O problema para nós então torna-se: como é que algumas pessoas são capazes de confiar em outras, mas nosso paciente não é? Obtemos esta resposta, diretamente, ao pedir ao paciente para explicar a diferença em seu modelo que torna isso impossível. Isto é, perguntamos:

Que é que o impede de confiar nas pessoas?
ou
O que aconteceria se você confiasse nas pessoas?

Uma resposta completa a esta pergunta, por parte do paciente, restituirá parte do material eliminado. O paciente, evidentemente, responderá com alguma Estrutura Superficial. O terapeuta tem os instrumentos à disposição para avaliar estas respostas orais — os processos de restauração da Estrutura Profunda, de tornar nítidas porções da imagem, que estão obscuras. Estes mesmos instrumentos servem ao terapeuta na assistência ao paciente em sua modificação, pela religação do mesmo à sua experiência. O terapeuta tem um objetivo, ao utilizar as técnicas do metamodelo, que é o de obter uma imagem totalmente nítida e clara do modelo do paciente, metamodelo esse que possui um conjunto rico de escolhas para o paciente, nas áreas em que este experimenta sofrimentos. A utilização da pergunta:

O que o impede de...?

é crucial na religação do paciente à sua experiência, de forma a dar-lhe acesso ao material que fora anteriormente eliminado e, portanto, não representado em seu modelo.

Distorção

Por distorção, referimo-nos a coisas representadas no modelo do paciente, mas que estão, de alguma forma, torcidas, o que limita sua capacidade de agir, e aumenta seu potencial para o sofrimento. Há inúmeras maneiras pelas quais a Estrutura Profunda

pode ser distorcida, em relação ao mundo, de forma a criar sofrimento.

Boa-Estruturação Semântica

Um modo pelo qual as pessoas distorcem seu modelo e causam sofrimento a si mesmas é por colocarem fora de seu controle responsabilidades que estão dentro de seu controle. Os lingüistas identificaram certas expressões semanticamente mal-estruturadas. Por exemplo:

George forçou Mary a pesar 52 quilos.

Sua generalização é que não se pode, legitimamente, dizer às pessoas que sejam capazes de fazer com que outras pessoas façam coisas que não estejam dentro de seu controle voluntário. Generalizamos a noção de má-estruturação semântica para incluir frases como:

Meu marido me deixa louca.

O terapeuta pode identificar esta frase como possuindo a forma:

Alguém faz com que alguém tenha uma emoção.

Quando a primeira pessoa, aquela que faz a ação, é diferente da pessoa que experimenta a raiva, diz-se que a frase está mal-estruturada semanticamente e inaceitável. A má estruturação semântica de frases deste tipo surge porque, literalmente, não é possível a um ser humano criar emoção em outro ser humano — assim, rejeitamos frases com esta forma. Frases deste tipo, de fato, identificam situações em que uma pessoa faz alguma ação e uma segunda *responde* ao sentir de um certo modo. A questão aqui é que, embora os dois eventos ocorram um após o outro, não há nenhuma ligação necessária entre a ação de uma pessoa e a resposta da outra. Portanto, frases deste tipo identificam um modelo no qual o paciente atribui a responsabilidade de suas emoções a pessoas ou forças que estão fora de seu controle. A ação em si não causa emoção; antes, a emoção é uma resposta gerada de um modelo no qual o paciente não assume responsabilidade por experiências que *poderia* controlar.

A tarefa do terapeuta, neste ponto, é desafiar o modelo de alguma forma que auxilie os pacientes a tornarem-se responsáveis por suas respostas. Isto pode ser executado de diversas maneiras. O terapeuta pode perguntar se aquela mulher fica zangada toda vez que seu marido faz o que faz. O terapeuta tem inúmeras escolhas neste momento. Por exemplo, se a paciente sustenta que

fica sempre zangada quando seu marido faz isso, o terapeuta pode desafiar isso perguntando como, especificamente, ele a faz ficar irritada. Se, por outro lado, a paciente admite que algumas vezes seu marido faz o que faz e ela não fica zangada, o terapeuta pode pedir-lhe que identifique o que há de diferente nas ocasiões em que este ato do marido deixa de ter seu efeito "automático". Apresentamos estas técnicas nos dois próximos capítulos.

Mais uma vez, estas técnicas permitirão ao terapeuta religar o paciente à sua experiência e retificar as distorções limitadoras.

Pressuposições

O que, de início, pode parecer a nós, terapeutas, um comportamento bizarro ou afirmações estranhas, da parte dos pacientes, fará sentido, para nós, em seus modelos. Ter uma imagem clara do modelo do paciente é compreender como esse comportamento ou afirmações fazem sentido. Isto é equivalente a identificar as suposições que o paciente está fazendo em um modelo do mundo. As suposições em um modelo mostram-se lingüisticamente como pressuposições das frases do paciente. As pressuposições são o que é necessariamente verdadeiro para as afirmações que o paciente faz para fazer sentido (não para ser verdadeiro, mas apenas para ter sentido). Um método mais rápido para os terapeutas identificarem as porções do modelo do paciente que estão empobrecidas é ser capaz de reconhecer as pressuposições das frases do mesmo. A paciente afirma:

Percebi que meu marido não me ama.

O terapeuta pode responder pela identificação da pressuposição e, pelo desafio direto a ela, fazendo com que esta pressuposição da Estrutura Superficial seja aberta para exame e desafio. A fim de compreender a frase, é necessário que o terapeuta aceite as pressuposições:

O marido dela não a ama.

Há um teste explícito para as pressuposições que uma frase contém, se é que contém alguma. O terapeuta toma a Estrutura Superficial e forma uma nova frase, que é a mesma que a antiga, exceto pelo fato de ter uma palavra negativa ligada ao primeiro verbo — neste caso a frase:

Não percebo que meu marido não me ama.

Então, o terapeuta simplesmente indaga a si mesmo se a mesma frase teria de ser verdadeira a fim de que esta nova faça sentido.

Qualquer frase que tenha de ser verdadeira tanto para a afirmação do paciente como para a nova afirmação e que tenha sido formada pela afirmação antiga mais a palavra negativa, para fazer sentido é, necessariamente, uma pressuposição. As pressuposições são particularmente insidiosas, já que não são apresentadas abertamente para consideração. Elas identificam, no modelo, alguns dos princípios organizadores básicos que limitam a experiência do paciente.

Uma vez que o terapeuta tenha identificado as pressuposições das afirmações do paciente, poderá desafiá-las diretamente pelas técnicas que já identificamos na Seção Eliminação.

RESUMO

Quando a terapia, qualquer que seja a forma, tem êxito, envolve uma modificação nos modelos do paciente, de algum modo que lhes permita mais escolhas em seu comportamento. Os métodos que apresentamos no metamodelo são efetivos em enriquecer um modelo do paciente — o que acarreta que algum aspecto de seu modelo seja novo. É importante que esta nova porção de seu modelo esteja solidamente ligada à sua experiência. Para assegurar isto, os pacientes têm que realmente exercitar, praticar, se tornar familiarizados e vivenciar suas novas escolhas. A maioria das terapias desenvolvem técnicas específicas para se executar isto: p. ex. psicodrama, trabalho de casa, tarefas etc. O propósito destas técnicas é integrar o novo aspecto de seu modelo à experiência do paciente.

VISÃO GERAL

A terapia bem sucedida envolve modificações. O metamodelo, adaptado do modelo transformacional de linguagem, fornece um método explícito para compreensão e modificação dos modelos empobrecidos dos pacientes. Uma maneira de compreender o efeito global deste metamodelo é em termos de boa-estruturação. Como falantes nativos, podemos distinguir coerentemente entre grupos de palavras que são bem-estruturadas — isto é, frases — e grupos de palavras que não são bem-estruturadas. Isto é, intuitivamente podemos fazer a distinção entre o que é bem-estruturado em inglês e o que não é. O que aqui estamos propondo é que haja um subconjunto de frases bem-estruturadas do inglês que possamos reconhecer como bem-estruturadas em terapia. Este conjunto, o

conjunto das frases que são bem-estruturadas em terapia e aceitáveis por nós, terapeutas, são frases que:

(1) são bem-estruturadas em inglês, e
(2) não contêm eliminações transformacionais ou eliminações inexploradas na porção do modelo na qual o paciente não experimenta escolha.
(3) Não contêm nominalizações (processo→evento).
(4) Não contêm palavras ou locuções sem índices referenciais.
(5) Não contêm verbos incompletamente especificados.
(6) Não contêm pressuposições inexploradas na porção do modelo na qual o paciente não experimenta escolha.
(7) Não contêm frases que violem as condições semânticas de boa-estruturação.

Ao aplicar estas condições de boa-estruturação às Estruturas Superficiais do paciente, o terapeuta tem uma estratégia explícita para induzir modificação no modelo do paciente.[24] Ao utilizar estas condições gramaticais adequadas para terapia, os terapeutas enriquecem-lhes o modelo, independentemente da forma particular de terapia que exerçam. Na medida em que este instrumental amplia enormemente a potência de qualquer forma de terapia, estamos conscientes de que muitas coisas estão acontecendo no encontro terapêutico, as quais não são apenas digitais (verbais). Estamos, antes, dizendo que o sistema digital é importante e estamos oferecendo um metamodelo explícito. O sistema nervoso que produz comunicação digital (isto é, linguagem) é o mesmo sistema nervoso que gera outras formas de comportamento humano que ocorre no encontro terapêutico — sistemas de comunicação analógica, sonhos etc. O restante deste livro é projetado para cumprir duas finalidades: primeira, familiarizá-lo com o uso do metamodelo que apresentamos e, segunda, mostrar-lhe como os processos gerais do metamodelo para o comportamento digital podem ser generalizados para estas outras formas de comportamento humano.

---

[24] Ao se ouvir e avaliar as respostas da Estrutura Superficial que os pacientes apresentam a estas perguntas, todas as técnicas do metamodelo se aplicam. Além disso, achamos eficaz pedir que os pacientes dêem respostas de *como* (isto é, processo), ao invés de respostas de *por que*. (isto é, justificativas) a estas perguntas.

Capítulo 4

ENCANTAMENTOS PARA CRESCIMENTO E POTENCIAL

No último capítulo, apresentamos o metamodelo para terapia. Este metamodelo baseia-se nas intuições de que você já dispõe como falante nativo de sua língua. A terminologia, entretanto, que adaptamos da lingüística pode lhe ser nova. Este capítulo é destinado a apresentar o material que lhe permite familiarizar-se com o modo de aplicar, especificamente, o metamodelo. Reconhecemos que, assim como ocorre com qualquer instrumental novo, desenvolver a nossa habilidade no uso daquele requer de início uma certa centralização de atenção. Este capítulo fornece a cada terapeuta que queira incorporar este metamodelo a suas técnicas e ao modo de proceder no encontro terapêutico uma oportunidade de operar com os princípios e o material do metamodelo. Por assim proceder, você será capaz de desenvolver sua sensibilidade, será capaz de ouvir a estrutura das comunicações verbais no encontro terapêutico, e, por conseguinte, aguçar suas intuições.

Os diversos fenômenos lingüísticos específicos que apresentaremos e que você virá a reconhecer e utilizar convenientemente são os modos específicos em que os três universais de modelagem humana são realizados nos sistemas de línguas humanas. Ao introduzirmos cada fenômeno lingüístico específico, identificaremos qual destes processos — Generalização, Eliminação ou Distorção — está envolvido. A questão é você chegar a reconhecer e obter do paciente uma comunicação que consista integralmente em frases que sejam bem estruturadas em termos de terapia. Você, como um falante nativo, é capaz de determinar quais são as frases bem-estruturadas em inglês; os exemplos seguintes são destinados a aprimorar sua habilidade em detectar o que é bem-estruturado em termos de terapia — um subconjunto de frases que são bem-estru-

turadas em inglês. Apresentaremos o material em duas etapas: reconhecimento do que é bem-estruturado em termos de terapia e o que fazer quando se identificou na terapia uma frase que não é bem-estruturada.

EXERCÍCIO A

Uma das mais úteis habilidades que se pode exercitar como terapeuta é a de distinguir o que os pacientes representam com suas Estruturas Superficiais daquilo que se pode depreender esteja implícito em sua superfície. Não é nova a questão de os terapeutas se projetarem em seus pacientes. Também, mesmo que um terapeuta possa, a partir de sua experiência, compreender mais a respeito do que o paciente está dizendo do que o próprio paciente possa perceber, a habilidade para distinguir é vital. Se o paciente deixa de representar alguma coisa que o terapeuta depreende estar lá, é precisamente esta parte da informação que o paciente pode ter deixado de fora de sua representação, ou é justamente aquela parte da informação que pode fornecer indícios ao terapeuta para utilizar alguma técnica de intervenção. De qualquer forma, a capacidade de distinguir o que é representado do que você mesmo supre é vital.

A diferença entre o que você, como terapeuta, pode depreender esteja implícito na Estrutura Superficial do paciente e o que esta literalmente representa vem de você. Aqueles elementos que você mesmo supre podem ajustar-se, ou não, ao modelo do paciente. Há diversas maneiras de determinar se o que você supre se ajusta ao paciente. Sua habilidade como terapeuta aumentará à medida que aumenta sua habilidade em fazer esta distinção. O que gostaríamos que você fizesse a seguir é ler a frase seguinte, e então fechar os olhos e formar uma imagem visual daquilo que a frase representa.

O paciente: *Tenho medo!*

Examinemos agora sua imagem. Ela incluirá alguma representação visual do paciente e alguma representação dele sentindo medo. Qualquer detalhe além destas duas imagens foi suprido por você. Por exemplo, se você supriu qualquer representação daquilo que o paciente teme, ela veio de você e pode, ou não, ser exata. Tente isto uma vez e leia esta segunda Estrutura Superficial; feche os olhos e forme uma imagem visual.

O paciente: *Mary me feriu.*

Examinemos agora sua imagem. Ela incluirá uma representação visual de alguém (Mary) e uma representação visual do paciente. Agora examinemos de perto o modo como você representou o processo de ferir. O verbo ferir é uma palavra muito vaga e inespecífica. Se você representou o processo

de ferir, estude sua imagem cuidadosamente. Talvez você tenha obtido uma imagem de Mary ferindo fisicamente o paciente, ou talvez uma imagem de Mary dizendo algo desagradável ao paciente. Possivelmente terá formado uma imagem de Mary atravessando a sala em que o paciente estaria sentado sem falar com ele. Todas estas são representações possíveis da Estrutura Superficial do paciente. A cada uma delas você acrescentou algo à representação do verbo para formar uma imagem para si mesmo. Você tem meios de determinar qual, se houve alguma, destas representações se ajusta ao paciente — pode pedir-lhe para especificar de forma mais completa o verbo *ferir*, pedir-lhe para encenar uma situação específica na qual Mary o tenha ferido etc. A peça importante é sua habilidade em distinguir entre o que você supre e o que o paciente está representando com sua Estrutura Superficial.

ELIMINAÇÃO

O propósito de reconhecer eliminações é auxiliar o paciente a restaurar uma representação de suas experiências. A eliminação é um processo que remove porções de experiência original (o mundo) ou da representação lingüística completa (Estrutura Profunda). O processo lingüístico de eliminação é um processo transformacional — o resultado de transformações por eliminação — e é um caso especial do fenômeno de modelagem geral de Eliminação onde o modelo que criamos é reduzido em relação à coisa modelada. A Estrutura Profunda é a representação lingüística completa. A representação desta representação é a Estrutura Superficial — a frase real que o paciente diz para comunicar seu modelo lingüístico completo ou Estrutura Profunda. Como falantes nativos de inglês, os terapeutas têm intuições que lhes permitem determinar se a Estrutura Superficial representa a Estrutura Profunda completa, ou não. Assim, pela comparação da Estrutura Superficial com a Estrutura Profunda, o terapeuta pode determinar o que está faltando. Exemplo:

(1) *Estou confuso.*

A palavra-processo básica é o verbo *confundir*. Este pode ocorrer em frases com dois argumentos ou locuções nominais, como:

(2) *I'm confused by people.**

* (2) *As pessoas me confundem.* (N. do T.)

INSTITUTO DE PSICOLOGIA
BIBLIOTECA - PÓS GRADUAÇÃO

Já que o verbo *confuse* (confundir) ocorre na frase (2) com dois argumentos nominais (*I* e *people*), o terapeuta pode concluir que a Estrutura Superficial (1) não é uma representação completa da Estrutura Profunda da qual se derivou. Passo a passo, o procedimento pode ser delineado como se segue:

Fase 1: *ouça* a Estrutura Superficial que o paciente apresenta;
Fase 2: identifique os verbos nessa Estrutura Profunda;
Fase 3: determine se os verbos podem ocorrer em uma frase mais completa — isto é, que contenha mais argumentos ou locuções nominais do que a original.

Se a segunda frase tem mais argumentos nominais do que a Estrutura Superficial original apresentada pelo paciente, esta está incompleta — uma porção da Estrutura Profunda foi eliminada. O primeiro passo para aprender a reconhecer eliminações é identificar frases em que ocorreram eliminações. Assim, por exemplo, a frase (3) é essencialmente uma representação completa de sua Estrutura Profunda:

(3) *George quebrou a cadeira.*

Por outro lado, a frase (4) é uma representação incompleta de sua Estrutura Profunda:

(4) *A cadeira foi quebrada.*

O conjunto seguinte de frases contém algumas Estruturas Superficiais que estão completas — sem eliminações — e algumas que estão incompletas — ocorreram eliminações. Sua tarefa é identificar quais das Estruturas Superficiais do grupo seguinte estão completas e quais contêm eliminações. Lembre-se de que você é quem decide se ocorreram eliminações — algumas das frases podem estar mal-estruturadas em termos de terapia por outras razões que não a eliminação. Exercícios adicionais fornecer-lhe-ão prática em corrigir as outras coisas, em relação a estas frases, que as tornam mal-estruturadas em termos de terapia.

(5) *Sinto-me feliz.*	incompleta
(6) *Estou interessado em continuar isto.*	completa
(7) *Meu pai estava zangado.*	incompleta
(8) *Este exercício é chato.*	incompleta
(9) *Estou irritado com isto.*	completa

O grupo de frases abaixo consiste integralmente em Estruturas Superficiais incompletas. Para cada uma, você deve procurar outra frase que tenha a mesma palavra-processo ou verbo e que seja mais completa — isto é, que tenha argumentos ou locuções nominais. Junto de cada uma das frases incompletas, fornecemos um exemplo de uma versão mais completa utilizando o mesmo verbo. Sugerimos que cubra a versão mais completa, que fornecemos, com um papel e escreva sua versão mais completa antes de ver aquela que apresentamos. Por exemplo, com a Estrutura Superficial:

(10) *Tenho medo.*

Uma versão mais completa poderia ser:

(11) *Tenho medo de pessoas.*

Ou uma outra poderia ser a Estrutura Profunda:

(12) *Tenho medo de aranhas.*

A questão, evidentemente, não é tentar adivinhar que versão mais completa viríamos a apresentar, mas lhe dar a oportunidade de encontrar versões mais completas de Estruturas Superficiais incompletas.

(13) *Tenho um problema.*	Tenho problema com pessoas.
(14) *Você está emocionado.*	Você está emocionado por estar aqui.
(15) *Estou triste.*	Estou triste com minha mãe.
(16) *Estou cheio.*	Estou cheio de você.
(17) *Você está perturbando.*	Você está me perturbando.

O próximo grupo de frases consiste em Estruturas Superficiais que têm mais de um verbo e podem ter nenhuma, uma ou duas eliminações. Sua tarefa é determinar se ocorreram eliminações e, caso afirmativo, quantas. Lembre-se de verificar cada verbo separadamente, já que cada um pode estar independentemente associado a eliminações.

Por exemplo, a Estrutura Superficial

(18) *Não sei o que dizer.*

tem uma eliminação associada ao verbo *dizer* (dizer a quem).

A Estrutura Superficial

(19) *Eu disse que iria tentar.*

tem duas eliminações, uma associada ao verbo *dizer* (disse a quem) e outra ao verbo *tentar* (tentar o quê).

(20) *Falei com o homem que estava aborrecido.*	2 eliminações: 1 com *falei*, 1 com aborrecido.
(21) *Esperava encontrar meus pais.*	sem eliminação
(22) *Quero ouvir.*	1 eliminação: com *ouvir*
(23) *Meu marido alegou que estava amedrontado.*	2 eliminações: 1 com *alegou*, 1 com *amedrontado*.
(24) *Eu ri e então saí de casa.*	1 eliminação: com *ri*.

Em cada uma das Estruturas Superficiais seguintes, há pelo menos uma eliminação. Encontre uma versão mais completa para cada uma delas.

(25) *Você sempre fala como se estivesse com raiva.*	Você sempre fala *comigo* como se estivesse com raiva *de alguém*.
(26) *Meu irmão jura que meus pais não agüentam.*	Meu irmão jura *a mim* que meus pais não agüentam *a ele*.
(27) *Todo o mundo sabe que você não pode conquistar.*	Todo o mundo sabe que você não pode conquistar *aquilo que você precisa*.
(28) *A comunicação é difícil para mim.*	*Minha* comunicação *com você quanto às minhas esperanças* é difícil para mim.
(29) *A fuga não adianta.*	*Minha* fuga *de casa* de nada *me adianta*.

Uma das maneiras pelas quais as palavras-processo de Estrutura Profunda podem ocorrer na Estrutura Superficial é sob a forma de um adjetivo que modifica um substantivo. Para que isto aconteça, devem ocorrer eliminações. Por exemplo, a Estrutura Superficial

(30) *Não gosto de gente confusa.*

contém o adjetivo *confusa.* Outra Estrutura Superficial que está intimamente associada a esta última frase é[25]

(31) *Não gosto de gente que é confusa.*

Nestas duas Estruturas Superficiais, houve eliminações associadas à palavra *confusa* (*confusa para quem, a respeito de quê*). Assim uma versão mais completa é:

(32) *Não gosto de gente que é confusa para comigo a respeito do que elas querem.*

No próximo grupo de Estruturas Superficiais, identifique as eliminações e apresente uma versão mais completa de cada uma delas.

(33) *Eu ri do homem irritante.*	Eu ri do homem que *me* irritava.
(34) *Você sempre apresenta exemplos estúpidos.*	Você sempre *me* apresenta exemplos que *para mim* são estúpidos.
(35) *Pessoas moralistas me "torram" a paciência.*	Pessoas que são moralistas *a respeito de drogas* me "torram" a paciência.
(36) *A carta infeliz me surpreendeu.*	A carta que *me* fez infeliz surpreendeu-me.

25 O conjunto geral de transformações que distingue a derivação da Estrutura Superficial (30), no texto, a partir da (31) chama-se Redução de Oração Relativa, na literatura lingüística. Tanto a (30) como a (31) derivam-se da mesma Estrutura Profunda.

(37) *O preço opressivo dos alimentos me perturba.*	O preço dos alimentos que *me* deixa oprimido me perturba.

A vantagem de praticar o reconhecimento de eliminações nas Estruturas Superficiais é torná-lo consciente das intuições que você já tem como falante nativo e aguçá-las ainda mais. A vantagem é ter consciência de que ocorreram eliminações. A próxima seção é projetada para permitir que você pratique assistência ao paciente na recuperação do material eliminado.

QUE FAZER

Uma vez que o terapeuta reconheça que a Estrutura Superficial apresentada pelo paciente é incompleta, a tarefa seguinte é auxiliá-lo a recuperar o material eliminado. A abordagem mais direta de que estamos cientes é perguntar, especificamente, pelo que está faltando. Por exemplo, o paciente diz:

(38) *Estou aborrecido.*

O terapeuta reconhece que a Estrutura Superficial é uma representação incompleta da Estrutura Profunda de onde se originou. Especificamente, é uma versão reduzida de uma Estrutura Profunda que tem uma representação de Estrutura Superficial mais completa da forma:

(39) *Estou aborrecido com alguém/alguma coisa.*

Assim, para recuperar o material ausente, o terapeuta pergunta:

(40) *Com quem/que você está aborrecido?*

ou de forma mais simples

(41) *Com quem/quê?*

No grupo seguinte de Estruturas Superficiais, sua tarefa é formular a pergunta ou perguntas que indagam mais diretamente pelo material eliminado. Fornecemos exemplos dos tipos de perguntas que elucidarão o material eliminado. Novamente, sugerimos

que você cubra as perguntas que fornecemos e elabore suas próprias perguntas apropriadas a cada uma das Estruturas Superficiais incompletas.

(42) *Sinto-me feliz.*	feliz com quem/quê?
(43) *Meu pai estava zangado.*	zangado com quem/quê?
(44) *Este exercício é chato.*	chato para quem?
(45) *Estou com medo.*	medo de quem/quê?
(46) *Tenho um problema.*	problema com quem/quê?
(47) *Não sei o que fazer.*	o que fazer com respeito a quem/quê?
(48) *Eu disse que iria tentar.*	disse a quem? tentar o quê?
(49) *Falei com um homem que estava aborrecido.*	falou sobre o quê? aborrecido com quem/quê?
(50) *Eu quero ouvir.*	quer ouvir quem/o quê?
(51) *Meu marido alegou que estava amedrontado.*	alegou a quem? amedrontado com quem/quê?
(52) *Você sempre fala como se estivesse com raiva.*	fala com quem? com raiva de quem/quê?
(53) *Meu irmão jura que meus pais não agüentam.*	jura a quem? não agüentam quem/o quê?
(54) *A comunicação é difícil para mim.*	comunicação de quê? com quem?
(55) *A fuga não adianta.*	fuga de quem? fugir de quem/quê?
(56) *Não gosto de gente confusa.*	confusa a respeito de quê? confusa para quem?

(57) *Ri do homem irritante.*	o homem que era irritante para quem?
(58) *Você sempre apresenta exemplos estúpidos.*	apresenta exemplos a quem? quem acha que os exemplos são estúpidos?
(59) *Pessoas farisaicas me enfurecem.*	farisaicas a respeito de quê?
(60) *A carta infeliz me surpreendeu.*	a quem a carta tornou infeliz?
(61) *O preço opressivo dos alimentos me perturba.*	quem fica oprimido?

ALGUNS CASOS ESPECIAIS DE ELIMINAÇÃO

Identificamos três classes especiais de Eliminação. Estas são especiais no sentido de que as encontramos freqüentemente em terapia, e as formas de Estruturas Superficiais que elas têm podem ser identificadas diretamente.

Classe I: Real Comparado a Quê?

A primeira classe especial de eliminação que queremos identificar envolve comparativos e superlativos. Especificamente, a porção da Estrutura Profunda eliminada é um dos termos de uma construção comparativa ou superlativa. Comparativos e superlativos têm duas formas em inglês:

(A) adjetivo + a terminação *er*

como em: fast*er* = (mais rápido)
bett*er* = (melhor)
smart*er* = (mais esperto)

e adjetivo + a terminação *est*

como em: fast*est* = (o mais rápido)
best = (o melhor)
smart*est* = (o mais esperto)

ou

(B) *more/less* + adjetivo

como em: *more* interesting = (mais interessante)
more important = (mais importante)
less intelligent = (menos inteligente)

e *most/least* + *adjetivo*
como em: *most* interesting = (o mais interessante)
most important = (o mais importante)
least intelligent = (o menos inteligente)

Comparativos, como o nome sugere, envolvem uma comparação de (pelo menos) duas coisas distintas. Por exemplo, a Estrutura Superficial:

(62) *Ela é melhor para mim do que minha mãe.*

inclui ambas as coisas comparadas (*ela* e *minha mãe*). A classe de Estruturas que caracterizamos como a que envolve a eliminação de um termo da construção comparativa inclui, por exemplo:

(63) *Ela é melhor para mim.*

onde um termo da comparação foi eliminado. Este tipo de eliminação também está presente em Estruturas Superficiais como:

(64) *Ela é uma mulher melhor para mim.*

onde o adjetivo comparativo aparece à frente do substantivo ao qual se aplica.*

Os comparativos formados com *mais* (= more) aparecem nos dois exemplos:

(65) *Para mim ela é mais interessante.*
(66) *Para mim ela é uma mulher mais interessante.*

Novamente, um dos termos da comparação foi eliminado. No caso de superlativos, um membro de algum conjunto é selecionado e identificado como o mais característico ou o de mais alto valor no conjunto. Por exemplo, na Estrutura Superficial:

(67) *Ela é a melhor.*
(68) *Ela é a mais interessante.*

o conjunto de onde *ela* foi selecionado não é mencionado.

O conjunto seguinte de Estruturas Superficiais é composto de exemplos de eliminação de um termo de uma comparação ou da eliminação do conjunto de referência ou um superlativo. Estes exemplos são apresentados para permitir-lhe desenvolver sua habilidade em identificar eliminações desta classe.

(69) *Ela é mais difícil.*
(70) *Ele escolheu o melhor.*

* Regra específica da língua inglesa. (N. do T.)

(71) *Aquilo é o menos difícil.*
(72) *Ela sempre deixa o trabalho mais difícil para mim.*
(73) *Tenho inveja de gente feliz.*
(74) *Homens mais agressivos conseguem o que querem.*
(75) *A melhor resposta é sempre a mais difícil de achar.*
(76) *Nunca vi um homem mais engraçado.*

Ao enfrentar esta classe de eliminações, o terapeuta será capaz de recuperar o material eliminado, utilizando duas perguntas simples:

Para comparativos:
o adjetivo comparativo, + comparado a quê? p. ex., mais agressivo comparado a quê? ou, mais engraçado do que o quê?

Para superlativos:
o superlativo, + em relação a quê? p. ex., a melhor resposta em relação a quê? a mais difícil em relação a quê?

Passo a passo, o procedimento é:

Fase 1: *ouça* o paciente, buscando em sua Estrutura Superficial os marcadores gramaticais da construção comparativa e da superlativa; isto é, Adjetivo + *er*, *more/less*, Adjetivo + *est*, *most/least* + Adjetivo.

Fase 2: no caso da ocorrência de comparativos na Estrutura Superficial do paciente, determinar se ambos os termos, que estão sendo comparados, estão presentes; no caso de superlativos, determinar se o conjunto de referência está presente.

Fase 3: para cada porção eliminada, recuperar o material ausente pelo uso das perguntas acima sugeridas.

Classe II: Clara e Obviamente

A segunda classe de eliminações especiais pode ser identificada pela ocorrência do sufixo formador de advérbios, *-ly* (= -mente), nas Estruturas Superficiais que o paciente apresenta. Por exemplo, o paciente diz:

(77) *Obviamente, meus pais não gostam de mim.*
ou
(78) *Meus pais obviamente não gostam de mim.*

Observe-se que estas Estruturas Superficiais podem ser parafraseadas por

(79) *É óbvio que meus pais não gostam de mim.*

Uma vez que esta forma esteja à disposição, o terapeuta pode identificar, mais facilmente, que porção da Estrutura Profunda foi eliminada. Especificamente, no exemplo, o terapeuta pergunta

(80) *Para quem está óbvio?*

Advérbios de Estrutura Superficial que terminam em *-mente* (= *-ly*) são, com freqüência, o resultado de eliminações dos argumentos de uma palavra-processo ou verbo de Estrutura Profunda. O teste de paráfrase pode ser utilizado pelo terapeuta para desenvolver suas intuições no reconhecimento destes advérbios. O teste que oferecemos é, quando se encontra um advérbio terminado em *-mente* (= *-ly*), tentar a paráfrase por meio de:

(a) eliminação do *-ly* (= -mente) do advérbio e colocação do mesmo à frente da nova Estrutura Superficial que se está criando;
(b) acréscimo da locução *it is* (*é*) à frente do advérbio;
(c) indagar se esta nova Estrutura Superficial significa a mesma coisa que a Estrutura Superficial original do paciente.

Se a nova frase é sinônima daquela original do paciente, então o advérbio deriva-se de um verbo de Estrutura Profunda e houve eliminação. Agora, pela aplicação a esta nova Estrutura Superficial dos princípios utilizados na recuperação de material ausente, a representação de Estrutura Profunda completa pode ser recuperada.

No conjunto seguinte de Estruturas Superficiais, determinar quais delas incluem um advérbio que se derivou do verbo da Estrutura Profunda.

(81) *Unfortunately, you forgot to call me on my birthday.*	=	It is unifortunate that you forgot to call me on my birthday.
(82) *I quickly left the argument.*	≠	It is quick that I left the argument.

(83) *Surprisingly, my father lied about his drinking.*	=	It is surprising for my father to lie about his drinking.
(84) *She slowly started to cry.*	≠	It is slow that she started to cry.
(85) *They painfully avoided my questions.*	=	It is painful that they avoided my questions.*

Uma vez que o terapeuta tenha identificado os advérbios que se derivaram dos verbos da Estrutura Profunda pela paráfrase da Estrutura Superficial original do paciente, pode aplicar à paráfrase de Estrutura Superficial os métodos para recuperação de material eliminado. Num procedimento passo a passo, os terapeutas podem manejar esta classe especial de eliminação, por meio de:

Fase 1: *ouvir* a Estrutura Superficial do paciente em busca de advérbios *-ly* (= -mente);
Fase 2: aplicar o teste de paráfrase a cada advérbio *-ly*;
Fase 3: se o teste de paráfrase funcionar, examinar a nova Estrutura Superficial;
Fase 4: aplicar os métodos normais para recuperação de material eliminado.

Classe III: Operadores Modais

A terceira classe de eliminações especiais é particularmente importante na recuperação de material que foi eliminado a partir

* (81) *Infelizmente, você se esqueceu de me telefonar no meu aniversário.*	=	* É infeliz que você se esqueceu de me telefonar no meu aniversário.
(82) *Rapidamente abandonei a discussão.*	≠	* É rápido que abandonei a discussão.
(83) *Surpreendentemente, meu pai mentiu quanto ao fato de ele beber.*	=	* É surpreendente para meu pai mentir quanto ao fato de ele beber.
(84) *Ela lentamente começou a chorar.*	≠	* É lento que ela começou a chorar.
(85) *Eles penosamente evitaram minhas perguntas.*	=	* É penoso que eles evitaram minhas perguntas. (N. do T.)

da experiência do paciente até sua representação lingüística completa — Estrutura Profunda. Estas Estruturas Superficiais, freqüentemente, envolvem regras ou generalizações que os pacientes desenvolveram em seus modelos. Por exemplo, o paciente diz:

(86) *Tenho que levar em consideração os sentimentos de outras pessoas.*

ou

(87) *Tem-se que levar em consideração os sentimentos de outras pessoas.*

ou

(88) *É necessário levar-se em consideração os sentimentos de outras pessoas.*

Você será capaz de identificar inúmeras eliminações em cada uma destas Estruturas Superficiais, com base nos princípios e exercícios que já apresentamos (p. ex., sentimentos em relação a quem/quê?). A eliminação sobre a qual queremos aqui chamar sua atenção, entretanto, é uma eliminação de escala maior. Estas Estruturas Superficiais fazem a reivindicação de que algo tem que ocorrer — sugerem-nos, imediatamente, a pergunta, "Ou o quê?". Em outras palavras, para nós, terapeutas, chegarmos a compreender claramente o modelo do paciente, temos que conhecer as conseqüências de deixar de fazer aquilo que sua Estrutura Superficial alega ser necessário. Compreendemos as Estruturas Superficiais desta classe como sendo da forma lógica:

É necessário que O^1 *ou* O^2 (O — oração)

onde O^1 é aquilo que a Estrutura Superficial do paciente alega ser necessário e O^2 é aquilo que acontecerá se O^1 não for realizada — a conseqüência ou resultado de deixar de fazer O^1 — então O^1 e O^2 são o material eliminado. Assim, o terapeuta pode perguntar:

(89) *Ou o que acontecerá?*

ou, em uma forma mais extensa

(90) O que aconteceria se você deixasse de ———?

onde você preenche a lacuna com a parte adequada da Estrutura Superficial original do paciente. Especificamente, utilizando-se o exemplo acima, o paciente diz

(91) *Têm-se que levar em consideração os sentimentos de outras pessoas.*

O terapeuta pode responder,

(92) *Ou o que acontecerá?*

ou, de forma mais completa.[26]

(93) *O que aconteceria se você deixasse de levar em consideração os sentimentos de outras pessoas?*

Estas Estruturas Superficiais podem ser identificadas pela presença daquilo que os lógicos chamam operadores modais de necessidade. Estes têm, em inglês, as formas Superficiais:

have to	como em	*I/You have to...* *one has to...*
necessary	como em	*It is necessary...* *Necessarily, ...*
should	como em	*One/you/I should...*
must	como em	*I/you/one must...**

[26] Observe-se que a pergunta

O que aconteceria se você deixasse de levar em consideração os sentimentos de outras pessoas?

difere de uma maneira importante da Estrutura Superficial do paciente, da qual se derivou

Tem-se que levar em consideração os sentimentos de outras pessoas.

Na Estrutura Superficial do paciente, a palavra *se* ocorre como a variável independente de sujeito-substantivo do verbo *ter que levar...* A palavra *se* não tem índice referencial. Ao formar a pergunta, o terapeuta substitui a variável independente de sujeito-substantivo da Estrutura Superficial do paciente por uma variável independente nominal que tenha um índice referencial — especificamente, o paciente — isto é, a palavra *você*. Este tipo de permuta de índice referencial será tratado com mais detalhes na seção *Generalização*.

* *ter que*	como em	*Eu/Você temos que...* *tem-se que...*
necessário	como em	*É necessário...* *Necessariamente...*
dever	como em	*Alguém/você/ eu devo...*
ter que	como em	*Eu/você/alguém tem que...* (N. do T.)

O terapeuta pode utilizá-las como palavras-chaves para reconhecer esta classe especial de Estruturas Superficiais. No conjunto seguinte, forme uma pergunta que indague pela conseqüência ou resultado de se deixar de fazer aquilo que a Estrutura Superficial alega ser necessário. Utilizamos no exercício seguinte as duas formas de perguntas que sugerimos acima. Observe-se que estas não são as duas únicas formas de pergunta possíveis, mas, na realidade, qualquer pergunta que recupere o material eliminado é adequada.

(94) *It is necessary to behave properly in public.*	What would happen if you failed to behave properly in public?
(95) *One should always take people seriously.*	What would happen if you failed to take people seriously?
(96) *I must not get involved too deeply.*	What would happen if you got involved too deepply?
(97) *People have to learn to avoid conflict.*	What would happen if you failed to learn to avoid conflict?*

* (94) *É necessário comportar-se adequadamente em público.*	o que aconteceria se você deixasse de se comportar adequadamente em público?
(95) *Deve-se sempre considerar as pessoas seriamente.*	O que aconteceria se você deixasse de considerar as pessoas seriamente?
(96) *Eu não tenho que me envolver tão profundamente.*	O que aconteceria se você deixasse de se envolver tão profundamente?
(97) *As pessoas têm que aprender a evitar conflitos.*	O que aconteceria se você deixasse de aprender a evitar conflitos? (N. do T.)

Há um segundo conjunto de palavras-chaves, que os lógicos identificaram como operadores modais de possibilidade. Mais uma vez, estes operadores, tipicamente, identificam regras ou generalizações a partir do modelo do paciente. Por exemplo, ele diz:[27]

(98) ***It's not possible to love more than one person at a time.***

ou,

(99) *No one can love more than one person at a time.*

ou,

(100) ***One can't love more than one person at a time.***

ou,

(101) ***One may not love more than one person at a time.***

ou,

(102) ***No one is able to love more than one person at a time.****

Novamente, baseado em sua experiência de identificar eliminações, você pode encontrar, nestas Estruturas Superficiais, eliminações da representação da Estrutura Profunda. Entretanto, queremos identificar, nestes exemplos, uma identificação que ocorre a partir da experiência do paciente até a representação da Estrutura Profunda. Especificamente, ao ouvirmos Estruturas Superficiais desta classe, queremos indagar o que é que torna impossível o que quer que a Estrutura Superficial alega ser impossível. Em outras palavras, compreendemos estas Estruturas Superficiais como sendo da forma lógica geral:

$$O^1 \text{ impede } O^2 \text{ de ser possível}$$

[27] Apresentamos estas duas classes de operadores modais como classes separadas. Elas são, entretanto, intimamente ligadas nos sistemas lógicos dos quais tomamos emprestada a terminologia. Por exemplo, a equivalência seguinte é verdadeira tanto lógica como psicologicamente:

não possível não (X) = necessário (X)

Em inglês, a equivalência lógica das duas Estruturas Superficiais distintas:

Não é possível não ter medo = É necessário ter medo.

* (98) *Não é possível amar mais de uma pessoa a um só tempo.*

ou,

(99) *Ninguém consegue amar mais de uma pessoa a um só tempo.*

ou,

(100) *Não se consegue amar mais de uma pessoa a um só tempo.*

ou,

(101) *Não se pode amar mais de uma pessoa a um só tempo.*

ou,

(102) *Ninguém é capaz de amar mais de uma pessoa a um só tempo.*

onde O^2 é aquilo que a Estrutura Superficial do paciente alega ser impossível, e O^1 é o material ausente. Assim, o terapeuta pode perguntar:

(103) *O que torna* ———— *impossível?*
ou,
(104) *O que lhe dificulta* ————*?*
ou,
(105) *O que o bloqueia a* ————*?*
ou,
(106) *O que o impede de* ————*?*

onde a lacuna contém aquilo que a Estrutura Superficial do paciente alega ser impossível.

Especificamente, utilizando o exemplo acima, o terapeuta pode indagar,

(107) *What makes your loving more than one person impossible?*
ou,
(108) *What prevents you from loving more than one persons at a time?*
ou,
(109) *What blocks you from loving more than one person at a time?*
ou,
(110) *What stops you from loving more than one person at a time?**

Estruturas Superficiais desta classe podem ser facilmente identificadas pelas palavras e locuções-chaves seguintes:

not possible como em *it's not possible*

can como em *no one can*
nobody can

* (107) *O que torna impossível o seu amor por mais de uma pessoa?*
ou,
(108) *O que lhe dificulta amar mais de uma pessoa a um só tempo?*
ou,
(109) *O que o bloqueia a amar mais de uma pessoa a um só tempo?*
ou,
(110) *O que o impede de amar mais de uma pessoa a um só tempo?*

may como em *no one may*
nobody may

can't como em *I/you/one/people can't*

able como em *no one is able*
nobody is able

impossible como em *it's impossible*

unable como em *I/you/one/people are unable.**

A ocorrência destas palavras-chaves nas Estruturas Superficiais do paciente identifica regras ou generalizações que correspondem a limites do modelo do mundo do mesmo. Tais limites são freqüentemente associados à experiência do paciente de escolha limitada ou de um conjunto limitado e insatisfatório de opções. No conjunto seguinte de Estruturas Superficiais, forme uma pergunta para cada uma, que (quando respondida) recuperaria o material eliminado.

(111) *It's impossible to find someone who's really sensitive.*	What prevents you from finding someone who's really sensitive?
(112) *I can't understand my wife.*	What prevents you from understanding your wife?

* *não possível* como em *não é possível*

poder como em *ninguém é capaz*

idem *idem*

não poder como em *eu/você/alguém/as pessoas não podem*

capaz como em *ninguém é capaz*
idem

impossível como em *é impossível*

incapaz como em *eu/você/alguém/as pessoas são incapazes*

(113) *I am unable to express myself.*	What prevents you from expressing yourself?
(114) *No one is able to understand me.*	What prevents them from understanding you?*

O valor de identificar e recuperar eliminações deste alcance dificilmente pode ser superestimado, pois envolve, diretamente, porções do modelo do paciente, onde ele experimenta opções ou escolhas limitadas. Em uma descrição passo a passo:

Fase 1: *Ouça* o paciente; examine sua Estrutura Superficial em busca de palavras e locuções-chaves identificadas nesta seção;

Fase 2: (a) se estão presentes operadores modais de necessidade, utilize uma forma de pergunta que indague pela conseqüência ou resultados eliminados de se deixar de fazer aquilo que a Estrutura Superficial do paciente alega ser necessário, e (b) se estão presentes operadores modais de possibilidade, utilize uma forma de pergunta que indague pelo material eliminado que torna impossível aquilo que a Estrutura Superficial do paciente alega ser impossível.

DISTORÇÃO — NOMINALIZAÇÕES

O processo lingüístico de nominalização é uma forma pela qual o processo geral de modelagem de Distorção ocorre nos sistemas das línguas naturais. O propósito de reconhecer nominalizações é auxiliar o paciente a religar seu modelo lingüístico aos processos dinâmicos, em andamento, da vida. Especificamente, reverter as nominalizações auxilia o paciente a chegar a ver aquilo que ele considerou um evento, acabado e além de seu controle; é um processo em andamento que pode ser modificado. O processo lingüístico de nominalização é um processo transformacional complexo pelo qual uma palavra-processo ou verbo na Estrutura Profunda aparece como uma palavra-evento, ou substantivo. O primeiro passo na reversão de nominalizações é reconhecê-las. Os terapeutas, como falantes nativos que são, podem utilizar suas intuições para identificar quais elementos da Estrutura Superficial são, de fato, nominalizações. Por exemplo, na Estrutura Superficial:

(115) *Lamento minha decisão de voltar para casa.*

a palavra-evento ou substantivo *decisão* é uma nominalização. Isto significa que na Estrutura Profunda apareceu uma palavra-processo ou verbo, neste caso o verbo *decidir.*

(116) *Lamento estar decidindo voltar para casa.*

Substantivos concretos não se ajustarão à lacuna *um* ———— *em andamento,* de uma maneira bem-estruturada. Por exemplo, os substantivos concretos *cadeira, pipa, samambaia, lâmpada* etc. não se ajustam de uma maneira bem-estruturada — *uma cadeira em andamento, uma pipa em andamento* etc. Entretanto, substantivos como *decisão, casamento, fracasso,* derivados dos verbos de Estrutura Profunda, se ajustam — *uma decisão em andamento, um casamento em andamento* etc. Assim os terapeutas podem treinar suas intuições utilizando este teste simples. Passo a passo, o terapeuta pode reconhecer nominalizações através de:

Fase 1: *Ouvir* a Estrutura Superficial apresentada pelo paciente.

Fase 2: Para cada um dos elementos da Estrutura Superficial que não sejam uma palavra-processo ou verbo, indagar-se de si mesmo se a mesma descreve algum evento que seja na realidade um processo em andamento no mundo, ou se há algum verbo que se assemelhe sonora/visualmente a essa palavra-processo, com significado aproximado.

Fase 3: Teste para ver se a palavra-evento se ajusta à lacuna na estrutura sintática, *um* ———— *em andamento.*

* (111) *É impossível encontrar-se alguém que seja realmente sensível.*	O que o impede de encontrar alguém que seja realmente sensível?
(112) *Não consigo compreender minha mulher.*	O que o impede de compreender sua mulher?
(113) *Sou incapaz de me expressar.*	O que o impede de expressar a si mesmo?
(114) *Ninguém é capaz de me entender.*	O que os impede de entender você? (N. do T.)

INSTITUTO DE PSICOLOGIA
BIBLIOTECA — PÓS GRADUAÇÃO

Ocorreu uma nominalização para cada não-verbo que ocorre na Estrutura Superficial do paciente, a qual ou descreve um evento que se pode associar a um processo, ou para a qual se pode encontrar um verbo que dele se aproxime em som/aparência e significado. Por exemplo, há nominalizações na frase:

(117) *Their failure to see their own children received no recognition.**

Ambas as palavras-evento *failure* e *recognition* derivam-se dos verbos da Estrutura Profunda (*um fracasso* [= *failure*] *em andamento, um reconhecimento* [= *recognition*] *em andamento*). A Estrutura Superficial

(118) *Atravessei como um relâmpago na frente do carro.*

por outro lado, não contém nominalizações.

No conjunto seguinte de Estruturas Superficiais, você simplesmente deverá decidir que frases contêm nominalizações. Novamente, sugerimos que você julgue cada Estrutura Superficial por si mesmo antes de olhar os comentários que fornecemos.

(119)	*Meu divórcio é doloroso.*	1 nominalização	(*divórcio*)
(120)	*Nosso terror nos bloqueia.*	1 "	(*terror*)
(121)	*O riso de minha mulher provoca minha ira.*	2 nominalizações	(*riso, ira*)
(122)	*Sua recusa de sair daqui força minha partida.*	2 "	(*recusa, partida*)
(123)	*Sua percepção (das coisas) está seriamente danificada.*	1 nominalização	(*percepção*)

* (117) *O fracasso em ver seus próprios filhos não recebeu reconhecimento.* (N. do T.)

(124)	*Sua projeção me causa prejuízo.*	2 nominalizações	(*projeção, prejuízo*)
(125)	*Minha confusão tem uma tendência a não me dar alívio.*	3 "	(*confusão, tendência, alívio*)
(126)	*Eu me ressinto com sua pergunta.*	1 nominalização	(*pergunta*)
(127)	*Tenho medo tanto de sua irritação quanto de seu auxílio.*	2 nominalizações	(*irritação, auxílio*)
(128)	*Suas intuições são notáveis.*	1 nominalização	(*intuições*)

No próximo conjunto de Estruturas Superficiais, reverta cada nominalização pela criação de uma Estrutura Superficial intimamente associada que retransforme a nominalização ao processo em andamento. Por exemplo, a partir da frase

(129) *Estou surpreso ante sua resistência a mim.* ⟶ Estou surpreso com o fato de ela estar resistindo a mim.

A questão aqui não é se você pode criar uma nova frase que se equipare com a que sugerimos, mas que você aguce sua habilidade de retransformar um processo nominalizado em um processo em andamento. As frases que oferecemos são apenas exemplos. Lembre-se de que nem a Estrutura Superficial original, nem aquelas com as nominalizações corrigidas serão bem estruturadas em termos de terapia até que elas preencham todas as outras condições de boa-estruturação.

Meu divórcio é doloroso.	Minha mulher e eu nos divorciando é doloroso.
Nosso terror nos bloqueia.	O estarmos aterrorizados nos está bloqueando.

O riso de minha mulher provoca minha ira.	Minha mulher rir faz com que eu me sinta irado.
Sua recusa de sair daqui força minha partida.	O seu recusar sair daqui faz com que eu parta.
Sua percepção está seriamente danificada.	A maneira pela qual/aquilo que você está percebendo está seriamente danificada.
Sua projeção me causa prejuízo.	O modo pelo qual/aquilo que você está projetando me prejudica.
Minha confusão tem uma tendência a não me dar alívio.	Meu estar confuso tende a impedir-me de me sentir aliviado.
Eu me ressinto com sua pergunta.	Eu me ressinto daquilo que/o modo pelo qual você está me perguntando.
Tenho medo tanto de sua irritação quanto de seu auxílio.	Tenho medo tanto da maneira como você se irrita comigo como da maneira como me auxilia.
Suas intuições são notáveis.	O modo pelo qual ele intui coisas/aquilo que ele intui é notável.

Estamos conscientes de que temos inúmeras escolhas quando encontramos nominalizações. Podemos preferir questioná-las diretamente. Por exemplo, dada a Estrutura Superficial:

(130) *A decisão de voltar para casa me aborrece.*

podemos desafiar, diretamente, a idéia de que *a decisão* é um evento irrevogável, fixo e acabado, do qual o paciente se dissociou, pela pergunta:

(131) *Há algum modo pelo qual você possa imaginar modificar sua decisão?*

ou, novamente,

(132) *O que o impede de modificar sua decisão?*

ou, ainda,

(133) *O que aconteceria se você reconsiderasse e decidisse não voltar para casa?*

Em cada um destes casos, as perguntas do terapeuta requerem uma resposta por parte do paciente que envolve sua tomada de alguma responsabilidade pelo processo de decidir. Em qualquer dos casos, o questionamento do terapeuta auxilia o paciente a religar seu modelo lingüístico do mundo aos processos em andamento que ali estão presentes.

As nominalizações são complexas tanto psicológica quanto lingüisticamente. Nossa experiência é que elas raramente ocorrem por si mesmas; antes, encontramo-las mais freqüentemente em uma forma que envolve violações de uma, ou mais, das outras condições de boa-estruturação-em-terapia. Posto que já apresentamos os exercícios sobre eliminação, iremos agora dar-lhes um conjunto de Estruturas Superficiais que contêm tanto nominalizações como eliminações. Pedimos que identifique ambas, e que formule uma pergunta ou série de perguntas que tanto retransforme a nominalização em uma forma de processo quanto indague pelo material que foi eliminado. Por exemplo, dada a Estrutura Profunda

A decisão de voltar para casa me aborrece.

uma pergunta que tanto retransforme a nominalização em uma forma de processo quanto simultaneamente indague pelo material eliminado é:

(134) *Quem está decidindo retornar a casa?*

Novamente, sugerimos que você tente formular sua(s) própria(s) pergunta(s) antes de tomar conhecimento dos exemplos

que oferecemos. As perguntas-exemplos que apresentamos são em bloco — sugerimos que, na prática, seja utilizada uma série de perguntas, que questione uma parte de cada vez.

(135) *Minha dor é opressiva.*	Seu sentir dor a respeito de quem/que está oprimindo a quem?
(136) *É o meu medo que atrapalha.*	Seu sentir medo de quem/que o atrapalha em quê?
(137) *Tenho esperanças.*	Pelo que você está esperando?
(138) *As crenças de meu filho me preocupam.*	Em que seu filho acredita que o preocupa?
(139) *Suas suspeitas preconceituosas me irritam.*	Preconceituoso em relação a quem/quê? o que é que você está *suspeitando? (sic)*

EXERCÍCIO B

Já que, durante os seminários de treinamento em metamodelo, descobrimos serem as nominalizações os fenômenos mais difíceis das pessoas aprenderem a reconhecer, imaginamos o exercício seguinte:

Forme uma imagem visual a partir das frases seguintes. Em cada um dos casos, veja se consegue imaginar a colocação de cada uma das palavras não-processo ou não-verbo em um carrinho de mão.

I want to make a chair.
I want to make a decision. *

Observe que todas as palavras não-verbo da primeira frase (*I* e *chair*) podem ser colocadas em seu carrinho-de-mão mental. Este não é o caso da segunda frase (*I, decision*).

* *Eu quero fazer uma* cadeira.
Eu quero tomar uma decisão. (N. do T.)

O *I* pode ser colocado em um carrinho de mão, mas uma *decisão*, não. Nos conjuntos seguintes de frases, utilize este mesmo teste visual para seu treinamento no reconhecimento de nominalizações.

I have a lot of *frustration.*
I have a lot of *green marbles.*

I expect a *letter.*
I expect *help.*

My *fear* is just too big.
My *coat* is just too big.

I lost my *book.*
I lost my *temper.*

I need *water.*
I need *love.*

Horses frighten *me.*
Failure frightens *me.*

The *tension* bothers *me.*
The *dragon* bothers *me.**

Pelo menos ocorre uma nominalização em cada um dos pares precedentes. Você pode verificar a precisão de seu teste visual pela aplicação, agora, do teste puramente

* *Eu* tenho uma porção de *frustração.*
Eu tenho uma porção de *bolas de gude.*

Eu espero uma *carta.*
Eu espero *ajuda.*

Meu *medo* é muito grande.
Meu *casaco* é muito grande.

Eu perdi meu *livro.*
Eu perdi minha *calma.*

Eu preciso de *água.*
Eu preciso de *amor.*

Cavalos me amedrontam.
O *fracasso me* amedronta.

A *tensão me* aborrece.
O *dragão me* aborrece. (N. do T.)

lingüístico, a nominalização na lacuna, *um* ———— *em andamento.* A mesma palavra que se ajusta à estrutura lingüística *um* ———— *em andamento* — não irá se ajustar ao seu carrinho de mão mental.

GENERALIZAÇÃO

Como Obter uma Imagem Clara do Modelo do Paciente

Um dos processos universais que ocorre quando os humanos criam modelos de suas experiências é o de Generalização. Esta pode empobrecer o modelo do paciente por ocasionar perda dos detalhes e riqueza de suas experiências originais. Assim, a generalização impossibilita-os de fazer distinções que lhes daria um conjunto mais completo de escolhas para enfrentar qualquer situação especial. Ao mesmo tempo, a generalização amplia a experiência dolorosa específica até o nível de o indivíduo se sentir perseguido pelo universo (um obstáculo intransponível a enfrentar). Por exemplo, a experiência dolorosa específica "Lois não gosta de mim" generaliza-se em "As mulheres não gostam de mim". O propósito de desafiar as generalizações do paciente é o de:

(1) religar o modelo do paciente a sua experiência;
(2) reduzir obstáculos intransponíveis, que resultem de generalizações, a algo definido que se possa começar a enfrentar;
(3) assegurar-se de que detalhes e riqueza estejam presentes no modelo do paciente, criando assim escolhas baseadas em distinções que não estavam previamente disponíveis.

Lingüisticamente, estamos conscientes de dois importantes modos que utilizamos para identificar as generalizações do modelo do paciente. Ao mesmo tempo, estes nos fornecem um veículo para o desafio destas generalizações. Estes são os processos de:

(1) verificar a existência de índices referenciais para substantivos e palavras-evento;
(2) verificar a existência de verbos e palavras-processo completamente especificados.

Índices Referenciais

A habilidade do terapeuta em determinar se as Estruturas Superficiais apresentadas pelo paciente estão ligadas a sua experiência é essencial para o bom êxito da terapia. Uma forma explícita de determinar isto é, para o terapeuta, identificar palavras e locuções na Estrutura Superficial do paciente que não tenham índice referencial. Por exemplo, na Estrutura Superficial

(140) *As pessoas fazem de mim o que querem.*

o substantivo *pessoas* não tem índice referencial e, portanto, falha em identificar alguma coisa específica na experiência do paciente. Por outro lado, a frase

(141) *Meu pai faz de mim o que quer.*

contém duas funções nominais (*Meu pai* e *mim*) ambas com índice referencial que identifica alguma coisa específica no modelo do paciente.

Novamente, um procedimento passo a passo está à disposição.

Fase 1: *Ouça* a Estrutura Superficial do paciente, identificando cada palavra-processo;
Fase 2: Para cada uma destas, indague-se se ela seleciona uma pessoa ou coisa específicas no mundo.

Se a palavra ou locução falha em selecionar uma pessoa ou coisa específicas, o terapeuta identifica então uma generalização no modelo do paciente. No conjunto seguinte de Estruturas Superficiais, decida para cada um dos substantivos ou locuções se há, ou não, um índice referencial que as tornem bem-estruturadas-em-terapia.

(142) *Nobody pays any attention to what I say.*	*Nobody* e *what* não têm índice referencial.
(143) *I always avoid situations I feel unconfortable in.*	*Situations I feel unconfortable in* — sem índice.
(144) *I like dogs that are friendly.*	*Dogs that are friendly* — sem índice.
(145) *I saw my mother-in-law yesterday.*	Todas as funções têm índices.

(146) *One should respect others' feelings.*	*One* e *others'* — sem índices.
(147) *It's painful for us to see her this way, you know.*	*It, us, you* e *this way* — sem índices.
(148) *Let's not get bogged down in details.*	*Us* e *details* — sem índices.
(149) *There's a certain feeling in this room.*	*A certain feeling* — sem índices.
(150) *Everybody feels that way sometimes.*	*Everybody, that way, sometimes* — sem índices.*

Uma vez que o terapeuta tenha identificado as palavras e locuções sem índice referencial, é bem fácil indagar por estes. Apenas duas perguntas são necessárias:

(151) *Quem, especificamente?*
(152) *Que, especificamente?*

Ao exigir que o paciente supra os índices referenciais através das respostas a estas perguntas, ele religa as generalizações em seu

* (142) *Ninguém presta atenção ao que eu digo.*	*Ninguém* e *que*
(143) *Eu sempre evito as situações em que não me sinto à vontade.*	*Situações em que não me sinto à vontade*
(144) *Gosto de cães que são amistosos.*	*Cães que são amistosos*
(145) *Vi minha sogra ontem.*	
(146) *Devem-se respeitar os sentimentos alheios.*	*Se* e *alheios*
(147) *É-nos doloroso vê-la neste estado, sabe.*	*É, nos, você* e *neste estado*
(148) *Não vamos nos perder nos detalhes.*	*Nos* e *detalhes*
(149) *Há uma certa sensação nesta sala.*	*Uma certa sensação*
(150) *Todo o mundo se sente assim algumas vezes.*	*Todo o mundo, assim, algumas vezes*

modelo a suas experiências. No próximo conjunto de Estruturas Superficiais, formule a pergunta adequada para a obtenção do índice referencial ausente.

Nobody pays any attention to what I say.	Who, specifically? What, specifically, do you say?
I always avoid situations I feel unconfortable in.	What situations, specifically?
I like dogs that are friendly.	What dog, specifically?
It's painful for us to see her this way, you know.	Who, specifically, is full of pain? Who, specifically, is *us?* What way, specifically? Who, specifically, is *you?*
Everybody feels that way sometimes.	Who, specifically? What way, specifically? What time, specifically?*

Há um caso especial, que gostaríamos de enfatizar, de certas palavras que não têm índice referencial. Este é, especificamente, o conjunto de palavras que contêm quantificadores universais tais como *all, each, every, any.*** O quantificador universal tem uma forma diferente quando combinado com outros elementos lingüísticos, como o elemento negativo — *never, nowhere, none, no one, nothing, nobody.**** Quantificadores universais e palavras e locuções que os contenham não têm índice referencial. Utilizamos uma forma especial de desafio para o quantificador universal e pa-

* ——— Quem, especificamente? O que, especificamente, você diz?
——— Que situações, especificamente?
——— Que cão, especificamente?
——— Quem, especificamente, tem dor? Quem, especificamente, é *nos*? Que estado, especificamente? Quem, especificamente, sabe?
——— Quem, especificamente? Assim como, especificamente? Quando, especificamente?
** todo, cada, cada, qualquer.
*** nunca, em lugar algum, nenhum, nem um, nada.

lavras e locuções que o contenham. Por exemplo, a Estrutura Superficial apresentada anteriormente:

Ninguém presta atenção ao que eu digo.

pode ser desafiada como sugerimos antes ou, com o desafio:

(153) *Você está querendo dizer que NINGUÉM JAMAIS presta atenção a você?*

O que neste ponto estamos fazendo é enfatizar a generalização descrita pelo quantificador universal do paciente pelo exagero tanto da qualidade de voz como pela inserção de quantificadores universais adicionais na Estrutura Superficial original do mesmo. Este desafio identifica e enfatiza uma generalização no modelo do paciente. Ao mesmo tempo, esta forma de desafio pergunta ao paciente se há quaisquer exceções a suas generalizações. Uma única exceção à generalização inicia o paciente no processo de atribuir índices referenciais e garante ao seu modelo detalhes e riqueza necessários para se ter uma diversidade de opções para fazer frente aos problemas.

P: *Ninguém presta atenção ao que eu digo.*
T: *Você está querendo dizer que NINGUÉM JAMAIS presta atenção a você?*
P: *Bem, não exatamente.*
T: *OK, então; quem, especificamente, não lhe presta atenção?*

Uma vez que o terapeuta tenha identificado uma generalização, esta pode ser desafiada de diversas maneiras.

(a) Como foi mencionado na seção sobre quantificadores universais, generalizações podem ser desafiadas pela enfatização da natureza universal da alegação feita pela Estrutura Superficial, por meio da inserção de quantificadores universais nessa Estrutura Superficial. O terapeuta agora pede ao paciente para verificar a nova generalização explícita nesta Estrutura Superficial em comparação a sua experiência. Por exemplo, o paciente diz:

P: É impossível confiar em alguém.
T: É *sempre* impossível *alguém* confiar em *alguém?*

O propósito do desafio, por parte do terapeuta, à generalização é religar a generalização do paciente à experiência deste. O terapeuta tem outras opções, pois pode desafiar as generalizações do paciente.

(b) Dado que o propósito de desafiar a generalização do paciente é religar a representação deste com sua experiência, um desafio muito direto é, literalmente, perguntar ao paciente se ele teve uma experiência que contradiga sua própria generalização. Por exemplo:

P: *É impossível confiar em alguém.*
T: *Você já teve a experiência de confiar em alguém?*
ou
Você já confiou em alguém?

Observe-se que, lingüisticamente, o terapeuta está fazendo diversas coisas: relacionando a generalização à experiência do paciente, ao modificar o índice referencial de sem-índice (o objeto indireto ausente do predicado *impossível* [isto é, *impossível para quem?*] e o sujeito ausente do verbo *confiar*) para as formas lingüísticas portadoras do índice referencial do paciente (isto é, *você*).

(c) Um terceiro modo de desafiar generalizações desta forma é perguntar ao paciente se ele pode imaginar uma experiência que contradissesse a generalização. O paciente diz:

P: *É impossível confiar em alguém.*
T: *Você pode imaginar alguma circunstância em que você pudesse confiar em alguém?*
ou
Você pode fantasiar uma situação em que você pudesse confiar em alguém?

Uma vez que o paciente tenha êxito em imaginar ou fantasiar uma situação que contradiga a generalização, o terapeuta pode assisti-lo na abertura desta parte do seu modelo, por meio de perguntar qual é a diferença entre a experiência e a fantasia dele, ou o que o impede de realizar a fantasia. Observe-se que, neste ponto, uma das mais poderosas técnicas é ligar o paciente à experiência que ele está tendo, isto é, relacionar diretamente a generalização ao processo da terapia em andamento. O terapeuta pode responder:

Você confia em mim agora nesta situação?

Se o paciente responde positivamente, sua generalização foi contraditória. Se responde negativamente, todas as outras técnicas estão à disposição, ou seja, perguntar o que, especificamente, o está impedindo de confiar no terapeuta nessa situação.

(d) Caso o paciente seja incapaz de fantasiar uma experiência que contradiga sua generalização, o terapeuta pode escolher pesquisar seus próprios modelos para encontrar um caso no qual

tenha tido uma experiência que contradiga a generalização do paciente. Se o terapeuta puder encontrar alguma de suas próprias experiências, que seja bastante comum para que o paciente também a possa ter tido, ele pode perguntar se essa experiência contradiz a generalização dele.

P: *É impossível confiar em alguém.*
T: *Você alguma vez já foi ao médico (ou dentista, andou de ônibus ou táxi ou avião, ou...)?*

Uma vez que o paciente admita que teve uma experiência que contradiz sua generalização, ele religou sua representação a sua experiência e o terapeuta é capaz de explorar, juntamente com ele, as diferenças.

(e) Uma outra abordagem para desafiar a generalização do paciente é determinar o que torna a generalização possível ou impossível. Esta técnica é descrita na seção sobre operadores modais de necessidade (neste capítulo, p. 97).

P: *É possível confiar em alguém.*
T: *O que o impede de confiar em alguém?*
ou
O que aconteceria se você confiasse em alguém?

(f) Com freqüência, o paciente oferecerá generalizações, provenientes de seu modelo, na forma de generalizações a respeito de outra pessoa. Por exemplo:

P: *Meu marido está sempre discutindo comigo.*
ou
Meu marido nunca sorri para mim.

Observe-se que os predicados *discutir com* e *sorrir para* descrevem processos que estão ocorrendo entre duas pessoas. A forma das duas frases é: o sujeito (o agente ativo), o verbo (o nome do processo), e o objeto (a pessoa não-ativa envolvida no processo). Em ambos os exemplos acima, a paciente representa a si mesma como o membro passivo do processo — o objeto do predicado — evitando assim qualquer responsabilidade quanto ao processo ou relacionamento. As generalizações relatadas pelo paciente, nestas duas Estruturas Superficiais, envolveram um tipo especial de eliminação — a Estrutura Profunda é adequadamente representada por estas Estruturas Superficiais, mas uma eliminação no processo de representar a experiência da paciente por meio destas Estruturas Profundas. Em outras palavras, a paciente eliminou uma porção de sua experiência no momento em que a representou com a Estrutura Profunda a partir da qual estas Estruturas Superficiais

se derivaram. A imagem dos processos ou relacionamento de *discutir com* e *sorrir para* é incompleta, pois apenas uma pessoa, no relacionamento, está sendo descrita como tendo um papel ativo. Quando tiver que enfrentar Estruturas Superficiais deste tipo, o terapeuta tem a escolha de perguntar pela forma com que a pessoa caracterizada como passiva está envolvida no processo. Uma maneira bem específica e, freqüentemente, poderosa de indagar por esta informação é permutar os índices referenciais contidos na generalização do paciente. Nos exemplos dados a permuta seria[27]

Meu marido ↓ *mim (a paciente)* e *mim* ↓ *Meu marido*

Ao fazer estas permutas nos índices referenciais, o terapeuta cria uma nova Estrutura Superficial baseada na Estrutura Superficial original da paciente. Especificamente:

Meu marido sempre discute comigo. ↓ *Eu sempre discuto com meu marido.*
e
Meu marido nunca sorri para mim. ↓ *Eu nunca sorrio para meu marido.*

Uma vez que os índices referenciais são permutados, o terapeuta pode então pedir à paciente para verificar estas novas Estruturas Superficiais com a pergunta:

Você sempre discute com seu marido?
e
Você nunca sorri para seu marido?

Aqui está, à disposição, uma distinção lingüística adicional, que pode ser útil ao terapeuta: predicados que descrevem processos ou relacionamentos entre duas pessoas são de dois tipos lógicos diferentes:

(a) Predicados Simétricos: predicados que, se exatos, implicam necessariamente que seus opostos são também exatos. O predicado *discutir com* é deste tipo lógico. Se a Estrutura Superficial:

Meu marido sempre discute comigo.

[28] Leitores familiarizados com sistemas lógicos elementares reconhecerão isto como um caso de regra de substituição, por exemplo, no cálculo proposicional. A única restrição é que, quando um termo *mim* é substituído por um outro termo *meu marido*, então todos os exemplos do termo *meu marido* têm que ser substituídos pelo termo *mim*. A mesma restrição funciona bem no contexto de terapia.

é exata, então necessariamente a Estrutura Superficial:

Eu sempre discuto com meu marido.

é também exata. Esta propriedade de predicados simétricos é representada lingüisticamente pela forma geral:

> Se uma Estrutura Superficial da forma *X Predicado Y* é verdadeira e Predicado é um predicado simétrico, então necessariamente a Estrutura Superficial da forma *Y Predicado X* também é verdadeira.

Se você está discutindo comigo, então, necessariamente, eu estou discutindo com você. Esta afirmação é feita pela expressão "quando um não quer dois não brigam". No caso de aplicação da técnica de permuta de índice referencial na Estrutura Superficial, o terapeuta sabe que o resultado será uma generalização que está necessariamente implícita no original. Esta técnica auxilia o paciente na religação de sua representação a sua experiência.

(b) Predicados Não-Simétricos: predicados que descrevem um relacionamento cujo inverso não é necessariamente verdadeiro. O predicado *sorrir para* é deste tipo lógico. Se a Estrutura Superficial:

Meu marido nunca sorri para mim.

é exata, então pode ser, ou não, verdade que a Estrutura Superficial inversa (com os índices referenciais permutados) também seja exata:

Eu nunca sorrio para meu marido.

Dado que não há nenhuma necessidade lógica de que o inverso da Estrutura Superficial com um predicado não-simétrico seja exata, nossa experiência é a de que o inverso é, com freqüência, psicologicamente exata. Quer dizer, freqüentemente, quando o paciente estabelece uma generalização a respeito de outra pessoa (principalmente se o relacionamento entre o paciente e a pessoa que está sendo caracterizada é um relacionamento importante para aquele), o inverso é verdadeiro. Tradicionalmente, este fenômeno é denominado projeção, em algumas formas de psicoterapia. Se o inverso da Estrutura Superficial do paciente vem a ser exato, ao pedir-lhe para verificar isto, o terapeuta começa a recuperar o material ausente e a auxiliá-lo na religação de sua representação à sua experiência.

(c) Os pacientes algumas vezes apresentam generalizações provenientes de seu modelo sob a forma:

X ou Y

Por exemplo, um paciente diz:

P: *Tenho que cuidar das outras pessoas.*

a que o terapeuta pode replicar (como foi descrito na seção sobre operadores modais):

T: *Ou o que acontecerá?*
P: *Ou elas não gostarão de mim.*

Assim, a generalização completa é:

Tenho que cuidar das outras pessoas ou elas não gostarão de mim.

Esta generalização envolve uma alegação de que há um relacionamento causal necessário entre o fato de o paciente cuidar (ou não) de outras pessoas e o fato de outras pessoas gostarem do mesmo. A mesma alegação está envolvida na Estrutura Superficial:

Se não cuido das pessoas, elas não irão gostar de mim.

De fato, dentro dos sistemas formais, a equivalência lógica se mantém.[29]

$X \text{ ou } Y \equiv \text{não } X \rightarrow Y$

Se os pacientes apresentam, espontaneamente, suas generalizações na forma *X ou Y*, ou suprem, sob questionamento, a segunda por-

[29] O leitor familiarizado com o mais elementar dos sistemas lógicos pode verificar esta equivalência formal utilizando as tabelas-verdade:

X	Y	X	V	Y	~X ⟶ Y
V	V		V		V
V	F		V		V
F	V		V		V
F	F		F		F

Assim, a equivalência lógica de
X V Y e ~X ⟶ Y.

onde ~ = o símbolo de negação
e ⟶ = o símbolo de implicação

Na nossa experiência também têm eles uma equivalência psicológica.

ção — o resultado ou conseqüência — suas generalizações podem ser reformuladas pelo terapeuta na forma *Se... então...* equivalente. Uma vez que o terapeuta tenha feito o paciente verificar a forma *Se... então...* de sua generalização, pode desafiá-la pela introdução de negativas em ambos os membros da generalização e apresentar ao paciente a Estrutura Superficial resultante:

> *Se você cuidar das outras pessoas, elas irão gostar de você?*

O terapeuta pode utilizar esta técnica reversiva em combinação com outras técnicas; por exemplo, algumas das discutidas sob operadores modais ou quantificadores universais, obtendo o desafio à Estrutura Superficial:

Se você cuidar das outras pessoas, elas irão gostar de você? { necessariamente / sempre }

Generalização Complexa — Equivalência

Queremos assinalar uma forma adicional, que ocorre com freqüência, de generalização que é algo mais complexa do que aquelas que até então consideramos nesta seção. Estas generalizações complexas envolvem Estruturas Superficiais que são equivalentes no modelo do paciente. Tipicamente, ele diz uma destas Estruturas Superficiais, faz uma pausa, e a seguir diz a segunda. As duas Estruturas Superficiais têm, como característica, a mesma forma sintática. Por exemplo:

> *Meu marido nunca me aprecia... Meu marido nunca sorri para mim.*

As duas Estruturas Superficiais são sintaticamente paralelas:

Substantivo 1 — Quantificador Universal — Verbo — Substantivo 2
onde Substantivo 1 = meu marido
Substantivo 2 = me (a paciente)

Observe-se que uma destas Estruturas Superficiais (a primeira) envolve uma violação de uma das condições de boa-estruturação-em-terapia; especificamente, a paciente está alegando conhecimento de um dos estados interiores (*aprecia*) de seu marido, sem estabelecer como teve conhecimento disso — um caso de leitura de mente. Na segunda Estrutura Superficial, é descrito o processo de uma pessoa sorrir, ou não, para outra — uma experiência verificável, que não requer conhecimento do estado interior dessa outra pessoa. Estas duas amostras de Estruturas Superficiais são generalizações que podem ser desafiadas (utilizando-se a técnica descrita na seção sobre quantificadores universais). Neste momento, entretanto, desejamos oferecer uma técnica rápida, que produz, com freqüência, resultados dramáticos. O terapeuta primeiro verifica se as duas Estruturas Superficiais são, de fato, equivalentes no modelo da paciente. Isto é feito com facilidade ao se indagar diretamente se as duas Estruturas Superficiais são equivalentes:

P: *Meu marido nunca me aprecia... Meu marido nunca sorri para mim.*
T: *O fato de seu marido jamais sorrir para você significa que ele não a aprecia?*

A paciente aí então está diante de uma escolha — negará a equivalência, e o terapeuta poderá indagar como ela realmente sabe que o marido não a aprecia, ou constatará a equivalência. Neste último caso, o terapeuta aplica a técnica de permuta de índice referencial:

Meu marido ↓ *me (a paciente)* | *me (a paciente)* ↓ *Meu marido*

Isto resulta na transformação da Estrutura Superficial a partir de:

> *O fato de seu marido jamais sorrir para você significa que ele não a aprecia?*

para a Estrutura Superficial:

> *O fato de você jamais sorrir para seu marido significa que você não o aprecia?*

Vamos rever o que aconteceu até o momento:

1. A paciente diz duas Estruturas Superficiais que estão separadas por uma pausa e têm a mesma forma sintática — uma envolvendo leitura de mente e outra não.
2. O terapeuta verifica se as duas Estruturas Superficiais são equivalentes.
3. A paciente constata a equivalência.

Assim, temos a situação:

> *(X não sorri para Y) = (X não aprecia Y)*
> *onde X é o marido da paciente e Y é a própria.*

4. O terapeuta permuta os índices referenciais e pede à paciente para verificar a nova generalização. A nova Estrutura Superficial tem a mesma forma lógica:

(X não sorri para Y) = (X não aprecia Y)
onde X é a paciente e Y é o marido da paciente.

5. Tipicamente, a paciente nega a equivalência quando ela é o sujeito agente ativo do processo.

(X não sorri para Y) ≠ (X não aprecia Y)
onde X é a paciente e Y é o marido da paciente.

Se a paciente aceita a nova generalização, o terapeuta tem todas as opções usuais para desafiar a generalização. Nossa experiência é a de que a paciente raramente aceitará a nova generalização.

6. O terapeuta agora pode começar a explorar a diferença entre as duas situações: aquela em que a equivalência se mantém e aquela em que ela não o faz. A paciente, mais uma vez, religou sua generalização a sua experiência. O intercâmbio global assemelha-se a:

P: *Meu marido nunca me aprecia... Meu marido nunca sorri para mim.*
T: *O fato de seu marido jamais sorrir para você significa que ele não a aprecia?*
P: *Sim, é isso!*
T: *O fato de você jamais sorrir para seu marido significa que você não o aprecia?*
P: *Não, isso não é a mesma coisa.*
T: *Qual é a diferença?*

Verbos Não-Completamente Especificados

A segunda forma de generalização que ocorre nos sistemas de línguas naturais é aquela de verbos que não estão completamente especificados. Por exemplo, nas Estruturas Superficiais,

(154) *Minha mãe me feriu.*
(155) *Minha irmã me chutou.*
(156) *Minha amiga tocou-me a face com os lábios.*

a imagem apresentada é progressivamente mais específica e clara. Assim, na primeira, a mãe mencionada pode ter causado algum ferimento físico ou o ferimento pode ter sido "psicológico"; ela pode tê-lo feito com uma faca ou uma palavra ou um gesto... tudo isto fica sem especificação completa. Na frase seguinte, a irmã mencionada pode ter chutado o falante com o pé esquerdo ou com o direito, mas está especificado que foi com o pé; onde o falante foi chutado fica sem especificação. No terceiro exemplo, a imagem apresentada é ainda mais especificada — a maneira pela qual a amiga mencionada fez o contato é especificada (*tocou com os lábios*) e o local no corpo do falante, onde o contato foi feito, também é especificado (*a face*). Observa-se, entretanto, que a duração do contato, a brutalidade ou delicadeza foram deixadas sem especificação.[30]

Todo verbo de que temos conhecimento é, até certo ponto, não completamente especificado. A clareza da imagem apresentada pelo verbo é determinada por dois fatores:

(1) O próprio significado do verbo. Por exemplo, simplesmente pelo seu significado o verbo *beijar* é mais específico do que o verbo *tocar* — *beijar* é equivalente a uma forma específica de tocar; a saber, *tocar com os lábios.*
(2) A carga de informação apresentada pelo resto da frase em que o verbo ocorreu. Por exemplo, a locução *feriu pela rejeição* é mais especificada do que simplesmente o verbo *ferir.*

Dado que todo verbo é até certo ponto não completamente especificado, sugerimos o seguinte procedimento:

Fase 1: *Ouça* a Estrutura Superficial do paciente, identificando as palavras-processo ou verbos;
Fase 2: Pergunte-se se a imagem apresentada pelo verbo, na frase, está bastante clara para você visualizar a seqüência real dos eventos que estão sendo descritos.

Se o terapeuta acha que a imagem que obteve do verbo e das palavras e locuções que o acompanham na Estrutura Superficial do

30 Aqui, na análise de verbos que são diferentemente especificados, suspeitamos que algumas das pesquisas que estão sendo conduzidas atualmente no campo da Semântica Gerativa (vide McCawley, Lakoff, Grinder e Postal na bibliografia) serão particularmente proveitosas na expansão posterior do metamodelo.

paciente não está clara o bastante para que visualize a seqüência real dos eventos que estão sendo descritos, então deve pedir um verbo mais completamente especificado. A pergunta disponível ao terapeuta para esclarecer a imagem pobremente definida é:

> *Como, especificamente, X (verbo) Y?*
> onde X = o sujeito do verbo não completamente especificado e Y = o verbo não completamente especificado + o restante da Estrutura Superficial do paciente.

Por exemplo, dada a Estrutura Superficial

(157) *Susan feriu-me.*

o terapeuta pede uma imagem mais completamente especificada, por meio da pergunta

(158) *Como, especificamente, Susan feriu você?*

Para o conjunto seguinte de Estruturas Superficiais, formule uma pergunta que, quando respondida, esclareça sua imagem da ação que está sendo descrita.

(159) *Meus filhos me forçam a puni-los.*	Como, especificamente, seus filhos forçam você a puni-los? Também, como, especificamente, você pune seus filhos?
(160) *Sharon está sempre exigindo minha atenção.*	Como, especificamente, ela exige atenção de sua parte?
(161) *Eu sempre demonstro a Jane que a amo.*	Como, especificamente, você demonstra a Jane que a ama?
(162) *Meu marido sempre me ignora.*	Como, especificamente, seu marido a ignora?
(163) *Minha família está tentando me botar louco.*	Como, especificamente, sua família está tentando botar você louco?

INSTITUTO DE PSICOLOGIA BIBLIOTECA ... EDUCAÇÃO

Toda Estrutura Superficial que é bem-estruturada em inglês contém uma palavra-processo ou verbo. Nenhum dos verbos que encontramos estava completamente especificado. Portanto, todo verbo das Estruturas Superficiais do paciente oferece ocasião para o terapeuta verificar se a imagem apresentada é clara.

PRESSUPOSIÇÕES

Pressuposições são um reflexo lingüístico do processo de Distorção. O propósito do terapeuta ao reconhecer pressuposições é assistir o paciente na identificação dessas suposições básicas que empobrecem seu modelo e limitam suas opções para enfrentar a situação. Lingüisticamente, essas suposições básicas mostram-se como pressuposições nas Estruturas Superficiais do paciente. Por exemplo, para se obter sentido da Estrutura Superficial

(164) *Tenho medo de que meu filho esteja ficando tão preguiçoso quanto meu marido.*

o terapeuta tem que aceitar como verdadeira a situação expressa pela frase pressuposta por esta frase. Especificamente,

(165) *Meu marido é preguiçoso.*

Observe-se que esta última Estrutura Superficial, a pressuposição da anterior, não aparece tão direta e claramente em qualquer parte da frase que a pressupõe. Os lingüistas desenvolveram um teste para determinar quais são as pressuposições de qualquer frase dada. São elas, quando adotadas para o metamodelo:

Fase 1: *Ouça* a Estrutura Superficial do paciente em busca da palavra-processo ou verbo principal — chamemos a esta frase A;
Fase 2: Crie uma nova Estrutura Superficial pela introdução da palavra negativa junto ao verbo principal na Estrutura Superficial do paciente — chamemos a esta frase B;
Fase 3: Pergunte-se o que tem que ser verdade tanto para A como para B fazerem sentido.

Todas as coisas (expressas na forma de outras frases) que têm que ser verdadeiras tanto para A como para B fazerem sentido

são as pressuposições da frase original do paciente. Especificamente, no caso da frase,

Tenho medo de que meu filho esteja ficando tão preguiçoso quanto meu marido.

ao introduzir a negativa junto ao verbo principal (*ter medo*), o terapeuta cria uma segunda frase,

(166) *Não tenho medo de que meu filho esteja ficando tão preguiçoso quanto meu marido.*

A questão aqui é que, para o terapeuta obter sentido desta nova Estrutura Superficial, tem que ser verdadeiro o fato de que

(165) *Meu marido é preguiçoso.*

Já que tanto a Estrutura Superficial da paciente como a nova Estrutura Superficial formada a partir desta pela introdução do elemento negativo exigem que esta última frase (165) seja verdadeira, esta última Estrutura Superficial é a pressuposição da frase original da paciente.

No conjunto de Estruturas Superficiais que se segue, identifique as pressuposições de cada uma das frases.

(167) *Se você for tão desarrazoada quanto da última vez que discutimos isto, então vamos deixar isto de lado.*	— Nós discutimos sobre algo. — Você foi desarrazoada da última vez que discutimos algo.
(168) *Se Judy tem que ser tão possessiva, então prefiro não me envolver com ela.*	Judy é possessiva.
(169) *Se o Fred tivesse gostado da minha companhia, não teria ido embora tão cedo.*	Fred não gostou da minha companhia.
(170) *Se você soubesse o quanto sofro, não agiria desta maneira.*	— Sofro. — Você age desta maneira. — Você não sabe. . . .

(171) *Já que meu problema é banal, prefiro não tomar o precioso tempo do grupo.*	— Meu problema é banal.

Os lingüistas identificaram um grande número de formas específicas ou ambientes sintáticos na linguagem em que ocorrem, necessariamente, pressuposições. Por exemplo, qualquer porção de uma Estrutura Superficial que ocorra após os verbos principais *perceber, estar consciente, ignorar* etc. é uma pressuposição ou suposição necessária dessa Estrutura Superficial. Observe-se que estas formas específicas ou ambientes sintáticos são independentes do conteúdo ou significado das palavras e locuções utilizadas. Incluímos um apêndice (Apêndice B) que identifica estes ambientes sintáticos para auxiliar aqueles que desejam exercitar-se melhor no reconhecimento das formas de linguagem que apresentam pressuposições.

Identificadas as pressuposições das Estruturas Superficiais do paciente, o terapeuta pode agora desafiá-las. Devido à complexidade das pressuposições, ele tem inúmeras escolhas.

1. O terapeuta pode apresentar ao paciente a pressuposição diretamente implícita em sua Estrutura Superficial original. Ao fazer isto, ele pode pedir ao paciente para explorar esta pressuposição, utilizando as outras condições de boa-estruturação-em-terapia.

Por exemplo, a paciente diz,

(172) *Tenho medo de que meu filho esteja ficando tão preguiçoso quanto meu marido.*

O terapeuta identifica a pressuposição

(173) *Meu marido é preguiçoso.*

e a apresenta à paciente, perguntando-lhe como, especificamente, seu marido é preguiçoso. A paciente responde com outra Estrutura Superficial que o terapeuta avalia quanto à boa-estruturação-em-terapia.

2. O terapeuta pode decidir aceitar a pressuposição e aplicar a condição de bem-estruturada-em-terapia à Estrutura Superficial original do paciente, pedindo para especificar o verbo, recuperar o material eliminado etc.

Apresentaremos um conjunto de Estruturas Superficiais que têm pressuposições e daremos algumas formas possíveis de desafiá-las. Lembre-se de que as perguntas que oferecemos são exemplos e não exaurem todas as possibilidades.

(174) *Se minha mulher vai ser tão desarrazoada quanto foi da última vez que tentei conversar com ela sobre isso, então, certamente, não vou tentar mais.*	O que, especificamente, lhe parece desarrazoado em relação a sua mulher? Como, especificamente, sua mulher parece-lhe ser desarrazoada?
(175) *Se Judy tem que ser tão possessiva, então prefiro não me envolver com ela.*	Como, especificamente, Judy parece-lhe ser possessiva?

BOA-ESTRUTURAÇÃO SEMÂNTICA

O propósito do reconhecimento de frases que sejam semanticamente mal-estruturadas é assistir o paciente na identificação de porções de seu modelo que estão, de alguma forma, distorcidas e que empobrecem as experiências que lhe são disponíveis. Tipicamente, estas distorções empobrecedoras se apresentam como limitação às opções do paciente, forma essa que reduz a capacidade de ação do paciente. Identificamos algumas classes de má-estruturação semântica, que ocorrem com freqüência, as quais tipicamente encontramos em terapia. Apresentamos abaixo a caracterização lingüística para cada classe. As escolhas que o terapeuta tem para lidar com as primeiras duas classes de Estruturas Superficiais semanticamente mal-estruturadas são essencialmente as mesmas. Portanto, apresentaremos estas escolhas em uma seção, após termos apresentado essas duas classes.

Causa e Efeito

Esta classe de Estruturas Superficiais semanticamente mal-estruturadas envolve a crença, por parte do falante, de que uma pessoa (ou conjunto de circunstâncias) pode desempenhar algum ato que necessariamente faça com que outra pessoa experimente alguma emoção ou estado interior. Tipicamente, a pessoa que experimenta esta emoção ou estado interior é retratada como não tendo escolha para responder da maneira por que o faz. Por exemplo, o paciente diz:

(176) *My wife makes me feel angry.**

Observe-se que esta Estrutura Superficial apresenta uma imagem vaga em que um ser humano (identificado como *minha mulher*) desempenha algum ato (inespecificado) que necessariamente faz com que outra pessoa (identificada como *me*) experimente alguma emoção (*irritação*). Estruturas Superficiais mal-estruturadas, que sejam membros desta classe, podem ser identificadas por uma de duas fórmulas gerais:

(A)	X	Verbo (causar)	Y	Verbo (sentir experimentar)	Adjetivo (alguma emoção ou algum estado interior)

onde X e Y são substantivos que têm índices referenciais diferentes, isto é, referem-se a pessoas diferentes.

A Estrutura Superficial apresentada acima enquadra-se nesta forma, a saber:

My wife	makes	me	feel	angry
Y	Verbo (causar)	Y	Verbo (sentir experimentar)	Adjetivo (alguma emoção ou algum estado interior)

A outra forma geral que encontramos com freqüência é a de Estruturas Superficiais subjacentes como:

(177) *Your laughing distracts me.***

A forma geral é:

(B)	X	Verbo	Verbo (causar)	Y

onde X e Y são substantivos que têm índices referenciais, isto é, referem-se a pessoas diferentes.

Ao aplicar a forma geral ao exemplo, temos:

Your	laughing	distracts	me
X	Verbo	Verbo (causar)	Y

* (176) Minha mulher me faz sentir irritado. (N. do T.)
** (177) Seu riso distrai minha atenção. (N. do T.)

Apresentaremos agora um conjunto de Estruturas Superficiais, todas semanticamente mal-estruturadas. Isto virá auxiliá-lo no treinamento de suas intuições em reconhecer exemplos deste tipo de má-estruturação semântica.

(178) *She compels me to be jealous.*
(179) *You always make me feel happy.*
(180) *He forced me to feel bad.*
(181) *She causes me a lot of pain.*
(182) *Your writing on the wall bothers me.*
(183) *Their crying irritates me.**

Além das Estruturas Superficiais que são destas duas formas gerais, há outras que têm uma forma diferente, porém as mesmas relações de sentido. Por exemplo, a Estrutura Superficial

(184) *She depresses me.*

tem a mesma relação de sentido que a Estrutura Superficial

(185) *She makes me feel depressed.***

De fato, este teste de paráfrase pode ser utilizado para auxiliar os terapeutas no treinamento de suas intuições para reconhecer Estruturas Superficiais deste tipo, mal-estruturadas semanticamente. Especificamente, se a Estrutura Superficial que o paciente apresenta puder ser traduzida a partir de

X Verbo Y,

onde X e Y são substantivos com índices referenciais diferentes, para a forma (a)

X Verbo Y	Verbo	Adjetivo
(causar)	(sentir experimentar)	(emoção ou estado interior)

onde o adjetivo é uma forma relacionada ao verbo na Estrutura Superficial original do paciente,

* (178) Ela me compele a ser ciumento.
(179) Você sempre me faz sentir feliz.
(180) Ele forçou-me a sentir mal.
(181) Ela me causa muito sofrimento.
(182) O fato de você escrever na parede me incomoda.
(183) O choro deles me irrita. (N. do T.)
** (184) Você me deprime.
(185) Você me faz sentir deprimido. (N. do T.)

e a nova Estrutura Superficial significa o mesmo que a Estrutura Superficial original do paciente, então a Estrutura Superficial é semanticamente mal-estruturada. Como mais um exemplo, o paciente diz,

(186) *You bore me.**

Para aplicar o teste de paráfrase, desloque o verbo desta Estrutura Superficial para o fim da nova Estrutura Superficial, coloque o verbo *cause* ou *make* (causar ou fazer) na posição original do primeiro e insira o verbo *feel* ou *experience* (sentir ou experimentar), produzindo,

(187) *You make me feel bored.***

A questão agora é se esta nova Estrutura Superficial e a original do paciente significam a mesma coisa. Neste caso, sim, e a Estrutura Superficial original do paciente é identificada como sendo semanticamente mal-estruturada. Para assisti-lo no treinamento de suas intuições na identificação desta classe de Estruturas Superficiais mal-estruturadas semanticamente, apresentamos o conjunto seguinte de frases. Determine qual das Estruturas Superficiais são mal-estruturadas pela utilização do teste de paráfrase com a forma (A).

(188) *Music pleases me.* = Music makes me feel pleased.

(189) *My husband likes me.* ≠ My husband makes me feel liked.

(190) *Your ideas annoy me.* = Your ideas make me feel annoyed.

(191) *His plan insults me.* = His plan makes me feel insulted.

(192) *Policemen follow me.* ≠ Policemen make me feel followed.***

* (186) Você me aborrece. (N. do T.)
** (187) Você me faz sentir aborrecido. (N. do T.)
*** (188) A música me reconforta.
(189) Meu marido gosta de mim.
(190) Suas idéias me aborrecem.
(191) O plano dele me insulta.
(192) Os policiais me seguem. (N. do T.)

Uma outra forma de Estruturas Superficiais desta classe, que ocorre com freqüência, é

(193) *I'm sad that you forgot our anniversary.*

ou,

(194) *I'm sad since you forgot our anniversary.*

ou,

(195) *I'm sad because you forgot our anniversary.**

Novamente, estas três Estruturas Superficiais podem ser parafraseadas pela Estrutura Superficial:

(196) *Your forgetting our anniversary makes me feel sad.***

Observe-se que esta última Estrutura Superficial é da forma geral (B). Assim, um teste de paráfrase está novamente à disposição para auxiliá-lo no treinamento de suas intuições. Especificamente, se a Estrutura Superficial do paciente pode ser parafraseada por uma frase de forma geral (B), ela é semanticamente mal-estruturada.

Apresentamos mais um conjunto de Estruturas Superficiais. Determine quais delas são semanticamente mal-estruturadas, pela utilização do teste de paráfrase de forma (B).

(197) *I'm down since you won't help me.*	=	Your not helping me makes me feel down.
(198) *I'm lonely because you're not here.*	=	Your not being here makes me feel lonely.
(199) *I'm happy that I'm going to Mexico.*	=	My going to Mexico makes me feel happy***.

* (193) Estou triste pelo fato de você ter esquecido nosso aniversário.
(194) Estou triste já que você esqueceu nosso aniversário.
(195) Estou triste porque você esqueceu nosso aniversário. (N. do T.)

** (196) O seu esquecimento do nosso aniversário faz-me sentir triste. (N. do T.)

*** (197) Estou deprimido posto que você não me ajudará.
(198) Estou só porque você não está aqui.
(199) Estou feliz por estar indo para o México.

(Observação: o teste de paráfrase funciona, mas a Estrutura Superficial não é mal-estruturada, dado que ambos os substantivos X e Y na forma geral (B) têm o mesmo índice referencial.)

(200) *She's hurt that you're not paying any attention to her.**	=	Your not paying any attention to her makes her feel hurt.

Mas,

Além das formas de Estruturas Superficiais que apresentamos, que envolviam modos pelos quais o paciente experimenta não ter escolhas, achamos útil auxiliar outros terapeutas a ouvir a palavra-chave *mas*. Esta conjunção, que se traduz logicamente, em muitos de seus usos, como *e não*, funciona para identificar aquilo que o paciente considera como as razões ou condições que tornam impossível algo que ele quer, ou tornam necessário algo que ele não quer. Por exemplo, o paciente diz:

(201) *Eu quero sair de casa, mas meu pai está doente.*

Quando ouvimos Estruturas Superficiais desta forma, entendemos estar o paciente identificando um relacionamento de causa-efeito em seu modelo do mundo. Assim, chamamos as Estruturas Superficiais desta forma geral de Causativas Implícitas.

(202) *X mas Y*

No exemplo específico acima, o paciente está relatando o que é uma conexão causal necessária em seu modelo, a saber, que o fato de o pai estar doente impede-o de sair de casa. A porção da Estrutura Superficial representada por X identifica algo que o paciente quer (isto é, *sair de casa*) e a porção representada por Y identifica a condição ou razão (isto é, *meu pai está doente*) porque o paciente está bloqueado para obter X. Identificamos uma outra forma comum que têm as Causativas Implícitas, tipicamente, nas Estruturas Superficiais. O paciente diz:

(203) *Não quero sair de casa, mas meu pai está doente.*

* (200) Ela está sentida porque você não lhe está dando nenhuma atenção. (N. do T.)

Nesta forma de Causativa Implícita o X representa algo que o paciente *não quer* (isto é, *sair de casa*), e Y representa a condição ou razão que o está forçando a experimentar algo que ele não quer (isto é, *meu pai está doente*). Em outras palavras, o fato de o pai estar doente o está forçando a sair de casa. Estas são as duas Causativas Implícitas que encontramos com maior freqüência. Ambas as formas partilham a característica de que o paciente não experimenta escolha. No primeiro caso, ele quer algo (o X na forma geral *X mas Y*) e alguma condição o está impedindo de obtê-lo (o Y). No segundo caso, o paciente não quer algo (o X), mas alguma outra coisa (o Y) o está forçando a experimentá-lo. O conjunto seguinte de Estruturas Superficiais é composto de exemplos de Causativas Implícitas, para auxiliá-lo no reconhecimento do relacionamento semântico.

(204) *Eu modificaria, mas muitas pessoas dependem de mim.*
(205) *Não quero me zangar, mas ele está sempre me culpando.*
(206) *Eu gostaria de chegar até o fundo disto, mas estou tomando demasiado tempo do grupo.*
(207) *Não gosto de ser duro, mas meu trabalho o exige.*

Os terapeutas têm ao menos as três escolhas que se seguem, para enfrentar as Causativas Implícitas.

(a) Aceitar a relação causa-efeito e indagar se é sempre assim. Por exemplo, o paciente diz:

(205) *Não quero me zangar, mas ela está sempre me culpando.*

O terapeuta pode responder:

(208) *Você sempre fica zangado quando ela o culpa?*

O paciente reconhecerá, freqüentemente, as vezes em que ela o culpou e ele não ficou zangado. Isto abre a possibilidade de determinar qual é a diferença entre essas vezes e quando o fato de ela o culpar "faz automaticamente" o paciente zangar-se.

(b) Aceitar a relação causa-efeito e pedir ao paciente para especificar de forma mais completa esta relação de Causativa Implícita. À Estrutura Superficial do paciente acima, o terapeuta pode responder:

(209) *Como, especificamente, o fato de ela o culpar o faz ficar zangado?*

O terapeuta continua a pedir por detalhes específicos, até que tenha uma imagem clara do processo de Causalidade Implícita como foi representado no modelo do paciente.

(c) Desafiar a relação causa-efeito. Uma forma direta de se fazer isto, que pensamos ser proveitosa, é realimentar uma Estrutura Superficial que inverta a relação. Por exemplo, o paciente diz:

(205) *Não quero me zangar, mas ela está sempre me culpando.*

O terapeuta pode responder:[31]

(210) *Então, se ela não o culpasse, você não ficaria zangado, é verdade?*

ou, o paciente diz:

(201) *Eu quero sair de casa, mas meu pai está doente.*

O terapeuta pode responder:

(211) *Então, se seu pai não estivesse doente, você sairia de casa, certo?*

---

[31] Leitores familiarizados com sistemas lógicos notarão uma semelhança entre partes da técnica de inversão para Causativas Implícitas e a regra formal de derivação chamada Contraposição. A transformação da Estrutura Superficial original em desafio pelo terapeuta pode ser representada pela seqüência seguinte:

Linha 1: *X mas Y*
Linha 2: *X e não X porque Y*
Linha 3: *não X porque Y*
Linha 4: *não Y e não não X*

Especificamente, se o conectivo de língua natural *porque* tivesse de ser interpretado como o conectivo lógico *implica*, então a transformação entre as linhas 3 e 4 é a Contraposição da transformação formal.

Esta técnica importa em pedir ao paciente que inverta a condição, em seu modelo, que o está impedindo de conseguir aquilo que quer, ou pedir que inverta ou remova as condições, em seu modelo, que o estão forçando a fazer algo que não quer e, então, perguntar se esta inversão lhe dá o que ele quer. Examinemos este processo cuidadosamente. Se alguém me diz:

Quero relaxar, mas minhas costas estão me matando.

entendo estar ele dizendo:

Quero relaxar, mas { *não posso relaxar* / *não estou relaxado* } *porque minhas costas estão me matando.*

Assim, Estruturas Superficiais da forma:

X mas Y

envolvem uma eliminação. A forma completa é:

X e não X porque Y

A utilizarmos o exemplo anterior temos a Estrutura Superficial inicial:

Eu quero sair de casa, mas meu pai está doente.

a qual, utilizando-se a equivalência que sugerimos, tem uma representação completa:

Eu quero sair de casa e { *não posso sair* / *não saio* } *de casa porque meu pai está doente.*

Uma vez que a versão mais completa da Estrutura Superficial original esteja à disposição, o terapeuta pode aplicar a técnica de inversão para Causativas Implícitas. A partir de uma Estrutura Superficial da forma

X e não X porque Y

ele forma uma nova Estrutura Superficial invertida com apenas a segunda parte da versão mais completa:

não X porque Y

Esta nova Estrutura Superficial consiste em uma construção *Se... então...* com esta última porção da representação completa invertida, onde negativas foram acrescentadas tanto para a porção X como para a Y. Passo a passo:

(1) Coloque a última porção da representação completa em uma construção *Se... então...* em ordem inversa —

Se (meu pai está doente), então { *não saio* / *não posso sair* } *de casa).*

{} *significa uma expressão* ou *a outra* nenhuma *das duas.*

(2) Introduza negativas nas duas partes, *Se* e *então* —

Se (meu pai não estivesse doente), então ({ *não posso* não *sair* / *não* não *saio* } *de casa).*

ou, transpondo as negativas duplas para inglês gramatical:

Se (meu fai não estivesse doente), então ({ *eu poderia sair* / *eu sairia* } *de casa).*

(3) Apresente a generalização invertida ao paciente para constatação ou negação.

Se seu pai não estivesse doente, você sairia de casa?

Esta técnica de inversão tem sido, em nossa experiência, muito eficaz no desafio da generalização envolvida de Causa-Efeito. O paciente, com freqüência, tem êxito em assumir a responsabilidade por sua decisão de continuar a fazer, ou não, aquilo que ele originalmente alegava estar sob o controle de alguém ou de alguma coisa. A título de revisão, a técnica de inversão, para as Causativas Implícitas da forma *X mas Y*, envolve os passos seguintes:

(1) Amplie a Estrutura Superficial original do paciente até sua versão mais completa (com a eliminação restaurada), utilizando-se a equivalência:

(X mas Y) ⟶ (X e não X porque Y)

(quero sair de casa) mas (meu pai está doente) → (quero sair de casa) e ({não posso / não devo} sair de casa) porque (meu pai está doente)

(2) Coloque a segunda porção da Estrutura Superficial restaurada - a porção após o *e* - em uma construção *Se... então...* na ordem invertida: (Ver nota da p. 125)

(3) Introduza negativas na nova Estrutura Superficial, nas porções *Se* e *então:* (Ver nota da p. 125)

(2)
(não X porque Y) ⟶ (Se Y, então não X)

({não posso / não devo} sair de casa) porque (meu pai está doente) → Se (meu pai está doente) então ({não posso / não devo} sair de casa)

(3)
(Se Y então não X) ⟶ (Se não Y então não não X)

(Se meu pai está doente) então ({não posso / não devo} sair de casa) → (Se meu pai não estivesse doente) então ({não posso / não devo} não sair de casa)

(4) Apresente a forma final da nova Estrutura Superficial como um desafio à generalização original do paciente.[32]

Bem, então, se seu pai não estivesse doente, você sairia de casa?

(d) Uma técnica adicional que consideramos proveitosa é fortalecer as generalizações do paciente a respeito da Causativa Implícita pela inserção do operador modal de necessidade na Estrutura Superficial do mesmo quando a realimentamos, pedindo-lhe para constatá-la ou desafiá-la. Por exemplo, o paciente diz:

(201) *Eu quero sair de casa, mas meu pai está doente.*

O terapeuta pode responder:

(212) *Você está dizendo que o fato de seu pai estar doente necessariamente o impede de sair de casa?*

O paciente obstará, com freqüência, esta Estrutura Superficial, já que ela alega ostensivamente que os dois eventos, X e Y, estão necessariamente ligados. Se o paciente protesta aqui, o caminho está aberto para ele e o terapeuta explorarem como isso não é necessariamente assim. Se o paciente aceita a versão fortalecida (com *necessariamente*), o caminho está aberto para explorar como essa conexão causal necessária funciona na realidade, indagando por mais detalhes específicos sobre essa conexão. Esta técnica funciona particularmente bem em conjunção com as opções (a) e (b) descritas acima.

Leitura de Mente

Esta classe de Estruturas Superficiais semanticamente mal-estruturadas envolve a crença, por parte do falante, de que uma pessoa pode saber o que outra está pensando e sentindo, sem uma comunicação direta por parte da segunda pessoa. Por exemplo, o paciente diz:

(213) *Todo o mundo no grupo acha que estou tomando muito tempo do grupo.*

Observe-se que o falante está alegando conhecer o conteúdo da mente de todas as pessoas no grupo. No conjunto seguinte de Estruturas Superficiais, identifique aquelas que contêm a alegação de que uma pessoa conhece os pensamentos ou sentimentos de uma outra.

(214) *Henry está zangado comigo.* sim
(215) *Marta tocou-me o ombro.* não

(216) *Estou certo de que ela gostou de seu presente.* sim
(217) *John me contou que estava irritado.* não
(218) *Eu sei o que o faz feliz.* sim
(219) *Eu sei o que é melhor para você.* sim
(220) *Você sabe o que estou tentando dizer.* sim
(221) *Você pode ver como me sinto.* sim

Um outro exemplo menos óbvio, desta mesma classe, é o de Estruturas Superficiais que pressupõem que alguma pessoa seja capaz de ler a mente de outra. Por exemplo,

(222) *Se ela me amasse, faria sempre aquilo que eu gostaria que ela fizesse.*
(223) *Estou decepcionado que você não tenha levado meus sentimentos em consideração.*

Estes dois casos de má-estruturação semântica — Causa e Efeito e Leitura de Mente — podem ser tratados essencialmente da mesma forma pelo terapeuta. Ambos envolvem Estruturas Superficiais que apresentam uma imagem de algum processo que é demasiadamente vago para permitir ao terapeuta formar um retrato claro do que é o modelo do paciente. No primeiro caso, descreve-se um processo que alega que alguém está executando alguma ação que faz com que uma outra pessoa experimente alguma emoção. No segundo caso, descreve-se um processo que alega que uma pessoa chega a saber o que uma outra está pensando e sentindo. Em nenhum dos casos é dado, especificamente, como estes processos são realizados. Assim, o terapeuta responde por meio da pergunta de como, especificamente, estes processos ocorrem. Segundo nossa experiência, Estruturas Superficiais que incluem Causa e Efeito e Leitura de Mente identificam porções do modelo do paciente em que ocorreram distorções empobrecedoras. Em Estruturas Superficiais de Causa e Efeito, os pacientes sentem que, literalmente, não têm escolha, que suas emoções são determinadas por forças exteriores a si mesmos. Em Estruturas Superficiais de Leitura de Mente, os pacientes têm pouca escolha na medida em que já decidiram o que outras pessoas envolvidas pensam e sentem. Portanto, eles respondem ao nível de suas suposições a respeito do que estas outras pessoas pensam e sentem, quando, na realidade, suas suposições a respeito dos pensamentos de outros podem não ser válidas. Inversamente, na Causa e Efeito, o paciente pode chegar a sentir-se culpado ou, pelo menos, responsável por "causar" alguma resposta emocional em outrem. Em Leitura de Mente, os pacientes podem, sistematicamente, deixar de expressar seus pensamentos e sentimentos, ao fazerem a suposição de que outros sejam capazes de saber o que eles estão pensando e sentindo. Não estamos sugerindo que seja impossível para um ser humano chegar a saber o que um outro esteja pensando e sentindo, mas o que queremos saber é por meio de que processo isto ocorre. Já que é altamente improvável que um ser humano possa ler diretamente a mente de outro, queremos detalhes de como se transferiu esta informação. Consideramos isto muito importante, já que, segundo nossa experiência, a pretensa capacidade do paciente para ler a mente de outrem e suas suposições de que uma outra pessoa possa ler sua mente é origem da enorme quantidade de dificuldades interpessoais, má comunicação e seus sofrimentos que a acompanham. Ainda menos provável, com base em nossa experiência, é a capacidade de uma pessoa para causar direta e necessariamente uma emoção em outro ser humano. Portanto, rotulamos todas as Estruturas Superficiais destas formas como semanticamente mal-estruturadas, até que o processo pelo qual elas alegam ser verdadeiras torne-se explícito e as Estruturas Superficiais que representam este processo sejam elas mesmas bem-estruturadas-em-terapia. O terapeuta indaga por uma explicitação do processo implicado pelas Estruturas Superficiais destas duas classes, essencialmente, por meio da pergunta *como?*. Da mesma forma que antes, na seção sobre verbos não completamente especificados, o terapeuta somente se satisfaz quando tem uma imagem claramente definida do processo em descrição. Este processo poderia ser levado a efeito da seguinte maneira:

INSTITUTO DE PSICOLOGIA
BIBLIOTECA - PÓS GRADUAÇÃO

P: *Henry me faz ficar irritada.*
T: *Como, especificamente, Henry a faz ficar irritada?*
P: *Ele nunca leva em consideração os meus sentimentos.*

O terapeuta tem no mínimo as escolhas seguintes:

(a) *Que sentimentos, especificamente?*
(b) *Como você sabe que ele nunca leva seus sentimentos em consideração?*

O terapeuta escolhe fazer a pergunta (b) e o paciente responde:

P: *Porque ele fica na rua até tarde todas as noites.*

O terapeuta tem agora, no mínimo, as seguintes escolhas:

(a) *O fato de Henry ficar na rua até tarde todas as noites a faz ficar zangada?*
(b) *O fato de Henry ficar na rua até tarde todas as noites significa que ele jamais leva em consideração seus sentimentos?*

As Estruturas Superficiais da paciente estão sujeitas às condições, estabelecidas pelo terapeuta, de boa-estruturação-em-terapia.

A Execução Perdida

Cada um de nós já observou que no encontro terapêutico os pacientes, caracteristicamente, fazem afirmações na forma de uma generalização a respeito do mundo em si, que incluem julgamentos que reconhecemos como sendo verdadeiros segundo seu modelo do mundo. Por exemplo, o paciente diz

(224) *É errado ferir os sentimentos de alguém.*

Compreendemos ser esta frase uma afirmação a respeito do modelo do mundo do paciente, especificamente, uma regra para ele próprio. Observe-se que a forma da Estrutura Superficial que o paciente utiliza sugere uma generalização que é verdadeira a respeito do mundo; a Estrutura Superficial não é relacionada ao paciente. Nela não há indicação de que o paciente esteja consciente de que a afirmação feita é verdadeira para seu modelo particular; não há indicação de que o paciente reconheça que pode haver outras possibilidades. Transformamos, então, esta frase na Estrutura Superficial

(225) *Digo-lhe que, do meu ponto de vista, é errado ferir os sentimentos de alguém.*

Dentro do modelo transformacional, os lingüistas apresentaram uma análise que mostra que toda Estrutura Superficial deriva-se de uma Estrutura Profunda que tem uma frase da forma (vide Ross, 1970)

(226) *Digo-lhe que O*

onde *O* é a Estrutura Superficial. Esta oração superordenadora é chamada performativa (ou de execução) e é, na maioria dos

casos, eliminada por uma transformação chamada Eliminação de Execução em sua derivação até as Estruturas Superficiais. Observe-se que, segundo esta análise, a Estrutura Profunda identifica explicitamente o falante como a origem da generalização, em outras palavras, a frase que aparece em Estruturas Superficiais como uma generalização a respeito do mundo é representada na Estrutura Profunda como uma generalização proveniente do modelo de mundo do falante. O que importa aqui não é que o paciente apresente cada Estrutura Superficial precedida pela performativa, mas antes treinar a nós mesmos, como terapeutas, para reconhecer que as generalizações que o paciente apresenta a respeito do mundo são generalizações a respeito de seu modelo do mundo. Uma vez reconhecidas, o terapeuta pode desafiá-las de modo tal que o paciente chegue a ver estas generalizações como verdade segundo o que acreditava em um momento específico no tempo. Já que estas são generalizações a respeito do que acreditava, e não generalizações a respeito do mundo em si, o terapeuta pode trabalhar no sentido de auxiliar o paciente no desenvolvimento de outras opções possíveis dentro do modelo deste último. Isto é de particular importância nos casos em que a generalização reduz as escolhas experimentadas pelo paciente. Isto está associado, de maneira típica, a áreas do modelo do paciente em que ele experimenta sofrimento e tem opções limitadas que não considera satisfatórias. Há inúmeras palavras-chaves que se revelam úteis na identificação de Estruturas Superficiais desta classe. Estas incluem:

bom, mau, louco, doente, certo, errado, somente (como em: *Há somente uma forma...*) *verdadeiro, falso,...*

Estas são apenas algumas das palavras-chaves que você pode considerar úteis na identificação de Estruturas Superficiais desta classe. A característica de identificação desta classe é que as Estruturas Superficiais têm a forma de fazer generalizações a respeito do mundo; elas não são relacionadas ao falante. Lingüisticamente, todo traço da performativa foi eliminado.

BEM-ESTRUTURADO EM TERAPIA

Apresentamos um conjunto ampliado de exemplos explícitos que os terapeutas podem utilizar para treinar suas intuições na identificação do fenômeno que chamamos "bem-estruturado em terapia". Isto constitui o metamodelo explícito para terapia. Na medida em que reconhecemos que nosso metamodelo cobre ape-

nas uma parte da comunicação oral que é possível em terapia, apresentamos no próximo capítulo exemplos de terapia em que restringimos o terapeuta totalmente a nosso metamodelo. Isto é artificial no que o metamodelo é um instrumento projetado para ser utilizado em conjunção com as diferentes abordagens possíveis à terapia. Queremos que você imagine a eficácia potencialmente aumentada da terapia conduzida com o nosso metamodelo incorporado à sua abordagem específica da mesma. Queremos lembrar-lhe que, enquanto nosso metamodelo é projetado especificamente para comunicação verbal, ele é um caso especial da modelagem geral que nós, como humanos, fazemos. Iremos generalizar nosso metamodelo a outras formas de sistemas representativos humanos no capítulo seis.

EXERCÍCIO C

Cada uma das seções específicas apresentou passos detalhados para você seguir, a fim de aprimorar suas intuições com relação ao que seja bem-estruturado em termos de terapia. Tudo o que se exige é que você leia cuidadosamente e aplique os procedimentos passo a passo delineados, e que tenha acesso a algum conjunto de Estruturas Superficiais. Os procedimentos passo a passo são apresentados aqui; o conjunto de Estruturas Superficiais ao qual se podem aplicar estas técnicas está à disposição onde quer que pessoas estejam falando. Uma maneira específica de obter Estruturas Superficiais para utilizar na aplicação destas técnicas é usar sua própria voz interna (diálogo interior) como fonte. Sugerimos que, inicialmente, você utilize um gravador e grave sua voz interna exteriorizando-a de forma audível. Utilize então a fita como fonte para aplicação das condições de boa-estruturação-em-terapia. Após se obter alguma prática, pode-se simplesmente tornar-se consciente do diálogo interior e aplicar as condições diretamente a estas frases dispensando o gravador. Esta técnica fornecer-lhe-á uma fonte ilimitada de frases que você pode utilizar para treinar-se a si mesmo.

Não podemos superenfatizar a necessidade de praticar e familiarizar a si mesmo com todo o material do capítulo quatro. O procedimento passo a passo torna este material passível de ser aprendido; se você especificamente vai aprender, ou não, este material dependerá de sua vontade de praticar. Enquanto o procedimento passo a passo pode, de início, parecer algo artificial, após alguma prática tornar-se-á desnecessário o proceder desta maneira. Isto é, após treinar-se no uso destes métodos explícitos, você será capaz de operar de um modo governado-por-regras, ao aplicar as condições de boa-estruturação-em-terapia, sem qualquer necessidade de estar consciente dos procedimentos passo a passo.

Capítulo 5

MERGULHANDO NO VÓRTEX

Neste capítulo apresentaremos uma série de (exemplos) transcritos com um comentário paralelo. Nossa idéia aqui é fornecer-lhe a oportunidade de ver o metamodelo em operação. A fim de apresentar-lhe a mais clara imagem de como este opera, restringimos o terapeuta, nestas sessões, apenas à utilização das técnicas do metamodelo. Esta restrição foi imposta ao terapeuta para fornecer material para este livro que fosse uma clara representação do metamodelo e não deve ser tomada como uma afirmação nossa de que a comunicação digital é tudo que o terapeuta precisa saber. Tampouco é uma representação do trabalho que fazemos, ou que recomendaríamos que o terapeuta fizesse. É esta, antes, uma oportunidade para se ver o metamodelo em ação e como cada resposta da parte dos pacientes, sob a forma de uma Estrutura Superficial, oferece uma oportunidade para o terapeuta proceder de diversas maneiras. Isto significa, como veremos, que a qualquer ponto na terapia você terá à disposição inúmeras técnicas relevantes. Gostaríamos que você imaginasse as técnicas do metamodelo utilizadas nas transcrições seguintes integradas à forma de terapia que você já utiliza e imaginasse como o metamodelo, em conjunção, poderia fornecer-lhe, como terapeuta, um conjunto rico de escolhas.

No comentário paralelo que fornecemos para a transcrição, não é nosso propósito apresentar a maneira como consideramos o terapeuta quando este vê, ouve, sente e pensa sobre o que está acontecendo no encontro terapêutico. Fornecemos o comentário para primeiro mostrar como o que o terapeuta está fazendo pode ser explicitamente descrito em termos do metamodelo. Não estamos alegando que os processos intermediários, que são estabelecidos em nosso comentário como ocorrendo no modelo, ocorram nos

Capítulo 5

MERGULHANDO NO VÓRTEX

Neste capítulo apresentaremos uma série de (exemplos) transcritos com um comentário paralelo. Nossa idéia aqui é fornecer-lhe a oportunidade de ver o metamodelo em operação. A fim de apresentar-lhe a mais clara imagem de como este opera, restringimos o terapeuta, nestas sessões, apenas à utilização das técnicas do metamodelo. Esta restrição foi imposta ao terapeuta para fornecer material para este livro que fosse uma clara representação do metamodelo e não deve ser tomada como uma afirmação nossa de que a comunicação digital é tudo que o terapeuta precisa saber. Tampouco é uma representação do trabalho que fazemos, ou que recomendaríamos que o terapeuta fizesse. É esta, antes, uma oportunidade para se ver o metamodelo em ação e como cada resposta da parte dos pacientes, sob a forma de uma Estrutura Superficial, oferece uma oportunidade para o terapeuta proceder de diversas maneiras. Isto significa, como veremos, que a qualquer ponto na terapia você terá à disposição inúmeras técnicas relevantes. Gostaríamos que você imaginasse as técnicas do metamodelo utilizadas nas transcrições seguintes integradas à forma de terapia que você já utiliza e imaginasse como o metamodelo, em conjunção, poderia fornecer-lhe, como terapeuta, um conjunto rico de escolhas.

No comentário paralelo que fornecemos para a transcrição, não é nosso propósito apresentar a maneira como consideramos o terapeuta quando este vê, ouve, sente e pensa sobre o que está acontecendo no encontro terapêutico. Fornecemos o comentário para primeiro mostrar como o que o terapeuta está fazendo pode ser explicitamente descrito em termos do metamodelo. Não estamos alegando que os processos intermediários, que são estabelecidos em nosso comentário como ocorrendo no modelo, ocorram nos

seres humanos a cujo comportamento se aplica o modelo.[33] Por exemplo, quando nosso comentário assinala que o terapeuta pode identificar uma eliminação na Estrutura Superficial do paciente, não estamos sugerindo que isto seja, de fato, o que o terapeuta esteja fazendo. Essa identificação da eliminação pode ser feita determinando-se, em primeiro lugar, se o paciente é capaz de criar uma outra Estrutura Superficial bem-estruturada, do ponto de vista da língua inglesa, onde a palavra-processo ou verbo proveniente da Estrutura Superficial original do paciente apareça com mais argumentos do que aqueles associados a ela na Estrutura Superficial original e, em seguida, indagando-se pela porção ausente da representação da Estrutura Profunda. E mais, não estamos recomendando que se sigam esses passos. Segundo, além de oferecer o comentário como um meio de mostrar-lhe como o comportamento verbal, em terapia, pode ser compreendido em termos do metamodelo. O comentário paralelo permitir-lhe-á treinar e aprimorar ainda mais suas intuições, de forma que o que está descrito no comentário em um processo passo a passo tornar-se-á imediato para você. Nossa experiência no treinamento de terapeutas no metamodelo é a de que, tipicamente, experimentam uma fase em que se tornam conscientes de que estão seguindo um processo passo a passo. À proporção que aperfeiçoam esta técnica, ela se torna automática e desaparece da consciência. O comportamento dos terapeutas, no entanto, é ainda sistemático.

TRANSCRIÇÃO 1

Ralph tem 34 anos de idade e trabalha como gerente de uma divisão de uma grande firma eletrônica.

---

[33] Esta é a mesma consideração que fizemos antes. Os modelos, incluindo os metamodelos que aqui apresentamos, não são alegações sobre os eventos que realmente ocorrem no íntimo do indivíduo, das pessoas e dos processos a que se aplica o modelo, mas são antes de tudo representações explícitas do comportamento daquilo que permite ver-se a natureza governada-por-regras do indivíduo, das pessoas, e dos processos em modelagem. Tais modelos representam as porções sistemáticas do processo. Por exemplo, no metamodelo, não há representação para a distância entre o paciente e a Torre de Londres a momentos diferentes durante a sessão — duvidamos que o comportamento do paciente seja sistemático deste modo. Alguns modelos podem ter como parte de seu propósito a representação dos eventos internos inferidos no indivíduo, pessoas e processos em modelagem — denominam-se modelos simulados.

Perguntou-se ao paciente o que esperava obter da entrevista. Sua resposta:

(1) Ralph: *Bem... não estou realmente certo...*

O paciente está experimentando dificuldade em dizer exatamente o que deseja. Lembre-se de que uma das primeiras tarefas do terapeuta é compreender o modelo do paciente (em especial aquelas porções que estão empobrecidas). O terapeuta aqui observa uma eliminação na primeira Estrutura Superficial que o paciente apresenta. Especificamente, identifica a palavra-processo ou relação *certo*, e que o paciente forneceu apenas um argumento ou substantivo *(1)* para o predicado *certo*. O terapeuta pode determinar se esta Estrutura Superficial é uma representação completa da Estrutura Profunda do paciente, ao indagar a si mesmo se pode criar uma outra Estrutura Superficial bem-estruturada do inglês com o predicado *certo* e que tenha mais de um argumento ou substantivo. Por exemplo, a Estrutura Superficial

( ) *Estou certo da resposta.*

Nesta Estrutura Superficial, há dois argumentos ou substantivos associados a *certo:* alguém que está certo de alguma coisa (neste caso, *eu*) e alguma coisa de que a pessoa está certa (neste caso, *a resposta*). Assim, o terapeuta, como falante nativo de inglês, sabe por suas intuições que a Estrutura Profunda do paciente continha uma porção que não apareceu em sua Estrutura Superficial — foi eliminada. O terapeuta escolhe tentar recuperar o material eliminado indagando pelo mesmo.

(2) Terapeuta: *Você não está certo de quê?*

O terapeuta indaga pela porção ausente da Estrutura Profunda.

(3) R: *Não estou certo de que isso vá ajudar.*

O paciente produziu uma nova Estrutura Superficial que contém a informação que fora eliminada de sua primeira Estrutura Superficial. O terapeuta ouve o paciente e examina sua nova frase, observando (a) um argumento ou substantivo (*isto*) associado ao verbo *vá ajudar* que não tem índice referencial; (b) que a representação da Estrutura Superficial está incompleta — este predicado *ajudar* ocorre em Estruturas Superficiais bem-estruturadas do inglês com mais de um argumento ou substantivo (p. ex.,

( ) *Você está sendo de ajuda para mim.*).

Dado que *ajudar* pode ocorrer com mais de um argumento nominal, como acontece na Estrutura Superficial do paciente, o terapeuta sabe que uma porção da Estrutura Profunda foi eliminada; (c) que o verbo *ajudar* não está completamente especificado; a Estrutura Superficial não apresenta ao terapeuta nenhuma imagem clara do tipo de ajuda que o paciente quer.

Ao reconhecer as formas específicas pelas quais a Estrutura Superficial do paciente deixa de ser bem-estruturada-em-terapia, o terapeuta pôs a sua própria disposição diversas opções, tais como: (1) pode indagar pelo índice referencial — *Especificamente sobre o que não está você certo quanto a esta ajuda?*, (2) pode indagar pelo material eliminado — *ajudar a quem/o quê?*, (3) pode per-

	guntar ao paciente que tipo específico de ajuda ele esperava — *Ajudar de que forma?*
(4) T: *Você não está certo do que, especificamente, vá ajudar a quem?*	O terapeuta escolheu (1) e (2).
(5) R: *Bem, não estou bem certo de que esta experiência vá ajudar. Veja, quando primeiro fui ao Dr. G., ele me perguntou se eu estaria disposto a participar desta experiência,... e bem, sinto que há algo em que realmente preciso de ajuda, mas isto é apenas uma experiência,...*	O paciente está expressando preocupação de que as condições experimentais — restringir o terapeuta às técnicas do metamodelo — não lhe permitirão obter a ajuda que ele quer. O terapeuta está tentando compreender o modelo do paciente e observa o seguinte: (a) a primeira Estrutura Superficial do paciente contém a nominalização *experiência* derivada do verbo *experimentar;* tem dois argumentos nominais associados a ela que foram eliminados — a pessoa que faz a experiência e a pessoa ou coisa que sofre a experiência; (b) na primeira Estrutura Superficial, um dos argumentos do verbo *ajudar* foi eliminado (especificamente, *ajudar a quem*); (c) também, na primeira Estrutura Superficial, o verbo *ajudar* não está completamente especificado — não apresenta imagem clara; (d) na última parte da segunda Estrutura Superficial, ocorre o substantivo *algo* — este substantivo não tem índice referencial; (e) o substantivo *ajuda* da Estrutura Superficial, uma nominalização do verbo *ajudar,* não está completamente especificado e tem duas eliminações: não apresenta imagem clara da pessoa ou coisa que ajuda e a pessoa ou coisa que é ajudada; (f) novamente, a nominalização *experiência* ocorre com ambas as elimi-

nações citadas acima em (a); (g) a última Estrutura Superficial do paciente, neste trecho, é da forma geral *X mas Y* — a Causativa Implícita. Especificamente, a implicação é que o paciente quer algo (X = *há algo em que realmente quero ajuda*) e há alguma coisa que o está impossibilitando de obtê-la (Y = *isto é apenas uma experiência*).

(6) T: *De que maneira isto, sendo apenas uma experiência, o impossibilita de obter a ajuda de que necessita?*

O terapeuta decide desafiar a Causativa Implícita (g).

(7) R: *Experiências servem para pesquisas, mas há algo em que realmente necessito de ajuda.*

O paciente responde com uma reafirmação da Causativa Implícita, *X mas Y*. Observe-se que ela ainda contém (a) a antiga nominalização *experiência* com duas eliminações; (b) a nova nominalização *pesquisa* com duas eliminações — a pessoa que faz a pesquisa e a pessoa ou coisa sendo pesquisada; (c) o substantivo *algo* que está sem um índice referencial; e (d) a antiga nominalização *ajuda* com suas duas eliminações.

(8) T: *Em que, especificamente, você realmente necessita de ajuda?*

O terapeuta deixa a Causativa Implícita sem desafio e escolhe buscar o índice referencial (c).

(9) R: *Não sei como causar uma boa impressão às pessoas.*

O paciente apresenta uma Estrutura Superficial que ele vê como fornecedora do índice referencial para substantivo *algo* em sua última Estrutura Superficial. Esta nova Estrutura Superficial viola as condições de boa-estruturação-em-terapia de (a) a nomi-

nalização *impressão* com uma eliminação — a pessoa ou coisa causando a impressão; (b) o abjetivo *boa*, na locução *boa impressão*, deriva-se de um predicado de Estrutura Profunda *X é bom para Y*, o X nesta forma é a impressão, o Y foi eliminado — isto é, para quem a impressão é boa; (c) o substantivo *pessoa* não tem índice referencial; (d) a Estrutura Superficial do paciente é semanticamente mal-estruturada, na medida em que ele parece estar fazendo leitura de mente. Ele afirma que não sabe como causar uma boa impressão às pessoas, mas deixa de estabelecer como sabe que isso é verdade. O modo pelo qual ele sabe que não causa uma boa impressão não é explicado.

(10) T: *Deixe-me ver se o entendo — você está dizendo que isto, sendo apenas uma experiência, irá necessariamente impedi-lo de descobrir como causar uma boa impressão às pessoas. Isto é verdade?*

O terapeuta escolhe ignorar a má estruturação da nova Estrutura Superficial do paciente. Escolhe religar a resposta à pergunta sobre o índice referencial à Causativa Implícita que o paciente apresentara antes. Esta religação é feita pela substituição da resposta que recebeu a primeira pergunta feita. Está checando o paciente para certificar-se de que compreende o modelo do mesmo e também, ao fortalecer-lhe a generalização pela inserção de um operador modal de necessidade, pede-lhe para constatar ou desafiar a generalização.

(11) R: *Bem,... não estou realmente certo...*

O desafio do terapeuta à generalização do paciente é bem sucedido — o paciente começa a vacilar.

(12) R: (*interrompendo*) *Bem, você está querendo descobrir?*

O terapeuta reconhece que seu desafio foi bem sucedido (e ouve a Estrutura Superficial do paciente — Bem, não estou realmente certo...)

	e age rapidamente, pedindo-lhe para religar sua generalização a sua experiência real, ao tentar obter a ajuda que ele necessita sob estas condições.
(13) R: *Sim,* O.K.	O paciente concorda em tentar.
(14) T: *A quem, especificamente, você não sabe causar uma boa impressão?*	O terapeuta agora retorna à má-estruturação da Estrutura Superficial anterior do paciente (9) e escolhe buscar o índice referencial ausente em *pessoas,* na locução *uma boa impressão às pessoas.*
(15) R: *Bem, ninguém.*	O paciente deixa de suprir o índice referencial requisitado pelo terapeuta. A palavra *ninguém* é da classe especial de substantivos e locuções que falham em fornecer referências, na medida em que contêm o quantificador universal (logicamente: ninguém = não todas as pessoas). O paciente está agora alegando que em seu modelo não há ninguém a quem possa causar uma boa impressão. Assim, o terapeuta pode escolher (a) desafiar a generalização, ou (b) indagar, novamente, pelo índice referencial.
(16) T: *Ninguém? Você pode pensar em alguém, a quem você já tenha causado uma boa impressão.*	O terapeuta menciona novamente a palavra com a falta de índice referencial e, então, pede-lhe para desafiar a generalização, ao indagar por uma exceção.
(17) R: *Ah, mmmmm,... sim, bem, algumas pessoas, mas...*	Novamente o desafio funciona — o paciente reconhece algumas exceções. Sua resposta parcial, mais uma vez, (a) contém uma locução nominal que deixa de comportar um índice referencial e, (b) inclui o início de uma locução *mas* desqualificante.

(18) T: *Então, a quem, especificamente, você não sabe como causar uma boa impressão?*	O terapeuta novamente foi bem sucedido, ao pedir ao paciente para desafiar sua própria generalização; porém, ainda não recebeu um índice referencial para a locução nominal — mais uma vez o pede.
(19) R: ... *Acho que o que estou tentando dizer é que as mulheres não gostam de mim.*	O paciente responde por meio de alterar sua afirmação, de *Não sei como causar uma boa impressão às pessoas* para *as mulheres não gostam de mim.* Estas duas Estruturas Superficiais partilham duas violações de boa-estruturação: (a) cada uma delas contém um substantivo sem índice referencial (*pessoas* e *mulheres*) e, (b) ambas alegam que o paciente é capaz de conhecer o estado emocional de outro ser humano, sem apresentar a descrição de como ele teve conhecimento destas coisas. A Estrutura Superficial do paciente contém, também, uma eliminação associada ao verbo *dizer* — a pessoa a quem ele está dizendo o que está dizendo.
(20) T: *Que mulher, especificamente?*	O terapeuta mais uma vez escolhe requisitar o índice referencial.
(21) R: *A maioria das mulheres que encontro?*	O paciente responde com uma locução nominal que também deixa de apresentar índice referencial — observe-se o termo *maioria*, que identificamos como um termo do conjunto especial de palavras e locuções que contêm quantificadores, aos quais, portanto, falham em referência. A locução não fornece imagem clara.
(22) T: *Que mulher, especificamente?*	O terapeuta, novamente, requisita o índice referencial.
(23) R: *Bem, na realidade a*	O paciente de início deixou de fornecer o índice referencial requisitado

maioria das mulheres... mas, como você disse isso, imediatamente comecei a pensar em uma determinada mulher — Janet.	(isto é, *na realidade a maioria das mulheres*) e, a seguir, fornece-o — o paciente identifica a mulher em questão e lhe dá um nome. Observe-se que o fato de o paciente dar nome a uma pessoa, quando o terapeuta pede um índice referencial, esclarece e define enormemente o modelo do paciente para ele mesmo, mas fornece muito menos ao terapeuta. Além disso, observe-se que há uma eliminação de um argumento nominal associado ao predicado *pensar* (isto é, X pensa em Y a respeito de Z) — especificamente, o que o paciente pensou a respeito de Janet.
(24) T: *Quem é Janet?*	O terapeuta tem o índice referencial, mas requisita informação a respeito do que esta pessoa é em relação ao paciente. Poderia, por exemplo, fazer diferença, para o terapeuta, se Janet fosse mãe, mulher, filha, esposa, amante, irmã,... do paciente. O terapeuta ignora a eliminação na última Estrutura Superficial do paciente.
(25) R: *Ela é a mulher que acabei de conhecer no trabalho.*	O paciente supre alguma informação adicional.
(26) T: *Agora, como você sabe que não causou uma boa impressão a Janet?*	O terapeuta está tentando desenvolver, para si mesmo, um retrato completamente definido do modelo do mundo do paciente. Ele teve êxito na obtenção de um índice referencial para um argumento nominal que originariamente não tinha conexão com a experiência do paciente. O terapeuta agora integra este material — o argumento nominal com índice referencial: Janet, a mulher que o paciente acabara de conhecer no trabalho —

com a generalização original do paciente. Assim, esta generalização original *Não sei como causar uma boa impressão às pessoas* passa a ser *Não sei como causar uma boa impressão a Janet.* Observe-se que esta nova Estrutura Superficial está ligada a uma experiência específica que o paciente tivera — generalizações bloqueiam modificações; religando a generalização do paciente a (pelo menos) uma das experiências em que a generalização estava baseada. O terapeuta, tendo integrado este material, começa a questionar o processo de como o paciente sabe que não causou uma boa impressão a Janet — isto é uma escolha que o terapeuta teve anteriormente — faz agora esta escolha e pede-lhe para descrever como sabe que não causou uma boa impressão a Janet — desafiando o que parece ser leitura de mente por parte do paciente.

(27) R: *Bem, eu sei, e pronto...*

O paciente falha em especificar a palavra-processo, o verbo, mais completamente.

(28) T: *Como, especificamente, você sabe?*

O terapeuta novamente pergunta ao paciente como ele sabe, especificamente, que não causou uma boa impressão a Janet.

(29) R: *Ela simplesmente não gosta de mim.*

Novamente, o paciente apresenta uma Estrutura Superficial em que alega conhecimento da experiência interior de outra pessoa, sem especificar como obteve esse conhecimento — aparentemente, leitura de mente.

(30) T: *Como, especificamente, você sabe*

O terapeuta continua a desafiar os relatos de leitura de mente por parte do paciente.

que Janet não gosta de você?	
(31) R: *Ela não estava interessada em mim.*	Mais uma vez, ele alega conhecimento do estado interior de outra pessoa.
(32) T: *Interessada de que maneira?*	Novamente, o terapeuta desafia a leitura de mente. Observe-se que há duas formas gerais que o terapeuta tem à disposição para empregar no desafio de Estruturas Superficiais semanticamente mal-estruturadas que envolvem leitura de mente. Ou a forma (a) *como você sabe X? onde* X é a Estrutura Superficial do paciente (p. ex., *ela não estava interessada em você*); ou, como o terapeuta utiliza neste caso, a forma (b) Verbo de que forma/maneira?, onde Verbo é o verbo proveniente da Estrutura Superficial original do paciente (p. ex., *interessada*). Ambas as perguntas exigem que o paciente especifique como ocorreu o processo — essencialmente, uma exigência para especificar, de forma mais completa, a palavra-processo ou verbo.
(33) R: *Ela não prestou atenção a mim.*	Pela quarta vez consecutiva, o paciente fornece uma Estrutura Superficial que envolve leitura de mente.
(34) T: *De que forma ela não prestou atenção a você?*	O terapeuta mais uma vez desafia a leitura de mente.
(35) R: *Ela não olhou para mim.*	O paciente, por fim, fornece uma Estrutura Superficial em resposta a uma solicitação para especificar um processo que parece ser leitura de mente, que identifica uma situação que é constatável — não envolve uma alegação de leitura de mente.

(36) T: *Vamos ver se entendi isto. Você sabe que Janet não estava interessada em você porque ela não olhou para você?*	O terapeuta substitui o novo material, que não é de leitura de mente, por uma Estrutura Superficial que o identifica como a base para as alegações de leitura de mente, que o paciente vinha fazendo. Aqui, o terapeuta está verificando se compreendeu o modelo que o paciente tem de sua experiência. Ele pede a constatação por parte do paciente.
(37) R: *É isso!*	O paciente constata a afirmação do terapeuta sobre seu modelo.
(38) T: *Há alguma maneira pela qual você possa imaginar Janet não olhando para você e, ainda assim, interessada em você?*	O terapeuta ofereceu uma generalização e o paciente constatou-a. Agora, observe-se a forma da Estrutura Superficial (36): X porque Y. O terapeuta, após fazer o paciente constatá-la, pode agora desafiar esta generalização, pedindo-lhe novamente para religar sua generalização a sua experiência. O terapeuta pergunta se sempre ocorre a ligação entre X e Y conectados pela palavra relação *porque*, na forma geral *X porque Y*.
(39) R: *Bem,... não sei...*	O paciente vacila.
(40) T: *Você sempre olha para todo o mundo em que você está interessado?*	O terapeuta desafia a generalização, utilizando de novo a mesma técnica — desta vez permutando os índices referenciais de modo que a generalização: Janet olha para você ↓ Você olha para todo o mundo Janet interessada em você ↓ Você interessado em todo o mundo
(41) R: *Eu acho... nem sempre. Mas só porque Janet*	O desafio do terapeuta à Estrutura Superficial do paciente é bem sucedido — o paciente admite que sua ge-

está interessada em mim, não quer dizer que ela goste de mim.	neralização é defeituosa. A Estrutura Superficial seguinte por parte do paciente convida à inferência de que ele pensa que Janet não gosta dele. Observe-se que mais uma vez o paciente está alegando conhecimento do estado interior de outra pessoa.
(42) T: *Como, especificamente, você sabe que ela não gosta de você?*	O terapeuta mais uma vez desafia a leitura de mente do paciente, ao pedir-lhe para especificar o processo de forma mais completa.
(43) R: *Ela não me ouve.*	O paciente apresenta uma nova Estrutura Superficial, mais uma vez semanticamente mal-estruturada (leitura de mente). Observe-se que há uma diferença — posso determinar se outra pessoa está olhando para mim (observe-se, não me vendo, mas apenas olhando para mim) simplesmente por observá-la, mas não posso determinar se outra pessoa está me ouvindo pela simples observação (nem posso determinar se ela me escuta apenas por observação).
(44) T: *Como, especificamente, você sabe que ela não o ouve?*	O terapeuta desafia a Estrutura Superficial de leitura de mente do paciente, ao medir uma especificação mais completa do processo.
(45) R: *Bem, ela nunca olha para mim (começando a ficar irritado). Você sabe como são as mulheres! Elas nunca deixam você perceber se elas o notam.*	O paciente recua para a Estrutura Superficial bem-estruturada anterior com, observe-se, o acréscimo de um quantificador universal *nunca*. O acréscimo deste quantificador resulta em uma generalização que o terapeuta pode decidir desafiar. Mais adiante, a Estrutura Superficial seguinte do paciente apresenta muitas opções para o terapeuta: (a) a declaração do paciente *Você sabe* envolve leitu-

ra de mente; (b) o substantivo *mulheres* não tem índice referencial; (c) a Estrutura Superficial não especifica *como são as mulheres* — apenas declara que o terapeuta sabe. A palavra-processo ou verbo *são* é completamente não-especificada. A Estrutura Superficial seguinte do paciente falha em (pelo menos) duas condições de boa-estruturação-em-terapia: (a) o substantivo *elas* ocorre duas vezes na Estrutura Superficial — não tem índice referencial[34] e (b) o quantificador universal *nunca* identifica uma generalização que pode ser desafiada.

(46) T: *Mulheres como quem, especificamente?*	O terapeuta decide buscar um índice referencial.
(47) R: (*irritado*) *Como minha mãe... ah, pô! Ela nunca se interessou por mim.*	O paciente identifica o índice referencial ausente. A Estrutura Superficial do paciente tem a mesma forma das Estruturas Superficiais anteriores (31, 36, 38, 41) — desta vez, entretanto, o pronome *ela* refere-se à mãe, não a Janet. A Estrutura Superficial é semanticamente mal-estruturada, como antes, na medida em que o processo pelo qual o paciente vem a saber que sua mãe não se interessava por ele não é especificado.
(48) T: *Como você sabe que sua mãe nunca se interessou por você?*	O terapeuta desafia a Estrutura Superficial, indagando por uma descrição mais completamente especificada do processo.

[34] A palavra *elas*, não apresentando índices referenciais, nesta frase, pode, na realidade, referir-se ao argumento nominal *mulheres*, da Estrutura Superficial anterior. O próprio argumento nominal *mulheres*, entretanto, também carece de índice referencial.

(49) R: *Toda vez que tentei mostrar-lhe que me importava com ela, ela nunca o notou (começa a soluçar) ... por que ela não notava?*

A Estrutura Superficial do paciente, inclui (a) dois quantificadores universais (*toda vez* e *nunca*), identificando assim uma generalização que o terapeuta pode decidir desafiar e, (b) três palavras-processo ou verbos que não estão completamente especificados (*mostrar, importar-se com, notar*) na medida em que não apresentam uma imagem clara para o terapeuta, e (c) uma alegação de conhecimento da percepção de outra pessoa, sem especificar o processo (*notar* em *ela nunca notou...*).

(50) T: *Como, especificamente, você tentava mostrar a ela que se importava com ela?*

O terapeuta agora começa a esclarecer a imagem para si mesmo, ao indagar por uma descrição mais completamente especificada do processo. Escolhe primeiro indagar a respeito das ações do paciente.

(51) R: *(soluçando discretamente) Como toda vez que eu costumava chegar em casa vindo da escola e fazia coisas para ela.*

Esta Estrutura Superficial contém (a) um quantificador universal *toda vez* sujeito a desafio por parte do terapeuta e, (b) um argumento nominal *coisas* que não tem índice referencial.

(52) T: *Que coisas, especificamente, você fazia para ela?*

O terapeuta continua a explorar o modelo do paciente, especificamente, tentando obter uma imagem clara da percepção por parte do mesmo de suas próprias ações. Seleciona a opção (b).

(53) R: *Bem, eu costumava sempre arrumar a sala e lavar os pratos... e ela nunca notava... nunca disse nada.*

A Estrutura Superficial oferece ao terapeuta as quatro opções seguintes: (a) três quantificadores universais (*sempre, nunca, nunca*), identificando, no modelo do paciente, três generalizações desafiáveis; (b) a ocorrência do verbo *notar* não completamen-

te especificado; (c) uma alegação, por parte do mesmo, de conhecimento das percepções de outra pessoa (*notar*); (d) uma eliminação associada ao verbo *dizer* (isto é, quem?). Além disso, observe-se o modo com que o paciente afirma *ela nunca notava*, então faz uma pausa e diz, *ela nunca disse nada*. Segundo nossa experiência, duas Estruturas Superficiais sucessivas com a mesma forma sintática (isto é, substantivo — quantificador — verbo...) separadas unicamente por uma pausa, identificam duas frases que, para o falante, são equivalentes, ou quase equivalentes, em significado, no modelo do paciente. Como neste caso, tais equivalências são muito úteis para se chegar a compreender as ligações entre a experiência do paciente e o modo pelo qual essa experiência é representada. Por exemplo, observe-se que a primeira destas duas afirmações é uma alegação de que o paciente tem conhecimento da percepção de outra pessoa, enquanto a segunda é semanticamente bem-estruturada, não envolvendo leitura de mente. Se, de fato, as duas afirmações são equivalências, a segunda identifica a experiência que é representada pela primeira (uma Estrutura Superficial semanticamente mal-estruturada), ou, em outras palavras, no modelo do paciente, o fato de a mãe nada dizer é equivalente ao fato de ela nada notar.

(54) T: *Ralph, o fato de sua mãe nada dizer a você, a respeito do que você costumava fazer,*

O terapeuta decide ignorar, por enquanto, as violações de boa-estruturação-em-terapia na Estrutura Superficial do paciente, e verifica se as duas últimas Estruturas Superficiais são, de fato, equivalências. Tais generali-

	significa que ela nunca notou o que você tinha feito?	zações são extremamente importantes para se chegar a compreender a experiência do paciente.
(55) R:	*Claro, já que ela nunca notava o que eu fazia por ela, ela não estava interessada em mim.*	O paciente constata a equivalência e supre uma terceira Estrutura Superficial que, desde que seja substituída por uma das duas outras (especificamente, *ela nunca disse nada*) é também equivalente. Esta terceira Estrutura Superficial é: *ela não estava interessada em mim.* A Estrutura Superficial também inclui um quantificador universal *nunca.*
(56) T:	*Vamos esclarecer isto: você está dizendo que o fato de sua mãe não notar o que você fazia por ela significa que ela não estava interessada em você?*	O terapeuta decide verificar a equivalência destas duas Estruturas Superficiais.
(57) R:	*É, é isso mesmo.*	O paciente novamente constata a generalização envolvida.
(58) T:	*Ralph, você alguma vez já teve a experiência de alguém fazer alguma coisa para você, e você só notar depois que o fato lhe foi assinalado?*	O terapeuta decide desafiar a generalização do paciente — aqui ele escolhe iniciar o desafio pela permuta dos índices referenciais. *você (paciente)* ↓ *alguém/eles* *sua (do paciente) mãe* ↓ *você (o paciente)* e, portanto, as generalizações são transformadas: ***sua mãe não notou...*** ↓ ***você não notou...***

você faz alguma coisa para sua mãe
alguém faz alguma coisa para você

Observe-se que o efeito da permuta dos índices referenciais, desta forma, é colocar o paciente na posição de membro ativo de sua generalização original — sua mãe, a pessoa que ele está criticando.

(59) R: *Bem,... sim, eu me lembro que uma vez...*

O paciente primeiro hesita, em seguida admite que estava na posição que descreveu como de sua mãe na generalização original.

(60) T: *Você não notou o que eles fizeram por você porque não estava interessado neles?*

O terapeuta, tendo conseguido que o paciente admitisse que teve esta experiência, interrompe-o e pergunta se a equivalência

X não nota = X não interessado

é válida quando ele é aquele que não nota (isto é, X = o paciente), desafiando, por este meio, a generalização.

(61) R: *Não, eu só não notei...*

O paciente nega a equivalência quando é ele que não nota.

(62) T: *Ralph, você pode imaginar que sua mãe simplesmente não gostou quando...*

O terapeuta, tendo recebido a negação da equivalência

X não nota = X não interessado

quando X = o paciente, inverte agora os índices referenciais que ele permutara anteriormente. Isto resulta na afirmação de equivalência original do paciente: a saber, que

X não notando = X não interessado
onde X = mãe do paciente

(63) R: *Não, não é a mesma coisa.*

O paciente reconhece o desafio do terapeuta antes que ele o complete, interrompe-o, e nega que os dois casos

	(onde X = o paciente, e onde X = mãe do paciente) sejam o mesmo. A Estrutura Superficial, que emprega para negar isto, falha nas condições de boa-estruturação-em-terapia: (a) o pronome *it** não tem índice referencial, e (b) a segunda porção da comparação foi eliminada.
(64) T: *É? O que não é o mesmo que o quê?*	O terapeuta indaga tanto pelo índice referencial, como pela porção ausente da comparação.
(65) R: *Eu não notar não é a mesma coisa que minha mãe não notar — olhe, ela NUNCA notou o que eu fiz para ela.*	O paciente preenche as lacunas da informação requisitada pelo terapeuta. E então, vai em frente descrevendo a diferença entre os dois casos, a saber, que sua mãe *nunca* notara. Este quantificador universal identifica uma generalização desafiável.
(66) T: *Nunca?*	O terapeuta desafia o quantificador universal.
(67) R: *Bem, não muitas e muitas vezes.*	O paciente admite que havia exceções, chegando deste modo mais perto da religação de sua generalização a sua experiência.
(68) T: *Ralph, conte-me a respeito de uma vez específica em que sua mãe notou o que você havia feito para ela.*	O terapeuta tenta obter que o paciente ponha em foco o modelo, ao indagar por uma exceção específica da generalização inicial do paciente.
(69) R: *Bem, uma vez, quando... éée (irritado), e eu ainda tive que contar a ela.*	Um dos argumentos nominais associados ao verbo *contar* foi eliminado (contar o quê?).
(70) T: *Teve que contar o que a ela?*	O terapeuta indaga pela parte ausente da Estrutura Superficial.

* No original, em inglês, a Estrutura Superficial é:
(63) R: *No, it's not the same.* (N. do T.)

(71) R: *Que eu tinha feito aquela coisa para ela. Se ela estivesse bastante interessada, ela mesma o teria notado.*

A primeira Estrutura Superficial inclui um argumento nominal (*aquela coisa*) e carece de um índice referencial. A segunda inclui uma eliminação associada à palavra *bastante* (*bastante para que*), e o pronome *o* sem índice referencial.

(72) T: *Bastante interessada para quê?*

O terapeuta indaga pelo material eliminado.

(73) R: *Bastante interessada em me mostrar que ela me amava.*

O paciente supre o material eliminado que o terapeuta requisitara. Esta nova Estrutura Superficial inclui (a) uma violação da condição de boa-estruturação semântica de leitura de mente — o paciente alega saber se sua mãe o amava, sem especificar como obteve essa informação; (b) o verbo *amar* não está completamente especificado.

(74) T: *Ralph, como você mostrou a sua mãe que você a amava?*

O terapeuta está tentando obter uma imagem clara do modo pelo qual o paciente e sua mãe comunicavam seus sentimentos de afeição um pelo outro. Ele foi informado pelo paciente que sua mãe não estava bastante interessada para mostrar-lhe que o amava. O terapeuta decide empregar a técnica de permuta de índice referencial. Especificamente, faz a substituição

sua mãe	*você (o paciente)*
↓ *você (o paciente)*	↓ *sua mãe*

Assim, a porção da última Estrutura Superficial do paciente é transformada:

sua mãe mostra a você que o ama
você mostra a sua mãe que a ama

Tendo feito esta permuta nos índices referenciais, o terapeuta pede ao pa-

ciente para pôr em foco a imagem, indagando por um verbo mais completamente especificado.

(75) R: *Fazendo coisas para ela.*

O paciente apresenta uma especificação posterior do verbo, estabelecendo a equivalência:

X ama Y = X faz coisas por Y
onde X = o paciente e,
Y = a mãe do paciente

(76) T: *Ralph, sua mãe alguma vez fez coisas por você?*

O terapeuta agora permuta os índices referenciais de volta à Estrutura Superficial original (73), e apresenta metade da equivalência para constatação por parte do paciente.

(77) R: *Sim, mas ela realmente nunca... nunca me deixou saber ao certo.*

O paciente concorda que sua mãe fez coisas para ele, mas nega que a equivalência seja válida — isto é,

X ama Y ≠ X faz coisas para Y
onde X = a mãe do paciente
Y = o paciente

A nova Estrutura Superficial do paciente coloca o terapeuta diante das seguintes opções: (a) indagar pela diferença nas duas situações que faz com que a equivalência deixe de ser válida (identificada pela palavra-chave *mas*); (b) há duas ocorrências do quantificador universal desafiável *nunca*; (c) uma eliminação associada ao verbo *saber* (isto é, saber o quê?); (d) um verbo *saber* não completamente especificado.

(78) T: *Nunca deixou você saber o quê?*

O terapeuta escolhe a opção (c) e indaga pelo argumento nominal eliminado associado ao verbo saber.

(79) R: *Ela nunca me deixou saber, ao*

O paciente supre o argumento nominal ausente. Sua Estrutura Superficial

certo, se realmente me amava (ainda soluçando discretamente).	inclui (a) um quantificador universal desafiável *nunca;* (b) dois verbos não completamente especificadores *saber* e *amar.*
(80) T: *Você alguma vez fez sua mãe saber, ao certo que você a amava?*	O terapeuta novamente escolhe utilizar a técnica de permuta de índice referencial. A substituição que utiliza é a mesma que empregou em (74).
(81) R: Ela sabia...	A Estrutura Superficial do paciente contém (a) uma eliminação associada ao verbo *saber;* (b) uma violação da condição da boa-estruturação semântica, leitura de mente; (c) um verbo *saber* não completamente especificado.
(82) T: *Como você sabe que ela sabia?*	O terapeuta escolhe a opção (c).
(83) R: *Eu... eu... acho que não sei?*	O paciente vacila, e em seguida admite não ser capaz de especificar o processo pelo qual supusesse que sua mãe fosse capaz de saber que ele a amava. Isto equivale a estabelecer que o processo em seu modelo não está especificado.
(84) T: *O que o impede de dizer a ela?*	O paciente foi incapaz de identificar o processo pelo qual supusesse que sua mãe fosse capaz de saber que ele a amava. O terapeuta imediatamente passa para a técnica de indagar o que é que o impede de utilizar a forma mais direta, que ele conhecia, de comunicar seus sentimentos de amor à sua mãe.
(85) R: *hummm... hummm, nada talvez.*	O paciente vacila, considerando o óbvio. Sua Estrutura Superficial inclui um *talvez* muito qualificado e o quantificador universal *nada.*

(86) T: *TALVEZ?*	O terapeuta trabalha para obter mais desse comprometimento por parte do paciente.
(87) R: *Eu acho que poderia.*	O paciente admite a possibilidade.
(88) T: *Ralph, você acha que também podia dizer a Janet como você se sente a respeito dela?*	O terapeuta agora permuta o índice referencial, mais uma vez, ↓ *mãe do paciente* / *Janet* e pede um comprometimento, por parte do paciente, para modificar o processo de comunicação nesse relacionamento, de maneira que seja mais direto e não requeira leitura de mente.
(89) R: *Isso dá um certo medo.*	O paciente hesita; sua Estrutura Superficial contém (a) um argumento nominal sem índice referencial *isso;* (b) uma eliminação de argumento nominal associada ao verbo *dar medo* (isto é, dá medo a quem?)
(90) T: *O que é que dá um certo medo?*	O terapeuta indaga pelo índice referencial ausente.
(91) R: *O fato de chegar lá e dizer a ela.*	O paciente supre o índice ausente e expressa dúvida sobre o comprometimento que o terapeuta está pedindo.
(92) T: *O que o impede?*	O terapeuta utiliza a técnica de indagar pela generalização, o resultado da ação do paciente que ele acha que dá medo.
(93) R: *Nada, por isso é que dá tanto medo.* (*rindo*)	O paciente reconhece que tem essa escolha.

A esta altura o terapeuta passa a utilizar técnicas que não envolvem o metamodelo, firmando um contrato com Ralph para assegurar que as novas possibilidades, que este havia descoberto, seriam exploradas.

TRANSCRIÇÃO 2

A sessão aqui transcrita foi feita com um grupo de estagiários que estavam assistindo a uma demonstração. Beth é uma mulher de seus 28 anos. Ela já foi casada uma vez e tem dois filhos pequenos. A demonstração começa:

(1) B: *O que é que devo fazer primeiro?*	A paciente começa por pedir uma diretriz da parte do terapeuta.
(2) T: *Diga-me o que você está fazendo aqui; você disse na entrevista que queria alguma ajuda referente a alguma coisa (referindo-se a uma entrevista de dois minutos, que ocorrera uma hora antes, na qual cinco pessoas foram escolhidas para esta demonstração).*	O terapeuta começa por pedir à paciente para especificar o que ela está fazendo aqui, e, referindo-se a uma conversa anterior, pede-lhe para constatar e explicar seu pedido de ajuda.
(3) B: *Vamos ver, o que estou fazendo aqui... eu... eu quero ajuda em... bem, são as pessoas que moram comigo, minhas companheiras.*	A paciente mostra-se hesitante, algo confusa; (a) ela deixa uma Estrutura Superficial incompleta — *ajuda em...*, faz uma pausa, e então afirma ... *são as pessoas que moram comigo, minhas companheiras.* O verbo *ajudar* não está completamente especificado; (b) os nomes *it* e *companheiras* não têm índices referenciais.*
(4) T: *Companheiras?...*	O terapeuta decide indagar por um índice referencial, em relação ao argumento nominal *companheiras.*

* No texto original, em inglês, a Estrutura Superficial (3) é:
B: *Let's see, what am I doing here...I...I want help with... well, it's my roommates.* (N. do T.)

(5) B: (*Interrompendo*) *Karen e Sue, elas dividem a casa comigo. Nós, juntas, temos também quatro crianças.*	A paciente supre índices referenciais conforme pedido pelo terapeuta. Acrescenta mais informação, permitindo assim, ao terapeuta, uma imagem um tanto mais clara de seu modelo.
(6) T: *Que tipo de ajuda você gostaria de receber com relação a estas duas pessoas?*	O terapeuta faz a suposição de que o argumento nominal *companheiras* se ajuste à posição do argumento nominal da frase que a paciente deixou incompleta em seu segundo comentário. Ao pressupor isto, o terapeuta retorna à Estrutura Superficial original da paciente, e pede-lhe para especificar mais a palavra-processo *ajuda.*
(7) B: *Elas parecem não me compreender.*	A paciente ignora a pergunta específica do terapeuta e começa a descrever suas companheiras. Observa-se que, (a) o argumento dativo associado ao verbo *parecer* está ausente/eliminado; (b) a paciente está alegando conhecimento da experiência interior de outras pessoas, sem especificar como obteve essa informação — uma violação do tipo leitura de mente da boa-estruturação-em-terapia; (c) a Estrutura Superficial da paciente inclui o verbo *compreender,* que não está bem especificado.
(8) T: *Como você sabe que elas não a compreendem?*	O terapeuta desafia a Estrutura Superficial da paciente devido à violação da condição de boa-estruturação semântica (leitura de mente). Pede-lhe que descreva como veio a saber que elas não a compreendem.
(9) B: *Eu acho que é porque elas estão muito ocupadas...*	A resposta da paciente é falha quanto à boa-estruturação em termos de terapia, pois, (a) o argumento nominal *it* não tem índice referencial* e,

* (9) B: *I guess, it's that they're too busy...* (N. do T.)

	(b) o predicado *muito ocupadas* tem uma eliminação a ele associada (muito ocupada para quê?).
(10) T: *Muito ocupadas para quê?*	O terapeuta indaga pela porção eliminada da última Estrutura Superficial da paciente.
(11) B: *Bem... muito ocupadas para ver que tenho necessidades.*	A paciente supre o material ausente sob a forma de uma nova Estrutura Superficial. Esta inclui um argumento nominal ausente sem índice referencial (*necessidades*). Este argumento nominal específico é uma nominalização derivada do predicado de Estrutura Profunda *necessitar*.
(12) T: *Que necessidades?*	O terapeuta continua a indagar pelo índice referencial na nominalização *necessidades*.
(13) B: *Que eu gostaria que elas fizessem alguma coisa para mim, de vez em quando.*	A nova Estrutura Superficial da paciente, novamente, apresenta a falta de um índice referencial naquilo que ela quer de suas companheiras (*alguma coisa* em *que elas fizessem alguma coisa*). O verbo *fazer* está tão próximo quanto possível de não ser completamente especificado.
(14) T: *Tal como o quê?*	O terapeuta continua a indagar pelo índice referencial ausente.
(15) B: *Elas realmente têm um mundo de coisas para fazer, mas às vezes eu sinto que elas são insensíveis.*	Novamente, ela deixa de responder à pergunta do terapeuta.[35] Sua nova Estrutura Superficial viola as condições de boa-estruturação-em-terapia, (a) índice referencial ausente em ... *um mundo de coisas*...; (b) índice referencial ausente em ... *às vezes*...; (c) o verbo *fazer* qua-

[35] Terapeutas experientes reconhecerão padrões no modo pelo qual um paciente responde ou deixa de responder a seu contexto — neste caso, especificamente, o terapeuta. O paciente constantemente deixa de responder às perguntas do terapeuta. No presente momento estamos trabalhando em um modelo explícito para desafiar estes tipos de padrões — vide *A Estrutura da Magia II* (a sair em breve).

	se inteiramente não- especificado em ... *coisas para fazer...;* (d) um argumento nominal dativo ausente associado ao substantivo *insensíveis* (isto é, insensíveis a quem?); (e) ao utilizar o substantivo *insensível,* a paciente está alegando conhecimento do estado interior de outra pessoa, sem especificar o processo pelo qual ela sabe — leitura de mente.
(16) T: *São insensíveis em relação a quê?*	O terapeuta indaga pelo argumento nominal ausente associado ao substantivo *insensíveis* [em Estrutura Profunda, opção (d) acima].
(17) B: *A mim. E...*	A paciente supre o argumento nominal e inicia uma outra coisa.
(18) T: *De que modo elas são insensíveis a você?*	O terapeuta interrompe, ao decidir pedir à paciente para especificar como ela sabe que as outras pessoas envolvidas são insensíveis com relação a ela — opção (e).
(19) B: *Você veja, eu faço um mundo de coisas para elas, mas elas parecem nada fazer para mim.*	Mais uma vez, a paciente deixa de responder, diretamente, à pergunta do terapeuta. Sua nova Estrutura Superficial viola as condições de boa-estruturação-em-terapia que se seguem: (a) índice referencial ausente em um *mundo de coisas;* (b) o verbo quase inteiramente não especificado *fazer* ocorre duas vezes na Estrutura Superficial da paciente; (c) um quantificador universal desafiável em *nada;* (d) um argumento nominal dativo eliminado associado ao verbo *parecer* — *parece a quem?*
(20) T: *O que elas não fazem para você? Que necessidades você tem que elas não vêem?*	O terapeuta indaga por um par de índices referenciais ausentes em argumentos nominais que estão soltos — o *nada,* da Estrutura Superficial (19), e o *necessidades* da (11).

(21) B: *Eu sou uma pessoa, também, e elas parecem não reconhecer isso.*[36]	A paciente continua a deixar de responder à pergunta do terapeuta. A nova Estrutura Superficial contém (a) uma pressuposição trazida pela palavra *também* no fim da Estrutura Superficial *Eu sou uma pessoa.* A implicação de alguém mais (não identificado) é uma pessoa — assim sendo, sem índice referencial; (b) um argumento nominal dativo eliminado associado ao verbo *parecer* — (*parece a quem?*); (c) a paciente está alegando conhecimento do estado interior de outra pessoa (... *elas parecem não reconhecer*...), sem estabelecer como obteve esta informação; (d) um verbo *reconhecer* até certo ponto não completamente *especificado.*
(22) T: *De que forma elas não reconhecem que você é uma pessoa?*	O terapeuta está tentando obter uma imagem clara do modelo da paciente — continua retornando à especificação daquilo que as companheiras realmente fazem — exatamente como fez em (10), (14), (18), (20), e nesta. O terapeuta desafia a má-estruturação do verbo *reconhecer* até certo ponto não completamente especificado.
(23) B: *Elas, todas duas, nunca fazem nada para mim.*	A paciente responde com uma Estrutura Superficial que pode ser desafiada com base em: (a) um quantificador universal — *nunca,* identificando uma generalização; (b) um argumento nominal associado ao verbo geral *fazer,* apresentando a falta de índice referencial — *nada;* (c) o proverbo *fazer* quase não completamente especificado.[37]

[36] A palavra *isso* na Estrutura Superficial da paciente está sem índice referencial — ela pode referir-se à primeira oração, *Eu também sou uma pessoa.*

[37] Os lingüistas referem-se ao verbo *fazer* (= *do*) como um proverbo. Funciona para os verbos de forma paralela à da palavra *it,* com relação

(24) T: *Elas NUNCA fazem NADA para você?*

O terapeuta decide desafiar a generalização. Ele o faz enfatizando (qualidade de voz) os quantificadores universais da Estrutura Superficial original da paciente, ao devolver a frase a esta para constatação ou negação.

(25) B: *Não, nunca não, mas eu sempre faço coisas para elas, quer elas peçam, ou não.*

O desafio do terapeuta à última generalização da paciente tem êxito (isto é, *Não, nunca não*). Segue estabelecendo uma nova generalização identificada por: (a) o quantificador universal *sempre;* e contendo (b) um argumento nominal sem índice referencial — *coisas,* (c) o verbo *fazer* quase completamente não especificado, (d) a eliminação de dois argumentos nominais associados ao verbo *pedir* (*pedir o quê?* e *pedir a quem?*). Lembre-se, o terapeuta ainda está tentando descobrir quem está fazendo o que, especificamente, a quem — aquilo que a paciente quer dizer quando fala que suas companheiras deixam de reconhecê-la como uma pessoa.

(26) T: *Deixe-me ver se agora compreendo. Se alguém reconhece que você é uma pessoa, então fará sempre coisas para você, quer você peça, ou não?*

O terapeuta acha que identificou uma generalização — especificamente, uma equivalência entre:

X não reconhece Y como uma pessoa	= *faz coisas para Y, quer Y peça, ou não.*

Ele coloca a generalização sob a forma de uma generalização de equivalência e pede à paciente para confirmá-la ou negá-la.

---

a substantivos, e é tão destituído de significado específico quanto o pronome *it.*

(27) B: *Bem, sempre talvez não...*	A paciente hesita em face da generalização.
(28) T: *Estou um pouco confuso agora; você poderia me dizer que coisas são essas que elas fariam caso reconhecessem que você é uma pessoa?*	O terapeuta volta a tentar descobrir o que, especificamente, as companheiras fazem que ela representa como não-reconhecimento dela como uma pessoa, como ele fez em (22) e (26). Admite estar confuso diante do que ela disse.
(29) B: *Você sabe, coisas como me ajudar a lavar os pratos, ou cuidar das crianças, ou qualquer coisa.*	A paciente começa a esclarecer a imagem, ao mencionar algumas coisas concretas como *ajudar a lavar os pratos* e *cuidar das crianças.* E então joga tudo fora com o argumento nominal *qualquer coisa.*
(30) T: *Você poderia explicar como suas companheiras deveriam saber que coisas são estas que você quer que sejam feitas?*	O terapeuta andou perguntando, repetidamente, como a paciente sabe aquilo que suas companheiras reconhecem (8), (18) e (20). Aqui, ele faz uma permuta de índice referencial e pergunta como (por que processo) as companheiras da paciente viriam a saber o que ela própria deseja.[88]
(31) B: *Se elas fossem sensíveis bastante, saberiam.*	A paciente responde da maneira padronizada que já vimos, alegando, especificamente, que suas companheiras podem saber o que ela quer, sem especificar através de que processo elas obteriam esta informação. Além disso, a Estrutura Superficial contém violações das condições de boa-estruturação: (a) eliminação de um argumen-

[88] A utilização da permuta de índice referencial tem-se provado, em nossa experiência, especialmente adequada quando o paciente está comprometido amplamente com leitura de mente — a utilização adequada destas técnicas mais avançadas, baseadas no intercâmbio verbal, irão fazer parte da matéria de *A Estrutura da Magia II.*

	to nominal associado ao substantivo *sensível* (*sensível a quem?*); (b) uma eliminação comparativa associada à palavra-chave *bastante* em *sensíveis bastante* (isto é, *sensíveis bastante para quê?*); (c) a eliminação de um argumento nominal associado ao verbo *saber* (isto é, *saber o quê*).
(32) T: *Sensível bastante para quem?*	O terapeuta decide indagar por um dos argumentos eliminados — opção (a) em (31).
(33) B: *Para mim.*	A paciente supre o argumento nominal ausente exigido pelo terapeuta, relacionando a sensibilidade (ou melhor, a falta desta) por parte das companheiras a si própria.
(34) T: *Segundo você, se elas fossem sensíveis bastante, então seriam capazes de ler sua mente?*	O terapeuta retorna à Estrutura Superficial (31) da paciente e, desafia sua má-estruturação semântica (leitura de mente), opção (d) em (31), ao estabelecer explicitamente, de forma direta, a suposição implícita na frase (31) da mesma.
(35) B: *Ler minha mente?*	A paciente parece confusa, surpreendida pela afirmação explícita de sua suposição de leitura de mente.
(36) T: *Sim, de que outra forma poderiam saber o que você necessita e quer? Você diz a elas?*	O terapeuta continua a desafiar a descrição muito incompleta, por parte da paciente, do processo pelo qual suas companheiras deveriam saber o que ela quer e necessita, ao tentar obter uma imagem clara do modelo da mesma (a pergunta do terapeuta refere-se às Estruturas Superficiais anteriores (11), (13) e 19)). O terapeuta neste ponto chega mesmo a oferecer uma forma possível pela qual poderia ocorrer o processo do qual está tentando obter uma imagem clara — *Você diz a elas?*

(37) B: *Bem, não exatamente...*	A paciente nega que faça com que suas companheiras saibam por meio de dizer-lhes diretamente.
(38) T: *Não exatamente como?*	O terapeuta continua a pressionar em busca de uma descrição do processo.
(39) B: *Bem, eu sugiro de certo modo.*	A Estrutura Superficial da paciente tem (a) um argumento nominal eliminado associado ao verbo *sugerir* — (isto é, *sugerir o quê?*); (b) o verbo *sugerir* sozinho não fornece qualquer imagem clara de como suas companheiras devem saber o que ela quer e necessita; o já não completamente especificado verbo *sugerir* em combinação com o qualificador *de certo modo* torna a imagem ainda mais vaga; (c) um segundo argumento nominal eliminado associado ao verbo *sugerir* (isto é, *sugerir a quem?*).
(40) T: *De que modo você sugere?*	O terapeuta decide indagar por uma especificação mais completa do processo de *sugerir* — opção (b) em (39).
(41) B: *Eu faço coisas para elas.*	A paciente estabelece de forma mais completa o processo de como ela faz com que suas companheiras saibam o que ela quer e necessita — a forma como sugere de certo modo — isto é, faz coisas para elas. A nova Estrutura Superficial falha em ser bem-estruturada em termos de terapia, na medida em que (a) inclui argumento nominal que não tem índice referencial — coisas; (b) inclui o quase inteiramente não especificado verbo *fazer;* (c) esta Estrutura Superficial pode ser equivalente no modelo da paciente — isto é,

(X sugere de certo modo a Y)
= (X faz coisas para Y)

(42) T: *Então, já que você faz coisas para elas, elas deveriam saber que quer que elas façam algo em troca?*	O terapeuta decide ver se a paciente irá constatar esta generalização [opção (c) em (41)], ao repetir toda a generalização para ela.
(43) B: *Soa um tanto engraçado quando você diz isso assim.*	Conforme diz a paciente, as generalizações de seu próprio modelo soam engraçadas quando lhe são apresentadas em uma única frase, pelo terapeuta; ela vacila, não querendo constatar a generalização. Ela utiliza o verbo *engraçado* não completamente especificado.
(44) T: *Um tanto engraçado como?*	O terapeuta pede-lhe para especificar mais o verbo *engraçado.*
(45) B: *Como não estar sendo sincera ou coisa assim, mas você não pode ficar por aí exigindo coisas o tempo todo, ou as pessoas não vão querer dá-las a você.*	A Estrutura Superficial da paciente inclui violações das seguintes condições de boa-estruturação-em-terapia: (a) um índice referencial ausente em *coisa assim;* (b) um índice referencial ausente em *você* (duas vezes); (c) um índice referencial ausente em *o tempo todo;* (d) um índice referencial ausente em *coisas*: (e) um índice referencial ausente em *pessoas;* (f) verbos não completamente especificados, *estar sendo sincera* e *exigir;* (g) um quantificador universal desafiável *todo em ... o tempo todo;* (h) um operador modal de possibilidade *não pode* em ... *você não pode ficar;* (i) uma violação semântica do tipo de leitura de mente em *as pessoas não vão querer*, onde a paciente alega ser capaz de conhecer o estado interior de outras pessoas, sem estabelecer como obtém esta informação; (j) a palavra-chave *mas*, que identifica uma possível Causativa Implícita;

(k) um argumento nominal ausente associado a *exigir* (*exigir de quem?*).

(46) T: *Espere aí; quem que não pode ficar por aí o tempo todo exigindo coisas de quem?*

O terapeuta parece estar sobrecarregado com a abundância de escolhas — decide indagar por duas das violações — um índice referencial [opção (b) em (45)] e um argumento nominal ausente [opção (k) em (45)].

(47) B: *Não posso ficar por aí exigindo coisas a Sue e Karen, ou elas não vão querer me dar nada.*

A Estrutura Superficial da paciente inclui ambos os argumentos requisitados pelo terapeuta [*quem* (46) *eu*; *de quem* (46) *Karen e Sue*]. Além disso sua Estrutura Superficial contém (a) operador modal de impossibilidade; (b) argumentos nominais com índices referenciais ausentes, *coisas* em ... *ficar por aí pedindo coisas*, e *nada* em ... *me dar nada;* (c) uma violação do tipo leitura de mente, a paciente alega conhecimento de um estado interior (não só isso, mas também um futuro estado interior — leitura de mente com bola de cristal) na locução ... *elas não vão querer me dar;* (d) dois verbos inespecificados, *exigir* e *dar*, que apresentam uma imagem muito vaga e desfocada do processo. Observe-se, também, a forma global da Estrutura Superficial da paciente — X ou Y onde X contém um operador modal. Na seção sobre operadores modais, assinalamos uma técnica para desafiar generalizações que envolvem operadores modais sob a forma de frases como:

Não posso...
ou
É impossível...
ou
Não se permite...

A técnica é fazer a pergunta, *ou o quê?* Aqui a paciente já supriu o resultado ou conseqüência; isto é, a parte *ou o quê — ou Y;* especificamente, ... *ou elas não vão querer;* identificando, por esse meio, em seu modelo, uma generalização completa que pode ser desafiada.

(48) T: *Pensei que você tivesse dito que elas não lhe davam nada de qualquer modo.*

O terapeuta escolhe desafiar a generalização da paciente. Faz isto, primeiramente, ao transpor a generalização para uma forma equivalente. Ela diz:

X ou Y: (*eu não peço*) ou (*elas não vão querer dar*)

Como foi descrito no Capítulo 4, Estruturas Superficiais desta forma são equivalentes a:

Se não X, então Y: *Se* (*eu não peço*), *então* (*elas não vão querer dar*)
ou
Se (*eu peço*), *então* (*elas não vão querer dar*)

A generalização tem agora a forma:

Se eu peço, elas não vão querer dar...

Dado que a paciente já contou ao terapeuta tanto que ela não pede (36), (37), (38), (39), (40) e (41), e como elas não lhe dão o que ela quer ou necessita (11), (13), (15), (19) e (23), ele sabe que o inverso da generalização da paciente é verdadeiro na experiência da mesma; a saber:

Se não peço, elas não vão querer dar...

Ele vê, portanto, que a parte *Se* da generalização é irrelevante, substitui

	a locução *qualquer modo,* e a apresenta à paciente para constatação ou negação.
(49) B: *Bem, algumas vezes elas fazem, mas não quando eu quero.*	O desafio do terapeuta funciona; a paciente nega sua generalização. Sua nova Estrutura Superficial inclui: (a) dois elementos que deixam de apresentar índices referenciais — *algumas vezes* e *it;** (b) um verbo não completamente especificado *fazer;* (c) a palavra-chave *mas.*
(50) T: *Você pede a elas quando quer alguma coisa?*	O terapeuta ainda está tentando obter uma imagem clara de como a paciente e suas companheiras comunicam entre si aquilo que querem e necessitam. Pergunta-lhe, especificamente, se lhes pede quando quer alguma coisa.
(51) B: (*faz uma pausa*)... (*Inclina-se para diante e com as mãos esconde o rosto*). *Nuhnnn... Posss* (*murmúrio indistinto*).	A paciente está experimentando uma forte emoção.
(52) T: (*suave, mas diretamente*) *Beth, você pede quando quer alguma coisa?*	O terapeuta insiste na tentativa de obter uma imagem clara do processo pelo qual a paciente expressa seus desejos e necessidades. Ele repete a pergunta.
(53) B: *Não posso.*	A paciente utiliza um operador modal de impossibilidade, omitindo o restante da frase.
(54) T: *O que a impede?*	O terapeuta agora identifica uma porção importante do modelo da paciente. Neste ponto, ela não tem escolha (53) e sofre muito (51). O terapeu-

* (49) B: *Well, they do sometimes, but not when I want it.* (N. do T.)

ta começa a desafiar a porção limitadora do modelo da paciente, ao indagar o que, especificamente, torna impossível esta impossibilidade. (*sic*)

(55) B: *Eu simplesmente não posso... EU NÃO POSSO*

A paciente simplesmente repete que não lhe é possível pedir — novamente demonstra que tem fortes emoções nesta área de seu modelo, ao modificar o volume e o tom de voz.

(56) T: *Beth, o que aconteceria se você pedisse alguma coisa quisesse?*

O terapeuta continua a desafiar a porção empobrecida do modelo da paciente. Passa a uma das técnicas do metamodelo descrita em operadores modais, ao pedir um resultado.

(57) B: *Não posso porque as pessoas se sentirão forçadas se eu lhes pedir coisas.*

A paciente está querendo fornecer o resultado. Há muitas violações das condições de boa-estruturação-em-terapia, na sua Estrutura Superficial, que podem ser desafiadas; (a) o operador modal *não posso;* (b) a relação Causa-Efeito *X porque Y* identificada pela palavra *porque;* (c) argumentos nominais sem índices referenciais, *pessoas* e *coisas;* (d) uma violação tipo leitura de mente pela bola de cristal ... *as pessoas se sentirão forçadas*; (e) uma eliminação de argumento nominal associado ao verbo *forçar — forçadas por quem?*

(58) T: *E as pessoas pedem coisas a você?*

O terapeuta vai desafiar a necessidade da relação Causa-Efeito ou generalização que ela tem em seu modelo. Ele inicia por permutar índices referenciais:

↓ *eu (a paciente)*	↓ *pessoas*
↓ *pessoas*	↓ *eu (a paciente)*

Assim, a parte da generalização que o terapeuta está focalizando torna-se em:

↓ *Eu peço coisas às pessoas.*
As pessoas pedem coisas a mim.

Tendo feito a permuta, apresenta o resultado à paciente para constatação ou negação.

(59) B: *Sim.*

A paciente constata que já teve a experiência.

(60) T: *Você sempre se sente forçada?*

A permuta de índice referencial que o terapeuta iniciou em (58) prossegue, dado que ele utiliza a mesma permuta:

↓ *eu (a paciente)* ↓ *pessoas*
pessoas *eu (a paciente)*

Assim, a outra porção da generalização original da paciente torna-se em:

↓ *As pessoas sentem-se forçadas...*
Eu me sinto forçada...

O terapeuta agora apresenta esta parte da Estrutura Superficial original transformada, desafiando-a pela enfatização da universalidade da alegação, dada pelo tom de voz; a ênfase é dada sobre o quantificador universal *sempre.*

(61) B: *Não, nem sempre, mas algumas vezes sim.*

A paciente nega que a relação Causa-Efeito seja necessária [opção (b) em (57)]. Sua nova Estrutura Superficial pode ser desafiada com base em (a) o índice referencial ausente em *algumas vezes;* (b) o verbo *do**

* (61) B: *No, not always, but sometimes I do.* (N. do T.)

não completamente especificado, ou sob a suposição de que o proverbo *do* se refere a forçada, então o argumento nominal *forçada por quem*, e um verbo forçar relativamente não especificado; (c) a palavra-chave *mas*.

(62) T: *Beth, você está consciente de que há trinta minutos você veio a mim e perguntou se eu poderia trabalhar com você? Você pediu algo para si mesma?*

Ao invés de seguir qualquer das violações de boa-estruturação-em-terapia, na última Estrutura Superficial da paciente, o terapeuta continua a desafiar a generalização Causa-Efeito [opção (b) em (57)]. O terapeuta permuta os índices referenciais da generalização original:

Você (*a paciente*) | *pessoas*
↓ *Você* (*a paciente*) ↓ *mim* (*o terapeuta*).

O resultado é:

Você (*a paciente*) *pediu algo às pessoas.*
↓ *Você* (*a paciente*) *pediu algo a mim* (*o terapeuta*).

O terapeuta relaciona a generalização da paciente àquilo que está ocorrendo no presente momento, na terapia. Ele chama a atenção da paciente para esse aspecto, uma experiência que contradiz a generalização da mesma. O terapeuta pede-lhe que constate ou negue esta experiência.

(63) B: (*faz uma pausa*) *Êeeeee*

A paciente constata a experiência.

(64) T: *E eu me senti forçado?*

O terapeuta a convida a verificar o restante de sua relação Causa-Efeito original, opção (b) em (57), com um exercício de leitura da mente do terapeuta.

(65) B: *Acho que não.*	A paciente evita a leitura de mente, enquanto verifica o restante de sua generalização.
(66) T: *Então, você poderia imaginar pedir algo para si mesma a uma de suas companheiras, e ela não se sentir forçada?*	O terapeuta tem êxito em obter que a paciente negue a generalização, de seu modelo, que lhe estava causando insatisfação e sofrimento, (a) ao permutar os índices referenciais, de modo que relembre experiências que teve, sem se sentir forçada, quando outras pessoas lhe pediram coisas, e (b) ao ligar sua generalização a sua experiência imediata na terapia. Ele agora, novamente, permuta índices referenciais, desta vez, de volta à dificuldade original da paciente com suas companheiras. Pergunta-lhe, primeiro, se pode imaginar uma exceção a sua generalização original, especificamente, com suas companheiras.
(67) B: *Sim, talvez.*	A paciente constata esta possibilidade.
(68) T: *Você gostaria de tentar?*	O terapeuta movimenta-se para obter o comprometimento, por parte da paciente, com relação a uma exceção de sua generalização original na experiência real, como também na imaginação.
(69) B: *Sim, eu poderia.*	A paciente indica estar querendo tentar uma experiência real com suas companheiras.
(70) T: *E como é que você vai saber se elas vão se sentir forçadas?*	O terapeuta, tendo obtido o comprometimento, por parte da paciente, volta à parte central de sua imagem, do modelo da paciente, que ainda não lhe está clara — o processo pelo qual a paciente e suas companheiras dão a entender, umas às outras, o que cada uma quer e necessita — o mes-

	mo processo que estava tentando esclarecer em (8), (18), (22), (30), (34), (36), (40) e (42).
(71) B: *Provavelmente, todas duas me diriam.*	A paciente supre a informação que esclarece a imagem que o terapeuta tem do modelo de como as companheiras lhe comunicam como estão se sentindo.
(72) T: *Beth, você diz às pessoas quando se sente forçada?*	O terapeuta agora vai em busca de outra metade do processo de comunicação: como lhes dá a entender como se sente, e o que ela quer.
(73) B: *Não, exatamente, mas dou a entender.*	A Estrutura Superficial da paciente inclui (a) uma eliminação de um argumento nominal associado a um verbo *entender;* (b) uma locução verbal muito pobremente especificada *dar a entender;* (c) a palavra-chave *mas.*
(74) T: *Como você lhes dá a entender?*	O terapeuta, que ainda está tentando obter uma imagem clara de como a paciente comunica seus sentimentos a suas companheiras, desafia a locução verbal pobremente especificada.
(75) B: *Acho que só pela maneira de eu agir; elas deveriam ser capazes de saber.*	A nova Estruturação Superficial inclui violações das seguintes condições de boa-estruturação-em-terapia: (a) índice referencial ausente *a maneira;* (b) um verbo não completamente especificado, *agir;* (c) uma locução verbal não completamente especificada, *ser capaz de saber;* (d) uma eliminação de um dos argumentos nominais associado ao verbo *saber* (*saber o quê?*); (e) a palavra-chave *deveriam.*
(76) T: *Como? Elas deveriam ser capazes de ler*	O terapeuta insiste em exigir os detalhes específicos da comunicação da paciente com suas companheiras.

sua mente, mais uma vez?	
(77) B: *Bem, não.*	A paciente nega que suas companheiras deveriam ser capazes de ler sua mente.
(78) T: *O que a impede de contar-lhes, diretamente, que você não quer fazer alguma coisa, ou que você se sente forçada?*	O terapeuta, novamente, escolhe desafiar a porção empobrecida do modelo da paciente [opção (b) em (57)].
(79) B: *Eu não poderia ferir seus sentimentos.*	A paciente responde com uma Estrutura Superficial que envolve: (a) um operador modal de impossibilidade; (b) um verbo *ferir* muito inespecificado; (c) uma relação Causa-Efeito mal-estruturada semanticamente, *Eu faço com que elas se sintam feridas;* (d) índice referencial ausente em *sentimentos.*
(80) T: *Dizer não a alguém, ou dizer que você se sente forçada, sempre fere os sentimentos delas?*	O terapeuta decide desafiar a má-estruturação semântica da relação Causa-Efeito [opção (c) em (79)], enfatizando a universalidade pela inserção do quantificador universal *sempre.*
(81) B: *Sim, ninguém gosta de ouvir coisas desagradáveis.*	A paciente constata que a generalização é parte de seu modelo. Além disso, sua Estrutura Superficial contém violações: (a) índice referencial ausente em *ninguém;* (b) índice referencial ausente em *coisas;* (c) uma violação tipo leitura de mente, *ninguém gosta;* (d) um quantificador universal desafiável — *ninguém = todas as pessoas não;* (e) uma eliminação associada ao predicado *desagra-*

		dável de Estrutura Profunda — *desagradável para quem?*
(82)	T: *Beth, você pode imaginar que você gostaria de saber se suas companheiras sentem-se forçadas por você, de forma que você pudesse ser mais sensível a elas?*	O terapeuta decide continuar a desafiar a generalização empobrecedora no modelo da paciente. Pede-lhe que imagine uma experiência que contradiga a generalização que há em seu modelo, ou que a constate ou a negue.
(83)	B: *Sim.*	A paciente constata.
(84)	T: *Então, você também poderia imaginar suas companheiras querendo saber quando é que você se sente forçada, de forma que elas pudessem se tornar mais sensíveis a você?*	O terapeuta agora utiliza a mesma situação que a paciente acabara de constatar; desta vez, entretanto, utiliza-a com a permuta de índice referencial. ↓ *companheiras* ↓ *eu (a paciente)* ↓ *eu (a paciente)* ↓ *companheiras*
(85)	B: *Hummmmmmmm (faz uma pausa) Acho que você está certo.*	A paciente hesita, e então constata a situação imaginada. A Estrutura Superficial de sua resposta inclui a eliminação de um argumento nominal associado a *certo*, isto é, *você está certo quanto a quê?*
(86)	T: *Quanto a quê?*	O terapeuta indaga pelo argumento nominal eliminado.
(87)	B: *Se as fizer saber quando me sinto*	A paciente supre a parte ausente e reconhece sua compreensão de como

forçada, ou quiser alguma coisa, então talvez elas venham a ser mais sensíveis.	destruir sua própria generalização poderia ser uma boa experiência para ela e suas companheiras.

O terapeuta neste ponto passou a uma das técnicas que não as do metamodelo, para dar a Beth uma oportunidade de integrar seus novos conhecimentos e ligar suas novas representações a sua experiência. Isto também permitiu ao terapeuta ver se havia alguma outra coisa que interferisse com a comunicação por parte de Beth a suas companheiras, de suas necessidades.

Neste capítulo, apresentamos duas transcrições que mostram terapeutas utilizando técnicas do metamodelo, e somente estas, no encontro terapêutico. Mesmo com estas restrições artificiais, o poder das técnicas do metamodelo é evidente. O metamodelo proporciona ao terapeuta um rico conjunto de escolhas a cada momento do intercâmbio terapêutico. O efeito global disto resulta em uma direção ou estratégias explícitas para a terapia — o enriquecimento e expansão das porções limitadoras do modelo do paciente. O metamodelo não é destinado a ser utilizado por si só, mas é antes um instrumento a ser integrado às técnicas poderosas, verbais e não-verbais, à disposição das várias formas de psicoterapia. A partir de agora nos voltaremos para este tópico.

Capítulo 6

DE COMO SE TORNAR UM APRENDIZ DE FEITICEIRO

As diferentes formas de psicoterapia são todas eficazes até certo ponto, embora pareçam, à maioria dos observadores, muito diferentes. O fato de essas abordagens, aparentemente diferentes, do encontro terapêutico serem eficazes até certo ponto foi um quebra-cabeça durante alguns anos. Durante esse tempo, tanto os praticantes como os teóricos gastaram muita energia e criatividade discutindo a superioridade necessária de uma forma de psicoterapia sobre as demais. Nos últimos anos, felizmente, este tipo de debate começou a desaparecer, e os psicoterapeutas de diferentes escolas começaram a mostrar um vívido interesse nos métodos e técnicas dos outros. Como Haley comentou (*Advanced Techniques of Hypnosis & Therapy*, pp. 530-535),

> Na última década, a idéia de explorar novos métodos foi adotada por muitos psiquiatras e conduziu a certas inovações, como terapia do comportamento, tratamento de condicionamento e terapia matrimonial e familiar. Vimos o passar de uma ênfase sobre o ritual e um movimento em direção ao julgamento dos procedimentos terapêuticos pelos resultados, ao invés de conformidade a uma determinada escola. Agora tornou-se até respeitável trabalhar de formas diferentes com diferentes tipos de pacientes... (Haley citando Erickson, diretamente)... "Uma das coisas importantes a serem lembradas sobre a técnica... é nosso desejo de aprender esta ou aquela técnica e, então, reconhecer que nós, como uma personalidade individual, somos bastante diferentes de qualquer um de nossos professores que nos ensinaram uma determinada técnica. Precisamos extrair das várias técnicas os elementos especiais que nos permitam expressar-nos como uma personalidade. O aspecto seguinte mais importante, em relação a uma técnica, é nossa consciência do fato de que cada paciente que chega a nós representa uma personalidade diferente, uma atitude diferente, um acúmulo de experiências

diferentes. Nossa abordagem para com ele tem de ser em termos de considerá-lo como uma pessoa com determinado quadro de referência para aquele dia e a situação imediata."

As pessoas que chegam a nós na terapia têm, de modo típico, sofrimento em sua vida, e experimentam pouca ou nenhuma escolha nos aspectos que consideram importantes. Todas as terapias confrontam-se com o problema de responder adequadamente a tais pessoas. Responder adequadamente, neste contexto, significa, para nós, auxiliar na modificação da experiência do paciente de alguma forma que a enriqueça. Raramente as terapias alcançam a consecução deste objetivo por meio de modificação do mundo. A abordagem destas terapias é, então, tipicamente modificar a experiência do paciente em relação ao mundo. As pessoas não operam diretamente no mundo, mas operam necessariamente neste, através de sua percepção ou modelo do mundo. As terapias, então, operam de forma característica para modificar o modelo do mundo do paciente e, conseqüentemente, o seu componente e experiências.

Certos terapeutas, vindos de formas de psicoterapia de aparências dramaticamente diferentes, chegam a ser reconhecidos como especialmente eficientes em auxiliar os pacientes a modificar suas experiências. O comportamento destes terapeutas, em psicoterapia, parece-nos ser extremamente sistemático no aspecto de eles terem um conjunto de técnicas poderosas para desafiar e ampliar diretamente o modelo que o paciente tem do mundo. Estas técnicas foram largamente adotadas por outros terapeutas, mas, infelizmente, sem os resultados dramáticos típicos deste primeiro grupo. A diferença aqui parece-nos recair no fato de que o primeiro grupo de terapeutas tem intuições muito claras a respeito de como empregar estas técnicas para desafiar e ampliar o modelo do paciente. Em outras palavras, estes psicoterapeutas são capazes de identificar quando a utilização de uma determinada técnica é apropriada. A utilização por outros destas mesmas técnicas conduz, freqüentemente, a resultados muito irregulares; algumas vezes terão êxito de forma dramática, outras parecerão perder tudo de roldão; algumas vezes a utilização destas técnicas parece ser apropriada, outras não.

Até então apresentamos, neste livro, um metamodelo para utilização por parte dos terapeutas em seus intercâmbios orais no encontro terapêutico. O metamodelo é um instrumento que está à disposição dos terapeutas de qualquer escola de psicoterapia. Sua praticabilidade é dupla: primeiro, oferece uma direção explícita (isto é, passo a passo e, portanto, passível de ser apreendida) para o que fazer a seguir em qualquer ponto do encontro terapêutico e,

segundo, qualquer um que seja falante nativo de inglês já tem as intuições necessárias para a utilização do metamodelo; precisa apenas tornar-se consciente destas intuições.

Como temos afirmado repetidamente, nosso metamodelo não esgota, de forma alguma, as escolhas ou possibilidades daquilo que um terapeuta possa fazer no encontro terapêutico. É, antes, projetado para integrar-se às técnicas e métodos das formas de psicoterapia já estabelecidas. A integração do metamodelo explícito a técnicas e métodos da terapia em que você já se tornou hábil não ampliará as escolhas que você tem como terapeuta, mas aumentará a potência de seu estilo de terapia, ao tornar as intervenções, que você utiliza, dirigidas explicitamente à expansão do modelo que seu paciente tem do mundo. Assim, o metamodelo da ao terapeuta uma estratégia explícita para terapia.

Temos duas metas principais neste capítulo final:

1. Selecionaremos e apresentaremos diversas destas técnicas provenientes de diferentes formas de psicoterapia; em cada caso, demonstraremos como estas técnicas implicitamente desafiam e ampliam o modelo do paciente. Assim, elas partilham com o metamodelo explícito, que apresentamos aqui, o objetivo de operar diretamente na representação que o paciente tem do mundo.
2. Mostraremos como estas técnicas se ligam às fases explícitas do nosso metamodelo, de um modo que indica a utilização adequada destas.

O Segundo Ingrediente: Estruturas de Referência

Uma das características de nossa experiência, que nos tornou possível desenvolver um metamodelo explícito para a linguagem da terapia, foi que cada um de nós, como falantes nativos da língua, tem intuições coerentes a respeito do que são as representações lingüísticas completas — a Estrutura Profunda — de cada frase ou Estrutura Superficial que ouvimos. Como terapeutas, chegamos a saber exatamente aquilo que está ausente da Estrutura Superficial do paciente, ao compararmos esta à Estrutura Profunda da qual, sabemos, se derivou. Assim. ao indagarmos pelo que está ausente, iniciamos o processo de recuperação e ampliação do modelo do paciente — o processo de modificação.

Chamamos, à Estrutura Profunda, estrutura de referência da frase ou Estrutura Superficial, que ouvimos de nossos pacientes. É estrutura de referência no sentido em que a Estrutura Profunda é a origem da qual a Estrutura Superficial se deriva. A Es-

trutura Profunda é a mais completa representação lingüística do mundo, mas não é o próprio mundo. A Estrutura Profunda, ela mesma, deriva-se de uma fonte mais rica e completa. A estrutura de referência para a Estrutura Profunda é a soma total de todas as experiências que o paciente tem acumuladas do mundo. Os processos que especificam o que acontece entre a Estrutura Profunda e a Estrutura Superficial são os três processos universais de modelagem humanos, as próprias regras de representação: Generalização, Eliminação e Distorção. Estes três processos gerais têm nomes e formas específicos dentro do metamodelo que criamos com os conceitos e mecanismos sugeridos pelo modelo transformacional da linguagem; por exemplo, índices referenciais, transformações por eliminação e condições de boa-estruturação semântica. Estes mesmos três processos gerais de modelagem determinam o modo pelo qual as Estruturas Profundas se derivam de sua origem — a experiência que o paciente tem do mundo. Sugerimos que o mesmo conjunto de conceitos e mecanismos específicos continuem a guiar-nos na recuperação da estrutura de referência para a Estrutura Profunda.[39]

O metamodelo para terapia, que desenvolvemos e apresentamos aqui, é, como afirmamos repetidamente, um modelo formal. É, especificamente, formal em dois sentidos da palavra:

1. é um modelo que é explícito — isto é, descreve, passo a passo, o que é a estrutura do processo de terapia;
2. é um modelo que trata da forma, não do conteúdo. Em outras palavras, o metamodelo é neutro em relação ao conteúdo do encontro terapêutico.

O primeiro sentido em que nosso metamodelo é formal garante que esteja à disposição de qualquer um que deseje aprendê-lo — isto é, já que é uma descrição explícita de um processo, é passível de ser aprendido. O segundo sentido garante que terá aplicação universal[40] — não importa qual seja o assunto ou conteúdo de determinada sessão terapêutica; o intercâmbio entre o terapeuta e o paciente envolverá Estruturas Superficiais; estas são o material sobre o qual o metamodelo se destina a operar.

---

[39] É nossa intenção oferecer uma representação mais completa e refinada das estruturas de referência, e dos mecanismos específicos que as transcrevem nos vários sistemas representativos, que os humanos utilizam (isto é, as Estruturas Profundas da língua), em *A Estrutura da Magia II*.

[40] O metamodelo que apresentamos é universal para terapia em inglês. Estamos convencidos de que pode ser facilmente adaptado a outras línguas, na medida em que seja baseado nos mesmos princípios formais.

Observe-se que, dado que o metamodelo independe do conteúdo, nada há nele que possa distinguir as Estruturas Superficiais produzidas por um paciente que esteja falando de sua última viagem ao Arizona das de outro que esteja falando de alguma experiência intensamente alegre ou penosa que teve com um amigo muito chegado. Este é o ponto em que a forma de psicoterapia particular ao terapeuta indicará o conteúdo da sessão terapêutica. Para nós, por exemplo, quando uma pessoa nos procura para terapia, sentimos que ela chega com algum sofrimento, alguma insatisfação a respeito de sua situação presente, e, geralmente, começamos por perguntar o que ela espera obter vindo até nós — isto é, o que deseja. A resposta, não importa qual (mesmo, *eu não sei*), é sob a forma de uma Estrutura Superficial, e iniciamos o processo de terapia pela aplicação, então, das técnicas do metamodelo. A pergunta inicial que fazemos não é uma pergunta que tenhamos mostrado ser exigida pelo metamodelo. É, antes, uma pergunta que desenvolvemos a partir de nossa experiência em terapia — isto é, essa experiência nos levou a compreender que um dos componentes necessários da experiência terapêutica é aprendermos o que é que trouxe o paciente à terapia.

A estrutura de referência para a representação lingüística completa da Estrutura Profunda é toda a gama da experiência humana. Como humanos, podemos estar certos de que cada experiência que temos incluirá certos elementos ou componentes. Para o propósito de compreender estes componentes da estrutura de referência para Estrutura Profunda, podemos dividi-los em duas categorias: as sensações que se originam no mundo, e a contribuição que damos com nosso sistema nervoso a estas sensações quando as recebemos e as processamos, organizando-as na estrutura de referência para as Estruturas Profundas lingüísticas de nosso idioma. A natureza exata das sensações que florescem no mundo não são diretamente conhecíveis no momento em que utilizamos nosso sistema nervoso para modelar o mundo, mesmo alcançando-as com nossos sistemas receptores, ajustando-as e calibrando-as (o conceito de *feedback* avançado — Pribram, 1967), de acordo com as expectativas que deduzimos do nosso presente modelo do mundo. O modelo que criamos está, evidentemente, sujeito a certas restrições impostas pelo mundo — se meu modelo diverge muito do mundo, não me servirá como guia adequado para meu comportamento no mesmo. Repetindo, a forma pela qual o modelo de cada um de nós desenvolve diferirá do mundo é nas escolhas (normalmente, não conscientes) que fazemos quando empregamos os três princípios de modelagem. Isto torna possível, a cada um de nós, conceber um modelo diferente do mundo e,

ainda assim, viver no mesmo mundo real. Assim como Estruturas Profundas incluem certos componentes necessários, as estruturas de referência também o fazem em relação às Estruturas Profundas. Por exemplo, recebemos sensações através dos cinco (no mínimo) sentidos da visão, audição, tato, gustação e olfação. Desta forma, um componente de estrutura de referência verificável por nós, como terapeutas, é se as Estruturas Profundas incluem descrições de sensações que chegam através de cada um destes cinco sentidos — isto é, a representação lingüística completa inclui descrições que representam a capacidade do paciente para ver, ouvir, tocar, saborear e cheirar? Se um destes sentidos não está representado, então podemos desafiar a representação, pedindo que o paciente religue a Estrutura Profunda a sua estrutura de referência e recupere as sensações eliminadas, ampliando e enriquecendo, assim, o modelo do mesmo.

Embora não tenhamos ainda desenvolvido uma estrutura explícita para o alcance da experiência humana, temos algumas sugestões sobre quais serão alguns dos componentes necessários dessa estrutura de referência. Além da verificação relativa aos cinco sentidos, consideramos útil empregar um conjunto de categorias desenvolvido por Virginia Satir em seu trabalho dinâmico com sistemas de família e posturas de comunicações. Satir organiza a estrutura de referência em três componentes principais:

1. *o contexto* — o que está acontecendo no mundo (isto é, na representação do mundo que o paciente tem);
2. *os sentimentos do paciente* em relação ao que está acontecendo no mundo (conforme representado);
3. *as percepções do paciente* sobre o que os outros estão sentindo em relação ao que está acontecendo no mundo (conforme representado).

Estamos conscientes de que, embora os relatos dos sentimentos do paciente, em relação ao que está acontecendo, irão ocorrer sob a forma de Estruturas Superficiais, que estão sujeitas às técnicas do metamodelo, não enfatizamos este aspecto com um componente necessário de uma Estrutura Profunda bem-estruturada. Os sentimentos do paciente em relação ao que está acontecendo no mundo são, entretanto, um componente necessário de qualquer estrutura de referência bem-estruturada. Em outras palavras, os terapeutas podem estar certos de que a estrutura de referência está incompleta, ou, em termos do que desenvolvemos neste livro, não está bem-estruturada, se os sentimentos do paciente não estiverem representados na estrutura de referência. Isto equivale a

dizer-se que as emoções humanas são um componente necessário da experiência humana.

A questão de mencionar este fato bastante óbvio não é sugerir que você, como terapeuta, não esteja consciente de que as pessoas têm sentimentos, mas é, antes de mais nada, a esperança de que você reconheça que, ao se fazer perguntas do tipo: "Como você se sente em relação a isso?" (o que quer que *isso* seja), você está, na realidade, pedindo a seu paciente uma representação mais completa (mesmo do que a Estrutura Profunda) da experiência que ele tem do mundo. E o que você está fazendo ao formular esta determinada pergunta é pedir aquilo que, você sabe, é um componente necessário da estrutura de referência do paciente. Este componente específico da estrutura de referência é comum à maioria das terapias e é uma informação muito útil em nosso trabalho como terapeutas. O que não é comum à maioria das terapias, e que pode tornar esta pergunta ainda mais potente, é que a resposta do paciente será uma Estrutura Superficial; sujeita às condições de boa-estruturação-em-terapia. Isto lhe permite saber mais a respeito do modelo do paciente, recuperando um dos componentes necessários da estrutura de referência, e, ao mesmo tempo, desafiando e ampliando o modelo do mesmo. Quando esta pergunta comum é encarada do ponto de vista do metamodelo, surge por si mesma uma pergunta adicional e muito potente. Esta nova pergunta, que é característica do trabalho de Satir, é: "Como você se sente em relação a seus sentimentos a respeito do que está acontecendo?" Consideremos esta pergunta à luz do metamodelo. Esta é essencialmente um pedido, por parte do terapeuta, para que o paciente diga como se sente em relação a sua estrutura de referência — seu modelo do mundo — focalizando os seus sentimentos a respeito da imagem que tem de si mesmo em seu modelo. Esta, então, é uma maneira explícita de abordar, diretamente, o que é chamado, em muitas terapias, a auto-estima do paciente — uma área muito poderosa da estrutura de referência do paciente e intimamente ligada à possibilidade de modificação para essa pessoa. A seqüência seguinte, entre um terapeuta e um paciente, mostra o modo pelo qual o primeiro aborda este aspecto da estrutura de referência deste último:

(1) S: *Paul simplesmente não se importa com a limpeza da casa.*	A Estrutura Superficial da paciente alega que ela tem conhecimento a respeito do estado interior de outra pessoa, sem estabelecer como o obteve — leitura de mente — violando

	assim as condições semânticas de boa-estruturação-em-terapia.
(2) T: *Como você sabe que ele não se importa?*	O terapeuta decide desafiar esta violação semântica, ao pedir-lhe para especificar o processo, de forma mais completa.
(3) S: *Ele me disse.*	A paciente supre a informação requisitada. Sua Estrutura Superficial, entretanto, contém uma eliminação associada ao predicado *dizer* — dizer o quê?
(4) T: *Ele lhe disse o que, especificamente?*	O terapeuta indaga pelo material ausente.
(5) S: *Ele me disse: "eu não me importo se a casa está limpa ou não".*	A paciente supre o material.
(6) T: *Como você se sente em relação ao fato de ele lhe dizer que não se importa que a casa esteja limpa ou não?*	O terapeuta, utilizando seu conhecimento de que a estrutura de referência da paciente tem de incluir seus sentimentos a respeito do comportamento de Paul, como uma condição necessária para ser esta uma estrutura de referência bem-estruturada-em-terapia, indaga por esse componente.
(7) S: *Eu me sinto irritada — na verdade, louca de raiva ... é a respeito disto que brigamos o tempo todo.*	A paciente fornece seus sentimentos em relação ao comportamento de Paul. Sua nova Estrutura Superficial inclui um quantificador universal (*todo*), que identifica uma generalização que o terapeuta pode desafiar.
(8) T: *Como você se sente a respeito*	O terapeuta ignora a violação da condição de boa-estruturação-em-terapia

de ficar irritada?	em relação a generalizações, e, ao invés, escolhe permutar níveis, perguntando à paciente a respeito de seus sentimentos sobre sua própria imagem em seu modelo do mundo (sua estrutura de referência).
(9) S: *Como eu me sinto a respeito de ficar irritada?*	A paciente parece estar inicialmente confusa pela pergunta do terapeuta, exigindo dela a permuta de níveis. Esta é uma reação comum a tais permutas de nível, segundo nossa experiência; os pacientes, no entanto, realmente têm os recursos para lidar com este tipo de manobra.
(10) T: *Sim, como você se sente a respeito de ficar irritada com Paul?*	O terapeuta repete a pergunta.
(11) S: *Bem, não me sinto muito bem com isso.*	A paciente fornece seus sentimentos em relacão a seus sentimentos — sua auto-estima.

O terapeuta começa a explorar o modelo da paciente neste novo nível, ao pedir-lhe para especificar o verbo de forma mais completa. Modificações a este nível — o de auto-estima — são extremamente importantes, dado que a auto-imagem de uma pessoa afeta o modo pelo qual ela organiza toda a sua experiência ou estrutura de referência. Portanto, modificações a este nível de estrutura permeiam o modelo inteiro que o paciente tem do mundo.

Estas categorias e técnicas particulares a Satir oferecem um começo para a determinação do conjunto das estruturas de referência bem-estruturadas-em-terapia. Ao observarmos terapeutas extremamente eficientes, como Satir, identificamos outros tipos de categorias, que oferecemos como parte do conjunto dos componentes mínimos que têm de estar presentes para que uma estrutura de referência seja bem-estruturada em relação à integralidade, uma outra forma de verificar a integralidade nas estruturas de referência do paciente. Estas incluem:

(a) o modo pelo qual o paciente está representando suas experiências passadas, no presente — estas se apresentam,

com freqüência, sob a forma de regras relativas a seu comportamento;

(b) o modo pelo qual o paciente está representando sua experiência presente, no presente — isto é, aquilo de que o paciente tem consciência no momento;

(c) o modo pelo qual o paciente está representando suas experiências futuras possíveis, no presente — isto é, suas expectativas daquilo que espera será o resultado de seu comportamento.

Observe-se que os quatro componentes iniciais apresentados por Satir (os sentimentos do paciente, os sentimentos de outros, o contexto; os sentimentos do paciente em relação a seus sentimentos) ocorrerão como componentes de cada uma destas três representações — o passado, o presente e o futuro — como o paciente os está representando agora. Consideramos estas categorias muito úteis para organizar nosso modelo e comportamento em terapia, ao tentarmos auxiliar os pacientes no desenvolvimento de estruturas de referência completas. Como se terá observado nas técnicas explícitas do metamodelo, conforme apresentadas nos capítulos 3, 4 e 5, o metamodelo inclui técnicas para a recuperação e desafio das categorias da estrutura de referência aqui delineada. Regras, baseadas na experiência do paciente como representadas no presente, são outro nome para generalizações baseadas na experiência do paciente, como são as expectativas do mesmo. Em cada caso, o paciente apresentará o material que o terapeuta requisita quando está desafiando e enriquecendo o modelo do mesmo, que se encontra sob a forma de Estruturas Superficiais sujeitas às condições de boa-estruturação-em-terapia, que o metamodelo especifica. A idéia de apresentar estas categorias é oferecer algumas sugestões claras a respeito do que poderiam ser os componentes necessários de uma estrutura de referência completa e bem-estruturada para a Estrutura Profunda lingüística. Sugestões adicionais para o que poderiam ser os componentes necessários de uma estrutura de referência completa foram oferecidas por vários filósofos (qualquer um dos bem conhecidos filósofos ocidentais que lidaram explicitamente com epistemologia — por exemplo, na tradição empírica, Locke, Berkeley, Hume, e na tradição idealista, Kant, Hegel, Vaihinger etc.) e semanticistas, lógicos, lingüistas (por exemplo, Korzybski, Humboldt, Carnap, Tarski, Chomsky, Katz etc.).

Para o restante deste capítulo, selecionaremos e discutiremos inúmeras técnicas das diferentes formas de psicoterapia. Não é nossa intenção ensinar estas técnicas aqui. É, antes, em cada caso,

mostrar como a técnica, da maneira que é utilizada presentemente, desafia de forma implícita a representação do mundo do paciente e, como cada uma destas técnicas pode ser integrada ao metamodelo. Selecionamos estas técnicas, em particular, simplesmente porque estamos familiarizados com elas e sabemos, a partir de nossa experiência, que são instrumentos terapêuticos poderosos. Gostaríamos também de afirmar que de maneira alguma estamos dizendo que elas sejam mais poderosas que outras técnicas, ou que se prestem mais prontamente a ser integradas ao metamodelo, mas queremos, assim, oferecer uma série de exemplos típicos das técnicas escolhidas daquelas que conhecemos.

Encenação: o Reviver Instantâneo de Experiências

Por *encenação* referimo-nos àquelas técnicas que envolvem o paciente na dramatização de uma experiência real ou fantasiada. A encenação pode envolver apenas o paciente ou, também, outros participantes.

> Se tomada como entidade absoluta, sem que se investigue seu significado intrínseco, a palavra adquire uma vida própria. Retificar a palavra desta forma é destituí-la de sua função prática como um meio eficiente, em maior ou menor grau, de referência a um processo que permanece vivo e que varia, de modo contínuo, de referentes. Encenação é uma forma de manter vivas as palavras que uma pessoa emprega para caracterizar a si mesma ou a alguém mais. Manter sua linguagem ligada à ação permite sentimentos de modificação e crescimento...
> (L e M. Polster, *Gestalt Therapy Integration*, pp. 00)

A solução (para a questão do que é o conjunto de componentes necessários de uma estrutura de referência completa) é complexa. Felizmente para a psicoterapia, esta solução não é exigida para que se proceda à terapia. Uma maneira de evitar esta dificuldade, e ao mesmo tempo obter acesso a algo mais próximo da estrutura de referência do paciente, é fazer com que o mesmo apresente as experiências a partir das quais se derivou a representação lingüística completa.[41] Por exemplo, a paciente tem dificul-

[41] A técnica de encenação fornece, necessariamente, uma representação mais próxima da fonte de referência — as experiências originais — do que a representação lingüística, sozinha, pode fornecer, pois a encenação envolve representação lingüística somada a outros sistemas representativos (isto é, o sistema representativo semântico/físico). Aqui, é muito importante a habilidade do terapeuta em assistir o paciente no ato de reviver e encenar a experiência original.

dade em expressar raiva para com seu marido. Sabemos disto a partir do momento em que ela começa a apresentar uma série de Estruturas Superficiais que, então, sujeitamos às condições de boa-estruturação-em-terapia, chegando, finalmente, à representação lingüística completa. Neste ponto, a fim de determinar o que seja a estrutura de referência da qual esta representação lingüística completa se derivou, podemos pedir à paciente para encenar uma ocasião específica em que foi incapaz de expressar sua raiva para com seu marido. Além de religar as Estruturas Profundas da paciente a uma aproximação mais completa das estruturas de referência destas Estruturas Profundas, as técnicas de encenação desempenham, de modo típico, duas outras funções:

1. o paciente, ao recriar sua experiência, torna-se consciente de partes da estrutura de referência, ou experiência, que não tinham representação na Estrutura Profunda;
2. a encenação dá ao terapeuta acesso a dois aspectos importantes:

   (a) uma aproximação bem chegada à própria estrutura de referência — a experiência do paciente — e, portanto, fornece ao terapeuta uma abundância de material exato para ser utilizado no encontro terapêutico;

   (b) a oportunidade de ver, diretamente, um exemplo de modelagem executado pelo paciente. Em outras palavras, através da encenação, tem à disposição uma estrutura de referência aproximada. Ao compará-la à descrição oral da experiência, por parte do paciente, o terapeuta tem um exemplo das generalizações, eliminações e distorções típicas do mesmo.

Inúmeras coisas acontecem quando o paciente encena sua experiência. Primeiro, sua própria experiência presente vem a desafiar e ampliar seu modelo do mundo, à proporção que o experimenta nas possibilidades de sua encenação, possibilidades essas que foram anteriormente eliminadas, e algumas porções ausentes de representação são recuperadas. Segundo, as porções do modelo do paciente que eram vagas e indefinidas se esclarecem, na medida em que a encenação é uma experiência específica — equivalente ao suprimento de índices referenciais por parte do paciente, neste caso mais experimental do que lingüisticamente. A encenação é essencialmente uma dramatização daquilo que o paciente representou como um evento — a própria encenação desnominaliza

a representação; isto é, retransforma o evento em um processo, e, neste processo, apresenta uma imagem muito mais amplamente especificada do mesmo (equivalente a especificar, de forma ampla, o verbo pelas técnicas do metamodelo). Estes quatro aspectos de uma encenação típica, tomados em conjunto, resultam em uma experiência que se encontra, em parte, fora dos limites da representação lingüística inicial do paciente. Dado que a técnica de encenação desafia de forma implícita o modelo do paciente por meio destes quatro aspectos, se a integrarmos às técnicas do metamodelo o resultado é que a própria técnica de encenação torna-se mais poderosa e direta no desafio explícito à representação lingüística do paciente.

Em qualquer situação terapêutica em que se integre completamente a técnica de encenação ao metamodelo, o terapeuta tem um conjunto extremamente rico de escolhas. Comum a todas estas escolhas é a sugestão de que o terapeuta faça com que o paciente descreva sua experiência em andamento durante a dramatização. Esta descrição em andamento, como também quaisquer outras comunicações orais por parte do paciente a outros participantes da encenação, será, evidentemente, uma série de Estruturas Superficiais. O terapeuta submete estas Estruturas Superficiais às condições de boa-estruturação-em-terapia ao utilizar o questionamento do metamodelo. Isto assegura que o material, que a técnica de encenação colocou *implicitamente* à disposição, seja recuperado de forma inteiramente explícita. A técnica de encenação é destinada a colocar à disposição uma aproximação mais chegada à estrutura de referência, a partir da qual a porção empobrecida da representação lingüística do paciente se derivou. A melhor aproximação à estrutura de referência, fornecida pela encenação, inclui as formas de comunicação tanto verbais como analógicas. Além de submeter os relatos da experiência em andamento feitos pelo paciente, e suas comunicações a outros participantes, às condições de boa-estruturação-em-terapia, o terapeuta tem à disposição esta representação mais completa — a própria experiência de encenação, que o terapeuta pode utilizar como uma estrutura de referência aproximada para comparar diretamente com a descrição verbal do paciente.

O terapeuta pode querer utilizar alguns dos componentes necessários de uma estrutura de referência completa sugerida anteriorm nte. Ele pode, por exemplo, por meio do questionamento, assegurar-se de que o paciente esteja representando, de forma explícita, seus sentimentos a respeito da experiência de encenação, ao indagar, diretamente, por esses sentimentos. Ou, por exemplo,

o terapeuta pode ficar especialmente atento a se o paciente explicitamente representa sensações obtidas através de cada um dos cinco sentidos — isto é, o terapeuta pode verificar se o paciente vê e enxerga claramente as ações de outros participantes da dramatização, ou pode verificar se o paciente escuta e ouve claramente as coisas ditas por ele mesmo e outros participantes.

Fantasia Dirigida — Uma Jornada ao Desconhecido

Por *fantasia dirigida* referir-nos-emos ao processo em que os pacientes empregam sua imaginação para criar uma nova experiência para si mesmos.

> Fantasia é uma força de expansão na vida de uma pessoa — alcança e ultrapassa o ambiente imediato do indivíduo ou o acontecimento, que de outra forma o limitam... Algumas vezes estas extensões (fantasia) podem reunir uma tal força e intensidade, que alcançam uma presença mais estimulante do que algumas situações da vida real... Quando estas fantasias conseguem aflorar na experiência de terapia, a renovação de energia pode ser vasta, algumas vezes atingindo as fronteiras do inadmissível e, freqüentemente, definindo um novo curso no sentido do eu do indivíduo.
>
> (Polster & Polster, *Gestalt Therapy Integrated*, 1973, p. 255)

O propósito da fantasia dirigida é criar uma experiência para o paciente que, pelo menos em parte, se não no todo, não foi anteriormente representada em seu modelo. Assim, fantasias dirigidas são utilizadas de forma mais adequada quando a representação do paciente está muito empobrecida para oferecer um número adequado de escolhas para poder enfrentar esta área. De modo mais típico, há casos onde o paciente ou está, ou sente que estará, em uma situação em que não tem representação suficiente, em seu modelo, para responder de um modo que ache adequado. Com freqüência, o paciente experimenta uma grande carga de incerteza e medo quanto à resolução destas situações. Por exemplo, um paciente sente-se bloqueado de expressar seus sentimentos de suavidade e ternura para com seu filho. Ele jamais expressara estes sentimentos e está muito apreensivo a respeito do que sucederá se o fizer, embora não tenha uma idéia clara do que esse acontecimento possa ser. Aqui, podemos decidir utilizar uma técnica de fantasia dirigida — fazer com que o paciente crie, através da fantasia, a experiência que a um só tempo deseja e teme. Esta experiência servirá como uma estrutura de referência para o paciente,

auxiliando-o a superar o medo e, por fim, proporcionando-lhe um número maior de escolhas nesta área de sua vida. A fantasia dirigida, então, serve como um instrumento para o terapeuta na consecução de dois objetivos:

1. fornece ao paciente uma experiência que é a base para uma representação em seu modelo, onde anteriormente não houvera representação, ou esta era inadequada. Isto fornece-lhe um guia para o comportamento e a tarefa futura de enfrentar as dificuldades nesta área;
2. fornece ao terapeuta uma experiência que pode utilizar para desafiar o modelo atualmente empobrecido do paciente.

Além destas vantagens obtidas, tanto para o terapeuta como para o paciente, uma fantasia dirigida é uma oportunidade para o primeiro observar esse segundo, criando não apenas uma nova experiência mas também uma representação da mesma. Nesta oportunidade, o terapeuta vê, na criação dessa nova experiência de fantasia, os processos universais de modelagem de Generalização, Eliminação e Distorção como são tipicamente empregados pelo paciente. O emprego da experiência de fantasia dirigida é paralelo à técnica do metamodelo, no que se refere à recuperação de eliminações em grande escala sob a categoria de operadores modais. Esta técnica difere do processo de encenação, no aspecto em que esta recupera e traz até a experiência atual do paciente algo bem aproximado de uma estrutura de referência do *passado* do paciente, enquanto a fantasia dirigida cria uma estrutura de referência para o paciente no *presente*.

Dado que a fantasia dirigida é a criação de uma estrutura de referência, o terapeuta pode desejar utilizar os componentes necessários de uma estrutura completa de referência, sugerida anteriormente, na direção da fantasia dirigida. Especificamente, por exemplo, o terapeuta pode, pelo questionamento, dirigir o paciente de forma que ele relate seus sentimentos em diferentes momentos da fantasia, ou dirigir-lhe a atenção para um, ou mais, dos cinco sentidos, a fim de assegurar que uma estrutura completa de referência emerja na fantasia do mesmo.

Descobrimos, segundo nossa experiência, que fantasias dirigidas tomam, freqüentemente, a forma de uma metáfora, ao invés de uma representação direta do "problema" que o paciente primeiro identifica. Por exemplo, uma paciente vem a uma sessão de terapia queixando-se de que é incapaz de irritar-se com qualquer uma das pessoas com quem trabalha. Utilizando as técnicas do metamodelo, descobrimos que ela também se sente incapaz de

expressar raiva com relação ao pai e a seu marido e, na realidade, ser incapaz de identificar uma pessoa com quem se sentisse à vontade para expressar raiva. Inúmeras técnicas encontram-se à disposição no metamodelo para desafiar esta generalização; entretanto, a fantasia dirigida é especialmente adequada a situações em que o paciente tem pouca ou nenhuma representação, em seu modelo, para tais experiências. Se, através da técnica de fantasia dirigida, o paciente tem êxito em expressar raiva com relação a alguém em sua fantasia (não importa quem), terá então criado uma nova estrutura de referência que contradiz a generalização em seu modelo. Com freqüência, uma vez que o paciente tenha gerado, com êxito, estruturas de referência que contradigam a generalização em seu modelo, a generalização desaparece, e os problemas que eram resultado desta também desaparecem ou são reduzidos.

Por exemplo, uma ocasião uma jovem veio a um seminário em que se ensinavam as técnicas do metamodelo. Antes do início do mesmo, num repente frenético, ela começou a alegar que estava aterrorizada à idéia de estar ficando louca. Utilizando técnicas do metamodelo, o professor foi capaz de determinar que ela sentia estar perdendo o controle e não sabia o que lhe estava acontecendo; sua vida estava tumultuada; seu futuro, o desconhecido assustador e sombrio. O professor do seminário pediu-lhe para fechar os olhos e contar-lhe o que via. Após alguma dificuldade inicial, pôs-se a descrever como se estivesse de pé, à beira de uma grande fenda, que era escarpada e prenunciava o pior. O professor disse-lhe para, vagarosamente, descer para o interior da fenda e explorá-la, pedindo-lhe que não parasse de relatar o que estava experimentando, dando detalhes de visão, audição, tato, olfação e, constantemente, reassegurava-lhe que ela poderia vencer cada obstáculo. Ela finalmente seguiu até o fundo e voltou, observando, quando alcançou novamente o topo, que ainda era um dia sombrio, mas que, de algum modo, sentia-se melhor. Ao abrir os olhos, o medo desaparecera e ela sentia que podia sobreviver a tudo que a esperava. Esta experiência ofereceu uma nova estrutura de referência, na qual esta jovem foi capaz de enfrentar uma experiência desconhecida; esta nova estrutura de referência também lhe expandiu o modelo, de tal modo que lhe permitiu acreditar que, de alguma forma, sobreviveria ao que quer que lhe estivesse acontecendo em sua vida.

Pela solução ou resolução de um "problema" através de metáfora em fantasia dirigida, referimo-nos a uma situação em que o paciente utiliza a fantasia dirigida para criar uma nova estrutura de referência ou experiência em que consiga aquilo que anterior-

mente não era possível. Uma vez que a nova situação — aquela criada na fantasia — seja resolvida com sucesso, o "problema", que o paciente tinha antes, ou desaparece, ou, pelo menos, diminui, e é típico o paciente sentir-se capaz de enfrentá-lo. O "problema" criado e o "problema" original têm de partilhar uma semelhança de estrutura — ambos têm de ser "problemas" relativos à mesma generalização empobrecedora no modelo que o paciente tem do mundo.[42]

Uma vez que o terapeuta tenha êxito no desenvolvimento de uma fantasia dirigida junto a seu paciente, esta fantasia, ela mesma, é uma experiência de que pode dispor para o processo de encenação.

Vínculos Terapêuticos Duplos

Por vínculos terapêuticos duplos queremos dizer situações, impostas ao paciente pelo terapeuta, em que qualquer resposta por parte do primeiro será uma experiência, ou estrutura de referência, que se encontra fora do modelo do mundo do paciente. Assim, vínculos terapêuticos duplos implicitamente desafiam o modelo do paciente, ao forçá-lo a uma experiência que contradiga as limitações empobrecedoras de seu modelo. Esta experiência então vem a servir como uma estrutura de referência que expande o modelo do mundo do paciente. No metamodelo, quando o terapeuta revela uma generalização empobrecedora no modelo do paciente, especialmente uma que envolva uma violação do tipo Causa-Efeito semanticamente mal-estruturada e/ou um operador modal, o terapeuta pode desafiar esta generalização, ao perguntar-lhe se esta é sempre, ou necessariamente, verdade (vide Técnicas para Desafiar Generalizações, capítulo 4), para identificar e dramatizar uma experiência que contradiga esta generalização (encenação), ou, no caso de o paciente não ter essa experiência a seu dispor, o terapeuta pode pedir-lhe para criar uma experiência que contradiga sua generalização (através da técnica de fantasia dirigida). Se estas três técnicas falham em produzir a experiência contraditória, ou se o terapeuta assim o desejar, pode decidir criar uma situação de vínculo duplo em que a resposta do paciente seja uma experiência que contradiga a generalização empobrecedora do mesmo.

Durante uma sessão terapêutica, enquanto se utilizavam técnicas do metamodelo com um grupo, o terapeuta auxiliou a paciente a chegar à generalização que era verdadeira em seu mode-

---

[42] M. Erickson apresenta um caso claro deste princípio de solução por metáfora em *Advanced Techniques of Hypnosis and Therapy* (pp. 299-311).

lo; a saber, "Não posso dizer *NÃO* a ninguém, porque não posso ferir os sentimentos de ninguém". Neste caso específico, o terapeuta decidiu utilizar a técnica do metamodelo de perguntar o que, especificamente, aconteceria se ela dissesse *NÃO* a alguém. Sua resposta foi a de que as pessoas ficariam muito magoadas, poderiam até mesmo morrer. Observando-se a falta de um índice referencial no argumento nominal *ninguém*, o terapeuta decidiu perguntar quem, especificamente, poderia ser magoado e morrer. A paciente, agora muito agitada, relembrou uma experiência traumática de sua infância: ela dissera *NÃO* ao pedido de seu pai para ficar em casa com ele. Após voltar para casa, mais tarde, naquela mesma noite, a paciente descobriu que seu pai havia morrido, e ela tomou a si a responsabilidade pela morte do pai, atribuindo-a ao fato de ter-lhe dito *NÃO*.

O terapeuta agora passou a uma técnica de encenação, ao pedir-lhe para recriar a situação descrita com o pai. Mesmo depois que a técnica de encenação mostrou que a experiência original, a partir da qual a paciente fizera a generalização, foi a de que não tivera escolha em relação a se poderia, ou não, ficar com o pai, ela, inflexivelmente, recusou-se a abandonar a generalização. A essa altura, embora a técnica de encenação se tivesse provado útil na recuperação da experiência traumática, fornecendo material que desafiava outras determinadas generalizações do modelo da paciente, esta técnica não contradisse, por si mesma, a generalização a respeito das conseqüências de dizer *NÃO* a alguém. Neste caso, observe-se que a recuperação e encenação da experiência original, a partir da qual ela fez uma generalização, não contradisse a generalização; simplesmente, identificou a origem da generalização. Assim, após a encenação o modelo da paciente ainda estava empobrecido nesta área — ela ainda não podia imaginar dizer *NÃO* a alguém, sem que houvesse conseqüências inaceitáveis. O terapeuta, neste caso, decidiu, a seguir, utilizar uma técnica de vínculo terapêutico duplo. O que este fez foi dizer à paciente que fosse a cada uma das pessoas do grupo e lhes dissesse *NÃO* com relação a alguma coisa. A paciente reagiu violentamente, recusando-se a cumprir a tarefa, fazendo ainda mais afirmações como:

> *NÃO! é impossível para mim dizer NÃO às pessoas! Você não pode esperar que eu diga isto só porque você me pede.*

A paciente continuou assim durante vários minutos, recusando-se a cumprir a tarefa que lhe dera o terapeuta, até que este assina-

lou que ela estava, na realidade, dizendo-lhe *NÃO* todo esse tempo! Em seguida, mostrou-lhe que não se magoara e, certamente, não morrera, contrariamente à generalização da paciente. Esta experiência foi tão poderosa para essa paciente, que ela foi imediatamente capaz de movimentar-se pela sala e dizer *NÃO* aos outros membros do grupo.

Consideremos a posição em que o terapeuta colocou a paciente, ao pedir-lhe que dissesse *NÃO* aos membros do grupo:

1. A paciente estabelecera uma generalização

   Não posso dizer NÃO a ninguém...

2. O terapeuta estruturou um vínculo terapêutico duplo, ao pedir-lhe que:

   Diga NÃO a cada uma das pessoas deste grupo.

3. Observem-se as escolhas à disposição da paciente; ela pode

   (a) Dizer *NÃO* a cada membro do grupo,

   ou

   (b) Dizer *NÃO* ao terapeuta.

4. Qualquer que seja a escolha que a paciente faça, gera uma experiência que contradiz sua generalização original. Esta experiência serve à paciente como uma estrutura de referência para guiá-la na representação de seu mundo em termos mais ricos.

O terapeuta torna explícita a natureza contraditória da nova experiência, ao assinalar (utilizando a técnica do metamodelo) que a relação Causa-Efeito, que a generalização da paciente sustentou ser necessariamente verdadeira, deixou de sê-la, nesta experiência.

Uma das formas pelas quais consideramos particularmente útil o vínculo terapêutico duplo é na área referida por muitas terapias como dever-de-casa. Por dever-de-casa queremos dizer contratos que fazemos com os pacientes, em que eles concordam em executar certas ações entre as sessões terapêuticas. Na área de vínculos terapêuticos duplos, no que se refere a dever-de-casa, uma paciente, em uma sessão de terapia, revelou a generalização de que

Não posso tentar nenhuma coisa nova, porque posso falhar.

Quando o terapeuta, utilizando técnicas do metamodelo, perguntou o que aconteceria se ela realmente tentasse fazer alguma coisa nova e falhasse, ela respondeu que não tinha certeza, mas que isso poderia ser muito ruim. Ela expressou uma grande dose de medo das conseqüências de falhar em alguma coisa nova e, mais uma vez, afirmou que lhe era impossível, portanto, tentar alguma coisa nova. Nesse ponto, o terapeuta decidiu impor um vínculo terapêutico duplo e utilizar o tempo entre as sessões para aplicar este vínculo. Fez um contrato com ela de que deveria, todo dia, entre essa sessão e a seguinte, tentar alguma coisa nova e falhar na mesma. Novamente, observe-se a estrutura da situação da paciente criada por este pedido, por parte do paciente:

1. a paciente tem a generalização em seu modelo

   Não posso falhar em alguma coisa nova;

2. o terapeuta estrutura um vínculo terapêutico duplo com o contrato

   Todo dia, entre essa sessão e a seguinte, você vai tentar alguma coisa nova e falhar na mesma;

3. observamos as escolhas à disposição da paciente:

   (a) pode tentar alguma coisa nova todos os dias, entre essa sessão e a seguinte e falhar nela, cumprindo o contrato,

   ou

   (b) pode falhar em cumprir o contrato, uma nova experiência em si mesma;

4. em qualquer das situações, a paciente terá uma experiência que contradirá sua generalização e fornecer-lhe-á uma estrutura de referência que aumenta o volume de escolhas à disposição no mundo, conforme representado em seu modelo.

Não estamos sugerindo que os vínculos duplos constituam o único tipo de dever-de-casa, mas, antes, que este pode constituir um vínculo duplo, e, mais adiante, que as generalizações podem ser desafiadas por experiências que se prolongam após o término da entrevista ou da própria sessão. É necessário apenas que estas experiências criem alguma estrutura de referência nova que contradiga as porções empobrecedoras do modelo da paciente.

Gostaríamos ainda de afirmar, neste ponto, que passar dever-de-casa também é útil para fornecer aos pacientes uma opor-

tunidade direta de experimentar qualquer dimensão nova criada em seus modelos no curso de uma sessão terapêutica.

Outros Mapas para o Mesmo Território

Seres humanos representam suas experiências através de outros sistemas que não a língua. A distinção fundamental mais importante, que se oferece como um meio de compreender os diferentes mapas que nós, como humanos, desenvolvemos para guiar-nos pelo mundo, é aquela que se acha entre os sistemas representativos digital e analógico (vide Bateson, 1973; Wilden, 1973, por exemplo). O mais conhecido sistema representativo digital é aquele que é o foco de nosso metamodelo — o sistema da língua natural. O exemplo a que mais comumente nos referimos como um sistema representativo analógico é a expressão corporal. Há inúmeras terapias que lidam basicamente com estes sistemas representativos corporais ou analógicos. Por exemplo, terapias como as de Rolfing, bioenergética etc., desafiam e ampliam o modelo do paciente, ao operarem diretamente sobre a representação analógica que o mesmo tem do universo de sua experiência. Um ponto em que estes dois tipos de sistemas representativos se acoplam é no uso da qualidade de voz — um sistema analógico — empregada para transmitir e expressar o sistema digital primário, a língua natural. Um exemplo, citado freqüentemente, de um sistema misto, é o dos sonhos, onde as representações tanto digitais como analógicas estão presentes.

Para finalidade de terapia, é essencial que o terapeuta compreenda que a própria representação lingüística completa — o conjunto de Estruturas Profundas — é um modelo ou representação derivados do mundo. Além dos limites da representação lingüística completa se encontra aquilo a que nos referimos como estrutura de referência — o sistema representativo mais completo daquela pessoa, as experiências armazenadas, que constituem a história da vida dessa pessoa. Este modelo mais completo — as experiências de vida da pessoa — é a estrutura de referência, não apenas para o conjunto de Estruturas Profundas que são a base do sistema representativo digital primário, mas também para aquelas experiências que servem como estruturas de referência para os outros sistemas representativos humanos, quer analógicos quer digitais.

Uma das habilidades mais poderosas que exercemos como comunicadores e terapeutas é nossa capacidade de representar e comunicar nossas experiências em qualquer dos sistemas repre-

sentativos que, como humanos, temos à nossa disposição. E mais, terapeutas reconhecerão o poder de assistir aos pacientes na permuta de seus sistemas representativos. Por exemplo, uma paciente afirma ter uma forte dor de cabeça. Isto equivale à paciente informar ao terapeuta que ela representa alguma experiência específica cinestesicamente, de uma forma que lhe causa sofrimento. Uma escolha muito poderosa que o terapeuta tem é fazer com que ela permute os sistemas representativos. Especificamente, supondo que o terapeuta já tenha identificado que a paciente tem uma capacidade altamente desenvolvida de representar visualmente suas experiências, o terapeuta diz-lhe que feche os olhos e descreva os detalhes específicos da dor de cabeça, ao mesmo tempo formando uma imagem claramente focalizada da dor de cabeça. Há variações deste procedimento que o terapeuta pode empregar para assisti-la na obtenção de uma representação visual. Por exemplo, pode pedir-lhe que respire profundamente e, uma vez que um ritmo se tenha estabelecido, pedir-lhe que expire vigorosamente a dor de cabeça na direção de uma cadeira a sua frente, criando nesta uma imagem visual. O resultado desta permuta de sistema representativo é assistir à paciente na representação de sua experiência em um sistema representativo em que não cause sofrimento a si mesma. O poder da técnica de permutar experiências da paciente de um sistema representativo para o outro, dificilmente, pode ser superestimado. No volume II de *A Estrutura da Magia*, apresentamos um modelo explícito para identificação e utilização do sistema representativo mais freqüentemente empregado pelos pacientes.

Congruidade

Porções diferentes de uma estrutura de referências podem ser expressas por diferentes sistemas representativos. Estes podem ocorrer simultaneamente. Há duas possibilidades lógicas quando dois sistemas representativos distintos estão expressando, simultaneamente, porções diferentes da estrutura de referência da pessoa.

Primeiro, a porção da estrutura de referência da pessoa que um sistema representativo está expressando se ajusta à porção da estrutura de referência que o outro sistema representativo está expressando. Referimo-nos a esta situação como uma mensagem coerente dupla, ou congruidade ou comunicação congruente por parte da pessoa envolvida.

Em segundo lugar, a porção da estrutura de referência que um sistema está expressando não se ajusta à porção da estrutura

de referência que o outro sistema representativo está expressando. Referimo-nos a esta situação como mensagem incoerente dupla, não-congruidade ou comunicação incongruente. Por exemplo, se em uma sessão de terapia, o paciente calmamente sentado numa cadeira, falando em voz baixa e controlada, declara,

> *Eu realmente estou furioso — Droga, não estou aqui para isso.*

temos um exemplo clássico de uma mensagem incoerente dupla ou comunicação incongruente. O sistema digital (linguagem) e o sistema analógico (corpo e qualidade de voz) não se coadunam.

Uma das situações mais empobrecedoras que encontramos em terapia é aquela em que uma pessoa conserva porções contraditórias de sua estrutura de referência. Estas porções contraditórias têm, de modo típico, a forma de duas generalizações contraditórias que se aplicam à mesma área de comportamento. Com mais freqüência, a pessoa, cuja estrutura de referência inclui estas generalizações incoerentes, tem a sensação de estar imobilizada, profundamente confusa, ou oscilando entre duas formas incoerentes de comportamento. Isto pode ser reconhecido pelo terapeuta quando vê uma comunicação de mensagem incoerente ou incongruente dupla.

Observe-se que, em cada uma das técnicas que apresentamos neste capítulo, até agora, a estratégia global que o terapeuta adotou é aquela explicitamente especificada pelo metamodelo, desafiar e ampliar as porções empobrecidas do modelo do paciente. Caracteristicamente, isto toma a forma de vínculos terapêuticos duplos de recuperação (encenação) ou de criação (fantasia dirigida), uma estrutura de referência que contradiz e, portanto, desafia as generalizações limitadoras do modelo do paciente. Neste caso, a própria comunicação incongruente é um indicador das duas porções da estrutura de referência incoerente de uma pessoa, duas generalizações que podem servir como estruturas de referência contraditórias mútuas. A estratégia do terapeuta, a esta altura, é colocar em contato as duas generalizações contraditórias. Isto pode ser executado, de forma mais direta, ao se trazerem estas generalizações para o mesmo sistema representativo.

Por exemplo, durante uma sessão terapêutica, o terapeuta, utilizando técnicas do metamodelo, assiste a um paciente na identificação de uma generalização em seu modelo:

> *Eu deveria sempre estimar minha mãe por todas as coisas que ela fez por mim.*

Observe-se que, partindo apenas das técnicas do metamodelo, esta Estrutura Superficial apresenta inúmeras escolhas ao terapeuta (o operador modal *deveria;* os quantificadores universais *sempre* e *todas;* a falta de um índice referencial no argumento nominal *coisas*). No entanto, quando o paciente estava proferindo esta Estrutura Superficial, o terapeuta observou que ele cerrava o punho direito e estava batendo discretamente no braço da cadeira em que estava sentado. Isto identifica uma mensagem incongruente. Ignorando por ora as violações das condições de boa-estruturação-em-terapia na Estrutura Superficial do paciente, o terapeuta decide trazer as partes incongruentes do comportamento do paciente para o mesmo sistema representativo. Assim o faz, ao pedir-lhe que expresse a porção analógica da comunicação incongruente no sistema digital. O paciente, finalmente, responde com a Estrutura Superficial:

> *Eu deveria sempre estimar minha mãe por todas as coisas que ela fez por mim, mas ela sempre ficou do lado do meu pai, e isso me deixa fulo da vida.*

Ao se utilizarem técnicas do metamodelo, estas duas generalizações contraditórias foram mantidas em contato no mesmo sistema representativo, até que as generalizações fossem desafiadas e o paciente conseguisse um novo modelo com mais riqueza e detalhes — que ele estimava a mãe devido a certos atos e tinha-lhe ressentimento por outros.

Uma indicação de que o modelo do paciente está enriquecido é quando há comunicação *congruente* onde antes havia comunicação *incongruente*. Este alinhamento dos sistemas representativos separados, que anteriormente tinham sido incongruentes, é uma experiência poderosa para um paciente,[43] e, habitualmente, é bem fácil de ser notada por terapeutas experientes.

---

[43] Esta experiência de alinhamento ou congruidade é parte da base de proteção para a integridade do paciente. Conforme mencionado no capítulo 3, se o paciente elimina uma porção de sua Estrutura Superficial ou deixa de imputar um índice referencial a algum elemento, nessa Estrutura Superficial, o terapeuta tem muitas escolhas. Pode ter uma forte intuição do que seja a porção eliminada da Estrutura Superficial, ou do que seja a identidade do índice referencial ausente. Pode decidir agir segundo essa intuição, ao invés de indagar pela informação ausente. A proteção para o paciente consiste em o terapeuta fazer com que ela diga uma Estrutura Superficial que incorpore essa intuição:

P: *Estou com medo.*
T: *Quero que você diga isto e preste atenção a como você se sente ao dizê-lo: "Meu pai me amedronta."*

O paciente então diz a Estrutura Superficial proposta pelo terapeuta e presta atenção para ver se é uma experiência de alinhamento ou uma

Terapia Familiar

Por *terapia familiar* referimo-nos àquelas terapias que conduzem o encontro terapêutico com toda uma família, ao invés de com um paciente ou cliente identificado.

> Todas as abordagens acima são predicadas à necessidade de que sejam vistos os sintomas do paciente ou pacientes identificados dentro da interação da família toda, com a crença teórica explícita de que há uma relação entre o sintoma do paciente identificado e a interação da família toda. O tanto quanto o terapeuta "acredite" em terapia familiar determinará sua ênfase nas técnicas que transmitem esta orientação ao paciente.
>
> (*Therapy Comm. & Change*, p. 250)

As formas de terapia familiar, às quais estamos mais habituados, fazem uso extensivo do conceito de congruidade (Satir, Bateson etc.). Aqui, a comunicação congruente pode ser um instrumento útil para se considerarem os membros individuais da família, ou a família, como uma unidade. De fato, padrões de reocorrência freqüente de comunicação incongruente são considerados como uma das fontes principais de esquizofrenia (vide Jackson, 1967).

Até agora, focalizamos, exclusivamente, o metamodelo para terapia como um meio de ditar uma estratégia explícita para a terapia individual. Gostaríamos de levantar, sucintamente, a questão da relação entre nosso metamodelo e a terapia familiar. Colocada em poucas palavras, a estratégia global do metamodelo é identificar, desafiar e ampliar as porções empobrecidas e limitadoras do modelo do mundo do indivíduo. Um dos melhores indicadores desta porção empobrecida ou limitadora do modelo de uma pessoa é uma área de experiência, dessa pessoa, onde haja sofrimento e insatisfação. De forma semelhante, nas famílias, o sofrimento serve como uma indicação clara de modelos de experiência empobrecidos e limitados. No contexto de terapia familiar, aplicam-se os mesmos princípios formais do metamodelo. Há, no entanto, pelo menos uma complicação séria: um sistema familiar é mais do que uma coleção dos modelos dos membros individuais dessa família. Especificamente, além do modelo do mundo que cada membro tem, a família tem um modelo, partilhado por todos, de si mesma como

---

de congruidade. Se o resultado é congruente, a intuição do terapeuta é confirmada. Caso contrário, pode utilizar a técnica do metamodelo de indagar pelo material ausente.

uma família, e da maneira como interagem. Dentro de seu modelo, cada membro da família tem um modelo do modelo partilhado deles mesmos como uma parte da unidade familiar. Para se ter uma idéia de como é complicado, mesmo uma família de três membros, consideremos o seguinte:

> designemos os membros da família pelas letras *a*, *b* e *c*. Neste sistema familiar, há as seguintes percepções ou modelos (no mínimo):
>
> o modelo de a de si mesmo;
> o modelo de b de si mesma;
> o modelo de c de si mesmo;
> o modelo de a de si mesmo e de b em conjunto;
> o modelo de a de si mesmo e de c em conjunto;
> o modelo que a tem de b e c juntos;
> o modelo que a tem de si mesmo junto com b e c;
> o modelo de b de si mesma e de a em conjunto;
> o modelo de b de si mesma e de c em conjunto;
> o modelo que b tem de a e c juntos;
> o modelo que b tem de si mesma junto com a e c;
> o modelo de c de si mesmo e de a em conjunto;
> o modelo de c de si mesmo e de b em conjunto;
> o modelo que c tem de a e b juntos;
> o modelo que c tem de si mesmo junto com a e b.

Todas as questões de estratégia terapêutica — cujo modelo é o mais útil para se desafiar e ampliar inicialmente, e em que medida, o grau de congruidade dos modelos do sistema familiar que cada membro da família supõe que ele ou ela partilha com outros membros — são complicações que não aparecem no contexto de terapia individual. Atualmente estamos trabalhando em um metamodelo explícito e ampliado para sistemas familiares, que leva em consideração estas complicações.

RESUMO

Neste capítulo, apresentamos diversas técnicas de diferentes formas de psicoterapia já estabelecidas. Os seres humanos têm inúmeros sistemas representativos, um dos quais é a linguagem falada. Cada um destes sistemas deriva-se da soma total das experiências que o indivíduo teve — a estrutura de referência. Pela recuperação das antigas, ou criação de novas estruturas de referência, cada uma dessas técnicas constitui um desafio implícito e,

portanto, uma ampliação e enriquecimento, do modelo do mundo do paciente. Além disso, indicamos como cada um destes instrumentos pode ser integrado às técnicas do metamodelo, resultando em uma estratégia explícita para terapia. Um de nossos objetivos foi mostrar como a integração às técnicas do metamodelo das técnicas específicas destas diferentes psicoterapias as tornam diretas e, assim, mais poderosas. Convidamos você a imaginar como os instrumentos do metamodelo podem ajudá-lo a aprimorar, ampliar e enriquecer as habilidades que você oferece como um ajudante de pessoas, iniciando-o ou assistindo-o, desta forma, no caminho de um aprendiz de feiticeiro.

Conclusão

A ESTRUTURA DO ENCANTAMENTO FINAL DO LIVRO I

Não é nosso propósito, neste livro, negar a qualidade mágica dos magos terapeutas que pesquisamos, mas antes mostrar que aquela magia, como outra das atividades humanas complexas, tem estrutura e, uma vez fornecidos os recursos, é, portanto, passível de ser aprendida. Este livro é um recurso para um aprendiz de feiticeiro. Este próprio livro, como a magia que descreve, tem estrutura.

Os seres humanos vivem em um mundo real. Nós, no entanto, não operamos direta ou imediatamente neste mundo, mas antes operamos através de um mapa ou série de mapas, que utilizamos para guiar nosso comportamento. Estes mapas, ou sistemas representativos, diferem, necessariamente, do território, que eles modelam, pelos três processos universais de modelagem dos humanos: Generalização, Eliminação e Distorção. Quando as pessoas chegam a nós na terapia, expressando sofrimento e insatisfação, as limitações que experimentam estão, tipicamente, em sua *representação* do mundo, e não do mundo propriamente dito.

Dos sistemas representativos de mapas, o mais estudado e mais bem compreendido é o da linguagem humana. O modelo mais explícito e completo da língua natural é a gramática transformacional. Esta é, portanto, um metamodelo — uma representação da estrutura da linguagem humana — em si mesmo uma representação do mundo de experiência.

Os próprios sistemas de linguagens humanas são representações derivadas de um modelo mais completo — a soma total das experiências que um determinado ser humano teve em sua vida. Os lingüistas transformacionais desenvolveram inúmeros conceitos

e mecanismos que descrevem como o modo pelo qual as pessoas realmente falam — suas Estruturas Superficiais — deriva-se de uma representação lingüística completa, as Estruturas Profundas. O metamodelo transformacional descreve, explicitamente, estes conceitos e mecanismos; estes são casos específicos dos processos gerais de modelagem: Generalização, Distorção e Eliminação.

Ao adaptar os conceitos e mecanismos do modelo transformacional do sistema representativo humano de linguagem aos objetivos de terapia, desenvolvemos um metamodelo formal para terapia. O metamodelo é formal porque:

(a) é explícito; isto é, descreve o processo de terapia passo a passo, garantindo que o metamodelo seja passível de de ser aprendido. Isto resulta em uma estratégia explícita para terapia;
(b) é independente de conteúdo, lidando com a forma do processo e, portanto, tem aplicabilidade universal.

O metamodelo baseia-se apenas nas intuições que o falante nativo tem de sua língua. A implicação global do metamodelo para terapia é a noção de *boa-estruturação-em-terapia.* Esta é um conjunto de condições que têm de ser preenchidas pelas Estruturas Superficiais que o paciente utiliza na terapia, a fim de que estas estruturas sejam aceitáveis. Utilizando esta gramática adequada à terapia, como terapeutas, podemos assistir nossos pacientes na ampliação das porções de suas representações que os empobrecem e limitam. Isto resulta no enriquecimento da vida destes, de maneira que passam a experimentar mais opções em seu comportamento, mais oportunidades para sentirem as alegrias e a riqueza que a vida tem a oferecer. Quando integrado às habilidades de ajudante de pessoas que você já tem a seu dispor como terapeuta, este processo de crescimento e modificação é profundamente ampliado. Esta linguagem e crescimento é, então, verdadeiramente A ESTRUTURA DA MAGIA.

Estamos satisfeitos em assinalar não só que o último encantamento para crescimento e potencial é que você próprio pode utilizar esta linguagem de crescimento para enriquecer as habilidades que tem como um ajudante de pessoas, mas também que você pode utilizar esta linguagem de crescimento para enriquecer sua *própria* vida e seu *próprio* potencial como ser humano.

Continua em *A Estrutura da Magia II.*

Apêndice B

AMBIENTES SINTÁTICOS PARA IDENTIFICAÇÃO DE PRESSUPOSIÇÕES DA LÍNGUA NATURAL EM INGLÊS

Nosso propósito, ao apresentar o material constante deste apêndice, é indicar o alcance e complexidade do fenômeno das pressuposições da língua natural. Além disso, ao listar alguns dos ambientes sintáticos mais comuns, em que ocorrem pressuposições, oferecemos uma oportunidade de praticar àqueles estudantes que estejam interessados em aprimorar suas intuições no reconhecimento de pressuposições. A lista de ambientes sintáticos não é exaustiva, e não tentaremos apresentar nenhuma das teorias que foram propostas por diferentes lingüistas, lógicos, semanticistas ou filósofos com relação a pressuposições. Nosso objetivo é, antes, mais prático.

No momento, pressuposições são o principal foco de estudo para os inúmeros lingüistas, especialmente os que se consideram Semanticistas Gerativos. Na compilação desta lista de ambientes sintáticos, tomamos de empréstimo muita coisa do trabalho de Lauri Kartunnen. Vide a bibliografia para as fontes.

1. Pressuposições Simples

São ambientes sintáticos em que se requer a existência de alguma entidade para a oração fazer sentido (seja verdadeira ou seja falsa).

(a) Nomes Próprios.

(*George Smith* saiu cedo da festa.) ⟶ (Existe alguém chamado George Smith) onde ⟶ significa pressupõe.

(b) Pronomes. *A, o, os*
(Eu *o* vi sair) ⟶ (Existe algum masculino [isto é, o])

(c) Descrições Definidas.
(Gostei da *mulher com os brincos de prata*) ⟶ (Existe uma mulher com brincos de prata.)

(d) Locuções Nominais Genéricas.
Argumentos nominais representando toda uma classe. (Se os *coalas* não têm árvores para subir, estão tristes.) ⟶ (Há coalas.)

(e) Alguns Quantificadores. *Todo, cada, cada um, algum, muitos, poucos, nenhum*
(Se *algum dos dragões* aparecer, estou de saída.) ⟶ (Há dragões.)

2. Pressuposições Complexas

Casos em que se pressupõe mais do que a simples existência de um elemento.

(a) Orações Relativas.
Argumentos nominais complexos, com um substantivo seguido por uma locução iniciada por *o que, qual, que*. (*Muitas das mulheres que falaram com você* deixaram a loja.) ⟶ (Muitas mulheres falaram com você.)

(b) Orações Subordinadas de Tempo.
Orações identificadas pelas palavras-chaves *antes, depois, durante, enquanto, antes de, quando*. (Se a juíza estava em casa *quando eu parei por lá*, ela não atendeu à porta.) ⟶ (Passei na casa da juíza.)

(c) Oração Bipartida.
Orações iniciadas por $\left\{\begin{matrix}\text{foi}\\ \text{é}\end{matrix}\right\}$ + argumento nominal. (Foi a pressão excessiva que estilhaçou a janela.) ⟶ (Alguma coisa estilhaçou a janela.)

(d) Orações Pseudobipartidas.
Identificadas pela forma, *Que* [Oração] *é* [Oração] (O que Sharon espera fazer é com que todos gostem dela.) ⟶ (Sharon espera alguma coisa.)

(e) Orações Acentuadas.
Acentuação vocal (Se Margaret falou com a polícia, estamos perdidos.) ⟶ (Margaret falou com alguém.)

(f) Adjetivos Complexos. *Novo, velho, último, atual, anterior.*

(Se Fredo usar o anel novo, eu me escondo.) ⟶ (Fredo tem/teve um anel velho.)

(g) Numerais Ordinais. *Primeiro, segundo, terceiro, quarto e outro.*

(Se você achar uma terceira pista nesta carta, lhe dou um doce.) ⟶ (Há duas pistas que já foram achadas.)

(h) Comparativas. *-er, more, less**

(If you know better riders than Sue does, tell me who they are.) ⟶ (Sue knows [at least] one rider.) (If you know better riders than Sue is, tell me who they are.) ⟶ (Sue is a rider.)

(i) Comparativa. *Tanto... quanto*

(Se a filha dela for *tão engraçada quanto* o marido, vamos nos divertir.) ⟶ (O marido dela é engraçado.)

(j) Palavras-Chaves Repetitivas. *Também, nem, de novo, novamente*

(Se ela me disser aquilo *novamente*, dou-lhe um beijo.) ⟶ (Ela já me disse isso antes.)

(k) Verbos e Advérbios Repetitivas.

Verbos e advérbios começando por *re-*, p. ex. *repeatedly, return, restore, retell, replace, renew* (If he *re*turns before I leave, I want to talk to him.) ⟶ (He has been here before.)

(l) Qualificadores. *Somente, mesmo, exceto, apenas*

(*Apenas* Amy viu os ladrões de banco.) ⟶ (Amy viu os ladrões de banco.)

(m) Verbos de Movimento. *Vir, ir, sair, chegar, partir, entrar*

(Se Sam *saiu* de casa, ele está perdido.) ⟶ (Sam estava em casa.)

---

* *Sufixo formador de comparativos, mais, menos.* (N. do T.)

** (Se você conhecer melhores cavaleiros do que a Sue conhece, diga-me quem são.) ⟶ (Sue conhece [pelo menos] um cavaleiro.) (Se você conhecer melhores amazonas do que a Sue é, diga-me quem são.) ⟶ (Sue é uma amazona.) (N. do T.)

*** *Repetidamente, voltar, restaurar, recontar, substituir, renovar.* (Se ele voltar antes de eu sair, quero falar-lhe.) ⟶ (Ele já esteve aqui antes.)

(n) Verbos e Advérbios que implicam idéia de tempo. *Começar, terminar, parar, iniciar, continuar, prosseguir, já, ainda, não mais.*

(Aposto que o Harry vai *continuar* a sorrir.) ⟶ (Harry estava sorrindo.)

(o) Verbos de Mudança de Estado. *Mudar, transformar, tornar-se em, vir a ser.*

(Se a Mae se *transformar* numa *hippie,* vou ficar surpreso.) ⟶ (Mae atualmente não é uma *hippie.*)

(p) Verbos e Advérbios Factitivos. *Estranho, estar ciente, saber, compreender, lamentar.*

(É *estranho* ela ter telefonado para Maxine à meia-noite.) ⟶ (Ela telefonou para Maxine à meia-noite.)

(q) Advérbios e Adjetivos Comentários. *"Sortudo", por sorte, "barato", "demais", "legal", rabugento, ... inocentemente, felizmente, necessariamente.*

(É *um barato* que você compreenda seu cachorro.) ⟶ (Você compreende seu cachorro.)

(r) Orações Condicionais Contrafactuais.

(*Se você tivesse ouvido a mim e a seu pai,* não estaria na maravilhosa posição em que se encontra agora.) ⟶ (Você não me ouviu, nem a seu pai.)

(s) Contrário à Expectativa.

(*Quando você se decidir* a querer falar comigo, estarei tirando leite das pedras.) ⟶ (Eu não espero que você queira falar comigo.)

(t) Restrições Seletivas.

(If my professor gets *pregnant,* I'll be disappointed.) ⟶ (My professor is a woman.)*

(u) Perguntas.

(Quem comeu as fitas?) ⟶ (Alguém comeu as fitas.) (Quero saber quem comeu as fitas?) ⟶ (Alguém comeu as fitas.)

(v) Perguntas Negativas.

(Você *não* queria falar comigo?) ⟶ (Pensei que você queria falar comigo.)

---

* Este exemplo não se aplica à língua portuguesa, como se vê claramente ao vertê-lo para o português: (Se minha professora *engravidar,* ficarei desapontado.) ⟶ (Minha professora é uma mulher.) (N. do T.)

(w) Perguntas Retóricas.
(Quem se importa que você venha, ou não?) ⟶ (Ninguém se importa que você venha, ou não.)

(x) *Não* Espúrio.
(Eu me pergunto se você *não* estaria sendo um pouco injusto.) ⟶ (Eu acho que você está sendo injusto.)

Glossário

Ambigüidade: O nome da experiência que as pessoas têm com orações que significam mais de uma coisa, p. ex., *Murdering Peasants can be dangerous.* Esta oração é compreendida pelos falantes nativos de inglês de duas formas: (1) os camponeses mencionados estão cometendo o assassinato, e (2) os camponeses mencionados estão sendo assassinados. No modelo transformacional de língua, diz-se que uma Estrutura Superficial é ambígua, quando ela se deriva de mais de uma Estrutura Profunda.

Analógico: Um adjetivo que descreve qualquer processo que seja contínuo na natureza. Duas das formas mais conhecidas de comunicação análoga são expressão corporal e tom de voz.

Boa-Estruturação: O preenchimento de um conjunto de condições a respeito de estrutura; isto é, boa-estruturação em inglês; boa-estruturação em terapia.

Comportamento Governado por Regras: Comportamento que é sistemático e que pode ser representado explicitamente por um conjunto de regras. No caso do comportamento humano governado por regras, não é necessária nenhuma consciência das regras.

Digital: Um adjetivo que descreve qualquer processo que seja descontínuo na natureza. O sistema de comunicação digital mais conhecido é a língua.

Distorção: Um dos três universais da modelagem humana; o processo pelo qual as relações que se estabelecem entre as partes do modelo são representadas de forma diferente das relações que, se supõe, representam. Um dos exemplos mais comuns de distorção, em modelagem, é a representação de um processo por um evento. Dentro dos sistemas da língua, isto é chamado *nominalização.*

Eliminação: Um dos três universais da modelagem humana; o processo pelo qual partes selecionadas do mundo são excluídas da representação criada pela modelagem da pessoa. Den-

tro dos sistemas da língua, a eliminação é um processo transformacional, em que porções da Estrutura Profunda são removidas e, portanto, não aparecem na representação de Estrutura Superficial.

Empobrecimento: O processo de limitar o número de distinções em um modelo. Em terapia, o processo pelo qual uma pessoa vem a ter um pequeno número de escolhas, ou nenhuma escolha, em seu comportamento.

Enriquecimento: O processo de aumentar o número de distinções em um modelo. Em terapia, o processo pelo qual uma pessoa vem a ter mais escolhas em seu comportamento.

Estrutura Profunda: A representação lingüística completa da qual se derivam as Estruturas Superficiais da língua.

Estrutura de Referência: A soma total das experiências na história da vida de uma pessoa. Também a representação mais completa da qual outras representações, dentro de algum sistema, se derivam; por exemplo, a Estrutura Profunda serve como Estrutura de Referência para a Estrutura Superficial.

Estrutura Superficial: As orações, derivadas de Estrutura Profunda, que os falantes nativos da lingua falam e escrevem.

Explícito: Apresentado de uma maneira passo a passo; não dependendo de interpretação.

Extensional: Definição pela listagem de cada membro específico da categoria que está sendo definida.*

Formal: Empregado em dois sentidos neste livro: (1) explícito; (2) independente de conteúdo.

Generalização: Um dos três universais da modelagem humana; o processo pelo qual uma experiência específica vem a representar a categoria toda da qual ela é membro.

Integralidade: Uma propriedade semântica lógica da representação lingüística completa, a Estrutura Profunda. Estruturas Superficiais estão completas, se elas representam todas as porções da Estrutura Profunda.

Intencional: Definição pela(s) característica(s) dos membros da categoria que está sendo definida, ao invés de pela listagem dos membros específicos.*

Intuição: Julgamentos coerentes feitos por pessoas (tipicamente, sem uma explicação de como estes julgamentos são feitos). Dentro dos sistemas das línguas, a habilidade, dos falantes nativos de uma língua, de fazer julgamentos coerentes sobre as orações de sua língua; por exemplo, a capacidade de deci-

* Vide nota de pé-de-página 9, Capítulo 3. (N. do T.)

dir que seqüências de palavras, na língua, são orações bem-estruturadas. Um exemplo clássico do comportamento humano governado por regras.

Metamodelo: Uma representação de uma representação de alguma coisa. Por exemplo, a língua é uma representação do mundo de experiência; a gramática transformacional é uma representação da língua e, portanto, um metamodelo.

Modelo/Modelagem: Uma representação de alguma coisa/o processo de representar alguma coisa; um mapa, por exemplo. Um processo que envolve três outros, Generalização, Distorção e Eliminação.

Nominalização: A representação lingüística de um processo por um evento.

Pressuposição: Uma suposição básica subjacente, que é necessária para que uma representação faça sentido. Dentro dos sistemas das línguas, uma oração que tem de ser verdadeira, para que uma outra faça sentido.

Representação: Uma imagem de alguma coisa que é diferente da própria coisa; um mapa, um modelo.

Semântica: O estudo do significado.

Sinonímia: O nome da experiência que as pessoas têm com orações de forma distinta que têm o mesmo significado; p. ex., *O gato perseguiu o rato* e *O rato foi perseguido pelo gato.* No modelo transformacional da língua, diz-se que duas, ou mais, orações são sinônimas se forem derivadas da mesma Estrutura Profunda.

Sintaxe: O estudo da ordem e padronização dos elementos de um sistema. Dentro da língua, o estudo da ordem e padronização das palavras e locuções.

Bibliografia

Nesta bibliografia, nosso propósito é fornecer referências que lhe permitirão aprofundar qualquer interesse que possa ser despertado pela leitura deste livro. Dividimos as referências em três seções:

Seção I.

Gramática Transformacional

Seção II.

Terapia

Seção III.

Modelagem/Sistemas Formais/Epistemologia

Em cada uma dessas seções, identificamos um pequeno número de trabalhos que achamos especialmente úteis no desenvolvimento de nossos próprios modelos. As referências fornecidas não esgotam os assuntos, nem são as únicas fontes onde as idéias, que elas contêm, podem ser encontradas. Esperamos que você aprecie sua leitura. Se você sabe de outros trabalhos de referência, que considere particularmente claros e úteis segundo sua experiência nestas áreas, apreciaríamos que nos comunicasse. Por fim, se deseja dedicar-se a alguma idéia, ou linha de pensamento, ou experiência suscitada por nosso livro e a bibliografia for inadequada a seus propósitos, escreva-nos e tentaremos sugerir-lhe outras referências.

META-MODELS
c/o Science and Behaviour Books, Inc.
P.O. Box 11457
Palo Alto, CA 94306

I. Gramática Transformacional

A. *Referências Básicas*

Bach, E. *Syntactic Theory*. Nova York: Holt, Rinehart and Winston, Inc. 1974. Uma visão geral cuidadosamente apresentada de sintaxe conforme tratada pelos transformacionalistas.

Chomsky, N. *Syntactic Structures*. The Hague: Mouton, 1957. O livro que estabeleceu o modelo transformacional na lingüística; o estilo de Chomsky é difícil para muitos leitores. As partes do livro mais ligadas ao metamodelo são o Prefácio; Capítulos 2, 3, 5, 6, 8; e o Resumo.

Chomsky, N. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge. Mass. MIT Press, 1965. Esta é uma das descrições mais acessíveis do modelo lingüístico, do qual tomamos muita coisa emprestada. Novamente, alguns leitores acharam difícil o estilo do autor. Recomendamos em especial os Capítulos 1 e 2.

Chomsky, N. *Language and Mind*. Nova York: Harcourt Brace Jovanovich Inc., 1968. Quatro conferências que Chomsky fez como professor visitante em Berkeley; menos técnico do que seus outros trabalhos que listamos.

Grinder, J. e Elgin, S. *A Guide to Transformational Grammar*. Nova York: Holt, Rinehart and Winston, 1973. Uma visão geral muito abrangente de todo o campo da gramática transformacional; inclui resumos e comentários sobre *Syntactic Structures* e *Aspects* de Chomsky. Vide especialmente os Capítulos 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 10 e 13.

Jacobs, R. e Rosenbaum, P. *English Transformational Grammar*. Waltham, Mass.: Ginn/Blaisdell, 1968. Um trabalho de fácil leitura como uma introdução ao campo; não especificamente abrangente.

Langacker, R. *Language and Its Structure*. Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, Inc., 1967. Uma introdução de fácil leitura, que trata a linguagem tanto pelo modelo transformacional como de forma mais geral.

Lyons, J. *Introduction to Theoretical Linguistics*. Cambridge, England: Cambridge University Press.

Um trabalho erudito que apresenta uma visão global da língua em geral; inclui uma seção sobre o modelo transformacional.

B. *Outros Trabalhos Transformacionais Úteis*

Bever, T. G. "The Cognitive Basis of Linguistic Structure." Em J. Hayes (org.), *Cognition and The Developments of Language*. Nova York: John Wiley and Sons, 1970. Um excelente relato de como a linguagem, como um sistema representativo, poderia ser ligada à capacidade geral de modelagem do ser humano — especialmente a forma como as crianças desenvolvem esta capacidade.

Fillmore, C. "The Case for Case." Em E. Bach e R. Harms (orgs.), *Universals in Linguistic Theory*. Nova York: Holt, Rinehart and Winston, 1968. Um relato de fácil leitura de uma versão um tanto diferente do modelo transformacional — sugestões úteis sobre o que poderia ser uma representação completa da estrutura de referência.

Greene, G. "How to Get People to Do Things With Words." Em *Papers from the 8th Regional Meeting of The Chicago Linguistic Society*. Chicago, III: University of Chicago, 1970. Um excelente exemplo da abordagem da Semântica Gerativa que, sentimos, contribuirá muito para um metamodelo ampliado para terapia.

Grinder, J. *On Deletion Phenomena in English*. The Hague: Mouton, 1976. Muito técnico; útil para discussão dos diferentes tipos de eliminação. Vide Capítulos 1, 2 e 3.

Gruber, J. "Studies in Lexical Relations." Tese para doutoramento, não publicada, MIT, 1965. Excelente sugestão para uma completa representação de estruturas de referência.

Horn, L. "A Presuppositional Analysis of *Only* and *Even*." Em *Papers from the 5th Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society*. Chicago, III: University of Chicago, 1969. Um outro excelente exemplo do tipo de pesquisa da Semântica Gerativa que, sentimos, contribuirá para um metamodelo ampliado para terapia.

Kartunnen, L. "Remarks on Presuppositions." Em *Texas Conference on Performance, Conversational Implicature and Presuppositions,* mimeografado, março de 1973. Kartunnen tem uma série de trabalhos incisivos sobre os fenômenos de pressuposições em inglês. Sugerimos que você escreva diretamente a ele, na Universidade do Texas, para obter cópias.

Katz, J. *Semantic Theory.* Nova York: Harper and Row, 1972. Um dos mais atualizados relatos do tipo de teoria semântica mais compatível com a gramática transformacional da Semântica não Gerativa.

Lakoff, G. *Linguistics and Natural Logic.* Ann Arbor, Mich.: University of Michigan, 1970. Um valioso compêndio de alguns dos mais recentes trabalhos sobre Semântica Gerativa, pelos seus porta-vozes mais prolíficos. G. Lakoff está atualmente na Universidade da Califórnia, Berkeley.

McCawley, J. "Lexical Insertion in a Transformational Grammar." Em *Papers from the 4th Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society.* Chicago, III: University of Chicago, 1968. Um dos primeiros artigos estabelecendo a Semântica Gerativa; boas sugestões quanto à representação de estruturas de referência.

Postal, P. "On the Derivation of Pseudo-Adjectives." Trabalho apresentado para o *44th Annual Meeting of the LSA,* 1969.

Postal, P. "On the Surface of Verb *Remind.*" Em *Linguistic Inquiry, 1;* 1:37-120. O trabalho de Postal é altamente teórico; a primeira referência tem exemplos excelentes dos padrões de derivação, quando Predicados de Estrutura Profunda são mapeados em Adjetivos de Estrutura Superficial. A segunda referência é muito útil na elaboração de sugestões sobre a representação de estrutura de referência.

Ross, J. R. "On Declarative Sentences." Em *Readings in English Transformational Grammar* de R. Jacobs e P. Rosenbaum, Waltham, Mass.: Ginn/Blaisdell, 1970. Esta é a base lingüística para a seção do Capítulo 4 chamada *A Execução*

Perdida, e um excelente exemplo de análise lingüística.

Sapir, E. *The Selected Writing of Edward Sapir*. D. Mandelbaum (org.), University of California Press. Berkeley, 1963. Um dos lingüistas clássicos que teve uma sensibilidade sutil para com a modelagem.

Searle, J. *Speech Acts*. Cambridge University Press, 1969. Um trabalho moderno sobre pragmática, tendo o modelo transformacional como base. Fácil leitura.

Whorf, B. "Grammatical Categories." Em *Language, Thought and Reality*, J. E. Carroll (org.), Nova York: John Wiley and Sons, 1956. Um outro lingüista clássico que se dedicou à questão do modo pelo qual a língua dá forma à percepção.

II. Terapia

Jackson, D. D. *Communication, Family and Mariage*. Palo Alto: Science and Behavior Books, 1968. Uma excelente antologia contendo os trabalhos do grupo de pesquisa MRI/Bateson.

Jackson, D. D. *Therapy, Communication and Change*. Palo Alto: Science and Behavior Books, 1968. Uma excelente antologia contendo os trabalhos do grupo de pesquisa MRI/Bateson.

Haley, J. *Advanced Techniques of Hypnosis and Therapy: Selected Papers of Milton H. Erickson, M. D.* Nova York: Grune and Stratton, 1967. Uma incrível coleção de trabalhos, descrevendo as técnicas poderosas de Milton Erickson.

Haley, J. *Uncommon Therapy*. Nova York: Grune and Stratton, 1968. Uma valiosa contribuição ao trabalho poderoso de Erickson, com um comentário interessante de Jay Haley.

Perls, F. *The Gestalt Approach: Eyewitness to Therapy*. Palo Alto: Science and Behavior Books, 1973. Uma apresentação clara dos fundamentos teóricos da terapia gestaltiana.

Polster, I. e M. *Gestalt Therapy Integrated*. Nova York: Bruner/Mazel, 1973. Uma apresentação útil de algumas das técnicas da terapia gestaltiana.

Satir, V. *Conjoint Family Therapy*. Palo Alto: Science and Behavior Books, 1964. Um texto básico, e dos mais úteis, sobre terapia familiar.

Satir, V. *Peoplemaking*. Palo Alto: Science and Behavior Books, 1972. Uma excelente introdução, de fácil leitura, às comunicações e terapia.

Watzlawick, P.; Beavin, J. e Jackson, D. *Pragmatics of Human Communications*. Nova York: W. Norton, 1967. Uma apresentação, de fácil leitura, das idéias de Bateson (p. ex., metacomunicação).

Watzlawick, P.; Weakland, J. e Fish, R. *Change*. Nova York: W. Norton, 1974. Uma tentativa interessante de integrar modelos matemáticos a padrões da modificação humana.

III. Modelagem/Sistemas Formais/Epistemologia

Ashby, W. R. *An Introduction to Cybernetics*. Chapman and Hall, Ltd. and University Paperbacks, 1956. Uma excelente introdução à modelagem e sistemas representativos; requer um certo conhecimento de matemática; digno de ser lido cuidadosamente.

Bateson, G. *Steps to an Ecology of Mind*. Nova York: Balantine Books, 1972. Recomendamos, calorosamente, este livro; é uma coleção dos trabalhos de Bateson. Muito cativante; a um só tempo irreverente e profundo.

Boyd, D. *Introduction to Sistem Analysis* (no prelo), 1975. Uma representação clara da modelagem, de fácil leitura; enfatiza o processo.

Carnap, R. *The Logical Syntax of Language*. Totowa, Nova Jersey: Littlefield, Adams and Company, 1959. Uma abordagem formal e sofisticada da análise lingüística. Uma obra altamente técnica: de leitura difícil.

Copi, I. *Introduction to Logic*. Nova York: Macmillan, 1961. Um excelente texto introdutório aos sistemas lógicos.

Herzberger, H. "The Logical Consistency of Language." *Harvard Educational Review*, 35:469-480; 1965. Um exemplo claro de uma análise filosófica de uma das propriedades formais do sistema representativo humano de linguagem.

Hume, D. *Enquiry Concerning Human Understanding*. Oxford, England: Oxford University Press. Um ensaio clássico sobre epistemologia, o processo de modelagem humana.

Korzybski, A. *Science and Sanity*. Lakeville, Connecticut: The International Non-Aristotelian Library Publishing Company, 4th Edition, 1933. O trabalho básico de referência para a semântica geral. Korzybski compreendeu e discutiu com clareza as distinções intencional/extensional, mapa/território, ... na modelagem humana. Leia os Prefácios, Parte I e Parte II.

Miller, G. A.; Galanter, E. e Pribram, K. *Plans and Structure of Behavior*. Nova York: Holt, Rinehart and Winston, Inc., 1960. Uma das mais claras apresentações de uma base teórica para o comportamento humano; sugestões para um sistema representativo para estruturas de referência; de fácil e agradável leitura.

Newell, A. e Simon, H. A. *Human Problem Solving*. Englewood Cliffs, Nova Jersey: Prentice-Hall, 1971. Uma emocionante incursão à base neurológica para modelagem humana. Uma apresentação clara.

Russell, B. *Introduction to Mathematical Philosophy*. Londres, Inglaterra: George Allen and Unwin, Ltd., 2nd Edition, 1921. Uma apresentação clara e de fácil leitura de alguns dos mais importantes conceitos da lógica moderna, incluindo teoria dos tipos lógicos.

Schank, R. e Colby, K. *Computer Models of Thought and Language*. San Francisco: W. H. Freeman and Company, 1973. Uma boa coleção representativa de modelagem como feita em simulações em computador.

Tarski, A. *Introduction to Logic*. Oxford University Press, 1941. Uma excelente introdução aos sistemas lógicos, um estilo fácil de ler, sem exigir conhecimento prévio do assunto.

Vaihinger, H. *The Philosophy of "As If"*. Londres, Inglaterra: Routledge and Kegan Paul, Ltd., 1924. Uma excelente fonte para discussões da modelagem humana. F. Perls considera que Vaihin-

ger supriu os fundamentos filosóficos para sua terapia gestaltiana.

Watzlawick, P.; Beavin, J. e Jackson, D. *Pragmatics of Human Communication.* Nova York: W. W. Norton and Company, 1967. Uma apresentação clara e de fácil leitura de algumas das idéias básicas de comunicação com ligações com análise de sistemas.

COLEÇÃO
ARCO DO TEMPO

PDL
Projeto Democratização de Leitura

JACQUES BROSSE

AS PLANTAS E SUA MAGIA

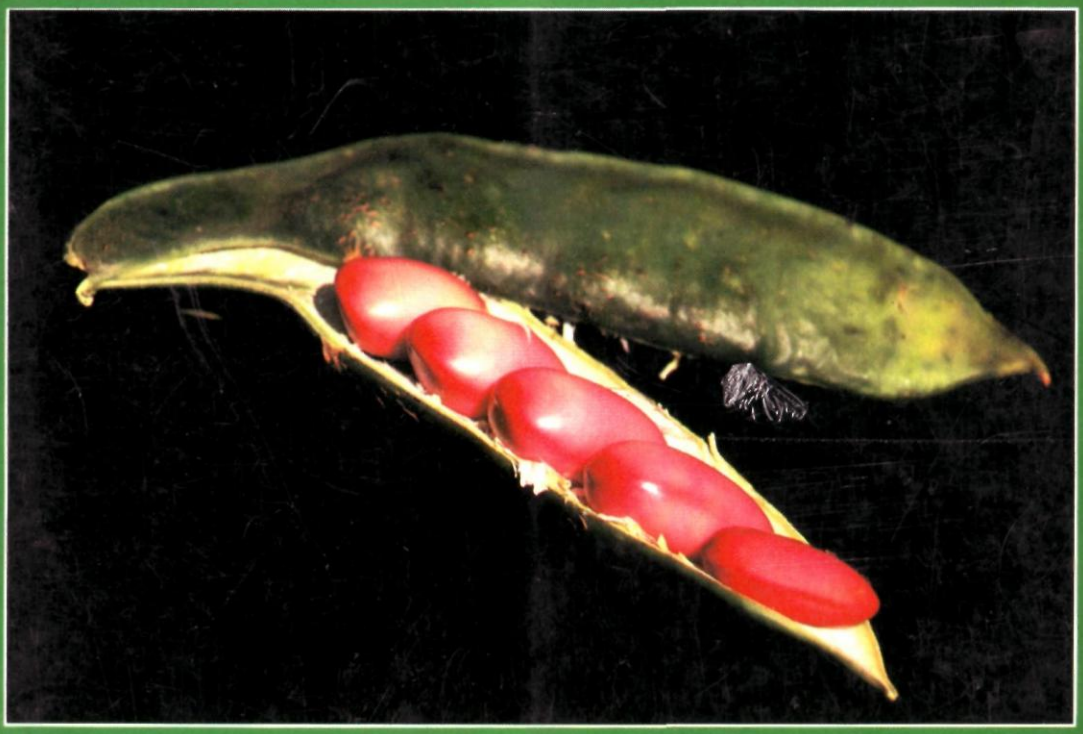

Rocco

AS PLANTAS
E SUA MAGIA

COLEÇÃO ARCO DO TEMPO
Consultoria de Alzira M. Cohen

MEDITAÇÃO,
Pam e Gordon Smith
VOLTA AO LAR,
John Bradshaw
QUÍRON E A JORNADA EM BUSCA DA CURA,
Melanie Reinhardt
PAZ A CADA PASSO,
Thich Nhat Hanh
O NOVO DESPERTAR DA DEUSA,
org. Shirley Nicholson, vários autores
AS PLANTAS E SUA MAGIA,
JACQUES BROSSE
ANJOS E EXTRATERRESTRES,
Keith Thompson
PLANETAS DE SOMBRA E DE LUZ,
Irène Andrieu
O LIVRO DO PERDÃO,
Robin Casarjian
CARTAS DO CAMINHO SAGRADO,
Jamie Sams
MENTE HOLOTRÓPICA,
Stanislav Grof

JACQUES
BROSSE

AS PLANTAS E SUA MAGIA

Tradução de
PINA BASTOS

Rio de Janeiro — 1993

Título original LA MAGIE
DES PLANTES

© Éditions Albin Michel S.A., 1990
22, rue Huyghens, 75014 Paris

Primeira edição em 1979, éditions Hachette

Direitos para a língua portuguesa reservados,
com exclusividade, à
EDITORA ROCCO LTDA.
Rua da Assembléia, 10 — Gr. 3101
CEP: 20119-900 — Rio de Janeiro — RJ
Tel.: 531-2829 — Fax: 531-2027
Telex: 38462 EDRC BR

Printed in Brazil/Impresso no Brasil

revisão técnica Dra.
KÁT1A DANTAS

preparação de originais
ROSANE PRECIOSA

SANDRA PÁSSARO/ MAURÍCIO NETTO
HENRIQUE TARNAPOLSKY

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte Sindicato
Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Brosse, Jacques
B89p As plantas e sua magia / Jacques Brosse; tradução de Pina Bastos;
consultoria de coleção Alzira M. Cohen. — Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
(Arcos do Tempo)

Tradução de: La magie des plantes

1. Plantas. 2. Plantas medicinais. I. Título.
II. Série.

CDD - 581 93-0318
CDU -581

SUMÁRIO

Capa – Orelha - Contracapa

As plantas e a gênese da vida..... 9
O milagre da clorofila..... 13
Da planta ao animal 15
A conquista da terra: da alga à árvore..... 20
A evolução da sexualidade 27
A árvore, da raiz ao cume 33
O jogo infindável das adaptações 40
Os animais a serviço das plantas..... 50
As plantas-armadilha 58
Uma vitalidade a toda prova 62
O terceiro reino 70
O homem e o poder das plantas 77
Uma botânica concreta..... 80
A "magia natural" 84
O jardim da volúpia 96
O deus que se sacrifica..... 105
A aguardente 110
Cereais e história..... 114
Progresso e profanação 118
A verdadeira magia das plantas 124

FLORA MÁGICA

Abóbora 133
Abrótano 134
Alecrim 136
Amanita..... 138
Arroz..... 143
Artemísia 144
Beladona 150
Borracha..... 152

Cacau 154
Café..... 156
Cana-de-açúcar 159
Canela 161
Cânhamo 165
Chá preto 172
Cravo-da-índia 177
Dedaleira..... 179
Estragão 181
Estramônio: ver Beladona
Favas 183
Genepi..... 185
Gengibre..... 186
Ginseng 189
Hipérico 191
Incenso 192
Íris: ver Lírio
Junco 196
Laranja 198
Lírio 203
Lótus 206
Mandrágora..... 207
Meimendro: ver Beladona
Milho..... 211
Papoula..... 213
Peiote 221
Pimenta-do-reino..... 225
Quina 227
Sálvia 229
Tabaco..... 232
Tomilho..... 237
Trigo..... 239
Trufa 243
Verbena..... 245
Videira 247
Visco 252

JACQUES BROSSE
AS PLANTAS
E SUA MAGIA

As plantas e a gênese da vida

Estamos cientes de que devemos às plantas o essencial de nossa alimentação, a começar pelo pão de cada dia, mas com freqüência esquecemos que delas recebemos um benefício ainda maior: o ar que respiramos. Sem os vegetais não haveria oxigênio sobre esta terra e nela a espécie humana nunca teria aparecido.

Transportemo-nos às origens e tentemos imaginar a terra em sua juventude, tal como nos é descrita pela ciência atual, isto é, deserta e plana, pois nenhuma cadeia de montanhas se elevara ainda. Havia somente extensões imensas e monótonas, cortadas por mares pouco profundos. O que chamamos de vida não podia nascer ali, de tal forma o ambiente era inóspito. Os raios do sol, de onde vem toda a energia, ainda ardiam; eram fatores de esterilidade e não de vida, pois a camada sob a qual a vida pode nascer não existia. Certamente a terra já se envolvia em um véu de gás, mas esse ar era irrespirável, ele não continha oxigênio.

Isso perdurou por um bilhão e quinhentos milhões de anos, isto é, mais de um terço da existência da terra desde sua formação no âmago do sistema solar até nossos dias. De que maneira ela passou desse estágio puramente físico-químico de suas origens ao estágio biológico, de que modo do inerte nasceu a vida, isso é o que a ciência tenta explicar; e ela quase o conseguiu atualmente, ao reproduzir em laboratório alguns dos processos graças aos quais a matéria bruta tornou-se matéria viva. No entanto, a ciência pode apenas estabelecer hipóteses retrospectivas, propor uma visão plausível dos fatos. Mesmo que um dia ela, talvez, consiga nos dizer como aconteceu essa

passagem do inerte ao vivo, o porquê desses fatos permanecerá para sempre fora do alcance do espírito humano.

O fato é que num dado momento, esse fenômeno indefinível, inexplicável, que é a vida, apareceu sobre a terra. Com efeito, inerte ela não o era completamente. Podemos imaginar a paisagem do período pré-cambriano, que durou quatro bilhões de anos (isto é, durante a quase totalidade da existência do planeta), animada por vulcões em atividade, fenômenos atmosféricos de extrema violência corroendo as montanhas nuas recém-surgidas e agitando os mares aparentemente sem vida, mas onde, no entanto, a vida já se ocultava. Nesse mundo em intensa vibração, os elementos existentes reagiam quimicamente uns com os outros; e dessas múltiplas reações nasciam novos corpos de crescente complexidade. Essas moléculas já orgânicas, mas não ainda biológicas, eram anaeróbicas, já que se desenvolviam num ambiente privado de ar e deviam se confinar sob uma certa espessura de água, para permanecerem fora do alcance das mortais radiações ultravioletas. Essas moléculas retiravam sua energia das fermentações e por isso exalavam gás carbônico.

A passagem do inerte à vida pode ser definida como o momento em que a reunião dessas grandes moléculas, nesse espesso conglomerado chamado pelos modernos cientistas de "caldo primitivo" (o qual pouco a pouco se acumulara, já que não existia nenhum elemento que pudesse destruí-lo), deu origem, finalmente, a um organismo fechado sobre si mesmo e autônomo: a célula. Quando o índice de gás carbônico dos vapores que envolviam a terra tornou-se suficiente, a clorofila, pigmento incorporado a certas células, começou a desempenhar seu papel: reter e utilizar diretamente a energia solar, ao mesmo tempo que liberava o oxigênio.

Daí em diante os corpos celulares, aparecidos há mais de três bilhões de anos, transformados em autotróficos (isto é, capazes de assimilar os elementos simples e sintetizá-los em substâncias complexas), dividiram-se em duas categorias. De um lado, as bactérias anaeróbicas, para quem o oxigênio constituía um fator de destruição, e que a partir de então tiveram que levar uma vida escondida no seio dos "nichos ecológicos"

fechados. Essas bactérias, nem vegetais nem animais, viveram como parasitas, produzindo, por exemplo, as fermentações alcoólicas, mas também toxinas patogênicas. Em compensação, as cianofíceas ou algas azuis, seres monocelulares, mas também — ao contrário das bactérias — pluricelulares, eram incontestavelmente vegetais, já que munidas desses pigmentos assimiladores dos quais as bactérias são desprovidas.

Extremamente resistentes, capazes de sobreviver em toda espécie de ambiente (vivem tanto nas água térmicas a 74°C, quanto sobre a neve, e até na microflora que povoa nosso intestino), as algas azuis foram os agentes incrivelmente ativos das metamorfoses sofridas na época pelo ambiente terrestre. Foram elas que o tornaram habitável liberando pouco a pouco o oxigênio que deveria formar a atmosfera, em outras palavras, tornar o ar respirável. Dessa forma as cianofíceas permitiram a todos os outros vegetais, a todos os animais, e ao próprio homem, aparecer nesse mundo. Certamente essa flora original será também, num longínquo futuro, o último sobrevivente. De fato, nas algas azuis a fotossíntese pode ainda funcionar apenas com a presença de radiações infravermelhas. Quando o sol alcançar seu declínio, sua luz passar ao vermelho, e mesmo quando ele se tornar um astro obscuro no céu, continuará ainda por algum tempo emitindo raios infravermelhos. Assim, quando as plantas verdes tiverem desaparecido, e com elas os animais, as cianofíceas ainda sobreviverão. Elas serão os últimos vestígios de vida sobre a terra, como foram, na origem, suas primeiras manifestações. Hoje, ainda são as minúsculas, porém inúmeras, algas livres, vivendo nas águas marinhas de superfície onde formam o fitoplancto que, ao controlar o equilíbrio da atmosfera em oxigênio e em gás carbônico, tornam possível a vida tanto nos oceanos quanto nos continentes. Seu desaparecimento provocaria o desaparecimento de todos os seres vivos.

Do oxigênio exalado nasceu o ozônio, que é oxigênio, mas apresenta uma organização molecular diferente. Se a passagem do O_2 (o oxigênio) para O_3 (o ozônio) acontece pela ação ionizante dos raios ultravioletas, a camada de ozônio uma vez formada tem a capacidade de interrompê-los. Até então essa

irradiação ionizante tornava a atmosfera estéril, mas a camada de ozônio permitiria mais tarde que a vida se aventurasse além do oceano primitivo e pouco a pouco colonizasse as terras.

O milagre da clorofila

Assim, os primeiros seres vivos foram as plantas e não poderia ser de outro modo, pois os animais dependem inteiramente delas, enquanto que elas são, como já dissemos, autotróficas; Constroem-se a partir de substâncias simples, presentes em toda parte: o gás carbônico e a água; e isto graças à clorofila, pigmento verde como seu nome indica (*khlôros* em grego significa verde), mas que às vezes é dissimulado por outros pigmentos de cor vermelha, amarela ou azul, como, por exemplo, nas algas. Esses pigmentos são fixados sobre corpúsculos ovóides, os cloroplastos, inclusos no citoplasma da célula.

Se o resultado da assimilação clorofiliana é relativamente simples (a célula vegetal, na luz do dia, extrai da água ou do ar que a cerca o gás carbônico e o transforma em matéria orgânica), seu processo é na realidade extremamente complexo e permanece em grande parte um enigma.

Distinguimos nele duas fases sucessivas: no decorrer da primeira, a chamada fase clara, acontece uma reação química que decompõe a água em hidrogênio (H) e em hidróxido (OH); a segunda fase, chamada obscura, pois não requer mais a presença da luz, corresponde à assimilação do gás carbônico; este (CO) é reduzido pelo hidrogênio anteriormente exalado, com a formação de um composto orgânico simples (H-CHO) e rejeito de oxigênio. A célula é então enriquecida em glucídio, que será posteriormente transformado em glucose, em lipídios e em aminoácidos.

Porém essas reações químicas em cadeia necessitam, no início, de uma importante contribuição de energia. E é nesse momento que se produz uma espécie de milagre, o da

fotossíntese (do grego *phôs, phôtos,* "luz" e *synthesis,* "ação de combinar, de organizar de maneira diferente"), pois a planta, e somente ela, está apta para semelhante proeza: utilizar como fonte de energia a própria luz solar. O que entre outras coisas significa que o sol é realmente — como mitos e religiões o proclamam — o único motor da vida sobre a terra; a energia vital não é terrestre e sim celeste.

A fotossíntese constitui o milagre criador de onde tudo tem origem, pois ela metamorfoseia o mineral em orgânico, o inanimado em animado, o inerte em vivo; a clorofila é a fonte universal em que se abastecem todos os seres vivos.

Da planta ao animal

Munidas de tão extraordinárias possibilidades de futuro, as algas vermelhas viriam a conceber duas linhagens que, aliás, só se distinguiram progressivamente: de um lado, todas as plantas superiores, de outro, todos os animais.

Hoje é muito fácil distinguir um animal de uma planta, mas nem sempre foi assim. Como todos sabem, a planta é imóvel e se abastece diretamente dos elementos vitais disponíveis em seu meio ambiente; o animal, por sua vez, se desloca constantemente em busca de alimento e esse é sempre, em último caso, constituído de plantas, já que a carne dos herbívoros consumidos pelos carnívoros extrai toda sua substância das plantas que eles ingerem.

A mobilidade do animal está ligada à existência de todo um aparelho muscular que é inconcebível na planta, dada a rigidez de suas células, mas todos esses músculos só entram em ação sob o comando do sistema nervoso. Ora, a planta não o possui. Se ela consegue produzir ondas elétricas comparáveis ao influxo nervoso, estas não se beneficiam de um sistema de condução especializado, os neurônios, capazes de transmitir o impulso nervoso instantaneamente a qualquer parte do organismo. Na planta, o potencial elétrico permanece difuso, não canalizado. Em síntese, comparando-se à planta, o animal se caracteriza por sua centralização. Esta intervém em todos os níveis orgânicos: respiração (brânquias e pulmões), circulação (coração), distribuição dos hormônios no organismo, enfim, no próprio processo de absorção. A assimilação vegetal se produz a nível celular, ela não é, como no animal, especializada e localizada. Neste ponto também a estrutura do

animal é completamente diferente da estrutura da planta. Fundamentalmente, o primeiro é um tubo digestivo aberto nas duas extremidades. A planta é um cheio, o animal, um vazio, uma cavidade geral, repleta de meio líquido primordial, o oceano que o animal parece transportar com ele, dentro dele. Esse líquido salgado — linfa e sangue — banha todos os seus órgãos e penetra em sua mais profunda intimidade.

Ora, curiosamente, o que parece constituir um progresso certo pode ser considerado também como uma regressão, a passagem do vegetal ao animal não se caracterizando de início por aquisições e sim por perdas: a do poder fotossintético e por ele da autotrofia, o que condena o animal a um papel de predador; a da faculdade de multiplicação vegetativa em proveito apenas da sexualidade; e finalmente e da membrana celulósica que assegura a rigidez da planta e que constitui de algum modo seu esqueleto a nível celular. A esse respeito podemos até afirmar que a célula animal teria sido originariamente uma célula doente, uma célula degenerada.

Além disso, esse desaparecimento da rigidez das células permite ao animal se locomover e assim buscar seu alimento, o que compensa de certa maneira a perda da autotrofia. Por outro lado, pois tudo está relacionado, mobilidade e sexualidade estarão nele estreitamente ligadas; não serão mais apenas os gametas que se deslocarão, indo ao encontro uns dos outros, mas seus próprios portadores, o que multiplicará as possibilidades de cruzamento e assim de diferenciação. Com efeito, o número das espécies animais é muito superior ao das espécies vegetais.

Um outro traço, que geralmente esquecemos de mencionar, distingue também radicalmente o mundo animal do mundo vegetal. Antes que os primeiros animais irrompessem ao ar livre, escalando as margens e povoando os continentes, a terra era silenciosa. O barulho nascia unicamente das perturbações físicas, terrenas — o ribombo dos vulcões e dos gêiseres, o marulho das fontes, o rugir das torrentes —, mas principalmente atmosféricas. O ruído era o assobio do vento, sua respiração, pois era o vento que agitava o mar, agrupava as nuvens de onde nasciam tumultuosas tempestades, era ele finalmente que fazia as árvores se entrechocarem.

E subitamente houve o grito, houve o canto, a terra tinha agora uma voz. Pois assim como o animal havia incorporado no centro de si mesmo o meio ambiente original, da mesma forma, graças a esse vazio que possuía, conseguia interiorizar o vento, transformado em sua própria respiração que, ao expirar, fazia passar por canais sonoros. Assim nasceram o barulho e a violência, sucedendo ao silêncio e à paz.

Se os animais apareceram, é porque talvez fosse necessário haver consumidores para controlar a proliferação vegetal; ou então, mais provável, porque, com seu senso de economia que a conduz a explorar sempre ao máximo os recursos recém-surgidos, e também por esse gosto que ela tem pelas invenções eternamente renovadas, a vida acabara de descobrir uma possibilidade ainda inédita de expansão, a ocasião de multiplicar em uma nova direção a variedade dos seres vivos.

O fato é que uma vez em marcha o processo se renovou sozinho. Os herbívoros engendraram os carnívoros, que viveram à sua custa e por sua vez engendraram supercarnívoros, dos quais foram as presas... até o homem, esse predador universal, o único, definitivamente, capaz de destruir toda a vida de seu planeta nutritício.

Diante desses novos inimigos, as plantas, é claro, reagiram. Umas se cobriram de espinhos para desencorajar os herbívoros; outras começaram a secretar venenos; outras, enfim — e ali estava o futuro —, começaram a utilizar seus adversários sem que esses soubessem, aproveitando sua mobilidade para levar para longe suas células reprodutoras.

Todavia não devemos esquecer que se essa diferenciação entre animais e vegetais é evidente, quando comparamos animais superiores e plantas superiores, ela o é muito menos nos estágios anteriores à evolução. Na realidade, essa dicotomia radical é um fenômeno relativamente recente.

A ciência moderna foi categórica, pondo fim às incertezas, apesar de tudo justificadas, dos antigos naturalistas que, por exemplo, viam no coral — que tem a dureza da pedra mas o aspecto ramificado de um arbusto e carrega sobre seus ramos uma espécie de proeminentes funis brancos, ornados de oito lingüetas em raio, parecendo uma flor — uma criatura

híbrida e muito mais para o vegetal. Sabemos hoje que essas pseudoflores são animálculos. Mas de que maneira uma certa dúvida não poderia persistir diante da consistência inteiramente vegetal dos tecidos das esponjas, do aspecto tão nitidamente floral da anêmona-do-mar, cujo comportamento predador parece ser paralelo ao das plantas carnívoras?

A evolução por necessidade

Em todos os casos que acabamos de citar, tratava-se de criaturas marinhas. Não é fruto do acaso, pois a distinção entre flora e fauna só se precisou realmente, só se tornou definitiva, além de algumas exceções, a partir da conquista da terra. Os obstáculos que tiveram que ser superados na época, que pareciam ser invencíveis de início, os problemas que os seres vivos tiveram que resolver um a um, para adaptar um modo de vida radicalmente diferente do que fora o deles até então, produziram finalmente uma tal utilização de energia que o ritmo da evolução foi prodigiosamente acelerado. Permanecendo muito lenta nos espaços oceânicos onde, finalmente, a vida era muito fácil, a evolução por necessidade tornou-se rápida, multiforme, proliferante, sobre as terras arduamente conquistadas.

Foi sem dúvida no decorrer dessa etapa que animais e vegetais conseguiram formar duas séries doravante paralelas. Com efeito, para os primeiros que, de acordo com sua constituição especial, tinham escolhido incluir em sua cavidade central e transportar com eles o meio ambiente original, de interiorizá-lo — e isso enquanto eles ainda viviam em seu seio —, a dificuldade, por maior que fosse, era no entanto menor que as enfrentadas pelos vegetais, pois a vida marinha não os tinha absolutamente predestinado para elas. No oceano, o animal já se movia, escapava aos ambientes desfavoráveis, conquistava outros, e no final das contas a energia que ele precisava despender para se deslocar num ambiente, ele próprio movediço,

era menor do que os esforços que devia fornecer para se manter ali imóvel. Assim o animal estava pronto para ir ainda mais longe, cruzar outras fronteiras. Viu-se isso claramente, aliás, assim que ele efetivamente abordou a margem. Do peixe ao anfíbio, a transição é relativamente pequena. Existem peixes pulmonados que podem sobreviver durante algum tempo fora d'água. Quanto ao anfíbio, ele próprio é primeiro uma espécie de peixe, antes que intervenha a metamorfose — indefinidamente reproduzida pelas espécies em cada geração — que faz do girino uma perereca, que por sua vez terá que voltar ao meio aquoso para se reproduzir. Mesmo muito mais evoluído e se tornando incapaz de viver sem o ar atmosférico, o animal poderá voltar ao meio marinho para viver: as focas, os manatins e as baleias continuam sendo mamíferos.

Nada disso acontece com as plantas. Para elas, uma vez transformadas, nenhum retorno é possível; entre elas não há nenhuma criatura anfíbia. As formas de transição que subsistem entre os animais por todas as espécies de tipos intermediários sempre atuais desapareceram por completo entre os vegetais. Aliás, essa é uma das razões que dificultam a determinação do momento exato em que estes se instalaram sobre a terra firme.

A conquista da terra: da alga à árvore

O que sabemos, em todo o caso, é que as primeiras plantas terrestres descendem das algas verdes, que também já não eram mais algas. O início da aventura se situa provavelmente há 800 milhões de anos, na aurora das eras fossilíferas, quando a camada de ozônio tornou-se suficiente para permitir que a vida se desenvolvesse na terra. Algas azuis e verdes povoaram os mares pouco profundos. Lançadas sobre as margens em grande quantidade por ocasião das tempestades, eram incapazes de sobreviver ali: sem água, sufocavam e se ressecavam sob a ação combinada do calor e do vento. Mas, decompondo-se, essas algas enriqueciam os solos limosos, neles formando o humo do qual depende a vida vegetal. Em suma, elas preparavam o terreno. Quanto tempo durou esse necessário prelúdio? Certamente várias centenas de milhões de anos, pelo menos até o fim do período Ordoviciano (450 milhões de anos), onde já podemos encontrar 'a presença de algumas espécies vivendo ao ar livre, ou mesmo até o período siluriano (425 milhões de anos), que mostrou restos fossilizados importantes, apesar de relativamente enigmáticos devido à má conservação.

Ora, não se trata mais absolutamente de algas e sim de briófitas (musgos e hepáticas), e principalmente traqueófitas, isto é, plantas vascularizadas. E ambas pertencem ao grupo das plantas chamadas superiores, isto é, superiormente organizadas, radicalmente diferente daquele formado por plantas inferiores, algas e aparentadas. Achada a solução, a metamorfose foi então definitiva, pois mesmo se as briófitas (do grego *bryon,* "musgo") se pareciam ainda com as algas, por seus tecidos pouco diferenciados, pela falta de raízes e de

vascularização, elas já possuíam os caules e as folhas. Apesar de permanecerem fundamentalmente plantas de ambientes úmidos, algumas delas conquistariam os troncos de árvore e os rochedos secos, onde poderiam sobreviver na ausência da chuva, sob a forma desidratada, e retomariam suas atividades fisiológicas assim que uma chuvarada as tivesse reidratado. No entanto, suas futuras possibilidades evolutivas continuariam muito limitadas. O que não é absolutamente o caso das traqueófitas, a quem o futuro pertenceria. Somente elas, por sucessivas mutações, tornar-se-iam as plantas terrestres por excelência, mas isso à custa de uma radical metamorfose, de uma completa renovação. Esse êxito estaria, aliás, registrado no próprio número de suas espécies: cerca de 250 mil, ou seja, mais do que todas as algas e todas as briófitas reunidas.

O sucesso das traqueófitas baseia-se em duas invenções maiores. A da lignina (do latim *lignum,* "madeira"), material muito resistente que formará as paredes das células esvaziadas de seu protoplasma, constituindo assim tubos, traqueídes e traquéias ou vasos. Estes, emendados, permitirão a circulação dos líquidos, a irrigação interna da planta. Além disso, a lignina garantirá a rigidez crescente dos vegetais, sua solidificação, tornando-se necessária agora que, não estando mais sustentados pela água, sofrem a força da gravidade. Porém esses líquidos indispensáveis à vida deverão ser procurados onde se encontram, ou seja, extraí-los do solo. Daí a segunda invenção, rigorosamente complementar da primeira, a da raiz, órgão subterrâneo, cuja função será a de drenar a água do solo e de fazê-la penetrar no sistema condutor. Como as raízes, vivendo na escuridão, são incapazes de realizar a atividade fotossintética, o caule folhudo deverá alimentá-las. Dessa maneira estabelece-se na planta uma dupla corrente: ascendente, transportando a água e os sais minerais tirados da terra, a seiva bruta, e descendente, trazendo até as raízes os resultados da assimilação clorofiliana, a seiva elaborada.

A planta se expande em suas duas extremidades. Para cima, o caule estende seus galhos e suas folhas para aspirar o gás carbônico do ar e os raios do sol, enquanto para baixo a raiz se ramifica para absorver a água, mas também para

garantir ao caule, que se tornou rígido, o suporte que ele necessita.

Mas para que esse aparelho todo funcione, é preciso ainda que ele seja fechado, para evitar o ressecamento que resultaria de sua exposição ao ar livre. Por isso a superfície do caule e das folhas se protege com a ajuda de uma película fina, porém impermeável. Contudo essa cutícula deve deixar passar o gás carbônico, elemento indispensável à fotossíntese e ao oxigênio necessário à respiração; por essa razão ela é transpassada por minúsculos orifícios, os estômatos, capazes de se abrir para admitir o ar e se fechar para reduzir a evaporação.

Esse sistema interno de traqueídes e de vasos, representando a única solução para o problema da adaptação à vida terrestre, marca a divisão distinta que separa os vegetais em duas categorias: os talófitos ou plantas inferiores, compreendendo as algas, os cogumelos e os liquens, nascidos da associação de uma alga e de um cogumelo, todos eles plantas cujo aparelho vegetativo é um talo constituído de tecidos não diferenciados, e por conseguinte não comportando nem folhas, nem raízes, nem vasos, e os cormófitos (do grego *cormos,* "caule"), organismos de tecidos especializados, formando folhas e raízes, cujo caule é composto de madeira, especialmente material de sustentação, e de líber, contendo o sistema vascular descendente.

Enquanto os talófitos, imersos num meio nutritivo, abrem-se para ele e o absorvem por toda sua superfície, o cormófito, por sua vez, se fecha, se isola, se interioriza e só se entreabre em suas duas extremidades. Simplificando, poderíamos dizer que enquanto o talófito cresce na horizontal e se expande no meio em que flutua, o cormófito se ergue, cresce na vertical, atraído de um lado para o céu, e de outro para as profundezas da terra. A corrente evolutiva ao conquistar o solo traduziu-se assim por um movimento ascendente, e em breve as espécies se enfrentariam numa luta pelas alturas a fim de evitar a sombra que uma fazia na outra e ganhar seu lugar ao sol.

No período devoniano, que começa em torno de 400 milhões de anos, a metamorfose estaria definitivamente concluída. Ela se traduz por um formidável fluxo evolutivo, que

invade a terra firme e se subdivide em uma multidão de espécies, cada qual encarregada de ocupar um certo meio ambiente. Desde o final do médio devoniano, todos os grandes *phylums* dos criptogramas vasculares estariam em cena.

Em cinqüenta milhões de anos, ou seja, no decorrer de um período muito breve em relação à vida da terra, esta mudou radicalmente de aspecto, revestiu-se, verdejou. Ainda não florescia, mas o impulso para o alto se manifestava nos vegetais que construíam o perfil da árvore.

Durante os noventa milhões de anos que constituíram o período seguinte da era primitiva ou paleozóica — o carbonífero —, realizou-se a expansão que há muito tempo se preparava. Triunfaram então os pteridófitos (do grego *pteris,* samambaia), as samambaias gigantes que mais tarde degenerariam e hoje só sobrevivem sob os trópicos. Mas na época, no carbonífero, elas chegaram a proporções que nenhum outro vegetal havia atingido: as lepidodendráceas atingiram 30 metros de altura e 2 de diâmetro na base, e constituíram, em companhia das calamitas, cavalinhas gigantes e sigilariáceas de mais de 20 metros, as primeiras florestas erguidas sobre a terra. Florestas cujo aspecto nos teria surpreendido e até desconcertado: troncos mecanicamente dicotomizados, cascas em escamas regularmente losângicas, ramos raros, longos e delgados, rígidos e retos, ou, ao contrário, tombados como que abatidos pelo peso, cumes estarrecedores, formando espanadores depenados, mundo austero, metalizado, mal acordado, surrealista mesmo, mundo cujo silêncio opressivo só era ainda perturbado pelo tinido dos élitros, o zumbido das asas rígidas das libélulas gigantes, mundo também paludoso, quase todo banhado em águas estagnadas, povoadas por estranhos anfíbios encouraçados.

No entanto, em breve, a terra, até então bastante monótona e uniforme, começou a se diversificar. Os continentes que estavam longe de ter os contornos que têm atualmente se singularizavam, um em relação ao outro. Neles surgiam altas cadeias de montanhas, seccionando e multiplicando os biótopos, provocando assim uma variedade florística cada vez mais heterogênea. Começariam a existir flores distintas, paisagens

diferentes em cada lugar, finalmente o próprio ano seria dividido, ritmado pelas estações. A terra enfim começaria a adquirir sua aparência.

Dessas florestas no carbonífero, datadas de talvez 300 milhões de anos, os vestígios chegaram até nossos dias na forma de gigantescos depósitos de hulha, que o homem utilizou durante muito tempo antes de poder determinar sua origem. Todavia, por maior que sejam essas jazidas — em Essen, na Renânia, um corte geológico revelou a existência de 145 florestas superpostas —, elas só representam uma pequena parte das vastas comunidades vegetais que dominavam na época, as que cresciam nos locais em que o mar inundava mais ou menos a cada mil anos, matando essas florestas e soterrando sob uma camada de lama salgada seus vestígios em início de decomposição, os quais, ao abrigo dessa carapaça, se transformavam em carbono quase puro.

Devido à maneira de se reproduzir, as samambaias permaneceram ainda dependentes da água, mas isso não continuaria após a inovação revolucionária, produzida na época, que provocou o aparecimento dos espermáfitos, ou plantas de sementes. Essa nova etapa evolutiva deveria se afirmar pouco a pouco como quase tão importante como a que tinha feito surgir as plantas vasculares. De fato, se as mais arcaicas entre elas, os gimnospermas, ocupam no período carbonífero apenas um modesto lugar, porém promissor, já que as novas espécies puderam colonizar os espaços secos ainda desertos, a importante modificação das condições climáticas do planeta lhes destinaria um papel de evidência. Ao que parece, de um clima tropical úmido passou-se a um longo período de seca, durante o qual se desenvolveram áridas estepes. Ora, sabemos pelas espécies atuais que os gimnospermas, com suas folhas persistentes aciculadas, com estômatos profundamente enterrados são especialmente bem equipados contra a evaporação. Foi no período do Jurássico e no início do cretáceo (140 — 130 milhões de anos), em meados da era mesozóica ou secundária, que os gimnospermas, isto é, as primeiras plantas com flores, triunfaram. Tomaram então o lugar dos pteridófitos e de uma ramificação de transição, os prefanerógamos. Esses já se pare-

ciam com os gimnospermas, mas seu modo de reprodução permanecia intermediário entre os desses últimos e o das samambaias gigantes.

O apogeu dos gimnospermas coincidiu com o dos grandes répteis semi-aquáticos ou terrestres, os plesiossauros, ictiossauros, diplodocos e outros dinossauros, cujo próprio gigantismo e novas transformações climáticas fizeram desaparecer no final da era mesozóica. Bem antes desse desaparecimento, na extremidade de um ramo desconhecido desses pavorosos sáurios, surgira uma criatura de sonho, o pássaro, que o evolucionista, no entanto, não pode esquecer de que se trata apenas de "um réptil embelezado", como dizia Julian Huxley. *A priori,* parece que entre essas duas correntes paralelas, a evolução animal e a vegetal, não existe nenhum ponto em comum; no entanto, existe um e de grande importância: a semelhança funcional da semente e do ovo, que em ambos os casos corresponde a uma nova libertação em relação ao meio aquático. O que é um ovo se não um pequeno aquário, onde o embrião pode se desenvolver com toda a tranqüilidade ao abrigo da casca? Ele só eclodirá, só nascerá, quando tiver atingido o estágio de um adulto em miniatura. O réptil não precisa mais voltar ao pântano para pôr os ovos, o estágio dos girinos foi suprimido, ou melhor, ele fica escondido e acontece numa segurança recém-adquirida. É a mesma segurança, a mesma libertação em relação à água que concede à planta esse *ovo* vegetal que é a semente. Os progressos se tornavam subitamente tão decisivos que poderíamos afinal parar por aqui — mas nesse caso não haveria nem livro, nem autor e nem leitor. No entanto, a evolução, ou se preferirmos, a vida, não pára nunca; ela vai sempre adiante, não hesitando em apagar seus próprios êxitos. Foi assim que, no momento em que os gimnospermas conquistavam a vitória, apareceram rivais, que, com o tempo, iriam destroná-los, os angiospermas, que têm verdadeiras flores, completas, desabrochadas, coloridas e que, principalmente, inventariam, em redor da semente, o fruto.

Aparecendo a partir do período cretáceo, os angiospermas suplantaram, com a chegada da era cenozóica ou terciária, os gimnospermas, que começaram então a declinar. As

coníferas estão hoje em processo de extinção, o que pode surpreender, já que são vistas e plantadas em toda parte, não podendo o homem dispensar sua madeira para a construção e principalmente a pasta de papel que elas fornecem. O homem tenta contrariar a evolução, mas apenas retarda-a um pouco. Atualmente os gimnospermas só contam com 500 espécies, contra mais de 200 mil espécies de angiospermas — cerca de 5 mil somente na França.

Os angiospermas são mais numerosos do que todas as outras espécies vegetais reunidas, inclusive as algas e bactérias. Essa prosperidade, essa diversificação nunca vista, que permitiu aos angiospermas a conquista da quase totalidade das terras emersas, provém certamente de sua estrutura, onde se realiza um ideal que permaneceu latente nas plantas vasculares que os precederam, mas ainda mais pela extrema especialização funcional de suas células, que continuaram crescendo no decorrer da evolução. Se algumas algas filamentosas só possuem um ou no máximo dois tipos de células diferenciadas, podemos contar de 20 a 25 nas samambaias arborescentes, de 40 a 50 nos primeiros fanerógamos e até 75 nos angiospermas mais evoluídos.

O surgimento dos angiospermas corresponde no mundo animal ao dos dípteros e dos lepidópteros, bebedores de néctar; contudo, o sucesso definitivo das plantas com frutos no início do terciário provocou um enorme avanço de uma ramificação até então quase furtiva, a dos mamíferos, que desde então se diversificaram em várias ordens, cada qual partindo para a conquista do mundo. Se a idade dos angiospermas é também a dos mamíferos, é que esses últimos dependem intimamente dos frutos e mais ainda dos cereais, cuja cultura deveria provocar bem mais tarde uma outra explosão demográfica, a da espécie humana.

A evolução da sexualidade

Para não adensar a exposição, já por natureza complexa, só faremos algumas alusões à sexualidade das plantas. E preciso voltar alguns passos para retomar rapidamente as etapas da evolução sexual, já que certamente foi ela que dividiu as plantas superiores em dois grandes grupos surgidos sucessivamente, os gimnospermas e os angiospermas. Finalmente, foi também a sexualidade que demonstrou ser o único critério realmente eficaz para classificá-las. Ela forma a base do sistema estabelecido no século XVIII por Lineu, universalmente reconhecido.

Uma vez obtidas as características essenciais que, de um organismo primitivamente marinho, haviam feito uma planta capaz, não apenas de sobreviver ao ar livre, mas também de conquistar a terra, o aperfeiçoamento do processo de reprodução, em uma direção que tornaria sensível o próprio desenrolar dessa progressão, parece ter sido efetivamente a constante preocupação da evolução. Para conseguir, graças a esses progressos, a maior economia, e também a maior segurança, a evolução multiplicou as tentativas, experimentou toda espécie de soluções, antes de chegar àquela que iria suplantar todas as outras: a série completa flor-fruto-semente, que somente os angiospermas realizavam.

Entre a maioria das algas, a reprodução se fazia através de duas fases distintas, dando lugar a dois estados diferentes da planta: uma fase assexuada (de *2n* cromossomos), onde a reprodução era feita por meio de esporos, que, crescendo, tornavam-se, eles próprios, algas semelhantes à planta-mãe — esse modo de reprodução tinha resultados comparáveis aos da

reprodução vegetativa —, e uma fase sexuada (de *n* cromossomos), onde intervinham os gametas, que só podiam continuar vivos fundindo-se com pares do sexo oposto. Somente a alternância regular dessas duas fases, concebendo duas gerações sucessivas de indivíduos distintos, formaria um ciclo reprodutor completo, por exemplo, na cadófora, que é uma alga verde. O gametófito (de *n* cromossomos) produzia os gametas, que se uniam para formar um ovo ou zigoto, de onde nasceria um esporófito (de *2n* cromossomos), que conceberia por sua vez os esporos.

Essa distinção entre esporófito e gametófito se encontrava ainda bem marcada nos musgos. No entanto, neles só existia um único organismo, no qual esporófito e gametófito estavam associados, mas a reprodução sexuada era dominante nos briófitos, vendo-se o esporófito reduzido a um saco produtor de esporos vivendo como parasita sobre o gametófito. É o esporófito que podemos observar na forma de uma pequena urna tampada por uma espécie de capuz, sustentado por uma seda que se ergue acima do próprio musgo.

Nos peridófitos (samambaias), a situação era inversa. O gametófito, que podia ser macho, fêmea ou bissexuado, tornou-se independente e formou um pequeno organismo, o prótalo, diferente do esporófito, que é aqui a planta folhuda. E novamente aconteceu a alternância de fases e indivíduos: a samambaia produzia esporos (de *n* cromossomos), que criavam o prótalo, que por sua vez emitia espermatozóides (*n*) e arquegônios (*n*), cuja fusão formava o embrião (*2n*) de onde nasceria uma nova samambaia. O prótalo da samambaia só podia crescer e garantir sua função sexual em meio úmido, o que restringia a expansão dessas plantas.

Porém, com o aparecimento dos espermáfitos ou espermatófitos, chamados também de fanerógamas (do grego *phaneros,* "visível", e *gamos,* "união", "casamento"), para opô-los a todos os outros vegetais menos evoluídos chamados criptógamos (do grego *cryptos,* "escondido"), ou seja, não tendo flores visíveis, a situação tornou a mudar e dessa vez definitivamente. O gametófito, reduzido, cessou de ser independente, foi incorporado à planta, o esporófito, no seio de um órgão

protetor, a flor. Todo o ciclo reprodutor se realizava então no local, e isso até a formação do próprio embrião, a futura nova planta, que só deixaria a planta-mãe quando estivesse completamente formada e quase sempre munida das reservas que lhe permitissem se desenvolver depois de caída sobre a terra, antes mesmo que funcionassem suas raízes e folhas. Assim, o estado da jovem planta brotando da casca da semente, pelo menos no final do processo evolutivo, isto é, entre os angiospermas, é comparável ao do pinto saindo de seu ovo. A germinação da semente é uma eclosão.

Esse processo, ao mesmo tempo econômico e simplificado, e, no entanto, requintado e de grande elegância, superou finalmente todos os outros. Tornou indispensável a formação de órgãos inteiramente novos: a flor e a semente nos gimnospermas; a flor, o fruto e a semente nos angiospermas.

A série só se tornou completa com esses últimos. Os gimnospermas não possuem frutos, mas será que possuem realmente flores? Estas são representadas por ramos folhudos, bem visíveis no pinheiro em maio-junho, que portam elevadas espigas, formadas de pequenos cones amarelos, pontilhados de marrom. São os cones-machos que espalharão uma abundante poeira, com um tom amarelo-claro, o pólen, enquanto do alto da espiga o broto folhudo continuará crescendo. Aqui a flor deriva claramente das folhas: ela é um agrupamento de folhas transformadas, o que já havia sido observado por Goethe, autor de uma teoria da gênese da flor, admitida por todos os botanistas.

Mais alto na ramagem do pinheiro aparecem os cones-fêmeas, menores do que os machos e de um belo vermelho-violáceo. Essa localização os impede de se impregnar do pólen produzido pela mesma árvore; desse modo torna-se obritagória a frutífera mistura das células sexuais vindas de dois indivíduos diferentes.

A fecundação se produz assim que os grãos de pólen vindos de fora penetram entre duas escamas de um cone-fêmea; todavia, só dois anos mais tarde, e às vezes mais, é que os grãos irão cair sobre a terra para germinar.

Enquanto isso os cones-fêmeas crescerão e suas escamas fecundadas estarão mais apertadas umas contra as outras, de

maneira a proteger os jovens grãos que ali estão, nus — devemos lembrar que gimnosperma significa grão nu —, inseridos dois a dois sob cada escama. Ao se desenvolverem, os grãos se prolongam em uma longa asa membranosa que, ao lhes permitir planar nos ares, facilitará a dispersão ao longe. Pois nesse caso é o vento que serve de agente transportador do pólen e depois dos grãos. Com efeito as células sexuais perderam quase toda a possibilidade de deslocamento ativo.

Angiosperma vem do grego *angeion,* que designa qualquer espécie de recipientes ou de invólucros. O vaso, a cápsula, e neles o carpelo em forma de garrafa, cuja parte mais bojuda é o ovário, contendo os óvulos que após a fecundação transformar-se-ão em sementes. O gargalo da garrafa é o estilo, cilíndrico e pontudo; sua extremidade superior, o estigma, que, graças às suas papilas rugosas, secretando continuamente um líquido viscoso, retém os grãos de pólen de passagem.

Estes, trazidos pelo vento, ou com mais freqüência nos angiospermas pelos insetos, uma vez imobilizados pelo estigma, começam a inchar, formando uma espécie de hérnia, de tubo polínico, único elemento capaz de se locomover por si mesmo que, caminhando no estilo, chegará até o óvulo, onde irá liberar dois gametas (células sexuais) machos. O primeiro, copulando com o gameta fêmea ou oosfera, formará o ovo, dentro do qual irá se desenvolver o embrião da futura planta, enquanto o segundo irá se unir às sementes secundárias do saco embrionário, igualmente gameta fêmea. Essa segunda fecundação fornecerá depois ao embrião as reservas (albume) que o alimentarão. O albume tem o mesmo papel que a clara do ovo do animal. Albume em latim aliás significa clara de ovo e vem de *albus,* "branco".

Não apenas os óvulos são fechados no carpelo, às vezes único, com mais freqüência múltiplo, e formando então o que chamamos o pistilo, mas o próprio carpelo — ou o pistilo — é protegido por um envelope, o perianto. Entre o pistilo e o perianto, pelo menos nas flores hermafroditas, inserem-se circularmente os estames. São os órgãos sexuais machos, formados por um pedúnculo frágil e alongado, o filete, de cuja extremidade inchada, a antera, nascem os grãos de pólen.

Quanto ao invólucro que cerca todo esse sistema reprodutor, como podemos constatar facilmente na natureza, ele está sujeito a diversas variações: as formas tão diversificadas das flores. Na flor completa, o perianto (do grego *peri,* "em volta" e *anthos,* "flor") compreende de dentro para fora a corola (do latim *corolla,* "pequena coroa"), fila circular de pétalas, que são folhas transformadas, mas afinadas e quase sempre coloridas, depois o cálice, formado de sépalas que são, estas sim, nitidamente foliáceas e quase sempre verdes. Todavia devemos precisar que mesmo entre os angiospermas existem flores sem corola e sem cálice.

Na flor dos angiospermas muitas vezes coexistem os dois sexos; são assim hermafroditas, característica que nos animais superiores só sobrevive na forma de uma anomalia, de uma enfermidade e das mais raras; ao contrário, ela é freqüente entre os vegetais mais evoluídos. No entanto a auto fecundação é quase sempre evitada em proveito da fecundação cruzada por numerosos artifícios, mas que na maioria tendem a retardar a maturidade dos gametas-macho em relação aos gametas-fêmea na mesma planta.

Assim que as células reprodutoras macho encontram as fêmeas, após a fecundação do óvulo, começa a vida de um novo indivíduo, o embrião contido na semente. Mas antes que deixe a planta-mãe para germinar, ela se desenvolve no interior de um órgão protetor, o fruto. Assim, o fruto é o invólucro da semente, como a corola e o cálice são os invólucros da flor. Quando pronunciamos a palavra fruto, ficamos com água na boca; é que pensamos na polpa sumarenta e açucarada da cereja ou do pêssego. Esquecemos que os grãos dentro das vagens, a noz em sua casca, a castanha no centro de seu ouriço também são frutos. O fruto em volta da semente pode realmente se limitar a um envelope duro, a casca, pois sua função essencial é dar às sementes um abrigo, onde elas poderão chegar à maturidade sem perigo. Por isso a existência do fruto é efêmera; realizada sua missão, ele se abre, depois desaparece, liberando a semente, isto é, o futuro da planta.

Quem já não observou um dia a germinação de uma semente? Bastará aqui lembrar rapidamente as etapas. Basta que

a temperatura seja amena, a terra suficientemente úmida e as células do embrião irão se encher de água e entrar em atividade; tornando-se turgescentes, elas fazem explodir o tegumento da semente, como o pinto pronto para nascer quebra o ovo. Então aparece a plântula, réplica exata da planta-mãe, com sua radícula que logo busca a terra e nela se enterra com seu caulículo terminado pela gêmula, o broto de seu futuro crescimento, mas também com os cotilédones, próprios à plântula, jovens folhas especializadas, provisórias, espessas, cheias de reservas nutritivas que irão constituir o primeiro alimento da jovem planta.

A árvore, da raiz ao cume

No final dessa evolução que durante centenas de milhões de anos multiplicou as inovações, ergue-se, solitária em sua majestade, a árvore, a verdadeira árvore, portadora de flores e frutos, cuja proeminência só pode ser comparada à do homem, a última realização — pelo menos a título provisório — de toda a corrente evolutiva; a menos que essa visão concebida pelo próprio homem seja recusável por causa do antropomorfismo. Assim é a vida da árvore que, legitimamente, deveria ilustrar o funcionamento do vegetal chegado ao seu apogeu.

Se seu início é igual ao das outras plantas, sua longevidade, sua retitude, sua grande altura e seu volume se devem às estruturas adicionais, suplementares, que são suas características especiais. Esses tecidos são qualificados de secundários, pois nascem de zonas de crescimento, os câmbios, que em volta da pequena planta verde original produzem círculos concêntricos se superpondo todos os anos. Graças a eles, a árvore constitui um organismo completo, auto-suficiente e fechado, como o corpo humano, mas capaz de crescer em altura e espessura durante toda sua existência.

Aliás, nela o esqueleto não é central e sim periférico; quanto à rigidez da árvore, ela é formada por tecidos mortos, endurecidos, esclerais e quase mumificados. Eles formam o que chamamos erroneamente de o coração da árvore. É por isso que um tronco pode ser aberto, cavado, esvaziado, sem que isso mate a árvore, pois a circulação, ou seja, a vida, está localizada na periferia, imediatamente sob a casca.

Para verificarmos, basta arrancar uma tira dessa casca, revelando assim a fina película, verdolenga e grudenta de

seiva que é o líber. É ali que os tubos crivados se encarregam da condução da seiva elaborada vindo das folhas e levando às raízes os produtos vitais nascidos da fotossíntese. Se agredirmos essa camada viva, não será tanto a folhagem que sofrerá e sim as raízes, que privadas dos glucídios nutritivos perderão a propriedade de crescer e assim explorar o solo.

Quanto à seiva bruta, ela passa pelos vasos que atravessam as camadas mais externas da madeira formando a jovem madeira, de cor clara, quase branca, de onde advém o nome alburno, enquanto reservamos o nome durame à madeira velha, ou madeira de coração, de onde a vida se retirou e ao qual os taninos e as resinas que se acumularam dão um tom mais escuro. A seiva bruta não é mais do que a água carregada de sais minerais, tirados das profundezas do solo por pêlos absorventes que cercam as extremidades das radículas, e atraída para cima pelo vácuo formado pela transpiração das folhas.

A circulação é assim protegida pela casca que compreende, de fora para dentro: a epiderme, abrigada por uma película de cutina; depois a cortiça, formada de células mortas impermeáveis, mas interrompida por pequenos rasgões, as lenticelas, que permitem ao caule respirar; finalmente a feloderma, que é um tecido vivo saído diretamente do câmbio externo, pois a casca possui sua própria zona de crescimento. Essa base geradora se desloca para o interior paralelamente ao desenvolvimento circular do tronco, enquanto a casca se torna espessa.

Além disso o conjunto dos tecidos que formam esta última é submetido a um forte impulso vindo de dentro, o que resulta em rachaduras, fendas mais ou menos profundas que ela apresenta ao envelhecer. Isto é um efeito do crescimento do cilindro central, composto sucessivamente de líber e de madeira, ambos engendrados por um segundo câmbio, interno e ainda mais ativo, pois dele vêm quase todos os tecidos da árvore. O caule lenhoso é portanto feito de dois cilindros encaixados um no outro, nascidos cada qual de uma base geradora, que produz continuamente novas células.

No entanto, a árvore não é realmente fechada, já que ela vive de relações com o mundo exterior. Além de nele adquirir

seu alimento, deve nele lançar seu excesso. A árvore respira, mas também transpira. Essa é a dupla função, não apenas das lenticelas do tronco, mas dos estômatos, orifícios microscópicos localizados na face inferior das folhas. Se a transpiração é relativamente fraca nas coníferas (gimnospermas) — as quais, como vimos, estão equipadas para viver em clima e terreno secos — ela é, ao contrário, bem abundante nos folhudos ou árvores de folhas caducas que são os angiospermas. Um carvalho, na estação quente, exala mais de 100 toneladas de água, o que representa 225 vezes seu próprio peso; um hectare de bosque lança todos os dias na atmosfera entre 3.500 e 5.000 toneladas de vapor d'água, que formam as brumas que se elevam das matas e as nuvens que as cobrem. Portanto, se os folhudos necessitam mais água do que os resinosos, eles aumentam consideravelmente a umidade atmosférica, exercendo assim uma influência reguladora profunda sobre o clima. Por isso os cortes excessivos de maciços de folhas provocarão automaticamente perturbações climáticas de longa duração, sempre desfavoráveis.

Com a ascensão do sol para o zênite e o aquecimento primaveril, a árvore sai pouco a pouco de seu longo sono. Em Ioda parte abrem-se brotos que o inverno havia comprimido, encerrando as escamas feltradas, em toda parte saem as folhas que se desamassam e logo absorvem avidamente a luz do novo sol, enquanto, no âmago, borbulha a seiva, e as radículas bombeiam na terra morna e embebida pelas chuvaradas a água nutriz. Em breve, numa suntuosa exibição orgíaca, a árvore florescerá, tomada por sua vez, ela a sábia, pelo desejo vertiginoso de se reproduzir. Cobrir-se-á de ricas cores, espalhará ao longe os perfumes do pólen e do néctar, que atrairão aos milhares os insetos encarregados de levar alhures seu sêmen em pó.

Porém essa apoteose da árvore desabrochada é curta. Assim que chegam os fortes calores, as longas secas do verão, suas folhas revelam os primeiros sintomas de esgotamento. A cor verde, de início translúcida, depois brilhante, torna-se opaca, desbota, passa a cinzenta. Com as noites frias do outono, as trocas internas tornam-se mais lentas e os açúcares,

acumulando-se nos limbos, desenvolverão ali um pigmento vermelho, enquanto a clorofila, ao se decompor, tornar-se-á amarela. As belas cores das folhas de outono, como as que ornam as asas das borboletas, são o resultado de uma intoxicação. Essa fogueira que ilumina as matas, que as purpureja, anuncia a queda das folhas que, cessando de funcionar, são agora inúteis. Mas antes que elas caiam, foi formado, ali, onde o pecíolo liga a folha ao galho, uma fina parede de cortiça impermeável; acima da ferida já cicatrizada, aparece o broto que, na primavera seguinte, se abrirá.

Com a chegada do mau tempo, a árvore se fecha, se despoja; é apenas um arcabouço erguido contra o céu, submetido às tempestades de inverno que esfacelarão seus galhos mortos. Mas na primavera e no verão, a árvore cresceu; no final dos belos dias ela acumulou no seio de suas células as reservas com as quais não apenas poderá viver, mas que, recolocadas em circulação assim que a primavera chegar, acionarão seu despertar. Essas zonas de crescimento alternadas — madeira de primavera e madeira de verão — são marcadas nos anéis anuais que vemos quando cortamos a árvore, e que permitem determinar sua idade. Por enquanto a árvore hiberna, como a marmota em sua toca; porém essa toca é ela própria, no fundo da qual avermelha-se o fogo que nunca se apaga.

Uma árvore é um mundo. Em redução, mas completo. Isolemos um carvalho na floresta, examinemos cada dia a vida que o anima e que ele mantém. Além de oferecer um abrigo a milhares de criaturas animais, ele fornece a cada uma seu alimento segundo suas necessidades, graças a uma superprodução de desmedida generosidade; algumas dezenas de milhares de bolotas que nunca germinarão, mais ainda de folhas em excesso e que, mortas, não serão perdidas para a microfauna do solo, raminhos, galhos que caem, sem contar a casca, as camadas superficiais da madeira, a própria seiva que o visco sabe muito bem bombear para o alto. Uma hera a escala, subindo para a luz, as samambaias aproveitam os restos que se acumulam entre suas raízes ou no encontro de seus galhos. Nos seus ramos mais altos um esquilo teceu seu ninho, ali as bolotas são tão abundantes que ele as estoca nas fendas do tronco, sem sair da

árvore; aliás ele poderá variar seu cardápio, arrancando os musgos e os liquens que se agarram na casca áspera, ou pilhando os ninhos dos vários passarinhos que se instalaram ali. No entanto ele não ousará enfrentar as corujas-do-mato que nunca saem do abrigo que construíram numa cavidade do tronco e que ao cair da noite partem em vôo silencioso para perseguir as ratazanas. Perto delas outros crepusculares, os morcegos, hóspedes de verão, farão ouvir seus gritos estridentes antes de agarrar, em pleno vôo, de passagem, os noctuídeos.

Na multidão de inumeráveis insetos, todas as espécies estão representadas: longos cortejos de lagartas, como as larvas do carvalho; algodões sedosos agarrados às folhas de onde sairão as lagartas de fogo do bombix; intrépidos percevejos prestes a lançar seu fedor para se defenderem; nozes de galha achatadas dos cinipídeos no avesso das folhas; larvas dos marimbondos que devoram o limbo; carunchos que põem ovos nas bolotas das quais seus vermes se alimentarão; longicórneos gigantes com enormes antenas, cujas larvas desenham no interior da madeira estranhos labirintos; sem contar as aranhas caranguejeiras, as formigas, amamentadas pelos pulgões, que fazem provisão de galhinhos para sua próxima megalópole e os parasitas de todos esses insetos que vivem no interior de seus corpos e tranqüilamente crisalidam ali; além disso, para arrematar, o pica-pau, tamborilando para fazer sair as larvas com as quais se regala. Seriam necessários vários anos de uma vida para catalogar todo esse pequeno mundo, para conhecer as preferências de uns, os hábitos dos outros, os usos e costumes dessa sociedade multiforme, cuja maior parte permanece invisível sob a terra, encolhida entre as raízes, levando ali, escondido, sua pequena atividade vital.

Mas tudo isso ainda é pouco se compararmos a vida de um carvalho à dos gigantes das florestas tropicais. Os naturalistas que tentam evocar a vida proteiforme que sussurra, ou apenas segui-la em sua incessante agitação, logo perdem pé, sentem vertigens e se agarram, onde podem, às mais extravagantes comparações. Por exemplo, William Beebe, ao descrever o "mistério do mangue", árvore que cresce na floresta da Guiana onde ele esteve por muito tempo, só pôde encontrar

equivalência para suas sensações diante do espetáculo que lhe era oferecido, nas que sentira quando criança, por ocasião de uma apresentação do célebre circo Barnum:

"Acima e ao redor de mim", anotou ele, "trapézios se entrelaçavam, anéis oscilavam, escadas de corda, depois redes de cipós se estendiam, postes surgiam, pintados de cores vivas, estandartes de esmeralda ondulavam esticados ao longo das vigas, e por cima de tudo, lá no alto, como uma lona, o céu tudo recobria. Por toda parte personagens, acrobatas e saltadores realizavam milagres de equilíbrio e força; eu sentia os odores de criaturas estranhas e desconhecidas; eu me sobressaltava com os primeiros rangidos e com os ritmos negros saídos de orquestras escondidas, prontas a desencadear subitamente a potência de uma música emocionante. De vez em quando um animal passava lentamente perto de mim (provavelmente a caminho de um longa apresentação em alguma arena invisível) e sua forma e aspecto, se ampliados até o tamanho dos homens, teria certamente bastado para formar um número de circo.

Porém, apesar da confusão do início, o mangue se destacava intenso e nítido. Parecia um deus, um Atlas plantando firmemente seus pés sobre a terra, indiferente às correntezas de ar ou água que redemoinhavam ao redor de seus joelhos, estendendo para o céu seus braços imensos, desabrochados, nos quais milhares de seres mais fracos encontravam abrigo. Alguns pousavam ali para descansar suas asas, outros por mais tempo; semipensionistas que comeriam uma refeição ou hóspedes de uma temporada que construiriam suas casas naquelas raízes vibrantes, que criariam ali seus filhotes. Finalmente aqueles que ignoravam qualquer outro universo, qualquer outro horizonte, que, nascido no mangue, aderiam nele até que a morte viesse arrancá-los dali."[1]

É ali, com efeito, na floresta amazônica, que o jogo da vida efêmera e da morte necessária talvez seja mais espantoso, de tal forma estão entrelaçados. À atividade febril das ninhadas responde a lenta ação de milhares de coveiros, animais e vegetais que decompõem tudo o que morre.

---

[1] William Beebe, *Na mata da Guiana,* col. "Les livres de la nature", Stock, 1941.

Nas folhagens espessas passam macacos furtivos e inquietos, ameaçados pelas harpias, brilha o enorme bico dos tucanos ou os olhos assustados de uma criatura invisível, desconhecida, de cuja existência chegamos a duvidar; enquanto pendurado a um galho permanece, imóvel como uma rede, uma preguiça saída muito lentamente de algum mito pré-histórico. Mundo totalmente desumano em que a testemunha só pode ser um visitante de passagem, se não quiser sucumbir às suas monótonas e venenosas delícias, que provocariam sua irremediável decadência, em resumo, mundo que só é comparável ao da droga, tão prometedor e perigoso quanto ele, e, enfim, igualmente nostálgico. E que não se pense que isso é o produto barroco de uma imaginação literária, mas simplesmente recordações de viagens.[2]

[2] V. *Terras prometidas.*

O jogo infindável das adaptações

conquista da terra pelos vegetais só pôde ser feita à custa de múltiplas modificações anatômicas e fisiológicas, que alteraram profundamente a forma e a estrutura da planta original. Com efeito, o ambiente terrestre apresenta condições de vida muito mais diversificadas do que as que reinam no ambiente marinho. As diferenças de higrometria, de oxigenação e principalmente de temperatura podem chegar a diferenças muito importantes. A planta, enraizada e por isso imobilizada, é muito mais dependente de seu ambiente do que o animal. Este pode percorrê-lo em todos os sentidos e até se afastar, quando este se torna hostil; suas longas migrações são apenas idas e vindas em busca de condições favoráveis, enquanto a planta deve achar recursos suficientes sempre no lugar em que está fixada. Como os vegetais pouco a pouco conquistaram quase todos os biótopos terrestres — a eles podemos aplicar o provérbio ("a natureza tem horror ao vazio") —, isso resultou em uma extensa escala de adaptações.

Apenas um quarto das terras emersas é inapto a manter uma vida vegetal. Em princípio as plantas só podem se desenvolver e viver entre 0 e 50°C; contudo existem exceções: certas espécies da Sibéria ártica não morrem a -70°C, mas permanecem em estado de vida latente; em sentido inverso, as plantas dos desertos ardentes podem suportar sem morrer as temperaturas diurnas de 70°C e até 80°C. Porém, quando vários fatores negativos se combinam, qualquer vida vegetal se torna impossível; esse é o caso, por exemplo, dos solos permanentemente gelados nas regiões polares, das dunas marítimas arenosas e permeáveis, dos *ergs* saarianos. Mas nas fronteiras

dessas zonas estéreis encontram-se precisamente as adaptações vegetais mais ousadas, mais engenhosas e mais surpreendentes.

Por exemplo, no cume da montanha — numa altitude muito variável, segundo a latitude — a vinda tardia da primavera faz surgir do solo negro e esponjoso, no meio da neve que derrete, a floração vivamente colorida de múltiplas espécies, cuja presença nem desconfiaríamos algumas horas antes. É que a neve as protegia dos frios excessivos, mantendo no solo uma temperatura constante, vizinha de 0°C, qualquer que fosse a temperatura externa, e também que ela deixava filtrar uma parte dos raios do sol. As plantas têm pressa de realizar o ciclo de sua reprodução — floração, polinização, maturação dos frutos e dispersão das sementes —, que deve acontecer inteiro durante cinco ou seis semanas da estação quente. Por isso, 10 ou 15 dias após a neve derretida, a exuberância vegetal está no seu apogeu, pois a irradiação solar intensa e rica em raios ultravioletas acelera a atividade fotossintética; por isso as flores são mais numerosas, maiores e mais vivamente coloridas no cume da montanha do que na planície.

As plantas alpinas, aliás, desenvolveram características próprias que lhes permite resistir melhor às condições tão rudes: algumas se agrupam entre si de modo a formar densas almofadas, mantendo assim seu calor e sua umidade externa, como as saxífragas, a andrósaceas e os saiões; outras enrolam seus caules, suas folhas e suas flores friorentas com uma camada protetora de penugem: por exemplo, as anêmonas pulsatilas ou as lanudas edelvais. Na montanha, como em outros biótopos em que a estação desfavorável é longa, aqui por causa do frio, ali em razão da seca prolongada, triunfam as plantas de bulbo que vegetam sob a terra durante uma grande parte do ano. Mesmo as árvores não ousam enfrentar os ventos gelados, elas se curvam, ficam quase na horizontal, prostradas, anãs, rastejantes, mas resistem e aproveitam a curta primavera para crescerem na vertical segundo sua natureza, antes que os elementos as dobrem novamente.

A seca é ainda mais hostil aos vegetais. Já no clima mediterrâneo as plantas são obrigadas a inventar maneiras de reduzir a perda de água resultante da transpiração: as folhas

tornam-se pequenas, aciculares, cascudas, escamosas ou então enroladas (folhas do tomilho, do alecrim, das urzes), protegem-se com uma cutícula espessa, muitas vezes encerada (folhas do louro, do carvalho verde, da murta) ou por meio de pêlos grossos que lhes dão uma consistência acolchoada e cinzenta (folhas das oliveiras, das cistáceas, das alfazemas); finalmente, os estômatos menos numerosos se enterram em poços profundos, o que limita as trocas gasosas com o exterior. Quanto às raízes, alongando-se e ramificando-se, vão buscar nas profundezas do solo o pouco de água que ele contém. Por exemplo, o oídio de nossas dunas enterra na areia raízes de vários metros de comprimento, munidas de uma abundante cabeleira que a explora em todos os sentidos.

As zonas muito áridas provocam às vezes as deformações mais estranhas. Nos desertos da Arábia, uma Crucífera, a rosa de Jericó (*Anastatica hierochurdina*) se resseca e se contrai até formar uma espécie de pelota arredondada, mas com qualquer umidade essa múmia esparrama seus galhos e parece renascer. Nas grandes superfícies áridas da Califórnia, do Texas e do norte do México, uma selaginelácea anã (*Selaginella lepidophylla*) foi batizada "a planta da Ressurreição". Para suportar a seca, ela se torna arredondada parecendo uma laranja, curvando para o alto seus ramos laterais, e assim pode sobreviver num estado de vida latente durante longos anos, até que um dia uma chuvarada a tire de seu sono e a faça se distender em uma ampla roseta. Nas regiões muito secas do sudoeste africano vivem os espantosos litospermos, ou plantas-pedregulho, cujas folhas inchadas e deformadas se assemelham exatamente a pequenas pedras calcárias cinza-avermelhadas e polidas, e se confundem perfeitamente com os seixos dos leitos dos rios ressecados — com a única diferença que, na estação das chuvas, brotam dessas pedras grandes flores de um belo amarelo-alaranjado. Uma espécie vizinha encontrou coisa melhor: descobriu para seu próprio benefício o princípio da estufa: a *fenestraria* do sudoeste da África se enterra completamente na areia, de onde ela só deixa passar as extremidades de suas folhas carnudas; estas, desprovidas de clorofila e inteiramente transparentes, parecem de vidro. Elas resistem às

queimaduras do sol mas refletem seus raios até as partes enterradas da planta que pode, assim, ao abrigo dessa vidraça, conservar intacta sua umidade.

É certamente nos desertos que a seca chega ao seu máximo; a ela se acrescenta um calor tórrido. No entanto os desertos do Arizona e do México florescem, e é um espetáculo incrível ver aqueles canteiros de cores vivas, onde em breve só restará uma relva rala e empoeirada; em todo canto erguem-se altos cactos que parecem feitos de borracha endurecida, mas que ali mostram grandes flores carnais. De fato, quase sempre existe uma reserva de água nos desertos; mas é preciso ir buscá-la onde ela está e quando captada conservá-la por mais tempo possível, para sobreviver até a próxima chuva. Certas plantas conseguem aspirar os raros vestígios de umidade contida no ar; noutras, o sistema radicular, segundo a profundidade da infiltração das águas, ou se estende imensamente na superfície — até várias dezenas de metros — e bombeia sistematicamente a camada superficial, ou então desce até a mais de vinte metros para chegar aos lençóis mais profundos.

Contudo, a adaptação mais engenhosa, mais assombrosa, mais segura, é a realizada por quase mil e setecentas espécies que formam a família das cactáceas, próprias das zonas áridas do Novo Mundo. Durante muito tempo as cactáceas foram vistas como produtos excêntricos de um capricho da natureza; somente há algumas décadas os botanistas especializados em seu estudo revelaram que elas constituíam, ao contrário, por todos os detalhes de sua organização, a mais perfeita adaptação às condições de vida mais extremas. À primeira vista, os dois problemas que as cactáceas têm que resolver parecem contraditórios: de um lado, elas precisam acumular rapidamente, durante a curta estação das chuvas, uma provisão de águas que lhes permita viver por um ano ou mais; de outro, assim que começa a seca, essa reserva deve estar ao abrigo de qualquer desperdício pela transpiração e evaporação, a cisterna deve estar hermeticamente fechada.

Uma primeira solução consiste em acumular a água em suas raízes que incharão proporcionalmente. É isto que faz especialmente o peiote, cuja parte clorofiliana quase não

ultrapassa o solo e chega a desaparecer completamente quando, com a seca, a raiz encolhendo o recolherá sob a terra; desse modo a planta só emergirá numa pequena cavidade e muitas vezes será sepultada pela areia empurrada pelo vento.

Porém a solução mais freqüente, mais pitoresca e também mais bem-sucedida chega a uma verdadeira metamorfose do próprio caule. Ou ele se alonga desmesuradamente — o caso dos círios — ou então, se espessando, torna-se ovóide, às vezes inclinando-se para a esfera, ou seja, a forma geométrica que contém o maior volume sob a menor superfície, o que significa que esses obesos esferóides acumulam o máximo de águas pluviais, limitando seu coeficiente de evaporação. Para reduzi-lo ainda mais, as cactáceas se protegem dos raios térmicos mantendo uma grande parte de sua epiderme na sombra, graças a um conjunto de nervuras, cavidades, compressão, revestindo-se de uma camada cerosa, cobrindo-se de pêlos, de sedas e de espinhos, os quais, aliás, desempenham também outros papéis; impregnam-se, como um mata-borrão, da umidade mesmo reduzida do ar ambiente; constituem igualmente um sistema de dissuasão dos mais eficientes contra os animais imprudentes que tentariam atacar essas plantas rebarbativas. Ao longo de metamorfoses, as folhas, que aumentam muito a superfície externa da planta, foram sacrificadas e é o caule, agora clorofiliano, que realiza ele próprio as indispensáveis operações da fotossíntese.

No entanto, nesse organismo fechado em si mesmo, a corrente vital nunca pára. A seiva se torna espessa pela condensação dos sais nutritivos, sua circulação diminui ao máximo. Por essa razão o crescimento das cactáceas é muito lento, porém sua resistência é considerável. Durante a longa seca elas se enrugam, se encarquilham, se encolhem, suas células se contraem, sem que por isso seus tecidos se rasguem. Assim, é explicável que fragmentos de plantas ressecadas tenham podido, reencontrando as condições favoráveis, renascer depois de vários meses e até mesmo vários anos. Mas assim que aparecem as primeiras chuvaradas, as plantas se incham logo, reverdecem e aproveitam para florescer.

Além de conseguir sobreviver e se reproduzir onde

qualquer outra planta murcharia irremediavelmente, as cactáceas preparam a vinda e a implantação de novas espécies. Com efeito, essas pioneiras modificam pouco a pouco as condições de vida do deserto, transformam o solo fixando-o e enriquecendo-o, criam nele a sombra, antes desconhecida e, abaixando a temperatura noturna, permitem a formação do orvalho.

Elas não são todas raquíticas, longe disso. Entre elas existem gigantes como o sagüeiro (*Cereus giganteus*), cujas colunas verticais podem subir até a vinte metros; como certos equinocactos quase esféricos, cujo diâmetro ultrapassa dois metros e que podem pesar uma tonelada. A presença das cactáceas é também uma sorte para a vida animal, que graças a elas pode se desenvolver no deserto. Os frutos vermelhos e suculentos dos nopais, das tunas, são alimentos apreciados pelos animais e também pelos homens. Certos pássaros escolhem construir seus ninhos no meio dos espinhos dos círios que protegerão seus filhotes, como o falcão de rabo vermelho; outros, pica-paus e corujas, chegam a pôr seus ovos nas cavidades que cavaram com seus bicos na polpa central úmida de um sagüeiro; a seiva espessa cicatriza logo a ferida e cria uma bacia impermeável onde mais tarde se acumulará a água aqui infinitamente preciosa.

Um grande combate silencioso

Paradoxalmente, não é mais o vazio e sim o pleno, a abundância, a exuberância vegetal que outras plantas, os epífitos, têm de enfrentar. A dificuldade é exatamente o inverso. Não há um centímetro de terreno que já não esteja ocupado nas florestas pluviais da América tropical onde vivem as bromeliáceas. A sombra espessa das folhagens superpostas das árvores não permite a chegada até o solo da luz necessária à atividade clorofiliana. Finalmente, os epífitos só encontraram lugar disponível nos galhos horizontais das grandes árvores. Ali eles aproveitavam o ar, a luz e a pequena quantidade de humo que podem encontrar. Porém na posição entre o céu e a terra que ocu-

pam, resta o problema essencial da captação e retenção da água. A maioria das bromeliáceas a acumula nas células internas de suas folhas que, dobradas em acordeom durante a estação seca, se incham e se encharcam de água assim que chegam as chuvas. Algumas conseguem até extrair a ínfima quantidade de vapor de água contido no ar por meio de escamas especiais que se erguem para absorvê-lo, para logo em seguida se rebaterem comprimindo-se contra as folhas, obturando assim os estômatos e reduzindo ao mínimo a transpiração. Essa folhas rígidas e tão duras, que parecem cortadas no zinco, formam calhas que recolhem a água da chuva e a levam para potinhos formados entre as folhas, onde ela se conserva durante meses. A maioria das bromeliáceas epífitas guarda assim dezenas de litros de água e seus reservatórios formam aquários, onde vivem uma quantidade de pequenos vegetais e pequenos animais, como certas espécies de pererecas que só serão encontradas nesse ambiente muito especial. Explorando esses minúsculos charques vegetais nas florestas da Costa Rica, os naturalistas descobriram a presença de 250 espécies de animais, das quais quase 50 ainda eram desconhecidas.

Do mesmo modo os numerosos recursos usados pelas plantas para se defenderem, principalmente umas das outras, também são adaptações ao meio ambiente. Pois os vegetais não escapam à regra de querer que todo ser só viva à custa dos outros. Certamente nesse caso a competição toma uma forma diferente da que ocorre entre os animais: não há agressões espetaculares e, ainda menos, é claro, perseguições e gestos hostis. Porém essa paz aparente dissimula surdas lutas, rivalidades obstinadas. Para quem sabe observá-la atentamente, uma floresta revela a imagem de um grande combate silencioso, travado por gigantes, mas tão lento que ele se torna invisível. No entanto, cada árvore tenta elevar-se acima das outras para atingir o sol, e as mais fortes inevitavelmente sufocam as mais fracas que murcham e morrem. Mais viva ainda é a concorrência vital ao nível das raízes que se entrelaçam e disputam a água e as matérias minerais; mas essa nos é invisível. No final das contas, em uma floresta que cresce livremente, existe a mesma quantidade de mortos e de vivos.

Porém, às vezes a hostilidade se torna sistemática, a agressividade voluntária, se podemos dizer assim. As raízes de certas plantas secretam toxinas que eliminarão os adversários. Quem não observou, por exemplo, essas peladas trincheiras circulares que aparecem no meio de prado verde, que chamamos de círculos de bruxas? O desaparecimento da relva se explica pela produção de antibióticos pelo micélio de um cogumelo que cresce ali em forma de anel. Até a própria trufa produziria substâncias tóxicas para conseguir seu lugar no solo. As espécies introduzidas num ambiente novo mostram muitas vezes uma grande agressividade em relação às outras plantas indígenas que o habitam, pois é necessário que essas estrangeiras se implantem, se naturalizem. É o caso do eucalipto vindo da Austrália e também da castanheira, cuja introdução portanto é bem antiga; à sombra de um e de outro, o subsolo é praticamente nu.

Todos sabem que é impossível tentar alguma cultura sob uma nogueira, pois seu tronco e suas folhas produzem um veneno, a juglandina, que a água da chuva esparramará dentro da terra. É certamente desse fenômeno que vem a superstição sobre a sombra nefasta, se não mortal, da nogueira. Em compensação existem também inúmeros exemplos de ajuda, de simpatia recíproca, de cooperação. Aos camponeses que já esqueceram o que seus avós sabiam tão bem e vêem em todas as espécies que não são cultivadas por eles uma "erva daninha" que é preciso a todo custo destruir, a agricultura dita "biológica" mostra o proveito dessas frutíferas associações: as ervilhas e os morangos gostam da companhia das batatas, que, em compensação, suportam mal os tomates, mas que no entanto pertencem à mesma família; a salsa, que tem um crescimento tão caprichoso no meu jardim, deu resultados inesperados quando foi semeada por acaso ao longo de uma fila de cenouras. Alguns agrônomos russos e americanos chegam ao ponto de preconizar a utilização sistemática das ervas daninhas, tendo observado que na presença das margaridas campestres e das papoulas, que geralmente são extirpadas, o trigo cresce melhor e o aciano seria necessário à saúde do centeio.

Aliás, há muito tempo é reconhecido: os aminoácidos

secretados peias raízes dessas leguminosas favorecem o crescimento das gramíneas, facilitando-lhes a absorção do azoto gasoso do ar contido no solo. Essa colaboração é mesmo utilizada para o reflorestamento, plantando-se previamente giestas, acácias-bastardas ou cítisos em terrenos quase sem azoto, os entulhos, os saibros do leito das torrentes, os taludes e as dunas. Finalmente é sabido que alguns cogumelos, vivendo em simbiose com as radículas das árvores, e formando nódulos chamados micorrizos, garantem para elas a transformação das substâncias orgânicas azotadas, que estas seriam incapazes de assimilar diretamente.

Se no total existe entre os vegetais tantos exemplos de cooperação quanto casos de inimizade declarada, a atitude das plantas em relação aos animais é necessariamente mais agressiva, já que nesse caso elas têm que se defender de seus destruidores. Basta passear em cerrados ou pousios para aprender à nossa custa. Silvas e pilriteiros, cardos e azevinhos rasgam quem os toca; os espinhos da cevada-de-rato, uma das gramíneas mais banais, avançam insidiosamente pelas roupas graças às suas longas arestas barbudas, e se elas chegam até a pele podem até penetrá-la e infectá-la; o espinho duro e pontudo do abrunheiro pode causar uma "moléstia branca" ou mesmo transmitir o tétano; e como todos sabem, não há rosas sem espinhos. Temíveis também são os vulnerantes agulhões dos cactos, difíceis de extrair quando espetados na pele, como bem o sabem os aficionados dessas plantas. Desse modo elas defendem suas polpas suculentas, cheias de água e tão apetitosas para os animais que habitam os desertos. É por isso que, em seus países de origem, o homem os utiliza com freqüência para fazer cercas, como na Europa empregam-se vários arbustos espinhosos.

Como deixar de mencionar as "plantas que queimam", as urticales, cujo nome vem do latim *urere,* que significa queimar, e dentre as quais a mais conhecida e propagada é a grande urtiga, coberta de pêlos urticantes, que, se quebrando ao menor contato, injetam imediatamente seu veneno sob a pele? Esses pêlos, que um esqueleto calcário torna rígidos, são na realidade minúsculas seringas hipodérmicas. Finalmente seria preciso lembrar o mundo tão diverso, tão aperfeiçoado, dos

venenos vegetais que souberam utilizar com tanta ciência botânica os ilustres envenenadores, aproveitando seus efeitos desconhecidos ou indiscerníveis, já que dissimulados e de efeitos retardados.

Mais singular é a defesa adotada pela célebre *Mimosa pudica,* cuja folhas e caules, assim que tocadas, murcham lentamente, fingimento curiosamente idêntico ao do animal que "se faz de morto". Talvez assim a planta tente desencorajar, pela surpresa que causa, os animais que gostariam de comê-la.

Os animais a serviço das plantas

Se os animais são consumidores, e, portanto, os destruidores vegetais, às vezes acontece que estes os tomam como aliados. Por exemplo, uma acácia da África tropical (*Acacia drepanelobium*) faz todo o possível para atrair pequenas formigas pertencentes ao tipo *Crematogaster*. Seus múltiplos espinhos são cheios de uma polpa adocicada muito apreciada por esses insetos. Depois de comê-las, as formigas se instalam na cavidade assim formada. Em volta desta forma-se uma gala, que endurece com a seca. Eis as formigas munidas de uma habitação que irão defender energicamente, protegendo assim o arbusto contra os dentes dos herbívoros. Existe, por conseguinte, um proveito mútuo.

Se tal colaboração representa um caso bastante excepcional, em compensação, a utilização dos animais pelas plantas no processo de sua reprodução é freqüente, sistemática e absolutamente essencial. Essa curiosa revanche dos vegetais é, em suma, um dos paradoxos da evolução, já que as plantas, que todos pensam ser desprovidas de inteligência, sabem muito bem o que fazem, enquanto os animais ignoram completamente o que elas conseguem que eles façam. Como e desde quando se produziu essa tão especial inversão? Nós o ignoramos. Sabemos, contudo, que, assim que aconteceu, provocou uma rápida multiplicação de muitas espécies animais, ao mesmo tempo que garantiu aos vegetais uma maior segurança; ela foi a origem de um salto para ampliação da evolução.

Primeiro, o pólen, a semente macho que devia ser transportada para os órgãos fêmeos, antes submetidos aos caprichos do vento, era um petisco para os animais. Pródiga, a planta consentiu em sacrificar parte dele aos seus hóspedes para que,

graças a estes, um pouco da substância fecundante chegasse à sua destinação. Certos vegetais (os compostos) produzem um pólen eriçado de minúsculos espinhos que se agarram no corpo do inseto; nos outros, as rosáceas, o pólen chega a ser adesivo. Em seguida, a evolução vegetal aperfeiçoou uma nova descoberta: o néctar, líquido açucarado, meloso, nutritivo, e além disso mais perfumado do que o pólen, e por isso capaz de atrair os animais a distância. Essa substância deliciosa — os botânicos só puderam lhe dar o nome que, na Grécia, designava a bebida dos deuses, conferindo aos mortais a imortalidade — nós conhecemos um pouco do seu gosto, já que o mel não é mais do que o néctar transformado no tubo digestivo da abelha. Ao contrário do pólen, o néctar não tem nenhum papel na vida da planta, é somente um brinde distribuído aos fecundadores.

Tornando-se nectarífera, a flor se transformou; de início modesto receptáculo sexual, ela veio a ser sedutora pela diversidade e pela elegância de suas formas, a vivacidade de suas cores, os perfumes que começou a espalhar à sua volta. Tudo isso com um objetivo preciso: a polinização indireta a distância, pelos insetos. Ora, estes, subjugados pelo encantamento, não poderiam imaginar o que a flor exigia em troca, o papel, para ela vital, que os fazia desempenhar. Gulosos, ávidos, eles se precipitavam para aquela fonte de alimentos, anunciada por verdadeiros meios publicitários de poético requinte.

Manchas vivas, notadas de longe, não é por acaso que as flores têm certas cores; na maioria, estas são sinais destinados a atrair determinadas espécies: geralmente as flores fecundadas pelas borboletas noturnas são brancas, mais visíveis à noite. Elas espalham perfumes adocicados apreciados pelos lepidópteros; as que precisam das moscas são de um marrom purpúreo ou de tons sombrios e geralmente de odor nauseabundo, já que os dípteros são atraídos pelas matérias em decomposição; às vezes as flores utilizam cores, cujos matizes nossa visão não percebe, mas que são facilmente distinguidos pelos olhos facetados do inseto. Em outras o centro produtor de néctar é sublinhado por um forte contraste de tons: na papoula ele é negro sobre fundo vermelho, amarelo-vivo no cisto de

folhas de sálvia cuja corola é de um branco puro. Pode até acontecer que o inseto seja guiado para o néctar pelas linhas coloridas ou então pelos vincos cavados nas pétalas.

Flores desprovidas de atrativos agrupar-se-ão no centro de grandes brácteas de cores brilhantes, simulando uma sedução. Assim fazem os buganviles, enfeites dos jardins do sul da França. Outras espécies chegam até a oferecer como petisco seus próprios estames: as belas flores efêmeras das comelinas só possuem três estames fecundos, que são pequenos e discretos, enquanto três outros, opulentos e coloridos, mas estéreis, servem apenas como isca.

As formas das flores, em sua prodigiosa diversidade, constituem todas adaptações à entomofilia. As grandes corolas de cores vivas e amplamente desabrochadas são destinadas aos pesadões coleópteros; as flores de caule longo e fino só convêm à tromba pontuda das borboletas. Certas flores são especialmente concebidas como verdadeiros aparelhos distribuidores. Por exemplo, as labiadas, cujo lábio superior forma um capuz abrigando os estames e o pistilo, enquanto o lábio inferior servirá de terreno de aterrissagem para o inseto. Na sálvia, o dispositivo se aperfeiçoa; penetrando no tubo floral para chegar ao néctar, o besouro dispara o estame que, inclinando-se, derrama em seu dorso toda a sua carga de pólen; este será captado de passagem pelos estigmas da próxima flor que ele visitará e que assim será fecundada.

Existem flores que são verdadeiras armadilhas e de tal engenhosidade que o observador fica estupefato, às vezes incrédulo. Quem já não observou, no final de abril ou nos primeiros dias de maio, passeando em uma floresta úmida e sombria, uma grande folha verde-clara, erguida e enrolada como um cartucho, de onde sai a extremidade de uma espécie de clava vermelho-violeta, que é a flor do arunco ou taioba (*Arum maculatum*)? Se abrirmos delicadamente essa espata barriguda na base, descobriremos o mais estranho dispositivo. Sob a clava que os botanistas chamam espádice, sucedem-se de alto a baixo uma coroa de pêlos longos e claros, dirigidos para baixo, depois um anel de flores macho, uma segunda coroa de pêlos e finalmente um espesso regalo de flores fêmeas. Essa é a

armadilha. Nela cairão centenas e às vezes milhares de minúsculas mosquinhas que vivem nas espessuras das folhagens. Para atraí-las, o arunco emprega todos os artifícios de que dispõe: destila um odor de substância em decomposição do gosto desses bichos e principalmente mantém dentro de sua flor um agradável calor — 16° superior à temperatura ambiente —, o que fará dela o mais confortável dos abrigos. Com tantos atrativos, os clientes afluem, diligentes. Os psicodídeos descem em multidão ao longo do espádice escorregadio e chegam, embevecidos, inebriados, até o reservatório inchado, de paredes translúcidas, deixando filtrar uma claridade esverdeada, que é o gineceu da planta. Ei-los agora prisioneiros. Lá embaixo eles roçam os ovários, depositando neles sem o saber o pólen anteriormente recolhido, e ganham assim a recompensa, pois, logo que fecundadas, as flores fêmeas secretam um néctar adocicado. Quando saciados, os hóspedes do arunco tentam fugir, mas não conseguem ultrapassar a cerca de pêlos que permite a entrada, mas não a saída. É que ainda falta realizar a segunda parte da tarefa que lhes é imposta. Receber dos estames o pólen destinado a outros aruncos — as flores machos só chegam realmente à maturidade após a fecundação das fêmeas, de maneira a impedir a autofecundação. Somente quando a missão estiver completamente realizada, a barreira se abrirá e, às centenas, as mosquinhas voarão até o próximo arunco.

Todavia, são certamente as flores das orquídeas — das quais Maeterlinck, atento observador da natureza, gostava de dizer que era principalmente nelas que se podia encontrar as "manifestações da inteligência vegetal" — que demonstram ser os exemplos mais extraordinários de adaptação aos insetos fecundadores, e também as mais intensamente especializadas, pois várias espécies de orquídeas só admitem como polinizadores uma só espécie de insetos e às vezes um só sexo dessa espécie.

A estrutura, tão complicada e complexa, das flores das orquídeas, torcidas e retorcidas sobre si mesmas, corresponde a um ajustamento preciso, no qual nenhum detalhe é ao acaso. Durante muito tempo sua fecundação permaneceu um mistério e foi somente Darwin que, à custa de observações e minuciosas experiências, conseguiu penetrá-lo.

As flores das orquídeas secretam um néctar que atrai os insetos, mas que se encontra fora de alcance, bem no fundo da espora que prolonga o labelo vivamente colorido sobre o qual o saqueador pousa. Iscado pelo odor, o inseto enterra sua cabeça na cavidade da flor e esbarra assim no rostelo, espécie de bolsa membranosa que libera então duas pequenas clavas viscosas, os polínios, contendo a semente macho; estes aderem imediatamente à sua fronte. Depois disso o visitante está pronto para furar o tecido da espora e obter o néctar cobiçado. Ora, o líquido grudento, que fixa os polínios sobre o inseto, seca mais ou menos depressa segundo as espécies. Sobre isso, Darwin observa: "Quando a matéria viscosa pede um certo tempo para se tornar cimento, o néctar está abrigado de tal forma que as borboletas levam mais tempo para alcançá-lo; e quando essa matéria está de imediato grudenta como deve ser, o néctar está pronto a ser rapidamente aspirado: se essa dupla coincidência é acidental, é um feliz acaso para a planta; porém se ela não é fortuita, e não posso crer que ela o seja, que maravilhosa harmonia!" Mais admirável ainda é a seguinte circunstância: nos polínios, os grãos de pólen funcionais se situam na parte superior. Quando o inseto fecundador penetra numa nova flor, os polínios erguidos em sua cabeça como um par de chifres deveriam normalmente esbarrar nos estigmas receptores pelo lado ou pela base, o que seria de uma eficiência duvidosa. Ora, acontece então esse incrível fenômeno: 30 segundos depois de os polínios se fixarem no corpo do inseto, eles se abaixam em 90° e ficam na horizontal, de tal forma que, visitando uma outra orquídea, o inseto levará os polínios na frente e estes esbarrarão nos estigmas com suas extremidades fecundantes.

Uma incrível esperteza

Às vezes a esperteza vai ainda mais longe e chega ao incrível. As ófris, espécie de orquídeas principalmente mediterrâneas,

parecem ter se especializado em realizar fiéis imitações de insetos; suas flores simulam com surpreendente exatidão a morfologia dos mais diversos artrópodes: existem ófris-aranha, ófris-mosca, ófris-abelha, ófris-besouro. E o observador humano custa a compreender o que vê. Por exemplo, um desses raros escritores que sabem olhar à sua volta, Alphonse Karr, escreveu: "Quem é esse inseto que, com a cabeça enterrada no nectário da flor, parece se saciar com tanto zelo que chega a permanecer imóvel? Essa flor que é quase uma mosca, esse inseto que floresce e vem de uma semente em vez de vir de um ovo, essa flor que parece zumbir e sobre a qual as abelhas não pousam, pensando que ela está ocupada por uma mosca, chama-se ófris-mosca."

Porém quanto às peças e armadilhas, o prêmio vai sem dúvida à ófris-besouro. Além de modelar o labelo de sua flor dando-lhe a forma, a cor — um negro intenso — e também a tessitura penugenta do corpo de um besouro, ela destila um perfume idêntico ao emitido pela fêmea dessa espécie. A semelhança é tão espantosa que o besouro macho tenta desesperadamente se acasalar com essa imitação, e ao fazê-lo se vê enfeitado de chifres da maior comicidade, os polínios, que ele transportará para uma outra orquídea. O engraçado nesse caso é que uma vã cópula provoca realmente uma fecundação; no entanto, não é o inseto que se reproduz e sim a flor.

Os insetos que freqüentam as flores são os coleópteros, os dípteros, mas principalmente os himenópteros e os lepidópteros; a tromba bem longa das borboletas, que se desenrola, constitui um órgão perfeitamente apropriado para essa tarefa. Certas espécies de vegetais e de insetos se encontram numa dependência tão completa que não podem viver umas sem as outras. Na história da terra, a evolução das plantas entomófilas e dos insetos foi rigorosamente paralela e originariamente tão estreita que não se pode determinar qual foi a causa ou o efeito. Uma das conseqüências dessas simbioses, para nós primordial, aparece imediatamente: a destruição maciça e inconsiderada dos insetos pelos produtos químicos modernos causará a longo prazo os mais graves prejuízos à própria vegetação.

Os animais sozinhos garantem a fecundação de 80% das

espécies européias — e essa proporção é ainda mais elevada nos trópicos —, mas entre eles não contamos somente os insetos. O néctar, abundante em todas as estações desses climas, atrai também numerosos pássaros que só freqüentam as flores. São os melífagos da Austrália, os *sui-mangas* da África, as diglossas, os açucareiros da América do Sul e principalmente os mais especializados de todos, os nectarinídeos, os colibris que se espalharam pela maior parte do continente americano. Em todas essas espécies, aos elementos hidrocarbonados constituídos pelo néctar, é acrescentada uma contribuição azotada fornecida pelos minúsculos artrópodes que freqüentam as corolas e que são capturados de passagem. Esses pássaros, todos pequenos e de grande leveza, possuem um bico tubular, longo e fino, como uma língua alongada e protrátil que lhes permite chegar até o néctar no fundo das corolas ou, quando este está fora de alcance, perfurar as pétalas. Suas características de vôo também foram adaptadas a essa procura: os nectarinídeos africanos podem se manter imóveis no ar diante das flores, graças a batidas de asas extremamente rápidas — como as esfinges, esses lepidópteros que por meio de suas trombas colhem o néctar durante o vôo, ao crepúsculo, no nosso clima. Entre os troquilídeos, os colibris do Novo Mundo, as batidas das asas no vôo parado são tão rápidas — até cinqüenta batidas por segundo — que as asas aparecem apenas como um duplo halo em volta do corpo do pássaro, como se fossem hélices rodando a toda velocidade.

Dependentes das flores, os nectarívoros começaram a se parecer com elas; todos têm plumagens de um esplendor incomparável, mesmo entre os pássaros. A maioria brilha com vivo reflexo metálico e lustroso, que faz rutilar na luz tons tão ricos quanto variados. Por isso, para descrevê-los, a expressão mais adequada, que sempre vem sob a pena dos autores, é a de jóia alada. É bem verdade que raramente a natureza nos oferece um espetáculo de tão delicada magnificência como, por exemplo, o de um nectarívoro verde-metálico brilhante, com bico em forma de cimitarra, pousado sobre a enorme flor rosa de uma proteácea da África do Sul.

Nos trópicos, outras criaturas aladas freqüentam as

flores, mas somente ao cair da noite. São os morcegos nectarívoros. As árvores de cuja fertilização eles se encarregam fizeram tudo para facilitar as coisas. O obeso baobá das savanas africanas, por exemplo, ostenta enormes flores brancas que só se abrem à noite e brilham no escuro. Pendentes na extremidade de longos pedicelos, são de fácil acesso e apresentam aos gulosos quirópteros os vasos cheios de néctar, situados na base de suas pétalas.

Dessa maneira, de inimigo, a planta fez do animal um aliado indispensável e entre os dois reinos se estabeleceu um regime de fecunda colaboração — no sentido literal — e com proveito mútuo, oferecendo ao animal uma rica provisão, enquanto o vegetal dele obtém um serviço que ele realiza bem, muito melhor do que os agentes físicos bastante aleatórios: o transporte dos grãos de pólen sobre os estigmas. Fazendo-a ser assim levada, a planta economiza sua semente e está certa de que ela chegará ao seu destino. Às vezes a esperteza é tão requintada que somos tentados a acreditar em uma verdadeira inteligência, que inventa e calcula, prevê e realiza, e que, finalmente, deixa o observador pasmo.

As plantas-armadilha

Capaz, por meio de artifícios, de atrair o animal e obrigá-lo a trabalhar, a planta, em certos casos, chegou a fazer dele sua vítima. O arunco ou a vitória-régia, essas ninfas gigantescas, cujas enormes folhas redondas flutuam sobre as águas dos pântanos da floresta amazônica, retêm prisioneiros durante vários dias os fecundadores. Por mais um pouco o vegetal chegaria a se alimentar dos insetos capturados. É o que fazem as plantas carnívoras.

Quando, no início do século XVII, os botânicos as descobriram, além de surpresos e no começo incrédulos, ficaram também realmente escandalizados. A ordem das coisas estava transtornada; segundo esta, os animais comiam as plantas, era o comum, mas percebiam que a reciprocidade podia ser verdadeira. Ora, isto era radicalmente incompatível com tudo o que se sabia da estrutura, da natureza das plantas, passivas por definição, imóveis, vivendo da luz do sol, do ar do tempo e dos sais da terra.

Já que esses fenômenos, devidamente constatados, iam além da imaginação humana e pertenciam realmente ao domínio da ficção científica, tudo se tornava possível e começaram a imaginar e até a desenhar gigantescas plantas carnívoras, capazes de devorar não apenas os insetos mas também seres humanos. Alguns garantiam tê-las visto em ação; diziam ter assistido ao terrível espetáculo, diante do qual tinham podido apenas ficar petrificados e impotentes. Por exemplo, o botânico alemão Karl Liche contou em 1878, no sério *Jornal científico* de Karlsruhe, a horrível cena que diz ter testemunhado no sudoeste de Madagáscar. Tratava-se do sacrifício de uma

jovem oferecida por sua tribo a uma árvore antropófaga: "Chegando perto da árvore, a jovem subiu penosamente pelo tronco, atingiu a gigantesca flor e bebeu um pouco do líquido que estava dentro da corola. Depois de descer ela se recostou na árvore, os olhos fechados, as mãos crispadas sobre a casca pedregosa. Foi então que os estames, um a um, começaram a crescer, a sair cada vez mais, curvando-se, descendo para a presa que, paralisada pela bebida absorvida, permanecia imóvel. Eles a abraçaram pela cintura, agarraram sua garganta, enrolaram-se em seus braços e pernas. Enquanto isso, as folhas por sua vez começavam a mexer. Elas se desdobraram, deixando à mostra duas fileiras de espinhos afiados..." Como vemos, não falta nenhum detalhe a esse fantasma sádico. O espantoso é que nenhum cientista da época tenha erguido a voz contra uma história tão inverossímil. De fato, não se podia saber: se as plantinhas eram capazes de capturar e digerir insetos, por que não existiriam grandes plantas atacando as presas proporcionais ao seu tamanho? Várias obras do final do século XIX traziam histórias quase tão assombrosas; nos Estados Unidos falava-se muito de cães atacados por "árvores-serpentes". Chegaram a pensar que o pacífico reino vegetal também continha seus monstros que matavam por vício e não por necessidade.

Hoje sabemos que não é assim, que se existem certamente plantas carnívoras, o número de suas espécies é muito limitado e que elas compensam assim a insuficiência do ambiente em azoto assimilável, elemento indispensável para suas vidas. É que essas plantas crescem em biótipos muito pobres — charcos e turfeiras ácidas — e sua adaptação busca encontrar o azoto que lhes falta, na forma animal.

Apesar disso, para consegui-lo elas empregam processos de assombrosa engenhosidade, pois eles deixam supor a existência de movimentos voluntários, ou seja, um sistema de comando a distância que corresponde ao que no animal é feito pelo sistema nervoso. Aliás não é preciso ir até os trópicos para encontrar tais fenômenos, ele existe mesmo em nossos campos.

As dróseras, que encontramos na França em três espécies, crescem nos brejos turfosos. A mais comum é a drósera de

folhas redondas (*Drosera rotundifolia*), chamada vulgarmente orvalho do sol ou rosólio, pois ao sol brilham nela centenas de gotas viscosas que parecem pérolas de orvalho, mas que não se evaporam. As dróseras se apresentam como rosetas de folhas estendidas no chão e em forma de paleta, eriçadas de pêlos glandulosos de cor vermelha e com o aspecto de espinhos, cada um carregando em sua extremidade uma gotícula clara. Mas assim que, sedento, um inseto se aproxima e nela esbarra, ei-lo preso na armadilha. O líquido viscoso se parece quimicamente com o suco gástrico humano e lentamente corrói a vítima. Esta, debatendo-se, provoca a contração dos tentáculos que se fecham sobre o inseto e o enterram cada vez mais nesse suco que o digere completamente.

O cruel mecanismo da drósera só foi elucidado recentemente. No entanto, há muito tempo essas plantas tinham chamado a atenção pelas suas singularidades. Naturalmente eram tidas como mágicas. Em todo o caso possuem autênticas virtudes medicinais, expectorantes e antiespasmódicas, que fazem com que sejam utilizadas ainda hoje contra a tosse rebelde, especialmente contra os acessos da coqueluche.

Se o processo empregado pela dionéia, que cresce em solos arenosos no litoral das Carolinas nos Estados Unidos, é um pouco diferente, ele é também eficiente. As folhas do pega-moscas são construídas como armadilhas para lobos. Assim que um inseto roça um de seus minúsculos espinhos duros que se erguem no meio do limbo, as duas metades da folha, orlada de dentes afiados, se fecham uma sobre a outra até que o bicho morra sufocado. Somente depois que ele tiver sido completamente digerido é que a folha se abrirá para esperar uma outra presa.

Quanto às urticáceas espalhadas por todo o mundo, e cuja espécie, *Urticularia vulgaris,* é comum na França, nos charques e pântanos, suas belas flores amarelas são mantidas acima da água por espécies de pequenas bolsas, utrículos, que durante muito tempo foram consideradas apenas como bóias. Depois descobriu-se que eram também armadilhas. No interior do odre fechado reina uma pressão mais reduzida que a do meio ambiente. Assim que um animálculo esbarra num dos

pêlos sensíveis que a cobrem, ele dispara a abertura da válvula de obturação e, logo aspirado, se vê numa cela cuja porta se fechou. Ele também será digerido.

Nos nepentes, epífitos tropicais, que abundam principalmente nas montanhas do norte do Bornéu, e que funcionam segundo o mesmo princípio, as urnas — que são folhas transformadas — têm a forma de cilindros, podendo chegar a 30cm de comprimento e 12 de diâmetro, e são munidas de uma tampa. Glândulas nectaríferas atrairão os insetos para o interior, especialmente as formigas que, apesar de sua habilidade, escorregarão pelas paredes cobertas de um revestimento ceroso e cairão no fundo do ascídio, cheio de um líquido contendo bactérias, onde elas se dissolvem. O mais espantoso é que certas espécies de mosquitos não só resistem a esse solvente como só conseguem viver ali.

Uma vitalidade a toda prova

Todas essas adaptações tão numerosas, tão astuciosas, que acabamos de evocar rapidamente dão uma idéia geral da eficiência das reações dos vegetais, da energia que utilizam para se defender, do vigor que o princípio da conservação tem entre eles, em suma, de sua prodigiosa vitalidade. Se considerarmos o total, esta aparece muito superior a que é mostrada pelo animal.

Para nos convencer totalmente disso, basta que examinemos alguns dados essenciais característicos do reino vegetal. Mesmo em nosso clima, onde uma importante parte da vegetação desaparece com a chegada do inverno, um grande número de plantas, ditas vivazes, passam a estação fria num estado de dormência e assim que desponta a primavera retomam a vida ativa. Quanto aos vegetais lenhosos, não param de crescer ano após ano, e em muitos casos sua longevidade ultrapassa bastante a de todas as espécies animais.

Se uma béluta ou um álamo só alcançam com dificuldade seu centenário, um olmo pode chegar a quatrocentos anos, um carvalho ou uma faia podem muitas vezes ultrapassar meio milênio, uma castanheira, uma tília, um lariço podem viver mais de mil anos, o que, se compararmos à cronologia humana, remonta sua data de nascimento à época carolíngia ou até mesmo merovíngia. Aliás, se os indivíduos várias vezes centenários constituem uma curiosidade, freqüentemente essa raridade é conseqüência da ação do homem que derruba as árvores em plena maturidade, para melhor aproveitar-se delas, e raramente deixa um desses gigantes morrer de morte natural. No entanto, alguns exemplares sobreviveram até hoje para

testemunhar a avançada idade que os outros poderiam ter alcançado. Muitos deles nasceram até mesmo antes da era cristã, como o teixo de Krombach na Alemanha, que tem mais de dois mil anos, ou o teixo de Fortingallen na Escócia, que teria mesmo ultrapassado seu terceiro milênio. Nas encostas orientais do Etna na Sicília, até o século passado viveu uma castanheira, cujo tronco, medindo 68m de circunferência, era o mais grosso do mundo. Ele tinha então mais de três mil anos; portanto, já era uma árvore velha quando Platão era prisioneiro cm Siracusa. No século XVI, a rainha Joana de Aragão, acompanhada de 100 cavaleiros, abrigou-se sob sua enorme copa durante uma tempestade; desde então a castanheira do Etna ficou conhecida com o nome de "Árvore dos 100 cavalos". Infelizmente ela foi vítima da veneração que lhe tinham: à força de nela colher relíquias de boa sorte, os sicilianos a mataram. As oliveiras, encanecidas, rachadas, esburacadas por profundas cavidades escancaradas, vivem ainda mais. Segundo a lenda, a de Roquebrune, chamada de "Reis dos reis", e cujo tronco atinge 20m de circunferência, teria quatro mil anos; uma oliveira de Agrigento teria cinco mil anos; ela teria visto, já velha, a construção da célebre colônia grega da Sicília.

Se alguns desses ancestrais puderam sobreviver até hoje, é que, considerados como sagrados, foram objeto de culto antes da implantação do cristianismo. Por essa razão muitos foram abatidos pelos missionários cristãos obstinados em extirpar qualquer vestígio de paganismo. Outros só sobreviveram "convertendo-se", como o pinheiro de S. Colomban na Borgonha, ou como os dois teixos que vivem ainda no cemitério de La Haye de Routot, no Eure, que têm respectivamente 14 e 15m de circunferência — ou seja, entre mil e trezentos e mil e quatrocentos anos; o primeiro abriga um simples oratório, no segundo foi escavada uma capela de 2m de diâmetro e de 3m de altura.

Todavia, é fora da Europa e em climas mais amenos que encontramos os mais veneráveis gigantes florestais. No Senegal existem enormes baobás, cuja idade é estimada em seis mil anos. O decano de todo o reino vegetal seria um dragoeiro de Tenerife, cuja forma evoca a de um diabolô; ele teria oito mil

anos. Isso nos leva a uma época pré-diluviana a que a própria História não tem acesso.

Em Santa Maria del Tulé, perto de Oaxaca no México, o ilustre naturalista alemão Alexandre von Humboldt observou, em 1804, um cipreste gigante ao qual atribuiu entre quatro mil e seis mil anos de idade. Essa árvore é ainda mais preciosa porque pertence a uma espécie que se tornou muito rara depois da colonização espanhola. Esse *Taxodium mexicanum,* cuja existência foi muitas vezes ameaçada, especialmente pelos raios, se ressecava perigosamente, para grande tristeza dos habitantes indígenas dessa aldeia. Grandes obras foram feitas para levar a água diretamente às raízes, graças a canais de irrigação. Em poucos anos o cipreste de Santa Maria del Tulé começou a verdejar novamente. Em 1978, tive a alegria de contemplá-lo em plena prosperidade; hoje ele mede mais de 40m de altura e seu tronco ultrapassa 42m de circunferência.

Nenhum animal atingiu, nem de longe, idades semelhantes. Muito poucos bichos chegam ao centenário, apesar do que se acreditava outrora; o recorde absoluto parece ser o das tartarugas-rajadas, que teriam passado um pouco dos duzentos anos.

As coníferas gigantes que povoam as encostas das Montanhas Rochosas na costa oeste dos Estados Unidos, ao serem descobertas na primeira metade do século XIX, provocaram o espanto dos botânicos e do público. Nunca tinham imaginado que as árvores pudessem alcançar tais dimensões. Pinheiros amarelos, pinheiros de Jeffrey, abetos vermelhos da Califórnia tinham mais de 60m de altura; os pinheiros de Lambert subiam até 80m, os Douglas até 90m, os pinheiros de Vancouver se erguiam até 100m. Bem longe estavam os recordes conseguidos pelas árvores da Europa, que raramente ultrapassavam os 50m de altura.

Porém a surpresa chegou ao auge quando, entre eles, descobriram as sequóias. Além de terem muitas vezes mais de 100m de altura, tudo nelas era colossal e divertiram-se fazendo passar uma estrada no tronco de uma delas, sem destruí-la. Durante muito tempo especularam sobre suas prováveis idades, porém a única maneira de se certificar disso era abater uma delas e contar os anéis que se formavam ano após ano.

Enumeraram mais de 3.000 na primeira fatia cortada que foi enviada a Londres para o Museu Britânico. Uma outra chegou um pouco depois no Museu, em Paris, onde pode ainda ser vista; pequenas bandeirolas espetadas na madeira indicam ao sonhador curioso a altura da árvore no momento da morte de São Luís, da sagração de Carlos Magno, do nascimento de Jesus ou do advento de Augusto.

Depois disso procuraram determinar o recorde absoluto. Talvez o detentor fosse um exemplar abatido por volta de 1920, que media 133m de altura, com um diâmetro de 36m na base do tronco. A cubagem da maior dessas árvores seria de 2.800m^3, seu peso seria de 2.000t. Todavia, não consta que alguma vez a sequóia tenha ultrapassado muito mais de três mil e quinhentos anos. Porém alguns anos mais tarde descobriram árvores ainda mais altas do que as sequóias; eram os eucaliptos da Austrália; um deles ultrapassava 150m. No entanto, se certamente existem árvores mais altas e muito mais velhas do que as sequóias, estas guardam todo o seu prestígio. Com efeito, muito poucas alcançam a impressionante majestade desses gigantes, dos quais uma das mais belas florestas se tornou um parque nacional assiduamente visitado na Califórnia.

Se confrontarmos agora os recordes de tamanho e volume alcançados no reino animal, veremos imediatamente que não podem ser comparados. Animais do tamanho dos gigantes das Rochosas, além de nunca terem existido, são impossíveis. O maior animal que já viveu, contrariamente ao que podemos pensar, não pertence a uma espécie pré-histórica desaparecida, ele vive ainda hoje, é a rorqual azul ou grande baleia azul. Esse cetáceo mede até 33m de comprimento e pesa até 130t. Ultrapassa assim os maiores répteis da era secundária; o diplodoco, por exemplo, só media 27m de comprimento. Mesmo assim, a rorqual azul é um animal marinho vivendo num ambiente que, por sua densidade, permite um desenvolvimento do tamanho e do peso que seria impossível em terra firme. Aqui o recorde pertence ao elefante da África, o maior c o mais pesado de todos os mamíferos terrestres, com 4m de altura até a cernelha e um peso de 7t, porém os elefantes não vivem muito além de 70 anos.

Se tais diferenças existem, é porque a vida de uma planta, de uma árvore, necessita de muito menos gasto de energia, já que tiram o alimento no próprio local, diretamente dos elementos, e que não têm que se deslocar para se reproduzir. Em resumo, o funcionamento vital das plantas é bem mais econômico do que o dos animais. É isso também que explica as possibilidades de resistência completamente fora do alcance desses últimos.

Nos anos 50, perto das encostas em que se erguem as coníferas gigantes que acabamos de evocar, numa região ainda pouco conhecida das Montanhas Rochosas, descobriram-se árvores sobrevivendo a mais de 3.000m de altitude, em um clima, além de muito frio, de uma secura extrema e permanente. Essa descoberta provocou no mundo científico a maior surpresa, pois nunca poderiam imaginar que árvores pudessem sobreviver em tais condições. Se esses pinheiros (*Pinus aristata*) resistiam naquele ambiente hostil, é porque tinham adotado um modo de vida especialmente lento, e reduzido ao estrito necessário as trocas com o exterior. Pequenos, atarracados, encolhidos sobre si mesmos, eles têm agulhas curtas, as mais persistentes jamais vistas: permanecem 17 anos na árvore. Essa adaptação é certamente um sucesso, pois esses pinheiros vivem até uma idade avançada, quase cinco mil anos.

Uma curiosa conseqüência dessa longevidade é a perseverança de espécies muito antigas que sobrevivem imutáveis há milênios. De fato, certas árvores só começam a se reproduzir depois de uma certa idade: a castanheira e a faia só atingem sua maturidade sexual após a quarentena, um pinheiro pectíneo só tem flores fêmeas após os 70 anos. Nesse caso, a renovação do estoque genético é 70 vezes menos elevada do que uma planta anual, o que significa que as possibilidades de transformação da espécie são reduzidas na mesma proporção. Como resultado temos as árvores relíquias, conservadas intactas desde a pré-história. Sem dúvida a sua descoberta não provocou o interesse suscitado pela do celacanto; nem por isso ela é menos extraordinária.

Como o reino dos céus os grãos de mostardeira

Há muito tempo ouvia-se falar de uma espécie muito rara de coníferas que só cresciam em regiões quase inacessíveis da China. As raras amostras que tinham conseguido não correspondiam a nenhuma espécie atual. Em 1941, um botânico japonês descobriu os restos fossilizados de uma árvore até então desconhecida que ele chamou de *Metasequoia glyptostroboides.* Ora, as características desse fóssil coincidiam com as da misteriosa conífera chinesa. Ao mesmo tempo, a alguns milhares de quilômetros, nos confins do Sseu-tch'ouan e do Houpei, na China ocidental, um dendrólogo chinês podia finalmente examinar os primeiros espécimens vivos da espécie há tanto tempo lendária. Essas árvores eram realmente idênticas às que só eram conhecidas no estado fóssil. Portanto, a espécie sobrevivera, intacta, porém ignorada durante milhares de anos. Quanto à sua vitalidade, ela permanecera inteira, já que, trinta anos após sua descoberta, a metasequóia prospera nos jardins do mundo inteiro.

Aliás, não se trata de um caso único. As dezenas de ciprestes de Duprez (*Cupressus Dupreziana*) que crescem ainda hoje em pleno Sahara são os últimos sobreviventes da flora que formava as florestas da época em que este deserto recebia ainda chuvas suficientes. É provável que o homem, geralmente tão predador, tenha zelado pela conservação de essências fósseis; é que se tratava de espécies consideradas sagradas. Como o caso do *Ginkgo biloba*, único representante de uma espécie já desaparecida e cujo modo de reprodução é dos mais arcaicos e estranhos. O ginkgo vem do período jurássico médio, logo a espécie tem cerca de cento e cinqüenta milhões de anos de existência. Se essa árvore pré-histórica conseguiu sobreviver até hoje, foi em parte graças aos cuidados dos monges budistas que desde o século X, e provavelmente bem antes

disso, a cultivavam nos bosques sagrados que cercavam os templos. Apesar de tudo, esse fóssil vivo dá uma prova de excelente vitalidade. Pude ver em Tóquio avenidas inteiras bordejadas de gingko de ótima qualidade, pois ele resiste bem à poluição e há vinte anos plantei um no meu jardim onde já faz um belo efeito.

Essa maleabilidade adaptativa, esse vigor na resistência, que permitem aos vegetais triunfar sobre o tempo, enquanto as espécies animais, suas contemporâneas, desapareceram há muito, se manifesta igualmente em seu crescimento. Nesse plano também, o reino vegetal pulveriza os limites aos quais estão submetidos todos os animais.

Quem não se lembra da parábola evangélica: "O reino dos céus é semelhante a um grão de mostardeira, que um homem pegou e semeou em seu campo. É a menor de todas as sementes; mas quando ela cresce é maior do que todas as plantas hortenses e se torna uma árvore, de maneira que os pássaros vêm se abrigar em seus ramos." Se Jesus, como aliás todos os grandes mestres religiosos, toma seus exemplos com freqüência no reino vegetal, é que somente este permite ilustrar a vida espiritual, que ultrapassa em todos os sentidos a existência material do organismo humano. Somente o mundo das plantas pode ser testemunho de uma vida perdurável além da morte física. Toda a crença na ressurreição se baseia na renovação da vegetação na primavera.

E, de fato, onde encontrar melhores provas do poderio da vida? O crescimento do mais modesto vegetal traz a esse respeito preciosos ensinamentos, que podem ser assimilados facilmente pelo mais inábil dos jardineiros amadores. Basta que ele siga atentamente as etapas da germinação de uma bolota, e ele não necessitará de nenhuma explicação; ele compreenderá no íntimo a significação de tal espetáculo. No entanto não deve esquecer que nunca verá o carvalho em sua maturidade.

A força inclusa na semente aparece melhor ainda nas espécies cujo ciclo é, ao contrário, muito curto. Consideremos, por exemplo, o do girassol (*Helianthus annuus*). A semente que plantamos na primavera só mede alguns milímetros, no entanto bastarão alguns meses para que a partir dela se

desenvolva uma planta robusta, medindo 2m de altura e às vezes até mais, ostentando um enorme capítulo com disco escuro e raios amarelos, que além de lembrar a imagem do sol, segue a evolução desse astro no céu.

Certamente a flora exótica é rica em fenômenos mais ou menos extravagantes, mas no fundo nem tanto surpreendentes. Certos bambus do sudoeste asiático podem crescer 60cm por dia — podemos quase vê-los crescer — e numa única estação alcançar 40m de altura, ou seja, o tamanho de uma grande árvore, o que é mais extraordinário por serem os bambus parentes próximos do trigo, da cevada ou do milho, talvez até mesmo das plantas forrageiras dos prados franceses (festucas e bromus), seus caules são colmos e seus frutos são cariopses. Mas sua floração é totalmente excepcional: existem espécies em que ela nunca foi vista e outras em que ela só acontece depois de longos prazos completamente imprevisíveis. Certos bambus esperam ser quase centenários para se decidirem a florescer. É verdade que a floração marca o declínio da planta e geralmente provoca sua morte. Somente depois que os colmos murcham é que as flores aparecem. O mais estranho, certamente, é que os colmos nascidos de uma mesma cepa florescem todos no mesmo ano, independente da idade; por essa razão vemos desaparecer repentinamente florestas inteiras de bambus. Mudas arrancadas de uma mesma cepa e plantadas ao longe, mesmo em outros continentes, mesmo em outros climas, só florescem exatamente no mesmo momento em que a cepa de onde elas provêm. Eis algo que, no estado atual de nossos conhecimentos, permanece completamente inexplicável.

O terceiro reino

Para aquele que não perdeu ainda a preciosa capacidade de se maravilhar, vinda da nossa infância, o espetáculo dos cogumelos, brotados em uma noite do solo molhado, coberto de folhas mortas na floresta já vazia do outono, é realmente feérico. Temos a impressão de uma multidão de anões magicamente aparecida ali onde antes só havia escombros e que, surpreendida pelo passante, subitamente tornou-se estátua. Vivendo nos bosques eu conheço muito bem esse encantamento tardio e no entanto nunca me canso dele, de tal modo a cada ano me surpreendo com a repentina eclosão de formas tão estranhas, pintadas de cores de matizes infinitos e sutis. Cada uma dessas formas merece ser observada de perto, pois quanto mais a olhamos mais nos espantamos diante das mudas trombetas-da-morte, sinistras efetivamente e no entanto de excelente bom gosto, diante da infantil bruxaria dos amanitas mata-moscas, vermelhos e brancos ou os frágeis merengues dos coprinos escamosos.

Que artista genial, espreitado pela loucura, inventou os grumos e as cinzeladuras dos brancos lycoperdons, as formas incrivelmente atormentadas dos ganodermes, as monstruosas pregas de carne do polyporus enxofrado? Que pintor já conseguiu obter coloridos de tão precioso efeito: violeta ametista dos clitocybus, púrpura dos russulas, escarlate dos hygrophorus, verde lívido do amanita phalloides, amarelo açafrão do citrina, malva lilás dos cortinarius ou vermelhão dos pezizas. Nem precisamos saber que uns contêm os mais fulminantes venenos, que outros destilam drogas estupefacientes, para ficarmos desconcertados diante dessa invenção delirante que

confunde facilmente os reinos, pois são ainda cogumelos esses madreporários brancos, saídos dos musgos, que são os clavárias, essa camada gelatinosa que são os basidiomicetos, esses intensos azuis-esverdeados que colorem os galhos mortos caídos no chão.

Mundo efêmero, muitas vezes estapafúrdio, perturbador, inquietante, que antes de desaparecer liquefeito, recapitula todas as formas imagináveis da vida, com uma curiosa inclinação para o insólito, o extravagante, o viscoso e, até mesmo, é preciso dizer, o obsceno.

Dessa tendência, da qual podemos encontrar várias outras manifestações, a mais evidente é certamente o *Phallus impudicus,* tão convenientemente assim chamado. Com efeito, ele tem tudo e a espécie se esmera tanto que esse sexo parece atingido por todas as doenças venéreas ao mesmo tempo e além disso ele fede; seu odor além de fétido é cadavérico. É certamente um falo, mas um falo "pecaminoso".

Os cogumelos seriam então órgãos sexuais? E nesse caso a quem pertenceriam? Na realidade o que chamamos de cogumelos são apenas frutificações nascidas dos verdadeiros cogumelos que perduram o ano todo sob a terra. Os cogumelos que colhemos são carpóforos, isto é, exuberâncias sazonais manifestas de seres vegetais invisíveis. Carpóforo vem do grego e significa porta-fruto; o pé, o chapéu são apenas suportes. Mas onde estão os frutos? Para dizer a verdade, não são absolutamente frutos mas sim esporos, perceptíveis somente ao microscópio, e assexuados, pois não é naquele momento que se realiza a fecundação e sim mais tarde, sob a terra, durante a união de dois micélios do sexo oposto. Os esporos são produzidos, seja no interior de uma espécie de saco, o asco (do grego *askos,* "odre"), seja na extremidade de um pequenino órgão globuloso, chamado basídio (de base), o que é o caso da maioria dos grandes cogumelos de chapéu que encontramos nos bosques.

Esses esporos, de tamanho minúsculo — alguns mícrons — são, na maturidade, expulsos no ar em enorme quantidade. Um cogumelo de bom tamanho pode emitir 10.000 esporos por segundo, formando essa poeira que cai sobre o papel em que

o depositamos e essa emissão pode durar vários dias, o que dá no total números astronômicos: dez bilhões em certas espécies, até mais de 2.000 bilhões noutras. Nenhum outro vegetal, nenhum animal conhece semelhante prodigalidade, tal incrível desperdício. No momento da eclosão dos carpóforos, os esporos enchem o ar, caem sobre nós aos milhões e morrem, sem que os tenhamos percebido. Aliás, é assim que, apesar das enormes perdas, os esporos dos cogumelos podem se introduzir em toda parte, penetrar no tecido das plantas verdes e infectá-las. Em geral a natureza tem meios de se defender, mas basta que o homem, praticando a monocultura, ou implantando as espécies vegetais fora de seu meio natural, perturbe seu equilíbrio, logo podem acontecer infestações fúngicas maciças, flagelo temido pelos agricultores, os arboricultores ou exploradores florestais. Melhor ainda, os esporos microscópicos de certas espécies penetrarão nas vias respiratórias dos insetos e invadirão com seus hifomicetos toda sua carne até que não reste mais do que um micélio envolto de pele vazia e mumificada.

Os autores de tais estragos, é claro, não são das espécies que colhemos; voltemos então à disseminação dos esporos de uma destas. Caídos num substrato que lhes convém, os esporos germinarão, produzindo os filamentos, os hifomicetos que, ao crescerem em todas as direções e se ramificarem, formarão um "branco de cogumelos" ou micélio (do grego *mukes,* "cogumelo") isto é, a massa vegetativa permanente do cogumelo. Esse micélio é facilmente encontrado sob a forma de uma placa felpuda branca, no pé de um carpóforo, sob as folhas mortas. Ora, coisa estranha, se os carpóforos são todos diferentes entre si, como acabamos de ver, com raras exceções, todos os micélios se parecem.

Como a alga, o micélio é uma tália, ou seja, um organismo vegetal, privado de vasos condutores, sem raízes, sem caule, sem folhas e sem flores. Mas desprovido de clorofila, o cogumelo não pode viver a vida independente das algas; incapaz de operar ele próprio a síntese do carbono, ele deve, como o animal, buscar uma alimentação orgânica. Ele a conseguirá, seja utilizando as substâncias mortas — será chamado

então saprófito (do grego *sapros,* "podre", *ephyton,* "planta"); seja explorando os tecidos de um outro ser vivo (Parasitismo); finalmente, e essa é uma solução tão original quanto elegante, seja associando-se a um outro organismo complementar, ele mesmo clorofiliano, criando esses seres estranhos, os liquens, cuja verdadeira identidade, por muito tempo misteriosa, só foi elucidada recentemente. Ainda assim, não sabemos exatamente como funciona essa união que parece ideal, já que cada qual fornece ao outro o que lhe falta: a alga, sua clorofila, sua autotrofia, o cogumelo a umidade necessária, a água e os sais minerais do solo do qual ele próprio não utiliza, mas que põe à disposição da alga capaz de assimilá-los. Quem será o verdadeiro beneficiário da operação? Ainda nos fazemos essa pergunta; em todo o caso, é o cogumelo que toma a iniciativa, fazendo a alga prisioneira. O que importa é que o sistema funciona às maravilhas e que ele é capaz de viver em condições onde nenhum vegetal isolado poderia sobreviver. Encontramos liquens nas cascas das árvores, nos muros e tetos das casas, mas também sobre o solo árido dos desertos, nos rochedos das mais altas montanhas e até nas geleiras dos pólos e sobre o vidro: por exemplo, nos vitrais das igrejas, que eles corroem com suas secreções. Por mais modestos e sumários que pareçam, os liquens são na realidade conquistadores, os verdadeiros pioneiros do reino vegetal.

O carpóforo — o que chamamos de cogumelo — é em suma apenas um luxo, muitos micélios vivem muito bem sem eles e produzem diretamente seus esporos. Esse é o caso, por exemplo, do bolor que podemos observar em todas as substâncias orgânicas que eles desagregam. Esse é o caso também dos fermentos que vivem em meios tão efêmeros como as flores e os frutos apodrecidos e que produzem as fermentações muitas vezes utilizadas pelo homem: fermento alcoólico do vinho, levedura de cerveja que é também o levedo que faz crescer o pão. Cogumelos microscópicos, os fermentos nem têm mais micélios, que são substituídos por simples fileiras de células que se multiplicam, dividindo-se (bipartição) ou germinando.

Um mundo ambíguo, misterioso

Os cogumelos, quer sejam saprófitos ou parasitas, aparecem como os elementos por excelência da destruição da natureza. Insinuando-se por toda a parte eles mofam, apodrecem tudo e isso explica, talvez, o aspecto repugnante de alguns deles para nós; para viverem, os cogumelos decompõem os tecidos dos outros. Mas isso é sua missão e ela é necessária. Eles consomem os restos, os detritos do mundo vegetal e às vezes animal; pacientemente, incansavelmente, quase sempre invisíveis ou só se manifestando por manchas ou mesmo por simples pontos no pão mofado, num fruto passado; eles fazem desaparecer tudo o que se tornou inutilizável. Recolocam em circulação as substâncias que ficaram um certo tempo imobilizadas, garantindo assim o trânsito entre os indivíduos que terminaram seu tempo de vida e aqueles que se preparam para nascer. Em suma, os cogumelos limpam o lugar e isso é preciso para que novos organismos apareçam, para que a vida recomece.

Todo esse mundo ambíguo, proteiforme, de inúmeras espécies, permanece misterioso, e não apenas para o ingênuo mas para os próprios especialistas — seus estudos são tão árduos que foi preciso criar para eles uma matéria especial, a micologia. Estes se interrogam, ainda, acerca de inúmeras questões provavelmente insolúveis e, como veremos, essenciais: qual é a natureza dos cogumelos? Qual é sua origem?

Por muitos pontos, sua estrutura filamentosa, por exemplo, os cogumelos se filiam às algas; no entanto eles não são autotróficos como elas, já que não podem praticar a fotossíntese; além disso, seu papel na degradação das substâncias que alimentam a vida lembra o das bactérias. No entanto, ao contrário destas que não dispõem de verdadeiros núcleos, os cogumelos são seres vivos evoluídos, eucariotas, assim como as plantas superiores e os animais.

Em certo momento, eles dão a impressão de terem abandonado um privilégio que possuíam na origem. Talvez como os animais, eles renunciaram aos seus pigmentos assimiladores, perda grave e certamente ousada, pois se tratava nada menos do que sua independência, mas que no entanto os liberava de uma outra dependência a que são submetidas todas as plantas: a necessidade da luz. Os cogumelos escolheram a sombra. Povoando seu vasto reino, liberado pelas plantas verdes, as plantas com clorofila, eles puderam se desenvolver paralelamente, à margem e sem concorrência. Talvez seja essa escolha que neles determinou uma regressão tão nítida no processo da reprodução sexual, que a esse respeito puderam falar de uma sexualidade "atingida pela decadência".

Porém resta a última pergunta: de onde eles vêm, ou seja, de onde descendem, qual é seu lugar na evolução? Sobre isso as opiniões estão divididas. Para uns, algas e cogumelos descenderiam de um antepassado comum; as algas adotaram a vida autotrófica, luminosa, os cogumelos a obscuridade e a heterotrofia. Mas esse antepassado comum permanece desconhecido e é infinitamente pouco provável que possamos descobrir seus vestígios. Para outros, os cogumelos só se teriam separado progressivamente das algas já evoluídas, o que explicaria as analogias quanto à morfologia e à reprodução, assim como a grande variedade das espécies. Finalmente, certos botânicos pensam que a perda da clorofila seria anterior ao aparecimento dos cogumelos. Algas inferiores, já despigmentadas, teriam criado flagelados incolores, de onde viriam, de uma parte, todos os animais, de outra, todos os cogumelos. Esta tese, inconstestavelmente a mais audaciosa, é especialmente interessante porque mostra certas semelhanças dos cogumelos com as algas mas também com os animais. Além disso ainda existem hoje certos intermediários, os mixomicetos, também chamados micetozoários (do grego *muktès,* "cogumelo" e *zôon,* "animal"), grupo reivindicado ao mesmo tempo pelos botânicos e pelos zoólogos. Apesar de serem geralmente considerados como cogumelos, os mixomicetos parecem amebas gigantes e como elas podem se locomover emitindo pseudópodes, graças aos quais eles capturam suas presas.

Dessa maneira talvez se explique a atitude espontânea, irracional e também subconsciente do homem, que vai da surpresa ao transtorno, ou até mesmo à repulsa diante desses fantasmas surgidos da sombra, diante desses destruidores perigosos, ambíguos e finalmente inclassificáveis, já que não sabemos com quem estamos lidando. Nem vegetal nem animal, o cogumelo parece realmente formar um terceiro reino intermediário.

O homem e o poder das plantas

Quando os primeiros homens, nossos ancestrais mais remotos, se livraram de sua animalidade simiesca, teriam sido carnívoros? Certos pré-historiadores atuais chegam a afirmar que foi somente a partir do momento em que essas criaturas, ainda ambíguas e indefiníveis, começaram a ter como presas os outros animais, e assim se tornarem, como os rotularam, "matadores armados", é que se pode realmente falar de homens. Em outras palavras, o início da predação marcaria a fronteira que separa os pongídeos ou antropóides, tão próximos fisiologicamente do homem, dos hominídeos propriamente ditos. A caça seria o modo de educação da espécie humana, o fator essencial de transformação que afetaria suas mãos, seus pés e seus dentes, e desenvolveria seu cérebro; enfim, ela estaria na própria origem de sua vida social.

Essa visão retrospectiva se baseia, é evidente, nos vestígios da existência dos homens pré-históricos e que chegaram até nós: ossos de animais e pedras utilizadas como ferramentas; portanto as pedras serviram para matar. Contudo a evidência pode ser enganadora, pois da vida de nossos antepassados só subsistiu o que podia se conservar debaixo do solo: ossos e pedras, mas e o resto? Ora, esse resto é precisamente tudo o que pertencia ao mundo vegetal, tudo o que, sob a terra, não podia deixar de apodrecer.

Portanto, qualquer tentativa de reconstituição da vida pré-histórica permanece incompleta e por conseguinte amplamente hipotética. Quanto à interpretação que podemos dar a esses restos, ela é fatalmente subjetiva, quer se trate do "matador armado" ou do "bom selvagem", do ingênuo paraíso da idade de ouro ou do inferno tão "realista" que alguns nos

retrataram com tanta complacência. Aliás adivinha-se muito bem o subentendido das conclusões pessimistas de tais autores. O "bom selvagem" apareceu no momento em que queriam acreditar na inocência original do homem, na época em que se pensava que bastaria uma revolução para reencontrá-la. As revoluções se sucederam e o homem nem por isso ficou melhor. Estavam enganados e não restava outra coisa a fazer do que defender o contrário da antiga teoria. Além disso, reconhecer ao homem, desde sua origem, conhecimentos que postulam que só podiam ter sido adquiridos progressivamente, seria comprometer as noções conjuntas de evolução e de progresso, isto é, os dogmas que se tornaram sacrossantos. Assim, afirmarão que o homem partiu de muito baixo para poder demonstrar que ele chegou bem alto.

Porém não seria isso uma simples visão do espírito? E esta não viria de uma divisão que hoje separa as matérias que tratam do mesmo assunto, apesar dos aspectos que examinam serem, com efeito, diferentes? Os pré-historiadores não dão importância às pesquisas recentes dos historiadores das civilizações, dos quais alguns chegam a recolocar em causa um esquema da evolução histórica, que há pouco tempo passava por ser definitivamente estabelecido; eles ignoram sistematicamente os trabalhos dos etnólogos; e estes, como os pré-historiadores, desconhecem os estudos dos botânicos e em especial as descobertas decisivas dos etnobotânicos, e assim por diante...

Talvez a única coisa que impeça de ver isso claramente seja a tela artificial, mas estanque, que separa radicalmente ainda hoje o homem dos animais, como se o homem não fosse um deles, como se, com ele, a evolução — acontecimento sem precedente — tivesse partido do zero. Qualquer animal tem, por definição, um conhecimento exato e preciso do meio em que vive, de seu "nicho ecológico"; sem o que ele não poderia utilizá-lo e assim sobreviver. Isso ainda vale para nossos mais próximos parentes, os grandes macacos antropóides que são vegetarianos estritos (os gorilas, por exemplo) ou acrescentam ocasionalmente ao regime habitual uma contribuição à base de carne (caso dos chimpanzés). Observações recentes mostraram que em relação à utilização das plantas comestíveis, os

antropóides procediam geralmente por imitação e também muitas vezes por tentativas e erros, e que eles eram perfeitamente capazes de fazer descobertas nesse assunto, descobertas aliás transmissíveis e variáveis segundo os grupos.

Será preciso fazer intervir aqui uma descontinuidade, enquanto esta parece ser principalmente um pressuposto teórico? Por que não teria sido assim para nossos longínquos antecessores? Alguns afirmaram que no meio em que os primeiros hominídeos viveram, na África oriental, não existiam recursos vegetais suficientes; porém isso é considerar como certo que esse meio era idêntico ao que ele é hoje — o que não é absolutamente provado e até mesmo fortemente improvável — e, além disso, é julgar esses recursos em função dos conhecimentos infinitamente mais reduzidos que nós temos, e em função também de nossas próprias necessidades de homens superalimentados.

Mais realista seria admitir que a alimentação dos primeiros homens era essencialmente vegetariana, pelo menos pela simples razão de que uma presa animal é móvel, e que sua descoberta e captura são incertas, enquanto a planta está sempre ali, à disposição de quem conhece seu uso. O alimento à base de carne só pode ser excepcional, e o homem, levado por sua necessidade diária, certamente selecionou rapidamente frutos e bagos silvestres, plantas e brotos agradáveis ao paladar e raízes e tubérculos comestíveis.

Aliás ele o fez mirando-se no exemplo que lhe davam os animais. Estes sabiam descobrir, sozinhos, no meio vegetal que os cercava, tudo o que era preciso para satisfazer suas necessidades, graças a um instinto que ao homem parecia uma espécie de adivinhação. Mas da adivinhação ao divino não estamos longe e o reconhecimento desse poder não cessou de maravilhar o homem a ponto de fazê-lo cultuar certas espécies de animais que foram realmente seus instrutores; culto que, em formas mais elaboradas, mais "mentalizadas", sobreviveu até as grandes civilizações tradicionais.

Uma botânica concreta

De toda maneira, em todos os povos que têm hoje um modo de vida *mutatis mutandis* comparável ao dos antigos homens, isto é, que vivem num meio "selvagem" não transformado, ou muito pouco, por sua iniciativa, os especialistas são obrigados a reconhecer a existência de uma ciência "botânica" que, em certos pontos, supera a nossa. Nas tribos africanas menos atingidas pela civilização branca, como entre os índios da América do Sul, o conhecimento bastante preciso das imensas possibilidades do mundo vegetal surpreendeu os pesquisadores, ao ponto de ser preciso, para recenseá-los, criar uma nova disciplina, a etnobotânica, para não deixar que se perdessem dados tão preciosos e visando também reintegrar no nosso patrimônio cultural o que a ciência excluíra e do que perdera até a lembrança.

Na realidade, bem longe de serem os brutos ignaros, como foram condescendentemente apresentados, para justificar a invasão armada, as conversões forçadas e a exploração mercantil, a maioria dos "selvagens"[1] praticavam uma utilização do meio vegetal que podia nos causar inveja. Para eles as plantas, além de serem os alimentos necessários à sobrevivência, eram remédios extremamente variados, cujo conjunto constituía uma verdadeira farmacopéia indígena e também um meio de comunicação com o invisível, com os poderes sobrenaturais que subentendem os fenômenos naturais e só se manifestam

[1] Aliás selvagem não é em si um termo ofensivo. Significa simplesmente: aquele que vive na floresta (do latim *silva,* "a floresta").

geralmente através deles. O conjunto dessas noções complexas formava uma botânica prática, nascida desse "pensamento selvagem", dessa "lógica do sensível", tão notavelmente definida (e hoje retomada) por Claude Lévi-Strauss.

Essa "ciência do concreto", ao contrário da nossa ciência abstrata, não deslocava o saber em múltiplas parcelas. Plantas, animais, homens e deuses, o natural e sobrenatual, o visível e o invisível, estavam ligados por inúmeros laços sutis mas perceptíveis e sólidos. São esses conhecimentos "comunicantes", essas "correspondências", aos quais atualmente apenas os poetas e artistas são sensíveis, que foram transmitidos oralmente de pais para filhos, através dos séculos e quase até os dias de hoje.

Durante muito tempo, noções tradicionais vindas de eras remotas e observações empíricas coexistiram, constituindo um saber único; depois, ao longo dos séculos, houve uma separação. Duas correntes se distinguiram; uma, baseando-se na pesquisa atual e na teoria racional que se formou a partir dela, e outra — mais recente — de início paralela e complementar à tradição, pretendeu finalmente, pois segura de si e por isso presunçosa, ser a única dona da verdade; de modo autoritário e unilateral,[2] ela proclamou a inanidade dessa herança comum, transmitida de geração em geração, e que evidentemente não combinava mais com o espírito científico. No entanto muitos desses dados permaneciam fora do domínio da investigação, singularmente reduzida, da ciência: incapaz de explicá-los, esta preferia não levá-los em consideração e os rejeitava pura e simplesmente. Apesar disso esses dados sobreviveram, porém relegados à sombra, à margem dos caminhos da ciência que se tornara oficial.

Na Europa da Idade Média, tratadas com suspeição pela Igreja, essas tradições tão vivas outrora entre os gauleses ainda sobreviviam, pelo menos nos jardins dos simples mantidos

[2] Assim é com todas as "ortodoxias" — no sentido literal, a opinião "direita" — sejam elas científicas, religiosas ou políticas. Um dia querem eliminar o adversário e conhecemos os meios que geralmente são usados para isso.

por cada monastério, bem como nos tratamentos que este receitava; elas realmente formavam os únicos rudimentos de uma arte médica, porém as invasões bárbaras haviam golpeado a civilização de suas fontes vivas, criando uma espécie de vazio cultural que, apesar do limitadíssimo "renascimento" carolíngio, permaneceu por muitos séculos. E a ciência médica só renasceu verdadeiramente quando entrou em contato com a corrente tradicional que tinha prosseguido ininterruptamente no Oriente, passando, por intermédio de Bizâncio, da antiga Grécia para os médicos árabes que, além de mantê-lo, o desenvolveram. E foi um sírio nascido em Cartago, Constantino o Africano, que, mostrando ao Ocidente do século XI os textos gregos e árabes, foi o responsável pelo brilhante renascimento médico, baseando-se entre outras coisas num aprofundado conhecimento dos simples, que teve como sede a célebre Escola de Salerno, perto de Nápoles. Esta primeira faculdade de medicina da Europa organizou o ensino e o difundiu com suas obras por todo o continente. Ela só desapareceu definitivamente após mais de seis séculos de existência, em 1811, quando foi suprimida por um decreto de Napoleão I, imperador dos franceses e rei da Itália.

Se uma parte do ensinamento dado pela Escola de Salerno criou a doutrina médica ortodoxa, uma outra parte, tradicional, só sobreviveu na forma das pesquisas mais ou menos clandestinas dos alquimistas, que eram os únicos verdadeiros químicos da época e mesmo, pelo que sabemos, autênticos bioquímicos. Aliás alguns deles foram cientistas muito respeitados pela universalidade de seus conhecimentos, que vinham em grande parte do estudo dos autores gregos e árabes — por exemplo, Arnaud de Villeneuve, médico francês de grande renome, químico hábil e conselheiro do papa Clemente V, ou seu exato contemporâneo, o célebre teólogo e místico catalão Ramon Lull. Essa corrente subterrânea reapareceu entre os médicos espagíricos do século XV e principalmente no século seguinte, nos tratados do ilustre e caluniadíssimo Theophrastus Bombastus von Hohenheim, mais conhecido pelo nome de Paracelso; este, com a ajuda desses elementos dispersos, mas baseando-se também em infatigáveis pesquisas e experiências

pessoais de toda espécie, constituiu um verdadeiro corpo doutrinário ao qual não faltava nem a justificativa de uma curiosa especulação cosmogônica. Seus trabalhos, na realidade de uma abordagem extremamente difícil e mesmo desencorajadora, foram objeto de riso para os cientistas dos séculos XVIII e XIX que tiveram ainda a coragem e a ausência de preconceitos para estudá-los; porém, após um longo período de esquecimento, chegamos a nos perguntar, atualmente, se por trás das teorias algo fantásticas senão fuliginosas, não se esconderiam autênticos segredos.

Para esse médico-filósofo — nascido na Suíça alemã, que percorreu grande parte do mundo conhecido em busca de informações inéditas e a quem foram atribuídas curas consideradas milagrosas, que lhe valeram uma reputação mas também a inimizade dos médicos oficiais —, o demiurgo, formador de todos os seres, marcou cada um deles com uma "assinatura" distinta que resume suas qualidades, suas faculdades e suas características. Somente aquele que souber decifrar e interpretar esses sinais possuirá uma ciência além de teoricamente justa, já que de acordo com as próprias leis divinas, utilizável na prática. Esses sinais, o observador ao mesmo tempo modesto e atento os perceberá tanto nas plantas medicinais quanto entre os homens, e é em função desses harmônicos sutis, dessas correspondências fisiognomônicas, que o médico fará um diagnóstico seguro e receitará um remédio especial para restaurar o equilíbrio perturbado.

A "Magia natural"

Foi partindo da obra monumental de Paracelso, cuja indubitável contribuição pessoal consistiu principalmente no emprego em terapia das substâncias minerais, que, nos últimos anos do século XVI, o napolitano Giambattista Della Porta explicou e sistematizou a "teoria das assinaturas". Na *Magia natural* (*MAGIAe naturalis libri XX*), da qual redigira os três primeiros volumes aos quinze anos, antes de compor um tratado de escrita secreta em algarismos (*De furtivis litterarum notis*), ele a expôs detalhadamente, o que demonstra sua curiosa obstinação em tentar decodificar o oculto.

Portanto Della Porta não era nem um charlatão nem um iluminado, mas um físico, cujo grande renome conservou até hoje. Seus trabalhos sobre ótica, que ainda são elogiados por sua "seriedade e rigor", resultaram entre outras coisas na invenção da câmara escura e na construção do primeiro telescópio; seu tratado de meteorologia também lhe trouxe muitas honrarias. Mas Della Porta era um desses humanistas do Renascimento curiosos por tudo, aspirando ao saber universal; suas atividades abrangiam os mais diversos ramos, e os modernos biógrafos ficam fatalmente chocados pelo que consideram, é claro, uma culpada dispersão. Se eles não ousam censurá-lo pelas comédias que escreveu — pelo menos quatorze senão as vinte e nove que lhe são atribuídas —, no mínimo condenam as experiências alquímicas a que se dedicou. É verdade que mesmo para sua época Della Porta foi inquietante: foi mantido em suspeição pela Inquisição e o papa Paulo V ordenou a dissolução da ' 'Academia dos Segredos" que ele fundara, não porque ela tivesse

um propósito condenável, como disseram, mas simplesmente porque fazia sombra às fundações vaticanas.

A teoria das assinaturas, várias vezes citada — na maioria das vezes com risinhos de rigor — e no entanto pouco conhecida, baseia-se no antigo provérbio *Similia similibus curantur,* que se opõe diretamente ao aforismo da escola galênica: *Contraria contrariis curantur:* assim, essa teoria está muito mais próxima da atual homeopatia do que da oficialíssima alopatia. Portanto é a semelhança, seja na forma, na consistência, na cor ou no odor, que determinará a adequação do remédio. Segundo Paracelso: "Tudo o que a natureza cria ela o faz segundo a imagem da virtude que lhe pretende atribuir."

Os herboristas da Idade Média, apaixonados por astrologia, já haviam estabelecido todo um sistema de correspondências entre os planetas e os signos do zodíaco — o mundo celeste — as plantas e os animais — o mundo terrestre, finalmente as diversas partes do corpo e os males que poderiam afetá-los — o microcosmo humano. Portanto a hipocrepe, que deve seu nome às suas vagens em forma de ferradura, estava naturalmente relacionada a esse equídeo e à lua, enquanto o perrexil-do-mar, que cresce nos interstícios dos rochedos nas margens do Mediterrâneo, tinha a reputação de dissolver os cálculos e estava associado ao planeta mercúrio e ao mercúrio dos alquimistas.

A partir desses dados tradicionais, Della Porta em sua *Magia natural,* queria reconstituir na íntegra a linguagem dos sinais empregados pela natureza e daí criar um método rigoroso de utilização. Esforçou-se especialmente em determinar as "simpatias" que, segundo ele, ligavam espécie por espécie, animais e vegetais e tirar as conclusões que no seu ponto de vista se impunham naturalmente.

Dentro de um espírito de calúnia sistemática, é fácil citar alguns exemplos dessa classificação em que uma semelhança puramente formal entre um animal e uma planta não parece fazer da segunda um antídoto do primeiro. As escorpióides, cujas vagens curvadas sobre si mesmas evocavam para os antigos a cauda do escorpião, eram por isso indicadas como neutralizantes da picada desse perigoso aracnídeo. Esse poder

contestável serve para demonstrar a inanidade do método, mas o teriam ou não experimentado? Aliás talvez ele fizesse efeito numa época em que o homem ainda mostrava-se especialmente sem recursos contra os venenos; talvez a escorpióide tivesse pelo menos uma ação psicológica sobre o paciente, o que sempre é válido.

A cinoglossa, assim chamada porque suas longas folhas moles parecem línguas de cão, seria soberana contra as moléstias caninas e contra a raiva transmitida ao homem por esse animal. Sem dúvida, há muito tempo não se emprega mais a cinoglossa para esse fim; no entanto, ela é utilizada hoje ainda na homeopatia, suas raízes possuindo uma ação antidiarréica e narcótica; além disso, suas folhas em cataplasmas descongestionam as queimaduras. A cinoglossa então devia ter pelo menos o mérito de acalmar a dor provocada pela mordida do cão e tranqüilizar o doente. O suco vermelho da romã evoca o sangue, por isso era recomendado contra os problemas circulatórios e para estancar as hemorragias; suas sementes, por seu aspecto e sua disposição na polpa do fruto, lembravam dentes, por isso mordê-las remediava a dor de dentes. Se os modernos não retiveram essa propriedade, a romãzeira não deixou de se tornar oficinal em razão das numerosas e reconhecidas qualidades de sua casca, das raízes e da pele de seu fruto, de suas flores, enfim, da própria romã com propriedades refrescantes e da qual outrora se fazia o xarope de romã (*grenadine*); o poder adstringente de suas flores é efetivamente eficaz contra as hemorragias.

Na realidade, quando falamos dos antigos remédios, sempre esquecemos a ação do fator psíquico, como se hoje um medicamento só agisse no organismo de uma maneira "objetiva", física ou química, como se a administração do remédio, sua apresentação, e até mesmo a bula que o acompanha não fossem importantes para o doente. No entanto a ciência de hoje conhece bastante bem a eficiência dos placebos.

Seria então absurdo pensar que o próprio aspecto da noz, por exemplo, cujo miolo nos faz lembrar os hemisférios cerebrais, não poderia colocar o espírito do doente numa disposição favorável, quando ele lia a seguinte descrição de autoria

do médico inglês William Cole: "O pericarpo representa o couro cabeludo e por isso o sal fabricado com ele é excelente para as feridas na cabeça. A casca lenhosa é a imagem do crânio e a fina pele amarela que separa os quartos se assemelha à duramáter e à pia-máter que envolvem o cérebro; a própria noz leva a assinatura do cérebro e por isso lhe é benéfica e o protege dos venenos." Os comedores de noz deviam se sentir reconfortados e talvez com razão. Pois se, depois do ilustre Matthiole, não se receita mais esfregar a cabeça com o miolo da noz previamente mastigado, para fazer nascer os cabelos perdidos, a análise moderna da nogueira encontrou nela vários princípios ativos que foram muitas vezes assinalados por indiscutíveis autoridades; contudo, quem utiliza hoje em dia essa espécie para fins medicinais, senão algum camponês atrasado?

Antes de se pronunciar, antes de excluir, não seria melhor primeiro ir ver de perto? Sem o que poderíamos ser culpados dos mesmos preconceitos — mas invertidos — de que são acusados os antigos herboristas boticários.

Um humanista tão sábio e respeitado como Hieronymus Bock, apelidado Tragus, que foi médico e botânico, podia ainda se permitir escrever, sem provocar sorrisos, em sua *Nova história das plantas* (1539), que na época foi a melhor flora da Alemanha: "Tendo lido tudo o que foi escrito [sobre as plantas medicinais], vejo claramente que Deus, o todo-poderoso Criador, é e será sempre o primeiro dos jardineiros e cultivadores."

Para os antigos botânicos, efetivamente, a natureza constituía um todo completo e perfeito; somente a ignorância e a cegueira dos homens os impediam de vê-lo. Na realidade, não são tanto as conclusões a que eles chegavam e que hoje nos parecem inaceitáveis, que são importantes, mas o princípio filosófico no qual se apoiava essa obra. Há muito tempo jogamos fora essas quimeras e tudo o que se segue. No entanto, Ouçamos por um momento o que dizem. O que dizem é simplesmente isto: A natureza contém tudo, exatamente tudo, o que corresponde às necessidades do homem, como aliás de todas as suas criaturas. Cada uma delas dispõe, pelo simples fato de sua existência, de todos os

órgãos e instrumentos que lhe são indispensáveis, já que de outra forma elas seriam incapazes de sobreviver, mas também tudo o que de fora, em seu meio ambiente, responde às suas necessidades orgânicas.

Quaisquer que sejam os fundamentos dessas idéias — e suas implicações — filosóficas, religiosas, místicas e talvez iniciáticas ou mesmo ocultistas, certamente não deixam de se aparentar, sob certos aspectos mais ou menos subjacentes, à nova matéria chamada ecologia.

A noção do equilíbrio natural, a da interdependência das espécies, deixa supor efetivamente uma certa ordem, exterior ao homem, ordem que se basta a si própria e que o homem deve respeitar sob pena de graves ameaças para a existência da espécie humana, solidária de todas as outras, quer sejam animais ou, como vimos, vegetais.

Desde então compreendemos logo que se os princípios da ecologia, cada vez mais evidente pela situação atual, encontram teoricamente uma aceitação quase unânime, sua colocação em prática esbarra em muitos obstáculos. Se os ecologistas realmente clarividentes — eles não são muitos — ousassem dizer o que realmente pensam, seria conveniente que uma prioridade absoluta, vital, fosse dada hoje à ordem natural ou pelo menos, pois ela já está bastante transtornada, à sua restauração. Mas não seria isso confessar que os artifícios do progresso técnico se revelaram finalmente mais nocivos do que úteis, e assim dar prova de um obscurantismo dos mais condenáveis e dos mais completamente inadmissíveis por uma sociedade que não tem nenhuma outra alternativa a propor?

Todavia, talvez quando o deterioramento do meio natural terá se tornado tão perigoso que ninguém poderá duvidar dele, reconhecerão que uma ordem humana só pode estar subordinada a uma ordem verdadeira que é natural, cósmica, portanto sobre-humana; o que seria, finalmente, concordar com a atitude dos antigos taoístas que praticavam tão ativamente o não-agir.

Mas o homem moderno, em quem o mental predomina ao ponto de sufocar qualquer outra instância psíquica,

perdeu a confiança espontânea que, graças ao instinto, aqueles que ousamos chamar de animais ainda possuem. A distância que foi criada entre o homem e o mundo lhe fez perder a segurança soberana que guia automaticamente os animais na utilização de seu meio ambiente. O universo só tem sentido para quem sabe ler os sinais que ele contém como se fossem avisos, advertências, entrar nesse sistema de sutis correspondências em que os símbolos aparecem como conhecimentos que só são secretos para os ignorantes e pretensiosos que somos, nós que não acreditamos em nenhuma outra ordem exceto naquela que, ingenuamente, pensamos ter nós mesmos estabelecido. A teoria das assinaturas não é uma manifestação de orgulho mas, pelo contrário, a humildade diante do poder sem igual da natureza, uma tomada de consciência de uma vinculação a um mundo que nos ultrapassa em todos os sentidos e no entanto nos oferece com benevolência os meios de nos conduzir e dele aproveitarmos conforme nossa verdadeira essência. Esses "sinais" que o espírito elementar reconhece espontaneamente, por continuar em estreita ligação com o meio natural, fazem, hoje em dia, certos especialistas, e os mais famosos, hesitar em considerá-los apenas como nascidos de uma imaginação exacerbada.

Os botânicos universitários são obrigados a reconhecer atualmente que o cólquico usado desde Dioscóride (século I d.C.) contra a gota, porque seu bulbo evocava um artelho gotoso, constitui efetivamente um tratamento eficaz, que a ficária, recentemente redescoberta pelos laboratórios farmacêuticos, possui efetivamente tubérculos que se parecem espantosamente com hemorróidas, que o ruibarbo, que favorece as secreções biliares, tem realmente um suco amarelo como a bílis, e finalmente que a aspirina, proveniente originariamente da casca do salgueiro, que vive em lugares muito úmidos e frios, é eficiente contra os males resultantes da umidade. Certamente eles ainda consideram essas correspondências como simples coincidências, mas enfim eles não podem mais negá-las.

M. Portères, professor no Museu Nacional de História Natural, já registrara que a observação dos acidentes que podiam acontecer pela utilização das matérias gordurosas de vários frutos ou sementes, usadas em toda a parte e em todas as épocas

com finalidade cosmética, levara certas populações a empregá-las no tratamento da lepra, pois as manchas vermelhas provocadas pelos princípios irritantes contidos em algumas dessas folhas lembravam as que a lepra desenha sobre a pele do enfermo.

Assim, na Índia e na Birmânia, há muitos séculos usavam o óleo de *chalmoogra* (*Hydnocarpus* pertencente à família das flacurtiáceas) nos cuidados com os leprosos. Na Sierra Leone (África ocidental), os negros empregavam para o mesmo fim o óleo de *gorli* (*Caloncoba echinata*) que vem a ser uma outra flacurtiácea, enquanto os índios do Brasil empregam uma terceira, *Carpotroche brasiliensis.* Estudos químicos muito aprofundados revelaram que essas três espécies continham em comum um único princípio ativo, o ácido de *chalmoogra* efetivamente eficaz no tratamento da lepra. Eis portanto três povos, habitando três continentes afastados que não poderiam ter transmitido essa informação entre eles e que no entanto, cada qual do seu lado, fizeram uma descoberta capital, que os ocidentais, munidos de toda a aparelhagem científica e técnica, puderam apenas homologar.

Num domínio menos especializado e que nos é muito mais familiar, como puderam os "primitivos" descobrir as cinco espécies contendo a cafeína: o chá, o café, o cacau, a noz de cola e o mate, e saber que estas aliviavam o cansaço? As pesquisas bioquímicas contemporâneas não puderam descobrir nenhuma outra nova fonte de cafeína.

A pergunta que nos fazemos é portanto a de saber como o poder real dessas plantas pôde ser reconhecido por homens que não possuíam nenhum dos meios de detecção que atualmente temos à nossa disposição. Certamente, os povos da pré-história, cuja alimentação era principalmente vegetal, souberam desde as origens descobrir por necessidade as plantas utilizáveis; certamente vivendo em grupo e capazes de se comunicarem, repartiram suas experiências. É até provável que rapidamente alguns indivíduos que se distinguiam por seus talentos especiais, um "faro", um senso inato da observação, foram, para o bem de todos, convidados a se especializarem nessas pesquisas. São os curandeiros que encontramos em todas as

sociedades arcaicas. Ora, curandeiro não é apenas o especialista em tratamento pelas plantas medicinais; esse aspecto de suas atividades que a nós parece ser essencial teria sido provavelmente considerado como secundário. Para os membros da tribo, o curandeiro é também e principalmente aquele que, dispondo de uma especial sensibilidade "cósmica", conhece os segredos do universo e está em comunicação com os poderes invisíveis que o animam. Tendo acesso às fontes, ele lê na natureza ' 'a livro aberto", como o letrado em relação ao analfabeto para quem o livro mesmo aberto não tem qualquer significação. Ora, precisamente o que o curandeiro decifra assim são os "sinais" das coisas, suas conveniências ou inconveniências recíprocas, suas atrações e repulsas mútuas, mas também suas complementaridades, suas interdependências e correspondências nesse todo orgânico que é nele próprio o universo. Todavia, o curandeiro não tem absolutamente um papel idêntico ao que desempenha em nossas sociedades o médico a quem confiamos, de olhos fechados, todo o cuidado da nossa saúde. Na tribo, cada qual é capaz de cuidar da sua própria saúde e é apenas nos casos incuráveis pelas vias normais que recorrem a esse especialista; cada indivíduo conhece para seu próprio uso as plantas convenientes, isto faz parte da magra, porém utilíssima bagagem de conhecimentos que ele recebeu desde a infância; em suma, cada um respeita essa ordem sobre-humana e universal à qual ele tem a consciência de pertencer e de participar.

Conhecimentos secretos

Se nos tornamos insensíveis à harmonia profunda das coisas, se estamos hoje como que perdidos nesse mundo que não mais compreendemos, deixando a outros a tarefa de compreendê-lo para nós, pelo menos esperamos isso, é por causa da nossa crença no todo-poderoso espírito humano, que paradoxalmente nos conduz a abdicá-lo entre as mãos de alguns, os

especialistas, mesmo quando se trata dos dados mais elementares, os mais íntimos da nossa vida.

Essa ingênua supervalorização é por si mesma não só perigosa mas profundamente irreal: o que nós chamamos espírito é apenas uma modesta parte de um todo já que, em conseqüência dos nossos preconceitos, nós consideramos como espírito apenas o mental e excluímos arbitrariamente outras instâncias psíquicas, como a intuição — e também esses poderes misteriosos, denominados parapsíquicos, cuja realidade somos obrigados a reconhecer atualmente, mesmo se não sabemos utilizá-los. Aliás, esses poderes não diferem dos que atuam em certos aspectos, para nós inexplicáveis, do comportamento animal: por exemplo, o senso inato da orientação, como o que se manifesta de maneira espetacular nas migrações.

Mas não é justamente a mesma coisa com essas experiências humanas arcaicas, cuja autenticidade contestamos, sem no entanto poder recusar os evidentes resultados? Portanto, mesmo aquele que por sua especialização é hoje obrigado a abonar estes últimos — já que a moderna biologia vegetal e a recentíssima etnobotânica não podem deixar de recomendar a eficiência de certos remédios vegetais tradicionais — continua no entanto incapaz, por estar ainda influenciado por preconceitos comuns, de nos dar outras explicações além das parciais e visivelmente insuficientes.

Ver na teoria das assinaturas apenas "um meio mnemotécnico de conservação e de transmissão do saber nas sociedades de tradição oral", permitindo "reconhecer" a planta cujas "propriedades terapêuticas" foram "anteriormente postas em evidência", e assim "utilizá-las limitando ao máximo a margem de erro",[3] constitui certamente uma hipótese interessante e já testemunha, comparando com os exclusivos desdenhosos das precedentes gerações de cientistas, uma nova abertura de espírito; no entanto ela constitui apenas uma explicação que, devemos reconhecer, só poderá ser aplicada realmente a uma minoria de casos, no dia em que as pesquisas de laboratório terão sido feitas não mais como hoje em dia, sobre

[3] J. M. Pelt, *Drogues et plantes magiques,* 1971.

um número extremamente limitado de espécies vegetais, e sim sobre uma vasta amostragem, quando as concordâncias entre farmacopéias tradicionais e a moderna fitoterapia serão suficientemente numerosas para não serem mais apenas coincidências. Não seria um melhor método admitir, confiando no inventário e também procedendo a rigorosas pesquisas, o próprio ponto de vista dos utilizadores desses remédios eficazes? Em outras palavras, não seria conveniente, nesse caso, fazer prova de leal modéstia já que, em relação ao conhecimento dos simples, começamos finalmente a admitir a superioridade das civilizações arcaicas e tradicionais?

Além do mundo ocidental, em todas as épocas sempre existiu efetivamente uma farmacopéia vegetal muito mais desenvolvida do que a nossa. Nesta breve exposição nos limitaremos a citar alguns exemplos especialmente evidentes: o primeiro começou finalmente a chamar a atenção de alguns pesquisadores ainda isolados. Trata-se da medicina chinesa, que justamente em razão da sua característica tradicional era tida como suspeita sem que se dessem ao trabalho de examiná-la, pois a superioridade da medicina ocidental, estando a tal ponto evidente, esperava que a China a adotasse pura e simplesmente, rejeitando todas suas antigas superstições. Ora, não aconteceu nada disso. Certamente os chineses, povo esperto, aproveitaram os verdadeiros progressos realizados no Ocidente mas continuaram mantendo o enorme acervo que representam os trabalhos que se acumularam ininterruptamente desde pelo menos o século IV a.C. e talvez mesmo desde a dinastia dos Tcheou (do século XI ao século VIII a.C). Todavia, se diante dos incontestáveis resultados publicados pela China popular, começam a levar a sério uma técnica tão pouco conforme aos dados científicos ocidentais como a acupuntura, a maioria continua ignorando que na China também existe uma fitoterapia tão rica quanto variada e eficaz, mas cujos princípios, baseados numa cosmologia muito elaborada, estão mais próximos dos que regem a teoria das assinaturas do que daqueles que norteiam a ciência moderna. Se os chineses conservaram esses remédios ancestrais, é porque além de terem verificado sua excelência, eles os submeteram aos métodos de análise

bioquímica vindos do Ocidente. E não sabemos por que este não poderia fazer o mesmo.

A medicina tradicional da Índia se baseia na *Ayurveda* ou "ciência da vida", vasto conjunto de textos que data da mais remota antiguidade. Seguramente a Grécia antiga teve conhecimento de certas teorias contidas nesses textos; ó Timeu de Platão menciona uma entre elas e algumas drogas indianas, designadas como tal, figuram na coleção dos textos hipocráticos. Além disso, a farmacopéia européia moderna já utilizou várias plantas originárias da Índia e o fará cada vez mais, pois se convenceu finalmente da prodigiosa extensão da fitoterapia indiana. O sistema ayurvédico, mesmo perfeitamente racional, faz intervir, na utilização das plantas medicinais, várias espécies de variáveis negligenciadas pelos médicos ocidentais. É que ele não considera o homem com isolado do mundo e se baseia também na interação do microcosmo e do macrocosmo.

Ainda menos conhecida, em razão da destruição sistemática das civilizações mexicanas pela conquista espanhola, é a botânica médica que nelas conheceu um grande desenvolvimento. No entanto alguns desses conhecimentos sobreviveram entre os *curanderos* — apesar de verem sua fama na Europa limitada ao uso muito sábio mas também ritual, que eles fazem de várias plantas alucinógenas das quais a *olioliuhqui,* agora identificada com um *volubilis* ornamental, *Ipomaea violacea,* o *teonanacatl, a* "carne dos deuses", cogumelo sagrado que foi redescoberto em 1953 por R. Gordon Wasson, etnomicólogo renomado e R. Heim, diretor do Museu de Paris, e finalmente o peiote. Mas essas são as magras sobrevivências de uma ciência fitoterápica que no século XVI espantara o médico particular de Felipe II, rei da Espanha, enviado por este ao México para ali fazer uma investigação sobre as plantas medicinais usadas entre os astecas. Durante uma viagem de sete anos, Francisco Hernandez recenseou mais de 3.000 espécies — número realmente fabuloso se compararmos com o número de plantas medicinais conhecidas atualmente na Europa. Hernandez publicou as descrições e as imagens de suas descobertas no seu *Tratado sobre as plantas, seus licores e outras matérias*

medicinais da Nova Espanha. É curioso que essa obra fundamental tenha sido depois completamente esquecida.

Se os astecas conheciam tantas plantas úteis é que, como os povos que os precederam no México, eles eram notáveis jardineiros, como provam ainda hoje, quatro séculos depois, os espantosos "jardins suspensos" de Xochimilco no subúrbio do México; no entanto são apenas modestos vestígios do que outrora existia.

Jardineiros peritos e espertos e que continuaram assim através dos séculos, foram os maias. Recentemente seus sobreviventes na Guatemala deram involuntariamente uma boa lição a um agrônomo enviado pelo governo americano para lhes ensinar melhores práticas culturais. Este descreve assim uma de suas experiências: de acordo com um grupo de mulheres, ele devia ensiná-las como plantar e cuidar de uma horta. "Após ter escolhido um local conveniente, preparamos os canteiros e nele plantamos várias espécies de legumes. Duas semanas depois voltei para ver como iam as coisas. Certamente o jardim havia sido bem regado, pois eu não conseguia encontrar os legumes debaixo das ervas daninhas. Enquanto as mulheres se acotovelavam ao meu redor, comecei a mostrar-lhes como capinar uma horta. Mas assim que eu comecei a arrancar uma erva daninha, elas começaram a gritar em coro: "Oh, não, essa não, ela é muito boa para as dores de cabeça." Como eu arrancava uma segunda, foi novamente um grito só: "Cuidado, essa serve para tingir as roupas!" E, é claro, a seguinte temperava maravilhosamente os tomates, e sua vizinha estancava as hemorragias. Finalmente, concluiu alegremente o autor, deixei que as mulheres me indicassem algumas ervas que eu podia arrancar e para o que serviam todas as plantas que deixávamos ali."E ele acrescenta: "Após inúmeras experiências desse tipo, o povo maia me ensinou, ao longo dos anos, que em relação ao seu meio ambiente e aos seus próprios problemas, ele era muito mais sábio e principalmente muito mais competente do que eu.[4]

---

[4] *The Highland Maya,* Roland e Roger Bunch, Josten's Publication, 1977 — Visalior California, EUA.

O jardim da volúpia

O jardim onde cresce tudo de que precisamos, numa sábia desordem, onde encontramos tudo o que nos falta, não apenas para nos alimentar, mas para nos tratar e mesmo nos embelezar, lembra muito, em pleno final do século XX, os mais antigos jardins conhecidos e até mesmo o jardim do Éden, esse jardim da volúpia, segundo a etimologia, onde o homem nasceu, onde ele poderia ter vivido satisfeito e talvez imortal. Esse jardim primordial aparece em todas as mitologias, é o lugar de abundância onde o homem possui tudo o que deseja, sem precisar obtê-lo por seu trabalho.

Em suma, onde ele faz um todo com seu meio ambiente que nem precisa ser modificado. Infelizmente essa comunhão original foi um dia quebrada e encontramos a nostalgia resultante em todos os povos. É a idade de ouro, a era da primeira das raças humanas, que é, segundo Hesíodo, autor da mais antiga cosmologia de que temos conhecimento, a raça de ouro. Os homens dessa época, nos diz ele, "viviam como deuses, o coração livre de problemas". Como a natureza lhes oferecia tudo o que desejavam, eles não tinham outra coisa a fazer a não ser celebrar a vida com danças e festas, folguedos de toda espécie. Eles não eram atingidos nem pela doença nem pela velhice; terminado o tempo de cada, eles adormeciam um sono tranqüilo do qual não acordavam mais.

Porém Hesíodo não especifica como terminou essa idade idílica; é o que a Bíblia nos conta e de maneira circunstancial, explicando-nos por que não vivemos mais no estado de beatitude das nossas origens. Com efeito, a história da humanidade começa ali, na saída desse jardim conhecido somente do

primeiro homem e da primeira mulher, e do mesmo modo termina a história, ou pelo menos um dos ciclos que a formam, o que se abre no Antigo Testamento, na antiga aliança, e que termina com o Novo Testamento, pois foi num jardim — o de Gethsemani — que começou a dolorosa agonia de Jesus, ali ele escolheu a morte para a salvação de todos — e essa salvação o que é se não a paz reencontrada do Paraíso perdido?

Segundo o Gênese, foi logo depois da expulsão do jardim do Éden que "o homem conheceu Eva, sua mulher", e o relato prossegue com o segundo pecado; e foi a morte do caçula, o pastor Abel, pelo mais velho, o cultivador Caim. O objeto desse primeiro assassinato pode nos parecer estranho, mas ele interessa imensamente aos historiadores das origens da civilização. Yahvé não aceitou a oferenda de Caim como a do seu irmão. Ora, Abel apresentou a Deus "os recém-nascidos de seu rebanho e suas gorduras" e Caim os "frutos do solo". Yahvé não pode se contentar com estes, ele quer sangue e sangue inocente. Essa exigência que nos parece profundamente chocante é um dado que encontramos em inúmeros mitos do nascimento da agricultura. Pois ela está quase sempre associada a um sacrifício sangrento, cuja vítima é a princípio um ser humano.

A razão de um ato ritual tão freqüente e *a priori* inexplicável — pelo menos para nossa mentalidade — é talvez explicada pelas diversas populações que dominaram sucessivamente as altas terras do México. Para os astecas, e certamente também para seus antecessores, os toltecas, o milho, alimento vital, a própria base da civilização, é um dom de um deus, de um deus que se sacrifica, que dá seu corpo para alimentar os homens, mas que em troca deles exige sacrifícios sangrentos que lhes permitirão recuperar as forças, ressuscitar, para novamente se ofertar. Todo o sistema cosmológico dos astecas está fundado no sacrifício recíproco; ele chegou finalmente a depender inteiramente dessas oferendas sangrentas, o próprio sol alimentou-se do coração arrancado do peito das vítimas humanas nos degraus do seu templo. Sem esses sacrifícios teria sido a noite, o fim do mundo, o nada.

Assim foi transmitida tal e qual até o século XVI, até a chegada dos conquistadores no México, uma tradição que

datava das origens da agricultura — tradição aliás atenuada, pois as vítimas animais haviam substituído as vítimas humanas, ou mesmo completamente apagada, quando cessaram de entender seu sentido.

Mas não foi justamente o que Yahvé reprovou ao cultivador Caim, de não ter derramado o sangue? E a resposta de Caim além de criminosa foi blasfematória: ele derramou o sangue e um sangue inocente, mas foi o do seu irmão.

O relato do Gênese nos traz um outro elemento interessante: o que Deus condena definitivamente, recusando a oferenda de Caim, é o *status* que este escolheu. Caim tornou-se agricultor, isto é, sedentário, enquanto Abel, o pastor, era por isso nômade. E o castigo de Caim será aliás este: ele será expulso dos arredores do Jardim onde estava instalado e terá que vagar, tornar-se por sua vez um nômade. Dali em diante não mais cultivador nem tampouco pastor. Caim, o assassino, só podia se tornar um caçador.

Esse rigor de Yahvé, essa condenação, continuaria sendo para nós incompreensível se a história das civilizações não nos desse alguns exemplos que nos esclarecem. Graças a eles, é possível restabelecer o desenvolvimento lógico, e talvez mesmo histórico, das etapas que — talvez com objetivos edificantes mas talvez também porque eles relatavam episódios antigos cujo sentido original já não compreendiam — os redatores do Gênese parecem ter tido o prazer de confundir. Ora, essa chave, que iria nos fornecer a história comparada das religiões, nos interessa especialmente nesse caso pois ela não é outra que a história da cultura das plantas, pelo menos como havia sobrevivido na memória coletiva arcaica.

Se consultarmos todas as mitologias que hoje conhecemos, parece que podemos restituir pelo menos duas etapas intermediárias entre o jardim das origens, o jardim da idade de ouro, isto é, o paraíso — paraíso é a palavra persa que designa jardim — e o nascimento da agricultura: a idade dos caçadores, depois a idade das primeiras tentativas de cultura, distinção aliás em boa parte teórica, pois quase sempre esses dois estágios se entrelaçam, como nos ensinam inúmeros exemplos etnológicos. De fato, os caçadores estavam longe de viver

exclusivamente da carne dos animais que eles matavam; eram também coletores, ou mais exatamente apanhadores, pois não colhiam apenas frutos e grãos quando estavam maduros, mas desenterravam também as raízes — aliás, tinham apenas que imitar os animais que observavam. Além disso, as plantas não serviam somente para alimentá-los. Como dissemos acima, eles conheciam inúmeros vegetais úteis. Foram certamente os "primitivos", e não algum pesquisador civilizado, que descobriram na floresta amazônica a borracha, a seiva da hévea, e foram também os "primitivos" birmaneses ou hindus os primeiros que souberam utilizar a *Rauwolfia serpentina* para tratar das doenças mentais — enquanto nós só empregamos o princípio ativo desde 1952. Esses coletores também eram apanhadores simples, eles sabiam reconhecer as plantas que curavam, também as que "encantam os olhos", que permitem a comunicação com os deuses. Mesmo quanto à alimentação, se a carne lhes fornecia a comida dos dias de festa, os grandes rega-bofes, os resultados das caças eram aleatórios, enquanto que as plantas constituíam um recurso bem mais seguro e regular. Ora, essa colheita, tão útil quando os homens voltavam da caça de mãos vazias — o que devia acontecer com freqüência —, era tarefa das mulheres; assim eram elas que garantiam a continuidade e mesmo uma certa segurança na vida diária.

Esse modo de vida durou várias dezenas, se não várias centenas de milênios. Mas admitindo que o período Paleolítico — a antiga idade da pedra, ou seja, a idade da pedra talhada — tenha terminado por volta de 15.000 a.C, o que os arqueólogos chamam o neolítico — a nova idade da pedra polida — onde eles situam uma modificação radical das relações do homem com as plantas, e mais geralmente com toda a natureza, e que teria começado mais cedo, por volta de 8.000 a.C. O que teria acontecido então durante esses 7.000 anos intercalados? Sobre esse período durante tanto tempo ignorado, em boa parte porque era pouco documentado pelas escavações, no decorrer dos últimos decênios acumularam-se trabalhos que questionaram o que pensavam já estar definitivamente estabelecido. Muitos desses trabalhos — e são os mais originais, os mais revolucionários — vêm de botânicos, Oakes Ames e

Edgar Anderson, por exemplo, nos Estados Unidos. Isso não deve surpreender, pois somente os botânicos são capazes de examinar os problemas da domesticação das plantas.

Segundo eles, a passagem da vida normal à vida sedentária, que marca a transição do Paleolítico ao mesolítico, por volta de 15.000 a.C, já se acompanha obrigatoriamente de uma profunda transformação das relações entre o homem e o meio vegetal. Um pouco em toda a parte grupos se instalam, se enraízam; em vez de vagar continuamente em busca de alimento, eles se esforçam em encontrar seu lugar, em utilizar da melhor maneira os recursos locais. Nos países temperados, frios, em que a vegetação é apenas sazonal, os grupos humanos se colocarão na rota das migrações animais ou na proximidade dos bancos de mariscos, porém, nas regiões tropicais onde a vida é mais fácil, pois os recursos vegetais são quase permanentes, a ação humana terá como objetivo aumentá-los e torná-los ainda mais regulares. De tudo isso só nos restam alguns vestígios espalhados sobre todo o planeta, muito diferentes entre si e às vezes difíceis de interpretar isoladamente; contudo, se examinarmos seus elementos comuns, poderemos concluir com o seguinte ponto de vista: nesse estágio, em toda a parte, o homem se dedicou às primeiras tentativas de cultura. O que pode enganar os historiadores, que durante muito tempo pensaram numa súbita transformação, "a revolução neolítica", é que só se importaram com a agricultura, com a cultura dos campos, ou seja, a cultura dos cereais que teria aparecido bruscamente, como por milagre, acarretando todas as conseqüências que sabemos sobre a evolução humana, sobre o destino da humanidade; enquanto na realidade essa explosão, certamente real, tinha sido preparada — o que indicam não apenas as observações dos etnólogos, mas também o simples bom senso — por inúmeras tentativas feitas ao longo dos milênios durante o mesolítico. Em toda a parte a horticultura, a cultura dos jardins, precedeu de muito a agricultura propriamente dita; muito antes dos campos houve os pomares, as hortas e mesmo os jardins de enfeite.

Atribuir ao homem de outrora as preocupações exclusivamente utilitárias é imputar-lhe arbitrariamente as da nossa

época, mas é sobretudo negar a evidência: o homem foi — desde sempre — um sonhador, um artista e principalmente um indivíduo profundamente religioso. Ainda não podemos explicar as pinturas rupestres de Lascaux apenas pelo proveito que os homens do período magdaleniano esperavam ter e nem, tampouco, na época em que chegamos, no mesolítico, às pedras decoradas do Mas-d'Azil. Além disso, nesses tempos remotos, o jardim que certamente se inspirava no jardim primordial, no jardim da idade de ouro e tentava talvez reconstituí-lo, tinha mais semelhança com um jardim maia, tal como o evocamos, do que com os nossos.

Etimologicamente, jardim é o que é fechado, separado, colocado à parte. Com efeito, a palavra vem do frâncico *gard* (*Garten* em alemão, *garden* em inglês) que procede da raiz indo-européia *gher* "pegar, fechar", que resultou em grego *khortos* "recinto" mas também *kheir* "mão" — o jardim é, então, o que está sob nossa mão, e também o que a mão trabalha — e em latim, *hortus,* recinto, depois jardim.

Os jardins mais arcaicos, mais tradicionais que conhecemos, eram efetivamente isso: locais selvagens, descobertos por seus produtos comestíveis e por isso colocados em reserva, fechados. Nesse espaço delimitado, logo alguém soube cuidar das plantas úteis, separá-las das que poderiam prejudicar seu crescimento e lhes trazer a água necessária no período de seca. Esse alguém era certamente uma mulher. Coletora, apanhadora nas sociedades de caçadores, a mulher estava pronta para fazer esse papel. A estabilização da moradia lhe permitia agora observar, durante o ano todo, o desenvolvimento dos vegetais, seu crescimento, sua floração, a disseminação de suas sementes, e deles tirar as lições evidentes, isto é, intervir no processo natural para que ele produzisse melhores colheitas.

Esse tipo de jardim ainda existe. Vi deles entre os maias da Guatemala e Edgar Anderson os estudou profundamente nas pequenas aldeias do México. Ele descreveu a abundante variedade das espécies que ali cresciam, mas que, como vimos, não se prejudicam e mais provavelmente se ajudam. A partir desses jardins tradicionais, Anderson pôde propor uma reconstituição do que foi realmente o recinto primitivo. Ali coexistiam as

plantas alimentícias, os temperos, as especiarias, as drogas, as fibras utilizáveis, mas também as flores admiradas pela beleza de suas formas, por suas cores e por seu perfume, as flores, presente dos deuses e com as quais eram homenageados durante as cerimônias religiosas. Porém, observa esse botânico americano, em *Plants, Man and Life,* muitas vezes as plantas mais úteis são também as que se distinguem pelas cores vivas de suas flores, como as cucurbitáceas, as solanáceas (as batatas, os tomates, os pimentões e as pimentas, mas também o tabaco, o estramônio, a beladona), as leguminosas, ou pelo perfume que elas espalham: as plantas aromáticas. Por isso é bem possível que a seleção tenha sido estética e religiosa — essas plantas eram marcadas por um sinal divino — e só tenha se tornado utilitária mais tarde; de início, a quantidade teria cedido à qualidade e o proveito à beleza.

A essas considerações acrescentemos alguns exemplos recentes, historicamente bem documentados mas no entanto esquecidos, que parecem confirmá-las. Quando duas dessas plantas vindas do México chegaram à França, muito se hesitou quanto à sua utilização. No Museu de Paris, em 1802, quando André Thouin, o célebre aclimador, recebeu a dália, obstinou-se em cultivá-la por seus tubérculos que, acreditava-se, podiam concorrer vantajosamente com a batata. O mesmo infortúnio, mas em sentido inverso, aconteceu com o tomate, que durante muito tempo foi cultivado apenas por suas flores e cujo fruto só começou a ser consumido muito mais tarde. Finalmente foi por suas qualidades ornamentais que uma outra planta americana, o tabaco, foi plantada, de início, nos jardins no século XVI.

É que realmente essas divisões nas quais, com nossa mania muito ocidental de estabelecer categorias completamente separadas, dividimos os vegetais segundo seu uso — plantas alimentícias, para forragem, industriais, decorativas; árvores florestais, frutíferas, ornamentais — são conceitos, além de modernos, bastante arbitrários. A pereira, a nogueira são tão úteis por sua madeira quanto por seus frutos; cultiva-se a laranjeira por seus frutos, mas também, onde ela não pode produzi-los, como essência ornamental; certas espécies — as cerejeiras ou as macieiras, por exemplo — fornecem ao mesmo tempo as

variedades cultivadas por seus frutos mas também outras que foram selecionadas por suas flores, como as cerejeiras do Japão, cujos frutos insignificantes não são comestíveis.

No *Economic Annuals and Human Culture,* Oakes Ames, cujos trabalhos sobre a origem das plantas cultivadas completaram as pesquisas feitas no século XIX por Candolle, observava, há cinqüenta anos: "Os mais importantes vegetais anuais são desconhecidos no estado selvagem. Eles aparecem pela primeira vez já associados ao homem. Eles fazem parte da sua história assim como a adoração aos deuses, à caridade dos quais ele atribuía a origem do trigo e da cevada. Por isso seu aparecimento simultâneo no livro da história indica uma época mais esplendorosa para a agricultura do que os arqueólogos e antropólogos reconheceram." Efetivamente foi até esse período intermediário, precedendo de muito a chegada do neolítico, que data a plantação sistemática dos vegetais anuais; já era então conhecida a quase totalidade das plantas alimentícias, têxteis, medicinais, cultivadas desde essa época, e o tipo original já estava modificado ao ponto de ser às vezes irreconhecível.

Porém bem antes de semear os grãos, o homem, ou melhor, a mulher soube, como o provam certos mitos, aproveitar a reprodução vegetativa — e não sexual — das plantas. Com certeza a jardineira logo percebeu a mergulhia natural produzida, por exemplo, pelos estolhos. Com efeito, bastava cortar a ligação que unia a nova planta enraizada à touceira-mãe, para permitir que ela se desenvolvesse de modo independente e isso sem precisar transplantá-la. Da mergulhia à plantação de mudas foi um passo: destacando da planta-mãe uma muda com um broto conseguiam uma nova planta.

Esse modo de cultura, que é certamente o mais primitivo, foi ilustrado por um célebre mito, originário de Ceram, uma das ilhas da Nova-Guiné: foi do corpo esquartejado e depois enterrado de uma jovem semidivina, Hainuwele, que nasceram as plantas até então desconhecidas. "Esse assassinato primordial, comenta Mircea Eliade na *História das crenças e das idéias religiosas,* mudou completamente a condição humana, pois introduziu a sexualidade e a morte e instaurou as instituições religiosas e sociais que estão ainda em vigor. A morte violenta

de Hainuwele não é apenas uma morte 'criadora', ela permite à deusa estar continuamente presente na vida dos humanos e até mesmo na sua morte. Alimentando-se das plantas nascidas do seu próprio corpo, alimentam-se na realidade com a própria substância da divindade."

Essa morte ritual, essa morte voluntária, não parece ter provocado nos homens, que foram os beneficiados, uma nítida culpabilidade. Estranhamente deu-se o contrário com os mitos que se encarregam de explicar as origens da cultura dos cereais. Citamos acima o exemplo do deus do milho. Se aqui se trata ainda de uma imolação voluntária, ela certamente não é mais gratuita, pois a partir dela esguichou um jato de sangue humano, sempre mais abundante, que banhou a civilização asteca. No entanto, com muito mais freqüência os cereais foram objeto de um furto: um herói, meio deus meio humano, de tipo prometéico, foi furtar no céu os cereais que ali existiam desde sempre, mas ciumentamente guardados pelos deuses.

O deus que se sacrifica

espiga, que fragmentavam antes de enterrar, era um deus que se sacrificava, voluntariamente. Vestígios dessas remotas divindades dos primeiros cultivadores são encontrados no relato da morte, do desmembramento e da ressurreição mágica de Osíris no Egito, bem como em muitos outros mitos próprios das civilizações nascidas da cultura dos cereais. Por exemplo, na Frígia, o de Átis, o jovem deus filho da Grande Deusa, a Terra, que lhe impôs o voto de castidade. Tendo pecado, Átis se mutila e o renascimento da vegetação depende desse sacrifício definitivamente incestuoso, pois é do sexo caído na terra, que é a espiga, que as novas plantas ressurgem. É esse acontecimento, a miraculosa ressurreição do deus, que era celebrada com grandes e alegres festas no início da primavera. Tal como o Adônis fenício, cujo nome semítico quer dizer "meu senhor, meu mestre", deus nascido de uma árvore, pois sua mãe fora assim metamorfoseada, e personificando o grão que morre todos os anos. Para festejar sua volta sobre a terra, plantavam em potes as plantas que cresciam ao sol em poucos dias, mas que murchavam logo, representando a existência efêmera do deus.

Mais tarde, incorporando essa lenda estrangeira à sua própria mitologia, os gregos lhe deram nova continuação. Comovida pela extraordinária beleza do menino, Afrodite o colocou num cofre que entregou à Coré-Perséfone, porém quando voltou para apanhá-lo, Coré, apesar da proibição que lhe fora feita, abrira o cofre e contemplara a criança que não queria mais devolver. A briga entre as duas deusas foi submetida ao arbítrio de Zeus; foi então que este decidiu que Adônis dividiria o ano entre a superfície da Terra e o Inferno.

A lenda de Adônis, assim ligada à mitologia grega, constitui uma espécie de repetição da própria história de Coré, raptada por Hades, o deus do Inferno, para desespero de sua mãe, Deméter, a deusa-mãe, que ouviu seus apelos. Então Deméter, a deusa-mãe, a terra fecunda, ultrajada de dor, parte vagando, sem comer, sem se banhar, sem descansar e se recusa a voltar para o Olimpo, enquanto sua filha não lhe for devolvida. Dias de aflição para os humanos, já que a terra se tornou estéril, tendo a deusa escondido o "grão da vida", mas também para os deuses agora privados de suas oferendas.

É em Elêusis, onde se refugiara, que Deméter, sob a aparência de uma mulher simples, encontra finalmente o repouso. Em reconhecimento pela hospitalidade oferecida, ela quis fazer do filho de seu anfitrião um imortal e para isso o colocou para cozinhar durante a noite, para limpá-lo de tudo o que nele restava de mortal, de tudo o que era submetido à morte; desse modo o pão fica leve e cresce no forno, porque a umidade que o apodrece é substituída pelo ar que conserva. Porém surpreendida em seu trabalho noturno pela mãe da criança, apavorada de vê-lo no meio das chamas, Deméter teve que interromper esse processo de imortalização. Em compensação, ela entregou a Triptolema, outro filho de seu anfitrião, o primeiro grão de trigo e lhe ensinou como cultivá-lo e também como cozer a massa. Enquanto isso, Zeus, pai de Coré, mas cúmplice do seu rapto por Hades, que era seu irmão, achou uma saída: doravante, Coré, que no Inferno tornara-se Perséfone, só habitaria com seu infernal esposo um terço do ano e passaria dois terços em companhia de sua mãe na superfície da Terra. Portanto, Perséfone é também o grão que é plantado e que, fecundado, ressurgirá na primavera, multiplicado. Desse modo estavam ligadas a fertilidade do solo e a hierogamia imitada pelo casamento humano.

Finalmente a ordem estava restabelecida e os homens haviam obtido os cereais (de Ceres, nome latino de Deméter); mas teriam eles perdido a ocasião de obter a imortalidade?

Essa é a pergunta feita pelos Mistérios de Elêusis, celebrados para comemorar o dom feito por Deméter naquele local, e cuja resposta eles davam aos iniciados. De fato, parece

que as cerimônias secretas reproduziam ali esse drama mítico e culminavam com a epopsia, a muda ostentação do grão de trigo, cuja contemplação evocava a permanência do ciclo das estações, a volta regular das colheitas e também a alternância necessária da vida e da morte: porém aqui o grão era também promessa de ressurreição, e o fato de que após a epopsia aparecia a luz resplandecente de um grande fogo provava que tinham retomado e levado a bom termo, em proveito apenas dos iniciados, o processo de imortalização tão lamentavelmente interrompido. O fato é que em todas as mitologias, o grão sempre foi considerado como a semente da imortalidade.

A Terra-Mãe violada por seu filho

O iniciado eleusino era um homem redimido, portanto a humanidade precisava sê-lo. Que pecado teria ela cometido, que culpa sentiria ela? Se examinarmos nessa perspectiva os mitos que acabamos de citar, certamente nos espantaremos pela violência que eles expressam. Átis na Frígia, como Osíris no Egito, é castrado; Adônis na Fenícia é morto por um javali com um golpe de focinho na coxa, o que aliás dá no mesmo. Além disso, não se fala mais aqui, como no estágio anterior da horticultura, de uma jovem e sim de um rapaz e só nos resta pensar que Coré, cujo nome em grego significa a moça, representava ela mesma uma etapa anterior pois finalmente os gregos resolveram sobrepor a lenda tirada de Adônis à sua história. A morte de Hainuwele era voluntária, as de Átis e de Adônis são acidentais e trata-se de um castigo. Átis é punido por não ter respeitado a castidade imposta por sua mãe. Adônis, porque não ouvira as advertências de sua mãe adotiva, Afrodite, que queria desviá-lo da caça por pressentir que um dia esta lhe seria fatal. Finalmente, a castração de Átis e o assassinato de Adônis têm a mesma conseqüência: eles voltam para o seio de suas mães, cometendo assim um incesto, certamente involuntário,

mas mesmo assim cometido. Foi então de um incesto, da violação da Terra-Mãe por seu filho, que nasceu a cultura dos cereais. Nas origens, a agricultura foi sentida como um ato violento, o homem brutalizando a natureza sua mãe, dominando-a, o que não é absolutamente o caso da horticultura, que é colaboração íntima, pacífica e mesmo simbólica com a terra nutriz. Hainuwele representa esse primeiro estágio, os pedaços do seu corpo são mudas de tubérculos e a reprodução nesse caso acontece segundo o modo vegetativo, isto é, não sexual, enquanto Coré encarnando a etapa seguinte, a da utilização da reprodução sexuada pelos grãos, desposa sob a terra Hades, seu tio paterno, portanto substituto de seu pai e se torna Perséfone, mudança de nome que corresponde a uma mudança de identidade: de virgem ela se tornou mulher casada. Portanto, nesse caso, é o pai que rapta a filha e a fecunda; na lenda, Hades, antes de deixar Perséfone voltar sobre a terra, a obriga a comer algumas sementes de romã para garantir sua volta. O próprio mito especifica que se trata aqui de uma etapa intermediária, pré-cerealífera, já que é somente após o rapto de sua filha que Deméter entrega o trigo a um rapaz, Triptolema. Mas no terceiro estágio, o da cultura dos cereais, da agricultura, com Átis e Adônis, é o filho que toma a iniciativa, fecunda a mãe e, em suma, a viola; assim temos a inversão das relações e também a subversão das gerações.

No fundo, o que tudo isso quer dizer? Que, enquanto nas sociedades hortícolas, era essencialmente a mulher que alimentava o homem, daí essa exaltação da feminilidade, tão visível nas obras de arte que puderam chamar esse estágio de matriarcado, a situação se inverteu entre as primeiras populações agrícolas: agora era o homem que garantia a subsistência da família, cultivando os campos, operação que realmente exige um vigor masculino e mesmo uma boa dose de agressividade, já que é preciso abrir a terra, revirá-la por meio de um instrumento cortante que é enterrado à força, a enxada, depois o arado, os quais são evidentes símbolos do falo. Essa agressividade era a que empregavam outrora na caça. Os historiadores das religiões, especialmente Mircea Eliade, observavam apropriadamente que "o cultivador associava seu trabalho a um

assassinato, trabalho pacífico por excelência e que lhe garantia o sustento", enquanto o caçador das sociedades mais arcaicas não parecia sentir o mesmo sentimento de culpa. É que, nos diz M. Eliade, a "responsabilidade da carnificina era atribuída a um *outro,* a um estrangeiro".' Mas não seria mais provável porque simplesmente num caso não havia dano grave à ordem natural, pois o caçador se conduzia como os outros carnívoros, enquanto o cultivador perturbava essa ordem, a "violava" e passava por cima de uma proibição? Nos mitos do tipo prometéico, o herói que introduz a cultura dos cereais foi ao céu furtá-los aos deuses. Finalmente, se Yahvé rejeita as oferendas de Caim, não é porque este é um assassino, mesmo antes de ter matado seu irmão? E o que significa a morte de Adônis por um javali? Não seria o castigo do incesto cometido, ou que o será, a vingança do pai, de quem o javali é a imagem?

[1] Mircea Eliade, *Histoire des croyances et des idées religieuses,* vol. 1, Paris, 1978.

A aguardente

O pão, o pão fermentado provém da utilização de um fermento incorporado à massa; esse fermento nada mais é do que a levedura de cerveja, bebida obtida a partir do malte que é a cevada previamente germinada. Sua fabricação é das mais antigas; em certas regiões a cultura da cevada é anterior à do trigo. Em todo caso encontramos provas da fabricação da cerveja no Egito pelo menos desde 3000 a.C. A fermentação de onde nasce a cerveja repousa numa intervenção humana; o que não é o caso do vinho: aqui a fermentação é produzida por ela mesma. Há muito tempo os homens tinham observado as manifestações dessa efervescência natural, nas regiões em que a vinha crescia espontaneamente, especialmente nas encostas do Cáucaso, nas margens do mar Cáspio.

Teria sido dali que viera Dioniso, quando chegou à Grécia? Provavelmente de muito mais longe ainda. Seu nome significa o deus de Nisa. Ora, os gregos da época histórica não sabiam mais onde situar essa localidade. Certamente várias cidades da Grécia tinham esse nome e homenageavam Dioniso, mas em todo o mundo helênico essas denominações parecem ter sido apenas imitações tardias do nome de uma cidade esquecida e permanecida misteriosa. Dioniso, em sua última forma de deus do vinho, mais chamado por Baco, não era realmente um autóctone. Quando chegou à Grécia era um viajante, já tendo vivido inúmeras aventuras, proveniente de longínquas regiões onde passara a infância e a adolescência. O Dioniso arcaico não tinha relação com a vinha; era uma divindade da subida da seiva primaveril e da sua conseqüente embriaguez.

A verdadeira Nisa se encontrava realmente bem longe da Grécia, estava situada no vale de Kabul, no Afeganistão. Foi lá que os gregos da expedição de Alexandre encontraram pela primeira vez os adoradores de Shiva, o deus hindu do êxtase e da embriaguez, o deus da dança cósmica e das forças procriadoras liberadas na orgia sagrada, nascida do consumo do soma; também o deus da inspiração sobrenatural que invade o poeta e o artista e que age através deles. Porém Shiva, cujo emblema é o linga, isto é, o falo, é também o mestre da ioga na Índia, ou seja, aquele que ensina a dominar a energia sexual, a transformá-la em força espiritual, outra face divina que ele não compartilha dom Dioniso — exceto talvez, porém tardiamente, no Orfismo. Se na Índia foi finalmente esse último aspecto do deus que prevaleceu, chegando à condenação muito rigorosa do vinho e de todas as bebidas alcoólicas, o outro aspecto, realmente orgíaco, nem por isso desapareceu; ele está presente em toda a civilização hindu, no ritual e nas festas de Shiva que os antigos textos hindus representam ainda como "um adolescente lúbrico e nu, vagando na floresta primitiva e seduzindo as mulheres dos ascetas".

Assim nos aparece Dioniso quando, após longas perambulações, chegou à Grécia trazendo o cepo da vinha e a arte de fazer o vinho; personagem ambíguo, suspeito, adolescente imberbe, semidespido, efeminado e titubeante. Esse novo tipo representa o grande despertar dionisíaco que invadiu a Grécia nos séculos IX e VII a.C., o que permite a Heródoto falar de Dioniso — que nó entanto aparece em textos muito mais antigos — como de um novo deus.

Quando Dioniso penetrou na Grécia, ele não foi bem acolhido de início. De fato, os gregos logo perceberam os perigos que podiam advir do prazer causado pelo vinho. Desde sua chegada à Ática, como diz a lenda, Dioniso teria oferecido ao rei Icario um cepo de vinha, este por sua vez deu seu suco aos seus pastores que, embriagados, pensaram estar envenenados e o massacraram. Em toda a parte que o deus chegava, aconteciam fenômenos catastróficos, pois ele fazia todos perderem a razão. Ele próprio a perdera quando, ainda jovem, descobrira o poder do vinho. Somente depois de sua cura é que

começara a percorrer o mundo para espalhar sua descoberta. A própria origem de Dioniso havia sido acompanhada de inquietantes premonições. Ele nascera da união de Zeus com uma mortal, Sêmele, por quem o mestre dos deuses se apaixonara. Um dia, cedendo às pérfidas sugestões da ciumenta Hera, Sêmele suplicou ao seu amante divino para se mostrar a ela não mais como de hábito, sob uma forma humana, mas em todo seu esplendor olímpico. Ela não pôde suportar o brilho dessa visão e caiu fulminada, consumida pelas chamas. Zeus conseguiu recolher a tempo o feto que levava em seu ventre e o guardou em sua coxa, de onde a criança saiu quando veio a termo. Assim Dioniso nasceu duas vezes: como os brâmanes, os santos ascetas da Índia, e a segunda vez da coxa de um deus; ora, Shiva é essencialmente uma divindade fálica.

Porém muito mais que isso, Dioniso é originariamente um deus imolado. O "primeiro" Dioniso, cujo nome arcaico é Zagreus, o que significa o torturado, o despedaçado, era também filho de Zeus, mas sua mãe era Deméter, ou sua filha Coré-Perséfone: portanto uma divindade do grão de trigo. O destino desse deus primitivo foi muito mais terrível do que o do deus vindo mais tarde da Índia. Como Osíris atacado por seu irmão Seth, Zagreus foi despedaçado pelos titãs, que jogaram os restos do seu corpo numa caldeira. No entanto Palas-Atenas conseguiu recolher o coração que palpitava ainda e de onde nasceu o novo deus Dioniso.

Quando seu culto se estabeleceu na Grécia, suas primeiras manifestações foram sangrentas. Como o deus mexicano do milho, Dioniso, que dava aos homens seu próprio sangue, em forma de vinho, exigia o deles em troca. Durante as mais antigas festas dionisíacas, as Agrionia, celebradas de início na Beócia, as bacantes, que formavam o cortejo humano do deus, imolavam um menino. Semelhantes sacrifícios também foram praticados na China e em Lesbos, sendo mais tarde substituídos por uma flagelação.

A embriaguez dionisíaca é o caminho para a orgia, palavra que, literalmente, significa cerimônia sagrada nas religiões de mistérios; mas que vem da palavra grega *orgè,* "agitação interior que enche a alma", paixão, sentimento violento e

irresistível que pode fazer nascer a inspiração mas também engendrar a cólera. E como deixar de comparar *orgia* e *orgè* do verbo *orgân* que quer dizer ter o humor ou os sentidos em movimento, ferver de desejos, e que resultou em Orgasmo, mas também órgão? *Orgân* vem ele mesmo de *ergon,* "ação, energia". A orgia é propriamente a ruptura das proibições, a passagem do profano ao sagrado, a liberação brutal dos instintos desencadeados. A embriaguez, no quadro da civilização, age como uma válvula de escape, liberando de tempos em tempos tudo o que a ordem social comprimiu e reprimiu. Portanto o vinho aparece como o inverso do trigo: um faz nascer a ordem, o outro a desordem; um cria a parcimônia, a economia, a estocagem, a previdência, o outro acarreta o gasto do que foi acumulado, seu desperdício. Portanto pão e vinho simbolizam dois pólos inversos mas complementares, da vida humana, como na própria vida vegetal onde o grão de trigo, seca reserva nutritiva de amido destinada à futura planta, se opõe ao suco da vinha, a seiva efervescente que é exuberante vida secreta guardada pela vegetação e da qual finalmente Dioniso é o deus.

Cereais e história

A suposta gênese da civilização já foi tantas vezes explicada que nos parece inútil repeti-la aqui, basta lembrar rapidamente seu processo. A cultura de cereais, permitindo estocar uma provisão de grãos de um ano ao outro, além de trazer uma segurança até então desconhecida, constituía uma reserva de energia em potencial — o grão acumulado é a mais antiga forma do capital. Esses excedentes libertariam por sua vez a energia humana que poderia ser empregada para outros fins além da produção de alimento; daí nasceram a diversificação das profissões, a especialização e, finalmente, as classes sociais. Até então a humanidade vivera no presente, no dia-a-dia; o futuro para ela parecia agora garantido. Esse futuro, ela poderia modelar à vontade, fazer projetos a longo prazo. De repente a humanidade entrava na rota do progresso e ela não mais a abandonaria. Em volta dos celeiros, mercados já se instalavam e cidades eram fundadas.

Foi a propósito da instauração dessa nova ordem, sem precedente, que os historiadores começaram a empregar a expressão "revolução neolítica". Mais tarde observaram que, em relação às invenções fundamentais, como por exemplo dos utensílios, nada permitia pensar em uma repentina revolução e sim numa lentíssima evolução cujas origens datavam de bem mais longe e cujas etapas aliás já indicamos; apesar disso aconteceu realmente uma espécie de transtorno, até mesmo uma inversão psíquica, como provam os mitos acima mencionados.

Em dado momento, quando começaram a cultivar os cereais, cessaram de agir como os Antigos, de se conformar, como estes o haviam feito desde sempre, a regras de conduta,

a modos de vida cuja origem se perdia nas noites dos tempos míticos. Em certo momento, o presente cessou de ser a escrupulosa repetição do passado, tornou-se futuro; inovaram e se lançaram para o desconhecido. Foi então que começou a história, essa tragicomédia em que se misturam inextricavelmente civilização e guerra, nascimento da escrita e comércio, tirania e impulso criador; pois era preciso defender esses celeiros de abundância e para isso construir muros ao redor da cidade, nomear guardas para vigiá-la. Doravante a humanidade estaria dividida em dois: de um lado os sedentários, os cidadãos, de outro os que tinham conservado o antigo modo de vida, os nômades, caçadores, pastores ou mesmo horticultores itinerantes; e por que estes não cobiçariam os tesouros dos outros, por que não se tornariam esses saqueadores contra os quais era preciso um exército para se proteger e um chefe para comandá-lo? Era preciso que as riquezas circulassem e assim nasceram os mercadores; que elas fossem contabilizadas, daí a invenção de um sistema de sinais convencionais e também de registros para neles inscrevê-los, e nasceram os escribas. De início, estes eram empregados dos templos, pois as oferendas aos deuses, as primícias de uma colheita, formavam importantes reservas. E o serviço divino, tornando-se mais complicado, exigia especialistas: foram os padres.

A história começou com os documentos escritos, neles os conhecimentos se acumulam, como o trigo nos celeiros. Com a história apareceu a noção de progresso; não há história sem progresso nem progresso sem história. Se até hoje o progresso foi considerado unilateralmente como um bem absoluto, começamos agora a discernir sua outra face. Sabemos que todo o progresso se paga e que às vezes a conta é muito alta; começamos a perceber finalmente que ele pode ser às vezes negativo, ruinoso, destrutivo e também que se trata de uma meta que sempre se esquiva.

Com efeito, se considerarmos a origem, a cultura dos cereais, somos obrigados a reconhecer que: essa vitória do homem sobre a natureza criará uma multiplicação sem precedente do gênero humano, o que exigirá a extensão das culturas, o que provocará um novo aumento demográfico, até o dia em que

não restarão mais terras cultiváveis, mais espaços vazios. Esbarraremos nos próprios limites do planeta, não sabendo mais como alimentar uma humanidade supernumerosa.

O que quer dizer exatamente a obstinada sabedoria popular quando proclama: "O povo feliz não tem história"? Não saberia ela confusamente, em seu íntimo, que a história é o progresso e que progresso e felicidade são, por suas próprias naturezas, incompatíveis, pois um quer o que não tem e o outro se satisfaz com o que tem? Essa passagem da felicidade, ou seja, da idade de ouro, para o progresso, ou seja, para a história, acha-se evocada na concepção oposta de Hesíodo, no século VIII a.C, e de Ésquilo, no século V, sobre o personagem de Prometeu. Para Hesíodo, o ladrão do fogo do céu e dos cereais é o responsável pela atual decadência humana, ele rompeu a harmonia, zombou dos deuses e desse modo introduziu o mal no mundo. A atitude de Hesíodo é portanto comparável à dos redatores do Gênese, pois se Yahvé condenou Caim, foi na realidade porque na sua presciência ele via o futuro da humanidade, que seria sua descendência: Caim construindo a primeira cidade, Tubal-Caim o primeiro a trabalhar os metais, o dilúvio, a torre de Babel, a confusão das línguas, Sodoma e Gomorra... toda essa corrupção, toda essa agressividade, todo esse orgulho e toda essa mesquinhez expressando a profunda desarmonia que seria no futuro o homem para ele próprio, e Yahvé chegaria a se arrepender de tê-lo criado.

Mas três séculos após Hesíodo, Ésquilo na sua trilogia da *Prometeide* reabilitaria o Titã. Sem Prometeu, os homens não conheceriam a domesticação dos animais nem a agricultura; dele vieram todos os bens materiais, todas as profissões e todas as ciências. Para Ésquilo, Prometeu seria aliás finalmente salvo, pois ele conheceria o segredo de Zeus, o da sua queda inevitável. O autor de *Prometeu acorrentado* via longe, pois que, efetivamente, Zeus morreria e depois dele todos os outros deuses, e sob o céu vazio restaria apenas a humanidade prometéica.

Para Hesíodo, a idade de ouro estava definitivamente terminada e o futuro só podia obscurecer ainda mais o presente, mas para Ésquilo a idade de ouro não se situava no passado,

ela ainda estava por vir. Efetivamente, nesse intervalo de três séculos que separa os dois poetas, a Grécia, e com ela toda a civilização ocidental, apostou no futuro e optou definitivamente pelo progresso. No século V, Atenas começou a cultuar Prometeu.

Progresso e profanação

Desde Ésquilo não paramos de progredir. Na sua época, o domínio do sagrado e a terra livre ainda eram imensos; com os séculos eles se encolheram continuamente a tal ponto que não existe mais lugar para o sagrado e em conseqüência a própria terra diminuiu. Outrora o mundo era inteiramente sagrado e sagrados eram os acontecimentos da vida humana, mas com o campo de cereais nasceu o terreno profano, terreno previamente despido, queimado, devastado, para deixar lugar às sementes, espaço desespiritualizado, materializado, utilitário, espaço profano senão profanado, pois rapidamente quiseram colocá-lo sob a proteção dos deuses, santificá-lo, para que fosse perdoado esse furto sacrílego. A ele opor-se-á a partir de agora o espaço sagrado, o espaço dos deuses, o do templo (profano quer dizer o que está fora do templo), porém essa superfície reservada não é outra coisa senão o espaço original, natural, ilimitado, que foi necessário limitar para impedir a usurpação que corroía cada vez mais sua extensão. A própria idéia do limite nasceu do campo, pois essa propriedade humana, de início coletiva, tornou-se logo particular, isto é, que outros se viram privados dela. Mais tarde os limites criaram as fronteiras que separariam os domínios particulares dos Estados, onde se enfrentariam os inimigos. Como o campo, o tempo e seu recinto tornar-se-iam a propriedade particular do deus. Agora, em vez de um só espaço onde se encontrariam os deuses e os homens, haveria dois: um pertenceria aos homens, o outro ficaria com os deuses. O templo, em seu significado original "o que foi cortado, afastado" (do profano), foi a porção de espaço delimitado pelo presságio no céu e sobre a terra

como pertencendo particularmente ao divino. Somente mais tarde o templo seria um edifício que construiriam naquele local; ele seria de início uma superfície preservada de natureza selvagem na qual o homem não podia pôr a mão sob pena de morte. Às vezes esse espaço era representado apenas por uma única árvore, porém gigantesca, e cujo nascimento acreditavam datar das origens, árvore sob a copa da qual se abrigava a aldeia, cujos habitantes adoravam como a um divino protetor, como os queijeiros da África negra, como os *ceibas* do México, os *pipals* hindus; nem por isso ela deixava de ser a lembrança daquele jardim edênico onde tinha nascido o homem ainda inocente.

Esse bosque sagrado onde só se podia penetrar previamente purificado sobreviveu até hoje, no próprio seio da civilização, nas reservas que conservam intactas as árvores multicentenárias em redor dos templos taoístas, shintoístas ou budistas do Extremo-Oriente e mesmo no terreno santificado que cerca ainda algumas de nossas igrejas do campo, onde os fiéis queriam ser enterrados — origem dos nossos cemitérios. Também do bosque sagrado vieram os parques nacionais de hoje, as várias espécies de reservas naturais onde esperam conservar intactas as riquezas animais e vegetais de um passado em toda parte desaparecido; isto seria um interessante ressurgimento leigo de um espírito realmente religioso, o que as nações inglesas compreenderam implicitamente chamando-os de "santuários".

Como o tempo, como o espaço, pouco a pouco a planta se tornou profana, ou melhor, nisso também houve uma cesura; de um lado as plantas sagradas e do outro as plantas profanas; de um lado as plantas úteis, do outro as ervas daninhas. O exemplo das plantas profanas foi o cereal. De fato, é espantoso que nenhum cereal seja espontâneo, original; todos nasceram da transformação das gramíneas selvagens (ver o trigo, o milho), pelo homem, por sucessivas seleções e múltiplas hibridações. Já não eram totalmente vegetações naturais e nesse caminho continuariam, quando então o homem não estaria mais refreado por suas crenças religiosas, até a fabricação de verdadeiros monstros, incapazes de sobreviverem fora do meio cada vez mais artificial criado pelo homem. Os descendentes dos primeiros cereais são vistos hoje em nossos campos onde

eles só podem se desenvolver entupidos de adubo químico e de hormônios de crescimento, protegidos por desfolhantes seletivos e pesticidas de toda espécie, cada um mais perigoso do que o outro para a saúde do solo e do homem. "Mas, como diz meu vizinho componês, não se pára o progresso."

Se esse termo de progresso só apareceu tardiamente na nossa língua — Rabelais foi o primeiro a empregá-lo —, sua aceitação atual ainda é mais recente; ela não data de muito além da grande efervescência que invadiu os espíritos no século XVIII e que devia resultar na Revolução Francesa. O desenvolvimento dessa noção seguiu as etapas que levaram ao racionalismo tacanho e pretensioso e ao Cientificismo do século XIX. Nessa época a fé no caráter ilimitado do progresso substitui a fé no infinito; ela provocou a ruptura com uma tradição até então ininterrupta e com isso a rejeição de vários conhecimentos que não combinavam mais com o novo espírito. Se no pensamento de seus promotores o progresso devia ser intelectual, se não espiritual, tanto quanto material, sabemos que finalmente o peso da matéria venceu. Cada descoberta científica só foi realmente utilizada pelo aumento de produção que ela conseguia; a diretiva de conjunto que se impôs por si mesma foi a exploração mais completa possível dos recursos do planeta que na época pensavam, com um ingênuo otimismo, ser inesgotáveis. O novo *status* do homem o colocou como o único indivíduo diante de um mundo constituído exclusivamente de objetos, portanto, abandonado às desenfreadas cobiças.

Essas etapas sucessivas se traduzem nas que modificaram pouco a pouco as relações do homem com o reino vegetal. No século XVIII, os botânicos que praticaram as primeiras hibridações sistemáticas, ainda pensavam que estavam cometendo atos ímpios contra o Criador. Esses escrúpulos foram totalmente ignorados por seus sucessores que, a partir do século seguinte, souberam melhor aproveitar os conhecimentos dos processos naturais para neles intervir. Orgulhosamente começaram a falar da "criação de novas raças". Na botânica aplicada, na agronomia como na horticultura, a descoberta por Mendel das leis fundamentais da genética que, apesar de datarem de 1869, só ficaram conhecidas nos anos 1900, e a

teoria das mutações formulada em 1900-1903 por Vries, forneceram dados teóricos que permitiram um extraordinário impulso para o "aperfeiçoamento" das plantas por meio de uma verdadeira programação.

Por mais exaltante que tenha sido esse novo passo no domínio do mundo vegetal, não devemos nos esquecer de algumas de suas conseqüências, que, aliás, só se revelaram bem mais tarde. A prioridade absoluta que foi dada à produção chegou às vezes a se voltar contra o consumidor: o gigantismo das flores e dos frutos diminui seu perfume e seu sabor; começaram a produzir rosas-repolho e morangos-tomate, cujas qualidades odoríferas ou gustativas haviam se volatilizado no caminho. Hoje, os catálogos dos horticultores tratam muito mais da aptidão comerciável dos frutos do que de sua suculência: falam de sua "excelente apresentação", de sua "longa conservação", de sua capacidade de suportar o transporte a longa distância, todas as qualidades que interessam certamente ao produtor e ao revendedor, mas muito pouco ao consumidor. Hoje somos obrigados a reconhecer que vários produtos destinados a prevenir as pragas das plantas, e correntemente empregados, são de uma "grande ação tóxica para o homem"; alguns são suspeitos de serem ligeiramente cancerígenos. Sem dúvida, as sementes tratadas com derivados orgânicos do mercúrio que as preservam dos animais predadores durante a estocagem, os limões e as laranjas revestidos de difenil antifúngico, os frutos da nossa região recobertos de uma película de produtos químicos apropriados, para lhes garantir uma conservação bem prolongada, não provocam acidentes espetaculares com a freqüência necessária para dar o alarme; no entanto o vestígio dos agrotóxicos, dos quais alguns se infiltram até a seiva e se espalham por todos os tecidos, pode ser mais perigoso ainda, pois seus efeitos só se manifestam após acumulado no organismo.

Entre os primórdios da agricultura de cereais e os da nova agricultura química e industrializada, passaram-se alguns milhares de anos — toda a história da humanidade — e no entanto a segunda estava contida na primeira como a árvore na semente. Do ponto de vista que colocamos aqui,

o progresso se traduziu por uma degradação, de início lenta e depois cada vez mais rápida, cada vez mais irresistível e finalmente inexorável, das relações entre o homem e a natureza. A aliada de outrora tornou-se a inimiga, o poder rival que é preciso dominar, domesticar, escravizar, sem que o homem se conscientize que há nisso um evidente absurdo e mesmo uma completa aberração, já que, querendo ou não, ele sempre fez parte da natureza a quem deve tudo e sem a qual ele não pode viver. É o que alguns admitem, mas que logo retrucam: se o homem faz parte da natureza, o progresso também, que finalmente é o resultado da evolução. Os grandes répteis da era secundária não faziam também parte da evolução e não se extinguiram bruscamente sem deixar outros vestígios que alguns ossos debaixo do solo? Pensando bem, trata-se de um raciocínio capcioso pois, finalmente, quem se não o homem se separou da natureza, proclamou-se seu único proprietário com direito de vida e de morte sobre todos os outros seres vivos?

Se agora ele quiser sobreviver, é a própria vida, a vida em todas as suas manifestações que pelo menos ele deverá respeitar se não é mais capaz de amá-la. Pois como vimos ao longo deste livro, todos são solidários na natureza; os animais das plantas e o homem dos primeiros e muito mais das segundas.

Contudo, há milênios, a extensão da agricultura teve como conseqüência a crescente destruição da vegetação e especialmente da cobertura florestal. Se o desmatamento apareceu como uma necessidade vital para as populações em desenvolvimento nas zonas em que as florestas ocupavam a maior parte do solo, hoje ele é ainda mais nocivo por acarretar uma superexploração florestal destruidora que, nas regiões tropicais da América do Sul e da África, por exemplo, já provocou irreparáveis estragos biológicos. Mesmo nos outros países e um pouco em toda a parte do mundo, lamentam-se os fenômenos irreversíveis de desertificação e de erosão do solo.

Portanto, num futuro muito próximo, precisaremos cada vez mais das plantas: a alimentação carnívora é ecologicamente ruinosa, ela exige grandes espaços que poderiam ser melhor utilizados e principalmente ela representa um enorme desperdício: "Da alfafa ao bezerro e do bezerro ao homem só

utilizamos um pouco mais da milionésima parte da energia solar primitiva" e são especialistas, que geralmente não têm fama de idealistas sentimentais, que nos anunciam que dentro em pouco a humanidade terá que ser vegetariana ou desaparecerá. Felizmente o número de plantas utilizáveis talvez baste para nossas necessidades. Estima-se haver cerca de 800.000 espécies vegetais no globo, mas apenas 250.000 entre elas estão catalogadas; quanto às plantas que sabemos usar, são apenas algumas centenas enquanto nossos antepassados conheciam alguns milhares. Em 1942, a invenção da penicilina demonstrou de maneira magnífica os recursos imprevistos ainda contidos no reino vegetal. Todavia, as mais brilhantes descobertas dos pesquisadores só poderão ver seus resultados livres dos limites a que estão restringidos, no dia em que tivermos compreendido intimamente o que é a vida da planta, no dia em que tivermos reaprendido o que é realmente o ser vegetal.

A verdadeira magia das plantas

Em 1966, um americano dos mais comuns teve subitamente uma idéia das mais estranhas e fez um gesto aparentemente insensato. Chamava-se Cleve Backster e trabalhava para a polícia, pois era o melhor especialista em detectar mentiras, graças a uma espécie de galvanômetro. Backster ligou um dos eletrodos do seu aparelho, encarregado de gravar as emoções dos suspeitos, a uma folha de uma planta que enfeitava seu escritório e que ele acabara de regar. Para seu grande espanto, a agulha do polígrafo reagiu imediatamente e desenhou na fita um traçado em serra, comparável ao que ela teria feito se tivesse sido ligado a um ser humano submetido a um estímulo emocional. Muito excitado com essa imprevista descoberta, Backster multiplicou as experiências, servindo-se de outras espécies de plantas e obteve resultados cada vez mais espantosos: as plantas reagiam quando, diante delas, mergulhavam camarões na água fervente e até mesmo à vista de sangue; além de parecerem sentir emoções, delas conservavam a lembrança, como ficou provado na seguinte memorável experiência: reunidos por Backster, seis estudantes de olhos vendados tiraram de um chapéu um bilhete dobrado em quatro. Um desses levava as seguintes instruções: ir num cômodo em que se encontravam duas plantas e ali, sem que os outros participantes o vissem, arrancar uma delas e pisoteá-la até sua completa destruição. Portanto a única testemunha do massacre seria a segunda planta deixada intacta. Ligando esta ao seu polígrafo, Backster fez desfilar os seis supeitos diante dela; a planta não reagiu por ocasião da passagem dos primeiros, mas assim que o culpado apareceu, o marcador começou a oscilar freneticamente.

Além disso conhecemos as célebres fotografias das auras vibrantes emanadas de folhas, realizadas fortuitamente pelos Kirlian na URSS; sabemos também que as fotografias, feitas ao mesmo tempo, de duas folhas exatamente idênticas, desenharam auras completamente diferentes; esse mistério que intrigara os fotógrafos só foi desvendado quando o botânico que lhes entregara essas folhas para exame revelou-lhes que uma das duas plantas estava atacada por uma doença latente. Assim que as experiências de Backster foram conhecidas na União Soviética, elas foram refeitas e verificadas por cientistas que logo puderam declarar que, efetivamente, as plantas eram dotadas de memória e que deveria existir uma ligação específica entre as células vegetais e o sistema nervoso humano como transmissor de informação; células vivas de natureza completamente diferente pareciam capazes de "compreensão" entre elas.

Lembraram então dos trabalhos publicados no início do século pelo grande físico e fisiologista hindu Jagadir Chandra Bose, cujas descobertas estavam tão adiantadas para sua época que não tinham recebido o devido valor. Depois de uma longa série de experiências, Bose concluíra pela semelhança das reações dos animais e das plantas, o que permitia, dizia ele, utilizar a "explicação de um fenômeno entre os vegetais, cuja estrutura é mais primitiva... a entender o mesmo fenômeno entre os animais apesar de sua organização mais complexa". Segundo ele, a ascensão da seiva e o crescimento das plantas só podiam ser explicados pelo acúmulo de uma energia em reserva retirada do mundo exterior e destinada a garantir a informação. Aliás, já que os vegetais respiravam sem pulmões nem brânquias, digeriam sem órgãos digestivos, eram capazes de movimentos sem músculos, por que não teriam eles o equivalente do que nos animais é a corrente nervosa? Se até então tinham se espantado que a planta tivesse funções que nos animais eram exercidas pelos órgãos específicos, é porque tinham se esquecido das propriedades da própria célula viva, que respira, que digere e que carrega em seu núcleo seu próprio programa; em suma, os órgãos são apenas conjuntos de células que se especializaram na execução de papéis especiais.

Quando os cientistas britânicos souberam das

experiências de Bose e de suas conclusões, estas sendo tão pouco conformes ao espírito científico da época, fizeram um escândalo. No entanto, com o passar dos anos, enquanto Bose continuava acumulando as provas, a maioria do mundo científico inglês, depois o europeu, passou a aceitar suas opiniões. Bose foi nobilitado e importantes recursos foram colocados à sua disposição. Todavia, apesar de reconhecer finalmente o valor de suas pesquisas, estas permaneciam completamente isoladas; Bose, sozinho, descobrira um mundo em que ninguém até então pensava se aventurar.

Na realidade, Sir Jagadir Bose beneficiava-se do fato de que ele abordara o vasto domínio que queria explorar sem nenhum dos preconceitos de seus colegas europeus, que canalizavam e limitavam suas pesquisas. Sendo hindu, era muito mais fácil para ele admitir essa unidade do mundo vivo, que a ciência ocidental se esforçara, em dividir, para estudá-la, criando assim barreiras que com o tempo tinham se tornado intransponíveis. Para Bose, essas divisões eram apenas artificiais e bloqueavam a exploração do desconhecido. Sobre isso ele escrevia: "A vasta morada formada pela natureza comporta várias alas e cada uma tem seu pórtico. O físico, o químico e o biólogo entram cada um por uma porta diferente, cada um para seu setor reservado do saber e cada um pensa que habita um domínio especial independente de todos os outros. É daí que advém a distinção que fazemos entre os mundos inorgânicos, vegetal e animal. No entanto, não devemos esquecer que todas as pesquisas tendem a atingir o conhecimento sob todos os aspectos."

Pouco a pouco, seus próprios trabalhos que demonstravam "a unidade fundamental que rege a aparente diversidade da natureza" levaram Bose a pensar que os resultados obtidos pelos métodos científicos modernos encontravam e confirmavam a concepção que os grandes místicos hindus, dos quais vários tinham sido verdadeiros cientistas na época, tinham do universo. Apresentando em Londres, diante da Sociedade Real, suas gravações dos efeitos da tensão e da fadiga sobre os seres vivos, mas também sobre a matéria pura, Bose, ao concluir, declarou que, quando obtivera esses mudos testemunhos,

neles percebera "um elemento de unidade onipresente que envolve todas as coisas: o átomo de poeira que estremece num raio de luz, a vida fervilhante sobre todo o planeta, o sol radioso que brilha no céu [...] Foi então, acrescentou ele, que compreendi pela primeira vez um pouco dessa mensagem que meus antepassados proclamaram às margens do Ganges há três mil anos: "Àqueles que vêem a unidade na diversidade das facetas sempre cambiantes do universo, pertence a Verdade eterna, a ninguém mais, a ninguém mais!" Mais tarde, Bose declararia: "Existiria uma relação possível entre nossa própria vida e a do reino vegetal? Essa pergunta não é mais do domínio da especulação, hoje ela exige uma demonstração real por algum método irrefutável. Ela significa o abandono de todos os nossos preconceitos, cuja maioria revelar-se-á absolutamente sem fundamento e contrária aos fatos."

Depois dos trabalhos dos Kirlian que, na URSS, além de fotografarem a aura das plantas, fotografaram também no corpo humano misteriosos trajetos de energia, que não correspondiam a nenhum sistema conhecido pela fisiologia ocidental mas que finalmente foram relacionados com os meridianos da acupuntura, podemos nos indagar se as reações "nervosas" das plantas não seriam uma espécie de modo de transmissão mais próxima dessas vias sutis do que propriamente do sistema nervoso.

É evidente que estamos apenas no primeiro estágio de um ciclo de pesquisas que já se anuncia extremamente fecundo. Aliás, os resultados que serão obtidos nesse ramo encontrarão certamente grande resistência e só modificarão muito gradualmente uma opinião que se verá obrigada a desaprender o que anteriormente, e não sem esforço, lhe tinha sido inculcado.

No entanto, por mais extraordinárias que elas sejam, as conclusões a que já chegaram nos meios científicos mais adiantados não estão tão longe das opiniões formuladas outrora por espíritos tão eminentes quanto Goethe e Darwin, ambos notáveis botânicos, ou por alguns pensadores, certamente menos geniais e mantidos em suspeição na época, como Gustav Theodor Fechner, médico, físico e filósofo alemão, na metade do século XIX. Em *Nanna ou a alma das plantas,* obra que lhe valeu os

sarcasmos dos universitários seus colegas, mas também uma popularidade que resultou em várias reedições, Fechner escrevia: "Por que deveríamos acreditar que uma planta tem menos consciência de sua fome do que um animal? Este busca seu alimento com todo o seu corpo, a planta com uma parte apenas, guiada não por um nariz, dois olhos ou ouvidos, mas por outros sentidos." Ele afirmava também que um dos principais objetivos do corpo humano talvez fosse o de servir ao desenvolvimento da vida vegetal, rejeitando o gás carbônico e oferecendo-se como alimento após sua morte. Sem dúvida, essas declarações continham uma certa dose de humor que provocou aliás muito ranger de dentes, mas para Fechner elas correspondiam também a uma necessária inversão de valores: por que admitiam tão facilmente que a planta fora criada para o homem e não o inverso?

Fechner se aproximava assim das opiniões de alguns dos maiores românticos alemães, tão sensíveis à unidade do mundo vegetal, à percepção intuitiva da vida cósmica, como Novalis, Hölderlin ou Görres, mas ele também comungava das explicações do próprio Goethe que, em sua magistral *Metamorfose das plantas,* definia uma imagem dinâmica do ser vegetal, permitindo abordá-lo como um ser "sensível-suprasensível". Essa obra deveria também inspirar as curiosas pesquisas contemporâneas feitas no domínio fitoterapêutico por certos médicos botânicos, discípulos de Rudolf Steiner, ele mesmo fervoroso goethiano.

Em suma, essa sensibilidade das plantas, essa "inteligência' ', essa' 'memória" que elas podem manifestar e que não são absolutamente desconhecidas para os verdadeiros amantes das plantas, que sabem cultivá-las "adivinhando" suas necessidades, com resultados que sempre espantam os profanos, deram a esses aficionados a reputação de serem um pouco mágicos, de terem, como se diz, o' 'dedo verde", expressão aliás muito justa pois ela reconhece que esse poder não vem do raciocínio e menos ainda dos conhecimentos obtidos do exterior, e sim de uma espécie de intuição direta dos "desejos" da planta. Que essa profunda compreensão seja sentida por esta e que ela possa expressar, além da satisfação, uma espécie de' 'gratidão", é o que

acreditavam aqueles que por várias vezes tinham observado os evidentes resultados de seus cuidados. Ora, essa crença que eles teriam vergonha em confessar, a tal ponto ela contrariava as idéias feitas, a ciência talvez se encarregue de embasar solidamente. As experiências de Backster e de alguns outros pesquisadores já provaram desde agora que existe uma estreita ligação entre a planta e a pessoa que cuida dela e que essa ligação poderia até ser mantida a distância, pois a planta seria capaz de reagir espontaneamente aos incidentes sofridos ou às sensações sentidas ao longe por seu proprietário. Elas também revelaram que as plantas sabem muito bem reconhecer as pessoas que sentem por elas uma hostilidade ou um desprezo indiferente, das que têm por elas um sentimento de simpatia. Em resumo, as reações da planta nesse ponto se parecem muito com as de um animal doméstico. Somos obrigados a concluir que os seres vegetais não são absolutamente diferentes de nós como pensamos, o que é facilmente explicável, pois evolutivamente descendemos de uma mesma origem e, como as plantas, somos apenas algas transformadas. Tudo isso pode e deve nos levar a reconsiderar de maneira radical nossas relações com o mundo vegetal e talvez preparar uma colaboração mais intensa com ele.

No livro destinado ao grande público e intitulado *A erva,* o escritor científico russo Vladimir Solukhin se indigna da indiferença generalizada para com a vegetação que nos cerca; ele se queixa dos tecnocratas dos escritórios, dos exploradores florestais, dos cultivadores e até dos horticultores e dos floristas, acusando-os da tremenda dilapidação do nosso patrimônio vegetal de que são os primeiros responsáveis, mas de sua incompreensão do papel absolutamente vital que as plantas desempenham no mundo, e ele conclui: "Nós pisoteamos a erva até transformá-la em pó, nós despimos a terra a golpes de escavadeira e de trator, nós a recobrimos de cimento e asfalto fervente. Para nos livrarmos dos resíduos que nossas máquinas infernais nos legam, jogamos nela o diesel, o lixo, os ácidos, os álcalis e outros venenos. Será que dispomos de tanta erva assim? Quanto a mim, imagino facilmente o homem reduzido a viver num deserto infinito e desolado, depois de uma catástrofe cósmica ou talvez simplesmente de origem humana."

JACQUES BROSSE
AS PLANTAS
E SUA MAGIA

FLORA MÁGICA

JACQUES BROSSE
AS PLANTAS
E SUA MAGIA

Abóbora

No conto de Perrault, *Cinderela,* a fada madrinha diz à moça: "Vá ao jardim e traga-me uma abóbora." Cinderela foi imediatamente colher a mais bela que encontrou e a trouxe à sua madrinha, não podendo adivinhar como essa abóbora poderia levá-la ao baile. Sua madrinha a cavou e só tendo deixado a casca bateu nela com sua varinha e a abóbora logo se transformou numa bela carruagem dourada.

Nos Estados Unidos, no *Halloween,* esvaziam-se também as abóboras, mas para fazer com elas enormes cabeças vermelhas, com olhos e uma boca enfeitada de dentes pontudos, dentro das quais coloca-se uma vela. As crianças, fantasiando-se de esqueleto, com os ossos pintados de branco sobre uma roupa preta, escondem seus rostos numa abóbora esvaziada. Essas figuras grotescas não são nada menos do que fantasmas, porém exorcizados, pois *Halloween* que vem de *hallow,* "consagrar, santificar", se festeja na véspera do dia de Finados, a festa dos mortos; outrora acreditavam que eles voltavam à terra nessa data. Ora, a volta dos defuntos, que repousam sob a terra com as sementes que mais tarde germinarão, anuncia, na entrada do inverno, a promessa do renascimento primaveril. Por isso, outrora na Bretanha as abóboras guardavam uma relação com a Ressurreição; dizia-se que os grãos que eram semeados na sexta-feira santa davam pés de abóbora grandes como carvalhos. Se a abóbora é o símbolo da abundância e prosperidade, não é apenas porque ela é o maior dos frutos da terra mas porque ela está cheia de inúmeras sementes, embriões de uma vasta descendência. Esta é a razão pela qual a consideravam, na China, como o primeiro dos legumes, o imperador dos vegetais. Os tai do norte do Laos chegavam a ver nas abóboras, presas pelo talo que formava o eixo do mundo, o lugar de suas origens. Esses frutos continham todas as raças

humanas, todas as variedades de arroz e o texto de todas as ciências secretas. Fonte de vida, a abóbora era por isso o símbolo da regeneração e para os taoístas suas sementes eram o alimento da imortalidade. Elas deviam ser consumidas na primavera, quando predomina o *yang.* Que esse simbolismo seja universal prova o que, em seu *De orbe novo* (1527), já contava Pierre Martyr sobre as crenças de certos índios da América, que viam na abóbora o ovo cósmico de onde teria saído o mundo.

O mais curioso é que não se conhece com certeza a pátria das cucurbitáceas. Segundo as hipóteses mais recentes, elas teriam sido cultivadas há muito tempo na América: a abóbora-menina (*Cucurbita maxima*) seria originária do Brasil, a abóbora-moranga (*Cucurbita pepo*) do México; quanto ao cabaceiro-amargoso (*Lagenaria leucantha*), foi por vezes encontrado em grande quantidade, nos túmulos peruanos pré-colombianos. Porém não se sabe como nem quando as cucurbitáceas chegaram à Europa e muito menos de que maneira o cabaceiro foi cultivado na China antes do século I a.C. Seriam de se supor relações antiquíssimas entre o Extremo Oriente e o Novo Mundo.

Abrótano

Apesar de ser uma *Artemísia* assim como a artemísia comum ou a losna, o abrótano ocupa no grupo um lugar completamente à parte. Não sendo nativo da França, foi introduzido pelo sul da Europa no século XV. *Artemísia abrotanum* foi muito cultivado e mesmo bastante popular, como provam seus inúmeros apelidos. É chamado de capim-limão — como aliás várias outras plantas que só têm em comum o cheiro, por causa do perfume refrescante, aromático e agradavelmente acidulado que ele exala, principalmente quando amassamos suas folhas — mas também "guarda-vestido", pois tem a reputação

de afastar as traças dos armários, e "bêbado", o que parece ser apenas uma corruptela do seu nome grego *Abrotonon.* Esse arbusto de 1m a l,50m de altura, cujas folhas acinzentadas são cortadas em tiras e cujas flores amareladas formam capítulos densos e numerosos, só é plantado atualmente em nossos jardins por seu perfume. Mas outrora, pelo menos até o século XVII, ele era uma planta medicinal. Para os gregos chegava a ser objeto de uma grande veneração, o que é refletido em seu nome. *Abrotonon* vem efetivamente de *abrotès,* "felicidade, prosperidade, magnificência", mas também "delicadeza, requinte", e *abrotès* vem ele mesmo de *abrotos,* "imortal, divino".

Atribuíam tantos poderes divinos a essa planta, que no século IX, no seu *Hortulus* (Pequeno Jardim), o monge erudito Wahlafrid Strabo dizia que ela possuía quase tantas virtudes quanto o número de folhas. Para os gregos, o abrótano tinha a reputação de ser soberano contra os resfriados, mas também de combater a calvície e de afastar as cobras; finalmente, possuía a fama de ser principalmente afrodisíaco, o que pode parecer contraditório com o que dissemos sobre as artemísias em geral. Mas se o abrótano era, como as outras, consagrado a Ártemis, ele era considerado macho, enquanto a artemísia e a losna eram plantas fêmeas e reservadas às mulheres. Em francês, *Artemísia abrotanum* se chama artemísia macho, em antigo inglês era chamado *old man,* "o velho" e em alemão *Eberraute* ou *Eberreis,* de *Eber,* que quer dizer javali macho. Podemos assim nos indagar se, em segredo, a tão casta Ártemis não teve assim mesmo algumas fraquezas, e, para dizer a verdade, a mitologia nos conta pelo menos uma: a paixão que a deusa sentiu por Órion, que ela teria certamente desposado se Apolo, irmão ciumento, não tivesse intervindo e, ardiloso, tivesse feito o sacrílego morrer flechado pela própria Ártemis. Mas no fundo, o que Ártemis queria conservar a todo custo talvez não fosse sua castidade e sim seu aspecto juvenil, que seria comprometido pela maternidade.

Alecrim

No Livro de Horas que teria pertencido a dona Isabel, rainha da Hungria no século XIV, foi encontrada, dizem, a estranha declaração: "Eu, dona Isabel, na idade de setenta e dois anos, muito doente e com gota, usei durante um ano inteiro a seguinte receita obtida de um ermitão que nunca vi nem pude ver: desde então ela me fez tanto bem que ao mesmo tempo fiquei curada e recobrei minhas forças, de modo que elas parecem saudáveis a todos; o rei da Polônia quis me desposar, o que recusei por amor de Jesus Cristo e do Anjo de quem recebi, creio eu, a dita receita."

Esse testemunho foi a origem dessa moda extraordinária, no século XVII, do alcoolato de alecrim com o nome de "Água da rainha da Hungria". Realmente existiu no século XIV uma rainha da Hungria, chamada aliás não Isabel e sim Elisabeth. Nascida em 1300, era filha de Ladislau, rei da Polônia e desposara Charles Robert d'Anjou, bisneto do irmão de São Luís e rei da Hungria; essa rainha Elisabeth morreu em 1380, justamente no castelo de Bude onde foi encontrada a declaração. Esta permaneceu um pouco suspeita por ter sido publicada bem a tempo de garantir o lançamento desse remédio realmente milagroso. No entanto foi certamente no século XIV que o célebre alquimista e místico catalão Ramon Lull destilou pela primeira vez a essência de alecrim.

Seja como for, somente no século XVII a Água da rainha da Hungria conheceria uma glória sem par como água de toalete, conservando maravilhosamente o frescor da tez e a doçura da pele. Se ela não fez mais milagres, pelo menos absorvida em infusão ou, exteriormente, em massagens, ela aliviava os reumáticos — a começar pelo próprio Luís XIV — e era soberana contra qualquer perturbação de origem nervosa. Muitas grandes damas nunca se separavam de seus frascos de Água da rainha da Hungria, como Madame de Sévigné que escreveu à sua filha, Madame de Grignan: "Ela é divina; agradeço mais uma vez;

embriago-me com ela todos os dias; levo-a no bolso. É uma loucura como o tabaco; quando nos acostumamos não podemos dispensá-la... É o alívio de todos os males." Em suma, a Água da rainha da Hungria combatia os' 'vapores" como mais tarde, no século XIX, a água de flor de laranjeira.

Durante muito tempo ignorou-se a composição desse maravilhoso licor. Ela só foi revelada pela análise feita no século XVIII pelo padre Rousseau, capuchinho e médico do rei. Souberam então que ela extraía o essencial de seus poderes das flores do alecrim, destiladas e fermentadas com mel.

O alecrim e suas virtudes já eram conhecidos há muito tempo. Os gregos o tinham em alta estima. Para os romanos que o chamavam ' 'orvalho marinho", nome que conservou em francês e também em alemão e inglês, o alecrim garantia aos mortos uma estada tranqüila no além; por isso ele era colocado sobre os túmulos e queimado como incenso. Na Idade Média, o alecrim era plantado em todos os jardins e principalmente nos dos conventos, onde os cultivavam os simples; assim, trataram de relacioná-lo com a mitologia cristã. Ao descansar ao lado de uma touceira de alecrim, durante a fuga para o Egito, a Virgem Maria teria pendurado nela as fraldas do Menino Jesus; desde então, as flores desse arbusto têm a cor do céu e desabrocham no dia da Paixão; além disso o alecrim nunca ultrapassa a altura que Jesus teve durante sua existência humana.

Se de todos esses dados aparentemente heteróclitos tentamos fazer uma síntese, vemos imediatamente aparecer uma linha que liga o culto dos mortos à esperança de rejuvenescimento, ou pelo menos à promessa de ressurreição. Mas por que razão esse belo arbusto em moitas de esguias folhas resistentes, verde-escuras e brilhantes em cima, feltradas de branco no avesso — e que no estado selvagem é encontrado principalmente no maqui e nas charnecas das margens do Mediterrâneo — estaria em condições de justificar uma reputação tão antiga?

Para a fitoterapia moderna, o alecrim é um excelente estimulante, um cardiotônico, além de antiespasmódico; ele aumenta a secreção biliar e a purifica; é também empregado sob

a forma de pomada como cicatrizante e como antisséptico, além de combater os reumatismos articulares. Finalmente, é um poderoso emenagogo. Portanto, a ação do alecrim é principalmente purificadora, o que explica, pelo menos em parte, os poderes que lhe atribuem. Mas nesse caso, como acontece muitas vezes, a planta sofreu um processo de dessacralização. Reservada ao culto entre os antigos, tornou-se oficinal na Idade Média, depois caiu para o nível de condimento, usada principalmente na cozinha provençal e italiana, especialmente com a carne de carneiro que ela aromatiza agradavelmente.

Porém essa injusta decadência só podia ser provisória, já que, afinal, as lendas sobre as plantas eram apenas uma maneira de realçar suas virtudes. Podemos dizer hoje que elas eram destinadas a criar um condicionamento psíquico prévio que tornava ainda mais eficientes suas reais propriedades.

Amanita mata-moscas

Nas tribos siberianas arcaicas o xamã é aquele que assegura a comunicação entre o visível e o invisível, entre o mundo dos defuntos e dos deuses e o dos homens, e essa relação é indispensável à vida da coletividade. Quando as forças maléficas ameaçam o grupo, quando um dos seus membros adoece gravemente, somente o xamã, que tem o poder de alcançá-las nas origens, é capaz de combater as forças invisíveis ou de conquistar sua complacência. Para penetrar no mundo dos espíritos, inacessível aos profanos, é preciso que ele chegue ao êxtase que o faz sair de si mesmo e lhe permita ir em busca da alma que fugiu do corpo do paciente, ou de descobrir as intenções das forças sobrenaturais em relação à tribo. Para realizar essa viagem no além, na quarta dimensão, o xamã utiliza os poderes especiais do amanita mata-moscas. Freqüentemente representado na imagística popular e nos livros infantis, que

muitas vezes são o reflexo de antigas tradições esquecidas ou desprezadas pela sociedade adulta, o amanita mata-moscas, com seu chapéu vermelho vivo, salpicado de branco como flocos de neve e com um pé branco-de-giz, munido de uma elegante colerete, é uma espécie de protótipo do cogumelo. O surpreendente esplendor dessa jóia natural, a subitaneidade de seu aparecimento no início do inverno, nos locais em que na véspera só havia restos de vegetação morta, a forma de ovo que ele tem antes de se abrir, a extraordinária rapidez do seu crescimento, não são eles indícios certos do seu caráter mágico?

Se esse cogumelo se tornou célebre é porque efetivamente ele possui poderes muito estranhos. Uma hora depois de o ter comido, o rosto se ilumina, as pupilas se dilatam, o corpo é invadido por arrepios. Pouco a pouco cresce uma excitação mais ou menos erótica que incita à ação física, o que se traduz por danças, cantos acompanhados de exclamações e risos ruidosos. As vezes surgem bruscos acessos de cólera que são aliviados por injúrias e também gritos. Então o paciente dá a impressão de combater encarniçadamente contra vários inimigos. Para ele, a realidade percebida por seus sentidos se tornou outra, os objetos não têm mais a fixidez habitual, eles aparecem como nós de vibração e mudam continuamente de forma e de sentido. A realidade, toda a realidade se tornou fluida e móvel. A essa fase agitada sucede uma espécie de abatimento; visto de fora, o paciente, pálido e completamente imóvel, parece mergulhado em intenso estupor.

É nesse momento, segundo o próprio relato dos xamãs siberianos, que acontece a viagem extática ao céu, ascensão ritual que é às vezes acompanhada de um vôo mágico. Sob a égide dos seus espíritos protetores, o xamã encontra os seres divinos com quem quer falar. Antes porém, ele teve que renunciar à sua identidade, à sua encarnação, o que se manifesta pelo despedaçamento do seu corpo, que ele já teve que sofrer durante sua iniciação, seguido da serena contemplação do seu próprio esqueleto. Esses estranhos fenômenos psíquicos, que quiseram comparar aos sintomas de uma doença mental, diferem desta visivelmente, pois trata-se de uma crise voluntariamente e artificialmente provocada. Senão, seria preciso

reconhecer que os loucos têm poderes mas não sabem utilizá-los, enquanto o xamã sabe controlá-los e empregá-los da melhor maneira.

Tentemos agora imaginar os sentimentos dos nossos remotos antepassados quando, durante a longa pesquisa que faziam no mundo das plantas para encontrar as que podiam utilizar, encontraram o amanita mata-moscas e seus poderes. Essa descoberta deve ter sido para eles uma verdadeira revelação sobrenatural. Como se, subitamente, tivessem sido fulminados, e então o cogumelo viria a lhes abrir os olhos, permitindo-lhes ver o avesso do mundo, ou seja, sua realidade geralmente escondida pelas aparências. Eles foram tomados por um profundo sentimento de respeito e de gratidão.

Os etnólogos que puderam assistir às sessões xamânicas ficaram surpresos e um pouco chocados de ver que, muitas vezes, aquele que fora o primeiro a comer o amanita, ao sentir diminuir os efeitos da intoxicação, recolhia sua própria urina e a bebia ou a dava a beber a um de seus assistentes. É efetivamente uma das curiosas propriedades do princípio ativo desse cogumelo; ele se encontra intacto na urina, o que prova que apenas atravessou o corpo, que só serve de catalisador — aliás, o mesmo ocorre com o ácido lisérgico e provavelmente com os outros alucinógenos. Mas de que maneira os siberianos descobriram essa particularidade? Muito provavelmente observando as renas de seus rebanhos, pois além delas serem apreciadoras de amanitas, são ávidas de urina, mesmo humana. Em suma, nesse caso também o homem apenas imitou os animais que sabem por instinto o que muitas vezes ele ignora. Em outro caso, completamente diferente, foi da observação da construção dos ninhos de vespas que nasceu a invenção do cartão.

É claro que ao mesmo tempo que descobriam o interesse que apresentava o consumo da amanita, reconheciam seus perigos. Por isso ele foi reservado àqueles que, desde o nascimento, tinham sido eleitos por seus talentos especiais. Suas aptidões espontâneas em chegar ao êxtase foram incentivadas e desenvolvidas, pois eles tinham um papel na tribo em proveito de

todos. Somente eles sabiam usar corretamente as virtudes do cogumelo ou das outras plantas psicodélicas, somente eles, graças a essas virtudes, chegavam ao êxtase, palavra que, literalmente, designa a saída do corpo, o vôo da alma liberta do peso terrestre; somente eles, principalmente, eram capazes de fazer bom proveito disso. Para os outros, o consumo da planta sagrada apresentava riscos demais contra pouco proveito; portanto ele lhes foi proibido, salvo em certas circunstâncias e somente comandado por um guia esclarecido, um xamã, como o veremos em relação ao peiote. Pouco a pouco, à medida que as religiões se afastavam desse acordo com a natureza, dessa harmonização cósmica de onde tinham vindo, o culto da planta tornou-se um segredo reservado unicamente aos iniciados. E no entanto essa técnica extática nunca desapareceu completamente, ela continuou fluindo como uma corrente e se tornou subterrânea através das civilizações.

Alguns povos, mantidos afastados por sua situação geográfica, conservaram essa técnica intacta até hoje; foi assim com o amanita, pelas tribos arcaicas da Sibéria, e com o peiote pelas populações dos altos planaltos do México. Graças a eles, e também graças aos audaciosos pesquisadores ocidentais, a existência desses poderes foi redescoberta na época moderna; a bioquímica pôde até explicar em parte por que processo orgânico eles agem. Dessa maneira, muitas lendas e tradições que haviam permanecido até então incompreensíveis nos revelam o seu sentido; assim pôde ser redescoberta a sutil ligação que une a maioria das experiências iniciáticas do mundo, por mais diferentes que elas pareçam ser à primeira vista, dos Mistérios de Elêusis às visões místicas dos rishis da antiga Índia. Precisamente, nesses dois casos, segundo certos autores, o veículo seria o mesmo: tratar-se-ia do cogumelo alucinógeno. Se a lei do silêncio foi tão bem observada — durante dois milênios em Elêusis —, não foi apenas por prudência ou gosto pelo segredo, mas também porque a revelação recebida era em si inefável e ela teria sido incompreensível para os profanos.

Os poderes secretos do amanita mata-moscas mostram as razões por que o chamaram "cogumelo dos loucos" e o

associaram ao sapo, animal venenoso inquietante e considerado satânico. Observaremos que o sapo é um grande consumidor de insetos; isso o identifica com uma particularidade do amanita que espantou os homens ao ponto deles a mencionarem no nome geralmente dado a essa espécie. Com efeito, o amanita mata-moscas. Para ter certeza disto, basta deixar um desses cogumelos sobre uma mesa e o encontraremos no dia seguinte cercado de moscas mortas; isto se deve à presença da muscarina que é realmente um veneno, mas se encontra aqui presente em doses tão baixas que é completamente inofensivo ao homem.

Todas essas características, efetivamente singulares, explicam a indecisão que reina quanto à toxicidade desse cogumelo, considerado extremamente perigoso por alguns, mas, ao contrário, consumido habitualmente e sem prejuízo em certas regiões da Europa.

Na realidade, a funesta fama do amanita mata-moscas vincula-se provavelmente ao fato dele ser parente próximo do terrível *Amanita phalloide,* o cogumelo mais tóxico que existe; inexiste praticamente um remédio contra seu veneno mortal; os sintomas do envenenamento só se manifestam horas (até quarenta e oito) após a sua ingestão. Felizmente é impossível confundi-los; o chapéu do *Amanita phalloide* tem um tom verde-amarronzado. E o mesmo se dá quanto aos dois outros amanitas mortais, o amanita viroso e o amanita primaveril, que são brancos. Em compensação, os amanitas vermelhos, além de inofensivos, têm um gosto excelente: são o amanita avermelhado e o amanita dos césares, também chamado laranja verdadeira, enquanto o amanita mata-moscas é o falso laranja. Praticamente são as duas únicas espécies que podem ser confundidas; e isso se não os observarmos atentamente, pois o chapéu do amanita dos césares é laranja e não carmim, e não possui escamas brancas; seu pé não é branco e sim amarelo.

Arroz

Alimento principal de mais da metade da humanidade, e isso nas regiões mais populosas do mundo, o arroz é o único cereal capaz de alimentar uma população tao densa, nessas regiões ricas de água, mas pobres em combustível — pois seu cozimento é tão simples quanto rápido — e principalmente fervilhantes de mão-de-obra necessária. De fato, o arroz é um dos cereais cuja cultura exige os maiores cuidados e que dá mais trabalho. Para instalar um arrozal é preciso previamente cuidar do solo, que deve ser perfeitamente horizontal, mesmo nas encostas das colinas, cavar canais, elevar diques, trazer água até eles e canalizá-la com cuidado. O arroz, primeiro plantado em mudas, é replantado, quando atinge de 10 a 12cm, na lama do arrozal, cujo nível deve ser rigorosamente regulado segundo o crescimento da planta. Trata-se de um modo de cultura muito especial, exigindo pessoal qualificado. Ele não se presta à mecanização, e o crescimento de sua produção, apesar de demograficamente necessário, em muitos casos permanece limitado.

Além disso, se o arroz alimenta toda a Ásia das Monções, ele a alimenta bastante mal. É o cereal mais pobre em matérias azotadas, e estas estão contidas, bem como as vitaminas B, na casca marrom, a glumela, do grão. Descascando este e polindo-o como se faz geralmente, tira-se do arroz uma parte importante de suas qualidades nutritivas. O emprego exclusivo do arroz branco é responsável pelo beribéri, doença provocada pela carência da vitamina B.

Encontrado em estado selvagem nas regiões tropicais da Índia e da península indochinesa, o arroz teria sido cultivado na Tailândia numa época remota, entre 4000 e 3500 a.C; daí sua cultura se espalhou pela China antes do início do III milênio. No ano 2700 a.C. o imperador legendário Chen Nong (o Divino Lavrador) teria instituído o cerimonial destinado a homenagear as cinco espécies vegetais mais preciosas para o país e que foi renovado anualmente ao longo de quase toda a du-

ração do império; nessa cerimônia, o arroz devia ser semeado pelo imperador reinante em pessoa. O Japão só conheceu o arroz pela China; portanto é na aurora da história que a religião nacional, o xintoísmo, fala de seu aparecimento sobre a terra nipônica. Ele teria sido trazido pelo príncipe Ninigi, neto de Amaterasu, e durante um cerimonial o imperador do Japão degustava o arroz em companhia da deusa solar de quem ele era longínquo descendente. Na Índia, a cultura do arroz é pelo menos tão antiga quanto na China, e era provavelmente praticada no sul pelos dravidianos, muito antes da invasão ariana. Da Índia, esse cereal alcançou a Pérsia e a Mesopotâmia.

Foi ali que os gregos o encontraram pela primeira vez durante a expedição de Alexandre o Grande. Seu nome grego *oryza,* que resultou em arroz, é certamente de origem iraniana. Mas se o arroz entrou na Europa por volta de 330 a.C. sua cultura não começou antes dos séculos VII ou VIII.

Artemísia

Na realidade são várias, bem diferentes em seus aspectos, porém ainda mais em sua utilização, pois uma delas é a losna e uma das outras o estragão. No entanto todas têm o mesmo nome genérico latino *Artemisia*, o que os consagra à deusa grega Ártemis. Que ligação existiria entre essas plantas e a irmã gêmea de Apolo, a incansável caçadora que corria os bosques da Arcádia, acompanhada por uma tropa exclusivamente feminina? Sobre isso os antigos textos não são claros. Eles têm suas razões; trata-se de um segredo para os homens, mas podemos descobrir esse segredo se soubermos ler nas entrelinhas. Ártemis, deusa arcaica, foi a antiga domadora das feras — a *potnia therôn* da Ilíada; ela as caçava, mas também as protegia dos homens, como o fazia com toda a natureza selvagem que ela preservava intacta, bem como ela própria

queria permanecer. Em grego, *artemisia* significa integridade e também, mas apenas por extensão, boa saúde. Portanto, Ártemis era uma divindade casta e fazia questão disso. Actéon aprendeu isso por conta própria, quando, por infelicidade, foi caçar no território da deusa e a viu banhando-se com suas companheiras. Assim que ela descobriu o intruso sacrílego, Ártemis o metamorfoseou em veado e o fez ser despedaçado por sua própria matilha, punição exemplar pela inversão de papéis: o caçador sofrendo por sua vez a dor que impunha às feras. O ódio de Ártemis pelos homens, os machos, se manifestava por outras características; era o próprio amor que ela detestava na pessoa de sua rival Afrodite.

Ártemis era a protetora das mulheres, especialmente das que, como ela, tinham sabido permanecer intactas, as moças, as virgens. No Oriente, ela era a chefe das Amazonas, essas ousadas revoltosas que, não contentes em escapar à dominação dos homens, os perseguiam com armas. Em termos modernos, poderíamos dizer que Ártemis é a madrinha do movimento feminista, latente em toda antigüidade comandada pelos homens e sua profunda misoginia e do qual percebemos os vestígios, por exemplo, nas *Bacantes* de Eurípides, ou numa forma paranóica na *Assembléia das mulheres* de Aristófanes.

Ora, as *Artemisias* são, na verdade, presentes da deusa às suas protegidas, as mulheres. Em sua antiga utilização medicinal, a artemísia (*Artemisis vulgaris*) tinha a fama de facilitar os partos e principalmente regularizar o ciclo menstrual; da. mesma forma o absinto, considerado emenagogo, isto é, capaz de provocar as regras quando elas atrasam.

Ora, quando é que elas atrasam? Inútil, penso eu, de lembrar. Na realidade, artemísia e losna eram utilizadas como abortivas. Todas o sabiam mas nada diziam. E foi por isso, para confundir as pistas, que certos botânicos (eram, curiosa coincidência! um abade e um cônego) afirmaram, contra toda evidência, que o nome *Artemisia* vinha de uma rainha de Halicarnasse, sem aliás — é claro — precisar qual delas, pois havia duas com o mesmo nome. Porém as denominações populares dessas plantas não respeitaram esses pudores

eclesiásticos, e conservaram ingenuamente os vestígios dessas utilizações proibidas. Em inglês, a artemísia chamava-se outrora *Motherwort,* que pode significar "o que é bom para as mães" pois, como vimos, a artemísia parece favorecer os partos; mas também, de maneira mais clara, *felon herb,* isto é, a "erva criminosa", o que a designaria como abortiva. Quanto à losna, era antigamente em inglês *the old woman,* "a velha": eis o que mostra o emprego que dela faziam as mulheres do campo, como outrora as gregas e as romanas, para combater as perturbações da menopausa. Finalmente a losna marítima (*Artemísia marítima*) tem em francês como nome vulgar *sanguenitte,* o que dispensa comentários, mas também *barbotine* o que, ao contrário exige um: *barboter* significa debater-se na lama, como o pato, e, no sentido figurado, "viver num estado miserável e vergonhoso"; esse estado vergonhoso não seria aquele do qual uma mulher só sai quando se livra de seu "fardo"?

Desde então ficou definido, assim nos parece, o papel das artemísias, a natureza da ajuda que por elas Ártemis traz às mulheres. Que elas facilitem os partos, o nascimento, pode parecer *a priori* pouco conforme ao temperamento da casta deusa, e provavelmente essa seria apenas uma função secundária, derivada; em compensação, as artemísias permitem atravessar mais facilmente as etapas penosas que cadenciam a vida de uma mulher: puberdade e menopausa. As protegidas especiais de Ártemis eram as meninas: antes de concordar em afastar de Atenas uma epidemia de peste que ela provocara para se vingar de uma ofensa, Ártemis exigiu que lhe consagrassem doravante as meninas impúberes, aquelas que ainda não conheciam as calamidades da menstruação, mas também as mulheres que delas já estavam libertas pela idade. Quanto às outras, a deusa as ajudava como podia, regularizando o fluxo menstrual, ligado às fases da lua de quem ela era a deusa. Finalmente, se uma delas tinha o ciclo perturbado, Ártemis lhe permitia abortar; certamente uma tal misericórdia pode surpreender, vindo de uma deusa tão intransigente, mas não liberava ela dessa forma a mulher da impregnação do macho detestado?

Se o segredo das virtudes muito especiais das artemísias só permaneceu conservado no interior dos campos, em compensação sua utilização como vermífugo, já muito conhecida dos gregos, continua bem atual. Em inglês, losna se chama *wormwood,* "madeira-verme". Mais curioso ainda é o nome que lhe dão, às vezes, em alemão, *Grabkraut,* "planta dos túmulos", o que se refere ao uso que se fazia outrora na região de Colônia; colocavam a losna sobre o túmulo dos amigos, mas não seria justamente para protegê-los dos vermes do sepulcro? Esse poder anti-helmíntico das artemísias está ligado às propriedades secretas que acabamos de expor. Nos dois casos não se trata de expulsar do corpo um corpo estranho? Em muitas tradições, como na psicanálise, o feto é considerado um parasita que vive em detrimento do organismo maternal.

O vermífugo por excelência na farmacopéia tradicional é uma artemísia que cresce nas estepes salgadas entre o mar Cáspio e o mar de Aral, a *Semen contra* (*Artemisia cina*), o "grão contra" (os vermes) dos boticários de outrora, que só conheciam aliás na forma de um pó enviado já seco do Levante e cuja proveniência ignoravam. Porém esse remédio era muito perigoso, pois podia provocar espasmos, vertigens e também alucinações indo até o delírio; por isso só o utilizam atualmente em doses infinitesimais na homeopatia.

Se a losna é também um vermífugo, ela é muito mais conhecida por suas propriedades tônicas e estomacais que vêm de seu extremo amargor. "Entre outras virtudes admiráveis, afirma em sua edição de 1572 a célebre *Maison Rustique,* a losna reconforta o estômago inchado pelos humores biliosos [...] e por causa disso existe um vinho feito de losna e chamado absinto". O absinto, em suma, "mata o bicho", assim como se diz, de maneira figurada, na linguagem popular. O uso do absinto como aperitivo é portanto bem antigo. Em compensação, o abuso dele é moderno. No início deste século, o absinto se tornara o pior de todos os flagelos sociais, muito mais perigoso do que são hoje as drogas; seu consumo quintuplicara em vinte anos e foi preciso proibir sua fabricação no início da guerra de 1914. O absinto provocaria uma

degenerescência irreversível que se traduziria por perturbações motoras, sensoriais e psíquicas muito mais graves do que as do alcoolismo comum; elas conduziriam rapidamente a um estado de embrutecimento e de estupor, depois a uma profunda decadência sem cura.

A artemísia e a losna são plantas muito comuns, principalmente a primeira que cresce nos locais incultos, terrenos, pousios, ruínas, por exemplo, e ao longo das vias férreas em toda a França. Aliás ela é fácil de se achar. É uma planta grande — de 1,20 a l,50m de altura — de caules canelados, muitas vezes avermelhados, com folhas profundamente chanfradas, verdes e lisas em cima, brancosas e peludas no avesso; suas flores, muito pequenas e amareladas ou avermelhadas, formam longas espigas no alto dos caules e desabrocham de julho a setembro.

Planta mágica pagã, a *Artemisia vulgaris* foi incorporada ao folclore cristão com o nome de erva-de-são-joão, pois além de começar a florir no final de junho, era utilizada por ocasião das fogueiras tradicionais que festejavam o solstício de verão. Os rapazes que dançavam em volta dessas fogueiras levavam guirlandas de artemísia que depois lançavam nas chamas, para serem imunizados contra as doenças durante todo o ano seguinte, o que era uma maneira de respeitar um antiquíssimo rito pagão, cristianizando-o.

A losna se parece com a artemísia, mas ela é facilmente distinguível por seu tamanho muito menor — 50 a 60cm em média, sempre menos de 1m — e por sua folhagem prateada muito recortada; suas flores, pequenas, amarelas e globulosas, formam abundantes cachos terminais. Além do mais, se persistir uma dúvida, basta amassar suas folhas que exalam um cheiro forte e aromático, facilmente reconhecível. A losna também cresce nos locais incultos, secos e rochosos, por exemplo, na beira dos caminhos, mas ela está menos espalhada do que a artemísia.

Quanto à losna marítima (*Artemisia marítima*), ela só cresce nos terrenos salgados e nos pântanos litorâneos, no litoral

da Mancha e do Oceano; está ausente das margens do Mediterrâneo. Menor do que a verdadeira losna — seu caule só cresce até 30 ou 40cm —, ela é inteiramente branca ou esbranquiçada e tomentosa, com folhas extremamente recortadas. Suas flores de cor amarronzada formam cachos, muitas vezes pendentes, e aparecem tarde, em setembro e outubro. Muito menos cheirosa do que a outra losna, é no entanto preciosa na farmacopéia, pois seus grãos fornecem, como *a Artemisia cina,* sua parenta próxima, um enérgico vermífugo.

Às vezes utilizamos a artemísia comum na alimentação. Na época em que não se conhecia ainda o emprego do lúpulo, ela servia para perfumar a cerveja na Inglaterra; atualmente é ainda empregada na Alemanha para temperar as aves, especialmente o ganso. Mas é principalmente uma outra espécie, *a Artemisia dracunculus,* que desempenha na cozinha um papel insubstituível: essa artemísia nada mais é que o estragão. Finalmente, várias *Artemisia*, todas alpinas, são muito conhecidas com o nome de genepi.

Essa vista d'olhos ficaria incompleta se não mencionássemos pelo menos brevemente as *Artemisia* da China, em virtude do emprego especialíssimo que fazem delas, mas que começa a se espalhar no Ocidente. Se a medicina tradicional chinesa concorda com a fitoterapia ocidental nas qualidades que reconhece nas artemísias — elas são empregadas como vermífugo e em fumigação, contra os insetos que picam —, ela também tira partido da penugem abundante que cobre as folhas de certas espécies, com a qual faz uma espécie de mecha. Com esta fabricam pequenos cones que são acesos, deixando queimar lentamente num certo ponto do corpo do doente até que a pele arda. Aliás, esses pontos são cuidadosamente delimitados e correspondem aproximadamente aos da acupuntura. Trata-se então de uma "ignipuntura" destinada a estimular o nervo sensitivo localizado, que transmite a excitação recebida aos centros que espalharão essa energia aos locais apropriados.

O uso desses cones de artemísia, que na Europa são chamados moxas, deformação do japonês *mogusa* ("erva para queimar"), é, no Extremo Oriente, um dos mais antigos e mais empregados. Se essa prática, pouco dolorosa mas muito

eficiente, só muito recentemente chamou a atenção do Ocidente, ela foi, entretanto, descrita com a maior precisão já em 1712 pelo alemão Engelbert Kaempfer, o primeiro botânico a inventariar a flora japonesa, após uma viagem feita ao Japão como médico da embaixada holandesa — a única na época autorizada nesse país.

Beladona

Bela dama, eis um nome bem sedutor para uma planta cujo odor fétido e aspecto maléfico das flores de cor púrpura lívida amedrontam. Temos a impressão de um aviso, pois a beladona é muito tóxica em todas as suas partes; dez a vinte de seus bagos negros e luzidios, do tamanho de uma pequena cereja, bastam para provocar a morte. Se seu nome comum vem do uso que dela faziam as belas damas na Itália, na forma de um colírio que, dilatando a pupila, dava aos olhos um brilho magnífico, ele é em botânica, *Atropa belladona,* de *atropos* que em grego quer dizer "a cruel", "a inflexível" e designa a terceira das Parcas, a que corta o fio da vida.

Outrora a beladona foi utilizada como veneno, mas também foi como o meimendro e mais tarde o estramônio, um dos ingredientes do célebre "ungüento das feiticeiras", cujos princípios tóxicos penetravam no organismo pelos poros. Em 1902, eruditos alemães, estudando a história da bruxaria, experimentaram a receita, que tinham recentemente descoberto num documento do século XVII, dessa pomada cuja composição era até então ignorada. Passando-a em seus corpos, mergulharam num sono que durou vinte e quatro horas. Neste período de tempo sentiram-se irresistivelmente arrastados por desenfreadas corridas pelos ares, e aqueles homens sérios se entregaram com intenso prazer a danças frenéticas. Ao acordar, acreditavam ter realmente participado do sabá das feiticeiras. A conclusão a que chegaram foi que as confissões que

extorquiam dessas pobres mulheres não eram apenas provocadas pelas torturas; as feiticeiras estavam totalmente convencidas de terem voado numa vassoura e realizado seus demoníacos desejos.

Essa sensação de vôo era principalmente um efeito do meimendro, como o demonstrou a experiência feita pelo toxicólogo alemão Gustave Schenk. Após ter aspirado a fumaça das sementes do meimendro que torravam, ele foi invadido por uma extrema excitação e de "uma curiosa sensação de bem-estar devida à impressão insensata de que seus pés ficavam leves, cresciam e se destacavam dele. Ao mesmo tempo, sentia-se inebriado pela sensação de estar voando". O meimendro negro é uma planta robusta, peluda e viscosa, de odor venenoso e um pouco inquietante. Suas flores de um amarelo desbotado, estriado de vermelho-escuro, têm um centro purpúreo-amarronzado. Como vemos, seu aspecto não é mais atraente do que o da beladona; menos espalhada, é encontrado nos terrenos baldios, nos aterros e nos taludes de beira de estradas.

O terceiro ingrediente do ungüento das feiticeiras, o *Datura stramonium,* povoa locais semelhantes, que têm alto teor em nitratos, vindo dos resíduos humanos e animais. Mas essa espécie é provavelmente originária da América e só teria crescido na Europa a partir do século XVI. Ela é facilmente reconhecível por suas flores brancas em forma de trombeta e principalmente por seus frutos verdes do tamanho de uma noz, cobertos de espinhos robustos como os da castanheira da Índia. O estramônio é também muito tóxico, mas as propriedades narcóticas de seus grãos eram utilizadas outrora pelos mágicos, em razão das visões fantásticas que elas provocavam e também por seu suposto poder afrodisíaco. Desse modo, cada um desses ingredientes trazia sua contribuição ao sabá, na forma de uma aberrante intoxicação.

Beladona, meimendro e estramônio, sobre os quais um botânico observou que seus aspectos rebarbativos pareciam dar algum crédito à teoria das "assinaturas", segundo a qual o aspecto do vegetal indica os serviços que ele pode prestar ou mostra os perigos que ele pode acarretar, pertencem a uma família que conta com muitas outras plantas estranhas, dentre as

quais a mandrágora, o tabaco, outrora mágico e alucinógeno em seu país de origem, as pimentas de sabor ardido, mas também a batata. Se as três espécies que citamos possuem cada uma suas características particulares, elas têm composições bioquímicas comparáveis, pela presença de alcalóides, sendo os principais a atropina e a escopolamina. Quando a segunda predomina, essas plantas são antiespasmódicas, sedativas ou até narcóticas, mas também estupefacientes; se é a atropina que prevalece, elas podem, quando em fortes doses, provocar uma violenta excitação fisiológica e psíquica, uma espécie de violento delírio visionário e erótico. Há muito tempo que a medicina que transforma os venenos em remédios utiliza esses estranhos poderes.

Borracha

Em 1493, na ilha de Haiti, a que ele chamou *Hispaniola,* a "Espanhola", Cristóvão Colombo observou com curiosidade os indígenas jogando "com uma bola que ricocheteava extremamente bem". O *cautchuc,* o nome é peruano, era conhecido na América desde tempos imemoriais. A mais antiga das civilizações pré-colombianas, nascida na floresta tropical do sudoeste do México, tinha o nome de olmeque, que significa em asteca o "povo do país do *cautchuc".* Em 1527, no seu *De orbe novo,* Pierre Martyr, nosso melhor informante sobre as coisas da América Central, falava do suco da planta que, endurecido no fogo, fabricava bolas "que saltam no ar e dão pulos incríveis".

No entanto, somente no século XVIII a Europa soube de onde vinha essa misteriosa substância. Em 1736, o matemático e astrônomo francês La Condamine, que dirigia a expedição enviada à América equatorial para ali medir um grau meridiano, endereçou à Academia das ciências "alguns rolos de uma massa enegrecida e resinosa, conhecida (em Quito)

com o nome de *cautchuc.* Quando (essa resina) é fresca, podemos dar-lhe, usando fôrmas, a forma desejada; ela é impermeável à chuva, mas o que a torna mais notável é sua grande elasticidade". Voltando à França, La Condamine publicou, em 1751, sua *Mémoire sur le caoutchouc.* Em 1786, um botânico britânico conseguiu contrabandear do Brasil os grãos de hevea (de *hefe,* nome dado à árvore pelos índios) que ele semeou na Inglaterra. As mudas foram transportadas para a Índia onde a hevea destronou o *Ficus elastica*, conhecido há mais de um século, mas cujo látex era menos abundante e de qualidade inferior. Em compensação, as qualidades ornamentais do *Ficus elastica* fizeram com que se tornasse uma das mais populares plantas de apartamento. *Hevea brasiliensis* é uma árvore cujo crescimento é muito rápido; em dez anos ela ultrapassa 20m de altura. "Por uma única incisão escorre um licor branco como leite que endurece e escurece pouco a pouco no ar."

O mais surpreendente da história é que no início não souberam muito bem o que fazer com o *cautchuc,* exceto as borrachas de apagar que, por volta de 1780, as papelarias vendiam com o nome de "pele de negro", e que eram cortadas nas peras de *cautchuc* importadas do Brasil. Depois, como chegaram na Inglaterra as primeiras colheitas das plantações indianas, engenhosos inventores começaram a estudar aquele produto inédito para ver que partido podiam tirar dele. Obtiveram um sucesso além do esperado, e suas descobertas se sucederam num ritmo rápido. Em 1823, o irlandês Macintosh foi o primeiro a impermeabilizar os tecidos cobrindo-os com uma camada de borracha; por volta de 1830, o inglês Hancock conseguiu tornar maleável o material bruto e principalmente, em 1839, o americano Goodyear descobriu a vulcanização, tratamento à base de enxofre que dá à borracha sua elasticidade e lhe permite resistir às variações de temperatura. Nasceu então uma nova indústria que conheceu um enorme desenvolvimento depois que o veterinário irlandês J. D. Dunlop, em 1888, patenteou o primeiro pneumático a válvula e que, em 1892, o francês Michelin fez o pneu desmontável.

A borracha se tornara uma das matérias-primas mais

procuradas. Graças a uma mão-de-obra miserável, vergonhosamente explorada, pilharam até o esgotamento os redutos da hévea na floresta amazônica. No Brasil que, em 1910, fornecia a metade da produção mundial, construíram-se imensas fortunas. Em Manaus, a capital da borracha, edificaram, em alguns anos, palácios de sonho, magníficos monumentos públicos, um gigantesco teatro. Porém, em 1876, um plantador britânico renovou a operação realizada um século atrás; desta vez, foram várias dezenas de milhares de grãos de hévea que saíram clandestinamente do Brasil. As mudas nascidas dessa semeadura e enviadas ao Sri Lanka deram origem a todas as plantações do sudeste asiático que garantem hoje 92% da produção da borracha natural. Da brusca flama de prosperidade amazônica só restaram cinzas.

Cacau

Em 1502, voltando da sua quarta e última viagem às Índias ocidentais, Cristóvão Colombo trouxe para a Espanha favas chamadas *cacahuatl* que, na América, serviam para preparar uma bebida, o *chocolatl.* Os mexicanos sempre a tinham consumido. Entre os astecas, somente os ricos e os dignitários o bebiam, pois o cacau era um produto de luxo, vindo das longínquas terras quentes do Sul. Por isso os grãos do *cacahuatl* serviam de dinheiro, e os povos submetidos à dominação asteca pagavam seus tributos na forma de caixas de favas de cacau que se acumulavam no tesouro imperial. Temperavam o *chocolatl* com mel perfumado de baunilha ou então o condimentavam com suco de pita fermentado e pimenta.

Durante uns cem anos, a bebida da América não obteve sucesso na Europa. Em 1590, na sua *Historia natural y moral de las Índias,* o autor espanhol José de Acosta ainda fala dela como de uma "horrível beberagem", mas a partir do início do século seguinte, o chocolate começou a ficar na moda na

corte da Espanha e foram duas rainhas vindas desse país que o introduziram na França, Ana da Áustria, por ocasião do seu casamento com Luís XIII em 1615, mas principalmente Marie-Thérèse que desposara Luís XIV em 1660. A rainha, grande apreciadora, guardava estoques debaixo de sete chaves e mandava uma empregada espanhola prepará-lo em segredo, mas isso foi descoberto e logo a moda se espalhou pela sociedade. O chocolate era então utilizado como fortificante e estimulante, alguns o consideravam até como afrodisíaco e fecundante. Contavam o infortúnio acontecido a uma marquesa que, tendo abusado do chocolate durante a gravidez, tivera um menino "negro como o diabo". No século XVIII, um médico inglês defendia ainda suas propriedades fecundantes, pois sua própria esposa, "tendo bebido chocolate, dera à luz gêmeos". No dia 11 de fevereiro de 1671, a marquesa de Sévigné, sempre à cata de novidades, o recomendava à sua filha: "Você não está passando bem, o chocolate lhe dará forças." Porém dois meses depois ela o acusava de todos os males: "Ele é a causa de vertigens e palpitações; ele nos agrada por um momento, depois nos acende subitamente uma febre contínua que nos leva à morte." Apesar dessa condenação radical, o chocolate prosseguiu sua carreira, principalmente depois que os ingleses acrescentaram leite e açúcar a essa beberagem amarga que antes era preparada com água. Contudo, no final do século XVIII, um memorialista constatava que "os grandes deste mundo o bebiam às vezes, os velhos com freqüência e o povo jamais". Em sua *Physiologie du goût* (1825), o ilustre gastrônomo Brillat-Savarin elogiava o chocolate como um dos fortificantes mais eficazes; sabemos hoje que efetivamente ele contém dois estimulantes, a cafeína e a teobromina.

Somente a partir de meados do século XIX, o chocolate se tornou um produto de consumo geral, acessível a todos. No início desse século, começaram a fazer bombons, pastilhas, depois barras mas sob o nome de "chocolate para a saúde", que serviam principalmente como remédio; depois o perfumaram com baunilha, com canela e em 1824, J.-A. Meunier fundou em Noisiel-sur-Marne a primeira chocolateria industrial; quatro anos depois o holandês C. J. Van Houten, tendo

reincorporado ao pó de cacau uma parte da manteiga que havia sido extraída, colocou no comércio a primeira barra de "chocolate mastigável"; finalmente, em 1876, a Suíça lançava o chocolate ao leite que faria a volta ao mundo.

Voltemos agora às florestas tropicais da América onde cresce o cacaueiro, em botânica *Theobroma cacao; theobroma* significa em grego "alimento dos deuses". É uma pequena árvore de uns dez metros de altura, reduzidos em cultura a 5/6m, de grandes folhas persistentes muito densas, que vive até oitenta anos e só pode se desenvolver à sombra dos bosques, em clima quente e úmido. A singularidade de sua silhueta vem dos seus frutos enormes que nascem diretamente do tronco e dos grossos galhos. Esses bagos ovais e estriados, com a casca espessa e dura, chamados cabaças, são amarelo-avermelhados, depois marrom-avermelhados quando maduros; medem de 10 a 20cm de comprimento e pesam de 300 a 500g. Aninhados numa polpa mucilaginosa, os grãos têm o tamanho de uma pequena fava. Debulhadas, torradas e moídas, elas fornecem, por um lado, que é mais do que a metade, uma gordura fina, a manteiga de cacau que é empregada em farmácia, e por outro, o pó de cacau. O sucesso universal do cacau fez multiplicar as plantações do cacaueiro até bem longe do seu país de origem, na África Oriental, no Extremo Oriente e nas Ilhas do Pacífico.

Café

Sem o café, os oitenta e cinco romances que compõem a Comédia Humana certamente não teriam nascido. Honoré de Balzac deve ao café, que bebia xícara após xícara, sem açúcar, e que mantinha aquecido sobre uma lamparina de porcelana, suas longas vigílias laboriosas, mas também ter morrido, esgotado, com a idade de cinqüenta e um anos. Aliás, ele não foi o único dos grandes escritores que abusou do café. Voltai-

re, porém, que bebia tanto quanto ele, viveu até oitenta e três anos e Fontenelle, centenário, costumava dizer: "Se é um veneno, é um veneno muito lento."

Efetivamente, o café é um excitante do espírito, da mente e mais geralmente do sistema nervoso; ele aumenta a vigília e permite resistir ao cansaço físico e psíquico, mas a excitação que ele provoca é perigosa, pois parece dispensar repouso que é no entanto necessário para restaurar as forças gastas. Bem o tinha percebido Madame de Sévigné que, assim que a moda do café começava a se espalhar e provocar preferências inconsideradas, escreveu à sua filha: "A força que você pensa vir do café é apenas um falso bem, e tenho medo que você só o perceba tarde demais."

Os bioquímicos modernos descobriram que se o efeito do café é tão rápido e eficaz, é porque a cafeína apresenta uma estrutura comparável a alguns dos constituintes das longas moléculas enroladas em espiral do ácido desoxiribonucléico, suporte da vida no organismo. Do mesmo modo que o cacau e o tabaco, o café só obtém seu aroma e seu poder pela torrefação, oxidação no contato com um fogo direto que exalta os óleos aromáticos encerrados na planta. Portanto, sua utilização supõe, além da sua descoberta, as experiências necessárias para revelar suas propriedades utilizáveis.

Onde e como elas se produziram nós o ignoramos. Tudo o que as pesquisas recentes nos ensinaram é que o cafeeiro cresce em estado selvagem no mato sombrio da Caffa etiópica, de onde veio seu nome; segundo os autores árabes antigos, ele teria sido cultivado ali desde tempos imemoriais. Todavia, talvez o café tenha sido primeiro um legume, pois, ainda hoje, os gallas da Etiópia consomem seus grãos cozidos e depois amassados com manteiga e temperados com sal grosso. *Coffea arabica* é um arbusto que pode atingir até 3 ou 4m, com ramos espalhados e grandes folhas lanceoladas, ligeiramente gofradas, de um belo verde brilhante; as flores, pequenas e em estrela, são brancas; os frutos carnudos, verdes, mais tarde vermelhos, contêm, cada um, dois grãos geminados, os grãos de café.

Por volta do ano mil, o uso do café invadiu a Arábia onde o cultivaram na região de Moka no Iêmen, depois no Egito e na Pérsia. No entanto, ele não era ainda muito popular nos séculos XII e XIII, pois os cruzados não o conheciam e somente no século XVII é que o Ocidente teve ciência dele graças aos mercadores árabes. O café apareceu em 1615 em Veneza, em 1616 em Londres, em 1644 em Marselha onde foi aberto em 1654 o primeiro "café", "casa de reunião" onde os comerciantes marselheses falavam de negócios, bebendo café. Em 1664, pela primeira vez beberam café em Versalhes; o rei não apreciava muito aquela beberagem amarga e só o tomava raramente, nunca chá ou chocolate. Foi preciso um acontecimento exótico para que o café ficasse na moda. Em 1669, chegou a Paris Soliman Aga, enviado do sultão junto a Luís XIV, cujos hábitos atiçaram a curiosidade dos parisienses. O embaixador fazia uso regular do café e todos se apressaram a imitá-lo.

Três anos mais tarde, na Feira Saint-Germain, um armênio chamado Pascal instalou uma loja onde só se vendia café. Foi um triunfo. Em 1702, Procope abriu um estabelecimento luxuoso que ainda existe, iluminado com lustres, ornado de espelhos e tapeçarias, com mesas de mármore. A boa sociedade, que não podia decentemente freqüentar as tabernas mal-afamadas, apreciou muito essa novidade, e o "Procope" tornou-se um lugar de encontros muito freqüentado, especialmente pelos escritores. Mas certamente não apreciaríamos o café como era preparado na época de Luís XIV, pois era cozido. A infusão de café só foi conhecida mais tarde, no decorrer do século XVIII. Somente então o uso do café preto após as refeições e o do café com leite pela manhã passaram a fazer parte da vida diária.

A demanda crescente provocou a expansão da cultura cafeeira pelo mundo, além da utilização de novas espécies: *Coffea liberica* da Libéria e *Coffea robusta* do Congo, plantas certamente vigorosas, porém menos aromáticas e ainda hoje o café da Arábia continua sendo o mais apreciado. Foi exatamente este que os holandeses introduziram no Sri Lanka em 1699, depois em Java. O Ceilão permaneceu um dos principais

produtores de café até o dia em que, em 1869, um cogumelo parasita destruiu suas culturas; o café foi então substituído pelo chá, com o êxito que sabemos. De Java, os holandeses transportaram o cafeeiro para sua colônia do Suriname, na América do Sul, onde a praga o poupou; do Suriname o cafeeiro passou para o Brasil que com ele fez fortuna. Quanto aos franceses, eles plantaram o café na Martinica e na Ilha da Réunion. O café de Balzac, que ele tinha o cuidado de comprar pessoalmente, era uma mistura bem dosada de "moka" da Arábia, de "martinica" e de "bourbon", isto é, proveniente da ilha Bourbon, atual Réunion.

Desse modo, um modesto legume etiópico tornou-se pouco a pouco uma droga que o universo não pode dispensar. Quando ele falta, por exemplo, durante uma guerra, é necessário encontrar, a todo custo, outros sucedâneos.

Cana-de-açúcar

A preferência que o homem tem pelo sabor açucarado, e que aliás mostra a necessidade do seu organismo, constituiu um problema para ele por muito tempo. Certamente as plantas, e especialmente os frutos, contêm em seus tecidos uma abundância de açúcar, mas ele é difícil de ser extraído — o que fazem as abelhas com tanta facilidade ao recolher o néctar das flores e com ele fazer o mel, que é portanto e essencialmente um produto vegetal. A esse respeito, durante muitos séculos, o homem permaneceu tributário das abelhas, às quais ele fornecia uma moradia artificial, a colméia, enquanto em troca lhes descontava uma parte da colheita.

Contudo, desde a antigüidade, o homem conhecera um outro recurso. Na época de Discóride, no século I da nossa era, gregos e romanos utilizavam o "mel de caniço" que eles chamavam *sakkhar*, nome que os hindus davam ao açúcar da cana. Era realmente da Índia que ele vinha até a Grécia, até

Roma, mas por isso era muito caro e os antigos só o utilizavam com fins medicinais. Há muito tempo os asiáticos sabiam cultivar a cana-de-açúcar que é originária da Índia e da Indochina, além de purificar e branquear o produto que dela extraíam. A cana-de-açúcar é uma alta gramínea, próxima dos bambus e dos juncos, cujos caules articulados, munidos de folhas embainhadas, podem alcançar de 2 a 4m de altura; ela contém uma medula esbranquiçada cheia de um licor açucarado que é espremido. As canas são colhidas após três meses de sua floração.

Os árabes conheceram esse açúcar refinado bem antes da Europa medieval, para onde só foi levado na época das cruzadas. Mas o açúcar, que vinha da Índia por Alexandria e era depois transportado pelos venezianos, monopólio que passou em seguida para os portugueses, depois que estes abriram a rota marítima conduzindo às Índias Orientais, continuava um produto raro e caro. No final do século XIII, a cultura da cana-de-açúcar passou das Índias para a Arábia e de lá para o Egito; no século XIV, ela alcançou a Sicília; no século XV, os portugueses a introduziram em suas possessões da Madeira e os espanhóis começaram a cultivá-la nas Canárias e também no sul do próprio país onde ela se desenvolveu perfeitamente. Na Provença, ao contrário, as tentativas de aclimatação fracassaram.

Uma nova etapa foi vencida quando os sucessores de Cristóvão Colombo introduziram a cana-de-açúcar, em 1506, em São Domingos, de onde ela passou para Cuba, para o México e para o Brasil. Na América, a cultura da cana-de-açúcar se espalhou prodigiosamente e foi somente então que o consumo do açúcar tornou-se popular na Europa numa época em que o mel começou a faltar. Ele era até então fornecido principalmente pelos monastérios que mantinham grandes apiários para obter a cera para seus círios. Ora, no século XVI os conventos foram suprimidos em toda a Europa do norte por causa da Reforma e começaram a periclitar em toda a parte.

Porém se nos séculos XVII e XVIII, o preço do açúcar diminuiu consideravelmente — o que o colocou ao alcance de todas as classes — foi graças à mais vergonhosa exploração do homem pelo homem que a humanidade conheceu.

A extensão e a prosperidade das plantações das Antilhas e da América mediana baseavam-se no emprego de uma mão-de-obra servil, os escravos negros. De 1600 a 1850, deportaram mais de vinte milhões de africanos capturados e transportados nos navios negreiros em condições abomináveis; eles morriam aos milhares durante a viagem e os sobreviventes eram depois submetidos a um regime literalmente desumano, nas plantações. Assim nasceu um comércio triangular altamente proveitoso: os europeus exportando armas e bugigangas para a África e importando escravos para a América, de quem recebiam o açúcar. Aliás sabemos que processo longo e doloroso conseguiu acabar com a escravidão, cujos últimos vestígios subsistem ainda hoje, por exemplo, nos Estados Unidos.

A partir dos primeiros anos do século XIX, um incidente histórico modificou profundamente a situação. Em razão da interrupção do comércio marítimo por causa do bloqueio continental, a França achou-se repentinamente privada do açúcar americano. Com o incentivo de Napoleão, os químicos aperfeiçoaram os métodos da extração do açúcar da beterraba que começou a ser cultivada em grandes proporções. Hoje a produção mundial do açúcar se divide quase igualmente entre a cana-de-açúcar e a beterraba, com ligeira vantagem para a primeira, que é geralmente mais apreciada.

Canela

No mundo, por tanto tempo misterioso, das especiarias, a canela ocupa um lugar à parte, em razão da antigüidade do seu emprego no Ocidente, mas especialmente por causa das curiosas lendas que ela suscitou. Já na Bíblia ela é várias vezes citada como uma substância odorífera particularmente preciosa, e é seu nome hebreu, *Kinnamon* que, adotado pelos

gregos depois pelos latinos, tornou-se em inglês *cinnamon.* Os antigos distinguiam duas espécies de canela, o cinamomo, que é a atual canela de Ceilão, e a cássia ou canela da China; no entanto, eles não sabiam com certeza a proveniência de uma ou de outra e acreditavam nas estranhas histórias, das quais, no século V a.C, Heródoto foi o porta-voz. Segundo ele, o cinamomo seria encontrado na Arábia, nos ninhos dos fênix, situados em penhascos tão escarpados que eram impossíveis de escalar. Mas para conquistar a planta enfeitiçada, os árabes tinham achado um espantoso subterfúgio: cortavam em grandes pedaços os membros do gado que acabava de morrer e os colocavam próximo aos ninhos. Os fênix desciam para agarrá-los. Porém os ninhos, não podendo suportar esse excedente de peso, acabavam por arrebentar e caíam no chão, onde o cinamomo era recolhido. Quanto à cássia, ela nascia nos pântanos de difícil acesso e era defendida a golpes de garras de animais alados semelhantes a morcegos; por isso, para colhê-la, deviam enrolar o corpo e o rosto em pele de boi. Para Plínio, no século I, todos esses relatos não passavam de fábulas inventadas para justificar o preço muito elevado da droga, mas ele situa a Etiópia como a pátria da canela.

A mais antiga referência a esta, na Europa Ocidental, data do ano 716 e figura num diploma outorgado por Chilpéric, rei dos francos, à abadia de Corbie, na Somme. Mas foi somente no século XIII que o uso da canela começou a se espalhar, graças aos mercadores venezianos. Custando tão caro quanto a pimenta, ela era apreciada da mesma forma que esta, aromatizando os vários molhos e dando seu sabor ao hipocraz, espécie de vinho branco açucarado e aromatizado que durante séculos foi o preferido. No século XVI, em Rabelais, Panurge celebra ainda os méritos do "belo cinamomo escolhido e do belo açúcar fino com o bom vinho branco da safra da Devinière". Aliás, naquela época, a palavra cinamomo era um arcaísmo científico; a palavra canela era mais empregada, oriunda do latim *canna* em uso a partir do século XII.

Em 1498, com a descoberta do caminho das Índias pelo cabo da Boa Esperança por Vasco da Gama, os portugueses

alcançaram o Ceilão, principal lugar produtor de canela, e conseguiram imediatamente o monopólio do seu comércio. No ano seguinte à sua chegada no Sri Lanka, 1506, eles já exportavam 11.250 kg. A casca da caneleira constituía um tributo recebido pelos colonizadores dos príncipes do país. Essa opressão muito rígida, já que a venda ou mesmo o presente de um único galho de canela eram punidos com a morte, foi retomada por conta própria pelos holandeses quando tiraram os portugueses do Ceilão no século XVII.

Até o século XVIII, a canela era produzida exclusivamente por caneleiras selvagens (*Cinnamomum zeylanicum*), somente no final do século é que os holandeses começaram a cultivar essas árvores no Sri Lanka, que continua sendo ainda hoje o principal exportador de canela e cuja produção cobre sozinha as necessidades do mundo inteiro.

A canela da China, mais espessa e mais rugosa, de aroma menos delicado, ao mesmo tempo picante e mais açucarado, é muito menos apreciada no Ocidente. Em compensação, na China, onde quase toda sua produção é absorvida, ela é muito procurada como condimento, mas especialmente como medicamento — chegaram a dizer que não há receita de médico chinês sem canela. Esta é produzida pela caneleira da China (*Cinnamomum cassia*) originária das regiões montanhosas do Annam, mas cultivada na China Meridional e na Indonésia.

As caneleiras das duas espécies, que pertencem à mesma família do nosso louro, a das lauráceas, são pequenas árvores sempre verdes de grandes folhas rígidas e brilhantes. Podem atingir de 6 a 8m de altura, mas são reduzidas pela poda. As caneleiras do Ceilão são efetivamente podadas a cada dois anos, de maneira a fazê-las formar uma touceira da qual partem quatro ou cinco ramos, dos quais a casca será tirada. A exploração da caneleira da China é diferente. Não são descascadas antes da idade de dez ou vinte anos. Em seguida são deixadas em descanso até a colheita seguinte que só acontece uns dez anos depois. Na casca da caneleira do Ceilão é feita uma incisão longitudinal por meio de uma faca de

bronze, depois destacada e raspada nas duas faces. Com efeito, só é utilizada a casca interna, que deve ser lisa e de um amarelo claro puxando para o marrom. Esses finos rolos de casca simplesmente seca são despachados, encaixados uns nos outros, em feixes.

Na Idade Média e até o século XVIII, a canela foi muito empregada não só como estimulante das funções digestivas — ela aumenta a secreção dos sucos gástricos —, mas também dos sistemas respiratório e circulatório. No final do século XVII, o médico e boticário Nicolas Lémery, em seu *Dictionnaire universel des drogues simples* (1698) — que foi por muito tempo famoso e que poderíamos ainda consultar com proveito — declarava: "Ela excita a urina e os humores, ela fortifica o estômago, o coração e o cérebro, ela ajuda a digestão, ela excita os meses e o parto das mulheres e faz desaparecer os gases. Seu uso imoderado inflama os humores, e os lança numa grande agitação. Na época fria ela convém aos idosos, aos fleumáticos, aos melancólicos, e aos que têm o estômago fraco e que não digerem bem; mas ela não convém aos jovens de temperamento quente e bilioso."

Apesar de conter algumas exagerações verbais, esse veredicto é em boa parte homologado pelos modernos fitoterapeutas. A canela é um excelente tonificante contra a fadiga e a falta de apetite, especialmente recomendado nas astenias que sucedem a gripe. Mas ela pode também preveni-la e as famílias conheciam muito bem as virtudes do vinho quente com canela, que reconforta e reanima a circulação nos resfriados. Acrescentemos que sua reputação de afrodisíaco não é talvez exagero. No entanto, na França, a preferência pela canela está longe de se igualar à que goza na Espanha, na Inglaterra e na Alemanha, onde seu consumo é muito maior.

Cânhamo

Usar uma "gravata de cânhamo", esse era o uniforme dos enforcados. Se empregavam o cânhamo para este fim é porque suas fibras eram as mais sólidas e resistentes. Por isso, com ele também faziam cordas, muito usadas no tempo da navegação a vela, pois o cânhamo era o melhor dos têxteis para suportar a ação da água. Por esta razão os canhameirais, onde se cultivava o *cannabis,* situavam-se freqüentemente perto dos portos. Sabemos que as fibras do cânhamo, presentes sob a casca, são extraídas por maceração, isto é, deixando os caules imersos n'água durante muito tempo, o que desagrega os tecidos e separa as fibras utilizáveis. No século XIX, observaram que os colhedores de cânhamo sentiam às vezes perturbações estranhas e incompreensíveis. Na realidade, sem que soubessem, eles estavam "drogados". Baudelaire, que conhecia bem o haxixe, não se enganara; no *Les Paradis artificieis* ele descreve esses "estranhos fenômenos": "Parece que da colheita se ergue uma espécie de espírito vertiginoso que circula ao redor das pernas e sobe maliciosamente até o cérebro. A cabeça do apanhador está turbilhonada, outras vezes está carregada de sonhos. Os membros enfraquecem e se recusam a trabalhar."

Na realidade, somente no decorrer do século XIX, foram obrigados a reconhecer que o cânhamo, têxtil cultivado de longa data na Europa, e o misterioso cânhamo hindu evocado nos relatos de viagens e nas *Mil e uma Noites* eram uma mesma e única planta, *Cannabis sativa,* e que as grandes diferenças observadas entre as duas variedades eram apenas resultado do clima. Méhémet Ali (1769-1849), vice-rei do Egito que, em guerra contra seu suserano, o Sultão, começou a construção de uma importante flotilha, aprendeu isso à sua custa. Para ter ao seu alcance os materiais necessários à enxárcia dos seus navios, Méhémet Ali buscou na Europa grãos de cânhamo têxtil e os enviou para serem cultivados no Egito. Porém essas plantas só

forneceram fibras curtas e pouco sólidas, enquanto secretavam cada vez mais uma resina pegajosa. Inversamente, a cultura dos grãos vindos do Oriente dá pouca resina aos amadores de haxixe que os semeiam na Europa.

Planta anual de crescimento muito rápido, o cânhamo pode alcançar até 4m de altura, mas geralmente não ultrapassa 2m; suas grandes folhas espalmadas com folíolos longos, estreitos, pontudos e denteados a tornam muito decorativa. Espécie dióica, o cânhamo possui plantas macho e plantas fêmea, nitidamente diferentes. Mais fracas, mais baixas, menos folhudas, as primeiras vivem menos tempo que as segundas, encarregadas do amadurecimento tardio dos grãos e mais altas, mais cheias e principalmente mais ricas em resina. A espécie é originária da Ásia Central onde foi encontrada em estado selvagem desde o sul e o leste do mar Cáspio até a Sibéria.

Dali a *Cannabis sativa* entrou no leste da Índia e na China onde o cânhamo é cultivado desde a mais remota antigüidade, não como têxtil mas como planta medicinal. Na China encontramos vestígios de sua utilização desde o século XV a.C: como sedativo das dores reumáticas e da gota; mais tarde foi usada como remédio contra a alienação mental; no século II de nossa era, o ilustre cirurgião Houa T'o o empregava como analgésico durante suas operações mas somente mais tarde, ao que parece, o cânhamo foi cultivado por suas propriedades têxteis. Quanto à Índia, mais mística, ao mesmo tempo que o cânhamo, ela adotou o uso que fizera dessa planta uma erva sagrada em seu lugar de origem.

Nos antiquíssimos manuscritos em sânscrito, o *bhang,* bebida à base de cânhamo, é chamado *indracarana* (alimento dos deuses). Ele parece ter substituído, nesse papel, o soma, bebida vegetal cuja composição é ignorada, mas que, segundo certos pesquisadores modernos, teria sido extraído do amanita mata-moscas. Certamente, é provável que se tornara difícil para os arianos vindos do norte encontrar esse cogumelo alucinógeno, originário das regiões frias, enquanto o cânhamo era facilmente cultivado na Índia. O fato é que o *cannabis,* bebido ou fumado, foi associado a Shiva, deus da destruição, mas também da ascese e dos iogues e usado como um meio de dissolver

o ego na meditação e de alcançar a comunhão com o Princípio cósmico universal. Um relatório da comissão encarregada, em 1894, de estudar os efeitos do consumo do cânhamo na Índia, conta, segundo os informantes interrogados: "Nenhum deus, nenhum homem é superior ao religioso bebedor de *bhang.* Ele é servido aos que estudam as santas escrituras de Bénarès antes que comecem. Em Bénarès, Ujjain e outros lugares sagrados, os iogues tomam grandes quantidades de *bhang* para poderem concentrar seus pensamentos no Eterno."

Da Índia, o uso ritual do cânhamo se expandiu ao oeste onde a planta era certamente conhecida há muito tempo, pois o Egito antigo já usava suas propriedades anestésicas mais de mil anos antes de Cristo. Finalmente o cânhamo chegou a ter no Islã um papel comparável ao que era o seu na Índia. O Islã, como o hinduísmo, indulgente para com o *cannabis,* proíbe, sob pena de sanções severas, o consumo de bebidas alcoólicas, enquanto a situação inversa reina no Ocidente. A cada um, suas drogas! Na realidade essa escolha é um caso de temperamento; o álcool excita, leva à ação, torna agressivo, até violento, enquanto o haxixe acalma, concentra, interioriza e finalmente torna passivo, cheio de indulgência para com o próximo; mas não é isso o que buscam, respectivamente, orientais e ocidentais? É bem conhecido o uso que fazem da aguardente no front, durante as guerras; se a substituíssem pelo haxixe, veriam talvez, escândalo inadmissível, os combatentes confraternizarem.

Quando e de que maneira o cânhamo penetrou na Europa? As opiniões estão muito divididas, o que é explicável já que uns falam do cânhamo têxtil e os outros do cânhamo hindu, ou seja, das duas utilizações bem diferentes de uma mesma planta, uma profana e toda utilitária, a outra sagrada porém proibida. Segundo os historiadores, o cânhamo hindu se espalhou em todas as regiões conquistadas pelos árabes muçulmanos, isto é, para o oeste, os arredores do Mediterrâneo Oriental, a África do Norte e a Espanha. De lá se expandiu por toda a África e alcançou, provavelmente por intermédio dos negros que para lá foram deportados, a América do Norte, onde o clima do sul dos Estados Unidos e o do México con-

vieram perfeitamente à planta. Dessa maneira o cânhamo atingiu o planeta inteiro.

No entanto, hoje nos indagamos se a Europa não terá conhecido bem mais cedo ainda a utilização ritual do cânhamo, pois enfim foram os citas que, segundo os historiadores, teriam transportado o cânhamo têxtil para o oeste ao longo de suas migrações, no século VII antes da nossa era, e o teriam transmitido aos trácios, habitantes orientais da Grécia que com ele fizeram vestimentas; mas, dois séculos mais tarde, quando os citas já estavam instalados na Europa, o uso que eles faziam do *cannabis* era suficientemente conhecido para que Heródoto pudesse contar: "Os citas pegam os grãos de cânhamo e, entrando sob a grossa tela de suas tendas, os lançam sobre pedras em brasa. Ali elas se consomem exalando um vapor que banho algum de vapor da Grécia conseguiria superar, e esse vapor faz os citas gritarem de alegria."Portanto, para os citas, banhos de vapor e fumigações de cânhamo estavam estreitamente associados. Recentemente puderam precisar que aí se tratava de cerimônias purificadoras que aconteciam quase sempre após um enterro. Nesse contexto, o cânhamo aparecia como uma maneira de entrar em contato com os falecidos e assim penetrar no além, de sair dos limites da natureza humana para comungar com o cosmos inteiro, visível e invisível. Teria essa utilização específica desaparecido completamente quando o cânhamo se propagou para o oeste? Alguns fatos permitem a dúvida. Segundo o pré-historiador alemão Hugo Obermaier, ele teria sido conhecido pelos antigos germanos e entre os galo-romanos; o uso de cachimbos encontrados em diversos locais, a presença do *Cannabis sativa* em certas sepulturas coincidem aparentemente com essa utilização.

Em outras palavras, é possível e muito provável que o poder psicotrópico do cânhamo sempre tenha sido conhecido e que sua descoberta pelo século XIX europeu, na forma de uma moda vinda do Oriente, tenha sido apenas uma redescoberta. Pois na realidade os médicos gregos que, aliás tardiamente, tinham herdado o cânhamo do Egito, não ignoravam em

absoluto suas possibilidades além das medicinais. O cirurgião Dioscoride, que o utilizava como analgésico, além de mencionar suas virtudes afrodisíacas e aperitivas que, dizia ele, os hindus lhe reconheciam, falava do poder de "fazer aparecer diante dos olhos os fantasmas e ilusões divertidas e agradáveis". Galeno, dois séculos depois, indicava que "ele era servido habitualmente aos convidados dos banquetes para colocá-los à vontade e torná-los alegres", mas também que essa erva "pode ferir os cérebros se abusarem dela".

Desde então, a medicina utilizou corretamente as folhas e as sementes do cânhamo como antiespasmódicos e hipnóticos, enquanto o óleo de semente de cânhamo, muito emoliente, servia para diminuir as inflamações e extrair os corpos estranhos que entrassem na pele. Essas utilizações foram abandonadas, inclusive a do *chenevis* (grãos do cânhamo) que servia para alimentar os pássaros de viveiros, depois da proibição que pesa sobre o cânhamo. No entanto, recentemente voltaram a usá-lo na medicina nos Estados Unidos, pois ele se mostrou como um dos únicos remédios eficazes contra o glaucoma, moléstia que até bem pouco tempo provocava a cegueira.

Em outras palavras, nas entrelinhas da história oficial, que guarda um silêncio pudico, se desenha em filigrana a história da droga, que permaneceu clandestina, pois aqueles que a empregavam como remédio não podiam ignorar suas outras virtudes.

Quando o cânhamo hindu reapareceu em cena na Europa, chegou precedido por uma fascinante mas temível reputação. Em 1809, Sylvestre de Sacy, numa comunicação à Academia das inscrições e letras, reprova a palavra assassino do termo *haschischin:* os *haschischins* são assassinos e o cânhamo é a "erva do crime". Desse modo estava desvendada a origem do misterioso poder que tinha sobre os seus seguidores, o "Velho da montanha", que fazia deles matadores fanáticos em proveito de uma seita que espalhava o terror por todo o Oriente Próximo.

Essa história data das brigas dinásticas tão freqüentes e que opunham os descendentes de Maomé, pretendentes ao título de califa. O chefe de uma das seitas xiitas proveniente

dessas divisões, Hassam ibn al-Sabbah, formou, por volta de 1090, nas regiões montanhosas do norte da Pérsia, a sociedade secreta dos fedawis, cuja disciplina de ferro deveria mais tarde servir de modelo às ordens religiosas e militares da cristandade conquistadora, a ordem do Templo e a dos Cavaleiros Teutônicos. Dirigida por uma elite intelectual que queria substituir o formalismo ritualístico do Islã por uma interpretação esotérica do Corão, essa sociedade ficou conhecida desde 1092 graças ao audacioso assassinato de um ilustre vizir por um fedawi disfarçado em sufista. Esse gesto foi seguido de vários atentados, todos de grande importância, especialmente entre os chefes dos cruzados, invasores da Terra Santa.

Logo correu a notícia de que esses assassinos haviam sido previamente condicionados. O chefe da seita, diziam, lhes dava a beber uma beberagem que os adormecia e os transportava para magníficos jardins onde eles despertavam. Ali tinham diante dos olhos todas as delícias prometidas pelo Corão aos fiéis que alcançavam, após a morte, o paraíso de Alá, inclusive as famosas huris. Em conseqüência da operação inversa, o fedawi reencontrava a triste realidade cotidiana e só aspirava voltar ao jardim encantado. O "Velho da montanha" o chamava então à sua presença e lhe perguntava "de onde ele vinha". O fedawi respondia "que ele vinha do Paraíso e que este era tal como Maomé o descrevera em sua lei". Então, quando o "Velho" queria "executar um grande senhor", dizia aos que ele enviava: "Vá e mate tal pessoa e quando voltar eu o farei levar pelos meus anjos ao paraíso. E se morrer no negócio, eu comandarei aos meus anjos que o levem ao paraíso".

Esse relato trazido por Marco Polo no século XIII foi muitas vezes contado e muitas vezes aumentado, principalmente na nossa época, para provar a dissimulada e perigosa nocividade do haxixe. Ele tornou-se até o principal argumento empregado para denunciar seus efeitos, por aqueles que, de boa ou de má fé, citam essa história sem ir à sua fonte. Ora, além desta ser única e suspeita, já que, em suma, Marco Polo não faz mais do que repetir um boato, ela não contém absolutamente o sentido que lhe dão. A beberagem em questão — e

aliás, no relato não se fala de *cannabis* — não provocava visões — o que o fedawi via era totalmente real —, não forjava nenhum encantamento, servia apenas para fazer dormir. O haxixe, supondo que tenha sido realmente ele o utilizado, não tinha nenhuma culpa pelas ações criminosas dos fedawis. Nada prova também, apesar de Sacy, sendo este a única fonte dos dicionários e outras obras de vulgarização, que assassino seja derivado de *haschischin;* é mais provável que a palavra venha de Hassan ou Hussein, nome do chefe da seita.

Todavia, foi realmente referindo-se à seita do "Velho da montanha" que Baudelaire, Théophile Gautier e seus amigos escritores ou artistas intitularam a pequena associação por eles formada de "Clube dos Haschischins"; era apenas uma provocação maliciosa, gosto de escandalizar os burgueses, pois o terrorismo que ali reinava era apenas verbal e indumentário, e os relatórios tanto de Gautier como de Baudelaire só trazem finalmente o caráter extravagante e estapafúrdio das impressões causadas pelo consumo do haxixe: a alegria exuberante e liberadora, as transposições sensoriais que faziam descobrir aspectos até então despercebidos de todos, e depois o estado de "beatitude calma e imóvel", de "bem-estar" e de "maravilhosa leveza de espírito" que a seguia. Em *Les Paradis artificieis,* Baudelaire menciona apenas o "grande langor que tem o seu encanto" sentido após a sessão, "punição merecida, acrescenta ele, da prodigalidade ímpia com a qual fizemos um tão grande desgaste de fluido nervoso. Lançamos nossa personalidade aos quatro ventos e agora temos dificuldade em juntá-la e em concentrá-la". Apreciação em que entra, como suficientemente o indicam os termos empregados, uma boa dose de humor. E de que maneira, conhecendo Baudelaire, não tomar como uma simples paródia o julgamento pretensamente severo em que o autor de *Fleurs du mal* resume os efeitos sociais do haxixe: "Ele não fabrica nem guerreiros, nem cidadãos" — o que realmente não era sua principal preocupação! — ou adiante, estas eloqüentes frases: "Dizem que essa substância não causa nenhum mal físico. Isto é verdade pelo menos até agora. Pois não sei até que ponto podemos dizer que

um homem que só vive sonhando está em boa saúde, mesmo se todos os seus membros estiverem em bom estado. Mas é a vontade que é atacada, e é o órgão mais precioso. Um homem que pode, com uma colher de geléia (era nessa forma que Baudelaire absorvia o haxixe) encontrar instantaneamente todos os bens do céu e da terra, nunca quererá tê-los por seu trabalho. Antes de tudo é preciso viver e trabalhar." Esse Baudelaire moralista surpreende — e com razão — e seria muito mais ao ópio — que ele também usou — que essas censuras deveriam ser dirigidas. O caso é que Baudelaire, com mais seriedade e muito sabiamente, conclui: "Não digo que haxixe provoque em todos os homens todos os efeitos que acabei de descrever. Contei por alto os fenômenos que acontecem geralmente, exceto algumas variantes, com os espíritos artísticos e filosóficos. Mas existem temperamentos nos quais essa droga só provoca uma loucura ruidosa, uma violenta alegria que parece com uma vertigem, danças, saltos, bater de pés e gargalhadas. Eles são, por assim dizer, um haxixe todo material. Eles são insuportáveis para os espiritualistas que deles têm muita pena. Suas feias personalidades são ressaltadas [...] pois o haxixe, disse ele acima, só faz desenvolver além do normal a personalidade humana nas circunstâncias atuais em que ela está situada."

Chá preto

Bodhidharma, príncipe do sul da Índia e que se tornara monge, foi à China, no século VI de nossa era, para ali divulgar a técnica da meditação budista, que, desde então, chamaram de zen. Ele próprio meditava diante de um muro, imóvel durante horas, mas quando seus primeiros discípulos chineses quiseram imitá-lo, ao cabo de pouco tempo adormeceram. Vendo isso, o patriarca arrancou suas pálpebras que, caídas no solo, fizeram brotar instantaneamente dois arbustos, cujas folhas em infusão revigoraram os discípulos que puderam retomar os exercícios.

Na realidade, o uso das folhas do chá é bem anterior à essa data. Ele está mencionado no *Chen Nong pen-ts'ao,* que, na redação que conhecemos, não data talvez de antes do século II a.C; mas ele é atribuído ao imperador Chen Nong, o "rei dos remédios", que teria testado os poderes de 365 plantas, e além disso inventado as agulhas da acupuntura. Segundo a lenda, em 2737 a.C. Chen Nong fazia ferver água numa pequena cuba, quando nela caíram as folhas de um arbusto, trazidas pelo vento. Da cuba subiu um perfume delicioso que encantou o imperador. Bebendo essa infusão, Chen Nong observou que ela era ao mesmo tempo tônica e euforizante.

O que a lenda de Bodhidharma esconde é provavelmente o uso particular que os monges budistas fizeram do chá, graças ao qual eles podiam permanecer vigorosos e dispostos e no entanto calmos durante suas longas meditações. O fato é que o chá se espalhou pela Índia, China, e depois pelo Japão, como o zen. Depois de muitas discussões sobre esse assunto, as pesquisas modernas dão efetivamente à índia, e mais precisamente a Assam, uma prioridade que durante muito tempo foi contestada pela China.

Como se sabe, o consumo do chá provocou, com a influência do zen, um verdadeiro cerimonial, onde a estética extremamente despojada do cenário, dos utensílios e dos gestos, visava concentrar a atenção dos participantes, dando toda a sua nobreza a um ato tão simples mas tão rico quanto qualquer outro ato da nossa vida diária. No Japão, a cerimônia do chá era uma forma de educação e um exemplo aplicável em qualquer circunstância.

Por isso os poetas chineses e depois os japoneses usam as expressões mais fortes e requintadas para exaltar as sublimes virtudes das folhas do chá, que dão aos que absorvem sua essência com toda a receptividade requerida nada menos que a comunicação com o cosmo inteiro. Essas folhas, declara em seu *Tratado do chá* o poeta chinês do século VIII, Lieou You, devem ser "amassadas como as botas de couro de um cavaleiro tártaro, onduladas como a barbela de um touro forte, devem se espalhar como a bruma que sobe de um córrego,

brilhar como o lago acariciado pelo zéfiro, serem tenras e untuosas como uma terra leve refrescada por um chuvisco". De fato, na cerimônia do chá, tudo, até o mais ínfimo detalhe, contribui para dar a impressão de uma insuperável perfeição, desde a pureza da água usada até a beleza ingênua da taça, obra de arte aparentemente rústica, mas de grande valor, que fazemos girar muito tempo entre as mãos, contemplando-a com concentração, antes de se deixar levar pela euforia física e mística causada pela degustação do chá.

Observemos aqui que o chá de cerimônia em nada se parece com o que consumimos habitualmente; trata-se de um pó fino e verde, batido na água fervente com uma batedeira de bambu, o que nos leva a compreender os poetas quando se referem à "espuma de jade líquido". Quanto ao chá tibetano, além de ser popular e servido aos monges durante as intermináveis cerimônias lamaicas, vem na forma de folhas apenas secas, mas prensadas em tijolos bem duros. Previamente fervido e tão escuro quanto o café, esse chá é servido diluído em água fervente, adicionado de soda e batido numa desnatadeira com manteiga e sal; é bebido morno.

Se no século XIII, na época do império mongol, o consumo do chá expandiu-se pela Ásia Central e depois alcançou os países muçulmanos, somente no século XVI o chá foi trazido à Europa pelos comerciantes portugueses que tinham então o monopólio das especiarias no Extremo Oriente. Em português, ele se chama chá, de *tchai,* chá em chinês. Todavia, somente seus sucessores, os comerciantes holandeses, vulgarizaram seu hábito, tendo encontrado uma astuciosa maneira de comprá-lo barato: trocavam, na China, uma libra de sálvia, remédio muito apreciado na época, por duas libras de chá. A palavra *tee,* oriunda de um dialeto do sudeste da China, foi primeiro holandesa antes de se tornar o *tea* inglês. Mais tarde, para lucrar ainda mais, a Companhia das Índias Orientais decidiu cultivar o chá, ela mesma, nos seus estabelecimentos de Java.

Se na França, depois de ter sido posto em moda por uma tese do cirurgião Cressé, defendida diante da faculdade de

medicina de Paris, o chá teve seus adeptos desde 1659, dentre os quais o cardeal Mazarino e mais tarde Jean Racine, ele não pôde se expandir em razão do seu preço que permanecia proibitivo. Além disso, ele foi inicialmente usado sobretudo como medicamento e é ainda assim que ele aparece numa obra médica do século XVIII: "A infusão do chá, tomada com discrição, é capaz de destruir os maus germes das vias aéreas, de dissolver essas matérias viscosas que, caindo no estômago, corrompem e alteram o quilo... O chá é tão indicado para as moléstias do cérebro e do peito quanto para as do baixo-ventre; pois ele acalma as enxaquecas, desperta o espírito, dissipa os vapores, as vertigens e o entorpecimento, restabelece a memória, torna o espírito mais livre e previne a apoplexia, a paralisia e o catarro. Ele também é útil aos asmáticos, aos tísicos e aos pulmões, tomado com leite. Em suma, ele mantém no sangue essa fluidez natural na qual consiste a saúde." Ora, com a diferença do vocabulário, os médicos de hoje dizem a mesma coisa. Eles reconhecem por experiência que o chá estimula o tônus psíquico, alivia as enxaquecas e facilita e acelera a digestão. Puderam também constatar que o chá age sobre o sistema cardiorrespiratório, combate ativamente a arterioesclerose e faz baixar a taxa de Colesterol.

No entanto, como os países mediterrâneos, a França ficou com o café, enquanto o chá conquistava a Inglaterra e a Rússia. No império dos czares, o chá vinha na forma de tijolos escuros, feitos de folhas prensadas e fermentadas, transportadas desde a China por caravanas que atravessavam os desertos da Ásia Central. Em russo o chá se diz *tchai,* como em chinês. Na Inglaterra, o chá vindo por navio — a primeira remessa direta, de 56 quilos, chegou em Londres em 1669 — vinha sob a forma de folhas somente secas. Por isso durante muito tempo os botânicos pensaram que se tratava de duas espécies distintas, enquanto a única diferença era a maneira de preparação. No século XVIII, o chá se tornou a bebida nacional na Grã-Bretanha. Sabemos que ele teve um importante papel histórico durante a revolta que agitou as colônias da América do Norte contra a mãe-pátria. No dia 12 de dezembro de 1773, em Boston, para protestar contra as

taxas, os colonos lançaram ao mar uma carga de chá da Companhia das Índias. Foi o sinal que marcou o início da guerra da Independência.

No século XIX, o governo inglês programou longas pesquisas na Índia e na China, feitas por botânicos especializados, encarregados de estudar a cultura e depois de divulgá-la em toda a parte onde ela fosse possível. Graças a esses trabalhos, conseguiram esclarecer os mistérios que, no Ocidente, envolviam até então a existência da planta do chá. Esse belo arbusto, parente próximo das Camélias, alcança 1,5 a 2,0m de altura, mas geralmente é podado mais curto de modo a facilitar a colheita de suas folhas. Estas, que são persistentes, são colhidas quando ainda estão novas e penugentas; mais elas são finas, mais sua qualidade é apreciada; por exemplo, o "pekoe", ou chá da "colheita celeste", é formado de brotos ainda não abertos. Na realidade, essas folhas contêm a taxa mais elevada de cafeína, pois é a cafeína, e não sua companheira a teofilina, que é o agente das virtudes do chá. Se ele é geralmente mais bem tolerado do que o café, é que no seu caso trata-se de uma simples infusão; uma xícara de chá contém de duas a quatro vezes menos cafeína do que uma xícara de café do mesmo volume. Além disso, no chá preto, os taninos que liberam a fermentação atenuam bastante a ação da cafeína.

E no entanto o chá pode se tornar uma droga. Bebido verde, adicionado de menta e muito açucarado, o chá na África do Norte é objeto de uma verdadeira cerimônia, bem conhecida dos que estiveram por lá. Ela provocou freqüentemente um uso abusivo, que grassou principalmente antes da última guerra, especialmente na Tunísia, onde a compra do chá e do açúcar consumia uma importante parte do orçamento dos pobres. O vício do chá provoca graves perturbações nervosas: tremedeira, vertigens, insônia crônica, palpitações cardíacas, perturbações digestivas que com a continuidade levam a uma degradação do humor e do caráter. O que mostra que tudo em excesso...!

Cravo-da-índia

Se a pimenta é um bago, a canela uma casca, o gengibre uma raiz, o cravo-da-índia é um botão de flor que, seco, tem a forma de um cravo, e o craveiro, "a mais bela, a mais elegante, a mais preciosa de todas as árvores conhecidas" afirmava o alemão Everard Rumph que, morto em Amboine em 1702, após ter ali vivido cerca de cinqüenta anos, foi o primeiro botânico europeu a fazer dele uma descrição completa.

O craveiro, árvore sempre verde de 10 a 15m de altura, de porte piramidal e de tronco liso de um belo cinza-claro, parece uma murta gigante. Suas folhas perfuradas de finas pontuações correspondentes a glandes produtoras de óleo aromático perfumam as noites quentes dos trópicos, onde ele é cultivado desde tempos imemoriais. Colhem-se os botões florais antes que as pétalas se abram; eles formam uma espécie de cabeça redonda de cor rosada que é simplesmente secada ao sol ou diante do fogo, e é quando eles adquirem uma tonalidade marrom-avermelhada que nós os identificamos.

Porém tudo isso só ficou conhecido depois que os portugueses descobriram as Molucas, no século XVI; e no entanto os cravos-da-índia já chegavam à Europa desde o fim da Antigüidade. Não se tem certeza se os gregos e os romanos o tenham conhecido, pois o *caryophyllon,* que era comercializado pelos fenícios no Mediterrâneo, talvez não fosse o cravo-da-índia. A palavra grega *karuophyllon* (de *karyon,* "noz", e *phyllon,* "folha") só foi aplicada ao cravo seguramente no século VII da nossa era. Fato curioso: foi dessa espécie exótica que a cravoária, planta no entanto européia, recebeu seu nome, "porque tinha um perfume parecido com o do cravo-da-índia". Do mesmo modo, se nosso cravo dos floristas tem o nome botânico de *Dianthus caryophyllus,* não é apenas

por causa do seu perfume agradavelmente apimentado mas também pela forma do seu botão floral; em italiano, cravo se diz *garofano.*

Durante toda a Idade Média, o cravo-da-índia foi muito empregado como medicamento. Santa Hildegarde de Bingen, abadessa beneditina que viveu na Alemanha no século XII e foi também uma das grandes fitoterapeutas de sua época, recomendava o cravo-da-índia contra as dores de cabeça, a surdez e a hidropisia. Por ocasião das epidemias de peste que assolaram a Europa no fim da época medieval, ele foi usado com sucesso para prevenir o contágio. Por isso, bem mais tarde, o cravo-da-índia entrou no célebre preparado conhecido com o nome de "vinagre dos quatro ladrões", pois a receita fora arrancada de quatro malandros. Durante a terrível epidemia de peste de Toulouse que de 1628 a 1631 fez mais de 50.000 vítimas nessa cidade, quatro bandidos aproveitaram para saquear os pesteados. Quando finalmente foram presos, os *capitouls* lhes prometeram a vida salva, sob a condição deles revelarem o segredo da extraordinária imunidade que demonstravam; foi o que fizeram e em troca foram enforcados em vez de queimados vivos.

Os químicos modernos que isolaram o eugenol, princípio ativo do cravo-da-índia, confirmaram que se tratava efetivamente de um antisséptico particularmente poderoso. Ele é também, como o descobriu Ambroise Paré no século XVI, um analgésico dental, muito usado ainda hoje, como bem o sabem os clientes dos dentistas.

Mas, por seu sabor e também por sua ação estimulante sobre todas as glândulas digestivas, o que excita o apetite e torna mais fácil a digestão, o cravo-da-índia é também um condimento especial que realça o gosto dos caldos e ensopados. Ele é espetado em cebolas que são usadas nas vinhas-d'alho e no dente de alho que recheia o pernil. Enfim, o cravo-da-índia entra na preparação de inúmeros licores.

Apesar de muito usado, o cravo-da-índia permaneceu por muitos séculos um artigo extremamente caro, pois os portugueses que descobriram sua pátria, no século XVI, além de

garantirem o monopólio de sua produção, para terem certeza de conservá-lo, destruíram sistematicamente todas as plantações que não podiam vigiar de perto Os holandeses que os sucederam no início do século XVII procederam da mesma forma. Para isso empregaram toda espécie de ardis, chegando até a comprar as folhas, inutilizáveis, dos craveiros que com isso murchavam; ou quando não podiam fazer por menos, indenizando os soberanos locais que consentissem destruir suas plantações — a menos que, diante da resistência destes, eles não lançassem expedições armadas para incendiá-las. Além disso, para manter a cotação alta, os holandeses destruíam colheitas inteiras da especiaria que chegavam em seu país. Em 1760, o botânico francês Valmont de Bomare viu serem consumidos pelo fogo, em Amsterdam, fardos de especiarias que ele avaliou em oito milhões de libras e, acrescentou, "deviam queimar outro tanto no dia seguinte. Os pés dos espectadores se banhavam no óleo essencial dessas substâncias".

Somente um homem ousou combater esse odioso privilégio, o lionês Pierre Poivre. Arriscando a vida, enganou a vigilância dos holandeses e conseguiu apanhar setenta pés de cravo-da-índia que introduziu, em 1770, na ilha da França (atual ilha Maurice) e na ilha Bourbon (a Réunion). Foi a partir dessas duas colônias francesas que o craveiro se espalhou em muitos outros países tropicais, como Zanzibar e Pemba, duas ilhas da costa oriental da África que produzem hoje quase 90% do consumo mundial de cravos-da-índia.

Dedaleira

Quem já não encontrou, numa curva do caminho, essas altas damas medievais com chapéus violeta, as dedaleiras, que pertencem ao grupo das mais belas plantas de nossas regiões setentrionais? Suas corolas, de aspecto tão curioso, sempre ex-

citaram a imaginação popular que nelas viu dedais de costura (em latim *digitale*) ou dedos de luva, mas nesse caso pertencentes à própria Virgem, consagração que era certamente um modo de neutralizar uma planta tão mortífera. Mas por trás da Virgem protetora, não seria preciso entrever as fadas por vezes maléficas que tantas vezes ela dissimula? A dedaleira em inglês chama-se "luva de raposa" (*foxglove*) e em alemão "chapéu de raposa"(*Fuchshut*); ora, a raposa, nos campos, sempre foi considerada como uma encarnação das forças malvadas, dos espíritos malignos.

Na realidade, a beleza da dedaleira é traidora, pois trata-se de uma espécie das mais tóxicas; é justo reconhecer que seu cheiro acre e especialmente o sabor amargo e desagradável de suas folhas servem de advertência aos animais que se sintam tentados a consumi-la. De fato, dez gramas dessas folhas secas, ou quarenta gramas de folhas frescas tomadas em infusão, bastam para matar um homem com dores atrozes. Já o seu consumo em pequena quantidade provoca sintomas impressionantes, dentre os quais uma diminuição do pulso que, de início elevado, pode descer até apenas trinta ou mesmo vinte e cinco pulsações por minuto.

E no entanto a dedaleira era, pelo menos desde o século XIII, utilizada freqüentemente pela medicina popular, uma longa tradição considerando-a como um remédio contra a hidropisia. A medicina oficial chegava a argumentar contra as perigosas superstições que empregavam venenos com tanta leviandade. Todavia, no século XVIII, um médico do hospital de Birmingham, William Withering, teve a curiosidade de reconsiderar a questão. Botânico notável, pois seus contemporâneos o apelidaram o "Lineu inglês", Withering se interessava com tanta simpatia pelos remédios populares que pudera obter de uma velha curandeira que esta lhe passasse seus segredos. Entre eles figurava o poder da dedaleira. Foi assim que, após longas experiências, Withering pôde, em 1775, revelar as propriedades diuréticas dessa planta ao mundo científico que as tinha esquecido. Seus trabalhos deveriam levar uma série de pesquisas que resultaram na reabilitação da dedaleira.

Na França, o doutor Debreyne (1786-1867), médico no célebre monastério de la Trappe, perto de Mortagne, no Orne, onde deveria terminar seus dias com o hábito monástico, observou que a dedaleira era também cardiotônica, graças a um glucosídio, a digitalina. Em 1868, um ano após sua morte, o químico Nativelle pôde isolar o princípio ativo.

A digitalina reforça e regulariza o ritmo do coração e também exerce uma ação vasoconstritora sobre o ritmo vascular periférico; ainda hoje é o melhor medicamento tônico-cardíaco que existe. Mais tarde, descobriram que, em outros casos, a dedaleira podia também exercer uma ação favorável. Com efeito, basta sua presença para estimular o crescimento de outras espécies vegetais: as árvores frutíferas, os tomates e as batatas. Melhor ainda, uma decocção de suas folhas misturada à água de um vaso permite reanimar o buquê que está murchando.

A descoberta de Withering teve também o valor de um exemplo. Alguns começaram a se indagar se, no fundo, a farmacopéia popular, por tanto tempo desprezada e mesmo energicamente combatida, não conteria às vezes reais conhecimentos que, no decorrer do tempo, teriam sido perdidos.

Estragão

Como a artemísia, a losna, o abrótono ou os genepis, o estragão é uma *Artemísia* mas ela somente desempenha um grande papel na cozinha, principalmente na França onde é muito apreciada. O estragão faz parte das *fines herbes* e com isso aromatiza as saladas e os pepinos em conserva que ele adoça, às vezes os pernis ou o suculento frango ao estragão; ele entra na composição de molhos deliciosos: a *béarnaise,* a *rémoulade,* a *ravigote* e o molho verde; ele também perfuma

agradavelmente a mostarda. Em resumo, o cozinheiro digno desse nome não pode dispensá-lo.

No entanto não é em razão de suas qualidades culinárias que o estragão adquiriu fama, quando os mouros o trouxeram para a Espanha, provavelmente no século XII, e sim pelas notáveis propriedades medicinais que lhe eram atribuídas. Segundo os médicos árabes, essa planta providencial além de excitar os humores, tonificar o estômago e o coração, "fazia vir a menstruação das mulheres", propriedade que compartilhava com a losna; em suma, ele era um antídoto contra o veneno das serpentes. Aliás foi essa virtude que deu à planta seu nome de estragão, escrito de início "targon" (em francês), uma adaptação do árabe *tarkhoum.* Mas essa palavra árabe por sua vez vem de *drakontion,* nome grego da serpentária, espécie completamente diferente pois trata-se de um arunco. Todavia, Plínio chamou o estragão de *dracunculus,* o que quer dizer pequeno dragão ou pequena serpente, e em certas províncias francesas é chamado ainda hoje de "serpentina". Que tenham visto nele na antigüidade um doma-veneno não é surpreendente, pois outras *Artemísia* tinham fama de afastar as serpentes das casas. E além disso, para o "pensamento selvagem" que se fiava mais às aparências dos seres do que à sua anatomia não havia grande distância do verme à serpente; e poderíamos acrescentar, da serpente ao órgão fecundador masculino, objeto de horror para Ártemis.

O fato é que, como remédio, a fama do estragão permaneceu muito limitada na Europa Ocidental, pois somente no século XVI a planta se espalhou realmente na França; com efeito, ela vinha de muito longe, pois os próprios árabes a recebiam da Rússia e da Tartária. Apesar de ser usado hoje apenas como condimento, ainda lhe reconhecem virtudes facilmente constatáveis: o estragão é aperitivo, estomáquico e estimulante, e o licor que dele é feito continua apreciado em certas regiões campesinas; é sem dúvida um digestivo tão eficiente quanto agradável ao paladar.

ESTRAMÔNIO: ver BELADONA

Favas

Se não há bolo de Dia de Reis sem fava, é porque é preciso designar o rei da festa. Esse costume que há muito tempo foi cristianizado, fixando sua data em 6 de janeiro, dia da Epifania, celebração pela Igreja da adoração dos três Reis Magos, vindos de muito longe para reconhecer o aparecimento sobre a terra (em grego, epifania quer dizer aparecimento) do Salvador dos homens, é de origem pagã. Ele data das Saturnais romanas. Estas, que aconteciam no 16 das calendas de janeiro, ou seja, no dia 17 de dezembro, e de início só duravam um dia, mais tarde três, na época de César, chegando a sete no final do Império, comemoravam, num período intermediário entre o fim do ano e o início do ano seguinte, as origens, o reino de Saturno, deus das semeaduras e da agricultura, tendo aqui o papel de herói civilizador, e que fora a idade de ouro. Somente a paz e a igualdade governavam os homens e as leis eram inúteis. Por isso, durante as Saturnais, todas as diferenças sociais eram abolidas, ou melhor, invertidas; os escravos eram servidos por seus amos, zombavam deles, os maltratavam sem que pudessem ser punidos. Todos passavam o tempo em banquetes, em orgias e se entregavam sem pejo aos prazeres geralmente proibidos. Presidia a festa um rei sorteado pela fava, que dava as ordens mais absurdas às quais todos eram obrigados a obedecer.

Esse rei, que escolhiam jovem e belo, era evidentemente a própria personificação de Saturno. Designado trinta dias antes da festa, ele ia e vinha na cidade com vestes reais, escoltado por sua guarda e podia dar vazão impunemente a todos os seus caprichos, a todas as suas paixões. Mas na noite da festa seu reino terminava e ele devia ter o pescoço cortado no altar do deus que encarnara.

Essa efêmera realeza — sob diversas formas, e encontrada

em todo o folclore europeu — é o tema da peça de Jean Cocteau, *Bacchus,* que se passa na Alemanha, no tempo da Reforma. O uso do bolo de reis a fez sobreviver até hoje, mas é apenas uma festa familiar cujo sentido não é compreendido pelos participantes. No século XVI, era diferente, e em suas *Recherches de la France,* publicadas a partir de 1560, o humanista Étienne Pasquier dá uma versão muito interessante desse costume, pois ainda faz alusão aos hábitos pagãos. O bolo cortado em partes não é imediatamente distribuído. Uma criança fica embaixo da mesa e o dono da casa a interroga, chamando-a de Febo, "como se fosse alguém que, pela inocência de sua idade, representasse um oráculo de Apolo". A criança designava aquele que deveria receber o primeiro pedaço e assim por diante, até que fosse entregue àquele onde estava a fava. "E isto feito, cada qual se desbordava, bebendo, comendo e dançando."

O sorteio pela fava, tendo-se tornado uma paródia em Roma, era outrora muito tradicional na Grécia. Os magistrados eram nomeados por meio de favas pretas e brancas; eram eleitos aqueles que tirassem as favas brancas. Mas por que se serviam justamente das favas? Porque acreditavam que estas continham as almas dos mortos, ao culto das quais elas estavam associadas. Em suma, submetiam-se ao julgamento dos antepassados que sabiam o que os vivos não podiam saber. De que modo justificavam uma assimilação para nós bem desconcertante? Basta abrir uma vagem de favas para sabê-lo. Por sua forma a fava se assemelha estranhamente a um embrião, e em grego, *kuamos,* a "fava", vem do verbo *kueô,* "levar em seu seio". Aqueles que substituem a fava do bolo de Reis por um minúsculo boneco teriam pensado nisso? Durante os rituais agrários que celebravam a volta da primavera, o renascimento da vegetação, as favas representavam o primeiro dom vindo da terra, onde, com os mortos, repousavam as sementes que então despertavam e germinavam; era a oferenda dos defuntos aos vivos, a garantia de futura prosperidade. Compreendemos então por que as favas eram estritamente proibidas tanto pelos sacerdotes egípcios quanto pelos orfíricos e pitagóricos que tinham recebido

deles seus segredos; equivaleria a, como diziam estes, comer a "cabeça de seus pais", compartilhar o alimento dos mortos que, como tal, era impuro.

Genepi

Hoje só encontramos essas plantas nas encostas das mais altas montanhas, elas que são *Artemísia* tanto quanto a artemísia comum e a losna, porém adaptadas à vida em altitude, o que aparece em seu aspecto atarracado, encolhido, bem como nos pêlos sedosos que as protegem dos frios intensos. Delas existem várias espécies muitas vezes confundidas.

Artemísia genepi ou *Artemísia spicata,* o verdadeiro genepi, é uma pequena planta inteiramente esbranquiçada e sedosa que espalha um forte cheiro aromático, semelhante ao da losna e ostenta, em julho e agosto, capítulos globulosos, erguidos e escuros, com flores amarelas. O verdadeiro genepi cresce nos pedregulhos rochosos entre 2.000 e 3.800m nos Alpes e nos Pireneus.

Artemísia mutellina ou *Artemísia laxa* é o genepi amarelo ou o genepi branco. Apesar de viver tão alto quanto o anterior, é também encontrado numa altitude inferior — entre 1.300 e 3.700m — nos Alpes e Pireneus. Muito mais espalhado que o verdadeiro genepi, apesar de parecido, suas folhas são ainda mais divididas e suas flores amareladas formam espigas compridas e moles.

Artemísia glacialis é uma plantinha muito aromática que cresce na relva dos pedregulhos e das morainas. Só é encontrada nos Alpes Ocidentais e é muito rara. Suas folhas são brancas nas duas faces e suas flores amarelas formam pequenas inflorescências muito compactas na ponta dos caules retos.

A esses genepis propriamente ditos, muitas vezes é acrescentada uma outra espécie que, apesar de pertencer a um

outro gênero, faz parte da mesma família, *Archillea moschata.* O mil-folhas moscado também cresce nos pedregulhos alpestres, na altitude entre 1.450 e 3.400m. Suas folhas aromáticas são de um verde vivo e suas folhas formam numerosos e vigorosos capítulos de lígulas brancas.

Nas regiões de alta montanha onde eles crescem e principalmente na Sabóia e na Suíça, os genepis, muito apreciados pelos cabritos, têm a fama de curar muitas moléstias, pois as virtudes das artemísias estariam neles especialmente concentradas. Estimulantes enérgicos, febrífugos e também emenagogos, os genepis também entram na composição de vulnerários e antissépticos eficazes. Em infusão, eles seriam soberanos contra o mal de altitude. Em resumo, seriam plantas que corresponderiam precisamente às necessidades dos homens (e dos animais) que habitam o ambiente onde elas crescem, e isto seria uma das "coincidências" que nossos "antigos" teriam tão bem percebido e aproveitado freqüentemente nos remédios populares tão mal falados.

Além do seu uso terapêutico local, os genepis devem sua fama principalmente aos licores que deles são feitos; são também elementos da composição de várias macerações requintadas, outrora inventadas pelos monges jardineiros, por exemplo, a Chartreuse e a Bénédictine, que além de saborosas são muitas vezes salutares. A história desses licores é ilustrada de maneira divertida por um dos célebres contos de *Lettres de mon moulin,* "O elixir do reverendo padre Gaucher". Infelizmente o sucesso desses licores, agora comercializados, resulta numa colheita excessiva dessas plantas raras o que pode, a curto prazo, colocar em perigo a existência dos genepis em várias regiões dos Alpes e dos Pireneus.

Gengibre

Na Idade Média, o gengibre era, com a pimenta, a especiaria mais procurada. Na França, os "épiciers" (merceeiros) que tam-

bém eram boticários, vendiam duas variedades: o gengibre colombense (vindo de Colombo, na ilha de Ceilão) e o gengibre de *mesche* (pois diziam vir da Meca), que era "mais mole de cortar com a faca e com o interior mais branco do que o outro". Mais delicado também e mais caro — uma libra de gengibre de *mesche* valia o preço de um carneiro —, este ressaltava uma grande parte do sabor de iguarias as mais variadas como a *cretonnée* ao país novo, *agrave* de caranguejo, a *arbaleste* de peixes, a *vinnée* de carne, a *dodine* de suco verde, a panelada de teta de vaca ou o guisado; ele também tornava mais digestivo os pratos com molhos.

Na época o uso do gengibre já era bem antigo. Os gregos, que o tinham recebido dos persas, o empregavam muito pouco, pois ele era raro e caro; mas em Roma, o gengibre era vendido comumente nos mercados, como atesta Plínio. Pensavam então que era originário da Arábia e do país dos Trogloditas e o tomavam pela raiz da pimenteira, erro que Plínio retificou. Mesmo quando o gengibre se expandiu na Europa ocidental — bem cedo, já que é mencionado na Inglaterra desde antes da conquista normanda —, não sabiam que planta o produzia nem exatamente de onde ele vinha. Como somente os árabes o comercializavam, achavam que ele era originário do sul da Arábia. Foi somente Marco Polo que, no final do século XIII, fixou sua exata proveniência; porém sem ter ele próprio visto a planta, que alguns anos mais tarde foi orgulhosamente descrita pelo frade Giovanni de Monte Corvino, um dos primeiros missionários que visitaram a Índia em 1292. Contudo, só obtiveram informações precisas sobre a cultura do gengibre com o relato feito pelo viajante italiano Nicolò Conti, que percorrera a Índia, a China do sul, Sumatra e Java, de 1428 a 1453.

O gengibre, originário da Índia e cujo nome vem do sânscrito *críngavera,* só cresce nas partes mais quentes da Ásia. Ali sua cultura é certamente antiga, pois não encontraram a planta em estado espontâneo. Esta é uma erva vivaz, cujos altos caules, parecidos com os do junco, ostentam por vezes longas folhas lanceoladas, outras apenas uma espiga ovóide de flores amarelo-esverdeadas. Apenas os rizomas subterrâneos são

utilizados: eles são alongados, do tamanho de um polegar, muito nodosos e espalham um forte cheiro aromático e apimentado. Depois da floração, os rizomas são desenterrados, lavados, descascados e postos a secar ao sol. No Oriente são vendidos frescos, mas chegam à Europa em duas formas: o gengibre cinzento ou preto, ainda com casca, e o gengibre branco que é descascado.

Quando os navegadores europeus descobriram o Novo Mundo, depois o país das especiarias, os espanhóis introduziram imediatamente a cultura do gengibre nas Antilhas onde, o clima lhe sendo especialmente favorável, sua produção tornou-se rapidamente importante. Desde o final do século XVI, a Jamaica foi um dos principais exportadores do gengibre e assim permanece até hoje. Pouco depois, o gengibre alcançou o lado ocidental da África, onde Serra Leoa se tornou um dos maiores produtores do mundo.

No Oriente, o gengibre é usado para perfumar os pratos, mas é também degustado na forma cristalizada ou em calda, como uma gulodice muito apreciada, principalmente na China, onde é freqüentemente oferecida como presente. Na África negra, e particularmente no Senegal, o gengibre perfuma o cuscuz.

Na Europa, os maiores consumidores de gengibre são os ingleses que o utilizam muito nas geléias, pudins e outros doces. Com ele perfumam várias espécies de bebidas, dentre as quais a mais conhecida é o *ginger ale.* Em compensação, os franceses que, até o final do século XVIII, tinham sido grandes apreciadores de gengibre, não o estimavam mais desde o final do Antigo Regime, como se se tratasse de um gosto aristocrático. Talvez o sabor picante e aromático do gengibre, proposto por numerosas lojas de produtos do Extremo Oriente, voltará à moda quando souberem que o gengibre além de possuir virtudes aperitivas, estomáquicas, carminativas e febrífugas, tem um real poder afrodisíaco. Essa é uma das principais razões da preferência que goza não apenas na China, mas também entre os árabes e africanos.

Ginseng

Se os homens sempre estiveram à procura da panacéia (do grego *pan,* "tudo", e *akos,* "remédio"), os chineses estimam que eles a acharam há cerca de 4.000 anos e Lineu, o legislador da botânica, parece confirmar essa reputação, ao batizar o ginseng de *Panax quinquefolia.*

Na China, onde a medicina tradicional considera a raiz do ginseng como a "essência soberana", atribuem-lhe toda espécie de propriedades que podem parecer heteróclitas mas que, no fundo, são uma só: o ginseng é um poderoso reconstituinte energético; sendo assim ele é cardiotônico, restaura as forças intelectuais e físicas e por isso passa por afrodisíaco; finalmente, ele aumenta a resistência aos germes mórbidos. Assim, é especialmente indicado para combater os efeitos do envelhecimento e passa a prolongar a vida.

Se o ginseng continua sendo suspeito para a medicina ocidental, é sem dúvida em grande parte porque a crença em suas qualidades está relacionada a uma maneira de pensar completamente diferente. Para os chineses, os poderes do ginseng vêm realmente da forma de sua raiz que parece um homenzinho filiforme, com uma cabeça, um tronco e quatro membros, prolongados por radículas muito finas que se enterram profundamente no solo. Ginseng, que é seu nome cantonês, corresponde no chinês clássico a *jen-chen,* que quer dizer "o corpo do homem". A raiz do ginseng extrai sua eficácia do fato de ser uma espécie de homúnculo, de anão captador das energias telúricas — nisso ela se parece com a mandrágora — o que faz intervir um sistema inteiro de correspondências e de sinais que a ciência ocidental rejeitou há muito tempo. Porém alguns fitobiologistas, tendo sido por várias vezes obrigados a constatar a real eficácia bioquímica de certas plantas utilizadas outrora em referência a essa "teoria das assinaturas", se

perguntam atualmente se não existiria efetivamente uma correspondência entre a forma e as propriedades dos seres vivos, conclusão a que chegaram, por sua vez, os físicos mais ortodoxos.

O ginseng é originário da Mandchúria e principalmente da Coréia. É uma planta de uns trinta centímetros de altura, cujo caule reto sustenta três grandes folhas, cada uma composta de cinco folíolos lanceolados, pontudos e dentados; às flores insignificantes sucedem os bagos vermelho-vivos, em cachos. Pelo menos outrora, a colheita das raízes exigia muito esforço. Com efeito, era proibido tocar a planta com ferro.

O *Panax* não é exclusivamente extremo-oriental; ele também cresce na floresta canadense onde foi descoberto em 1715, pelo jesuíta francês, o padre Lafitau, porém apesar de botanicamente idêntico, não é provável que a variedade canadense tenha as propriedades de sua irmã asiática, que foi descrita pela primeira vez, desde 1711, por um outro jesuíta residente em Pequim, o padre Jartoux.

Durante muito tempo — as primeiras referências de sua utilização na Coréia datam de cerca de dois mil anos — só empregaram o ginseng selvagem, cuja raiz era vendida, a peso igual, mais caro do que o ouro. Por isso, há vários séculos ele é cultivado no sudoeste da Coréia. Porém essa cultura, bem diferente da de outras plantas, exige muitos cuidados e principalmente paciência. Planta delicada, atacada por inúmeros parasitas, o ginseng deve ser protegido durante todo seu crescimento, que é muito lento. É necessário previamente arar a terra até quinze vezes para amolecê-la e trazer à luz do dia as larvas que somente o sol deve matar: qualquer emprego de inseticida tiraria todas as qualidades da raiz. É preciso também colocar abrigos sobre as plantas, de maneira que elas só recebam uma luz irradiada. Depois de três anos as plantas devem ser pinçadas à mão para eliminar os brotos supérfluos. E somente após seis anos, quando terão atingido um tamanho suficiente, é que as raízes poderão ser arrancadas com toda a precaução para não estragar suas inúmeras radículas. Acrescentemos que o campo utilizado não mais poderá sê-lo por dez

anos. Não é de surpreender que o ginseng continue sendo um produto raro e caro.

Aliás devemos registrar que, apesar do ceticismo exibido a seu respeito no Ocidente, o ginseng nem por isso deixou de ser incorporado aos víveres dos cosmonautas lançados no espaço; mas devemos também acrescentar que sua comercialização, provocando tentativas de simplificação em sua cultura, certamente o fará perder pelo menos uma parte de suas incontestáveis virtudes.

Hipérico

Os mil furos são bem visíveis quando olhamos em transparência as flores da *Hypericum perforatum*, uma planta alta com belas flores amarelo-ouro, assíduas em locais secos. Esses minúsculos furos são na realidade glândulas translúcidas que secretam um óleo aromático; outras glândulas, estas negras, orlam pétalas e sépalas e destilam um óleo cor de sangue. Essas perfurações, esse sangue, parecem predestinar a planta a tratar das feridas em virtude do princípio da medicina por analogia, velha como o mundo, que afirmava que o aspecto dos vegetais indicava sua utilização. Por essa razão, o *hypericum* era chamado comumente, em inglês, *Balm-of-Warríor,* "bálsamo do guerreiro" e por causa do seu grande poder, *Grace-of-God*, "graça divina", ou *Touch-and-Heal,* "toca e cura".

Mas o hipérico era também a "erva-de-são-joão", em francês, em italiano, em alemão, língua esta que especificava "sangue de São João" (*Johannisblut*). Com efeito, era preciso colhê-lo no dia 24 de junho, ao meio-dia, ou seja, quando o sol atingia seu apogeu, momento em que a planta estava no auge de sua força. Colhiam-se então buquês que se penduravam nas portas das casas e estábulos. Na noite de São João era recomendável usá-la. O *hypericum* chamado *Fuga daemonium*

desde a época galo-romana afastava qualquer bruxaria, qualquer feitiço; no século XVI, um autor ainda escrevia: "Os diabos têm tanta aversão por esta planta que logo fogem do local onde ela é queimada." Flor solar, o hipérico combatia as temíveis forças da sombra. Finalmente, sua colheita servia para a preparação do "óleo vermelho" obtido por maceração dos cimos floridos no azeite virgem, o que dava um belo líquido carmim, antiinflamatório e cicatrizante que era aplicado nos ferimentos e nas queimaduras. Para o grande cirurgião, Ambroise Paré, era o vulnerário por excelência, e John Gerard, médico e célebre herborista inglês, assim escreveu em seu *Herball* de 1597: "É um remédio precioso para os ferimentos profundos e os que atravessam o corpo." Sendo assim, o hipérico entrava na composição do "bálsamo do comandante", da "água vulnerária" e de um alcoolato de nome significativo, a "água de arcabuzada". O óleo vermelho ainda é usado nos nossos campos, em certas regiões da França, na Suíça e na Europa central, onde é empregado para cicatrizar e fazer a assepsia das feridas e curar as queimaduras. Não se trata absolutamente de uma superstição, os fitoterapeutas contemporâneos verificaram devidamente a eficiência desse remédio ancestral.

Incenso

Que exista uma magia do incenso, não basta assistir a uma cerimônia religiosa para senti-la, mesmo involuntariamente? Suas volutas azuladas que enchem o santuário o purificam e ao mesmo tempo ao padre e aos assistentes; elas sobem para o céu, como uma oferenda que sempre lhe foi destinada. Mesmo se assistirmos do ponto de vista profano, é incontestável que o perfume dessa resina tem efeitos físico-psicológicos bastante sensíveis; ele conduz espontaneamente à pacificação interior, à serenidade, à contemplação. É com esse fim que os iogues e budistas o utilizam durante a meditação à qual

ele comunica seu sabor e dá o ritmo, pois um bastão de incenso mede o tempo de recolhimento. Por isso desde a antigüidade mais remota, todas as religiões utilizaram o incenso. No outro lado do mundo, na América Central, os maias, muitos séculos antes de serem descobertos pelos europeus, se serviam de um incenso, o copai. Segundo o livro sagrado, o *Popol-Vuh,* ele fora extraído da Árvore da Vida por uma divindade ctoniana que oferecera aos homens, como seu próprio sangue, essa seiva vermelha que se coagulava com o ar. Para os maias, o copai era uma resina celestial; sua fumaça se dirigia diretamente para o centro do céu, pois ela era a emanação do espírito divino.

Para os gregos e latinos também, o incenso só podia ter origem na mitologia. Segundo a fábula contada por Ovídio em suas *Metamorfoses,* provavelmente grega arcaica, o incenso teria nascido da união do Sol com Leucotéia, filha de Orchamos, rei dos persas e suserano do País dos Arômatas, tendo Afrodite embrasado de desejo o astro impassível para se vingar por este ter mostrado suas numerosas infidelidades. Orchamos, ao descobrir que Febo tornara-se o amante de sua filha, quis afastá-la definitivamente dessa paixão. Ao cair da noite ele enfurnou a infeliz num fosso profundo que foi recoberto de areia. Pela manhã, ao voltar sobre a terra, o apaixonado Sol procurou Leucotéia; quando finalmente a encontrou, quis aquecê-la com seus raios, mas era tarde demais. Então, desesperado, Febo espalhou sobre o corpo inanimado um néctar divino fazendo à sua amante a seguinte promessa: "Apesar de tudo, você subirá ao céu." Imediatamente brotou do solo a primeira árvore de incenso. De um corpo prometido à decomposição, o deus fizera um arômato destinado a ligar a terra e o céu. A partir de então, os olimpianos não poderiam ficar insensíveis àquela fumaça cheirosa, grata aos seus corações, pois ela lhes pertencia completamente, já que, ao contrário dos animais sacrificados, o incenso não era compartilhado e sim inteiramente consumido. Portanto, para os órficos e os pitagóricos que proibiam qualquer sacrifício sangrento, o incenso permaneceu a única oferenda que garantia a comunicação com o divino. Ao incenso também estava relacionada a idéia de

regeneração, como, por exemplo, a de Fênix, o pássaro fabuloso que renascia de suas cinzas, após ter queimado na fogueira que ele mesmo erguera amontoando incenso e mirra.

De qualquer modo, os gregos e romanos não conheciam a proveniência do incenso nem a árvore que o produzia. Na Grécia era chamado de *libanos,* palavra provavelmente oriental que resultou em nossa língua *oliban,* que designa o incenso "macho", o melhor. Em Roma denominava-se *thus* ou *tusturis,* palavra vinda do verbo grego *thuô,* oferecer um sacrifício queimando oferendas, o fogo sendo o único capaz de levá-las até os deuses, de onde resultou a palavra turiferário. Quanto ao nosso incenso, é o *incensum* do latim eclesiástico, particípio passado de *incendere,* queimar.

Os autores gregos Heródoto (século V a.C.) e Teofrasto (século IV a III a.C.) e depois deles o naturalista latino Plínio o Antigo (século I a.C.) escreveram que o incenso era originário de um misterioso País dos Arômatos que correspondia mais ou menos à Arábia. Daquela terra ressecada, queimada pelo sol, emanava "um cheiro maravilhosamente suave" onde se misturavam os aromas do incenso e da mirra, da cássia e do cinamomo, todos nascidos dos ardores do fogo celeste. Por isso era em plena canícula, no momento em que o sol se aproximava perigosamente da terra, que incisavam a árvore do incenso "nos lugares em que a casca, fina e distendida, parece estar mais cheia de seiva... dali brotava uma espuma viscosa" que recolhiam durante todo o verão, coagulada em lágrimas arredondadas e brancas. Segundo Plínio, somente três famílias tinham o direito hereditário de explorar as árvores de incenso; os que o colhiam eram qualificados de "sagrados", eles fugiam então ' 'como de uma nódoa, de qualquer contato com as mulheres ou os mortos". Na realidade, era o próprio incenso que era puro e santo, pois ele pertencia ao Sol divino, como explica Teofrasto: "Toda a colheita de incenso e de mirra está reunida no templo do Sol que é o lugar mais sagrado do país de Sabá. Árabes armados montam guarda. Cada qual traz a sua colheita, empilha seu lote de arômatos e o abandona à vigilância dos guardas, depois de ter tido o cuidado de colocar sobre seu lote um cartaz indicando o número de medidas que

ele contém e o preço pedido por cada uma. Quando os mercadores vinham se abastecer, examinavam essas inscrições e cada um mandava medir a quantidade que queria enquanto depositava a paga no lugar em que tirara a mercadoria. Chegava em seguida o sacerdote do Sol que tirava um terço da soma para o deus." Esse comércio silencioso e discreto não provocava a mínima fraude, o que maravilhava Plínio, pois, em Alexandria, onde trabalhavam o incenso, nenhuma precaução podia impedir que os trabalhadores o furtassem.

O fato é que nenhum grego, nenhum romano viram a árvore do incenso, cujo produto era transportado no lombo do camelo pelas caravanas que deviam pagar enormes tributos para passar, o que aumentava consideravelmente o preço. Começando a especulação, esse preço em Alexandria tornara-se exorbitante. Para justificá-lo, aumentava-se a história da colheita com toda a espécie de lendas que aliás não enganaram Plínio. Foram somente os botânicos-viajantes que, percorrendo a Ásia no século passado, descobriram as árvores que dão incenso. O verdadeiro olíbano é a resina do *Boswellia carterí,* que se apresenta na forma de lágrimas ovais, de um amarelo pálido ou alaranjado que, ao queimar, espalha um odor balsâmico mas um pouco acre. *Boswellia carterí* é realmente originário do sul da Arábia, mas ele é há muito tempo cultivado no Egito, onde o olíbano, desde o século X, foi objeto de um comércio muito propagado, pois foi exportado até a China. Hoje, o olíbano vem principalmente da Costa da Somália e seu principal mercado é Bombaim. A Índia também possui seu incenso, resina de uma outra espécie do mesmo gênero, *Boswellia serrata,* especialmente abundante na região de Calcutá. Os *Boswellia* são pequenas árvores que gostam principalmente das regiões rochosas, muito ensolaradas e muito secas.

Será que isto desvenda o mistério? Não completamente, pois existe também um incenso africano que não se sabe ao certo que essência o produz; talvez sejam várias, entre as quais certamente zimbros de madeira odorífera. Mas estaria nisso o verdadeiro mistério do incenso? Não seria mais provavelmente

no fato de que uma simples resina possa constituir um sutil laço entre a terra e o céu?

ÍRIS: ver LÍRIO

Junco

Estamos cansados de saber, desde o tempo da escola, que ele é o símbolo da fragilidade, mas que, se ele verga, não quebra. Esse clichê, que nos vem de La Fontaine e de Pascal, esconde um papel bem mais importante que o junco teve para o homem e que os gregos se lembravam muito bem: ele está na própria origem da música.

Sírinx, o junco, era de início uma ninfa mas, perseguida pelo luxurioso e insaciável Pã, o deus silvestre de pés de bode, não viu outra saída que implorar a seu pai, o deus-rio arcadiano Ladon, para metamorfoseá-la em junco. Sua prece foi imediatamente atendida. E a Pã, mortificado e desapontado, só restou confeccionar, com seu caule, a primeira flauta do mundo, graças à qual ele pôde exalar suas lamentações. Desde então chamamos flauta de Pã ao instrumento composto de um agrupamento de vários juncos de comprimento desigual. Os sátiros que formavam o cortejo de Pã o acompanharam ao som da flauta. Um dia, do junco que se tornara cálamo — do latim *calamus,* "junco", que lembra que o junco também serve para escrever — eles comunicaram o conhecimento aos homens. E foi assim que estes aprenderam a música com os sátiros, de início imitação do canto dos pássaros, do sopro do vento, do rumorejar das fontes.

O cálamo ou *pipeau* — a palavra vem de pipilar — permaneceu por muito tempo o único instrumento musical até o dia em que o astucioso Hermes — que era ainda apenas o deus dos pastores —, ao encontrar uma tartaruga, imaginou

esvaziar sua carapaça e esticar sobre ela uma pele de boi e finalmente colocar sobre um cavalete sete cordas feitas de tripa de ovelhas, das quais tirou sons harmoniosos. Assim foi criada a lira, ou seja, o primeiro instrumento de cordas e com caixa de ressonância. Observemos que enquanto a flauta é simples, de origem vegetal e utiliza diretamente o sopro saído do homem, a lira é complexa, feita com materiais tirados do reino animal e produz, ela própria, o som, já que basta fazer vibrar suas cordas. Tendo feito essa invenção, Hermes a ofereceu a Apolo, para pôr fim à briga entre os dois. Orgulhoso como todos os deuses, o celeste Apolo, tornando-se virtuose, ofendeu-se com a concorrência que lhe fazia a flauta de Pã, modesta divindade terrestre a que, na forma humana de Marsias, cometeu a imprudência de desafiá-lo. Para decidir a contenda, nomearam um júri composto de nove cantoras divinas, as musas, mas também um mortal, Midas, o rei da Frígia. Apenas o representante dos homens se pronunciou por Marsias, e Apolo foi proclamado vencedor. Sua vingança foi terrível: Marsias foi esfolado vivo e Midas dotado de um par de orelhas de burro.

O que compreendemos assim é que os homens, apesar dos deuses, permaneceram fiéis à flauta rústica. Aliás, sabemos o que eles fizeram com ela, já que da flauta deveria nascer toda a série dos instrumentos de sopro, inclusive o órgão, que no fundo é apenas um conjunto de flautas.

Até hoje, o junco original, sob diversas formas, continua sendo o meio através do qual a alma humana se expressa diretamente, com suas esperanças e suas nostalgias. Sua utilização é universal: o *aulos* dos gregos e a *quéna* dos montanheses do Peru não apresentam realmente uma diferença. Eco da música celeste, da voz dos anjos, a flauta foi, através dos tempos, o instrumento por excelência dos místicos e especialmente dos sufis muçulmanos para quem a flauta de junco, o *ney,* simboliza ainda hoje a alma separada de sua fonte divina e que aspira ao retorno. Quanto ao seu poder mágico, ele é provado por numerosas lendas das quais a mais bela é talvez a de Hans, o tocador de flauta, conduzindo para a montanha

os filhos deslumbrados dos seus ingratos solicitadores, arrastando-os para uma caverna de onde eles não voltariam, isto é, fazendo-os reencontrar o estado edênico primordial.

Laranja

Ao contrário do que muitos pensam e do que foi escrito outrora, as "maçãs de ouro" do jardim das Hespérides certamente não eram laranjas, mas, em sentido inverso, o mito grego dos "frutos da imortalidade", contribuiu grandemente para o prestígio que esses cítricos tiveram quando foram introduzidos na Europa. Assim como o pêssego e o abricó, a laranja veio da China, onde a cultura da laranjeira é mencionada nos textos do século II a.C. como muito antiga; porém, enquanto o pessegueiro e o abricoteiro já eram cultivados pelos romanos, a laranjeira só apareceu na Europa por volta do ano 1000, época em que foi introduzida na Espanha pelos árabes. Aliás, tratava-se da laranjeira amarga ou azeda (*Citrus bigaradia*), pequena árvore de espinhos aguçados e cujos frutos de polpa acre e ácida não podem ser comidos crus mas dão ótimas geléias.

Os árabes, que conheciam a *bigaradia* desde o início do século X, a usavam principalmente como remédio e seus médicos receitavam freqüentemente o suco de seus frutos; mas, hábeis químicos provavelmente sabiam também extrair de suas flores o perfume suave que exalam. E talvez tenha sido com eles que os europeus aprenderam a destilação da essência chamada neroli, do nome de Anne-Marie de La Trémoille, que tornou-se princesa de Nerola por seu casamento com Flavio Orsini. Essa grande dama espalhou a moda dessa essência no século XVII, assim como a da essência dita de bergamota, fornecida pela casca de uma variedade da *bigaradia* e que é o componente de base da água-de-colônia. Foi a Itália que apresentou à França essas essências, pois a cultura da bergamoteira

durante muito tempo se limitara à Calábria.[1] A *bigaradia* chegara muito cedo no sul da península italiana, vindo provavelmente da Sicília, para onde os árabes tinham-na levado no final do século X, antes de introduzi-la na Espanha. Mas as *bigaradia* do norte da Itália só foram talvez plantadas dois ou três séculos mais tarde pelos cruzados que as tinham encontrado, já cultivadas, na Palestina. As árvores crescidas ao ar livre em caixas, durante o verão e abrigadas do inverno nas estufas, eram *bigaradia,* mais rústicas do que as laranjeiras de frutos doces e muito ornamentais por sua magnífica floração branca com um perfume de deliciosa suavidade. A mais célebre dessas *bigaradia* foi aquela que mais de quatro vezes secular, até 1858, data de sua morte, fez a glória da Orangerie de Versalhes. Era chamada de "O Grande Condestável", "O Grande Bourbon", ou ainda "Francisco I". Semeada em Pampeluna, em 1412, por Eleanora de Castilho, mulher de Carlos III, rei de Navarra, foi oferecida ao célebre condestável de Bourbon que a fez crescer em Chantilly. Em 1523, essa laranjeira já centenária passou para a propriedade da coroa de França com todos os bens do condestável, que traíra seu rei tornando-se o aliado de Carlos V. O "Grande Condestável" foi então transplantado para Fontainebleau, depois para Versalhes na Orangerie, construída em 1684-1686 por ordem de Luís XIV e que era a maior do reino. De fato, na época, toda mansão senhorial orgulhava-se de sua estufa, onde, durante o inverno, reinava uma eterna primavera; as árvores, transportadas em caixas para o parque de maio a outubro, davam-lhe um aspecto exótico, principalmente em junho e julho, época de sua floração perfumada.

Da laranja *bigaradia,* utiliza-se a raspa da casca, de propriedades tônica e estomáquica, na forma de tinturas ou xarope; ela também serve para camuflar o sabor desagradável de certos medicamentos, aos quais, além disso, acrescenta suas virtudes. Das flores da *bigaradia,* extrai-se a água de flor de

[1] Não é certo que "bergamota" venha da cidade italiana, mas setentrional, de Bérgamo. É também o nome de uma pêra de sabor acidulado, cultivada primeiro em Pergame, na Ásia Menor, e não se sabe se a pêra deu seu nome à laranja ou o inverso.

laranjeira, muito empregada outrora com açúcar ou na água açucarada, como tranqüilizante. É com efeito um antiespasmódico suave que pode muito bem ser ainda utilizado. Finalmente, as folhas da *bigaradia* fazem uma excelente infusão, de gosto muito agradável e com as mesmas propriedades sedativas, agindo especialmente no sistema simpático e por isso recomendada aos insones. Outrora chegaram a utilizá-las, reduzidas em pó e em altas doses, contra a epilepsia, cujas crises elas tornavam menos violentas e mais espaçadas. Finalmente, a raspa da *bigaradia* é, pelo menos em princípio, a base de todas as "tônicas" e outras sodas tão populares no mundo anglo-saxão.

Teria sido por sua ação calmante que a flor de laranjeira substituiu, na confecção das coroas de noiva, a mirta consagrada a Afrodite, e que aliás se parece com ela? É provável que não, pois mais plausível seria porque seu perfume simbolizava a pureza e a suposta inocência da jovem; e também porque ela prometia um futuro rico e próspero, a laranja opulenta sendo considerada, por suas numerosas sementes, um símbolo de fecundidade. Na antiga China, a oferenda de laranjas a uma moça correspondia a um pedido de casamento; outrora no Vietnã, muitas vezes presenteavam os jovens casais com laranjas.

Porém a laranjeira, cujos frutos consumimos, a laranjeira doce (*Citrus sinensis*) só chegou à Europa bem mais tarde. Os navegadores portugueses trouxeram-na da China desde suas primeiras viagens ao Extremo Oriente, no início do século XVI. Na segunda edição das *Novas memórias sobre o estado presente da China,* o padre Louis Le Comte, jesuíta que viveu muito tempo na China, escreveu em 1697: "Na França são chamadas *laranjas da China,* porque as que vimos pela primeira vez tinham vindo de lá. A primeira e única laranjeira da qual dizem que todas vieram ainda está conservada em Lisboa, na casa do conde de Saint-Laurent; e é aos portugueses que devemos essa excelente fruta." Com efeito, ainda hoje, na Grécia, as laranjas são chamadas *deportogalea,* no Piemonte *deportogallotti* e *portokale* na Albânia. Acontece que Portugal é a região mais ocidental da Europa e foi no poente, no extremo ocidente, ali onde começava o outro mundo, o dos mortos, que

o mito grego situou o jardim das Hespérides, vigiado por Atlas, e a proeza de Héracles que conseguiu apanhar as três maçãs de ouro, graças às quais ele finalmente conquistaria a imortalidade, foi comemorada pelas colunas de Héracles ou Hércules, isto é, o estreito de Gibraltar. Que elas fossem de ouro era explicado pelo fato de que essas maçãs representavam o encontro do sol poente com a lua, a quem seus últimos raios davam uma cor alaranjada. A associação das laranjas às maçãs de ouro não era de todo fortuita, apesar das primeiras terem vindo do Extremo Oriente.

De Portugal, a laranjeira doce teria invadido a Espanha, depois a Itália e a Europa Meridional. Mas paralelamente, os árabes, que conheciam a nova espécie desde a Idade Média, a introduziram na Espanha e no norte da África, no século XIV. A palavra espanhola *naranja* não é mais que a em árabe *nârand* que, ela mesmo de origem persa, vem de *nagranga,* nome dado à laranjeira na Índia, o que mostra claramente o trajeto feito pela laranjeira em sua expansão para o oeste.

Quanto à francesa ' 'orange", que se tornou corrente apenas no século XVI, seria, segundo os lingüistas, uma adaptação do italiano antigo *melanracia,* onde se acham combinadas *mela,* a maçã, e *arancia.* Ela corresponderia portanto à palavra que precedeu laranja em nossa língua, *pomme d'orange,* aparecida em 1300, designando talvez as primeiras laranjas amargas vindas da Itália e utilizadas pelo boticários, mas talvez nossos antepassados distinguissem também *or* e *ange* no nome dessa fruta, rara e misteriosa, que parecia vir do céu como as maçãs de ouro do jardim das Hespérides. Se a laranja só foi empregada comumente a partir do século XVI, é que nessa época começava a se espalhar, no sul da França, a cultura das laranjeiras que maravilhou Catarina de Médicis, em 1564, quando esta visitou a Provença com seu filho Carlos IX. Ao mesmo tempo, de Portugal, as laranjas chegavam em navios abarrotados até os portos normandos, e era tamanha a abundância que eram vendidas por um preço baixo.

No entanto, exceto em algumas regiões privilegiadas,

essas frutas permaneceram por muito tempo raras e caras na França; no século passado, a laranja ainda era um presente apreciado. Somente depois do desenvolvimento dos transportes internacionais é que o consumo das laranjas se generalizou, pois a diversidade das proveniências — as laranjas atuais vêm principalmente da Espanha e da África do Norte, mas também da Califórnia — permite adquiri-las praticamente durante o ano todo. Mas o grande sucesso das laranjas veio, de um lado, pela extensão da indústria do suco de laranja, e de outro pelas virtudes que a dietética lhe reconhece como reserva de vitaminas, principalmente de vitaminas C, preciosas especialmente no inverno. Aliás, isso foi apenas uma redescoberta: no século XVII, a célebre Ninon de Lenclos afirmava que devia sua inalterável juventude ao consumo diário de laranjas.

A laranjeira doce (*Citrus sinensis*) não foi encontrada em estado espontâneo, por isso trata-se provavelmente de uma forma selecionada e profundamente modificada pelos pacientes cuidados por aqueles extraordinários arboricultores que foram os chineses. Mas ao contrário dos modernos, estes tiveram a sabedoria de deixar sobreviver e mesmo cultivar a variedade selvagem, a laranjeira amarga, tão útil como essência medicinal e como produtora de perfume, ao lado da cultivada, que não tem essas propriedades mas dá frutos amplamente comestíveis.

Como todos sabem, as laranjas possuem uma estrutura totalmente particular, própria aos cítricos. Seus gomos ou quartos são constituídos de grupos de células gigantes, de vários centímetros de comprimento, que são pêlos transformados e pulposos. Esses pêlos nascem da parte interna e branca da casca. Esta, colorida de amarelo alaranjado por fora, contém bolsas vesiculares, onde se acumula o óleo essencial, e que fazem saliência na superfície da fruta.

Lírio

O lírio, imagem viva da pureza, da inocência virginal, consagrado à Virgem Maria, parece fazer parte desses arquétipos que invadem a memória dos povos. No entanto, a palavra lírio só apareceu em nossa língua no ano de 1175, num romance de Chrétien de Troyes; por isso é bem possível que essa flor só tenha sido conhecida na França a partir do século XII; com efeito, dizem que ela foi introduzida pelos cruzados voltando da Terra Santa. A pátria do lírio é o Levante e sua primeira referência está na Bíblia, no Cântico dos Cânticos: "Como o lírio entre os cardos/assim minha bem-amada entre as mulheres" e no Evangelho segundo São Mateus, quando Jesus diz a parábola bem conhecida: "Olhai os lírios do campo; eles não trabalham nem tecem; no entanto eu vos digo, mesmo Salomão em toda sua glória não se vestiu como um deles." Observemos que até aqui não se trata de pureza; o lírio simboliza eleição, escolha divina, o de Israel entre as nações, depois o cristianismo, o de Maria "entre todas as mulheres". Somente então ele começou a simbolizar a virgindade. O culto da Virgem Maria atingia seu apogeu no Ocidente ao mesmo tempo em que o lírio do Oriente Médio teria feito sua entrada. Desde então ficaram estreitamente ligados.

No entanto, o perfume do lírio, tão forte e um pouco estonteante, perturba até as crianças na igreja e, em A *Catedral,* Huysmans denuncia seus capitosos eflúvios: "Seu perfume é absolutamente o contrário de um aroma casto; é uma mistura de mel e de pimenta, algo de acre e adocicado, de pálido e de forte", e que o escritor não hesita em qualificar de erótico.

É verdade que as fábulas relativas ao lírio na Grécia antiga tenderiam justamente para esse sentido. Héracles menino teria sido autorizado por Zeus a mamar no seio de Hera adormecida, não apenas para participar da divina imortalidade, apesar de certas opiniões, mas para ser adotado por Hera que

detestava aquela criança nascida dos amores duas vezes adúlteros do mestre do Olimpo com uma humana, Alcmena, mulher de Anfitrião. Guloso como era, Héracles sugou com tanta força que uma parte do divino leite se espalhou pelo céu onde formou a Via Láctea, enquanto de uma gota caída na terra nascia o lírio. "Vendo toda essa brancura, acrescentam os fabulistas, Afrodite, ela mesma saída da branca espuma do mar, sentiu imensa inveja e por despeito fez nascer no centro da cândida flor um enorme pistilo que lembra a verga de um burro." Certamente esse órgão chocante é característico do *Lilium candidum,* que, vindo do Oriente, teria sido cultivado muito cedo na Grécia enquanto nas outras historietas relativas ao lírio estes seriam os lírios vermelhos, indígenas. Mesmo assim temos que reconhecer na flor-de-lis uma certa ambigüidade. Simbolicamente ela representaria um amor intenso, porém irrealizável, o do cavaleiro por sua dama e também do devoto por Maria, e sabemos até que ponto foram ligados, nos séculos XII e XIII, o culto da virgem e o amor cortês, portanto um amor que só pode ser recalcado ou sublimado.

Mesmo essas flores heráldicas, que são os lírios da França, são equívocas. Há muito tempo os historiadores já perceberam que o florão de três lóbulos não se parece absolutamente com uma flor-de-lis. Sua imagem mais antiga não data além de 1180 e é encontrada sobre um contra-selo de Philippe Auguste — o que corresponde à data do aparecimento da palavra em francês e talvez à sua introdução vinda do Levante. Desde então o lírio tornou-se o símbolo da Casa de França; mais tarde, em homenagem à Santíssima Trindade, Luís VII limitou seu número a três e a partir do reino de Carlos V, as armas da França seriam: "azul com três flores-de-lis de ouro". Porém há muito tempo os eruditos descobriram a prefiguração do lírio heráldico no cetro dos reis merovíngios do século VI; ora, a flor que encabeça é estilizada mas reconhecível, a de um íris, o de uma espécie realmente indígena, o íris amarelo ou íris dos pântanos. Uma antiga lenda conta que Clóvis, às vésperas da batalha de Vouillé onde desbaratou os visigodos, viu seu avanço interrompido pela correnteza do rio

Vienne. Amedrontada pelo tinir das armas, uma corça fugiu e passou sem dificuldade a parte do rio batizada desde então o "Vauda Corça", perto de Châtellerault. Nesse local crescia em abundância o íris amarelo; cheio de gratidão e como garantia de êxito, Clóvis colheu uma daquelas flores. Tendo alcançado a vitória, o rei dos francos considerou o íris como seu emblema e este tornou-se o dos seus sucessores.

Os antigos historiadores contam que Clóvis conhecia as maravilhosas virtudes do íris. Mas quais seriam? O íris nunca foi usado como remédio; somente os perfumistas sabem tirar dos rizomas de uma de suas espécies um aroma dito ' 'de violeta". E dificilmente imaginamos o altivo Sicambre apaixonado pela mitologia grega. Nesta, o íris seria uma planta divina, ou melhor, uma deusa, a mensageira dos deuses, não apenas entre eles mas com os comuns mortais. Quando, leve e alada, ela se lançava, seu véu era visto no ar: seria o arco-íris, vindo esse *íris* do grego. Íris, mais especialmente devotado a Hera, seria o contraponto de Hermes, mensageiro de Zeus; do mesmo modo que este guiava os homens mortos num outro mundo, Íris se encarregava das mulheres. Em grego, o nome do mensageiro celeste e do arco-íris se aplica também à flor, provavelmente porque esta parece tomar do céu a rica paleta de seus matizes. Como observa o botânico inglês Peter Coats: "Existem poucos íris que tenham uma cor que não se possa encontrar no céu e existem poucos céus, sejam eles azul sereno, purpúreo explosivo ou rosa tenro ou sombrio, cujas cores não estejam nas pétalas do íris."

Em grego, como em francês, íris também designa o círculo colorido do olho, no centro do qual se abre a pupila. Seria apenas porque a variedade dos seus coloridos pode refletir os tons do céu, os do arco-íris? É possível que não, pois em grego, íris também designa o halo que se vê em volta da lua, a névoa luminosa emanada do fogo e em geral qualquer círculo vaporoso e colorido que cerca um corpo luminoso; este círculo é certamente a aura, a emanação energética que alguns dizem perceber ao redor dos seres, o nimbo, a auréola das pessoas divinas e santas.

Lótus

Na origem dos tempos, Vishnu dormia, deitado nas águas primordiais, quando do seu umbigo emergiu um lótus. Então, na sua corola desabrochada, apareceu Brahma, o Criador. Assim nasceu o mundo, segundo a cosmologia hindu, mas também nas crenças do antigo Egito onde o lótus representa igualmente a emergência do universo surgindo da indistinção das águas primordiais. Nos tempos históricos, o Buda Çakyamuni recolocou em movimento a roda do Dharma e à sua maneira recriou o mundo. Por isso é representado sentado, pernas cruzadas, na postura de meditação, instalado na flor-de-lis de oito pétalas, imagem das oito direções do espaço, como a roda cósmica de oito raios que representa o Dharma, a ordem universal que Buda veio restaurar no mundo. Devemos nos lembrar que o mais famoso mantra do budismo: *"om mani padme hum"* significa: "a jóia" (Buda) no lótus.

Com efeito, desde sempre os hindus tinham percebido a singularidade dessa planta das águas paradas, cujas raízes se enterram na lama, enquanto suas flores suntuosas, apesar de saídas da obscuridade, brotam na superfície das águas, à luz do dia com seu botão fechado semelhante a um ovo, o ovo cósmico cuja eclosão constitui a realização das possibilidades contidas no germe inicial. O lótus veio a simbolizar a completa realização das potencialidades do indivíduo, ou seja, seu desenvolvimento espiritual.

Por isso, para explicar as diferenças que existem entre os seres humanos, Buda recorreu à seguinte comparação: "Do mesmo modo que entre os lótus, muitos não se elevam acima das águas, mas crescem nelas, enquanto alguns conseguem se elevar, mas, permanecendo embebidos por elas, não podem se abrir completamente à luz, e outros se erguem completamente acima e desabrocham, não maculados pelas águas, assim vi seres obcecados pela impureza do desejo, permanecendo nele mergulhado, outros que tentavam se libertar e

que podiam assim ser instruídos, outros enfim que, se abrindo amplamente ao sol, estavam prontos a receber o ensinamento."

Na ioga tântrica, sete lótus, de forma e cor diferentes, representam os sete centros sutis do ser, os *chakras,* que são atravessadas de alto a baixo, expandindo-se uma a uma, pela *kundaline,* a força vital obscura, oculta no baixo da coluna vertebral, que é despertada pela prática da ioga. O mais elevado desses centros, situado acima da cabeça, é o lótus de mil pétalas que significa a suprema realização.

Mas como tudo está relacionado, no Extremo Oriente o lótus também é uma planta utilizável em todas suas partes. Seus rizomas, seu caule, suas folhas, seus frutos e suas sementes são comestíveis e de sua seiva extrai-se um aroma sutil, na forma de perfume ou incenso.

Mandrágora

Poucas plantas foram tão capazes quanto esta de excitar a imaginação e até mesmo o inconsciente dos homens. Durante vários milênios e até numa época recente, a mandrágora foi considerada a planta sagrada por excelência. Os assírios a empregavam como soporífero e analgésico, talvez até se servissem dela como anestésico — o que fez, bem mais tarde, o ilustre Dioscoride, cirurgião militar grego no exército de Nero, que utilizava a mandrágora durante suas intervenções cirúrgicas. É sob esse aspecto que, a partir do século V a.C, é apresentada pelo grande Hipócrates que, ao estudar cuidadosamente seus efeitos, especificou que, em pequenas doses, a mandrágora combatia efetivamente a angústia e a depressão. Tomada em quantidade maior, ela provoca estranhas impressões sensoriais, próximas à alucinação. Em doses ainda mais elevadas, a mandrágora exerce uma ação sedativa, depois sonífera e finalmente leva a um sono profundo, acompanhado de uma completa

insensibilidade. Em resumo, a mandrágora seria provavelmente o mais antigo dos nossos anestésicos.

Mas foi também um dos primeiros afrodisíacos conhecidos. Curiosamente é com esse renome e como apta a favorecer a concepção, que a mandrágora figura na Bíblia. Talvez foi a descoberta desse poder que fez uma espécie, até então considerada medicinal, uma planta mágica — o que ela já era, um século após Hipócrates, para Teofrasto, sábio e filósofo grego sucessor de Ariosto. Ora, Teofrasto era contemporâneo de Alexandre o Grande, cujas conquistas trouxeram para a Grécia correntes esotéricas originárias do Oriente.

O fato é que Teofrasto relata as práticas no mínimo estranhas que deviam acompanhar a colheita da planta. Só podiam fazê-lo à noite. Primeiro o herborista se inclinava na direção do sol poente e homenageava as divindades infernais, isto é, as forças telúricas. Depois, com uma espada de ferro que nunca servira, ele traçava três círculos mágicos em volta do pé da mandrágora, ao mesmo tempo que virava o rosto para se preservar das emanações nocivas que poderiam fazer inchar o corpo se não se tomasse a precaução de protegê-lo com óleo. Em seguida era melhor não proceder pessoalmente à colheita, pois no momento em que era arrancada, a planta lançava um grito que matava ou enlouquecia aquele que o ouvisse. Por isso, depois de ter cuidadosamente tapado os ouvidos com cera, o herborista amarrava um cão à planta e lhe jogava um pedaço de carne um pouco além do seu alcance. O cão corria e caía morto. Mas a mandrágora estava arrancada.

Concordamos que uma colheita tão perigosa merecia uma grande retribuição. Mas que importância tinha, já que a mandrágora reembolsava largamente seu comprador. Bastava fechá-la num cofre para que ela dobrasse o número de moedas que ele continha. Assim, desde essa época a mandrágora se tornara uma espécie de ludião ctoniano, de egrégora antropóide, como efetivamente o mostrava a estranha forma de sua raiz.

Se a mandrágora, como muitas espécies de regiões com chuvas primaveris seguidas de uma longa seca estivai, só deixa emergir do solo uma roseta de folhas muito grandes, sua

touceira chega até 60cm de profundidade. Ela é marrom-escura por fora e branca por dentro e curiosamente bifurcada, evocando vagamente um tronco prolongado por coxas. Com um pouco de imaginação é possível encontrar nessa raiz, que os pitagóricos chamavam *Anthropomorphon*, uma silhueta humana, com uma cabeça um pouco acima do nível do solo e coroada por uma opulenta cabeleira, as folhas, principalmente, como às vezes acontece, se duas outras raízes adventícias se colocam no alto dos membros anteriores. É claro que as raízes mais procuradas e as mais caras eram as que lembravam melhor a forma humana, principalmente quando o sexo estava aparente, pois havia mandrágoras macho e mandrágoras fêmea. Diziam até que certos mágicos conseguiam "animar" essas raízes, isto é, fazer delas verdadeiros homúnculos.

Finalmente, a mandrágora se identificava com esses demônios que, nos contos e lendas, se submetem ao poder do homem, garantindo-lhe uma extraordinária prosperidade, mas que um dia precisa ser paga e na maioria das vezes com a salvação eterna. Na Idade Média, essa planta, cujo nome em grego significa simplesmente nociva aos estábulos, isto é, ao gado, chama-se em francês "mão de glória", enquanto seu nome em alemão e em inglês arcaico a identificava a uma fada dos antigos germanos, Alruna. Garantia de prosperidade, assegurando ao seu proprietário o sucesso no amor e em todos os seus empreendimentos, a mandrágora, tornando-se talismã universal, era alvo de um proveitoso e misterioso comércio. Para lhe dar a aparência desejada, chegaram a cultivá-la em potes que serviam de fôrmas, a podar e até a esculpir sua raiz; por fim e principalmente, os charlatães a criaram inteiramente, utilizando para isso as raízes de briônia que eles talhavam, inserindo, nos lugares convenientes, grãos de cevada ou de painço que, depois de germinados, formavam tufos de pêlos. Esse comércio durou quase até nossos dias: na década de 30, era possível comprar essas mandrágoras nas lojas de departamentos de Berlim.

Na Idade Média, a fama da mandrágora vinha principalmente do fato de pertencer às plantas que entravam na

composição dos filtros mágicos. Apesar do uso extravagante que fizeram dela, a mandrágora possui realmente propriedades singulares. Muito tóxica, ela é um anestésico tão poderoso que quem o experimenta aparenta estar morto; é provavelmente um afrodisíaco, mas certamente um produtor de visões, de alucinações e de delírios, podendo levar até à demência, como já notara Hipócrates.

Portanto, os poderes que lhe atribuíam se baseavam em observações reais, mas o que nos interessa aqui é a interpretação que o inconsciente coletivo deu a esses sintomas. Tudo leva a crer que outrora identificaram a mandrágora com os espíritos dos mortos. Para começar, seu antigo nome em latim, *Atropa,* depois dado à beladona, de propriedades comparáveis. A mandrágora é encontrada enterrada e desenterrá-la constituía uma espécie de sacrilégio, imediatamente punido de morte; em outras palavras, só se podia reanimar um morto em troca de uma outra vida. Se então serviam-se de um cão é que este, em todas as mitologias, está associado à morte, ao mundo subterrâneo, onde ele guia seu dono defunto. Podemos nos indagar se a alma do cão psicopompo não viria substituir a da mandrágora no momento de sua ruidosa agonia. Uma crença muito espalhada durante toda a Idade Média vem aliás confirmar essa interpretação: a planta nasceria sob as forcas, do esperma dos enforcados. Essa tradição relaciona a mandrágora à "mão de glória" que não era outra que uma verdadeira mão de enforcado, submetida, durante uma cerimônia mágica, a uma espécie de mumificação. O poder da planta, que conjuga morte e sexualidade, residiria assim no fato que esse sêmen desperdiçado seria, em suma, recuperado em proveito do feliz proprietário da raiz. Além disso, é sabido que para o espírito arcaico, a concepção só acontecia depois da penetração, na matriz, da alma disponível de um morto, de um antepassado.

Vamos agora, para terminar, à própria planta, como é encontrada na natureza. Primeira surpresa: não existe apenas uma mandrágora, mas duas, e o que é mais estranho, os autores parecem confundi-las e tomar uma pela outra. A mandrágora oficinal, ou seja, de uso médico (*Mandragora officinalis*),

mandrágora fêmea, chamada assim abusivamente, pois ambas são igualmente hermafroditas, cresce na Europa meridional e abunda principalmente na Calábria e na Sicília. Suas flores violáceas aparecem no outono enquanto que as da outra espécie são primaveris e de um branco esverdeado. A mandrágora primaveril (*Mandragora vernalis*) é considerada como macho e seu habitat é mais nórdico. A mandrágora macho difere também da fêmea por sua raiz mais espessa, esbranquiçada por fora como por dentro, pelo cheiro muito mais pronunciado, nauseabundo, obcecante, em suma, temível, que espalham suas folhas e suas flores; finalmente, seu fruto é muito maior, tendo a aparência de uma pequena maçã amarela e exalando um perfume doce e suave. São os frutos dessa espécie que os antigos egípcios acreditavam ser afrodisíacos, tradição retomada pelos árabes que os chamavam de' 'maçãs do diabo", em razão dos sonhos excitantes que eles provocavam, mas também de "ovos dos gênios".

Apesar dos botânicos nos garantirem que as propriedades das duas plantas são iguais, podemos duvidar, pois os mágicos faziam a diferença entre a mandrágora macho e a mandrágora fêmea e utilizavam de preferência a primeira, enquanto a antiga medicina empregava a mandrágora fêmea. Portanto podemos nos indagar se um estudo comparado das duas espécies não poderia nos revelar segredos que, por prudência e medo, foram perdidos.

MEIMENDRO: ver BELADONA

Milho

Para os antigos mexicanos, o milho era um deus. Centeotl entre os astecas personificava o jovem milho, nascido da morte do velho milho desaparecido no seio da Terra-Mãe e do qual, em conseqüência, ele era o filho. Seu brotamento, no início da estação das chuvas, representava o alegre retorno da

vitalidade terrena que era celebrado com jogos e cantos. Portanto o milho era associado à aurora, à primavera e ao magnífico pássaro *quetzal,* que canta cedo pela manhã e se reveste de esplêndidas penas de um verde cintilante, semelhante à fresca vegetação primaveril.

O deus que ofertava seu corpo em alimento aos homens exigia em troca os sacrifícios. A chuva fértil, a ressurreição das plantas, sendo dons divinos, deviam ser merecidos, pagos. Em sua forma de Xipe Totec, "nosso senhor esfolado", ofereciam ao deus as vítimas humanas do sangue das quais ele tiraria as forças necessárias para desempenhar seu papel benéfico. Literalmente, o deus fazia então "pele nova", pois revestia a do sacrificado, como na primavera a terra se cobre de novas vestes.

Os deuses do milho, pois eram vários, representando cada um com seus aspectos mutáveis, traziam aos homens, além do alimento cotidiano, a própria civilização, pois somente a cultura do milho permitia, em tempo relativamente curto — de três a cinco meses — armazenar importantes reservas que podiam ser conservadas de um ano para outro. Como o trigo no Ocidente ou o arroz no Extremo Oriente, o milho libertava parcialmente os homens da busca incessante da alimentação diária; somente sua cultura trazia uma superabundância e os lazeres dos quais pode nascer a civilização.

No país maia, o milho era objeto de uma espécie de amor místico. No século XVIII, um monge espanhol fez um surpreendente relato sobre os maias: "O encanto com que contemplam seus *milpas* (campos de milho) é tal que eles esquecem mulheres, filhos e todos os outros prazeres, como se os *milpas* fossem a meta final de suas existências e a fonte da felicidade." De fato, além de ser a própria base da vida material, a cultura do milho tinha um papel cósmico. Dela dependia a ordem universal da qual, relativamente, o homem era responsável. Antes de arar a terra e de semear o grão, o maia jejuava, observava a continência e apresentava oferendas ao deus do sol e da chuva. Cada etapa do desenvolvimento da planta, da semeadura à colheita, era motivo de uma celebração solene.

O milho de opulentas espigas douradas, como é cultivado hoje, não tem nada em comum com a humilde gramínea selvagem das estepes, que só dá uma dúzia de grãos muito pequenos. Somente há pouco tempo puderam reconstituir as etapas dessa metamorfose, encontrando em 1960, em Tehuacan, no México, os eixos das espigas conservadas nas camadas arqueológicas superpostas. Graças a uma paciente seleção, depois a uma hibridação que levou a uma mutação decisiva, já que o sexo único da planta se desdobrou, dando pés macho e pés fêmea, os homens puderam produzir inúmeras variedades, profundamente diferentes entre si e capazes de se adaptarem aos mais diversos climas. Realmente, o milho originário dos altos planaltos mexicanos pode ser cultivado ao mesmo tempo nas clareiras das florestas tropicais do extremo sul do país e até numa altitude bastante elevada nos Andes do Peru.

Portanto, foi a engenhosidade e assiduidade dos jardineiros mexicanos que deram origem a esse amplo movimento civilizador, tão brilhante quanto profundamente original, que penetrou pouco a pouco na maior parte do continente americano — pois o milho de origem mexicana, introduzido na América do Sul, formaria as grandes civilizações agrícolas herdadas pelo império inca.

Papoula

Magnífica é a floração da papoula, mas realmente efêmera. Inclinada na ponta do seu caule frágil, o cálice verde em forma de ovo se ergue e se entreabre, mostrando pétalas amassadas como asas de borboleta saindo da crisália, e que se desamassam estendendo-se com um movimento contínuo, porém invisível, revelando a mácula larga e mais escura que orna sua base. Eis agora as quatro completamente desabrochadas. É então que descobrimos, dentro da densa coroa de estames en-

volvendo o fruto, que em breve restará sozinho, despojado de seus envelopes, no alto do caule, uma cápsula estranha, esverdeada, inchada e se apertando no alto como uma bolsa fechada que contém um tesouro: centenas, milhares de grãos aglomerados como postura de inseto. Mas basta arranhar as paredes da urna e desvendamos seu verdadeiro segredo: as lágrimas brancas que logo escorrem. É o látex, o futuro ópio, que dá à planta inteira seu aspecto emborrachado, suspeito e, em suma, não muito natural.

Provavelmente foi nas planícies irrigadas da Mesopotâmia que a espécie original (*Papaver setigerum*) tornou-se a papoula cultivada, mas desconhecida no estado selvagem, a papoula do ópio. Com efeito, uma tábula descoberta no local da cidade Suméria de Nippur, datando de 3000 a.C, contém a mais antiga menção sobre essa cultura; em sumério, a papoula é designada por dois ideogramas, o da planta e o da felicidade, o que bem indica o uso que os homens já faziam dela. Cerca de 1.600 anos antes de nossa era, o manuscrito Ebers a cita entre as drogas utilizadas no Egito nessa época. Um texto egípcio mais recente (século XIII a.C.) nos ensina que ela era dada às crianças para impedi-las de gritar, uso que aliás foi mantido no Oriente Médio e na África do Norte e mesmo no norte da França, onde cultivavam a papoula de óleo até o século XX.

Na Grécia, o emprego da papoula como sedativo também é muito antigo, pois figura na mitologia. Deméter teria recorrido a ela para acalmar a dor insuportável que lhe causara o rapto de sua filha Coré por Hades, rei do Inferno. O Nepentes da Odisséia, "que faz esquecer todos os males", continha provavelmente suco de papoula. Todos os médicos gregos receitavam a papoula para aliviar as dores físicas e psíquicas; no entanto, ao que parece, o suco obtido diretamente por incisão das cápsulas só foi conhecido no século I da nossa era, pois Dioscoride, que o empregava para acalmar as tosses rebeldes, foi o primeiro a falar do que ele chamava o *opion,* que se tornaria o ópio para Pine. Na mesma época, o médico romano Celso o qualifica de remédio "divino", pois permitia ao

homem vencer a dor. Mas era Andromacus, médico de Nero, quem deveria espalhar seu uso, incorporando-o à teriaga, a mais famosa preparação farmacêutica de todos os tempos, a "panacéia das panacéias". A teriaga, que continha mais de sessenta substâncias diferentes, pertencendo aos três reinos, era sempre preparada por sumidades médicas da época, com grande pompa e diante de um público escolhido; ela só desapareceu do códex francês, isto é, do volume oficial das fórmulas farmacêuticas, em 1908. Para combater seus freqüentes mal-estares, o imperador Marco Aurélio chegava a tomá-la de manhã e à tarde e podemos nos indagar se o ópio que ela continha não ajudava no desprezo pela dor que ele exibia e mesmo em seu estoicismo que ficou célebre. Talvez tenha sido em razão do ópio, acrescentado à sua taça de cicuta, que Sócrates pôde conservar sua serenidade até o fim.

No século XVII, a famosa teriaga teve uma rival na nova preparação muito mais simples. Derivada do "específico anódino", inventada no século XVI por Paracelso para obter sono para seus pacientes, o "láudano" foi concluído em 1670 pelo célebre médico inglês Thomas Sydenham. Era uma tintura contendo, além do ópio, açafrão, canela e cravo-da-índia em pó, tudo macerado em vinho da Espanha. O láudano, em dose de algumas gotas, foi primeiro empregado contra a disenteria, os vômitos e as infecções da cólera, depois tornou-se uma espécie de calmante universal, utilizado nas famílias e dado principalmente às crianças, pois ainda ignoravam que ele podia, como todos os opiáceos, provocar perigosa dependência.

Se, por medo da toxicomania e em razão da moda dos tranqüilizantes modernos, as propriedades antálgicas e soporíferas do ópio são pouco utilizadas atualmente, este é comumente empregado sob duas formas oficinais, que se revelaram insubstituíveis: o elixir paregórico (do grego *parêgoríkos,* "que suaviza, que acalma"), tintura composta de pó de ópio, de essência de anis, de ácido benzóico e de cânfora, dissolvidos no álcool e que é um excelente antidiarréico, e principalmente a codeína (do grupo *kodéia,* "cabeça de papoula"), que continua sendo o melhor remédio contra a tosse espasmódica e

figura em inúmeras especialidades farmacêuticas. Na França, o consumo de codeína atinge uma dezena de toneladas por ano. Para depender menos do abastecimento hindu ou turco, desenvolveram recentemente na França as plantações de papoula. Delas extraem diretamente os alcalóides usados em farmácia, sem passar pelo estágio do ópio.

Além disso, os grãos de papoula são usados para a fabricação do óleo de *oeillette,* cujo nome não vem da palavra *oeil,* mas de *oleum,* óleo em latim. Esse óleo muito usado na França desde a época gaulesa continua muito apreciado pelos *gourmets,* pois ele tem um sabor sutil de avelã e não se torna rançoso como o azeite de oliva.

O uso do ópio permaneceu mediterrâneo até o dia em que os mercadores árabes, que iam até o Extremo Oriente para trazer especiarias, ali ensinaram as virtudes medicinais do ópio. No século XI, a papoula era cultivada no vale do Ganges e na China, mas foi somente no século XVII que se habituaram a fumá-lo. Os europeus logo se fizeram cúmplices dessa moda da qual pensaram poder tirar lucro; eles a espalharam por todos os meios e conseguiram até, com um revoltante cinismo, impô-la na China. Primeiro foram os portugueses que, no início do século XVII, abasteceram o mercado chinês a partir de Goa. Mas os ingleses que os sucederam fizeram melhor. Como a China começava a consumir mais ópio do que possuía, a todo-poderosa Companhia das Índias Orientais estabeleceu em Bengala imensas plantações de papoula. Aos decretos dos imperadores que proibiram a importação da droga, respondeu um intenso contrabando pelo qual os britânicos souberam angariar, mediante gratificações, a cumplicidade dos funcionários chineses. Apesar do novo decreto imperial que condenava os culpados à pena de morte, o número de caixas de ópio que penetrava clandestinamente na China só fez aumentar: passou de 200 caixas de 60kg em 1729 para 4.000 em 1792, 6.000 em 1817 e 40.000 em 1837. Incapaz de lutar contra essas entradas irregulares, o governo chinês chegou a negociar com os ingleses um acordo nos seguintes termos: o ópio importado seria pago por exportações de chá.

Depois, subitamente, exasperados, apavorados pela devastação da toxicomania que continuava se expandindo, os chineses reagiram: em 1838, eles destruíram 20.000 caixas de ópio armazenadas em Hong Kong, principal centro de importações. Imediatamente os britânicos enviaram um corpo expedicionário à China e lhe declararam guerra. Após dois anos de hostilidades, os chineses tiveram que aceitar as condições dos vencedores. O tratado de Nanquim do dia 29 de agosto de 1842 os obrigava a pagar uma enorme indenização pelas caixas de ópio lançadas ao mar quatro anos antes, mas principalmente ele entregava Hong Kong e Amoy à Grã-Bretanha e obrigava os chineses a deixar entrar livremente as mercadorias européias pelos cinco portos. A China, como se diz, "se abria" ao Ocidente.

Em 1856, um novo incidente desencadeou uma nova guerra. Os ingleses, ajudados desta vez pelos franceses, invadiram a China. Pelo tratado de Tien-tsin em 1858, a Inglaterra e a França arrancaram novas vantagens, uma delas sendo a livre admissão do ópio. Em 1886, as importações atingiram 180.000 caixas, ou seja, o valor de 130 milhões de libras.

Desse negócio infamante, onde o mercantilismo mais sórdido se baseava numa política sem escrúpulos, a China saiu praticamente moribunda. Em 1878, o número de chineses intoxicados ultrapassava os 120 milhões; os fumadouros de ópio pululavam em todo o país. Somente a partir de 1906 o governo chinês foi autorizado a lutar contra a toxicomania. Como, depois disso, não compreender certas reações antiocidentais da China popular que às vezes nos indignam e principalmente nos espantam? Nós esquecemos, mas eles não.

Enquanto isso, o ópio também fazia estragos na Europa, mas ali eles eram sempre limitados e só tocavam um pequeno número de indivíduos. Na maioria das vezes tratava-se de um abuso de medicações opiáceas, freqüentemente administradas às crianças e que nos adultos provocava uma verdadeira necessidade. No início do século XIX, a moda do ópio se espalhou pelos meios literários e artísticos, primeiro na Inglaterra e depois na França. Para muitos românticos anglo-saxões, o ópio na forma de opiatos e sobretudo de láudano foi uma fonte

de inspiração considerada divina. Dela provém diretamente algumas obras-primas de Coleridge, de Thomas de Quincey, de Edgar Poe e mais tarde, na França, de Baudelaire, de Verlaine e de Cocteau. Em 1900, na França, existiu até uma verdadeira mania pelo ópio fumado à moda chinesa, espalhada pelos colonialistas de volta da Indochina e pelo livro de um antigo oficial de marinha, Claude Farrère, *Fumées d'opium;* mas na realidade ele se popularizou pouco e não teve conseqüências dramáticas. No entanto, um outro perigo bem mais grave ameaçava.

É aqui que intervém a força imensa, mas cega, do progresso, que sempre avança sem se preocupar com as conseqüências. Em 1803, um químico francês, F. Derosne, conseguira isolar os princípios ativos da papoula. Alguns anos mais tarde, o farmacêutico alemão Sertuener distinguiu ali dois elementos, um deles um alcalóide muito ativo ao qual, em razão de suas propriedades narcóticas, ele deu o nome de Morfeu, o deus grego dos sonhos, filho de Hipnos, deus do sono, ele próprio irmão de Tanatos, o deus da Morte: a morfina. Analgésico especialmente poderoso, pois exerce sua ação diretamente no centro da dor, ao nível do córtex cerebral, a morfina foi certamente uma das maiores aquisições da medicina do século XIX. Seu uso generalizou-se em 1851, com a invenção de Pravaz, da seringa hipodérmica que permitia injetá-la diretamente no sangue. Durante a guerra de 1870, os cirurgiões a empregaram em doses maciças para acalmar as dores dos feridos graves e praticar amputações. Depois descobriram que o uso da morfina provocava um hábito muito pior do que o do ópio, mas era tarde demais: muitos doentes tinham se tornado incuráveis toxicômanos, pois em pequenas doses a morfina é um excitante do sistema nervoso central e dá uma agradável euforia e uma forma especialmente requintada de embriaguez; as percepções sensoriais estando enfraquecidas, toda a atenção se concentra no desenrolar acelerado do pensamento, em seus jogos infinitos. Infelizmente o organismo também reage: perturbações digestivas e principalmente respiratórias podem conduzir até a intoxicação aguda, levando à morte por parada respiratória.

Mas na maioria dos casos o organismo tem tempo de se adaptar, de se habituar: nascem então o hábito — ou seja, a tolerância de doses cada vez mais fortes, de onde a necessidade de aumentá-las progressivamente para obter os mesmos efeitos — e seu corolário, a dependência, ou estado de necessidade, que leva às conseqüências sociais que conhecemos: é preciso então encontrar a droga por todos os meios.

A partir de 1880, os casos de morfinomania se multiplicaram. Pouco a pouco ela atingiu a sociedade, o mundo das artes e do teatro e também o meio médico, sem que interviesse alguma proibição legal, pois o medo visceral e irracional da droga, o mito que se tornou frente à opinião pública ainda não existia. Por isso os perigos ainda estavam limitados. O morfinômano do fim do século, pertencente à dita classe alta, podia geralmente se abastecer regularmente e sua vida social não era perturbada.

A morfinomania já estava muito disseminada no Ocidente quando, nos últimos anos do século XIX, o químico alemão Dreser obteve um derivado da morfina cujas propriedades médicas eram ainda muito mais fortes. Seus efeitos nas dificuldades respiratórias e nos sofrimentos dos grandes tuberculosos incuráveis na época foram tão notáveis que na Alemanha deram ao novo produto o nome de heroína, no sentido de remédio heróico, isto é, muito ativo. E cedo Dreser percebeu que a heroína administrada aos morfinômanos os fazia abandonar o uso da droga. Desse modo, além de terem descoberto um novo analgésico, mais enérgico do que os outros, tinham um meio de acabar com a toxicomania.

No entanto, o momento de triunfo foi muito curto. O que tinham conseguido era apenas substituir uma toxicomania por outra e muito mais grave. A heroína eclipsou a morfina e depois a cocaína, muito em moda na década de 1900. Rapidamente estabeleceu-se um imenso e lucrativo tráfico clandestino, logo monopolizado pela máfia. A heroína era fabricada na Itália e na região marselhesa, a partir da morfina proveniente da Síria e do Líbano; dali era enviada aos Estados Unidos, onde o consumo de heroína continuava aumentando. A

Europa, de início simples etapa, permaneceu durante muito tempo fora desse tráfico internacional. Mas há vinte anos este conseguiu que ela se tornasse um novo mercado, que foi rapidamente ampliado. Na França, o número de viciados em heroína quintuplicou durante o ano 1968-1969 e desde então cresce em proporções alarmantes. Na Inglaterra a situação é pior: o número de viciados tratados em clínicas dobra a cada dezesseis meses. Porém os Estados Unidos conservam-se à frente: atualmente a América representa um mercado de mais de um bilhão de dólares.

Enfim, a heroína deixa para trás todas as outras drogas; ela tornou-se a droga por excelência. Verdadeiro flagelo social, além de ser a mais tirânica das dependências, ela é o fim da "viagem", o último estágio dessa "escalada" de que tanto falam e que conhecem tão mal. A heroína deve essa superioridade ao seu efeito brutal, intenso, instantâneo, que dá uma impressão ímpar de prazer absoluto, e pouco importa ao viciado que esta seja breve, que seja preciso renovar a dose para tê-la de volta e isso até a ruína!

Infelizmente, a heroína — e é a evidente razão do seu sucesso e de seus estragos — corresponde precisamente às necessidades latentes mas imperiosas, dissimuladas por um verdadeiro verniz, do indivíduo formado por nossa sociedade: avidez desenfreada, gosto pelas sensações violentas, impaciência irreprimível e finalmente a atração pelo aniquilamento. De um só gesto, por meio de uma simples injeção, a heroína preenche esse vazio voraz, e azar para as conseqüências! Dessa maneira, a partir de um produto vegetal, capaz de criar uma certa serenidade, certamente suspeita já que artificial, já que dependente, e os requintes de um calmo prazer bem oriental, o Ocidente, pelo atalho dos progressos da química e da pesquisa médica, conseguiu criar uma droga semelhante a ele, que lhe serve de espelho.

Peiote

Todos os anos, na estação das chuvas, um grupo da tribo se põe a caminho, chefiado por um xamã, para realizar a peregrinação que, em trinta dias, o conduzirá através das encostas áridas das montanhas, depois pela estepe espinhosa até quatrocentos quilômetros de sua aldeia. Durante toda a viagem os peregrinos se submetem a uma rígida disciplina, jejuando, observando a castidade e rememorando suas aventuras sexuais que eles registram, fazendo nós numa cordinha para não esquecer nenhuma durante a confissão geral e pública, depois da qual cada cordinha será jogada na chama purificadora.

Mais se aproximam da meta, mais se tornam severas as prescrições rituais e mais ardentes são as encantações. Após terem sido cerimoniosamente lavados pelo xamã, os peregrinos, de olhos vendados, atravessam a passagem perigosa, indistinta para os profanos, mas que para eles leva ao outro mundo. Finalmente, depois de chegados a 2.000 metros de altitude, nas altas terras desérticas onde crescem numerosas espécies de cactáceas, começa a caça ao "Irmão mais velho", ao deus-cervo, sob a direção do xamã, o único apto a encontrar sua pista.

Subitamente ele lança uma flecha com seu arco, dando assim o sinal; logo o deus-cervo é cercado e abatido. Essa execução é acompanhada do choro dos assistentes e das súplicas do xamã que pede ao "Irmão mais velho" que perdoe a todos por aquela morte que não é verídica, já que o espírito do cervo assim acalmado e a quem apresentam várias espécies de oferendas faz brotar imediatamente curiosas cactáceas cinza-esverdeadas, cujas formas mamelonadas ficam pouco acima do solo. Cortam-se então esses botões, tendo o cuidado de não desenterrar suas raízes para que o "Grande Irmão possa ressurgir dessas ossadas", e o xamã os distribui aos participantes, como o padre dá a comunhão. Depois cada um faz sua provisão de peiote, colhendo-o com cuidado, falando-lhe

ternamente e se desculpando de arrancá-lo à sua morada. Aliás, só se deve tirar o necessário, porque senão no ano seguinte os peregrinos voltariam de mãos vazias.

De volta aos acampamentos ao redor das fogueiras, começa a celebração de uma festa mais surpreendente ainda por acontecer após uma caminhada tão grande, um jejum tão prolongado e tão poucas horas de sono na noite glacial dos planaltos. No entanto, depois de terem consumido o peiote dessa vez em grande quantidade, parecem animados por uma energia ilimitada; cantam, tocam diversos instrumentos e dançam durante a noite toda numa espécie de exaltação eufórica. Alguns entram em transe durante várias horas, viajam além de seus corpos e então encontram os deuses. Esses, depois de várias experiências do mesmo gênero, tornar-se-ão xamãs, aptos assim a servir de guias e mediadores. A viagem de volta se passa nas mesmas condições da ida. O jejum continua e as energias só são mantidas pela absorção do precioso cacto.

Somente na volta da peregrinação celebram a grande festa do peiote, da qual participam todos os habitantes da aldeia. Durante três dias alternam-se ações de graças e danças sagradas. Todos são invadidos pela embriaguez ritual que permite transcender a condição humana. Alimentam-se de carne dos cervos abatidos pelos peregrinos no caminho da volta, o que não fazem na vida diária, pois trata-se da carne de um deus. É nesse momento que são tomadas todas as decisões coletivas para o ano seguinte, pois os huichols libertados, purificados diante dos deuses e em comunhão com estes, são novos homens, dignos de receberem seus favores.

Esse complexo ritual, que data das antigas civilizações pré-colombianas e que permanece para nós tão misterioso, é perpetuado atualmente pelos índios huichols de Sierra Madre, no noroeste do México, mantidos afastados das correntes civilizadoras e conversoras, graças ao aspecto inacessível da região que habitam. Esse culto do peiote é muito anterior à conquista do México por Cortez, e foi provavelmente praticado bem antes da era cristã.

Fato curioso: quando não passava de uma lembrança, o culto do peiote recentemente reconquistou um imenso

território. Por volta dos meados do século XIX, ele se espalhou entre os índios da América do Norte, alcançando o Seskatchewan ao norte, porém numa forma curiosamente cristianizada, pois a ingestão do peiote substituía a hóstia. Essa igreja realmente indígena provocou escândalo entre os cristãos. Sob a pressão dos missionários, o governo dos Estados Unidos tentou lutar contra ela, mas não adiantou. A "Native Church of America", que proíbe o álcool e põe em prática uma moral especialmente elevada, conta atualmente com 250.000 fiéis.

O culto do peiote, pelo menos tal como é praticado pelos huichols, permite aos supercivilizados ocidentais que somos reencontrar os vestígios de uma mentalidade cósmica arcaica, que para nós só pode estar situada na obscuridade dos milênios e do esquecimento, mas que no entanto vive talvez ainda em algum canto escondido do nosso inconsciente.

Nessa época, o homem não se achava ainda o dono todo-poderoso da terra. Ele sabia que existia uma ordem suprahumana, que ele admirava, e com ela se conformava. Vivente entre os viventes, ele devia respeitar qualquer vida e se porventura devia destruir alguma para sobreviver, era preciso pedir perdão. Mas por outro lado ele conservara assim o poder de se comunicar com os animais, com as plantas, da mesma forma que estes se comunicavam entre si, trocando até por vezes suas identidades. Se por exemplo, para os huichols, o cervo e o peiote são um único ser, é que nos dois casos trata-se de um deus que se sacrifica, que oferece seu corpo em alimento aos homens. O cervo é a alimentação dos tempos de outrora, quando o homem era caçador; com a revelação divina da agricultura, o cervo tornou-se o milho que é cultivado e que alimenta o corpo, mas ele é também o peiote que continuou selvagem e que é o alimento da alma. Enfim, desse modo, em certas condições é possível comungar, comunicar-se também com os deuses e os ancestrais divinizados, aos quais devemos nossos bens a começar por nossa própria existência.

O veículo dessa comunicação com o invisível era a "carne dos deuses", essas plantas sagradas que encantavam o homem em êxtase, o faziam sair de si próprio para encontrar os

deuses. Por isso a colheita delas e sua ingestão deviam ser acompanhadas de todo um ritual cujo sentido profundo os etnólogos contemporâneos tentaram compreender. Se os huichols, partindo para a peregrinação, evocavam com tanto zelo suas vidas sexuais e se purificavam pelo fogo, não era porque sentissem culpa, mas porque deviam se tornar novamente semelhantes às crianças, se quisessem penetrar no Reino, reencontrar o estado original de "filhos do sol", pois primeiro as crianças são espíritos antes de entrarem no seio materno e ali se revestirem de carne. Assim, essa volta à origem é um segundo nascimento, ao qual corresponde a restauração do universo na sua pureza primitiva.

O peiote (*Echinocactus williamsii*) é no entanto uma planta bem modesta e que parece até se esconder. No cascalho empoeirado dos planaltos desérticos do norte do México, quase não se vê acima do solo esses pequeninos cactos acinzentados que mal se distinguem dos pedregulhos. Eles formam protuberâncias bulbosas um pouco parecidas com grandes molares e divididas em 5 a 11 fatias. Como a mandrágora no Ocidente ou o ginseng na China, esse cacto tem seus dois terços enterrados; todavia, ao contrário da mandrágora e do ginseng, não se trata da raiz e sim da própria planta, que só é clorofiliana, isto é, verde, no seu cume.

O peiote, que tem um gosto terroso e muito amargo, é comido cru; muito duro, ele só se amacia ao contato da saliva. Quando seco, se conserva por bastante tempo. Se na análise não lhe encontraram propriedades terapêuticas, em compensação descobriram os quinze alcalóides que ele contém, cujo principal é a mescalina. Graças aos relatórios dos pesquisadores, que são também grandes escritores, Antonin Artaud, Aldous Huxley, Henri Michaux e Carlos Castañeda, conhecemos hoje as esplêndidas visões de cores intensas e de formas geométricas assombrosas que a partir da realidade cotidiana mais banal são reveladas pelo peiote e pela mescalina; isso explica que tenham chamado o peiote "a planta que encanta os olhos". O que chamamos alucinação, para o índio adorador do peiote é a realidade profunda, subjacente a esse mundo que é apenas provisório e ilusório.

Pimenta-do-reino

Na Idade Média, dentre todas as especiarias vindas das regiões misteriosas do Oriente, a pimenta era a mais apreciada, mas também a mais cara. Seu sabor quente e aromático realçava os alimentos mais insípidos; ela ajudava a digerir as carnes e principalmente as de caça macerada, que figuravam na mesa dos ricos. Aliás somente estes podiam adquirir esse condimento que, nos boticários, era pago a preço de ouro — na época se dizia "caro como pimenta" — e até servia de valor de troca. Ter a possibilidade de fazer uma reserva de pimenta para caso de falta era sinal de opulência.

Realmente, o transporte da pimenta era submetido a mil riscos; ela vinha de muito longe, do outro lado do mundo, das regiões assombradas por monstros e por prodígios, onde nenhum europeu pusera os pés, exceto, no século XIII, um certo negociante de especiarias de Veneza, chamado Marco Polo, que fora ver de perto, mas ninguém quisera acreditar em suas fabulosas narrativas. No entanto, foi graças a estas que conheceram a existência do país onde se cultivava a pimenteira, a costa de Malabar, no sudoeste da Índia, assim como as etapas que conduziam a pimenta de lá até a Europa. Os árabes a recebiam nos portos hindus e a "transportavam em suas naves até Aden e dali para a Alexandria". Porém esses hábeis comerciantes internacionais guardavam um rigoroso segredo sobre um negócio do qual tinham garantido o monopólio. Os lucros que obtinham assim eram visíveis na prosperidade das cidades islâmicas, cujo esplendor maravilhou os cruzados.

De Alexandria, a pimenta e as outras especiarias eram coletadas pelas galeras de Veneza, que conseguira eliminar seus rivais, Pisa, depois Gênova, e em seguida vendidas nos portos italianos e franceses, de onde eram encaminhadas pelo

desfiladeiro dos Alpes ou pelo curso do Reno até Viena, depois até Paris e dali para Flandres e Inglaterra. Se de passagem os árabes tiravam lucros substanciais, os venezianos não se deixavam ficar para trás, o que no total multiplicava por oito o preço pago nos locais de produção. Graças às especiarias, Veneza se tornou a mais rica e a mais suntuosa cidade do Ocidente.

Se, na Idade Média, o comércio da pimenta bastou para garantir relações econômicas permanentes entre o Oriente e o Ocidente, foi também ele que levou a Europa ocidental à descoberta do mundo, marcando assim o início dos tempos modernos. Há muito tempo uns e outros pensavam na maneira de se libertarem da cupidez dos venezianos e do monopólio dos árabes. Por isso ficaram muito decepcionados quando Cristóvão Colombo, partindo para o oeste, não trouxe nenhuma especiaria. Porém, seis anos mais tarde, Vasco da Gama seguiu o caminho certo e chegou diretamente em Calicute, centro de comércio das especiarias em Malabar.

Quando perguntaram ao imediato de Vasco da Gama, que foi o primeiro a pisar a terra, o que ele viera buscar ali, este respondeu: "Cristãos e pimenta." Três meses depois, Vasco da Gama embarcava novamente, levando uma carta do rajá de Calicute, que oferecia ao rei de Portugal trocar pimenta, canela, gengibre, cravo-da-índia e pedras preciosas, por ouro, prata, coral e escarlate. Começava uma nova era. Em 1522, o primeiro navio carregado de especiarias vindo da Índia para a Europa entrava no porto de Anvers e imediatamente o preço da pimenta começou a cair.

Apesar da pimenta ter sido utilizada pelos gregos e romanos, que a introduziram na Gália, somente no século XVIII descobriram, finalmente, a planta e seu modo de cultura. E isto graças à descrição dada por aquele que, por volta de 1750, introduziu a cultura da pimenteira nas colônias francesas dos trópicos e que se chamava, estranha coincidência, Pierre Poivre. Esse botânico lionês estava realmente decidido a conquistar, para a França, o império das especiarias, que pertencia até então aos Países Baixos.

Somente os climas quentes e úmidos dos trópicos convêm à pimenteira, trepadeira que se arrastaria no chão se não a fizerem agarrar-se a espeques ou às árvores; nesse caso ela pode elevar-se até dez metros. Seus frutos, que sucedem às flores minúsculas, são pequenos bagos globulosos, em cachos, que são recolhidos ainda verdes. Quando secos e enrugados, eles têm uma cor acinzentada, depois quase preta; é a pimenta preta do comércio. Quanto à pimenta branca, ela não provém absolutamente de uma planta diferente, como acreditaram durante muito tempo, porém dos frutos da mesma *Piper nigrum,* mas estes colhidos perfeitamente maduros e dos quais é tirada a polpa externa. Menos ardida, porém mais perfumada do que a pimenta preta, a pimenta branca, muito apreciada pelos chineses, é também mais cara.

Quina

Em 1638, a mulher do vice-rei do Peru, Ana d'Osorio, Condessa de Chinchon, agonizava de uma febre persistente que seu médico espanhol não conseguia controlar. Em desespero de causa, recorreram a um curandeiro indígena que lhe administrou uma decocção preparada com a casca de uma árvore. A febre desapareceu como por milagre; a quina, ou melhor, a *kina-kina,* "a casca das cascas", como a chamavam os peruanos, vencera a malária. Curada, a Condessa de Chinchon voltou para a Europa levando uma grande provisão daquelas cascas. Deu-as de presente ao cardeal de Lugo que, por volta de 1640, introduziu em Roma o "pó da Condessa". Ali ele foi utilizado com grande sucesso pelas vítimas da malária.

Em 1649, de Lugo, gabando-se de seus méritos ao seu amigo Mazarin, atacado por mal-estar febril e restabelecido graças a ela, a quina mudou de nome e se tornou "o pó cardeal". No

mesmo ano, o geral da Companhia de Jesus, percebendo o proveito que podiam tirar do novo remédio, enviou seus missionários estabelecidos na América do Sul em busca da preciosa casca, que começou a se espalhar na Europa com o nome de "pó dos jesuítas". No entanto, na França, a faculdade de medicina, sempre desconfiada, condenava o uso daquele "pó ignorado e indigno". Porém um empírico inglês, antigo auxiliar de boticário, chamado Talbot, chegou à França, precedido de boa reputação. Em 1678, sabemos por uma carta da princesa Palatine, cunhada de Luís XIV, que "ele curou Mademoiselle de sua febre quartã e com ela mais de cem pessoas". O próprio rei, tendo contraído uma grave febre ao visitar os trabalhos de drenagem dos pântanos de Versalhes, foi tratado por seu médico Fagon, um excelente botânico que lhe administrou o "remédio do inglês", restabelecendo-o imediatamente. Em gratidão, Luís XIV fez de Talbot cavaleiro e lhe ofereceu 48.000 libras para comprar seu segredo. O empírico embolsou a soma e desapareceu, esquecendo de comunicar a preciosa receita. Porém em 1682, Nicolas de Blégy, que conseguira reconstituir a fórmula exata, a apresentava no *O Remédio inglês para a cura das febres,* dando seu método de posologia. No mesmo ano, La Fontaine, utilizando um tratado de um cientista amigo, o médico Monginot, publicava seu poema *Da quina.* Era sua maneira de fazer a corte ao rei e principalmente a Colbert, que utilizara a quina e se opunha à entrada do poeta na Academia Francesa. Essa bajulação teve êxito mas não da maneira esperada. La Fontaine foi efetivamente eleito dois anos depois, porém para a vaga deixada por seu velho inimigo Colbert. Desse poema que não lhe faz jus, podemos destacar estes versos que não brilham nem pela inspiração nem pela modéstia:

> "A Quina se oferece, usem seus tesouros
> Eternizem meu nome para que se diga um dia
> O chantre desse bosque soube escolher seus temas."

Ainda ignoravam de que árvore vinha a misteriosa casca, e somente um século após a introdução da quina na Europa foi conhecida a espécie à qual Lineu, em 1739, em

homenagem à Condessa, deu o nome de *Cinchona officinalis.* Essa bela árvore esguia, que pode alcançar 20m, cresce nos Andes, numa altitude de 1.500 a 2.000m, da Venezuela ao Peru e à Bolívia. Os primeiros que a descreveram cientificamente, em 1737, foram o matemático La Condamine e o botânico Joseph de Jussieu, que a tinham descoberto no Equador. Desde então as explorações científicas permitiram encontrar várias outras espécies do mesmo gênero apresentando qualidades idênticas. Por seleção e cruzamento foram obtidas árvores, cuja casca possui um teor de princípios bem superior ao das espécies selvagens.

Em 1818, os químicos franceses Pelletier e Caventou isolaram a quinina. Se, atualmente, a medicina prefere os compostos de síntese como a cloroquina, durante três séculos a quinina foi o único remédio eficaz contra o mortal impaludismo. Um outro dos seus títulos de glória, porém bem menos conhecido, é de ter presidido ao nascimento da homeopatia. Foi utilizando a quina que o médico alemão Hahnemann constatou que, tomado em pequenas doses, ela provocava os sintomas da moléstia que curava com altas doses. Dessa maneira, achava-se confirmado o princípio no qual se baseia a homeopatia, *Similia similibus curantur.*

Sálvia

Um provérbio que permaneceu por muito tempo célebre na Idade Média afirmava o caráter especialmente milagroso dessa planta; *Cur morietur homo cui salvia crescit in horto?* "Por que morre o homem em cujo jardim cresce a sálvia?" Ele fora dito por um dos médicos-cientistas da célebre Escola de Salerno, que exerceu uma influência notável sobre toda a Europa, não apenas pelos ensinamentos recebidos por estudantes vindos de toda a cristandade, mas também por seu *Regimen sanitatis,* vasta obra coletiva sempre revista, que permaneceria por cinco séculos como a bíblia dos médicos.

De fato, a sálvia sempre foi considerada o remédio por excelência, e seu nome em latim *salvia* vem de *salvus,* intacto, em boa saúde, por intermédio do baixo latim *salvare,* que significa salvar. Além de proteger a vida, ela contribui à sua reprodução. No antigo Egito, seu suco era dado às mulheres para que se tornassem férteis, e esse hábito continuaria em Roma onde afirmavam que a sálvia "retinha o que fora concebido e o fortificava". Para os romanos que a consideravam uma erva sagrada, só se podia colher a sálvia depois de se lavar, purificar e vestir uma túnica branca, com os pés descalços e depois de ter ofertado um sacrifício.

Quanto aos druidas gauleses, eles lhe atribuíam nada menos que o poder de ressuscitar os mortos, crença que se refletiria ainda no século XII pela máxima do *Flos medicinale* de Salerno, de prever o futuro e permitir a comunicação com o além. Por esse lado a sálvia se aparentava às plantas usadas pelos xamãs para transcender a condição humana, e com isso fica explicado o poder que lhe atribuíam de favorecer a concepção, pois era do além, do reino dos mortos, dos ancestrais, que vinham as almas das crianças por nascer. No plano puramente medicinal, a sálvia fazia maravilhas contra as febres, a tosse, os reumatismos, a paralisia e a epilepsia.

Durante séculos e mesmo provavelmente milênios, a sálvia continuou sendo um dos elementos principais da farmacopéia; ela era parte obrigatória de inúmeras preparações soberanas. Na época da fria objetividade e do supercriticismo científicos, duvidaram que ela fosse digna de uma reputação tão extraordinária. Ora, todos os exames que sofreu confirmaram afinal as crenças dos antigos. Tiveram até de reconhecer uma indiscutível ação estrogênica — ela realmente facilita a concepção; sua ação tônica sobre a circulação, o coração e o sistema nervoso põe de pé os convalescentes, combatendo a falta de apetite, as digestões difíceis e a astenia nervosa, ligadas ao esgotamento orgânico consecutivo a uma longa enfermidade; a sálvia também é eficaz contra as depressões tanto psíquicas quanto físicas. Em suma, se ela não ressuscita os mortos, a sálvia tem realmente o poder de devolver a vitalidade

aos que perderam até o gosto de viver, e também de facilitar a transmissão da própria vida.

Aliás, os benefícios da sálvia não se resumem a isso. Ela é também um excelente cicatrizante, especialmente das infecções bucais, e um estimulante do estômago; isso explica seu emprego na cozinha, pois além de realçar agradavelmente o sabor dos molhos e das carnes, ela facilita sua digestão. Assim compreende-se que o célebre abade Kneipp, padre e curandeiro bávaro que no século XIX foi um dos apóstolos da "medicina natural", tenha feito essa recomendação: "Nenhum proprietário de jardim esquecerá, ao cultivá-lo, de plantar um pé de sálvia"; o que nos lembra a máxima de Salerno e também nosso pequeno jardim, onde daremos um lugar à sálvia, ainda mais por ela possuir verdadeiras qualidades ornamentais — mesmo no inverno, já que ela não perde as folhas.

Essa planta de ambientes secos e áridos, que cresce aqui e ali nos solos calcários do sul da França, suporta bastante bem os climas mais frios, exceto os que podem ter geadas. É um arbusto de 30 a 50cm de altura, muito espesso, com folhas grossas, rugosas, pubescentes, de um verde-acinzentado e muito cheirosas. Em junho e julho, a sálvia ostenta grandes flores labiadas de um azul violáceo. Estas flores, como muitas outras dessa família, têm uma forma muito especial, adaptada à fecundação por insetos.

Trata-se aqui da sálvia oficinal. A sálvia esclareia, que cresce nas beiras das estradas e sobre as encostas áridas numa grande parte da França, mas principalmente no sul, é sensivelmente maior — até 1m ou l,20m — apesar de não ser lenhosa. Suas folhas muito grandes são em forma de coração e suas flores brancas, azuladas, são cercadas de largos braceletes membranosos de cor lilás. Muito usada outrora, tem mais ou menos as mesmas virtudes da sálvia oficinal. É também empregada na perfumaria, na confeitaria e para aromatizar os vinhos.

Tabaco

Um dos espetáculos que mais espantou Cristóvão Colombo e seus companheiros quando, após uma penosa travessia, desembarcaram em Cuba, descobrindo assim a América, foi o dos índios soltando, pelas narinas, volutas de fumaça que tiravam de rolos de folhas marrons acesas, que seguravam entre os lábios. Como esses indígenas pareciam sentir muito prazer com isto, os marinheiros espanhóis quiseram imitá-los, mas o gosto por essa experiência custou-lhes a prisão, ao voltarem à Espanha, pois certamente era preciso ser feiticeiro para conseguir soprar fumaça pelo nariz.

O uso do tabaco era muito difundido entre os índios da América. Eles lhe atribuíam virtudes calmantes e euforizantes, próprias a criar reflexão e devaneios; o hábito do cachimbo da paz entre os índios das grandes planícies tornou-se célebre desde então. Os bioquímicos contemporâneos reconhecem efetivamente o tabaco como um descompressor do sistema nervoso vegetativo.

Mas antes de tudo, às vezes misturado a outras plantas alucinógenas, o tabaco tinha um papel importante na formação iniciática recebida pelos aprendizes xamãs, que eram então privados quase completamente de toda alimentação, sendo esta substituída por grandes quantidades de tabaco líquido. Depois dessas ingestões repetidas, o noviço fazia sua primeira "viagem" no outro mundo para ali encontrar os espíritos. Possuímos vários indícios de que a dessacralização do tabaco entre os índios é relativamente recente e se deve essencialmente à influência européia, mas que sua utilização iniciática era, antes disso, espalhada por todo o continente. Uma das provas mais convincentes desse fato é a pesquisa recentemente efetuada por um etnólogo americano, Johannes Wilbert, especialista em índios da América do Sul, na tribo dos waraos da Venezuela oriental, para os quais os grossos charutos servem ainda hoje como meio de comunicação com os espíritos.

Sessenta e oito anos após a descoberta de Colombo, Jean Nicot, amigo de Ronsard e de Baïf, enviado como embaixador a Lisboa, em 1559-1561, recebeu ali uma planta desconhecida vinda da América, que ele cultivou como ornamentação antes de perceber que ela possuía virtudes tão notáveis que enviou suas folhas esmagadas a Catarina de Médicis, para aliviá-la de suas enxaquecas. A rainha ficou tão satisfeita que a "erva do embaixador" obteve os favores de todos os cortesãos. Foi então que o botânico JACQUES Daléchamp deu-lhe o nome que o tabaco conserva ainda hoje, *Nicotinia tabacum; tabacum,* tirado do espanhol, vem da língua dos arouaks do Haiti; lá ele não designa propriamente o tabaco e sim o tubo que eles utilizavam para fumá-lo, ou o charuto que fabricavam.

Chamar o tabaco de *Nicotinia* era frustrar seu verdadeiro descobridor que não deixou de reclamar, acusando de impostor "o fulano que não fizera a viagem". Frei André Thevet, franciscano de origem angumesa, tinha ido até a América e de lá trouxera as sementes dessa planta. Chegara a cultivá-la em sua casa com sucesso, de volta do Brasil, onde o levara, em 1555, a expedição de Villegagnon, fundador da tão efêmera colônia francesa, da qual Thevet foi o relator em suas *Singularidades da França antártica* (1558), obra que na época fez muitos sonharem e onde se encontra a primeira descrição dos estranhos efeitos causados pela fumigação da erva que os índios "chamam em sua língua *petun.* (...) Quando seca eles envolvem alguma quantidade dessa erva numa folha de palmeira, que é muito grande, e a enrolam no comprimento de uma vela, depois põem fogo numa das pontas e recebem a fumaça pelo nariz e pela boca. Ela é muito saudável, dizem eles, para destilar e consumir os humores supérfluos do cérebro. Mais ainda, tomada dessa maneira, ela faz passar a fome e a sede por algum tempo..." Os primeiros europeus que estavam então nessa região, acrescenta nosso franciscano, "tornaram-se maravilhosamente ávidos por essa erva e perfume; apesar do seu uso, de início, ser perigoso, até que estejam habituados: pois essa fumaça causa suores e fraqueza, até a síncope; o que experimentei eu mesmo". Sabemos que na mesma época os astecas fumavam também o charuto, folha de tabaco enrolada

em volta de um junco, porém, como todos os índios, com finalidade ritualística ou terapêutica.

No século XVI, na Europa, o tabaco foi considerado inicialmente como uma panacéia. Em 1600, Olivier de Serres o classificou entre as plantas medicinais, pois sua fumaça aspirada pela boca "curava as queimaduras, feridas e dores, tosses antigas, dores de cabeça e de dentes". Mas principalmente o tabaco iria se tornar rapidamente uma droga cuja moda se espalhou imediatamente por toda a Europa, apesar das resistências e proibições feitas pelos poderes públicos que reagiram, às vezes, com extrema brutalidade. Por exemplo, em 1692, em Saint-JACQUES-de-Compostelle, cinco monges foram emparedados vivos, por terem fumado durante a missa, no coro. Na Rússia, o czar Fédor III Alekseievitch, irmão e antecessor de Pedro o Grande, ordenou que cortassem o nariz, órgão do pecado, aos cheiradores, e em caso de recidiva, a cabeça. Mais radical ainda, o xá da Pérsia na mesma época mandava empalar os cheiradores e fumantes. Em toda a parte, os adeptos desse produto do inferno foram tratados como criminosos e devidamente excomungados por duas vezes, pelos papas Urbano VIII em 1628 e Inocente X em 1650. Quanto a Jaime I, rei da Inglaterra, não se contentou em proibi-lo, mas compôs um tratado contra o tabaco, o *Misocapnos,* onde o descrevia como uma erva "repugnante para o olfato, perigosa para a saúde, nefasta para o cérebro, cujas exalações pareciam sair dos antros infernais".

No entanto, de nada adiantou. Desde a época da Guerra dos Trinta Anos, os soldados franceses tinham seguido o exemplo dos militares alemães que fumavam cachimbo. Em 1660, Molière fazia seu Sganarelle proclamar: "Não existe nada igual ao tabaco; é a paixão das pessoas honestas, e quem vive sem tabaco não é digno de viver." Segundo Saint-Simon, as próprias filhas do rei usavam cachimbos que mandavam vir do corpo de guarda dos Suíços. No século XVIII, existiam em Paris 1.200 lojas de tabaco. Fumavam, mascavam e sobretudo cheiravam e se presenteavam com caixas de rapé. Todos usavam uma no bolso, mesmo os prelados e abades e foi um deles, o abade de L'Atteignant, que compôs a canção tão popular: *"J'ai du bon tabac dans ma tabatière".* Fumavam muito o cachim-

bo na Inglaterra, na Holanda e na Alemanha, porém na França consideravam-no grosseiro. Por essa razão ele só triunfou com a Revolução e o *brûle-gueule* tornou-se o acessório obrigatório do *sans-culotte.*

Durante muito tempo o tabaco também teve seus defensores entre os médicos, enquanto no povo se espalhava seu uso como ' 'masticatório", a fim de "facilitar o escoamento do humor salivar depositado na massa do sangue e nos filtros glandulares", depois como "esternutatório", capaz de exalar, pelos espirros, os célebres "humores malignos". Admitido pelo Códex de 1748, o tabaco ainda era naquela época considerado como ' 'erva para todos os males". Era usado tanto em infusão como em purgativo e vermífugo ou em fumigações contra a asma, a tosse e os catarros brônquicos. Até os mais ilustres doutores, Van Swieten, Boerhave e Bartholin, no século XVIII, o preconizavam contra os reumatismos, a gota, as nevralgias, a epilepsia ou a hidropisia. No século XIX, o ilustre Thousseau o receitava para clarear a visão. Porém sua mais curiosa utilização era em fumigação no reto, para ressuscitar os afogados. Chegaram até a inventar, em vista dessa delicada operação, aparelhos aperfeiçoados que mais se pareciam com foles de cozinha.

De início só fumavam o cachimbo e o charuto; o uso do cigarro, onde o tabaco é picado e enrolado em papel, é muito mais recente. Na França ele só se popularizou realmente quando a Régie francesa dos tabacos apresentou o cigarro em pacotes, prontos para o consumo. Desde então não pararam mais de fumar no mundo inteiro e cada vez mais. Atualmente, o consumo do tabaco aumenta de 3 % ao ano, o que é enorme. De passagem, podemos assinalar que a extensão de sua cultura foi, pelo menos em parte, a responsável pelo tráfico dos escravos negros; com efeito, se no início os colonos empregaram a mão-de-obra caraíba nas primeiras plantações que foram instaladas desde 1634 em Guadalupe e na Martinica, esta não tardou a sucumbir ao álcool introduzido pelos europeus, bem como aos maus-tratos que estes lhe infligiram. Foi preciso então substituí-la pelos escravos negros, trazidos aos milhares da costa da África.

O constante aumento do consumo do tabaco no mundo provocou uma recente reação, que se tornava realmente

necessária. Há alguns anos o tabaco é acusado de todos os males: bronquite crônica, enfisema, arterioesclerose, infarto do miocárdio e principalmente câncer do pulmão. Conseguiram persuadir os fumantes de que eles destruíam não apenas sua saúde mas também a própria vida, cuja duração normal eles encurtavam, tornando-se assim culpados de uma espécie de suicídio disfarçado. Certamente existe nisso algum exagero. Considerar hoje o tabaco como um veneno absoluto não seria cair num excesso comparável ao que durante séculos o considerou uma panacéia? O problema principal não seria que os fumantes empesteiam o ar daqueles que não fumam?

É certamente uma verdade que para muitos o ato de fumar não constitui um real prazer e sim um hábito, um gesto de que eles não conseguem se libertar; além disso, qualquer desintoxicação é incerta, penosa, às vezes perigosa. Tudo isso corresponde à própria definição das drogas. Todavia, essa droga é explorada pelo Estado, da mesma forma que o álcool, cujo consumo é afinal bem mais perigoso.

De onde vem então esse fascínio que conseguiu fazer — ou melhor, refazer — do tabaco o que ele era na origem, uma planta mágica? Que o leitor se recorde do seu primeiro cigarro. Certamente ele o fez tossir e espirrar, ele quase o sufocou, mas o fez sentir algo que nunca havia experimentado antes, uma espécie de vertigem, que não era tão desagradável, e, principalmente, se oferecido pelos "adultos", fumado às escondidas com eles, correspondeu a uma espécie de teste iniciático — como o que era imposto entre os índios aos futuros xamãs, e isto numa época em que justamente as iniciações da adolescência desapareceram dos nossos costumes. Somente o noviço que conseguiu aspirar a fumaça acre, devolvê-la pela boca ou ainda melhor, pelo nariz, fazendo-a desenhar no ar elegantes volutas azuladas e sobretudo essas "rodelas" que fascinam os adolescentes, somente este conquistou realmente o *status* viril. Os primeiros cigarros acompanham os fantasmas sexuais da puberdade, acalmam a culpa resultante da masturbação; os psicanalistas acrescentarão que ele chega a dissipar a angústia da castração, pois assim que um cigarro se apaga, é possível acender um outro, perfeitamente rígido com sua extremidade

vermelha a brilhar. A atração inconsciente é ainda mais irresistível, porque a esse fantasma se alia um outro mais antigo, o do seio materno, ao qual um dia fomos obrigados a renunciar; o que explica muito bem a palavra *mégot* (guimba), oriundo do verbo *"mégauder"* que significa "sugar o leite de uma mulher grávida", esse leite que, justamente nesse momento, foi pela primeira vez recusado.

Tomilho

O próprio nome tomilho informa seu mais antigo e conhecido uso, o que dele era feito outrora na Grécia. *Thumos* vem de *Thuos,* "madeira que espalha um aroma agradável quando queimada" e do verbo *thuô,* "oferecer um sacrifício aos deuses". Aliás, curiosamente, com a diferença de um acento, é a mesma palavra que em grego designa sopro, a alma humana, o coração, o centro da inteligência, como se, para os gregos, a fumaça aromática do tomilho estivesse assimilada à alma, subindo com ela até os deuses para agradecer-lhes.

Se os gregos utilizavam o tomilho como incenso, não era apenas porque fosse perfumado, mas também porque ele eliminava as impurezas, por ser medicinalmente antisséptico. Aliás, essa qualidade que o tomilho possui em alto grau sempre foi reconhecida no seu local de origem, a bacia mediterrânea, pois egípcios e etruscos colocavam-no nas preparações complexas que serviam para embalsamar os mortos. No Marrocos e na Tunísia ainda hoje, uma decocção do tomilho no óleo de oliva serve para limpar as feridas. Finalmente, sabe-se que o tomilho é empregado para fazer a assepsia da caça macerada e ao mesmo tempo perfumá-la.

Essas utilizações religiosas ou populares tinham sua explicação. Um dos maiores médicos do século XIX, Armand

Trousseau, afirmava que o tomilho era o "inimigo da toxina". As análises químicas confirmaram amplamente essa opinião: o óleo essencial de tomilho contém 40% de timol, um dos antissépticos mais poderosos que existem; ele é vinte e cinco vezes mais ativo que o fenol e tem sobre ele a vantagem de não irritar as mucosas.

Além disso, como em muitos simples, as virtudes do tomilho são múltiplas e complementares. Ele também é antiespasmódico e carminativo, o que o torna um notável digestivo, recomendado especialmente contra a atonia intestinal, a gastrite crônica e até a perda de apetite. Ligeiro estimulante do sistema nervoso, como o chá, ele tem a mais a reputação de excitar a inteligência e de combater a Sonolência que se segue às refeições copiosas. Favorecendo a eliminação das toxinas pelo suor e pela urina, o tomilho é ainda usado em caso de gripe, contra a gota, a artrite e os reumatismos. Suas propriedades antissépticas, tão eficazes para limpar feridas e úlceras, permitem lutar contra os resfriados, bronquites, rinofaringites e tosses espasmódicas. É também utilizado na forma de dentifrício e de loção capilar, pois é um revigorante do couro cabeludo, que impede ou interrompe a queda dos cabelos favorecendo o seu crescimento. Finalmente, uma decocção de 50g de tomilho em 4 litros de água, acrescentada à água do banho, tem efeitos fortificantes e combate as dores reumáticas.

Na verdade não poderíamos acabar de enumerar suas virtudes, cientificamente constatadas e devidamente pesquisadas. E ainda precisaríamos acrescentar que, unindo o útil ao agradável, as folhas de *farígoule,* como é chamado pelos provençais, sejam elas frescas ou secas, aromatizam deliciosamente os molhos, os cozidos, as vinhas-d'alho e as carnes grelhadas; para o cozinheiro elas são um dos condimentos básicos.

Todos conhecem esse subarbusto, formando uma minúscula touceira compacta de caules lenhosos muito ramificados, ostentando numerosas folhas estreitas de bordos enrolados, e no verão pequenas flores esbranquiçadas ou róseas que são visitadas por abelhas ou borboletas. Apesar de ser nativo dos locais secos e áridos do sul da França, o tomilho se adapta bem

nos jardins do país inteiro, com a condição de ser exposto ao sol e de ter um solo mais para o seco; ele se multiplica facilmente por divisão de touceiras ou mudas.

Bem próximo do tomilho propriamente dito (*Thymus vulgarís*), encontramos o serpão (*Thymus serpyllum*), chamado também tomilho bastardo, que é uma planta herbácea vivaz, que não é exclusivamente mediterrânea, mas é encontrada nos locais áridos e secos, com uma preferência marcada pelo calcário, em quase toda a França, principalmente nas regiões montanhosas. Ele se distingue do tomilho por suas folhas maiores, suas flores de um rosa purpúreo reunidas em inflorescências terminais globulosas e sobretudo por seus caules alongados e em parte rastejantes, que se enraízam facilmente deles mesmos. O serpão — cujo nome vem do latim *serpullum,* do grego *erpullos,* "rastejar", e que se refere ao porte da planta — tem propriedades muito parecidas com as do tomilho. É ainda utilizado nos campos, na forma de óleo, contra as dores ciáticas e nevrálgicas.

Trigo

"Se o grão que cai na terra não morre, ele fica só; mas se ele morre, ele terá muitos frutos", diz Jesus no Evangelho. Essa morte do grão seguida de uma ressurreição multiplicada, esse milagre, fascinou aqueles que foram os primeiros a cultivar o trigo. Não deixaram de tirar uma conclusão que parecia ser aplicável ao homem: contra as aparências, o sepultamento bem podia não ser apenas o fim de uma vida e sim a possibilidade de recomeçar uma nova; a morte podia ser promessa de ressurreição. Em suma, se considerarmos o elemento essencial comum, esse é o segredo das religiões de mistérios.

Em todo o caso, o aparecimento do trigo cultivado no "crescente fértil" do Oriente Próximo, deveria efetivamente

provocar ali uma espécie de milagre, a civilização — como a do arroz no Extremo Oriente, como a do milho na América. Onde e quando começaram a semear os campos, a acumular o trigo nos celeiros e a fazer o pão, é o que tentamos explicar. Em compensação, precisamos mencionar aqui o que sabemos hoje sobre as origens da planta; e primeiramente precisar que com o nome de trigo, que vem do gaulês *blato,* designando farinha e depois por extensão qualquer cereal, englobamos um gênero *triticum,* que contém várias espécies ou variedades, diferentes em aspecto, porém mais ainda em sua utilização. Existem trigos tenros, de grãos farinhosos usados para a panificação e trigos de grãos duros e transparentes, reservados para a fabricação de massas e de sêmolas; trigos de outono, semeados de maneira a aproveitar a umidade hibernai nas regiões mediterrâneas e temperadas, e trigos da primavera que são semeados tardiamente nos países em que o inverno é muito rigoroso, e finalmente os trigos "nus", isto é, cujo grão cai nu sob o malho e cujo raque é resistente, e trigos "vestidos" com raque quebradico e cujo grão sai da debulha coberto com suas cascas.

Os trigos vestidos foram os mais antigos a serem cultivados para a fabricação do pão e da cerveja, fazendo concorrência à cevada. Entre eles distinguimos o *Triticum monococcium,* que possui um só grão por espigueta e quase não é mais cultivado, o *Triticum amyleum* com dois grãos por espigueta, freqüentemente semeado no Egito antigo e cuja farinha ainda é muito apreciada em confeitarias, mas que hoje está confinado nas regiões montanhosas, e finalmente o *Triticum spelta,* de três grãos, que também é um trigo de montanha pois se habitua bem com os invernos rudes. Após longas pesquisas os trigos vestidos foram encontrados em estado espontâneo, primeiro na Galiléa e depois na maior parte da Ásia Ocidental, bem como no sudoeste mediterrâneo da Europa. Ao contrário, é certamente impossível encontrar as plantas selvagens que deram origem aos trigos cultivados atualmente, que são os trigos nus — trigos tenros, trigos semiduros e trigos durázios — pois quase sempre trata-se de variedades nascidas de

hibridações muito antigas. Tudo o que sabemos sobre eles é que os trigos duros não são asiáticos como os outros e sim originários da África e que o *Triticum amyleum* provavelmente engendrou o *Triticum turgidum,* talvez no Egito.

O trigo é uma gramínea de raiz fibrosa. Seus caules, os colmos que fornecem a palha, são altos, ocos ou cheios, segundo as espécies, e têm folhas estreitas e embainhadas que nascem na altura dos nós; cada caule termina por uma espiga formada por espiguetas mais ou menos barbudas. O fruto, um pouco alongado, arredondado nas extremidades e marcado por um sulco longitudinal, é chamado, em botânica, uma cariopse (do grego *karyon,* "noz", e *opsis,* "que se assemelha à"), palavra que designa os frutos secos e indeiscentes das gramíneas; a semente, que chamamos de grão, é formada de um importante albúmen farinhoso em cuja base encontramos, de lado, o embrião, a futura plântula.

A trituração do grão dá uma matéria pulverulenta, a farinha (de *far* ou *bhar,* antiqüíssima palavra indo-européia designando o trigo), que se apresenta na forma de um pó branco um pouco amarelado, macio ao toque, aderente ao dedo e que, uma vez na mão se encolhe por compressão. A fabricação do pão se faz em três etapas: a transformação da farinha em massa pela adição de água que dissolve as partes solúveis e faz inchar as partes insolúveis. Segue a malaxação ou sova, destinada a obter uma massa homogênea, operação que se faz no amassadouro. Outrora a sova à mão exigia tanto esforço que o empregado encarregado era apelidado de gemebundo, pois ele gemia ao amassar. É no decorrer da sova que incorpora-se à massa o sal e principalmente o fermento, seja o fermento proveniente da massa previamente fermentada e conservada, seja a levedura de cerveja. Portanto, o pão é o resultado da estreita união do trigo com um cogumelo microscópico. Esse fermento, encontrando açúcar na massa úmida e quente, age sobre ele produzindo álcool e gás carbônico. São as bolhas formadas por este que levantam a massa, a incham, em suma, que fazem-na crescer. Quando a fermentação está terminada, a massa é dividida em bolinhos e colocada nas pãozeiras,

cestinhos sem alça, forrados de pano e colocados no forno previamente aquecido a uma temperatura bastante alta. O cozimento tem por efeito eliminar o excesso de água, dilatar as bolhas gasosas presas na massa, o que aumenta sua leveza; ela age também sobre os grãos de amido que faz estourar e os torna mais atacáveis pelos sucos nutritivos. Na superfície do pão, submetida a uma temperatura mais elevada, a torrefação transforma o amido em dextrina, que é mais ou menos marrom: é a casca.

Assim é a fabricação tradicional do pão. Sabemos a que ponto ela está alterada em todos os estágios, atualmente: tratamento das plantas, grão conservado, farinha, adição de toda espécie de produtos destinados a facilitá-la, substituição do fermento por fermentos artificiais, cozimento em fornos aquecidos a diesel, etc. O pão que comemos não tem nada em comum com o pão de outrora, daí a preferência que gozam os pães fabricados à maneira antiga, ou supostamente feitos assim. É verdade que hoje o pão não é mais o alimento essencial e certamente perdeu a característica sagrada que conservara durante muito tempo, desde a origem até os nossos dias.

O próprio nome de pão o designa como o alimento por excelência; ele vem da raiz *pa* que significa alimentar e resultou em francês *paître* (pastar) e *repas* (refeição) e também a bela palavra *Compagnon* (companheiro), aquele que come o pão junto. Há poucas décadas na França, o pai de família era o único que tinha o direito de cortar o pão que distribuía em seguida aos convidados em volta da mesa; antes ele traçava com a ponta da faca uma cruz sobre a grossa fôrma redonda que se conservava durante a semana toda.

O pão não era apenas um dom de Deus, "o pão nosso de cada dia", mas o próprio corpo do Homem-Deus que, antes de deixar seus apóstolos para marchar para a morte, tendo abençoado e dividido o pão, apresentou-lhes dizendo: "Tomai e comei, pois este é o meu corpo", reatando assim com as próprias origens do trigo, corpo de um deus despedaçado e enterrado, como Jesus o seria por sua vez, Deus se sacrificando pela humanidade, antes de ressuscitar.

O pão da Ceia era o pão ázimo, pão sem fermento, e que era comido como o cordeiro pascal, outra figuração do deus imolado que iria depois tornar-se a própria imagem de Jesus. Segundo São Martinho, o pão ázimo representava "a aflição da privação, a preparação à purificação e a lembrança das origens". Eis por que, ainda hoje, dele fazem a hóstia. Quanto ao fermento, ele era o símbolo da transformação espiritual que cria no homem esse vazio em que Deus pode enfim encontrar seu lugar.

Trufa

Excremento da terra, conglomerado nascido dos sais minerais concentrados pelo raio, concreção de baba das feiticeiras, esse misterioso corpo subterrâneo, de um negro violáceo, há dois mil anos consumido, sempre intrigou os homens e zombou de seu espírito de investigação. Quando, em 1729, o botânico italiano Pietro Antonio Micheli, tendo examinado a trufa ao microscópio, concluiu que só podia se tratar de um cogumelo, ninguém acreditou. E ainda hoje, todas as questões sobre a trufa não foram completamente resolvidas. Como sabemos, a palavra italiana *tartufo,* que designa a trufa, criou o nome de um personagem da comédia italiana encarnando, pois a trufa se esconde, a hipocrisia, e que se tornou, graças a Molière, nosso Tartufo.

A trufa de Périgord (*Tuber melanosporum*) tem o aspecto de um tubérculo marrom-escuro, de 3 a 5cm, de forma maciça e irregular. O exterior é eriçado de verrugas contíguas, formando pequenas pirâmides hexagonais. A carne, chamada gleba, da palavra latina que significa torrão de terra, de início de cor esbranquiçada, passa para o avermelhado e depois para o negro violáceo; ela é estriada de veios brancos, numerosos e bem marcados. É no centro desses veios que estão

repartidos os ascos em forma de maçã, contendo os esporos ou células reprodutoras. Pois a trufa é um fruto, ou mais exatamente, um carpóforo (da palavra grega que significa portador de frutos), como o boleto ou o agárico, mas é um fruto subterrâneo.

Sabemos que a trufa é encontrada principalmente nas florestas de carvalho, em terreno calcário, bem arejado, pouco profundo e com subsolo permeável. O problema é descobri-la. As zonas trufeiras têm um aspecto "queimado", no sentido de que ali a relva é rara ou inexistente. Todavia, é somente pelo cheiro que elas liberam, que sua presença pode ser detectada com precisão. Alguns homens, com o olfato especialmente desenvolvido, podem percebê-lo, mas na maioria das vezes recorre-se ao faro de um cão ou ao instinto fuçador de um porco; nesse caso é preciso intervir rapidamente para impedir o animal de devorar seu achado.

O aparecimento e depois o progressivo desaparecimento das trufas em certos locais permanecem ainda hoje um pouco misteriosos. Sabe-se que o micélio da trufa, isto é, a parte vegetativa e permanente do cogumelo, vive em simbiose com as jovens raízes das árvores. À medida em que estas crescem, o diâmetro formado por suas raízes aumenta e as frutificações do micélio, as trufas, são cada vez mais abundantes. Mas quando as árvores estão completamente desenvolvidas, e seus cimos e seus sistemas radiculares se tocam entre si, a produção da trufa diminui e às vezes desaparece totalmente.

A única explicação plausível que se pode dar a esse fenômeno é a seguinte: o micélio da trufa secretaria, em pequenas quantidades, substâncias tóxicas, o que explicaria o desaparecimento da relva; quando os círculos formados pelas raízes se juntam, a totalidade da superfície do solo se tornaria tóxica, mesmo para as trufas.

É claro que o homem tentou cultivar uma produção vegetal tão preciosa; ele ainda não o conseguiu; a trufa permanece selvagem. Mas a obstinação humana não tem limites: atualmente produzem o micélio de *tuber* e começam a plantação de carvalhos previamente infestados. Talvez daqui a algumas décadas as trufas sejam consumidas correntemente. Mas então terão perdido seu prestígio e certamente seu gosto que,

no fundo, só interessa porque é raro. Dessa maneira a trufa chegará ao último estágio de uma progressiva decadência, pois há muito tempo, despojada de seus poderes mágicos, ela já é apenas gastronômica e também, como pretendem, afrodisíaca. À trufa preta, os italianos preferem muito mais a branca ou trufa de verão (*Tuber aestivum*), abundante sobretudo no Piemonte e que, em compensação, é pouco apreciada pelos franceses.

Verbena

Ao beber, à noite, uma infusão de verbena, quem pensaria hoje que ela foi outrora uma planta sagrada com poderes milagrosos tanto na Gália quanto na Pérsia, na Grécia e em Roma? No entanto a verbena oficinal não é uma planta rara, porém quando a encontramos à beira da estrada, não damos atenção ao seu aspecto ingrato: caules frágeis e ramificados, arrematados por algumas florzinhas malva-pálidas. Contudo os gregos e latinos a chamavam *Hiera botane,* a "Erva sagrada" e a carregavam de apelidos pomposos, "Lágrimas de Ísis" ou "de Juno", "Sangue de Mercúrio", ou "Erva de Hércules". Em Roma, colhiam, num local sagrado do Capitólio, os caules floridos da verbena com os quais coroavam os sacerdotes pertencentes ao colegiado dos *fetiales,* encarregados de examinar as causas dos conflitos entre Roma e os outros povos. Se os romanos tivessem razão, os feciais iam pedir reparação ao adversário e quando não a obtinham, declaravam-lhe guerra solenemente. Era também por intermédio dos feciais que a paz era concluída; o decano entre eles, o *pater patratus,* imolava então um porco com uma faca de sílex. Ele estava coroado de verbena, como todos os feciais no exercício de suas funções. Essa tradição datava da própria origem da Cidade Eterna, bem como a de colocar a verbena dentro das casas para afastar os maus espíritos, de limpar os altares com seus ramos, ou de

oferecer um buquê a quem se amasse. Em latim, o nome da planta, *verbenaca,* designava "o ramo sagrado" e veio a ser aplicada a todos os ramos com os quais coroavam os sacerdotes durante os sacrifícios, quer fossem de loureiro, de oliveira, de mirta, ou de verbena. *Verbenaca verbenae* são oriundas de uma antiqüíssima raiz indo-européia, que deu em grego *rhabdos,* a verga, e mais precisamente a vara mágica.

A verbena (em celta, *ferfaen*) gozava do mesmo prestígio na Gália. Além de empregá-la para os mesmos fins, ela comunicava aos bardos, que a usavam em coroas para cantar, a inspiração divina, e os adivinhos, antes de prever o futuro ou lançar os sortilégios, bebiam uma infusão da planta divinatória.

Sobrenatural por essência, a verbena era evidentemente uma panacéia. Ela curava a epilepsia, as febres, a angina, as escrófulas, as doenças da pele, a lepra, as contusões..., mas também protegia de qualquer contágio, o que a tornava preciosa por ocasião das epidemias, tão freqüentes na Idade Média. Era realmente o *erbo de la merbelo,* como a chamavam outrora na Provença, mas também a "erva dos feiticeiros", pois antigamente consagrada a Vênus — em Roma, a *Venus Victrix* era coroada de verbena e mirta — ela servia à preparação dos filtros do amor: diziam até que para participar do sabá sem cansaço, as feiticeiras confeccionavam para si uma liga feita de caules de verbena trançados. Em sentido contrário, essa planta preservava dos malefícios. Os habitantes do País de Gales a chamavam "Veneno do diabo". Após terem cortado seus caules na escuridão, serviam-se deles para aspergir com água benta os locais que ele infestava.

No século passado, é claro que muitos zombaram dos múltiplos poderes medicinais da verbena. Testes de laboratório e pesquisas químicas recentes demonstraram que ela era adstringente, vulnerária, resolutiva e certamente febrífuga, graças a um glicosídeo, a verbenalina. É verdade que é pouco usada, exceto no campo onde um cataplasma da planta verde, esmagada, dissipa imediatamente os hematomas e mais comumente, ou em infusões ao mesmo tempo aperitivas e digestivas, pois excita as secreções gástricas, em que a verbena luta com sucesso contra as vertigens e as sonolências da má

digestão. E certamente ela seria mais eficaz se acreditassem ainda em suas virtudes. Mas talvez a humilde verbena ainda dê o que falar.

Existem muitas outras espécies de verbena, vindas da América do Norte e do Sul até nossos jardins; certamente elas são bem mais decorativas, mas dizem que nenhuma delas possui as virtudes da nossa verbena oficinal.

Quanto à verbena citronela (*Lippia citriodora*), esta tem um aspecto bem diferente. É um pequeno arbusto de 1m a l,5m de altura, cujos ramos longos e finos têm folhas compridas, estreitas e pontudas e espalham um agradável aroma de limão. De julho a setembro, a verbena citronela ostenta, em espigas frouxas, pequenas flores brancas por fora e rosadas por dentro. Originária do Chile, essa espécie exige um clima quente e só pode ser cultivada ao ar livre no sul da França.

Suas folhas podem ser colhidas duas vezes: a primeira em junho, antes da floração — as folhas são então verde-acinzentadas e têm um perfume mais delicado, é essa colheita a mais apreciada; a segunda é em outubro, as folhas são verde-escuras e mais ricas em óleos essenciais, porém seu sabor é menos sutil.

A verbena citronela é muito usada em perfumaria mas também na forma de infusão, por causa dos seus efeitos benéficos para o estômago. Ela combate ativamente o peso e espasmos resultantes de uma má digestão. Além disso, seu gosto é delicioso e refrescante e dela se faz um licor digestivo muito apreciado. Todavia, mesmo em infusão, convém não abusar da verbena citronela pois com o tempo ela pode irritar a mucosa estomacal.

Videira

Poucas plantas estão tão carregadas de simbolismo quanto a videira e seu produto, o vinho. Assimilado ao sangue de um deus, o vinho é licor de vida e até mesmo de imortalidade. Em

toda a região do Mediterrâneo, a cultura da videira data da mais remota antigüidade. Originária, enquanto planta selvagem, de uma área extremamente vasta, pois ela se estende do sul da Europa ao Tianchan e é mesmo representada por outras espécies na Ásia, até o Japão e na América do Norte, é uma trepadeira muito vigorosa, cujos caules podem alcançar 20cm de comprimento com 30cm de diâmetro, e cujas folhas de 3 ou 5 lobos têm a forma de uma mão aberta. Agarrando-se às árvores graças às suas gavinhas, a videira dá muitos frutos, mesmo quando não é podada ou cultivada. Provavelmente atrai muito cedo a atenção dos homens, e as primeiras civilizações do Oriente Próximo aprenderam todas a fabricar o vinho. Encontramos vestígios disso tanto na Mesopotâmia quanto no Egito, onde Osíris, deus do trigo, era também o deus do vinho.

Quanto à Bíblia, que o cita com freqüência, ela afirma poder dar sua origem. Com efeito, após o Dilúvio, Noé, único sobrevivente com sua família do cataclisma que arrasara toda a humanidade pecadora, assim que saiu da arca teria começado a plantar a videira, segundo o relato do Gênese, que logo acrescenta: "Tendo bebido vinho, ele se embriagou e se despiu em sua tenda." Conhecemos o resto: um dos filhos de Nóe, Cã, entrou na tenda, viu "a nudez do seu pai" e correu para prevenir seus irmãos. Estes apanharam uma capa e, andando de costas, vieram colocá-la sobre o corpo do pai. Ao acordar, Nóe abençoou esses bons filhos, mas amaldiçoou Cã, condenado desde então a ser o "servidor dos servidores" de seus irmãos. Em hebreu, o nome de Nóe significa aquele que consola, e para os judeus essa consolação, após a provação do Dilúvio, foi precisamente a descoberta do poder do vinho, que reconforta e permite esquecer: como o aparecimento do arco-íris, o da videira manifesta o fim da ira divina, a aliança firmada entre Deus e a nova humanidade.

Se o vinho apareceu tão cedo na história da humanidade, é que ele nasce de um processo natural. A película da uva tem fermentos que agem sozinhos, quando, por exemplo, o bago de uva já passado cai e se abre no solo; esses fermentos que são levedos, ou seja, cogumelos microscópicos, hibernam no

solo e são espalhados sobre os bagos pelos insetos durante o verão. Bastou ao homem observar essa fermentação natural, sentir o cheiro inebriante, para querer guardá-la e, guiando-a, começar a recuperá-la em proveito próprio. Essa intervenção humana consistia essencialmente em pisotear os cachos de uva, assim que amadureciam, facilitando e acelerando assim a ação dos fermentos da pele sobre o suco, e depois deixar que essa fermentação se realizasse numa tina. Acontecia então um desdobramento dos açúcares (glucose e frutose) em álcool etílico e em gás carbônico com uma forte exalação de calor.

Essa metamorfose, essa mudança de estado, que fazia o mosto entrar em efervescência, só podia ser considerada uma operação mágica, uma alquimia, na qual intervinha um poder sobrenatural. Por isso, em toda a parte o vinho era considerado como de origem divina.

Na Grécia, foi Dionísio que, chegando do Oriente, implantou seu hábito. Uma das oferendas mais freqüentes aos deuses era a libação; derramavam vinho seja sobre a vítima que ia ser sacrificada, seja, em sua ausência, sobre a própria terra ou no fogo. Para os gregos, objeto de um verdadeiro culto, o vinho foi o emblema da civilização. Na Ática, as leneanas eram, em dezembro, as festas do lagar; ofertavam então o vinho novo a Dionísio; estas festas eram seguidas, em fevereiro, pelas antestérias ou festas floridas — saboreavam então o vinho da última safra — depois, no início de março, pelas Grandes Dionísias quando havia grandes representações dramáticas. Os romanos, que homenageavam particularmente Baco, já deus da videira na Grécia mas confundido com Dionísio, apreciavam o vinho mais ainda do que os gregos. Entre eles, sua fabricação era ainda comandada pelas regras religiosas. Todos os anos, os sacerdotes fixavam o dia em que deviam começar as vindimas e aquele em que podiam beber o vinho novo. A própria poda da videira era uma obrigação religiosa; teria sido ímpio ofertar aos deuses uma libação com vinho proveniente de uma videira não podada.

A chegada do cristianismo reforçou ainda mais o valor místico do vinho. O primeiro milagre realizado por Jesus

consistiu em transformar a água em vinho, nas bodas de Cana; e foi vinho que ele deu aos seus discípulos por ocasião da última ceia que tiveram juntos, dizendo: "Bebei dele todos, porque isto é o meu sangue, o sangue da nova aliança, derramado em favor de muitos, para remissão dos pecados. E digo-vos que dessa hora em diante não beberei deste fruto da videira até aquele dia em que hei de beber, novo, convosco no reino do meu Pai." Assim, o vinho é a manifestação por excelência da aliança firmada entre Deus e a humanidade após o Dilúvio e renovado por Jesus, que, como outrora fez Dionísio, oferece nessa forma seu sangue aos homens, antes de derramá-lo por eles na cruz. Do mesmo modo, a comunhão que nas Igrejas cristãs repete a Ceia acontece tradicionalmente sob os dois aspectos: os fiéis consomem o pão e o vinho consagrados que além de serem os dons de Deus aos homens, os elementos essenciais de suas vidas, são seu próprio corpo e seu próprio sangue.

Em toda parte, o vinho no qual o fogo solar está aliado ao princípio úmido, é considerado como o complemento do pão, nascido da terra, mas no íntimo do homem ele tem um papel mais sutil, pois ali ele se torna o sangue, a própria vida. Além disso ele é, por sua origem divina, bebida da imortalidade, presença da luz sobrenatural, do amor divino ao homem a quem ele comunica a embriaguez espiritual, que causa "o esquecimento total de tudo o que existe no mundo" para deixar lugar apenas ao desejo ardente de reencontrar o Bem-Amado e unir-se a ele. Esse é o significado do vinho no islamismo que, no entanto, o proíbe, mas principalmente entre os sufis que, pelo contrário, o exaltam.

Em todos os povos que haviam conquistado, os romanos tinham encorajado a cultura da videira, mas a propagação do cristianismo deu-lhe um novo impulso. Cada monastério cultivou em seu quintal um vinhedo destinado a fornecer o vinho da missa. Assim a videira se espalhou por todo o país alcançando o norte e o leste da França, além do sul da Alemanha. Em volta dos monastérios instalaram-se grandes produções, ainda hoje famosas; e foi um beneditino, Dom Pérignon, que inventou, no século XVIII, a técnica da champanhização.

Em toda a parte que se estabeleceram, os franceses plantaram videiras, quando as condições permitiam, mesmo na Argélia e no Marrocos, onde a população muçulmana não bebia vinho. Aliás, no mundo inteiro, a instalação dos colonos europeus era seguida da implantação de vinhedos: em 1684 na África do Sul, em 1788 na Austrália, em 1875 na Califórnia.

Porém a Europa mediterrânea conserva até hoje uma supremacia que vem de longa tradição artesanal e a França permanece a pátria por eleição dos vinhos, não apenas pela variedade ímpar de seus microclimas, mas principalmente porque nela o vinho sempre foi considerado pelo vinhateiro como um ser vivo e até mesmo como uma criatura amada. Por isso a invasão do vinhedo francês por uma espécie de pulgão, a filoxera, que a partir de 1863 destruiu quase a metade das videiras e reduziu de dois terços a produção de vinho, não foi sentida apenas como uma catástrofe econômica e sim como uma verdadeira calamidade nacional que atacava as forças vivas da nação, sua própria alma.

Desde 1900 a França voltou a ocupar o primeiro lugar, mas ela paga caro por isso. A videira, que é plantada em cerca de 75 departamentos, lhe traz uma colheita que varia entre 50 e 75 milhões de hectolitros, equivalente em quantidade, mas superior em qualidade à da Itália; enquanto a União Soviética e a Espanha, que vêm imediatamente em seguida, só produzem 25 milhões, a Argentina 20 milhões, os Estados Unidos e Portugal 18 milhões. Porém a França, além disso, é dona do recorde absoluto do consumo anual médio expresso em álcool puro: 28 litros por habitante contra 14 na Alemanha, 10 nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha, o que representa 182 litros de vinho por adulto, por ano. A França ocupa igualmente o primeiro lugar mundial em número de alcoólatras. A cada ano morrem 23.000, sem contar pelo menos a metade dos 15.000 acidentes mortais que são atribuídos ao abuso do consumo de álcool. Quarenta e dois por cento do orçamento anual dos hospitais parisienses são absorvidos pelo tratamento dos alcoólatras, que formam mais de 50% da clientela dos

estabelecimentos psiquiátricos. O álcool apresenta todos os aspectos de uma droga, mas é uma droga lícita.

Visco

Um druida barbudo, com uma longa túnica branca, trepado num carvalho, cortando com sua foice de ouro um tufo de visco que é recolhido num pano branco, é uma imagem familiar para nós. Esse rito acontecia no sexto dia da lua, durante a festa que marcava o início do ano celta, isto é, na época da morte da vegetação. Ora, além de se conservar verde, o visco se cobria de frutos com os quais os tordos se regalavam, e cujas sementes espalhavam, propagando a espécie. Fora da estação, o visco mostrava assim a característica indestrutível da vida vegetal, sua permanente regeneração, de onde vinha seu nome celta que significava: aquele que cura tudo; pois, pelo efeito da mágica simpática, o visco comunicava seus poderes àquele que o consumisse.

Esses poderes eram os mais surpreendentes: entre outros, o visco tinha fama de curar a epilepsia e as úlceras, ele tornava fértil a mulher estéril e o gado. Ora, curiosamente, do outro lado da terra, os *aïnous,* povo de raça branca que habita o extremo norte do Japão, lhe atribuem ainda hoje mais ou menos as mesmas virtudes. Certamente o visco as retira de sua própria origem; ao contrário das outras plantas, ele não sai da terra e, vindo do céu, não pode tocá-la, sem o que perderia seus poderes. Por isso cuidavam para que caísse sobre panos. Sua proveniência celeste e o fato de que era disseminado pelos pássaros explicam por que, para os germanos, seu consumo permitia a comunicação com os espíritos. Ora, na mentalidade arcaica, eram os espíritos dos defuntos que, tornando-se disponíveis, fecundavam as mulheres e as fêmeas do rebanho, função que parecia ser destinada ao visco, cujo suco, o visgo, tem a consistência do esperma. Além disso, compreende-se que ele

possa ter curado o "grande mal", pois a crise epiléptica se manifesta por uma queda, e o visco, justamente, não podia cair.

Observe-se que os gauleses colhiam exclusivamente o visco que crescia sobre os carvalhos, o que pode parecer estranho, já que nessa espécie ele é raro, enquanto é abundante sobre as macieiras e álamos. Contudo, não era apenas essa raridade que o fazia especial mas também o fato dele nascer de uma árvore que, por sua potência, sua vigorosa velhice, suscitava a veneração. Consumindo o visco, absorvia-se realmente a "água do carvalho", como chamam o visco em certos dialetos celtas, isto é, sua seiva, seu sangue, sua própria essência, e compreendemos também por que essa "água" descida do céu com o raio, que é especialmente atraído pelo carvalho, tinha fama de proteger dos incêndios e até mesmo de apagá-los.

Eis o que deveriam saber todos aqueles que, ainda hoje, se beijam no dia 31 de dezembro à meia-noite sob um ramo de visco suspenso no teto, celebrando assim um antigo costume que festeja a esperança do renascimento; a conhecida exclamação: *"Au gui, Van neuf!"*[1] anunciava ao mesmo tempo a renovação do ano e dos homens.

[1] "Ao visco, o ano novo!

Este livro foi composto pela
Art Line Produções Gráficas Ltda.
Rua Visconde de Inhaúma, 64 — Centro — RJ
e impresso na Editora Vozes Ltda.
Rua Frei Luis, 100 — Petrópolis — RJ
em junho de 1993,
para a Editora Rocco Ltda.

AS PLANTAS E SUA MAGIA

Sem a fotossíntese, graças à qual as plantas utilizam diretamente a energia solar e liberam o oxigênio que respiramos, não existiríamos. Essa verdade simples, conhecida de todos e freqüentemente esquecida no cotidiano, é lembrada por JACQUES BROSSE ao iniciar uma viagem pitoresca e envolvente através de um universo que encerra incontáveis mistérios, da planta carnívora aos cactos alucinógenos, passando pelo mundo paradoxal dos cogumelos e das maravilhas das plantas medicinais.

Evocando as ligações dos homens com os vegetais desde os primórdios da história, JACQUES BROSSE traça o aprendizado da utilização de seus poderes extraordinários e as crenças que foram desenvolvidas em torno delas, coisas que a ciência a princípio quis ver apenas como fruto de superstições, mas que, aos poucos, foi obrigada a reconhecer como baseadas na realidade.

Essa obra contém, ainda, uma pequena preciosidade: um inventário consagrado às espécies mais diversas — do trigo ao peiote, do carvalho ao rosmaninho, da mandrágora ao ginseng — uma verdadeira enciclopédia das plantase sua inesgotável magia.

JACQUES BROSSE, autor de formação zen-budista, escreveu, entre outros livros, *L'Homme dans les bois* (1976), *Les arbres de France — histoires et légendes* (1987) e *Mythologie des arbres* (1989).

Foto de capa: LENA TRINDADE

AS PLANTAS E SUA MAGIA

A abóbora, o tabaco, a beladona, utilizada no famoso "ungüento das feiticeiras", panacéia delirante do século XVII, o café, que ajudou Honoré de Balzac a atravessar as muitas noites em que se debruçou sobre *A Comédia Humana,* o ginseng, "essência soberana" da medicina chinesa, o lírio que aparece no Cântico dos Cânticos, na Bíblia, para simbolizar, mais tarde, nobreza, na heráldica francesa. JACQUES BROSSE investiga origem e história das plantas mais ligadas ao homem, quer seja por sua origem simbólica, quer seja por seus usos, criando um livro admirável, a um só tempo fluente e instrutivo.

Não é só a investigação do reino vegetal, em suas múltiplas formas, o que está em jogo: trata-se muito mais de fazer o leitor perceber, sem ecologismos fáceis, a riqueza de um universo amplo em cores, formas, tamanhos e sexualidade, cuja vida vem correndo paralela e entrelaçada à da humanidade, desde que o mundo é mundo. *AS PLANTAS E SUA MAGIA* é um convite a uma viagem em que o didatismo cede lugar ao fantástico, e em que se descobre, através de um outro, vegetal, nossos próprios caminhos.

COLEÇÃO
ARCO DO TEMPO

ALEX BONIFÁCIO

PENSE GRANDE

ATITUDES E VALORES DE PESSOAS DE ALTO DESEMPENHO

BelasLetras

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

PENSE
GRANDE

© Copyright 2013 Alex Bonifácio
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA BELAS-LETRAS LTDA.

Editor
Gustavo Guertler

Revisão
Marcele Brusa Maciel

Foto capa
iStockphoto

Capa e projeto gráfico
Celso Orlandin Jr.

Produção de Ebook
Tiago Fandinho Amaral

E-ISBN
978-85-8174-014-0

Edição digital: 2013

À Ana Beatriz e Fabiana Verdade,
minhas amadas meninas.

A meus pais, irmãos e amigos.

E a todos aqueles que, por seus
feitos, nos inspiram e nos mostram
que resultados impossíveis de se
obter acontecem todos os dias.

SUMÁRIO

Prefácio

O ponto de Ebulição

Caçadores de Recompensas versus o Grupo dos 5%

Quem são esses Bons Visionários?

O perigo das verdades absolutas

O fracasso

Tudo a seu tempo

Metas

O sucesso

Qual é a sua idade?

Notas

Bibliografia

Sobre o autor

PREFÁCIO

No ano de 2002 tive contato com o trabalho da saudosa Dra. Zilda Arns - a quem viria conhecer pessoalmente algum tempo depois - e sua Pastoral da Criança. Fiquei impressionado com os resultados. Uma médica sanitarista aposentada que, mesmo sem dispor de qualquer recurso financeiro, criou uma receita para livrar milhares de crianças da morte estúpida por desnutrição e desidratação. Sua fórmula foi exportada para diversos países, inclusive desenvolvidos, sendo indicada duas vezes ao Prêmio Nobel da Paz. O custo do programa? Praticamente nenhum. A Dra. Zilda Arns, sem qualquer recurso, criou um programa que mudou para melhor a vida de milhares de pessoas.

Em contato com esse e outros casos de pessoas, cujos feitos eram impressionantes sob a ótica de sua magnitude e simplicidade, surgiu o interesse em observar e conhecê-las mais de perto, assim como suas realizações. Todas elas se destacaram por seu desempenho, nos mais diversos campos: empresarial, intelectual, científico, artístico e desportivo etc. Nestes dez anos de observação, meu propósito foi o de, eventualmente, identificar

características presentes nessas pessoas que pudessem servir de inspiração para tantas outras que, legitimamente, também estavam em busca de um novo patamar de desempenho.

As perguntas que me inquietavam: o que leva alguns de nós a encontrar diferenciada desenvoltura para atingir resultados impressionantes, enquanto outros se deparam com a falta de sucesso? Seria justo imaginar que a prosperidade está reservada a alguns poucos enquanto os demais são sentenciados a conviver com um desempenho mediano, medíocre? O que faz com que o potencial, inclusive criativo, seja estimulado ou inibido? Qual seria a fonte de motivação dessas pessoas "iluminadas" para as quais a vida sorri enquanto tantas outras "pedalam" apenas para evitar "cair da bicicleta"? Não estaríamos todos em iguais condições de conhecer e desfrutar do sentimento de autorrealização? Quais seriam as barreiras que afastam o ser humano da capacidade de implementar grandes realizações?

Chamava a atenção o fato de que, para pouquíssimas pessoas, o universo parece conspirar a seu favor. As coisas se "encaixam" naturalmente de modo que a vida se torna um agradabilíssimo passeio num dia ensolarado. Encontram a energia e a disposição de uma criança; para elas, o caminho parece estar sempre desobstruído. Estima-se que apenas 5% das pessoas atingem o seu potencial máximo.

Para outras, no entanto, em número muito maior, ocorre o contrário. As coisas estão sempre desconexas e difíceis, exigindo um esforço sobre humano para "abrir as portas" que muitas vezes conduzem grandes talentos a lugar algum ou, quando conseguem produzir algum resultado, ocorre sob um processo desgastante, cansativo e tristonho.

Enquanto alguns flutuam pela vida, outros perdem o brilho nos olhos e sucumbem a uma vida meramente existencial. Mas seria esse o nosso papel? Contemplar alguns poucos agraciados e aguardar por um golpe de sorte que modifique o destino? Ou identificar e reconhecer as forças que bloqueiam o potencial

máximo para, desvencilhando-se delas, voar alto e desfrutar do sucesso?

Mas o conceito de sucesso utilizado aqui está além daquele relacionado a dinheiro, poder e *status* (embora muitas pessoas estudadas tenham obtido exatamente isso). O conceito que serve de base para este trabalho é o mesmo do professor John Maxwell, estudioso e profundo conhecedor do assunto. Para ele, "sucesso é conhecer o seu propósito na vida, crescer para atingir o seu potencial máximo e lançar sementes que beneficiem outras pessoas"[1]. Medir o sucesso por sua faceta puramente extrínseca seria um erro, pois sucesso sem felicidade não é sucesso. O mesmo serve para o desempenho.

Por isso, seria mais apropriado utilizar o termo metadesempenho: Meta → prefixo (equivalente ao latim *trans*, "para além de": mais adiantado, mais profundo, mais inclusivo, em um estado de desenvolvimento mais avançado; situado mais adiante; transcendente; que sofreu uma metamorfose ou transformação[2].

Alguns desses homens e mulheres são bastante conhecidos, mas há também entre eles alguns desconhecidos. Assim como aceitamos o fato de que um alto executivo norte-americano pode obter resultados tão impressionantes, a ponto de servir de exemplo para milhões de pessoas em todo o mundo, também estamos abertos à possibilidade de que, por exemplo, um professor bangalês e um cardíaco aposentado neozelandês possam inspirar outros tantos (como veremos no decorrer do livro). Por isso, encontraremos aqui referências tanto a Albert Einstein, Thomas Edison e outras grandes personalidades mundialmente conhecidas quanto ao camelô carioca Davi Mendonça.

Este trabalho é direcionado às pessoas inconformadas com o seu atual patamar de desempenho, inquietas e desejosas por identificar as barreiras que as distanciam da máxima performance.

O que mais surpreende é o fato de que o verdadeiro

sucesso, aquele que traz consigo o sentimento de autorrealização e felicidade, sempre caminhou ao nosso lado, esperando apenas que lhe estendêssemos a mão, mas estávamos tão ocupados com o mundo e suas prioridades que fomos incapazes de percebê-lo.

Por fim, também é o objetivo deste livro reunir em uma só obra diversos depoimentos, estudos e exemplos com o firme propósito de que possam inspirar o leitor a buscar o seu próprio caminho em direção às conquistas que legitimamente almeja.

O PONTO DE EBULIÇÃO

Este livro trata de pessoas de alto desempenho. Aquelas que alcançaram objetivos significativos e realizaram feitos que poucos ou nenhum outro ser humano foi capaz. São pessoas de sucesso, cujo potencial é tão elevado, que foram capazes de obter resultados impressionantes; conheceram seu real papel dentro da sociedade; e, por fim, serviram de instrumento para levar inspiração a um número maior de pessoas. Atingiram a autorrealização. Estima-se que cerca de 5% das pessoas desfrutam do sentimento de que nada é impossível. Como veremos adiante, passarei a tratá-las como o "Grupo dos 5%" ou "Grupo Metadesempenho". O que teria esse seleto grupo a nos revelar?

Os participantes do Grupo dos 5% chegam a alcançar resultados ditos impossíveis. Os valores e atitudes que eles carregam passam a ser investigados desde já. E nada melhor para começar nossa jornada do que explorar como emerge (nas pessoas realizadoras de grandes feitos) o desejo de produzir algo. De que maneira ocorre o início de uma jornada interior até

se alcançar o “Ponto de Ebulição”, que conduz a um novo patamar de desempenho?

Normalmente, a criação de algo surge a partir de mentes inquietas tentando preencher uma lacuna. São homens, mulheres e até mesmo crianças inconformadas e insatisfeitas em relação a algum aspecto de suas vidas ou da realidade que percebem e vivenciam. Grandes mudanças surgem dos inquietos, daqueles exploradores que questionam o mundo e visualizam oportunidades onde muitos só enxergam problemas. O sociólogo italiano Domenico de Masi observa que, antes de 1687, tantas maçãs caíram na cabeça de várias pessoas, mas só Newton soube deduzir a teoria da gravidade, porque há anos atormentava-se com o problema.

O treinador Bernardinho, da seleção brasileira de vôlei, afirma que a excelência “se constrói muito a partir do inconformismo, da eterna insatisfação, da sensação eterna de achar que o trabalho pode levá-lo mais adiante”.

Walter Isaacson, ao relatar a vida de Albert Einstein, conta que havia no início do século XX uma atmosfera modernista que contribuía para o rompimento das certezas sociais. Segundo ele, foi sob o cenário desse “não conformismo imaginativo” que surgiram figuras como Picasso, Joyce, Freud e outros. Ele descreve Einstein, em todas as suas fases, como um homem de natureza não conformista, um “pensador independente”, “estimulado por uma imaginação que rompia o confinamento da sabedoria convencional”, cujas ideias seriam responsáveis por tantos produtos tecnológicos atuais, como as células fotoelétricas, os lasers, as fibras óticas, os semicondutores etc. Einstein era o próprio ícone do não-conformismo, que manteve por toda a vida a curiosidade de uma criança.

Será que Zilda Arns, a médica sanitarista sobre a qual falamos há pouco, dedicaria seus talentos e esforços a criar uma organização como a Pastoral da Criança, destinada a combater a mortalidade infantil por desnutrição, se não se sentisse realmente

incomodada com o elevado índice de mortalidade infantil? Muhammad Yunus criaria o Grameen Bank, um banco cujo objetivo é emprestar dinheiro somente aos pobres, em suas aldeias, estimulando-os ao empreendedorismo que os libertaria da miséria, se não fosse tomado pelo sentimento de indignação ao se deparar com pessoas morrendo de fome na frente de sua confortável casa?

O presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, descreveu Nelson Mandela como alguém que "tornou claro que não tínhamos que aceitar o mundo tal como ele é, e que podíamos fazer a nossa parte em busca do mundo como deve ser". Mandela pagou um alto preço por sua aspiração. Passou 27 anos preso, período em que perdeu sua mãe, um filho, e não pôde desfrutar da convivência familiar. Foi impedido de proteger sua esposa, agredida e presa várias vezes, bem como os filhos pequenos deixados aos cuidados de terceiros. Sequer teve acesso a notícias sobre eles. Até mesmo suas cartas eram censuradas. Mas libertou o seu país do *apartheid* e, por tantos feitos, recebeu o Prêmio Nobel da Paz.

Esses são apenas alguns dos tantos exemplos a serem explorados mais adiante, capazes de demonstrar que o desejo de mudar uma realidade ou construir algo novo passa antes por um ardente sentimento de introspecção que chamo de "Destampar *el puchero*".

DESTAMPE EL PUCHERO

"O animal satisfeito dorme."
(Guimarães Rosa)

No destapes el puchero é uma expressão popular do Prata, parte da região sul da América do Sul, que significa "não levantes a tampa da panela". *Puchero* é uma sopa feita com restos

de comida que serve de alimento durante o inverno e faz parte da culinária típica gaúcha. Os platinos utilizam essa expressão para afirmar "não destampe a panela pois, se vir do que é feito o *puchero,* é provável que você não o coma".

Se observarmos, conforme os exemplos deste livro, o comportamento e a trajetória das pessoas realizadoras de grandes feitos, perceberemos que elas não temeram lidar com o conflito interno gerado por algum sentimento de impotência, insatisfação ou indignação diante da realidade vivenciada ou em relação ao seu papel como pessoas. Ao invés disso, elas destamparam *el puchero*, e decidiram mudar, renascer.

Destampar *el puchero* pode ser apontado como a primeira etapa no processo de mudança presente na vida de pessoas do Grupo Metadesempenho. A indiferença a esses sentimentos é suficiente para impedir o avanço em muitas outras áreas de atuação. Quantas vezes testemunhamos pessoas incomodadas com problemas pessoais ou profissionais, mas que nada fazem para resolvê-los? O conformismo é inimigo da mudança, e desejo sem ação é apenas um sonho distante.

Então alguém poderia rebater: "Mas existem tantas coisas no mundo que realmente me incomodam como a fome, a violência, as crianças de rua, os pedintes nos semáforos dos grandes centros...". Poderiam, ainda, ser apontados outros fatores como o número de mortes por câncer, a corrupção que causa tantas injustiças, a falta de exploração das capacidades individuais e coletivas no ambiente profissional, a necessidade de ter um melhor relacionamento com o cônjuge e filhos etc.

Enfim, a faísca da mudança que diferencia os membros do Grupo dos 5% dos demais, se dá justamente durante esse momento de crise, de insatisfação em relação a algo. Trata-se de uma emoção, muitas vezes vista como negativa, e que parece indicar um desalinhamento entre o que você realmente é, e o que faz, apontando para uma necessidade de reorientação entre o ser (aquilo que a pessoa é, seus conhecimentos natos, preferências,

paixões, curiosidades, experiências etc.) e o que ela de fato faz (seu trabalho, atividades, enfim, ao que ela se dedica).

Ocorre que, assim como podemos chegar à conclusão de que as guerras são um fenômeno presente na história da humanidade, e que muito pouco ou nada podemos fazer para mudar isso, esse sentimento de indiferença pode se estender a inúmeras outras coisas, como a falta de visão dos governantes, a complicação que envolve os relacionamentos conjugais, a dificuldade para montar a sua própria empresa etc. Poderia-se pensar que a vida é assim mesmo. Não há nada que se possa fazer quanto a isso, a não ser administrar da melhor maneira possível a própria existência.

Mas seria esse o nosso papel como seres humanos? Será que agindo assim não estaríamos ignorando um mundo de possibilidades que está ao nosso redor? Da Vinci certa vez afirmou: “Aqueles que não amam a vida, não a merecem”. É essa energia que se dispersa quando as pessoas deixam de lidar com os momentos de escuridão e se entregam ao que parece ser imutável.

Não importa se o desejo é fundar uma das maiores Organizações Não Governamentais do Planeta, como fez o adolescente canadense Craig Kielburger, ou ser eleito síndico do prédio onde mora visando promover algumas melhorias. Todos os anseios são igualmente legítimos e relevantes caso contribuam para o seu desenvolvimento pessoal e também sirvam de instrumento para gerar benefícios a outras pessoas.

O primeiro passo em busca de um novo patamar de desempenho passa necessariamente pelo processo de investigação desse sentimento de “desordem” interior indicador de que algo está errado. A maneira como as pessoas lidam com essa sensação é fundamental e pode identificar o primeiro obstáculo que as impede de adotar uma postura mais combativa. Elas optam por abrir a tampa da panela e ver o que há dentro.

Essa conturbação interna que parece indicar algo que

deveríamos fazer, mas não fazemos, tende a aumentar gradativamente ao longo do tempo como o fenômeno do aquecimento da Terra, mencionado pelo renomado analista de questões econômicas Lester Thurow: "Você não vai ver os oceanos subindo rapidamente. Tudo ocorre muito lentamente. E, quando eles começarem a alagar nossas cidades litorâneas, será tarde demais para fazermos alguma coisa".

O sentimento em torno do desejo de mudança pode levar a duas alternativas: ser ignorado até que outra "crise" seja desencadeada, ou ser reconhecido como algo potencialmente promissor e enfrentado.

Quando se opta pela segunda alternativa, abre-se espaço para ocorrer o Ponto de Ebulição, a partir do qual as ideias e motivações começam a ferver, num turbilhão maravilhoso de caminhos disponíveis que podem ajudar a modificar a realidade percebida em direção aos seus verdadeiros projetos e objetivos.

Quando alguém destampa *el puchero,* está levantando a tampa dos seus próprios conflitos internos, com o propósito único de dar um basta ao imobilismo. Destampar *el puchero* é desatar as correntes e reagir. É perceber que aquilo que o incomoda em sua vida pode representar justamente uma mensagem de advertência de que algo precisa ser feito.

Ocorre que, por se tratar de uma sensação desagradável, a imensa maioria das pessoas prefere evitá-la, muitas vezes por desconhecer o imenso potencial oculto naquela "emoção negativa" e o que ela pode desencadear.

Esses pensamentos, por muitos considerados ruins, se parecem com fantasmas, que nos visitam de tempos em tempos. Nelson Mandela falou sobre eles. Ele menciona um sermão sobre um homem cuja casa era mal assombrada. O homem fez de tudo para espantar os fantasmas, mas não conseguiu. Então, resolveu deixar seu povoado. Amontoou tudo que tinha numa carroça e saiu procurando outro lugar para morar. No meio do caminho,

encontrou um amigo que lhe perguntou: “Para onde você está indo?” Antes que ele respondesse, veio uma voz lá de fora da carroça: “Estamos pegando a estrada, saindo do nosso povoado”. Era uma assombração. O homem achou que tinha deixado os maus espíritos para trás, mas eles vieram junto. A moral da história é *não fuja dos problemas; encare-os! Porque se você não lidar com eles, estarão sempre com você*.

Amyr Klink, por exemplo, o navegador brasileiro que fez uma volta completa pela Antártica (quarenta mil quilômetros), experimentou esse momento de profunda falta de significado do que fazia: “O que eu percebia no meu trabalho na época - num banco - é que eu não participava na construção de nada. Se eu não fizesse aquele trabalho, alguém o faria. Esse sentimento traz uma frustração muito grande”. Ele conviveu com isso durante anos, até que se tornou insustentável. Resolveu enfrentar o fantasma e partir em direção àquilo que realmente o impulsionava.

Ao observar há mais de uma década o perfil de pessoas de alto desempenho, é curioso notar que esse momento crucial ocorre com bastante frequência.

Veja o exemplo do renomado economista e filósofo argentino, radicado nos Estados Unidos, Fredy Kofman, que dedicou grande parte de sua vida à transformação das pessoas e das organizações empresariais. Kofman tornou-se professor na *Sloan Business School*, da *Massachusetts Institute of Technology* (MIT), uma das melhores universidades do mundo. Alguns anos após chegar ao tão almejado “topo”, mesmo após ter sido escolhido professor do ano, Kofman perdia aos poucos seu interesse pela profissão. “Nas aulas eu ficava repetindo as teorias que tinha aprendido, sem ver como essas teorias poderiam ajudar os seres humanos a viver melhor”, questionava-se. A falta de significado o tomou, mas o medo de abandonar tudo lhe causava pânico: “Perder o meu cargo era como perder minha identidade. Perder o emprego implica um golpe econômico, mas muito mais aterrador é o golpe na identidade”, disse, argumentando que

seria um nobre desconhecido caso se desvinculasse do MIT, instituição que tanto prestígio confere aos seus professores. Abandonar tudo seria loucura, mas à medida que crescia o seu interesse pelas questões de linguagem e subjetividade, que repercutem diretamente no desempenho das empresas, diminuía o seu interesse pela rigidez da economia e da contabilidade. Para ele, o mundo artificialmente ordenado criado pelas teorias econômicas, em nada refletia a realidade da vida. Participar de algumas conferências o ajudou a superar esse momento sombrio. Ao ver surgir o interesse de grandes empresas por suas ideias, partiu em direção ao desconhecido. "Morria" como professor e renascia como consultor, bem mais próximo aos seus verdadeiros anseios.

Hoje Kofman é considerado um dos mais renomados pensadores no campo da gestão. Antes, porém, se submeteu ao sacrifício sobre o qual falavam as grandes religiões, o mesmo que conduz à bem-aventurança, enfrentou esse poderoso dragão que se aninhou em sua consciência.

Um dos mais renomados cientistas quânticos do mundo, o pesquisador, físico nuclear e professor indiano, Amit Goswami, também viveu um momento decisivo que o faria mudar os rumos de sua trajetória de forma definitiva. Foi em 1973 que um sentimento de insatisfação o tomou por completo. Mesmo após ter conquistado uma carreira brilhante e figurar na elite dos cientistas, Amit não se sentia feliz. "A minha vida e meu trabalho estavam completamente fora de sincronismo", concluiu. Durante uma conferência na Califórnia, questionou-se: "Por que estou vivendo desta maneira?". E foi esse o exato momento em que procurou reposicionar a sua linha de pesquisa, antes centrada numa "tristonha" física materialista, para se aventurar em busca de uma física mais "alegre", que "levaria a uma redescoberta científica de Deus". Por seus novos trabalhos, Amit se tornou reconhecido mundo afora.

Gunter Pauli, criador do conceito de emissão zero (significa

produtividade total dos materiais, um complexo industrial em que todos os resíduos são aproveitados e nada é perdido, em benefício do meio ambiente), também foi visitado por sentimentos perturbadores e precisou destampar *el puchero*: "Eu fingia ser um pioneiro na ocasião em que ficou muito claro para mim que eu jamais poderia sê-lo enquanto estivesse limpando os rios da Europa e contaminando-os vinte vezes mais em outro lugar"[3]. Esse conflito se tornou cada vez mais significativo até o momento em que decidiu desenvolver um sistema em que a emissão de resíduos no ambiente é praticamente nula e que provocou grande repercussão.

À medida que observamos outros inúmeros exemplos de pessoas que atingiram resultados impressionantes, é interessante observar que esse momento de conturbação interna é um importante passo em busca de tempos melhores.

Steve Jobs, o ex-cofundador da Apple, uma das maiores e mais respeitadas empresas de tecnologia do mundo (cujo capital inicial foi de apenas US$ 1.300), criador do iPhone, do iPad e de tantos outros produtos notáveis, também passou por experiência semelhante quando, ainda jovem, abandonou seu trabalho na Atari e viajou para a Índia, onde pretendia preencher um vazio que o consumia e, com isso, resgatar sua calma interior. Essa viagem se mostraria reveladora. Quando retornou, sete meses depois, mostrava-se mais preparado. Estava decidido a desenvolver produtos dotados de simplicidade e "máxima sofisticação"[4].

Mas será que devemos absorver todos os males que afetam a humanidade e acreditar que temos responsabilidade sobre cada um deles? Nossa participação será fundamental para modificar tantas situações que nos causam desconforto? A resposta é não! Não é possível que tenhamos que tomar alguma iniciativa em relação aos inúmeros problemas com os quais nos deparamos todos os dias. Entretanto, somos afetados de modos diferentes sobre o universo que observamos. Algumas questões que verdadeiramente nos incomodam, em algum momento

precisarão ser enfrentadas, sob pena de, ao postergar lidar com esse fantasma ter que com ele conviver de tempos em tempos até que não haja mais alternativa a não ser agir.

Independentemente do ramo ou atividade, destampar *el puchero* é um requisito inicial àqueles que pretendem desgarrar-se do imobilismo e gerar soluções e melhorias para si ou para o próximo.

Emilia Queiroga, respeitada educadora brasileira, decidiu fundar o Núcleo de Integração das Ciências, a partir de uma sensação que a visitava com frequência. "Bem, eu comecei atuando como educadora em instituições educacionais e senti uma grande lacuna, uma fragmentação muito grande entre as diversas áreas da educação (...). Então eu busquei desenvolver um trabalho de integração nas áreas de conhecimento, principalmente trazendo o conhecimento de ponta, das ciências emergentes, do conhecimento que está disponível e trabalhando uma linguagem integrada, mas que pudesse estar diretamente ligada à vida das pessoas. Um trabalho como esse poderia favorecer uma melhor qualidade de vida, uma capacidade maior de compreensão das pessoas e de relacionamento, trazendo a ciência para a vida, para ela não ficar só no patamar da intelectualidade, do plano puramente intelectual, mas trazer esse conhecimento para ser aplicado no dia a dia, dentro de casa, no trabalho, em toda área de atuação", afirmou em entrevista[5].

Toda a ação em direção a um projeto ou objetivo nasce, portanto, dessa conturbação interna, da inquietação e insatisfação em relação a algo que somente aquele que a vivencia pode modificar. Ao destampar *el puchero*, damos as mãos ao novo e nos permitimos modificar aquilo que nos perturba. Abrimos espaço para que haja um reposicionamento entre o que somos e o que fazemos. Ao reconhecermos, no sentimento que rouba nosso equilíbrio, a faísca que conduz à transformação, substituiremos aquela postura que o rejeita por outra que percebe nele grande potencial de mudança.

Segundo o estadista, primeiro-ministro inglês e prêmio Nobel de literatura, Winston Churchill, "há um momento especial que acontece na vida de toda pessoa, o momento para o qual ela nasceu. Quando aproveitada, essa oportunidade extraordinária faz com que a pessoa cumpra sua missão - uma missão para a qual somente ela tem as qualificações necessárias. Nesse momento, a pessoa encontra a grandeza. Esse é o seu mais maravilhoso instante"[6].

Foi em um desses momentos que Rubem Alves tomou a decisão que mudaria sua vida. Ao invés de escrever artigos científicos para os colegas que o desprezavam intelectualmente, optou por escrever "artigos que as pessoas comuns entendam"[7]. Surgia nesse momento o renomado escritor e educador que viria a se tornar.

Esse é o momento de *destampar el puchero*. Mas, para vivenciá-lo, é preciso visitar a escuridão da consciência e de lá sair vencedor. E essa não é uma tarefa trivial.

O SURGIMENTO DE UM NOVO EU

Todos vivenciamos momentos de conflitos internos. E isso se dá por meio dos sentimentos. As emoções negativas podem significar o seu verdadeiro *eu* tentando lhe dizer algo. Pode ser a falta de significado em relação às atividades que desempenha. Pode ser a angústia por não se dedicar àquilo que de fato lhe traz entusiasmo. Pode também ser o sentimento de ausência de sentido, incurável pela terapia do consumismo. São momentos de crise, de escuridão, de "morte".

E, no caso de pessoas de alto desempenho, para as quais "a vida sorriu", aquelas mesmas que atingiram potencial tão elevado que foram capazes de realizar feitos impressionantes, como essas pessoas lidam com essa "perturbação interna", com esse "momento do caos", com o tormento que as fazem

reconectar-se à sua fonte de energia e motivação?

Elas simplesmente procuram enfrentar essas ardentes inquietações. Não é tão simples prestar atenção a esses sentimentos e observar a origem das emoções negativas que nos visitam. É um ato de sacrifício. Equivale a morrer e renascer. Refere-se a uma jornada de introspecção, luta e retorno.

Para os mais atentos, essa batalha permite o emergir de um novo Eu, mais evoluído, sob menor influência das amarras que limitam os movimentos e do medo que distancia o indivíduo da sua principal fonte de motivação e criatividade.

Esse processo possibilita a reconexão do homem a sua energia interior, aquela detectada por Jung, que "abrange todas as possibilidades da vida, as energias, as potencialidades - tudo que o indivíduo é capaz de vir a ser"[8], que a denominou de *self,* uma entidade, concentrada nas profundezas da mente inconsciente, que estimula as aptidões e instintos individuais.

Quando aceitamos o desafio e enfrentamos esses sentimentos de impotência e passividade, abrimos a possibilidade de nadar nesse fenomenal mar de possibilidades conhecido pelo Grupo dos 5%, antes inacessível por influência de fatores como insegurança e medo. Com isso, os momentos de escuridão que experimentamos ao longo da vida podem ter um novo significado. Crise, expressão demonizada por tantos outros, passa a constituir uma etapa no processo de emersão para uma nova realidade.

Esse processo introspectivo, que pode gerar significativa mudança, ocorre somente quando passamos a prestar mais atenção àquilo que nos incomoda de fato. Esse sentimento, associado aos nossos desejos e talentos, é capaz de desencadear um magnífico processo de rejuvenescimento de atitudes.

Como conclui o mundialmente conhecido estudioso do campo da Mitologia, Joseph Campbell: "Você não precisa morrer literalmente, fisicamente. Tudo o que tem a fazer é morrer

espiritualmente e renascer para um modo de vida mais aberto".

Portanto, morte, escuridão, abismo, ao contrário do sentido literal com conotação negativa, simbolizam o caminho para o acesso à vida, à luz e à superfície.

Jung também utilizou o termo "sombra" para descrever a região do inconsciente profundo que "guarda dentro de você enormes potencialidades não realizadas", justamente a "sua parte que você não sabe que existe"[9].

Campbell observa, por exemplo, que quando os muçulmanos adotam uma perspectiva positiva quanto à morte, não se referem à morte física como, equivocadamente, alguns costumar crer. Eles cultivam o dito do Anjo da Morte por seus ensinamentos: "Quando se aproxima, o Anjo da Morte é terrível. Quando alcança você, é uma bem-aventurança". Observa que a morte de Osíris foi simbolicamente associada à cheia e ao transbordamento anuais do Nilo, que periodicamente propiciava a fertilização do solo do Egito. Foi como se a decomposição do corpo de Osíris fertilizasse e vitalizasse a terra. Como ele concluiu, "uma coisa que revela os mitos é que, no fundo do abismo, desponta a voz da salvação".

O teólogo Huberto Rohden esclarece que o conceito de salvação é "um termo teológico que, em terminologia filosófica, se chama autorrealização. O homem se salva, ou se autorrealiza, pela passagem através do mundo material". A concepção metafórica da morte, presente na mitologia, encontra guarida na teologia, conforme ele próprio atesta: "Quem não morreu espontaneamente antes de ser morto compulsoriamente, perde o seu tempo. Disto sabiam e sabem os grandes mestres da vida".

Também os experimentos científicos da Nova Ciência, ou Ciência Quântica, revelam que todo sistema sofre uma perda gradual de energia que o leva a dissipação. Ilya Prigogine, premiado químico russo, utiliza a expressão "estruturas dissipativas" para traduzir esse fenômeno. Curiosamente, Prigogine observou que essa dissipação sofrida pelos sistemas

não provocava sua morte. Ao contrário, verificou que o sistema abandonava sua antiga forma e assumia outra, nova, reorganizada para atender às exigências do novo ambiente.

As conclusões foram impressionantes: “Sempre que o ambiente oferece informações novas e diferentes, o sistema escolhe se aceita essa provocação e reage a ela ou não. Essa nova informação pode ser ligeiramente diferente da norma. Mas o sistema lhe dá atenção, incorpora-a e, estando no interior dessa rede, a informação se intensifica e se altera. Se a informação se transformar num distúrbio de tal magnitude que o sistema já não possa ignorá-la, há por certo uma mudança real no horizonte. Nesse momento, acossado por tantas perturbações internas e longe do equilíbrio, o sistema se desintegra. Em sua forma corrente, ele não tem condições de lidar com o distúrbio, então ele se dissolve. Mas essa desintegração não significa a sua morte. Se puder manter a própria identidade, um sistema vivo pode reconfigurar-se num nível superior de complexidade, numa nova forma de si mesmo que consegue lidar melhor com o presente”, conclui Margaret Wheatley, uma atenta observadora sobre o assunto.

Não estaria aí, agora cientificamente tratado, o mitológico conceito de morte e vida? E o que representa esse distúrbio sobre o qual falam os cientistas, o mesmo que propicia o surgimento de um novo sistema, reconfigurado e capaz de “lidar melhor com o presente”? Os experimentos científicos indicaram que a desordem possibilita o surgimento de uma nova ordem, e que esse desequilíbrio interno propicia o desenvolvimento de um novo sistema, revitalizado, ao invés da sua extinção. O paradoxo está no fato de que, justamente no conflito interno, nos momentos sombrios que muitos evitam, é que reside a oportunidade de transformação.

Ainda segundo Margaret Wheatley, a teoria do caos identificou um fenômeno que foi denominado de atrator estranho: “Define-se um sistema como caótico quando se torna impossível

saber o que ele fará no momento seguinte. O sistema nunca se comporta da mesma maneira duas vezes. Porém, como demonstra a teoria do caos, se observarmos um sistema caótico ao longo do tempo, ele demonstra um estado de ordem inerente. Suas oscilações incontroláveis se mantêm no âmbito de uma fronteira invisível. O sistema contém ordem em seu próprio interior, e revela esse autorretrato como um belo padrão, seu atrator estranho". Ela conclui: "É a grande energia destrutiva do caos que dissolve o passado e nos concede a dádiva de um futuro diferente; ela nos liberta dos padrões aprisionantes do passado oferecendo-nos um mergulho arrebatado no que é novo. Somente o caos cria o abismo no qual podemos recriar a nós mesmos".

Há aí uma significativa semelhança com as histórias mitológicas e religiosas. Não poderia o desequilíbrio ou o caos justamente se referir à jornada do herói e ao renascimento de um novo Eu que visitou a escuridão (da sua consciência, dos seus conflitos internos e de suas emoções que indicavam a necessidade de mudança) e dela emergiu, reconfigurado e melhorado?

A mesma entropia que leva o sistema à exaustão e foi tão duramente combatida, agora pode ser vista como parte natural de um processo de revolução. A palavra caos, evitada por muitos, em especial no mundo organizacional por sua conotação destrutiva, pode voltar a ter alguma chance, pois traz consigo a ideia de renovação, mudança, revelação. No cristianismo, o ritual do batismo é simbolizado pelo mergulho e imersão. Mais uma vez, morte/vida.

Em sociedades tribais, há rituais de iniciação para os membros que transitam da infância para a vida adulta. Eles "morrem" como crianças e renascem como adultos. Nesses casos, a morte também significa uma transformação psicológica fundamental.

O BANQUEIRO DOS POBRES

Veja o exemplo de Muhammad Yunus, em Bangladesh, e como se deu o processo que mudaria em definitivo a sua vida e a de milhões de pessoas em todo o mundo.

Bangladesh é um país que convive com catástrofes naturais. Inundações e ciclones arruínam seu povo com frequência. Somente no ano de 1974, a fome tirou centenas de milhares de vidas. A população subnutrida (provocando a redução do peso médio e da estatura) é predominantemente analfabeta. O país possuía e, ainda possui, elevada densidade populacional e quase não registrou crescimento econômico no último século.

No mesmo ano, Muhammad Yunus era chefe do Departamento de Economia na universidade da cidade comercial de Chittagong, e foi visitado por uma profunda crise de significado, que o levou a entrar na caverna e lutar contra um fantasma que o atormentava: "Lembro-me de meu entusiasmo ao ensinar as teorias econômicas, mostrando que elas apresentavam respostas para problemas de todos os tipos. Eu era muito sensível à sua beleza e elegância. De repente, comecei a tomar consciência da inutilidade desse ensinamento. Para que poderia ele servir, quando as pessoas estavam morrendo de fome nas calçadas e diante dos pórticos? A partir de então, comecei a achar que minhas aulas eram uma sala de cinema, na qual podíamos relaxar tranquilizados pela vitória certa do herói. Eu sabia desde o início que todo problema econômico encontraria uma solução elegante, mas, até o momento em que saía da sala de aula e confrontava com o mundo real. Lá, os heróis eram moídos de pancadas, e pisoteados com selvageria. Via a vida cotidiana se tornar cada vez mais dura e os pobres ficarem cada vez mais pobres. Para eles, morrer por inanição parecia ser a única saída. (...) Era difícil distinguir os vivos dos mortos. Homens, mulheres, crianças: todos se pareciam. Suas idades também era algo insondável. Os velhos tinham aspecto de crianças, as crianças pareciam velhos (...). Era impossível não ver esses famintos, impossível ignorar a sua existência. Eles estavam em toda parte,

esguios, muito calmos. Não gritavam nenhum *slogan*. Nada esperavam de nós. Estendidos na entrada de nossa casa, não nos condenavam por estarmos bem-alimentados, a salvo da necessidade". Conviver com esse sentimento passou a afetar cada vez mais a sua consciência, provocando uma situação de conflito interior que, com o tempo, chegou ao nível máximo e se tornou insustentável.

Muhammad mergulhou na escuridão e percebeu que de nada valeriam suas belas aulas de Economia se elas não pudessem contribuir para melhorar a situação do seu país. "Eu tentava superar esse sentimento de impotência redefinindo meu papel. Obviamente não me seria possível ajudar muitas pessoas, mas eu poderia certamente me tornar útil a, pelo menos, um de meus semelhantes. Isso seria para mim uma grande satisfação pessoal", disse. O professor não tinha qualquer ideia de como fazê-lo. Contudo, decidiu dar o primeiro passo ao procurar conhecer aqueles problemas mais de perto.

Visitou uma aldeia próxima ao *campus* universitário onde lecionava. Lá chegando, conheceu uma jovem mãe de três filhos. Acocorada, passava os dias fabricando tamboretes de bambu. Os dedos cheios de calos denunciavam seu diuturno trabalho.

- Como a senhora se chama?

- Sufia Begum.

- Quantos anos tem?

- Vinte e um anos.

- O bambu é da senhora? - perguntou.

- Sim.

- Como a senhora o obtém?

- Eu o compro.

- Quanto ele custa?

- Cinco Takas. (Isso representava na época US$ 0,22)

- A senhora tem esses cinco takas?

- Não, eu peço emprestado dos *paikars*.

- Os intermediários? O que a senhora combina com eles?

- Eu preciso vender para eles meus tamboretes de bambu no fim do dia para devolver o dinheiro emprestado. O que sobra é meu lucro.

- Por quanto a senhora vende o tamborete?

- Cinco takas e cinquenta paisas.

- Então a senhora tem um lucro de cinquenta paisas.

Ela assentiu com a cabeça. Isso equivale a US$ 0,02, nem mais nem menos.

- Mas a senhora não poderia tomar emprestado o dinheiro e comprar a senhora mesma os materiais?

- Poderia, mas me cobrariam um absurdo. E as pessoas que apelam para eles empobrecem mais depressa ainda.

- Com quanto o agiota fica?

- Depende. Às vezes, ele fica com 10% por semana. Eu mesma tenho um vizinho que paga 10% por dia!

- E é tudo o que a senhora ganha fabricando esses belos tamboretes de bambu, 50 paisas?

- É.

O esforço daquela sofrida mulher lhe rendia aproximadamente o equivalente a dois centavos de dólar por dia de trabalho! Atualmente, segundo metodologia do Banco Mundial, considera-se como abaixo da linha de indigência uma renda diária inferior ao equivalente a um dólar norte-americano e dois dólares para a linha de pobreza.

O mais impressionante para Muhammad foi verificar que apenas o equivalente a vinte e dois centavos de dólar seria o capital inicial suficiente para que Sufia adquirisse o bambu necessário para que o lucro da sua atividade, como seria justo, ficasse em suas calejadas mãos.

Situações semelhantes se repetiam com tantas outras pessoas da mesma aldeia. A partir dali, Muhammad iniciou o processo que transformaria muitas vidas para melhor. “Nos cursos que eu ministrava, eu falava em milhões de dólares e ali, sob meus

olhos, os problemas da vida eram decididos por centavos. Alguma coisa estava errada. Por que o curso da universidade não refletia em nada a realidade? Eu estava furioso comigo mesmo, furioso com o mundo tão duro e impiedoso", lembra. Concluiu que a solução para aquela situação de escravidão estava em oferecer crédito aos mais pobres, justamente aqueles que não despertavam o interesse dos bancos tradicionais, pois não dispunham de garantias suficientes para oferecer em troca.

A partir de um empréstimo equivalente a vinte e sete dólares, beneficiando quarenta e duas famílias, Muhammad Yunus desenvolveu o conceito de microcrédito e fundou o *Grameen Bank* (Banco da Aldeia), primeira instituição que teve por objetivo emprestar pequenos valores àqueles mais necessitados.

Em alguns anos, o *Grameen* passaria a funcionar em dezenas de países do mundo (inclusive no primeiro mundo, como Estados Unidos e França). Já ultrapassou a marca de US$ 10 bilhões emprestados. O banco, presente em quarenta países, beneficiou mais de 8,34 milhões de pessoas. Passou a financiar também a construção de casas, a assistência à saúde e a aposentadoria, a piscicultura, as telecomunicações etc.

O trabalho de Yunus lhe rendeu o reconhecimento da UNICEF, UNESCO, Banco Mundial, da Agência Canadense para o Desenvolvimento Internacional, entre outras entidades internacionais. Em 2006 ele recebeu o Prêmio Nobel da Paz.

Yunus poderia ter agido como se faz todos os dias nas ruas: dar alguns trocados àquela jovem mulher, satisfazendo momentaneamente sua consciência e fechando os olhos para aquilo que de fato o incomodava. Seria uma alternativa paliativa, mas, em vez disso, optou por ir além: abdicou da segurança e do controle do seu mundo, enfrentou a escuridão que abalava sua consciência e destampou *el puchero*.

Cada um tem a sua própria maneira de destampar *el puchero*, de enfrentar alguns fantasmas. Ninguém, a não ser você, conhece de perto esses sentimentos, emoções e também

intuições a respeito daquilo que realmente gostaria de fazer, dos projetos que deseja implementar.

ENFRENTE O PROBLEMA.

MOVA-SE!

Encarar os dilemas que eventualmente são apresentados por nossa consciência é uma condição essencial para que deixemos nossa marca no mundo, para participar em vez de assistir, para concretizar os nossos sonhos, em vez de abandoná-los. Com isso, abdicamos da postura de meros expectadores e nos tornamos os roteiristas de nossas vidas.

Margaret J. Wheatley, sobre a qual mencionamos, é presidente do *Berkana Institute*, fundação de pesquisas científicas e educacionais sem fins lucrativos, que se dedica à descoberta de novas formas de organização. Apesar de não ser cientista, sempre se interessou por ciência quântica. Em certa altura, passaram a lhe incomodar os baixos resultados apresentados pelas empresas de um modo geral. Ela supunha que poderia haver um novo tipo de organização, mais próspero e promissor, como ela própria reconhece: "Essas questões vinham me inquietando há vários anos e reduzindo o meu senso de competência. Quanto mais eu me ocupava do trabalho e quanto mais projetos assumia, tanto maiores eram minhas dúvidas. Até o momento em que iniciei minha primeira jornada".

Foi então que decidiu combater tal inquietação e escrever *A Liderança e a nova ciência*, obra reconhecida pela revista *Industry Week* como "um dos melhores livros de negócios de todos os tempos", cujo propósito foi o de responder a muitas das suas principais inquietações e revelar ao mundo empresarial possibilidades de organização ainda desconhecidas. Ela admite: "Os momentos de escuridão são normais na vida; não há nada de errado conosco, quando mergulhamos periodicamente no

abismo", revelando que o sentimento que nos incomoda é o mesmo que nos liberta.

Casos semelhantes reproduzem-se com bastante frequência entre os membros do Grupo Metadesempenho.

Ocorreu também com o norte-americano Eliyahu Goldratt. Em 1982, ele era "presidente e um dos principais acionistas de uma empresa classificada pela *Inc. Magazine* como a sexta empresa de maior crescimento nos Estados Unidos". No entanto, ele se sentia "extremamente frustrado". Esse sentimento o impulsionou a escrever *A meta*, livro que viria a se tornar um *best seller* mundial. Atendeu ao chamado ao perceber que precisava "enfocar a necessidade de mudar o paradigma que governa a indústria".

Esse processo de amadurecimento, da percepção de que algo precisa ser feito, também foi vivenciado por Zilda Arns antes de decidir criar a Pastoral da Criança da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB): "Como médica e sanitarista, sentia falta de um trabalho de educação nas comunidades, junto às famílias, especialmente junto às mães. Tinha a certeza de que a maioria das doenças que acometiam gestantes e crianças poderiam ser facilmente prevenidas se as famílias tivessem mais conhecimento e apoio necessário"[10], disse ela. Esse foi o sentimento que fez surgir a Pastoral da Criança, cujo trabalho reúne milhares de voluntários em todo o Brasil e em outros países numa mesma causa: salvar vidas.

O ex-advogado John Clark também sentiu angústia semelhante, que o levou a reposicionar sua carreira profissional. Ele afirma ter sido tomado por uma crescente "sensação de vazio", de "inércia", até retomar os rumos de sua vida, dedicando-se ao mundo empresarial. "Hoje adoro meu trabalho. Houve um tempo em que me pareceu tolice esperar que um dia isso acontecesse".

A parábola do guardião do castelo, escrita por Alzira Castilho, tem muito a nos ensinar nesse sentido:

"O Grande Mestre e o Guardião dividiam a administração de um mosteiro zen. Certo dia, o Guardião morreu e foi preciso substituí-lo. O Grande Mestre reuniu todos os discípulos para escolher quem teria a honra de trabalhar a seu lado.

- Vou apresentar-lhes um problema - revelou o Grande Mestre. - Aquele que primeiro vier a resolvê-lo será o novo Guardião do templo.

Terminado o seu brevíssimo discurso, colocou um banquinho no centro da sala. Em cima dele, havia um vaso de porcelana valiosíssimo, com uma rosa vermelha a enfeitá-lo.

- Eis o problema - disse o Grande Mestre.

Perplexos, os discípulos contemplavam os desenhos sofisticados e raros da porcelana, a frescura e a elegância da flor. O que representava aquilo? O que fazer? Qual seria o enigma?

Depois de alguns minutos, um dos discípulos levantou-se, caminhou resolutamente até o vaso e atirou-o no chão, destruindo-o.

- Você é o novo Guardião, afirmou o Grande Mestre ao aluno.

Assim que o discípulo voltou ao seu lugar, o mestre explicou:

- Eu fui bem claro: disse que vocês estavam diante de um problema. Não importa quão belo e fascinante um problema seja. Ele tem de ser eliminado. Um problema é um problema; pode ser um vaso de porcelana muito raro, um lindo amor que já não faz sentido, um caminho que precisa ser abandonado, mas que insistimos em percorrer por nos trazer conforto."

Infelizmente, a maior parte das pessoas evita destampar *el puchero*. Afinal, não é fácil nem agradável admitir que não se está utilizando todo o potencial disponível e que, portanto, alguns esforços tendem a produzir resultados pouco expressivos. Muitos se perguntam: o que será que outras pessoas fazem para obter um desempenho superior? Por que não estou feliz com os

resultados que obtenho?

Vimos que existe uma maneira nova de lidar com os sentimentos negativos que nos visitam vez ou outra: recebendo-os com gratidão e enfrentando-os sem piedade. Esse é o primeiro e mais valioso passo em direção a tempos melhores.

CAÇADORES DE RECOMPENSAS *VERSUS* O GRUPO DOS 5%

Nessa jornada com o propósito de identificar competências inerentes às pessoas que realizam grandes feitos, nos deparamos com uma atitude bastante peculiar e que vai contra aquilo que alguns poderiam classificar como sensato. Essas pessoas não são motivadas por recompensas materiais ou sociais. Enquanto alguns podem imaginar que o dinheiro e o bem-estar que acompanha o sucesso sejam fatores primordiais para as pessoas bem-sucedidas, ou status, glamour, a verdade é que pessoas de elevado poder de realização raramente pautam seus esforços na obtenção desses benefícios. Se considerarmos um contexto em que nossa sociedade é individualista e materialista, isso é um paradoxo.

Essas personalidades nos mostram que, quando se pretende criar algo para concretizar as metas e sonhos, é preciso, antes de mais nada, desgarrar-se das recompensas materiais e sociais que eventualmente se vislumbre. Vimos que os grandes derrotados foram justamente aqueles que priorizaram a recompensa em prejuízo da causa. Isso pode soar um tanto quanto

poético, mas as pessoas mais preocupadas com as recompensas são as que apresentam um desempenho inferior às demais. Essa conclusão é comprovada pelo autor e crítico social Alfie Kohn: "Cerca de duas dúzias de estudos no campo da Psicologia Social demonstram, de modo conclusivo, que as pessoas que esperam receber uma recompensa não têm um desempenho tão bom quanto aquelas que não esperam coisa alguma"[11].

Um renomado professor da *Stanford Engineering School* lembra: "Muitas pesquisas demonstram que, quando pessoas e equipes se concentram demais no dinheiro (e no reconhecimento), em vez de no trabalho propriamente dito, a qualidade e a criatividade do trabalho sofrem"[12].

Outro professor, Fredy Kofman, sobre o qual falamos no capítulo anterior, era formado em economia quando realizou o seu sonho de ser professor numa das melhores universidades do mundo, a *Massachusetts Institute of Technology* (MIT). Embora tenha sido altamente recomendado para a função, não havia vagas para a área de economia. No entanto, havia um cargo de professor de contabilidade gerencial e sistemas de informação. "Mas não sei nada disso!", argumentou. Ainda assim, haviam lhe oferecido um ano para aprender o que fosse necessário na área e mais o dobro do salário que ganharia como professor de economia! A proposta era irrecusável. "Por esse dinheiro, ensino até física nuclear!", pensou. Não adiantou. Alguns anos depois, abandonando o prestigioso cargo, reconheceu o erro: "A motivação extrínseca funciona com base nos prêmios e castigos do ambiente. A motivação intrínseca funciona com base nos valores e compromissos pessoais do indivíduo. Embora a motivação extrínseca pareça mais ágil, a única motivação que gera resultados de alta qualidade é a intrínseca", reconheceu.

Essa regra vale tanto para pessoas quanto para organizações. No momento em que uma empresa tiver como principal objetivo obter lucro, certamente priorizará a redução de custos ao ponto de perder o foco no cliente, reduzindo também a

sua própria competitividade e afastando-se do objetivo que havia traçado: o lucro.

Isso remete a uma conhecida história sobre o homem que vendia cachorros-quentes. Ele fazia os mais saborosos cachorros-quentes da cidade, tinha alguns empregados e vivia bem. Foi com essa atividade que ele pôde pagar a faculdade de economia do filho que, formado, passou a observar o negócio do pai e a lhe dar alguns conselhos. "Pai, há indícios de que haverá uma crise. Precisamos nos preparar". Sugeriu que substituísse aquela salsicha especial por outra mais em conta. Também seria prudente encontrar outro fornecedor de tomates, mesmo que a qualidade do molho fosse um pouco inferior. O pão, fresquinho e macio, poderia ser também substituído por outro, para enxugar a planilha de custos. Aos poucos o cachorro-quente foi perdendo o sabor que lhe rendia tanto sucesso. As vendas diminuíram e logo o negócio foi à míngua. O pai, orgulhoso, concluiu: "Puxa, meu filho tinha mesmo razão. Ele foi o primeiro a anunciar que a crise chegaria".

Por isso dois especialistas no assunto, Tom Peters e Robert Waterman, recomendam às empresas: "Não corra atrás do lucro como um fim em si. O lucro é um subproduto; resulta da satisfação de clientes e empregados"[13].

John Clark, em *O dinheiro ou sua vida*, cita uma pesquisa feita por uma das mais importantes escolas de Administração da Europa, com o objetivo de verificar a diferença entre os administradores que se sentiam realizados profissionalmente e os insatisfeitos. Uma das conclusões do estudo foi que muitos administradores, "movidos pelo desejo de subir a escada da carreira, deixavam de fazer a exploração", apesar de iniciar bem suas carreiras, aos quarenta anos, estavam angustiados e insatisfeitos.

Trataremos aqui de algumas diferenças entre esses caçadores e o Grupo dos 5%, em especial sobre aquilo que os motiva na busca da realização de seus objetivos.

QUEM SÃO OS CAÇADORES DE RECOMPENSAS?

Os Caçadores de Recompensas são aquelas pessoas que pautam seus objetivos por recompensas extrínsecas. Basta lhes perguntar quais são seus sonhos e objetivos e as respostas mais frequentes envolverão o prêmio final por uma iniciativa e não a iniciativa em si: ser presidente da empresa, ter uma casa de praia, dobrar o salário nos próximos cinco anos, ser famoso, ficar rico.

Quantas pessoas, em algum momento, já não agiram como um caçador de recompensas? Mas quem não ficaria feliz com o elogio, o reconhecimento da família e dos amigos, a admiração dos colegas de trabalho e da sociedade como um todo, e ainda, com uma boa grana no bolso? Não existe esse mártir que não se sinta bem com isso, mas a característica peculiar em alguém do tipo caçador de recompensas é a priorização desses prêmios em detrimento do contato com aquilo que realmente poderia ativar o seu máximo potencial, a sua energia vital.

É fácil identificar um caçador de recompensas no ambiente de trabalho: é aquele sujeito que faz somente o que lhe foi pedido, nada além. Está preocupado consigo e, depois, com os outros.

Um caçador de recompensas que exerce uma função de chefia, por exemplo, se sente constantemente ameaçado por seus subordinados. Para ele, há sempre alguém querendo "puxar seu tapete". Não compartilha informações e dificilmente contrata alguém que se mostre mais hábil que ele próprio. Diante de iniciativas próprias de subordinados dispara: "Quem lhe pediu isso?". Para eles, o trabalho é fonte de desgaste e estresse. Domingo à tarde fica abatido e ansioso em função da segunda-feira que se aproxima.

Expressões do tipo "isso é muito difícil", "é muito complicado", "já foi tentado antes e não deu certo" são muito comuns entre esses caçadores. Para eles, parece haver sempre um terceiro culpado por seus insucessos: a crise, o mercado, os

outros. Jamais eles próprios.

Inconscientemente, o caçador de recompensas cria todo cenário e condições para reduzir seu próprio desempenho e suas chances de usufruir das recompensas que tanto almeja.

Robert Quinn, professor da Universidade de Michigan, especialista em mudanças e desenvolvimento dentro das empresas, traz um exemplo:

"Keith é um exemplo dos muitos gerentes que conheci que passaram uma década ou mais tentando desesperadamente impressionar seus superiores para conseguir uma promoção. Ele trabalhava setenta horas ou mais por semana, mesmo quando sabia que não era necessário, negligenciando a família e o crescimento pessoal. Para aumentar a vantagem competitiva, Keith assumia todos os créditos dos seus feitos, mesmo quando isso significava deixar seus colegas ou subordinados fazer má figura. Mas, apesar de todos os esforços, ele era sempre preterido quando se tratava de promoções importantes. Finalmente, Keith conformou-se com o que alcançara em sua carreira e decidiu procurar maior gratificação em outro lugar. Começou a passar mais tempo com a família, a se dedicar a um hobby, a envolver-se em atividades comunitárias. Como ele não estava mais lutando tão duramente, seu comportamento no trabalho ficou mais maleável, menos egoísta, mais objetivo. Na realidade, ele começou a agir como um líder, cujos interesses pessoais são secundários em relação ao bem-estar da companhia. Agora, sim, o diretor geral ficou impressionado. Esse é o tipo de pessoa de que precisamos no leme. Keith foi promovido logo após ter abandonado sua ambição. Seu caso não é raro de modo algum: para que lhe seja confiado um cargo de liderança, ajudar outras pessoas a atingir seus objetivos é tão importante quanto você atingir os seus".

Quando a recompensa passa a ser o objetivo principal, a crítica, a censura, a desaprovação ou falta de dinheiro surgem

como grandes obstáculos. Se o objetivo é o reconhecimento público, invariavelmente as críticas recebidas terão um peso muito maior na decisão de prosseguir ou desistir. Se a finalidade é ficar rico, os primeiros meses de dureza poderão ser um importante motivador para o conformismo etc.

Aqueles que vivem em função das recompensas, visando, por exemplo, desfrutar da admiração da sociedade, tendem a adotar para si somente os projetos que ela - a sociedade - classifique como viáveis, não censuráveis, politicamente corretos e impecavelmente promissores. Em outras palavras, o fax, o *post-it*, o avião, o cinema, a energia elétrica, a televisão, a internet, vários medicamentos e tratamentos para doenças como o câncer, o computador pessoal, o filme Titanic e inúmeros outros fantásticos feitos jamais teriam sido criados, pois todos aqueles que os desenvolveram sofreram severas críticas e censuras. Todos eles foram desacreditados em algum momento e conviveram com episódios nada agradáveis àqueles que pautam seu comportamento visando o prêmio ou o elogio. Não teríamos os avanços trazidos por Einstein, Thomas Edison, Picasso, Geoffrey Ballard e Michelangelo. Não teríamos os belos feitos de Zilda Arns, Ayrton Senna, Gustavo Borges e Amyr Klink. Jogaríamos no lixo os livros de Paulo Coelho e os conceitos estéticos de Salvatore Ferragamo.

Quando essas pessoas buscam o dinheiro e ele não vem, ficam frustradas e logo desistem. Quando o elogio tão esperado ocorre de modo menos efusivo do que gostariam, deixam-se abater. Se não foi possível ocupar o cargo tão vorazmente buscado, decepcionam-se, e sua vulnerabilidade, mais aflorada, funciona como um incentivo à desistência. Sentem-se perdedoras. Agir em prol de recompensas acarreta a redução da capacidade de concretizar projetos. Nesses casos, a motivação se desintegra rapidamente.

CAÇADORES DE RECOMPENSAS JULGAM PROFISSÕES COMO

CERTAS OU ERRADAS

Vê-se, a todo momento, mais e mais pessoas tomando decisões sobre a escolha de suas carreiras com base nos benefícios econômicos que podem representar.

Em troca desses benefícios - obviamente sob a influência de deficiências econômicas e sociais - vemos jovens optando por profissões "em alta", mesmo sem demonstrar nenhuma aptidão ou identificação com elas. São muitos os médicos, advogados[1], odontólogos etc., que fizeram a opção profissional apenas em função de fatores puramente extrínsecos, na maior parte das vezes buscando um certo nível de conforto financeiro. Ao focarem as recompensas, distanciam-se da sua fonte de energia essencial. Tornam-se profissionais sem brilho e entusiasmo, sem perceber que agindo assim, a criatividade e a motivação, indispensáveis ao pleno desempenho de suas funções, se esvaem. Fazendo isso, criam condições suficientes para afastar justamente aquilo que tanto desejam: a recompensa. Agir assim em nada contribui para se elevar o desempenho pessoal num mercado já altamente competitivo.

Lamentavelmente, a ênfase na recompensa tem se tornado um comportamento corrente nos dias atuais. Estamos diante de um exército cada vez maior de caçadores de recompensas, cujo conceito de sucesso está intimamente ligado a poder, dinheiro e *status*.

Agindo sob essa influência, os caçadores de recompensas passam a classificar algumas atividades profissionais como certas ou erradas. Certas são aquelas que prometem *status*, reconhecimento, dinheiro. Erradas são todas as outras que não proporcionam isso. Agrava-se ainda mais a situação quando tentam impor essa "verdade" aos filhos, amigos e colegas.

Formula-se um conceito de sucesso ligado a essas recompensas e, em função disso, o vírus se espalha ao ponto de alguns pais, por exemplo, direcionarem os filhos apenas a

carreiras consideradas nobres, como as de cirurgiões plásticos, executivos, médicos, engenheiros, advogados etc., sem levar em conta se essas atividades estão ou não ligadas à sua principal fonte de realização e interesse.

Os jovens, inadvertidos, são as principais vítimas dessa espécie de vírus que, não raramente, direcionam suas escolhas com repercussões durante toda a vida. Prova disso é a pesquisa realizada pela *Target Group Index Latino*, em 2002, concluindo que 41% dos jovens acham que o dinheiro é a maior medida de sucesso.

A *CPM Research* também promoveu pesquisa semelhante, e perguntou a jovens entre quinze e 22 anos o que gostariam de ser: 31% responderam "empresário rico", 26% "jogador de futebol famoso", 22% desejam ser "ator/atriz", 17% "médico famoso", e 17% "modelo internacional", confirmando o que disse o poeta espanhol Ramón de Campoamor (1817-1901): "Hoje, ter ou não ter dinheiro é ser ou não ser: eis o problema"[14].

Observe como todas as respostas estão condicionadas ao "famoso", "rico" ou a profissões que já trazem embutidas tais ideias. Está se formando uma grande legião de caçadores, que abdicam do seu poder criativo em troca de uma promessa, que não conta com nenhuma garantia de se concretizar. Em consequência, as chances de se criar mais uma multidão de pessoas com reduzido poder de realização se elevam drasticamente.

Certa vez, em um treinamento com gerentes de nível intermediário de uma grande instituição financeira, foi perguntado aos participantes quais eram seus maiores sonhos. A esmagadora maioria respondeu que desejava ocupar os mais altos cargos da empresa. Naquele momento, pensei comigo mesmo: "Ou se criam umas duzentas novas vagas na diretoria ou muita gente aqui vai ficar frustrada no futuro".

Quando se voltam para recompensas, as pessoas passam a considerar felicidade e renda diretamente proporcionais e até condicionantes. Torna-se impraticável cogitar, por exemplo, a

possibilidade de um operário ser feliz e se sentir realizado.

Peter Scott, filho do explorador da Antártida, Robert Falcon Scott (sobre o qual falaremos mais adiante), iniciou sua carreira como cientista, mas o que ele realmente desejava fazer era apenas "ir de barco até o pântano, e ficar lá, observando e pintando o voo dos gansos".

"Pintando o voo dos gansos? Pelo amor de Deus!", pensariam os caçadores de recompensas. Jamais aceitariam a ideia de alguém deixar de ser cientista para ficar desenhando patos no meio do mato. Ainda assim, foi o que fez Peter. Ouviu esse sentimento interior e partiu em busca daquilo que o entusiasmava. Tornou-se um renomado artista. Declarou: "Nunca me arrependi dessa importante decisão que, de uma hora para outra, transformou e ampliou toda a minha perspectiva de vida. Foi como se a metade que faltava de repente viesse para equilibrar"[15].

APENAS UM CARTEIRO

"Um operário é só um operário..."; "Um homem que aprecia pintar gansos não é lá grande coisa..."; "Um carteiro então, nem se fala...". Essas são ideias comuns entre os caçadores de recompensa. E foi o que pensou Mark Sanborn, escritor e palestrante norte-americano, quando se mudou para uma nova casa, em Denver, Colorado. Ele conheceu seu carteiro, Fred, um homem de aparência comum.

O primeiro contato foi um tanto quanto inusitado. Ao se apresentar ao novo morador, o carteiro deu as boas-vindas e quis saber um pouco mais sobre Mark e sua profissão:

- Sou um conferencista - disse Mark.

- Então o senhor deve viajar muito - disse Fred.

- É verdade. Passo mais ou menos 160 a 200 dias por ano viajando.

E o carteiro emendou:

- Bem, se o senhor me der uma cópia da sua programação, posso guardar sua correspondência para entregá-la toda de uma vez. Só virei deixar as cartas aqui nos dias em que o senhor estiver em casa para recebê-las.

Mark não compreendeu tamanha e desnecessária preocupação:

- Por que você não coloca simplesmente a correspondência na caixa de correio ao lado da casa? - sugeriu.

E o carteiro esclareceu:

- Sr. Sanborn, os ladrões costumam ficar de olho nas casas onde a correspondência vai sendo empilhada. Isso indica que o proprietário está fora da cidade. Sua residência pode acabar sofrendo um arrombamento.

E concluiu o carteiro:

- Vou colocar as cartas na sua caixa até que ela esteja quase cheia. Assim, ninguém saberá que o senhor está viajando. O que não couber ali posso deixar no vão entre a porta com tela e a porta da frente. Ninguém vai olhar nesse lugar. E, se esse local também ficar abarrotado, eu guardo o resto da correspondência comigo até o senhor voltar.

Ao voltar de uma de suas muitas viagens, Mark observou que o tapete da porta havia sumido e imaginou que o tivessem roubado. No entanto, estava no canto, encobrindo uma caixa. Com ele, um bilhete de Fred, informando que uma dessas companhias de entrega havia deixado o volume endereçado a Mark na casa errada, umas cinco residências adiante. Fred a recolheu e a escondeu sob o tapete para que ninguém a roubasse.

Observando essas atitudes de Fred ao longo dos anos, Mark passou a citá-lo em suas palestras. Fred tratava todas as pessoas bem, como amigos, sempre promovia melhorias a todos a sua volta, exercendo grande impacto na comunidade onde atuava. Em seguida, Mark escreveu um livro sobre ele e Fred, que se tornou conhecido. Os Correios dos Estados Unidos lhe

prestaram uma homenagem. Uma emissora de TV fez uma matéria sobre ele. E mesmo após ter se aposentado, Fred continuou fazendo aquilo em que acreditava: tratando as pessoas como gostaria de ser tratado.

Bertie Charles Forbes, fundador da revista Forbes, disse certa vez: "Há mais motivos de orgulho e satisfação em ser um motorista de caminhão de primeira qualidade do que em ser um executivo de quinta categoria"[16].

Como vimos, não é fácil ser fiel às paixões e tomar a decisão de dedicar-se àquilo que realmente desperta entusiasmo. A pressão para seguir o curso do pensamento coletivo que valoriza a recompensa é enorme. Nadar contra a correnteza é um ato de bravura, não raramente classificado como loucura. O mundo incentiva a não questionar essa regra.

O dono da maior rede de lojas de chocolates finos do mundo, Alexandre Tadeu da Costa, alerta: "Montar um negócio ou fazer vestibular pensando apenas no dinheiro que poderá ganhar, sem apreciar de verdade o trabalho ou a carreira escolhida, é caminho certo para a frustração. Ainda que se consiga evoluir materialmente, a vida não terá o mesmo valor".

.....

1 Levantamento feito em 2011 pelo Portal IG revela que o Brasil tem mais cursos de Direito do que todos os outros países do mundo somados. São 1.240 cursos no Brasil contra 1.100 cursos disponíveis em todo o mundo.

QUEM SÃO ESSES BONS VISIONÁRIOS?

As pessoas que compõem o Grupo dos 5% trabalham em função da simples satisfação pela realização de algo, não importa o quê. Dedicam-se a projetos e empresas nas quais acreditam e a causas maiores que elas próprias, pelas quais se apaixonam.

Quando perguntamos a essas pessoas quais são seus sonhos, ouvimos respostas do tipo: encontrar uma maneira de criar soluções inéditas em benefício dos nossos clientes, salvar vidas humanas de regiões carentes, desenvolver um novo produto que traga benefícios aos seus usuários, fundar uma empresa melhor e mais eficiente do que as atuais, criar um site que ofereça algo inédito etc. Para eles, a viagem é a recompensa.

São pessoas que dão o melhor de si e o fazem com maestria. Preocupam-se somente em poder continuar lidando com o que escolheram fazer. Sentem-se recompensadas com a própria tarefa ou projeto em si. Sabem que o dinheiro (assim como o *status* e o reconhecimento) é uma variável muito pequena em comparação aos seus propósitos, além de não temerem contratar para sua equipe pessoas que julguem mais competentes

do que elas próprias.

Os membros do Grupo dos 5% têm uma visão sistêmica da sociedade e sabem da sua importância como elemento transformador. Visam o bem-estar, a melhoria, o avanço de todos à sua volta e sabem que o seu trabalho, nessa direção, pode repercutir de modo grandioso.

Como ensina o escritor, jornalista e dramaturgo irlandês George Bernard Shaw: "Quando morrer, quero estar completamente esgotado. Porque quanto mais trabalho, mais vivo"[17].

Essas pessoas geralmente são desapegadas de críticas, quer positivas ou negativas. Elogios podem ser uma armadilha perigosa, capaz de seduzi-las e afastá-las do foco.

Aplicam o melhor de seus esforços e talentos. Trabalham muito e insistentemente, com grande prazer, apesar das limitações e adversidades presentes em qualquer atividade. Quanto maior o contato com o projeto, maior é a necessidade de dedicação a ele. Sentem o tempo voar e ficam ansiosos por desejar voltar a "arregaçar as mangas" no dia seguinte. O trabalho é fonte inesgotável de realização. Aliás, a identidade entre aquilo que a pessoa é e o que ela faz é tamanha que se tornam um só conjunto. Logo, reúnem as condições necessárias a um diferenciado rendimento e, mesmo sem ter sido seu objetivo final, naturalmente, tendem a obter papéis de destaque nas organizações em que atuam, não raramente nos cargos principais, ou se tornam atletas fantásticos, grandes artistas, empresários bem-sucedidos etc. Curiosamente, todos esses fatores fazem com que os participantes desse grupo obtenham, com menor esforço, tudo aquilo que os caçadores de recompensa mais almejam: fama, sucesso, dinheiro.

Ao analisar seis casos de genialidade empresarial, cujo desempenho dos envolvidos foi extraordinário, Warren Bennis concluiu: "As pessoas em grandes grupos se apaixonam pelo projeto. Estão tão tomadas pela beleza e pela dificuldade do

trabalho que não desejam falar sobre outro assunto, estar em outro lugar ou fazer qualquer outra coisa".

Enquanto uma pessoa do Grupo dos 5%, ao se deparar com um novo projeto, pergunta: "Quando posso começar?", a primeira pergunta do Caçador de Recompensas é: "O que ou quanto vou ganhar com isso?".

Não se trata de ser inconsequente de recomendar às pessoas que trabalhem sem receber as devidas e justas recompensas. O importante é que fiquem atentas às armadilhas, transformando-as no foco principal.

Nelson Mandela nos diz: "Ao avaliarmos nosso progresso como indivíduos, tendemos a nos concentrar nos fatores externos, como posição social, influência e popularidade, riqueza e nível de instrução". Mas os fatores internos são ainda mais decisivos no julgamento do nosso desenvolvimento como seres humanos. Honestidade, sinceridade, simplicidade, humildade, generosidade pura, ausência de vaidade, disposição para ajudar os outros - qualidades facilmente alcançáveis por todo indivíduo - são os fundamentos da vida espiritual".

Os participantes do Grupo dos 5% saem de seus casulos e descobrem que a verdadeira dimensão da vida está acima da necessidade de usufruir de um número cada vez maior de bens materiais ou títulos sociais alimentados pela vaidade.

NÃO SE DEIXE ABATER PELAS CRÍTICAS

São incontáveis os exemplos, segundo os quais, as maiores conquistas foram feitas por pessoas que, não raramente, tiveram ideias consideradas excêntricas. Foi assim com Galileu, Cristóvão Colombo, Jack Welch, Judah Folkman, Geoffrey Ballard, Zilda Arns, Dailza Damas e tantos outros citados neste livro, que ousaram ter um ponto de vista diferente.

Os membros do Grupo dos 5% enfrentam pesadas críticas durante o caminho até a concretização de extraordinários

objetivos e projetos. No entanto, cientes de sua capacidade e desejo, não se deixam abater e seguem suas jornadas, enquanto os demais a abandonam. Estão inspirados. Suportam coisas que outros não conseguem suportar. Sabem exatamente para onde estão indo.

Estão imunes à vida nublada, fria e sem gosto. Desejam somente vivenciar a fascinante sensação que a realização de algo proporciona. Estimulam outras pessoas a degustar dessa vibrante energia interna.

Aqueles que se arriscam a questionar o pensamento tradicional e buscam novas fórmulas, percebem em seus objetivos e projetos, a beleza e a elegância que somente um amante percebe em sua alma gêmea. Mesmo o mais talentoso artista tem dificuldades em expressar sentimentos que somente ele vivencia.

Imagine Santos Dumont explicando seus planos de criar um aparelho que voa e mostrando um protótipo em que a "cabeça" parece estar no lugar do "rabo" e vice-versa. Ou Zilda Arns dizendo que levará balanças para as igrejas para acompanhar a evolução das crianças subnutridas e que salvará vidas a partir de ingredientes como o pó da casca do ovo. Ou um executivo que decide dar autonomia aos funcionários para implementar projetos de até US$ 25 milhões, como fez Jack Welch. E tantos outros inúmeros exemplos. É preciso ser ousado o bastante para dedicar-se àquilo que proporciona encantamento e, para isso, observar e interpretar a realidade de uma forma particular é essencial.

O jornalista Gilberto Dimenstein resume isso com propriedade: "Para saber se uma ideia é inovadora, basta ver se a maioria é contra, se mexe com os medíocres, que logo profetizam a inviabilidade do novo". Os membros do Grupo dos 5% sabem disso. Eles não são reverentes. Por isso, não fogem assustados quando todos os demais censuram suas ideias e projetos.

É o caso vivenciado por Eliyahu Goldratt, autor do livro *A meta*, que vendeu milhões de exemplares e foi traduzido para

mais de vinte idiomas. Ele revela: “Depois de treze longos meses de trabalho, o livro ficou pronto. Estava satisfeito com os resultados e achava que era um bom livro. Os editores não concordaram comigo. Não os vinte e poucos que eu contatei. A recusa mais cortês que recebi foi da McGraw Hill: “Dr. Goldratt, se o senhor quiser escrever um livro sobre programação da produção, nós adoraríamos ser a sua editora. Se o senhor quiser escrever uma história de amor, vamos pensar em publicá-la. Mas uma história de amor sobre produção? Nem pense nisso! Nunca vai funcionar. Nós nem saberíamos em que seção colocar o livro!”. Jeff Cox, o escritor contratado por ele, “odiou tanto o livro que se recusou a dividir os direitos autorais...”, no primeiro momento.

Aliás, no campo editorial, esse tipo de coisa ocorre com tanta frequência que o escritor canadense Camilien Roy decidiu escrever *A arte de recusar um original*. Trata-se de um ensaio com dezenas de modelos de cartas de rejeição que podem ser usadas pelas editoras para enviá-las aos escritores em início de carreira.

Carlos Drummond de Andrade, por exemplo, teve que pagar para publicarem seu primeiro livro. As editoras não haviam se interessado por sua obra.

Veja o caso de James Cameron. Ao produzir o filme *Titanic*, recebeu ordens da Viacom e da News Corporation, donas do negativo, para abandonar o projeto e voltar para os Estados Unidos. Afinal, a película, inicialmente estimada em US$ 120 milhões, tornara-se cara demais para uma história cujo final já era conhecido por todos. Mesmo tendo sua verba cortada, Cameron insubordinou-se e prosseguiu produzindo o filme, que renderia US$ 1,4 bilhão somente de bilheteria e se tornaria um dos maiores sucessos do cinema mundial.

O GRUPO DOS 5% REMA CONTRA A CORRENTEZA

O pensamento coletivo e suas certezas absolutas geram

uma força capaz de influenciar o comportamento dos indivíduos de determinado grupo, formando uma espécie de correnteza, cujo poder só é vencido por aqueles que acreditam nas próprias ideias e se empenham em concretizá-las, ainda que à revelia do pensamento dominante.

Somos ensinados, desde a infância, que precisamos nos adequar ao grupo. A sociedade impõe regras e valores e qualquer atitude fora do convencional pode não ser bem recebida. Os mais fracos aceitam essa imposição facilmente; os participantes do Grupo dos 5% não.

É suficiente ter um nome ou comportamento incomum para se tornar alvo de *bullying* pelos colegas da escola, na infância, e situações assim inserem no subconsciente a necessidade cada vez maior de adequação às regras de comportamento e raciocínio padronizado que a sociedade oferece.

Desse modo, as pessoas que agem em busca da aceitação em seu meio profissional e social, muitas vezes, podem ser levadas a fazerem somente aquilo que não é suscetível a críticas, renunciando a sua própria individualidade, muitas vezes sem sequer ter consciência desse processo.

Quantos atuam de maneira padronizada, comportando-se conforme o que o meio social espera, abdicando das próprias iniciativas?

Há ainda aqueles que adotam os projetos alheios que são categorizados como promissores pelos pais ou por terceiros, mesmo sem identificar qualquer ligação com as suas verdadeiras metas de vida e acabam realizando sonhos alheios.

O ex-tenista Marcelo Saliola é um exemplo do quanto sutilmente muitos são levados a abraçar causas alheias em troca de uma boa aceitação por parte daqueles que os cercam. No auge de sua carreira de atleta, Saliola abandonou o esporte para desespero daqueles que o comparavam aos melhores jogadores do mundo e o viam recebendo valiosos cheques em competições nacionais e internacionais. Ele confessa que o tênis não estava em

seu sangue e que, na verdade, havia se tornado aquilo que seu pai sonhava para si próprio. "Meu pai era um jogador de basquete frustrado. Ele transferiu toda aquela insatisfação para mim. Se eu errasse uma bola, ele me xingava. Se fechasse um *set*, ele urrava de felicidade. Era uma tortura psicológica"[18], confessou. Para ele, o esporte se tornou um martírio e ainda tenta se livrar dos traumas adquiridos naquela fase da vida.

Por ser importante desfrutar da aceitação do grupo, passa-se a seguir muitas recomendações e respeitar inúmeras regras, mesmo aquelas que não acrescentam nada.

Joseph Campbell, renomado estudioso da mitologia, confirmou esse entendimento ao afirmar que "o mundo está cheio de gente que deixou de ouvir a si mesma, ou aprendeu a ouvir apenas os outros, na hora de decidir o que fazer, como agir e segundo quais valores vai pautar a vida"[19].

Um estudo reproduzido por uma emissora de TV estrangeira teve por objetivo avaliar nosso comportamento em grupo. Sob o título *Following the herd* (Seguindo o Bando - da série *The human zoo*), demonstrou, de forma incontestável, o poder que o grupo exerce sobre o indivíduo, influenciando seu comportamento e atitudes. Uma sala de um hotel foi preparada para que um incêndio fosse simulado. Foram reunidas algumas pessoas, que receberam a orientação de ignorar totalmente a fumaça e agir com indiferença em relação à ameaça, dando continuidade a uma tarefa qualquer.

Uma pessoa seria convidada para fazer parte do grupo, sem, no entanto, saber do acerto feito com os demais, para que fosse avaliada sua reação. O resultado foi impressionante. Quando as pessoas estavam sozinhas, imediatamente reagiam à ameaça de perigo e procuravam por socorro. No entanto, quando acompanhadas, permaneciam onde estavam e seguiam o comportamento grupal, tornando-se, assim como os demais, indiferentes àquela situação, que representava alto risco para sua própria vida. Para não se sentirem envergonhadas, agiam

exatamente de acordo com os demais e se tornaram passivas diante do “incêndio”.

Em média, elas permaneceram indiferentes por 13 minutos, tempo suficiente para, numa situação real, perderem a consciência sob o efeito da fumaça. Em outras palavras, prefeririam morrer a quebrar as regras de conduta e a possibilidade de serem taxadas de alguma forma, caso a ameaça fosse verdadeira. Isso também foi observado em 1979, num incêndio ocorrido num centro comercial da cidade de Manchester. As investigações sobre o acidente revelaram que, embora com muitas lojas, todas as vítimas fatais estavam num único estabelecimento: o restaurante. A perícia concluiu que elas seguiram um mesmo padrão de comportamento: evitaram sair rapidamente e preferiram pagar a conta antes de abandonar o prédio.

Outra experiência, feita com atores contratados, tinha por objetivo aplicar um questionário de conhecimentos gerais a pessoas que transitavam por um centro comercial. Eram reunidos grupos de quatro pessoas (sendo três delas orientadas a dar respostas antecipadamente combinadas). Foram feitas inclusive perguntas impossíveis de se responder como, por exemplo, qual a raiz quadrada de 97. O teste revelou que, mesmo sem saber as respostas, as pessoas que participaram da experiência acompanhavam as mesmas respostas dadas pelo restante do grupo, ainda que quando questionadas sobre qual seria a capital de um país inexistente.

Ao agir em busca dos sonhos e metas, é preciso ter a maturidade para lidar com situações de crítica ou desaprovação e saber que, muitas vezes, aceitar o pensamento coletivo pode implicar em abrir mão do pensamento inovador, que dá origem a promissoras alternativas de ação.

Enquanto se acredita que pouco pode ser feito para combater a fome mundial, Madre Tereza de Calcutá salvou milhares de vidas. O mesmo fez o nosso saudoso Betinho, que combateu o problema da fome e da miséria à frente do movimento

Ação da Cidadania contra a Miséria e pela Vida. Essas e outras pessoas, realizadoras de grandes feitos, seguiram seu coração e partiram sem olhar para os lados, sem se deixarem influenciar pelas opiniões que sustentavam ser impossível tal intento.

Enquanto se assiste pela TV aos efeitos danosos e absurdos da discriminação racial presente na sociedade, Martin Luther King e Nelson Mandela modificaram definitivamente o modo de convivência entre brancos e negros em países com grandes conflitos raciais.

Enquanto alguns pensam que estão velhos demais para realizar certas coisas, Walt Stack, um americano de mais de 80 anos de idade, corria todos os dias mais de 27 km pelas ladeiras de São Francisco, na Califórnia. Quando lhe perguntavam, no inverno, como fazia para que seus dentes não ficassem batendo com o frio, ele respondia: "Eu os deixo no armário".

Enquanto se acredita ser impossível a alguma pessoa tetraplégica, desesperançada pelos médicos, voltar a andar, uma brasileira resolveu que sua história seria diferente, como veremos no terceiro capítulo.

O GUERREIRO DO CÂNCER

Tome o exemplo do cirurgião e pesquisador americano Judah Folkman, que pensou no problema do câncer de forma completamente diferente. Ao invés de matar o tumor com tratamentos altamente tóxicos, como era o procedimento convencional, ele pretendia bloquear sua nutrição através dos vasos sanguíneos, impedindo que continuasse a se desenvolver. Durante 40 anos, suas pesquisas indicavam que era mais viável matar o tumor "de fome" do que simplesmente extraí-lo, e que sem o suprimento sanguíneo, seu tamanho não seria superior ao da cabeça de um alfinete. O resultado foi um medicamento chamado Endostatina, que tem o objetivo de controlar o câncer em vez de curá-lo. O medicamento visa inibir a angiogênese, crescimento de

vasos sanguíneos que alimentam o tumor. Seus efeitos colaterais são semelhantes aos de uma aspirina. O Dr. Folkman foi considerado, mundialmente, um dos mais renomados estudiosos da doença, e se tornou conhecido por seus resultados no ramo da chamada anti-angiogênese terapêutica. No entanto, até provar a viabilidade de suas teorias, foi bastante ridicularizado no meio científico. Suas pesquisas sobre o suprimento de sangue nos tumores cancerígenos renderam conclusões tidas como patéticas. Durante suas conferências, alguns de seus colegas se retiravam da sala. Judah teve, inclusive, dificuldade de publicar suas experiências em revistas científicas por não atender ao pensamento convencional do grupo de médicos pesquisadores.

O trabalho do cirurgião brasileiro Randas Vilela Batista é um exemplo que gosto de mencionar nas palestras. Enquanto a classe médica considerou inaceitável o processo cirúrgico desenvolvido por ele, que consiste em extrair uma parte do músculo cardíaco para reduzir o tamanho do coração, permitindo que o órgão, menor, volte a bombear sangue com mais força, ele seguiu em frente e continuou aprimorando as ideias nas quais acreditava. O método que ele criou passou a ser aplicado no mundo inteiro. Ao não aceitar algumas regras mais elementares da medicina, Dr. Randas desenvolveu novos tratamentos e obteve o raro título de herói mundial da medicina, sendo homenageado por diversos países do mundo, inclusive pelos Estados Unidos.

Observe também o diálogo vivido entre Carlos Domingos, um dos mais premiados publicitários do país, e o redator de prestígio de uma grande multinacional, seu chefe na ocasião, quando ainda trabalhava como estagiário, decidindo se poderia seguir o caminho da propaganda:

- Você não tem talento.

- O quê?

- É. Você não dá para a coisa.

- Mas como assim? Não tem nada legal aí?

- Não! Já pensou em fazer outra coisa? O mercado já tá

difícil para gente boa, com talento... Imagine para você, então...

Vários professores de Gilberto Dimenstein lhe diziam que, além de ser um mau aluno não conseguiria, sequer, cursar uma faculdade. O mau estudante veio a se tornar um dos mais premiados jornalistas e escritores brasileiros.

O filósofo Georg Wilhelm Friedrich Hegel, um dos criadores do idealismo alemão, tinha no verso de seu diploma a observação "fraco em filosofia"[20].

"A ÁGUIA E A GALINHA"

Leonardo Boff, em *A águia e a galinha*, faz referência a uma história narrada por James Aggrey, sobre uma águia em meio a um galinheiro, que revela o quão poderosa pode ser a influência do grupo sobre o indivíduo.

"Era uma vez um camponês que foi à floresta vizinha apanhar um pássaro para mantê-lo cativo em sua casa. Conseguiu pegar um filhote de águia. Colocou-o no galinheiro junto com as galinhas. Comia milho e ração própria para galinhas, embora a águia fosse a rainha de todos os pássaros.

Depois de cinco anos, esse homem recebeu em sua casa a visita de um naturalista. Enquanto passeavam pelo jardim, disse o naturalista:

- Esse pássaro aí não é galinha. É uma águia.

- De fato - disse o camponês - É águia, mas eu a criei como galinha. Ela não é mais uma águia. Transformou-se em galinha como as outras, apesar das asas de quase três metros de extensão.

- Não - retrucou o naturalista - Ela é e será sempre uma águia, pois tem um coração de águia. Este coração a fará, um dia, voar às alturas.

- Não, não - insistiu o camponês - Ela virou galinha e jamais

voará como águia.

Então decidiram fazer uma prova. O naturalista tomou a águia, ergueu-a bem alto e, desafiando-a, disse:

- Já que você é de fato uma águia, já que você pertence ao céu e não à terra, então abra suas asas e voe!

A águia pousou sobre o braço estendido do naturalista. Olhava distraidamente ao redor. Viu as galinhas lá embaixo, ciscando grãos. E pulou para junto delas.

O camponês comentou:

- Eu lhe disse, ela virou uma simples galinha!

- Não - tornou a insistir o naturalista - Ela é uma águia. E uma águia será sempre uma águia. Vamos experimentar novamente amanhã.

No dia seguinte, o naturalista subiu com a águia no teto da casa. Sussurrou-lhe:

- Águia, já que você é uma águia, abra suas asas e voe!

Mas, quando a águia viu lá em baixo as galinhas, ciscando o chão, pulou e foi para junto delas.

O camponês sorriu e voltou à carga:

- Eu lhe havia dito, ela virou uma galinha!

- Não - respondeu firmemente o naturalista - Ela é águia, possuirá sempre o coração de águia. Vamos experimentar ainda uma última vez. Amanhã a farei voar.

No dia seguinte, o naturalista e o camponês levantaram bem cedo. Pegaram a águia, levaram-na para fora da cidade, longe das casas dos homens, no alto de uma montanha. O sol nascente dourava os picos das montanhas.

O naturalista ergueu a águia para o alto e ordenou-lhe:

- Águia, já que você é uma águia, já que você pertence ao céu e não à terra, abra suas asas e voe!

A águia olhou ao redor. Tremia como se experimentasse nova vida. Mas não voou. Então o naturalista segurou-a firmemente, bem na direção do sol, para que seus olhos pudessem encher-se da claridade solar e da vastidão do

horizonte.

Nesse momento, ela abriu suas potentes asas, grasnou com o típico Kau-Kau das águias e ergueu-se, soberana, sobre si mesma. E começou a voar, a voar para o alto, a voar cada vez para mais alto. Voou... voou.. até confundir-se com o azul do firmamento."

O pesquisador Geoffrey Ballard passou anos convivendo com as chacotas de seus colegas ao pretender desenvolver a célula combustível cujo resíduo é água, e que agora é usada para movimentar motores em todo o mundo. Ele era "ridicularizado como maluco em círculos científicos"[21].

Albert Einstein não submeteu o seu artigo mais revolucionário para obter o doutorado, e sim um de menor repercussão. Ele sabia que precisava de uma abordagem mais conservadora para não atentar frontalmente contra a ordem vigente e o conservadorismo dos acadêmicos que poderiam condenar suas ideias mais ousadas.

Se essas pessoas priorizassem a aceitação coletiva em detrimento de seus próprios projetos, provavelmente nenhuma delas teria atingido seus objetivos e realizado seus sonhos. Seriam águias vivendo entre galinhas. No entanto, os "nãos" recebidos durante o trajeto, a censura e o descrédito não inviabilizaram seus projetos, pois isso é parte natural do processo.

O GRUPO DOS 5%, DINHEIRO E FELICIDADE

"Não escolha uma profissão que não dê dinheiro". Quantas vezes, ao longo da vida, ouvimos esse tipo de conselho? Muitos pais repetem isso aos filhos, como um mantra sagrado: "Trabalho bom é aquele que paga bem e oferece estabilidade. Essa é a fórmula para uma vida profissional feliz e bem-sucedida".

Não é o que indicam as pesquisas que relacionam dinheiro

e felicidade. Na verdade, uma delas, feita pelo Ibope/Mídia em 2006, mostra que a proporcionalidade entre dinheiro e felicidade é uma grande falácia. O instituto verificou que 41% das pessoas que ganham até R$ 379,00 se declararam felizes, enquanto entre aqueles que têm renda superior a R$ 4.500,00, o índice caiu para 25%.

O empresário americano Walter Melon parece estar certo ao afirmar que "se você toma uma decisão apenas baseada em dinheiro, você tomou uma má decisão"[22].

Na verdade, esses caçadores, ao pautarem suas ações visando algumas recompensas extrínsecas, deixam de acessar algumas importantes estratégias de ação. E quando alguém escolhe uma estratégia equivocada a perseguir, quanto mais eficiente for em direção a ela, mais distante estará do melhor caminho.

É verdade que não é possível ser feliz passando fome. Entretanto, o atendimento às necessidades mais básicas é condição suficiente para restaurar as capacidades humanas que podem levar a resultados significativos. Observamos que a necessidade interminável de dinheiro parece indicar, na verdade, a tentativa de suprir algum tipo de vácuo existencial daqueles que evitaram destampar *el puchero*.

O economista Eduardo Giannetti da Fonseca, autor de um livro que diz por que o progresso e a melhoria das condições de vida não tornam as pessoas mais felizes, quando perguntado sobre se o dinheiro traz felicidade, respondeu que apenas até certo ponto. Segundo ele, a partir desse ponto, a melhoria das condições objetivas de vida deixa de trazer mais felicidade.

Algumas outras pesquisas indicaram que "nem a sorte grande nem um golpe do destino conseguem alterar a nossa felicidade por muito tempo". Elas foram divulgadas por um programa de TV brasileiro, que tratou de um tema cada vez mais intrigante para os cientistas: a felicidade. Nele, foram mostrados depoimentos que revelaram, de um modo geral, que o estado de

espírito das pessoas não se modifica definitivamente, mesmo ganhando na loteria ou sofrendo um revés indesejável.

É o caso de dona Delma Felipe, faxineira e moradora da Baixada Fluminense, uma das regiões mais carentes do Rio de Janeiro, que do alto dos seus sessenta anos e com dinheiro contado esbanja um contagiante e constante estado de felicidade.

Mostra também a história da psicóloga Mara Gabrilli, que ficou tetraplégica aos 27 anos em função de um acidente de automóvel e, mesmo depois da fatalidade, continua distribuindo felicidade. Fundou uma ONG que arrecada dinheiro para pesquisas médicas e foi a primeira tetraplégica do país a posar para uma revista masculina. Ela ensina: “Eu não espero nada acontecer para ser feliz”.

O mesmo pode ser dito do iatista e medalhista olímpico Lars Grael, que após perder a perna num acidente que alterou drasticamente sua vida, disse em entrevista: “Sou um homem de muita sorte”.

Exemplo semelhante é o de Iranildo Conceição Batista. Aos 26 anos, um mergulho mal feito tirou-lhe todos os movimentos do corpo e o condenou a viver o resto da vida sobre uma cama. Obstinado a recuperar seus movimentos, dedicou-se bastante às sessões de fisioterapia. Lentamente os resultados foram surgindo. Logo começou a praticar tênis de mesa. Quatro anos depois, foi quatro vezes campeão brasileiro, três vezes campeão sul-americano e bicampeão pan-americano nessa modalidade. Três terceiros lugares em campeonatos mundiais. “Atualmente, sou o primeiro lugar no ranking brasileiro, o primeiro no das Américas e o 16º no mundial”, disse orgulhoso, em entrevista a um jornal.

O escritor Odir Cunha estudou o assunto e confirmou o entendimento de que o dinheiro não assegura a felicidade. Ele menciona que um programa de TV nos Estados Unidos ouviu uma série de pessoas que eram pobres antes de ficarem milionárias com prêmios lotéricos. A maioria delas disse que não se sentia mais feliz depois do prêmio. Ele afirma que uma experiência

repetida no Brasil trouxe um resultado semelhante: “Uma das entrevistadas brasileiras, bem velhinha, que morava numa fazenda com o filho caçula e solteirão, parecia até saudosa dos tempos em que as únicas preocupações eram ter saúde e comida na mesa e o dinheiro ainda não concorrera para a discórdia entre os irmãos”.

O artista musical Dennis Augustine confessou que o poder financeiro não conseguiu lhe trazer a paz que esperava alcançar: “Pelos padrões norte-americanos, eu era um tremendo sucesso. Olhava em volta, e via dois belos Mercedes, uma casa elegante, uma renda líquida de milhões; no entanto, nunca, em toda a vida, me senti tão inseguro e cheio de dúvidas”[23].

Outra rede internacional de TV produziu um documentário que apresenta o estilo de vida dos milionários do Vale do Silício (reproduzido pela GNT, que mostra histórias de empresários americanos que sofrem da Síndrome de Riqueza Repentina), nos Estados Unidos. O trabalho revela que boa parte deles necessitou buscar ajuda psicológica em terapias, após se tornar milionários, fenômeno batizado de efeito *Influenza*.

Muitas pessoas alimentam crenças de que, quando desfrutarem de uma boa condição econômica, seus problemas estarão solucionados. Esse é um grande equívoco. As pessoas que agem assim estão, na verdade, perdendo tempo valioso. O mundialmente conhecido tenista norte-americano Andre Agassi diz: “É uma coisa que sempre escutamos - como aquele velho adágio de que dinheiro não compra felicidade -, mas nunca acreditamos nela até que a vemos nós mesmos”.

Flávia Pacheco pesquisou a personalidade de cinquenta brasileiros reconhecidamente bem-sucedidos. Ela afirma que “nenhum dos líderes entrevistados mencionou dinheiro como principal motivador da sua carreira. Ao serem questionados sobre a sua própria definição de sucesso, nenhum deles considerou o fato de ter muito dinheiro como um fator indicativo de sucesso”.

Steve Jobs, criador da Apple, enfatizava que “nunca se deve abrir uma empresa com o objetivo de ficar rico. O objetivo

deve ser o de fazer algo em que se acredita e fazer uma empresa que dure". Ele "não deixava que a gana de lucrar passasse na frente da paixão de desenvolver grandes produtos" e prometeu a si mesmo que o dinheiro não estragaria a sua vida. Para ele, a recompensa era a viagem e o lucro seria a consequência de um trabalho memorável[24].

Joseph Heller, reconhecido escritor norte-americano, emenda: "Dinheiro é importante, mais do que quase tudo. Quer uma boa ideia? Arranje agora um emprego em uma companhia, com um bom plano de aposentadoria e um bom plano de saúde. Pode ser qualquer cargo, em qualquer companhia. Não faz mal que você deteste o emprego; continue nele até estar velho demais. Eis aí a única maneira de viver, preparando-se para morrer"[25].

Nick Vujicic, sobre o qual falaremos adiante, concorda. Para ele, "a essência da vida não é ter, mas ser".

O QUE O GRUPO DOS 5% VALORIZA NA PROFISSÃO?

"Escolha um trabalho que
você ame e não terá que trabalhar
um único dia em sua vida."
(Confúcio)

Há muitas vítimas do pensamento coletivo que classificam algumas profissões como certas e outras como erradas, independentemente das aptidões, interesses e talentos de cada um. Ainda bem que participantes do Grupo dos 5% sabem disso e têm consciência de que pagarão o preço por remar contra a correnteza.

Em 1965, Paulo Coelho foi internado em uma clínica psiquiátrica pelo pai ao manifestar seu sonho de ser escritor[26]. Certamente alguns pensariam: escritor? Pelo amor de Deus, você

irá morrer de fome! Os brasileiros não leem, não cometa essa insensatez.

Queriam que Einstein fosse engenheiro ao invés de físico. Era uma profissão mais rentável e estável. Sobre isso ele disse: "(...) a ideia de empregar minha energia criativa em coisas que tornam a vida cotidiana ainda mais refinada, com um pequeno ganho de capital como meta, para mim era insuportável"[27].

Quando o "mão santa", Oscar Schmidt, despertou o interesse pelo basquete, seu pai lhe disse: "Não! Você precisa fazer um concurso para o Banco do Brasil, adquirir estabilidade, ganhar dezesseis salários em um ano, ter direito a aposentadoria; é muito melhor que jogar basquete".

A mãe de Alexandre Tadeu da Costa tentou tirar de sua cabeça a ideia de, aos dezessete anos, vender chocolates. Ela já havia tentado, sem sucesso, o mesmo empreendimento que o filho viria transformar na maior rede de lojas de chocolates finos do mundo.

Quando o australiano Peter Troy deixou a carreira de contador da PriceWaterHouseCoopers, uma prestigiada organização, por acreditar que poderia viver do surfe, também o chamaram de louco. Graças ao esporte, Peter viajou por mais de 140 países, conheceu culturas e rodou o mundo com a prancha debaixo do braço, vivendo exclusivamente do surfe - e muito bem. A revista Surfer o viu como "o maior aventureiro do surfe em todos os tempos". Peter mostrou que é possível. No início, entretanto, "para correr atrás do que queria, passava horas na praia pedindo emprestada a prancha de quem, desavisado, passava perto..."[28], confessou.

O psicólogo, jornalista e consultor Daniel Goleman, autor no campo da inteligência emocional, menciona um estudo com duzentos pintores, dezoito anos depois de deixarem a escola. As conclusões: "Foram aqueles que, nos tempos de estudante, saboreavam o puro prazer de pintar, que se tornaram verdadeiramente artistas. Os que haviam sido motivados na escola

de arte por fantasias de fama e fortuna, em sua maioria, afastaram-se da arte depois de formados".

Observe o exemplo da pesquisadora da Embrapa, de origem checa, Johanna Döbereiner, que em 1997 recebeu uma indicação ao prêmio Nobel de Química e foi responsável pelo desenvolvimento de uma técnica sobre a fixação biológica do nitrogênio que ajudou a agricultura brasileira a economizar bilhões de reais e a bater recordes de produtividade. Apesar de seu trabalho ter sido responsável por inegável avanço nas técnicas agropecuárias, com grandes repercussões econômicas para o país, Johanna foi mais uma daquelas pessoas que atuaram pelo simples prazer de tocar os projetos que lhe engrandecem como pessoa. "Nunca trabalhei para ficar famosa e milionária", afirmou a pesquisadora, que viveu toda sua vida do salário da Embrapa[29].

"São todos loucos", diriam os caçadores de recompensas. Afinal, quem em sã consciência interromperia sua própria lua de mel para treinar, como fez o remador inglês Steve Redgrave, que aos 38 anos já havia conquistado cinco medalhas de ouro em Olimpíadas e oito títulos mundiais?[30].

É também o caso do advogado carioca Ruy Marra, que abandonou os tribunais para viver como instrutor de asa delta, seu sonho legítimo. "Por que eu não posso levar a minha vida como se fosse um final de semana?", perguntou-se. E emendou: "Eu tenho momentos muito mais felizes agora, porque sinto que estou guiando muito mais a minha vida do que sendo guiado", disse em entrevista a uma emissora de TV brasileira.

É fundamental que as escolhas sobre os projetos que desejamos desenvolver se baseiem em nossos verdadeiros talentos e se traduzam em fonte de inspiração e entusiasmo. Caso contrário, haverá tantas outras vítimas da falácia que sugere a recompensa como fonte de reconhecimento, fazendo com que a capacidade de realização seja cada vez mais reduzida.

Quando Robert Quinn estudou nas pessoas "o poder de transformar" e a "capacidade de realizar coisas extraordinárias",

uma de suas conclusões foi que “somente renunciando aos desejos de riqueza e poder é possível crescermos em direção a um novo patamar de desempenho”. São pessoas “que realizam coisas pela simples satisfação de realizá-las”.

Observe o revelador depoimento do autor de novelas Lauro César Muniz e como lidou com a questão da recompensa[31]:

“Desde muito cedo, ainda criança em Guará, uma cidade do interior de São Paulo, sentia uma nítida e forte atração pelo mundo do espetáculo, através das caravanas de artistas de rádio ou dos circos itinerantes.

No fundo do quintal, imitava os palhaços para os moleques e, depois, usando um terreiro de café como palco, inventava pantomimas para divertir os colonos da fazenda de um tio rico.

Mais tarde, mudando para São Paulo, fui levado ao teatro Santana para ver o Procópio Ferreira, a Dulcina e o Odilon fazendo chover no palco, o Oscarito, hilariante, de papai fanfarrão. Um mundo mágico que estava ali e que, por uma razão misteriosa, parecia ao meu alcance. Ou eu me incluo nele ou nada mais me interessa, proclamei. Nascia em mim uma paixão, uma obsessão, que era a própria razão da minha vida.

Tudo que estava fora de um palco não tinha o menor sentido para mim. Não que eu quisesse estar no lugar dos atores, no foco dos refletores. Ao contrário, queria ficar às escondidas, criando histórias para eles.

Minha cabeça estava povoada por peripécias de situações dramáticas e divertidas que eu precisava colocar diante daqueles refletores. Isso era tão claro para mim, que logo me lancei à tarefa: tomei uma peça editada como modelo, vi como se dispunham no papel as personagens e marcações cênicas e comecei minha primeira comédia.

Cresci fazendo isso, testando meus escritos, primeiro com os bonecos fantoches do João Minhoca, depois com amadores. E as coisas que eu punha no papel se materializavam no palco e me

davam respostas, um aprendizado rápido.

Veio o primeiro prêmio do festival de teatro, as portas começavam a se abrir, mas de repente, acaba o tempo das aventuras e chega a idade das definições, de pensar sério na vida. "Teatro não dá camisa", era o conselho que eu ouvia.

Havia nos classificados dos jornais a seção que chamávamos de "mercado de escravos:" as melhores ofertas de trabalho eram para os engenheiros; na construção do Brasil desenvolvimentista da década de 50, Teatro não dava camisa e diploma dava muito dinheiro.

Deixei minhas aventuras teatrais de lado para entrar na faculdade. Encarei a rigidez da Matemática, da Física, Química, Desenho Geométrico e, para minha desgraça, fui aprovado no vestibular. O teatro cada vez mais maravilhoso, com Cacilda Becker e o elenco do Teatro Brasileiro de Comédia, e eu diante de um curso de concreto armado, topografia, resistência dos materiais, eletricidade, estruturas metálicas... A absoluta incompatibilidade, a inferioridade de um aluno deslocado, a infelicidade chancelada! Cinco anos! O engenheiro formado virara um espectador de teatro, triste, frustrado. A tentativa de me tornar adequado àquele mundo só me violentava: sentia-me um medíocre naquele mundo de vencedores.

À noite ou nos fins de semana, eu mergulhava compulsivamente nas minhas personagens, criava minhas comédias, meus dramas, para, no dia seguinte, durante as oito horas do expediente, me desligar, voar nos meus devaneios para solucionar as cenas que tinham ficado no papel à minha espera...

- Está voando, companheiro? Eu estou falando com você, não está ouvindo? O que há?!

Eu estava cindido, mais que isso, destroçado. Meu mundo real não batia com a realidade! Eu vivia navegando na ficção, enquanto a Engenharia me pedia exatidão. Precisava reencontrar meu mundo ideal, que ficara perdido anos atrás.

A oportunidade de organizar a cabeça surgiu quando

soube que seria aberto um curso de dramaturgia na Escola de Arte Dramática. O contato com gente do teatro, com uma cultura humanista, ao contrário da aridez da Engenharia! Testar se meus escritos teatrais tinham algum sentido. Apesar de me sentir um escritor, eu perdera a confiança, precisava saber se eu tinha, de fato, um talento verdadeiro, ou se era apenas mais um diletante...

Estreei no teatro em 1963, pelas mãos de Cacilda Becker, com O Santo Milagroso, e em 1966 vi minha peça A Infidelidade ao Alcance de Todos ser encenada com Procópio Ferreira como protagonista. Um grande sucesso de bilheteria! Não era só o diploma que dava dinheiro. Depois a televisão me abriu os caminhos para a estabilidade econômica. Nunca registrei meu diploma no Conselho de Engenharia. Não seria honesto.

Depois de muitos anos, é a primeira vez que repasso essa caminhada e ordeno os fatores que me levaram a vencer na vida como escritor. Determinação, risco, obstinação, algum arrojo e, mais que tudo, uma compulsão: escrever para mim é a única forma de me sentir vivo... Dinheiro? Dinheiro é decorrência e não meta."

É certo que, quando se persegue um sonho, algumas pessoas censurarão as atitudes "estranhas" que tomamos, já que são incapazes de ver com os olhos do outro para partilhar do mundo novo à frente. E não agem assim por má-fé. Para aquelas que não compartilham dessa visão, iniciativas pouco convencionais são sinônimos de fracasso e, por crerem nisso, tentam poupar-nos de angústias quando, na verdade, inconscientemente, são elas próprias que necessitam de ajuda por não ousar. Agindo assim abdicam do impressionante potencial que carregam.

O GRUPO DOS 5% ENVOLVE-SE EM CAUSAS DE INTERESSE DA COLETIVIDADE

As pessoas do Grupo dos 5% conhecem o poder de seus atos, resultado elevado de seus esforços, e utilizam esses recursos

para gerar a máxima prosperidade a todos, envolvendo-se em questões que interessam à coletividade. O desapego à recompensa permite que se comprometam com as mais diversas causas, por isso são pessoas engajadas nos mais variados projetos, inclusive sociais e assistenciais. Enquanto isso, os caçadores de recompensas centram-se em seus próprios problemas. Um conto que circula pela internet sinaliza como esses caçadores reagem em algumas situações.

"Olhando pelo buraco na parede, um rato viu o fazendeiro e sua esposa abrindo um pacote. Pensou logo que tipo de comida poderia ter ali. Ficou aterrorizado quando descobriu que era uma ratoeira. Foi para o pátio da fazenda advertindo a todos:

- Tem uma ratoeira na casa, uma ratoeira na casa!

A galinha, que estava cacarejando e ciscando, levantou a cabeça e disse:

- Desculpe-me, senhor rato. Eu entendo que é um grande problema para o senhor, mas não me prejudica em nada, não me incomoda.

O rato foi até o cordeiro e disse a ele:

- Tem uma ratoeira na casa, uma ratoeira na casa!

- Desculpe-me, senhor rato, mas não há nada que eu possa fazer, a não ser orar. Fique tranquilo que o senhor será lembrado nas minhas preces.

Por fim, o rato dirigiu-se então à vaca e ela disse:

- O quê, senhor rato? Uma ratoeira? Por acaso estou em perigo? Acho que não!

Então o rato voltou para casa cabisbaixo e abatido, para encarar a ratoeira do fazendeiro. Naquela noite, ouviu-se um barulho, como o de uma ratoeira pegando uma vítima. A mulher do fazendeiro correu para ver o que tinha pegado. No escuro, ela não viu que a ratoeira pegou a cauda de uma cobra venenosa. A cobra picou a mulher.

O fazendeiro a levou imediatamente ao hospital. Ela voltou

com febre. Todo mundo sabe que para alimentar alguém com febre, nada melhor do que uma canja. Ele então pegou seu cutelo e foi providenciar o ingrediente principal - a galinha.

Como a doença da mulher continuava, os amigos e vizinhos vieram visitá-la. Para alimentá-los, o fazendeiro matou o cordeiro.

A mulher não melhorou e acabou morrendo. Muita gente veio para o funeral. O fazendeiro então sacrificou a vaca para alimentar todo aquele povo."

Fica claro que aqueles que participam do Grupo dos 5% se percebem como agentes criadores e enfrentam as questões cruciais que os incomodam. Ligam-se a causas nas quais acreditam e sabem que nada têm a ganhar quando focam seus esforços apenas em si próprios.

O crescimento pessoal e a ampliação de suas capacidades exigem o exercício da ideia de que aquilo que se faz pelos outros, pelo interesse coletivo, é uma ótima forma de criar oportunidades para aqueles que ainda não veem o mundo como os participantes do Grupo dos 5% são capazes de ver. Por isso, convidam e estimulam tantos quantos for possível para experimentarem a mesma sensação de liberdade. Sabem que envolver-se é fundamental.

Eles confirmam o que disse Morgan Scott Peck, renomado psicólogo e escritor americano, sobre pessoas de resultado. São "aqueles que alcançam o crescimento e não apenas aproveitam seus frutos, como os distribuem para o mundo. Ao evoluir como indivíduos, carregam a humanidade nas costas. E, assim, a humanidade evolui"[32].

Essas pessoas "deixam de ser focadas em si próprias, voltando sua atenção para o que está em volta. Tais pessoas se sentem estimuladas com o crescimento dos outros, com o fato de ver outras passarem por essa experiência enriquecedora", conclui o especialista em competências gerenciais, Robert Quinn.

UBUNTU

Segundo a Wikipedia, Ubuntu "é uma filosofia africana (existe em vários países da África) que foca nas alianças e relacionamento das pessoas umas com as outras", e uma tradução possível para a língua portuguesa seria "humanidade para com os outros", ou "a crença no compartilhamento que conecta toda a humanidade" e ainda "sou o que sou pelo que nós somos".

A jornalista e filósofa Lia Diskin apresentou em 2006, durante o Festival Mundial da Paz, em Florianópolis, um episódio que lhe ocorreu numa tribo africana, que ficou bastante conhecido e circula livremente na internet[33]. Ela contou que um antropólogo estava estudando os usos e costumes da tribo e, quando terminou seu trabalho, teve que esperar pelo transporte que o levaria até o aeroporto de volta para casa. Sobrava muito tempo, mas ele não queria catequizar os membros da tribo. Então, propôs uma brincadeira para as crianças, que achou ser inofensiva. Comprou uma porção de doces e guloseimas na cidade, colocou tudo num cesto bem bonito com laço de fita e deixou o cesto debaixo de uma árvore. Chamou as crianças e combinou que quando ele dissesse "já!", elas deveriam sair correndo até o cesto, e a que chegasse primeiro ganharia todos os doces que estavam lá dentro. As crianças se posicionaram na linha demarcatória que ele desenhou no chão e esperaram pelo sinal combinado. Quando ele disse "já!", instantaneamente todas as crianças se deram as mãos e saíram correndo em direção à árvore com o cesto. Chegando lá, começaram a distribuir os doces entre si e a comerem felizes. O antropólogo foi ao encontro delas e perguntou por que elas tinham ido todas juntas se uma só poderia ficar com tudo que havia no cesto e, assim, ganhar muito mais doces. Elas simplesmente responderam: "Ubuntu, tio. Como uma de nós poderia ficar feliz se todas as outras estivessem tristes?".

Veja o exemplo do adolescente brasileiro Bruno Fernando

de Oliveira Buzo. Com apenas dezessete anos, ao desenvolver um trabalho escolar sobre aquecimento global, interessou-se em pesquisar sobre o câncer de pele, doença que mata milhares de pessoas todos os anos. Ele decidiu encontrar uma maneira de produzir um protetor solar de custo mais acessível, já que os elevados preços dos protetores convencionais afastam a população carente de seu consumo. Bruno observou que a comunidade indígena é muito pouco acometida pelo mal e encontrou o motivo: o urucum, uma planta utilizada por eles para decorar, que tem duas fases: uma bronzeadora e outra protetora dos raios solares. Ao isolar esse extrato, misturou a fase protetora a um cosmético comum, cujo resultado foi um protetor solar 41% mais barato que os convencionais. Com a pesquisa, Bruno foi premiado e participou da *International Science and Engineering Fair (ISEF),* nos Estados Unidos, onde expôs sua descoberta para o mundo. O garoto conclui: "Eu não me preocupo apenas com o aspecto profissional (do meu futuro), eu quero mostrar o meu papel social dentro da sociedade. Não adianta ser um profissional, entender de teoria, saber o que faz, se não tem uma aplicação social do que você faz"[34].

Quando Viviane Senna decidiu dirigir a Fundação Ayrton Senna, seu propósito não era outro senão o de reduzir a distância entre a grandeza do país e o seu índice de desenvolvimento econômico. "O Brasil tinha o 12º maior PIB mundial, mas estava na 65ª colocação no Índice de Desenvolvimento Humano - IDH"[35], explicou na ocasião. Ela sabia que era preciso fazer algo em relação a isso. No segundo ano, a Fundação por ela dirigida já havia atendido a mais de quarenta mil jovens.

Envolver-se com aquilo que gera benefícios para a coletividade, utilizando seus talentos, interesses e paixões, é um caminho traçado pelas pessoas de alto desempenho.

O GRUPO DOS 5% É COMPOSTO POR APAIXONADOS

Como visto, os integrantes do Grupo dos 5% seguem o seu próprio conceito de sucesso. Estão continuamente se perguntando: estou indo em direção àquilo que, de fato, me realiza? Estou perseguindo as coisas certas, em que verdadeiramente acredito? Convivo, cotidianamente, com a sensação de realização e gratificação? Estou dedicando meu talento ao bem coletivo? A resposta a todas essas perguntas é ferramenta essencial para que eles se mantenham no caminho que os conduz a novos patamares de desempenho.

É preciso estar apaixonado. Esse sentimento, fonte inesgotável de persistência e criatividade, somente surge quando alguém se depara com a causa, o projeto ou a profissão pela qual se apaixonará, como ensina o educador Rubem Braga: "O conhecimento não começa num interrogatório. Ele começa quando, olhando para um objeto, sentimos que ele está a nos dizer: decifra-me ou te devoro! Mas essa ordem do objeto, somente os curiosos a ouvem"[36].

O ator e diretor Juca de Oliveira, questionado sobre as razões que levam alguns a atingir o sucesso e outros não, respondeu: "A paixão pelo processo de trabalho e jamais pelo resultado do trabalho. Explico. Quando projetamos o resultado: dinheiro, boas críticas, prêmios, jamais se chega ao dinheiro, às boas críticas e aos prêmios. Porque seguimos por caminhos já percorridos, pedras marcadas, que conduzem inevitavelmente ao insucesso. Quando não projetamos o resultado e nos apaixonamos pelo processo de fazer, estamos trilhando caminhos novos, nunca percorridos. E aí criamos o novo e com ele o sucesso. O sucesso é sempre inesperado. Ele sempre nos surpreende porque estávamos entretidos com a vida e o seu ofício"[37].

Para Einstein, a descoberta sobre aquilo que despertou sua curiosidade parece ter ocorrido aos quatro anos de idade, numa ocasião em que estava doente e seu pai lhe presenteou com uma

bússola. Walter Isaacson relata que o garoto ficou "tão excitado com seus poderes misteriosos, que começou a tremer e sentir frio. O fato de uma agulha magnética comportar-se como se um campo oculto de força a influenciasse, em lugar de um método mecânico mais familiar, como o toque ou o contado, provocou uma sensação de deslumbramento que o motivaria pelo resto de sua vida".

Nelson Mandela afirma que somente grandes propósitos despertam grandes energias. Ele reconhece: "Até quando a consciência pesada me aflige, vez por outra, sou obrigado a reconhecer que meu compromisso total com a libertação do nosso povo dá sentido à vida, me recompensa com um senso de orgulho nacional e verdadeira alegria".

Assim, àqueles que ainda não sabem o que desperta essa sensação, não há outro processo mais valioso que o ensinado pela natureza: a experimentação. Foi o que aconteceu com Joseph Campbell quando, aos quarenta anos, abdicou de cuidar dos negócios da família, onde tinha assegurada uma carreira segura e lucrativa, e começou a estudar, escrever, ensinar e viajar, um período de experimentação que culminou no encontro com sua verdadeira vocação: a mitologia. O resultado: tornou-se uma das maiores autoridades mundiais no assunto.

POLO SUL: A META

A literatura que reproduz aventuras exploratórias tem muito a nos ensinar. Os registros que retratam a disputa pela conquista do Polo Sul são especialmente ricos em lições.

Ao final do ano de 1911, foi travada uma acirrada competição entre o explorador norueguês Roald Amundsen e o inglês Robert Falcon Scott pela conquista do continente gelado. Mesmo sob as mais severas condições climáticas, tendo que percorrer milhares de quilômetros até a latitude 90º, em temperaturas que chegariam a 86ºC negativos, rigorosos invernos, em que a noite polar dura

quatro meses, é interessante notar a diferença na narrativa de ambos os "competidores" sobre um mesmo cenário.

Em *Polo Sul: relato da Expedição Antártica Norueguesa a bordo do Fram em 1910-1912,* Amundsen descreve assim o continente antártico durante sua expedição:

"A beleza daquela tarde era inacreditável! Apesar da hora avançada do dia, o sol ainda ia alto no céu. Sobre toda essa montanhosa região gelada, sobre imponente Barreira estendendo-se para o sul até onde a vista alcançava, espalhava-se uma luz branca, muito clara, tão intensamente brilhante que nos ofuscava a visão. Enquanto isso, do outro lado do céu, ao norte, estava a noite. Via-se a plúmbea abóbada celeste sobre o mar transformar-se gradualmente em intenso azul, e então, empalidecendo lentamente, até mesclar-se com a radiante claridade da Barreira. O que se ocultava sobre a noite - a vastidão distante, agora encoberta pelas trevas - nós conhecíamos. Aquela região nós já exploramos e dela já regressamos vitoriosos. Porém, o que a ofuscante luz astral nos escondia? Convidativa e atraente, sua infinita beleza exibia-se diante de nós. Sim, escutamos teu chamado e estamos a caminho. Receberás teu beijo e, para pagá-lo, empenhamos nossas vidas."

Diana Preston, por sua vez, relatou a expedição de Scott em sua obra *Rumo ao Polo Sul*. As descrições de Scott sobre o mesmo continente continham expressões do tipo: "Meu Deus! Este é um lugar medonho e horrível...". Ele concluiu: "A viagem de volta vai ser terrivelmente cansativa e monótona". Nos dias que se seguiram, seu diário estava repleto de descrições sombrias como "extremamente ruim", "verdadeiramente assustador", "terrivelmente exausto". Isso era acentuadamente contrastante com o relato entusiasmado de Amundsen sobre o retorno dos noruegueses do Polo: "A partida foi esplêndida e todos estavam muito animados'. Diana insinua em seu relato sobre a expedição que Scott estaria mais interessado na fama e "prestígio que

recobririam o homem que conquistasse o Polo para a Grã-Bretanha". Ele próprio admitiu que "não tinha predileção pela exploração polar".

Em relação à conquista do Polo Sul, pode-se deduzir quem concretizou a proeza. Enquanto todo o grupo de Scott foi dizimado pelo inóspito continente gelado, Amundsen fez a conquista parecer fácil, embora fosse um ato quase impossível sob condições tão adversas.

Por exemplo, para Amundsen, uma de suas principais preocupações era superar o maior de todos os obstáculos da expedição: a "grande barreira", o "terrível e poderoso monstro". "Todos os relatos, sem exceção, desde os velhos tempos de Ross (James Clark Ross, que em 1842 quebrou o recorde de penetração meridional e descobriu o Polo Sul Magnético) até os mais modernos e atuais, invariavelmente descreveram essa impressionante formação natural com respeito e temor. Era como se fosse possível ler nas entrelinhas sempre a mesma frase: "Silêncio, respeitem-na! Esta é a mística Barreira". Observe como ele a superou: "Um, dois, três... um pequeno salto... e pronto, a Barreira estava vencida! Olhamos uns para os outros e sorrimos. Provavelmente o mesmo pensamento surgira nas mentes de cada um de nós. O monstro perdera algo de seu mistério, o terror perdera algo de seu poder; o incompreensível revelava-se bem fácil de ser compreendido".

CONTORNANDO OS MARES DO MUNDO, SOZINHO

Outro exemplo semelhante, de como o prazer e a paixão pelo que fazemos são elementos potencializadores do nosso desempenho, se extrai nos registros da *Golden Globe*, a regata marítima que, em 1968, teve por objetivo premiar o homem que desse a volta ao mundo num barco a velas. Conforme descreveu Peter Nichols em sua obra sobre a competição, os participantes teriam que navegar "sozinhos, sem fazer escalas, nem arribar a

qualquer porto, sem assistência ou reabastecimento. E teriam que voltar a seu ponto de partida", passando pelo Cabo Horn[2] e pelo Oceano Austral[3].

A competição revela um dado curioso: dos nove participantes da regata, os dois que declaradamente não gostavam do que estavam fazendo - John Ridgway e Chay Blyth "não se sentiam em casa" - foram justamente os primeiros a abandoná-la. Todavia, os dois competidores que estavam "realmente felizes a bordo de seus barcos no mar", obtiveram os melhores resultados - Bernard Moitessier e Robin Knox-Johnston. Após ter superado os principais perigos com a vitória assegurada, Bernard decidiu abandonar a regata e voltou para o mar: "Minha intenção é continuar a viagem, seguindo, ainda sem escalas, para as Ilhas do Pacífico, onde há muito sol e mais paz do que na Europa. Por favor, não pensem que estou tentando quebrar algum recorde. "Recorde" é uma palavra muito tola quando se está no mar. Estou prosseguindo sem escalas porque estou feliz no mar e, talvez, porque eu queira salvar a minha alma", disse ele, em referência aos perigos que a fama e dinheiro pudessem lhe trazer se completasse a regata[38]. A atitude de Bernard, de abandonar a disputa praticamente ganha, fez com que Robin Knox-Johnston, logo atrás dele, se tornasse o primeiro homem da história a realizar a façanha.

É também interessante notar pelos registros da competição, que as pessoas consideravam que todos os outros competidores "pareciam melhores candidatos a fazer uma viagem bem-sucedida que Knox-Johnston".

A paixão é o elemento que faz toda a diferença no desempenho. Um dos melhores jogadores de basquete do mundo, Oscar Schmidt, confirma: "Sempre gostei do que fazia: jogar basquete. Sempre fui apaixonado por minha profissão. Agradecia a Deus todos os dias por poder ganhar a minha vida jogando basquete. Imagine, eu brincava todos os dias, e me

pagavam por isso!".

Alguns que conheceram Steve Jobs, o mago da tecnologia e cofundador da Apple, o definiram como "alguém motivado pelo amor ao que fazia e com orgulho pelos produtos que criava"[39].

Agindo como servos de causas que amamos, desenvolvemos uma notável capacidade de ver coisas incrivelmente belas onde os demais só veem problemas. Isso nos capacita a derrubar barreiras que para muitos se mostram intransponíveis e atingir resultados impressionantes.

O australiano Nick Vujicic, sobre o qual falaremos à frente, adverte: "Há uma verdade maravilhosa que é crucial na vida. Acho extraordinário que as escolas não ensinem isso. A verdade essencial é a seguinte: cada um de nós tem um dom - um talento, uma habilidade, uma aptidão - que nos dá prazer e nos cativa, e o caminho para a felicidade muitas vezes está nesse dom. (...) Quando você encontra seu verdadeiro propósito, a paixão vem junto, e passa a viver em nome disso".

O adolescente que decidiu vender chocolates de porta em porta e se tornou dono da maior rede de lojas de bombons finos do mundo concorda: "A paixão nos faz acordar todos os dias prontos para mais um longo expediente de trabalho e faz o nosso coração bater forte diante de cada conquista. A paixão é, definitivamente, aquilo que nos move", disse.

A Revista Veja[40] publicou matéria que reproduzia alguns depoimentos de pessoas que enfrentaram esse dilema, entre ser um caçador de recompensas ou se associar ao Grupo dos 5%.

Danielle Dahoui, *restauranteur*, dona do Bistrô Ruella, em São Paulo e do Bar D' Hotel, no Rio de Janeiro:

"Ainda estudante no Rio, gostava de cozinhar, mas meu sonho era fazer Jornalismo. Em 1987, entrei em Jornalismo na PUC e, logo depois, ganhei uma bolsa de estudos na Sorbonne, em Paris. Não cheguei a completar o primeiro ano de curso. Para pagar as

despesas, fui ser ajudante de cozinha. Vi que era aquilo que queria fazer. Aprendi muito trabalhando em vários restaurantes na França, durante quatro anos. Eu não tirava o olho do chef de cozinha. Estagiei em padaria para aprender a fazer pães e doces, hoje uma das minhas especialidades. Em 1995, arrendei o horário de almoço em um restaurante em São Paulo. Foi um sucesso. Alguns investidores me procuraram e assim consegui abrir meu primeiro restaurante, o Ruella. Não fiz nenhum curso, mas, se pudesse voltar no tempo, eu teria cursado uma faculdade de gastronomia em Paris."

Fernando Reinach, biólogo e geneticista, diretor executivo da Votorantim Ventures, professor da Universidade de São Paulo e da *Cornell University*, nos Estados Unidos:

"Eu tinha dezesseis anos quando me apaixonei pela Biologia, depois de uma aula fascinante sobre a origem da vida. Decidi cursar Biologia e ser geneticista. Meu pai, um engenheiro, me acusou de estar fugindo do vestibular de Medicina. Acabei entrando nos dois cursos e tranquei Medicina por dois anos antes de desistir. Fiz doutorado nos Estados Unidos e depois fui pesquisador em Cambridge, Inglaterra. Voltei em 1986 para ser professor da USP. A grande preocupação do meu pai era como eu ia ganhar dinheiro. Em 1990, abri a primeira empresa de engenharia molecular do Brasil, a Biotec, e agora comando um fundo de investimento em Biologia, a Votorantim Ventures. Quando um dos meus filhos me disse que ia fazer Ciências Sociais, eu respondi que achava ótimo."

Carla Amorim, designer de joias, dona de seis lojas no Brasil e duas no exterior:

"Sou apaixonada por moda e beleza desde criança, mas, sei lá por quê, acabei cursando a faculdade de Letras e virando funcionária pública. Nas horas livres, desenhava e montava brincos e colares, que eu mesma usava. Até que um dia caiu a ficha: por que

não transformar o que eu mais gostava numa profissão? Comecei aos poucos. Fazia algumas peças e as vendia a colegas de trabalho. Finalmente, tomei coragem, joguei o emprego para o alto e resolvi me dedicar inteiramente ao design de joias. Diziam que eu estava louca, que os brasileiros não tinham dinheiro para comprar joias... Fiz um curso de desenho e outro de ourivesaria. Meu pai entendeu e me deu dinheiro para começar. O mais importante é que eu amo o meu trabalho. Quando isso acontece, nada pode dar errado."

Marcelo Gleiser, professor de Física e Astronomia da Dartmouth College em New Hampshire, nos Estados Unidos:

"Eu jogava vôlei no Rio e fui até campeão brasileiro no colegial. Também estudava muito e, desde os quinze anos, já tinha um grupo de estudos de Física. Queria estudar Física, mas meu pai dizia que ninguém iria me pagar pra contar estrelas. Acabei cursando dois anos de Engenharia Química. Mas minha cabeça não era para Engenharia. Terminei me transferindo para o curso de Física e me formei em 1981. Depois fiz mestrado, antes de sair para um doutorado na Inglaterra. Hoje, sou professor titular em uma das universidades mais bem-conceituadas nos Estados Unidos e trabalho ativamente em pesquisa e divulgação científica. Acredito que só iremos fazer muito bem aquilo que realmente queremos fazer. Escolher uma profissão 'viável', que não seja realmente desejada, pode até dar certo, mas é um compromisso arriscado com a vida."

Curiosamente, todas essas pessoas declaram-se realizadas por optar ao campo de interesse que as entusiasmava. Contribuiu bastante o simples fato de que passaram a lidar com projetos pelos quais eram apaixonadas e, portanto, trabalhar horas a fio era um simples passeio.

Isso foi atestado por Jayme Garfinkel, empresário brasileiro que figura entre os mais bem-sucedidos do mundo, ao afirmar que "a linha vermelha que une todas as pessoas de

sucesso é o fato de amarem o que fazem, e, portanto, para elas, trabalhar doze, quinze horas por dia não é um problema”[41].

A descrição do desempenho superior inerente ao Grupo dos 5% pôde ser constatada em diversos momentos. Essas pessoas encontram energia e motivação que parecem inesgotáveis, traduzindo o sentimento de Walt Whitman, um dos maiores poetas da América: “Sou grande. Eu contenho multidões”[42].

A *Disney Animation* foi classificada por Warren Bennis como uma empresa de desempenho fantástico. Há, sobre ela, referências de que seus melhores criadores “trabalhavam como demônios”, mas com “um sorriso nos lábios”. Essas pessoas, que optaram por aquilo que as realiza, chegam a trabalhar “pelo menos dez vezes mais rápido”. Outras referências atestam que “são até dez vezes mais criativos e efetivos do que seus colegas...”[43].

Michael Mann, diretor e produtor de cinema, afirmou que James Cameron “vivia e respirava Titanic”. Utilizava expressões como “um crente”, “um fanático”, para descrevê-lo, e que o filme era seu “sonho cinematográfico”[44].

Steve Jobs (e sua Apple) dizia: “Quanto mais velho fico, mais vejo como a motivação importa. (...) Se você não ama uma coisa, não vai fazer o esforço a mais, trabalhar no fim de semana, desafiar tanto o *status quo*”. Ele criou na empresa uma cultura em que todos acreditavam que poderiam realizar o que parecia impossível. Em um de seus projetos, os funcionários mandaram confeccionar camisetas com a inscrição “noventa horas por semana e adorando”[45]. “Não dá pra competir com alguém assim!”, pensam os caçadores de recompensas.

Note também o quanto a família, obviamente revestida da melhor das intenções, pode conduzir grandes talentos ao caminho da mediocridade profissional, ao aceitar a máxima que associa sucesso profissional ao desempenho de atividades que acreditam ser promissoras, independentemente das características e

identificação individual.

Decisões baseadas em recompensas são tomadas todos os dias aos milhares. Elas buscam atender carências materiais imediatas e às exigências da sociedade, da família e dos amigos, levadas pela corrente do pensamento que visa à recompensa e ignoram a máxima fonte de potencial presente nas pessoas. Quando se aceita essa regra e se atende ao chamado do que esperam que seja feito, em vez de realizar aquilo que sinceramente desejaria fazer, deixa-se de utilizar os próprios talentos e, obviamente, o desempenho sofre.

Como se vê, esse desempenho superior inerente ao Grupo dos 5% decorre também do distanciamento das recompensas financeiras. Até que ponto a remuneração foi fator decisivo para que Michelangelo, durante vários anos de sua vida, concluísse a Capela Sistina?

Os grandes feitos geralmente não têm na recompensa, e sim, na própria obra, o objetivo final. Por exemplo, o velejador francês Bernard Moitessier, sobre o qual já falamos, foi um dos poucos homens (em 1965-1966) a velejar sem escalas do Taiti à Espanha, passando pelo Cabo Horn, uma das regiões mais perigosas do mais perigoso oceano, conhecida como "cemitério do mar", ficou extremamente irritado ao saber que seria conferida uma vultosa premiação ao primeiro homem que conseguisse realizar a façanha de dar a volta ao mundo sozinho, sem escalas, num barco a velas. Ao partir, disse: "Isto não é pelo dinheiro - dane-se o dinheiro (...) Dinheiro é bom desde que você tenha o bastante para pagar uma xícara de chá"[46].

O treinador de vôlei Bernardinho confirma que é impossível medir em dinheiro o valor de um ouro olímpico, e o jogador de basquete Oscar Schmidt jogou por um bom tempo na seleção brasileira mesmo sem remuneração, sem seguro, sem férias e dormindo em camas pouco confortáveis. Para ele, jogar basquete bastava.

Você já pensou quanto tempo e dinheiro está investindo em

coisas que aperfeiçoam seus talentos? A fonte da máxima performance poderá emergir a partir de um lento processo de procura.

O montanhista Mo Anthoine é incisivo: “Morrer sem saber quem você é e do que é capaz... Não consigo pensar em nada mais triste”[47].

Como vimos, para modificar o modelo mental dominante, é necessário detectar suas aptidões, talentos e prazeres. Jorge Amado, grande escritor brasileiro, recomendava que não deveríamos fazer nada que não nos divertisse, que não nos desse prazer.

Então, em algum momento, você chegou a definir algo que, se fizesse, traria grande significado à sua vida ?

Interrompa a leitura e pense alguns instantes sobre isso. Procure a resposta e a escreva. Sugiro que utilize para isso algumas dessas premissas utilizadas pela Amana-key, organização que tem entre seus propósitos despertar as pessoas para utilizarem o melhor de seu potencial:

- Seus talentos (coisas que aprende com facilidade desde criança e que gosta de fazer);
- Suas premissas impulsionadoras (coisas em que acredita e que podem representar oportunidades);
- Suas paixões (coisas que o fazem perder a noção do tempo, quando as está fazendo);
- Seus conhecimentos (assuntos que domina, conhece e entende muito);
- Suas características (como você é, naturalmente, no contato com os outros); e
- Os sonhos que você tem para si próprio, para as outras pessoas e para o mundo.

É muito importante que, ao tentarmos responder a essas premissas, nos preocupemos em construir um objetivo com base

naquilo que, de fato, nos realiza.

Gustavo Borges, um dos mais conceituados nadadores brasileiros, afirma: "(...) quando a gente fala de uma escolha, que no meu caso foi o esporte, é primordial pensar no prazer. Quem faz as coisas somente por obrigação tende a fazê-las com menor empenho e obter resultados medíocres. Já aqueles que agem movidos pelo amor e pelo talento, se entregam de corpo e alma e alcançam metas mais ambiciosas, pois o talento é algo tão forte que faz com que se encontre prazer até mesmo na obrigação! (...) Você mergulha em uma nova realidade, em que tudo começa a conspirar a seu favor".

O jornalista e apresentador de telejornal William Bonner avisa: "... Só vejo o sucesso em pessoas que gostam do que fazem. Ainda que não façam tão bem, nem aplicadamente"[48].

Gilberto Dimenstein relata o momento em que se deparou com o jornalismo e a transformação de um "mau aluno" em um profissional brilhante: "Quando descobri a paixão pela palavra, pela comunicação, o que aconteceu? Aquilo que eu gostava, que era o mundo, passou a ser traduzido num grupo de códigos, que eram os textos. Automaticamente, passaram a ter um significado as regras gramaticais, por exemplo, e até Camões. E havia a produção e, mais ainda, publicação. (...) Tudo foi tão encantador! Era o encanto da descoberta da utilidade do conhecimento. Mais, da minha própria utilidade. Aí foram tantos prêmios de jornalismo, que nem achava que eram para mim. (...) Quando descobri a paixão pelo ato de comunicar como um verbo bitransitivo, ou seja, comunicar algo a alguém, tudo ficou fácil".

Pesquisas feitas ao redor do mundo demonstram que um trabalho instigante é mais importante do que um bem-pago.

Ao optar pelo caminho do Grupo dos 5% você presenciará situações inusitadas, como produzir por horas a fio sem sentir sono, fome, cansaço. Você se divertirá com isso. As horas voam. O estresse dá lugar ao entusiasmo. A ansiedade cede seu espaço para o sentimento de satisfação constante. O desempenho torna-

se tão mais significativo que alguns chegam ao ponto de dizer que "trabalham como que possuídos", conforme concluiu Warren Bennis em seu trabalho sobre as forças que impulsionam a criatividade nas equipes bem-sucedidas.

Einstein trabalhava no escritório de patentes, oito horas por dia, seis dias por semana. Mesmo com a maior parte do seu tempo tomada pelo trabalho, teve os anos mais criativos de sua vida. Somente em 1905, ele "havia formulado uma revolucionária teoria quântica da luz, ajudara a provar a existência do átomo, explicara o movimento browniano, derrubara o conceito de espaço e tempo, e produzira o que se tornaria a equação mais conhecida da ciência"[49]. Além disso, ainda tinha tempo para brincar com o filho, mas precisou procurar por um segundo emprego numa escola técnica que lhe permitisse complementar a renda familiar.

Voltemos ao exemplo de Oscar Schmidt, do basquete. Ele chegava uma hora antes do treino e continuava por mais uma hora após o treino. Eram cerca de oito horas por dia na quadra. E o fato de ser o primeiro a chegar e o último a sair da quadra também funcionava como um exemplo aos demais jogadores. Um de seus técnicos chegou a ameaçá-lo com uma multa, caso o visse treinando demais! Além do treino, ele fazia 1 mil cestas por dia. Além disso, só voltava para casa quando acertava vinte arremessos consecutivos de três pontos. Quando fraturava o braço direito, treinava com o esquerdo. Treinava até mesmo arremessos de olhos fechados. Oscar diz que tirou suas primeiras férias aos 35 anos de idade, mas na verdade, para ele, o esporte nunca foi algo penoso, e sim, prazeroso.

A história do boxeador Muhammad Ali é bem parecida. Um de seus amigos, Jimmy Ellis, disse que "ele só pensava em correr, treinar e lutar. Enquanto houvesse alguém para lutar boxe, ele ficava por lá. Ele praticamente morava no ginásio"[50].

O técnico da seleção brasileira, Bernardinho, atesta: "Se não houver paixão, se não houver comprometimento, tudo o mais

é inútil".

Estando apaixonados por nossos projetos a vida se transforma em um passeio agradabilíssimo, ou, como descreve um de nossos pesquisados, a vida torna-se "absurdamente boa".

UMA BOA PERGUNTA

Alguns poderiam perguntar: seria possível a alguém que deteste aquilo que faz também obter resultados impressionantes? A resposta é sim. É perfeitamente possível, aliás há muitos exemplos.

Tomemos o caso do mundialmente conhecido tenista Andre Agassi. Mesmo sofrendo com problemas de coluna, Agassi venceu oito vezes o Grand Slam[4], foi várias vezes classificado como o número 1 do mundo e ganhou dezenas de milhares de dólares.

Como reconheceu após sua aposentadoria, em 2006, ele dedicou-se 29 anos a um esporte que simplesmente detestava "de todo o coração". Conviveu por toda a vida com a contradição entre aquilo que desejava fazer e o que realmente fazia. Admitiu que o seu pai, um homem furioso, violento por natureza e cheio de raiva, que "fazia coisas assustadoras", já havia decidido seu destino antes mesmo do seu nascimento. Tratava-se de um boxeador frustrado que tentara, sem sucesso, impor o tênis aos outros filhos, mas não deu certo e aí restou ao caçula tornar real seu sonho. Obrigou o filho, desde os sete anos, a rebater ao menos 2,5 mil bolas por dia de treinamento. A ideia: seriam cerca de um milhão de rebotes para tornar o filho um prodígio.

Conviveu anos com os "berros, insultos e até tapas" do pai, que "espumava de raiva" a cada erro cometido, fazendo com que Agassi desejasse, mais do que tudo, acertar para poder ter "meio segundo de sanidade e calma".

O pai o estimulava, inclusive, a abandonar as aulas da

escola para treinar, também por isso Agassi não terminou os estudos. Chegou até a estimular o filho mais velho a tomar anfetaminas que melhorassem o desempenho no esporte.

Atordoado, assustado, infeliz, desesperado, pressionado, solitário e com medo era como ele se sentia durante muitos anos. Foi obrigado a frequentar um acampamento de tênis que mais lhe parecia uma "prisão". Cedo ou tarde, esse cenário o levaria à revolta, à depressão e ao consumo de álcool e de drogas.

Ele simplesmente não sentia que era dono da sua própria vida. Mesmo quando conquistou, em 1992, o torneio de Wimbledon, tudo o que seu pai disse foi "você não tinha nada que perder aquele quarto set". Para ele, não apenas o esporte, mas a própria vida era uma adversária.

Mesmo quando alcançou o posto de número 1 do mundo não sentiu nada, qualquer alegria com o título: "Eu cheguei lá - sou o jogador de tênis número 1 do mundo e, no entanto, sinto-me vazio. Se ser o número 1 dá um sentimento de vazio sem prazer, então para que isso? Por que simplesmente não parar?", questionava-se.

Isso nos remete à pergunta inicial sobre o conceito de sucesso, que muitos medem pelo dinheiro, status, glamour. Sucesso, sem felicidade, é mesmo sucesso?

Talvez por exemplos como esse, a única recomendação que Joseph Campbell fez aos seus inseguros alunos, em relação sobre qual profissão deveriam escolher, foi: sigam o seu entusiasmo! "Há algo em seu interior que sabe quando você está no centro, quando você está na direção certa ou fora dela. E se abandonar a direção para ganhar dinheiro, você perdeu sua vida. Se estiver no centro e não conseguir dinheiro, você ainda tem o seu entusiasmo", disse aos jovens[51].

O GRUPO DOS 5% E SUAS INFINITAS POSSIBILIDADES

Vimos que algumas pessoas cedem ao pensamento coletivo e se comportam como caçadores de recompensas. Quando, no entanto, ocorre o contrário, e conseguem enxergar com os olhos do Grupo dos 5%, um mundo novo de possibilidades se apresenta, bem mais interessante e instigador, livre de verdades absolutas e preconceitos, pois se cria um cenário em que o desempenho não encontra barreiras.

Robert Kriegel e David Brandt, ao estudarem fatores que capacitam pessoas e organizações para lidar com a mudança, afirmaram que "quando as pessoas estão inspiradas e apaixonadas por alguma coisa, nada é impossível. Elas recorrem a recursos, forças e criatividade internos, que normalmente não estão disponíveis. Realizam metas que antes pareciam fora de seu alcance. E, nesse processo, descobrem a coisa mais importante: que os verdadeiros limites estão em nossas próprias mentes". Sobre isso Walt Disney dizia: "É divertido fazer o impossível"[52].

Os norte-americanos julgavam impossível que o Brasil os vencesse na final de basquete masculino dos Jogos Pan-americanos de Indianápolis, em 1987. Era uma possibilidade tão remota que sequer tinham o hino nacional brasileiro para tocar! Bem, tiveram que arrumar um às pressas, como relatou Bernardinho.

DE CAMELÔ A PALESTRANTE

Veja o caso do carioca Davi Mendonça. Davi não tinha diplomas, não falava uma palavra em inglês e jamais leu qualquer livro de marketing. Ao contrário, estava desempregado e sua esposa doente. Mas esse período de dificuldade não subtraiu a alegria que marca sua personalidade descontraída e otimista.

Foi quando decidiu modificar sua realidade, em que a escassez deixaria seu mundo e daria lugar à prosperidade. Desejou uma vida melhor. Ele se convenceu de que a vida, por si

só, é uma grande ousadia e que ele também deveria ousar. Afinal, não tinha nada a perder.

O primeiro passo foi arrumar doze reais emprestados com um amigo. Disse que era para comprar remédio para sua esposa adoentada. Ao invés disso, ele comprou doces para revender na rua. Em um dia, transformou doze em 24 reais; aí sim, comprou o remédio e repetiu a operação.

Esbanjando simpatia, logo ampliou o seu estoque de doces. Seu senso de humor seduzia as pessoas na rua. Mesmo aqueles mais sisudos retribuíam sua gentileza com um sorriso. Em pouco tempo, montou uma barraca de doces na calçada da avenida Presidente Wilson, no centro do Rio de Janeiro. Então passou a se chamar "David". Disse que era por causa da globalização.

Os negócios andaram bem, a barraca passou a exibir uma variedade de mais de 320 itens, chamando a atenção de quem por lá passava. Disponibilizou até máscaras de gás para os clientes: "Se o Osama passasse por aqui, estaríamos preparados", disse ele.

"David" começou a sortear brindes. Com o sorteio, cadastrou mais de cinco mil clientes.

Então descobriu um fenômeno que denominou de "fome das 15h", que ocorre quando as pessoas sentem fome, mas não podem descer dos prédios para comprar. Criou o serviço de *call center* e *delivery*. Passou a atender mais de 500 pessoas por dia.

Os brindes sorteados, que no início eram singelos, passaram a ficar disputados. Desde bicicletas, até passagens aéreas para Miami.

"David" despertou a atenção de um jornalista que publicou uma matéria sobre ele e sua barraca. Desde então, surgiram os convites para dar palestras em empresas de grande porte, como as de Antônio Ermírio de Moraes e Embratel. Esteve no Ceará com o ex-ministro Ciro Gomes e com o ex-presidente Lula. Foi convidado também a dar cursos na Califórnia, Estados Unidos.

"David", o camelô, passou a contar com a receita mensal superior a de muitos executivos de grandes empresas.

VENCENDO A TETRAPLEGIA

Veja outro caso, o da brasileira Kristie Karbstein Gerep. Em 1986, aos dezessete anos, Kristie tinha tudo. Era uma das mais bem-pagas modelos brasileiras. "Cheguei a receber US$ 300 mil por duas horas e meia de trabalho", disse em entrevista. Ela convivia com as mais conhecidas modelos internacionais.

Prestes a embarcar para os Estados Unidos, onde estudaria na melhor universidade de medicina do país, sofreu um acidente na garagem de um shopping, no Rio de Janeiro, que lhe deixou tetraplégica. Os danos eram gravíssimos: inversão da curva cervical, quebra da terceira e da quinta vértebra, deslocamento da quarta, compressão da medula e um edema cerebral. Mas Kristie não aceitou o diagnóstico. Disseram-lhe que jamais voltaria a andar. Ela respondeu: "Eu sei que posso. Tentarei até o fim, não tenho mais nada para fazer"[53].

Seu desejo: voltar a ter uma vida normal e fundar o primeiro time feminino de polo no Brasil. O dinheiro para o tratamento veio da sua carreira de modelo e participações na TV. Restava agora seu próprio esforço durante as dezesseis horas diárias de dedicação.

Em pouco mais de dois anos, tornou-se "a única pessoa registrada no mundo que teve recuperação total dos movimentos", e agora não teme cair do cavalo. Quer levar à frente o *The Amazons Polo Team*, o primeiro time feminino de polo do Brasil.

SEM BRAÇOS E PERNAS

É igualmente inspiradora a história de Nick Vujicic (pronuncia-se Vuichich), um australiano radicado nos Estados

Unidos, vítima da síndrome chamada tetra-amelia, que o fez nascer sem braços, pernas e sem medo de vencer também. Imagine os desafios que uma criança nessas condições enfrenta durante todo o seu desenvolvimento.

Vítima de *bullying,* também se deparou com um desses meninos valentões que gostam de espalhar medo na escola, agredindo aqueles que cruzam seu caminho. Ele relata um momento de sua vida em que precisou enfrentar um desses parrudos carrascos valentões, chamado Chucky (apelido baseado no filme de terror sobre um brinquedo assassino). A luta havia sido marcada no playground da escola, mas seu adversário vinha equipado com braços e pernas, enquanto Nick, pesando apenas dez quilos, não poderia sequer usar sua cadeira de rodas durante o embate.

O resultado? "Metade da plateia aplaudia, a outra metade estava mortificada - por Chucky. Afinal de contas, ele tinha apanhado de um anãozinho sem braços e sem pernas. Jamais conseguiria superar essa vergonha. Seus dias de *bullying* estavam acabados. Ele escondeu o (ensanguentado) nariz entre as mãos e correu para o banheiro", relatou Nick.

Como se vê, ele parece não se importar muito com os limites que o seu corpo tentou estabelecer para sua vida. Dono de uma alegria e entusiasmo incomuns, gosta de jogar golfe, surfar e nadar. Encontrou o caminho da felicidade levando esperança e inspiração em suas palestras pelo mundo afora, tendo visitado mais de dezenove países.

Bem-humorado, faz piadas o tempo todo. Com crianças e adolescentes, costuma usar expressões do tipo "me dá uma mão aí". Quando quer dizer que pagou caro por algo, diz que isso "lhe custou os braços e as pernas".

QUASE CEGA E FOTÓGRAFA

Foi através de Nick que conhecemos o exemplo da norte-

americana Glennis Siverson. Ela trabalhava há mais de 25 anos na área de recursos humanos de uma grande empresa. Tinha um emprego “seguro e estável”, mas sua grande paixão era a fotografia.

Como tantos outros trabalhadores, perdeu seu emprego durante um momento de recessão econômica, e viu nessa perda o empurrãozinho que faltava para poder dedicar-se àquilo que realmente a motivava.

Ocorre que, desde a sua infância, tinha problemas de visão. “Uso óculos desde os cinco anos e, com o tempo, a minha visão foi só piorando. Até que, por volta de 1995, fui diagnosticada com doença de córnea. A córnea é mal formada e degenera. Cheguei ao ponto de não enxergar mais com o olho esquerdo”, relatou.

Sua única alternativa seria o transplante de córnea para corrigir o olho direito, feito em 2004. “Mas tudo que podia dar errado, deu errado - só faltou arrancarem meu olho. A operação piorou minha visão. Também fiquei com glaucoma. Minha visão do olho esquerdo piorou; depois, sem relação com a cirurgia, tive uma hemorragia na retina do olho direito, que agora é cego”, disse[54].

Ao invés de ficar ressentida e magoada, sem emprego e praticamente cega, sente-se grata e feliz por poder fazer o que sempre sonhou. “Não penso em mim mesma como deficiente. Eu me vejo como uma pessoa eficiente e capaz, porque ter ficado quase cega fez de mim uma fotógrafa melhor”, conclui.

Glennis é uma premiada fotógrafa. Ganhou mais de dez prêmios internacionais e trabalha para revistas, jornais, sites e empresas. Um de seus trabalhos foi escolhido entre outros dezesseis mil concorrentes.

Ao agir de acordo com as regras do Grupo dos 5%, abrimos caminho para a obtenção de resultados inimagináveis, justamente por termos nos libertado das amarras que nos impediam de ultrapassar limites.

AFICIONADO POR MOTOVELOCIDADE

Outro exemplo que confirma esse entendimento vem de 1962, ano em que Burt Munro - um sexagenário, meio surdo, cardíaco e sem dinheiro cidadão neozelandês - trabalhava no barracão onde morava, incrementando a sua moto, uma Indian Scout, cuja velocidade original era de aproximadamente 90 km/h, para transformá-la numa supermoto de velocidade. Seu projeto: estabelecer o recorde mundial nos Estados Unidos.

Para alegria dos vizinhos, incomodados com o barulho de sua oficina, embalou sua máquina, hipotecou a casa e seguiu para a façanha na América.

A moto, modificada por ele próprio, com mais de quarenta anos de uso, mais parecia uma velha bicicleta motorizada. Não tinha freios apropriados, pneus especiais e nenhum mecanismo de segurança. Uma rolha de garrafa de conhaque era usada para fechar o tanque de combustível. Enquanto os demais competidores eram assistidos por equipes, a equipe de Munro era ele próprio e sua paixão por velocidade.

Após enfrentar alguns obstáculos, atravessou meio mundo e chegou em Bonnesville, estado de Utah, para participar da *Speed Week*, uma competição em que os mais rápidos veículos e pilotos do mundo se reuniam.

Munro provocou gargalhadas nos organizadores quando manifestou seu interesse em participar da competição. Ele sequer estava registrado para o evento, e ninguém jamais vira figura mais exótica. Sua moto não tinha o extintor e os paraquedas de frenagem exigidos dos competidores. Ele também não vestia roupas especiais antichamas. Disseram-lhe que era velho demais para fazer aquilo, que deveria voltar para casa e esquecer.

Mas Munro, membro do Grupo dos 5%, era determinado. Carismático, fazia amigos por onde andava. Ele persistiu até ser aceito, mesmo sem que sua moto obedecesse aos parâmetros mínimos de segurança estabelecidos para a prova. Os

organizadores pareciam estar mais interessados em se livrar do inconveniente competidor.

Ocorre que ficaram impressionados com seu bom desempenho durante uma demonstração. Não esperavam que, com sua velha Indian, o improvável acontecesse. O velhinho bateu o recorde e realizou o sonho que cultivou durante 25 anos de sua vida.

Munro voltou nove vezes a Bonnesville. Em 1967, aos 68 anos de idade, quebrou o seu próprio recorde ao alcançar incríveis 295,45 Km/h sobre uma "sucata" de 950 cc (embora tenha atingido não oficialmente 305 km/h). Ao que tudo indica, seu recorde persiste até os dias atuais. Ele dizia: "Quem não parte em busca dos sonhos vive como um vegetal".

Também do motociclismo vem o exemplo dos jovens norte-americanos William Harley e Arthur Davidson quando, cansados de pedalar, resolveram acrescentar um motor às suas bicicletas. Sem qualquer recurso, conseguiram concluir o primeiro "protótipo", mas a máquina não andava; seu motor era fraco demais. Na segunda tentativa, já obtiveram algum êxito. O ímpeto desses jovens os levaram a construir a empresa que viria a se tornar um ícone da história americana: a mundialmente famosa Harley-Davidson.

DO NADA À MAIOR REDE DE CHOCOLATES DO MUNDO

Em 1988, Alexandre Tadeu da Costa, um adolescente de dezessete anos, morador da zona norte de São Paulo, decidiu vender ovos de páscoa de porta em porta. A ideia era simples: colher os pedidos dos clientes, comprar dos fornecedores e ficar com a justa margem de lucro.

Por ser mais barato, o produto mais pedido era o ovo de cinquenta gramas. Foram mais de duas mil unidades encomendadas. Um sucesso absoluto, não fosse por um detalhe: a poucos dias da páscoa, verificou que os formatos que estava

oferecendo não eram mais disponibilizados por nenhum dos diversos fornecedores que procurou.

No passado, sua mãe já havia tentado vender chocolates, sem sucesso, e o advertiu dos perigos da iniciativa.

O garoto estava em apuros e não queria revelar aos pais a enrascada em que havia se metido. Até que conheceu uma senhora que se dispôs a ajudá-lo a fazer os tais ovos de cinquenta gramas.

Mas faltava outro detalhe: ele não tinha dinheiro para comprar o material necessário. Pediu emprestado ao seu tio o equivalente a quinhentos dólares e comprou o material. “Um fogão comum, uma panela, uma colher de pau e um refratário”, era tudo o que tinha a sua disposição.

Dois dias e duas noites depois, conseguiu cumprir todo o cronograma de entrega. “Estava transformado praticamente em um zumbi, mas não queria que os clientes percebessem isso”, confessou.

Pagou todas as despesas, o empréstimo, e ainda lhe restara o equivalente a quinhentos dólares de lucro. Naquele momento, percebeu que os chocolates seriam seus companheiros de jornada.

Reinvestiu o lucro sucessivamente. Aprendeu tudo sobre a arte de fazer chocolates. Criou produtos, aprendeu a se especializar cada vez mais e buscou saber sobre tudo que estivesse ligado ao assunto. É um apaixonado por chocolates.

Ao invés de vender de porta em porta, passou a oferecer seus produtos em padarias e encontrou outros interessados na empreitada.

Em 2002, percebeu que o negócio de franquias era o melhor caminho para expandir suas atividades.

Oito anos depois, a rede de lojas ganhou a milésima unidade.

Os quinhentos dólares emprestados se transformaram em um faturamento anual de um bilhão de reais da maior rede de lojas de chocolates finos do mundo: a Cacau Show.

.....

2 Região em que vento, ondas monstruosamente grandes e correntes ferozes colidem, transformando suas águas em um sorvedouro. Tornou-se conhecida como “o cemitério do mar”. (Nichols, 2002).

3 As águas varridas pelos ventos dos oceanos Atlântico, Pacífico e Índico, entre as latitudes de 40 e 60 graus sul, entre o mundo habitável e a Antártida, onde ventos de oeste com força de tempestade se desenvolvem e impulsionam ondas enormes ao redor do globo. (...) Ondas gigantescas com mais de trinta metros de altura, geada, granizo, e neve, icebergs e neblina eram as condições climáticas que poderiam ser esperadas em qualquer estação do ano. Muitos navios desapareceram no Oceano Austral, muitos marinheiros foram levados pela borda, tragados pelas ondas, quase sempre irrecuperavelmente. (Nichols, 2002).

4 Mais importante evento do esporte.

O PERIGO DAS VERDADES ABSOLUTAS

QUEBRANDO PARADIGMAS

Paradigmas são verdades aceitas como leis e, portanto, normalmente não são questionados. O escritor Fredy Kofman os conceitua como “criações humanas, condicionadas pelos modelos mentais operantes no momento de sua criação”[55]. Nocivos, quando aceitos, levam ao conformismo, consolidam o modelo vigente e, nesse caso, não há mudança.

Os adeptos aos paradigmas são pessoas voltadas para a estabilidade. Buscam controlar o ambiente de modo a se manterem sempre envoltos na frágil sensação de que estão seguros em seus casulos. Desejam consolidar o ordenamento atual, sem perturbá-lo. São pessoas reverentes que alimentam paradigmas.

Apesar de muito se falar, nas escolas de administração, sobre paradigmas e quebra de paradigmas, nada reproduz tão fielmente o nascimento de um paradigma quanto o seguinte conto:

"Um grupo de cientistas colocou cinco macacos numa jaula, em cujo centro puseram uma escada e, sobre ela, um cacho de bananas.

Quando um macaco subia a escada para apanhar as bananas, os cientistas lançavam um jato de água fria nos que estavam no chão.

Depois de certo tempo, quando um macaco ia subir a escada, os outros enchiam-no de pancadas.

Passado mais algum tempo, nenhum macaco subia mais a escada, apesar da tentação das bananas.

Então, os cientistas substituíram um dos cinco macacos.

A primeira coisa que ele fez foi subir a escada, sendo rapidamente retirado dela pelos outros, que o surraram.

Depois de algumas surras, o novo integrante do grupo não mais subia a escada.

Um segundo foi substituído e o mesmo ocorreu, tendo o primeiro substituto participado, com entusiasmo, da surra ao novato.

Um terceiro foi trocado, e repetiu-se o fato. Um quarto e, finalmente, o último dos veteranos foi substituído.

Os cientistas ficaram, então, com um grupo de cinco macacos que, mesmo nunca tendo tomado um banho frio, continuavam batendo naquele que tentasse chegar às bananas.

Se fosse possível perguntar a algum deles por que batiam em quem tentasse subir a escada, com certeza a resposta seria: 'Não sei, as coisas sempre foram assim por aqui...'".

O perigo maior dos paradigmas reside no fato de que eles cerceiam os movimentos, limitam o desempenho, sacrificam o máximo potencial. Funcionam como jaulas psicológicas que aprisionam mentes, afastam-nas das possibilidades de soluções para muitos problemas e as deixam cegas. Provocam a percepção de que as estratégias possíveis se afunilam, como se as alternativas fossem cada vez mais escassas, e fazem com que

pessoas comportem-se como animais famintos, paralisados diante de um vasto banquete.

Robert Kriegel e David Brandt, especialistas no assunto, revelam que “uma pesquisa interna com 1,2 mil administradores de alto escalão da IBM, feita após a empresa já ter caído em desgraça, mostrou que 40% deles ainda não aceitavam a necessidade de mudanças”.

Mesmo após terem sido confirmadas as fórmulas de Einstein, que lhe renderiam o Prêmio Nobel, vários físicos continuaram rejeitando-as.

Se a realidade é, na verdade, cocriada pelos nossos processos de observação, como afirmam os cientistas, então ela se torna diferente para cada um de nós, de modo que todos podemos construir nossas próprias verdades, em vez de simplesmente aceitar aquelas que nos são impostas. Quando alguém se entrega ao poder que os paradigmas exercem sobre suas vidas, deixa de perceber oportunidades e perigos. No mundo empresarial isso também ocorre. O exemplo mais emblemático é o da Xerox, que ignorou o primeiro computador pessoal, sua própria invenção, por não conseguir enxergar nele uma utilidade viável.

Para derrubar paradigmas é preciso constante avaliação do ambiente em que se vive, de modo a ampliar o campo de visão e detectar atitudes, regras e valores que não têm mais por que existir. Isso exige grande sensibilidade.

Um paradigma é, portanto, uma forma de condicionamento e padronização de raciocínios e atitudes que suprime a motivação e a criatividade.

CRIATIVIDADE E PARADIGMA SÃO INCOMPATÍVEIS

Richard Barrett, um dos mais importantes consultores organizacionais internacionais, realizou uma série de testes com crianças, mostrando que, à medida que crescem, o nível de

criatividade genial diminui. Dos três aos cinco anos, as pessoas são 98% criativas. Entre oito e dez anos de idade, essa criatividade cai para 32%. Dos treze aos quinze anos, tem-se apenas 10% de criatividade, que vai para cerca de 2% após os vinte anos de idade. Curiosamente, no decorrer dos anos, as pessoas são submetidas a um número cada vez maior de verdades e valores que são impostos como regras - paradigmas -, diminuindo relativamente sua capacidade de ação, como se camadas de condicionamento fossem envolvendo pouco a pouco a capacidade criativa, inviabilizando-a quase por completo. Em algum momento, esse "embrulho" precisar ser aberto, possibilitando o resgate do poder criativo essencial ao sucesso.

Uma prova disso é a pesquisa divulgada no documentário *Sociedade Cibernética*, produzido pela rede de TV BBC, que conclui: em cada hora, as pessoas passam 57 minutos ocupadas com coisas diversas e apenas três minutos sendo criativas.

O filho pergunta ao pai se pode comer batata frita com sorvete. O pai logo esclarece ao filho que "não se come batata frita com sorvete". O garoto não entende o motivo da proibição, afinal, é permitido comer batata frita e também é permitido tomar sorvete, mas os dois juntos são proibidos. Cria-se, naquele momento, um paradigma.

As crianças são mais criativas que os adultos porque "procuram exatamente as experiências que evitamos: o desequilíbrio, a novidade, a perda de controle, a surpresa".

É o que conclui Gian Luigi Longinotti-Buitoni, ex-presidente da Ferrari norte-americana. Ele ensina que "contrariamente à crença comum, a criatividade não é um atributo reservado somente a grandes mentes ou gênios. Ela pertence a todos os seres humanos (...). A criatividade nasce de uma aptidão genética para observação e percepção. Contudo, como a composição genética de cada pessoa é diferente, cada um de nós percebe as coisas de maneira ligeiramente diferente, oferecendo várias interpretações ao que nossos sentimentos identificam. A criação

não requer um processo excepcional de pensamento, como a "iluminação" dos deuses ou a "inspiração" das musas. O pensamento criativo não difere muito do pensamento comum, que se baseia em certa série contínua, na qual velhos conhecimentos são aplicados para gerar novos. Em outras palavras, a inspiração que levou Michelangelo a pintar a Capela Sistina veio do mesmo processo de pensamento que usamos para fazer uma lista de compras", conclui.

Uma criança que aprende a andar, mesmo sabendo que a queda provoca dor e choro, não descansa até conseguir dar seus primeiros passos com segurança. Enquanto isso não acontece, as quedas são muito frequentes. Mesmo assim, prossegue. Ao contrário dos adultos que, ao visualizar a primeira possibilidade de queda, tendem a desistir. Muitas vezes, preferem não mais "brincar". Não inovam, não arriscam, não tentam, mesmo cientes de que o processo criativo, como veremos, envolve boa dose de tentativa e erro. Ao temer essas possibilidades, se abdica do exercício da criatividade. Novamente os especialistas Robert Kriegel e David Brandt lembram que "o medo é a causa mais comum da resistência e a mais poderosa".

Muitos dos obstáculos que se criam em direção àquilo que se deseja foram construídos pelas próprias pessoas, em seus paradigmas. Não residem em outro lugar a não ser em suas mentes. Repousam, única e exclusivamente, em concepções equivocadas a respeito de muitas coisas e, de um modo geral, têm origem no medo.

As pessoas que os alimentam passam a não persistir e inovar, tornam-se medianas. Normalmente, se conformam por seu desempenho, por "estar na média". Não se dão conta do quanto perdem agindo assim. Não conseguem imaginar os feitos fantásticos que poderiam realizar.

Isso vai ao encontro do que afirma o consultor, professor, conselheiro presidencial e empresário norte-americano, Warren Bennis: "As pessoas capazes de alcançar algo verdadeiramente

inédito possuem mais do que simples talento e inteligência. Elas possuem mentes originais. Veem as coisas de forma diferente".

Quanto maior o número de verdades e medos incorporados, menor será a criatividade e capacidade de ousar. Assim como todos temos talentos, igualmente somos criativos, em maior ou menor escala. Todos somos capazes. Os exemplos que atestam isso são inúmeros.

SOLUÇÕES PRONTAS CONDUZEM AO COMODISMO

Até quando as pessoas se manterão presas às "verdades absolutas", pulverizadas nas empresas, nas escolas e na mídia? Até mesmo as universidades que, em tese, deveriam ser o símbolo da insubordinação criativa, um lugar para se quebrar regras, se convertem em espaços onde o conservadorismo e a frieza do rigor científico ditam as regras e sufocam aqueles mais ousados. Como ensina o escritor Nilton Bonder, que explorou formas inéditas para resolução de problemas: "O embotoamento do aprendiz é resultado de uma educação que favorece mais o discernimento, e não a experiência. Dá, portanto, valor à luz, e não ensina a reconhecer as velas próximas potencialmente iluminadoras".

Um dos mais renomados educadores brasileiros, Rubem Alves, entende que as instituições de ensino fracassaram justamente por oferecerem programas incapazes de alimentar a curiosidade dos alunos. "Quem está possuído pela curiosidade não descansa. Não é necessário que lhe imponham obrigações e deveres, porque o prazer é a motivação mais forte"[56]. "Se você me perguntar como aprendi a ser escritor, não tenho a menor ideia. Não foi na escola, isso eu garanto", disse.

"E muito do que a escola faz é matar a ideia da paixão pela curiosidade", emenda o jornalista e escritor Roberto Dimenstein. Ele relata que a filha de uma amiga, superdotada, não se saía bem

na escola. Na quinta vez que mudou de colégio, ela escreveu para a mãe: “Olha mãe, eu só espero que essa nova escola também não atrapalhe meus estudos”.

Essa descrição se mostra aderente com a de Einstein que, conforme relatou sua irmã, “não se sentia à vontade na escola”[57]. Desde estudante ele tinha problemas para se adaptar aos métodos de ensino e de se submeter às figuras de autoridade. Para ele havia um “tom militar” no ambiente estudantil, que o levava a associar os professores da escola elementar aos “sargentos” e os do ginásio aos “tenentes”. Um dos colaboradores de Einstein, Banesh Hoffmann, atribui a essa postura desafiadora, manifestada desde os seus primeiros anos escolares, o requisito que lhe conferiria a “independência mental formidável que lhe deu coragem para desafiar as crenças científicas estabelecidas, e assim revolucionar a física”[58].

Em seu estudo sobre grandes líderes, a pesquisadora Flávia Pacheco verificou, por exemplo, que “os líderes entrevistados não seguiram nenhum padrão quanto a resultados que obtiveram quando estudantes. Nenhum de seus professores poderia ter previsto que se destacariam de forma tão espetacular. Alguns deles afirmaram ter sido péssimos alunos; a enorme maioria disse ter sido um aluno médio, sem destaque nem positivo nem negativo, e alguns afirmaram terem sido excelentes alunos”. Parece que as notas tiradas na escola não influenciam o futuro de cada grande talento estudado.

O dono da maior rede de chocolates finos do mundo, Alexandre Tadeu da Costa, abandonou sua faculdade de Administração. Ele não tem curso superior.

Também o mundialmente conhecido Steve Jobs, fundador da Apple, queixava-se de que a escola e o modelo educacional não contribuíam para aguçar sua curiosidade. Para ele, a escola o forçava a “memorizar coisas estúpidas”[59]. Abandonou a universidade por considerar que ela não o estimulava. O mesmo

ocorreu com Bill Gates (Microsoft), que não concluiu o curso superior.

Quantos aceitam as fórmulas prontas que os outros apresentam em vez de criar as próprias? Robert Sutton, um dos mais respeitados autores no campo da criatividade, recomenda: "Não tente aprender nada com pessoas que dizem que resolveram os problemas que você está enfrentando".

Eu não seria tão radical, mas há muita verdade nisso. Afinal, é preciso sempre se buscar soluções inovadoras para os problemas a fim de se obter melhores resultados. O mesmo autor cita um episódio em que Thomas Edison contratou o eletricista Reginald Fessenden para resolver um problema que seus químicos não conseguiam. Quando Reginald disse a Edison que não entendia de química, Edison respondeu: "Eu não quero que você seja um químico. Já tive muitos químicos... mas nenhum deles conseguiu resultado algum". O eletricista encontrou a substância que Edison tanto buscava para isolar cabos. A solução que os químicos - especialistas no assunto - tinham para os problemas do passado, de nada serviu para o novo desafio trazido por Edison.

Os diversos exemplos pesquisados nos levam a concluir que pessoas de alto desempenho não se prendem a soluções prontas. Os problemas variam de contexto, no tempo. Não se deixam acomodar só porque alguém disse que já passou por problema semelhante e não o venceu.

Enquanto os paradigmas atuam como "verdades absolutas", como dogmas para algumas pessoas, para aqueles do Grupo dos 5% não passam de algumas hipóteses entre tantas outras possíveis.

A ESCASSEZ DE RECURSOS É A PIOR DAS VERDADES ABSOLUTAS

Normalmente, as pessoas alegam que não têm os recursos de que precisam para realizar o que quer que seja. Isso não ocorre com membros do Grupo dos 5%. Estes contam com uma

firme convicção de que todas as oportunidades e recursos que precisam para realizar seus projetos estão sempre à sua volta, bem ao alcance de suas mãos.

Quando se tem a crença de que os recursos necessários para concretizar os projetos estão disponíveis, o próximo passo é ficar atento para detectá-los. Para o Grupo dos 5%, esses recursos jamais escasseiam e, para encontrá-los, sabe que a experimentação é uma ferramenta poderosa.

Só é possível perceber essa máxima - que todas as oportunidades e recursos necessários, sejam eles quais forem, estão à disposição e bem à frente dos olhos - quando se exercita o poder criativo e se olha as mesmas coisas de modo diferente, questionando os paradigmas. Agindo assim, coisas novas e fascinantes se revelam em novas possibilidades e muitas outras alternativas que antes estavam ocultas. Ao longo do caminho, alternativas de ação que não eram cogitadas são encontradas.

A MÃE DA PASTORAL DA CRIANÇA

Veja o exemplo de Zilda Arns e a Pastoral da Criança. A Dra. Zilda sabia exatamente o que queria fazer - salvar crianças da morte estúpida por desnutrição ou desidratação - e iniciou seu projeto. O pensamento tradicional nos diria: para fazer isso - ajudar mães e filhos carentes a suprir suas necessidades alimentares básicas - precisamos de, no mínimo, dinheiro e doação de alimentos. A Dra. Zilda acreditava que era preciso criar um modo diferente para fazer com que a própria comunidade desenvolvesse as soluções de que necessitava, em vez de simplesmente oferecer donativos, alternativa que torna as pessoas cada vez mais dependentes. Era preciso fazer com que essas comunidades carentes percebessem os recursos que estavam à sua disposição, mas que eram ignorados em função do pensamento padronizado do qual eram vítimas.

O soro caseiro foi um exemplo: composto por água, uma

pitada de sal e um pouco de açúcar, resolveu o problema da desidratação. Custo: praticamente zero.

Restava, ainda, combater a desnutrição característica das regiões mais pobres do país. Para isso, a Pastoral da Criança desenvolveu ações com produtos de alto valor nutricional e baixo custo - a multimistura é um deles - como o pó da casca de ovo, suco feito da casca de frutas, folhas ricas em proteínas, que eram consideradas mato, e tantos outros disponíveis nas regiões onde a Pastoral está presente e que, misturados, tornam-se suficientes para repor a maior parte dos nutrientes necessários ao desenvolvimento saudável das crianças. A partir desses resultados, Zilda Arns se convenceu de que, somente com os alimentos que são desperdiçados todos os dias, é possível acabar com a fome no país.

Aos poucos, o trabalho evoluiu e as ideias, realisticamente simples, se multiplicaram e produziram efeitos fantásticos. São mais de 130 mil líderes comunitários que acompanham mais de um milhão de famílias em todos os estados do país. O número de mortes de crianças acompanhadas pelo programa caiu de 52 por 1 mil para treze por 1 mil. Tudo isso ao custo mensal de R$ 1,69 por criança (em 2008). O modelo está sendo copiado por dezenas de países, inclusive desenvolvidos.

A Pastoral da Criança não só presta assistência às mães, desde a gestação, como desenvolve soluções para doenças por meio de remédios caseiros, prevenção de acidentes e violência domésticos, educação sexual para prevenção de doenças sexualmente transmissíveis etc. A Pastoral também educa quanto à saúde bucal, alfabetiza jovens e adultos, dispõe de um programa de renda e assiste a terceira idade em suas necessidades. Uma das máximas de Zilda Arns era: “Adotamos somente soluções simples e abandonamos tudo o que é complexo”.

Quantas novas possibilidades surgem quando se refutam as fórmulas prontas e se criam as próprias regras, alterando a realidade percebida! Para evoluir nesse campo é preciso abrir

mão do controle e da estabilidade, dar as mãos ao novo, ao desconhecido. Explorar. Controle e inovação são conceitos antagônicos. Quando as pessoas se desgarram da necessidade infrutífera de controlar as coisas, tornam-se mais leves para olhar para outras direções e abrem caminho para que suas mentes alcancem novas possibilidades de ação.

Quando se aceita a ideia de que a escassez, e não a abundância, pauta a vida das pessoas, surge a dificuldade em compreender, por exemplo, como uma pessoa que nasceu sem braços e sem pernas, como Nick Vujicic, não apenas declare que nada lhe falta, como também dedique sua vida a encorajar e inspirar as pessoas a fazer a diferença no mundo.

Por não compartilharem do sentimento de abundância, no campo empresarial, por exemplo, também há estranheza quando gestores se deparam com a forma como algumas empresas, como a norte-americana de softwares SAS, lida com seus funcionários.

Lá, eles trabalham sete horas por dia, dispõem de creche para seus filhos, academias, aulas de ginástica, golfe, tênis e dança africana. Massagens são disponibilizadas várias vezes por semana. Há campos de futebol, *softball* e o programa de incentivos é bastante generoso.

A empresa exibe aos funcionários cerca de três mil obras de arte e mantém um clube próximo à sede. Ainda lava as roupas suadas do pessoal que faz ginástica. Resultado: mais de 22 anos de lucros ininterruptos, com o mais baixo índice de *turnover* (rotatividade de pessoal) do setor. Os gastos evitados com demissões compensam as medidas de incentivo.

Seu presidente parte da premissa de que prosperidade gera prosperidade. Segundo ele, funcionários felizes tornam os clientes felizes e ele próprio, por consequência, também.

O mesmo pode ser dito pelo biscate que se tornou dono de um dos maiores grupos empresariais do país, Samuel Klein e as Casas Bahia. Sempre pegava de surpresa os funcionários do departamento de recursos humanos ao ordenar repentinamente

que fossem distribuídas bonificações extras a todos os seus colaboradores. “Quanto mais Deus manda, mais eu distribuo”[60], disse. Este é um dos seus princípios de vida.

Os membros do Grupo dos 5% têm consciência da necessidade de constantemente encontrar as soluções para seus projetos e sabem que essa atitude deve ser passada adiante. Como líderes, procuram incutir nas pessoas ao seu redor (familiares, amigos, funcionários) que oferecer as coisas sem exigir um certo esforço de busca pode inibir o potencial de cada um. Em vez disso, estimulam a busca por engenhosas soluções.

Segundo a pesquisa de Flávia Pacheco, os bem-sucedidos empreendedores brasileiros, por exemplo, em relação aos pedidos de seus filhos, se revelaram cautelosos em atendê-los. Eles não procuram dar as coisas de mão beijada para os filhos, ela conclui. Essas pessoas perceberam que, a longo prazo, seria uma atitude devastadora.

O técnico da seleção brasileira de voleibol, Bernardinho, mais uma vez confirma esse entendimento. Para ele, é importante criar dificuldades para os que têm talento. As facilidades os limitam. “Provocar, desafiar, instigar, buscar nada menos que o máximo - essa é a obrigação de todo gestor. Só isso faz crescer. A complacência ou a autocomplacência apequena”, relata.

Esse comportamento é explicado por Alexandre Tadeu da Costa, idealizador da maior rede de chocolates finos do mundo, ao afirmar que “quem construiu algo a partir do próprio esforço tende a ter uma visão bem diferente sobre dinheiro do que a de quem teve uma vida mais confortável”. Ele mesmo lembra que, mesmo após a Cacau Show se tornar a maior do mundo, ainda não havia comprado seu primeiro carro zero quilômetro.

Essa opinião é compartilhada por Oscar Schmidt. Para ele, “sem cobrança e sem pressão, a tendência é de estacionar e não crescer. Ao contrário, sendo cobrados, evoluímos, porque estamos sendo testados todos os dias, chegando ao limite todos os dias”.

CRISE, QUE CRISE?

O mascate Samuel Klein sempre se mostrou um homem apaixonado pelo trabalho. Sua percepção sobre o mercado deixava confusos os concorrentes que não conseguiam compreender sua lógica negocial: fazia grandes aquisições de mercadorias dos fabricantes justamente nos momentos de maior crise econômica ou retração de mercado; oferecia 50% de desconto para os inadimplentes e ainda parcelava o saldo remanescente em dez parcelas, enquanto os concorrentes executavam os títulos dos devedores; elevava fortemente seus estoques no momento em que o mercado dizia que estoques altos representavam altos custos. Normalmente, para um comerciante, o surgimento de um concorrente na vizinhança gera preocupação. Mas quando isso acontecia com Klein, ele dizia: "Que bom, isso significa que teremos mais fregueses na região. O sol nasceu para todos". Outra máxima repetida por ele com frequência: "Quanto maior o problema, maior a oportunidade"[61].

Steve Jobs também sabia aproveitar momentos de crise econômica: "Quando todo mundo estava cortando gastos, decidimos que iríamos investir em nosso caminho durante a crise. Íriamos gastar em pesquisa e desenvolvimento, inventar um monte de coisas, de tal modo que, quando a crise acabasse, estaríamos muito à frente de nossos concorrentes"[62], concluiu. E assim ele construiu uma empresa que, em maio de 2010, superou a Microsoft e tornou-se a mais valiosa empresa de tecnologia do mundo e que, pouco tempo depois, valeria 70% mais que sua mais próxima concorrente.

Enquanto para muitas empresas ocidentais um defeito é um erro a ser extirpado, para os japoneses "um defeito é um tesouro", ensina Fredy Kofman.

Enquanto para alguns a reclamação do cliente é uma chateação a ser administrada, para outros é um presente que

possibilita os ajustes que evitarão a perda de clientes.

LIVRE-SE DAS AMARRAS E AMPLIE SUAS OPORTUNIDADES

Ao abandonar o controle e as amarras do pensamento tradicional, repleto de paradigmas, abre-se caminho para visualizar as inúmeras oportunidades que estão presentes no ambiente. Essa é uma nítida diferença entre o Grupo dos 5% e os demais. Enquanto os últimos se queixam constantemente dos problemas da vida e do mundo, os primeiros desfrutam da privilegiada posição de quem pode escolher entre inúmeras alternativas que percebem disponíveis.

Uma boa maneira de começar é eliminando os "se" do modelo mental. É muito comum ouvir expressões do tipo: "*Se* eu tivesse mais dinheiro, poderia iniciar meu próprio negócio", "*Se* eu pudesse me aposentar agora, poderia aproveitar a vida", "*Se* eu tivesse mais tempo, prepararia um jantar surpresa para minha esposa", "*Se* eu tivesse alguém para me ajudar, terminaria o trabalho mais cedo". Ao eliminar essa condicionante conformista, permite-se desafiar a mente a fazer uma busca mais intensa de informações, como veremos logo mais à frente ao tratarmos das equações impossíveis.

Para perceber as alternativas que rondam o ambiente é preciso modificar o modelo mental intoxicado por anos ou décadas de condicionamento.

Albert Einstein, em sua máxima, "nenhum problema pode ser resolvido a partir da mesma consciência que o criou"[63], instiga as pessoas a abandonarem esses velhos modelos mentais.

Nilton Bonder, em *O Segredo Judaico de Resolução de Problemas*, afirma que a "impossibilidade é uma condição momentânea, e quem sabe disso não desiste". Tomemos um de seus exemplos para melhor ilustrar a ideia:

“Conta-se de um incidente durante a Idade Média em que uma criança de um lugarejo foi encontrada morta. Imediatamente, acusaram um judeu de ter sido o assassino, e alegaram que a vítima fora usada para a realização de rituais macabros. O homem foi preso e ficou desesperado. Sabia que era um bode expiatório e que não teria a menor chance em seu julgamento. Pediu então que trouxessem um rabino com quem pudesse conversar. E assim foi feito.

Ao rabino lamuriou-se, inconsolável pela pena de morte que o aguardava; tinha certeza de que fariam tudo para executá-lo. O rabino o acalmou e disse:

- Em nenhum momento acredite que não há solução. Quem tentará você a agir assim é o próprio Sinistro, que quer que você se entregue à ideia de que não há saída.

- Mas o que devo fazer? - perguntou o homem, angustiado.

- Não desista e lhe será mostrado um caminho inimaginável.

Chegado o dia do julgamento, o juiz, mancomunado com a conspiração para condenar o pobre homem, quis ainda assim fingir que lhe permitiria um julgamento justo e uma oportunidade para demonstrar sua inocência. Chamou-o e disse:

- Já que vocês são pessoas de fé, vou deixar que o Senhor cuide desta questão: vou escrever num pedaço de papel a palavra “inocente” e em outro “culpado”. Você escolherá um dos dois e o Senhor decidirá o seu destino.

O acusado começou a suar frio, sabendo que aquilo não passava de uma encenação e que iriam condená-lo de qualquer maneira. E tal qual previra, o juiz preparou dois pedaços de papel que continham a inscrição ‘culpado’. Normalmente se diria que as chances de nosso acusado acabavam de cair de 50% para rigorosamente 0%. Não havia nenhuma chance estatística de que ele viesse a retirar o papel contendo a inscrição “inocente”, pois o mesmo não existia.

Lembrando-se das palavras do rabino, o acusado meditou por alguns instantes e, com um brilho nos olhos, avançou por

sobre os papéis, escolheu um deles e imediatamente o engoliu. Todos os presentes protestaram:

- O que você fez? Como vamos saber agora qual o destino que lhe cabia?

Mais que prontamente, respondeu:

- É simples. Basta olhar o que diz o outro papel, e saberemos que escolhi seu contrário."

Descobrimos então que a chance de 0% era verdadeira apenas para os limites impostos para uma dada situação. Com um pouco da sagacidade da necessidade, foi possível recriar um contexto em que as chances do acusado de superar a adversidade saltaram de 0% para 100%. Ou seja, a simples recontextualização da mesma situação permitiu a reviravolta da realidade.

Os participantes do Grupo dos 5% são pessoas que constantemente convertem o impossível em possibilidades a seu favor. Por isso, ater-se ao pensamento convencional é algo que não conhecem, pois só faz com que percam opções de ação valiosas.

O australiano Nick Vujicic, que nasceu sem braços e sem pernas, atesta: "Acredito do fundo do coração que a minha vida não tem limites". Ele próprio é prova disso. Para ele, "há sempre uma saída (...) Se você tende a pensar no mundo como um lugar de escassez e oportunidades limitadas, então verá seus companheiros de viagem como ameaças que podem roubar tudo que existe, sem deixar coisa alguma para você".

Assim, buscar rotas alternativas, inéditas, é um exercício próprio daqueles que compõem o Grupo dos 5%, como fez o estatístico Abraham Wald a respeito de onde colocar blindagem extra em aviões de guerra, durante a Segunda Guerra Mundial, relatada por Robert Sutton em seu trabalho:

"Wald colocou uma marca em cada buraco de bala nos aviões que retornavam da batalha. Ele descobriu que duas grandes seções

da fuselagem - uma entre as asas e a outra entre as caudas - tinham bem menos buracos de balas. Decidiu colocar blindagem naqueles lugares, onde ele vira menos, e não mais, balas. Por quê? Porque parecia claro que os aviões eram atingidos aleatoriamente. Os aviões que ele analisou não haviam sido derrubados! Então eram os buracos que ele não estava vendo - nos aviões que não estavam retornando - que precisavam de proteção extra".

Ver o mesmo problema de maneiras diferentes, além de sinal de criatividade, é um excelente método para perceber soluções em situações que, sem abandonar os métodos tradicionais de pensamento, não estariam disponíveis.

Observe o exemplo de como a cidade de Nova Iorque solucionou o problema do abastecimento de água de seus habitantes. A cidade é conhecida pela pureza e qualidade da água que consome. Lá, as pessoas podem beber água diretamente da torneira.

O que chama a atenção é o fato de que a cidade não conta com nenhuma estação de tratamento de água. Como isso é possível? Ao invés de construir caras e demoradas estações de tratamento, solução óbvia para alguns, o Departamento de Águas optou por proteger todas as nascentes presentes na região de Catskill, de onde provém a água consumida na cidade. Construiu pontes para evitar contatos dos veículos e bichos com a água, disponibilizou reservatórios para os fazendeiros recolherem os detritos animais, cercou e protegeu as nascentes em cada uma das fazendas por onde a água passava. Uma proposta muito mais cara e inviável? Não. A superintendente do departamento, Emily Lloyd, em entrevista concedida a uma emissora de televisão brasileira, afirmou: "Nosso consumidor não paga mais. Ele paga menos. Nosso custo é só com a filtragem e a desinfecção da água. Nova Iorque investiu até agora US$ 1,5 bilhão nas montanhas de Catskill, mas, em compensação, economizamos US$ 10 bilhões que teríamos gasto se tivéssemos construído as estações de

tratamento que estavam previstas”[64]. Sem contar os benefícios aos agricultores e pecuaristas que tiveram suas propriedades melhoradas e valorizadas.

A todo o momento, vemos pessoas pensando velhos problemas de forma totalmente nova.

EQUAÇÕES IMPOSSÍVEIS

Existe uma técnica que nos auxilia a abandonar o pensamento tradicional. Tive o primeiro contato com ela durante minha passagem pelo Amana-Key, um programa de atualização gerencial que, há tempos, é responsável pelo processo de transformação de pessoas.

“Equação impossível” é uma ferramenta que funciona porque faz com que pratiquemos uma espécie de “contorcionismo cerebral”, a fim de encontrar soluções novas para os problemas. Posso dizer que, para mim, tem sido bastante eficaz, e encontrei nela várias respostas para diversas situações. Ela funciona também porque nos induz a abdicar do controle, gerando uma situação de relativa insegurança, uma transformação que, por ser “dolorosa”, normalmente muitos preferem evitar. Consiste em criar um problema, em princípio, impossível de se resolver forçando-nos a procurar soluções não convencionais.

Vamos tomar novamente o exemplo de Zilda Arns e a Pastoral da Criança e supor como teria construído a sua “equação impossível”. “Como instituir um programa que tenha por objetivo salvar milhares de vidas da morte estúpida por desnutrição, no menor espaço de tempo possível, sem, no entanto, dispor de dinheiro, alimentos e outros recursos materiais e pessoais necessários para tal?” Esta é, com certeza, uma boa maneira de imaginar soluções inéditas. Ela nos coloca em apuros, mas o exercício constante dessa ferramenta revela novas alternativas brilhantes para os problemas.

Veja a equação impossível estabelecida em 2003 por Alexandre Tadeu da Costa sobre suas lojas de chocolates finos. Como fazer para, em 2010 (ano em que completaria quarenta anos de idade), aumentar a rede de lojas de cem para mil? Para cumprir a meta, precisaria abrir mais de cento e vinte lojas por ano, praticamente uma nova loja a cada três dias (incluindo sábados, domingos e feriados). Uma meta arrojada que foi conquistada graças a sua vívida paixão por chocolate.

A Nasa, por exemplo, perdeu muito tempo e dinheiro preocupada em desenvolver os imensos e volumosos tanques de oxigênio dos foguetes espaciais quando poderia aspirar esse mesmo combustível do ar entre a decolagem e a saída da atmosfera, conforme nos revela o professor Alkindar Oliveira.

Há exemplo ainda mais simples. Certa vez, vi um homem recolhendo pelas ruas latinhas de cerveja, suco e refrigerante, uma prática comum nos grandes centros onde catadores reúnem material para reciclagem (iniciativa que transformou o Brasil em líder mundial nessa categoria). Entretanto, em vez de amassá-las e vendê-las para o ferro velho, resolveu recortá-las com uma tesoura e transformá-las em perfeitas miniaturas decorativas. Ele vendia por R$ 1 cada miniatura, resultado dezenas de vezes maior do que se optasse por vendê-las a quilo. Os recursos de que precisava para isso: latas, uma tesoura e a mente aberta às possibilidades.

O saudoso Comandante Rolim Adolfo Amaro, da TAM, deixou não só um exemplo de humildade, mas também de sabedoria. Enquanto os grandes executivos se mantinham no conforto de seus escritórios, ele preferia seguir para as áreas de desembarque dos aeroportos e receber os passageiros durante sua saída das aeronaves. O que, para alguns, parecia excentricidade, para Rolim era uma ótima maneira de conhecer de perto as necessidades de seus clientes e encorajar seus colaboradores a fazerem o mesmo.

Outro caso vindo do setor aéreo é o da companhia

americana Southwest Airlines, que tem em seu principal executivo, Herb Kelleher, alguém que pode ensinar duas importantes lições: não se deixar envolver pela vaidade do cargo (distanciando-se da realidade dos funcionários e clientes), e incentivar os funcionários a não aceitarem fórmulas prontas para os processos de gestão. É comum vê-lo distribuindo amendoins aos passageiros de sua companhia. No entanto, são incomuns as práticas de gestão e relacionamento com os funcionários, que podem ser ditas convencionais.

Ele criou uma cultura que nos permitiria chamar os comissários de voo da Southwest de comediantes. Para ele, divertir-se no ambiente de trabalho é uma regra levada a sério e que serve para ampliar os resultados organizacionais.

A empresa incentiva os funcionários, por exemplo, a publicarem artigos do tipo: "A maneira como você come os amendoins da Southwest Airlines diz muito sobre sua personalidade", em que "um famoso especialista em amendoim afirma ter analisado dez tipos de comedores de amendoins e o que seus estilos revelam"[65].

Na empresa, não é raro o agente de atendimento utilizar o alto-falante do avião para fazer comunicados inusitados como: "A Southwest Airlines gostaria de congratular uma das primeiras pessoas que voaram conosco e que está fazendo 89 anos hoje. Senhoras e senhores, enfiem sua cabeça na cabine para dar os parabéns ao nosso piloto, capitão John Smith"[66].

Ou ainda, dar as boas-vindas aos passageiros assim:

"Eu gostaria de ter sua atenção por alguns minutos, para descrever nossos acessórios de segurança. Se você não entra em um automóvel desde 1965, a forma correta de fechar o cinto de segurança é deslizar a ponta achatada para dentro da fivela. Quando quiser abri-lo, basta erguer a fivela e ele se solta.

E diz aquela música que existem cinquenta maneiras de deixar seu amor, mas apenas seis para sair desta aeronave: duas

portas de saída na frente, duas janelas removíveis sobre as asas e duas portas traseiras. A localização de cada saída está marcada com um sinal, assim como as luzes de discoteca vermelhas e brancas ao longo do piso do corredor. (Podem olhar).

No bolso posicionado atrás do encosto da poltrona que está à sua frente ou ao seu lado, na área de estar, entre pacotes de amendoim, xícaras de café e jornais, você encontra um folheto de informações de emergência, que fala mais sobre nossos acessórios de segurança. Preste atenção no que está escrito na página traseira porque, em caso de pouso forçado na água, o seu assento... Quero dizer, o assento da sua poltrona, pode ser usado como boia: é só remover a almofada, segurar nas alças da parte inferior e escolher seu estilo de nado favorito.

Por favor, verifique agora se o seu cinto de segurança está fechado, se o encosto da poltrona e as mesas para as bandejas estão na posição vertical e mais desconfortável e se todas as maletas de mão que você trouxe estão colocadas sob a poltrona que está à sua frente ou no compartimento acima das poltronas.

A regulamentação da FAA exige obediência a todos os sinais iluminados para os passageiros, cartazes e instruções dos membros da tripulação em relação aos cintos de segurança e a cigarros. Em outras palavras, faça exatamente o que estamos dizendo!

Falando em cigarros, não é permitido fumar a bordo das nossas aeronaves. Você sabe o que acontece se o flagrarmos fumando aqui na Southwest, não sabe? Você terá que ir até a nossa asa e participar da nossa versão de E o Vento Levou... Nunca é permitido fumar, nem nos lavatórios.

Finalmente, apesar de nunca anteciparmos uma despressurização da cabine, se ela ocorrer, quatro máscaras de oxigênio irão aparecer como em um passe de mágica sobre sua cabeça. Pare imediatamente de gritar, por favor, deposite uma moeda e, ao contrário do presidente Clinton, inspire! Se você estiver sentado ao lado de uma criança ou de alguém que se

comporte como tal, garanta-se primeiro e depois a ajude. Por favor, continue usando a máscara até que a remoção seja notificada por um membro uniformizado da tripulação - sim, acredite ou não, isto é um uniforme! Eu tenho de dizer que o saco não infla, mas você ainda está recebendo o oxigênio. Encoste sua poltrona, relaxe e desfrute deste voo de uma hora até San Diego com a melhor companhia aérea do universo - a Southwest. A Southwest Airlines está determinada a oferecer um Atendimento Positivamente Surpreendente a seus Clientes."

Para uma companhia aérea que não reserva assentos nos voos, não oferece refeições e não endossa bilhetes, o resultado não é nada mal. Desde sua fundação, em 1973, mais de 120 companhias aéreas americanas faliram. Enquanto isso, a Southwest apresentou quase três décadas consecutivas de lucros, mesmo praticando as menores tarifas do setor. Obteve uma das maiores margens de lucro líquido da aviação comercial americana, com baixíssima rotatividade de pessoal e com frota de aviões atualizada. Como se não bastasse, foi eleita pela revista *Condé Nast Traveler* "a companhia aérea mais segura do mundo". Uma verdadeira equação impossível que tem inspirado outras companhias.

Enquanto muitos aceitam o conhecimento vigente, solidificado e pouco questionado, há outros que não somente o questionam, mas procuram construir as suas próprias verdades.

Todas as pessoas inovadoras fazem isso: destroem ideias obsoletas e fazem ressurgir outras, nas quais as possibilidades se mostram infinitas.

Empresários de sucesso frequentemente adotam novas "verdades" para suas companhias, obtendo resultados tremendos.

Jack Welch, o executivo do século XX, ex-CEO da General Electric, tem as seguintes "verdades" a respeito da empresa que reinventou[67]:

- Empresa é o lugar onde o potencial integral do ser humano pode se manifestar;
- As pessoas devem solicitar reuniões para serem ajudadas e não para mostrarem o quanto são espertas;
- As pessoas são integralmente responsáveis por aquilo que fazem. Não é preciso ficar controlando tudo;
- Não é possível garantir participação em estruturas altamente hierarquizadas.

Muhammad Yunus, sobre o qual falamos, enfrentava um ambiente machista e discriminador em Bangladesh quando fundou o Grameen Bank, e teve que destruir as seguintes "verdades" absolutas vigentes à época:

- Os pobres devem ter alguma formação antes de empreender em uma atividade geradora de rendas;
- O crédito, por si só, não serve para nada; deve ser acompanhado de projetos de formação, de marketing, de transporte, de tecnologia e de educação;
- Os pobres não sabem economizar; têm o hábito de consumir tudo o que lhes chega às mãos, porque suas necessidades de consumo são prementes;
- Os pobres não sabem trabalhar em equipe;
- A pobreza crônica tem um efeito desastroso sobre o espírito e as aspirações dos pobres. Como um pássaro que, tendo passado a vida na gaiola, se recusaria a voar se a abríssemos;
- As mulheres pobres não têm nenhuma competência, portanto é inútil conceber programas destinados a elas;
- Os pobres são demasiado famintos e desesperados para tomar decisões racionais;
- Os pobres têm uma visão acanhada da vida e não se interessam nem um pouco pelo que poderia ajudá-los a mudar sua condição;

- A religião e a tradição têm tanta influência sobre os pobres (sobretudo as mulheres) que os impedem de evoluir;
- A estrutura de poder do mundo rural é muito forte e solidamente implantada para permitir o sucesso de um programa de crédito desse tipo;
- Os pobres preferem trabalhar para um patrão a se ocuparem de seu destino;
- O crédito para os pobres é contraproducente; lançará o fardo pesado dos empréstimos sobre seus frágeis ombros e eles não poderão pagá-los; assim, empobrecerão ainda mais ao tentarem (ou ao serem forçados a) pagar seus empréstimos;
- Incentivar os pobres a se instalarem por conta própria levará à falta de mão de obra assalariada; em consequência, os salários subirão, o que aumentará os custos de produção, criará inflação e será prejudicial para a produtividade agrícola;
- A extensão do crédito às mulheres perturbará o papel tradicional da mulher na família, como também a sua relação com o marido;
- É possível que o crédito desafogue os pobres temporariamente, mas não terá nenhum efeito a longo prazo, nada fará para promover uma reestruturação equitativa da sociedade.

O MÉDICO QUE SALVOU O HOSPITAL

Vimos que os participantes do Grupo Metadesempenho, aqueles que obtêm resultados fantásticos, buscam, a todo momento, encontrar as soluções de que necessitam a partir da premissa de que elas já existem.

O Dr. Paulo Roberto Pereira, que foi diretor do Instituto da Criança, do Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo

por mais de dez anos, é um deles.

Ao assumir a diretoria de um hospital público com sérias dificuldades administrativas, de pessoal e equipamentos, como tantos outros já haviam assumido, decidiu mudar o cenário e construir uma nova realidade, a partir de um trabalho lento, mas consistente. “A primeira coisa que nós resolvemos fazer foi sentir como é que estava o ânimo dos profissionais, como é que eles estavam vendo o Instituto da Criança e o seu trabalho. Todo mundo apostava que a primeira queixa ia ser o salário. Não foi. Surpreendentemente, em primeiro lugar eles queriam ser reconhecidos; em segundo lugar, eles queriam participar; em terceiro lugar, queriam melhores salários, lógico (...) Então, nós fizemos um trabalho de juntar, pelo menos, quarenta profissionais por reunião, quer dizer, vinte a trinta reuniões iguais em sequência, nas quais nós contávamos o que queríamos e ouvíamos dos profissionais o que eles tinham para dizer. Eu me lembro que uma das reuniões marcantes foi com o pessoal da manutenção, que estava sentado na sala. Eu disse: o que vocês querem? E eles disseram: doutor, olha para as nossas roupas! Eles estavam em trapos, porque, na verdade, nem uniforme tinham para trabalhar, e nós também não tínhamos recursos para comprar uniforme, na época”, disse em entrevista à Amana-Key.

O Dr. Paulo Roberto deu, então, início a um processo que visava a incentivar todos os colaboradores do hospital a conhecerem o trabalho um do outro, o funcionamento e atribuições de cada unidade do hospital. Isso se deu através de visitas aos departamentos, que eram apresentados aos demais pelos próprios colaboradores. O problema dos uniformes foi resolvido com a ajuda de empresas que produzem equipamento hospitalar.

Em seguida, instituiu um projeto de desenvolvimento profissional com o propósito de fazer as pessoas crescerem e se envolverem com a instituição. As reuniões semanais, que tiveram início com quórum baixo, no segundo ano já contavam com

noventa, cem participantes. Lentamente os resultados foram se consolidando.

Surgiu a ideia do Comitê Comunitário, formado por associações da comunidade, dando origem ao conselho familiar, um espaço dentro do hospital, onde voluntários atendem familiares de pacientes que receberam diagnóstico grave. A ideia deu origem a outra: o comitê juvenil, composto por adolescentes que desejam realizar algum trabalho voluntário.

Outro projeto bem-sucedido foi o Doutores da Alegria, que inovou ao propor uma maneira de tratar as crianças utilizando o humor. Em seguida, veio a Biblioteca Viva, na qual os profissionais receberam treinamento para ler histórias para as crianças.

Também foi implantado o projeto Carmim, um programa de atendimento de pacientes por meio do desenvolvimento de atividades de Artes Plásticas, e tantas outras ideias tão simples quanto valiosas. E assim por diante.

O resultado final foi a transformação de um hospital sucateado em modelo de gestão para o país. Após essa experiência, o Dr. Paulo passou a se dedicar a ajudar na formação de líderes do futuro em diversas outras organizações.

A partir da concepção de que tudo é possível, de que os recursos dos quais precisamos estão disponíveis e são infinitos, podemos exercitar melhor a nossa capacidade de expandir a mente em busca de soluções inéditas, como fazem os membros do Grupo dos 5%.

Lembre-se: todos somos capazes de atingir novos patamares de desempenho.

O FRACASSO

"Muitas coisas não ousamos empreender por parecerem difíceis; entretanto, são difíceis porque não ousamos empreendê-las."
(Sêneca)

LIDANDO COM O FRACASSO

Estudando pessoas que realizaram feitos fantásticos, é possível observar algumas atitudes que foram determinantes em suas jornadas. Uma das que se destacam é a maneira como essas pessoas lidam com o medo do fracasso.

Enquanto para muitos, a menor possibilidade de fracassar é motivo suficiente para desistir, os participantes do Grupo dos 5% têm uma postura bem particular em relação a isso, como se verá a seguir.

A educadora Emília Queiroga afirma que "a raiz do medo nos leva a expressar o nosso eu menor, que é chamado de ego ou personalidade humana. Ele conhece o medo e age sob o

medo a maior parte do tempo. As pessoas estão buscando o tempo todo se defender de uma série de coisas e proteger seus próprios interesses menores”[68].

O tenista Andre Agassi, sobre esse assunto, disse o quanto é perigoso render-se ao medo. “Medos são como drogas mais leves. Você cede para uma droga sem importância e logo está se entregando às mais pesadas”, diz.

As pessoas tomadas pelo medo do fracasso ficam paralisadas. Já aqueles do Grupo dos 5% não cedem ao poder do medo, eles aprendem a conviver com esse sentimento e seguem em frente.

Os exemplos analisados neste livro, de pessoas que realizaram grandes feitos, trazem relatos de fracasso. Esse tema foi tratado em um de meus artigos publicado na edição de número 59 da Revista Você S/A. Todas aquelas extraordinárias pessoas, em algum momento da vida, fracassaram. E o mais interessante, ao contrário do pensamento comum, encararam isso com naturalidade. Em tempo algum acreditaram que seus desafios seriam isentos de percalços, uma estrada em linha reta.

Como afirma Warren Bennis, “o progresso nunca se move em linha reta. É um caminho em espiral, ora indo, ora voltando, pegando e largando, ganhando e perdendo, dando e recebendo”[69].

Alexandre Tadeu da Costa ilustra bem essas dificuldades em sua ambiciosa meta de abrir novecentas novas lojas da Cacau Show em apenas sete anos. “Claro que nessa longa trajetória, houve momentos em que tive a sensação de que a meta havia mesmo se tornado impossível. Mas bastava uma boa noite de sono para acordar no dia seguinte, cheio de entusiasmo, achando outra vez que conseguiríamos alcançá-la”, relatou.

O Dr. Paulo Roberto Pereira, sobre o qual falamos há pouco, recomenda: “Uma coisa que eu gostaria de deixar para vocês: não desistam, nós tivemos muitos fracassos, muitas vezes tivemos que voltar atrás, começar de novo, não era o momento,

não estava ainda no ponto, mas nunca desistam porque, acreditando nas pessoas, vamos conseguir mudar muito a gestão”[70].

O fracasso, portanto, faz parte do processo de mudança para se atingir objetivos finais positivos. Henry Ford, fundador da Ford, afirmava a todo instante que “existem mais pessoas que capitulam do que pessoas que fracassam”[71].

Flávia Pacheco, em sua pesquisa com personalidades brasileiras reconhecidamente bem-sucedidas (empresários, artistas, atletas etc.), apontou um aspecto comum a todas elas: desistir nunca foi uma opção. “Todos os entrevistados, em vários momentos da vida, fracassaram. Enfrentaram problemas que pareciam intransponíveis naquele momento. Estes ocorreram em diversas fases de suas vidas e se manifestaram das maneiras mais variadas. Eles atingiram a excelência profissional porque se negaram a desistir. Continuaram lutando, apesar de todas as dificuldades. O que os diferenciou da multidão foi o fato de não terem fugido assustados”, concluiu.

Ela nos dá um exemplo valioso: “Tenho um amigo, um tenista curitibano, que costumava viajar para participar de campeonatos por todo o país. Ele tinha um adversário específico que já conhecia de outras partidas, e ficava feliz quando tinha de jogar contra ele, porque das quinze partidas que jogaram, em diversos campeonatos, o meu amigo ganhou catorze. Depois de alguns anos, ele desistiu da carreira de tenista, mas seu adversário, que costumava perder para ele, não. Seu nome é Gustavo Kuerten, que alcançou a posição de melhor jogador de tênis do mundo, depois de vencer por três vezes o torneio de Roland Garros”.

No campo do esporte, o jogador de basquete Oscar Schmidt recomenda: “Nunca perca a confiança, porque ela é a sua maior força. Sem ela, é melhor nem tentar nada”.

O autor de novelas, Lauro César Muniz, completa: “Tive um colega na faculdade que logo despontou com um grande talento

de ator, no teatro universitário. Suscitou logo o interesse do Alberto D'Aversa, um dos maiores diretores teatrais da época. Com certeza teria sido um grande ator; estaria hoje contracenando com o Raul Cortez, mas a pressão da família, um casamento precoce e o nascimento de um filho, o impediram de seguir a carreira dos seus sonhos."[72].

Robert Sutton, à frente da *Stanford Engineering School* e autor de vários trabalhos no campo da criatividade, afirma que "para encontrar ideias que funcionem, você precisa experimentar algumas que irão fracassar". Segundo ele, a criatividade se desenvolve também em função da quantidade de produção - efeito denominado por ele de "variância". Assim, quanto mais se erra, mais aumentaremos nossas possibilidades de acerto.

Vai mais além: afirma que gênios individuais como Mozart, Shakespeare, Picasso, Einstein, não tiveram sucessos em uma taxa mais elevada que os outros. Eles simplesmente fizeram mais. Por isso "tiveram mais sucessos e mais fracassos". Revela, por exemplo, que em 1998 um estúdio de design de brinquedos desenvolveu cerca de quatro mil ideias, dentre as quais, apenas 230 foram consideradas promissoras, sendo que somente doze delas foram de fato vendidas. De modo semelhante, produtores de Hollywood ouvem centenas de roteiros "jogados" para eles todos os anos, para descobrir uns poucos que poderiam valer a pena, se fossem desenvolvidos para virar filmes. *Venture capitalists* (investidores privados que vislumbram ganhos e participação em negócios potenciais) leem centenas de planos de negócios e conversam com centenas de empreendedores todos os anos para encontrar uns poucos para financiar.

Ideia semelhante é apresentada pelo ex-presidente da Ferrari norte-americana, Gian Luigi Longinotti-Buitoni: "É muito provável que haja uma correlação direta entre a quantidade de trabalho e a produção criativa. Como o trabalho criativo é muitas vezes guiado pela exploração de possibilidades desconhecidas e de tentativas e erros persistentes, o aumento do número dessas

ocasiões multiplica as possibilidades de sucesso". Ele emenda: "Infelizmente, o medo do fracasso está profundamente arraigado na maioria das culturas. Desde cedo somos ensinados a ser certos, não errados, porque a sociedade e especialmente as empresas têm pouco tempo para erros. Contudo, os erros são importantes experiências de aprendizado que contribuem para todo o sucesso duradouro".

O dono da maior rede de chocolates finos do mundo, Alexandre Tadeu da Costa, concorda: "Quanto mais conquistas no currículo, maior o número de erros cometidos no caminho".

O renomado especialista em Administração, Tom Peters, chega a afirmar que as empresas não contratarão quem não tiver uma aberração no *curriculum*, afinal o mundo corporativo exigirá cada vez mais atitudes de ousadia e audácia[73].

Steve Jobs, após ser expulso da empresa que havia criado, a Apple, criou uma nova empresa, a Next, onde pôde exercitar todo o seu poder criativo, sem restrições. O resultado: "Uma série de produtos espetaculares que resultaram em incríveis fracassos comerciais", relatou Walter Isaacson, que acompanhou Jobs em seus últimos anos. Ele entende ter sido este um momento crucial, que permitiria a Jobs retornar à Apple muito mais capacitado. "O que o preparou para o grande sucesso alcançado no terceiro ato não foi a demissão na Apple no primeiro ato, mas os brilhantes fiascos no segundo", disse.

Nick Vujicic, o australiano que nasceu sem braços e sem pernas, atesta esse entendimento. Para ele, "quem nunca se levanta depois de uma queda, vê a derrota como algo definitivo e irreversível. O que precisamos ter em mente é o fato de que a vida não é uma prova do tipo em que você passa ou é reprovado, mas, sim, um processo de tentativa e erro. Quem é bem-sucedido consegue dar a volta por cima depois de ter cometido erros estúpidos porque vê os próprios fracassos como experiências temporárias e de aprendizado. Todas as pessoas bem-sucedidas que conheço já fizeram besteiras e enfiaram os pés pelas mãos

em algum momento. Muitas vezes elas dizem que seus erros foram fundamentais para seu sucesso. Só conhece a derrota quem se recusa a tentar de novo". Ele conclui: "Acredite, perder a esperança é pior do que não ter braços e pernas".

Finalmente, o inventor e escritor norte-americano, Scott Thorpe, investigou a vida de Albert Einstein para averiguar como as decisões tomadas por ele transgrediam a lógica então vigente. Ele verificou que o próprio Einstein se baseou em um "experimento fracassado", de Michelson e Morley, sobre as variações na velocidade da luz para desenvolver a teoria da relatividade.

FRACASSOS: MEDALHAS DE GUERRA

Enquanto uma criança cai e imediatamente se levanta, mesmo aos prantos, os adultos, à primeira queda, preferem não mais tentar. Ao agir assim, opta-se por abrir mão de obter o que se pretende.

É preciso ter em mente que o fracasso é parte do processo, e não condição para seu fim. Fracassar faz parte do jogo. Como afirma Daniel Goleman, autoridade no campo da inteligência emocional, "se ficarmos preocupados com a possibilidade de fracassar na prova que estamos fazendo, teremos menos atenção para ser empregada na resolução das questões. Nossas preocupações se tornam profecias autoconcretizantes, impelindo-nos para o próprio desastre que predizem".

Portanto, em vez do medo de tentar, tente repetidas vezes. Em outras palavras, em vez de evitar o fracasso, é preciso fracassar mais ou, como afirma o mesmo Robert Sutton, "fracassar mais rápido". Ele menciona ainda o episódio em que Thomas Watson, fundador da IBM, chamou um gerente que acabara de cometer um erro que custou US$ 10 milhões à companhia. "O gerente disse: 'O senhor quer minha demissão, não é?' Watson

respondeu: ‘Você só pode estar brincando. Acabamos de gastar 10 milhões de dólares em sua educação!”.

O ator e diretor Juca de Oliveira, inquestionavelmente bem-sucedido em suas iniciativas, dá a receita: “Não me sinto como quem tenha atingido o sucesso. Desde que descobri o teatro, há mais de cinquenta anos, vivo num delicioso processo de permanente busca e aprendizado. De vez em quando, o resultado é razoável e fico feliz. Mas o insucesso não me deixa infeliz porque aprendemos muito mais com o fracasso do que com o sucesso”[74].

Brendan Boyle, fundador da Skyline, um estúdio de design de brinquedos da Califórnia, avisa: “Você não pode ter ideias novas sem ter muitas ideias burras, ruins e malucas. Ninguém em meu setor é bom em adivinhar quais são perda de tempo e quais são o próximo grande sucesso”[75].

O editor francês André Gide “passou a lamentar o resto da vida” pela recusa que fez ao livro de Marcel Proust, que viria a ser considerada uma obra “magistral” e seu autor, “uma das grandes referências literárias do século XX”[76].

O premiado jornalista Gilberto Dimenstein diz: “Estou convencido, pela minha vida pessoal, de que você não aprende com o acerto, você aprende é com o erro. (...) Tive de errar muito escrevendo: errar, errar, errar, errar. Para concluir que a história da ignorância talvez seja mais pedagógica do que a história do acerto. Porque a ignorância pressupõe que você constate: cometi um grande erro. E é verdade, o que de fato chama a atenção é que as pessoas que cometem erros produzem acertos”.

Poucos sabem, por exemplo, que Jack Welch, considerado o “executivo do século XX”, ex-presidente da *General Eletric* (GE), uma das maiores e mais conhecidas empresas do mundo, aos 28 anos de idade, foi o responsável pela explosão do telhado de uma fábrica durante o desenvolvimento de um novo processo químico. “Eu estava certo de que tinha explicações sobre os

motivos da explosão. E também já desenvolvera algumas ideias para solucionar o problema. Mas, naquele momento, eu não passava de um náufrago nervoso. Minha autoconfiança estava quase tão abalada quanto o prédio destruído", relatou. Provavelmente, se Jack tivesse sido afastado ou demitido - opção mais sensata para alguns, diante dessas circunstâncias - a GE não teria concluído o Noryl, uma resina plástica utilizada em painéis termoplásticos, produto que renderia mais de US$ 1 bilhão à companhia.

É um engano comum acreditar que mesmo as mais talentosas pessoas não cometeram fracassos. Assim como Welch, Einstein também provocou uma explosão no laboratório, que afetou suas mãos por algumas semanas.

"Bill Gates sai de seu caminho para contratar pessoas que cometeram erros", afirmam Roberto Kriegel e David Brandt, especialistas no assunto: "Isso demostra que elas arriscaram. A maneira como as pessoas lidam com coisas que dão errado é um indicador de como elas lidam com a mudança", recomendam.

A *Disney Animation*, mesma empresa que produziu sucessos como *Branca de Neve e os sete anões*, *Os 101 Dálmatas*, *Cinderela* e tantos outros também desenvolveu o *Caldeirão Negro*, que foi considerado pelo diretor de animação de longa-metragem da empresa, Peter Schneider, como o pior filme já feito em todos os tempos. "A única vantagem que eu tinha é que não poderia fazer pior do que *O caldeirão negro*"[77], disse.

Vastos são os registros que reproduzem momentos de fracasso vividos por membros do Grupo dos 5%.

Os pesquisadores Ikujiro Nonaka e Hirotaka Takeuchi analisaram organizações japonesas para verificar como geravam o conhecimento que se convertia em inovação e criatividade. Eles estudaram o processo de criação e desenvolvimento da *Home Makery* (uma máquina caseira de fazer pão) pela Matsushita Electric Industrial Co., que, tempos depois, se transformaria em um grande sucesso de vendas. Até encontrar o produto final

adequado, no entanto, o gerente responsável admitiu que "no início, tudo era surpresa. Após vários fracassos, comecei a questionar as diferenças entre o padeiro e eu. Não acredito que se possa compreender ou aprender essa habilidade sem realmente praticá-la".

Muitas vezes somos equivocadamente levados a crer que as pessoas à frente de grandes empresas não convivem com grandes fracassos e sérias dificuldades. Todas elas se deparam com situações semelhantes. Analisando organizações, ainda Robert Kriegel e David Brandt concluíram que "qualquer que seja a mudança - redução de tamanho, reorganização ou apenas imaginação - as pessoas irão cometer erros. As situações novas criam erros. Conte com isso. A maneira como você lida com esses erros terá um verdadeiro impacto sobre a resistência do empregado".

Em 1968, um engenheiro da IBM respondeu às pessoas que garantiam que o microprocessador era a onda do futuro, dizendo: "Para que diabos serve isso?"[78].

A Ford Motors investiu US$ 250 milhões no veículo Edsel, considerado o automóvel de maior fracasso da companhia em todos os tempos.

O Filme *Máquina de guerra* (Título Original: *The Pentagon wars*, 1998, HBO filmes) reproduz a real história de um dos maiores "micos" militares norte-americanos: uma espécie de tanque de guerra *M2 Bradley*, que teve seu desenvolvimento iniciado em 1960 e, após dezessete anos de estudos e US$ 14 bilhões consumidos, se apresentou como um fracasso memorável.

Donald N. Sull, doutor pela Universidade de Harvard, ao investigar os fatores que levam as grandes empresas a falhar e corrigir seus rumos, comenta: "Na verdade, capitalistas empreendedores e *headhunters,* às vezes, consideram empresários fracassados os mais valiosos por sua experiência com o mundo real. Derrotas que constam no currículo são como cicatrizes de batalhas e medalhas de guerra; elas demonstram que

esses profissionais viram a ação ao vivo e sobreviveram, para tentar novamente".

O professor no campo da criatividade, Robert Sutton, chega ao ponto de defender que as organizações recompensem tanto o sucesso quanto o fracasso. "Não estou dizendo que uma empresa deva recompensar pessoas burras, preguiçosas ou incompetentes. Quero dizer que você deve recompensar os fracassos inteligentes, não os fracassos burros. Se você deseja uma organização criativa, a inação é o pior tipo de fracasso".

Também o fundador e *CEO* emérito da VISA, Dee Hock, concorda que "os fracassos são parte essencial da vida".

O mundialmente conhecido líder da revolução americana e inventor Benjamin Franklin, quando questionado por um jornalista sobre os tantos fracassos cometidos, assim sentenciou: "Não fracassei. Descobri dez mil esquemas que não funcionam"[79].

William Golding, autor de *O senhor das moscas*, considerado uma das maiores obras da literatura mundial, teve seu livro rejeitado 22 vezes pelas editoras antes de ser publicado.

Albert Einstein foi reprovado no teste de admissão para a Politécnica de Zurique. Ele se formou na faculdade em penúltimo lugar de sua classe. Foi o único de sua seção da Politécnica a não receber nenhuma oferta de emprego e precisou esperar por quatro anos até conseguir uma indicação para se tornar professor assistente. Mesmo assim foi recusado. Tempos depois, candidatou-se novamente a uma vaga numa escola técnica, mas entre 21 candidatos, sequer foi finalista.

O mesmo homem que realizou, em 1969, pela primeira vez a volta ao mundo num barco a velas, sozinho, sem escalas, foi antes reprovado nos exames para ingressar na marinha inglesa.

Michael Jordan foi rejeitado em sua tentativa de jogar no time do colégio e isso o abalou profundamente. Mas foi justamente dessa adversidade que Jordan extraiu grande fonte de motivação: "Quero me lembrar para sempre do gosto amargo de

ter sido rejeitado. Para que, treinando ou jogando, eu me esforce tanto e de tal forma que ninguém me faça sentir outra vez o que estou sentindo agora”[80], disse à sua mãe.

Cafu, o jogador de futebol pentacampeão do mundo, foi recusado doze vezes antes de conseguir sua primeira aprovação para jogar.

A Ferrari, equipe italiana de Fórmula 1, passou dezesseis anos sem ganhar um único campeonato.

ERRAR É PARTE DO PROCESSO

Não há segredos. É preciso aceitar o erro como parte do processo, sem ver na falha o motivo de parar. Grandes talentos de hoje podem ter sido vistos como perdedores no passado.

O líder da banda U2, Bono Vox, viveu uma sucessão de fracassos nos primeiros dez anos de carreira.

Salvatore Ferragamo, fundador de uma das mais luxuosas e reconhecidas marcas de calçados e acessórios de luxo, mesmo produzindo produtos mais bonitos e confortáveis que quaisquer outros, era constantemente visitado pela ameaça da falência. Ele nunca desistiu e acabou construindo um império reconhecido internacionalmente.

A Revista Exame, no artigo *Do que são feitas as grandes empresas*, nos mostra que a gigante multinacional 3M, por exemplo, tropeçou por onze anos seguidos. Os negócios com mineração faliram após a venda de uma tonelada de material. E traz outros:

- A Ford experimentou um enorme fracasso antes de lançar o modelo A e o modelo T.
- Antes de contratar Thomas J. Watson, a IBM falhou nos primeiros anos, tendo sido cogitada a sua liquidação. Ele próprio repetia a seus colaboradores: “Se você quer ser bem-

sucedido, duplique sua taxa de fracassos."

- Para a Boeing, hoje renomada fabricante de aviões, não foi diferente. O primeiro avião falhou nos testes. A empresa sobreviveu graças a empréstimos e à fabricação de móveis e lanchas.
- A também famosa Motorola tropeçou nos primeiros dois anos, com a produção e reparos de baterias para a Sears. Só conseguiu decolar após introduzir o conceito de rádios para carros.
- A Sony, famosa no setor de eletro-eletrônicos, penou inicialmente com o fracasso de uma panela para arroz e de um toca-fitas. O primeiro sucesso levou dez anos para acontecer.
- A Wal-Mart, que começou como uma franquia da rede de descontos *Ben Franklin,* perdeu a licença e a loja durante a década de 1950.

O campeão olímpico de natação Gustavo Borges revela: "Quando comecei, às vezes perdia das meninas, e não é difícil imaginar quanto isso incomoda um garoto de nove anos de idade!". Ele relata sua admiração pelo excepcional nadador americano Matt Biondi, ganhador de dez medalhas olímpicas. Um ídolo em quem se espelhava. Após uma competição em que Matt havia chegado em primeiro lugar, Gustavo pediu para tirar uma foto ao seu lado. Ao ver a cena o treinador Gregg Troy disse: "Hoje você tira foto com ele, amanhã vai ganhar dele". Em 1992, durante os jogos olímpicos de Barcelona, a profecia se concretizou.

Oscar Schmidt, quando começou sua carreira no basquete, treinava numa quadra aberta, de cimento. "Quando chovia,

precisávamos secar a quadra. A tabela era de madeira, com o aro caído. Às vezes, sem redinha; a bola era esfolada, os uniformes muito simples, calçávamos tênis Conga ou Kichute, como qualquer moleque do Brasil naquela época, e com muito orgulho", comenta.

Veja o exemplo de Pelé, apresentado por Alkindar de Oliveira, em *Torne possível o impossível*:

- Quando se encerrava o horário dos treinos e todos iam embora, ele continuava treinando;
- de tanto treinar, aprendeu a chutar muito bem, tanto com a perna direita quanto com a perna esquerda;
- Ao cabecear a bola, ele fechava os olhos (consequência do nosso reflexo natural);
- De tanto treinar, aprendeu a cabecear sem fechar os olhos, para que, mesmo naquele rápido instante, pudesse ter visão de jogo;
- De tanto treinar, passou a ser também um bom jogador na defesa e um excelente goleiro;
- Apesar de sua genialidade, Pelé foi sempre humilde, colocando-se naturalmente apenas como um dos integrantes da equipe;
- Considerando-se um eterno aprendiz, Pelé conversava constantemente com os jogadores mais velhos, procurando aprender com a experiência deles."

Seria possível a alguém tornar-se realmente bom em algo sem antes experimentar, treinar e praticar muito? Acredito que não. Por isso, Ayrton Senna estudava o motor da MacLaren nos finais de semana.

Obviamente, durante esse processo de constante experimentação, cometem-se erros, enfrentam-se obstáculos. Paradoxalmente, ao temer e evitar as derrotas, abre-se mão da

necessidade de explorar o novo. Uma pessoa verdadeiramente talentosa sabe que suas aptidões foram desenvolvidas após um árduo processo de lapidação, de busca e de aprendizado, em vez de simplesmente sorte.

O premiado jogador de hóquei, Wayne Gretzky, está certo ao dizer que "você erra 100% dos chutes que não dá"[81].

Para a cantora Adriana Calcanhoto, o processo criativo envolve não apenas talento, mas uma boa dose de esforço também. Ela costuma afirmar que suas músicas são compostas mais com transpiração do que com inspiração.

O líder do projeto do veículo Honda City, Hiroo Watanabe, vivia dizendo "vamos apostar"[82], para incitar o espírito experimentalista dos membros de sua equipe.

Entre tantos exemplos que vemos a todo momento sobre pessoas que realizaram feitos grandiosos, podemos concluir que, na verdade, não há pessoas de sucesso e pessoas que fracassam. Há simplesmente as que desistem e as que persistem. Para os membros do Grupo dos 5% desistir não é uma opção.

EXPLORADOR E HERÓI DOS MARES

Um episódio interessante, que pode ser extraído da vasta bibliografia sobre expedições polares, é o do inglês Ernest Henry Shackleton, narrado por Alexander Caroline, a respeito de sua expedição à Antártida.

Alguns poderiam dizer que Ernest foi um homem que nasceu para fracassar, e que jamais deveria ter deixado de seguir os passos do pai e abandonar a profissão de médico. Tentou, sem sucesso, ser jornalista, negociante e até político, quando então, atendeu ao irresistível chamado do seu coração e optou por "uma vida anormal e arriscada" como aprendiz em um navio mercante. Afinal, o mar era sua vida.

No início do século passado, por duas vezes havia tentado,

em vão, investir em expedições polares. Em uma de suas tentativas, chegou a cento e cinquenta quilômetros da latitude 90º - o Polo Sul -, ponto em que nenhum ser humano jamais esteve, mas foi forçado a retornar. Preferiu não colocar a vida de seus homens em risco, pois estavam extremamente cansados e sem provisões suficientes.

Aos quarenta anos de idade, ainda aficionado por expedições polares e derrotado em suas tentativas de conquistar o Polo Norte e o Polo Sul, Shackleton empreendeu o que poderia ser a sua última e mais ambiciosa jornada em busca de um feito jamais realizado pelo homem: a travessia, a pé, do continente antártico. Mal sabia ele que aquela expedição seria um fracasso ainda maior que todas as outras, mas foi justamente em função desse fracasso que seu nome ficou conhecido e respeitado por todos os homens do mar, em qualquer nação do planeta.

Deixando para trás a guerra e muitas dívidas contraídas em função do seu projeto, partiu da Inglaterra, em agosto de 1914, para o que seria seu maior teste de sobrevivência, sob as mais adversas condições climáticas.

Em janeiro de 1915, a apenas um dia do destino final, seu navio, o *Endurance*, foi cercado por blocos de gelo e impedido de prosseguir. Após nove meses ilhada, esperando por melhorias nas condições climáticas, a embarcação sofreu graves avarias causadas pelos blocos de gelo em seu casco e acabou sendo totalmente destruída, afundando no mar gelado. Era isso, a promissora expedição polar transformara-se numa das mais difíceis odisseias, cujo objetivo maior era manter vivos os quase trinta homens abandonados no Polo Sul, com apenas três barcos e limitadas provisões de alimento.

Arrastar os barcos por cerca de cem quilômetros em busca de mar aberto mostrou ser - após uma semana de pesados esforços e tendo percorrido somente doze quilômetros - uma alternativa inviável. Era preferível aguardar pelo surgimento de aberturas no gelo (espera que consumiu outros seis meses), para

rumar em seus barcos, abertos pelo Atlântico Sul, até o ponto de terra firme mais próximo - a Ilha *Elephant*[5] - atingido sete dias depois.

A ideia era bastante ousada: a partir da ilha *Elephant,* montar um acampamento onde ficaria a maior parte dos homens, enquanto ele e outros cinco tripulantes iriam remar de barco até a ilha da Geórgia do Sul para buscar socorro, um percurso de mais de mil quilômetros, atravessando "o mais temível trecho de oceano do planeta, em pleno inverno", onde "iriam encontrar ventos de 130 quilômetros por hora e ondas imensas - os notórios vargalhões do cabo Horn - medindo até vinte metros da base à crista; e se tivessem pouca sorte, encontrariam coisa ainda pior. Teriam de achar seu curso até aquela pequena ilha, sem que houvesse nenhum ponto de terra em seu caminho, usando apenas um sextante e um cronômetro - sob céus sempre encobertos, que podiam não permitir a observação dos astros para orientar sua navegação. Aquele empreendimento não era apenas difícil, como todos os marinheiros do grupo sabiam muito bem, era totalmente impossível".

Seis homens encharcados, com queimaduras de frio, assaduras provocadas pelas roupas molhadas, sem serem tiradas por vários meses, repletos de bolhas produzidas pelas águas salgadas, com ele partiram para a que seria considerada "uma das maiores jornadas por mar jamais realizadas".

Por mais inverossímil que pareça, conseguiram. Chegando àquela ilha, foi preciso contorná-la por terra até uma estação baleeira, onde poderiam encontrar socorro. Visando poupar os homens do perigo dessa última travessia, três deles ficaram acampados, enquanto ele - Shackleton - e outros dois tentaram vencer os trinta quilômetros por terra, numa região considerada inacessível - ninguém jamais havia vencido um só quilômetro daquele percurso final.

Trinta e seis horas de caminhada, sem descanso, foram necessárias para que os três homens encontrassem os primeiros

seres humanos de fora do grupo da expedição, após transcorridos dezoito meses. No dia seguinte, os outros três homens que acompanharam Schackleton em mar aberto foram resgatados e estavam bem.

Restava, agora, conseguir uma embarcação suficientemente forte para salvar os mais de vinte homens que permaneceram na Ilha *Elephant.* Eles aguardavam há mais de 22 meses longe da civilização. A primeira tentativa deu-se a bordo do navio baleeiro *Southern Sky*, que não era resistente o bastante para a tarefa. A 140 quilômetros da ilha, encontrou gelo e precisou retornar.

A segunda tentativa de resgatar seus homens ocorreu um mês e meio após a primeira, pois Shackleton teve dificuldades em encontrar um navio suficientemente robusto para a missão. Chegando a 150 quilômetros da ilha, o gelo e o mau tempo, mais uma vez, obrigaram-no a retornar.

Cerca de um mês depois da segunda tentativa, enfim, os demais tripulantes do *Endurance* foram resgatados. Todos vivos.

A prova de coragem e obstinação que perseguia Shackleton não seria encontrada na travessia a pé, pelo Polo Sul, mas sim, na inacreditável luta para manter todos os seus homens vivos. Graças a sua atitude firme em não desistir diante dos obstáculos, é reconhecido até hoje, por todos os homens do mar, como o grande herói que dividiu a história marítima.

Eunice Soriano de Alencar, professora de criatividade, ensina que “a mudança envolve incerteza, e com a incerteza vem a ansiedade. Ela envolve o risco de que as coisas não ocorram como o esperado, e isso pode significar o fracasso. O fracasso é algo ameaçador que se busca evitar a todo custo. Nota-se que mesmo quando intencionalmente a pessoa seja a favor da inovação e das mudanças que se fazem necessárias no trabalho, emocionalmente ela tende, muitas vezes, a resistir”.

O médico Drauzio Varella confirma: “A diferença entre os que conseguem executar bem o que planejam e os que não o

fazem não está no terreno das ideias; ambos podem ter ideias maravilhosas. A diferença é que aquele que obtém sucesso não desiste da empreitada no meio do caminho, persiste nela, mesmo quando os que estão em volta desanimaram".

O empresário carioca Thomaz de Magalhães, como ele próprio se descreve, era um homem "vaidoso", que "gostava principalmente de roupas, cavalos, carros e relógios", e que fazia "apenas o que queria (e na hora que queria)". Até sofrer um acidente que o deixou paralítico, que mudou radicalmente sua vida e o obrigou a reaprender tudo. Hoje afirma: "Se eu não tivesse caído e ficado paralítico, provavelmente seria uma pessoa bem diferente, sem a felicidade que sinto hoje dentro de mim, e não teria me reinventado, tanto do ponto de vista pessoal, quanto do profissional". Ele resgatou sua trajetória como empresário, tornou-se escritor e partilha suas experiências por meio de palestras: "Por mais estranho que possa parecer (...), eu era mesmo paralítico das ideias na época em que tinha pleno controle das minhas pernas. Hoje eu não tenho mais a capacidade de me movimentar como antes, mas em compensação virei um craque no quesito que mais interessa: felicidade".

NÃO TEMA O FRACASSO: OUSE

No trajeto entre o surgimento de uma ideia e sua concretização, surgirão propostas consideradas por muitos, no mínimo, absurdas.

Vamos fazer um rápido exercício a partir de informações apresentadas pelo professor Robert Sutton, em *Ideias malucas que funcionam*.

Coloque-se no lugar de um investidor e opte pela ideia que lhe pareça mais promissora entre as invenções abaixo:

Negócio 1 - Pet Music - CD de Músicas para animais de estimação solitários. Muitos animais podem se sentir sozinhos e

estressados. O Pet Music pode acalmá-los e distraí-los.

Negócio 2 - Sacola Mágica “Netwanga” - Utiliza o vodu do Haiti para proteger os computadores dos defeitos. Se você colocar a sacola junto ao computador ele estará protegido;

Negócio 3 - Site criado para enviar mensagens finais de pessoas que morrem aos seus amigos e entes queridos. Você pode deixar uma mensagem para aqueles a quem ama e partir para outra dimensão tranquilo;

Negócio 4 - Venda de produtos como rosas mortas, peixe podre, chocolate derretido para que você se vingue de se seus inimigos. Você foi maltratado, enganado, incomodado ou ignorado? Está pronto para se vingar?

Negócio 5 - Manual de treinamento para rochas de estimação - Um guia, passo a passo, para ter um relacionamento feliz com seu bichinho de estimação geológico. Há pessoas que não podem ter animais de estimação, mas podem ter uma rocha de estimação. O guia pode ajudá-lo a lidar com seu estimado bichinho geológico.

Escolheu algumas boas oportunidades de negócio?

Pois bem, nos Estados Unidos, o CD de músicas para cachorros vendeu rapidamente mais de cinquenta mil unidades, a US$ 20 cada. Buquê de rosas mortas pintadas com spray preto é um dos produtos mais vendidos de uma loja norte-americana ao custo de US$ 55/dúzia. O manual de treinamento para rochas de estimação, criado por Gary Dahl, foi uma febre que rendeu mais de um milhão de unidades ao custo de US$ 3,95 cada.

Apesar de os especialistas apontarem tendências, é muito difícil determinar o que vai ser um sucesso e o que vai ser um fracasso. Na dúvida, experimente. Se essas pessoas não tivessem tentado, jamais saberiam a resposta. Até hoje, poderiam pensar que vender rochas de estimação, por exemplo, seria mais uma ideia maluca.

Albert Einstein dizia: “Se à primeira vista a ideia não for

absurda, não há esperança para ela”[83].

Lembre-se: por mais ousado que possa parecer um projeto, no final das contas, é a persistência e a crença de quem o implementa que irá determinar o resultado. Traduzindo: o mais motivado obtém resultados mais expressivos que o mais inteligente.

Sobre o fator inteligência, Daniel Goleman, considerado o pai da Inteligência Emocional, conclui que “na melhor das hipóteses, o Quoeficiente de Inteligência - QI contribui com cerca de 20% para os fatores que determinam o sucesso na vida, o que deixa os 80% restantes por conta de outras variáveis”.

Sobre o mesmo assunto, o cientista quântico Amit Goswami, entende “que o QI mede, na verdade, pouco mais do que uma inteligência mecânica, pois focaliza a capacidade que temos de usar a mente como máquina”. Segundo ele, à medida que os contextos para o processamento de significados pessoais mudam, menos significativo se torna o QI ao ponto de se tornar “inútil”.

Esse entendimento também é confirmado por Robert Quinn, da *University of Michigan School of Business,* e especialista em competências gerenciais, ao considerar o QI “irrelevante”.

O inventor do adesivo para recados Post-it, um dos grandes sucessos da empresa 3M, Spencer Silver, diz que “a chave para a invenção do Post-it foi a experiência. Se eu tivesse parado para analisar o projeto e pensar sobre ele antes, não teria feito a experiência. Se tivesse mergulhado nos livros e estudado o assunto, eu teria desistido. A literatura estava cheia de exemplos que diziam que aquilo era impossível”[84].

Referência semelhante vem de Nuno Cobra, o treinador de grandes atletas brasileiros, ao advertir em uma de suas máximas: “O que distingue aquele que consegue daquele que não sai do lugar é o fazer. Todo o segredo está contido nessas cinco letrinhas mágicas: f-a-z-e-r!”.

Não é preciso ser o mais inteligente, o mais talentoso,

tampouco o mais afortunado. É preferível ser mais um apaixonado pela causa e seguir em frente.

Lembre-se de que o ator e dançarino norte-americano, Fred Astaire, foi recusado pelo mais famoso estúdio cinematográfico, o Metro-Goldwyn-Mayer, em um teste.

Thomas Edison e Charles Darwin foram considerados alunos "medíocres ou muito ruins"; o laboratório de Edison não passava de "uma grande pilha de entulho"[85].

Walter Isaacson pesquisou a vida de Albert Einstein. Ele relata que Einstein somente balbuciou as primeiras palavras após os dois anos de idade. Ele tinha dificuldades na fala e costumava treinar, murmurando baixinho, cada frase duas ou três vezes antes de pronunciá-la, mesmo aquelas mais elementares, fato que parecia muito estranho e irritante para algumas pessoas. Também era muito esquecido. "Quase retardado", "de lento desenvolvimento", "ele não seria grande coisa", foram rótulos comuns dirigidos ao garoto. Einstein atribui a essa lentidão em seu desenvolvimento o fator que o ajudou na descoberta da teoria da relatividade. Ele declarou: "Quando me pergunto como foi acontecer de eu, especificamente, descobrir a teoria da relatividade, a questão parece-me derivar da seguinte circunstância. O adulto comum nunca importuna a mente com problemas de espaço e tempo. Já pensou nessas coisas na infância. Mas eu me desenvolvi tão lentamente que comecei a refletir sobre espaço e tempo quando já era grande. Em consequência disso, aprofundei-me mais no problema do que uma criança comum faria"[86].

Os *Beatles* foram considerados apenas um grupo barulhento.

Alguns críticos diziam que Muhammad Ali não tinha nenhum talento para o boxe. Mesmo após ter ganho a medalha de ouro olímpica, até alguns membros do grupo de empresários que o financiava não acreditavam em seu potencial.

A música *What a wonderful world*, gravada em 1967 por

Louis Armstrong, não fez nenhum sucesso nos Estados Unidos, onde foi lançada. Foi no Reino Unido, no ano seguinte, que obteve repercussão, e então percorreu o mundo até obter o reconhecimento dos norte-americanos quanto a sua beleza.

O primeiro computador desenvolvido por Steve Jobs e Stephen Wozniak foi oferecido à HP. Um executivo sênior não se interessou: "Era um produto para amadores, pelo menos por enquanto, e não se encaixava nos segmentos de mercado de alta qualidade da empresa", relatou Walter Isaacson ao registrar a vida de Jobs. A partir daquela recusa nasceria a Apple, que viria a se tornar, em apenas sete anos, uma das mais respeitadas e maiores empresas do mundo.

Os membros do Grupo dos 5% movem-se a partir de uma autodeterminação inabalável, ainda que não encontrem credibilidade pelo caminho.

Há momentos, no entanto, que nem mesmo alguns deles conseguem vislumbrar a grandiosidade de suas conquistas, como ilustram os exemplos a seguir[87]:

"Quando a exposição de Paris se encerrar, ninguém mais ouvirá falar em luz elétrica." (Erasmus Wilson, Universidade de Oxford, 1879).

"O cinema será encarado por algum tempo como uma curiosidade científica, mas não tem futuro comercial." (Auguste Lumiére, 1895, a respeito do seu próprio invento).

"Quem imagina que a transformação do átomo possa ser uma fonte de energia está falando bobagem." (Lord Rutherford, o descobridor da fissão nuclear, em 1930).

"A televisão não dará certo. As pessoas terão de ficar olhando sua tela, e a família americana média não tem tempo para isso." (The New York Times, 18 de abril de 1939, na apresentação

do protótipo de um aparelho de TV).

"Acredito que há mercado mundial para cerca de cinco computadores." (Thomas J. Watson, presidente da IBM, 1943).

"Não há nenhuma razão para que as pessoas tenham um computador em casa." (Ken Olsen, presidente da Digital Equipament Corporation, 1977).

Ao que tudo indica, os grandes projetos e planos concretizados por pessoas de alto desempenho foram antes desacreditados e censurados, de modo que parece ser mais perigoso seguir em frente quando há em torno deles uma ampla aceitação prévia.

.....

5 Situada a 1.209 km a oeste-sudoeste das Ilhas Geórgia so Sul e Sandwich do Sul, é uma ilha montanhosa de difícil acesso por seu terreno e ambiente hostis.

TUDO A SEU TEMPO

"A verdade não pode ser agarrada pelo pescoço, como a vítima de um salteador de estrada. A verdade se revela a seu tempo."
(John Blofeld)

Conforme demonstrou Margaret Wheatley, a ciência quântica traz um conceito interessante quando se estuda um sistema caótico. Tem-se por sistema caótico aquele que não apresenta nenhum padrão de comportamento, no qual é impossível saber como irá comportar-se no momento seguinte. Ocorre que esse mesmo sistema que se mostra caótico apresenta, ao longo do tempo, um ordenamento, um fenômeno que os cientistas denominam de atrator estranho. O atrator estranho é a ordem que surge naturalmente em sistemas caóticos.

Entre as lições que podem ser extraídas desse fenômeno está o fato de que, algumas vezes, a ordem das coisas e acontecimentos só se mostra com o tempo, no longo prazo, em vez de imediatamente, como muitos gostariam.

Na maior parte das vezes, as pessoas do Grupo dos 5% não sabem ao certo o que o futuro as reserva, mesmo assim, optam por dar as mãos ao desconhecido e confiam no surgimento de respostas. Plantam flores no jardim e aguardam surgir beija-flores.

Quando observamos as pessoas com desempenho de destaque, notamos que priorizam os resultados de médio e longo prazo. Peter Senge, diretor de uma das mais prestigiadas universidades do mundo, ilustra que essa é, por exemplo, uma característica presente na cultura japonesa: "Eles acreditam que construir uma grande organização é como cultivar uma árvore, leva de vinte e cinco a cinquenta anos", afirma.

O TESTE DO MARSHMALLOW

Daniel Goleman, o "pai" da Inteligência Emocional, relata um estudo desenvolvido, na década de 1960, pelo psicólogo Walter Mischel, numa pré-escola da Universidade de Stanford. Uma das experiências da pesquisa foi realizada com crianças de quatro anos de idade. As crianças foram colocadas diante de *marshmallows* e foram orientadas de tal forma que poderiam pegar, imediatamente, somente um doce. Mas aqueles que aguardassem um pouco mais, até que o orientador retornasse, receberiam dois.

Como seria natural, algumas crianças mais impulsivas, de imediato asseguraram o seu doce, afinal, como diz um ditado comum entre os adultos: mais vale um pássaro na mão do que dois voando. Outras, no entanto, aguardaram ansiosamente pelos eternos minutos até receberem os prometidos dois *marshmallows*.

Doze a catorze anos depois, essas mesmas crianças foram observadas na adolescência e foi constatado que aquelas que resistiram ao imediatismo da tentação eram adolescentes "pessoalmente eficazes, autoassertivos e melhor capacitados para

enfrentar as frustrações da vida. Tinham menos probabilidade de desmontar-se, paralisar-se, regredir sob tensão ou ficarem abalados e desarvorados quando pressionados; aceitavam desafios e iam até o fim, em vez de desistir, mesmo diante de dificuldades; eram independentes e confiantes, confiáveis e firmes; tomavam iniciativas e mergulhavam em projetos. E, mais de uma década depois, ainda podiam esperar um certo tempo para receber suas recompensas, enquanto perseguiam seus objetivos", conclui Goleman.

Por outro lado, "aqueles mais imediatistas que, de pronto, agarraram o marshmallow - cerca de um terço do grupo -, tendiam a ter reduzidas essas qualidades e possuíam, ao contrário, um perfil psicológico relativamente mais problemático. Na adolescência, tinham mais probabilidade de serem considerados tímidos nos contatos sociais; de serem teimosos e indecisos; de perturbarem-se facilmente diante das frustrações; de julgarem-se 'ruins' ou indignos; de regredirem ou ficarem imobilizados quando tensos; de serem desconfiados e ressentidos por 'não conseguir nada'; de tenderem ao ciúme e à inveja; de reagirem, exageradamente, a irritações com mau humor, desta forma provocando discussões e brigas. E, após todos aqueles anos, continuavam sendo incapazes de aguardar a recompensa". Mais uma vez testadas, quando da conclusão do ginásio, "as que tinham sido pacientes aos quatro anos eram muito superiores, *como estudantes*, do que as que haviam agido impulsivamente".

Não são poucas as ocasiões em que essa pesquisa se confirma na prática, todos os dias. Saber esperar é vantajoso e pode ser um fator determinante entre aqueles que desejam resultados mais eficazes. No entanto, uma das características da denominada "geração Y" (aquela nascida entre meados dos anos 1980 e início dos anos 90) é justamente a impaciência, o mesmo se aplicando aos da chamada "geração Z", formada por jovens constantemente conectados à internet por dispositivos móveis e a grupos virtuais.

Mas, mesmo sendo um ícone dessas novas e impacientes gerações, o jovem americano Mark Zuckerberg, que em 2004 criou em seu alojamento da universidade um então desconhecido site chamado Facebook, parece ser um daqueles que preferem aguardar para receber o seu "marshmallow". Ao observar o vertiginoso crescimento da ferramenta e o interesse dos ávidos investidores desejosos em oferecer alguns bilhões de dólares por ela, optou por esperar. Quando muitos não entenderam o que o levou a recusar tanto dinheiro, ele respondeu: "Quero criar o melhor produto possível. Às vezes, as empresas se preocupam com o dinheiro cedo demais e isso significa sacrificar a visão de longo prazo. Quero garantir que não vamos cometer esse erro. A publicidade vai bem. Mas o que vai determinar se este foi um ano bom, não é ganhar X milhões de dólares: é saber que nossos usuários estão felizes, que estamos fazendo um bom trabalho", declarou a um jornalista[88].

De todos os princípios herdados pela sociedade industrial, talvez o que mais se consolida é o da velocidade.

É curioso notar que, apesar dos inúmeros avanços tecnológicos que tornam possível realizar muitas diferentes tarefas em pouco tempo, continua-se trabalhando muito mais do que antes.

Os especialistas Robert Kriegel e David Brandt alertam: "O americano médio de hoje está trabalhando 20% mais horas do que há apenas cinco anos. Trata-se de um dia inteiro por semana. Cinquenta e sete por cento estão rotineiramente em suas mesas de trabalho de 50 a 65 horas por semana. Muitos relatórios até estão dizendo que os americanos de colarinho branco estão se aproximando da tradição japonesa do dia de trabalho de doze horas e das noites cheias de trabalho".

Há décadas, a jornada de trabalho legal é de oito horas diárias. Nesse período, o mundo tornou-se completamente diferente. A era industrial foi superada pelos serviços. As profissões passaram por uma metamorfose tremenda. O trabalho,

na atualidade, exige muito mais da mente do que do corpo. O conhecimento e a informação tornaram-se ferramentas da vida profissional, sem falar da tecnologia, que nos auxilia a fazer coisas antes inimagináveis.

O homem moderno está sendo inconscientemente conduzido pelo paradigma da velocidade. Ele passou a cultuar resultados instantâneos. Tem dificuldade em aguardar e, portanto, está mais sujeito a frustrações. Essa foi uma das conclusões de Fredy Kofman, renomado consultor para o desenvolvimento de lideranças e pessoas, ao apontar os inimigos do aprendizado. Em seu livro *Metamanagement*, anota que "sem a motivação de longo prazo, é impossível investir o esforço necessário para adquirir conhecimento". Segundo ele, "a necessidade de gratificações permanentes conduz grandes frustrações no aprendiz e o estimula a abandonar seu caminho".

Exemplos nos ensinam que, às vezes, a velocidade atua como elemento redutor de produtividade. Conforme publicou a revista Exame, cirurgiões de cinco hospitais da Nova Inglaterra (EUA) passaram todo o ano de 1996 observando uns aos outros e conversando sobre o seu trabalho, nada mais. Enquanto muitas empresas considerariam um absenteísmo inaceitável, o resultado foi uma queda de 24% no número de mortes nas cirurgias, ou 74 vidas salvas[89].

A serenidade para aguardar resultados a longo prazo vai se perdendo em meio à ansiedade pelos resultados imediatos. Aos participantes do Grupo dos 5%, conciliar esse conflito entre respeitar o tempo das coisas e a necessidade coletiva por velocidade, passa a ser um desafio.

Esse tipo de comportamento imediatista inviabiliza muitas importantes conquistas. O sucesso é como um bom vinho. É preciso aguardar um bom tempo para se perceber os resultados da espera. Enquanto se cria uma consciência coletiva que vê o tempo como um inimigo que precisa ser vencido a todo custo, a verdade é que ele - o tempo - é um aliado, tanto para um bom

vinho, quanto para a construção de resultados sólidos e perenes.

O navegador brasileiro Amyr Klink concorda ao afirmar: “Eu gosto de plantar ações que vão perdurar além da minha existência. Isso eu aprendi com meu pai. Quando estava com oitenta anos, ele falava em plantar uma espécie de acácia, ele tinha planos para quarenta ou cinquenta anos à frente. Sempre”.

Na mesma direção, Steve Jobs dizia que “você precisa se obrigar a fazer planos como se fosse viver muitos anos”[90].

Samuel Klein, fundador das Casas Bahia, também reafirma essa postura. “A árvore que tenho hoje, bonita e cheia de frutos, foi plantada e cultivada há cinquenta anos” declarou[91].

A reconhecida e talentosa atriz americana Mae West ensina: “Se vale a pena fazer, vale a pena fazer devagar”[92].

Voltando ao teste do marshmallow, você já parou para se perguntar como se comportaria?

VALORIZE O LONGO PRAZO

Não são raras as situações em que o resultado da dedicação a uma causa ou atividade leva anos para se notar e aqueles menos apaixonados por seus projetos acabam desistindo.

Autora de vários livros no campo da criatividade, a professora Eunice Soriano de Alencar afirma que “há vários estudos, por exemplo, evidenciando que mesmo no caso dos mais talentosos poetas, compositores e pintores, como Mozart e Van Gogh, muitos anos de preparação antecederam aquelas obras que os tornaram famosos”. Ela menciona o caso do compositor de músicas clássicas J. S. Bach que foi ignorado por mais de 50 anos, bem como “as obras de Rembrandt e Botticelli, que somente foram reconhecidos como gênios após a sua morte”.

Eis alguns outros casos:

- A penicilina, por exemplo, foi descoberta após cinquenta anos de observações e pesquisas.
- Geoffrey Ballard, da *Ballard Power Systems*, levou duas décadas e meia desenvolvendo uma célula de combustível, cujo resíduo é água. Após concretizar seu projeto, a empresa teve uma capitalização de mercado de bilhões de dólares.
- A empresa aérea americana Southwest Airlines, uma das mais rentáveis dos Estados Unidos, sobre a qual falamos anteriormente, levou quatro anos até conseguir levantar seu primeiro voo, tendo que conviver com burocracia e embates judiciais até obter sua primeira autorização para decolar.
- Entre o processamento de uma molécula e o surgimento de uma droga comercial, passam-se em média doze anos.
- Einstein levou mais de uma década para desenvolver argumentos detalhados sobre a teoria da relatividade. Ele precisou aguardar por quatro anos, após ter revolucionado a física, para obter o primeiro título de professor.
- Nelson Mandela permaneceu preso durante 27 anos. Esse foi o preço pago pela paixão à causa que viria a se concretizar: o fim do *apartheid*.
- Santos Dumont levou oito anos até fazer o 14 Bis alçar voo.
- A nadadora Dailza Damas levou quatro anos para obter seu primeiro patrocínio. Em suas palestras, ela cita uma de suas travessias em mar aberto, em que foi necessário nadar duas horas

para vencer um trecho de 100 metros por conta das correntes marinhas. Algumas vezes damos passos tão lentos em direção ao nosso objetivo que acreditamos equivocadamente estarmos parados. É preciso despertar para os sinais sutis de que estamos avançando aos poucos, e não há nada de errado nisso.

- Mesmo quando um alpinista se mantém parado por dias nos acampamentos-base, ele está escalando a montanha. Esse processo de aclimação faz com que o organismo se adapte às inóspitas condições de tempo, temperatura e ar rarefeito. Equivale à etapa de incubação do processo criativo.
- O autor de novelas, Manoel Carlos, esperou 48 anos antes de levar à TV a minissérie *Presença de Anita*, um de seus maiores sucessos.
- O ator americano Harrison Ford, antes de poder manter-se somente com a profissão de ator, trabalhou como carpinteiro por alguns anos para sustentar a família. “Durante quinze anos não ganhei dinheiro suficiente nem para me sustentar”[93], afirma.
- Cada espetáculo do *Cirque du Soleil* leva três anos para ser elaborado e desenvolvido.
- A pirâmide de Quéops, no Egito, mobilizou dez mil homens em um trabalho que durou vinte anos.
- A Gillette trabalha com um ciclo de dez anos de pesquisas de desenvolvimento para, em seguida, lançar no mercado suas lâminas de barbear.
- Quinze anos foram necessários para

desenvolver o *laptop*.

- Dorival Caymmi levou mais de dez anos para fazer a música *João Valentão*. *Saudade da Bahia* levou dez anos para ser conhecida pelo público.
- Conforme nos lembra o autor na área de criatividade, Robert Sutton, após trinta anos de pesquisa, Hideki Shirakawa "ouviu errado as instruções e acrescentou mil vezes mais catalisador à reação química. O resultado foi uma película prateada composta de uma forma diferente de poliacetileno", que deu origem a uma espécie de plástico condutor de eletricidade. Suas descobertas deram suporte à conquista do Prêmio Nobel.
- Na área de descobertas científicas, podemos lembrar a reação de descrença a que Pasteur foi alvo, quando apresentou a sua teoria da reprodução dos micro-organismos, na Academia de Ciência de Paris. Röntgen foi ridicularizado quando anunciou a sua descoberta dos raios-X e Harvey lutou vinte anos para que a sua teoria da circulação sanguínea fosse aceita", afirma novamente a professora Eunice Soriano de Alencar.

O talento, na verdade, está ligado a uma combinação de fatores, como esforço e serenidade. Esforço por ter que se superar cada vez mais, mesmo diante de tantos obstáculos. Serenidade para aguardar e conviver pacificamente com a espera.

Robert Benchley, ator, colunista de jornal, poeta e editor, ironicamente repetia: "Levei quinze anos para descobrir que não tinha talento para escrever; mas, então, não pude parar; porque já

tinha ficado famoso demais”[94].

Como vimos, indo em busca de nossos sonhos, devemos aceitar o tempo como um aliado, compreendendo que as verdadeiras transformações acontecem a longo prazo e que a cultura do imediatismo contribui apenas para eliminar os mais afoitos.

É preciso desenvolver nossa capacidade de diagnóstico para notar, também, os pequenos e silenciosos avanços. A ciência quântica revela que não existe proporção entre um evento e suas repercussões. Às vezes, um sutil e pequeno movimento para frente traz resultados fantásticos, enquanto um grande movimento pode não trazer resultado perceptível algum.

Ao se pretender construir algo novo e duradouro, é preciso substituir a visão imediatista que a sociedade tanto impõe por outra, mais serena, na qual os melhores resultados surgem com o tempo.

Permanecer com a postura que exige resultados imediatos é boicotar a própria capacidade de realização. De modo semelhante, é preciso educar as novas gerações, tão impacientes, para que entendam que o tempo é um amigo gentil, jamais um inimigo.

Viktor Frankl, após vencer os duros anos nos campos de concentração nazistas, ensina: “Em consequência, não canso de alertar meus alunos, tanto na Europa como nos Estados Unidos: não procurem o sucesso. Quanto mais o procurarem e o transformarem num alvo, mais vocês vão errar. Porque o sucesso, como a felicidade, não pode ser perseguido; ele deve acontecer, e só tem lugar como efeito colateral de uma dedicação pessoal a uma causa maior que a pessoa, ou como um subproduto da rendição pessoal a outro ser. A felicidade deve acontecer naturalmente, e o mesmo ocorre com o sucesso; vocês precisam deixá-lo acontecer, não se preocupando com ele. Quero que escutem o que sua consciência diz que devem fazer, e coloquem-no em prática da melhor maneira possível. E então vocês verão

que a longo prazo - estou dizendo: a longo prazo! - o sucesso vai persegui-los, precisamente porque vocês se esqueceram de pensar nele".

Estar emocionalmente ligado a uma meta ou projeto, que de fato está repleto de significado, é como um processo de gestação de um filho que precisa se prolongar. Algumas pessoas, agindo sob a premissa do curto prazo, agem como se quisessem ter um filho de seis meses. Acredite, é melhor aguardar todo o processo gestacional.

"A partir do momento em que se estipula uma meta, é preciso fazer tudo, absolutamente tudo, para alcançá-la - desde que respeitando os padrões éticos e legais, claro."

(Alexandre Tadeu da Costa)

O ESTABELECIMENTO DE METAS

No segundo capítulo, vimos que pautar atitudes e comportamentos em função de recompensas é uma trágica maneira de reduzir a capacidade de realização. Vimos também, como o modelo mental e o conservadorismo impedem as pessoas de perceberem os inúmeros recursos e oportunidades à sua volta. Neste capítulo veremos a importância das metas e como elas podem tornar-se elemento impulsionador de nossas melhores habilidades.

O homem é um ser essencialmente ativo e requer, portanto, ação. Não aquela sem propósito, mas ação em direção a um alvo

determinado. Tão angustiante quanto não se mover, é fazê-lo sem saber para onde se está indo. Um alvo sem propósito e sentido não é estimulante. É fundamental ter uma meta a perseguir, inspiradora e impulsionadora de nossos melhores esforços.

O especialista mundial em estratégia, Gary Hamel, afirma que “a meta é tentar imaginar um futuro que seja plausível - o futuro que você pode criar”.

O estabelecimento de uma meta envolve não somente o objetivo a ser alcançado, mas deve levar em consideração tudo aquilo que faremos para que ela seja atingida. Além disso, é preciso estipular prazos e imaginar o melhor modo de alcançá-la. Lembre-se das equações impossíveis.

Seguir em uma direção qualquer reduz o potencial, pois uma meta imprecisa acaba sendo diluída entre tantas outras prioridades que surgem ao longo do percurso. O que se vê normalmente é que deixam de ser concretizadas e, aos poucos, são esquecidas. Quando sabemos com clareza qual é o nosso objetivo no âmbito familiar, profissional e social, criamos um mapa mental que nos mostra os melhores caminhos a percorrer até o objetivo, otimizando nossas ações, eliminando as distrações e ampliando as possibilidades de êxito.

Segundo o especialista no desenvolvimento de “metacompetências” nas pessoas, Fredy Kofman, “sem uma visão, a pessoa fica à deriva e acaba reagindo momento a momento como um animal: busca o prazer imediato e evita as dificuldades”.

Ter uma meta clara e definida é fundamental ao pleno exercício das atitudes positivas necessárias a uma caminhada mais eficaz, em busca de uma vida melhor.

O médico e psicólogo Viktor E. Frankl, durante os anos em que foi prisioneiro nos campos nazistas de concentração da Segunda Guerra Mundial, observou fatos que são bastante ilustrativos do que estamos tratando, ou seja, da importância de se ter uma meta.

Em sua obra *Em busca de sentido*, relata que os

prisioneiros que deixavam de vislumbrar um alvo futuro para suas vidas, “entregando os pontos” como pessoa, rapidamente sucumbiam aos pensamentos meramente retrospectivos, isentos de objetivos, abreviando consideravelmente sua existência.

Observou que a elevada mortalidade de prisioneiros, verificada entre o Natal de 1944 e o Ano-Novo de 1945, tinha menos a ver com epidemias, condições subumanas de trabalho, frio ou tratamentos desumanos, do que com a decepção vivenciada por aqueles que alimentaram a firme convicção, não concretizada, de que todo o sofrimento terminaria antes do Natal. Ele verificou que muitas pessoas “jogaram a toalha”. Ocorreu uma espécie de crença coletiva de que a guerra teria fim próximo, que passariam o Natal em liberdade e que o sofrimento estaria prestes a acabar. Como isso não ocorreu, eles internamente deixaram de lutar pela sobrevivência, abandonaram o futuro como se aceitassem a morte.

Ele relata um episódio que ilustra esse comportamento com precisão:

“O chefe do meu bloco, um estrangeiro que outrora fora um compositor musical bastante conhecido, disse-me certo dia: ‘Ei, doutor, gostaria de lhe contar uma coisa. Há pouco tempo tive um sonho curioso. Uma voz me disse que eu poderia expressar um desejo, que poderia dizer o que gostaria de saber e ela me responderia qualquer pergunta. Sabe o que eu perguntei? Queria saber quando a guerra acabaria para mim! Isto é, queria saber quando seríamos libertados do nosso campo de concentração, ou seja, quando terminariam os nossos sofrimentos.’ Perguntei-lhe quando tivera esse sonho. ‘Em fevereiro de 1945’, respondeu. Estávamos no começo de março. ‘E o que te disse então a voz em sonho?’, continuei perguntando. Bem baixinho, me segredou: ‘Em trinta de março...’.

Quando meu companheiro me narrou o seu sonho, estava ainda cheio de esperança, convicto de que se cumpriria o que

anunciara aquela voz. Mas a data profetizada se aproximara cada vez mais e as notícias sobre a situação militar, na medida em que penetravam em nosso campo, faziam parecer cada vez menos provável que a frente de batalha, de fato, nos trouxesse a liberdade ainda no mês de março. Deu-se então o seguinte: em 29 de março, aquele companheiro foi repentinamente atacado de febre alta. Em trinta de março, no dia em que de acordo com a profecia, a guerra e o sofrimento (para ele) chegariam ao fim, ele caiu em pleno delírio e finalmente entrou em coma... No dia 31 de março ele estava morto. Falecera de tifo exantemático."

No entanto, aqueles que resistiam e substituíam seu antigo alvo não concretizado por outro novo, elevavam surpreendentemente as suas chances de sobrevivência, como ele próprio o fez.

"Eis que então aplico um truque: vejo-me de repente ocupando a tribuna de um grande auditório, magnificamente iluminado e aquecido, diante de mim um público a ouvir atento, sentado em confortáveis poltronas, enquanto vou falando; dou uma palestra sobre a psicologia do campo de concentração e tudo aquilo que tanto me tortura e oprime acaba sendo objetivado, visto e descrito da perspectiva mais alta da ciência... Através desse truque, consigo alçar-me, de algum modo, acima da situação, colocar-me acima do tempo presente e de seu sofrimento, contemplando-o como se já estivesse no passado e como se eu mesmo, com todo o meu tormento, fosse objeto de uma interessante investigação psicológico-científica, por mim mesmo empreendida."

Esse exemplo traz duas lições principais. A primeira é que é necessário visualizar alvos futuros. Necessitamos de metas, não vivemos sem sonhos. É preciso imaginar uma situação futura desejada e partir imediatamente em direção a ela, construí-la. A segunda é que devemos atuar como se essas metas já estivessem

concretizadas em nossa mente. Agindo assim, os obstáculos presentes no decorrer do caminho assumem uma nova dimensão, muito menor do que quando não se adota esse ponto de vista. Ao enfatizar as etapas, e não o resultado final, cada parte do processo até a concretização do sonho assume uma perspectiva ampliada. Pensar no castelo pronto é mais produtivo do que imaginar o terreno vazio. Agindo assim, as barreiras tomam suas reais dimensões: pequenas; e lidar com as etapas necessárias ao alcance da meta torna-se mais fácil.

ACREDITE NO PODER DA VISUALIZAÇÃO

Um estudo realizado no Centro de Reabilitação da Universidade de Maastricht, Holanda, concluiu que o empenho mental em aumentar a confiança na capacidade física de um paciente é mais eficaz do que a atividade física para combater dores crônicas.

Outras pesquisas indicam que até metade dos benefícios físicos, obtidos em função da prática de exercícios em academias, pode ser alcançado por meio da visualização.

Há registros de casos de curas de câncer, inclusive em estágio de metástase, apenas fazendo uso dessa ferramenta[95].

Experimentos com placebos indicam que uma pessoa pode apresentar melhora em seu estado quando pensa que está tomando um medicamento verdadeiro. Como se sabe, um placebo não é um medicamento, apenas algo inócuo que se dá ao paciente para agradá-lo. Seu conteúdo não contém qualquer substância terapêutica. No entanto, indicadores revelam que um comprimido branco é menos eficaz do que se o médico “ministrar” um comprimido azul, de menor tamanho, com uma letra inscrita nele. De modo semelhante, os placebos em forma de cápsulas são mais “eficazes” do que aqueles apresentados como comprimidos. Por fim, os placebos ministrados com agulhas estão

no topo da lista em relação à sua eficácia, estimulando o processo de cura espontânea ou por sugestão. Ao que tudo indica, quanto mais sofisticado for o aspecto do falso medicamento, mais a mente acredita em seus efeitos como se verdadeiros fossem e, em vários casos, há efetiva melhora do paciente.

Àqueles que ainda duvidam dos efeitos da mente sobre o corpo, sugiro que observem um experimento feito pelos psicólogos e professores da Universidade de Harvard, Daniel Wegner e Kurt Gray. Pessoas foram preparadas para receberem doloridas doses de choques elétricos. Os pesquisadores informaram que havia uma pessoa em outra sala que lhes aplicaria os choques, mas que não sabia disso. Apenas apertavam um botão. Foi relatado que a percepção de dor decrescia a cada choque recebido, embora fosse o mesmo. Quando, no entanto, eram informadas que os choques estavam sendo ativados de propósito por alguém em outra sala, os relatos descreviam dores crescentes, confirmando o que dizia o poeta inglês John Milton: "A mente é seu próprio lugar, e por si pode fazer um céu do inferno, e um inferno do céu".

Se ainda não se convenceu, proponho um exercício muito simples: feche os olhos por alguns segundos e imagine-se bebendo um delicioso copo com limão e sal... Notou as suas glândulas salivares em ação? É a sua mente comandando o seu corpo.

Visualizar é projetar-se no tempo, imaginando-se num futuro desejado, onde suas conquistas já terão sido atingidas, caminhando, dia a dia, em sua direção. Visualizar é olhar para o futuro e imaginá-lo como se todos os obstáculos já tivessem sido superados. Visualizar é ter fé.

Estudos indicam que as pessoas dedicam mais energia às coisas do passado (que não podem ser modificadas) do que às coisas do presente e futuro, sobre as quais é possível atuar e planejar. Se quiser assegurar seus projetos de vida, inicie-os o quanto antes. O primeiro passo, portanto, é reconhecer a meta, o

sonho, o desejo, o alvo e tê-los com bastante clareza.

Como dizia, a expectativa do alvo a ser atingido nos revigora e incentiva, aumentando nossa capacidade de realização. Esse alvo surge naturalmente quando lidamos bem com o momento de destampar *el puchero*.

O "truque" utilizado por Viktor Frankl, ao mentalizar ter superado todo o seu sofrimento nos campos de concentração, valeu também para uma das maiores nadadoras do mundo em mar aberto, a curitibana Dailza Damas, sobre a qual falaremos mais adiante. Para ela, a travessia do Canal da Mancha já estava concretizada em sua mente, "bastava ir lá e nadar". Enquanto para muitos, os quatro anos em busca de patrocínio seria motivo suficiente para desistir, para ela, que considerava o Canal da Mancha "vencido" antes mesmo de o atravessar, tornou-se apenas um entre tantos obstáculos que precisou superar até a vitória. Ela insiste: "A pessoa que deixa de sonhar morre. Eu não vou deixar de sonhar nunca".

Outro sobrevivente dos campos de concentração de Auschwitz, o britânico Denis Avey, relata que a falta de alimento o obrigava a comer coisas asquerosas: "Cada vez que fazia isso, procurava convencer a mim mesmo de que se tratava de uma ceia de Natal. Foi assim que sobrevivi", disse. Ele é uma prova de que "a mente tem um imenso poder".

Pesquisa conduzida por Luiz Fernando Garcia a respeito do perfil de pessoas bem-sucedidas revela que a visualização é uma ferramenta bastante utilizada e que potencializa resultados.

Assim era, por exemplo, Steve Jobs: "Se ele decidiu que alguma coisa vai acontecer, então ele vai simplesmente fazê-la acontecer", conta Walter Isaacson, que o acompanhou em seus últimos anos.

O técnico da seleção brasileira de voleibol, Bernardinho, relata um episódio que chamou sua atenção. Em 2002, antes do jogo final que rendeu ao time brasileiro a conquista do primeiro título de campeão mundial, observou o jogador Giovane treinando

saque após o término do treino. Ele disse aos companheiros: “Estou caprichando no saque que vai acabar com o jogo”. A profecia se concretizou.

Também o jogador de basquete Oscar Schmidt fez uso desse recurso. Em 1971, ainda em Brasília, ele decidiu: “Vou ser um dos melhores jogadores de basquete do mundo”. E revela: “Visão é uma porta para o nosso futuro. Tendo visão, estabelecendo objetivos e trabalhando duro, podemos fazer nossos sonhos se tornarem realidade”.

Cassius Clay, um norte-americano negro de Louisville, aos doze anos de idade, disse aos seus pais que se tornaria o melhor boxeador do mundo. Ele anunciava costumeiramente para quem quisesse ouvir: “Serei o maior lutador de todos os tempos!”[96]. Algum tempo depois, o jovem lutador seria mais conhecido como o campeão Muhammad Ali.

O mesmo fez Alexandre Tadeu da Costa, ao estabelecer, em 2003, que sete anos depois acrescentaria novecentas novas lojas à sua rede, que viria a se tornar a maior do mundo.

BUSQUE SENTIDO NAQUILO QUE FAZ

Warren Bennis analisou seis grupos de pessoas que “haviam mudado o mundo” com suas soluções, desde o desenvolvimento do computador pessoal, passando pelos produtos Disney, até Skunk Works, grupo que tinha o propósito de desenvolver o primeiro jato de caça norte-americano em apenas 180 dias (o feito foi concretizado 37 dias antes do prazo). Ele identificou que líderes autênticos “compreendem as verdades mais básicas sobre os serem humanos. Percebem que necessitamos de sentido, senão o trabalho se torna tempo roubado de nós, como no Sansão decaído do poema de Milton, *Um escravo na roda*”.

Deixar de estabelecer um autêntico alvo, repleto de

significado, sobre o qual dedicar o melhor dos esforços, leva à abdicação do potencial pleno. Equivale a transformar um grande vulcão, à beira da erupção, numa pequena fogueira, cuja combustão vai esvaindo lentamente.

Aqueles que percebem mais claramente o sentido, o alvo, o propósito das atividades que desempenham, apresentam resultados significativamente superiores, quer seja um executivo de Milão, um operário da construção civil ou um voluntário que atua em favelas do Rio de Janeiro.

É aquela velha história de dois pedreiros construindo a igreja. Quando perguntados sobre o que estão fazendo, um deles responde que está erguendo uma parede, enquanto o outro diz que está construindo uma catedral, um lugar onde as pessoas poderão conversar com Deus. Observe que a falta de percepção de sentido e propósito naquilo que se faz leva as pessoas a crer que estão apenas "erguendo paredes", num esforço penoso e sem brilho. Entretanto, se formos operários cientes de que o nosso propósito é construir uma catedral, mesmo estando ainda nas fundações, conseguiremos vê-la inteiramente concluída. Imaginaremos as pessoas entrando em busca de conforto espiritual. Veremos as crianças correndo em volta da igreja, casais se unindo em matrimônio, pessoas carentes sendo assistidas etc. Os obstáculos perderão a importância e tornar-se-ão efêmeros, pois nossa mente estará, desde já, desfrutando do sentimento de auto-realização que acompanha a conquista.

É preciso dispor de um sentimento de missão e crer que fazemos algo valioso e que repercute, direta e indiretamente, na sociedade. Não importa o que se pretenda realizar, sem uma meta repleta de sentido e significado a energia se perde.

Ao perceber claramente o alvo, automaticamente as prioridades, que antes se mostravam ocultas, se revelam e nos tornam imunes a todas as distrações irrelevantes, que outrora se "travestiam" de fundamentais. Isso exige foco.

"Foco" era para Steve Jobs como um mantra sagrado. "Ele

eliminou linhas de produtos excessivos e cortou características sem propósito no novo software de sistema operacional que a Apple estava desenvolvendo", afirma o jornalista e escritor norte-americano Walter Isaacson. Ele simplesmente recusava muitas coisas para se concentrar naquilo em que realmente acreditava ser importante. Reduzindo o número de prioridades, ele poderia concentrar-se nas poucas que importavam. "Ele estabelecia prioridades, mirava nelas o feixe de lasers de sua atenção e repelia qualquer coisa que pudesse distraí-lo", concluiu Walter.

Nelson Mandela ensina: "Não se pode ter uma ação pela ação. A ação de cada indivíduo deve ser realizada para implementar o objetivo estratégico". E conclui: "Durante toda minha vida me dediquei à luta do povo africano. Lutei contra a dominação dos brancos e lutei contra a dominação dos negros. Defendi o ideal de uma sociedade livre e democrática em que todas as pessoas vivam juntas em harmonia, com oportunidades iguais. Vivo para esse ideal, que espero viver para alcançar. E se necessário for, estou preparado para morrer por esse ideal".

Quando, por exemplo, decidi que era importante, para mim, escrever este livro, estabeleci um alvo a ser perseguido e, a partir daí, coisas que se mostravam prioritárias, num passe de mágica, desaparecerem, o que me permitiu maior dedicação à tarefa e maior atenção na busca das hipóteses que necessitava. Quando se adota essa postura, naturalmente há um processo de seleção sobre coisas que tenho que fazer e aquelas que escolho fazer, de modo que algumas tarefas que pareciam essenciais deixam de existir, provocando uma fluidez mais substancial em direção ao objetivo.

E você, alguma vez já pensou quais são as suas mais importantes metas? Você em algum momento decidiu qual alvo precisa ser perseguido? Algo que o entusiasme a dedicar-se horas a fio? Essa é uma investigação interna que pode abrir as janelas para um novo patamar de desempenho. Essa análise é pessoal e intransferível. Quem sabe este é um bom momento para

pensar sobre isso. Quem ainda não refletiu sobre essas questões precisa fazê-lo o quanto antes.

O SUCESSO

"Se você acha que é bom no que faz,
está morto."
(Michael Hammer)

Há uma máxima vinda da ciência quântica que diz: o desequilíbrio, e não o equilíbrio, é que gera a mudança. Então, uma situação estável e confortante é o cenário ideal para desenvolver o comodismo tão nocivo à capacidade de executar ousados projetos pessoais ou profissionais.

A ciência nos mostra que há bilhões de anos, quando bactérias se depararam com um ambiente repleto de oxigênio, muitas morreram até que algumas conseguissem se "adaptar" ao cenário, dando origem ao que hoje conhecemos como "respiração". Se não houvesse esse desequilíbrio gerado pela presença excessiva de oxigênio, provavelmente as formas de vida no planeta, se existissem, seriam bastante diferentes das que conhecemos.

Como afirmarmos, embora pareça uma proposta um tanto

inusitada, a ciência sugere que se deve valorizar o desequilíbrio e não o equilíbrio, a instabilidade e não a estabilidade.

O sociólogo italiano Domenico de Masi menciona que os países com maior produção criativa foram justamente aqueles que conviveram historicamente com muitas invasões e instabilidades políticas em sua história. Vimos algo parecido quando falávamos em destampar e*l puchero*.

Ao alcançar os seus objetivos, uma pessoa tende a adentrar num momento que se mostra ao mesmo tempo prazeroso e perigoso, próprio do sentimento de dever cumprido, conduzindo ao imobilismo que discutimos anteriormente. As pessoas ainda não atentaram para o perigo que o sucesso, quando atingido, pode trazer consigo, tendo em vista a comodidade e a soberba que o acompanham. O sucesso obtido pode levar à entropia.

Uma das poucas empresas brasileiras de que tenho notícias, que realmente avaliaram os perigos derivados do sucesso, é o Magazine Luiza, uma das mais fortes redes varejistas do país. Ainda em 1992, após atingir uma ousada meta em vendas, a partir do lançamento de um conceito pioneiro de comércio eletrônico, a equipe liderada por Luiza Helena pôde avaliar que o mesmo sucesso que entorpece pode contribuir para o declínio. Para evitar isso, adotaram uma postura semelhante à dos jogadores de futebol, “baixaram a bola” e colocaram os pés no chão para evitar esses perigos. A Revista Exame elegeu o Magazine Luiza como a melhor empresa para se trabalhar naquele ano. Em 2011, o *Great Place to Work Institute* (GPTW) a escolheu como a sexta melhor empresa para se trabalhar no Brasil.

Portanto, ao atingir o pico da montanha, concretizando os sonhados objetivos e projetos, é preciso ter cuidado para não se render aos encantos da conquista e não se deixar seduzir pela inebriante vontade de relaxar e aproveitar o momento. É preciso localizar o próximo pico a escalar e seguir em frente.

Relaxar e curtir o sucesso pode não ser uma boa ideia.

O navegador brasileiro Amyr Klink afirma que todos os acidentes sérios que sofreu, sem exceção, aconteceram em momentos de calmaria. O sucesso simboliza justamente isso, a aparente calmaria que sucede a luta. O fato de nos sentirmos inquietos e inconformados, como já observado, é uma excelente maneira de reunirmos nossas melhores forças para ir além e prosseguir em outras conquistas, outros desafios. Isso confirma o entendimento, segundo o qual, a ansiedade e a incerteza são elementos necessários ao crescimento.

Ao analisar equipes de altíssimo desempenho, Warren Bennis concluiu que, mesmo quando esses grupos não têm inimigos, eles criam um. "Não importa se o inimigo existe na natureza ou se é fabricado, ele serve à mesma proposta." Ele cita, ainda, as pesquisas realizadas pela psicóloga social Teresa M. Amabile, confirmando que "a competição com alguém de fora aparentemente impulsiona a criatividade".

Edward Adrian Wilson, considerado o "alicerce" da expedição polar do inglês Robert Falcon Scott, em 1911, demonstrou sua preocupação quanto aos perigos que o habitual conforto poderia lhe trazer: "Estou ficando cada vez mais preguiçoso e dependente de confortos e detesto isso. Quero suportar condições difíceis e, em vez disso, aprecio jantares em hotéis e prefiro água quente à fria, e assim por diante - todos são maus sinais, e algo deve ser feito para evitá-los"[97].

O técnico da seleção brasileira de voleibol, Bernardinho, a todo momento manifesta sua preocupação quanto aos efeitos nocivos do sucesso que, no caso dele e de suas equipes, são frequentes. Segundo ele, "o sucesso sempre traz consigo o risco de a vaidade se exacerbar e o ego se hipertrofiar, fazendo desaparecer a condição que fez do atleta um vencedor". Para combater esses efeitos colaterais, ele procurava tirar os jogadores das zonas de conforto "para evitar que achassem que todas as suas metas já tivessem atingidas". Ele cita o caso do famoso treinador John R. Wooden, que chegava a desejar muitas

vitórias aos seus desafetos, para que se afogassem no próprio sucesso.

David Remnick, ao descrever a vida do lutador Muhammad Ali, nos mostra isso com clareza. Ali observava um de seus mais esperados adversários, Sonny Liston. Enquanto Sonny já havia se consagrado como campeão mundial, Muhammad Ali, com apenas 22 anos, era considerado apenas mais um desafiante "morto de medo".

Enquanto Ali treinava "com mais afinco do que nunca" e estudava os filmes das lutas de seu adversário, "Liston vivia mergulhado até o pescoço no ritual luxuoso e sedentário dos campeões". Ali sabia dos efeitos nocivos que acompanham aqueles que atingiram o topo. "Eu quase batia palmas cada vez que lia ou ouvia falar em alguma festa ou cerimônia importante, na qual ele passava metade da noite acordado, bebendo e farreando", disse.

Ao tempo que Muhammad Ali buscava se aperfeiçoar a todo o tempo, seu adversário e campeão era visto comendo cachorro-quente, tomando cerveja, uísque e saindo com prostitutas. Começou a se dedicar aos treinos, mesmo de forma superficial, somente um mês antes da disputa. Liston acreditava que seria uma luta rápida e que iria matar (no sentido real da palavra) seu adversário nos primeiros minutos do embate. "Para que se esforçar tanto?", pensava o campeão, afinal, ele jamais havia sido nocauteado.

Sonny Liston era o franco favorito, 93% dos jornalistas consultados atestavam essa preferência. Era inimaginável que pudesse perder. As pessoas se preocupavam, inclusive, com o fato de que Ali pudesse se machucar seriamente a ponto de aquela se tornar sua última luta. Até mesmo Ferdie Pacheco, médico que fazia parte de sua própria equipe, estava preocupado com os estragos que o garoto poderia sofrer e esquematizou as melhores rotas para os hospitais, verificou quais médicos estariam de plantão, a qualidade do atendimento de emergência e o

hospital no qual o desafiante deveria receber os primeiros socorros.

O resultado: Liston havia sofrido tantos golpes que sua equipe, numa tentativa desesperada de reverter a situação, chegou a trapacear, molhando suas luvas com uma substância que causaria ardência nos olhos de Muhammad Ali. Não adiantou. Ao final do sexto assalto, aconteceu o impensável. Enquanto Ali estava intacto, Liston estava coberto de sangue e totalmente exausto. De tanto apanhar, desistiu de prosseguir a luta. Estava destruído. Surgia um novo campeão mundial.

Há indicadores de que, até mesmo, o nosso organismo foi projetado para enfrentar a adversidade e sem ela não pode prosperar.

O sucesso traz consigo miopia, uma neblina que dificulta a manutenção do foco no objetivo. Quantos grupos musicais de sucesso desaparecem após uma ligeira e derradeira fase de *glamour* e excitação? Consideraram a batalha vencida, deixaram de lutar e abandonaram o esforço criativo.

O famoso tenista norte-americano Andre Agassi atesta: "Demorei 22 anos para descobrir meu talento, para vencer meu primeiro Grand Slam - e apenas dois para perder tudo". A pior derrota de sua carreira foi para Jerôme Haehnel, um alsaciano de 23 anos, que ocupava a 271ª classificação no ranking e sequer tinha técnico. Todos achavam que ele não seria um problema. Mas foi.

Peter Senge, autor de *A quinta disciplina*, uma obra que vem revolucionando o mundo dos negócios, ensina: "(...) se você me perguntasse pessoalmente qual é a força mais profunda que impulsiona as mudanças, eu diria que é a consciência, mesmo que obscura e malformulada, de que estamos em sérias dificuldades".

O sucesso faz com que essa percepção, de que estamos em dificuldade e precisamos agir, seja obscurecida por seus encantos.

QUESTIONE O STATUS QUO

Imperceptivelmente, quando se sai vitorioso em uma meta, o ser humano tende a defendê-la e procura manter o *status quo* que tão arduamente foi perseguido. Nas empresas também é assim. Passam-se anos lutando, propondo novas soluções, questionando as regras e sendo criativamente "insubordinados" e, obviamente, posições de liderança são alçadas. A partir daí, passa-se a proteger essa conquista da ameaça representada pelas outras pessoas com o mesmo perfil. Afinal, elas podem "destruir" tudo aquilo que foi construído e ocupar o cargo obtido. Adotam o pensamento da escassez, sobre o qual falamos há pouco. Logo o crescimento deixa de acontecer e os paradigmas deixam de ser desafiados.

Assim, observamos que representantes do Grupo dos 5%, pessoas de alto desempenho, conscientes desse perigo, precisaram "desaprender" e se desapegaram de muitas coisas que as levaram ao sucesso, justamente para não repetir as desgastadas estratégias que de nada valeriam diante das mudanças ocorridas no ambiente.

Quando Walter Isaacson pequisou a vida de Einstein, observou que alguns de seus contemporâneos também se aproximaram das mesmas teorias que o tornariam mundialmente famoso, como Poincaré, por exemplo. Mas o que teria levado o primeiro a conseguir e o segundo não, estava justamente na postura revolucionária de Einstein. Enquanto Poincaré tentou preservar ao máximo a teoria antiga, agarrando-se às descobertas do passado, Einstein abdicou dos limites e deu um salto, livrando-se justamente das teorias que o atrapalhavam.

O canadense Guy Laliberté, à frente do *Cirque du Soleil*, também combate esse sentimento de dever cumprido após o sucesso, e se lança constantemente em meio ao perigo. "Para pensar num novo espetáculo, rejeito tudo o que foi feito. Volte ao zero, não tente partir do que já deu certo"[98], ensina. Ao que parece, essa regra funcionou. Enquanto em 1984, aos 24 anos, andava de pernas de pau pelas ruas de Montreal, hoje é

responsável por um patrimônio atual superior a um bilhão de dólares, e um empreendimento presente em três continentes, 2,7 mil funcionários e espetáculos vistos por 60 mil espectadores por final de semana.

Steve Jobs seguia a mesma linha. Ele incentivava as pessoas a não olhar muito para o passado e suas conquistas. Ele estimulava os seus a jogarem fora tudo o que deu certo no passado.

Muitas vezes, os melhores colaboradores, conhecidos por sua desobediência criativa, para proteger suas posições em cargos estratégicos, passam a sustentar a todo custo as ideias que ajudaram a criar, em prejuízo da inovação e da mudança defendida pela nova geração de "desobedientes criativos", conduzindo a organização para um ambiente de aparente estabilidade, cujo resultado geralmente é perigoso.

Enquanto algumas pessoas se deliciam com o momento de sucesso, os membros do Grupo dos 5% içam as velas do barco e partem para um novo destino a ser explorado.

O professor Donald N. Sull estudou empresas que amargaram derrotas após um período de reconhecido sucesso e notou que todas elas enfrentaram o que ele chama de "inércia ativa", um estado em que a empresa se torna prisioneira de seu próprio sucesso. Ele equipara esse comportamento ao "de um automóvel preso no lamaçal". Alerta também para alguns sinais e comportamentos típicos que conduzem para esse estado: a empresa se vangloria de um alto desempenho; o presidente aparece na capa de uma importante revista de negócios ou escreve um livro; a empresa é admirada pelos gurus de administração; constrói monumentos a seu sucesso; os membros da alta gerência passam a se parecer uns com os outros etc.

São diversas as organizações que se deixaram sucumbir pelos efeitos nocivos do sucesso e simplesmente desapareceram.

Como afirma o *expert* em inovação, John Kao, "difícil é ser

criativo quando se vive uma fase de sucesso”[99].

O jornalista Cyro Andrade analisou a derrocada da General Motors, gigante americana no segmento automobilístico, em relação aos veículos japoneses que se apoderaram de sua expressiva fatia de mercado. Ele verificou que a indústria automobilística americana, após décadas de sucesso absoluto, foi tomada pela “acomodação à ideia de invencibilidade, enquanto os japoneses, com determinação visionária, se apropriaram do mercado...”. Em sua descrição, expressões como “soberba”, “arrogância” e “leniência”, referem-se à maneira como os norte-americanos “repousaram sobre glórias antigas”.

Os especialistas em estratégias Robert Kriegel e David Brandt também reproduzem o depoimento de um vendedor que viu no sucesso a causa da queda do seu próprio desempenho: “Eu levantava ao romper do dia e fazia visitas a clientes potenciais. E antes de cada visita, repassava a conta, a concorrência, o mercado, tudo. Em seguida, ensaiava a minha apresentação e preparava minhas respostas. Mas quando entrei na casa dos seis dígitos [em ganhos], fiquei preguiçoso e parei de fazer essas coisas. Imaginei que pudesse ser bem-sucedido sem esse esforço extra. Parei de me preparar e comecei a pegar atalhos. Desisti da prospecção e passei a confiar nas contas que já possuía. De repente, meus números despencaram e eu não sabia por quê. A princípio pensei que fosse apenas má sorte ou hora errada. Agora percebo que me esqueci de fazer aquilo que me levou lá. Tenho de voltar a pensar como um principiante”.

A soberba, característica daqueles que chegam ao topo, pode remeter a uma condição de momentânea elevação do ego, distanciando-os de todo aquele ardoroso esforço necessário para manter a vitória, além de contribuir também para que não percebam novas possibilidades, diferentes daquelas que os levaram até onde chegaram. Esse tipo de conduta foi atestado pelas pesquisas desenvolvidas por Ellen Langer, da Universidade de Harvard. Suas conclusões sugerem que a forma como o

cérebro humano funciona faz com que tenhamos a tendência de repetir o que fizemos no passado, especialmente se houve sucesso.

De repente, a empresa não é mais a líder, perdeu sua colocação. Os produtos deixaram de ser os melhores. Os funcionários passam a estudar novas propostas em outras companhias e aí...

Alguns treinadores na área do atletismo costumam ensinar que, quando se está em primeiro lugar e é ultrapassado, é comum ocorrer pensamentos do tipo: “Bem, se estou em segundo, não importa se perderei a corrida por três ou sete segundos, já que essa diferença de tempo não mudará a minha colocação”. Esse tipo de pensamento, não raras vezes, faz com que o atleta acabe a competição em terceiro ou quarto lugar. Tome o exemplo da Volkswagen, que chegou a ter mais de 50% do mercado, passou a ocupar a segunda posição e depois se encontrou diante de severos desafios de competitividade no mercado brasileiro.

Quantas organizações e pessoas se deixaram embriagar pelo sucesso e hoje enfrentam problemas dos mais diversos?

Entre 1999 e 2001, o valor das ações da Xerox caiu de US$ 64 para US$ 9.

A Motorola dominava o mercado na época dos telefones analógicos e foi facilmente superada na era da tecnologia digital.

A United Airlines, segunda maior companhia aérea do mundo, pediu concordata em dezembro de 2002. O mesmo ocorreu em novembro de 2011 com a American Airlines que, segundo alguns critérios, é a maior do mundo.

A companhia Yves Sanit-Laurent fechou após a aposentadoria de seu fundador e os direitos de exploração da marca foram vendidos à empresa Gucci.

Um caso emblemático é o da bolsa de valores britânica *Liffe - London International Futures and Options Exchange*. Durante quinze anos, a *Liffe* cresceu tanto que se transformou na maior bolsa de futuros do mundo. Foi considerada um dos maiores

sucessos financeiros do planeta. Em janeiro de 1998, detinha 90% do mercado. Em maio do mesmo ano, passou de 90% para literalmente zero e fechou as portas quando foi surpreendida pela proposta alemã, muito mais interessante para o mercado. A *Liffe* apostou que o comércio eletrônico nunca substituiria os gestos e gritos dos corretores do mercado tradicional. Apostou e perdeu.

Justamente quando os suíços concluíram que seus relógios de engrenagens seriam a tendência do futuro e que sua indústria era inatingível, os relógios a quartzo tomaram todo o mercado.

Rita Lee recomenda: "Não se deslumbre com o sucesso, nem se desespere com o fracasso, os dois passam"[100].

Portanto, se vale mais uma dica que pode contribuir para aprimorar ainda mais sua capacidade de realização, é jamais se deixar seduzir pelos encantos que o sucesso traz consigo, como fazem aqueles que pertencem ao Grupo dos 5%. Esse é um aspecto importante em pessoas que alcançam a autorrealização.

QUAL É A SUA IDADE?

"Qual seria sua idade, se você não soubesse quantos anos tem?"
(Confúcio)

Chegamos ao capítulo final de nossa jornada. Vimos alguns aspectos que nos potencializam como pessoas, e um deles foi a necessidade de ser apaixonado por uma causa, um projeto. Enfim, responder à pergunta fatal: existe algo que, se eu o fizesse, traria grande significado à minha vida?

Esse ponto decisivo pode ocorrer em qualquer momento da vida. Quantas pessoas, porém, trabalham arduamente durante décadas e, aposentadas, deixam de visualizar grandiosas oportunidades de implementar novos projetos e desejos?

O filme *Um sonho de liberdade* retrata uma situação psicológica curiosa: a do já idoso detento que, ao receber a liberdade, após cumprir longa jornada na prisão, comete suicídio por não conseguir adaptar-se a ela. Também se comete "suicídio" ao desistir, por exemplo, de modificar atitudes negativas e de

inércia que exercem esmagadora e paralisante influência sobre alguns.

Há ainda aqueles que declaram estar esperando a aposentadoria para então dispor de melhores condições (quer de tempo ou de dinheiro) para perseguir seus verdadeiros sonhos. Quem está no Grupo dos 5% sabe que o melhor momento para iniciar o processo de mudança é agora, não importa se com dez anos ou na melhor idade.

Por mais de uma ocasião, ouvi pessoas se declarando felizes por estarem próximas da aposentadoria, ansiosas por faltarem apenas "cinco ou sete anos", como se dissessem cinco ou sete dias. Posso deduzir que esses cinco ou sete anos sejam os mais longos de suas vidas.

A médica pediatra Zilda Arns veio de uma família de padres e freiras. Nunca quis ser religiosa, mas sempre quis ser missionária. Durante os seus primeiros cinquenta anos de vida, desejou, estudou e, em seguida, conseguiu realizar seu sonho: implementar o projeto que iria salvar vidas. Inaugurou, em 1982, a Pastoral da Criança, o que nos leva à pergunta: Quando Zilda Arns iniciou a Pastoral? Quando, aposentada, passou a dispor de mais tempo para isso? Ou desde a sua infância, a partir da inspiração que recebeu da mãe e irmãos que se dedicavam às causas sociais e assistenciais? Ou ainda quando optou pela Medicina, profissão que a ajudaria a conhecer as necessidades alimentares suficientes para uma adequada nutrição infantil e as doenças que sua ausência provoca? Entendo que Zilda se preparou para a Pastoral, mesmo que inconscientemente, em todos esses momentos de sua vida.

Há também aqueles que esperam pelo momento ideal para dar a partida em busca de seus objetivos. Observe o que diz o dicionário: *ideal* é algo *que existe somente na ideia; imaginário, fantástico*. O momento ideal, portanto, não existe, a não ser no imaginário dos menos atentos. Os verdadeiros projetos não aguardam nem pelo momento, nem pelos recursos ideais. Eles simplesmente são frutos de mentes grandiosas, que fazem as

coisas acontecerem, mesmo tendo muito pouco ou nenhum recurso.

O médico indiano radicado nos Estados Unidos e autor de muitos livros, Deepak Chopra, ensina que, para se determinar a idade de alguém, é preciso analisar três fatores: sua idade cronológica, sua idade biológia e sua idade psicológica, aquela "com que você se sente internamente"[101]. Esta última, nós podemos modificar apenas com atitudes.

Quantos casos serão necessários para convencer as pessoas de que a idade jamais atua como inibidor de nossas potencialidades?

Tomemos o exemplo do canadense Craig Kielburger, fundador da *Kids Can Free the Children*, uma das maiores Organizações Não Governamentais (ONG) do mundo, com mais de 100 mil membros, presente em mais de 35 países, criada por crianças para ajudar crianças. Com apenas dezenove anos, foi indicado três vezes ao prêmio Nobel da Paz. Visitou mais de quarenta países, escreveu dois livros e já foi recebido por Desmond Tutu, Nelson Mandela, Dalai Lama, e pelo então Papa João Paulo II, entre outros. Quando fala sobre os problemas do nosso país afirma que "o Brasil tem tudo o que é necessário para tirar as crianças do trabalho. É uma questão de vontade e prioridades"[102].

Observe o russo Max Levchin que, aos 27 anos de idade, desenvolveu uma maneira de realizar transações financeiras utilizando a internet, sem a intermediação do sistema financeiro tradicional. Uma nova onda que permite a realização de operações por telefone celular e é foco da atenção de muitos bancos.

Outro exemplo impressionante é o da também canadense Severn Suzuki que, aos doze anos de idade, reuniu alguns amigos e com recursos próprios resolveu vir ao Brasil para protestar, em 1992, durante a ECO 92, contra a postura dos países desenvolvidos em relação ao meio ambiente. Sua atitude

impressionou tanto os conferencistas que Severn foi convidada a discursar aos representantes das nações.

Imagine uma garota de doze anos, modestamente trajada, proferindo o seguinte discurso:

"Olá, sou Severn Suzuki, represento a Eco... A organização das crianças em defesa do meio ambiente.

Somos um grupo de crianças canadenses, de doze a treze anos tentando fazer nossa parte, contribuir...

Vanessa Suttie, Morgan Geisler, Michelle Quigg e eu.

Todo o dinheiro de que precisávamos para vir de tão longe, conseguimos por nós mesmas, para dizer que vocês, adultos, têm que mudar o seu modo de agir.

Ao vir aqui hoje, não preciso disfarçar meu objetivo, estou lutando pelo meu futuro.

Não ter garantia quanto ao meu futuro não é o mesmo que perder uma eleição ou alguns pontos na bolsa de valores.

Estou aqui para falar das gerações que estão por vir.

Estou aqui para defender as crianças com fome, cujos apelos não são ouvidos.

Estou aqui para falar em nome dos incontáveis animais que estão morrendo em todo o planeta porque não têm mais para onde ir.

Não podemos mais permanecer ignorados.

Hoje, tenho medo de tomar sol por causa dos buracos na camada de ozônio.

Tenho medo de respirar esse ar porque não sei que substâncias químicas o estão contaminando.

Eu costumava pescar em Vancouver com meu pai, até o dia em que pescamos um peixe com câncer.

Temos conhecimento de que animais e plantas estão sendo destruídos a cada dia e estão em vias de extinção.

Durante toda a minha vida, sonhei ver grandes manadas de animais selvagens, selvas, florestas tropicais repletas de

pássaros e borboletas.

Mas, agora, eu me pergunto se meus filhos vão poder ver tudo isso.

Vocês se preocupavam com essas coisas quando tinham a minha idade?

Todas essas coisas acontecem bem diante dos meus olhos e, mesmo assim, continuamos agindo, como se tivéssemos todo o tempo do mundo e todas as soluções.

Sou apenas uma criança e não tenho as soluções. Mas quero que saibam que vocês também não têm.

Vocês não sabem como reparar o buraco na camada de ozônio.

Vocês não sabem como salvar os salmões das águas poluídas.

Vocês não podem ressuscitar os animais extintos.

Vocês não podem recuperar as florestas que um dia existiram, onde hoje é deserto.

Se vocês não podem recuperar nada disso, então, por favor, parem de destruir!

Aqui, vocês são os representantes de seus governos, homens de negócios, administradores, jornalistas ou políticos.

Na verdade, vocês são mães e pais, irmãos e irmãs, tias e tios. E todos também são filhos.

Sou apenas uma criança, mas sei que todos nós pertencemos a uma família de cinco bilhões de pessoas e, ao todo, somos trinta milhões de espécies.

Compartilhamos o mesmo ar, a mesma água, o mesmo solo.

Nenhum governo e nenhuma fronteira poderão mudar essa realidade.

Sou apenas uma criança, mas sei que esse problema atinge a todos nós e deveríamos agir rumo a um único objetivo.

Apesar da minha raiva, eu não estou cega. Apesar do meu medo, não sinto medo de dizer ao mundo como me sinto.

No meu país, geramos tanto desperdício, compramos e

jogamos fora, compramos e jogamos fora... E os países do norte não compartilham com os que precisam, mesmo quando temos mais do que o suficiente.

Temos medo de perder nossas riquezas, medo de compartilhá-las.

No Canadá, temos uma vida privilegiada, com fartura de alimentos, água e moradia. Temos relógios, bicicletas, computadores e aparelhos de TV.

Há dois dias, aqui no Brasil, ficamos chocados quando estivemos com crianças que moram nas ruas.

Ouçam o que uma delas nos contou:

'Eu gostaria de ser rica e, se fosse, daria a todas as crianças de rua alimentos, roupas, remédios, moradia, amor e carinho'.

Se uma criança de rua que não tem nada, ainda deseja compartilhar, por que nós, que temos tudo, somos tão mesquinhos?

Não posso deixar de pensar que essas crianças têm a minha idade e que o lugar em que nascemos faz uma grande diferença.

Eu poderia ser uma daquelas crianças que vivem nas favelas do Rio. Eu poderia ser uma criança faminta na Somália. Uma vítima da guerra no Oriente Médio ou uma mendiga na Índia.

Sou apenas uma criança, mas ainda sei que, se todo o dinheiro gasto nas guerras fosse utilizado para acabar com a pobreza, para achar soluções para os problemas ambientais, que lugar maravilhoso a Terra seria!

Na escola, desde o jardim de infância, vocês nos ensinaram a ser bem-comportados. Vocês nos ensinaram a não brigar com os outros. Resolver as coisas bem. Respeitar os outros. Arrumar nossas bagunças. Não maltratar outras criaturas. Dividir e não ser mesquinhos.

Então, por que vocês fazem justamente o que nos ensinaram a não fazer?

Não esqueçam o motivo de estarem assistindo a estas conferências e para quem vocês estão fazendo isso.

Vejam-nos como seus próprios filhos.

Vocês estão decidindo em que tipo de mundo nós iremos crescer.

Os pais devem ser capazes de confortar seus filhos dizendo-lhes: tudo ficará bem. Estamos fazendo o melhor que podemos.

Mas não acredito que possam nos dizer isso. Estamos sequer na sua lista de prioridades?

Meu pai sempre diz: 'Você é aquilo que você faz, não aquilo que você diz.'

Bem, o que vocês fazem me faz chorar à noite.

Vocês - adultos - nos dizem que nos amam.

Eu desafio vocês.

Por favor...

Façam suas ações refletirem suas palavras.

Obrigada."

A média de idade dos cientistas que desenvolveram a bomba atômica (revestidos do nobre e ingênuo propósito de que a nova arma acabaria com todas as guerras) era de somente 25 anos. O canal de músicas MTV foi construído a partir de ideias de jovens de, no máximo, 24 anos de idade.

O ex-piloto de Fórmula 1, Emerson Fittipaldi, optou pelo automobilismo já aos doze anos de idade. Segundo ele, "eu vi um carro de corrida e disse: é isso que eu quero fazer na vida. Fui determinado... Eu queria fazer aquilo"[103].

Situação semelhante viveu a tenista Martina Navratilova: "Ainda me lembro da primeira vez em que joguei tênis, em uma quadra de verdade. No momento em que pisei naquele barro vermelho, percebendo o saibro sob o calçado, e senti a alegria de mandar uma bola por cima da rede, soube que estava no lugar certo. Devia ter uns seis anos, mais ou menos, quando isso

aconteceu, mas me lembro como se tivesse sido ontem"[104]. Martina disputou sua primeira olimpíada em 2004, após trinta anos dedicados ao esporte.

Uma das frases mais comuns que normalmente se ouve por aí é "no meu tempo...", como se o tempo daqueles que a pronunciam já tivesse se esgotado. Dizer isso equivale a aceitar o raciocínio de que o auge da vida ficou para trás e que agora só há descida pela frente quando, na verdade, o mundo nos mostra o oposto.

Estabelecer para si próprio um limite de idade ideal para realizar algo é impor-se, gratuitamente, uma barreira que não existe. Diante dos inúmeros exemplos pesquisados, a idade jamais foi fator inibidor do potencial humano em direção à sua capacidade de realizar. Seu tempo é hoje!

Ainda bem que muitos de nós temos despertado a tempo. É cada vez mais comum encontrar pessoas com mais de uma profissão: aquela que lhe foi imposta e outra, escolhida com mais maturidade, não raramente aos quarenta, cinquenta, sessenta anos ou mais, a partir dos sonhos, interesses e paixões. Nesse caso, essas pessoas tendem a um desempenho superior, naturalmente destacando-se em suas atividades. Confirmei essa impressão observando o desempenho de meus alunos universitários em que os mais maduros, aqueles que haviam conscientemente feito a escolha pelo curso, naturalmente, se destacavam entre os demais.

Quando Donald Sull perguntou aos executivos que entrevistou o que teriam feito de diferente se tivessem conhecido antes os "compromissos transformadores" que impulsionavam seu desempenho, a resposta mais frequente foi: "Eu teria começado mais cedo e feito tudo mais rápido".

Estudos indicam que as melhores obras de Picasso foram criadas quando ele tinha apenas 26 anos. Paul Cézanne, um renomado artista francês, criou suas mais brilhantes obras aos 67 anos. Os artistas plásticos mexicanos Diego Rivera e Rufino Tamayo, e o cubano Wilfredo Lam, criaram seus mais importantes

trabalhos aos 31, 44 e 39 anos de idade, respectivamente[105].

A DONA DE CASA QUE CONQUISTOU OS MARES

Dailza Damas, uma dona de casa paranaense, aprendeu a nadar somente aos 28 anos de idade, com o objetivo de incentivar o filho que sofria de bronquite. A natação tornou-se uma paixão e Dailza decidiu percorrer o mesmo percurso que fez, em 1875, o capitão da Marinha Mercante Britânica Matthew Webb, e atravessar a nado os 33 quilômetros das frias águas do Canal da Mancha, que divide as cidades de Dover (Inglaterra) e Calais (França), onde as correntes marinhas obrigam o nadador a voltar alguns pontos. Não é incomum ter que nadar durante horas para vencer alguns poucos metros. Às vezes, é necessário nadar sessenta e um quilômetros para realizar a travessia.

Para se ter uma ideia do perigo que acompanha a iniciativa, menos de cinco brasileiros haviam realizado tal façanha. Em agosto de 1988, a nadadora paulista Renata Agondi, de 25 anos, morreu tentando cumprir o trajeto.

Em 1969, Donald Crowhurst, velejador que participou de uma das mais perigosas regatas já existentes, ao ser entrevistado sobre alguma situação no mar que o fez pensar que iria morrer afogado, relatou um episódio em que caíra nas águas do mesmo canal que Dailza pretendia vencer: "Nadar 400 metros nas águas do Canal da Mancha, capazes de causar hipotermia, seria uma façanha de sorte e heroísmo"[106], disse o velejador.

O que dizer então de uma dona de casa que, tendo aprendido a nadar "muito tarde", insistisse na ideia de cruzar os mais de trinta quilômetros dessas mesmas águas, em que a temperatura média é de 12º C?

Dailza se divertia com a reação dos empresários ao receberem sua visita com um pedido de patrocínio. "Uma dona de casa deveria largar as panelas para atravessar a nado o Canal da

Mancha?", provavelmente era o pensamento mais comum. Mesmo assim, Dailza deixou o fogão de lado e seguiu em busca de sua meta prodigiosa. Conseguiu? É claro. A primeira travessia foi feita em dezenove horas e dezesseis minutos. Em sua segunda travessia, baixou o tempo para dez horas e quarenta e oito minutos.

É reconhecida como uma das maiores nadadoras no mundo, em mar aberto, tendo atravessado o canal de Catalina (USA), o estreito de Gibraltar e o mar da Galileia. Contornou também as ilhas de Fernando de Noronha, do Mel (PR) e de Manhattan (USA), entre outras façanhas.

Ela mesma não cansa de repetir que a idade é apenas um número. De fato, não há como discordar, pois os casos com os quais nos deparamos reforçam justamente essa ideia.

Os exemplos são vastos. Veja o da americana sedentária Priscila Welch, que venceu a maratona de Nova York aos 42 anos. Ou o da dona de casa Tomie Ohtake, que aos 39 anos de idade, pintou seu primeiro quadro e atualmente é considerada um dos grandes nomes da arte brasileira.

Lembre-se de Burt Munro, que estabeleceu o recorde mundial de velocidade em motos de até 1000 cc aos 68 anos de idade.

Ticiano Vecellio, um dos maiores pintores italianos, pintou sua famosa obra *Adão e Eva*, aos 94 anos de idade.

Herói das expedições polares, o inglês Ernest Shackleton deu início a sua mais importante expedição também aos quarenta anos, ainda no início do século passado.

Ainda na faixa dos quarenta anos, Lya Luft abandonou a carreira de professora universitária para se tornar escritora e autora do *best seller* Perdas & Ganhos.

Eliezer Schwartz, um dos raros sobreviventes do campo de concentração de Auschwitz, obteve seu doutorado aos 81 anos, ao concluir seu trabalho sobre a origem dos campos de concentração de Auschwitz e Birkenau. Outro sobrevivente do

holocausto, o britânico Denis Avey, passou 65 anos em silêncio, mas aos 93 anos de idade decidiu compartilhar, em livro, os momentos de horror vividos também em Auschwitz.

Esconder-se por trás da idade é apenas uma tentativa de ocultar todo o seu potencial e jogar fora tantas imensas transformações que qualquer um poderia gerar em prol dos seus sonhos e da sociedade.

Nuno Cobra foi preparador físico de atletas famosos, como Ayrton Senna, Mika Häkkinen, Gil de Ferran e tantos outros. Seu primeiro aluno, no entanto, foi um senhor de cinquenta anos de idade, que tinha como sonho aprender a jogar tênis. Chamou a atenção de Nuno o quanto a conquista de um objetivo rejuvenesce as pessoas. Segundo ele, "nascia um novo homem... Mais disposto e otimista, com um sorriso de criança estampado no rosto corado e saudável".

A reunião entre aquilo que realmente nos impulsiona e sua prática, como vimos, faz emergir uma inesgotável fonte de energia, semelhante à das crianças.

No campo profissional, paradigmas sobre a idade também precisam ser quebrados. Se é correta a afirmação de que vivemos a plenitude da era do conhecimento, então se torna mais valioso o funcionário mais experiente. Este profissional só deixa de ser interessante às empresas no momento em que a resistência às mudanças o impede de crescer, de explorar.

Tome o exemplo do famoso Hotel Ritz de Paris, que atribui boa parte do seu sucesso - reconhecidamente um dos melhores e mais luxuosos hotéis do mundo - à polidez de seus funcionários, alguns dos quais lá trabalham há mais de vinte anos e que depois de tanto tempo em contato íntimo com os hóspedes mais distintos e sofisticados do mundo, desenvolveram um *know-how* sem precedentes, ao ponto de conhecerem as preferências pessoais de cada um deles.

As melhores empresas, cientes disso, não só têm valorizado os funcionários mais antigos, como têm criado novos

cargos de nível estratégico com o propósito de gerenciar o conhecimento por eles compartilhado e espalhar por toda a organização os ensinamentos que essas pessoas têm a oferecer. As denominações são diversas: engenheiros do conhecimento, CLO (*Chief Learning Officer*), diretor de Capital Intelectual, diretor de Transferência do Conhecimento, diretor global de Recursos Intelectuais, e tantas outras.

O Prêmio Nobel de Física, Stephen Hawking, é prova de que o conhecimento é mais importante do que o próprio aspecto físico. Mesmo vítima de uma doença degenerativa que subtrai praticamente todos os movimentos do seu corpo, é um dos maiores cientistas do mundo, autor do *best seller O universo numa casca de noz*.

Se os colaboradores mais antigos dispõem de um nível de conhecimento mais elevado, e se é válida a ideia de que o maior patrimônio das organizações é o seu capital intelectual, os gestores precisam lembrar-se de que seus empregados levam toda essa riqueza para casa no final do dia, e que é preciso fazer com que queiram voltar a trabalhar no dia seguinte, senão...

Enfim, aqueles que ainda utilizam os critérios do modelo industrial para contratar e demitir estão, na verdade, ignorando o poder das pessoas que enxergam além dos demais e que muitas vezes são mandadas para casa por não aderirem ao comportamento padrão etário. E, como vimos, quem faz parte do Grupo dos 5% aprecia tanto rótulos e paradigmas quanto a ovelha aprecia o lobo.

Portanto, a capacidade de realizar grandes feitos não reside numa dada faixa de idade, mas sim na determinação daqueles que acreditam numa causa maior que eles próprios e dedicam a ela o melhor de si acessando sua fonte de energia vital.

Não há motivos para aguardar pelo amanhã, se podemos iniciar hoje o nosso processo de transformação.

Amyr Klink, em seu livro *Mar sem fim*, relata um episódio

ocorrido em uma de suas expedições, que fala sobre oportunidades: “Já ancorado na Antártida, ouvi ruídos que pareciam de fritura. Pensei: será que até aqui existem chineses fritando pastéis? Eram cristais de água doce congelada que faziam aquele som quando entravam em contato com a água salgada. O efeito visual era belíssimo! Pensei em fotografar, mas falei para mim mesmo: calma, você terá muito tempo para isso... Nos 367 dias que se seguiram, o fenômeno não se repetiu. As oportunidades são únicas”.

Lembre-se de que o seu tempo é agora, não ontem, tampouco amanhã. Elimine de seu vocabulário a expressão “No meu tempo...” Se está aposentado, maior tempo dispõe para concretizar os sonhos que a rotina do trabalho não lhe permitiu alcançar.

O filósofo italiano Domenico de Masi afirma que “paramos de trabalhar e ficamos vinte ou trinta anos à espera da morte, em vez de produzir e nos divertir”[107]. Se é jovem, dispõe de mais tempo para os fracassos que antecedem ao sucesso. Mais tempo para tentar, errar e acertar.

Sempre é tempo de substituir os velhos alvos por outros novos. Não à toa, Walt Disney repetia a todo momento: “O que você pode sonhar, pode fazer”[108].

Qual é a sua verdadeira idade? Pense nisso.

Lembre-se da máxima de John Shedd: “Um navio está seguro no porto, mas ele não foi construído para ficar lá”. E você, quando irá partir?

A vida pode ser generosa, divertida e rica em possibilidades. Também pode ser dura, sofrida e limitada.

Agir ou não como um membro do Grupo dos 5% poderá contribuir para o resultado final dessa equação.

Apenas 5% das pessoas acessam as ferramentas que as capacita para obter seu máximo desempenho e produzir tantas maravilhosas mudanças em si próprias, em seu meio, na sociedade e no mundo. No entanto, essas ferramentas estão

disponíveis a todos nós, independente de condição econômica ou social.

Imagine quais seriam os benefícios se um número cada vez maior de pessoas explorassem as infinitas oportunidades que dispõem...

Corremos o tempo todo em busca do sustento de cada dia. Também buscamos uma fonte de energia que nos motive, nos traga significado e entusiasmo para viver. Os recursos que nos permitem acessar essa energia vital estavam obscuros, encobertos por atitudes e valores envoltos por falsas verdades. Não precisa ser mais assim.

Como diziam os polinésios: cuidado, você pode estar em pé numa baleia, mas pescando carpas miúdas.

NOTAS

PREFÁCIO

1 Rezende, 2002; p. 30.
2 Adaptação de Fredy Kofman do American Heritage Dictionary.

O PONTO DE EBULIÇÃO

3 Amana-Key, 2002.
4 Isaacson, 2011, p. 99.
5 *Op. Cit.*, 2002.
6 Sanborn, 2007, p. 30.
7 Dimenstein, 2003, p. 37.
8 Campbell, 2008, p. 94.
9 *Idem*, 2008, p. 99.
10 Neumann, 2003.

CAÇADORES DE RECOMPENSAS *VERSUS* O GRUPO DOS 5%

11 Kriegel e Brandt, 1996, p. 298.
12 Sutton, 2002, p. 183.
13 Clark, 2003, p. 111.

14 Buchsbaum, 2004, p. 398.
15 *Op.Cit*, 2003, p. 17.
16 Sanborn, 2007, p. 23.

QUEM SÃO ESSES BONS VISIONÁRIOS?

17 *Op. Cit.*, 2003, p. 41.
18 Pinheiro, 2003, p. 100.
19 *Op. Cit*, 2003, p. 19.
20 Dimenstein, 2003, p. 33.
21 *Op. Cit*, 2002, p. 151.
22 *Op. Cit*, 2004, p. 399.
23 *Op. Cit*, 2003, p. 136.
24 *Op. Cit*, 2011, pp. 97; 123; 160.
25 *Op. Cit*, 2003, p. 132.
26 *Op. Cit*, 2002, p. 102.
27 *Op. Cit*, 2007, p. 50.
28 Jurgenfeld, 2002, p. 5.
29 Veja, 2009.
30 Bernardinho, 2006, p. 202.
31 *Op. Cit*, 2002, p. 112.
32 *Op. Cit*, 2003, 156.
33 Rádio Globo, 2011.
34 Thielmann, 2009.
35 Luquet, 2004, p. 10.
36 *Op. Cit*, 2003, p. 47.
37 *Op. Cit*, 2002, p. 65.
38 Nichols, 2002, p. 267.
39 *Op. Cit*, 2011, p. 556.
40 2003.
41 Pacheco, 2002, p. 48.
42 *Op. Cit*, 2003, p. 152.
43 Kofman, 2002, v 1, p. 87.
44 Longinotti-Buitoni, 2000, p. 142-143.
45 *Op. Cit*, 2011, p. 141, 425.

46 *Op. Cit*, 2002, p. 112.
47 *Op. Cit*, 2003, p. 97.
48 *Op. Cit*, 2002, p. 66.
49 *Op. Cit* 2007, p. 136.
50 Remnick, 2000, p. 113.
51 Moyers, 1986, p. 247.
52 *Op. Cit*, 2011, p. 299.
53 Sganzerla, 2007.
54 Vujicic, 2011, p. 209.

O PERIGO DAS VERDADES ABSOLUTAS

55 2002, v 2, p. 273.
56 *Op. Cit*, 2003, p. 10.
57 *Op. Cit* 2007, p. 40.
58 *Op. Cit*, 2007, p. 41.
59 *Op. Cit,* 2011, p. 30.
60 Awad, 2007, p. 193-194.
61 *Idem*, 2007.
62 *Op. Cit*, 2011, p. 397.
63 Wheatley, 1999, p. 31.
64 Rural, 2009.
65 Freiberg e Freiberg, 2000, p. 256.
66 *Idem*, 2000, p. 259.
67 *Op. Cit*, 2002.

O FRACASSO

68 *Op. Cit*, 2002.
69 *Op. Cit*, 2003, p. 66.
70 *Op. Cit*, 2002.
71 Guaracy, 1997, p. 88.
72 *Op. Cit*, 2002, p. 71.
73 Valim, 2001, p. 3.
74 *Op. Cit*, 2002, p. 119.
75 *Op. Cit*, 2002, p. 28.

76 Borges, p. 2009.
77 Bennis, 1999, p. 30.
78 *Op. Cit*, 2002, p. 146.
79 Thorpe, 2000, p. 57.
80 *Op. Cit*, 2006, p. 117.
81 *Op. Cit*, 1999, p. 19.
82 Nonaka e Takeuchi, 1997, p. 11-19.
83 Costa, 2010, p. 85.
84 Oliveira, 2001, p. 93.
85 *Op. Cit*, 2002, p. 27.
86 *Op. Cit*, 2007, p. 29.
87 Marcial e Grumbach, 2002, p. 20-21.

TUDO A SEU TEMPO

88 Teixeira, 2010, p. 45.
89 Cohen, 1999, p. 38.
90 *Op. Cit*, 2011, p. 545.
91 Awad, 2007, p. 10.
92 *Op. Cit*, 2003, p. 128.
93 *Op. Cit*, 30 jul 2003, p. 39.
94 *Op. Cit*, 2003, p. 146.

O ESTABELECIMENTO DE METAS

95 Goswami, 2008, p. 246-247.
96 *Op. Cit*, 2000, p. 121.

O SUCESSO

97 Preston, 1999, p. 157.
98 Antunes, 2004, p. 128.
99 HSM Management, 1998, p. 81.
100 *Op. Cit*, 2002, p. 71.

QUAL É A SUA IDADE?

101 *Op. Cit*, 2002.

102 *Op. Cit*, 2003.
103 *Op. Cit*, 2002, p. 46.
104 *Op. Cit*, 2003, 17.
105 Andrade, 2004, p. 11-13.
106 *Op. Cit*, 2002, p. 159.
107 *Op. Cit,* 1999, p. 112.
108 *Op. Cit*, 1999, p. 36.

BIBLIOGRAFIA

AGASSI, Andre. *Agassi*: autobiografia. São Paulo: Globo, 2010.

ALENCAR, Eunice Soriano. *A gerência da criatividade*: abrindo as janelas para a criatividade pessoal e nas organizações. São Paulo: Makron Books, 2002.

ALEXANDER, Caroline. *Endurance*: a lendária expedição de Schacleton à Antártida. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

AMANA-KEY. *Curso de atualização gerencial para gestores intermediários - ACS*. Anais. São Paulo. Jul 2002.

ANDRADE, Cyro. A arte, o método, a obra. *Jornal Valor Econômico*, Rio de Janeiro, 23, 24 e 25 abr 2004. Caderno Valor & Eu, p. 10

_____O tempo passou, ficou a pretensão: presa ao engano de suposta superioridade, a indústria americana vive sua tragédia anunciada.

Jornal Valor Econômico, Rio de Janeiro, 3, 4 e 5 abr 2009. Caderno Valor & Eu, p. 10

ANTUNES, Camila. O bilionário do circo: como o canadense Guy Laliberté acumulou 1 bilhão de dólares com seu Cirque du Soleil. *Revista Veja*, São Paulo, 24 mar 2004, p. 116.

AVEY, Denis. O *homem que venceu Auschwitz*: uma história real sobre a Segunda Grande Guerra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

AWAD, Elias. *Samuel Klein e Casas Bahia*: uma trajetória de sucesso. São Paulo: Novo Século, 2007.

BENNIS, Warren. *Os gênios da organização*: as forças que impulsionam a criatividade das equipes de sucesso. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

BOFF, Leonardo. *A águia e a galinha:* uma metáfora da condição humana. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

BORGES, Gustavo. *Lições da água*. São Paulo: Editora Gente, 2002.

BORGES, Robinson. Eu sinto muito, mas não serve. *Jornal Valor Econômico*, Rio de Janeiro, 8 fev 2009. Caderno Valor & Eu.

BOSCOV, Isabela. O stress que faz bem. *Revista Veja*, São Paulo, 19 mai 2004, p. 19.

BUCHSBAUM, Paulo. *Frases geniais que você gostaria de ter dito.* Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

Crianças no comando. *Revista Carta Capital*. 12 fev 2003.

CASTILHO, Alzira. *Como atirar vacas no precipício*: parábolas para ler, pensar, refletir, motivar e emocionar. São Paulo: Editora Panda, 2000.

CLARK, John. *O dinheiro ou sua vida*. Curitiba: Fundamento Educacional, 2003.

BERNARDINHO. *Transformando suor em ouro*. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena, 1990.

_____ *Mitos de luz*: metáforas orientais do eterno. São Paulo: Madras, 2006.

_____ *Mitos e transformação*. São Paulo: Ágora, 2008.

COBRA, Nuno. *A semente da vitória*. 42 ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.

COHEN, David. A empresa do novo milênio: trabalho versus família, como lidar com a oposição entre carreira e vida pessoal. *Revista Exame*, São Paulo, 3 nov 1999. V.6. Caderno Especial.

_____ A empresa do novo milênio: o mundo instável: como isso afeta a vida das corporações. *Revista Exame*, São Paulo, 22 mar 2000. Caderno Especial.

COSTA, Alexandre Tadeu. *Uma trufa e.... 1000 lojas depois!* A inspiradora receita de sucesso da maior rede de lojas de chocolates finos do mundo. São Paulo: Alaúde Editorial, 2010.

CUNHA, Odir. *Dinheiro, é possível ser feliz sem ele.* São Paulo: Elevação, 2001.

DAMAS, Dailza. *Reflexões sobre um grande sucesso de vida*. Produção: Círculo dos Profissionais de Vendas. VHS.

DICKINSON, Matt. *Everest*: escalando a face norte. São Paulo: Gaia, 2007.

DIMENSTEIN, Gilberto. *Fomos maus alunos*. Campinas: Papirus, 2003.

DOMINGOS, Carlos. *Criação sem pistolão:* segredos para você se tornar um grande criativo. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

DUARTE, Marcelo. *O guia dos curiosos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

EVARISTO, Tina; RAMOS, Mariana. No limite. *Jornal Correio Braziliense*, 1º mai 2002, p. 6.

FOGAÇA, José. Senador. *Discurso proferido no Plenário do Senado Federal*. Diário do Senado Federal, Brasília, 1º jul 1999.

FONTOURA, Leandro. Crianças no Comando. *Revista Carta Capital.* São Paulo, 12 fev 2003. Disponível em: http://cartacapital.terra.com.br/site/index_frame.php. Acesso em: 17 mai 2004.

FRANKL, Viktor. *Em busca de sentido:* um psicólogo no campo de concentração. 15 ed. São Leopoldo: Vozes, 2002.

FRANKL, Viktor. *Em busca de sentido:* um psicólogo no campo de

concentração. 26 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

FREIBERG, Kevin; FREIBERG, Jackie. *NUTS:* as soluções criativas da Southwest Airlines para o sucesso pessoal e nos negócios. São Paulo: Manole, 2000.

GALUPPO, Ricardo. *Aprendi com meu chefe*. São Paulo: Saraiva: Versar, 2008.

GARCIA, Luiz Fernando. *Pessoas de resultados:* o perfil de quem se destaca para sempre. 5 ed. São Paulo: Gente, 2003.

GIBSON, Rowan. *Repensando o futuro*. São Paulo: Makron Books, 1998.

GLOBO, Rádio. *A Tribo Ubuntu*.
Disponível em: http://radioglobo.globoradio.globo.com/manha-da-globo-rj/2011/07/01/A-TRIBO-UBUNTU.htm. Acesso em: 19 dez 2011

GOLEMAN, Daniel. *Inteligência emocional*. 85 ed. Rio de Janeiro, 1995.

GOLDBERGER, Ary L. *Nonlinear dynamics, fractals, and chaos theory*: Implications for Neuroautonomic Heart Rate Control in Health and Disease. World Health Organization, Geneva, 1999.

GOLDRATT, Eliyahu; COX, Jeff. *A meta:* um processo de melhoria contínua. 2 ed. São Paulo: Nobel, 2002.

GOSWAMI, Amit. *Deus não está morto*: evidências científicas da existência divina. São Paulo, Aleph, 2008.

_____ *O ativista quântico:* princípios da física quântica para mudar o

mundo e a nós mesmos. São Paulo: Aleph, 2010.

GUARACY, Thales. *Máximas para os negócios e sua vida pessoal*. São Paulo: Negócio Editora, 1997.

HAMEL, Gary. Reinventando as bases da competição. In: *Repensando o Futuro*. São Paulo: Makron Books, 1998.

HSM MANAGEMENT. *Criatividade:* arte e disciplina. 6 jan/fev 1998.

HOCK, Dee. *O Nascimento da Era Caórdica*. São Paulo: Cultrix, 1999.

Jeffrey, Moses. *Unidade:* os princípios comuns a todas as religiões. Rio de Janeiro: Sextante, 2009.

ISAACSON, Walter. *Einstein*: sua vida, seu universo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____ *Steve Jobs*: a biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

JURGENFELD, Vanessa. O surfista sessentão mostra como viver. *Jornal Valor Econômico*, São Paulo, set 2002. Eu Consumo, p. D-5.

KLINK, Amyr. *Gestão de sonhos:* riscos e oportunidades. 8 ed. Salvador: Casa da Qualidade, 2000.

KLINK, Amyr. *Mar sem fim*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

KOFMAN, Fredy. *Metamanegement:* como fazer de sua vida profissional uma obra de arte. São Paulo: Antakarana Cultura Arte e Ciência, 2002.

KOP, Ídice. *O Segredo judaico de resolução de problemas*. 10 ed. São Paulo: Imago Ed., 1995.

KRIEGEL, Robert; BRANDT, David. *Vacas sagradas dão os melhores hambúrgueres:* estratégias que rompem paradigmas para desenvolver pessoas e organizações preparadas para mudanças. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 1998.

IACOMINI, Franco. Sou doido mesmo: o cardiologista inventor da cirurgia que tira um bife do coração diz que prefere ser chamado de louco a deixar pacientes morrerem. *Revista Veja São Paulo*. 17 dez 1997. Disponível em: http://veja.abril.com.br/171297/p_009.html. Acesso em: 16 mar 2009.

LONGINOTTI-BUITONI, Gian Luigi. *Vendendo Sonhos:* como deixar qualquer produto irresistível. São Paullo: Negócio, 2000.

LUQUET, Mara. Elas decidiram e chegaram lá: os casos exemplares de Eliana Ribeiro, Milu Villela e Viviane Senna, que escreveram histórias de sucesso pessoal, para a coletividade. *Jornal Valor Econômico*, Rio de Janeiro, 19, 20 e 21 mar. 2004. Caderno Valor & Eu, p. 10.

MAGALHÃES, Thomaz. *Quebra de script:* uma incrível história de reinvenção pessoal. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

MANDELA, Nelson. *Conversas que tive comigo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

MARCIAL, Elaine; GRUMBACH, Raul. *Cenários prospectivos:* como construir um futuro melhor. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

MASI, Domenico de. *O ócio criativo*. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

_____ *A economia do ócio*. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

_____ *Criatividade e grupos criativos*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

MOYERS, Bill. The power of Myth. ____: 1986

MÜLLER, Andreas. Acabou a diversão. *Revista Amanhã*, Ago 2003. Disponível em: http://amanha.terra.com.br/edicoes/190/capa01.asp. Acesso em: 17 mai 2004.

NEUMANN, Zilda Arns. *Zilda Arns Neumann:* ela criou uma rede de solidariedade que salva centenas de milhares de crianças brasileiras. Rio de Janeiro: Leitura, 2003.

NICHOLS, Peter. *Uma viagem para loucos*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

NONAKA, Ikujiro; TAKEUCHI, Hirotaka. *Criação de conhecimento na empresa*: como as empresas japonesas geram a dinâmica. 12 ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

OLIVEIRA, Alkíndar. *Torne possível o impossível*. São Paulo: Butterfly, 2001.

PACHECO, Flávia. *Talentos brasileiros:* saiba o que eles têm em comum. São Paulo: Negócio Editora, 2002.

PINHEIRO, Daniela. O peso de não ser Guga: maior promessa do tênis nos anos 80, Marcelo Saliola cobra para contar como fracassou na carreira. *Revista Veja*, 17 dez 2003. p. 100.

PRESTON, Diana. *Rumo ao Polo Sul:* a trágica história de Robert Falcon Scott. 34 ed. São Paulo: 1999.

QUINN, Robert E. *Mude o mundo*. São Paulo: Mercuryo, 2003.

REMNICK, David. *O rei do mundo:* Muhammad Ali e a ascensão de um herói americano. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

REZENDE, Sidney. *Deve ser bom ser você*. São Paulo: Futura, 2002.

ROALD, Amundsen. *Polo Sul:* relato da expedição antártica norueguesa a bordo do Fram em 1910-1912. São Paulo: Alegro, 2001.

ROHDEN, Huberto. *Entre dois mundos*. São Paulo: Alvorada, 1984.

RURAL, Globo. O custo da água de Nova Iorque. *Programa Globo Rural*, 08 fev 2009. Disponível em: http://globoruraltv.globo.com/GRural/0,27062,LTO0-4370-333555-1,00.html. Acesso em: 09 fev 2009.

SANBORN, Mark. *O que aprendi com meu carteiro sobre o trabalho e a vida*. Rio de Janeiro: Sextante, 2007.

SENGE, Peter. *A quinta disciplina*. 14 ed. São Paulo: 2003.

SENGE, Peter. Modificando a natureza do capitalismo. In: *Repensando o Futuro*. São Paulo: Mkron Books, 1998.

SGANZERLA, Carol. O fabuloso destino de Kristie Hanbury. *Revista Gol Linhas Aéreas Inteligentes*, nº 64. Jul 2007.

SULL, Donald N. *De volta ao sucesso*. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

SUTTON, Robert. *Ideias malucas que funcionam*: 11 práticas e ½ para

promover, gerenciar e sustentar inovação. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

TEIXEIRA, Sérgio Jr. O dinheiro pode esperar: para o criador do Facebook, o crescimento da base de usuários ainda é mais importante do que a busca de receitas. *Revista Exame*, nº 981. 1º dez 2010.

THIELMANN, Beatriz. Jovens pesquisadores. *Espaço Aberto: Ciência e Tecnologia*. Globo News, programa exibido em 24 mar 2009. 30 min. VHS.

THUROW, Lester. *Repensando o futuro*. São Paulo: Makron Books, 1998.

VALIM, Carlos Eduardo. As empresas só contratarão quem tiver uma aberração no curriculum. *Jornal Valor Econômico*, Rio de Janeiro, D-3. 21 jun 2001.

A Mulher que revolucionou a Agricultura: Pesquisadora de origem checa desenvolveu técnica que ajudou o Brasil a se tornar um dos grandes produtores de soja. *Veja on line*. Disponível em: http://veja.abril.com.br/especiais_online/perfil/johanna/vidaecarreira.html. Acesso em: 15 mar 2009.

Edição Especial Jovens. *Profissão.* Jul 2003. Disponível em: http://veja.abril.com.br/especiais/jovens_2003/p_064.html. Acesso em: 15 mar 2009.

VUJICIC, Nick. *Vida sem limites:* inspiração para uma vida absurdamente boa. São Paulo: Novo Conceito Editora, 2011.

WEINBERG, Mônica; BRASIL, Sandra. Onde estão os empregados? *Revista Veja*, São Paulo, 17 dez 2003. p. 17

WORLD'S Fastest Indian, The. EUA: 2005. Roger Donaldson. 127 min.

WELCH, Jack. *Jack:* definitivos segredos do executivo do século. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

WHEATLEY, Margaret J. *Liderança e a Nova Ciência*. São Paulo: Cultrix, 1999.

YUNUS, Muhammad. *O Banqueiro dos Pobres*. São Paulo: Editora Ática, 2001.

SOBRE O AUTOR

Alex Bonifácio é palestrante e autor de artigos sobre desempenho. Sua área de interesse reside na análise de fatores que inibem ou contribuem para a manifestação do máximo potencial humano. Formado em Administração de Empresas, é pós-graduado em Marketing pela FGV, mestre em Gestão do Conhecimento e da Tecnologia da Informação. Ex-professor universitário, atua na área de relacionamento institucional há mais de quinze anos em organizações nacionais. É membro do Conselho Superior da Associação dos Bancos no Distrito Federal e da Comissão de Relações Institucionais da Federação Brasileira das Associações de Bancos (Febraban).

Para saber mais sobre nossos lançamentos, acesse:

www.belasletras.com.br

www.facebook.com/editorabelasletras

www.twitter.com/belasletras

Educação e diversidade

todos somos iguais e difentes...
...e as diferenças encantam.

Profº. Marco Aurélio

PEDRO e TINA

(Uma amizade muito especial)

Stephen Michael King

PEDRO e TINA

(Uma amizade muito especial)

Escrito e ilustrado por

Stephen Michael King

5ª Reimpressão

BRINQUE-BOOK

PEDRO e TINA

(Uma amizade muito especial)

Cada vez que Pedro tentava desenhar uma linha reta...

ela

saía

toda

torta.

Quando todos à sua volta olhavam para cima...

Pedro
olhava
para baixo.

Se ele achava que ia fazer
um dia lindo e ensolarado...

chovia.

Splish
Splesh
Splush

Um dia, de manhã bem cedo, quando estava andando de costas contra o vento,

Pedro deu um encontrão em Tina.

Tina fazia tudo certinho.

Ela nunca amarrava errado os cordões de seus sapatos

nem virava o pão com a manteiga para baixo.

Ela sempre se lembrava do guarda-chuva

e sabia muito bem escrever seu nome.

Pedro ficava encantado com tudo que Tina fazia.

Então, Tina mostrou-lhe a diferença entre **direito** e **esquerdo**,

entre a frente e as costas,

e que o céu era em cima
e o chão era embaixo.

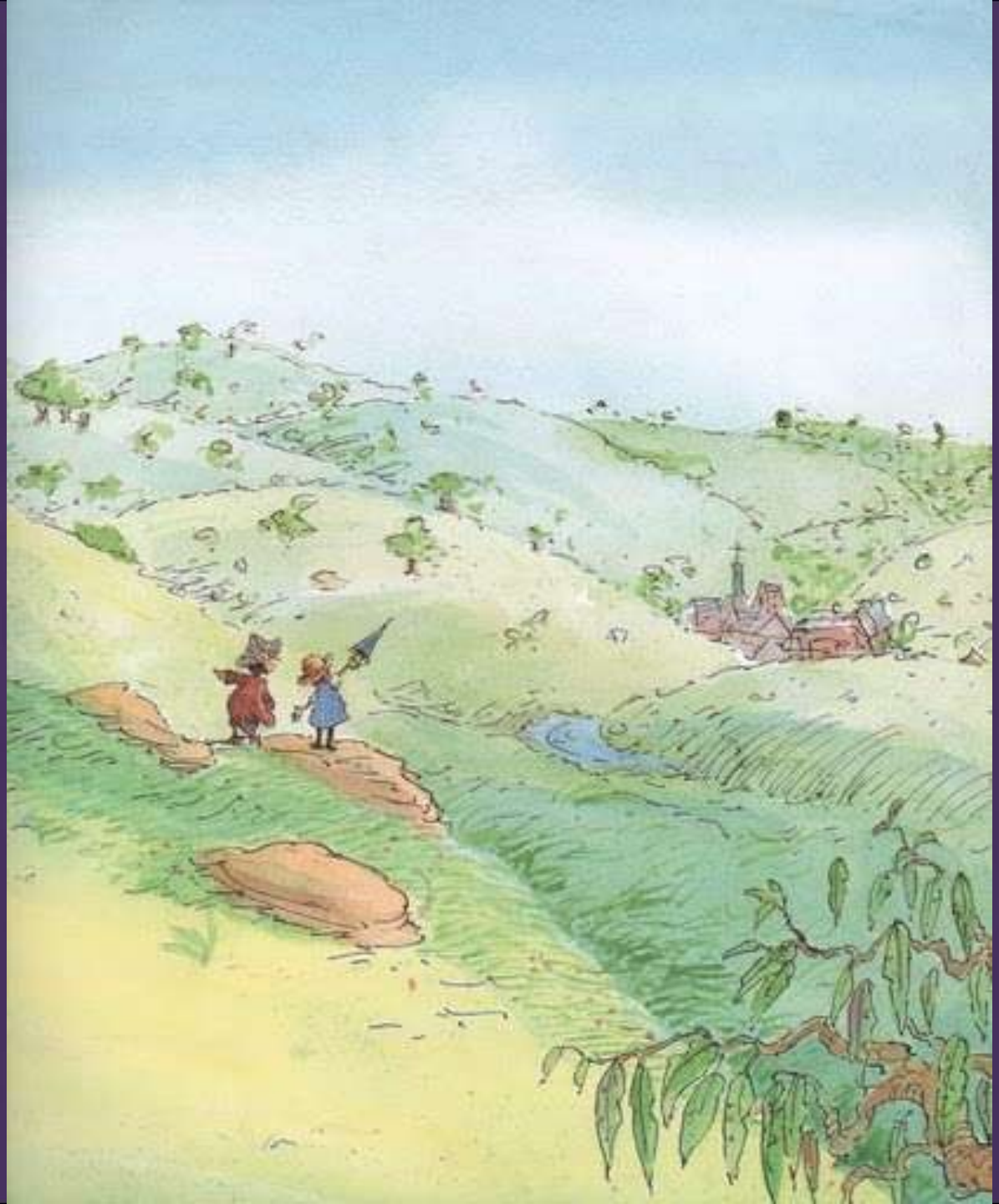

Um dia, eles resolveram construir uma casa na árvore. Tina fez um desenho para que a casa ficasse bem firme em cima da árvore.

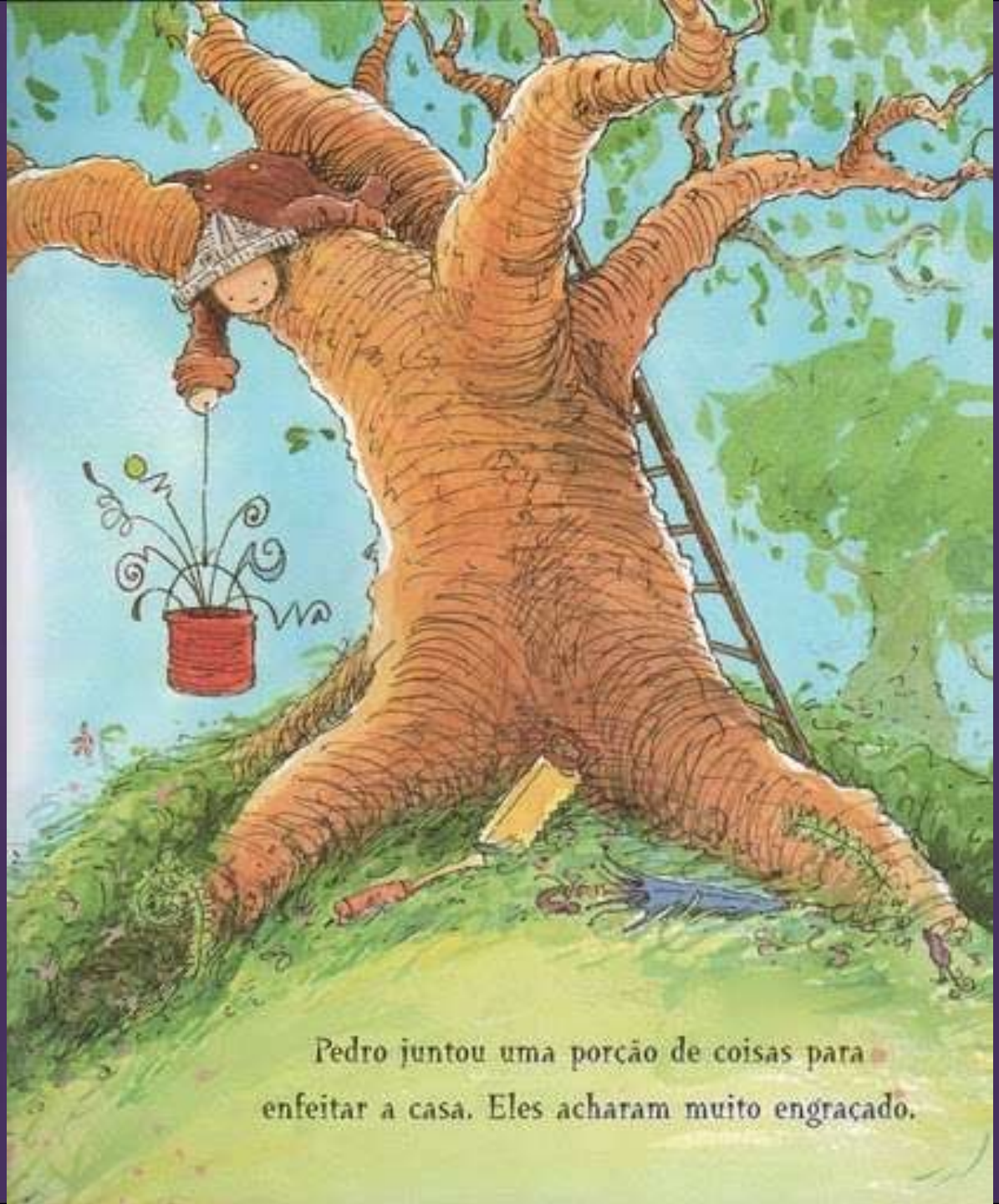

Pedro juntou uma porção de coisas para enfeitar a casa. Eles acharam muito engraçado.

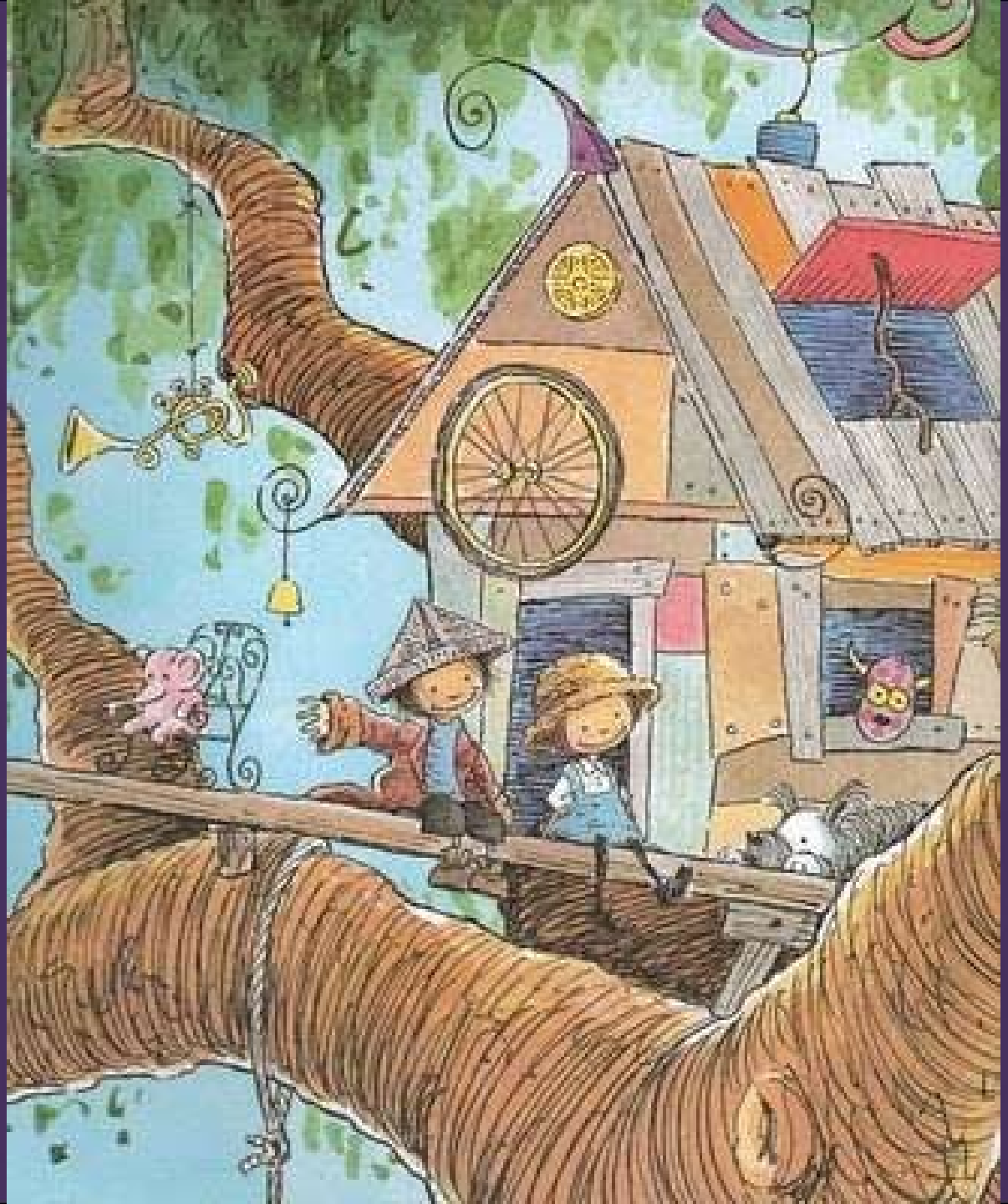

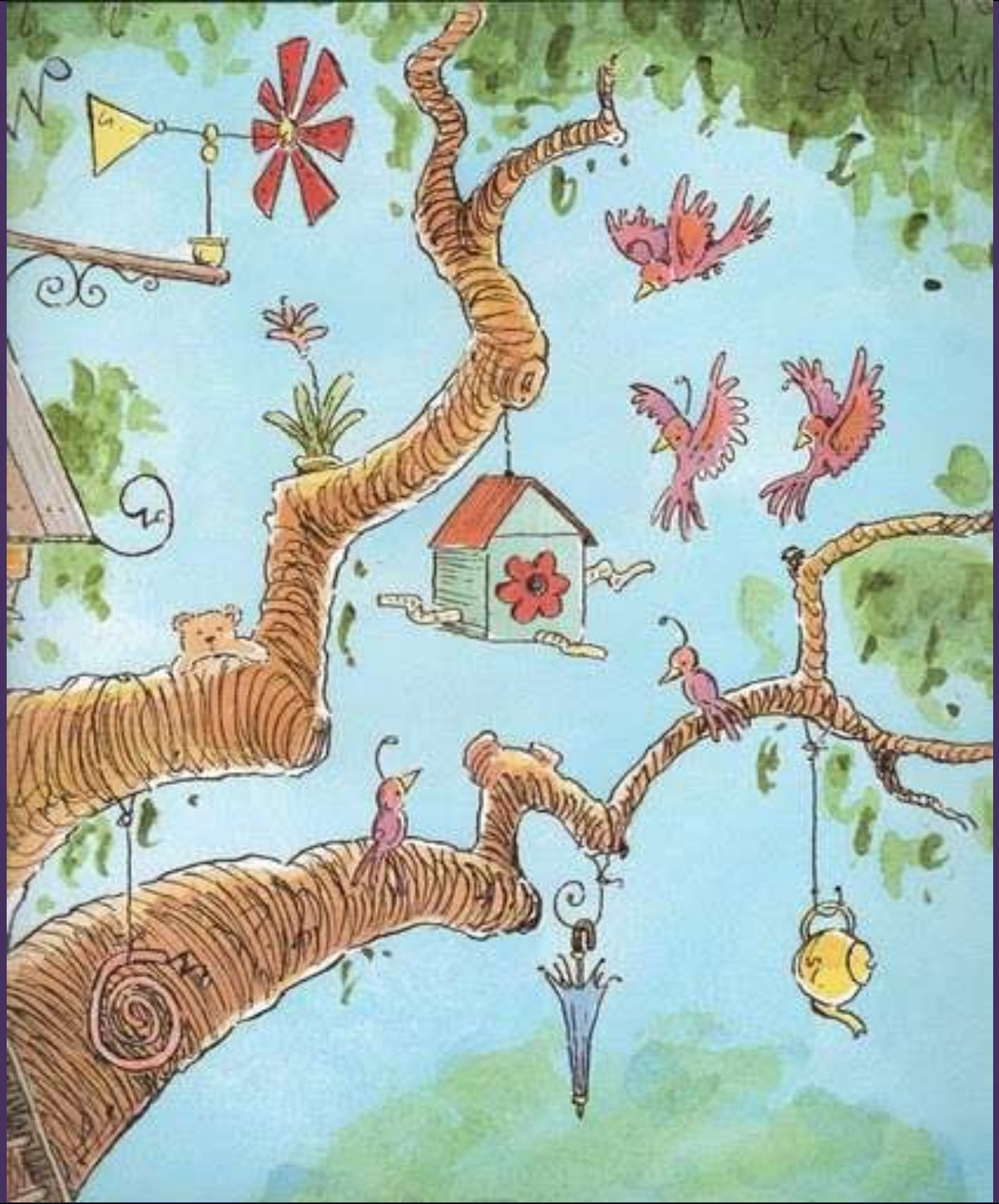

Bem no fundo, Tina gostaria que tudo que ela fizesse não fosse tão perfeito.

Então Pedro lhe arranjou um casaco e um chapéu que não combinavam.

Depois, ensinou Tina a andar de costas

e a dar cambalhotas.

Eles rolaram morro abaixo...

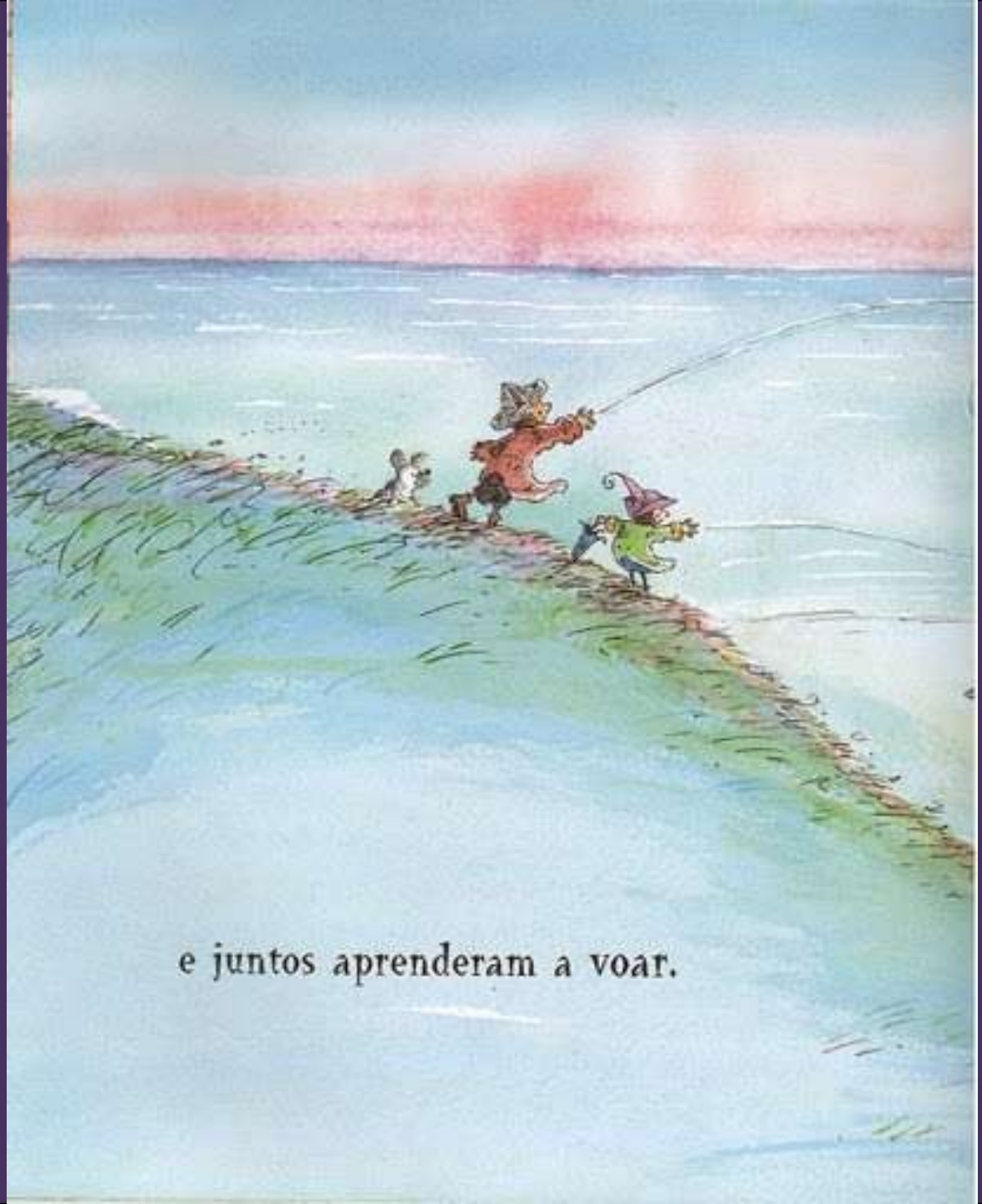

e juntos aprenderam a voar.

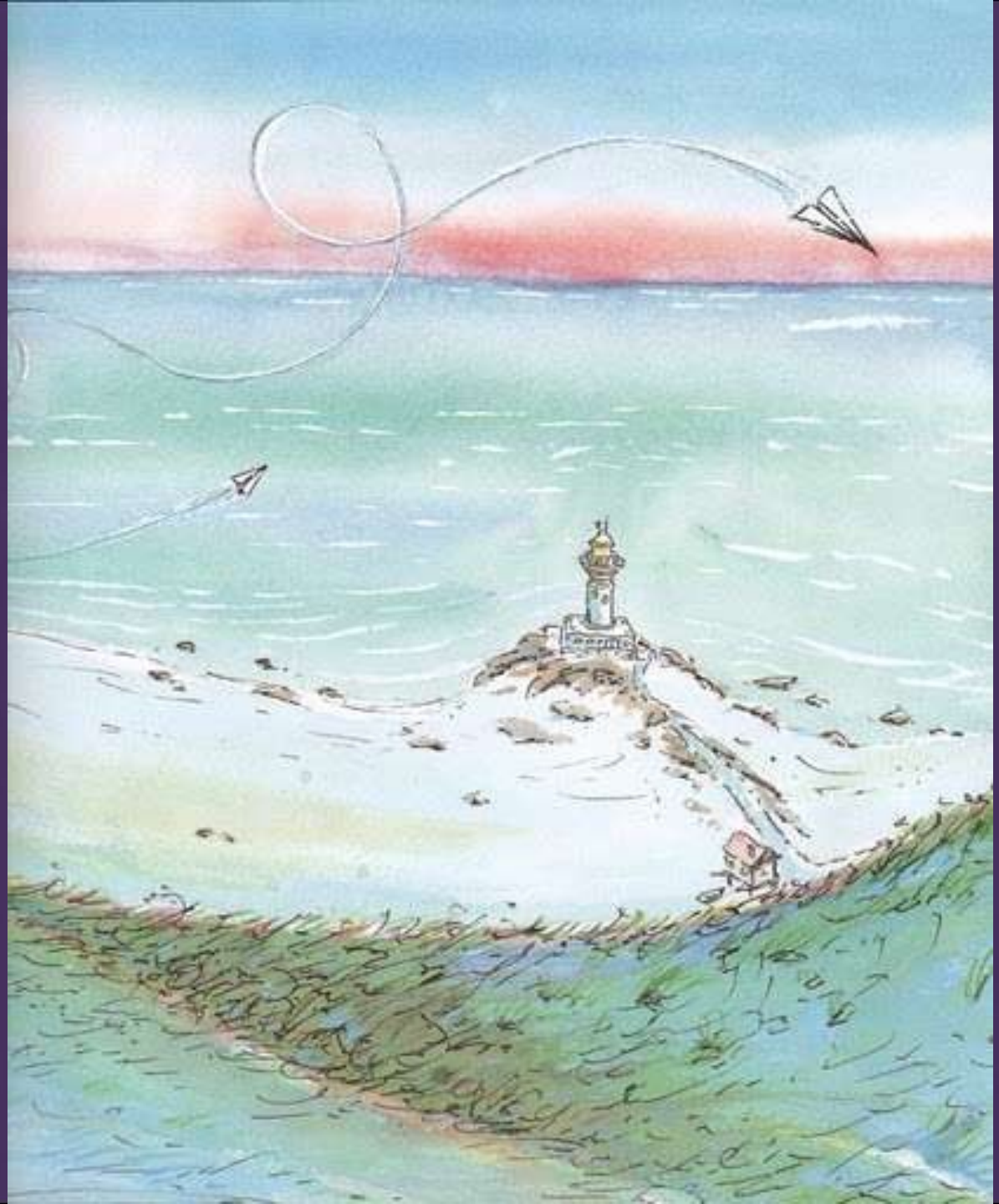

Pedro e Tina são
amigos inseparáveis...

até debaixo d'água,

e para sempre.

Pedagogia da Pesquisa-Ação

Maria Amélia Santoro Franco
Universidade Católica de Santos

Resumo

A pesquisa-ação tem sido utilizada, nas últimas décadas, de diferentes maneiras, a partir de diversas intencionalidades, passando a compor um vasto mosaico de abordagens teórico-metodológicas, instigando-nos a refletir sobre sua essencialidade epistemológica, bem como sobre suas possibilidades como práxis investigativa. O presente trabalho aprofunda reflexões sobre a pertinência e as possibilidades da pesquisa-ação como instrumento pedagógico e científico, buscando indicativos de respostas às questões: a pesquisa-ação deve ser essencialmente uma pesquisa intencionada à transformação participativa, em que sujeitos e pesquisadores interagem na produção de novos conhecimentos? Deve assumir o caráter formativo-emancipatório? Mediando pesquisas e estudos já realizados, buscou-se estruturar um processo pedagógico para a pesquisa-ação, que organize a questão da coerência entre a ontologia e a epistemologia pretendida na pesquisa. Para tanto, foi necessário estabelecer referências às questões: *de que pesquisa falamos quando nos referimos à pesquisa-ação*? Ou mesmo, *de que ação falamos quando nos referimos à pesquisa-ação?* E ainda, *como pesquisa e ação se integram na prática pedagógica da pesquisa-ação*?

O trabalho realça que a pesquisa-ação, estruturada dentro de seus princípios geradores, é uma pesquisa eminentemente pedagógica, dentro da perspectiva de ser o exercício pedagógico, configurado como uma ação que cientificiza a prática educativa, a partir de princípios éticos que visualizam a contínua formação e emancipação de todos os sujeitos da prática.

Palavras-chave

Pesquisa educacional – Pesquisa-ação – Prática pedagógica – Epistemologia.

Correspondência:
Maria Amélia Santoro Franco
Rua Campevas, 208 – Perdizes
05016-010 – São Paulo – SP
e-mail: ameliasantoro@uol.com.br

The pedagogy of action research

Maria Amélia Santoro Franco
Universidade Católica de Santos

Abstract

During the last decades, action research has been used in different ways, to different ends, giving rise to a mosaic of theoretical-methodological approaches, inviting us to reflect upon its epistemological essence, as well as upon its possibilities as an investigative praxis. This article promotes reflections about the appropriateness and possibilities of action research as a scientific and pedagogical instrument, hinting at answers to the following questions: should action research be essentially targeted at the participative transformation, where subjects and researchers interact in the production of new knowledge? Should it take on a formative-emancipative character? Drawing on existing research and studies, the text tries to compose a pedagogical process for action research that tackles the issue of the coherence between the ontology and the epistemology envisaged for the research. It was thus necessary to establish references for the questions: what research do we talk about when we refer to action research? Or even, what action do we talk about when we refer to action research? Or still, how do research and action come together in the pedagogical practice of action research?

The present work highlights the fact that action research, structured according to its generating principles, is an eminently pedagogical research, under the perspective of being the pedagogical exercise, configured as an action that scientificizes the educative practice starting from ethical principles that have in sight the continual formation and emancipation of all subjects of the practice.

Keywords

Educational research – Action research – Pedagogical practice – Epistemology.

Contact:
Maria Amélia Santoro Franco
Rua Campevas, 208 – Perdizes
05016-010 – São Paulo – SP
e-mail: ameliasantoro@uol.com.br

A pesquisa-ação tem sido utilizada, nas últimas décadas, de diferentes maneiras, a partir de diversas intencionalidades, passando a compor um vasto mosaico de abordagens teórico-metodológicas, o que nos instiga a refletir sobre sua essencialidade epistemológica, bem como sobre suas possibilidades como práxis investigativa.

Parece unânime considerar que a pesquisa-ação tem suas origens nos trabalhos de Kurt Lewin, em 1946, num contexto de pós-guerra, dentro de uma abordagem de pesquisa experimental, de campo. Suas atividades com pesquisa-ação foram desenvolvidas quando trabalhava junto ao governo norte-americano. Suas pesquisas iniciais tinham por finalidade a mudança de hábitos alimentares da população e também a mudança de atitudes dos americanos frente aos grupos éticos minoritários. Pautava-se por um conjunto de valores como: a construção de relações democráticas; a participação dos sujeitos; o reconhecimento de direitos individuais, culturais e étnicos das minorias; a tolerância a opiniões divergentes; e ainda a consideração de que os sujeitos mudam mais facilmente quando impelidos por decisões grupais. Suas pesquisas caminhavam paralelamente a seus estudos sobre a dinâmica e o funcionamento dos grupos. Sua forma de trabalhar a pesquisa-ação teve grande desenvolvimento nas empresas em atividades ligadas ao desenvolvimento organizacional.

Essa concepção inicial de pesquisa-ação dentro de uma abordagem experimental, de campo, adquire muitas feições fragmentadas durante a década de 1950 e modifica-se, estruturalmente, a partir da década de 1980 quando absorve a seus pressupostos a perspectiva dialética, a partir da incorporação dos fundamentos da teoria crítica de Habermas, e assume como finalidade a melhoria da prática educativa docente. São fundamentais para tal enfoque os trabalhos de Elliot e Adelman, do Centro de Pesquisa Aplicada em Educação, da Grã Bretanha, junto ao *Ford Teaching Project* (1973-1976).

Este artigo realçará que, a partir de Lewin e após diferentes incorporações teóricas ao conceito e à prática da pesquisa-ação, muitas interpretações têm sido realizadas em nome da pesquisa-ação, gerando um mosaico de abordagens metodológicas, que muitas vezes se operacionalizam na práxis investigativa, sem a necessária explicitação de seus fundamentos teóricos, gerando inconsistências entre teoria e método e comprometimentos à validade científica dos estudos.

De que pesquisa falamos quando nos referimos à pesquisa-ação?

Se alguém opta por trabalhar com pesquisa-ação, por certo tem a convicção de que pesquisa e ação podem e devem caminhar juntas quando se pretende a transformação da prática. No entanto, a direção, o sentido e a intencionalidade dessa transformação serão o eixo da caracterização da abordagem da pesquisa-ação.

Tenho observado, em recentes trabalhos de pesquisa-ação, no Brasil, pelo menos três conceituações diferentes:

a) quando a busca de transformação é solicitada pelo grupo de referência à equipe de pesquisadores, a pesquisa tem sido conceituada como pesquisa-ação colaborativa, em que a função do pesquisador será a de fazer parte e cientificizar um processo de mudança anteriormente desencadeado pelos sujeitos do grupo;

b) se essa transformação é percebida como necessária a partir dos trabalhos iniciais do pesquisador com o grupo, decorrente de um processo que valoriza a construção cognitiva da experiência, sustentada por reflexão crítica coletiva, com vistas à emancipação dos sujeitos e das condições que o coletivo considera opressivas, essa pesquisa vai assumindo o caráter de criticidade e, então, tem se utilizado a conceituação de pesquisa-ação crítica;

c) se, ao contrário, a transformação é previamente planejada, sem a participação dos sujeitos, e apenas o pesquisador acompanhará os efeitos e avaliará os resultados de sua aplicação, essa pesquisa perde o qualificativo de pesquisa-ação crítica, podendo ser denominada de *pesquisa-ação estratégica.*

Kincheloe (1997) afirma que a pesquisa-ação, que é crítica, rejeita as noções positivistas de racionalidade, de objetividade e de verdade e deve pressupor a exposição entre valores pessoais e práticos. Isso se deve em parte porque a pesquisa-ação crítica não pretende apenas compreender ou descrever o mundo da prática, mas transformá-lo.

A condição para ser pesquisa-ação crítica é o mergulho na práxis do grupo social em estudo, do qual se extraem as perspectivas latentes, o oculto, o não familiar que sustentam as práticas, sendo as mudanças negociadas e geridas no coletivo. Nessa direção, as pesquisas-ação colaborativas, na maioria das vezes, assumem também o caráter de criticidade.

No entanto, ainda podemos observar pesquisadores iniciantes utilizarem-se da pesquisa-ação para implementarem projetos ou propostas pensados apenas por eles próprios ou mesmo, muitas vezes, aplicando uma proposta de mudança idealizada por um superior hierárquico. Nesse caso, a dimensão crítica e dialética da pesquisa está sendo negada. A pesquisa-ação crítica deve gerar um processo de reflexão-ação coletiva, em que há uma imprevisibilidade nas estratégias a serem utilizadas. Uma pesquisa-ação dentro dos pressupostos positivistas é extremamente contraditória com a pesquisa-ação crítica.

A pesquisa-ação crítica considera a voz do sujeito, sua perspectiva, seu sentido, mas não apenas para registro e posterior interpretação do pesquisador: a voz do sujeito fará parte da tessitura da metodologia da investigação. Nesse caso, a metodologia não se faz por meio das etapas de um método, mas se organiza pelas situações relevantes que emergem do processo. Daí a ênfase no caráter formativo dessa modalidade de pesquisa, pois o sujeito deve tomar consciência das transformações que vão ocorrendo em si próprio e no processo. É também por isso que tal metodologia assume o caráter emancipatório, pois mediante a participação consciente, os sujeitos da pesquisa passam a ter oportunidade de se libertar de mitos e preconceitos que organizam suas defesas à mudança e reorganizam a sua autoconcepção de sujeitos históricos.

A partir desse início de reflexão, cabe perguntar: a pesquisa-ação deve ser essencialmente uma pesquisa intencionada à transformação da realidade em que se insere? Deve ser uma pesquisa fundamentalmente participativa, em que sujeitos e pesquisadores interagem na produção de novos conhecimentos? Deve essa pesquisa assumir o caráter formativo-emancipatório? Respostas a essas questões não são ainda consensuais. Porém, vamos tentar uma aproximação de forma a encontrar pistas à questão: *de que pesquisa falamos quando nos referimos à pesquisa-ação?*

Se voltarmos às origens da pesquisa-ação, com Kurt Lewin, seguindo os comentários de Mailhiot (1970), que foi seu aluno e trabalhou com ele, a pesquisa-ação deve partir de uma situação social concreta a modificar e, mais que isso, deve se inspirar constantemente nas transformações e nos elementos novos que surgem durante o processo e sob a influência da pesquisa. Por outro lado, segundo ainda Mailhiot, de acordo com a concepção hegeliana do devir social, que impregnava o pensamento de Lewin, este propõe como hipótese, "que os fenômenos sociais não podem ser observados do exterior, do mesmo modo que não podem ser observados em laboratório, de modo estático" (p. 46). Para Lewin, os fenômenos de grupo não revelam as leis internas de sua dinâmica, "senão aos pesquisadores dispostos a se engajar pessoalmente a fundo, neste dinamismo em marcha, a respeitar-lhe os processos de evolução nos sentidos definidos que a História lhe imprime e, assim, favorecer-lhe, ao máximo, que se ultrapasse" (p. 47). Realça ainda Mailhiot (1970) que, segundo Lewin, o pesquisador só

deve tentar modificar a dinâmica de um grupo a partir do consentimento explícito dos membros desse grupo. Dessa forma, segundo Lewin, o pesquisador deve assumir constantemente os dois papéis complementares: de pesquisador e de participante do grupo. Outro alerta importante de Lewin, considerado por Mailhiot, é que, para manter o ritmo de participação dos membros do grupo, é fundamental que os grupos e subgrupos tomem consciência da dinâmica inerente à situação social em evolução[1].

Pode-se observar que as origens da pesquisa-ação com Lewin identificam uma investigação que caminhe na direção da transformação de uma realidade, implicada diretamente na participação dos sujeitos que estão envolvidos no processo, cabendo ao pesquisador assumir os dois papéis, de pesquisador e de participante, e ainda sinalizando para a necessária emergência dialógica da consciência dos sujeitos na direção de mudança de percepção e de comportamento.

Portanto, se considerarmos a proposta inicial ao falarmos de pesquisa-ação, estaríamos pressupondo uma pesquisa de transformação, participativa, caminhando para processos formativos.

No entanto, segundo Kemmis (*apud* Côte-Thibault, 1991), a pesquisa-ação vai sendo objeto de interpretações e mudanças que modificam essa concepção original de Lewin: dois artigos de Lippitt e Radke, datados de 1946, e outro artigo de Chein, Cook e Harding, de 1948, apresentam a pesquisa-ação em termos positivistas e com isso obstruem seu potencial de desenvolvimento na direção inicial de Lewin. Esses autores distinguem quatro variedades de pesquisa-ação: a diagnóstica; a participante; a empírica; e a experimental. É relevante notar que essas quatro dimensões estavam presentes na proposta de Lewin de forma integrada. Essa subdivisão foi aos poucos permitindo a descaracterização dos processos integrativos presentes na proposta lewiniana, produzindo, de um lado, as múltiplas abordagens dessa forma de pesquisa e, de outro, a descaracterização da mesma em termos de suas raízes epistemológicas. Começa-se talvez, a partir daqui, a dificuldade em se responder à questão: *de que pesquisa falamos quando nos referimos à pesquisa-ação?*

A pesquisa-ação, nas décadas seguintes, fortalecer-se-á no espaço educacional: no entanto, segue um modelo simplificado em relação à proposta de Lewin e se enquadra numa perspectiva positivista. Dois artigos marcam esse período: um de Stephen Corey, de 1949, e outro de Taba e Noel, de 1957, ambos buscando formas de melhorar a prática docente e os resultados educativos. Metodologicamente falando, esses trabalhos pautavam-se mais em uma ação pesquisada, em que partiam da identificação de problemas na escola; buscavam os fatores causais dos mesmos; formulavam uma hipótese de intervenção; aplicavam com os docentes; e avaliavam coletivamente as ações empreendidas. Percebe-se que, nesse caso, o pesquisador tem um papel de investigador, mas os docentes não eram, na realidade, alçados à condição de pesquisador. No entanto, mudavam suas ações e refletiam sobre os resultados.

Percebe-se que o ciclo em espiral, bastante importante a Lewin, que permitia readequações e alterações de rumo no processo, deixa de existir. Há várias maneiras de se considerar a "espiral cíclica", vista como retomada em processo das ações, análises, reflexões, numa dinâmica sempre evolutiva. Kurt Lewin (1946) considerava que a pesquisa-ação é um processo de espiral que envolve três fases: 1. planejamento, que envolve reconhecimento da situação; 2. tomada de decisão; e 3. encontro de fatos (*fact-finding*) sobre os resultados da ação. Esse *fact-finding* deve ser incorporado como fato novo na fase seguinte de retomada do planejamento e assim sucessivamente[2].

1. Côte-Thibault (1991, p. 167) assim se refere: "La recherche-action était à ce moment un essai, pour Lewin, d'incorporer systématiquement la conscientisation de groupe dans un processus de recherche".

2. Não me deterei mais neste aspecto por não ser o objeto deste trabalho, no entanto essa noção de espiral cíclica está subsumida nas reflexões que aqui realizo neste texto.

Nesses casos, permanece a idéia de transformação da realidade, no entanto de forma pontual em algum aspecto da realidade julgado relevante. O foco desloca-se para o produto da mudança e não mais para o processo. Não há como negar que, por certo, os docentes envolvidos poderiam se beneficiar ao analisar os resultados de forma coletiva ou mesmo ao participarem das mudanças planejadas. Contudo, perde-se a perspectiva de um processo de pesquisa desencadear nos práticos novas formas de perceber e lidar com a situação, formas essas que passariam a ser objeto de pesquisa; perde-se também o imbricamento entre pesquisa e ação. Stanford (*apud* Cote-Thibault, 1991), ao comentar o declínio das pesquisas-ação em educação no final dos anos de 1950, especula que isso pode ter ocorrido pela dissociação gradativa entre pesquisa e ação. Acredito que essa dissociação é típica do aporte positivista que, como já me referi citando Kincheloe, é um aporte incompatível com a intencionalidade da pesquisa-ação.

Nesse sentido, Barbier (2003) é bem enfático ao dizer que a natureza da pesquisa-ação é essencialmente diferente da maneira usual de pesquisa em ciências sociais e cita Blum (1955), utilizando-se da fala de Dusbot:

> [...] a pesquisa-ação é a revolta contra a separação dos fatos e dos valores [...] é um protesto contra a separação de pensamento e da ação, que é uma herança do 'laissez-faire' do século 19. (1987, p. 136)

Portanto, ao falar de pesquisa-ação, falamos de uma pesquisa que não se sustenta na epistemologia positivista, que pressupõe a integração dialética entre o sujeito e sua existência; entre fatos e valores; entre pensamento e ação; e entre pesquisador e pesquisado.

Porém, a pesquisa-ação vai historicamente retornar ao palco das pesquisas em educação, agora incorporando a dialética da realidade social e os fundamentos de uma raciona-lidade crítica pautada em Habermas.

Conforme já citado, Kemmis (1984) atribui o ressurgimento da pesquisa-ação aos trabalhos conduzidos por Elliot e Adelman, do Centro de Pesquisas Aplicadas à Educação, na Universidade de East Anglia, na Grã-Bretanha, no projeto denominado de *Ford Teaching Project* (1973-1976). Essas pesquisas se baseavam em Lewin e Stenhouse e se caracterizavam por uma proposta de resolução de problemas a partir de abordagem pedagógica, realizada metodologi-camente, por indução e descoberta.

Para responder à pergunta *de que pesquisa falamos quando nos referimos à pesquisa-ação?*, será importante considerar que, segundo Carr e Kemmis (1986), essa mudança empreendida na década de 1970 é muito diferente daquela empreendida no final dos anos de 1940. As razões são as seguintes:

- a grande preocupação dos pesquisadores em educação em ajudar os professores a resolver seus problemas;
- o grande desenvolvimento das abordagens qualitativas-interpretativas nas pesquisas em educação;
- o aprofundamento de estudo sobre formas e modelos colaborativos no desenvolvimento de programas escolares e avaliação da educação;
- o compromisso ideológico e político nas formas de abordagem dos problemas sociais e políticos da educação.

A partir de tais considerações, pode-se perceber que a continuidade da proposta de pesquisa-ação a partir de Lewin se faz por meio de Stenhouse, concretiza-se com Elliot e Aldeman e parece referendar ao estatuto epistemológico dessa forma de investigação, a questão da transformação social, agora referendada com compromissos éticos e políticos, com vistas à emancipação dos sujeitos e das condições que obstruem esse processo emancipatório; configurada por abordagens interpretativas de análise; estruturada sob forma de participação crítica, cujo processo de pesquisa deverá permitir reconstruções e reestruturação

de significados e caminhos em todo desenrolar do processo, enquadrando-se num procedimento essencialmente pedagógico e, por assim ser, político.

Em recente trabalho sobre a especificidade da pedagogia como ciência da educação, considero (Franco, 2003) que "o objetivo da pedagogia como ciência da educação, será o esclarecimento reflexivo e transformador da práxis" (p. 83). Para a concretização desse objetivo, analiso que o campo de conhecimentos da pedagogia será construído na intersecção entre "os saberes interrogantes das práticas, os saberes dialogantes das intencionalidades da práxis e os saberes que respondem às indagações reflexivas formuladas por essas práxis" (p. 85). Nessa direção, para a operacionalização dessa especificidade à ciência da educação, realço a necessidade de uma metodologia, de caráter formativo e emancipatório, que atenda a determinados princípios, que denomino de princípios fundantes, indicando que a investigação sobre a prática educativa para se realizar deverá contemplar:

- a ação conjunta entre pesquisador-pesquisados;
- a realização da pesquisa em ambientes onde acontecem as próprias práticas;
- a organização de condições de autoformação e emancipação aos sujeitos da ação;
- a criação de compromissos com a formação e o desenvolvimento de procedimentos crítico-reflexivos sobre a realidade;
- o desenvolvimento de uma dinâmica coletiva que permita o estabelecimento de referências contínuas e evolutivas com o coletivo, no sentido de apreensão dos significados cons-truídos e em construção;
- reflexões que atuem na perspectiva de superação das condições de opressão, alienação e de massacre da rotina;
- ressignificações coletivas das compreensões do grupo, articuladas com as condições sociohistóricas;
- o desenvolvimento cultural dos sujeitos da ação.

Quero com isso esclarecer que a pesquisa-ação, estruturada dentro de seus princípios geradores, é uma pesquisa eminentemente pedagógica, dentro da perspectiva de ser o exercício pedagógico, configurado como uma ação que cientificiza a prática educativa, a partir de princípios éticos que visualizam a contínua formação e emancipação de todos os sujeitos da prática. Nessa direção, reporto-me à escrita de Barbier (2003) quando afirma que:

> A pesquisa-ação torna-se a ciência da práxis exercida pelos técnicos no âmago de seu local de investimento. O objeto da pesquisa é a elaboração da dialética da ação num processo pessoal e único de reconstrução racional pelo ator social. (p. 59)

Acredito que a partir das reflexões até aqui empreendidas podem-se distinguir algumas aproximações de respostas à pergunta que tem norteado esta parte deste artigo: *de que pesquisa falamos quando nos referimos à pesquisa-ação?* Para tanto, distinguirei as pistas encontradas em três dimensões[3]:

- dimensão ontológica: referente à natureza do objeto a ser conhecido;
- dimensão epistemológica: referente à relação sujeito-conhecimento;
- dimensão metodológica: referente a processos de conhecimento utilizados pelo pesquisador.

A dimensão *ontológica* da pesquisa-ação: o que se pretende conhecer quando se utiliza a pesquisa-ação a partir dos pressupostos atuais? De um modo bem abrangente, poder-se-ia dizer que se pretende conhecer a realidade social, foco da pesquisa, de forma a transformá-la. No entanto, essa abrangência é prejudicial e perigosa, pois atendendo a essa

3. Essas três dimensões são inspiradas em Guba (apud Alves-Mazzotti; Gewandsznajder, 2001), que analisa as diferentes especificidades contidas no rótulo genérico de "paradigma qualitativo".

perspectiva poder-se-ia usar a pesquisa-ação para fins meramente manipulativos. O conhecimento da realidade social é um imperativo que se tornará evidente, mas acredito que, mais que isso, o conhecimento pretendido será o conhecimento da *pedagogia de mudança da práxis*. Quando nos referimos a um conhecimento pautado na *pedagogia de mudança da práxis*, estamos nos referindo a uma ação pedagógica que deve implicar

> [...] atitudes problematizadoras e contextualizadoras das circunstâncias da prática; dentro de uma perspectiva crítica sobre as ideologias presentes na prática, tendo por objetivos a emancipação e a formação dos sujeitos da prática. (Franco, 2003, p. 88)

Esse conhecimento norteador deve permitir aos sujeitos conhecimentos decorrentes referentes a:

- produzir conhecimentos para uma melhor compreensão dos condicionantes da práxis;
- produzir conhecimentos para estabelecer mudanças em suas práticas profissionais;
- produzir conhecimentos, após cientificizados, para a melhoria das práticas, para fins coletivamente desejados;
- produzir conhecimentos para a reestruturação de processos formativos.

A dimensão epistemológica da pesquisa-ação: como se estabelecem as relações entre sujeito e conhecimento? Pelo que já expusemos, pode-se verificar que a pesquisa-ação é incompatível com procedimentos decorrentes de uma abordagem positivista, uma vez que requer para seu exercício um mergulho na intersubjetividade da dialética do coletivo. Essa afirmação da incompatibilidade da pesquisa-ação com os pressupostos positivistas não é consensual entre os pesquisadores da área, no entanto considero que a pesquisa-ação fundamenta-se em princípios que rompem com a perspectiva positivista da elaboração do conhecimento em educação. Esse rompimento se dá especialmente no espaço em que a pesquisa positiva, fundada na experimentação, pensa-se neutra e autônoma em relação à realidade social. Desde sua origem, a pesquisa-ação assume uma postura diferenciada diante do conhecimento, uma vez que busca, ao mesmo tempo, conhecer e intervir na realidade que pesquisa. Essa imbricação entre pesquisa e ação faz com que o pesquisador, inevitavelmente, faça parte do universo pesquisado, o que, de alguma forma, anula a possibilidade de uma postura de neutralidade e de controle das circunstâncias de pesquisa.

Os pressupostos epistemológicos caminham, historicamente, na direção de uma perspectiva dialética e podemos considerar como fundamentais:

- priorização da dialética da realidade social; da historicidade dos fenômenos; da práxis; das contradições, das relações com a totalidade; da ação dos sujeitos sobre suas circunstâncias;
- a práxis deve ser concebida como mediação básica na construção do conhecimento, pois por meio dela se veicula teoria e prática; pensar e agir; e pesquisar e formar;
- não há como separar sujeito que conhece do objeto a ser conhecido;
- o conhecimento não se restringe à mera descrição, mas busca o explicativo; parte do observável e, vai além, por meio dos movimentos dialéticos do pensamento e da ação;
- a interpretação dos dados só pode se realizar em contexto;
- o saber produzido é necessariamente transformador dos sujeitos e das circunstâncias.

Do ponto de vista *metodológico*, passa-se fundamentalmente à exigência de procedimentos articuladores da ontologia com a epistemologia da pesquisa-ação. Independentemente das técnicas a serem utilizadas, há que se caminhar para uma metodologia que instaure no grupo uma dinâmica de princípios e práticas

dialógicas, participativas e transformadoras. É relevante aqui referendar o alerta de Thiollant (2003) de que:

> [...] um grande desafio metodológico consiste em fundamentar a inserção da pesquisa-ação dentro de uma perspectiva de investigação científica, concebida de modo aberto e na qual ciência não seja sinônimo de positivismo, funcionalismo e de outros rótulos. (p. 20)

Acredito que podemos elencar alguns princípios para fundamentar a epistemologia da metodologia:

- deve-se, na escolha metodológica, rejeitar noções positivistas de racionalidade, de objetividade e de verdade (Carr; Kemmis, 1986);
- a práxis social é ponto de partida e de chegada na construção/ressignificação do conhecimento;
- o processo de conhecimento se constrói nas múltiplas articulações com a intersubjetividade em dinâmica construção;
- a pesquisa-ação deve ser realizada no ambiente natural da realidade a ser pesquisada;
- a flexibilidade de procedimentos é fundamental e a metodologia deve permitir ajustes e caminhar de acordo com as sínteses provisórias que vão se estabelecendo no grupo;
- o método deve contemplar o exercício contínuo de espirais cíclicas: planejamento; ação; reflexão; pesquisa; ressignificação; replanejamento, ações cada vez mais ajustadas às necessidades coletivas, reflexões, e assim por diante...

De que ação falamos quando nos referimos à pesquisa-ação?

Quando se pretende investigar a dimensão da ação na pesquisa-ação, tem-se também por finalidade refletir seu sentido, suas configurações, bem como seu "entranhamento" no processo investigativo. Nessa direção, tem-se a preocupação de identificar as ações necessárias à construção/compreensão do objeto de estudo em questão, bem como as ações fundamentais para transformar tais compreensões em produção de conhecimento. Portanto, o grande interesse é permitir conhecer as ações necessárias à compreensão dos processos que estruturam *a pedagogia da mudança da práxis* na situação em investigação.

Considerando-se a pesquisa-ação um processo eminentemente interativo, a análise da qualidade da ação entre os sujeitos que dela participam é fundamental para definir sua pertinência epistemológica e seu potencial praxiológico.

Para este estudo, reportamo-nos a Habermas e, num primeiro momento, apoiamo-nos na fala de Boufleur (1997):

> O que determina a racionalidade de uma fala ou de uma ação? A primeira impressão é a de que a racionalidade está na dependência da confiabilidade do tipo de saber que a fala expressa ou que a ação encarna. De fato há uma estreita relação entre racionalidade e saber, mas Habermas argumenta que a racionalidade diz respeito nem tanto ao saber em si ou à sua aquisição, e sim à forma como os sujeitos capazes de linguagem e de ação fazem uso desse saber. (p. 26)

Como pode o homem fazer uso de seu saber por meio da ação? Considera-se que o homem ao realizar suas ações estabelece, por meio da mobilização de seus saberes, duas relações fundamentais:

- relação homem natureza: pautada em uma relação de conhecimento e domínio; caracterizada por Habermas, quando de seu uso na esfera social, como *uma ação estratégica;*
- relação homem outros homens: relação de interação simbolicamente mediada, utilizada na esfera da compreensão do outro e assim considerada *uma ação comunicativa*.

Acompanhando o raciocínio do autor, há duas direções que podem ser tomadas:

- se considerarmos as relações humanas como relações do tipo homem-natureza, em que há a utilização de um saber não comunicativo, estaremos optando por um conceito de racionalidade cognitivo-instrumental;
- se considerarmos, no entanto, as relações humanas tecendo-se por meio de saberes intersubjetivamente partilhados, estaremos optando por um conceito de racionalidade comunicativa.

Os dois modos de racionalidade ocorrem no dia-a-dia de nossas vidas. No entanto, o exercício da pesquisa-ação como investigação formativo-emancipatória requer fundamentalmente o modelo do agir comunicativo. Quais os pressupostos desse modelo?

Segundo Rojo (1997), a ação comunicativa é uma ação eminentemente interativa, nasce do coletivo, da equipe. Essa ação não pretende garantir a eficiência a qualquer custo, não é individualista, não persegue o êxito, mas, ao contrário, é uma ação dialógica, vitalista, que emerge do mundo vivido. Essa ação nasce da situação e lhe oferece saídas. É comunitária, busca o entendimento, persegue a negociação, o acordo; busca o consenso; é axiológica porque acredita na validade das normas discutidas. "Mansa na escuta e forte na tomada de decisões" (p. 32-33).

Os acordos decorrentes da negociação, a partir da racionalidade comunicativa, são intersubjetivos, negociados dialógica e criticamente, diferente dos acordos decorrentes da racionalidade estratégica que são frios, impostos, induzidos mediante gratificações, ameaças, sugestões, em que o que importa é o êxito do proponente da ação.

No agir comunicativo, os participantes podem chegar a um saber compartilhado que vai tecendo uma estrutura interacional de confiança e comprometimento. Já no agir estratégico, pautado por ações de influências recíprocas, o acordo subjetivo não é possível, passando a funcionar o mecanismo de indução de valores e convicções, o que mina a interação e não permite a criação de um clima de cumplicidade e verdadeira participação. Portanto, a ação necessária para o exercício desse tipo de pesquisa, que ora discutimos, será aquela decorrente do agir comunicativo. Porém, como empreender uma ação a partir do agir comunicativo?

Imaginemos por um instante um pesquisador, ou uma equipe de pesquisadores, adentrando uma escola para realização de uma pesquisa-ação. Como se colocar numa cultura com códigos, significados, representações, resistências, expectativas, por certo variados e dissonantes? Como tornar familiar um ambiente tão novo, do qual, a princípio, o pesquisador não é um de seus componentes? Como adentrar e lidar com as contradições iniciais, como percebê-las? Como fazer dos grupos ali presentes um grupo de trabalho? Como começar um trabalho de equalizar resistências e preconceitos? Como chegar ao clima de confiança e cumplicidade?

Alio-me à preocupação de Mizukami *et al.* (2002) ao analisarem as dificuldades inerentes à pesquisa na/com a prática: "como professores e administradores lidam com relações assimétricas de poder que podem distorcer os dados ou colocar em risco os participantes?" (p. 122). As autoras fazem também um alerta para as questões éticas que emergem de relações desiguais de poder.

Portanto, a grande questão que se coloca é a da necessária interpenetração de papéis: como passar de pesquisador a participante, continuando a ser prioritariamente pesquisador; ou como passar de professor sujeito de pesquisa a pesquisador de seu fazer, mantendo-se prioritariamente no papel de professor? Decorre daí que surge outra desigualdade, quase que identitária: o pesquisador estará, por certo, prioritariamente envolvido na pesquisa e nos resultados desta; o professor, por certo, estará prioritariamente envolvido na ação, aguardando melhorias em sua prática. Como conciliar, mediar, articular essas diferenças ancoradas no âmago do fazer profissional de cada um?

Percebe-se que a pesquisa-ação dificilmente poderá ser empreendida por pesquisado-

res iniciantes, pois se corre o risco da ingenuidade metodológica: ou seja, que essas dissonâncias passem a não ser percebidas, tratadas superficialmente e caindo-se no risco do agir estratégico, dificultando a pesquisa caminhar na direção de sua intencionalidade.

Nessa direção, acredito que a postura colaborativa, vagarosa, silenciosa, "mansa na escuta e forte na tomada de decisões" é um caminho importante, bastante trilhado por Elliot (1998), em seus trabalhos com professores, com vistas à mudança curricular: "a colaboração e a negociação entre especialistas e práticos (professores) caracterizam a forma inicial do que se tornou, mais tarde, conhecido como pesquisa-ação" (p. 138).

Garrido, Pimenta e Moura (1998) também tiveram resultados importantes na pesquisa-ação que empreenderam numa escola pública paulista. Foram chamados pela escola como colaboradores de um processo que clamava por mudanças; colocaram-se como colaboradores do grupo, sem desistir do papel de pesquisadores; adentraram, silenciosa e vagarosamente na cultura escolar, ao mesmo tempo em que disponibilizaram ao grupo escola a cultura da universidade, sempre na perspectiva de colaborar com as mudanças pretendidas pelo grupo e sem perder a dimensão do caráter formativo do processo.

Desde Lewin até Elliot, afirma-se que uma importante característica da pesquisa-ação é seu processo integrador entre pesquisa, reflexão e ação, retomado continuamente sob forma de *espirais cíclicas*, dando tempo e espaço para que a integração pesquisador-grupo vá se aprofundando, permitindo-se que a prática desse processo vá, aos poucos, se tornando mais familiar, como também o tempo para que o conhecimento interpessoal se aprofunde e, ainda, por meio de tais espirais, dá-se o tempo e espaço para apreensão cognitiva/emocional das novas situações vividas por todo o grupo – práticos e pesquisadores.

Considerando-se a essencialidade das espirais cíclicas que funcionam quer como instrumento de reflexão/avaliação das etapas do processo, quer como instrumento de autoformação e formação coletiva e, mais ainda, como uma "incubadora" que amadurece e potencializa as apreensões individuais e coletivas, especialmente no aspecto afetivo-emocional, há que se considerar que uma pesquisa-ação não se realiza em curto espaço de tempo. É preciso tempo para construir a intimidade e um universo cognitivo mais próximo; para barreiras e resistências serem transformadas; para apreensão de novos fatos e valores que emergem de constantes situações de exercício do novo; para reconsiderações de seus papéis profissionais e elaboração das rupturas que emergem, para o imprevisto e o recomeço...

Daí decorre outra necessária consideração: a pesquisa-ação, para bem se realizar, precisa contar com um longo tempo para sua realização plena. Não pode ser um processo aligeirado, superficial, com tempo marcado. A imprevisibilidade é um componente fundamental à prática da pesquisa-ação. Considerá-la (a imprevisibilidade) significa estar aberto para reconstruções em processo, para retomadas de princípio, para recolocação de prioridades, sempre no coletivo, por meio de acordos consensuais, amplamente negociados. A pressa é um pressuposto que não funciona na pesquisa-ação e se estiver presente conduz, quase que sempre, a atropelamentos no trato com o coletivo, passando a priorizar o produto, e tornando mais fácil a utilização de procedimentos estratégicos que vão descaracterizar a pesquisa.

Na intenção de realçar o que foi comentado até aqui na direção de responder à questão: *de que ação falamos quando nos referimos à pesquisa-ação?*, podemos evidenciar:

- a ação referendada à pesquisa-ação deve estar vinculada a procedimentos decorrentes de um agir comunicativo;
- as ações empreendidas devem emergir do coletivo e caminhar para ele;
- as ações em pesquisa-ação devem ser eminentemente interativas, dialógicas, vitalistas;
- a ação deve conduzir a entendimento/negociação/acordos;

• as ações devem se reproduzir na produção de um saber compartilhado;
• as ações devem procurar aprofundar a interfecundação de papéis: de participante a pesquisador e de pesquisador a participante, cumprindo assim seu papel formativo;
• ações devem procurar conviver e superar as relações assimétricas de poder e de papéis;
• ações devem ser readequadas e renovadas por meio das espirais cíclicas;
• ações devem integrar processos de reflexão/pesquisa e formação;
• ações devem se autoproduzir na sensibilidade de diferentes tempos e espaços, emergentes das necessidades vitais do processo.

Para se analisar a configuração dessas ações nos papéis sociais dos participantes da pesquisa-ação, vamos aqui realçar o trabalho de Lavoie, Marquis e Laurin (1996), em que, utilizando-se de diferentes referências conceituais, procura sintetizar os papéis prioritários do pesquisador e dos atores num processo de pesquisa-ação. Dessa síntese, farei uma outra para melhor adequar ao nosso foco de trabalho.

Ações prioritárias do pesquisador (papéis sociais):

• o pesquisador deve ultrapassar o saber puramente fenomenológico, essencialmente subjetivo, e caminhar *para construir um saber da prática*, que se situa entre o pólo subjetivo e o pólo objetivo;
• estabelecer uma comunicação de igual a igual com os atores, reconhecendo-lhes a capacidade de dar sentido aos acontecimentos, de organizar e de planificar;
• deve ser um facilitador: só intervir quando houver necessidade;
• ser capaz de descobrir que suas ações têm significado diferentes para cada ator social. No entanto, deve procurar conhecer e se ajustar a esses significados;
• conhecer e trabalhar com os vieses de comunicação e de sentido: para tanto devem permitir integrações decorrentes dos mecanismos da abordagem dialética que fundamenta os trabalhos de pesquisa-ação;
• aceitar que as coisas podem mudar, que elas podem ser reconstruídas;
• ter a capacidade de viver na incerteza e saber reconhecer a característica única de cada situação;
• ser capaz de se colocar disponível aos atores de modo a permitir-lhes observar e compreender a lógica das ações;
• manter o rigor científico do trabalho e zelar por uma interpretação justa dos fatos e das práticas;
• estar sempre a serviço de um objetivo e não de um cliente, de modo a tornar-se militante de uma causa e não serviçal de um projeto imposto (Pirson, 1981);
• participar de cada etapa da evolução do projeto, juntamente com os sujeitos participantes.

Como se percebe, as ações acima elencadas pressupõem o que já reafirmamos, ou seja, as ações do pesquisador devem caminhar dentro de um paradigma de ação comunicativa, com foco na garantia de espaço de expressão e participação aos práticos e foco também na garantia da intencionalidade de uma pesquisa-ação.

Vamos agora verificar a síntese de expectativas de ação aos participantes, conforme as mesmas autoras:

• participar da elaboração dos instrumentos e assim apreender seu significado;
• comprometer-se de acordo com seus talentos, suas capacidades, suas experiências e suas relações particulares frente à situação investigada;
• participar ativamente da elaboração da problemática da ação, da pesquisa, da busca de soluções, enfim de todas as etapas;
• colaborar nas tomadas de decisão, tanto nas questões de pesquisa quanto nas questões da ação;
• ser cauteloso no trato da difusão oficial de

resultados e prudente nas generalizações;
• agir profissionalmente e usar seus conhecimentos e experiências para questionar o pesquisador;
• estar dispostos a participar tanto da pesquisa quanto das ações decorrentes;
• aceitar viver na incerteza e instabilidade inerentes a toda situação dinâmica, na qual é impossível a previsão de tudo;
• viver intimamente a experiência e tentar objetivar e partilhar os seus significados com todo o grupo.

Esperam-se atitudes voltadas à disponibilidade, à cooperação, ao envolvimento. No entanto, sabe-se que tais disposições nem sempre estão, de pronto, presentes no grupo. É preciso que o pesquisador saiba tecer e construir esse sentimento de parceria e colaboração, construindo um clima grupal que permita a emergência qualitativa dessas ações em todos os participantes. Essa situação pode ser mais bem vivenciada quando o grupo solicita o trabalho dos pesquisadores, como no caso já citado do trabalho da professora Selma Pimenta e sua equipe. Nesse caso, o clima de cooperação é mais evidente desde o início, mas há outros problemas decorrentes, até porque nem sempre a solicitação feita pelo grupo é uma solicitação que expressa a vontade da maioria. Muitas vezes, é de um pequeno grupo, dentro de um grupo maior, de diversos interesses, nem sempre convergentes.

Reafirma-se, nessa direção, a preocupação de Lewin (1946) quando aliava, ao estudo da pesquisa-ação, o aprofundamento das investigações sobre a dinâmica e a gênese dos grupos, sobre os mecanismos de bloqueio às mudanças grupais ou mesmo o estudo sobre a evolução de percepções coletivas de grupo. Lewin preconizava que somente um bom conhecimento sobre o funcionamento e dinâmica de determinado grupo permite ao pesquisador adentrar em seu clima, entender a sua lógica. Escrevendo sobre a consideração de Lewin, nessa questão, escreve Mailhiot (1970, p. 61):

> O objetivo a atingir, inicialmente, é tornar grupos e subgrupos conscientes e lúcidos da dinâmica inerente à situação social em evolução. Não é senão a partir deste momento que subgrupos e grupos aceitarão alterações e complementos às suas percepções de grupo.

Nessa direção, outro alerta importante a pesquisadores iniciantes é que essa questão deve ser considerada: é preciso conhecer e se interessar pela dinâmica dos grupos, no sentido da dialética de formação e dos mecanismos de reprodução do grupo, para poder bem trabalhar com pesquisa-ação.

Lembra-nos Morin (1986) que as ações do pesquisador devem ser permeadas por um discurso acessível, "sem aparelhagem científica complexa" (p. 304), ser um discurso espontâneo, enriquecido pelas experiências vividas por meio do diálogo e ser, acima de tudo, um discurso aberto às transformações e que, dado as condições de ser a pesquisa-ação um procedimento aberto a revisões e reestruturações constantes, esse discurso deve ter um caráter eminentemente exploratório.

Como pesquisa e ação se integram na pesquisa-ação? (qual o significado do hífen entre pesquisa e ação?)

Considero necessária a reflexão sobre a qualidade da relação que se estabelece entre a pesquisa e a ação, num processo investigativo de pesquisa-ação, pois acredito que surgem muitos equívocos decorrentes do não aprofundamento dessa questão.

Quando falamos de pesquisa–ação, estamos nos referindo a:

• pesquisa na ação;
• pesquisa para a ação;
• pesquisa com ação;
• pesquisa da ação;
• ação com pesquisa;
• ação para a pesquisa;
• ação na pesquisa.

Há diferenças nessas colocações tão sutis? Decorrem alterações, no exercício investigativo, quando se trocam as preposições ou os posicionamentos dos dois componentes dessa expressão? Acredito que há diferenças e estas se tornam mais evidentes quando se distancia a intencionalidade metodológica de seus procedimentos.

Se considerarmos as reflexões que elaboramos neste artigo e nos pautarmos, para a síntese, em Lavoie, Marquis e Laurin (1996), a pesquisa-ação pode ser considerada:

- uma abordagem de pesquisa, com característica social, associada a uma estratégia de intervenção e que evolui num contexto dinâmico;
- é uma pesquisa que parte do pressuposto de que pesquisa e ação podem estar reunidas;
- essa pesquisa pode ter por objetivos a mudança, a compreensão das práticas, a resolução dos problemas, a produção de conhecimentos e/ou a melhoria de uma situação dada, na direção proposta pelo coletivo;
- deve se originar de necessidades sociais reais; deve estar vinculada ao meio natural de vida; contar com a participação de todos os participantes, em todas as suas etapas;
- metodologicamente, deve ter procedimentos flexíveis, ajustar-se progressivamente aos acontecimentos; estabelecer uma comunicação sistemática entre seus participantes e se auto-avaliar durante todo processo;
- ter característica empírica; estabelecer relações dinâmicas com o vivido; e enriquecer-se com categorias interpretativas de análise;
- deve possuir um *design* inovador e uma forma de gestão coletiva, em que o pesquisador é também participante e os participantes também são pesquisadores.

Se considerarmos o acima exposto, fica mais evidente que, para a pesquisa-ação se realizar, deve haver uma associação da pesquisa a uma estratégia ou proposta coletiva de intervenção, indicando-nos a posição de pesquisa inicialmente com ação de intervenção, que imediatamente passa a ser objeto de pesquisa. Assumimos também que pesquisa e ação podem estar reunidas num mesmo processo, reafirmando a questão da *pesquisa com ação*, que vai aos poucos sendo também *ação com pesquisa*. No desenvolver da pesquisa-ação, há a ênfase na flexibilidade, nos ajustes progressivos aos acontecimentos, fortalecendo a questão da pesquisa com ação.

Se considerarmos a pesquisa-ação como uma *pesquisa na/sobre ação*, poderemos cometer pelo menos dois equívocos:

- transformar a pesquisa-ação em uma pesquisa de avaliação de um procedimento adotado, de uma transformação empreendida ou mesmo de um processo em implantação. Nesse caso, a pesquisa, embora relevante, não pode ser considerada pesquisa-ação, pois perde sua característica dinâmica de transmudar-se pelas transformações, portanto perde sua possibilidade de ajuste progressivo, fator fundamental à pesquisa da/na práxis;
- outro equívoco, bastante comum em pesquisadores iniciantes, refere-se ao fato de o pesquisador investigar seu próprio local e função de trabalho. Um diretor de escola, um coordenador pedagógico ou mesmo um professor realizam a pesquisa no âmbito de sua ação profissional. Apesar da relevância dessa postura, a pesquisa decorrente dificilmente pode ser caracterizada por pesquisa-ação, devido principalmente à hierarquia de papéis profissionais, dos poderes implícitos, o que passa a exigir ações estratégicas e dificilmente ações comunicativas.

O que importa deixar delimitado é que a pesquisa-ação sugere sempre a concomitância entre pesquisa e ação e ação e pesquisa, considerando-se até que deveria ser expressa em forma de dupla flecha, ao invés de hífen: *pesquisa↔ação*, de modo a caracterizar a concomitância, a intercomunicação e a interfecundidade.

Quero deixar bem claro que há outras formas de pesquisas, muito relevantes e necessárias, que trabalham a questão da relação ação-pesquisa de forma diferente. Minha afirmação não sugere, em hipótese alguma, críticas a outras formas de considerar e discutir essa concomitância. Quero apenas realçar que, quando me refiro à pesquisa-ação, embasando-me nos pressupostos teóricos que sinteticamente expressei neste texto, concomitância/intercomunicação/interfecundidade entre a pesquisa e a ação é uma questão de inerência à proposta. Decorrem daí as dificuldades operacionais/existenciais de se empreender uma pesquisa-ação, uma vez que trabalhar cientificamente na concomitância de papéis, na contradição de expectativas, na incerteza dos acontecimentos, que darão rumo e novas direções ao processo, requer muita convicção, muita ousadia e muita persistência.

Estruturando um processo pedagógico para a pesquisa-ação

É comum aos iniciantes em pesquisa solicitarem um *esquema prático*, tipo *fases do método* para realizar uma pesquisa-ação. Há autores que realizam essa tarefa com muita pertinência e cito em especial o trabalho aqui já referendado de Lavoie, Marquis e Laurin (1996). No entanto, quero neste artigo realçar a flexibilidade metodológica da pesquisa-ação como um de seus componentes essenciais, que implica, como todo trabalho sobre a prática, um rigor científico que se vincula mais à coerência epistemológica em processo do que ao cumprimento de um ritual de ações que se sucedem. Por isso, realço a questão em torno de uma *pedagogia da pesquisa-ação* que implica em considerar a complexidade, a imprevisibilidade, a oportunidade gerada por alguns acontecimentos inesperados, a fecundidade potencial de alguns momentos que emergem da práxis, indicando que o pesquisador precisa muitas vezes "agir na urgência e decidir na incerteza", conforme refere-se Perrenoud (1999) em relação ao fazer docente.

Dessa forma, já finalizando este trabalho, quero enfatizar alguns momentos que devem ser priorizados num processo de pesquisa-ação, para garantir a articulação de seus pressupostos ontológicos, epistemológicos e metodológicos, numa dinâmica pedagógica que deve produzir, nos sujeitos, envolvimento, participação, comprometimento e produção de saberes e produzir também conhecimentos novos a serem incorporados no campo científico.

Esses momentos a serem priorizados na pesquisa-ação serão aqui denominados de "processos pedagógicos intermediários" e podem ser sintetizados em:

- construção da dinâmica do coletivo;
- ressignificação das espirais cíclicas;
- produção de conhecimento e socialização dos saberes;
- análise/redireção e avaliação das práticas;
- conscientização das novas dinâmicas compreensivas.

Construção da dinâmica do coletivo

É muito difícil abordar com pertinência, em poucas linhas, a importância da construção/reconstrução de uma dinâmica coletiva. No entanto, é preciso que os pesquisadores que se propõem a realizar uma pesquisa-ação percebam que estarão lidando com um grupo, de alguma forma estruturado, que possui uma dinâmica própria e que ele, pesquisador, de início, não faz parte desse grupo. Neste, o pesquisador pretende, junto ao coletivo, empreender mudanças. Como chegar e imediatamente começar a pesquisar? Há que se ter um "aquecimento coletivo" que anteceda o trabalho de pesquisa propriamente dito.

Todos os manuais a respeito das fases/etapas da pesquisa-ação sugerem que o trabalho se inicie com um diagnóstico da situação para posterior planificação da ação a ser empreendida. No entanto, considero impossível o trabalho

formal de diagnóstico e/ou planejamento de ação quando ainda pesquisador e grupo não se colocam enquanto um "nós", que estamos juntos para elaborar uma tarefa coletiva.

No espaço deste artigo, não cabem considerações sobre os estudos que evidenciam que mudar as atitudes coletivas ou produzir mudanças sociais em um grupo requer uma reestruturação na sua estrutura de poder, de representação e nas dinâmicas que organizam suas práticas sociais. No entanto, há que se pensar que o trabalho com pesquisa-ação requer a instalação de um clima de "cooperação profissional", utilizando-me do termo de Thurler (2001). Segundo a autora, "a cooperação profissional não corresponde ao funcionamento da maior parte dos professores [...], o individualismo permanece no âmago da identidade profissional" (p. 59). Por isso, a construção dessa cultura de cooperação deve ser uma tarefa a todos que pretendem trabalhar no coletivo da escola.

A construção da dinâmica do coletivo tem por perspectiva sensibilizar o grupo de práticos para a cultura da cooperação. Isso não é uma tarefa fácil. Segundo Thurler (2001), toda cooperação profissional fundamenta-se em algumas atitudes que devem ser perseguidas cotidianamente:

> [...] um certo hábito de ajuda mútua e de apoio mútuo; um capital de confiança e de franqueza mútua; participação de cada um na tomada de decisões coletivas; um clima caloroso, de humor, de camaradagem e o hábito de expressar seu reconhecimento. (p. 75)

No entanto pergunto-me: como construir o clima de camaradagem, o humor partilhado, a franqueza mútua? Ou, como diz Shön (1997), como superar o jogo do silêncio e o apego às atitudes defensivas, o embaraço, a vergonha, a timidez?

Nessa direção, proponho que o trabalho com pesquisa-ação tenha uma fase preliminar que será constituída pelo trabalho de inserção do pesquisador no grupo, de autoconhecimento do grupo em relação às suas expectativas, possibilidades e aos seus bloqueios. Essa fase preliminar é também fundamental para o estabelecimento de um contrato de ação coletiva, em que se podem esclarecer questões referentes à ética da pesquisa, compromissos com a ação coletiva e com as finalidades do trabalho que desenvolverão. Morin (1992) argumenta que esse contrato deve ser aberto e constantemente questionado.

Cabe esclarecer que esse processo pedagógico intermediário, como os demais que se seguem, deve ocorrer durante todo o processo de pesquisa-ação e ainda deve se trabalhar com a perspectiva de que tais processos intermediários devam ser apropriados pelo grupo de participantes, transcender o momento da pesquisa e funcionarem como princípios e operadores de formação continuada. Ou seja, a *construção da dinâmica do coletivo* tem uma ênfase grande no início da pesquisa, mas deve continuar em processo de melhoria e aprofundamento, até para depois da pesquisa terminada.

Ressignificação das espirais cíclicas

Diz Barbier (2002) que o verdadeiro espírito da pesquisa-ação consiste em sua "abordagem em espiral". Significa que "todo avanço em pesquisa-ação implica o efeito recursivo em função de uma reflexão permanente sobre a ação" (p. 117).

Essa reflexão permanente sobre a ação é a essência do caráter pedagógico desse trabalho de investigação. Nesse processo de reflexão contínua sobre a ação, que é um processo eminentemente coletivo, abre-se o espaço para se formar sujeitos pesquisadores. Já disse acima que considero que as espirais cíclicas exercem fundamentais funções na pesquisa-ação, tais como:

- instrumento de reflexão/avaliação das etapas do processo;
- instrumento de autoformação e formação coletiva dos sujeitos;
- instrumento de amadurecimento e poten-

cialização das apreensões individuais e coletivas;
• instrumento de articulação entre pesquisa/ação/reflexão e formação.

Essa questão das espirais cíclicas envolve-se diretamente com os estudos desta última década sobre a formação do professor crítico-reflexivo. Dentre esses, considero o que Libâneo (2002) analisa em relação à reflexividade hermenêutica, compartilhada, solidária, comunitária. Trata-se de "retomar a preocupação com as coisas e com as pessoas, nas práticas sociais cotidianas, em um mundo compartilhado, constituindo-se uma comunidade reflexiva de compartilhamento de significados" (p. 69).

Nessa direção, vale refletir com Monteiro (2002) quando escreve sua compreensão de que as ações docentes tendem a se tornar habituais e que são os hábitos que dão sustentação às ações, para em seguida afirmar: "a (re)visão de nossas ações permite a transformação delas". A seguir, o autor afirma que considera a revisão "uma operação teórica, reflexiva sobre as ações efetuadas ou a serem efetuadas; é o estabelecimento de uma nova prática [...] por um novo olhar sobre ela" (p. 118). Considero importante a abordagem do novo olhar, uma vez que se estamos mergulhados na práxis. No exercício coletivo, o olhar é o que muda primeiro e é ele que não aceita mais confrontar-se com o já superado. Esse novo olhar, advindo de um sujeito consciente das transformações existenciais e pessoais, questiona a necessidade de novos cenários. As espirais cíclicas têm a intenção de objetivar esse novo olhar, para que dele surjam novas necessidades que implicam em novas práticas.

Assim, o método da pesquisa-ação deve contemplar o exercício contínuo de suas diversas etapas, por meio das espirais cíclicas: aqui, nesse processo pedagógico intermediário, refiro-me à produção de conhecimento e socialização de saberes. São tarefas complementares e associadas, principalmente no caso de pesquisa-ação, no qual se pretende o trabalho coletivo, compartilhado.

A pesquisa requer o registro rigoroso e metódico dos dados. Esse trabalho precisa ser constantemente realizado. Há autores, entre eles, Lavoie, Marquis e Laurin (1996) ou mesmo Morin (1986) que chegam a falar da necessidade de um "diário de bordo"[4] como um instrumento necessário para consignar os dados recolhidos durante todo processo de pesquisa. Sendo ou não jornal, importa que seja um registro diário e cotidiano, de forma a objetivar o vivido e o compreendido. Esses registros de dados e fatos incluem, entre outros:

• referências dos acordos estabelecidos para o funcionamento de grupo;
• dados referentes a compreensões, interpretações, sínteses das leituras de fundamentação teórica;
• descrição de atividades e práticas do grupo;
• sínteses das reflexões e decisões grupais;
• caracterização das mudanças institucionais e administrativas que estão ocorrendo;
• descrição da participação dos elementos do grupo.

Esses dados são discutidos, refletidos, apropriados, ressignificados pelo grupo, principalmente por meio das espirais cíclicas, transformando-se gradativamente em conhecimentos do processo de pesquisa. Essas compreensões/interpretações/análises/revisões precisam ser processadas sob forma de registros críticos. Todo grupo deve participar, até porque essas discussões e esses registros são importante instrumentos formativos do pesquisador.

Nesse processo reflexivo de coletar dados, registrá-los coletivamente, discuti-los e contextualizá-los, já se está caminhando para a construção de saberes e para seu compartilha-mento, num processo único, dialético, transformador dos participantes e das condições existenciais.

4. Journal de bord.

Análise/redireção e avaliação das práticas

Esse movimento já está, na realidade, contemplado no processo das espirais cíclicas. Coloco-o nesse espaço para realçar a importância desse foco de avaliação das práticas, não do processo de pesquisa, mas das ações empreendidas pelos sujeitos. Isso se realça, pois é fundamental que, após um trabalho de pesquisa-ação, os sujeitos participantes tenham apreendido comportamentos e atitudes no sentido de incorporarem a reflexão cotidiana, como atividade inerente ao exercício de suas práticas.

De acordo com Smyth (*apud* Amaral; Moreira; Ribeiro, 1996), a reflexão sobre a prática deve transcender os aspectos de sala de aula e conteúdo e atingir um nível de reflexão sobre os princípios éticos e políticos da sociedade. Segundo o autor, para se conceder poder emancipatório ao professor, "é necessário questionar a validade ética de certas práticas e crenças, como meio de restituir ao professor seu papel de intelectual" (p. 102).

Para a análise e avaliação das práticas, será necessário um trabalho contínuo para que os participantes se envolvam em auto-observação, observação de outros, refletindo sobre as transformações na realidade que as ações práticas produzem, reconstruindo suas percepções, construindo novas teorias sobre as práticas, trocando e analisando intersubjetivamente suas compreensões.

Conscientização das novas dinâmicas compreensivas

Conforme Ghedin (2002), "o que fazemos não se explica pelo como fazemos; possui sentido diante dos significados que lhe são atribuídos. Estes significados não são latentes mas emanam, de fato, dos sentidos que construímos" (p. 141). Falar em processo de pesquisa-ação é falar de um processo que deve produzir transformações de sentido, ressignificações ao que fazemos ou pensamos. A transformação de sentido implica reconstrução do próprio sujeito e mais uma vez nos valemos de Ghedin ao explicitar que quando construímos o conhecer de um dado objeto, não é somente o objeto que torna conhecido, mas o próprio sujeito, concluindo o autor que "o conhecimento de algo é também, simultaneamente, um autoconhecimento".

Será importante, portanto, que durante uma pesquisa-ação haja tempo e espaço para que cada sujeito vá se apropriando das mudanças que se operam em suas significações de mundo, que implicam essencialmente mudanças em sua perspectiva como sujeito.

Em um trabalho anterior (Franco, 2000), especifico a questão de que o professor, ao adentrar em um processo contínuo de revisões da própria prática, acaba incorporando atitudes na direção de constituírem-se em investigadores no contexto da prática. Como investigadores, aprenderão e desenvolverão habilidades no sentido de:

- elaborar novas hipóteses para realizar novas práticas;
- conviver criativamente na divergência;
- encontrar novas respostas para desafios que passa a perceber;
- reconhecer e utilizar as teorias implícitas de sua prática, renová-las, adequá-las;
- reinterpretar as hipóteses iniciais;
- buscar articulações entre fins e meios educacionais;
- perceber-se capaz de retirar do coletivo as fontes de aperfeiçoamento pessoal;
- aprender a compreender a relação dialética entre sujeito e objeto; teoria e prática;
- perseguir atitudes contextualizadoras, problematizadoras e estabelecer articulações entre o fato e a totalidade;
- reafirmar que a transformação é o princípio do desenvolvimento; adquirindo a capacidade de criar novas visões, de entender os problemas de outras formas, para além de seu repertório atual;
- descobrir o significado concreto nas situações conflitivas e complexas, permitindo ver que a prática é um processo investigativo, de experimentar com as situações de forma a buscar novas e mais adequadas compreensões.

Assim reafirmamos que a pesquisa-ação pode e deve funcionar como uma metodologia de pesquisa, pedagogicamente estruturada, possibilitando tanto a produção de conhecimentos novos para a área da educação, como também formando sujeitos pesquisadores, críticos e reflexivos.

Referências Bibliográficas

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais**: pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo: Pioneira. 2001.

AMARAL, M. J; MOREIRA, M. A; RIBEIRO, D. O papel do supervisor no desenvolvimento do professor reflexivo: estratégias de supervisão. In: ALARCÃO, I. (Org.). **Formação reflexiva de professores**: estratégias de supervisão. Porto: Porto Editora, 1996, p. 91-122.

BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Brasília: Plano, 2002.

BOUFLEUR, J. P. **Pedagogia da ação comunicativa**: uma leitura de Habermas. Ijuí: Inijuí, 1997.

CARR, W. Action research: ten years on. **Journal of curriculum studies**, v.21 (1), p. 85-90, 1989.

CARR, W.; KEMMIS, W. **Becoming critical education**: knowledge and action research. London and Philadelphia: The Palmer Press, 1986.

COREY, M. S. **Action research to improve school practices**. New York: Teachers College Press, 1949.

CÔTE-THIBAULT, D. Historique de la recherché-action. In: LAVOIE, L.; MARQUIS, D.; LAURIN, P. **La recherché-action**: théorie et pratique. Canadá: Presses de l'Université du Québec, 1996.

DUBOST, J. **La intervention psycho-sociologique**. Paris: PUF, 1987.

ELLIOT, J. Recolocando a pesquisa-ação em seu lugar original e próprio. In: GERALDI, C. M. G.; FIORENTINI, D.; PEREIRA, E. M. A. (Orgs.)**. Cartografias do trabalho docente**. Campinas: Mercado da Letras, 1998, p. 137-152.

_____. **El cambio educativo desde la investigatión-acción**. Madri: Morata, 1996.

FRANCO, M. A. R. S. Dinâmica compreensiva: integrando identidade e formação docente. X ENDIPE. 2000, Rio de Janeiro. **Anais**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

_____. **Pedagogia como ciência da educação.** Campinas: Papirus, 2003.

GARRIDO, E.; FUSARI, M. F. R.; MOURA, M. O.; PIMENTA, S. G. A pesquisa colaborativa, a formação do professor reflexivo/investigativo e a construção coletiva de saberes e práticas pela equipe escolar. (Projeto USP-Ayres/FE-USP/Fapesp). IX ENDIPE. v.1 Águas de Lindóia. **Anais**. São Paulo: Cortez, 1998. p. 48-49.

GHEDIN, E. Professor reflexivo: da alienação da técnica à autonomia da crítica. In: PIMENTA, S. G. e GHEDIN, E. (Orgs.). **Professor reflexivo no Brasil**: gênese e crítica de um conceito. São Paulo: Cortez, 2002. p. 129-149.

GUBA, E. G. (Org.). **The paradigm dialog**. Londres: Sage, 1989.

HABERMAS, J. **Connaissance et intérêt**. Paris: Gallimard, 1982.

INGRAM, D. **Habermas e a razão dialética**. Brasília: Editora da Unb, 1993.

KEMMIS, S. **Action research**. International Encyclopedia of Education. Oxford: Pergamon, 1984, p. 35-42.

KINCHELOE, J. L. **A formação do professor como compromisso político**: mapeando o pós-moderno. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

LAVOIE, L. MARQUIS, D.; LAURIN, P. **La recherché-action**: théorie et pratique. (Manuel d'autoformation). Canadá: Presses de l'Université du Québec, 1996.

LEWIN, K. Action research and minority problems. **Journal of Social Issues**, n. 2, p. 34-36, 1946.

LIBÂNEO, J. C. Reflexividade e formação de professores: outra oscilação no pensamento pedagógico brasileiro? In: PIMENTA, S. G. e GHEDIN, E. (Orgs.). **Professor reflexivo no Brasil**: gênese e crítica de um conceito. São Paulo: Cortez, 2002. p. 53-80.

MAILHIOT, G. B. **Dynamique et genèse des groupes**. Paris: Édition de l'Épi, 1970.

MIZUKAMI, M. da G. N. et al. **Escola e aprendizagem da docência**: processos de investigação e formação. São Carlos: EdUFSCar, 2002.

MONTEIRO, S. B. Epistemologia da prática: o professor reflexivo e a pesquisa colaborativa. In: PIMENTA, S. G. e GHEDIN, E. (Orgs.). **Professor reflexivo no Brasil**: gênese e crítica de um conceito. São Paulo: Cortez, 2002. p. 111-128.

MORIN, A. **Recherche-action en éducation**: de la pratique à la théorie. Rapport. Canadá: Université de Montreal, 1986.

_____. **Recherche-action intégrale et participation cooperative**. Méthodologie et etudes des cas. Laval: Éditions Agence d'Arc, 1992, vol. I.

PERRENOUD, P. **Ensinar**: agir na urgência e decidir na incerteza. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

PIMENTA, S. G. Professor: formação, identidade e trabalho docente. In: PIMENTA, S. G. (Org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez, 1999. p. 15-34.

ROJO, M. R. **Hacia una didáctica crítica**. Madri: Editorial La Muralla, 1997.

SCHÖN, D. À la recherche d'une nouvelle épistémologie de la pratique et de ce qu'elle implique pour l'éducation des adultes. In: BARBIER, J.-M. (Org.). **Savoirs théoriques et saviors d'action**. Paris: PUF, 1997, p. 201-222.

SMYTH, J. Developing and sustaining critical reflection in teacher education. **Journal of teacher education**, v. 2, n. 40, p. 2-14, 1989.

TABA, H.; NOEL, E. **Acting research**: a case study. Washington: Association for Supervision and Curriculum Development (NEA), 1957, p. 12-27.

THURLER, M. G. **Inovar no interior da escola**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

Recebido em 29.06.05

Aprovado em 15.09.05

Maria Amélia Santoro Franco é pedagoga, doutora em Educação pela Universidade de São Paulo, coordenadora do Mestrado em Educação da Universidade Católica de Santos.

Pasquale & Ulisses

Gramática da Língua Portuguesa

nova edição

conforme o **Acordo Ortográfico**

GRAMATICA DA LINGUA PORTUGUESA
LV201100761

editora scipione

Pasquale & Ulisses

Gramática da Língua Portuguesa

Acervo
BIBLIOTECA

INSTITUTO FEDERAL
PARÁ
Patrimônio
064259

Pasquale Cipro Neto

Professor de cursos pré-vestibulares na capital, no grande ABC e no interior do Estado de São Paulo. É colunista de jornais de grande circulação nacional. É autor de obras didáticas e paradidáticas para o Ensino Médio. É o idealizador e apresentador do programa Nossa Língua Portuguesa, da TV Cultura, de São Paulo.

Ulisses Infante

Doutor em Letras na área de Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo. Leciona desde 1980, com experiência em colégios e cursos pré-vestibulares na capital e no interior do estado de São Paulo. É autor de obras para Ensino Fundamental e Ensino Médio.

IFPA
CAMPUS BELÉM
BIBLIOTECA
Origem: Compra
Cass: 469.5
Cutter: C579g
Col.:

editora scipione

editora scipione

Gerência editorial
Maria Teresa Porto

Responsabilidade editorial
Roberta Lombardi Martins

Edição
Roberta Vaiano

Assistência editorial
Carmela Ferrante Nunes
Amanda Valentin

Colaboração
Adriana Carneiro Rodrigues
Maria Silvia Gonçalves
Renato Luiz Tresolavy

Supervisão de revisão
Miriam de Carvalho Abões

Revisão
Equipe Scipione

Edição de arte
Didier D. C. Dias de Moraes

Supervisão de arte
Sérgio Yutaka Suwaki

Coordenação de arte
Eber Alexandre de Souza

Programação visual de capa e miolo
Conexão Editorial

Ilustrações
Abê Fonseca e Vera Basile

Supervisão de iconografia
Cristiane Marques

Pesquisa iconográfica
Rose André

Editoração eletrônica
Ram Dikan, Wander Camargo
e Antonio C. Decarli

Av. Otaviano Alves de Lima, 4 400
6.º andar e andar intermediário ala "B"
Freguesia do Ó
CEP 02909-900 - São Paulo - SP
Caixa Postal 007
DIVULGAÇÃO
Tel.: (0XX11) 3990-1810
VENDAS
Tel.: (0XX11) 3990-1788
www.scipione.com.br
e-mail: scipione@scipione.com.br

2010

ISBN 978-852627076-3 – AL
ISBN 978-852627077-0 – PR

3.ª EDIÇÃO
(5.ª impressão)

Impressão e acabamento
Corprint Gráfica e Editora Ltda.

BIBLIOTECA-IFPA
CAMPUS BELÉM
469.5
30/05/11 761
Data: Reg.:

CÓPIA NÃO AUTORIZADA É CRIME
ABDR
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DIREITOS REPROGRÁFICOS
RESPEITE O DIREITO AUTORAL
EDITORA AFILIADA

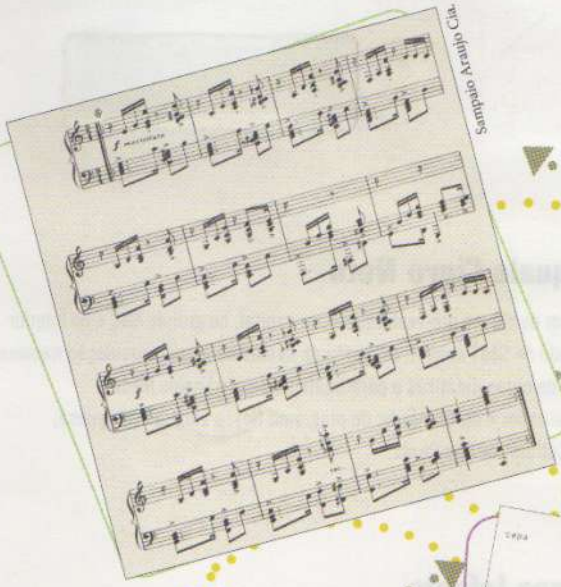

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cipro Neto, Pasquale
Gramática da Língua Portuguesa / Pasquale Cipro Neto, Ulisses Infante. São Paulo: Scipione, 2008.

Bibliografia.

1. Português — Gramática (Ensino Médio) I. Infante, Ulisses. II. Título.

08-05666 CDD-469.507

Índice para catálogo sistemático:

1. Gramática: Português: Ensino Médio 469.507

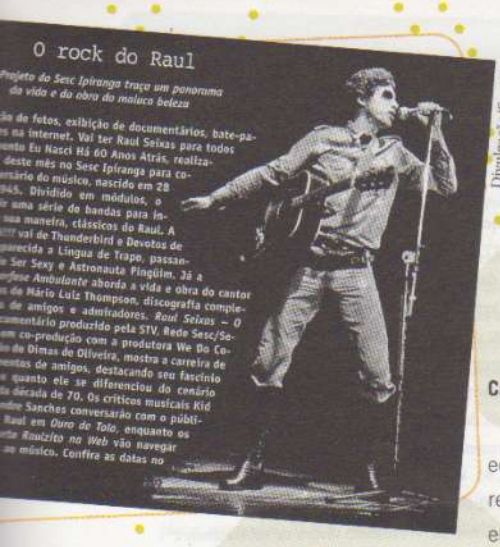

O rock do Raul

Projeto do Sesc Ipiranga traça um panorama da vida e da obra do maloca beleza

ção de fotos, exibição de documentários, bate-pa-
es na internet. Vai ter Raul Seixas para todos
ento Eu Nasci Há 60 Anos Atrás, realiza-
deste mês no Sesc Ipiranga para co-
ersário do músico, nascido em 28
945. Dividido em módulos, o
r uma série de bandas para in-
sua maneira, clássicos do Raul. A
vai de Thunderbird e Devotos de
parecida a Língua de Trapo, passan-
e Ser Sexy e Astronauta Pingüim. Já a
rfese Ambulante aborda a vida e obra do cantor
s de Mário Luiz Thompson, discografia comple-
s de amigos e admiradores. *Raul Seixas – O*
umentário produzido pela STV, Rede Sesc/Se-
em co-produção com a produtora We Do Co-
io de Dimas de Oliveira, mostra a carreira de
ntas de amigos, destacando seu fascínio
quanto ele se diferenciou do cenário
a década de 70. Os críticos musicais Kid
ndre Sanches conversarão com o públi-
Raul em *Ouro de Tolo*, enquanto os
rte *Raulzito na Web* vão navegar
o músico. Confira as datas no

Divulgação/Sesc/SP

Apresentação

Caro leitor,

Além de comemorar dez anos de lançamento, esta nova edição da *Gramática da Língua Portuguesa* incorpora as diretrizes do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, firmado entre os países de língua portuguesa em 1990 e implementado a partir de 2009.

Procuramos, mais uma vez, elaborar uma obra de estudo e consulta que possa servir de referência, o que creditamos à substancial renovação de textos e atividades, a qual mantém atualizada a relação do nosso trabalho com a língua falada e escrita no cotidiano brasileiro.

Nossa principal referência para o estudo dos variados tópicos gramaticais continua sendo a língua viva – textos de jornais e revistas, mensagens publicitárias, letras de músicas e obras literárias contemporâneas, que predominam como material de leitura e análise.

Os autores

Companhia das Letras

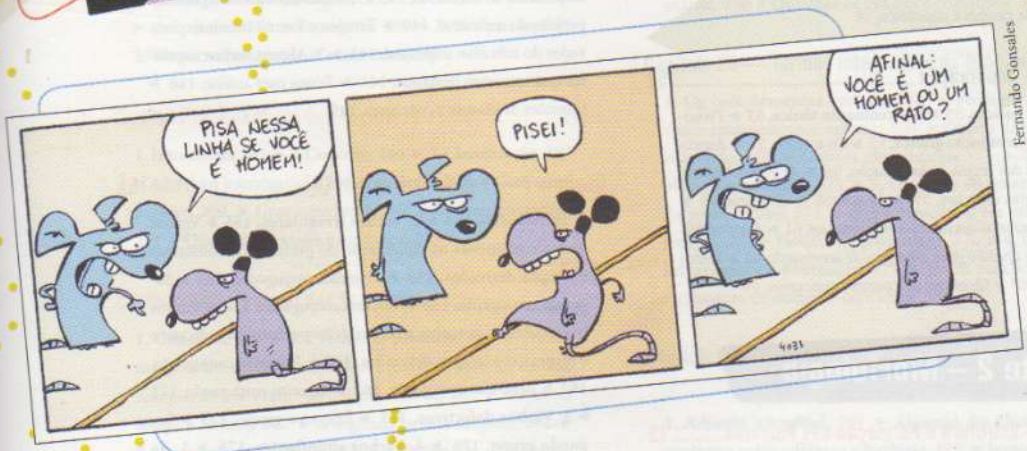

Fernando Gonsales

SUMÁRIO

Introdução geral

Capítulo 1 — Conceitos Iniciais 8

1. O signo linguístico, 9 ▸ **2. Língua: unidade e variedade,** 10 ▸ **3. História e geografia da língua portuguesa,** 12 ▸ **4. A gramática,** 14 ▸ Divisão da gramática, 15 ▸ Morfossintaxe, 16

Parte 1 – Fonologia

Capítulo 2 — Fonologia 18

1. Conceitos básicos, 19 ▸ **2. Os fonemas da língua portuguesa,** 20 ▸ **3. Classificação dos fonemas da língua portuguesa,** 21 ▸ Vogais, 21 ▸ Semivogais, 22 ▸ Consoantes, 22 ▸ **4. Sílabas,** 24 ▸ **5. Encontros vocálicos,** 24 ▸ **6. Encontros consonantais,** 25 ▸ **7. Dígrafos,** 25 ▸ **8. Divisão silábica,** 27 ▸ Textos para análise, 29 ▸ Questões de exames e concursos, 32

Capítulo 3 — Ortografia 34

1. Conceitos básicos, 35 ▸ **2. O alfabeto português,** 35 ▸ **3. Orientações ortográficas,** 37 ▸ Noções preliminares, 37 ▸ Fonemas com mais de uma representação gráfica, 37 ▸ *O fonema /ʃ/ (letra* x *ou dígrafo* ch*),* 38 ▸ *O fonema /ʒ/ (letras* g *e* j*),* 39 ▸ *O fonema /z/ (letras* s, x *e* z*),* 40 ▸ *O fonema /s/ (letras* s, c, ç *e* x *ou dígrafos* sc, sç, ss, xc *e* xs*),* 42 ▸ Particularidades de algumas letras, 44 ▸ *A letra* x, 44 ▸ *As letras* e *e* i, 44 ▸ *As letras* o *e* u, 45 ▸ *A letra* h, 45 ▸ Nomes próprios, 46 ▸ Textos para análise, 48 ▸ Questões de exames e concursos, 48

Capítulo 4 — Acentuação 52

1. Conceitos básicos, 53 ▸ **2. Acentuação tônica,** 53 ▸ Prosódia, 54 ▸ **3. Acentuação gráfica,** 55 ▸ Os acentos, 55 ▸ Aspectos genéricos das regras de acentuação, 56 ▸ As regras básicas, 57 ▸ As regras especiais, 59 ▸ *Hiatos,* 60 ▸ *Ditongos,* 60 ▸ *Formas verbais seguidas de pronomes oblíquos,* 61 ▸ *Acentos diferenciais,* 61 ▸ *Quadro geral das regras de acentuação,* 63 ▸ Textos para análise, 65 ▸ Questões de exames e concursos, 68

Parte 2 – Morfologia

Capítulo 5 — Estrutura e Formação das Palavras 72

1. Morfemas, 73 ▸ **2. Classificação dos morfemas,** 74 ▸ Radicais, 74 ▸ Afixos, 74 ▸ Desinências, 75 ▸ Vogais temáticas, 75 ▸ Vogais ou consoantes de ligação, 75 ▸ **3. Estudo dos morfemas ligados às flexões das palavras,** 76 ▸ Vogais temáticas, 76 ▸ Desinências, 77 ▸ **4. Processos de formação das palavras,** 79 ▸ **5. Estudo da derivação,** 79 ▸ Derivação prefixal (ou prefixação), 79 ▸ Derivação sufixal (ou sufixação), 80 ▸ Derivação parassintética (ou parassíntese), 80 ▸ Derivação regressiva, 81 ▸ Derivação imprópria, 82 ▸ **6. Prefixos,** 82 ▸ **7. Sufixos,** 86 ▸ Formam substantivos a partir de outros substantivos, 86 ▸ Formam substantivos de adjetivos, 89 ▸ Formam substantivos de verbos, 90 ▸ Formam substantivos e adjetivos de outros substantivos e adjetivos, 91 ▸ Formam adjetivos de substantivos ou de outros adjetivos, 92 ▸ Formam adjetivos de verbos, 94 ▸ Forma advérbios de adjetivos, 95 ▸ Formam verbos de substantivos e adjetivos, 95 ▸ Sufixos aumentativos, 96 ▸ Sufixos diminutivos, 97 ▸ Textos para análise, 99 ▸ **8. Estudo da composição,** 103 ▸ Tipos de composição, 103 ▸ Radicais e compostos eruditos, 104 ▸ **9. Outros processos de formação de palavras,** 112 ▸ Abreviação vocabular, 112 ▸ Siglonimização, 113 ▸ Palavra-valise, 114 ▸ Onomatopeia, 115 ▸ **10. Outros processos de enriquecimento do léxico,** 116 ▸ Neologismo semântico, 116 ▸ Empréstimos linguísticos, 117 ▸ Textos para análise, 118 ▸ Questões de exames e concursos, 121

Capítulo 6 — Estudo dos Verbos (I) 126

1. Introdução, 126 ▸ **2. Conceito,** 127 ▸ **3. Estrutura das formas verbais,** 127 ▸ **4. Flexões verbais,** 129 ▸ Flexão de número e pessoa, 129 ▸ Flexão de tempo e modo, 129 ▸ Flexão de voz, 130 ▸ **5. Conjugações,** 131 ▸ Paradigmas dos verbos regulares, 132 ▸ *Tempos simples,* 132 ▸ *Tempos compostos,* 135 ▸ **6. Formação dos tempos simples,** 137 ▸ Tempos derivados do presente do indicativo, 138 ▸ Tempos derivados do pretérito perfeito do indicativo, 140 ▸ Tempos e formas nominais derivados do infinitivo impessoal, 141 ▸ **7. Alguns verbos regulares que merecem destaque,** 143 ▸ Textos para análise, 146 ▸ Questões de exames e concursos, 149

Capítulo 7 — Estudo dos Verbos (II) 154

1. Introdução, 154 ▸ **2. Verbos irregulares,** 155 ▸ Verbos irregulares apenas na conjugação do presente do indicativo e tempos derivados, 155 ▸ *Primeira conjugação,* 155 ▸ *Segunda conjugação,* 156 ▸ *Terceira conjugação,* 158 ▸ Verbos irregulares no presente e no pretérito perfeito do indicativo e respectivos tempos derivados, 162 ▸ *Primeira conjugação,* 162 ▸ *Segunda conjugação,* 163 ▸ *Terceira conjugação,* 171 ▸ **3. Verbos defectivos,** 175 ▸ Primeiro grupo, 175 ▸ Segundo grupo, 176 ▸ **4. Verbos abundantes,** 178 ▸ **5. As particularidades da conjugação dos verbos e os dicionários,** 180 ▸ Textos para análise, 180 ▸ Questões de exames e concursos, 183

Capítulo 8 — Estudo dos Verbos (III) 189

1. Os modos verbais, 189 ▶ **2. Os tempos verbais,** 190 ▶ Os tempos do indicativo, 190 ▶ *Presente,* 190 ▶ *Pretérito imperfeito,* 191 ▶ *Pretérito perfeito,* 192 ▶ *Pretérito mais-que-perfeito,* 192 ▶ *Futuro do presente,* 192 ▶ *Futuro do pretérito,* 193 ▶ Os tempos do subjuntivo, 195 ▶ *Presente,* 195 ▶ *Pretérito imperfeito,* 195 ▶ *Pretérito perfeito,* 196 ▶ *Pretérito mais-que-perfeito,* 197 ▶ *Futuro,* 197 ▶ **3. Valor e emprego das formas nominais,** 198 ▶ O infinitivo, 198 ▶ O particípio, 199 ▶ O gerúndio, 200 ▶ **4. As locuções verbais,** 200 ▶ **5. O aspecto verbal,** 201 ▶ Textos para análise, 202 ▶ Questões de exames e concursos, 204

Capítulo 9 — Estudo dos Substantivos 212

1. Conceito, 213 ▶ **2. Classificação,** 213 ▶ Substantivos simples e compostos, 213 ▶ Substantivos primitivos e derivados, 214 ▶ Substantivos concretos e abstratos, 214 ▶ Substantivos comuns e próprios, 214 ▶ Substantivos coletivos, 215 ▶ **3. Flexões,** 218 ▶ Flexão de gênero, 218 ▶ *Formação do feminino,* 218 ▶ Flexão de número, 222 ▶ *Formação do plural,* 223 ▶ Flexão de grau, 228 ▶ *Formação do grau,* 228 ▶ Textos para análise, 229 ▶ Questões de exames e concursos, 232

Capítulo 10 — Estudo dos Artigos 236

1. Conceito, 236 ▶ **2. Classificação,** 237 ▶ **3. Combinações dos artigos,** 237 ▶ Textos para análise, 238 ▶ Questões de exames e concursos, 240

Capítulo 11 — Estudo dos Adjetivos 241

1. Conceito, 242 ▶ **2. Classificação,** 242 ▶ **3. Adjetivos pátrios,** 243 ▶ Adjetivos pátrios compostos, 247 ▶ **4. Correspondência entre adjetivos e locuções adjetivas,** 249 ▶ **5. Flexões,** 252 ▶ Flexão de gênero, 252 ▶ *Adjetivos biformes,* 252 ▶ *Adjetivos uniformes,* 253 ▶ Flexão de número, 253 ▶ Flexão de grau, 254 ▶ *Comparativo,* 254 ▶ *Superlativo,* 255 ▶ Textos para análise, 259 ▶ Questões de exames e concursos, 262

Capítulo 12 — Estudo dos Advérbios 265

1. Introdução, 265 ▶ **2. Conceito,** 266 ▶ **3. Classificação,** 267 ▶ Advérbios interrogativos, 268 ▶ **4. Flexão,** 269 ▶ Grau comparativo, 269 ▶ Grau superlativo, 269 ▶ Textos para análise, 271 ▶ Questões de exames e concursos, 275

Capítulo 13 — Estudo dos Pronomes 279

1. Conceito, 279 ▶ **2. Pronomes pessoais,** 280 ▶ Pronomes pessoais do caso reto, 280 ▶ Pronomes pessoais do caso oblíquo, 281 ▶ *Pronomes oblíquos átonos,* 281 ▶ *Pronomes oblíquos tônicos,* 282 ▶ A segunda pessoa indireta, 282 ▶ **3. Pronomes possessivos,** 285 ▶ **4. Pronomes demonstrativos,** 286 ▶ **5. Pronomes relativos,** 289 ▶ **6. Pronomes indefinidos,** 292 ▶ **7. Pronomes interrogativos,** 293 ▶ Textos para análise, 294 ▶ Questões de exames e concursos, 296

Capítulo 14 — Estudo dos Numerais 303

1. Conceito, 304 ▶ **2. Quadros de numerais,** 304 ▶ **3. Flexões,** 306 ▶ **4. Emprego,** 306 ▶ Textos para análise, 309 ▶ Questões de exames e concursos, 311

Capítulo 15 — Estudo das Preposições 313

1. Conceito, 313 ▶ **2. Classificação,** 314 ▶ **3. Combinações e contrações,** 315 ▶ Textos para análise, 317 ▶ Questões de exames e concursos, 318

Capítulo 16 — Estudo das Conjunções 322

1. Conceito, 323 ▶ **2. Classificação,** 323 ▶ Textos para análise, 325 ▶ Questões de exames e concursos, 327

Capítulo 17 — Estudo das Interjeições 332

Conceito, 332 ▶ Textos para análise, 334

Parte 3 – Sintaxe

Capítulo 18 — Introdução à Sintaxe 338

1. Frase, oração, período, 339 ▶ **2. Tipos de frases,** 339 ▶ **3. As frases e a pontuação,** 341 ▶ Textos para análise, 344

Capítulo 19 — Termos Essenciais da Oração 346

1. Conceitos, 347 ▶ Sujeito e predicado, 347 ▶ Verbos nocionais e não-nocionais, 348 ▶ Verbos transitivos e intransitivos, 348 ▶ **2. Tipos de sujeito,** 350 ▶ Sujeito determinado, 350 ▶ Sujeito indeterminado, 351 ▶ Orações sem sujeito, 352 ▶ **3. Tipos de predicado,** 354 ▶ Predicado verbal, 354 ▶ Predicado nominal, 354 ▶ Predicado verbo-nominal, 355 ▶ **4. Os termos essenciais e a pontuação,** 356 ▶ Textos para análise, 358 ▶ Questões de exames e concursos, 361

Capítulo 20 — Termos Integrantes da Oração 368

1. Os complementos verbais, 368 ▶ Pronomes oblíquos como complementos verbais, 370 ▶ Objeto direto preposicionado, 370 ▶ Objetos pleonásticos, 371 ▶ **2. O complemento nominal,** 372 ▶ **3. O agente da passiva,** 374 ▶ As vozes verbais, 374 ▶ *Transformação de voz ativa em voz passiva,* 375 ▶ *Funções do pronome* se, 376 ▶ **4. Os termos integrantes e a pontuação,** 379 ▶ Textos para análise, 380 ▶ Questões de exames e concursos, 382

Capítulo 21 — Termos Acessórios da Oração e Vocativo 389

1. Adjunto adverbial, 389 ▶ Algumas das circunstâncias expressas pelos adjuntos adverbiais, 390 ▶ Importância da preposição nas locuções adverbiais, 391 ▶ **2. Adjunto adnominal,** 393 ▶ Como distinguir o adjunto adnominal do predicativo, 394 ▶ Como distinguir o adjunto adnominal

do complemento nominal, 395 ▸ **3. Aposto,** 396 ▸ Classificação do aposto, 397 ▸ **4. Vocativo,** 397 ▸ **5. Os termos acessórios, o vocativo e a pontuação,** 398 ▸ Textos para análise, 400 ▸ Questões de exames e concursos, 403

Capítulo 22 — Orações Subordinadas Substantivas 409

1. Conceitos básicos, 410 ▸ Período composto por subordinação, 410 ▸ Período composto por coordenação, 410 ▸ Período composto por subordinação e coordenação, 411 ▸ **2. Tipos de orações subordinadas,** 412 ▸ Subordinadas substantivas, 412 ▸ Subordinadas adjetivas, 413 ▸ Subordinadas adverbiais, 413 ▸ Subordinadas desenvolvidas e reduzidas, 413 ▸ **3. Estudo das orações subordinadas substantivas,** 414 ▸ Subjetivas, 415 ▸ Objetivas diretas, 415 ▸ Objetivas indiretas, 416 ▸ Completivas nominais, 417 ▸ Predicativas, 417 ▸ Apositivas, 417 ▸ **4. Pontuação das subordinadas substantivas,** 418 ▸ Textos para análise, 419 ▸ Questões de exames e concursos, 421

Capítulo 23 — Orações Subordinadas Adjetivas 425

1. Estrutura das orações subordinadas adjetivas, 426 ▸ Duplo papel do pronome relativo, 426 ▸ Adjetivas desenvolvidas e reduzidas, 426 ▸ **2. Aspectos semânticos: orações restritivas e explicativas,** 427 ▸ **3. Pronomes relativos: usos e funções,** 429 ▸ Que, 429 ▸ Quem, 430 ▸ O qual, os quais, a qual, as quais, 430 ▸ Cujo, cuja, cujos, cujas, 431 ▸ Onde, 431 ▸ Quanto, como, quando, 432 ▸ **4. As orações subordinadas adjetivas e a pontuação,** 434 ▸ Textos para análise, 435 ▸ Questões de exames e concursos, 438

Capítulo 24 — Orações Subordinadas Adverbiais 444

1. Introdução, 444 ▸ **2. Aspectos semânticos: as circunstâncias,** 445 ▸ Causa, 445 ▸ Consequência, 446 ▸ Condição, 446 ▸ Concessão, 447 ▸ Comparação, 448 ▸ Conformidade, 449 ▸ Finalidade, 449 ▸ Proporção, 450 ▸ Tempo, 450 ▸ **3. Classificar sem decorar,** 451 ▸ **4. As orações subordinadas adverbiais e a pontuação,** 452 ▸ Textos para análise, 453 ▸ Questões de exames e concursos, 455

Capítulo 25 — Orações Coordenadas 462

1. Orações sindéticas e assindéticas, 463 ▸ **2. Classificação das orações coordenadas sindéticas,** 463 ▸ Aditivas, 463 ▸ Adversativas, 464 ▸ Alternativas, 464 ▸ Conclusivas, 465 ▸ Explicativas, 466 ▸ **3. Classificação baseada nas relações de sentido,** 466 ▸ **4. As orações coordenadas e a pontuação,** 468 ▸ Textos para análise, 470 ▸ Questões de exames e concursos, 472

Capítulo 26 — Concordância Verbal e Nominal 477

1. Concordância verbal, 478 ▸ Regras básicas: sujeito composto, 478 ▸ Casos de sujeito simples que merecem destaque, 480 ▸ Casos de sujeito composto que merecem destaque, 483 ▸ O verbo e a palavra *se*, 485 ▸ Concordância com verbos de particular interesse, 485 ▸ *Haver e fazer*, 485 ▸ *Ser*, 486 ▸ Emprego do infinitivo, 487 ▸ *Infinitivo impessoal*, 488 ▸ *Infinitivo pessoal*, 488 ▸ **2. Concordância nominal,** 490 ▸ Regras básicas, 490 ▸ Expressões e palavras que merecem estudo particular, 492 ▸ **3. Concordância ideológica,** 494 ▸ Textos para análise, 495 ▸ Questões de exames e concursos, 499

Capítulo 27 — Regência Verbal e Nominal 508

1. Introdução, 508 ▸ **2. Regência verbal,** 509 ▸ Verbos intransitivos, 509 ▸ Verbos transitivos diretos, 509 ▸ Verbos transitivos indiretos, 510 ▸ Verbos indiferentemente transitivos diretos ou indiretos, 511 ▸ Verbos transitivos diretos e indiretos, 512 ▸ Verbos cuja mudança de transitividade pode implicar mudança de significado, 514 ▸ *Dois casos críticos*, 517 ▸ **3. Regência nominal,** 519 ▸ Complemento sob a forma de oração reduzida de infinitivo, 521 ▸ **4. Complemento: o uso do acento indicador de crase,** 522 ▸ Não ocorre crase, 523 ▸ Ocorre crase, 524 ▸ A crase é facultativa, 525 ▸ Casos sujeitos à verificação, 525 ▸ Textos para análise, 528 ▸ Questões de exames e concursos, 531

Parte 4 – Apêndice

Capítulo 28 — Problemas Gerais da Língua Culta 538

1. Introdução, 539 ▸ **2. Forma e grafia de algumas palavras e expressões,** 539 ▸ Que / quê, 539 ▸ Por que / por quê / porque / porquê, 539 ▸ Mas / mais, 540 ▸ Mal / mau, 541 ▸ Onde / aonde, 541 ▸ A par / ao par, 542 ▸ Ao encontro de / de encontro a, 542 ▸ A / há na expressão de tempo, 542 ▸ Acerca de / há cerca de, 543 ▸ Afim / a fim, 543 ▸ Demais / de mais, 543 ▸ Senão / se não, 543 ▸ Na medida em que / à medida que, 543 ▸ **3. O uso do hífen,** 544 ▸ Palavras compostas, 545 ▸ Prefixos e elementos de composição, 546 ▸ *Regra geral*, 546 ▸ *Casos especiais em que também se usa o hífen*, 546 ▸ *Casos em que não se usará o hífen*, 547 ▸ **4. Colocação dos pronomes pessoais oblíquos átonos,** 547 ▸ Ênclise, 548 ▸ Próclise, 548 ▸ Textos para análise, 549 ▸ Questões de exames e concursos, 551

Capítulo 29 — Significação das Palavras 556

Relações de significado entre as palavras, 557 ▸ Textos para análise, 559 ▸ Questões de exames e concursos, 562

Capítulo 30 – Noções Elementares de Estilística 567

1. Introdução, 567 ▸ **2. Recursos fonológicos,** 568 ▸ **3. Recursos morfológicos,** 568 ▸ **4. Recursos sintáticos,** 569 ▸ **5. Recursos semânticos,** 569 ▸ Textos para análise, 571 ▸ Questões de exames e concursos, 574

Lista de Instituições Promotoras de Exames e Concursos 581

Bibliografia 583

Introdução geral

Capítulo 1

Conceitos iniciais

Museu Nacional Centro de Arte Rainha Sofia, Madri

Guernica

A cultura humana opera incessantemente com elementos que representam a realidade, sejam eles verbais ou não-verbais. Em abril de 1937, um bombardeio de três quartos de hora castiga uma desprotegida cidade na região basca da Espanha. O fato foi imortalizado por Pablo Picasso na tela que leva o nome da cidade destruída: *Guernica*. Com essa representação pictórica, o artista transmitiu à humanidade uma das mais dramáticas expressões da dor: os gestos e os gritos congelados na imagem contam uma história que jamais deve ser esquecida.

Nesta introdução, estudaremos, entre outros tópicos, o signo linguístico, a representação verbal dos elementos do mundo.

1. O signo linguístico

Na origem de toda a atividade comunicativa do ser humano está a **linguagem**, que é a capacidade de se comunicar por meio de uma língua. **Língua** é um sistema de signos convencionais usados pelos membros de uma mesma comunidade. Em outras palavras: um grupo social convenciona e utiliza um conjunto organizado de elementos representativos.

Um **signo linguístico** é um elemento representativo que apresenta dois aspectos: um significante e um significado, unidos num todo indissolúvel. Ao ouvir a palavra "árvore", você reconhece os sons que a formam. Esses sons se identificam com a lembrança deles que está presente em sua memória. Essa lembrança constitui uma verdadeira imagem sonora, armazenada em seu cérebro – é o **significante** do signo "árvore". Ao ouvir essa palavra, você logo pensa num "vegetal lenhoso cujo caule, chamado tronco, só se ramifica bem acima do nível do solo, ao contrário do arbusto, que exibe ramos desde junto ao solo". Esse conceito, que não se refere a um vegetal particular, mas engloba uma ampla gama de vegetais, é o **significado** do signo "árvore" – e também se encontra armazenado em sua memória.

Na arte moderna, são frequentes os casos em que o autor subverte a ordem das coisas, levando o espectador a refletir sobre a realidade. Na imagem criada por Magritte, a contradição entre o significante (neste contexto, as palavras *l'acace*: a acácia; *la lune*: a lua; *la neige*: a neve; *le plafond*: o teto; *l'orage*: a tempestade; *le désert*: o deserto) e o significado (neste contexto, os objetos representados: ovo; sapato; chapéu; vela; copo; martelo, respectivamente) destaca a natureza arbitrária do signo linguístico.

Coleção Particular, Paris

A interpretação dos sonhos (*A acácia, a lua, a neve, o teto, a tempestade, o deserto*), René Magritte, 1930.

Ao empregar os signos que formam nossa língua, você deve obedecer a certas regras de organização que a própria língua lhe oferece. Assim, por exemplo, é perfeitamente possível antepor-se ao signo "árvore" o signo "uma", formando a sequência "uma árvore". Já a sequência "um árvore" contraria uma regra de organização da língua portuguesa, o que faz com que a rejeitemos. Perceba, pois, que os signos que constituem a língua obedecem a padrões determinados de organização. O conhecimento de uma língua engloba não apenas a identificação de seus signos, mas também o uso adequado de suas regras combinatórias.

Estudar a língua portuguesa é tornar-se apto a utilizá-la com eficiência na produção e interpretação dos textos com que se organiza nossa vida social. Por meio desses estudos, amplia-se o exercício de nossa sociabilidade – e, consequentemente, de nossa cidadania, que passa a ser mais lúcida. Ampliam-se também as possibilidades de fruição dos textos, seja pelo simples prazer de saber produzi-los de forma benfeita, seja pela leitura mais sensível e inteligente dos textos literários. Conhecer bem a língua em que se vive e pensa é investir no ser humano que você é.

2. Língua: unidade e variedade

Diversos fatores podem originar variações linguísticas:

a. **geográficos** – há variações entre as formas que a língua portuguesa assume nas diferentes regiões em que é falada. Basta pensar nas evidentes diferenças entre o modo de falar de um lisboeta e de um carioca, por exemplo, ou na expressão de um gaúcho em contraste com a de um cearense. Essas variações regionais constituem os **falares** e os **dialetos**. Nos últimos tempos, particularmente no Brasil, as formas regionais da língua portuguesa vêm sendo valorizadas como parte importante da ampla diversidade cultural do país. Isso tem levado ao surgimento de vocabulários e outras publicações como as que mostramos a seguir:

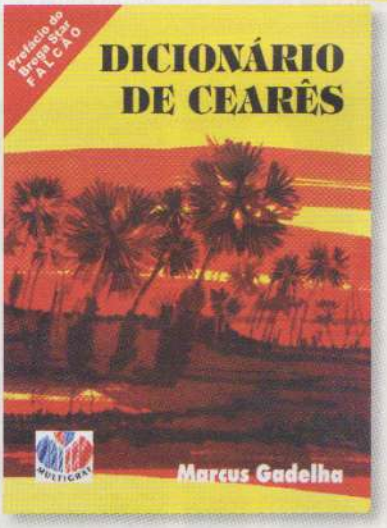

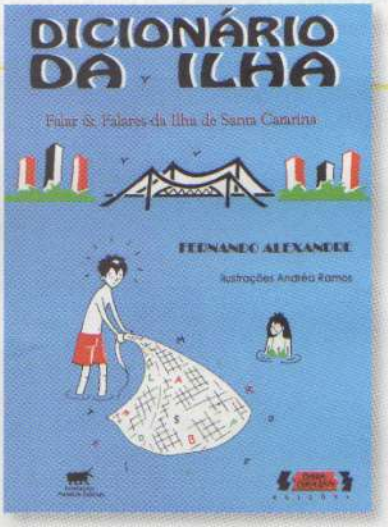

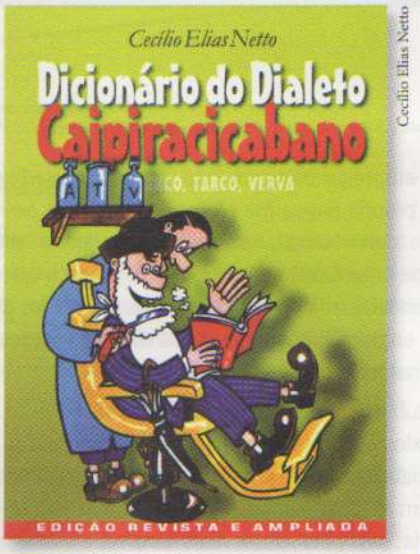

b. sociais – o português empregado pelas pessoas que têm acesso à escola e aos meios de instrução difere do português empregado pelas pessoas privadas de escolaridade. Algumas classes sociais, assim, dominam uma forma de língua que goza de prestígio, enquanto outras são vítimas de preconceito por empregarem formas de língua menos prestigiadas. Cria-se, dessa maneira, uma modalidade de língua – a **norma culta** –, que deve ser adquirida durante a vida escolar e cujo domínio é quase sempre solicitado para a ascensão profissional e social. O idioma é, portanto, um instrumento de dominação e discriminação social.

Também são socialmente condicionadas certas formas de língua que alguns grupos desenvolvem a fim de evitar a compreensão por parte daqueles que não pertencem ao grupo. O emprego dessas formas de língua proporciona o reconhecimento fácil dos integrantes de uma comunidade restrita, seja um grupo de estudantes, seja uma quadrilha de contrabandistas. Assim se formam as **gírias**, variantes linguísticas sujeitas a contínuas transformações.

Em CD

Divulgação

Caetano Veloso. Língua. In: *Velô*. (CD). Universal Music, 1984.
A música de Caetano Veloso, ao mesmo tempo em que nos faz refletir sobre nosso idioma, é um tributo apaixonado do artista a sua língua materna.

c. profissionais – o exercício de algumas atividades requer o domínio de certas formas de língua chamadas **línguas técnicas**. Abundantes em termos específicos, essas variantes têm seu uso praticamente restrito ao intercâmbio técnico de engenheiros, médicos, químicos, linguistas e outros especialistas.

Editora Scipione

UNIVERSO

1. *Definições gerais*
(s.m.) Etim.: lat. *universum*, conjunto das coisas, universo.
A. *Filosofia, metafísica*: conjunto de tudo o que existe no espaço e no tempo (distingue-se do mundo: há diversos mundos, mas um único universo).
B. *Psicologia*: conjunto das significações próprias de um indivíduo (ex.: o universo de um escritor).

2. *Definições particulares de filósofos*

COMTE
(A) "Não se reconheceu até o presente que a noção de universo, isto é, a consideração do conjunto dos grandes corpos que existem formando um sistema único, fundava-se essencialmente na opinião primitiva com relação à imobilidade da terra [...]. [Ela] se tornou essencialmente incerta e mesmo mais ou menos ininteligível." (*Curso de Filosofia Positiva*, Lição 22, p.361, Hermann.)

Editora Scipione

UTOPIA

1. *Definições gerais*
(s.f.) Etim.: termo criado pelo humanista inglês Thomas Morus (1478-1535) a partir do grego *ou*, não, e *topos*, lugar; que não está em nenhum lugar. A palavra Utopia designava, segundo Morus, uma cidade imaginária que desprezava o ouro.
A. *Filosofia*: projeto de uma sociedade ideal (ex.: falanstério de Fourier).
B. *Sentido pejorativo*: projeto julgado quimérico e irrealizável.

2. *Definições particulares de filósofos*

RUSS
"A utopia, isto é, o que não pertence a lugar nenhum, representa a parte de sonho de que somos portadores, parte de sonho indispensável para quem quer autenticamente construir o real." (*O Socialismo Utópico Francês*, p.189, Bordas.)

303

Editora Scipione

Existem palavras que assumem sentidos particulares quando empregadas no contexto de diferentes esferas do conhecimento.

d. **situacionais** – em diferentes situações comunicativas, um mesmo indivíduo emprega diferentes formas de língua. Basta pensar nas atitudes que assumimos em situações formais (por exemplo, um discurso numa solenidade de formatura) e em situações informais (uma conversa descontraída com amigos, por exemplo). A **fala** e a **escrita** também implicam profundas diferenças na elaboração de mensagens. A tal ponto chegam essas variações, que acabam surgindo dois códigos distintos, cada qual com suas especificidades: a **língua falada** e a **língua escrita**.

A língua literária

Quando o uso da língua abandona as necessidades práticas do cotidiano comunicativo e passa a incorporar preocupações estéticas, surge a língua literária. Nesse caso, a escolha e a combinação dos elementos linguísticos subordinam-se a atividades criadoras e imaginativas. Código e mensagem adquirem uma importância elevada, deslocando o centro de interesse para aquilo que a língua é em detrimento daquilo para que ela serve.

3. História e geografia da língua portuguesa

A formação, o desenvolvimento e a expansão da língua portuguesa estão obviamente vinculados à história dos povos que a criaram e ainda hoje a empregam e transformam.

O português é uma língua **neolatina**, **novilatina** ou **românica**, pois foi formado com base nas transformações verificadas no latim levado pelos dominadores romanos à região da Península Ibérica. Em seu desenvolvimento histórico, podem ser apontados os seguintes períodos:

a. **protoporuguês** – do século IX ao século XII. A documentação desse período é muito rara: são textos redigidos em latim bárbaro, nos quais se encontram algumas palavras portuguesas.

b. **português histórico** – do século XII aos dias atuais. Esse período subdivide-se em duas fases:

- fase arcaica: do século XII até ao século XV. Nessa fase, houve inicialmente uma língua comum ao noroeste da Península Ibérica (regiões da Galiza e norte de Portugal), o **galego-português** ou **galaico-português**, fartamente documentado em textos que incluem uma literatura de elevado grau de elaboração (a lírica galego-portuguesa). Com a separação política de Portugal e sua posterior expansão para o sul, o português e o galego se foram individualizando, transformando-se o primeiro numa língua nacional e o segundo numa das línguas que, na Espanha, coexistem com o castelhano;

Em *site*

<www.xunta.es/lingua>. Acesso em: 18 fev. 2008.

O galego é falado na região da Galícia (Espanha), onde é compreendido por cerca de 90% da população. Nesse *site*, é possível conhecer essa língua tão semelhante ao português e, ainda, detalhes sobre o lugar onde ela é falada, seu *status* legal, origem e história, competência e usos.

- fase moderna: do século XVI aos dias atuais. Devemos distinguir o **português clássico** (séculos XVI e XVII) do **português pós-clássico** (do século XVIII aos nossos dias). Na época do português clássico, tiveram início os estudos gramaticais e desenvolveu-se uma extensa literatura, em grande parte influenciada por modelos latinos. No período pós-clássico, a língua começou a assumir as características que hoje apresenta.

A partir do século XV, as navegações portuguesas iniciaram um longo processo de expansão linguística. Durante alguns séculos, a língua portuguesa foi levada a várias regiões do planeta por conquistadores, colonos e emigrantes. Atualmente, a situação do português no mundo é aproximadamente a seguinte:

a. em alguns países, é a língua oficial, o que lhe confere unidade, apesar da existência de variações regionais e da convivência com idiomas nativos. Incluem-se nesse caso Brasil, Portugal, Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Timor Leste;

Em DVD

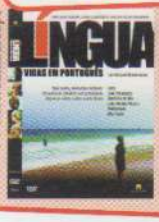

Tecnopop/Editora Abril/ TV Zero/Sambascope

***Vidas em português*. Direção de Victor Lopes. Brasil: Paris Filmes, 2005. (91 min).**
Documentário acerca da trajetória e permanência da língua portuguesa nas mais diversas culturas do mundo. O elenco conta com a presença do prêmio Nobel de Literatura José Saramago, além de outras personalidades e de pessoas comuns que valorizam e reinventam nossa língua de cada dia.

b. em regiões da Ásia (Macau, Goa, Damão, Diu), é falado por uma pequena parcela da população ou deu origem a dialetos.

Não é difícil imaginar que uma língua falada em regiões tão distintas apresente diferenças de ordem lexical ou sintático-semânticas. Em outras palavras, é natural que, nas diferentes regiões, palavras sejam incorporadas a seu vocabulário por influências locais ou estrangeiras, que termos idênticos sejam utilizados com significados diversos ou que diferentes construções sintáticas ganhem força aqui ou ali.

Essa diversidade é inevitável e resulta de um processo normal de enriquecimento linguístico. A língua, no entanto, é uma só. São diferentes nações a falar o mesmo idioma, unidas pela identidade da língua. Para preservar essa unidade, os chamados países lusófonos – Portugal, Brasil, Timor Leste e os cinco países africanos – reconheceram a necessidade de se adotar uma ortografia comum, que facilitaria a circulação de textos escritos, a aprendizagem da grafia da língua nas diversas instituições de ensino existentes nos países lusófonos e preservaria, enfim, a origem comum.

As discussões em torno de um acordo remontam ao início do século passado. Em 1911 foi adotada em Portugal a primeira grande reforma ortográfica. Seguiram-se outras tentativas, entre Brasil e Portugal, em 1931, 1945, 1971/1973, 1986 e 1990. As duas últimas contaram também com a participação das nações africanas, portanto já na condição de países livres. Em reunião realizada em Lisboa, em 16 de dezembro de 1990, o acordo foi aprovado pelos sete países lusófonos. A entrada em vigor passava a depender da ratificação dos respectivos parlamentos, o que não aconteceu de imediato. Em 2004, o Brasil validou o acordo, seguido por Cabo Verde e São Tomé e Príncipe, que o fizeram em 2006. Mas apenas em 1990, com a assinatura de Portugal, o *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa* finalmente passou a vigorar.

Em *site*

<www.cplp.org>. Acesso em: 18 fev. 2008.

Conheça as atividades e as iniciativas da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), criada em julho de 1996, em Lisboa, Portugal, cujos principais objetivos são "a promoção e a difusão da língua portuguesa". Participaram da fundação da Comunidade os sete países lusófonos: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Moçambique e Portugal. Em 2002, Timor Leste passou a integrar a CPLP.

Países onde o português é a língua oficial

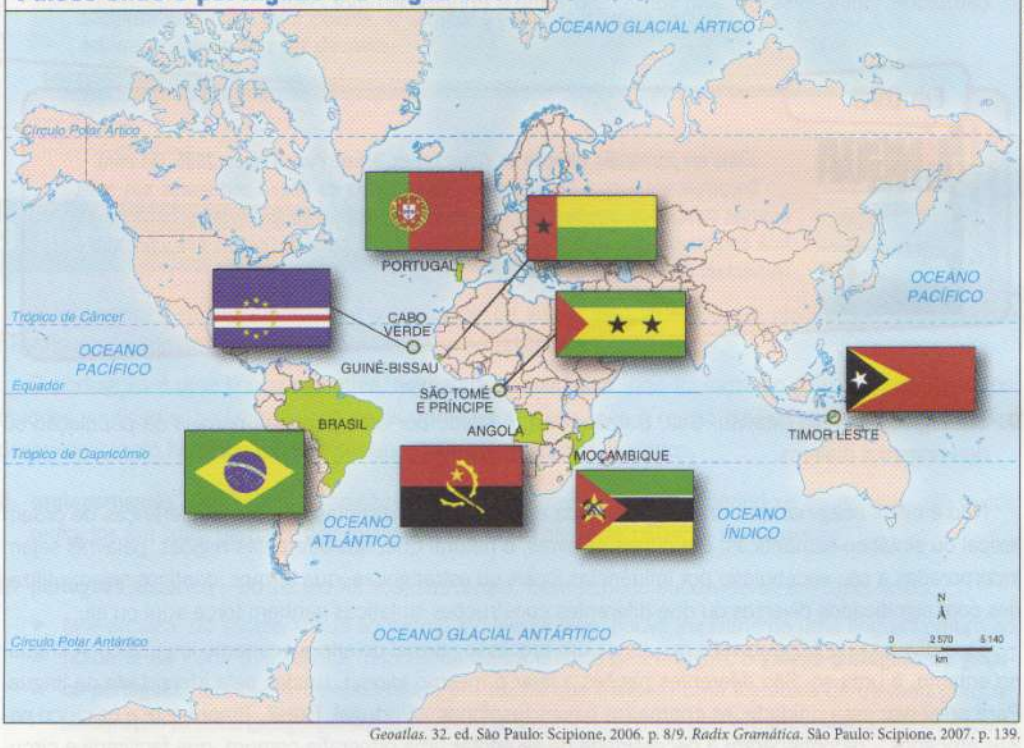

Mario Yoshida

Geoatlas. 32. ed. São Paulo: Scipione, 2006. p. 8/9. *Radix Gramática*. São Paulo: Scipione, 2007. p. 139.

4. A gramática

Gramática é uma palavra de origem grega formada a partir de *grámma*, que quer dizer "letra". Originalmente, gramática era o nome das técnicas de escrita e leitura. Posteriormente, passou a designar o conjunto das regras que garantem o uso modelar da língua – a chamada **gramática normativa**, que estabelece padrões de certo e errado, correto e incorreto, para as formas do idioma. Gramática também é, atualmente, a descrição científica do funcionamento de uma língua. Nesse caso, é chamada de **gramática descritiva**.

A gramática normativa estabelece a **norma culta**, ou seja, o padrão linguístico que socialmente é considerado modelar e é adotado para ensino nas escolas e para a redação dos documentos oficiais.

Há línguas que não têm forma escrita, como algumas línguas indígenas brasileiras. Nesses casos, o conhecimento linguístico é transmitido oralmente. Nas línguas que têm forma escrita, como é o caso do português, o papel da gramática normativa é apontar o que configura a existência de um padrão linguístico uniforme no qual se registre a produção cultural. Conhecer a norma culta é, portanto, uma forma de ter acesso a essa produção cultural e à linguagem oficial. Este é um livro dedicado ao ensino da norma culta da língua portuguesa em sua vertente brasileira.

Cecília Vicente de Azevedo Alves Pinto.
Publicado mediante autorização da autora.
Todos os direitos reservados.

Ciça. *Pagando o pato*. São Paulo: Circo Editorial, 1986. p. 100.

Na linguagem coloquial, a lei da economia opera reduções e transformações nas palavras, como se pode ver nos dois últimos quadrinhos desta tira. Embora não aceitáveis em situações formais, termos como esses possuem forte valor expressivo e comunicativo na linguagem do dia-a-dia.

Divisão da gramática

Divide-se a gramática em:

a. fonologia – estuda os fonemas ou sons da língua e as sílabas que esses fonemas formam. Fazem parte da fonologia a ortoepia ou ortoépia (estudo da articulação e pronúncia dos vocábulos), a prosódia (estudo da acentuação tônica dos vocábulos) e a ortografia (estudo da forma escrita das palavras);

A ONDA
a onda anda
aonde anda
a onda?
a onda ainda
ainda onda
ainda anda
aonde?
aonde?
a onda a onda

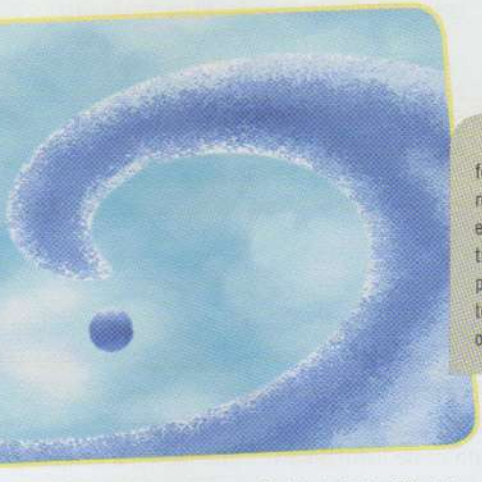

A fonologia estuda os fonemas ou sons da língua, representados por letras na escrita. Na literatura, a repetição de certos sons pode proporcionar efeitos interessantes, como ocorre no poema "A onda", de Manuel Bandeira.

BANDEIRA, Manuel. Poesia completa e prosa. *Rio de Janeiro: Aguilar, 1996. p. 354.*

b. **morfologia** – estuda as palavras e os elementos que as constituem. A morfologia analisa a estrutura, a formação e os mecanismos de flexão das palavras, além de dividi-las em classes gramaticais;

c. **sintaxe** – estuda as formas de relacionamento entre palavras ou entre orações. Divide-se em sintaxe das funções, que estuda a estrutura da oração e do período, e sintaxe das relações, a qual inclui a regência, a colocação pronominal e a concordância.

Fernando Gonsales

Aventuras na História. São Paulo: Abril, ed. 28, dez. 2005. p. 66.

A sintaxe estuda as relações entre palavras ou entre orações. Nesta tirinha, há referência à sintaxe de colocação das palavras. O humor está na mistura do sistema simbólico, que utiliza palavras, com a imitação da escrita egípcia que, muitas vezes, utilizava o desenho.

Em livro

Panda Books

CAMPOS, Carmem Lúcia; SILVA, Nilson Joaquim da. *Lições de gramática para quem gosta de literatura*. São Paulo: Panda Books, 2007.

Quem disse que gramática não pode render divertidas histórias? Nesta pequena coletânea de textos estão reunidos alguns dos maiores escritores brasileiros da atualidade. Eles contam histórias bem-humoradas sobre variados assuntos de nossa língua, como o "internetês", a nova linguagem criada pelos jovens usuários da rede mundial de computadores.

Morfossintaxe

A classificação morfológica de uma palavra só pode ser feita eficientemente se se observar sua função nas orações. Esse fato demonstra a profunda interligação existente entre a morfologia e a sintaxe. É por isso que se tem preferido falar atualmente em morfossintaxe, ou seja, a apreciação conjunta da classificação morfológica e da função sintática das palavras. O enfoque morfossintático da língua portuguesa será prioritário neste livro, uma vez que facilita a compreensão de muitos mecanismos da língua.

PARTE 1

FONOLOGIA

Capítulo 2

Fonologia

Luli

Clara, de Luli. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 13 jan. 2003. Folhateen, p. 12.

Neste capítulo, estudaremos basicamente os fonemas, que são as menores unidades linguísticas capazes de estabelecer diferenças de significado.

Com apenas uma troca de fonema, cria-se uma palavra totalmente distinta, como na história em quadrinhos (HQ) acima. A frase da HQ ("À noite todos os gatos são parcos") remete ao provérbio "À noite todos os gatos são pardos"; nessa operação linguística, *pardos* tornou-se *parcos* graças à substituição do fonema /d/ pelo fonema /k/.

1. Conceitos básicos

Fonologia é uma palavra formada por elementos gregos: *fono* ("som", "voz") e *log, logia* ("estudo", "conhecimento"). Significa literalmente "estudo dos sons". Os sons que essa parte da gramática estuda são os fonemas (*fono* + *ema*, "unidade sonora distintiva"). Para compreender claramente o que é um fonema, compare as palavras abaixo:

solitário solidário

Lendo em voz alta as duas palavras, você percebe que cada uma das letras destacadas representa um som diferente. Como as palavras têm significados distintos e a única diferença **sonora** que apresentam é a provocada por esses dois sons, somos levados a concluir que o contraste entre esses dois sons é que produz a diferença de significado entre as duas palavras. Cada letra representa, no caso, um **fonema**, ou seja, uma unidade sonora capaz de estabelecer diferenças de significado.

Em outras palavras, os fonemas são os **sons característicos de uma determinada língua**. Com um número relativamente pequeno desses sons, cada língua é capaz de produzir milhares de palavras e infinitas frases.

Observe que falamos em **sons representados pelas letras**. Isso porque não se devem confundir fonemas e letras: os fonemas são **sons**; as letras são **sinais gráficos** que procuram representar esses sons. Essa representação, no entanto, nem sempre é perfeita:

a. há casos em que a mesma letra representa fonemas diferentes (como a letra *g*, em ***g**aleria* e ***g**inástica*);

b. há fonemas representados por letras diferentes (como o fonema que as letras *g* e *j* representam em ***g**inástica* e ***j**iló*);

c. há fonemas representados por duas letras (como em *ba**rr**a* ou *a**ss**ar*);

d. há casos em que uma letra representa dois fonemas (como o *x* de *ane**x**o*, que soa "ks");

e. há casos em que a letra não corresponde a nenhum fonema (o *h* de ***h**élice*, por exemplo).

Joaquín Salvador Lavado/Quino/Mafalda 8

QUINO. *Mafalda 8*. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 76.

Nesta tirinha, as letras em destaque nas palavras *preços*, *máximos*, *necessidade* e *sensatez* representam um único fonema. Já em *fixou*, a letra **x** representa dois sons (/ks/).

Para evitar dúvidas, acostume-se a ler as palavras em voz alta quando estiver estudando fonologia. Afinal, o que interessa nesse caso é o aspecto sonoro dessas palavras.

Atividade

Leia em voz alta as palavras abaixo e depois diga quantas letras e quantos fonemas cada uma delas possui:

a) hora
b) acesso
c) arrastar
d) tóxico
e) distinguir
f) querer
g) água
h) quarto
i) banho
j) obsessão
k) obcecado
l) queijinho

2. Os fonemas da língua portuguesa

Como não há necessariamente correspondência entre as letras e os fonemas, foi criado um sistema de símbolos em que a cada fonema corresponde apenas um símbolo. Esse sistema é o **alfabeto fonético**, muito usado no ensino de línguas para indicar a forma de pronunciar as palavras.

A língua portuguesa do Brasil apresenta um conjunto de 33 fonemas, que podem ser identificados no quadro a seguir. A cada um deles corresponde um único símbolo escrito do alfabeto fonético. Por convenção, esses símbolos são colocados entre barras oblíquas.

O uso dos símbolos para transcrição fonológica permite-nos perceber com clareza alguns problemas da relação entre fonemas e letras. Note, por exemplo, como o símbolo /k/ figura na transcrição tanto do som representado pela letra *c* em *cara* quanto pelas letras *qu* em *quero*.

FONEMAS DA LÍNGUA PORTUGUESA DO BRASIL E SUA TRANSCRIÇÃO FONOLÓGICA

	símbolo	exemplo	transcrição fonológica
consoantes	/p/	**p**aca	/paka/
	/b/	**b**ula	/bula/
	/t/	**t**ara	/tara/
	/d/	**d**ata	/data/
	/k/	**c**ara, **qu**ero, **k**artista	/kara/, /kɛro/, /kartista/
	/g/	**g**ola, **gu**erra	/gɔla/, /gɛRa/
	/f/	**f**aca	/faka/
	/v/	**v**ala, **W**agner	/vala/, /wagner/
	/s/	**s**ola, **ss**a, **ç**oça	/sɔla/, /asa/, /mosa/
	/z/	**z**asa, **z**ero	/aza/, /zɛro/
	/ʃ/	me**ch**a, **x**á	/mɛʃa/, /ʃa/
	/ʒ/	**j**aca, **g**ela	/ʒaka/, /ʒɛla/
	/m/	**m**ola	/mɔla/
	/n/	**n**ata	/nata/
	/ɲ/	ni**nh**o	/niɲo/
	/l/	**l**ata	/lata/
	/ʎ/	ca**lh**a	/kaʎa/
	/ɾ/	Ma**r**a	/mara/
	/R/	**r**ota, ca**rr**oça	/RɔRta/, /kaRɔsa/
semivogais	/j/	ca**i**, põ**e**, *yang*	/kaj/, /põj/, /jang/
	/w/	pa**u**, pã**o**, **W**esley	/paw/, /pãw/, /wɛslej/

	símbolo	exemplo	transcrição fonológica
vogais	/a/	cá	/ka/
	/ɛ/	mel	/mɛl/
	/e/	seda	/seda/
	/i/	rica	/Rika/
	/ɔ/	sola	/sɔla/
	/o/	soma	/soma/
	/u/	gula	/gula/
	/ã/	manta, maçã	/mãta/, /masã/
	/ẽ/	tenda	/tẽda/
	/ĩ/	cinta	/sĩta/
	/õ/	conta, põe	/kõta/, /põj/
	/ũ/	fundo	/fũdo/

3. Classificação dos fonemas da língua portuguesa

Os fonemas da língua portuguesa são classificados em **vogais**, **semivogais** e **consoantes**. Esses três tipos de fonemas são produzidos por uma corrente de ar que pode fazer vibrar ou não as cordas vocais. Quando ocorre vibração, o fonema é chamado **sonoro**; quando não, o fonema é **surdo**. Além disso, a corrente de ar pode ser liberada apenas pela boca ou parcialmente também pelo nariz. No primeiro caso, o fonema é **oral**; no segundo, é **nasal**.

Vogais

As vogais são fonemas sonoros produzidos por uma corrente de ar que passa **livremente** pela boca. Em nossa língua, desempenham o papel de núcleo das sílabas. Em termos práticos, isso significa que em toda sílaba há necessariamente um único fonema vocálico.

As diferentes vogais resultam do diferente posicionamento dos músculos bucais (língua, lábios e véu palatino). Sua classificação é feita em função de diversos critérios:

a. quanto à **zona de articulação**, ou seja, de acordo com a região da boca em que se dá a maior elevação da língua; assim, podem ser **anteriores**, **centrais** e **posteriores**;

b. pela **elevação da região mais alta da língua**; podem ser **altas**, **médias** e **baixas**;

c. quanto ao **timbre**; podem ser **abertas** ou **fechadas**.

Além desses critérios, as vogais podem ser **orais** ou **nasais**. Todos os fonemas vocálicos são **sonoros**.

O quadro a seguir apresenta a classificação das vogais da língua portuguesa de acordo com esses critérios.

CLASSIFICAÇÃO DAS VOGAIS

		anteriores	centrais	posteriores
altas		/i/ /ĩ/		/u/ /ũ/
médias	fechadas	/e/ /ẽ/		/o/ /õ/
	abertas	/ɛ/		/ɔ/
baixas			/a/ /ã/	

Semivogais

Há duas semivogais em português, representadas pelos símbolos /j/ e /w/ e produzidas de forma semelhante às vogais altas /i/ e /u/. A diferença fundamental entre as vogais e as semivogais está no fato de que estas últimas não desempenham o papel de núcleo silábico. Em outras palavras: as semivogais necessariamente acompanham alguma vogal, com a qual formam sílaba.

As letras utilizadas para representar as semivogais em português são utilizadas também para representar vogais, o que cria muitas dúvidas. A única forma de diferenciá-las efetivamente é falar e ouvir as palavras em que surgem:

país – pais baú – mau

Em *país* e *baú*, as letras *i* e *u* representam respectivamente as vogais /i/ e /u/. Já em *pais* e *mau*, essas letras representam as semivogais /j/ e /w/. Isso pode ser facilmente percebido se você observar como a articulação desses sons é diferente em cada caso; além disso, observe que *país* e *baú* têm ambas duas sílabas, enquanto *pais* e *mau* têm ambas uma única sílaba.

Em algumas palavras, encontramos as letras *e* e *o* representando as semivogais:

mãe (/mãj/) pão (/pãw/)

Galileu. São Paulo: Globo, n. 199, fev. 2008. p. 91.

Você irritado grita, chuta, fala palavrão.
O planeta irritado é um pouco diferente.

Nas palavras *palavrão* e *pouco*, a semivogal /w/ é representada pelas letras **o** (*ão*) e **u** (*ou*).

Consoantes

Para a produção das consoantes, a corrente de ar expirada pelos pulmões encontra obstáculos ao passar pela cavidade bucal. Isso faz com que as consoantes sejam verdadeiros "ruídos", incapazes de atuar como núcleos silábicos. Seu nome provém justamente desse fato, pois, em português, sempre **soam com** as vogais, que são os núcleos das sílabas.

A classificação das consoantes baseia-se em diversos critérios:

a. **modo de articulação** – indica o tipo de obstáculo encontrado pela corrente de ar ao passar pela boca. São **oclusivas** aquelas produzidas com obstáculo total; são **constritivas** as produzidas com obstáculo parcial. As constritivas subdividem-se em **fricativas** (o ar sofre fricção), **laterais** (o ar passa pelos lados da cavidade bucal) e **vibrantes** (a língua ou o véu palatino vibram);

b. **ponto de articulação** – indica o ponto da cavidade bucal em que se localiza o obstáculo à corrente de ar. As consoantes podem ser **bilabiais** (os lábios entram em contato), **labiodentais** (o lábio inferior toca os dentes incisivos superiores), **linguodentais** (a língua toca os dentes incisivos superiores), **alveolares** (a língua toca os alvéolos dos incisivos superiores), **palatais** (a língua toca o palato duro ou céu da boca) e **velares** (a língua toca o palato mole, ou véu palatino);

c. as consoantes podem ser **surdas** ou **sonoras**, de acordo com a vibração das cordas vocais, e ainda **orais** ou **nasais**, de acordo com a participação das cavidades bucal e nasal no seu processo de emissão.

O quadro a seguir aplica esses diversos critérios de classificação às consoantes da língua portuguesa.

Note que, em alguns casos, as consoantes distinguem-se uma da outra apenas pela vibração das cordas vocais. É o que ocorre, por exemplo, com /p/ e /b/ (compare ***pomba*** e ***bomba***) ou /t/ e /d/ (compare ***testa*** e ***desta***). Nesses casos, as consoantes são chamadas **homorgânicas**.

AZEREDO, Ronaldo. In: AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. (Org.). *Poetas do modernismo: antologia crítica.* Brasília: MEC/INL, 1972. v. 6, p. 196.

Neste poema, as palavras **solitário** e **solidário** diferenciam-se, quanto ao som, apenas pelas consoantes homorgânicas t/d (ambas linguodentais). Na terceira coluna, o poeta convida o leitor a escolher entre a solidariedade ou a solidão: basta completar as lacunas deixadas nas palavras com uma dessas consoantes e ler *solidário* ou *solitário*.

CLASSIFICAÇÃO DAS CONSOANTES

cavidades bucal e nasal		orais						nasais
modo de articulação		oclusivas		constritivas				
				fricativas		laterais	vibrantes	
	cordas vocais	surdas	sonoras	surdas	sonoras	sonoras	sonoras	sonoras
ponto de articulação	bilabiais	/p/	/b/					/m/
	labiodentais			/f/	/v/			
	linguodentais	/t/	/d/					/n/
	alveolares			/s/	/z/	/l/	/r/	
	palatais			/ʃ/	/ʒ/	/ʎ/		/ɲ/
	velares	/k/	/g/				/R/	

Atividades

1. Classifique os fonemas representados pelas letras destacadas em vogais ou semivogais:

a) **sou**
b) **são**
c) **luar**
d) **situe**
e) **mágoa**
f) **cães**
g) **mais**
h) **Taís**
i) **soe**
j) **longínquo**

2. Substitua as vogais orais representadas pelas letras destacadas nas palavras seguintes por vogais nasais:

a) **mato**
b) **seda**
c) **cito**
d) **pote**
e) **mudo**

3. Substitua cada uma das consoantes representadas pelas letras destacadas nas palavras seguintes pela respectiva consoante homorgânica:

a) **gado**
b) **teto**
c) **pato**
d) **peixinho**
e) **chato**
f) **vale**

4. Leia atentamente, **em voz alta**, as palavras de cada par seguinte. Procure pronunciá-las nitidamente:

a) tom/tão
b) som/são
c) saia/ceia
d) comprido/cumprido
e) quatro/quadro
f) aceitar/ajeitar
g) xingar/gingar

4. Sílabas

As sílabas são conjuntos de um ou mais fonemas pronunciados numa única emissão de voz. Em nossa língua, o núcleo da sílaba é sempre uma vogal: não existe sílaba sem vogal e nunca há mais do que uma única vogal em cada sílaba. Cuidado com as letras *i* e *u* (mais raramente com as letras *e* e *o*), pois, como já vimos, elas podem representar também semivogais, que **não** são nunca núcleos de sílaba em português.

Agrupadas, as sílabas formam vocábulos. De acordo com o número de sílabas que os formam, os vocábulos podem ser:

a. monossílabos – formados por uma única sílaba:

é há ás cá mar flor quem quão

b. dissílabos – apresentam duas sílabas:

a-í a-li de-ver cle-ro i-ra sol-da trans-por

c. trissílabos – apresentam três sílabas:

ca-ma-da O-da-ir pers-pi-caz tungs-tê-nio felds-pa-to

d. polissílabos – apresentam mais do que três sílabas.

bra-si-lei-ro psi-co-lo-gi-a a-ris-to-cra-ci-a o-tor-ri-no-la-rin-go-lo-gis-ta

5. Encontros vocálicos

Os encontros vocálicos são agrupamentos de vogais e semivogais, sem consoantes intermediárias. É importante reconhecê-los para fazermos a correta divisão silábica dos vocábulos. Há três tipos de encontros:

a. **hiato** – é o encontro de duas vogais num vocábulo, como em *saída* (*sa-í-da*). Os hiatos são sempre separados quando da divisão silábica: *mo-o*, *ru-im*, *pa-ís*;

b. **ditongo** – é o encontro de uma vogal com uma semivogal ou de uma semivogal com uma vogal; em ambos os casos, vogal e semivogal pertencem obviamente a uma mesma sílaba. O encontro vogal + semivogal é chamado de **ditongo decrescente** (como em *moi-ta*, *cai*, *mói*). O encontro semivogal + vogal forma o **ditongo crescente** (como em *qual*, *pá-tria*, *sé-rio*). Os ditongos podem ser classificados ainda em **orais** (todos os apresentados até agora) e nasais (como em *mãe* ou *pão*);

c. **tritongo** – é a sequência formada por uma semivogal, uma vogal e uma semivogal, sempre nessa ordem. O tritongo pertence a uma única sílaba: *Pa-ra-guai*, *quão*. Os tritongos podem ser **orais** (*Paraguai*) ou **nasais** (*quão*).

OBSERVAÇÕES

1. A terminação *em* (/ẽj/) em palavras como *ninguém*, *alguém*, *também*, *porém* e a terminação *am* (/ãw/) em palavras como *cantaram*, *amaram*, *falaram* representam ditongos nasais decrescentes.
2. É tradicional considerar hiato o encontro entre uma semivogal e uma vogal ou entre uma vogal e uma semivogal que pertencem a sílabas diferentes. Isso ocorre quando há contato entre uma vogal e um ditongo, como em *i-dei-a*, *io-iô*.
3. Há alguns encontros vocálicos átonos e finais que são chamados de **instáveis** porque podem ser pronunciados como ditongos ou como hiatos: *ia* (pátria), *ie* (espécie), *io* (pátio), *ua* (árdua), *ue* (tênue), *uo* (vácuo). A tendência predominante é pronunciá-los como ditongos.

6. Encontros consonantais

O agrupamento de duas ou mais consoantes, sem vogal intermediária, recebe o nome de **encontro consonantal**. Há dois tipos básicos de encontros consonantais:

a. consoante + *l* ou *r* – são encontros que pertencem a uma mesma sílaba:

pra-to	pla-ca	bro-che	blu-sa	trei-no
a-tle-ta	cri-se	cla-ve	fran-co	flan-co

b. duas consoantes pertencentes a sílabas diferentes – é o que ocorre em:

ab-di-car	sub-so-lo	ad-vo-ga-do	ad-mi-tir	al-ge-ma	cor-te

Há grupos consonantais que surgem no início dos vocábulos; são, por isso, inseparáveis:

pneu-mo-ni-a	psi-co-se	gno-mo

7. Dígrafos

A palavra **dígrafo** é formada por elementos gregos: *di*, "dois", e *grafo*, "escrever". O dígrafo ocorre quando duas letras são usadas para representar um único fonema. Também se pode usar a palavra **digrama** (*di*, "dois"; *gramma*, "letra") para designar essas ocorrências.

Podemos dividir os dígrafos da língua portuguesa em dois grupos: os consonantais e os vocálicos.

DÍGRAFOS CONSONANTAIS		
dígrafo	**símbolo**	**exemplos**
ch	/ʃ/	**ch**uva, **Ch**ina
lh	/ʎ/	a**lh**o, mi**lh**o
nh	/ɲ/	so**nh**o, ve**nh**o
rr (usado unicamente entre vogais)	/R/	ba**rr**o, bi**rr**a, bu**rr**o
ss (usado unicamente entre vogais)	/s/	a**ss**unto, a**ss**ento, i**ss**o
sc	/s/	a**sc**ensão, de**sc**endente
sç	/s/	na**sç**o, cre**sç**a
xc	/s/	e**xc**eção, e**xc**esso
xs	/s/	e**xs**uar, e**xs**udar
gu	/g/	**gu**elra, **gu**ia
qu	/k/	**qu**estão, **qu**ilo

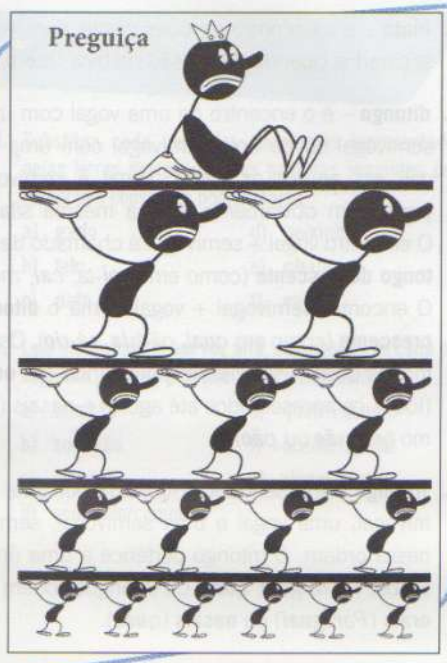

Front. São Paulo: Via Lettera, n. 7, maio 2001. p. 52.

No título deste cartum, encontramos o dígrafo consonantal *gu*.

Gu e *qu* nem sempre representam dígrafos. Isso ocorre apenas quando, seguidos de *e* ou *i*, representam os fonemas /g/ e /k/: ***gu**erra*, ***qu**ilo*. Nesses casos, a letra *u* não corresponde a nenhum fonema. Em algumas palavras, no entanto, o *u* representa uma semivogal ou uma vogal: *a**gu**entar*, *lin**gu**iça*, *fre**qu**ente*, *tran**qu**ilo* (semivogal); *averi**gu**e*, *ar**gu**i* (vogal tônica) – o que significa que *gu* e *qu* não são dígrafos. Também não há dígrafo quando são seguidos de *a* ou *u*: ***qu**ando*, *a**qu**oso*, *averi**gu**o*.

DÍGRAFOS VOCÁLICOS		
dígrafos	**símbolo**	**exemplos**
am/an	/ã/	c**am**po, s**an**gue
em/en	/ẽ/	s**em**pre, t**en**to
im/in	/ĩ/	l**im**po, t**in**gir
om/on	/õ/	r**om**bo, t**on**to
um/un	/ũ/	nenh**um**, s**un**ga

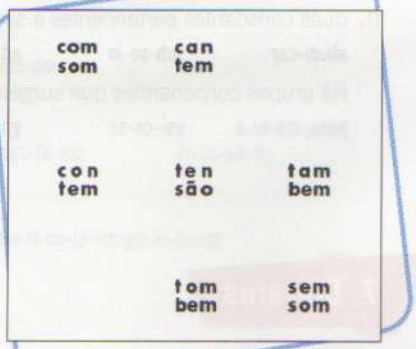

CAMPOS, Augusto de. *Tensão*. Disponível em: <www2.uol.com.br/augustodecampos/poemas.htm>. Acesso em: 25 fev. 2008.

Leia em voz alta esse texto: em todas as sílabas que o compõem há um dígrafo vocálico.

Em *site*

<www2.uol.com.br/augustodecampos/poemas.htm>. Acesso em: 25 fev. 2008.

A fragmentação das palavras, o jogo com os sons, a criação de múltiplos significados, entre outros aspectos, foram utilizados pelos poetas concretistas para criar uma nova estética da palavra. Um dos maiores expoentes desse movimento artístico foi Augusto de Campos. Visite seu *site*, leia alguns de seus textos e ouça, em especial, o poema "Tensão", no qual se pode observar o trabalho com os dígrafos vocálicos.

8. Divisão silábica

A divisão silábica gramatical obedece a algumas regras básicas, que apresentaremos a seguir. Se você observar atentamente essas regras, vai perceber que os conceitos que estudamos até agora servem para justificá-las:

a. ditongos e tritongos pertencem a uma única sílaba:

au-tô-no-mo **ou**-to-no di-nh**ei**-ro U-ru-**guai** i-**guais**

b. os hiatos são separados em duas sílabas:

du-e-to a-mên-d**o-a** **ca-a**-tin-ga

c. os dígrafos *ch*, *lh*, *nh*, *gu* e *qu* pertencem a uma única sílaba:

chu-va mo-**lh**a es-ta-**nh**o **gu**el-ra a-**qu**e-la

d. as letras que formam os dígrafos *rr*, *ss*, *sc*, *sç*, *xs* e *xc* devem ser separadas:

bar-ro **as-sun**-to **des-cer** **nas-ço** **es-xu**-dar **ex-ce**-to

e. os encontros consonantais que ocorrem em sílabas internas devem ser separados, excetuando-se aqueles em que a segunda consoante é *l* ou *r*:

con-**vic-ção** **as-tu**-to **ap-to** **cír-cu**-lo **ad-mi**-tir **ob-tu**-rar

a-**pli**-ca-ção a-**pre**-sen-tar a-**brir** re-**tra**-to de-ca-**tlo**

Lembre-se de que os grupos consonantais que iniciam palavras não são separáveis:

gnós-ti-co **pn**eu-má-ti-co **mn**e-mô-ni-co

O conhecimento das regras de divisão silábica é útil para a **translineação** das palavras, ou seja, para separá-las no final das linhas. Quando houver necessidade da divisão, ela deve ser feita de acordo com as regras acima. Por motivos estéticos e de clareza, devem-se evitar vogais isoladas no final ou no início de linhas, como ***a-sa*** ou *Jundia-**í***. Vale ressaltar que na translineação de palavras compostas ou na combinação de palavras com hífen (como *vice-diretor* ou *ensiná-los*, por exemplo), o hífen deve ser repetido na linha seguinte, caso a partição no fim da linha coincida com o final de um dos elementos.

Ortoepia ou Ortoépia

Formado por elementos gregos (*orto*, "correto"; *epos*, "palavra"), **ortoepia** ou **ortoépia** é o nome que designa a parte da fonologia que cuida da correta produção oral das palavras. Colocamos a seguir uma relação que você deve ler cuidadosamente em voz alta: lembre-se de que estamos falando da forma de pronunciar essas palavras de acordo com o padrão culto da língua portuguesa, importante para você comunicar-se apropriadamente em vários momentos de sua vida.

advogado	cataclismo	meritíssimo
aforismo	digladiar	meteorologia
aterrissagem	disenteria	mortadela
adivinhar	empecilho	prazeroso, prazerosamente
babadouro	engajamento	privilégio
bebedouro	estourar (estouro, estouras etc.)	propriedade, próprio
bandeja	estupro, estuprar	prostração, prostrar
barganha	fratricídio	reivindicar
beneficência	frustração	roubar (roubo, roubas etc.)
beneficente	frustrar	lagarto
cabeçalho	lagartixa	salsicha
cabeleireiro	manteigueira	tireoide
caranguejo	mendigar, mendigo	umbigo

Em livro

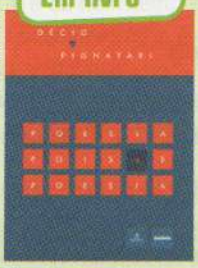

Ateliê Editorial

PIGNATARI, Décio. *Poesia pois é poesia*. São Paulo: Ateliê, 2004.

Décio Pignatari foi um dos líderes do concretismo brasileiro, movimento literário nascido na década de 1950. Os concretistas fundaram uma nova maneira de fazer poesia, rompendo com a estrutura padrão do verso tradicional. O livro *Poesia pois é poesia* é um exemplar desse fazer poético em que a palavra se transforma em ícone sonoro e visual.

Atividades

1. Classifique os encontros vocálicos das palavras a seguir:

a) alguém
b) trouxeram
c) diáspora
d) Mooca
e) tuiuiú
f) Piauí
g) ideia
h) gênio
i) tireoide
j) claustrofobia
k) melancia
l) saíram
m) sobressai
n) sobressaí
o) iguais
p) circuito
q) balões
r) ação

2. Indique, nas palavras a seguir, os dígrafos consonantais e os encontros consonantais:

a) digrama
b) adquirir
c) brita
d) nascer
e) excelente
f) massa
g) pleno
h) chave
i) crítico
j) nasça
k) flecha
l) bloqueio
m) interpretar
n) classificação
o) oftalmologista
p) pterodáctilo

3. Divida em sílabas as palavras seguintes:

a) substância
b) surpreendente
c) adquirir
d) adivinhar
e) ruim
f) gratuito
g) abscesso
h) atualização
i) psiquiatria
j) melancia
k) pneumático
l) adventício
m) introspecção
n) feldspato

Textos para análise

1

A HISTÓRIA DE UM CHEQUE

Prof. Melo e Souza

No ano que vamos contar apareceu, apenas, três judeus. Apesar dos nomes exóticos são tal possível reduzir dos números.

Mas vamos, afinal, a história.

Samuel Blum, opulento joalheiro, vendeu a um freguês (que for parecera homem sério e respeitável) um belo colar por 6.000 cruzeiros e sesenta (que improdutivo!), em pagamento, um cheque na importância total de 6.000 cruzeiros. Nessa transação o Samuel, sempre muito razoável em seus negócios, obteve um lucro de 4.000 cruzeiros.

No mesmo dia, Samuel dando êste cheque, por êle endossado, em pagamento, comprou de seu amigo Adolfo Cohn um valioso anel. Nessa venda Adolfo, homem inteligente e procurado, gerou, também, 4.000 cruzeiros.

Adolfo, utilizando o mesmo cheque, adquiriu do René Levy, concertado joalheiro, uma finíssima pulseira de ouro e platina, pela importância de 6.000 cruzeiros. Para atender ao colega contratou-se Levy com a modestíssima lucro de 500 cruzeiros.

De posse do cheque o nosso bom Levy foi ao banco e fêz de magnetá-lo e saque, com surpresa, que o cheque era falso. Não havia outro remédio para o caso. Prontamente os dois endossantes (Samuel e Adolfo) o exigiu que fôsse, como responsável, e indenizassem de importância total.

O caso era sério.

Samuel e Adolfo, que não queriam saber de complicações com a polícia, concordaram, logo, com a exigência do Levy.

Samuel (que havia ganho 4.000 cruzeiros) abriu não de uma parte do seu lucro e pagou a metade do cheque (3.000) e Adolfo entrou com outra metade (3.000) e o simpático Levy recebeu, assim, a quantia (9.000) que lhe era devida. E o cheque falso, uma vez tornado válido, foi quitado.

Há, porém, envolvendo êste episódio, profundo e estranho mistério.

Vejamos:

Com um cheque falso emitido pelo falsacto, e quitado depois pelo René Levy, resultou o seguinte:

O ladrão obteve uma jóia no valor de 2.000 cruzeiros.

Samuel ganhou 1.000 cruzeiros.

Adolfo ganhou 1.000 cruzeiros.

Levy ganhou 500 cruzeiros.

Houve, portanto, nesse negócio (sem ter entrado em ação DINHEIRO ALGUM) um lucro total de 2.500 cruzeiros e o ladrão levou, ainda, um colar no valor (preço de venda) de 6.000 cruzeiros! Como pode um ladrão, depois de roubar uma jóia, proporcionar um lucro de 2.500 cruzeiros a três joalheiros?

Como explicar, com os prodigiosos recursos da Matemática, êste mistério que assombra os contabilistas e desafia a imaginação dos charadistas?

★ *Quando o dinheiro fala, tudo cala.* ★

TORELLY, Aparício (o Barão de Itararé). *Almanhaque para 1949*. 3. ed. São Paulo: Imprensa Oficial de São Paulo/Edusp/Studioma, 2003. p. 81.

Quando o dinheiro fala, tudo cala.

Edusp/Imprensa Oficial do Estado

Trabalhando o texto

1. Use o conceito de fonema que você aprendeu para comentar os efeitos sonoros presentes na máxima do Barão de Itararé. Compare-os aos efeitos sonoros dos provérbios.

2. Qual é a função desse recurso de linguagem nesse gênero?

2

A rede

Nenhum aquário é maior do que o mar
Mas o mar espelhado em seus olhos
Maior me causa o efeito
De concha no ouvido
Barulho de mar
Pipoco de onda
Ribombo de espuma e sal
Nenhuma taça me mata a sede
Mas o sarrabulho me embriaga

Mergulho na onda vaga
E eu caio na rede
E não tem quem não caia

Às vezes eu penso que sai dos teus olhos o feixe
De raio que controla a onda cerebral do peixe

Nenhuma rede é maior do que o mar
Nem quando ultrapassa o tamanho da terra

Nem quando ela acerta
Nem quando ela erra
Nem quando ela envolve todo o planeta
Explode e devolve pro seu olhar
O tanto de tudo que eu tô pra te dar
Se a rede é maior do que o meu amor
Não tem quem me prove

Às vezes eu penso que sai dos teus olhos o feixe
De raio que controla a onda cerebral do peixe

E eu caio na rede
Não tem quem não caia

Se a rede é maior do que o meu amor
Não tem quem me prove

Lenine e Lula Queiroga. In: LENINE. *Na pressão* (CD). BMG, 1999.

Mameluco (Trama)/Trama

Trabalhando o texto

1. Defina fonema a partir do contraste entre os vocábulos *feixe* e *peixe*.

2. Classifique os encontros vocálicos presentes nos versos ao lado:

"Nenhum aquário é maior que o mar
Mas o mar espelhado em seus olhos
Maior me causa o efeito
De concha no ouvido."

3. Retire do texto exemplos de:

a) dígrafos consonantais;

b) dígrafos vocálicos;

c) encontros consonantais.

4. Explique a diferença entre os elementos em negrito nas palavras ***aquário*** e ***quem***.

5. Observe no texto o emprego das palavras *barulho*, *pipoco*, *ribombo* e *sarrabulho*. Por que a sonoridade delas adquire nesse texto um efeito de sentido particular?

6. Leia e releia em voz alta o verso "O tanto de tudo que eu tô pra te dar". Comente o efeito causado pela repetição de um determinado fonema nesse verso. Aponte outro verso em que ocorre o mesmo fenômeno.

7. Na sua opinião, a que rede o texto se refere? Justifique sua resposta a partir de elementos do próprio texto.

8. O sujeito lírico estabelece um contraste entre seu amor e uma das redes em que, inevitavelmente, acaba caindo. Em que consiste esse contraste? Na sua opinião, por que é importante para ele dar destaque a esse contraste?

3

O cérebro conhece bem o bê-a-bá

Não é só nos livros de ortografia que há distinção entre vogais e consoantes. Uma pesquisa da Universidade Harvard, nos Estados Unidos, mostrou que a diferença entre esses dois tipos de letra está gravada no fundo do cérebro, que os processa em áreas separadas. Os cientistas perceberam isso graças a uma infelicidade, pois testaram dois pacientes com lesões em duas regiões cerebrais. O resultado foi surpreendente – enquanto um dos doentes trocava uma vogal pela outra, mas não confundia as consoantes, o outro falhava nas consoantes, acertando as vogais. Ficou claro que esses dois tipos de letra são processados em lugares diferentes. "É mais uma peça que se coloca no quebra-cabeça da linguagem humana", disse o neurologista Alfonso Caramazza, um dos autores da experiência.

Superinteressante. São Paulo: Abril, ano 14, n. 3, mar. 2000. p. 21.

Trabalhando o texto

Utilize seus conhecimentos de fonologia para comentar a confusão que o texto acima estabelece entre letras e fonemas. Proponha formas de eliminar essa confusão a fim de tornar o texto mais preciso.

Em CD

Divulgação

Arnaldo Antunes. *Qualquer*. (CD). Biscoito fino, 2006.

O compositor e poeta Arnaldo Antunes explora neste seu sétimo CD solo a sonoridade das palavras, privilegiando principalmente sua voz. Para isso, dispensou o auxílio de bateria e percussão na composição das canções: todas elas são acompanhadas apenas por instrumentos de cordas e piano. Merecem atenção especial a música que dá nome ao CD e a composição "Hotel Fraternité", poema do alemão Hans Magnus Enzensberger. A primeira canção produz efeitos de sentido bastante particulares ao apoiar-se nos ritmos sonoros das palavras; na segunda, o compositor transforma uma citação erudita em canção popular sem que o poema original perca carga expressiva.

Questões de exames e concursos

1. (Correios/Conesul) A alternativa que apresenta as palavras corretamente separadas em sílabas é:

a) i - lu - sõ - es / pro - ve - nien - te

b) es - cor - ri - dos / la - men - tá - veis

c) e - qui - lí - bri - o / bil - he - te

d) mui - tí - ssi - mos / al - co - ol

e) mer - gu - lhan - do / nen - hum

2. (Pref. de Guarulhos-SP/FGV-SP) Nos vocábulos *intoxica*, *hexaedro* e *exator*, os valores de pronúncia que ocorrem são, respectivamente:

a) ch, z, cs

b) ch, cz, cs

c) cs, cz, z

d) cs, z, z

3. (Ceasa-MG/Fumarc) Assinale o vocábulo que contém cinco fonemas.

a) assunto

b) sangue

c) pilha

d) caqui

4. (TA-MG/Fundec) Assinale a alternativa incorreta quanto à descrição da palavra.

a) distinguir: um encontro consonantal e dois dígrafos

b) cinquentão: dois encontros consonantais, um ditongo crescente e um ditongo decrescente

c) quiproquó: dois ditongos crescentes e um encontro consonantal

d) antiguidade: dois dígrafos e nenhum ditongo

5. (TA-MG/Fundec) Assinale a alternativa em que as informações apresentadas para a palavra em destaque estejam totalmente corretas.

a) **hexacampeão:** 10 fonemas, um tritongo, um dígrafo

b) **companhia:** 7 fonemas, um encontro consonantal, um dígrafo

c) **português:** 8 fonemas, um ditongo crescente, um encontro consonantal

d) **quotista:** 8 fonemas, um encontro consonantal, um ditongo crescente.

6. (Unifesp) Na língua portuguesa escrita, quando duas letras são empregadas para representar um único fonema (ou som, na fala), tem-se um **dígrafo**. O dígrafo só está presente em todos os vocábulos de:

a) pai, minha, tua, esse, tragar

b) afasta, vinho, dessa, dor, seria

c) queres, vinho, sangue, dessa, filho

d) esse, amarga, silêncio, escuta, filho

e) queres, feita, tinto, melhor, bruta

7. (Efoa-MG) Assinale a alternativa que identifica os encontros vocálicos e consonantais presentes nos três grupos de palavras abaixo, na mesma ordem de ocorrência em cada um deles. Os três grupos apresentam os mesmos encontros vocálicos e consonantais, pela ordem.

I. poema, reino, pobre, não, chave

II. realize, perdeu, escrevê-lo, estão, que

III. dia, mais, contempla, então, lhe

a) ditongo crescente, ditongo crescente, encontro consonantal, ditongo decrescente, dígrafo

b) ditongo crescente, ditongo decrescente, encontro consonantal, dígrafo, encontro consonantal

c) ditongo decrescente, hiato, dígrafo, ditongo decrescente, encontro consonantal

d) hiato, ditongo crescente, encontro consonantal, ditongo decrescente, dígrafo

e) hiato, ditongo decrescente, encontro consonantal, ditongo decrescente, dígrafo

8. (PUC-SP) Nas palavras *enquanto*, *queimar*, *folhas*, *hábil* e *grossa*, constatamos a seguinte sequência de letras e fonemas:

a) 8-7, 7-6, 6-5, 5-4, 6-5

b) 7-6, 6-5, 5-5, 5-5, 5-5

c) 8-5, 7-5, 6-4, 5-4, 5-4

d) 8-6, 7-6, 6-5, 5-4, 6-5

e) 8-5, 7-6, 6-5, 5-5, 5-5

9. (PUC-SP) Indique a alternativa em que todas as palavras têm a mesma classificação no que se refere ao número de sílabas:

a) enchiam, saíam, dormiu, noite

b) feita, primeiro, crescei, rasteiras

c) ruído, saudade, ainda, saúde

d) eram, roupa, sua, surgiam

e) dia, sentia, ouviam, loura

10. (PUC-SP) Indique a alternativa onde constatamos, em todas as palavras, a semivogal *i*:

a) cativos, minada, livros, tirarem

b) oiro, queimar, capoeiras, cheiroso

c) virgens, decidir, brilharem, servir

d) esmeril, fértil, cinza, inda

e) livros, brilharem, oiro, capoeiras

BIBLIOTECA

11. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa que apresenta tritongo, hiato, ditongo crescente e dígrafo:

a) quais, saúde, perdoe, álcool
b) cruéis, mauzinho, quais, psique
c) quão, mais, mandiú, quieto
d) aguei, caos, mágoa, chato
e) n.d.a.

12. (ITA-SP) Dadas as palavras:

1) des-a-ten-to 3) trans-tor-no
2) sub-es-ti-mar

constatamos que a separação silábica está correta:

a) apenas em 1.
b) apenas em 2.
c) apenas em 3.
d) em todas as palavras.
e) n.d.a.

13. (ITA-SP) Dadas as palavras:

1) tung-stê-nio 3) du-e-lo
2) bis-a-vô

constatamos que a separação silábica está correta:

a) apenas em 1.
b) apenas em 2.
c) apenas em 3.
d) em todas as palavras.
e) n.d.a.

14. (UnB-DF) Marque a opção em que todas as palavras apresentam um dígrafo:

a) fixo, auxílio, tóxico, exame
b) enxergar, luxo, bucho, olho
c) bicho, passo, carro, banho
d) choque, sintaxe, unha, coxa

15. (Fasp-SP) Indique a alternativa cuja sequência de vocábulos apresenta, na mesma ordem, o seguinte: ditongo, hiato, hiato, ditongo:

a) jamais, Deus, luar, daí
b) joias, fluir, jesuíta, fogaréu
c) ódio, saguão, leal, poeira
d) quais, fugiu, caiu, história

16. (Fasp-SP) Assinale a alternativa que apresenta os elementos que compõem o tritongo:

a) vogal + semivogal + vogal
b) vogal + vogal + vogal
c) semivogal + vogal + vogal
d) semivogal + vogal + semivogal

17. (Acafe-SC) Assinale a alternativa onde há somente palavras com ditongos orais:

a) acordou, estações, distraído
b) coordenar, Camboriú, cidadão
c) falei, família, capitães
d) jamais, atribui, defendeis
e) comprimiu, vieram, averiguem

18. (USC-RS) A alternativa em que, nas três palavras, há um ditongo decrescente é:

a) água, série, memória
b) balaio, veraneio, ciência
c) coração, razão, paciência
d) apoio, gratuito, fluido
e) joia, véu, área

19. (Acafe-SC) Assinale, na sequência abaixo, a alternativa em que todas as palavras possuem dígrafos:

a) histórias, impossível, máscaras
b) senhor, disse, achado
c) passarinhos, ergueu, piedade
d) errante, abelhas, janela
e) homem, caverna, velhacos

20. (UFSC) A única alternativa que apresenta palavra com encontro consonantal e dígrafo é:

a) graciosa
b) prognosticava
c) carrinhos
d) cadeirinha
e) trabalhava

21. (Acafe-SC) Assinale a alternativa em que há erro na partição de sílabas:

a) en-trar, es-con-der, bis-a-vô, bis-ne-to
b) i-da-de, co-o-pe-rar, es-tô-ma-go, ré-gua
c) des-cen-der, car-ra-da, pos-so, a-tra-vés
d) des-to-ar, tran-sa-ma-zô-ni-co, ra-pé, on-tem
e) pre-des-ti-nar, ex-tra, e-xer-cí-cio, dan-çar

22. (FGV-SP) Cada uma das palavras abaixo apresenta separação silábica em um ponto. Assinale a alternativa em que não haja erro de separação.

a) transatlân-tico, in-terestadual, refei-tório, inex-cedível
b) trans-atlântico, o-pinião, inter-estadual, refeitó-rio
c) trans-atlântico, opi-nião, interestadu-al, in-excedível
d) transa-tlântico, opini-ão, interestadu-al, in-excedível
e) transatlânti-co, inter-estadual, re-feitório, inexce-dível

Capítulo 3

Ortografia

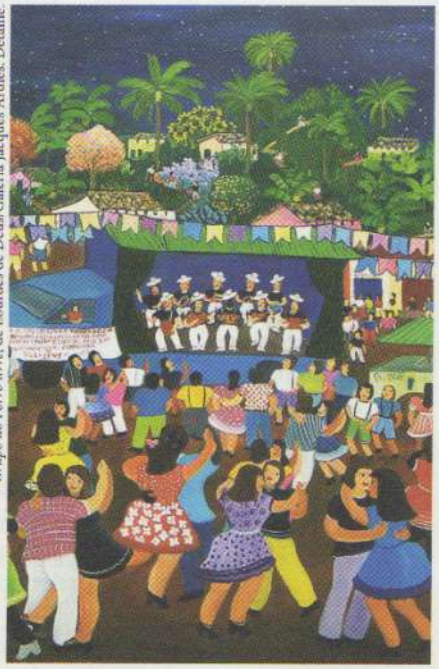

Grupo do Forró livre, de Lourdes de Deus/Galeria Jacques Ardies. Detalhe.

Cintura fina

Minha morena, venha pra cá
Pra dançar xote, se deita em meu cangote
E pode cochilar
Tu és mulher pra homem nenhum
Botar defeito, por isso satisfeito
Com você eu vou dançar

Vem cá, cintura fina, cintura de pilão
Cintura de menina, vem cá meu coração

Quando eu abraço essa cintura de pilão
Fico frio, arrepiado, quase morro de paixão
E fecho os olhos quando sinto o teu calor
Pois teu corpo só foi feito pros cochilos do amor

Zé Dantas e Luiz Gonzaga. In: GONZAGA, Luiz. *Luiz Gonzaga: 50 anos de chão*. CD BMG, 2002, v. 1, faixa 11. Disponível em: <www.luizluagonzaga.com.br>. Acesso em: 4 mar. 2008.

Xote, cochilos, paixão, fecho; cintura, dançar, coração, isso, satisfeito... No momento de grafar tais palavras, podemos hesitar. Afinal, que letra usar? *X* ou *ch*? *S*, *ss* ou *ç*?

Dúvidas como essas são frequentes no dia-a-dia do usuário da língua portuguesa. Neste capítulo estudaremos uma série de regras ortográficas que lhe possibilitarão ter mais certezas do que dúvidas em relação à grafia das palavras.

1. Conceitos básicos

A palavra **ortografia** (formada pelos elementos gregos *orto*, "correto", e *grafia*, "escrita") dá nome à parte da gramática que se preocupa com a correta representação escrita das palavras. É a ortografia, portanto, que fixa padrões de correção para a grafia das palavras. Atualmente, a ortografia em nossa língua obedece a uma combinação de critérios etimológicos (ligados à origem das palavras) e fonológicos (ligados aos fonemas representados).

É importante compreender que a ortografia é fruto de uma convenção. A forma de grafar as palavras é produto de acordos ortográficos que envolvem os diversos países em que a língua portuguesa é oficial. Grafar corretamente uma palavra significa, portanto, adequar-se a um padrão estabelecido por lei. As dúvidas quanto à correção devem ser resolvidas por meio da consulta a dicionários e publicações oficiais ou especializadas.

2. O alfabeto português

O alfabeto ou abecedário da nossa língua é formado por vinte e seis letras que, com pequenas modificações, foram copiadas do alfabeto latino. Essas vinte e seis letras são:

Letras de imprensa	Aa	Bb	Cc	Dd	Ee	Ff	Gg	Hh	Ii	Jj	Kk	Ll	Mm
	Nn	Oo	Pp	Qq	Rr	Ss	Tt	Uu	Vv	Ww	Xx	Yy	Zz
Grafia cursiva	*Aa*	*Bb*	*Cc*	*Dd*	*Ee*	*Ff*	*Gg*	*Hh*	*Ii*	*Jj*	*Kk*	*Ll*	*Mm*
	Nn	*Oo*	*Pp*	*Qq*	*Rr*	*Ss*	*Tt*	*Uu*	*Vv*	*Ww*	*Xx*	*Yy*	*Zz*

ABC do sertão

Lá no meu sertão pros caboclo lê
Têm que aprender um outro abc
O jota é ji, o ele é lê
O esse é si, mas o erre
Tem o nome de rê
Até o ypsilon lá é pssilone
O eme é mê, o ene é nê
O efe é fê, o gê chama-se guê
Na escola é engraçado ouvir-se tanto "ê"
A, bê, cê, dê,
Fê, guê, lê, mê,
Nê, pê, quê, rê,
Tê, vê e zê.

Zé Dantas e Luiz Gonzaga. In: GONZAGA, Luiz. *Luiz Gonzaga: 50 anos de chão*. CD BMG, 2002, v. 2, faixa 11. Disponível em: <www.luizluagonzaga.com.br>. Acesso em: 4 mar. 2008.

A leitura das letras do alfabeto apresenta diferenças dependendo da região de origem do falante. Luiz Gonzaga e Zé Dantas mostram-nos de forma bem-humorada o jeito nordestino de pronunciá-las, tão legítimo como o de outras regiões do país. Como essa música foi criada antes do *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa* (1990), não aparecem nela as letras **k** e **w**, por exemplo. É interessante notar, porém, a menção à letra **y** e a forma curiosa como é pronunciada.

Em *site*

<www.luizluagonzaga.com.br>. Acesso em: 4 mar. 2008.

Luiz Gonzaga é um dos maiores cantores e compositores da nossa música popular. Vale a pena visitar seu *site* para conhecer um pouco mais de sua obra, ouvir sua voz, experimentar o sabor de suas letras e canções.

Além dessas letras, emprega-se, ainda, o Çç, que representa o fonema /s/ diante de *a*, *o* ou *u* em determinadas palavras. As letras Kk, Ww e Yy são utilizadas em abreviaturas, siglas, nomes próprios estrangeiros e seus derivados: *Franklin*, *Darwin*, *Taylor*, *km* (quilômetro), *kW* (quilowatt) etc. e passaram a fazer parte de nosso alfabeto com o *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa* (1990).

O rock do Raul

Projeto do Sesc Ipiranga traça um panorama da vida e da obra do maluco beleza

Shows, exposição de fotos, exibição de documentários, bate-papos e atividades na internet. Vai ter Raul Seixas para todos os gostos no evento Eu Nasci Há 60 Anos Atrás, realizado até o dia 17 deste mês no Sesc Ipiranga para comemorar o aniversário do músico, nascido em 28 de junho de 1945. Dividido em módulos, o evento vai reunir uma série de bandas para interpretar, bem à sua maneira, clássicos do Raul. A lista de *É Só Raul!!!* vai de Thunderbird e Devotos de Nossa Senhora Aparecida a Língua de Trapo, passando pela Cansei de Ser Sexy e Astronauta Pingüim. Já a exposição *Metamorfose Ambulante* aborda a vida e obra do cantor com fotos inéditas de Mário Luiz Thompson, discografia completa e depoimentos de amigos e admiradores. *Raul Seixas – O Maluco Beleza*, documentário produzido pela STV, Rede Sesc/Senac de Televisão, em co-produção com a produtora We Do Comunicação e direção de Dimas de Oliveira, mostra a carreira de Raul e traz depoimentos de amigos, destacando seu fascínio por Elvis Presley e quanto ele se diferenciou do cenário musical brasileiro da década de 70. Os críticos musicais Kid Vinil e Pedro Alexandre Sanches conversarão com o público sobre a obra de Raul em *Ouro de Tolo*, enquanto os participantes de *Curta Raulzito na Web* vão navegar nos sites dedicados ao músico. Confira as datas no *Em Cartaz*.

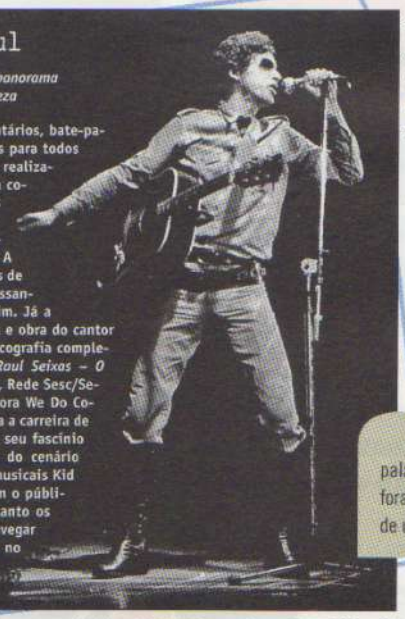

Divulgação/Sesc/SP

Revista e. São Paulo: Sesc, n. 1, ano 12, jul. 2005. p. 29.

A letra *k* aparece também em palavras estrangeiras que ainda não foram aportuguesadas, mas que são de uso corrente, como *rock*.

Em *site*

<www.raulrockclub.com.br>. Acesso em: 26 fev. 2008.

No *site* oficial do fã-clube de Raul Seixas, é possível ouvir suas canções, conhecer sua discografia, ler sobre sua vida e ver imagens do artista, falecido em 1989.

3. Orientações ortográficas

A competência para grafar corretamente as palavras está diretamente ligada ao contato íntimo com essas mesmas palavras. Isso significa que a frequência do uso é que acaba trazendo a memorização da grafia correta. Além disso, deve-se criar o hábito de esclarecer as dúvidas com as necessárias consultas ao dicionário.

Existem algumas orientações gerais que podem ser úteis e que devem constituir material de consulta para as atividades escritas que você desenvolver. Vamos a elas.

Noções preliminares

Entre os sons das palavras e também entre as letras que os representam podem ocorrer coincidências. Isso acontece quando duas (às vezes três) palavras apresentam identidade total ou parcial quanto à grafia e à pronúncia. Observe:

a. *luta* (substantivo) e *luta* (forma do verbo *lutar*) apresentam a mesma grafia e a mesma pronúncia. São palavras **homônimas**;

b. *almoço* (substantivo, nome de uma refeição) e *almoço* (forma do verbo almoçar) possuem a mesma grafia, mas pronúncia diferente. São palavras **homógrafas**;

c. *cesta* (substantivo) e *sexta* (numeral ordinal) possuem a mesma pronúncia, mas grafia diferente. São palavras **homófonas**.

Há ainda casos em que as palavras apresentam grafias ou pronúncias semelhantes, sem que, no entanto, ocorra coincidência total. São chamadas **parônimas** e costumam provocar dúvidas quanto ao seu emprego correto. É o caso, por exemplo, de pares como *flagrante/fragrante*, *pleito/preito*, *vultoso/vultuoso* e outros, cujo sentido e emprego estudaremos adiante.

Em CD

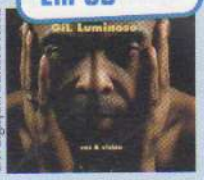

Divulgação/Editora Abril

Gilberto Gil. Metáfora. In: *Gil Luminoso: voz e violão* (CD). Biscoito Fino, 2006.
A canção do compositor baiano sugere que não se pode exigir do poeta uma meta, pois, para ele, meta pode ser algo inatingível. Por isso Gil decreta: não se meta a exigir do artista revelações objetivas, já que a poesia lida com o imponderável, com a subjetividade. Atente ao trabalho do compositor com o recurso das palavras homógrafas.

Fonemas com mais de uma representação gráfica

A relação entre os fonemas e as letras não é de correspondência exata e permanente. Como a ortografia se baseia também na tradição e na etimologia das palavras, ocorrem problemas que já conhecemos, como a existência de diferentes formas de grafar um mesmo fonema. Estudaremos alguns desses problemas a partir de agora.

O fonema /ʃ/ (letra *x* ou dígrafo *ch*)

A letra *x* representa esse fonema:

a. após um ditongo:

ameixa	caixa	peixe	eixo	frouxo
trouxa	baixo	encaixar	paixão	rebaixar

Cuidado com a exceção *recauchutar* e seus derivados.

b. após o grupo inicial *en*:

enxada	enxaqueca	enxerido	enxame
enxovalho	enxugar	enxurrada	

Cuidado com *encher* e seus derivados (lembre-se de ***cheio***) e palavras iniciadas por *ch* que recebem o prefixo *en-*:

encharcar (de ***charco***) enchapelar (de ***chapéu***)
enchumaçar (de ***chumaço***) enchiqueirar (de ***chiqueiro***)

c. após o grupo inicial *me*:

mexer	mexerica	mexerico	mexilhão	mexicano

A única exceção é *mecha*.

d. nas palavras de origem indígena ou africana e nas palavras inglesas aportuguesadas:

xavante	xingar	xique-xique	xará	xerife	xampu

ATENÇÃO

Escrevem-se com *x*: capixaba, bruxa, caxumba, faxina, graxa, laxante, muxoxo, praxe, puxar, relaxar, rixa, roxo, xale, xaxim, xenofobia, xícara.

Escrevem-se com *ch*: arrocho, apetrecho, bochecha, brecha, broche, chalé, chicória, cachimbo, comichão, chope, chuchu, chute, debochar, fachada, fantoche, fechar, flecha, linchar, mochila, pechincha, piche, pichar, salsicha, tchau.

Homofonia com o fonema /ʃ/

Há vários casos de palavras homófonas cuja grafia se distingue pelo contraste entre o *x* e o *ch*. Eis algumas delas:

com *ch*	com *x*
brocha (pequeno prego)	broxa (pincel para caiação de paredes)
chá (planta para preparo de bebida)	xá (título do antigo soberano do Irã)
chácara (propriedade rural)	xácara (narrativa popular em versos)
cheque (ordem de pagamento)	xeque (jogada do xadrez)
cocho (vasilha para alimentar animais)	coxo (capenga, imperfeito)
tacha (mancha, defeito; pequeno prego)	taxa (imposto, tributo)
tachar (colocar defeito ou nódoa em alguém)	taxar (cobrar impostos)

QUINO. *Mafalda 8*. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 75.

A palavra *xeque* designa a jogada de xadrez que encerra a partida com a derrota do jogador que a recebe – Filipe – no caso dessa tirinha. Para designá-la, usa-se, indiferentemente, *xeque* ou *xeque-mate*.

O fonema /ʒ/ (letras *g* e *j*)

A letra *g* somente representa o fonema /ʒ/ diante das letras *e* e *i*. Diante das letras *a*, *o* e *u*, esse fonema é necessariamente representado pela letra *j*.

Usa-se a letra *g*:

a. nos substantivos terminados em *agem*, *igem*, *ugem*:

agiotagem	aragem	barragem
contagem	coragem	garagem
malandragem	miragem	viagem
fuligem	impigem (ou impingem)	origem
vertigem	ferrugem	lanugem
rabugem	salsugem	

Cuidado com as exceções *pajem* e *lambujem*.

b. nas palavras terminadas em *ágio*, *égio*, *ígio*, *ógio*, *úgio*:

adágio	contágio	estágio	pedágio	colégio
egrégio	litígio	prestígio	necrológio	relógio
refúgio	subterfúgio			

Usa-se a letra *j*:

a. nas formas dos verbos terminados em *jar*:

arranjar (arranjo, arranje, arranjem)
despejar (despejo, despeje, despejem)
enferrujar (enferruje, enferrujem)
viajar (viajo, viaje, viajem)

b. nas palavras de origem tupi, africana, árabe ou exótica:

jê	jiboia	pajé	jirau
caçanje	alfanje	alforje	canjica
jerico	manjericão	Moji	

Em DVD

Divulgação

Tonico Pereira e Luis Mello em cena do filme *Caramuru: A invenção do Brasil*.

***Caramuru: a invenção do Brasil*. Direção de Guel Arraes. Brasil: Columbia, 2001. (85 min).**

O filme de Guel Arraes é uma homenagem ao aniversário de 500 anos do Brasil. A história narra as peripécias de Diogo Alvares (Selton Mello), jovem pintor português que se envolveu no roubo de um mapa. Vítima de um naufrágio durante sua deportação, Diogo chega a um paraíso tropical onde conhece as belas índias Paraguaçu e Moema. Com elas, o degredado Diogo terá seu primeiro contato com a língua nativa e conhecerá algumas palavras que até hoje fazem parte de nosso vocabulário. *Caramuru: a invenção do Brasil* é uma aventura bem-humorada sobre um mito fundador de nossa terra.

c. nas palavras derivadas de outras que já apresentam *j*:

gorjear, gorjeio, gorjeta (derivadas de *gorja*)
laranjeira (de *laranja*)
lojinha, lojista (de *loja*)
rijeza, enrijecer (de *rijo*)
cerejeira (derivada de *cereja*)
lisonjear, lisonjeiro (de *lisonja*)
sarjeta (de *sarja*)
varejista (de *varejo*)

ATENÇÃO

Escrevem-se com *g*: aborígine, agilidade, algema, apogeu, argila, auge, bege, bugiganga, cogitar, drágea, faringe, fugir, geada, gengiva, gengibre, gesto, gibi, herege, higiene, impingir, monge, rabugice, tangerina, tigela, vagem.

Escrevem-se com *j*: berinjela, cafajeste, granja, hoje, intrujice, jeito, jejum, jerimum, jérsei, jiló, laje, majestade, objeção, objeto, ojeriza, projétil (ou projetil), rejeição, traje, trejeito.

Atividades

1. Complete as lacunas das frases a seguir com as letras apropriadas:

a) Os pei*es haviam sido encai*otados na origem.

b) Sentia-se rebai*ado porque os pneus de seu carro eram recau*utados.

c) A en*urrada causou muitos transtornos à população de bai*a renda. Muitas pessoas ficaram com seus pertences en*arcados.

d) Não me*a nisso! E não seja me*eriqueiro! Deixe as me*as do cabelo de sua irmã em paz!

e) Gastava um frasco de *ampu a cada banho.

f) A filha da fa*ineira pegou ca*umba. Foi por isso que a pobre senhora não veio trabalhar e não porque seja rela*ada, como você quer dar a entender com um mu*o*o.

g) Suas bo*e*as estavam ro*as de frio. E mesmo assim ela não queria usar o *ale que eu lhe oferecia.

2. Complete as lacunas das frases da coluna ao lado com as letras apropriadas:

a) Foi à feira e comprou *u*us, berin*elas, tan*erinas, *en*ibre e um quilo de va*em.

b) A via*em foi adiada por alguns dias. Os pais não querem que os filhos via*em com um tempo horrível destes.

c) Deixaram que a ferru*em tomasse conta de todos aqueles velhos objetos. É possível que deixem enferru*ar coisas tão bonitas e valiosas?

d) Sentiu forte verti*em durante a conta*em dos votos.

e) Sinto-me lison*eado com a homena*em prestada pelos vare*istas desta re*ião e garanto que nunca me faltará cora*em para prosseguir na luta.

f) Seu presti*io declinava à proporção que a ori*em de seus bens era investigada.

g) Com a*ilidade, apanhou a ti*ela e encheu-a de ar*ila. A seguir, com alguns *estos, modelou alguma coisa que não consegui distinguir.

3. Escreva uma frase com cada uma das seguintes palavras:

tachar taxar cheque xeque cocho coxo

O fonema /z/ (letras *s*, *x* e *z*)

A letra *s* representa o fonema /z/ quando é intervocálica, como em *asa*, *mesa*, *riso*.

Usa-se a letra *s*:

a. nas palavras que derivam de outras em que já existe *s*:

casinha casebre casinhola casarão casario (derivadas de *casa*)
lisinho alisar alisador (de *liso*)
analisar analisador analisante (de *análise*)

b. nos sufixos:

- *-ês, -esa* (para indicação de nacionalidade, título, origem):

chinês	chinesa	marquês	marquesa	burguês	burguesa
calabrês	calabresa	duquesa	baronesa		

- *-ense, -oso, -osa* (formadores de adjetivos):

paraense	caldense	catarinense	portense	amoroso	amorosa
deleitoso	deleitosa	gasoso	gasosa	espalhafatoso	espalhafatosa

- *-isa* (indicador de ocupação feminina):

poetisa	profetisa	papisa	sacerdotisa	pitonisa

c. após ditongos:

lousa	coisa	causa	Neusa
ausência	Eusébio	náusea	

d. nas formas dos verbos *pôr* (e derivados) e *querer*:

pus	pusera	pusesse	puséssemos
repus	repusera	repusesse	repuséssemos
quis	quisera	quisesse	quiséssemos

Usa-se a letra *z*:

a. nas palavras derivadas de outras em que já existe *z*:

deslizar deslizante (derivadas de *deslize*)
abalizado (de *baliza*)
razoável arrazoar arrazoado (de *razão*)
raiz enraizar

b. nos sufixos:

- *-ez, -eza* (formadores de substantivos abstratos a partir de adjetivos):

rijeza	rigidez	nobreza	surdez
invalidez	intrepidez	sisudez	avareza
maciez	singeleza		

- *-izar* (formador de verbos) e *-ização* (formador de substantivos):

civilizar	civilização	humanizar	humanização
colonizar	colonização	realizar	realização
hospitalizar	hospitalização		

Não confunda com os casos em que se acrescenta o sufixo *-ar* a palavras que já apresentam *s*: *analisar, pesquisar, avisar*.

Em muitas palavras, o fonema /z/ é representado pela letra *x*:

exagero	exalar	exaltar	exame	exato	exasperar
exausto	executar	exemplo	exequível	exercer	exibir
exílio	exímio	existir	êxito	exonerar	exorbitar
exorcismo	exótico	exuberante	inexistente	inexorável	

ATENÇÃO

Escrevem-se com *s*: abuso, aliás, anis, asilo, atrás, através, aviso, bis, brasa, colisão, decisão, Elisabete, evasão, extravasar, fusível, hesitar, Isabel, lilás, maisena, obsessão, ourivesaria, revisão, usura, vaso.

Escrevem-se com *z*: assaz, batizar (mas batismo), bissetriz, buzina, catequizar (mas catequese), cizânia, coalizão, cuscuz, giz, gozo, prazeroso, regozijo, talvez, vazar, vazio, verniz.

Homofonia com o fonema /z/

Há palavras homófonas em que se estabelece distinção escrita por meio do contraste *s/z*:

cozer (cozinhar)	coser (costurar)
prezar (ter em consideração)	presar (prender, apreender)
traz (forma do verbo *trazer*)	trás (parte posterior)

1979 Paws, Inc. All Rights Reserved/Dist. by Atlantic Syndication/Universal Press Syndicate

DAVIS, Jim. *Garfield de bom humor*. Porto Alegre: L&PM, 2006. p. 55.

Cozido, particípio do verbo *cozer* (cozinhar), distingue-se de *cosido*, particípio do verbo *coser* (costurar). Assim, nesta tirinha, escreveu-se adequadamente "repolho *cozido*" (com *z*), pois trata-se de *cozer* o repolho. Em outra situação, caso houvesse roupas rasgadas, poderia dizer-se que "Jon as havia *cosido*" e, nesse caso, a palavra é escrita com *s*.

O fonema /s/ (letras *s*, *c*, *ç* e *x* ou dígrafos *sc*, *sç*, *ss*, *xc* e *xs*)

Observe os seguintes procedimentos em relação à representação gráfica desse fonema:

a. a correlação gráfica entre *nd* e *ns* na formação de substantivos a partir de verbos:

asce**nd**er, asce**ns**ão	dis**t**ender, dis**t**ensão	expa**nd**ir, expa**ns**ão
suspe**nd**er, suspe**ns**ão	pre**t**ender, pre**t**ensão	te**nd**er, te**ns**ão
este**nd**er, exte**ns**ão	compree**nd**er, compree**ns**ão	

b. a correlação gráfica entre *ced* e *cess* em nomes formados a partir de verbos:

ce**ced**er, ce**ss**ão	con**ced**er, con**ess**ão	inter**ced**er, inter**ess**ão
a**ced**er, a**ess**o	ex**ced**er, ex**ess**o, ex**ess**ivo	

c. a correlação gráfica entre *ter* e *tenção* em nomes formados a partir de verbos:

abs**t**er, abs**tenção**	a**t**er, a**tenção**	con**t**er, con**tenção**
de**t**er, de**tenção**	re**t**er, re**tenção**	

Observe as seguintes palavras em que se usa o dígrafo *sc*:

acrescentar	acréscimo	adolescência	adolescente
ascender (subir)	ascensão	ascensor	ascensorista
ascese	ascetismo	ascético	consciência
crescer	descender	discente	disciplina
fascículo	fascínio	fascinante	piscina
piscicultura	imprescindível	intumescer	irascível
miscigenação	miscível	nascer	obsceno
oscilar	plebiscito	recrudescer	reminiscência
rescisão	ressuscitar	seiscentos	suscitar
transcender			

Na conjugação dos verbos acima apresentados, surge **sç**: *nasço, nasça; cresço, cresça*.

Cuidado com *sucinto*, em que não se usa *sc*.

Em algumas palavras, o fonema /s/ é representado pela letra *x*:

auxílio	auxiliar	contexto	expectativa	expectorar
experiência	experto (conhecedor, especialista)		expiar (pagar)	expirar (morrer)
expor	expoente	extravagante	extroversão	extrovertido
sexta	sintaxe	têxtil	textual	trouxe

Cuidado com *esplendor* e *esplêndido*.

Homofonia com o fonema /s/

Há casos em que se criam oposições de significado em razão do contraste gráfico. Observe:

acender (iluminar, pôr fogo)	ascender (subir)
acento (inflexão de voz ou sinal gráfico)	assento (lugar para se sentar)
caçar (perseguir a caça)	cassar (anular)
cegar (tornar cego)	segar (ceifar, cortar para colher)
censo (recenseamento, contagem)	senso (juízo)
cessão (ato de ceder)	seção ou secção (repartição ou departamento; divisão) e sessão (encontro, reunião)
concerto (acordo, arranjo, harmonia musical)	conserto (remendo, reparo)
espectador (o que presencia)	expectador (o que está na expectativa)
esperto (ágil, rápido, vivaz)	experto (conhecedor, especialista)
espiar (olhar, ver, espreitar)	expiar (pagar uma culpa, sofrer castigo)
espirar (respirar)	expirar (morrer)
incipiente (iniciante, principiante)	insipiente (ignorante)
intenção ou tenção (propósito, finalidade)	intensão ou tensão (intensidade, esforço)
paço (palácio)	passo (passada)

Podem ocorrer ainda os dígrafos *xc*, e, mais raramente, *xs*:

exceção	excedente	exceder	excelente	excesso
excêntrico	excepcional	excerto	exceto	excitar
exsicar	exsolver	exsuar	exsudar	

Particularidades de algumas letras

A letra *x*

Essa letra pode representar dois fonemas, soando como "ks":

afluxo	amplexo	anexar	anexo	asfixia	asfixiar
axila	boxe	clímax	complexo	convexo	fixo
flexão	fluxo	intoxicar	látex	nexo	ortodoxo
óxido	paradoxo	prolixo	reflexão	reflexo	saxofone
sexagésimo	sexo	tóxico	toxina		

As letras *e* e *i*

a. Cuidado com a grafia dos ditongos:

- os ditongos nasais /ãj/ e /õj/ escrevem-se *ãe* e *õe*:

mãe	mães	cães	pães	cirurgiães
capitães	põe	põem	depõe	depõem

- só se grafa com *i* o ditongo /ãj/, interno: *cã**i**bra* (ou *câimbra*).

b. Cuidado com a grafia das formas verbais:

- as formas dos verbos com infinitivos terminados em *oar* e *uar* são grafadas com *e*:

abençoe	perdoe	magoe	atue	continue	efetue

- as formas dos verbos com infinitivos terminados em *air*, *oer* e *uir* são grafadas com *i*:

cai	sai	dói	rói	mói	corrói
influi	possui	retribui	atribui		

c. Cuidado com as palavras *s**e**, s**e**não, s**e**quer, quas**e** e irr**e**quieto.*

Parônimos com *e* / *i*

A oposição *e*/*i* é responsável pela diferenciação de várias palavras:

com *e*	com *i*
área (superfície)	ária (melodia)
deferir (conceder)	diferir (adiar ou divergir)
delação (denúncia)	dilação (adiamento, expansão)
descrição (ato de descrever)	discrição (qualidade de quem é discreto)
descriminação (absolvição)	discriminação (separação)
emergir (vir à tona)	imergir (mergulhar)
emigrar (sair do país onde se nasceu)	imigrar (entrar em país estrangeiro)
eminente (de condição elevada)	iminente (inevitável, prestes a ocorrer)
vadear (passar a vau)	vadiar (andar à toa)

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 2006. p. 25.

O verbo *distorcer* significa mudar o sentido das palavras de outrem, desvirtuar, torcer, como ocorre na tirinha de Hagar. Já o verbo *destorcer* significa desfazer a torcedura, endireitar o que estava torcido.

As letras *o* e *u*

A oposição *o/u* é responsável pela diferença de significado entre várias palavras:

comprimento (extensão)	cumprimento (saudação; realização)
soar (emitir som)	suar (transpirar)
sortir (abastecer)	surtir (resultar)

A letra *h*

É uma letra que não representa fonema. Seu uso se limita aos dígrafos *ch*, *lh* e *nh*, a algumas interjeições (ah, hã, hem, hip, hui, hum, oh) e a palavras em que surge por razões etimológicas. Observe algumas palavras em que surge o *h* inicial:

hagiografia	haicai	
hálito	halo	
hangar	harmonia	
harpa	haste	
hediondo	hélice	
Hélio	Heloísa	
hemisfério	hemorragia	
Henrique	herbívoro (mas erva)	
hérnia	herói	
hesitar	hífen	
hilaridade	hipismo	
hipocondria	hipocrisia	
hipótese	histeria	
homenagem	hóquei	
horror	Hortênsia	
horta	horto (jardim)	
hostil	humor	húmus

Private collection

Vincent Van Gogh. *Homem e mulher num parque (O jardim do poeta)* (1888). Óleo sobre tela, 73 cm × 92 cm. Estados Unidos, propriedade particular.

Na palavra *homem*, a letra *h* não representa nenhum fonema.

Em *Bahia*, o *h* sobrevive por tradição histórica. Observe que nos derivados ele não é usado: *baiano*, *baianismo*.

Nomes próprios

Você deve ter notado que acrescentamos nomes próprios aos exemplos que vimos apresentando. Isso tem uma explicação muito simples: os nomes próprios, como qualquer palavra da língua, estão sujeitos às regras ortográficas. Existe, portanto, uma forma correta de grafar esses nomes. Se, no entanto, seu nome foi registrado com uma grafia equivocada, você pode usá-lo da forma como ele se encontra em seus documentos. Esse tem sido o uso mais frequente em nossa cultura. Além disso, a grafia dos nomes de todos os que se tornam publicamente conhecidos aparece corrigida em publicações feitas após a morte dessas pessoas.

Observe na relação seguinte mais alguns nomes próprios na sua grafia correta:

Aírton	Alcântara	Ânderson	Ângelo	Antônio	Artur	Baltasar
Cardoso	César	Elisa	Ênio	Félix	Filipe	Heitor
Helena	Hercílio	Hilário	Iberê	Inês	Íris	Isa
Isidoro	Jaci	Jacira	Jéferson	Juçara	Juscelino	Leo
Lis	Lisa	Luís	Luísa	Luzia	Macedo	Marisa
Míriam	Morais	Natacha	Odilon	Priscila	Rosângela	Selene
Sousa	Taís	Teresa	Zósimo			

Em livro

Imagem autorizada/Panda Books

CAMARGO, José Eduardo Rodrigues; FONTENELLE, André Luis. *O Brasil das placas*. São Paulo: Panda Books, 2007.

Viajando a trabalho pelo Brasil afora, o jornalista José Camargo aproveitou todas as oportunidades que teve para fotografar as mais inusitadas e irreverentes placas, de órgãos oficiais ou não, que encontrou pelo caminho. Em companhia de outro jornalista, André Fontenelle, Camargo resolveu reunir as fotos em um livro, e o resultado é uma amostra do vigor que o registro oral tem no Brasil. Vale destacar que as placas selecionadas ultrapassam os erros de ortografia e de sintaxe: há no livro a exploração do *nonsense* das placas com duplo sentido, que não raro provocam o riso.

Atividades

1. Observe o sentido com que foram empregadas as palavras destacadas nas frases a seguir. Copie cada uma dessas palavras em seu caderno e procure atribuir-lhes sinônimos:

a) A imprensa reprovou o gesto **imoral** feito publicamente pelo governante.

É uma criança! Suas atitudes são **amorais**!

b) O **comprimento** do terreno não atendia às necessidades da construtora.

Ao chegar, fez um **cumprimento** discreto com a cabeça.

Exigem dele o **cumprimento** de tarefas muito difíceis.

c) O mergulhador **emergiu** trazendo uma ânfora.

O submarino **imergiu** por completo, desaparecendo da nossa vista.

d) O assaltante foi preso em **flagrante**.

Sua **fragrante** presença me faz pensar em flores campestres.

e) Cuidado para não lhe **infligir** uma desmoralização injusta!

Foi multado ao **infringir** pela duodécima vez a mesma lei do trânsito. E ainda acha que tem razão!

f) Seu **mandato** foi encerrado quando o oficial de justiça lhe apresentou o **mandado** de prisão.

g) O deputado resolveu abandonar a vida pública. Não se disputariam mais **pleitos**!

Organizou-se um cerimonioso **preito** para receber o governador.

h) O investimento foi **vultoso**; o retorno, praticamente nulo.

Seu rosto **vultuoso** fê-lo procurar um médico.

2. Copie as frases a seguir em seu caderno, fazendo a opção pelo homófono ou pelo parônimo adequado a cada caso:

a) Não sei o que é mais útil: (*) as próprias roupas ou (*) a própria comida. (*coser, cozer*)

b) É provável que poucas pessoas (*) nestas férias. O preço de uma (*) é proibitivo! (*viagem, viajem*)

c) O deputado foi (*) de fisiológico. Aliás, seu programa era (*) ainda mais os produtores e trabalhadores. (*taxado, tachado; tachar, taxar*)

d) Resolveu tomar uma chávena de (*) após ter-se encontrado com um lunático que dizia ser o (*) da Pérsia. (*chá, xá*)

e) Fui colocado em (*) quando o gerente da loja se recusou a aceitar meu (*). (*cheque, xeque*)

f) A (*) de terras aos posseiros foi decidida pela Assembleia Legislativa em (*) extraordinária. A legalização das doações deverá ser feita pela (*) competente do Ministério Público. (*cessão, seção, sessão*)

g) Não teve tempo de (*) as culpas antes de (*). (*espiar, expiar; espirar, expirar*)

h) Há (*) de fazer um (*) a cada dez anos. (*tenção, tensão; censo, senso*)

i) A (*) tecnologia naval brasileira não encontra estímulos ao seu desenvolvimento. (*insipiente, incipiente*)

j) A (*) da Câmara decretou que o deputado corrupto tivesse seu (*) (*). (*cessão, seção, sessão; mandado, mandato; caçado, cassado*)

k) A vontade de (*) socialmente o fazia um hipócrita inescrupuloso. Rendia (*) a diversos figurões, sem nenhuma exceção. (*acender, ascender; pleitos, preitos*)

l) Agiu com (*) ao ser convocado para fazer a (*) dos envolvidos no caso. (*descrição, discrição*)

m) Inutilmente, várias entidades protestaram contra a (*) pela qual os jurados haviam decidido. Afinal, tratava-se de um crime de (*) racial. (*descriminação, discriminação*)

n) Pediu-me que o ajudasse a (*) as despesas. (*descriminar, discriminar*)

o) Finalmente vai (*) o sinal! Com este calor, não paro de (*). (*soar, suar*)

3. Escolha da lista a seguir a letra ou dígrafo adequado para preencher cada uma das lacunas do texto abaixo:

g j c ç s ss sc z x ch ie

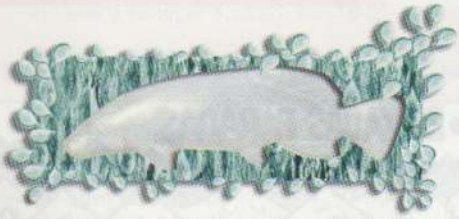

O rei da água doce

Os de* barracos de madeira da comunidade de Mapurilândia vão diminuindo de tamanho lentamente, à medida que as quatro canoas atrave*am o Paraná do Maiana, um bra*o de 16 quilômetros que liga o Rio Solimões a si mesmo. Levando redes de dormir, malhadeiras (redes de pesca), arpões, farinha, café e lanternas, os quatro pescadores entram no Cano do *enipapo, o pequeno rio que condu* ao Valentim, um dos cinco lagos em que a comunidade fa* o mane*o do pirarucu.

Seguindo a capri*o*a hidrografia da floresta, o cano fa* uma curva de 30 graus à direita, e revela, depois de meia hora de via*em, o primeiro obstáculo: dois troncos de mungubeiras atrave*am o ria*o. Eles *mergiram, como áreas inteiras de vár*ea, com a diminui*ão do nível das águas, no verão ama*ônico (junho a outubro). Com ma*ados e ter*ados (facões), os pescadores "toram" o tronco de bai*o. Depois de 25 quilômetros de trabalho e*tenuante, abre-se uma fenda sob o tronco de *ima, e os homens pa*am de canoa com as cabeças abai*adas.

Mais meia hora de via*em, e agora é a tapa*em (capim na superfície da água) que *mpede a pa*a*em. O mato é cortado a golpes de ter*ado e *mpurrado com os remos, numa peno*a trave*ia que con*ome 17 minutos. Os dois motores rabeta (de 5,5 cavalos) que impul*ionam as canoas (uma delas reboca outras duas) são desligados, e os pescadores entram remando em silêncio no ma*esto*o Lago Valentim-1. Nele, motores são proibidos, para evitar que os pei*es fu*am para o rio.

Pa*am-se de* minutos, e os pescadores per*ebem o primeiro pirarucu. O repórter e o fotógrafo (...) nada veem. Os ribeirinhos não só veem, mas ouvem, sentem, medem e pe*am. "É um grande", concluem. As quatro canoas formam um círculo ao seu redor. Os pescadores se equilibram nas proas, *mpunhando as hastes de três metros dos arpões. O tempo passa.

SANT'ANNA, Lourival. O rei da água doce. In: *Amazônia: grandes reportagens O Estado de S. Paulo.* São Paulo: O Estado de S. Paulo, nov./dez. 2007. p. 26.

Textos para análise

1

Baraldi

Humor Brasil 500 anos. São Caetano do Sul: Virgo, 2000. p. 63.

Trabalhando o texto

Esse texto explora criativamente a paronímia. Explique como.

2

Editora Duetto

Mente&Cérebro: anatomia do sono. Edição especial. São Paulo: Duetto, [s.d.]. p. 83.

Trabalhando o texto

Que aspectos ortográficos chamam a atenção do leitor no texto desse anúncio? Comente a utilização desses caracteres fora do ambiente em que foram criados – a internet.

Questões de exames e concursos

1. (Correios/Conesul) A palavra *canjica* é grafada com *j*. Também deve ser escrita com *j*:

a) cere*eira
b) reló*io
c) verti*em
d) a*iota
e) estran*eiro

2. (Correios/Conesul) A palavra *discrição* é grafada com *ç*. Também deve ser grafada com *ç* a palavra da alternativa:

a) espe*ial
b) licen*a
c) con*olo
d) can*ada
e) proci*ao

3. (Badesc/Fepese) Assinale a alternativa em que todas as lacunas são preenchidas com *s*:

a) pobre*a, chinê*, reali*ar
b) prince*a, montê*, civili*ar
c) atra*ado, cortê*, anali*ar
d) suavi*ado, francê*, economi*ar

4. (Pref. de Contagem-MG/Fumarc) Em todas as alternativas, o erro de grafia pode ser explicado a partir do modo como essas palavras são pronunciadas, **exceto**:

a) supertição (em vez de superstição)
b) sombrancelha (em vez de sobrancelha)
c) reinvindicação (em vez de reivindicação)
d) despretenciosamente (em vez de despretensiosamente)

5. (TJ-SP/Vunesp) Assinale a alternativa correta quanto ao uso e à grafia das palavras.

a) Na atual conjetura, nada mais se pode fazer.
b) O chefe deferia da opinião dos subordinados.
c) O processo foi julgado em segunda estância.
d) O problema passou despercebido na votação.
e) Os criminosos espiariam suas culpas no exílio.

6. (Badesc/Fepese) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas:

"* as informações pessoais poderá dar * a um controle * sobre o cidadão."

a) Computadorizar – ensejo – inexorável
b) Computadorisar – ensejo – inezorável
c) Computadorisar – encejo – inezorável
d) Compuradorizar – encejo – inexorável

7. (UEPB) Com relação aos conhecidos versos de Augusto dos Anjos (do poema Cismas do destino), transcritos abaixo, assinale o único item que **não** corresponde a um homônimo perfeito de outra classe gramatical.

"Ah! Com certeza, Deus me castigava!
Por toda a parte, como um réu confesso,
Havia um juiz que lia o meu processo
E uma forca especial que me esperava!"

a) "como"
b) "parte"
c) "processo"
d) "forca"
e) "confesso"

8. (Ufam) Assinale o item em que todos os vocábulos estão grafados corretamente:

a) berinjela, canjica, jenipapo, jerimum, gengibre
b) muxoxo, cochicho, xicória, xifópagos, xilófago
c) exceção, expansionismo, suscinto, ascenção, pretensioso
d) digladiar, requesito, cardial, substitue, previnir
e) chovisco, usofruto, bússula, óbolo, curtume

9. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que a grafia de todas as palavras seja prestigiada pela norma culta:

a) auto-falante, bandeija, degladiar
b) advogado, frustado, estrupo, desinteria
c) embigo, mendingo, meretíssimo, salchicha
d) estouro, cataclismo, prazeiroso, privilégio
e) aterrissagem, babadouro, lagarto, manteigueira

10. (UFPE) Assinale a alternativa em que todas as palavras devem ser completadas com a letra indicada entre parênteses:

a) *ave, *alé, *ícara, *arope, *enofobia (x)
b) pr*vilégio, requ*sito, *ntitular, *mpedimento (i)
c) ma*ã, exce*ão, exce*o, ro*a (ç)
d) *iboia, *unco, *íria, *eito, *ente (j)
e) pure*a, portugue*a, cortê*, anali*ar (z)

11. (Pref. de Guarulhos-SP/FGV-SP) Assinale a alternativa em que todas as palavras estão erradas em relação à grafia com *-ção*, *-são* e *-ssão*.

a) permissão, conversão
b) obtenção, discussão
c) exceção, omissão
d) consecussão, ascenção

12. (Unifal-MG) Organizamos um (*) musical (*) e tivemos o (*) de contar com um público educado que teve o bom (*) de permanecer em silêncio durante o espetáculo.

a) conserto, beneficiente, privilégio, senso
b) concerto, beneficente, privilégio, censo
c) concerto, beneficente, privilégio, senso
d) conserto, beneficente, previlégio, senso
e) concerto, beneficiente, previlégio, censo

13. (Unifal-MG) Assinale a alternativa em que todas as palavras estão grafadas corretamente.

a) disenteria, páteo, siquer, goela
b) capoeira, empecilho, jabuticaba, destilar
c) boliçoso, bueiro, possue, crânio
d) borburinho, candieiro, bulir, privilégio
e) habitue, abutoe, quase, constróe

14. (Unifal-MG) Apenas uma das frases abaixo está totalmente **correta** quanto à ortografia. Assinale-a.

a) Espalhei as migalhas da torrada por todo o trageto.
b) Meu trabalho árduo não obteve hêsito algum.
c) Quiz fazer coisas que não sabia.
d) Ao puxar os detritos, eles voaram no tapete persa.
e) Acrecentei algumas palavras ao texto que corrigi.

15. (UPM-SP) Aponte, entre as alternativas abaixo, a única em que todas as lacunas devem ser preenchidas com a letra *u*:

a) c*rtume, escap*lir, man*sear, sin*site
b) esg*elar, reg*rgitar, p*leiro, ent*pir
c) emb*lia, c*rtir, emb*tir, c*ringa
d) *rticária, s*taque, m*cama, z*ar
e) m*chila, tab*leta, m*ela, b*eiro

16. *(PUCCamp-SP) Barbarismos ortográficos acontecem* quando as palavras são grafadas em desobediência à lei ortográfica vigente. Indique a única alternativa que está de acordo com essa lei e, por isso, correta:

a) exceção, desinteria, pretensão, secenta
b) ascensão, intercessão, enxuto, esplêndido
c) rejeição, beringela, xuxu, atrazado
d) geito, mecher, consenso, setim
e) discernir, quizer, herbívoro, fixário

17. (Unicamp-SP) A linguagem é figura do entendimento (...). Os bons falam virtudes e os maliciosos, maldades (...). Sabem falar os que entendem as coisas: porque das coisas nascem as palavras e não das palavras as coisas.

O trecho citado, extraído da primeira gramática da língua portuguesa (Fernão de Oliveira, 1536), tinha, na primeira edição dessa obra, a seguinte ortografia:

A Lingoagem e figura do entendimento (...) os bos falão virtudes e os maliçiosos maldades (...) sabẽ falar os q̃ ẽtẽdẽ as cousas: porq̃ das cousas naçẽ as palauras e não das palauras as cousas.

A ortografia do português já foi, portanto, bem diferente da atual, e houve momentos em que as pessoas que escreviam gozavam de relativa liberdade na escolha das letras. Hoje em dia, a forma escrita da língua é regida por convenções ortográficas rígidas, que não devem ser desobedecidas em contextos mais formais.

Leia com atenção os trechos abaixo, tirados de edições de setembro de um jornal de São Paulo. Identifique as palavras em que foi violada a convenção ortográfica vigente. Escreva-as, em seguida, na forma correta.

a) Os atuais ministro e prefeito são amissíssimos de longa data.
b) Mais de metade desses policiais extrapola os limites do dever por serem mau preparados.
c) Desde o início, o animal preferido em carrosséis é o cavalo, mas há excessões.

18. (UEL-PR) O jovem falava com muita (*) e grande (*) de gestos.

a) expontaneidade, exuberância
b) espontaneidade, exuberancia
c) expontaniedade, exuberancia
d) espontaneidade, exuberância
e) espontaniedade, exuberância

19. (UEL-PR) A (*) entre os membros do partido acabou provocando uma (*) interna.

a) discidência, cisão
b) dissidência, cizão
c) dissidência, cissão
d) discidência, cizão
e) dissidência, cisão

20. *(FCMSC-SP) Todos os documentos (*), sem (*), aparentavam grande (*).*

a) inidônios, exceção, verossemelhança
b) inidônios, excessão, verossemelhança
c) inidônios, exceção, verossimilhança
d) inidôneos, excessão, verossimilhança
e) inidôneos, exceção, verossimilhança

21. (FCMSC-SP) Não (*) a porta desse (*), que ela já está meio (*).

a) puche, jeito, pensa
b) puxe, jeito, pensa
c) puche, geito, pença
d) puxe, geito, pença
e) puxe, geito, pensa

22. (Fuvest-SP)

a) Forme substantivos femininos a partir das palavras abaixo, empregando convenientemente *s* ou *z*:

limpo defender barão surdo freguês

b) Forme verbos a partir de:

análise síntese paralisia civil liso

23. (UFPR) Assinale a alternativa correspondente à grafia correta dos vocábulos: desli*e, vi*inho, atravé*, empre*a.

a) z, z, s, s
b) z, s, z, s
c) s, z, s, s
d) s, s, z, s
e) z, z, s, z

24. (Fuvest-SP) Preencha os espaços com as palavras grafadas corretamente.

A (*) de uma guerra nuclear provoca uma grande (*) na humanidade e a deixa (*) quanto ao futuro.

a) espectativa, tensão, exitante
b) espectativa, tenção, hesitante
c) expectativa, tensão, hesitante
d) expectativa, tenção, hezitante
e) espectativa, tenção, exitante

25. (UFV-MG) Observando a grafia das palavras destacadas nas frases abaixo, assinale a alternativa que apresenta erro:

a) Aquele **hereje** sempre põe **empecilho** porque é muito **pretencioso**.
b) Uma falsa meiguice encobria-lhe a **rigidez** e a falta de **compreensão**.
c) A **obsessão** é prejudicial ao **discernimento**.
d) A **hombridade** de caráter eleva o homem.
e) Eles **quiseram** fazer **concessão** para não **ridicularizar** o **estrangeiro**.

26. (UEL-PR) As questões da prova eram (*), (*) de (*).

a) suscintas, apesar, difíceis
b) sucintas, apezar, dificeis
c) suscintas, apezar, dificeis
d) sucintas, apesar, difíceis
e) sucintas, apezar, difíceis

27. (USM-SP) Assinale a alternativa cujas palavras estão todas corretamente grafadas:

a) pajé, xadrês, flecha, misto, aconchego
b) abolição, tribo, pretensão, obsecado, cansaço
c) gorjeta, sargeta, picina, florescer, consiliar
d) xadrez, ficha, mexerico, enxame, enxurrada
e) pagé, xadrês, flexa, mecherico, enxame

28. (UFF-RJ) Assinale, nas séries abaixo, aquela em que pelo menos uma palavra contém erro de grafia:

a) capixaba, através, granjear
b) enxergar, primazia, cansaço, majestade
c) flexa, topázio, pagé, desumano
d) chuchu, Inês, dossel, gíria
e) piche, Teresinha, classicismo, jeito

29. (FCC-SP) Estavam (*) de que os congressistas chegassem (*) para a (*) de abertura.

a) receosos, atrasados, sessão
b) receosos, atrazados, seção
c) receiosos, atrazados, seção
d) receiosos, atrasados, sessão
e) receiosos, atrazados, sessão

30. (FCC-SP) A (*) das (*) levou à (*) dos trabalhos do departamento.

a) contenção, despezas, paralisação
b) contensão, despezas, paralisação
c) contenção, despesas, paralisação
d) contensão, despesas, paralização
e) contenssão, despesas, paralização

31. (Unimep-SP) Assinale a alternativa que contém o período cujas palavras estão grafadas corretamente:

a) Ele quiz analisar a pesquisa que eu realizei.
b) Ele quiz analizar a pesquisa que eu realizei.
c) Ele quis analisar a pesquisa que eu realizei.
d) Ele quis analizar a pesquisa que eu realisei.
e) Ele quis analisar a pesquisa que eu realisei.

32. (UPM-SP) Aponte a alternativa correta:

a) exceção, excesso, espontâneo, espectador
b) excessão, excesso, espontâneo, espectador
c) exceção, exceço, expontâneo, expectador
d) excessão, excesso, espontâneo, expectador
e) exeção, exeço, expontâneo, expectador

33. (UPM-SP) Assinale a alternativa que preencha os espaços corretamente.

Com o intuito de (*) o trabalho, o aluno recebeu algumas incumbências: (*) datas, (*) o conteúdo e (*) um estilo mais moderno.

a) finalisar, pesquisar, analisar, improvisar
b) finalizar, pesquisar, analisar, improvisar
c) finalizar, pesquizar, analisar, improvisar
d) finalisar, pesquisar, analizar, improvizar
e) finalizar, pesquisar, analisar, improvizar

34. (ITA-SP) Em qual das alternativas as palavras estão grafadas corretamente?

a) receoso, reveses, discrição, umedecer
b) antidiluviano, sanguissedento, aguarraz, atribue
c) ineludivel, engolimos, sobressaem, explendoroso
d) encoragem, rijeza, tecitura, turbo-hélice
e) dissensão, excurcionar, enxugar, asimétrico

35. (FCC-SP) Com (*) não raro (*), ele persegue a fama.

a) tenacidade, obscecado
b) tenacidade, obcecada
c) tenascidade, obscecada
d) tenascidade, obcecada
e) tenacidade, obsecada

36. (PUC-RJ) Preencha as lacunas com *s*, *ss*, *ç*, *sc*, *sç*, *xc* ou *x*:

a) Exigiu ser re*arcido da quantia que havia pago.
b) O perfume da vela re*endia por toda a casa.
c) A e*entricidade era sua característica mais marcante.

37. (ITA-SP) Examinando as palavras:

viajens gorgeta maizena chícara

constatamos que:

a) apenas uma está escrita corretamente.
b) apenas duas estão escritas corretamente.
c) três estão escritas corretamente.
d) todas estão escritas corretamente.
e) nenhuma está escrita corretamente.

Capítulo 4

Acentuação

Reprodução/Editora Abril

Superinteressante. São Paulo: Abril, fev. 2008, ed. 249. p. 87.

Lendo esse texto, você perceberá um fato (aparentemente) espantoso: a maioria das palavras não recebe acento gráfico.

O princípio que presidiu à elaboração das regras de acentuação do português foi justamente o da economia, reservando os acentos gráficos para as palavras minoritárias da língua.

1. Conceitos básicos

Neste capítulo, estudaremos as regras de acentuação. Elas foram criadas para estabelecer um sistema que organize a questão da tonicidade (intensidade de pronúncia) da sílaba portuguesa.

Quando você diz *café*, uma das sílabas é pronunciada com mais intensidade do que a outra.

Você deve ter percebido que a sílaba mais forte é *fé*, que é a tônica. A outra sílaba, *ca*, é fraca, ou seja, é pronunciada com pouca intensidade tonal. Por isso é átona. A parte da acentuação que estuda a posição dessas sílabas nas palavras recebe o nome de **acentuação tônica**.

Na língua escrita, há elementos que procuram representar a posição da sílaba tônica e outras particularidades, como timbre (abertura) e nasalização das vogais. Esses elementos são os chamados acentos gráficos. O estudo das regras que disciplinam o uso adequado desses sinais é a **acentuação gráfica**.

2. Acentuação tônica

Quem é que não conhece aquela famosa brincadeira que se faz com as palavras *sabia/sabiá*? "Você sabia que o sabiá sabia assobiar?" A brincadeira se baseia na diferente posição da sílaba tônica de *sabia* (bi) e de *sabiá* (á). Seria possível, ainda, acrescentar à brincadeira a palavra *sábia*, cuja sílaba tônica é *sá*.

Na língua portuguesa, a sílaba tônica pode aparecer em três diferentes posições; consequentemente, as palavras podem receber três classificações quanto a esse aspecto:

a. oxítonas – são aquelas cuja sílaba tônica é a última:

você	café	jiló	alguém	ninguém	paul
ruim	carcará	vatapá	anzol	condor	

b. paroxítonas – são aquelas cuja sílaba tônica é a penúltima:

gente	planeta	homem	alto	âmbar	éter
dólar	pedra	caminho	amável	táxi	hífen
álbum	vírus	tórax			

c. proparoxítonas – são aquelas cuja sílaba tônica é a antepenúltima:

lágrima	trânsito	xícara	úmido	Alcântara
mágico	lâmpada	ótimo	médico	fanático

Você observou que, nos exemplos dados para os três casos, só há palavras com mais de uma sílaba. Com relação às de apenas uma sílaba, os chamados **monossílabos**, há divergências quanto a sua classificação tônica. Quando apresentam tonicidade, como no caso de *má*, *pó*, *fé*, há quem as considere simplesmente monossílabos tônicos. Outros preferem dizer que são "oxítonas de apenas uma sílaba". A questão é polêmica, mas a primeira tese (monossílabos tônicos) tem mais adeptos.

É importante destacar que só se percebe se um monossílabo é tônico ou átono pronunciando-o numa sequência de palavras, ou seja, numa frase. Experimente com o verbo *pôr* e a preposição *por*. Leia a frase "Fazer por fazer" e depois substitua o verbo *fazer* pelo verbo *pôr* ("Pôr por pôr"). Que tal? Fica clara a diferença entre o verbo, que é tônico, e a preposição, que é átona.

Qual é a sílaba tônica de *pele*? Como boa parte dos brasileiros pronuncia o segundo *e*? Como *i* ("peli"), não é? O *e* átono é pronunciado pela maioria dos brasileiros como *i*, e o *o* átono, como *u*.

A classificação das palavras em oxítonas, paroxítonas ou proparoxítonas aplica-se às palavras com mais de uma sílaba. Já os vocábulos de apenas uma sílaba que apresentam tonicidade (como *pé*) são chamados monossílabos tônicos pela maioria dos gramáticos, ou de "oxítonas de apenas uma sílaba", como preferem alguns.

Edusp/Imprensa Oficial do Estado

TORELLY, Aparício (o Barão de Itararé). *Almanhaque para 1949*. 3. ed. São Paulo: Imprensa Oficial de São Paulo/Edusp/Studioma, 2003. p. 38.

Veja ainda esta frase:

Há pessoas extremamente **más**, **mas** há outras extremamente boas.

Percebeu a diferença entre *más* e *mas*? A primeira é um monossílabo tônico; a segunda é um monossílabo átono.

Em português, existem algumas palavras dissílabas átonas, como a preposição *para*.

Prosódia

É muito comum a divergência entre a pronúncia praticada no dia-a-dia e a recomendada pelos dicionários e gramáticas. Quase ninguém pronuncia "dúplex" (paroxítona), como recomendaram os dicionários, durante um bom tempo. O que se ouve mesmo é "duplex" (oxítona), forma que as edições mais recentes dos dicionários finalmente abonaram. A parte da fonologia que estuda e fixa a posição da sílaba tônica é a **prosódia**. Quando ocorre um erro de prosódia, ou seja, a troca da posição da sílaba tônica, verifica-se o que se chama de **silabada**. É bom lembrar que a pronúncia culta sempre prevalece nesses casos.

Leia em voz alta as palavras a seguir, destacando a sílaba tônica. Procure memorizar e empregar a forma culta desses vocábulos.

São **oxítonas**:

cate**ter**	con**dor**	ru**im**	ure**ter**	No**bel**	mi**ster**

São **paroxítonas**:

a**va**ro	aus**te**ro	a**zia**go	ci**clo**pe	fi**lan**tropo	i**be**ro
pu**di**co	ju**ni**ores	**lá**tex	re**cor**de	ru**bri**ca	**têx**til

São **proparoxítonas**:

ae**ró**lito	**ín**terim	a**rí**ete	**bá**varo	cri**sân**temo	**trân**sfuga

Existem palavras que admitem dupla pronúncia:

acróbata/acro**ba**ta	hie**ró**glifo/hiero**gli**fo	**ró**ptil/rep**til**	Oce**â**nia/Ocea**ni**a
xérox/xe**rox**		proj**é**til/proje**til**	transís**tor**/transis**tor**

O melhor mesmo é não "chutar". Dúvidas quanto à prosódia devem ser resolvidas por meio de consulta a um bom dicionário.

Atividades

1. Classifique as palavras destacadas nas frases a seguir, de acordo com a posição da sílaba tônica:

a) Declaro que **premio** apenas quem merece.

b) Quem recebeu o **prêmio** não se surpreendeu.

c) Sou **fotógrafo** e **fotografo** o que é digno de nota.

d) **Anuncio** o que faço, e tal **anúncio** está à disposição de todos.

e) Anos antes ele **cantara** no Teatro Municipal.

f) Anunciaram que ele **cantará** no Teatro Municipal.

g) Não **contem** com a participação dele. Ele alega que nosso movimento **contém** interesses particulares e que, por isso, não **está** disposto a contribuir para **esta** causa.

h) Tudo não passou de um **equívoco**.

i) Raramente me **equivoco**.

j) Você conhece alguém que saiba tocar **cítara**?

k) Ele **citara** o nome do amigo durante o primeiro depoimento. Todos aguardam para saber se ele o **citará** novamente.

2. Classifique os monossílabos destacados nas frases seguintes, de acordo com a tonicidade:

a) O caminho **por** onde vou para casa é sempre o mesmo.

b) Suas malas? Vou **pôr** onde houver espaço.

c) **Que** tipo de candidato você elegeu na última eleição? E **por quê**?

d) Eram pessoas **más**, **mas** poucos sabiam disso.

e) Eles **se** conheceram **há** poucos meses.

f) **Sê** feliz com teus sonhos, meu amigo, **e** constrói **a** tua vida.

3. Substitua cada uma das palavras ou expressões destacadas nas frases seguintes por uma única palavra. As palavras procuradas costumam oferecer problemas de prosódia; por isso, esteja atento e não cometa silabadas.

a) O **grande pássaro andino** é o símbolo da América do Sul.

b) Foi necessário introduzir um **instrumento médico tubular** em seu antebraço.

c) É **necessário** fiscalizar a atividade dos prefeitos e vereadores.

d) O sabor da comida não era **mau**, mas seu aspecto era desanimador.

e) É um **indivíduo que evita o convívio social**. Sua conduta é **cheia de gravidade e seriedade**.

f) Ele se diz um especialista em **leitura das mãos** e **leitura das cartas**. E jura que só presta serviços **que não custam nada**.

g) A partida entre o time **dos mais jovens** e o time **dos mais velhos** bateu **a melhor marca** anterior de pontos marcados.

h) Não foi possível obter a **assinatura abreviada** dos participantes do encontro.

i) O **modelo** do avião estava em exposição nos arredores do **campo de pouso e decolagem**.

j) Fomos e voltamos em poucos minutos; nesse **intervalo**, ele desapareceu.

3. Acentuação gráfica

Os acentos

A acentuação gráfica consiste na aplicação de certos sinais gráficos sobre algumas letras para representar o que foi estipulado pelas regras de acentuação, que estudaremos adiante. Esses sinais, que fazem parte dos diacríticos – além dos acentos, o trema, o til, o apóstrofo e o hífen –, são:

a. o **acento agudo** (´) – colocado sobre as letras *a*, *i*, *u* e sobre o *e* do grupo *em*, indica que essas letras representam as vogais tônicas da palavra: carcará, caí, súdito, armazém. Sobre as letras *e* e *o*, indica, além de tonicidade, timbre aberto:

lépido céu léxico herói

b. o **acento circunflexo** (^) – colocado sobre as letras *a*, *e* e *o*, indica, além de tonicidade, timbre fechado:

lâmpada pêssego supôs êmbolo Atlântico

c. o **trema** (¨) – utiliza-se apenas em palavras derivadas de nomes próprios estrangeiros:

mülleriano (de Müller) hübneriano (de Hübner)

d. o **til** (~) – indica que as letras *a* e *o* representam vogais nasais:

alemã órgão portão expõe corações ímã

e. o **acento grave** (`) – indica a ocorrência da fusão da preposição *a* com os artigos *a* e *as*, com os pronomes demonstrativos *a* e *as* e com a letra *a* inicial dos pronomes *aquele, aquela, aqueles, aquelas, aquilo*:

à às àquele àquilo

Aspectos genéricos das regras de acentuação

As regras de acentuação foram criadas para sistematizar a leitura das palavras portuguesas. Seu objetivo é deixar claros todos os procedimentos necessários para que não se tenha nenhuma dúvida quanto à posição da sílaba tônica, o timbre da vogal, a nasalização da vogal.

As regras fundamentais de acentuação gráfica baseiam-se numa constatação que pode facilmente ser observada nas palavras que aparecem na canção "Onde anda você", de Hermano Silva e Vinicius de Moraes, cuja letra diz:

E por falar em saudade
Onde anda você?
Onde andam seus olhos
Que a gente não vê?
Onde anda esse corpo
Que me deixou morto
De tanto prazer?

E por falar em beleza
Onde anda a canção
Que se ouvia na noite
Dos bares de então
Onde a gente ficava
Onde a gente se amava
Em total solidão?

Hoje eu saio na noite vazia
Numa boemia sem razão de ser
Na rotina dos bares
Que apesar dos pesares
Me trazem você

E por falar em paixão
Em razão de viver
Você bem que podia me aparecer
Nesses mesmos lugares
Na noite, nos bares
Onde anda você?

Disponível em: <www.viniciusdemoraes.com.br>. Acesso em: 10 mar. 2008.

© 1974 By Tonga (BMG Music Publishing Brasil Ltda.).

Há no texto cento e seis palavras. Você pode conferir, se não confiar na contagem. Aproveite e procure as palavras proparoxítonas do texto. Procurou? Quantas há? Nenhuma. Das palavras de mais de uma sílaba (sessenta e duas), quarenta e três são paroxítonas. Esses dados correspondem exatamente ao perfil básico da tonicidade das palavras da língua portuguesa: as proparoxítonas são pouco comuns, as paroxítonas são maioria e as oxítonas ocupam a vice-liderança.

Além disso, é possível observar que todas as paroxítonas do texto terminam em *a*, *e* e *o*, e nenhuma recebe acento gráfico. Esses fatos provam que as regras foram feitas para evitar a acentuação das palavras mais comuns na língua. Aliás, você deve ter percebido que, das cento e seis palavras do texto, apenas oito recebem algum tipo de acento, incluindo o til, e que só a palavra *você* apareceu quatro vezes.

E por que *você*, oxítona terminada em *e*, leva acento? Porque as oxítonas terminadas em *e* são menos numerosas que as paroxítonas terminadas em *e*. Para comprovar isso, basta verificar que quase todos os verbos apresentam pelo menos uma forma paroxítona terminada em *e* (fale, pense, grite, estude, corre, sofre, perde, vende, permite, dirige, assiste, invade). E o que se acentua, a maioria ou a minoria? A minoria, sempre a minoria.

Que tal, então, parar de dizer que há muitos acentos em português?

Em DVD

Divulgação

***Vinicius*. Direção de Miguel Faria Jr. Brasil: Paramount, 2006. (124 min).**

Acompanhe neste DVD detalhes da vida e da obra de um dos nossos maiores poetas: Vinicius de Moraes. Intelectual reconhecido internacionalmente, Vinicius produziu uma obra inesquecível. São mais de quatrocentos poemas, além de músicas eternas como "Garota de Ipanema", composta em parceria com Tom Jobim. Acompanha o DVD um manuscrito de um poema em papel especial.

As regras básicas

Como vimos, as regras de acentuação gráfica procuram reservar os acentos para as palavras que se enquadram nos padrões prosódicos menos comuns da língua portuguesa. Disso, resultam as seguintes regras básicas:

a. proparoxítonas – são todas acentuadas. É o caso de:

lâmpada Atlântico Júpiter ótimo flácido relâmpago trôpego lúcido víssemos

Joaquín Salvador Lavado/Quino/Mafalda 6

QUINO. *Mafalda* 6. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 37.

Nessa tirinha, as palavras *japonésidos* e *antipátida*, inventadas por Miguelito, são proparoxítonas, como *antípodas* e *estúpido*.

b. paroxítonas – são as palavras mais numerosas da língua e justamente por isso as que recebem menos acentos. São acentuadas as que terminam em:

- i, is

  táxi beribéri lápis grátis

- us, um, uns

  vírus bônus álbum

  parabélum (arma de fogo) álbuns parabéluns

- l, n, r, x, ps

incrível	útil	próton	elétron	éter
mártir	tórax	ônix	bíceps	fórceps

- ã, ãs, ão, ãos

ímã	órfã	ímãs	órfãs	bênção	órgão	órfãos	sótãos

- ditongo oral, crescente ou decrescente, seguido ou não de *s*

água	árduo	pônei	vôlei
cáries	mágoas	pôneis	jóqueis

c. oxítonas – são acentuadas as que terminam em:

- a, as

Pará	vatapá
estás	irás

- e, es

você	café
Urupês	jacarés

- o, os

jiló	avô
retrós	supôs

- em, ens

alguém	vintém
armazéns	parabéns

Camelô

Cildo Meireles. *Camelô* (1998). Instalação com dimensões variáveis.

Camelô: oxítona acentuada por terminar em *o*.

Arte e artistas plásticos no Brasil 2000. São Paulo: Metalivros, 2000. p. 57.

d. monossílabos tônicos – são acentuados os terminados em:

- a, as

pá	vá	gás	Brás

- e, es

pé	fé	mês	três

- o, os

só	xô	nós	pôs

Oposição entre oxítonas e paroxítonas

Verifique que as regras de acentuação criam um sistema de oposição entre as terminações das oxítonas e as das paroxítonas. Compare as palavras dos pares seguintes e note que os acentos das paroxítonas e os das oxítonas são mutuamente excludentes:

portas (paroxítona, sem acento)	atrás (oxítona, com acento)
pele (paroxítona, sem acento)	café (oxítona, com acento)
corpo (paroxítona, sem acento)	maiô (oxítona, com acento)
garantem (paroxítona, sem acento)	alguém (oxítona, com acento)
hifens (paroxítona, sem acento)	vinténs (oxítona, com acento)
táxi (paroxítona, com acento)	aqui (oxítona, sem acento)

Atividades

1. A relação a seguir é formada por palavras inventadas. Observe atentamente cada uma delas e, baseado no seu conhecimento sobre o sistema de regras de acentuação da língua portuguesa, coloque os acentos gráficos que julgar necessários:

a) astrider (proparaxítona)
b) sensinen (paroxítona)
c) felo (oxítona, *o* fechado)
d) nerta (oxítona, *a* nasal)
e) mardo (paroxítona)
f) aminho (proparoxítona)
g) carpips (paroxítona)
h) crestons (oxítona)
i) explons (paroxítona, *e* fechado)
j) mirmidens (paroxítona)
k) curquens (oxítona)
l) artu (paroxítona)
m) quistuns (oxítona)
n) arclovel (paroxítona, *o* aberto)
o) cipodeis (paroxítona, *o* aberto)
p) ormar (oxítona)
q) senser (paroxítona, *e* fechado)
r) lolux (oxítona)
s) atonde (paroxítona)
t) cliclex (paroxítona)

2. Nas frases seguintes, cada palavra ou expressão destacada substitui um monossílabo cujo número de letras vem indicado entre parênteses. Procure identificar esse monossílabo, grafando-o corretamente:

a) **Entregue** (2) os papéis a ele. Diga-lhe que não **coloquei** (3) minha rubrica em nenhum deles porque não concordo com as ideias expostas.
b) **Existem** (2) motivos para temer as pessoas **ruins** (3).
c) Ele nos faz uma visita a cada **trinta dias** (3).
d) **Colocou** (3) as mãos em operação e tentou desfazer os **emaranhados** (3) que as crianças haviam deixado na linha.
e) Comprou diversas **ferramentas para cavar** (3).
f) Hoje ele deu duro: espanou **poeira** (2), carregou botijões de **combustível para fogão de cozinha** (3), lavou o **piso** (4) e ainda **colocou** (3) nossa única **cabeça de gado** (3) no pasto.
g) Sentimos **pena** (2) e revolta.

3. No texto a seguir, os acentos de algumas palavras foram retirados. Leia-o atentamente e recoloque aqueles que estão faltando.

Tradiçao mutante

Cambinda Estrela, Sol Nascente, Elefante, Encanto do Dende, Cambinda Africano, Gato Preto, Linda Flor. No carnaval, varios grupos de maracatu incendeiam as ruas do Recife. O "cortejo real" e acompanhado por um conjunto de percussão com grandes tambores (afaya), caixas, tarois, gongues (agogos com uma campanula) e mineiros (especie de ganza ou chocalho).

Mas, apesar de toda a sua fama, experimente perguntar à populaçao: o que e maracatu? Poucos poderao responder.

Nem mesmo folcloristas e antropologos chegam a um consenso. Ha quem defina o maracatu como a parte festiva dos xangos (os candombles recifenses). Tambem e visto como folguedo ou simples agrupamento afrodescendente voltado para a diversao. Entretanto, e muito mais do que isso. Por meio de complexos arranjos politico-culturais, o maracatu envolve ao mesmo tempo diversao, lazer, constituiçao de identidades e afirmaçao religiosa.

LIMA, Ivaldo Marciano de França. Tradição mutante. *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro: Sociedade de Amigos da Biblioteca Nacional(Sabin), ano 3, n. 29, fev. 2008. p. 72-4.

As regras especiais

Além dessas regras que você acabou de estudar e que se baseiam na posição da sílaba tônica e na terminação, há outras, que levam em conta aspectos específicos da sonoridade das palavras. Essas regras são aplicadas nos seguintes casos:

Hiatos

Quando a segunda vogal do hiato for *i* ou *u*, tônicos, acompanhados ou não de *s*, haverá acento:

saída	proíbo	faísca	caíste	saúva	viúva
balaústre	carnaúba	país	aí	baú	Jaú

Cuidado! Não haverá acento se:

- o *i* for seguido de *nh*; é o caso de *rainha, moinho, tainha, campainha*;
- a vogal *i* ou a vogal *u* se repetirem, como em *vadiice, sucuuba, mandriice, xiita;*
- a vogal *i* ou a vogal *u* forem precedidas de ditongo, como em *feiura, baiuca, boiuno.*

Quando, porém, a vogal *i* ou a vogal *u* do hiato forem precedidas de ditongo, mas constituírem palavras **oxítonas** e estiverem em posição final, seguidas ou não de *s*, **serão acentuadas**, como em *Piauí, teiú(s), tuiuiú(s)*.

Convém lembrar que:

- quando a vogal *i* ou a vogal *u* forem acompanhadas de outra letra que não seja *s*, não haverá acento: *ruim, juiz, paul, Raul, cairmos, contribuiu, contribuinte, cauim.*

Piauí. São Paulo: Abril, n. 17, fev. 2008. Capa.

Editora Alvinegra

Língua Portuguesa. São Paulo: Segmento, ano III, n. 28, fev. 2008. p. 62-3.

Reprodução/Editora Segmento

Na palavra *Piauí*, a vogal *i* do hiato é acentuada, pois está em posição final na palavra, apesar de ser precedida de ditongo (Pi-au-í). Já na palavra *raiz*, a vogal *i* não é acentuada graficamente, pois é acompanhada pela letra *z* na sílaba (ra-iz). No plural, porém, essa vogal deve receber acento agudo, pois permanece isolada na sílaba: ra-í-zes.

Depois do *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa* (1990), não mais se acentua a primeira vogal tônica nos grupos *ee* e *oo*: *veem, leem, creem, deem, releem, preveem, descreem, enjoo, voo, abotoo, magoo.*

Note que a terminação *eem* é exclusiva dos verbos *crer, dar, ler, ver* e derivados (*descrer, reler, prever, rever, antever* e outros). Não ocorre a terminação *eem* nos verbos *ter, vir* e derivados (*deter, entreter, manter, conter, reter, obter, abster, intervir, convir, provir* e outros).

Ditongos

Ocorre acento na vogal tônica dos ditongos *ei, eu, oi* desde que sejam abertos e em final de palavra (nas palavras oxítonas ou nos monossílabos), como em:

anéis	aluguéis	coronéis	céu	herói
chapéu	réu	véu	troféu	anzóis

Atenção! Não se acentuam graficamente os ditongos *ei* e *oi* tônicos das palavras paroxítonas, quer tenham timbre aberto, quer tenham timbre fechado. Assim, escrevem-se sem acento: *apoiam, heroico, joia, ideia, assembleia, colmeia, estoico, esferoide, geleia, baleia, cadeia, apoio (substantivo), apoio (verbo), jiboia, comboio, paranoico* etc.

Cuidado! Não haverá acento se o ditongo for aberto, mas não tônico: *chapeuzinho, heroizinho, aneizinhos, pasteizinhos, ideiazinha.* Você notou que, em todas essas palavras, a sílaba tônica é *zi.*

Após o *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa* (1990), não se coloca mais trema sobre a letra *u* pronunciada atonamente (semivogal) nos grupos *gue, gui, que, qui,* nos quais ocorre ditongo crescente:

unguento tranquilo consequência arguir linguística

Atenção! Nesses mesmos grupos (*gue, gui, que, qui*), a letra *u* pode ser pronunciada tonicamente. Nesse caso, ela é vogal. Observe, a seguir, a grafia de algumas dessas palavras e, entre parênteses, a sua pronúncia:

apazigue (*apazigúe*)	apaziguem (*apazigúem*)	averigue (*averigúe*)	averiguem (*averigúem*)
argui (*argúi*)	arguem (*argúem*)	oblique (*obliqúe*)	obliquem (*obliqúem*)

Formas verbais seguidas de pronomes oblíquos

Para acentuar as formas verbais associadas a pronomes oblíquos, leve em conta apenas o verbo, desprezando o pronome. Considere a forma verbal do jeito que você a pronuncia e aplique a regra de acentuação correspondente. Em *cortá-lo*, considere *cortá*, oxítona terminada em *a* e, portanto, acentuada. Em *incluí-lo*, considere *incluí*, em que ocorre hiato. Já em *produzi-lo*, não há acento, porque *produzi* é oxítona terminada em *i*.

Em CD

Divulgação

Kid Abelha. Ouvir estrelas. In: *Autolove*. (CD). Warner Music, 1998.

A música do grupo *pop* Kid Abelha é uma adaptação de um trecho do poema Via Láctea, de Olavo Bilac, um dos ícones do parnasianismo, movimento literário brasileiro que predominou no final do século XIX. Aproveite para conhecer a versão musicada do trecho do poema de Bilac enquanto observa a acentuação de algumas das palavras que o compõem, inclusive das formas verbais seguidas por pronomes oblíquos.

Acentos diferenciais

Existem algumas palavras que recebem acento excepcional, para que sejam diferenciadas, na escrita, de suas homófonas. São casos muito particulares e, por isso mesmo, pouco numerosos. Convém iniciar a relação lembrando o acento que diferencia a terceira pessoa do singular da terceira pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos *ter* e *vir*:

ele tem – eles têm ele vem – eles vêm

Com os derivados desses verbos, é preciso lembrar que há acento agudo na terceira pessoa do singular e circunflexo na terceira do plural do presente do indicativo:

ele detém – eles detêm ele intervém – eles intervêm

ele mantém – eles mantêm ele provém – eles provêm

ele obtém – eles obtêm ele convém – eles convêm

Existe apenas um acento diferencial de timbre em português: *pôde* (terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do verbo *poder*), diferencial de *pode* (terceira do singular).

Há ainda o verbo *pôr*, que recebe acento circunflexo para diferenciar-se da preposição *por*.

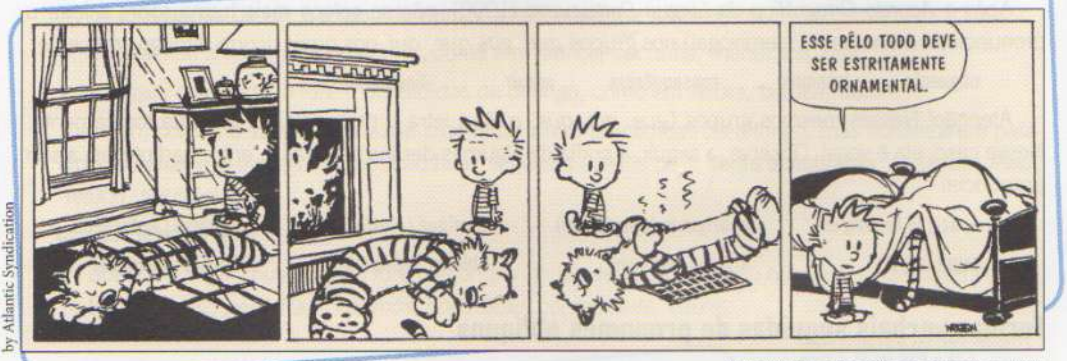

Bill Watterson©2007 Watterson/Dist. by Atlantic Syndication

WATTERSON, Bill. *Felino, selvagem, psicopata, homicida*. São Paulo: Bestt News, 1996. v. 1. p. 49.

O substantivo *pelo*, antes do *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa* (1990), levava acento circunflexo para diferenciar-se de *pelo* (forma do verbo *pelar* que se pronuncia com *e* aberto) e de *pelo* (contração de preposição e artigo).

Finalmente, vale registrar o acento diferencial optativo na palavra *fôrma* que, acredite, pode ser escrita com o acento circunflexo ou sem ele (*fôrma*, que se lê com *o* fechado), para diferenciar-se de *forma* (substantivo) e *forma* (verbo), estas pronunciadas com *o* aberto.

Desde o *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa* (1990), não são mais assinaladas com acento gráfico as palavras homógrafas relacionadas a seguir. Entre parênteses, há a indicação de timbre aberto (é/ó) ou fechado (ê/ô):

pola (*ô*) (substantivo)

pola (*ó*) (substantivo)

pola (contração arcaica de preposição e artigo)

polo (*ô*) (substantivo)

polo (*ó*) (substantivo)

polo (contração arcaica de preposição e artigo)

para (forma do verbo *parar*)

para (preposição)

coas, coa (formas do presente do indicativo do verbo *coar*)

coas, coa (preposição *com* + artigo *a* e *as*, respectivamente; essas formas são comuns em poesia)

pela, pelas (*é*) (formas do verbo *pelar*, ou substantivos)

pela, pelas (contrações de preposição e artigo)

pera (*ê*) (substantivo)

pera (*é*) (substantivo)

pera (preposição arcaica)

pero, Pero (*ê*) (substantivos)

pero (conjunção arcaica)

Quadro geral das regras de acentuação

Com observações sobre a situação de cada caso em relação ao *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa* (1990).

Proparoxítonas, paroxítonas, oxítonas e monossílabos tônicos

regra	exemplos	situação
Proparoxítonas: acentuam-se todas.	ônibus, câmara, úmido, simpático	mantida
Paroxítonas: acentuam-se as terminadas em: • i, is • us, um, uns • l, n, r, x, ps • ã, ãs, ão, ãos • ditongo oral	 táxi, lápis bônus, álbum, álbuns útil, hífen, éter, bíceps ímã(s), órgão(s) história(s), ciência(s), provérbio(s)	mantida
Oxítonas: acentuam-se as terminadas em: • a, as • e, es • o, os • em, ens	 sofá, acarás café, pontapés avô, jilós também, armazéns	mantida
Monossílabos tônicos: acentuam-se os terminados em: • a, as • e, es • o, os	 já, pás fé, pés, três, pré só, pós, pró	mantida

Acentuação do hiato

regra	exemplos	situação
O *i* e o *u* tônicos do hiato são acentuados quando isolados na sílaba ou acompanhados de *s*.	saída (sa-í-da), saíste (sa-ís-te), conteúdo (con-te-ú-do), balaústre (ba-la-ús-tre)	mantida
Não são acentuados quando, mesmo isolados na sílaba • forem seguidos de *nh* • a vogal *i* ou *u* estiverem repetidas • a vogal *i* ou *u* forem precedidas de ditongo	 rainha, bainha, moinho xiita, sucuuba feiura (fei-u-ra), baiuca (bai-u-ca)	 mantida mantida **nova!**
São acentuados, porém, quando forem antecedidos de ditongo, mas estiverem em posição final na palavra.	Piauí (Pi-au-í), teiú (tei-ú), tuiuiú (tui--ui-ú)	mantida
Não se acentuam quando formarem sílaba com outra letra que não seja *s*.	ruim (ru-im), juiz (ju-iz), Raul (Ra-ul), cairmos (ca-ir-mos), saindo (sa-in-do), saiu (sa-iu), cauim (cau-im)	mantida
Não se acentua a primeira vogal dos grupos *oo* e *ee*.	voo, coo, enjoo, abotoo, creem, leem, veem, deem, reveem	**nova!**

Acentuação do ditongo

regra	exemplos	situação
Acentua-se a vogal tônica dos ditongos abertos *ei*, *eu*, *oi* em final de palavra (oxítonas ou monossílabas).	anéis, papéis, réu, céu, réis, herói, anzóis, caracóis	mantida (É novo o fato de serem acentuados apenas em posição final na palavra.)
Não se acentuam os ditongos *ei* e *oi* tônicos das palavras paroxítonas.	ideia, joia, jiboia, geleia, comboio, apoio (subst.), apoio (verbo), heroico, assembleia	**nova!**

Trema

regra	exemplos	situação
Não se coloca o trema sobre a letra *u* pronunciada dos grupos *gu* ou *qu* seguidos de *i* ou *e*.	lingueta, sagui, unguento, consequência, sequestro, cinquenta	**nova!**
O trema permanece nas palavras derivadas de nomes estrangeiros usados com trema.	Müller – mülleriano	mantida

Acento agudo na vogal *u* tônica dos grupos *gue, gui, que, qui*

regra	exemplos	situação
Não se acentua a vogal *u* tônica dos grupos *gue, gui, que, qui* de alguns verbos (*averiguar, arguir, apaziguar, obliquar*).	averigue, apazigue, averiguem, apaziguem, oblique, obliquem, argui, arguem	**nova!**

Acentos diferenciais

regra	exemplos	situação
Verbos *ter* e *vir*: acentua-se a terceira pessoa do plural do presente do indicativo para diferenciar-se da terceira pessoa do singular.	ele tem – eles têm ele vem – eles vêm	mantida
Verbos *conter, obter, reter, deter, abster, convir*: a terceira pessoa do plural do presente do indicativo recebe acento circunflexo para diferenciar-se da terceira pessoa do singular, cuja sílaba tônica é marcada com acento agudo.	ele contém – eles contêm ele obtém – eles obtêm ele retém – eles retêm ele convém – eles convêm	mantida
Pôde / pode: a forma verbal *pôde* (terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo do verbo *poder*, pronuncia-se com *o* fechado) recebe acento circunflexo para diferenciar-se de *pode* (terceira pessoa do singular do presente do indicativo do verbo *poder*, pronuncia-se com *o* aberto).	Ontem ele pôde resolver tudo. Hoje ele pode descansar.	mantida
Pôr / por: acentua-se o verbo *pôr* para diferenciar-se da preposição *por*.	Vou pôr o material aqui. Vou por este caminho.	mantida

regra	exemplos		situação
Não se acentuam as seguintes palavras homógrafas:	pola (*ô*) (substantivo)	pola (*ô*) (substantivo)	nova!
	pola (contração arcaica de preposição e artigo) polo (*ô*) (substantivo)	polo (*ô*) (substantivo) polo (contração arcaica de preposição e artigo)	
	para (forma do verbo *parar*)	para (preposição)	
	coas, coa (formas do presente do indicativo do verbo *coar*)	coas, coa (preposição *com* + artigo *a* e *as*, respectivamente; essas formas são comuns em poesia)	
	pela, pelas (*é*) (formas do verbo *pelar*, ou substantivos)	pela, pelas (contrações de preposição e artigo)	
	pelo, pelos (*ê*) (substantivos)	pelo (*é*) (forma do verbo *pelar*)	
	pera (*ê*) (substantivo) pera (*ê*) (substantivo)	pera (*é*) (substantivo) pera (preposição arcaica)	
	pero, pero (*ê*) (substantivos)	pero (conjunção arcaica)	
É opcional o acento diferencial em:	forma	fôrma	nova!

Textos para análise

1

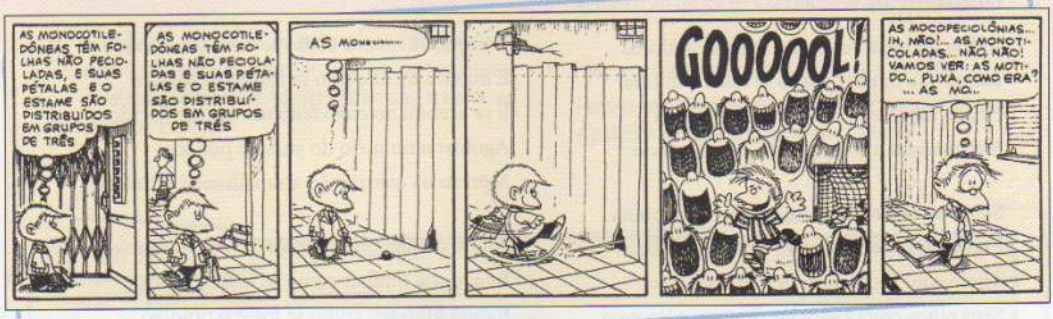

Joaquín Salvador Lavado/Quino/Mafalda 6

QUINO. *Mafalda 6*. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 31.

Trabalhando o texto

1. Há, na tirinha acima, algumas palavras com acento. Justifique seu emprego.

2. Explique o humor da tirinha.

2

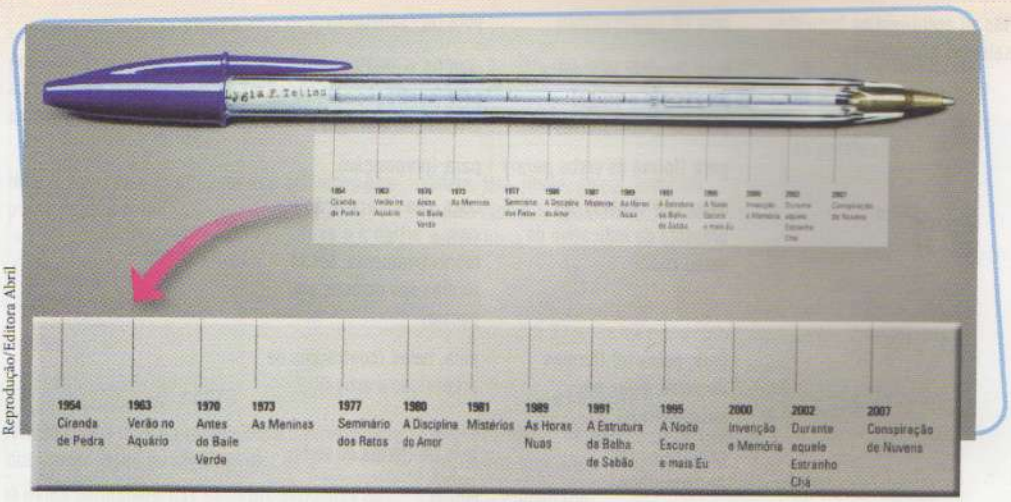

Reprodução/Editora Abril

Superinteressante. São Paulo: Abril, ed. 249, fev. 2008. p. 4-5.

Trabalhando o texto

1. Relacione as palavras paroxítonas acentuadas terminadas em ditongo, presentes nesse anúncio.

2. As palavras paroxítonas terminadas em ditongo constituem o grupo mais numeroso entre as paroxítonas acentuadas graficamente. Faça uma pesquisa nos diversos textos que estiverem a seu alcance e observe se esse fato realmente se confirma. A que outro grupo de palavras não acentuadas elas se opõem?

3. Dentre tantas palavras paroxítonas terminadas em ditongo, há uma não acentuada nesse anúncio. Como você justifica esse fato?

3

Construção

Amou daquela vez como se fosse a última
Beijou sua mulher como se fosse a última
E cada filho seu como se fosse o único
E atravessou a rua com seu passo tímido

Subiu a construção como se fosse máquina
Ergueu no patamar quatro paredes sólidas
Tijolo com tijolo num desenho mágico
Seus olhos embotados de cimento e lágrima

Sentou pra descansar como se fosse sábado
Comeu feijão com arroz como se fosse príncipe
Bebeu e soluçou como se fosse um náufrago
Dançou e gargalhou como se ouvisse música

E tropeçou no céu como se fosse um bêbado
E flutuou no ar como se fosse um pássaro
E se acabou no chão feito um pacote flácido
Agonizou no meio do passeio público
Morreu na contramão atrapalhando o tráfego

Amou daquela vez como se fosse o último
Beijou sua mulher como se fosse a única
E cada filho seu como se fosse o pródigo
E atravessou a rua com seu passo bêbado
Subiu a construção como se fosse sólido
Ergueu no patamar quatro paredes mágicas
Tijolo com tijolo num desenho lógico
Seus olhos embotados de cimento e tráfego

Sentou pra descansar como se fosse um príncipe
Comeu feijão com arroz como se fosse o máximo
Bebeu e soluçou como se fosse máquina
Dançou e gargalhou como se fosse o próximo

E tropeçou no céu como se ouvisse música
E flutuou no ar como se fosse sábado
E se acabou no chão feito um pacote tímido
Agonizou no meio do passeio náufrago

Morreu na contramão atrapalhando o público

Amou daquela vez como se fosse máquina
Beijou sua mulher como se fosse lógico
Ergueu no patamar quatro paredes flácidas
Sentou pra descansar como se fosse um pássaro
E flutuou no ar como se fosse um príncipe
E se acabou no chão feito um pacote bêbado
Morreu na contramão atrapalhando o sábado.

© Copyright 1971 by CARA NOVA EDITORA MUSICAL LTDA. – Av. Rebouças, 1.700 – São Paulo – Brasil. Todos os direitos reservados.

HOLLANDA, Chico Buarque de. In: *Chico Buarque*. São Paulo: Abril Educação, 1980. p. 28-9. Literatura Comentada.

Trabalhando o texto

1. Observe a última palavra de cada um dos versos do texto. Por que todas são acentuadas graficamente?

2. Por que as palavras do tipo a que se refere a questão anterior são todas acentuadas graficamente?

3. Além da última palavra de cada verso, só há uma outra acentuada no texto. Qual é e por que recebe acento gráfico?

4. A partir do que se vê no texto e nas três questões anteriores, pode-se concluir que em português as palavras que recebem acento gráfico são maioria ou minoria? Explique.

5. Observe estas palavras retiradas do texto:

última máquina náufrago música
público tráfego último

Se fosse eliminado o acento gráfico, as palavras continuariam existindo? Explique.

6. Que efeito causa o emprego de palavras de mesma acentuação tônica no final de cada verso? Comente.

7. "Morreu na contramão atrapalhando o sábado."

Por que se pode dizer que essa é uma maneira irônica e patética de sintetizar o espírito do texto?

Em *site*

<www.secrel.com.br/jpoesia/poesia.html>. Acesso em: 11 mar. 2008.

Magnífico *site* sobre crítica literária e poesia em língua portuguesa. O banco de dados do *Jornal da Poesia* não só apresenta poemas de nossos escritores consagrados, mas também letras de música dos maiores artistas de nossa MPB, como Caetano Veloso e Chico Buarque.

Questões de exames e concursos

1. (Badesc/Fepese) Assinalar a alternativa em que todas as palavras estejam com a acentuação gráfica correta.

a) benção – caráter – climax – ambíguo
b) bênção – caráter – clímax – ambígüo
c) benção – carater – climax – ambíguo
d) bênção – caráter – clímax – ambíguo

2. (Pref. de Contagem-MG/Fumarc) A alternativa em que **não** há erro de acentuação gráfica é:

a) Quanto aos juizes, não vejo como distraí-los.
b) O gerente vai transferí-los para outra agência.
c) Alguns itens da listagem anexa precisam ser alterados.
d) Como se escreve socioeconômico? Com ou sem hifen?

3. (Correios/ESPP) Assinale o grupo de palavras cuja acentuação esteja correta.

a) jabuti, ali, plástico, la.
b) Jundiaí, vila, bônus, sótão.
c) céu, pelô, atribui-lo, respeitosamente.
d) supérfluo, café, repórter, máquina.

4. (Ceasa-MG/Fumarc) Ambas as palavras são oxítonas em:

a) ruim / zombaria
b) mister / ibero
c) Nobel / ureter
d) rua / dia

5. (Pref. de Ilha Comprida-SP/Moura Melo) Indique a alternativa em que todos os vocábulos devem ser acentuados:

a) levedo, jovem, juri
b) taxi, juri, juiz
c) magoa, moeda, util
d) biceps, corroi, juri

6. (UPM-SP)

Breve história do tique

A palavra parece nascida da linguagem dos desenhos animados. Segundo alguns, sua clara origem onomatopaica derivaria do alemão *ticken*, que significa "tocar ligeiramente", ou de um termo da medicina veterinária que, já no século XVII, associava *ticq* e *ticquet* a um fenômeno no qual os cavalos sofrem uma súbita suspensão da respiração, seguida por um ruído: uma espécie de soluço que produz no animal comportamentos estranhos e sofrimento. Daí a extensão a várias manifestações que têm em comum a rapidez, o caráter repetitivo e pouco controlável e a piora em situação de *stress*. (Rosella Castelnuovo)

A alternativa que associa corretamente a palavra à regra que justifica sua acentuação gráfica é:

a) veterinária: paroxítona terminada em *a*.
b) século: paroxítona terminada em *o*.
c) fenômeno: proparoxítona.
d) ruído: ditongo *uí*.
e) têm: forma da 3.ª pessoa do singular de um verbo.

7. (Unifesp) Indique a alternativa em que todas as palavras são acentuadas graficamente, segundo a mesma regra:

a) estômago, colégio, fábrica, lâmpada, inflexível
b) Virgílio, fúria, carícias, matéria, colégio
c) trópicos, lábios, fúria, máquinas, elétricas
d) sério, cérebro, Virgílio, sábio, lógico
e) Ésquilo, carícia, Virgílio, átomos, êmbolo

8. (FGV-SP) Assinale a alternativa cujas palavras estejam de acordo com as regras de acentuação gráfica:

a) avaro (sovina), ibero, perito, rubrica, ariete, ínterim
b) ávaro (sovina), íbero, perito, rúbrica, ariete, ínterim
c) ávaro (sovina), íbero, périto, rubrica, aríete, ínterim
d) avaro (sovina), íbero, perito, rúbrica, ariete, ínterim
e) avaro (sovina), íbero, perito, rubrica, aríete, ínterim

9. (Unifal-MG) Assinale a alternativa em que **todas** as palavras prescindem de acentuação gráfica, se forem seguidas as regras da gramática normativa atual:

a) até, ôlho-de-boi, êle
b) ôlho-de-boi, pôde, já
c) prêto, aquêle, capêta
d) até, já, dôido
e) êle, só, ninguém

10. (Unifenas-MG) A mesma regra de acentuação que vale para *rápida*, vale também para:

a) mutável, estaríamos, vírgula, admissíveis
b) vírgula, simbólica, símbolo, hieróglifos
c) ortográfico, colégios, egípcios, língua
d) básicos, difícil, colégios, língua
e) português, inglês, símbolos, língua

11. (Faap-SP) Justifique a acentuação dos seguintes vocábulos:

a) históricos

b) índio

c) país

d) herói

12. (Acafe-SC) Assinale a alternativa **incorreta**:

a) Esôfago, órgão e afôito são palavras acentuadas graficamente.

b) Bêbado, bálsamo e binóculo são proparoxítonas.

c) Exausto, arroio e ofício são palavras trissílabas.

d) Lei e lua apresentam ditongo e hiato, respectivamente.

e) Caminho apresenta sete letras e seis fonemas.

13. (Cefet-PR) Observando a grafia e acentuação, indique a alternativa em que todas as palavras estão corretas:

a) privilégio, espontâneo, ressurreição

b) má-criação, abstração, exitação

c) maciço, sisudez, classissismo

d) acessor, sargeta, senzala

e) incursão, propenção, mixto

14. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa em que o texto está acentuado corretamente.

a) A princípio, metia-me grandes sustos. Achava que Virgilia era a perfeição mesma, um conjunto de qualidades sólidas e finas, amorável, elegante, austera, um modêlo.

b) A princípio, metia-me grandes sustos. Achava que Virgília era a perfeição mesma, um conjunto de qualidades sólidas e finas, amorável, elegante, austera, um modelo.

c) A princípio, metia-me grandes sustos. Achava que Virgília era a perfeição mesma, um conjunto de qualidades solidas e finas, amoravel, elegante, austera, um modêlo.

d) A principio, metia-me grandes sustos. Achava que Virgilia era a perfeição mesma, um conjunto de qualidades sólidas e finas, amorável, elegante, austera, um modelo.

e) A princípio, metia-me grandes sustos. Achava que Virgília era a perfeição mesma, um conjunto de qualidades sólidas e finas, amoravel, elegante, austera, um modelo.

15. (Ceasa-MG/Fumarc) A palavra está acentuada **corretamente** em:

a) Eles intervém em medidas concretas.

b) Não vou pôr este livro na estante.

c) Elas creêm em outras imagens.

d) O prefeito sempre mantêm a palavra.

16. (Pref. de São Leopoldo-RS/Fumarc) Nas palavras *quanto* e *atuo*, encontram-se os seguintes encontros vocálicos, respectivamente:

a) ditongo crescente oral e hiato

b) ditongo crescente nasal e hiato

c) hiato e ditongo crescente oral

d) hiato e tritongo

17. (PUCCamp-SP) Assinale a série em que todos os vocábulos estão escritos de acordo com as normas vigentes de acentuação gráfica:

a) ítem, juízes, juri, córtex, magôo

b) Luís, vírus, eletron, hífens, espírito

c) espontâneo, táxi, rúbrica, bênção, apazigue

d) através, intuito, álbuns, varíola, sauna

e) dolar, zebú, rítmo, atraí-lo, bangalô

18. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que **não** há nenhum erro de ortografia e acentuação.

a) Embora quisesse pôr o caso em discussão, hesitou muito ao perceber o constrangimento de todos.

b) À exceção do representante do corpo doscente, puzeram-se a favor da proposta do ex-reitor sòmente seus ex-discípulos.

c) Atraz de tanta segurança, estava a ocultar todo o ressentimento que remoia a anos.

d) De tanto remexer na memória o que lhe escapava à compreensão, já não sabia mais o quê dava tanta vida àquele amontoado de lembranças.

e) Arrependía-se sempre da rispidez com que a recebia, pois não precisava ser advinho para saber que dali há instantes choraria por ela.

19. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que **não** há nenhum erro de ortografia e acentuação.

a) Estavam estranhando no seu geito, e não entendiam o por que de tanta controvérsia se ela já se pronunciara à favor da nova tese.

b) O trabalho supunha análise minuciosa de vários ítens, o que justificava a exigência de mais tempo para sua execução e de mais material à disposição dos pesquizadores.

c) Obrigado à fazer o que ninguém quiz, sentiu-se humilhado, mas de repente suspos que, atrávéz da difícil tarefa, poderia alcançar notoriedade.

d) Pressentiu que eles não tinham percebido a extensão do problema que apontara, e pôde comprovar sua impressão quando se referiram àquilo que dissera, sem dar o devido peso a suas palavras.

e) Hora aqui, hora alí, corria atrás de suas pretensões, sem nenhum excrúpulo de tirar vantagem do que quer que fôsse.

20. (Unesp-SP) Justifique a acentuação nos seguintes vocábulos:

a) conveniência

b) também

c) matéria

d) espírito

21. (Unesp-SP) *Ruínas* é uma palavra acentuada. Explique por quê. A seguir, responda:

O vocábulo *ruim* deve ou não levar acento? Justifique.

22. (Imprensa Oficial-MG/PUC-MG) Todas as palavras recebem acento agudo pela mesma razão, **exceto**:

a) faísca

b) ícone

c) aí

d) ruína

23. (TA-MG/Fundec) Todas as palavras a seguir devem ser acentuadas graficamente, **exceto**:

a) hifen

b) item

c) biquini

d) juízes

24. (UPM-SP) Assinale a única alternativa em que nenhuma palavra é acentuada graficamente:

a) bonus, tenis, aquele, virus

b) repolho, cavalo, onix, grau

c) juiz, saudade, assim, flores

d) levedo, carater, condor, ontem

e) caju, virus, niquel, ecloga

25. (Banco do Nordeste/Vunesp) Assinale a alternativa em que as três palavras devam ser graficamente acentuadas, segundo as mesmas regras que justificam, respectivamente, a acentuação de *hálito*, *céu* e *gás*.

a) improbo, veu e has.

b) ambrosia, deu e carajas.

c) decano, reu e faz.

d) atono, judeu e ananas.

e) trapezio, camafeu e das.

26. (PUCCamp-SP) [...] não há erro de acentuação na alternativa:

a) surpresa, pelo (contração), sozinho

b) surpresa, pelo (contração), sózinho

c) surprêsa, pélo (verbo), sozinho

d) surpresa, pêlo (substantivo), sòzinho

e) n.d.a.

27. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção em que os vocábulos obedecem à mesma regra de acentuação gráfica:

a) terás/límpida

b) necessário/verás

c) dá-lhes/necessário

d) incêndio/também

e) extraordinário/incêndio

28. (UFF-RJ) Só numa série abaixo estão todas as palavras acentuadas corretamente. Assinale-a.

a) rápido, séde, côrte

b) Satanás, ínterim, espécime

c) corôa, vatapá, automóvel

d) cometí, pêssegozinho, viúvo

e) lápis, raínha, côr

29. (FGV-RJ) Assinale a alternativa em que todas as palavras estão corretamente grafadas:

a) raiz, raízes, sai, apóio, Grajau

b) carretéis, funis, índio, hifens, atrás

c) juriti, ápto, âmbar, dificil, almoço

d) órfão, afável, cândido, caráter, Cristovão

e) chapéu, rainha, Bangú, fossil, conteúdo

30. (UFSC) Assinale a(s) proposição(ões) correta(s).

01. Os acentos gráficos em *corrupião*, *lá* e *baldeação* são justificados pela mesma regra.

02. São classificadas como oxítonas: *corrupião*, *poder* e *conduzi-lo*.

04. As palavras *beira*, *aérea* e *tédio* possuem a mesma classificação quanto à posição da sílaba tônica.

08. Os acentos gráficos dos vocábulos *você*, *protegê*-los e *contém* seguem as regras de acentuação das oxítonas.

16. Em *idade*, *ainda* e *fluido* temos três palavras com o mesmo número de sílabas.

32. As palavras *gratuito*, *debaixo* e *implicou* são trissílabas.

PARTE 2

MORFOLOGIA

Capítulo 5

Estrutura e formação das palavras

Cabelo

Cabelo, cabeleira
Cabeluda, descabela
Cabelo, cabeleira
Cabeluda, descabelada
Quem disse que o cabelo
Não sente

Quem disse que o cabelo
Não gosta de pente
Cabelo quando cresce é tempo
Cabelo embaraçado é vento
Cabelo vem lá de dentro
Cabelo é como pensamento
Quem pensa que cabelo é mato
Quem pensa que cabelo é pasto
Cabelo com orgulho é crina
Cilindros de espessura fina
Cabelo quer ficar pra cima
Laquê, fixador, gomalina
[...]

Jorge Ben Jor e Arnaldo Antunes.
Disponível em: <www.jorgebenjor.com.br>. Acesso em: 19 maio 2008.

Entre os elementos que formam a estrutura de uma palavra, encontra-se o radical, elemento comum a vários vocábulos. No caso da letra da música "Cabelo", temos o radical *cabel-* nas palavras *cabel*o, *cabel*eira, *cabel*uda, des*cabel*a e des*cabel*ada.

1. Morfemas

Sabemos que a morfologia estuda a estrutura, a formação, a classificação e as flexões das palavras. Neste capítulo, iniciamos nossos estudos de morfologia: vamos investigar a estrutura e os processos de formação das palavras de nossa língua.

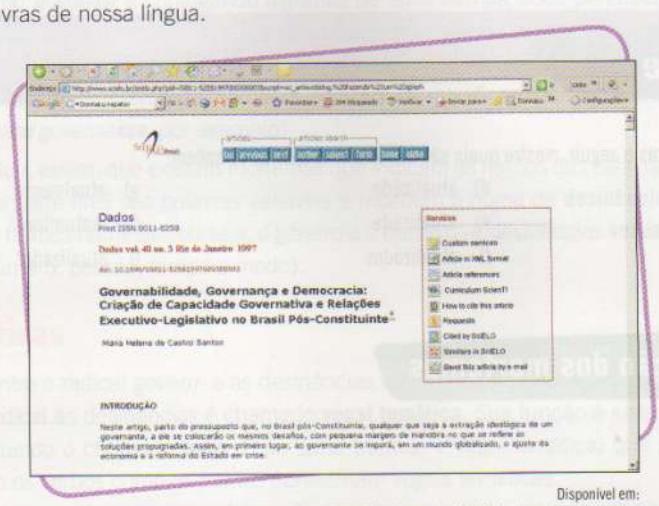

Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?pid=S0011-52581997000300003&script=sci_arttext&tlng, fazendo um splash>. Acesso em: 5 jun. 2008.

Se tomarmos as palavras referentes a *governo* e pensarmos em outras que mantêm alguma semelhança com ela, poderemos encontrar o seguinte grupo:

governo
governa
desgoverno
desgovernado
governadores
governativa
governança
ingovernável
ingovernabilidade

Todas essas palavras têm pelo menos um elemento comum: a forma *govern-*. Além disso, em todas elas há elementos destacáveis, responsáveis pelo acréscimo de algum detalhe de significação. Compare, por exemplo, *governo* e *desgoverno*: o elemento inicial *des-* foi acrescentado à forma *governo*, trazendo o significado de "falta, ausência, carência".

Continuando esse trabalho de comparação entre as várias palavras que selecionamos, podemos depreender a existência de diversos elementos formadores:

govern-o
govern-a
des-govern-o
des-govern-a-do
govern-a-dor-es
govern-a-tiva
govern-ança
in-govern-á-vel
in-govern-a-bil-i-dade

Cada um desses elementos formadores é capaz de fornecer alguma noção significativa à palavra que integra. Além disso, nenhum deles pode sofrer nova divisão. Estamos diante de unidades de significação mínimas, ou seja, elementos significativos indecomponíveis, a que damos o nome de **morfemas**.

Atividade

Comparando as palavras a seguir, mostre quais são os morfemas que as compõem:

a) desatualização
b) atualizar
c) atual
d) atualizado
e) atualizada
f) atualizados
g) atualmente
h) reatualizar
i) atualizador

2. Classificação dos morfemas

Radicais

É o morfema *govern-*, comum a todas as palavras observadas nos exemplos anteriores, que faz com que as consideremos palavras de uma mesma família de significação. Ao morfema comum de uma família de palavras chamamos **radical**; às palavras que pertencem a uma mesma família chamamos **cognatos**. O radical é a parte da palavra responsável por sua significação principal.

Optamos pelo uso do termo *radical* para designar o morfema que concentra a significação principal da palavra e que pode ser depreendido por meio de simples comparações entre palavras de uma mesma família. Intencionalmente, não empregamos o termo *raiz*, que está ligado à origem histórica das palavras. Para identificar a raiz de uma família de vocábulos é necessário um conhecimento específico de etimologia.

Afixos

Já sabemos que o morfema *des-*, que surge em *desgoverno*, é capaz de acrescentar ao significado da palavra *governo* a ideia de "negação, falta, carência". Dessa forma, o acréscimo do morfema *des-* cria uma nova palavra a partir de *governo*. A nova palavra formada tem o sentido de "falta, ausência de governo". De maneira semelhante, o acréscimo do morfema *-dor* à forma *governa-* criou a palavra *governador*, que significa "aquele que governa". Observe que *des-* e *-dor* são morfemas capazes de mudar o sentido do radical a que são anexados. Esses morfemas recebem o nome de **afixos**.

Quando são colocados antes do radical, como acontece com *des-*, os afixos recebem o nome de **prefixos**. Quando, como *-dor*, surgem depois do radical, os afixos são chamados de **sufixos**. Prefixos e sufixos são capazes de introduzir modificações de significado no radical a que são acrescentados. São também, em muitos casos, capazes de operar mudança de classe gramatical da palavra a que são acrescentados. Nas palavras que estamos analisando, merecem destaque alguns afixos:

prefixos	sufixos
des-, em ***des**governo*, ***des**governado*	*-vel*, em *ingover**nável***
in-, em ***in**governável*, ***in**governabilidade*	*-dor*, em *governa**dores***
	-dade, em *ingovernabili**dade***

Desinências

Se você pluralizar a palavra *governo*, encontrará a forma *governos*. Isso nos mostra que o morfema *-s*, acrescentado ao final da forma *governo*, é capaz de indicar a flexão de número desse substantivo.

Tomando o verbo *governar* e conjugando algumas de suas formas, você perceberá modificações na parte final dessa palavra: *governa**va**, governa**vas**, governa**va**, governá**vamos**, governá**veis**, governa**vam**.* Essas modificações ocorrem à medida que o verbo vai sendo flexionado em número (singular/plural) e pessoa (primeira, segunda ou terceira). Também ocorrem se modificarmos o tempo e o modo do verbo (*governa**va**/governa**ra**/governa**sse***, por exemplo).

Podemos concluir, assim, que existem morfemas que indicam as flexões das palavras. Esses morfemas sempre surgem na parte final das palavras variáveis e recebem o nome de **desinências**. Há desinências **nominais** (indicam flexões nominais, ou seja, o gênero e o número) e desinências **verbais** (indicam flexões do verbo, como número, pessoa, tempo e modo).

Vogais temáticas

Observe que entre o radical *govern-* e as desinências verbais surge sempre o morfema *-a-*. Esse morfema que liga o radical às desinências é chamado **vogal temática**. Sua função é justamente a de ligar-se ao radical, constituindo o chamado **tema**. É ao tema (radical + vogal temática) que se acrescentam as desinências. Tanto os verbos como os nomes apresentam vogais temáticas.

Vogais ou consoantes de ligação

Há ainda um último tipo de morfema que podemos encontrar: as vogais ou consoantes de ligação. São morfemas que surgem por motivos eufônicos, ou seja, para facilitar ou mesmo possibilitar a leitura de uma determinada palavra. Temos um exemplo de vogal de ligação na palavra *ingovernabilidade*: o *-i-* entre os sufixos *-bil* e *-dade* facilita a emissão vocal da palavra. Outros exemplos de vogais e consoantes de ligação podem ser vistos nestas palavras:

gasômetro

cafeteira

alvinegro

chaleira

tecnocracia

tricotar

paulada

Na formação do nome da árvore que produz sapoti, o *sapotizeiro*, percebemos a presença da consoante de ligação *z* unindo o nome sapoti ao sufixo -eiro (sapoti + *z* + eiro). Essa consoante pode ser observada também em outros nomes de plantas: juazeiro (juá + *z* + eiro), abacaxizeiro (abacaxi + *z* + eiro), caquizeiro (caqui + *z* + eiro) etc.

SAPOTI. Coleção Plantar, 46. Brasília: Embrapa, 2005. Capa.

Atividade

Faça a depreensão e a classificação dos morfemas formadores das seguintes palavras e flexões:

a) realizar
b) irreal
c) real
d) realmente
e) realizável
f) realizava
g) realizáramos
h) realismo
i) realista

3. Estudo dos morfemas ligados às flexões das palavras

Vogais temáticas

A vogal temática é um morfema que se junta ao radical a fim de formar uma base à qual se ligam as desinências. Essa base é chamada **tema**.

Além de atuar como elemento de ligação entre o radical e as desinências, a vogal temática também marca grupos de nomes e de verbos. Isso significa que existem vogais temáticas nominais e vogais temáticas verbais.

a. vogais temáticas nominais – são *-a*, *-e* e *-o*, quando átonas finais, como nas palavras:

mesa	artista	busca	perda	escola
triste	base	combate	destaque	sorte
livro	tribo	amparo	auxílio	resumo

Nesses casos, não poderíamos pensar que essas terminações são desinências indicadoras de gênero, pois *livro*, *escola* e *sorte*, por exemplo, não sofrem flexão de gênero. É a essas vogais temáticas que se liga a desinência indicadora de plural: *carro-**s***, *mesa-**s***, *dente-**s***.

Os nomes terminados em vogais tônicas (*sofá*, *café*, *caqui*, *mandacaru* e *cipó*, por exemplo) não apresentam vogal temática; podemos considerar que os terminados em consoante (*feliz*, *roedor*, por exemplo) têm o mesmo comportamento.

LAERTE. *Classificados. livro 2*. São Paulo: Devir, 2002. p. 38.

Quando átonas finais, as vogais *-e*, *-a* e *-o* classificam-se como vogais temáticas nominais. Isso ocorre nas palavras *análise*, *ano*, *hora* e *minuto*. Já as palavras *fóssil* e *milhão* não apresentam vogal temática.

b. vogais temáticas verbais – são *-a*, *-e* e *-i*, criando três grupos de verbos a que se dá o nome de conjugações. Assim, os verbos cuja vogal temática é *-a* pertencem à primeira conjugação; aqueles cuja vogal temática é *-e* pertencem à segunda conjugação e os que têm vogal temática *-i* pertencem à terceira conjugação.

Podemos perceber claramente a vogal temática atuando entre o radical e as desinências nos seguintes exemplos:

primeira conjugação

govern-**a**-va atac-**a**-va realiz-**a**-sse

segunda conjugação

estabelec-**e**-sse cr-**e**-ra mex-**e**-rá

terceira conjugação

defin-**i**-ra imped-**i**-sse ag-**i**-mos

Desinências

As desinências são morfemas que indicam as flexões de nomes e verbos, dividindo-se, por isso, em desinências nominais e verbais. Note que as desinências indicam flexões de uma mesma palavra, enquanto os afixos são usados para formar novas palavras. As flexões ocorrem obrigatoriamente quando precisamos inserir uma palavra numa sequência ou frase:

O ministro não foi convidado para a reunião.

Os ministros não foram convidados para a reunião.

A ministra não foi convidada para a reunião.

As ministras não foram convidadas para a reunião.

As flexões sofridas pelas palavras nas frases acima são obrigatórias para o estabelecimento da concordância. Já o uso de afixos não se deve a uma obrigatoriedade, mas sim a uma opção:

O ex-ministro não foi convidado para a reunião.

A ministra não foi convidada para as reuniõezinhas.

Não há nenhum mecanismo linguístico que torne obrigatório o uso do sufixo *-(z)inh* ou do prefixo *ex-* nessas duas frases. Além disso, *reuniãozinha* (plural "reuniõezinhas") e *ex-ministro* são duas palavras novas formadas a partir de *ministro* e *reunião*, respectivamente; já *ministros*, *ministra* e *ministras* são consideradas formas de uma mesma palavra, *ministro*.

a. desinências nominais – indicam o gênero e o número dos nomes. Para a indicação de gênero, o português costuma opor as desinências *-o*/*-a*:

garot**o** garot**a** menin**o** menin**a**

Você já sabe como distinguir essas desinências das vogais temáticas nominais: lembre-se de que, enquanto as desinências são **comutáveis** (podem ser trocadas uma pela outra), as vogais temáticas não são (quem pensaria seriamente em formar "livra" ou "carra" para indicar formas "femininas"?).

Para a indicação de número, costuma-se utilizar o morfema *-s*, que indica o plural em oposição à ausência de morfema que indica o singular:

garoto garot**os** garota garot**as**

menino menin**os** menina menin**as**

No caso dos nomes terminados em *-r* e *-z*, a desinência de plural assume a forma *-es*:

mar	mar**es**	revólver	revólver**es**
cruz	cruz**es**	juiz	juíz**es**

b. desinências verbais – em nossa língua, as desinências verbais pertencem a dois tipos distintos. Há aquelas que indicam o modo e o tempo verbais (desinências **modo-temporais**) e aquelas que indicam o número e a pessoa verbais (desinências **número-pessoais**). Observe, nas formas verbais abaixo, algumas dessas desinências:

estud-á-va-mos

estud-: radical

-á-: vogal temática

-va-: desinência modo-temporal (caracteriza o pretérito imperfeito do indicativo)

-mos: desinência número-pessoal (caracteriza a primeira pessoa do plural)

estud-á-sse-is

-sse-: desinência modo-temporal (caracteriza o pretérito imperfeito do subjuntivo)

-is: desinência número-pessoal (caracteriza a segunda pessoa do plural)

estud-a-ria-m

-ria-: desinência modo-temporal (caracteriza o futuro do pretérito do indicativo)

-m: desinência número-pessoal (caracteriza a terceira pessoa do plural)

Arte Antiga Editora

Mitologia grega. São Paulo: Arte Antiga, ano 1, n. 10, [s.d.]. Quarta capa.

As desinências indicam as flexões obrigatórias das palavras, que as recebem para adaptar-se a outras na frase. No texto desse anúncio, observamos a presença da desinência nominal de número *-s*, que estabelece concordância entre as palavras dos seguintes grupos nominais da frase: "grande*s* rei*s*", "seu*s* feito*s* impressionante*s*" e "importante*s* página*s*". As desinências verbais *-ra* e *-m* (escreve-*ra*-*m*), modo-temporal e número-pessoal respectivamente, indicam uma ação passada real (pretérito perfeito do modo indicativo), praticada por um sujeito plural (*grandes reis* escreveram).

Atividade

Aponte as desinências e as vogais temáticas das seguintes palavras e flexões:

a) amor, amores

b) deputado, deputada

c) comemorava, comemorávamos, comemorássemos

d) pusesse, puséramos, pusésseis

e) pente, pentes

f) garrafa, garrafas

g) boné, bonés

h) caso, casos

i) moço, moços

4. Processos de formação das palavras

A língua portuguesa apresenta dois processos básicos para formação de palavras: a derivação e a composição.

Há **derivação** quando, a partir de uma palavra primitiva, obtemos novas palavras (chamadas derivadas) por meio do acréscimo de afixos. Isso ocorre, por exemplo, quando, a partir da palavra primitiva *piche*, formamos *pichar*, da qual por sua vez se forma *pichação*, *pichador*; também ocorre quando obtemos *impessoal* a partir de *pessoal* ou *ineficiente* a partir de *eficiente*. Como veremos mais adiante, a derivação também pode ser feita pela supressão de morfemas ou pela troca de classe gramatical, mas nunca pelo acréscimo de radicais.

A **composição** ocorre quando formamos palavras pela junção de pelo menos dois radicais. Nesse sentido, diferencia-se da derivação, que não lida com radicais. As palavras resultantes do processo de composição são chamadas compostas, em oposição àquelas em que há um único radical, chamadas simples. Eis alguns exemplos de palavras compostas:

lobisomem (radicais de *lobo* e *homem*)

girassol (*gira* + *sol*)

beija-flor (*beija* + *flor*)

otorrinolaringologia (radicais eruditos *oto* + *rino* + *laringo* + *logia*)

5. Estudo da derivação

A derivação consiste basicamente na modificação de determinada palavra primitiva por meio do acréscimo de afixos. Dessa forma, temos a possibilidade de fazer sucessivos acréscimos, criando, a partir de uma base inicialmente simples, palavras de estrutura cada vez mais complexa:

escola
escolar
escolarizar
escolarização
subescolarização

Observe, assim, que a derivação deve ser vista como um processo extremamente produtivo da língua portuguesa, pois podemos incorporar os mesmos afixos a um número muito grande de palavras primitivas. Esses acréscimos podem alterar o significado da palavra (como em *escolarização*/*subescolarização*) e também mudar a classe gramatical da palavra (como em *escolarizar*/*escolarização*, que são, respectivamente, verbo e substantivo).

A derivação, quando decorre do acréscimo de afixos, pode ser classificada em três tipos: derivação prefixal, derivação sufixal e derivação parassintética.

Derivação prefixal (ou prefixação)

Resulta do acréscimo de prefixo à palavra primitiva, que tem seu significado alterado; veja, por exemplo, alguns verbos derivados de *pôr*:

repor	dispor	compor	contrapor
indispor	recompor	decompor	

Tradicionalmente, os estudiosos da língua portuguesa afirmam que a prefixação não produz mudanças de classe gramatical; na língua atual, entretanto, essas modificações têm ocorrido. Veja, por exemplo, as palavras *anti-inflação* e *interbairros*, que, em expressões como *pacto anti-inflação* e *transporte interbairros* atuam como adjetivos, apesar de terem sido formadas de substantivos.

Derivação sufixal (ou sufixação)

Resulta do acréscimo de sufixo à palavra primitiva, que pode sofrer alteração de significado ou mudança de classe gramatical. Em *unhada*, por exemplo, houve modificação de significado: o acréscimo do sufixo trouxe a noção de "golpe", "ataque feito com a unha", ou mesmo a ideia de "ferimento provocado pela unha". Já em *alfabetização*, o sufixo *-ção* transforma em substantivo o verbo *alfabetizar*. Esse verbo, por sua vez, já resulta do substantivo *alfabeto* pelo acréscimo do sufixo *-izar*.

Como já vimos, o acréscimo de afixos pode ser gradativo. Nada impede que, depois de obter uma palavra por prefixação, se forme outra por sufixação, ou vice-versa. Veja, por exemplo:

desvalorização	(valor → valorizar → desvalorizar → desvalorização)
indesatável	(desatar → desatável → indesatável)
desigualdade	(igual → igualdade → desigualdade)

São palavras formadas por prefixação e sufixação ou por sufixação e prefixação.

Mort Walker/2002 King Features Syndicate, Inc./Ipress

A palavra *preguiçoso* é formada por sufixação (*preguiça* + *-oso*).

WALKER, Mort. *Recruta Zero: antologia com o melhor de todas as cinco décadas da série*. São Paulo: Opera Graphica, 2002. v. 5. p. 33.

Derivação parassintética (ou parassíntese)

Ocorre quando a palavra derivada resulta do acréscimo **simultâneo** de prefixo e sufixo à palavra primitiva. É um processo que dá origem principalmente a verbos, obtidos a partir de substantivos e adjetivos. Veja alguns exemplos de verbos obtidos de substantivos:

abençoar	amaldiçoar	ajoelhar	apoderar
avistar	apregoar	enfileirar	esfarelar
abotoar	esburacar	espreguiçar	amanhecer
anoitecer	acariciar	engatilhar	ensaboar
enraizar	afunilar	apavorar	empastelar
expatriar			

Agora, alguns formados de adjetivos:

enrijecer	engordar	entortar	endireitar	envelhecer
esfriar	avermelhar	empobrecer	esclarecer	expropriar
apodrecer	amadurecer	aportuguesar	enlouquecer	
endurecer	amolecer	entristecer	empalidecer	

Não se deve confundir a derivação parassintética, em que o acréscimo de sufixo e prefixo é obrigatoriamente simultâneo, com casos como os das palavras *desvalorização* e *desigualdade*, que vimos há pouco. Nessas palavras, os afixos são acoplados em sequência; assim, como vimos, *desvalorização* provém de *desvalorizar*, que provém de *valorizar*, que por sua vez provém de *valor*.

É impossível fazer o mesmo com palavras formadas por parassíntese: não se pode, por exemplo, dizer que *expropriar* provém de "propriar" ou de "expróprio", pois tais palavras não existem na língua corrente; logo, *expropriar* provém diretamente de *próprio*, pelo acréscimo **concomitante** de prefixo e sufixo.

Derivação regressiva

Ocorre quando se retira a parte final de uma palavra primitiva, obtendo-se por essa redução uma palavra derivada. É um processo particularmente produtivo para a formação de substantivos a partir de verbos, principalmente os da primeira e os da segunda conjugações. Esses substantivos, chamados por isso **deverbais**, indicam sempre o nome de uma ação. O mecanismo para sua obtenção é simples: substitui-se a terminação verbal formada pela vogal temática + desinência de infinitivo (*-ar* ou *-er*) por uma das vogais temáticas nominais (*-a*, *-e* ou *-o*):

buscar → busca	alcançar → alcance	tocar → toque
apelar → apelo	censurar → censura	atacar → ataque
sacar → saque	chorar → choro	ajudar → ajuda
cortar → corte	abalar → abalo	recuar → recuo
perder → perda	debater → debate	afagar → afago
sustentar → sustento	vender → venda	resgatar → resgate

É interessante perceber que a derivação regressiva é um processo produtivo na língua coloquial: surgiram recentemente na língua popular palavras como *agito* (de *agitar*), *amasso* (de *amassar*) e *chego* (de *chegar*).

Os substantivos deverbais **são sempre nomes de ação**: isso é importante porque há casos em que é o verbo que se forma a partir do substantivo, como *planta* → *plantar*, *perfume* → *perfumar*, *escudo* → *escudar*. *Planta*, *perfume* e *escudo* não são nomes de ação; por isso, não são substantivos deverbais. Na verdade, eles é que são as palavras primitivas, enquanto os verbos são derivados.

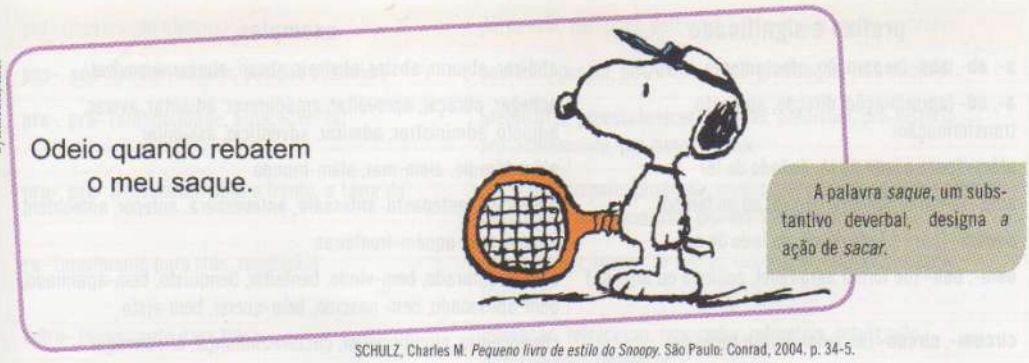

A palavra *saque*, um substantivo deverbal, designa a ação de *sacar*.

Charles M. Schulz/United Feature Syndicate, Inc.

SCHULZ, Charles M. *Pequeno livro de estilo do Snoopy*. São Paulo: Conrad, 2004. p. 34-5.

Derivação imprópria

Ocorre quando determinada palavra, sem sofrer nenhum acréscimo ou supressão em sua forma, muda de classe gramatical. Isso acontece, por exemplo, nas frases:

Não aceitarei um não como resposta.

É um absurdo o que você está propondo.

Na primeira frase, *não*, um advérbio, converteu-se em substantivo. Na segunda, o adjetivo *absurdo* também se converteu em substantivo. Agora veja este exemplo:

Você está falando bonito: o amar é indispensável.

O adjetivo *bonito* surge na função típica de um advérbio de modo, enquanto o verbo *amar* se converteu em substantivo.

Na frase "Papo cabeça à venda", o substantivo *cabeça* é usado como adjetivo. Refere-se ao substantivo *papo*, atribuindo-lhe uma qualidade: papo com conteúdo, de pessoa muito inteligente e culta.

Reprodução/Revista Pesquisa Fapesp

Pesquisa fapesp.
São Paulo: Fapesp, n. 112, jun. 2005. p. 99.

6. Prefixos

Os prefixos são morfemas que se colocam antes dos radicais basicamente a fim de modificar-lhes o sentido; raramente esses morfemas produzem mudanças de classe gramatical.

Os principais prefixos da língua portuguesa são de origem latina. Na relação que se segue, colocamos as diversas formas que esses prefixos costumam assumir, o tipo de modificação de significado que introduzem no radical e vários exemplos. Muitos desses prefixos originaram-se de preposições e advérbios, e não será difícil para você relacioná-los com preposições e advérbios da língua portuguesa. Leia a relação com cuidado, concentrando-se principalmente nos exemplos.

PREFIXOS LATINOS

prefixo e significado	exemplos
a-, ab-, abs- (separação, afastamento, privação)	abdicar, abjurar, abster, abstrair, abuso, abusar, amovível
a-, ad- (aproximação, direção, aumento, transformação)	achegar, abraçar, aproveitar, amadurecer, adiantar, avivar, adjunto, administrar, admirar, adventício, assimilar
além- (para o lado de lá, do lado de lá)	além-túmulo, além-mar, além-mundo
ante- (anterioridade no espaço ou no tempo)	antebraço, antepasto, antessala, antevéspera, antepor, anteontem
aquém- (para o lado de cá, do lado de cá)	aquém-mar, aquém-fronteiras
bem-, ben- (de forma agradável, positiva ou intensa)	bem-aventurado, bem-vindo, benfeitor, benquisto, bem-apanhado, bem-apessoado, bem-nascido, bem-querer, bem-visto
circum-, circun- (ao redor de, em torno de)	circuncentro, circunscrever, circunvizinhança, circunvagar

prefixo e significado	exemplos
cis- (posição aquém, do lado de cá)	cisandino, cisplatino, cisalpino
co-, **com-** (contiguidade, companhia, agrupamento)	coabitar, coadjuvante, coadquirir, condiscípulo, combater, correligionário, conjurar, consoante, confluência, compor, cooperar, corroborar, conviver, coirmão, co-herdeiro
contra- (oposição, ação conjunta, proximidade)	contra-atacar, contra-argumento, contradizer, contrapor, contraprova, contrabalançar, contracheque, contracultura, contraexemplo, contracapa, contracanto, contramestre
de- (movimento de cima para baixo)	decrescer, decompor, depor, depender, decapitar, deliberar, decair
des- (separação, ação contrária, negação, privação)	despedaçar, desfazer, desumano, desintegrar, desigual, desconforme, desobedecer, desmatar, desenganar, desunião, desfolhar
(às vezes, serve apenas para reforço)	desafastar, desinfeliz, desinquieto
dis-, **di-** (separação, movimento para diversos lados, negação)	difícil, dissidente, dilacerar, disseminar, distender, disforme, dissabor, divagar, difundir
e-, **es-**, **ex-** (movimento para fora, separação, transformação)	emigrar, evadir, expor, exportar, exprimir, expatriar, extrair, esquentar, esfriar, esburacar, ex-presidente, ex-ministro, ex--namorada
en-, **em-**, **i-**, **in-**, **im-** (posição interior, movimento para dentro)	enraizar, enterrar, embarcar, embeber, imigrar, irromper, importar
entre-, **inter-** (posição intermediária, reciprocidade)	entreabrir, entrechoque, entrelaçar, entrevista, entretela, entrever, interação, intercâmbio, intervir, interromper, intercalar
extra- (posição exterior, fora de)	extraconjugal, extrajudicial, extraoficial, extraordinário, extranumerário, extraterrestre, extravasar, extraviar
i-, **in-**, **im-** (negação, privação)	imoderado, inalterado, ilegal, ilegítimo, irrestrito, incômodo, inútil, incapaz, impuro, impróprio
intra- (posição interior)	intrapulmonar, intravenoso, intraocular
intro- (movimento para dentro)	introduzir, intrometer, intrometido, introverter, introjeção, intros-pecção
justa- (posição ao lado)	justapor, justaposição, justalinear
mal- (de forma irregular, desagradável ou escassa)	mal-humorado, mal-educado, mal-arrumado, mal-assombrado, malfeito, mal-assado, mal-aventurança, malcriado
ob-, **o-** (posição em frente, diante, oposição)	objeto, obstar, obstáculo, obstruir, obstrução, opor, oposição
per- (movimento através)	perpassar, percorrer, percurso, perfurar, perseguir, perdurar
pos-, **pós-** (posterioridade, posição posterior)	posfácio, pospor, pós-escrito, pós-graduação, pós-eleitoral
pre-, **pré-** (anterioridade, antecedência)	premeditar, preestabelecer, predizer, predispor, pré-história, pré-adolescente, pré-amplificador
pro-, **pró-** (movimento para a frente, a favor de)	promover, propelir, progredir, progresso, proeminente, proclamar, prosseguir, pró-socialista, pró-britânico, pró-anistia
re- (movimento para trás, repetição)	refluir, reagir, reaver, re-editar, recomeçar, reviver, renascer, reanimar
retro- (movimento para trás)	retroação, retrocesso, retroceder, retroativo, retrógrado, retrospectivo, retrovisor

prefixo e significado	exemplos
semi- (metade de, quase, que faz o papel de)	semicírculo, semibreve, semicondutor, semiconsciente, semiescravidão, semianalfabeto, semivogal, semimorto
sob-, **so-**, **sub-**, **su-** (movimento de baixo para cima, inferioridade, quase, em direção a)	sobraçar, soerguer, soterrar, sujeitar, subjugar, submeter, subalimentado, subdesenvolvimento, subliteratura, sub-humano, submarino, subverter
sobre-, **super-**, **supra-** (posição acima ou em cima, excesso, superioridade)	sobrepor, superpor, sobrescrito, sobrescrever, sobrevir, supersensível, super-homem, supermercado, superdotado, supercivilização
soto-, **sota-** (debaixo, posição inferior)	sotopor, sota-vento, sota-proa, sota-voga, soto-soberania
tras-, **tres-**, **trans-** (movimento ou posição para além de, através)	traspassar ou transpassar, trasbordar ou transbordar, tresandar, tresvariar, transatlântico, transalpino, transandino, transplantar
ultra- (posição além de, em excesso)	ultrapassar, ultramar, ultravioleta, ultramicroscópico, ultraconservador, ultrarromântico, ultrassom, ultrassofisticado
vice- (em lugar de, em posição imediatamente inferior)	vice-presidente, vice-diretor, vice-cônsul, vice-almirante, vice-rei, vice-campeão, vice-artilheiro

PREFIXOS GREGOS

prefixo e significado	exemplos
an-, **a-** (privação, negação)	anarquia, anônimo, ateu, acéfalo, amoral, anestesia, afônico, anemia
an(a)- (movimento de baixo para cima, movimento inverso, repetição, afastamento, intensidade)	anacronismo, anagrama, análise, anabatista, anáfora, analogia, anatomia, anafilaxia
anf(i)- (de um e de outro lado, ao redor)	anfiteatro, anfíbio, anfípode
ant(i)- (ação contrária, oposição)	antagonista, antítese, antiaéreo, antípoda, antídoto, antipatia, anticonstitucional, anticorpo, antifebril, antimonárquico, antissocial
ap(o)- (afastamento, separação)	apóstata, apogeu, apóstolo
arc(a), **arce-**, **arque-**, **arqui-** (superioridade, primazia)	arcanjo, arquiduque, arquétipo, arcebispo, arquimilionário
cata- (movimento de cima para baixo, oposição, em regressão)	cataclismo, catacumba, catarro, catástrofe, catadupa, catacrese, catálise, catarata
di(a)- (através, por meio de, separação)	diagnóstico, diálogo, dialeto, diâmetro, diáfano
dis- (mau estado, dificuldade)	dispneia, disenteria, dislalia, dispepsia
ec-, **ex-** (movimento para fora)	eclipse, exantema, êxodo
en-, **e-**, **em-** (posição interior, dentro)	encéfalo, emplastro, elipse, embrião
end(o)- (movimento para dentro, posição interior)	endocarpo, endotérmico, endoscópio
ep(i)- (posição superior, sobre, movimento para, posterioridade)	epiderme, epígrafe, epílogo, epicarpo, epidemia
eu-, **ev-** (bem, bom)	eufonia, eugenia, eufemismo, euforia, eutanásia, evangelho
hiper- (posição superior, excesso, além)	hipérbole, hipertensão, hipercrítico, hiperdesenvolvimento, hiperestesia, hipermercado, hipermetropia, hipertrofia, hipersônico

prefixo e significado	exemplos
hip(o)- (posição inferior, escassez)	hipodérmico, hipótese, hipocalórico, hipogeu, hipoglicemia, hipotensão, hipoteca
met(a)- (mudança, sucessão, posterioridade, além)	metáfora, metamorfose, metafísica, metonímia, metacarpo, metátese, metempsicose
par(a)- (perto, ao lado de, elemento acessório)	paradoxo, paralelo, parágrafo, paramilitar, parábola, parâmetro
peri- (movimento ou posição em torno)	perífrase, periferia, período, perianto, pericarpo
pro- (movimento para diante, posição em frente ou anterior)	programa, prólogo, prognóstico, pródromo, próclise
sin-, **sim-** (ação conjunta, companhia, reunião, simultaneidade)	sinestesia, sincronia, síntese, sinônimo, sinfonia, simpatia, sintaxe

PREPOSIÇÕES E ADVÉRBIOS QUE VÊM SENDO USADOS COMO PREFIXOS

preposição/advérbio e significado	exemplos
sem- (falta, privação, ausência)	sem-amor, sem-terra, sem-teto, sem-fim, sem-vergonha, sem--família
quase- (perto, aproximadamente, por pouco, pouco menos)	quase-delito, quase-equilíbrio, quase-posse, quase-suicida
não- (negação por exclusão)	não-alinhado, não-euclidiano, não-violência, não-engajamento, não-essencial, não-ficção, não-metal, não-participante

Atividades

1. Substitua cada conjunto destacado por uma única palavra, formada por prefixação.

a) O juiz **lerá novamente** os documentos do processo.

b) É necessário **fazer outra vez** todos os cálculos.

c) Depois de vários anos, vou **tornar a ver** meus pais.

d) Não havia motivo para **pôr** os interesses individuais **antes** dos interesses coletivos.

e) Deixou a todos **sem proteção**.

f) Seu comportamento **despido de honestidade** foi punido.

g) Queria uma liberdade **sem restrições**.

h) Os documentos foram **datados com antecedência**.

i) Depois de **passar além** destes limites, descansaremos.

j) Foi construída uma passagem **debaixo da terra** para evitar atropelamentos.

k) **Passe uma linha por baixo** das palavras cujo significado você desconhece.

l) Descobriram restos de homens **que viveram antes do período histórico** no Piauí.

m) Há rastros de animais **que viveram antes do Dilúvio** naquela região.

n) As civilizações **que existiam antes da chegada de Cristóvão Colombo** deixaram marcas na vida da América do Sul.

o) Precisava tomar injeções **dentro do músculo**.

2. Em cada item há dois grupos de palavras que podem ser substituídos por palavras formadas por prefixação. Proceda como no exercício anterior e, em seguida, crie frases com as palavras obtidas.

a) diz-se do que está debaixo da **terra**:
diz-se de quem é da mesma **terra**:

b) passar uma **linha** por baixo de uma palavra:
dispor em **linha** reta (em fileira ou um elemento ao lado de outro):

c) diz-se de quem viveu antes do período **histórico**:
diz-se do que é contrário à **história**:

d) diz-se de quem (ou do que) viveu antes do **Dilúvio**:
diz-se do que é posterior ao **Dilúvio**:

e) diz-se de quem viveu antes da chegada de Cristóvão **Colombo**:
diz-se de quem viveu após a chegada de Cristóvão **Colombo**:

f) diz-se do **emprego** que não oferece condições favoráveis ao trabalhador:
diz-se da falta de **emprego**:

3. Baseando-se em seu conhecimento do valor dos prefixos, procure explicar o significado das seguintes palavras:

a) re-encontro, desencontro
b) premeditar, pressentir
c) importar, exportar
d) imigrante, emigrante
e) imergir, emergir, submergir
f) intersecção
g) imoral, amoral
h) circunlóquio, colóquio
i) cisandino, cisalpino, transandino, transalpino
j) cogestão
k) digressão, regressão, progressão
l) expatriar, repatriar
m) introvertido, extrovertido
n) prefácio, posfácio
o) refluxo, defluxo
p) introspecção, retrospecção
q) subestimar, sobre-estimar
r) ultraleve

7. Sufixos

Os sufixos são capazes de modificar o significado do radical a que são acrescentados. Uma de suas principais características é a de mudar a classe gramatical da palavra a que se agregam. Por isso vamos observar os principais sufixos da língua portuguesa em relações que colocam em evidência as diversas classes de palavras envolvidas no processo de derivação. Perceba que, como o sufixo é colocado depois do radical, a ele são incorporadas as desinências que indicam as flexões das palavras variáveis.

Formam substantivos a partir de outros substantivos

-ada

a. ferimento, golpe ou marca produzida por instrumento:

facada, punhalada, navalhada, martelada, pedrada, bicada, chifrada, dentada, unhada, penada, pincelada

b. medida ou quantidade:

garfada, batelada, fornada, tigelada, carrada, colherada

c. multidão:

boiada, carneirada, estacada, ramada, papelada, meninada

d. alimentos ou bebidas:

cajuada laranjada limonada cocada
marmelada goiabada feijoada

e. movimentos ou atos rápidos, enérgicos ou de duração prolongada:

risada gargalhada cartada jornada noitada temporada

-ado, -ato

▶ títulos honoríficos, territórios governados, cargos elevados, instituições:

viscondado arcebispado principado pontificado protetorado condado almirantado
eleitorado apostolado noviciado bacharelado reitorado consulado clericato
tribunato sindicato triunvirato baronato cardinalato

-agem

a. noção coletiva:

folhagem ferragem plumagem ramagem pastagem

b. ação ou resultado da ação; estado:

aprendizagem ladroagem vadiagem

-al

a. sentido coletivo:

bananal cafezal feijoal batatal laranjal morangal
pinhal olival jabuticabal areal lamaçal lodaçal

b. relação, pertinência:

dedal portal pantanal

-alha

▶ noção coletiva de valor pejorativo:

gentalha canalha politicalha miuçalha

-ama, -ame

▶ noção coletiva ou de quantidade:

dinheirama mourama velame vasilhame cordame

-aria, -eria

a. ramo de negócio ou estabelecimento:

chapelaria livraria alfaiataria drogaria
tinturaria confeitaria leiteria sorveteria

b. noção coletiva:

pedraria sacaria caixaria fuzilaria
gritaria infantaria (ou infanteria)

c. atos ou resultados dos atos de certos indivíduos:

patifaria velhacaria pirataria galantaria (ou galanteria)

-ário

a. atividade, ofício, profissão:

boticário operário secretário bancário

b. lugar onde se coloca algo:

campanário aquário relicário vestiário

c. noção coletiva:

rimário anedotário erário

-edo

a. sentido coletivo:

arvoredo vinhedo olivedo passaredo

b. objeto isolado, de grande vulto:

penedo rochedo

-eiro, -eira

a. ofícios e ocupações:

barbeiro sapateiro parteira peixeiro carteiro bombeiro
sineiro toureiro marinheiro livreiro copeiro pedreiro

b. nomes de árvores ou arbustos:

cajueiro laranjeira roseira amendoeira coqueiro cafeeiro
pessegueiro mangueira jaqueira goiabeira craveiro figueira
castanheiro (ou castanheira) espinheiro (ou espinheira)

c. objetos ou lugares que servem para guardar:

cigarreira manteigueira paliteiro cinzeiro tinteiro
compoteira açucareiro agulheiro saladeira

d. objetos de uso pessoal em geral:

pulseira perneira joelheira munhequeira banheira chuteira

e. noção coletiva, de quantidade ou de intensidade:

nevoeiro poeira lameira chuveiro pedreira
carvoeira ostreira vespeiro formigueiro cabeleira

-ia

a. profissão, dignidade ou lugar onde se exerce profissão:

advocacia baronia chefia chancelaria
delegacia reitoria diretoria

b. sentido coletivo:

confraria clerezia penedia

-io

▶ noção coletiva:

mulherio rapazio poderio gentio

-ite

▶ inflamação:

bronquite gastrite rinite estomatite esplenite
otite enterite

-ugem

▶ semelhança ou ideia de porção:

ferrugem lanugem penugem babugem

-ume

a. noção coletiva, de quantidade ou intensidade:

cardume negrume azedume chorume

b. ação ou resultado da ação:

curtume urdume

Formam substantivos de adjetivos

Os substantivos derivados de adjetivos indicam qualidades, propriedades ou estados.

-dade

crueldade maldade bondade divindade sociedade umidade
liberalidade fragilidade facilidade legalidade amabilidade possibilidade
solubilidade

-dão

mansidão podridão escuridão gratidão

-ez, -eza

altivez mudez surdez sordidez intrepidez honradez
mesquinhez pequenez pureza firmeza nobreza fraqueza
estranheza delicadeza sutileza

-ia

valentia ufania cortesia alegria melhoria

-ice, -ície

velhice meninice criancice beatice tolice modernice
calvície canície planície imundice (ou imundície)

-or

alvor amargor dulçor negror

-tude

amplitude magnitude latitude longitude

-ura

brancura amargura loucura frescura
verdura doçura largura espessura

Formam substantivos de verbos

-ança (-ância), -ença (-ência)

- nomes de ação ou de resultados dela; nomes de estado:

esperança lembrança vingança constância importância relevância crença
descrença diferença detença regência conferência obediência

-ante, -ente, -inte

- agente:

ajudante emigrante navegante combatente pretendente ouvinte pedinte

Em muitos casos, houve especialização de sentido:

poente restaurante estante minguante vazante afluente

-dor, -tor, -sor, -or

- nome de agente ou de instrumento:

roedor salvador pescador carregador tradutor jogador
poupador investidor investigador inspetor regador aquecedor
raspador interruptor disjuntor revisor

-ção, -são, -ão

- ação ou resultado dela:

coroação nomeação posição traição adulação consolação obrigação
negação declaração audição solução invocação extensão agressão
repercussão discussão puxão arranhão escorregão

-douro, -tório

- lugar ou instrumento para prática da ação:

miradouro ancoradouro desaguadouro logradouro matadouro bebedouro
babadouro purgatório dormitório laboratório vomitório oratório

-dura, -tura, -sura

- resultado ou instrumento da ação:

atadura armadura escritura fechadura clausura urdidura
benzedura mordedura torcedura pintura magistratura formatura

-mento

- ação, resultado da ação ou instrumento:

acolhimento apartamento pensamento conhecimento convencimento esquecimento fingimento
impedimento ferimento ornamento instrumento armamento fardamento

Formam substantivos e adjetivos de outros substantivos e adjetivos

-ismo

a. doutrinas ou sistemas religiosos, filosóficos, políticos, artísticos:

calvinismo bramanismo budismo materialismo espiritismo socialismo
capitalismo federalismo gongorismo simbolismo modernismo impressionismo

b. maneira de proceder ou de pensar:

heroísmo pedantismo patriotismo servilismo ufanismo
nepotismo filhotismo arrivismo oportunismo revanchismo

c. formas de expressão que apresentam particularidades:

vulgarismo latinismo galicismo arcaísmo neologismo
solecismo barbarismo

d. terminologia científica:

magnetismo galvanismo alcoolismo reumatismo traumatismo

-ista

a. sectários de certas doutrinas:

calvinista bramanista budista materialista espiritista socialista
capitalista federalista gongorista simbolista modernista impressionista

b. ofícios, agentes:

flautista florista telefonista maquinista
latinista dentista acionista tenista
esportista

c. adeptos de determinadas formas de agir ou pensar:

oportunista golpista saudosista emancipacionista
revanchista arrivista desenvolvimentista

d. nomes pátrios ou indicadores de origem:

nortista sulista paulista santista
campista

OBSERVAÇÃO

A relação entre as palavras formadas pelos sufixos *-ismo* e *-ista* é óbvia:

modernismo/modernista
calvinismo/calvinista

Note, no entanto, que não é uma relação obrigatória:

protestantismo/protestante
maometismo/maometano
islamismo/islamita

Formam adjetivos de substantivos ou de outros adjetivos

-aco

▶ estado íntimo; pertinência; origem:

maníaco demoníaco austríaco siríaco

-ado

a. provido, cheio de:

barbado ciliado dentado

b. que tem caráter de:

adamado afeminado amarelado avermelhado

-aico

▶ referência, pertinência; origem:

prosaico onomatopaico judaico caldaico aramaico

-al, -ar

▶ relação, pertinência:

dorsal causal substancial anual pessoal escolar palmar
vulgar solar lunar consular familial (ou familiar)

-ano

a. pertinência; proveniência; relação com:

humano mundano serrano

b. adeptos de doutrinas estéticas, religiosas, filosóficas:

maometano luterano anglicano camoniano shakespeariano horaciano

c. nomes pátrios:

americano baiano pernambucano peruano prussiano
açoriano alentejano

-ão

▶ proveniência, origem:

alemão coimbrão beirão aldeão

-eiro, -ário

▶ relação; posse; origem:

verdadeiro rasteiro costeiro originário ordinário diário subsidiário
tributário mineiro brasileiro

-engo, -enho, -eno

- relação; procedência, origem:

mulherengo avoengo solarengo flamengo ferrenho estremenho madrilenho
panamenho portenho nazareno terreno tirreno chileno

-ento

- provido ou cheio de; que tem o caráter de:

sedento rabugento peçonhento cinzento ciumento corpulento turbulento
opulento barrento vidrento

-ês, -ense

- relação; procedência, origem:

francês inglês genovês milanês escocês irlandês paraense
cearense maranhense vienense parisiense catarinense forense

-eo

- relação; semelhança; matéria:

róseo férreo

-esco, -isco

- referência; semelhança:

burlesco dantesco mourisco

-este, -estre

- relação:

agreste celeste campestre terrestre alpestre silvestre

-eu

- relação; procedência, origem:

europeu judeu caldeu hebreu filisteu cananeu

-ico, ício

- relação; procedência:

bíblico melancólico pérsico céltico britânico ibérico geométrico
alimentício natalício

-il

- referência; semelhança:

febril infantil senhoril servil varonil estudantil fabril

-ino

- relação; origem; natureza:

argentino florentino bizantino cristalino leonino alabastrino
diamantino londrino bovino

-ita

- relação; origem:

ismaelita israelita jesuíta

-onho

- propriedade; hábito:

medonho risonho enfadonho tristonho

-oso

- provido, cheio de; que provoca:

orgulhoso furioso desejoso rigoroso noticioso leitoso sulfuroso
montanhoso pedregoso temeroso lamentoso lastimoso vergonhoso angustioso

-tico

- relação:

aromático problemático asiático rústico

-udo

- provido de, cheio de ou com a forma de, muitas vezes com ideia de desproporção:

sisudo pontudo bicudo peludo cabeludo narigudo espadaúdo
repolhudo bochechudo carnudo polpudo

Formam adjetivos de verbos

-ante, -ente, -inte

- ação; qualidade; estado:

semelhante tolerante doente resistente
constituinte seguinte

-io, -ivo

- ação; referência; modo de ser:

escorregadio erradio fugidio tardio prestadio pensativo lucrativo
fugitivo afirmativo negativo acumulativo

-iço, ício

- - referência; possibilidade de praticar ou sofrer ação:

abafadiço movediço quebradiço alagadiço metediço acomodatício
factício translatício sub-reptício

-doiro, -douro, -tório

- ação, muitas vezes de valor futuro; pertinência:

casadoiro duradouro vindouro inibitório preparatório emigratório

-vel

- possibilidade de praticar ou sofrer ação:

desejável vulnerável remediável substituível suportável louvável admissível
reduzível removível corrigível discutível

Forma advérbios de adjetivos

-mente

justamente vaidosamente livremente burguesmente perigosamente
firmemente fracamente

Formam verbos de substantivos e adjetivos

-ar

murar jardinar telefonar ancorar ordenar almoçar

-ear

sapatear floretear golpear saborear saquear mastrear
folhear sanear clarear

-ejar

lacrimejar gotejar gaguejar voejar

-entar

amolentar aformosentar

-ecer, -escer

favorecer escurecer florescer rejuvenescer

-ficar

falsificar petrificar exemplificar fortificar dignificar purificar

-ilhar

dedilhar fervilhar

-inhar

escrevinhar cuspinhar

-iscar

chuviscar lambiscar

-itar

saltitar dormitar

-izar

organizar civilizar
harmonizar fertilizar
esterilizar tranquilizar
vulgarizar simpatizar
economizar arborizar

OBSERVAÇÃO

Os verbos novos da língua são criados pelo acréscimo da terminação *-ar* a substantivos e adjetivos. Essa terminação é formada pela vogal temática da primeira conjugação seguida pela desinência do infinitivo impessoal, atuando como um verdadeiro sufixo.

Os demais sufixos costumam conferir detalhes de significado aos verbos que formam. Observe:

- *-ear*: indica ação repetida (*cabecear, folhear*) ou ação que se prolonga (*clarear*). O mesmo acontece com *-ejar*: *gotejar, velejar*.
- *-entar*: indica processo de atribuição de uma qualidade ou estado (*amolentar*). O mesmo se dá com *-ficar* e *-izar*: *clarificar, solidificar*; *civilizar, atualizar*.
- *-iscar*: indica ação repetida e diminuída: *chuviscar, lambiscar*. O mesmo ocorre com *-itar* (*dormitar, saltitar*), *-ilhar* e outros. No caso de *-inhar*, muitas vezes há sentido depreciativo, como em *escrevinhar*.

Sufixos aumentativos

-ão, -eirão, -alhão, -zarrão

casarão caldeirão paredão chapeirão grandalhão
vagalhão homenzarrão

-aça, -aço, -uça

barcaça barbaça ricaço doutoraço mulheraço dentuça

-alha

fornalha

-anzil

corpanzil

-aréu

fogaréu povaréu mundaréu

-arra, -orra

bocarra naviarra beiçorra cabeçorra

-astro

medicastro poetastro

-az, -alhaz, -arraz

ladravaz linguaraz fatacaz machacaz facalhaz pratarraz

Sufixos diminutivos

-acho, -icho, -icha, -ucho

riacho, fogacho, governicho, barbicha, gorducho, papelucho, casucha

-ebre

casebre

-eco, -eca, -ico, -ica

livreco, soneca, padreco, burrico, marica

-ejo

lugarejo, animalejo

-ela

ruela, viela, magricela

-elho, -ilho, -ilha

folhelho, rapazelho, pecadilho, tropilha

-ete, -eta, -eto

tiranete, fradete, artiguete, lembrete, diabrete, saleta, lingueta, esboceto

-inho, -inha, -zinha, -zinho

livrinho, pratinho, branquinho, novinho, bonitinho, toquinho, caixinha, florzinha, vozinha

-im

espadim, lagostim, camarim, fortim

-ino

pequenino

-isco, -usco

chuvisco, petisco, velhusco

-ito, -ita, -zito, -zita

casita, rapazito, copito, amorzito, jardinzito, florzita

-ola

rapazola, bandeirola, portinhola, fazendola

OBSERVAÇÃO

É fácil notar que muitas vezes os sufixos aumentativos e diminutivos sugerem deformidade (como em *beiçorra*, *cabeçorra*), admiração (*carrão*), desprezo (*asneirão*, *poetastro*, *artiguete*), carinho (*paizinho*, *pequenino*), intensidade (*alegrinho*), ironia (*safadinha*) e vários outros matizes semânticos. No caso dos sufixos pertencentes ao último grupo apresentado, temos a formação de diminutivos eruditos – diretamente importados do latim –, os quais são muito usados na terminologia científica.

-ote, -oto, -ota

rapazote caixote velhote fidalgote saiote
perdigoto velhota

-ulo, -ula, -culo, -cula

glóbulo grânulo nódulo célula corpúsculo minúsculo
homúnculo montículo opúsculo versículo radícula gotícula
partícula película questiúncula cânula

Atividades

1. Responda a cada um dos itens a seguir com uma palavra formada por sufixação. Como se chama:

a) o golpe dado com a cabeça?
b) um grupo de rapazes?
c) o conjunto de eleitores de uma dada região?
d) a ação de lavar?
e) uma plantação de jabuticabeiras?
f) um grupo de políticos desonestos?
g) o estabelecimento onde se vendem queijos?
h) o comerciante de queijos?
i) a planta cujo fruto é o café?
j) o recipiente onde se guarda manteiga?

2. Substitua os verbos destacados por substantivos formados por derivação. Faça todas as modificações necessárias para obter frases inteligíveis.

a) Todos **decidiram** manter as reivindicações.
b) Todos decidiram **manter** as reivindicações.
c) Esperamos que os prazos estipulados **sejam cumpridos**.
d) Atenderemos a todos de acordo com a ordem segundo a qual **chegaram**. Não haverá exceções.
e) Continuaremos até que **tenhamos obtido** êxito.
f) Os moradores querem que as obras **sejam continuadas**.
g) Os representantes dos países envolvidos no processo recomendaram que as contas **fossem bloqueadas**.
h) Os representantes dos países envolvidos no processo **recomendaram** que as contas fossem bloqueadas.

3. Substitua as expressões destacadas por nomes formados por sufixação. Faça todas as modificações necessárias para obter frases inteligíveis.

a) **Aqueles que mantêm** esta entidade decidiram tomar providências **que saneiem** suas finanças.
b) É um candidato **que não se pode eleger**. Suas ideias privilegiam **aqueles que desrespeitam** as instituições.
c) **Aquelas que conduzem** o movimento **de reivindicação** devem ser cercadas por medidas que as protejam.
d) **Os que venceram** a competição receberão prêmios **que não se podem descrever**.
e) A presença **dos que defendem** nossa posição é fator **de que não se pode prescindir**.
f) Foi uma decisão que agradou aos que lutam para que a floresta **seja preservada**.
g) Ele entrou **de forma atabalhoada**.

4. Não é apenas na norma culta de nossa língua que os sufixos são usados para formar novas palavras: isso acontece também na língua portuguesa do cotidiano e dos veículos de comunicação de massa. Baseado em seu conhecimento do valor dos sufixos, explique o sentido das seguintes palavras:

a) tietar, tietagem
b) badalação, esnobação
c) sanduicheria, danceteria
d) roqueiro, grafiteiro
e) pichador, pichação
f) prefeiturável, ministeriável, presidenciável
g) carreata
h) bacanão, durão

Textos para análise

1

Seu "Afredo"

Seu Afredo (ele sempre subtraía o *l* do nome, ao se apresentar com uma ligeira curvatura: "Afredo Paiva, um seu criado...") tornou-se inesquecível à minha infância porque tratava-se muito mais de um linguista que de um encerador. Como encerador, não ia lá muito bem das pernas. Lembro-me que sempre depois de seu trabalho, minha mãe ficava passeando pela sala com uma flanelinha debaixo de cada pé, para melhorar o lustro. Mas como linguista, cultor do vernáculo e aplicador de sutilezas gramaticais, seu Afredo estava sozinho.

Tratava-se de um mulato quarentão, ultrarrespeitador, mas em quem a preocupação linguística perturbava às vezes a colocação pronominal. Um dia, numa fila de ônibus, minha mãe ficou ligeiramente ressabiada quando seu Afredo, casualmente de passagem, parou junto a ela e perguntou-lhe à queima-roupa, na segunda do singular:

– Onde *vais* assim tão elegante?

Nós lhe dávamos uma bruta corda. Ele falava horas a fio, no ritmo do trabalho, fazendo os mais deliciosos pedantismos que já me foi dado ouvir. Uma vez, minha mãe, em meio à lide caseira, queixou-se do fatigante ramerrão do trabalho doméstico. Seu Afredo virou-se para ela e disse:

– Dona Lídia, o que a senhora precisa fazer é ir a um médico e tomar a sua quilometragem. Diz que é muito bão.

De outra feita, minha tia Graziela, recém-chegada de fora, cantarolava ao piano enquanto seu Afredo, acocorado perto dela, esfregava cera no soalho. Seu Afredo nunca tinha visto minha tia mais gorda. Pois bem: chegou-se a ela e perguntou-lhe:

– Cantas?

Minha tia, meio surpresa, respondeu com um riso amarelo:

– É, canto às vezes, de brincadeira...

Mas um tanto formalizada, foi queixar-se a minha mãe, que lhe explicou o temperamento do nosso encerador:

– Não, ele é assim mesmo. Isso não é falta de respeito, não. É excesso de... gramática.

Conta ela que seu Afredo, mal viu minha tia sair, chegou-se a ela com ar disfarçado e falou:

– Olhe aqui, dona Lídia, não leve a mal, mas essa menina, sua irmã, se ela pensa que pode cantar no rádio com essa voz, 'tá redondamente enganada. Nem programa de calouro!

E a seguir, ponderou:

– Agora, piano é diferente. Pianista ela é!

E acrescentou:

– *Eximinista* pianista!

Setembro de 1953

MORAES, Vinicius de. *Poesia completa e prosa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998. p. 979-80.

Trabalhando o texto

1. Identifique o sufixo presente nas palavras *aplicador* e *encerador* e indique o tipo de modificação que produz nas palavras primitivas.

2. Identifique o afixo que surge na palavra *curvatura* e explique que tipo de modificação ele introduz na palavra primitiva.

3. Indique o afixo presente na palavra *sutileza* e explique que tipo de modificação ele introduz na palavra primitiva.

4. *Flanelinha* e *quarentão* apresentam que tipo de sufixos? Que noção esses afixos indicam nessas palavras, no contexto em que são empregadas no texto?

5. Aponte os afixos presentes na palavra *ultrarrespeitador* e explique as modificações que introduzem na palavra primitiva.

6. Explique o processo de formação da palavra *inesquecível*.

7. Qual a diferença de sentido entre *cantar* e *cantarolar*?

8. Retire do texto um caso de derivação regressiva.

9. Observe a última fala de seu Afredo no texto e explique por que a palavra aí destacada provoca humor.

10. Explique por que a "preocupação linguística" de seu Afredo "perturbava às vezes a colocação pronominal". Por que o problema de seu Afredo era "excesso de gramática"?

2

Para mascar com *chiclets*

Quem subiu, no novelo *do chiclets*,
ao fim do fio ou do desgastamento,
sem poder não sacudir fora, antes,
a borracha infensa e imune ao tempo;
imune ao tempo ou o tempo em coisa,
em pessoa, encarnado nessa borracha,
de tal maneira, e conforme ao tempo,
o *chiclets* ora se contrai ora se dilata,
e consubstante ao tempo, se rompe,
interrompe, embora logo se re-emende,
e fique a romper-se, a re-emendar-se,
sem usura nem fim, do fio de sempre.
No entanto quem, e saberente que ele
não encarna o tempo em sua borracha,
quem já ficou num primeiro *chiclets*
sem reincidir nessa coisa (ou nada).

2.

Quem pôde não reincidir no *chiclets*,
e saberente que não encarna o tempo:
ele faz sentir o tempo e faz o homem
sentir que ele homem o está fazendo.
Faz o homem, sentindo o tempo dentro,
sentir dentro do tempo, em tempo-firme,
e com que, mascando o tempo *chiclets*,
imagine-o bem dominado, e o exorcize.

MELO NETO, João Cabral de. *Poesias completas: 1940-1965*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986. p. 43.

Trabalhando o texto

1. Faça a depreensão dos morfemas presentes nas palavras *desgastamento* e *encarnado* e explique os processos de formação que lhes deram origem.
2. Quais afixos podem ser percebidos na palavra *consubstante*? Qual o sentido que tem essa palavra?
3. A aproximação das palavras *rompe* e *interrompe* revitaliza o valor do prefixo presente nesta última? Explique.
4. Retire do texto as palavras em que surge o prefixo *re-* e comente as modificações que ele produz nas palavras primitivas.
5. Qual o sentido da palavra *saberente*? Que tipo de afixo participa de sua formação?
6. É possível relacionar o prefixo presente na palavra *exorcizar* com o significado que tem essa palavra? Comente.
7. Os afixos são considerados um recurso muito eficiente para apresentar ideias e conceitos de forma sintética. Isso acontece no texto? Comente.
8. Explique a relação que o texto estabelece entre o *chiclets* e o tempo. Que tipo de dimensão adquire o ato de mascar *chiclets*?

3

Divulgação/Sesc/SP

Revista E. São Paulo: Sesc, ano 11, n. 12, jun. 2005. p. 16.

Trabalhando o texto

1. Indique os processos de formação de palavras presentes no texto.
2. Que efeito de sentido produz o processo de formação da palavra destacada em "democratização do *fazer* musical"?

4

Sociedade 24 horas

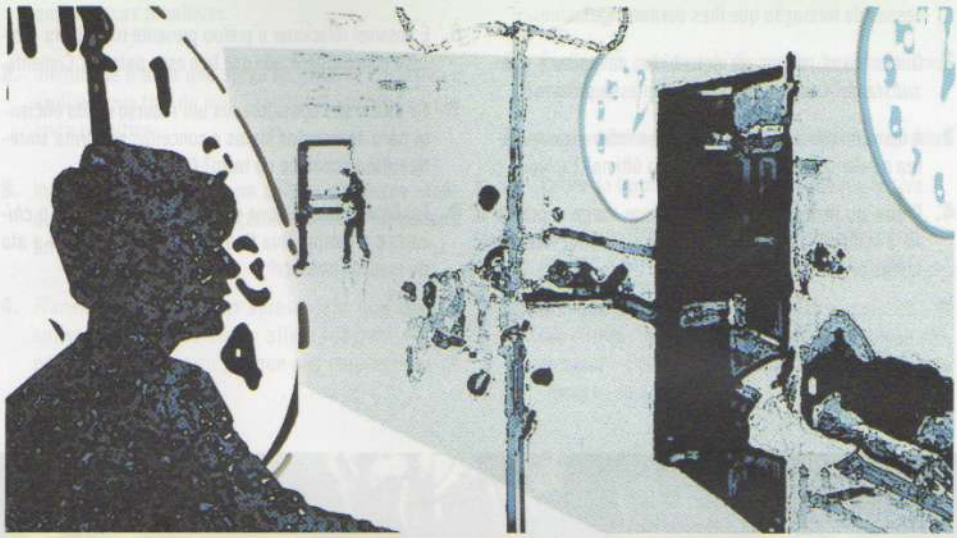

"A claridade do dia me incomoda, o barulho me impede de ter um sono tranquilo e o tempo de descanso é muito curto." A frase é de uma mulher de 45 anos que passa muitas noites em claro, não por insônia nem por diversão, mas porque é auxiliar de enfermagem de um hospital. Seu depoimento ilustra as dificuldades de quem trabalha à noite, em turnos regulares ou não. A maioria da população não tem ideia do que é isso e não se lembra de que, todas as noites, um grande número de pessoas trabalha para manter funcionando o atendimento de saúde, o tratamento de água e esgoto, a produção de alimentos, as lojas de conveniência, as portarias dos edifícios – a lista é enorme.

Poderíamos prescindir da produção e das atividades ininterruptas disponíveis 24 horas por dia? Apesar de ser uma tendência relativamente recente, surgida nos últimos dez anos, dificilmente abriríamos mão dessas conveniências.

MORENO, Claudia Roberta de Castro; FISHER, Frida Marina; ROTENBERG, Lúcia. Sociedade 24 horas. In: *Mente&cérebro: anatomia do sono*. São Paulo: Duetto, [s.d.], n. 13. p. 17.

Trabalhando o texto

1. Que substantivos do texto são formados de adjetivos?

2. Relacione os substantivos desse texto formados a partir de verbos.

a) Um desses substantivos é formado sem a adição de sufixo. Qual?

b) Destaque os sufixos dos demais substantivos e os significados que eles agregam à palavra primitiva.

3. Re-escreva alguns trechos do texto, substituindo as palavras destacadas por verbos. Faça as modificações necessárias para que as frases sejam inteligíveis.

a) "Seu **depoimento** ilustra as dificuldades de quem trabalha à noite, em turnos ou não."

b) "[...] um grande número de pessoas trabalha para manter funcionando o **atendimento** de saúde, o **tratamento** de água e esgoto, a **produção** de alimentos"

4. Re-escreva a frase a seguir, substituindo o verbo em destaque pelo adjetivo que se forma a partir dele. Faça as alterações necessárias para que a frase se torne inteligível.

"Poderíamos **prescindir** da produção e das atividades ininterruptas disponíveis 24 horas por dia?"

5. Como você justifica a utilização desse tipo de substantivo nesse texto?

8. Estudo da composição

A composição produz palavras compostas a partir da aproximação de palavras simples. As palavras simples são aquelas em que há um único radical, como *amor* e *perfeito*. Para que ocorra o processo de composição, é necessário estabelecer entre essas palavras um vínculo permanente, que faz com que surja um novo significado: é o que ocorre quando formamos o composto *amor-perfeito*, que dá nome a uma flor. O significado não é o mesmo da expressão *amor perfeito*, na qual cada palavra mantém seu significado original: trata-se do sentimento amoroso manifestado de forma perfeita. Em *amor-perfeito* há uma única palavra que dá nome a um organismo vegetal.

A composição também pode ser feita por meio do uso de radicais que não têm vida independente na língua. Isso ocorre basicamente na formação de palavras que recebem o nome de compostos eruditos por serem formadas com radicais gregos e latinos. É o caso, por exemplo, de *democracia*, *patogênese*, *alviverde*, *agricultura* e outras, usadas principalmente na nomenclatura técnica e científica.

Tipos de composição

Quanto à forma que adquire a palavra composta, costumam-se apontar dois tipos de composição:

a. composição por justaposição – ocorre quando os elementos que formam o composto são simplesmente colocados lado a lado (justapostos), sem que se verifique qualquer alteração fonética em algum deles:

segunda-feira	para-raio	corre-corre	guarda-roupa
amor-perfeito	pé-de-moleque	girassol	passatempo

O que caracteriza a justaposição é a manutenção da integridade sonora das palavras que formam o composto, e não a forma de grafá-lo: *passatempo* e *girassol*, apesar de serem escritos sem hífen, são compostos por justaposição;

1979 Paws, Inc. All Rights Reserved/Dist. by Atlantic Syndication/Universal Press Syndicate

DAVIS, Jim. *Garfield de bom humor 6*. Porto Alegre: L&PM, 2006. p. 100.

A palavra *varapau* é exemplo de composição por justaposição. Os substantivos *vara* e *pau* mantiveram sua integridade fonética ao formar a palavra composta que nomeia a peça de madeira forte e comprida. Em sentido figurado, no uso informal, designa a pessoa alta e magra.

b. composição por aglutinação – ocorre quando os elementos que formam o composto se aglutinam, o que significa que pelo menos um deles perde sua integridade sonora, sofrendo modificações. Observe os exemplos e note as transformações sofridas pelas palavras formadoras:

vinagre (vinho + acre)	aguardente (água + ardente)
pernalta (perna + alta)	planalto (plano + alto)

Também se incluem neste caso muitos compostos eruditos (como *retilíneo, crucifixo, ambidestro, demagogo* e outros), cuja identificação requer conhecimentos mais especializados.

As possibilidades de composição são imprevisíveis: podem-se formar compostos pelo relacionamento de palavras pertencentes a praticamente todas as classes gramaticais. Há, por exemplo, compostos formados por substantivo + substantivo (*porco-espinho*), substantivo + adjetivo (*amor-perfeito*), advérbio + adjetivo (*sempre-viva*), verbo + substantivo (*para-choque*).

A principal função do processo de composição é a criação de novas palavras para denominar novos objetos, conceitos ou ocupações. Essa função denominadora pode ser dada de forma descritiva ou metafórica. Palavras como *papel-alumínio, relógio-pulseira* ou *lava-louças* são descritivas porque buscam dar nome a objetos por meio de suas características ou finalidades mais relevantes. *Louva-a--deus* e *arranha-céu* são compostos de origem metafórica, pois resultam de um evidente uso figurado da linguagem.

O surgimento de novas palavras compostas na língua é constante, uma vez que a necessidade de encontrar nomes específicos para novos objetos e conceitos é ininterrupta. Dessa forma, podemos perceber na língua atual a transformação de expressões em novas palavras. Pense, por exemplo, na expressão *três em um* (que na linguagem publicitária já aparece "três-em-um"), que dá nome a certas combinações de aparelhos de som. Aliás, pense na própria expressão *aparelho de som*, que já é praticamente uma palavra composta (como *máquina de lavar* ou *máquina de costura*). Em alguns casos, podemos observar que já existe a consciência de que se está lidando com uma palavra composta, como é o caso de *ponto de vista* e *meio ambiente*.

Atividade

Identifique o processo de formação das seguintes palavras:

a) palidez
b) empalidecer
c) boquiaberto
d) mico-leão-dourado
e) invulnerável
f) pontiagudo
g) audiovisual
h) o recuo
i) o correntista fantasma

Radicais e compostos eruditos

O mecanismo da composição é utilizado para a formação de um tipo específico de palavras conhecidas como **compostos eruditos**, assim chamados porque em sua formação se utilizam elementos de origem grega e latina que foram diretamente importados dessas línguas. Por isso, esses compostos são também chamados de helenismos e latinismos eruditos. São palavras como *pedagogia* e *quiromancia* (formadas de elementos gregos) ou *arborícola* e *uxoricida* (formadas por elementos latinos), geralmente criadas para denominar objetos ou conceitos relacionados com as ciências e as técnicas. Muitas delas acabam se tornando cotidianas (*telefone, democracia* e *agricultura*, por exemplo).

Reprodução/Revista Pesquisa Fapesp

Pesquisa Fapesp. São Paulo: Fapesp, n. 112, jun. 2005. p. 98.

No título do livro, a palavra *cardiologia* está escrita de forma a destacar os elementos que a compõem: *cardio* (coração) e *logia* (tratado, ciência).

Apresentamos a seguir duas relações de radicais gregos e duas relações de radicais latinos. A primeira relação de radicais gregos e a primeira relação de radicais latinos agrupa os elementos formadores que geralmente são colocados no início dos compostos; a segunda relação de radicais agrupa, em cada caso, os elementos formadores que costumam surgir na parte final dos compostos. Adotamos esse procedimento a fim de facilitar seu trabalho de consulta: ao encontrar determinado exemplo na relação dos radicais que costumam ser o primeiro elemento do composto, você poderá mais rapidamente verificar o valor do segundo elemento na relação dos radicais que costumam figurar no final dos compostos. Atente para o fato de que determinados radicais **costumam** aparecer em determinadas posições nos compostos; nada os impede de surgir em posição diferente.

Alguns dos radicais que colocamos nas relações a seguir são considerados prefixos por alguns autores; outros estudiosos preferem chamá-los "elementos de composição". Acreditamos que essas questões terminológicas são pouco importantes para você, que tem objetivos mais práticos. Observe que muitas palavras que fazem parte de suas aulas de Biologia, Química e Física podem ser encontradas nas relações a seguir; observe, principalmente, que o conhecimento do significado dos elementos que as constituem muitas vezes nos ajuda a compreender os conceitos e seres que denominam.

RADICAIS GREGOS
ELEMENTOS QUE GERALMENTE SURGEM NA PARTE INICIAL DO COMPOSTO

radical e significado	exemplos
acr-, acro- (alto, elevado)	acrópole, acrofobia, acrobata
aer-, aero- (ar)	aeródromo, aeronauta, aeróstato, aéreo
agro- (campo)	agrologia, agronomia, agrografia, agromania
al-, alo- (outro, diverso)	alopatia, alomorfia
andr-, andro- (homem, macho)	androceu, andrógino, androide, androsperma
anemo- (vento)	anemógrafo, anemômetro
angel-, angelo- (mensageiro, anjo)	angelólatra, angelogia
ant-, anto- (flor)	antologia, antografia, antoide, antomania
antropo- (homem)	antropógrafo, antropologia, filantropo
aritm-, aritmo- (número)	aritmética, aritmologia, aritmomancia

radical e significado	exemplos
arque- (primeiro, origem)	arquétipo, arquegônio
arqueo- (antigo)	arqueografia, arqueologia, arqueozoico
aster-, astro- (estrela, astro)	asteroide, astrólogo, astronomia
auto- (próprio)	autocracia, autógrafo, autômato
bari-, baro- (peso)	barômetro, barítono, barisfera
biblio- (livro)	bibliografia, biblioteca, bibliófilo
bio- (vida)	biografia, biologia, macróbio, anfíbio
caco- (mau)	cacofonia, cacografia
cali- (belo)	califasia, caligrafia
cardi-, cardio- (coração)	cardiologia, cardiografia
cin-, cine-, cines- (movimento)	cinestesia, cinemática
core-, coreo- (dança)	coreografia, coreógrafo
cosmo- (mundo)	cosmógrafo, cosmologia
cript-, cripto- (escondido)	criptônimo, criptograma
cris-, criso- (ouro)	crisálida, crisântemo
crom-, cromo- (cor)	cromossomo, cromogravura, cromoterapia
crono- (tempo)	cronologia, cronômetro, cronograma
datilo- (dedo)	datilografia, datiloscopia
demo- (povo)	demografia, democracia, demagogia
dinam-, dinamo- (força, potência)	dinamômetro, dinamite
eco- (casa)	ecologia, ecossistema, economia
eletro- (âmbar, eletricidade)	elétrico, eletrômetro
enter-, entero- (intestino)	enterite, enterogastrite
ergo- (trabalho)	ergonomia, ergometria
estere-, estereo- (sólido, fixo)	estereótipo, estereografia
estomat-, estomato- (boca, orifício)	estomatite, estomatoscópio
etno- (raça)	etnografia, etnologia
farmaco- (medicamento)	farmacologia, farmacopeia
filo- (amigo)	filósofo, filólogo
fisio- (natureza)	fisiologia, fisionomia
fono- (voz)	eufonia, fonologia
fos-, foto- (luz)	fósforo, fotofobia
gastr-, gastro- (estômago)	gastrite, gastrônomo
gen-, geno- (que gera)	genótipo, hidrogênio
geo- (terra)	geografia, geologia
ger-, gero- (velhice)	geriatria, gerontocracia
helio- (sol)	heliografia, helioscópio
hemi- (metade)	hemisfério, hemistíquio
hemo-, hemato- (sangue)	hemoglobina, hematócrito
hetero- (outro)	heterônimo, heterogêneo

radical e significado	exemplos
hidro- (água)	hidrogênio, hidrografia
hier-, **hiero-** (sagrado)	hieróglifo, hierosolimita
hipo- (cavalo)	hipódromo, hipopótamo
homo-, **homeo-** (semelhante)	homeopatia, homógrafo, homogêneo
icono- (imagem)	iconoclasta, iconolatria
ictio- (peixe)	ictiófago, ictiologia
iso- (igual)	isócrono, isósceles
lito- (pedra)	litografia, litogravura
macro- (grande)	macrocéfalo, macrocosmo
mega-, **megalo-** (grande)	megatério, megalomaníaco
melo- (canto)	melodia, melopeia
meso- (meio)	mesóclise, Mesopotâmia
micro- (pequeno)	micróbio, microcéfalo, microscópio
miso- (que odeia)	misógino, misantropo
mito- (fábula)	mitologia, mitômano
necro- (morto)	necrópole, necrotério
neo- (novo)	neolatino, neologismo
neuro-, **nevr-** (nervo)	neurologia, nevralgia
odonto- (dente)	odontologia, odontalgia
ofi-, **ofio-** (cobra, serpente)	ofiologia, ofiomancia
oftalmo- (olho)	oftalmologia, oftalmoscópio
onomato- (nome)	onomatologia, onomatopeia
ornit-, **ornito-** (ave)	ornitologia, ornitoide
oro- (montanha)	orogenia, orografia
orto- (reto, justo)	ortografia, ortodoxo
oste-, **osteo-** (osso)	osteoporose, osteodermo
oxi- (ácido, agudo)	oxítona, oxígono, oxigênio
paleo- (antigo)	paleografia, paleontologia
pan- (todos, tudo)	panteísmo, pan-americano
pato- (doença, sentimento)	patologia, patogenético, patético
pedi-, **pedo-** (criança)	pediatria, pedologia
piro- (fogo)	pirólise, piromania, pirotecnia
pluto- (riqueza)	plutomania, plutocracia
poli- (muito)	policromia, poliglota, polígrafo, polígono
potamo- (rio)	potamografia, potamologia
proto- (primeiro)	protótipo, protozoário
pseudo- (falso)	pseudônimo, pseudópode
psico- (alma, espírito)	psicologia, psicanálise
quiro- (mão)	quiromancia, quiróptero
rino- (nariz)	rinoceronte, rinoplastia

radical e significado	exemplos
rizo- (raiz)	rizófilo, rizotônico
sider- (ferro)	siderólito, siderurgia
sismo- (abalo, tremor)	sismógrafo, sismologia
taqui- (rápido)	taquicardia, taquigrafia
tax-, **taxi-**, **taxio-** (ordem, arranjo)	taxiologia, taxidermia
tecno- (arte, ofício, indústria)	tecnologia, tecnocracia, tecnografia
tele- (longe)	telegrama, telefone, telepatia
teo- (deus)	teocracia, teólogo
term-, **termo-** (calor)	termômetro, isotérmico
tipo- (figura, marca)	tipografia, tipologia
topo- (lugar)	topografia, toponímia
xeno- (estrangeiro)	xenofobia, xenomania
xilo- (madeira)	xilógrafo, xilogravura
zoo- (animal)	zoógrafo, zoologia

NUMERAIS

radical e significado	exemplos
mon-, **mono-** (um)	monarca, monogamia
di- (dois)	dipétalo, dissílabo
tri- (três)	trilogia, trissílabo
tetra- (quatro)	tetrarca, tetraedro
pent-, **penta-** (cinco)	pentatlo, pentágono
hexa- (seis)	hexágono, hexâmetro
hepta- (sete)	heptágono, heptassílabo
octo- (oito)	octossílabo, octaedro
enea- (nove)	eneágono, eneassílabo
deca- (dez)	decaedro, decalitro
hendeca- (onze)	hendecassílabo, hendecaedro
dodeca- (doze)	dodecassílabo
icos- (vinte)	icosaedro, icoságono
hecto-, **hecato-** (cem)	hectoedro, hecatombe, hectômetro, hectograma
quilo- (mil)	quilograma, quilômetro
miria- (dez mil, inumerável)	miriâmetro, miríade, miriápode

ELEMENTOS QUE GERALMENTE SURGEM NA PARTE FINAL DO COMPOSTO

radical e significado	exemplos
-agogia (condução)	pedagogia, demagogia
-agogo (que conduz)	demagogo, pedagogo
-algia (dor)	cefalalgia, nevralgia

radical e significado	exemplos
-arca (que comanda)	heresiarca, monarca
-arquia (comando, governo)	autarquia, monarquia
-astenia (debilidade)	neurastenia, psicastenia
-céfalo (cabeça)	macrocéfalo, microcéfalo
-ciclo (círculo)	biciclo, hemiciclo
-cracia (poder)	democracia, plutocracia, gerontocracia
-derme (pele)	endoderme, epiderme
-doxo (que opina)	ortodoxo, heterodoxo
-dromo (lugar para correr)	hipódromo, velódromo
-edro (base, face)	pentaedro, poliedro
-eido, **-oide** (forma, semelhança)	caleidoscópio, asteroide, aracnoide
-fagia (ato de comer)	aerofagia, antropofagia
-fago (que come)	antropófago, necrófago
-filia (amizade)	bibliofilia, lusofilia
-fobia (inimizade, aversão)	fotofobia, hidrofobia
-fobo (que tem aversão)	xenófobo, zoófobo
-foro (que leva ou conduz)	fósforo, semáforo
-gamia (casamento)	monogamia, poligamia
-gamo (que casa)	bígamo, polígamo
-glota, **-glossa** (língua)	poliglota, isoglossa
-gono (ângulo)	pentágono, polígono
-grafia (escrita, descrição)	ortografia, geografia
-grafo (que escreve)	calígrafo, polígrafo
-grama (escrito, peso)	telegrama, quilograma
-logia (discurso, tratado, ciência)	arqueologia, fonologia
-logo (que fala ou trata)	diálogo, teólogo
-mancia (adivinhação)	necromancia, quiromancia
-mania (loucura, tendência)	megalomania, piromania
-mano (louco, inclinado)	bibliômano, mitômano
-maquia (combate)	logomaquia, tauromaquia
-metria (medida)	antropometria, biometria
-metro (que mede)	hidrômetro, pentâmetro
-morfo (que tem forma de)	antropomorfo, polimorfo
-nomia (lei, regra)	agronomia, astronomia
-nomo (que regula)	autônomo, metrônomo
-orama (espetáculo)	panorama, cosmorama
-peia (ato de fazer)	melopeia, onomatopeia
-pólis, **-pole** (cidade)	Petrópolis, metrópole
-ptero (asa)	díptero, helicóptero
-scopia (ato de ver)	macroscopia, microscopia

radical e significado	exemplos
-scópio (instrumento para ver)	microscópio, telescópio
-sofia (sabedoria)	filosofia, teosofia
-stico (verso)	dístico, monóstico
-teca (lugar onde se guarda)	biblioteca, discoteca
-terapia (cura)	fisioterapia, hidroterapia
-tomia (corte, divisão)	dicotomia, neurotomia
-tono (tensão, tom)	barítono, monótono
-trof, -trofia (nutrição)	atrofia, hipertrofia

RADICAIS LATINOS
ELEMENTOS QUE GERALMENTE SURGEM NA PARTE INICIAL DO COMPOSTO

radical e significado	exemplos
agri-, agro- (campo)	agrícola, agricultura
ali- (asa)	alígero, alípede, aliforme
alti- (alto)	altissonante, altiplano
alvi- (branco)	alviverde, alvinegro
ambi- (ambos)	ambidestro
api- (abelha)	apicultura, apiário, apícola
arbori- (árvore)	arborícola
auri- (ouro)	auriverde, auriflama
avi- (ave)	avicultura
bel-, beli- (guerra)	belígero, beligerante
bis-, bi- (duas vezes)	bisavô
calori- (calor)	calorífero
cent- (cem)	centavo, centena, centopeia
cruci- (cruz)	crucifixo
curvi- (curvo)	curvilíneo
equi- (igual)	equilátero, equivalência
ferri-, ferro- (ferro)	ferrovia
fili- (filho)	filicídio, filial
fratri-, frater- (irmão)	fratricida, fraternidade
igni- (fogo)	ignívomo
lati- (grande, largo)	latifoliado, latitúndio
loco- (lugar)	locomotiva
matri- (mãe)	matrilinear, matriarcal
maxi- (muito grande)	maxidesvalorização, maxissaia
mili- (mil, milésima parte)	milípede, milímetro
mini- (muito pequeno)	minissaia, minifúndio
morti- (morte)	mortífero

radical e significado	exemplos
multi- (muito)	multiforme, multidimensional
nocti- (noite, trevas)	noctívago, nocticolor
nubi- (nuvem)	nubívago, nubífero
oni- (todo)	onipotente
patri- (pai)	patrilinear, patrilocal
pedi- (pé)	pedilúvio
pisci- (peixe)	piscicultor
pluri- (muitos)	pluriforme, plurisseriado
quadri- (quatro)	quadrimotor, quadrúpede
reti- (reto)	retilíneo
tri- (três)	tricolor
umbri- (sombra)	umbrívago, umbrífero
uni- (um)	uníssono
uxori- (esposa)	uxório, uxoricida
vermi- (verme)	vermífugo

ELEMENTOS QUE GERALMENTE SURGEM NA PARTE FINAL DO COMPOSTO

radical e significado	exemplos
-cida (que mata)	regicida, fratricida
-cola (que cultiva ou habita)	vitícola, arborícola
-cultura (ato de cultivar)	apicultura, piscicultura
-fero (que contém ou produz)	aurífero, flamífero
-fico (que faz ou produz)	benéfico, frigorífico
-forme (que tem forma de)	cuneiforme, uniforme
-fugo (que foge ou que faz fugir)	centrífugo, febrífugo
-gero (que contém ou produz)	armígero, belígero
-paro (que produz)	multíparo, ovíparo
-pede (pé)	palmípede, velocípede
-sono (que soa)	horríssono, uníssono
-vago (que anda)	nubívago, noctívago
-vomo (que expele)	fumívomo, ignívomo
-voro (que come)	carnívoro, herbívoro

OBSERVAÇÃO

Há palavras que combinam elementos gregos e latinos: *televisão, automóvel, genocídio, homossexual* e outras. São chamadas de **hibridismos**. Existem hibridismos em que se combinam elementos de origens bastante diversas, como *goiabeira* (tupi e português), *abreugrafia* (português e grego), *sambódromo* (quimbundo – uma língua africana – e grego), *surfista* (inglês e grego), *burocracia* (francês e grego) e outros. Como você vê, trata-se de palavras muito usadas no cotidiano comunicativo, o que torna absurda a intenção de certos gramáticos de considerar os hibridismos verdadeiras aberrações devido à sua origem "mestiça".

Atividades

1. Identifique os elementos formadores e dê o significado de cada um dos compostos dos grupos abaixo:

Grupo 1

a) democracia
b) gerontocracia
c) tecnocracia
d) plutocracia
e) talassocracia
f) teocracia
g) autocracia
h) aristocracia
i) burocracia

Grupo 2

a) quiromancia
b) oniromancia
c) piromancia
d) ornitomancia
e) onomatomancia
f) aritmomancia

Grupo 3

a) entomologia
b) zoologia
c) fitologia
d) geologia
e) ornitologia
f) ictiologia
g) biologia
h) filologia
i) fonologia
j) morfologia
k) cardiologia
l) ginecologia
m) psicologia
n) sociologia
o) teologia
p) antologia
q) neurologia
r) enologia
s) tecnologia

Grupo 4

a) cistalgia
b) ostealgia
c) cefalalgia
d) odontalgia
e) mialgia
f) otalgia
g) nevralgia

Grupo 5

a) anônimo
b) homônimo
c) heterônimo
d) criptônimo
e) pseudônimo
f) ortônimo
g) antropônimo
h) topônimo
i) sinônimo
j) antônimo

Grupo 6

a) sintaxe
b) cleptomania
c) megalomania
d) nefelibata
e) acrobata
f) acrofobia
g) tanatofobia
h) semáforo
i) economia
j) rinoceronte
k) hipopótamo
l) estereótipo
m) poliglota
n) ortopedia
o) hematófago
p) metafísica

Grupo 7

a) agricultura
b) piscicultura
c) triticultura
d) rizicultura
e) fruticultura
f) avicultura
g) apicultura

2. Re-escreva as frases seguintes, substituindo as expressões destacadas por compostos eruditos:

a) Certos políticos têm **incontinência de linguagem**.
b) Sua **paixão exagerada pela música** fazia-o gastar muito em discos importados.
c) Era um especialista n**o estudo da escrita**.
d) Eis no que deu **o governo dos técnicos**.
e) Tal procedimento só é possível porque existe **um controle do mercado por algumas poucas empresas**.
f) É um animal **que se alimenta de sangue**.
g) Especializou-se n**o estudo dos insetos**.
h) É uma pessoa capaz de sofrer verdadeiras **mudanças de forma**.
i) Fazia questão de que suas roupas fossem **de uma só cor**.
j) **O estudo dos nomes de lugares e localidades** pode revelar muito sobre a história de uma região.

9. Outros processos de formação de palavras

Abreviação vocabular

A abreviação vocabular consiste na eliminação de um segmento de uma palavra a fim de se obter uma forma mais curta. Ocorre, portanto, uma verdadeira truncação, obtendo-se uma nova palavra cujo signifi-

cado é o mesmo da palavra original. Esse processo é particularmente produtivo na redução de palavras muito longas:

cinematógrafo → cinema → cine	vestibular → vestiba
pneumático → pneu	metropolitano → metrô
otorrinolaringologista → otorrino	violoncelo → celo
telefone → fone	extraordinário → extra
automóvel → auto	psicologia → psico

Observe que a forma abreviada é de amplo uso coloquial, embora em muitos casos passe a fazer parte da língua escrita. Esse traço de coloquialidade pode ser sentido em abreviações como as que colocamos abaixo, impregnadas de emotividade (carinho, desprezo, preconceito, zombaria):

professor → fessor	rebuliço → rebu
japonês → japa	delegado → delega
confusão → confa	grã-fino → granfa
botequim → boteco	Florianópolis → Floripa
São Paulo → Sampa	chinês → china
português → portuga	militar→ milico
comunista → comuna	neurose → neura

Há um certo tipo de abreviação que se vem tornando muito frequente na língua atual. Consiste no uso de um prefixo ou de um elemento de uma palavra composta no lugar do todo:

ex (por ex-namorada, ex-marido, ex-esposa)

vídeo (por videocassete)

máxi (por maxissaia ou maxidesvalorização)

mídi (para saia que chega até o joelho ou desvalorização cambial moderada)

vice (por vice-presidente, vice-governador, vice-prefeito e outros)

micro (por microcomputador)

míni (por minissaia)

O uso dos prefixos em substituição à palavra toda deve ocorrer dentro de contextos determinados, em que é possível estabelecer o significado que se pretende. Prefixos como *vice* ou *máxi* só adquirem sentido em função dos outros elementos do texto em que surgem.

Siglonimização

Essa palavra dá nome ao processo de formação de siglas. As siglas são formadas pela combinação das letras iniciais de uma sequência de palavras que constitui um nome:

FGTS – **F**undo de **G**arantia do **T**empo de **S**erviço

IOF – **I**mposto sobre **O**perações **F**inanceiras

CPF – **C**adastro de **P**essoas **F**ísicas

PIB – **P**roduto **I**nterno **B**ruto

As siglas incorporam-se de tal forma ao vocabulário do dia-a-dia, que passam a sofrer flexões e a produzir derivados. É frequente o surgimento de construções como *os peemedebistas* (membros do PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro), *os petistas* (membros do PT – Partido dos Trabalhadores), *campanha pró-FGTS*, e outras.

Reprodução/Revista Pesquisa Fapesp

Pesquisa Fapesp. São Paulo: Fapesp, n. 111, maio 2005. p. 98.

A criação da palavra *DVDteca* associa a sigla *DVD* ao radical grego *teca*, por analogia a *biblioteca* e *discoteca*, e para suprir uma necessidade de nomear algo novo: a coleção de DVDs.

Algumas siglas provieram de outras línguas, principalmente do inglês:

UFO – ***U**nidentified **F**lying **O**bject* (objeto voador não-identificado), que concorre com a criação nacional Ovni

VIP – ***V**ery **I**mportant **P**erson* (pessoa muito importante)

Aids – ***A**dcquired **I**mmunological **D**eficiency **S**yndrome* (síndrome da imunodeficiência adquirida). Em Portugal, emprega-se Sida, sigla formada do nome português da doença.

Há casos de siglas importadas que se transformaram em verdadeiras palavras. Algumas só são vistas como siglas se conhecermos sua origem:

Jipe – adaptação do inglês *Jeep*, que por sua vez originou-se de GP (*General Purpose* – uso geral)

Laser – de ***L**ight **A**mplification by **S**timulated **E**mission of **R**adiation* (amplificação da luz por emissão estimulada de radiação)

Radar – de ***R**adio **D**etecting and **R**anging* (detecção e busca por rádio)

Palavra-valise

A palavra-valise resulta do acoplamento de duas palavras, uma das quais pelo menos sofreu truncação. É também chamada **palavra-centauro** e permite a realização de verdadeiras acrobacias verbais. Observe:

brasiguaio ou **brasilguaio** – formada de *brasileiro* e *paraguaio* para designar o povo fronteiriço que vive entre os dois países, particularmente os brasileiros que retornaram do Paraguai atraídos pelo anúncio de reforma agrária

portunhol – formada de *português* e *espanhol* para designar a língua resultante da mistura dos dois idiomas

portinglês – formada de *português* e *inglês*, criada por Carlos Drummond de Andrade ("secretária portinglês")

tomarte – formada de *tomate* e *Marte*, criada por Murilo Mendes ("Ou tomarte, vermelho que nem Marte"); note a possibilidade de ver nessa palavra também a palavra arte

fraternura, **elefantástico** e **copoanheiro** – criações de Guimarães Rosa cuja formação não é difícil de perceber

proesia – formada de *prosa* e *poesia*, utilizada por Décio Pignatari com referência a uma das obras do escritor irlandês James Joyce

Em livro

Marcílio Godoi/Memo Editorial

GODOI, Marcílio. *Pequeno dicionário ilustrado de palavras invenetas.* São Paulo: Sagui, 2008.

Cada língua, sem exceção, é a expressão de uma concepção particular do mundo. As línguas são organismos vivos, dinâmicos, ou seja, estão sempre em transformação. O livro do jornalista Marcílio Godoi ratifica esse entendimento sobre língua ao criar um livro de palavras fictícias que explora com criatividade as mais variadas possibilidades de comunicação verbal em língua portuguesa, como a palavra "chiclética", um neologismo que significa "moral que se abandona com facilidade".

Note que a criação dessas palavras ocorre tanto na língua coloquial como na língua culta e literária. Na língua coloquial, o processo já produziu palavras como *bebemorar*, *Grenal* (clássico de futebol entre Grêmio e Internacional de Porto Alegre), *Atletiba* (Atlético Paranaense e Coritiba), *Sansão* (Santos e São Paulo), *Flaflu* (Flamengo e Fluminense), *Bavi* (Bahia e Vitória), *Comefogo* (Comercial e Botafogo, ambos de Ribeirão Preto). Na linguagem jornalística, há termos como *cantriz* (cantora/atriz), *estagflação* (estagnação/inflação) e *showmício* (*show*/comício); na literatura, além das palavras já citadas, há ainda criações como *noitícia* (Carlos Drummond de Andrade) ou *diversonagens suspersas*, de Paulo Leminski.

Laerte

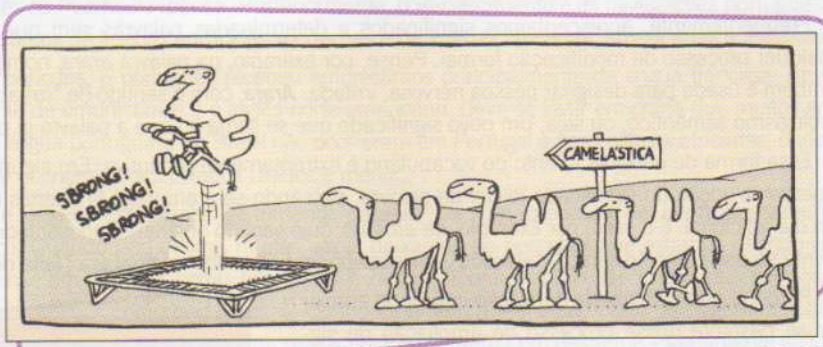

LAERTE. *Classificados: livro 2.* São Paulo: Devir, 2002. p. 7.

Do acoplamento das palavras *camelo* e *elástica* resultou *camelástica* – a palavra-valise que designa a cama elástica para camelos.

Onomatopeia

A onomatopeia ocorre quando se forma uma nova palavra por meio da imitação de sons. A palavra formada procura reproduzir um determinado som, adaptando-o ao conjunto de fonemas de que a língua dispõe. Dessa forma, surgem palavras como:

cacarejar | zumbir | arrulhar | crocitar | troar
tique-taque | teco-teco | reco-reco | pingue-pongue | xixi
quiquiriqui (pessoa ou coisa insignificante) | blablablá | zunzunzum
pimpampum | bangue-bangue (a partir do inglês *bang-bang*)
triquetraque (fogo de artifício) | saci (nome de uma ave e, por extensão, de ente mitológico)
cega-rega (cigarra; por extensão, pessoa tagarela) | chinfrim (coisa sem valor)

10. Outros processos de enriquecimento do léxico

Léxico é a palavra com que se costuma denominar o conjunto de palavras que integram uma língua. É, em termos práticos, um sinônimo de *vocabulário*, embora tecnicamente se possam estabelecer distinções entre as duas palavras. Os processos de criação de palavras que estudamos até aqui devem ter mostrado a você que há um constante enriquecimento lexical na língua, resultante principalmente do dinamismo das modificações culturais, que constantemente criam novos objetos, novos fatos, novos conceitos. Além disso, há outros fatores de pressão sobre a língua, como vínculos de dependência econômica e cultural, capazes de impor formas de pensar e de dizer que se manifestam também no vocabulário.

Os processos de criação lexical que vimos até agora operam transformações formais nas palavras, seja por meio do acréscimo ou supressão de morfemas, seja por meio da combinação de palavras inteiras para a formação de outras. São, basicamente, processos morfológicos, pois lidam com a forma das palavras.

Há outros processos de ampliação lexical na língua portuguesa. Como não são processos morfológicos, não vamos estudá-los pormenorizadamente, mas, por serem importantes, vamos falar um pouco sobre eles.

Neologismo semântico

Frequentemente, acrescentamos significados a determinadas palavras sem que elas passem por qualquer processo de modificação formal. Pense, por exemplo, na palavra *arara*, nome de uma ave, que também é usada para designar pessoa nervosa, irritada. ***Arara***, com o sentido de "irritado, nervoso", é um neologismo semântico, ou seja, um novo significado que se soma ao que a palavra já possuía.

Essa forma de enriquecimento do vocabulário é extremamente produtiva. Em alguns casos, chega-se a perder a noção do significado inicial da palavra, passando-se a empregá-la apenas no sentido que foi um dia adicional. É o caso, por exemplo, de *emérito*, cujo sentido original é "aposentado", mas que atualmente se usa como "distinto", "elevado"; ou *dissabor*, cujo sentido original era "falta de sabor".

Perceba que a chamada derivação imprópria aproxima-se bastante desse processo de ampliação de significado. A derivação imprópria resulta da passagem de uma palavra a uma classe gramatical diferente sem modificações na sua forma. Na realidade, ocorre uma ampliação do significado original da palavra. Isso pode ser percebido em casos em que esse processo está tão cristalizado que chegamos a perder a noção do sentido e da classe originais da palavra. Pense, por exemplo, em palavras como *alvo* (em expressões como *tiro ao alvo*), *clara* (de ovo), *estreito* (acidente geográfico), *marginal* (bandido ou via pública), *santo* (pessoa virtuosa), *refrigerante* – você já notou que se trata de adjetivos convertidos em substantivos?

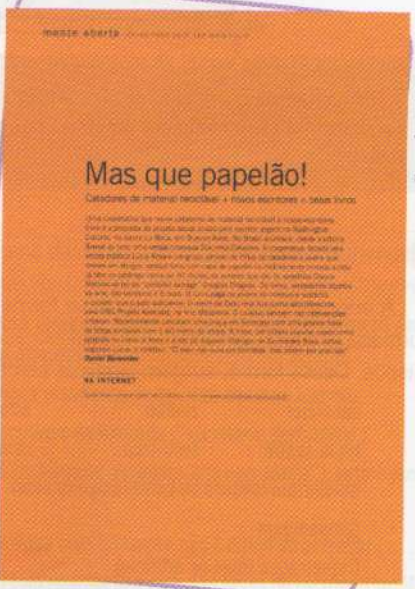
Mas que papelão!

Reprodução/Editora Abril

Vida Simples. São Paulo: Abril, ano 6, ed. 65, n. 4, 2008. p. 12.

O primeiro significado de *papelão* é "papel grosso, mais ou menos rígido". Posteriormente, essa palavra assumiu o significado de "conduta vergonhosa", "fiasco", e foi incorporada ao vocabulário informal. *Papelão* é um exemplo de neologismo semântico.

Em DVD

Divulgação/Editora Abril

José Dumont, ao centro, em cena do filme *Narradores de Javé*.

***Narradores de Javé*. Direção de Eliane Caffé. Brasil: Lumière, 2003. (100 min).**

Ao saber da iminência de uma inundação que devastará a região, os moradores de um vilarejo decidem reunir histórias sobre os mitos fundadores de Javé, para provar que o lugar merece ser tombado pelo patrimônio histórico e, assim, evitar a tragédia. Como quase todos são analfabetos, a incumbência de produzir o documento é dada ao polêmico escrivão Antônio Biá, acusado de difamar a cidade em outras épocas. E o destaque do filme é o próprio Biá, personagem vivido por José Dumont. Com falas marcantes e cheias de criatividade e humor, ele revela o lado engraçado dos neologismos semânticos empregados nas mais inusitadas situações cotidianas.

Empréstimos linguísticos

O contato entre culturas produz efeitos também no vocabulário das línguas. No caso da língua portuguesa, podem-se apontar exemplos de palavras tomadas de línguas estrangeiras em tempos muito antigos. Esses empréstimos provieram de línguas célticas, germânicas e árabes ao longo do processo de formação do português na Península Ibérica. Posteriormente, o Renascimento e as navegações portuguesas permitiram empréstimos de línguas europeias modernas e de línguas africanas, americanas e asiáticas.

Depois desses períodos, o português recebeu empréstimos principalmente da língua francesa. Atualmente, a maior fonte de empréstimos é o inglês norte-americano. Deve-se levar em conta que muitos empréstimos da atual língua portuguesa do Brasil não ocorreram em Portugal e nas colônias africanas, onde a influência cultural e econômica dos Estados Unidos é menor.

As palavras de origem estrangeira geralmente passam por um processo de aportuguesamento fonológico e gráfico. Quando isso ocorre, muitas vezes deixamos de perceber que estamos usando um estrangeirismo. Pense em palavras como *bife*, *futebol*, *beque*, *abajur*, *xampu*, tão frequentes em nosso cotidiano que já as sentimos como portuguesas. Quando mantêm a grafia da língua de origem, as palavras costumam ser escritas entre aspas (na imprensa, costumam surgir em destaque – geralmente itálico: *spread*, *dumping*).

Atente para o fato de que os empréstimos linguísticos só fazem sentido quando são necessários. É o que ocorre quando surgem novos produtos ou processos tecnológicos. Ainda assim, esses empréstimos devem ser submetidos ao tratamento de conformação aos hábitos fonológicos e morfológicos da língua portuguesa. São condenáveis abusos de estrangeirismos decorrentes de afetação de comportamento ou de subserviência cultural. A imprensa e a publicidade muitas vezes não resistem à tentação de utilizar a denominação estrangeira de forma apelativa, como em expressões do tipo *os teens* (por adolescentes) ou *high technology system* (sistema de alta tecnologia).

Em CD

Divulgação

Gilberto Gil. Pela Internet. In: *Enciclopédia Musical Brasileira* (CD). Warner Music, [s.d.].

Lançada em 1996, "Pela Internet" foi uma das primeiras músicas a inaugurar a divulgação de canções pela internet no Brasil. Para essa composição, Gil abusa dos empréstimos linguísticos empregados na informática para construir um discurso sobre a revolução que a internet provocou ao transformar o mundo numa aldeia global repleta de possibilidades comunicativas.

Atividade

Explique e denomine o processo de formação das seguintes palavras:

a) INSS
b) "confa"
c) estresse
d) teco-teco
e) caipiródromo
f) sofatleta

Textos para análise

1

CSI BRASIL

DESTRUIÇÃO DE DOCUMENTOS

A microscopia eletrônica no setor de balística dá a palavra final em casos de laudos divergentes e já mudou o rumo de investigações importantes, como no caso da destruição dos documentos da ditadura militar na Base Aérea de Salvador. O laudo da polícia baiana afirmava que os documentos não haviam sido queimados na sala da Base Aérea, onde havia manchas escuras na parede. Outros laudos atestavam que a queima havia ocorrido na sala e que as manchas eram indícios do incêndio criminoso. Sara, então, analisou amostras da parede e do chão e comprovou que a queima não ocorrera naquele local. As manchas tinham sido provocadas por fungos, não continham nenhuma espécie de fuligem.

RESÍDUOS DE ARMAS DE FOGO

O microscópio eletrônico de varredura permitiu a Sara desvendar o caso do general do Exército brasileiro Urano Bacelar, que morreu no Haiti. Ela atestou que havia resíduos de disparo de arma de fogo nas mãos e na boca do militar. Já no Paraná, houve o assassinato de um procurador, e os indícios conduziam a vários suspeitos. Antes de ser atingido por arma de fogo, o procurador tivera os

MULHERES DO BRASIL 99

Reprodução/Editora Abril

A microscopia eletrônica no setor de balística dá a palavra final em casos de laudos divergentes e já mudou o rumo de investigações importantes, como no caso da destruição dos documentos da ditadura militar na Base Aérea de Salvador. O laudo da polícia baiana afirmava que os documentos não haviam sido queimados na sala da Base Aérea, onde havia manchas escuras na parede. Outros laudos atestavam que a queima havia ocorrido na sala e que as manchas eram indícios do incêndio criminoso. Sara [*Sara Lenharo, 47 anos, coordenadora do setor de Balística do INC*], então, analisou amostras da parede e do chão e comprovou que a queima não ocorrera naquele local. As manchas tinham sido provocadas por fungos, não continham nenhuma espécie de fuligem.

Claudia. Mulheres do Brasil. São Paulo: Abril, ed. 558, mar. 2008. Edição especial. p 99.

Trabalhando o texto

1. A partir dos elementos de composição da palavra *microscopia*, explique o que ela significa.

2. Que processo originou a palavra *queima*? A que fato, citado anteriormente, ela se refere no texto?

3. Que importância tem esse procedimento – de utilizar uma palavra diferente para referir-se a termo(s) utilizado(s) anteriormente – na construção de um texto?

2

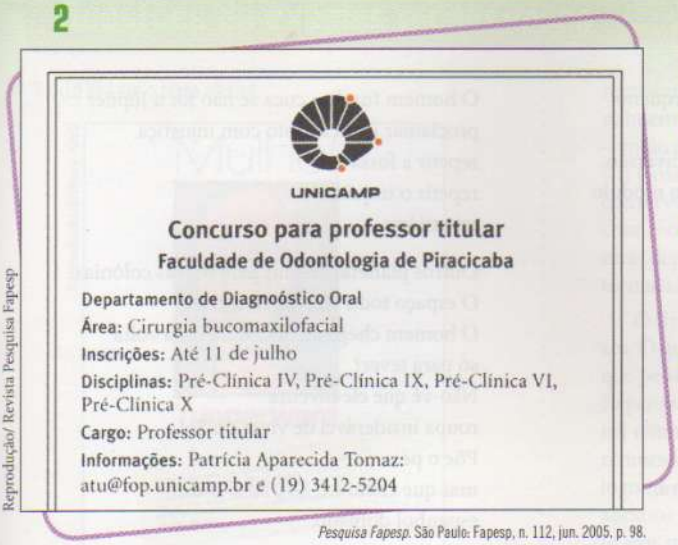

UNICAMP

Concurso para professor titular

Faculdade de Odontologia de Piracicaba

Departamento de Diagnoóstico Oral
Área: Cirurgia bucomaxilofacial
Inscrições: Até 11 de julho
Disciplinas: Pré-Clínica IV, Pré-Clínica IX, Pré-Clínica VI, Pré-Clínica X
Cargo: Professor titular
Informações: Patrícia Aparecida Tomaz: atu@fop.unicamp.br e (19) 3412-5204

Reprodução/ Revista Pesquisa Fapesp

Pesquisa Fapesp. São Paulo: Fapesp, n. 112, jun. 2005, p. 98.

Trabalhando o texto

1. Identifique os elementos que compõem as palavras *odontologia* e *bucomaxilofacial* e explique seu significado.
2. Indique o significado do prefixo e do sufixo destacados nas palavras *diagnóstico* e *titular*. Qual o significado dessas palavras?
3. Como você justifica a utilização dessas palavras nesse tipo de texto?

3

Variantes

Fecho-relâmpago

Chamado também de fecho-éclair (nome ainda adotado em Portugal), a pequena engrenagem de metal ou plástico teria sido batizada dessa forma por causa do francês *fermeture Éclair*, que se refere ao nome da sociedade detentora do registro da marca, Éclair Prestil SN. Mais tarde, o fecho seria batizado de *zipper* pela língua inglesa, com base na * "zip" obtida ao ser o objeto fechado ou aberto. O aparecimento do zíper representou o fim de horas e horas desperdiçadas com cordões e botões do século 19, época em que foi criado. Daí o uso de outro nome, esse mais antigo, o de fecho-relâmpago.

Riri
(Maranhão, Paraíba, Ceará)

Mamãe-vem-aí
(Pernambuco)

Eclair, zip
(Bahia)

Reco, ré
(Santa Catarina, Rio Grande do Sul)

Fecho-éclair
(Portugal)

Língua Portuguesa. São Paulo: Segmento, ano III, n. 28, fev. 2008. p. 10.

Reprodução/Editora Segmento

Trabalhando o texto

1. A palavra que designa o processo de formação de *zíper* foi substituída por um asterisco no texto. Que palavra é essa?
2. Considerando os nomes dados ao fecho-relâmpago, no Brasil, indique os processos utilizados para sua formação.
3. Na composição *fecho-relâmpago*, que relação há entre a segunda palavra e a primeira?
4. Em sua opinião, qual desses nomes conseguiu maior eficácia no processo de designar um objeto que serve como fecho e cuja qualidade é a rapidez?

4

O homem: as viagens

O homem, bicho da Terra tão pequeno
chateia-se na Terra
lugar de muita miséria e pouca diversão,
faz um foguete, uma cápsula, um módulo
toca para a Lua
desce cauteloso na Lua
pisa na Lua
planta bandeirola na Lua
experimenta a Lua
coloniza a Lua
civiliza a Lua
humaniza a Lua.

Lua humanizada: tão igual à Terra.
O homem chateia-se na Lua.
Vamos para Marte – ordena a suas máquinas.
Elas obedecem, o homem desce em Marte
pisa em Marte
experimenta
coloniza
civiliza
humaniza Marte com engenho e arte.

Marte humanizado, que lugar quadrado.
Vamos a outra parte?
Claro – diz o engenho
sofisticado e dócil.
Vamos a Vênus.
O homem põe o pé em Vênus,
vê o visto – é isto?
idem
idem
idem.

O homem funde a cuca se não for a Júpiter
proclamar justiça junto com injustiça
repetir a fossa
repetir o inquieto
repetitório.

Outros planetas restam para outras colônias.
O espaço todo vira Terra-a-terra.
O homem chega ao Sol ou dá uma volta
só para tever?
Não-vê que ele inventa
roupa insiderável de viver no Sol.
Põe o pé e:
mas que chato é o Sol, falso touro
espanhol domado.

Restam outros sistemas fora
do solar a col-
onizar.
Ao acabarem todos
só resta ao homem
(estará equipado?)
a dificílima dangerosíssima viagem
de si a si mesmo:
pôr o pé no chão
do seu coração
experimentar
colonizar
civilizar
humanizar
o homem
descobrindo em suas próprias inexploradas entranhas
a perene, insuspeitada alegria de con-viver.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *As impurezas do branco*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978. p. 20-2.

Trabalhando o texto

1. De que forma o poema explora a sufixação nos últimos versos da primeira estrofe? Comente.
2. A palavra *quadrado* constitui um neologismo semântico? Comente.
3. Explique o significado da passagem "vê o visto" e comente o valor adquirido pela palavra *visto* nesse contexto.
4. Qual o sentido da palavra *fossa*? Analise sua utilização no poema.
5. Como foi formada a palavra *tever*? Que significados ela sugere?
6. Que efeito produz a divisão *col-/onizar*?
7. Comente o uso da palavra *dangerosíssima*.
8. Que efeito produz a forma *con-viver*? Comente.
9. Qual viagem você considera mais importante para o homem? A sideral ou a "dangerosíssima"? Por quê?

Questões de exames e concursos

1. (UFV) Leia o texto abaixo:

Reprodução/Editora Abril

Mulher Tupperware [Da sabedoria popular]

S.f. A que tem orgulho de ser mulher. Que é ousada e audaciosa. Contemporânea. Vencedora. Que tem objetivos de vida e luta por eles.

Sintonizada com o seu tempo. Que rejeita imitações. Que aprecia o belo e o prático. De todas as raças. De todas as cores.

Veja, 5 mar. 1997.

"Que é ous**ada** e audaciosa."

"Sintoniz**ada** com o seu tempo."

Nos fragmentos acima, é **correto** afirmar que os elementos em destaque:

a) formam palavras compostas.

b) são formas livres.

c) são formas invariáveis.

d) estão ligados a uma base verbal.

e) têm diferente valor semântico.

2. (UFMT) **Instrução**: Leia os trechos da obra *Grande sertão: veredas*, publicada há 50 anos, do escritor mineiro Guimarães Rosa – geração de 45 – para responder às questões.

Eu ouvi aquilo demais. O pacto! Se diz – o senhor sabe. Bobeia. Ao que a pessoa vai, em meia-noite, a uma encruzilhada, e chama fortemente o Cujo – e espera. Se sendo, há-de que vem um pé-de-vento, sem razão, e arre se comparece uma porca com ninhada de pintos, se não for uma galinha puxando barrigada de leitões. Tudo errado, remedante, sem completação... O senhor imaginalmente percebe? O crespo – a gente se retém – então dá um cheiro de breu queimado. E o dito – o Coxo – toma espécie, se forma! Carece de se conservar coragem. Se assina o pacto. Se assina com o sangue de pessoa. O pagar é alma. Muito mais depois. O senhor vê, superstição parva? Estornadas!... Provei. Introduzi. (p. 45)

O demo, tive raiva dele? Pensei nele? Em vezes. O que era em mim valentia, não pensava; e o que pensava produzia era dúvidas de me-enleios. Repensava, no esfriar do dia. A quando é o do sol entrar, que então até é o dia mesmo, por seu remorso. Ou então, ainda melhor, no madrugal, logo no instante em que eu acordava e ainda não abria os olhos: eram só os minutos, e, ali durante, em minha rede, eu preluzia tudo claro e explicado. Assim: – Tu vigia, Riobaldo, não deixa o diabo te pôr sela... – isto eu divulgava. Aí eu queria fazer um projeto: como havia de escapulir dele, do Temba, que eu tinha mal chamado. Ele rondava por me governar? (p. 458)

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

Sobre a renovação da linguagem empreendida por Rosa, assinale a afirmativa incorreta.

a) O trecho "Riobaldo, não deixa o diabo te pôr sela..." exemplifica a quebra da ordem canônica da língua portuguesa.

b) "Remedante", "completação", "imaginalmente" são exemplos de neologismos por sufixação, que altera a classe gramatical, mas conserva o sentido original do radical.

c) "Em vezes" e em "meia-noite" são expressões correntes na língua, utilizadas com nova regência.

d) "O Cujo", "o Coxo", "o demo", "o diabo", "o Temba", usados como sinônimos no texto, comprovam apropriação do vocabulário popular.

e) "Preluzia" e "me-enleios" exemplificam neologismos por prefixação, com alteração do sentido original.

3. (UPM-SP)

1 Curiosa palavra. Idoso. O que acumulou idade. [Também tem o

2 sentido de quem se apega à idade. Ou que a esbanja [(como gostoso

3 ou dengoso). Se é que não significa alguém que está [indo, alguém

4 em processo de ida. Em contraste com os que ficam, [os ficosos...

5 Preciso começar a agir como um idoso. Dizem que, [entre eles,
6 idoso não fala em quem chega à velhice como alguém [que está à
7 beira do túmulo. Dizem que está na zona de rebaixa [mento. Vou ter
8 que aprender o jargão da categoria

Luis Fernando Verissimo

O texto propõe diferentes possibilidades de sentido para o sufixo **-oso**. A partir dessas possibilidades, considere as seguintes afirmações:

I. "Glorioso" exemplifica o emprego do sufixo em palavras que fazem referência a quem acumulou algo.

II. "Nervoso" exemplifica o sentido de "indivíduo apegado a algo".

III. Seguindo a lógica do neologismo apresentado pelo autor, "chegosos" poderia ser um termo aplicado aos recém-nascidos.

Assinale:

a) se apenas I e II estiverem corretas.

b) se apenas II e III estiverem corretas.

c) se apenas I e III estiverem corretas.

d) se I, II e III estiverem corretas.

e) se I, II e III estiverem incorretas.

4. (PUC-SP) *Recheio*, *fruta-do-conde* e *cruzamento* passaram, respectivamente, pelos seguintes processos de formação:

a) hibridismo, derivação sufixal e composição

b) derivação prefixal, composição e derivação sufixal

c) derivação prefixal, hibridismo e derivação sufixal

d) hibridismo, derivação sufixal e derivação prefixal

e) derivação sufixal, hibridismo e composição

5. (UERJ)

(...)

Mas pouca gente sabe o que é um lipograma. Lipo significa tirar, aspirar, esconder. Portanto, um lipograma é um texto que sofreu a lipoaspiração de uma letra. O autor resolve esconder essa letra por razões lúdicas. Já o grego Píndaro havia escrito uma ode, sem a letra "s". Os autores barrocos no século XVII também usavam este tipo de ocultação, porque estavam envolvidos com o ocultismo, com a cabala e com a numerologia.

(...)

ROMANO, Affonso de Sant'Anna. *O Globo*, 15 set. 1999.

Observando o trecho acima, identifique o processo de formação de palavras comum aos termos *ocultação* e *ocultismo* e explique a diferença de sentido entre eles.

6. (UERJ) Diga qual é a razão imediata por que *lisonjeado* é escrito com *j* e *margeado* é escrito com *g*.

7. (Enem)

Good-bye

"Não é mais boa noite, nem bom dia
Só se fala good morning, good night
Já se desprezou o lampião de querosene
Lá no morro só se usa a luz da Light
Oh yes!"

A marchinha "Good-bye", composta por Assis Valente há cerca de 50 anos, refere-se ao ambiente das favelas dos morros cariocas. A estrofe citada mostra:

a) como a questão do racionamento da energia elétrica, bem como a da penetração dos anglicismos no vocabulário brasileiro, iniciaram-se em meados do século passado.

b) como a modernidade, associada simbolicamente à eletrificação e ao uso de anglicismos, atingia toda a população brasileira, mas também como, a despeito disso, persistia a desigualdade social.

c) como as populações excluídas se apropriavam aos poucos de elementos de modernidade, saindo de uma situação de exclusão social, o que é sugerido pelo título da música.

d) os resultados benéficos da política de boa vizinhança norte-americana, que permitia aos poucos que o Brasil se inserisse numa cultura e economia globalizadas.

e) o desprezo do compositor pela cultura e pelas condições de vida atrasadas características do "morro", isto é, dos bairros pobres da cidade do Rio de Janeiro.

8. (Unifesp) *Pneumotórax*, palavra que dá título ao famoso poema de Manuel Bandeira, é vocábulo constituído de dois radicais gregos (*pneum*[o]- + *-tórax*). Significa o procedimento médico que consiste na introdução de ar na cavidade pleural, como forma de tratamento de moléstias pulmonares, particularmente a tuberculose. Tal enfermidade é referida no diálogo entre médico e paciente, quando o primeiro explica a seu cliente que ele tem "uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito *infiltrado*". Esta última palavra é formada com base em um radical: *filtro*.

Quanto à formação vocabular, o título do poema e o vocábulo *infiltrado* são constituídos, respectivamente, por:

a) composição e derivação prefixal e sufixal.

b) derivação prefixal e sufixal e composição.

c) composição por hibridismo e composição prefixal e sufixal.

d) simples flexão e derivação prefixal e sufixal.

e) simples derivação e composição sufixal e prefixal.

9. (UFSCar-SP) A revista *Veja*, referindo-se aos empresários brasileiros, na edição de 02.10.2002, às vésperas das eleições, utilizou o seguinte título para uma matéria:

Eles lularam na reta final.

Tomando como referência o contexto das eleições, responda:

a) Qual o significado da forma verbal *lularam*?

b) Do ponto de vista gramatical, por meio de que recurso o verbo da frase foi criado?

10. (UFPI)

(...)

"Esses monstros atuais, não os cativa Orfeu, a vagar, taciturno, entre o talvez e o se."

(...)

"Legado", Carlos Drummond de Andrade

As palavras *talvez* e *se* são formadas por:

a) derivação sufixal.

b) derivação prefixal.

c) derivação parassintética.

d) derivação imprópria.

e) composição.

11. (Unifal-MG) O vocábulo *almanaques*:

a) é de origem latina.

b) é erudito, composto de radicais gregos.

c) é erudito, híbrido, composto de radicais latino e grego.

d) é de origem árabe.

e) é uma composição erudita, com prefixo e radical latinos.

12. (Unifal-MG) Assinale a alternativa que contém a correspondência correta entre o composto de origem grega e o seu significado.

a) anarquia = falta de cabeça

b) aristocracia = governo dos plebeus

c) teocracia = governo de religiosos

d) oligarquia = governo de um pequeno grupo

e) plutocracia = governo exercido por estrangeiros

13. (UFPE) Quanto à formação de palavras:

a) *preconceito* é formação parassintética.

b) *pluralismo* e *fragilidade* são formações sufixais.

c) *incontroverso*, *individual* e *interna* são formadas com o prefixo latino *in-*, com sentido de negação.

d) *ampliação*, *repetência*, *preparação* e *cidadania* são substantivos formados a partir de formas verbais.

e) em *fragilizar*, *modernizar* e *democratizar* o sufixo *-izar* forma verbos a partir de adjetivos.

14. (UFCE) Complete os espaços abaixo com o substantivo que corresponde ao verbo destacado nas passagens:

I. ... **acendeu** nela o desejo...

A (*) do desejo.

II. ... e **repetia** puxando-me...

A (*) do chamado.

III. ... um gesto que eu não **descrevo**

A (*) do gesto.

Marque a alternativa que completa corretamente os espaços acima:

a) acenção – repetisão – descrição

b) acensão – repetição – descreção

c) acenção – repetição – discrição

d) acensão – repetissão – descrisão

e) acensão – repetição – descrição

15. (UFCE) Empregando o sufixo *-mente*, substitua as expressões destacadas por uma só palavra, cujo sentido seja equivalente ao da expressão substituída.

a) **Pouco a pouco**, o poeta aprenderia a partir sem medo.

b) **Sem dúvida alguma**, a lua nova é mais alegre que a cheia.

c) Ele ganhou um novo quarto e a aurora, **ao mesmo tempo**.

d) Passou dez anos, **sem interrupção**, com a janela virada para o pátio.

e) O poeta, **por exceção**, prefere a lua nova.

16. (Unifal-MG) Assinale a alternativa que contém, pela ordem, o nome do processo de formação das seguintes palavras: *ataque*, *tributária* e *expatriar*.

a) prefixação, sufixação, derivação imprópria

b) derivação imprópria, sufixação, parassíntese

c) prefixação, derivação imprópria, parassíntese

d) derivação regressiva, sufixação, prefixação e sufixação

e) derivação regressiva, sufixação, parassíntese

17. (PUC-SP) O vocábulo *ostentando* apresenta em sua estrutura os seguintes elementos mórficos:

a) o radical *ostenta* e o prefixo *-ndo*.

b) o radical *ostent-*, a vogal temática *-a*, o tema *ostenta* e a desinência *-ndo*.

c) o prefixo *os-*, o radical *tent-*, a vogal temática *-a* e a desinência *-ndo*.

d) o radical *ostenta*, o tema *ostent-* e a desinência *-ndo*.

e) o radical *-ndo*, o tema *ostent-* e a vogal temática *-a*.

18. (ESALq-SP) São palavras formadas por prefixação:

a) luminoso, fraternidade

b) liberdade, sonhador

c) conselheiro, queimado

d) linguagem, escravidão

e) percurso, ingrato

19. (PUC-SP) As palavras *azuladas*, *esbranquiçadas*, *bons-dias* e *lavagem* foram formadas, respectivamente, pelos processos de:

a) derivação parassintética, derivação prefixal e sufixal, composição por aglutinação, derivação prefixal e sufixal.

b) derivação sufixal, derivação parassintética, composição por justaposição, derivação sufixal.

c) derivação parassintética, derivação parassintética, composição por aglutinação, derivação sufixal.

d) derivação prefixal e sufixal, derivação prefixal, composição por justaposição, derivação parassintética.

e) derivação sufixal, derivação imprópria, composição por justaposição, derivação sufixal.

20. (Acafe-SC) Quanto à formação de palavras, aponte o exemplo que **não** corresponde à afirmação.

a) infeliz – derivação prefixal

b) inutilmente – derivação prefixal e sufixal

c) couve-flor – composição por justaposição

d) planalto – composição por aglutinação

e) semideus – composição por aglutinação

21. (Cefet-PR) Em qual das alternativas não há relação entre as duas colunas quanto ao processo de formação das seguintes palavras:

a) magoado	derivação sufixal
b) obscuro	derivação prefixal
c) infernal	derivação prefixal e sufixal
d) aterrador	derivação prefixal e sufixal
e) descampado	derivação parassintética

22. (Fuvest-SP) Foram formadas pelo mesmo processo as seguintes palavras:

a) vendavais, naufrágios, polêmicas

b) descompõem, desempregados, desejava

c) estendendo, escritório, espírito

d) quietação, sabonete, nadador

e) religião, irmão, solidão

23. (Fuvest-SP) Assinalar a alternativa que registra a palavra que tem o sufixo formador de advérbio.

a) desesperança

b) pessimismo

c) empobrecimento

d) extremamente

e) sociedade

24. (ITA-SP) Considere as seguintes significações:

"nove ângulos" "governo de poucos"
"som agradável" "dor de cabeça"

Escolha a alternativa cujas palavras traduzem os significados apresentados acima.

a) pentágono, plutocracia, eufonia, mialgia

b) eneágono, oligarquia, eufonia, cefalalgia

c) nonangular, democracia, cacofonia, dispneia

d) eneágono, aristocracia, sinfonia, cefalalgia

e) hendecágono, monarquia, sonoplastia, cefaleia

25. (ITA-SP) Considere as seguintes palavras, cujos prefixos são de origem grega:

diáfano endocárdio epiderme anfíbio

Qual alternativa apresenta palavras cujos prefixos, de origem latina, correspondem, quanto ao significado, aos de origem grega?

a) translúcido, ingerir, sobrepor, ambivalência

b) disseminar, intramuscular, superficial, ambiguidade

c) disjungir, emigrar, supervisão, bilíngue

d) transalpino, enclausurar, supercílio, ambicionar

e) percorrer, imergir, epopeia, ambivalência

26. (PUCCamp-SP) Sabendo-se que prefixo é um morfema que se antepõe ao radical, alterando sua significação, assinale a alternativa que apresenta as quatro palavras iniciadas por um prefixo.

a) perfazer, decifrar, disparidade, reposição

b) retidão, dissonância, divindade, insatisfação

c) discorrer, entrever, perguntar, reler

d) inamovível, bisavô, comprimento, descansar

e) surpresa, asmático, esbravejar, anulação

27. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção em que o processo de formação de palavras está indevidamente caracterizado.

a) vagalume – composição

b) irritação – sufixação

c) cruzeiro – sufixação
d) baunilha – sufixação
e) palmeira – sufixação

28. (UFRJ) Assinale a alternativa cujo prefixo *sub* tem o sentido de "posterioridade".

a) sublinhar
b) subsequente
c) subdesenvolvido
d) subjacente
e) submisso

29. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa em que uma das palavras **não** é formada por prefixação.

a) readquirir, predestinado, propor
b) irregular, amoral, demover
c) remeter, conter, antegozar
d) irrestrito, antípoda, prever
e) dever, deter, antever

30. (UPM-SP) Dentre as alternativas abaixo, assinale aquela em que ocorrem dois prefixos que dão ideia de negação.

a) impune, acéfalo
b) pressupor, ambíguo
c) anarquia, decair
d) importar, soterrar
e) ilegal, refazer

31. (UFF-RJ) O vocábulo *catedral*, do ponto de vista de sua formação, é:

a) primitivo.
b) composto por aglutinação.
c) derivado sufixal.
d) parassintético.
e) derivado regressivo de *catedrático*.

32. (PUC-SP) Assinale a classificação errada do processo de formação indicado.

a) o porquê – conversão ou derivação imprópria
b) desleal – derivação prefixal
c) impedimento – derivação parassintética
d) anoitecer – derivação parassintética
e) borboleta – primitivo

33. (UFPR) A formação do vocábulo destacado na expressão "o **canto** das sereias" é:

a) composição por justaposição.
b) derivação regressiva.
c) derivação sufixal.
d) palavra primitiva.
e) derivação prefixal.

34. (PUC-RJ) Relacione os sinônimos nas duas colunas abaixo e assinale a resposta correta.

1. translúcido	( ) contraveneno
2. antídoto	( ) metamorfose
3. transformação	( ) diáfano
4. adversário	( ) antítese
5. oposição	( ) antagonista

a) 1, 3, 4, 2, 5
b) 2, 3, 4, 5,1
c) 2, 3, 1, 5, 4
d) 1, 4, 5, 2, 3
e) 4, 3, 1, 5, 2

35. (UFSC) Assinale a alternativa em que o elemento mórfico em destaque está corretamente analisado.

a) menin**a** (-a) – desinência nominal de gênero
b) vend**e**ste (-e-) – vogal de ligação
c) gas**ô**metro (-o-) – vogal temática de segunda conjugação
d) ama**ss**em (-sse-) – desinência de segunda pessoa do plural
e) cantar**íei**s (-is) – desinência do imperfeito do subjuntivo

36. (FEI-SP) Dê o significado dos prefixos:

a) **anti**pático
b) **sim**pático
c) **a**pático

37. (UFSC) Relacione a coluna II com a coluna I, estabelecendo a correspondência entre o significado dos prefixos gregos e latinos.

coluna I	coluna II
1) **trans**porte	( ) **hiper**trofia
2) **circun**lóquio	( ) **para**sita
3) **bene**fício	( ) **hipo**crisia
4) **supra**citado	( ) **peri**feria
5) **sub**terrâneo	( ) **diá**logo
6) **ad**vogado	( ) **eu**genia

38. (UFPel-RS) Os vocábulos da primeira coluna possuem prefixos latinos; os da segunda, prefixos gregos. A alternativa em que os dois prefixos não se correspondem semanticamente é:

a) subdesenvolvimento — sintonia.
b) ambidestro — anfíbio.
c) previsão — programa.
d) infiel — anêmico.
e) transparente — diálogo.

Capítulo 6

Estudo dos verbos (I)

Joaquín Salvador Lavado/Quino/Mafalda

QUINO. *Mafalda 6*. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 56.

Embora seja sempre lembrado como palavra que denota ação, o verbo indica ainda uma série de outros fenômenos ou processos. Na tirinha desta página, por exemplo, *sou* indica caráter de estado, e *mandando e diplomamos* indicam ação.

O que distingue fundamentalmente os verbos são suas flexões, e não seus possíveis significados. O verbo é a classe de palavras que possui o maior número de flexões na língua portuguesa.

1. Introdução

Conjugar verbos é algo que faz parte da vida de qualquer indivíduo, alfabetizado ou não, escolarizado ou não; no entanto, nem sempre as pessoas se dão conta de que há nesse processo uma organização interna, um verdadeiro sistema, de que trataremos a seguir.

Os verbos desempenham uma função vital em qualquer língua, e no português não seria diferente. É em torno deles que se organizam as orações e os períodos; consequentemente, é em torno deles que se estrutura o pensamento.

Verbo significa, originariamente, "palavra". Esse significado pode ser notado em expressões como *abrir o verbo* ou *deitar o verbo*, utilizadas para indicar o uso abundante e desimpedido das palavras. Outra expressão muito conhecida é *verborragia*, utilizada para indicar uso desmedido de palavras. Uma pessoa verborrágica fala muito. E o que significa *comunicação verbal*? Comunicação com palavras.

Os verbos receberam esse nome justamente porque, devido sua importância na língua, foram considerados as palavras por excelência pelos gramáticos. Conjugar um verbo é, portanto, exercer o direito pleno de empregar a palavra.

O estudo de uma classe gramatical tão importante representa, obviamente, um passo decisivo para a obtenção de um desempenho linguístico mais satisfatório. Neste primeiro capítulo dedicado aos verbos, vamos concentrar nossa atenção nos paradigmas de conjugação, cujo conhecimento é indispensável à produção de textos representativos da modalidade culta do português.

Em DVD

Divulgação

Babel. **Direção de Alejandro Gonzales Iñarritu. EUA: Warner, 2007. (143 min).**

Algumas pessoas, por razões diversas, não dispõem da capacidade de utilizar a comunicação verbal em suas vidas. Elas são pessoas especiais que enfrentam dolorosos desafios em busca de aceitação social. Babel, uma emocionante história de pessoas que não se conhecem e que, mesmo separadas pela distância e pela cultura, têm seus destinos ligados, apresenta os dramas de uma personagem com deficiência auditiva que luta contra as próprias limitações em busca da felicidade em um mundo cada vez mais intolerante e avesso à comunicação.

2. Conceito

Verbo é a palavra que se flexiona em número (singular/plural), pessoa (primeira, segunda, terceira), modo (indicativo, subjuntivo, imperativo), tempo (presente, pretérito, futuro) e voz (ativa, passiva, reflexiva). Pode indicar ação (*fazer*, *copiar*), caráter de estado (*ser*, *ficar*), fenômeno natural (*chover*, *anoitecer*), ocorrência (*acontecer*, *suceder*), desejo (*aspirar*, *almejar*) e outros processos.

O que caracteriza o verbo são suas flexões, e não seus possíveis significados. Observe que palavras como *feitura*, *cópia*, *chuva*, *acontecimento* e *aspiração* têm conteúdo muito próximo ao de alguns verbos mencionados acima; não apresentam, porém, as mesmas possibilidades de flexão que esses verbos possuem.

3. Estrutura das formas verbais

Há três tipos de morfemas que participam da estrutura das formas verbais: o radical, a vogal temática e as desinências.

a. radical – é o morfema que concentra o significado essencial do verbo:

estud-ar	**vend**-er	**permit**-ir
am-ar	**beb**-er	**part**-ir
cant-ar	**escond**-er	**proib**-ir

Você notou que, para obter o radical de um verbo, basta eliminar as duas últimas letras do infinitivo. Podem-se antepor prefixos ao radical:

des-**permit**-ir re-**vend**-er

b. vogal temática – é o morfema que permite a ligação entre o radical e as desinências. Em português, há três vogais temáticas:

- **-a-** – caracteriza os verbos da primeira conjugação:

  solt-**a**-r deix-**a**-r perdo-**a**-r

- **-e-** – caracteriza os verbos da segunda conjugação:

  esquec-**e**-r sofr-**e**-r viv-**e**-r

  O verbo *pôr* e seus derivados (*supor, depor, repor, compor* etc.) pertencem à segunda conjugação, pois sua vogal temática é *-e-*, obtida da forma portuguesa arcaica *poer*, do latim *ponere*.

- **-i-** – caracteriza os verbos da **terceira conjugação**:

  assist-**i**-r; permit-**i**-r, decid-**i**-r.

O conjunto formado pelo radical e pela vogal temática recebe o nome de **tema**.

c. desinências – são morfemas que se acrescentam ao tema para indicar as flexões do verbo.

Há desinências número-pessoais e desinências modo-temporais:

falá-sse-mos

falá-: tema	(radical + vogal temática)
-sse-: desinência modo-temporal	(indica o modo – subjuntivo – e o tempo – pretérito imperfeito – em que o verbo está conjugado)
-mos: desinência número-pessoal	(indica que o verbo se refere à primeira pessoa do plural)

Você conhecerá as outras desinências verbais quando apresentarmos os modelos das conjugações.

Chris Browne/King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 2007. v. 4. p. 70.

Na frase dessa tira, há duas desinências modo-temporais: *-sse* (em *tivessem*) é desinência do pretérito imperfeito do subjuntivo; *-ria* (em *seria*) é desinência do futuro do pretérito do indicativo. Além delas, destacamos também duas desinências número-pessoais: *-m* (em *saberem*) é desinência de terceira pessoa do plural e *–mos* (em *estamos*) é desinência de primeira pessoa do plural.

Combinando seus conhecimentos sobre a estrutura dos verbos com o conceito de sílaba tônica, você poderá facilmente descobrir o que são formas verbais rizotônicas e arrizotônicas. Nas formas **rizotônicas**, o acento tônico está no radical do verbo: *es**tu**do, compre**en**dam, con**si**go*, por exemplo.

Nas formas **arrizotônicas**, o acento tônico não está no radical, mas na terminação verbal: *estud**ei**, vender**ão**, conseguir**íamos**.*

4. Flexões verbais

Você já sabe que os verbos apresentam flexão de número, pessoa, modo, tempo e voz. Vamos agora estudar mais minuciosamente essas flexões.

Flexão de número e pessoa

Os verbos podem se referir a um único ser ou a mais de um ser; no primeiro caso, estão no **singular**; no segundo, no **plural**. Essa indicação de número é acompanhada pela indicação da pessoa gramatical a que o verbo se refere. Observe:

estudo	forma da primeira pessoa do singular
estudas	forma da segunda pessoa do singular
estuda	forma da terceira pessoa do singular
estudamos	forma da primeira pessoa do plural
estudais	forma da segunda pessoa do plural
estudam	forma da terceira pessoa do plural

Essas indicações de número e pessoa são claramente identificadas quando se relaciona cada forma verbal acima com o pronome pessoal correspondente:

eu estudo	**nós** estudamos
tu estudas	**vós** estudais
ele/ela estuda	**eles/elas** estudam

No português atual do Brasil, o pronome *tu*, de segunda pessoa, tem uso limitado a algumas regiões, muitas vezes de forma diferente da que prega a gramática oficial. É comum o emprego de formas como "tu foi", "tu pega", "tu falou". O pronome é de segunda pessoa, mas o verbo é conjugado na terceira. O pronome *vós* aparece em textos literários ou litúrgicos.

Para o tratamento direto, difundiu-se no Brasil o emprego dos pronomes *você/vocês*, que levam o verbo para a terceira pessoa:

ele/ela/você estuda	eles/elas/vocês estudam

Flexão de tempo e modo

No momento em que se fala ou escreve, o processo verbal pode estar em plena ocorrência, pode já estar concluído ou pode ainda não ter ocorrido. Essas três possibilidades básicas, mas não únicas, são expressas pelos três tempos verbais: o presente, o pretérito (que pode ser perfeito, imperfeito ou mais-que-perfeito) e o futuro (que pode ser do presente ou do pretérito). Compare as formas *estudo, estudei* e *estudarei* para perceber essa distribuição em três tempos básicos.

A indicação de tempo está geralmente ligada à indicação de modo, ou seja, a expressão da atitude de quem fala ou escreve em relação ao conteúdo do que fala ou escreve. Quando se considera uma certeza o que é falado ou escrito, utilizam-se as formas do modo indicativo (são exemplos *estudo, estudei, estudava, estudarei*).

As formas do modo subjuntivo indicam que o conteúdo do que se fala ou escreve é tomado como incerto, duvidoso, hipotético (*estudasse*, por exemplo).

Além disso, o verbo pode exprimir um desejo, uma ordem, um apelo: nesse caso, utilizam-se as formas do modo imperativo (*estude/não estude*, por exemplo). O modo imperativo é dividido em duas formas: o afirmativo e o negativo. Não se conjuga a primeira pessoa do singular do imperativo, por motivo óbvio.

Laerte

Laerte. *Classificados: livro 2*. São Paulo: Devir, 2002. p. 5.

Todas as formas verbais dessa tira (*pule, rasteje, pague*) estão no modo imperativo e indicam uma ordem dirigida ao interlocutor.

O esquema a seguir apresenta os modos e tempos verbais da língua portuguesa:

- **modo indicativo**
  - presente (eu estudo)
  - pretérito
    - perfeito (eu estudei)
    - imperfeito (eu estudava)
    - mais-que-perfeito (eu estudara)
  - futuro
    - do presente (eu estudarei)
    - do pretérito (eu estudaria)
- **modo subjuntivo**
  - presente (que eu estude)
  - pretérito imperfeito (se eu estudasse)
  - futuro (quando/se eu estudar)
- **modo imperativo**
  - presente
    - afirmativo (estuda [tu])
    - negativo (não estudes [tu])

OBSERVAÇÃO

Os verbos possuem, além dos modos e tempos já apresentados, três **formas nominais**: o infinitivo (pessoal e impessoal), o gerúndio e o particípio. Essas formas são chamadas nominais porque podem assumir comportamento de nomes (substantivos, adjetivos e advérbios) em determinados contextos. No caso do verbo *estudar*, temos:

- infinitivo
  - pessoal (estudar, estudares...)
  - impessoal (estudar)
- gerúndio (estudando)
- particípio (estudado)

O esquema acima apresenta apenas os chamados **tempos simples**; além deles, há os **tempos compostos**, que apresentaremos mais adiante.

Flexão de voz

A voz verbal indica fundamentalmente se o ser a que o verbo se refere é agente ou paciente do processo verbal. Há três situações possíveis:

a. voz ativa – o ser a que o verbo se refere é o agente do processo verbal. Em "O Juventus derrotou o Corinthians", a forma verbal *derrotou* está na voz ativa porque *o Juventus* é o agente do processo verbal.

b. voz passiva – o ser a que o verbo se refere é o paciente do processo verbal. Em "O Corinthians foi derrotado pelo Juventus", a locução verbal *foi derrotado* está na voz passiva porque o Corinthians é o paciente da ação verbal.

Há duas formas de voz passiva em português: a voz passiva **analítica**, em que ocorre uma locução verbal formada pelo verbo *ser* mais o particípio do verbo principal (como em "O técnico *foi demitido* do clube"), e a voz passiva **sintética**, em que se utiliza o pronome *se* ao lado do verbo em terceira pessoa (como em "*Alugam-se* casas na praia"). Essas duas formas de voz passiva serão estudadas detalhadamente nos capítulos dedicados à sintaxe.

c. voz reflexiva – o ser a que o verbo se refere é, ao mesmo tempo, agente e paciente do processo verbal, pois age sobre si mesmo. Em "O rapaz cortou-se com uma tesoura", a forma verbal *cortou-se* está na voz reflexiva, pois *o rapaz* é, a um só tempo, agente e paciente: ele cortou a si mesmo.

Atividades

1. Indique os morfemas presentes em cada uma das formas verbais a seguir:

a) falássemos
b) pensáramos
c) estudarei
d) perderias
e) decidissem
f) produzo
g) corrompias
h) tratávamos
i) permitistes

2. Indique o tempo, o modo, o número e a pessoa de cada uma das formas verbais destacadas nas frases a seguir:

a) Não **trataríamos** de alguém como ele.
b) Ninguém **relatara** nada a ela.
c) Se você ao menos **provasse**...
d) Talvez **obtenhas** o que nós não **obtivemos**.
e) Se eu o **localizar**, **transmitirei** seu recado.
f) **Queixava**-se constantemente de que ninguém ali **dava** importância a ele.
g) **Pedistes** a verificação de vossos projetos?
h) **Digo** o que **penso**.

5. Conjugações

Quando se fala em conjugar um verbo, fala-se em dispor sistematizadamente todas as formas que ele pode assumir ao ser flexionado. Isso se faz com a exposição dos diversos tempos e modos de acordo com uma ordem convencionada. Observe que se trata de um recurso didático ligado à memorização e à observação de particularidades morfológicas.

Os verbos da língua portuguesa podem ser divididos em três grupos de flexões, as chamadas **conjugações**, identificadas respectivamente pelas vogais temáticas *-a-*, *-e-* e *-i-*. Para cada uma dessas conjugações, há um modelo – chamado de **paradigma** – que indica as formas verbais consideradas regulares. De acordo com a relação que estabelecem com esses paradigmas, os verbos podem ser classificados em:

a. regulares – obedecem precisamente a um paradigma da respectiva conjugação;

b. irregulares – não seguem nenhum paradigma da respectiva conjugação: podem apresentar irregularidades no radical e/ou nas terminações. Os verbos *ser* e *ir*, por apresentarem profundas alterações nos radicais em sua conjugação, são chamados **anômalos**;

c. defectivos – não são conjugados em determinadas pessoas, tempos ou modos;

d. abundantes – apresentam mais de uma forma para determinada flexão.

Os verbos empregados para, com o infinitivo, o gerúndio ou o particípio, formar as locuções verbais ou os tempos compostos (*devo ir/estava falando/tinha procurado*) são chamados de **auxiliares**. Os quatro mais usados nessa função são *ser, estar, ter* e *haver*. A conjugação desses quatro verbos, rica em particularidades, será apresentada mais adiante, quando estudarmos os principais verbos irregulares.

O outro verbo do tempo composto ou locução verbal é chamado de **principal**. Na prática, torna-se fácil identificar o auxiliar e o principal: o auxiliar é sempre o primeiro; o principal é sempre o segundo.

Paradigmas dos verbos regulares

Você encontrará a seguir paradigmas dos verbos regulares das três conjugações. Foram tomados como modelos os verbos *estudar* (primeira conjugação), *vender* (segunda conjugação) e *partir* (terceira conjugação).

Para conjugar qualquer verbo regular basta substituir o radical do verbo usado como exemplo pelo radical do verbo que se pretende conjugar. A vogal temática e as desinências não se alteram.

Tempos simples

MODO INDICATIVO		
presente		
estudo	vendo	permito
estudas	vendes	permites
estuda	vende	permite
estudamos	vendemos	permitimos
estudais	vendeis	permitis
estudam	vendem	permitem
pretérito imperfeito		
estudava	vendia	permitia
estudavas	vendias	permitias
estudava	vendia	permitia
estudávamos	vendíamos	permitíamos
estudáveis	vendíeis	permitíeis
estudavam	vendiam	permitiam
pretérito perfeito		
estudei	vendi	permiti
estudaste	vendeste	permitiste
estudou	vendeu	permitiu
estudamos	vendemos	permitimos
estudastes	vendestes	permitistes
estudaram	venderam	permitiram

pretérito mais-que-perfeito		
estudara	vendera	permitira
estudaras	venderas	permitiras
estudara	vendera	permitira
estudáramos	vendêramos	permitíramos
estudáreis	vendêreis	permitíreis
estudaram	venderam	permitiram

futuro do presente		
estudarei	venderei	permitirei
estudarás	venderás	permitirás
estudará	venderá	permitirá
estudaremos	venderemos	permitiremos
estudareis	vendereis	permitireis
estudarão	venderão	permitirão

futuro do pretérito		
estudaria	venderia	permitiria
estudarias	venderias	permitirias
estudaria	venderia	permitiria
estudaríamos	venderíamos	permitiríamos
estudaríeis	venderíeis	permitiríeis
estudariam	venderiam	permitiriam

MODO SUBJUNTIVO

presente		
estude	venda	permita
estudes	vendas	permitas
estude	venda	permita
estudemos	vendamos	permitamos
estudeis	vendais	permitais
estudem	vendam	permitam

pretérito imperfeito		
estudasse	vendesse	permitisse
estudasses	vendesses	permitisses
estudasse	vendesse	permitisse
estudássemos	vendêssemos	permitíssemos
estudásseis	vendêsseis	permitísseis
estudassem	vendessem	permitissem

futuro		
estudar	vender	permitir
estudares	venderes	permitires
estudar	vender	permitir
estudarmos	vendermos	permitirmos
estudardes	venderdes	permitirdes
estudarem	venderem	permitirem

MODO IMPERATIVO

afirmativo		
estuda tu	vende tu	permite tu
estude você	venda você	permita você
estudemos nós	vendamos nós	permitamos nós
estudai vós	vendei vós	permiti vós
estudem vocês	vendam vocês	permitam vocês

negativo		
não estudes tu	não vendas tu	não permitas tu
não estude você	não venda você	não permita você
não estudemos nós	não vendamos nós	não permitamos nós
não estudeis vós	não vendais vós	não permitais vós
não estudem vocês	não vendam vocês	não permitam vocês

FORMAS NOMINAIS

infinitivo impessoal		
estudar	vender	permitir

infinitivo pessoal		
estudar	vender	permitir
estudares	venderes	permitires
estudar	vender	permitir
estudarmos	vendermos	permitirmos
estudardes	venderdes	permitirdes
estudarem	venderem	permitirem

gerúndio		
estudando	vendendo	permitindo

particípio		
estudado	vendido	permitido

Comentários

a. Tome cuidado especial com as formas verbais que recebem acento gráfico, pois a omissão desse acento pode causar problemas na língua escrita:

- analise atentamente as formas de primeira e segunda pessoas do plural dos vários tempos e compreenda que algumas devem ser acentuadas porque são proparoxítonas;
- atente para as formas do futuro do presente do indicativo que são acentuadas graficamente (oxítonas terminadas em *-a*, *-as* – estudarás, estudará; venderás, venderá; permitirás, permitirá) e perceba que a omissão desse acento causa confusão com as formas correspondentes do pretérito mais-que-perfeito do indicativo (paroxítonas – estudaras, estudara; venderas, vendera; permitiras, permitira).

b. Compare a terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo com a terceira pessoa do plural do futuro do presente: a primeira é paroxítona e termina em *-am* (estudaram, venderam, permitiram); a segunda é oxítona e termina em *-ão* (estudarão, venderão, permitirão).

c. Compare a segunda pessoa do singular com a segunda pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo: a primeira termina em *-ste* (estudaste, vendeste, permitiste); a segunda termina em *-stes* (estudastes, vendestes, permitistes).

d. Atente para as particularidades do modo imperativo: não se conjuga a primeira pessoa do singular; além disso, na terceira pessoa se utilizam os pronomes *você/vocês, senhor/senhores*, ou qualquer outro pronome de tratamento.

Em CD

Divulgação

Pitty. Admirável chip novo. In: *Admirável chip novo* (CD). Deckdisc, 2003.

A cantora baiana Pitty debutou em carreira solo em grande estilo com *Admirável chip novo*, trabalho elogiado pelo público e pela crítica especializada. A faixa que dá nome ao disco é influência do livro homônimo do escritor Aldous Huxley, um de seus autores favoritos. O refrão dessa faixa, muito criativa por sinal, apresenta uma interessante sequência de verbos no imperativo sugerindo que somos vítimas inconscientes de um sistema que nos domina e explora.

Tempos compostos

MODO INDICATIVO

pretérito perfeito		pretérito mais-que-perfeito	
tenho/hei		tinha/havia	
tens/hás		tinhas/havias	
tem/há	estudado, vendido, permitido	tinha/havia	estudado, vendido, permitido
temos/havemos		tínhamos/havíamos	
tendes/haveis		tínheis/havíeis	
têm/hão		tinham/haviam	

futuro do presente	
terei/haverei	
terás/haverás	
terá/haverá	estudado, vendido, permitido
teremos/haveremos	
tereis/havereis	
terão/haverão	

futuro do pretérito	
teria/haveria	
terias/haverias	
teria/haveria	estudado, vendido, permitido
teríamos/haveríamos	
teríeis/haveríeis	
teriam/haveriam	

MODO SUBJUNTIVO

pretérito perfeito	
tenha/haja	
tenhas/hajas	
tenha/haja	estudado, vendido, permitido
tenhamos/hajamos	
tenhais/hajais	
tenham/hajam	

pretérito mais-que-perfeito	
tivesse/houvesse	
tivesses/houvesses	
tivesse/houvesse	estudado, vendido, permitido
tivéssemos/houvéssemos	
tivésseis/houvésseis	
tivessem/houvessem	

futuro	
tiver/houver	
tiveres/houveres	
tiver/houver	estudado, vendido, permitido
tivermos/houvermos	
tiverdes/houverdes	
tiverem/houverem	

FORMAS NOMINAIS

infinitivo impessoal (pretérito)	
ter/haver	estudado, vendido, permitido

infinitivo pessoal (pretérito)	
ter/haver	
teres/haveres	
ter/haver	estudado, vendido, permitido
termos/havermos	
terdes/haverdes	
terem/haverem	

gerúndio (pretérito)	
tendo/havendo	estudado, vendido, permitido

Comentários

a. Note que os tempos compostos são formados pelos verbos auxiliares *ter* e *haver* mais o particípio do verbo principal. Apenas os auxiliares se flexionam.

b. No Brasil, há uma acentuada tendência ao emprego do auxiliar *ter*; o uso do auxiliar *haver* restringe-se à língua formal falada ou escrita.

c. O pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo é largamente usado no português falado e escrito do Brasil, confinando a forma simples (que lhe é equivalente) ao uso escrito formal ou a expressões populares, como "Quisera eu!", "Quem me dera!" etc.

d. As formas compostas do infinitivo e do gerúndio têm valor de pretérito.

Atividades

1. Complete as lacunas das frases seguintes com a forma verbal indicada entre parênteses:

a) Se efetivamente (*), serias mais insistente. (*necessitar*, pretérito imperfeito do subjuntivo)

b) Seu pai não (*) às reuniões com frequência. (*comparecer*, pretérito imperfeito do indicativo)

c) O diretor não nos (*) ontem. (*auxiliar*, pretérito perfeito do indicativo)

d) Você sempre (*) às oito horas? (*chegar*, presente do indicativo)

e) Quem (*) esta rotina tão tranquila? (*alterar*, futuro do pretérito do indicativo)

f) Já fazia muito tempo que eu (*) a importância de ser solidário. (*perceber*, pretérito mais-que-perfeito do indicativo)

g) Não te (*) em situação delicada se me prestares ajuda? (*colocar*, futuro do presente do indicativo)

h) Talvez eu (*) alguma alteração no seu ânimo. (*perceber*, presente do subjuntivo)

i) Quando (*) a verdade, mostrai-a a todos. (*descobrir*, futuro do subjuntivo)

2. Complete as lacunas com as formas verbais solicitadas entre parênteses:

a) Quando você (*) o trabalho, poderá sair. (*terminar*, futuro composto do subjuntivo)

b) (*) constantemente, mas ainda não conseguiste êxito. (*insistir*, pretérito perfeito composto do indicativo)

c) Nós já (*) aquelas entidades assistenciais alguns anos atrás. (*ajudar*, pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo)

d) É provável que tudo (*) até então. (*acabar*, pretérito perfeito composto do subjuntivo)

e) Será que (*) em todos os meus exames até dezembro? (*passar*, futuro do presente composto do indicativo)

f) Se (*) antes, teríamos obtido a vaga. (*comparecer*, pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo)

g) Tudo (*) como imagináramos se ele não tivesse desistido no último momento. (*ocorrer*, futuro do pretérito composto do indicativo)

3. Passe para o plural cada uma das frases seguintes, mantendo o tempo e o modo dos verbos.

a) Eu gostava de caminhar à beira-mar.

b) Fazias sempre questão de ajudar.

c) Ele estivera acamado.

d) Até ontem, eu desconhecia que voltaras.

e) Se quisesses, eu não seria infeliz.

f) Se fosses solidário, eu teria melhor sorte.

g) Ele dormirá aqui amanhã.

h) Você chegou às três horas?

i) Ele fixara o encontro com antecedência.

j) Ela fixará o encontro com antecedência.

k) Agiste como te recomendei?

6. Formação dos tempos simples

Depois de observar os tempos e modos dos verbos regulares, é importante você saber que existe uma maneira eficiente, racional e organizada de conjugá-los. Basta empregar os conceitos de tempos primitivos e tempos derivados e explorar as relações entre eles:

a. **tempos primitivos** – são tempos cujos radicais ou temas são usados na formação de outros tempos. É o caso do **presente do indicativo** e do **pretérito perfeito do indicativo**. Além deles, o **infinitivo impessoal** é usado na formação de outros tempos;

b. **tempos derivados** – são aqueles cujos radicais ou temas são obtidos de um dos tempos primitivos ou do infinitivo impessoal. Com exceção do presente e do pretérito perfeito do indicativo e do infinitivo impessoal, todos os tempos e formas nominais são derivados.

O conhecimento da conjugação dos tempos primitivos e da forma como se obtém a partir deles a conjugação dos tempos derivados constitui um instrumento muito útil para evitar erros de conjugação. Com a prática e a repetição, o processo se tornará automático. Você perceberá que, em alguns casos, como na formação do imperativo e na obtenção de certos tempos de alguns verbos irregulares, esse processo de conjugação é eficiente e seguro.

Tempos derivados do presente do indicativo

O presente do indicativo forma o presente do subjuntivo; dos dois, é formado o modo imperativo:

a. presente do subjuntivo – forma-se a partir do radical da primeira pessoa do singular do presente do indicativo. Esse radical é obtido pela eliminação da desinência *-o* da primeira pessoa do singular (*estud-o, cant-o, conheç-o, venh-o, dig-o*); a ele, acrescentam-se as desinências *-e, -es, -e, -emos, -eis, -em*, para verbos da primeira conjugação, e *-a, -as, -a, -amos, -ais, -am*, para verbos da segunda e terceira conjugações;

b. imperativo afirmativo – a segunda pessoa do singular e a segunda pessoa do plural são retiradas diretamente do presente do indicativo, suprimindo-se o *-s* final: tu estudas → estuda tu; vós estudais → estudai vós. As formas das demais pessoas são exatamente as mesmas do presente do subjuntivo. Lembre-se de que não se conjuga a primeira pessoa do singular no modo imperativo;

c. imperativo negativo – todas as pessoas são idênticas às pessoas correspondentes do presente do subjuntivo.

ESQUEMA DE FORMAÇÃO DOS TEMPOS DERIVADOS DO PRESENTE DO INDICATIVO
(exemplo: verbo *optar*)

presente do indicativo	imperativo afirmativo	imperativo negativo	presente do subjuntivo
opt-o	–	–	opt-e
optas[-s]	opta	não optes	opt-es
opta	opte	não opte	opt-e
optamos	optemos	não optemos	opt-emos
optais[-s]	optai	não opteis	opt-eis
optam	optem	não optem	opt-em

Comentários

a. Lembre-se de que, para os verbos da segunda e terceira conjugações, as desinências do presente do subjuntivo são *-a, -as, -a, -amos, -ais, -am*.

b. Observe atentamente as diferenças entre as segundas pessoas do imperativo afirmativo e as segundas pessoas do imperativo negativo. Para passar uma frase do imperativo afirmativo para o negativo e vice-versa não basta acrescentar ou retirar um *não*: opta/não optes; optai/não opteis.

c. É muito comum na língua coloquial o emprego das formas verbais de segunda pessoa do singular do imperativo afirmativo com o pronome *você*: "– Vem pra Caixa você também!", por exemplo, fez parte de um famoso texto publicitário poucos anos atrás. Essa mistura de tratamentos não é admissível na língua culta; nesse registro linguístico, deve-se uniformizar o tratamento na segunda pessoa ("Vem... tu") ou na terceira pessoa ("Venha... você").

As formas do imperativo *seja* e *conte* mantêm a uniformidade de tratamento: ambas são formas de terceira pessoa, ligadas ao pronome elíptico *você*.

GONSALES, Fernando. Níquel Náusea. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 26 jun. 2003. p. E13.

Atividades

1. Passe para a forma negativa:

a) Procura-me.
b) Procure-me.
c) Entoa aquela velha canção de ninar.
d) Entoe aquela velha canção de ninar.
e) Conta o que viste.
f) Conte o que viu.
g) Aciona os motores.
h) Acione os motores.
i) Estende os panos.
j) Estenda os panos.
k) Sai daí!
l) Saia daí!
m) Belisca-me para eu perceber que estou acordado.
n) Belisque-me para eu perceber que estou acordado.
o) Assiste ao filme!
p) Assista ao filme!

2. Passe as frases da atividade anterior para o plural. A seguir, passe-as para a forma negativa.

3. Leia atentamente o texto seguinte, trecho da canção "Nosso estranho amor", de Caetano Veloso:

"Não quero sugar todo seu leite
Nem quero você enfeite do meu ser
Apenas te peço que respeite
O meu louco querer
Não importa com quem você se deite
Que você se deleite seja com quem for
Apenas te peço que aceite
O meu estranho amor

Ah! Mainha, deixa o ciúme chegar
Deixa o ciúme passar
E sigamos juntos
Ah! Neguinha, deixa eu gostar de você
Pra lá do meu coração
Não me diga nunca não
[...]"

Disponível em: <www.caetanoveloso.com.br>. Acesso em: 9 jun. 2008.

O que ocorre com as formas de tratamento empregadas no texto? De que maneira o modo imperativo é marcado por essas formas? Comente, explicando os efeitos obtidos no texto e apresentando maneiras de adequá-lo à língua culta.

4. Explique a formação do modo imperativo a partir do presente do indicativo. Use o verbo *suar* como exemplo.

Em *site*

<www.caetanoveloso.com.br >. Acesso em: 21 abr. 2008.

Todo mundo pelo menos já ouviu falar em Caetano Veloso. Mas pouca gente conhece detalhes de sua vida e de sua carreira. Hoje, graças ao *site* oficial do cantor e compositor baiano, isso ficou mais fácil. A página oferece conteúdo completo e diversificado. Você encontra aqui a biografia do artista, fotos da carreira, discos, DVD, clipes e letras de todas as canções. É possível até acompanhar sua agenda e ficar por dentro das últimas notícias sobre o músico.

Tempos derivados do pretérito perfeito do indicativo

O pretérito perfeito do indicativo fornece o tema para a formação de três outros tempos: o pretérito mais-que-perfeito do indicativo, o pretérito imperfeito do subjuntivo e o futuro do subjuntivo. Para obter o tema do pretérito perfeito, basta retirar a desinência *-ste* da forma correspondente à segunda pessoa do singular (*estuda*-ste, *vende*-ste, *parti*-ste, *trouxe*-ste, *soube*-ste); a seguir, acrescentam-se a esse tema as desinências características de cada um dos três tempos derivados:

a. pretérito mais-que-perfeito do indicativo: *-ra, -ras, -ra, -ramos, -reis, -ram*

b. pretérito imperfeito do subjuntivo: *-sse, -sses, -sse, -ssemos, -sseis, -ssem*

c. futuro do subjuntivo: *-r, -res, -r, -rmos, -rdes, -rem*

As desinências dos tempos derivados são as mesmas para as três conjugações.

ESQUEMA DE FORMAÇÃO DOS TEMPOS DERIVADOS DO PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO (exemplo: verbo *fazer*)

pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais-que-perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
fiz	**fize**-ra	**fize**-sse	**fize**-r
fize-ste	**fize**-ras	**fize**-sses	**fize**-res
fez	**fize**-ra	**fize**-sse	**fize**-r
fizemos	**fizé**-ramos	**fizé**-ssemos	**fize**-rmos
fizestes	**fizé**-reis	**fizé**-sseis	**fize**-rdes
fizeram	**fize**-ram	**fize**-ssem	**fize**-rem

Bill Watterson © 2007 Watterson/ Dist. by Atlantic Syndication

WATTERSON, Bill. *Felino, selvagem, psicopata, homicida*. São Paulo: Best News, 1996. v. 1. p. 21.

A forma verbal *pudesse*, pretérito imperfeito do subjuntivo, deriva do pretérito perfeito do indicativo (pude, **pude**ste, pôde, pudemos, pudestes, puderam). No texto, ela indica um fato hipotético (*pudesse conviver*); já as formas *posso, é, fez* e *ouvi* expressam certeza, pois estão conjugadas no modo indicativo.

Atividades

1. Quais os tempos derivados do pretérito perfeito do indicativo? Explique sua formação usando o verbo *ir* como exemplo.

2. Observe a frase a seguir:

   "Se você não se manter calmo, poderá fazer algo errado".

   Sabendo que o verbo *manter* segue o modelo de conjugação do verbo *ter*, procure adequar a frase ao lado ao padrão culto da língua portuguesa. Utilize o esquema de formação de tempos derivados a partir do pretérito perfeito do indicativo para comprovar a eficácia de sua correção.

Tempos e formas nominais derivados do infinitivo impessoal

O infinitivo impessoal (*estudar, vender, permitir*) é a base para a formação de três tempos do modo indicativo: o pretérito imperfeito, o futuro do presente e o futuro do pretérito. Além disso, é base também das formas nominais: o infinitivo pessoal, o particípio e o gerúndio.

a. **pretérito imperfeito do indicativo** – forma-se pelo acréscimo das terminações *-ava, -avas, -ava, -ávamos, -áveis, -avam* (para os verbos da primeira conjugação) ou *-ia, -ias, -ia, -íamos, -íeis, -iam* (para os verbos da segunda e terceira conjugações) ao radical do infinitivo impessoal (*estud-ar, vend-er, permit-ir*);

b. **futuro do presente do indicativo** – forma-se pelo acréscimo das desinências *-rei, -rás, -rá, -remos, -reis, -rão* ao tema do infinitivo impessoal (*estuda-r, vende-r, permiti-r*);

c. **futuro do pretérito do indicativo** – forma-se pelo acréscimo das desinências *-ria, -rias, -ria, -ríamos, -ríeis, -riam* ao tema do infinitivo impessoal;

d. **infinitivo pessoal** – acrescentam-se as desinências *-es* (para a segunda pessoa do singular) e *-mos, -des, -em* (para as três pessoas do plural) ao infinitivo impessoal (*estudar-, vender-, permitir-*);

e. **particípio regular** – acrescenta-se a desinência *-ado* (para verbos da primeira conjugação) ou *-ido* (para verbos da segunda e terceira conjugações) ao radical do infinitivo impessoal;

f. **gerúndio** – acrescenta-se a desinência *-ndo* ao tema do infinitivo impessoal.

ESQUEMA DE FORMAÇÃO DOS TEMPOS E FORMAS NOMINAIS DERIVADOS DO INFINITIVO IMPESSOAL (exemplo: verbo *cantar*)

infinitivo impessoal	particípio	pretérito imperfeito do indicativo
cant-ar (radical)	**cant**-ado	**cant**-ava
		cant-avas
		cant-ava
		cant-ávamos
		cant-áveis
		cant-avam

infinitivo impessoal	futuro do presente do indicativo	futuro do pretérito do indicativo	gerúndio
canta-r	canta-rei	canta-ria	canta-ndo
(tema)	canta-rás	canta-rias	
	canta-rá	canta-ria	
	canta-remos	canta-ríamos	
	canta-reis	canta-ríeis	
	canta-rão	canta-riam	

Reprodução/Editora Abril

Bravo! São Paulo: Abril, ano 10, n. 111, nov. 2006. p. 35.

"Assim a gente vai adiante: recuando e avançando, recuando um pouco para poder avançar. Quem dá um salto muito grande tem que ficar esperando todo mundo vir atrás."

Paulinho da Viola

Os verbos *recuar*, *avançar* e *esperar* são usados no gerúndio por Paulinho da Viola: *recuando*, *avançando* e *esperando* (formas verbais caracterizadas pela terminação *-ndo*). Observe como esses verbos exprimem, nesse caso, processos em andamento. Já os verbos no infinitivo (*poder*, *avançar*, *ficar*, *vir*) exprimem os processos propriamente ditos.

infinitivo impessoal	infinitivo pessoal
cantar	cantar
	cantar-es
	cantar
	cantar-mos
	cantar-des
	cantar-em

OBSERVAÇÃO GERAL

Alguns poucos verbos não obedecem a um ou outro dos esquemas expostos; isso, no entanto, não chega a afetar a grande eficiência desses mecanismos de conjugação. Quando estudarmos os verbos irregulares, faremos menção às exceções mais importantes.

Comentários

a. Para os verbos da segunda e terceira conjugações, as desinências são diferentes das que surgem no esquema de formação do particípio e pretérito imperfeito do indicativo: *-ido* para o particípio e *-ia*, *-ias*, *-ia*, *-íamos*, *-íeis*, *-iam* para o imperfeito.

b. Atente para o fato de que o infinitivo pessoal e o futuro do subjuntivo têm origens diferentes, o que implicará diferenças formais significativas em alguns verbos, como *fazer* (fazer, fazeres; fizer, fizeres), *expor* (expor, expores; expuser, expuseres), *dizer* (dizer, dizeres; disser, disseres) e outros.

Atividades

1. Preencha as lacunas com as formas verbais solicitadas entre parênteses:

a) Você nunca (*) de nada! (*reclamar*, pretérito imperfeito do indicativo)

b) Desde o ano passado, o time não (*) uma partida com tanta facilidade. (*vencer*, pretérito imperfeito do indicativo)

c) Não (*) a ideia de ter de partir justamente quando lhe (*) uma oportunidade daquelas. (*aceitar*, pretérito imperfeito do indicativo; *surgir*, pretérito imperfeito do indicativo)

d) Não (*) minha inteligência para defender causa tão sórdida! (*empregar*, futuro do presente do indicativo)

e) Quem (*) contra nossa união? (*tramar*, futuro do pretérito do indicativo)

f) (*) a questão, (*) dar prosseguimento a nossos projetos. (*solucionar*, particípio; *poder*, futuro do pretérito do indicativo)

g) Dirigiu-se a nós (*) de nossa inoperância e (*) nosso despreparo. (*reclamar*, gerúndio; *denunciar*, gerúndio)

h) Depois que nos identificamos, ela fez o possível e o impossível para (*) em sua casa. (*ficar*, infinitivo pessoal)

2. Identifique as formas verbais destacadas na frase a seguir e explique por meio dos esquemas de formação de tempos verbais a origem de cada uma delas:

Se você não **fizer** o que determina o manual de instruções, será impossível para os técnicos **fazer** o serviço.

7. Alguns verbos regulares que merecem destaque

O verbo *optar* é um típico verbo regular cuja conjugação apresenta detalhes importantes. Atente principalmente no presente do indicativo e tempos derivados: a pronúncia culta das formas verbais aí presentes é **op**to, **op**tas, **op**ta, **op**tam; **op**te, **op**tes, **op**te, **op**tem. O mesmo vale para os verbos captar, adaptar, raptar, compactar etc. O problema é prosódico e não morfológico e ocorre de forma semelhante no verbo obstar: **obs**to, **obs**tas, **obs**ta, **obs**tam; **obs**te, **obs**tes, **obs**te, **obs**tem.

Alguns outros verbos regulares cuja pronúncia culta merece destaque são:

APAZIGUAR	
presente do indicativo	**presente do subjuntivo**
apazi**gu**o	apazi**gu**e
apazi**gu**as	apazi**gu**es
apazi**gu**a	apazi**gu**e
apazi**gu**amos	apazi**gu**emos
apazi**gu**ais	apazi**gu**eis
apazi**gu**am	apazi**gu**em

Comentários

a. O verbo *averiguar* apresenta exatamente as mesmas características tônicas, que, aliás, são iguais às de quase todos os verbos terminados em *-uar*, como *continuar*, *efetuar*, *habituar* etc.

b. Atente na acentuação tônica dessas formas verbais. As três pessoas do singular e a terceira do plural são formas rizotônicas: o acento tônico recai na vogal **u** (contin**u**o, apazig**u**o, efet**u**e, apazig**u**e, habi-

MOBILIAR	
presente do indicativo	**presente do subjuntivo**
mobílio	mobílie
mobílias	mobílies
mobília	mobílie
mobiliamos	mobiliemos
mobiliais	mobilieis
mobíliam	mobíliem

Há também verbos foneticamente regulares, mas irregulares no que diz respeito à manutenção da estrutura formal. É o caso, por exemplo, do verbo *dirigir*: dirijo, diriges, dirige, dirigimos, dirigis, dirigem; dirija, dirijas, dirija, dirijamos, dirijais, dirijam. É fácil conjugar esse verbo oralmente; as dificuldades surgem no momento de escrever as formas verbais. É necessário, então, substituir a letra *g*, que faz parte do radical (*dirig-*), pela letra *j*, justamente para manter o padrão fonético. Se fosse mantida a letra *g* do radical em toda a conjugação de verbos como *dirigir*, *agir*, *fugir*, *fingir*, haveria formas como "eu dirigo", "eu ago", "eu fugo", "eu fingo", "que eu diriga", "que eu fuga".

Você notou que só será necessário trocar o *g* por *j* diante de *a* e *o*.

Para eliminar essas dificuldades, você deve dominar com segurança as relações (já estudadas em nosso livro!) entre fonemas e letras. Os problemas surgem, obviamente, nos verbos que apresentam letras que servem para representar mais de um fonema ou naqueles que apresentam fonemas que podem ser representados por mais de uma letra.

É o caso dos verbos cujo infinitivo se escreve com *c*, *ç*, *g*, *gu*:

- **ficar**: fico, fique; fiquei, ficaste;
- **descer**: desço, desça; desci, desceste;
- **atiçar**: atiço, atice; aticei, atiçaste;
- **carregar**: carrego, carregue; carreguei, carregaste;
- **fingir**: finjo, finges; fingi, fingiste;
- **erguer**: ergo, ergues; ergui, ergueste.

Merecem destaque *extinguir* e *distinguir*: nesses verbos, como em *erguer*, as letras *gu* representam um dígrafo. Ao conjugá-los, obtêm-se as formas *extingo*, *extingues*, *extingue* etc.; *distingo*, *distingues*, *distingue* etc. Portanto você não deve pronunciar a letra *u* durante a conjugação desses verbos.

Em algumas formas de sua conjugação, o verbo *enxergar* apresenta o dígrafo *gu*, como neste anúncio. (À esquerda, o texto ficou ilegível propositalmente, pois o anunciante é o Hospital de Olhos do Paraná.)

Folha de S.Paulo, São Paulo, 17 mar. 2003. p. C6.

Atividades

1. Complete as lacunas com as formas verbais solicitadas entre parênteses:

a) É provável que (*) a esperança depois destes tempos negros. (*renascer*, presente do subjuntivo)

b) (*) imediatamente! Tu não tens mais nada a fazer aqui! (*fugir*, imperativo afirmativo)

c) Parece imprescindível que os senadores (*) com seriedade neste momento delicado. (*agir*, presente do subjuntivo)

d) Não é recomendável que você (*) seu próprio sucessor. (*indicar*, presente do subjuntivo)

e) Ela quer uma cor que (*) as dimensões da obra. (*realçar*, presente do subjuntivo)

f) É provável que eles (*) suas contas antes do vencimento. (*pagar*, presente do subjuntivo)

g) Não creio que se (*) um monumento típico do antigo regime. (*re-erguer*, presente do subjuntivo)

2. Complete as lacunas com as formas verbais solicitadas entre parênteses. A seguir, leia atentamente as frases **em voz alta**, prestando atenção à forma culta de pronunciar essas formas verbais:

a) Eu não (*) esse eterno candidato de seus velhos comparsas. (*distinguir*, presente do indicativo)

b) Nada (*) a que alteremos nosso procedimento. (*obstar*, presente do indicativo)

c) É mais do que provável que as fontes de energia (*) até o final do próximo século. (*minguar*, presente do subjuntivo)

d) Você nunca (*) as roupas depois da aplicação desses produtos? (*enxaguar*, presente do indicativo)

e) Essas manifestações populares espontâneas talvez (*) num movimento mais organizado. (*desaguar*, presente do subjuntivo)

f) O senador sugere que uma Comissão Parlamentar de Inquérito (*) as denúncias. (*averiguar*, presente do subjuntivo)

g) A nova lei não (*) determinações anteriores. (*extinguir*, pretérito perfeito do indicativo)

h) (*) de forma consciente para não se arrependerem depois. (*optar*, imperativo afirmativo)

Textos para análise

1

Primeiras passadas

[...]

Hora de comer

A prática da corrida exige cuidados especiais com a alimentação. O cardápio diário do novo corredor deve ser composto de pelo menos 60% de carboidratos (cereais, leguminosas, frutas e massas), entre 15% a 20% de proteínas (leite e derivados, ovos e carnes magras) e 20% a 25% de gorduras (de preferência as poli-insaturadas, presentes nos óleos vegetais). Além disso, é preciso ficar atento à manutenção dos estoques de energia antes, durante e após o exercício. Confira algumas orientações de Flávia Abdallah, nutricionista do ambulatório de medicina do esporte do Hospital das Clínicas.

Antes do treino: consuma alimentos ricos em carboidratos com baixo índice glicêmico, como uma fruta ou uma barra de cereais, 30 minutos antes do treino. Não se deve correr em jejum. Caso você tenha feito uma refeição mais pesada (almoço, por exemplo), aguarde de três a quatro horas antes de treinar.

Durante o treino: exercícios com mais de uma hora de duração exigem que você consuma carboidrato durante a atividade. Prefira os géis de carboidratos e a maltodextrina (energético solúvel em água), que são rapidamente absorvidos pelo organismo. Consuma um sachê a cada hora de exercício.

Depois: o processo de recuperação envolve a reposição dos estoques de glicogênio perdidos no exercício. Para isso, coma carboidratos com alto índice glicêmico imediatamente após a atividade. Opções: sucos e vitaminas, torrada com mel, caldo de cana e banana.

Revista 02. São Paulo: Esfera BR Mídia, n. 22, fev. 2005. p. 12.

Trabalhando o texto

1. A que pessoa(s) referem-se as formas verbais *exige*, *deve*, *exigem* e *prefira*?
2. Destaque do texto as formas verbais que exprimem os processos propriamente ditos.
3. Aponte as formas verbais que estão no modo imperativo nesse texto. Qual o papel desse modo num texto como esse?
4. Além do modo imperativo, que outro tempo e modo destacam-se no texto? Procure justificar seu emprego, tendo em vista a intenção com que o texto foi produzido.

2

Fernando Gonsales

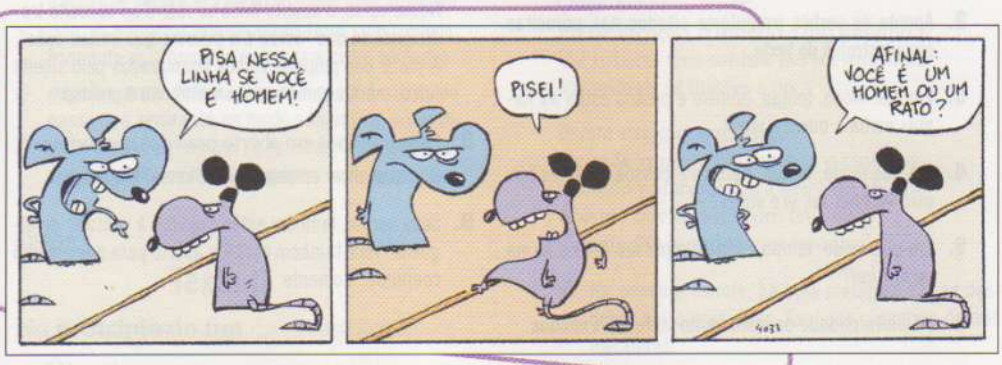

GONSALES, Fernando. *Níquel Náusea: tédio no chiqueiro*. São Paulo: Devir, 2006. p. 31.

Trabalhando o texto

1. Tomando-se como referência a norma culta da linguagem, pode-se dizer que houve uma inadequação de linguagem na primeira fala dessa tirinha. Aponte-a e, em seguida, adapte-a à norma culta.
2. Nessa mesma fala, a personagem usa o verbo *ser* no presente do indicativo ("se você *é* homem"). Que diferença de sentido haveria se o verbo fosse usado no futuro do subjuntivo ("se você *for* homem")?
3. Você diria que, em vista da situação de linguagem da tirinha, a linguagem utilizada pela personagem é aceitável? Justifique sua resposta.

Antes do treino: consuma alimentos ricos em carboidratos com baixo índice glicêmico, como uma fruta ou uma barra de cereais, 30 minutos antes do treino. Não se deve correr em jejum. Caso você tenha feito uma refeição mais pesada (almoço, por exemplo), aguarde de três a quatro horas antes de treinar.

Durante o treino: exercícios com mais de uma hora de duração exigem que você consuma carboidrato durante a atividade. Prefira os géis de carboidratos e a maltodextrina (energético solúvel em água), que são rapidamente absorvidos pelo organismo. Consuma um sachê a cada hora de exercício.

Depois: o processo de recuperação envolve a reposição dos estoques de glicogênio perdidos no exercício. Para isso, coma carboidratos com alto índice glicêmico imediatamente após a atividade. Opções: sucos e vitaminas, torrada com mel, caldo de cana e banana.

Revista 02. São Paulo: Esfera BR Mídia, n. 22, fev. 2005. p. 12.

Trabalhando o texto

1. A que pessoa(s) referem-se as formas verbais *exige, deve, exigem* e *prefira*?
2. Destaque do texto as formas verbais que exprimem os processos propriamente ditos.
3. Aponte as formas verbais que estão no modo imperativo nesse texto. Qual o papel desse modo num texto como esse?
4. Além do modo imperativo, que outro tempo e modo destacam-se no texto? Procure justificar seu emprego, tendo em vista a intenção com que o texto foi produzido.

2

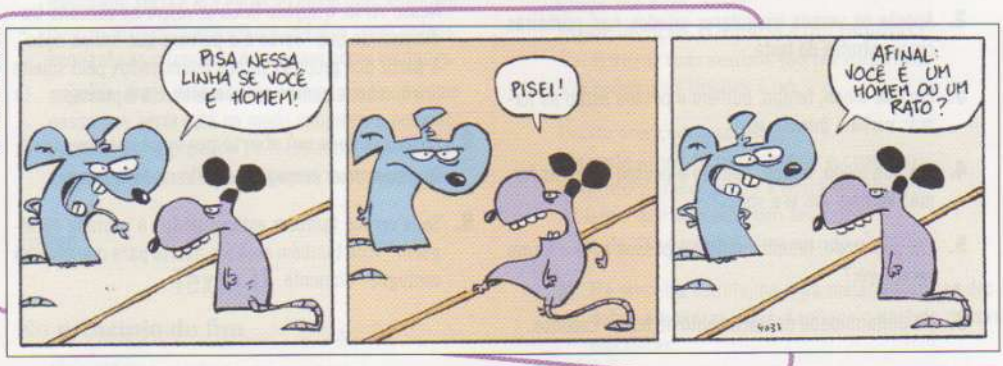

Fernando Gonsales

GONSALES, Fernando. *Níquel Náusea: tédio no chiqueiro*. São Paulo: Devir, 2006. p. 31.

Trabalhando o texto

1. Tomando-se como referência a norma culta da linguagem, pode-se dizer que houve uma inadequação de linguagem na primeira fala dessa tirinha. Aponte-a e, em seguida, adapte-a à norma culta.
2. Nessa mesma fala, a personagem usa o verbo *ser* no presente do indicativo ("se você *é* homem"). Que diferença de sentido haveria se o verbo fosse usado no futuro do subjuntivo ("se você *for* homem")?
3. Você diria que, em vista da situação de linguagem da tirinha, a linguagem utilizada pela personagem é aceitável? Justifique sua resposta.

3

Verbos sujeitos

Olhos pra te rever
Boca pra te provar
Noites pra te perder
Mapas pra te encontrar

Fotos pra te reter
Luas pra te esperar
Voz pra te convencer
Ruas pra te avistar

Calma pra te entender
Verbos pra te acionar
Luz pra te esclarecer
Sonhos pra te acordar

Taras pra te morder
Cartas pra te selar
Sexo pra estremecer
Contos pra te encantar

Silêncio pra te comover
Música pra te alcançar
Refrão pra te enternecer
E agora só falta você

Meus verbos sujeitos ao seu modo de me acionar
Meus verbos em aberto pra você me conjugar
Quero, vou, fui, não vi, voltei,
Mas sei que um dia, de novo, eu irei...

Christiaan Oyens e Zélia Duncan. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/zeliaduncan>. Acesso em: 9 jun. 2008.

Trabalhando o texto

1. Aponte os verbos regulares citados nas primeiras cinco estrofes do texto.
2. Aponte os verbos irregulares citados nas primeiras cinco estrofes do texto.
3. Em que modo, tempo, número e pessoa estão as formas verbais *quero* e *vou*?
4. Em que modo, tempo, número e pessoa estão as formas verbais *fui*, *vi* e *voltei*?
5. Em que modo, tempo, número e pessoa está a forma verbal *irei*?
6. Há uniformidade de tratamento no texto? Explique.
7. "Meus verbos sujeitos ao seu modo de me acionar"

   Nesse verso, o sujeito lírico se refere ao conceito tradicional de que "verbo é a palavra que indica ação". A partir dos próprios verbos enumerados pelo sujeito lírico, mostre como esse conceito não é preciso.
8. "Meus verbos em aberto pra você me conjugar"

   Que quer dizer *conjugar* nesse verso? Explique.
9. Seus verbos também estão sujeitos à vontade de alguém? Você também está em aberto para que alguém conjugue? Comente.

Em livro

Edições Demócrito Rocha

MAIA, Salomão. *Dicionário de verbos de* Os sertões. São Paulo: Edições Demócrito Rocha, 2008.

Os sertões é um clássico da literatura sertaneja. O livro foi escrito por Euclides da Cunha, até então jornalista de *O Estado de S. Paulo*, em meio aos desdobramentos do Conflito de Canudos, levante popular liderado por Antônio Conselheiro. Em suas mais de 700 páginas podem ser encontrados mais de 3 000 verbos, todos eles catalogados pelo advogado Salomão Maia. O objetivo do autor foi o de facilitar o acesso à densa obra de Euclides da Cunha para aqueles leitores pouco afeitos à singular prosa euclidiana.

Questões de exames e concursos

1. (PUC-SP) Leia atentamente o texto abaixo, a fim de responder às duas questões que o seguem.

Yahoo tenta comprar AOL e barrar avanço do Google

O Yahoo ***negocia*** com a Time Warner a compra do *site* America Online (AOL), segundo a revista *Fortune*. A compra ***seria*** uma tentativa de chamar atenção dos investidores e tirar o foco do Google. O Yahoo ***era*** líder em buscas na internet até a chegada do Google, que ***detém*** o domínio desse mercado.

O Estado de S. Paulo, 30 out. 2006.

Em relação aos verbos destacados no texto, é possível afirmar que:

a) todos estão no modo subjuntivo e, por isso, expressam os fatos como possibilidades.

b) todos estão no modo indicativo, no entanto, ***seria*** expressa o fato como possibilidade.

c) ***negocia*** e ***detém*** estão no modo indicativo, ao passo que ***seria*** e ***era*** estão no subjuntivo; por isso, os primeiros expressam os fatos como verdades, enquanto os últimos os expressam como possibilidades.

d) ***negocia*** e ***detém*** estão no modo imperativo, ao passo que ***seria*** e ***era*** estão no modo indicativo; por isso, os primeiros expressam os fatos como ordens, enquanto os últimos os expressam como verdades.

e) ***negocia***, ***era*** e ***detém*** estão no modo indicativo, ao passo que ***seria*** está no modo subjuntivo; por isso, os primeiros expressam os fatos como possibilidades, enquanto o último o expressa como verdade.

2. (UFRRJ)

Texto II

No princípio do fim

Há ruídos que não se ouvem mais:

– o grito desgarrado de uma locomotiva na madrugada

– os apitos dos guardas-noturnos quadriculando como

um mapa a cidade adormecida

– os barbeiros que faziam cantar no ar suas tesouras

– a matraca do vendedor de cartuchos

– a gaitinha do afiador de facas

– todos esses ruídos que apenas rompiam o silêncio.

E hoje o que mais se precisa é de silêncios que

interrompam o ruído.

Mas que se há de fazer?

Há muitos – a grande maioria – que já nasceram no barulho. E nem sabem, nem notam, por que suas mentes são tão atordoadas, seus pensamentos tão confusos. Tanto que, na sua bebedeira auricular, só conseguem entender as frases repetitivas da música *pop*. E, se esta nossa "civilização" não arrebentar, acabamos um dia perdendo a fala – para que falar? para que pensar? – ficaremos apenas no batuque: "Tan! tan! tan! tan! tan!"

QUINTANA, Mario. *Prosa e verso*. 6. ed. São Paulo: Globo, 1989.

Que tempo e modo verbais Mário Quintana explora nos versos quatro e sete? Justifique o seu emprego, relacionando-os à discussão promovida por esse autor no texto.

3. (Fuvest-SP) Leia o trecho de uma canção de Cartola, tal como registrado em gravação do autor:

(...)

Ouça-me bem, amor,
Preste atenção, o mundo é um moinho,
Vai triturar teus sonhos tão mesquinhos,
Vai reduzir as ilusões a pó.

Preste atenção, querida,
De cada amor tu herdarás só o cinismo
Quando notares, estás à beira do abismo
Abismo que cavaste com teus pés.
Cartola, "O mundo é um moinho".

a) Na primeira estrofe, há uma metáfora que se desdobra em outras duas. Explique o sentido dessas metáforas.

b) Caso o autor viesse a optar pelo uso sistemático da segunda pessoa do singular, precisaria alterar algumas formas verbais. Indique essas formas e as respectivas alterações.

4. (Ufam) Assinale o item em que os vocábulos verbais **não** apresentam vogal temática:

a) punires, punísseis

b) escrevendo, vindo

c) premiou, premiaram

d) nomeio, nomeie

e) venceria, venceremos

5. (Fuvest-SP) Entre as mensagens abaixo, a única que está de acordo com a norma escrita culta é:

a) Confira as receitas incríveis preparadas para você. Clica aqui!

b) Mostra que você tem bom coração. Contribua para a campanha do agasalho!

c) Cura-te a ti mesmo e seja feliz!

d) Não subestime o consumidor. Venda produtos de boa procedência.

e) Em caso de acidente, não siga viagem. Pede o apoio de um policial.

6. (UFC) Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta em relação ao valor sintático-semântico dos verbos destacados na frase abaixo.

Tia Matilda **sentiu** (1) o vento, **olhou** (2) as folhas secas e **caminhou** (3) em silêncio.

a) ação – processo – processo

b) processo – ação – estado

c) processo – ação – ação

d) estado – estado – processo

e) estado – processo – ação

7. (FGV-SP) Dentre as alternativas abaixo, aponte aquela em que haja uniformidade de tratamento.

a) Sai daí! Você não deve ficar nessa parte do circo, que é muito perigosa. Chegue mais perto do palco. Aproxime-se sem medo.

b) Saia daí! Você não deve ficar nessa parte do circo, que é muito perigosa. Chega mais perto do palco. Aproxime-se sem medo.

c) Sai daí! Tu não deves ficar nessa parte do circo, que é muito perigosa. Chega mais perto do palco. Aproxima-te sem medo.

d) Sai daí! Vós não deveis ficar nessa parte do circo, que é muito perigosa. Chegai mais perto do palco. Aproximai-vos sem medo.

e) Sai daí! Tu não deve ficar nessa parte do circo, que é muito perigosa. Chega mais perto do palco. Aproxime-se sem medo.

8. (Ufes)

Neologismo
Manuel Bandeira

"Beijo pouco, falo menos ainda.
Mas invento palavras
Que traduzem a ternura mais funda
E mais cotidiana.
Inventei, por exemplo, o verbo teadorar.
Intransitivo:
Teadoro, Teodora."

Assinale a alternativa em que a forma destacada pertence à mesma categoria de palavras de que faz parte a inventada por Manuel Bandeira:

a) Prometi acabar com [...] o **sem-vergonhismo** atrás do forte e acabei. (Dias Gomes)

b) Este momento há de ficar para sempre nos anais e **menstruais** da história de Sucupira. (Dias Gomes)

c) [...] Aí, nem olhei para Joca Ramiro – eu achasse, ligeiro demais, que Joca Ramiro não estava aprovando meu **saimento**. (Guimarães Rosa)

d) [...] Um dos **principalmente** da minha plataforma política é a pacificação da família sucupirana. (Dias Gomes)

e) [...] Ele **xurugou** – e, vai ver quem e o quê, jamais se saberia. (Guimarães Rosa)

9. (UFC) No quadro abaixo, apresenta-se uma lista de verbos em ordem alfabética.

atribuir	chamar	dizer	escrever	existir
fluir	lidar	merecer	ser	transformar

Preencha as lacunas abaixo usando, **sem repetir**, os verbos do quadro acima, no presente do indicativo, de maneira que as frases fiquem corretas, segundo a norma gramatical, e aceitáveis do ponto de vista semântico.

(1) ... muitos que se (2) ... poetas, mas,
na verdade, não o (3) ... .

Os verdadeiros poetas (4) ... com a emoção.
O que eles (5) ...

(6) ...-se, com justiça, poesia.

O sonho, a fantasia, a alegria, a dor, tudo se (7) ...
em verso. E em verso, a vida, quer alegre,
quer triste, (8) ... .

Já aqueloutros não (9) ... o nome de poetas que
se lhes (10) ...

10. (Unifal-MG) Leia os versos abaixo e responda ao que se pede.

"Convive com teus poemas, antes de escrevê-los.
Tem paciência, se obscuros. Calma, se te provocam."

Caso o poeta tivesse optado pela forma *você*, em vez de *tu*, a alternativa que contém as mudanças **corretas** seria:

a) Conviva com teus poemas, antes de escrevê-los. Tenha paciência, se obscuros. Calma, se o provocam.

b) Convive com seus poemas, antes de escrevê-los. Tende paciência, se obscuros. Calma, se lhe provocam.

c) Conviva com seus poemas, antes de escrevê-los. Tenha paciência, se obscuros. Calma, se o provocam.

d) Convivei com seus poemas, antes de escrevê-los. Tenha paciência, se obscuros. Calma, se lhe provocam.

e) Convivei com vossos poemas, antes de escrevê-los. Tende paciência, se obscuros. Calma, se vos provocam.

11. (ESALq-SP) Considerando os verbos destacados nas frases abaixo, relacione a coluna da esquerda com a da direita. Depois marque a sequência numérica que corresponde à resposta certa.

( ) Ser livre – como **diria** o famoso conselheiro – é não ser escravo.	(1) infinitivo impessoal
( ) **Somos**, pois, criaturas nutridas de liberdade.	(2) presente do indicativo
( ) Diz-se que o homem **nasceu** livre.	(3) infinitivo pessoal
( ) Diz-se que **renunciar** à liberdade é renunciar à própria condição humana.	(4) futuro do pretérito do indicativo
( ) Os papagaios vão pelos ares até onde os meninos de outrora não acreditavam que se **pudesse** chegar com um fio de linha.	(5) imperfeito do subjuntivo
( ) Os loucos que sonharam sair de seus pavilhões usando a fórmula do incêndio para **chegarem** à liberdade, morreram.	(6) perfeito do indicativo

a) 4-2-6-1-5-3
b) 5-6-2-4-1-3
c) 3-5-2-6-4-1
d) 6-2-4-1-3-5
e) 3-6-5-2-1-4

12. (PUC-SP) Nos trechos:

Vejam, continuou ele, como não dá.
e
Cante esta, convidou o major.

alterando-se o sujeito dos verbos destacados para *tu* e depois para *vós*, teremos, respectivamente:

a) vê – canta
vede – cantai

b) vejas – cantes
vejais – cantais

c) vês – cantas
vedes – cantais

d) veja – cante
vejai – cantei

e) vês – cantas
vede – cantai

13. (PUC-SP) Em relação aos trechos:

A questão **era** conseguir o Engenho Vertente, ...
e
Ele **tinha** os seus planos na cabeça. **Via** as usinas de Pernambuco crescendo de capacidade...

se substituirmos os verbos destacados pelo futuro do pretérito do indicativo, teremos:

a) fora, tivera, vira.
b) seria, teria, veria.
c) seria, teria, viria.
d) fora, teria, veria.
e) será, terá, verá.

14. (Fuvest-SP) Preencha os claros da frase transformada com as formas adequadas dos verbos assinalados na frase original.

Original:
Para você **vir** à Cidade Universitária é preciso **virar** à direita ao **ver** a ponte da Alvarenga.

Transformada:
Para tu (*) à Cidade Universitária é preciso que (*) à direita quando (*) a ponte da Alvarenga.

a) vir – vire – ver
b) vires – vires – veres
c) venhas – vires – vejas
d) vir – virar – ver
e) vires – vires – vires

15. (UEM-PR) Assinale toda vez que os verbos do imperativo, em cada dupla, se referirem à mesma pessoa.

01 a) Enxágua a louça, mana.
b) Filha, seja mais otimista!
02 a) Crede sempre no bem!
b) Não digais tudo o que vem à mente.
04 a) Sigamos nosso caminho...
b) Criemos nosso destino!
08 a) Papai, descola uma grana aí.
b) Psiu! vem mais perto, vem.

16. (PUC-SP) Observe os verbos *dizer*, *rolar* e *varrer*, assim empregados:

dizei-me rolai varrei

a) Indique em que modo e pessoa estão conjugados.

b) Mantendo o modo, conjugue os referidos verbos na 3.ª pessoa do singular.

17. (UFRGS) Substituir a expressão destacada por um verbo.

a) Este texto **é proveniente** de um programa teatral.

b) **Somos inclinados** a crer que ele diz a verdade.

18. (Unimep-SP) "Não fales! Não bebas! Não fujas!" Passando tudo para a forma afirmativa, teremos:

a) Fala! Bebe! Foge!

b) Fala! Bebe! Fuja!

c) Fala! Beba! Fuja!

d) Fale! Beba! Fuja!

e) Fale! Bebe! Foge!

19. (UFV-MG) Dada a lista de verbos: ser, estar, ter, haver, continuar, permanecer, ficar, amar, dever, partir, dar, ir, vir, dormir e arguir, distribua-os em conjugações e depois explique o critério adotado.

Primeira conjugação: ...

Segunda conjugação: ...

Terceira conjugação: ...

Escreva agora o critério adotado para a distribuição dos verbos em três conjugações distintas.

20. (Vunesp-SP) Observe a frase abaixo:

A grosseria de Deus me feria e insultava-me.

Transcreva-a no:

a) pretérito perfeito do indicativo;

b) pretérito mais-que-perfeito do indicativo.

21. (Vunesp-SP) "(...) mas, a quinhentos metros, tudo se torna muito reduzido: sois uma pequena figura sem pormenores; vossas amáveis singularidades fundem-se numa sombra neutra e vulgar."

Transcreva o trecho acima:

a) no futuro do pretérito do indicativo, mantendo a segunda pessoa do plural;

b) na segunda pessoa do singular, mantendo o modo e o tempo verbais do texto de Cecília Meireles.

22. (Unimep-SP) "Assim eu **quereria** a minha última crônica: que **fosse** pura como esse sorriso." (Fernando Sabino)

Assinale a série em que estão devidamente classificadas as formas verbais em destaque.

a) futuro do pretérito, presente do subjuntivo

b) pretérito mais-que-perfeito, pretérito imperfeito do subjuntivo

c) pretérito mais-que-perfeito, presente do subjuntivo

d) futuro do pretérito, imperfeito do subjuntivo

e) pretérito perfeito, futuro do pretérito

23. (Fuvest-SP) "(*) em ti, mas nem sempre (*) dos outros."

a) creias, duvides

b) crê, duvidas

c) creias, duvidas

d) creia, duvide

e) crê, duvides

24. (UCS-RS) "Não (*) os dons que recebeste; (*) sempre que a felicidade se (*) aos poucos."

a) esquece, lembre, constrói

b) esqueça, lembra, constrói

c) esqueça, lembre, constrói

d) esqueças, lembra, constrói

e) esqueças, lembre, constrói

25. (Fame/Fupac-MG) Em: "**Sei** de uma moça... Se alguém **escrevesse** a sua história, **diriam** como o senhor (...)", há verbos empregados respectivamente no:

a) presente do indicativo, pretérito imperfeito do subjuntivo, futuro do pretérito do indicativo.

b) presente do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo, futuro do pretérito do indicativo.

c) presente do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo, pretérito imperfeito do subjuntivo.

d) presente do indicativo, futuro do pretérito do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo.

e) presente do indicativo, futuro do pretérito do subjuntivo, pretérito imperfeito do subjuntivo.

26. (Fecap-SP) Numa das alternativas, há formas rizotônicas. Assinale-a.

a) virei, respeitou, estava

b) comprando, negaceou, virou

c) conto, entra, imagina

d) pensou, tossindo, fazia

e) respondi, serrar, elogiando

27. (UFSCar-SP) O acordo não (*) as reivindicações, a não ser que (*) os nossos direitos e (*) da luta.

a) substitui, abdicamos, desistimos
b) substitue, abdicamos, desistimos
c) substitui, abdiquemos, desistamos
d) substitui, abdiquemos, desistimos
e) substitue, abdiquemos, desistamos

28. (Fuvest-SP) Re-escreva o texto mudando o tratamento para a terceira pessoa.

"Donde houveste, ó pelago revolto, Esse rugido teu?"

29 (PUCCamp-SP) Re-escreva, passando para o futuro do presente, toda a oração:

"... e somem-se logo nas trevas do esquecimento."

30. (Faap-SP) Destaque os verbos dos versos que seguem, indicando em que pessoa, tempo e modo estão.

"Ilumina,
Ilumina,
Ilumina,
Meu peito, canção.
Dentro dele
Mora um anjo,
Que ilumina
O meu coração.
Ai, ai, amor,
Misterioso segredo,
Entra na vida da gente,
Iluminando..."

31. (FGV-SP) A segunda pessoa do singular do imperativo do verbo *submergir*:

a) submerja
b) submerjas
c) submerge
d) n.d.a.

32. (FCC-SP) Para que você (*) isso, precisa ser ambicioso; quem (*) sem que (*), certamente é ambicioso.

a) deseja, deseja, estima
b) deseje, deseja, estime
c) deseje, deseja, estima
d) deseja, deseje, estime
e) deseje, deseje, estima

33. (UFMG) Qual dos verbos destacados não se acha no infinitivo?

a) Os avós devem **ter-se modernizado** também.
b) A ideia de **ser montado** – e por mim – não era das mais aprazíveis.
c) Estranho apartamento, se **juntarmos**, em sua representação, os móveis modernos aos objetos remotos.
d) Um desejo de nos **pacificarmos**, de **atingirmos** a bondade e a compreensão, nos tornava indiferentes à matéria cotidiana.
e) Luís engoliu o pão com geleia como se fosse o último alimento sobre a terra, e sua salvação dependesse de **tê-lo ingerido**.

34. (UFF-RJ) Assinale a série em que estão devidamente classificadas as formas verbais em destaque:

"Ao **chegar** da fazenda, espero que já **tenha terminado** a festa."

a) futuro do subjuntivo, pretérito perfeito do indicativo
b) infinitivo, presente do subjuntivo
c) futuro do subjuntivo, presente do subjuntivo
d) infinitivo, pretérito imperfeito do subjuntivo
e) infinitivo, pretérito perfeito do subjuntivo

Capítulo 7

Estudo dos verbos (II)

Jim Davis 2007 Paws, Inc. All Rights Reserved/Dist. by Atlantic Syndication

DAVIS, Jim. *Garfield de bom humor 6*. Porto Alegre: L&PM, 2006. p. 29.

Neste capítulo, vamos continuar o estudo dos verbos, dedicando especial atenção aos verbos irregulares, defectivos e abundantes. No texto dessa tirinha, vemos um verbo abundante: *salvar*, que possui duas formas para o particípio – *salvado* e *salvo*.

No decorrer do capítulo, conheceremos diversos outros verbos, sempre recorrendo aos esquemas de tempos primitivos e tempos derivados, que você já aprendeu no capítulo 6.

1. Introdução

No capítulo anterior, você estudou os paradigmas dos verbos regulares das três conjugações (*-ar*, *-er*, *-ir*) e o esquema de formação dos tempos simples. A partir de agora, é necessário que você identifique as formas verbais típicas de cada tempo e modo com segurança; também é fundamental que você domine com desenvoltura todos os mecanismos da relação que existe entre os tempos primitivos e os derivados.

Neste capítulo, vamos observar detalhadamente os principais verbos irregulares, defectivos e abundantes de nossa língua. Esse estudo terá como base o esquema de formação dos tempos simples.

2. Verbos irregulares

Você já sabe que os verbos irregulares são aqueles que não seguem os paradigmas das conjugações, ou seja, apresentam variações de forma nos radicais e/ou nas desinências. Para que o estudo desses verbos se torne mais fácil e prático, tenha sempre em mente o esquema de formação dos tempos simples, pois as irregularidades dos tempos primitivos geralmente se estendem aos tempos derivados correspondentes. Por isso vamos organizar nosso estudo a partir desse esquema de formação dos tempos simples.

Verbos irregulares apenas na conjugação do presente do indicativo e tempos derivados

Você encontrará a seguir os principais verbos que apresentam irregularidades no presente do indicativo e, consequentemente, no presente do subjuntivo e no imperativo. Serão conjugados apenas o presente do indicativo e o presente do subjuntivo desses verbos: para obter o imperativo, basta seguir o esquema já conhecido. Faremos comentários sempre que for necessário chamar sua atenção para alguma particularidade.

Primeira conjugação

RECEAR	
presente do indicativo	**presente do subjuntivo**
recei-o	**recei**-e
receias	**recei**-es
receia	**recei**-e
receamos	recee-mos
receais	recee-is
receiam	**recei**-em

INCENDIAR	
presente do indicativo	**presente do subjuntivo**
incendei-o	**incendei**-e
incendeias	**incendei**-es
incendeia	**incendei**-e
incendiamos	incendiemos
incendiais	incendieis
incendeiam	**incendei**-em

Comentários

a. Atente para a primeira e a segunda pessoas do plural, em que o radical apresenta modificação.

b. Seguem o modelo de *recear* todos os verbos terminados em *-ear*:

apear	atear	arrear	bloquear	cear
enlear	folhear	frear	hastear	granjear
lisonjear	passear	semear	titubear	

c. Os verbos terminados em *-iar* são regulares, com exceção de *mediar, ansiar, remediar, incendiar, odiar* e seus derivados. Um derivado importante de *mediar* é *intermediar*.

Chris Browne/King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível 4*. Porto Alegre: L&PM, 2007. p. 60.

O verbo *odiar* é irregular e é conjugado como o verbo *incendiar*. Veja a forma da terceira pessoa do plural do presente do indicativo: *odeiam*.

Em livro

Browne, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. São Paulo: L&PM, 2005. (L&PM Pocket).

Criado em 1973, Hagar é uma caricatura bem-humorada dos antigos *vikings*, guerreiros conhecidos pela força e bravura. Ao contrário de seus parentes históricos, Hagar é um sujeito rude e grosseirão, um *viking* às avessas, pois só está preocupado em salvar sua pele durante as batalhas para poder tomar sua cerveja em paz. O livro reúne cerca de duzentas tiras que retratam, quase sempre com espírito descontraído ou mordaz, o ambiente medieval de bruxas, guerreiros, carrascos e castelos.

Segunda conjugação

LER	
presente do indicativo	**presente do subjuntivo**
lei-o	**lei**-a
lês	**lei**-as
lê	**lei**-a
lemos	**lei**-amos
ledes	**lei**-ais
leem	**lei**-am

Comentários

a. Atente para as formas da segunda e terceira pessoas do plural do presente do indicativo.

b. Seguem esse modelo os verbos *reler, crer* e *descrer*.

C. O pretérito perfeito do indicativo desses verbos é regular:

li	cri
leste	creste
leu	creu
lemos	cremos
lestes	crestes
leram	creram

PERDER	
presente do indicativo	**presente do subjuntivo**
perc-o	**perc**-a
perdes	**perc**-as
perde	**perc**-a
perdemos	**perc**-amos
perdeis	**perc**-ais
perdem	**perc**-am

Comentário

Não confunda *perda* (substantivo) com *perca* (forma verbal):

É possível que ele **perca** o emprego.

A **perda** do emprego levará o pobre homem ao desespero.

REQUERER	
presente do indicativo	**presente do subjuntivo**
requeir-o	**requeir**-a
requeres	**requeir**-as
requer	**requeir**-a
requeremos	**requeir**-amos
requereis	**requeir**-ais
requerem	**requeir**-am

Comentário

O pretérito perfeito do indicativo desse verbo é regular:

requeri	requeremos
requereste	requerestes
requereu	requereram

Consequentemente o pretérito mais-que-perfeito do indicativo, o imperfeito do subjuntivo e o futuro do subjuntivo também são regulares:

eu requerera se eu requeresse quando eu requerer

VALER	
presente do indicativo	**presente do subjuntivo**
valh-o	**valh**-a
vales	**valh**-as
vale	**valh**-a
valemos	**valh**-amos
valeis	**valh**-ais
valem	**valh**-am

Comentário

Segue essa conjugação o verbo *equivaler*.

Terceira conjugação

DIVERTIR	
presente do indicativo	**presente do subjuntivo**
divirt-o	**divirt**-a
divertes	**divirt**-as
diverte	**divirt**-a
divertimos	**divirt**-amos
divertis	**divirt**-ais
divertem	**divirt**-am

Comentário

Atente para a irregularidade desse verbo: a primeira pessoa do singular do presente do indicativo apresenta *i* em lugar do *e* do radical do infinitivo. Há muitos outros verbos que apresentam esse mesmo comportamento:

aderir	advertir	compelir	competir	conferir
despir	digerir	discernir	divergir	expelir
ferir	inserir	investir	perseguir	preferir
referir	repelir	repetir	seguir	sentir
servir	sugerir	vestir		

PROGREDIR	
presente do indicativo	**presente do subjuntivo**
progrid-o	**progrid**-a
progrides	**progrid**-as
progride	**progrid**-a
progredimos	**progrid**-amos
progredis	**progrid**-ais
progridem	**progrid**-am

Comentário

A troca do *e* do infinitivo pelo *i* só não ocorre na primeira e segunda pessoas do plural. Seguem esse modelo:

agredir denegrir prevenir regredir transgredir

DORMIR	
presente do indicativo	**presente do subjuntivo**
durm-o	durm-a
dormes	durm-as
dorme	durm-a
dormimos	durm-amos
dormis	durm-ais
dormem	durm-am

Comentário

Seguem esse modelo *cobrir* e seus derivados (*descobrir*, *encobrir*, *recobrir*), além de *engolir* e *tossir*.

PEDIR	
presente do indicativo	**presente do subjuntivo**
peç-o	peç-a
pedes	peç-as
pede	peç-a
pedimos	peç-amos
pedis	peç-ais
pedem	peç-am

Comentário

Seguem esse modelo: *despedir*, *impedir*, *medir*. *Ouvir* apresenta conjugação semelhante:

ouço	ouça
ouves	ouças
ouve	ouça

FUGIR	
presente do indicativo	**presente do subjuntivo**
fuj-o	fuj-a
foges	fuj-as
foge	fuj-a
fugimos	fuj-amos
fugis	fuj-ais
fogem	fuj-am

Comentário

Seguem esse modelo:

acudir	bulir	consumir	cuspir
entupir	sacudir	subir	sumir

POLIR	
presente do indicativo	**presente do subjuntivo**
pul-o	**pul**-a
pules	**pul**-as
pule	**pul**-a
polimos	**pul**-amos
polis	**pul**-ais
pulem	**pul**-am

Comentário

Segue esse modelo o verbo *sortir*.

Comentário geral

Há alguns verbos que apresentam particularidades na terceira pessoa do singular do presente do indicativo. Como essas particularidades não ocorrem na primeira pessoa do singular, não interferem nos tempos derivados do presente do indicativo. São os verbos terminados em *-air* (*cair, decair, sair*, por exemplo), *-oer* (*doer, moer, roer*) e *-uir* (*atribuir, contribuir, retribuir*). Em todos esses verbos, a terceira pessoa do singular do presente do indicativo apresenta desinência *-i* e não *-e*:

cai	decai	sai	dói	mói
rói	atribui	contribui	retribui	

Isso explica por que muita gente se equivoca na grafia de formas verbais como *atribui, possui, mói, substitui*, colocando *-e* no lugar do *-i* final. Nos verbos terminados em *-uzir* (*conduzir, produzir, reduzir, traduzir*), essa mesma flexão não apresenta a desinência *-e*:

conduz	produz	reduz	traduz

Atividades

1. Observe o modo e o tempo verbais destas frases:

Quase sempre **freio** meu ímpeto no momento certo.

É necessário que você **freie** seu ímpeto no momento certo.

Complete as lacunas das frases a seguir utilizando os verbos indicados nos mesmos tempos e modos apresentados nas frases-modelo:

a) Não (*) fogo ao mato seco! Não provoco queimadas! (*atear*)

É necessário que não se (*) fogo ao mato seco! Não se devem provocar queimadas!

b) Os garotos daquele bairro frequentemente (*) a praça com seus carros. Isso não é certo! (*bloquear*)

Algo tem de ser feito para que os garotos daquele bairro não (*) mais a praça com seus carros.

c) Sempre (*) os cabelos imediatamente depois que os lavo. (*pentear*)

É recomendável que você (*) os cabelos imediatamente depois de lavá-los.

d) (*) que não poderei participar do evento. (*recear*)

Não quero que você (*) participar do evento.

e) Ela (*) todas as noites com o pai. (*passear*)

É necessário que você (*) com seu pai.

f) Notei que não (*) no momento de exigires teus direitos. (*titubear*)

É imprescindível que não (*) no momento de exigir teus direitos.

2. Passe para o plural cada uma das frases a seguir:

a) Ceio diariamente. Tu não ceias?

b) Sempre folheio um livro. Tu não folheias nunca?

c) Freio com firmeza antes das curvas. Tu não freias?

d) Não granjeio simpatias com facilidade. Tu granjeias?

e) Nunca lisonjeio ninguém. Tu lisonjeias?

f) Não semeio ventos para não colher tempestades. Tu semeias?

3. Observe o modo, o tempo, o número e a pessoa das formas verbais da frase-modelo. A seguir, complete as lacunas utilizando formas verbais flexionadas como as do modelo.

Não **denuncio** ninguém. Não quero que você **denuncie**.

a) Não (*) confusões com meus vizinhos. Não quero que você (*). (*criar*)

b) Não (*) desconhecidos. Não quero que você (*). (*credenciar*)

c) Não (*) com inescrupulosos. Não quero que você (*). (*negociar*)

d) Não (*) esse tipo de transação. Não quero que você (*). (*intermediar*)

e) Não (*) os individualistas. Não quero que você (*). (*premiar*)

f) Não (*) ninguém. Não quero que você (*). (*odiar*)

g) Não (*) conquistar o que não mereço. Não quero que você (*). (*ansiar*)

h) Não (*) aos quatro cantos minhas conquistas. Não quero que (*). (*anunciar*)

i) Não (*) o que não tem remédio. Não quero que você (*). (*remediar*)

j) Não (*) o ânimo com promessas vãs. Não quero que você (*). (*incendiar*)

4. Passe para o plural as frases do exercício anterior.

5. Siga o modelo:

Não **creio** em propostas mirabolantes. É pouco provável que eles **creiam**.

a) Não descreio das palavras dele. É pouco provável que você (*).

b) Não leio essas revistas. É pouco provável que tu (*).

c) Quando posso, releio as melhores obras. É pouco provável que vocês não (*).

d) Nunca perco um bom jogo de futebol. É pouco provável que tu (*).

e) Requeiro o estrito cumprimento de meus direitos. É pouco provável que vocês não (*).

f) Não valho tão pouco! É pouco provável que vocês (*).

6. Observe o modelo:

Sempre **advirto** quem não age de acordo com o regulamento. É bom que você também **advirta**.

a) Nunca (*) aos modismos ditados pelos meios de comunicação. É bom que você também não (*). (*aderir*)

b) Não (*) ninguém a fazer o que não quer. É bom que você também não (*). (*compelir*)

c) Sempre (*) o troco. É bom que você também (*). (*conferir*)

d) Nunca (*) pelo simples prazer de divergir. É bom que você também não (*). (*divergir*)

e) Sempre me (*) com as crianças. É bom que você também se (*). (*divertir*)

f) Nunca (*) o amor-próprio de ninguém. É bom que você também não (*). (*ferir*)

g) Não me (*) daquilo em que creio. É bom que você também não se (*) daquilo em que crê. (*despir*)

h) Sempre (*) o que meus princípios determinam. É bom que você também (*) o que determinam os seus. (*seguir*)

i) Só (*) o que me deixa à vontade. É bom que você também só (*) o que o deixa à vontade. (*vestir*)

7. Observe o modelo:

É inadmissível que alguém o (*). (**perseguir**)

É inadmissível que alguém o **persiga**.

a) É imperativo que você o (*). (*prevenir*)

b) É essencial que nós (*). (*progredir*)

c) É inaceitável que a situação social do país (*). (*regredir*)

d) É insuportável que se (*) a lei continuamente. (*transgredir*)

e) É desnecessário que (*) a imagem dele. (*denegrir*)

f) É improvável que ela (*) estas peças de roupa. (*cerzir*)

8. Observe o modelo:

O diretor da área financeira do Banco Central não quer que se (*) esse tipo de falcatrua. (**encobrir**)

O diretor da área financeira do Banco Central não quer que se **encubra** esse tipo de falcatrua.

a) Espero que você não (*) essas agressões. (*engolir*)

b) O terapeuta sugere que nós (*) melhor. (*dormir*)

c) Aquele professor, rabugentíssimo, não permite nem mesmo que alguém (*) durante a aula. (*tossir*)

d) Ela espera que eu não (*) seus segredos. (*descobrir*)

e) Os executivos querem que os consumidores (*) os prejuízos advindos da má administração das empresas. (*cobrir*)

f) O mestre-de-obras acha melhor que se (*) a parede com algum produto impermeabilizante. (*recobrir*)

9. Observe o modelo:

Fique à vontade e (*) o que achar melhor. (**pedir**)

Fique à vontade e **peça** o que achar melhor.

a) Pegue o disco e (*) a música. (*ouvir*)

b) Interfira com rigor e (*) essa trapaça. (*impedir*)

c) Leve os instrumentos e (*) todo o terreno. (*medir*)

d) Compareça à secretaria e (*) dos funcionários. (*despedir-se*)

e) Crie coragem e (*) esses degraus. (*subir*)

f) Saia já daí e (*) depressa. (*fugir*)

g) Levante-se, (*) a roupa e (*) de uma vez. (*sacudir; sumir*)

h) Mexa-se e (*) os que precisam. (*acudir*)

i) Mantenha a calma e não (*) com quem está quieto. (*bulir*)

j) Civilize-se e não (*) no chão. (*cuspir*)

10. Re-escreva as frases do exercício anterior, passando-as para a segunda pessoa do singular.

Verbos irregulares no presente e no pretérito perfeito do indicativo e respectivos tempos derivados

Apresentamos a seguir vários verbos que mostram irregularidades tanto no presente do indicativo e tempos derivados, como no pretérito perfeito do indicativo e tempos derivados. Na conjugação de alguns verbos mais problemáticos, aparece também o pretérito imperfeito do indicativo.

Primeira conjugação

ESTAR					
presente do indicativo	presente do subjuntivo	pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais-que-perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
estou	esteja	estive	**estive**-ra	**estive**-sse	**estive**-r
estás	estejas	**estive**-ste	**estive**-ras	**estive**-sses	**estive**-res
está	esteja	esteve	**estive**-ra	**estive**-sse	**estive**-r
estamos	estejamos	estivemos	**estivé**-ramos	**estivé**-ssemos	**estive**-rmos
estais	estejais	estivestes	**estivé**-reis	**estivé**-sseis	**estive**-rdes
estão	estejam	estiveram	**estive**-ram	**estive**-ssem	**estive**-rem

Comentários

a. O presente do subjuntivo não utiliza o radical do presente do indicativo. Isso ocorre com os poucos verbos cuja primeira pessoa do singular do presente do indicativo termina em *-ei* ou em *-ou* (*sei/saiba, dou/dê, hei/haja, vou/vá, sou/seja*), além do verbo *querer* (*quero/queira*). A conjugação do imperativo segue o esquema estudado.

b. Atente para as formas do presente do subjuntivo: na língua culta, deve-se usar *esteja* e não "esteje".

Observe o verbo *estar* conjugado na terceira pessoa do singular do pretérito imperfeito do subjuntivo: estivesse.

Revista *Istoé*, São Paulo, 19 jun. 2002, p. 121.

DAR					
presente do indicativo	presente do subjuntivo	pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais-que-perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
dou	dê	dei	**de**-ra	**de**-sse	**de**-r
dás	dês	**de**-ste	**de**-ras	**de**-sses	**de**-res
dá	dê	deu	**de**-ra	**de**-sse	**de**-r
damos	demos	demos	**dé**-ramos	**dé**-ssemos	**de**-rmos
dais	deis	destes	**dé**-reis	**dé**-sseis	**de**-rdes
dão	deem	deram	**de**-ram	**de**-ssem	**de**-rem

Segunda conjugação

APRAZER					
presente do indicativo	presente do subjuntivo	pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais-que-perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
apraz-o	**apraz**-a	aprouve	**aprouve**-ra	**aprouve**-sse	**aprouve**-r
aprazes	**apraz**-as	**aprouve**-ste	**aprouve**-ras	**aprouve**-sses	**aprouve**-res
apraz	**apraz**-a	aprouve	**aprouve**-ra	**aprouve**-sse	**aprouve**-r
aprazemos	**apraz**-amos	aprouvemos	**aprouvé**-ramos	**aprouvé**-ssemos	**aprouve**-rmos
aprazeis	**apraz**-ais	aprouvestes	**aprouvé**-reis	**aprouvé**-sseis	**aprouve**-rdes
aprazem	**apraz**-am	aprouveram	**aprouve**-ram	**aprouve**-ssem	**aprouve**-rem

Comentários

a. A única irregularidade no presente do indicativo desse verbo e dos que a ele se assemelham – *prazer*, *comprazer* e *desprazer* – é a terceira pessoa do singular, que não apresenta a desinência *-e*.

b. *Desprazer* e *prazer* seguem o modelo de *aprazer* em todos os tempos. Acredite: *prazer* é verbo ("Prouve a Deus que o filho não sofresse") e geralmente é usado apenas na terceira pessoa do singular e na terceira pessoa do plural.

c. *Comprazer* segue o modelo de *aprazer*. No pretérito perfeito do indicativo e tempos derivados, pode também ser conjugado regularmente; há, portanto, duas formas possíveis para esses tempos: *comprouve/comprazi, comprouveste/comprazeste...*

CABER

presente do indicativo	presente do subjuntivo	pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais-que-perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
caib-o	**caib**-a	coube	**coube**-ra	**coube**-sse	**coube**-r
cabes	**caib**-as	**coube**-ste	**coube**-ras	**coube**-sses	**coube**-res
cabe	**caib**-a	coube	**coube**-ra	**coube**-sse	**coube**-r
cabemos	**caib**-amos	coubemos	**coubé**-ramos	**coubé**-ssemos	**coube**-rmos
cabeis	**caib**-ais	coubestes	**coubé**-reis	**coubé**-sseis	**coube**-rdes
cabem	**caib**-am	couberam	**coube**-ram	**coube**-ssem	**coube**-rem

DIZER

presente do indicativo	presente do subjuntivo	pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais-que-perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
dig-o	**dig**-a	disse	**disse**-ra	**disse**-sse	**disse**-r
dizes	**dig**-as	**disse**-ste	**disse**-ras	**disse**-sses	**disse**-res
diz	**dig**-a	disse	**disse**-ra	**disse**-sse	**disse**-r
dizemos	**dig**-amos	dissemos	**dissé**-ramos	**dissé**-ssemos	**disse**-rmos
dizeis	**dig**-ais	dissestes	**dissé**-reis	**dissé**-sseis	**disse**-rdes
dizem	**dig**-am	disseram	**disse**-ram	**disse**-ssem	**disse**-rem

Comentários

a. Seguem esse modelo os derivados: *bendizer, condizer, contradizer, desdizer, maldizer, predizer.*

b. Os futuros do indicativo desse verbo e seus derivados são irregulares, já que perdem a sílaba *ze*: *direi, dirá, contradirei, desdirá* são formas do futuro do presente; *diria, contradiria, desdiria, bendiríamos* são formas do futuro do pretérito.

c. O particípio desse verbo e seus derivados é irregular: *dito, bendito, contradito...*

FAZER					
presente do indicativo	presente do subjuntivo	pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais-que-perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
faç-o	**faç**-a	fiz	**fize**-ra	**fize**-sse	**fize**-r
fazes	**faç**-as	**fize**-ste	**fize**-ras	**fize**-sses	**fize**-res
faz	**faç**-a	fez	**fize**-ra	**fize**-sse	**fize**-r
fazemos	**faç**-amos	fizemos	**fizé**-ramos	**fizé**-ssemos	**fize**-rmos
fazeis	**faç**-ais	fizestes	**fizé**-reis	**fizé**-sseis	**fize**-rdes
fazem	**faç**-am	fizeram	**fize**-ram	**fize**-ssem	**fize**-rem

Comentários

a. Seguem esse modelo: *desfazer, liquefazer, perfazer, rarefazer, satisfazer, refazer.*

b. Os futuros do indicativo desse verbo e seus derivados são irregulares, já que perdem a sílaba *ze*: *farei, refará, satisfaremos, desfarão* são formas do futuro do presente; *faria, desfaria, refaríamos, satisfariam* são formas do futuro do pretérito.

c. O particípio desse verbo e seus derivados é irregular: *feito, desfeito, liquefeito, satisfeito.*

HAVER					
presente do indicativo	presente do subjuntivo	pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais-que-perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
hei	haja	houve	**houve**-ra	**houve**-sse	**houve**-r
hás	hajas	**houve**-ste	**houve**-ras	**houve**-sses	**houve**-res
há	haja	houve	**houve**-ra	**houve**-sse	**houve**-r
havemos/hemos	hajamos	houvemos	**houvé**-ramos	**houvé**-ssemos	**houve**-rmos
haveis/heis	hajais	houvestes	**houvé**-reis	**houvé**-sseis	**houve**-rdes
hão	hajam	houveram	**houve**-ram	**houve**-ssem	**houve**-rem

Comentários

a. O presente do subjuntivo não utiliza o radical do presente do indicativo (*hei/haja*).

b. O imperativo é obtido de acordo com o esquema conhecido.

c. O verbo é abundante, já que no presente do indicativo há duas formas para a primeira e a segunda do plural.

PODER					
presente do indicativo	presente do subjuntivo	pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais-que-perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
poss-o	**poss**-a	pude	**pude**-ra	**pude**-sse	**pude**-r
podes	**poss**-as	**pude**-ste	**pude**-ras	**pude**-sses	**pude**-res
pode	**poss**-a	pôde	**pude**-ra	**pude**-sse	**pude**-r
podemos	**poss**-amos	pudemos	**pudé**-ramos	**pudé**-ssemos	**pude**-rmos
podeis	**poss**-ais	pudestes	**pudé**-reis	**pudé**-sseis	**pude**-rdes
podem	**poss**-am	puderam	**pude**-ram	**pude**-ssem	**pude**-rem

Comentário

A terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo (*pôde*) recebe acento circunflexo, diferencial de timbre de *pode*, terceira do singular do presente do indicativo.

PÔR						
presente do indicativo	presente do subjuntivo	pretérito imperfeito do indicativo	pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais-que-perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
ponh-o	**ponh**-a	punha	pus	**puse**-ra	**puse**-sse	**puse**-r
pões	**ponh**-as	punhas	**puse**-ste	**puse**-ras	**puse**-sses	**puse**-res
põe	**ponh**-a	punha	pôs	**puse**-ra	**puse**-sse	**puse**-r
pomos	**ponh**-amos	púnhamos	pusemos	**pusé**-ramos	**pusé**-ssemos	**puse**-rmos
pondes	**ponh**-ais	púnheis	pusestes	**pusé**-reis	**pusé**-sseis	**puse**-rdes
põem	**ponh**-am	punham	puseram	**puse**-ram	**puse**-ssem	**puse**-rem

Comentários

a. Atente para a diferença entre a terceira pessoa do singular e a terceira pessoa do plural do presente do indicativo (*põe/põem*).

b. Analise com atenção as formas do pretérito imperfeito do indicativo.

c. Destaque-se a grafia das formas de toda a família; não existe a letra ***z***.

pus	pusemos	puseram
puser	pusermos	puserem
pusesse	puséssemos	pusessem

d. O fato de o verbo *pôr* receber acento (diferencial da preposição *por*) não significa que seus derivados também serão acentuados (*depor, propor, impor* etc.). Nenhum derivado de *pôr* é acentuado.

e. Preste atenção às formas do futuro do subjuntivo ("Se você puser a carta no correio", e não "Se você pôr a carta no correio").

f. Todos os derivados do verbo *pôr* seguem exatamente esse modelo de conjugação. Eis alguns deles:

antepor	compor	contrapor	decompor	descompor
depor	dispor	expor	impor	indispor
interpor	opor	pospor	predispor	pressupor
propor	recompor	repor	sobrepor	supor
transpor				

Portanto, empregando a língua culta, diga ou escreva "Se você compuser uma canção", e não "Se você compor uma canção"; "Se eles expuserem os quadros", e não "Se eles exporem os quadros".

g. O particípio do verbo *pôr* e derivados é irregular: *posto, anteposto, composto, decomposto, deposto.*

Laerte

Disponível em: <www2.uol.com.br/laerte/tiras/index-gatos.html>. Acesso em: 11 jun. 2008.

Nessa tirinha, puser está na primeira pessoa do singular do futuro do subjuntivo do verbo *pôr*: "Quando (eu) puser as mãos nele". Importante notar que todas as formas dos tempos derivados do pretérito perfeito do indicativo desse verbo, que apresentam o som de /z/, são grafadas com a letra *s* (*pusera, puséramos, pusesse, pusessem, puser, pusermos* etc.), do mesmo modo que a forma primitiva que lhes dá origem, *puseste*.

QUERER

presente do indicativo	presente do subjuntivo	pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais-que-perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
quero	queira	quis	**quise**-ra	**quise**-sse	**quise**-r
queres	queiras	**quise**-ste	**quise**-ras	**quise**-sses	**quise**-res
quer	queira	quis	**quise**-ra	**quise**-sse	**quise**-r
queremos	queiramos	quisemos	**quisé**-ramos	**quisé**-ssemos	**quise**-rmos
quereis	queirais	quisestes	**quisé**-reis	**quisé**-sseis	**quise**-rdes
querem	queiram	quiseram	**quise**-ram	**quise**-ssem	**quise**-rem

Comentários

a. O presente do subjuntivo não utiliza o radical da primeira pessoa do singular do presente do indicativo (*quero/queira*).

b. Atente para a grafia; não existe a letra *z* em nenhuma forma do verbo *querer*:

quis	quisemos	quiseram
quiser	quisermos	quiserem
quisesse	quiséssemos	quisessem

c. Como já vimos, *requerer* não segue a conjugação de *querer*. É irregular na primeira pessoa do singular do presente do indicativo (*requeiro*) e nas formas derivadas (*requeira, requeiramos, requeiram*). É regular no pretérito perfeito do indicativo e formas derivadas:

requeri	requereu	requereram
requeresse	requerêssemos	requeressem

SABER

presente do indicativo	presente do subjuntivo	pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais-que-perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
sei	saiba	soube	**soube**-ra	**soube**-sse	**soube**-r
sabes	saibas	**soube**-ste	**soube**-ras	**soube**-sses	**soube**-res
sabe	saiba	soube	**soube**-ra	**soube**-sse	**soube**-r
sabemos	saibamos	soubemos	**soubé**-ramos	**soubé**-ssemos	**soube**-rmos
sabeis	saibais	soubestes	**soubé**-reis	**soubé**-sseis	**soube**-rdes
sabem	saibam	souberam	**soube**-ram	**soube**-ssem	**soube**-rem

Comentário

O presente do subjuntivo não apresenta o radical da primeira pessoa do singular do presente do indicativo (*sei/saiba*).

SER

presente do indicativo	presente do subjuntivo	pretérito imperfeito do indicativo	pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais-que-perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
sou	seja	era	fui	**fo**-ra	**fo**-sse	**fo**-r
és	sejas	eras	**fo**-ste	**fo**-ras	**fo**-sses	**fo**-res
é	seja	era	foi	**fo**-ra	**fo**-sse	**fo**-r
somos	sejamos	éramos	fomos	**fô**-ramos	**fô**-ssemos	**fo**-rmos
sois	sejais	éreis	fostes	**fô**-reis	**fô**-sseis	**fo**-rdes
são	sejam	eram	foram	**fo**-ram	**fo**-ssem	**fo**-rem

Comentários

a. O verbo *ser* é considerado anômalo, por apresentar grandes irregularidades. Atente para os diferentes radicais que existem em sua conjugação (*sou/era/fui*).

b. O presente do subjuntivo não se forma a partir do radical do presente do indicativo (*sou/seja*). O imperativo do verbo *ser* é o único que não obedece integralmente ao esquema conhecido. As duas segundas pessoas (*tu* e *vós*) do imperativo afirmativo apresentam formas independentes: *sê* (tu) e *sede* (vós).

TER						
presente do indicativo	presente do subjuntivo	pretérito imperfeito do indicativo	pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais-que-perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
tenh-o	**tenh**-a	tinha	tive	**tive**-ra	**tive**-sse	**tive**-r
tens	**tenh**-as	tinhas	**tive**-ste	**tive**-ras	**tive**-sses	**tive**-res
tem	**tenh**-a	tinha	teve	**tive**-ra	**tive**-sse	**tive**-r
temos	**tenh**-amos	tínhamos	tivemos	**tivé**-ramos	**tivé**-ssemos	**tive**-rmos
tendes	**tenh**-ais	tínheis	tivestes	**tivé**-reis	**tivé**-sseis	**tive**-rdes
têm	**tenh**-am	tinham	tiveram	**tive**-ram	**tive**-ssem	**tive**-rem

Comentários

a. Seguem esse modelo os derivados:

ater conter deter entreter manter
reter obter suster

b. Note a diferença gráfica entre a terceira pessoa do singular e a terceira pessoa do plural do presente do indicativo: *ele tem/eles têm*. Nos verbos derivados, a diferenciação se faz de outra maneira: *ele contém/eles contêm, ele mantém/eles mantêm*.

TRAZER					
presente do indicativo	presente do subjuntivo	pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais-que-perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
trag-o	**trag**-a	trouxe	**trouxe**-ra	**trouxe**-sse	**trouxe**-r
trazes	**trag**-as	**trouxe**-ste	**trouxe**-ras	**trouxe**-sses	**trouxe**-res
traz	**trag**-a	trouxe	**trouxe**-ra	**trouxe**-sse	**trouxe**-r
trazemos	**trag**-amos	trouxemos	**trouxé**-ramos	**trouxé**-ssemos	**trouxe**-rmos
trazeis	**trag**-ais	trouxestes	**trouxé**-reis	**trouxé**-sseis	**trouxe**-rdes
trazem	**trag**-am	trouxeram	**trouxe**-ram	**trouxe**-ssem	**trouxe**-rem

Comentário

Os futuros do indicativo desse verbo são irregulares, já que perdem a sílaba *ze*: *trarei, trarás, trará*... (para o futuro do presente); *traria, trarias, traria*... (para o futuro do pretérito).

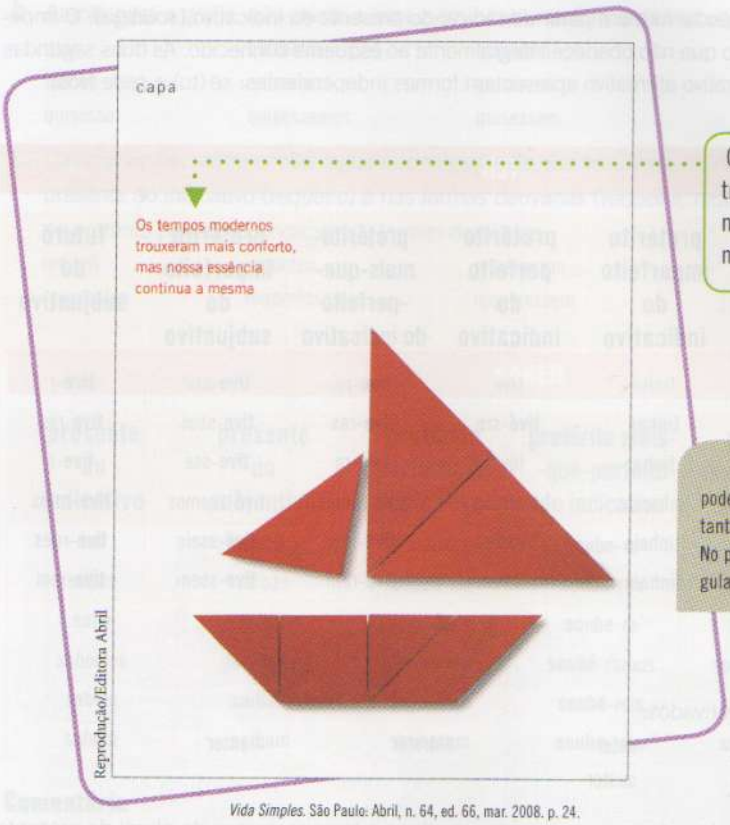

Os tempos modernos trouxeram mais conforto, mas nossa essência continua a mesma.

As irregularidades do verbo *trazer* podem ser notadas em vários tempos, tanto no radical quanto nas desinências. No pretérito perfeito do indicativo a irregularidade está no radical *troux-*.

Vida Simples. São Paulo: Abril, n. 64, ed. 66, mar. 2008. p. 24.

VER

presente do indicativo	presente do subjuntivo	pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais-que-perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
vej-o	**vej**-a	vi	**vi**-ra	**vi**-sse	**vi**-r
vês	**vej**-as	**vi**-ste	**vi**-ras	**vi**-sses	**vi**-res
vê	**vej**-a	viu	**vi**-ra	**vi**-sse	**vi**-r
vemos	**vej**-amos	vimos	**ví**-ramos	**ví**-ssemos	**vi**-rmos
vedes	**vej**-ais	vistes	**ví**-reis	**ví**-sseis	**vi**-rdes
veem	**vej**-am	viram	**vi**-ram	**vi**-ssem	**vi**-rem

Comentários

a. Atente para a forma da terceira pessoa do plural do presente do indicativo: *veem*. Não confunda com a forma correspondente do verbo vir: *vêm*.

b. Seguem esse modelo os derivados: *antever, entrever, prever, rever*.

c. O particípio de *ver* e derivados é irregular: *visto, previsto, revisto*.

d. *Prover*, que significa "abastecer, suprir", segue a conjugação do verbo *ver* apenas no presente do indicativo e formas derivadas:

provejo	proveja
provês	provejas
provê	proveja
provemos	provejamos
provedes	provejais
proveem	provejam

Nos demais tempos, *prover* é absolutamente regular:

provi	proveu	proveram (pretérito perfeito do indicativo)
provera	provêramos	provêreis (pretérito mais-que-perfeito do indicativo)
provesse	provêssemos	provessem (pretérito imperfeito do subjuntivo)
provermos	proverdes	proverem (futuro do subjuntivo)

Embora não pertençam ao mesmo paradigma de conjugação, os verbos *ver* e *ler* apresentam formas similares nas terceiras pessoas do presente do indicativo: *vê/lê (singular) e veem/leem (plural).*

Editora Abril

Nova Escola. São Paulo: Abril, ano XXII, n. 207, nov. 2007. Capa.

Terceira conjugação

IR						
presente do indicativo	presente do subjuntivo	pretérito imperfeito do indicativo	pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais-que-perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
vou	vá	ia	fui	fo-ra	fo-sse	fo-r
vais	vás	ias	fo-ste	fo-ras	fo-sses	fo-res
vai	vá	ia	foi	fo-ra	fo-sse	fo-r
vamos	vamos	íamos	fomos	fô-ramos	fô-ssemos	fo-rmos
ides	vades	íeis	fostes	fô-reis	fô-sseis	fo-rdes
vão	vão	iam	foram	fo-ram	fo-ssem	fo-rem

Comentários

a. O verbo *ir* também é considerado anômalo, dadas as acentuadas irregularidades que apresenta. Note a variação dos radicais (*vou, ia, fui*).

b. Atente para a diferença entre a segunda pessoa do plural do presente do indicativo e a segunda pessoa do plural do presente do subjuntivo: *ides/vades*.

c. As formas do pretérito perfeito e tempos derivados dos verbos *ir* e *ser* são idênticas; somente pelo contexto em que se encontram é que se pode perceber de qual verbo se trata:

Fui ao cinema e fui maltratado pelo bilheteiro.

A primeira forma *fui* é do verbo *ir*; a segunda é do verbo *ser*. Ponha a frase no futuro para que se evidencie a diferença:

Irei ao cinema e serei maltratado pelo bilheteiro.

d. O verbo *ir*, além de anômalo, é considerado abundante, já que apresenta duas formas para um mesmo caso (nós *vamos* ou *imos*, no presente do indicativo).

VIR						
presente do indicativo	presente do subjuntivo	pretérito imperfeito do indicativo	pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais-que-perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
venh-o	**venh**-a	vinha	vim	**vie**-ra	**vie**-sse	**vie**-r
vens	**venh**-as	vinhas	**vie**-ste	**vie**-ras	**vie**-sses	**vie**-res
vem	**venh**-a	vinha	veio	**vie**-ra	**vie**-sse	**vie**-r
vimos	**venh**-amos	vínhamos	viemos	**vié**-ramos	**vié**-ssemos	**vie**-rmos
vindes	**venh**-ais	vínheis	viestes	**vié**-reis	**vié**-sseis	**vie**-rdes
vêm	**venh**-am	vinham	vieram	**vie**-ram	**vie**-ssem	**vie**-rem

Comentários

a. Atente para a diferença gráfica entre as terceiras pessoas do presente do indicativo: *ele vem/eles vêm*. Compare essas formas com as correspondentes do verbo *ver*: *ele vê/eles veem*.

b. Seguem esse modelo os verbos *advir, convir, desavir-se* (desentender-se), *intervir, provir, sobrevir*. Nesses verbos, a diferenciação gráfica entre as terceiras pessoas do presente do indicativo se faz de outra maneira: *ele convém/eles convêm, ele intervém/eles intervêm*. Atente nas formas desses verbos no pretérito perfeito e tempos derivados:

Eu intervim na discussão entre os dois.

O problema só será resolvido se você intervier.

c. O particípio de *vir* e derivados é irregular: *vindo, convindo, intervindo*. Essa família de verbos é a única da língua portuguesa que apresenta particípio e gerúndio iguais:

Vem vindo a madrugada. (gerúndio)

Já tinham vindo todos os alunos. (particípio)

Atividades

1. Observe o modelo:

Estou muito cansado. Não acredito que você não (*). (**estar**)
Estou muito cansado. Não acredito que você não **esteja**.

a) Estamos muito chateados. Não é possível que vocês não (*).

b) Estou muito contente. Não é possível que tu não (*).

c) Estás muito alegre. Não é possível que ela não (*).

d) Estais muito preocupados. É possível que eles também (*).

e) Estou muito ansioso! É impossível que vós não (*).

f) Eles estão muito satisfeitos. Não é possível que nós não (*).

2. Observe o modelo:

Jamais (*) lá; se um dia (*), ficará satisfeito. (**ir**)
Jamais **foi** lá; se um dia **for**, ficará satisfeito.

a) Jamais (*) lá; se um dia (*), ficaremos satisfeitos. (*estar*)

b) Jamais (*) seu donativo; se um dia (*), será bem-vindo. (*dar*)

c) Jamais nos (*) esse comportamento; se um dia nos (*), teremos abandonado nossos princípios. (*aprazer*)

d) Jamais (*) três carros nessa garagem; se um dia (*), será um verdadeiro milagre. (*caber*)

e) Jamais (*) esse tipo de coisa; se um dia (*), terei mudado de nome. (*dizer*)

f) Jamais o (*); se um dia o (*), terás mais orgulho de ti. (*contradizer*)

g) Jamais (*) esse tipo de proposta; se um dia (*), poderás arrepender-te. (*fazer*)

h) Jamais (*) suas vontades; se um dia (*), ficarei desapontado comigo. (*satisfazer*)

i) Jamais (*) algo entre eles; se um dia (*), será uma surpresa. (*haver*)

j) Jamais (*) sua presença; se um dia (*), teremos mudado de opinião. (*querer*)

k) Jamais (*) a verdade; se um dia (*), ficará desiludida. (*saber*)

l) Jamais (*) infelizes; se um dia (*), farão o possível para que as coisas mudem. (*ser*)

m) Jamais ele (*) seus amigos; se um dia (*), serão bem-vindos. (*trazer*)

3. Observe o modelo:

Se eu (*) escolher, (*) aqui definitivamente. (**poder, ficar**).
Se eu **pudesse** escolher, **ficaria** aqui definitivamente.

a) Se nós (*) os causadores da tragédia, (*) nossa responsabilidade. (*ser; assumir*)

b) Se ele (*) auxílio, nós (*) o carro e (*) a viagem. (*trazer; consertar; continuar*)

c) Se a roupa (*), você (*) com ela à reunião. (*caber; ir*)

d) Se ele se (*) a ajudar, as coisas (*) mais fáceis. (*dispor; ser*)

e) Se o diretor nos (*) mais tempo, (*) o trabalho. (*dar; terminar*)

f) Se seu procedimento (*) com o cargo que ocupa, não (*) tantos protestos. (*condizer; haver*)

g) Se a mistura se (*), a experiência (*) um sucesso. (*liquefazer; ser*)

h) Se todos os convidados (*) ao concerto, o teatro (*) superlotado. (*ir; ficar*)

i) Se nós (*), (*) uma oportunidade a ela. (*poder; dar*)

j) Se você (*), nossa vida (*) melhor. (*querer; ser*)

k) Se eles (*) a verdade, (*) revoltados. (*saber; ficar*)

l) Se ninguém (*) lá, não (*) problema para cancelar o evento. (*estar; haver*)

m) Se ele a (*) com essa roupa, (*) enlouquecido. (*ver; ficar*)

n) Se você (*) a serenidade, (*) condição de pensar melhor. (*manter; ter*)

4. Re-escreva as frases a seguir, substituindo a forma verbal composta pela forma verbal simples correspondente. Há alguma alteração de significado nas frases com a substituição?

a) Eles jamais **tinham vindo** aqui.

b) Ele **tinha feito** aquilo por vingança.

c) **Havíamos trazido** o equipamento necessário para

a experiência.

d) **Tinha havido** um problema com o motor do carro.

e) Ela o **tinha visto** com outra mulher na festa.

f) **Tinhas anteposto** teus interesses aos da classe.

g) Notamos que o ar se **tinha rarefeito**.

h) Nada se **tinha apurado** até então.

i) Nunca **tínhamos estado** ali.

j) Soubemos que ele **havia dito** a verdade no tribunal.

k) Custou-me crer que todo o estoque **havia cabido** numa única caixa.

l) Já **havias ido** lá?

m) Percebi que ele se **havia mantido** sereno durante o debate e que um simples gesto seu **havia detido** os mais nervosos.

5. Re-escreva as frases propostas, transformando os tempos verbais de acordo com o modelo:

Ele sempre **toma** atitudes estranhas.
Ele sempre **tomava** atitudes estranhas.

a) Eu sempre **ponho** os livros na biblioteca.

b) Ela sempre **dispõe** de argumentos irrefutáveis.

c) Sempre **contrapomos** teses consistentes ao que ele **diz**.

d) Você sempre **supõe** erros dos adversários.

e) Nós sempre **vamos** ao teatro.

f) Ele sempre **vem** a este restaurante.

g) Essas atitudes não **convêm** a ninguém.

h) **Prevemos** um futuro melhor.

i) Nunca **revês** teu projeto de vida?

j) Ela nunca se **indispõe** com os pais?

k) Você não se **predispõe** a interceder?

l) Você nunca **intervém** nessa briga?

m) De que **provém** sua desconfiança?

6. Observe o modelo:

Se eu (*), (*) à Grécia. (**poder; ir**)
Se eu **puder**, **irei** à Grécia.

a) Se ele se (*) a ajudar, tudo (*) bem. (*dispor; terminar*)

b) Se você (*) favoravelmente a nós, (*) absolvidos. (*depor; ser*)

c) Se nós nos (*) um com o outro, (*) a sociedade. (*indispor; desfazer*)

d) Se você não se (*) financeiramente, (*) para a casa paterna. (*recompor; voltar*)

e) Se (*) as últimas barreiras, (*) nossa esperança transformar-se em realidade. (*transpor; ver*)

f) Se a substância se (*), (*) um precipitado escuro no fundo do tubo de ensaio. (*decompor; surgir*)

g) Se você a (*), (*) que não é mais a mesma pessoa. (*ver; perceber*)

h) Se nós (*) os cálculos, (*) os resultados para os acionistas. (*rever; trazer*)

i) Se você (*) suas vontades, (*) sua própria futilidade. (*satisfazer; perceber*)

j) Se ninguém se (*) veementemente, ele não (*). (*opor; desistir*)

k) Se (*) nosso projeto, (*) a adesão de todos. (*expor; obter*)

l) Se tu nos (*) as provas documentais, (*) apoio a tua causa. (*trazer; dar*)

m) Se o interesse da sociedade se (*) aos privilégios individuais, (*) um novo país. (*sobrepor; haver*)

n) Se você (*) o ímpeto, certamente (*) o melhor possível. (*conter; fazer*)

7. Utilize os verbos entre parênteses no tempo e modo apresentados na frase-modelo:

Ele ainda não **compôs** nenhuma canção de sucesso.

a) Eu não (*) nenhum recurso. (*interpor*)

b) Ela não se (*) a colaborar? (*predispor*)

c) Por que você não (*) para pôr ordem na casa? (*intervir*)

d) Poucos (*) durante a discussão. (*intervir*)

e) Criticaram-me porque não (*) no conflito. (*intervir*)

f) De onde (*) esse material suspeitíssimo? (*provir*)

g) Os congressistas (*) que aquela não era a melhor forma de redigir a lei. (*convir*)

h) Por que te (*) a um projeto tão inovador? (*opor*)

i) As maiores empresas não (*) no processo. (*intervir*)

j) Eu me (*) com os colegas por não aceitar o sistema de trabalho vigente. (*desavir*)

k) Todos desejam saber por que você não (*) na briga. (*intervir*)

l) Não (*) porque não nos convocaram. (*intervir*)

m) Os líderes (*) que nenhum outro recurso deveria ser tentado. (*convir*)

n) Os alunos se (*) calados durante a conferência. No final, não se (*) e externaram, com aplausos calorosos, a admiração pelo escritor. (*manter; conter*)

3. Verbos defectivos

Chamam-se defectivos os verbos que não possuem conjugação completa, ou seja, deixam de ser flexionados em algumas formas.

O fator determinante da classificação de um verbo como defectivo é a falta de uso de determinadas formas, o que normalmente tem razões de natureza morfológica ou eufônica. Se fosse completo, o verbo *falir*, por exemplo, apresentaria, no presente do indicativo, *eu falo, tu fales, ele fale. Falo* é forma do presente do indicativo de *falar*; *fales* e *fale* são do presente do subjuntivo do mesmo verbo *falar*. Teríamos formas iguais para verbos diferentes, o que pode ser a razão para que as flexões de um deles (as do verbo de uso menos frequente, falir, no caso) não sejam usadas pelos falantes. Convém dizer que esse argumento não se aplica a todos os verbos que apresentam formas iguais. *Trazer* e *tragar*, por exemplo, não são defectivos, mas apresentam formas idênticas (*trago* é primeira pessoa do singular do presente do indicativo dos dois verbos). *Ir* e *ser* também apresentam formas idênticas (*fui, fora, fosse, for*), mas não são defectivos. Se fosse completo, o verbo *computar* apresentaria no presente do indicativo formas como *computo, computas, computa* – palavras de sonoridade um tanto quanto "suspeita". Por isso o verbo *computar* é dado nas gramáticas e dicionários como defectivo.

Esses motivos nem sempre conseguem impedir o uso efetivo de formas verbais consideradas oficialmente "erradas". O próprio verbo *computar* é um exemplo disso. Com o desenvolvimento e a popularização dos computadores, não há quem não diga *computa*. Na prática, esse verbo acaba sendo conjugado em todos os tempos, modos e pessoas.

Insistimos em que os preceitos colocados pela gramática normativa nem sempre condizem com o uso cotidiano da língua, mas, no texto formal escrito, é recomendável que você procure seguir o que as gramáticas e os dicionários consagram como frequente no padrão culto da língua.

Por fim, convém deixar claro que um verbo é considerado defectivo porque não se registra o uso de todas as suas flexões (e não o contrário, ou seja, não há registro do uso de todas as flexões de um verbo porque ele é defectivo).

Você verá a seguir que o problema dos verbos defectivos ocorre basicamente no presente do indicativo e formas derivadas (presente do subjuntivo e imperativos).

Para estudar os verbos defectivos, convém dividi-los em dois grupos.

Primeiro grupo

Verbos que, no presente do indicativo, deixam de ser conjugados apenas na primeira pessoa do singular. Consequentemente, não apresentam presente do subjuntivo e imperativo negativo. O imperativo afirmativo se limita às pessoas diretamente provenientes do presente do indicativo (*tu* e *vós*). É o caso, entre outros, dos verbos:

abolir aturdir banir carpir colorir
delinquir demolir exaurir explodir extorquir retorquir

ABOLIR

presente do indicativo	imperativo afirmativo
eu –	–
tu aboles	abole tu
ele abole	–
nós abolimos	–
vós abolis	aboli vós
eles abolem	–

Segundo grupo

Verbos que, no presente do indicativo, são conjugados apenas na primeira e na segunda pessoas do plural (*nós* e *vós*). Quando você procura um verbo deste grupo no dicionário, costuma encontrar explicações técnicas como "no presente do indicativo, só é conjugado nas formas arrizotônicas". Você já sabe que forma arrizotônica é aquela em que a tonicidade está fora do radical, como em *falamos*. A tonicidade está no *-a-*, fora do radical (*fal-*).

Os verbos deste grupo não possuem presente do subjuntivo e imperativo negativo. O imperativo afirmativo se limita à forma diretamente retirada do presente do indicativo. É o caso dos verbos:

adequar	aguerrir	combalir	comedir-se
falir	fornir	foragir-se	precaver
reaver	remir		

FALIR

presente do indicativo	imperativo afirmativo
eu –	–
tu –	–
ele –	–
nós falimos	–
vós falis	fali vós
eles –	–

ADEQUAR

presente do indicativo	imperativo afirmativo
eu –	–
tu –	–
ele –	–
nós adequamos	–
vós adequais	adequai vós
eles –	–

Comentário

Alguns autores registram a conjugação do verbo *adequar* nas formas arrizotônicas do presente do subjuntivo (*adequemos, adequeis*); o que permitiria também a conjugação dessas mesmas formas do imperativo negativo e da primeira do plural do imperativo afirmativo.

PRECAVER

presente do indicativo	imperativo afirmativo
eu –	–
tu –	–
ele –	–
nós precavemos	–
vós precaveis	precavei vós
eles –	–

Comentário

Precaver não deriva de *ver*, nem de *vir*. Não existem as formas "precavejo, precavo, precavenho". No pretérito perfeito do indicativo e tempos derivados, comporta-se como verbo regular: *precavi, precaveste, precaveu...*

REAVER	
presente do indicativo	**imperativo afirmativo**
eu –	–
tu –	–
ele –	–
nós reavemos	–
vós reaveis	reavei vós
eles –	–

Comentário

Na prática, pode-se dizer que *reaver* é conjugado como *haver*, mas só existe nas formas em que o verbo *haver* apresenta a letra *v*. Observe com atenção o pretérito perfeito do indicativo:

reouve	reouvemos
reouveste	reouvestes
reouve	reouveram

Comentários gerais

a. Convém repetir que os verbos defectivos têm conjugação completa nos pretéritos e futuros. São mais do que corretas formas como as seguintes:

aboli	adequei	explodi	fali
precavi	demoli	aboliu	adequou
explodiu	faliu	precaveu	demoliu

b. Para suprir uma forma dada como inexistente, costuma-se recorrer a verbos sinônimos ou a expressões equivalentes. Em vez de dizer "Eu me precavo/precavenho/precavejo", diga "Eu me acautelo/previno"; em vez de "A empresa fale", diga "A empresa vai à falência/vai falir"; no lugar de "O texto se adequa", pode-se usar "O texto se adapta/é adequado".

c. São considerados defectivos também os **verbos impessoais** e os **unipessoais**, conjugados apenas em algumas formas por questão de significado. Não se costuma dizer, por exemplo, "Eu chovo", ou "Ela geou". *Chover* e *gear*, como todos os verbos que indicam fenômenos naturais, são impessoais e, por isso, não têm sujeito e são conjugados apenas na terceira pessoa do singular. Também são impessoais os seguintes verbos:

amanhecer	anoitecer	chuviscar	estiar
alvorecer	orvalhar	relampejar	trovejar
ventar			

Os verbos unipessoais exprimem vozes de animais e são geralmente conjugados na terceira pessoa do singular e na terceira pessoa do plural:

O cão latia insistentemente.

Os cavalos relinchavam, assustados.

Observe que também não se costuma dizer "Eu relincho", ou "Tu latiste". Outros verbos unipessoais exprimem acontecimento, necessidade:

acontecer	convir	ocorrer	suceder

É possível empregar os verbos impessoais e unipessoais em sentido figurado. É o que ocorre em frases como:

Quando esse dia chegar, os brasileiros amanhecerão para um novo tempo.

Choveram faltas violentas durante o jogo.

4. Verbos abundantes

Verbos abundantes são aqueles que apresentam mais de uma forma para determinada flexão. Esse fenômeno costuma ocorrer no particípio, em que, além das formas regulares, terminadas em *-ado* ou *-ido*, surgem as **formas irregulares**, também chamadas **curtas** ou **breves**. Observe a relação a seguir:

	infinitivo impessoal	particípio regular	particípio irregular
primeira conjugação	aceitar	aceitado	aceito
	entregar	entregado	entregue
	enxugar	enxugado	enxuto
	expressar	expressado	expresso
	expulsar	expulsado	expulso
	findar	findado	findo
	isentar	isentado	isento
	limpar	limpado	limpo
	matar	matado	morto
	salvar	salvado	salvo
	segurar	segurado	seguro
	soltar	soltado	solto
segunda conjugação	acender	acendido	aceso
	benzer	benzido	bento
	eleger	elegido	eleito
	morrer	morrido	morto
	prender	prendido	preso
	suspender	suspendido	suspenso
terceira conjugação	emergir	emergido	emerso
	expelir	expelido	expulso
	exprimir	exprimido	expresso
	extinguir	extinguido	extinto
	imergir	imergido	imerso
	imprimir	imprimido	impresso
	inserir	inserido	inserto
	omitir	omitido	omisso
	submergir	submergido	submerso

Comentários

a. A tradição da língua diz que os particípios regulares são empregados geralmente com os auxiliares *ter* e *haver*; os particípios irregulares são geralmente empregados com os auxiliares *ser* e *estar*:

ter/haver elegido ter/haver imprimido ser/estar eleito ser/estar impresso

Nota-se, no entanto, larga tendência de alteração dessa "regra", seja na língua do dia-a-dia, seja na língua culta, em que se registram construções como "Por ter salvo/aceito/entregue" e outras.

b. *Ganhar*, *gastar* e *pagar* são abundantes: *ganhado/ganho*; *gastado/gasto*; *pagado/pago* são seus particípios. As formas irregulares são usadas com os auxiliares *ser*, *estar*, *ter* e *haver*; as formas regulares, somente com *ter* e *haver*:

ter/haver/ser/estar ganho, gasto, pago

ter/haver ganhado, gastado, pagado

c. *Abrir* (e derivados), *cobrir* (e derivados), *escrever* (e derivados) apresentam particípios irregulares:

aberto	reaberto	entreaberto	coberto
recoberto	encoberto	descoberto	escrito
re-escrito	subscrito		

Atividades

1. Nas frases a seguir, seria preciso empregar um verbo defectivo justamente numa das flexões condenadas pela língua culta. Sugira formas de completar as frases, utilizando sinônimos ou locuções verbais:

a) É possível que se (*) aquela casa na semana que vem. (*demolir*)

b) É desejável que se (*) essa exigência descabida. (*abolir*)

c) É provável que se (*) aquele muro. (*colorir*)

d) É possível que as fontes de energia se (*) antes do tempo previsto. (*exaurir*)

e) É indispensável que se (*) daqui todo foco de corrupção. (*banir*)

2. Proceda como no exercício anterior.

a) É indispensável que eu (*) meus documentos. (*reaver*)

b) É preciso que nós nos (*). (*precaver*)

c) É desejável que os novos funcionários se (*) às necessidades da empresa. (*adequar*)

d) Eu sempre me (*) contra riscos. (*precaver*)

e) Muitas pessoas não (*) sua linguagem à situação em que se encontram. (*adequar*)

f) Ele só (*) seus direitos quando recorre à justiça. (*reaver*)

3. Utilize os verbos entre parênteses no tempo e modo do modelo:

O retirante não se precaveu contra as dificuldades da viagem.

a) Ela (*) o patrimônio perdido? (*reaver*)

b) Eu não me (*) e (*) prejuízos com a enchente. (*precaver*; *ter*)

c) Nós (*) tudo o que nos pertencia. (*reaver*)

d) Você (*) a carga ao espaço disponível? (*adequar*)

e) O Congresso ainda não (*) muitas das leis do tempo da ditadura. (*abolir*)

f) Muitas empresas (*) por causa da queda do poder aquisitivo da classe média. (*falir*)

g) Ela se (*) e (*) o pior. (*precaver*; *afastar*)

h) A herdeira (*) os bens deixados pelo pai. (*reaver*)

i) (*) o que nos pertencia. (*reaver*)

4. Preencha as lacunas com a forma apropriada do particípio verbal. Indique as frases em que se pode usar mais de uma forma.

a) O candidato foi (*) com mais de duzentos mil votos. Muitos dos que o haviam (*) na eleição anterior votaram nele novamente. (*eleger*)

b) Ele jamais foi (*) pelos colegas de trabalho. Diziam que no passado ele tinha (*) gordas propinas de uma poderosa multinacional. (*aceitar*)

c) O imposto já foi (*). Menos mal, porque todo o dinheiro deste mês já foi (*), e não há perspectiva de que outro seja (*). (*pagar*; *gastar*; *ganhar*)

d) Àquela altura, já poderia ter (*) seus débitos, se não tivesse (*) todo o dinheiro que tinha (*). (*pagar*; *gastar*; *ganhar*)

e) Assim que cheguei, fui informado de que a polícia já havia (*) e já o tinha (*). (*chegar*; *pegar*)

f) Ele havia (*) o portão. De lá, podia ver o que se passava sem ser (*). Dessa forma, foi-lhe possível certificar-se de tudo o que havia sido (*) e (*) pelo ex-proprietário do imóvel. Valera a pena ter (*)! (*entreabrir*; *ver*; *dizer*; *escrever*; *vir*)

5. As particularidades da conjugação dos verbos e os dicionários

Você estudou neste capítulo os principais verbos irregulares, defectivos e abundantes. Você deve ter notado que vários desses verbos são de uso muito frequente – como *pôr, ver, vir, ser, haver, estar*. Nesses casos, é necessário que você esteja apto a usá-los com segurança a fim de não desrespeitar o padrão culto da língua. Você estudou também verbos de uso mais limitado – como *cerzir, carpir, remir*. Nesses casos, é bastante provável que, mesmo depois de tê-los visto em nosso livro, você tenha alguma dúvida quando precisar empregá-los.

Eles estão aqui justamente para constituir um arquivo que você possa consultar a fim de esclarecer suas incertezas. É pouco provável que um dia você precise usar um verbo como *moscar*, geralmente pronominal (*moscar-se*). Mas, se realmente for necessário, consulte um dicionário. Reproduzimos, a seguir, o verbete *moscar* do dicionário de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (versão eletrônica). Além do significado do verbo, você encontra valiosas informações sobre sua conjugação:

moscar

[De *mosca* + *-ar*².] Bras. Joc.

Verbo intransitivo.

1. V. comer mosca (2).

2. Fig. Desaparecer, sumir-se, safar-se:

"nada mais tenho que fazer aqui! Musco-me! Ponho-me ao fresco!" (Aluísio Azevedo, *O mulato*, p. 246). [Irreg. O *o* da raiz muda-se em *u* nas f. rizotônicas. Além disso, o *c* transforma-se em *qu* antes de *e* (v. trancar). Pres. ind.: *musco, muscas, musca, moscamos, moscais, muscam*; imperat.: *musca, moscai*, etc.; pres. subj.: *musque, musques, musque, mosquemos, mosqueis, musquem*. Cf. *moscaria*, s. f.]

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário eletrônico. Parte integrante do *Novo dicionário Aurélio*. 3. ed. rev. e atual. Curitiba: Positivo/Positivo Informática, 2004.

Textos para análise

1

Um dia

1) sujar o pé de areia pra depois lavar na água
2) esperar o vaga-lume piscar outra vez
3) ouvir a onda mais distante por trás da mais próxima
4) não esperar nada acontecer
5) se chover, tomar chuva
6) caminhar
7) sentir o sabor do que comer
8) ser gentil com qualquer pessoa
9) barbear-se no final do dia
10) ao se deitar para dormir, dormir

ANTUNES, Arnaldo. In: *Boa companhia*: poesia. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 46.

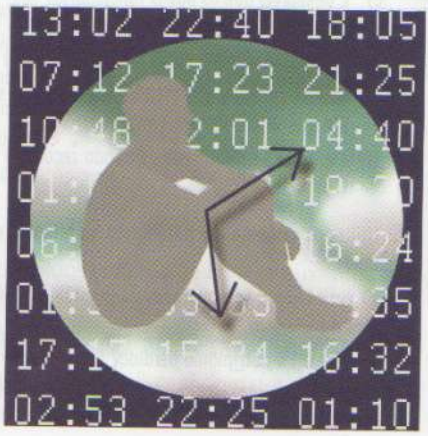

Trabalhando o texto

1. Observe as formas verbais presentes no texto da página anterior e a seguir divida-as em grupos: as que pertencem a verbos regulares, as que pertencem a verbos irregulares e anômalos e as que pertencem a verbos defectivos.

2. Os verbos do texto estão no infinitivo. Re-escreva o poema de forma que um sujeito de primeira pessoa desenvolva as ações e os processos expressos pelos verbos.

3. Como você interpreta o fato de todos os verbos do texto estarem no infinitivo?

Em *site*

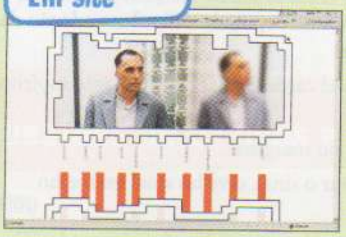

<www.arnaldoantunes.com.br >. Acesso em: 14 abr. 2008.

Músico, compositor, poeta, autor. São inúmeras as atividades de Arnaldo Antunes, todas elas desempenhadas com muito talento e perspicácia. Compositor de letras precisas e poeta de sensibilidade aguçada, Arnaldo é mesmo um artista completo. O *site* oficial do autor é de imensa valia para os fãs do ex-Titãs e também, é claro, para aqueles que querem conhecê-lo mais de perto. A página contém biografia, letras de músicas, fotos, discos e a programação de sua agenda.

2

"Haja o que houver"

No folclore linguístico do futebol, não faltam delícias como "fez que foi e acabou fondo", "Comigo ou sem migo o time vai ganhar", "Haja o que hajar" etc. Não se sabe se essas frases realmente foram ditas, apesar de muita gente jurar de pés juntos que as ouviu.

Pois bem. A brincadeira com "hajar" serve de mote para que falemos mais um pouco do verbo "haver".

* * *

"A União se desfazerá..."

Num título jornalístico publicado na semana passada, foi empregada a forma "desfazerá": "A União se desfazerá de parte das ações...". Talvez seja bom dizer logo que no lugar de "desfazerá" deveria ter sido empregada a forma "desfará". Mas isso é secundário. O que de fato interessa é tentar entender o que nos leva a empregar formas verbais "inexistentes".

CIPRO NETO, Pasquale. *Inculta e bela 4*. São Paulo: Publifolha, 2003. p. 30 e 108.

Trabalhando o texto

1. Você consegue entender por que em algumas situações somos levados a empregar formas verbais "inexistentes"? Procure explicar, baseado nos conhecimentos que adquiriu até agora, os mecanismos que levam à utilização de formas verbais como "fondo", "hajar" e "desfazerá".

3

Haiti

Quando você for convidado pra subir no adro
Da Fundação Casa de Jorge Amado
Pra ver do alto a fila de soldados, quase todos pretos
Dando porrada na nuca de malandros pretos
De ladrões mulatos e outros quase brancos
Tratados como pretos
Só pra mostrar aos outros quase pretos
(E são quase todos pretos)
E aos quase brancos pobres como pretos
Como é que pretos, pobres e mulatos
E quase brancos quase pretos de tão pobres são tratados
E não importa se olhos do mundo inteiro
Possam estar por um momento voltados para o largo
Onde os escravos eram castigados
E hoje um batuque um batuque
Com a pureza de meninos uniformizados de escola secundária em dia de parada
E a grandeza épica de um povo em formação
Nos atrai, nos deslumbra e estimula
Não importa nada: nem o traço do sobrado
Nem a lente do Fantástico, nem o disco de Paul Simon
Ninguém, ninguém é cidadão
Se você for ver a festa do Pelô, e se você não for
Pense no Haiti, reze pelo Haiti
O Haiti é aqui
O Haiti não é aqui

E na TV se você vir um deputado em pânico mal dissimulado
Diante de qualquer, mas qualquer mesmo, qualquer qualquer
Plano de educação que pareça fácil
Que pareça fácil e rápido
E vá representar uma ameaça de democratização
Do ensino de primeiro grau
E se esse mesmo deputado defender a adoção da pena capital
E o venerável cardeal disser que vê tanto espírito no feto
E nenhum no marginal
E se, ao furar o sinal, o velho sinal vermelho habitual
Notar um homem mijando na esquina da rua sobre um
Saco brilhante de lixo do Leblon
E quando ouvir o silêncio sorridente de São Paulo
Diante da chacina
111 presos indefesos, mas presos são quase todos pretos
Ou quase pretos, ou quase brancos quase pretos de tão pobres
E pobres são como podres e todos sabem como se tratam os Pretos
E quando você for dar uma volta no Caribe
E quando for trepar sem camisinha
E apresentar sua participação inteligente no bloqueio a Cuba
Pense no Haiti, reze pelo Haiti

O Haiti é aqui
O Haiti não é aqui.

GIL, Gilberto & VELOSO, Caetano. Disponível em: <www.caetanoveloso.com.br>. Acesso em: 11 jun. 2008.

Trabalhando o texto

1. Em que modo, tempo, pessoa e número está a forma verbal *for*, do primeiro verso do texto?

2. Em que modo, tempo, pessoa e número está a forma verbal destacada em "E na TV se você **vir** um deputado em pânico mal dissimulado"? A que verbo pertence essa forma? De que tempo ela é obtida?

3. O que diferencia a forma verbal *ver*, do terceiro verso, da forma verbal analisada na questão anterior?

4. Das formas verbais *subir, mostrar, defender, furar, notar, ouvir* e *apresentar*, algumas pertencem ao futuro do subjuntivo e outras, ao infinitivo. Releia atentamente o texto e separe-as em dois grupos.

5. Observando a forma verbal *pareça*, diga se o verbo *parecer* é regular ou irregular. Explique.

6. Em que modo e tempo está a forma verbal destacada em "E não importa se olhos do mundo inteiro / **Possam** estar por um momento voltados para o largo"? Como se obtém essa forma?

7. Em que modo e tempo está a forma verbal em "E o venerável cardeal **disser** que vê tanto espírito no feto / E nenhum no marginal"? Como se obtém essa forma?

8. A canção nos fala de uma realidade social em que o preconceito racial é evidente. Aponte passagens do texto em que é possível identificar esse fato.

9. O texto afirma que "Ninguém, ninguém é cidadão". Relacione a ideia contida nessa frase com as noções de "democratização do ensino", "adoção da pena capital" e desobediência aos sinais de trânsito ("furar o sinal, o velho sinal vermelho habitual").

10. Afinal, o Haiti é aqui ou não é?

Questões de exames e concursos

1. (UFRN)

"As obras que a República manda editar para a propaganda de suas riquezas e excelências, logo que são impressas completamente, distribuem-se a mancheias (1) por quem as queira. Todos as aceitam e logo passam adiante, por meio de venda. Não julgue o meu correspondente que os "sebos" as aceitem. São tão mofinas, tão escandalosamente mentirosas, tão infladas de um otimismo de encomenda que ninguém as compra, por sabê-las falsas e destituídas de toda e qualquer honestidade informativa, de forma a não oferecer nenhum lucro aos revendedores de livros, por falta de compradores.

Onde o meu leitor poderá encontrá-las, se quer ter informações mais ou menos transbordantes de entusiasmo pago, é nas lojas de merceeiros (2), nos açougues, nas quitandas, assim mesmo em fragmentos, pois todos as pedem nas repartições públicas para vendê-las a peso aos retalhistas de carne verde, aos vendeiros e aos vendedores de couves.

Contudo, a fim de que o meu delicado missivista não fique fazendo mau juízo a meu respeito, vou dar-lhe algumas informações sobre o poderoso e rico país da Bruzundanga."

LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Os Bruzundangas*. Rio/São Paulo/Fortaleza: ABC Editora, 2005. p. 33.

(1) em abundância (2) donos de mercearia

No trecho abaixo, as formas verbais em destaque estão no tempo presente.

"As obras que a República *manda* editar [...], logo que *são impressas* [...], *distribuem-se* [...] por quem as *queira*."

Observando-se o registro culto da língua e a coerência temporal, a conversão desse presente em passado levaria as formas verbais, respectivamente, às seguintes flexões:

a) tinha mando – eram imprimidas – distribuíram-se – queria
b) mandou – foram impressas – eram distribuídas – quis
c) mandava – eram impressas – distribuíam-se – quisesse
d) havia mandado – foram imprimidas – foram distribuídas – quisera

2. (Unifesp) Instrução: Leia o poema de Bocage para responder à questão.

Olha, Marília, as flautas dos pastores
Que bem que soam, como estão cadentes!
Olha o Tejo a sorrir-se! Olha, não sentes
Os Zéfiros brincar por entre flores?
Vê como ali, beijando-se, os Amores
Incitam nossos ósculos ardentes!
Ei-las de planta em planta as inocentes,
As vagas borboletas de mil cores.
Naquele arbusto o rouxinol suspira,
Ora nas folhas a abelhinha para,
Ora nos ares, sussurrando, gira:
Que alegre campo! Que manhã tão clara!
Mas ah! Tudo o que vês, se eu te não vira,
Mais tristeza que a morte me causara.

Leia os versos e analise as considerações sobre as formas verbais neles destacadas.

I. *Olha*, Marília, as flautas dos pastores... – Como o eu-lírico faz um convite à audição das flautas dos pastores, poderia ser empregada a forma ***Ouça***, no lugar de ***Olha***.

II. ***Vê*** como ali, beijando-se, os Amores... – A forma verbal, no imperativo, expressa um convite do eu-lírico para que a amada se delicie, junto a ele, com o belo cenário.

III. Mas ah! Tudo o que ***vês***... – A forma verbal, também no imperativo, sugere que, neste ponto do poema, a amada já viu tudo o que o seu amado lhe mostrou.

Está correto o que se afirma apenas em

a) I. b) II. c) III. d) I e II. e) I e III.

3. (Pref. de Contagem-MG/Fumarc) Atentando para a *flexão verbal*, a alternativa correta é:

a) Os policiais, não se sabe por quê, não interviram na confusão.

b) Se ela vir ainda hoje à sessão de ensino, conseguirá matricular-se.

c) Se eu os ver no aeroporto, entregar-lhes-ei a encomenda de V. Exa.

d) Requeiro, por essa razão, a devolução das parcelas a que tenho direito.

4. (Pref. de Contagem-MG/Fumarc) Do ponto de vista da *flexão verbal*, a estrutura correta é:

a) O sindicato intermedia as relações entre patrões e empregados, buscando soluções que atendam a ambas as partes.

b) Esse filtro, ao contrário do que se divulga na embalagem do produto, não retêm todo tipo de impurezas.

c) Se o Banco Central não tivesse intervindo a tempo, o dólar, ao que tudo indica, teria continuado em queda.

d) Se ele não recompor o quadro de pessoal até o fim do mês, o cronograma será seriamente afetado.

5. (Correios/ESPP) Em "Quero em teus lábios beber" e "Vem, anjo, minha donzela", passando-se os verbos *querer* e *vir* para a 2.ª pessoa do plural, no imperativo afirmativo, obtêm-se:

a) queiras e venhas c) quererias e virias

b) querei e vinde d) quereis e vindes

6. (Fuvest-SP) Dos verbos destacados, só está corretamente empregado o que aparece na frase:

a) A atual administração quer **crescer** a arrecadação do IPTU em 40%.

b) A economia latino-americana se modernizou sem que a estrutura de renda da região **acompanhou** as transformações.

c) Se **fazer** previsões sobre a situação econômica já era difícil antes das eleições, agora ficou ainda mais complicado.

d) A indústria ficará satisfeita só quando vender metade do estoque e **transpor** o obstáculo dos juros.

e) Por mais que os leitores se **apropriam** de um livro, no final, livro e leitor tornam-se uma só coisa.

7. (Ufam) Assinale o item em que há ERRO na forma verbal:

a) O grande líder reouve a tempo o prestígio abalado.

b) Bem que ele se precaviu, mas o colega foi mais esperto.

c) Abstende-vos de julgar o próximo.

d) Eles se têm desavindo frequentemente.

e) São os filhos que proveem as necessidades da casa.

8. (Ufes)

Fábrica de Quadrinhos

Revista *Veja*, São Paulo, 25 jul. 2001.

O verbo *reter* deve ser conjugado como o verbo *ter*. Logo, o correto é *retiver*.

Os diálogos abaixo apresentam desvios de uso da linguagem, como ocorre no quadrinho acima, EXCETO:

a) – Maria, você viu Fernando? Preciso de falar com ele.
– Não. Se eu o **ver**, dou seu recado.

b) – Paulo, por que não veio à escola ontem?
– Falaram que não **deveriam haver** aulas.

c) – A chefia imediata compareceu à reunião?
– Sim, e **interveio** nas discussões com sucesso.

d) – Há quantos anos você não vem a Vitória?
– **Fazem** mais ou menos dois anos.

e) – O que o Senhor e a Senhora desejam?
– Nós **vimos** aqui para requerer o diploma de graduação.

9. (FGV-SP) A primeira pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos indignar-se, *afrouxar*, *caber* e *extinguir* é, respectivamente:

a) indiguino-me, afroxo, caibo, extínguo.

b) indigno-me, afrouxo, caibo, extingo.

c) indigno-me, afróxo, cabo, extínguo.

d) indiguino-me, afrouxo, cabo, extínguo.

e) indigno-me, afrouxo, caibo, extínguo.

10. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que é **incorreto** o uso do particípio regular ou irregular.

a) Não haveria mais o que discutir, pois o mancebo havia entregado o livro para Íris.

b) Aquiles sentiu um puxão nas fraldas da camisa, que estavam soltas. O ajudante do delegado aproximou-se e cochichou que ele seria solto em poucos minutos.

c) Era verdade que a fruta parecia passada, que recendia a podre. Lozardo provocou o pároco, mas percebeu que logo todas as luzes seriam acesas. Afastou-se da fruteira.

d) A lei tinha já extinto qualquer penalidade para aquele ato, que não mais era considerado ilícito.

e) José Américo tinha soltado o freio da motocicleta, para evitar acidente maior. Mesmo assim, as consequências da queda foram bastante sérias.

11. (Unifal-MG) Mesmo que nós (*), não conseguiríamos que eles (*) os papéis que os chefes (*) em segredo.

a) interviéssemos, requeressem, mantêm

b) intervíssemos, requeressem, mantém

c) interviéssemos, requisessem, mantêm

d) intervíssemos, requisessem, mantém

e) interviéssemos, requeressem, manteem

12. (Unifal-MG) Assinale a alternativa que contém a forma correta dos verbos *medir*, *valer*, *caber* e *datilografar*, na primeira pessoa do singular do presente do indicativo, pela ordem.

a) meço, valo, cabo, datilógrafo

b) meço, valho, caibo, datilografo

c) mido, valo, caibo, datilógrafo

d) mido, valho, caibo, datilografo

e) meço, valho, caibo, datilógrafo

13. (FSA-SP) Dentre as frases abaixo, assinale a que apresentar erro na flexão dos verbos.

a) Ele não creu em nenhuma das histórias contadas por nós.

b) Quando eu vir seu pai, avisá-lo-ei sobre a dívida.

c) Será muito melhor para todos, se você manter a calma.

d) Eles intervieram em nossa disputa, depois de um tempo.

e) Assim que puserdes a roupa no armário, poderemos sair.

14. (UFRPE/UFPE) Relacione as frases cujos verbos destacados estão no mesmo tempo, modo e pessoa gramatical.

1 Que todo homem é um diabo não há mulher que o **negue**.

2 **Vem**, eu te farei da minha vida participar.

3 **Ide** em paz, o Senhor vos acompanhe.

4 Estou preso à vida e **olho** meus companheiros.

5 Tu não me **tiraste** a natureza... Tu mudaste a natureza.

( ) **Cala** essa canção soturna.

( ) **Interrogai**-as agora que os reis tremem no seu trono.

( ) **Debruço**-me na grade da banca e respiro penosamente.

( ) **Trouxeste**-a para o pé de mim.

( ) Mesmo assim elas procuram um diabo que as **carregue**.

A sequência correta é:

a) 3, 2, 4, 5 e 1.

b) 4, 3, 2, 1 e 5.

c) 5, 1, 4, 2 e 3.

d) 1, 4, 5, 3 e 2.

e) 2, 3, 4, 5 e 1.

15. (Unifal-MG) Assinale a alternativa em que o verbo está conjugado de forma **correta** na norma culta.

a) O juiz não interviu no resultado do jogo.

b) Só um jogador manteu a calma na confusão.

c) Quando seu pai ver seu boletim, vai ficar alegre.

d) Eu requeri transferência para outra escola.

e) Quando ela vir de São Paulo e ver você, vai gostar.

16. (Acafe-SC) Corrija a frase. Depois, justifique.

Eles não reaveram os seus bens.

17. (Acafe-SC) Somente uma das opções está **incorreta**. Assinale-a:

a) leio – lês – lê – lemos – ledes – leem

b) valho – vales – vale – valemos – valeis – valem

c) venho – vens – vem – vimos – vindes – vêm

d) vou – vais – vai – vamos – ides – vão

e) divirjo – diverges – diverge – divergimos – divergides – divergem

18. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa em que os verbos estejam correta e adequadamente empregados.

a) Quando você o vir, dize-lhe que já demos nossa contribuição, para que sirvamos de exemplo a todos.

b) Quando você o ver, diz-lhe que já demos nossa contribuição, para que sirvamos de exemplo a todos.

c) Quando você o ver, diga-lhe que já demos nossa contribuição, para que sirvamos de exemplo a todos.

d) Quando você o vir, diga-lhe que já demos nossa contribuição, para que sirvamos de exemplo a todos.

e) Quando você o vir, diz-lhe que já demos nossa contribuição para que servimos de exemplo a todos.

19. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa em que os verbos estão correta e adequadamente empregados.

a) Para que possamos discutir tudo com calma, pretendo vir às cinco horas, a não ser que não dê para sair em tempo e tenha de deixar nosso encontro para mais tarde.

b) Quero que vocês tentam novamente e progridam nesses estudos, para que comprovamos a validade dessa nova teoria.

c) Se supormos que eles desistem do empreendimento na hora da decisão final, talvez devemos providenciar outros profissionais que estejam realmente interessados.

d) Será que existem cientistas que retêm o segredo que fará com que, numa bela manhã, acordamos sem a ameaça da guerra atômica?

e) Quando eles proporem o acordo que tanto aguardamos, é necessário que nos comprometemos a cumprir nossa parte.

20. (PUC-SP) Em relação aos versos:

"**És**, a um tempo, esplendor e sepultura:"

"Que **tens** o trom e o silvo da procela"

e

"Em que da voz materna **ouvi**: meu filho!",

se substituirmos os verbos destacados pelo presente do subjuntivo, teremos:

a) sejas, tenhas, ouças.

b) serias, terias, ouvirias.

c) sejais, tenhais, ouçais.

d) fores, tiveres, ouvires.

e) fôreis, tivéreis, ouvíreis.

21. (Unimep-SP) Alguns verbos apresentam irregularidades no radical da 1.ª pessoa do singular do indicativo presente. A alternativa que contém as formas verbais corretas é:

a) requeiro (requerer), ouço (ouvir), valho (valer)

b) digo (dizer), medo (medir), trago (trazer)

c) meço (medir), digo (dizer), perdo (perder)

d) caibo (caber), perco (perder), requero (requerer)

e) posso (poder), cabo (caber), valo (valer)

22. (Unimep-SP) Quando você o (*), (*)-lhe que eu já (*) os livros que me haviam roubado. A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:

a) vir, diga, reouve

b) vir, diz, reouve

c) ver, diga, reavi

d) ver, diz, reouve

e) ver, dize, reavi

23. (Unicamp-SP) Nas suas aulas de gramática, você deve ter estudado a conjugação dos verbos irregulares. Esse conhecimento é necessário na escrita padrão. Nos trechos abaixo encontram-se formas verbais inadequadas:

I [Os astecas] não só conheciam o banho de vapor, tão prezado na Europa, como mantiam o hábito de banhar-se diariamente. (*Superinteressante*, out. 1992)

II Um grupo de defesa dos direitos civis ameaçou intervir se o juiz Mike Mc Spaden ir adiante com seu plano de aprovar o pedido de castração. (*Folha de S.Paulo*, 13 fev. 1992)

a) Identifique as formas verbais inadequadas.

b) Que formas deveriam ter sido empregadas?

c) Como se poderia explicar a ocorrência das formas inadequadas nos trechos acima?

24. (UFV-MG) Segundo o exemplo, assinale a alternativa correta:

Jogar? Jogai vós.

Faça o mesmo com os verbos: *trazer, tragar, ir, ler.*

a) trazei, tragai, ide, lede

b) tragam, traguem, vão, leiam

c) trazeis, tragais, ides, ledes

d) tragais, tragueis, vades, leiais

e) traze, traga, vão, leia

25. (UEL-PR) Requeiro a dispensa de taxa concedida aos que (*), como eu, os bens que (*).

a) reouveram, pleiteiaram

b) reaveram, pleiteiaram

c) rehouveram, pleiteiaram

d) reouveram, pleitearam

e) rehaveram, pleitearam

26. (Unicamp-SP) No texto abaixo, ocorre uma forma que é inadequada em contextos formais, especialmente na escrita.

Trombada

Lula e Meneguelli divergem sobre o pacto. Concordam em negociar, mas Lula só aprova um acordo se o governo retirar a medida provisória dos salários, suspender os vetos à lei da Previdência e repor perdas salariais.

(Painel, *Folha de S.Paulo*, 21 set. 1990)

a) Identifique essa forma e re-escreva o trecho em que ocorre, de modo a adequá-lo à modalidade escrita.

b) Como se poderia explicar a ocorrência de tal forma (e outras semelhantes), dado que os falantes não "inventam" formas linguísticas sem alguma motivação?

27. (UEL-PR) Ainda que vários fatores (*) a seu favor, estava claro que ele não (*) as consequências que (*) de seu impensado gesto.

a) intervissem, previra, adveriam
b) interviessem, prevera, adviriam
c) intervissem, prevera, adviriam
d) intervissem, prevera, adveriam
e) interviessem, previra, adviriam

28. (UEL-PR) Os ouvintes (*)-se de opinar, temendo que se (*) as críticas e os ânimos não se (*).

a) absteram, mantivessem, refazessem
b) absteram, mantessem, refizessem
c) abstiveram, mantivessem, refizessem
d) absteram, mantessem, refazessem
e) abstiveram, mantessem, refizessem

29. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas: Não (*) cerimônia, (*) que a casa é (*), e (*) à vontade.

a) faças, entre, tua, fique
b) faça, entre, sua, fique
c) faças, entra, sua, fica
d) faz, entra, tua, fica
e) faça, entra, tua, fique

30. (Fatec-SP) Aponte o emprego errado do verbo destacado.

a) Se a resposta **condissesse** com a pergunta...
b) Poucos **reaveram** o que arriscaram em jogos.
c) Não que não **antepuséssemos** alguém a você.
d) Não tenha dúvida, **refaremos** tantas vezes quantas forem necessárias.
e) Se não nos **virmos** mais... tenha boas férias.

31. (Cesgranrio-RJ) Assinale o período em que aparece uma forma verbal incorretamente empregada com relação à norma culta da língua.

a) Se o compadre trouxesse a rabeca, a gente do ofício ficaria exultante.
b) Quando verem o Leonardo, ficarão surpresos com os trajes que usava.
c) Leonardo propusera que se dançasse o minueto da corte.
d) Se o Leonardo quiser, a festa terá ares aristocráticos.
e) O Leonardo não interveio na decisão da escolha do padrinho do filho.

32. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa em que uma forma verbal foi empregada incorretamente.

a) O superior interveio na discussão, evitando a briga.
b) Se a testemunha depor favoravelmente, o réu será absolvido.
c) Quando eu reouver o dinheiro, pagarei a dívida.
d) Quando você vir Campinas, ficará extasiado.
e) Ele trará o filho, se vier a São Paulo.

33. (FCC-SP) Não te (*) com essas mentiras que (*) da ignorância.

a) aborreces, proveem
b) aborreça, provém
c) aborreças, provêm
d) aborreça, proveem
e) aborreças, provém

34. (Cesesp-PE) Assinale a alternativa que estiver incorreta quanto à flexão dos verbos:

a) Ele teria pena de mim se aqui viesse e visse o meu estado.
b) Paulo não intervém em casos que requeiram profunda atenção.
c) O que nós propomos a ti, sinceramente, convém-te.
d) Se eles reouverem suas forças, obterão boas vitórias.
e) Não se premiam os fracos que só obteram derrotas.

35. (FMPA-MG) Complete as lacunas com os verbos *intervir* e *deter* no pretérito perfeito do indicativo.

A polícia (*) no assalto e (*) os ladrões.

36. (Fuvest-SP) Re-escreva as frases abaixo, substituindo convenientemente as formas verbais destacadas pelos verbos colocados entre parênteses.

a) Se você se **colocasse** em meu lugar, perceberia melhor o problema. (pôr)
b) Quando **descobrirem** o logro em que caíram, ficarão furiosos. (ver)

37. (Fuvest-SP) Re-escreva as frases abaixo, obedecendo ao modelo:

Se ele voltou cedo, eu também voltei.

Se ele voltar cedo, eu também voltarei.

a) Se ele viu o filme, eu também vi.

b) Se tu te dispuseste, eu também me dispus.

38. (UCS-RS) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas:

Se tudo (*) conforme ele (*), o trabalho já (*).

a) for feito, preveu, vai ser concluído

b) fosse feito, prevera, teria sido concluído

c) é feito, preveu, estaria pronto

d) tivesse sido feito, havia previsto, estaria concluído

e) tiver sido feito, preverá, será concluído

39. (FGV-SP) (*), homem! (*) à criatura que me deixe, que (*).

a) corre, dize, se não aflija

b) corra, diz, se não aflija

c) corre, dize, não aflija-se

d) corra, diz, não se aflija

e) corre, dizei, não aflija

40. (FCMSC-SP) Nas alternativas estão as flexões do imperativo de cinco verbos. Assinale a alternativa em que há erro.

a) saber: sabe/saiba/saibamos/sabei/saibam

b) ver: vê/vide/vejamos/vejais/vejam

c) ir: vai/vá/vamos/ide/vão

d) ouvir: ouve/ouça/ouçamos/ouvi/ouçam

e) valer: vale/valha/valhamos/valei/valham

41. (FEI-SP) Na expressão "Deus te favoreça", substitua o verbo *favorecer* por:

a) abençoar; b) ouvir; c) proteger.

42. (FCMSC-SP) Assinale a alternativa correta quanto ao uso de verbos abundantes.

a) Por haver aceitado as normas, o candidato foi aceito na Faculdade.

b) Por haver morto o passarinho, o menino chorou. Realmente, o bicho estava bem morto.

c) Foi elegido pelas mulheres apesar de haver eleito a maioria dos homens.

d) O pastor tinha emergido os crentes depois de ter emergido ele mesmo pelo bispo. Era emersão que não acabava mais.

e) Todos os casos serão omitidos da pauta tal como você já tivera omisso os seus casos ontem.

43. (USCS-SP) Assinale a alternativa que corresponde ao que se pede:

– verbo *ver* – 3.ª pessoa do singular do pretérito mais-que-perfeito do indicativo

– verbo *ser* – 3.ª pessoa do singular do presente do subjuntivo

– verbo *haver* – 3.ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo

– verbo *vir* – 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo

a) vera, seja, houve, vem

b) vera, seja, havi, venha

c) vira, seja, houve, vem

d) vira, seje, houve, venha

e) vira, seje, havi, vem

44. (FCC-SP) Ele (*) que lhe (*) muitas dificuldades, mas enfim (*) a verba para a pesquisa.

a) receara, opusessem, obtera

b) receara, opusessem, obtivera

c) receiara, opossem, obtivera

d) receiara, opossem, obtera

e) receara, opossem, obtera

45. (FCC-SP) Caso (*) realmente interessado, ele não (*) de faltar.

a) estiver, haja

b) esteja, houve

c) estivesse, houvesse

d) estivesse, havia

e) estiver, houver

46. (Unilus-SP) Assinale a alternativa que se encaixe no período seguinte:

Se você (*) e o seu irmão (*), quem sabe você (*) o dinheiro.

a) requeresse, interviesse, reouvesse

b) requisesse, intervisse, reavesse

c) requeresse, intervisse, reavesse

d) requeresse, interviesse, reavesse

e) requisesse, intervisse, reouvesse

47. (FCC-SP) Quem (*) o Pedro, ou pelo menos (*) falar com ele, (*)-o em meu nome.

a) ver, poder, advirta

b) vir, puder, adverta

c) vir, puder, advirta

d) ver, puder, adverta

e) vir, poder, adverta

48. (FCC-SP) Sem que ninguém tivesse (*), o próprio menino (*)-se contra os falsos amigos.

a) intervindo, precaviu

b) intervindo, precaveio

c) intervido, precaveu

d) intervido, precaveio

e) intervindo, precaveu

Capítulo 8

Estudo dos verbos (III)

Chris Brown/King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 1997. v. 1. p. 48.

Depois de estudar detidamente os mecanismos de conjugação e os principais verbos irregulares e defectivos, você vai investigar o funcionamento dos modos e tempos verbais no uso efetivo, ou seja, nas frases e textos de nossa língua.

Nosso objetivo é fazer você refletir sobre o valor e o significado das diferentes formas verbais, tornando-o apto a empregá-las com precisão e sensibilidade. Na tira desta página, por exemplo, verifica-se a flexão dos tempos e dos modos verbais, de acordo com as exigências contextuais: no primeiro quadrinho o modo indicativo representando ações pretérita e futura; no segundo, o modo subjuntivo sinalizando uma possibilidade. Observa-se também a locução verbal empregada notadamente com valor de futuro.

1. Os modos verbais

Em português, existem três modos verbais: o indicativo, o subjuntivo e o imperativo.

O **modo indicativo** é empregado quando se dá como certo, real ou verdadeiro o conteúdo daquilo que se fala ou escreve:

Faz muito calor nesta época do ano.

Fez muito calor no último verão.

O serviço meteorológico informa que **fará** muito calor neste verão.

O **modo subjuntivo** é empregado quando se dá como provável, duvidoso ou hipotético o conteúdo daquilo que se fala ou escreve:

Talvez **faça** muito calor neste verão.

Se **fizesse** calor nestes dias, a safra estaria perdida.

O **modo imperativo** é empregado para exprimir ordem, pedido, súplica, conselho:

"**Cala** a boca, Bárbara!"

"Seu garçom, **faça** o favor de me trazer depressa..."

Socorram-me!

"**Vai** e **diz** a ela as minhas penas..."

De um modo geral, podem-se relacionar os modos verbais a três atitudes diferentes de quem fala ou escreve: o indicativo mostra uma atitude mais objetiva diante dos fatos e processos, que são apresentados como fenômenos positivos e independentes; o subjuntivo traduz a expressão de conteúdos emocionais (o desejo, a dúvida, a incerteza), impregnando os fatos e processos com a subjetividade de quem fala ou escreve; o imperativo procura impor o processo verbal ao interlocutor, com a intenção de que este aja de acordo com aquilo que o emissor da mensagem pretende.

Atividade

Observe o emprego dos verbos destacados em cada um dos pares de frases a seguir. Justifique o modo verbal empregado em cada caso:

a) Ele **vem** diariamente.
É possível que ele **venha** hoje.

b) Estou certa de que **foi** ele o culpado de tudo.
Acredito que **tenha sido** ele o culpado de tudo.

c) Ele **era** indicado para todas as atividades.
Talvez não **fosse** ele o indicado para todas as atividades.

d) Eu a **verei** amanhã.
Quando a **vir** outra vez, direi a ela toda a verdade.

e) Todo cidadão que efetivamente **ama** seu país é capaz de julgá-lo com critério.
Todo cidadão que efetivamente **ame** seu país é capaz de julgá-lo com critério.

f) Ainda que ele seja aparentemente discreto, está envolvido no escândalo.
Seja discreto, não se deixe envolver em escândalos.

2. Os tempos verbais

Os tempos do indicativo

Presente

a. Já foi comum definir-se o presente do indicativo como o "tempo que indica processos verbais que se desenvolvem simultaneamente ao momento em que se fala ou escreve":

Estou em São Paulo.

Não **confio** nele.

b. Na verdade, o presente do indicativo vai muito além de seu valor específico, básico. Pode também expressar processos habituais, regulares, ou aquilo que tem validade permanente:

Tomo banho diariamente.

Durmo pouco.

Todos os cidadãos **são** iguais perante a lei.

A Terra **gira** em torno do Sol.

A forma verbal *têm*, no presente do indicativo, expressa um fato que tem validade permanente, segundo o anunciante. (Atente mais uma vez para o acento em *têm*, necessário porque esse verbo está conjugado na terceira pessoa do plural.)

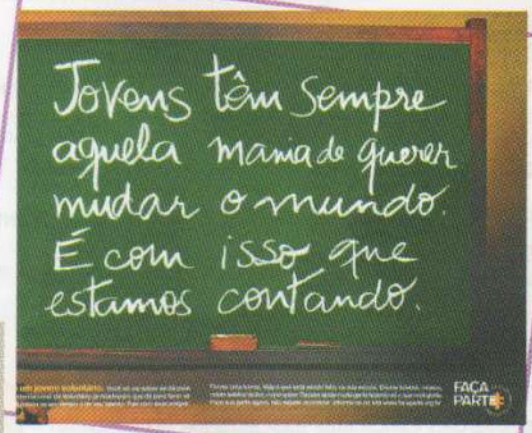

IstoÉ, São Paulo, 10 jul. 2002. p. 80-1.

c. O presente do indicativo pode ser empregado para narrar fatos passados, conferindo-lhes atualidade. É o chamado **presente histórico**:

No dia 17 de dezembro de 1989, pela primeira vez em quase trinta anos, o povo brasileiro **elege** diretamente o presidente da República. Iludida pelos meios de comunicação, a população não **percebe** que **está** diante de um farsante. Mas a verdade não **demora** a chegar. O presidente-atleta logo **mostra** quem **é**. Seu braço direito, PC Farias, **saqueia** o país. **Forma**-se uma Comissão Parlamentar de Inquérito, que **investiga** as atividades ilícitas da dupla. Em alguns meses, os escândalos apurados **são** tantos que só **resta** ao aventureiro renunciar.

d. O presente também pode ser usado para indicar um fato futuro próximo e de realização tida como certa:

Daqui a pouco, a gente **volta**.

Embarco no próximo sábado.

e. Utilizado com valor imperativo, o presente constitui uma forma delicada e familiar de pedir ou ordenar alguma coisa:

Artur, agora você **se comporta** direitinho.

Depois vocês **resolvem** esse problema para mim.

Pretérito imperfeito

a. O pretérito imperfeito tem várias aplicações. Pode transmitir uma ideia de continuidade, de processo que no passado era constante ou frequente:

Estavam todos muito satisfeitos com o desempenho da equipe.

Entre os índios, as mulheres **plantavam** e **colhiam**; os homens **caçavam** e **pescavam**.

Naquela época, eu **almoçava** lá todos os dias.

b. Ao nos transportarmos mentalmente para o passado e procurarmos falar do que então era presente, também empregamos o pretérito imperfeito do indicativo:

Eu **admirava** a paisagem. A vida **passava** devagar. Quase nada se **movia**. Uma pessoa **aparecia** aqui, um cão **latia** ali, mas, no geral, tudo **era** muito quieto.

c. O imperfeito é usado para exprimir o processo que estava em desenvolvimento quando da ocorrência de outro:

O Sol já **despontava** quando a escola **entrou** na passarela.

A torcida ainda **acreditava** no empate quando o time **levou** o segundo gol.

d. Usado no lugar do presente do indicativo, o pretérito imperfeito denota cortesia:

Queria pedir-lhe uma gentileza.

e. Pode substituir o futuro do pretérito, tanto na linguagem coloquial como na literária:

Se ele pudesse, **largava** tudo e **ficava** com ela.

"Se eu fosse você, eu **voltava** pra mim."

Pretérito perfeito

a. O pretérito perfeito simples exprime os processos verbais concluídos e localizados num momento ou período definido do passado. Veja os exemplos:

Em 1983, o campeão brasileiro da Segunda Divisão **foi** o Juventus.

O concerto **foi encerrado** às vinte e três horas.

Os primeiros imigrantes italianos **chegaram** ao Brasil no século passado.

OBSERVAÇÃO

Atente para a distinção entre o pretérito imperfeito e o pretérito perfeito simples:

Quando o **encontrava**, **ficávamos** horas conversando.

Quando o **encontrei**, **ficamos** horas conversando.

Tinha certeza de que não seria aprovado.

Teve certeza de que não seria aprovado.

b. O pretérito perfeito composto exprime processos que se repetem ou se prolongam até o presente:

Tenho visto coisas em que ninguém acredita.

Os professores não **têm conseguido** melhores condições de trabalho.

Pretérito mais-que-perfeito

O pretérito mais-que-perfeito exprime um processo que ocorreu antes de outro processo passado:

Era tarde demais quando ela percebeu que ele se **envenenara**. (ou: ele se **tinha/havia envenenado**.)

O fato de ele ter-se envenenado é anterior ao fato de ela ter percebido. *Envenenara* é, por isso, mais-que-perfeito, ou seja, mais velho que o perfeito (*percebeu*).

Na linguagem do dia-a-dia, usa-se muito pouco a forma simples do pretérito mais-que-perfeito. É comum, entretanto, na linguagem formal e literária, bem como em algumas expressões cristalizadas ("Quem me dera!"; "Quisera eu"). Quando usado no lugar do futuro do pretérito do indicativo ou do pretérito imperfeito do subjuntivo, o mais-que-perfeito simples confere solenidade à expressão:

"E, se mais mundo **houvera**, lá **chegara**." (Camões)

Compare com:

E, se mais mundo **houvesse**, lá **chegaria**.

Futuro do presente

a. O futuro do presente simples expressa basicamente processos tidos como certos ou prováveis, mas que ainda não se realizaram no momento em que se fala ou escreve:

Será realizada amanhã a partida decisiva.

Estarei lá no próximo ano.

Jamais a **terei** a meu lado.

b. Pode-se usar esse tempo com valor de imperativo, com tom enfático e categórico:

"Não furtarás!"

Você ficará aqui a noite toda.

c. Em outros casos, essa forma imperativa parece mais branda e sugere a necessidade de que se adote certa conduta:

Você **compreenderá** a minha atitude.

Pagarás quando puderes.

d. O futuro do presente simples também pode expressar dúvida ou incerteza em relação a fatos do presente:

Ela **terá** atualmente trinta e cinco anos.

Será Cristina quem está lá fora?

e. Quando expressa circunstância de condição, o futuro do presente se relaciona com o futuro do subjuntivo para indicar processos cuja realização é tida como possível:

Se **tiver** dinheiro, **pagarei** à vista.

Se **houver** pressão popular, as reformas sociais **virão**.

f. O futuro do presente simples é muito pouco usado na linguagem cotidiana. Em seu lugar, é normal o emprego de locuções verbais com o infinitivo, principalmente as formadas pelo verbo *ir*:

Vou chegar (em vez de **chegarei**) daqui a pouco.

Estes processos **vão ser** (em vez de **serão**) analisados pelo promotor.

g. O futuro do presente composto expressa um fato ainda não realizado no momento presente, mas já passado em relação a outro fato futuro. Observe:

Quando estivermos lá, o dia já **terá amanhecido**.

Quando eu voltar ao trabalho, você já **terá entrado** em férias.

Futuro do pretérito

a. O futuro do pretérito simples expressa processos posteriores ao momento passado a que nos estamos referindo:

Concluí que não **seria** feliz ao lado dela.

Muito tempo depois, **chegaria** a sensação de fracasso.

b. Também se emprega esse tempo para expressar dúvida ou incerteza em relação a um fato passado:

Estariam lá mais de vinte mil pessoas.

Ela **teria** vinte anos quando gravou o primeiro disco.

c. O futuro do pretérito se relaciona com o pretérito imperfeito do subjuntivo para indicar processos tidos como hipotéticos ou como de difícil concretização:

Se ele quisesse, tudo **seria** diferente.

Viveria em outro lugar se pudesse.

d. O futuro do pretérito composto expressa um processo encerrado posteriormente a uma época passada que mencionamos no presente:

Partiu-se do pressuposto de que às cinco horas da tarde o comício já **teria sido encerrado**.

Anunciou-se que no dia anterior o jogador já **teria assinado** contrato com o outro clube.

e. Esse tempo também expressa dúvida sobre fatos passados:

Teria sido ele o mentor da fraude?

f. Quando expressa circunstância de condição, o futuro do pretérito composto relaciona-se com o pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo, exprimindo processos hipotéticos ou de realização desejada, mas já impossível:

Se ele me tivesse procurado antes, eu o **teria ajudado**.

O país **teria melhorado** muito se tivessem sido feitos investimentos na educação e na saúde.

"Ali, deitada, divagou:
se **fosse** eu, **teria escolhido** lírios."

FREIRE, Marcelino (Org.). *Os cem menores contos brasileiros do século*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004. Disponível em: <www.nordesteweb.com/not04_0604/ne_not_20040424e.htm>. Acesso em: 1 maio 2008.

Neste microconto de Adriana Falcão, que possui menos de 50 letras, a relação de impossibilidade fica estabelecida pelo emprego do futuro do pretérito composto articulado ao modo subjuntivo.

Em livro

Ateliê Editorial

FREIRE, Marcelino (Org.). *Os cem menores contos brasileiros do século*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

O conto é uma narrativa mais curta que o romance ou a novela e, consequentemente, desenvolve um enredo menos complexo do que esses gêneros mais populares. Só que o livro organizado pelo microcontista Marcelino Freire leva essa definição muito a sério: todos os contos reunidos aqui passaram por um rigoroso processo de seleção: nenhum podia passar de cinquenta letras, sem levar em conta pontuação, título e espaço. O resultado disso é uma prova incontestável de que criatividade, lirismo e concisão combinam muito bem com a boa produção literária.

Atividades

1. Complete as lacunas com as formas adequadas dos verbos indicados entre parênteses. Em alguns casos, pode haver mais de uma opção.

a) Não (*) ontem ao teatro com eles porque já (*) anteontem. (*ir*)

b) Nós (*) à estação logo depois que o trem (*). (*chegar; sair*)

c) Todos (*) que o ano se (*) em quatro estações. (*saber; dividir*)

d) Quando jovem, eu (*) cedo e (*) no parque. Hoje, (*) pouco e mal e não (*) disposição para nada. (*acordar; correr; dormir; ter*)

e) Todos os domingos ele (*) aqui e (*) se alguém (*) de alguma coisa. (*vir; perguntar; precisar*)

f) Depois daquilo, não me (*) e (*), exigindo que ele parasse. (*conter; gritar*)

g) Ele sempre (*) aos colegas que se empenhem. (*sugerir*)

h) Ele sempre (*) aos colegas que se empenhassem. (*sugerir*)

i) Dali onde (*), (*) o céu claro e (*) o canto dos pássaros. A manhã (*) linda! (*estar; ver; ouvir; ser*)

j) Antes do advento do "futebol-força", todas as equipes (*) um jogador cerebral. A bola (*) mansa, a categoria (*), os jogos não (*) violentos. (*) a pena ir aos estádios. (*ter; rolar; imperar; ser; valer*)

k) Assim que (*) a porta, (*) que algo estranho se (*) naquele recinto. (*abrir; notar; passar*)

2. Preencha as lacunas com as formas adequadas dos verbos indicados entre parênteses. Em alguns casos, pode haver mais de uma opção.

a) No próximo sábado, (*) cedo e (*) o primeiro ônibus para o Rio de Janeiro. (*acordar; pegar*)

b) Tudo (*) muito diferente se você ouvisse nossos conselhos. (*ser*)

c) Tudo (*) muito diferente se você ouvir nossos conselhos. (*ser*)

d) Quem (*) aqui durante a madrugada para estragar o jardim? (*vir*)

e) O Corinthians (*) da fila em 1977; dois anos depois, (*) de novo o Campeonato Paulista. (*sair; ganhar*)

f) Tu não (*) sem o meu consentimento! (*sair*)

g) Quando ela chegar, (*) tudo arrumado. (*encontrar*)

h) Quando chegarmos à cidade, tudo já (*). (*terminar*)

i) Quando chegássemos à cidade, tudo já (*). (*terminar*)

j) Muitos anos depois, ele (*) repetindo as mesmas palavras, que (*) as mesmas ideias. (*continuar; expressar*)

k) Tudo (*) ser diferente se eles não tivessem tentado nos enganar. (*poder*)

3. Nos grupos de frases a seguir, você encontrará tempos verbais diferentes exprimindo ideias semelhantes. Procure explicar as diferenças de sentido e de emprego entre as frases de cada conjunto.

a) Farei isso amanhã.
Faço isso amanhã.

b) Segue até o fim!
Agora segues até o fim.
Seguirás até o fim!

c) Se ele colaborasse, eu dava um jeito na situação.
Se ele colaborasse, eu daria um jeito na situação.

d) Não fora a intervenção do diretor, ficáramos a ver navios.
Não fosse a intervenção do diretor, ficaríamos a ver navios.

4. Relate uma passagem de sua vida em um parágrafo. Use a terceira pessoa e o chamado presente histórico.

5. Conte em um parágrafo alguma coisa que frequentemente acontecia em sua infância. A seguir, observe os tempos verbais empregados e justifique seu uso.

Os tempos do subjuntivo

Presente

O presente do subjuntivo normalmente expressa processos hipotéticos, que muitas vezes estão ligados ao desejo, à suposição:

"Quero que tudo **vá** para o inferno!"

Suponho que ela **esteja** em Roma.

Caso você **vá** lá, não deixe que o explorem.

Talvez ela **esteja** aqui amanhã.

Ficam excluídos os que não **amem** a cultura.

Pretérito imperfeito

a. O imperfeito do subjuntivo expressa processos de limites imprecisos, anteriores ao momento em que se fala ou escreve:

Fizesse sol ou chovesse, não dispensava uma volta no parque.

Os baixos salários que o pai e a mãe ganhavam não permitiam que ele **estudasse**.

b. O imperfeito do subjuntivo é o tempo que se associa ao futuro do pretérito do indicativo quando se expressa circunstância de condição ou concessão:

Se ele **fosse** politizado, não votaria naquele farsante.

Embora se **esforçasse**, não conseguiria a simpatia dos colegas.

c. Também se relaciona com os pretéritos perfeito e imperfeito do indicativo:

Sugeri-lhe que não **vendesse** a casa.

Esperava-se que todos **aderissem** à causa.

Se eu não te amasse tanto assim

(...)
Se eu não te amasse tanto assim
Talvez perdesse os sonhos
Dentro de mim
E vivesse na escuridão
Se eu não te amasse tanto assim
Talvez não visse flores
Por onde eu vim
Dentro do meu coração

Herbert Vianna. Disponível em: <www.webletras.com.br/musica/herbert-vianna/se-eu-nao-te-amasse-tanto-assim>. Acesso em: 8 maio 2008.

Na letra dessa canção nota-se a imprecisão do pretérito imperfeito do subjuntivo (*amasse, perdesse, vivesse, visse*) ao expressar hipóteses, reforçada pelo emprego de *talvez* por duas vezes.

Em CD

Divulgação

Gilberto Gil. Tenho sede. In: *Unplugged* (CD). Warner Music, 1994.

A singela canção "Tenho sede", escrita por Dominguinhos e Anastácia e gravada originalmente por Gil em 1975, oferece um agradável exercício de percepção do emprego de um dos modos verbais da língua portuguesa.

Pretérito perfeito

Só ocorre na forma composta e expressa processos anteriores tidos como concluídos no momento em que se fala ou escreve:

Imagino que ela já **tenha procurado** uma solução.

Pretérito mais-que-perfeito

a. Também só ocorre na forma composta. Expressa um processo anterior a outro processo passado:

Esperei que **tivesse exposto** completamente sua tese para contrapor meus argumentos.

b. Esse tempo pode associar-se ao futuro do pretérito simples ou composto do indicativo quando são expressos fatos irreais e hipotéticos do passado:

Se eu me **tivesse apresentado** na data combinada, já seria funcionário da empresa.

Mesmo que ela o **tivesse procurado**, ele não a teria recebido.

Futuro

a. Na forma simples, indica fatos possíveis, mas ainda não concretizados no momento em que se fala ou escreve:

Quando **comprovar** sua situação, será inscrito.

Quem **obtiver** o primeiro prêmio receberá bolsa integral.

Se ela **for** a Siena, não quererá mais sair de lá.

b. Esse tempo geralmente se associa ao futuro do presente do indicativo quando se expressa circunstância de condição:

Se **fizer** o regime, emagrecerá rapidamente.

c. O futuro do subjuntivo composto expressa um processo futuro que estará terminado antes de outro, também futuro:

Quando **tiverem concluído** os estudos, receberão o diploma.

Iremos embora depois que ela **tiver adormecido**.

Atividades

1. Preencha as lacunas com a forma adequada dos verbos entre parênteses. Em alguns casos, pode haver mais de uma opção.

a) Talvez todas as blusas (*) na gaveta. (*caber*)

b) É inacreditável que (*) ele o autor do projeto. (*ser*)

c) Se o árbitro não (*) os ânimos, as consequências seriam imprevisíveis. (*conter*)

d) Desejo que você já (*) a bateria de testes quando eu tiver regressado. (*encerrar*)

e) Depois que tudo (*) resolvido, poderemos dormir o sono dos justos. (*estar*)

f) Quando eles (*) os cálculos, descobrirão grossas falcatruas. (*rever*)

2. Observe o modelo; a seguir, aplique-o às frases apresentadas.

Leio o manual.

Sugiro-lhe que **leia** o manual.

Sugeri-lhe que **lesse** o manual.

a) Faço um bom chá.

b) Vejo um bom filme.

c) Trago respostas convincentes.

d) Redijo claramente.

e) Confiro o dinheiro.

f) Mostro o melhor caminho.

3. Re-escreva as frases a seguir, alterando os tempos verbais de maneira semelhante ao modelo. Explique a mudança de sentido obtida.

Suponho que ela **tenha participado** da conversa.

Supunha que ela **tivesse participado** da conversa.

a) Suponho que ele tenha convencido os filhos.

b) Suponho que a empresa tenha superado as dificuldades.

c) Suponho que tenhamos eliminado todas as dúvidas.

d) Suponho que hajam visto os melhores filmes.

4. Mude as formas verbais que estão no presente para o pretérito imperfeito. Explique a mudança de sentido obtida.

É possível que todos **aceitem**.

Era possível que todos **aceitassem**.

a) É provável que ela adote a criança.

b) É insuportável que não se elimine o cólera do país.

c) É imprescindível que participemos do evento.

d) É indispensável que façamos o convite.

e) É necessário que todos permaneçam unidos.

f) É preciso que se altere o calendário.

g) É inacreditável que ele se deixe envolver.

5. Observe o modelo; a seguir, aplique-o às frases apresentadas. Explique a mudança de sentido obtida.

Se você **fizer** o trabalho, ele o recompensará.

Se você **fizesse** o trabalho, ele o recompensaria.

Se você **tivesse feito** o trabalho, ele o teria recompensado.

a) Se você quiser, certamente fará melhor.

b) Se ele requerer novo exame, conseguirá.

c) Se você previr os obstáculos, irá até o fim da prova.

d) Se a população lutar por seus direitos, surgirão governantes mais capazes.

e) Se os governantes fizerem o que devem, este país será grandioso.

f) Se forem satisfeitas as necessidades sociais elementares, o país crescerá.

3. Valor e emprego das formas nominais

O verbo apresenta três formas nominais: o infinitivo, o gerúndio e o particípio. Você já sabe que essas formas são chamadas nominais porque podem ter comportamento de nomes (substantivos, adjetivos e advérbios) em certas situações.

O infinitivo

a. O infinitivo apresenta o processo verbal em si mesmo, sem nenhuma noção de tempo ou modo. É a forma utilizada para nomear os verbos:

É proibido **conversar** com o motorista.

Estudar é um direito de qualquer cidadão.

Quero **ver** você daqui a dez anos.

b. É normal a transformação do infinitivo em substantivo pelo uso de um determinante:

"Quando você foi embora, fez-se noite em meu **viver**".

Quando usado como substantivo, o infinitivo pode apresentar flexão de número:

São muitos os **falares** brasileiros.

c. Em português, o infinitivo pode ser pessoal ou impessoal. Quando se emprega o pessoal, o processo verbal é relacionado a algum ser:

Perguntei-lhe se havia algo para **eu ler**.

Com o impessoal, o processo verbal não é restrito a um ser em particular:

Ler é obrigação de qualquer cidadão.

No primeiro exemplo, pode-se notar que o infinitivo *ler* se refere ao mesmo ser a que se refere a forma *perguntei*: eu. No segundo exemplo, não há qualquer referência desse tipo: trata-se do processo verbal considerado em si mesmo.

d. O infinitivo pessoal pode flexionar-se para concordar em número e pessoa com o ser a que se refere:

Ela deseja saber se há algo para **lermos**.

Essa flexão pode ocorrer até mesmo em situações em que o infinitivo tenha papel nominal:

O **comparecermos** atrasados será tomado como menoscabo.

e. Em sua forma composta, o infinitivo tem valor de passado, indicando um processo já concluído no momento em que se fala ou escreve:

Ter trabalhado duro permitiu-nos belas viagens à Itália.

Reprodução/Editora Abril

Superinteressante. São Paulo: Abril, n. 252, maio 2008. p. 61.

Emprego do infinitivo impessoal: *estudar*, *conhecer* e *viajar* não se referem a nenhum ser; expressam o processo verbal considerado em si mesmo. Observe ainda: *disseminar*, *conhecer*, *valorizar* e *respeitar* no primeiro parágrafo do texto e *participar* e *fazer* no segundo.

O particípio

O particípio é a forma nominal que tem, simultaneamente, características de verbo e de adjetivo.

a. Sua natureza verbal se manifesta nas locuções verbais, nos tempos compostos e em orações reduzidas:

Se ele me tivesse **avisado**, teria **conseguido** resolver a situação.

Terminada a festa, o abatimento tomará conta de todos.

Calado num canto, ele nos observava atentamente.

A casa será **desocupada** até terça-feira.

Não existe nada que possa ser **comprovado**.

Observe que nas duas últimas frases o particípio pode apresentar um processo completo anterior a outro (o abatimento tomará conta de todos após o término da festa) ou um processo que é simultâneo a outro (ele estava calado enquanto nos observava).

b. O particípio assume função de adjetivo quando caracteriza substantivos:

Tem comportamento **destacado** no dia-a-dia do Congresso.

Tem atuação **destacada** no dia-a-dia do Congresso.

Em *agredido*, *assaltado*, *sequestrado*, *violentado*, *metralhado*, *esquartejado* e *morto* nota-se a característica verbal do particípio; em *perdida*, a característica nominal (de adjetivo). Observe a flexão de gênero na concordância com o substantivo feminino *bala*. Dos verbos, somente o particípio apresenta flexão de gênero.

Angeli

- Boas novas! Se até amanhã eu não for agredido, assaltado, sequestrado, violentado, metralhado, esquartejado ou morto por uma bala perdida... começo num novo emprego!

ANGELI. *Fim da miséria*. Disponível em: <http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br/arch2007-03-25_2007-03-31.html>. Acesso em: 8 maio 2008.

Em *site*

<www.uol.com.br/angeli>. Acesso em: 27 abr. 2008.

Arnaldo Angeli Filho, conhecido apenas por Angeli, é um dos maiores cartunistas brasileiros. Criador dos personagens Wood & Stoock e Rê Bordosa, entre outros, Angeli também é famoso pelas charges político-sociais contundentes e de humor aguçado que produz para o jornal *Folha de S.Paulo*, onde trabalha há pouco mais de três décadas. Seu *site* oficial contém parte de sua produção e uma impagável biografia não-autorizada do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso.

O gerúndio

Além da natureza verbal, pode desempenhar função de advérbio e de adjetivo.

a. Atua como verbo nas locuções verbais e orações reduzidas. Indica normalmente um processo em curso ou prolongado:

Estou **ouvindo** o disco que você me deu.

Está **estudando** para melhorar profissionalmente.

b. Sua característica de advérbio pode ser percebida em frases em que indica circunstância de modo:

O atleta cruzou **sorrindo** a linha de chegada.

c. O uso do gerúndio com valor de adjetivo é menos comum. Ocorre quando se liga a um substantivo, caracterizando-o:

"Eu vi o menino **correndo**/eu vi o tempo **correndo** ao redor do caminho daquele menino." (Caetano Veloso)

d. A forma composta do gerúndio tem valor de pretérito e indica processo já concluído no momento em que se fala ou escreve:

Tendo feito, por telefone, várias reclamações que não foram atendidas, resolvi ir pessoalmente à Administração Regional.

4. As locuções verbais

As formas nominais dos verbos são muito utilizadas na formação das **locuções verbais** ou **perífrases verbais**, conjuntos de verbos que, numa frase, desempenham papel equivalente ao de um verbo único. Nessas locuções, o último verbo, chamado principal, sempre é empregado numa de suas formas nominais; as flexões de tempo, modo, número e pessoa se dão nos verbos auxiliares:

Nenhum aluno **poderá sair** antes do término da prova.

É provável que ele **seja convocado** para a Copa.

Está havendo uma profunda transformação na sociedade.

Começou a gritar sem nenhuma explicação.

Nossa língua apresenta uma grande variedade dessas locuções, que exprimem os mais variados "tons" de significado. Os auxiliares *ter* e *haver* são empregados na formação dos chamados tempos compostos, dos quais já falamos detalhadamente. *Ser* (*estar*, em algumas construções) é usado nas locuções verbais que exprimem a voz passiva analítica do verbo, da qual também já falamos. *Poder* e *dever* são auxiliares que exprimem a potencialidade ou a necessidade de que determinado processo se realize ou não. Observe:

Pode ocorrer algo surpreendente durante o jogo.

Eles **podem estudar**.

Deve ocorrer algo surpreendente durante o jogo.

Eles **devem estudar**.

A esses dois, podemos acrescentar *querer*, que exprime vontade, desejo:

Quero ver um novo país.

Outros auxiliares largamente usados são:

começar a	deixar de	voltar a	continuar a
pôr-se a	ir	vir	estar

As locuções verbais possibilitam dar mais precisão ao processo verbal. Em *está pedindo*, a locução formada pelo verbo *estar* seguido do gerúndio do verbo principal (pedir) indica um processo que se prolonga. O gerúndio é uma forma nominal bastante utilizada na linguagem cotidiana, às vezes até de forma exagerada.

Reprodução/Editora Abril

Superinteressante. São Paulo: Abril, ed. 229, ago. 2006. p. 13.

5. O aspecto verbal

Já sabemos que os verbos são capazes de transmitir informações relacionadas ao modo, ao tempo, ao número, à pessoa e à voz. Uma outra informação que os verbos conseguem transmitir diz respeito ao aspecto, ou seja, à duração do processo verbal.

Durante o estudo do valor e do emprego dos tempos verbais, você pôde perceber as diferenças entre o pretérito perfeito e o pretérito imperfeito do indicativo: o primeiro indica processos concluídos e localizados num momento ou período do passado; o segundo, processos verbais cujos limites imprecisos sugerem que estavam em desenvolvimento. Na verdade, a diferença básica entre esses tempos é de aspecto, conceito que se liga à duração do processo verbal:

Quando o **encontrei**, saudei-o.

O aspecto é imperfeito, porque o processo não tem limites claros, prolongando-se no passado por período impreciso de tempo.

Quando o **encontrava**, saudava-o.

O aspecto é perfeito, porque o processo está concluído.

Se você voltar às considerações feitas sobre o valor dos tempos verbais, vai notar que essa informação sobre a duração do processo verbal não é restrita aos pretéritos perfeito e imperfeito do indicativo, mas também está presente em outros tempos. O presente do indicativo e o presente do subjuntivo, por exemplo, apresentam aspecto imperfeito, pois não impõem limites precisos ao processo verbal:

Tomo banho todos os dias.

Espera-se que ele **tome** banho todos os dias.

Já o pretérito mais-que-perfeito, como o próprio nome indica, apresenta aspecto perfeito em suas formas do indicativo e do subjuntivo, pois traduz processos já concluídos e anteriores a outros, também já concluídos:

Quando chegamos lá, encontramos a mensagem que o andarilho **deixara** uma semana antes.

Se **tivesse acordado** antes, teria conseguido fazer o exame.

Outra informação aspectual que a oposição entre perfeito e imperfeito pode fornecer diz respeito à localização do processo no tempo. Os tempos perfeitos podem ser usados para exprimir processos localizados num ponto preciso do tempo:

No instante em que o **vi**, **chamei**-o.

Tinha-o **saudado** assim que o **vira**.

Já os tempos imperfeitos podem indicar processos frequentes e repetidos:

Sempre que **viajava**, **fazia** detalhada revisão no carro.

Atividades

1. Complete as lacunas com uma das formas nominais dos verbos apresentados.

a) (*) as provas, teriam início as férias. (*encerrar*)

b) Saiu da sala (*). (*esbravejar*)

c) (*) os problemas, poderemos descansar. (*resolver*)

d) Eles vêm (*) pela estrada principal; por isso, vou-me (*) pela estrada secundária. (*vir*; *ir*)

e) Haviam (*) seus nomes nas paredes; agora, teriam de (*) todas elas. (*escrever*; *pintar*)

f) Trouxe o livro para tu (*). (*examinar*)

2. Use verbos auxiliares para completar as lacunas das frases a seguir. Atente para as indicações de tempo fornecidas pelo sentido de cada frase para completá-las corretamente.

a) (*) vir aqui todos os sábados.

b) (*) fazer ginástica depois de vários meses de ócio.

c) (*) reclamar da vida quando percebi que aborrecia meus amigos.

d) Mal (*) amanhecer, os apitos das fábricas (*) tocar.

e) (*) feito o possível para realizar meus sonhos e ainda me restam muitos deles.

f) (*) ser que nada disso seja decisivo para o país, mas ainda assim (*) ser feito.

Textos para análise

Educação

1

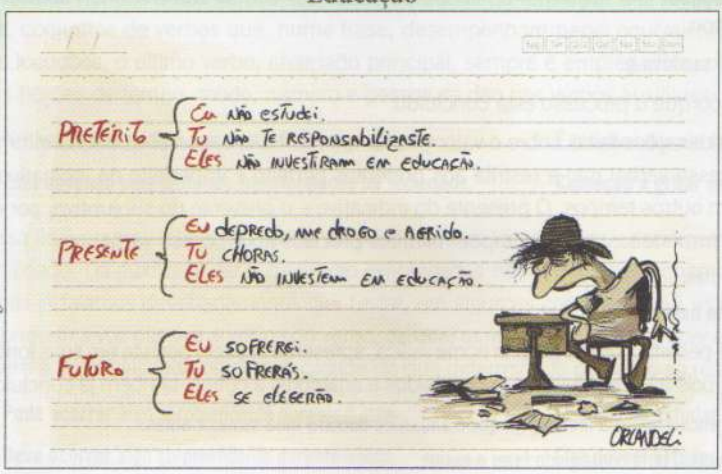

Orlandeli/Diário da Região

ORLANDELI. *Educação*. Disponível em: <http://orlandeli.com.br>. Acesso em: 8 maio 2008.

Trabalhando o texto

1. O que a charge sugere? Observe atentamente a imagem, o texto, a réplica do "papel", o tipo da letra.

2. Em que modo verbal estão conjugados os verbos que aparecem no texto? O que esse modo costuma indicar? Qual é o nome completo dos tempos verbais apresentados?

3. Quem os pronomes pessoais estão representando? Como se explicaria o pronome de terceira pessoa utilizado no plural, quando seria de se esperar o pronome no singular?

4. Re-escreva a segunda frase do texto, trocando o pronome *tu* por *eu*, *nós* e *eles*.

5. Os verbos *investir* e *agredir* são irregulares, apresentam particularidades em sua conjugação. Quais?

6. Se você conjugar o verbo *drogar* na primeira pessoa do pretérito perfeito, que alteração ocorrerá na grafia da forma verbal?

7. Comparando as conjugações do pretérito e do presente, o que se observa com relação à terceira pessoa? Explique o que ocorre.

8. Qual o objetivo do cartunista Orlandeli ao criar essa charge?

9. Substitua os verbos que estão conjugados por estes:

   Pretérito: Eu (esforçar-se); tu (ensinar); eles (fazer a obrigação).

   Presente: Eu (aprender); tu (tranquilizar-se); eles (vangloriar-se).

   Futuro: Eu (formar-se); tu (beneficiar-se); eles (eleger-se).

10. Explique a aparente contradição da última conjugação do texto: "eles se elegerão", considerando o todo da charge.

2

Governador do DF "demite" o gerúndio por decreto

Se bobear, o governador "demo" José Roberto Arruda (DF) logo, logo vai estar virando um personagem folclórico. Abespinhado com o uso abusivo do gerúndio, Sua Excelência fez publicar no *Diário Oficial* um decreto em que demite das repartições públicas de Brasília a forma nominal do verbo, formada, em português, pelo sufixo *-ndo*.

Em viagem ao exterior, Arruda ainda não pôde explicar a excentricidade. Ele estará falando à imprensa tão logo retorne ao Brasil. Antes, pediu à sua assessoria para estar repassando aos jornalistas as razões que motivaram o decreto. Os auxiliares do governador disseram que o objetivo do chefe é apenas o de estar fazendo uma provocação.

Se a coisa funcionar, Arruda acha que estará vacinando seu governo contra o gerundismo. O governador não quer mais estar ouvindo de seus auxiliares algumas desculpas encontradiças nas secretarias do GDF. Não raro, subordinados de Arruda respondem às suas cobranças com expressões que o irritam sobremaneira. Coisas assim: "Vamos estar providenciando...", "Vou estar confirmando os dados...".

O decreto de Arruda, por inócuo, logo estará sendo desrespeitado. Já nasceu condenado a estar virando anedota. Eis a íntegra:

Decreto n. 28.314, de 28 de setembro de 2007

Demite o gerúndio do Distrito Federal, e dá outras providências.

O governador do Distrito Federal, no uso das atribuições que lhe confere o artigo 100, incisos VII e XXVI, da Lei Orgânica do Distrito Federal, DECRETA:

Art. 1.° – Fica demitido o Gerúndio de todos os órgãos do Governo do Distrito Federal.

Art. 2.° – Fica proibido a partir desta data o uso do gerúndio para desculpa de INEFICIÊNCIA.

Art. 3.° – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 4.° – Revogam-se as disposições em contrário.

Brasília, 28 de setembro de 2007.

119.° da República e 48.° de Brasília

JOSÉ ROBERTO ARRUDA

SOUZA, Josias de. Governador do DF "demite" o gerúndio por decreto. In: Nos bastidores do poder. *Folha Online*, 2 out. 2007. Disponível em: <http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br/arch2007-09-30_2007-10-06.html>. Acesso em: 11 maio 2008.

Trabalhando o texto

1. Segundo o jornalista, "o decreto de Arruda, por inócuo, logo estará sendo desrespeitado".

   Você concorda com a opinião dele? Por quê?

2. Estabeleça uma relação entre o assunto tratado no texto e a maneira como foi redigido.

3. Em "Fica demitido" e "fica proibido", que forma nominal aparece?

4. Ao baixar o decreto n. 28.314, o governador Arruda fez uso de suas atribuições legais. Você acredita que a demissão do gerúndio irá resolver os problemas que ele enfrenta com seus subordinados?

5. O gerundismo já foi apontado como uma das pragas da comunicação moderna. Devemos eliminar o gerúndio de nossas falas e de nossos textos? Escreva um parágrafo sobre isso.

Questões de exames e concursos

1. (UFRJ)

Bem no fundo

no fundo, no fundo,
bem lá no fundo,
a gente gostaria
de ver nossos problemas
resolvidos por decreto
a partir desta data,
aquela mágoa sem remédio
é considerada nula
e sobre ela – silêncio perpétuo

extinto por lei todo o remorso,
maldito seja quem olhar pra trás,
lá pra trás não há nada,
e nada mais

mas problemas não se resolvem,
problemas têm família grande,
e aos domingos saem todos a passear
o problema, sua senhora
e outros pequenos probleminhas

LEMINSKI, Paulo. *Distraídos venceremos*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

O poema de Paulo Leminski estrutura-se em três momentos de significação, que podem ser assim caracterizados: hipótese (1.ª estrofe); decreto (2.ª e 3.ª estrofes); conclusão reflexiva (4.ª estrofe).

Nomeie o recurso formal que expressa a hipótese no primeiro momento do texto.

2. (Fuvest-SP)

Décadas atrás, vozes bem afinadas cantavam no rádio esta singela quadrinha de propaganda:

As rosas desabrocham
Com a luz do sol,
E a beleza das mulheres
Com o creme Rugol.

Os versos nunca fizeram inveja a Camões, mas eram bonitinhos. E sabe-se lá quantas senhoras não foram atrás do creme Rugol para se sentirem novinhas em folha, rosas resplandecentes.

(Quintino Miranda)

a) Re-escreva o primeiro parágrafo do texto, substituindo "Décadas atrás" por "Ainda hoje" e transpondo a forma verbal para a voz passiva. Faça as adaptações necessárias.

b) Que expressões da quadrinha justificam o emprego de novinhas em folha e de resplandecentes, no comentário feito pelo autor do texto?

3. (UFSC)

Poema desentranhado da história dos particípios

[...]
A partir do século XVI (1)
Os verbos ter e haver esvaziaram-se de sentido
Para se tornarem exclusivamente auxiliares
E os particípios passados
Adquirindo em consequência um sentido ativo (5)
Imobilizaram-se para sempre em sua forma indeclinável.

MORAES, Vinicius de. *Nova antologia poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 220.

Com base no TEXTO, assinale a(s) proposição(ões) CORRETA(S).

01. O poema faz menção ao uso de *ter* e *haver* como verbos auxiliares na Língua Portuguesa, conforme os que aparecem em destaque nas sentenças: "Eles tinham tido muitos amigos na infância" e "O inspetor não havia falado sobre o caso".

02. No poema, o vocábulo "adquirindo" (verso 5) é um exemplo de verbo no particípio, uma vez que não se flexiona em relação ao sujeito da frase, "os particípios passados" (verso 4).

04. Os versos 5 e 6 do poema citam duas características do particípio usado como auxiliar: o fato de terem sentido ativo e de não sofrerem flexão.

08. Quando, no segundo verso, o poeta diz que "os verbos *ter* e *haver* esvaziaram-se de sentido", ele faz referência a sentenças do tipo "Tem alguém aí?" e "Houve um grande show ontem à noite".

16. Pode-se inferir a partir do texto que, do século XVI em diante, os verbos *ter* e *haver* são utilizados exclusivamente para formar a voz passiva, já que o sentido ativo é mantido pelo verbo principal.

32. Segundo o poema, os particípios passaram a ser responsáveis pelo sentido, uma vez que os verbos ter e haver tornaram-se "exclusivamente auxiliares" (verso 3).

4. (FGV-SP) Em qual das alternativas não há a necessária correlação temporal das formas verbais?

a) A festa aconteceu no mesmo edifício em que transcorrera o passamento de José Mateus, vinte anos antes.

b) Quando Estela descer da carruagem, poderia acontecer-lhe uma desgraça se o cocheiro não dispuser adequadamente o estribo.

c) Tendo visto o pasto verde, o cavalo pôs-se a correr sem que alguém pudesse controlá-lo.

d) Pelo porte, pelo garbo, todos perceberam que Antônio Sé fora militar de alta patente.

e) Se o policial não tivesse intervindo a tempo, teria ocorrido a queda do canhão.

5. (Enem)

"Narizinho correu os olhos pela assistência. Não podia haver nada mais curioso. Besourinhos de fraque e flores na lapela conversavam com baratinhas de mantilha e miosótis nos cabelos. Abelhas douradas, verdes e azuis, falavam mal das vespas de cintura fina – achando que era exagero usarem coletes tão apertados. Sardinhas aos centos criticavam os cuidados excessivos que as borboletas de toucados de gaze tinham com o pó das suas asas. Mamangavas de ferrões amarrados para não morderem. E canários cantando, e beija-flores beijando flores, e camarões camaronando, e caranguejos caranguejando, tudo que é pequenino e não morde, pequeninando e não mordendo."

LOBATO, Monteiro. *Reinações de Narizinho*. São Paulo: Brasiliense, 1947.

No último período do trecho, há uma série de verbos no gerúndio que contribuem para caracterizar o ambiente fantástico descrito. Expressões como *camaronando*, *caranguejando* e *pequeninando* e *não mordendo* criam, principalmente, efeitos de:

a) esvaziamento de sentido.

b) monotonia do ambiente.

c) estaticidade dos animais.

d) interrupção dos movimentos.

e) dinamicidade do cenário.

6. (UFU-MG) Numere a 2.ª coluna de acordo com a 1.ª.

I. "O fato é que o futebol não **havia previsto** a realidade da globalização".

II. "... já **tornava** híbridos os torneios e contaminava as torcidas futebolísticas".

III. "... **virei** um seguidor apaixonado do Senegal".

IV. "Os contratos não **vêm** mais com a chancela do Estado..."

( ) O tempo verbal indica ação permanente.

( ) O tempo verbal denota um fato passado, mas não concluído.

( ) O tempo verbal denota um fato passado já concluído.

( ) O tempo verbal denota um fato passado que poderia ter acontecido após outro fato passado.

Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta.

a) I, IV, II, III

b) IV, II, III, I

c) II, I, III, IV

d) III, IV, I, II

7. (UFF-RJ)

"**Tenho passado** a vida a criar deuses que morrem logo, ídolos que depois derrubo – uma estrela no céu, algumas mulheres na terra..." (*Caetés*, Graciliano Ramos).

O emprego da forma verbal destacada acima indica, de modo particular:

a) a repetição da ação até o presente.

b) a ocorrência da ação em um passado distante.

c) a necessidade de que a ação ocorra no presente.

d) a atenuação de uma afirmativa sobre determinada ação.

e) a informação de que a ação teve início e fim no passado.

8. (UPM-SP)

Assinale a alternativa correta:

a) No último quadrinho, as expressões faciais da mãe e da menina revelam, respectivamente, surpresa e fúria.

b) O humor do texto é gerado pelo fato de a menina empregar o verbo *viver* em duas acepções.

c) Há revolta da garota contra a aceitação, por parte da mãe, do papel subalterno reservado à mulher na sociedade contemporânea.

d) A forma verbal vivesse traz a informação implícita de que a garota considera que a mãe não vive de fato.

e) Os três primeiros quadrinhos mostram as tarefas que, naquele dia, a mãe de Mafalda terá pela frente: passar roupas, arrumar a sala, lavar a louça.

9. (Fuvest-SP) "Ao trazer a discussão para o campo jurídico, o antigo magistrado tentou amenizar o que dissera; a rigor, no entanto, suscitou dúvidas cruéis: que quer dizer 'por sua própria força'? Será a força física do posseiro, ou essa mais aquela que a ela se soma pelo emprego de armas?"

Observando no texto as formas verbais destacadas, é correto concluir que:

a) *tentou* denota evento contemporâneo de *dissera*.

b) *dissera* situa o evento em ponto do tempo anterior a *tentou*.

c) *será* indica evento imediatamente posterior a *tentou*.

d) *soma* situa o evento referido no mesmo ponto do tempo indicado em *será*.

e) *dissera* descreve o quadro em que ocorrem os eventos denotados pelas demais formas.

10. (Fuvest-SP)

"(...) O antropólogo Claude Lévi-Strauss detestou a Baía de Guanabara
Pareceu-lhe uma boca banguela.
E eu, menos a conhecera mais a amara?
Sou cego de tanto vê-la, de tanto tê-la estrela
O que é uma coisa bela?"

Caetano Veloso, *O estrangeiro*.

a) Na linguagem literária, muitas vezes, o mais-que-perfeito do indicativo substitui outras formas verbais, como no verso: "E eu, menos a conhecera mais a amara?". Re-escreva-o, usando as formas que o mais-que-perfeito substituiu.

b) Tanto *sou* como *é* são formas do presente do indicativo. Apesar disso, a visão de tempo que elas transmitem não é a mesma em uma e outra. Em que consiste essa diferença?

11. (Fuvest-SP)

"Por onde passava, ficava um fermento de desassossego, os homens não reconheciam as suas mulheres, que subitamente se punham a olhar para eles, com pena de que não tivessem desaparecido, para enfim poderem procurá-los. Mas esses mesmos homens perguntavam, Já se foi, com uma inexplicável tristeza no coração, e se lhes respondiam, Ainda anda por aí, tornavam a sair com a esperança de a encontrar naquele bosque, na seara alta, banhando os pés no rio ou despindo-se atrás dum canavial, tanto fazia, que do vulto só os olhos gozavam, entre a mão e o fruto há um espigão de ferro, felizmente ninguém mais teve de morrer."

José Saramago, *Memorial do convento*.

Nesta narrativa, o emprego predominante do imperfeito do indicativo visa a:

a) destacar os elementos descritivos inseridos, trazendo-os para o primeiro plano.

b) apresentar a peregrinação de Blimunda como um fenômeno dinâmico e contínuo.

c) desenhar como pano de fundo os traços de cenário em que decorre a ação.

d) marcar o tom dissertativo, em contraposição ao tom descritivo dos trechos em que ocorre o perfeito.

e) levar a entender Blimunda como personagem consciente do decorrer do tempo.

12. (Fuvest-SP) Considerando a necessidade de correlação entre tempos e modos verbais, assinale a alternativa em que ela foge às normas da língua escrita padrão.

a) A redação de um documento exige que a pessoa conheça uma fraseologia complexa e arcaizante.

b) Para alguns professores, o ensino de língua portuguesa será sempre melhor, se houver domínio das regras de sintaxe.

c) O ensino de Português tornou-se mais dinâmico depois que textos de autores modernos foram introduzidos no currículo.

d) O ensino de Português já sofrera profundas modificações, quando se organizou um Simpósio Nacional para discutir o assunto.

e) Não fora a coerção exercida pelos defensores do purismo linguístico, todos teremos liberdade de expressão.

13. (Fuvest-SP)

"Eles pediram que a Petrobras garanta que não haverá inquéritos administrativos contra os grevistas."

Folha de S.Paulo, São Paulo, 3 jun. 1995.

a) Redija a frase acima de duas maneiras diferentes, situando o pedido referido em duas perspectivas diversas, conforme o início dado:

I Eles haviam pedido que a Petrobras...

II Se eles tivessem pedido, a Petrobras...

b) Cada nova frase irá permitir uma interpretação diferente, em relação à atitude dos que pedem e à atitude da Petrobras. Exponha as interpretações, indicando o mecanismo gramatical que leva a cada uma delas.

14. (Unicamp-SP) Publicadas à exata distância de um século pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, as duas notícias transcritas a seguir têm em comum o fato de se referirem a catástrofes provocadas pelo mau tempo. No momento de sua publicação, as duas notícias se referiam a acontecimentos recentes, mas os recursos gramaticais empregados para expressar passado recente diferem de uma notícia para a outra.

29/11/1895: *Constantinopla* – Tem havido no Mar Negro grande tempestade, naufragando grande número de embarcações. Até agora o mar tem arrojado à praia mais de 80 cadáveres, que estão sendo recolhidos.

Há um século. *O Estado de S. Paulo.*

29/11/1995: *Campinas* – Um tornado com ventos de 180 quilômetros por hora destruiu anteontem a cobertura do ginásio multidisciplinar da Universidade Estadual de Campinas (...)

O Tornado rompeu presilhas de aço de uma polegada de espessura. Ele levantou e retorceu a estrutura do telhado, também de aço, de 100 metros de extensão e 200 toneladas. (...) Dez árvores foram arrancadas com a raiz e os ventos arremessaram longe vidros da Biblioteca Central.

Tornado provoca destruição na Unicamp. *O Estado de S. Paulo.*

a) Transcreva, das duas notícias, as expressões que situam os fatos relatados no passado.

b) Como seria redigida, hoje, a primeira notícia?

c) Redija uma continuação para uma notícia escrita hoje, que começasse por "Tem havido no Mar Negro...".

15. (Fuvest-SP) Os verbos estão corretamente empregados apenas na frase:

a) No cerne de nossas heranças culturais se encontram os idiomas que as transmitem de geração em geração e que assegurem a pluralidade das civilizações.

b) Se há episódios traumáticos em nosso passado, não poderemos avançar a não ser que os encaramos.

c) Estresse e ambiente hostil são apenas alguns dos fatores que possam desencadear uma explosão de fúria.

d) A exigência interdisciplinar impõe a cada especialista que transcenda sua própria especialidade e que tome consciência de seus próprios limites.

e) O que hoje talvez possa vir a tornar-se uma técnica para prorrogar a vida, sem dúvida amanhã possa vir a tornar-se uma ameaça.

16. (Fuvest-SP)

"Se eu convencesse Madalena de que ela não tem razão... Se lhe explicasse que é necessário vivermos em paz... Não me entende. Não nos entendemos. O que vai acontecer será muito diferente do que esperamos."

No trecho acima, a personagem reflete sobre fatos presentes. Se ela os colocasse no passado, como ficariam os verbos destacados?

a) tivesse convencido – foi – entendeu – seria – esperaríamos

b) convencesse – seria – entendia – será – esperássemos

c) convencesse – era – entenderia – seria – esperávamos

d) convencia – era – entendia – seria – esperávamos

e) tivesse convencido – era – entendia – seria – esperávamos

17. (Fuvest-SP) "Ficam desde já excluídos os sonhadores, os que amem o mistério e procurem justamente esta ocasião de comprar um bilhete na loteria da vida."

Se a primeira frase fosse volitiva, e o segundo e terceiro verbos destacados conotassem ação no plano da realidade, teríamos, respectivamente, as seguintes formas verbais:

a) fiquem, amassem, procurassem.

b) ficavam, tenham amado, tenham procurado.

c) ficariam, amariam, procurariam.

d) fiquem, amam, procuram.

e) ficariam, tivessem amado, tivessem procurado.

18. (UFSCar-SP) Leia o texto seguinte.

Desculpe-nos pela demora em responder a sua reclamação sobre a sua TV de plasma. Precisávamos ter a certeza de que a nossa matriz aqui no Brasil estaria nos enviando a referida peça. Na próxima semana, estaremos fazendo uma revisão geral no aparelho e vamos estar enviando ele para o senhor. Atenciosamente...

Texto do *e-mail* de uma empresa, justificando o atraso em consertar um aparelho eletrônico.

Observa-se, nesse texto, um problema de estilo comum nas correspondências comerciais e nas comunicações de *telemarketing* e também um desvio da norma padrão do português do Brasil.

a) Identifique o problema de estilo e redija o trecho em que ele ocorre, corrigido.

b) Identifique o desvio e redija o trecho em que ele ocorre, corrigido.

19. (UFG) No modo indicativo há três tempos simples que indicam passado: o pretérito perfeito, o pretérito imperfeito e o pretérito mais-que-perfeito.

Redija uma frase para cada um desses tempos verbais do pretérito, explicando seu emprego.

20. (Unimep-SP) Assinale a alternativa em que a oração destacada indica que um fato é anterior a outro em relação ao momento em que o emissor fala.

a) Assim que tomar banho, vou-me deitar.

b) Caso você o encontre, dê-lhe minhas lembranças.

c) Quando cheguei, todos já haviam saído.

d) Se você quiser, irei ao seu escritório.

e) Enquanto trabalhava, cantava.

21. (Vunesp-SP) Alternativa cuja forma verbal destacada exprime futuridade com relação ao tempo passado em que se situam as ações narradas:

a) "(...) contemplou o lugar onde tantas vezes se aprestara para os seus breves triunfos no trapézio."

b) "(...) a despedida iminente, só ele sentia."

c) "Em algum ponto do corpo ou da alma, doía-lhe ver o lugar do qual se despedia (...)"

d) "No dia seguinte, desarmariam o Circo..."

e) "(...) os que lá se encontravam tinham respondido friamente à saudação dele, como se fizessem um favor."

22. (UFMG) Em todas as alternativas, a lacuna pode ser preenchida com o verbo indicado entre parênteses, no subjuntivo, exceto em:

a) Olhou para o cão, enquanto esperava que lhe (*) a porta. (*abrir*)

b) Por que foi que aquela criatura não (*) com franqueza? (*proceder*)

c) É preciso que uma pessoa se (*) para encurtar a despesa. (*trancar*)

d) Deixa de luxo, minha filha, será o que Deus (*). (*querer*)

e) Se isso me (*) possível, procuraria a roupa. (*ser*)

23. (FCC-SP) Mesmo que você lhe (*) um acordo amigável, ele não (*).

a) proponha, aceitará

b) propor, aceitava

c) proporia, aceitaria

d) proporá, aceitará

e) propôs, aceitava

24. (UEL-PR) Pode ser que eu (*) levar as provas, se você (*) tudo para que eu (*) onde estão.

a) consiga, fará, descobriria

b) consiga, fizer, descubra

c) consigo, fizer, descobrir

d) consigo, fizer, descubro

e) consigo, fará, descobrirei

25. (Cesgranrio-RJ) Não há a devida correlação temporal das formas verbais em:

a) Seria conveniente que o leitor ficasse sem saber quem era Miss Dollar.

b) É conveniente que o leitor ficaria sem saber quem é Miss Dollar.

c) Era conveniente que o leitor ficasse sem saber quem foi Miss Dollar.

d) Será conveniente que o leitor fique sem saber quem é Miss Dollar.

e) Foi conveniente que o leitor ficasse sem saber quem era Miss Dollar.

26. (UFSCar-SP)

Observe o texto seguinte, um fragmento de *Festival de abóboras geladas*.

Modo de preparo

Numa panela funda, colocar a água, o adoçante, o suco de laranja, o cravo, a canela e o anis-estrelado. Deixar ferver por 15 minutos. Juntar os pedaços de abóbora na calda e cozinhar por 20 minutos. Desligar o fogo e deixar na panela por 12 horas. Depois, colocar em uma compoteira. Levar à geladeira por aproximadamente 1 hora, antes de servir.

Lucília Diniz, *Doces light*. Adaptado.

O texto está redigido no infinitivo, visando a não identificar, individualmente, as pessoas que devem praticar essas ações.

a) Redija esse texto utilizando o imperativo, para o mesmo efeito.

b) Redija novamente o texto, utilizando, agora, o pronome se, para o mesmo efeito.

27. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção em que a forma verbal não tem valor imperativo.

a) Lança teu grito ao vento da procela.

b) Bandeira – talvez rasgue-te a metralha.

c) Ergue-te ó luz! estrela para o povo.

d) Traze a bênção de Deus ao cativeiro.

e) Levanta a Deus do cativeiro o grito!

28. (FCC-SP) É possível que (*) novidades interessantes, que (*) e (*) ao mesmo tempo.

a) surjam, divertem, instruam

b) surjam, divirtam, instruam

c) surjam, divirtam, instruem

d) surgem, divertem, instruem

e) surgem, divirtam, instruem

29. (Fei-SP) Com relação à frase: "Todos perceberam que João Fanhoso dera rebate falso.", responda:

a) Em que tempo está a forma verbal *dera*?

b) Como se justifica o seu emprego?

30. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da seguinte frase: "Quando (*) mais aperfeiçoado, o computador certamente (*) um eficiente meio de controle de toda a vida social".

a) estivesse, será

b) estiver, seria

c) esteja, era

d) estivesse, era

e) estiver, será

31. (FCMSC-SP) Se eu conseguir (*) as pessoas no lugar assim que elas (*), tudo estará em ordem.

a) manter, chegarão

b) manter, cheguem

c) mantiver, chegarem

d) manter, chegariam

e) mantiver, chegam

32. (FCMSC-SP) Não (*) preguiçoso: (*) os livros nessa mesa e (*) logo recomeçar o trabalho.

a) sê, ponha, vem

b) sê, põe, venha

c) sejas, põe, vem

d) sejas, ponha, venha

e) seja, põe, vens

33. (PUCCamp-SP) Preencha as lacunas com os verbos *vir*, *ver* (futuro do subjuntivo) e *entregar* (futuro do indicativo).

a) Se eu (*) e (*) Mário, (*) o livro a ele.

b) Se tu (*) e (*) Mário, (*) o livro a ele.

c) Se ele (*) e (*) Mário, (*) o livro a ele.

d) Se nós (*) e (*) Mário, (*) o livro a ele.

e) Se vós (*) e (*) Mário, (*) o livro a ele.

f) Se eles (*) e (*) Mário, (*) o livro a ele.

34. (UFMG) Qual o valor do futuro do pretérito na frase seguinte: "Quando chegamos ao colégio, em 1916, a cidade teria apenas cinquenta mil habitantes."? (*Contos de aprendiz*, p. 23.)

a) fato futuro, anterior a outro futuro

b) fato futuro, relacionado com o passado

c) suposição, relativamente a um momento do futuro

d) suposição, relativamente a um momento do passado

e) configuração de um fato já passado

35. (UFRJ)

Na contramão dos carros ela vem pela calçada, solar e musical, para diante de um pequeno jardim, uma folhagem, na entrada de um prédio, colhe uma flor inesperada, inspira e ri, é a própria felicidade – passando a cem por hora pela janela. Ainda tento vê-la no espelho mas é tarde, o eterno relance. Sua imagem quase embriaga, chego no trabalho e hesito, por que não posso conhecer aquilo? – a plenitude, o perfume inusitado no meio do asfalto, oculto e óbvio. Sempre minha cena favorita.

Ela chegaria trazendo esquecimentos, a flor no cabelo. Eu estaria à espera, no jardim.

E haveria tempo.

CASTRO, Jorge Viveiros de. *De todas as únicas maneiras & outras*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2002. p. 113.

Ao longo do texto, utilizam-se dois tempos verbais. Identifique-os e justifique o emprego de cada um, considerando a experiência narrada no texto.

36. (UFV-MG)

Leia o texto abaixo e responda à questão:

A grande catástrofe

No princípio era o Verbo. O verbo Ser. Conjugava-se apenas no infinito. Ser, e nada mais.

Intransitivo absoluto.

Isto foi no princípio. Depois transigiu, e muito. Em vários modos, tempos e pessoas. Ah, nem queiras saber o que são as pessoas: eu, tu, ele, nós, vós, eles...

Principalmente eles!

E, ante essa dispersão lamentável, essa verdadeira explosão do SER em seres, até hoje os anjos ingenuamente se interrogam por que motivo as referidas pessoas chamam a isso de CRIAÇÃO...

QUINTANA, Mário. *Prosa e verso*. Rio de Janeiro: Globo, 1983.

Com base na leitura do texto, considere as afirmativas abaixo:

I.	O autor admite o verbo Ser como *"Intransitivo absoluto"*, mas ele pode ser empregado também como verbo de ligação.
II.	O uso da linguagem literária presente no poema produz um efeito poético ao associar a palavra *"infinito"* com uma das formas nominais dos verbos.
III.	A forma verbal *"queiras"* aparece flexionada na 2.ª pessoa do plural do presente do subjuntivo.

É CORRETO o que se afirma em:

a) I, II e III.

b) II e III, apenas.

c) I e II, apenas.

d) III, apenas.

e) II, apenas.

37. (Aman-RJ) Há uma frase com incorreção de flexão verbal. Assinale-a.

a) É preciso que nos penteamos bem para a cerimônia.

b) Convém que vades ver vosso pai doente.

c) Ele freou o carro bem perto da criança que corria.

d) Desavieram-se os dois amigos, ante a vitória do Corinthians.

e) Todas as frases acima estão incorretas.

38. (ITA-SP) Assinale o caso em que o verbo estiver empregado corretamente:

a) Se você não requiser a tempo, perderá a inscrição.

b) Circundemos todo o quarteirão e não o encontramos.

c) São soluções por que todos ansiam.

d) Ainda que me tivesse abstido de ir, de que adiantaria?

e) Atenhai-vos ao que vos for pedido.

39. (ITA-SP) Assinale o caso em que o verbo destacado estiver correto:

a) Eu me precavo deve ser substituído por eu me precavejo.

b) Eu me precavenho contra os dias de chuva.

c) Eu reavi o que perdera há dois anos.

d) Problemas graves me reteram no escritório.

e) Nenhuma das frases é correta.

40. (ITA-SP) Assinale o caso em que o verbo estiver empregado corretamente:

a) Foram eles que não susteram o peso; faltou-lhes equilíbrio.

b) Quando o ver, avise-me, por obséquio.

c) Se você não prover, quem proverá?

d) Quando advir o que previ, dar-me-ás razão.

e) Ainda que provejeis agora, será bastante tarde.

41. (Fuvest-SP) Escreva na folha de respostas as formas dos verbos indicados que preencham corretamente as lacunas:

a) Quando eu (*) os livros, nunca mais os emprestarei. (*reaver*)

b) Os alienados sempre (*) neutros. (*manter-se*)

c) As provas que (*) mais erros seriam comentadas. (*conter*)

d) Quando ele (*) uma canção de paz, poderá descansar. (*compor*)

42. (FCC-BA) Transpondo para a voz passiva a frase: "A assembleia aplaudiu com vigor as palavras do candidato", obtém-se a forma verbal:

a) foi aplaudido.

b) aplaudiu-se.

c) foram aplaudidas.

d) estava aplaudindo.

e) tinha aplaudido.

43. (FCC-SP) Os sentimentos altruístas (*) e (*) a aperfeiçoar-se, à medida que o homem se (*) tornando um ser social.

a) nasceram, continuarão, foi

b) nasceram, continuaram, for

c) nascem, continuam, vai

d) nascem, continuam, foi

e) nasceram, continuam, ia

44. (FCC-SP) Se eu (*) isso, se (*) os meus direitos, não (*) que me desafiem novamente.

a) quiser, requerer, consentirei

b) querer, requerer, consentirei

c) quizer, requerer, consentirei

d) quiser, requerer, consintirei

e) quiser, requiser, consentirei

45. (Unifesp-SP) Na frase "Cada um tem o time que quiser", o verbo *querer* se apresenta conjugado:

a) no infinitivo impessoal.

b) no modo subjuntivo, tempo pretérito imperfeito, primeira pessoa do singular.

c) no modo indicativo, tempo futuro do pretérito, terceira pessoa do singular.

d) no modo subjuntivo, tempo futuro, terceira pessoa do singular.

e) no infinitivo pessoal, terceira pessoa do singular.

46. (FCC-SP) Se (*) o material necessário, anotaremos tudo o que vocês (*) no dia em que nos (*) novamente.

a) obtivermos, propuzerem, veremos

b) obtivéssemos, proporem, virmos

c) obtermos, propuserem, vermos

d) obtivermos, propuserem, virmos

e) obtermos, proporem, virmos

47. (FCC-SP) (*) tranquilo se esta pasta (*) todos os documentos.

a) ficaria, continha

b) ficaria, contivesse

c) ficava, continha

d) ficaria, contesse

e) ficaria, conter

48. (TJ-SC/TJ-SC) Examine as proposições abaixo, preencha as lacunas com a forma verbal adequada, a partir das indicações entre parênteses, e assinale a opção correta, observando a sequência:

I. _____ seu *e-mail* para ser mais rápida nossa correspondência. (*Mande-me / Manda-me*)

II. Não _____ : a consciência denunciar-te-à. (*mente / mintas*)

III. Se tu _____ o trabalho, a nota poderá melhorar. (*refazeres / refizeres*)

IV. Elas não se acanham em dizer o que lhes _____. (*convêm / convém*)

V. Onde andaste até agora? _____ concluir logo o trabalho! (*Vá / Vai*)

a) Mande-me – mente – refazeres – convêm – Vá

b) Manda-me – mintas – refazeres – convêm – Vá

c) Mande-me – mintas – refizeres – convém – Vai

d) Manda-me – mente – refizeres – convém – Vai

49. (Memorial-SP/Empasial) A opção em que a forma verbal está correta é:

a) Se pores tudo em ordem, ficarei satisfeito.

b) O superior interveio na discussão, evitando a briga.

c) Não se premiam os fracos que só obteram derrotas.

d) Se a testemunha depor favoravelmente, o réu será absolvido.

e) Disse ser falsas aquelas assinaturas.

Capítulo 9

Estudo dos substantivos

www.planetasustentavel.com.br/Editora Abril

1 **NA HORA** de comprar um carro, faça um cálculo simples de qual o tamanho ideal para suas necessidades. Veículos maiores consomem e poluem mais. Modelos do tipo flex fuel estão adequados às normas de proteção ao meio ambiente. Lembre-se: prefira abastecer com etanol.

ESFORÇO
IMPACTO

2 **CARRO PEDIR** manutenção, não tem jeito. Faça uma regulagem periódica, sempre que possível. Troque o óleo nos prazos indicados pelo fabricante, verifique filtros de óleo e de ar. Todas essas medidas economizam combustível e ajudam a despejar menos CO_2 no ar.

ESFORÇO
IMPACTO

3 **CARRO NÃO** é o meio de transporte ecologicamente mais correto. Use-o com moderação, em especial se tiver um enorme 4x4 a diesel. Ande mais em transporte coletivo ou reabilite sua magreia.

ESFORÇO
IMPACTO

[4] COMPARTILHE SEU carro. "Pratique a carona solidária e diminua a emissão de poluentes, levando pessoas que fariam o mesmo trajeto separadamente", recomenda o ambientalista Fábio Feldmann. Você vai se tornar o cara mais simpático da cidade.

ESFORÇO
IMPACTO

5

TEM ATITUDE mais grosseira que atirar lata ou outros dejetos pela janela do carro? O castigo para essa gafe é garantido: os resíduos despejados na rua são arrastados pela chuva, entopem bueiros, chegam aos rios e represas, causam enchentes e prejudicam a qualidade da água que consumimos.

ESFORÇO
IMPACTO

O irlandês John Boyd Dunlop inventa o pneu. 1888

O sueco Svante Arrhenius levanta a hipótese de que o aquecimento global é potencializado pela queima de combustíveis fósseis. 1896

Henry Ford inicia a produção em massa de carros padronizados. 1908

Manual de etiqueta. São Paulo: Abril, [s. d.]. p. 5.

Os substantivos são elementos fundamentais nos textos que produzimos, pois eles designam os seres a que nos referimos. Na mensagem do *Manual de etiqueta* para um planeta sustentável, os substantivos *atitude*, *lata*, *dejetos*, *janela*, *carro*, *castigo*, *gafe*, *resíduos*, *rua*, *chuva*, *bueiros*, *rios*, *represas*, *enchentes*, *qualidade*, *água*, *esforço* e *impacto* constituem um universo cujos elementos eles nomeiam: os objetos produzidos pelo homem, fatos, estados e certos procedimentos humanos em relação ao meio ambiente.

1. Conceito

Substantivo é a palavra que nomeia os seres. O conceito de seres deve incluir os nomes de pessoas, de lugares, de instituições, de grupos, de indivíduos e de entes de natureza espiritual ou mitológica:

mulher	sociedade	vegetação	alma
Maria	senado	paineira	sereia
Brasil	cidade	cavalo	saci
Teresina	comunidade	cidadão	

Além disso, deve incluir os nomes de ações, estados, qualidades, sensações, sentimentos:

acontecimento	honestidade	amor
correria	miséria	liberdade
encontro	integridade	cidadania

Não se pode esquecer que a palavra "substantivo" é da mesma família de "substância", "substancial". Não é por acaso que o substantivo tem o nome que tem. Em "mulher bonita" por exemplo, o núcleo — isto é, a substância — está em "mulher" (substantivo), e não em "bonita" (adjetivo). Como nomeia tudo que existe (real ou imaginário), o substantivo é, em última instância, a "substância" do planeta.

Em livro

Martins Editora

RAMOS, Ricardo. *Circuito fechado.* Rio de Janeiro: Martins, 1972.

É fácil perceber que os substantivos são elementos fundamentais para qualquer tipo de texto. Mas será que é possível escrever um conto, por exemplo, utilizando apenas substantivos? Será que eles podem ser autossuficientes para a construção de um texto coerente? Ricardo Ramos, filho de Graciliano Ramos, autor de *Vidas secas*, prova que sim. Neste livro, ele mostra a força dessa classe gramatical ao mesmo tempo que lança um olhar crítico sobre o homem e sua relação com o cotidiano.

2. Classificação

Quanto à sua **formação**, os substantivos são classificados em simples e compostos, primitivos e derivados. Quanto ao seu **significado** e **abrangência**, em concretos e abstratos, comuns e próprios.

Substantivos simples e compostos

Os substantivos simples apresentam um único radical em sua estrutura:

chuva	livreiro	flor
livro	guarda	desenvolvimento

Já os substantivos compostos apresentam pelo menos dois radicais em sua estrutura:

guarda-chuva	couve-flor	pernilongo
guarda-livros	floricultura	palma-de-santa-rita

Substantivos primitivos e derivados

Os substantivos que não provêm de nenhuma outra palavra da língua são chamados primitivos:

árvore	carta	folha
dente	flor	pedra

Os substantivos formados a partir de outras palavras da língua são chamados derivados:

arvoredo	carteiro	folhagem	cartada
florista	dentista	florada	pedreira

Substantivos concretos e abstratos

Os substantivos que dão nome a seres de existência independente (reais ou imaginários) são chamados concretos. São exemplos de substantivos concretos:

armário	formiga	homem
abacateiro	Deus	vento
cidade	sereia	Brasil

Note que são considerados concretos os substantivos que nomeiam divindades ou seres fantásticos, pois, existentes ou não, são tomados sempre como seres dotados de vida própria.

Os substantivos que dão nome a estados, qualidades, sentimentos ou ações são chamados abstratos. São exemplos de substantivos abstratos:

tristeza	amor	maturidade
atenção	clareza	beijo
ética	abraço	honestidade
conquista	paixão	brancura

Em todos esses casos, nomeiam-se conceitos cuja existência depende sempre de um ser para manifestar-se: é necessário alguém ser ou estar triste para a tristeza manifestar-se; é necessário alguém beijar ou abraçar para que ocorra um beijo ou um abraço.

Substantivos comuns e próprios

Os substantivos que designam todo e qualquer indivíduo de uma espécie de seres são chamados comuns. É o caso de substantivos como:

homem	montanha	professor
mulher	planeta	país
rio	animal	estrela

Aqueles que designam um indivíduo particular de uma determinada espécie são chamados próprios:

José	Coimbra	Angola
Ana	Marte	Gibraltar
Araguaia	Simão	Brasil

King Features Syndicate/Ipress

O substantivo próprio *Zero* designa um único recruta no regimento: aquele que está de guarda, com características tão particulares que o sargento Tainha é capaz de identificá-lo pelo tipo de abordagem feita à sua aproximação.

WALKER, Mort. *Recruta Zero: antologia com o melhor de todas as cinco décadas da série*. São Paulo: Opera Graphica, 2002. v. 5, p. 76.

Em CD

Divulgação

Titãs. Nome aos bois. In: *Titãs 84-94 Dois* (CD). Warner-Wea, 1994.

A letra da música "Nome aos bois" é mais do que inusitada: a canção foi composta com base em uma avalanche de substantivos próprios, personalidades polêmicas que marcaram à sua maneira – alguns com mais destaque, outros com menos – a história do século XX. Stálin, Erasmo Dias, Franco, Dulcídio Vanderley Boschillia fazem parte da lista de nomes lembrados pelo grupo Titãs.

Substantivos coletivos

Há um tipo de substantivo comum que nomeia conjuntos de seres de uma mesma espécie: é o chamado substantivo coletivo. Colocamos a seguir uma relação dos principais coletivos da língua portuguesa; lendo-a atentamente, você vai perceber que muitos deles são de uso bastante comum e facilitam a construção de frases mais concisas e precisas.

COLETIVOS QUE INDICAM GRUPOS DE PESSOAS

coletivo	conjunto de	coletivo	conjunto de
assembleia	pessoas reunidas	choldra	assassinos ou malfeitores
banca	examinadores	chusma	pessoas em geral
banda	músicos	claque	pessoas pagas para aplaudir
bando	desordeiros ou malfeitores	clero	religiosos
batalhão	soldados	colônia	imigrantes
camarilha	bajuladores	comitiva	acompanhantes
cambada	desordeiros ou malfeitores	corja	ladrões ou malfeitores
caravana	viajantes ou peregrinos	coro	cantores
caterva	desordeiros ou malfeitores	corpo	eleitores, alunos, jurados

coletivo	conjunto de
elenco	atores de uma peça ou filme
falange	tropas, anjos, heróis
horda	bandidos, invasores
junta	médicos, examinadores, credores
júri	jurados
legião	soldados, anjos, demônios
leva	presos, recrutas
malta	malfeitores ou desordeiros
multidão	pessoas em geral
orquestra	músicos
pelotão	soldados
plateia	espectadores

coletivo	conjunto de
plêiade	poetas ou artistas
plantel	atletas
prole	filhos
quadrilha	ladrões ou malfeitores
roda	pessoas em geral
ronda	policiais em patrulha
súcia	desordeiros ou malfeitores
tertúlia	amigos, intelectuais
tripulação	aeroviários ou marinheiros
tropa	soldados, pessoas
turma	estudantes, trabalhadores, pessoas em geral

COLETIVOS QUE INDICAM CONJUNTOS DE ANIMAIS OU VEGETAIS

coletivo	conjunto de
alcateia	lobos
buquê	flores
cacho	frutas
cáfila	camelos
cardume	peixes
colmeia	abelhas
colônia	bactérias, formigas, cupins
enxame	abelhas, vespas, marimbondos
fato	cabras
fauna	animais de uma região
feixe	lenha, capim
flora	vegetais de uma região
junta	bois
manada	animais de grande porte

coletivo	conjunto de
matilha	cães de caça
molho	verduras
ninhada	filhotes de aves
nuvem	insetos (gafanhotos, mosquitos etc.)
panapaná	borboletas
plantel	animais de raça
ramalhete	flores
rebanho	gado em geral
récua	animais de carga
réstia	alhos ou cebolas
revoada	pássaros
tropa	animais de carga
vara	porcos

COLETIVOS QUE INDICAM OUTROS TIPOS DE CONJUNTOS

coletivo	conjunto de
acervo	obras artísticas
antologia	trechos literários selecionados
armada	navios de guerra

coletivo	conjunto de
arquipélago	ilhas
arsenal	armas e munições
atlas	mapas

coletivo	conjunto de
baixela	objetos de mesa
bateria	peças de guerra ou de cozinha; instrumentos de percussão
biblioteca	livros catalogados
cancioneiro	poemas, canções
cinemateca	filmes
constelação	estrelas
enxoval	roupas
esquadra	navios de guerra

coletivo	conjunto de
esquadrilha	aviões
frota	navios, aviões ou veículos em geral (ônibus, táxis, caminhões etc.)
girândola	fogos de artifício
hemeroteca	jornais e revistas arquivados
molho	chaves
pinacoteca	quadros
trouxa	roupas
vocabulário	palavras

Atividades

1. Re-escreva cada uma das frases a seguir, substituindo a palavra destacada por um substantivo abstrato e fazendo todas as transformações necessárias.

a) Era um sujeito tão **altivo** que nos indignava.

b) Seu olhar é tão **triste** que ficamos tentados a ajudá-lo.

c) Seu caráter era tão **rijo** que impressionava até mesmo seus adversários.

d) Todos sentem que seu coração é **nobre**.

e) É um material tão **rígido** que suporta os maiores esforços.

2. Substitua os adjetivos dados pelos substantivos correspondentes e, em seguida, crie uma frase para cada item.

a) honesto

b) participativo e fiscalizador

c) questionador

d) claro (dotado de luz)

e) claro (inteligível)

f) inquieto

g) suscetível

3. Nas frases seguintes, substitua as expressões destacadas por substantivos coletivos.

a) O **grupo de jogadores** do clube não é dos melhores.

b) O **grupo de condôminos reunidos** decidiu cortar despesas.

c) Devemos proteger o **conjunto de animais** e o **conjunto de vegetais** desta região.

d) A empresa aérea prometeu renovar seu **conjunto de aeronaves**.

e) Formou-se um **grupo de médicos experientes** para estudar o caso.

f) O **conjunto dos jurados** condenou-o por crime de corrupção.

g) Um **grupo de músicos** alegrou a festa.

h) Aonde quer que fosse, o ministro era acompanhado por um **grupo de bajuladores**.

i) As palmas que se ouviam provinham de um **grupo de pessoas pagas para aplaudir**.

j) Aonde quer que fosse, o ministro era acompanhado por um **grupo de acompanhantes e auxiliares**.

k) O **grupo de atores** da peça é dos melhores.

l) Naquela fotografia, ele aparece rodeado de um numeroso **grupo de filhos e filhas**.

m) A biblioteca teve seu **conjunto de obras literárias** ampliado recentemente. Também foi finalmente instalado um **arquivo de jornais e revistas**.

n) Comprei uma **seleção de poemas e crônicas** de Carlos Drummond de Andrade.

4. Construa frases com os seguintes coletivos:

bando	cambada	caterva	choldra
chusma	corja	malta	multidão
quadrilha	súcia	turma	

Quais desses coletivos têm valor pejorativo?

3. Flexões

Flexão de gênero

Os substantivos em português podem pertencer ao gênero masculino ou ao gênero feminino. São masculinos os substantivos a que se pode antepor o artigo *o*:

o homem	o gato	o dia
o menino	o mar	o pó

São femininos os substantivos a que se pode antepor o artigo *a*:

a mulher	a gata	a semana
a menina	a terra	a mesa

O uso das palavras *masculino* e *feminino* costuma provocar confusão entre a categoria gramatical de gênero e a característica biológica dos sexos. Para evitar essa confusão, observe que definimos gênero como um fato ligado à concordância das palavras em seu relacionamento linguístico: *pó*, por exemplo, é um substantivo masculino pela concordância que estabelece com o artigo *o*, e não porque se possa pensar num possível comportamento sexual das partículas de poeira. Só faz sentido relacionar o gênero ao sexo quando se trata de palavras que designam pessoas e animais, como os pares *professor/professora* ou *gato/gata*. Ainda assim, essa relação não é obrigatória, pois há palavras que, mesmo pertencendo exclusivamente a um único gênero, podem indicar seres do sexo masculino ou feminino. É o caso de *criança*, palavra do gênero feminino que pode designar seres dos dois sexos.

Formação do feminino

Substantivos biformes

Os substantivos que designam seres humanos ou animais podem apresentar uma forma para o masculino e outra para o feminino; são, por isso, considerados substantivos biformes. Essas duas formas podem apresentar um mesmo radical ou radicais diferentes.

No caso dos substantivos biformes que apresentam um mesmo radical, a formação do feminino está ligada principalmente à terminação da forma masculina:

a. A maior parte dos substantivos terminados em *-o* átono forma o feminino pela substituição desse *-o* por *-a*:

menino/menina	gato/gata	pombo/pomba

Destaquem-se os pares *galo/galinha* e *maestro/maestrina*.

b. A maior parte dos substantivos terminados em consoante forma o feminino pelo acréscimo da desinência *-a*:

freguês/freguesa	remador/remadora	deus/deusa
camponês/camponesa	professor/professora	juiz/juíza

Destaquem-se os pares *ator/atriz*, *czar/czarina* e *imperador/imperatriz*; para *embaixador*, existem as formas *embaixatriz* (esposa do embaixador) e *embaixadora* (mulher que ocupa o cargo).

c. A maior parte dos substantivos terminados em *-ão* forma o feminino pela substituição de *-ão* por *-ã* ou *-oa*:

cidadão/cidadã	anfitrião/anfitriã	órfão/órfã
leão/leoa	leitão/leitoa	

Nos aumentativos, a substituição é por *-ona*:

sabichão/sabichona	valentão/valentona

Destaquem-se os pares:

sultão/sultana	cão/cadela	ladrão/ladra
perdigão/perdiz	barão/baronesa	

d. Alguns substantivos ligados a títulos de nobreza, ocupações ou dignidades formam femininos em *-esa*, *-essa*, *-isa*:

abade/abadessa	cônsul/consulesa	poeta/poetisa
conde/condessa	duque/duquesa	profeta/profetisa
visconde/viscondessa	barão/baronesa	sacerdote/sacerdotisa

e. Alguns substantivos terminados em *-e* formam o feminino com a substituição desse *-e* por *-a*:

mestre/mestra	elefante/elefanta	infante/infanta
monge/monja	parente/parenta	

f. Alguns substantivos apresentam formações irregulares para o feminino:

avô/avó	silfo/sílfide	réu/ré
herói/heroína	rei/rainha	marajá/marani

Entre os substantivos biformes cujas formas masculinas e femininas apresentam radicais diferentes, merecem destaque os seguintes pares:

a. relativos a seres humanos:

cavaleiro/amazona	frei/sóror ou soror	padrasto/madrasta
cavalheiro/dama	genro/nora	padrinho/madrinha
compadre/comadre	homem/mulher	pai/mãe
frade/freira	marido/mulher	

b. relativos a animais:

boi, touro/vaca	carneiro/ovelha	zangão ou zângão/abelha
bode/cabra	cavalo/égua	

Substantivos comuns-de-dois (ou comuns de dois gêneros)

Há substantivos que apresentam uma única forma para os dois gêneros; são, por isso, chamados de **uniformes**. Nesses casos, a distinção entre a forma masculina e a feminina é feita pela concordância com um artigo ou outro determinante: *o agente/a agente*; *aquele jornalista/aquela jornalista*. Esses substantivos são tradicionalmente conhecidos como comuns-de-dois ou comuns de dois gêneros. Eis alguns exemplos:

o/a agente	o/a dentista	o/a intérprete
o/a artista	o/a estudante	o/a jornalista
o/a camarada	o/a gerente	o/a mártir
o/a colega	o/a imigrante	o/a pianista
o/a cliente	o/a indígena	o/a suicida

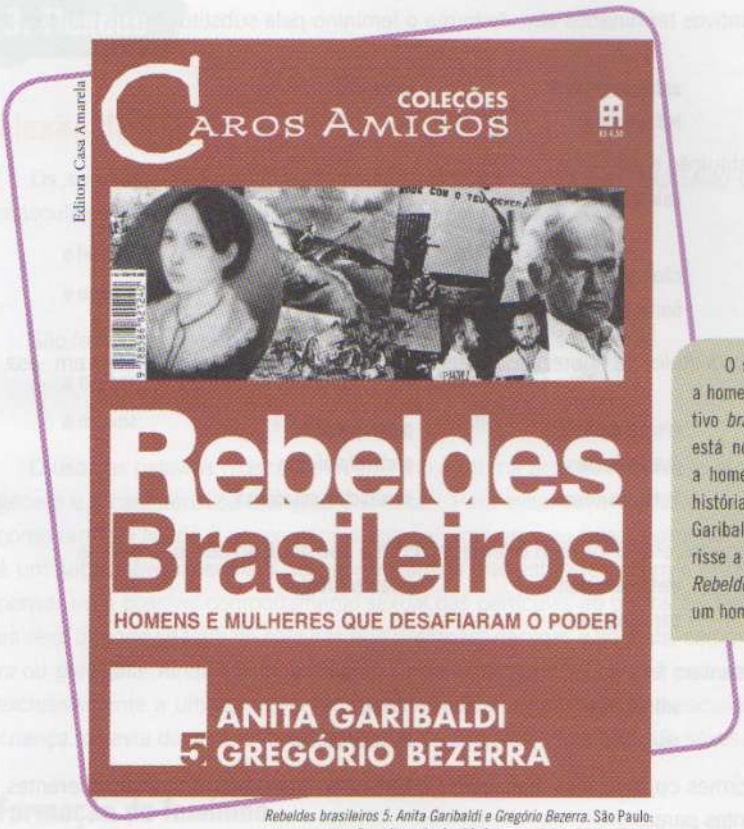

Rebeldes brasileiros 5: Anita Garibaldi e Gregório Bezerra. São Paulo: Casa Amarela, [s. d.]. Coleções *Caros Amigos*. Capa.

O substantivo *rebelde* pode referir-se a homem ou a mulher. Observe que o adjetivo *brasileiros*, que se refere a *rebeldes*, está no masculino plural, pois refere-se a homens e mulheres rebeldes de nossa história – nesse exemplar, trata de Anita Garibaldi e Gregório Bezerra. Se se referisse a apenas uma mulher, o título seria *Rebelde brasileira*; se tratasse apenas de um homem, seria *Rebelde brasileiro*.

Substantivos sobrecomuns e epicenos

Há ainda substantivos que designam seres humanos, animais ou vegetais e que são sempre do mesmo gênero, quer se refiram a seres do sexo masculino, quer se refiram a seres do sexo feminino. Os substantivos de um único gênero que se referem a seres humanos são tradicionalmente conhecidos como sobrecomuns. Eis alguns exemplos:

o cônjuge	a testemunha	o indivíduo
a criança	a criatura	a vítima

Os substantivos de um único gênero que designam animais e algumas plantas são tradicionalmente conhecidos como epicenos. Eis alguns exemplos:

a águia	a cobra	o jacaré
a baleia	o besouro	a palmeira
a borboleta	o crocodilo	o mamoeiro

O gênero dos substantivos sobrecomuns e epicenos é sempre o mesmo; o que pode variar é o sexo do ser a que se referem. Quando se quer especificar esse sexo, constroem-se expressões como "criança do sexo masculino"; "um mamoeiro macho", "um mamoeiro fêmea"; "um macho de jacaré", "uma fêmea de jacaré". As palavras *macho* e *fêmea* podem concordar em gênero com o substantivo a que se referem: "onça macho" ou "onça macha", "tigre fêmea" ou "tigre fêmeo".

Substantivos de gênero vacilante

Há muitos substantivos cujo emprego, mesmo na língua culta, apresenta oscilação de gênero. Em alguns casos, pode-se recomendar a adoção de um dos dois gêneros; em outros, consideram-se aceitáveis ambos os usos. Apresentamos a seguir os principais casos:

a. gênero masculino

o aneurisma	o clã	o eczema	o matiz
o apêndice	o dó	o guaraná	o plasma
o champanha	o eclipse	o magma	o tracoma

b. gênero feminino

a agravante	a couve	a comichão	a entorse
a aguardente	a couve-flor	a derme	a gênese
a alface	a cal	a dinamite	a omoplata
a bacanal	a cataplasma	a ênfase	a sentinela

c. usados em ambos os gêneros

o/a aluvião	o/a caudal	o/a personagem
o/a tapa	o/a amálgama	o/a sabiá
o/a suéter	o/a usucapião	

Gênero e mudança de significado

Há substantivos cuja mudança de gênero acarreta mudança de significado. Observe a seguir os principais casos:

o cabeça: chefe, líder
a cabeça: parte do corpo ou de um objeto, pessoa muito inteligente

o capital: conjunto de bens
a capital: cidade onde se localiza a sede do Poder Executivo

o crisma: óleo usado num dos sacramentos religiosos
a crisma: cerimônia religiosa

o cura: sacerdote
a cura: ato ou efeito de curar

o língua: intérprete
a língua: músculo do aparelho digestivo; idioma

o moral: ânimo, brio
a moral: conjunto de valores e regras de comportamento

o cisma: separação, dissidência
a cisma: preocupação, suspeita

o grama: unidade de massa
a grama: relva, planta rasteira

o lente: professor
a lente: instrumento óptico

Atividades

1. Complete as frases abaixo de acordo com o modelo proposto.

A polícia buscava um **homem** e acabou encontrando **uma mulher**.

a) Queria um compadre e acabou encontrando (*).

b) Queriam contratar um cavaleiro e acabaram contratando (*).

c) Não gostava do genro, mas adorava (*).

d) Não só não caçou marajás, como acabou criando (*).

e) Esperavam absolver o réu e acabaram condenando (*).

f) Aguardava carta de um parente e acabou recebendo a de (*).

g) Não aceitaram o novo cônsul; faziam questão de que fosse (*).

h) Não encontrou o anfitrião; agradeceu, então, (*).

i) Meu filho será um cidadão consciente; minha filha será (*).

j) Os músicos não aceitaram o novo maestro: queriam o retorno da (*).

k) Aguardávamos a chegada do novo embaixador quando fomos surpreendidos pela notícia de que era (*).

l) Cada rapaz da turma é um valentão; cada moça, (*).

m) Cada rapaz da turma é um cavalheiro; cada moça, (*).

2. Complete as frases a seguir de acordo com o modelo proposto.

Ele não consegue distinguir **um gato** de **uma gata**.

a) Ele não consegue distinguir um boi de (*).

b) Ele não sabe distinguir um carneiro de (*).

c) Ele não pode distinguir um bode de (*).

d) Ele não é capaz de distinguir um cão de (*).

e) Ele não tem capacidade para distinguir um elefante de (*).

f) Ele é incapaz de distinguir um leitão de (*).

g) Ele não distingue um pavão de (*).

h) Ele não saberia distinguir um perdigão de (*).

3. Complete as lacunas das frases a seguir de forma a estabelecer a concordância de gênero.

a) Senti muit* dó quando vi (*) couves e (*) alfaces que o granizo destruíra.

b) Abriu (*) champanha que comprara na véspera. Depois, proferiu um discurso em que cada palavra era dita com muit* ênfase. Todos os membros d* clã o aplaudiram.

c) Sua saúde era muito problemática: superad* (*) eczema, surgiu-lhe (*) tracoma. Depois, sofreu (*) entorse, quebrou (*) omoplata, extraiu (*) apêndice. Morreu quando lhe estourou (*) aneurisma.

d) Foi condenado com (*) agravante: vendeu aguardente falsificad* anos a fio.

e) O pênalti foi marcado e a bola, colocada na marca d* cal.

f) (*) guaraná vendid* nas farmácias é considerad* um estimulante.

4. Estabeleça a concordância de gênero nas frases a seguir.

a) (*) cabeça da rebelião foi decapitad*. (*) cabeça foi expost* em praça pública.

b) Tod* (*) capital da empresa está aplicad* em bancos d* capital do país.

c) (*) cura confessou-se incapaz de proporcionar remédios para (*) cura dos pacientes.

d) (*) moral dos jogadores era pequen*.

e) Quem sabe consigamos construir (*) moral mais voltad* para a eliminação das desigualdades sociais?

f) Quant* gramas de ouro teriam sido espalhados pel* grama?

Flexão de número

Os substantivos flexionam-se também em número: podem assumir a forma do singular (referem-se a um único ser ou a um único conjunto de seres) ou do plural (referem-se a mais de um ser ou conjunto de seres).

Formação do plural

Substantivos simples

a. Acrescenta-se a desinência *-s* aos substantivos terminados em vogal, ditongo oral ou ditongo nasal *-ãe*:

casa/casas	peru/perus	pai/pais
dente/dentes	sofá/sofás	lei/leis
saci/sacis	ipê/ipês	herói/heróis
cipó/cipós	maçã/maçãs	mãe/mães

Destaquem-se as formas *avôs* (o avô materno e o paterno) e *avós* (casal formado por avô e avó, ou plural de *avó*; também indica os antepassados de um modo geral).

b. A maioria dos substantivos terminados em *-ão* forma o plural substituindo essa terminação por *-ões* (incluem-se nesse grupo os aumentativos):

balão/balões	eleição/eleições	figurão/figurões
botão/botões	leão/leões	sabichão/sabichões
coração/corações	opinião/opiniões	vozeirão/vozeirões

Os paroxítonos terminados em *-ão* e alguns poucos oxítonos e monossílabos formam o plural pelo simples acréscimo de *-s*:

sótão/sótãos	cidadão/cidadãos	chão/chãos
bênção/bênçãos	cristão/cristãos	grão/grãos
órfão/órfãos	irmão/irmãos	vão/vãos
órgão/órgãos	mão/mãos	

Alguns substantivos terminados em *-ão* formam o plural substituindo essa terminação por *-ães*:

alemão/alemães	capitão/capitães	pão/pães
cão/cães	charlatão/charlatães	sacristão/sacristães
capelão/capelães	escrivão/escrivães	tabelião/tabeliães

Em alguns casos, há mais do que uma forma aceitável para esses plurais; a tendência da língua portuguesa atual do Brasil é utilizar a forma de plural em *-ões*:

ancião – anciões, anciães, anciãos	verão – verões, verãos
guardião – guardiões, guardiães	anão – anões, anãos
ermitão – ermitões, ermitães, ermitãos	vilão – vilões, vilãos

c. Acrescenta-se a desinência *-s* aos substantivos terminados em *-m*. Essa letra é substituída por *n* na forma do plural:

homem/homens	jardim/jardins	som/sons	atum/atuns

d. Os substantivos terminados em *-r* e *-z* formam o plural com o acréscimo de *-es*:

mar/mares	raiz/raízes
açúcar/açúcares	rapaz/rapazes
hambúrguer/hambúrgueres	cruz/cruzes

Destaquem-se os plurais de *caráter*, *júnior* e *sênior*: *caract**e**res*, *juni**o**res* e *seni**o**res*, formas em que ocorre deslocamento da sílaba tônica.

e. Os substantivos terminados em *-s* formam o plural com acréscimo de *-es*; quando paroxítonos ou proparoxítonos, são invariáveis – o que faz com que a indicação de número passe a depender de um artigo ou outro determinante:

gás/gases	obus/obuses	um lápis/dois lápis
mês/meses	o atlas/os atlas	algum ônibus/vários ônibus
país/países	o pires/os pires	o vírus/os vírus

f. Os substantivos terminados em *-al*, *-el*, *-ol* e *-ul* formam o plural pela transformação do *-l* dessas terminações em *-is*:

canal/canais	álcool/álcoois	papel/papéis
paul/pauis	anzol/anzóis	

Destaquem-se os plurais de *mal*, *real* (quando nome de moeda) e *cônsul*, respectivamente *males*, *réis* e *cônsules*. Para *gol*, já houve quem propusesse *goles* ou *gois*, mas a forma consagrada pelo uso é *gols*, estranha aos mecanismos da língua portuguesa.

Joaquín Salvador Lavado/Quino/Mafalda 8

QUINO. *Mafalda 8*. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 66.

Nessa tira, vemos plurais com três terminações diferentes: *ns*, *s*, *eis*, correspondendo respectivamente às terminações do singular *m (barragem)*, *l (túnel)* e vogais *a* e *o (fábrica, estrada, aqueduto)*.

g. Os substantivos oxítonos terminados em *-il* trocam o *-l* pelo *-s*; os paroxítonos trocam essa terminação por *-eis*:

barril/barris	fóssil/fósseis	ardil/ardis
projétil/projéteis	funil/funis	réptil/répteis
fuzil/fuzis		

Além das formas paroxítonas apresentadas acima, existem as formas oxítonas *projetil* e *reptil*, que fazem os plurais *projetis* e *reptis*, também oxítonos.

h. Os substantivos terminados em *-n* formam o plural pelo acréscimo de *-s* ou *-es*:

abdômen/abdomens ou abdômenes	gérmen/germens ou gérmenes
hífen/hifens ou hífenes	líquen/liquens ou líquenes

No português do Brasil, há acentuada tendência para o uso das formas obtidas pelo acréscimo de *-s*. Observe que, quando paroxítonas, essas formas de plural não recebem acento gráfico.

Destaque-se *cânon*, cujo plural é a forma *cânones*.

i. Os substantivos terminados em *-x* são invariáveis; a indicação de número depende da concordância com algum determinante:

o tórax/os tórax — um clímax/alguns clímax

Existem alguns substantivos terminados em *-x* que apresentam formas variantes terminadas em *-ce*; nesses casos, deve-se utilizar a forma plural da variante:

o cálix ou cálice/os cálices — o códex ou códice/os códices

j. Nos diminutivos formados pelo acréscimo do sufixo *-zinho* (mais raramente *-zito*), a formação do plural deve ser feita tanto na terminação do substantivo primitivo (com posterior supressão do *-s*) como na do sufixo:

balãozinho/balõezinhos — colarzinho/colarezinhos
anzolzinho/anzoizinhos — papelzinho/papeizinhos
pãozinho/pãezinhos — florzinha/florezinhas

No caso de diminutivos formados a partir de substantivos terminados em *-r*, há acentuada tendência na língua atual do Brasil para limitar-se o plural à terminação da forma derivada:

colarzinho/colarzinhos — florzinha/florzinhas — mulherzinha/mulherzinhas

Essa forma de plural ainda encontra alguma resistência na norma culta.

Metafonia

Há muitos substantivos cuja formação do plural não se manifesta apenas por meio de modificações morfológicas, mas também implica alteração fonológica. Nesses casos, ocorre um fenômeno chamado metafonia, ou seja, a mudança de som entre uma forma e outra. Trata-se da alternância do timbre da vogal, que é fechado na forma do singular e aberto na forma do plural. Observe os pares a seguir:

singular (ô)	plural (ó)	singular (ô)	plural (ó)
aposto	apostos	caroço	caroços
corno	cornos	corpo	corpos
corvo	corvos	esforço	esforços
fogo	fogos	forno	fornos
imposto	impostos	jogo	jogos
miolo	miolos	olho	olhos
osso	ossos	ovo	ovos
poço	poços	porco	porcos
porto	portos	posto	postos
povo	povos	reforço	reforços
socorro	socorros	tijolo	tijolos

É importante que você observe a pronúncia culta desses plurais quando estiver utilizando a língua falada em situações formais.

Substantivos compostos

A formação do plural dos substantivos compostos depende da forma como são grafados, do tipo de palavras que formam o composto e da relação que estabelecem entre si.

Os substantivos compostos que são grafados ligadamente (sem hífen) comportam-se como os substantivos simples:

aguardente/aguardentes
girassol/girassóis
malmequer/malmequeres
pontapé/pontapés

O plural dos substantivos compostos cujos elementos são ligados por hífen costuma provocar muitas dúvidas e discussões. Algumas orientações são dadas a seguir.

a. Nos compostos em que o primeiro elemento é um verbo ou uma palavra invariável (geralmente um advérbio) e o segundo elemento é um substantivo ou um adjetivo, coloca-se apenas o segundo elemento no plural:

beija-flor/beija-flores
bate-boca/bate-bocas
sempre-viva/sempre-vivas
alto-falante/alto-falantes
grão-duque/grão-duques
abaixo-assinado/abaixo-assinados

Assemelham-se a esses substantivos aqueles formados pelo acréscimo de um prefixo ligado por hífen:

vice-presidente/vice-presidentes
recém-nascido/recém-nascidos
auto-observação/auto-observações
ex-namorado/ex-namorados

b. Nos compostos em que os dois elementos são variáveis, ambos vão para o plural:

guarda-civil/guardas-civis
cota-parte/cotas-partes
mão-boba/mãos-bobas
boia-fria/boias-frias
sexta-feira/sextas-feiras
peso-mosca/pesos-moscas

Nos casos em que o segundo elemento dá ideia de finalidade ou semelhança ou limita o primeiro, manda a tradição que só se pluralize o primeiro. Note que isso se restringe aos substantivos compostos formados por dois substantivos:

pombo-correio/pombos-correio
banana-maçã/bananas-maçã
café-concerto/cafés-concerto
salário-família/salários-família
escola-modelo/escolas-modelo
navio-escola/navios-escola

No português do Brasil, ocorre também a pluralização dos dois elementos mesmo nesse caso. É o que se nota quando se consulta o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, versão eletrônica, de 2004, em que alguns dos substantivos acima surgem com duas formas abonadas para o plural (*salários-família* e *salários-famílias*, por exemplo).

O substantivo composto *pau-rosa* apresenta duas formas de plural: *paus-rosa* e *paus-rosas*.

Reprodução/Revista Pesquisa Fapesp

Pesquisa Fapesp. São Paulo: Fapesp, n. 111, maio 2005. p. 64.

c. Nos compostos em que os elementos formadores são unidos por preposição, apenas o primeiro elemento vai para o plural:

palma-de-santa-rita/palmas-de-santa-rita
pé-de-moleque/pés-de-moleque
mula-sem-cabeça/mulas-sem-cabeça
pão-de-ló/pães-de-ló

d. Nos compostos formados por palavras repetidas ou onomatopaicas, apenas o segundo elemento varia:

reco-reco/reco-recos
tico-tico/tico-ticos
tique-taque/tique-taques
pingue-pongue/pingue-pongues

e. Merecem destaque os seguintes substantivos compostos:

o bota-fora/os bota-fora
o topa-tudo/os topa-tudo
o louva-a-deus/os louva-a-deus
o diz-que-diz/os diz-que-diz
o faz-de-conta/os faz-de-conta
o arco-íris/os arco-íris
o salva-vidas/os salva-vidas
o pisa-mansinho/os pisa-mansinho

E também:

o bem-te-vi/os bem-te-vis
o bem-me-quer/os bem-me-queres

Atividades

1. Complete as frases de acordo com o modelo proposto.

Não posso comprar sequer um **funil**. Como quer que eu compre vários **funis**?

a) Não posso formar sequer um único jardim. Como quer que eu forme vários (*)?
b) Nunca soltei um único balão. Como quer que eu solte vários (*)?
c) Não conheço um único figurão. Como quer que eu lhe apresente vários (*)?
d) Infelizmente, não consegui encontrar um único cidadão de verdade nesta classe. Como quer que eu lhe aponte vários (*)?
e) Não conheço um único capitão do exército. Como quer que eu lhe apresente vários (*)?
f) Não posso comprar sequer um hambúrguer. Como quer que eu compre vários (*)?

2. Complete as frases de acordo com o modelo proposto.

Não quebrou só um **pires**: quebrou todos os **pires**.

a) Não roubaram só um barril: roubaram todos os (*).
b) Não deixaram só um leão fugir: deixaram todos os (*).
c) Não fraudaram só uma eleição: fraudaram todas as (*).
d) Não ludibriou só um cidadão: ludibriou todos os (*).
e) Não comeu apenas um pão: comeu todos os (*).
f) Não é amigo de um escrivão e de um tabelião apenas: é amigo de todos os (*).
g) Não corrompeu apenas um caráter: corrompeu todos os (*).
h) Não promoveu tão-somente um júnior para o time principal: promoveu todos os (*).
i) Não depredaram apenas um ônibus: depredaram todos os (*).
j) Não lançaram só um projétil: lançaram todos os (*).
k) Não lançaram somente um projétil: lançaram todos os (*).
l) Não se esqueceu apenas de um hífen: esqueceu-se de todos os (*).
m) Não devorou um pastelzinho apenas: devorou todos os (*).

3. Leia atentamente em voz alta as frases a seguir.

a) Comeu as uvas e jogou os caroços no lixo.
b) Não aceitaremos um novo aumento de impostos. É bom que o governo abra os olhos e realize esforços mais sérios para controlar suas contas.

c) Não se instalam chiqueiros de porcos nas proximidades de poços.

d) Compramos fogos de artifício para a festa de abertura dos jogos estudantis.

e) Acredito na convivência harmoniosa dos diferentes povos.

f) Um médico que passava por ali prestou os primeiros socorros às vítimas do acidente.

4. Complete as frases de acordo com o modelo. Em várias frases, você terá mais de uma opção correta.

Costumava viajar todas as (*). (*quinta-feira*)

Costumava viajar todas as **quintas-feiras**.

a) Tinha direito a vários (*). (*salário-família*)

b) Nunca tinha visto tantos (*) ao mesmo tempo. (*beija-flor*)

c) Sua intervenção pôs fim a todos os (*). (*bate-boca*)

d) Anunciaram seu nome por intermédio dos (*). (*alto-falante*)

e) Os (*) provenientes de várias regiões do país reivindicavam a punição do deputado corrupto. (*abaixo-assinado*)

f) Venho aqui todas as (*). (*segunda-feira*)

g) Vários (*) transformaram-se em presidentes da República no Brasil. (*vice-presidente*)

h) Os (*) partiram para Pequim. (*recém-casado*)

i) Ocorreu mais um acidente com caminhões que transportavam (*). Isso é jeito de se transportar gente! (*boia-fria*)

j) Passou mal após ter comido várias (*) e várias (*). (*banana-maçã/manga-rosa*).

k) Combinaram várias (*). (*palavra-chave*)

l) Tiveram de comprar vários (*) para mobiliar a casa. (*guarda-roupa*)

m) Ele já perdeu três (*) este ano. (*guarda-chuva*)

n) Seu canteiro de (*) está primoroso! (*couve-flor*)

o) É o autor de várias (*). (*obra-prima*)

p) Vários (*) construíram seus ninhos nos postes de iluminação. (*joão-de-barro*)

q) Fotografaram várias (*) em sua viagem pela Amazônia. (*vitória-régia*)

r) Vários (*) japoneses foram interceptados pelos ativistas do *Greenpeace*. (*navio-fábrica*)

s) Os (*) da empresa haviam sido roubados. (*livro-caixa*)

t) Não se deviam construir esses (*) em cidades tão pequenas! (*arranha-céu*)

u) Vários (*) do banco foram acusados de corrupção. (*ex-diretor*)

v) Teve de instalar vários (*) para proteger as instalações da fábrica. (*para-raios*)

w) Assisto a todos os (*) de que tenho notícia. (*bumba-meu-boi*)

Flexão de grau

Os substantivos podem ser modificados a fim de exprimir intensificação, exagero, atenuação, diminuição ou mesmo deformação de seu significado. Essas modificações, que constituem as variações de grau do substantivo, são tradicionalmente consideradas um mecanismo de flexão. Você perceberá, no entanto, que não se trata de mecanismos de flexão – obrigatórios para a manutenção da concordância nas frases –, mas sim de processos de derivação e de caracterização sintática.

Formação do grau

Os graus aumentativo e diminutivo dos substantivos podem ser formados por dois processos:

a. sintético – consiste no acréscimo de sufixos aumentativos ou diminutivos à forma normal do substantivo. É, na verdade, um típico caso de derivação sufixal:

rato — **ratão** (aumentativo sintético) — **ratinho** (diminutivo sintético)

b. analítico – a forma normal do substantivo é modificada por adjetivos que indicam aumento ou diminuição de proporções. É um caso típico de determinação sintática:

rato — rato **grande** (aumentativo analítico) — rato **pequeno** (diminutivo analítico)

No uso efetivo da língua, as formas sintéticas de indicação de grau são geralmente empregadas para conferir valores afetivos aos seres nomeados pelos substantivos. Observe formas como as seguintes:

amigão	partidão	bandidaço	mulheraço
livrinho	ladrãozinho	rapazola	futebolzinho

Em todas elas, o que interessa é transmitir dados como carinho, admiração, ironia ou desprezo, e não noções ligadas ao tamanho físico dos seres nomeados.

Atividades

1. Procure indicar o sentido de cada uma das palavras destacadas nas frases a seguir.

a) É um **sujeitinho**.
b) É um **mulherão**!
c) É um **timaço**!
d) É um **timeco**!
e) Não passa de um **beberrão**.
f) Vou passar uns **diazinhos** na praia.
g) Que **gentalha**!
h) Por que você se envolve com essa **gentinha**?
i) O **Carlito** chegou ontem à noite.
j) Ele pegou um **peixão**! Quatro quilos!
k) A namorada dele é um **peixão**!

2. Que palavras você pode usar para descrever as dimensões avantajadas ou diminutas de:

a) uma boca?
b) um corpo?
c) um nariz?
d) uma casa?
e) um pé?
f) uma mão?
g) um cão?
h) um gato?
i) um homem?
j) uma mulher?
k) um animal?

Textos para análise

1

Elegia lírica

(...)

A minha namorada é tão bonita, tem olhos como besourinhos do céu
Tem olhos como estrelinhas que estão sempre balbuciando aos passarinhos...
É tão bonita! tem um cabelo fino, um corpo menino e um andar pequenino
E é a minha namorada... vai e vem como uma patativa, de repente morre de amor
Tem fala de S e dá a impressão que está entrando por uma nuvem adentro...
Meu Deus, eu queria brincar com ela, fazer comidinha, jogar nai-ou-nentes

Rir e num átimo dar um beijo nela e sair correndo
E ficar de longe espiando-lhe a zanga, meio vexado, meio sem saber o que faça...
A minha namorada é muito culta, sabe aritmética, geografia, história, contraponto
E se eu lhe perguntar qual a cor mais bonita ela não dirá que é a roxa, porém
[brique.
Ela faz coleção de cactos, acorda cedo vai para o trabalho
E nunca se esquece que é a menininha do poeta.
Se eu lhe perguntar: Meu anjo, quer ir à Europa? ela diz: Quero se mamãe for!
Se eu lhe perguntar: Meu anjo, quer casar comigo? ela diz... – não, ela não
[acredita.
É doce! gosta muito de mim e sabe dizer sem lágrimas: Vou sentir tantas saudades
[quando você for...
É uma nossa senhorazinha, é uma cigana, é uma coisa
Que me faz chorar na rua, dançar no quarto, ter vontade de me matar e de ser
[presidente da república.
É boba, ela! tudo faz, tudo sabe, é linda, ó anjo de Domremy!
Deem-lhe uma espada, constrói um reino; deem-lhe uma agulha, faz um crochê
Deem-lhe um teclado, faz uma aurora, deem-lhe razão, faz uma briga...!
E do pobre ser que Deus lhe deu, eu, filho pródigo, poeta cheio de erros
Ela fez um eterno perdido...
(...)

MORAES, Vinicius de. *Poesia completa e prosa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998. p. 272-3.

Trabalhando o texto

1. Aponte no texto substantivos formados por derivação imprópria.

2. Aponte substantivos formados por derivação regressiva.

3. Aponte no texto substantivos compostos.

4. O poeta utiliza diminutivos para referir-se à namorada. Dê exemplos de substantivos no diminutivo sintético e analítico.

5. Analise o emprego do diminutivo no poema.

6. Predominam no texto substantivos abstratos ou concretos? Que efeito produz a utilização desse tipo de substantivo para descrever a amada?

Em DVD

Divulgação

***Sociedade dos poetas mortos*. Direção de Peter Weir. EUA: Disney Video, 1989. (129 min).**

Para muitos alunos, estudar literatura é uma atividade pouco interessante, enfadonha, que não proporciona prazer, mesmo quando o objeto de estudo seja um poema de Vinicius de Moraes. Pode ser que tenha faltado a esses estudantes um professor que os instigasse a olhar o mundo e a arte de maneira autônoma, e que não os pressionasse com autoritarismos castradores. E é esse professor que os alunos de uma tradicional escola americana conhecem em seu curso de língua e literatura. Depois do encontro, e superadas todas as desconfianças iniciais, eles aprenderão a conhecer toda a sensibilidade contida em cada poesia.

2

Rebento

Rebento, substantivo abstrato,
O ato, a criação, o seu momento,
Como uma estrela nova e seu barato
Que só Deus sabe lá, no firmamento.

Rebento, tudo que nasce é rebento,
Tudo que brota, que vinga, que medra,
Rebento raro como flor na pedra,
Rebento farto como trigo ao vento.

Outras vezes rebento simplesmente
No presente do indicativo,
Como a corrente de um cão furioso,
Como as mãos de um lavrador ativo.

Às vezes, mesmo perigosamente,
Como acidente em forno radioativo,
Às vezes, só porque fico nervoso,
Rebento,
Às vezes somente porque estou vivo.
Rebento, a reação imediata
A cada sensação de abatimento.
Rebento, o coração dizendo "bata",
A cada bofetão do sofrimento.
Rebento, esse trovão dentro da mata
E a imensidão do som desse momento.

Gilberto Gil. In. GÓES, Fred de (Org.). *Gilberto Gil*. São Paulo: Abril Educação, 1982. p. 65. (Literatura comentada).

Trabalhando o texto

1. Explique por que *rebento* é, na primeira estrofe do texto, um substantivo abstrato.
2. Na segunda estrofe do texto, *rebento* continua sendo um substantivo abstrato? Explique.
3. Qual o sentido de *rebento* nas três últimas vezes em que aparece no texto?
4. Com o que se relaciona o conteúdo do texto?
5. Há, na segunda estrofe, uma série de sinônimos. Aponte-os e procure indicar as sutis diferenças de significado que apresentam. Se necessário, consulte um dicionário apropriado.
6. Releia em voz alta os dois últimos versos da segunda estrofe. Há algo especial quanto à sonoridade desse trecho? Comente.
7. Boa parte da riqueza das imagens do texto provém das comparações. Faça um levantamento das várias comparações empregadas e comente a impressão causada por elas.
8. Você também rebenta às vezes? De que forma?

Questões de exames e concursos

1. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que a flexão dos compostos esteja de acordo com a norma culta.

a) Leões-de-chácara, prontos-socorros, quartas-feiras, guardas-noturnos.

b) Leões-de-chácaras, pronto-socorros, quartas-feira, guarda-noturnos.

c) Leões-de-chácara, pronto-socorros, quartas-feiras, guardas-noturno.

d) Leões-de-chácaras, prontos-socorros, quartas-feiras, guardas-noturnos.

e) Leões-de-chácara, pronto-socorros, quarta-feiras, guardas-noturno.

2. (Udesc) Analise as frases abaixo, observando a expressão grifada e o seu significado.

I – Ele vivia *à toa*. = sem fazer nada

II – Ele é um homem *à-toa*. = que vive sem trabalho

III – *Em princípio* suas ideias parecem boas. = no começo

IV – O meu *dia-a-dia* é movimentado. = substantivo comum

V – Meu amigo mora em uma *caixa-de-fósforos* = recipiente com palitos

Assinale a alternativa **correta**.

a) Somente a afirmativa III é verdadeira.

b) Somente as afirmativas I, III e IV são verdadeiras.

c) Somente as afirmativas II e IV são verdadeiras.

d) Somente as afirmativas III e V são verdadeiras.

e) Somente as afirmativas I e IV são verdadeiras.

3. (Badesc/Fepese) Considere as frases abaixo:

O cônjuge se aproximou.

O servente veio atender-nos.

O gerente chegou cedo.

Não está claro se é homem ou mulher:

a) no primeiro período

b) no segundo período

c) no terceiro período

d) no primeiro e no segundo períodos

4. (TJ-SP/Vunesp) Desejava o diploma, por isso lutou para obtê-lo. Substituindo-se as formas verbais de desejar, lutar e obter pelos respectivos substantivos a elas correspondentes, a frase correta é:

a) O desejo do diploma levou-o a lutar por sua obtenção.

b) O desejo do diploma levou-o à luta em obtê-lo.

c) O desejo do diploma levou-o à luta pela sua obtenção.

d) Desejoso do diploma foi à luta pela sua obtenção.

e) Desejoso do diploma foi lutar por obtê-lo.

5. (Câmara de Ouro Preto-MG/Fumarc) **Não** é exemplo de substantivo feminino:

a) cal

b) champanha

c) libido

d) omoplata

6. (Pref. de Ilha Comprida-SP/Moura Melo) Assinale a opção em que os plurais estejam corretos:

a) mangas-rosa, guarda-roupas, guardas-civis

b) pingue-pongues, bens-amados, cos-autores

c) cobras-cega, couve-flores, primeiro-ministros

d) peixes-espadas, guardas-noturnos, amor-perfeitos

7. (Pref. de Ilha Comprida-SP/Moura Melo) Indique a alternativa na qual o plural dos pares de palavras esteja correto:

a) escrivão/escrivões – adeus/adeus

b) mal/males – pagão/pagões

c) repórter/repórteres – cidadão/cidadões

d) cirurgião/cirurgiões – cônsul/cônsules

8. (Pref. de Ilha Comprida-SP/Moura Melo) Indique a alternativa em que todos os substantivos sejam primitivos:

a) caça – planalto – flor

b) água – sapato – ferro

c) pesca – pé – altivez

d) nadar – motorista – casebre

9. (Pref. de Ilha Comprida-SP/Moura Melo) Os substantivos **clero**, **ninhada** e **réstia** são, respectivamente, coletivos de:

a) sacerdotes, passarinhos, alhos/cebolas

b) bispos, passarinhos, papel

c) bispos, pintos, papel

d) sacerdotes, pintos, alhos/cebola

Texto para a questão 10:

Os leitores estarão lembrados do que o compadre dissera quando estava a fazer castelos no ar a respeito do afilhado, e pensando em dar-lhe o mesmo ofício que exercia, isto é, daquele arranjei-me, cuja explicação prometemos dar. Vamos agora cumprir a promessa. Se alguém perguntasse ao compadre por seus pais, por seus parentes, por seu nascimento, nada saberia responder, porque nada sabia a respeito. Tudo de que se recordava de sua história reduzia-se a bem pouco. Quando chegara à idade de dar acordo da vida achou-se em casa de um barbeiro que dele cuidava, porém que nunca lhe disse se era ou não seu pai ou seu parente, nem tampouco o motivo por que tratava da sua pessoa. Também nunca isso lhe dera cuidado, nem lhe veio a curiosidade de indagá-lo. Esse homem ensinara-lhe o ofício, e por inaudito milagre também a ler e a escrever. Enquanto foi aprendiz passou em casa do seu... mestre, em falta de outro nome, uma vida que por um lado se parecia com a do fâmulo*, por outro com a do filho, por outro com a do agregado, e que afinal não era senão vida de enjeitado, que o leitor sem dúvida já adivinhou que ele o era. A troco disso dava-lhe o mestre sustento e morada, e pagava-se do que por ele tinha já feito.

(*) **fâmulo:** empregado, criado

Manuel Antônio de Almeida, *Memórias de um sargento de milícias.*

10. (Fuvest-SP) No excerto, temos derivação imprópria ou conversão (emprego de uma palavra fora de sua classe normal) no seguinte trecho:

a) fazer castelos no ar

b) daquele arranjei-me

c) dar acordo da vida

d) nem tampouco o motivo

e) por inaudito milagre

11. (FSA-SP) Dentre as frases abaixo, escolha aquela em que há, de fato, flexão de grau para o substantivo.

a) O advogado deu-me seu cartão.

b) Deparei-me com um portão, imenso e suntuoso.

c) Moravam num casebre, à beira do rio.

d) A abelha, ao picar a vítima, perde seu ferrão.

e) A professora distribuiu as cartilhas a todos os alunos.

12. (PUC-SP) Indique a alternativa correta no que se refere ao plural dos substantivos compostos *casa-grande, flor-de-cuba, arco-íris* e *beija-flor.*

a) casa-grandes, flor-de-cubas, os arco-íris, beijas-flor

b) casas-grandes, flores-de-cuba, arcos-íris, beijas-flores

c) casas-grande, as flor-de-cubas, arcos-íris, os beija-flor

d) casas-grande, flores-de-cuba, arcos-íris, beijas-flores

e) casas-grandes, flores-de-cuba, os arco-íris, beija-flores

13. (Cefet-PR) Assinale a alternativa em que há gênero aparente na relação masculino/feminino dos pares.

a) boi – vaca

b) homem – mulher

c) cobra macho – cobra fêmea

d) o capital – a capital

e) o cônjuge (homem) – o cônjuge (mulher)

14. (Cefet-PR) Assinale a alternativa em que a palavra tem o gênero indicado incorretamente.

a) a tapa

b) a grama

c) o hélice

d) o crisma

e) o ágape

15. (Cefet-PR) Das opções a seguir, assinale a que apresenta um substantivo que só tem uma forma no plural.

a) guardião

b) espião

c) peão

d) vulcão

e) cirurgião

16. (Unimep-SP) O plural de *fogãozinho* e *cidadão* é:

a) fogãozinhos e cidadãos.

b) fogãosinhos e cidadãos.

c) fogõezinhos e cidadãos.

d) fogõezinhos e cidadões.

e) fogõesinhos e cidadões.

17. (UEL-PR) Viam-se (*) junto aos (*) do jardim.

a) papelsinhos, meios-fio

b) papeizinhos, meios-fios

c) papeisinhos, meio-fios

d) papelzinhos, meio-fios

e) papeizinhos, meio-fios

18. (PUC-SP) Assinale a alternativa incorreta.

a) *Borboleta* é substantivo epiceno.

b) *Rival* é comum de dois gêneros.

c) *Omoplata* é substantivo masculino.

d) *Vítima* é substantivo sobrecomum.

e) n.d.a.

19. (UniFMU-SP) Indique a alternativa em que só aparecem substantivos abstratos.

a) tempo, angústia, saudade, ausência, esperança, imagem

b) angústia, sorriso, luz, ausência, esperança, inimizade

c) inimigo, luto, luz, esperança, espaço, tempo

d) angústia, saudade, ausência, esperança, inimizade

e) espaço, olhos, luz, lábios, ausência, esperança, angústia

20. (UPM-SP) Numere a segunda coluna de acordo com o significado das expressões da primeira coluna e assinale a alternativa que contém os algarismos na sequência correta.

(1) o óleo santo	( ) a moral
(2) a relva	( ) a crisma
(3) um sacramento	( ) o moral
(4) a ética	( ) o crisma
(5) a unidade de massa	( ) a grama
(6) o ânimo	( ) o grama

a) 6,1, 4, 3, 5, 2

b) 6, 3, 4, 1, 2, 5

c) 4, 1, 6, 3, 5, 2

d) 4, 3, 6, 1, 2, 5

e) 6, 1, 4, 3, 2, 5

21. (UPM-SP) Indique o período que não contém um substantivo no grau diminutivo.

a) Todas as moléculas foram conservadas com as propriedades particulares, independentemente da atuação do cientista.

b) O ar senhoril daquele homúnculo transformou-o no centro de atenções na tumultuada assembleia.

c) Através da vitrina da loja, a pequena observava curiosamente os objetos decorados expostos à venda, por preço bem baratinho.

d) De momento a momento, surgiam curiosas sombras e vultos apressados na silenciosa viela.

e) Enquanto distraía as crianças, a professora tocava flautim, improvisando cantigas alegres e suaves.

22. (UPM-SP) Assinale a alternativa em que a flexão do substantivo composto está errada.

a) os pés-de-chumbo

b) os corre-corre

c) as públicas-formas

d) os cavalos-vapor

e) os vaivéns

23. (ITA-SP) Dadas as palavras:

1. esforços
2. portos
3. impostos

verificamos que o timbre da vogal tônica é aberto:

a) apenas na palavra 1.

b) apenas na palavra 2.

c) apenas na palavra 3.

d) apenas nas palavras 1 e 3.

e) em todas as palavras.

24. (UFJF-MG) Assinale a alternativa em que aparecem substantivos simples, respectivamente, concreto e abstrato.

a) água, vinho

b) Pedro, Jesus

c) Pilatos, verdade

d) Jesus, abaixo-assinado

e) Nova Iorque, Deus

25. (ITA-SP) Dadas as sentenças:

1. Ele não chegou a falar com a Presidenta.
2. Ele sofreu um entorse grave.
3. A tracoma é uma doença contagiosa.

deduzimos que:

a) apenas a sentença 1 está correta.

b) apenas a sentença 2 está correta.

c) apenas a sentença 3 está correta.

d) todas estão corretas.

e) n.d.a.

26. (UFF-RJ) Assinale a única frase em que há erro no que diz respeito ao gênero das palavras.

a) O gerente deverá depor como testemunha única do crime.

b) A personagem principal do conto é o Seu Rodrigues.

c) Ele foi apontado como a cabeça do motim.

d) O telefonema deixou a anfitriã perplexa.

e) A parte superior da traqueia é o laringe.

27. (UPM-SP) Assinale a alternativa em que há um substantivo cuja mudança de gênero não altera o significado.

a) cabeça, cisma, capital

b) águia, rádio, crisma

c) cura, grama, cisma

d) lama, coral, moral

e) agente, praça, lama

28. (UFF-RJ) Numa das frases seguintes, há uma flexão de plural totalmente errada. Assinale-a.

a) Os escrivães serão beneficiados por essa lei.

b) O número mais importante é o dos anõezinhos.

c) Faltam os hifens nesta relação de palavras.

d) Fulano e Beltrano são dois grandes caráteres.

e) Os reptis são animais ovíparos.

29. (UPM-SP) Relacione as duas colunas, de acordo com a classificação dos substantivos, e assinale a alternativa correta.

(1) padre	( ) próprio
(2) seminário	( ) coletivo
(3) Dias	( ) derivado
(4) ano	( ) comum

a) 3, 4, 2, 1

b) 1, 2, 4, 3

c) 1, 3, 4, 2

d) 3, 2, 1, 4

e) 2, 4, 3, 1

30. (UFU-MG) Dentre os plurais de nomes compostos aqui relacionados, há um que está errado. Qual?

a) escolas-modelo

b) quebra-nozes

c) chefes-de-sessões

d) guardas-noturnos

e) redatores-chefes

31. (UPM-SP) Numa das opções, uma das palavras apresenta erro de flexão. Indique-a.

a) mãos-de-obra, obras-primas

b) guardas-civis, afro-brasileiros

c) salvos-condutos, papéis-moeda

d) portas-bandeira, mapas-múndi

e) salários-família, vice-diretores

32. (Unimep-SP) Classificam-se como substantivos as palavras destacadas, exceto em:

a) "... o **idiota** com quem os moleques mexem...".

b) "... visava a me acostumar à morna **tirania**...".

c) "**Adeus**, volto para meus caminhos...".

d) "... conheço até alguns **automóveis**...".

e) "... todas essas **coisas** se apagarão em lembranças...".

33. (Acafe-SC) A alternativa em que o plural dos nomes compostos está empregado corretamente é:

a) pé-de-moleques, beija-flores, obras-primas, navios-escolas.

b) pés-de-moleques, beija-flores, obras-primas, navios-escolas.

c) pés-de-moleque, beija-flores, obras-primas, navios-escola.

d) pé-de-moleques, beija-flores, obras-primas, navios-escola.

e) pés-de-moleques, beija-flores, obras-prima, navios-escolas.

34. (UFV-MG) Assinale a alternativa em que há erro na flexão de número.

a) as águas-marinhas, as públicas-formas, os acórdãos

b) abajures, caracteres, os ônus

c) autosserviços, alto-falantes, lilases

d) capitães-mor, sabiás-pirangas, autos-de-fé

e) guardas-florestais, malmequeres, Ave-Marias

Capítulo 10

Estudo dos artigos

GONSALES, Fernando. Niquel Náusea. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 20 jan. 2003. p. E7.

A opção pelo artigo definido ou indefinido depende, em geral, do contexto maior em que se insere a frase. Daí o emprego do artigo indefinido ao apresentar-se o animal e do definido no segundo quadrinho (*o dono*), pois o leitor já sabe que se trata do dono do cachorro mencionado no primeiro quadrinho. Nos textos, muitas vezes, as informações novas, precedidas de artigos indefinidos, são posteriormente recuperadas e antecedidas por artigos definidos.

1. Conceito

Artigo é a palavra que acompanha o substantivo, servindo basicamente para generalizar ou particularizar o sentido desse substantivo. É o que se nota no contraste entre:

um cidadão/**o** cidadão — **um** portão/**o** portão

um animal/**o** animal — **uma** flor/**a** flor

Em muitos casos, o artigo é essencial na especificação do gênero e do número do substantivo:

O jornalista recusou o convite **do** representante **dos** artistas.

A jornalista recusou o convite **da** representante **das** artistas.

A empresa colocou em circulação **o** ônibus de três eixos.

A empresa colocou em circulação **os** ônibus de três eixos.

Quando antepostos a palavras de qualquer classe gramatical, os artigos as transformam em substantivos. Nesses casos, ocorre a chamada derivação imprópria, que já estudamos:

É **um falar** que não tem fim.

O assalariado vive **um sofrer** interminável.

O aqui e **o agora** nem sempre se conjugam favoravelmente.

2. Classificação

Em função de sua capacidade de generalizar ou particularizar o sentido do substantivo com que se relaciona, o artigo é classificado como definido e indefinido.

O **artigo indefinido** indica seres quaisquer dentro de uma mesma espécie; seu sentido é genérico. Assume as formas *um, uma; uns, umas*:

Gosto muito de animais: queria ter **um** cachorro, **uma** gata, **uns** tucanos e **umas** araras.

O **artigo definido** indica seres determinados dentro de uma espécie; seu sentido é particularizante. Assume as formas *o, a; os, as*:

Meu vizinho gosta muito de animais: você precisa ver **o** cachorro, **a** gata, **os** tucanos e **as** araras que ele tem em casa.

Não se pode esquecer que a palavra **artigo** é de origem latina e pertence à família de "articular, articulação". Depois dessa informação, não fica difícil entender por que o artigo tem esse nome.

3. Combinações dos artigos

É muito frequente a combinação dos artigos definidos e indefinidos com preposições. O quadro seguinte apresenta a forma assumida por essas combinações.

preposições	artigos			
	o, os	a, as	um, uns	uma, umas
a	ao, aos	à, às	–	–
de	do, dos	da, das	dum, duns	duma, dumas
em	no, nos	na, nas	num, nuns	numa, numas
por (per)	pelo, pelos	pela, pelas	–	–

CRASE

As formas *à* e *às* indicam a fusão da preposição *a* com os artigos definidos *a* e *as*. A fusão de vogais idênticas é conhecida por **crase**. O uso do acento grave, que indica a ocorrência da crase, será estudado na parte de nosso livro dedicada à sintaxe.

Comentário

- As formas *pelo(s)/pela(s)* resultam da combinação dos artigos definidos com a forma *per*, equivalente a *por*.

Atividades

1 Os artigos são responsáveis por diversos detalhes de significação nas diferentes situações comunicativas em que são empregados. Leia atentamente as frases seguintes e comente o valor dos artigos destacados.

a) Estou levando produtos **da** região.

b) O menino estava tão encabulado que não sabia o que fazer com **as** mãos. Em poucos instantes, pôs-se a chorar e a chamar pel**a** mãe.

c) A carne está custando três reais **o** quilo.

d) Aquele era **o** momento de minha vida.

e) Aquilo sim é que é **um** homem.

f) Deve ter passado **uma** meia hora desde que ele saiu.

g) Ela tem **um** talento!

2 Explique as diferenças de significado entre as frases de cada par.

a) Todo dia ele faz isso.
Todo o dia ele faz isso.

b) Pedro não veio.
O Pedro não veio.

c) Essa caneta é minha.
Essa caneta é a minha.

d) O dirigente sindical apresentou reivindicações dos trabalhadores na reunião.
O dirigente sindical apresentou as reivindicações dos trabalhadores na reunião.

e) Chico Buarque, grande compositor brasileiro, é também escritor.
Chico Buarque, o grande compositor brasileiro, é também escritor.

Em CD

Divulgação

Chico Buarque. *Perfil* (CD). Globo Universal/Som Livre, 2003.

Coletânea com algumas das mais famosas canções do cantor, compositor e também escritor Chico Buarque. Inclui "Roda viva", "Mulheres de Atenas" e "Cálice", esta última composta por Chico e Gilberto Gil durante o período de terror instalado pela ditadura militar no Brasil.

Textos para análise

1

Joaquín Salvador Lavado/Quino/Mafalda

QUINO. *Toda Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p. 67.

Trabalhando o texto

1. No terceiro quadrinho, a que classe pertencem as palavras em destaque? Qual a intenção do autor ao destacá-las?

2. Re-escreva o pensamento de Miguelito que está no balão do terceiro quadrinho, explicitando a decepção dele.

Em *site*

<www.quino.com.ar>. Acesso em: 6 abr. 2008.

O argentino Joaquín Salvador Lavado, mais conhecido como Quino, é um dos cartunistas mais famosos de todo o mundo. Sua criação mais conhecida é a perspicaz garotinha Mafalda que, segundo Umberto Eco, escritor e crítico literário, é uma "heroína iracunda que rejeita o mundo assim como ele é [...] reivindicando o seu direito de continuar sendo uma menina que não quer se responsabilizar por um universo adulterado pelos pais". Conheça um pouco mais os trabalhos de Quino visitando seu *site* oficial. Versão em português.

2

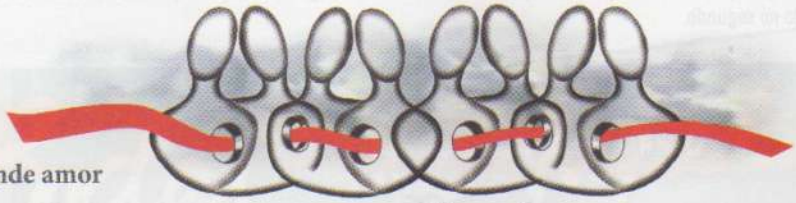

O grande amor

Haja o que houver
Há sempre um homem para uma mulher
E há de sempre haver
Para esquecer um falso amor
E uma vontade de morrer

Seja como for
Há de vencer o grande amor
Que há de ser no coração
Como um perdão para quem chorou.

(Antônio Carlos Jobim & Vinicius de Moraes. In: MORAES, Vinicius de. *Poesia completa e prosa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998. p. 764.)

Trabalhando o texto

1. No segundo verso da canção, os substantivos *homem* e *mulher* são usados em sentido genérico ou específico? Comente.

2. *Coração*, no penúltimo verso, é usado em sentido genérico ou específico? Comente.

3. Comente o efeito produzido pelo contraste entre os artigos em "um falso amor" e "o grande amor".

4. Há, na sua opinião, "o grande amor" de que fala a canção?

Em livro

MAMMI, Lorenzo; NESTROVSKI, Arthur Rosenblat; TATIT, Luiz. *Três canções de Tom Jobim*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

Em 2004, o Brasil relembrou com saudade o décimo aniversário de morte do cantor e compositor Tom Jobim. Em virtude da data, três renomados críticos literários lançaram uma obra em que analisam toda a poesia e a tradição erudita que marcaram a obra de Tom. Três canções serviram de objeto de estudo: "Sabiá", "Gabriela" e a imortal "Águas de março".

3

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, v. 4, 2007. p. 85.

Trabalhando o texto

- Explique por que o substantivo *bebê* aparece antecedido de artigo indefinido no primeiro quadrinho e de artigo definido no segundo.

Questões de exames e concursos

1. (Fuvest-SP)

"Ele é o homem,
eu sou apenas uma mulher."

Nesses versos, reforça-se a oposição entre os termos *homem* e *mulher*.

a) Identifique os recursos linguísticos utilizados para provocar esse reforço.
b) Explique por que esses recursos causam tal efeito.

2. (EEM-SP) A palavra *homem* aparece duas vezes na frase que segue, com significados diferentes. Explique essa diferença.

"Suponho que nunca teria visto um homem e não sabia, portanto, o que era o homem."

(Machado de Assis)

3. (Fatec-SP) Indique o erro quanto ao emprego do artigo.

a) Em certos momentos, as pessoas as mais corajosas se acovardam.
b) Em certos momentos, as pessoas mais corajosas se acovardam.
c) Em certos momentos, pessoas as mais corajosas se acovardam.
d) Em certos momentos, as mais corajosas pessoas se acovardam.

4. (UPM-SP) Assinale a alternativa em que há erro.

a) Li a notícia no *Estado de S. Paulo*.
b) Li a notícia em *O Estado de S. Paulo*.
c) Essa notícia, eu a vi em *A Gazeta*.
d) Vi essa notícia em *A Gazeta*.
e) Foi em *O Estado de S. Paulo* que li a notícia.

5. (UPM-SP) Em qual das alternativas o artigo definido feminino corresponderia a todos os substantivos?

a) sósia, doente, lança-perfume
b) dó, telefonema, diabete
c) clã, eclipse, pijama
d) cal, elipse, dinamite
e) champanha, criança, estudante

6. (UFU-MG) Em uma das frases, o artigo definido está empregado erradamente. Em qual?

a) A velha Roma está sendo modernizada.
b) A "Paraíba" é uma bela fragata.
c) Não reconheço agora a Lisboa do meu tempo.
d) O gato escaldado tem medo de água fria.
e) O Havre é um porto de muito movimento.

7. (ITA-SP) Determine o caso em que o artigo tem valor de qualificativo.

a) Estes são os candidatos de que lhe falei.
b) Procure-o, ele é o médico! Ninguém o supera.
c) Certeza e exatidão, estas qualidades não as tenho.
d) Os problemas que o afligem não me deixam descuidado.
e) Muita é a procura; pouca, a oferta.

Capítulo 11

Estudo dos adjetivos

Reprodução/Editora Abril

Veja. São Paulo: Abril, ano 41, ed. 2061, n. 20, 21 maio 2008. p. 119.

Para conceituar adjetivo, é necessário observar a estreita relação que se estabelece entre adjetivo e substantivo. No anúncio que você vê nesta página, os substantivos *bodas*, *amor* e *cidade* aparecem adjetivados, respectivamente, por uma locução (*de papel*), uma palavra (*inesperado*) e uma oração (*que não deveria existir*). Nos três casos, a caracterização é imprescindível para a construção do sentido do texto.

1. Conceito

Adjetivo é a palavra que caracteriza o substantivo, atribuindo-lhe qualidades (ou defeitos) e modos de ser, ou indicando-lhe o aspecto ou o estado:

sindicato **fictício**, **eficiente**, **deficitário**, **representativo**

SUBSTANTIVO × ADJETIVO

Observe que é necessário apresentar a relação que se estabelece entre o substantivo e o adjetivo para poder conceituar este último. Na realidade, substantivos e adjetivos podem apresentar características semelhantes e, em muitas situações, a distinção entre ambos só é possível a partir de elementos fornecidos pelo contexto:

O jovem brasileiro tornou-se participativo.
O brasileiro jovem enfrenta dificuldades para ingressar no mercado de trabalho.

Na primeira frase, *jovem* é substantivo, e *brasileiro* é adjetivo. Na segunda, invertem-se esses papéis: *brasileiro* é substantivo, e *jovem* passa a ser adjetivo. Ser adjetivo ou ser substantivo não decorre, portanto, de características morfológicas da palavra, mas de sua atuação efetiva numa frase da língua.

Há conjuntos de palavras que têm o valor de um adjetivo: são as **locuções adjetivas**. Essas locuções são geralmente formadas por uma preposição e um substantivo ou por uma preposição e um advérbio; para muitas delas, existem adjetivos equivalentes:

conselho **de pai** (= paterno)	inflamação **da boca** (= bucal)
atitude **sem qualquer cabimento**	alma **em frangalhos**
jornal **de ontem**	gente **de longe**

Por fim, não se pode esquecer que o prefixo existente na palavra **adjetivo** é o mesmo de "advogado, adjacente, adjunto" etc. e que a raiz (latina) de **adjetivo** é a mesma de **jazer**. Em suma, o adjetivo tem esse nome porque "jaz (fica, está) ao lado". De quem? De um substantivo, é claro.

2. Classificação

Quanto a sua estrutura e formação, os adjetivos têm classificação idêntica à dos substantivos: são primitivos ou derivados, simples ou compostos.

Os **adjetivos primitivos** não são formados por derivação de nenhuma outra palavra: deles é que se formam outras palavras. São exemplos:

azul	branco	brando	claro	curto
grande	livre	triste	verde	

Os **adjetivos derivados** são aqueles formados por derivação de outras palavras:

cheiroso	invisível	infeliz	esverdeado
desconfortável	azulado	entristecido	

Os **adjetivos simples** apresentam um único radical em sua estrutura. É o caso de todos os exemplos apontados no item anterior. Os **compostos** apresentam pelo menos dois radicais em sua estrutura:

ítalo-brasileiro	luso-africano	socioeconômico
político-institucional	sul-rio-grandense	

3. Adjetivos pátrios

Os adjetivos referentes a países, estados, regiões, cidades ou localidades são conhecidos como adjetivos pátrios. Conhecê-los é importante para evitar erros e construir frases mais concisas. Por isso, leia com atenção as relações de adjetivos pátrios colocadas a seguir. Para facilitar seu estudo, dividimos esses adjetivos em quatro blocos; os que se referem ao Brasil, os que se referem a Portugal e outros países de língua portuguesa, os que se referem à América e os que se referem aos demais países e continentes. Nos dois primeiros blocos, procuramos fornecer os adjetivos pátrios referentes aos estados, às principais regiões, às capitais de estado e principais cidades, além das formas que costumam provocar dúvidas. Nos dois últimos blocos, fornecemos apenas as formas que costumam provocar dúvidas.

ADJETIVOS PÁTRIOS REFERENTES AO BRASIL

estado ou cidade	adjetivo pátrio
Acre	acreano, acriano
Alagoas	alagoano
Amapá	amapaense
Amazonas	amazonense
Anápolis (GO)	anapolino
Angra dos Reis (RJ)	angrense
Aracaju	aracajuano ou aracajuense
Bahia	baiano
Belém (PA)	belenense
Belo Horizonte	belo-horizontino
Boa Vista	boa-vistense
Brasil	brasileiro
Brasília	brasiliense
Cabo Frio (RJ)	cabo-friense
Campo Grande	campo-grandense
Ceará	cearense
Cuiabá	cuiabano
Curitiba	curitibano
Duas Barras (RJ)	bibarrense
Espírito Santo	espírito-santense ou capixaba
Florianópolis	florianopolitano
Fortaleza	fortalezense
Goiânia	goianiense
Goiás	goiano
João Pessoa	pessoense
Juiz de Fora (MG)	juiz-forano, juiz-de-forano ou juiz-forense
Macapá	macapaense
Maceió	maceioense
Manaus	manauense ou manauara
Marajó (ilha)	marajoara
Maranhão	maranhense
Mato Grosso	mato-grossense
Mato Grosso do Sul	mato-grossense-do-sul
Minas Gerais	mineiro
Natal	natalense ou papa-jerimum
Niterói	niteroiense
Novo Hamburgo (RS)	hamburguense
Palmas (TO)	palmense
Pará	paraense ou paroara
Paraíba	paraibano
Paraná	paranaense
Pernambuco	pernambucano
Petrópolis (RJ)	petropolitano
Piauí	piauiense
Poços de Caldas (MG)	caldense
Porto Alegre	porto-alegrense
Porto Velho	porto-velhense
Recife	recifense
Rio de Janeiro (estado)	fluminense
Rio de Janeiro (cidade)	carioca
Rio Branco	rio-branquense
Rio Grande do Norte	rio-grandense-do-norte, norte-rio-grandense ou potiguar

estado ou cidade	adjetivo pátrio
Rio Grande do Sul	rio-grandense-do-sul, sul-rio-grandense ou gaúcho
Rondônia	rondoniense ou rondoniano
Roraima	roraimense
Salvador (BA)	salvadorense ou soteropolitano
Santa Catarina	catarinense, catarineta ou barriga-verde
Santarém (PA)	santareno

estado ou cidade	adjetivo pátrio
São Luís	são-luisense ou ludovicense
São Paulo (estado)	paulista
São Paulo (cidade)	paulistano
Sergipe	sergipano
Teresina	teresinense
Tocantins	tocantinense
Três Corações (MG)	tricordiano
Três Rios (RJ)	trirriense
Vitória (ES)	vitoriense

Em livro

CASCUDO, Luís da Câmara. *Contos tradicionais do Brasil.* 12. ed. São Paulo: Global, 2004.

A grandeza do Brasil é diretamente proporcional à riqueza cultural e folclórica que seu povo apresenta. O livro do folclorista Câmara Cascudo é uma amostra dessa riqueza que marca nossa nação. Estão registradas nesse livro cem histórias populares, colhidas diretamente da boca do povo. São contos de pobretões que conquistam princesas, de criminosos denunciados por cantos de pássaros... O que não falta é a conhecida malícia e a fértil imaginação de cada brasileiro.

ADJETIVOS PÁTRIOS REFERENTES A PORTUGAL, PAÍSES E TERRITÓRIOS DE LÍNGUA PORTUGUESA

país ou território	adjetivo pátrio
Açores	açoriano
Alentejo	alentejano
Algarve	algarvio ou algarviense
Angola	angolano ou angolense
Aveiro	aveirense
Beira	beirão ou beirense
Beja	bejense
Braga	bracarense, brácaro ou braguês
Bragança	bragantino, bragançano, braganção, brigantino ou bragancês
Cabo Verde	cabo-verdiano ou cabo-verdense
Castelo Branco	albicastrense
Coimbra	coimbrão, conimbricense, conimbrigense ou colimbriense

país ou território	adjetivo pátrio
Diu	diuense, diense e dioense
Douro	duriense
Entre Douro e Minho	interamnense
Estremadura	estremenho
Évora	eborense
Faro	farense
Funchal	funchalense
Goa	goano, goês, goense
Guimarães	vimaranense
Guiné-Bissau	guineense
Leiria	leiriense
Lisboa	lisboeta, lisbonense, olisiponense ou ulissiponense
Luanda	luandense
Macau	macaense ou macaísta
Madeira	madeirense

país ou território	adjetivo pátrio
Minho	minhoto
Moçambique	moçambicano
Portalegre	portalegrense
Porto	portuense
Ribatejo	ribatejano
Santarém	santareno, escalabitano
São Tomé e Príncipe	são-tomense ou são-tomsense

país ou território	adjetivo pátrio
Setúbal	setubalense
Timor	timorense
Trás-os-Montes	trasmontanos ou transmontanos
Viana do Castelo	vianense ou vianês
Vila Real	vila-realense
Viseu	visiense

ADJETIVOS PÁTRIOS REFERENTES ÀS AMÉRICAS

país ou cidade	adjetivo pátrio
Alasca	alasquense ou alasquiano
Assunção	assuncionenho
Bogotá	bogotano
Boston	bostoniano
Buenos Aires	buenairense, bonaerense ou portenho
Caracas	caraquenho
Caribe	caribenho
Chicago	chicaguense
Costa Rica	costa-riquenho ou costa-riquense
El Salvador	salvadorenho
Equador	equatoriano
Estados Unidos	estadunidense, norte-americano ou ianque
Guatemala	guatemalteco
Guiana	guianense

país ou território	adjetivo pátrio
Havana	havanês
Honduras	hondurenho
La Paz	pacenho
Lima	limenho
Manágua	managuenho ou managuense
Montevidéu	montevideano
Nicarágua	nicaraguense ou nicaraguano
Nova Iorque	nova-iorquino
Panamá	panamenho
Patagônia	patagão
Porto Rico	porto-riquenho
Quito	quitenho
Suriname	surinamês
Tegucigalpa	tegucigalpenho
Terra do Fogo	fueguino
Trinidad e Tobago	trinitário

OUTROS ADJETIVOS PÁTRIOS

país, cidade ou região	adjetivo pátrio
Afeganistão	afegão ou afegane
Andaluzia	andaluz
Argélia	argelino ou argeliano
Armênia	armênio
Azerbaijão	azerbaijano
Bagdá	bagdali

país, cidade ou região	adjetivo pátrio
Bangladesh	bengali
Barcelona	barcelonês ou barcelonense
Baviera	bávaro
Belém (Jordânia)	belemita
Bélgica	belga

país, cidade ou região	adjetivo pátrio
Bielorrússia	bielorrusso
Bilbau	bilbaíno
Bizâncio	bizantino
Bulgária	búlgaro
Cairo	cairota
Camarões	camaronês
Canárias	canarino
Cartago	cartaginês ou púnico
Catalunha	catalão
Ceilão	cingalês
Chipre	cipriota
Congo	congolês
Córsega	corso
Costa do Marfim	marfinense
Croácia	croata
Curdistão	curdo
Damasco	damasceno
Egito	egípcio
Estônia	estoniano
Etiópia	etíope
Florença	florentino
Galiza	galego
Geórgia	georgiano
Hungria	húngaro ou magiar
Índia	indiano ou hindu
Israel	israelense ou israelita
Japão	japonês ou nipônico
Java	javanês ou jau
Jerusalém	hierosolimita ou hierosolimitano

país, cidade ou região	adjetivo pátrio
Letônia	leto ou letão
Lituânia	lituano
Madagáscar	malgaxe
Madri	madrilenho ou madrilense
Málaga	malaguenho
Malásia	malaio
Malta	maltês
Manchúria	manchu
Mântua	mantuano
Meca	mecano
Moldávia	moldávio
Mônaco	monegasco
Mongólia	mongol ou mongólico
Nápoles	napolitano ou partenopeu
Nazaré	nazareno
Nova Zelândia	neozelandês
País de Gales	galês
Parma	parmesão ou parmense
Pequim	pequinês
San Marino	samarinês
Sardenha	sardo
Somália	somali
Tadjiquistão	tadjique
Tirol	tirolês
Trento	tridentino
Túnis	tunisino
Ucrânia	ucraniano
Varsóvia	varsoviano
Zâmbia	zâmbio

Nas tabelas deste capítulo, você encontrará o adjetivo pátrio referente a *Nova Zelândia*.

LAERTE. Piratas do Tietê. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 27 mar. 2002. p. E5.

Adjetivos pátrios compostos

Em muitas situações, é necessário utilizar adjetivos pátrios compostos, como *euro-asiático*, *anglo-americano*, *ítalo-francês*. Nesses casos, o primeiro dos elementos do composto assume uma forma reduzida, de origem geralmente erudita. Note que nem todos os adjetivos pátrios possuem formas reduzidas: as principais se encontram no quadro a seguir.

FORMAS REDUZIDAS DE ADJETIVOS PÁTRIOS

país, região ou continente	adjetivo pátrio	país, região ou continente	adjetivo pátrio
África	afro-	Europa	euro-
Alemanha	germano- ou teuto-	Finlândia	fino-
América	américo-	França	franco-
Ásia	ásio-	Galiza	galaico- ou galego-
Austrália	australo-	Grécia	greco-
Áustria	austro-	Índia	indo-
Bélgica	belgo-	Inglaterra	anglo-
Brasil	brasilo-	Itália	ítalo-
China	sino-	Japão	nipo-
Dinamarca	dano-	Portugal	luso-
Espanha	hispano-		

Atividades

1. Explique a diferença entre os adjetivos pátrios destacados.

a) Ele é **fluminense**, mas não é **carioca**.

b) Nem todo **paulista** é **paulistano**.

c) Eu pensava que ele fosse **belenense**. Na verdade, ele é **belemita**.

d) Não confunda as coisas: ela é **portuense** e não **portenha**.

e) Todo **brasileiro** é **brasiliense**?

2. Substitua os adjetivos pátrios destacados por formas equivalentes.

a) Ela é **norte-rio-grandense**; o marido, **sul-rio-grandense**.

b) Meu filho é **catarinense**; minha filha, **espírito-santense**.

c) Há anos não vejo meu amigo **salvadorense**.

d) A seleção **húngara** encantou o mundo na Copa de 1954.

e) Elogia-se muito a vida noturna **buenairense**.

f) Procura-se imitar o estilo de vida **estadunidense**.

g) A tecnologia **japonesa** invadiu o mundo.

3. Complete as frases a seguir com os adjetivos pátrios correspondentes às expressões entre parênteses.

a) As praias (*) são inesquecíveis. (de *Florianópolis*)

b) O entardecer (*) muitas vezes realça a solidão do poder. (de *Brasília*)

c) O carnaval (*) atrai muitos turistas. (*de Salvador*)

d) O clima (*) é muito apreciado. (*de Petrópolis*)

e) No ano passado, conheci a capital (*); este ano, vou conhecer a capital (*). (*do Piauí/do Maranhão*)

f) Um velho amigo (*) mostrou-me a beleza arquitetônica da cidade. (*de São Luís*)

g) Trouxe algumas peças de cerâmica (*) como lembrança de minhas aventuras (*). (*de Marajó/do Pará*)

h) Para ele, não basta dizer que é (*): é necessário acrescentar que é (*). (*de Goiás/de Goiânia*)

i) Como andam as economias (*) e (*)? (*de Tocantins/de Rondônia*)

j) Qual a população (*)? E a (*)? (*do Acre/de Rio Branco*)

4. Substitua os asteriscos pelos adjetivos pátrios referentes aos locais lusófonos indicados.

a) Tenho um amigo (*) e outro (*). Preciso fazer amigos (*) e (*). (*de Angola/de Moçambique/da Guiné-Bissau/de Cabo Verde*)

b) Em sua viagem a Portugal, você conheceu o litoral (*)? E as praias (*)? (*da Estremadura/do Algarve*)

c) Fui conhecer as belezas (*) e as maravilhas (*). (*de Braga/do Entre Douro e Minho*)

d) Já provaste o azeite (*)? (*da Beira*)

e) As tradições (*) são comparáveis às (*) e às (*). (*do Porto/de Coimbra/de Lisboa*)

f) Seu amigo português é (*)? Eu o supunha (*). (*de Castelo Branco/de Viseu*)

5. Para completar as frases a seguir, empregue os adjetivos pátrios relativos à Américas.

a) Seu sonho (*) converteu-se num pesadelo (*). Ele embarcou no avião errado! (*de Nova Iorque/de Assunção*)

b) A população (*) é pequena. (*da Terra do Fogo*)

c) Parece ter chegado ao fim a guerra civil (*). (*de El Salvador*)

d) O time (*) surpreendeu os times (*) e (*) na Copa de 1990. (*da Costa Rica/da Escócia/da Suécia*)

e) Nosso basquete derrotou novamente o time (*), mas perdeu do time (*). (*de Porto Rico/dos Estados Unidos*)

f) Vou dar um passeio pela América Central: quero conhecer as realidades (*), (*) e (*). (*da Nicarágua/da Guatemala/do Panamá*)

g) A infraestrutura urbana (*) é tão precária quanto a (*). Aliás, o mesmo se pode dizer da (*) e da de muitas capitais de estado (*). (*de La Paz/de Lima/de Quito/do Brasil*)

6. Substitua o adjetivo pátrio pelo nome dos locais a que eles se referem, fazendo as adaptações necessárias.

a) Napoleão era corso.

b) Foi à Itália estudar dialetos sardos; acabou especializando-se em arte florentina.

c) As guerras púnicas ocupam boa parte dos livros de história antiga.

d) Eu sabia que ele era espanhol. Desconhecia se era galego ou andaluz.

e) Ele é israelense? É hierosolimita(no)?

f) Ela é síria? É damascena?

g) As decisões do Conselho tridentino espalharam terror pela Europa.

h) Uma das princesas monegascas costuma envolver-se em escândalos.

i) Ele é letão, lituano ou estoniano?

7. Que adjetivos pátrios compostos você empregaria para designar:

a) um acordo entre Alemanha e Itália?

b) um tratado entre China e Vietnã?

c) uma iniciativa conjunta entre a Finlândia e a Lituânia?

d) uma literatura comum à Galiza e Portugal?

e) uma exposição reunindo artistas da África e da América?

f) um império que abrangesse Áustria e Hungria?

g) uma cultura comum a gregos e romanos?

h) uma empresa formada por investidores da Bélgica e do Brasil?

i) um instituto de pesquisa financiado pelos governos da Inglaterra e da França?

8. Depois de conhecer melhor os adjetivos pátrios, você pode tentar explicar alguns nomes frequentes em nosso dia-a-dia. Por que será, por exemplo, que:

a) um certo tipo de queijo se chama parmesão?

b) um time de futebol se chama Fluminense?

c) um certo tipo de cão se chama pequinês?

d) certo tipo de canção se chama malaguenha?

e) certo tipo de linguiça se chama calabresa?

Em DVD

Divulgação

***Napoleão*. Direção de Abel Gance. França: Silver Screen, 2008. (235 min).**

O principal personagem da História da França tem sua vida narrada desde a infância neste DVD do aclamado diretor Abel Gance, originalmente lançado em 1927. Odiado e admirado por seus inimigos, idolatrado por seus seguidores, Napoleão começa sua carreira militar ao fazer parte da Revolução Francesa. A partir daí, o jovem Bonaparte torna-se um estrategista ímpar, colecionando vitórias por onde passava.

4. Correspondência entre adjetivos e locuções adjetivas

Há muitos adjetivos que mantêm certa correspondência de significado com locuções adjetivas, e vice-versa. É o caso dos exemplos já citados *paterno/de pai* e *bucal/da boca*. A correspondência de significado nesses casos não significa que a substituição da locução pelo adjetivo correspondente seja sempre possível. Tampouco a substituição contrária é sempre admissível. *Colar de marfim*, por exemplo, é uma expressão cotidiana: seria pouco recomendável passar a dizer *colar ebúrneo* ou *ebóreo*, pois esses adjetivos têm uso restrito à linguagem literária. *Contrato leonino* é uma expressão usada na linguagem jurídica: é muito pouco provável que os advogados passem a dizer *contrato de leão*. Em outros casos, a substituição é perfeitamente possível, transformando a equivalência entre adjetivos e locuções adjetivas em mais uma ferramenta para o aprimoramento dos textos, pois oferece possibilidades de variação vocabular. É o que ocorre na sequência de frases a seguir:

A população **das cidades** tem aumentado demasiadamente no Brasil. Isso tem conduzido ao caos **urbano**.

Fornecemos a seguir uma relação de locuções adjetivas e adjetivos correspondentes. Muitos desses adjetivos são de origem erudita, tendo uso restrito à linguagem técnica ou literária. Baseando-se em sua experiência linguística, procure detectar os casos em que o adjetivo e a locução podem ser substituídos um pelo outro sem grandes alterações de sentido.

O Pasquim 21, 1.º abr. 2003. p. 2.

A locução adjetiva *de ponta* (usada na expressão *tecnologia de ponta, que significa "tecnologia avançada"*) não tem nenhum adjetivo equivalente. (O personagem caricaturado é George W. Bush, presidente dos Estados Unidos na época do ataque da coalizão anglo-americana ao Iraque, ocorrido no início de 2003.)

LOCUÇÕES ADJETIVAS E ADJETIVOS CORRESPONDENTES

locução	adjetivo
de abdômen	abdominal
de abelha	apícola
de águia	aquilino
de aluno	discente
de ano	anual
de asno	asinino
da audição	ótico ou auditivo
de bispo	episcopal
de boca	bucal ou oral
de boi	bovino
de cabelo	capilar
de cabra	caprino
do campo	rural, campesino, bucólico
de cão	canino
de cavalo	equino ou equídeo
de chumbo	plúmbeo
de chuva	pluvial
de cidade	citadino ou urbano
de cinza	cinéreo
de coração	cardíaco ou cordial
de crânio	craniano
de criança	pueril ou infantil
de diamante	diamantino ou adamantino
de estômago	estomacal ou gástrico
de estrela	estelar
de face	facial
de fera	ferino
de fígado	figadal ou hepático
de filho	filial
de fogo	ígneo
de frente	frontal
de garganta	gutural
de gato	felino
de gesso	gípseo
de guerra	bélico
de homem	viril ou humano
de idade	etário
de ilha	insular

locução	adjetivo
de intestino	celíaco ou entérico
de inverno	hibernal
de irmão	fraternal ou fraterno
de lado	lateral
de lago	lacustre
de leão	leonino
de lebre	leporino
de leite	lácteo ou láctico
de lobo	lupino
de lua	lunar ou selênico
de macaco	simiesco
de mãe	maternal ou materno
de manhã	matinal
de marfim	ebúrneo ou ebóreo
de mármore	marmóreo
de mestre	magistral
de monge	monacal
de morte	mortal ou letal
de nádegas	glúteo
de nariz	nasal
de neve	níveo ou nival
de noite	noturno
de nuca	occipital
de olho	ocular
de orelha	auricular
de osso	ósseo
de ouro	áureo
de ovelha	ovino
de pai	paternal ou paterno
de paixão	passional
de pedra	pétreo
de pele	epidérmico ou cutâneo
de pescoço	cervical
de porco	suíno ou porcino
de prata	argênteo
de professor	docente
de proteína	proteico
de pulmão	pulmonar
dos quadris	ciático
de rim	renal

locução	adjetivo
de rio	fluvial
de rocha	rupestre
de selva	silvestre
de serpente	ofídico
de sintaxe	sintático
de sonho	onírico
de tarde	vesperal ou vespertino
da terra	terreno, terrestre, telúrico
de tórax	torácico
de touro	taurino

locução	adjetivo
de umbigo	umbilical
de veias	venoso
de velho	senil
de vento	eólio
de verão	estival
de víbora	viperino
de vidro	vítreo
de virgem	virginal
de visão	óptico ou ótico
da voz	vocal

Atividades

1. Explique o sentido dos adjetivos destacados.

a) São rios de regime **nival** e **pluvial**.

b) Há quem acredite que ter um comportamento **viril** equivale a deixar de agir como ser **humano**.

c) Nosso vizinho tem um grave problema **cardíaco**. É uma pena, pois ele é uma pessoa muito **cordial**.

d) O corpo **discente** da escola resolveu apoiar as reivindicações do corpo **docente**.

e) Trouxeram-nos um quilo de mel **silvestre**.

f) Estão querendo dinamitar a gruta em que há inscrições **rupestres**!

g) Seu inimigo **figadal** vive sofrendo de males **hepáticos**.

h) Infelizmente, a criança nasceu com lábios **leporinos**.

i) Percebeu que estava tornando-se **senil** quando as dores **renais**, **cervicais** e **ciáticas** não o abandonaram mais.

j) Não toque nisso! É um veneno **letal**!

k) Foi condenado pelo crime **passional** que cometeu há dois anos.

l) Fale alto: ele tem um sério problema **ótico**.

m) Não adianta gesticular diante dele: ele tem um sério problema **ótico**.

2. Releia as frases *l* e *m* no exercício anterior e proponha formas de substituir os termos destacados por outros que evitem ambiguidades.

3. Complete as frases seguintes com os adjetivos correspondentes às locuções entre parênteses.

a) Todos admiram seu andar (*). Eu tenho medo de sua língua (*). (*de gata/de víbora*)

b) Saiu para sua caminhada (*) e acabou voltando somente na hora da refeição (*). (*da manhã/da tarde*)

c) Houve um significativo crescimento nos rebanhos (*), (*), (*) e (*). (*de bois/de ovelhas/de cabras/de porcos*)

d) Seus problemas (*) e (*) requerem os cuidados de um especialista. (*de estômago/de intestino*)

e) Passou por uma cirurgia (*). (*da boca*)

f) A população (*) apresenta distribuição (*) equilibrada. (*das ilhas/de idade*)

g) Após o acidente, foi levado ao hospital com fortes dores (*) e suspeita de traumatismo (*). (*do tórax/do crânio*)

h) A navegação (*) é muito praticada no Norte do país. (*dos rios*)

i) É um alimento de elevado teor (*). Pena que seja inacessível à população mais pobre! (*de proteínas*)

j) Cobravam de mim um comportamento (*), como se me houvessem tratado com atenções (*) ou (*). (*de filho/de mãe/de pai*)

5. Flexões

Os adjetivos se flexionam em gênero e número e apresentam variações de grau bem mais complexas que as dos substantivos.

Flexão de gênero

O adjetivo concorda em gênero com o substantivo a que se refere:

um comportamento estranho — uma atitude estranha

um jornalista ativo — uma jornalista ativa

Os adjetivos também são classificados em biformes e uniformes.

Adjetivos biformes

Possuem uma forma para o gênero masculino e outra para o gênero feminino. A formação do feminino desses adjetivos costuma variar de acordo com a terminação da forma masculina, de modo semelhante ao que acontece com os substantivos.

a. Os adjetivos terminados em *-o* trocam essa terminação por *-a*:

ativo/ativa — branco/branca — honesto/honesta

Em alguns casos, além da mudança na terminação, há alteração no timbre da vogal tônica, que de fechado passa a aberto:

brioso/briosa — formoso/formosa — grosso/grossa

b. Os adjetivos terminados em *-ês*, *-or* e *-u* geralmente recebem a terminação *-a*:

português/portuguesa — sedutor/sedutora — cru/crua

Atente para as seguintes palavras, que são invariáveis:

hindu — cortês — pedrês — incolor

multicor — bicolor — tricolor

O mesmo ocorre com estas formas comparativas:

maior — melhor — menor — pior

superior — inferior — anterior — posterior

Destaque-se também o par *mau/má*.

c. Os adjetivos terminados em *-ão* trocam essa terminação por *-ã*, *-ona* e, mais raramente, por *-oa*:

são/sã — chorão/chorona — beirão/beiroa

catalão/catalã — comilão/comilona

d. Os adjetivos terminados em *-eu* trocam essa terminação por *-eia*; os terminados em *-éu*, por *-oa*:

plebeu/plebeia — ilhéu/ilhoa

ateu/ateia — tabaréu/tabaroa

Destaquem-se *judeu/judia* e *sandeu/sandia*.

e. Nos adjetivos compostos formados por dois adjetivos, apenas o último elemento sofre flexão; aqueles em que o segundo elemento é um substantivo são invariáveis:

cidadão luso-brasileiro	clínica médico-dentária
cidadã luso-brasileira	tecido amarelo-ouro
casaco verde-escuro	roupa amarelo-ouro
saia verde-escura	papel verde-mar
consultório médico-dentário	tinta verde-mar

Destaquem-se *surdo-mudo*, em que variam os dois elementos, e *azul-marinho*, em que não há variação:

rapaz surdo-mudo	moça surda-muda
termo azul-marinho	calça azul-marinho

Adjetivos uniformes

Editora Abril

Animal, no título deste período, atua como adjetivo modificador de *universo* e é uniforme.

Universo animal. São Paulo: Abril, set. 2004, p. 73.

São os adjetivos que possuem uma única forma para o masculino e o feminino:

pássaro frágil	empresa agrícola
ave frágil	planejamento agrícola
ator ruim	vida exemplar
atriz ruim	comportamento exemplar

São uniformes os adjetivos compostos em que o segundo elemento é um substantivo:

casaco amarelo-limão	carro verde-garrafa
camisa amarelo-limão	bicicleta verde-garrafa

Também são uniformes os compostos *azul-marinho* e *azul-celeste*.

Flexão de número

O adjetivo concorda em número com o substantivo a que se refere:

governante capaz	governantes capazes
salário digno	salários dignos

A formação do plural dos adjetivos simples segue as mesmas regras da formação do plural dos substantivos simples.

Joaquín Salvador Lavado (Quino)/Mafalda

QUINO. *Toda Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p. 120.

A formação do plural dos adjetivos simples segue as mesmas regras da formação do plural dos substantivos simples. *Morais, espirituais, artísticos* e *humanos* se flexionam para concordar com o substantivo *valores*.

Já o plural dos adjetivos compostos segue os mesmos procedimentos da variação de gênero (masculino/feminino) dos adjetivos simples:

a. Nos adjetivos compostos formados por dois adjetivos, apenas o segundo elemento vai para o plural:

tratado luso-brasileiro	intervenção médico-cirúrgica
tratados luso-brasileiros	intervenções médico-cirúrgicas

Destaque-se novamente *surdo-mudo*:

rapaz surdo-mudo	rapazes surdos-mudos

b. Os adjetivos compostos em que o segundo elemento é um substantivo são invariáveis também em número:

recipiente verde-mar	uniforme amarelo-canário
recipientes verde-mar	uniformes amarelo-canário

Também são invariáveis *azul-marinho* e *azul-celeste*:

camisa azul-marinho	camiseta azul-celeste
camisas azul-marinho	camisetas azul-celeste

OBSERVAÇÃO

Os adjetivos que indicam cores e são formados pela expressão *cor de* + substantivo são invariáveis em gênero e número, mesmo quando a expressão *cor de* estiver subentendida:

papel cor-de-rosa	papéis cor-de-rosa
giz [cor de] laranja	gizes [cor de] laranja
carro [cor de] creme	carros [cor de] creme
camisa [cor de] cinza	camisas [cor de] cinza

Flexão de grau

Os adjetivos variam em grau quando se deseja comparar ou intensificar as características que atribuem. Há, portanto, dois graus do adjetivo: o comparativo e o superlativo.

Comparativo

Nesse grau, compara-se a mesma característica atribuída a dois ou mais seres ou duas ou mais características atribuídas a um mesmo ser. O comparativo pode ser de **igualdade**, de **superioridade** ou de **inferioridade**, e é formado por estruturas analíticas de que participam advérbios e conjunções. Observe as frases seguintes:

- comparativo de igualdade

  Ele é **tão exigente quanto** justo.

  Ele é **tão exigente quanto** (ou **como**) seu irmão.

- comparativo de superioridade

  Estamos **mais atentos (do) que** eles.

  Estamos **mais atentos (do) que** ansiosos.

- comparativo de inferioridade

  Somos **menos passivos (do) que** eles.

  Somos **menos passivos (do) que** tolerantes.

Os adjetivos *bom, mau, grande* e *pequeno* têm formas sintéticas para o grau comparativo de superioridade – *melhor, pior, maior* e *menor*, respectivamente:

Essa solução é **melhor (do) que** a outra.

Minha voz é **pior (do) que** a sua.

O descaso pela miséria é **maior (do) que** o senso humanitário.

A preocupação social é **menor (do) que** a ambição individual.

As formas analíticas correspondentes (*mais bom, mais mau, mais grande, mais pequeno*) só devem ser usadas quando se comparam duas características de um mesmo ser:

Ele é **mais bom (do) que** inteligente.

Todo corrupto é **mais mau (do) que** esperto.

Meu salário é **mais pequeno (do) que** justo.

Este país é **mais grande (do) que** equilibrado.

Atente para o fato de que as formas *menor* e *pior* são comparativos de superioridade, pois equivalem a *mais pequeno* e *mais mau*, respectivamente.

Superlativo

Nesse grau, a característica atribuída pelo adjetivo é intensificada de forma relativa ou absoluta.

No grau **superlativo relativo**, essa intensificação é feita em relação a todos os demais seres de um conjunto. O superlativo relativo pode exprimir *superioridade* ou *inferioridade* e é sempre expresso de forma analítica:

- superlativo relativo de superioridade

  Ele é **o mais atento de** todos.

  Ele é **o mais exigente de** todos os irmãos.

- superlativo relativo de inferioridade

  Você é **o menos crítico de** todos.

  Você é **o menos passivo de** todos os amigos.

As formas do superlativo relativo de superioridade dos adjetivos *bom, mau, grande* e *pequeno* também são sintéticas: *o melhor, o pior, o maior* e *o menor*.

No grau **superlativo absoluto**, intensifica-se a característica atribuída pelo adjetivo a um determinado ser, transmitindo ideia de excesso. O superlativo absoluto pode ser **analítico** ou **sintético**:

a. o superlativo absoluto analítico é formado normalmente com a participação de um advérbio:

Você é **muito crítico**.

Ele é **demasiadamente exigente**.

Somos **excessivamente tolerantes**.

b. o superlativo absoluto sintético é expresso com a participação de sufixos. O mais comum deles é *-íssimo*; nos adjetivos terminados em vogal, esta desaparece ao ser acrescentado o sufixo do superlativo:

Trata-se de um artista **originalíssimo**.

Ele é **exigentíssimo**.

Seremos **tolerantíssimos**.

No trecho desse sumário observam-se ocorrências do superlativo relativo de superioridade e de inferioridade. Em todas elas está subentendida a relação com os demais seres de um conjunto: *o menor* submarino *de todos*; *a maior tela de* vídeo de *todas*. Vale lembrar que *maior* e *menor* são formas sintéticas dos adjetivos *grande* e *pequeno*, respectivamente.

Vários adjetivos possuem formas irregulares para exprimir o grau superlativo absoluto sintético. Muitas dessas irregularidades ocorrem porque o adjetivo, ao receber o sufixo, reassume a forma latina. É o caso dos terminados em *-vel*, que assumem a terminação *-bilíssimo* (*volúvel*, *volubilíssimo*; *indelével*, *indelebilíssimo*). Na relação a seguir, você encontrará muitas formas irregulares do superlativo absoluto sintético. Observe que algumas são de uso comum (*facílimo* e *difícilimo*, por exemplo), enquanto outras pertencem à linguagem formal (*acérrimo*, *pulquérrimo*, por exemplo).

TECNOLOGIA

105 O maior satélite de telecomunicações em órbita 54
106 O maior número de perguntas ao vivo 55
107 O menor submarino 55
108 A maior velocidade em terra . .55
109 A menor calculadora 55
110 O avião mais rápido 56
111 O endereço de internet mais caro56
112 A substância sólida menos densa57
113 A maior tela de vídeo 57
114 O maior site de busca na internet 57
115 O vírus de computador mais disseminado 58
116 O trem de passageiros mais veloz 58
117 A menor câmera de segurança .58
118 O maior produtor de spam . .59
119 O menor mouse 59
120 O computador mais poderoso no espaço 59
121 A maior enciclopédia online . .59

O livro dos recordes da Super. São Paulo: Abril, dez. 2004. p. 5. Edição de Colecionador da Superinteressante.

Reprodução/Editora Abril

FORMAS DO SUPERLATIVO ABSOLUTO SINTÉTICO DIGNAS DE NOTA

adjetivo	superlativo absoluto sintético	adjetivo	superlativo absoluto sintético
acre	acérrimo	audaz	audacíssimo
ágil	agílimo ou agilíssimo	benéfico	beneficentíssimo
agradável	agradabilíssimo	benévolo	benevolentíssimo
agudo	acutíssimo ou agudíssimo	bom	boníssimo ou ótimo
alto	altíssimo ou supremo	capaz	capacíssimo
amargo	amaríssimo ou amarguíssimo	célebre	celebérrimo
amável	amabilíssimo	cruel	crudelíssimo
amigo	amicíssimo	difícil	difícilimo
antigo	antiquíssimo	doce	dulcíssimo ou docíssimo
áspero	aspérrimo	eficaz	eficacíssimo
atroz	atrocíssimo	fácil	facílimo

adjetivo	superlativo absoluto sintético
feliz	felicíssimo
feroz	ferocíssimo
fiel	fidelíssimo
frágil	fragílimo ou fragilíssimo
frio	frigidíssimo ou friíssimo
geral	generalíssimo
grande	máximo
humilde	humílimo
incrível	incredibilíssimo
infame	infamérrimo
inimigo	inimicíssimo
jovem	juvenilíssimo
livre	libérrimo
magnífico	magnificentíssimo
magro	macérrimo ou magríssimo
manso	mansuetíssimo
mau	péssimo
miserável	miserabilíssimo
miúdo	minutíssimo
negro	nigérrimo ou negríssimo
nobre	nobilíssimo
notável	notabilíssimo
pequeno	mínimo
perspicaz	perspicacíssimo
pessoal	personalíssimo

adjetivo	superlativo absoluto sintético
pobre	paupérrimo ou pobríssimo
possível	possibilíssimo
pródigo	prodigalíssimo
próspero	prospérrimo
provável	probabilíssimo
público	publicíssimo
pudico	pudicíssimo
pulcro	pulquérrimo
rústico	rusticíssimo
sábio	sapientíssimo
sagrado	sacratíssimo
salubre	salubérrimo
sensível	sensibilíssimo
simpático	simpaticíssimo
simples	simplícimo ou simplicíssimo
soberbo	superbíssimo
tenaz	tenacíssimo
tenro	teneríssimo
terrível	terribilíssimo
veloz	velocíssimo
visível	visibilíssimo
volúvel	volubilíssimo
voraz	voracíssimo
vulnerável	vulnerabilíssimo

Os adjetivos terminados em *-io* não precedido de *e* formam o superlativo absoluto sintético em *-iíssimo*:

sério – seriíssimo
necessário – necessariíssimo
frio – friíssimo

mas

feio – feíssimo
cheio – cheíssimo

Modernamente, também se aceitam (e se registram) as seguintes formas:

seríssimo sumaríssimo primaríssimo

Atividades

1. Complete as frases a seguir com a forma apropriada dos adjetivos colocados entre parênteses.

a) Apesar de ser uma dentista (*), possuía já uma (*) clientela. (*recém-formado/numeroso*)

b) Comprei uma camisa (*) e um chapéu (*) para desfilar no Carnaval. (*amarelo-claro/cor-de-rosa*)

c) Aquela moça é (*). Onde já se viu dar tanto dinheiro por uma motocicleta (*)! (*sandeu/amarelo-limão*)

d) Todas aquelas famílias (*) são de origem (*). (*sulino/europeu*)

e) Sou do tempo em que se usava camisa (*), calça (*) e sapatos (*) como uniforme nos colégios (*). (*branco/azul-marinho/preto/estadual*)

f) A alma daquela criatura é (*). (*azul-celeste*)

g) A atual conjuntura (*) levou aquela tradicional empresa (*) à falência. (*socioeconômico/anglo-saxão*)

h) A pobreza (*) parece não sensibilizar a comunidade (*). (*latino-americano/ítalo-franco-germânico*)

i) Vários jovens (*) ganharam medalhas nas olimpíadas para deficientes físicos. (*surdo-mudo*)

j) Sua presença (*) sequer foi notada pela bela jovem (*) que ele pretendia paquerar. (*incolor/norueguês*)

k) Ele diz que uma ordem (*) o obriga a adotar uma prática tão (*). (*superior/conservador*)

l) A jovem estava perfeitamente (*) quando saiu daqui. (*são*)

2. Complete as lacunas das frases a seguir com a forma apropriada dos adjetivos entre parênteses.

a) Várias clínicas (*) foram fiscalizadas durante a semana. (*médico-cirúrgico*)

b) Ele é um excêntrico. As paredes de sua casa são (*), suas camisas costumam ser (*); além disso, ele costuma exibir uma boina (*). Apelidaram-no "Amarelão". (*amarelo-canário/amarelo-ouro/amarelo-limão*)

c) Os métodos (*) pelos especialistas não têm sido (*). Talvez sejam (*) medidas menos (*) para resolver o problema. (*empregado/eficaz/necessário/tradicional*)

d) Várias entidades (*) de defesa dos direitos (*) protestaram contra as ações (*). (*latino-americano/humano/policial*)

e) Alguns torneios (*) (*) foram (*) devido à falta de empresas (*). (*esportivo/afro-asiático/suspenso/patrocinador*)

f) Mulheres (*) fizeram um protesto contra a discriminação de que são vítimas quando procuram emprego. (*surdo-mudo*)

g) Os documentos do ano passado estão nas pastas (*); os deste ano, nas pastas (*). (*azul-marinho/azul-celeste*)

h) Ela tem cabelos (*) e olhos (*). Não há como confundi-la com outra. (*castanho-escuro/azul-turquesa*)

i) Aquelas cortinas (*) dão um tom trágico ao ambiente. É melhor substituí-las por outras mais (*). (*vermelho-sangue/sóbrio*)

j) Olhos (*) e cabelos (*): é assim que a imagino em meus devaneios. (*verde-esmeralda/castanho-claro*)

k) Suas roupas (*) e seus gestos (*) renderam muitos comentários (*). (*lilás/audaz/venenoso*)

3. Complete as frases de acordo com o modelo:

É um poema belo. Não: é **belíssimo**!

a) A vida é frágil. Não: é (*).

b) Era um homem talentoso. Não: era (*).

c) É um jogador ágil. Não: é (*).

d) Foi um lugar agradável. Não: foi (*).

e) Será uma pessoa amável. Não: será (*).

f) É uma moeda antiga. Não: é (*).

g) É um corredor audaz. Não: é (*).

h) Seria um homem bom. Não: seria (*).

i) É uma solução boa. Não: é (*)

j) É uma criança doce. Não: é (*).

k) Teria sido um animal feroz. Não: teria sido (*).

l) Fora um espírito livre. Não: fora (*).

m) É um sujeito magro. Não: é (*).

n) É um país pobre. Não: é (*).

o) Tinha sido uma pessoa simpática. Não: tinha sido (*).

p) É uma alma volúvel. Não: é (*).

4. Na língua coloquial, utilizamos formas superlativas nem sempre aceitáveis na língua formal. Observe algumas dessas formas coloquiais nas frases a seguir; depois, re-escreva as frases utilizando o superlativo absoluto apropriado à língua formal.

a) É um piloto hiperveloz!

b) Crianças subnutridas têm uma constituição vulnerável, vulnerável.

c) Ela adotou uma posição supercrítica.

d) É superpossível que a gente vá viajar.

e) Tem uma cabeça arquipequena!

f) É um cão supermanso.

g) Ele é arquiamigo de meu irmão.

h) É uma planta fragilzinha.

i) Saiu daqui felizinho da silva!

j) É um cara sabidão!

Textos para análise

1

Trabalhando o texto

Observando as palavras que compõem o anúncio, faça uma consideração sobre a estratégia de convencimento utilizada pelo anunciante.

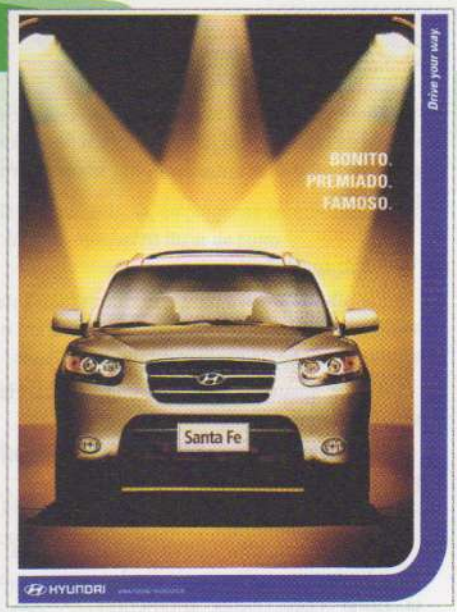

Reprodução/Editora Abril

Veja. São Paulo: Abril, n. 17, 30 abr. 2008. p. 17.

2

"Os cariocas" e "os portenhos"

[...] Expressiva parcela do povo de Salvador sabe que o adjetivo pátrio relativo à capital da Bahia é "soteropolitano", palavra que vem de "Soterópolis", soma de *sotérion* (que significa "salvação") com *polis* ("cidade"). Fora de Salvador, a proporção certamente se inverte, ou seja, pouca gente conhece o termo. O *Aurélio* dá "Soterópolis" como "helenização do nome da cidade de Salvador". "Helenizar" é "adaptar ao caráter grego". Lembre-se de que "helênico" diz respeito à Grécia antiga.

Outro exemplo interessante vem da bela São Luís. O adjetivo pátrio relativo à capital do Maranhão é "ludovicense". O motivo? "Ludovico" e "Luís" são farinha do mesmo saco. Explica o *Dicionário Etimológico de Nomes e Sobrenomes*, de Mansur Guérios, que "Luís" vem do germânico *ludwig* ("guerreiro célebre"). Latinizada, essa forma transformou-se em "Ludovicus". Você acaba de descobrir que o célebre músico Ludwig van Beethoven, entre nós, seria Ludovico ou Luís.

É bom dizer que também existem as formas "salvadorense" (para Salvador) e "são-luisense" (para São Luís). Também é bom dizer que não se deve confundir "salvadorense" com "salvadorenho", que se refere a El Salvador, país da América Central.

E onde entram os cariocas, citados no título do texto?

CIPRO NETO, Pasquale. *Inculta e bela 4*. São Paulo: Publifolha, 2003. p. 64-5.

Trabalhando o texto

1. Responda você à pergunta feita para o leitor: que relação a palavra carioca poderia estabelecer com o que está afirmado anteriormente no texto?
2. Consultando a lista de adjetivos pátrios referentes ao Brasil, que outros adjetivos poderiam ter entrado nessa discussão?
3. Qual a provável razão de existirem as formas "salvadorense" e "são-luisense", além de soteropolitano e ludovicense?
4. Retomando o estudo realizado no capítulo 5, escreva quais são os principais sufixos utilizados na formação dos adjetivos pátrios.

3

Duas pessoas se esbarram com violência no centro da cidade. Sem jeito, o homem pede desculpas e percebe que a mulher olha insistentemente para cima:

[...]

– Viu aquilo?

Ele olhou de novo para cima, com mais interesse do que na primeira vez, mas só percebeu o que atraía a atenção da mulher quando ela disse:

– Que absurdo. Nunca vi coisa igual. Hérnia sem "h"!!!

Então ele fixou os olhos na placa da loja, bem no meio dela, e exclamou também:

– Que absurdo. Hérnia sem "h"!!!

Só aí notou que estava diante de uma mulher linda, uma das mais lindas que já tinha visto. Nesse momento, lembrando-se do encontro que tinha, chegou a dar dois passos para o lado, aflito para sair logo dali, mas parou, enfeitiçado, quando ela convidou:

– Quer ver outro absurdo?

Ele disse que queria ver, sim, e deixou-se levar por ela até uma esquina onde uma tabuleta, na calçada, trazia o cardápio de um restaurante vegetariano. Ali, ela pôs o dedo em cima de uma palavra e exclamou, com indignação:

– Chuchu com "x"! Não é uma loucura? Quem escreveu isto fugiu da escola...

Depois, moveu o dedo até outra palavra, um pouco acima, e acusou:

– Não é um crime isto? Berinjela com "g"!

Ele, apesar de não ser muito versado em jotas e gês, concordou. Era um crime. A mulher falava com tanta firmeza que só podia ser professora de português. Ela confirmou que era, quando ele perguntou. E disse ter apontado os erros da tabuleta ao dono do restaurante, que já havia prometido sua substituição.

Ela garantiu que, apesar dos erros da tabuleta, a comida lá era muito boa, ideal para quem queria manter-se saudável e em forma, e ele resolveu almoçar ali com ela, depois de telefonar para adiar o encontro de negócios. Já gozando as primeiras delícias da paixão, sentiu-se infeliz quando ela, ao saber que seu nome era Sárvio, franziu o rosto.

– Foi um erro de registro – ele explicou. – Era para ser Sálvio.

Ele não pôde franzir o rosto quando ela disse o nome. Que defeito podia haver em Ana Lúcia?

Enquanto comia sem vontade aqueles vegetais que ela devorava como se fosse uma coelhinha, recebeu outro golpe.

– Você sempre foi assim? – ela quis saber.

– Assim como?

– Assim gordinho.

– N... não. Eu engordei um pouco nos últimos dois anos. Antes, as pessoas me consideravam magérrimo.

– Magérrimo? Ah, eu não acredito.

– Não acredita por quê? Eu tenho fotos desse tempo.

– Você não entendeu. Você podia até ter cinquenta quilos, dois anos atrás. Mas magérrimo você não era.

Enquanto Sárvio se perguntava se, mesmo com toda aquela beleza, a mulher tinha o direito de duvidar assim de sua palavra, Ana Lúcia continuou:

– Magérrimo ninguém pode ser.

– Como assim? Do que você está falando?

– Estou falando da gramática. Pelas normas gramaticais, um homem pode ser (*) ou (*). Magérrimo, não. Magérrimo é uma forma condenada pela maioria dos filólogos.

– Fi... Filólogos?

Tentando lembrar o que era mesmo um filólogo, Sárvio, mais do que nunca, se sentiu burro, muito burro, burríssimo.

[...]

DREWNICK, Raul. A professora. In: CAMPOS, Carmen Lucia da Silva; SILVA, Nilson Joaquim da (Orgs.). *Lições de gramática para quem gosta de literatura*. São Paulo: Panda Books, 2007. p. 58-61.

Trabalhando o texto

1. Complete as duas lacunas do texto com as formas adequadas do adjetivo *magro*.

2. No trecho "Só aí notou que estava diante de uma mulher linda, uma das mais lindas que já tinha visto.", em que grau encontra-se o adjetivo? Assim flexionado, que efeito causa?

3. Existe uma gradação na frase "Sárvio, mais do que nunca, se sentiu burro, muito burro, burríssimo.". O que a provoca?

4. Re-escreva a frase, empregando os adjetivos *sábio*, *célebre* e *sensível* no lugar de burro.

4

Mundo novo, vida nova

Buscar um mundo novo, vida nova
E ver, se dessa vez, faço um final feliz
Deixar de lado
Aquelas velhas histórias
O verso usado
O canto antigo
Vou dizer adeus
Fazer de tudo e todos bela lembrança
Deixar de ser só esperança
E por minhas mãos, lutando, me superar
Vou traçar no tempo meu próprio caminho
E assim abrir meu peito ao vento
Me libertar
De ser somente aquilo que se espera
Em forma, jeito, luz e cor
E vou
Vou pegar um mundo novo, vida nova
Vou pegar um mundo novo, vida nova

Luiz Gonzaga Júnior. Disponível em: <www.gonzaguinha.com.br>. Acesso em: 20 jun. 2008.

Trabalhando o texto

1. Utilize o título da canção para explicar como se relacionam adjetivos e substantivos.

2. *Final* e *feliz* são duas palavras que costumam andar juntas. Classifique-as morfologicamente. A seguir, utilize a palavra *final* numa frase em que tenha classificação morfológica diferente da que tem no texto.

3. Observe as expressões *velhas histórias* e *canto antigo*. Se mudarmos a posição das palavras ("histórias velhas" e "antigo canto"), ocorrerão também mudanças de significado? Comente.

4. Abrir o peito ao vento, libertar-se, encontrar um mundo novo, uma vida nova: essas propostas lhe parecem interessantes? O que você pensa sobre elas?

Em CD

Divulgação

Gonzaguinha. *Eu acredito é na rapaziada* (CD). EMI, 2007.

Gonzaguinha, filho do também músico Luiz Gonzaga, foi um cantor engajado em seu tempo, crítico mordaz da ditadura militar que marcou a história brasileira nos anos 1970. Também compôs músicas líricas, obras que ainda hoje fazem parte do cancioneiro popular, como "Começaria tudo outra vez" e sambas-enredo, como "O que é o que é".

Questões de exames e concursos

1. (ITA-SP) Durante a Copa do Mundo deste ano, foi veiculada, em programa esportivo de uma emissora de TV, a notícia de que um apostador inglês acertou o resultado de uma partida, porque seguiu os prognósticos de seu burro de estimação. Um dos comentaristas fez, então, a seguinte observação:

"Já vi muito comentarista burro, mas burro comentarista é a primeira vez".

Percebe-se que a classe gramatical das palavras se altera em função da ordem que elas assumem na expressão.

Assinale a alternativa em que isso **NÃO** ocorre:

a) obra grandiosa
b) jovem estudante
c) brasileiro trabalhador
d) velho chinês
e) fanático religioso

2. (FGV-SP) Aponte a alternativa em que corretamente se faz a concordância dos termos destacados.

a) disputas **sino-soviética**, informações **econômico-financeiras**, camisas **azul-piscinas**, camisas **pastéis**
b) disputas **sino-soviéticas**, informações **econômicas-financeiras**, camisas **azuis-piscinas**, camisas **pastéis**
c) disputas **sinas-soviéticas**, informações **econômicas-financeiras**, camisas **azul-piscina**, camisas **pastéis**
d) disputas **sino-soviéticas**, informações **econômicas-financeiras**, camisas **azul-piscinas**, camisas **pastéis**
e) disputas **sino-soviéticas**, informações **econômico-financeiras**, camisas **azul-piscina**, camisas **pastel**

3. (FGV-SP) Aponte a alternativa que traga os superlativos absolutos sintéticos de acordo com a norma culta.

a) celebérrimo, crudelésimo, dulcíssimo, nígérrimo, nobilíssimo
b) celebésimo, crudelíssimo, dulcíssimo, nigérrimo, nobérrimo
c) celebérrimo, crudelíssimo, dulcíssimo, nigérrimo, nobilíssimo
d) celebríssimo, cruelérrimo, dulcésimo, negérrimo, nobérrimo
e) celebríssimo, crudelérrimo, dulcíssimo, negérrimo, nobérrimo

4. (Fuvest-SP) "(...) No fundo o imponente castelo. No primeiro plano a íngreme ladeira que conduz ao castelo. Descendo a ladeira numa disparada louca o fogoso ginete. Montado no ginete o apaixonado caçula do castelão inimigo de capacete prateado com plumas brancas. E atravessada no ginete a formosa donzela desmaiada entregando ao vento os cabelos cor de carambola."

(A. de Alcântara Machado, *Carmela*.)

"(...) famos, se não me engano, pela rua das Mangueiras, quando voltando-nos, vimos um carro elegante que levavam a trote largo dois fogosos cavalos. Uma encantadora menina, sentada ao lado de uma senhora idosa, se recostava preguiçosamente sobre o macio estofo e deixava pender pela cobertura derreada do carro a mão pequena que brincava com um leque de penas escarlates."

(José de Alencar, *Lucíola*.)

Nesses excertos, observa-se que a maioria dos substantivos são modificados por adjetivos ou expressões equivalentes.

Comparando os dois textos:

a) aponte em cada um deles o efeito produzido por tal recurso linguístico;
b) justifique sua resposta.

5. (Febasp) "Os homens são **os melhores fregueses**" – *os melhores* encontra-se no grau:

a) comparativo de superioridade.
b) superlativo relativo de superioridade.
c) superlativo absoluto sintético.
d) superlativo absoluto analítico de superioridade.

6. (PUC-RJ)

Descobrimento

(Mário de Andrade)

Abancado à escrivaninha em São Paulo
Na minha casa da rua Lopes Chaves
De sopetão senti um friúme por dentro.
Fiquei trêmulo, muito comovido
Com o livro palerma olhando pra mim.
Não vê que me lembrei lá no norte, meu Deus!
[muito longe de mim,
Na escuridão ativa da noite que caiu,
Um homem pálido, magro de cabelo escorrendo nos olhos
Depois de fazer uma pele com a borracha do dia,
Faz pouco se deitou, está dormindo.
Esse homem é brasileiro que nem eu...

ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*. Belo Horizonte: Villa Rica, 1993. p. 203.

No poema **Descobrimento**, certos substantivos encontram-se qualificados por adjetivos inusitados. Retire do texto UMA dessas combinações incomuns, explicando por que tem um efeito especial.

7. (Unimep-SP) Em algumas gramáticas, o adjetivo vem definido como sendo "a palavra que modifica o substantivo". Assinale a alternativa em que o adjetivo destacado contraria a definição.

a) Li um livro **lindo**.
b) Beber água é **saudável**.
c) Cerveja **gelada** faz mal.
d) Gente **fina** é outra coisa!
e) Ele parece uma pessoa **simpática**.

8. (Fatec-SP) Indique a alternativa em que não é atribuída a ideia de superlativo ao adjetivo.

a) É uma ideia agradabilíssima.
b) Era um rapaz alto, alto, alto.
c) Saí de lá hipersatisfeito.
d) Almocei tremendamente bem.
e) É uma moça assustadoramente alta.

9. (FEI-SP) Siga o modelo:

modificação **da paisagem**: modificação **paisagística**

a) água **da chuva**
b) exageros **da paixão**
c) atitudes **de criança**
d) soro **contra veneno de serpente**

10. (EEM-SP) Dê o superlativo absoluto sintético de:

a) feliz; b) livre.

11. (EEM-SP) Faça conforme o modelo:

alma **de fora**: alma **exterior**

a) imagem **do espelho** c) imposição **da lei**
b) parede **de vidro** d) comprimento **da linha**

12. (EPM-SP) Dê os adjetivos equivalentes às expressões em destaque.

a) programa **da tarde**
b) ciclo **da vida**
c) representante **dos alunos**

13. (EEM-SP) Passe para o plural.

a) borboleta azul-clara;
b) borboleta cor-de-laranja.

14. (ITA-SP) Dadas as afirmações de que os adjetivos correspondentes aos substantivos:

1. enxofre 2. chumbo 3. prata

são, respectivamente,

1. sulfúreo 2. plúmbeo 3. argênteo

verificamos que está (estão) correta(s):

a) apenas a afirmação 1
b) apenas a afirmação 2
c) apenas a afirmação 3
d) apenas as afirmações 1 e 2
e) todas as afirmações

15. (UnB-DF) Relacione a primeira coluna à segunda.

(1) água	( ) pluvial
(2) chuva	( ) ebúrneo
(3) gato	( ) felino
(4) marfim	( ) aquilino
(5) prata	( ) argênteo
(6) rio	
(7) não consta da lista	

A sequência correta é:

a) 7, 7, 3, 1, 7. c) 2, 4, 3, 7, 5.
b) 6, 3, 7, 1, 4. d) 2, 4, 7, 1, 7.

16. (ITA-SP) Os superlativos absolutos sintéticos de *comum, soberbo, fiel, miúdo* são, respectivamente:

a) comuníssimo, super, fielíssimo, minúsculo
b) comuníssimo, sobérrimo, fidelíssimo, minúsculo
c) comuníssimo, superbíssimo, fidelíssimo, minutíssimo
d) comunérrimo, sobérrimo, fidelíssimo, miudérrimo
e) comunérrimo, sobérrimo, fielíssimo, minutíssimo

17. (ITA-SP) Os adjetivos *lígneo, gípseo, níveo, braquial* significam, respectivamente:

a) lenhoso, feito de gesso, alvo, relativo ao braço
b) lenhoso, feito de gesso, nivelado, relativo ao crânio
c) lenhoso, rotativo, abalizado, relativo ao crânio
d) associado, rotativo, nivelado, relativo ao braço
e) associado, feito de gesso, abalizado, relativo ao crânio

18. (UPM-SP) Aponte a alternativa incorreta quanto à correspondência entre a locução e o adjetivo.

a) glacial (de gelo); ósseo (de osso)
b) fraternal (de irmão); argênteo (de prata)
c) farináceo (de farinha); pétreo (de pedra)
d) viperino (de vespa); ocular (de olho)
e) ebúrneo (de marfim); insípida (sem sabor)

19. (ITA-SP) O plural de *terno azul-claro, terno verde-mar* é, respectivamente:

a) ternos azuis-claros, ternos verdes-mares.
b) ternos azuis-claros, ternos verde-mares.
c) ternos azul-claro, ternos verde-mar.
d) ternos azul-claros, ternos verde-mar.
e) ternos azuis-claro, ternos verde-mar.

20. (UFJF-MG) Marque:

a) se I e II forem verdadeiras.
b) se I e III forem verdadeiras.
c) se II e III forem verdadeiras.
d) se todas forem verdadeiras.
e) se todas forem falsas.

"... eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor..."

I. No primeiro caso, *autor* é substantivo; *defunto* é adjetivo.
II. No segundo caso, *defunto* é substantivo; *autor* é adjetivo.
III. Em ambos os casos, tem-se um substantivo composto.

21. (Cesgranrio-RJ) Assinale a alternativa em que o termo *cego(s)* é um adjetivo.

a) "Os cegos, habitantes de um mundo esquemático, sabem aonde ir..."
b) "O cego de Ipanema representava naquele momento todas as alegorias da noite escura da alma..."
c) "Todos os cálculos do cego se desfaziam na turbulência do álcool."
d) "Naquele instante era só um pobre cego."
e) "... da Terra que é um globo cego girando no caos."

22. (UFSC) Observe as proposições abaixo:

01. Poucos autores escrevem poemas herói-cômicos.
02. Os cabelos castanhos-escuros emolduravam-lhe o semblante juvenil.
04. Vestidos vermelhos e amarelo-laranja foram os mais vendidos na exposição.
08. As crianças surdo-mudas foram encaminhadas à clínica para tratamento.
16. Discutiu-se muito a respeito de ciências político-sociais na última assembleia dos professores.
32. As sociedades luso-brasileira adquiriram novos livros de autores portugueses.

Marque as frases corretas e some os valores que lhes são atribuídos.

23. (Unimep-SP) O adjetivo está mal flexionado em grau em:

a) livre: libérrimo
b) magro: macérrimo
c) doce: docílimo
d) triste: tristíssimo
e) fácil: facílimo

24. (Cefet-PR) Siga o exemplo:

Não chame a torre de alta, mas de altíssima.
Não considero sua atitude nobre, mas (*).

25. (MPE-PR/UFPA) Há situações em que o adjetivo muda de sentido, caso seja colocado antes ou depois do substantivo. Observe:

Lá se vão os pobres meninos
Pelas ruas da cidade.
Meninos pobres,
pelas ruas da cidade rica.

Qual é o significado da primeira e da segunda ocorrência da palavra pobres no trecho acima?

a) humildes/modestos
b) mendigos/sem recursos
c) dignos de pena/improdutivos
d) dignos de compaixão/desprovidos de recursos
e) ingênuos/sem posses

26. (UPM-SP) Assinale a alternativa em que ambos os adjetivos não se flexionam em gênero.

a) elemento motor, tratamento médico-dentário
b) esforço vão, passeio matinal
c) juiz arrogante, sentimento fraterno
d) cientista hindu, homem célebre
e) costume andaluz, manual lúdico-instrutivo

27. (UFF-RJ) Das frases abaixo, apenas uma apresenta adjetivo no comparativo de superioridade. Assinale-a.

a) A palmeira é a mais alta árvore deste lugar.
b) Guardei as melhores recordações daquele dia.
c) A Lua é menor do que a Terra.
d) Ele é o maior aluno de sua turma.
e) O mais alegre dentre os colegas era Ricardo.

28. (UFU-MG) O autor de D. Casmurro afirma que "José Dias amava os superlativos. Era um modo de dar feição monumental às ideias". Dentre os vários superlativos empregados por José Dias, assinale a única alternativa em que ocorre um emprego não previsto pela gramática normativa.

a) "Se soubesse, não teria falado, mas falei pela veneração, pela estima, pelo afeto, para cumprir um dever amargo, *amaríssimo*..."
b) "Que ideia é essa? O estado dela é *gravíssimo*, mas não é mal de morte, e Deus pode tudo."
c) "Sua mãe é uma santa, seu tio é um cavalheiro *perfeitíssimo*."
d) "... porque ela é um anjo, *anjíssimo*..."
e) "Oh! As leis são *belíssimas*."

29. (UFU-MG) Relativamente à concordância dos adjetivos compostos indicativos de cor, uma, dentre as seguintes alternativas, está errada. Qual?

a) saia amarelo-ouro
b) papel amarelo-ouro
c) caixa vermelho-sangue
d) caixa vermelha-sangue
e) caixas vermelho-sangue

Capítulo 12

Estudo dos advérbios

Quino/Joaquín Salvador Lavado

QUINO. *Mafalda 6*. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 76.

Na fala do pai de Mafalda, o advérbio *aí* indica o lugar onde ela está. Na irônica resposta da garota, a referência a esse mesmo lugar é feita por uma locução adverbial: *na frente da televisão*. Ou seja, o lugar onde apenas se pode pensar se o tal aparelho doméstico estiver desligado...

1. Introdução

Na palavra *advérbio*, assim como na palavra *adjetivo*, existe o prefixo latino *ad*, que indica ideia de "proximidade", "contiguidade". Portanto o nome praticamente já diz o que é o advérbio: é palavra capaz de caracterizar o processo verbal, indicando circunstâncias em que esse processo se desenvolve. É o caso, por exemplo, da palavra *humildemente*, que, no "Poema só para Jaime Ovalle", de Manuel Bandeira, caracteriza o processo expresso pela forma verbal *pensando*:

"E fiquei pensando, humildemente pensando na vida e nas mulheres que amei".

O papel básico dos advérbios é, por isso, relacionar-se com os verbos da língua, caracterizando os processos expressos por eles. Essa caracterização pode ter finalidade descritiva, procurando representar objetivamente os dados da realidade. Quando se diz, por exemplo, que todos estavam "dormindo profundamente", descreve-se a maneira intensa como todos dormiam.

A caracterização adverbial pode, no entanto, indicar a subjetividade de quem analisa um evento: o advérbio deixa de ter papel descritivo e passa a traduzir sentimentos e julgamentos de valor de quem escreve ou fala. É o que se verifica, por exemplo, no poema "Madrugada", de Ferreira Gullar:

Do fundo de meu quarto, do fundo
de meu corpo
clandestino
ouço (não vejo) ouço
crescer no osso e no músculo da noite
a noite

A noite ocidental obscenamente acesa
sobre meu país dividido em classes

O advérbio *obscenamente* é um ótimo exemplo desse outro valor dos advérbios. Modificando o adjetivo *acesa*, ele transmite um forte juízo de valor.

Em livro

Gullar, Ferreira. *Muitas vozes*. São Paulo: José Olympio Editora, 2000.

Este livro é considerado pela crítica especializada a obra de maturidade de Ferreira Gullar. O autor de *A luta corporal* e *Poema sujo*, obras-primas da poesia brasileira, reuniu aqui 54 poemas que abordam temas diversos, como infância, sexo, vida e morte. O título do livro é sugestivo: as "muitas vozes" a que se refere Gullar são as vozes que influenciaram sua formação poética, vozes que aparecem na construção de cada poema, vozes do concretismo, do poema-espacial, do aforismo, do cordel...

2. Conceito

Advérbio é a palavra que caracteriza o processo verbal, exprimindo circunstâncias em que esse processo se desenvolve. Observe:

"**Hoje não** ouço **mais** as vozes daquele tempo." (circunstâncias de tempo, negação e tempo, respectivamente)

"Todos os maridos funcionam **regularmente**." (circunstância de modo)

Diferentemente do que seu nome indica, o advérbio não é modificador exclusivo do verbo. Os advérbios de intensidade e os de modo podem modificar também adjetivos e advérbios:

Esse é o procedimento **menos** adequado para quem se diz **politicamente** correto.
(o advérbio *menos* modifica o adjetivo *adequado*; o advérbio *politicamente* modifica o adjetivo *correto*)

Ela procedeu muito **mal**.
(o advérbio *muito* modifica o advérbio *mal*)

Na tirinha, o advérbio *bem* modifica o adjetivo *econômico*. A ênfase na intensidade, naturalmente dada pelo advérbio, é acentuada pelo falante ao prolongar a emissão da palavra. Graficamente, a ênfase é representada pela repetição do *e* e pelo destaque dado à palavra.

LAERTE. *Classificados: livro 3*. São Paulo: Devir, 2004. p. 10.

Em alguns casos, os advérbios podem se referir a uma oração inteira; nessa situação, normalmente transmitem a avaliação de quem fala ou escreve sobre o conteúdo da oração:

Infelizmente, o Congresso não aprovou o projeto.

Lamentavelmente, ele não estará conosco na próxima semana.

As **locuções adverbiais** são conjuntos de duas ou mais palavras que têm valor de advérbio. Geralmente, são formadas por preposição e substantivo ou por preposição e advérbio:

Moravam **lá**.	Acordei **cedo**.	Fiquem **aqui**.
Moravam **ao lado da estação**.	Acordei **no meio da noite**.	Fiquem **por perto**.

3. Classificação

Os advérbios e locuções adverbiais são classificados de acordo com as circunstâncias que expressam. Na relação a seguir, você encontrará as principais circunstâncias adverbiais e alguns advérbios e locuções que podem exprimi-las.

Fernando Gonsales

GONSALES, Fernando. *Niquel Náusea: tédio no chiqueiro*. São Paulo: Devir, 2006. p. 8.

Há três ocorrências de advérbios nessa tirinha: *no fundo do prato* é locução adverbial de lugar e modifica o verbo *estar* ("está *no fundo do prato*"); *não* é advérbio de negação e modifica o verbo *tomar* ("se você *não* tomar a sopa"); *rápido*, originalmente um adjetivo, neste caso modifica um verbo (*tomar*), funcionando, assim, como advérbio de modo ("se você não tomar... *rápido*").

a. lugar

aqui	aí	ali	cá	lá	acolá
além	longe	perto	dentro	adiante	defronte
onde	acima	abaixo	atrás	em cima	de cima
à direita	à esquerda	ao lado	de fora	por fora	
alhures (= em outro lugar)		nenhures (= em nenhum lugar)		algures (= em algum lugar)	

b. tempo

hoje	ontem	anteontem	amanhã	atualmente	brevemente
sempre	nunca	jamais	cedo	tarde	antes
depois	logo	já	agora	ora	então
outrora	aí	quando	à noite	à tarde	de manhã
de vez em quando	às vezes	de repente	hoje em dia		

c. modo

bem	mal	assim	depressa	devagar	frente a frente
às claras	às pressas	à vontade	à toa	de cor	face a face
de mansinho	de cócoras	em silêncio	com rancor	sem medo	
rapidamente	lentamente	facilmente (e a maioria dos vocábulos terminados em *-mente*)			

d. afirmação

sim	decerto	certamente	efetivamente	seguramente
realmente	sem dúvida	por certo	com certeza	

e. negação

não	absolutamente	tampouco	de modo algum	de jeito nenhum

f. intensidade

muito	pouco	mais	menos	ainda	tão
bastante	assaz	demais	bem	tanto	de pouco
deveras	quanto	quase	apenas	mal	de todo

g. dúvida

talvez	porventura	acaso	quiçá	
possivelmente		provavelmente		eventualmente

Você notou que as circunstâncias citadas acima podem ser expressas por um simples advérbio ou por uma locução adverbial. Há outras circunstâncias que só podem ser expressas por locuções, como a de causa e a de finalidade. Observe:

Muitas crianças estão morrendo **de fome / devido à desnutrição / por razões ignóbeis.**
(circunstância de causa)

Preparou-se **para o exame / para aquela oportunidade.**
(circunstância de finalidade)

Alguns gramáticos citam outras circunstâncias adverbiais. Muitas delas parecem subdivisões das apontadas acima, como a de frequência (subdivisão da circunstância de tempo).

Advérbios interrogativos

Os advérbios interrogativos são empregados em orações interrogativas diretas ou indiretas. Esses advérbios podem exprimir lugar, tempo, modo ou causa:

Onde foram parar os livros?
Quero saber **onde** foram parar os livros.

Quando será a reunião?
Quero saber **quando** será a reunião.

Como proceder num momento tão importante?
Quero saber **como** proceder num momento tão importante.

Por que você aceita tudo passivamente?
Quero saber **por que** você aceita tudo passivamente.

Você vai estudar mais detalhadamente as circunstâncias adverbiais nos capítulos relativos à sintaxe (adjuntos adverbiais e orações subordinadas adverbiais).

4. Flexão

Geralmente, os advérbios são considerados palavras invariáveis, por não apresentarem flexão de gênero e número. No entanto alguns deles – principalmente os de modo – apresentam variações de grau semelhantes às dos adjetivos.

Grau comparativo

Como ocorre com os adjetivos, o grau comparativo pode ser de igualdade, de superioridade e de inferioridade:

Ele agia **tão friamente quanto** (ou **como**) o comparsa.

Ele agia **mais friamente** (**do**) **que** o comparsa.

Ele agia **menos friamente** (**do**) **que** o comparsa.

Para os advérbios *bem* e *mal*, as formas de comparativo são sintéticas (*melhor* e *pior*):

Ele agia **melhor/pior** (**do**) **que** o comparsa.

Cuidado: diante de particípios que atuam como adjetivos, são empregadas as formas analíticas *mais bem* e *mais mal*:

Ele é o **mais bem** informado dos jornalistas.
(e não o *melhor* informado)

Este edifício é o **mais mal** construído de todos.
(e não o *pior* construído)

Grau superlativo

O superlativo dos advérbios é absoluto e pode ser formado de dois modos:

a. analítico – o superlativo é obtido por meio do uso de um advérbio de intensidade:

Ele procedeu **muito calmamente**.

Investigaram **desleixadamente demais** as causas do acidente.

Certamente estão **muito perto** da cidade procurada.

b. sintético – o superlativo é obtido por meio do uso do sufixo *-íssimo*:

Ela crê **muitíssimo** em suas convicções.

As transformações sociais estão ocorrendo **lentissimamente**.

Acordo **cedíssimo** todos os dias.

Na linguagem coloquial e familiar, é comum o emprego do sufixo diminutivo para dar aos advérbios o valor superlativo:

Amanhã vamos acordar **cedinho**.

Ela faz tudo **devagarinho**.

Atividades

1. Aponte os advérbios e locuções adverbiais presentes nos trechos a seguir e classifique-os.

a) "No dia seguinte almoçamos num restaurante e tomamos três garrafas de tinto; depois, num bar fiquei a alisar ternamente a sua mão fina, de veias azuis." (Rubem Braga)

b) "Talvez um ruído de elevador, uma campainha tocando no interior de outro apartamento, o fragor de um bonde lá fora, sons de um rádio distante, vagas vozes – e, me lembro, havia um feixe de luz oblíquo dando no chão e na parte de baixo de uma porta, recordo vagamente a cor rósea da parede." (Rubem Braga)

c) "Se é difícil arrancar um *não* do brasileiro em geral, mais difícil ainda é arrancar um *sim* do mineiro em particular." (Fernando Sabino)

d) "Naquela solene ocasião, diante das figuras ilustres a olhar boquiabertas as dimensões ciclópicas do monumento, sobreveio a catástrofe providencial: a imensa massa de argila, amolecida pelos sucessivos baldes d'água que o escultor, temeroso de seu endurecimento, despejava sobre o trabalho, começou a desfazer-se feito melado, e de súbito desmoronou fragorosamente." (Fernando Sabino)

e) "Aos três meses de vida, passa muito bem o primeiro macaco-aranha nascido em cativeiro, proeza realizada no Centro de Primatologia, no Rio de Janeiro, único lugar do mundo onde essa espécie pode ser legalmente criada." (*Superinteressante*, mar. 1992.)

f) "O mestre-cervejeiro não é um profissional comum: em qualquer fábrica de bebida, pequena ou grande, ele é, desde os tempos da Idade Média, o guardião da receita da cerveja daquela marca e o responsável pela qualidade da bebida produzida ali." (*Globo Ciência*, abr. 1992.)

2. Troque as locuções adverbiais destacadas nas frases a seguir por advérbios terminados em *-mente*.

a) Recebeu-nos **com afeto**.

b) Agiu **com pudor**.

c) Sempre canta **com prazer**.

d) **Sem dúvida**, não há mais nada a fazer.

e) Ofendeu a todos **sem distinção**.

f) A política econômica atinge **sem piedade** os mais pobres.

g) Resolvi o problema **aos poucos**.

h) Estava lá **por acaso**.

i) Apresente a proposta **com nitidez**.

j) Entendem-se **sem palavras**.

3. Troque os advérbios terminados em *-mente* destacados nas frases seguintes por locuções adverbiais.

a) Conduzia a bola **habilmente**.

b) Os alunos receberam o professor **ruidosamente**.

c) Ele sofreu as consequências do que fez **impensadamente**.

d) Agiu **friamente**.

e) **Delicadamente**, beijei-lhe a mão.

f) **Repentinamente**, nuvens negras cobriram o céu.

g) Ofendia **despudoradamente** a quem o contradissesse.

h) **Frequentemente** se veem cobras nestas matas.

i) Desejava-a **intensamente**.

j) Não imaginava ter agido **ingenuamente**.

4. Substitua as expressões destacadas nas frases a seguir por advérbios.

a) **Por qual motivo** você não visita seu pai?

b) Não pensei isso **em nenhum instante**.

c) **Em que tempo** os homens serão melhores com os outros homens?

d) **Naquele lugar** existe vegetação nativa.

e) **Neste lugar** existe muita poluição visual.

f) O teatro fica **a grande distância**; o cinema, **a pequena distância**.

g) Saia **neste exato instante**!

h) Ela já me viu **em algum lugar**.

i) Ponha esse livro **em outro lugar**.

5. A palavra destacada tem valor diferente em cada uma das frases dos pares a seguir. Classifique-a.

a) Faça isso **direito**!
Entrou pelo lado **direito**.

b) Pagou **caro** o carro em que desfila pela cidade.
É um carro **caro**.

c) **Breve** nos veremos.
O discurso do presidente foi **breve**.

d) Fale **baixo**!
O salário médio no Brasil é **baixo**.

6. Classifique as palavras destacadas nas frases seguintes.

a) Ela está **meio** nervosa.

b) Passou **meio** dia na fila do banco.

c) Vai demorar a chegar, porque anda **meio** devagar.

e) Vendeu **caro** o que havia comprado **barato**. É um especulador!

f) Comprei um carro **barato** pelo preço de um **caro**.

g) Você é o **melhor** aluno da classe, mas seu irmão é o **pior**.

h) Escrevo **melhor** do que falo.

7. Quando se colocam diversos advérbios terminados em *-mente* um após o outro, recomenda-se que essa terminação seja usada apenas no último deles:

O novo tributo prejudicaria ampla e injustamente as pessoas de menor renda.

Pensando nisso, comente o emprego desse tipo de advérbios na seguinte frase do escritor português Fernando Namora:

"De repente, pus-me de pé e aproximei-me lentamente, ritmadamente, voluptuosamente, da janela." (Fernando Namora, apud CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley.)

Em *site*

<www.tvcultura.com.br/aloescola/literatura/cronicas/rubembraga.htm.com.br>. Acesso em: 4 abr. 2008.

A crônica é um gênero literário que resulta da soma de jornalismo com literatura. O cronista é aquele escritor que ultrapassa o mero registro cotidiano dos fatos, uma vez que ele transforma esse registro em poesia. E é essa transformação que eleva uma simples notícia ou reportagem à categoria de literatura. A Literatura Brasileira está repleta de excelentes cronistas, como Rubem Braga, um dos maiores. O *site* indicado apresenta uma galeria de cronistas importantes e ensina você a fazer uma crônica com muito estilo!

Textos para análise

1

A pobre língua, deformada por novas manias

Então... Quantas vezes hoje você já começou uma frase com "Então..."? (E com uma misteriosa pausa logo depois de dizer "então..." – donde as reticências.) Em todas essas ocasiões, esse "então..." não significou absolutamente nada. Dizê-lo ou deixar de dizê-lo dava na mesma. Mas, se você o disse, é porque já chegou àquele perigoso estágio em que as palavras antecedem ao pensamento – tanto que nem se lembra de ter dito. Transfira isso para todas as vezes que falou sem pensar, opinou sem pensar ou acusou sem pensar, apenas porque as palavras se formaram espontaneamente na sua boca. Daí, digamos, a votar sem pensar é também um pulo.

Não tenho nenhuma birra generalizada contra o uso de "então". Como advérbio, fazendo as funções de nesse ou naquele tempo, é uma palavra linda: "O futebol de então era mais clássico". Mesmo como interjeição, dando continuidade a uma discussão suspensa e quase sempre significando um estímulo, tem tudo a ver: "Então, Fulano, vamos ou não vamos almoçar?". Mas tenho urticárias com esse abuso de entões como uma interjeição melíflua, que só serve para tapar um buraco na frase e não leva a lugar nenhum: "Então... Não sei se lavo o carro ou se vou comer um macarrão com a mamãe".

Assim como há pragas cíclicas de gafanhotos e de outros insetos na lavoura, "então..." é apenas uma das pragas recentes a infestar a língua. Nem é a pior. A pior, sem dúvida, é o abuso de "Com certeza!" – assim mesmo, com ponto de exclamação. O uso quase fanático de "Com certeza!" (de um ano para cá ou, pelo menos, foi então que o percebi) está quase condenando à morte outras expressões que, no passado, tanto nos valeram, como "Sem dúvida!", "Claro!", "Lógico!", "Óbvio!", "Positivo!", "Certo!" e até mesmo o "Certamente!", para não falar do humilde e perfeito "Sim!". Não há nenhum motivo para "Com certeza!" monopolizar as afirmações do vocabulário, exceto o fato de que, num processo galopante de degeneração da língua, estamos falando como zumbis, e os jovens, talvez, mais do que todos.

Comicamente, as pessoas passaram a exclamar "Com certeza!" até mesmo quando a frase que se segue não dá certeza de coisa nenhuma. "Fulano, você já comprou o disco do Supla?" "Com certeza! Mas antes preciso pedir o dinheiro pro meu pai." As sílabas se formam magicamente no aparelho fonador e as frases saem com a maior facilidade pela boca, sem a mínima interferência cerebral. Não há relação entre o pensamento e a palavra. Todos os processos lógicos, desenvolvidos desde Aristóteles, são destruídos por uma rastaquera frase-feita, inventada e/ou adotada por não-pensantes.

CASTRO, Ruy. "A pobre língua, deformada por novas manias". In: *Lições de gramática para quem gosta de literatura*. In: CAMPOS, Carmen Lucia da Silva; SILVA, Nilson Joaquim da (Orgs.). São Paulo: Panda Books, 2007. p. 63-4.

Trabalhando o texto

1 Aponte os advérbios e as locuções adverbiais indicativas de **tempo** presentes no texto. O que se pode observar?

2. Aponte os advérbios e as locuções adverbiais indicativas de **modo** presentes no texto.

3. Aponte a frase do texto que apresenta uma expressão adverbial indicativa de **companhia**.

4. No trecho "Nem é a pior", a que palavra se refere *pior*? Ela se classifica como advérbio ou como adjetivo? Dê um exemplo em que a palavra *pior* seja empregada na categoria que você descartou.

5. Considere esta passagem: "(...) estamos falando como zumbis, e os jovens, talvez, mais do que todos".

a) Que outros advérbios podem ser utilizados no lugar de *talvez*?

b) Que forma verbal está subentendida nesse trecho, após o advérbio?

6. Considere esta passagem: "de um ano para cá ou, pelo menos, foi então que o percebi".

a) A que se refere o advérbio *cá* nesse trecho?

b) Comente o emprego do advérbio *então* nessa passagem.

7. "Daí, digamos, a votar sem pensar é também um pulo."

a) A que se refere a palavra *daí* nessa frase?

b) Você concorda com essa afirmação?

Em livro e em CD

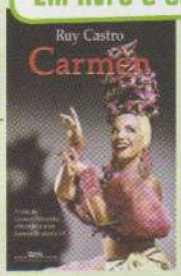

Companhia das Letras

CASTRO, Ruy. *Carmen: uma biografia – a vida de Carmen Miranda, a brasileira mais famosa do século XX.* São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

MIRANDA, Carmen. In: *Ruy Castro apresenta: Carmen canta sambas* (CD). EMI Music, 2006.

O texto da atividade 1 é de autoria do jornalista e biógrafo Ruy Castro. Em 2005, Castro publicou esta obra e organizou uma coleção de 4 CDs em homenagem à cantora. Morta aos 46 anos, vítima de seu próprio sucesso, Carmen cantou sambas, marchinhas e canções de Ary Barroso. O CD *Carmen canta Sambas* é o primeiro da lista. Os outros são *Os carnavais de Carmen, Carmen no cassino da Urca* e *Carmen canta Ary Barroso.*

2

Luigi Mamprin/Editora Abril

Amazônia: grandes reportagens O Estado de S. Paulo. São Paulo: O Estado de S. Paulo, nov./dez. 2007. p. 58.

Trabalhando o texto

A que classe gramatical pertence a palavra *legal*? Como se justifica seu emprego na frase acima?

3

O martelo

As rodas rangem na curva dos trilhos
Inexoravelmente.
Mas eu salvei do meu naufrágio
Os elementos mais cotidianos.
O meu quarto resume o passado em todas as casas que habitei.
Dentro da noite
No cerne duro da cidade
Me sinto protegido.
Do jardim do convento
Vem o pio da coruja.
Doce como um arrulho de pomba.
Sei que amanhã quando acordar
Ouvirei o martelo do ferreiro
Bater corajoso o seu cântico de certezas.

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. 10. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983. p. 141.

Trabalhando o texto

1. Aponte um exemplo de advérbio de tempo e um de intensidade.
2. Aponte um exemplo de locução adverbial de lugar.
3. A palavra *inexoravelmente*, cujo *x* deve ser lido como o de *exame*, equivale a uma locução. Indique-a.
4. Na sua opinião, que efeito produz o fato de a palavra *inexoravelmente* ser a única do segundo verso?
5. A palavra *dentro* normalmente introduz ideia de lugar. No texto, a expressão "Dentro da noite" tem efetivamente a ideia de lugar? Comente.
6. Re-escreva os dois últimos versos, substituindo *martelo* por *ferramenta*. Faça as adaptações necessárias.
7. No texto, a palavra *corajoso* tem valor de adjetivo ou de advérbio? Comente.
8. Pode-se entender o ranger inexorável das rodas como uma metáfora da passagem do tempo. Dessa forma, como se pode entender o "cântico de certezas" de que fala o poeta?

Em DVD

Divulgação

Encontro marcado com o cinema de Fernando Sabino e David Neves. **Direção de Fernando Sabino e David Neves. Brasil: Biscoito Fino, 2006. (121 min).**

Além de cronista renomado, autor de *Encontro marcado*, um dos maiores clássicos da literatura contemporânea em língua portuguesa, Fernando Sabino foi também um amante de cinema. Produzido com a colaboração do diretor David Neves, o documentário de Sabino reúne curtas que revelam a intimidade e as características poéticas de alguns de nossos escritores, como Drummond, João Cabral de Melo Neto, Vinicius de Moraes e Manuel Bandeira.

Questões de exames e concursos

Texto para as questões 1 e 2.

(Udesc) Leia o texto abaixo, para responder às questões 1 e 2.

"Nada! Os apelos não encontraram eco nos ouvidos de ninguém. Só a solidão lhes era companheira, enquanto (...) o medo – e a angústia, e o frio – mais e mais lhes arrasava com os nervos. Marcolina, soluçando alto, começou a chamar também, e os gritos da mulher se casaram aos do homem, na comunhão do desespero."

1. A palavra **só** pode ser advérbio, como no texto, com a acepção de **somente**, ou adjetivo, equivalendo a **sozinho**.

Observe o emprego dessa palavra, nas frases abaixo.

(I) Marcolina ficou **só**, ao pé do pinheiro carregado.

(II) **Só** Mané Juca para sofrer tanto!

(III) Mané Juca fez **só** o que a mulher lhe pediu.

(IV) Ao entardecer, o homem, **só**, escalou o pinheiro.

Assinale a alternativa que contém a classificação **correta**, de cima para baixo.

a) (I) adjetivo; (II) adjetivo; (III) advérbio; (IV) adjetivo
b) (I) advérbio; (II) adjetivo; (III) adjetivo; (IV) advérbio
c) (I) adjetivo; (II) advérbio; (III) advérbio; (IV) adjetivo
d) (I) advérbio; (II) adjetivo; (III) advérbio; (IV) adjetivo
e) (I) adjetivo; (II) adjetivo; (III) advérbio; (IV) advérbio

2. Assinale a alternativa **incorreta**.

a) Em **nada!** a exclamação reforça a negativa.
b) Em **soluçando alto** há ideia de reforço.
c) Em **e a angústia, e o frio** o primeiro **e** tem valor expressivo, podendo ser retirado, sem prejuízo para a correção gramatical da frase.
d) A expressão **mais e mais** apresenta ideia de progressão.
e) Em **também** há ideia de inclusão.

3. (UFRN) Com base no fragmento textual que segue, responda à questão.

"O esforço da vida humana, **desde** o vagido(*) do berço **até** o movimento do enfermo, no leito de agonia, buscando uma posição mais cômoda para morrer, é a seleção do agradável."

POMPEIA, Raul. *O Ateneu*. Rio/São Paulo/Fortaleza: ABC Editora, 2006. p. 91.

(*) choro de criança recém-nascida

No fragmento, as palavras sublinhadas indicam:

a) mudança de atitude.
b) limites espaciais.
c) limites temporais.
d) mudança de opinião.

4. (Unifesp) Instrução: Para responder à questão a seguir, leia versos da primeira e da quarta estrofe do poema de Hilda Hilst, publicados no livro *Do desejo*, em 1992.

I

Porque há desejo em mim, é tudo cintilância.
Antes, o cotidiano era um pensar alturas
Buscando Aquele Outro decantado
Surdo à minha humana ladradura.
Visgo e suor, pois nunca se faziam.
Hoje, de carne e osso, laborioso, lascivo
Tomas-me o corpo. E que descanso me dás
Depois das lidas. Sonhei penhascos
Quando havia o jardim aqui ao lado.
Pensei subidas onde não havia rastros.

IV

Por que não posso
Pontilhar de inocência e poesia
Ossos, sangue, carne, o agora

Instrução: O verso "Tomas-me o corpo. E que descanso me dás" é base para a questão.

No contexto, o termo *que* pode ser substituído por

a) quanto
b) pouco
c) algum
d) qual
e) tal

5. (PUC-SP)Para responder à questão proposta, leia atentamente o texto abaixo.

Depois de brincar de referendo... É hora de falar sério

Ganhe o NÃO ou ganhe o SIM, o problema do crime no Brasil vai continuar do mesmo tamanho. Durante quase um mês as autoridades submeteram o país à propaganda eleitoral de uma questão sobre a qual a opinião das pessoas, por mais bem-intencionadas, não tem o menor poder. O referendo das armas vai ser lembrado como um daqueles momentos em que um país entra em transe emocional e algumas pessoas se convencem de que basta uma torcida muito forte para que se produza um resultado positivo para a sociedade. Em finais de Copa do Mundo essa mobilização é muito apropriada. O referendo das armas no Brasil tem algo dessa ilusão coletiva de que se pode vencer um inimigo poderoso, o crime violento, apenas

pela repetição de mantras e mediante sinais feitos com as mãos imitando o voo da pomba branca da paz. Infelizmente a vida real exige mais do que boas intenções para seguir o vetor do progresso social.

Ganhe o SIM ou o NÃO na proposta de proibir a comercialização de armas, continuará intacto e movimentado o principal caminho que elas percorrem das forjas do metal até as mãos dos bandidos. Esse caminho é a corrupção policial. Se quisesse efetivamente diminuir o número de armas em circulação o governo deveria ter optado por agir silenciosa e drasticamente dentro das organizações policiais. São conhecidos os expedientes usados por policiais corruptos que deixam as armas escaparem para as mãos dos bandidos em troca de dinheiro.

O caminho mais comum é a simples venda para os bandidos de armas ilegais apreendidas em operações policiais. A apreensão não é reportada ao comando policial e, em lugar de serem encaminhadas para destruição, elas são vendidas aos bandidos. É frequente criminosos serem soltos em troca de deixarem a arma com policiais. O mesmo vale para cidadãos pegos com armas ilegais ou sem licença para o porte. Eles são liberados pagando como pedágio a arma que portavam. Policiais corruptos também simulam o roubo, furto ou até a perda da arma oficial. Depois raspam sua numeração e a vendem. A corporação cuida de entregar-lhes uma nova, que pode vir a ter o mesmo destino. Enquanto esse tráfico não for interrompido, podem ser organizados milhares de referendos e o problema do crime continuará do mesmo tamanho.

SHELP, Diogo. *Veja*. São Paulo: Abril, 26 out. 2005. p. 62.

De acordo com o discurso gramatical tradicional, advérbio é palavra invariável que expressa circunstância e incide sobre verbos, adjetivos e até mesmo advérbios. No entanto, extrapolando esse discurso, sabe-se que, como modalizador, em vez de exprimir uma circunstância (tempo, lugar, intensidade etc.) relacionada a um verbo, advérbio ou adjetivo, o advérbio pode revelar estados psicológicos do enunciador. Isso se vê em:

a) "[...] basta uma torcida *muito* forte para que se produza um resultado positivo para a sociedade."
b) "*Infelizmente* a vida real exige mais do que boas intenções para seguir o vetor do progresso social."
c) "o governo deveria ter optado por agir *silenciosa e drasticamente* dentro das organizações policiais."
d) "A apreensão *não* é reportada ao comando policial [...]"
e) "*Depois* raspam sua numeração e a vendem."

6. (FGV-SP) Leia o texto para responder à questão.

A China detonou uma bomba e pouca gente percebeu o estrago que ela causou. Assim que abriu as portas para as multinacionais oferecendo mão-de-obra e custos muito baratos, o país enfraqueceu as relações de trabalho no mundo. Em uma recente análise, a revista inglesa The Economist mostra que a entrada da China, da Índia e da ex-União Soviética na economia mundial dobrou a força de trabalho. Com isso, o poder de barganha de sindicatos do mundo inteiro teria se esfacelado. Provavelmente por isso, diz a revista, salários e benefícios tenham crescido apenas 11% desde 2001 nas empresas privadas dos Estados Unidos, ante 17% nos cinco anos anteriores.

Você S/A. São Paulo: Abril, set. 2005.

Comente o efeito de sentido produzido pelo emprego do futuro do pretérito em – *o poder de barganha ... teria se esfacelado* – e do advérbio *provavelmente* (parte final do texto).

7. (UFC) Marque a alternativa que preenche corretamente todas as lacunas numeradas.

palavra	classificação morfológica	processo de formação
gradil	1	derivação sufixal
enferrujar	verbo	2
outrora	3	4

a) (1) substantivo (2) derivação sufixal (3) adjetivo (4) derivação sufixal
b) (1) adjetivo (2) derivação parassintética (3) adjetivo (4) composição
c) (1) adjetivo (2) derivação sufixal (3) advérbio (4) composição
d) (1) substantivo (2) derivação parassintética (3) adjetivo (4) derivação sufixal
e) (1) substantivo (2) derivação parassintética (3) advérbio (4) composição

8. (Ufam) Assinale o item em que a palavra *que* desempenha a função de advérbio:

a) Que fizeste dos meus livros?
b) Que bonitos olhos tens!
c) Que troféu ainda te falta?
d) Que és muito feliz, eu bem o sei.
e) Quase que você acerta tudo.

9. (FGV-SP) Observe a palavra destacada no seguinte período:

A implicação é que esses países talvez se saíssem **melhores** economicamente se fossem mais parecidos entre si.

Essa palavra está sendo usada de acordo com a norma culta? Explique.

10. (UFMG) As expressões destacadas correspondem a um adjetivo, exceto em:

a) João Fanhoso anda amanhecendo **sem entusiasmo**.

b) Demorava-se **de propósito** naquele complicado banho.

c) Os bichos **da terra** fugiam em desabalada carreira.

d) Noite fechada sobre aqueles ermos perdidos da caatinga **sem fim**.

e) E ainda me vem com essa conversa de homem **da roça**.

11. (UFV-MG) Em todas as alternativas há dois advérbios, exceto em:

a) Ele permaneceu muito calado.

b) Amanhã, não iremos ao cinema.

c) O menino, ontem, cantou desafinadamente.

d) Tranquilamente, realizou-se, hoje, o jogo.

e) Ela falou calma e sabiamente.

12. (UFC) A opção em que há um advérbio exprimindo circunstância de tempo é:

a) Possivelmente viajarei para São Paulo.

b) Maria teria aproximadamente 15 anos.

c) As tarefas foram executadas concomitantemente.

d) Os resultados chegaram demasiadamente atrasados.

13. (FEI-SP) Substitua a expressão destacada por um advérbio de significação equivalente.

a) Recebeu a repreensão **sem dizer palavras**.

b) Falava sempre **no mesmo tom**.

c) Aceitou tudo **sem se revoltar**.

d) Trataram-me **como irmão**.

14. (Fuvest-SP) Re-escreva a passagem "Humildemente pensando na vida..." substituindo o advérbio por uma locução adverbial equivalente.

15. (Unicamp-SP) Leia atentamente o seguinte trecho de uma entrevista:

Pergunta: O Sr. fala em respeito à Constituição. Não é contraditório, então, colocar a não-posse do vice Itamar em caso de *impeachment*?

Resposta: Você não acha que um *impeachment* imposto não é rasgar a Constituição?

(Entrevista com o governador Antônio Carlos Magalhães. *IstoÉ*, 24 jun. 1992.)

Se tomada literalmente, a fala de ACM tem um sentido que é o oposto do pretendido.

a) Qual o sentido literal da fala de ACM?

b) Re-escreva a fala de ACM de forma a eliminar o eventual mal-entendido.

c) A forma da pergunta pode ter influenciado a forma da resposta. Qual a característica formal que torna a resposta de ACM semelhante à pergunta do repórter?

16. (Unimep-SP) Em "... um **aborrecimento** quando **os** vejo e gostaria de **não** vê-los mais" as palavras destacadas são, respectivamente:

a) adjetivo, artigo, advérbio.

b) adjetivo, pronome, pronome.

c) substantivo, pronome, advérbio.

d) substantivo, artigo, pronome.

e) verbo, pronome, preposição.

17. (Cesgranrio-RJ) Assinale a alternativa em que a preposição **com** traduz uma relação de instrumento.

a) "Teria sorte nos outros lugares, com gente estranha."

b) "Com o meu avô cada vez mais perto do fim, o Santa Rosa seria um inferno."

c) "Não fumava, e nenhum livro com força de me prender."

d) "Trancava-me no quarto fugindo do aperreio, matando-as com jornais."

e) "Andavam por cima do papel estendido com outras já pregadas no breu."

18. (Mapofei-SP) Lista dos advérbios:

bisonhamente	ironicamente
quixotescamente	desassombradamente
laconicamente	radicalmente
estoicamente	perfunctoriamente
sibilinamente	frugalmente
prolixamente	sofregamente
inexoravelmente	puerilmente
sutilmente	tacitamente

Escolha, na lista da página anterior, o advérbio mais adequado a cada uma das ações abaixo enunciadas, de acordo com o modelo.

Falar com orgulho e arrogância

Falar **arrogantemente**.

a) Dizer com palavras enigmáticas e difíceis de compreender.

b) Falar de maneira franca e corajosa.

c) Exprimir-se com palavras excessivas.

d) Concordar sem dizer palavras.

e) Agir com a inexperiência de um principiante.

f) Agir com impaciência e ambição.

g) Agir como criança.

h) Insinuar com perspicácia e delicadeza.

i) Eliminar pela base.

j) Eliminar sem se render a rogos.

19. (PUC-SP) No trecho "Os trens **de** cana apitavam de quando em vez, mas **não** davam **vencimento** à **fome** das moendas", as palavras destacadas correspondem, morfologicamente, pela ordem, a:

a) preposição, advérbio, verbo, substantivo.

b) conjunção, advérbio, substantivo, adjetivo.

c) preposição, advérbio, adjetivo, adjetivo.

d) preposição, advérbio, verbo, advérbio.

e) preposição, advérbio, substantivo, substantivo.

20. (PUCCamp-SP) Os seus projetos são os .... elaborados, por isso garantem verbas .... para sua execução e evitam ....-entendidos.

a) melhor – suficientes – mal

b) mais bem – suficientes – mal

c) mais bem – suficiente – mal

d) melhor – suficientes – mau

e) melhor – suficiente – mau

21. (Vunesp-SP) Observe os seguintes fragmentos: "... viver em voz **alta**." e "... que ligasse o rádio um pouco **alto**...". Indique a classe gramatical das palavras destacadas e o processo de derivação que ocorre no segundo fragmento.

22. (UMC-SP) Em: "uma cerca **de pedra-seca**, do tempo dos escravos" e "Tudo é mato, crescendo **sem regra**.", as locuções destacadas são, respectivamente:

a) adjetiva e adjunto adnominal; adverbial e adjunto adverbial.

b) adverbial e objeto indireto; adjetiva e predicativo.

c) adjetiva e adjunto adverbial; adverbial e adjunto adnominal.

d) adjetiva e complemento nominal; adverbial e adjunto adnominal.

e) adverbial e adjunto adnominal; adjetiva e complemento nominal.

23. (Cesgranrio-RJ) Assinale a alternativa em que a locução destacada tem valor adjetivo.

a) "Comprei móveis e objetos diversos que entrei a utilizar **com receio**."

b) "Azevedo Gondim compôs **sobre ela** dois artigos."

c) "Pediu-me **com voz baixa** cinquenta mil-réis."

d) "Expliquei **em resumo** a prensa, o dínamo, as serras..."

e) "Resolvi abrir o olho para que vizinhos **sem escrúpulos** não se apoderassem do que era delas."

Capítulo 13

Estudo dos pronomes

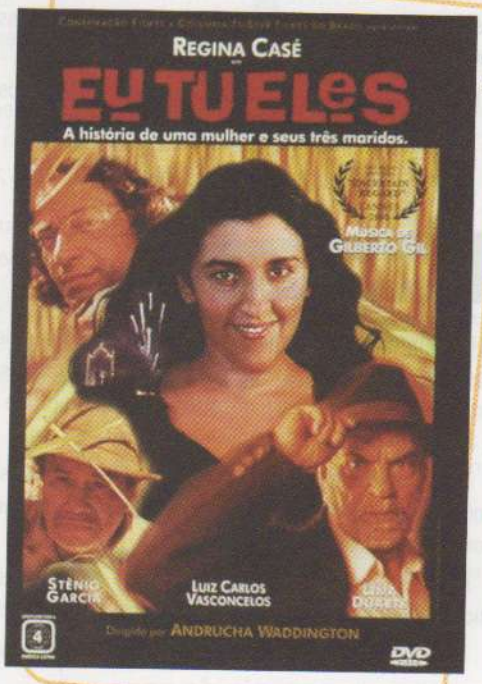

Divulgação

Como um enunciador se faz representar no discurso? Pelo pronome pessoal *eu*. O *eu* pressupõe um *tu* (ou você, senhor/senhora), com quem *eu* dialoga, e ambos, nesse diálogo, costumam se referir a *ele*, uma terceira pessoa. Os pronomes estabelecem, ainda, relações espaciais ou temporais com o *eu*, este sempre tomado como ponto de referência: podem demonstrar, substituir ou referir-se ao próprio discurso. No caso do filme dirigido por Andrucha Waddington, *eu* representa Darlene, *tu* é Osias, seu parceiro, e *eles* são Zezinho e Ciro, conhecidos que passam a conviver com o casal.

1. Conceito

Pronomes são palavras que representam os seres ou se referem a eles. Podem substituir os substantivos ou acompanhá-los, para tornar-lhes claro o sentido. Em "Eu pus os meus pés no riacho e acho que nunca os tirei" (da canção "Força estranha", de Caetano Veloso), o pronome *meus* acompanha o substantivo *pés*, indicando noção de posse. O pronome *os* substitui o substantivo *pés*.

Os pronomes permitem, ainda, identificar o ser como aquele que utiliza a língua no momento da comunicação (*eu, nós*), aquele a que a comunicação é dirigida (*tu, você, vós, vocês, Vossa Senhoria, senhor*) ou também como aquele ou aquilo que não participa do ato comunicativo, mas é mencionado (*ele, ela, aquilo, outro, qualquer, alguém* etc.). Assim empregados, os pronomes servem para indicar diretamente as **pessoas do discurso**.

O pronome também pode referir-se a um determinado ser, relacionando-o com as pessoas do discurso. Pode estabelecer outras relações, além da de posse, já citada, como a ideia de proximidade com a primeira pessoa (***esta*** *blusa, isto*), com a segunda pessoa (***essa*** *blusa, isso*) e com a terceira pessoa (***aquela*** *blusa, aquilo*).

OBSERVAÇÃO

Quando um pronome faz as vezes de um substantivo, ou seja, quando o representa, é chamado de **pronome substantivo**. É o caso do pronome *os* do trecho da canção "Força estranha". Esse pronome, que substitui o substantivo *pés*, é, justamente por isso, pronome substantivo. Também há pronomes que acompanham os substantivos a fim de caracterizá-los ou determiná-los, atuando em funções típicas dos adjetivos. São, justamente por isso, chamados **pronomes adjetivos**. É o caso do pronome *meus*, do mesmo trecho. Esse pronome acompanha, determina o substantivo *pés*.

Há seis tipos de pronomes: pessoais, possessivos, demonstrativos, relativos, indefinidos e interrogativos. Você vai estudar agora cada um deles.

2. Pronomes pessoais

Os pronomes pessoais indicam diretamente as pessoas do discurso. Quem fala ou escreve assume os pronomes *eu* ou *nós*, emprega os pronomes *tu, vós, você, vocês, Vossa Excelência* ou algum outro pronome de tratamento para designar a quem se dirige e *ele, ela, eles* ou *elas* para fazer referência à pessoa ou ao assunto de que fala.

Os pronomes pessoais variam de acordo com as funções que exercem nas orações, dividindo-se em pronomes do **caso reto** e pronomes do **caso oblíquo**. Também são considerados pessoais os chamados pronomes de tratamento.

Para estudar os pronomes pessoais, será necessário fazer referências a vários termos da análise sintática. Se você tiver dúvidas sobre eles, procure esclarecê-las na parte do livro dedicada à sintaxe.

Pronomes pessoais do caso reto

São do caso reto os pronomes pessoais que nas orações desempenham a função de sujeito ou predicativo do sujeito:

	singular	plural
primeira pessoa	eu	nós
segunda pessoa	tu	vós
terceira pessoa	ele, ela	eles, elas

Na língua culta, formal – falada ou escrita –, esses pronomes não devem ser usados como complementos verbais. Frases como "Eu vi ele na rua", "Encontrei ela na praça", "Trouxeram eu até aqui", comuns na língua oral cotidiana, não são aceitas no padrão formal da língua. Na língua culta, devem ser usados os pronomes oblíquos correspondentes: "Eu o vi na rua", "Encontrei-a na praça", "Trouxeram-me até aqui".

Pronomes pessoais do caso oblíquo

São do caso oblíquo os pronomes pessoais que, nas orações, desempenham as funções de complemento verbal (objeto direto ou indireto) ou complemento nominal. A forma dos pronomes do caso oblíquo varia de acordo com a tonicidade com que são pronunciados nas frases da língua, dividindo-se em átonos e tônicos.

Pronomes oblíquos átonos

	singular	plural
primeira pessoa	me	nos
segunda pessoa	te	vos
terceira pessoa	o, a, se, lhe	os, as, se, lhes

a. Os pronomes *me, te, nos* e *vos* podem complementar verbos transitivos diretos ou indiretos. Em "Ela me ama", o *me* complementa o verbo *amar*, que não pede preposição (amar alguém). Em "O livro me pertence", o *me* complementa o verbo *pertencer*, transitivo indireto (pertencer a alguém).

b. Os pronomes *o, a, os* e *as* atuam exclusivamente como objetos diretos; as formas *lhe* e *lhes* como objetos indiretos. No padrão culto formal, não ocorre "Eu lhe amo".

c. Como os pronomes *me, te, nos* e *vos*, o pronome *se* pode ser objeto direto ou indireto. Nesse caso, é reflexivo, ou seja, indica que o sujeito pratica a ação sobre si mesmo ("Ela se destruiu"). Esses pronomes também podem assumir várias outras funções, que serão estudadas mais adiante, na parte dedicada à sintaxe.

d. Os pronomes *me, te, lhe, nos, vos* e *lhes* podem combinar-se com os pronomes *o, os, a, as*, dando origem a formas como estas:

mo	mos	ma	mas	to	tos	ta	tas
lho	lhos	lha	lhas	no-lo	no-los	no-la	no-las
vo-lo	vo-los	vo-la	vo-las				

Observe o uso dessas formas nos exemplos que seguem:

– Compraste o livro?

– Ora, entreguei-**to** ontem, não te lembras?

– Não deram a notícia a vocês?

– Não, não **no-la** deram.

No português falado no Brasil, essas combinações não são usadas. Na língua literária, no entanto, seu emprego não é raro, como se vê em Gonçalves Dias ("Não te esqueci, eu to juro."), ou em Fernando Pessoa ("Dobrada à moda do Porto fria? Não é prato que se possa comer frio, mas trouxeram-mo frio."). Na língua oral de Portugal, essas combinações ainda são frequentes.

e. Os pronomes *o, os, a, as* podem sofrer adaptações fonológicas depois de certas terminações verbais:

- quando o verbo termina em *-z, -s* ou *-r*, o pronome assume a forma *lo, los, la* ou *las*, ao mesmo tempo que a terminação verbal é suprimida:

fiz + o = fi-lo fazeis + o = fazei-lo dizer + a = dizê-la

- quando o verbo termina em som nasal, o pronome assume as formas *no, nos, na, nas*:

viram + o = viram-no repõe + os = repõe-nos
retém + a = retém-na tem + as = tem-nas

Pronomes oblíquos tônicos

	singular	plural
primeira pessoa	mim	nós
segunda pessoa	ti	vós
terceira pessoa	ele, ela, si	eles, elas, si

a. Os pronomes oblíquos tônicos são sempre regidos por preposições, como *a, até, contra, de, em, entre, para, por, sem*. A combinação da preposição *com* com alguns desses pronomes originou as formas *comigo, contigo, consigo, conosco* e *convosco*. As preposições essenciais introduzem sempre pronomes oblíquos tônicos e nunca pronomes do caso reto. Por isso, preste atenção às frases abaixo, em que se exemplifica a forma culta de utilizar esses pronomes:

Não existe nada entre **mim** e **ti**.
Não foi comprovada nenhuma ligação entre **ti** e **ela**.
Não há nenhuma acusação contra **mim**.
Não saia sem **mim**.

b. Há construções em que a preposição, apesar de surgir anteposta a um pronome, rege a oração inteira, e não o pronome. Nesses casos, se o sujeito for um pronome, deverá ser do caso reto:

Trouxeram vários livros para **eu** ler.
Não saia sem **eu** permitir.

Note que as orações podem ser desdobradas, o que daria origem a "Trouxeram vários livros para que eu lesse" e "Não saia sem que eu permita". Não resta dúvida de que o pronome a ser empregado é mesmo do caso reto (*eu*).

c. As formas *conosco* e *convosco* são substituídas por *com nós* e *com vós* quando os pronomes pessoais são reforçados por palavras como *outros, mesmos, próprios, todos, ambos* ou algum numeral:

Ela terá de ir **com nós todos**.
Estavam **com vós outros** quando chegaram as encomendas?
Ele assegurou que viajaria **com nós dois**.

d. O pronome *si* é exclusivamente reflexivo no português do Brasil. O mesmo ocorre com a forma *consigo*. Observe seu emprego nas frases abaixo:

Ela é extremamente egoísta. Só é capaz de pensar em **si**.
Ele normalmente fala **consigo** mesmo em voz alta.

Em Portugal, esses pronomes são usados também como não-reflexivos:

Pensei muito em **si** ontem.
Quero estar **consigo** hoje à noite.

A segunda pessoa indireta

A chamada segunda pessoa indireta ocorre quando se empregam pronomes que, apesar de indicarem o interlocutor (portanto, a segunda pessoa), exigem o verbo na terceira pessoa. É o caso dos chamados **pronomes de tratamento**, que podem ser observados no quadro seguinte.

pronome de tratamento	abreviatura	usado para se dirigir a
Vossa Alteza	V. A.	príncipes, duques
Vossa Eminência	V. Em.ª	cardeais
Vossa Excelência	V. Ex.ª	altas autoridades e oficiais-generais
Vossa Magnificência	V. Mag.ª	reitores de universidades
Vossa Majestade	V. M.	reis, imperadores
Vossa Santidade	V. S.	papa
Vossa Senhoria	V. S.ª	tratamento cerimonioso

a. Esses pronomes efetivamente representam uma forma indireta de tratamento de um interlocutor. As formas da relação acima devem ser usadas quando designamos a segunda pessoa do discurso, ou seja, o interlocutor; para designar a terceira pessoa, ou seja, aquela de quem se fala, é necessário substituir *Vossa* por *Sua*, obtendo os pronomes *Sua Alteza*, *Sua Eminência*, *Sua Excelência* etc.

b. Também são pronomes de tratamento *o senhor*, *a senhora* e *você*, *vocês*. *O senhor* e *a senhora* são empregados no tratamento cerimonioso; *você* e *vocês*, no tratamento familiar. *Você* e *vocês* são largamente empregados no português do Brasil, praticamente substituindo as formas *tu* e *vós*.

Em livro

Divulgação

DOMINGOS, Tânia Regina Eduardo. *Pronomes de tratamento do português do século XVI.* São Paulo: Annablume, 2001.

Rica análise dos pronomes de tratamento usados por nossos colonizadores durante o século XVI. A autora utiliza como objeto de estudo 12 autos de Gil Vicente, fundador do teatro português. Relações de inferioridade, superioridade, igualdade e intimidade dos pronomes são profundamente analisadas.

c. É importante notar que os pronomes de tratamento exigem o verbo e outros pronomes de terceira pessoa. Observe a frase seguinte:

Vossa Excelência apresentará **seu** projeto na sessão de hoje?

No caso de *você* e *vocês*, essas relações devem ser atentamente observadas.

d. As formas *você* e *vocês* podem ser usadas no papel de pronomes pessoais do caso reto (atuando como sujeito ou predicativo) ou no de pronomes pessoais do caso oblíquo (atuando como complementos verbais e nominais):

Você já foi a Roma?

O mais indicado para o cargo é **você**.

Vi **você** ontem na praça.

Darei as respostas a **você**.

Nunca houve nada entre mim e **você**.

e. Também se usam as formas oblíquas *o, a, os, as, lhe, lhes, se, si* e *consigo* em combinação com *você, vocês* (e outros pronomes de tratamento):

Você não foi porque não quis. Eu **o** havia avisado do encontro.

Já **lhe** disse várias vezes que **você** não deve insistir.

Você só é capaz de pensar em **si**? **Você** só se preocupa **consigo** mesmo?

f. No padrão formal culto, não ocorre a mistura dos tratamentos *tu* e *você*, como ocorre com frequência, no Brasil, na língua oral cotidiana. No padrão formal, não ocorrem frases como:

Se **você** precisar, vou **te** ajudar.

Em seu lugar, registram-se construções com tratamento uniforme:

Se **você** precisar, vou ajudá-**lo**. (ou ajudar **você**)

Se (**tu**) precisares, vou **te** ajudar.

Em CD

Divulgação

Djavan. Nem um dia. In: *Djavan: novelas* (CD). Som Livre, 2001.

Você aprendeu que, na língua culta, não se misturam os tratamentos *tu* e *você* em suas correspondentes formas oblíquas. Contudo, não é raro encontrar canções em que se registra esse processo. A bela canção de Djavan, "Nem um dia", contém um trecho em que ocorre esse procedimento.

g. Na língua coloquial, utiliza-se com frequência a forma *a gente* como pronome de primeira pessoa do plural, em geral com o verbo na terceira pessoa do singular:

Com o tempo, **a gente** aprende cada coisa!

Na língua formal, essa expressão é substituída por *nós*.

Atividades

1. Nas frases seguintes, ocorre ambiguidade decorrente do emprego de pronomes pessoais. Comente essas ambiguidades e proponha formas de eliminá-las.

a) É preciso que refaça o que havia feito.

b) João disse a Pedro que ele seria o escolhido.

c) Eu afirmei a Caio que conseguiria resolver a questão.

d) Ela me garantiu que obteria o cargo.

e) Sílvia disse a Flávia que ela seria a última a sair.

2. Re-escreva cada uma das frases seguintes, substituindo o termo destacado por um pronome pessoal oblíquo átono.

a) Entregue **seus livros** aos colegas.

b) Entregue seus livros **aos colegas**.

c) Envie **seus textos** ao editor.

d) Envie seus textos **ao editor**.

e) Mostrei **o melhor caminho** aos turistas.

f) Mostrei o melhor caminho **aos turistas**.

g) Apresentei **as provas** no tribunal.

h) Paguei **aos meus credores**.

i) Paguei **os meus débitos**.

3. Substitua o termo em destaque por um pronome pessoal oblíquo átono. Anote, em seguida, quais adaptações foram necessárias para realizar-se a substituição.

a) Pediram **esmola** aos rapazes.

b) Pediram esmola **aos rapazes**.

c) Mostraram **a realidade** ao pobre homem.

d) Mostraram a realidade **ao pobre homem**.

e) Devem destruir **a ponte**.

f) Refiz **o trabalho**.

g) Metes **o nariz** onde não és chamado.

h) Mete **o nariz** onde não é chamado.

i) Você deve pôr **estas roupas** lá em cima.

j) Desejo ver **seus primos**.

4. As frases seguintes são frequentes na língua coloquial e familiar. Re-escreva-as de acordo com o padrão culto da língua.

a) Vi ele ontem.

b) Encontrei ela no cinema.

c) Deixa eu quieto!

d) Ela deixou alguns livros pra mim dar uma olhada.

e) Está tudo acabado entre eu e você.

f) Mandaram eu sair da sala.

g) "Cantei pra ti dormir."
("Menina", Paulinho Nogueira)

h) Fizeram ele desistir da escola.

i) Trouxe ele aqui pra dar uma força pra gente.

5. Re-escreva as frases de acordo com o modelo.

Trouxeram algumas revistas. Vou lê-las.

Trouxeram algumas revistas **para eu ler**.

a) Apresentaram algumas sugestões. Vou analisá-las.

b) Mandaram alguns documentos. Vou arquivá-los.

c) Recomendaram alguns procedimentos. Vou adotá-los.

d) Enviaram alguns exemplares. Vou examiná-los.

e) Deixaram várias fitas. Vou vê-las.

6. Complete as frases seguintes com a forma apropriada do pronome pessoal da primeira pessoa do singular.

a) Este fichário é para (*) fazer meus apontamentos.

b) Discutimos, mas no fim tudo ficou resolvido. Não há mais nada pendente entre (*) e ele.

c) É difícil para (*) aceitar sua ausência.

d) Quem trouxe isto para (*)?

e) Não vá sem (*).

f) Para (*) já está claro que foi ele o responsável pelo desvio das verbas.

g) Não tome nenhuma decisão sem (*) saber.

7. Passe para o plural o verbo destacado em cada uma das frases seguintes. Faça todas as modificações necessárias.

a) Não me **esqueço** de que ele não simpatiza comigo.

b) Não te **queixaste** de que ela não se preocupava contigo?

c) Não me **lembro** da presença de alguém comigo naquele momento.

d) Não te **recordas** das coisas ruins que te acontecem?

e) Não me **propus** a cuidar melhor de mim mesmo?

f) **Lembro**-me de que ela gostava de passear comigo.

g) Não te **lembras** de quem estava contigo naquela ocasião?

8. Leia atentamente as frases seguintes. A seguir, sugira soluções para os problemas pronominais que apresentam.

a) Querida, gosto muito de si.

b) Querida, gostaria muito de sair consigo.

c) Falei consigo ontem, não se lembra?

d) Apesar da distância que nos separa, creia que nunca me esqueço de si.

9. Uma campanha de prevenção da Aids empregava a frase "Se você não se cuidar, a Aids vai te pegar". É possível criticar a combinação de pronomes adotada? Comente.

3. Pronomes possessivos

Os pronomes possessivos fazem referência às pessoas do discurso, atribuindo-lhes a posse de algo. São os seguintes:

	singular	plural
primeira pessoa	meu, meus, minha, minhas	nosso, nossos, nossa, nossas
segunda pessoa	teu, teus, tua, tuas	vosso, vossos, vossa, vossas
terceira pessoa	seu, seus, sua, suas	seu, seus, sua, suas

a. A forma do possessivo depende da pessoa gramatical a que se refere. O gênero e o número concordam com o objeto possuído:

Dou **meu** apoio e **minha** solidariedade.

Meu e *minha* são pronomes possessivos relativos à primeira pessoa do singular, em sintonia com o pronome *eu*, também da primeira pessoa, implícito na forma verbal *dou*. Estão, respectivamente, no masculino e no feminino singular, em concordância com os substantivos *apoio* e *solidariedade*.

b. Os pronomes de tratamento utilizam os possessivos da terceira pessoa:

Vossa Excelência apresentou **sua** proposta na sessão de hoje?

Você deve encaminhar **seu** relatório à direção do colégio. Esteja certo de que **seus** colegas o apoiarão.

Na língua coloquial, a tendência é construir frases relacionando *você* com os possessivos da segunda pessoa do singular ("Você trouxe o teu livro?"). Essa tendência é evitada na língua formal falada ou escrita.

c. Em algumas construções, os pronomes pessoais oblíquos átonos assumem valor de possessivos:

Vou seguir-**lhe** os passos.

(= Vou seguir **seus/os seus** passos.)

"E além de tudo me deixou mudo o violão." (Chico Buarque, "A Rita")

(= ... deixou mudo **meu/o meu** violão.)

d. Observe que o artigo é optativo antes dos possessivos:

"Meu coração é um balde despejado" (Fernando Pessoa)

"**O** meu amor sozinho é assim como um jardim sem flor" (Carlos Lira e Vinicius de Moraes, "Primavera")

4. Pronomes demonstrativos

Os pronomes demonstrativos indicam a posição dos seres designados em relação às pessoas do discurso, situando-os no espaço, no tempo ou no próprio discurso. Apresentam-se em formas variáveis (em gênero e número) e invariáveis:

primeira pessoa	este, estes, esta, estas
	isto
segunda pessoa	esse, esses, essa, essas
	isso
terceira pessoa	aquele, aqueles, aquela, aquelas
	aquilo

a. As formas de primeira pessoa indicam proximidade de quem fala ou escreve:

Este rapaz é um velho companheiro.

Esta blusa que estou usando é confortável.

Os demonstrativos de primeira pessoa podem indicar também o tempo presente em relação a quem fala ou escreve:

Nestas últimas semanas, parece que o mundo mudou mais do que nos últimos séculos.

b. As formas *esse, esses, essa, essas* e *isso* indicam proximidade da pessoa a quem se fala ou escreve:

O que é **isso** que está em sua mão?

Nunca imaginei que **esse** corpo conseguisse suportar tanto trabalho.

"**Esse** seu olhar, quando encontra o meu,
fala de umas coisas..."
("Esse seu olhar", Tom Jobim)

Os demonstrativos de segunda pessoa também podem indicar o passado ou o futuro próximos de quem fala ou escreve:

Meu rendimento aumentou **nesses** meses.
(o emissor refere-se a meses que já passaram)

Meu rendimento aumentará **nesses** meses.
(o emissor refere-se a meses que virão)

c. Os pronomes *aquele, aqueles, aquela, aquelas* e *aquilo* indicam o que está distante tanto de quem fala ou escreve como da pessoa a quem se fala ou escreve:

Veja **aqueles** monumentos.

Quem é **aquela** moça que está do outro lado da rua?

Esses pronomes também podem indicar um passado vago ou remoto:

Naqueles tempos, o país era mais otimista.

Naquela época, podia-se ir aos estádios e voltar vivo.

Joaquín Salvador Lavado/Quino

No primeiro e no segundo quadrinhos, observa-se o pronome demonstrativo de primeira pessoa: *este* indica que o objeto está próximo do falante. No último quadrinho também há ocorrência do pronome possessivo de primeira pessoa: *meu*.

OBSERVAÇÃO

Os pronomes demonstrativos também podem estabelecer relações entre as partes do discurso, ou seja, podem relacionar aquilo que já foi dito numa frase ou texto com o que ainda se vai dizer. Observe:

Minha tese é **esta**: crescimento econômico só se justifica quando produz bem-estar social.
Crescimento econômico só se justifica quando produz bem-estar social. **Essa** é minha tese.

Este (e as outras formas de primeira pessoa) se refere ao que ainda vai ser dito na frase ou texto; *esse* (e as outras formas de segunda pessoa) se refere ao que já foi dito na frase ou texto.

Também se pode utilizar a oposição entre os pronomes de primeira pessoa e os de terceira na retomada de elementos anteriormente citados:

Um amigo visitou Miami e Roma. **Nesta** (em Roma), emocionou-se, tropeçou em história e teve uma verdadeira aula de civilização e cultura; **naquela** (em Miami), comprou tênis e aparelhos eletrônicos.

d. Há alguns pronomes demonstrativos que desempenham papel importantíssimo no inter-relacionamento das partes que constituem frases e textos.

- *o, os, a, as* são pronomes demonstrativos quando podem ser substituídos por *isto, isso, aquilo* ou *aquele, aqueles, aquela, aquelas*. É o que se verifica em frases como:

  Devemos transformar nosso quadro social: é preciso que **o** façamos logo.

  (= ... é preciso que façamos **isso** logo.)

  A que apresentar o melhor texto será aprovada.

  (= **Aquela** que apresentar o melhor texto...)

  Não se pode ignorar tudo **o** que já foi discutido.

  (= ... tudo **aquilo** que já foi discutido.)

- *tal, tais* podem ter sentido próximo ao dos pronomes demonstrativos estudados acima ou de *semelhante, semelhantes*; nesses casos, são considerados pronomes demonstrativos, como ocorre nas frases:

  Tal foi a constatação de todos, inevitável àquela altura.

  (= **Essa** foi...)

  Jamais supus que fossem capazes de proferir **tal** aberração!

  (= ... **semelhante** aberração!)

- *semelhante, semelhantes* são demonstrativos quando equivalem a *tal, tais*:

  Não se veriam **semelhantes** grosserias se as pessoas tivessem um mínimo de sensibilidade.

  (= Não se veriam **tais** grosserias...)

- *mesmo, mesmos, mesma, mesmas; próprio, próprios, própria, próprias* são demonstrativos quando têm o sentido de "idêntico", "em pessoa":

  Não é possível continuar insistindo nos **mesmos** erros.

  Ela **própria** deve fiscalizar a mercadoria que lhe é entregue.

Atividades

1. Nas frases seguintes, há casos de ambiguidade decorrentes do emprego dos pronomes possessivos. Aponte essas ambiguidades e proponha formas de evitá-las.

a) Ao chegar à casa do primo, Sílvio encontrou-o com sua namorada.

b) Você deve esperar seu irmão e levá-lo em seu carro até o hospital.

2. Substitua os asteriscos das frases seguintes pelos pronomes possessivos adequados.

a) Você já expôs (*) conclusões?

b) Já expuseste (*) conclusões?

c) Você deve cuidar do que é (*).

d) Deves cuidar do que é (*).

e) Estou muito interessado em conhecê-la melhor: fale-me de (*) vida, de (*) hábitos, de (*) manias, de (*) predileções e de (*) aversões.

f) Estou muito interessado em conhecer-te melhor: fala-me de (*) vida, de (*) hábitos, de (*) manias, de (*) predileções e de (*) aversões.

g) Não me apareça com (*) habituais blasfêmias!

h) Não comeces com (*) queixas!

i) Tente não ser muito hostil em (*) críticas.

j) Tenta não ser muito hostil em (*) críticas.

3. A seguir, utilize os pronomes demonstrativos adequados para substituir os asteriscos destas frases.

a) (*) bola que tenho em minhas mãos foi a que esteve em disputa na partida decisiva do campeonato.

b) Por que você nunca lava (*) mãos?

c) Observe (*) que tenho (*) caixa: são frutas que colhi (*) pomar ali adiante.

d) Você consegue ver (*) rapazes lá do outro lado da rua?

e) Por favor, traga-me (*) livro que está aí do seu lado.

f) Por favor, ajude-me a carregar (*) caixas aqui.

g) Por favor, ajude-me a trazer até aqui (*) caixas que estão no outro andar.

4. Substitua os asteriscos das frases seguintes pelos pronomes demonstrativos adequados. Em alguns casos, haverá contração de preposições com os pronomes.

a) A grande verdade é (*): foi ele o mentor do plano.

b) Embora tenha sido o mentor do plano, ele nunca admitiu (*) fato.

c) Ninguém conseguiu provar sua culpa. Diante (*), o júri teve de absolvê-lo.

d) O país atravessa um momento delicado. (*) crise parece não ter fim.

e) Compramos um programa capaz de gerenciar os dados armazenados em nosso microcomputador. Um programa (*) é indispensável ao bom desempenho do equipamento.

f) Ademir da Guia e Roberto Dias foram dois dos mais elegantes jogadores da história do futebol brasileiro. (*) brilhou no São Paulo; (*), filho do genial Domingos da Guia, brilhou no Palmeiras.

5. Pronomes possessivos e demonstrativos muitas vezes são usados para exprimir detalhes interessantes de significação. Procure captar e comentar os detalhes expressos nas frases seguintes.

a) Ela deve estar com **seus** 40 anos.

b) Você não vai ter um de **seus** ataques de tosse justamente agora, vai?

c) O que quer aqui, **meu** senhor?

d) Ande logo, **minha** amada.

e) Ela não abre mão de **seu** batom.

f) O quê? Ela quer namorar **aquilo**?

g) O quê? **Este** é **aquele**?!

h) Aonde vai você com **essa** empáfia?

5. Pronomes relativos

Os pronomes relativos se referem a um termo anterior – chamado **antecedente** –, projetando-o na oração seguinte, subordinada a esse antecedente. Cumprem, portanto, duplo papel: substituem ou especificam um antecedente e introduzem uma oração subordinada. Atuam, assim, como pronomes e conectivos a um só tempo. Observe:

"Bebi o café que eu mesmo preparei." (Manuel Bandeira)

A palavra *que* é, na frase acima, um pronome relativo. O antecedente a que se relaciona é *o café*; a oração que se subordina a esse antecedente é "que eu mesmo preparei". Desdobrando o período composto acima em duas orações, percebemos claramente qual o papel desempenhado pelo pronome relativo *que*:

Bebi o café. **Eu mesmo preparei o café.**

Percebe-se que o relativo *que*, que introduz a segunda oração, substitui *o café*.

O antecente do pronome relativo *que* é o termo *teoria do caos*.

LAERTE. Disponível em: <www2.uol.com.br/laerte/tiras>. Acesso em: 4 jun. 2008.

Os pronomes relativos da língua portuguesa são divididos em variáveis e invariáveis:

invariáveis	variáveis
que	o qual, os quais, a qual, as quais
quem	cujo, cujos, cuja, cujas
quando	quanto, quantos, quantas
como	
onde	

a. *Que* é, sem dúvida, o pronome relativo mais usado. Por isso, ele é chamado relativo universal. Pode ser usado com referência a pessoa ou coisa, no singular ou no plural:

Aqui está o amigo de **que** lhe falei.

Aqui estão os amigos de **que** lhe falei.

Aqui está o livro **que** lerei nas férias.

Aqui estão os livros **que** lerei nas férias.

b. *O qual, os quais, a qual* e *as quais* são exclusivamente pronomes relativos. Por isso constituem recurso didático largamente empregado para verificar se palavras como *que, quem* e *onde* (que podem pertencer a mais de uma classe de palavras) são pronomes relativos. São usados com referência a pessoa ou coisa por motivo de clareza ou depois de determinadas preposições:

Ele trabalha na maior unidade do grupo empresarial, **a qual** produz sofisticados equipamentos eletrônicos.

(O emprego de *que* nesse caso geraria ambiguidade, visto que poderia recuperar *unidade* ou *grupo*.)

As únicas teses sobre **as quais** ninguém tem dúvidas já foram discutidas e rediscutidas.

(Muitos autores não admitem o uso do *que* depois de *sobre* e outras preposições dissilábicas, como *para*.)

c. *Cujo* e suas flexões equivalem a *de que, do qual, de quem*. Normalmente, estabelecem relação de posse entre o antecedente e o termo que especificam:

Deve-se votar em candidatos **cujo** passado seja garantia de comportamento coerente.

(= o passado desses candidatos deve ser garantia...)

É um homem de **cujas** opiniões só se pode discordar.

(= das opiniões desse homem só se pode discordar.)

É importante notar que nunca se usa artigo depois de *cujo*: "cujo filho" e não "cujo o filho".

d. *Quem* refere-se a pessoa ou a algo personificado:

Este poeta, a **quem** o povo deveria respeitar, é o que melhor traduz a alma brasileira.

Este é meu cão, a **quem** prezo como companheiro.

e. *Onde* é pronome relativo quando equivale a *em que*; deve ser usado, portanto, unicamente na indicação de lugar:

Você conhece uma cidade brasileira **onde** se possa atravessar uma rua em segurança?

Quero que você veja a escola **onde** fiz meus primeiros garranchos.

f. *Quanto, quantos* e *quantas* são pronomes relativos quando usados depois dos pronomes indefinidos *tudo, todos* ou *todas*:

Trouxe **tudo quanto** me pediram.

Você deve perguntar a **todos quantos** estavam lá.

g. *Quando* e *como* são relativos que exprimem noções de tempo e modo, respectivamente:

É o momento **quando** o céu se torna infinitamente azul.

Não aceito a forma **como** ela tratou você na reunião.

É fácil observar que os pronomes relativos são elementos fundamentais para a boa articulação de frases e textos: sua propriedade de atuar como pronomes e conectivos simultaneamente favorece a síntese e evita a repetição de termos. Você poderá perceber melhor esse papel nas atividades que vêm adiante e no estudo das orações subordinadas adjetivas, na parte reservada à sintaxe.

OBSERVAÇÃO

Alguns autores defendem a existência de pronomes relativos sem antecedente, em frases como:

Quem não deve não teme.

Ficou quieto **onde** o deixaram.

Nesses casos, os pronomes *quem* e *onde* seriam equivalentes a *aquele que* e *no lugar em que*, respectivamente.

Atividades

1. Substitua os asteriscos das frases abaixo por pronomes relativos. Em alguns casos, você terá de colocar uma preposição antes do pronome.

a) O museu (*) o governo do estado quer recuperar é um dos mais importantes do país.

b) Aquela médica (*) me atendeu ontem é a diretora do hospital.

c) As provas (*) ele tentou mostrar que é inocente não convenceram ninguém.

d) As teses, (*) não duvido, foram rejeitadas por muitos dos presentes.

e) Este é o disco (*) repertório a crítica tem elogiado.

f) Aquela é a garota (*) irmão foi aprovado no vestibular.

g) Lá fica a sede da seita (*) líderes são acusados de charlatanismo.

h) Aquela é a casa (*) se ouvem barulhos estranhos.

i) Só ela sabe o nome do remédio (*) devo tomar.

2. Em cada item a seguir, você encontrará dois períodos simples. Leia-os atentamente. Depois, una-os em um único período, composto, utilizando um pronome relativo para efetuar essa transformação. Faça todas as alterações que julgar necessárias à obtenção de frases bem construídas.

a) Estudei algumas teses. Essas teses apresentam soluções inovadoras.

b) Não tive tempo para ler todos os livros. Esses livros têm sido elogiados pelos críticos.

c) Felizmente pude ver algumas peças. Um professor havia falado muito bem dessas peças.

d) Preciso escrever uma carta ao senador. Na última eleição, votei nesse senador.

e) É fundamental criar projetos sociais exequíveis. A eliminação da miséria deve ser a principal meta desses projetos.

f) É preciso criar uma nação. A justiça social deve prevalecer nessa nação.

g) Serão criados órgãos de incentivo à cultura. A principal finalidade desses órgãos será democratizar o acesso à cultura.

h) Só consigo repudiar políticos conservadores. Para esses políticos, a questão dos meninos de rua só se resolve com repressão policial.

i) Em toda eleição surgem candidatos oportunistas. Pouco se divulga sobre a vida desses candidatos.

3. Explique a ambiguidade da frase seguinte e proponha alguma forma de resolvê-la.

O projeto será encaminhado ao líder de uma das comissões, que deve estudar o assunto.

6. Pronomes indefinidos

Os pronomes indefinidos referem-se à terceira pessoa do discurso de forma vaga, imprecisa ou genérica. É o que se verifica, por exemplo, na frase:

Alguém esteve lá durante minha ausência e levou os documentos.

Não é difícil constatar que o pronome *alguém* faz referência a uma pessoa da qual se fala (uma terceira pessoa, portanto) de forma imprecisa, vaga. É um termo que indica um ser humano de cuja existência se tem certeza, mas cuja identidade não é conhecida.

Os pronomes indefinidos formam um grupo bastante numeroso. Alguns são variáveis; outros são invariáveis.

invariáveis	
alguém, ninguém	algo
tudo, nada	cada
outrem	mais, menos, demais

variáveis

algum, alguns, alguma, algumas
nenhum, nenhuns, nenhuma, nenhumas
todo, todos, toda, todas
outro, outros, outra, outras
muito, muitos, muita, muitas
pouco, poucos, pouca, poucas
certo, certos, certa, certas
vário, vários, vária, várias
tanto, tantos, tanta, tantas
quanto, quantos, quanta, quantas
um, uns, uma, umas
bastante, bastantes
qualquer, quaisquer

OBSERVAÇÃO

Se você analisar com atenção os pronomes indefinidos, vai perceber que existem alguns grupos que criam sistemas de oposição de sentido. É o caso, por exemplo, de:

- *algum / alguém / algo*, que têm sentido afirmativo, e *nenhum / ninguém / nada*, que têm sentido negativo;
- *todo / tudo*, que indicam uma totalidade afirmativa, e *nenhum / nada*, que indicam uma totalidade negativa;
- *alguém / ninguém*, que se referem a pessoa, e *algo / nada*, que se referem a coisa;
- *certo*, que particulariza, e *qualquer*, que generaliza.

Essa oposição de sentido é muito importante para construir frases e textos coerentes. Muitas vezes, a solidez e a consistência dos argumentos expostos dependem justamente dessa oposição. Verifique nas frases seguintes a força que os pronomes indefinidos destacados conferem às afirmações de que são parte:

Nada do que se apurou produziu **algum** resultado prático. E **ninguém** se beneficiou com os milhões investidos nesses projetos megalomaníacos.

Procure levar em conta **todas** as informações constantes do manual. Não há **nenhuma** possibilidade de que **algo** não possa ser resolvido com essas instruções.

Algumas pessoas não se convencem de que certos assuntos não devem ser discutidos por pessoas **quaisquer**.

A oposição entre os pronomes indefinidos *todos* e *ninguém* reforça o humor desta tira. Observar o emprego do pronome relativo *que*, antecedido do demonstrativo *o* no último quadrinho.

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o horrível*. Porto Alegre: L&PM, 2007. v. 4. p. 30.

a. Além desses pronomes, existem também as locuções pronominais indefinidas. Eis algumas delas:

cada um cada qual quem quer que todo aquele que tudo o mais

b. Os dicionários não dão ao pronome *qualquer* o sentido de *nenhum*, como se vê em "O time não tem qualquer possibilidade de classificação" (construção mais do que comum na língua corrente no Brasil). A construção recomendada é "O time não tem nenhuma possibilidade de classificação". Os dicionários dão a "qualquer" o valor de indeterminar, generalização:

A partir de amanhã, qualquer brasileiro poderá sacar suas cotas do PIS.

7. Pronomes interrogativos

Os pronomes *que, quem, qual* e *quanto*, na teoria indefinidos, são classificados particularmente como interrogativos porque são empregados para formular interrogações diretas ou indiretas:

Que foi isso?

Quero saber **que** foi isso.

Quem é esse rapaz?

Quero saber **quem** é esse rapaz.

Qual o melhor itinerário?

Quero saber **qual** é o melhor itinerário.

Quanto custa?

Quero saber **quanto** custa.

Atividades

1. Substitua as palavras ou expressões destacadas nas frases abaixo por pronomes indefinidos. Em alguns casos, você terá de fazer alterações na concordância para obter frases bem formadas.

a) Ela pensa que é dona de **todas as coisas**. É uma egocêntrica. **Nenhuma pessoa** a tolera.

b) Nenhuma pessoa deve transferir a **outras pessoas** as tarefas que lhe cabem.

c) Não é justo utilizar em proveito próprio os problemas das **outras pessoas**.

d) **Poucas pessoas** têm capacidade de discernir; **muitas pessoas** ainda se deixam enganar por promessas irrealizáveis.

e) Existe gente que não crê em **nenhuma coisa** nem em **nenhum ser humano**.

f) É inaceitável que se faça isso a **um ser humano**. **Nenhum ser humano** pode tolerar tanto escárnio.

2. Explique a diferença de sentido entre as expressões destacadas nas frases de cada um dos pares seguintes.

a) Aquilo tinha **algum valor** para ele.
Aquilo não tinha **valor algum** para ele.

b) **Certas pessoas** têm pouco senso de ridículo.
Escolha sempre as **pessoas certas**.

c) Você não vai oferecer **nada**?
Saiu do restaurante sem ter provado **nada**.

d) **Outro dia** estive lá.
Estive lá no **outro dia**.

e) É trabalho que pode ser feito por **qualquer um**.
É trabalho que não pode ser feito por **um qualquer**.

f) "**Todo dia** ela faz tudo sempre igual."
Ela faz tudo sempre igual **todo o dia**.

Textos para análise

1

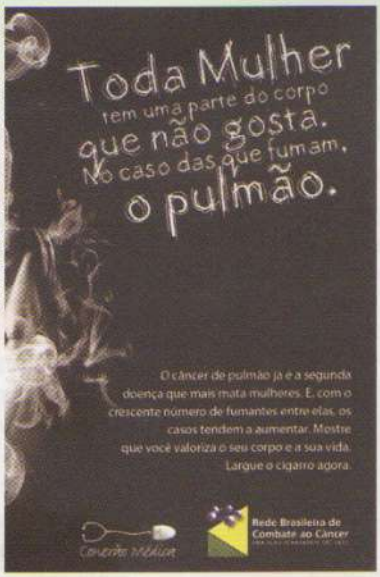

Rede Brasileira de Combate ao Câncer/Detalhe.

Jornal Metrô. São Paulo: Publimetro S. A., 12 mar. 2008. p. 6.

Trabalhando o texto

1. "Toda mulher tem uma parte do corpo que não gosta." Nesse trecho do anúncio ficou faltando uma palavra. Qual? Localize o pronome relativo.
2. "No caso das que fumam, o pulmão". Localize o pronome demonstrativo nesse trecho.
3. Aponte e classifique os pronomes presentes neste trecho: "O câncer de pulmão já é a segunda doença que mais mata mulheres. E, com o crescente número de fumantes entre elas, os casos tendem a aumentar. Mostre que você valoriza o seu corpo e a sua vida. Largue o cigarro agora."
4. Quais são os referentes dos pronomes *elas* e *você* analisados anteriormente?

2

Reprodução

MESTRE VIDÊNCIA

PELA MAGIA MILENAR DOS CRISTAIS ELA TE ORIENTARÁ

CONSULTAS COM JOGOS DE BUZIOS E TARÔ

Realizamos todos os trabalhos na presença da pessoa, trazemos a pessoa amada em sete dias. Desmancha qualquer tipo de trabalho. Corta demandas. Abre caminhos. Corta vícios. Faz simpatias para o amor, qualquer que seja seu problema, **DESEMPREGO, FINANCEIRO E QUEBRA DE LUCRO**, em apenas uma consulta ele te orientará ao caminho do bem.

Folheto de propaganda de circulação social.

Trabalhando o texto

1. Explique a quem se referem os pronomes *ela* e *ele* presentes no texto. Explique também como você descobriu essa informação.
2. O que é possível observar com relação às pessoas em que estão conjugadas as formas verbais?
3. Cite duas passagens que comprovem a mistura de tratamentos no texto.
4. O que causa estranheza nesta sequência: "desemprego, financeiro e quebra de lucro".
5. O folheto em questão atinge seu objetivo? Como isso se torna possível?

3

Vou tirar você do dicionário

Vou tirar do dicionário
A palavra você
Vou trocá-la em miúdos
Mudar meu vocabulário
E no seu lugar
Vou colocar outro absurdo
Eu vou tirar suas impressões digitais
da minha pele
Tirar seu cheiro dos meus lençóis
O seu rosto do meu gosto
Eu vou tirar você de letra
Nem que tenha que inventar outra gramática
Eu vou tirar você de mim
Assim que descobrir
Com quantos nãos se faz um sim

Eu vou tirar o sentimento do meu pensamento
Sua imagem e semelhança
Vou parar o movimento
A qualquer momento procurar outra lembrança
Eu vou tirar, vou limar de vez
Sua voz dos meus ouvidos
Eu vou tirar você e eu de nós
O dito pelo não tido
Eu vou tirar você de letra
Nem que tenha que inventar outra gramática
Eu vou tirar você de mim
Assim que descobrir
Com quantos nãos se faz um sim

Itamar Assumpção & Alice Ruiz. In: DUNCAN, Zélia. *Intimidade*. CD WEA 063015836-2, 1996.

Trabalhando o texto

1. A que palavra se refere o pronome destacado em "Vou trocá-**la** em miúdos"?

2. "E no **seu** lugar vou colocar outro absurdo."
A que ou a quem se refere o pronome destacado?

3. Retire do texto:
a) um pronome de tratamento;
b) quatro pronomes indefinidos;
c) dois pronomes pessoais do caso reto;
d) três pronomes pessoais do caso oblíquo.

4. "Eu vou tirar você e eu de nós." Empregado duas vezes no trecho, o pronome *eu* tem papéis distintos: um, próprio da forma reta; outro, não. Comente e explique o sentido do verso.

5. Ao tirar a palavra *você* do dicionário, está-se tirando uma pessoa específica ou toda uma possibilidade de relacionamento sentimental com outra pessoa? Comente.

6. A que classe gramatical pertencem normalmente as palavras *não* e *sim*? No texto, as palavras *nãos* e *sim* pertencem a essa classe? Comente.

7. No texto, a invenção de uma outra gramática atende a um objetivo específico. Em alguma outra situação você julga que seria necessário criar uma nova gramática? Explique.

Questões de exames e concursos

1. (FGV-SP) Leia os sete versos abaixo e responda às questões a eles pertinentes.

(1) Metafísica? Que metafísica têm aquelas árvores?

(2) A de serem verdes e copadas e de terem ramos

(3) E a de dar fruto na sua hora, o que não nos faz pensar,

(4) A nós, que não sabemos dar por elas.

(5) Mas que melhor metafísica que a delas,

(6) Que é a de não saber por que vivem

(7) Nem que o não sabem?

(Alberto Caeiro)

Nos quatro últimos versos, há várias ocorrências da palavra *que*. Sobre essa palavra, pode-se dizer:

a) No quinto verso, tem-se um pronome definido e uma conjunção comparativa.

b) No sétimo verso, tem-se um pronome relativo.

c) No quarto verso, tem-se um pronome relativo.

d) No sexto verso, tem-se uma conjunção comparativa e um pronome interrogativo.

e) No sexto verso, tem-se uma conjunção integrante e um advérbio.

2. (UEPB)

"(...) Quero ver-te de novo, contemplar-te muito, muito; quero-te bem unido a mim para, abraçados fortemente, eu te contar um segredo que só teus ouvidos podem escutar. (...)"

FARIA, Paula. Correspondência amorosa de Maria Lina. In: *Calendário*. São Paulo: USP, maio 2006. p. 3.

Re-escrevendo o enunciado acima e substituindo a 2.ª pessoa do discurso para a 3.ª pessoa, considerando a pessoa com quem se fala, a alternativa correta é:

a) Quero ver você de novo, contemplar-lhe muito, muito; quero-lhe bem unido a mim para, abraçados fortemente, eu contar a você um segredo que os ouvidos dele podem escutar.

b) Quero ver-lhe de novo, contemplar-lhe muito, muito; quero ele bem unido a mim para abraçados fortemente eu contá-lo um segredo que só os seus ouvidos podem escutar.

c) Quero vê-lo de novo, contemplá-lo muito, muito; quero você bem unido a mim para, abraçados fortemente, eu lhe contar um segredo que só seus ouvidos podem escutar.

d) Quero vê-lo de novo, contemplar ele muito, muito; quero-o bem unido a mim para, abraçados fortemente, eu contar-lhe um segredo que só seus ouvidos podem escutar.

e) Quero lhe ver de novo, contemplar você muito, muito; lhe quero bem unido a mim para, abraçados fortemente, eu contar a ele um segredo que só os ouvidos dele podem escutar.

3. (UEPG-PR)

Por que os nobres usavam cabelo comprido?

No Egito antigo, madeixas longas eram exclusividade dos de posição social superior. Quando não tinham cabeleiras, faraós e guerreiros simulavam o visual com mantos ou perucas, o que ajudava a distingui-los dos sacerdotes, que usavam corpo e cabeças raspados. "Um nobre não permitia que cortassem seu cabelo, mas um pobre não tinha como resistir a isto", diz Francisco Marshall, do Núcleo de História Antiga da UFRGS.

Foi Alexandre Magno quem rompeu com a tradição, exigindo dos guerreiros pelos tosados: a ideia era evitar que o inimigo os prendessem pelo cabelo.

FEUÓ, Bruno Vieira. *Superinteressante*. São Paulo: Abril, out. 2005.

Identifique as classes de palavras e os respectivos empregos no texto e assinale o que for correto.

01) No primeiro período, **dos** tem valor de pronome demonstrativo e se refere aos substantivos – faraós e guerreiros.

02) No segundo período, o pronome **los** refere-se ao substantivo sacerdotes.

04) No segundo período, o adjetivo **raspados** pode concordar com cabeças (corpo e cabeças raspadas).

08) No terceiro período, **nobre** e **pobre** são substantivos.

16) No quarto período, o pronome **os** refere-se ao substantivo guerreiros.

4. (Uerj)

A lagartixa

A lagartixa ao sol ardente vive
E fazendo verão o corpo espicha:
O clarão de teus olhos me dá vida,
Tu és o sol e eu sou a lagartixa.

Amo-te como o vinho e como o sono,
Tu és meu copo e amoroso leito...
Mas teu néctar de amor jamais se esgota,
Travesseiro não há como teu peito.

Posso agora viver: para coroas
Não preciso no prado colher flores;
Engrinaldo melhor a minha fronte
Nas rosas mais gentis de teus amores.

Vale todo um harém a minha bela,
Em fazer-me ditoso ela capricha...
Vivo ao sol de seus olhos namorados,
Como ao sol de verão a lagartixa.

AZEVEDO, Álvares de. *Poesias completas* (Ed. crítica de Péricles Eugênio da Silva Ramos/Org. de Iumna Maria Simon). Campinas: Unicamp/São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

Verifica-se, no poema, a alternância entre a 2.ª e a 3.ª pessoas do discurso. Explique essa alternância na construção do poema.

Texto para as questões 5 e 6.

Leia o fragmento abaixo, do conto "A cartomante", de Machado de Assis. Depois, responda às perguntas.

"Separaram-se contentes, ele ainda mais que ela. Rita estava certa de ser amada; Camilo, não só o estava, mas via-a estremecer e arriscar-se por ele, correr às cartomantes, e, por mais que a repreendesse, não podia deixar de sentir-se lisonjeado. A casa do encontro era na antiga Rua dos Barbonos, onde morava uma comprovinciana de Rita. Esta desceu pela Rua das Mangueiras na direção de Botafogo, onde residia; Camilo desceu pela da Guarda Velha, olhando de passagem para a casa da cartomante."

5. (FGV-SP) O texto oferece condições para indicar, com precisão, o significado do pronome *o* na seguinte oração: "...não só o estava...". Diga qual é esse significado. Explique qual defeito de estilo Machado de Assis evitou ao utilizar o pronome *o*.

6. (FGV-SP) Em "Esta desceu pela Rua das Mangueiras...", explique por que, no texto, se usou o pronome *esta* e não o pronome *ela*.

7. (UFC)

Canudos não se rendeu

Fechemos este livro.

Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a história, resistiu até o esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados.

Forremo-nos à tarefa de descrever os seus últimos momentos. Nem poderíamos fazê-lo. Esta página, imaginamo-la sempre profundamente emocionante e trágica; mas cerramo-la vacilante e sem brilhos.

Vimos como quem vinga uma montanha altíssima. No alto, a par de uma perspectiva maior, a vertigem...

Ademais, não desafiaria a incredulidade do futuro a narrativa de pormenores em que se amostrassem mulheres precipitando-se nas fogueiras dos próprios lares, abraçadas aos filhos pequeninos?...

E de que modo comentaríamos, com a só fragilidade da palavra humana, o fato singular de não aparecerem mais, desde a manhã de 3, os prisioneiros válidos colhidos na véspera, e entre eles aquele Antônio Beatinho, que se nos entregara, confiante – e a quem devemos preciosos esclarecimentos sobre esta fase obscura da nossa história?

Caiu o arraial a 5. No dia 6 acabaram de o destruir, desmanchando-lhe as casas, 5 200, cuidadosamente contadas.

CUNHA, Euclides da. A luta. In: *Os sertões*. São Paulo: Martin Claret, 2002. p. 532.

Transcreva do texto os termos aos quais se referem os elementos destacados nas frases abaixo.

a) "(...) quando caíram os **seus** últimos defensores (...)"

b) "(...) cerramo-**la** vacilante e sem brilhos."

c) "(...) desmanchando-**lhe** as casas (...)"

8. (Unicamp-SP)

O Partido X dedica-se a essa atividade mais do que nunca. Ocorre que ainda está longe do desejado, seja por falta de vontade, de vocação ou de incapacidade do partido. Entre outras razões, é por esse motivo que o dólar sobe.

RODRIGUES, Fernando. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 25 set. 2002. Parcialmente adaptado.

Na primeira oração ocorre uma palavra (um pronome) que permite concluir que o trecho acima não é o início do texto de Fernando Rodrigues. Qual é a palavra e por que sua ocorrência permite tal conclusão?

9. (Ufam) Assinale o item em que há **erro** no emprego do pronome pessoal:

a) Recebidas as mangas, os meninos as repartiam irmãmente entre si.

b) Sempre me presenteava livros, dizendo-me que era para eu adquirir o hábito da leitura.

c) Estas deliciosas balas de mangarataia, eu as trouxe para ti levares ao Píndaro.

d) Os altruístas pensam menos em si e mais nos outros.

e) Leve o jornal consigo, Acácio. Já o li desde cedo.

10. (UFU-MG) Observe os trechos abaixo.

I. "Positivamente, era um diabrete Virgília, um diabrete angélico, se querem, mas era-**o** e então... Então apareceu o Lobo Neves, ..." (Machado de Assis)

II. "Meu pai ficou atônito com o desenlace e quer-me parecer que não morreu de outra coisa. Eram tantos os castelos que engenhara, tantos e tantíssimos os sonhos, que não podia vê-los assim esboroados, sem padecer um forte abalo no organismo. A princípio não quis crê-**lo**. Um Cubas! um galho da árvore ilustre dos Cubas! E dizia isto com tal convicção, que eu já então informado da nossa tanoaria, esqueci um instante a volúvel dama, para só contemplar aquele fenômeno, não raro, mas curioso: uma imaginação graduada em consciência." (Machado de Assis)

III. "Ela era menos escrupulosa que o marido; manifestava claramente as esperanças que trazia no legado, cumulava o parente de todas as cortesias, atenções e afagos que poderiam render, pelo menos, um codicilo. Propriamente, adulava-**o**: mas eu observei que a adulação das mulheres não é a mesma coisa que a dos homens." (Machado de Assis)

Assinale a **única** alternativa em que as palavras podem substituir os termos em destaque.

a) diabrete – desenlace – parente

b) angélico – pai – legado

c) Virgília – abalo – marido

d) diabrete – organismo – parente

e) angélico – desenlace – legado

11. (UFRRJ) "Há quem pense que as empresas jornalísticas, ao promover o uso de jornais na educação, **o** fazem unicamente com o objetivo de criar o leitor do futuro."

Em relação ao termo destacado, a classificação e a justificativa de seu uso são as seguintes:

a) artigo definido, pois determina um substantivo subentendido na oração.

b) pronome demonstrativo, pois substitui a ideia expressa pela oração anterior.

c) pronome pessoal, pois substitui um substantivo subentendido na oração anterior.

d) pronome demonstrativo, pois situa cronologicamente a ação do verbo *fazer*.

e) artigo definido, pois substantiva o verbo *fazer*, determinando-o.

12. (Fuvest-SP) Na frase "**Todo** homem é mortal, porém o homem **todo** não é mortal", o termo *todo* é empregado com significados diferentes.

a) Indique o sentido em cada uma das expressões.

b) Justifique sua resposta.

13. (UFV-MG) Das alternativas abaixo, apenas uma preenche de modo correto as lacunas das frases. Assinale-a.

Quando saíres, avisa-nos que iremos ... .
Meu pai deu um livro para ... ler.
Não se ponha entre ... e ela.
Mandou um recado para você e para ... .

a) contigo, eu, eu, eu

b) com você, mim, mim, mim

c) consigo, mim, mim, eu

d) consigo, eu, mim, mim

e) contigo, eu, mim, mim

14. (Fuvest-SP)

Conheci que (1) Madalena era boa em demasia...
A culpa foi desta vida agreste que (2) me deu uma alma agreste.
Procuro recordar o que (3) dizíamos.
Terá realmente piado a coruja? Será a mesma que (4) piava há dois anos?
Esqueço que (5) eles me deixaram e que (6) esta casa está quase deserta.

Nas frases acima, o *que* aparece seis vezes; em três delas é pronome relativo. Quais?

a) 1 – 2 – 4

b) 2 – 4 – 6

c) 3 – 4 – 5

d) 2 – 3 – 4

e) 2 – 3 – 5

15. (PUC-SP) Assinale a alternativa que preencha, pela ordem, corretamente as lacunas abaixo.

1. A espécie nova ... se referia Meyer era uma borboleta.
2. A espécie nova ... Meyer tratava era uma borboleta.
3. A espécie nova ... Meyer se maravilhava era uma borboleta.
4. A espécie nova ... Meyer descobriu era uma borboleta.

a) que, de que, com que, que
b) a que, de que, que, de que
c) a que, que, com que, a que
d) a que, de que, com que, que
e) de que, a que, que, a que

16. (PUC-SP) No trecho que a seguir transcrevemos, há vários pronomes.

"Com esta história eu vou me sensibilizar, e bem sei que cada dia é um dia roubado da morte. Eu não sou um intelectual, escrevo com o corpo. E o que escrevo é uma névoa úmida."

Identifique, nele, dois pronomes demonstrativos, um pronome pessoal do caso reto e um pronome pessoal do caso oblíquo.

17. (Unicamp-SP) No trecho que segue há uma passagem estruturalmente ambígua (isto é, uma passagem que poderia ser interpretada de duas maneiras, se ignorássemos o que é geralmente pressuposto sobre a vida de John Kennedy).

Identifique essa passagem, transcreva-a, aponte as duas interpretações possíveis e explique o que a torna ambígua do ponto de vista estrutural.

"E se os russos atacassem agora?", perguntou certa ocasião (...) Judith Exner, uma das incontáveis amantes de Kennedy, que, simultaneamente, mantinha um caso com o chefão mafioso Sam Giancana."

Veja. São Paulo: Abril, n. 1 002, 18 nov. 1987.

18. (Unimep-SP) "Eu não ... vi na festa do clube ontem. Os diretores não ... convidaram? Não ... disseram que era ontem? Eu ... avisei de que não podia confiar neles!"

a) o, o, o, o
b) o, lhe, lhe, o
c) o, o, lhe, o
d) lhe, lhe, lhe, lhe
e) lhe, lhe, o, o

19. (Unimep-SP)

I. Este é Renato.
II. Eu posso contar com a ajuda de Renato.

Se juntarmos as duas orações num só período, usando um pronome relativo, teremos:

a) Este é Renato, com quem eu posso contar com a ajuda dele.
b) Este é Renato, que eu posso contar com a ajuda dele.
c) Este é Renato, o qual eu posso contar com sua ajuda.
d) Este é Renato, com cuja ajuda eu posso contar.
e) Este é Renato, cuja ajuda eu posso contar.

20. (Unimep-SP)

I. Demos **a ele** todas as oportunidades.
II. Fizemos **o trabalho** como você orientou.
III. Acharam **os livros** muito interessantes.

Substituindo as palavras destacadas por um pronome oblíquo, temos:

a) I. Demos-lhe; II. Fizemo-lo; III. Acharam-los.
b) I. Demos-lhe; II. Fizemos-lo; III. Acharam-os.
c) I. Demos-lhe; II. Fizemo-lo; III. Acharam-nos.
d) I. Demo-lhe; II. Fizemos-o; III. Acharam-nos.
e) I. Demo-lhe; II. Fizemo-lhe; III. Acharam-nos.

21. (Unimep-SP) "A exposição ... inauguração assisti mostrou os lindos quadros ... me referi na nossa conversa do outro dia. Amanhã, haverá um leilão na mesma sala ... estão expostos."

A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:

a) a cuja, aos quais, em que.
b) a cuja, os quais, na qual.
c) cuja, a que, em que.
d) a qual, aos quais, na qual.
e) à qual, que, que.

22. (Unimep-SP) "Os dados que ... enviei são confidenciais. Chame seu secretário e instrua-... a não falar nada. Peça-... que destrua as folhas o mais rápido possível. Vejo-... amanhã no escritório."

A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:

a) o, o, lhe, lhe.
b) o, o, lhe, o.
c) lhe, lhe, lhe, o.
d) lhe, o, lhe, lhe.
e) lhe, o, lhe, o.

23. (Unimep-SP) "Este é um assunto entre ... . Não tem nada a ver ... ."

Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.

a) eu e ele, contigo
b) eu e ele, consigo
c) mim e ele, com você
d) mim e ele, consigo
e) mim e ti, consigo

24. (Unimep-SP)

I. Coloquem **os móveis** no lugar.
II. Enviamos cartas **a vocês**.
III. Refez **a lição** que estava errada?

Substituindo as palavras destacadas por pronomes, teremos:

a) I. Coloquem-nos; II. Enviamos-lhes; III. Refê-la.
b) I. Coloquem-nos; II. Enviamo-lhes; III. Refê-la.
c) I. Coloquem-os; II. Enviamo-las; III. Refez-lhe.
d) I. Coloquem-os; II. Enviamos-lhes; III. Refi-la.
e) I. Coloque-os; II. Enviamo-los; III. Refez-lhe.

25. (UEL-PR) Foram divididos ... próprios os trabalhos que ... em equipe.

a) conosco, se devem realizar
b) com nós, devem-se realizar
c) conosco, devem realizar-se
d) com nós, se devem realizar
e) conosco, devem-se realizar

26. (UEL-PR) Para ... poder terminar a arrumação da sala, guardem ... material em outro lugar até que eu volte a falar ..., dizendo que já podem entrar.

a) eu, seu, com vocês
b) eu, vosso, convosco
c) eu, vosso, consigo
d) mim, seu, com vocês
e) mim, vosso, consigo

27. (Fuvest/FGV-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.

Tomo a liberdade de levar ao conhecimento de V. Exa. que os ... que ... foram encaminhados defendem causa justa e ficam a depender tão-somente de ... decisão para que sejam atendidos.

a) abaixos-assinados, lhe, sua
b) abaixos-assinados, vos, vossa
c) abaixo-assinados, lhe, sua
d) abaixo-assinados, vos, vossa
e) abaixo-assinados, lhe, vossa

28. (Fuvest-SP) "Quanto a mim, se **vos disser** que li o bilhete três ou quatro vezes, naquele dia, **acreditai-o**, que é verdade; se vos disser mais que o reli no dia seguinte, antes e depois do almoço, **podeis crê-lo**, é a realidade pura. Mas se vos disser a comoção que tive, **duvidai** um pouco da asserção, e **não a aceiteis** sem provas."

Mudando o tratamento para a terceira pessoa do plural, as expressões destacadas passam a ser:

a) lhes disser; acreditem-no; podem crê-lo; duvidem; não a aceitem.
b) lhes disserem; acreditem-lo; podem crê-lo; duvidam; não a aceitem.
c) lhe disser; acreditem-no; podem crer-lhe; duvidam; não a aceitam.
d) lhe disserem; acreditam-no; possam crê-lo; duvidassem; não a aceiteis.
e) lhes disser; acreditem-o; podem crê-lo; duvidem; não lhe aceitem.

29. (UEL-PR) O suspeito do sequestro falava de forma evasiva, sem encarar os policiais, negando o **seu** envolvimento com o caso e dizendo desconhecer o local **onde se** achariam a vítima e o dinheiro do resgate.

As palavras destacadas na frase são, respectivamente:

a) pronome substantivo, advérbio de lugar, pronome reflexivo.
b) pronome adjetivo, pronome relativo, pronome apassivador.
c) pronome substantivo, advérbio de lugar, pronome apassivador.
d) pronome adjetivo, pronome relativo, pronome reflexivo.
e) pronome adjetivo, advérbio de lugar, pronome apassivador.

30. (Unicamp-SP) "(...) vejo na televisão e no rádio que o 'cujo' bateu asas e voou. Virou ave migratória."

O comentário acima, do escritor Otto Lara Resende (*Folha Ilustrada*, 8 nov. 1992), refere-se ao fato de que o uso do pronome relativo *cujo* é cada vez menos frequente. Isso faz com que os falantes, ao tentarem utilizar esse pronome na escrita, construam sequências sintáticas que levam a interpretações estranhas. Veja o exemplo seguinte:

"O povo não só quer o *impeachment* desse aventureiro chamado Collor, como o confisco dos bens nada honestos do sr. Paulo César Farias e companhia. E que a esse PFL e ao Brizola (cuja ficha de filiação ao PDT já rasguei) reste a vingança do povo..."

L. A. N. *Folha de S.Paulo*, 30 jul. 1992. Painel do Leitor.

a) O que L. A. N. pretendeu dizer com a oração entre parênteses?
b) O que ele disse literalmente?
c) Que tipo de conhecimento deve ter o leitor para entender o que L. A. N. quis dizer?

31. (Cefet-PR) Use *eu* ou *mim*.

"É difícil, para (*), esquecer tantas injustiças."
"Se é para (*) pagar, desista; não tenho dinheiro."

Texto para as questões 32 e 33.

Que me enganei, ora o vejo;
Nadam-te os olhos em pranto,
Arfa-te o peito, e no entanto
Nem me podes encarar;
Erro foi, mas não foi crime,
Não te esqueci, eu to juro:
Sacrifiquei meu futuro,
Vida e glória por te amar!

(Gonçalves Dias)

32. (Fuvest-SP) Em dois versos do texto, um pronome substitui toda uma oração. Aponte os versos em que isso ocorre.

33. (Fuvest-SP) Indique os dois versos do texto em que um pronome pessoal substitui um possessivo.

34. (UFMG) Em todas as alternativas, a expressão destacada pode ser substituída pelo pronome *lhe*, exceto em:

a) Tu dirás **a Cecília** que Peri partiu.
b) Cecília viu perto **a Isabel**.
c) O tiro fora destinado **a Peri** por um dos selvagens.
d) Cecília recomendou **a Peri** que estivesse quieto.
e) Peri prometeu **a D. Antônio** levar-te à irmã.

35. (ITA-SP) Dadas as sentenças:

1. Ela comprou um livro para mim ler.
2. Nada há entre mim e ti.
3. Alvimar, gostaria de falar consigo.

verificamos que está(estão) correta(s):

a) apenas a sentença 1.
b) apenas a sentença 2.
c) apenas a sentença 3.
d) apenas as sentenças 1 e 2.
e) todas as sentenças.

36. (FCMSC-SP) A carta vinha endereçada para ... e para ...; ... é que a abri.

a) mim, tu, por isso
b) mim, ti, porisso
c) mim, ti, por isso
d) eu, ti, porisso
e) eu, tu, por isso

37. (FCMSC-SP) São excelentes técnicos, ... colaboração não podemos prescindir.

a) cuja
b) de cuja
c) que a
d) de que a
e) dos quais a

38. (FCMSC-SP) Por favor, passe ... caneta que está aí perto de você; ... aqui não serve para ... desenhar.

a) aquela, esta, mim
b) esta, esta, mim
c) essa, esta, eu
d) essa, essa, mim
e) aquela, essa, eu

39. (Fuvest-SP)

Eu ... desconheço.
Roubaram-... o carro.
Os carros? Roubaram-... .
Não ... era permitido ficar na sala.
Obrigaram-... a sair daqui.

a) o, lhe, nos, lhe, nos
b) lhe, o, o, o, no
c) o, os, lhe, lhe, lhe
d) lhe, lhe, lhe, se, os
e) o, o, os, lhe, no

40. (Fuvest-SP)

a) Re-escreva o período seguinte, substituindo o pronome destacado por outro, sem alterar o sentido da frase.

"O barbeiro não parou de falar, enquanto cortava os **meus** cabelos."

b) Empregando exatamente as mesmas palavras, re-escreva a frase seguinte, alterando-a de modo a que adquira sentido negativo.

"Algum amigo me ajudará."

41. (Fuvest-SP) Destaque a frase em que o pronome relativo está empregado corretamente.

a) É um cidadão em cuja honestidade se pode confiar.
b) Feliz o pai cujo os filhos são ajuizados.
c) Comprou uma casa maravilhosa, cuja casa lhe custou uma fortuna.
d) Preciso de um pincel delicado, sem o cujo não poderei terminar meu quadro.
e) Os jovens, cujos pais conversam com eles, prometeram mudar de atitude.

42. (ITA-SP) Dadas as sentenças:

1. Confesso que fiquei fora de si quando recebi o telefonema.
2. O nome do sinal em forma de estrela (*) é asterístico.
3. Ela é uma pessoa bastante arvoada.

deduzimos que:

a) apenas a sentença 1 está correta.
b) apenas a sentença 2 está correta.
c) apenas a sentença 3 está correta.
d) todas estão corretas.
e) n. d. a.

43. (FEI-SP) Substitua os termos destacados pelos pronomes oblíquos correspondentes.

a) Encontraram **o corpo** na estufa.
b) Arrancara do peito **uma cruz de ametistas**.
c) A disposição das plantas não permite **um esconderijo**.

44. (UFJF-MG) Marque:

a) se I e II forem verdadeiras;
b) se I e III forem verdadeiras;
c) se II e III forem verdadeiras;
d) se todas forem verdadeiras;
e) se todas forem falsas.

Somente pronomes estão destacados em:

I. "**Algum** tempo hesitei se devia abrir **estas** memórias..."

II. "... duas considerações **me** levaram a adotar diferente método: a primeira é que **eu** não sou..."

III. "Moisés, **que** também contou a **sua** morte."

45. (Acafe-SC) Assinale a alternativa em que a palavra destacada exerce a função de pronome adjetivo.

a) Partiu sem ao menos dizer-**me** adeus.
b) Poderíamos reconhecê-lo com um dos **nossos** mártires.
c) Aquela não foi uma obra de arte, mas **esta** será?
d) Leio muito, porém não o que **me** desagrada.
e) Sempre serei assim, mesmo que não **me** aceites.

46. (PUC-SP) No trecho: "O presidente não recebeu ninguém, não havia nenhuma fotografia sorridente dele, nenhuma frase imortal, nada que fosse supimpa", tem-se:

a) quatro pronomes adjetivos indefinidos.
b) dois pronomes adjetivos indefinidos e dois pronomes substantivos indefinidos.
c) um pronome substantivo indefinido e três pronomes adjetivos indefinidos.
d) quatro pronomes substantivos indefinidos.
e) um pronome adjetivo indefinido e três pronomes substantivos indefinidos.

47. (Fuvest-SP) "Vi uma fotografia sua no metrô."

Explique pelo menos dois dos vários sentidos que podem ser atribuídos à frase acima.

48. (Fuvest-SP) Considere a validade das afirmações sobre o enunciado "cartas que não se escrevem".

I. O termo *que* retoma o seu antecedente, introduzindo uma oração que tem o valor de um modificador desse mesmo antecedente.

II. O termo *que* é agente e paciente do processo expresso pelo verbo escrever.

III. O enunciado não determina qual é o agente do processo expresso pelo verbo *escrever*.

a) Apenas a afirmação I está correta.
b) Apenas a afirmação II está correta.
c) Apenas as afirmações II e III estão corretas.
d) Apenas as afirmações I e III estão corretas.
e) Todas as três afirmações estão corretas.

49. (Fuvest-SP) Na frase seguinte, o indefinido *alguma* tem valor positivo: "Muitas vezes encontro sua lembrança em alguma esquina da cidade". Construa uma frase em que *alguma* tenha valor negativo, correspondendo a *nenhuma*.

50. (TRF-RJ/FCC) Sr. Ministro, se V. Ex.ª (.....) ao diálogo, os acontecimentos decorrerão a (...) favor.

a) vos dispuser – vosso
b) se dispuser – vosso
c) vos dispusesdes – vosso
d) se dispuser – seu
e) vos dispuserdes – seu

51. (ECT-BA/ETC) Quanto ao emprego de pronomes, a alternativa incorreta é:

a) É difícil para mim aceitar tantas imposições.
b) Não há mais nada entre eu e ela.
c) Quero essa camisa branca que está na tua mão.
d) Ele trazia consigo a esperança da cura.
e) Quando V. S.ª for embora, leve consigo uma lembrança daqui.

Capítulo 14

Estudo dos numerais

TRICOLOR: campeão brasileiro pela quinta vez!

Eleito o banco número 1 em sustentabilidade.

Preço do trigo subiu 130% no último ano

Taxa de apenas 0,59%: compre agora e pague em até 36 meses...

Participe: são 500 prêmios e 50 viagens!

Fale o dobro de minutos e pague metade do preço!

PARCELE EM ATÉ 10 VEZES SEM JUROS NO CARTÃO.

Pague apenas 5 centavos o minuto!

Inflação em maio foi o triplo da de maio do ano passado

IDH: Brasil ocupa a 70.ª posição no ranking de 177 países

Terremoto de 7,9 graus na escala Richter mata mais de 69 mil na China

Preços de alimentos sobem 6% entre abril de 2007 e abril de 2008

Maio de 68: 30 anos de mudanças

Game bate recorde: 3,6 milhões de unidades vendidas em 24 h!

Taxa Selic vai a 12,25%

Estima-se 750 000 desabrigados nos EUA

Bom roteiro e bom elenco em Três vezes amor.

Uma das funções dos numerais é quantificar e ordenar os elementos do mundo do esporte, da economia, da cultura...

1. Conceito

Numeral é a classe de palavras que denota um número exato de coisas, seres ou conceitos ou indica a posição que ocupam numa determinada ordem. Quando apenas nomeia o número de seres, o numeral é chamado **cardinal** (*um, dois, três..., cinquenta, cem mil* etc.). Quando indica a ordem que o ser ocupa numa série, o numeral é chamado **ordinal** (*primeiro, segundo, terceiro..., quinquagésimo, centésimo milésimo* etc.).

Existem também os numerais **multiplicativos** e os numerais **fracionários**. Os multiplicativos exprimem aumentos proporcionais de quantidade, indicando números que são múltiplos de outros (*dobro, triplo, quádruplo* etc.). Os fracionários indicam a diminuição proporcional da quantidade, o seu fracionamento (*metade, um terço, um décimo* etc.).

2. Quadros de numerais

Apresentamos a seguir três quadros de numerais: no primeiro, você encontrará os cardinais e os ordinais, além dos algarismos arábicos e romanos; no segundo, os numerais multiplicativos; no terceiro, os fracionários. Após cada quadro faremos os comentários pertinentes.

NUMERAIS CARDINAIS E ORDINAIS

algarismos			
arábicos	romanos	cardinais	ordinais
1	I	um	primeiro
2	II	dois	segundo
3	III	três	terceiro
4	IV	quatro	quarto
5	V	cinco	quinto
6	VI	seis	sexto
7	VII	sete	sétimo
8	VIII	oito	oitavo
9	IX	nove	nono
10	X	dez	décimo
11	XI	onze	décimo primeiro ou undécimo
12	XII	doze	décimo segundo ou duodécimo
13	XIII	treze	décimo terceiro
14	XIV	catorze ou quatorze	décimo quarto
15	XV	quinze	décimo quinto
16	XVI	dezesseis	décimo sexto
17	XVII	dezessete	décimo sétimo
18	XVIII	dezoito	décimo oitavo
19	XIX	dezenove	décimo nono
20	XX	vinte	vigésimo

algarismos			
arábicos	romanos	cardinais	ordinais
21	XXI	vinte e um	vigésimo primeiro
30	XXX	trinta	trigésimo
40	XL	quarenta	quadragésimo
50	L	cinquenta	quinquagésimo
60	LX	sessenta	sexagésimo
70	LXX	setenta	septuagésimo ou setuagésimo
80	LXXX	oitenta	octogésimo
90	XC	noventa	nonagésimo
100	C	cem	centésimo
200	CC	duzentos	ducentésimo
300	CCC	trezentos	trecentésimo
400	CD	quatrocentos	quadringentésimo
500	D	quinhentos	quingentésimo
600	DC	seiscentos	seiscentésimo ou sexcentésimo
700	DCC	setecentos	septingentésimo ou setingentésimo
800	DCCC	oitocentos	octingentésimo
900	CM	novecentos	nongentésimo
1 000	M	mil	milésimo
10 000	$\overline{X}$	dez mil	décimo milésimo
100 000	$\overline{C}$	cem mil	centésimo milésimo
1 000 000	$\overline{M}$	um milhão	milionésimo
1 000 000 000	$\overline{\overline{M}}$	um bilhão ou bilião	bilionésimo

Comentários

a. Atente na possibilidade de usar as formas *catorze* ou *quatorze*, *bilhão* ou *bilião*. Aliás, é bom saber que *bilhão*, no Brasil, significa "mil milhões" (10^9 ou 1 000 000 000); em Portugal, "um milhão de milhões" (10^{12} ou 1 000 000 000 000).

b. Atente na grafia das formas *dezesseis*, *dezessete*, *cinquenta* e *seiscentos*. A forma "cincoenta" é incorreta.

c. Atente nas formas cultas *octogésimo* e *trecentésimo*. A forma *tricentésimo* é aceita por alguns gramáticos e já se encontra dicionarizada – a segunda edição do *Novo Dicionário Aurélio*, por exemplo, abona essa forma.

OBSERVAÇÃO

No lugar de qualquer multiplicativo pode ser usada a combinação **numeral cardinal + vezes**. Essa combinação supre os casos em que não há formas especiais, como *treze vezes*, *quarenta e seis vezes*, *cinquenta e duas vezes*, etc.

NUMERAIS MULTIPLICATIVOS

duplo, dobro ou dúplice
triplo ou tríplice
quádruplo
quíntuplo
sêxtuplo
séptuplo
óctuplo
nônuplo
décuplo
undécuplo
duodécuplo
cêntuplo

NUMERAIS FRACIONÁRIOS	
meio ou metade	oitavo
terço	nono
quarto	décimo
quinto	onze avos
sexto	doze avos
sétimo	centésimo

OBSERVAÇÃO

Os numerais fracionários propriamente ditos são *meio* (ou *metade*) e *terço*. Os demais são na verdade expressos pelo ordinal correspondente (*quarto, quinto, centésimo*, por exemplo) ou pelo cardinal correspondente seguido da palavra *avos*: *onze avos, doze avos, vinte avos, quarenta avos*.

3. Flexões

a. Os numerais cardinais que variam em gênero são *um/uma, dois/duas* e os que indicam centenas, de *duzentos/duzentas* em diante: *trezentos/trezentas, quatrocentos/quatrocentas* etc.

b. Cardinais como *milhão, bilhão* (ou *bilião*), *trilhão* etc. variam em número: *milhões, bilhões* (ou *biliões*), *trilhões* etc. Os demais cardinais são invariáveis.

c. Os numerais ordinais variam em gênero e número:

primeiro	primeira	primeiros	primeiras
segundo	segunda	segundos	segundas
milésimo	milésima	milésimos	milésimas

d. Os numerais multiplicativos são invariáveis quando atuam em funções substantivas:

Fizeram **o dobro** do esforço e conseguiram **o triplo** de produção.

Quando atuam em funções adjetivas, flexionam-se em gênero e número:

Teve de tomar doses **triplas** do medicamento.

e. Os numerais fracionários flexionam-se em gênero e número:

um **terço** uma **terça** parte dois **terços** duas **terças** partes

f. É comum na linguagem coloquial a indicação de grau nos numerais, traduzindo afetividade ou especialização de sentido. É o que ocorre em frases como:

Me empresta duzentinho...

Aquela revista já está custando duzentão.

Ele é sempre o primeirão nessas coisas.

É artigo de primeiríssima qualidade!

O time está arriscado a ir parar na segundona. (= Segunda Divisão)

4. Emprego

a. Para designar papas, reis, imperadores, séculos e partes em que se divide uma obra, quando o numeral vem depois do substantivo, utilizam-se os **ordinais** até décimo e a partir daí os **cardinais**.

Observe:

João Paulo II (segundo)
D. Pedro II (segundo)
Ato II (segundo)
Canto IX (nono)
Século VIII (oitavo)
João XXIII (vinte e três)
Luís XVI (dezesseis)
Capítulo XX (vinte)
Tomo XV (quinze)
Século XX (vinte)

b. Para designar leis, decretos e portarias, utiliza-se o ordinal até nono e o cardinal de dez em diante:

Artigo 1.º (primeiro)
Artigo 9.º (nono)
Artigo 10 (dez)
Artigo 21 (vinte e um)

Na capa deste livro, lê-se século vinte.

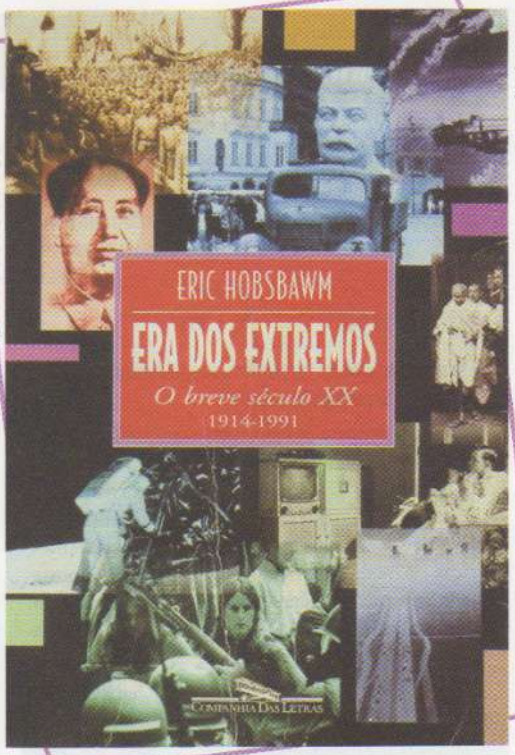

Companhia das Letras

c. Para designar dias do mês, utilizam-se os cardinais, exceto na indicação do primeiro dia, que é tradicionalmente feita pelo ordinal:

Chegamos dia dois de setembro.
Chegamos dia primeiro de dezembro.

d. Quando o numeral estiver anteposto ao substantivo em algum dos casos descritos acima, será empregada a forma ordinal:

o décimo segundo capítulo
o vigésimo primeiro canto
o décimo terceiro artigo do código
o vigésimo segundo dia do mês de fevereiro

e. *Ambos/ambas* são considerados numerais. Significam "um e outro, os dois" (ou "uma e outra, as duas") e são largamente empregados para retomar pares de seres anteriormente citados:

Pedro e João parecem ter finalmente percebido a importância da solidariedade. **Ambos** agora participam das atividades comunitárias de seu bairro.

Podem-se utilizar também as formas enfáticas *ambos os dois, ambos a dois, ambos de dois, a ambos dois*.

f. Não se deve usar *um* antes de *mil*:

O serviço custaria mil reais.

"Um mil" e "hum mil" são formas tradicionais no preenchimento de cheques e devem limitar-se a esse uso.

g. *Milhão* e *milhar* são palavras masculinas; por isso, o artigo que se refere a elas deve ser masculino:

os dois milhões de doses de vacina
os vinte milhões de mulheres
os três milhares de mudas de árvores
os cinco milhões de libras
os dois milhares de crianças

h. *Um* é numeral cardinal quando realmente indica quantidade exata. Nesse caso, seu plural é *dois*:

Um cão é suficiente para proteger a casa.

Um é artigo indefinido quando indica um ser indeterminado. Nesse caso, seu plural é *uns* ou *alguns*:

Precisamos de um cão para proteger a casa.

Atividades

1. Escreva por extenso os numerais representados pelos algarismos seguintes.

a) 16
b) 17
c) 50
d) 2 834 496 016
e) 80.º
f) 206.º
g) 314.º
h) 1 305.º

2. Escreva por extenso os numerais representados por algarismos no parágrafo seguinte.

"O Brasil ocupa a porção centro-oriental da América do Sul, entre as latitudes 5°16'N e 33°45'S e as longitudes 34°47'W e 73°59'W. Sua área total é de 8 511 965 km², o que corresponde a 1,66% do globo terrestre, 5,77% dos continentes, 20,80% das Américas e 47% da América do Sul. É cortado ao norte pela linha do Equador, que atravessa os estados do Amazonas, Roraima, Pará e Amapá e, a 23°30' de latitude sul, pelo Trópico de Capricórnio, que atravessa o Mato Grosso do Sul, Paraná e São Paulo. Assim, a maior parte do seu território (93%) situa-se no hemisfério sul e na zona intertropical (92%). Possui 23 127 km de fronteiras, sendo 15 719 km com países vizinhos – a maior com a Bolívia (3 126 km) e a menor com o Suriname (593 km). Os restantes 7 408 km fazem limites com o Oceano Atlântico." (*Almanaque Abril - 2001*)

3. Escreva por extenso os numerais representados por algarismos nas frases seguintes.

a) Os poemas que você procura estão no volume IV da coleção.
b) Releia o artigo 32 da convenção do condomínio e depois tente justificar o que fez!
c) O episódio do Gigante Adamastor faz parte do Canto V de *Os Lusíadas*.
d) Você já leu alguma coisa sobre o papa Inocêncio VIII?
e) Quando participei da corrida de São Silvestre, cheguei em 333.º lugar.
f) Estamos comemorando o 502.º ano do descobrimento da América.

Em livro

Cultrix

CAMÕES, Luís Vaz de. *Os Lusíadas*. São Paulo: Cultrix, 1999.

Dez cantos, 1102 estrofes, organizadas em oitava rima (ABABABCC), que totalizam 8 816 versos, todos eles decassílabos. Números e rigidez formal que revelam a grandiosidade da epopeia de Luís Vaz de Camões, um dos maiores poetas da literatura portuguesa. Ao cantar "a glória do povo navegador português", elegendo para a empreitada Vasco da Gama e também o povo português como heróis, Camões eternizou a história do povo lusitano, sem deixar de criticar a ambição e a tirania dos reis e da burguesia ascendente.

4. Comente o valor dos numerais destacados.

a) Já lhe disse isso **um milhão** de vezes!
b) É artigo de **primeira**!
c) Isso é troca de **seis** por **meia dúzia**.
d) Comprou um carro de **segunda** e agora se arrepende.
e) Dou **dez** pela aparência e **zero** pela sutileza.

Textos para análise

1

Os Caminhos da Terra. São Paulo: Abril, jan. 2001. p. 65.

Trabalhando o texto

Os numerais têm evidente destaque no texto publicitário ao lado. Qual a relação entre esse destaque e o próprio conceito de numeral?

2

Veja, 21 maio 2008. p. 33./Deatalhe.

Trabalhando o texto

1. Comente o efeito do jogo de sentido em torno da palavra *tempo*.
2. Relacione o texto desse anúncio com o *slogan*: "mulher bonita de verdade".
3. Identifique os numerais empregados nesse anúncio e classifique-os.
4. Comente a intenção do anunciante ao empregar esses numerais.

3

Podres poderes

Enquanto os homens exercem seus podres poderes
Motos e fuscas avançam os sinais vermelhos
E perdem os verdes
Somos uns boçais
Queria querer gritar setecentas mil vezes
Como são lindos, como são lindos os burgueses
E os japoneses
Mas tudo é muito mais

Será que nunca faremos senão confirmar
A incompetência da América Católica
Que sempre precisará de ridículos tiranos?
Será será que será que será que será
Será que essa minha estúpida retórica
Terá que soar, terá que se ouvir
Por mais zil anos?

Enquanto os homens exercem seus podres poderes
Índios e padres e bichas, negros e mulheres
E adolescentes
Fazem o carnaval

Queria querer cantar afinado com eles
Silenciar em respeito ao seu transe, num êxtase
Ser indecente
Mas tudo é muito mau

Ou então cada paisano e cada capataz
Com sua burrice fará jorrar sangue demais
Nos pantanais, nas cidades, caatingas
E nos gerais?

Será que apenas os hermetismos pascoais
Os tons, os mil tons, seus sons e seus dons geniais
Nos salvam, nos salvarão dessas trevas
E nada mais?

Enquanto os homens exercem seus podres poderes
Morrer e matar de fome, de raiva e de sede
São tantas vezes gestos naturais

Eu quero aproximar o meu cantar vagabundo
Daqueles que velam pela alegria do mundo
Indo mais fundo
Tins e bens e tais

Caetano Veloso. Disponível em: <www.caetanoveloso.com.br>. Acesso em: 4 jul. 2008.

Trabalhando o texto

1. Comente o sentido do numeral *setecentas mil*, presente na segunda estrofe do texto.

2. "Por mais **zil** anos?"
A palavra destacada é um numeral?

3. Os mesmos "podres poderes" continuam a ser exercidos no mesmo Brasil? Comente.

Em DVD

Divulgação

***Número 23*. Direção de Joel Schumacher. Brasil: Playarte, 2008. (97 min).**

Você aprendeu neste capítulo que os numerais servem para ordenar e quantificar as coisas. Mas além dessas funções, os numerais carregam superstições atribuídas por povos que acreditam que eles significam mais do que seu próprio valor. O número 7, por exemplo, é sagrado para diversas religiões, principalmente a cristã; o 13 virou sinônimo de morte ou de azar: nos Estados Unidos, alguns edifícios não contam com o 13.º andar. O filme *Número 23*, estrelado por Jim Carrey, enfatiza essa faceta enigmática dos números. Walter Sparrow, pai de família comum, ganha um livro da esposa chamado *O número 23*. O presente mudará sua vida: a história da obra narra a obsessão de um homem pelo número 23, e essa obsessão começa a atormentar Walter. Ao constatar que a narrativa se confunde com acontecimentos reais de seu cotidiano, Walter percebe que sua vida corre perigo.

Questões de exames e concursos

1. (UFU-MG) "Ana tomava remédio todos os dias em doses quíntuplas."

Identifique a alternativa apropriada entre as seguintes:

a) *quíntuplas* é um numeral cardinal

b) *quíntuplas* é um advérbio de quantidade

c) *quíntuplas* é um numeral multiplicativo

d) *quíntuplas* é um numeral fracionário

e) *quíntuplas* é um numeral ordinal

2. (CTA-SP) O ordinal *quadringentésimo septuagésimo* corresponde ao cardinal:

a) 47

b) 40 007

c) 407

d) 4 007

e) 470

3. (ITA-SP) Assinale o que estiver correto.

a) Seiscentismo se refere ao século XVI.

b) O algarismo romano da frase anterior se lê "décimo sexto".

c) Duodécuplo significa duas vezes; dodécuplo, doze vezes.

d) Ambos os dois é forma enfática correta.

e) Quadragésimo, quarentena, quadragésima, quaresma só aparentemente se referem a quarenta.

4. (Fasp-SP) Ele obteve o ... (123.º) lugar.

a) centésimo vigésimo terceiro

b) centésimo trigésimo terceiro

c) cento e vinte trigésimo

d) cento e vigésimo terceiro

5. (Vunesp-SP) Assinale o caso em que não haja expressão numérica de sentido indefinido.

a) Ele é o duodécimo colocado.

b) Quer que veja este filme pela milésima vez?

c) "Na guerra os meus dedos disparam mil mortes."

d) "A vida tem uma só entrada; a saída é por cem portas."

e) n.d.a.

6. (FSCS-SP) Associe o sentido ao respectivo numeral coletivo.

(1) período de seis anos ( ) dístico

(2) período de cinco anos ( ) decúria

(3) estrofe de dois versos ( ) sexênio

(4) período de cem anos ( ) centúria

(5) agrupamento de dez coisas ( ) lustro

7. (UniFMU-SP) *Triplo* e *tríplice* são numerais:

a) ordinal o primeiro e multiplicativo o segundo.

b) ambos ordinais.

c) ambos cardinais.

d) ambos multiplicativos.

e) multiplicativo o primeiro e ordinal o segundo.

8. (UniFMU-SP) Sabendo-se que os numerais podem ser cardinais, ordinais, multiplicativos e fracionários, podemos dar os seguintes exemplos:

a) uma (cardinal), primeiro (ordinal), Leão onze (multiplicativo) e meio (fracionário).

b) um (cardinal), milésimo (ordinal), undécuplo (multiplicativo) e meio (fracionário).

c) um (ordinal), primeiro (cardinal), Leão onze (multiplicativo) e meio (fracionário).

d) um (ordinal), primeiro (cardinal), cêntuplo (multiplicativo) e centésimo (fracionário).

e) um (cardinal), primeiro (ordinal), duplo (multiplicativo), não existindo numeral denominado fracionário.

9. (Acafe-SC) Assinale a alternativa **correta**.

a) Os substantivos *cão, tabelião, pão, alemão* e *cidadão* fazem o plural mudando *-ão* em *-ães*.

b) A torre é **altíssima**. A palavra destacada é adjetivo e está no grau superlativo absoluto analítico.

c) Vendi todos **os** livros a **uns** alunos. As palavras destacadas são pronomes definidos.

d) O **dobro** do meu dinheiro é igual à **metade** do teu. As palavras destacadas são numerais multiplicadores.

e) Levaram-**me** o caderno. A palavra destacada é pronome pessoal oblíquo.

10. (SSP-SP/ACP) Ao cardinal 888 corresponde o ordinal:

a) octingentésimo octogésimo oitavo.

b) octigentésimo octogésimo oitavo.

c) octingentésimo octagésimo oitavo.

d) octincentésimo octagésimo oitavo.

11. (Ufam) Assinale o item em que **não** é correto ler o numeral como vem indicado entre parênteses:

a) Pode-se dizer que no século IX (nono) o português já existia como língua falada.

b) Pigmalião reside na Casa 22 (vinte e duas) do antigo Beco do Saco do Alferes, em Aparecida.

c) Abram o livro, por favor, na página 201 (duzentos e um).

d) O que procuras está no art. 10 (dez) do código que tens aí à mão.

e) O Papa Pio X (décimo), cuja morte teria sido apressada com o advento da Primeira Guerra Mundial, foi canonizado em 1954.

12. (UFRN) Atente para o emprego do vocábulo *enésima* na frase a seguir e marque a alternativa correta:

Em uma das muitas entrevistas que deu sobre a sua participação nas Olimpíadas de Atlanta, Hortência afirmou, pela *enésima* vez, que estava indecisa sobre a sua volta à Seleção.

a) É uma variante do numeral ordinal correspondente a nove.

b) Tem sentido pejorativo.

c) Trata-se de gíria.

d) É um termo derivado do vocábulo ene.

e) Sua troca por milésima manteria a noção de quantidade indeterminada.

Capítulo 15

Estudo das preposições

King Features Syndicate/Ipress

WALKER, Mort. *Recruta Zero: antologia com o melhor de todas as cinco décadas da série*. Vinhedo: Opera Graphica, 2002. v. 5. p. 74.

As preposições conectam termos da oração indicando noções fundamentais à compreensão da frase: nos termos "de todas as raças" e "de lentes coloridas", a preposição *de* introduz expressões que especificam, respectivamente, *pessoas* e *binóculo* (palavra subentendida no texto). Algumas preposições possuem carga significativa marcante, capaz de determinar o sentido de uma frase. Compare, por exemplo, "fábricas ocupadas *sem* poluir o ar" com "fábricas ocupadas *em* poluir o ar" e observe como a mudança da preposição altera completamente o significado da expressão.

1. Conceito

Preposição é a palavra invariável que atua como conectivo entre palavras ou orações, estabelecendo sempre uma relação de subordinação. Isso significa que, entre os termos ou orações ligados por uma preposição, haverá uma relação de dependência, em que um dos termos, ou uma das orações, assume o papel de subordinante e o outro, de subordinado:

Obedeço	**a**os meus princípios.	**A**o chegar,	foi recebido pelo encarregado da seção.
Continuo obediente	**a**os meus princípios.	subordinado	subordinante
É uma pessoa	**de** valor.		
Tive de agir	**com** cautela		
subordinante	subordinado		

Em alguns casos (particularmente nas locuções adverbiais), as preposições não apenas conectam termos da oração, mas também indicam noções fundamentais à compreensão da frase. Observe:

Saí **com** pressa.	Pus **sob** a mesa.	Estou **com** vocês.
Saí **sem** pressa.	Pus **sobre** a mesa.	Estou **contra** vocês.

É evidente a diferença de sentido entre as frases de cada um dos pares acima; também é evidente que essa diferença de sentido resulta da utilização de preposições diferentes, capazes de indicar noções diferentes ao estabelecer relações entre os termos das orações.

2. Classificação

As palavras da língua portuguesa que atuam exclusivamente como preposições são chamadas **preposições essenciais**. As preposições essenciais são:

a	ante	após	até	com
contra	de	desde	em	entre
para	perante	por	sem	sob
sobre	trás			

Não se deve confundir a preposição *a* com o artigo definido *a* e com o pronome *a*. A preposição é invariável; o artigo e o pronome se flexionam de acordo com o termo a que se referem:

Não dou atenção **a** mexericos. (preposição – observe que não estabelece concordância com o substantivo masculino plural mexericos)

As fofocas desses indivíduos, ignoro-**as**. (artigo definido e pronome – estabelecem concordância com o substantivo feminino plural *fofocas*)

No português atual, a preposição *trás* não é usada isoladamente; atua, sempre, como parte de outras expressões: *por trás, por trás de, para trás*.

Há palavras de outras classes gramaticais que, em determinados contextos, podem atuar como preposições. São, por isso, chamadas **preposições acidentais**. Podem atuar como preposições, por exemplo:

como (= na qualidade de)	conforme (= de acordo com)	consoante (= conforme)
exceto	fora	mediante
salvo	segundo (= conforme)	senão
tirante	visto (= por)	

Conjuntos de duas ou mais palavras que têm o valor de uma preposição são chamados de **locuções prepositivas**. A última palavra dessas locuções é sempre uma preposição. Eis alguns exemplos:

abaixo de	acerca de	acima de
ao lado de	a respeito de	de acordo com
dentro de	embaixo de	em cima de
em frente a	em redor de	graças a
junto a	junto de	perto de
por causa de	por cima de	por trás de

Joaquim Salvador Lavado/Quino

QUINO. *Mafalda 8*. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 53.

Na fala de Filipe, no último quadrinho, podemos observar a presença da locução prepositiva *por trás d*(isso) formada pela preposição *trás*, que não é utilizada isoladamente.

3. Combinações e contrações

Várias preposições se ligam a palavras de outras classes gramaticais, passando a constituir um único vocábulo. Essas ligações, que ocorrem espontaneamente na língua falada, acabam se refletindo muitas vezes na língua escrita.

Ocorre **combinação** quando a preposição, ao unir-se a outra palavra, mantém todos os seus fonemas. É o que acontece entre a preposição *a* e o artigo masculino *o*, *os*: *ao*, *aos*.

Ocorre **contração** quando a preposição, ao unir-se a outra palavra, sofre modificações em sua estrutura fonológica. As preposições *de* e *em*, por exemplo, formam contrações com os artigos e com diversos pronomes, originando formas como as seguintes:

do	dos	da	das	num	nuns
numa	numas	disto	disso	daquilo	naquele
naqueles	naquela	naquelas			

As formas *pelo*, *pelos*, *pela*, *pelas* resultam da contração da antiga preposição *per* com os artigos definidos.

A contração da preposição *a* com os artigos ou pronomes demonstrativos *a*, *as* ou com o *a* inicial dos pronomes *aquele*, *aqueles*, *aquela*, *aquelas*, *aquilo* recebe o nome de **crase** (que é, aliás, o nome que se dá a toda contração de vogais idênticas) e é assinalada na escrita pelo acento grave:

à	às	àquele	àqueles	àquela
àquelas	àquilo			

Estudaremos detalhadamente o uso desse acento num outro capítulo de nosso livro.

Atividades

1. Nas frases seguintes, identifique as preposições e indique o sentido da relação que estabelecem.

a) Não se deve ir à praia ao meio-dia!

b) Passei o dia à toa; à noite, senti-me vazio.

c) Como não reagir ante tanta desfaçatez?!

d) Várias pessoas seguiam após eles.

e) Após alguns minutos, resolvi intervir.

f) Estou decidido: agora, vou até o fim!

g) As discussões estão suspensas até segunda ordem.

h) Tomou as necessárias decisões com rapidez. Quando percebemos, já tinha voltado com o irmão.

i) Colava seu corpo contra o muro enquanto deslizava com agilidade.

j) Todas as provas até agora encontradas atuam contra eles.

k) Venho de longe, vou para longe...

l) Desde aquele tempo, pouco se tem feito pelos mais humildes.

m) Não desejava cair em descrédito perante a opinião pública.

n) Sobre o anoitecer chegamos a Ouro Preto.

o) Sob certos aspectos, ele está certo.

p) Trazia a arma sob a camisa.

2. Nas frases seguintes, indique o sentido da relação estabelecida pela preposição destacada.

a) Muita gente ainda morre **de** fome no Brasil. Há quem evite falar **disso**.

b) Estou vindo **de** metrô para a escola.

c) Estou vindo **do** metrô para a escola.

d) Acabei de chegar **no** metrô.

e) Acabei de chegar **ao** metrô.

f) Eu caminhava calmamente **sob** este céu azul quando me ocorreu que ele poderia desabar **sobre** minha cabeça.

g) O país viveu **sob** uma ditadura durante muitos anos. Hoje há quem não queira mais falar **sobre** isso, como se o passado não fosse necessário à construção do futuro.

3. Classifique as palavras destacadas nas frases seguintes.

a) Vou sair daqui **a** pouco.

b) Eu o vi passar **há** pouco.

c) **Há** vários anos que não se investe em saúde e educação neste país.

d) Estamos **a** uma longa distância dos nossos objetivos sociais.

e) Passe-me **a** caneta, por favor. Eu **a** colocarei ali, **a** poucos centímetros da gaveta.

4. Leia atentamente cada uma das frases dos pares seguintes e explique a diferença de sentido existente em cada caso.

a) Tive de lutar contra o pai e contra o filho.

Tive de lutar contra o pai e o filho.

b) É uma medida favorável aos músicos e aos compositores.

É uma medida favorável aos músicos e compositores.

Em livro

MELO NETO, João Cabral de. *A educação pela pedra*. São Paulo: Alfaguara, 2008.

Vencedor do Prêmio Jabuti de 1966, o livro *A educação pela pedra* é a obra de maturidade do poeta pernambucano. João Cabral, o arquiteto das palavras, alia com maestria rigor estrutural e sensibilidade estética, e o resultado é a criação de figuras inesquecíveis da poesia brasileira. Com relação ao conteúdo do capítulo, vale a pena destacar o poema "Sobre o sentar/estar no mundo", em que Cabral confere ambiguidade ao sentido do verbo sentar ao omitir a preposição *em*.

Textos para análise

1

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 2006. p. 38.

Trabalhando o texto

1. Aponte as palavras que exigem a preposição *com* nessa tirinha.
2. Re-escreva duas vezes a frase de Helga substituindo o verbo *casar* primeiramente por *separar-se* e depois por *ansiar*.
3. Em que consiste o humor da tirinha?

2

Lugar sem fim

A cor da terra de um lugar sem fim
Para no tempo de uma terra com fim
Encontra a casa em volta de mim
Perto do longe
A pensar em ti

A cor da terra de um lugar assim
Entra na casa, entra dentro de mim
Dentro das horas
Das horas sem fim

Fora do nada
A cor fica parada
E a terra sem mim

Fui ver, sem ver
O mar em frente
Meu amigo
Eu vou ter contigo
Para sempre

RAMIL, Kleiton; MELO E CASTRO, Eugénia.
Disponível em: <www2.uol.com.br/eugeniameloecastro>. Acesso em: 4 jul. 2008.

Trabalhando o texto

1. Aponte todas as preposições presentes na primeira estrofe do texto.
2. Aponte as locuções prepositivas presentes na segunda estrofe do texto.
3. Classifique morfologicamente a palavra *para*, do segundo verso. Qual é o significado dessa palavra no texto?
4. A construção "entrar dentro de" é considerada um pleonasmo vicioso, ou seja, uma repetição desnecessária e inútil de uma mesma ideia. Baseado em seu conhecimento sobre as preposições, explique por quê.
5. O texto nos fala de distância e aproximação. Aponte expressões que indicam essas ideias.

Questões de exames e concursos

1. (UEM-PR)

Texto 1

Gente humilde

(Garoto, Vinicius de Moraes e Chico Buarque)

01 Tem certos dias
02 Em que eu penso em minha gente
03 E sinto assim
04 Todo o meu peito a apertar
05 Porque parece
06 Que acontece de repente
07 Com um desejo de eu viver
08 Sem me notar
09 Igual a como
10 Quando eu passo no subúrbio
11 Eu muito bem
12 Vindo de trem de algum lugar
13 E aí me dá
14 Como uma inveja dessa gente
15 Que vai em frente
16 Sem nem ter com quem contar

17 São casas simples
18 Com cadeiras na calçada
19 E na fachada
20 Escrito em cima que é um lar
21 Pela varanda
22 Flores tristes e baldias
23 Como a alegria
24 Que não tem onde encostar

Disponível em: <http://chicobuarque.letras.terra.com.br/letras/85972/>. Acesso em: 12 set. 2006.

Texto 2

Subúrbio

(Chico Buarque)

01 Lá não tem brisa
02 Não tem verde-azuis
03 Não tem frescura nem atrevimento
04 Lá não figura no mapa
05 No avesso da montanha, é labirinto
06 É contrassenha, é cara a tapa
07 (...)
08 Casas sem cor
09 Ruas de pó, cidade
10 Que não se pinta
11 Que é sem vaidade

12 Lá não tem moças douradas
13 Expostas, andam nus
14 Pelas quebradas teus exus
15 Não tem turistas
16 Não sai foto nas revistas
17 Lá tem Jesus
18 E está de costas

19 Vai, faz ouvir os acordes do choro-canção
20 Traz as cabrochas e a roda de samba
21 Dança teu *funk*, o *rock*, forró, pagode, *reggae*
22 Teu *hip-hop*
23 Fala a língua do *rap*
24 Desbanca a outra
25 A tal que abusa
26 De ser tão maravilhosa

27 Não sai foto nas revistas
28 Lá tem Jesus
29 E está de costas

30 Vai, faz ouvir os acordes do choro-canção
31 Traz as cabrochas e a roda de samba
32 Dança teu *funk*, o *rock*, forró, pagode, *reggae*
33 Teu *hip-hop*
34 Fala a língua do *rap*
35 Desbanca a outra
36 A tal que abusa
37 De ser tão maravilhosa

Disponível em: <http://chicobuarque.letras.terra.com.br/letras/537331/>. Acesso em: 12 set. 2006.

Assinale a alternativa **correta** quanto aos sentidos das preposições empregadas nos **textos 1** e **2**.

I. Em "Vindo **de** trem **de** algum lugar" (texto 1, linha 12), a preposição **de** expressa meio e distância espacial, respectivamente.

II. Em "**Em** que eu penso em minha gente" (texto 1, linha 2) e "Escrito **em** cima que é um lar" (texto 1, linha 20), a preposição **em** expressa tempo e lugar, respectivamente.

III. Em "**Sem** me notar" (texto 1, linha 8) e "Casas **sem** cor" (texto 2, linha 8), a preposição **sem** expressa condição e privação, respectivamente.

IV. Em "Sem nem ter **com** quem contar" (texto 1, linha 16) e "**Com** cadeiras na calçada" (texto 1, linha 18), a preposição **com** expressa expectativa de colaboração e instrumento, respectivamente.

Está(ão) correta(s)

a) apenas I e II.
b) apenas II e III.
c) apenas I, II e IV.
d) apenas I, III e IV.
e) apenas III e IV.

2. (Pref. de Ilha Comprida-SP/Moura Melo) Indique a opção que deve ser completada com preposição **a**:

a) O parque ... que elas visitaram é muito frequentado.

b) O oficial procura o cheque ... que visou ontem.

c) A secretária aspirava ... uma melhor colocação na empresa.

d) Os pacientes ... que o médico assiste, merecem mais atenção.

3. (UFMS)

A casualidade

(Carlos Herculano Lopes)

01 Em uma madrugada, quase de manhã, um rapaz ainda jovem, entrando nos seus vinte e cinco anos, pegou um táxi. Resultou que ele, calado por índole ou costume, estava voltando
05 de uma festa na qual, entre amigos, havia tomado umas cervejas. Talvez só isto, a sensação de estar alegre, o tenha feito puxar conversa. Era muito reservado com estranhos. Por sua vez o motorista, acostumado a ouvir, deixou que
10 ele falasse. Aquele diálogo, provavelmente, não passaria de um a mais dos tantos que se travam noite adentro, se de repente o rapaz – sabe-se lá por que – não houvesse confessado que era de Santa Marta, onde, quando criança, um tal de
15 Jardel havia matado seu pai. O motorista, que até então ouvia em silêncio, sem prestar muita atenção, sentiu um calafrio, um leve tremor nos lábios, e o volante vacilou, enquanto voltavam na sua memória cenas de um crime que ele
20 tentava esquecer.

Prosa: para ler no ônibus, em casa, no trabalho, na escola, quando for dormir...
Belo Horizonte: Programa de Ensino, Pesquisa e Extensão A Tela e o Texto, jun. 2005.

Assinale a(s) alternativa(s) correta(s).

(001) A contração da preposição ***em*** com o artigo indefinido***um(a)*** (linha 1) possibilita a constituição de um único vocábulo, de uso espontâneo na língua falada.

(002) A substituição de ***ainda*** (linha 2) por "bem" não altera a ideia manifestada pela expressão da qual faz parte.

(004) No contexto linguístico em que se encontra, o verbo em destaque na expressão ***havia*** *tomado umas cervejas* (linhas 5 e 6) pode ser empregado no plural, pois "ele e seus amigos" é que ***haviam*** *tomado umas cervejas.*

(008) O pronome demonstrativo ***isto*** (linha 6) funciona como elemento de coesão ao remeter ao enunciado posterior: ***a sensação de estar alegre*** (linhas 6 e 7).

(016) Quanto ao som (fonema) representado pela letra **X**, a palavra ***táxi*** (linha 3) está para ***puxar*** (linha 7), assim como "exame" está para "exato".

4. (Fuvest)

Preciso que um barco atravesse o mar
lá longe
para sair dessa cadeira
para esquecer esse computador
e ter olhos de sal
boca de peixe
e o vento frio batendo nas escamas.
(...)

Marina Colasanti, *Gargantas abertas.*

Gosto e preciso de ti
Mas quero logo explicar
Não gosto porque preciso
Preciso sim, por gostar.

Mário Lago, <www.encantosepaixoes.com.br>.

a) Nos poemas acima, as preposições *para* e *por* estabelecem o mesmo tipo de relação de sentido? Justifique sua resposta.

b) Sem alterar o sentido do texto de Mário Lago, transcreva-o em prosa, em um único período, utilizando os sinais de pontuação adequados.

5. (Fuvest-SP) Ao ligar dois termos de uma oração, a preposição pode expressar, entre outros aspectos, uma relação temporal, espacial ou nocional. Nos versos:

Amor total e falho... Puro e impuro...
Amor de velho adolescente...

a preposição *de* estabelece uma relação nocional. Essa mesma relação ocorre em:

a) "Este fundo **de** hotel é um fim **de** mundo."

b) "A quem sonha **de** dia e sonha **de** noite, sabendo todo sonho vão."

c) "Depois fui pirata mouro, flagelo **da** Tripolitânia."

d) "Chegarei **de** madrugada, quando cantar a seriema."

e) "Só os roçados **da** morte compensam aqui cultivar."

6. (Fuvest-SP) "No final da Guerra Civil americana, o ex-coronel ianque (...) sai à caça do soldado desertor que realizou assalto a trem com confederados." (*O Estado de S. Paulo*, 15 set. 1995.)

O uso da preposição *com* permite diferentes interpretações da frase acima.

a) Re-escreva-a de duas maneiras diversas, de modo que haja um sentido diferente em cada uma.

b) Indique, para cada uma das redações, a noção expressa pela preposição *com*.

7. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção em que a preposição *com* traduz uma relação de instrumento.

a) "Teria sorte nos outros lugares, com gente estranha."

b) "Com o meu avô cada vez mais perto do fim, o Santa Rosa seria um inferno."

c) "Não fumava, e nenhum livro com força de me prender."

d) "Trancava-me no quarto fugindo do aperreio, matando-as com jornais."

e) "Andavam por cima do papel estendido com outras já pregadas no breu."

8. (Unimep-SP) "Depois **a** mãe recolhe as velas, torna **a** guardá-**las** na bolsa." Os vocábulos destacados são, respectivamente:

a) pronome pessoal oblíquo, preposição, artigo.

b) artigo, preposição, pronome pessoal oblíquo.

c) artigo, pronome demonstrativo, pronome pessoal oblíquo.

d) artigo, preposição, pronome demonstrativo.

e) preposição, pronome demonstrativo, pronome pessoal oblíquo.

9. (Fuvest-SP) Na frase "Estamos a bordo" a preposição indica relação de lugar. Escreva duas frases em que o emprego dessa preposição indique, respectivamente:

a) relação de tempo habitual;

b) relação de instrumento.

10. (Fuvest-SP) Em "óculos sem aro", a preposição *sem* indica ausência, falta. Explique o sentido expresso pelas preposições destacadas em:

a) "Cale-se ou expulso a senhora **da** sala."

b) "Interrompia a lição **com** piadinhas."

11. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção cuja lacuna não pode ser preenchida pela preposição entre parênteses.

a) uma companheira desta, ... cuja figura os mais velhos se comoviam. (*com*)

b) uma companheira desta, ... cuja figura já nos referimos anteriormente. (*a*)

c) uma companheira desta, ... cuja figura havia um ar de grande dama decadente. (*em*)

d) uma companheira desta, ... cuja figura andara todo o regimento apaixonado. (*por*)

e) uma companheira desta, ... cuja figura as crianças se assustavam. (*de*)

12. (UFU-MG) "... foram intimados **a** comparecer...", "... não **a** fizeram...", "... **a** sua oração...". As três ocorrências de *a* são, respectivamente:

a) preposição, pronome, preposição.

b) artigo, artigo, preposição.

c) pronome, artigo, preposição.

d) preposição, pronome, artigo.

e) artigo, pronome, pronome.

13. (PUC-SP)

"... a folha de um livro retoma."
"como sob o vento a árvore que o doa."
"e nada finge vento em folha de árvore."

As expressões destacadas são introduzidas por preposições. Tais preposições são usadas, nesses versos, com a ideia de:

a) origem, lugar, especificação.

b) especificação, agente causador, lugar.

c) instrumento, especificação, lugar.

d) agente causador, especificação, lugar.

e) lugar, instrumento, origem.

14. (UPM-SP) Indique a oração que apresenta locução prepositiva.

a) Havia objetos valiosos sobre a pequena mesa de mármore.

b) À medida que os inimigos se aproximavam, as tropas inglesas recuavam.

c) Seguiu a carreira militar devido à influência do pai.

d) Agiu de caso pensado, quando se afastou de você.

e) De repente, riscou e re-escreveu o texto.

15. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da seguinte frase:

O controle biológico de pragas, ... o texto faz referência, é certamente o mais eficiente e adequado recurso ... os lavradores dispõem para proteger a lavoura sem prejudicar o solo.

a) do qual, com que

b) de que, que

c) que, o qual

d) ao qual, cujos

e) a que, de que

16. (UFV-MG) Assinale a opção cuja sequência completa **corretamente** as frases abaixo.

A lei ... se referiu já foi revogada.

Os problemas ... se lembraram eram muito grandes.

O cargo ... aspiras é muito importante.
O filme ... gostou foi premiado.
O jogo ... assistimos foi movimentado.

a) que, que, que, que, que
b) a que, de que, que, que, a que
c) que, de que, que, de que, que
d) a que, de que, a que, de que, a que
e) a que, que, que, que, a que

17. (Unisa-SP) Assinale a frase que **não** está correta.

a) Entre mim e ti tudo acabou.
b) Já lhe disse que entre nós nada é bom.
c) Entre ela e nós existe de tudo.
d) Entre eu e você deve haver respeito.
e) Não é possível haver dúvidas entre eles.

18. (ITA-SP) Considerando que o pronome relativo deve ser examinado em relação ao verbo que lhe vem imediatamente depois, quais frases abaixo estão corretas?

1. Apresento as provas do concurso de que fui por vós designado a elaborar.
2. Apresento as provas do concurso a que fui por vós designado a fiscalizá-lo.
3. Apresento as provas do concurso de cuja organização me destes a honra.
4. Apresento as provas do concurso para cuja fiscalização fui por vós designado.

a) Todas.
b) Apenas a 1 e a 3.
c) Apenas a 2 e a 4.
d) Apenas a 3 e a 4.
e) Apenas a 1 e a 2.

19. (PUCCamp-SP) O projeto, ... realização sempre duvidara, exigiria toda a dedicação ... fosse capaz.

a) do qual, a que
b) cuja a, da qual
c) de cuja, de que
d) que sua, de cuja
e) cuja, a qual

20. (PUCCamp-SP) Os folhetos ... não temos cópia são exatamente aqueles ... conteúdo ele se fixou.

a) que, cujo
b) de que, cujo o
c) de cujos, no qual
d) dos quais, em cujo
e) os quais, ao qual

21. (Unimep-SP) "De todas as garotas da classe, Paula foi **a** que mais me impressionou. Gostaria de ter ido **a** sua festa com ela. Eu **a** convidei, mas ela não aceitou."

As palavras destacadas são, respectivamente:

a) pronome oblíquo, artigo, preposição.
b) pronome demonstrativo, preposição, pronome oblíquo.
c) pronome oblíquo, preposição, pronome oblíquo.
d) pronome demonstrativo, preposição, artigo.
e) preposição, artigo, pronome demonstrativo.

22. (Unimep-SP) "... dois meses que não vejo Paulo. Soube que ele esteve ... beira de uma crise nervosa ... menos de cinco dias do vestibular." A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:

a) há, a, a
b) há, à, a
c) há, à, à
d) a, a, à
e) a, à, a

23. (Unicamp-SP) No trecho abaixo, extraído de uma entrevista transcrita literalmente, há uma passagem que precisaria ser modificada para adequar-se ao português **escrito** culto.

Identifique essa passagem e re-escreva-a na forma que lhe parecer mais adequada.

A Universidade é muito mais eficiente do que a indústria porque ela é o único organismo da sociedade que pode especular sem grande ônus. A Universidade é o único organismo que você pode abandonar uma pesquisa sem nenhum trauma (...).

24. (Unicamp-SP) Todos os trechos citados abaixo apresentam um problema semelhante. Diga que problema é esse e re-escreva **um** dos trechos para adequá-lo à modalidade escrita da língua portuguesa.

1. Se a gente ler esta reportagem daqui a um ano a gente vai perceber as marcas que esta reportagem não é moderna (...). (amostra de escrita de aluno do 1.º grau)
2. Futebol, aquele esporte que faz o povo vibrar ao ver a vitória do time a qual se propõe a torcer. (amostra de escrita de aluno do 2.º grau)
3. Existem escolas que as aulas da noite são iluminadas à luz de velas... (boletim de greve da Associação dos Professores do Estado de São Paulo)

Capítulo 16

Estudo das conjunções

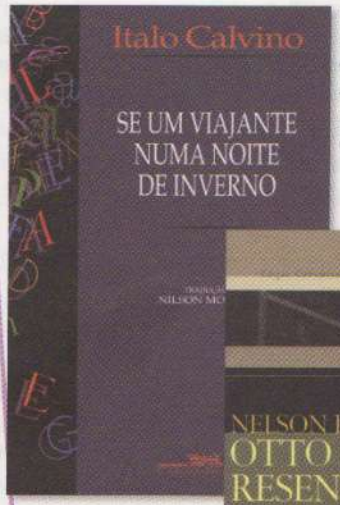

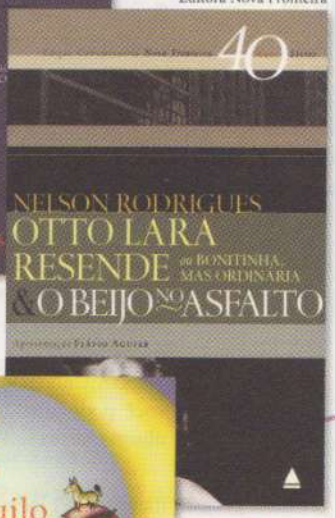

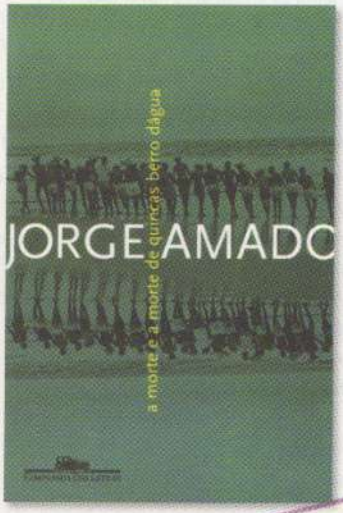

Juntamente com as preposições, as conjunções são **palavras relacionais**: unem orações ou termos de uma oração estabelecendo diversos tipos de relação entre eles. Nos títulos das imagens, a conjunção *ou* estabelece uma relação de alternância; já a conjunção *se* deixa no ar uma hipótese; *e* acrescenta uma ideia instigante (morre-se duas vezes?), enquanto *mas* faz uma ressalva. As relações que as conjunções estabelecem são de fundamental importância para a coesão e progressão textuais.

1. Conceito

Conjunções são palavras invariáveis que unem termos de uma oração ou unem orações. As conjunções podem relacionar termos de mesmo valor sintático ou orações sintaticamente equivalentes – as chamadas **orações coordenadas** – ou podem relacionar uma oração com outra que nela desempenha função sintática – respectivamente, uma **oração principal** e uma **oração subordinada**. Observe:

Nossa realidade social é precária **e** nefasta.

A situação social do país é precária, **mas** ainda existem aqueles que só buscam privilégios pessoais.

Alguns brasileiros não percebem **que** a situação social do país é precária.

Na primeira frase, a conjunção *e* une dois termos equivalentes: *precária* e *nefasta*. Na segunda frase, a conjunção *mas* une duas orações coordenadas: "A situação social do país é precária" e "ainda existem aqueles que só buscam privilégios pessoais". É fácil perceber que cada uma dessas orações é completa em si mesma, podendo ser separada da outra por ponto.

Na terceira frase, a conjunção *que* une a oração "Alguns brasileiros não percebem" à oração "a situação social do país é precária". Note que o sentido do verbo *perceber*, presente na primeira oração, é complementado pela segunda oração da frase: *perceber* é, no caso, "perceber que a situação social do país é precária". Isso significa que a segunda oração é subordinada à primeira, pois atua como complemento do verbo dessa primeira oração. A conjunção *que* está unindo uma oração subordinada a sua oração principal.

São chamados **locuções conjuntivas** os conjuntos de palavras que atuam como conjunções. Essas locuções geralmente terminam em *que*:

visto que	desde que	ainda que
à medida que	à proporção que	por mais que

Os mesmos critérios de classificação aplicados às conjunções simples são aplicados às locuções conjuntivas.

2. Classificação

As conjunções são primeiramente classificadas em **coordenativas** e **subordinativas**, de acordo com o tipo de relação que estabelecem. As conjunções coordenativas ligam termos ou orações sintaticamente equivalentes. As conjunções subordinativas ligam uma oração a outra que nela desempenha função sintática; em outras palavras, ligam uma oração principal a uma oração que lhe é subordinada.

De acordo com o sentido das relações que estabelecem, as conjunções coordenativas são classificadas em:

a. aditivas – exprimem adição, soma:

e	nem	(não só...) mas também

b. adversativas – exprimem oposição, contraste:

mas	porém	contudo	todavia
entretanto	no entanto	não obstante	

c. alternativas – exprimem alternância ou exclusão:

ou | ou..., ou... | ora..., ora...

d. conclusivas – exprimem conclusão:

logo | portanto | por conseguinte | pois (posposto ao verbo)

e. explicativas – exprimem explicação:

pois (anteposto ao verbo) | que | porque | porquanto

Já as conjunções subordinativas são classificadas em:

a. integrantes – introduzem orações subordinadas substantivas:

que | se | como

b. causais – exprimem causa:

porque | como | uma vez que | visto que | já que

c. concessivas – exprimem concessão:

embora | ainda que | mesmo que | conquanto | apesar de que

d. condicionais – exprimem condição ou hipótese:

se | caso | desde que | contanto que

e. conformativas – exprimem conformidade:

conforme | consoante | segundo | como

f. comparativas – estabelecem comparação:

como | mais... (do) que | menos... (do) que

g. consecutivas – exprimem consequência:

que | de sorte que | de forma que

h. finais – exprimem finalidade:

para que | a fim de que | que | porque

i. proporcionais – estabelecem proporção:

à medida que | à proporção que | ao passo que | quanto mais..., menos...

j. temporais (indicam tempo):

quando | enquanto | antes que | depois que

desde que | logo que | assim que

A classificação das conjunções deve ser feita com base em seu efetivo emprego nas frases da língua. Por isso, as relações que apresentamos não devem ser memorizadas: você deve consultá-las quando for necessário. O estudo efetivo do valor dessas conjunções só será possível quando observarmos atentamente sua atuação. Faremos isso nos capítulos de sintaxe dedicados ao período composto.

Atividades

1. Procure unir as orações de cada um dos pares seguintes utilizando uma conjunção coordenativa.

a) Este é um país rico. A maior parte de seu povo é muito pobre.

b) Você se preparou dedicadamente. Será bem-sucedido.

c) É um velho político corrupto. Não se deve re-elegê-lo.

d) Fique descansado. Eu tomarei as providências necessárias.

e) Choveu durante a noite. As ruas estão molhadas.

f) Você pode apresentar suas propostas esta noite. Pode ficar remoendo-as sozinho por muitas noites.

g) Você deve conversar abertamente com ela sobre seus sentimentos. Deve esquecê-la definitivamente.

2. A classificação de uma conjunção só pode ser realizada satisfatoriamente com base em sua atuação efetiva numa frase. Observe os conjuntos de frases seguintes e procure indicar o tipo de relação estabelecido pela conjunção destacada.

a) **Como** chovesse, decidi adiar a partida.

Ele é compreensivo **como** um travesseiro.

Fiz tudo **como** combináramos.

b) A indignação foi tanta **que** produziu seguidas manifestações de rua.

Tivemos de sair correndo, **que** a situação ficou difícil!

Será que os brasileiros são mais alegres **que** os outros povos?

c) Por favor, fale mais alto, **que** eu também quero ouvir.

Outro, **que** não eu, suportaria calado tudo isso.

3. O emprego equivocado de uma conjunção prejudica a estruturação e a compreensão de frases e textos. Comente o uso da conjunção destacada na frase seguinte e proponha formas mais eficientes de re-escrevê-la.

A maior parte dos trabalhadores brasileiros não recebe um salário digno, **mas** enfrenta problemas de sobrevivência.

Textos para análise

1

Agência Guimarães Profissionais

Trabalhando o texto

1. Explique o sentido da relação estabelecida pelas conjunções destacadas no texto ao lado.

2. Compare: Com esta dúvida você × Com esta decisão você... Observe o paralelismo das frases e explique o que possibilitou ao redator do anúncio trocar a palavra *dúvida* por *decisão*.

2

Duke. Jornal Super Notícia, 28 maio 2008.

Disponível em: <http://dukechargista.blogspot.com/27052008>. Acesso em: 7 jun. 2008.

Trabalhando o texto

1. Localize a conjunção utilizada nessa charge e explique o sentido que adquire no contexto.

2. Explique também em que medida o emprego da conjunção provoca o humor da charge.

3

Moto-contínuo

Um homem pode ir ao fundo, do fundo, do fundo
Se for por você
Um homem pode tapar os buracos do mundo
Se for por você
Pode inventar qualquer mundo, como um vagabundo
Se for por você
Basta sonhar com você
Juntar o suco dos sonhos, encher um açude
Se for por você
A fonte da juventude correndo nas bicas
Se for por você
Bocas passando saúde com beijos nas bocas
Se for por você
Homem também pode amar e abraçar e afagar seu ofício porque
Vai habitar o edifício que faz pra você
E, no aconchego da pele, na pele, da carne, na carne entender
Que homem foi feito direito, do jeito que é feito o prazer
Homem constrói sete usinas, usando a energia
Que vem de você
Homem conduz a alegria que sai das turbinas
De volta a você
E cria o moto-contínuo, da noite pro dia,
Se for por você
E quando um homem já está de partida,
na curva da vida ele vê
Que o seu caminho não foi um caminho
Sozinho porque
Sabe que um homem vai fundo, e vai fundo, e vai fundo
Se for por você.

LOBO, Edu; BUARQUE, Chico. Disponível em: <www.chicobuarque.com.br>. Acesso em: 7 jul. 2008.

Trabalhando o texto

1. Classifique as palavras destacadas em "**Se** for por você" e "**Como** um vagabundo".

2. Classifique a palavra **porque** em suas duas ocorrências no texto.

3. Classifique as palavras destacadas nos versos seguintes:

   "Vai habitar o edifício **que** faz pra você
   E, no aconchego da pele, na pele, da carne, na [carne entender
   Que homem foi feito direito..."

4. Aponte no texto exemplos de conjunções coordenativas.

5. **Polissíndeto** é nome que se dá à repetição de uma mesma conjunção na coordenação de termos ou orações. Aponte exemplos no texto e procure relacionar essa figura de linguagem com o conteúdo do texto.

6. Explique o efeito da repetição de "**Se** for por você" no sentido global do texto.

7. O amor pode realmente originar um moto-contínuo? Qual sua opinião?

Em CD

Divulgação

Edu Lobo. *Cambaio*. (CD). Universal Music, 2002.

As canções do disco *Cambaio* foram originalmente criadas para a peça teatral homônima escrita por João e Adriana Falcão. Com letras de Chico Buarque e participações de Zizi Possi, Lenine e Gal Costa, Edu Lobo apresenta aqui uma das joias raras da música popular brasileira, um disco cheio de estilo e elegância que recebeu o Grammy latino de melhor álbum da música popular brasileira de 2002.

Questões de exames e concursos

1. (UEM-PR)

Orkut.com – Termos de serviço

01 (...) É necessário ter uma conta do Google
02 para usar o orkut. Além disso, é necessário
03 fornecer informações verdadeiras, exatas e
04 completas ao efetuar a sua inscrição como membro
05 do orkut.com. (...) É vedada a utilização do serviço
06 orkut.com para quaisquer fins ilegais ou não
07 autorizados.(...)
08 Outros exemplos de uso ilegal ou não autorizado
09 incluem, mas não se limitam a: (...)
10 – enviar materiais de terceiros sem o seu
11 prévio consentimento escrito;
12 – direcionar um usuário (por exemplo por
13 meio de um link) para materiais de terceiros sem o
14 prévio consentimento escrito deles; (...)
15 – enviar materiais que sejam ilegais ou
16 promovam ou incentivem atividades ilícitas; ou
17 – enviar informações falsas ou enganosas.
18 Embora o orkut.com proíba tais condutas e
19 conteúdos em seu *site*, você está ciente disso e
20 concorda que poderá ser exposto a materiais desse
21 tipo e que usará o serviço orkut.com por sua
22 própria conta e risco. (...)
23 A coleta e a utilização de informações
24 pessoais são regidas pela nossa Política de
25 Privacidade. Você compreende e concorda que o
26 orkut.com pode acessar, registrar e divulgar as
27 suas informações pessoais e o conteúdo de sua
28 conta, caso solicitado por força da lei ou quando
29 acreditarmos de boa-fé que tal acesso, registro ou
30 divulgação são realmente necessários para atender

31 a um processo legal ou proteger os direitos, a

32 propriedade e/ou a segurança do orkut.com, de

33 seus afiliados ou do público em geral.

Disponível em: <http://www.orkut.com/Terms.aspx>. Acesso em: 12 set. 2006.

Assinale a alternativa **incorreta** quanto ao emprego dos elementos linguísticos.

a) Em "Embora o orkut.com proíba tais condutas e conteúdos em seu *site* (...)" (linhas 18-19), o elemento embora estabelece relação de concessão entre as orações.

b) Em "Outros exemplos de uso ilegal ou não autorizado incluem, mas não se limitam a:" (linhas 08-09), o elemento mas estabelece uma relação de contraste entre as orações.

c) Em "(...) caso solicitado por força da lei (...)" (linha 28), o elemento caso estabelece uma relação de condição entre as orações.

d) Em "(...) quando acreditarmos de boa-fé que tal acesso, registro ou divulgação (...)" (linhas 28-30), o elemento quando estabelece uma relação de tempo entre as orações.

e) Em "(...) enviar materiais que sejam ilegais ou promovam ou incentivem atividades ilícitas;" (linhas 15-16), o elemento ou estabelece uma relação de exclusão entre as orações.

2. (UEPB) A ausência de conectivos no texto abaixo acarreta problemas de coesão sequencial.

O futuro da Varig poderá ser decidido nesta semana ... o governo pague a conta.

O Brasil que pode dar certo mostrou sua face na semana passada. ... toda a comoção que cercou o leilão da venda da Varig, o governo manteve prudente distância da confusão. (...) O destino da maior empresa aérea brasileira está entregue à lei de Recuperação judicial, o mecanismo institucional adequado. Longe, ..., do discurso nacionalista que durante muito tempo premiou a incompetência local com favores desmedidos.

O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) avisou que, ... venha a financiar parte da aquisição, não abrirá mão de suas normas. Não se poderá, ... aconteceu no passado, lançar mão do dinheiro público para fazer mais largo o sorriso privado.

Veja. São Paulo: Abril, 14 jun. 2006.

Indique a alternativa na qual estão listados os conectivos que preenchem, respectivamente, as lacunas do texto.

a) embora, Devido a, então, assim que, já que

b) a menos que, Embora, logo, caso, conforme

c) sem que, Devido a, pois, desde que, porque

d) sem que, Apesar de, portanto, caso, como

e) embora, Apesar de, portanto, uma vez que, visto que

3. (UEPB) Ao termo **como**, podemos atribuir diferentes classificações, de acordo com o contexto em que aparece; daí este poder ser: advérbio interrogativo, preposição e – a exemplo do excerto abaixo – conectivo:

Como é mais fácil o ex-astronauta Marcos Pontes viajar para a lua do que o PMDB aceitar a oferta, Lula também prometeu participação quercista no próximo e até mesmo no atual governo, com direito a ocupar postos relevantes como o Ministério da Saúde.

Veja. São Paulo: Abril, 7 jun. 2006.

Indique, dentre as opções abaixo, o excerto no qual este termo tem valor semelhante ao ilustrado:

a) "(...) Conta uma liderança pefelista: '**Como** antes de atender os petistas Duda foi marqueteiro de vários políticos, considerou-se melhor não ir fundo nesse assunto'." (*Veja*. São Paulo: Abril, 7 jun. 2006.)

b) "Além disso, lá (nos Estados Unidos) mentir é um comportamento possível de ser enquadrado **como** crime de perjúrio. Aqui, mente-se com a maior desfaçatez." (*Veja*. São Paulo: Abril, 7 jun. 2006.)

c) "(...) o You Tube (algo **como** 'você no tubo' – da TV ou do computador) foi inaugurado em fevereiro do ano passado COMO um serviço em que os usuários pudessem ver, compartilhar e comentar vídeos facilmente e sem interferir na caixa de e-mails alheia (...)." (*Veja*. São Paulo: Abril, 7 jun. 2006.)

d) "(...) Para ter a experiência completa, o usuário se cadastra e, **como** no onipresente Orkut, cria seu perfil e monta uma rede de amigos." (*Veja*. São Paulo: Abril, 7 jun. 2006.)

e) "(...) O elefante da inflação virou uma formiguinha. (...) COMO isso foi obtido? Num primeiro momento, com a engenhosidade do real. Depois com vigilância permanente do Banco Central (...)." (*Veja*. São Paulo: Abril, 12 jul. 2006.)

4. (UEPG)

Relembrando Kipling

SE

Se tu consegues conservar a calma
ao ler diariamente o teu jornal
e mesmo que te aperte e doa a alma
tu vais para o trabalho habitual;
se ao ver que aumenta sempre a ladroeira
consegues mesmo assim ter paciência
até quando é bem grande a roubalheira
como nas fraudes, lá na Previdência;
(...)

Se aguentas tudo isso e lá no fundo,
mesmo explorado, exausto e sem dinheiro,
pensas que este é o melhor lugar do mundo,
não és louco não, meu filho: és brasileiro!

SOARES Jô. *Veja*. São Paulo: Abril, 5 jun. 1991.

Considerando que os conectivos estabelecem relações sintáticas e semânticas entre as ideias do texto, assinale o que for correto.

01) *E mesmo que* estabelece relação de causalidade e pode ser substituído por *embora*.

02) As três ocorrências do *se* estabelecem uma relação de concessão (introduzem ideias opostas às expressas nas orações seguintes).

04) *Mesmo assim* estabelece relação de temporalidade e pode ser substituído por *ainda*.

08) *Mesmo* estabelece uma relação de modo e pode ser substituído por *contudo*.

16) *Como* estabelece uma relação de comparação e pode ser substituído por *semelhante às*.

5. (UFSCar-SP) Instrução: A questão refere-se ao texto seguinte.

Na minha opinião, existe no Brasil, em permanente funcionamento, não fechando nem para o almoço, uma Central Geral de Maracutaia. Não é possível que não exista. E, com toda a certeza, é uma das organizações mais perfeitas já constituídas, uma contribuição inestimável do nosso país ao patrimônio da raça humana. Nada de novo é implantado sem que surja no mesmo instante, às vezes sem intervalo visível, imediatamente mesmo, um esquema bem montado para fraudar o que lá seja que tenha sido criado. (...) Exemplo mais recente ocorreu em São Paulo, mas podia ser em qualquer outra cidade do país, porque a CGM é onipresente, não deixa passar nada, nem discrimina ninguém. Segundo me contam aqui, a prefeitura de São Paulo agora fornece caixão e enterro gratuitos para os doadores de órgãos, certamente os mais pobres. Basta que a família do morto prove que ele doou pelo menos um órgão, para receber o benefício. Mas claro, é isso mesmo, você adivinhou, ser brasileiro é meramente uma questão de prática. Surgiram indivíduos ou organizações que, mediante uma módica contraprestação pecuniária, fornecem documentação falsa, "provando" que o defunto doou órgãos, para que o caixão e o enterro sejam pagos com dinheiro público.

RIBEIRO, João Ubaldo. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 18 set. 2005.

Assinale a alternativa em que a substituição das palavras grifadas mantém o mesmo sentido original do trecho: "Exemplo mais recente ocorreu em São Paulo, mas podia ser em qualquer outra cidade do país, porque a CGM é onipresente."

a) Exemplo mais recente ocorreu em São Paulo, no entanto podia ser em qualquer outra cidade do país, uma vez que a CGM é onipresente.

b) Exemplo mais recente ocorreu em São Paulo, pois podia ser em qualquer outra cidade do país, já que a CGM é onipresente.

c) Exemplo mais recente ocorreu em São Paulo, podia, pois, ser em qualquer outra cidade do país, visto que a CGM é onipresente.

d) Exemplo mais recente ocorreu em São Paulo, apesar disso podia ser em qualquer outra cidade do país, assim que a CGM é onipresente.

e) Exemplo mais recente ocorreu em São Paulo, já que podia ser em qualquer outra cidade do país, à medida que a CGM é onipresente.

6. (Fuvest-SP) Nas frases abaixo, cada espaço pontilhado corresponde a uma conjunção retirada.

1. "Porém já cinco sóis eram passados ... dali nos partíramos."
2. ... estivesse doente faltei à escola.
3. ... haja maus nem por isso devemos descrer dos bons.
4. Pedro será aprovado ... estude.
5. ... chova sairei de casa.

As conjunções retiradas são, respectivamente:

a) quando, ainda que, sempre que, desde que, como.

b) que, como, embora, desde que, ainda que.

c) como, que, porque, ainda que, desde que.

d) que, ainda que, embora, como, logo que.

e) que, quando, embora, desde que, já que.

7. (UEL-PR) Não gostava muito de novelas policiais; admirava, porém, a técnica de seus autores.

Comece com: Admirava a técnica...

a) visto como.

b) enquanto.

c) conquanto.

d) porquanto.

e) à medida que.

8. (UEL-PR) A serem considerados os resultados, o trabalho foi eficiente.

Comece com: O trabalho foi eficiente...

a) desde que.

b) ainda que.

c) a menos que.

d) embora.

e) por isso.

9. (PUC-SP) Assinale a alternativa que possa substituir, pela ordem, as partículas de transição dos períodos abaixo, sem alterar o significado delas.

"Em **primeiro lugar**, observemos o avô. **Igualmente**, lancemos um olhar para a avó. **Também** o pai deve ser observado. Todos são altos e morenos. **Consequentemente**, a filha também será morena e alta."

a) primeiramente, ademais, além disso, em suma.
b) acima de tudo, também, analogamente, finalmente.
c) primordialmente, similarmente, segundo, portanto.
d) antes de mais nada, da mesma forma, por outro lado, por conseguinte.
e) sem dúvida, intencionalmente, pelo contrário, com efeito.

10. (Cesgranrio-RJ) Assinale o período em que ocorre a mesma relação significativa indicada pelos termos destacados em "A atividade científica é tão natural **quanto qualquer outra atividade econômica**".

a) Ele era tão aplicado, que em pouco tempo foi promovido.
b) Quanto mais estuda, menos aprende.
c) Tenho tudo quanto quero.
d) Sabia a lição tão bem como eu.
e) Todos estavam exaustos, tanto que se recolheram logo.

11. (Fuvest-SP) "Podem acusar-me: estou com a consciência tranquila." Os dois-pontos (:) do período acima poderiam ser substituídos por vírgula, explicitando-se o nexo entre as duas orações pela conjunção:

a) portanto.
b) e.
c) como.
d) pois.
e) embora.

12. (PUC-SP) Em: "(...) ouviam-se amplos bocejos, fortes **como** o marulhar das ondas (...)" a partícula *como* expressa uma ideia de:

a) causa.
b) explicação.
c) conclusão.
d) proporção.
e) comparação.

13. (Fuvest-SP) "Que não pedes um diálogo de amor, é claro, **desde que impões** a cláusula da meia-idade."

O segmento destacado poderia ser substituído, sem alteração do sentido da frase, por:

a) desde que imponhas.
b) se bem que impões.
c) contanto que imponhas.
d) conquanto imponhas.
e) porquanto impões.

14. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que ocorre uso **incorreto** de conjunção.

a) O homem criou a máquina para facilitar sua vida, e contudo ela correspondeu a essa expectativa.
b) Diga-lhe que abra logo a porta, que eu estou com pressa.
c) Ele tinha todas as condições para representar bem os colegas; nem todos lhe reconheciam os méritos, porém.
d) O problema é que ainda não se sabe se ele agiu conforme as normas da empresa.
e) Ao perceber o que tinham feito com seus livros, gritou que parecia um louco.

15. (PUC-SP) Nos trechos: "Vejo três meninas caindo rápidas, enfunadas, **como** se dançassem inda" e "(...) e a prima-dona com a longa cauda de lantejoulas riscando o céu **como** um cometa", as palavras destacadas expressam respectivamente ideias de:

a) comparação, objeto.
b) modo, origem.
c) modo, comparação.
d) comparação, instrumento.
e) consequência, consequência.

16. (PUC-SP) No período: "Da própria garganta saiu um grito de admiração, que Cirino acompanhou, **embora** com menos entusiasmo", a palavra destacada expressa uma ideia de:

a) explicação.
b) concessão.
c) comparação.
d) modo.
e) consequência.

17. (PUC-SP) No trecho: "É uma espécie... nova... completamente nova! **Mas já** tem nome... Batizei-**a** logo... Vou-**lhe** mostrar...", sob o ponto de vista morfológico, as palavras destacadas correspondem, pela ordem, a:

a) conjunção, preposição, artigo, pronome.
b) advérbio, advérbio, pronome, pronome.
c) conjunção, interjeição, artigo, advérbio.
d) advérbio, advérbio, substantivo, pronome.
e) conjunção, advérbio, pronome, pronome.

18. (Unicamp-SP) Identifique no texto abaixo:

1. o argumento utilizado pelo Ministro do Trabalho a favor da manutenção da legislação salarial que prevê reajustes indexados e automáticos;

2. a palavra que marca sintaticamente a oposição entre os assalariados que ganham pouco e aqueles que ganham muito;
3. a palavra que poderia ser substituída por *não obstante*.

Não há (...) como se cogitar do abandono do sistema de reajustes indexados e automáticos. (...) Em suas linhas gerais a legislação salarial deve ser mantida, por ser tecnicamente melhor do que as suas antecessoras. Impõe-se, entretanto, um tratamento adequado ao piso salarial nacional e sua completa e definitiva desvinculação de outros salários. Exige-se, ainda, o estreitamento do amplo arco de salários. Não é justo que, enquanto alguns são pagos à razão de meio, um, dois ou três salários mínimos, outros consigam ganhar cinquenta, cem, duzentas ou trezentas vezes mais. É fundamental, finalmente, que as negociações sindicais ou com as empresas sejam livres e responsáveis, tomando como parâmetro os dados objetivos da realidade.

PAZZIANOTO, Almir. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 30 nov. 1987.

19. (Unicamp-SP) No texto abaixo, substitua *embora* por outra palavra ou expressão, de forma que o texto resultante dessa substituição, com as mínimas alterações necessárias, mantenha o sentido original.

(...) ergueu-se rapidamente, passou para o outro lado da sala e deu alguns passos, entre a janela da rua e a porta do gabinete do marido. Assim, com o desalinho honesto que trazia, dava-me uma impressão singular. Magra **embora**, tinha não sei que balanço no andar, como quem lhe custa levar o corpo; essa feição nunca me pareceu tão distinta como naquela noite.

ASSIS, Machado de. *Missa do galo*.

20. (Unimep-SP) "Havendo tempo, irei à sua casa."

Comece com: Irei à sua casa, ...

a) se houvesse.
b) embora haja.
c) exceto se houver.
d) desde que houvesse.
e) caso haja.

21. (Vunesp-SP) ... a esposa estar, há muito tempo, longe de casa, o marido não sente sua falta, ... se rodeia de amigos, ... comemorar sua liberdade.

Observando a coerência na indicação das circunstâncias, assinalar a alternativa que preenche adequadamente as colunas.

a) em razão de; à proporção que; para.
b) apesar de; já que; a fim de.
c) na hipótese de; desde que; por.
d) não obstante; quando; sem.
e) no caso de; conforme; de modo a.

22. (Fecap-SP) Classifique a palavra como nas construções seguintes, numerando, convenientemente, os parênteses. A seguir, assinale a alternativa correta.

1. preposição
2. conjunção subordinativa causal
3. conjunção subordinativa conformativa
4. conjunção coordenativa aditiva
5. advérbio interrogativo de modo

( ) Perguntamos como chegaste aqui.
( ) Percorrera as salas como eu mandara.
( ) Tinha-o como amigo.
( ) Como estivesse muito frio, fiquei em casa.
( ) Tanto ele como o irmão são meus amigos.

a) 2, 4, 5, 3, 1.
b) 4, 5, 3, 1, 2.
c) 5, 3, 1, 2, 4.
d) 3, 1, 2, 4, 5.
e) 1, 2, 4, 5, 3.

23. (SSP-SP/ACP-SP) O amor não só faz bem **como** alimenta. A palavra grifada é uma conjunção

a) coordenativa adversativa.
b) subordinativa integrante.
c) coordenativa aditiva.
d) subordinativa comparativa.

24. (TJ-SP/Vunesp)

A região alvo da expansão das empresas, ..., das redes de franquias, é a Sudeste, ... as demais regiões também serão contempladas em diferentes proporções; haverá, ..., planos diversificados de acordo com as possibilidades de investimento dos possíveis franqueados.

A alternativa que completa, correta e respectivamente, as lacunas e relaciona corretamente as ideias do texto, é:

a) digo ... portanto ... mas.
b) como ... pois ... mas.
c) ou seja ... embora ... pois.
d) ou seja ... mas ... portanto.
e) isto é ... mas ... como.

25. (Correios/ESPP) Em "Penso, logo existo", a conjunção **logo** pode ser substituída sem alteração de sentido por:

a) mas.
b) embora.
c) portanto.
d) porque.

Capítulo 17

Estudo das interjeições

Fernando Gonsales

GONSALES, Fernando. *Benedito Cujo*. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/niquel/benedito.shtml>. Acesso em: 9 jun. 2008.

As interjeições são estruturas linguísticas que, em geral, retratam emoções ou reações de forma espontânea e eficaz. Nessa tirinha, a interjeição *oh!* traduz com perfeição o sentimento de alegria da mãe de Benedito.

Conceito

Interjeições são palavras invariáveis que exprimem emoções, sensações, estados de espírito, ou que procuram agir sobre o interlocutor, levando-o a adotar determinados comportamentos sem que se faça uso de estruturas linguísticas mais elaboradas. Observe:

Ah! – pode exprimir prazer, deslumbramento, decepção;

Psiu! – pode indicar que se está querendo atrair a atenção do interlocutor ou que se quer que ele faça silêncio.

Em alguns casos, há um conjunto de palavras que atuam como uma interjeição: são as **locuções interjectivas**, como *Valha-me Deus!* ou *Macacos me mordam!*

OUTRAS INTERJEIÇÕES E LOCUÇÕES INTERJECTIVAS	
interjeições e locuções	**expressam**
oh!, ah!, oba!, viva!	alegria
ai!, ui!	dor
oh!, ah!, ih!, opa!, caramba!, upa!, céus!, puxa!, xi!, gente!, hem?!, meu Deus!, uai!	espanto, surpresa
olá!, alô!, ô!, oi!, psiu!, psit!, ó!	chamamento
uh!, credo!, cruzes!, Jesus!, ai!	medo
tomara!, oxalá!, queira Deus!, quem me dera!	desejo
psiu!, caluda!, quieto!, bico fechado!	pedido de silêncio
eia!, avante!, upa!, firme!, toca!	estímulo
xô!, fora!, rua!, toca!, passa!, arreda!	afugentamento
ufa!, uf!, safa!	alívio
ufa!	cansaço

Poderíamos estender indefinidamente essa lista. Mais importante, no entanto, é você perceber que são consideradas interjeições algumas estruturas linguísticas bastante diferenciadas entre si. *Ah!* e *ui!*, por exemplo, são sons que servem exclusivamente para a expressão de estados emotivos; já *quieto!* e *viva!* são formadas por palavras de outras classes gramaticais que, em determinados contextos, permitem a expressão de emoções súbitas. Em alguns casos, temos verdadeiros pedaços de frases, como acontece com *quem me dera!*.

As interjeições são, na realidade, verdadeiras frases. Pode-se perceber isso facilmente quando se atenta para seu funcionamento na linguagem. Além de serem capazes de transmitir conteúdos significativos que correspondem a frases, as interjeições têm sua significação profundamente vinculada ao momento efetivo de sua utilização: basta perceber como um *ah!* pode exprimir desde desapontamento até o mais profundo prazer, de acordo com a situação em que é proferido (a qual determinará a entonação de voz com que será produzido).

Outra evidência de que as interjeições pertencem ao campo das palavras em utilização efetiva e não ao das palavras tomadas isoladamente é sua forma de apresentação: elas são sempre seguidas de um ponto de exclamação (às vezes combinado com outros sinais de pontuação). Ora, o uso de sinais de pontuação faz sentido quando se lida com elementos linguísticos que integram a comunicação efetiva – que se verifica na organização de frases e textos. Seria mais coerente, portanto, não considerar as interjeições uma classe de palavras à parte, e sim mais um dos possíveis tipos de frases de que a língua portuguesa dispõe.

Atividades

1. Nos pequenos diálogos a seguir, substitua a fala do segundo interlocutor pela interjeição que julgar mais conveniente.

a) – Parece que todo mundo vem à festa hoje à noite!
– Fico muito contente!

b) – Finalmente chegamos ao fim da escalada!
– Estou bastante aliviado e satisfeito!

c) – Ele conseguiu bater dois recordes mundiais de natação apesar de ter ficado alguns meses sem treinar!
– Como estou admirado!

d) – Para onde você estava olhando quando tropeçou?
– Estou sentindo muita dor!

e) – Por que a gente não vai junto ao cinema domingo?

– Fico bastante feliz com o convite!

f) – Vamos ter de dividir o quarto do alojamento com o Zezão – aquele que não gosta muito de banho!

– Estou com muito nojo!

2. Que interjeição ou interjeições você usaria se:

a) abrisse a porta de seu quarto e nele encontrasse a *mountain bike* que estava querendo ganhar?

b) recebesse uma carta daquele(a) garoto(a) com quem "ficou" nas últimas férias e de quem sempre sentiu saudades?

c) recebesse um boletim repleto de boas notas?

d) recebesse um boletim repleto de más notas?

e) ganhasse um bom dinheiro num concurso de redação?

f) seu time fosse campeão de futebol depois de vinte anos de espera?

g) seu(sua) namorado(a) ligasse para dizer que está tudo terminado entre vocês?

h) recebesse a notícia de que os vestibulares foram definitivamente abolidos?

i) visse uma barata?

3. Nos diálogos dos textos narrativos, as interjeições permitem a expressão sintética de dados que demandariam falas mais longas; além disso, são muitas vezes sugestivas e bem-humoradas. Leia o trecho abaixo, extraído de uma crônica de Luis Fernando Verissimo, e comente o uso que nele se faz de uma curiosa interjeição.

O veraneio terminou mal. A ideia dos dois casais amigos, amigos de muitos anos, de alugarem uma casa juntos deu errado. Tudo por culpa do comentário que o Itaborá fez ao ver a Mirna, a comadre Mirna, de biquíni fio dental pela primeira vez. Nem tinha sido um comentário. Mais um som indefinido.

– Omnahnmon!

Textos para análise

1

Joaquín Salvador Lavado/Quino

QUINO. *Toda Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 233.

Trabalhando o texto

1. Classifique a palavra *Yeah!* e comente seu significado.

2. Explique a importância da palavra *Yeah!* no humor dessa tirinha.

3. Localize nessa tirinha um pronome de tratamento, um demonstrativo, um relativo e um possessivo. Explique se eles estão empregados em função substantiva ou adjetiva.

4. Observe a expressão de Mafalda e explicite a crítica que está por trás dessa tirinha.

2

Canção de exílio facilitada

lá?
ah!

sabiá...
papá...
maná...
sofá...
sinhá...

cá?
bah!

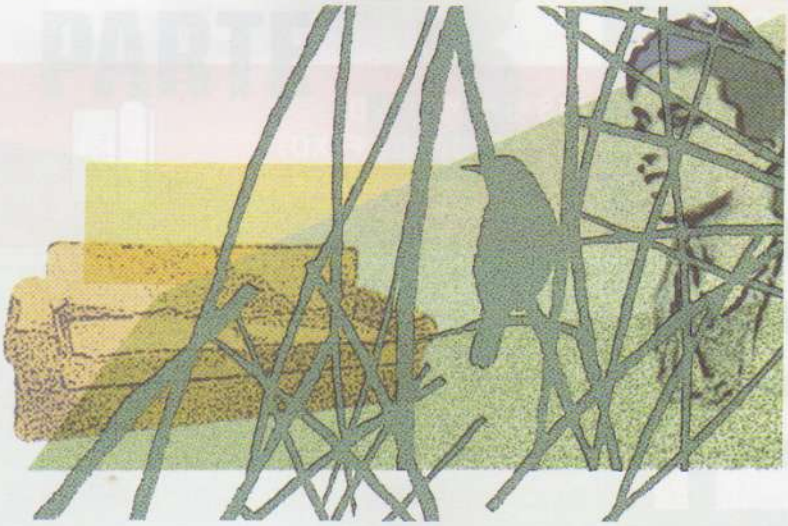

PAES, José Paulo. *Um por todos: poesia reunida*. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 67.

Trabalhando o texto

1. Indique o sentido das duas interjeições presentes no texto.

2. A segunda estrofe do texto relaciona os elementos que fazem o *lá* melhor do que o *cá*. Comente esses elementos, procurando identificar a que país se refere o advérbio *lá*.

3. Compare o texto acima com a "Canção do exílio", de Gonçalves Dias. A seguir, comente a importância das interjeições na obtenção da versão "facilitada".

Em livro

MENDES, Murilo. *Os melhores poemas de Murilo Mendes*. São Paulo: Global, 2007.

A "Canção do exílio", de Gonçalves Dias, é um dos poemas mais conhecidos e citados da literatura brasileira. Mário Quintana, Oswald de Andrade, José Paulo Paes, Tom Jobim e Chico Buarque já estabeleceram um diálogo intertextual com o poema do maior representante da primeira geração da poesia romântica brasileira. Murilo Mendes, poeta modernista brasileiro, também tem sua versão toda particular do famoso poema.

3

Disponível em: <www.oi.com.br/pre_home.html>. Acesso em: 9 jun. 2008.

Trabalhando o texto

1. No anúncio, a palavra *Oi* está sendo usada como se fosse uma interjeição? Explique.
2. Crie exemplos empregando a interjeição *Oi*.
3. Busque uma explicação para o fato de essa palavra ter sido escolhida para nomear a operadora de telefonia.

4

Bravo! São Paulo: Abril, n. 131, jul. 2008. Capa.

Trabalhando o texto

- Agora que encerramos a parte de morfologia deste livro, convidamos você a classificar a palavra *bravo!* que dá nome a essa revista.

Em *site*

<www.bravonline.abril.com.br>. Acesso em: 26 abr. 2008.

A revista *Bravo!* é uma publicação voltada para a divulgação da cultura em geral. Seu conteúdo abrange música, cinema, artes plásticas, teatro, dança, exposições etc. O *site* da revista, embora tenha área exclusiva para os assinantes, oferece boa opção de textos e vídeos sobre atualidades culturais, como resenhas de livros e críticas de peças teatrais e de filmes que são sensação no cenário nacional e internacional.

PARTE 3

Sintaxe

Capítulo 18

Introdução à sintaxe

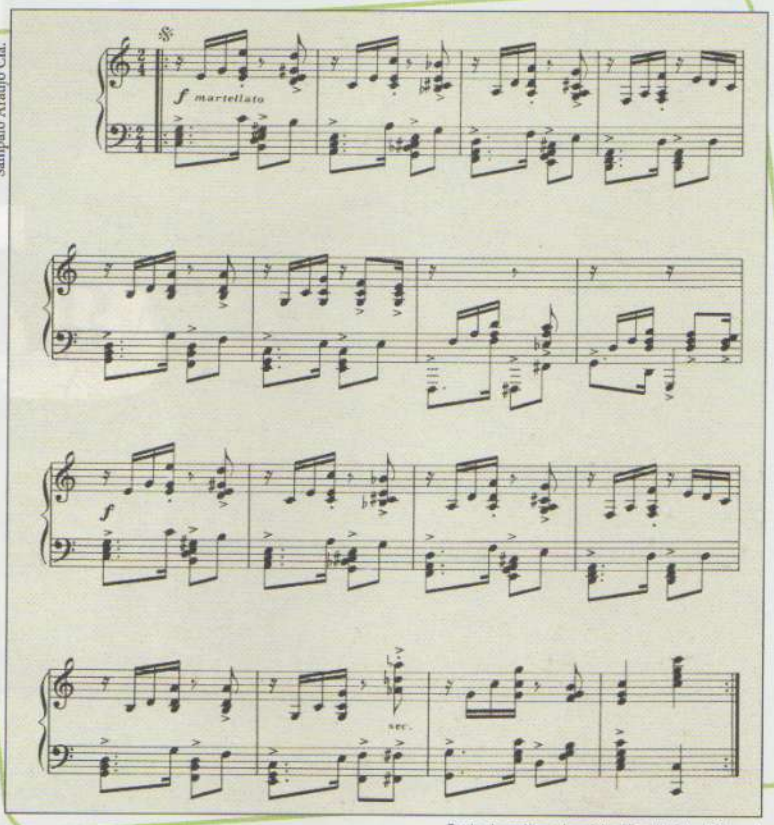

Sampaio Araujo Cia.

Trecho da partitura da música "Espalhafatoso" (tango), de Ernesto Nazareth (1913).

Como na pauta musical, em nossa língua a combinação de elementos resulta em unidades de comunicação que podem ir de uma simples interjeição a um período longo e complexo. As entoações, as funções que as palavras exercem nas frases, as relações de dependência e de concordância entre as palavras e entre as frases é o que será estudado a seguir.

1. Frase, oração, período

A sintaxe se ocupa do estudo das relações que as palavras estabelecem entre si nas orações e das relações que se estabelecem entre as orações nos períodos. Quando se relacionam palavras e orações, criam-se discursos, ou seja, utiliza-se efetivamente a língua para que se satisfaçam todas as necessidades de comunicação e expressão. O conhecimento da sintaxe é, portanto, um instrumento essencial para o manuseio satisfatório das múltiplas possibilidades que existem para combinar palavras e orações.

Dispor as palavras em frases é o primeiro passo para a construção dos discursos. Isso significa que a **frase** se define por seu propósito de comunicação, isto é, por sua capacidade de, num diálogo, numa tese, enfim, em alguma forma de comunicação linguística, ser capaz de transmitir o conteúdo desejado para a situação em que é utilizada. Na fala, a frase apresenta uma entoação que indica com clareza seu início e seu fim; na escrita, esses limites são geralmente indicados pelas iniciais maiúsculas e pelo uso de ponto (final, de exclamação ou interrogação) ou reticências. O conceito de frase é, portanto, bastante abrangente, incluindo desde estruturas linguísticas muito simples, como:

Ai!

que em determinada situação é suficiente para transmitir um conteúdo claro, até estruturas complexas como:

> Assim, a idolatria da máquina de matar, que corresponde a certas fantasias do telespectador, mas que nada tem a ver com a função de zelar pela segurança pública, acaba contribuindo para o surgimento dos valentões enlouquecidos dentro da tropa.

As frases de estrutura mais complexa geralmente se organizam com um ou mais verbos (ou locuções verbais). A frase, ou a parte de uma frase, que se organiza com um verbo ou locução verbal recebe o nome de **oração**. A frase estruturada em orações constitui o **período**, que pode ser **simples** (formado por apenas uma oração) ou **composto** (formado por duas ou mais orações). Observe os dois exemplos seguintes:

> A vida **vale** muito pouco neste país.

Trata-se de um período simples, formado por apenas uma oração – organizada a partir da forma verbal destacada.

> A vida neste país **vale** tão pouco <u>que</u> já não se **sabe** <u>se</u> **há** limite para o pior.

Trata-se de um período composto, formado por três orações organizadas a partir dos verbos destacados e conectadas pelas conjunções sublinhadas.

A sintaxe se ocupa do estudo do período simples e do período composto.

2. Tipos de frases

Muitas vezes, as frases assumem sentidos que só podem ser integralmente captados se atentarmos para o contexto em que são empregadas. É o caso, por exemplo, das situações em que se explora a ironia. Pense na frase "Que educação!", usada quando se vê alguém invadindo, com seu carro, a faixa de pedestres. Nesse caso, ela expressa exatamente o contrário do que aparentemente diz.

A entoação é um elemento muito importante da frase falada, pois nos dá uma ampla possibilidade de expressão. Dependendo de como é dita, uma frase simples como "É ele" pode indicar constatação, dúvida, surpresa, indignação, decepção etc. Na língua escrita, os sinais de pontuação podem agir como definidores do sentido das frases: "É ele."; "É ele?"; "É ele!"; "É ele?!"; "É ele..." etc.

Existem, na língua portuguesa, alguns tipos de frases cuja entoação é mais ou menos previsível, de acordo com o sentido que transmitem. Observe:

a. frases declarativas – informam ou declaram alguma coisa. Podem ser afirmativas, como:

Começou a chover.

ou negativas, como:

Ainda não começou a chover.

b. frases interrogativas – ocorrem quando se quer obter alguma informação. A interrogação pode ser direta, como nas frases:

Começou a chover?

Quem quer um louco na presidência?

ou indireta, como nas frases:

Quero saber se começou a chover.

Não sei quem quer um louco na presidência.

c. frases imperativas – são empregadas quando se quer agir diretamente sobre o comportamento do interlocutor, o que ocorre quando se dão conselhos, ordens ou quando se fazem pedidos. Podem ser afirmativas, como:

Manifeste claramente o seu pensamento.

ou negativas, como:

Não seja inoportuno.

d. frases exclamativas – são empregadas quando o emissor deseja expressar um estado emotivo. É o caso de:

Começou a chover!

Vai começar tudo de novo!

e. frases optativas – são empregadas para exprimir desejo. São exemplos de frases optativas:

Deus te guie!

Bons ventos o levem!

Atividades

1. Leia atentamente as frases de cada um dos grupos seguintes. Em seguida, leia-as em voz alta, conferindo a cada uma a entoação adequada.

a) Ele já prestou depoimento.

Ele já prestou depoimento?

Ele já prestou depoimento!

Ele já prestou depoimento...

Ele já prestou depoimento!?

Ele? Já prestou depoimento...

b) Não quero que você saiba.

Não quero que você saiba!

Não quero que você saiba?

Não quero que você saiba...

Não! Quero que você saiba!

Não quero! Quê? Você saiba...

c) Já sei!

Já sei?

Já sei.

Já? Sei...

2. O *Manual de estilo* da Editora Abril afirma:

Se você deseja ser compreendido, suas frases deverão atender a um requisito essencial: a clareza. É uma exigência para a qual não existe meio-termo. Se a frase for clara, você dirá o que quis dizer. Se a frase for obscura, você provocará confusão.

Levando em consideração essas colocações, comente as frases seguintes, retiradas da mesma página desse *Manual*.

Enfim, toda vez que você sentar-se à máquina, postar-se diante do terminal ou pegar a caneta com o propósito de escrever, lembre-se que sentenças de breve extensão, amiúde logradas por intermédio da busca incessante da simplicidade no ato de redigir, da utilização frequente do ponto, do corte de palavras inúteis que não servem mesmo para nada e da eliminação sem dó nem piedade dos clichês, dos jargões tão presentes nas laudas das matérias dos setoristas, da retórica discursiva e da redundância repetitiva – sem aquelas intermináveis orações intercaladas e sem o abuso de partículas de subordinação, como por exemplo "que", "embora", "onde", "quando", capazes de encompridá-las desnecessariamente, tirando em consequência o fôlego do pobre leitor –, isso para não falar que não custa refazê-las, providência que pode aproximar o verbo e o complemento do sujeito, tais sentenças de breve extensão, insistimos antes que comecemos a chateá-lo, são melhores e mais claras.

Ou seja, use frases curtas.

Em livro

SILVA, Deonísio da. *A língua nossa de cada dia*. São Paulo: Novo Século, 2007.

É notória a habilidade do brasileiro com a linguagem verbal. Conversa-se muito, sobre os mais diversos assuntos, mas quando se trata de escrever, as dificuldades logo aparecem. Raciocínios mal organizados e desrespeito à norma culta padrão não são raros, resultados da pouca prática da leitura e da escrita, habilidades tão caras em um mundo mergulhado em informação por todos os lados. Renunciando a fórmulas mirabolantes, e utilizando exemplos de mau uso da língua retirados da mídia impressa, de cartazes e de canções populares, o escritor Deonísio da Silva oferece um excelente manual a todos aqueles interessados em exercitar a arte de ler e escrever com qualidade e precisão os mais diversos tipos de texto sem desrespeitar as regras da língua portuguesa contemporânea.

3. As frases e a pontuação

Uma frase é um conjunto de elementos linguísticos estruturados para que se concretize a comunicação. Na língua oral, esses conjuntos se estruturam em sequências cuja ordenação em boa parte é feita por recursos vocais, como a entoação, as pausas, a melodia e até mesmo os silêncios. Para perceber a importância da participação desses elementos sonoros na organização da linguagem falada, basta observar alguém que esteja se comunicando em voz alta: você vai notar que essa pessoa controla os recursos vocais mencionados para que suas frases se articulem significativamente. Assim, as frases faladas e os recursos vocais que as organizam constroem os textos falados.

Na escrita, os elementos vocais da linguagem são substituídos por um sistema de sinais visuais que com eles mantêm alguma correspondência. Esses sinais são conhecidos como sinais de pontuação e seu papel na língua escrita é semelhante ao dos elementos vocais na língua falada: participam da estruturação das frases na construção dos textos escritos. O estudo do emprego dos sinais de pontuação está ligado à percepção de seu papel estruturador na língua escrita. Isso significa que não se aprende a usá-los partindo-se do pressuposto de que eles representam na escrita as pausas e melodias da língua falada: não é esse o papel desses sinais. Sua utilização baseia-se na organização sintática e significativa das frases escritas, não nas pausas e na melodia das frases faladas.

Levando em conta tudo isso, decidimos organizar o estudo da pontuação tomando como ponto de partida os estudos de sintaxe. Você perceberá, assim, que o conhecimento da organização sintática da língua portuguesa é um poderoso instrumento para que se alcance a pontuação correta e eficiente.

Neste primeiro capítulo, vamos falar dos sinais que delimitam graficamente as frases. Observe:

a. o **ponto final** (.) é utilizado fundamentalmente para indicar o fim de uma frase declarativa:

Não há país justo sem equilíbrio social.

Não é possível que ainda se pense que há pessoas que têm mais direitos do que outras.

"A vida é a arte do encontro, embora haja muito desencontro pela vida." (Vinicius de Moraes)

b. o **ponto de interrogação** (?) é o sinal que indica o fim de uma frase interrogativa direta:

O que você quer aqui?

Até quando os brasileiros vão se negar a entender que miséria e desenvolvimento são inconciliáveis?

Nas frases interrogativas indiretas, utiliza-se ponto final:

Quero saber por que você não colabora.

c. o **ponto de exclamação** (!) é o sinal que indica o fim de frases exclamativas ou optativas (as que expressam desejo):

Que bela companheira você é!

Que Deus te acompanhe!

Também pode ser usado para marcar o fim de frases imperativas:

Vá-se embora!

É comum como recurso de ênfase a repetição do ponto de exclamação ou sua combinação com o ponto de interrogação:

Quê?! De novo?! Não suporto mais isso!!!

Ele outra vez?! Não!!

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 1996. p. 24.

As duas falas de Hagar contêm somente pontos de interrogação e pontos de exclamação. Estes últimos indicam o fim de frases exclamativas, por meio das quais o emissor expressa um estado emotivo (no caso, a admiração pela própria "obra").

d. o **sinal de reticências** (...) indica uma interrupção da estrutura frasal. Essa interrupção pode decorrer de hesitação de quem tem sua fala representada ou pode indicar que se espera do leitor o complemento da frase (muitas vezes com finalidade irônica):

Veja bem, não sei... Quem sabe seja... É, na verdade eu não sei...

Bem, eu queria... Você sabe muito bem o que eu quero...

O árbitro é muito eficiente, mas os auxiliares...

Pelo jeito, ainda será preciso esperar muito tempo para que os brasileiros compreendam em que consiste a verdadeira modernidade social...

Também o sinal de reticências é constantemente combinado com pontos de interrogação ou exclamação, para acrescentar à frase particularidades de significado:

Você faria isso por mim?...

De novo!...

No último quadrinho desta tirinha, as reticências que seguem o ponto de interrogação reforçam a pergunta irônica de Snoopy.

United Media/Ipress

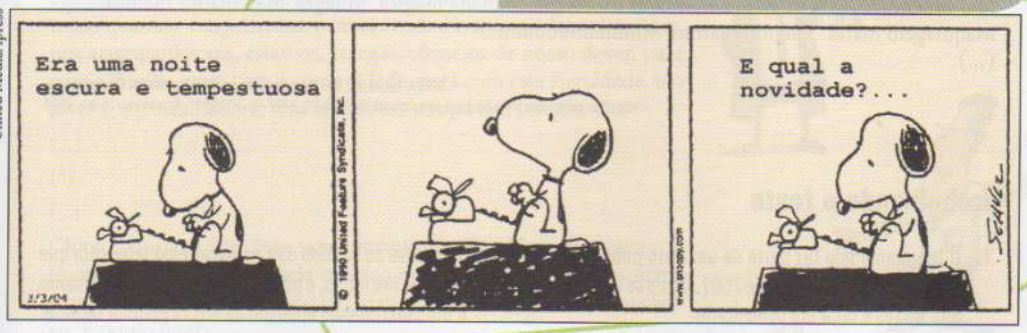

e. na representação gráfica de diálogos, utilizam-se os **dois-pontos** (:) e os **travessões** (–):

Depois de um longo silêncio, ele disse:

– É melhor esquecer tudo.

– É melhor esquecer tudo – disse ele, depois de um longo silêncio.

– É melhor – concordei.

Também é possível empregar vírgulas no lugar dos travessões intermediários:

– Convém tentar esquecer tudo, disse ele, para que ninguém mais seja prejudicado.

A situação parece ter chegado a um impasse. "Muitos sem-terra atingiram os limites do desespero"; afirmou o sociólogo, "e parecem decididos a ir até o fim."

Atividades

1. Crie um diálogo em que você utiliza pontos de exclamação, pontos de interrogação, reticências e travessões.

2. Foram retirados os sinais de pontuação que indicam o final dos períodos que formam o parágrafo seguinte. Copie o texto no caderno e recoloque-os.

há efetivamente um conjunto de brasileiros que se comportam como se as leis não lhes dissessem respeito o convívio social não passa de uma forma de lhes satisfazer os desejos as obrigações inerentes a qualquer forma de sociedade pertencem exclusivamente aos outros seria importante saber o que efetivamente produzem esses indivíduos para o bem da comunidade são eles seres verdadeiramente sociais a resposta a essa pergunta pode dar início à redescoberta da noção de bem-comum

Textos para análise

1

Maluquice momentosa. Matriz mal-ajeitada. Mal-amada. Mulher-objeto. Manceba modelada, marota. Machão maduro, malcasado, meia-idade. Mané-modelo. Miolo mole. Maçanetas mal-viradas. Malícia. Maviosidade. Magnetismo. Mel. Maciez. Mais. Muito mais. Matrimônio mambembe. Mancada. Malogro. Martírio. Mortificação. Malmequer, malmequer. Mexericos. Maquinações malfeitas. Megalomania. Mufunfa malcheirosa. Mãos molhadas. Mordidas milionárias. Mesadas, mordomias, malas, maletas. Maços. Marreteiros. Malversação. Malabarismo. Malandragem. Mal-entendido. Murici. Maceió. Muares malhados. Manada mágica. Milagre. Matemática maluca. Maquiagem malsã. Mugido maroto. Muuuuuuuuuuuu...
(...)

SOUZA, Josias de. *Nos bastidores do poder*. Folha Online. Disponível em: <http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br/arch2007-06-24_2007-06-30.html>. Acesso em: 16 jun. 2008.

Trabalhando o texto

1. O fragmento lido faz parte de um texto publicado em um *blog* em 30 de junho de 2007. Observe a estrutura das frases e faça um comentário.
2. Comente também a pontuação do texto.
3. Aponte a mudança temática que ocorre do primeiro para o segundo parágrafo do texto.
4. Com base no sentido das palavras e da letra com que elas são iniciadas, é possível associar esse fragmento a um determinado episódio de nossa política recente. Descubra qual é esse episódio explicando como você chegou a sua resposta. Justifique também o fato de a letra M ter sido escolhida pelo jornalista para redigir seu texto.

2

Ai gramática. Ai, vida.

(...)

Ora, dirão os professores, vida é gramática. De acordo. Vou até mais longe: vida é pontuação. A vida de uma pessoa é balizada por sinais ortográficos. Podemos acompanhar a vida de uma criatura, do nascimento ao túmulo, marcando as diferentes etapas por sinais de pontuação.

Querem ver? Olhem esta biografia.

(*)

Nasceu! É um menino! Que grande! E como chora! Claro, quem não chora não mama!

Me dá! É meu!

Ovo! Uva! Ivo viu o ovo! Ivo viu a uva! O ovo viu a uva!

(...)

(*)

Papai, eu queria – não, não é que eu queria – bom, tu sabes eu precisava – bom, não é bem isto – bom, eu pensei – bom, deixa, agora não posso falar, amanhã quem sabe eu – bom –.

(...)

(*)

Mas quem é que eu sou afinal? E o que é que eu quero? E o que que vai ser de mim? E Deus, existe? E Deus cuida da gente? E o anjo da guarda, existe? E o diabo? E por que é que a gente se sente tão mal?

(...)

(*)

Estamos, meus colegas, todos nós, hoje, aqui, nesta festa de formatura, nesta festa, que, meus colegas, é não só nossa, colegas, mas também, colegas, de nossos pais, de nossos irmãos, de nossas noivas, enfim, de todos quantos, nas jornadas, penosas embora, mas confiantes sempre, nos acompanharam, estamos, colegas, cônscios de nosso dever, para com a família, para com a comunidade, para com esta Faculdade, tão jovem, tão batalhadora, mas ao mesmo tempo tão, colegas, tão.

(...)

(*)

(...)

Chiou, boto, prá rua. Não tem conversa. É pão pão queijo queijo. É lé com lé cré com cré. Cada macaco no seu galho. Na minha firma mando eu. No clube que presido mando eu. E na minha casa mando eu. E ponto final.

(*)

Sim, o tempo passou... E eu estou feliz... Foi uma vida bem vivida, esta... Aprendi tanta coisa... mas das coisas que aprendi... A que mais me dá alegria... É que hoje eu sei tudo... Sobre pontuação...

SCLIAR, Moacyr. In: CAMPOS, Carmen Lucia da Silva; SILVA, Nilson Joaquim (Orgs.). *Lições de gramática para quem gosta de literatura*. São Paulo: Panda Books, 2007. p. 11-4.

Trabalhando o texto

1. Substitua o (*) por um subtítulo que você vai criar e que deverá estar relacionado à pontuação empregada em cada parte do texto.

2. Explique a relação existente entre os sinais de pontuação e as fases da vida das pessoas, segundo o autor do texto.

Em *site*

<www.releituras.com/index.asp>. Acesso em: 4 jul. 2008.

Inspirado pela frase de Nelson Rodrigues "Deve-se ler pouco e reler muito", o *site* releituras disponibiliza a leitores exigentes da rede uma série de textos relevantes e biografias de autores consagrados da literatura brasileira e mundial. Moacyr Scliar, autor da crônica que você acabou de ler, faz parte da lista dos escritores selecionados, que inclui mais de 500 nomes importantes.

Capítulo 19

Termos essenciais da oração

Joaquín Salvador Lavado/Quino

QUINO. *Toda Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p. 219.

Neste capítulo, inicia-se o estudo da sintaxe do período simples. Esse estudo se baseia na investigação das várias funções que as palavras desempenham quando se organizam em orações. Essas funções são decorrentes da relação estabelecida entre os elementos que se articulam nas frases. Na tirinha acima, Miguelito atrapalha-se na análise sintática porque identifica um "sujeito" não expresso na oração, forma divertida encontrada pelo cartunista para expor sua crítica à administração pública da cidade.

Durante o estudo das diversas funções sintáticas, você poderá relacioná-las com as classes de palavras já estudadas nos capítulos dedicados à morfologia. A relação entre as classes de palavras e suas possíveis funções sintáticas recebe o nome de morfossintaxe.

1. Conceitos

Sujeito e predicado

Você já sabe que o período simples é aquele formado por apenas uma oração, que recebe o nome de absoluta. Também já sabe que a oração é a frase ou membro de frase estruturada a partir de um verbo ou de uma locução verbal. O período simples, então, sempre apresentará um único verbo ou locução verbal, que será o ponto de partida para nosso trabalho de análise. A frase:

Os agricultores participaram do protesto contra a política agrária do governo.

constitui um período simples, formado por uma oração que se organiza a partir da forma verbal *participaram*.

Se você observar mais atentamente essa forma verbal, vai perceber que ela está na terceira pessoa do plural, porque se relaciona com a expressão "os agricultores": é fácil perceber que o termo "os agricultores" equivale ao pronome de terceira pessoa do plural *eles* – e você sabe que a forma verbal exigida por esse pronome é justamente uma que esteja na terceira pessoa do plural. Se você modificar a flexão do substantivo (*agricultores*), colocando-o no singular (*agricultor*), vai perceber que o verbo também sofrerá flexão de número, passando a *participou*:

O agricultor participou do protesto contra a política agrária do governo.

Se você optar por modificar a pessoa gramatical do verbo (de terceira para segunda ou primeira), vai perceber que não se pode manter a expressão "os agricultores" nessa oração. No período seguinte, a forma verbal *participei* se relaciona com a primeira pessoa do singular (*eu*):

Participei do protesto contra a política agrária do governo.

Dessa forma, constata-se que existe entre o verbo e o termo "os agricultores" uma relação que os obriga a concordar em número e pessoa. Essa relação recebe o nome de **concordância verbal**, e o termo da oração com o qual o verbo concorda em número e pessoa é o **sujeito**.

Falar de sujeito pressupõe falar da relação de concordância entre um determinado termo de uma oração e o verbo dessa mesma oração. Sujeito é, portanto, o nome de uma função sintática – o que significa dizer que é o nome que se atribui a um dos papéis que as palavras podem desempenhar quando se relacionam umas com as outras.

Sob a ótica da morfossintaxe, pode-se afirmar que sujeito é uma função **substantiva**, porque são os substantivos e as palavras de valor substantivo (pronomes e numerais substantivos ou outras palavras substantivadas) que podem atuar como núcleos dessa função nas orações portuguesas. Observe a classe gramatical a que pertencem os núcleos dos sujeitos seguintes:

Os **alunos** (substantivo) **Todos** (pronome substantivo) **Ambos** (numeral substantivo) Os **pobres** (adjetivo substantivado)	protestaram veementemente.

Quando se identifica o sujeito de uma oração, identifica-se também o predicado dessa oração. **Predicado** é aquilo que se declara a respeito do sujeito; em termos práticos, equivale a tudo o que resta na

oração, depois de eliminado o sujeito (e o vocativo, quando ocorrer). Observe, nas orações seguintes, a divisão entre sujeito e predicado:

Os alunos	protestaram veementemente.
Os jogadores	manifestaram sua insatisfação.
sujeito	predicado

No verão, **a temperatura** aumenta.

sujeito

predicado

Verbos nocionais e não-nocionais

No predicado existe, obrigatoriamente, um verbo ou locução verbal. Para a devida análise do papel do verbo no predicado, deve-se considerar em primeiro lugar a possibilidade de dividir os verbos em dois grupos: os nocionais e os não-nocionais. **Verbos nocionais** são aqueles que exprimem processos; em outras palavras, indicam ação, acontecimento, fenômeno natural, desejo, atividade mental. Esses verbos são sempre núcleo dos predicados em que aparecem. Veja alguns exemplos:

lutar	fazer	ocorrer	suceder	nascer
trovejar	querer	desejar	pretender	pensar
raciocinar	considerar	julgar		

Verbos não-nocionais são aqueles que exprimem caráter de estado; são mais conhecidos como **verbos de ligação**. Os verbos não-nocionais fazem parte do predicado, mas não atuam como núcleo. Exemplos:

ser	estar	permanecer	ficar
continuar	tornar-se	virar	andar
achar-se	passar	acabar	persistir

Só é possível perceber se um verbo é nocional ou não-nocional quando se considera o contexto em que é usado. Assim, na oração:

Ela anda cinco quilômetros por dia.

o verbo *andar* exprime uma ação, atuando como um verbo nocional. Já na oração:

Ela anda amargurada.

predomina a informação do estado do sujeito, dada pelo termo *amargurada*. O verbo indica que esse estado tem se mantido nos últimos dias ou semanas. Por isso se diz que, nesse caso, o verbo exprime o caráter do estado do sujeito, atuando como verbo não-nocional.

Verbos transitivos e intransitivos

Os verbos nocionais podem ser acompanhados ou não de complementos, de acordo com sua **transitividade**. Um verbo que não é acompanhado de complemento é chamado de **intransitivo**. É o que ocorre na oração:

Criança sofre!

Nota-se que o verbo *sofrer* não apresenta nenhum complemento, já que o processo que expressa começa e acaba no próprio sujeito, ou seja, não transita, não passa do sujeito para um elemento que funcione como alvo ou objeto. É exatamente por isso que esse tipo de verbo é chamado de intransitivo, que, como diz o nome, não transita, não passa.

Um verbo acompanhado de complemento é chamado de **transitivo**. Quando se diz:

"Os ombros suportam o mundo." (Carlos Drummond de Andrade)

nota-se que o ato de suportar tem um alvo, um objeto. O processo expresso por suportar se inicia nos ombros e passa, ou seja, transita para o mundo, alvo ou objeto desse processo. É por isso que esse tipo de verbo é chamado de transitivo, que, como diz o nome, transita, passa.

Quando o complemento de um verbo transitivo não é introduzido por preposição obrigatória, o verbo é **transitivo direto**; quando o complemento é introduzido por preposição obrigatória, o verbo é **transitivo indireto**. Há verbos acompanhados de dois complementos, um deles introduzido por preposição obrigatória e outro, não. São os verbos **transitivos diretos e indiretos**. Observe os exemplos:

Levaram os livros.
(verbo transitivo direto: levar **algo**)

Duvida-se de verdades indiscutíveis.
(verbo transitivo indireto: duvidar **de algo**)

Enviei o convite a todos.
(verbo transitivo direto e indireto: enviar **algo a alguém**)

O verbo *assistir* liga-se a seus complementos (*à TV, ao micro-ondas*) com preposição obrigatória, porém na linguagem corrente do Brasil, esse verbo é usado sem preposição, fato que já é amplamente abonado. Já o verbo *jogar* (*a televisão*), não. Assistir, nesse contexto, é um verbo transitivo indireto, enquanto jogar é transitivo direto.

Trupe, de Adão Iturrusgarai. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 15 maio 2004. Folhinha, p. F-8.

OBSERVAÇÃO

Os termos essenciais da oração são o sujeito e o predicado. São essenciais porque constituem a estrutura básica das orações mais comuns da língua portuguesa. Entretanto em português há orações formadas apenas pelo predicado, como você verá mais adiante. O que caracteriza a existência de uma oração é a presença de um verbo ou locução verbal – e não a existência obrigatória de um sujeito ligado a um predicado.

Em *site*

<www2.uol.com.br/adaoonline/v2/>. Acesso em: 7 jul. 2008.

Site oficial do cartunista Adão Iturrusgarai. Gaúcho da cidade de Cachoeira do Sul, Adão é o autor das charges Aline e Rocky e Hudson, entre outras. Ele publica suas tiras em diversos jornais, entre eles a *Folha de S.Paulo*. No *site* há um *link* para o *blog* do cartunista.

Atividades

1. Transforme cada uma das orações seguintes de acordo com o modelo proposto. A seguir, indique o sujeito de cada oração.

Nunca levanto cedo.

Nunca **levantas** cedo.

Nunca **levantamos** cedo.

Nunca **levantais** cedo.

a) Cumpri a palavra dada.

b) Fui surpreendido pela notícia.

2. Passe para o plural cada uma das orações seguintes. Depois, indique o sujeito e o predicado de cada uma delas.

a) Ocorreu um fato surpreendente.

b) Sobrou muito pão na festa.

c) Basta-me uma frase de incentivo.

d) Faltou um bom quadro naquela exposição.

e) Dói-me a perna.

f) Caiu um raio sobre aquela árvore.

g) Desabou um temporal muito forte ontem à noite.

h) Existe uma cultura muito rica no interior deste país.

i) Teu trabalho foi elogiado por todos.

3. Re-escreva estas orações no plural, iniciando-as pelo sujeito.

a) Deve ter acontecido algum fato surpreendente.

b) Deve ocorrer um forte temporal esta tarde.

c) Poderia bastar-me uma frase de incentivo.

d) Poderá faltar o melhor quadro naquela exposição.

e) Poderia estar doendo-me a perna.

f) Parece ter caído um raio sobre aquela árvore.

g) Deve ter desabado um temporal muito forte ontem à noite.

h) Parece ter existido uma cultura muito rica no interior deste país.

i) Teu trabalho deve ter sido elogiado por todos.

4. Classifique os verbos das orações seguintes em nocionais e não-nocionais:

a) Estou preocupado.

b) Estou em Roma.

c) Permaneceram calados durante o almoço.

d) Permaneceram exatamente no mesmo lugar.

e) O gato virou gata.

f) O furacão virou alguns carros.

g) Ficaria meses em Praga.

h) Ficaria extasiado se fosse a Praga.

i) Ela passou a chefe do departamento.

j) O pior já passou.

k) Persistimos em ser atendidos.

l) A desigualdade social persiste imutável.

m) Achei o livro.

n) Acho-me acamado.

2. Tipos de sujeito

O sujeito das orações da língua portuguesa pode ser determinado ou indeterminado. Há ainda orações formadas sem sujeito.

Sujeito determinado

É o sujeito que se pode identificar com precisão a partir da concordância verbal. Observe as orações:

Faltou-me **coragem** naquele momento.
sujeito

Música e literatura fazem bem à alma.
sujeito

Na primeira oração, o sujeito determinado apresenta um único núcleo: o substantivo *coragem*. É, por isso, um **sujeito determinado simples**. Já na segunda oração, o sujeito apresenta dois substantivos como

núcleos: *música* e *literatura*. Os sujeitos determinados que apresentam dois ou mais núcleos são chamados **sujeitos determinados compostos**.

Chama-se **sujeito determinado oculto** ou **sujeito determinado elíptico** o núcleo do sujeito determinado que se encontra implícito na forma verbal ou no contexto. É o que ocorre quando a terminação verbal dispensa o uso do pronome pessoal correspondente, em orações como "Sinto muito a falta dela." (sujeito: *eu*) ou "Levamos os livros." (sujeito: *nós*). Em alguns casos, pode-se facilmente detectar o sujeito pelo contexto. Na sequência de orações abaixo, o sujeito da forma verbal *bloquearam* é o pronome *eles*, implícito na terminação verbal *-am*. Esse pronome se refere a "os agricultores", sujeito determinado simples do verbo da primeira oração, *participaram*:

Os agricultores se manifestaram contra a política agrária do governo e **bloquearam** a rodovia com suas máquinas.

Sujeito indeterminado

Quando não se quer ou não se pode identificar claramente a quem o predicado da oração se refere, surge o chamado sujeito indeterminado. Em português, há duas maneiras diferentes de indeterminar o sujeito de uma oração:

a. O verbo é colocado na terceira pessoa do plural, sem que se refira a nenhum termo identificado anteriormente (nem em outra oração, como no caso do sujeito determinado elíptico visto há pouco):

Procuraram você ontem à noite.

Estão pedindo sua presença lá fora.

b. O verbo surge acompanhado do pronome *se*, que atua **como índice de indeterminação do sujeito**. Essa construção ocorre com verbos que não apresentam complemento direto (verbos intransitivos, transitivos indiretos e de ligação). O verbo obrigatoriamente fica na terceira pessoa do singular:

Vive-se melhor fora das cidades grandes.

Trata-se de casos delicadíssimos.

Precisa-se de professores de português.

É-se muito pretensioso na adolescência.

ARIONAURO. *Cartuns do vampiro*. Edição do autor, 1999. p. 60.

Caso de sujeito indeterminado: *precisar*, verbo transitivo indireto, seguido da partícula *se*.

Observe que, na primeira forma de indeterminar o sujeito, quem fala ou escreve não participa do processo verbal mencionado. Na segunda forma, não ocorre obrigatoriamente essa distância entre quem fala ou escreve e aquilo a que se refere. Compare as orações de sujeito indeterminado:

Falam sobre reforma agrária.

Fala-se sobre reforma agrária.

Na primeira, é evidente que quem produz a oração não se inclui no grupo dos que falam sobre a reforma agrária; na segunda oração, essa inclusão é perfeitamente possível, já que quem fala ou escreve pode estar se referindo a algo que lhe é próximo ou de que participa.

Orações sem sujeito

Nessas orações, formadas apenas pelo predicado, aparecem os chamados **verbos impessoais**. Os casos mais importantes de orações sem sujeito da língua portuguesa ocorrem com:

a. verbos que exprimem fenômenos da natureza:

Anoiteceu docemente sobre a cidadezinha.

Está **amanhecendo**.

Choveu pouco no último mês de março.

Quando usados de forma figurada, esses verbos podem ter sujeito determinado:

Choveram **pontapés** durante a partida.
sujeito

b. os verbos *estar*, *fazer*, *haver* e *ser*, quando usados para indicar ideia de tempo ou fenômeno natural:

Está cedo.

É tarde.

Eram nove e quinze.

Faz muito frio na Europa.

Há meses não vejo sua prima.

Faz dois anos que não recebo mensagens dela.

Deve fazer alguns meses que não conversamos.

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o horrível*. Porto Alegre: L&PM, 2007. v. 5. p. 20.

Nessa tirinha, o verbo *estar*, na primeira e terceira ocorrências, aparece como verbo impessoal (*está frio*); na segunda ocorrência, a oração tem sujeito (*"eu" estou doente?*).

C. o verbo *haver*, quando exprime existência ou acontecimento:

Há boas razões para suspeitarmos dele.

Houve vários bate-bocas durante a assembleia.

Deve haver muitos interessados em livros antigos.

Com exceção do verbo *ser*, que, quando indica tempo, varia de acordo com a expressão numérica que o acompanha ("É **uma** hora." / "São **nove** horas."), os verbos impessoais devem ser usados **sempre na terceira pessoa do singular**. Tome cuidado principalmente com os verbos *fazer* e *haver* usados impessoalmente. Não é possível usá-los no plural em frases como:

Faz	muitos anos que
Deve fazer	conversamos.

Há	
Houve	
Havia	muitas pessoas interessadas
Haverá	em participar do projeto.
Deve ter havido	
Pode ter havido	

Atividades

1. Aponte e classifique o sujeito das orações abaixo.

a) Naquela hora, tocou o sino.

b) Veio-me à lembrança uma imagem poética.

c) Passou-me pela memória uma velha lembrança.

d) Explodiu nova crise no Oriente Médio.

e) Surgiu um novo medicamento contra a doença.

f) Teria ele condição de enfrentar a crise econômica?

g) São cada vez mais frequentes as denúncias de abuso de autoridade.

h) Industriais e industriários não se entenderam sobre salários e condições de trabalho.

2. Re-escreva cada uma das orações abaixo de acordo com o modelo proposto.

Alguém precisa de ajuda.

Precisa-se de ajuda.

a) Alguém acredita em dias mais felizes.

b) Alguém crê em tempos menos bicudos.

c) Alguém necessita de auxílio.

d) Alguém apelou para os mais poderosos.

e) Alguém assistiu a filmes de terror.

f) Alguém aspira ao bem-estar social.

g) Alguém obedece aos impulsos mais nobres.

h) Alguém tratou de assuntos sérios naquele debate.

3. Complete cada um dos pequenos diálogos seguintes com uma frase em que surja o sujeito indeterminado, com o verbo na terceira pessoa do plural.

a) – Existe alguma mensagem para mim?
– (*).

b) – De onde vieram estes pacotes?
– (*).

c) – Quem trouxe este recado?
– (*).

d) – Onde você achou esse livro?
– (*).

e) – Como você soube disso?
– (*).

f) – Essa história é verdadeira?
– (*).

4. Re-escreva cada uma das frases seguintes de acordo com o modelo proposto.

Faz dois anos que não a encontro.

Deve fazer dois anos que não a encontro.

a) Fazia cinco anos que não nos encontrávamos.

b) Faz algumas semanas que não chove nesta cidade.

c) Faz três anos que não a procuro.

5. Re-escreva cada uma das frases seguintes de acordo com o modelo proposto.

Há muitos livros sobre o assunto.

Havia muitos livros sobre o assunto.

Houve muitos livros sobre o assunto.

a) Há várias propostas em discussão.

b) Há vários cargos em disputa.

c) Há muitas maneiras de ajudar.

d) Há infindáveis modos de colaborar.

e) Há discussões intermináveis.

6. Re-escreva cada uma das frases seguintes de acordo com o modelo proposto.

Deve haver várias razões para o cancelamento.

Deve ter havido várias razões para o cancelamento.

Pode ter havido várias razões para o cancelamento.

a) Deve haver provas mais contundentes contra ele.

b) Deve haver graves consequências.

c) Deve haver questões mais sérias.

d) Deve haver situações menos preocupantes.

e) Deve haver leis mais duras.

7. Monte orações a partir dos elementos oferecidos em cada um dos itens seguintes. Faça as necessárias relações de concordância verbal em cada caso.

a) Bater / os sinos da igreja / de hora em hora.

b) Surgir / várias ideias revolucionárias / durante a noite.

c) Faltar / vários alunos / na semana passada.

d) Ocorrer / faltas violentas / durante o jogo.

e) Desabar / dois prédios / no ano passado.

3. Tipos de predicado

Você já sabe que o predicado é a parte da oração que contém a informação, a declaração a respeito do sujeito. Quando se classifica o predicado, quer-se verificar o que é essencial na informação relativa ao sujeito. Basicamente, pode-se informar a respeito do sujeito uma ideia de ação, praticada ou sofrida, ou uma ideia de estado.

A partir disso, pode-se dizer que o núcleo informativo de um predicado pode ser um verbo ou um nome. Há também predicados que têm um verbo e um nome como núcleos ao mesmo tempo.

Predicado verbal

No predicado verbal, o núcleo é sempre um verbo. Para ser núcleo do predicado, é necessário que o verbo seja nocional. São verbais os predicados das seguintes orações:

Os agricultores participaram do protesto contra a política agrária do governo.

"Perdi o bonde e a esperança." (Carlos Drummond de Andrade)

"Eu faço samba e amor até mais tarde." (Chico Buarque)

Os alunos foram informados da alteração.

Predicado nominal

Nos predicados nominais, o núcleo é sempre um nome, que desempenha a função de predicativo do sujeito. O **predicativo do sujeito** é um termo que caracteriza o sujeito, tendo como intermediário um verbo. No predicado nominal, esse verbo intermediário é sempre de ligação. Os exemplos seguintes mostram como esses verbos exprimem diferentes circunstâncias relativas ao estado do sujeito, ao mesmo tempo que o ligam ao predicativo. Em todos os casos, o núcleo do predicado é o predicativo do sujeito, e o predicado é nominal:

A vida é tênue.

Ele está exausto.

Permanecemos calados.

A taxa de mortalidade infantil continua elevada.

Um simples motorista virou celebridade nacional.

O professor parece tranquilo.

Ele se acha acamado.

O salvador da pátria acabou cassado.

A função de predicativo do sujeito pode ser exercida por termos que têm como núcleo um adjetivo, um substantivo ou uma palavra de valor substantivo:

A vida é **muito frágil**.
predicativo do sujeito
(núcleo: frágil, adjetivo)

A vida é **um eterno recomeçar**.
predicativo do sujeito
(núcleo: recomeçar, verbo substantivado)

A função de predicativo do sujeito é desempenhada por um adjetivo (*frio*) no segundo quadrinho e por um substantivo (*gata*) modificado por um adjetivo (*ornamental*) no terceiro.

LAERTE. *Gato e gata*. São Paulo: Ensaio, 1995. p. 5.

Predicado verbo-nominal

O predicado verbo-nominal apresenta dois núcleos: um verbo (que será sempre nocional) e um predicativo (que pode referir-se ao sujeito ou a um complemento verbal). Na oração:

Os alunos saíram da prova confiantes.

o predicado é verbo-nominal porque seus núcleos informativos são um verbo nocional (*saíram*, verbo intransitivo), que indica uma ação praticada pelo sujeito, e um predicativo do sujeito (*confiantes*), que indica o estado do sujeito no momento em que se desenvolve o processo verbal. Observe que o predicado dessa oração poderia ser desdobrado em dois outros, um verbal e um nominal:

Os alunos saíram da prova. Eles estavam confiantes.

A oração:

Considero inexequível o projeto exposto.

também tem predicado verbo-nominal: seus núcleos são o verbo nocional (*considero*) e o predicativo do objeto (*inexequível*). Nessa oração, "o projeto exposto" é objeto direto da forma verbal *considero*, pois é o termo que complementa o verbo sem preposição intermediária. *Inexequível* caracteriza esse objeto direto, atuando como predicativo do objeto. Se você tem dificuldade para perceber que o verbo *considerar* participa da relação entre o objeto direto e seu predicativo, passe a oração analisada para a voz passiva:

O projeto exposto é considerado inexequível por mim.

Nessa forma, fica evidente a intermediação verbal entre "o projeto exposto" e *inexequível*. Note que o objeto direto passou a sujeito, e o predicativo do objeto passou a predicativo do sujeito.

Outra forma de perceber o papel de predicativo do objeto do termo *inexequível* é substituir o objeto direto por um pronome oblíquo:

Considero-o inexequível.

Você percebe que o pronome *o* substitui todo o objeto direto ("o projeto exposto"), e o termo *inexequível* se refere justamente a esse *o*.

Atividades

1. Classifique os predicados das orações seguintes.

a) Ocorreram alguns fatos desagradáveis durante o seminário.

b) Houve alguns fatos desagradáveis durante o seminário.

c) Mandaram arrancar os trilhos da ferrovia.

d) Veio-me à lembrança sua doce imagem.

e) Choveu muito.

f) A chuva foi forte.

g) Os trilhos de uma ferrovia são um monumento à civilização.

h) O passeio deve ter sido fascinante.

i) Julgo selvagem o comportamento do motorista brasileiro.

j) O fracasso da equipe deixou boquiabertos os torcedores.

2. Aparentemente, os itens a) e b) não passam de duas formas diferentes de dizer a mesma coisa. Leia-os atentamente e responda: essa aparência é enganosa? Comente.

a) Depois de uma curva na estrada, a cordilheira surgiu imensa à nossa frente.

b) Depois de uma curva na estrada, a cordilheira surgiu à nossa frente. Era imensa.

3. Em cada um dos itens seguintes, você encontrará uma oração de predicado nominal. Leia atentamente cada uma delas e explique a diferença de sentido que apresenta em relação à oração: "Ela é muito rabugenta".

a) Ela está muito rabugenta.

b) Ela ficou muito rabugenta.

c) Ela continua muito rabugenta.

d) Ela anda muito rabugenta.

e) Ela parece muito rabugenta.

f) Ela se tornou muito rabugenta.

g) Ela permanece muito rabugenta.

4. Os termos essenciais e a pontuação

a. sujeito e predicado – Você viu que o sujeito e o predicado são chamados termos essenciais porque constituem a estrutura básica das orações mais típicas da língua portuguesa. Por isso a ligação que mantêm entre si não pode ser interrompida por uma vírgula, mesmo quando o sujeito é muito longo ou vem depois do predicado:

Todas as tentativas de mudar a relação entre capital e trabalho resultaram em fracasso.

Foram feitas várias manifestações contra a política industrial do governo.

b. termos intercalados – A intercalação de termos entre o sujeito e o predicado pode ser marcada por vírgulas. É indispensável que, nesses casos, haja uma vírgula antes e outra depois do termo intercalado:

Os deputados, ontem à tarde, decidiram aceitar o projeto do presidente da república.

A vida, meus amigos, é um mergulho na bruma.

c. núcleos de um sujeito composto – Usa-se vírgula para separar os núcleos de um sujeito composto:

O presidente, o governador, o prefeito e os senadores, os deputados manifestaram seu repúdio ao comportamento dos policiais.

Quando o último desses núcleos é introduzido pelas conjunções e, ou ou nem, não será empregada a vírgula:

Ônibus, automóveis e caminhões deveriam participar do rodízio.

Um avião, um ônibus ou um automóvel não têm o mesmo charme de um trem.

Não ocorreram protestos veementes nem intervenções exaltadas durante a reunião.

Se cada um dos núcleos for introduzido por conjunção, deve-se empregar a vírgula:

Sofrem com essa política os professores, e os alunos, e os pais, e a sociedade, enfim.

Nem a música, nem o cinema, nem o teatro têm a magia do circo.

d. predicativo do sujeito invertido ou intercalado – Nas orações de predicado verbo-nominal em que o predicativo do sujeito é invertido ou intercalado, usam-se vírgulas para isolá-lo:

Decepcionado, o velho ídolo afastou-se lentamente.

O velho ídolo, decepcionado, afastou-se lentamente.

e. omissão de verbo – A vírgula pode também indicar a omissão de um verbo:

Eu trabalho com fatos; você, com boatos.

Atividades

1. Empregue as vírgulas necessárias à organização das frases seguintes. Há casos em que elas simplesmente não são necessárias.

a) O irracional e exagerado investimento em rodovias ridiculamente planejadas virou poeira com algumas horas de chuva.

b) Têm progredido muito os agricultores que investem nas culturas voltadas ao consumo interno.

c) Foram deixados de lado os antigos ressentimentos as rusgas medíocres a estupidez mútua.

d) Andam lado a lado nas calçadas e ruas trabalhadores e malandros e policiais e pessoas sem teto e vendedores ambulantes.

e) Pedro ou Paulo será o novo líder do grupo.

f) Seres humanos animais e vegetais sofrem com a poluição.

g) Desiludido rasguei minha ficha de filiação.

2. Explique a diferença de sentido entre as frases de cada um dos pares seguintes.

a) O policial neurótico sacou a arma.
O policial, neurótico, sacou a arma.

b) Muitos espíritos sem dúvida passarão a duvidar.
Muitos espíritos, sem dúvida, passarão a duvidar.

c) Os atletas desnutridos deixaram o clube.
Os atletas, desnutridos, deixaram o clube.

Textos para análise

1

Adão

La vie en rose, de Adão Iturrusgarai. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 22 dez. 2002. Ilustrada, p. E-9.

Trabalhando o texto

Analise as formas verbais das orações do ponto de vista de sua transitividade.

No Brasil, existem 1 200 municípios sem médico ou enfermeiro.

2

Faça logo sua inscrição.

Veja. São Paulo: Abril, 14 mar. 2001.

Trabalhando o texto

1. Classifique o sujeito das seguintes frases do anúncio acima:

a) "Precisa-se de médicos e enfermeiros."

b) "Oferecemos casa, comida, transporte e uma boa remuneração."

c) "No Brasil, existem 1 200 municípios sem médico ou enfermeiro."

d) "Faça logo sua inscrição."

2. Re-escreva a oração do item c) substituindo o verbo existir por haver e fazendo todas as modificações necessárias. Classifique o sujeito da oração obtida.

3

As manchetes foram recortadas. Mas os elogios foram rasgados

As manchetes foram recortadas. Mas os elogios foram rasgados.

Veja. São Paulo: Abril, 21 fev. 2001.

Trabalhando o texto

Classifique os predicados das orações "As manchetes foram recortadas. Mas os elogios foram rasgados."

4

Firmamento

O que é que eu vou fazer agora
Se o teu sol não brilhar por mim?
Num céu de estrelas multicoloridas
Existe uma que eu não colori

Forte, sorte na vida, filhos feitos de amor
Todo verbo que é forte
Se conjuga no tempo
Perto, longe, o que for

Você não sai da minha cabeça
E minha mente voa
Você não sai, não sai, não sai, não sai...

Entre o céu e o firmamento
Não há ressentimento
Cada um ocupando o seu lugar
Não sai não, não sai, não sai, não sai, não sai...

O que é que eu vou...

Entre o céu e o firmamento
Existem mais coisas do que julga
O nosso próprio pensar

Que vagam como o vento
E aquele sentimento de amor eterno

Entre o céu e o firmamento
Existem mais coisas do que julga
O nosso próprio entendimento
Que vagam pelo tempo
Com aquele juramento de amor eterno

CIDADE NEGRA. In: *O erê*. CD Sony, 1996. Faixa 6.

Trabalhando o texto

1. Observe os verbos destacados em cada um dos trechos seguintes:

"Num céu de estrelas multicoloridas / **Existe** uma que eu não colori"

"Entre o céu e o firmamento / Não **há** ressentimento"

a) Quanto ao significado, são equivalentes?

b) Qual o sujeito de cada um deles?

c) Re-escreva os dois trechos, trocando uma por algumas e ressentimento por mágoas.

d) Re-escreva os dois trechos obtidos no item c) com os verbos no pretérito perfeito do indicativo.

2. "Existem mais coisas do que julga / O nosso próprio entendimento"

Por que a primeira forma verbal está no plural e a segunda, no singular?

3. Determine a função sintática do termo destacado no trecho:

"Existem mais coisas do que julga
O nosso próprio pensar
Que vagam como **o vento**"

Explique sua resposta.

4. Releia os versos seguintes:

"Entre o céu e o firmamento
Existem mais coisas do que julga
O nosso próprio pensar"

A que outros versos, famosos, nos remetem?

5. No dicionário de Caldas Aulete, **firmamento** é "base, fundamento, o que serve de apoio, de sustentáculo" e também é "a abóbada celeste, a região do ar". Na sua opinião, em qual desses sentidos a palavra é usada no texto ? Comente.

5

Feliz aniversário, São Paulo!

(...)

São Paulo é medrosa. Prefere passear no *shopping*, uma cidade onde a cidade não entra. Uma cidade sem os problemas da cidade. E com seguranças na porta. São Paulo é contraditória. Mora na fartura. Mas seus janelões quatrocentões dão vista para a miséria. São Paulo é resignada. Não reage a coisa nenhuma. (...)

SOUZA, Josias de. *Nos bastidores do poder*. Folha Online. 25 jan. 2007. Disponível em: <http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br/arch 2007-01-21_2007-01-27.html>. Acesso em: 18 jun. 2008.

Trabalhando o texto

Analise os predicados das orações do fragmento acima e comente o emprego dos verbos nocionais e não-nocionais.

Questões de exames e concursos

1. (UFV-MG) Leia o texto abaixo e responda à questão:

A grande catástrofe

No princípio era o Verbo. O verbo Ser. Conjugava-se apenas no infinito. Ser, e nada mais.
Intransitivo absoluto.
Isto foi no princípio. Depois transigiu, e muito. Em vários modos, tempos e pessoas. Ah, nem queiras saber o que são as pessoas: eu, tu, ele, nós, vós, eles...
Principalmente eles!
E, ante essa dispersão lamentável, essa verdadeira explosão do SER em seres, até hoje os anjos ingenuamente se interrogam por que motivo as referidas pessoas chamam a isso de CRIAÇÃO...

QUINTANA, Mário. *Prosa e verso*. Rio de Janeiro: Globo, 1983.

"Depois transigiu, e muito." (4.º verso)

Considerando a frase no contexto, assinale a alternativa que contém o sujeito do verbo "transigir":

a) o verbo Ser
b) a grande catástrofe
c) infinito
d) isto
e) princípio

2. (UFSC)

"É uma história muito triste,
a história **que** eu vou contar:
Um pai matou sua filha,
com a tenção de se vingar.
Foi lá na zona da **Serra**,
lá bem distante do mar,
onde a riqueza é o **pinheiro**,
que se transforma em dinheiro,
e no progresso do lugar.
É uma história muito triste,
vocês podem acreditar."

SASSI, Guido Wilmar. *Amigo velho*. Porto Alegre: Movimento, 1982. p. 31.

Levando-se em consideração o **texto** de Sassi, assinale a(s) proposição(ões) **correta(s)**.

01. Os pronomes **que** (verso 2), **onde** (verso 7) e **que** (verso 8) se referem, respectivamente, a **eu** (verso 2), **mar** (verso 6) e **pinheiro** (verso 7).

02. O poema narrativo menciona personagens, tempo e lugar que fizeram parte da história triste, contada pelo narrador, que confessa ser pai da menina.

04. O segundo verso do poema exerce a função de sujeito em relação ao primeiro, assim como o quarto verso indica finalidade em relação ao terceiro.

08. As palavras **Serra** (verso 5) e **pinheiro** (verso 7) são indicativas do local onde se passa a história.

16. Segundo o poema, o motivo do crime cometido pelo pai foi a ambição, o fato de querer vender mais pinheiros do que seus concorrentes e, assim, enriquecer mais rápido.

32. Os versos 8 e 9 constituem um exemplo da crítica à atitude gananciosa do homem em relação ao meio ambiente, desenvolvida na obra de Sassi.

3. (UFSCar-SP)

Monsenhor Caldas interrompeu a narração do desconhecido:

– Dá licença? é só um instante.

Levantou-se, foi ao interior da casa, chamou o preto velho que o servia, e disse-lhe em voz baixa:

– João, vai ali à estação de urbanos, fala da minha parte ao comandante, e pede-lhe que venha cá com um ou dois homens, para livrar-me de um sujeito doido. Anda, vai depressa.

E, voltando à sala:

– Pronto, disse ele; podemos continuar.

– Como ia dizendo a Vossa Reverendíssima, morri no dia vinte de março de 1860, às cinco horas e quarenta e três minutos da manhã. Tinha então sessenta e oito anos de idade. Minha alma voou pelo espaço, até perder a terra de vista, deixando muito abaixo a lua, as estrelas e o Sol; penetrou finalmente num espaço em que não havia mais nada, e era clareado tão-somente por uma luz difusa. Continuei a subir, e comecei a ver um pontinho mais luminoso ao longe, muito longe. O ponto cresceu, fez-se sol. Fui por ali dentro, sem arder, porque as almas são incombustíveis. A sua pegou fogo alguma vez?

– Não, senhor.

– São incombustíveis. Fui subindo, subindo; na distância de quarenta mil léguas, ouvi uma deliciosa música, e logo que cheguei a cinco mil léguas, desceu um enxame de almas, que me levaram num palanquim feito de éter e plumas.

MACHADO de Assis. "A segunda vida". *Obras completas*, vol. II, p. 440-441.

A frase "desceu um enxame de almas", no último parágrafo, tem o sujeito posposto. Assinale a alternativa em que o sujeito também aparece posposto.

(A) De um atentado, um soldado consegue salvar seu companheiro.

(B) Segunda-feira faltou, de novo, um pouco de tinta de impressão.

(C) No salão de Paris, há um Audi com motor de 4,2 litros.

(D) Ler biografia de homens célebres é bastante útil.

(E) O mercado financeiro recebeu bem a inclusão das ações do Bradesco.

4. (UFMS)

O cientista virou um mito. E todo mito é perigoso, porque induz o comportamento e inibe o pensamento. Esse é um dos resultados engraçados (e trágicos) da ciência. Se existe uma classe especializada em pensar de maneira correta (os cientistas), os outros indivíduos são liberados da obrigação de pensar e podem simplesmente fazer o que os cientistas mandam.

In: *Filosofia da ciência. Introdução ao jogo e suas regras.* São Paulo: Loyola, 2000.

Assinale a alternativa correta sobre o texto de Rubem Alves.

(A) O vocábulo *mito*, nas duas ocorrências do texto (linha 1), conserva o mesmo papel morfossintático.

(B) Tanto na linha 4 quanto na linha 6, o autor recorre ao uso de parênteses para introduzir uma manifestação emocional.

(C) Cada par de palavras é acentuado, graficamente, pela mesma regra:

- ciência – indivíduo
- é – são
- trágico – obrigação

(D) O pronome *esse* (linha 3) retoma o referente *pensamento* da frase anterior.

(E) Em "o cientista *virou* um mito" (linha 1), o verbo em destaque instaura o pressuposto de que, anteriormente, o cientista não era um mito.

5. (Ibmec) Assinale a alternativa correta considerando o período abaixo.

Saímos apressados daquela reunião.

a) Tem-se predicação verbal, já que o núcleo do predicado é saímos – verbo intransitivo.

b) Tem-se predicação nominal, já que o núcleo do predicado é apressados – predicativo do sujeito.

c) Tem-se predicação verbal, já que o núcleo é saímos e apressados é um complemento nominal.

d) Tem-se predicação verbo-nominal, já que saímos e apressados constituem núcleos do predicado.

e) Tem-se predicação verbo-nominal, já que apresenta dois núcleos: saímos e reunião.

6. (Memorial-SP/Empasial) Assinale a alternativa em que aparece predicado verbo-nominal:

a) "Nesse samba te proclamo majestade do universo."

b) O homem doou os agasalhos aos necessitados.

c) Após o toque permaneceram na sala os alunos.

d) "Brasil és no teu berço dourado o índio civilizado."

e) "Lutar com palavras é a luta mais vã."

7. (Pref. de Guarulhos-SP/FGV-SP) Assinale a alternativa em que "noite" tem a mesma função sintática que em "Caiu de repente a noite".

a) Chegou inesperadamente à noite.

b) A noite era bela na praia.

c) Amava a noite enluarada.

d) Andavam perdidos na noite.

8. (TJ-SP/Vunesp) O termo oração, entendido como uma construção com sujeito e predicado que formam um período simples, se aplica, adequadamente, apenas a:

a) Amanhã, tempo instável, sujeito a chuvas esparsas no litoral.

b) O vigia abandonou a guarita, assim que cumpriu seu período.

c) O passeio foi adiado para julho, por não ser época de chuvas.

d) Muito riso, pouco siso – provérbio apropriado à falta de juízo.

e) Os concorrentes à vaga de carteiro submeteram-se a exames.

9. (TJ-SC/TJ-SC) Leia com atenção o texto, extraído de *Superinteressante*, n. 181 (out. 2002, p. 45):

A neurociência vê o sonho como um mecanismo autorregulador do nosso cérebro. Ele faria a digestão dos acontecimentos do dia organizando quais informações devem ser guardadas nos arquivos da memória de longa duração e apagando as que não foram usadas.

Assinale a opção correta.

Em relação à primeira frase – A neurociência vê o sonho como um mecanismo autorregulador do nosso cérebro. –, podemos afirmar que:

a) *sonho* exerce a função de objeto indireto.

b) o verbo *ver* é intransitivo.

c) temos um predicado verbal.

d) a frase está na voz passiva.

10. (Ceasa-MG/Fumarc/2004) Todos os verbos destacados abaixo possuem a mesma predicação, **exceto**:

a) Isso não mais interessa a mim.

b) Nunca perdoei aos assassinos de nossos amigos.

c) Os fatos obedeciam ao nosso comando.

d) Ele perturbava a nós com suas perguntas.

11. (Ufam) Assinale o item em que o substantivo destacado **não** exerce a função de sujeito:

a) Não se pode derrubar esta **palmeira**.

b) Havia um **mistério** no ar.

c) Sua **salvação** foram os desvelos da mulher.

d) Será que não existia outra **solução**?

e) Na discussão, o **parlamentar** houve-se com perfeito equilíbrio.

12. (FGV-SP) Observe a seguinte frase:

"Recorrendo a elas, arrisco-me a usar expressões técnicas, desconhecidas do público, e a ser tido por pedante."

Das alternativas abaixo, assinale aquela em que a palavra destacada exerça a mesma função sintática de *pedante*, dessa frase.

a) As estações tinham passado **rápido**, sem que tivesse sido possível vê-las direito.

b) Fui julgado **culpado**, embora não houvesse provas decisivas a respeito do crime.

c) Ele era **difícil** de convencer, mas concordou quando a quantia foi oferecida.

d) Caminhou **depressa** por entre os coqueiros.

e) Ele passeou **demasiado** ontem; hoje, doem-lhe as pernas. Vai ser obrigado a deitar-se mais cedo.

13. (FGV-SP) Leia o fragmento abaixo, do conto "A cartomante", de Machado de Assis. Depois, responda à pergunta.

"Separaram-se contentes, ele ainda mais que ela. Rita estava certa de ser amada; Camilo, não só o estava, mas via-a estremecer e arriscar-se por ele, correr às cartomantes, e, por mais que a repreendesse, não podia deixar de sentir-se lisonjeado. A casa do encontro era na antiga Rua dos Barbonos, onde morava uma comprovinciana de Rita. Esta desceu pela Rua das Mangueiras na direção de Botafogo, onde residia; Camilo desceu pela da Guarda Velha, olhando de passagem para a casa da cartomante."

Qual é o sujeito de *ser amada*, no texto? Explique.

14. (UEL-SP) ... as providências necessárias para o saneamento da cidade.

a) Haverá de ser tomado

b) Haverão de ser tomadas

c) Haverá de serem tomadas

d) Haverão de serem tomadas

e) Haverão de ser tomado

15. (UEL-SP) Até ontem, já ... duas mil pessoas desabrigadas em todo o estado, e muitas mais ... se ... as chuvas torrenciais.

a) existiam, haverá, continuar

b) existiam, haverão, continuarem

c) existia, haverá, continuar

d) existia, haverão, continuarem

e) existiam, haverá, continuarem

16. (PUC-SP)

a) Explique a diferença que existe entre o emprego do verbo haver nas orações "havia muitas estrelas" e "haviam contado muitas estrelas".

b) Observando essa diferença, empregue o verbo haver nas orações abaixo, mantendo o mesmo tempo em que foram construídas as orações indicadas em a).

b1. Quando pequenos, ... participado de muitos jogos.

b2. No lugar onde construíram aquele conjunto residencial, ... apenas casas comerciais.

17. (Fuvest/GV-SP) Assinale a alternativa que tem oração sem sujeito.

a) Existe um povo que a bandeira empresta.

b) Embora com atraso, haviam chegado.

c) Existem flores que devoram insetos.

d) Alguns de nós ainda tinham esperança de encontrá-lo.

e) Há de haver recurso desta sentença.

18. (Fuvest-SP) Observar a oração: "... e Fabiano saiu de costas...".

Assinalar a alternativa em que a oração também tenha verbo intransitivo.

a) "... Fabiano ajustou o gado..."

b) "... acreditara na sua velha..."

c) "... davam-lhe uma ninharia..."

d) "Atrevimento não tinha..."

e) "Depois que acontecera aquela miséria..."

19. (FEI-SP) "Toda a humanidade estaria condenada à morte se houvesse um tribunal para os crimes imaginários." (Paulo Bonfim)

a) Qual o sujeito da primeira oração?

b) Qual o sujeito da segunda oração?

20. (PUC-SP) O verbo ser, na oração:

"Eram cinco horas da manhã..."

é:

a) pessoal e concorda com o sujeito indeterminado.

b) impessoal e concorda com o objeto direto.

c) impessoal e concorda com o sujeito indeterminado.

d) impessoal e concorda com a expressão numérica.

e) pessoal e concorda com a expressão numérica.

21. (PUC-SP) Indique a alternativa correta no que se refere ao sujeito da oração "Da chaminé da usina subiam para o céu nuvens de fumaça".

a) simples, tendo por núcleo chaminé

b) simples, tendo por núcleo nuvens

c) composto, tendo por núcleo nuvens de fumaça

d) simples, tendo por núcleo fumaça

e) simples, tendo por núcleo usina

22. (PUC-SP) Nas orações:

"O pavão é um arco-íris de plumas."

e

"De água e luz ele faz seu esplendor."

temos, respectivamente:

a) dois predicados nominais, cujos predicativos dos sujeitos são arco-íris e esplendor.

b) um predicado nominal, cujo predicativo do sujeito é arco-íris, e um predicado verbo-nominal, cujo predicativo do objeto é esplendor.

c) um predicado nominal, cujo predicativo do sujeito é arco-íris, e um predicado verbal, cujo objeto direto é esplendor.

d) dois predicados verbais, cujos objetos diretos são arco-íris e esplendor.

e) um predicado nominal, cujo verbo é de ligação, e um predicado verbal, cujo verbo é intransitivo.

23. (PUC-SP) No período:

"As águias e os astros amam esta região azul, vivem nesta região azul, palpitam nesta região azul."

temos:

a) um predicado verbal e dois verbo-nominais, havendo, nos dois últimos, o complemento predicativo do objeto.

b) três predicados verbais, sendo que, no primeiro, o complemento é o objeto direto, e, nos dois últimos, o objeto indireto.

c) três predicados verbo-nominais, havendo, no último, o complemento predicativo do objeto.

d) três predicados verbais, havendo, em apenas um deles, o complemento objeto direto.

e) três predicados verbais formados por verbos intransitivos.

24. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que a concordância verbal esteja correta.

a) Discutiu-se a semana toda os acordos que têm de ser assinados nos próximos dias.

b) Poderá haver novas reuniões, mas eles discutem agora sobre que produtos recairão, a partir de janeiro, a sobretaxa de exportação.

c) Entre os dois diretores deveria existir sérias divergências, pois a maior parte dos funcionários nunca os tinha visto juntos.

d) Faltava ainda dez votos, e já se comemoravam os resultados.

e) Eles hão de decidir ainda hoje, pois faz mais de dez horas que estão reunidos naquela sala.

25. (PUCCamp-SP) Se mais oportunidades ..., mais pessoas ... quanto ao novo regulamento.

a) houvessem – haveriam de se pronunciar

b) houvesse – haveria de se pronunciar

c) houvessem – haveria de se pronunciarem

d) houvessem – haveriam de se pronunciarem

e) houvesse – haveriam de se pronunciar

26. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que a concordância verbal está correta.

a) As análises dos especialistas e do presidente prevê uma queda no setor, mas o boletim da empresa sobre as vendas efetuadas no último mês justificam que não se perca o otimismo.

b) Restava, no momento, poucas esperanças de acordo, mas ela, e principalmente eu, não deixava transparecer nenhum desânimo.

c) Podem existir, agora, poucas pessoas dispostas a enfrentar este pequeno problema, mas já houve muitas outras ocasiões em que sacrifícios bem maiores foram exigidos de nós.

d) A vida e a dignidade das pessoas está posta em risco quando falta, por parte delas, recursos para atender às suas necessidades básicas.

e) Foi encontrado no meio dos escombros muitos esqueletos, e já se levantou, entre os cientistas, hipóteses de que seja de animais pré-históricos.

27. (PUC-SP) Em relação ao período:

"As águias e os astros abrem aqui, nesta doce, meiga e miraculosa claridade azul, um raro rumor de asas e uma rara resplandecência solenemente imortais.",

é **incorreto** afirmar que:

a) há dois núcleos de sujeito, ligados pela conjunção coordenativa e.

b) há dois núcleos de objeto direto, ligados pela conjunção coordenativa e.

c) há dois núcleos de predicativo do sujeito, ligados pela conjunção coordenativa aditiva e.

d) há apenas uma oração.

e) há mais de um adjunto adnominal.

28. (Fatea-SP) "Sonham com bife a cavalo, batata frita. E a sobremesa é goiabada-cascão com muito queijo."

Os substantivos *sobremesa* e *goiabada-cascão*, respectivamente, têm a função de núcleo:

a) do predicativo e do sujeito.

b) do objeto direto e do sujeito.

c) do sujeito e do objeto indireto.

d) do vocativo e do predicativo.

e) n.d.a.

29. (UniFMU-SP) Identifique a função sintática dos termos destacados.

"A cara parecia **uma perna**."

"Não vi mais **nada**."

a) objeto direto e aposto

b) predicativo do sujeito e aposto

c) objeto direto e predicativo do sujeito

d) predicativo do sujeito e objeto direto

e) aposto e predicativo do objeto

Questões 30 e 31: indique a alternativa em que **não há** erro de concordância.

30. (PUC-SP)

a) Devem haver poetas que pensam no desastre aéreo como sendo o arrebol.

b) Deve existir poetas que pensam no desastre aéreo como sendo o arrebol.

c) Pode existir poetas que pensam no desastre aéreo como sendo o arrebol.

d) Pode haver poetas que pensam no desastre aéreo como sendo o arrebol.

e) Podem haver poetas que pensam no desastre aéreo como sendo o arrebol.

31. (PUC-SP)

a) Fazia dois anos que não aconteciam desastres desse tipo.

b) Faz alguns anos que não acontece desastres desse tipo.

c) Deve fazer um ano que aconteceu vários desastres aéreos.

d) Fazia algum tempo que não acontecia desastres desse tipo.

e) Devem fazer dois anos que aconteceu um desastre desse tipo.

32. (PUC-SP) Em relação ao trecho:

"Pregada em larga tábua de pita, via-se formosa e grande borboleta, com asas meio abertas, como que disposta a tomar voo.",

podemos afirmar que o sujeito da oração principal é:

a) simples, tendo por núcleo implícito alguém.

b) composto, tendo por núcleos formosa e grande.

c) simples, tendo por núcleo asas.

d) indeterminado, tendo por índice de indeterminação do sujeito a partícula se.

e) simples, tendo por núcleo borboleta.

33. (FCMSC-SP) Examine as três frases abaixo:

I. As questões de física **são difíceis**.

II. O examinador **deu uma entrevista ao repórter do jornal**.

III. O candidato **saiu do exame cansadíssimo**.

Os predicados assinalados nas três frases são:

a) respectivamente, verbo-nominal, nominal, verbal.

b) respectivamente, nominal, verbal, verbo-nominal.

c) todos nominais.

d) todos verbais.

e) todos verbo-nominais.

34. (UFPR)

I. Durante o carnaval, **fico agitadíssimo**. (predicado verbal)

II. Durante o carnaval, **fico em casa.** (predicado nominal)

III. Durante o carnaval, **fico vendo o movimento das ruas.** (predicado nominal)

Assinale a certa:

a) I e II

b) II e III

c) I e III

d) Todas as alternativas estão certas.

e) Todas as classificações estão erradas.

35. (UFSCar-SP) Indique a alternativa correta.

a) Mal se distinguia, através da cerração da manhã, as casas da rua.

b) Fazem muitos anos que estas obras foram publicadas.

c) Resolvi não terminar o trabalho por motivos que não interessa expor agora.

d) Se não haviam trabalhadores braçais suficientes, que os procurassem onde houvesse.

e) Ninguém achou que valesse a pena tantos sacrifícios.

36. (Unimep-SP) Existem muitas definições de sujeito. Uma delas é: "Sujeito é aquele que pratica a ação verbal". Das frases a seguir, qual contraria tal definição?

a) O rato foi comido pelo gato.

b) O rapaz leu o gibi.

c) A menina brinca com a boneca.

d) O menino entregou o jornal.

e) Viajo todos os domingos.

37. (UniFMU-SP) Assinale a alternativa em que aparece um predicado verbo-nominal.

a) Os viajantes chegaram cedo ao destino.

b) Demitiram o secretário da instituição.

c) Nomearam as novas ruas da cidade.

d) Compareceram todos atrasados à reunião.

e) Estava irritado com as brincadeiras.

38. (Vunesp-SP) "Amanhã faz um mês que a senhora está longe de casa."

Da oração destacada, na frase transcrita, é correto dizer:

a) Trata-se de uma oração em que o sujeito está elíptico, e o verbo é de ligação.

b) A oração tem por sujeito a palavra amanhã, e o verbo é transitivo direto.

c) A oração tem por sujeito um mês, e o verbo é intransitivo.

d) Trata-se de uma oração sem sujeito, e o verbo é transitivo direto.

e) A oração tem sujeito indeterminado, e o verbo é de ligação.

39. (UFMT) A propósito do trecho que segue, aponte o sujeito de supõe.

"O idealismo supõe a imaginação entusiasta que se adianta à realidade no encalço da perfeição."

a) a imaginação entusiasta

b) o idealismo

c) imaginação

d) entusiasta

40. (UniFMU-SP)

"Cheguei, chegaste. Vinhas **fatigada**
E triste, e triste e fatigado eu vinha." (Olavo Bilac)

Na passagem acima, os termos destacados exercem função sintática de:

a) predicativo do sujeito acompanhando um predicado verbo-nominal.

b) predicativo do sujeito acompanhando um predicado verbal.

c) predicativo do sujeito acompanhando um predicado nominal.

d) sujeito do verbo da oração principal.

e) adjunto adnominal do sujeito eu.

41. (FOC-SP) Assinale a alternativa correta em relação à classificação dos predicados das orações abaixo.

1. Todos nós consideramos a sua atitude infantil.

2. A multidão caminhava pela estrada poeirenta.

3. A criançada continua emocionada.

a) 1 – predicado verbal, 2 – predicado nominal, 3 – predicado verbo-nominal

b) 1 – predicado nominal, 2 – predicado verbal, 3 – predicado verbo-nominal

c) 1 – predicado verbo-nominal, 2 – predicado verbal, 3 – predicado nominal

d) 1 – predicado verbo-nominal, 2 – predicado nominal, 3 – predicado verbal

e) 1 – predicado nominal, 2 – predicado verbal, 3 – predicado verbo-nominal

42. (UniFMU-SP)

"Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heroico o brado retumbante..."

O sujeito desta afirmação com que se inicia o Hino Nacional é:

a) indeterminado.
b) "um povo heroico".
c) "as margens plácidas".
d) "do Ipiranga".
e) "o brado retumbante".

43. (Unisa-SP) Nas seguintes orações:

"Pede-se silêncio."
"A caverna anoitecia aos poucos."
"Fazia um calor tremendo naquela tarde."

o sujeito se classifica respectivamente como:

a) indeterminado, inexistente, simples.
b) oculto, simples, inexistente.
c) inexistente, inexistente, inexistente.
d) oculto, inexistente, simples.
e) simples, simples, inexistente.

44. (PUC-SP) "Que há entre a vida e a morte?"

a) O sujeito do verbo haver é o pronome interrogativo que.
b) Tem-se uma oração sem sujeito.
c) O sujeito está oculto.
d) O sujeito é indeterminado.
e) O sujeito é "uma curta ponte".

45. (UFG) Em uma das alternativas abaixo, o predicativo inicia o período. Assinale-a.

a) A dificílima viagem será realizada pelo homem.
b) Em suas próprias inexploradas entranhas descobrirá a alegria de conviver.
c) Humanizado tornou-se o sol com a presença humana.
d) Depois da dificílima viagem, o homem ficará satisfeito?
e) O homem procura a si mesmo nas viagens a outros mundos.

46. (UFMG) "Ele observou-a e achou aquele gesto **feio**, **grosseiro**, **masculinizado**." Os termos destacados são:

a) predicativos do objeto.
b) predicativos do sujeito.
c) adjuntos adnominais.
d) objetos diretos.
e) adjuntos adverbiais de modo.

47. (UFG) "O corpo, a alma do carpinteiro, não podem ser mais **brutos** do que a **madeira**." A função sintática dos termos em destaque é, pela ordem:

a) objeto direto, predicativo do sujeito.
b) sujeito, sujeito.
c) predicativo do sujeito, sujeito.
d) objeto direto, predicativo do sujeito.
e) predicativo do sujeito, predicativo do sujeito.

48. (FOC-SP) Duas das orações abaixo têm sujeito indeterminado. Assinale-as.

I. Projetavam-se avenidas largas.
II. Há alguém esperando você.
III. No meio das exclamações, ouviu-se um risinho de mofa.
IV. Falava-se muito sobre a possibilidade de escalar a montanha.
V. Até isso chegaram a dizer.

a) I e II
b) III e IV
c) IV e V
d) V e VI

49. (UEPG-PR) Só num caso a oração é sem sujeito. Assinale-o.

a) Faltavam três dias para o batismo.
b) Houve por improcedente a reclamação do aluno.
c) Só me resta uma esperança.
d) Havia tempo suficiente para as comemorações.
e) n.d.a.

50. (Fesp-SP) Em "Retira-te, criatura ávida de vingança.", o sujeito é:

a) te.
b) inexistente.
c) oculto determinado.
d) criatura.
e) n.d.a.

Capítulo 20

Termos integrantes da oração

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 2007. v. 4, p. 73.

Entre o verbo e os termos que com ele constituem uma unidade de significado existe uma relação que recebe o nome de **transitividade**. Essa relação se baseia na significação das palavras – o processo expresso pelo verbo transita do sujeito para o complemento do verbo, como vemos na tira acima: *o seu coração* é complemento do verbo *seguir*; *atenção* é complemento do verbo *prestar*; *como realmente se sente* é complemento do verbo *descobrir*.

Essa relação de transitividade não é propriedade exclusiva dos verbos, pois também os nomes podem ser transitivos. Na tirinha, *a seus verdadeiros sentimentos* completa o substantivo *atenção*; *de um assunto* completa o substantivo *respeito*.

A importância dos complementos é tão grande quanto a dos termos complementados: na realidade, o que é essencial para o funcionamento apropriado da língua é a relação que se estabelece entre uns e outros.

1. Os complementos verbais

Como você viu no capítulo anterior, os verbos nocionais podem ou não ser acompanhados de complementos. Os verbos nocionais que não são acompanhados de complementos são chamados de intransitivos. Os que apresentam complemento são chamados de transitivos. Os transitivos, por sua vez, são subclassificados em transitivos diretos, transitivos indiretos e transitivos diretos e indiretos.

Há dois tipos de complementos verbais: o objeto direto e o objeto indireto. Chama-se **objeto direto** o complemento que se liga ao verbo sem preposição. Chama-se **objeto indireto** o complemento que se liga ao verbo por meio de uma preposição obrigatória. Para detectar esses complementos (depois de feita a identificação do sujeito da oração), pode-se transformar a oração num esquema em que surgem os pronomes indefinidos *algo* e *alguém*. Observe:

a. verbo *ocorrer*

Ocorreu um fato surpreendente ontem à noite.

O verbo *ocorrer* não requer complemento; seu processo se esgota no sujeito: o fato simplesmente ocorre. Esse verbo é, portanto, intransitivo.

b. verbo *soltar*

"Solto a voz nas estradas" ("Travessia", de Milton Nascimento e Fernando Brant)

Soltar algo: o verbo *soltar* faz-se acompanhar de um complemento, que se liga a ele sem preposição obrigatória; é, portanto, um verbo transitivo direto. "A voz" é objeto direto.

c. verbo *necessitar*

O país necessita de grandes investimentos em saúde e educação.

Necessitar de algo: o verbo *necessitar* faz-se acompanhar de um complemento introduzido por preposição obrigatória; é, portanto, um verbo transitivo indireto. "De grandes investimentos em saúde e educação" é objeto indireto.

d. verbo *informar*

Informei os preços dos produtos aos clientes interessados.

Informar algo a alguém: o verbo *informar* faz-se acompanhar de um complemento que se liga a ele sem preposição obrigatória e de outro introduzido por preposição obrigatória; é, portanto, um verbo transitivo direto e indireto. "Os preços dos produtos" é objeto direto; "aos clientes interessados" é objeto indireto.

RAN. *Central de tiras* 2003. São Paulo: Via Lettera, 2003. p. 80.

O verbo *apresentar*, transitivo direto e indireto, tem como objeto direto o pronome oblíquo *o* (segundo quadrinho) e, como objeto indireto, a expressão *ao seu primo da cidade* (terceiro quadrinho).

Sob a ótica da morfossintaxe, pode-se dizer que os complementos verbais são, assim como o sujeito, funções substantivas da oração: em todas as orações citadas, os núcleos dos objetos diretos e indiretos são substantivos (voz, investimentos, preços, clientes). Além dos substantivos, podem desempenhar essas funções os pronomes e numerais substantivos e qualquer palavra substantivada.

OBSERVAÇÃO

A transitividade de um verbo só pode ser efetivamente determinada num dado contexto. Observe nas orações seguintes como um mesmo verbo pode apresentar transitividade diferente de acordo com o contexto em que ocorre:

O pior já **passou**. (intransitivo)

Nos últimos anos, a Fiat **passou a Volkswagen e a GM** na preferência dos consumidores brasileiros. (transitivo direto)

Você precisa **passar a novidade aos colegas**. (transitivo direto e indireto)

Pronomes oblíquos como complementos verbais

No caso dos pronomes pessoais do caso oblíquo, devemos relembrar que alguns deles desempenham funções específicas:

a. Quando complementos verbais, os pronomes *o, os, a, as* atuam exclusivamente como objetos diretos, enquanto *lhe* e *lhes* atuam exclusivamente como objetos indiretos. Observe, nos pares de orações seguintes, como esses pronomes desempenham suas funções:

Informei os preços dos produtos aos clientes interessados.

Informei-**os** aos clientes interessados. (objeto direto)

Informei os preços dos produtos aos clientes interessados.

Informei-**lhes** os preços dos produtos. (objeto indireto)

b. Os pronomes *me, te, se, nos* e *vos* podem atuar como objetos diretos ou indiretos, de acordo com a transitividade verbal. Observe, nos pares de orações seguintes, o uso do pronome *me*, extensivo a *te, se, nos* e *vos*:

Escolheram-**me** para representar a turma.

Escolher alguém: o verbo é transitivo direto; o pronome *me* é, portanto, objeto direto.

Não **me** pertencem os seus sonhos.

Pertencer a alguém: o verbo é transitivo indireto; o sujeito é "os seus sonhos"; o pronome *me* é objeto indireto.

Objeto direto preposicionado

Em alguns casos, o objeto direto pode ser introduzido por preposição: é o chamado objeto direto preposicionado. Nesses casos, o verbo é sempre transitivo direto, e seu complemento é, obviamente, um objeto direto. A preposição é empregada por necessidades expressivas ou por razões morfossintáticas, mas **nunca porque o verbo a exige** (se isso ocorresse, o verbo seria transitivo indireto). Observe alguns casos de objeto direto preposicionado, com os respectivos comentários:

a. exemplo 1

Cumpri **com a minha palavra**.

Cumprir algo: o verbo é transitivo direto. A preposição *com*, estruturalmente dispensável, surge como elemento enfático e não porque o verbo a exija.

b. exemplo 2

O novo horário incomoda **a todos**.

O novo horário incomoda **a mim**.

Incomodar alguém: o verbo é transitivo direto. A presença da preposição decorre do tipo de pronome que atua como objeto direto: um pronome indefinido relativo a pessoa (*todos*), que sempre admite a preposição, e um pronome pessoal oblíquo tônico (*mim*), que exige a preposição.

c. exemplo 3

Notadamente **aos mais desfavorecidos** atingem essas medidas.

Atingir alguém: o verbo é, novamente, transitivo direto. A preposição é fundamental, no caso, para evitar ambiguidade: os mais desfavorecidos são atingidos pelas medidas. Sem a preposição, a expressão "os mais desfavorecidos" passaria a sujeito, o que alteraria radicalmente o sentido da frase. Note o tom enfático da frase, típica de pronunciamentos mais exaltados.

Objetos pleonásticos

Por motivos expressivos, podem surgir os chamados **objetos pleonásticos**: tanto o objeto direto como o objeto indireto podem ser colocados em destaque, no início da oração, sendo depois repetidos por um pronome pessoal na posição onde deveriam naturalmente estar. Observe:

a. objeto direto pleonástico

Suas músicas, ouço-**as** sempre com emoção.

"Suas músicas" é objeto direto; *as* é objeto direto pleonástico.

b. objeto indireto pleonástico

Aos filhos, dá-**lhes** o melhor de si.

"Aos filhos" é objeto indireto; *lhes* é objeto indireto pleonástico.

Atividades

1. Em cada grupo de frases, um mesmo verbo é utilizado com transitividade diferente. Indique a transitividade verbal em cada oração.

a) Quem deve falar agora?
Não me falaste a verdade.
Sempre fala asneiras.

b) Só dois alunos faltaram ontem.
Faltou-me coragem naquele instante.

c) Alguns insetos transmitem doenças.
Transmita meus cumprimentos a seu irmão.

d) Ela vive a cantar.
É um poema que canta as glórias passadas do povo português.
Cantou suas mágoas a todos que o ouviam.

2. Classifique o termo destacado em cada uma das frases seguintes. Depois, substitua-o por um pronome oblíquo átono.

a) Falta seriedade **a muitos homens públicos**.

b) Diante da inevitável constatação, outra forma de entender a vida ocorreu **ao respeitável poeta**.

c) Muitos eleitores queriam demonstrar **sua indignação**.

d) Ouço **música popular brasileira**.

e) Comunico **a todos** meu pedido de demissão.

f) Comunico a todos **meu pedido de demissão**.

g) Paguei **todos os meus débitos**.

h) Paguei **a todos os meus credores**.

i) Apresentei **nossas reivindicações** ao presidente da comissão.

j) Apresentei nossas reivindicações **ao presidente da comissão**.

3. Compare cada par de frases e comente as diferenças de sentido existentes.

a) Comemos o pão.
Comemos do pão.

b) "Como beber dessa bebida amarga?" ("Cálice", de Gilberto Gil e Chico Buarque)
Como beber essa bebida amarga?

c) Sacou a arma.
Sacou da arma.

4. Forme orações a partir dos elementos fornecidos em cada um dos itens seguintes. Estabeleça as relações necessárias à obtenção de orações bem estruturadas.

a) Acontecer / fatos surpreendentes / lhe / durante a viagem à Europa.

b) Haver / poucos problemas / no seminário de ontem.

c) Comunicar / a imprensa / o novo preço dos combustíveis / ontem à noite.

d) Favorecer / as novas regras de exploração do solo / apenas alguns grupos empresariais.

e) Necessitar / projetos ambientais sustentáveis / a Amazônia.

f) Apresentar / propostas de alteração constitucional / vários deputados / na sessão de ontem / aos colegas.

2. O complemento nominal

A transitividade não é privilégio dos verbos: há também nomes (substantivos, adjetivos e advérbios) transitivos. Isso significa que determinados substantivos, adjetivos e advérbios se fazem acompanhar de complementos. Esses complementos são chamados **complementos nominais** e são sempre introduzidos por uma preposição. Observe:

a. complemento nominal do substantivo

Espero que você tenha feito uma boa leitura **do texto**.

Leitura é, nessa oração, núcleo do objeto direto da locução verbal "tenha feito". Note que, nessa oração, fez-se a leitura *de algo*. *Leitura* é, portanto, um substantivo transitivo, e "do texto" é seu complemento nominal.

b. complemento nominal do adjetivo

Você precisa ser fiel **aos princípios** do partido.

Fiel é, nessa oração, núcleo do predicativo do sujeito *você*. No caso, é preciso ser fiel *a algo*. "Aos princípios do partido" complementa o adjetivo *fiel*; é, portanto, um complemento nominal.

c. complemento nominal do advérbio

Ela mora perto **de uma grande área industrial**.

Perto é, nessa oração, o núcleo de um adjunto adverbial de lugar. Perceba que o advérbio *perto* precisa de um complemento: perto *de algo* ou *de alguém*. "De uma grande área industrial" é complemento nominal do advérbio *perto*.

ITURRUSGARAI, Adão. La vie en rose. *Folha de S.Paulo*, 15 fev. 2003. p. E11.

Em cada quadrinho, um complemento nominal diferente para o substantivo transitivo *medo*: *de avião, de filme de vampiro, de tubarão em piscina*.

Sob a ótica da morfossintaxe, pode-se dizer que o complemento nominal é mais uma função substantiva da oração: nos casos citados, o núcleo dos complementos é sempre um substantivo (*texto*, *princípios*, *área*). Pronomes e numerais substantivos, assim como qualquer palavra substantivada, podem desempenhar essa função. Observe o pronome *lhe* atuando como complemento nominal na oração seguinte:

Não posso ser-lhe fiel: já empenhei minha palavra com outra pessoa.

O pronome *lhe* tem o valor de "a alguém" (fiel *a alguém*: no caso, a você ou a ele/ela); é, portanto, o complemento nominal do adjetivo *fiel*, que atua como núcleo do predicativo do sujeito.

OBSERVAÇÃO

O complemento nominal não se relaciona diretamente com o verbo da oração, e sim com um nome que pode desempenhar as mais diversas funções, inclusive as de sujeito ou complemento desse verbo. Não custa repetir: o complemento nominal sempre se subordina a um nome. Observe:

A *realização* **do projeto** é *necessária* **à população carente**.

- *realização* → sujeito (núcleo: *realização*)
- **do projeto** → complemento nominal
- *necessária* → predicativo do sujeito (núcleo: *necessária*)
- **à população carente** → complemento nominal

Atividades

1. Re-escreva as frases seguintes, substituindo os verbos destacados pelos nomes correspondentes. Faça todas as adaptações necessárias à obtenção de frases bem-estruturadas.

a) O Banco Central decidiu **intervir** no mercado do dólar.

b) O governo recusou-se a **negociar** com os grevistas.

c) O candidato garantiu que, se fosse eleito, **investiria** em saúde e educação.

d) Os empresários consideram melhor **suspender** as remessas de componentes eletrônicos.

2. Aponte os complementos nominais presentes nas orações seguintes.

a) Ele nunca foi muito tolerante com os mais jovens.

b) Os investimentos em saúde e educação deveriam ser superiores a todos os outros.

c) Fique bem longe de mim!

d) Sou-lhe eternamente grato por tudo isso!

e) Sua dedicação aos pobres não passava de demagogia eleitoreira.

f) Os órgãos de preservação ambiental deveriam punir severamente os caçadores de animais em extinção.

Em *site*

<www.greenpeace.org/brasil>. Acesso em: 9 abr. 2008.

O Greenpeace, movimento ambientalista internacional criado em 1971, tem o objetivo de mobilizar gente do mundo todo para o combate à destruição sistemática do planeta provocada pela ação humana. Há uma página eletrônica da organização voltada para as questões ambientais que envolvem nosso país, com destaque especial para informações acerca da Amazônia.

3. O agente da passiva

Além da flexão de modo, tempo, pessoa e número, o verbo possui **flexão de voz**. Essa flexão indica a relação que ocorre entre o sujeito de um verbo e o processo que esse mesmo verbo expressa. Observe a oração seguinte:

O presidente aprovou as medidas econômicas.

O sujeito dessa oração é "o presidente"; "as medidas econômicas" é objeto direto da forma verbal *aprovou*. "O presidente" é também o **agente** do processo verbal, ou seja, é o termo que indica quem executa o processo expresso pelo verbo; "as medidas econômicas" é o **paciente** desse mesmo processo verbal, pois é o termo que indica aquilo ou aquele que sofre a ação expressa pelo verbo.

Note que estamos lidando com conceitos bastante diferentes: sujeito é o termo com o qual o verbo concorda em número e pessoa; agente é quem executa o processo expresso pelo verbo. Objeto direto é o termo que complementa o verbo sem preposição obrigatória; paciente é quem sofre a ação expressa pelo verbo. Na oração que estamos analisando, o sujeito é também o agente do processo verbal: quando isso ocorre, o verbo está na voz ativa.

Se for alterada a voz do verbo da oração inicial, surgirá a oração:

As medidas econômicas foram aprovadas pelo presidente.

O sujeito dessa oração é "as medidas econômicas". Esse sujeito é o paciente do processo verbal. Quando está na voz passiva, o verbo apresenta **sujeito paciente**. A locução "foram aprovadas" é, portanto, uma forma passiva do verbo *aprovar*. Você já viu nos capítulos dedicados aos verbos que a voz passiva formada com o verbo auxiliar *ser* é chamada **voz passiva analítica**.

"Pelo presidente" é o termo que exprime o executor do processo expresso nessa construção verbal passiva. Esse termo é chamado, por isso, **agente da passiva**. Repetindo: o agente da passiva indica aquele que executa o processo expresso pelo verbo flexionado na voz passiva. No português atual, o agente da passiva ocorre fundamentalmente na voz passiva analítica, mas, em textos clássicos, está presente também na passiva sintética: "Este mar se navega de cruéis marinheiros" (Camões; o trecho equivale a "Este mar é navegado por cruéis marinheiros"). O agente da passiva é um termo sempre introduzido por preposição (normalmente *por* e suas formas contraídas com artigos – *pelo, pelos, pela, pelas* – e, com menor frequência, *de*).

Sob a ótica da morfossintaxe, pode-se dizer que o agente da passiva é mais uma função substantiva da oração: o núcleo da oração que analisamos inicialmente é o substantivo *presidente*. Também podem atuar como agentes da passiva pronomes e numerais substantivos, além de outras palavras substantivadas. Observe os agentes da passiva destacados nas orações seguintes:

Aquelas frutas foram colhidas **por mim**.

O poema é composto **de dizeres populares**.

Fui iludido **por ambos**.

As vozes verbais

Há três vozes verbais: a ativa, a passiva e a reflexiva. Na voz ativa, o sujeito é o agente do processo verbal. Na voz passiva, o sujeito é o paciente do processo verbal. Na reflexiva, o sujeito age sobre si mesmo, sendo ao mesmo tempo agente e paciente do processo verbal. Observe:

Os alunos obtiveram a aprovação.

Essa oração está na voz ativa: o sujeito "os alunos" é também o agente do processo verbal. Passando-a para a voz passiva, surge a oração:

A aprovação foi obtida pelos alunos.

Na oração, "a aprovação" é o sujeito e o paciente do processo verbal, enquanto "pelos alunos" é o agente da passiva.

Veja, agora, esta oração:

Um dos alunos cortou-se durante a brincadeira.

Nessa o verbo está na voz reflexiva, pois o sujeito "um dos alunos" pratica a ação verbal sobre si mesmo. O pronome *se* é, no caso, objeto direto da forma verbal *cortou*. É como se se dissesse que João cortou João, ou seja, João cortou-se, por isso o *se* é objeto direto.

Na voz reflexiva, os pronomes pessoais do caso oblíquo *me*, *te*, *se*, *nos* e *vos* podem atuar como objetos diretos ou como objetos indiretos, de acordo com a transitividade do verbo:

Não **me** julgo tão competente.

Me é objeto direto (julgar algo ou alguém).

Dou-**me** o direito de silenciar.

Me é objeto indireto (dar algo a alguém).

Em CD

Divulgação

Zeca Baleiro. Salão de beleza. In: *Perfil: Zeca Baleiro* (CD). Som Livre, 2003.

A canção "Salão de beleza", que faz parte do disco *Por onde andará Stephen Fry?*, fala sobre aspectos da beleza que são pouco valorizados ao mesmo tempo que critica a beleza superficial das plásticas e maquiagens. Ao ouvi-la, preste atenção em sua letra: além de criativa, ela contém uma passagem em que o verbo está na voz reflexiva.

Transformação de voz ativa em voz passiva

A transformação de uma oração que esteja na voz ativa em uma oração que esteja na voz passiva obedece a um esquema fixo: o sujeito da voz ativa passa a agente da passiva; o verbo da voz ativa é convertido numa locução em que surge o auxiliar *ser* (com menor frequência, *estar* e *ficar*):

Os alunos sujeito/agente	obtiveram	a aprovação. objeto direto/paciente
A aprovação sujeito/paciente	foi obtida	**pelos alunos**. agente da passiva

Na obtenção da forma passiva do verbo, o auxiliar assume o tempo e o modo do verbo ativo (no caso, pretérito perfeito do indicativo), enquanto este assume a forma do particípio (*obtiveram* passa a *obtida*).

Não pode haver voz passiva sem sujeito determinado e expresso. Por isso, é fácil perceber que **somente os verbos que possuem objeto direto na voz ativa formam a voz passiva**: afinal, é o objeto direto da voz ativa que dá origem ao sujeito da voz passiva. Em outras palavras: somente os verbos transitivos diretos e os transitivos diretos e indiretos podem formar a voz passiva.

Você já sabe que, na voz ativa, pode haver orações de sujeito indeterminado com verbo na terceira pessoa do plural. Um exemplo é:

Desviaram seu destino.

Nessa oração, o sujeito está indeterminado, mas é fácil perceber que esse sujeito é o agente do processo verbal – quem quer que tenha desviado seu destino praticou, e não sofreu, uma ação. Na voz passiva, teremos uma oração cujo agente da passiva estará indeterminado:

Seu destino foi desviado. (Por quem?)

Além da voz passiva analítica (formada com um verbo auxiliar), podemos formar uma outra, a voz passiva sintética, da qual participa o pronome *se*:

Desviou-se seu destino.

Nessa oração, "seu destino" é o sujeito da forma verbal *desviou-se*. No plural, essa oração seria:

Desviaram-se seus destinos.

A voz passiva sintética tem como ponto de partida uma oração na voz ativa cujo sujeito está indeterminado. Para formá-la, utilizamos o pronome *se*, que recebe o nome de **pronome apassivador** ou **partícula apassivadora**. Essa forma de voz passiva (assim como a forma analítica) só ocorre com verbos transitivos diretos e transitivos diretos e indiretos. Observe:

a. voz ativa

Invadiram aquela casa.

b. voz passiva analítica

Aquela casa foi invadida.

c. voz passiva sintética

Invadiu-se aquela casa.

O verbo na voz passiva sintética concorda em número e pessoa com o sujeito da oração:

Alugou-se o apartamento. / Alugaram-se os apartamentos.

Manipulou-se o resultado da eleição. / Manipularam-se os resultados da eleição.

Divulgou-se mais um boato. / Divulgaram-se mais alguns boatos.

Entregou-se o prêmio ao atleta. / Entregaram-se os prêmios ao atleta.

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 2007. v. 4. p. 16.

Nessa tirinha observa-se a ocorrência da voz passiva sintética: "não se fazem mais armaduras como antigamente".

Funções do pronome *se*

A voz passiva é exclusiva dos verbos transitivos diretos e transitivos diretos e indiretos: somente em casos excepcionais se forma a voz passiva de verbos com outra transitividade. Por isso, o pronome *se* surge como pronome apassivador ao lado desses tipos de verbos; ao lado de verbos de ligação, intransitivos ou transitivos indiretos, o pronome *se* surge como índice de indeterminação do sujeito. Observe:

a. pronome apassivador

Vende-se uma casa de campo.

Voz passiva sintética: *vender* é transitivo direto.

Informou-se o resultado aos interessados.

Voz passiva sintética: *informar* é transitivo direto e indireto.

b. índice de indeterminação do sujeito

Nunca se está livre de equívocos.

Oração com sujeito indeterminado: *estar* é verbo de ligação.

Mata-se impunemente neste país.

Oração com sujeito indeterminado: *matar* é verbo intransitivo.

Sonha-se com reformas de base.

Oração com sujeito indeterminado: *sonhar* é transitivo indireto.

Você não pode esquecer que a voz passiva sintética tem sempre um sujeito com o qual o verbo deve estabelecer concordância no singular ou no plural – o que não acontece com os casos de indeterminação de sujeito, em que o verbo deve estar obrigatoriamente no singular.

Observe que há uma semelhança entre as estruturas em que o *se* atua como pronome apassivador e as estruturas em que o *se* atua como índice de indeterminação do sujeito – em ambos os casos, o agente do processo verbal está indeterminado:

Imagina-se uma solução para o problema.

Voz passiva sintética: o sujeito da oração é "uma solução para o problema"; o *agente* do processo verbal está indeterminado (não se pode precisar *quem* imagina a solução).

Confia-se em teses suspeitíssimas.

Oração com sujeito indeterminado: o agente do processo verbal está indeterminado (não se pode precisar quem confia nas teses). "Em teses suspeitíssimas" é objeto indireto.

OBSERVAÇÃO

É possível indeterminar o sujeito dos verbos transitivos diretos utilizando o pronome *se* (que nesse caso será índice de indeterminação do sujeito). Para isso, o verbo deve ser acompanhado de um objeto direto preposicionado. Observe:

Estima-se aos bons amigos.

Ama-se aos pais.

Nessas duas orações, temos verbos transitivos diretos acompanhados de objetos diretos preposicionados; trata-se, portanto, de casos de indeterminação do sujeito e não de voz passiva sintética. Essas construções evitam ambiguidades: observe que as formas "Estimam-se os bons amigos." e "Amam-se os pais." podem tanto indicar a voz passiva como a voz reflexiva.

Atividades

1. Em algumas das frases abaixo, ocorre o agente da passiva. Aponte-o.

a) Prometeu lutar pelas camadas mais pobres da população.

b) Faz muito tempo que esses animais vêm sendo caçados por gente inescrupulosa.

c) As melhores teses foram apresentadas pelos representantes dos países latino-americanos.

d) O Corinthians foi inapelavelmente derrotado pelo Juventus naquela rodada.

e) Deveria ser veiculada pelos meios de comunicação uma campanha que tornasse mais civilizado o selvagem trânsito brasileiro.

2. Fornecemos, a seguir, duas redações para uma mesma manchete de jornal. Compare-as e indique as diferenças de sentido que transmitem.

O técnico da Seleção não convocará jogadores dos times paulistas

Jogadores dos times paulistas não serão convocados pelo técnico da Seleção

3. Passe cada uma das orações seguintes para a voz passiva. A seguir, responda: a forma ativa e a forma passiva das orações são exatamente equivalentes? Comente.

a) Secretaria da Saúde vai divulgar novos dados sobre a dengue no interior de São Paulo.

b) Pelé, Tostão e Gérson comandaram o time brasileiro na Copa de 70 no México.

c) Várias emissoras de televisão haviam convidado os candidatos a prefeito para um debate.

d) Algumas decisões do técnico têm levado os torcedores ao desespero.

e) O principal sindicato da categoria havia convocado uma greve para a semana seguinte.

f) O movimento dos aposentados acaba de obter várias conquistas na Justiça.

4. Cada uma das orações seguintes deve ser passada para a voz passiva. Lembre-se de que, neste caso, há duas formas possíveis de voz passiva para cada oração.

a) Enviaram as cartas ontem à tarde.

b) Publicaram vários livros premiados.

c) Nomearam o novo diretor do colégio.

d) Adotaram um novo critério de seleção dos candidatos.

e) Salvaram uma criança durante o temporal.

f) Fizeram ameaças à testemunha de acusação.

g) Transformaram a cidade num caos.

5. Re-escreva cada uma das orações seguintes passando para o plural o termo destacado e fazendo as demais modificações necessárias.

a) Elaborou-se **um projeto** para resolver a questão.

b) Estipulou-se **um novo prazo para a entrega da declaração**.

c) Aspira-se a **uma vida mais digna**.

d) Localizou-se **o principal foco de disseminação da doença**.

e) Não se conhece **a real causa do acidente**.

f) Não se dispõe de **um meio eficiente** para combater o mal.

g) É possível que se descubra **a origem de tudo isso**.

h) É recomendável que se parta de **um dado comprovável** para dar início aos trabalhos de manutenção.

i) É evidente que se trata de **um caso de superfaturamento**.

6. Forme orações com os elementos disponíveis em cada um dos itens seguintes empregando o pronome *se*. Esteja atento à concordância verbal apropriada a cada caso.

a) Procurar / alternativas para geração de energia.

b) Precisar / novas fontes de energia.

c) Liberar / as importações de produtos de informática / finalmente.

d) Ultrapassar / últimas barreiras ao livre comércio.

e) Pensar / soluções para a crise.

f) Encontrar / cura para várias doenças.

g) Atentar / índices de pobreza no país.

7. Explique as possíveis interpretações das orações abaixo e proponha formas de eliminar a ambiguidade.

a) Incentivam-se os alunos.

b) Desmascaram-se os culpados.

c) Acusam-se os responsáveis.

8. Identifique na fala de Hagar que está na abertura deste capítulo termos com função de agente da passiva.

Em livro

FOER, Franklin. *Como o futebol explica o mundo*. São Paulo: Jorge Zahar, 2004.

Nas atividades de números 2 e 3, você leu algumas frases sobre futebol. O esporte mais adorado do mundo ultrapassa os limites do simples entretenimento. O futebol pode ser considerado uma metáfora da globalização, pois espelha classes sociais e ideologias políticas que inspiram paixões não raro perigosas. Composto por dez capítulos que analisam o futebol jogado nos mais diversos lugares do planeta, *Como o futebol explica o mundo* é mais do que uma obra sobre futebol, é uma obra sobre o mundo onde vivemos pela ótica desse esporte.

4. Os termos integrantes e a pontuação

a. complementos verbais e complemento nominal – Os complementos verbais e o complemento nominal integram o sentido de verbos e nomes, estabelecendo com eles conjuntos significativos. Essa relação não deve ser interrompida por uma vírgula, mesmo que os complementos estejam antepostos ao termo que complementam:

É preciso saber reagir às palavras dos provocadores com lucidez.

Às palavras dos provocadores é preciso saber reagir com lucidez.

A todos os presentes informamos os novos valores dos produtos que vendemos.

Não há necessidade de tanta estupidez.

De tanta estupidez não há necessidade.

b. complementos verbais ou nominais com mais de um núcleo – Quando os complementos verbais ou nominais são formados por mais de um núcleo, são adotados os mesmos procedimentos aplicados aos sujeitos compostos:

Visitei Roma, Florença, Siena, Turim.

Ele ensina português, inglês ou matemática?

Comprou flores, discos, joias e roupas para a namorada.

Sempre pede atenção, e carinho, e dedicação, e devoção.

Nestes anúncios classificados, o objeto direto dos verbos avaliar e comprar ("brilhantes, relógios, platina, pérolas, pratarias") possui vários núcleos, separados um do outro por vírgula.

Reprodução

COLONIAL JOIAS

Avaliamos e compramos brilhantes, relógios, platina, pérolas, pratarias e ouro. (11)3885.[redacted]

O Estado de S. Paulo. São Paulo, 8 jun. 2008. Negócios & Oportunidades, p. Co-7.

c. termos intercalados – Os termos intercalados entre um verbo ou um nome e seus complementos devem ser isolados por vírgulas (é indispensável que se coloque uma vírgula antes e outra depois do termo intercalado):

Note, senhor presidente, as vantagens de minha proposta.

d. objetos pleonásticos – Nas construções em que surge objeto direto ou indireto pleonástico, deve-se usar a vírgula:

Aquelas frutas, plantara-as na primavera.

Aos pais, disse-lhes apenas secas palavras de adeus.

e. agente da passiva – Ao agente da passiva são aplicados esses mesmos princípios de pontuação, ou seja, não se separa por vírgula o agente da passiva da locução verbal que o antecede:

O livro foi lido por todos os alunos.

Atividades

1. Empregue as vírgulas necessárias à organização das frases seguintes. Em alguns casos, não será necessária vírgula alguma.

a) Enviei as saudações de meus colegas aos representantes das demais empresas da região.

b) Várias versões foram apresentadas por rádios jornais e canais de TV.

c) Aos que se sentem enganados cabe-lhes o direito de procurar a Justiça.

d) Exijo mais dedicação mais interesse mais aplicação.

e) Precisa-se de dois técnicos cinco operadores de retífica oito mecânicos de manutenção e dez ferramenteiros naquela fábrica de motores.

f) A que tipo de código moral você diz que é fiel?

g) A esse tipo de atitude conduzem as palavras insensatas daquele tresloucado?

h) Não queria ver amigos nem parentes nem colegas do futebol ou das pescarias.

i) A manutenção desses níveis de desemprego e de retração econômica poderá conduzir a já combalida sociedade brasileira a atitudes de total descrédito nas possibilidades de organização democrática do Estado.

2. Explique a diferença de sentido entre as frases seguintes.

Do meu ponto de vista nada sabem os que me criticam.
Do meu ponto de vista, nada sabem os que me criticam.

Textos para análise

1

UM PAÍS INTEIRO NÃO PODE SER DERROTADO POR UM MOSQUITO.

O QUE É A DENGUE.

A dengue é uma doença transmitida pelo mosquito Aedes aegypti, originário da África, que também é responsável pela febre amarela e a dengue hemorrágica.

Hoje a dengue está presente praticamente em todo o Brasil, com exceção dos Estados do Amazonas e Amapá. Daí a atual campanha que o Ministério da Saúde está liderando com a participação de toda a sociedade para que a dengue seja erradicada do nosso país. O mosquito da dengue, o Aedes aegypti, tem algumas características muito especiais: vê à escuro e repele (retrata) do branco, e menor que o pernilongo comum (marrom), tem por hábito pousar durante o dia e se desenvolve em água parada e limpa.

COMO EVITAR A DENGUE.

A única maneira de evitar a dengue é não deixar o mosquito nascer. Para isso é preciso acabar com os criadouros, onde o Aedes aegypti se desenvolve, ou seja, todo lugar onde existir água parada e limpa, em qualquer tipo de recipiente que acumule água.

Veja onde mora o perigo e como fazer para se prevenir da dengue:

- Caixas d'água, poços, tambores, cisternas e outros depósitos de água devem estar sempre muito bem tampados.
- Não deixar acumular água em pratos de vasos de plantas e vasos. Ao lavar, passar para ralo e bucha para eliminar completamente os ovos do mosquito.
- Garrafas vazias devem ser guardadas de cabeça para baixo. Cuspir, descartáveis, lanternas de garrafas, latas, baldes, o que acumula água devem ser jogados no lixo.
- Cuidado também com pneus, pratos no quintal. Eles podem acumular água de chuva, tornando-se um dos lugares preferidos pelo Aedes aegypti.
- Lave os bebedouros de aves e animais com uma escova ou bucha e troque a água uma vez por semana.
- Limpe as calhas e a laje da sua casa. Se tiver piscina, lembre-se de que a água deve estar sempre tratada.

QUAIS OS SINTOMAS DA DENGUE.

A dengue pode atacar qualquer um. Para saber quando uma pessoa está contaminada pela doença, estes são os principais sintomas:

- a dengue provoca febre alta, muitas vezes passando dos 40 graus, e que demora vários dias.
- provoca dor de cabeça, dor nos olhos, nos músculos, nas juntas, daí a dengue ser conhecida também como "febre de quebra ossos".
- surgem manchas avermelhadas por todo o corpo e, em alguns casos, é possível ocorrer sangramento da gengiva e do nariz.
- a pessoa fica com falta de apetite e sente muito fraqueza, sem vontade para nada.

Estes são os principais sintomas da dengue comum, mas existe uma outra, mais grave, que é a dengue hemorrágica. Os sintomas iniciais são os mesmos da dengue comum. A diferença é que, quando a febre acaba, começam a surgir sangramentos, a pressão cai, os vasos ficam ruins e a pessoa, além de sentir fortes dores no abdômen, sente sonolência com agitação. A dengue hemorrágica é muito perigosa e pode levar a pessoa à morte.

O QUE FAZER QUANDO ALGUÉM ESTÁ COM DENGUE.

A pessoa com dengue deve ficar em repouso, beber muito líquido e só usar medicamento para abaixar as dores e a febre.

Mas cuidado: não devem ser usados remédios à base de ácido acetil salicílico, como por exemplo a aspirina e o AAS.

Toda pessoa que apresentar sintomas da doença deve procurar um posto de saúde para obter orientação médica.

O BRASIL CONTRA A DENGUE.

BRASIL GOVERNO FEDERAL MINISTÉRIO DA SAÚDE

Trabalhando o texto

Qual a função sintática dos termos "um país inteiro" e "por um mosquito"?

2

Aos nossos filhos

Perdoem a cara amarrada
Perdoem a falta de abraço
Perdoem a falta de espaço
Os dias eram assim
Perdoem por tantos perigos
Perdoem a falta de abrigo
Perdoem a falta de amigos
Os dias eram assim
Perdoem a falta de folhas
Perdoem a falta de ar
Perdoem a falta de escolha
Os dias eram assim
E quando passarem a limpo
E quando cortarem os laços
E quando soltarem os cintos
Façam a festa por mim
Quando lavarem a mágoa
Quando lavarem a alma
Quando lavarem a água
Lavem os olhos por mim
Quando brotarem as flores
Quando crescerem as matas
Quando colherem os frutos
Digam o gosto pra mim...

Ivan Lins e Vitor Martins. Disponível em: <www.mpbnet.com.br/musicos/ivan.lins/letras/aos_nossos_filhos.htm>. Acesso em: 10 jun. 2008.

Trabalhando o texto

1. Os verbos *perdoar, passar, cortar, soltar, fazer* não apresentam sujeito declarado nas orações. Trata-se de sujeito indeterminado ou é possível inferir qual seja ele?

2. Em geral, o verbo *perdoar* apresenta um objeto direto de "coisa" e um indireto de "pessoa" (perdoar algo a alguém). Como se configura o emprego desse verbo na letra da canção? O que está implícito em todas as ocorrências?

3. Que função sintática exercem todos os termos que completam o substantivo *falta*? Qual a importância desses complementos para o texto?

4. O texto está organizado em duas partes. Observe o conjunto dos 12 versos iniciais, que compõem a primeira parte. O que ocorre a cada três versos? Analise a natureza dos verbos utilizados e comente os efeitos de sentido obtidos pelos autores.

5. A segunda parte do texto vai do verso 13 ao 24. No verso 13 ocorre uma mudança. Que palavra demarca essa mudança? A que classe pertence e que ideia ela introduz? O que se observa com relação ao modo verbal a partir desse verso?

6. A letra da canção apresenta estruturas frasais intencionalmente idênticas. Que objetivo pretendem atingir os autores com essa repetição?

7. Apesar da semelhança formal, sintaticamente falando as orações a seguir apresentam diferenças: "Quando crescerem as matas / Quando colherem os frutos". Aponte-as.

8. "Os dias eram assim" O tempo verbal empregado nesse verso remete a um processo contínuo no passado. Considerando o todo do texto, identifique a qual período de nossa história os autores estão se referindo. Explique como você chegou a essa conclusão.

9. A mudança estrutural que ocorre no texto a partir do 13.º verso pressupõe que os autores esperam por um novo tempo. Que tempo seria esse? Que sentido adquire o verso "E quando lavarem a água"?

10. Por que os autores do texto se excluem da "comemoração" esperada? Quem, na opinião deles, irá desfrutar desse novo tempo?

Questões de exames e concursos

1. (UEPB)

Brasil faz Unesco sambar

O samba de roda do Recôncavo Baiano foi reconhecido pela Unesco como Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade. Definido como uma expressão popular que mistura música, dança e poesia, foi escolhido por representar a forte herança africana no país e revelar aspectos das atividades econômicas, religiosas e lúdicas do Nordeste.

A roda de samba do Recôncavo foi considerada por representar a diversidade de sambas que existe no Brasil. (...)

Revista Língua Portuguesa. São Paulo: Segmento, fev. 2006. p. 8.

A respeito do texto acima, responda à questão.

Analise as proposições, em relação ao enunciado abaixo, e coloque **V** para verdadeira(s) e **F** para falsa(s), considerando-o em relação ao contexto.

"(...) foi escolhido por representar a forte herança africana no país (...)"

- O agente da ação está implícito, e não é possível identificá-lo.
- Há um referente discursivo-textual que preenche a "ausência" morfossintática do agente da ação.
- O agente da ação vem expresso por um termo já citado no texto.

Marque a alternativa correta.

a) F, V, V
b) V, V, F
c) F, F, V
d) V, F, V
e) F, V, F

2. (UPM-SP)

Ornemos nossas testas com as flores,
e façamos de feno um brando leito;
prendamo-nos, Marília, em laço estreito,
gozemos do prazer de sãos amores (...)
(...) aproveite-se o tempo, antes que faça
o estrago de roubar ao corpo as forças
e ao semblante a graça.

(Tomás Antônio Gonzaga)

No poema, roubar exigiu objeto direto e indireto. Assinale a alternativa que contém verbo empregado do mesmo modo.

a) Ele insistiu comigo sobre a questão da assinatura da revista.
b) Emendou as peças para formar o desenho de uma casa.
c) Encontrou ao fim do dia o endereço desejado.
d) Eles alinharam aos trancos a ferragem da bicicleta.
e) Só ontem avisou-me de sua viagem.

3. (UFSCar-SP) A oração "Vasculhou os bolsos o loiro sueco", extraída de *Gabriela, cravo e canela*, obra de Jorge Amado, com a substituição do complemento verbal por um pronome oblíquo, equivale a:

a) Vasculhou-o os bolsos.
b) Vasculhou-se o loiro sueco.
c) Vasculhou-lhe os bolsos.
d) Vasculhou-lhes o loiro sueco.
e) Vasculhou-os o loiro sueco.

4. (FGV-SP) Observe a palavra destacada na frase: A campanha de meus adversários interpõe-se **à** dos meus parceiros. Assinale a alternativa que **justifica** o uso do sinal de crase:

a) Interpor-se rege preposição a e subentende-se um objeto indireto feminino.
b) Interpor-se rege preposição a e dos meus parceiros é masculino.
c) Interpor-se rege preposição a e subentende-se um objeto direto feminino.
d) Interpor-se rege preposição a e o objeto direto explícito é masculino.
e) Interpor-se é verbo intransitivo e dos meus parceiros é adjunto masculino.

5. (UPM-SP)

01 Aurélia pousara a mão no ombro do marido
[(...), colocou-se
02 diante de seu cavalheiro e entregou-lhe a
[cintura mimosa.
03 Era a primeira vez, e já tinham mais de seis
[meses de casados; era
04 a primeira vez que o braço de Seixas enlaçava
[a cintura de Aurélia. Explica-
05 -se pois o estremecimento que ambos sofreram
[ao mútuo contacto (...).
06 As senhoras não gostam da valsa, senão pelo
[prazer de

07 sentirem-se arrebatadas no turbilhão.(...)
[Mas é justamente aí que o
08 está perigo. Esse enlevo inocente da dança
[entrega a mulher
09 palpitante, inebriada, às tentações do
[cavalheiro, delicado embora,
10 mas homem, que ela sem querer está
[provocando com o casto requebro
11 de seu talhe e traspassando com as tépidas
[emanações de seu corpo.

(José de Alencar)

"Esse enlevo inocente da dança entrega a mulher às tentações do cavalheiro".

Assinale a alternativa em que os complementos verbais são do mesmo tipo dos encontrados na frase acima.

a) Considerou irrecuperável aquele velho piso de madeira.
b) Essa moça sempre responde indelicadamente a qualquer pergunta.
c) Ditou a carta ao filho recém-alfabetizado.
d) O navio zarpou às primeiras horas de calmaria.
e) Bem no alto cintilam as estrelas mais atraentes.

6. (PUC-RJ) O enunciado a seguir é ambíguo por apresentar mais de uma possibilidade de leitura: "A indicação do neurocientista trouxe benefícios para a pesquisa.".

a) Explique quais são as leituras possíveis.
b) Desfaça a ambiguidade, deixando clara uma dessas leituras.

7. (Fuvest-SP) Transpondo-se corretamente para a voz **ativa** a oração "para serem instruídos por um astrônomo (...)", obtém-se:

a) para que sejam instruídos por um astrônomo (...).
b) para um astrônomo os instruírem (...).
c) para que um astrônomo lhes instruíssem (...).
d) para um astrônomo instruí-los (...).
e) para que fossem instruídos por um astrônomo (...).

8. (PUC-PR) Observe as frases que seguem:

1. **Encolhido** na poltrona, o **menino** assistiu silencioso ao filme.
2. A notícia **circulou rápido** pelo bairro.
3. **Assistimos** aos festejos **entusiasmados**.
4. Chegando em casa, **encontrou** o filho dormindo **sossegado**.

Não há correspondência entre os dois termos destacados:

a) na 1.ª e na 3.ª frases
b) apenas na 2.ª frase
c) apenas na 4.ª frase
d) na 2.ª e 3.ª frases
e) na 1.ª e na 4.ª frases

9. (PUC-PR) Assinale a alternativa em que o pronome colocado entre parênteses **não** preenche corretamente os pontilhados.

a) O mal-entendido ... aborreceu demais. (os)
b) Não fiquem preocupados: nós ... ajudaremos. (lhes)
c) Na verdade, em muito pouco ... ajudaríamos. (as)
d) Admiro ... a dedicação para com o irmão. (lhe)
e) Posso dizer que ainda não ... conheço bem. (a)

10. (Ufam) Assinale o item que a partícula **se** é pronome apassivador:

a) A recepcionista se riu discretamente do meu embaraço.
b) Aspira-se ardentemente a uma melhor distribuição de renda no Brasil.
c) "Tacapes e tangapemas entrechocam-se no ar". (Gonçalves Dias)
d) Há coisas que melhor se dizem em silêncio.
e) Ele se arrogou o direito de indeferir minha proposta de inscrição.

11. (UPM-SP) Considerado o contexto, a frase "Foram observados jovens de nove cidades" é uma construção equivalente a:

a) Observaram-se jovens de nove cidades.
b) Tendo sido observados jovens de nove cidades.
c) Observavam-se jovens de nove cidades.
d) Observa-se jovens de nove cidades.
e) Haviam sido observados jovens de nove cidades.

12. (FGV-SP) Observe a frase "Os ferroviários viam seus problemas organizacionais como diferentes de todas as demais classes". Nela, para que a mensagem estivesse totalmente explícita, faltaria acrescentar uma palavra. Trata-se de:

a) no
b) dos
c) pelos
d) ao
e) do

13. (UFPI)

(...)
De tudo quanto foi meu passo caprichoso
na vida, restará, pois o resto se esfuma,
uma pedra que havia em meio do caminho.

"Legado", Carlos Drummond de Andrade

Marque a opção que analisa corretamente a função sintática de *uma pedra*.

a) aposto
b) sujeito
c) objeto direto
d) objeto indireto
e) predicativo do sujeito

14. (UniFMU-SP) Assinale a alternativa que contenha, respectivamente, um pronome pessoal do caso reto funcionando como sujeito e um pronome pessoal do caso oblíquo funcionando como objeto direto.

a) Eu comecei a reforma da Natureza por este passarinho.
b) E mais uma vez me convenci da "tortura" destas coisas.
c) Todos a ensinavam a respeitar a Natureza.
d) Ela os ensina a fazer os ninhos nas árvores.
e) Ela não convencia ninguém disso.

15. (Unimar-SP) Classifique corretamente os termos integrantes destacados.

Mulher que **a dois** ama, **a ambos** engana.

a) objeto direto preposicionado e objeto direto preposicionado
b) objeto indireto e objeto direto
c) objeto indireto pleonástico e complemento nominal
d) objeto direto e objeto direto preposicionado
e) objeto direto preposicionado e objeto indireto

16. (UFV-MG) Na frase "Ela atribui-se uma culpa que não tem", o pronome se é classificado como:

a) pronome apassivador.
b) índice de indeterminação do sujeito.
c) objeto direto.
d) objeto indireto.
e) partícula expletiva ou de realce.

17. (Febasp) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas:

Já ... muitos meses que não ... encontro e só daqui ... três anos é que irei re-encontrá-... neste mesmo lugar.

a) faz, lhe, a, lhe
b) fazem, o, a, o
c) faz, o, a, lo
d) fazem, lhe, há, lo

18. (Febasp)

E agora, José?
A festa **acabou**
A luz **apagou**
O povo **sumiu**
A noite **esfriou**...

(Carlos Drummond de Andrade)

Em relação aos verbos destacados, pode-se afirmar que:

a) os verbos são todos transitivos diretos e estão no pretérito imperfeito.
b) os verbos são todos transitivos diretos, embora o objeto direto não esteja expresso; e os verbos estão no pretérito perfeito.
c) o primeiro e o segundo verbo são transitivos diretos e os dois últimos são transitivos indiretos e estão no pretérito mais-que-perfeito.
d) todos os verbos destacados são intransitivos e estão no pretérito perfeito.

19. (PUC-SP) No trecho:

... e no fim declarou-**me** que eu tinha **medo** de que você **me** esquecesse,

as palavras destacadas têm, respectivamente, funções sintáticas de:

a) objeto indireto, objeto direto, objeto direto.
b) objeto direto, objeto direto, objeto direto.
c) objeto direto, predicativo do sujeito, objeto direto.
d) objeto indireto, objeto indireto, objeto indireto.
e) objeto direto, adjunto adverbial, objeto direto.

20. (Unimep-SP)

I. Demos **a ele** todas as oportunidades.
II. Fizemos **o trabalho** como você orientou.
III. Acharam **os livros** muito interessantes.

Substituindo as palavras destacadas por um pronome oblíquo, temos:

a) I. Demos-lhe; II. Fizemo-lo; III. Acharam-los.
b) I. Demos-lhe; II. Fizemos-lo; III. Acharam-os.
c) I. Demos-lhe; II. Fizemo-lo; III. Acharam-nos.
d) I. Demo-lhe; II. Fizemos-o; III. Acharam-nos.
e) I. Demo-lhe; II. Fizemo-lhe; III. Acharam-nos.

21. (Vunesp-SP)

a) Por que **brilham** teus olhos ardentes.
b) **Sou** o sonho de tua esperança.

Classifique, quanto à predicação, os verbos destacados dos fragmentos acima.

22. (Vunesp-SP)

a) (...) e o Largo do Jardim está deserto na noite fria.

b) (...) não encontro nada.

c) (...) não pensei mais nem nela nem no altar, (...)

d) (...) vagou pelas ruas e becos (...)

Classifique, quanto à predicação, os verbos dos fragmentos acima.

23. (Vunesp-SP) "Mas para quem **vos** olha a uma distância de quinhentos metros, essas dimensões **que** levais convosco deixam de existir."

Dê a classe gramatical e a função sintática dos termos destacados.

24. (Vunesp-SP)

Vi ontem **um bicho**
Na imundície do pátio
Catando **comida** entre os detritos.

Faça o que é pedido:

a) Re-escreva a estrofe acima, substituindo os termos destacados pelo pronome pessoal correspondente e elimine as expressões adverbiais.

b) Classifique os verbos do período re-escrito, quanto à predicação.

25. (Vunesp-SP)

A pilha de jornais ali no chão, ninguém os guardou debaixo da escada.

Às suas violetas, na janela, não lhes poupei água.

Assinalar a alternativa que contiver a afirmação correta sobre as duas orações transcritas.

a) Nas duas orações há sujeito composto precedendo verbo transitivo direto e indireto.

b) Nas duas orações há sujeito indeterminado, e apenas o verbo da segunda oração é transitivo direto e indireto.

c) Nas duas orações há inversão da ordem das palavras e ocorrência de complemento verbal pleonástico.

d) Nas duas orações ocorre complemento verbal pleonástico, mas apenas na segunda há inversão da ordem das palavras.

e) Nas duas orações a ordem é direta e o sujeito é composto.

26. (Fatec-SP) Assinale a frase em que a palavra destacada indica o agente.

a) Por **mim** foram exarados estes documentos.

b) De **mim** conseguireis o que quiserdes.

c) Falou-se de **mim** na reunião?

d) Contra **mim** estavam todos eles.

e) n.d.a.

27. (ESPM-SP)

Quando percebi que o doente expirava, recuei aterrado, e dei um grito, mas ninguém me ouviu.

(Machado de Assis)

A função sintática das palavras *doente, grito, ninguém, me* é, respectivamente:

a) sujeito, objeto direto, objeto direto, objeto indireto.

b) objeto direto, sujeito, objeto direto, sujeito.

c) sujeito, objeto indireto, sujeito, objeto direto.

d) objeto indireto, objeto direto, sujeito, objeto direto.

e) sujeito, objeto direto, sujeito, objeto direto.

28. (Fefasp) Em que alternativa há objeto direto preposicionado?

a) Passou aos filhos a herança recebida dos pais.

b) Amou a seu pai com a mais plena grandeza da alma.

c) Naquele tempo era muito fácil viajar para os infernos.

d) Em dias ensolarados, gosto de ver nuvens flutuarem nos céus de agosto.

29. (PUC-SP) Em: "Porque eu continuarei a chamar **guerra a toda esta época embaralhada** de inéditos valores...", as expressões destacadas são, respectivamente:

a) objeto direto, objeto indireto.

b) predicativo, objeto indireto.

c) objeto direto, objeto direto preposicionado.

d) predicativo, objeto direto pleonástico.

e) objeto direto, objeto indireto.

30. (Cesesp-PE) Para classificar os verbos do trecho abaixo quanto a sua predicação, preencha os parênteses, obedecendo à seguinte instrução:

a) intransitivo

b) transitivo direto

c) transitivo indireto

d) transitivo direto e indireto

Viverás ( ) e para sempre, / na terra que aqui aforas ( ): e terás ( ) enfim tua roça.

A alternativa que contém a sequência correta é:

a) a, a, b.

b) a, b, b.

c) b, a, b.

d) b, d, c.

e) b, b, b.

31. (UFMG) Observe:

1. Queria muito aquele brinquedo.
   Queria muito ao amigo.
2. Dormi muito esta noite.
   Dormi um sono agradável.

A partir desses exemplos, explique a seguinte afirmativa: "A análise da transitividade verbal é feita de acordo com o texto e não isoladamente".

32. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção em que a substituição do pronome de primeira pessoa pelo de terceira está em desacordo com a norma da língua culta.

a) Vieram-me as rugas.
Vieram-lhe as rugas.

b) Obriguei a fortuna a ser-me favorável.
Obriguei a fortuna a ser-lhe favorável.

c) Azevedo Gomes chamou-me patriota.
Azevedo Gomes chamou-lhe patriota.

d) O município devia auxiliar-me.
O município devia auxiliar-lhe.

e) Padilha pediu-me em voz baixa cinquenta mil-réis.
Padilha pediu-lhe em voz baixa cinquenta mil-réis.

33. (Cesesp-PE) Indique a função do pronome relativo *que*, de acordo com o seguinte código:

a) sujeito
b) objeto direto

( ) Viverás e para sempre, / na terra que aqui aforas.
( ) Era um anjo entre nuvens d'alvorada. / Que em sonhos se banhava e se esquecia.
( ) ... afora rendimentos que vêm de outra e qualquer origem...
( ) Gastei uma hora pensando um verso / que a pena não quer escrever.

A sequência conseguida foi:

a) b, b, a, a
b) a, a, b, b
c) a, b, a, b
d) b, a, b, a
e) b, a, a, b

34. (Fuvest-SP) A transformação passiva da frase "A religião te inspirou esse anúncio." apresentará o seguinte resultado:

a) Tu te inspiraste na religião para esse anúncio.
b) Esse anúncio inspirou-se na tua religião.
c) Tu foste inspirado pela religião nesse anúncio.
d) Esse anúncio te foi inspirado pela religião.
e) Tua religião foi inspirada nesse anúncio.

35. (Fuvest-SP) "... como o vi em uma noite de luar..."

a) Re-escreva, na voz passiva, a oração acima transcrita, sem desprezar nenhum dos componentes sintáticos que lhe dão forma.
b) Indique a função sintática do pronome de terceira pessoa na frase original e na transformada.

36. (PUC-SP) Indique a alternativa em que a partícula *se* **não** tem valor de pronome apassivador.

a) ... ouviam-se gargalhadas e pragas...
b) ... destacavam-se risos...
c) ... trocavam-se de janela para janela as primeiras palavras, os bons-dias...
d) ... já não se destacavam vozes dispersas...
e) ... pigarreava-se grosso por toda a parte...

37. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa em que se faz corretamente a transformação passiva da frase: "O chefe não te perdoará as falhas.".

a) Tu não serás perdoado pelo chefe por causa das falhas.
b) As falhas não te serão perdoadas pelo chefe.
c) Tuas falhas o chefe não perdoará.
d) Tu não terás o perdão do chefe para tuas falhas.
e) Não se perdoarão tuas falhas pelo chefe.

38. (Unimep-SP) "Eu tenho plantado o meu futuro." Passando-se a oração para a voz passiva, o verbo ficará assim:

a) tem sido plantado
b) tem estado sendo plantado
c) está sendo plantado
d) foi sendo plantado
e) esteve sendo plantado

39. (Unimep-SP) "O eleitor estava sendo convencido aos poucos pelo candidato." Passando-se a oração para a voz ativa, o verbo ficará assim:

a) convencera
b) estava convencendo
c) tinha estado convencido
d) tinha convencido
e) estivera convencendo

40. (Efei-MG) Todas as frases estão na voz passiva, **exceto**:

a) Fazia-se a relação dos livros novos.
b) Estuda-se novo processo de irrigação.
c) Trata-se sempre do mesmo problema.
d) Projetava-se um grande frigorífico.
e) Arrisca-se a vida por tão pouca coisa.

41. (UPM-SP) Assinale a alternativa em que há agente da passiva.

a) Nós seremos julgados pelos nossos atos.
b) Olha esta terra toda que se habita dessa gente sem lei, quase infinita.
c) Agradeço-lhe pelo livro.
d) Ouvi a notícia pelo rádio.
e) Por mim, você pode ficar.

42. (PUC-SP) Em: "... o homem não fala simplesmente uma língua, não a usa como mero instrumento de comunicação, mas é quase como se a língua falasse através do homem, a língua o usasse para **se** expressar", a partícula *se* destacada refere-se a:

a) *homem* e é sujeito do verbo *expressar*.
b) *língua* e é objeto reflexivo de *expressar*.
c) *língua* e é partícula apassivadora da ação verbal.
d) *homem* e é objeto reflexivo de *expressar*.
e) *homem* e é partícula apassivadora da ação verbal.

43. (PUC-SP) Em: "A língua já é em si uma interpretação do mundo..., ficando-**se** sob o seu domínio", a partícula *se* destacada refere-se:

a) à palavra *interpretação* e portanto é sujeito.
b) à palavra *língua* e portanto é objeto reflexivo.
c) a um ser indeterminado e portanto é índice de indeterminação do sujeito.
d) à palavra *interpretação* e portanto é objeto direto reflexivo.
e) a um ser indeterminado e portanto não tem função sintática.

44. (UFV-MG) A passiva sintética está presente em todos os itens, **exceto**:

a) Fala-se, aqui, uma bela língua.
b) Assistiu-se o enfermo com desvelo.
c) Procedeu-se à verificação de aprendizagem.
d) Ouviu-se um barulho estranho.
e) Abriu-se uma clareira naquela mata.

45. (FEI-SP) Transforme a voz passiva analítica em passiva sintética, conservando o tempo e o modo.

Hoje não são mais feitos carros como antigamente.

46. (Efei-MG) Transforme segundo o modelo.

Foi socorrido por amigos. Amigos socorreram-no.

a) Foste ajudado por muitos.
b) Fomos aconselhados pelos mestres.

47. (Unisa-SP) Coloque na voz passiva as frases que a admitam, dando o motivo por que escolheu apenas duas.

a) Não a vi ontem.
b) Iremos a Santos.
c) O presidente assistirá ao desfile.
d) O enfermeiro assistiu o paciente dia e noite.

48. (FCMSC-SP) Transpondo para a voz ativa a frase "O processo deve ser revisto pelos dois funcionários", obtém-se a forma verbal:

a) deve-se rever.
b) será revisto.
c) devem rever.
d) reverão.
e) rever-se-á.

49. (Unisa-SP) Em: "... uns diziam isto; outros, aquilo...", colocando-se o verbo na voz passiva, temos:

a) tinham dito.
b) foi dito.
c) era dito.
d) seria dito.
e) haviam dito.

50. (FCC-BA) Transpondo para a voz passiva a frase "O tempo aos poucos fora afastando da minha memória a sua imagem.", obtém-se a forma verbal:

a) era afastada.
b) fora sendo afastada.
c) fora afastada.
d) ia-se afastando.
e) estava-se afastando.

51. (FCC-BA) Transpondo para a voz passiva a frase "Daqui a cinquenta anos já teremos avaliado os futurólogos de hoje.", obtém-se a forma verbal:

a) se avaliaram.
b) se avaliarão.
c) serão avaliados.
d) foram avaliados.
e) terão sido avaliados.

52. (FCC-BA) Transpondo para a voz ativa a frase "A Guatemala foi, recentemente, arrasada por violentos terremotos.", obtém-se a forma verbal:

a) tinha sido arrasada.
b) tinham arrasado.
c) arrasaram.
d) estiveram arrasando.
e) fora arrasada.

53. (FCC-BA) Transpondo para a voz ativa a frase "Eles são obrigados a tarefas desagradáveis; e, além do mais, são criticados pelo público.", obtêm-se as formas verbais:

a) têm obrigado, criticou-os.
b) foram obrigados, têm sido criticados.
c) obrigaram-nos, criticaram-nos.
d) obrigam-nos, critica-os.
e) obrigam-se, criticam-se.

54. (Famerp-SP) Em que alternativa as frases não se equivalem?

a) Comprar-se-iam jornais.
Jornais serão comprados.
b) Devem-se consultar os superiores.
Os superiores devem ser consultados.
c) Alugam-se casas.
Casas são alugadas.
d) Façam-se novas provas.
Novas provas sejam feitas.
e) Ouvir-se-ão vozes.
Vozes serão ouvidas.

55. (Faap-SP) Dê nova redação à frase que segue, passando-a para a voz ativa, sem mudança de tempo e modo verbais: "Foi nomeada tutora".

56. (FCC-BA) Transpondo para a voz ativa a oração "O dissídio já havia sido homologado.", o verbo apresentará a forma:

a) homologara-se.
b) homologar-se-ia.
c) homologariam.
d) haviam homologado.
e) houvera sido homologado.

57. (FCC-BA) Transpondo para a voz passiva a oração "Estava terminando o bordado naquele momento.", o verbo apresentará a forma:

a) fora terminado.
b) estava sendo terminado.
c) estava para ser terminado.
d) estava a terminar.
e) tendo terminado.

58. (FEI-SP) Re-escreva na voz passiva o trecho abaixo, conservando o verbo no mesmo tempo e modo.

Se os filhos dos pescadores ouvissem o ruído da vaga, eu escutaria o rangido longínquo dos carros de boi.

59. (Faap-SP) Dê nova redação à frase que segue, passando-a para a voz ativa sem mudança de tempo e modo verbais.

A volta de Greta Garbo ao cinema foi anunciada ontem em Genebra, Suíça, pelo jornalista britânico Frederick Sands, autor de uma biografia da atriz.

60. (Fuvest-SP) Altere a redação do período abaixo, empregando os verbos na voz passiva.

... e se às vezes me repreendia, à vista de gente, fazia-o por simples formalidade.

61. (UFV-MG) A concordância verbal está **correta** em todas as formas abaixo, **exceto**:

a) Assistiu-se à demonstração de força.
b) Exigiam-se todas as documentações para concorrer à vaga.
c) Precisam-se de professores de matemática.
d) Construir-se-á o edifício neste local, ainda este ano.
e) Incluíram-se no processo todas as dívidas existentes.

62. (Vunesp-SP) "Explicou que aprendera aquilo de ouvido." Transpondo a oração em destaque para a voz passiva, temos a seguinte forma verbal:

a) tinha sido aprendido.
b) era aprendido.
c) fora aprendido.
d) tinha aprendido.
e) aprenderia.

Capítulo 21

Termos acessórios da oração e vocativo

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 2007. v. 4, p. 94.

Neste capítulo, você vai estudar os termos acessórios da oração – o adjunto adverbial, o adjunto adnominal e o aposto. Vai estudar também o vocativo. Observe, na tirinha, várias ocorrências de adjunto adverbial, função exercida por advérbio (*mais, cedo, aqui, talvez*) ou por locução adverbial (*todos os dias*). Em *mais cedo*, o advérbio *mais* está intensificando outro advérbio (*cedo*).

Quando se fala em termos acessórios da oração, pode-se ter a falsa impressão de que se está tratando de elementos dispensáveis das orações e períodos. Na prática, essa impressão não corresponde à verdade: esses termos são acessórios porque não fazem parte da estrutura básica da oração, organizada a partir de um verbo e dos nomes ligados a ele pela concordância ou pela transitividade. No entanto as informações que transmitem são fundamentais para que se alcance uma comunicação satisfatória.

1. Adjunto adverbial

Como o nome já diz, o adjunto adverbial é essencialmente um modificador do verbo. Seu papel básico é indicar as **circunstâncias** em que se desenvolve o processo verbal (ideia de tempo, lugar, modo, causa, finalidade, etc.) ou **intensificar** um verbo, um adjetivo ou um advérbio. A semelhança entre esse conceito e o de advérbio, que você estudou nos capítulos sobre sorfologia, não é gratuita, já que o adjunto adverbial é uma função adverbial da oração, ou seja, é uma função desempenhada por advérbios e locuções adverbiais.

A classificação do adjunto adverbial depende basicamente da circunstância que expressa. Observe:

a. causa, tempo, lugar

No Brasil, muitas crianças ainda morrem de fome.

Há nessa oração três adjuntos adverbiais: *de fome* é adjunto adverbial de causa; *ainda* é adjunto adverbial de tempo; *no Brasil* é adjunto adverbial de lugar.

b. tempo, lugar, modo

Um grupo de policiais militares agrediu covardemente várias pessoas em Diadema na madrugada de ontem.

Na madrugada de ontem é adjunto adverbial de tempo; *em Diadema* é adjunto adverbial de lugar; *covardemente* é adjunto adverbial de modo.

c. intensidade

Eles se respeitaram **muito**.

Seu projeto é **muito** interessante.

O time jogou **muito** mal.

Nessas três orações, *muito* é adjunto adverbial de intensidade. No primeiro caso, intensifica uma forma verbal (*respeitaram*), que é núcleo de um predicado verbal. No segundo, intensifica um adjetivo (*interessante*), que é núcleo de um predicativo do sujeito. Na terceira oração, *muito* intensifica um advérbio (*mal*), que é núcleo de um adjunto adverbial de modo.

Às vezes não é possível apontar com precisão a circunstância expressa por um adjunto adverbial. Em alguns casos, as diferentes possibilidades de interpretação dão origem a orações sugestivas. Em:

Entreguei-me **calorosamente** àquela causa.

é difícil precisar se *calorosamente* é um adjunto adverbial de modo ou de intensidade: na verdade, parece ser uma forma de expressar ao mesmo tempo as duas circunstâncias. Por isso, é fundamental levar em conta o contexto em que surgem os adjuntos adverbiais. Isso é mais importante do que pura e simplesmente decorar classificações.

Algumas das circunstâncias expressas pelos adjuntos adverbiais

A seguir, você encontrará uma relação em que aparecem algumas circunstâncias expressas por adjuntos adverbiais. Essa relação deve servir para você perceber a riqueza expressiva desse termo sintático e não para que você se "descabele" tentando decorá-la.

a. afirmação

Sim, efetivamente participei da comissão.

b. dúvida

Talvez seja melhor sair do país.

c. fim, finalidade

Prepararam-se **para o exame**.

d. meio

Fui **de avião**.

e. companhia

Fui ao cinema **com sua prima**.

f. concessão

Apesar do estado precário do gramado, o jogo foi ótimo.

g. assunto

Conversamos **sobre literatura**.

h. condição

Sem minha autorização, você não irá.

i. instrumento

Fiz a prova **a lápis**.

j. causa

Com o calor, o poço secou.

k. intensidade

O remédio é **muito** caro.

l. lugar

Nasci **em Guaratinguetá**.

Morei **em Milão**.

m. tempo

O gol foi marcado **aos oito minutos**.

Sinto-me melhor **no inverno**.

n. modo

Beijei-a **com ternura**.

Receberam-me **friamente**.

o. negação

Não aceito sua renúncia.

Em *site*

<www.pensarenlouquece.com>. Acesso em: 25 abr. 2008.

Aqui vai uma dica para que você relaxe um pouco e não se "descabele" tentando decorar conteúdos. Com a popularização da Internet, novas ferramentas de comunicação foram criadas e aperfeiçoadas. Começaram a proliferar *sites* de relacionamento, como o Orkut, e, mais timidamente, *blogs*, páginas da Internet cujo proprietário divulga ideias, comentários e discussões sobre diversos assuntos. No *blog* indicado você encontrará temas diversificados de cultura digital, como resenhas de filmes, vídeos engraçados e textos inusitados.

Os vários adjuntos adverbiais presentes na tira exprimem diferentes circunstâncias: "à noitinha", tempo; "da toca" e "por perto", lugar; "silenciosamente", modo; e "não", negação.

Fernando Gonsales

Importância da preposição nas locuções adverbiais

Como você já sabe, as locuções adverbiais são expressões normalmente introduzidas por uma preposição. Quando uma dessas locuções atua como adjunto adverbial numa oração, você deve prestar bas-

tante atenção à preposição, pois, na expressão de circunstâncias adverbiais, essas palavras transmitem importantes conteúdos relacionais. Observe:

Estão voltando **de casa**.	Fui ao cinema **com eles**.
Estão voltando **para casa**.	Fui ao cinema **sem eles**.

Nesses dois pares de orações, a troca das preposições implica alteração total de significado na circunstância expressa pelo adjunto adverbial: no primeiro caso, passa-se de um adjunto adverbial de lugar que indica a origem para um que indica o destino; no segundo caso, passa-se de um adjunto adverbial de companhia para um adjunto adverbial que indica justamente a ausência dela (e que seria classificável como adjunto adverbial de modo).

Quando introduzem complementos verbais ou nominais, as preposições desempenham papel de mero conectivo, ligando um termo subordinante a um termo subordinado. Por isso, em muitos casos, são até mesmo omitidas sem prejuízo aparente de sentido. É o que ocorre, por exemplo, com a construção popular "Ela não obedece o pai.", em que se omite a preposição recomendada pela língua culta ("Ela não obedece *ao* pai."). No caso dos adjuntos adverbiais, a omissão da preposição acarreta modificações drásticas de sentido. Basta comparar, por exemplo, "Recomendaram-me sinceridade." a "Recomendaram-me com sinceridade.", em que a ausência do *com* modifica completamente a função sintática e o sentido de *sinceridade* (que passa de núcleo do objeto direto a núcleo do adjunto adverbial de modo).

É por isso que são considerados adjuntos adverbiais de lugar e não objetos indiretos os termos que se seguem aos verbos de movimento e permanência em construções como:

Estou **na mesma sala**.	Voltou **à terra natal**.
Chegaram **à cidade** sãos e salvos.	O avião procede **de Manaus**.
Ficamos **ao lado da igreja**.	

Os verbos empregados são, nessas frases, intransitivos, mas seria questionável dizer que não necessitam de um termo que os complemente. Esses termos, no entanto, não são objetos indiretos, já que têm nítido valor adverbial – note como são significativas as preposições que os encabeçam em cada frase. Pela nomenclatura atualmente disponível nos estudos gramaticais, o mais recomendável é classificá-los como **adjuntos adverbiais de lugar**, considerando intransitivos os verbos a que se ligam. Alguns gramáticos propõem a denominação **complemento circunstancial de lugar** ou **complemento adverbial locativo** para esses termos. Mais importante do que classificá-los, no entanto, é perceber o seu significado e aprender a usá-los apropriadamente.

Joaquín Salvador Lavado/Quino

QUINO. *Toda Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 256.

A preposição *a*, introduzindo o adjunto adverbial, no segundo quadrinho, faz toda a diferença. Observe que, no primeiro quadrinho, "a primavera" exerce função de sujeito da oração. Com função de adjunto adverbial, o termo à primavera adquire sentido diferente.

Atividades

1. Nas frases seguintes, aponte os adjuntos adverbiais e as circunstâncias que exprimem.

a) "De repente, do riso fez-se o pranto."

b) Entrou em casa em plena madrugada, silenciosamente.

c) À noite é possível perceber com muita clareza os efeitos benéficos do silêncio.

d) A rodovia foi entregue ao público sem plenas condições de tráfego.

e) Viajei de trem por toda a Europa.

f) Felizmente, todos se arrependeram.

g) Meus sobrinhos moram muito longe daqui, no norte da Itália.

h) Na próxima semana, não haverá expediente das sete às dez da manhã.

i) O menino quase morreu de vergonha.

j) Sem as chaves, ninguém poderá entrar.

k) "Apesar de você, amanhã há de ser outro dia."

l) Passei a vida à toa.

m) Tenho o péssimo hábito de cortar barbantes e linhas com os dentes.

2. Complete as frases seguintes com adjuntos adverbiais que exprimam as circunstâncias solicitadas entre parênteses.

a) (*) não seja possível consertar o carro. (*dúvida*)

b) Não irei ao cinema (*). (*causa*)

c) (*), foram feitos vários discursos contra o projeto (*). (*tempo/lugar*)

d) O novo diretor executou (*) todas as suas obrigações. (*modo*)

e) Ensaiei muito (*). (*fim*)

f) Trabalhava (*) para as crianças carentes de sua cidade. (*intensidade*)

g) Os retirantes não conseguem emprego (*). (*lugar*)

h) Nada será feito (*). (*condição*)

i) (*), as obras prosseguem. (*concessão*)

j) Moldamos vários objetos de argila (*). (*instrumento*)

k) Fui ao cinema (*) (*). (*tempo/companhia*)

l) Julgo sua postura (*) radical. (*intensidade*)

m) (*), conseguiremos chegar (*) (*). (*modo/lugar/tempo*)

3. Passe para o plural cada uma das frases seguintes.

a) Ele pensou rápido.

b) Ele pensou rapidamente.

c) Ele foi rápido.

d) Uma voz de protesto levantou-se inesperadamente.

e) Uma voz de protesto levantou-se inesperada.

f) O rapaz falava muito baixo.

g) O rapaz era muito baixo.

h) Fiquei calmo durante a discussão.

i) Agi calmamente durante a discussão.

j) Sua atitude ponderada súbito converteu-se em gesto irritado.

k) Sua atitude ponderada subitamente converteu-se em gesto irritado.

l) Seu gesto de irritação foi súbito e veemente.

4. O texto a seguir, publicado na revista *Dinheiro*, de 28 de maio de 2008, apresenta uma inadequação. Localize-a e re-escreva o texto de forma adequada.

> AS MELHORES DA *DINHEIRO*: O ÚNICO *RANKING* QUE AVALIA SUA EMPRESA SOBRE TODOS OS ÂNGULOS.

2. Adjunto adnominal

Adjunto adnominal é o termo que caracteriza um substantivo sem a intermediação de um verbo. Sob a ótica da morfossintaxe, pode-se dizer que é uma função adjetiva, sendo, portanto, desempenhada por adjetivos, locuções adjetivas, artigos, pronomes adjetivos e numerais adjetivos. Em qualquer função sintática que desempenhe, o substantivo pode ser caracterizado por um ou mais de um adjunto adnominal. Observe os dois exemplos seguintes:

a. substantivo com quatro adjuntos adnominais

As nossas primeiras experiências **científicas** fracassaram.

Nessa oração, "As nossas primeiras experiências científicas" é sujeito. O núcleo desse sujeito é o substantivo *experiências*. Relacionados a ele, caracterizando-o, estão os adjuntos adnominais *as*, *nossas*, *primeiras* e *científicas* (respectivamente, um artigo, um pronome adjetivo possessivo, um numeral adjetivo ordinal e um adjetivo).

b. substantivo com três adjuntos adnominais

Foi socorrido pelos **dois** médicos **do hospital**.

Nessa oração, "pelos dois médicos do hospital" é agente da passiva. O núcleo desse agente da passiva é o substantivo *médicos*, caracterizado pelos adjuntos adnominais *os* (artigo da contração *per* + *os*), *dois* (numeral adjetivo) e *do hospital* (locução adjetiva).

Tiramix. *Central de tiras*. 2003. São Paulo: Via Lettera, 2003. p. 70.

Em cada quadrinho, o substantivo *gafanhoto* está caracterizado por um numeral e dois adjetivos, que são seus adjuntos adnominais.

Como distinguir o adjunto adnominal do predicativo

Para perceber como o adjunto adnominal faz parte efetiva do mesmo termo sintático que tem o substantivo como núcleo, basta trocar esse termo por um pronome substantivo: como estão diretamente subordinados ao substantivo, sem qualquer intermediação verbal, os adjuntos adnominais desaparecem quando da substituição. Observe:

A nova política salarial prejudica os trabalhadores de menor poder aquisitivo.

Ela prejudica-os (ou Ela os prejudica).

"A nova política salarial" e "os trabalhadores de menor poder aquisitivo" são, respectivamente, sujeito e objeto direto da oração. Subordinados aos núcleos dessas funções – os substantivos *política* e *trabalhadores* –, os adjuntos adnominais desaparecem quando são substituídos pelos pronomes substantivos *ela* e *os*.

Essa percepção de que o adjunto adnominal é sempre parte de um outro termo sintático que tem como núcleo um substantivo é importante para diferenciá-lo do predicativo do objeto. Observe:

Noel Rosa deixou uma obra riquíssima.

Nessa oração, *riquíssima* é adjunto adnominal de *obra*, que é o núcleo do objeto direto. Se substituíssemos esse objeto direto por um pronome pessoal, obteríamos "Noel Rosa deixou-a".

Em CD

Divulgação

Noel Rosa. In: *Feitiço da Vila* (CD). Revivendo, 1989.

Responsável pela união entre o samba dos morros cariocas e o urbano, Noel operou uma verdadeira revolução na música popular brasileira. Apesar de ter morrido cedo, aos 26 anos, vítima de tuberculose, Noel produziu sambas e baladas que podem ser ouvidos até hoje, como a inesquecível canção "Com que roupa". O CD indicado é uma coletânea de seus melhores trabalhos interpretados por outros artistas.

Agora consideremos esta outra frase:

Sua atitude deixou perplexos seus amigos.

Nessa oração, *perplexos* é predicativo do objeto direto "seus amigos". Se substituíssemos esse objeto direto por um pronome pessoal, obteríamos: "Sua atitude deixou-os perplexos" (ou Sua atitude os deixou perplexos). Perceba que *perplexos* não é parte do objeto direto, e sim um termo relacionado (pelo verbo) a esse objeto direto.

Como distinguir o adjunto adnominal do complemento nominal

É comum confundir-se o adjunto adnominal na forma de locução adjetiva com o complemento nominal. Para evitar essa confusão, considere o seguinte:

a. somente os substantivos podem ser acompanhados de adjuntos adnominais; já os complementos nominais podem ligar-se a substantivos, adjetivos e advérbios. É óbvio, portanto, que o termo ligado por preposição a um adjetivo ou a um advérbio só pode ser complemento nominal;

b. os complementos nominais são exigidos pela transitividade do nome a que se ligam; indicam, portanto, o paciente ou o alvo da noção expressa pelo substantivo. Já os adjuntos adnominais indicam o agente ou o possuidor da noção expressa pelo substantivo. Observe:

Os investimentos da iniciativa privada em educação e saúde deveriam ser proporcionais aos lucros de cada empresa.

Nessa oração, o sujeito é "os investimentos da iniciativa privada em saúde e educação". O núcleo desse sujeito é o substantivo *investimentos*; presos a esse núcleo por meio de preposição há os termos "da iniciativa privada" e "em educação e saúde". Observe que o primeiro indica o agente ou possuidor dos investimentos (é a iniciativa privada que investe), enquanto o segundo indica o paciente ou alvo desses investimentos (saúde e educação recebem esses investimentos). "Da iniciativa privada" é adjunto adnominal, enquanto "em saúde e educação" é complemento nominal.

Atividades

1. Faça a análise sintática das frases seguintes. Indique quais são os núcleos das diferentes funções sintáticas e os adjuntos adnominais que se subordinam a eles.

a) Um novo comportamento empresarial deve ser incentivado.

b) Muitos candidatos despreparados pedem votos pouco críticos a eleitores desinteressados.

c) Os garimpeiros têm transmitido doenças graves aos índios da Amazônia.

d) Um redator eficiente deve comunicar informações claras e realmente importantes ao público interessado.

2. Explique por meio de seu conhecimento das funções sintáticas a ambiguidade da seguinte frase: "Não posso julgar aquela atitude inusitada".

3. Explique por meio de seu conhecimento das funções sintáticas a ambiguidade das frases seguintes.

a) Não serei mais um pichador desta cidade!

b) É absurdo que tenhamos medo de criança!

3. Aposto

Aposto é um termo que amplia, explica, desenvolve ou resume o conteúdo de outro termo. O termo a que o aposto se refere pode desempenhar qualquer função sintática. Sintaticamente, o aposto equivale ao termo com que se relaciona. Observe:

Nossa terra, o Brasil, carece de políticas sociais sérias e consequentes.

Nessa oração, "nossa terra" é o sujeito. "O Brasil" é aposto desse sujeito, pois amplia e especifica o conteúdo do termo a que se refere. Para perceber como o termo "o Brasil" amplia e/ou especifica o sujeito, basta eliminar "nossa terra". Observe:

O Brasil carece de políticas sociais sérias e consequentes.

"O Brasil" passa a exercer satisfatoriamente a função de sujeito, antes exercida pelo termo do qual era aposto.

O aposto é mais uma função substantiva da oração, tendo como núcleo um substantivo, um pronome ou numeral substantivo ou uma palavra substantivada.

Em livros

KIPLING, Rudyard. *As crônicas do Brasil.* São Paulo: Landmark, 2006.

Apesar dos graves problemas sociais que afligem o Brasil, nosso país ainda é visto com muita admiração pelos escritores estrangeiros. Um deles é o inglês Rudyard Kipling, romancista ganhador do prêmio Nobel que excursionou pelo Brasil na década de 1920, viagem que rendeu um livro chamado *As crônicas do Brasil*. Nele, o autor desenvolve suas intuitivas e apuradas noções sobre o Brasil e o povo daqui. Kipling nasceu em Bombaim, Índia, mas viveu boa parte de sua vida na Inglaterra. A experiência influenciou decisivamente sua extensa obra, cujo conteúdo faz referência à força do império britânico. Sua fama deve-se principalmente às histórias de aventuras para crianças: seu conto mais famoso é *Mogli, o menino-lobo*.

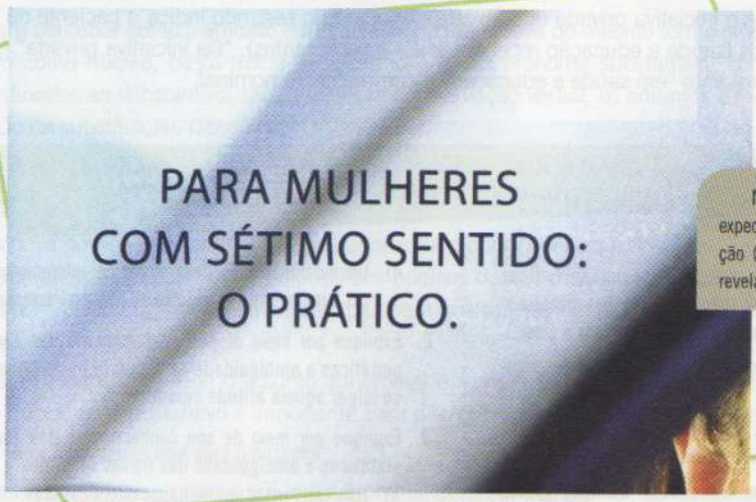

Revista *Bons Fluidos*, ed. 109, p. 29/Detalhe.

Nesse anúncio, cria-se uma expectativa sobre uma informação (o sétimo sentido) que só é revelada com o aposto.

Mulheres do Brasil. Edição Especial, parte integrante da revista *Bons Fluidos*. São Paulo: Abril, ed. 109, p. 29.

Classificação do aposto

De acordo com a relação que estabelece com o termo a que se refere, pode-se classificar o aposto em:

a. explicativo

A Ecologia, **ciência que investiga as relações dos seres vivos entre si e com o meio em que vivem**, adquiriu grande destaque no mundo atual.

b. enumerativo

Suas reivindicações incluíam muitas coisas: **melhor salário, melhores condições de trabalho, assistência médica extensiva a familiares**.

c. recapitulativo

Vida digna, cidadania plena, igualdade de oportunidades, **tudo isso** está na base de um país melhor.

d. comparativo

Seu senso crítico, **eterno indagador**, levou-o a questionar aqueles dados.

e. especificativo

Esse tipo de aposto não vem marcado por sinais de pontuação (dois-pontos ou vírgulas), por isso merece atenção especial. O aposto especificativo é normalmente um substantivo próprio que individualiza um substantivo comum, prendendo-se a ele diretamente ou por meio de preposição. Observe:

O compositor **Chico Buarque de Holanda** continua a produzir uma obra representativa.

O rio **Tietê** atravessa o Estado de **São Paulo**.

Nessas orações, os termos destacados – todos nomes próprios – são apostos especificativos dos substantivos comuns *compositor*, *rio* e *Estado*. *Compositor* e *rio* atuam como núcleos dos sujeitos, enquanto *estado* é núcleo do objeto direto.

4. Vocativo

O nome vocativo nos faz pensar em várias palavras ligadas à ideia de "chamar", "atrair a atenção": evocar, convocar, evocação, vocação. Vocativo é justamente o nome do termo sintático que serve para nomear um interlocutor ao qual se dirige a palavra. É um termo independente: não faz parte nem do sujeito nem do predicado. É mais uma função substantiva da oração, sendo desempenhada por substantivos, pronomes e numerais substantivos ou palavras substantivadas. Observe:

Amigo, venha visitar-me no próximo domingo.

Senhor presidente, pedimos que se comporte de forma condizente com a importância de seu cargo.

A vida, **amada minha**, é um constante retomar.

Não sei o que te dizer, **meu amor**.

Nessas orações, os termos destacados são vocativos: indicam e nomeiam o interlocutor a que se está dirigindo a palavra. Numa oração como a primeira, não se deve confundir o vocativo *amigo* com o sujeito da forma imperativa *venha*, que é *você*.

© 2007 Watterson/Dist. by Atlantic Syndication

WATTERSON, Bill. *Felino, selvagem, psicopata, homicida.* São Paulo: Best News, 1996. v. 1, p. 06.

Na interlocução, é comum o emprego do vocativo, como nessa tirinha, em que as palavras *Haroldo* e *rapaz* servem para designar a quem se dirigem Calvin e Haroldo. Vale lembrar que o vocativo, por ser um termo independente, não tem lugar fixo na frase.

Atividade

Nas frases seguintes, aponte os apostos e os vocativos.

a) Meu velho amigo, não há mais nada que se possa dizer.

b) Você, meu velho amigo, não tem nada para me dizer?

c) Ó meus sonhos, aonde fostes?

d) Uma casa na encosta da montanha, meu maior sonho, evaporou-se com o confisco da poupança.

e) Não há mais nada a fazer, minha querida.

f) Tu, que não sabes o que fazes, diz-me: há lei nesta terra?

g) Um dia, meu bem, não haverá miséria.

h) Ele não deseja muita coisa: um emprego, uma casinha, uns trocados para uma viagem de vez em quando.

5. Os termos acessórios, o vocativo e a pontuação

a. adjunto adnominal – Como vimos, os adjuntos adnominais fazem parte do termo sintático a que pertence o substantivo a que se ligam. Por isso, não devem ser separados por vírgula desse substantivo:

Os frequentes termos de baixo calão do deputado governista evidenciam seu pleno despreparo.

b. adjunto adverbial – Os adjuntos adverbiais podem ser separados por vírgula quando vêm após os verbos e seus complementos:

Encontrei alguns amigos, ontem à noite, na praça. ou Encontrei alguns amigos ontem à noite na praça.

c. adjunto adverbial anteposto ou intercalado – Quando são antepostos ou intercalados, os adjuntos adverbiais devem ser separados por vírgulas. As vírgulas são dispensáveis quando o adjunto é de pequena extensão:

Ontem à noite, encontrei alguns amigos na praça.

Encontrei, durante aqueles dias de férias, alguns velhos amigos.

Amanhã virei ajudá-lo.

Ali se vendem esses produtos.

Em todos os balões de pensamento de Snoopy há adjuntos adverbiais antepostos, devidamente separados por vírgulas.

United Media/Ipress

SCHULZ, Charles, M. *Snoopy, um estranho no ninho*. Rio de Janeiro: Record, 1986. p. 106.

d. aposto – O aposto é separado do termo a que refere por vírgulas ou dois-pontos. Somente o aposto especificativo não é marcado por sinais de pontuação:

Seus olhos, duas bolas de pânico, impressionavam quem o via.

É imprescindível que o país adote duas diretrizes: distribuição de renda e reconstrução do ensino público.

Caetano Veloso, compositor consagrado, não suporta quem desrespeita sinal vermelho.

O compositor Caetano Veloso não suporta quem desrespeita sinal vermelho.

e. vocativo – O vocativo deve ser sempre separado por vírgulas, qualquer que seja sua posição na frase:

Participem das decisões nacionais, cidadãos.

Cidadãos, participem das decisões nacionais.

Participação crítica, cidadãos, é o caminho para um país melhor.

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Diks. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 2007. v. 5, p. 117.

Na tirinha observa-se a ocorrência do vocativo (*filho*), separado por vírgula, e a ocorrência do aposto, que desenvolve a palavra disso, introduzido por dois pontos.

Atividade

Pontue adequadamente as frases seguintes. Em alguns casos, pontuar corretamente significa não usar qualquer sinal de pontuação.

a) O Brasil país que via seus jovens como garantia de um grande futuro parece ter optado por simplesmente eliminar boa parte desses jovens.

b) Acorde menino e vá ver a vida lá fora.

c) A cidadania essa ilustre desconhecida ainda passa ao largo de muitas mentes brasileiras.

d) Sob aquelas velhas árvores ali perto do poço repousam muitos dos meus sonhos.

e) Daqui a dois anos poderemos avaliar os efeitos dessas medidas.

f) Poderemos daqui a dois anos avaliar os efeitos dessas medidas.

g) Poderemos avaliar os efeitos dessas medidas daqui a dois anos.

h) Uma imensa nuvem de fumaça e poeira deverá atingir a capital filipina nas próximas horas.

i) Gostaria de saber o que está acontecendo Alfredo.

j) A reação mais sensata dos envolvidos teria sido escolher um advogado competente.

k) Tudo pode ser resumido numa única palavra incompetência.

l) Gilberto Gil músico e compositor continua criativo e iluminado.

m) O músico e compositor Gilberto Gil continua criativo e iluminado.

Textos para análise

1

Agência Talent Biz.

Trabalhando o texto

Qual o termo sintático que tem evidente destaque no texto? É possível justificar esse destaque levando-se em conta a construção do texto? Comente.

Detalhe.

Veja São Paulo. São Paulo: Abril, 30 abr. 2008. p. 119.

Trabalhando o texto

O anúncio do *Jornal da Tarde* que você vê parcialmente tem como *slogan* "Algumas coisas sobre São Paulo não dá pra explicar. Todo o resto está aqui". Faz parte de uma campanha que mostra fatos estranhos da cidade, como, neste caso, as pessoas tocarem o dedo de uma escultura ("Condor", Luiz Brizzolara) da Praça Ramos de Azevedo para terem sorte.

1. No *slogan* da propaganda, apresentado acima, a que se refere o adjunto adverbial *aqui*?

2. O que representam os vários balões que compõem o anúncio?

3. Em "Fala sério", qual é a função do adjetivo?

4. Localize nos balões alguns adjuntos adverbiais e explique que circunstâncias expressam. Explique também a farta ocorrência de advérbios nas frases.

3

Sidney Harris

Trabalhando o texto

1. Localize, nessa charge, os adjuntos adnominais do termo que exerce a função de objeto direto.
2. Identifique os adjuntos adverbiais e explique que circunstâncias expressam.
3. Relacione o emprego dos adjuntos adverbiais ao humor da charge.

HARRIS, Sidney. *A ciência ri: o melhor de Sidney Harris*. São Paulo: Unesp, 2007. p. 42.

4

O desenho foi atividade ininterrupta do artista plástico Di Cavalcanti. Em diferentes ocasiões, em cada lugar, sob variados momentos emocionais, sobre os mais diversos tipos de papel dele brotavam anotações gráficas e germinavam ideias plásticas, no registro de momentos ou personagens do cenário da vida cotidiana, de pessoas ou de seu relacionamento pessoal e de sua admiração.

GONÇALVES, Lisbeth Rebollo. Trecho do Catálogo da exposição *Di Cavalcanti: cronista de seu Tempo*. MAC (USP). [s. d.].

Trabalhando o texto

1. Em que os adjuntos adnominais do primeiro período colaboram para a construção do sentido do texto?
2. Indique as expressões adverbiais que, no segundo período, revelam circunstâncias de tempo e lugar.
3. Qual a função do termo *Di Cavalcanti*? Esse termo poderia ser omitido sem prejuízo para o sentido do texto?
4. Faça um comentário sobre a forma como esse parágrafo foi construído, considerando a presença dos termos acessórios.

5

Não vai: nem a lançamentos de livros nem de filmes nem de exposições. Não é moderno. Não está em dia com os acontecimentos. Nem depois (do "lançamento") se interessa. Não vê sentido nem significado. Faz questão de não ver o que todo mundo está vendo (era para ter visto *Tropa de Elite* – por quê? para quê?). Viu? Não viu? Havia todo um burburinho em volta, uma zoada, uma espécie de cobrança que doía no ouvido. Não vai ver? Não. Não vai ver.

FELINTO, Marilene. Do tipo que não assiste a lançamentos. In: *Caros amigos*. São Paulo: Casa Amarela, n. 132, mar. 2008. p. 13.

Trabalhando o texto

Comente o efeito estilístico dos adjuntos adverbiais no fragmento de texto lido.

Questões de exames e concursos

1. (UEL-PR)

Mar português

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!
Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.

PESSOA, Fernando. *Mensagem e outros poemas afins seguidos de Fernando Pessoa e ideia de Portugal*. Mem Martins: Europa-América [19-].

Em "Ó mar salgado, quanto do teu sal / São lágrimas de Portugal". A expressão *Ó mar salgado* classifica-se, sintaticamente, como:

a) Sujeito, pois expressa o ser de quem se diz algo.

b) Objeto, pois completa o sentido do verbo transitivo direto.

c) Vocativo, pois expressa o ser a quem se dirige a mensagem do narrador.

d) Complemento nominal, pois completa a ideia expressa por um nome.

e) Aposto, pois explica e identifica o termo a que se refere o narrador.

2. (UFC) Leia o que abaixo se afirma acerca do aposto.

Pode-se ampliar, explicar, desenvolver ou resumir a ideia contida num termo que exerça qualquer função sintática por meio de um termo acessório a ele equivalente: o aposto. O aposto pode ser classificado, de acordo com seu valor na oração, em: **explicativo**, **enumerativo**, **resumidor** ou **recapitulativo**, **comparativo** e **especificativo**.

DE NICOLA, José; INFANTE, Ulisses. *Gramática contemporânea da língua portuguesa*. São Paulo: Scipione, 1997. p. 281.

I. Nos períodos a seguir, os trechos em negrito exercem a função de aposto. Classifique-os de acordo com seu valor na oração.

b.1. **Invisível como o vento e os encantos**, a Morte apossara-se do frágil sopro do menino pagão na noite em que a porta se abrira dando-lhe passagem.

b.2. Quando a Velha-do-Chapéu-Grande, **assim o empalhador de cangalhas para montarias chamava a fome**, empoleirou-se de vez, assistindo ao padecer dos viventes, há muito haviam se apartado as águas (...).

II. Construa uma frase em que **Bisneto** figure como **aposto especificativo**.

3. (UEPG)

À luz das sombras

Uma mancha negra gigantesca escureceu e apavorou Nova York. Era o ano de 1915 e acabara de ser erguido o primeiro arranha-céu da cidade, o Equitable Building, com 40 andares. A sombra projetada pelo prédio de 166 metros, na época o mais alto do mundo, engolia quatro quarteirões, escurecia edifícios que o cercavam e deixava sem luz até pequenas fazendas que ainda existiam na região. Os nova-iorquinos se enfureceram, temendo que a cidade fosse devorada pelas sombras caso os construtores de Manhattan decidissem seguir o modelo estabelecido pelo Equitable.

O protesto dos moradores resultou numa lei que regulamentou a altura das construções. A partir de 1916, com o surgimento de um plano diretor, edifícios passaram a ser projetados com um recuo à medida que os andares ficavam mais altos, levando-se em consideração as sombras que eles não poderiam fazer nos vizinhos – daí a origem da arquitetura característica da cidade, visível em construções como o Empire State Building, que afina quanto mais alto fica.

O episódio da metrópole apavorada pela penumbra descreve bem a má reputação que as sombras carregam. De um eclipse lunar a uma silhueta se esgueirando sobre uma parede, as sombras sempre foram consideradas entidades estranhas, cercadas de mistério, superstição e medo. Na Guerra do Peloponeso, por exemplo, o general ateniense Nícios permitiu que suas tropas fossem capturadas pelos espartanos após se recusar a bater em retirada durante um eclipse lunar. Para os nativos da ilha de Wetar, na Indonésia, se a silhueta de uma pessoa levar um golpe, ele certamente ficará doente nos dias seguintes. Na África subsaariana, o povo Songhay acredita que a sombra pode ser atacada, roubada e até devorada em algum macabro ritual de bruxaria.

Mas o que exatamente são as sombras? Essa é uma pergunta que nos fazemos desde crianças, quando ainda não somos capazes de respondê-la. Um experimento realizado pelo psicólogo

suíço Jean Piaget revelou que a maneira como as crianças percebem as sombras varia de acordo com a idade. A partir dos 5 anos, tendem a achar que são feitas do mesmo material que a noite – a escuridão. Depois, entre os 6 e 8 anos, acreditam que sejam objetos materiais. Só mais tarde, a partir dos 9 anos, é que elas percebem que as sombras são fruto da relação entre objetos e a luz. Já é algo muito próximo do que entendemos quando nos tornamos adultos: sombras são áreas escuras onde a luz foi bloqueada. E, apesar do costume de utilizarmos esse conceito apenas quando vemos uma borda entre o claro e o escuro, essa definição pode ser facilmente aplicada à noite, uma enorme sombra que ocupa o céu por cerca de 12 horas do dia.

Superinteressante. São Paulo: Abril, jun. 2004. p. 65-6.

No período "O episódio da metrópole apavorada pela penumbra descreve bem a má reputação que as sombras carregam", as funções morfossintáticas estão corretamente analisadas em:

01) Os termos "bem" e "má" têm ambos valor adverbial, uma vez que modificam palavras de idêntica função.

02) O substantivo "metrópole" é o nome central, o núcleo significativo, do sujeito de "descrever".

04) Sendo um modificador de verbo, o termo "bem" tem valor adverbial.

08) O relativo "que" tem função de sujeito na última oração.

16) O adjetivo "má" modifica um nome, sendo assim um adjunto do nome ou adjunto adnominal.

4. (UEPG)

Amor e outros males

(Rubem Braga)

Uma delicada leitora me escreve: não gostou de uma crônica minha de outro dia, sobre dois amantes que se mataram. Pouca gente ou ninguém gostou dessa crônica; paciência. Mas o que a leitora estranha é que o cronista "qualifique o amor, o principal sentimento da humanidade, de coisa tão incômoda". E diz mais: "Não é possível que o senhor não ame, e que, amando, julgue um sentimento de tal grandeza incômodo".

Não, minha senhora, não amo ninguém; o coração está velho e cansado. Mas a lembrança que tenho de meu último amor, anos atrás, foi exatamente isso que me inspirou esse vulgar adjetivo – "incômodo". Na época eu usaria talvez adjetivo mais bonito, pois o amor, ainda que infeliz, era grande; mas é uma das tristes coisas desta vida sentir que um grande amor pode deixar apenas uma lembrança mesquinha; daquele ficou apenas esse adjetivo, que a aborreceu.

Não sei se vale a pena lhe contar que a minha amada era linda; não, não a descreverei, porque só de revê-la em pensamento alguma coisa dói dentro de mim. Era linda, inteligente, pura e sensível – e não me tinha, nem de longe, amor algum; apenas uma leve amizade, igual a muitas outras e inferior a várias.

A história acaba aqui; é, como vê, uma história terrivelmente sem graça, e que eu poderia ter contado em uma só frase. Mas o pior é que não foi curta. Durou, doeu e – perdoe, minha delicada leitora – incomodou.

Eu andava pela rua e sua lembrança era alguma coisa encostada em minha cara, travesseiro no ar; era um terceiro braço que me faltava, e doía um pouco; era uma gravata que me enforcava devagar, suspensa de uma nuvem. A senhora acharia exagerado se eu lhe dissesse que aquele amor era uma cruz que eu carregava o dia inteiro e à qual eu dormia pregado; então serei mais modesto e mais prosaico dizendo que era como um mau jeito no pescoço que de vez em quando doía como bursite. Eu já tive um mês de bursite, minha senhora; dói de se dar guinchos, de se ter vontade de saltar pela janela. Pois que venha outra bursite, mas não volte nunca um amor como aquele. Bursite é uma dor burra, que dói, dói, mesmo, e vai doendo; a dor do amor tem de repente uma doçura, um instante de sonho que mesmo sabendo que não se tem esperança alguma a gente fica sonhando, como um menino bobo que vai andando distraído e de repente dá uma topada numa pedra. E a angústia lenta de quem parece que está morrendo afogado no ar, e o humilde sentimento de ridículo e de impotência, e o desânimo que às vezes invade o corpo e a alma, e a "vontade de chorar e de morrer", de que fala o samba?

Por favor, minha delicada leitora; se, pelo que escrevo, me tem alguma estima, por favor: me deseje uma boa bursite.

Ainda quanto a funções sintáticas, estão **corretas** as afirmações:

01) Na frase "Eu já tive um mês de bursite, minha senhora", a vírgula separa um aposto.

02) A expressão "o principal sentimento da humanidade" (1.º parágrafo), empregada em referência ao amor, constitui um aposto.

04) Na oração "Pois que venha outra bursite", o sintagma "outra bursite" é um objeto direto, complemento do verbo "vir", sendo que o sujeito está indeterminado.

08) Em "se eu lhe dissesse que aquele amor era uma cruz que eu carregava o dia inteiro", o verbo sublinhado se contextualiza como transitivo direto e indireto.

16) Em "uma história terrivelmente sem graça", a locução sublinhada tem valor de adjetivo.

5. (BHTrans-MG/Fumarc) "Na televisão, o jornalismo transmite os acontecimentos como se fossem um *show*."

Todas as funções sintáticas a seguir são encontradas no enunciado dado, **exceto**:

a) aposto
b) adjunto adverbial
c) adjunto adnominal
d) predicativo do sujeito

6. (TJ-SP/Vunesp-SP) Felizmente, ninguém se machucou. Lentamente, o navio foi se afastando da costa.

Considere:

I. felizmente completa o sentido do verbo machucar;
II. felizmente e lentamente classificam-se como adjuntos adverbiais de modo;
III. felizmente se refere ao modo como o falante se coloca diante do fato;
IV. lentamente especifica a forma de o navio se afastar;
V. felizmente e lentamente são caracterizadores de substantivos.

Está correto o contido apenas em

a) I, II e III.
b) I, II e IV.
c) I, III e IV.
d) II, III e IV.
e) III, IV e V.

7. (UFC) Leia o trecho abaixo do conto "Os moradores do casarão", de Moreira Campos:

Consultando o relógio da parede, que bate as horas num gemer de ferros, ela chama uma das pretas, para que lhe traga a chaleira com água quente.

Numere a 2.ª coluna, identificando a função sintática do termo, de acordo com a 1.ª coluna.

(1) adjunto adnominal ( ) num gemer de ferros
(2) adjunto adverbial ( ) da parede
( ) com água quente

A sequência correta, de cima para baixo, é:

a) 2 – 2 – 1
b) 2 – 1 – 1
c) 2 – 1 – 2
d) 1 – 2 – 2
e) 1 – 2 – 1

8. (PUC-SP) Nas estrofes:

Tu não verás, Marília, cem cativos
tirarem o cascalho e a rica terra,
ou dos cercos dos rios caudalosos,
ou da minada serra.

e

Não verás separar ao hábil negro
do pesado esmeril a grossa areia,
e já brilharem os granetes de oiro
no fundo da bateia.

há ideia de lugar em:

a) cascalho, terra, areia.
b) serra, granetes de oiro, areia.
c) rios, serra, bateia.
d) cascalho, serra, areia.
e) rios, cascalho, areia.

9. (Fuvest-SP) Nos enunciados abaixo, há adjuntos adnominais e apenas um complemento nominal. Assinale a alternativa que contém o complemento nominal.

a) faturamento das empresas
b) ciclo de graves crises
c) energia desta nação
d) história do mundo
e) distribuição de poderes e renda

10. (PUCCamp-SP) "Só pessoas **sem visão** não admitem que, neste setor, existe **oferta** considerada condizente **com a procura**."

Assinale a alternativa em que se apresenta corretamente a função sintática dos termos destacados, respeitando-se a ordem em que eles ocorrem no período.

a) adjunto adnominal, objeto direto, complemento nominal
b) adjunto adverbial, objeto direto, adjunto adnominal
c) adjunto adnominal, sujeito, complemento nominal
d) adjunto adverbial, sujeito, complemento nominal
e) adjunto adnominal, objeto direto, adjunto adnominal

11. (PUC-SP) Indique a alternativa que apresenta, respectivamente, as funções sintáticas das expressões destacadas nos versos:

Amo-te, **ó rude e doloroso idioma**
És, a um tempo, **esplendor e sepultura**

a) objeto direto, objeto direto
b) sujeito, vocativo
c) aposto, sujeito
d) vocativo, predicativo do sujeito
e) predicativo do objeto, predicativo do sujeito

12. (PUC-SP) Nos versos:

E em que Camões chorou no exílio amargo,
O gênio **sem ventura** e o amor **sem brilho**

as expressões destacadas têm, respectivamente, funções sintáticas de:

a) adjunto adverbial de modo, adjunto adverbial de modo.
b) predicativo do sujeito, predicativo do sujeito.
c) complemento nominal, complemento nominal.
d) adjunto adnominal, predicativo do sujeito.
e) adjunto adnominal, adjunto adnominal.

13. (PUC-SP) Nos trechos:

E fui eu que **o** descobri
Veja, murmurou **o** mineiro...
e
Vou-**lhe** mostrar...

as palavras destacadas têm, respectivamente, funções de:

a) objeto direto, adjunto adnominal, objeto indireto.
b) objeto direto, objeto direto, objeto indireto.
c) adjunto adnominal, adjunto adnominal, adjunto adverbial.
d) adjunto adnominal, adjunto adnominal, objeto direto.
e) objeto indireto, objeto direto, objeto indireto.

14. (PUC-SP) No trecho que a seguir transcrevemos, há vários pronomes:

Com esta história eu vou me sensibilizar, e bem sei que cada dia é um dia roubado da morte. Eu não sou um intelectual, escrevo com o corpo. E o que escrevo é uma névoa úmida.

a) Identifique, nele, dois pronomes demonstrativos, um pronome pessoal do caso reto e um pronome pessoal do caso oblíquo.
b) Dê suas respectivas funções sintáticas.

15. (Unimep-SP)

I. Ele é **muito** simpático.
II. Ela trabalhou **muito** pouco.
III. Há **muito** livro interessante.

Muito é:

a) adjunto adverbial em I e II e adjunto adnominal em III.
b) adjunto adverbial em I e adjunto adnominal em II e III.
c) adjunto adverbial em II e adjunto adnominal em I e III.
d) adjunto adverbial em I, II e III.
e) adjunto adnominal em I, II e III.

16. (Vunesp-SP) "Os colegas – o equilibrista, aqueles dois que conversavam em voz baixa, todos enfim – sabiam de sua história e não haviam preparado a mínima homenagem."

Na frase acima, o travessão é empregado para:

a) destacar o aposto e deixar claro o nexo entre o sujeito e o predicado.
b) indicar mudança de interlocutor.
c) indicar a coordenação entre os diferentes núcleos do sujeito composto.
d) assinalar uma retificação do que se disse anteriormente, no início da frase.
e) realçar ironicamente o valor significativo da palavra *colegas*.

17. (Vunesp-SP) "Não foi ausência **por uma semana**: o batom ainda no lenço, o prato na mesa **por engano**, a imagem de relance no espelho."

Os termos destacados analisam-se, respectivamente, como:

a) agente da passiva e objeto indireto.
b) adjunto adverbial de tempo e adjunto adnominal.
c) adjunto adverbial de tempo e adjunto adverbial de causa.
d) predicativo do sujeito e predicativo do objeto.
e) complemento nominal e agente da passiva.

18. (Fuvest-SP) Assinalar a oração que começa com um adjunto adverbial de tempo.

a) Com certeza havia um erro no papel do branco.
b) No dia seguinte Fabiano voltou à cidade.
c) Na porta, (...) enganchou as rosetas das esporas...
d) Não deviam tratá-lo assim.
e) O que havia era safadeza.

19. (Unicamp-SP) A leitura literal do texto abaixo produz um efeito de humor:

As videolocadoras de São Carlos estão escondendo suas fitas de sexo explícito. A decisão atende a uma portaria de dezembro de 91, do Juizado de Menores, que proíbe que as casas de vídeo aluguem, exponham e vendam fitas pornográficas a menores de 18 anos. A portaria proíbe ainda os menores de 18 anos de irem a motéis e rodeios sem a companhia ou autorização dos pais.

Folha Sudeste, 5 jun. 1992.

a) Transcreva a passagem que produz efeito de humor.

b) Qual a situação engraçada que essa passagem permite imaginar?

c) Re-escreva o trecho de forma a impedir tal interpretação.

20. (Unicamp-SP) O comentário seguinte faz parte de uma reportagem sobre o decreto assinado este ano pelo presidente José Sarney, tornando eliminatórios, no vestibular, os exames de língua portuguesa e de redação:

Os estudantes que pretendem ingressar na Unicamp, no próximo vestibular, concordam com o decreto do governo. Estão reclamando, apenas, que a Universidade de Campinas está exigindo a leitura de um livro que entrará no exame inexistente no Brasil: *A confissão de Lúcio*, Mário de Sá-Carneiro.

(Istoé Senhor/991,14 set. 1988.)

Conforme redigido, o texto contém uma passagem ambígua (que pode ter mais de uma interpretação). Identifique essa passagem, transcreva-a e explique por que ela é ambígua. Em seguida, re-escreva-a de forma a tornar clara a interpretação pretendida pela revista.

21. (Vunesp-SP) Em "... **com as últimas chuvas, o verde** rebentou **verdíssimo**", identifique as funções sintáticas dos segmentos em destaque.

22. (Unimep-SP) Em: "... as empregadas das casas saem **apressadas**, de latas e garrafas na mão, para a pequena fila **de leite**", os termos destacados são, respectivamente:

a) adjunto adverbial de modo e adjunto adverbial de matéria.

b) predicativo do sujeito e adjunto adnominal.

c) adjunto adnominal e complemento nominal.

d) adjunto adverbial de modo e adjunto adnominal.

e) predicativo do sujeito e complemento nominal.

23. (Unimep-SP) "Três seres esquivos que compõem em torno à mesa a constituição tradicional da família, **célula da sociedade**." O termo destacado é:

a) complemento nominal.

b) vocativo.

c) agente da passiva.

d) objeto direto.

e) aposto.

24. (UFV-MG)

Cessa **o estrondo das cachoeiras**, e com ele
A memória **dos índios**, pulverizada,
Já não desperta **o mínimo arrepio**.

(Carlos Drummond de Andrade)

No texto acima, as expressões destacadas são, respectivamente:

a) sujeito, complemento nominal, objeto direto.

b) sujeito, adjunto adnominal, objeto direto.

c) objeto direto, adjunto adnominal, sujeito.

d) objeto direto, complemento nominal, objeto direto.

e) adjunto adverbial, objeto indireto, sujeito.

25. (UFSC) Observe os períodos abaixo e assinale a alternativa em que *lhe* é adjunto adnominal.

a) ... anunciou-lhe: Filho, amanhã vais comigo.

b) O peixe caiu-lhe na rede.

c) Ao traidor, não lhe perdoaremos jamais.

d) Comuniquei-lhe o fato ontem pela manhã.

e) Sim, alguém lhe propôs emprego.

26. (UPM-SP) Em "Aeromoça na burocracia me dá ideia de um pé de gerânio intimado a viver e florir dentro de um armário fechado."

as expressões "de um pé" e "de gerânio" são, respectivamente:

a) adjunto adnominal, complemento nominal.

b) complemento nominal, adjunto adnominal.

c) objeto indireto, complemento nominal.

d) adjunto adnominal, adjunto nominal.

e) complemento nominal, complemento nominal.

27. (FCMSC-SP) Examinar as três frases abaixo:

I. Comumente a ira se acende com sentimentos desumanos.

II. No campo reina a paz.

III. Ao sétimo dia, quando bateu, por volta da meia-noite, à porta da residência, ouviu rebuliço extraordinário.

Assinalar a alternativa correta quanto à existência de adjunto adverbial.

a) Não existe em nenhuma.

b) Existe nas três.

c) Existe apenas em I.

d) Existe em II e III.

e) Existe apenas em III.

28. (UFPel-RS) Preencha os parênteses da segunda coluna de acordo com o resultado da análise dos termos destacados na primeira.

a) Permanecemos todos **calados**.	( ) complemento nominal
b) Diz-me, **meu filho**, que fizeste hoje.	( ) aposto
c) **Este** vaso é o teu presente.	( ) objeto direto
d) Dera-lhe tudo: **casa**, **roupa**, **comida**.	( ) objeto indireto
e) Aquele desastre foi feito **por ele**.	( ) predicativo do sujeito
f) Temos necessidade **de ajuda**.	( ) predicativo do objeto direto
g) Ele chorou **de covarde**.	( ) adjunto adnominal
h) Elegeram-no **governador**.	( ) vocativo
i) Os pagãos **lhe** deram um tesouro.	( ) agente da passiva
	( ) adjunto adverbial

29. (FEI-SP) Resolva as questões a seguir conforme o código que segue.

a) adjunto adverbial de lugar

b) adjunto adverbial de tempo

c) adjunto adverbial de modo

d) adjunto adverbial de causa

I. **Segunda-feira** haverá um jogo importante.

II. **Com o mau tempo** não podemos trabalhar ao relento.

III. O livro foi acolhido **com entusiasmo** pelos leitores.

IV. O automóvel parou **perto do rio**.

30. (Efei-MG) Em todas as orações o termo destacado está analisado corretamente, **exceto** em:

a) Existe, nesta cidade, **um carpinteiro**. (objeto direto)

b) É importante **o apoio dos operários**. (sujeito)

c) Já tínhamos certeza **da derrota**. (complemento nominal)

d) O estudante permaneceu **inalterável**. (predicativo)

e) Renato, **o engenheiro**, logo protestou. (aposto)

Capítulo 22

Orações subordinadas substantivas

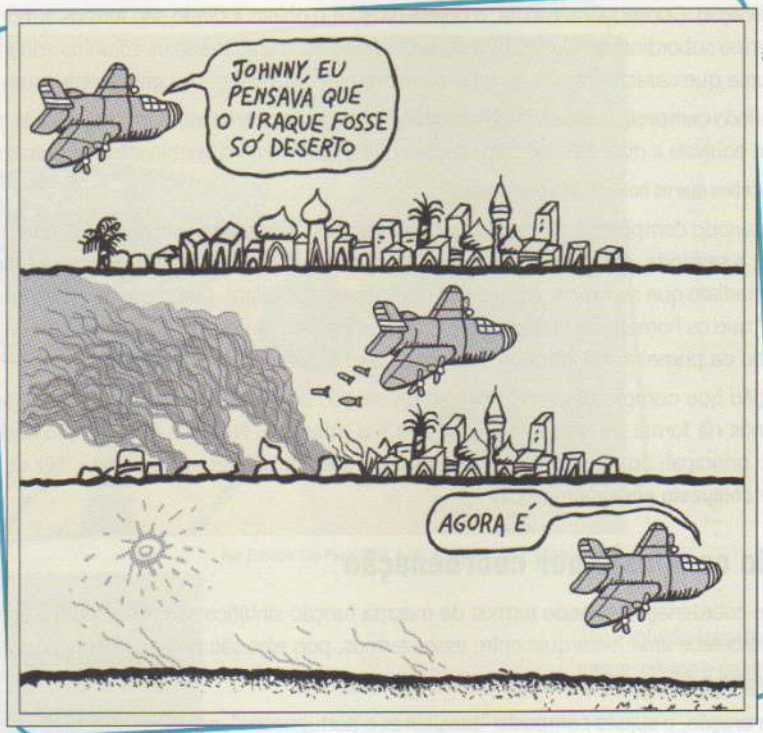

Simanca

O Pasquim 21, 8 abr. 2003. p. 27.

Neste capítulo, você começará a estudar a sintaxe do período composto. Poderá observar os processos sintáticos da subordinação e da coordenação, os tipos de orações subordinadas e, mais detalhadamente, as orações subordinadas substantivas. Na charge acima, "que o Iraque fosse só deserto" é uma oração subordinada substantiva. A charge refere-se ao bombardeio do Iraque realizado no início de 2003 pela coalização anglo-americana.

O estudo do período composto consiste fundamentalmente em investigar as relações que se estabelecem entre orações que pertencem a um mesmo período. Neste capítulo, você verá que as orações que atuam sintaticamente como um substantivo são chamadas de orações subordinadas substantivas.

1. Conceitos básicos

Você já sabe que período é uma frase organizada em orações. Já sabe também que no período simples existe apenas uma oração, chamada absoluta, e que no período composto existem duas ou mais orações. Essas orações podem se relacionar por meio de dois processos sintáticos diferentes: a subordinação e a coordenação.

Período composto por subordinação

Na subordinação, um termo atua como determinante de um outro termo. Essa relação se verifica, por exemplo, entre um verbo e seus complementos: os complementos são determinantes do verbo, integrando sua significação. Consequentemente, o objeto direto e o objeto indireto são termos subordinados ao verbo, que é o termo subordinante. Outros termos subordinados da oração são os adjuntos adnominais (subordinados ao nome que caracterizam) e os adjuntos adverbiais (subordinados geralmente a um verbo).

No período composto, considera-se subordinada a oração que desempenha função de termo de outra oração, o que equivale a dizer que existem orações que atuam como determinantes de outras orações. Observe:

Percebeu que os homens se aproximavam.

Esse período composto é formado por duas orações: a primeira estruturada em torno da forma verbal *percebeu*; a segunda, em torno da forma verbal *aproximavam*. A análise da primeira oração permite constatar de imediato que seu verbo é transitivo direto (perceber algo). O complemento desse verbo é, no caso, a oração "que os homens se aproximavam". Nesse período, a segunda oração funciona como objeto direto do verbo da primeira. Na verdade, o objeto direto de *percebeu* é "que os homens se aproximavam".

A oração que cumpre papel de um termo sintático de outra é **subordinada**; a oração que tem um de seus termos na forma de oração subordinada é a **principal**. No caso do exemplo dado, a oração "Percebeu" é principal; "que os homens se aproximavam" é oração subordinada. Diz-se, então, que esse período é **composto por subordinação**.

Período composto por coordenação

Ocorre coordenação quando termos de mesma função sintática são relacionados entre si. Nesse caso, não se estabelece uma hierarquia entre esses termos, pois eles são sintaticamente equivalentes. Observe:

Brasileiros e portugueses deveriam agir como irmãos.

Nessa oração, o sujeito composto "brasileiros e portugueses", adjetivos substantivados, apresenta dois núcleos coordenados entre si: os dois substantivos desempenham um mesmo papel sintático na oração.

Em *site*

<www.cultura.gov.br/site/?p=9905>. Acesso em: 28 abr. 2008.

Um dos momentos mais decisivos da história entre portugueses e brasileiros foi a chegada da família real portuguesa a terras brasileiras. A expedição foi liderada pelo rei Dom João VI, que era a figura máxima da realeza portuguesa e foi um dos principais artífices da modernização do Brasil. Sua estada em terras brasileiras rendeu alguns boatos não só sobre seu comportamento, mas também sobre o de toda a coroa portuguesa. No *site* do Ministério da Cultura, entre outros conteúdos interessantes, há diversos textos que desmistificam alguns desses boatos a respeito da vida desse polêmico e decisivo personagem de nossa história.

No período composto, a coordenação ocorre quando orações sintaticamente equivalentes se relacionam. Observe:

Comprei o livro, li os poemas e fiz o trabalho.

Nesse período, há três orações, organizadas a partir das formas verbais *comprei*, *li* e *fiz*. A análise dessas orações permite perceber que cada uma delas é sintaticamente independente das demais: na primeira, ocorre um verbo transitivo direto (*comprar*) acompanhado de seu respectivo objeto direto ("o livro"); na segunda, o verbo *ler*, também transitivo direto, com o objeto direto "os poemas"; na terceira, outro verbo transitivo direto, *fazer*, com o objeto direto "o trabalho". Nenhuma das três orações desempenha papel de termo de outra. São orações sintaticamente independentes entre si e, por isso, coordenadas. Nesse caso, o período é **composto por coordenação**.

Revista *Veja Ecologia*, dez. 2002, p. 7

Veja Ecologia. São Paulo: Abril, n. 22, dez. 2002, p. 6-7. Edição especial.

Neste anúncio, ocorre um período composto por coordenação. Note que a ordem das três orações é fixada por uma questão semântica e não sintática (os fatos indicados pelas orações obedecem à ordem cronológica).

Uma solução transformadora nasce, cresce e ganha asas.

Período composto por subordinação e coordenação

Existem períodos compostos em que se verificam os dois processos de organização sintática, ou seja, a subordinação e a coordenação. Observe:

Percebi que os homens se aproximavam e saí em desabalada carreira.

Nesse período, há três orações, organizadas respectivamente a partir das formas verbais *percebi*, *aproximavam* e *saí*. A oração organizada em torno de *percebi* tem como objeto direto a oração "que os homens se aproximavam" (perceber algo); "que os homens se aproximavam", portanto, é oração subordinada a *percebi*. Entre as orações organizadas em torno de *percebi* e *saí*, a relação é de coordenação, já que uma não desempenha papel de termo da outra. O período é composto por coordenação e subordinação.

Atividades

1. Nas orações seguintes, indique se os termos destacados são subordinados ou coordenados e explique por quê.
   a) **O presidente e o governador** irão à Europa.
   b) **Hoje** não será possível circular **pelo centro da cidade**.
   c) Considero o filme **brilhante, profundo, revolucionário**.
   d) Queremos **o país civilizado e o povo mais feliz**.
   e) **Cinema, futebol, boa conversa, nada** o animava.

2. Observe os períodos compostos seguintes e indique os processos sintáticos pelos quais as orações se relacionam.
   a) Ninguém sabe se ela vai aceitar o convite.
   b) Informe aos presentes que a reunião será cancelada.
   c) Vá ao banco, pague as contas e traga os comprovantes.
   d) Vá ao banco, pague as contas e prove a todos que você é capaz de honrar seus compromissos.
   e) "A Mata Atlântica, considerada pela Constituição federal de 1988 como 'patrimônio nacional', é hoje um dos biomas mais ameaçados de extinção de todo o planeta e está reduzida a menos de 8% de sua vegetação original." (Folheto da Fundação SOS Mata Atlântica)

Em livros

IANNI, Octávio. *A sociedade global*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2002.

O sociólogo brasileiro discute temas indispensáveis para o entendimento da globalização e de algumas de suas nefastas consequências: inviabilidade de uma guerra em tempos de armas nucleares, a desterritorialização, os métodos de poder global, a crise das ciências humanas, entre outros temas. O autor não deixa de dar atenção para a necessidade de se combaterem as catástrofes ecológicas, como a que vem acontecendo na Mata Atlântica há muito tempo.

2. Tipos de orações subordinadas

As orações subordinadas se dividem em três grupos, de acordo com a função sintática que desempenham e a classe de palavras a que equivalem. Podem ser substantivas, adjetivas ou adverbiais. Mais uma vez, valem os conceitos morfossintáticos, que, como você já sabe, combinam a morfologia e a sintaxe.

Subordinadas substantivas

Para analisar as diferenças que existem entre os três tipos de orações subordinadas, tomemos como base a análise de um período simples:

Só depois disso percebi a profundidade das palavras dele.

Nessa oração, o sujeito é *eu*, implícito na terminação verbal. "A profundidade das palavras dele" é objeto direto da forma verbal *percebi*. O núcleo do objeto direto é *profundidade*. Subordinam-se ao núcleo desse objeto os adjuntos adnominais *a* e "das palavras dele". No adjunto adnominal "das palavras dele", o núcleo é o substantivo *palavras*, ao qual se prendem os adjuntos adnominais *as* e *dele*. "Só depois disso" é adjunto adverbial de tempo.

É possível transformar a expressão "a profundidade das palavras dele", objeto direto, em oração. Observe:

Só depois disso percebi **quão profundas eram as palavras dele**.

Nesse período composto, o complemento da forma verbal *percebi* é a oração "quão profundas eram as palavras dele". Ocorre aqui um período composto por subordinação, em que uma oração desempenha a função de objeto direto do verbo da outra. O objeto direto é uma função substantiva da oração, ou seja, é função desempenhada por substantivos e palavras de valor substantivo. É natural, portanto, que a oração subordinada que desempenha esse papel seja chamada de **oração subordinada substantiva**.

Subordinadas adjetivas

Pode-se também modificar o período simples original transformando em oração o adjunto adnominal do núcleo do objeto direto, *profundidade*. Observe:

Só depois disso percebi a profundidade **que as palavras dele continham**.

Nesse período, o adjunto adnominal de *profundidade* passa a ser a oração "que as palavras dele continham". Você já sabe que o adjunto adnominal é uma função adjetiva, ou seja, é função exercida por adjetivos, locuções adjetivas e outras palavras de valor adjetivo. É por isso que são chamadas de **subordinadas adjetivas** as orações que, nos períodos compostos por subordinação, atuam como adjuntos adnominais de termos das orações principais.

Subordinadas adverbiais

Outra modificação que podemos fazer no período simples original é a transformação do adjunto adverbial de tempo em uma oração. Observe:

Só depois que caí em mim, percebi a profundidade das palavras dele.

Nesse período composto, "só depois que caí em mim" é uma oração que atua como adjunto adverbial de tempo do verbo da outra oração. O adjunto adverbial é uma função adverbial, ou seja, é função exercida por advérbios e locuções adverbiais. Portanto, são chamadas de **subordinadas adverbiais** as orações que, num período composto por subordinação, atuam como adjuntos adverbiais do verbo da oração principal.

É fácil perceber, assim, que a classificação das orações subordinadas decorre da combinação da função sintática que exercem com a classe de palavras que representam, ou seja, é a morfossintaxe que determina a classificação de cada oração subordinada. São subordinadas substantivas as que exercem funções substantivas (sujeito, objeto direto e indireto, complemento nominal, aposto, predicativo). São subordinadas adjetivas as que exercem funções adjetivas (atuam como adjuntos adnominais). São subordinadas adverbiais as que exercem funções adverbiais (atuam como adjuntos adverbiais, expressando as mais variadas circunstâncias).

Subordinadas desenvolvidas e reduzidas

Quanto à forma, as orações subordinadas podem ser desenvolvidas ou reduzidas. Observe:

Suponho que seja ela a mulher ideal.

Suponho ser ela a mulher ideal.

Nesses dois períodos compostos há orações subordinadas substantivas que atuam como objeto direto da forma verbal *suponho*. No primeiro período, a oração é "que seja ela a mulher ideal". Essa oração é introduzida por uma conjunção subordinativa (*que*) e apresenta uma forma verbal do presente do sub-

juntivo (*seja*). Trata-se de uma oração subordinada **desenvolvida**. Assim são chamadas as orações subordinadas que se organizam a partir de uma forma verbal do modo indicativo ou do subjuntivo e que são introduzidas, na maior parte dos casos, por conjunção subordinativa ou pronome relativo.

No segundo período, a oração subordinada "ser ela a mulher ideal" apresenta o verbo numa de suas formas nominais (no caso, infinitivo) e não é introduzida por conjunção subordinativa ou pronome relativo. Justamente por apresentar uma peça a menos em sua estrutura, essa oração é chamada de **reduzida**. As orações reduzidas apresentam o verbo numa de suas formas nominais (infinitivo, gerúndio ou particípio) e não apresentam conjunção ou pronome relativo (em alguns casos, são encabeçadas por preposições).

Revista *Carta Capital*, 18 jun. 2008, p. 53/Detalhe

"Pensando em você," é, quanto à forma, uma oração subordinada adverbial reduzida, pois apresenta o verbo numa forma nominal (o gerúndio) e não é introduzida por conjunção ou pronome relativo.

Carta Capital. São Paulo: Confiança, n. 500, 18 jun. 2008. p. 53. Edição especial.

Atividade

Transforme os períodos simples seguintes em períodos compostos por subordinação, substituindo os termos destacados por orações que desempenhem a mesma função sintática.

a) Sugeri ao prefeito **a suspensão da cobrança do imposto**.

b) Lembro com saudade os bons momentos **da infância**.

c) **Apesar da existência de provas incontestáveis**, o réu foi absolvido.

d) Ninguém quer que se chegue a uma crise **insuperável**.

e) Pedi **a liberação de mais recursos**.

f) **Durante o dia**, nada foi feito.

3. Estudo das orações subordinadas substantivas

Como você já viu, as orações subordinadas substantivas desempenham funções que no período simples normalmente são desempenhadas por substantivos. As orações substantivas podem atuar como sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, predicativo e aposto. Por isso são chamadas, respectivamente, de subjetivas, objetivas diretas, objetivas indiretas, completivas nominais, predicativas e

apositivas. Essas orações podem ser desenvolvidas ou reduzidas. As desenvolvidas normalmente se ligam à oração principal por meio das conjunções subordinativas integrantes *que* e *se*. As reduzidas apresentam verbo no infinitivo e podem ou não ser encabeçadas por preposição.

Subjetivas

As orações subordinadas substantivas subjetivas atuam como sujeito do verbo da oração principal. Observe:

É fundamental **o seu comparecimento à reunião**.

É fundamental **que você compareça à reunião**.

É fundamental **você comparecer à reunião**.

O primeiro período é simples. Nele, "o seu comparecimento à reunião" é sujeito da forma verbal *é*. Na ordem direta é mais fácil constatar isso: "O seu comparecimento à reunião é fundamental". Nos outros dois períodos, que são compostos, a expressão "o seu comparecimento à reunião" foi transformada em oração ("que você compareça à reunião" e "você comparecer à reunião"). Nesses períodos, as orações destacadas são subjetivas, já que desempenham a função de sujeito da forma verbal *é*. A oração "você comparecer à reunião", que não é introduzida por conjunção e tem o verbo no infinitivo, é reduzida.

Quando ocorre oração subordinada substantiva subjetiva, o verbo da oração principal sempre fica na terceira pessoa do singular. As estruturas típicas da oração principal nesse caso são:

a. verbo de ligação + predicativo

é bom... é conveniente... é melhor... é claro...

está comprovado parece certo fica evidente

Observe os exemplos:

É preciso que se adotem providências eficazes.

Parece estar provado que soluções mágicas não funcionam.

b. verbo na voz passiva sintética ou analítica

sabe-se... soube-se... comenta-se...

dir-se-ia... foi anunciado... foi dito...

Exemplos:

Sabe-se que o país carece de sistema de saúde digno.

Foi dito que tudo seria resolvido por ele.

c. verbos como *convir, cumprir, acontecer, importar, ocorrer, suceder, parecer, constar, urgir*, conjugados na terceira pessoa do singular. Exemplos:

Convém que você fique.

Consta que ninguém se interessou pelo cargo.

Parece ser ela a pessoa indicada.

Objetivas diretas

As orações subordinadas substantivas objetivas diretas atuam como objeto direto do verbo da oração principal:

Todos querem **que você compareça**.

Suponho **ser o Brasil o país de pior distribuição de renda no mundo**.

Nas frases interrogativas indiretas, as orações subordinadas substantivas objetivas diretas podem ser introduzidas pela conjunção subordinativa integrante *se* e por pronomes ou advérbios interrogativos. Observe:

Ninguém sabe	**se** ela aceitará a proposta.
	como a máquina funciona.
	onde fica o teatro.
	quanto custa o remédio.
	quando entra em vigor a nova lei.
	qual é o assunto da palestra.

Com os verbos *deixar, mandar, fazer* (chamados auxiliares causativos) e *ver, sentir, ouvir, perceber* (chamados auxiliares sensitivos) ocorre um tipo interessante de oração subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo. Observe:

Deixe-**me repousar**. Mandei-**os sair**. Ouvi-**o gritar**.

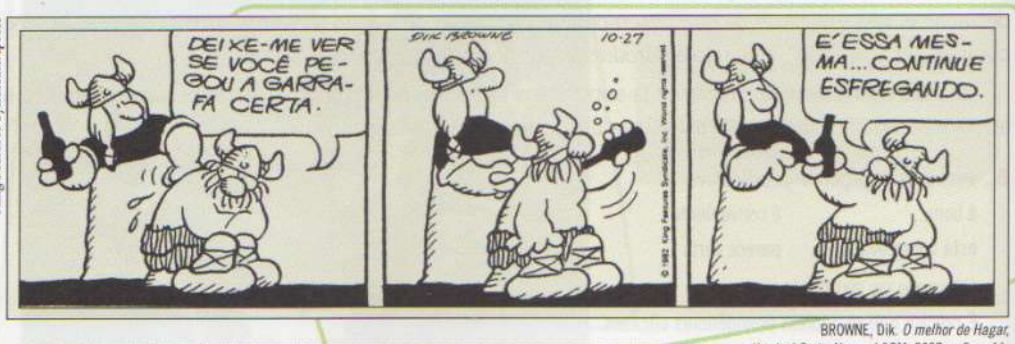

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 2007. v. 5, p. 11.

São comuns as ocorrências de pronomes oblíquos no papel de sujeito, como exemplifica o primeiro quadrinho. Observe também a conjunção subordinativa integrante *se* encabeçando a oração subordinada substantiva objetiva direta: "se você pegou a garrafa certa".

Nesses casos, as orações destacadas são todas objetivas diretas reduzidas de infinitivo. E, o que é mais interessante, os pronomes oblíquos atuam todos como sujeitos dos infinitivos verbais. Essa é a única situação da língua portuguesa em que um pronome oblíquo pode atuar como sujeito. Para perceber melhor o que ocorre, convém transformar as orações reduzidas em orações desenvolvidas:

Deixe **que eu repouse**. Mandei **que eles saíssem**. Ouvi **que ele gritava**.

Nas orações desenvolvidas, os pronomes oblíquos foram substituídos pelas formas retas correspondentes. É fácil perceber agora que se trata, efetivamente, dos sujeitos das formas verbais das orações subordinadas.

Objetivas indiretas

As orações subordinadas substantivas objetivas indiretas atuam como objeto indireto do verbo da oração principal:

Duvido **de que esse prefeito dê prioridade às questões sociais**.

Lembre-se **de comprar todos os remédios**.

Completivas nominais

As orações subordinadas substantivas completivas nominais atuam como complemento de um nome da oração principal:

Levo a leve impressão **de que já vou tarde**.

Tenho a impressão **de estar sempre no mesmo lugar**.

Observe que as objetivas indiretas integram o sentido de um **verbo**, enquanto as completivas nominais integram o sentido de um **nome**. Para distinguir uma da outra, é necessário levar em conta o termo complementado. Essa é, aliás, a diferença entre o objeto indireto e o complemento nominal: o primeiro complementa um verbo; o segundo, um nome. Nos exemplos dados acima, as orações subordinadas complementam o nome *impressão*.

Predicativas

As orações subordinadas substantivas predicativas atuam como predicativo do sujeito da oração principal:

A verdade é **que ele não passava de um impostor**.

Nosso desejo era **encontrares o teu caminho**.

OBSERVAÇÃO

Num período composto, é normal que um conjunto de orações subordinadas substantivas crie uma unidade sintática e semântica. Verifique o que ocorre no seguinte período:

É fundamental que você demonstre que é favorável a que o contratem.

Qual o sujeito da primeira forma verbal *é*? Responder a essa pergunta equivale a dizer o que é fundamental para quem fez a afirmação contida na frase. E a resposta é longa: "que você demonstre que é favorável a que o contratem" – afinal, é isso que é fundamental para quem fez a afirmação. Como classificar o bloco? Na verdade, o bloco todo funciona como sujeito da primeira forma verbal *é*, mas não se pode dizer que tudo isso seja uma oração subordinada substantiva subjetiva, já que há no trecho três orações. Deve-se dizer que o núcleo do sujeito da forma verbal *é* é a oração "que você demonstre", cujo verbo (*demonstre*) é transitivo direto; seu objeto direto é "que é favorável a que o contratem", cujo núcleo é "que é favorável". O nome *favorável*, por sua vez, é complementado pela oração "a que o contratem", oração subordinada substantiva completiva nominal.

A VANTAGEM DE VIAJAR SEM UM DESTINO CERTO É QUE VOCÊ NUNCA FICA PERDIDO.

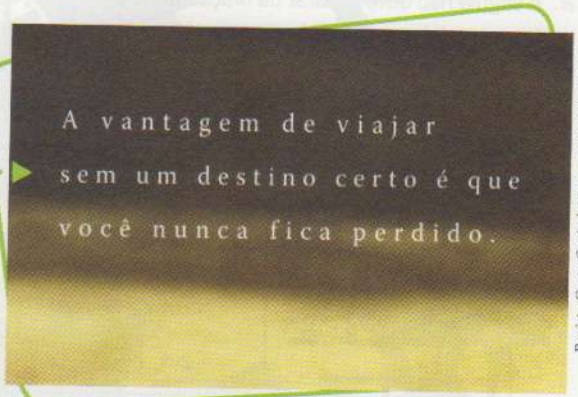

Revista *Carta Capital*, 18 jun. 2008, p. 42/Detalhe

Carta capital. São Paulo: Confiança, n. 500, 18 jun. 2008. p. 42-3. Edição especial.

No texto do anúncio, o predicativo do sujeito está representado pela oração "que você nunca fica perdido". Observe, ainda, a presença de uma oração subordinada substantiva completiva nominal, reduzida de infinitivo, completando o sentido da palavra *vantagem*.

Apositivas

As orações subordinadas substantivas apositivas atuam como aposto de um termo da oração principal:

De você espero apenas uma coisa: **que me deixe em paz**.

Só resta uma alternativa: **encontrar o remédio**.

Atividades

1. Transforme os termos destacados nos períodos seguintes em orações subordinadas substantivas. Depois, compare a frase original com a frase que você obteve, considerando dados como clareza, síntese, elegância.

a) Pressenti **sua chegada**.

b) O sucesso do projeto depende **do teu esforço**.

c) Sou contrário **à condenação do réu**.

d) O importante é **a sobrevivência da nossa emoção**.

e) Não preciso **de sua ajuda**.

f) Anunciaram **a tua saída**.

g) Lamento **vosso pouco interesse pelo projeto**.

2. Classifique as orações subordinadas substantivas destacadas nos períodos seguintes.

a) Ocorre **que o país necessita da reforma agrária**.

b) Comenta-se **que o país necessita da reforma agrária**.

c) Não negue **que o país necessita da reforma agrária**.

d) É óbvio **que o país necessita da reforma agrária**.

e) O fato é **que o país necessita da reforma agrária**.

f) Tenho certeza **de que o país necessita da reforma agrária**.

g) Não se pode duvidar **de que o país necessita da reforma agrária**.

h) Faço uma afirmação: **que o país necessita da reforma agrária**.

3. Observe atentamente os dois períodos compostos seguintes e indique a diferença de sentido que há entre eles.

Diga se você me quer.
Diga que você me quer.

4. Pontuação das subordinadas substantivas

A pontuação dos períodos compostos em que surgem orações subordinadas substantivas segue os mesmos princípios que se adotam no período simples para as funções sintáticas a que essas orações equivalem:

a. A vírgula não deve separar da oração principal as orações subjetivas, objetivas diretas, objetivas indiretas, completivas nominais e predicativas – afinal, sujeitos, complementos verbais e nominais não são separados por vírgula dos termos a que se ligam. O mesmo critério se aplica para o predicativo nos predicados nominais.

2003 Tribune Media/ Intercontinental Press

A.C. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 14 abr. 2003.

As orações subordinadas substantivas objetivas diretas não se separam da principal por vírgula, como se observa no primeiro balão desta tira (a oração objetiva direta é "como perder 15 quilos por semana").

b. A oração subordinada substantiva apositiva deve ser separada da oração principal por vírgula ou dois-pontos, exatamente como ocorre com o aposto:

O boato, de que o presidente renunciaria, espalhou-se rapidamente.

Imponho-lhe apenas uma tarefa: que administre bem o dinheiro público.

Atividade

Pontue adequadamente as frases seguintes. Leve em conta a possibilidade de não usar nenhum sinal de pontuação.

a) Sempre me pede que o auxilie que interceda em seu favor que faça as coisas por ele.

b) Não duvido de que tudo possa ser resolvido por um simples aperto de mão.

c) Em sua canção "Imagine" Lennon manifestava um sonho que a humanidade vivesse em paz.

d) Não surpreende constatar que muitos brasileiros ainda imaginam ser possível resolver os graves problemas do país com promessas demagógicas.

e) "Existirmos a que será que se destina?"

f) Quero apenas uma coisa que você faça o que lhe convier.

g) Não existe a menor possibilidade de que ele se interesse pelos problemas das classes menos favorecidas.

h) Informamos a todos os interessados que José Joaquim Xavier Sampaio de Andrade é funcionário da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos desde 1988.

Textos para análise

1

Poema da necessidade

É preciso casar João,
é preciso suportar Antônio,
é preciso odiar Melquíades,
é preciso substituir nós todos.

É preciso salvar o país,
é preciso crer em Deus,
é preciso pagar as dívidas,
é preciso comprar um rádio,
é preciso esquecer fulana.

É preciso estudar volapuque,
é preciso estar sempre bêbado,
é preciso ler Baudelaire,
é preciso colher as flores
de que rezam velhos autores.

É preciso viver com os homens,
é preciso não assassiná-los,
é preciso ter mãos pálidas
e anunciar O FIM DO MUNDO.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Reunião: 10 livros de poesia*. 8. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977. p. 47.

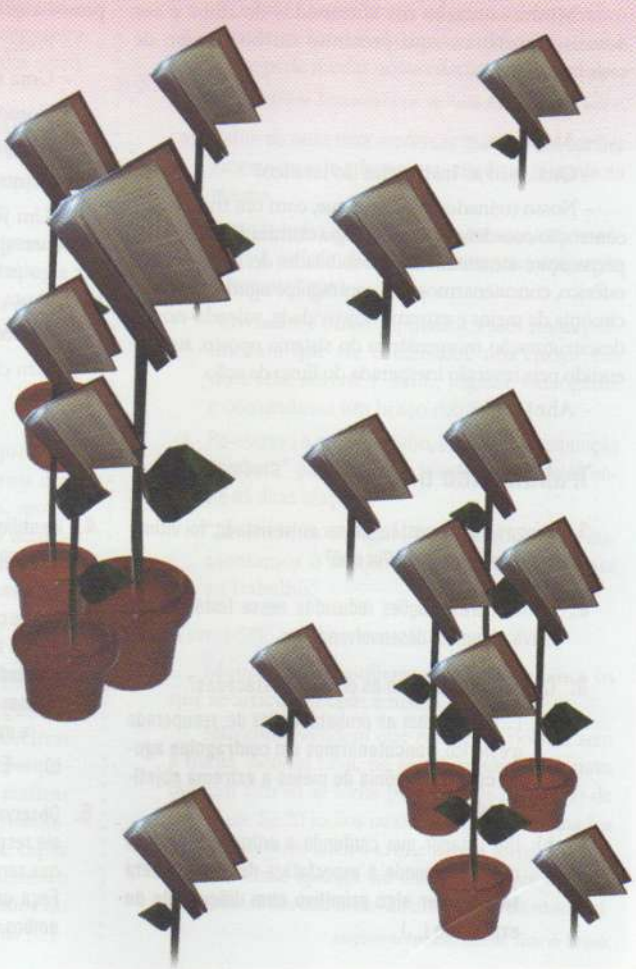

Trabalhando o texto

1. Com exceção de dois versos, todos os demais possuem estrutura semelhante. Por que o autor construiu assim o poema?
2. Do ponto de vista sintático, como se organizam os versos?
3. O último verso apresenta estrutura diferente. Comente-a explicando por que a mudança ocorre justamente nesse verso.
4. Do ponto de vista semântico, que relação existe entre os vários versos que compõem o poema e o último?
5. Em que medida a estrutura sintática das orações corrobora o sentido do poema?

2

Esteriotipagem

Jogadores de futebol podem ser vítimas de estereotipagem. Por exemplo, você pode imaginar um jogador de futebol dizendo "estereotipagem"? E no entanto, por que não?

– Aí, campeão. Uma palavrinha pra galera.

– Minha saudação aos aficionados do clube e aos demais esportistas, aqui presentes ou no recesso de seus lares.

– Como é?

– Aí, galera.

– Quais são as instruções do técnico?

– Nosso treinador vaticinou que, com um trabalho de contenção coordenada, com energia otimizada, na zona de preparação, aumentam as probabilidades de, recuperado o esférico, concatenarmos um contragolpe agudo com parcimônia de meios e extrema objetividade, valendo-nos da desestruturação momentânea do sistema oposto, surpreendido pela reversão inesperada do fluxo da ação.

– Ahn?

– É pra dividir no meio e ir pra cima pra pegá eles sem calça.

– Certo. Você quer dizer mais alguma coisa?

– Posso dirigir uma mensagem de caráter sentimental, algo banal, talvez mesmo previsível e piegas, a uma pessoa à qual sou ligado por razões, inclusive, genéticas?

– Pode.

– Uma saudação para a minha progenitora.

– Como é?

– Alô mamãe!

– Estou vendo que você é um, um...

– Um jogador que confunde o entrevistador, pois não corresponde à expectativa de que o atleta seja um ser algo primitivo com dificuldade de expressão e assim sabota a estereotipagem?

– Estereoque?

– Um chato?

– Isso.

VERISSIMO, Luis Fernando. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 2 dez. 2007. Cultura, p. D18.

Trabalhando o texto

1. O jogador em questão, ao ser entrevistado, foi vítima da estereotipagem? Por quê?
2. Há inúmeras orações reduzidas nesse texto. Re-escreva algumas, desenvolvendo-as.
3. Que funções exercem as orações destacadas?
   a) (...) aumentam as probabilidades de, recuperado o esférico, **concatenarmos um contragolpe agudo com parcimônia de meios e extrema objetividade.**
   b) Um jogador que confunde o entrevistador, pois não corresponde à expectativa **de que o atleta seja um ser algo primitivo com dificuldade de expressão** (...)
4. Identifique as orações principais das que estão em destaque; em seguida, classifique-as.
   a) Nosso treinador vaticinou que, com um trabalho de contenção coordenada, com energia otimizada, na zona de preparação, **aumentam as probabilidades** de, recuperado o esférico, concatenarmos um contragolpe agudo com parcimônia de meios e extrema objetividade (...)
   b) – Estou vendo **que você é um, um...**
5. Observe a diferença entre as falas do jogador quando ele responde pela primeira vez ao repórter e as falas que servem para "traduzir" o conteúdo das primeiras. Faça um comentário sobre a estrutura sintática de ambos os tipos.

Questões de exames e concursos

1. (UPM-SP)

01 Curiosa palavra. Idoso. O que acumulou idade. Também tem o

02 sentido de quem se apega à idade. Ou que a esbanja (como gostoso

03 ou dengoso). Se é que não significa alguém que está indo, alguém

04 em processo de ida. Em contraste com os que ficam, os ficosos...

(Luis Fernando Verissimo)

Assinale a afirmativa correta a respeito do trecho citado.

a) O uso de termos sintaticamente relacionados em frases independentes sugere, pela fragmentação, a ideia de raciocínio em elaboração.

b) A separação de sujeitos e predicados ressalta a expressividade do trecho, ainda que demonstre desobediência aos padrões de emprego dos sinais (pontos, vírgulas).

c) O isolamento dos termos-chave do texto (*Idoso, os ficosos*) permite concluir que o autor está satirizando a dificuldade de manipular a linguagem característica dos que chegam à terceira idade.

d) A utilização de reticências na frase final comprova que ela ficou incompleta, destituída, pois, de sentido.

e) Entre *indo* e *alguém*, a vírgula é empregada para separar elementos de uma listagem ou enumeração.

2. (PUC-RJ)

A revolução do cérebro

O seu cérebro é capaz de quase qualquer coisa. Ele consegue parar o tempo, ficar vários dias numa boa sem dormir, ler pensamentos, mover objetos a distância e se reconstruir de acordo com a necessidade. Parecem superpoderes de histórias em quadrinhos, mas são apenas algumas das descobertas que os neurocientistas fizeram ao longo da última década.

Algumas dessas façanhas sempre fizeram parte do seu cérebro e só agora conseguimos perceber. Outras são fruto da ciência: ao decifrar alguns mecanismos da nossa mente, os pesquisadores estão encontrando maneiras de realizar coisas que antes pareciam impossíveis. O resultado é uma revolução como nenhuma outra, capaz de mudar não só a maneira como entendemos o cérebro, mas também a imagem que fazemos do mundo, da realidade e de quem somos nós. [...]

O seu corpo, ao que parece, é muito pequeno para conter uma máquina tão poderosa quanto o cérebro. Prova disso veio em julho, quando foram divulgadas as aventuras de Matthew Nagle, um americano que ficou paralítico em uma briga em 2001. Três anos depois, cientistas da Universidade Brown, EUA, e de quatro outras instituições implantaram eletrodos na parte do cérebro dele responsável pelos movimentos dos braços e registraram os disparos de mais de 100 neurônios.

Enviados a um computador, esses sinais permitiram que ele controlasse um cursor em uma tela, abrisse *e-mails*, jogasse videogames e comandasse um braço robótico. Somente com o pensamento, Nagle conseguiu mover objetos.

(...) Foi (...) uma prova de que o nosso cérebro é capaz de comandar objetos fora do corpo – uma ideia que pode mudar nossa relação com o mundo.

Extraído da Revista *Superinteressante*. São Paulo: Abril, ago. 2006. p.50-9.

a) Retire do texto uma expressão que tem um caráter excessivamente informal em relação ao restante do mesmo.

b) Fazendo todas as modificações necessárias, re-escreva o período abaixo sem empregar a conjunção integrante "**que**".

"Enviados a um computador, esses sinais permitiram que ele controlasse um cursor em uma tela, abrisse *e-mails*, jogasse videogame e comandasse um braço robótico."

c) Re-escreva o período abaixo, utilizando a conjunção "**embora**" para marcar a relação estabelecida entre as duas orações.

"Inventamos a maravilha do automóvel e aumentamos o tempo perdido para ir de casa ao trabalho."

3. (Fuvest-SP)

Muitos políticos olham com desconfiança os que se articulam com a mídia.

Não compreendem que não se faz política sem a mídia. Jacques Ellul, no século passado, afirmava que um fato só se torna político pela mediação da imprensa. Se 20 índios ianomâmis são assassinados e ninguém ouve falar, o crime não se torna um fato político. Caso apareça na televisão, o que era um mistério da floresta torna-se um problema mundial.

Adaptado de Fernando Gabeira, *Folha de S.Paulo*.

a) Explique a distinção, explorada no texto, entre dois tipos de fatos: um, relacionado a "mistério da floresta"; outro, relacionado a "problema mundial".

b) Re-escreva os dois períodos finais do texto, começando com "Se 20 índios fossem assassinados..." e fazendo as adaptações necessárias.

4. (UEPG-PR) Sobre o período "Não é possível que o senhor não ame, e que, amando, julgue um sentimento de tal grandeza incômodo", estão corretas as afirmações:

01) As duas orações introduzidas pela palavra "que" exercem, em relação à principal, uma função substantiva de sujeito.

02) Dentre as duas orações reduzidas, uma tem valor causal.

04) A palavra "que", nas duas orações subordinadas que introduz, é pronome relativo.

08) As duas orações introduzidas pela palavra "que" relacionam-se entre si por meio do processo de coordenação.

16) Dentre as quatro orações constituintes, uma tem a forma reduzida.

5. (FGV-SP) Assinale a alternativa cuja oração em destaque tem a mesma classificação sintática que a oração destacada no período – Frederick Douglass ensinou **que a alfabetização é o caminho da escravidão para a liberdade.**

a) ... espero que não [as] tenhamos nestes [próximos] cem anos.

b) ... um tipo de máquina do fracasso perpétuo que esmigalha os sonhos de geração a geração.

c) ... os Estados Unidos se vangloriavam de ter um dos índices mais elevados de cidadãos alfabetizados no mundo.

d) Mas os colonizadores norte-americanos, compreendendo em que consiste a liberdade, não pensavam assim.

e) ... solucionar os dilemas que nos perseguem.

6. (TA-MG/Fundec) Assinale a alternativa em que esteja **incorreta** a classificação do período e da oração sublinhada.

a) Soube-se que ela chega hoje. (Período composto por subordinação; oração subordinada substantiva subjetiva.)

b) Carlos saiu cedo e voltou de madrugada. (Período composto por coordenação; oração coordenada sindética aditiva.)

c) Parece que vai chover novamente. (Período composto por subordinação; oração subordinada substantiva objetiva direta.)

d) O certo é que a cidade cresceu muito. (Período composto por subordinação; oração subordinada substantiva predicativa.)

7. (TJ-SP/Vunesp-SP) É importante que todos participem da reunião.

O segmento que todos participem da reunião, em relação a **É importante**, é uma oração subordinada:

a) adjetiva com valor restritivo.

b) substantiva com a função de sujeito.

c) substantiva com a função de objeto direto.

d) adverbial com valor condicional.

e) substantiva com a função de predicativo.

8. (PUC-SP) Em "Considerei, por fim, **que assim é o amor**...", a oração destacada tem, em relação à oração não destacada:

a) valor de adjetivo e função sintática de predicativo do sujeito.

b) valor de advérbio e função sintática de adjunto adverbial de modo.

c) valor de substantivo e função sintática de objeto direto.

d) valor de substantivo e função sintática de sujeito.

e) valor de adjetivo e função sintática de adjunto adnominal.

9. (Febasp) "Se para os clássicos a realidade era clássica, para os românticos, romântica, suprarreal para os surrealistas, econômica para os engajados – para Duras a realidade é subjetiva e fragmentada. Assim ela se liberta da necessidade de contar histórias e de uma certa concepção balzaquiana de romance, que é a concepção que vigora ainda em muitas praças e que, feliz ou infelizmente, tem mais livre curso."

(O Estado de S. Paulo)

Considere o seguinte trecho: "Se para os clássicos a realidade era clássica, para os românticos, romântica, suprarreal para os surrealistas, econômica para os engajados – para Duras a realidade é subjetiva...".

No período acima há:

a) um período composto de duas orações, pois há apenas dois verbos.

b) um período simples de duas orações, pois são orações independentes entre si.

c) um período composto de cinco orações, embora haja apenas dois verbos; os outros verbos, assim como os sujeitos, estão ocultos; ou seja, houve zeugma.

d) um período composto de duas orações: uma condicional e uma coordenada assindética.

10. (Fuvest-SP) "Anteontem aconteceu o que era inevitável, mas nos encantou como se fosse inesperado: meu pé de milho pendoou." (Rubem Braga)

A oração a que pertence o verbo *encantar* é introduzida pela conjunção *mas*, que a torna coordenada; por outro lado, o pronome relativo *que* faz dela uma subordinada. Como você pode explicar essa dualidade?

11. (Vunesp-SP) "A conclusão é a de que mais vale um pássaro na mão do que nenhum."

a) Como se poderia analisar sintaticamente a oração em que ocorre o verbo *vale*?

b) Descomplique o período acima, alterando-o de modo a evitar o uso do pronome *a*.

12. (PUC-SP) Em relação ao trecho "... e no fim declarou-me **que eu tinha medo de que você me esquecesse**", as orações destacadas são, respectivamente:

a) subordinada substantiva objetiva indireta, subordinada substantiva objetiva direta.

b) subordinada substantiva predicativa, subordinada substantiva objetiva direta.

c) subordinada substantiva objetiva direta, subordinada substantiva completiva nominal.

d) subordinada substantiva objetiva direta, subordinada substantiva objetiva indireta.

e) subordinada substantiva subjetiva, subordinada substantiva predicativa.

13. (Febasp) "Seria temerário afirmar que a melhor arte de São Paulo está hoje nos muros – cheios de grafites – e não na Bienal de Arte do Ibirapuera. Seria discutível dizer que os artistas mais expressivos não estão nas galerias de arte da cidade – e sim exatamente nos mesmos muros enfeitados com os grafites... É bom, no entanto, não confundir grafite com pichação! Pichação, diriam todos, é tudo aquilo que emporcalha a cidade, do nome do político impresso na parede à piada de mau gosto ou à declaração de amor..." (Revista *Veja*)

Dos períodos retirados do texto, qual é aquele que não tem oração subordinada substantiva subjetiva?

a) "Seria temerário afirmar que a melhor arte de São Paulo está hoje nos muros cheios de grafite..."

b) "Pichação, diriam todos, é tudo aquilo que emporcalha a cidade, do nome do político impresso na parede à piada de mau gosto ou à declaração de amor..."

c) "Seria discutível dizer que os artistas mais expressivos não estão nas galerias de arte da cidade e sim exatamente nos muros enfeitados com grafite..."

d) "É bom, no entanto, não confundir grafite com pichação..."

14. (UFRGS) Substituir a oração destacada por um nome de sentido equivalente, efetuando as mudanças necessárias.

a) Não importou, na época, **que os inimigos de Nostradamus aprovassem ou não seus métodos**.

b) Notou-se perfeitamente **que a sua atitude foi audaz**.

15. (UEL-PR) "Ninguém mais acreditava que ainda houvesse meios de salvá-lo."

Há, no período acima:

a) três orações subordinadas.

b) uma oração principal e uma subordinada.

c) uma oração subordinada reduzida.

d) uma oração subordinada subjetiva.

e) uma oração subordinada objetiva indireta.

16. (UFV-MG) As orações subordinadas substantivas que aparecem nos períodos abaixo são todas subjetivas, **exceto**:

a) Decidiu-se que o petróleo subiria de preço.

b) É muito bom que o homem, vez por outra, reflita sobre sua vida.

c) Ignoras quanto custou meu relógio?

d) Perguntou-se ao diretor quando seríamos recebidos.

e) Convinha-nos que você estivesse presente à reunião.

17. (Unicamp-SP) Os computadores facilitam a re-elaboração de textos, pois permitem, entre outras coisas, incluir e apagar trechos. A introdução dessa tecnologia na composição de jornais começou a produzir um tipo especial de erro, devido provavelmente ao fato de que o autor se esquece de eliminar partes de versões anteriores, após introduzir modificações. No trecho abaixo, por exemplo, há duas expressões de sentido equivalente, uma das quais deveria ter sido eliminada:

Isso porque não é necessário que nesse estágio o Planalto não precisa ainda apresentar sua defesa.

Folha de S.Paulo, 5 set. 1992.

a) Identifique as expressões de sentido equivalente que não podem, neste trecho, ser usadas simultaneamente.

b) Re-escreva o trecho de duas maneiras, utilizando, a cada vez, apenas uma das expressões que você identificou.

18. (FCL-SP) Qual a classificação sintática da oração destacada?

É evidente **que ele não sabe**.

19. (FCMSC-SP) A palavra *se* é conjunção subordinativa integrante (introduzindo oração subordinada substantiva objetiva direta) em qual das frases seguintes?

a) Ele se morria de ciúmes pelo patrão.

b) A Federação arroga-se o direito de cancelar o jogo.

c) O aluno fez-se passar por doutor.
d) Precisa-se de pedreiros.
e) Não sei se o vinho está bom.

20. (PUC-SP) Assinale a alternativa cuja oração subordinada é substantiva predicativa.

a) Espero que venhas hoje.
b) O aluno que trabalha é bom.
c) Meu desejo é que te formes logo.
d) És tão inteligente como teu pai.
e) n.d.a.

21. (PUC-SP) Nos trechos "... não é impossível que a notícia da morte me deixasse alguma tranquilidade, alívio, e um ou dois minutos de prazer" e "Digo-vos que as lágrimas eram verdadeiras", a palavra *que* está introduzindo, respectivamente, orações:

a) subordinada substantiva subjetiva, subordinada substantiva objetiva direta.
b) subordinada substantiva objetiva direta, subordinada substantiva objetiva direta.
c) subordinada substantiva subjetiva, subordinada substantiva subjetiva.
d) subordinada substantiva completiva nominal, subordinada adjetiva explicativa.
e) subordinada adjetiva explicativa, subordinada substantiva predicativa.

22. (PUC-SP) "Pode-se dizer **que a tarefa crítica é puramente formal**."

No texto acima, temos uma oração destacada que é ... e um *se* que é ... .

a) substantiva objetiva direta, partícula apassivadora
b) substantiva predicativa, índice de indeterminação do sujeito
c) relativa, pronome reflexivo
d) substantiva subjetiva, partícula apassivadora
e) adverbial consecutiva, índice de indeterminação do sujeito

23. (Faap-SP) Substitua por substantivos as orações destacadas, fazendo as adaptações necessárias.

Desejo **que vocês viajem bem e descansem bastante**.

24. (Faap-SP) "Assim nos encontrou nesta contemplação de Zé Brás, com o doce aviso **de que estava na mesa a ceiazinha**." A oração destacada é:

a) objetiva direta.
b) objetiva indireta.
c) completiva nominal.
d) subjetiva.
e) predicativa.

25. (Acafe-SC) No período: "Não me parece bonito **que o nosso Bentinho ande metido nos cantos com a filha do Tartaruga**...", a oração destacada é:

a) subordinada substantiva objetiva indireta.
b) subordinada substantiva objetiva direta.
c) subordinada substantiva subjetiva.
d) subordinada substantiva completiva nominal.
e) subordinada substantiva predicativa.

26. (PUC-SP) Assinale o período em que a oração destacada é substantiva apositiva.

a) Não me disseram **onde moravas**.
b) A rua **onde moras** é muito movimentada.
c) Só me interessa saber uma coisa: **onde moras**.
d) Morarei **onde moras**.
e) n.d.a.

27. (Fuvest-SP) Indique o objeto direto do verbo destacado.

... **fui dizer** à minha mãe que a escrava é que estragara o doce...

28. (Fuvest-SP) Dos termos destacados nas orações que seguem, diga qual deles tem função sintática idêntica a "Ser objeto do ódio daquele homem" em "Tornara-se doloroso para mim ser objeto do ódio daquele homem.".

a) "Não seria conveniente **tramar toda aquela história**."
b) "Dizia **ser ele homem de moral forte**."
c) "O pretexto era **sair daquele lugar incômodo**."

29. (Unimar-SP) A seguir estão exemplificadas três orações reduzidas de infinitivo:

I. Era preciso tirar a pressão da gestante.
II. Deus o livre de ser logrado, ainda mais pela sogra!
III. Por ser da minha terra é que sou nobre, por ser da minha gente é que sou rico.

Entre elas, também é substantiva:

a) a I apenas.
b) a II apenas.
c) a III apenas.
d) a I e a II.
e) a I e a III.

30. (UFMG) Dê a função sintática dos termos destacados.

a) O criado e a ama, diziam, estavam lá dentro **em interrogatório**.
b) Na hora de dormir foi que senti de verdade a ausência **de minha mãe**.
c) Pela minha cabeça passavam, às pressas e truncados, **os sucessos do dia**.
d) Sempre que estava comigo, era a me beijar, a **me** contar histórias.
e) Junto dela eu não sentia necessidade **dos meus brinquedos**.
f) Sempre que perguntava a minha mãe **por que não me levava para o engenho**, ela se desculpava com o emprego de meu pai.

Capítulo 23

Orações subordinadas adjetivas

Em 10 pulinhos
você conhece
uma empresa que é
Amiga da Criança.

Istoé. São Paulo: Três, 13 fev. 2002. p. 9.

Uma oração adjetiva nada mais é do que um adjunto adnominal em forma de oração. Assim como é possível dizer "empresa amiga da criança", em que o substantivo **empresa** é caracterizado pelo adjunto adnominal "amiga da criança", é possível dizer também "que é Amiga da Criança".

1. Estrutura das orações subordinadas adjetivas

Como você já viu, as orações subordinadas adjetivas têm esse nome porque equivalem a um adjetivo. Em termos sintáticos, essas orações exercem a função que normalmente cabe a um adjetivo, a de adjunto adnominal. Observe:

Não suporto gente mentirosa.

Não suporto gente que mente.

Comparando esses períodos, é fácil perceber que a oração "que mente" e a palavra *mentirosa* são morfossintaticamente equivalentes: têm papel morfológico de adjetivo e função sintática de adjunto adnominal do substantivo *gente*, que é núcleo do objeto direto da forma verbal *suporto*. "Que mente" é, portanto, uma oração subordinada adjetiva.

A conexão entre a oração subordinada adjetiva e o termo da oração principal que ela modifica é feita, no caso, pelo pronome relativo *que*. Vale relembrar um recurso didático largamente empregado – e já estudado neste livro, no capítulo destinado aos pronomes – para reconhecer o pronome relativo *que*: ele sempre pode ser substituído por *o/a qual, os/as quais*. "Gente que mente" equivale a "gente a qual mente"; "aluno que estuda" equivale a "aluno o qual estuda".

Convém lembrar também que é fundamental diferenciar o relativo *que* da conjunção integrante *que*, que introduz uma oração subordinada substantiva. Observe:

Diga às pessoas que me procurarem que estarei aqui depois do almoço.

O primeiro *que* é pronome relativo (que = as quais). A oração "que me procurarem", que caracteriza o substantivo *pessoas*, é adjetiva. O segundo *que*, que não pode ser substituído por nenhum outro termo, é conjunção integrante. A oração "que estarei aqui depois do almoço" é subordinada substantiva objetiva direta, já que funciona como complemento direto da forma verbal *diga*.

Duplo papel do pronome relativo

Além de conectar (ou relacionar, daí o nome *relativo*) duas orações, o pronome relativo desempenha uma função sintática na oração subordinada: ocupa o papel que seria exercido pelo termo que o antecede. Observe:

É preciso comer alimentos. Esses alimentos não devem fazer mal à saúde.

É preciso comer alimentos que não façam mal à saúde.

No primeiro caso, há dois períodos simples. No primeiro período, o substantivo *alimentos* exerce a função sintática de objeto direto de *comer*; no segundo, é núcleo do sujeito da locução verbal *devem fazer*. Quando os dois períodos simples são unidos num período composto, o substantivo *alimentos* deixa de ser repetido: em seu lugar, exercendo a função de sujeito da forma verbal *façam*, surge o pronome relativo *que*. Note que, para os dois períodos se unirem num período composto, foi preciso alterar o modo verbal da segunda oração.

Não é só o pronome relativo *que* que desempenha função sintática. Aos demais relativos (já estudados no capítulo destinado aos pronomes) também se aplica o mesmo raciocínio. Ainda neste capítulo, você verá as funções sintáticas desses relativos.

Adjetivas desenvolvidas e reduzidas

Quando são introduzidas por um pronome relativo e apresentam verbo no modo indicativo ou subjuntivo, as orações subordinadas adjetivas são chamadas **desenvolvidas**. Além delas, existem as orações

subordinadas adjetivas **reduzidas**, que não são introduzidas por pronome relativo (podem ser introduzidas por preposição) e apresentam o verbo numa das formas nominais (infinitivo, gerúndio ou particípio). Observe:

Ele foi o primeiro aluno que se apresentou.

Ele foi o primeiro aluno a se apresentar.

No primeiro período, há uma oração subordinada adjetiva desenvolvida, já que é introduzida pelo pronome relativo *que* e apresenta verbo conjugado no pretérito perfeito do indicativo. No segundo, há uma oração subordinada adjetiva reduzida de infinitivo: não há pronome relativo e seu verbo está no infinitivo.

Atividade

Re-escreva as frases seguintes, substituindo os termos destacados por orações subordinadas que exerçam as mesmas funções sintáticas. Depois, comente as diferenças entre as frases originais e as que você obteve, considerando dados como clareza, síntese, elegância.

a) Várias empresas tiveram prejuízos **incalculáveis**.

b) Em todas as discussões, sempre apresenta argumentos **indesmentíveis**.

c) Os italianos, **notáveis bebedores de vinho e comedores de pizza**, negam-se a permitir a descaracterização de seus hábitos alimentares.

d) O país, **grande exportador de matérias-primas**, enfrenta uma crise econômica interminável.

e) O país, grande exportador de matérias-primas, enfrenta uma crise econômica **interminável**.

2. Aspectos semânticos: orações restritivas e explicativas

Na relação que estabelecem com o termo que caracterizam, as orações subordinadas adjetivas podem atuar de duas maneiras diversas. Há aquelas que restringem o sentido do termo antecedente, individualizando-o – são as chamadas subordinadas adjetivas **restritivas** –, e aquelas que realçam um detalhe ou amplificam dados sobre o antecedente, que já se encontra suficientemente definido – são as subordinadas adjetivas **explicativas**. Observe:

Jamais teria chegado aqui, não fosse a gentileza de um homem **que passava naquele momento**.

O homem, **que se considera racional**, muitas vezes age animalescamente.

No primeiro período, a oração "que passava naquele momento" restringe e particulariza o sentido da palavra *homem*: trata-se de um homem específico, único, que se caracteriza, no caso, por estar passando por um determinado lugar num determinado momento. A oração, na verdade, limita o universo de homens, isto é, não se refere a todos os homens. É, portanto, uma oração subordinada adjetiva restritiva. No segundo período, a oração "que se considera racional" não tem sentido restritivo em relação à palavra *homem*: na verdade, essa oração apenas explicita uma ideia que já sabemos estar contida no conceito de homem. A oração não faz referência a um determinado homem, e sim ao conjunto de homens, a todos os homens, a qualquer homem. Trata-se, portanto, de uma oração subordinada adjetiva explicativa.

Se você ler atentamente em voz alta os dois períodos acima, vai perceber que a oração subordinada adjetiva explicativa é separada da oração principal por uma pausa, que, na escrita, é representada pela vírgula. É comum, por isso, que a pontuação seja indicada como forma de diferenciar as orações explicativas das restritivas: de fato, as explicativas vêm sempre isoladas por vírgulas; as restritivas, não. Essa

diferença é facilmente perceptível quando se está diante de um período escrito por outrem; no entanto, quando é preciso redigi-lo, é necessário levar em conta as diferenças de significado que as orações restritivas e as explicativas implicam (afinal, é quem está escrevendo que vai ter de colocar as vírgulas nesse caso!). Em muitos casos, a oração subordinada adjetiva será explicativa ou restritiva de acordo com o que se pretende dizer. Observe:

Mandei um telegrama para meu irmão que mora em Roma.

Mandei um telegrama para meu irmão, que mora em Roma.

No primeiro período, é possível afirmar com segurança que a pessoa que fala ou escreve tem, no mínimo, dois irmãos, um que mora em Roma e um que mora em outro lugar. A palavra *irmão*, no caso, precisa ter seu sentido limitado, ou seja, é preciso restringir seu universo. Para isso se usa uma oração subordinada adjetiva restritiva. No segundo período, é possível afirmar com segurança que a pessoa que fala ou escreve tem apenas um irmão, o qual mora em Roma. A informação de que o irmão mora em Roma não é uma particularidade, ou seja, não é um elemento identificador, diferenciador, e sim um detalhe que se quer realçar.

Observe as diferenças de sentido produzidas nos períodos seguintes pelo uso de orações subordinadas adjetivas restritivas e explicativas:

a. exemplo 1

O país **que não trata a educação como prioridade** não pode fazer parte do rol das nações civilizadas.

O país, **que não trata a educação como prioridade**, não pode fazer parte do rol das nações civilizadas.

No primeiro período, faz-se uma afirmação de caráter genérico, irrestrito, que se aplica a todo e qualquer país que não trata a educação como prioridade. Restringindo a palavra *país*, a oração subordinada adjetiva restritiva limita, particulariza seu sentido, tornando-a aplicável a determinado grupo de países. No segundo período, faz-se referência a um país cuja situação é bem conhecida por quem fala e por quem ouve. No caso, a informação de que ele não trata a educação como prioridade é considerada um fato notório, a que se quer dar destaque.

AT Revista. Santos: A Tribuna de Santos Jornal e Editora, ano 4, n. 165, 27 jan. 2008. p. 11.

Exemplo de oração subordinada adjetiva explicativa: "que pode causar doenças físicas e emocionais sérias".

b. exemplo 2

Os homens **cujos princípios não são sólidos** acabam se corrompendo.

Os homens, **cujos princípios não são sólidos**, acabam se corrompendo.

No primeiro período, está-se afirmando que apenas alguns homens – aqueles que não têm princípios sólidos – são corruptíveis. O termo *homens* tem seu sentido particularizado, limitado pela oração subordinada adjetiva restritiva ("cujos princípios não são sólidos", introduzida pelo relativo *cujos*). No segundo período, faz-se uma afirmação de caráter genérico: todos os homens de um determinado universo (um clube, um partido político, uma escola, uma cidade, um país ou até mesmo o planeta todo) são corruptíveis, porque se considera a falta de solidez dos princípios uma característica comum a todo e qualquer homem de um determinado conjunto, que, como já foi dito, pode até ser o planeta todo. A oração subordinada adjetiva é, nesse caso, explicativa.

c. exemplo 3

A empresa tem duzentos funcionários **que moram em Guaratinguetá**.

A empresa tem duzentos funcionários, **que moram em Guaratinguetá**.

No primeiro período, afirma-se que a empresa tem mais de duzentos funcionários, dos quais duzentos moram em Guaratinguetá. A oração "que moram em Guaratinguetá" limita, restringe o sentido da palavra *funcionários*. É subordinada adjetiva restritiva. No segundo período, afirma-se que a empresa tem exatamente duzentos funcionários e que todos, absolutamente todos, moram em Guaratinguetá. A oração subordinada adjetiva é explicativa.

Atividade

Leia atentamente as frases de cada um dos pares seguintes e explique as diferenças de sentido existentes entre elas.

a) O time que não treina não consegue ganhar uma partida.
O time, que não treina, não consegue ganhar uma partida.

b) Está comprovada a participação dos policiais, cujos nomes tinham sido encontrados na agenda do traficante.
Está comprovada a participação dos policiais cujos nomes tinham sido encontrados na agenda do traficante.

c) Os jogadores, de quem se esperava no mínimo amor à camisa, simplesmente andaram em campo.
Os jogadores de quem se esperava no mínimo amor à camisa simplesmente andaram em campo.

d) A Cetesb enviará fiscais às cidades do litoral onde a poluição das praias é alarmante.
A Cetesb enviará fiscais às cidades do litoral, onde a poluição das praias é alarmante.

3. Pronomes relativos: usos e funções

Que

Você já viu neste livro, no capítulo destinado aos pronomes, que, por seu largo emprego, o relativo *que* é considerado relativo universal. Esse pronome pode ser usado para substituir pessoa ou coisa, que estejam no singular ou no plural. Sintaticamente, o relativo *que* pode desempenhar várias funções:

a. sujeito

O **homem que pensa vale por dois.**

b. objeto direto

"Bebi o café que eu mesmo preparei". (Manuel Bandeira)

c. objeto indireto

"Alegria, alegria" é uma das músicas de que mais gosto.

d. complemento nominal

As teses a que me mantenho fiel são muito polêmicas.

e. predicativo

O pessimista que eu era deu lugar a um insuportável sonhador.

f. agente da passiva

As teses por que você foi seduzido são puro delírio.

g. adjunto adverbial (no caso, de lugar)

A cidade em que nasci fica no Vale do Paraíba.

Pelos exemplos acima, percebe-se que, em alguns casos, o pronome relativo deve ser precedido da preposição apropriada à função que exerce. É o caso do objeto indireto (gostar *de* algo), do complemento nominal (fiel *a* algo), do agente da passiva (ser seduzido *por* alguém ou algo) e do adjunto adverbial de lugar (nascer *em* algum lugar). Na língua escrita formal, a omissão da preposição nesses casos é considerada erro.

Em livro

BANDEIRA, Manuel. *50 poemas escolhidos pelo autor*. Rio de Janeiro: Cosac Naify, 2006.

Dos 350 poemas escritos por Manuel Bandeira, estão reunidos neste livro cinquenta deles, que sintetizam a obra do poeta modernista. A antologia é diversificada, já que apresenta temas bem diferentes entre si: os poemas selecionados, e entre eles está o poema "Os sapos" – que abriu a Semana de Arte Moderna de 1922 –, falam de religião, erotismo, infância, além da própria arte de fazer poesia.

Quem

Como você já sabe, o pronome *quem* refere-se a pessoa ou a coisa personificada, no singular ou no plural. É sempre precedido de preposição, podendo exercer diversas funções sintáticas:

a. objeto direto preposicionado

Drummond, a quem admiro muito, influenciou-me profundamente.

b. objeto indireto

Este é o jogador a quem me refiro sempre.

c. complemento nominal

Este é o jogador a quem sempre faço referência.

d. agente da passiva

O médico por quem fomos assistidos é um dos mais renomados especialistas.

e. adjunto adverbial (no caso, de companhia)

A mulher com quem ele mora é grega.

O qual, os quais, a qual, as quais

Esses pronomes são usados com referência a pessoa ou coisa. Desempenham as mesmas funções que o pronome *que*; seu uso, entretanto, é bem menos frequente. Observe dois exemplos:

a. sujeito

Conhecemos uma das irmãs de Pedro, a qual trabalha na Alemanha.

Neste caso, o relativo *a qual* evita ambiguidade. Se fosse usado o relativo *que*, não seria possível determinar quem trabalha na Alemanha (Pedro ou uma de suas irmãs?).

b. adjunto adverbial

Não deixo de cuidar da grama, sobre a qual às vezes gosto de um bom cochilo.

A preposição *sobre*, dissilábica, tende a exigir o relativo sob as formas *o/a qual*, *os/as quais*, rejeitando a forma *que*.

Cujo, cuja, cujos, cujas

Cujo e suas flexões equivalem a *de que*, *do qual* (ou suas flexões *da qual*, *dos quais*, *das quais*), *de quem*. Estabelecem normalmente relação de posse entre o antecedente e o termo que especificam, atuando na maior parte das vezes como adjunto adnominal e em algumas construções como complemento nominal.

a. adjunto adnominal

Não consigo conviver com pessoas cujas aspirações sejam essencialmente materiais. (Não consigo conviver com pessoas/ As aspirações dessas pessoas são essencialmente materiais.)

b. complemento nominal

O livro, cuja leitura agradou muito aos alunos, trata dos tristes anos da ditadura. (cuja leitura = a leitura do livro)

No português falado no Brasil, esse pronome tem uso restrito às situações formais. Mesmo as pessoas de maior grau de escolaridade não costumam empregá-lo, optando por construções como:

A mulher que a casa foi invadida quer ir embora do bairro.

ou

A mulher que a casa dela foi invadida quer ir embora do bairro.

Essas construções são normais na língua falada informal, mas devem ser evitadas no padrão culto da língua. Em seu lugar, deve-se usar:

A mulher cuja casa foi invadida quer ir embora do bairro.

Observe que é erro o emprego de artigo definido depois do pronome *cujo*. São erradas construções como "A mulher cuja a casa foi invadida..." ou "O garoto, cujo o tio é professor..."; basta dizer "cuja casa" ou "cujo tio".

Onde

Onde só é pronome relativo quando equivale a *em que*. Quando se diz "Onde você nasceu?", não é possível pensar em pronome relativo; afinal, o período é simples, e você sabe que o pronome relativo só aparece no período composto, para substituir numa oração subordinada um termo da oração principal. No caso, *onde* é advérbio interrogativo.

Quando pronome relativo, *onde* só pode ser usado na indicação de lugar, atuando sintaticamente como adjunto adverbial de lugar:

Quero uma cidade tranquila, **onde** possa passar alguns dias em paz.

A cidade **onde** nasci fica no Vale do Paraíba.

É muito comum o uso de *onde* como relativo universal, um verdadeiro cola-tudo. Nota-se essa tendência sobretudo em declarações dadas a jornais e emissoras de rádio e TV por pessoas públicas, em que surgem frases como:

> Vai ser um jogo muito difícil, muito disputado, onde nós vamos tentar conseguir mais um resultado positivo.
>
> Vivemos uma época muito difícil, onde a violência gratuita é dominante.
>
> Não me alimentei bem, dormi mal, onde hoje não consegui uma boa marca.
>
> A economia está em franco processo de recessão, os salários estão congelados, onde a classe média não pode mais comprar como antes.

Na língua culta, escrita ou falada, *onde* deve ser limitado aos casos em que há indicação de **lugar físico**, espacial. Quando não houver essa indicação, deve-se preferir *em que, no qual* (e suas flexões *na qual, nos quais, nas quais*) e, nos casos da ideia de causa/efeito ou de conclusão, *portanto*:

> Vivemos uma época muito difícil, **em que** (**na qual**) a violência gratuita impera.
>
> A economia está em franco processo de recessão, os salários estão congelados, **portanto** (**por isso**) a classe média não pode mais comprar como antes.

INTRODUÇÃO

UMA QUESTÃO DE
SUSTENTO

A globalização ocorreu em um mundo onde mais de 1 bilhão de pessoas estão superalimentadas. Mesmo assim, cerca de 800 milhões ainda sofrem com a fome

Revista *Scientific American Brasil*, out. 2007, p. 30/Detalhe

Scientific American Brasil. São Paulo: Duetto, n. 65, out. 2007. p. 30-1.

O pronome relativo *onde* atua sempre como adjunto adverbial de lugar.

Uma questão de sustento – A globalização ocorreu em um mundo onde mais de 1 bilhão de pessoas estão superalimentadas.

Quanto, como, quando

Quanto, quantos e *quantas* são pronomes relativos quando seguem os pronomes indefinidos *tudo, todos* ou *todas*. Atuam principalmente como sujeito e objeto direto.

a. sujeito

Tente interrogar **todos quantos** participaram da selvageria.

b. objeto direto

Comeu **tudo quanto** queria.

Como e *quando* exprimem noções de modo e tempo, respectivamente; atuam, portanto, como adjuntos adverbiais de modo e de tempo:

> É estranho o modo **como** ele me trata.
>
> É a hora **quando** o sol começa a deitar-se.

Atividades

1. Em cada item abaixo, você encontrará duas orações que deverão ser transformadas num único período composto. Para isso, você deverá usar o pronome relativo adequado e, em alguns casos, fazer outras modificações.

a) Todas as crianças têm direito à escola. Muitas dessas crianças estão hoje nas ruas.

b) Muitas crianças poderiam tornar-se profissionais competentes. A essas crianças não se dá nenhuma oportunidade de estudar.

c) Boa parte da classe média brasileira tem comportamento extremamente violento. Tenho muito medo dessa boa parte da classe média brasileira.

d) Muitas crianças brasileiras não têm direito à infância. A vida dessas crianças é, desde cedo, miséria e exploração.

e) Não se pode sonhar com paz social no Brasil. No Brasil, existe a pior distribuição de renda do planeta.

2. Substitua os asteriscos pela preposição adequada para que as frases sejam consideradas apropriadas ao padrão culto da língua portuguesa. Pode haver casos em que nenhuma preposição seja necessária.

a) Esses problemas, (*) cujas causas conhecemos muito bem, podem ser facilmente resolvidos.

b) Algumas pessoas (*) quem sempre lhe falo participarão do seminário.

c) Esses amigos, (*) os quais sempre envio cartões quando viajo, nunca retribuem a lembrança.

d) São seres embrutecidos (*) os quais não é possível manter amizade.

e) Faz muito tempo que não vou à cidade (*) onde costumava passar as férias.

f) Ele perdeu a chave da porta (*) que costumamos entrar.

g) É um candidato (*) cujas promessas não se pode confiar.

h) É um candidato (*) cujo passado não se tem conhecimento.

i) Leve aquela calça, (*) a qual você fica muito bem.

j) O filme (*) que me refiro foi dirigido por Giuseppe Tornatore.

k) Você vai conhecer os trens (*) que sempre aludo com tanta saudade.

l) O transporte ferroviário é uma alternativa inteligente, (*) que sempre se esquecem os que fazem planejamento neste país.

m) Ele perdeu a chave da porta (*) onde costumava entrar.

Em DVD

Divulgação

***Cinema Paradiso*. Direção de Giuseppe Tornatore. Itália: Versátil, 1989. (155 min).**

Clássico italiano dirigido por Giuseppe Tornatore, é um tributo sensível à arte de fazer cinema. O filme conta a história do garoto Totó, morador de um vilarejo localizado no interior da Itália. Durante a Segunda Grande Guerra, sua diversão era fazer companhia a Alfredo, operador de projeção do Cinema Paradiso, a sala de cinema local. Alfredo ensina Totó a amar a sétima arte, e os dois têm suas vidas transformadas para sempre.

3. Os períodos seguintes são típicos da linguagem falada informal. Re-escreva-os, adequando-os à linguagem formal escrita.

a) É um grave problema que a solução não se consegue num passe de mágica.

b) Conheci uma garota que o pai dela é vereador.

c) O delegado suspeita de vários funcionários, que os nomes ele prefere manter em sigilo.

d) É uma situação onde todos nos sentimos muito constrangidos.

e) Estudei muito, dediquei-me de corpo e alma, onde acho que vou conseguir a vaga.

f) Foi um gesto onde todos nos sentimos recompensados.

g) É um remédio que os efeitos colaterais só aparecem depois de alguns anos.

4. As frases seguintes são ambíguas, truncadas, confusas ou não têm sentido. Proponha novas formas de redigi-las a fim de evitar os problemas verificados.

a) Expus minhas sugestões à comissão de desenvolvimento tecnológico, que permitirá novas perspectivas de trabalho.

b) O professor está interessado em defender todas as teses dos grupos ambientalistas, que, sem dúvida, apresentam problemas de interesse nacional.

c) Um médico abriu um consultório no bairro, que atende todas as tardes.

d) O time contratou um grande craque, que há muitos anos não ganha um título.

e) Estão procurando o assessor do governador em cujo carro o governador sofreu o acidente.

f) Viajou para o Rio de Janeiro Joana de França onde ficará hospedada no Palácio do Governo.

g) Está fazendo sucesso com sua nova escolinha o jogador Arturzinho, que fica no bairro da Lapa.

4. As orações subordinadas adjetivas e a pontuação

a. restritivas sem vírgula, explicativas com – Você já viu que existem dois tipos de oração subordinada adjetiva: as restritivas e as explicativas. Como agem de forma diferente na caracterização do termo a que se ligam, essas duas orações devem ser claramente diferenciadas na língua escrita. As orações restritivas ligam-se intimamente ao termo cujo sentido particularizam, portanto não podem ser separadas desse termo por vírgulas. As orações explicativas agem como uma espécie de detalhe ou comentário adicional ao termo a que se ligam; portanto devem ser isoladas por vírgulas. Convém lembrar que o papel restritivo ou explicativo da oração depende muitas vezes do significado que se quer dar ao que se afirma:

O país cuja distribuição de renda é indecente não tem perspectiva de civilizar-se.

O país, cuja distribuição de renda é indecente, não tem perspectiva de civilizar-se.

Na primeira frase, a oração adjetiva restritiva é empregada para delimitar o sentido da palavra *país*. A falta de perspectiva de civilizar-se aplica-se apenas àqueles países que têm renda concentrada e mal distribuída. Na segunda, a oração adjetiva explicativa torna explícito um dado já aceito como inerente a um país que já tinha sido citado.

Volte às figuras deste capítulo e observe: apenas uma das orações adjetivas está separada por vírgula; as demais, não, pois são restritivas.

Detalhe

AT Revista, 27 jan. 2008. p. 11/Detalhe

Revista Scientific American Brasil, out. 2007, p. 30/Detalhe

b. restritivas muito longas – É muito comum o emprego de uma vírgula depois de orações subordinadas adjetivas restritivas muito longas, principalmente quando o verbo dessa oração subordinada e o verbo da oração principal são contíguos, ou seja, estão lado a lado:

Muitas das estradas com que generais megalomaníacos, tecnocratas alucinados e empreiteiros inescrupulosos se locupletaram, estão abandonadas.

Observe que a vírgula que aparece entre *locupletaram* e *estão* separa o sujeito do predicado. Seu emprego, consagrado como recurso de clareza, na verdade não condiz com o papel básico que cabe à pontuação, o de organizador das relações lógicas e dos significados. Estruturalmente, essa vírgula é inútil.

Atividades

1. Pontue adequadamente os períodos seguintes. Lembre-se de que, em alguns casos, não haverá necessidade de nenhuma vírgula.

a) A medicina que estuda a prevenção e a cura de doenças tem tido notável desenvolvimento nos últimos anos.

b) Entre 1955 e 1976, era muito comum fazer referências jocosas aos corintianos cujo time não sabia mais o que era ser campeão.

c) O policial que me atendeu foi surpreendentemente civilizado.

d) No país com que sonho não há lugar para esses bárbaros.

e) Revi minha cidade natal onde não punha os pés desde 1991.

f) Voltei à cidade onde nasci.

2. Explique a diferença de sentido entre as frases de cada um dos pares seguintes.

a) Os professores do departamento de Botânica que pediram demissão não poderão ser substituídos.

Os professores do departamento de Botânica, que pediram demissão, não poderão ser substituídos.

b) As construtoras que não concluíram as obras estão obrigadas a devolver o dinheiro aos clientes.

As construtoras, que não concluíram as obras, estão obrigadas a devolver o dinheiro aos clientes.

Textos para análise

1

As crianças trabalhadoras

Enxergar o trabalho infantil na TV com menos *glamour* atenuaria a mercantilização da infância

A mão-de-obra infantil na TV cresce a cada dia, o que, parece, não incomoda ninguém. Embora já existam na opinião pública sinais de recusa à exploração do trabalho de crianças nas olarias, nas carvoarias ou na agricultura, a participação de atores mirins em propagandas, assim como nas novelas e nos filmes, não é encarada como trabalho. É como se fosse uma premiação. Qualquer mãe ficaria orgulhosa de ter o seu filhinho fazendo papel de mamífero numa campanha de leite. Ela dificilmente entenderia a coisa como um tipo de exploração injusta. Para o senso comum, estar na televisão é participar do estrelato, e no estrelato, acredita-se, não há relações trabalhistas.

O fato é que o público aceita e aplaude os programas e as propagandas estrelados por crianças. Como essa que acaba de entrar no ar, de um auto-

móvel. Um grupo de garotos em idade de frequentar o jardim-de-infância troca suas impressões sobre os carros dos pais. O do meu pai é alemão, anuncia um, o do meu pai é japonês, emenda outro, e cada um vai contando sua vantagem. No final, um deles garante que o carro do pai reúne todas as nacionalidades, pois é um modelo mundial e, portanto, melhor que todos os outros. O automóvel surge na cena e todos os coleguinhas ficam embasbacados.

Mas então quer dizer que alunos de jardim-de-infância funcionam para vender até produtos para consumidores adultos? Sim, os publicitários já sabem disso há tempos: crianças pesam, e muito, na decisão de compra dos adultos. Pais compram carros e outras mercadorias na esperança de comprar junto a admiração do filho. Quanto aos filhos, motivados pela TV, repercutem a propaganda dentro de casa: "Compra, paiê!".

É muito gracioso, espontâneo e bem dirigido o elenco da campanha do tal carro. Da mesma forma, são encantadores os protagonistas mirins dos comerciais de margarina, de sabão em pó, até de brinquedo. E provavelmente a aparição episódica em propagandas como essas não seja prejudicial à criança. Proibi-la seria uma violência absurda. Mas o telespectador e a sociedade não devem esquecer que se trata de um trabalho, que deve ser tratado e regulado enquanto tal. Enxergar esse tipo de trabalho com um pouco menos de glamour contribuiria bastante para atenuar essa consentida mercantilização da infância.

O maior poeta brasileiro sonhou com uma canção que pudesse acordar os homens e adormecer as crianças. Atualmente, o uso de meninos e meninas na TV faz o contrário: desperta (e instrumentaliza) o consumismo nas crianças para inebriar os adultos.

BUCCI, Eugênio. *Veja*. São Paulo: Abril, 26 mar. 1997.

2

Canção amiga

Eu preparo uma canção
em que minha mãe se reconheça,
todas as mães se reconheçam,
e que fale como dois olhos.

Caminho por uma rua
que passa em muitos países.
Se não me veem, eu vejo
e saúdo velhos amigos.

Eu distribuo um segredo
como quem ama ou sorri.
No jeito mais natural
dois carinhos se procuram.

Minha vida, nossas vidas
formam um só diamante.
Aprendi novas palavras
e tornei outras mais belas.

Eu preparo uma canção
que faça acordar os homens
e adormecer as crianças.

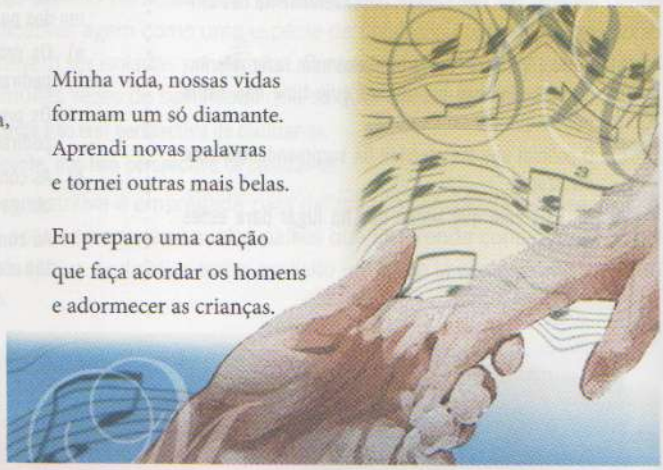

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1973.

Trabalhando os textos

1. Re-escreva o título do primeiro texto, substituindo o adjetivo pela oração adjetiva equivalente.

2. No último parágrafo do primeiro texto, há uma oração subordinada adjetiva.

a) Transcreva-a.

b) Classifique-a.

c) Que termo antecedente ela está modificando?

d) Qual a classe gramatical da palavra *que* que a introduz?

e) Qual a função sintática desse *que*?

3. Classifique a oração "em que minha mãe se reconheça", do texto de Drummond.

4. Classifique a oração "que passa em muitos países", do texto de Drummond.

5. As três orações destacadas nas questões 2, 3 e 4 têm a mesma classificação. O que isso significa nos dois textos?

6. De acordo com o texto de Eugênio Bucci, o sonho do "maior poeta brasileiro" está se concretizando? Comente.

3

Abra as cortinas da sua casa e chame os amigos para um sarau

Seu primo toca violão, você escreve poesia, a namorada do seu irmão faz teatro? Ótimo, você já tem uma parte do elenco para promover um sarau na sua casa e experimentar um programa bem diferente do costumeiro cinema-restaurante ou cerveja-boteco até o amanhecer. Essa reunião de pessoas que se encontram para ouvir música ou ler poesias e trechos de livros, que animava a nobreza nos tempos de reis e rainhas, é uma alternativa para o final de semana em pleno século 21 – e não tem nada de careta. Ao contrário, é uma boa oportunidade para juntar as pessoas em torno de atividades que transpiram cultura: dança, performance, música, teatro, literatura e qualquer outra expressão artística. "Procure entre seus amigos e conhecidos quem tem algum talento para mostrar, convide uma plateia, abra espaço na sala para as apresentações e sirva comes e bebes", diz a empreendedora social Laís Fleury, que há dois anos comanda o Sarau da Santos, que acontece duas vezes por semestre na Vila Madalena, em São Paulo. O resto corre por conta da criatividade de cada artista na seleção do que vai ser mostrado. "Para não ficar chato, peça para os convidados lerem textos curtos, de no máximo uma página, e fazerem performances rápidas. Assim a atenção do público não dispersa", afirma o poeta Sérgio Vaz, um mestre no riscado do sarau. Segundo ele, o segredo é dar liberdade para cada um expressar o que deseja.

LUCCA, Roberta De. *Vida simples*. São Paulo: Abril, ed. 44, ago. 2006. p. 21.

Trabalhando o texto

1. Aponte as orações adjetivas do terceiro e do quinto período e indique os antecedentes dos pronomes relativos que as introduzem.

2. "Para não ficar chato, peça para os convidados lerem textos curtos, de no máximo uma página, e fazerem performances rápidas." Re-escreva essa passagem atendendo ao seguinte:

a) Substitua a segunda ocorrência de *para* por *que*.

b) Transforme o termo "de no máximo uma página" em oração adjetiva.

3. Como você classifica a oração obtida no item *a* do exercício anterior?

4. Re-escreva as passagens a seguir, substituindo os trechos em destaque por orações adjetivas.

a) "(...) diz a empreendedora social Laís Fleury, *sob o seu comando está o Sarau da Santos.*

b) "(...) diz a empreendedora social Laís Fleury, da Vila Madalena, *na Vila Madalena o Sarau da Santos acontece duas vezes por semestre.*

5. Destaque do texto orações reduzidas de infinitivo que exprimam finalidade.

6. Releia as duas frases a seguir:

"O resto corre por conta da criatividade de cada artista na seleção d**o** que vai ser mostrado".

"Segundo ele, o segredo é dar liberdade para cada um expressar **o** que deseja".

a) Substitua o *o* nessas duas frases, sem alterar-lhes o significado. A que classe de palavras ele pertence?

b) Classifique as orações "que vai ser mostrado" e "que deseja".

c) Qual é a função sintática do *que* nas duas orações?

4

Revista *Bravo*, ago. 2006. p. 29/Detalhe

Nesta e nas páginas seguintes, desenhos de Carybé extraídos dos originais em preto e branco que ilustram os livros do escritor baiano

Bravo! São Paulo: Abril, ano 9, n. 108, ago. 2006. p. 28-9.

"Nesta e nas páginas seguintes, desenhos de Carybé extraídos dos originais em preto e branco que ilustram os livros do escritor baiano"

5

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 2007. v. 4, p. 77.

Trabalhando os textos

1. Na tirinha de Hagar, o pronome relativo *que* deveria ser antecedido de preposição. Qual é ela?

2. Indique a função sintática dos pronomes relativos presentes nos textos 4 e 5.

Questões de exames e concursos

1. (FGV-SP) Leia os sete versos abaixo e responda às questões a eles pertinentes.

(1) Metafísica? Que metafísica têm aquelas árvores?
(2) A de serem verdes e copadas e de terem ramos
(3) E a de dar fruto na sua hora, o que não nos faz pensar,
(4) A nós, que não sabemos dar por elas.
(5) Mas que melhor metafísica que a delas,
(6) Que é a de não saber por que vivem
(7) Nem que o não sabem?

(Alberto Caeiro)

Nos quatro últimos versos, há várias ocorrências da palavra **que**. Sobre essa palavra, pode-se dizer:

a) No quinto verso, tem-se um pronome definido e uma conjunção comparativa.
b) No sétimo verso, tem-se um pronome relativo.
c) No quarto verso, tem-se um pronome relativo.
d) No sexto verso, tem-se uma conjunção comparativa e um pronome interrogativo.
e) No sexto verso, tem-se uma conjunção integrante e um advérbio.

2. (UEPG-PR)

Por que os nobres usavam cabelo comprido?

No Egito antigo, madeixas longas eram exclusividade dos de posição social superior. Quando não tinham cabeleiras, faraós e guerreiros simulavam o visual com mantos ou perucas, o que ajudava a distingui-los dos sacerdotes, que usavam corpo e cabeças raspados. "Um nobre não permi-

tia que cortassem seu cabelo, mas um pobre não tinha como resistir a isto", diz Francisco Marshall, do Núcleo de História Antiga da UFRGS.

Foi Alexandre Magno, quem rompeu com a tradição, exigindo dos guerreiros pelos tosados: a ideia era evitar que o inimigo os prendessem pelo cabelo.

FEUÓ, Bruno Vieira. *Superinteressante*. São Paulo: Abril, out. 2005.

Com referência aos elementos de coesão destacados nos períodos, assinale o que for correto.

01) Foi Alexandre Magno, **quem** rompeu com a tradição, ... – Conjunção integrante

02) ... a ideia era evitar **que** o inimigo os prendessem pelo cabelo. – Pronome relativo.

04) Um nobre não permitia **que** cortassem seu cabelo, ... – Conjunção integrante.

08) **Quando** não tinham cabeleiras, ... – Conjunção adverbial temporal.

16) ... **que** usavam corpo e cabeça raspados. – Pronome relativo.

3. (Pref. de Ilha Comprida-SP/Moura Melo)Todos já descobriram a chata que ela é.

A função sintática do pronome relativo nesta oração é:

a) Adjunto adverbial.
b) Objeto direto.
c) Objeto indireto.
d) Predicativo do sujeito.

4. (MPE-MG/Fumarc) A oração adjetiva foi construída segundo o padrão culto escrito em:

a) O telefone o qual adquiri pela internet será enviado pelo correio.
b) A revista da qual os professores falavam parece ter saído de circulação.
c) Trata-se de uma bela cachoeira onde quase ninguém sabe como chegar lá.
d) É um filme caro e sofisticado onde os detalhes da produção fazem a diferença.

5. (MPE-MG/Fumarc) A oração adjetiva foi construída segundo o padrão culto escrito em:

a) Ao final do dia, chegamos à igreja aonde se dirigia a maior parte dos peregrinos.
b) Ao ouvir o relato, a mãe, cuja a filha não via desde os dezoito anos, pôs-se a chorar.
c) Não consigo lembrar o nome do autor que o professor se referiu na palestra de ontem.
d) O equipamento é campeão de vendas por ser uma marca muito conhecida e que todo o público confia.

6. (PUC-SP)

Os cinco sentidos

(...)

As informações, baseadas em diferentes fenômenos físicos e químicos, apresentam-se na natureza de formas muito diversas. Os sentidos são sensores cujo desígnio é perceber, de modo preciso, cada tipo distinto de informação. A luz é parte da radiação magnética de que estamos rodeados. Essa radiação é percebida através dos olhos. O tato e o ouvido baseiam-se em fenômenos que dependem de deformações mecânicas. O ouvido registra ondas sonoras que se formam por variações na densidade do ar, variações que podem ser captadas pelas deformações que produzem em certas membranas. Ouvido e tato são sentidos mecânicos. Outro tipo de informação nos chega por meio de moléculas químicas distintas que se desprendem das substâncias. Elas são captadas por meio dos sentidos químicos, o paladar e o olfato. Esses se constituem nos tradicionais cinco sentidos que foram estabelecidos já por Aristóteles.

SANTAELLA, Lucia. *Matrizes da linguagem e pensamento*. São Paulo: Iluminuras, 2001.

O parágrafo do texto, tendo em vista sua organização sintática, constitui-se basicamente de orações complexas, isto é, principais, seguidas por orações:

a) substantivas e adverbiais.
b) adjetivas e adverbiais.
c) adverbiais.
d) adjetivas.
e) substantivas.

7. (PUC-SP)

Os cinco sentidos

Os sentidos são dispositivos para a interação com o mundo externo que têm por função receber informação necessária à sobrevivência. É necessário ver o que há em volta para poder evitar perigos. O tato ajuda a obter conhecimentos sobre como são os objetos. O olfato e o paladar ajudam a catalogar elementos que podem servir ou não como alimento. O movimento dos objetos gera ondas na atmosfera que são sentidas como sons. (...)

SANTAELLA, Lucia. *Matrizes da linguagem e pensamento*. São Paulo: Iluminuras, 2001.

A palavra relacional *que* aparece quatro vezes no parágrafo exercendo, pela ordem, as seguintes funções:

a) sujeito, objeto direto, sujeito, sujeito.

b) sujeito, sujeito, sujeito, sujeito.

c) sujeito, sujeito, sujeito, objeto direto.

d) objeto direto, objeto direto, sujeito, sujeito.

e) objeto direto, sujeito, objeto direto, sujeito.

8. (Fuvest-SP)

Conheci que (1) Madalena era boa em demasia...
A culpa foi desta vida agreste que (2) me deu uma alma agreste.
Procuro recordar o que (3) dizíamos.
Terá realmente piado a coruja? Será a mesma que (4) piava há dois anos?
Esqueço que (5) eles me deixaram e que (6) esta casa está quase deserta.

Nas frases acima, o *que* aparece seis vezes; em três delas é pronome relativo. Quais?

a) 1 – 2 – 4

b) 2 – 4 – 6

c) 3 – 4 – 5

d) 2 – 3 – 4

e) 2 – 3 – 5

9. (Fuvest-SP) Leia as frases abaixo e assinale a que está correta.

a) A jovem que eu lhe falei à pouco vai ser entrevistada.

b) A jovem que a pouco foi entrevistada é aquela que eu lhe falei.

c) A jovem de cuja eu lhe falei há pouco é aquela que foi entrevistada.

d) A jovem que há pouco foi entrevistada é aquela de que eu lhe falei.

e) A jovem que há pouco foi entrevistada é aquela que eu lhe falei.

10. (Fuvest-SP)

É da história do mundo que (1) as elites nunca introduziram mudanças que (2) favorecessem a sociedade como um todo. Estaríamos nos enganando se achássemos que (3) estas lideranças empresariais aqui reunidas teriam a motivação para fazer a distribuição de poderes e rendas que (4) uma nação equilibrada precisa ter.

O vocábulo *que* está numerado em suas quatro ocorrências, nas quais se classifica como conjunção integrante e como pronome relativo. Assinalar a alternativa que registra a classificação correta em cada caso, pela ordem.

a) 1. pronome relativo, 2. conjunção integrante, 3. pronome relativo, 4. conjunção integrante

b) 1. conjunção integrante, 2. pronome relativo, 3. pronome relativo, 4. conjunção integrante

c) 1. pronome relativo, 2. pronome relativo, 3. conjunção integrante, 4. conjunção integrante

d) 1. conjunção integrante, 2. pronome relativo, 3. conjunção integrante, 4. pronome relativo

e) 1. pronome relativo, 2. conjunção integrante, 3. conjunção integrante, 4. pronome relativo

11. (Fuvest/FGV-SP) "E como sempre tive a intenção de possuir as terras de S. Bernardo, considerei legítimas as ações que me levaram a obtê-las."

a) Este período está em primeira pessoa. Como ficaria em terceira pessoa?

b) A quem se referem os pronomes: *que*, *me* e *las*?

12. (PUC-SP) Sobre o trecho:

A questão era conseguir o Engenho Vertente, com o seu riacho que poderia descer em nível para irrigação das terras que dariam flor-de-cuba para uma Catunda,

é **correto** afirmar que:

a) há duas orações subordinadas adjetivas, introduzidas pelo pronome relativo *que*.

b) há, respectivamente, uma oração subordinada substantiva, introduzida pela conjunção integrante *que*, e uma oração subordinada adjetiva, introduzida pelo pronome relativo *que*.

c) a primeira oração é subordinada adverbial final.

d) a última oração é subordinada adverbial final.

e) o verbo *descer* marca o início de uma oração subordinada adverbial reduzida de infinitivo.

13. (PUCCamp-SP) Observe as frases seguintes:

I. O autor destes versos é Manuel Bandeira.
II. Estes versos fazem parte do soneto "Renúncia".

Transformando-se estes dois períodos simples num período composto por subordinação, a alternativa que satisfaz essa exigência é:

a) Estes versos cujos são de Manuel Bandeira, fazem parte do soneto "Renúncia".

b) Estes versos de Manuel Bandeira fazem parte do soneto "Renúncia".

c) Estes versos, cujo autor é Manuel Bandeira, fazem parte do soneto "Renúncia".

d) Estes versos, que o autor é Manuel Bandeira, fazem parte do soneto "Renúncia".

e) Estes versos de quem o autor é Manuel Bandeira, fazem parte do soneto "Renúncia".

14. (PUCCamp-SP) "Não revelou **o que** descobrira a ninguém."

Assinale a alternativa em que se analise corretamente a classe gramatical e a função sintática das palavras destacadas, respeitando a ordem em que elas ocorrem.

a) artigo; adjunto adnominal
conjunção integrante; conectivo

b) pronome demonstrativo; sujeito
conjunção integrante; conectivo

c) artigo; adjunto adnominal
pronome relativo; sujeito

d) pronome demonstrativo; objeto direto
pronome relativo; objeto direto

e) artigo; adjunto adnominal
pronome relativo; objeto direto

15. (PUCCamp-SP)

I. Contou seu segredo a duas pessoas.

II. As duas pessoas eram de confiança.

Observe as duas frases acima. Assinale a alternativa em que elas estão em correta relação lógica e sintática.

a) Contou seu segredo para duas pessoas, por causa que elas eram pessoas de confiança.

b) Pois as duas pessoas eram de confiança, então ele contou seu segredo para elas.

c) As duas pessoas a quem contou seu segredo eram de confiança.

d) Contou seu segredo a duas pessoas, conquanto fossem de confiança.

e) Contou seu segredo a duas pessoas, conforme eram de confiança.

16. (PUC-SP) No período:

E há poetas míopes **que** pensam **que** é o arrebol,

a partícula *que* introduz, respectivamente, orações:

a) subordinada substantiva completiva nominal e subordinada substantiva objetiva direta.

b) subordinada substantiva objetiva direta e subordinada substantiva predicativa.

c) subordinada adjetiva restritiva e subordinada adjetiva explicativa.

d) subordinada substantiva predicativa e subordinada substantiva objetiva direta.

e) subordinada adjetiva restritiva e subordinada substantiva objetiva direta.

17. (PUC-SP) Sob o ponto de vista morfológico, a partícula *que*, assinalada nas duas orações da questão anterior, classifica-se, respectivamente, como:

a) pronome indefinido, pronome relativo.

b) pronome relativo, conjunção integrante.

c) pronome indefinido, conjunção integrante.

d) conjunção integrante, conjunção integrante.

e) conjunção consecutiva, conjunção comparativa.

18. (PUC-SP) Nos versos:

Amo-te, ó rude e doloroso idioma,
Em que da voz materna ouvi: "meu filho!"
E **em que** Camões chorou no exílio amargo.

a expressão *em que*, neles destacada, refere-se, respectivamente, a:

a) idioma, voz.

b) idioma, idioma.

c) rude e doloroso, Camões.

d) eu, eu.

e) voz, Camões.

19. (PUC-SP) Em relação ao período:

E, entrando na sala, voltou sem demora com uma caixinha quadrada de folha-de-flandres, que trazia com toda a reverência e cujo tampo abriu cuidadosamente,

é **incorreto** afirmar que:

a) há duas orações subordinadas adjetivas.

b) há uma oração subordinada adverbial.

c) a partícula *que* introduz uma oração subordinada substantiva.

d) uma das orações é reduzida de gerúndio.

e) a última oração é subordinada adjetiva.

20. (Unicamp-SP) Observe que, nos trechos abaixo, a ordem que foi dada às palavras, nos enunciados, provoca efeitos semânticos (= de significado) "estranhos":

Fazendo sucesso com a sua nova clínica, a psicóloga Iracema Leite Ferreira Duarte, localizada na rua Campo Grande, 159.

Embarcou para São Paulo Maria Helena Arruda, onde ficará hospedada no luxuoso hotel Maksoud Plaza.

Notícias da Coluna Social do *Correio de Mato Grosso*, 28 ago. 1988.

Escolha um dos trechos, diga qual é a interpretação "estranha" que ele pode ter e re-escreva-o de forma a evitar o problema.

21. (Unimep-SP)

I. Este é Renato.

II. Eu posso contar com a ajuda de Renato.

Se juntarmos as duas orações num só período, usando um pronome relativo, teremos:

a) Este é Renato, com quem eu posso contar com a ajuda dele.

b) Este é Renato, que eu posso contar com a ajuda dele.

c) Este é Renato, o qual eu posso contar com sua ajuda.

d) Este é Renato, com cuja ajuda eu posso contar.

e) Este é Renato, cuja ajuda eu posso contar.

22. (UFV-MG) Dados os conjuntos constituídos por orações absolutas:

a) O menino aprende. O menino é estudioso.

b) O menino é feliz. O pai do menino o ama.

c) A cidade fica longe. O menino nasceu nessa cidade.

Re-escreva cada conjunto formado por duas orações absolutas em um único período composto por subordinação, em que a segunda oração seja introduzida por pronome relativo.

23. (Vunesp-SP) Observar as orações destacadas nas transcrições abaixo.

I. Ergueu a cabeça e contemplou o lugar **onde tantas vezes se aprestara para os seus breves triunfos no trapézio**.

II. Em algum ponto do corpo ou da alma, doía-lhe ver o lugar **do qual se despedia** (...).

III. (...) semelhança esta que seria maior, não fosse a indiferença quase rancorosa **que o rodeava**.

IV. (...) esforçando-se para dar a entender **que sua ausência não seria sentida**.

V. Teriam inveja, talvez. Ou desprezo. **Que lhe importava, porém?**

A respeito delas, é correto dizer:

a) Todas são subordinadas adjetivas.

b) Com exceção de V, que é uma oração absoluta, todas as outras são adjetivas.

c) Com exceção de I, que é subordinada adverbial de lugar, todas as restantes são adjetivas.

d) Somente a II e a III são adjetivas.

e) Com exceção de IV e de V, as demais são adjetivas.

24. (Vunesp-SP)

Sentara-se então num banco, apanhara aquela velha revista **e** começara a folheá-la, sem interesse, **para** fugir ao contato dessas pessoas **que** já o haviam excluído de seu mundo e que, desde alguns dias, raramente lhe dirigiam a palavra – com uma simplicidade afetada, esforçando-se **para** dar a entender **que** sua ausência não seria sentida.

Dos conectivos destacados no fragmento acima, somente um acumula em si os papéis de ligar orações e ser núcleo de uma função sintática na estrutura da oração introduzida. Assinale a alternativa que o contiver:

a) *e*

b) o primeiro *para*

c) o primeiro *que*

d) o segundo *para*

e) o segundo *que*

25. (Vunesp-SP) "Mas para quem **vos** olha a uma distância de quinhentos metros, essas dimensões **que** levais convosco deixam de existir."

Dê a classe gramatical e a função sintática dos termos destacados.

26. (Vunesp-SP) Observe o período:

Agora sei que outro dia eu disse uma palavra que fez bem a alguém.

a) Substitua a segunda oração por um substantivo ou pronome substantivo.

b) Substitua a terceira oração por um adjetivo.

27. (Vunesp-SP) Classifique as orações do período transcrito na questão anterior.

28. (Unicamp-SP) A organização sintática dada a certos trechos exige do leitor um esforço desnecessário de interpretação. Abaixo você tem um exemplo disso.

Ao chegar ao ancoradouro, recebeu Alzira Alves Filha um colar indígena feito de escamas de pirarucu e frutos do mar, que estava acompanhada de um grupo de adeptos do Movimento Evangélico Unido.

Folha de S.Paulo, São Paulo, 12 fev. 1992.

a) Re-escreva o trecho, apenas alterando a ordem, de forma a tornar a leitura mais simples.

b) Com base na solução que você propôs, explique por que, do ponto de vista da estrutura sintática do português, o trecho acima oferece dificuldade desnecessária para a compreensão.

29. (PUC-SP) Observe o emprego da partícula *que* em:

1. ... esperou que a água marejasse...
2. ... olhando as estrelas, que vinham nascendo.

a) Indique, respectivamente, o valor morfológico da referida partícula em 1 e em 2.

b) Que tipo de oração introduz em 1?

30. (UEL-PR) "O homem, ... méritos você se referiu, mostrou-se agradecido."

a) cujos

b) a cujos

c) cujos os

d) para cujos

e) de cujos

31. (UEL-PR) "Foram **inócuas** as medidas tomadas pela direção da escola."

A expressão equivalente à palavra *inócuas* na frase acima é:

a) que não agradaram.
b) que não levaram a nenhum resultado.
c) que não foram divulgadas.
d) que não foram acatadas.
e) que não foram oportunas.

32. (Fuvest-SP) Explique as diferenças de sentido entre estes dois enunciados:

a) Os homens, que têm o seu preço, são fáceis de corromper.
b) Os homens que têm o seu preço são fáceis de corromper.

33. (PUC-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas abaixo.

a) Veja bem estes olhos ... se tem ouvido falar.
b) Veja bem estes olhos ... se dedicaram muitos versos.
c) Veja bem estes olhos ... brilho fala o poeta.
d) Veja bem estes olhos ... se extraem confissões e promessas.

34. (Cesesp-PE) "... trepado numa rede afavelada cujas varandas serviam-lhe de divisórias do casebre." Em qual das alternativas o uso de *cujo* não está conforme à norma culta?

a) Tenho um amigo cujos filhos vivem na Europa.
b) Rico é o livro cujas páginas há lições de vida.
c) Naquela sociedade, havia um mito cuja memória não se apagava.
d) Eis o poeta cujo valor exaltamos.
e) Afirmam-se muitos fatos de cuja veracidade se deve desconfiar.

35. (PUC-SP) Assinale o período em que há uma oração adjetiva restritiva.

a) A casa onde estou é ótima.
b) Brasília, que é a capital do Brasil, é linda.
c) Penso que você é de bom coração.
d) Vê-se que você é de bom coração.
e) Nada obsta a que você se empregue.

36. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da frase seguinte.

O controle biológico de pragas, ... o texto faz referência, é certamente o mais eficiente e adequado recurso ... os lavradores dispõem para proteger a lavoura sem prejudicar o solo.

a) do qual, com que
b) de que, que
c) que, o qual
d) ao qual, cujos
e) a que, de que

37. (Cesgranrio-RJ) "A linguagem especial, ... emprego se opõe o uso da comunidade, constitui um meio ... os indivíduos de determinado grupo dispõem para satisfazer o desejo de autoafirmação."

a) a cujo, de que
b) do qual, ao qual
c) cujo, que
d) o qual, a que
e) de cujo, do qual

38. (PUC-PR) Combinando os conjuntos:

1. O advogado que é pintor ficará uns dias aqui.
2. O advogado, que é pintor, ficará uns dias aqui.

(*) Refere-se a mais de um advogado.
(*) Os outros advogados não são pintores.
(*) Refere-se a um advogado apenas.
(*) Há um advogado e ele é pintor.
(*) Refere-se a mais de um pintor.

A sequência correta é:

a) 2, 2, 1, 1, nada
b) 1, 2, 1, 1, nada
c) nada, 1, 2, 2, 1
d) 1, 1, 2, 2, nada
e) nada, 1, 1, 2, 2

39. (Fatec-SP) Há orações reduzidas que podem ser desenvolvidas em oração adjetiva. Exemplo: "Vi um rapaz **pedindo esmola a sua irmã**." se desenvolve em "Vi um rapaz **que pedia esmola a sua irmã**." Aponte a alternativa em que isso também ocorre:

a) Eram cadáveres a se erguerem dos túmulos.
b) Volte aqui, chegando a hora.
c) A solução era esperarmos.
d) Estaríamos prontos, chegada a hora.
e) n.d.a.

Capítulo 24

Orações subordinadas adverbiais

Fernando Gonsales

GONSALES, Fernando. Níquel Náusea. *Folha de S.Paulo*. 17 mar. 2003. p. E7.

Neste capítulo, você vai estudar a última parte do período composto por subordinação, com as orações subordinadas adverbiais, isto é, aquelas que exercem a função de adjunto adverbial do verbo da oração principal. Nos dois balões da tira acima, as orações adverbiais são "Quanto menos banho eu tomo," e "Quanto mais ensebado [*estou*]", que expressam circunstância de proporção.

1. Introdução

Você já sabe que uma oração subordinada adverbial exerce a função de adjunto adverbial do verbo da oração principal. Observe:

Naquele momento, senti uma das maiores emoções de minha vida.

Quando vi a Pietá, senti uma das maiores emoções de minha vida.

No primeiro período, "naquele momento" é um adjunto adverbial de tempo, que modifica a forma verbal *senti*. No segundo período, esse papel é exercido pela oração "Quando vi a Pietá", que é, portanto, uma oração subordinada adverbial temporal. Essa oração é desenvolvida, já que é introduzida por uma conjunção subordinativa (*quando*) e apresenta uma forma verbal do modo indicativo (*vi*, do pretérito perfeito do indicativo). Seria possível reduzi-la, obtendo algo como:

Ao ver a Pietá, senti uma das maiores emoções de minha vida.

"Ao ver a Pietá" é uma oração reduzida porque apresenta uma das formas nominais do verbo (*ver* é infinitivo) e não é introduzida por conjunção subordinativa, mas sim por uma preposição (*a*, combinada com o artigo *o*).

Em livro

SPENCE, David. *Michelangelo: a Renascença*. São Paulo: Melhoramentos, 1998.

Pietá, "piedade" em português, representa Jesus morto nos braços da Virgem Maria, sua mãe. A escultura de mármore é umas das mais famosas obras de Michelangelo Buonarotti, pintor e escultor renascentista. A obra indicada explica a vida e a obra do artista italiano por meio de textos e imagens.

Atividade

Substitua os termos destacados nas frases seguintes por orações subordinadas. A seguir, compare os períodos originais aos que você obteve, levando em consideração itens como clareza, síntese, elegância.

a) Nas tardes de domingo, diante da TV, morre-se **de tédio**.

b) **À noite**, todos os gatos são pardos.

c) **Apesar de sua dedicação ao estudo**, avançava muito pouco.

d) **Sem investimento em educação e cultura**, o Brasil não chegará à civilização.

e) Muita gente ainda morre **de fome**.

f) **Durante as férias**, viajei pelo mundo.

2. Aspectos semânticos: as circunstâncias

Ao estudar os adjuntos adverbiais, você viu que sua classificação é feita com base nas circunstâncias que exprimem. Com as orações subordinadas adverbiais ocorre a mesma coisa. A diferença fica por conta da quantidade: há apenas nove tipos de orações subordinadas adverbiais, enquanto os adjuntos adverbiais são pelo menos quinze. As orações adverbiais adquirem grande importância para a articulação adequada de ideias e fatos e por isso são fundamentais num texto dissertativo.

Você fará agora um estudo pormenorizado das circunstâncias expressas pelas orações subordinadas adverbiais. É importante compreender bem essas circunstâncias e observar atentamente as conjunções e locuções conjuntivas utilizadas em cada caso.

Causa

A ideia de causa está diretamente ligada àquilo que provoca um determinado fato. As orações subordinadas adverbiais que exprimem causa são chamadas **causais**. A conjunção subordinativa mais utilizada para a expressão dessa circunstância é *porque*. Outras conjunções e locuções conjuntivas muito utilizadas são *como* (sempre introduzindo oração adverbial causal anteposta à principal), *pois*, *já que*, *uma vez que*, *visto que*. Observe:

As ruas ficaram alagadas **porque a chuva foi muito forte**.

Como ninguém se interessou pelo projeto, a única opção foi cancelá-lo.

Já que você não vai, eu não vou.

Por ter muito conhecimento, é sempre consultado. (reduzida de infinitivo)

(= **Porque/como tem muito conhecimento**, ...)

Consequência

A ideia de consequência está ligada àquilo que é provocado por um determinado fato. As orações subordinadas adverbiais **consecutivas** exprimem o efeito, a consequência daquilo que se declara na oração principal. Essa circunstância é normalmente introduzida pela conjunção *que*, quase sempre precedida, na oração principal, de termos intensivos, como *tão, tal, tanto, tamanho*. Observe:

A chuva foi tão forte **que em poucos minutos as ruas ficaram alagadas**.

Tal era sua indignação **que imediatamente se uniu aos manifestantes**.

Sua fome era tanta **que comeu com casca e tudo**.

É comum que o termo intensivo da oração principal fique subentendido, como na popular estrutura "Ele é feio que dói". A intensidade, no caso, é dada pela entonação, pelo modo de pronunciar a palavra *feio*: "Ele é ffffeio que dói", ou seja, "Ele é tão feio que sua feiura chega a doer".

Condição

Condição é aquilo que se impõe como necessário para a realização ou não de um fato. As orações subordinadas adverbiais **condicionais** exprimem o que deve ou não ocorrer para que se realize ou deixe de se realizar o fato expresso na oração principal. A conjunção mais utilizada para introduzir essas orações é *se*; além dela, podem-se utilizar *caso, contanto que, desde que, salvo se, exceto se, a menos que, sem que, uma vez que* (seguida de verbo no subjuntivo). Observe:

Uma vez que você aceite a proposta, assinaremos o contrato.

Caso você se case, convide-me para a festa.

Não saia **sem que eu permita**.

Se o regulamento do campeonato for bem elaborado, certamente o melhor time será o campeão.

Conhecendo os alunos, o professor não os teria punido. (reduzida de gerúndio)

(= **Se conhecesse os alunos**)

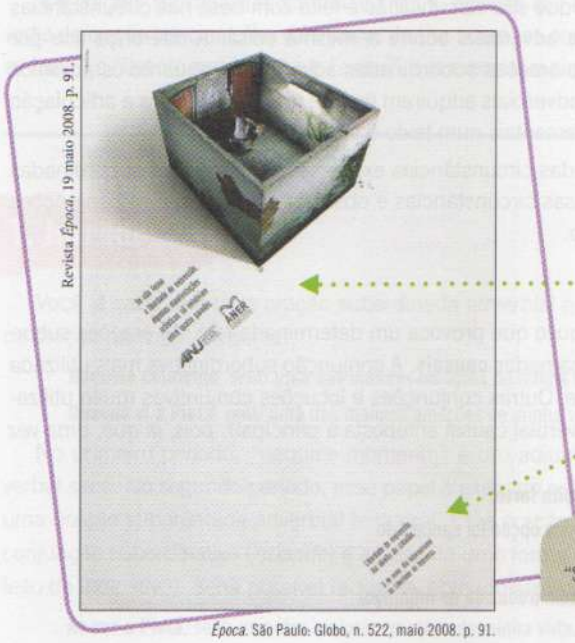

Época. São Paulo: Globo, n. 522, maio 2008. p. 91.

"Se não fosse a liberdade de expressão, algumas manifestações artísticas só existiriam entre quatro paredes."

"Liberdade de expressão. Um direito do cidadão.
3 de maio. Dia Internacional da Liberdade de Imprensa".

Exemplo de oração adverbial condicional: "Se não fosse a liberdade de expressão".

Concessão

A ideia de concessão está diretamente ligada à ideia de contraste, de quebra de expectativa. De fato, quando se faz uma concessão, não se faz o que é esperado, o que é normal. As orações adverbiais que exprimem concessão são chamadas **concessivas**. A conjunção mais empregada para expressar essa relação é *embora*; além dela, podem ser usadas a conjunção *conquanto* e as locuções *ainda que, ainda quando, mesmo que, se bem que, apesar de que*. Observe:

Embora fizesse calor, levei agasalho.

Conquanto a economia tenha crescido, pelo menos metade da população continua à margem do mercado de consumo.

Foi aprovado **sem estudar** (reduzida de infinitivo)

(= **sem que estudasse / embora não estudasse**).

A locução *posto que* é dada nos dicionários como equivalente a *embora*, ou seja, é indicada como concessiva:

Foi aprovado posto que não estudasse.

Na linguagem corrente, no Brasil, esse emprego não se verifica. Tem-se difundido o uso dessa locução para ideia de explicação ou causa, como em um poema de Vinicius de Moraes, "Soneto de fidelidade", em que há uma célebre passagem que diz:

"Que não seja imortal, posto que é chama, mas que seja infinito enquanto dure".

É evidente que o poeta não usou a locução *posto que* com o sentido que está nos dicionários.

"Um boi vê os homens"

No registro clássico, as formas "posto", "posto que", "suposto" e "suposto que" equivalem a "embora"

"DE TUDO ao meu amor serei atento / Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto / Que mesmo em face do maior encanto / Dele se encante mais meu pensamento..." O leitor certamente identificou o poema de que se extraiu o excerto, não? Trata-se do conhecido e delicado "Soneto de Fidelidade", de Vinicius de Moraes.

[...]

Você se lembra dos últimos versos do poema de Vinicius? Vamos lá: "Que não seja imortal, posto que é chama / Mas que seja infinito enquanto dure". Que valor tem a locução "posto que" no poema? Parece claro que ela equivale a "visto que", "uma vez que", "já que", "porque".

No *Houaiss*, esse valor da locução "posto que" aparece como pertencente ao registro informal brasileiro. No registro clássico, as formas "posto", "posto que", "suposto" e "suposto que" têm valor concessivo, ou seja, equivalem a "embora". Já comentei aqui esta passagem, do início de "Memórias Póstumas de Brás Cubas", de Machado de Assis: "Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar...".

Nesse excerto machadiano, "suposto" significa "embora". [...]

Antes que alguém imagine que esse uso tenha morrido com os escritores do século 19, é bom lembrar esta passagem do monumental poema "Um boi vê os homens", de Drummond: "Tão delicados (mais que um arbusto) e correm / e correm de um para outro lado, sempre esquecidos / de alguma coisa. Certamente, falta-lhes / não sei que atributo essencial, posto se apresentem nobres / e graves, por vezes. Ah, espantosamente graves, / até sinistros [...]".

Pois bem, caro leitor. [...]

Em "Um boi...", [Drummond] usa "posto" com o mesmo valor que lhe dá Machado ("posto se apresentem nobres" = "embora se apresentem nobres"). Não resisto à tentação de lembrar que o ensino do idioma não pode privar o estudante do contato com determinadas variedades da língua, especialmente as cultas. É isso.

CIPRO NETO, Pasquale. "Um boi vê os homens". *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 16 nov. 2006. Cotidiano, [s.p.]. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1611200603.htm>. Acesso em: 24 jul. 2008.

Atividades

1. Leia atentamente cada uma das frases seguintes. Depois, indique a relação existente entre a oração subordinada e a principal.

a) O treinador decidiu ficar calado porque seus argumentos eram inconsistentes.

b) Os argumentos do treinador eram tão inconsistentes que ele decidiu ficar calado.

c) Se os argumentos do treinador fossem consistentes, ele os teria defendido com veemência.

d) Embora dispusesse de argumentos consistentes, o treinador decidiu ficar calado.

2. Re-escreva a frase seguinte utilizando as conjunções e locuções conjuntivas apresentadas em cada alternativa. Faça todas as modificações necessárias para a obtenção de frases bem estruturadas.

Muitos brasileiros não possuem casa própria porque recebem salários baixos.

a) como

b) já que

c) visto que

d) tão... que...

3. Este exercício é semelhante ao anterior.

O quadro da educação no país é tão preocupante que até empresários tradicionalmente omissos estão interessados em participar de projetos que minimizem o problema.

a) como

b) porque

c) de modo que

d) uma vez que

4. Este exercício é semelhante aos anteriores.

Se eliminar o Grêmio, o Corinthians disputará a final do campeonato com o Cruzeiro.

a) caso

b) desde que

c) contanto que

5. Este exercício é semelhante aos anteriores.

Apesar de existirem claros indícios de sua participação nas fraudes, o prefeito se diz inocente.

a) embora

b) conquanto

c) ainda que

6. Leia atentamente os dois períodos seguintes e responda à questão proposta.

Se você não se dedicar, não obterá sucesso.

Embora você se dedique, não obterá sucesso.

Explique a relação entre dedicação e sucesso em cada um dos casos acima.

7. Leia atentamente os dois períodos seguintes e responda à questão proposta.

O treinador não será demitido, uma vez que o time se classifique para a semifinal.

O treinador não será demitido, uma vez que o time se classificou para a semifinal.

Explique as relações estabelecidas pela locução conjuntiva *uma vez que* em cada caso acima.

8. Uma campanha publicitária de uma famosa marca de biscoitos explorava um círculo vicioso:

Vende mais porque é fresquinho ou é fresquinho porque vende mais?

Qual relação entre fatos é explorada? Que tipos de oração são utilizados para expressar essa relação?

Comparação

As orações subordinadas adverbiais **comparativas** contêm fato ou ser comparado a fato ou ser mencionado na oração principal. A conjunção mais empregada para expressar comparação é *como*; além dela, utilizam-se com muita frequência as estruturas que formam o grau comparativo dos adjetivos e dos advérbios: *tão... como* (*quanto*), *mais* (*do*) *que*, *menos* (*do*) *que*. Observe:

Ele dorme **como um urso** (dorme).

Sua sensibilidade é **tão** afinada **quanto sua inteligência** (é).

Como se pode perceber nos exemplos acima, é comum a omissão do verbo nas orações subordinadas adverbiais comparativas. Isso só não ocorre quando se comparam ações diferentes ("Ela fala mais do que faz." – nesse caso, compara-se o falar e o fazer).

King Features Syndicate/Ipress

No último quadrinho, o verbo da oração subordinada adverbial comparativa está subentendido: "Em compensação, eu saí mais bonito que ele (saiu)".

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 2006. v. 1, p. 63.

Conformidade

As orações subordinadas adverbiais **conformativas** indicam ideia de conformidade, ou seja, exprimem uma regra, um caminho, um modelo adotado para a execução do que se declara na oração principal. A conjunção típica para exprimir essa circunstância é *conforme*; além dela, utilizam-se *como*, *consoante* e *segundo* (todas com o mesmo valor de *conforme*). Observe:

Fiz o bolo **conforme ensina a receita**.

Consoante reza a Constituição, todos os cidadãos têm direitos iguais.

Segundo atesta recente relatório do Banco Central, a economia brasileira é viável.

Finalidade

As orações subordinadas adverbiais **finais** exprimem a intenção, a finalidade do que se declara na oração principal. Essa circunstância é normalmente expressa pela locução conjuntiva *a fim de que*; além dela, utilizam-se a locução *para que* e, mais raramente, as conjunções *que* e *porque* (= *para que*). Observe:

Vim aqui **a fim de que você me explicasse as questões**.

Fez tudo **porque eu não obtivesse bons resultados**.

(= para que eu não obtivesse...)

Suportou todo tipo de humilhação **para obter o visto americano**. (reduzida de infinitivo)

(= para que obtivesse...)

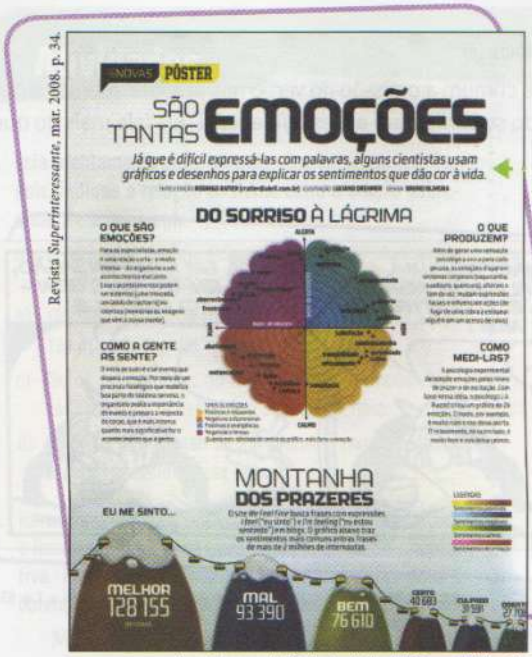

Superinteressante. São Paulo: Abril, ed. 250, mar. 2008. p. 34.

"Já que é difícil expressá-las com palavras, alguns cientistas usam gráficos e desenhos para explicar os sentimentos que dão cor à vida."

Na frase em destaque, podemos observar as circunstâncias de *causa*, expressa pela oração subordinada adverbial causal "Já que é difícil expressá-las com palavras", e de *finalidade*, expressa pela oração adverbial final "para explicar os sentimentos".

Proporção

As orações subordinadas adverbiais **proporcionais** estabelecem relação de proporção ou proporcionalidade entre o processo verbal nelas expresso e aquele declarado na oração principal. Essa circunstância normalmente é indicada pela locução conjuntiva *à proporção que*; além dela, utilizam-se *à medida que* e expressões como *quanto mais, quanto menos, tanto mais, tanto menos*. Observe:

Quanto mais se aproxima o fim do mês, mais os bolsos ficam vazios.

Quanto mais te vejo, mais te desejo.

À medida que se aproxima o fim do campeonato, aumenta o interesse da torcida pela competição.

À proporção que se acumulam as dívidas, diminuem as possibilidades de que a empresa sobreviva.

Tempo

As orações subordinadas adverbais **temporais** indicam basicamente ideia de tempo. Exprimem fatos simultâneos, anteriores ou posteriores ao fato expresso na oração principal, marcando o tempo em que se realizam. As conjunções e locuções conjuntivas mais utilizadas são *quando, enquanto, assim que, logo que, mal, sempre que, antes que, depois que, desde que*. Observe:

"**Quando você foi embora**, fez-se noite em meu viver." (Milton Nascimento e Fernando Brant)

"**Enquanto os homens exercem seus podres poderes**, motos e fuscas avançam os sinais vermelhos e perdem os verdes: somos uns boçais." (Caetano Veloso)

Mal você saiu, ela chegou.

Terminada a festa, todos se retiraram. (reduzida de particípio)

(= Quando terminou a festa...)

3. Classificar sem decorar

Mais importante do que aprender a classificar as orações subordinadas adverbiais é interpretá-las adequadamente e utilizar as conjunções e locuções conjuntivas de maneira eficiente. Por isso, é desaconselhável que você faça o que muita gente costuma indicar como forma de "aprender as orações subordinadas adverbiais": "descabelar-se" para decorar listas de conjunções e, com isso, conseguir dar um rótulo às orações. Essa prática, além de fazer com que você se preocupe mais com nomenclaturas do que com o uso efetivo das estruturas linguísticas, é inútil quando se consideram casos mais sutis de construção de frases. Observe, nas frases seguintes, o emprego da conjunção *como* em diversos contextos: em cada um deles, ocorre uma oração subordinada adverbial diferente. Como seria possível reconhecê-las se se partisse de uma lista de conjunções "decoradas"? É melhor procurar compreender o que efetivamente está sendo declarado.

Como dizia o poeta, "a vida é a arte do encontro".
(valor de conformidade)

Como não tenho dinheiro, não poderei participar da viagem.
(valor de causa)

"E cai **como uma lágrima de amor**." (Antônio Carlos Jobim e Vinicius de Moraes)
(valor de comparação)

Há até casos em que a classificação depende do contexto:

Como o jornal noticiou, o teatro ficou lotado.

A oração subordinada adverbial pode ser causal ou conformativa, dependendo do contexto.

Em DVD

Ricardo Chvaicer/Editora Abril

Tom Jobim.

***Tom Jobim: chega de saudade.* Direção de Roberto de Oliveira. Brasil: Biscoito Fino, 2007. (120 min).**

O DVD aborda a carreira de Tom Jobim desde seu início, quando ainda era pianista da noite e começava a compor as primeiras canções da Bossa Nova. Destaque para os comentários sobre a primeira composição de Tom, "Valsa Sentimental", e sobre a primeira parceria, "Incerteza", com Newton Mendonça. Participam dessa celebração dos anos do poeta artistas como Caetano Veloso, Toquinho, Gilberto Gil, entre outros.

Atividades

1. Explique a relação estabelecida entre os fatos ou seres mencionados em cada um dos períodos seguintes.

a) Saíram sem que ninguém notasse.

b) Ela se comportou como criança mimada.

c) Ela se comportou como prometera.

d) Alguns córregos foram canalizados para que não haja inundações durante o verão.

e) Sua cútis é tão suave quanto a de um nenê.

f) Desde que ela se foi, ele tem tido crises de depressão.

g) Desde que você estude, nenhuma surpresa ocorrerá.

h) À medida que se aproxima a data do exame, cresce a ansiedade.

i) Na medida em que o país não consegue diminuir os contrastes sociais, aumentam as tensões e os riscos.

j) "Não permita Deus que eu morra sem que volte para lá."

2. Construa períodos compostos relacionando as orações colocadas em cada item. Utilize a conjunção subordinativa que julgar mais apropriada a cada caso.

a) As várias partes interessadas chegaram a um acordo. Tudo foi feito obedecendo aos termos desse acordo.

b) Este técnico tem trabalhado muito. Os outros técnicos não têm trabalhado tanto.

c) Ele tem aprendido muito. Curiosamente, ele quer aprender sempre mais.

d) Estamos mais próximos do fundo do vale. Podemos ouvir cada vez mais distintamente o som do riacho.

e) Vou dar-lhe um presente. Não quero que ela saiba disso antecipadamente.

f) Precisamos formar um time. Assim, poderemos participar dos vários campeonatos estudantis.

g) Deve-se investir em saúde e educação. Dessa forma, começarão a surgir perspectivas para o país.

3. Este exercício é semelhante ao anterior.

a) Caminhávamos à beira do rio. Ele me falava de sua vida na Europa.

b) O ministro tomou posse ontem. Fez um discurso vazio e comovente sobre a miséria nordestina.

c) Conseguimos sobreviver às vicissitudes do cotidiano. Muitos tecnocratas elaboram planos mirabolantes.

d) Ela viajou para a Argentina. Sua mãe chegou ao aeroporto três horas depois.

e) Abri a porta. Percebi que alguma coisa estranha acontecera naquela casa.

f) Caminhamos várias horas. Lembramos, então, que as janelas da casa haviam ficado abertas.

4. Transformar orações desenvolvidas em orações reduzidas é uma forma bastante produtiva de evitar períodos sobrecarregados de conjunções e pronomes relativos. Procure fazer isso com os períodos seguintes.

a) Creio que tenhamos que suportar as exigências que ela faz.

b) Sinto que estão acontecendo fatos que poderiam ser evitados.

c) Quando terminou a sessão, percebi que se tinha desperdiçado uma oportunidade que há muito procurávamos.

d) As promessas que se faziam ali indicavam que o novo governo tinha nítido perfil populista.

e) A expressão que mantinha em seu rosto indicava que ele não se corrigira ainda.

f) Se fossem executadas as obras que o candidato prometera, o município assumiria dívidas que várias gerações não conseguiriam saldar.

g) É importante que você tenha visto tudo a fim de que possa opinar mais tarde.

4. As orações subordinadas adverbiais e a pontuação

A pontuação dos períodos em que há orações subordinadas adverbiais obedece aos mesmos princípios observados em relação aos adjuntos adverbiais. Isso significa que a oração subordinada adverbial sempre pode ser separada por vírgulas da oração principal. Essa separação é optativa quando a oração subordinada está posposta à principal e é obrigatória quando a oração subordinada está intercalada ou anteposta:

Tudo continuará como está se você não intervier.

ou

Tudo continuará como está, se você não intervier.

Disse que, quando chegar, tomará todas as providências.

Quando chegar, tomará todas as providências.

King Features Syndicate/Impress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 2006. v. 1. p. 6.

No primeiro quadrinho, vemos uma oração subordinada adverbial temporal ("Quando olho para trás") anteposta à principal. Nesse caso, a vírgula é obrigatória. No último quadrinho, a oração subordinada adverbial ("Quando você se aproxima") está posposta à principal, motivo pelo qual não foi utilizada a vírgula.

Atividade

Faça a pontuação correta dos períodos seguintes.

a) Se você tivesse cumprido o que prometera não teria sido punido.

b) Logo estaríamos em casa se tudo desse certo.

c) Como choveu muito o jogo foi transferido.

d) Os rios e as cidades são sujos porque o povo é sujo.

e) À medida que avança o cólera expõe a miséria social do país.

f) Os jogadores como se esperava atuaram sem disposição.

g) Notamos quando ainda seria possível modificar o rumo das discussões a falta de interesse em aprimorar o debate.

Textos para análise

1

Janela sobre a utopia

Ela está no horizonte – diz Fernando Birri. – Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais a alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para caminhar.

GALEANO, Eduardo. *As palavras andantes*. 2.ed. Porto Alegre: L&PM, 1994. p. 310.

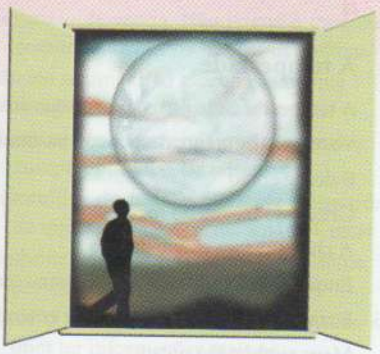

2

Janela sobre a memória (II)

Um refúgio?

Uma barriga?

Um abrigo onde se esconder quando estiver se afogando na chuva, ou sendo quebrado pelo frio, ou sendo revirado pelo vento?

Temos um esplêndido passado pela frente?

Para os navegantes com desejo de vento, a memória é um ponto de partida.

GALEANO, Eduardo. *As palavras andantes*. 2.ed. Porto Alegre: L&PM, 1994. p. 96.

3

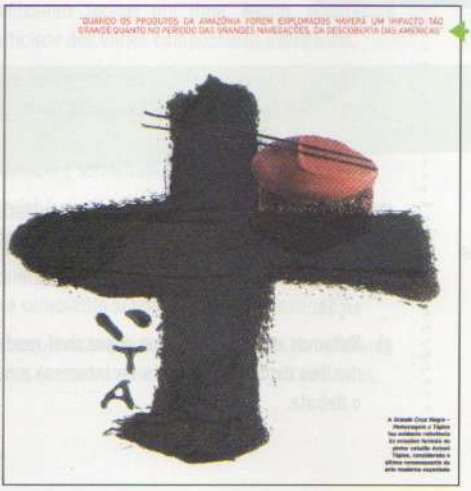

Revista *Bravo*, ago. 2006. p. 65/Detalhe

"Quando os produtos da Amazônia forem explorados haverá um impacto tão grande quanto no período das grandes navegações, da descoberta das Américas"

Bravo! São Paulo: Abril, ano 9, ago. 2006. p. 65.

Trabalhando os textos

Aponte e classifique as orações subordinadas adverbiais presentes nos textos 1, 2 e 3.

4

A tempestade

A tempestade me assusta como sua ausência
Você, raio humano, despencou na minha cabeça
E desde então
Grita esse trovão no meu peito
A chuva lá fora chove de fato
Enquanto sua ausência inunda meu quarto
E transborda na cama: agora eu entendo...
Meus sonhos são outros...

Enquanto não durmo, enquanto te espero
E chove no mundo, eu não me acostumo
Com a falta de rumo brasileiro
E esse tom de desespero
Que atingiu o nosso amor

Penso no homem
Que dorme nas ruas do Rio
E agora flutua nos rios da rua
E os barracos na beira do abismo

Deslizam no cinismo da Vieira Souto
Meus sonhos são outros...

Enquanto não durmo...
Por dentro dos túneis, no fundo do poço
Ninguém fica imune crescendo no esgoto

E nosso amor, sem risco e sem glória,
Se escora na história do país do desgosto
Meus sonhos são outros...
Meus sonhos são outros...

OYENS, Christian; DUNCAN, Zélia. Disponível em: <www2.uol.com.br/zeliaduncan>. Acesso em: 11 jul. 2008.

Trabalhando o texto

1. "A tempestade me assusta como sua ausência"
Indique as orações presentes no período e classifique-as.

2. Há uma circunstância expressa por oração subordinada adverbial que se repete ao longo do texto e constitui um dos seus elementos estruturadores. Que circunstância é essa e quais as orações subordinadas adverbiais que a exprimem?

3. Observe o termo *brasileiro*, no terceiro verso da segunda estrofe, e responda: com qual palavra esse termo concorda? Comente essa concordância.

4. "E esse tom de desespero / **que** atingiu o nosso amor"
Classifique a palavra destacada morfológica e sintaticamente.

5. "E os barracos na beira do abismo / Deslizam no cinismo da Vieira Souto"
Como você interpreta esses versos?

6. "Ninguém fica imune **crescendo no esgoto**"
Classifique a oração destacada e justifique sua classificação.

7. Há uniformidade de tratamento no texto? Explique.

8. Onde está desabando a tempestade de que fala o texto? Explique.

9. A partir de elementos do próprio texto, justifique por que é coerente que o sujeito lírico considere o Brasil "o país do desgosto".

Questões de exames e concursos

1. (Fuvest)

Muitos políticos olham com desconfiança os que se articulam com a mídia.

Não compreendem que não se faz política sem a mídia. Jacques Ellul, no século passado, afirmava que um fato só se torna político pela mediação da imprensa. Se 20 índios ianomâmis são assassinados e ninguém ouve falar, o crime não se torna um fato político. Caso apareça na televisão, o que era um mistério da floresta torna-se um problema mundial.

Adaptado de Fernando Gabeira, *Folha de S.Paulo*.

a) Explique a distinção, explorada no texto, entre dois tipos de fatos: um, relacionado a "mistério da floresta"; outro, relacionado a "problema mundial".

b) Re-escreva os dois períodos finais do texto, começando com "Se 20 índios fossem assassinados..." e fazendo as adaptações necessárias.

2. (UFRN)

01 "As obras que a República manda editar
02 para a propaganda de suas
03 riquezas e excelências, logo que são impressas completamente, distribuem-se a
04 mancheias(1) por quem as queira. Todos
05 as aceitam e logo passam adiante,
06 por meio de venda. Não julgue o meu correspondente que os "sebos" as aceitem.
07 São tão mofinas, tão escandalosamente
08 mentirosas, tão infladas de um
09 otimismo de encomenda que ninguém as compra, por sabê-las falsas e
10 destituídas de toda e qualquer honestidade informativa, de forma a não oferecer
11 nenhum lucro aos revendedores de livros, por falta de compradores.
12 Onde o meu leitor poderá encontrá-las, se quer ter informações mais ou

10 menos transbordantes de entusiasmo pago, é nas lojas de merceeiros(2), nos
11 açougues, nas quitandas, assim mesmo em fragmentos, pois todos as pedem
12 nas repartições públicas para vendê-las a peso aos retalhistas de carne verde,
13 aos vendeiros e aos vendedores de couves.
14 Contudo, a fim de que o meu delicado missivista não fique fazendo mau
15 juízo a meu respeito, vou dar-lhe algumas informações sobre o poderoso e
16 rico país da Bruzundanga."

LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Os Bruzundangas*. Rio/São Paulo/Fortaleza: ABC Editora, 2005. p.33.

(1) em abundância (2) donos de mercearia

Ocorre uma relação semântica de causa-consequência entre as orações que compõem o seguinte período:

a) "Não julgue o meu correspondente que os "sebos" as aceitem."
b) "Onde o meu leitor poderá encontrá-las, se quer ter informações mais ou menos transbordantes de entusiasmo pago, é nas lojas de merceeiros [...]."
c) "Todos as aceitam e logo passam adiante, por meio de venda."
d) "São tão mofinas, tão escandalosamente mentirosas, tão infladas de um otimismo de encomenda que ninguém as compra [...]."

3. (UEPB)

"(...) Há dois assuntos preliminares que precisamos resolver de início para que possamos nos dedicar ao que importa. O primeiro deles é a presença. Todos vocês já têm 100% de presença. E o segundo são as provas e as notas. Resolvidas essas questões irrelevantes que perturbam o prazer de aprender, podemos agora nos dedicar ao que interessa: literatura..." (...)

ALVES, Rubem. *Revista Educação*. São Paulo: Segmento, ano 9, n. 107, 2006. p. 66.

O enunciado "... para que possamos nos dedicar ao que importa.", expressa uma

a) concordância com uma ideia introduzida anteriormente.
b) concessão que faz referência a algo citado anteriormente.
c) consequência, tendo em vista o efeito do que foi dito antes.
d) circunstância temporal, pois faz alusão a uma ação acontecida.
e) finalidade, em relação a um fato já mencionado.

4. (UEPB) Na revista *Ciência Hoje*, da SBPC, n. 223, lemos, na seção "Carta ao leitor":

01 "Se o sonho da vida eterna se concretizasse, com certeza viria
02 acompanhado de um pesadelo: câncer. É que o envelhecimento
03 do organismo está inevitavelmente associado ao
04 desenvolvimento de doenças. Mesmo que conseguíssemos
05 prolongar nossa permanência na Terra por até 130 anos,
06 mantendo os hábitos atuais, seríamos obrigados a conviver com
07 algum tipo de câncer. A boa notícia é que a letalidade da doença
08 deve ser cada vez mais controlada. As pesquisas atuais apontam
09 nessa direção, apresentando novos alvos para o tratamento
10 desse temido inimigo."

Assinale o item em que a expressão em destaque **não** encerra um sentido circunstancial:

a) "**Se** o sonho da vida eterna se concretizasse..." (*l.* 01)
b) "A boa notícia **é que** a letalidade da doença" (*l.* 07)
c) "**É que** o envelhecimento do organismo..." (*l.* 02 e 03)
d) "**Mesmo que** conseguíssemos prolongar..." (*l.* 04 e 05)
e) "nossa permanência na Terra **por até** 130 anos" (*l. 05*)

5. (PUC-SP) Em uma peça publicitária recentemente veiculada em jornais impressos, pode-se ler o seguinte: "Se a prática leva à perfeição, então imagine o sabor de pratos elaborados bilhões e bilhões de vezes". Acerca da primeira oração desse trecho, é linguisticamente adequado afirmar que, em relação à segunda oração, ela expressa uma circunstância de:

a) comparação
b) condição
c) conformidade
d) consequência
e) proporção

6. (UPM-SP)

01 Fabiano curou no rasto a bicheira da novilha raposa. Levava no
02 aió um frasco de creolina, e, se houvesse achado o animal, teria feito
03 o curativo ordinário. Não o encontrou, mas supôs distinguir as
04 pisadas dele na areia, baixou-se, cruzou dois gravetos no chão e
05 rezou. Se o bicho não estivesse morto, voltaria para o curral, que a
06 oração era forte.

07 Cumprida a obrigação, Fabiano levantou-se com a consciência

08 tranquila e marchou para casa.

Graciliano Ramos, *Vidas secas*.

Obs.: ***rasto*** = rastro

aió = bolsa de caça trançada com fibras de uma planta (caroá ou gravatá)

Se o bicho não estivesse morto, voltaria para o curral, que a oração era forte.

Assinale a redação que preserva o sentido original da frase acima.

a) Quando a oração é forte e o bicho não está morto, ele volta para o curral.

b) A oração era forte e a hipótese é a de que o bicho não estivesse morto, por isso voltaria para o curral.

c) Supondo que o bicho não tivesse morrido porque a oração era forte, o animal voltaria para o curral.

d) Caso o bicho, porque não estivesse morto, voltasse para o curral, a oração seria forte.

e) Como a oração era forte, o bicho só não voltaria para o curral se estivesse morto.

7. (Fuvest-SP)

Das vãs sutilezas

Os homens recorrem por vezes a sutilezas fúteis e vãs para atrair nossa atenção. (...) Aprovo a atitude daquele personagem a quem apresentaram um homem que com tamanha habilidade atirava um grão de alpiste que o fazia passar pelo buraco de uma agulha sem jamais errar o golpe. Tendo pedido ao outro que lhe desse uma recompensa por essa habilidade excepcional, atendeu o solicitado, de maneira prazenteira e justa a meu ver, mandando entregar-lhe três medidas de alpiste a fim de que pudesse continuar a exercer tão nobre arte. É prova irrefutável da fraqueza de nosso julgamento apaixonarmo-nos pelas coisas só porque são raras e inéditas, ou ainda porque apresentam alguma dificuldade, muito embora não sejam nem boas nem úteis em si.

Montaigne, *Ensaios*.

A expressão sublinhada no trecho "...ou ainda porque apresentam alguma dificuldade, muito embora não sejam nem boas nem úteis em si" pode ser substituída, sem prejuízo para o sentido, por

a) desde que.

b) contanto que.

c) uma vez que.

d) a não ser que.

e) se bem que.

8. (UFF-RJ) Re-escreva a frase:

Nós, os escritores nacionais, **se** quisermos ser entendidos de nosso povo, havemos de falar-lhe em sua língua

substituindo o conectivo destacado por outro com valor de **causalidade**, fazendo os ajustes necessários.

9. (UERJ)

Sou um bom escutador e um vedor melhor. Mas só trancado e sozinho é que consigo me expressar.

Re-escreva o trecho acima em um único período constituído de uma oração subordinada concessiva e uma oração principal.

As questões 10 e 11 referem-se ao texto a seguir.

A universidade de Taubaté (Unitau) conta, no total, com 720 universitários [no curso de Comunicação Social], sendo 130 formandos. Com tantos universitários saindo para o mercado de trabalho, o coordenador do curso de Comunicação Social da Unitau (...) mencionou que o Vale do Paraíba é inexplorado e tem potencial de absorver os formandos.

Jornal *ComunicAção*, n.1, mar. 2002, p. 3.

10. (ITA-SP) Um leitor pode relacionar o conteúdo da construção "com tantos universitários saindo para o mercado de trabalho..." com o que é mencionado pelo coordenador do curso de Comunicação Social da Unitau. No entanto, essa leitura torna-se problemática, pois o leitor poderia esperar, a partir daquela construção, uma:

a) consequência.

b) causa.

c) finalidade.

d) condição.

e) proporção.

11. (ITA-SP) Considerando ainda o período abordado na questão anterior, assinale a alternativa que, completando a oração abaixo, apresenta a relação mais coerente entre as ideias.

O coordenador do curso de Comunicação Social mencionou que,

a) à medida que muitos universitários saem para o mercado de trabalho, o Vale do Paraíba tem potencial de absorver os formandos, pois ainda é um mercado inexplorado.

b) como muitos universitários saem para o mercado de trabalho, o Vale do Paraíba tem potencial de absorver os formandos, pois ainda é um mercado inexplorado.

c) há muitos universitários saindo para o mercado de trabalho, de modo que o Vale do Paraíba tem potencial de absorver os formandos, pois ainda é um mercado inexplorado.

d) muitos universitários saem para o mercado de trabalho; portanto, o Vale do Paraíba tem potencial de absorver os formandos, pois ainda é um mercado inexplorado.

e) embora muitos universitários estejam saindo para o mercado de trabalho, o Vale do Paraíba tem potencial de absorver os formandos, pois ainda é um mercado inexplorado.

12. (Ufam) Assinale o item em que a subordinada encerra a ideia de consequência:

a) Muito distraído devia estar para não vê-la na festa.
b) É difícil distinguir um do outro, tão parecidos são.
c) Mesmo sitiada, a cidade não se rendeu.
d) Assoberbado de serviço, nem pude comparecer à cerimônia.
e) Quase morro de tanto rir.

13. (Ufam) Leia a frase seguinte:

Bem cuidados como são, muitos de meus livros ficaram mofados devido à umidade de Manaus.

Se refizermos a frase, começando com "Muitos de meus livros ficaram mofados devido à umidade de Manaus", o sentido não será alterado se continuarmos com:

a) contanto que bem cuidados.
b) desde que bem cuidados.
c) porque eram bem cuidados.
d) ainda que bem cuidados.
e) à medida que eram bem cuidados.

14. (UFC) Leia a oração abaixo, observando-lhe a numeração.

1. Expugnado palmo a palmo,
2. Canudos caiu,
3. ao entardecer,
4. quando caíram os seus últimos defensores,
5. pois todos morreram.

a) A ordenação da oração fornecida é 1, 2, 3, 4, 5. Outras ordenações são aceitáveis.

a1) Dentre as sequências abaixo, identifique a única ordenação aceitável.

3 – 5 – 2 – 4 – 1
5 – 2 – 4 – 1 – 3
4 – 5 – 2 – 3 – 1

a2) Escolha uma das duas ordenações que você considerou **inaceitáveis**, indique-a e apresente a razão desta inaceitabilidade.

Sequência:

Justificativa:

b) Re-escreva a oração fornecida, iniciando-a pela oração 4 e transformando a oração adverbial temporal numa temporal reduzida de infinitivo.

c) Agora, componha uma oração sobre Canudos, seguindo as orientações estruturais abaixo.

sujeito composto + verbo intransitivo + predicativo do sujeito

15. (Fuvest-SP) "Maria das Dores entra e vai abrir o comutador. Detenho-a: não quero luz."

Os dois pontos (:) usados estabelecem uma relação de subordinação entre as orações. Que tipo de subordinação?

a) temporal
b) final
c) causal
d) concessiva
e) conclusiva

16. (Fuvest/FGV-SP) "Ninguém imaginará que, **topando** os obstáculos mencionados, eu haja procedido invariavelmente com segurança e percorrido, sem me **deter**, caminhos certos."

Desenvolva as orações reduzidas cujos verbos estão destacados.

Instruções para as questões 17 e 18.

Para que os enunciados soltos, apresentados nas questões 17 e 18, se reduzam a um só período, algumas adaptações são necessárias. Escolha a alternativa em que encontramos a estrutura que estilística e gramaticalmente expressa, com a necessária clareza, ênfase e correção, a relação desse sentido sugerida pelos parênteses.

17. (ITA-SP)

I. Conheço um florentino esguio e rijo. (oração principal)
II. Um punhal é esguio e rijo. (indicação de uma comparação)
III. Ele condena a guerra com o espírito (atributo do objeto direto de I = oração subordinada adjetiva)
IV. Ele a ama desesperadamente com a alma. (oposição à ideia do predicado de III)

a) O florentino que conheço, esguio e rijo como um punhal, condena a guerra com o espírito, embora a ame com a alma.
b) Conheço um florentino que, esguio e rijo como um punhal, condena a guerra com o espírito, mas a ama com a alma.
c) Conheço um florentino que é esguio e rijo como um punhal, e ele, condenando a guerra com o espírito, a ama com a alma.
d) Conheço um florentino esguio e rijo como um punhal que condena a guerra com o espírito e a ama com a alma.
e) Um florentino, que é esguio e rijo como um punhal, e que é conhecido por mim, condena a guerra com o espírito, mas a ama desesperadamente com a alma.

18. (ITA-SP)

I. Houve certa vez uma festa no céu. (atributo de adjunto adverbial de III, sugerido pelo verbo *ir*)
II. Todos os animais compareceram a ela. (atributo do objeto direto de I, oração subordinada adjetiva)

III. O cágado não pôde ir. (oração principal)
IV. O cágado anda muito devagar. (causa de III)

a) Na festa que houve certa vez, no céu, todos os animais compareceram, exceto o cágado que, por andar muito devagar, não pôde se fazer presente.
b) Houve, certa vez, uma festa no céu em que compareceram todos os bichos, menos o cágado, que anda muito devagar e por isso não pôde ir nela.
c) Certa vez houve uma festa no céu; todos os bichos lá foram; com exceção do cágado, o qual não pôde ir porque andava muito devagar.
d) Com exceção do cágado que, como andava muito devagar, não pôde ir na festa, todos os bichos compareceram na mesma.
e) Por andar muito devagar, o cágado não pôde ir à festa que certa vez houve no céu, à qual compareceram todos os bichos.

19. (ITA-SP) Em qual dos períodos abaixo há uma oração subordinada adverbial que expressa ideia de concessão?

a) Diz-se que a obra de arte é aberta; possibilita, portanto, várias leituras.
b) Pode criticar, desde que fundamente sua crítica em argumentos.
c) Tamanhas são as exigências da pesquisa científica, que muitos desistem de realizá-la.
d) Os animais devem ser adestrados, ao passo que os seres humanos devem ser educados, visto que possuem a faculdade de inteligência.
e) Não obstante haja concluído dois cursos superiores, é incapaz de redigir uma carta.

20. (PUCCamp-SP) Esta questão apresenta cinco propostas diferentes de redação. Assinale a alternativa em que a redação apresenta falhas na estruturação das frases ou na relação entre elas.

a) Como o senhor não queria perder nenhum de seus trabalhadores, havia regras estipulando que os servos ou seus filhos não poderiam casar-se fora dos domínios, exceto com permissão especial.
b) O senhor não queria perder nenhum de seus trabalhadores; por isso havia regras que lhe garantiam que os servos – ou seus filhos – não poderiam casar-se fora dos domínios, exceto com permissão especial.
c) Para garantir ao senhor que os servos, ou seus filhos, não se afastassem – o que resultaria em perda de trabalhadores – havia regras estipulando que não poderiam casar-se fora dos domínios, exceto com permissão especial.
d) Salvo em alguns casos, e com permissão especial, não se permitia aos servos ou seus filhos casarem-se fora dos domínios, o que garantia ao senhor conservar seus trabalhadores.
e) Para não perder-se nenhum dos próprios trabalhadores, é que o senhor estipulava regras para os servos e seus filhos, que então não podiam casar fora dos seus domínios, mas com permissão especial em certos casos, sim.

21. (PUCCamp-SP)

O homem age de forma predatória sobre a [natureza.
A natureza resiste à atuação predatória do [homem.
A natureza mantém vivas algumas de suas [espécies.
A natureza responde ao homem sob a forma de intempéries imprevisíveis.

Observe as frases acima. Assinale a alternativa em que elas estão em correta relação lógica e sintática.

a) A natureza resiste ao homem para manter vivas algumas de suas espécies, e também lhe responde com intempéries imprevisíveis, conquanto o homem aja de maneira predatória sobre ela.
b) Pois o homem age de forma predatória sobre a natureza, então ela lhe resiste mantendo vivas algumas de suas espécies, como também lhe responde, com intempéries imprevisíveis.
c) Segundo o homem aja de maneira predatória sobre a natureza, ela lhe resiste, por manter vivas algumas de suas espécies, ou também lhe responde, sob a forma de intempéries imprevisíveis.
d) A natureza resiste ao homem mantendo vivas algumas de suas espécies ou respondendo-lhe com intempéries imprevisíveis, a menos que ele aja de forma predatória sobre ela.
e) Apesar de o homem agir de maneira predatória sobre a natureza, ela resiste, mantendo vivas algumas de suas espécies, e até lhe responde, sob a forma de intempéries imprevisíveis.

22. (PUC-SP) No período "Da própria garganta saiu um grito de admiração, que Cirino acompanhou, **embora** com menos entusiasmo,", a palavra destacada expressa uma ideia de:

a) explicação.
b) concessão.
c) comparação.
d) modo.
e) consequência.

23. (Unicamp-SP) No texto abaixo, substitua *embora* por outra palavra ou expressão, de forma que o texto resultante dessa substituição, com as mínimas alterações necessárias, mantenha o sentido original.

(...) ergueu-se rapidamente, passou para o outro lado da sala e deu alguns passos, entre a janela da rua e a porta do gabinete do marido. Assim, com o desalinho honesto que trazia, dava-me

uma impressão singular. Magra **embora**, tinha não sei que balanço no andar, como quem lhe custa levar o corpo; essa feição nunca me pareceu tão distinta como naquela noite.

Machado de Assis, "Missa do galo".

24. (Unicamp-SP) Escreva uma paráfrase da passagem destacada a seguir, mantendo as mesmas relações que o texto original estabelece entre o salário dos funcionários públicos e a qualidade dos vários serviços por eles prestados à população.

No que diz respeito às universidades paulistas, a situação é de novo calamitosa. Um professor assistente doutor ganha a metade do que recebe seu congênere nas universidades federais. (...) Que fazer diante desse descalabro? Durante a ditadura essa mesma página se enchia de análises refinadas de nossos melhores economistas (alguns deles hoje no parlamento) execrando a predação do funcionalismo através de salários de fome. Hoje a situação está ainda mais agravada e um silêncio de morte se abate sobre os salários. **Cansativo lembrar que manter à míngua os funcionários do Estado é punir os cidadãos que se servem dos hospitais, das escolas, das delegacias, das faculdades.** (...) Não se entende bem por que pretender criar mais universidades (o que teoricamente seria ótimo) se se insiste em negar condições adequadas de remuneração para os funcionários e professores da USP, da Unicamp e da Unesp.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 20 nov. 1987.

25. (Unicamp-SP) Substitua a palavra destacada no trecho transcrito abaixo por outra que garanta o mesmo sentido ao texto (você poderá ainda fazer outras modificações, se as julgar **indispensáveis**).

Se não chegam a configurar um processo de radicalização verbal e de alarmismo deliberado, ainda assim são preocupantes e lamentáveis as declarações do ministro da Indústria e Comércio, Roberto Cardoso Alves, de que partidos como o PT e os PCs não deveriam ter existência legal, por não possuírem, na opinião do ministro, compromisso com a democracia.

Folha de S.Paulo, São Paulo, 8 dez. 1988.

26. (Unimep-SP) Assinale a alternativa que, embora tenha valor causa-consequência, não contém oração adverbial causal.

a) Cheguei tarde, porque choveu muito.
b) Como estava doente, não fui à escola.
c) Estava tanto frio, que não saí de casa.
d) Fiquei chateado, pois fui despedido.
e) Devo ir mal na prova, já que não estudei.

27. (UFV-MG) Dadas as frases:

a) A prova de português está fácil; logo, muitos alunos passarão.
b) A prova de português está fácil, mas muitos alunos a acham difícil.

Tendo sempre em vista o uso das palavras e a eficiência da linguagem, re-elabore-as, nos itens a.1 e b.1, em períodos formados por subordinação,

– usando logicamente outras conjunções em outras posições;
– usando, se necessário, outro modo verbal;
– atentando para a observação entre parênteses.

a.1) A informação contida em "A prova de português está fácil" é **causa.**
b.1) A informação contida em "A prova de português está fácil" é **concessão.**

28. (Vunesp-SP) "Anda a espreitar meus olhos **para roê-los**, (...)"

Transcreva o período acima, desenvolvendo a oração reduzida destacada. A seguir, classifique-a.

29. (Vunesp-SP) Das alternativas abaixo, apenas em uma não se considera um fato natural as violetas murcharem, por receberem muita água. Assinale-a.

a) Como as violetas foram muito molhadas, murcharam.
b) Desde que as violetas sejam muito molhadas, murcham.
c) As violetas foram muito molhadas, de modo que murcharam.
d) Embora as violetas tivessem sido muito molhadas, murcharam.
e) As violetas foram tão molhadas, que murcharam.

30. (Vunesp-SP) "... a esposa estar, há muito tempo, longe de casa, o marido não sente sua falta, ... se rodeia de amigos, ... comemorar sua liberdade."

Observando a coerência na indicação das circunstâncias, assinalar a alternativa que preenche adequadamente as colunas:

a) em razão de; à proporção que; para
b) apesar de; já que; a fim de
c) na hipótese de; desde que; por
d) não obstante; quando; sem
e) no caso de; conforme; de modo a

31. (Unicamp-SP) O autor do texto abaixo conhece um tipo de raciocínio cuja estrutura lembra propriedades de um círculo e tenta reproduzi-lo. No entanto, não é bem-sucedido.

(...) Gera-se, assim, o círculo vicioso do pessimismo. As coisas não andam porque ninguém confia no governo. E porque ninguém confia no governo as coisas não andam.

DIMENSTEIN, Gilberto. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 22 nov. 1990.

a) Re-escreva o trecho de maneira que ele passe a ter a estrutura de um verdadeiro círculo vicioso.

b) Comparando o que você fez e o que fez o autor, explique em que ele se equivocou.

32. (UFV-MG) "Um dia, **como lhe dissessem** que iam dar o passarinho, **caso continuasse a comportar-se mal**, correu para a área e abriu a porta da gaiola." (Paulo Mendes Campos)

As orações destacadas são, respectivamente, subordinadas adverbiais:

a) causal e condicional.
b) comparativa e causal.
c) conformativa e consecutiva.
d) condicional e concessiva.
e) comparativa e conformativa.

33. (Esan-SP) Na frase "**Como anoitecesse**, recolhi-me pouco depois e deitei-me." (Monteiro Lobato), a oração destacada é:

a) coordenada sindética explicativa.
b) subordinada adverbial causal.
c) subordinada adverbial conformativa.
d) subordinada adjetiva explicativa.
e) subordinada adverbial final.

34. (PUC-MG) A classificação da oração destacada está correta em todas as opções, exceto em:

a) Ela sabia **que ele estava fazendo o certo**. (subordinada substantiva objetiva indireta)
b) Era a primeira vez **que ficava assim tão perto de uma mulher**. (subordinada substantiva subjetiva)
c) Mas não estava neles modificar um namoro **que nascera difícil, cercado, travado**. (subordinada adjetiva)
d) O momento foi tão intenso **que ela teve medo**. (subordinada adverbial consecutiva)
e) Solta **que você está me machucando**. (coordenada sindética explicativa)

35. (PUCCamp-SP) "Nunca chegará ao fim, **por mais depressa que ande**." A oração destacada é:

a) subordinada adverbial causal.
b) subordinada adverbial concessiva.
c) subordinada adverbial condicional.
d) subordinada adverbial consecutiva.
e) subordinada adverbial comparativa.

36. (Fuvest-SP) Classifique as orações em destaque no período a seguir.

Ao analisar o desempenho da economia brasileira, os empresários afirmaram **que os resultados eram bastante razoáveis**, uma vez que a produção não aumentou, mas também não caiu.

a) principal, subordinada adverbial final
b) subordinada adverbial temporal, subordinada adjetiva restritiva
c) subordinada adverbial temporal, subordinada substantiva objetiva direta
d) subordinada adverbial temporal, subordinada substantiva subjetiva
e) principal, subordinada substantiva objetiva direta

37. (Fuvest-SP)

Sei que esperavas desde o início
que eu te dissesse hoje o meu canto solene.
Sei que a única alma **que eu possuo**
é mais numerosa **que os cardumes do mar.**
(Jorge de Lima)

As orações destacadas são orações subordinadas, respectivamente:

a) substantiva subjetiva, adjetiva, adverbial consecutiva
b) adjetiva, substantiva objetiva direta, adverbial comparativa.
c) substantiva objetiva direta, adjetiva, adverbial comparativa.
d) adjetiva, substantiva subjetiva, adverbial correlativa.
e) substantiva predicativa, adjetiva, adverbial consecutiva.

38. (PUC-MG) Em "Orai porque não entreis em tentação.", o valor da conjunção do período é de:

a) causa.
b) condição.
c) conformidade.
d) explicação.
e) finalidade.

39. (Efei-MG) Em que período a oração subordinada é adverbial concessiva?

a) Peço-lhe permissão para voltar ao trabalho.
b) Mesmo que faça calor, não poderemos nadar.
c) É possível que o rapaz tenha oportunidades.
d) Se tudo correr bem, levar-te-ei à Europa.
e) Ela era tão medrosa, que não saía de casa.

40. (FEI-SP) Complete, segundo o modelo:

Maria entrou na estufa, porque não topou com um desconhecido.

Se Maria topasse com o desconhecido, não entraria na estufa.

O velho Leite raciocinou assim, porque havia muita cinza de cigarro no chão.

Capítulo 25

Orações coordenadas

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 1996. p. 18.

As orações coordenadas são sintaticamente independentes; uma não exerce função sintática em relação à outra. Note que na palavra *coordenação* existe o prefixo *co-*, que indica "nivelamento, igualdade, companhia"; é o mesmo prefixo de *cooperar, colíder, copiloto*. Na palavra *subordinação* existe o prefixo *sub-*, que indica posição inferior: a oração subordinada é sintaticamente dependente da principal.

Na tira acima, as orações coordenadas se sucedem na fala de Helga, no primeiro quadrinho. As orações são sintaticamente completas (não lhes falta nenhum termo), e a conexão entre elas é feita por pausas, representada na escrita por reticências, com exceção da última, "e o teu cachorro teve filhotes", que vem ligada à anterior pela conjunção *e*.

1. Orações sindéticas e assindéticas

Você já sabe que num período composto por coordenação as orações são independentes e sintaticamente equivalentes. Isso significa que as orações coordenadas não agem como se fossem termos de outra oração, nem têm um de seus termos na forma de oração. Observe:

"Apita o árbitro, abrem-se as cortinas e começa o espetáculo." (Fiori Gigliotti, consagrado locutor esportivo, falecido em 2006)

Há três orações nesse período, organizadas a partir das formas verbais *apita*, *abrem-se* e *começa*. Essas orações são sintaticamente equivalentes, já que nenhuma delas atua como termo sintático de outra. As orações são completas, não lhes falta nenhum termo. Não é difícil para você, que já conhece as orações subordinadas, perceber claramente isso. Trata-se, portanto, de um período composto por coordenação – e as três orações que o formam são **coordenadas**.

A conexão entre as duas primeiras orações é feita exclusivamente por uma pausa, representada na escrita por uma vírgula. Entre a segunda e a terceira, é feita pela conjunção *e*. As orações coordenadas que se ligam umas às outras apenas por uma pausa, sem conjunção, são chamadas **assindéticas**. É o caso de "Apita o árbitro" e "abrem-se as cortinas". As orações coordenadas introduzidas por uma conjunção são chamadas **sindéticas**. *Sindéticas* e *assindéticas* são palavras de origem grega; a raiz é *syndeton*, que significa "união". No exemplo da página anterior, a oração "e começa o espetáculo" é coordenada sindética, porque é introduzida pela conjunção *e*. Costuma-se chamar de **coordenada inicial** a primeira oração de um período composto por coordenação.

A classificação de uma oração coordenada leva em conta fundamentalmente o aspecto lógico-semântico da relação que se estabelece entre as orações. Você começa a perceber isso já nos nomes das cinco coordenadas sindéticas, que podem ser subclassificadas em aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas e explicativas.

2. Classificação das orações coordenadas sindéticas

Aditivas

As coordenadas sindéticas aditivas normalmente indicam fatos ou acontecimentos dispostos em sequência. A palavra *aditiva* é da mesma família da palavra *adição*, que, como você sabe, significa "soma". Portanto as coordenadas aditivas normalmente têm o papel de somar, sem acrescentar outro matiz de significação. As conjunções coordenativas aditivas típicas são *e* e *nem* (= *e* + *não*):

Caetano Veloso canta **e compõe muito bem**.

Ela não trabalha **nem estuda**.

Como a conjunção *nem* tem o valor da expressão "e não", condena-se na língua culta a forma *e nem* para introduzir orações aditivas ("Ele não estuda e nem trabalha").

A língua portuguesa dispõe também de estruturas correlativas para coordenar orações. Essas estruturas, conhecidas como séries aditivas enfáticas, costumam ser usadas quando se pretende enfatizar o conteúdo da segunda oração:

Caetano Veloso não só canta, **mas também** (ou **como também**) compõe muito bem.

Ele não só foi o melhor do time, **mas também** (ou **como também**) fez o gol da vitória.

Adversativas

As orações coordenadas sindéticas adversativas exprimem fatos ou conceitos que se opõem ao que se declara na oração coordenada anterior, estabelecendo contraste ou compensação. A palavra *adversativa* é da mesma família da palavra *adversário*, que, como você sabe, significa "opositor". A conjunção coordenativa adversativa típica é *mas*; além dela, empregam-se *porém*, *contudo*, *todavia*, *entretanto* e as locuções *no entanto*, *não obstante*. Observe:

"Eu queria querer-te e amar o amor, construir-nos dulcíssima prisão, encontrar a mais justa adequação, tudo métrica, rima, nunca dor, **mas a vida é real e de viés**." (Caetano Veloso)

O Brasil tem potencial inesgotável; **sua má administração, porém, tem produzido apenas a sociedade mais injusta do planeta**.

O time jogou muito bem, **entretanto não conseguiu a vitória**.

Em textos clássicos, é possível encontrar a conjunção *entanto*, que hoje só é empregada na locução *no entanto*. Quanto a essa locução, convém não imitar uma construção cada vez mais comum, tanto na língua falada quanto na escrita:

Lutamos muito, mas, no entanto, não conseguimos o que queríamos.

Mas e *no entanto* se equivalem; portanto basta usar uma das duas.

Fernando Gonsales

GONSALES, Fernando. *Niquel Náusea: tédio no chiqueiro*. São Paulo: Devir, 2006. p. 48.

Observa-se, na tirinha, a ocorrência da conjunção *mas*, introduzindo um fato que se opõe à afirmação do narrador. O Danilo é folgado em relação aos demais caranguejos. Observe-se, também, a ocorrência da conjunção *e* acrescentando uma ideia à outra: *aproveita e me enterra*.

Alternativas

A palavra *alternativa* é da mesma família das palavras *alternância*, *alternar*. É óbvio, pois, que as orações coordenadas sindéticas alternativas exprimem fatos ou conceitos que se alternam ou que se excluem mutuamente. Essa relação é normalmente expressa pela conjunção *ou* (que pode surgir isolada ou em pares); além dela, empregam-se os pares *ora... ora...*, *já... já...*, *quer... quer...* Observe:

Fale agora, **ou cale-se para sempre**.

Ora age com calma, ora trata a todos com muita aspereza.

Estarei lá, **quer você permita, quer você não permita**.

Nesse último caso, o par *quer... quer...* está coordenando entre si duas orações que, na verdade, expressam concessão em relação a "Estarei lá". É como se se dissesse "Embora você não permita, estarei lá".

Na língua culta, não ocorrem construções como "Estarei lá, quer chova ou faça sol" ou "Está sempre alegre, seja dia de trabalho ou de festa". É necessário manter o paralelismo, repetindo a conjunção: "quer chova, quer faça sol"; "seja dia de festa, seja dia de trabalho".

Em DVD

Divulgação

***A Noiva cadáver*. Direção de Tim Burton. Estados Unidos: Warner Home Video, 2006. (77 min).**

A passagem "Fale agora, ou cale-se para sempre." (em que há uma oração coordenada sindética alternativa) é uma sentença conhecida por aqueles que se unem em matrimônio. A frase aparece até em casamentos envolvendo o além-túmulo, como o do conto desse obscuro e fantástico filme de Tim Burton. Victor, o noivo, é subitamente levado para o submundo, onde se envolve com a noiva cadáver, que exige fidelidade do rapaz, enquanto sua verdadeira noiva o espera no mundo dos vivos. Embora Victor acabe percebendo que o mundo dos mortos é muito mais divertido que o dos vivos, ele descobrirá que não pode se separar de seu verdadeiro amor.

Conclusivas

A palavra *conclusiva* é da mesma família das palavras *concluir*, *conclusão*. Evidentemente, as orações coordenadas sindéticas conclusivas expressam uma conclusão lógica que se obtém a partir dos fatos ou conceitos expressos na oração anterior. A conjunção mais empregada na língua falada é *por isso*. Na língua escrita, aparecem outras, como *logo*, *portanto* e *pois*, esta obrigatoriamente posposta ao verbo. Também se usam *então*, *assim* e as locuções *por conseguinte*, *de modo que*, *em vista disso*. Observe:

Não tenho dinheiro, **portanto não posso pagar**.

Penso, **logo existo**.

Ela é paulista; **é, pois, brasileira**.

O time venceu, **por isso está classificado**.

Em livro

Objetiva

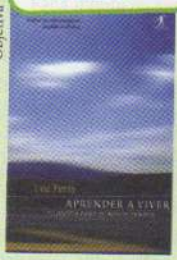

FERRY, Luc. *Aprender a viver*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

A máxima "Penso, logo existo." é de autoria de René Descartes, filósofo e matemático francês que buscou questionar todo o conhecimento considerado correto e verdadeiro. Descartes faz parte de um dos cinco maiores momentos da história da filosofia, segundo Luc Ferry, ex-ministro da educação da França. Seu livro *Aprender a viver* propõe-se a contar esses cinco maiores momentos, ao mesmo tempo em que tenta provar ao leitor que a filosofia pode nos ajudar a viver com mais qualidade e sabedoria.

Explicativas

As orações coordenadas explicativas normalmente expressam a justificativa de uma ordem, sugestão ou suposição. As conjunções mais usadas são *que*, *porque* e *pois*, esta obrigatoriamente anteposta ao verbo. Observe:

"Deixe em paz meu coração, **que ele é um pote até aqui de mágoa**." (Chico Buarque)

Choveu durante a noite, **porque as ruas estão molhadas**.

Cumprimente-o, **pois hoje é seu aniversário**.

É preciso tomar cuidado para não confundir **explicação** com **causa**, ou seja, não se devem confundir as orações coordenadas explicativas com as subordinadas adverbiais causais. Uma explicação é sempre posterior ao fato que a gerou; uma causa é sempre anterior à consequência resultante dela. Nas frases acima, é fácil perceber que não se estão indicando causas, e sim se apresentando explicações: no primeiro caso, alguém pede que o deixem em paz e explica por que está fazendo o pedido; no segundo caso, alguém supõe que tenha chovido durante a noite e baseia sua suposição no fato de as ruas estarem molhadas. Note, nesse segundo caso, que seria absurdo pensar que as ruas molhadas são a causa da chuva – o que ocorre é exatamente o inverso. Se o fato de as ruas estarem molhadas fosse a causa da chuva, estaria resolvido o problema da seca no Brasil: bastaria molhar as ruas das cidades do sertão.

3. Classificação baseada nas relações de sentido

No caso das coordenadas, é preciso levar em conta que a classificação depende fundamentalmente da relação de sentido que se estabelece entre as orações. A conjunção *e*, por exemplo, é sempre vista como aditiva. Num período como "Deus cura, e o médico manda a conta.", é evidente que seu valor não é aditivo. O período, na verdade, equivale a algo como "Deus cura, mas é o médico quem manda a conta.". Em "Você me quer forte, e eu não sou forte mais.", ocorre o mesmo. A conjunção *e* equivale a *mas*, portanto tem valor adversativo e assim poderia ser classificada. Para a Nomenclatura Gramatical Brasileira, no entanto, vale a forma. A conjunção *e* é aditiva e fim. Nos vestibulares mais elaborados, felizmente, essa visão limitada já está fora de moda. A classificação leva em conta o sentido efetivo.

O mesmo raciocínio se aplica às orações coordenadas assindéticas que possuem claramente valor de sindéticas, porque apresentam um conectivo subentendido. Veja:

Fiz o possível para prevenir-lhes o perigo; **ninguém quis ouvir-me**.

Fale baixo: **não sou surdo!**

A terceira oração do primeiro período ("ninguém quis ouvir-me") e a segunda do segundo ("não sou surdo"), apesar de formalmente assindéticas, já que não apresentam conjunção, têm sentidos bem marcados: a primeira tem valor adversativo (equivale a "**mas** ninguém quis ouvir-me"); a segunda, explicativo (equivale a "**pois** não sou surdo").

Por isso convém insistir em que você se preocupe mais com o uso efetivo das estruturas linguísticas do que com discussões às vezes intermináveis sobre questões de mera nomenclatura.

Laerte

LAERTE. *Classificados: livro 2*. São Paulo: Devir, 2002. p. 60.

No texto da tirinha, há duas orações, tendo a segunda nítido valor explicativo em relação à primeira. Embora formalmente ausente, a conjunção explicativa está subentendida no período: *Esqueça piano, pois todo o seu talento é pra massagista.*

Atividades

1. Explique as relações existentes entre os fatos expressos nos períodos compostos seguintes.

a) Ela já deve ter mudado, porque sua casa está vazia.

b) Mantenha a calma, que tudo dará certo.

c) É milionário e vive pedindo fiado.

d) Vários parlamentares ausentaram-se intencionalmente da votação; essa ausência deve ser vista, pois, como uma tomada de posição.

e) Venha amanhã, pois temos de tomar decisões importantes.

f) Faça direito ou será obrigado a refazer.

2. A partir dos períodos dados, construa períodos compostos por coordenação, unindo as orações na ordem conveniente. Utilize a conjunção coordenativa apropriada e faça as alterações necessárias.

a) Aquele verão foi quente e ensolarado. Só pudemos sair de casa poucas vezes.

b) Nesta terra de fartura, existem muitos pobres. Alguma coisa está errada.

c) Visite-me. Quero estar com você mais tempo.

d) A safra de grãos será a maior da história. Muita gente passará fome.

e) Não fomos capazes de resolver nossos problemas. Foi preciso procurar novas alternativas.

f) Invista em seu futuro agora. Você poderá enfrentar dificuldades mais tarde.

g) Chove torrencialmente. A seca castiga a tudo e a todos.

3. Utilizando uma das conjunções indicadas entre parênteses, junte as orações, formando períodos compostos.

a) Estou enganado. Escrevi um texto desnecessário. (*e/ou ... ou/porém*)

b) Não participei da reunião. Não posso opinar sobre o assunto. (*mas/logo/pois*)

c) Irei à Europa nas férias. Não estarei em São Paulo. (*logo/porque/contudo*)

d) Vocês podem ir. Devem voltar cedo. (*que/portanto/mas também*)

e) Esperei um pouco, telefonei para ela. Marquei um encontro para a noite. (*então/e/por isso*)

f) Venha logo para dentro. Está fazendo frio. (*mas/que/e*)

g) Ela não para de sorrir. Deve ser feliz. (*logo/entretanto/pois*)

h) Tome cuidado na estrada. Está cheia de buracos. (*portanto/e/pois*)

i) Há anos estudo espanhol. Estou começando a estudar francês. (*porém/e/ora ... ora*)

j) Vou dar o recado a ela. A reunião não pode ser adiada. (*nem/logo/mas*)

k) Caiu violentamente. Não sofreu um arranhão. (*portanto/porque/e*)

4. Ordene os fatos expressos nas orações de cada item e forme períodos compostos por coordenação. Utilize as conjunções ou sinais de pontuação apropriados a cada caso.

a) Acendeu a fogueira. Juntou galhos e gravetos.

b) Armou a barraca cuidadosamente. Escolheu um local plano e aberto. Limpou o terreno.

c) A luz invadiu o quarto. Levantou-se da cama. Chegou até a janela. Caminhou cuidadosamente no escuro. Abriu-a.

d) Não posso discutir o assunto. Nada sei sobre ele.

e) Muitas pessoas já estão dormindo. Não faça barulho.

f) Não se feriu com gravidade. Sofreu um acidente terrível.

g) Não obterá sucesso. Faça tudo cuidadosamente.

5. Em cada item seguinte, há um período composto por subordinação. Estude bem a relação estabelecida entre os fatos; depois, proponha um período composto por coordenação cujo sentido se aproxime do expresso pelo período original.

a) Embora a acusação seja grave, o candidato nega-se a discuti-la.

b) Se você não se dedicar seriamente, os resultados não serão satisfatórios.

c) Concluí que não há ninguém na casa porque janelas e portas estão trancadas.

4. As orações coordenadas e a pontuação

a. regra geral – Separam-se por vírgula as orações coordenadas assindéticas e as orações coordenadas sindéticas, com exceção das introduzidas pela conjunção *e* que não tenham sujeito diferente do da oração anterior:

Alguns reclamam, um ou outro protesta, ninguém reivindica.

A exploração racional dos recursos naturais pode ser lucrativa, logo deve ser incentivada num país pobre e subdesenvolvido.

A queimada de florestas nativas representa grande desperdício, mas continua a ser praticada neste país.

b. orações introduzidas pela conjunção *e* – Devem-se adotar os mesmos procedimentos aplicados aos termos coordenados de um período simples, ou seja:

- quando a conjunção surge apenas entre a penúltima e a última oração de uma sequência, não se emprega vírgula:

  Apresentei meus argumentos e fiz minhas exigências.

  Participei da reunião, levei meu relatório, apresentei meus pontos de vista e fiz minhas exigências.

- quando a conjunção *e* é repetida, introduzindo várias orações de uma sequência, deve ser sempre precedida de vírgula:

  O menino girava em volta da mãe, e vinha, e tornava a ir, e ainda uma vez voltava, e se afastava, e ameaçava dizer o que queria, e fazia meia-volta...

- a vírgula também deve ser usada quando a conjunção une orações que possuem sujeitos diferentes:

  O presidente convocou os ministros, e o Congresso começou a trabalhar.

A um poeta

Longe do estéril turbilhão da rua,
Beneditino, escreve! No aconchego
Do claustro, na paciência e no sossego,
Trabalha, e teima, e lima, e sofre, e sua!

LIMA, Alceu Amoroso (Dir.). *Olavo Bilac. Poesia.*
Rio de Janeiro: Agir, 1976. p. 92.

No trecho do poema de Olavo Bilac, nota-se a ênfase das orações coordenadas aditivas, separadas por vírgulas. Note-se que as quatro últimas orações constituem uma sequência simétrica uma vez que são todas introduzidas pela conjunção *e* e apresentam formas verbais dissílabas e paroxítonas.

C. uso do ponto-e-vírgula – Também o ponto-e-vírgula pode ser utilizado na pontuação das orações coordenadas, especialmente com as orações adversativas e com as conclusivas:

Aja como quiser; mas não me impeça de pensar.

Os problemas se avolumam num ritmo alucinante; portanto é preciso adotar providências eficientes com rapidez.

- O uso do ponto-e-vírgula pode ocorrer também entre orações assindéticas que tenham nítido valor adversativo ou conclusivo:

  Fiz o possível para demovê-los daquela ideia; não consegui absolutamente nada.

  Os livros são raros; é preciso conservá-los com todo o cuidado.

- O ponto-e-vírgula é obrigatório para separar coordenadas sindéticas adversativas ou conclusivas que não sejam iniciadas pela conjunção. Note que, nesses casos, as conjunções deslocadas devem ser isoladas por vírgulas:

  Uns lutam, criam; outros, porém, só sabem explorar.

  O país investe pouco em educação; não há, portanto, perspectiva de eliminar o atraso.

- O ponto-e-vírgula permite organizar blocos de orações coordenadas que estabelecem contraste:

  Uns avançam os sinais vermelhos, oprimem os pedestres nas faixas de segurança, estacionam em fila dupla e ostentam pose de bons cidadãos; outros nascem na miséria, crescem nas ruas, vendem goma de mascar nas esquinas e acabam recebendo destaque nas reportagens policiais.

- O ponto-e-vírgula deve ser usado para separar os membros de uma enumeração:

  Numa eleição, é preciso levar em conta:

  a) o perfil ideológico e o programa de cada partido;

  b) a atuação dos membros do partido em gestões anteriores;

  c) a qualidade individual dos candidatos do partido.

Atividade

Pontue adequadamente os períodos seguintes.

a) O jogador queria participar da partida mas o médico do clube não permitiu.

b) O álcool combustível é uma fonte renovável de energia portanto deveria ter seu uso ampliado e estimulado.

c) O álcool combustível é uma fonte renovável de energia deveria ter seu uso ampliado e estimulado portanto.

d) Insistiu muito e conseguiu o que queria.

e) Tentou uma vez e insistiu e tornou a tentar e conseguiu o que queria.

f) Examinei notei a falta de estrutura do grupo e achei melhor interferir.

g) Vários projetos têm sido apresentados para amenizar as tensões sociais do país nenhum deles contudo estabelece uma distribuição de renda menos indecente.

h) Apresentei vários projetos nenhum foi sequer analisado.

i) Chamava-se Pedro o amigo Paulo.

Textos para análise

1

É pra rir ou pra chorar?

O Brasil proclamou sua independência, mas o filho do rei é que assumiu a gerência.

O povo sem estudo não dá muito palpite, e a nossa república é só pra elite. (E quem faz greve o patrão ainda demite). É pra rir ou pra chorar?

O Brasil aboliu a escravidão, mas o negro da senzala foi direto pra favela. Virou um homem livre e foi pra prisão. Só que a tal da liberdade não entrou lá na cela. (E a discriminação ainda é verde e amarela). É pra rir ou pra chorar?

O Brasil foi parar na mão dos militares, que calaram o povo no tempo da ditadura.

Torturaram e prenderam e mataram milhares, mas ninguém foi condenado pelos crimes de tortura. (E tem até torturador lançando candidatura). É pra rir ou pra chorar?

O Brasil conseguiu as eleições diretas, mas a gente que vota ainda é semianalfabeta.

O Collor foi eleito e roubou até cansar. O povo deu um jeito de cassar o marajá. Mas ele não foi preso e falou que vai voltar! É pra rir ou pra chorar?

O Brasil tem mais terra do que a China tem chinês, mas a terra tá na mão dos grandes latifundiários. A reforma agrária ninguém ainda fez. Ainda bem que os sem-terra não são otários. (E tudo que eles querem é direito a ter trabalho). É pra rir ou pra chorar?

O Brasil tem miséria, mas tem muito dinheiro, na mão de meia dúzia, no banco suíço.

O rico sobe na vida feito estrangeiro, e o pobre só sobe no elevador de serviço. (E você aí fingindo que não tem nada com isso?) É pra rir ou pra chorar?

O Brasil tem um povo gigante por natureza que ainda não percebe o tamanho dessa grandeza. Sempre solidário no azar ou na sorte, um povo generoso, criativo e risonho.

Poderoso, e tem um coração batendo forte que põe fé no futuro do mesmo jeito que eu ponho. E vai ter que ser independência ou morte. Um por todos, e todos por um sonho.

É pra rir ou pra chorar? É pra ir ou pra voltar? Pra seguir ou pra parar? Pra cair ou levantar? É pra rir ou pra chorar? Pra sair ou pra ficar? Pra ouvir ou pra falar? Pra dormir ou pra sonhar? É pra ver ou pra mostrar? Aplaudir ou protestar? Construir ou derrubar? Repetir ou transformar? É pra rir ou pra chorar? Pra se unir ou separar? Agredir ou agradar? Pra torcer ou pra jogar? Pra fazer ou pra comprar? Pra vender ou pra alugar? Pra jogar pra perder ou pra ganhar? Dividir ou endividar? Dividir ou individualizar? É pra rir ou pra chorar?!

Gabriel O Pensador e Liminha.
Disponível em: <www.gabrielopensador.com.br>.
Acesso em: 16 jun. 2008.

Trabalhando o texto

1. O primeiro período apresenta uma estrutura sintática que se repete várias vezes ao longo do texto. Qual é essa estrutura? Que efeito de sentido ela instala no texto?

2. "Virou um homem livre **e** foi pra prisão."

Qual o valor da conjunção destacada no período? Comente.

3. Como você interpreta a frase "E a discriminação ainda é verde e amarela"?

4. "Torturaram e prenderam e mataram milhares, mas ninguém foi condenado pelos crimes de tortura."

Indique as orações presentes no período e classifique-as.

5. "O Brasil conseguiu as eleições diretas, mas a gente que vota ainda é semianalfabeta. O Collor foi eleito e roubou até cansar."

Qual a relação de sentido que se estabelece entre os dois períodos do trecho transcrito? Explique.

6. "O Brasil tem um povo gigante por natureza que ainda não percebe o tamanho dessa grandeza."

Aponte e classifique as orações presentes no período transcrito.

7. Que relação de sentido estabelece a conjunção coordenativa *ou*? Explique a partir de elementos retirados do próprio texto.

8. Comente os recursos linguísticos presentes no título do álbum do qual foi retirada a canção: *Seja você mesmo mas não seja sempre o mesmo.*

9. "Um por todos, e todos por um sonho."

É pra concordar ou discordar?

Em *site*

<www.gabrielopensador.com.br>. Acesso em: 15 jul. 2008.

Site oficial do cantor e compositor Gabriel O Pensador. A página oferece links sobre sua biografia, discografia com letras das canções, cenas de *shows*, trechos de livros lançados pelo músico, textos de opinião e sua agenda.

2

Revista *Veja*, 30 mai 2001, p. 140-1/Detalhe

PENSO, LOGO ASSISTO:

ALBERTO DINES, JOSÉ CARLOS CATALDI, RONALDO ROSAS, LEILA RICHERS, CLÁUDIO BOJUNGA, CLÁUDIO LINS, LÚCIA LEME, SARGENTELLI, LEDA NAGLE, LULA VIEIRA, SÉRGIO BRITTO, LÉO E CIA., MÁRCIO GUEDES, VERA BARROSO, ANCELMO GÓIS, CARLA BRAGA, SÔNIA RACY, WILSON FIGUEIREDO, CARLA RAMOS, CÍCERO SANDRONI, RODOLFO BOTTINO, PAULA SALDANHA, MAESTRO SCHILLER, JOSÉ MAURÍCIO MACHLINE, HUMBERTO MOTTA, ARISTÓTELES DRUMMOND, MILTON CUNHA, MARIA DO ROSÁRIO, PAULO MARKUN, ANTÔNIO ABUJAMRA, ROBERTO D'ÁVILA.

A partir de agora a TVE e mais 133 afiliadas formam a Rede Brasil. A primeira cobertura nacional em credibilidade, que chega com uma nova antena, novos transmissores, uma nova imagem e uma nova programação. Tudo para oferecer o que há de melhor em cultura, informação e entretenimento. Só uma coisa continua antiga, o compromisso com um conteúdo de qualidade, a verdade e o respeito à sua inteligência.

Veja. São Paulo: Abril, 30 mai. 2001. p. 140-1.

Trabalhando o texto

Classifique as orações presentes no período acima. A seguir, comente a relação de sentido que estabelecem entre si, considerando o produto que está sendo anunciado e a célebre frase a que o texto do anúncio se refere.

Questões de exames e concursos

1. (Ibmec) Assinale a alternativa **incorreta** com relação a este fragmento da letra da música "Verdade chinesa" (texto de Carlos Colla e Gilson).

"Senta, se acomoda, à vontade, tá em casa
Toma um copo, dá um tempo, que a tristeza vai passar
Deixa, pra amanhã tem muito tempo
O que vale é o sentimento
E o amor que a gente tem no coração".

http://emilio-santiago.letras.terra.com.br/letras/45703.

a) Os dois primeiros versos são compostos exclusivamente por orações coordenadas assindéticas.

b) A palavra "que" aparece três vezes no texto. No segundo verso é uma conjunção coordenativa; já no quinto verso é um pronome relativo.

c) A primeira oração do segundo verso consiste numa metonímia.

d) Aparecendo duas vezes no texto, a palavra "tempo" tem a função de objeto direto.

e) Os verbos sentar, tomar, dar e deixar aparecem flexionados na segunda pessoa do singular, no modo imperativo afirmativo e configuram, deste modo, o uso da função apelativa da linguagem.

2. (UEL-PR)

Solar

Minha mãe cozinhava exatamente: arroz, feijão-roxinho, molho de batatinhas.

Mas cantava.

PRADO, Adélia. *O coração disparado*. 3. ed. Rio de Janeiro: Salamandra, 1984. p. 28.

Sobre o texto, considere as afirmativas a seguir.

I. O verbo "cantar" remete a uma prática que contrasta com o prosaico pouco expressivo do cotidiano.

II. Os ingredientes enumerados – arroz, feijão-roxinho e molho de batatinhas – representam o descaso da mãe com a família.

III. O último verso é introduzido por uma conjunção que expressa o sentido de oposição.

IV. O texto é narrativo porque os atos de cozinhar e cantar são mostrados em uma sequência cronológica.

Estão corretas apenas as afirmativas:

a) I e II.
b) I e III.
c) III e IV.
d) I, II e IV.
e) II, III e IV.

3. (UEPG) Quanto à constituição sintática da sequência "Durou, doeu e incomodou", é correto afirmar:

01. Trata-se de um período composto por coordenação.
02. Os três verbos se relacionam a um mesmo sujeito.
04. É um período que contém orações independentes.
08. Trata-se de um período misto, em que se observa não só coordenação como também subordinação.
16. O sujeito dos verbos é o termo "bursite".

4. (UEPG) Quanto às funções sintáticas no período "Uma mancha negra gigantesca escureceu e apavorou Nova York", estão corretas as afirmações:

01. Trata-se de um período composto por orações independentes, por isso ditas coordenadas.
02. O termo "Nova York" complementa o sentido de ambos os verbos.
04. O verbo "escureceu" é intransitivo.
08. O sujeito é simples na primeira oração ("uma mancha negra gigantesca") e indeterminado na segunda.
16. No sintagma "uma mancha negra gigantesca", observa-se um núcleo nominal, "mancha", cujo significado se modifica por força dos atributos "negra" e "gigantesca".

5. (PGJ-MG/PUC-MG) Leia com atenção os períodos a seguir.

I. "Não sei se o capitão suspeitou alguma coisa do meu fúnebre projeto."

II. "Pegou-me na mão e apontou para a lua, perguntando-me por que não fazia uma poesia à noite."

III. "Não alcancei a celebridade do emplasto, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento."

O período é composto por coordenação e subordinação em:

a) I apenas
b) II apenas
c) III apenas
d) I, II e III

6. (Uniube-MG) Em: "Agora não se vira mais cidadão do mundo: você já nasce sendo um", a relação entre as orações pode ser estabelecida por meio de:

a) logo.
b) mas.
c) desde que.
d) pois.

7. (UFF-RJ) Assinale a **única** alternativa em que ocorre oposição entre as ideias estabelecidas nos períodos.

a) Os contratos não vêm mais com a chancela do Estado, mas com carimbos de advogados...
b) A mistura é irreversível. É uma exigência do mundo.
c) Eu, um italiano, não torci pela Itália nesta Copa, virei um seguidor apaixonado do Senegal.
d) ...essa lógica não diz respeito só a equipes de futebol. Ela serve como condição para nossa experiência...

8. (UFSCar-SP) Entre os versos do poema épico *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões, "Chamam-te ilustre, chamam-te subida, / Sendo digna de infames vitupérios", a relação que se estabelece é de:

a) oposição.
b) explicação.
c) causa.
d) modo.
e) conclusão.

9. (UFF-RJ) A pontuação pode ser substituída, muitas vezes, por conectivos, para estabelecer variados tipos de relações sintático-semânticas. Na frase extraída do cap.1 de *Esaú e Jacó*:

A noite é clara e quente; podia ser escura e fria, e o efeito seria o mesmo.

o conectivo que pode ser usado em substituição ao ponto-e-vírgula tem valor:

a) explicativo.
b) conclusivo.
c) proporcional.
d) final.
e) adversativo.

10. (PUC-SP) No período: "A roupa lavada, que ficara de véspera nos coradouros, umedecia o ar e punha-lhe

um fartum acre de sabão ordinário", temos, respectivamente, as seguintes orações:

a) principal, subordinada adjetiva explicativa, coordenada sindética aditiva.

b) inicial, subordinada adjetiva explicativa, coordenada sindética aditiva.

c) principal, subordinada substantiva completiva nominal, coordenada sindética aditiva.

d) inicial, coordenada sindética explicativa, coordenada sindética aditiva.

e) principal, subordinada adjetiva explicativa, subordinada adverbial causal.

11. (Fuvest-SP) Dentre os períodos transcritos abaixo, um é composto por coordenação e contém uma oração coordenada sindética adversativa. Assinalar a alternativa correspondente a esse período.

a) A frustração cresce e a desesperança não cede.

b) O que dizer sem resvalar para o pessimismo, a crítica pungente ou a autoabsolvição?

c) É também ocioso pensar que nós, da tal elite, temos riqueza suficiente para distribuir.

d) Sejamos francos.

e) Em termos mundiais somos irrelevantes como potência econômica, mas ao mesmo tempo extremamente representativos como população.

12. (Fuvest-SP) "Anteontem aconteceu o que era inevitável, mas nos encantou como se fosse inesperado: meu pé de milho pendoou." (Rubem Braga)

A oração a que pertence o verbo *encantar* é introduzida pela conjunção *mas*, o que a torna coordenada; por outro lado, o pronome relativo *que* faz dela uma subordinada.

Como você pode explicar essa dualidade?

13. (PUC-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que ocorre uso **incorreto** de conjunção.

a) O homem criou a máquina para facilitar sua vida, e contudo ela correspondeu a essa expectativa.

b) Diga-lhe que abra logo a porta, que eu estou com pressa.

c) Ele tinha todas as condições para representar bem os colegas; nem todos lhe reconheciam os méritos, porém.

d) O problema é que ainda não se sabe se ele agiu conforme as normas da empresa.

e) Ao perceber o que tinham feito com seus livros, gritou que parecia um louco.

14. (PUC-SP) No período "Meyer, que estava sentado na soleira da porta com as compridas pernas encolhidas, ergueu-se precipitadamente ao avistar Cirino e correu ao seu encontro", temos, respectivamente, as seguintes orações:

a) principal, subordinada adjetiva explicativa, subordinada adverbial reduzida, coordenada sindética aditiva.

b) inicial, subordinada adjetiva restritiva, principal, coordenada sindética aditiva.

c) principal, subordinada substantiva completiva nominal, subordinada adverbial temporal, coordenada sindética aditiva.

d) inicial, coordenada sindética explicativa, coordenada assindética, coordenada sindética aditiva.

e) principal, subordinada adjetiva explicativa, coordenada assindética, coordenada sindética aditiva.

15. (PUC-SP) Na organização do período composto, podem ocorrer dois processos: a coordenação e a subordinação.

a) Explique esses dois processos.

b) Analise o período composto que transcrevemos, dividindo suas orações e classificando-as.

> Dentro dele um desejo abre-se em flor e cresce e ele pensa, ao sentir esses sonhos ignotos, que a alma é como uma planta...

16. (Unimep-SP) "Mauro não estudou nada **e foi aprovado**." Apesar do *e*, normalmente aditivo, a oração destacada é:

a) adversativa.

b) conclusiva.

c) explicativa.

d) alternativa.

e) causal.

17. (Unimep-SP)

I. Fui às Olimpíadas, mas perdi o ano na escola.

II. Perdeu o emprego, mas passou três meses na Europa.

III. Todos ficaram apreensivos, mas a responsabilidade era grande.

A conjunção *mas* introduz orações coordenadas adversativas que podem apresentar, no entanto, ideias ou valores diferentes. Em I, II e III há, respectivamente, ideia ou valor de:

a) compensação, justificativa, contraste.

b) compensação, compensação, justificativa.

c) não-compensação, não-compensação, objeção.
d) não-compensação, compensação, justificativa.
e) comparação, objeção, compensação.

18. (FCMSC-SP) Chamando de:

1. o período composto por coordenação sindética,
2. o período composto por coordenação assindética,

assinale a alternativa correta.

a) Colhemos frutos, jogamos bola. (1)
b) Bem depressa chegou o trem: despedimo-nos sem demora. (1)
c) Os dois anos de serviço acabaram em 1855, e o escravo ficou livre, mas continuou o ofício. (1)
d) Dormi tarde, mas acordei cedo. (2)
e) Fui bem em Física, mas não acertei nada de Química. (2)

19. (FEI-SP) "Sem dúvida as árvores se despojaram e enegreceram, **o açude estancou**, as porteiras dos currais se abriram, inúteis." (Graciliano Ramos)

Classifique sintaticamente a oração destacada.

a) coordenada sindética aditiva
b) coordenada sindética adversativa
c) coordenada sindética conclusiva
d) coordenada assindética

20. (UFV-MG) No seguinte período:

Choveu durante a noite, **porque as ruas estão molhadas.**

a oração destacada é:

a) subordinada adverbial consecutiva.
b) coordenada sindética explicativa.
c) subordinada adverbial causal.
d) coordenada sindética conclusiva.
e) subordinada adverbial concessiva.

21. (FCMSC-SP) Por definição, "oração coordenada que se prende à anterior por conectivo é denominada **sindética** e é classificada pelo nome da conjunção que a encabeça". Assinale a alternativa em que aparece uma coordenada sindética explicativa, conforme a definição.

a) A casaca dele estava remendada mas estava limpa.
b) Ambos se amavam, contudo não se falavam.
c) Todo mundo trabalhando: ou varrendo o chão ou lavando as vidraças.
d) Chora, que lágrimas lavam a dor.
e) O time ora atacava, ora defendia e no placar aparecia o resultado favorável.

22. (UFJF-MG) Só há orações coordenadas em:

a) Faltou vinho em um casamento, e deu à água que corre a cor e o gosto do vinho.
b) As ondas aplacavam-se a um gesto seu; os peixes, que se recusavam a Pedro, enchiam a rede que Jesus mandara lançar.
c) Uma noite, perante os discípulos turbados, caminhou lisamente sobre o mar, como nós outros pisamos o chão.
d) Acalmou possessos. Fez andar paralíticos. A leprosos sacava as feridas.
e) Todas essas respostas seriam impressionantes, e os evangelistas as consignariam respeitosamente em suas crônicas.

23. (Imes-SP) Classifique as orações destacadas, de acordo com o código abaixo:

a) coordenada sindética aditiva
b) coordenada sindética adversativa
c) coordenada sindética explicativa
d) coordenada sindética conclusiva
e) coordenada assindética

I. ( ) "De outras ovelhas cuidarei, **que não de vós.**" (Garrett)
II. ( ) José entendeu os testes, **portanto pode fazer as provas.**
III. ( ) Você não pode desanimar, **pois, afinal de contas, tudo anda muito bem.**

24. (FCC-BA) "Não chegue tarde, pois muita gente virá procurá-lo."

Comece com: Muita gente virá...

a) porquanto
b) entretanto
c) por conseguinte
d) dado que
e) visto como

Texto para as questões 25 e 26.

João amava Teresa que amava Raimundo / que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili / que não amava ninguém. /João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento, / Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia, / Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes / que não tinha entrado na história.

(Carlos Drummond de Andrade)

25. (PUC-SP) A primeira parte do poema (três primeiros versos) é marcada, sintaticamente, pela presença de orações, cujos termos introdutórios atuam como:

a) subordinadas adjetivas restritivas, conectivo-sujeito.

b) coordenadas sindéticas explicativas, simples conectivo.

c) subordinadas adverbiais comparativas, simples conectivo.

d) subordinadas adjetivas explicativas, conectivo-sujeito.

e) coordenadas sindéticas aditivas, simples conectivo.

26. (PUC-SP) A segunda parte do poema (quatro últimos versos) tem um ritmo diferente da primeira. Isso se deve, entre outras características, à estrutura sintática das orações, assim organizadas:

a) coordenadas aditivas e subordinada adverbial conclusiva.

b) coordenadas explicativas e subordinada adjetiva restritiva.

c) coordenadas aditivas e subordinada adjetiva explicativa.

d) coordenadas aditivas e subordinada adjetiva restritiva.

e) coordenadas explicativas e subordinada adjetiva explicativa.

27. (FCMSC-SP) "Apesar de ter uma inteligência notável, não conseguia entender as razões alheias."

Comece com: Tinha uma inteligência...

a) portanto

b) sendo que

c) a fim de que

d) no entanto

e) desde que

28. (FCMSC-SP) "Seja racional, pois aqui não cabem critérios subjetivos."

Comece com: Aqui não cabem...

a) portanto

b) visto que

c) para isso

d) posto que

e) não obstante

29. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção em que a conjunção *e* está empregada com valor adversativo.

a) Deixou viúva e órfãos miúdos.

b) Para diminuir a mortalidade e aumentar a produção proibi a aguardente.

c) Tenho visto criaturas que trabalham demais e não progridem.

d) Iniciei a pomicultura e a avicultura.

e) Perdi dois caboclos e levei um tiro de emboscada.

30. (UFMG) Nos itens abaixo apresentamos alguns períodos e considerações sobre eles. Em que alternativa essas considerações são **erradas**?

a) 1. Isso aconteceu **porque você não me ouviu**.

2. Alguma coisa aconteceu, **porque você está muito assustado**.

No período 1, a oração destacada expressa a causa do que se informa na oração principal. No período 2, a oração destacada não expressa a causa do que se informa na principal.

b) 1. A casa de Mário, **que foi construída em 1945**, conserva, até hoje, sua pintura primitiva.

2. A casa de Mário **que foi construída em 1945** conserva, até hoje, sua pintura primitiva.

Os dois períodos têm sentidos diferentes. No período 1 podemos concluir que Mário tem uma casa apenas. No período 2 indica-se que Mário tem mais de uma casa.

c) 1. **Como tivesse terminado a apuração das eleições**, os políticos vencedores festejaram, euforicamente, sua vitória.

2. **Mal terminou a apuração das eleições**, os políticos vencedores festejaram, euforicamente, sua vitória.

Nos dois períodos observa-se entre a oração subordinada (destacada) e a principal uma relação de concessão.

d) 1. **Mesmo não tendo obtido um bom resultado**, conseguimos a aprovação.

2. **Apesar de não ter obtido um bom resultado**, conseguimos a aprovação.

Nos dois períodos observa-se entre a oração subordinada (destacada) e a principal uma relação de concessão.

e) 1. **A menos que sejam tomadas providências imediatas**, toda a riqueza florestal da Amazônia será devastada.

2. **Caso não sejam tomadas providências imediatas**, toda a riqueza florestal da Amazônia será devastada.

Nos dois períodos observa-se entre a oração subordinada (destacada) e a principal uma relação de condição.

Capítulo 26

Concordância verbal e nominal

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 1996. p. 35.

O verbo e o sujeito estão sempre ligados pelo mecanismo da concordância: sujeito no singular, verbo no singular, sujeito no plural, verbo no plural. Observe essa relação em cada um dos balões de fala da tira acima, em que os sujeitos são, respectivamente: "Surpresas", "A emoção", "Todos os dias" e "Eu" (elíptico, nos dois últimos balões).

1. Concordância verbal

Neste capítulo, você vai estudar um dos aspectos mais ricos da sintaxe portuguesa: a concordância.

Você já aprendeu nos capítulos destinados à análise dos termos essenciais da oração que o verbo e o sujeito estão sempre ligados pelo mecanismo de concordância. De acordo com essa relação, verbo e sujeito concordam em número e pessoa:

Assumo meus inúmeros erros.
sujeito da primeira pessoa do singular (eu)

Assumimos nossos inúmeros erros.
sujeito da primeira pessoa do plural (nós)

Toda pessoa sensata assume os próprios erros.
sujeito da terceira pessoa do singular

Pessoas sensatas assumem os próprios erros.
sujeito da terceira pessoa do plural

Regras básicas: sujeito composto

a. anteposto ao verbo – Quando o sujeito é composto e anteposto ao verbo, a concordância se faz no plural:

Pai e filho conversaram longamente.

Pais e filhos devem conversar com frequência.

b. pessoas gramaticais diferentes – Nos sujeitos compostos formados por pessoas gramaticais diferentes, a concordância no plural obedece ao seguinte esquema: a primeira pessoa prevalece sobre a segunda pessoa, que, por sua vez, prevalece sobre a terceira. Veja:

Teus irmãos, tu e eu	tomaremos a decisão. primeira pessoa do plural
Tu e teus irmãos	tomareis a decisão. segunda pessoa do plural
Pais e filhos	precisam respeitar-se. terceira pessoa do plural

Quando o sujeito composto é formado por um elemento da segunda pessoa e um da terceira, é possível empregar o verbo na terceira pessoa do plural, como se vê em muitos de nossos bons escritores. É possível, pois, aceitar a frase: "Tu e teus irmãos tomarão a decisão.", já legitimada por grande parte dos gramáticos.

c. posposto ao verbo – Você percebeu que, até agora, todos os exemplos trouxeram o sujeito anteposto ao verbo. No caso do sujeito composto posposto ao verbo, passa a existir uma nova possibilidade de concordância: em vez de concordar no plural com a totalidade do sujeito, o verbo pode estabelecer concordância com o núcleo do sujeito mais próximo. Convém insistir em que isso é uma opção, e não uma obrigação. Essa dupla possibilidade se estende aos demais casos de concordância entre verbo e sujeito composto que você estudará mais adiante.

Faltaram coragem e competência.

Pouco falaram o presidente e os ministros.

Faltou coragem e competência.

Pouco falou o presidente e os ministros.

Cabe observar que, com a opção pela concordância com o núcleo mais próximo, pode haver ênfase sobre esse elemento. Em "Chorou o pai e os filhos", por exemplo, pode haver mais ênfase sobre o choro do pai; em "Choraram o pai e os filhos", esse processo não ocorre.

Quando ocorre ideia de reciprocidade, no entanto, a concordância é feita obrigatoriamente no plural:

Abraçaram-se vencedor e vencido.

Ofenderam-se o jogador e o árbitro.

LAERTE. *Classificados: livro 2*. São Paulo: Devir, 2002. p. 59.

Observe, no primeiro quadrinho, que, no caso de pessoas gramaticais diferentes (*eu e você*), prevalece a primeira pessoa (*estivemos*).

Atividades

1. Substitua os asteriscos das frases seguintes pela forma apropriada do verbo entre parênteses, no tempo que você julgar adequado.

a) (*) vários fatos inesperados ontem à noite. (*ocorrer*)

b) (*)-nos alguns momentos de paz. (*restar*)

c) (*) apenas alguns amigos fiéis no fim do debate. (*ficar*)

d) (*) vinte reais. (*sobrar*)

e) (*) alguns bons amigos para o alegrar. (*bastar*)

f) Certamente (*) bons motivos para que continuemos juntos. (*dever existir*)

g) Ainda (*) muitas surpresas neste campeonato. (*poder ocorrer*)

h) É possível que ainda (*) lembranças daqueles momentos. (*sobreviver*)

i) Ainda (*) vinte litros de combustível no tanque do carro. (*caber*)

2. Este exercício é semelhante ao anterior. Em alguns casos você poderá flexionar o verbo em mais de uma pessoa gramatical.

a) Jogadores e torcedores (*) depois do jogo. (*discutir*)

b) (*) jogadores e torcedores depois do jogo. (*discutir*)

c) Meus filhos e eu (*) a Portugal nas próximas férias. (*ir*)

d) (*) a Portugal meus filhos e eu nas próximas férias. (*ir*)

e) (*) a Portugal eu e meus filhos nas próximas férias. (*ir*)

f) Tu e teus amigos (*) das assembleias. (*dever participar*)

g) Tu e eu (*) das assembleias. (*dever participar*)

h) Por que (*) tu e teus amigos às reuniões do grupo? (*faltar*)

i) (*) minha irmã e teu primo para o concurso. (*inscrever-se*)

j) (*) minha irmã e teu primo quando se encontraram. (*abraçar-se*)

3. Leia atentamente as duas frases seguintes e responda: que diferença estilística existe entre elas? Explique.

Diante da crise insuperável, renunciaram o presidente e os ministros.

Diante da crise insuperável, renunciou o presidente e os ministros.

4. Leia atentamente a frase seguinte e indique formas de evitar as possíveis ambiguidades.

Feriram-se a mãe e o filho.

Em CD

Divulgação

Paulinho da Viola. Quando bate uma saudade. In: Maxximum: Paulinho da Viola. (CD). Sony e BMG, 2006.

Na linguagem do dia-a-dia, é comum verificar a não-concordância do verbo quando ele está anteposto ao sujeito no plural. Não é raro ouvirmos frases como "Acabou as fichas" ou "Sobrou dez". Ainda bem que também não são raras as músicas que realizam a adequada concordância verbal ao lidar com casos como esse. A bela canção de Paulinho da Viola, "Quando bate uma saudade", é um bom exemplo.

Casos de sujeito simples que merecem destaque

Há muitos casos em que o sujeito simples é constituído de formas que fazem o falante hesitar no momento de estabelecer a concordância com o verbo. Em alguns desses casos, a concordância puramente gramatical é contaminada pelo significado de expressões que nos transmitem noção de plural apesar de terem forma de singular ou vice-versa. Por isso, convém analisar com cuidado algumas delas.

a. expressões partitivas – Quando o sujeito é formado por uma expressão partitiva (parte de, uma porção de, o grosso de, metade de, a maioria de, a maior parte de, grande parte de) seguida de um substantivo ou pronome no plural, o verbo pode ficar no singular ou no plural:

A maioria dos jornalistas **aprovou / aprovaram** a ideia.

Metade dos candidatos não **apresentou / apresentaram** nenhuma proposta interessante.

Esse mesmo procedimento se aplica aos casos dos coletivos, quando especificados:

Um bando de vândalos **destruiu / destruíram** o monumento.

Nesses casos, o uso do verbo no singular enfatiza a unidade do conjunto; já a forma plural confere destaque aos elementos que formam esse conjunto.

b. quantidade aproximada – Quando o sujeito é formado por expressão que indica quantidade aproximada (cerca de, mais de, menos de, perto de) seguida de numeral e substantivo, o verbo concorda com o substantivo. Observe:

Cerca de mil pessoas **participaram** da manifestação.

Perto de quinhentos alunos **compareceram** à solenidade.

Mais de um atleta **estabeleceu** novo recorde nas últimas Olimpíadas.

c. mais de um – Quando a expressão *mais de um* se associar a verbos que exprimem reciprocidade, o plural é obrigatório:

Mais de um deputado **se ofenderam** na tumultuada sessão de ontem.

d. nomes próprios – Quando se trata de nomes próprios, a concordância deve ser feita levando-se em conta a ausência ou presença de artigo. Sem artigo, o verbo deve ficar no singular. Quando há artigo no plural, o verbo deve ficar no plural. Observe:

Os Estados Unidos ainda **determinam** o fluxo da atividade econômica no mundo.

Minas Gerais **produz** queijo e poesia de primeira.

As Minas Gerais **são** inesquecíveis.

Os *sertões* **imortalizaram** Euclides da Cunha.

Com nome de obra e artigo no plural, o verbo *ser* pode ficar no singular, desde que o predicativo do sujeito esteja no singular:

Os sertões é a obra máxima de Euclides da Cunha.

e. pronome interrogativo ou indefinido plural – Quando o sujeito é um pronome interrogativo ou indefinido plural (quais, quantos, alguns, poucos, muitos, quaisquer, vários) seguido de *de nós* ou *de vós*, o verbo pode concordar com o primeiro pronome (na terceira pessoa do plural) ou com o pronome pessoal. Observe:

Quais de nós **são / somos** capazes?

Alguns de vós **sabiam / sabíeis** do caso?

Vários de nós **propuseram / propusemos** sugestões inovadoras.

Observe que a opção por uma ou outra forma indica a inclusão ou a exclusão do emissor. Quando alguém diz ou escreve "Alguns de nós sabíamos de tudo e nada fizemos.", está-se incluindo no grupo de omissos. Isso não ocorre quando alguém diz ou escreve "Alguns de nós sabiam de tudo e nada fizeram.", frase que soa como uma denúncia.

Nos casos em que o interrogativo ou indefinido estiver no singular, o verbo ficará no singular:

Qual de nós **é** capaz ? Algum de vós **fez** isso.

f. porcentagens – Quando o sujeito é formado por uma expressão que indica porcentagem seguida de substantivo, o verbo costuma concordar com o substantivo. Observe:

25% do **orçamento** do país **deve** destinar-se à Educação.

85% dos **entrevistados** não **aprovam** a administração do prefeito.

1% **do eleitorado aceita** a mudança.

1% **dos alunos faltaram** à prova.

Há quem faça a concordância do verbo com o percentual, mas esse procedimento pode gerar frases um tanto "estranhas", como estas: "Apenas 2% das mulheres ficaram grávidos"; "A pesquisa constatou que 23% das jovens entrevistadas foram afetados pela dieta". Que lhe parece?

Quando a expressão que indica porcentagem não é seguida de substantivo, o verbo deve concordar com o número. Veja:

25% **querem** a mudança. 1% **conhece** o assunto.

g. pronome relativo *que* – Quando o sujeito é o pronome relativo *que*, a concordância em número e pessoa é feita com o antecedente desse pronome. Observe:

Fui **eu** que **paguei** a conta.

Fomos **nós** que **pintamos** o muro.

És **tu** que me **fazes ver** o sentido da vida.

h. um dos que – Com a expressão *um dos que*, o verbo costuma assumir o plural, quando se trata de linguagem formal:

Ademir da Guia foi **um dos** jogadores de futebol **que** mais **encantaram** os poetas.

Sean Connery foi **um dos** atores **que interpretaram** James Bond no cinema.

A tendência, na linguagem corrente e mesmo em textos literários, é a concordância no singular. O que se ouve/lê efetivamente é algo como "Sean Connery foi um dos atores que interpretou James Bond no cinema" ou "Paulo Autran era um dos atores que mais encantava as plateias". O que se costuma dizer nesses casos é que o emissor da frase acaba optando pelo verbo no singular porque com isso enfatiza o ser ao qual o processo é atribuído (*Sean Connery* e *Paulo Autran*, nos exemplos vistos). Em se tratando de linguagem jornalística, informativa, técnica, em que se busca a neutralidade, parece aconselhável optar pela concordância que mais aproxime a frase do que efetivamente se informa. Como não se informa que Sean Connery foi o único ator que interpretou James Bond no cinema, mas, sim, que ele foi um dos vários que interpretaram o famoso agente, é aconselhável, nesse tipo de mensagem, o emprego do plural.

i. pronome relativo *quem* – Quando o sujeito é o pronome relativo *quem*, pode-se utilizar o verbo na terceira pessoa do singular ou em concordância com o antecedente do pronome. Observe:

Fui eu **quem pagou** a conta.
ou
Fui **eu** quem **paguei** a conta.

Fomos nós **quem pintou** o muro.
ou
Fomos **nós** quem **pintamos** o muro.

Atividades

1. Complete as frases seguintes com a forma apropriada dos verbos entre parênteses.

a) Os preparativos para a conferência internacional sobre o meio ambiente (*) ontem. (*terminar*)

b) As acusações ao antigo presidente do partido (*) a polícia a abrir investigações. (*levar*)

c) O valor das mensalidades do curso preparatório para a carreira jurídica (*) muito no último semestre. (*subir*)

d) Uma pesquisa feita pelo Ministério da Saúde revelou que a grande maioria dos adolescentes não se (*) contra a AIDS. (*prevenir*)

e) A maior parte dos acidentes de trânsito (*) pela imprudência dos envolvidos. (*ser provocado*)

f) Cerca de dez mil pessoas (*) das manifestações contra a corrupção. (*participar*)

g) Mais de um sonhador (*) seu dinheiro em loterias. (*gastou*)

2. Explique as diferenças de significado que se podem perceber entre as frases de cada um dos pares seguintes.

a) A maior parte dos brasileiros age animalescamente ao volante de um automóvel.
A maior parte dos brasileiros agem animalescamente ao volante de um automóvel.

b) Muitos de nós são omissos.
Muitos de nós somos omissos.

c) Mais de um jogador feriu-se durante a partida.
Mais de um jogador feriram-se durante a partida.

3. Complete as frases seguintes com a forma apropriada dos verbos entre parênteses.

a) Quantos de vós (*) conhecimento do fato e (*) calar-se? (*ter / preferir*)

b) Alguns de nós (*) merecedores dos privilégios de que (*). (*ser / gozar*)

c) Qual de nós (*) fazer isso? (*poder*)

d) Algum de nós (*) participar dessa negociata? (*aceitar*)

e) Andradas (*) no sul de Minas. (*ficar*)

f) Os Estados Unidos (*) parte da América do Norte. (*fazer*)

g) Alguns americanófilos entendem que os Estados Unidos (*) o máximo que a humanidade pode produzir em termos de civilização. (*representar*)

h) Alagoas (*) praias belíssimas. (*ter*)

i) Os cadernos de Turismo sempre afirmam que as Alagoas (*) praias belíssimas. (*ter*)

j) *Os sertões* (*) jornalismo, história e literatura. (*reunir*)

k) As *Memórias do cárcere* (*) fundamentais para quem tem fé na dignidade humana. (*ser*)

Em livro

RAMOS, Graciliano. *Memórias do cárcere*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

Graciliano Ramos, autor de *Vidas secas* e *Angústia*, foi preso em 1936 durante o regime ditatorial implantado por Getúlio Vargas. O escritor fora acusado de envolvimento político na Intentona Comunista, movimento considerado ilegal pelas autoridades da época. O livro *Memórias do cárcere*, publicado postumamente, é o registro de suas experiências na prisão, onde Graciliano manteve contato com presos políticos importantes, como a judia Olga Benário, militante comunista deportada à Alemanha nazista pela ditadura de Vargas.

4. Complete as frases seguintes com a forma apropriada dos verbos entre parênteses.

a) 60% dos inscritos jamais (*) de um concurso. (*haver participado*)

b) 1% dos entrevistados (*) seu voto. (*negar-se a declarar*)

c) 29% da verba (*) nos labirintos da burocracia. (*desaparecer*)

d) 10% do dinheiro necessário (*) doado por mim. (*ser*)

e) Fui eu que (*) aquelas prateleiras. (*montar*)

f) Fui eu quem (*) aquelas prateleiras. (*montar*)

g) Somos sempre nós que (*) cedo. (*acordar*)

h) Foste tu que (*) o disco? (*comprar*)

i) Não fui eu quem (*) isso. (*falar*)

j) Ele é um dos que (*) que a lei só deve existir para os pobres. (*pensar*)

k) Ela é uma das candidatas que (*) a pena de morte. (*repudiar*)

Casos de sujeito composto que merecem destaque

Há casos de sujeito composto que merecem estudo particular.

a. núcleos sinônimos – Quando o sujeito composto é formado por núcleos sinônimos ou quase sinônimos, o verbo pode ficar no plural ou no singular:

Descaso e desprezo **marcam / marca** seu comportamento.

b. núcleos dispostos em gradação – Quando o sujeito composto é formado por núcleos dispostos em gradação, o verbo pode ficar no plural ou concordar com o último núcleo do sujeito:

Com você, meu amor, uma hora, um minuto, um segundo me **satisfazem / satisfaz**.

No caso *a*, o verbo no singular enfatiza a unidade de sentido que há na combinação descaso/desprezo. No caso *b*, o verbo no singular enfatiza o último elemento da série gradativa.

c. núcleos unidos por *ou* / *nem* – Quando os núcleos do sujeito composto são unidos por *ou* ou *nem*, o verbo deverá ficar no plural se a declaração contida no predicado puder ser atribuída a todos os núcleos:

Drummond ou Bandeira **representam** a essência da poesia brasileira.

Nem o professor nem o aluno **acertaram** a resposta.

Se a declaração contida no predicado só puder ser atribuída a um dos núcleos do sujeito, ou seja, se os núcleos forem excludentes, o verbo deverá ficar no singular. Observe:

Roma ou Buenos Aires **será** a sede da próxima Olimpíada.

Você ou ele **será** escolhido.

Em DVD

Divulgação

***Carruagens de fogo*. Direção de Hugh Hudson. Estados Unidos: Fox Home Entertainment, 1981. (123 min).**

2008 é ano olímpico. Por isso, vale a pena lembrar um dos maiores filmes dedicados aos jogos. Vencedor do Oscar de 1981, *Carruagens de fogo* conta a história de dois atletas britânicos durante os jogos olímpicos de verão de 1924. Os dois competem entre si visando objetivos diferentes: um é missionário dedicado, e corre para agradar a Deus; o outro é um estudante judeu que busca a fama para poder escapar dos preconceitos.

d. um ou outro / nem um nem outro – Com as expressões *um ou outro* e *nem um nem outro*, a concordância costuma ser feita no singular, embora o plural também seja praticado. Com a locução *um e outro*, o plural é mais frequente, embora também se use o singular. Não há uniformidade no tratamento dado a essas expressões por gramáticos e escritores.

e. núcleos unidos por *com* – Quando os núcleos do sujeito são unidos por *com*, o verbo pode ficar no plural. Nesse caso, os núcleos recebem um mesmo grau de importância e a palavra *com* tem sentido muito próximo ao de *e*:

O pai com o filho **montaram** o brinquedo.

O governador com o secretariado **traçaram** os planos para o próximo semestre.

Nesse mesmo caso, o verbo pode ficar no singular, se a ideia é enfatizar o primeiro elemento:

O pai com o filho **montou** o brinquedo.

O governador com o secretariado **traçou** os planos para o próximo semestre.

Com o verbo no singular, não se pode falar em sujeito composto. O sujeito é simples. As expressões "com o filho" e "com o secretariado" são adjuntos adverbiais de companhia. Na verdade, é como se houvesse uma inversão da ordem: "O pai montou o brinquedo com o filho." / "O governador traçou os planos para o próximo semestre com o secretariado.".

f. núcleos unidos por expressões correlativas – Quando os núcleos do sujeito são unidos por expressões correlativas como *não só... mas também*; *não só... como também*; *não só... mas ainda*; *não somente... mas ainda*; *não apenas... mas também*; *tanto... quanto*, o verbo concorda de preferência no plural:

Não só a seca mas também o pouco-caso **castigam** o Nordeste.

Tanto a mãe quanto o filho **ficaram** surpresos com a notícia.

g. aposto recapitulativo – Quando os elementos de um sujeito composto são resumidos por um aposto recapitulativo, a concordância é feita com esse termo resumidor:

Pontes, viadutos, túneis, **nada disso é** prioritário em uma cidade como São Paulo.

Filmes, novelas, boas conversas, **nada** o **tirava** da apatia.

Atividade

Complete as frases seguintes com a forma apropriada do verbo entre parênteses.

a) O amor e a paixão (*) aquele pobre coração. (*incendiar*)

b) Uma foto, uma imagem, uma lembrança (*) para fazê-lo chorar. (*bastar*)

c) A dignidade ou a cidadania certamente (*) fazer este país melhorar. (*poder*)

d) Nem a omissão da maioria, nem a corrupção impune (*) sinais de nação civilizada. (*ser*)

e) Tenho absoluta convicção de que você ou seu irmão (*) a eleição para a presidência do clube dos calvos. (*ganhar*)

f) Nem um nem outro deputado (*) a presidência da câmara. (*ocupar*)

g) Nem um nem outro (*) falta ao time. (*fazer*)

h) Um e outro nada (*) para o bem-estar da coletividade. (*produzir*)

i) O presidente, com sua comitiva, (*) ontem de manhã. (*desembarcar*)

j) O treinador da seleção brasileira com seus auxiliares (*) entrevista à noite. (*conceder*)

k) Não apenas o menor abandonado mas também o menor carente (*) direito à educação. (*ter*)

l) Bombons, balas, pastéis, tudo (*) devorado pelas crianças. (*ser*)

O verbo e a palavra *se*

Merece destaque a concordância das estruturas verbais formadas com a participação do pronome *se*. Entre as várias funções que esse pronome exerce, há duas de particular interesse para a concordância verbal: quando é índice de indeterminação do sujeito e quando é partícula apassivadora.

Quando é **índice de indeterminação do sujeito**, o *se* acompanha verbos intransitivos, transitivos indiretos e de ligação, que obrigatoriamente são conjugados na terceira pessoa do singular:

Aos domingos, assiste-se a programas medonhos na televisão.

Aos sábados, costumava-se ir a bailes.

Confia-se em teses absurdas.

Era-se mais feliz no passado.

Quando se é consciente, luta-se pelo bem-estar social.

Precisa-se de governantes interessados em civilizar o país.

Quando é **pronome apassivador**, o *se* acompanha verbos transitivos diretos e transitivos diretos e indiretos na formação da voz passiva sintética. Nesse caso, o verbo deve concordar com o sujeito da oração:

Destruiu-se a base de uma sociedade igualitária.

Destruíram-se as bases de uma sociedade igualitária.

Construiu-se um posto de saúde.

Construíram-se novos postos de saúde.

Não se pouparam esforços para despoluir o rio.

Não se devem poupar esforços para despoluir o rio.

Concordância com verbos de particular interesse

Haver e fazer

O verbo *haver*, quando indica existência ou acontecimento, é impessoal, devendo permanecer sempre na terceira pessoa do singular:

Há graves problemas sociais no país.

Havia graves problemas sociais no país.

Sempre houve graves problemas sociais no país.

Parece haver graves problemas sociais no país.

Deve ter havido graves problemas sociais no país.

Haver e *fazer* são impessoais quando indicam ideia de tempo (cronológico ou meteorológico). Nesse caso, devem permanecer na terceira pessoa do singular:

Há anos não o procuro.

Faz anos que não o procuro.

Havia anos que não nos encontrávamos.

Fazia anos que não nos encontrávamos.

Deve fazer vinte anos que ela foi embora.

Ser

A concordância do verbo *ser* é absolutamente particular, rica em detalhes. Em várias situações, esse verbo deixa de concordar com o sujeito para concordar com o predicativo. Em outras, pode concordar com um ou com outro, de acordo com o termo que se queira enfatizar.

a. dois substantivos comuns – Quando colocado entre um substantivo comum no singular e outro no plural, o verbo *ser* tende a ir para o plural, independentemente da ordem dos substantivos. Poderá ficar no singular por motivo de ênfase:

No meio da chuva, o coração do seu carro **são** as palhetas e os limpadores do para-brisa.

A cama **são** algumas tábuas retorcidas.

b. um nome próprio e um comum – Quando colocado entre um nome próprio e um comum, o verbo *ser* tende a concordar com o nome próprio. Entre um pronome pessoal e um substantivo comum ou próprio, o verbo concorda com o pronome:

Garrincha **foi** as mais incríveis diabruras com a bola.

O professor **sou** eu.

Eu **sou** Pedro das Neves.

Pedro das Neves **sou** eu.

c. um substantivo e um pronome – Quando colocado entre um substantivo e um pronome que não seja pessoal, o verbo *ser* tende a concordar com o substantivo:

Tudo **eram** sorrisos naquele ambiente hipócrita.

Isso **são** manias de quem não tem o que fazer.

Quem **são** os escolhidos?

Dos dois primeiros casos, encontram-se, sobretudo em textos literários, exemplos em que se opta pela concordância com o pronome.

WALKER, Mort. Recruta Zero. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 26 abr. 2003. p. D2.

Colocado entre um substantivo e um pronome, o verbo *ser* geralmente concorda com o substantivo, como se observa no último quadrinho.

d. quantidade – Nas expressões que indicam quantidade (medida, peso, preço, valor), o verbo *ser* é invariável:

Cinco quilos **é** muito.

Mil reais **é** pouco para uma família viver em São Paulo.

Dez minutos **é** muito tempo.

Com você, duas horas **é** pouco.

e. tempo – Nas indicações de tempo, o verbo *ser* concorda com a expressão numérica mais próxima:

É uma hora.

São duas horas.

Eram quatro e vinte.

Já **é** meio-dia.

Já **é** uma e cinquenta e cinco.

São cinco para o meio-dia.

Hoje **são** trinta e um de dezembro.

(Mas, cuidado: Hoje **é dia** trinta e um de dezembro.)

Atividades

1. Passe para o plural os termos destacados em cada uma das frases seguintes. Faça as mudanças necessárias em cada caso.
   a) Anunciou-se **a reforma administrativa**.
   b) Amanhã se fará **o último exame**.
   c) Trata-se de **uma questão polêmica**.
   d) Revogar-se-á **a lei**.
   e) Apelou-se para **o médico mais experiente do hospital**.
   f) Obteve-se um **microprocessador mais veloz**.
   g) Definiu-se **o objetivo da reforma fiscal**.
   h) Ele prefere não opinar quando se fala em **eleição**.
   i) O ministro comunicou a todos que se estava preparando **um novo conjunto de medidas econômicas**.

2. Passe os termos destacados para o plural, flexionando os verbos apenas quando necessário.
   a) Houve **um problema** durante a viagem.
   b) Ocorreu **um problema** durante a viagem.
   c) Não havia **motivo** para tanto.
   d) Existia **algum motivo** para tanto?
   e) Parece ter havido **uma dúvida** durante a realização da prova.
   f) Parece ter surgido **uma dúvida** durante a realização da prova.
   g) Ele acredita que deve ter havido **algum transtorno** durante a viagem.
   h) Ele acredita que deve ter ocorrido **algum transtorno** durante a viagem.
   i) Faz **um ano** que ele viajou.
   j) Faz **mais de uma hora** que ela saiu.
   k) Deve fazer **uma década** que o país está nessa situação.

3. Complete as frases seguintes com a forma apropriada do verbo *ser*.
   a) Clarice (*) as alegrias do pai.
   b) Tudo (*) lamentações depois da derrota.
   c) Hoje (*) dia dez de abril.
   d) Hoje (*) dez de abril.
   e) Vinte milhões (*) muito!
   f) (*) quinze para as quatro.
   g) Seu problema (*) nós?
   h) – Quem (*)? (*) eu.
   i) Tu (*) o técnico da equipe.
   j) O país (*) nós. Nós (*) a nação brasileira.
   k) A vida (*) momentos.
   l) Isso (*) manias de um chato.
   m) Aquilo (*) atitudes típicas de adolescente.
   n) Vinte metros (*) pouco: preciso de pelo menos trinta.

Emprego do infinitivo

O infinitivo expressa um processo verbal sem indicação de tempo. Em português, o infinitivo pode ser **impessoal**, quando o que se considera é apenas o processo verbal, e **pessoal**, quando se atribui a esse processo verbal um agente. Observe:

É proibido conversar com o motorista. (impessoal)

É bom sairmos já. (pessoal, sujeito/agente *nós*)

O infinitivo constitui um dos casos mais discutidos da língua portuguesa. Estabelecer regras para o uso de sua forma flexionada, por exemplo, é tarefa difícil. Em muitos casos, a opção é meramente estilística, como você verá adiante. Algumas recomendações, no entanto, podem ser feitas.

Infinitivo impessoal

A forma não flexionada deve ser usada:

a. quando o verbo é usado indeterminadamente, assumindo valor substantivo:

Dormir é fundamental para repor as energias.

Viajar é a melhor alternativa de lazer.

b. quando o infinitivo tem valor imperativo:

Direita, volver!

Honrar pai e mãe.

c. quando o infinitivo, regido de preposição *de*, complementa um adjetivo e assume valor passivo:

Suas constantes manifestações de desagrado são ossos duros de roer. (= de serem roídos)

Vivi situações difíceis de esquecer. (= de serem esquecidas)

d. quando o infinitivo é regido de preposição e funciona como complemento de um substantivo, adjetivo ou verbo da oração anterior:

Foram obrigados a ficar.

Acusaram-nos de praticar atos suspeitos.

Eu os convenci a aceitar.

Estão dispostos a colaborar.

e. quando o infinitivo surge como verbo principal de uma locução verbal:

Queiram, por gentileza, comparecer ao estacionamento.

Precisamos lutar para podermos vencer os jogos que vamos disputar.

Estão a dizer que fui eu?

f. quando o infinitivo é empregado numa oração reduzida que complementa um verbo auxiliar causativo (deixar, mandar, fazer) ou sensitivo (ver, sentir, ouvir, perceber) e tem como sujeito um pronome oblíquo:

Faça-os ficar.

Não os vi entrar.

Deixaram-nos sair.

Infinitivo pessoal

a. **obrigatório** – A forma flexionada deve ser usada obrigatoriamente quando tem sujeito diferente do sujeito da oração anterior:

Suponho serem eles os responsáveis.

Lembrei-me da recomendação médica de tomares sol todas as manhãs. (Pense no que aconteceria se não se flexionasse o infinitivo neste caso.)

É hora de vocês passarem à ação.

Ouvi gritarem meu nome.

b. **optativo** – A flexão do infinitivo é optativa quando a oração reduzida que complementa um auxiliar causativo ou sensitivo apresentar como sujeito um substantivo. Observe:

Mande os meninos entrarem. (ou *entrar*)

Ouvi os pássaros cantarem. (ou *cantar*)

Deixe os torcedores assistirem (ou *assistir*) ao treino.

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 2007. v. 5, p. 110.

Neste caso, o infinitivo aparece flexionado: "... e ela disse para ***irmos*** vestidos casualmente", pois o sujeito da oração reduzida (*nós*) é diferente do sujeito da oração anterior (*ela*).

c. desnecessário – Quando o sujeito da oração reduzida de infinitivo for o mesmo da oração anterior, a flexão do infinitivo é desnecessária. Observe:

Eles irão a Brasília para apresentar sua proposta ao presidente.

Fizemos o possível e o impossível para aceitar sua indicação.

Nesse caso, a flexão do infinitivo se justifica se existir a clara intenção e a necessidade de enfatizar o agente do processo expresso pelo infinitivo:

Eles irão a Brasília para apresentarem sua proposta ao presidente.

Fizemos o possível e o impossível para aceitarmos sua indicação.

d. com o verbo *parecer* – O verbo *parecer* pode relacionar-se de duas maneiras distintas com o infinitivo. Observe:

Elas parecem querer.

Elas parece quererem.

Na primeira frase, *parecer* é verbo auxiliar de *querer*. Na segunda, ocorre na verdade um período composto. *Parece* é o verbo de uma oração principal cujo sujeito é a oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo "elas quererem". O desdobramento dessa reduzida gera algo como "Parece que elas querem."

Atividade

Complete as frases seguintes com a forma flexionada ou não flexionada do infinitivo entre parênteses. Indique os casos em que o uso é optativo.

a) Pediram-me permissão para (*). (*ficar*)

b) Eles devem (*) no assunto seriamente. (*pensar*)

c) Admitiram (*) relatado o caso a outras pessoas. (*ter*)

d) Acabaram de (*) o início das vendas do novo disco de Gilberto Gil. (*anunciar*)

e) Não nos deixaram (*) na reunião. (*falar*)

f) Temos visto (*) mais alunos interessados no assunto. (*surgir*)

g) Eu os fiz (*). (*entrar*)

h) Fiz as crianças (*). (*sair*)

i) Fizeste o possível para eles (*) apresentar os documentos necessários? (*poder*)

j) Disse-lhe claramente que muitas de suas atitudes são difíceis de (*). (*aturar*)

k) As chuvas de verão já começaram a (*). (*cair*)

l) Estamos aqui para (*) nossa tese. (*expor*)

m) Seus olhos pareciam (*) que eu me aproximasse. (*pedir*)

n) Seus olhos parecia (*) que eu me aproximasse. (*pedir*)

2. Concordância nominal

Regras básicas

A concordância nominal se ocupa da relação entre os nomes, ou seja, entre as classes de palavras que compõem o chamado grupo nominal (substantivos, adjetivos, pronomes, artigos e numerais). Para estudar como essa relação se estabelece, é necessário lembrar que adjetivos e palavras de valor adjetivo podem atuar como adjuntos adnominais ou predicativos dos substantivos a que se referem. No estudo que você fará a partir de agora, considere que o comportamento dos adjetivos é extensivo às outras palavras de emprego adjetivo.

a. adjuntos adnominais de um só substantivo – Quando atuam como adjuntos adnominais de um único substantivo, os adjetivos concordam em gênero e número com esse substantivo:

Suas mãos **frias** denunciavam o que sentia naquele momento.

b. adjunto adnominal de dois substantivos – Quando atuam como adjuntos adnominais de dois ou mais substantivos, os adjetivos antepostos devem concordar com o substantivo mais próximo. Quando estão pospostos aos substantivos, os adjetivos podem concordar com o substantivo mais próximo ou com todos eles. Observe:

A empresa oferece **perfeita** localização e atendimento.

A empresa oferece **perfeito** atendimento e localização.

A empresa oferece localização e atendimento **perfeitos**.

A empresa oferece localização e atendimento **perfeito**.

A empresa oferece atendimento e localização **perfeita**.

A empresa oferece atendimento e localização **perfeitos**.

As formas adotadas no terceiro e no sexto exemplo são as mais claras, pois indicam que o adjetivo efetivamente se refere aos dois substantivos. Você notou que, nesses casos, o adjetivo foi flexionado no plural masculino, que é o gênero predominante quando há substantivos de gêneros diferentes.

O adjetivo anteposto a nomes próprios deve sempre concordar no plural:

O disco Tropicália 2 é uma obra-prima dos **brilhantes** Caetano Veloso e Gilberto Gil.

Em *site*

<http://tropicalia.uol.com.br/site/internas/movimento.php>. Acesso em: 17 jul. 2008.

O Tropicalismo foi um movimento que deu novos rumos à música popular brasileira. Capitaneados por Gil e Caetano, durante os anos de 1967 e 1968, os tropicalistas inovaram ao incorporar à música da época elementos da cultura jovem mundial, como a guitarra elétrica. Cada detalhe dessa revolução musical está no *site* oficial do movimento: contexto histórico, reportagens, discografia e muito mais.

c. predicativo de sujeito ou objeto composto – Quando um adjetivo atua como predicativo de um sujeito ou de um objeto compostos, concorda com todos os núcleos desses termos. Se o predicativo do sujeito estiver anteposto ao sujeito, pode concordar apenas com o núcleo mais próximo (coisa que acontece também com o verbo da oração):

Mãe e filho são **talentosos**.

Marido e mulher são **bem-educados**.

Considero **inteligentes** a professora e a aluna.

Julguei **desconexas** sua atitude e suas palavras.

São **vergonhosos** a pobreza e o desamparo.

É **vergonhosa** a pobreza e o desamparo.

d. substantivo modificado por dois adjetivos – Quando um único substantivo é modificado por dois ou mais adjetivos no singular, podem ser usadas as construções:

Admiro **a cultura** italiana e **a** francesa.

Admiro **as culturas** italiana e francesa.

A construção:

Estudo a cultura italiana e francesa.

provocaria incerteza (trata-se de duas culturas distintas ou de uma única, ítalo-francesa?). Por isso, deve ser evitada.

e. numerais ordinais antepostos – No caso de numerais ordinais antepostos a um único substantivo, podem ser usadas as construções:

Convoquei os alunos da primeira e segunda série.

ou

Convoquei os alunos da primeira e segunda séries.

Atividades

1. Complete as frases seguintes com a forma apropriada do determinante colocado entre parênteses. Indique os casos em que mais de uma concordância é possível.

a) Ele adora usar óculos (*). (*escuro*)

b) Já estive em todos os países (*). (*latino-americano*)

c) Dedica-se ao estudo das culturas (*). (*latino-americano*)

d) (*) atitude e comportamento são (*). (*seu / deplorável*)

e) (*) comportamento e atitude são (*). (*seu / deplorável*)

f) (*) foi (*) (*) viagem. (*aquele / um / melancólico*)

g) Divisavam-se (*) mangueiras e abacateiros. (*robusto*)

h) Divisavam-se (*) abacateiros e mangueiras. (*robusto*)

i) É profundo conhecedor de plantas e animais (*). (*marinho*)

j) É profundo conhecedor de animais e plantas (*). (*marinho*)

k) Ela se exibe na praia, desfilando com seu corpo e cabelo (*). (*dourado*)

l) Estou à procura de uma casa com portões e janelas (*). (*branco*)

m) Estou à procura de uma casa com janelas e portões (*). (*branco*)

2. Comente a clareza obtida em cada uma das frases seguintes.

a) Age sempre com calma e rigor britânico.

b) Age sempre com calma e rigor britânicos.

3. Complete as frases seguintes com a forma apropriada do determinante entre parênteses.

a) Estuda a língua e a literatura (*). (*francês*)

b) Estuda o idioma e a literatura (*). (*sueco*)

c) Sempre deixa (*) livros e revistas sobre a mesa. (*muito*)

d) Sempre deixa (*) revistas e livros sobre a mesa. (*muito*)

e) Considero (*) os trabalhos da comissão. (*inútil*)

f) Considero os trabalhos da comissão (*). (*inútil*)

g) São (*) a altura e o peso do lutador. (*excessivo*)

h) É (*) a altura e o peso do lutador. (*excessivo*)

i) Considero (*) a altura e o peso do lutador. (*excessivo*)

j) O talento e a habilidade desse músico são (*). (*famoso*)

k) É (*) o talento e a habilidade desse músico. (*famoso*)

l) São (*) o talento e a habilidade desse músico. (*famoso*)

m) O time principal e o time de juniores terminaram (*) o campeonato. (*vitorioso*)

n) Terminaram (*) o time principal e o time de juniores. (*vitorioso*)

o) Terminou (*) o time principal e o time de juniores. (*vitorioso*)

4. Una as orações de cada item seguinte numa única oração. Atente para a concordância nominal.

a) Estudo a cultura grega. Estudo também a cultura alemã.

b) É um especialista na língua francesa. É também especialista na língua russa.

c) Entregarei o pacote aos moradores do quinto andar. Entregarei o pacote também aos moradores do oitavo andar.

d) Os alunos da sétima série organizaram a cerimônia. Os alunos da oitava série também organizaram a cerimônia.

e) O presidente queria o poder político. O presidente queria também o poder econômico.

Expressões e palavras que merecem estudo particular

Próprio, mesmo, anexo, incluso, quite e *obrigado* concordam em gênero e número com o substantivo ou pronome a que se referem. Observe:

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 1996. v. 1, p. 39.

A palavra *obrigada*, dita por Helga, está flexionada no feminino, assim como todas as demais que se referem a ela: esposa, dona-de-casa, maravilhosa, dedicada, adversária.

Seguem **anexas** as faturas requeridas.

Seguem **inclusos** os comprovantes solicitados.

Já lhe paguei a dívida: estamos **quites**.

Meio e *bastante* podem atuar como adjetivos ou como advérbios. No primeiro caso, referem-se a substantivos e são variáveis. No segundo, referem-se a verbos, adjetivos ou advérbios e são invariáveis:

Pedi **meia** cerveja e **meia** porção de batatas fritas.

Meia classe terá de permanecer após o sinal de **meio**-dia e **meia**.

Ela ficou **meio** nervosa quando soube que precisaria esperar na fila até meio-dia e **meia**.

A aluna foi mal na prova porque estava **meio** tensa.

Ficamos **meio** chateados.

O país não dispõe de recursos **bastantes** para a obra.

Há **bastantes** pessoas insatisfeitas com o que ganham.

O time perdeu **bastantes** oportunidades para marcar.

Os jogadores ainda acreditavam **bastante** em si mesmos, apesar de estarem **bastante** cansados.

Eles se amam **bastante**. E são **bastante** loucos a ponto de se casarem.

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 2007. v. 4, p. 121.

O advérbio *meio* é invariável; no caso, modifica o adjetivo *chateada*, que, por sua vez, modifica *samambaia*. Ocorre o mesmo processo em frases como "Estamos meio cansados", "Elas estão meio desanimadas".

Substantivos desacompanhados de determinantes (artigos, pronomes e numerais adjetivos) podem ser tomados em sentido amplo, genérico. Nesse caso, expressões como *é proibido, é bom, é necessário, é preciso, é permitido* e similares não variam:

Em certas situações, **é necessário** paciência.

Não **é permitido** entrada.

Liberdade **é necessário**.

É preciso cidadania.

No inverno, sopa **é bom**.

A paciência é **necessária** nessa situação.

Esta sopa é **ótima**.

É **proibida a** entrada de estranhos.

A liberdade é **necessária**.

São **precisas várias** medidas de urgência.

Atividades

1. Complete as frases seguintes com a forma apropriada do termo entre parênteses.

a) Elas (*) disseram à diretora que ela (*) teria de resolver o problema. (*mesmo / mesmo*)

b) Os professores garantiram que eles (*) iriam controlar a entrega das fichas de inscrição, às quais seguiriam (*) os documentos necessários. (*mesmo / anexo*)

c) A foto pedida segue (*) à ficha de cadastro. (*incluso*)

d) Envie (*) os comprovantes solicitados. (*anexo*)

e) – Muito (*)! – disse a moça. – Estou (*) agora! (*agradecido / quite*)

f) – Muito (*) – agradeceu a moça, com um sorriso sem graça nos lábios. – Acho que é hora de eu (*) tomar uma atitude. (*obrigado / próprio*)

g) Ela (*) fará isso. (*próprio*)

h) Seguem (*) às fotocópias os documentos requeridos. (*anexo*)

2. Complete as frases a seguir com os termos indicados entre parênteses, flexionando-os ou não.

a) A verdura que nos serviram estava (*) murcha. (*meio*)

b) Faz duas horas e (*) que ela chegou. (*meio*)

c) No campo, o país vive uma situação (*) preocupante: (*) famílias tiveram de vender suas terras e migrar para os centros urbanos. (*bastante / bastante*)

d) Faça tudo com (*) rapidez e esteja aqui antes de (*)-dia e (*). (*bastante / meio / meio*)

e) Já passava de (*)-noite e (*) quando ela chegou. Estava (*) chateada e (*) preocupada. (*meio / meio / bastante / meio*)

f) (*) pessoas acham estranho este plural. É que estavam (*) desinformadas sobre as peculiaridades da língua portuguesa. (*bastante / meio*)

g) As professoras deste país estão (*) desgastadas com a dupla jornada de trabalho que têm de cumprir. (*meio*)

3. Explique por que as frases de cada par seguinte têm comportamento diferente quanto à concordância.

a) Fé é necessário.

A fé consciente, sem fanatismos e aberrações, é necessária.

b) Não é permitido entrada.

Só é permitida a entrada de funcionários.

c) Água é bom.

A água que muitos brasileiros bebem não é boa.

3. Concordância ideológica

Você pôde ler neste capítulo que muitas vezes os mecanismos de concordância podem ser contaminados pela significação de palavras e expressões. Essa contaminação às vezes faz a concordância formal e lógica ser substituída pela concordância ideológica e psicológica. Em outras palavras: o falante às vezes é levado a colocar um verbo ou adjetivo no plural ou no singular não porque o sujeito ou substantivo tenha essa forma, mas sim porque **significa** isso. Às vezes, a alteração diz respeito à pessoa gramatical ou ao gênero gramatical.

A concordância ideológica é chamada de **silepse**. Ocorrem silepses de número, gênero e pessoa.

A **silepse de número** ocorre particularmente quando o sujeito é um coletivo e o verbo passa a concordar no plural:

> O público chegou muito cedo. Como o sol era forte e o calor intenso, começaram a pedir aos bombeiros que jogassem água.

Você notou que o sujeito da primeira oração é *o público*, singular com ideia de plural. A forma verbal *chegou* está no singular. No período seguinte, o verbo passou para o plural (*começaram*). Isso se explica pelo distanciamento e pela consequente perda da força da forma da palavra *público*. Passa a prevalecer o seu significado, plural (as pessoas, ou algo equivalente).

Outra forma de silepse de número ocorre quando se utiliza o chamado **plural de modéstia**, em que a pessoa que fala ou escreve refere-se a si mesma como *nós*. Os adjetivos referentes ao falante surgem no singular:

Nossas músicas fazem muito sucesso lá, o que nos deixa satisfeito e comovido.

A **silepse de gênero** ocorre quando se troca o masculino pelo feminino ou vice-versa:

Vossa Excelência está frustrado?

Sua Santidade ficou impressionado com a acolhida.

Alguém está com saudades e quer que você vá vê-la.

São Paulo continua caótica, bárbara e violenta.

A **silepse de pessoa** é bastante comum quando quem fala ou escreve se inclui num sujeito de terceira pessoa:

Os brasileiros decentes queremos que acabem a impunidade e os privilégios.

Todos sabemos quais as soluções de que o Brasil precisa.

Na língua coloquial, é comum a silepse de pessoa com a forma *a gente*:

"A gente queremos melhorar."

No padrão culto, essa construção não ocorre.

Atividade

Comente a concordância em cada uma das frases seguintes.

a) A beleza de Maria e Teresa provocaram ciúmes e disputas.

b) Queria saber como estava a família Gonçalves. Fiquei sabendo que estão bem.

c) O grupo que comandava o clube, depois da crise, da pressão, das acusações e da revolta, renunciaram.

d) Sugiro a Vossa Senhoria que não participe da reunião, porque está exausto.

e) Decidimos participar desta reunião porque nos julgamos apto a contribuir de alguma forma.

f) Vi alguém caminhando em minha direção e corri a abraçá-la.

g) Durante a madrugada, Santos é calma e inspiradora.

h) Os professores esperamos condições dignas de trabalho.

Textos para análise

1

Laerte

LAERTE. *Classificados: livro 2*. São Paulo: Devir, 2002. p. 50.

Trabalhando o texto

Comente a concordância em "...Tu que é analfabeto.".

2

Ciência Hoje, jan./fev. 2003. Terceira capa.

Trabalhando o texto

Aponte um problema de concordância nominal no texto acima.

3

Saúde lança campanha de vacinação de idosos 2008

Com o *slogan* "Não deixe a gripe derrubar você! Vacine-se!" a Campanha Nacional de Vacinação do Idoso 2008 acontecerá de 26 de abril a 09 de maio, com ações que mobilizam as secretarias de saúde municipais, estaduais e o Ministério da Saúde para a vacinação contra a *influenza* na população acima de 60 anos. A campanha tem como principal objetivo reduzir, na população de 60 anos e mais, a morbi-mortalidade e as internações causadas pela *influenza*. Haverão 776 profissionais envolvidos, 364 postos fixos e móveis, carros, motos, barcos e outros transportes totalizarão 109.

Disponível em: <www2.uol.com.br/pagina20/16042008/pol1316042008.htm>. Acesso em: 18 jul. 2008.

Trabalhando o texto

Localize, no texto jornalístico transcrito acima, uma inadequação na concordância verbal.

4

Sem sombra de dúvida, Sombra foi o melhor jogador da cidade de Sombrio, Santa Catarina, na década de trinta. Essa era uma verdade clara e translúcida. Mas Sombra não era claro e translúcido. Era negro. Para entrar em campo, os dirigentes o obrigavam a cobrir-se com uma grossa camada de talco, maisena e outras substâncias embranquecedoras. Tudo ia bem e o time vinha ganhando todas as partidas, até que um dia os céus conspiraram. No meio do jogo desabou uma chuva inclemente. O talco, a maisena e outras substâncias embranquecedoras escorreram pelo corpo de Sombra e pôde-se ver que ele era negro. Os dirigentes disseram que nada sabiam, que haviam sido enganados, que tinham sido traídos. Com os torcedores foi diferente. Na partida seguinte, vieram todos pintados de negro.

TORERO, José Roberto. *Os cabeças-de-bagre também merecem o paraíso*. Rio de janeiro: Objetiva, 2001. p. 105.

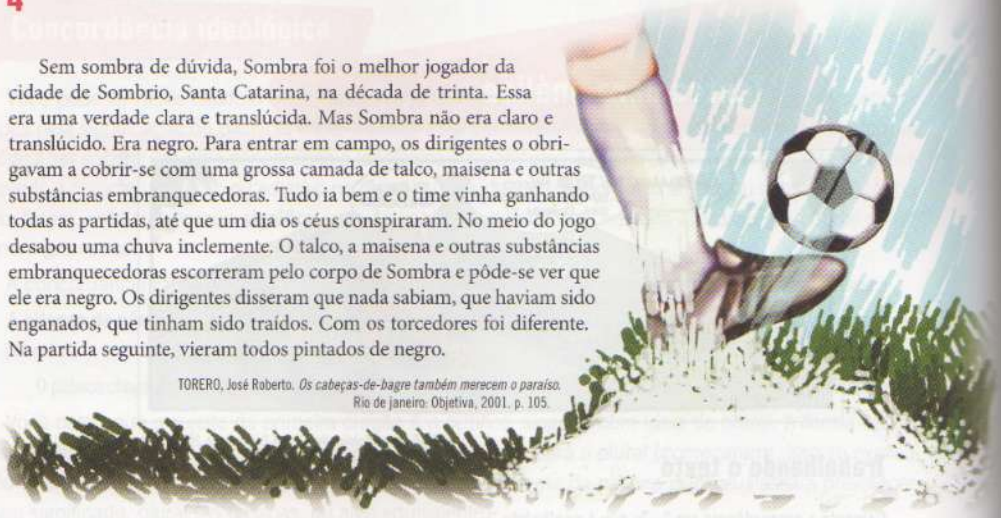

Trabalhando o texto

1. No início do texto, a palavra Sombra, que dá nome ao jogador em questão, destaca-se em função da proximidade com outras palavras. Quais? Por que são utilizadas?

2. Observe a concordância dos adjetivos com os substantivos *verdade* e *Sombra* e faça um comentário sobre o emprego desses caracterizadores assim flexionados.

3. Comente a relação que ocorre entre o segundo e o terceiro períodos do texto, tendo em vista a organização sintática e o valor semântico das orações.

4. "Era negro": esta oração, que aparece estrategicamente no texto, é composta de apenas duas palavras. Qual terá sido a intenção do autor ao criá-la assim?

5. No início do texto, ao descrever o jogador, predominam orações coordenadas. Para que são utilizadas, no final, as orações subordinadas?

6. Os termos "outras substâncias embranquecedoras" opõem-se a quais termos do texto?

7. Por que o autor fez questão de descrever a reação da torcida?

5

Eloquência singular

Mal iniciara seu discurso, o deputado embatucou:

– Senhor presidente: não sou daqueles que...

O verbo ia para o singular ou para o plural? Tudo indicava o plural. No entanto, podia perfeitamente ser o singular:

– Não sou daqueles que...

Não sou daqueles que recusam... No plural soava melhor. Mas era preciso precaver-se contra essas armadilhas da linguagem – que recusa? – ele que tão facilmente caía nelas, e era logo massacrado com um aparte. Não sou daqueles que... Resolveu ganhar tempo:

– ... embora perfeitamente cônscio das minhas altas responsabilidades, como representante do povo nesta Casa, não sou...

Daqueles que recusa, evidentemente. Como é que podia ter pensado em plural? Era um desses casos que os gramáticos registram nas suas questiúnculas de português: ia para o singular, não tinha dúvida. Idiotismo de linguagem, devia ser.

– ... daqueles que, em momentos de extrema gravidade, como este que o Brasil atravessa...

Safara-se porque nem se lembrava do verbo que pretendia usar:

– Não sou daqueles que...

SABINO, Fernando. *Para gostar de ler*. São Paulo: Ática, 1979. v. 4, p. 35-6.

Trabalhando o texto

1. Conclua finalmente a frase iniciada pelo deputado.

2. Que fato gramatical levou o deputado a hesitar no momento de estabelecer a concordância verbal?

3. Depois de intercalar inúmeras frases à inicial, tendo seu tempo se esgotado, o deputado concluiu assim seu discurso: "– Em suma: não sou daqueles. Tenho dito.". E ainda foi vivamente aplaudido por seus pares. Que crítica está implícita nessa crônica?

6

Um futuro singular

Senhor diretor, estou escrevendo esta carta porque temo pela minha saúde mental, e se algo acontecer comigo quero que todos saibam o motivo, principalmente o senhor, do qual eu esperava toda a compreensão, já que partilha comigo a crença de que só com um profundo respeito à gramática da língua portuguesa construiremos uma nação desenvolvida. O caso, senhor, é que o Grande Pajé está me perseguindo, e tenho certeza de que neste exato momento ele está ali, do outro lado da janela, escondido entre as folhas de amendoeira... e não resistirei a mais um ataque... Minhas força... forças!... estão se esgotando!

Sempre fui um dedicado professor de português, o senhor me conhece bem, tantas vezes me elogiou...Trabalho no ensino fundamental de sua escola há mais de vinte anos! Desde quando ainda se dizia "1.º grau"! Sempre tive devoção pela língua portuguesa! É uma verdadeira religião para mim! Luto contra as gírias, os estrangeirismos e os erros gramaticais como um cristão contra os hereges! Minha luta pelo emprego do português correto é uma verdadeira cruzada! Uma guerra santa! E agora, quando mais preciso de apoio, quando descubro o verdadeiro inimigo por trás da falência a que o nosso idioma pátrio está condenado, quando passo a sofrer ameaças diretas do Grande Pajé, o senhor me abandona e, em vez de se aliar a mim numa batalha sem trégua pelo resgate de nossa língua, em vez de acreditar em mim, francamente... me manda procurar um psiquiatra!

Mas não entregarei os ponto! Os pontoS! Minha mente morrerá lutando! Se o Grande Pajé afinal conseguir seu intento, e plantar à força a semente da língua Tupi dentro da minha cabeça, através desta carta o povo brasileiro saberá que lutei até o fim!

Tudo começou naquela tarde de sábado, quando fui lavar meu carro e o rapaz me cobrou "dez real". Depois deixei o carro numa vaga, e me custou "dois real". O camelô me ofereceu "três cueca", minha empregada tinha pedido "quatro quilo de batata", o feirante me ofereceu "seis limão", outro gritou "os peixe tão fresco!"; depois, meu porteiro se prontificou a levar "as sacola" até o elevador e deu o recado de que "meus filho" ainda não tinham chegado "das compra". Desesperado, me dei conta de que os plurais estavam sumindo!

É claro que eu já havia percebido isso antes! Sou muito sensível aos erro...erroS de português! Mas só naquele sábado entendi o motivo. A coisa me veio assim, num estalo: a língua tupi está se infiltrando na mente do povo brasileiro!

Devia ter pensado nisso antes. Era evidente!

(...)

É a vingança dos tupis! Minhas força já me faltam! Do meu salário desse mês, deposite quinhentos real na conta da mãe dos meus filho. As folha da amendoeira já nem balançam! O *an* Grande Pajé entrou na minha cabeça. Já vejo seu *tobá*. Ele me *tará*. Vou *sesarâia* o português. *Mamõ-pe nde rera*? O senhor é meu novo *Túba*. *Pá! Pá!*

an = fantasma
túba = pai
tobá = rosto
pá = sim
tará = apanhar
sesarâia = esquecer
mamõ-pe nde rera = qual é o seu nome

JAF, Ivan. *Lições de gramática para quem gosta de literatura*. CAMPOS, Carmem Lúcia; SILVA, Nilson Joaquim da (Org.). São Paulo: Panda Books, 2007. p. 86-7; 90.

Trabalhando o texto

1. No primeiro parágrafo da carta que o professor escreve ao diretor há algumas orações subordinadas adverbiais. Localize-as e explique que circunstâncias expressam.

2. O narrador do texto, um dedicado professor de português, alega que luta numa cruzada, numa verdadeira guerra santa, contra os erros gramaticais, contra gírias e estrangeirismos. Lance uma hipótese sobre o resultado dessa luta.

3. No segundo parágrafo, ocorrem orações subordinadas adverbiais temporais. Destaque-as e explique por que foram utilizadas.

4. O que, afinal, deixou o professor em tal estado de desespero? O que teria evitado isso?

5. Cite trechos do texto que comprovem que o professor realmente se deixou influenciar pelas mudanças.

6. Segundo o professor, por influência do tupi, que não possui plural, os falantes da língua portuguesa estão deixando de fazer a concordância nominal entre as palavras. Elabore você uma teoria que explique esse fenômeno.

Questões de exames e concursos

1. (FGV-SP) Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal.

a) Agora, trata-se de casos mais sérios, mais difíceis de resolver.

b) Vão haver tumultos na praça.

c) Não se discute mais as causas da erosão dessas terras.

d) À falta de medicamentos modernos, tratara-se com remédios caseiros os ferimentos provocados pelo mato.

e) Devem fazer dois anos que eles se mudaram daqui.

2. (Fuvest-SP) Quanto à concordância verbal, a frase inteiramente correta é:

a) Cada um dos participantes, ao inscrever-se, deverão receber as orientações necessárias.

b) Os que prometem ser justos, em geral, não conseguem sê-lo sem que se prejudiquem.

c) Já deu dez horas e a entrega das medalhas ainda não foram feitas.

d) O que se viam era apenas destroços, cadáveres e ruas completamente destruídas.

e) Devem ter havido acordos espúrios entre prefeitos e vereadores daqueles municípios.

3. (UEPB)

Brasil faz Unesco sambar

O samba de roda do Recôncavo Baiano foi reconhecido pela Unesco como Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade. Definido como uma expressão popular que mistura música, dança e poesia, foi escolhido por representar a forte herança africana no país e revelar aspectos das atividades econômicas, religiosas e lúdicas do Nordeste.

A roda de samba do Recôncavo foi considerada por representar a diversidade de sambas que existe no Brasil. (...)

Revista Língua Portuguesa. São Paulo: Segmento, fev. 2006. p. 8.

Analise as proposições e marque a alternativa correta em relação ao enunciado, a seguir: "A roda de samba do Recôncavo foi considerada por representar a diversidade de sambas que existe no Brasil."

Levando em consideração as normas da linguagem padrão, pode-se afirmar que:

I. há uma inadequação no uso do verbo "existe", tendo em vista não concordar com o termo "sambas".

II. o verbo "existe" pode ser substituído por "há" sem prejuízo semântico.

III. a substituição de "existe" por "existem" seria justificável, tendo em vista o processo da concordância atrativa.

a) Apenas II é verdadeira.

b) Apenas I e II são verdadeiras.

c) Apenas I e III são verdadeiras.

d) Apenas I é verdadeira.

e) Apenas II e III são verdadeiras.

4. (UFG)

Em uma entrevista, Ferreira Gullar, ao ser perguntado: "Você começou estudando gramática. É preciso isso para escrever bem?", responde: "Não (com ironia). E nem é preciso saber português. É ler os jornais e ver a TV para perceber. Outro dia ouvi '*as quinhentas milhões de pessoas*'. Eles não sabem que '*quinhentos*' é palavra masculina. Confundem '*este*' com '*esse*'. '*Esse programa que estão vendo...*'. Para eles é tudo a mesma coisa. Ignoram que as palavras têm sentido preciso e, para escrever bem, é preciso saber o significado, as relações entre elas, quais se combinam, como convivem. Para isso é preciso ter lido algo".

Revista Língua Portuguesa. São Paulo: Segmento, ano 1, n. 5, 2006.

Considerando-se o trecho transcrito da entrevista de Ferreira Gullar, explique:

a) a alteração ocorrida na resposta do entrevistado com o acréscimo da expressão, entre parênteses, "com ironia";

b) a regra que os falantes utilizam quando dizem "as quinhentas milhões de pessoas".

5. (UFMS) Assinale, entre as substituições propostas, a(s) que corrige(m) adequadamente a palavra a expressão em destaque, de acordo com o texto.

Se houvessem ainda suspeitas que a situação socioeconômica dos professores municipais passa pelo pior momento de sua luta salarial, elas acabaram no mês passado, com o aumento concedido pelo prefeito.

(001) *que* (linha 1) - substituir por *de que*;
(002) *passa* (linha 2) - substituir por *passam*;
(004) *elas acabaram* (linhas 3 e 4) - substituir por *ela acabou*;
(008) *houvessem* (linha 1) - substituir por *houvesse*;
(016) *no mês passado* (linha 4) - substituir por *no mês anterior*.

6. (Ibmec) Assinale a alternativa que preenche de forma adequada e correta as lacunas nas frases abaixo, *respectivamente*.

I - Seguem ... às cartas minhas poesias para você.

II - Polvo e lula ... serão servidos no jantar.

III - Para a matrícula, é ... a documentação pedida.

a) anexa – frescos – necessária.

b) anexas – fresca – necessária.

c) anexos – frescos – necessários.

d) anexas – frescas – necessária.

e) anexas – fresco – necessária.

7. (UPM-SP)

Digitações

A poética é uma máquina
Há um código central
Em que se digita ANULA
É a máquina do nada
Que anda ao contrário
Da sua meta
A repetição é a morte
Noutro código lateral
Digita-se ENTRA
E os cupins invadem o quarto

(Sebastião Uchoa Leite)

No segmento *Há um código central / Em que se digita ANULA*, a concordância verbal está de acordo com a norma culta, assim como em:

a) Devem haver códigos / Em que se digitam teclas.

b) Deve haver código / Em que se digita teclas.

c) Existem códigos / Em que se digita teclas.

d) Deve existir códigos / Em que se digitam teclas.

e) Há códigos / Em que se digitam teclas.

8. (UERJ)

Do que eu poderia dizer, resta sempre um déficit de oitenta por cento. E os vinte por cento que consigo falar não correspondem senão ao que eu não gostaria de ter dito – o que me deixa um saldo mortal de angústia.

No trecho acima há dois verbos cujos sujeitos expressam quantidade.

Transcreva esses verbos e, com base nas regras de concordância gramatical, indique por que um está no singular e o outro no plural.

9. (Fuvest-SP) Responda ao que se pede:

a) Noticiando o lançamento de um dicionário de filmes brasileiros, um jornal fez o seguinte comentário a propósito do filme "Aluga-se moças", de 1981: O título traz um dos maiores erros ortográficos já vistos no cinema brasileiro. O título correto do longa seria "Alugam-se moças".
O comentário e a correção feitos pelo jornal são justificáveis do ponto de vista gramatical? Por quê?

b) Ao lado de um caixa eletrônico de um grande banco, pode ser lido o seguinte aviso: "Em caso de dúvida, **somente** aceite ajuda de funcionário do banco.". Re-escreva a frase, posicionando adequadamente o termo destacado, de modo a eliminar a ambiguidade nela existente.

As questões 10 e 11 estão relacionadas ao seguinte anúncio de jornal:

LOJA DE CALÇADOS FEMININO

Vende-se 3 lojas bem montadas tradicionais, nos melhores Pontos da Cidade. Ótima Oportunidade!
F: (__) xxx-xxxxxx

O Estado de S. Paulo, São Paulo, 15 ago. 2002.

10. (Unifesp) De acordo com as normas gramaticais, particularmente no que se refere às regras de concordância, o título deste anúncio deveria ser:

a) LOJAS DE CALÇADOS FEMININO, porque, na sequência, o texto fala em "3 lojas".

b) LOJAS DE CALÇADOS FEMININOS, porque, na sequência, o texto fala em "3 lojas".

c) LOJA DE CALÇADOS FEMININOS, porque o título não especifica as outras duas lojas "bem montadas" de calçados, implicitamente, masculinos.

d) LOJA FEMININA DE CALÇADOS, porque o título não se relaciona com o restante do anúncio.

e) LOJA DE CALÇADOS FEMININO, tal como aparece no anúncio, porque o vocábulo "FEMININO" apenas especifica o tipo de calçado comercializado pelas lojas à venda.

11. (Unifesp) No corpo do anúncio, a expressão "Vende-se 3 lojas bem montadas":

a) apresenta problema de concordância verbal. Deveria ocorrer na forma *Vendem-se* porque *se* é índice de indeterminação do sujeito, e *lojas* é o sujeito paciente.

b) não apresenta problema de concordância verbal porque *se* é índice de indeterminação do sujeito, e *lojas* é o objeto direto.

c) apresenta problema de concordância verbal. Deveria ocorrer na forma *Vendem-se* porque *se* é partícula apassivadora, e *lojas* é o sujeito paciente.

d) não apresenta problema de concordância verbal, porque *se* é partícula apassivadora, e *lojas* é o sujeito paciente.

e) apresenta problema de concordância verbal. Deveria ocorrer na forma *Vendem-se* porque *se* é pronome reflexivo com função sintática de objeto indireto, e *lojas* é o objeto direto.

12. (PUCCamp-SP) O trecho "... os dois permanecemos trancados durante toda a viagem que realizamos juntos,...", extraído do capítulo 23 de *Lavoura arcaica*, apresenta, quanto à concordância verbal:

a) respectivamente, silepse ou concordância ideológica e indicação do sujeito pela flexão verbal.

b) em ambos os casos, indicação do sujeito apenas pela flexão verbal.

c) em ambos os casos, concordância ideológica ou silepse.

d) respectivamente, concordância ideológica e silepse.

e) respectivamente, indicação do sujeito pela flexão verbal e silepse ou concordância ideológica.

13. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que ocorra erro de concordância.

a) Entre um copo de cerveja e outro, foi considerado, por algum tempo, a possibilidade de eclodir uma revolução.

b) A maioria dos alunos chegou às 13 horas.

c) Não se sabem os motivos que levaram Chico Leitão a essas diatribes.

d) A entrada dos bois nos currais atrapalhou a contagem.

e) Chegaram de Brasília os ajudantes para fazer a faxina no consultório.

14. (Fatec-SP) Assinale a alternativa na qual a modificação da frase entre parênteses resulta em concordância verbal que atende à norma culta.

a) (O resultado daqueles embates serviu para fortalecer a cultura.) Os resultados daqueles embates serviu para fortalecerem a cultura.

b) (Pode-se dizer que houve alguma melhora.) Pode-se dizer que houveram algumas melhoras.

c) (O assunto pode despertar celeuma.) Os assuntos podem despertarem celeuma.

d) (Houve alguma confusão acerca do que estava errado.) Devem ter havido algumas confusões a respeito do que estava errado.

e) (Essa foi a falta que motivou a reação das autoridades.) Essas foram as faltas que motivaram a reação das autoridades.

15. (Acafe-SC) Assinale a alternativa que preenche **corretamente** os espaços na frase:

Hoje, quem ... , porque, ontem ... tu que ... .

a) paga sou eu – foste – pagaste

b) paga sou eu – foi – pagou

c) paga sou eu – foste – pagou

d) paga é eu – foi – pagaste

e) paga sou eu – fostes – pagastes

16. (Fuvest-SP) "Eu não sou o homem que tu **procuras**, mas desejava **ver-te**, ou, quando menos, possuir o **teu** retrato."

Se o pronome *tu* fosse substituído por *Vossa Excelência*, em lugar das palavras destacadas no trecho acima transcrito, teríamos, respectivamente, as seguintes formas:

a) procurais, ver-vos, vosso.

b) procura, vê-la, seu.

c) procura, vê-lo, vosso.

d) procurais, vê-la, vosso.

e) procurais, ver-vos, seu.

17. (Fuvest-SP) "Mas aquele pendão firme, vertical, beijado pelo vento do mar, veio enriquecer nosso canteirinho vulgar com uma força e uma alegria que fazem bem." (Rubem Braga)

Suponha que o início desse período seja: "Mas aqueles...". Re-escreva o período, fazendo apenas as alterações que se tornarem gramaticalmente necessárias.

18. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que a concordância verbal esteja correta.

a) Discutiu-se a semana toda os acordos que têm de ser assinados nos próximos dias.

b) Poderá haver novas reuniões, mas eles discutem agora sobre que produtos recairão, a partir de janeiro, a sobretaxa de exportação.

c) Entre os dois diretores deveria existir sérias divergências, pois a maior parte dos funcionários nunca os tinha visto juntos.

d) Faltava ainda dez votos, e já se comemoravam os resultados.

e) Eles hão de decidir ainda hoje, pois faz mais de dez horas que estão reunidos naquela sala.

19. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que a concordância verbal está correta.

a) As análises dos especialistas e do presidente prevê uma queda no setor, mas o boletim da empresa sobre as vendas efetuadas no último mês justificam que não se perca o otimismo.

b) Restava, no momento, poucas esperanças de acordo, mas ela, e principalmente eu, não deixava transparecer nenhum desânimo.

c) Podem existir, agora, poucas pessoas dispostas a enfrentar este pequeno problema, mas já houve muitas outras ocasiões em que sacrifícios bem maiores foram exigidos de nós.

d) A vida e a dignidade das pessoas está posta em risco quando falta, por parte delas, recursos para atender às suas necessidades básicas.

e) Foi encontrado no meio dos escombros muitos esqueletos, e já se levantou, entre os cientistas, hipóteses de que seja de animais pré-históricos.

20. (UFG) No conhecido verso de um *rock* – "a gente somos inútil" –, ocorre uma concordância que, apesar de ser condenada pelos padrões gramaticais da língua culta, é comum na fala popular. Como se explica esta possibilidade de construção na língua portuguesa?

21. (Unicamp-SP) No diálogo transcrito a seguir, um dos interlocutores é falante de uma variedade de português que apresenta uma série de diferenças com relação ao português culto.

Identifique, na fala desse interlocutor, as marcas formais dessas diferenças e transcreva-as. Faça, a seguir, uma hipótese sobre quem poderia ser essa pessoa (sua classe social e seu grau de escolaridade).

Interlocutor 1: Por que o senhor acha que o pessoal não está mais querendo tocar?
Interlocutor 2: É... a rapaziada nova agora não são mais como era quando nós ia, não senhora. Quando nós saía com o Congo nós levava aquele respeito com o mestre que saía com nós, né? Então nós ficava ali, se fosse tomar arguma bebida só tomava na hora que nós vinhesse embora.

22. (Unicamp-SP) As declarações que seguem são atribuídas a uma alta autoridade do governo. Identifique e comente os trechos em que a transcrição sugere um falante que não foi capaz de expressar-se em português culto, de forma adequada ao seu papel social.

Alta autoridade do governo paulista garantiu ontem que as investigações para apurar os responsáveis pelo sequestro do ex-vice-presidente do Bradesco, Antônio Beltran Martinez, terão prosseguimento, mesmo que fique comprovada a participação de "pessoas influentes e importantes". "Tudo aquilo que a polícia necessitar de meios para chegar a esse objetivo, ela terá a responsabilidade de apurar até o fim, doa a quem doer esses fatos."

(*Diário do Povo*, 9 out. 1987.)

23. (Unicamp-SP) O jornal *Folha de S.Paulo* introduz com o seguinte comentário uma entrevista recente (8 dez. 1988) com o professor Paulo Freire:

"A gente cheguemos" não será uma construção gramatical errada na gestão do Partido dos Trabalhadores em São Paulo.

Os trechos da entrevista nos quais a *Folha* se baseou para fazer tal comentário foram os seguintes:

A criança terá uma escola na qual a sua linguagem seja respeitada (...) Uma escola em que a criança aprenda a sintaxe dominante, mas sem desprezo pela sua.
Esses oito milhões de meninos vêm da periferia do Brasil (...) Precisamos respeitar a [sua] sintaxe mostrando que sua linguagem é bonita e gostosa, às vezes é mais bonita que a minha. E, mostrando tudo isso, dizer a ele: "Mas para tua própria vida tu precisas dizer *a gente chegou* [em vez de *a gente cheguemos*]. Isso é diferente, [a abordagem] é diferente. É assim que queremos trabalhar, com abertura, mas dizendo a verdade."

Responda de forma sucinta:

a) Qual é a posição defendida pelo professor Paulo Freire em relação à correção de erros gramaticais na escola?

b) O comentário do jornal faz justiça ao pensamento do educador? Justifique a sua resposta.

24. (UFV-MG) Dadas duas frases consideradas corretas:

a) Fulano ou Beltrano será eleito em 15 de novembro Presidente da República.

b) Calor intenso ou frio excessivo me fazem mal.

Explique a razão de o verbo estar no singular em a) e no plural em b).

25. (Unicamp-SP)

Sem comentários

Do delegado regional do Ministério da Educação do Rio, Antônio Carlos Reborado, ao ler ontem um discurso de agradecimento ao seu chefe, o ministro Eraldo Tinoco: "Os convênios assinados traduz (sic)* os esforços...".

Painel, *Folha de S.Paulo*, 12 set. 1992.

*sic: palavra latina que significa "assim"; no caso, é usada pelo jornal com o sentido de "exatamente desta forma".

O título da nota, "Sem comentários", é, na verdade, um comentário que expressa o ponto de vista do jornal, motivado por um problema gramatical no discurso lido por A. C. Reborado.

a) Que problema gramatical provocou o comentário do jornal?

b) Explicite o comentário que está sugerido, neste caso específico, pela expressão "Sem comentários".

26. (Unicamp-SP) Apesar de consideradas erradas, construções como "No segundo turno nós conversa", "A gente fomos", "Subiu os preços" obedecem a regras de concordância sistemáticas, características principalmente de dialetos de pouco prestígio social. O trecho abaixo, extraído de um editorial de jornal (portanto, representativo da modalidade culta) contém uma construção que é de fato um erro de concordância.

Pode-se argumentar, é certo, que eram previsíveis os percalços que enfrentariam qualquer programa de estabilização (...) necessário no Brasil.

Folha de S.Paulo, 7 nov. 1990.

a) Transcreva o trecho em que ocorre um erro de concordância.

b) Lendo atentamente o texto, você descobrirá que existe uma explicação para esse erro. Qual é?

c) Re-escreva o trecho de forma a adequá-lo à modalidade escrita culta.

27. (UFV-MG) Assinale a alternativa cuja sequência enumera **corretamente** as frases:

(1) concordância verbal **correta**
(2) concordância verbal **incorreta**

( ) Ireis de carro tu, vossos primos e eu.
( ) O pai ou o filho assumirá a direção do colégio.
( ) Mais de um dos candidatos se insultaram.
( ) Os meninos parece gostarem dos brinquedos.
( ) Faz dez anos todos esses fatos.

a) 1, 2, 2, 2, 1
b) 2, 2, 2, 1, 2
c) 1, 1, 2, 1, 1
d) 1, 2, 1, 1, 2
e) 2, 1, 1, 1, 2

28. (UFV-MG) Em todas as frases abaixo a concordância verbal está **incorreta**, **exceto**:

a) Qual de nós chegamos primeiro ao topo da montanha?

b) Os Estados Unidos representa uma segurança para todo o Ocidente.

c) Recebei, Vossa Excelência, os protestos de nossa estima.

d) Sem a educação, não podem haver cidadãos conscientes.

e) Sobrou-me uma folha de papel, uma caneta e uma borracha.

29. (Fatec-SP) Assinale a alternativa em que o período 2 não corresponde à correta pluralização do período 1.

a) 1. Mantenha-se calmo: não vai haver mais assalto.
2. Mantenham-se calmos: não vai haver mais assaltos.

b) 1. A notícia parece que correu muito rapidamente.
2. As notícias parece que correram muito rapidamente.

c) 1. Haja vista a ocorrência policial...
2. Haja vista as ocorrências policiais...

d) 1. É essa a objeção que se costuma fazer?
2. São essas as objeções que se costuma fazer?

e) 1. Haverá de existir solução menos traumática.
2. Haverão de existir soluções menos traumáticas.

30. (Faap-SP) Nas frases abaixo, explique a concordância dos verbos destacados.

a) **Costumava haver**, na cama do finado Padre João da Mata, lençóis de linho, dum luxo raro naquelas alturas.

b) Padre Antônio de Morais foi um dos que mais **sentiram** atração por Clarinha.

31. (Fuvest-SP) Re-escreva as frases abaixo, substituindo *existir* por *haver* e vice-versa.

a) **Existiam** jardins e manhãs naquele tempo: **havia** paz em toda parte.

b) Se **existissem** mais homens honestos, não **haveria** tantas brigas por justiça.

32. (FEI-SP) Passe para o plural:

Houve uma conversa meio longa.

33. (Fuvest-SP) Em "**Há em nosso país duas constantes** que nos induzem a sustentar que o Brasil é o único país brasileiro de todo o mundo", re-escreva o segmento destacado, substituindo o verbo *haver* por *existir*.

34. (ITA-SP) Assinale a alternativa correta.

a) Fazem anos que não te vejo.
b) Devem haver pessoas honestas lá.
c) Alvimar ou Caetano será escolhido para o cargo.
d) Aspiramos um aumento salarial melhor.
e) Custou-o a entender o que eu dizia.

35. (FCC-BA) "A ocorrência de interferências ...-nos a concluir que ... uma relação profunda entre homem e sociedade que os ... mutuamente dependentes."

a) leva, existe, torna
b) levam, existe, tornam
c) levam, existem, tornam
d) levam, existem, torna
e) leva, existem, tornam

36. (Fuvest-SP) Indique a alternativa correta.

a) Filmes, novelas, boas conversas, nada o tiravam da apatia.
b) A pátria não é ninguém: são todos.
c) Se não vier as chuvas, como faremos?
d) É precaríssima as condições do prédio.
e) Vossa Senhoria vos preocupais demasiadamente com a vossa imagem.

37. (UPM-SP) "Não ... razões para acreditarmos nele, pois ... provas suficientes e ... anotações memoráveis a seu favor."

a) faltava, haviam, existiam
b) faltavam, havia, existiam
c) faltavam, haviam, existiam
d) faltava, havia, existia
e) faltavam, havia, existia

38. (Fuvest-SP) Num dos provérbios abaixo não se observa a concordância prescrita pela gramática. Indique-o.

a) Não se apanham moscas com vinagre.
b) Casamento e mortalha no céu se talha.
c) Quem ama o feio, bonito lhe parece.
d) De boas ceias, as sepulturas estão cheias.
e) Quem cabras não tem e cabritos vende, de algum lugar lhe vêm.

39. (FCMSC-SP) "Por falta de verba, ... as experiências e os estudos que se ... ."

a) foi suspenso, planejava fazer
b) foram suspensos, planejava fazer
c) foram suspensos, planejavam fazer
d) foram suspensas, planejavam fazer
e) foi suspenso, planejavam fazer

40. (FCC-BA) Assinale:

a) se todos forem corretos.
b) se forem corretos somente os textos 1 e 2.
c) se forem corretos somente os textos 1 e 3.
d) se forem corretos somente os textos 2 e 3.
e) se nenhum deles for correto.

1. Vossa Excelência sois um ótimo professor.
2. Tu e eles ireis à conferência.
3. Passará o céu e a terra, mas não passarão minhas palavras.

41. (Fuvest-SP) Indique a alternativa correta.

a) Tratavam-se de questões fundamentais.
b) Comprou-se terrenos no subúrbio.
c) Precisam-se de datilógrafas.
d) Reformam-se ternos.
e) Obedeceram-se aos severos regulamentos.

42. (FCMSC-SP) "Suponho que ... meios para que se ... os cálculos de modo mais simples."

a) devem haver, realize
b) devem haver, realizem
c) deve haverem, realize
d) deve haver, realizem
e) deve haver, realize

43. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção em que a lacuna pode ser preenchida por qualquer das duas formas verbais indicadas entre parênteses.

a) Um dos seus sonhos ... morrer na terra natal. (era, eram)
b) Aqui não ... os sítios onde eu brincava. (existe, existem)
c) Uma porção de sabiás ... na laranjeira. (cantava, cantavam)
d) Não ... em minha terra belezas naturais. (falta, faltam)
e) Sou eu que ... morrer ouvindo o canto do sabiá. (quero, quer)

44. (UFC) Complete as seguintes frases observando a concordância verbal e, depois, assinale a opção certa.

1. Como ... haver pessoas tão generosas. (poder – imp. ind.)
2. ...-se, muito longe, os sinos da igreja. (ouvir – imp. ind.)
3. ... muitos anos que ela não vai a festas. (fazer – pres. ind.)
4. Eles sempre se ... com dignidade. (haver – perf. ind.)
5. ...-se muitas pessoas dirigindo-se à matriz. (ver – pres. ind.)

a) podia, ouviam, faz, houveram, veem
b) podiam, ouvem, fazem, houveram, vêm
c) podia, ouvia, faz, havia, veem
d) pôde, ouve, fazem, houveram, veem
e) n.d.a.

45. (UFC) Assinale a opção correta.

a) Mais de um retirante se afastou do serviço.
b) Qual de vós sabeis o destino do retirante?
c) Podem haver, no campo, dias horríveis.
d) Espera-se dias mais propícios.

46. (Fuvest-SP) "... dez horas que se ... iniciado os trabalhos de apuração dos votos sem que se ... quais seriam os candidatos vitoriosos."

a) fazia, haviam, previsse
b) faziam, haviam, prevesse
c) fazia, havia, previsse
d) faziam, havia, previssem
e) fazia, haviam, previssem

47. (Acafe-SC) Corrija a frase. Depois, justifique.

Ela está meia nervosa.

48. (Acafe-SC) Assinale a alternativa que completa **corretamente** os espaços.

A entrada para o cinema foi ..., mas o filme e o desenho ... compensaram, pois saímos todos ... .

a) caro – apresentado – alegre
b) cara – apresentado – alegre
c) caro – apresentados – alegres
d) cara – apresentados – alegres
e) cara – apresentados – alegre

49. (UEM-PR) Aponte a(s) frase(s) em que a palavra dos parênteses deve ir exclusivamente no plural.

01. Tu, eu e teu pai ... de ônibus. (ir)
02. Os Estados Unidos, durante a noite, ... a Líbia. (atacar)
04. ... você e seu colega. (passar)
08. ... muitos discursos; porém pouca argumentação. (haver)
16. Parece inteligente e tem ... argumentos para se defender. (bastante)
32. ... ao processo encontram-se as fotos. (incluso)

50. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que a concordância verbal e nominal esteja correta.

a) Qualquer que tivessem sido as decisões da chefia, a reação dos funcionários seria a mesma, pois discórdias é que não faltava lá.
b) Eles são tão pouco esclarecidos, que com meias palavras não entendem nada; é necessário, sempre, as explicações mais detalhadas.
c) Quando já passava das dez horas, atribuiu-se o atraso do juiz a problemas de saúde e dispensaram-se as testemunhas.
d) Vai ser avaliado, no mês que vem, os danos da última seca e serão anunciados os prejuízos correspondente.
e) Eles parecem, cada vez mais, serem os únicos responsáveis pelo ocorrido, por mais inacreditável que possa ser os fatos.

51. (PUCCamp-SP) "Não foi ... a pesada suspensão que lhe deram, porque você foi o que ... falhas apresentou; podiam ter pensado em outras penalidades mais ... ."

a) justo – menas – cabível
b) justa – menos – cabível
c) justa – menos – cabíveis
d) justo – menos – cabível
e) justo – menas – cabíveis

52. (PUCCamp-SP) "Tenha certeza, meu caro amigo, de que suas colegas queriam elas ... terminar o trabalho, mas não conseguiram falar ...; por esse motivo é que ficou tudo para ... resolver."

a) mesmo – consigo – mim
b) mesmas – com você – eu
c) mesmo – com você – mim
d) mesmas – consigo – mim
e) mesmas – contigo – eu

53. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que a concordância verbal e nominal está correta.

a) Era oito horas e até aquela hora tinha sido evitado, graças à presença de correspondentes estrangeiros, uma série de assuntos sobre política econômica.

b) Avaliou-se com muita calma, no encontro que se deu fazem uns quinze dias, as mais diferentes versões sobre o manifesto a favor da Ecologia, que havia sido publicada pela imprensa.

c) Os estudos para a fusão das duas companhias dura mais de dois meses, mas o concurso para a escolha dos nomes dos novos produtos já tem sido amplamente divulgados.

d) Seja quais forem as críticas que possam ser feitas, a verdade é que eles pretendiam, cada uma seu modo, defenderem seus pontos de vista, mesmo sabendo que nem todos eram igualmente defensável.

e) Novas taxas, em virtude dos últimos aumentos, parecem inevitáveis; indicam-se os motivos do reajuste em documentos que encaminho anexos a este.

54. (UFV-MG) Todas as alternativas abaixo estão **corretas** quanto à concordância nominal, **exceto**:

a) Foi acusado de crime de lesa-justiça.

b) As declarações devem seguir anexas ao processo.

c) Eram rapazes os mais elegantes possível.

d) É necessário cautela com os pseudolíderes.

e) Seguiram automóveis, cereais e geladeiras exportados.

55. (FCC-BA) "Elas ... providenciaram os atestados, que enviaram ... às procurações, como instrumentos ... para os fins colimados."

a) mesmas, anexos, bastantes

b) mesmo, anexo, bastante

c) mesmas, anexo, bastante

d) mesmo, anexos, bastante

e) mesmas, anexos, bastante

56. (FCMSC-SP) "... habilidade e ... empenho ... pelos participantes, a comissão julgadora teve dificuldade em apontar o vencedor."

a) Dado a, o, demonstrado

b) Dada à, do, demonstrados

c) Dados a, o, demonstrados

d) Dados a, ao, demonstrado

e) Dados à, do, demonstrados

57. (Faap-SP) Observando as regras de concordância verbal e nominal, re-escreva a frase que segue:

Ao meio-dia e meio, depois de penosa escalada, durante a qual houveram perigos o mais surpreendentes possíveis, o grupo de alpinistas franceses atingiu o ponto mais elevado da cordilheira.

58. (PUC-RJ) Preencha as lacunas com a forma adequada das palavras entre parênteses, fazendo a flexão de gênero e número quando necessário.

a) Por ... que sejam as consequências, esta é a única tentativa possível. (pior)

b) Seus propósitos estão ... claros. (bastante)

c) As informações prometidas seguem ... a esta carta. (anexo)

59. (UFSCar-SP) Re-escreva o período abaixo. Corrija-o, se necessário, quanto à concordância. Justifique, porém, sempre a sua resposta.

É proibido a entrada de pessoas estranhas no recinto.

60. (FCC-BA) Assinale a alternativa em que a concordância verbal e nominal está correta.

a) Já é meio-dia e meia; faltam poucos minutos para começar a reunião.

b) Comprei um óculos escuro nesta loja. Consegue-se bons descontos aqui.

c) Vão fazer dez anos que trabalho aqui e ainda é proibido a minha entrada na sala da Diretoria!

d) Duzentas gramas de queijo são demais para fazer a torta.

e) A gente fomos ao cinema no domingo, e lá haviam amigos nossos na fila.

61. (UEL-PR) "Ao esforço e à seriedade ... ao estudo é que ... os louvores que ele tem recebido ultimamente."

a) consagrado, devem ser atribuídos

b) consagrada, deve ser atribuído

c) consagrados, devem ser atribuídos

d) consagradas, deve ser atribuído

e) consagrados, deve ser atribuído

62. (FCC-BA) "Os Estados Unidos ... grandes universidades de ... fama e mérito."

a) possuem, reputada

b) possui, reputado

c) possui, reputados

d) possuem, reputado

e) possui, reputada

63. (FCC-BA) "Informo a Vossas Senhorias que, ..., seguem a carta, o relatório e a cópia que nos solicitaram, e que estão inteiramente à ... disposição para exame."

a) incluso, vossa

b) inclusos, sua

c) incluso, sua

d) inclusa, vossa

e) inclusos, vossa

64. (UFSC) Aponte a alternativa em que a concordância nominal não é adequada.

a) Obrigava sua corpulência a exercício e evolução forçada.

b) Obrigava sua corpulência a exercício e evolução forçados.

c) Obrigava sua corpulência a exercício e evolução forçadas.

d) Obrigava sua corpulência a forçado exercício e evolução.

e) Obrigava sua corpulência a forçada evolução e exercício.

65. (UPM-SP) Indique a alternativa que preenche corretamente as lacunas na frase.

..., na verdade, de tarefas árduas que um e outro ... com esforço e capacidade ... .

a) Tratam-se, executou, sobre-humana

b) Tratam-se, executaram, sobre-humanas

c) Trata-se, executou, sobre-humanas

d) Trata-se, executaram, sobre-humanos

e) Tratam-se, executou, sobre-humanos

66. (FCC-BA) "Ainda ... furiosa, mas com ... violência, proferia injúrias ... para escandalizar os mais arrojados."

a) meia, menas, bastantes

b) meia, menos, bastante

c) meio, menos, bastante

d) meio, menos, bastantes

e) meio, menas, bastantes

67. (PUCCamp-SP) Assinale a concordância **errada**.

a) Ali se vendia pão e outras provisões.

b) Era meio-dia e meia.

c) Na exposição vendeu-se oito cavalos árabes.

d) Crime de leso-patriotismo.

e) Os soldados ficaram alerta.

68. (Efei-MG) Em todas as frases a concordância se fez corretamente, exceto:

a) Os soldados, agora, estão todos alerta.

b) Ela possuía bastante recursos para viajar.

c) As roupas das moças eram as mais belas possíveis.

d) Rosa recebeu o livro e disse: "Muito obrigada".

e) Sairei de São Paulo hoje, ao meio-dia e meia.

69. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa em que *meio* funciona como advérbio.

a) Fica no meio do quarto.

b) Quero meio quilo.

c) Está meio triste.

d) Achei o meio de encontrar-te.

e) n.d.a.

70. (UnB-DF) Em todas as alternativas a concordância nominal fez-se corretamente, **exceto** em:

a) Eu observava no velho guerreiro o destemor e a força quase lendários.

b) Estavam emudecidos, para sempre, as almas, as vozes e os risos dos homens.

c) Aquelas mesmas figuras pareceram a nós meio estranhas.

d) O presidente quer o decreto o mais breve e incisivo possíveis.

71. (UPM-SP) Assinale a alternativa **incorreta**.

a) O narrador pulou longos páginas e capítulos.

b) Ele pulou longos capítulos e páginas.

c) Ele escreveu capítulos e páginas compactas.

d) Ele escreveu capítulos e páginas compactos.

e) Ele escreveu páginas e capítulos compactos.

72. (FCC-BA) "Água às refeições é ... para a saúde. Essa é uma das muitas precauções que ... tomar, se se quer conservar a silhueta."

a) mau, é preciso

b) mau, são precisas

c) mal, é precisa

d) má, são precisas

e) má, é preciso

Capítulo 27

Regência verbal e nominal

Laerte

LAERTE. *Classificados: livro 1*. São Paulo: Devir, 2001. p. 9.

Neste capítulo, estudaremos, entre outros tópicos, alguns verbos cuja mudança de regência implica também uma mudança de significado. Exemplo disso é o verbo apontar, na tira acima: no segundo quadrinho, ele é transitivo direto e significa "fazer a ponta de"; no terceiro quadrinho, mudam sua regência e seu significado: ele passa a transitivo indireto e tem o sentido de "indicar a direção de", "estar voltado para".

1. Introdução

Há algum tempo, um famoso cantor americano foi acusado de assediar sexualmente menores de idade. Ao noticiar o fato, muitas emissoras de televisão falavam das "denúncias de abuso sexual contra Fulano". Você percebe o que ocorre nessa construção? A frase é, no mínimo, ambígua. De réu, Fulano pode passar a vítima. Colocada depois de dois nomes (*denúncias* e *abuso*), a preposição *contra* pode relacionar-se a qualquer dos dois termos. Na verdade, por estar mais próxima de *abuso*, é a esse termo que a preposição parece ligar-se. Isso faz Fulano passar a ser vítima do abuso.

Para que a frase fosse clara e fiel ao sentido pretendido, seria necessário aproximar a preposição *contra* do termo que efetivamente a rege – *denúncia*. Surgiria a construção "as denúncias contra Fulano de abuso sexual". Outra solução seria "as denúncias de abuso sexual feitas contra Fulano". O termo regente da preposição *contra* passaria a ser *feitas*.

É disso que se ocupa a regência, ou seja, como estabelecer relações entre palavras ou orações, para criar frases que não sejam ambíguas, que expressem efetivamente o sentido desejado, que sejam corretas e claras.

2. Regência verbal

A *regência verbal* se ocupa do estudo da relação que se estabelece entre os verbos e os termos que os complementam (objetos diretos e objetos indiretos) ou caracterizam (adjuntos adverbiais). Você sabe que o verbo *gostar* rege a preposição *de* (gostar de alguém ou de algo), que o verbo *concordar* rege *com* (concordar com alguém ou com algo), que o verbo *confiar* rege *em* (confiar em alguém ou em algo). E o verbo *ir*? No Brasil, no dia-a-dia, na língua literária, nas letras de músicas, é muito comum "ir em algum lugar" ("Fui no cinema", "Fui na praia"). Na linguagem culta formal, porém, o verbo *ir* rege as preposições *a* e *para*:

Fui **ao** cinema.

Ele foi **para a** Grécia.

A diferença entre o uso formal culto e o coloquial é um dos objetivos do estudo da regência.

Outro aspecto que deve ser considerado é a mudança de significado que pode resultar das diferentes relações que se estabelecem entre um mesmo verbo e seus complementos: "agradar alguém" pode ser diferente de "agradar a alguém". No primeiro caso ("A mãe agrada o filho"), *agradar* pode significar "acariciar", "contentar". No segundo ("A mãe agrada ao filho"), significa "fazer algo que cause agrado ou prazer", "satisfazer".

Para estudar a regência verbal, os verbos serão agrupados de acordo com sua transitividade. Lembre-se de que a transitividade não é um fato absoluto: um mesmo verbo pode atuar de diferentes formas em diferentes frases. Você verá a transitividade mais frequente ou mais problemática dos vários verbos estudados. Num último grupo, foram reunidos os verbos cujas mudanças de transitividade estão relacionadas com mudanças de significado.

Verbos intransitivos

Os verbos intransitivos não possuem complementos. É importante, no entanto, destacar alguns detalhes relativos aos adjuntos adverbiais que costumam acompanhá-los.

Chegar e *ir* são normalmente acompanhados de adjuntos adverbiais de lugar. Na linguagem formal culta, as preposições usadas para indicar direção ou destino são *a* e *para*:

Cheguei **a** Roma num domingo de Carnaval.

Fomos **a** Siena.

Ele deve chegar **a** Brasília no próximo sábado.

Ronaldo foi **para** a Espanha.

Verbos transitivos diretos

Os verbos transitivos diretos são complementados por objetos diretos. Isso significa que não exigem preposição para o estabelecimento da relação de regência. Os pronomes pessoais do caso oblíquo da terceira pessoa que atuam como objetos diretos são *o, os, a, as*. Esses pronomes podem assumir as formas *lo, los, la, las* (após formas verbais terminadas em *-r, -s* ou *-z*) ou *no, nos, na, as* (após formas verbais terminadas em sons nasais). Não se devem usar como complemento desses verbos os pronomes *lhe, lhes*.

São transitivos diretos, entre outros:

abandonar	adorar	condenar	humilhar	socorrer
abençoar	alegrar	conhecer	namorar	suportar
aborrecer	ameaçar	conservar	ouvir	ver
abraçar	amolar	convidar	prejudicar	visitar
acompanhar	amparar	defender	prezar	
acusar	auxiliar	eleger	proteger	
admirar	castigar	estimar	respeitar	

Na língua culta, esses verbos funcionam exatamente como o verbo *amar*:

Amo aquele rapaz. / Amo-o.

Amo aquela moça. / Amo-a.

Amam aquele rapaz. / Amam-no.

Ele deve amar aquela mulher. / Ele deve amá-la.

Os pronomes *lhe* e *lhes* só acompanham esses verbos para indicar posse (caso em que atuam como adjuntos adnominais):

Quero beijar-**lhe** o rosto. (= beijar **seu** rosto)

Prejudicaram-**lhe** a carreira. (= prejudicaram **sua** carreira)

Verbos transitivos indiretos

Os verbos transitivos indiretos são complementados por objetos indiretos. Isso significa que esses verbos exigem uma preposição para o estabelecimento da relação de regência. Os pronomes pessoais do caso oblíquo de terceira pessoa que podem atuar como objetos indiretos são *lhe* e *lhes*, que geralmente substituem pessoas. Não se devem usar os pronomes *o, os, a, as* como complementos de verbos transitivos indiretos. Com os objetos indiretos que não representam pessoas, normalmente se usam os pronomes oblíquos tônicos de terceira pessoa (*ele, ela*) em lugar dos pronomes átonos *lhe* e *lhes*. Lembre-se de que os verbos transitivos indiretos não admitem voz passiva – as poucas exceções serão apontadas a seguir.

São verbos transitivos indiretos, entre outros:

a. *antipatizar* e *simpatizar*, que têm complemento introduzido pela preposição *com*:

Antipatizo **com** aquela apresentadora.

Simpatizo **com** os que condenam os políticos que governam para uma minoria privilegiada.

Esses verbos não são pronominais, portanto, não ocorrem construções como "antipatizei-me com ela" ou "simpatizei-me com ela".

b. *consistir*, que tem complemento introduzido pela preposição *em*:

A modernidade verdadeira consiste **em** diretos iguais para todos.

c. *obedecer* e *desobedecer*, que têm complemento introduzido pela preposição *a*:

Obedeço **ao** código de trânsito.

Os brasileiros desobedecem **aos** sinais de trânsito.

Apesar de transitivos indiretos, admitem a voz passiva analítica:

Leis devem ser obedecidas.

Regras básicas de civilidade não podem ser desobedecidas.

Para substituir o que não for pessoa, só se pode usar *a ele / a ela*:

Obedeço ao código. / Obedeço a ele.

d. *dignar-se*, pronominal, que no padrão culto rege a preposição *de*:

Ele não se dignou **de** olhar-me nos olhos.

Ela ao menos se dignou **de** responder-me.

É comum, em textos formais, encontrar esse verbo com a preposição *de* elíptica:

O reitor se dignou ouvir minhas palavras até o fim.

Convém lembrar que esse verbo, na linguagem corrente, é usado com a preposição *a*, o que não é abonado por gramáticos e dicionaristas.

e. *responder*, que tem complemento introduzido pela preposição *a*:

Respondi **a** todos os alunos interessados.

O acusado responderá **a** inquérito.

Também admite voz passiva analítica, desde que o sujeito seja aquilo (e não aquele) a que se responde:

Todas as perguntas foram respondidas satisfatoriamente.

Atividades

1. Faça a substituição dos termos destacados nas frases seguintes pelos pronomes oblíquos átonos apropriados.

a) Não desejo incomodar **aqueles rapazes**.

b) É preciso ajudar **as crianças de rua**.

c) Você não deve prejudicar **os alunos**.

d) Vamos enviar **estes pacotes de arroz** aos flagelados.

e) Vamos enviar estes pacotes de arroz **aos flagelados**.

f) Ele gostaria de namorar **Sílvia**.

g) Espero poder alegrar **os amigos**.

h) Prezo muito **aquele escritor**.

i) Por que você não obedece **a seus pais**?

j) A comissão não respondeu **aos inscritos no concurso**.

2. Em cada item você encontrará uma frase típica da linguagem coloquial de várias regiões do Brasil. Adapte cada uma dessas frases à regência verbal da língua culta.

a) Fique tranquila, querida: eu lhe amo muito.

b) Desde que lhe vi, minha vida não é mais a mesma.

c) Não me simpatizo muito com essa tese.

d) O marginal urbano não obedece sinal vermelho.

e) Não pude responder o bilhete que você me mandou.

f) Que Deus lhe proteja!

g) Se Deus lhe amparar, tudo vai dar certo.

h) Ela já parou de lhe amolar?

i) Faço questão de lhe abraçar.

3. Comente a regência verbal da frase seguinte:

Essas medidas consistem basicamente de novas regras para o sistema financeiro e de um novo sistema de controle de entrada de divisas externas.

Verbos indiferentemente transitivos diretos ou indiretos

Alguns verbos podem ser usados como transitivos diretos ou transitivos indiretos, sem que isso implique alteração de sentido. Alguns deles são:

abdicar (de)	atender (a)	desdenhar (de)	presidir (a)
acreditar (em)	atentar (em, para)	gozar (de)	renunciar (a)
almejar (por)	cogitar (de, em)	necessitar (de)	satisfazer (a)
ansiar (por)	consentir (em)	preceder (a)	versar (sobre)
anteceder (a)	deparar (com)	precisar (de)	

Também podem ser usados como transitivos diretos ou transitivos indiretos os verbos *esquecer* e *lembrar*. Nesse caso, porém, há um detalhe importante: na tradição da língua, quando transitivos indiretos, esses verbos são pronominais. Observe estes exemplos:

Esqueci **o** livro. / Esqueci-**me do** livro.

Não esqueça **os** amigos. / Não **se** esqueça **dos** amigos.

Não esquecemos suas palavras. / Não **nos** esquecemos **de** suas palavras.

Não lembro nada. / Não **me** lembro **de** nada.

No português do Brasil (na oralidade e em textos literários), surgiu um cruzamento dessas duas construções "Não lembrei de você" e "Esqueci do aniversário dela". Note que os verbos são usados com a preposição "de" e sem o pronome oblíquo relativo ao sujeito. Essas construções ainda não ganharam abrigo nas variedades formais da língua.

Lembre que nada acontece por acaso. / Lembre-**se de** que nada acontece por acaso.

Os verbos *esquecer* e *lembrar* também apresentam uma outra possibilidade de construção, hoje restrita à língua literária:

Não me esquecem aqueles beijos que trocamos. (= não me saem da memória, não me caem no esquecimento)

Desculpe-me, mas não me lembra a data de seu aniversário. (= não me vem à lembrança)

Lembrar, no sentido de "advertir, notar, fazer recordar", é usado com objeto indireto de pessoa e objeto direto que indica a coisa a ser lembrada. Observe:

Lembrei **a** todos **que** tudo ainda estava por fazer.

Na tirinha, observa-se a ocorrência do verbo *lembrar* como transitivo indireto, caso em que é pronominal, e como transitivo direto (lembrar seu nome).

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 1996. v. 1. p. 35.

Verbos transitivos diretos e indiretos

Os verbos transitivos diretos e indiretos são acompanhados de um objeto direto e um objeto indireto. Merecem destaque, nesse grupo:

a. *agradecer*, *perdoar* e *pagar*, que apresentam objeto direto de coisa e objeto indireto de pessoa:

Agradeço **aos** ouvintes **a** audiência.

Cristo ensina que é preciso perdoar **o** pecado **ao** pecador.

Paguei **o** débito **ao** cobrador.

O uso dos pronomes oblíquos átonos deve ser feito com particular cuidado. Observe:

Agradeci o presente. / Agradeci-o.

Agradeço a você. / Agradeço-lhe.

Perdoei a ofensa. / Perdoei-a.

Perdoei ao agressor / Perdoei-lhe.
Paguei minhas contas. / Paguei-as.
Paguei aos meus credores. / Paguei-lhes.

É importante notar que, com esses verbos, a pessoa costuma aparecer como objeto indireto, mesmo que na frase não haja objeto direto. Observe:

A empresa não paga **aos** funcionários desde setembro.
Já perdoei **aos** que me acusaram.
Agradeço **aos** eleitores que confiaram em mim.

Em relação ao que foi citado acima, cabe informar que, na língua viva do Brasil (oral e escrita), é cada vez mais comum o emprego do verbo *pagar* sem a preposição *a* ("A empresa não paga os funcionários desde setembro"), o que já abonado em importantes dicionários de regência e de sinônimos.

b. *informar*, que apresenta objeto direto de coisa e objeto indireto de pessoa, ou vice-versa:

Informe **os** novos preços **aos** clientes.
Informe **os** clientes **dos** novos preços. (ou: sobre os novos preços)

Quando se utilizam pronomes como complementos, podem-se obter as construções:

Informe-os aos clientes. / Informe-lhes os novos preços.
Informe-os dos novos preços. / Informe-os deles. (ou: sobre eles)

No período composto, quando um dos complementos desse verbo é oracional, valem as mesmas orientações:

Informe aos clientes que os preços não são mais os mesmos. / Informe-lhes que os preços não são mais os mesmos.
Informe os clientes de que os preços não são mais os mesmos. / Informe-os de que os preços não são mais os mesmos.

A mesma regência de *informar* cabe a *avisar, certificar, notificar, cientificar, prevenir.*

c. *preferir*, que na língua culta deve apresentar objeto indireto introduzido pela preposição *a*:

Prefiro trem a ônibus.
Povo civilizado prefere democracia a ditadura.
"Prefiro um asno que me carregue a um cavalo que me derrube." (Gil Vicente)

Na língua culta, esse verbo é usado sem termos intensificadores como *muito, antes, mil vezes, um milhão de vezes*. Isso é explicado pela etimologia de *preferir* (em que há o prefixo *pre-*, que denota "posição anterior").

Em *site*

<www.citi.pt/gilvicenteonline/index.html>. Acesso em: 15 jul. 2008.

Gil Vicente foi o fundador do teatro português. O escritor viveu durante a transição da Idade Média ao Renascimento, período marcado pelas grandes navegações e pela crise do Feudalismo e da Igreja. O *site* indicado apresenta versões integrais das peças de Gil Vicente encenadas em português de Portugal. Não deixe de conhecer as obras desse importante personagem da história do Humanismo Português.

Detalhe.

Neste anúncio, o verbo *assistir* está empregado no sentido de ver, estar presente. O objeto indireto, introduzido pela preposição *a*, é *ao maior desafio de iatismo do mundo*.

02. São Paulo: Esfera BR Mídia, n. 47, mar. 2007. p. 65.

Atividades

1. Substitua os termos destacados pelo pronome pessoal oblíquo átono apropriado.

a) Não deixe de pagar **as contas**.

b) O banco não paga **aos empregados** desde maio.

c) Sempre se encontra um jeito de perdoar **aos empresários inadimplentes**.

d) Não perdoarei **essa atitude grosseira**.

e) Agradeço **todas as gentilezas**.

f) Agradeço **aos colegas que aqui estiveram**.

2. Observe a regência verbal empregada nas frases seguintes. Faça as alterações necessárias para torná-las adequadas ao padrão culto da língua portuguesa.

a) Lembro sempre de você.

b) Nunca esqueci do que passamos juntos.

c) Ele se antipatizou comigo depois que lhe neguei apoio.

d) Prefiro mil vezes ficar aqui do que sair e enfrentar filas.

e) "Prefiro ser essa metamorfose ambulante do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo." (Raul Seixas)

f) Antes prefiro química à física.

g) Preferimos dormir que trabalhar.

h) Informo-lhe de que deve sair agora.

i) Informo-a que o empréstimo não será concedido.

Verbos cuja mudança de transitividade pode implicar mudança de significado

Há vários verbos cujas modificações de transitividade produzem mudanças de significado. Veja a seguir os principais.

a. *agradar*, no sentido de "fazer carinho", "acariciar", é transitivo direto:

Sempre agrada **o** filho quando o revê. / Sempre o agrada quando o revê.

Cláudia não perde oportunidade de agradar **o** gato. / Cláudia não perde oportunidade de agradá-lo.

No sentido de "causar agrado a", "satisfazer", "ser agradável a", costuma ocorrer como transitivo indireto, regendo complemento introduzido pela preposição *a*:

O cantor não agradou **aos** presentes.

O cantor não **lhes** agradou.

Os dicionários também abonam a forma direta com esse sentido:

Agradava os filhos.

b. *aspirar*, no sentido de "sorver", "inspirar", "inalar", é transitivo direto:

Quem não fuma muitas vezes é obrigado a aspirar **a** fumaça dos cigarros de quem se acha dono do mundo.

Quem não fuma muitas vezes é obrigado a aspirá-**la**.

No sentido de "desejar", "almejar", "pretender", é transitivo indireto e rege a preposição *a*. Não se deve usar *lhe* ou *lhes* como objeto indireto desse verbo:

Os brasileiros sensíveis aspiramos **a** um país mais justo.

Os brasileiros sensíveis aspiramos **a** ele.

c. *assistir*, no sentido de "ajudar", "prestar assistência a", é transitivo direto:

As empresas de saúde negam-se a assistir **os** idosos.

As empresas de saúde negam-se a assisti-**los**.

No sentido de "ver", "presenciar", "estar presente a" ou "caber", "pertencer", costuma ocorrer como transitivo indireto. Nos dois casos, rege complemento introduzido pela preposição *a*; no primeiro, apresenta objeto indireto de coisa; no segundo, de pessoa. Observe:

Assisti **a** um ótimo filme. / Assisti **a** ele.

Não assisti **às** últimas sessões. / Não assisti **a** elas.

Exigir qualidade é um direito que assiste **ao** consumidor. / Exigir qualidade é um direito que **lhe** assiste.

Na linguagem corrente do Brasil, esse verbo é usado como transitivo direto, no sentido de "ver", "presenciar": "Não assisti o jogo", o que já é abonado por dicionários de regência de sinônimos.

Alguns autores registram o uso desse verbo como transitivo indireto com o sentido de "ajudar", "prestar assistência":

O médico se negou a assistir **aos** idosos.

O médico se negou a assistir-**lhes**.

Em textos literários, pode aparecer com o sentido de "morar", "residir". Nesse caso, é intransitivo e normalmente vem acompanhado de adjunto adverbial de lugar introduzido pela preposição *em*:

Qualquer pessoa sensível gostaria de assistir **em** Siena, Bruges ou Toledo.

d. *chamar*, no sentido de "convocar", "solicitar a atenção ou a presença de, dizendo o nome em voz alta", é transitivo direto:

Por gentileza, vá chamar sua prima. / Por favor, vá chamá-la.

Chamei você várias vezes, mas você não ouviu. / Chamei-o várias vezes, mas você não ouviu.

No sentido de "denominar", "tachar", "apelidar", pode ser transitivo direto ou transitivo indireto. É normalmente usado com predicativo do objeto, que pode ser introduzido pela preposição *de*. Observe as diferentes possibilidades de construção:

A torcida chamou o jogador mercenário. / A torcida chamou-o mercenário.

A torcida chamou ao jogador mercenário. / A torcida chamou-lhe mercenário.

A torcida chamou o jogador de mercenário. / A torcida chamou-o de mercenário.

A torcida chamou ao jogador de mercenário. / A torcida chamou-lhe de mercenário.

e. *confraternizar* não é pronominal, o que equivale a dizer que não ocorrem construções como "Os atletas se confraternizaram" ou "Os professores se confraternizaram com os alunos". As construções que ocorrem no padrão formal são "Os atletas confraternizaram"; "Os professores confraternizaram com os alunos".

f. *custar*, no sentido de "ser custoso", "ser penoso", "ser difícil", tem como sujeito uma oração subordinada substantiva reduzida. Observe:

Ainda me custa aceitar sua ausência.

Custou-nos encontrar sua casa.

Custou-lhe entender a regência do verbo custar.

No Brasil, na linguagem cotidiana e em textos literários, são comuns construções como "Ele custou a chutar", "Custei para entender o problema" ou "E hoje na solidão ainda custo a entender como o amor foi tão injusto..." (de Tom Jobim e Chico Buarque), em que o verbo *custar* pode significar "demorar" ou "ter dificuldade" e apresenta como sujeito uma pessoa. Na linguagem formal culta, essas construções em que *custar* apresenta sujeito indicativo de pessoa não ocorrem. Em seu lugar, surgem construções em que há objeto indireto de pessoa: "Custou-lhe aceitar a situação" e "Ainda nos custa entender o que ocorreu". Note que, em orações interrogativas, são comuns construções como "O que te custa acordar mais cedo?" (e não "Quanto tu custas para acordar mais cedo?"), em que o sujeito de *custar* não é a pessoa, e sim a coisa, o fato (não és tu que custas para acordar mais cedo; é acordar mais cedo que te custa, custa para ti).

g. *implicar*, no sentido de "ter como consequência", "trazer como consequência", "acarretar", "provocar", é transitivo direto:

Sua decisão implicou **o** cancelamento do projeto.

Sua decisão implicou cancelar o projeto.

Recessão implica desemprego.

No Brasil, esse verbo é frequentemente usado com a preposição *em* ("Sua decisão implica em cancelar o projeto"). Os dicionários de sinônimos mais conhecidos ainda não registram essa construção.

No sentido de "embirrar", "ter implicância", é transitivo indireto e rege a preposição *com*:

Sua sogra implica muito **com** você?

No sentido de "envolver", "comprometer", é transitivo direto e indireto:

Acabaram implicando **o** ex-ministro **em** atividades criminosas.

h. *proceder*, no sentido de "ter cabimento", "ter fundamento", "fazer sentido" ou "portar-se", "comportar-se", "agir", é intransitivo. Nessa segunda acepção, vem sempre acompanhado de adjunto adverbial de modo:

Seus argumentos não procedem.

Você procede muito mal.

No sentido de "provir", "originar-se", "ter origem", é transitivo indireto e rege a preposição *de*:

Seu comportamento vil procede **da** ganância desmesurada que assola sua alma.

Quando usado para indicar lugar de origem da ação de deslocamento, ponto de partida, é considerado intransitivo:

O avião procede **de** Manaus.

No sentido de "dar início", "realizar", é transitivo indireto e rege a preposição *a*:

O delegado procederá **ao** inquérito.

O fiscal procedeu **ao** exame na hora marcada.

i. *querer*, no sentido de "desejar", "ter vontade de", "cobiçar", é transitivo direto:

Queremos um país melhor.

Quero muitos beijos, meu amor.

No sentido de "ter afeição", "estimar", "amar", é transitivo indireto e rege a preposição *a*:

Quero muito **aos** meus amigos.

Despede-se o filho que muito **lhe** quer.

j. *visar*, no sentido de "mirar", "apontar" ou "pôr visto", "rubricar", é transitivo direto:

O caçador visou **o** corpo do animal.

O gerente não quis visar **o** cheque.

No sentido de "ter em vista", "ter como objetivo", "ter como meta", a tradição da língua o dá como transitivo indireto, regendo a preposição *a*, mas não faltam registros (e abonos) de seu uso como transitivo direto:

O ensino deve sempre visar **ao** progresso social.

Só um projeto que vise **à** eliminação dos vergonhosos contrastes sociais pode levar o Brasil à verdadeira modernidade.

Estas providências visam solucionar o problema. ("Houaiss")

Os pais visam o bem dos filhos. ("Houaiss")

Dois casos críticos

Na linguagem culta formal falada e escrita, **verbos de regências diferentes** costumam receber complementos distintos. Por isso, no lugar de construções como "Ao toque da campainha, não entre, nem saia do trem." ou "Li e gostei do livro.", costumam ocorrer estruturas como:

Ao toque da campainha, não entre **no** trem, nem saia **dele**.

Li **o** livro e gostei **dele**.

Na língua do dia-a-dia e em textos literários, no entanto, a atribuição de um mesmo complemento a verbos de regências distintas é mais do que comum. Esse procedimento, sem dúvida, confere mais agilidade ao enunciado (compare-se "Entrei e saí da sala" com "Entrei na sala e saí dela").

Na linguagem culta formal, é preciso manter a regência determinada pelo verbo quando seu complemento ou modificador é um **pronome relativo**. Assim, não ocorrem construções como: "A rua que eu moro é esburacada", "Os países que eu fui são ricos", "É o único amortecedor que eu confio", "O filme que assisti é italiano", "O cargo que eu aspiro é muito disputado", "O restaurante que eu comia no tempo de faculdade foi fechado". Essas frases se transformam em:

A rua **em que** moro é esburacada.

Os países **a que** fui são ricos.

É o único amortecedor **em que** confio.

O filme **a que** assisti é italiano.

O cargo **a que** aspiro é muito disputado.

O restaurante **em que** eu comia no tempo da faculdade foi fechado.

Note o que acontece particularmente nas duas últimas frases, quando empregadas no padrão coloquial (se levadas ao pé da letra): "O cargo que aspiro..." pode indicar que, no máximo, o emissor sentirá o cheiro do cargo; "O restaurante que eu comia..." indica que o emissor gosta de comer tijolos, mesas, toalhas...

HARRIS, Sidney. *A ciência ri: o melhor de Sidney Harris*. São Paulo: Unesp, 2007. p. 186.

No texto desta charge, foi mantida a regência determinada pelo verbo: a preposição *com* (preocupar-se com) precede a oração adjetiva.

OBSERVAÇÃO

Neste capítulo, foram analisados os verbos cuja regência costuma suscitar dúvidas. Caso você tenha de lidar com algum verbo que não foi mencionado aqui, pode consultar dicionários especializados em regência verbal (o *Dicionário de verbos e regimes*, de Francisco Fernandes, e o *Dicionário prático de regência verbal*, de Celso Pedro Luft), manuais de redação e estilo de jornais e revistas ou simplesmente um bom dicionário, como o *Houaiss*, o *Caldas Aulete* (recentemente relançado, em versão míni), o *Dicionário de usos do português do Brasil* (coordenado por Francisco S. Borba, da Unesp) ou obras mais tradicionais como o dicionário de Antenor Nascentes, de Laudelino Freire ou o antigo Caldas Aulete.

Atividades

1. Substitua as palavras destacadas pela forma adequada ao padrão formal culto do verbo entre parênteses. Faça todas as modificações necessárias.

a) Nunca **sorvi** perfume tão agradável! (*aspirar*)

b) **Almejo** um futuro melhor para o povo do meu país. (*aspirar*)

c) Não é recomendável **acariciar** cães violentos. (*agradar*)

d) Ele fez tudo para **satisfazer** o inexorável sogro que Deus lhe deu. (*agradar*)

e) Os melhores médicos foram convocados para **cuidar** do paciente. (*assistir*)

f) Não deixo de **ver** os filmes de Giuseppe Tornatore, diretor do memorável *Cinema Paradiso*. (*assistir*)

g) Esse é um direito que **pertence** a todos nós. (*assistir*)

h) Você deve **rubricar** todas as vias do contrato. (*visar*)

i) O plano do governador **tem como objetivo** o saneamento das finanças estaduais, arruinadas pelo antecessor. (*visar*)

j) **Tenho grande afeição por** ela. (*querer*)

k) Sempre **cobicei** um exemplar da primeira edição da *História do Brasil*, de Murilo Mendes. (*querer*)

2. Observe a regência verbal das frases seguintes e faça as modificações necessárias para que se tornem adequadas ao padrão culto da língua portuguesa.

a) Ele custou para perceber o que estava acontecendo.

b) Custamos para enxergar o óbvio.

c) Custei para notar a encrenca que eu me meti.

d) Cidadania implica em direitos e deveres.

e) As atuais condições do sistema escolar público implicarão em maior evasão de alunos a curto e médio prazo.

f) O juiz procedeu o exame dos documentos entregues pela testemunha.

3. Aponte as diferenças de sentido existentes entre as frases dos pares seguintes.

a) O estagiário disse que assistira a várias cirurgias enquanto estivera no hospital.

O estagiário disse que assistira várias cirurgias enquanto estivera no hospital.

b) Quero-a muito.

Quero-lhe muito.

4. É preciso acrescentar uma preposição a cada uma das frases seguintes para que se tornem adequadas ao padrão culto da língua portuguesa. Faça esse acréscimo.

a) Não se esqueça que ele deve colaborar com os colegas.

b) O filme que assisti ontem me deixou comovido.

c) É uma ótima professora, que todos querem muito.

d) O futuro que aspiramos ainda está um pouco longe.

e) Os princípios que ele se nega a obedecer são elementares para uma pessoa civilizada.

f) Federico Fellini, cujos filmes assisti sempre com prazer, dirigiu muitas vezes o genial Marcello Mastroianni.

g) A estabilidade que se visa com as novas regras econômicas parece ainda distante.

5. Forme frases organizando as palavras e expressões oferecidas em cada item.

a) Muitos brasileiros / não obedecer / sinalização de trânsito.

b) Sonhadores / aspiram / mundo melhor.

c) Quem / nunca aspirar / perfume de uma rosa?

d) Tipos estranhos / assistir / filmes do Rambo.

e) Protestar / direito / assistir / todo ser pensante.

f) Equipe médica / assistir / os doentes de AIDS.

g) Eu / preferir / futebol / vôlei.

h) Ninguém / simpatizar / pessoas pernósticas.

i) Sucesso / implicar / planejamento eficiente.

j) Medidas econômicas / visar / distribuição de renda.

K) Custar / qualquer pessoa decente / conviver com tanta miséria.

6. Quando perguntaram ao escritor Latino Coelho o que a mulher representava para ele, o mestre não teve dúvida: "– A mulher? Ora, quero-a e quero-lhe", respondeu. Explique a resposta do escritor.

Em DVD

©FPA/ImagePlus

***A doce vida*. Direção de Frederico Fellini. Itália e França: 2003. (174 min).**

Palma de ouro em Cannes, *A doce vida* é a obra-prima de Frederico Fellini, cultuado diretor italiano, mestre na arte de conjugar cinema e poesia. O filme, estrelado por Marcello Mastroianni, conta a história de um insatisfeito jornalista que vive de boatos e fofocas, até que se vê consumido por uma rede de intrigas. A película é uma crítica à falta de honestidade que marca os meios de comunicação de massa.

Marcello Mastroianni e Anita Ekberg em cena do filme *A doce vida*.

3. Regência nominal

Regência nominal é o nome da relação existente entre um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio) e os termos regidos por esse nome. Essa relação é sempre intermediada por uma preposição.

No estudo da regência nominal, é preciso levar em conta que vários nomes apresentam exatamente o mesmo regime dos verbos de que derivam. Conhecer o regime de um verbo significa, nesses casos, conhecer o regime dos nomes cognatos. É o que ocorre, por exemplo, com *obedecer* e os nomes correspondentes: todos regem complementos introduzidos pela preposição *a*: obedecer a algo/a alguém, obediência a algo/a alguém; obediente a algo/a alguém; obedientemente a algo/a alguém.

Você vai encontrar, a seguir, vários nomes acompanhados da preposição ou preposições que regem. Observe-os atentamente e compare o uso indicado com o uso que você tem feito. Além disso, procure associar esses nomes entre si ou aos verbos cognatos.

SUBSTANTIVOS		
admiração **a, por**	devoção **a, para com, por**	medo **a, de**
aversão **a, para, por**	doutor **em**	obediência **a**
atentado **a, contra**	dúvida **acerca de, em, sobre**	ojeriza **a, por**
bacharel **em**	horror **a**	proeminência **sobre**
capacidade **de, para**	impaciência **com**	respeito **a, com, para com, por**

ADJETIVOS

acessível **a**	contíguo **a**	generoso **com**
acostumado **a, com**	contrário **a**	grato **a, por**
afável **com, para com**	curioso **de, por**	hábil **em**
agradável **a**	descontente **com**	habituado **a**
alheio **a, de**	desejoso **de**	idêntico **a**
análogo **a**	diferente **de**	impróprio **para**
ansioso **de, para, por**	entendido **em**	indeciso **em**
apto **a, para**	equivalente **a**	insensível **a**
ávido **de**	escasso **de**	liberal **com**
benéfico **a**	essencial **a, para**	natural **de**
capaz **de, para**	fácil **de**	necessário **a**
compatível **com**	fanático **por**	nocivo **a**
contemporâneo **a, de**	favorável **a**	paralelo **a**
parco **em, de**	propício **a**	semelhante **a**
passível **de**	próximo **a, de**	sensível **a**
preferível **a**	relacionado **com**	sito **em**
prejudicial **a**	relativo **a**	suspeito **de**
prestes **a**	satisfeito **com, de, em, por**	vazio **de**

ADVÉRBIOS

longe **de**
perto **de**

Os advérbios terminados em *-mente* tendem a seguir o regime dos adjetivos de que são formados: paralela a, paralelamente a; relativa a, relativamente a.

Calvin, Bill Watterson © 2007 Watterson/ Dist. by Atlantic Syndication

WATTERSON, Bill. *Felino, selvagem, psicopata, homicida.* São Paulo: Best News, 1996. v. 1. p. 85.

Na fala de Calvin, no segundo quadrinho, ocorrem vários exemplos de nomes que precisam ser complementados por outros, precedidos de preposições. É o caso de: *destinados (à verdadeira grandeza), registro (dos meus pensamentos), visão (da minha genialidade).*

Complemento sob a forma de oração reduzida de infinitivo

Quando o complemento de um nome ou verbo tiver a forma de oração reduzida de infinitivo, pode-se não fazer a contração da preposição com o eventual sujeito desse infinitivo – já que a preposição introduz toda a oração, e não apenas o sujeito dela. Observe:

Existe a possibilidade de eles participarem.

É hora de as noções de civilização contaminarem as mentes e gestos dos brasileiros.

A questão consiste em os brasileiros adotarem posturas mais críticas e menos individualistas em relação ao Estado.

Na linguagem oral e em textos literários, a fusão da preposição com o artigo é mais do que frequente, o que se explica pela quase inevitável fusão de termos tão próximos como a preposição *de* e o artigo *o*, por exemplo. Isso explica por que frases como "É hora de a onça beber água" e "É hora da onça beber água" são igualmente legítimas em nossa língua.

Atividades

1. Complete adequadamente as frases seguintes.

a) Não é possível viver em sociedade sem respeito (*) direitos dos outros.

b) Tenho profunda aversão (*) ególatras.

c) Ainda hoje minha ojeriza (*) certas atitudes preconceituosas causa frenesi.

d) Aquele moleque mimado, eleito pelo povo, não teve capacidade (*) governar o país satisfatoriamente.

e) Existem muitos novos-ricos que ainda têm dúvidas (*) a utilidade dos estudos linguísticos.

f) Não tenho devoção (*) futebol.

g) Seu medo (*) opressão é maior que sua obediência (*) velhos dogmas.

h) A ditadura é um verdadeiro atentado (*) dignidade humana.

i) Tenho admiração (*) todos os que defendem os seus direitos.

2. Faça a mesma coisa com as frases seguintes.

a) A aprovação dessa lei é fundamental (*) a proteção dos mananciais.

b) Não se deve nunca ficar acostumado (*) falta de liberdade.

c) É um assunto pouco acessível (*) leigos.

d) As medidas adotadas não foram agradáveis (*) bancários.

e) Você deve dormir no quarto contíguo (*) este.

f) Este problema é análogo (*) que foi apresentado ontem.

g) É uma substância necessária (*) vida.

h) Ando meio escasso (*) ideias.

i) Este escritor foi contemporâneo (*) outro?

j) Há gente insensível (*) miséria.

k) É preferível fechar a boca (*) falar asneiras.

l) Pretendo comprar o imóvel sito (*) Socorro.

m) É um homem vazio (*) emoções.

n) Tente ser mais afável (*) seus companheiros.

3. É preciso acrescentar uma preposição a cada uma das frases seguintes para que se tornem adequadas ao padrão culto da língua portuguesa. Faça esse acréscimo.

a) Não há oposição que ele entre no grupo.

b) Está acostumado que eu lhe telefone todos os domingos.

c) Estou ansioso que esse problema seja resolvido logo.

d) Fui contrário que incluíssem meu nome num manifesto de apoio ao atual prefeito.

e) O povo está desejoso que se encontre uma saída para a crise.

f) Era um pequeno cão, cuja presença estávamos habituados.

g) São crianças cujo futuro muita gente é insensível.

4. Observe a frase seguinte, típica do padrão formal culto da língua, e explique a particularidade de regência que apresenta.

O que me faz crer no futuro é o fato de ela ter aceitado candidatar-se.

4. Complemento: o uso do acento indicador de crase

Crase é palavra de origem grega e significa "mistura", "fusão". Nos estudos de língua portuguesa, é o nome que se dá à fusão de duas vogais idênticas. Tem particular importância a crase da preposição *a* com o artigo feminino *a(s)*, com o pronome demonstrativo *a(s)*, com o *a* inicial dos pronomes *aquele(s)*, *aquela(s)*, *aquilo* e com o *a* do relativo *a qual* (*as quais*). Em todos esses casos, a fusão das vogais idênticas é assinalada na escrita por um acento grave. O uso apropriado do acento grave, ou acento indicador de crase, depende essencialmente da compreensão desse fenômeno. Aprender a colocar o acento consiste em aprender a verificar a ocorrência simultânea de uma preposição e um artigo ou pronome.

Verificar a existência de uma preposição é, antes de mais nada, aplicar os conhecimentos de regência verbal e nominal que você acaba de obter. Observe:

Conheço **a** diretora.

Refiro-me **à** diretora.

No primeiro caso, o verbo é transitivo direto (conhecer algo ou alguém), portanto não existe preposição e não pode ocorrer crase. No segundo caso, o verbo é transitivo indireto (referir-se a algo ou a alguém) e rege a preposição *a*, portanto a crase é possível, desde que o termo seguinte seja feminino e admita o artigo feminino *a* ou um dos pronomes já especificados.

Para verificar a existência de um artigo feminino ou de um pronome demonstrativo após uma preposição *a*, podem-se utilizar dois expedientes práticos. O primeiro deles consiste em colocar um termo masculino de mesma natureza no lugar do termo feminino empregado. Se surgir a forma *ao*, ocorrerá crase antes do termo feminino. Observe:

Conheço **o** diretor.	Conheço **a** diretora.
Refiro-me **ao** diretor.	Refiro-me **à** diretora.
Prefiro **o** quadro da direita **ao** da esquerda.	Prefiro **a** tela da direita **à** da esquerda.

O outro recurso prático é substituir o termo regente da preposição *a* por um que reja outra preposição (de, em, por). Se essas preposições não se contraírem com o artigo, ou seja, se não surgirem as formas *da(s)*, *na(s)* ou *pela(s)*, não haverá crase. Observe:

Refiro-me **a** você.	Gosto **de** você.
	Penso **em** você.
	Apaixonei-me **por** você.
Começou **a** gritar.	Gosta **de** gritar.
	Insiste **em** gritar.
	Optou **por** gritar.

Tome muito cuidado com esses "macetes". Não se esqueça de que é preciso olhar para os dois lados. Não basta provar que existe a preposição *a*, ou que existe o artigo *a*. É preciso provar que existem os dois.

Você vai ver agora alguns casos em que são comuns as dúvidas relativas ao emprego do acento indicador de crase. Note que o que vem a seguir consiste na aplicação prática dos conceitos e dos expedientes estudados.

Não ocorre crase

A crase obviamente não ocorre diante de palavras que não podem ser precedidas de artigo feminino. É o caso:

a. dos substantivos masculinos:

Tenho um fogão **a** gás.
Não compro **a** prazo.
Fui **a** pé.
Assisti **a** jogos memoráveis.

b. dos verbos:

Disponho-me **a** colaborar.
Cheguei **a** insistir.
Começou **a** chorar.
Pôs-se **a** gritar.

c. da maioria dos pronomes:

Mostre **a** ela.
Disse **a** mim.
Parabéns **a** você.
Refiro-me **a** Vossa Excelência.

Isso não interessa **a** ninguém.
a nenhuma pessoa aqui presente.
a qualquer um de nós.

Quero falar **a** todos.
a poucas pessoas.
a alguns amigos.
a essas poucas pessoas.
a qualquer pessoa.

Os poucos casos de pronomes que admitem artigo podem ser facilmente detectados pela aplicação dos métodos descritos há pouco:

Estou-me referindo **à** mesma pessoa. (**ao** mesmo homem)
à própria Luísa. (**ao** próprio Luís)

Informe o preço **à** senhora Sílvia. (**ao** senhor Sílvio)

d. de palavras femininas no plural precedidas de um *a*:

A pesquisa não se refere **a** mulheres casadas.
O prêmio só foi concedido **a** cantoras estrangeiras.
É um assunto relativo **a** jornalistas especializadas.

Nesses casos, o *a* é preposição, e os substantivos estão sendo usados em sentido genérico. Quando são usados em sentido específico, passam a ser precedidos do artigo *as*; ocorrerá, então, a crase, desde que o termo antecedente reja a preposição *a*. Compare as frases seguintes:

O estudo não se aplica **a** pessoas de índole nervosa.
O estudo não se aplica **às** pessoas de que estávamos falando.
Você está se referindo **a** secretárias?
Você está se referindo **às** secretárias desta empresa?

e. das expressões formadas por palavras femininas repetidas:

cara **a** cara — gota **a** gota
face **a** face — frente **a** frente

É fácil perceber por quê. Basta usar expressões formadas por palavras masculinas:

corpo **a** corpo — lado **a** lado
passo **a** passo — dia **a** dia

Ocorre crase

O acento indicador de crase é usado nas **expressões adverbiais** e nas **locuções prepositivas e conjuntivas** de que participam palavras femininas:

à tarde	à chave	à beira de
à noite	à escuta	à sombra de
à direita	à deriva	à exceção de
às claras	às avessas	à força de
às escondidas	às moscas	à frente de
à toa	à revelia	à imitação de
à beça	à luz	à procura de
à esquerda	à larga	à semelhança de
às vezes	às ordens	à proporção que
às ocultas	às turras	à medida que

Incluem-se nessas expressões as indicações de horas especificadas:

à meia-noite	às duas horas
à uma hora	às três e quarenta

Não confunda com as indicações não especificadas:

Isso acontece **a** qualquer hora.

Estarei lá daqui **a** uma hora.

Merece destaque a expressão "à moda de", que pode estar subentendida:

Pedimos uma pizza **à moda da** casa.

Atrevia-se a escrever **à** (moda de) Drummond.

Pedimos arroz **à** (moda) grega.

Triângulo à brasileira

Alves & Cia., texto póstumo de Eça de Queiroz, ganha adaptação para o cinema em filme dirigido por Helvécio Ratton, que transformou um triângulo amoroso vivido em Portugal em uma saborosa comédia de costumes passada no Brasil.

Cult: revista brasileira de literatura. São Paulo: Lemos, n. 17, dez. 1998. p. 40-1.

Em livro

QUEIRÓS, Eça de. *Os melhores contos de Eça de Queirós*. São Paulo: Global, 2003.
Destacado representante do realismo português, Eça de Queirós tornou-se conhecido principalmente por seus romances que fazem crítica aos costumes burgueses de sua época. *O primo Basílio* e *O crime do Padre Amaro* são dois deles. Embora não tenham recebido o mesmo reconhecimento e reverência, seus contos guardam quase as mesmas características de seus romances: aguçada crítica social e profunda sensibilidade poética.

A crase é facultativa

a. nomes próprios femininos e preposição *até* – A crase é facultativa diante dos nomes próprios femininos e após a preposição *até* que antecede substantivos femininos, desde que o termo antecedente reja a preposição *a*:

Enviei as flores **a** Sílvia.	Enviei as flores **a** Pedro.
à Sílvia.	**ao** Pedro.
Vou até **a** escola.	Vou até **o** colégio.
à escola.	**ao** colégio.
Fui até **as** últimas consequências.	Fui até **os** últimos motivos.
às últimas consequências.	**aos** últimos motivos.

A crase não ocorrerá se o nome de pessoa for usado em situação formal, ou se se tratar de personalidade pública, porque, nesses casos, não se usa artigo:

Envie a proposta **a** Sílvia de Araújo.	Envie a proposta **a** Sílvio de Araújo.
Fez referências elogiosas **a** Clarice Lispector.	Fez referências elogiosas **a** Machado de Assis.

b. pronomes possessivos – Como você já viu no capítulo destinado aos pronomes, antes dos possessivos o artigo definido é optativo. Portanto, se o termo antecedente reger a preposição *a*, o acento grave será optativo:

Refiro-me **a** minha velha amiga.	Refiro-me **a** meu velho amigo.
Refiro-me **à** minha velha amiga.	Refiro-me **ao** meu velho amigo.

Casos sujeitos a verificação

a. expressões adverbiais de lugar – Com as expressões adverbiais de lugar formadas por nomes de cidades, países, estados, deve-se fazer a verificação da ocorrência da crase por meio da troca do termo regente:

Vou **à** Bahia.	Vim **da** Bahia.	Estou **na** Bahia.
Vou **à** Itália.	Vim **da** Itália.	Estou **na** Itália.
Vou **a** Florença.	Vim **de** Florença.	Estou **em** Florença.
Vou **à** deslumbrante Florença.	Vim **da** deslumbrante Florença.	Estou **na** deslumbrante Florença.

Tome cuidado! Não se esqueça de verificar os dois lados. Não basta constatar que surge *da* ou *na* antes de *Itália*, por exemplo. Isso não é garantia de acento indicador de crase; é garantia apenas de que existe artigo antes de *Itália*. Para que ocorra crase, é preciso que o termo anterior peça a preposição *a*. No caso de "Visitei a Itália", por exemplo, não há crase, já que *visitar* é verbo transitivo direto.

b. palavras *casa* e *terra* – Observe com atenção o comportamento das palavras *casa* e *terra* nestas expressões:

Adoro voltar **a** casa. Venho **de** casa. Estou **em** casa.
(*casa* designa a residência de quem fala ou escreve)

Chefuei **à** casa do diretor. Venho **da** casa do diretor. Estou **na** casa do diretor.

A tripulação do cargueiro desceu **a** terra. A tripulação do cargueiro está **em** terra.
(*terra* se opõe à noção de "estar em alto-mar")

A aeromoça chegou **à** terra de seus pais. A aeromoça está **na** terra de seus pais.

c. pronomes *aquele, aquela, aquilo* – A ocorrência da crase com os pronomes *aquele(s), aquela(s)* e *aquilo* depende da regência do tempo que antecede esses pronomes:

Veja **aquele** monumento.
aquela praça.
aquilo.
(*ver* é transitivo direto: não há preposição)

Refiro-me **àquele** jardim.
àquela praça.
àquilo.
(*referir-se* é transitivo indireto e rege a preposição *a*)

O adjetivo *igual* (aqui, na sua forma diminutiva) rege a preposição *a* (igual a), e esta se funde com a letra *a* inicial do pronome demonstrativo *aquela*. Assim se explica a ocorrência do acento indicador de crase em àquela.

Veja. São Paulo: Abril, 19 mar. 2003. p. 18-9.

d. pronome *a* – A crase com o demonstrativo *a(s)* é detectável pelo expediente da substituição do termo regido feminino por um termo regido masculino:

Perguntarei **à** que chegar primeiro. Sua proposta é semelhante **à** dele.
Perguntarei **ao** que chegar primeiro. Seu projeto é semelhante **ao** dele.

e. pronome *a qual* – O mesmo expediente empregado no item d deve ser usado para detectar a crase com os pronomes *a qual* e *as quais*:

A professora **à qual** devo meu aprendizado já se aposentou.
O professor **ao qual** devo meu aprendizado já se aposentou.

Muitas das alunas **às quais** ele dedicou seus estudos estiveram presentes à homenagem de ontem.
Muitos dos alunos **aos quais** ele dedicou seus estudos estiveram presentes à homenagem de ontem.

Atividades

1. Coloque o acento indicador de crase quando for necessário.

a) Comunique nossos preços as empresas interessadas.
b) Envie dinheiro a estas instituições beneficentes.
c) Nunca disse nada a respeito disso.
d) Sempre evitei comprar a crédito.
e) O governador nada pode fazer a curto prazo.
f) Não nego minha contribuição a cultura brasileira.
g) O atendimento a pacientes conveniados está suspenso.
h) Não há mais nada a fazer.
i) Direi a vocês o que sei.
j) Diga a Sua Excelência que não tenho nada a acrescentar as palavras que já disse.
k) Transmita a cada um dos presentes as instruções necessárias a continuidade da sessão.
l) Não vou a festas, não assisto a novelas e não aspiro a grandes posses. Estou fora de moda.
m) Diga as pessoas que me procurarem que tive de sair.

2. Use o acento grave indicador da crase nas expressões adverbiais de lugar que o exigirem.

a) Dirigimo-nos a todas as praias indicadas pelo guia.
b) Não costumamos comparecer a festas promovidas por políticos.
c) Nunca chegaríamos a vila nenhuma naquele ritmo.
d) Vamos a sua casa ou a minha?
e) Vamos a Bahia ou a Santa Catarina nas próximas férias?
f) Fui a Europa e depois a Ásia.
g) Fui a Teresina e depois a Fortaleza.
h) Fui a Natal das praias inesquecíveis.
i) Finalmente, chegamos a Florianópolis das quarenta e duas praias.
j) Cheguei a casa tarde da noite ontem.
k) Os pescadores queriam chegar a terra antes do entardecer.
l) Fui a velha casa onde passei minha infância.
m) Preciso ir a terra dos meus antepassados.

3. Acrescente o acento grave às expressões em que há existência da crase.

a) Por que trazer a baila sempre as mesmas desavenças?
b) Dizem a boca pequena que ele recusou a proposta.
c) Vivo a cata de inspiração.
d) A noite, é preciso ficar a espreita.
e) Vire a esquerda depois da praça.
f) A vítima levara vários tiros a queima-roupa.
g) Tente se manter a tona.
h) Vários policiais a paisana observavam a manifestação a procura dos líderes do movimento.
i) A loja estava as moscas quando chegamos, as quatro horas.
j) Em Roma, Londres ou Lisboa, é possível sair a rua a meia-noite.
k) A proporção que se aproxima o fim do mês, a situação se agrava.
l) Fique a vontade. Terá tudo de que precisa a mão.
m) Traga um belo filé a *parmiggiana*.
n) Não é fácil jogar a moda da seleção holandesa de 1974.

4. Use o acento grave no **a**, quando necessário.

a) Prefiro isto aquilo.
b) Entregue tudo aquele homem.
c) Transmita aquelas pessoas os meus cumprimentos.
d) A mulher a que fiz referência não esteve presente a reunião.
e) A mulher a qual fiz referência não esteve presente a cerimônia.
f) A cantora a cuja voz sempre me refiro estará entre nós neste ano.
g) Disse a candidata da direita que estava aprovada; a da esquerda disse que terá nova oportunidade no próximo concurso.
h) Esta camisa é idêntica a que ganhei ontem.

5. Explique a diferença de sentido entre as frases seguintes.

a) Chegou à noite.
Chegou a noite.
b) Saiu à francesa.
Saiu a francesa.
c) Parecia agradável à primeira vista.
Parecia agradável a primeira vista.
d) Às vencedoras enviaram felicitações.
As vencedoras enviaram felicitações.
e) À indústria nacional prejudicou o acordo.
A indústria nacional prejudicou o acordo.
f) Fez seu trabalho à máquina.
Fez seu trabalho a máquina.
g) Permanece à distância.
Permanece a distância.

Textos para análise

1

Prece diária para porteiros, seguranças e vigias

Dai-me forças para que o tempo,
me seja leve – as horas passem sem vagar
e o frio não fustigue minha carne em demasia;

Enviai-me pensamentos viciosos
na medida em que minha sensatez e meu humor
possam resistir à insanidade;

Impedi que a sensação de desconforto e desacordo
causada por este terno-e-gravata
me abata além da conta;

Fazei com que não perca a serenidade em caso de perturbação –
conservando, assim,
sem uso as armas de fogo que me forem confiadas;

Mantende minha crença de que ainda não perdemos
o interesse recíproco por nossas vidas tão desiguais –
mesmo que os olhos dos homens a mim não se dirijam
ou sejam vazios o "bom-dia" e o "bom descanso" diários;

Afastai-me da tentação de atentar contra aqueles que me contrataram,
pois não sabem o que fazem –
ainda que seu alheamento alimente em mim
uma hesitante mas crescente revolta;

Mas,
sobretudo,
livrai-me
e nos livrai
da ideia avassaladora
de que não me resta
e não nos resta
outra escolha.

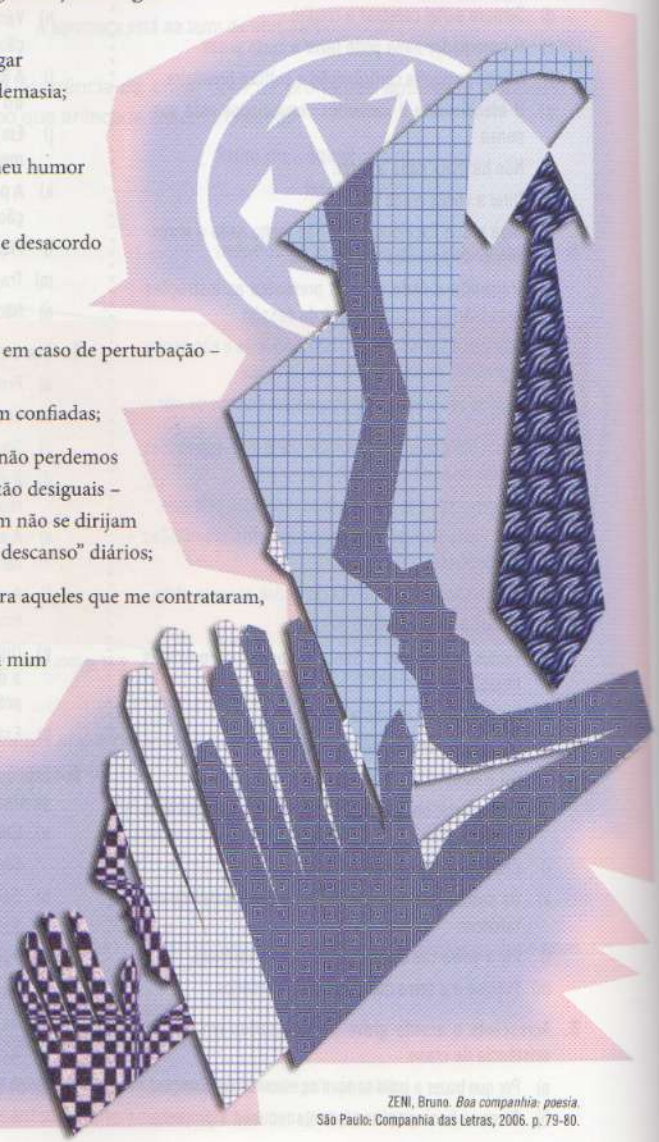

ZENI, Bruno. *Boa companhia: poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 79-80.

Trabalhando o texto

1. Que elementos do texto permitem classificá-lo como uma "prece"?

2. Os primeiros versos da primeira e segunda estrofes apresentam verbos cuja regência é semelhante. Quais são? O que têm em comum? Que efeito criam no texto?

3. Sobre a forma verbal *possam resistir*:
   a) Qual é seu sujeito? Qual seu complemento?
   b) Justifique a presença do acento grave em *à insanidade*.

4. Há no texto vários nomes que são complementados por outros.
   a) Localize três exemplos em que o complemento não é um termo, mas uma oração, justificando o emprego dessa forma de construção do período. Atente para a preposição que acompanha os complementos.
   b) Localize o termo que completa a palavra *interesse*. Explique por que ele é de fundamental importância para o poema.

5. Classifique estas duas orações, explicando o que representa a circunstância que expressam em relação ao sentido do texto como um todo:

   " mesmo que os olhos dos homens a mim não se dirijam"

   "ainda que seu alheamento alimente em mim / uma hesitante mas crescente revolta"

6. Existe no texto uma frase de cunho religioso. Cite-a e explique o sentido que adquire nesse novo contexto.

2

Explique por que o acento indicador de crase deve ser usado em apenas uma das placas mostradas no anúncio.

3

Veja. São Paulo: Abril, 7 maio 2003. p. 65-6.

4

IstoÉ. São Paulo: Três, 16 jan. 2002. p. 18.

5

Fernando Rabelo/Agência JB.

Folha de S.Paulo. São Paulo, 24 abr. 2003. p. C3.

Trabalhando os textos

1. Classifique os verbos *chegar*, *assistir* e *dizer* dos três textos quanto à regência.

2. Esses três verbos foram usados corretamente? Comente e corrija, se for necessário.

Questões de exames e concursos

1. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que, **incorretamente**, usou-se ou deixou-se de usar uma preposição antes do pronome relativo.

a) A rua que eu moro não é asfaltada.

b) Ernesto, de cujos olhos parecia saírem raios de fogo, manifestou-se violentamente.

c) Soçobrou o navio que se dirigia a Barcelona.

d) O cachorro a que você deveria dar isso pertence ao vizinho do 43.

e) Era o repouso por que esperávamos quando regressamos de Roma.

2. (UFMS) Assinale, entre as substituições propostas, a(s) que corrige(m) adequadamente a palavra ou a expressão em destaque, de acordo com o texto.

Se houvessem ainda suspeitas que a situação socioeconômica dos professores municipais passa pelo pior momento de sua luta salarial, elas acabaram no mês passado, com o aumento concedido pelo prefeito.

(001) *que* (linha 1) - substituir por *de que*;

(002) *passa* (linha 2) - substituir por *passam*;

(004) *elas acabaram* (linhas 3 e 4) - substituir por *ela acabou*;

(008) *houvessem* (linha 1) - substituir por *houvesse*;

(016) *no mês passado* (linha 4) - substituir por *no mês anterior*.

3. (FGV-SP) Assinale a alternativa **que não é abonada pela norma culta**, quanto à regência.

a) Tratou-o com fidalguia, como a um padre.

b) Não lhe perguntou nada, apenas concordou com o que ele dizia.

c) É claro que Jesus a ama!

d) José agradeceu o homem que lhe trouxera o presente e retirou-se.

e) O chefe não lhe permitiu atender o cliente.

4. (MPE-MG/Fumarc) A regência está correta em:

a) Escreveu uma breve carta a seus desafetos para, nas entrelinhas, chamar-lhes incompetentes.

b) O computador e o telefone celular são coisas que, infelizmente, já não podemos prescindir.

c) O secretário procedeu a leitura da ata da reunião anterior, texto que consistia de dez páginas.

d) Em vez de obedecer critérios rígidos de investigação, a CPI se move por pressões políticas.

5. (Ufam) Assinale o item em que há **erro** quanto à regência:

a) São essas as atitudes de que discordo.

b) Há muito já lhe perdoei.

c) Informo-lhe de que paguei o colégio.

d) Costumo obedecer a preceitos éticos.

e) A enfermeira assistiu irrepreensivelmente ao doente.

6. (Ufam) Assinale o item em que o *a* **não** deve ser acentuado:

a) O secretário procedeu à leitura do termo.

b) Não costumo ir à missa das oito, mas à das dez.

c) À qual menina travessa pertence esta bela travessa?

d) Assiste-se com tristeza à poluição de nossos igarapés.

e) Entregou-se à uma em ponto a encomenda.

7. (FGV-SP) Assinale a alternativa correta quanto à ocorrência ou não da crase.

a) Juliana enviou os papéis **à** Secretaria, que os encaminhou **à** Gerência.

b) Devido **a** morte do pai, deixou de comparecer **à** solenidade.

c) Passaram-se três meses até que Lucas atendesse **à** qualquer cliente.

d) O médico costumava atender de segunda **à** sexta-feira, das 14 as 18h.

e) Trouxera **a** mão várias armas, que lançou **as** costas dos inimigos.

8. (UFPR) Assinale a alternativa que substitui corretamente as palavras destacadas.

1. Assistimos ***à inauguração da piscina.***
2. O governo assiste ***os flagelados***.
3. Ele aspirava ***a uma posição de maior destaque***.
4. Ele aspira ***o aroma das flores***.
5. O aluno obedece ***aos mestres***.

a) lhe, os, a ela, a ele, lhes

b) a ela, os, a ela, o, lhes

c) a ela, os, a, a ele, os

d) a ela; a eles, lhe, lhe, lhes

e) lhe, a eles, a ela, o, lhes

9. (PUCCamp-SP) As sentenças abaixo, exceto uma, apresentam desvios relativos à regência verbal vigente na língua culta. Assinale a que não apresenta esses desvios.

a) Vi e gostei muito do filme apresentado na Sessão de Gala de ontem.

b) Eu me proponho a dar uma nova chance, se for o caso.

c) Deve haver professores que preferem negociar do que trabalhar, devido os vencimentos serem irrisórios.

d) Com o empréstimo compulsório, não se pode dar o luxo de ficar trocando de carro.

e) A importância que eu preciso é vultosa.

10. (Unimep-SP) Quando *implicar* tem sentido de "acarretar", "produzir como consequência", constrói-se a oração com objeto direto, como se vê em:

a) Quando era pequeno, todos sempre implicavam comigo.

b) Muitas patroas costumam implicar com as empregadas domésticas.

c) Pelo que diz o assessor, isso implica em gastar mais dinheiro.

d) O banqueiro implicou-se em negócios escusos.

e) Um novo congelamento de salários implicará uma reação dos trabalhadores.

11. (Unimep-SP) "A exposição ... inauguração assisti mostrou os lindos quadros ... me referi na nossa conversa do outro dia. Amanhã, haverá um leilão na mesma sala ... estão expostos."

A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:

a) a cuja, aos quais, em que.

b) a cuja, os quais, na qual.

c) cuja, a que, em que.

d) a qual, aos quais, na qual.

e) à qual, que, que.

12. (Fatec-SP) Indique a alternativa em que há erro quanto à regência.

a) Eu o agradei, Antônio?

b) Eu não lhe agradei, Antônio?

c) Muito lhe ama, saiba disto.

d) Você não é uma pessoa de que eu goste.

e) Sua explanação, contra cuja oportunidade me volto, é bem agradável mas falha.

13. (Fatec-SP) A regência verbal está conforme à gramática normativa na alternativa:

a) Quero-lhe muito bem e vou assistir a seu casamento.

b) Logo que lhe encontrar, aviso-lhe do ocorrido.

c) Juliano desobedecia seus pais, mas obedecia ao professor.

d) João namora com Maria mas prefere mais seus amigos de bar do que ela.

e) Ele esqueceu do compromisso e não pagou ao médico.

14. (UEL-PR) "Importa ... com mais assiduidade."

a) obrigá-lo trabalhar

b) obrigar-lhe trabalhar

c) obrigá-lo à trabalhar

d) obrigar-lhe a trabalhar

e) obrigá-lo a trabalhar

15. (UEL-PR) "Cônscio ... sua grande responsabilidade, desempenhou-se muito bem ... tarefas ... foi incumbido."

a) em, nas, que

b) de, nas, que

c) com, das, a que

d) em, às, de que

e) de, das, de que

16. (UFV-MG) Assinale a alternativa que preenche **corretamente** as lacunas abaixo.

A enfermeira procede ... exame do paciente.
O gerente visa ... cheque do cliente.
A equipe visa... primeiro lugar no campeonato.
O conferencista aludiu ... fato.
Não podendo lutar, preferiu morrer ... viver.

a) ao, o, ao, ao, a

b) ao, ao, o, a, do que

c) ao, a, o, o, que

d) o, a, ao, ao, à

e) a, ao, o, ao, que

17. (UFV-MG) Substituindo a expressão destacada, em cada uma das frases abaixo, pelo pronome oblíquo átono devidamente empregado, assinale a alternativa cuja substituição esteja **incorreta**.

Enviaram o relatório ***ao diretor***.
Dirão ***ao juiz*** o que souberem.
Eis a história que narraram ***a meu avô***.
Teremos iniciado ***os debates*** amanhã.
Quem houver concluído ***a prova*** poderá sair.

a) Dir-lhe-ão o que souberem.

b) Eis a história que lhe narraram.

c) Enviaram-no o relatório.

d) Tê-los-emos iniciado amanhã.

e) Quem a houver concluído poderá sair.

18. (UPM-SP) Assinale a alternativa que apresente um desvio no domínio da regência nominal.

a) Estava ansiosa para saber se podia gerar filhos.
b) Ela precisava domar os caprichos, dirigir suas forças para se sentir apta àquela situação conjugal.
c) Bernardo moera com alegria o punhado de milho no salão contíguo à fazenda.
d) Ávido de esperanças, abandonou seu abrigo e lançou-se entre os perseguidores.
e) Com o espírito ambicioso com verdades, aplacou a ira daquele momento.

19. (UPM-SP) Aponte a alternativa em que a regência do verbo *pagar* contraria a norma culta.
a) Aliviando-se de um verdadeiro pesadelo, o filho pagava ao pai a promessa feita no início do ano.
b) O empregado pagou-lhe as polias e tachas roídas pela ferrugem para amaciar-lhe a raiva.
c) Pagou-lhe a dívida, querendo oferecer-lhe uma espécie de consolo.
d) O alto preço dessa doença, paguei-o com as moedas de meu hábil esforço.
e) Paguei-o, com ouro, todo o prejuízo que sofrera com a destruição da seca.

20. (Fuvest-SP) Indique a alternativa correta.
a) Preferia brincar do que trabalhar.
b) Preferia mais brincar a trabalhar.
c) Preferia brincar a trabalhar.
d) Preferia brincar à trabalhar.
e) Preferia mais brincar que trabalhar.

21. (FCMSC-SP) Quando *chamar* tem sentido de qualificar, pode-se construir o período, por exemplo, com objeto direto mais predicativo. Tudo isso se observa na alternativa:
a) João é alto, mas treinador nenhum chamou-o para jogar.
b) Era a viúva a chamar pelo falecido.
c) Os inimigos chamam-lhe de traidor do povo.
d) Chamei pelo colega em voz alta.
e) Alguns chamam-no de fiscal.

22. (UPM-SP) Assinale a alternativa incorreta quanto à regência verbal.
a) Ele custará muito para me entender.
b) Hei de querer-lhe como se fosse minha filha.
c) Em todos os recantos do sítio, as crianças sentem-se felizes, porque aspiram o ar puro.
d) O presidente assiste em Brasília há quatro anos.
e) Chamei-lhe sábio, pois sempre soube decifrar os enigmas da vida.

23. (UFMG) Em todas as alternativas, a regência verbal está correta, **exceto** em:
a) Preferia-me às outras sobrinhas, pelo menos nessa época.
b) Você chama isso de molecagem, Zé Lins.
c) Eu lhe acordo antes que meu marido se levante.
d) De Barbacena, lembro-me do frio e da praça.
e) Um implica o outro que, por sua vez, implica um terceiro.

24. (FCC-BA) "A mãe não ... bem, nem ... bem; isso talvez explique seu ... humor."
a) o queria, lhe tratava, mau
b) o queria, o tratava, mau
c) lhe queria, lhe tratava, mau
d) lhe queria, o tratava, mau
e) lhe queria, o tratava, mal

25. (Uniube-MG) Nas frases seguintes, há uma apenas em que a regência verbal está correta. Assinale-a.
a) Nós fomos no cinema ontem.
b) Ele aspirava uma posição mais elevada.
c) Não os deixei sair.
d) Forçai ele a devolver o que lhe pagaram demais.
e) Eu o quero muito bem.

26. (UFF-RJ) Assinale a frase que apresenta um erro de regência verbal.
a) Esse autor tem ideias com que todos simpatizamos.
b) Eis a ordem de que nos insurgimos.
c) Aludiram a incidentes de que já ninguém se lembrava.
d) Qual o cargo a que aspiras?
e) Há fatos que nunca esquecemos.

27. (ITA-SP) Assinale a frase correta.
a) Prefiro mais um asno que me leve que um cavalo que me derrube.
b) O cargo que aspiras, se conquista, não se ganha.
c) Sua afirmação de agora redunda com o que antes disse.
d) As do Nordeste são as frutas que mais gosto.
e) O bom do amigo carregou-o, como a uma criança.

28. (UFF-RJ) Assinale a alternativa em que está usado indevidamente um dos pronomes *o* ou *lhe*.
a) Não lhe agrada semelhante providência?
b) A resposta do professor não o satisfez.
c) Ajudá-lo-ei a preparar as aulas.

d) O poeta assistiu-a nas horas amargas, com extrema dedicação.

e) Vou visitar-lhe na próxima semana.

29. (UFF-RJ) Assinale a frase em que o pronome *que* está empregado indevidamente.

a) É este o quadro que eu te falei sobre ele ontem.

b) Eis o homem que nos vem trazer uma palavra de estímulo.

c) As dificuldades com que tive de lutar foram imensas.

d) A casa em que eu morava há vinte anos foi vendida.

e) Venceu o partido a que dei meu voto.

30. (Aman-RJ) Escolha, abaixo, a exata regência do verbo *chamar*.

a) Chamamo-lo inteligente.

b) Chamamo-lo de inteligente.

c) Chamamos-lhe inteligente.

d) Chamamos-lhe de inteligente.

e) Todas as regências acima estão corretas.

31. (UPM-SP) A regência verbal está errada em:

a) Esqueceu-se do endereço.

b) Não simpatizei com ele.

c) O filme a que assistimos foi ótimo.

d) Faltou-me completar aquela página.

e) Aspiro um alto cargo político.

32. (Cesgranrio-RJ) Assinale a alternativa que está **de acordo** com a norma culta.

a) Visei a um passaporte e fui viajar.

b) Aspirei ao perfume e achei-o delicioso.

c) Perdoo aos teus erros, pois acho-os bem humanos.

d) Ensino a você as regras do bem viver.

e) Eu lhe vi e você não me viu.

33. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa incorreta.

a) Nunca me esqueceram aquelas cenas da praia.

b) Chamei-lhe de covarde.

c) Prefiro mais cinema do que teatro.

d) Não me lembra quanto tempo lá ficaste.

e) n.d.a.

34. (UFG) Indicar a alternativa correta.

a) Sempre pago pontualmente minha secretária.

b) Você não lhe viu ontem.

c) A sessão fora assistida por todos os críticos.

d) Custei dois anos para chegar a doutor.

e) O ideal a que visavam os parnasianos era a perfeição estética.

35. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa que preencha corretamente os espaços:

Posso informar ... senhores ... ninguém, na reunião, ousou aludir ... tão delicado assunto.

a) aos, de que, o

b) aos, de que, ao

c) aos, que, à

d) os, que, à

e) os, de que, a

36. (FEI-SP) Re-escreva a frase "E o rio deu pra falar grosso", substituindo *deu* por:

a) cismou; b) passou; c) deliberou.

37. (PUC-SP) Assinale a alternativa que preencha, pela ordem, corretamente as lacunas.

... seis horas da manhã, já estávamos ... esperar o trem que nos levaria ... cidadezinha, de onde iríamos, ... cavalo, ... fazenda do Sr. Juca.

a) As, à, a, à, à

b) Às, a, à, à, a

c) As, a, à, a, à

d) Às, a, à, a, à

e) As, à, à, a, a

38. (Acafe-SC) Assinale a alternativa que completa a frase.

Trouxe ... mensagem ... Vossa Senhoria e aguardo ... resposta, ... fim de levar ... pessoa que me enviou.

a) a, a, à, a, a

b) a, à, a, à, a

c) à, à, à, à, a

d) a, a, a, a, à

e) à, a, a, a, a

39. (UFSCar-SP) Leia as frases abaixo.

A conclusão do inquérito foi prejudicial ... toda categoria.

Mostrou-se insensível ... qualquer argumentação.

Este prêmio foi atribuído ... melhor aluna do curso.

Faço restrições ... ter mais elementos no grupo.

Indique a alternativa que, na sequência, preenche as lacunas acima corretamente.

a) a, a, à, a

b) à, à, à, à

c) à, à, a, a

d) à, à, a, à

e) a, a, à, à

40. (Unimep-SP) "... dois meses que não vejo Paulo. Soube que ele esteve ... beira de uma crise nervosa ... menos de cinco dias do vestibular."

A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:

a) Há, a, a c) Há, à, à e) A, à, a
b) Há, à, a d) A, a, à

41. (UEL-PR) "Quanto ... mim, nada mais direi ... favor ou contra uma decisão sobre a qual já opinei ... muito tempo."

a) a, a, há c) a, à, há e) à, à, há
b) à, à, à d) à, a, à

42. (UFV-MG) Indique a alternativa em que o sinal indicativo de crase é **facultativo**.

a) Voltou à casa do juiz.
b) Chegou às três horas.
c) Voltou à minha casa.
d) Devolveu as provas àquela aluna.
e) Voltou às pressas.

43. (FGV-SP) Leia a frase abaixo.

Mostrou-se submisso as decisões do chefe.

Nessa frase, uma falha de acentuação gráfica denuncia um erro de:

a) colocação pronominal.
b) pontuação.
c) regência nominal.
d) regência verbal.
e) concordância verbal.

44. (Fuvest-SP) "De ... muito, ele se desinteressou de chegar a ocupar cargo tão importante, ... coisas mais simples na vida e que valem mais que a posse momentânea de certos postos de relevo ... que tantos ambicionam por amor ... ostentação."

a) a, há, à, à d) a, hão, a, à
b) há, as, a, a e) há, a, a, a
c) há, há, a, à

45. (Fuvest-SP) "O progresso chegou inesperadamente ... subúrbio. Daqui ... poucos anos, nenhum de seus moradores se lembrará mais das casinhas que, ... tão pouco tempo, marcavam a paisagem familiar."

a) aquele, a, a d) àquele, a, há
b) àquele, à, há e) aquele, à, há
c) àquele, à, à

46. (UEL-PR) "... contragosto, a comissão entregou ... imprensa ... listas dos aprovados."

a) À, a, as d) À, a, às
b) A, à, às e) À, à, às
c) A, à, as

47. (PUC-RS) "Foi ... mais de um século que, numa reunião de escritores, se propôs a maldição do cientista que reduzira o arco-íris ... simples matéria: era uma ameaça ... poesia."

a) a, a, à c) há, à, à e) há, a, à
b) há, à, a d) a, a, a,

48. (FCMSC-SP) "Dê ciência ... todos de que não mais se atenderá ... pedidos que não forem dirigidos ... diretoria."

a) a, a, a c) a, a, à e) à, a, à
b) a, à, a d) à, à, a

49. (FCMSC-SP) "Estamos ... poucas horas da cidade ... que vieram ter, ... tempos, nossos avós."

a) a, a, há c) há, à, há e) a, à, há
b) há, a, a d) à, a, a

50. (Fuvest-SP) No texto abaixo, apenas um *a* deve receber acento de crase. Transcreva o segmento em que ele aparece e justifique a crase.

Dirigiu-se a ela a passos lentos e disse: estou disposto a contar tudo a senhora; não tenho coragem de falar a Mário sobre o ocorrido.

51. (Faap-SP) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas da seguinte frase:

Ficaram frente ... frente, ... se olharem, pensando no que dizer uma ... outra.

a) à, à, a c) a, a, à e) à, a, à
b) a, à, a d) à, a, a

52. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.

... noite, todos os operários voltaram ... fábrica e só deixaram o serviço ... uma hora da manhã.

a) Há, à, à c) À, à, à e) A, à, a
b) A, a, a d) À, a, há

53. (Fuvest-SP) Indique a forma que não será utilizada para completar a frase seguinte.

Maria pediu ... psicóloga que ... ajudasse ... resolver o problema que ... muito ... afligia.

a) preposição *a*
b) pronome pessoal feminino *a*
c) contração da preposição *a* e do artigo feminino *a (à)*
d) verbo *haver* indicando tempo *(há)*
e) artigo feminino *a*

54. (Faap-SP) Explique o emprego do acento grave nas expressões destacadas.

a) Eu a compro **à vista** aos donos do mundo.

b) Digo adeus **à ilusão**.

55. (FCC-BA) "O fenômeno ... que aludi é visível ... noite e ... olho nu."

a) a, a, a c) a, à, a e) à, à, a

b) a, à, à d) à, a, à

56. (FCC-BA) "Já estavam ... poucos metros da clareira, ... qual foram ter por um atalho aberto ... foice."

a) à, à, a c) a, a, à e) à, à, à

b) a, à, a d) à, a, à

57. (ITA-SP) Analisando as sentenças:

I. A vista disso, devemos tomar sérias medidas.

II. Não fale tal coisa as outras.

III. Dia a dia a empresa foi crescendo.

IV. Não digo aquilo que me disse.

deduzimos que:

a) apenas a sentença III não tem crase.

b) as sentenças III e IV não têm crase.

c) todas as sentenças têm crase.

d) nenhuma sentença tem crase.

e) apenas a sentença IV não tem crase.

58. (PUCCamp-SP) "... hora, ... chegasse primeiro se entregaria ... condecoração ... fizera jus."

a) Àquela, à que, a, a qual

b) Àquela, a que, à, a qual

c) Aquela, à que, a, à qual

d) Àquela, à que, a, à qual

e) n.d.a.

59. (FCMSC-SP) Em qual alternativa a crase foi empregada corretamente?

a) Não se esqueça de chegar à casa cedo.

b) Prefira isto aquilo, já que ao se fazer o bem não se olha à quem.

c) Já que pagaste àquelas dívidas à que situação aspiras?

d) Chegaram até à região marcada e daí avançaram até à praia.

e) Suas previsões não deixaram de ter razão, pois a uma hora da madrugada é um perigo andar a pé, sozinho.

60. (UPM-SP) "Agradeço ... Vossa Senhoria ... oportunidade para manifestar minha opinião ... respeito."

a) à, a, à c) a, a, à e) à, à, a

b) à, a, a d) a, a, a

61. (Fuvest-SP) "Daqui ... vinte quilômetros, o viajante encontrará, logo ... entrada do grande bosque, uma estátua que ... séculos foi erigida em homenagem ... deusa da floresta."

a) a, à, há, à c) à, há, à, à

b) há, a, à, a d) a, à, à, à e) há, a, há, a

62. (PUC-PR) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.

I. Viu-se frente ... frente com o inimigo.

II. Observava, ... distância, o que estava acontecendo.

III. Não se referira ... nenhuma das presentes.

IV. Desandou ... correr ladeira abaixo.

V. Chegou ... uma hora da madrugada.

a) à, à, à, à, à d) a, a, a, à, a

b) à, à, a, a, à e) a, a, a, a, à

c) à, à, à, a, à

63. (UPM-SP) Dados os períodos:

I. À força de tanto emagrecer, acabou morrendo.

II. A assistente social prestou assistência as mais necessitadas pessoas.

III. Com a eloquência habitual, falava a qualquer pessoa, sempre disposta a aumentar o prestígio.

deduz-se que o sinal indicativo da crase está corretamente empregado:

a) apenas no primeiro período.

b) nos períodos I e II.

c) nos períodos II e III.

d) em todos os períodos.

e) nos períodos I e III.

64. (FCMSC-SP) Assinale a letra correspondente ao segmento destacado incorreto. Se não houver erro, assinale a alternativa (E).

A íris dos olhos é ***suscetível de*** reagir ***à***

(A) (B) (C) (D)

intensidade da luz. ***Sem erro***.

(E)

65. (FCMSC-SP) "... certa altura, cansou-o ... demora, e pôs-se ... reclamar."

a) A, a, a c) A, à, à e) À, à, à

b) À, a, a d) À, a, à

66. (FCMSC-SP) "... cerca de quinhentos metros ... leste do farol, encontrou-se, ... poucos dias, um navio antigo."

a) Há, à, à c) À, à, à e) A, a, há

b) A, à, há d) Há, a, há

PARTE 4

Apêndice

Capítulo 28

Problemas gerais da língua culta

Por que Jorge é amado.

"Em Jorge, a arte de fazer-se amar era espontânea, nunca premeditada."
José Saramago

Detalhe.

Revista da Folha. Folha de S.Paulo. São Paulo, 30 mar. 2008. Encarte publicitário, p. 4.

Neste capítulo, estudaremos, entre outros tópicos, o uso de *porque* e *por que*. No anúncio acima, a forma *por que* equivale a *por qual razão*.

1. Introdução

Este capítulo pretende oferecer a você orientações sobre aspectos gerais das variedades formais da língua. Consiste, portanto, numa oportunidade de aperfeiçoar seu desempenho no que diz respeito à grafia e ao emprego apropriado de formas e expressões que costumeiramente causam problemas a quem pretende falar ou redigir português culto.

Acreditamos que muitas coisas que veremos a seguir já foram estudadas em sua vida escolar anterior. Nesses casos, aproveite o que vamos dizer para avaliar seu conhecimento. É importante que você definitivamente incorpore tais detalhes ao seu manuseio escrito (e falado, nas situações apropriadas) da língua portuguesa.

2. Forma e grafia de algumas palavras e expressões

Que / quê

Que é pronome, conjunção, advérbio ou partícula expletiva. Por se tratar de monossílabo átono, não é acentuado:

(O) **Que** você pretende?

Você me pergunta (o) **que** vou fazer. (O) **Que** posso fazer?

Que beleza! **Que** bela atitude!

Convém **que** o assunto seja discutido seriamente.

Quase **que** me esqueço de avisá-lo.

Quê representa um monossílabo tônico. Isso ocorre quando encontramos um pronome em final de frase, imediatamente antes de um ponto (final, de interrogação ou exclamação) ou de reticências, ou quando *quê* é um substantivo (com o sentido de "alguma coisa", "certa coisa") ou uma interjeição (indicando surpresa, espanto):

Afinal, você veio aqui fazer o **quê**?

Você precisa de **quê**?

Há um **quê** inexplicável em sua atitude.

Quê! Conseguiu chegar a tempo?!

Por que / por quê / porque / porquê

A forma *por que* pode ser a sequência de uma preposição (*por*) e um pronome interrogativo (*que*). Em termos práticos, é uma expressão equivalente a "por qual razão", "por qual motivo". Veja alguns casos em que ela ocorre:

Por que você agiu daquela maneira?

Não se sabe **por que** tomaram tal decisão.

Não é fácil saber **por que** a situação persiste em não melhorar.

Leia a matéria intitulada: "**Por que** os corruptos não vão para a cadeia". É impressionante!

Caso surja no final de uma frase, imediatamente antes de um ponto (final, de interrogação, de exclamação) ou de reticências, a sequência deve ser grafada *por quê*, pois, devido à posição na frase, o monossílabo *que* passa a ser tônico, devendo ser acentuado:

– Ainda não terminou? **Por quê**?

– Você tem coragem de perguntar **por quê**?!

– Claro. **Por quê**?

– Não sei **por quê**!

Há casos em que *por que* representa a sequência preposição + pronome relativo, equivalendo a "pelo qual" (ou alguma de suas flexões: "pela qual", "pelos quais", "pelas quais"). Observe:

Estas são as reivindicações **por que** estamos lutando.

O túnel **por que** deveríamos passar desabou ontem.

Já a forma *porque* é uma conjunção, equivalendo a "pois", "já que", "uma vez que", "como". Observe seu emprego em outros exemplos:

A situação agravou-se **porque** muita gente se omitiu.

Sei que há algo errado **porque** ninguém apareceu até agora.

Você continua implicando comigo! É **porque** eu não abro mão de minhas ideias?

Porque também pode indicar finalidade, equivalendo a "para que", "a fim de". Trata-se de um uso pouco frequente na língua atual:

Não julgues **porque** não te julguem.

A forma *porquê* representa um substantivo. Significa "causa", "razão", "motivo" e normalmente surge acompanhada de palavra determinante (artigo, por exemplo). Como é um substantivo, pode ser pluralizado sem qualquer problema:

Dê-me ao menos um **porquê** para sua atitude.

Não é fácil encontrar o **porquê** de toda essa confusão.

Creio que os verdadeiros **porquês** mais uma vez não vieram à luz.

Mas / mais

Mas é uma conjunção adversativa, equivalendo a "porém", "contudo", "entretanto":

Tentou, **mas** não conseguiu.

O país parece ser viável, **mas** não consegue sair do subdesenvolvimento.

Mais é pronome ou advérbio de intensidade, opondo-se normalmente a *menos*:

Ele foi quem **mais** tentou; ainda assim, não conseguiu.

É um dos países **mais** miseráveis do planeta.

Em DVD

Divulgação

***O triste fim de Policarpo Quaresma*. Direção de Paulo Thiago. Brasil: Vitória Produções Cinematográficas, 1988. (120 min).**

Lima Barreto foi um crítico incansável do regime da República Velha e privilegiou em sua obra a temática social. Uma de suas obras mais importantes é *O triste fim de Policarpo Quaresma*. O livro conta a história do major Policarpo Quaresma, ufanista convicto que luta por um Brasil tão grandioso e forte quanto ele acredita que o país possa ser. O filme homônimo é estrelado por Paulo José, no papel de Policarpo, e por Giulia Gam, afilhada do major. O destaque fica por conta da cena em que Policarpo apresenta ao Congresso um projeto que defende a adoção do tupi-guarani como nosso idioma oficial.

Mal / mau

Mal pode ser advérbio, substantivo ou conjunção. Como advérbio, significa "irregularmente", "erradamente", "de forma inconveniente ou desagradável". Opõe-se a *bem*:

Era previsível que ele se comportaria **mal**.

Era evidente que ele estava **mal**-intencionado porque suas opiniões haviam repercutido **mal** na reunião anterior.

A seleção brasileira jogou **mal**, mas conseguiu vencer a partida.

Mal, como substantivo, pode significar "doença", "moléstia"; em alguns casos, significa "aquilo que é prejudicial ou nocivo":

A febre amarela é um **mal** de que já nos havíamos livrado e que, devido ao descaso, voltou a atormentar as populações pobres.

O **mal** é que não se toma nenhuma atitude definitiva.

O substantivo *mal* também pode designar um conceito moral, ligado à ideia de maldade; nesse sentido, a palavra também se opõe a **bem**:

Há uma frase de que a visão da realidade nos faz muitas vezes duvidar:

"O **mal** não compensa".

Quando conjunção, *mal* indica tempo:

Mal você chegou, ele saiu.

Mau é adjetivo. Significa "ruim", "de má índole", "de má qualidade". Opõe-se a *bom* e apresenta a forma feminina *má*:

Trata-se de um **mau** administrador.

Tem um coração **mau**.

Nesta tirinha, o advérbio *mal* modifica o verbo *estar*.

Laerte

LAERTE. *Classificados: livro 2*. São Paulo: Devir, 2002. p. 43.

Onde / aonde

Aonde indica ideia de movimento ou aproximação. Opõe-se a *donde*, que exprime afastamento. Veja nos exemplos que a forma *aonde* costuma referir-se a verbos de movimento:

Aonde você vai?

Aonde querem chegar com essas atitudes?

Aonde devo dirigir-me para obter esclarecimentos?

Não sei **aonde** ir.

Onde indica o lugar em que se está ou em que se passa algum fato. Normalmente, refere-se a verbos que exprimem estado ou permanência. Observe:

Onde você está?

Onde você vai ficar nas próximas férias?

Discrimine os locais **onde** as tropas permanecem estacionadas.

Não sei **onde** começar a procurar.

O estabelecimento dessa diferença de significado tem sido uma tendência do português moderno. Na língua clássica, ela não existia; ainda hoje, é comum encontrar-se o emprego indiferente de uma ou outra forma. Para satisfazer os padrões da língua culta, procure observar essa diferença.

A par / ao par

A par tem o sentido de "bem informado", "ciente":

Mantenha-me **a par** de tudo o que acontecer.

É importante manter-se **a par** das decisões parlamentares.

Ao par é uma expressão usada para indicar relação de equivalência ou igualdade entre valores financeiros (geralmente em operações cambiais):

As moedas fortes mantêm o câmbio praticamente **ao par**.

Ao encontro de / de encontro a

Ao encontro de indica "ser favorável a", "aproximar-se de". Observe os exemplos:

Ainda bem que sua opinião vem **ao encontro da** minha. Poderemos, assim, unir nossas reivindicações.

Quando a viu, foi rapidamente **ao seu encontro** e a abraçou afetuosamente.

De encontro a indica oposição, choque, colisão. Veja:

Como você queria que eu o ajudasse se suas opiniões sempre vieram **de encontro às** minhas? Nós pertencemos a mundos diferentes.

O caminhão foi **de encontro ao** muro. Ninguém se machucou, mas os prejuízos foram grandes.

A / há na expressão de tempo

O verbo *haver* é usado em expressões que indicam tempo já transcorrido:

Tais fatos aconteceram **há dez anos**.

Nesse sentido, é equivalente ao verbo *fazer*:

Tudo aconteceu **faz dez anos**.

A preposição *a* surge em expressões em que a substituição pelo verbo *fazer* é impossível:

O lançamento do satélite ocorrerá daqui **a duas semanas**.

Partiriam dali **a duas horas**.

Note, no último balão, o emprego da preposição *a* para indicar tempo futuro. Nesse contexto, ela não poderia ser substituída pelo verbo *haver*, pois este indica tempo já transcorrido.

WALKER, Mort. Recruta Zero. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 27 abr. 2003. p. D10.

Acerca de / há cerca de

Acerca de significa "sobre", "a respeito de":

Haverá uma palestra **acerca das** consequências das queimadas sobre a temperatura ambiente.

Há cerca de indica um período aproximado de tempo já transcorrido:

Os primeiros colonizadores surgiram **há cerca de** quinhentos anos.

Essa expressão também pode ser utilizada em frases como esta: "Há cerca de 2 milhões de desempregados no país". Nesse caso, "há cerca de" equivale a "Existem aproximadamente".

Afim / a fim

Afim é um adjetivo que significa "igual", "semelhante". Relaciona-se com a ideia de afinidade:

Tiveram comportamentos **afins** durante os trabalhos de discussão.

São espíritos **afins**.

A fim surge na locução *a fim de*, que significa "para" e indica ideia de finalidade:

Tentou mostrar-se capaz de inúmeras tarefas **a fim de** nos enganar.

Demais / de mais

Demais pode ser advérbio de intensidade, com o sentido de "muito"; aparece intensificando verbos, adjetivos ou outros advérbios:

Aborreceram-nos **demais**: isso nos deixou indignados **demais**.

Estou até bem **demais**!

Demais também pode ser pronome indefinido, equivalendo a "os outros", "os restantes":

Apesar de ter chegado até lá como integrante de um grupo, resolvi partir sozinho, deixando aos **demais** a liberdade de escolher. Fiquei sabendo posteriormente que os **demais** membros da comissão também acabaram abandonando os projetos.

De mais opõe-se a *de menos*. Refere-se sempre a um substantivo ou pronome:

Não vejo nada **de mais** em sua atitude!

Decidiu-se suspender o concurso público porque surgiram candidatos **de mais**.

Senão / se não

Senão equivale a "caso contrário" ou "a não ser":

É bom que ele chegue a tempo, **senão** não haverá como ajudá-lo.

Não fazia coisa alguma **senão** criticar.

Se não surge em orações condicionais. Equivale a "caso não":

Se não houver (= "Caso não haja") seriedade, o país não sairá da situação melancólica em que se encontra.

Na medida em que / à medida que

Na medida em que exprime relação de causa e equivale a "porque", "já que", "uma vez que":

O país não alcançou índices de desenvolvimento humano satisfatórios **na medida em que** não investiu adequadamente em saúde e educação.

Na medida em que os projetos foram abandonados, a população carente ficou entregue à própria sorte.

Em livro

BUENO, Eduardo. *Brasil: terra à vista*. Porto Alegre: L&PM, 2003. (L&PM Pocket).

Com linguagem acessível e cativante, Eduardo Bueno conta a história das aventuras de nossos colonizadores durante o descobrimento do Brasil. O maior mérito do livro está no fato de que o autor analisa as duas visões do processo de colonização: a dos portugueses e a dos indígenas.

À medida que indica proporção, desenvolvimento simultâneo e gradual. Equivale a "à proporção que":

Os verdadeiros motivos da renúncia foram ficando claros **à medida que** as investigações iam obtendo resultados.

A ansiedade aumentava **à medida que** o prazo fixado ia chegando ao fim.

Atividades

1. Complete as frases utilizando a forma apropriada dentre as fornecidas pelos parênteses.

a) Tenho muito o (*) fazer. (*que / quê*)

b) É preciso um (*) de louco para poder fazer isso. (*que / quê*)

c) Estamos rindo sem ter de (*). (*que / quê*)

d) (*) você quer saber? É (*) sua curiosidade é maior que sua inteligência? (*por que / porque / por quê / porquê*)

e) Você quer saber (*)? Não lhe direi (*). (*por que / porque / por quê / porquê*)

f) Resta ainda descobrir o (*) dessas declarações. É difícil entender (*) ele teria dito tudo aquilo. (*por que / porque / por quê / porquê*)

g) (*) está seu orgulho? (*onde / aonde*)

h) Irei (*) você quiser que eu vá. (*onde / aonde*)

i) Não gosto muito dela, (*) tenho de admitir que é (*) inteligente do que eu supunha. (*mas / mais*)

j) Comportou-se (*) durante a reunião. Não creio que seja um (*) sujeito, porém. (*mal / mau*)

k) Às vezes, penso que o (*) anda vencendo o bem de goleada neste nosso mundo. Isso é tão (*)! (*mal / mau*)

l) (*)-humorados de todo o mundo, uni-vos! (*mal / mau*)

m) Deixe-me (*) de tudo o que estiver acontecendo. (*a par / ao par*)

n) Várias pessoas expuseram opiniões que vieram (*) minhas durante o debate, o que muito me animou. (*ao encontro de / de encontro a*)

o) Muitas pessoas têm opiniões que vêm (*) minhas, o que não chega a me desanimar. (*ao encontro de / de encontro a*)

p) (*) anos não nos vemos. E só poderei re-encontrá-lo daqui (*) dois meses! (*há / a*)

q) Dali (*) três meses, eu mudaria de vida. (*há / a*)

r) Nada sei (*) das manifestações que ocorreram no país (*) de dois anos. (*acerca / há cerca*)

s) Já que temos ideias (*), deveríamos trabalhar juntos (*) de conseguir melhores resultados. (*afim / a fim*)

t) Não há nada (*) em gostar (*) de doces. (*de mais / demais*)

u) (*) se fizer alguma coisa, o país escorregará para o caos. E ainda há quem não faça nada (*) perseguir privilégios. (*se não / senão*)

v) (*) que caminhávamos, podíamos perceber a mudança da paisagem. (*à medida que / na medida em que*)

w) A distribuição de renda melhorará (*) forem feitos investimentos voltados para o mercado interno. (*à medida que / na medida em que*)

2. Esta oração faz parte de um anúncio da *Velocita Sports*, publicado na revista *O2* de outubro de 2006: "Onde você quer estar daqui a dez anos?". Altere a forma verbal da oração conforme indicado a seguir, realizando as adaptações necessárias:

a) quer ir

b) quis estar

3. O uso do hífen

Já vimos um dos empregos do hífen quando estudamos as regras para separação silábica e para translineação de palavras. Além desse emprego, o hífen também é usado para ligar pronomes oblíquos a formas verbais e para relacionar elementos formadores de palavras.

Usa-se o hífen para unir os pronomes oblíquos que seguem as formas verbais com que se relacionam:

amam-se	escutaram-nos	disseram-me	resumi-lo
estruturá-la	mostramos-lhe	conceder-vos	

O hífen também é empregado quando o pronome vem colocado no interior da forma verbal, numa construção conhecida como mesóclise:

encontrar-te-ei	mostrar-nos-ão	dir-nos-ia	recolher-se-á

Há casos em que ao verbo se ajuntam dois pronomes:

dê-se-lhe	mostre-se-lhe

Palavras compostas

Usa-se hífen para unir os elementos de uma palavra composta. É por isso que se deve usar hífen na grafia de palavras como:

arco-íris	luso-brasileiro	amor-perfeito (a flor)
à-toa ("desprezível")	bem-estar	boa-fé
bom-senso	cara-de-pau	dedo-duro
deus-nos-acuda ("confusão")	dia-a-dia ("cotidiano")	dois-pontos
dona-de-casa	guarda-roupa	louva-a-deus (o inseto)
lugar-comum	má-criação	matéria-prima
mau-caráter	pão-duro	para-brisa
guarda-chuva	para-raios	pé-de-cabra
pé-de-meia ("economias")	pé-de-moleque	ponto-e-vírgula

Observe que muitas vezes o uso do hífen estabelece distinção entre a palavra composta e a expressão formada pela aproximação das mesmas palavras. Isso ocorre, por exemplo, com *dia-a-dia* (sinônimo de "cotidiano") e *dia a dia* (expressão adverbial de tempo, que significa "dia após dia", "diariamente"):

O **dia-a-dia** está cada vez mais difícil; **dia a dia** temos de conviver com perigos maiores nas grandes cidades.

O mesmo ocorre com *à-toa* (adjetivo, sinônimo de "desprezível", "insignificante") e *à toa* (expressão adverbial de modo):

Não passa de um indivíduo **à-toa**: passa o dia inteiro **à toa**.

Em *guarda-chuva*, palavra composta por justaposição, elementos de natureza verbal e nominal se unem por meio do hífen.

Disponível em: <http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br/arch2007-06-24_2007-06-30.html>. Acesso em: 18. jul. 2008.

Nomes de lugares iniciados pelos adjetivos *grã*, *grão* ou por forma verbal ou que estejam ligados por artigos também são unidos por hífen:

Grã-Bretanha Passa-Quatro Entre-os-Rios

Prefixos e elementos de composição

O Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), que passou a vigorar nos países lusófonos em 2008, estabeleceu alguns critérios para o emprego do hífen nas palavras formadas por prefixos e elementos de composição. Apontaremos algumas orientações gerais, a partir das determinações desse acordo.

Regra geral

Os prefixos *ante-*, *anti-*, *auto-*, *circum-*, *co-*, *contra-*, *entre-*, *extra-*, *hiper-*, *infra-*, *intra-*, *pan-*, *sobre-*, *sub-*, *super-*, *supra-* e *ultra* ligam-se por hífen ao segundo elemento em dois casos:

a. quando o segundo elemento é iniciado por *h*:

anti-herói extra-humano
super-homem infra-hepático

OBSERVAÇÃO

A exceção, consagrada pelo uso, é *extraordinário* e seus derivados.

b. quando o segundo elemento é iniciado pela mesma vogal com que termina o prefixo:

extra-atmosférico anti-inflamatório
infra-assinado auto-observação

OBSERVAÇÕES

Seguem as mesmas regras os chamados "falsos prefixos" (elementos não autônomos de origem grega e latina), como *aero-*, *agro-*, *arqui-*, *eletro-*, *hidro-*, *macro-*, *maxi-*, *micro-*, *pluri-*, *pseudo-*, *semi-* e outros:

pseudo-humanista micro-onda arqui-inimigo semi-hospitalar

O prefixo *co-* junta-se ao segundo elemento sem hífen, mesmo que iniciado por *o*:

coobrigação cooperação

Casos especiais em que também se usa o hífen

a. Com prefixos terminados em *-r* (*hiper-*, *inter-*, *super-*), quando se ligam a palavras iniciadas por *r* (além do *h*):

hiper-rancoroso inter-relacionar super-realidade

b. Com prefixos tônicos acentuados graficamente (*pós-*, *pré-*, *pró-*), quando se ligam a segundo elemento autônomo:

pós-graduação pré-operatório pró-africano

c. Com prefixos terminados em *m* ou *n* (*circum-* e *pan-*), quando se ligam a segundo elemento iniciado por vogal, *m* ou *n* (além do *h*):

circum-navegação circum-adjacente pan-americanização

d. Com os prefixos *ex-*, *vice-*, qualquer que seja a letra inicial do segundo elemento:

ex-presidente vice-diretor vice-reitor

Casos em que não se usará o hífen

a. Com prefixo terminado em vogal e o segundo elemento iniciado por *r* ou *s* (tais consoantes devem ser duplicadas):

minissaia microssistema infrassom contrarregra

b. Com prefixo terminado em vogal e o segundo elemento iniciado por uma vogal diferente:

autoavaliação antiaéreo
agroindustrial aeroespacial

OBSERVAÇÃO

Emprega-se hífen nos vocábulos terminados por sufixos de origem tupi-guarani:
capim-açu tamanduá-mirim

Atividades

1. Una os elementos de cada item seguinte.

a) arqui / milionário
b) arqui / secular
c) anti / escravismo
d) anti / didático
e) anti / hemorrágico
f) anti / social
g) anti / tetânico
h) ante / sala
i) ante / datar
j) contra / ofensiva
k) contra / ponto
l) contra / senso
m) auto / biografia
n) auto / educação
o) auto / suficiente
p) extra / regulamentar
q) extra / oficial
r) infra / vermelho
t) intra / muscular
s) intra / venoso
u) neo / latino

2. A partir dos adjetivos a seguir, forme palavras, utilizando alguns prefixos ou elementos de composição.

a) extensivo
b) aberto
c) científico
d) histórico
e) escolar
f) americano
g) selvagem
h) estadual
i) revolucionário
j) humano

3. Explique a diferença de significado entre os termos destacados nos pares de frases seguintes.

a) Vive **à toa**.
É um sujeito **à-toa**.

b) Quem os vê percebe que se trata de um **amor perfeito**.
Deu-me uma muda de **amor-perfeito**.

c) O **dia-a-dia** nos está massacrando.
Dia a dia as coisas estão melhorando.

d) Deu **pão duro** aos mendigos.
Mais uma vez, bancou o **pão-duro**.

e) Depois que ele resolveu brigar, a festa transformou-se num **deus-nos-acuda**.
Ele vai voltar? **Deus nos acuda**!

4. Colocação dos pronomes pessoais oblíquos átonos

Os pronomes pessoais oblíquos átonos (*me, te, se, o, a, lhe, nos, vos, se, os, as, lhes*) atuam basicamente como complementos verbais. Em relação aos verbos, podem assumir três posições:

a. próclise – O pronome surge antes do verbo:

Não **nos** mostraram nada. Nada **me** disseram.

b. ênclise – O pronome surge depois do verbo:

Apresento-**lhe** meus cumprimentos.

Contaram-**te** tudo?

c. mesóclise – O pronome é intercalado ao verbo, que deve estar no futuro do presente ou no futuro do pretérito do indicativo:

Mostrar-**lhe**-ei meus escritos.

Falar-**vos**-iam a verdade?

Por muito tempo, perseguiram-se regras para orientar a colocação desses pronomes, normalmente criadas a partir de modelos da fala lusitana. Felizmente, nos últimos tempos, a discussão sobre as regras de colocação pronominal tem sido substituída por procedimentos norteados pelo bom-senso. Apresentamos a seguir algumas orientações básicas a esse respeito e salientamos que não se deve perder tempo com uma questão tão pouco relevante para o uso eficiente da língua.

Ênclise

A ênclise pode ser considerada a colocação básica do pronome, pois obedece à sequência verbo-complemento. Na língua culta, deve ser observada no início das frases:

Apresentaram-**se** vários projetos durante a sessão.

Contaram-**me** casos estranhíssimos.

Parece-**nos** que o mais acertado seria retomar os programas de incentivo agrícola.

A ênclise não ocorre com as formas dos futuros do indicativo e do particípio. Com os futuros, quando não é possível fazer a próclise, deve-se optar pela mesóclise, forma em desuso no português do Brasil:

Dir-**nos**-ão o que fazer?

Entender-**me**-ia o estrangeiro?

Próclise

A próclise tende a ocorrer após pronomes relativos, interrogativos e conjunções subordinativas. Também tende a ocorrer nas negações:

É a pessoa que **nos** orientou.

Quem **te** disse isso?

Gostaria de saber por que **nos** fizeram vir aqui.

Nada foi feito, embora **se** conhecessem as consequências da omissão.

Não **me** falaram nada a respeito disso.

Nunca **nos** encontraremos novamente.

Jamais **se** cumprimentam.

Em início de frase, a próclise é típica da língua coloquial brasileira e é usada na escrita quando se pretende reproduzir a língua falada:

Me faça um favor.

Nos falaram que era tudo mentira.

Com as locuções verbais e tempos compostos, a tendência brasileira é colocar o pronome antes do verbo principal:

Vou **lhe** mostrar meus trabalhos.

Quero **lhe** mostrar meus trabalhos.

O pronome também pode surgir em outras posições. Observe:

Eu **lhes** estou mostrando meus trabalhos./Estou mostrando-**lhes** meus trabalhos.

Eu **lhes** quero mostrar meus trabalhos./Quero mostrar-**lhes** meus trabalhos.

O uso do hífen nos casos em que o pronome aparece em posição intermediária é considerado optativo:

Eu estou-**lhes** mostrando.

Eu estou **lhes** mostrando.

Na verdade, a primeira forma tende a representar a fala lusitana, que "encosta" o pronome no verbo auxiliar ("Eu estou-lhes..."), enquanto a segunda forma tende a representar a fala brasileira, que "encosta" o pronome no verbo principal ("... lhes mostrando.").

Textos para análise

1

Caco Galhardo

Pix. São Paulo: Six Pix. [s.p.]. Publicação oferecida pela Livraria Cultura.

Trabalhando o texto

Observe o texto acima e justifique o emprego da forma *aonde*.

2

Revista *Results ON*/Detalhe.

Trabalhando o texto

Comente o emprego da mesóclise no anúncio ao lado.

Results ON. São Paulo: Six Pix. [s.p.]. Publicação oferecida pela Livraria Cultura.

3

Leia este trecho da canção *O que tinha de ser* de Tom Jobim e Vinicius de Moraes, que foi eternizada na voz de Elis Regina:

"Porque foste na vida
A última esperança
Encontrar-te me fez criança".

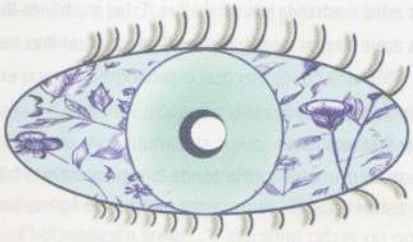

Disponível em: <www.mpbnet.com.br/musicos/elis.regina/letras/o_que_tinha_de_ser.htm>. Acesso em: 18 jul. 2008.

Trabalhando o texto

O *porque*, iniciando a letra da canção, está empregado adequadamente?

Em CD

Divulgação

Elis Regina. *Fascinação* (CD). Universal Music, 1999.

Dona de um talento musical ímpar, Elis Regina enobrecia a bossa nova com suas canções e interpretações. Esse CD apresenta uma coletânea de sucessos da carreira da cantora gaúcha, incluindo canções gravadas entre 1965 e 1978, período em que Elis tinha contrato com a gravadora Polygram.

4

O livro dos porquês

– Por que é que o Ministério da Saúde adverte que o fumo é prejudicial à saúde e vários médicos continuam fumando?

– Por que é que quando alguém liga um número errado do outro lado a pessoa fica meio irritada?

– Por que é que quando se pergunta "Que número é aí?" do outro lado sempre dizem "Que número ligou?"

– Por que é que mesmo quando a operação é um sucesso dizem que o paciente "sofreu" uma cirurgia, apesar de ele estar anestesiado?

– Por que é que usam a frase "Eu alguma vez já menti para você?" A mentira só é mentira quando descoberta.

– Por que é que fabricam automóveis que atingem 200 quilômetros por hora se no trânsito não se consegue ir a mais de 20?

– Por que é que quando a gente encontra uma pessoa de quem não se lembra ela sempre diz "Está lembrado de mim?"

– E quando você diz, disfarçando, "É claro que sim" ela insiste: "De onde?"

– Por que é que apesar da enorme onda de desemprego você nunca consegue arrumar uma empregada?

– Por que é que todo mundo só quer um táxi na mesma hora em que você precisa de um?

– Por que é que no trânsito a fila que você escolhe é sempre a mais lenta?

– Por que é que quando você diz para alguém "Bonito sapato" a resposta é sempre "Ah, é velho..."?

– Por que é que dentro do elevador todo mundo fica fingindo que não está olhando para ninguém?

SOARES, Jô. In: *Veja*. São Paulo: Abril, [s.d.]

Trabalhando o texto

1. Justifique a grafia *porquês*, no título do texto.
2. Justifique a grafia *por que*, que surge em quase todos os itens do texto.
3. Justifique o uso da forma *meio*, no segundo item do texto.
4. "Por que é que quando a gente encontra uma pessoa **de** quem não se lembra ela sempre...". Justifique o uso da preposição destacada.
5. Há algo comum a todas as perguntas propostas pelo autor? Comente-as.

Questões de exames e concursos

1. (UFMS)

A casualidade

(Carlos Herculano Lopes)

Em uma madrugada, quase de manhã, um rapaz ainda jovem, entrando nos seus vinte e cinco anos, pegou um táxi. Resultou que ele, calado por índole ou costume, estava voltando de uma festa na qual, entre amigos, havia tomado umas cervejas. Talvez só isto, a sensação de estar alegre, o tenha feito puxar conversa. Era muito reservado com estranhos. Por sua vez o motorista, acostumado a ouvir, deixou que ele falasse. Aquele diálogo, provavelmente, não passaria de um a mais dos tantos que se travam noite adentro, se de repente o rapaz – sabe-se lá por que – não houvesse confessado que era de Santa Marta, onde, quando criança, um tal de Jardel havia matado seu pai. O motorista, que até então ouvia em silêncio, sem prestar muita atenção, sentiu um calafrio, um leve tremor nos lábios, e o volante vacilou, enquanto voltavam na sua memória cenas de um crime que ele tentava esquecer.

Prosa: para ler no ônibus, em casa, no trabalho, na escola, quando for dormir... Belo Horizonte: Programa de Ensino, Pesquisa e Extensão A tela e o texto, jun. 2005.

Considerando a oração "sabe-se lá **por que**" (linha 12), assinale a(s) alternativa(s) correta(s).

(001) Dependendo do sentido em que é empregada, a palavra **porque** apresenta diferentes grafias: por que (como na oração citada), porque, porquê, por quê.

(002) A palavra em destaque acima equivale a "**por qual razão**", "**por qual motivo**".

(004) Na construção de uma frase interrogativa que encontre resposta na oração do texto, grafa-se **porque**.

(008) Preserva-se a mesma equivalência significativa ao se substituir **por que** por "**o porquê**".

(016) Por sua significação na frase, a palavra **por que** pode ser pluralizada.

2. (Fuvest-SP) A televisão tem de ser vista .... um prisma crítico, principalmente as telenovelas, ... audiência é significativa. Temos de procurar saber ... elas prendem tanto os telespectadores.

Preenchem de modo correto as lacunas acima, respectivamente,

a) a nível de / as quais a / por que
b) sobre / que / porquê
c) sob / cuja / por que
d) em nível de / cuja a / porque
e) sob / cuja a / porque

3. (UFSC) Dentre as proposições abaixo, algumas ferem a norma padrão. Assinale aquelas que **não apresentam desvio** gramatical.

01. Se todos houvessem seguido as normas, não haveria tantas reclamações.
02. O desrespeito à natureza é tanto que, naquele lugar, já não existem animais daquela espécie.
04. Havia apenas uma saída para o problema, mas outras poderiam haver caso analisássemos o problema com mais calma.
08. O desafio que me refiro implica em fazer escolhas.

16. Restabelecer-se-iam, de imediato, as ligações, se houvessem técnicos de plantão.

32. Hão de trazer o que me prometeram! Ora, se hão!

4. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que as formas **mal** ou **mau** estão utilizadas de acordo com a norma culta.

a) Mau-agradecidas, as juízas se postaram diante do procurador, a exigir recompensas.

b) Seu mal humor ultrapassava os limites do suportável.

c) Mal chegou a dizer isso, e tomou um sopapo que o lançou longe.

d) As respostas estavam mau dispostas sobre a mesa, de forma que ninguém sabia a sequência correta.

e) Então, mau ajeitada, desceu triste para o salão, sem perceber que alguém a observava.

5. (Ibmec) Assinale a alternativa que preenche **corretamente** as lacunas do texto abaixo.

"___ anos que não ___ via, parecia que jamais falariam de novo. No entanto, quando ___ mágoa passa, fica aquela vontade de desdizer as ofensas, de re-elaborar os pensamentos, de pedir perdão... ___ vezes, não é bom voltar ___ que já se fez, é melhor tocar a vida adiante e pensar que dali ___ algum tempo nada mais fará sentido".

a) Há, a, a, Às, aquilo, à.

b) A, a, à, As, àquilo, a.

c) Há, a, a, Às, àquilo, à.

d) Há, a, a, Às, àquilo, a.

e) A, há, à, As, aquilo, à.

6. (ESPM-SP) Embora de uso recorrente, uma das frases abaixo apresenta **forma verbal não** prevista pela norma culta. Assinale-a:

a) Inspeção ambiental veicular se adequa às medidas para reduzir a poluição na Grande São Paulo.

b) É importante que os paulistanos adiram às recomendações da Cetesb para minimizar a poluição do ar.

c) Mesmo que os postos de combustíveis mantivessem controle das emissões por evaporação, não resolveria a questão por completo.

d) Quando o Conselho Nacional de Meio Ambiente revir as emissões de gases e ruídos dos veículos, haverá provavelmente uma melhora na qualidade do ar.

e) Se manter o veículo bem regulado é fundamental para o meio ambiente, então a inspeção deve ser obrigatória.

7. (FGV-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente o espaço da frase: Descubra ... os bons sofrem.

a) Porquê.

b) O porquê.

c) Por quê.

d) Porque.

e) Por que.

8. (ITA-SP) Das opções abaixo, cujos textos foram extraídos do Manual do Proprietário de um carro, a única alternativa que **não** apresenta inadequação quanto à construção ou ao emprego de palavra é

a) Se o veículo costuma permanecer imobilizado por mais de duas semanas ou se é utilizado em pequenos percursos, com frequência não diária (...) adicione um frasco de aditivo.

b) Algumas [instruções], todavia, merecem atenção especial, em virtude das graves consequências que sua não observância pode representar para a integridade física dos ocupantes e para o funcionamento do veículo.

c) Ao calibrar os pneus, não se esqueça de examinar também o de reserva. Veja instruções na Seção 7, sob Pneus.

e) Somente se a utilização do veículo ocorrer essencialmente nas rodovias asfaltadas na maior parte do tempo é que se pode proceder à troca de óleo a cada 6 meses ou 10 000 km, o que primeiro ocorrer.

e) O uso dos cintos de segurança deve também ser rigorosamente observado em veículos equipados com sistema "Air bag", que atua como complemento a este sistema.

9. (PUC-PR) Indique a frase em que o **se** está empregado adequadamente.

a) O acusado se reserva-se o direito de não dar entrevistas.

b) Até que ponto a vida no campo se difere da vida urbana?

c) O lixo se prolifera cada vez mais nos grandes centros.

d) Estima-se em mais de 4.000 o número de voos ilegais no espaço aéreo brasileiro, anualmente.

e) Não esqueça-se dos seus remédios, na hora certa!

10. (Ufes) Frequentemente, nas redações escolares, usa-se inadequadamente *onde* em lugar de *em que*. Considere os fragmentos de redações escolares abaixo e assinale a alternativa que contém o emprego **adequado**:

a) O Brasil é um país **onde** ainda se registra a existência de milhões de pessoas na condição de iletrados.

b) Este milênio vem em boa hora, num momento **onde** todos os povos fortalecem sentimentos de esperança por dias melhores.

c) Em nossos dias, é difícil ter um amor verdadeiro **onde** a pessoa possa apoiar-se e se dar bem na vida.

d) A preservação do emprego tornou-se a maior preocupação do trabalhador neste início de século, **onde** a baixa qualificação profissional aumenta a exclusão social.

e) A criança começa a frequentar a escola com seis ou sete anos. É uma idade maravilhosa **onde** ela ainda está descobrindo a vida e necessita de uma orientação.

11. (UEM-PR) Assinale todo período em que o termo em destaque está registrado **incorretamente**.

01. Não meta o nariz **aonde** não deve.

02. Vestibulandos, **benvindos** à UEM!

04. Foi fruto de um **mal**-entendido ou de **mau**-olhado?

08. Nesta **cessão** trabalham somente moças. Isso é **descriminação**.

16. Ignoro **porque** meu colega ainda não chegou.

32. Os **cidadãos**, **guardiães** da Pátria, tornaram-se os fiscais do Sarney.

12. (PUCCamp-SP) Das cinco alternativas apresentadas nesta questão, apenas uma completa adequadamente as sentenças abaixo. Aponte-a.

I. Afinal, chegou o presente ... tanto esperávamos.

II. ... você vai com tanta pressa?

III. ... de dois meses, mudamos para este bairro.

a) por que, aonde, há cerca

b) porque, onde, acerca

c) por que, onde, a cerca

d) porque, onde, há cerca

e) porque, aonde, a cerca

13. (PUC-SP) Texto:

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se é loucura... se é verdade
Tanto horror perante os céus...
Ó mar! por que não apagas
Coa esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?...
Astros! noites! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!

(Castro Alves)

A palavra *porque* tem diferentes grafias, dependendo do sentido em que é empregada. No texto em questão, ela aparece assim grafada: *por que*.

a) Explique esse emprego.

b) Preencha os espaços abaixo, grafando corretamente a referida palavra em cada um dos seguintes períodos.

I. Não sei o ... deste horror.

II. Ó mar! Não apagas este borrão, ... ?

III. O poeta sente-se indignado ... a situação a que se refere é aviltante para o ser humano.

14. (UFV-MG) Assinale a única alternativa em que a expressão *porque* deve vir separada.

a) Em breve compreenderás porque tanta luta por um motivo tão simples.

b) Não compareci à reunião porque estava viajando.

c) Se o Brasil precisa do trabalho de todos é porque precisamos de um nacionalismo produtivo.

d) Ainda não se descobriu o porquê de tantos desentendimentos.

e) Choveu durante a noite, porque as ruas estão molhadas.

15. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da frase abaixo:

As transformações ... tem passado a sociedade parecem condenar o homem ... existência num mundo dominado pela máquina.

a) porque, à

b) porquê, à

c) por que, a

d) porque, a

e) por que, à

16. (UPM-SP) Assinale a alternativa que apresenta erro quanto ao emprego do *porquê*.

a) Não sei por que as cousas ocultam tanto mistério.

b) Os poetas traduzem o sentido das cousas sem dizer por quê.

c) Eis o motivo porque os meus sentidos aprenderam sozinhos: as cousas têm existência.

d) Por que os filósofos pensam que as coisas sejam o que parecem ser?

e) Os homens indagam o porquê das estranhezas das cousas.

17. (ITA-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.

Quando ... dois dias disse ... ela que ia ... Itália para concluir meus estudos, pôs-se ... chorar.

a) a, a, a, a

b) há, à, à, a

c) a, à, a, à

d) há, a, à, a

e) há, a, a, à

18. (Fuvest-SP) Assinale a frase gramaticalmente correta.

a) Não sei por que discutimos.

b) Ele não veio por que estava doente.

c) Mas porque não veio ontem?

d) Não respondi porquê não sabia.

e) Eis o porque da minha viagem.

19. (ESPM-SP) Use *a fim* ou *afim*, conforme a solicitação dos enunciados abaixo.

a) A ideia dela era ... à minha.

b) Ele não está ... de sair comigo.

20. (UEL-PR) "Ainda ... pouco, fez-se referência ... possíveis mudanças para daqui ... algumas semanas."

a) a, à, a

b) há, a, a

c) a, a, há

d) há, à, à

e) a, à, há

21. (UniFMU-SP) Assinale a alternativa correta.

a) Porque se formam as ilhas de calor, com a redução de áreas verdes?

b) Por quê se forma as ilhas de calor com a redução de áreas verdes?

c) Por que formam-se as ilhas de calor, com a redução de áreas verdes?

d) Por quê forma-se as ilhas de calor, com a redução de áreas verdes?

e) Por que se formam as ilhas de calor, com a redução de áreas verdes?

22. (UPM-SP) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas do período.

Não sei a razão ... as pessoas daquela ... espírita ficaram debatendo sobre a ... dos mortos.

a) por que, secção, reçurreição

b) por que, sessão, ressurreição

c) porque, seção, reçurreição

d) porquê, cessão, ressurreição

e) por que, sessão, ressureissão

23. (UPM-SP) Assinale a alternativa que completa adequadamente as lacunas do seguinte período.

Algumas pessoas não determinam ... provém sua insatisfação, porque não sabem ... vão os sentimentos, nem ... mora a consideração pelo próximo.

a) donde, onde, onde

b) donde, aonde, onde

c) aonde, onde, aonde

d) aonde, aonde, aonde

e) donde, aonde, aonde

24. (Fuvest-SP) "Diga ... elas que estejam daqui ... pouco ... porta da biblioteca."

a) à, há, a

b) a, há, à

c) a, a, à

d) à, a, a

e) a, a, a

25. (FCC-BA) "Age com ..., ... queres fazer ... à curiosidade alheia."

a) discreção, senão, conseções

b) discrição, se não, concessões

c) discrição, senão, conseções

d) discreção, se não, concessões

e) discreção, senão, concessões

26. (ITA-SP) Preencha os claros das sentenças.

Gastaram somas ... (vultosas, vultuosas) para evitar o perigo.

Ela tem o grave ... (se não, senão) de ser invejosa.

A cidade de que ... (há, a) pouco você falou não mais existe.

Ainda vou descobrir o ... (porquê, porque, por quê, por que) dessa polêmica.

Temos, respectivamente:

a) vultosas, senão, a, por quê

b) vultuosas, senão, a, porquê

c) vultuosas, senão, a, por que
d) vultosas, senão, há, porquê
e) vultosas, se não, há, porquê

27. (ITA-SP) Assinalar a alternativa correta.

a) Sinto-me contente quando minha bem amada não está mal humorada.
b) Sinto-me contente quando minha bem-amada não está mal-humorada.
c) Sinto-me contente quando minha bemamada não está mal humorada.
d) Sinto-me contente quando minha bem-amada não está mau humorada.
e) Sinto-me contente quando minha bem-amada não está mau-humorada.

28. (FCMSC-SP) Assinale a alternativa em que a palavra *que* está grafada erradamente.

a) Quê! Você ainda não tomou banho este mês!
b) Depois de tomar banho, ficou com um quê irresistível.
c) Você vive de quê? De brisa?
d) Quê beleza! Estou acertando tudo.
e) Poderiam ajudar em quê? Se nada entendiam...

29. (FCC-BA) "Pense nos ideais ... batalhamos há tanto tempo e diga-me ... fracassamos. Será ... fomos incapazes ou descuidados em algum ponto?"

a) por que, por que, por que
b) por que, por que, porque
c) porque, porque, por que
d) porque, por que, porque
e) por que, porque, por que

30. (FCC-BA) "Minha ... está ... por culpa não sei de ... ."

a) pesquisa, atrazada, quê
b) pesquiza, atrasada, quê
c) pesquisa, atrazada, que
d) pesquiza, atrasada, que
e) pesquisa, atrasada, quê

31. (FCMSC-SP) Observar as orações seguintes.

I. Por que não apontas a vendedora por que foste ludibriado?
II. A secretária não informa por que linha de ônibus chega-se ao exame.
III. Por que será que o governo não sabe o porquê da inflação?

Há erro na grafia:

a) em I apenas.
b) em duas apenas.
c) em II apenas.
d) em III apenas.
e) em nenhuma.

32. (UFPR) Complete as lacunas, usando adequadamente *mas, mais, mal, mau.*

Pedro e João, ... entraram em casa, perceberam que as coisas não estavam bem, pois sua irmã caçula escolhera um ... momento para comunicar aos pais que iria viajar nas férias; ... seus dois irmãos deixaram os pais ... sossegados quando disseram que a jovem iria com as primas e a tia.

a) mau, mal, mais, mas
b) mal, mal, mais, mais
c) mal, mau, mas, mais
d) mal, mau, mas, mas
e) mau, mau, mas, mais

33. (Fuvest-SP) Re-escreva, preenchendo as lacunas com *por que, porque, porquê, por quê.*

– ... é que você disse isso?
– Não sei bem ... .
– Não será ... tem inveja dele?
– Acho que não. Vou dizer-lhe a razão ... o disse.

Capítulo 29

Significação das palavras

Revista *Galileu*, fev. 2008.

Galileu. São Paulo: Globo, n. 199, fev. 2008. Capa.

Nesta capa de revista, os antônimos *bons* ou *maus* vêm reforçar a ideia transmitida pela imagem simetricamente dividida e criteriosamente colorida: o que determina a bondade ou a maldade no homem? É o que a matéria vai tentar explicar.

Relações de significado entre as palavras

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 2007. v. 4, p. 41.

Nesta tirinha, *grande* e *imenso* tornam-se antônimos de *pequenas coisas*.

Palavras de significados opostos como *ausência* e *presença* ou *sim* e *não* são chamadas **antônimos**.

Palavras de significados próximos são chamadas **sinônimos**. É o que ocorre, por exemplo, com palavras como *agradável, ameno, aprazível, deleitável, deleitoso, delicioso, grato, gostoso, saboroso*. Observe que os sentidos dessas palavras são próximos, mas não são exatamente equivalentes.

O uso de palavras sinônimas pode ser de grande utilidade nos processos de retomada de elementos que inter-relacionam as partes dos textos. Observe:

> Alguns segundos depois, apareceu **um menino**. Era **um garoto** magro, de pernas compridas e finas. Um típico **moleque**.

Apesar de cada uma dessas palavras ter seus matizes próprios de significação, são usadas no texto para designar um mesmo ser. Perceba, assim, que a relação de sinonímia não depende exclusivamente do significado das palavras isoladas, mas resulta também do emprego que têm nos textos.

Uma relação de significado muito importante para a construção de textos é a que se estabelece entre hiperônimos e hipônimos. **Hiperônimo** é uma palavra cujo significado é mais abrangente do que o do seu **hipônimo**: é o que acontece, por exemplo, com as palavras *veículo* e *carro* – *veículo* é hiperônimo de *carro* porque em seu significado está contido o significado de **carro**, ao lado do significado de outras palavras como *carroça, trem, caminhão. Carro* é um hipônimo de *veículo*. A relação entre hipônimos e hiperônimos é muito útil para a retomada de elementos textuais:

> Há muito tempo planejam derrubar aquele **ipê**. A velha **árvore** parece perturbar os administradores municipais.
>
> Proteja o **lobo-guará**. É um **animal** que corre risco de extinção.

São hiperônimos muito importantes palavras de sentido genérico como *coisa, fato, acontecimento, fenômeno, pessoa, ser*. Essas palavras são muito frequentes nos mecanismos de retomada de elementos textuais. Seu uso, entretanto, deve ser limitado a essa função, pois elas carecem da precisão característica dos hipônimos:

> A **ampliação da pobreza** compromete a estabilidade social do país e é um **fato** que não pode ser omitido em qualquer proposta séria de planejamento governamental.
>
> **A troca de insultos e sopapos** entre os deputados ganhou destaque nos jornais. O **acontecimento** foi recriminado em vários editoriais.

OBSERVAÇÃO

As relações de significado que envolvem a semelhança ou igualdade de sons e grafias de palavras – a **paronímia** e **homonímia** – já foram exaustivamente estudadas na seção deste livro dedicada à fonologia.

Central de tiras: 2003.
São Paulo: Via Lettera, 2003. p. 55.

Recordando: parônimos são palavras que apresentam grafias ou pronúncias semelhantes. Nesta tira, são parônimos as palavras *infração* (delito) e *inflação* (elevação dos preços).

Em livro

BOTTON, Alain de. *As consolações da filosofia.* Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

Filosofia é uma palavra que vem do grego, e quer dizer "amor à sabedoria". Ela se ocupa em buscar explicações racionais para o mundo e para a própria natureza humana. Questões sobre as origens da bondade e da maldade, por exemplo, fazem parte de seu objeto de estudo. E a Filosofia também pode nos ensinar a viver melhor. A partir das ideias de seis grandes filósofos, entre eles Sócrates e Schopenhauer, Alain de Botton coloca a filosofia em prática, e mostra que viver com sabedoria é mais fácil do que muitos imaginam.

Atividades

1. Complete as frases seguintes com um hiperônimo ou com uma palavra de sentido genérico.

a) O dono da fábrica negava-se a indenizar as famílias dos operários mortos com a explosão de uma caldeira. Esse (*) revoltou a população da cidade.

b) Vários automóveis foram arrastados pela correnteza. Alguns (*) foram encontrados muito longe do local onde haviam sido deixados por seus donos.

c) Cuidado com as bactérias com que você está lidando no laboratório. São (*) muitas vezes perigosos.

d) Grupos de refugiados chegam diariamente do sertão castigado pela seca. São (*) famintas, maltrapilhas, destruídas.

2. Substitua a forma do verbo *dar* pela forma apropriada de um dos sinônimos relacionados a seguir. Observe que as frases se tornam mais precisas com a substituição.

demonstrar	doar	oferecer	produzir
dedicar	atinar	bater	bastar

a) Dei vários livros à biblioteca da escola.
b) O time dava sinais evidentes de cansaço.
c) Não escovar os dentes dá mau hálito.
d) Este lugar não nos dá nenhum conforto.
e) Dá o que tem de melhor aos filhos.
f) Tive de dar garantias.
g) Dava nos outros por qualquer coisa.
h) Até que enfim deram com a resposta certa.
i) Deram seis horas no relógio da pracinha.
j) O salário não dá para viver nesta cidade.

3. Este exercício é semelhante ao anterior; o verbo a ser substituído agora é *fazer*.

produzir	fingir-se	conceber	formar
gravar	causar	construir	montar
gerar	induzir	forçar	juntar

a) Sou capaz de fazer uma mesa em poucas horas.
b) Faz um disco por ano.
c) O medo faz mais admiradores que a paixão.
d) Faz pena vê-lo assim.
e) O trânsito brasileiro faz muitas vítimas.
f) Ele se fez de desentendido.
g) Fiz que tomasse uma atitude.
h) Não se pode fazer uma ideia do sofrimento daquelas pessoas.
i) A esposa fez uma bela poupança nesses anos.
j) Os investigadores fizeram o rapaz confessar o crime.

Textos para análise

1

Você lava e os vizinhos secam.

IstoÉ Dinheiro. São Paulo: Três, 25 ago. 1999. p. 12-3.

Trabalhando o texto

O que há de particularmente interessante em relação ao significado das palavras no texto acima? Comente.

2

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 2007. v. 5, p. 111.

Trabalhando o texto

O que provoca o humor na tirinha?

3

Revista *Vida Simples*, abr. 2006.

Vida Simples. São Paulo: Abril, ed. 44, ago. 2006. Capa.

Trabalhando o texto

1. Nesta capa de revista, considere os efeitos de sentido obtidos com o emprego dos antônimos.
2. Um sinônimo do verbo *ganhar* poderia ter sido utilizado no texto, tornando-o ainda mais harmônico. Qual?

4

O quereres

Onde queres revólver sou coqueiro
E onde queres dinheiro sou paixão
Onde queres descanso sou desejo
E onde sou só desejo queres não
E onde não queres nada nada falta
E onde voas bem alta eu sou o chão
E onde pisas o chão minha alma salta
E ganha liberdade na amplidão

Onde queres família sou maluco
E onde queres romântico, burguês
Onde queres Leblon sou Pernambuco
E onde queres eunuco, garanhão
E onde queres o sim e o não, talvez
Onde vês eu não vislumbro razão
Onde queres o lobo eu sou o irmão
E onde queres *cowboy* eu sou chinês

Ah! bruta flor do querer
Ah! bruta flor bruta flor

Onde queres o ato eu sou espírito
E onde queres ternura eu sou tesão
Onde queres o livre, decassílabo
E onde buscas o anjo sou mulher
Onde queres prazer sou o que dói
E onde queres tortura, mansidão
Onde queres um lar, revolução
E onde queres bandido sou herói

Eu queria querer-te e amar o amor
Construir-te dulcíssima prisão
E encontrar a mais justa adequação
Tudo métrica e rima e nunca dor
Mas a vida é real e de viés
E vê só que cilada o amor me armou
Eu te quero (e não queres) como sou
Não te quero (e não queres) como és

Ah! bruta flor do querer
Ah! bruta flor bruta flor

Onde queres comício, *flipper*-vídeo
E onde queres romance, *rock'n'roll*
Onde queres a lua eu sou o sol
Onde a pura natura, o inseticídio
E onde queres mistério eu sou a luz
Onde queres um canto, o mundo inteiro
Onde queres quaresma, fevereiro
E onde queres coqueiro sou obus
O quereres e o estares sempre a fim
Do que em mim é de mim tão desigual
Faz-me querer-te bem, querer-te mal
Bem a ti, mal ao quereres assim
Infinitivamente pessoal
E eu querendo querer-te sem ter fim
E, querendo-te, aprender o total
Do querer que há e do que não há em mim.

VELOSO, Caetano. Disponível em: <www.caetanoveloso.com.br>. Acesso em 21 jul. 2008.

Trabalhando o texto

1. Explique a expressão "infinitivamente pessoal" (última estrofe).

2. Indique o que, a seu ver, significam as oposições entre:

a) família/maluco
b) romântico/burguês
c) Leblon/Pernambuco
d) lobo/irmão
e) *cowboy*/chinês
f) livre/decassílabo
g) anjo/mulher
h) comício/*flipper*-vídeo
i) romance/*rock'n'roll*

3. Explique e comente a imagem "dulcíssima prisão".

4. Qual a importância da aproximação de antônimos para a construção do texto?

5. A relação de antonímia é absoluta ou depende de contextos? Explique com base em elementos do texto.

Em DVD

Divulgação

***Romeu e Julieta*. Direção de Franco Zeffirelli. Itália/França: Paramount Pictures, 2003. (138 min).**

A música de Caetano Veloso canta o tema do amor, mas problematiza as discordâncias que marcam um relacionamento amoroso. A obra máxima que tematiza o amor e que, ao contrário da música, enfatiza a paixão incondicional entre os amantes é *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare. A história é sublime, poética e sensível, e mostra que o amor não conhece limites. O filme homônimo, dirigido por Franco Zeffirelli, recria com detalhes a história de amor mais famosa da literatura ocidental.

Questões de exames e concursos

1. (Fuvest-SP)

É impossível colocar em série exata os fatos da infância porque há aqueles que já acontecem permanentes, que vêm para ficar e doer, que nunca mais são esquecidos, que são sempre trazidos tempo afora, como se fossem dagora. É a carga. Há os outros, miúdos fatos, incolores e quase sem som – que mal se deram, a memória os atira nos abismos do esquecimento. Mesmo próximos eles viram logo passado remoto. Surgem às vezes, na lembrança, como se fossem uma incongruência. Só aparentemente sem razão, porque não há associação de ideias que seja ilógica. O que assim parece, em verdade, liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas – raízes lógicas! – de que emergem os pequenos caules isolados – aparentemente ilógicos! só aparentemente! – às vezes chegados à memória vindos do esquecimento, que é outra função ativa dessa mesma memória.

Pedro Nava, *Baú de ossos*.

O que Pedro Nava afirma no final do texto ajuda a compreender o título do livro *Esquecer para lembrar*, de Carlos Drummond de Andrade, título que contém:

a) um paradoxo apenas aparente, já que designa uma das operações próprias da memória.

b) uma contradição insuperável, justificada apenas pelo valor poético que alcança.

c) uma explicação para a dificuldade de se organizar de modo sistemático os fatos lembrados.

d) uma fina ironia, pois a antítese entre os dois verbos dá a entender o inverso do que nele se afirma.

e) uma metáfora, já que o tempo do esquecimento e o tempo da lembrança não podem ser simultâneos.

2. (UFRJ)

Na contramão dos carros ela vem pela calçada, solar e musical, para diante de um pequeno jardim, uma folhagem, na entrada de um prédio, colhe uma flor inesperada, inspira e ri, é a própria felicidade – passando a cem por hora pela janela. Ainda tento vê-la no espelho mas é tarde, o eterno relance. Sua imagem quase embriaga, chego no trabalho e hesito, por que não posso conhecer aquilo? – a plenitude, o perfume inusitado no meio do asfalto, oculto e óbvio. Sempre minha cena favorita.

Ela chegaria trazendo esquecimentos, a flor no cabelo. Eu estaria à espera, no jardim.

E haveria tempo.

CASTRO, Jorge Viveiros de. *De todas as únicas maneiras & outras*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2002. p. 113.

A expressão "eterno relance" compõe-se de dois vocábulos que implicam noções diferentes acerca do tempo. Explique o uso dos vocábulos combinados na expressão acima, em sua relação com a ideia central do texto.

3. (Unesp) Instrução: A questão toma por base um trecho do romance *Vidas Secas*, do escritor modernista Graciliano Ramos (1892-1953).

Vidas secas

A vida na fazenda se tornara difícil. Sinhá Vitória benzia-se tremendo, manejava o rosário, mexia os beiços rezando rezas desesperadas. Encolhido no banco do copiar, Fabiano espiava a catinga amarela, onde as folhas secas se pulverizavam, trituradas pelos redemoinhos, e os

garranchos se torciam, negros, torrados. No céu azul as últimas arribações tinham desaparecido. Pouco a pouco os bichos se finavam, devorados pelo carrapato. E Fabiano resistia, pedindo a Deus um milagre.

Mas quando a fazenda se despovoou, viu que tudo estava perdido, combinou a viagem com a mulher, matou o bezerro morrinhento que possuíam, salgou a carne, largou-se com a família, sem se despedir do amo. Não poderia nunca liquidar aquela dívida exagerada. Só lhe restava jogar-se ao mundo, como negro fugido.

Saíram de madrugada. (...)

Desceram a ladeira, atravessaram o rio seco, tomaram rumo para o Sul. Com a fresca da madrugada, andaram bastante, em silêncio, quatro sombras no caminho estreito coberto de seixos miúdos – os meninos à frente, conduzindo trouxas de roupas, Sinhá Vitória sob o baú de folha pintada e a cabaça de água, Fabiano atrás de facão de rasto e faca de ponta, a cuia pendurada por uma correia amarrada ao cinturão, o aió a tiracolo, a espingarda de pederneira num ombro, o saco da matalotagem no outro. Caminharam bem três léguas antes que a barra do nascente aparecesse.

Fizeram alto. E Fabiano depôs no chão parte da carga, olhou o céu, as mãos em pala na testa. Arrastara-se até ali na incerteza de que aquilo fosse realmente mudança. Retardara-se e repreendera os meninos, que se adiantavam, aconselhara-os a poupar forças. A verdade é que não queria afastar-se da fazenda. A viagem parecia-lhe sem jeito, nem acreditava nela. Preparara-a lentamente, adiara-a, tornara a prepará-la, e só se resolvera a partir quando tudo estava definitivamente perdido. Podia continuar a viver num cemitério? Nada o prendia àquela terra dura, acharia um lugar menos seco para enterrar-se.

Graciliano Ramos. *Vidas secas*. 1.ª edição: 1938.

Certas expressões ganham sentidos diferentes, dependendo do contexto ou da situação em que ocorrem. Assim, os adjetivos *secas* ou *torrados*, de *Vidas Secas*, estão impregnados de uma conotação negativa, diferentemente de *secas* ou *torrados* em contextos como *ameixas secas* ou *amendoins torrados*, onde são positivos. Pensando nessas possibilidades,

a) explique que sentido tem a expressão *céu azul*, para Fabiano, na frase "No céu azul as últimas arribações tinham desaparecido";

b) construa uma frase em que o contexto atribua a essa mesma expressão uma conotação positiva.

4. (UPM-SP)

01 Pois ia me esquecendo: o Vupes! (...) Esse um era

02 estranja, alemão, o senhor sabe: clareado, constituído

03 forte, com os olhos azuis, esporte de alto, leandrado,

04 rosalgar – indivíduo mesmo. Pessoa boa. Homem

05 sistemático, salutar na alegria séria. Hê, hê, com

06 toda a confusão de política e brigas, por aí, e ele

07 não somava com nenhuma coisa: viajava sensato,

08 e ia desempenhando seu negócio dele no sertão –

09 que era de trazer e vender de tudo para os fazendeiros:

10 arados, enxadas, debulhadora, facão de aço, ferramentas

11 rógers e roscofes (...). Diz-se que vive até hoje, mas

12 abastado na capital – e que é dono de venda grande,

13 loja, conforme prosperou.

João Guimarães Rosa, *Grande sertão: veredas*.

Obs.: roscofe = marca de relógios muito difundida antigamente no interior por serem os mais baratos, embora de qualidade inferior.

Assinale a alternativa correta.

a) A expressão *indivíduo mesmo* denota que o alemão era considerado um tipo comum, que não chamava a atenção por sua singularidade.

b) Os termos que estão depois dos dois-pontos em *de tudo para os fazendeiros: arados, enxadas, debulhadora, facão de aço, ferramentas rógers e roscofes* exercem a mesma função sintática dos destacados em "Ela pediu: *café, açúcar* e *biscoitos*".

c) Em *com toda a confusão de política e brigas, por aí, e ele não somava com nenhuma coisa*, a correlação entre por aí e *e ele* expressa a ideia de que o alemão se comporta como o esperado.

d) Em *seu negócio dele no sertão*, a repetição do pronome é obrigatória, porque o emprego só de *seu* – "desempenhando o seu negócio" – ou só de *dele* – "desempenhando o negócio dele" – originaria ambiguidade.

e) A expressão *alegria séria* traduz a coexistência pacífica, no alemão, de características que logicamente seriam excludentes.

5. (UFRJ)

Viver

Vovô ganhou mais um dia. Sentado na copa, de pijama e chinelas, enrola o primeiro cigarro e espera o gostoso café com leite.

Lili, matinal como um passarinho, também espera o café com leite.

Tal e qual vovô.

Pois só as crianças e os velhos conhecem a volúpia de viver dia a dia, hora a hora, e suas esperas e desejos nunca se estendem além de cinco minutos...

QUINTANA, Mário. *Sapato florido*. 1.ª reimpr. Porto Alegre: Globo, 2005.

Explique a semelhança entre a caracterização da vida na infância e na velhice, expressa no texto *Viver*, e identifique um recurso linguístico que traduza essa semelhança.

6. (UFPel-RS)

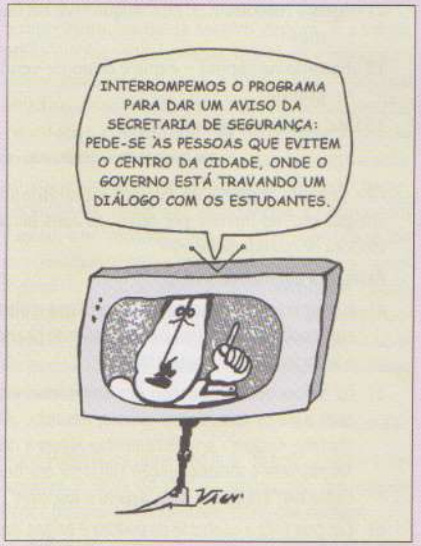

Charge de Vago publicada no *Correio da Manhã*, em 1968.

A charge expressa a conjuntura política na qual:

a) foi imposto o *Ato Institucional n.º 5*, no Brasil, e a fala é uma ironia, recurso linguístico utilizado para burlar a censura. Naquele momento, também ocorreram massivas contestações políticas na França e nos EUA.

b) ocorreu a Campanha da Legalidade, para que João Goulart assumisse a presidência da República; e a ironia da fala remete ao fato de que, nesse período, todos os avisos eram dados à população através de metáforas.

c) foi instituído o parlamentarismo, que teve Tancredo Neves como primeiro-ministro; e a referência aos estudantes na fala é irônica, visto que o "diálogo" significava espancamento e prisões dos estudantes.

d) ocorreu o processo de abertura política após a explosão na festa no Rio-Centro, o que faz a ironia da palavra *diálogo*, utilizada na notícia, apropriada, considerando a situação vivida no período.

e) o autoritarismo militar vigorou após o golpe que depôs João Goulart, sendo que, nesse período, os setores artísticos e culturais – que se opunham ao governo – manifestavam-se, de forma uníssona, através de discursos irônicos.

7. (UFPI) Um jornal de Teresina publicou uma notícia sobre um incêndio. Preencha a manchete abaixo de forma a organizá-la partindo do **geral** para o **específico**.

ESPETÁCULO GRATUITO PROMOVIDO PELO FOGO DESTRÓI ..., QUEIMA ... E DEITA POR TERRA ... NA CIDADE DE TERESINA.

Assinale a alternativa que completa corretamente a manchete.

a) casas – construções – dormitórios

b) casas – dormitórios – construções

c) dormitórios – construções – casas

d) construções – casas – dormitórios

e) construções – dormitórios – casas

8. (UEL-PR) "A ... com que agia, mascarava suas atitudes ... contra os mestiços."

a) descrição, discriminatórias

b) discreção, descriminatórias

c) discrição, descriminatórias

d) descrição, descriminatórias

e) discrição, discriminatórias

9. (Fuvest-SP) "A ... científica do povo levou-o a ... de feiticeiros os ... em astronomia."

a) insipiência, tachar, expertos

b) insipiência, taxar, expertos

c) incipiência, taxar, espertos

d) incipiência, tachar, expertos

e) insipiência, taxar, espertos

10. (Unifeb-SP) Considerando a significação das palavras apresentadas abaixo, escolher a opção que relaciona seus sinônimos, atentando para a grafia deles.

notável conceder principiante
confirmar desterrar

a) iminente, diferir, insipiente, retificar, proscrever
b) eminente, deferir, insipiente, ratificar, prescrever
c) iminente, diferir, incipiente, ratificar, prescrever
d) eminente, deferir, incipiente, ratificar, proscrever
e) eminente, diferir, insipiente, retificar, proscrever

11. (Efei-MG) Em que item os significados dos parônimos estão trocados?

a) **feroz** = bravio, perverso; **feraz** = fértil, fecundo
b) **sortir** = prover, abastecer; **surtir** = originar, produzir
c) **prescrever** = abolir, extinguir; **proscrever** = ordenar, determinar
d) **ratificar** = validar, comprovar; **retificar** = corrigir, emendar
e) **destratar** = insultar, descompor; **distratar** = anular, desfazer

12. (Fuvest-SP) "No último ... da orquestra sinfônica, houve ... entre os convidados, apesar de ser uma festa ... ."

a) conserto – flagrantes descriminações – beneficente
b) concerto – fragrantes discriminações – beneficiente
c) conserto – flagrantes descriminações – beneficiente
d) concerto – fragrantes discriminações – beneficente
e) concerto – flagrantes discriminações – beneficente

13. (UFMG) Assinale a alternativa em que o significado não corresponde à palavra dada.

a) expiar = pagar (a culpa), remir
b) secção = corte, divisão
c) sela = arreio
d) hera = planta trepadeira
e) concertar = remendar, tornar certo

14. (FMPA-MG) Assinale o item em que a palavra destacada está incorretamente aplicada.

a) Trouxeram-me um ramalhete de flores **fragrantes**.
b) A justiça **infligiu** a pena merecida aos desordeiros.
c) Promoveram uma festa **beneficiente** para a creche.
d) Devemos ser fiéis ao **cumprimento** do dever.
e) A **cessão** de terras compete ao Estado.

15. (FCC-BA) "Como os gastos foram..., solicitamos que os preços sejam ... ."

a) escessivos, discriminados
b) excescivos, discriminados
c) excessivos, descriminados
d) excessivos, discriminados
e) escessivos, descriminados

16. (FCC-BA) "O ... do deputado foi ... ."

a) mandado, caçado
b) mandado, cassado
c) mandato, cassado
d) mandato, caçado
e) mandato, casçado

17. (PUCCamp-SP) Escolha, entre as alternativas, a que propõe a substituição dos termos ou expressões em destaque, sem que haja alteração do sentido da sentença apresentada abaixo.

Parecia **estar prestes a acontecer** a desclassificação, pois os jogadores demonstraram usar métodos **pouco sábios** na **realização** dos preparativos finais para a partida decisiva.

a) emimente, incípidos, concecussão
b) eminente, insipientes, consequência
c) iminente, insipientes, consecução
d) eminente, insípidos, concecussão
e) iminente, incipientes, consequência

18. (Fuvest-SP) Explique a diferença de sentido entre:

a) Ele invocou o argumento precedente.
b) Ele invocou o argumento procedente.

19. (Fuvest-SP) Indique a alternativa correta.

a) O ladrão foi apanhado em flagrante.
b) Ponto é a intercessão de duas linhas.
c) As despesas de mudança serão vultuosas.
d) Assistimos a uma violenta coalizão de caminhões.
e) O artigo incerto na Revista de Ciências foi lido por todos nós.

20. (UFG) Leia as frases seguintes.

1. Assisti a um ... da máquina.
2. Os ... não são ignorantes.
3. Ele fez ao filho a ... de uma parte das terras.
4. De tempo em tempo se faz um novo ... da população.

Escolha a alternativa que oferece a sequência certa de vocábulos para a sequência das lacunas.

a) conserto, incipientes, sessão, censo

b) concerto, insipientes, seção, senso

c) conserto, insipientes, secção, censo

d) conserto, incipientes, cessão, censo

e) concerto, incipientes, cessão, senso

21. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa em que a frase esteja gramaticalmente correta.

a) Foi graças a interseção do diretor que consegui renovar a matrícula.

b) Entre os índios, a pior ofensa era ser tachado de covarde.

c) Li, na sessão policial do matutino, que "o criminoso cozera o desafeto a faca".

d) Apresentadas aquelas provas concludentes, o réu foi absorto.

e) A falsificação da minha rúbrica não convenceu a ninguém.

22. (Fatec-SP) Indique a frase em que as palavras destacadas apresentam a mesma relação semântica que *estranho* e *conhecido*.

a) A participação em nosso grupo provoca sentimentos de **segurança** e **bem-estar**.

b) No outro extremo, o estrangeiro provoca a nossa **desconfiança**, às vezes, o nosso **medo**.

c) Sentimos que aqueles que mais nos **conhecem** são também capazes de **ignorar** o que de melhor trazemos conosco.

d) As situações novas, além disso, são **atraentes** e **provocantes**.

e) Frequentemente sonhamos com **o país distante**, **a terra prometida** onde possamos realizar nossos desejos.

Capítulo 30

Noções elementares de estilística

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 2007. v. 4, p. 91.

Na frase "O homem não vive só de pão" as palavras *homem* e *pão* são empregadas de maneira figurada: *homem*, substantivo no singular, na verdade, está no lugar de *homens* ou *gênero humano*; *pão*, no lugar de *alimento*. Assim utilizadas, tais palavras constituem metonímias.

Foi assim que Hagar entendeu, e assim nós entendemos no primeiro quadrinho da tira. No segundo, porém, percebemos que o cartunista joga com o sentido desses termos, pois Eddie Sortudo utiliza pão no sentido próprio e não como palavra que simboliza alimento. E com esse jogo cria o humor da tira.

1. Introdução

A estilística estuda a utilização da linguagem como meio de exteriorização de dados emotivos e estéticos. Seu objeto de estudo são os processos de manipulação da linguagem que permitem a quem fala ou escreve mais do que simplesmente informar — interessam principalmente as possibilidades de sugerir conteúdos emotivos e intuitivos por meio das palavras e da sua organização.

Neste capítulo, vamos fazer um estudo bastante breve dessas possibilidades, que fogem ao âmbito dos estudos gramaticais.

2. Recursos fonológicos

Os sons da língua podem ser organizados de forma a transmitir sugestões e conteúdos intuitivos. Uma das formas de se conseguir isso é a **aliteração**, ou seja, a repetição de uma mesma consoante numa sequência linguística, como ocorre com /v/ e /l/ no trecho seguinte:

"Vozes veladas, veludosas vozes,
Volúpias dos violões, vozes veladas,
Vagam nos velhos vórtices velozes
Dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas."

(Cruz e Sousa)

A repetição de uma mesma vogal numa sequência linguística recebe o nome de **assonância**. É o que ocorre com /ã/ e /õ/ em:

"E bamboleando em ronda
dançam bandos tontos e bambos
de pirilampos."

(Guilherme de Almeida)

A tentativa de reproduzir linguisticamente sons e ruídos do mundo natural constitui a **onomatopeia**:

"Lá vem o vaqueiro pelos atalhos,
tangendo as reses para os currais.
Blem... blem... blem... cantam os chocalhos
dos tristes bodes patriarcais.
E os guizos finos das ovelhinhas ternas
dlin... dlin... dlin...
E o sino da igreja velha:
bão... bão... bão..."

(Ascenso Ferreira)

A poesia, principalmente, explora esses e outros recursos sonoros da linguagem. O estudo dos ritmos e dos padrões métricos da linguagem poética foge ao âmbito dos estudos gramaticais. Para conhecê-los, devem-se procurar as obras especializadas e principalmente os bons poemas da língua portuguesa.

3. Recursos morfológicos

Os casos mais comuns de exploração expressiva de recursos morfológicos estão relacionados com o uso de determinados sufixos. É muito frequente o emprego dos sufixos aumentativos e diminutivos para exprimir conteúdos afetivos nem sempre relacionados com a dimensão física dos seres. É o caso de palavras como *mulherão* ou *coitadinho*, que fazem referência respectivamente à beleza e às características psicológicas dos seres designados. Tratamos desses e de outros casos quando estudamos a estrutura e a formação das palavras.

4. Recursos sintáticos

A sintaxe é uma fonte inesgotável de recursos expressivos. Algumas formas de obter efeitos sutis de significação:

a. **assíndeto**, ou coordenação de termos ou orações sem utilização de conectivo. Esse recurso costuma imprimir lentidão ao ritmo narrativo:

"Foi apanhar gravetos, trouxe do chiqueiro das cabras uma braçada de madeira meio roída pelo cupim, arrancou touceiras de macambira, arrumou tudo para a fogueira."

(Graciliano Ramos)

b. **polissíndeto**, ou repetição do conectivo na coordenação de termos ou orações. Esse recurso costuma acelerar o ritmo narrativo:

"O amor que a exalta e a pede e a chama e a implora."

(Machado de Assis)

Em livro

GLEDSON, John (Org.). *50 contos de Machado de Assis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Machado de Assis, o bruxo de Cosme Velho, é mais conhecido por seus romances, verdadeiros pilares da nossa literatura. Ninguém se atreve a dizer que nunca ouviu falar de *Dom Casmurro* ou *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Mas Machado também emprestou seu talento literário para a produção de contos, dos quais cinquenta foram reunidos por John Gledson, crítico especialista em Machado de Assis. Nessa coletânea há histórias conhecidas, como "A cartomante" e "Missa do Galo", e outras que, embora menos famosas, merecem ser lidas.

c. **inversão** da ordem normal dos termos da oração ou da frase. O termo deslocado de sua posição normal recebe forte ênfase. A inversão não é privilégio da linguagem literária, ocorrendo também no uso cotidiano da linguagem:

Das minhas coisas cuido eu! Professor já não sou.

d. **repetição** de termos ou de estruturas sintáticas (chamada de anáfora quando ocorre no início de duas ou mais frases sucessivas). É um recurso de ênfase e coesão, de que falamos em vários momentos de nossos estudos.

e. **anacoluto**, ou ruptura da ordem lógica da frase. É um recurso muito utilizado nos diálogos, que procuram reproduzir na escrita a língua falada: "Quem ama o feio, bonito lhe parece" (dita de acordo com a "lógica", essa frase se transformaria em "O feio parece bonito a quem o ama").

f. **silepse** ou concordância ideológica, estudada no capítulo dedicado à concordância verbal e nominal.

5. Recursos semânticos

A exploração dos significados das palavras gera duas figuras principais: a metáfora e a metonímia.

A **metáfora** ocorre quando uma palavra passa a designar alguma coisa com a qual não mantém relação objetiva. Na base de toda metáfora está um processo comparativo. Observe:

Senti a seda do seu rosto em meus dedos.

Seda, na frase acima, é uma metáfora. Por trás do uso dessa palavra para indicar uma pele extremamente agradável ao tato, há várias operações de comparação: a pele descrita é tão agradável ao tato quanto a seda; a pele descrita é uma verdadeira seda; a pele descrita pode ser chamada seda.

Em CD

Divulgação

Chico Buarque. Gota d'água. In: *Chico 50 anos: o político* (CD). Universal Music, 1989.
O CD reúne a maioria das canções que Chico dedicou à crítica da política de seu tempo. Censuradas em sua época, músicas como "Cálice" e "Construção" fazem parte do repertório selecionado. Destaque também para a música "Gota d'água", em que Chico constrói metáforas bem expressivas.

A **metonímia** ocorre quando uma palavra é usada para designar alguma coisa com a qual mantém uma relação de proximidade, contiguidade etc. Observe:

Meus olhos estão tristes porque você decidiu partir.

Olhos, na frase acima, é uma metonímia. Na verdade, essa palavra, que indica uma parte do ser humano, está sendo usada para designar o ser humano completo.

Outras formas de explorar significados de maneira expressiva são:

a. **antítese**, ou aproximação de antônimos. Releia o texto "O quereres", do capítulo anterior, para observar como esse recurso pode ser explorado à exaustão.

b. **eufemismo**, ou atenuamento intencional da expressão em certas situações:
Falta-lhe inteligência para compreender isso.

c. **hipérbole**, ou exagero intencional da expressão:
Faria isso mil vezes se fosse preciso.

d. **ironia**, que consiste em, aproveitando-se do contexto, utilizar palavras que devem ser compreendidas no sentido oposto do que aparentam transmitir. É um poderoso instrumento para o sarcasmo:
Muito competente aquele candidato! Construiu viadutos que ligam nenhum lugar a lugar algum.

Pancho

Disponível em <portal.rpc.com.br/gazetadopovo/charges/index.phtml?foffset=24&offset=&ch=Pancho>. Acesso em: 21 jul. 2008.

O humor desta charge baseia-se na ironia. Como poderiam duas pessoas que nada têm interessar-se por um assunto cujo foco é "envelhecer com qualidade de vida"? O sarcasmo do chargista fica evidente pela própria situação – dois homens maltrapilhos em torno de uma fogueira leem sobre qualidade de vida – e pelo paradoxo contido nas últimas palavras da frase: como seria possível "morrer saudável"?

e. **gradação**, que consiste em encadear palavras cujos significados têm efeito cumulativo:

Os grandes projetos de colonização resultaram em pilhas de papéis velhos, restos de obras inacabadas, hectares de floresta devastada, milhares de famílias abandonadas à própria sorte.

f. **prosopopeia** ou **personificação**, que consiste em atribuir características de seres animados a seres inanimados ou características humanas a seres não-humanos:

A floresta gesticulava nervosamente diante do fogo que a devorava.

O ipê acenava-lhe brandamente, chamando-o para casa.

Textos para análise

1

Nunca sei ao certo
Se sou um menino de dúvidas
Ou um homem de fé

Certezas o vento leva
Só dúvidas continuam de pé

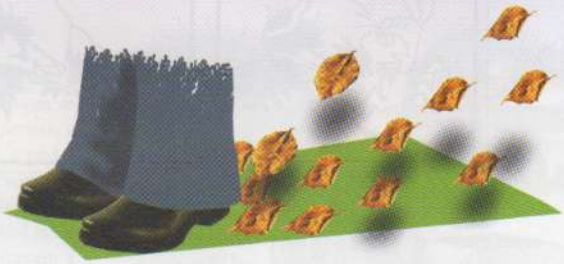

LEMINSKI, Paulo. *O ex-estranho*. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba/São Paulo: Iluminuras, 1996. p. 38.

2

NÃO TEM VISTA PRO MAR.
NÃO TEM SACADA.
NÃO TEM LUZ.
E ELES NÃO QUEREM SAIR
DE LÁ DE JEITO NENHUM.

Revista *Superinteressante*, mar. 2007. p. 19/Detalhe

Superinteressante. São Paulo: Abril, ed. 237, mar. 2007. p. 19.

3

FÉRIAS ENTRE FERAS

Revista *Os caminhos da Terra*, fev. 2008. p. 76/Detalhe

Os caminhos da Terra. São Paulo: Peixes, ano 15, n. 190, fev. 2008. p. 76-7.

4

Laerte

LAERTE. *Classificados: livro 3*. São Paulo: Devir, 2004. p. 63.

5

Um universo de encontros, de desencontros, de achados, de perdidos. Clique, acesse, descubra, mostre quem você é, quem você quer ser. Alguém pode estar esperando você do outro lado da tela. Ou não. Só existe um jeito de saber.

Revista *Superinteressante*, mar. 2007. p. 35/Detalhe

Superinteressante. São Paulo: Abril, ed. 237, mar. 2007. p. 35.

6

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM. 2007. v. 4, p. 126.

7

Janela sobre a história universal

Houve uma vez que foi a primeira vez, e então o bicho humano ergueu-se e suas quatro patas se transformaram em dois braços e duas pernas, e graças às pernas os braços ficaram livres e puderam fazer casa melhor que a copa das árvores ou a caverna do caminho. E tendo-se erguido, a mulher e o homem descobriram que é possível fazer amor cara a cara e boca a boca, e conheceram a alegria de olhar nos olhos durante o abraço de seus braços e o nó de suas pernas.

GALEANO, Eduardo. *As palavras andantes*. Porto Alegre: L&PM, 1994. p. 238.

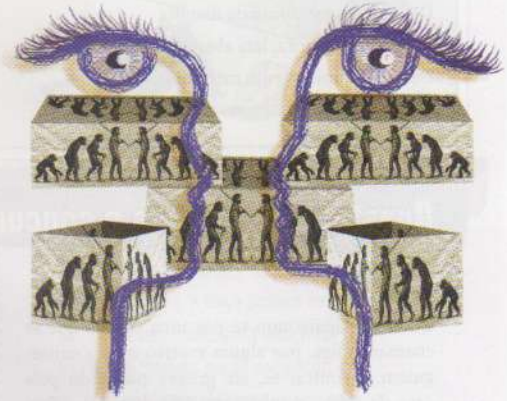

8

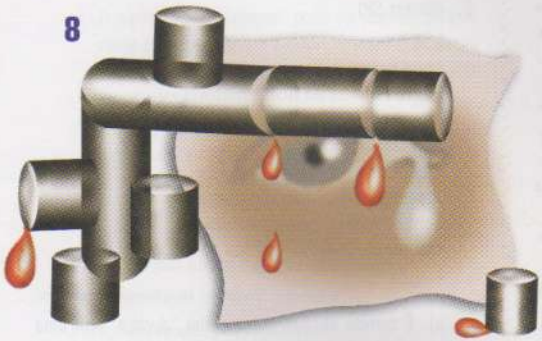

tutano no osso
miolo no crânio
berro no bolso
bala no cano
carne no aço
sangue no pano
planta o caroço
humano
no mano

ANTUNES, Arnaldo. *Boa companhia: poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 50.

Trabalhando os textos

Indique a(s) figura(s) de linguagem presente(s) em cada um dos textos apresentados.

9

Metáfora

Uma lata existe para conter algo
Mas quando o poeta diz: "Lata"
Pode estar querendo dizer o incontível

Uma meta existe para ser um alvo
Mas quando o poeta diz: "Meta"
Pode estar querendo dizer o inatingível

Por isso não se meta a exigir do poeta
Que determine o conteúdo em sua lata
Na lata do poeta tudonada cabe
Pois ao poeta cabe fazer
Com que na lata venha a caber
O incabível

Deixe a meta do poeta, não discuta,
Deixe a sua meta fora da disputa
Meta dentro e fora, lata absoluta
Deixe-a simplesmente metáfora

GIL, Gilberto. Disponível em: <gilbertogil.com.br>. Acesso em: 21 jul. 2008.

Trabalhando o texto

1. Observe as palavras destacadas nos versos transcritos e explique que relação mantêm entre si:

"Uma **meta** existe para ser um alvo" / "Por isso não se **meta** a exigir do poeta"

2. De que forma relações entre palavras como a apontada na questão 1 participam do trabalho do poeta? Explique.

3. Qual o processo de formação e o significado da palavra *tudonada*? Qual a relação dessa palavra com a sequência "dentro e fora"?

4. O que nos informam sobre a atividade do poeta as relações de significado entre as palavras *lata/incontível* e *meta/inatingível*?

5. "Deixe a sua meta fora da disputa"
Quais as relações entre esse verso e o título do texto?

6. Baseado na leitura do texto, explique em que consiste a "lata absoluta". Que relação há entre ela e a metáfora?

Questões de exames e concursos

1. (Fuvest-SP)

o Kramer apaixonou-se por uma corista que se chamava Olga. por algum motivo nunca conseguiam encontrar-se. ele gritava passando pela casa de Olga, manhãzinha (ela dormia): Olga, Olga, hoje estou de folga! mas nunca se viam e penso que ele sabia que se efetivamente se deitasse com ela o sonho terminaria. sábio Kramer. nunca mais o vi. há sonhos que devem permanecer nas gavetas, nos cofres, trancados até o nosso fim. e por isso passíveis de serem sonhados a vida inteira.

Hilda Hilst. *Estar sendo. Ter sido.*

Observações:

O emprego sistemático de minúscula na abertura de período é opção estilística da autora.

Corista = atriz/bailarina que figura em espetáculo de teatro musicado.

No trecho "há sonhos que devem permanecer nas gavetas, nos cofres, trancados até o nosso fim.", o recurso de estilo que **não** ocorre é a:

a) redundância.
b) inversão.
c) gradação.
d) metáfora.
e) enumeração.

2. (Fuvest-SP)

(...)
Num tempo
Página infeliz da nossa história
Passagem desbotada na memória
Das nossas novas gerações
Dormia
A nossa pátria mãe tão distraída
Sem perceber que era subtraída
Em tenebrosas transações
(...).

"Vai passar", Chico Buarque e Francis Hime.

a) É correto afirmar que o verbo "*dormia*" tem uma conotação positiva, tendo em vista o contexto em que ele ocorre? Justifique sua resposta.

b) Identifique, nos três últimos versos, um recurso expressivo sonoro e indique o efeito de sentido que ele produz. (Não considere a rima "distraída"/"subtraída".)

3. (Unicamp-SP) Os quadrinhos a seguir fazem parte de um material publicado na *Folha de S.Paulo* em 17 de agosto de 2005, relativo à crise política brasileira, que teve início em maio do mesmo ano.

Angeli

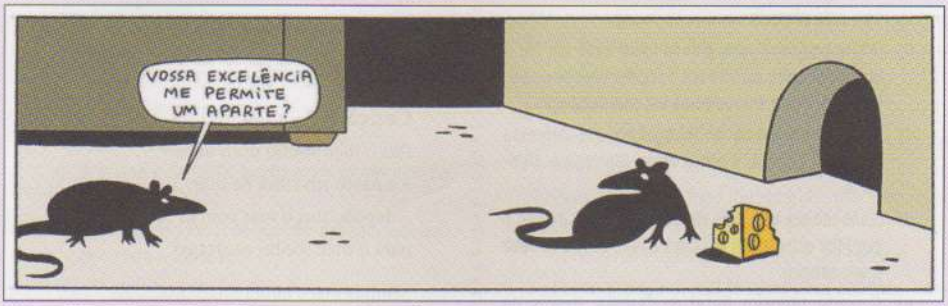

GALHARDO, Caco. *Folha de S.Paulo*, 17 ago. 2005.

No quadrinho de Caco Galhardo, outras associações com a crise política podem ser observadas.

a) "Vossa Excelência me permite um aparte" é uma expressão típica de um espaço institucional. Qual é esse espaço e quais as palavras que permitem essa identificação?

b) A expressão "um aparte" pode ser segmentada de outra maneira. Qual a expressão resultante dessa segmentação? Explique o sentido de cada uma das expressões.

c) Levando em consideração as relações entre as imagens e as palavras, explique como se constrói a interpretação do quadrinho.

4. (PUC-SP)

Oração no saco de Mangaratiba

Nossa Senhora me dê paciência
Para estes mares para esta vida!
Me dê paciência pra que eu não caia
Pra que eu não pare nesta existência
Tão mal cumprida tão mais comprida
Do que a restinga de Marambaia!...

Ainda no poema apresentado, há uma seleção vocabular que imprime um jogo semântico com sabor de trocadilho e que intensifica, na relação binária das semelhanças sonoras, a força poética do texto. Trata-se de

a) Para estes mares para esta vida!

b) Nossa Senhora me dê paciência.

c) ...que eu não caia... que eu não pare...

d) Tão mal cumprida tão mais comprida.

e) Saco de Mangaratiba / restinga de Marambaia.

5. (UPM-SP)

1 Esta história poderia chamar-se "As Estátuas".
2 Outro nome possível é "O Assassinato". E
3 também "Como Matar Baratas". Farei então pelo
4 menos três histórias, verdadeiras porque nenhuma
5 delas mente a outra. Embora uma única, seriam mil
6 e uma, se mil e uma noites me dessem.
7 A primeira, "Como Matar Baratas", começa

8 assim: queixei-me de baratas. Uma senhora ouviu-me

9 a queixa. Deu-me a receita de como matá-las.

10 (...) Assim fiz. Morreram.

11 A outra história é a primeira mesmo e cha-

ma-se

12 "O Assassinato". Começa assim: queixei-me de

13 baratas. Uma senhora ouviu-me. Segue-se a

14 receita. E então entra o assassinato.

(Clarice Lispector)

Uma das marcas do estilo de Clarice Lispector é a construção de metáforas pouco comuns, como está exemplificado em:

a) Essas grandes sombras das árvores que se estendem pela planície...

b) O que explicava esse grande valor dado por ele a um tão simples convite era o regime caseiro que D. Lauriana havia estabelecido em sua habitação.

c) Tudo daí em diante foi burburinho, que depressa passou à gritaria, e ainda mais depressa à algazarra ...

d) ...sábado era seu, mas ele queria que sua mulher e seu filho estivessem em casa enquanto ele tomava o seu sábado.

e) O nosso primeiro Natal de família, depois da morte de meu pai acontecida cinco meses antes, foi de consequências decisivas para a felicidade familiar.

6. (FGV-SP) Considere o texto seguinte para responder à questão.

Não existe liberdade sem independência financeira. Ter um currículo turbinado ou uma rede de relacionamentos em dia pode perder o valor se você não tiver também uma reserva financeira para sobreviver num momento de transição de emprego.

Você S/A, set. 2005.

A palavra *turbinado* está empregada, no contexto, em sentido figurado. Re-escreva o trecho — *Ter um currículo turbinado* — substituindo a palavra em questão por termo ou expressão de sentido não figurado.

7. (ESPM-SP) O escritor Paulo Lins em seu romance *Cidade de Deus* expressa o avanço da violência no Brasil, nas últimas décadas, com a frase: "Falha a fala. Fala a bala.". Nas duas frases só **não** se pode identificar a seguinte figura de linguagem:

a) paronomásia, pelo trocadilho ou jogo de palavras com apelo sonoro.

b) aliteração, pela repetição de fonemas consonantais.

c) assonância, pela repetição da vogal "a".

d) perífrase, pela substituição de "violência" por um dos elementos que a compõe (bala).

e) personificação, pela característica humana atribuída à "bala".

8. (PUC-SP) "... a fazenda dormia num silêncio recluso, a casa estava de luto...". A figura de linguagem empregada pelo autor de *Lavoura arcaica* nesse trecho é:

a) a metonímia.

b) a antítese.

c) a hipérbole.

d) a metáfora.

e) a prosopopeia ou a personificação.

9. (ITA-SP)

Canção

Pus o meu sonho num navio
e o navio em cima do mar;
– depois, abri o mar com as mãos
para o meu sonho naufragar

Minhas mãos ainda estão molhadas
do azul das ondas entreabertas
e a cor que escorre dos meus dedos
colore as areias desertas.

O vento vem vindo de longe,
a noite se curva de frio;
debaixo da água vai morrendo
meu sonho, dentro de um navio...

Chorarei quanto for preciso,
para fazer com que o mar cresça,
e o meu navio chegue ao fundo
e o meu sonho desapareça.

Depois, tudo estará perfeito;
praia lisa, águas ordenadas,
meus olhos secos como pedras
e as minhas duas mãos quebradas

Neste poema, há algumas figuras de linguagem. Abaixo, você tem, de um lado, os versos e, do outro, o nome de uma dessas figuras. Observe:

I. Minhas mãos ainda estão molhadas /
do azul das ondas entreaberta — sinestesia

II. e a cor que escorre dos
meus dedos — metonímia
III. o vento vem vindo de longe — aliteração
IV. a noite se curva de frio — personificação
V. e o meu navio chegue ao fundo /
e o meu sonho desapareça — polissíndeto

Considerando-se a relação verso/figura de linguagem, pode-se afirmar que:

a) apenas I, II e III estão corretas.
b) apenas I, III e IV estão corretas.
c) apenas II está incorreta.
d) apenas I, IV e V estão corretas.
e) todas estão corretas.

10. (Ufam) Assinale o item em que ocorre silepse de pessoa:

a) Vossa Excelência é realmente dinâmico e honrado.
b) "Sobre a triste Ouro Preto o ouro dos astros chove". (Olavo Bilac)
c) Quando a gente é novo, tudo são alegrias.
d) A massa enfurecida incendiaram os veículos da empresa.
e) Todos temos o dever de exprimir-nos com suficiente clareza e correção.

Textos para as questões 11 e 12.

Auto da Lusitânia

(Gil Vicente – 1465?–1536?)

Estão em cena os personagens *Todo o Mundo* (um rico mercador) e *Ninguém* (um homem vestido como pobre). Além deles, participam da cena dois diabos, *Berzebu* e *Dinato*, que escutam os diálogos dos primeiros, comentando-os, e anotando-os.

Ninguém para *Todo o Mundo*: E agora que buscas lá?

Todo o Mundo: Busco honra muito grande.

Ninguém: E eu virtude, que Deus mande que tope co ela já.

Berzebu para *Dinato*: Outra adição nos acude: Escreve aí, a fundo, que busca honra *Todo o Mundo*, e *Ninguém* busca virtude.

Ninguém para *Todo o Mundo*: Buscas outro mor bem qu'esse?

Todo o Mundo: Busco mais quem me louvasse tudo quanto eu fizesse.

Ninguém: E eu quem me repreendesse em cada cousa que errasse.

Berzebu para *Dinato*: Escreve mais.

Dinato: Que tens sabido?

Berzebu: Que quer em extremo grado *Todo o Mundo* ser louvado, e *Ninguém* ser repreendido.

Ninguém para *Todo o Mundo*: Buscas mais, amigo meu?

Todo o Mundo: Busco a vida e quem ma dê.

Ninguém: A vida não sei que é, a morte conheço eu.

Berzebu para *Dinato*: Escreve lá outra sorte.

Dinato: Que sorte?

Berzebu: Muito garrida: *Todo o Mundo* busca a vida, e *Ninguém* conhece a morte.

Ode triunfal

Álvaro de Campos (heterônimo de Fernando Pessoa – 1888–1935)

À dolorosa luz das grandes lâmpadas elétricas da fábrica

Tenho febre e escrevo.

Escrevo rangendo os dentes, fera para a beleza disto,

Para a beleza disto totalmente desconhecida dos antigos.

Ó rodas, ó engrenagens, r-r-r-r-r-r eterno!

Forte espasmo retido dos maquinismos em fúria!

Em fúria fora e dentro de mim,

Por todos os meus nervos dissecados fora,

Por todas as papilas fora de tudo com que eu sinto!

Tenho os lábios secos, ó grandes ruídos modernos,

De vos ouvir demasiadamente de perto,

E arde-me a cabeça de vos querer cantar com um excesso

De expressão de todas as minhas sensações,

Com um excesso contemporâneo de vós, ó máquinas!

Em febre e olhando os motores como a uma Natureza tropical –

Grandes trópicos humanos de ferro e fogo e força –

Canto, e canto o presente, e também o passado e o futuro,

Porque o presente é todo o passado e todo o futuro

E há Platão e Virgílio dentro das máquinas e das luzes elétricas

Só porque houve outrora e foram humanos Virgílio e Platão,

E pedaços do Alexandre Magno do século talvez cinquenta,

Átomos que hão de ir ter febre para o cérebro do Ésquilo do século cem,

Andam por estas correias de transmissão e por estes êmbolos e por estes volantes,

Rugindo, rangendo, ciciando, estrugindo, ferreando,

Fazendo-me um excesso de carícias ao corpo numa só carícia à alma.

11. (Unifesp) A **ironia**, ou uma expressão irônica, consiste em, intencionalmente, dizer o contrário do que as palavras significam, no sentido literal, denotativo. Lendo-se o fragmento de Gil Vicente, percebe-se que o autor ironiza a sociedade:

a) no nome dado a *Berzebu* que, no Novo Testamento, significa o "príncipe dos demônios".

b) no comportamento humilde do personagem *Todo o Mundo*.

c) na dissimulação contida nos nomes dos personagens e suas caracterizações: *Todo o Mundo* (=um rico mercador) e *Ninguém* (=um homem vestido como pobre).

d) no pedido que *Berzebu* faz a *Dinato*: "Escreve lá outra sorte.".

e) no comportamento obstinado do personagem *Ninguém*.

12. (Unifesp) No fragmento do *Auto da Lusitânia*, o autor utiliza um recurso estilístico que consiste no emprego de vocábulos antônimos, estabelecendo contrastes, como *vida/morte*, *louvado/repreendido*, e outros. No fragmento de "Ode triunfal", ocorre um outro recurso de estilo que consiste na invocação de seres reais ou imaginários, animados ou inanimados, vivos ou mortos, presentes ou ausentes, como *ó rodas*, *ó grandes ruídos modernos* e outros. Esses recursos estilísticos são conhecidos, respectivamente, como

a) eufemismo e onomatopeia.

b) eufemismo e apóstrofe.

c) antítese e apóstrofe.

d) antítese e eufemismo.

e) antítese e onomatopeia.

13. (PUCCamp-SP)

Verdes mares bravios de minha terra natal, onde canta a jandaia nas frondes da carnaúba;

Verdes mares que brilhais como líquida esmeralda aos raios do sol nascente, perlongando as alvas praias ensombradas de coqueiros;

Serenai, verdes mares, e alisai docemente a vaga impetuosa para que o barco aventureiro manso resvale à flor das águas.

Esse trecho é o início do romance *Iracema*, de José de Alencar. O uso repetitivo da expressão *verdes mares* e os verbos *serenai* e *alisai*, indicadores de ação do agente natural, imprimem ao trecho um tom poético apoiado em duas figuras de linguagem:

a) anáfora e prosopopeia.

b) pleonasmo e metáfora.

c) antítese e inversão.

d) apóstrofe e metonímia.

e) metáfora e hipérbole.

14. (UFSCar-SP) Assinale a alternativa que contém um trecho extraído de *Gabriela, cravo e canela*, obra de Jorge Amado, em que o autor apresenta as informações numa linguagem altamente conotativa.

a) ... soltou um bafo pesado de álcool na cara de Nacib...

b) Os olhos do árabe fitavam Gabriela a dobrar a esquina ...

c) Já cumprira Nacib, na véspera, seu dever de cidadão...

d) Mas descobriu um broche engraçado, uma sereia dourada.

e) Parecia feita de canto e dança, de sol e luar, era de cravo e canela.

15. (PUC- SP) Nos trechos "... nem um dos autores nacionais ou nacionalizados de oitenta pra lá faltava nas estantes do major." e "... o essencial é achar-se as palavras que o violão pede e deseja", encontramos, respectivamente, as seguintes figuras de linguagem:

a) prosopopeia e hipérbole.

b) hipérbole e metonímia.

c) perífrase e hipérbole.

d) metonímia e eufemismo.

e) metonímia e prosopopeia.

16. (PUC-SP) Nos trechos "O pavão é um arco-íris de plumas." e "... de tudo que ele suscita e esplende e estremece e delira...", enquanto procedimento estilístico, temos, respectivamente:

a) metáfora e polissíndeto.

b) comparação e repetição.

c) metonímia e aliteração.

d) hipérbole e anacoluto.

e) anáfora e metáfora.

17. (Acafe-SC) Relacione as colunas. Depois assinale a alternativa construída.

(1) Morrer de medo. ( ) eufemismo

(2) Baticum! O TL amarelo mergulhou na lagoa. ( ) hipérbole

(3) Você faltou com a verdade. ( ) prosopopeia

a) 3–1–2 c) 1–2–3 e) 2–3–1

b) 2–1–3 d) 3–2–1

18. (Febasp)

Se você gritasse,
se você gemesse,
se você tocasse
a valsa vienense,
se você dormisse,
se você cansasse,
se você morresse...
Mas você não morre,
você é duro, José...

(Carlos Drummond de Andrade)

Considerando a repetição da expressão "se você" no início dos versos; a repetição dos sons *cê* (*se, cê, sse*) e a expressão "você é duro", estilisticamente ocorrem:

a) anáfora, aliteração, metáfora.

b) pleonasmo, assonância, prosopopeia.

c) anadiplose, polissíndeto, personificação.

d) metáfora, silepse, anáfora.

19. (PUC-SP) Nos versos:

Última flor do Lácio, inculta e bela,
És, a um tempo, esplendor e sepultura,

temos, respectivamente:

a) metonímia e metáfora.

b) metáfora e antítese.

c) hipérbole e prosopopeia.

d) pleonasmo e antítese.

e) paronomásia e onomatopeia.

20. (Unicamp-SP) A conhecida ironia de Machado de Assis fica evidente na seguinte passagem do romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*:

... Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis...

Nesse, como em muitos outros trechos de seus romances, o escritor usa com maestria as palavras, obtendo, através de sua combinação, o efeito cômico desejado.

Diga qual é a ironia presente na passagem citada e explique de que maneira Machado consegue obter o efeito cômico através das relações de significação que se estabelecem entre as palavras que ele escolheu.

21. (UFV-MG)

Lua cheia

Boião de leite
que a Noite leva
com mãos de treva
pra não sei quem beber.
E que, embora levado
muito devagarzinho,
vai derramando pingos brancos
pelo caminho.

(Cassiano Ricardo)

No texto acima, *boião de leite* é uma:

a) metáfora. d) prosopopeia.

b) hipérbole. e) repetição.

c) metonímia.

22. (UEL-PR)

Senhor, nada valho.
Sou a planta humilde dos quintais pequenos e das lavouras pobres.
Meu grão, perdido por acaso,
Nasce e cresce na terra descuidada.
(...)
O Justo não me consagrou Pão da Vida, nem lugar me foi dado nos altares.

(Cora Coralina)

Nos versos transcritos acima, Cora Coralina, através de uma figura de linguagem, contrapõe dois cereais. Responda:

a) Qual a figura empregada?

b) Quais os cereais contrapostos?

c) O que eles simbolizam?

23. (FOC-SP) Observe a oração:

O **tique-taque** do relógio nos perturbava.

Qual a figura de linguagem da expressão destacada?

24. (FOC-SP) "Sois Anjo, que me tenta, e não me guarda." Temos aqui a seguinte figura de linguagem, típica do Barroco:

a) antítese c) elipse

b) pleonasmo d) hipérbole

25. (UniFMU-SP) Nos versos:

O vento voa
a noite toda se atordoa.

aparece a mesma figura:

a) metáfora
b) metonímia
c) hipérbole
d) personificação
e) antítese

26. (UPM-SP) Aponte a alternativa em que não haja uma comparação.

a) Rio como um regato que soa fresco numa pedra.
b) É mais estranho do que todas as estranhezas que as cousas sejam realmente o que parecem ser.
c) Qual um filósofo, o poeta vive a procurar o mistério oculto das cousas.
d) Os pensamentos das árvores a respeito do mistério das cousas são tão estranhos quanto os dos rios.
e) Os meus sentidos estavam tão aguçados, que aprenderam sozinhos o mistério das cousas.

27. (UPM-SP) "Fitei-a longamente, fixando meu olhar na menina dos olhos dela."

No período acima, ocorre uma figura de palavra conhecida como:

a) metáfora.
b) catacrese.
c) antonomásia.
d) metonímia.
e) sinédoque.

28. (UPM-SP) Aponte a alternativa que contenha a mesma figura de pensamento existente no período:

Acenando para a fonte, o riacho despediu-se triste e partiu para a longa viagem de volta.

a) O médico visualizou, por alguns segundos, a cara magra do doente, antes que a última paixão se calasse.
b) Os arbustos dançavam abraçados com os pinheiros a suave valsa do crepúsculo.
c) Contemplando aquela terna fisionomia, afastou-se com um sorriso pálido e irônico.
d) Só o silêncio tem sido meu companheiro neste período amargo de intensa solidão.
e) A mesquinhez de tua atitude é poço profundo, cavado no íntimo de teu espírito.

29. (Fesp-SP) Assinale a figura presente na estrofe abaixo.

Vi uma estrela tão alta,
Vi uma estrela tão fria!
Vi uma estrela luzindo,
Na minha vida vazia.

(Manuel Bandeira)

a) assíndeto
b) pleonasmo
c) anacoluto
d) anáfora
e) silepse

30. (Fuvest-SP)

No tempo de meu Pai, sob estes galhos,
Como uma vela fúnebre de cera,
Chorei bilhões de vezes com a canseira
De inexorabilíssimos trabalhos!

Identifique a figura empregada nos versos destacados:

a) antítese
b) anacoluto
c) hipérbole
d) litotes
e) paragoge

31. (Fuvest-SP) Identifique a figura de linguagem presente no verso em destaque.

Quando a indesejada das gentes chegar
(Não sei se dura ou caroável),
Talvez eu tenha medo,
Talvez sorria e diga:
— Alô, iniludível!

a) clímax
b) eufemismo
c) sínquise
d) catacrese
e) pleonasmo

32. (UniFMU-SP) Em "Dizem que os cariocas somos pouco dados aos jardins públicos.", há:

a) pleonasmo.
b) hipérbato de pessoa.
c) silepse de gênero.
d) silepse de pessoa.
e) silepse de número.

33. (Unimep-SP) Todas as frases a seguir são corretas. Assinale a única que encerra anacoluto.

a) Aos homens parece não existir a verdade.
b) Os homens parece-lhes não existir a verdade.
c) Os homens parece que ignoram a verdade.
d) Os homens parece ignorarem a verdade.
e) Os homens parecem ignorar a verdade.

34. (UFMG) "Meu pai e o proprietário sumiram-se, foram cuidar de negócios, numa daquelas conversas cheias de gritos. Minha mãe e eu ficamos cercados de saias."

Considerando essa passagem, de *Infância*, de Graciliano Ramos, responda:

a) Que figura de estilo ocorre no último período?
b) Re-escreva-o em linguagem denotativa.

Lista de instituições promotoras de exames e concursos

Acafe-SC – Associação Catarinense das Fundações Educacionais

ACP-SP – Secretaria de Concursos Públicos da Academia de Polícia Civil de São Paulo

Aman-RJ – Academia Militar das Agulhas Negras

Cefet – Centro Federal de Educação Tecnológica

Cesesp-PE – Centro de Seleção ao Ensino Superior de Pernambuco

Cesgranrio-RJ – Fundação Centro de Seleção de Candidatos ao Ensino Superior do Grande Rio

Conesul – Fundação Conesul de Desenvolvimento

CTA-SP – Comissão de Trabalho, de Administração e Serviço Público

ECT – Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos

EEM-SP – Escola de Engenharia de Mauá

Efei-MG – Escola Federal de Engenharia de Itajubá

Efoa-MG – Escola de Farmácia e Odontologia de Alfenas

Empasial – Empasial Empreendimentos e Participações Ltda.

Enem – Exame Nacional do Ensino Médio

EPM-SP – Escola Paulista da Magistratura

Esalq-SP – Escolar Superior de Agricultura Luiz de Queiroz

Esan-SP – Escolar Superior de Administração de Negócios de São Paulo

ESPM-SP – Escola Superior de Propaganda e Marketing de São Paulo

ESPP – Empresa de Seleção Pública e Privada

Faap-SP – Fundação Armando Álvares Penteado

Famerp-SP – Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto

Fasp-SP – Faculdades Associadas de São Paulo

Fatea-SP – Faculdades Integradas Teresa D'ávila (Lorena)

Fatec-SP – Faculdade de Tecnologia de São Paulo

FCC – Fundação Carlos Chagas

FCL-SP – Faculdade Cásper Líbero

FCMSC-SP – Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo

Febasp – Faculdade de Belas Artes de São Paulo

Fecap-SP – Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado

Fefasp – Faculdade de Economia, Finanças e Administração de São Paulo

FEI-SP – Faculdade de Engenharia Industrial

Fepese – Fundação de Estudos e Pesquisas sócioeconomicos

Fesp-SP – Faculdade de Engenharia de São Paulo

FGV-SP – Fundação Getúlio Vargas de São Paulo

FMPA-MG – Faculdade de Medicina de Pouso Alegre

FOC-SP – Faculdades Oswaldo Cruz

FSA-SP – Centro Universitário Fundação Santo André

Fumarc – Fundação Mariana Resende Costa

Fundec – Fundação Euclides da Cunha

Fuvest-SP – Fundação Universitária para o Vestibular

Ibmec – Faculdades do Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais

ITA-SP – Instituto Tecnológico de Aeronáutica

Moura Melo – Moura Melo Concursos

PUC – Pontifícia Universidade Católica

PUCCamp-SP – Pontifícia Univesidade Católica de Campinas

TJ-SP – Poder Judiciário de São Paulo

TRF-RJ – Tribunal Regional Federal do Rio de Janeiro

UCS-RS – Universidade de Caxias do Sul

Udesc – Universidade do Estado de Santa Catarina

UEL-PR – Universidade Estadual de Londrina

UEM-PR – Universidade Estadual de Maringá

UEPB – Universidade Estadual da Paraíba

UEPG-PR – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Uerj – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Ufam – Universidade Federal do Amazonas

UFC – Universidade Federal do Ceará

Ufes – Universidade Federal do Espírito Santo

UFF-RJ – Universidade Federal Fluminense

UFG – Universidade Federal de Goiás

UFJF-MG – Universidade Federal de Juiz de Fora

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UFMS – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

UFMT – Universidade Federal do Mato Grosso

UFPA – Universidade Federal do Pará

UFPE – Universidade Federal de Pernambuco

UFPel-RS – Universidade Federal de Pelotas

UFPI – Universidade Federal do Piauí

UFPR – Universidade Federal do Paraná

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

UFRPE – Universidade Federal Rural de Pernambuco

UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UFSCar-SP – Universidade Federal de São Carlos

UFU-MG – Universidade Federal de Uberlândia

UFV-MG – Universidade Federal de Viçosa

UMC- SP – Universidade de Mogi das Cruzes

UnB-DF – Universidade de Brasília

Unesp-SP – Universidade Estadual Paulista

Unicamp-SP – Universidade Estadual de Campinas

Unifal-MG – Universidade Federal de Alfenas

Unifeb-SP – Centro Universitário da Fundação Educacional de Barretos

Unifenas-MG – Universidade José do Rosário Vellano

Unifesp – Universidade Federal de São Paulo

UniFMU-SP – Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas

Unilus-SP – Centro Universitário Lusíada

Unimar-SP – Universidade de Marília

Unimep-SP – Universidade Metodista de Piracicaba

Unisa-SP – Universidade de Santo Amaro

Uniube-MG – Universidade de Uberaba

UPM-SP – Universidade Presbiteriana Mackenzie

USCS-SP – Universidade Municipal de São Caetano do Sul

Vunesp-SP – Fundação para o Vestibular da Universidade Estadual Paulista

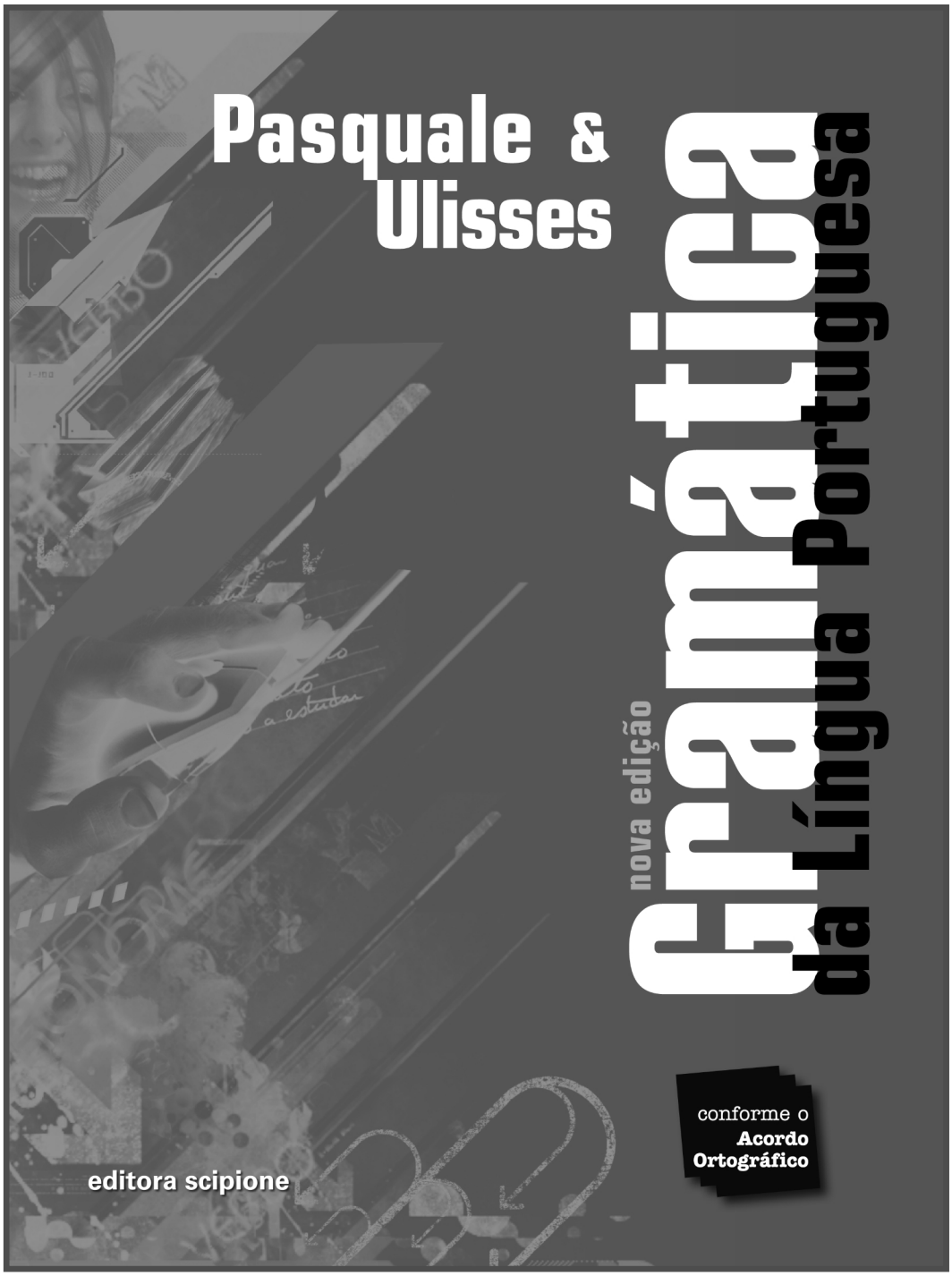

Assessoria Pedagógica

editora scipione

Apresentação

AO PROFESSOR

Este é um livro dedicado ao ensino da norma culta da língua portuguesa em sua vertente brasileira. É um livro que procura apresentar ao aluno os conteúdos da disciplina gramatical de forma a que ele possa servir-se desses conteúdos para satisfazer suas necessidades comunicativas do dia-a-dia.

É claro que nos estamos referindo às necessidades comunicativas em que o uso do padrão culto da língua se faz necessário. Insistimos em que, na nossa opinião, a escola deve ensinar ao aluno aquilo que ele não sabe — o que, apesar de constituir uma obviedade, nem sempre é, a nosso ver, algo que se desenha com clareza para muitos que opinam sobre a educação: ora, uma das dificuldades do estudante brasileiro é justamente a aquisição do padrão formal da língua, uma vez que os meios de comunicação de massa — pela dinâmica de trabalho que lhes é própria — privilegiam as formas coloquiais da língua. No entanto, exames, vida burocrática ou acadêmica exigem do aluno o uso e o reconhecimento das formas cultas da língua. Por isso, acreditamos que a escola deva empregar muita de sua energia no ensino desse padrão.

Fique claro que isso não significa estigmatizar as demais formas da língua: significa apenas e tão-somente concentrar esforços naquilo que o aluno desconhece. Aliás, muito confusão tem sido gerada a partir da noção de que se deve valorizar a forma de língua que o aluno possui. Sim, concordamos com isso: não concordamos, no entanto, com a noção de que valorizá-la significa manter o aluno preso a essa única forma de língua. Não concordamos, principalmente, com quem, a partir desse pretexto, estigmatiza a norma culta, atuando de forma preconceituosa — e perniciosamente preconceituosa (se é que é possível que haja preconceito não pernicioso…), pois se disfarça numa aparentemente simpática postura de tolerância, respeito e o que quer que seja. Respeito e tolerância têm, na verdade, aqueles que acreditam que ao aluno devem ser apresentadas todas as formas possíveis da língua para que ele venha a se tornar um "poliglota de sua própria língua" — que, como se pode facilmente depreender, é capaz de falar as formas coloquiais e de escrever as formas cultas e não só…

Transformamos o estudo dos textos no ponto de chegada de cada capítulo. E o conceito de texto aqui empregado é bastante amplo: poemas, letras de canções, anúncios publicitários, textos de jornais e revistas de grande circulação. Textos atuais, produzidos numa forma de língua apropriada a um ensino atualizado e dinâmico. Textos com os quais todos os cidadãos de um país têm de se defrontar para o exercício de sua cidadania. Essa opção pela diversidade e pela atualidade textual se baseia em convicções próprias e nas colocações teóricas de um grande pensador da linguagem:

> *Ignorar a natureza do enunciado e as particularidades de gênero que assinalam a variedade do discurso em qualquer área do estudo linguístico leva ao formalismo e à abstração, desvirtua a historicidade do estudo, enfraquece o vínculo existente entre a língua e a vida. A língua penetra a vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra a língua.*
>
> (Mikhail Bakhtin, in *Estética da criação verbal*, p. 282 — grifo nosso.)

Os capítulos do livro apresentam uma estrutura bem-definida. As seções presentes são:

a **Teoria gramatical** — Apresentação clara, precisa e completa dos principais tópicos do ensino gramatical. Destacamos que a teoria exposta neste livro se baseia nas gramáticas normativas mais atualizadas, nos manuais de redação da mídia impressa e na observação dos procedimentos normativos dos mais prestigiosos vestibulares do país e do ENEM.

b **Atividades** — Exercícios de aplicação dos conteúdos gramaticais, destinados a automatizar o emprego de estruturas da língua por parte do aluno. São, portanto, exercícios eminentemente práticos, que insistem em aspectos importantes da forma culta da língua. Podem ser feitos oralmente ou por escrito, a critério do professor. Menos frequentemente, esses exercícios abordam aspectos teóricos da gramática; de uma forma geral essa abordagem está limitada às Questões de exames e concursos, no final de cada capítulo.

c **Textos para análise** — Elenco de textos para análise e discussão. Procuramos, sempre que possível, oferecer textos de gêneros diferentes (textos publicitários, letras de canções, poemas, textos jornalísticos etc.), a fim de obter uma amostragem mais compreensiva.

d **Questões de exames e concursos** — Oportunidade de trabalhar em sala de aula esse item tão cobrado pelos alunos. Colocados no final do capítulo, podem ser usados pelo professor da forma que julgar mais conveniente: aos poucos, acompanhando o desenvolvimento do curso, ou como revisão geral, no final do curso.

Destacamos que o aspecto mais importante do livro reside no trabalho de análise dos textos. Por isso, recomendamos que a leitura e investigação de cada texto seja feita com carinho e dedicação. Recomendamos que cada análise seja precedida de uma conversa prévia sobre o tema, a fim de instigar a curiosidade do aluno e de fazê-lo sistematizar, ainda que de forma apenas esboçada, o conhecimento que já possui a respeito do tema a ser discutido; a seguir, deve-se solicitar do aluno uma leitura silenciosa e uma primeira leitura das questões propostas. Uma leitura em voz alta para discussão de aspectos de vocabulário pode ser o passo seguinte: apesar de desaconselhada por alguns, a leitura em voz alta é defendida por muitos, e, a nosso ver, constitui um poderoso instrumento para que o professor avalie o grau de inteligência do texto por parte do aluno — em outras palavras, as modulações da leitura em voz alta permitem perceber até que ponto os feixes de sentido do texto foram devidamente captados pelo leitor. No caso das canções, é sempre agradável apresentá-las por meio de um aparelho de som. Apesar da atitude preconceituosa de muitos — que chegam a dizer que vão retirar seus filhos das escolas em que se apresenta música popular nas aulas de língua —, reafirmamos que a música popular brasileira é um patrimônio cultural absolutamente valioso deste país e que, de acordo com essa convicção, sempre estará presente em nosso trabalho como ponto de partida para atividades de reflexão linguística, estética, crítica.

O professor encontrará, ao longo deste manual, comentários e propostas de atividades afinados com as atividades específicas e com os textos selecionados.

Agradecemos antecipadamente todas as críticas e sugestões que forem feitas por nossos colegas, salientando que as julgamos indispensáveis ao aprimoramento de nosso trabalho.

OS AUTORES

1 Respostas das questões propostas

Capítulo 2 – Fonologia

Atividade *(p. 20)*

O objetivo desta atividade é apresentar ao aluno as principais particularidades das relações entre letras e fonemas na língua portuguesa. Para isso, destacamos em cada caso o fato gramatical mais importante.

a) hora: quatro letras, três fonemas (a letra *h* não representa nenhum som)
b) acesso: seis letras, cinco fonemas (ocorre o dígrafo *ss*)
c) arrastar: oito letras, sete fonemas (dígrafo *rr*)
d) tóxico: seis letras, sete fonemas (a letra *x* representa dois sons — /ks/)
e) distinguir: dez letras, oito fonemas (dígrafos *in* e *gu*; observar que a pronúncia culta dessa palavra se faz com o dígrafo *gu*)
f) querer: seis letras, cinco fonemas (dígrafo *qu*)
g) água: quatro letras, quatro fonemas
h) quarto: seis letras, seis fonemas
i) banho: cinco letras, quatro fonemas (dígrafo *nh*)
j) obsessão: oito letras, sete fonemas (dígrafo *ss*)
k) obcecado: oito letras, oito fonemas
l) queijinho: nove letras, sete fonemas (dígrafos *qu* e *nh*)

Atividades *(p. 24)*

1. Esta atividade, como ficará ainda mais claro na próxima seção do capítulo, é muito importante para o estudo da divisão silábica em português.

a) semivogal
b) semivogal
c) vogal
d) vogal
e) semivogal
f) semivogal
g) semivogal
h) vogal
i) vogal
j) semivogal

2. Esta atividade reforça o conceito de fonema, evidenciando como a oposição nasal/oral pode estabelecer diferença de sentido. Além disso, reforça o estudo dos dígrafos.

a) manto
b) senda
c) cinto
d) ponte
e) mundo

3. O estudo dos homorgânicos é importante para despertar no aluno a consciência de que alguns fonemas são emitidos de forma muito semelhante à de outros, o que pode muitas vezes provocar pouca clareza na dicção. Prestar atenção a eles e emiti-los com cuidado é importante para o desenvolvimento da boa dicção e da performance oral. Além disso, há claro caráter lúdico neste jogo com sons da língua.

a) cato
b) dedo
c) bato
d) beijinho
e) jato
f) fale

4. Prática oral. O professor deve insistir na necessidade de se estabelecer uma nítida diferença na produção dos sons selecionados para o exercício e aproveitar para valorizar a boa dicção.

Atividades *(p. 28)*

1. Reconhecer encontros vocálicos é importante para a divisão silábica e para a acentuação gráfica.

a) algu**é**m – ditongo nasal decrescente
b) tr**ou**xer**am** – ditongo oral decrescente e ditongo nasal decrescente
c) di**á**spora – hiato
d) M**oo**ca – hiato
e) t**ui**-**ui**-**ú** – ditongos orais decrescentes (ui) e hiatos (entre ui-ui e entre *ui-ú*)
f) P**i**-**au**-**í** – hiato, ditongo oral decrescente e hiato
g) id**ei**-**a** – ditongo oral decrescente e hiato
h) gên**io** – ditongo oral crescente (ou hiato)
i) tir**e**-**oi**-de – hiato e ditongo oral decrescente
j) cl**au**strofob**ia** – ditongo oral decrescente e ditongo oral crescente (ou hiato)
k) melanc**i**-**a** – hiato
l) s**a**-**í**-ram – hiato
m) sobress**ai** – ditongo oral decrescente
n) sobress**a**-**í** – hiato
o) ig**uais** – tritongo oral
p) circ**ui**-to – ditongo oral decrescente (cuidado com a pronúncia culta desta palavra!)
q) bal**õe**s – ditongo nasal decrescente
r) aç**ão** – ditongo nasal decrescente

2. Conhecer os encontros consonantais é importante para a divisão silábica.

a) encontro consonantal (gr)
b) encontro consonantal (d-q) e dígrafo consonantal (qu)
c) encontro consonantal (br)
d) dígrafo consonantal (sc)
e) dígrafo consonantal (xc)
f) dígrafo consonantal (ss)
g) encontro consonantal (pl)
h) dígrafo consonantal (ch)
i) encontro consonantal (cr)
j) dígrafo consonantal (sç)
k) encontro consonantal (fl) e dígrafo consonantal (ch)
l) encontro consonantal (bl) e dígrafo consonantal (qu)
m) encontros consonantais (r-p- e pr-)
n) encontro consonantal (cl) e dígrafo consonantal (ss)
o) encontros consonantais (f-t, l-m e s-t)
p) encontros consonantais (pt- e c-t-)

3. A correta representação da divisão silábica é uma das particularidades da língua escrita culta.

a) subs-tân-cia (ou -ci-a)
b) sur-pre-en-den-te
c) ad-qui-rir
d) a-di-vi-nhar
e) ru-im
f) gra-TUI-to (cuidado com a pronúncia culta desta palavra!)

g) abs-ces-so
h) a-tua-li-za-ção
i) psi-qui-a-tri-a
j) me-lan-ci-a
k) pneu-má-ti-co
l) ad-ven-tí-cio (ou -ci-o)
m) in-tros-pec-ção
o) felds-pa-to

Textos para análise *(p. 29)*

Texto 1

Os provérbios são um excelente material para se trabalhar o aspecto sonoro dos textos. Sugerimos que se faça um levantamento oral dos provérbios conhecidos pelos alunos e que se analisem, num primeiro momento, apenas os jogos de palavras obtidos com a troca de um simples fonema. Posteriormente, a análise dos significados dos ditos populares e a função dos recursos de linguagem utilizados por eles podem constituir um momento de reflexão sobre a riqueza da sabedoria popular, tantas vezes desprezada em nossos dias.

1. O aluno deve mostrar que as palavras *fala* e *cala* diferem uma da outra porque entre elas há a oposição entre os fonemas /f/ e /k/. Dessa oposição derivam as diferenças de significado entre as palavras. Por serem capazes de estabelecer essas oposições, /f/ e /k/ são fonemas. Nos provérbios, também são os fonemas os responsáveis pela oposição entre algumas das palavras neles utilizadas: em *loucas* e *moucas* opõem-se os fonemas /l/ e /m/; em *calar* e *falar*, /f/ e /k/; em *sorte* e *forte*, /s/ e /f/; e em *riso* e *siso*, /r/ e /s/.

2. O aluno deve perceber que a exploração da semelhança sonora é um recurso da linguagem poética presente na linguagem popular. Como num jogo, o estrato sonoro atua para seduzir, atrair. Tal recurso — que pode ser encontrado também em quadrinhas populares, adivinhas e cantigas infantis — nos provérbios tem a função de facilitar a memorização e de atrair a atenção para o sentido do que é dito. Afinal, é assim que a sabedoria popular passa de geração a geração, quase sempre falada, memorizada pela síntese e pela beleza do dizer.

Texto 2

Antes de ler o texto, deve-se perguntar aos alunos o que esperam quando leem revistas de divulgação científica: elas têm de ser rigorosas em sua conceituação e exposição ou podem cometer "pequenos" equívocos em nome da simplificação? Esse rigor deve ser o mesmo para todas as publicações ou aquelas mais populares podem ser mais tolerantes do que as que estão ligadas a instituições como a SBPC, que publica a revista *Ciência Hoje*? Depois dessa conversa inicial, deve-se fazer a leitura e a análise do texto.

O aluno deve perceber que o texto deveria utilizar o conceito de fonema e não o de letra quando se refere a vogais e consoantes: afinal, o que está gravado no fundo do cérebro não são letras — sinais gráficos — mas sim fonemas — imagens acústicas. Saber que a distinção entre fonemas vocálicos e consonantais está relacionada não só às particularidades de produção desses sons, mas também à área do cérebro em que são armazenados e processados é realmente um dado importante para quem pensa e investiga a linguagem humana. Os resultados de pesquisas como essa podem ser muito úteis, por exemplo, aos fonoaudiólogos.

O aluno deve perceber que os problemas do texto podem ser resolvidos por meio da substituição do conceito de letra pelo de fonema. E que uma forma de fazer essa substituição sem provocar dúvidas no leitor é fornecer a ele uma pequena definição de fonema logo após a primeira ocorrência do termo no texto.

Texto 3

Uma recomendação que será sempre reiterada ao longo deste livro é a de que as canções sejam sempre ouvidas pelos alunos antes das atividades de leitura e interpretação. Insistimos nisso porque, por mais que uma letra constitua um texto dotado de sentido por si mesmo, a colagem da música ao texto e do texto à música inevitavelmente faz brotar nuanças de sentido importantes para a compreensão do todo que é a canção. Além disso, estamos convictos de que a música popular do Brasil é uma manifestação artística riquíssima tanto pelo seu valor estético, como pelos diálogos que estabelece com a realidade social, com a história, com a literatura e com outros componentes da vida brasileira: por isso, a escola deve constituir um lugar privilegiado para a escuta, a apreciação e a apreensão desse patrimônio cultural.

"Na rede" é uma bela canção cuja letra oferece material produtivo para a análise e expansão dos conteúdos estudados neste capítulo. Recomendamos que, antes da audição ou leitura da canção, o professor converse com os alunos sobre os vários significados que a palavra *rede* pode ter (instrumento de pesca, artefato para sono e repouso, sistema de componentes interligados, como a Internet) e sobre a importância desses elementos na vida de cada um.

O professor deve, se julgar oportuno, comentar o fato de que na letra da canção não há uniformidade de tratamento, ou seja, o sujeito lírico trata a pessoa a que se dirige como você (terceira pessoa) e como tu (segunda pessoa).

1. O aluno deve ser capaz de definir fonema a partir da comparação entre as palavras *peixe* e *feixe*. É a oposição sonora entre /p/ e /f/ que cria a diferença de sentido entre as duas palavras; por isso, tanto /p/ quanto /f/ são fonemas. É importante comentar com os alunos que o uso de duas palavras tão semelhantes em termos fonológicos foi uma escolha consciente dos autores da canção.

2. aq**uá**rio: ditongo oral crescente
aquár**io**: ditongo oral crescente (ou hiato)
m**ai**or: ditongo oral decrescente
ma**io**r: hiato
em: ditongo nasal decrescente
s**eu**s: ditongo oral decrescente
c**au**sa: ditongo oral decrescente

ef**ei**to: ditongo oral decrescente
ouvido: ditongo oral decrescente
Mostrar ao aluno que o reconhecimento dos encontros vocálicos é útil para a separação silábica.

3. a) ne**nh**um(a), **qu**e(m), espe**lh**ado, o**lh**os, con**ch**a, ba**ru**lho, sa**rr**abu**lh**o, mergu**lh**o, ultrapa**ss**a, te**rr**a, e**rr**a, o**lh**ar
b) nenh**um**, c**on**cha, **on**da, rib**om**bo, **em**briaga, qu**an**do, **en**volve, t**an**to, p**en**so, c**on**trola
A terminação *-em*, quando é átona e final, representa um ditongo. (em, quem, tem).
c) me**rg**ulho, con**tr**ola, cere**br**al, u**ltr**apassa, ace**rt**a, **pl**aneta, envo**lv**e, devo**lv**e, e**xpl**ode
Mostrar ao aluno que o reconhecimento de dígrafos e de encontros consonantais é importante para a correta separação silábica.

4. O aluno deve mostrar que diferencia o dígrafo *qu* (de *quem*) da sequência *qu* em que a consoante /k/ e a semivogal /w/ são pronunciadas (como em *aquário*).

5. O aluno deve perceber que se trata de palavras cuja sonoridade evoca o próprio barulho do mar. Pode-se introduzir o conceito de onomatopeia a partir desse material que o texto oferece: *pipoco* e *ribombo* são nitidamente palavras de origem onomatopeica.

6. O aluno deve perceber que o fonema /t/ é repetido diversas vezes ao longo do verso: "O **t**an**t**o de **t**udo que eu **t**ô pra **t**e dar." Essa repetição cria uma reiteração rítmica capaz de sugerir movimento — sugestão que tem afinidade com os sons marinhos de que o texto tanto fala. O professor pode, se julgar conveniente, utilizar a denominação técnica *aliteração* para nomear essa repetição de fonemas consonânticos. Mais importante do que isso, no entanto, é despertar no aluno a noção de que esses recursos linguísticos devem ser percebidos como formas delicadamente artesanais de colaborar para a construção ampla de sentidos que é o texto. Outro verso em que se percebe uso semelhante dos fonemas é "Nem quando ul**t**rapassa o **t**amanho da **t**erra."

7. O aluno deve perceber que *rede*, no texto, designa um instrumento de pesca (se tomamos como literal o sentido de "Mergulho na onda vaga / E eu caio na rede"), um sistema de elementos interligados, como é a Internet (a rede que "envolve todo o planeta"), e também a rede para deitar (*cair na rede* significa, nesse caso, "deitar-se" — e a rede também é, em muitas regiões do Brasil, o lugar da consumação física do amor). Esse último sentido é reforçado, na canção, pelo ruído de balanço de rede que se pode ouvir no final da gravação.

8. O sujeito lírico "cai" nas várias redes que o texto evoca. Como um peixe, cai na rede que lhe arma a amada, comandado pelo "feixe de ondas" que ela emite. Apaixonado, consuma com ela o amor na rede que balança. E navega pela rede mundial, que, sinal da globalização, não é, para ele, maior que o amor que sente. É esse ponto que parece explicar por que o sujeito lírico insiste em afirmar que seu amor é maior do que qualquer rede mundial: é a afirmação do valor individual e da liberdade pessoal em contraposição à padronização e uniformização de conceitos e valores que a globalização tende a implicar.

Questões de exames e concursos *(p. 32)*

1. b	**2.** c	**3.** a	**4.** b	**5.** d
6. c	**7.** e	**8.** d	**9.** c	**10.** b
11. d	**12.** c	**13.** c	**14.** c	**15.** b
16. d	**17.** d	**18.** d	**19.** b	**20.** e
21. a	**22.** a			

Capítulo 3 – Ortografia

Atividades *(p. 40)*

1. a) peixes, encaixotados
b) rebaixado, recauchutados
c) enxurrada, baixa, encharcados
d) mexa, mexeriqueiro, mechas
e) xampu
f) faxineira, caxumba, relaxada, muxoxo
g) bochechas, roxas, xale

2. a) chuchus, berinjelas, tangerinas, gengibre, vagem
b) viagem, viajem
c) ferrugem, enferrujar
d) vertigem, contagem
e) lisonjeado, homenagem, varejistas, região, coragem
f) prestígio, origem
g) agilidade, tigela, argila, gestos

3. O aluno deve ser capaz de empregar corretamente as palavras selecionadas para a atividade. É sempre interessante e produtivo oferecer para a apreciação da classe os resultados do trabalho individual dos alunos em atividades como esta.

Atividades *(p. 46)*

1. a) imoral = indecente, contrário à moralidade; amorais = típicas de quem desconhece os parâmetros morais
b) comprimento = dimensão física; cumprimento = saudação; cumprimento = realização
c) emergiu = veio à tona; imergiu = mergulhou
d) flagrante = surpreendido na prática de algum ato; fragrante = perfumado
e) infligir = punir, impor castigo; infringir = desrespeitar
f) mandato = período de exercício de determinado cargo; mandado = ordem judicial
g) pleitos = eleições; preito = homenagem
h) vultoso = de vulto, enorme; vultuoso = inchado

2. a) coser, cozer
b) viajem, viagem
c) tachado, taxar
d) chá, xá
e) xeque, cheque
f) cessão, sessão, seção
g) expiar, expirar
h) tenção, censo
i) incipiente
j) sessão, mandato, cassado
k) ascender, preitos
l) discrição, descrição
m) descriminação discriminação
n) discriminar
o) soar, suar

3. Este tipo de atividade é uma forma mais atraente de lidar com a ortografia. Além de a questão ortográfica ser tratada em um texto — e não em palavras ou frases isoladas —, há a possibilidade de debater com os alunos o tema abordado. O professor deve observar que fizermos questão de colocar um texto jornalístico para esta atividade porque acreditamos que ela possa servir de modelo para outras semelhantes, feitas a partir de textos selecionados por ele mesmo, professor, ou por seus alunos.

O rei da água doce

Os dez barracos de madeira da comunidade de Mapurilândia vão diminuindo de tamanho lentamente, à medida que as quatro canoas atravessam o Paraná do Maiana, um braço de 16 quilômetros que liga o Rio Solimões a si mesmo. Levando redes de dormir, malhadeiras (redes de pesca), arpões, farinha, café e lanternas, os quatro pescadores entram no Cano do Jenipapo, o pequeno rio que conduz ao Valentim, um dos cinco lagos em que a comunidade faz o manejo do pirarucu.

Seguindo a caprichosa hidrografia da floresta, o cano faz uma curva de 30 graus à direita, e revela, depois de meia hora de viagem, o primeiro obstáculo: dois troncos de mungubeiras atravessam o riacho. Eles emergiram, como áreas inteiras de várzea, com a diminuição do nível das águas, no verão amazônico (junho a outubro). Com machados e terçados (facões), os pescadores "toram" o tronco de baixo. Depois de 25 quilômetros de trabalho extenuante, abre-se uma fenda sob o tronco de cima, e os homens passam de canoa com as cabeças abaixadas.

Mais meia hora de viagem, e agora é a tapagem (capim na superfície da água) que impede a passagem. O mato é cortado a golpes de terçado e empurrado com os remos, numa penosa travessia que consome 17 minutos. Os dois motores rabeta (de 5,5 cavalos) que impulsionam as canoas (uma delas reboca outras duas) são desligados, e os pescadores entram remando em silêncio no majestoso Lago Valentim-1. Nele, motores são proibidos, para evitar que os peixes fujam para o rio.

Passam-se dez minutos, e os pescadores percebem o primeiro pirarucu. O repórter e o fotógrafo (…) nada veem. Os ribeirinhos não só veem, mas ouvem, sentem, medem e pesam. "É um grande", concluem. As quatro canoas formam um círculo ao seu redor. Os pescadores se equilibram nas proas, empunhando as hastes de três metros dos arpões. O tempo passa.

Textos para análise *(p. 48)*

Texto 1

O aluno deve perceber o jogo que o texto faz com as palavras *enxada* e *inchada*: a primeira faz referência a uma situação que aflige quem vive no campo e a segunda, a uma situação que afeta as pessoas que vivem nas grandes cidades. É interessante discutir o(s) significado(s) transmitido(s) pelo chargista, ao opor essas duas situações: de um lado, a desolação e o vazio dos grandes espaços dos latifúndios, a ausência de trabalhadores que manejem as enxadas (observe-se a utilização da metonímia: o nome do instrumento — a enxada — no lugar de quem o usa — o trabalhador); de outro, o espaço apinhado de gente e veículos, a grande cidade parada, as pessoas sufocadas procurando fugir da situação angustiante (observar o detalhe das pessoas querendo "escapar" do quadro reservado à cidade, na parte inferior do desenho). Proponha aos alunos que criem textos semelhantes a partir das palavras homófonas e/ou parônimas estudadas neste capítulo ou de outras que eles conheçam.

Texto 2

O aluno deve perceber, na segunda frase, a utilização de caracteres normalmente presentes em textos veiculados pela internet, em especial nos *blogs* e em salas de bate-papo. No caso da propaganda, o anunciante pretende mostrar-se em sintonia com o mundo dos adolescentes, já que a publicação que está sendo divulgada versa sobre esse mesmo público. Quanto à utilização desses caracteres fora do ambiente em que foram criados, cabe discutir a questão de sua pertinência, da adequação, da intenção de quem os utiliza, do público a quem se destinam os textos em que se faz uso deles. Compreende-se que o uso de muitos desses caracteres justifica-se pela rapidez exigida num texto que se produz à medida que se fala (nas salas de bate-papo, por exemplo). Assim, a palavra *beleza* pode ser facilmente compreendida no contexto de uma mensagem rápida da internet mesmo reduzida a seus elementos mínimos ("blza", como no texto do anúncio), desde, evidentemente, que os interlocutores envolvidos estejam habituados a essa linguagem. É discutível, porém o uso do h no lugar do acento agudo, já que para digitar um ou outro é necessário o mesmo esforço: apertar uma tecla (o acento agudo não exige o uso da tecla reservada às maiúsculas). Ao mesmo tempo, é interessante lembrar que esse h é utilizado para marcar a tonicidade de uma palavra (é = eh; tá = tah), conhecimento importante quando se trata de grafar corretamente as palavras. Relativamente ao uso que se faz desses caracteres fora do ambiente da internet, é importante ressaltar que, se lá ele é válido por diversas razões que podem ser levantadas (e discutidas), fora dele muito cuidado deve ser tomado. Em textos formais, trabalhos escolares, provas e exames, em textos cujos destinatários não sejam estritamente colegas e amigos, eles não são recomendados.

Questões de exames e concursos *(p. 48)*

1. a **2.** b **3.** c **4.** d **5.** d
6. a **7.** d **8.** a **9.** e **10.** b
11. d **12.** c **13.** b **14.** d **15.** a
16. b **17.** a) amicíssimos; b) mal; c) exceções
18. d **19.** e **20.** e **21.** b
22. a) limpeza, defesa, baronesa, surdez, freguesa
b) analisar, sintetizar, paralisar, civilizar, alisar
23. a **24.** c **25.** a **26.** d **27.** d
28. c **29.** a **30.** c **31.** c **32.** a
33. b **34.** a **35.** b
36. ressarcido, recendia, excentricidade **37.** e

Capítulo 4 – Acentuação

Atividades *(p. 55)*

1. a) paroxítona
b) paroxítona (ou proparoxítona, pois a terminação átona *-io* pode ser lida também como hiato)
c) proparoxítona, paroxítona
d) paroxítona, paroxítona (ou proparoxítona, pois a terminação *-io* pode ser lida também como hiato)
e) paroxítona
f) oxítona
g) paroxítona, oxítona, oxítona, paroxítona
h) proparoxítona
i) paroxítona
j) proparoxítona
k) paroxítona, oxítona

2. a) átono
b) tônico
c) átono, átono, tônico
d) tônico, átono
e) átono, tônico
f) tônico, átono, átono

3. a) conDOR
b) cateTER
c) misTER
d) ruIM
e) misanTROpo, ausTEra
f) quiromanCIa, cartomanCIa, graTUItos
g) juniOres, seniOres, reCORde
h) ruBRIca
i) proTÓtipo, aeRÓdromo
j) ÍNterim

Atividades *(p. 59)*

1. a) ástrider
b) sensínen
c) felô
d) nertã
e) mardo
f) âminho
g) cárpips
h) crestons
i) êxplons
j) mirmidens
k) curquéns
l) ártu
m) quistuns
n) arclóvel
o) cipódeis
p) ormar
q) sênser
r) lolux
s) atonde
t) clíclex

2. a) Dê, pus
b) Há, más
c) mês
d) Pôs, nós
e) pás
f) pó, gás, chão, pôs, rês
g) dó

3. Tradição mutante

Cambinda Estrela, Sol Nascente, Elefante, Encanto do Dendê, Cambinda Africano, Gato Preto, Linda Flor. No carnaval, vários grupos de maracatu incendeiam as ruas do Recife. O "cortejo real" é acompanhado por um conjunto de percussão com grandes tambores (afaya), caixas, taróis, gonguês (agogôs com uma campânula) e mineiros (espécie de ganzá ou chocalho).

Mas, apesar de toda a sua fama, experimente perguntar à população: o que é maracatu? Poucos poderão responder.

Nem mesmo folcloristas e antropólogos chegam a um consenso. Há quem defina o maracatu como a parte festiva dos xangôs (os candomblés recifenses). Também é visto como folguedo ou simples agrupamento afrodescendente voltado para a diversão. Entretanto, é muito mais do que isso. Por meio de complexos arranjos político-culturais, o maracatu envolve ao mesmo tempo diversão, lazer, constituição de identidades e afirmação religiosa.

Textos para análise *(p. 65)*

Texto 1

1. O acento em *monocotiledôneas* ocorre por se tratar de palavra paroxítona terminada em ditongo; em *pétalas*, por ser proparoxítona; em *distribuídos*, porque o *i* é a segunda vogal do hiato (e tônica) que permanece isolada na sílaba; o acento gráfico em *têm* se justifica porque, no texto, essa é a forma do plural, acentuada para se diferenciar da forma do singular *tem*; *três* é monossílabo tônico terminado em -es. É interessante ressaltar que a palavra *mocopeciolônias*, apesar de nascida da confusão da personagem, também obedece às normas de acentuação gráfica: é acentuada por ser paroxítona terminada em ditongo.

2. O humor da tirinha está no fato de o garoto esquecer-se completamente do que vinha decorando no momento em que, ao chutar uma pedra na calçada, faz gol. O entusiasmo provocado pela ação que realmente causa prazer leva-o a esquecer-se do que vinha tentando reter por obrigação. Torna-se claro que ele não compreende a linguagem do texto escolar quando, no último quadrinho, tenta reconstituir, sem sucesso, as palavras a serem decoradas.

Texto 2

Interessante notar que a caneta da foto é tomada como base para traçar uma linha do tempo, onde estão assinalados os títulos das obras da escritora Lygia Fagundes Teles. É possível discutir o papel representado pela caneta na vida de um escritor e o fato de que, embora substituída pelo teclado do computador, continua sendo utilizada como o símbolo do ato de escrever.

1. Aquário, seminário, mistérios, memória.

2. A pesquisa destina-se a que os alunos façam um levantamento, tão extenso quanto possível, a fim de confirmarem o que foi dito no comando da atividade. Podem ser citadas palavras como história, ciência, dúzia, urânio, área, necessário, funcionário, emergência, exercício, prioritário, proprietário, prédio, rádio, agência, série, tábua, matéria, influência, infância, sapiência, amáveis, detestáveis, fôsseis, fósseis, episódio, óleo, oxigênio, gênio, próprio, médio, tédio, sábio, sódio, máfia, ráfia, água, mágoa, Antônio, Célia, Sérgio, Márcia, Cláudia, Fábio, Gláucia etc.
Espera-se que percebam a oposição entre esse grupo e outro, também numeroso na língua portuguesa — o das palavras terminadas em hiato não acentuado —, a fim de se evitarem confusões como melancia / "melância", por exemplo. Como exemplos de palavras terminadas em hiatos não acentuados, que se opõem às paroxítonas terminadas em ditongo, podem ser citadas: financia, financie, agencia, agencie, alegria, geo-

grafia, anuncie, anuncia, melancia, geologia, sedie, sedia, serie, seria, influencia, influencie, associa, associe, desafie, desafia, desafio, medie, media, filosofia, patologia, imunologia etc.

3. A palavra paroxítona terminada em ditongo não acentuada é *Lygia*, por ser grafada com *y*. Se escrito com *i*, o nome *Lígia* deve ser acentuado como qualquer outra palavra desse grupo.

Texto 3

Recomendamos enfaticamente que o professor compartilhe com os alunos a audição da canção de Chico Buarque antes de passar à análise do texto e à resolução das questões. Como já dissemos anteriormente, a canção popular brasileira é um patrimônio cultural extraordinário do país, e apresentá-la aos alunos é um dever da escola. Além disso, deve-se aproveitar o tema da canção para discutir inúmeras questões em sala de aula: a segurança no trabalho, a exploração da mão-de-obra de forma desumana e desrespeitosa, a reflexão que a boa música popular faz sobre a realidade social do Brasil são algumas sugestões.

1. São todas proparoxítonas.

2. Porque, no conjunto das diferentes tipologias de acentuação tônica, pertencem ao grupo menos numeroso. Como o sistema de acentuação gráfica foi criado tendo como princípio acentuar os grupos minoritários para distingui-los dos majoritários, as proparoxítonas acabaram sendo todas acentuadas.

3. Céu. O acento indica que o *e* é a base de um ditongo tônico e aberto.

4. O sistema de acentuação procura acentuar os grupos minoritários para distingui-los dos majoritários. Por serem minoria, todas as proparoxítonas são acentuadas. Por serem maioria, a maior parte das paroxítonas não são acentuadas: acentuam-se aquelas que fogem aos padrões mais comuns, ou seja, as que não terminam em *a(s)*, *e(s)*, *o(s)*, *em(ens)*, *am*.

5. Se eliminássemos o acento gráfico, passariam a ser emitidas como paroxítonas: ulTIma, maQUIna, nauFRAgo, muSIca, puBLIco, traFEgo, ulTImo. Note que seriam todas formas verbais.

6. O aluno deve perceber que o emprego das proparoxítonas contribui para criar o efeito de rotação, de turbilhão que o texto consegue transmitir.

7. Reflexão pessoal. É importante que o aluno perceba a crítica social que o texto elabora ao mostrar que a morte de um trabalhador é, no ritmo da cidade desumana que explora seu trabalho de baixo custo e baixa qualificação (ao menos é assim que a sociedade o interpreta), um estorvo (para usar uma palavra que Chico Buarque adotou como título de um de seus romances) para o trânsito e para aqueles que, pela situação social de que desfrutam, podem descansar no sábado. É como se a morte de um homem humilde não significasse nada além de um transtorno para os que vivem bem.

Questões de exames e concursos *(p. 68)*

1. d **2.** c **3.** d **4.** c **5.** d
6. c **7.** b **8.** a **9.** c **10.** b

11. a) proparoxítona
b) paroxítona terminada em ditongo (ou proparoxítona)
c) *i* tônico acompanhado de *s* forma hiato com a vogal anterior
d) ditongo tônico e aberto *ói* (em palavra oxítona).

12. a **13.** a **14.** b **15.** b **16.** b
17. d **18.** a **19.** d

20. a) paroxítona terminada em ditongo (ou proparoxítona)
b) oxítona terminada em *-em*
c) paroxítona terminada em ditongo (ou proparoxítona)
d) proparoxítona

21. O *i* tônico forma hiato com a vogal anterior e está isolado na sílaba; em *ru-im*, o *i* tônico também forma hiato com a vogal anterior, mas não está isolado na sílaba, e sim acompanhado de *m*.

22. b **23.** b **24.** c **25.** a **26.** a
27. e **28.** b **29.** b **30.** 02 + 04 + 08 + 32

Capítulo 5 – Estrutura e formação das palavras

Atividade *(p. 74)*

O professor deve aproveitar esta atividade para fixar o conceito de depreensão de morfemas: por meio da comparação entre palavras cognatas, o aluno percebe as formas da língua e percebe também que, na verdade, tem sobre elas muito mais conhecimento do que pensa ter.

a) des-atual-iz-a-ção
b) atual-iz-a-r
c) atual
d) atual-iz-ad-o
e) atual-iz-a-d-a
f) atual-iz-ad-o-s
g) atual-mente
h) re-atual-iz-a-r
i) atual-iz-a-dor

Atividade *(p. 76)*

Mais um exercício para fazer com que o aluno, por meio da comparação de palavras cognatas, manipule morfemas da língua. Mais importante do que destacar a classificação desses morfemas, é fazer com que o aluno perceba as possibilidades expressivas que os morfemas oferecem quando são intercambiados.

a) real-iz-a-r: radical, sufixo, vogal temática, desinência
b) ir-real: prefixo, radical
c) real: radical
d) real-mente: radical, sufixo
e) real-iz-á-vel: radical, sufixo, vogal temática, sufixo
f) real-iz-a-va: radical, sufixo, vogal temática, desinência
g) real-iz-á-ra-mos: radical, sufixo, vogal temática, desinência, desinência

h) real-ismo: radical, sufixo
i) real-ista: radical, sufixo

Atividade *(p. 78)*

Mais uma vez, enfatizamos que o trabalho com morfemas se deve desenvolver preferencialmente a partir da comparação de palavras cognatas e, neste caso da depreensão de desinências, a partir da comparação de formas de uma mesma palavra. O aluno deve perceber que as desinências são velhas conhecidas suas e que, neste momento, está na verdade desenvolvendo uma reflexão sobre elas e os mecanismos da língua com os quais estão envolvidas.

a) *-es*: desinência nominal indicativa de número
b) *-o/-a*: desinências nominais indicativas de gênero
c) *-a-*: vogal temática; *-va-* e *-sse-*: desinências verbais modo-temporais; *-mos*: desinência verbal número-pessoal
d) *-e-*: vogal temática (eis por que o verbo *pôr* pertence à segunda conjugação); *-ra-* e *-sse-*: desinências modo-temporais; *-mos* e *-is*: desinências número-pessoais
e) *-e-*: vogal temática; *-s*: desinência nominal indicativa de número
f) *-a-*: vogal temática; ***-s***: desinência nominal indicativa de número
g) *-s*: desinência nominal indicativa de número
h) *-o-*: vogal temática; *-s*: desinência nominal indicativa de número
i) *-o*: desinência nominal de gênero; *-s*: desinência nominal de número

Atividades *(p. 85)*

Estas atividades têm como objetivo levar o aluno a perceber como já são do seu domínio as operações linguísticas com prefixos. Percebendo isso e refletindo sobre o valor dos prefixos envolvidos nessas operações, o aluno passa a conscientemente expandir sua capacidade de exploração desses recursos linguísticos.

1. a) relerá
b) refazer
c) rever
d) antepor… aos
e) desprotegidos
f) desonesto
g) irrestrita
h) pré-datados ou antedatados
i) ultrapassar

2. a) subterrâneo; conterrâneo
b) sublinhar; alinhar
c) pré-histórico; anti-histórico
d) antediluviano; pós-diluviano
e) pré-colombiano; pós-colombiano
f) subemprego; desemprego. As frases são pessoais.

3. a) um novo encontro; incapacidade ou impossibilidade de encontrar-se
b) meditar, conceber com antecipação; sentir antecipadamente
c) portar (trazer) para dentro (do país); portar (levar) para fora (do país)
d) que entra no país; que sai do país
e) mergulhar; vir à tona; mergulhar
f) secção (de seccionamento, corte) entre mais de um elemento
g) que agride a moral; que desconhece a moral
h) fala, discurso que circunda, que não vai ao ponto; fala, discurso em companhia de outrem
i) para cá dos Andes; para cá dos Alpes; para lá dos Andes; para cá dos Alpes
j) gestão conjunta
k) movimento em vários sentidos; movimento para trás; movimento para a frente
l) tirar da própria pátria; trazer de volta à própria pátria
m) voltado para dentro; voltado para fora
n) texto explicativo colocado antes do corpo principal de uma obra; texto explicativo colocado após o corpo principal de uma obra
o) fluxo para trás; fluxo para baixo
p) atitude de quem se volta para o seu próprio interior; retorno ao passado
q) desvalorizar; atribuir valor demasiado
r) levíssimo

Atividades *(p. 98)*

Atividades que têm como finalidade fazer o aluno trabalhar alguns dos sufixos mais frequentes da língua e também algumas operações linguísticas fundamentais, como a nominalização e a verbalização, ou seja, a transformação de verbos em nomes e de nomes em verbos de acordo com as necessidades frasais e textuais. Insistimos em que o professor deve destacar sempre que o aluno domina muitas destas operações na prática — e que agora se está desenvolvendo um trabalho de reflexão sobre essa prática linguística.

1. a) cabeçada
b) rapaziada
c) eleitorado
d) lavagem (ou lavação)
e) jabuticabal
f) politicalha
g) queijaria
h) queijeiro
i) cafeeiro
j) manteigueira

2. a) Todos tomaram a decisão de manter as reivindicações.
b) Todos decidiram pela manutenção das reivindicações.
c) Esperamos o cumprimento dos prazos estipulados.
d) O atendimento a todos será feito de acordo com a ordem de chegada.
e) Continuaremos até a obtenção de êxito.
f) Os moradores querem a continuação (continuidade) das obras.
g) …recomendaram o bloqueio das contas.
h) …fizeram a recomendação de que as contas fossem…

3. a) Os mantenedores desta entidade decidiram tomar providências saneadoras de suas finanças.
b) É um candidato inelegível. Suas ideias privilegiam os desrespeitadores das instituições.
c) As condutoras do movimento reivindicatório devem ser cercadas por medidas protetoras.

d) Os vencedores da competição receberão prêmios indescritíveis.
e) A presença dos defensores da nossa posição é fator imprescindível.
f) …aos que lutam pela preservação da floresta.
g) atabalhoadamente

4. a) Verbo que indica a ação e substantivo que denomina a atitude de quem é "tiete", uma espécie de fã exaltado.
b) Substantivos que denominam as atitudes de quem "badala" ou "esnoba".
c) Denominam a casa especializada em sanduíches e o estabelecimento onde se cultiva a música dançante.
d) O que faz ou aprecia rock e o que pratica a chamada "arte do grafite" (ou grafito).
e) Aquele que "picha" e o nome da ação por ele praticada.
f) Virtuais candidatos à prefeitura, a algum ministério, à presidência.
g) Desfile de automóveis.
h) Indivíduo cheio de pose e indivíduo difícil de dobrar.

Textos para análise *(p. 99)*

Texto 1

Optamos por uma crônica bem-humorada de Vinicius de Moraes como ponto de partida para a verificação dos conteúdos desta parte do capítulo sobre estrutura e formação de palavras. O professor deve enfatizar o tom coloquial do texto e a contribuição dos mecanismos de formação para a criação do humor, principalmente na fala final do personagem cujo interessante comportamento linguístico o texto retrata.

1. O aluno deve apontar a presença do sufixo *-dor* nessas duas palavras. São dois substantivos que nomeiam agentes e que se formaram de verbos.

2. O aluno deve apontar a presença do sufixo *-tura* nessa palavra. É um substantivo que indica resultado de ação e que se formou a partir do verbo *curvar*.

3. O aluno deve apontar a presença do sufixo *-eza*, que forma substantivos abstratos a partir de adjetivos. Neste caso, deve-se destacar a questão ortográfica envolvida com os sufixos *-ez* e *-eza*, formadores de substantivos abstratos a partir de adjetivos (surdez, maciez, dureza, sutileza), em contraste com *-ês* e *-esa*, relacionados a gentílicos e títulos de nobreza (japonês, japonesa, calabrês, calabresa, marquês, marquesa).

4. *-inha* e *-ão* são sufixos diminutivo e aumentativo, respectivamente. O aluno deve perceber que *flanelinha*, no contexto, pode ser interpretada como um "pequeno pedaço de flanela". Não seria descabido pensar também num uso afetivo do termo, tendo a palavra nesse caso um sentido mais próxima de "pedaço de tecido de uso tipicamente doméstico", sem noção necessária de tamanho. O professor deve referir-se também ao uso do termo *flanelinha* para designar o indivíduo que nem sempre de forma muito gentil se impõe como "guardador de carros" em praticamente todas as cidades médias e grandes do país. Já *quarentão* não tem nenhuma relação com dimensão física — é sim uma forma bastante comum de designar a pessoa que está na casa dos quarenta anos.

5. O aluno deve apontar a presença do sufixo *-dor*, já detectado nas palavras analisadas na questão 1, e do prefixo *ultra-*, que indica, no caso, excesso. Deve-se destacar que não se trata de um caso de parassíntese, pois o prefixo e o sufixo não devem ser **simultaneamente** acoplados à palavra primitiva.

6. O aluno deve perceber que não se trata de palavra formada por derivação parassintética, pois existe a palavra *esquecível*, formada a partir de *esquecer* pelo acréscimo de sufixo. É de *esquecível* que, por prefixação, se forma *inesquecível*.

7. Cantarolar é cantar baixo, para si mesmo. Também pode ser usado no sentido de cantar fora do tom, desafinar. Deve-se destacar a significação diminutiva que o sufixo -ola acrescenta à noção de cantar.

8. Há no texto os substantivos deverbais *trabalho*, *lustro*, *respeito*.

9. A forma que o seu Afredo deveria ter usado é *exímia*, sinônimo de "excelente", "superior". *Eximinista* é uma forma engraçada porque nela se utiliza um sufixo inadequado — que surge adequadamente empregado na palavra seguinte, *pianista*. O efeito de humor é reforçado pela rima interna que se forma na frase.

10. Vinicius de Moraes parece usar "colocação pronominal" com o sentido de opção por formas de tratamento e não com o sentido de topologia pronominal que a expressão costuma ter nos estudos gramaticais. Colocar o pronome significaria utilizar uma determinada forma de tratamento — e a opção de seu Afredo pela segunda pessoa do singular era responsável pelo tom aparentemente abusado com que ele se dirigia às pessoas. Seu problema era "excesso de gramática" justamente por isso: para respeitar a concordância ou demonstrar erudição, acabava atropelando as conveniências sociais e, às vezes, o próprio vocabulário (como no caso da "eximinista" pianista.)

Texto 2

A finalidade das atividades de leitura e análise deste belo poema é vincular os estudos de estrutura e formação de palavras aos estudos de literatura. Em outras palavras: acreditamos que uma importante possibilidade que o conhecimento da estrutura das palavras e da manipulação de seus elementos formadores oferece é justamente a de ampliar a capacidade de perceber a exploração que particularmente a poesia moderna faz desses recursos. Pode-se dar a esses processos de análise o nome de morfologia estilística.

1. Des-gast-a-mento: gastar, desgastar (prefixação), desgastamento (sufixação); en-carn-ad-o: carne, encarnar

(parassíntese); *encarnado* é forma do particípio, há nela, portanto, uma vogal temática (a) e desinências.

2. O prefixo *con-* e o sufixo *-ante*. Aquilo ou aquele que partilha com outro a mesma substância.

3. Sim, porque faz com que o leitor perceba que *interrompe* é formada a partir de *rompe* e o leva a refletir sobre o significado literal da palavra: *interromper* não significa apenas "fazer cessar", mas também "promover um rompimento entre dois ou mais elementos".

4. *Re-emendar-se* (também na forma re-e*mende-se*), *reincidir*: em todos os casos, o prefixo indica a repetição da ação.

5. Há na palavra o sufixo *-ente*. A palavra significa "conhecedor". Seu uso é altamente expressívo, pois parece resultado da fusão entre as palavras *sabedor* e *aderente*, esta último muito indicada para falar dos efeitos da goma de mascar.

6. Sim: *ex-* indica movimento para fora, sentido presente na palavra *exorcizar* ("expulsar algo indesejável do corpo de alguém ou de algum ambiente").

7. Sim: o aluno deve perceber que um dos elementos estruturadores da linguagem concisa e sugestiva do texto é o uso eficiente e sensível dos afixos.

8. O aluno deve perceber que o ritmo do ato de mascar pode ser relacionado com o ritmo da passagem do tempo — e que por isso mascar *chiclets* pode transmitir a ilusão de que se está dominando o tempo.

Texto 3

1. Remix: derivação prefixal (re- + mix, forma abreviada de mixagem); eletrônica: derivação sufixal (elétron + -ica); democratização: derivação sufixal (democratizar + -ção); fazer: derivação imprópria (o verbo fazer foi utilizado como substantivo: o fazer); musical: derivação sufixal (música + -al).

2. O aluno deve ter percebido, pela questão anterior, que "o fazer" constitui um caso de derivação imprópria, pois o verbo *fazer* se torna substantivo nessa situação. E é importante que ele também perceba que esse processo cria um importante efeito de sentido: o uso de "o fazer musical" no lugar de algo como "trabalho com a música" confere evidente ênfase ao ato em si, ao processo de que trata o texto.

Texto 4

1. Claridade (de *claro*), dificuldades (de *difícil*).

2. Descanso (de *descansar*), diversão (de *divertir*), depoimento (de *depor*), atendimento (de *atender*), tratamento (de *tratar*), produção (de *produzir*), conveniência (de *convir*), tendência (de *tender*).

a) Descanso, dormado por derivação regressiva, do verbo descansar.

b) Diversão: **-são**; depoimento, atendimento, tratamento: **-mento**; produção: **-ção** — esses sufixos indicam ação ou resultado dela; conveniência, tendência: **-ência**. Por derivarem de verbos, esses substantivos apresentam sufixos que indicam ação ou resultado de ação.

3. a) Ao depor / Quando ela depõe, ilustra as dificuldades de quem trabalha à noite, em turnos ou não.

b) Um grande número de pessoas trabalha para que a saúde seja atendida, a água e o esgoto sejam tratados, os alimentos sejam produzidos.

4. Seria **imprescindível** para nós a produção e as atividades ininterruptas disponíveis 24 horas por dia?

5. Trata-se de um texto informativo cuja finalidade é tratar dos problemas de uma sociedade que funciona dia e noite, ininterruptamente, e de como esse fato a afeta. Assim, designa as ações desenvolvidas nessa sociedade (diversão, atendimento, tratamento, conveniência), bem como as qualidades ligadas ao fato (claridade e dificuldade).

Atividade *(p. 104)*

O professor deve aproveitar esta atividade para uma rápida e sintética revisão dos processos de formação de palavras estudados até este ponto.

a) sufixação
b) parassíntese
c) composição por aglutinação
d) composição por justaposição
e) sufixação e prefixação (ou vice-versa)
f) composição por aglutinação
g) composição por justaposição
h) derivação regressiva
i) derivação imprópria

Atividades *(p. 112)*

Selecionamos para esta atividade palavras de origem erudita muito frequentes na vida escolar e cotidiana do aluno de ensino médio. Desnecessário dizer que o conhecimento do significado e o uso adequado destes termos é parte das competências que o aluno desse nível deve dominar.

1. Grupo 1
a) governo do povo
b) governo dos mais velhos
c) governo dos ricos
d) governo da aristocracia marítima (ligada ao comércio)
e) governo dos religiosos
f) governo de um princípe absoluto
g) governo de nobres
h) governo de burocratas, de funcionários

Grupo 2
a) adivinhação pela leitura das mãos
b) adivinhação pela interpretação dos sonhos
c) adivinhação pela observação do fogo
d) adivinhação pela observação do voo dos pássaros
e) adivinhação baseada no nome das pessoas
f) adivinhação baseada nos números

Grupo 3
a) estudo dos insetos
b) estudo dos animais

c) estudo das plantas
d) estudo da terra
e) estudo dos pássaros
f) estudo dos peixes
g) estudo da vida
h) estudo dos textos antigos
i) estudo dos sons
j) estudo das formas
k) estudo do coração
l) estudo da mulher
m) estudo da alma
n) estudo da vida social
o) estudo de Deus ou dos deuses
p) estudo das flores; coletânea de poemas
q) estudo do sistema nervoso
r) estudo dos vinhos
s) estudo das técnicas

Grupo 4 a) dor de bexiga
b) dor de osso
c) dor de cabeça
d) dor de dente
e) dor muscular
f) dor de ouvido
g) dor que se estende ao longo dos nervos

Grupo 5 a) sem nome; que oculta o nome
b) que tem o mesmo nome
c) que tem outro nome (comentar o caso do poeta português Fernando Pessoa)
d) que oculta ou disfarça o nome
e) nome falso
f) nome correto; o próprio nome
g) nome de pessoa
h) nome de lugar
i) que tem o mesmo significado ou significado aproximado
j) que tem significado oposto

Grupo 6 a) ordem, arranjo, organização simultânea
b) mania ou compulsão de roubar
c) mania de grandeza
d) habitante das nuvens
e) habitante das alturas
f) aversão às alturas
g) aversão à morte
h) portador do sinal, do sentido
i) administração da casa; ciência dos bens e haveres
j) literalmente: nariz-chifre
k) literalmente: cavalo-rio
l) literalmente: duro, sólido-tipo; denomina forma, modelo, lugar-comum
m) literalmente: muitas línguas
n) literalmente: correto-pé
o) que se alimenta de sangue
p) depois, além da física

Grupo 7 a) cultivo dos campos
b) criação de peixes
c) cultivo do trigo
d) cultivo do arroz
e) cultivo de frutas
f) criação de aves
g) criação de abelhas

2. a) verborragia, verborreia
b) melomania
c) grafologia
d) tecnocracia
e) oligopólio
f) hematófago
g) entomologia
h) metamorfoses
i) monocromáticas
j) toponímia

Atividade *(p. 118)*

Atividade que permite ao professor uma revisão sintética dos processos de formação de palavras estudados depois da derivação e da composição.

a) siglonimização
b) abreviação vocabular
c) empréstimo linguístico
d) onomatopeia
e) hibridismo
f) palavra-valise

Textos para análise *(p. 118)*

Texto 1

1. *Micro-*: pequeno; *-scopia*: ato de ver. *Microscopia*: observação de objetos de dimensões muito pequenas.

2. A palavra *queima* formou-se por derivação regressiva. Refere-se ao ato de queimar, citado anteriormente: "os documentos não haviam sido queimados na sala da Base Aérea".

3. É importante que os estudantes percebam que esse procedimento evita repetições (é elemento de coesão). No caso do texto, a utilização da palavra derivada (queima — o nome da ação) retoma perfeitamente o que foi relatado anteriormente, com precisão e sem que se repita o verbo já utilizado (queimar).

Texto 2

1. *Odonto* = dente + *logia*=tratado, ciência; *buco*=boca + *maxilo*=maxilar+ *facial*=relativo à face. *Odontologia* é a ciência que trata dos dentes; *bocomaxilofacial* é a especialidade cirúrgica que cuida de problemas da boca, maxilar e face.

2. *Dia-*: através, por meio de; *-ar*: relação, pertinência. *Diagnóstico*: conhecimento ou determinação de uma doença por meio dos sintomas apresentados ou de exames clínicos, laboratoriais etc. *Titular*: referente a quem é efetivo (pessoa que ocupa um cargo ou função, que detém o título da função).

3. Espera-se que os estudantes percebam que se trata de um texto — um anúncio — dirigido a um público específico: candidatos a uma vaga na universidade, na área de odontologia. Portanto, a utilização de linguagem técnica e termos específicos é pertinente e necessária.

Texto 3

1. Onomatopeia.

2. Em **riri**, **zipe**, **reco** e **ré** podem-se perceber diferentes interpretações para os sons produzidos pelo fecho-

-relâmpago, o que caracteriza a **onomatopeia**. Em **mamãe-vem-aí**, há formação por composição, com justaposição de substantivo, verbo e advérbio (trata-se de uma frase com conotação maliciosa). Já **ecler** é um empréstimo do francês *éclair*.

3. O substantivo relâmpago adiciona uma qualidade a fecho, obtida por comparação: um fecho que é rápido como um relâmpago. A composição carrega, assim, um processo descritivo que procura definir o objeto.

4. Zipe (ou zíper) sintetiza a ideia de rapidez por concentrar-se apenas no som (sem descrevê-lo). O tempo exigido para pronunciá-la é tão curto quanto o de fechar ou abrir um zíper.

Texto 4

Poema atualíssimo de Carlos Drummond de Andrade. Além de o tema das viagens espaciais não ter perdido sua atualidade, há a memorável relação que o texto estabelece entre essas viagens e a necessidade de realizar o percurso muito mais importante em direção à convivência mais harmoniosa dos seres humanos aqui mesmo na própria Terra. Por isso, sugerimos que o professor inicie a leitura e a análise do poema com uma conversa sobre as relações humanas e as dificuldades que os homens têm para simplesmente conviver bem uns com os outros.

1. A repetição dos verbos de cuja formação participa o sufixo *-izar* reforça o caráter dinâmico e transformador da atividade humana. Ao mesmo tempo, a repetição já confere certa noção de tédio, de mesmice, importante para o desenvolvimento do texto.

2. No sentido em que é usada no texto ("desprovido de atrativos, sem graça") é um neologismo semântico.

3. Vê o que já havia encontrado em outros lugares. Visto assume papel substantivo nessa frase, configurando um caso da chamada derivação imprópria.

4. *Fossa* é usada no sentido de "desalento, desânimo, depressão, angústia". Trata-se de mais um neologismo semântico.

5. Parece-nos que se podem propor duas origens para essa palavra: junção do pronome pessoal *te* ao verbo *ver* ou derivação a partir de *TV*. No primeiro caso, o poeta parece explorar o uso frequente da sequência pronome-verbo para criar uma palavra em que o objeto já estivesse contido; no segundo caso, sugere-se a importância da percepção "televisiva" da realidade nos nossos dias.

6. Parece-nos que o *-onizar* pode ser visto como uma referência à forma latina *oni-*, que significa "tudo, todos". A ação colonizadora do homem seria, portanto, universal.

7. A opção por um estrangeirismo é evidentemente intencional. O uso dessa forma traz ao texto toda a noção de desenvolvimento tecnológico que costuma acompanhar as palavras da língua inglesa (e que é tão explorada pela linguagem publicitária). Notar a felicidade do texto ao aplicar esse termo à viagem do homem em direção à convivência — essa talvez seja a viagem que realmente põe em risco a segurança do ser humano.

8. A divisão revitaliza o valor do prefixo: *con-viver*, assim grafado no final do texto, é, na acepção mais genuína do termo, viver com os outros, solidária e conjuntamente.

9. O aluno deve perceber que a verdadeira viagem dos homens deve ser no caminho do aprimoramento das relações interpessoais. O conhecimento desse universo é mais necessário e difícil do que o do mundo sideral.

Questões de exames e concursos *(p. 121)*

1. d **2.** a **3.** c **4.** b

5. Ambas as palavras são formadas por derivação sufixal. *Ocultação* é o ato de ocultar; *ocultismo* é o estudo ou conhecimento daquilo que é oculto, é o saber acumulado sobre as coisas que não se veem.

6. *Lisonjeado* é escrito com j porque é derivado de *lisonja*, também grafado com *j*. *Margeado* é palavra derivada de *margem*, em que também se usa a letra *g*.

7. b **8.** a

9. a) A forma verbal *lularam* significa "passaram a apoiar Lula", "aderiram à campanha de Lula".

b) Derivação sufixal: lula + ar = lular.

10. d **11.** d **12.** d **13.** b **14.** e

15. a) gradualmente, paulatinamente

b) indubitavelmente

c) concomitantemente, simultaneamente

d) ininterruptamente

e) excepcionalmente

16. e **17.** b **18.** e **19.** b **20.** e

21. c **22.** d **23.** d **24.** b **25.** a

26. a **27.** d **28.** b **29.** d **30.** a

31. c **32.** c **33.** b **34.** c **35.** a

36. a) contrariedade, oposição

b) sincronia, simultaneidade, aproximação

c) negação, privação

37. 4, 6, 5, 2, 1, 3 **38.** a

Capítulo 6 – Estudo dos verbos (I)

Atividades *(p. 131)*

Atividades que permitem ao professor rever sinteticamente os conteúdos até aqui estudados e controlar a aquisição de competências básicas pelos alunos: reconhecer os elementos formadores das formas verbais e nomear adequadamente as formas dos tempos simples.

1. Convenções: radical — rad, vogal temática — VT, desinência número-pessoal — DNP, desinência modo-temporal — DMT

a) fal-á-sse-mos (rad, VT, DMT, DNP)
b) pens-á-ra-mos (rad, VT, DMT, DNP)
c) estud-a-re-i (rad, VT, DMT, DNP)
d) perd-e-ria-s (rad, VT, DMT, DNP)
e) decid-i-sse-m (rad, VT, DMT, DNP)
f) produz-o (rad, DNP)
g) corromp-i-a-s (rad, VT, DMT, DNP)
h) trat-á-va-mos (rad, VT, DMT, DNP)
i) permit-i-ste-s (rad, VT, DMT, DNP)

2. a) futuro do pretérito do indicativo, primeira pessoa do plural
b) pretérito mais-que-perfeito do indicativo, terceira pessoa do singular
c) pretérito imperfeito do subjuntivo, terceira pessoa do singular
d) presente do subjuntivo, segunda pessoa do singular/pretérito perfeito do indicativo, primeira pessoa do plural
e) futuro do subjuntivo, primeira pessoa do singular/futuro do presente do indicativo, primeira pessoa do singular
f) pretérito imperfeito do indicativo, terceira pessoa do singular/pretérito imperfeito do indicativo, terceira pessoa do singular
g) pretérito perfeito do indicativo, segunda pessoa do plural
h) presente do indicativo, primeira pessoa do singular/presente do indicativo, primeira pessoa do singular

Atividades *(p. 137)*

Atividades básicas, que permitem ao professor rever os conceitos até aqui estudados e controlar a aquisição de competências básicas pelos alunos: reconhecer as pessoas verbais envolvidas em determinados contextos e reconhecer formas verbais que podem provocar dúvidas, como as das segundas pessoas do singular do pretérito perfeito ou as do mais-que-perfeito em contraste com as do futuro do presente.

1. a) necessitasses
b) comparecia
c) auxiliou
d) chega
e) alteraria
f) percebera
g) colocarás
h) perceba
i) descobrirdes

2. a) tiver/houver terminado
b) tens/hás insistido
c) havíamos/tínhamos ajudado
d) tenha/haja acabado
e) terei/haverei passado
f) tivéssemos/houvéssemos comparecido
g) teria/haveria ocorrido

3. a) Nós gostávamos de…
b) Fazíeis sempre…
c) Eles estiveram…
d) …nós desconhecíamos que voltáreis
e) Se quisésseis, não seríamos infelizes.
f) Se fôsseis solidários, teríamos…
g) …dormirão
h) …chegaram…
i) …fixaram…
j) …fixarão…
k) Agistes … vos…

Atividades *(p. 139)*

Atividades trabalhosas com um dos aspectos mais delicados do sistema verbal do português: a formação do imperativo. Esse aspecto é delicado porque, em muitas regiões do Brasil, há uma forte tendência à falta de uniformidade nas formas de tratamento da língua coloquial, que constantemente alterna formas de segunda pessoa do singular (*tu*) com formas da terceira pessoa (relacionadas, no caso, ao pronome de tratamento *você*). Essa falta de uniformidade não é aceita na língua culta padrão — e daí surge um dos grandes problemas do ensino da forma culta da língua portuguesa no Brasil. Por isso, dedicamos tanto espaço a estas atividades.

1. a) Não me procures.
b) Não me procure.
c) Não entoes…
d) Não entoe…
e) Não contes…
f) Não conte…
g) Não aciones…
h) Não acione…
i) Não estendas…
j) Não estenda…
k) Não saias…
l) Não saia…
m) Não me belisques…
n) Não me belisque…
o) Não assistas…
p) Não assista…

2. a) Procurai-me.
b) Procurem-me.
c) Entoai…
d) Entoem…
e) Contai o que vistes.
f) Contem o que viram.
g) Acionai…
h) Acionem…
i) Estendei…
j) Estendam…
k) Saí…
l) Saiam…
m) Beliscai-me…
n) Belisquem-me…
o) Assisti…
p) Assistam…

a) Não me procureis.
b) Não me procurem.
c) Não entoeis…
d) Não entoem…
e) Não conteis…
f) Não contem…
g) Não acioneis…
h) Não acionem…
i) Não estendais…
j) Não estendam…
k) Não saiais…
l) Não saiam …
m) Não me belisqueis…
n) Não me belisquem…
o) Não assistais…
p) Não assistam…

3. O texto, seguindo a tendência da língua falada informal do Brasil, mistura os tratamentos *tu* e *você*. É muito comum, quando isso ocorre, o uso das formas imperativas de segunda pessoa do singular com o pronome *você* (por exemplo, "deixa eu cuidar de você"). O texto, usando esse registro coloquial, ganha muito em espontaneidade. Para adequá-lo à norma culta, seria necessário uniformizar o tratamento, adotando a segunda pessoa ou a terceira pessoa. Na segunda pessoa, teríamos: "todo teu leite", "nem te quero enfeite", "te peço que respeites", "com quem tu te deites", "que tu te deleites", "apenas te peço que aceites", "todo teu leite", "nem te quero enfeite", "te peço que respeites", "com quem tu te deites", "que tu te deleites", "apenas te peço que aceites", "deixa-me gostar de ti", "não me digas nunca".

Na terceira pessoa, teríamos: "apenas lhe peço/apenas peço a você", "deixe o ciúme", "deixe-me gostar de você".

4. Optamos por esse verbo por ser ele costumeiramente confundido, em sua conjugação, com o verbo soar. O aluno deve ser capaz de mostrar a formação do modo imperativo, passo a passo. Essa é a única forma segura de obter as formas desse modo sem deslizes.

Atividades *(p. 141)*

1. O aluno deve ser capaz de mostrar a formação dos tempos derivados do pretérito perfeito do indicativo. Essa é a única forma segura de evitar dúvidas de conjugação, principalmente quando se trata de verbos irregulares.
2. O aluno deve seguir o esquema de conjugação estudado para obter a forma correta *mantiver*. Comentar que o erro ilustrado na frase é muito frequente e que o conhecimento do esquema estudado permite evitá-lo.

Atividades *(p. 142)*

1. a) reclamava
   b) vencia
   c) aceitava/surgia
   d) empregarei
   e) tramaria
   f) solucionada/poderíamos
   g) reclamando/denunciando
   h) ficarmos
2. A primeira forma pertence ao futuro do subjuntivo; a segunda, ao infinitivo pessoal. O aluno deve perceber que a primeira provém do radical *fiz-*, do pretérito perfeito do indicativo, enquanto a segunda é formada a partir do infinitivo impessoal. Mostrar que a mesma diferença existe em outros verbos, como, *pôr*, *ter*, *disser*.

Atividades *(p. 146)*

1. a) renasça
   b) foge
   c) ajam
   d) indique
   e) realce
   f) paguem
   g) re-erga
2. a) distingo
   b) obsta
   c) mínguem
   d) enxágua (ou enxagua)
   e) deságuem (ou desaguem)
   f) averigue
   g) extinguiu
   h) optem

Textos para análise *(p. 146)*

Texto 1

1. **Exige** e **deve** referem-se à terceira pessoa do singular (no texto: "a prática da corrida", "o cardápio do novo corredor", respectivamente); **exigem**, à terceira pessoa do plural (no texto: "exercícios"); **prefira** refere-se a **você** (o interlocutor — leitor interessado nas orientações feitas no texto).
2. Os verbos no infinitivo: comer, ser, ficar, correr, treinar.
3. Confira, consuma, aguarde, prefira, coma. A predominância do modo imperativo justifica-se pelo tipo de texto, que apresenta orientações e recomendações às pessoas que pretendem iniciar ou desenvolver atividades esportivas (em especial a corrida).
4. O presente do indicativo. Uma das intenções presentes no texto é a de informar sobre a importância da alimentação correta para quem pretende iniciar a corrida. Os dados utilizados para isso são resultado de estudos e pesquisas, comprovados e tidos como corretos, portanto são apresentados com os verbos no presente do indicativo (exige, deve, é, são, envolve). Embora o estudo sobre o emprego dos tempos e modos ainda não tenha sido feito, é possível propor a discussão para que o estudante possa compreender o fato linguístico, facilitando as atividades que serão feitas adiante, no livro. Vale lembrar, também, que há apenas duas ocorrências de verbos no presente do subjuntivo: **tenha feito** e **consuma** ("exigem que você **consuma** carboidrato durante a atividade"). Nesses casos, os fatos são apresentados como possibilidade apenas e não como certeza.

Texto 2

1. Desrespeito à uniformidade de tratamento no emprego do modo imperativo: as personagens tratam-se por você, mas o verbo pisar é utilizado na segunda pessoa (pisa) quando deveria ser usado na terceira (pise).
2. Como se trata de uma condição, seria usual o emprego do modo subjuntivo, já que a condição supõe um hipótese e não um fato certo, real. O verbo no futuro do subjuntivo enfatizaria, assim, o fato hipotético.
3. Espera-se que os alunos respondam que sim, pois no caso da tirinha o padrão de linguagem utilizado é o coloquial. Portanto, devemos falar em adequação da linguagem e não classificá-la como correta ou incorreta. No caso da tirinha, a linguagem é adequada ao padrão utilizado; em situações formais, ela seria inadequada.

Já destacamos a importância da questão da uniformidade de tratamento e do cuidado que o ensino das formas cultas requer devido à interferência das formas coloquiais. No caso dos textos selecionados, há, no primeiro deles, um evidente cuidado com a uniformidade de tratamento, que se percebe quando se observam as formas de terceira pessoa do imperativo afirmativo (*confira*, *consuma*, *aguarde*, *prefira*, *coma*); já no segundo texto, não se verifica a mesma uniformidade, pois à forma de segunda pessoa *pisa* se relaciona o pronome de tratamento *você*, que leva os verbos para a terceira pessoa. Deve-se comentar com o aluno o fato de que os cartunistas muitas vezes optam por não seguir o padrão culto de língua a fim de obter uma maior naturalidade.

Texto 3

Como sempre, insistimos em que as atividades de leitura e análise de textos como este sejam iniciadas com a audição da canção. Zélia Duncan é uma compositora e intérprete que costuma agradar muito aos adolescentes, pois além das interpretações e arranjos de feitio "moder-

no", apresenta também temática que diz respeito ao mundo e às experiências dos alunos.

1. São verbos regulares: provar, encontrar, esperar, convencer, avistar, entender, acionar, esclarecer, acordar, morder, selar, estremecer, encantar, comover, alcançar, enternecer, faltar. Devem ser comentados os chamados "irregulares gráficos", como convencer, esclarecer, estremecer, alcançar e enternecer, cujas conjugações não apresentam irregularidade morfológica, mas simples troca de letras por convenção ortográfica.

2. São irregulares: rever (que segue o modelo de ver), perder (cuja primeira pessoa do singular é perco) e reter (que segue o modelo de ter).

3. Primeira pessoa do singular do presente do indicativo.

4. Primeira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo.

5. Primeira pessoa do singular do futuro do presente do indicativo.

6. Não. O aluno deve perceber que o sujeito lírico inicialmente utiliza a segunda pessoa do singular para nomear a pessoa a quem se dirige — basta observar a repetição do pronome *te* nas primeiras estrofes do texto para perceber isso. Na quinta estrofe, surge o pronome de tratamento *você*, que pede as formas verbais e pronominais de terceira pessoa. Essa falta de uniformidade de tratamento é comum nas formas coloquiais do português brasileiro.

7. O aluno deve perceber que no próprio texto há verbos que indicam processos que não são ações: é o caso, por exemplo, de entender e esclarecer, que são processos relacionados a fenônemos mentais; encantar, comover, enternecer, processos relacionados com a sentimentalidade. Deve-se insistir com o aluno: o verbo é caracterizado por suas flexões; conceituá-lo a partir do significado exigiria uma definição longa e que, por mais bem elaborada que fosse, provavelmente não abrangeria todas as possibilidades.

8. O aluno deve elaborar sua interpretação a partir dos elementos que o texto oferece. Deixar-se conjugar por alguém é, nesse contexto, submeter-se com prazer e alegria a todos os processos enumerados nas estrofes iniciais: é deixar-se rever, deixar-se provar, deixar-se perder e em seguida encontrar; é deixar-se reter, convencer, entender e assim sucessivamente. Esse conjunto de consentimentos constitui a entrega amorosa do sujeito lírico.

9. Resposta pessoal do aluno.

Questões de exames e concursos *(p. 149)*

1. b

2. Pretérito imperfeito do indicativo. O emprego desse tempo e modo, nos versos delimitados, conduz o leitor aos tipos de ruído que, no passado, se ouviam com frequência, rompiam costumeiramente o silêncio predominante naquela época, estabelecendo, assim, um contraste com o momento presente.

3. a) A metáfora "o mundo é um moinho" é desenvolvida em duas outras: "vai triturar teus sonhos…" e "vai reduzir as ilusões a pó". Esse desenvolvimento metafórico configura uma alegoria.

b) Para uniformizar a pessoa gramatical do texto devem-se fazer as substituições das formas verbais do imperativo, que se encontram na 3ª pessoa. Assim, "preste" deve ficar "presta" (duas vezes) e "ouça", "ouve".

4. d **5.** d **6.** c **7.** c **8.** e

9. Existem, dizem, são, lidam, escrevem, chama-se, transforma, flui, merecem, atribui

10. c **11.** a **12.** a **13.** b **14.** e

15. 02, 04, 08

16. a) segunda pessoa do plural do imperativo afirmativo
b) diga, role, varra

17. a) provém b) inclinamo-nos

18. a

19. Primeira conjugação: estar, continuar, ficar, amar, dar; segunda conjugação: ser, ter, haver, permanecer, dever; terceira conjugação: partir, ir, vir, dormir, arguir. Os verbos são distribuídos em conjugações de acordo com a vogal temática que apresentam: -a-, primeira conjugação; -e-, segunda; -i-, terceira.

20. a) A grosseria de Deus me feriu e insultou-me.

b) A grosseria de Deus me ferira e insultara-me.

21. a) … mas, a quinhentos metros, tudo se tornaria muito reduzido: seríeis uma pequena figura sem pormenores; vossas amáveis singularidades fundir-se-iam numa sombra neutra e vulgar.

b) … mas, a quinhentos metros, tudo se torna muito reduzido; és uma pequena figura sem pormenores; tuas amáveis singularidades fundem-se numa sombra neutra e vulgar.

22. d **23.** e **24.** d **25.** a **26.** c

27. c

28. Donde (você) houve, ó pélago revolto, esse rugido seu?

29. … e sumir-se-ão logo nas trevas do esquecimento.

30. ilumina (três primeiras ocorrências): segunda pessoa do singular do imperativo afirmativo; mora, ilumina (quarta ocorrência), entra: terceira pessoa do singular do presente do indicativo; iluminando: gerúndio

31. b **32.** b **33.** c **34.** e

Capítulo 7 – Estudo dos verbos (II)

Atividades *(p. 160)*

Em razão da evidente importância do tema tratado, oferecemos aqui farto material para que o professor pratique os conteúdos estudados e verifique o grau de aquisição de competências da parte dos alunos.

1. a) ateio/ateie
b) bloqueiam/bloqueiem
c) penteio/penteie
d) receio/receie
e) passeia/passeie
f) titubeias/titubeies

2. a) ceamos/ceais
b) folheamos/folheais
c) freamos/freais
d) granjeamos/granjeais
e) lisonjeamos/lisonjeais
f) semeamos/semeais

3. a) crio/crie
b) credencio/credencie
c) negocio/negocie
d) intermedeio/intermedeie
e) premio/premie
f) odeio/odeie
g) anseio/anseie
h) anuncio/anuncie
i) remedeio/remedeie
j) incendeio/incendeie

4. a) criamos/criem
b) credenciamos/credenciem
c) negociamos/negociem
d) intermediamos/intermedeiem
e) premiamos/premiem
f) odiamos/odeiem
g) ansiamos/anseiem
h) anunciamos/anunciem
i) remediamos/remedeiem
j) incendiamos/incendeiem

5. a) descreia
b) leias
c) releiam
d) percas
e) requeiram
f) valham

6. a) adiro/adira
b) compilo/compila
c) confiro/confira
d) divirjo/divirja
e) divirto/divirta
f) firo/fira
g) dispo/dispa
h) sigo/siga
i) visto/vista

7. a) previna
b) progridamos
c) regrida
d) transgrida
e) denigram
f) cirza

8. a) engula
b) durmamos
c) tussa
d) descubra
e) cubram
f) recubra

9. a) ouça
b) impeça
c) meça
d) despeça-se
e) suba
f) fuja
g) sacuda/suma
h) acuda
i) bula
j) cuspa

10. a) pega/ouve
b) interfere/impede
c) leva/mede
d) comparece/despede-te
e) cria/sobe
f) sai/foge
g) levanta-te/sacode/some
h) mexa-te/acode
i) mantém/não bulas
j) civiliza-te/não cuspas

Atividades *(p. 172)*

Mais uma vez, a evidente importância do estudo até aqui desenvolvido justifica o grande número de atividades propostas.

1. a) estejam
b) estejas
c) esteja
d) estejam
e) estejais
f) estejamos

2. a) estivemos/estivermos
b) deu/der
c) aprouve/aprouver
d) couberam/couberem
e) disse/disser
f) contradisseste/ contradisseres
g) fizeste/fizeres
h) satisfiz/satisfizer
i) houve/houver
j) quisemos/quisermos
k) soube/souber
l) oram/ forem
m) trouxe/trouxer

3. a) fôssemos/assumiríamos
b) trouxesse/consertaríamos/continuaríamos
c) coubesse/iria
d) dispusesse/seriam
e) desse/terminaríamos
f) condissesse/haveria
g) liquifizesse/seria
h) fossem/ficaria
i) pudéssemos/daríamos
j) quisesse/seria
k) soubessem/ficariam
l) estivesse/haveria
m) visse/ ficaria
n) mantivesse/teria

4. a) vieram
b) fizera
c) trouxéramos
d) houvera
e) vira
f) antepuseras
g) rarefizera
h) apurara
i) estivéramos
j) dissera
k) coubera
l) foras
m) mantivera/detivera

O aluno deve perceber que o uso da forma simples torna as frases mais formais.

5. a) punha
b) dispunha
c) contrapúnhamos
d) supunha
e) íamos
f) vinha
g) convinham
h) prevíamos
i) revias
j) indispunha
k) predispunha
l) intervinha
m) provinha

6. a) dispuser/terminará
b) depuser/seremos
c) indispusermos/desfaremos
d) recompuser/voltará
e) transpusermos/ veremos
f) decompuser/surgirá
g) vir/ perceberá
h) revirmos/traremos
i) satisfizer/perceberá
j) opuser/desistirá
k) expusermos/obteremos
l) trouxeres/ daremos
m) sobrepuser/haverá
n) contiver/fará

7. a) interpus
b) predispôs
c) interveio
d) intervieram
e) intervim
f) proveio
g) convieram
h) opuseste
i) intervieram
j) desavim
k) interveio
l) interviemos
m) convieram
n) mantiveram/contiveram

Atividades *(p. 179)*

1. É importante o aluno perceber que ele terá necessidade de exprimir as noções que os verbos defectivos não podem exprimir em determinados tempos e modos. As respostas oferecidas não são as únicas possíveis.

a) faça a demolição daquela, ponha abaixo
b) seja abolida
c) pinte
d) venham a se exaurir, se esgotem
e) seja banido, seja afastado

2. a) consiga reaver
b) acautelemos, tomemos precauções
c) adaptem, ajustem
d) acautelo, previno
e) adaptam, ajustam
f) consegue reaver, faz por reaver

3. a) reouve
b) precavi/tive
c) reouvemos
d) adequou
e) aboliu
f) faliram
g) precaveu/afastou
h) reouve
i) reouvemos

4. a) eleito/elegido
b) aceito/aceitado
c) pago/gasto/ganho
d) pago ou pagado/gasto ou gastado/ganho ou ganhado
e) chegado/pegado
f) entreaberto/visto/dito/escrito/vindo

Textos para análise *(p. 180)*

Texto 1

1. São verbos regulares: sujar, lavar, esperar, piscar, esperar, caminhar, comer, deitar; são irregulares: ouvir, sentir, barbear, dormir e ser (o verbo **ser** é anômalo, pois apresenta fortes irregularidades); são defectivos: chover e acontecer (que estão no grupo dos verbos impessoais e unipessoais, já que se conjugam apenas na terceira pessoa).

2. 1) sujo o pé de areia pra depois lavar na água 2) espero o vaga-lume piscar outra vez 3) ouço a onda mais distante por trás da mais próxima 4) não espero nada acontecer 5) se chover, tomo chuva 6) caminho 7) sinto o sabor do que como 8) sou gentil com qualquer pessoa 9) barbeio-me no final do dia 10) ao me deitar para dormir, durmo

3. Os verbos no infinitivo não se referem a nenhuma pessoa do discurso, não situam no tempo as ações e os processos expressos por eles, nem são expressos de um determinado modo. Podem referir-se a qualquer ser, sem restringir-se a um em particular. As ações e os processos expressos no texto ganham, assim, um aspecto universal, que serve a quem os enuncia como a qualquer outra pessoa num dia qualquer.

Texto 2

1. Mais do que chegar à resposta "certa", é importante que os estudantes procurem justificar o uso dessas formas tomando por base o estudo dos verbos feito até o momento. Assim, a discussão sobre as razões que levam aos desvios não devem prender-se a preconceitos ou simplesmente à justificativa do desconhecimento do padrão culto por parte do falante. Dentro da complexidade que é o sistema da conjugação verbal em português, há padrões que se repetem. Quando alguém "erra", como ocorre nos exemplos dados, percebemos que o falante toma uma regularidade conhecida e aplica-a a um verbo irregular. Podemos dizer, assim, que existe uma lógica no desvio. Observando as formas dadas, temos:1) "fondo": o falante aplicou a terminação -ndo, do gerúndio, à forma *foi*, terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do verbo *ir*, que é considerado anômalo por suas fortes irregularidades (basta ver a variação dos radicais: vou, ia, fui). 2) "hajar": o verbo haver é tão irregular que às vezes se tem a impressão de que formas como *hei*, *há*, *houve* e *haja* não são do mesmo verbo; assim, o falante criou o verbo "hajar", pelo acréscimo da desinência do infinitivo à forma *haja*, terceira pessoa do singular do presente do subjuntivo. 3) "desfazerá": o tempo verbal em questão é o futuro do presente do indicativo (*beijarei*, *sofrerei*, *partirei* etc.). Esse tempo é conjugado a partir do infinitivo, ao qual se acrescentaram as terminações *-ei*, *-ás*, *-á*, *-emos*, *-eis*, *-ão*. Isso aplica-se a qualquer verbo, regular ou irregular. Ocorre que há três exceções: *dizer*, *fazer* e *trazer*, de cujo futuro do presente se suprime a sílaba "ze". Se na conjugação desses três verbos se aplicasse o sistema padrão, teríamos formas como "dizerei", "dizerá", "fazerei", "fazerá", "trazerei", "trazerá" etc. Com a supressão da sílaba "ze", ocorrem as formas *direi*, *dirá*, *farei*, *fará*, *trarei, trará* etc. O que ocorreu nesse caso, portanto, foi um processo de "regularização" da conjugação.

Texto 3

Recomendamos vivamente que as atividades de leitura e análise da canção sejam feitas somente após a atenta audição em sala de aula. Trata-se sem dúvida alguma de uma das obras-primas de Caetano e Gil — e a profundidade da análise que fazem da realidade brasileira é comparável ao apuro verbal do texto produzido.

1. Terceira pessoa do singular do futuro do subjuntivo.

2. Terceira pessoa do singular do futuro do subjuntivo do verbo *ver*. Essa forma é obtida a partir do tema do pretérito perfeito do indicativo (vi-ste).

3. *Ver* é, no caso, uma forma do infinitivo pessoal, formada a partir do infinitivo impessoal. *Vir* é, como já vimos, uma forma do futuro do subjuntivo, formada a partir do pretérito perfeito do indicativo.

4. Futuro do subjuntivo: defender, notar, ouvir, apresentar; infinitivo: subir, mostrar, furar.

5. *Parecer* é, morfologicamente, regular. Apresenta um detalhe ortográfico: o uso do *ç* quando necessário.

6. Presente do subjuntivo. Essa forma é obtida a partir do radical da primeira pessoa do singular do presente do indicativo (poss-o).

7. Futuro do subjuntivo, obtido do tema do pretérito perfeito do indicativo (disse-ste).

8. O aluno deve selecionar algumas das incontáveis referências aos "pretos". Deve também notar que o preconceito não é só racial, mas também social: os brancos pobres acabam virando "quase pretos".

9. O aluno deve perceber que democratizar o ensino é um caminho para formar cidadãos, indivíduos capazes de aprender a respeitar o sinal vermelho e de discutir a questão da adoção da pena capital com mais consciência e discernimento, evitando as armadilhas demagógicas. Em salas de aula formadas por alunos de alto poder aquisitivo, a menção a sinais vermelhos e à pena de morte costuma causar polêmica — pois muitos aprendem com os pais que "sinal de trânsito é para os outros" e que "bandido tem mais é que morrer". O professor não deve aceitar passivamente essas afirmações — afinal, a escola deve preocupar-se com a formação integral do cidadão.

10. Reflexão pessoal.

Questões de exames e concursos *(p. 183)*

1. c **2.** b **3.** d **4.** c **5.** b

6. c **7.** b **8.** c **9.** b **10.** d

11. a **12.** b **13.** c **14.** e **15.** d

16. Eles não reouveram seus bens. *Reaver* é conjugado como *haver*, mas só existe nas formas em que o verbo *haver* apresenta a letra *v*.

17. e **18.** d **19.** a **20.** a **21.** a

22. a

23. a) mantiam, ir
b mantinham, for
c) Mantiam: formada como se o verbo fosse regular; ir: confusão entre formas do infinitivo e do futuro do subjuntivo.

24. a **25.** d

26. a) repor: … e repuser perdas salariais
b) confusão entre formas do infinitivo e do futuro do subjuntivo, comum quando se usam certos verbos irregulares

27. e **28.** c **29.** b **30.** b **31.** b

32. b **33.** c **34.** e **35.** interveio, deteve

36. a) Se você se pusesse em meu lugar, perceberia melhor o problema.
b) Quando virem o logro em que caíram, ficarão furiosos.

37. a) Se ele vir o filme, eu também verei.
b) Se tu te dispuseres, eu também me disporei.

38. d **39.** a **40.** b

41. a) abençoe; b) ouça; c) proteja

42. a **43.** c **44.** b **45.** d **46.** a

47. c **48.** e

Capítulo 8 – Estudo dos verbos (III)

Atividade *(p. 190)*

Atividade para revisão e controle de aquisição de competências básicas.

a) oposição certeza/incerteza
b) oposição certeza/incerteza
c) oposição fato positivo/hipótese
d) oposição certeza/possibilidade
e) oposição certeza (há quem ama a pátria)/possibilidade (talvez não haja quem ame a pátria…)
f) diferença entre uma avaliação subjetiva e uma ordem, um conselho.

Atividades *(p. 194)*

O professor pode, por meio destas atividades, sistematizar os conteúdos até aqui estudados e ao mesmo tempo avaliar o grau de aquisição de competências por parte dos alunos.

1. a) fui/fora, tinha ido
b) chegamos/saíra, tinha saído
c) sabem/ divide
d) acordava/corria/durmo/tenho
e) vem/pergunta/ precisa ou vinha/perguntava/ precisava
f) contive/gritei
g) sugere
h) sugeria ou sugeriu
i) está/vê/ouve/é ou estava/via/ouvia/era
j) tinham/rolava/imperava/eram/valia
l) abri/notei/passara ou havia passado ou tinha passado

2. a) acordarei/pegarei ou acordo/pego
b) seria
c) será
d) viria ou teria vindo
e) saiu/ganharia
f) saias
g) encontrará
h) terá terminado ou estará terminado
i) teria terminado ou estaria terminado
j) continuaria, expressariam
l) poderia

3. a) A segunda frase exprime maior convicção do que a primeira.
b) A primeira frase é um comando; a segunda, uma forma delicada e familiar; a terceira, uma forma categórica de impor um comportamento.
c) A primeira frase indica maior convicção do que a segunda.
d) A primeira frase é muito mais rebuscada do que a segunda.

4. Reflexão pessoal.

5. Reflexão pessoal.

Atividades *(p. 197)*

1. a) caibam ou coubessem ou venham a caber
b) seja
c) contivesse
d) tenha encerrado
e) estiver
f) revirem

2. a) Sugiro-lhe que faça… Sugeri-lhe que fizesse…
b) Sugiro-lhe que veja… Sugeri-lhe que visse…
c) Sugiro-lhe que traga… Sugeri-lhe que trouxesse…
d) Sugiro-lhe que redija… Sugeri-lhe que redigisse…
e) Sugiro-lhe que confira… Sugeri-lhe que conferisse…
f) Sugiro-lhe que mostre… Sugeri-lhe que mostrasse…

3. a) Supunha que ele tivesse convencido os filhos.
b) Supunha que a empresa tivesse superado as dificuldades.
c) Supunha que tivéssemos eliminado todas as dúvidas.
d) Supunha que houvessem visto os melhores filmes.
A forma inicial exprime o desejo de quem fala de que aquele com quem fala tenha obtido sucesso. A forma transformada exprime a decepção de quem fala diante de algo que já sabe não ter acontecido.

4. a) Era provável que ela adotasse…
b) Era insuportável que não se eliminasse…
c) Era imprescindível que participássemos…
d) Era indispensável que fizéssemos…
e) Era necessário que todos permanecêssemos…
f) Era preciso que se alterasse…
g) Era inacreditável que ele se deixasse envolver.
A forma inicial indica uma avaliação de algo relativo ao momento em que se fala ou escreve; a forma transformada refere-se nitidamente a processos já encerrados.

5. a) quisesse, faria/ tivesse querido, teria feito
b) requeresse, conseguiria/tivesse requerido, teria conseguido
c) previsse, iria/ tivesse previsto, teria ido
d) lutasse, surgiriam/tivesse lutado, teriam surgido
e) fizessem, seria/tivessem feito, deviam, teria sido grandioso.
f) fossem, cresceria/tivessem sido, teria crescido.
A primeira forma indica acontecimento provável; a segunda, acontecimento desejável, mas já tido como de realização muito difícil; a terceira, como mera hipótese relativa a coisas que não aconteceram.

Atividades *(p. 202)*

1. a) encerradas
b) esbravejando
c) resolvidos
d) vindo/indo
e) escrito/pintar
f) examinares

2. a) costumo
b) voltei a
c) parei de, deixei de
d) começava a/punham-se a (sugestão)
e) tenho
f) pode/deve

Textos para análise *(p. 202)*

Texto 1

1. A charge sugere uma tarefa escolar manuscrita, imitando uma folha de caderno de aluno. A ilustração mostra um ambiente decadente (aluno fumando, abatido; lixo espalhado pelo chão; mobília obsoleta) que vem comprovar as afirmações do texto da charge.

2. Os verbos estão conjugados no modo indicativo, normalmente empregado para expressar certeza, fatos verdadeiros e reais. Nome completo dos tempos: pretérito perfeito e futuro do presente.

3. Supõe-se que o enunciador que se coloca como primeira pessoa seja um estudante; o pronome tu provavelmente representa um interlocutor, um cidadão comum que também acaba sofrendo as consequências do descaso para com a educação e, finalmente, o pronome **eles** refere-se às autoridades, às pessoas que, detentoras de um cargo público, deveriam estar lutando para conseguir melhorar a educação no país. O uso da terceira pessoal do plural se justifica, uma vez que são muitos os que deveriam se responsabilizar pela educação.

4. Tu não te responsabilizaste.
Eu não me responsabilizei.
Nós não nos responsabilizamos.
Eles não se responsabilizaram.

5. O verbo investir, quando conjugado na primeira pessoa do singular do presente do indicativo, apresenta i no lugar do e no radical : invisto. Já o verbo agredir, apresenta o i no lugar do e nas pessoas: primeira, segunda e terceira do singular e terceira do plural: agrido, agrides, agride, agridem. O mesmo ocorre nas formas derivadas.

6. Aparecerá a vogal **u** antes da letra **e**: drog**u**ei. O mesmo ocorrerá quando o verbo for conjugado no presente do subjuntivo: drogue, drogues, drogue, droguemos, drogueis, droguem.

7. Observa-se que não há mudança nos verbos conjugados. A mesma frase permance, alterando-se apenas o tempo, do pretérito para o presente, o que significa que os mesmos erros cometidos pelas administrações anteriores continuam: alternam-se os partidos no poder, mas a educação continua a não ser prioridade.

8. O objetivo do cartunista é criticar o governo, mostrando as consequências do descaso para com a educação.

9. Pretérito: eu me esforcei; tu me ensinaste; eles fizeram a obrigação.
Presente: eu aprendo; tu te tranquilizas; eles se vangloriam.
Futuro: eu me formarei; tu te beneficiarás; eles se elegerão.

10. Considerando o todo da charge, seria de se esperar que os responsáveis pelo péssimo estado da educa-

ção não se (re-)elegessem, uma vez que não cumpriram sua orbigação. Contudo, e aí está a crítica mais contundente da charge, eles parecem não ser afetados: continuam a receber os votos dos eleitores.

Texto 2

1. Resposta pessoal. Considerar, entretanto, que a língua e seu emprego não são fenômenos passíveis de mudanças por decretos institucionais.

2. Também por "provocação", o jornalista empregou a forma nominal em questão — o gerúndio — de maneira exagerada. Exemplos: "estar virando", "estará falando", "estar repassando", "estar fazendo", "estará vacinando", "estar ouvindo", "estará sendo desrespeitado", "estar virando anedota", além dos citados entre aspas: "vamos estar providenciando" e "vou estar confirmando". Além da farta presença do gerúndio, chamar a atenção para outras palavras como "abespinhado" ou "encontradiças" que contribuem para intensificar o tom sarcástico do texto.

3. Aparece o particípio.

4. Resposta pessoal. Considerar que não é a proibição do gerúndio que está em jogo, mas a eliminação de uma prática constante em nossos meios políticos: a de postergar a tomada de decisões necessárias ao bom andamento da administração pública. A demissão deveria ser de quem usa o gerúndio como desculpa de sua ineficiência.

5. Resposta pessoal. Considere-se que o emprego do gerúndio é perfeitamente válido em nossa língua, desde que expresse ações prolongadas, que estejam em processo. Exemplo: Nos três últimos capítulos do livro estamos estudando os verbos. Ultimamente, talvez por influência do *telemarketing*, difundiu-se o emprego do gerúndio para ações pontuais, imediatas: "vou estar transferindo sua ligação"; "vou estar encaminhando seu assunto" e assim por diante, no lugar de formas muito mais simples e diretas como: vou transferir, vou encaminhar. A explicação para essa "moda" pode estar na inadequada tradução literal de algumas expressões da língua inglesa, presentes em manuais estrangeiros, ou na falsa impressão que se pretende passar ao usuário de que alguma providência está sendo tomada para resolver o problema dele.

Questões de exames e concursos *(p. 204)*

1. O recurso formal que expressa a hipótese é o futuro do pretérito ("gostaria").

2. a) Ainda hoje, esta singela quadrinha de propaganda é cantada no rádio por vozes bem afinadas.
b) Novinhas em folha corresponde à expressão "rosas desabrocham"; resplandecentes corresponde a "luz do sol".

3. 33 (1,32)

4. b

5. e **6.** b **7.** a **8.** d **9.** b

10. a) E eu, se menos a conhecesse, mais a amaria.
b) *Sou*, no caso, indica um processo iniciado no passado cuja ação é duradoura (equivale a fiquei ou tornei-me), é indica, no caso, um estado permanente.

11. b **12.** e

13. a) I — Eles haviam pedido que a Petrobrás garantisse que não haveria inquéritos administrativos contra os grevistas. II — Se eles tivessem pedido, a Petrobrás garantiria que não haveria inquéritos administrativos contra os grevistas.
b) No item I, pede à Petrobrás que garanta não instalar processos administrativos contra os grevistas — a empresa pode ou não aceitar o pedido. O período construído para expressar esse pedido é formado por orações subordinadas substantivas, num processo típico de utilização do discurso indireto. Em II, a Petrobrás teria garantido não instalar inquéritos administrativos desde que houvesse um pedido — ou seja, a condição para não acontecerem os inquéritos era o pedido. Nesse caso, constrói-se um período composto em que ocorre oração subordinada adverbial condicional.

14. a) Na primeira notícia: tem havido e tem arrojado; na segunda, destruiu, anteontem, rompeu, levando, retorceu, foram arrancadas, arremessaram.
b) Houve no Mar Negro uma grande tempestade, que provocou o naufrágio de grande número de embarcações. Mais de 80 cadáveres arrojados pelo mar à praia já foram recolhidos.
c) Resposta pessoal. Deve-se atentar na manutenção da correspondência entre os tempos verbais. Atualmente, esse início seria utilizado para referir processos repetidos ou em desenvolvimento — algo como "Tem havido no Mar Negro constantes manobras militares da frota russa…"

15. Na alternativa A, o verbo "assegurar" deve flexionarse no presente do indicativo, como ocorreu com "transmitia", da oração anterior. Na B, o verbo "encarar" deve flexionar-se no presente do subjuntivo, já que a oração de que faz parte é encabeçada pela locução conjuntiva "a não ser que". Na C, como o "que" antecedente ao verbo "poder" é pronome relativo, esse verbo deve ficar no presente do indicativo. Na D, como "que" é conjunção integrante, os verbos "transcender" e "tomar" estão corretamente flexionados no presente do subjuntivo. Na E, finalmente, a segunda ocorrência do verbo "poder" deve ficar no presente do indicativo por indicar ação expressa no plano da certeza.
Resposta: d

16. e **17.** d

18. a) O "problema de estilo" consiste no hábito corrente de substituir formas verbais simples por locuções com o verbo auxiliar estar seguido do gerúndio do verbo principal. Assim, no texto transcrito, "estaria…

enviando" substitui "enviaria"; "estaremos fazendo" substitui "faremos" e "vamos estar enviando" substitui "vamos enviar". re-escrito e melhorado em alguns pontos, o trecho em questão poderia assumir a seguinte forma: "Precisávamos ter certeza de que a nossa matriz no Brasil nos enviaria a referida peça. Na próxima semana, faremos uma revisão geral no aparelho e o enviaremos ao senhor".

b) O "desvio da norma-padrão" do Português, não apenas do Brasil, está no emprego do pronome reto ele em função de objeto, na qual seria de regra o pronome oblíquo o: "vamos enviá-lo".

19. O aluno deve refletir sobre os conteúdos estudados e propor frases em que o uso desses tempos verbais seja coerente. Sugere-se ao professor que insista na diferença básica entre esses três tempos: o perfeito como indicador de processo totalmente realizado em momento anterior ao da enunciação, como em "Fui ao cinema ontem"; o mais-que-perfeito como indicador de processo totalmente realizado em relação a outro processo realizado em momento anterior ao da enunciação, como em "Fui ontem ao cinema ver um filme diferente do que vira na semana passada" e o imperfeito, que indica processos iniciados em momento anterior ao da enunciação e que não têm limites precisos ou processos que se repetem desde um momento anterior ao da enunciação, como em "Sempre ia ao cinema às sexta-feiras".

20. c **21.** d **22.** b **23.** a **24.** b

25. b

26. a) Empregando-se o pronome vocês, segundo o hábito brasileiro, o imperativo corresponderia a formas do subjuntivo: "Numa panela funda, coloquem a água, o adoçante, o suco de laranja, o cravo, a canela e o anis-estrelado. Deixem ferver por 15 minutos. Juntem os pedaços de abóbora na calda e cozinhem por 20 minutos. Desliguem o fogo e deixem na panela por 12 horas. Depois, coloquem em uma compoteira. Levem à geladeira por aproximadamente 1 hora, antes de servir". Caso se optasse por formas do imperativo propriamente dito, que postulam o tratamento em segunda pessoa, os verbos seriam: colocai, deixai, juntai, cozinhai, desligai, deixai, colocai, levai, respectivamente.

b) Numa panela funda, colocam-se a água, o adoçante, o suco de laranja, o cravo, a canela e o anis estrelado. Deixa-se ferver por 15 minutos. Juntam-se os pedaços de abóbora na calda e cozinha-se por 20 minutos. Desliga-se o fogo e deixa-se na panela por 12 horas. Depois, coloca-se em uma compoteira. Leva-se à geladeira por aproximadamente 1 hora, antes de servir.

27. b **28.** b

29. a) pretérito mais-que-perfeito do indicativo
b) indica processo anterior a outro processo passado — indicado, no caso, pelo pretérito perfeito "*perceberam*"

30. e **31.** b **32.** c

33. a) vier, vir, entregarei
b) vieres, vires, entregarás
c) vier, vir, entregará
d) viermos, virmos, entregaremos
e) vierdes, virdes, entregareis
f) vierem, virem, entregarão

34. d

35. Os tempos verbais empregados são o presente e o futuro do pretérito. O primeiro expressa a experiência concretizada pelo eu-poético e o segundo expressa a experiência projetada, a hipótese, o desejo.

36. c **37.** a **38.** e **39.** e **40.** c

41. a) reouver
b) se mantêm
c) contivessem
d) compuser

42. c **43.** c **44.** a **45.** d **46.** d

47. b **48.** c **49.** b

Capítulo 9 – Estudo dos substantivos

Atividades *(p. 217)*

Optamos por atividades que façam o aluno praticar o uso de substantivos abstratos — tão frequentes em estruturas linguísticas dos textos dissertativos — e dos substantivos coletivos, cujo uso apropriado permite a construção de frases mais sintéticas e a expressão de interessantes nuanças de significado.

1. a) O sujeito exibia tanta altivez que…
b) Seu olhar expõe tanta tristeza que…
c) A rijeza de seu caráter impressionava…
d) A nobreza de seu coração é sentida por todos.
e) É tanta a rigidez do material que…

2. As frases são pessoais. Os substantivos referentes aos adjetivos dados são: a) honestidade; b) participação e fiscalização; c) questionamento; d) claridade; e) clareza; f) inquietude, inquietação; g) suscetibilidade

3. a) plantel
b) assembleia
c) fauna/flora
d) frota
e) junta
f) júri
g) banda, conjunto
h) camarilha
i) claque
j) comitiva
k) elenco
l) prole
m) acervo/hemeroteca
n) antologia

4. Reflexão pessoal. Alguns dos coletivos adquirem valor pejorativo de acordo com o contexto em que são usados.

Atividades *(p. 221)*

Estas atividades trabalham alguns detalhes importantes da forma culta da língua.

1. a) uma comadre
b) uma amazona
c) a nora
d) uma marani
h) à anfitriã
i) uma cidadã consciente
j) da maestrina
k) uma embaixadora

e) a ré
f) uma parenta
g) uma consulesa
l) uma valentona
m) uma dama

2. a) uma vaca
b) uma ovelha
c) uma cabra
d) uma cadela
e) uma elefanta
f) uma leitoa
g) uma pavoa
h) uma perdiz

3. a) muito/as/as
b) o/muita/do
c) superado o/um/uma/uma/o/um
d) uma/falsificada
e) da
f) o/vendido/considerado

4. a) o/decapitado/a/exposta
b) todo o/aplicado/da
c) o/a
d) o/pequeno
e) uma/voltada
f) quantos/pela

Atividades *(p. 227)*

Atividades para a prática de alguns detalhes importantes da forma culta da língua.

1. a) … jardins?
b) …balões?
c) …figurões?
d) …cidadãos?
e) …capitães?
f) hambúrgueres?

2. a) barris
b) leões fugirem
c) eleições
d) cidadãos
e) pães
f) escrivães e tabeliães
g) caracteres
h) juniores
i) ônibus
j) projéteis
k) projetis
l) hifens (ou hífenes)
m) pasteizinhos

3. O aluno deve atentar aos casos de metafonia presentes nas frases.

4. a) salários-família ou salários-famílias
b) beija-flores
c) bate-bocas
d) alto-falantes
e) abaixo-assinados
f) segundas-feiras
g) vice-presidentes
h) recém-casados
i) boias-frias
j) bananas-maçã ou bananas-maçãs; mangas-rosa ou mangas-rosas
k) palavras-chave ou palavras-chaves
l) guarda-roupas
m) guarda-chuvas
n) couve-flores ou couves-flores
o) obras-primas
p) joões-de-barro
q) vitórias-régias
r) navios-fábrica ou navios-fábricas
s) livros-caixa ou livros-caixas
t) arranha-céus
u) ex-diretores
v) para-raios
w) bumba-meu-boi

Atividades *(p. 229)*

Atividades para que o aluno reflita sobre as possibilidades de expressão de nuanças de significado por meio das formas do aumentativo e do diminutivo.

1. a) avaliação de sentido moral
b) exaltação da beleza física
c) exaltação da qualidade técnica
d) depreciação da qualidade técnica
e) avaliação de sentido moral, ligada à ideia de excesso
f) envolvimento afetivo, conotação de valorização
g) avaliação de sentido moral ou expressão de preconceito social
h) avaliação de sentido moral ou expressão de preconceito social
i) sentido afetivo, familiar
j) expressão de dimensão física
k) exaltação da beleza física, em sentido metafórico

2. a) bocarra; boquinha
b) corpanzil; corpinho, corpúsculo
c) narigão; narizinho
d) casarão; casinha, casebre
e) pezão, pezinho
f) manopla, manópula, manzorra; mãozinha
g) canzarrão; cãozinho
h) gatão, gatarrão, gatorro; gatinho
i) homenzarrão; homenzinho, homúnculo
j) mulherão (sentido figurado); mulherzinha (sentido figurado). Para indicar dimensão física, usam-se as formas analíticas mulher grande e mulher pequena
k) animalaço, animalão; animalzinho.

Textos para análise *(p. 229)*

Além da prática dos conteúdos estudados neste capítulo, estas atividades de leitura e análise permitem também discutir com os alunos alguns efeitos de sentido produzidos pela escolha vocabular no texto literário (poema e letra de canção popular), especialmente pelo emprego do substantivo.

Texto 1

No texto de Vinicius de Moraes, a descrição da amada vai além da simples exposição de características. Cada traço que a define nos é transmitido por meio de imagens, em frases de estrutura simples, mas de grande lirismo. O estudo desse texto permite explorar o valor estilístico do substantivo como classe de palavras que se presta muito bem ao trabalho de criação de imagens.

1. Perdido ("Ela fez um eterno **perdido**"); ser ("E do pobre **ser** que Deus lhe deu"); andar ("…e um **andar** pequenino");

2. Fala, beijo, zanga, briga ("Tem **fala** de S"; "dar um **beijo** nela e sair correndo"; "E ficar de longe espiando-lhe a **zanga**"; "deem-lhe razão, faz uma **briga**")

3. Nai-ou-nentes, geografia.

4. Diminutivos sintéticos: besourinhos, estrelinhas, passarinhos, comidinha, senhorazinha; diminutivo analítico: andar pequenino.

5. Espera-se que os estudantes percebam o valor afetivo do diminutivo no texto. O poeta apresenta a namorada ora como uma criança (menininha, senhorazinha, "queria brincar com ela, fazer comidinha, jogar nai-ou-nentes"), ora como mulher (é culta, vai para o trabalho, é uma cigana), e nesse jogo mesmo percebe-se o valor afetivo do diminutivo.
6. Predominam os substantivos concretos. Observe-se que a utilização do substantivo (alguns abstratos, mas com predominância dos concretos) é fundamental para a criação de imagens referentes ao aspecto físico da amada ("**olhos** como **besourinhos** / como **estrelinhas**"; "**cabelo** fino, um **corpo** menino e um **andar** pequenino"; "vai e vem como uma **patativa**") e para a formação de um conceito sobre o que ela é: múltipla, contraditória, envolvente, forte, delicada ("sabe **aritmética**, **geografia**, **história**, **contraponto**"; "faz **coleção** de **cactos**"; "vai para o **trabalho**"; "é uma nossa **senhorazinha**, é uma **cigana**, é uma **coisa**…"; "**anjo** de **Domremy**"; "deem-lhe uma **espada**, contrói um **reino**; deem-lhe uma **agulha**, faz um **crochê** / Deem-lhe um **teclado**, faz uma **aurora**, deem-lhe **razão** faz uma **briga**").

Texto 2

Deve-se, se possível, apresentar o texto por meio de uma gravação. É, antes de mais nada, uma belíssima canção de Gilberto Gil. E um exemplo muito bem-sucedido de exploração de homofonias e homografias.

1. O aluno deve perceber que o próprio texto oferece essa explicação quando afirma que se trata de *rebento* no sentido de "ato de criação": deve-se relacionar isso com o que se aprendeu sobre formação dos substantivos deverbais por derivação regressiva (rebentar: rebento) e relembrar que, nesse processo, formam-se sempre nomes de ação, que, como se verificou no estudo dos substantivos, são sempre substantivos abstratos (ao lado dos nomes de qualidade e de sentimento).
2. Não, pois *rebento* agora é "tudo o que nasce", "tudo o que brota, que vinga, que medra". O aluno deve perceber que não se trata mais do nome de uma ação, mas sim do nome de um ente (vegetal, no sentido primeiro) — o que torna *rebento* um substantivo concreto, pois nomeia um ser de existência independente.
3. Parece predominar nessas três últimas vezes o sentido de ato de criação, ainda que impregnado pelos dois outros sentidos.
4. O texto se refere basicamente à atividade criadora do artista, cujo rebento (ato criador) rebenta (forma verbal) como rebento (broto) em diversas ocasiões: seja por nervosismo, seja por fúria, seja por atividade laboriosa.
5. Os sinônimos são os verbos *rebentar*, *brotar*, *vingar* e *medrar*. O professor deve aproveitar para discutir com os alunos o conceito de sinônimo, mostrando como não se trata de palavras com o mesmo significado, mas sim de palavras que pertencem a uma mesma área semântica — cada uma delas sendo capaz de exprimir detalhes importantes de significado.
6. O aluno deve perceber o trabalho sonoro desenvolvido com as consoantes /R/ e /r/.
7. Comparações: o ato da criação e o surgimento de uma nova estrela; rebento raro como flor na pedra; rebento farto como trigo ao vento; rebentar como a corrente de um cão furioso, como as mãos de um lavrador ativo, como um acidente em forno radioativo; há ainda a relação entre o rebento e o trovão dentro da mata.
   O aluno deve observar a riqueza dessas imagens comparativas, todas de grande força expressiva; particularmente, a imagem do trovão dentro da mata é de profundo vigor e beleza.
8. Resposta pessoal do aluno, que deve relacionar sua experiência pessoal com o conteúdo do texto analisado.

Questões de exames e concursos *(p. 232)*

1. a	**2.** e	**3.** a	**4.** c	**5.** b
6. a	**7.** d	**8.** b	**9.** d	**10.** b
11. c	**12.** e	**13.** d	**14.** b	**15.** c
16. b	**17.** c	**18.** d	**19.** d	**20.** c
21. b	**22.** e	**23.** c	**24.** a	**25.** c
26. e	**27.** d	**28.** a	**29.** c	**30.** d
31. c	**32.** c	**33.** d		

Capítulo 10 – Estudo dos artigos

Atividades *(p. 238)*

Optamos por propor estas atividades de análise das diversas nuanças de significado que os artigos podem transmitir em lugar de extensas listas de valores e empregos dos artigos que tradicionalmente são encontradas nas gramáticas.

1. a) valor de pronome demonstrativo: desta região
   b) valor de pronome possessivo: suas mãos e sua mãe
   c) valor de pronome indefinido: cada quilo
   d) valor superlativo: o mais importante momento
   e) valor enfático: um homem mesmo, um homem de verdade
   f) valor aproximativo: mais ou menos meia hora
   g) valor enfático: talento de verdade, talento demais, talento verdadeiro
2. a) cotidianamente, diariamente/o dia todo, o dia inteiro
   b) O uso do artigo indica maior familiariade. Em algumas regiões do Brasil (alguns estados do Nordeste, por exemplo), o uso do artigo nunca ocorre, mesmo quando há familiaridade.
   c) é uma das que eu tenho/é a que eu tenho
   d) apresentou algumas das reivindicações/apresentou todas as reivindicações
   e) A segunda frase sugere que ele é o maior dos compositores brasileiros; na primeira, ele é um dos grandes compositores brasileiros.

Textos para análise *(p. 238)*

Texto 1

1. As palavras em destaque pertencem à classe dos artigos. A intenção do autor é destacar a oposição que existe entre o artigo definido (que particulariza) e o artigo indefinido (que generaliza).

2. Pensei que eu fosse o único amigo da vida dela, exclusivo. Mas agora percebo que sou só um amigo a mais, entre tantos outros.

Texto 2

Como sempre, recomendamos que se faça a audição da canção em sala de aula como ponto de partida das atividades de leitura e análise.

1. São usados em sentido genérico: acompanhados de artigos indefinidos, esses substantivos indicam qualquer homem ou qualquer mulher.

2. O substantivo *coração* surge nesse verso acompanhado de artigo definido, o que o torna um substantivo determinado. A determinação parece indicar que o coração ser tomado como sede da sentimentalidade é um fato sabido e aceito por todos: algo semelhante a dizer "e, como todos sabem, é no coração que essas coisas acontecem".

3. Esse contraste é a razão pela qual este texto foi escolhido para este capítulo. "Um falso amor" não passa de mais um dos inúmeros amores não-verdadeiros, indefinidos e indeterminados na sua sequência pouco significativa. "O grande amor" é aquele por que sempre se esperou, aquele que será único e eterno (enquanto durar).

4. Reflexão pessoal.

Texto 3

1. No primeiro quadrinho, o Dr. Zook refere-se de modo geral a todos os bebês (todos eles dão preocupações aos pais); no segundo quadrinho, Helga refere-se especificamente àquele bebê, o bebê dragão.

Questões de exames e concursos *(p. 240)*

1. a) O contraste entre o artigo definido ("o homem") e o artigo indefinido ("uma mulher").
b) O artigo definido alça o substantivo *homem* a uma posição de superioridade: é um ser determinado, específico, único. O indefinido transforma *mulher* num ser subalterno, igual a todos os outros da mesma espécie. É interessante comentar com os alunos que o machismo vem expresso por uma voz feminina, ou seja, é um elemento ideológico arraigado também na visão de mundo da mulher. Comentar com eles que os autores estão apresentando com mestria uma situação da realidade, e não, como muitos julgam, expondo as próprias ideias sobre a relação entre o homem e a mulher.

2. Nunca havia visto um indivíduo da espécie humana (um homem); por isso não sabia identificar esse tipo de ser (o homem).

3. a **4.** a **5.** d **6.** d **7.** b

Capítulo 11 – Estudo dos adjetivos

Atividades *(p. 247)*

Procuramos elaborar atividades que levem o aluno a empregar os adjetivos pátrios mais comuns no dia-a-dia, na imprensa e nas suas atividades didáticas — os adjetivos pátrios referentes às regiões e cidades portuguesas, por exemplo, ocorrem com frequência nos textos de literatura portuguesa. O professor pode optar por fazer parte destas atividades oralmente.

1. a) Nasceu no estado do Rio de Janeiro, mas não na capital.
b) Nem todo cidadão que nasce no estado de São Paulo nasce na capital.
c) Pensei que ele havia nascido em Belém do Pará, mas ele nasceu em Belém, na Jordânia.
d) Ela nasceu no Porto, em Portugal, e não em Buenos Aires.
e) Nem todo nascido no Brasil nasceu em Brasília.

2. a) potiguar/gaúcho
b) barriga-verde/capixaba
c) soteropolitano
d) magiar
e) portenha
f) norte-americano/americano
g) nipônica

3. a) florianopolitanas
b) brasiliense
c) salvadorense/ soteropolitano
d) petropolitano
e) piauiense/maranhense
f) são-luisense
g) marajoara/paraenses ou paroaras
h) goiano/goianiense
i) tocantiniana/rondoniana ou rondoniense
j) acreana/rio-branquense

4. a) angolano ou angolense/moçambicano/guineenses/cabo-verdianos ou cabo-verdenses
b) estremenho/algarvias ou algarvienses
c) bracarenses, brácaras ou braguesas/interamnenses
d) beirão ou beirense
e) portuenses/coimbrãs, conimbricenses, conimbrigenses ou colimbrienses/ lisboetas, lisbonenses, olisiponense ou ulissiponense
f) albicastrense/visiense

5. a) nova-iorquino/assuncionenho
b) fueguina
c) salvadorenha
d) costa-riquenho ou costa-riquense/escocês/sueco
e) porto-riquenho/ (norte-)americano, estadunidense ou ianque
f) nicaraguense ou nicaraguana/ guatemalteca/ panamenha
g) pacenha/limenha/quitenha/brasileiras

6. a) da Córsega
b) da Sardenha / de Florença
c) de Cartago
d) da Espanha / da Galiza / da Andaluzia
e) de Israel / de Jerusalém
f) da Síria / de Damasco
g) de Trento
h) de Mônaco
i) da Letônia / da Lituânia / da Estônia

7. a) teuto-italiano (preferível) ou germano-italiano (forma não muito eufônica por causa do eco)
b) sino-vietnamita
c) fino-lituana
d) galaico-portuguesa ou galego-portuguesa
e) afro-americana
f) austro-húngaro
g) greco-romana
h) belgo-brasileira
i) anglo-francês

8. a) A receita provém de Parma, na Itália.
b) É do Rio de Janeiro.
c) É de origem chinesa, mais precisamente da capital Pequim.
d) Sua origem é a a região espanhola de Málaga.
e) Sua origem é a região italiana da Calábria.

Atividades *(p. 251)*

Elaboramos atividades que exploram alguns detalhes de significação dos adjetivos e locuções adjetivas envolvidos. Dessa forma, o aluno reflete sobre a relação entre adjetivos e locuções adjetivas e percebe que há casos que devem ser interpretados com cuidado. O professor pode optar por fazer estas atividades oralmente.

1. a) alimentados pelo derretimento das neves e pelas chuvas
b) másculo/com características da espécie humana
c) do coração (enquanto órgão)/cordata, educada (cordial é o que é relativo ao coração — no sentido figurado desta palavra)
d) dos alunos/dos professores
e) literalmente, da floresta; indica que foi feito por abelhas livres, não cultivadas por apicultores
f) na pedra
g) literalmente, do fígado; indica inimizade orgânica, profunda/ do fígado (enquanto órgão)
h) literalmente, de lebre; é nome de uma má formação
i) muito velho, quase decrépito/dos rins/do pescoço/dos quadris
j) que mata
k) de paixão
l) de ouvido
m) visual (também se pode usar a forma *óptico*)

2. O uso da forma *ótico* para referir-se a ouvidos e *óptico* para referir-se aos olhos poderia evitar ambiguidades. Alguns gramáticos propõem apenas essas grafias; no dicionário Aurélio, a grafia *ótico* atende as duas formas.

3. a) felino/viperina
b) matinal/vespertina
c) bovino/ovino/caprino/suíno
d) estomacais/intestinais
e) bucal
f) insular/etária
g) torácicas/craniano
h) fluvial
i) proteico
j) filial/maternas/paternas

Atividades *(p. 257)*

Estas atividades lidam com alguns detalhes bastante importantes da forma culta da língua. Não deixamos de considerar também as relações entre as formas superlativas da língua coloquial e aquelas da língua formal, particularmente na sua modalidade escrita.

1. a) recém-formada/numerosa
b) amarelo-clara/cor-de-rosa
c) sandia/amarelo-limão
d) sulinas/europeia
e) branca/azul-marinho/pretos/estaduais
f) azul-celeste
g) socioeconômica/anglo-saxã
h) latino-americana/ítalo-franco-germânica
i) surdos-mudos
j) incolor/norueguesa
k) superior/conservadora
l) sã

2. a) médico-cirúrgicas
b) amarelo-canário/amarelo-ouro/amarelo-limão
c) empregados/eficazes/necessárias/tradicionais
d) latino-americanas/humanos/policiais
e) esportivos/afro-asiáticos/suspensos/patrocinadoras
f) surdas-mudas
g) azul-marinho/azul-celeste
h) castanho-escuros/azul-turquesa
i) vermelho-sangue/sóbrias
j) verde-esmeralda/castanho-claros
k) lilases/audazes/venenosos

3. a) fragílima
b) talentosíssimo
c) agílimo
d) agradabilíssimo
e) amabilíssima
f) antiquíssima
g) audacíssimo
h) boníssimo
i) ótima
j) dulcíssima
k) ferocíssimo
l) libérrimo
m) macérrimo
n) paupérrimo
o) simpaticíssima
p) volubilíssima

4. a) velocíssimo
b) vulnerabilíssima
c) criticíssima
d) possibilíssimo
e) mínima
f) mansuetíssimo
g) amicíssimo
h) fragílima
i) felicíssimo
j) sapientíssimo

Textos para análise *(p. 259)*

Texto 1

O texto do anúncio resume-se a três adjetivos. Observem-se os três pontos finais caracterizando as frases nomi-

nais. Ao reduzir cada frase a um único adjetivo, o anunciante concentrou nessa classe de palavra o poder de persuasão. Destaquem-se os holofotes num jogo de luz e sombra (num palco?) reiterando o sentido das palavras *premiado/famoso* e a cor dourada e o enquadramento, reforçando o sentido do adjetivo *bonito*. Destaque-se, ainda, que a imagem reproduz apenas o carro, sem nenhum outro objeto (além dos holofotes), ratificando a ideia de que, em determinadas situações, como nas frases, "menos é mais".

Texto 2

1. O adjetivo "carioca", assim como "soteropolitano" e "ludovicense" não deriva do substantivo que dá nome à cidade do Rio de Janeiro. Carioca é um termo de origem tupi que significa "casa do branco".

2. Poderiam ter entrado: capixaba, para-jerimum, gaúcho, barriga-verde, que são adjetivos pátrios referentes a Espírito Santo, Natal, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Esses adjetivos também não derivam dos nomes dos estados ou das cidades a que se referem.

3. Esses adjetivos são mais facilmente associados às cidades às quais se referem. Com exceção de "carioca", existem, também, outros adjetivos pátrios relativos aos locais citados na questão anterior: para Espírito Santo, espírito-santense; para Natal, natalense; para Rio Grande do Sul, rio-grandense-do-sul; para Santa Catarina, catarinense.

4. Os adjetivos pátrios referentes ao Brasil são formados predominantemente pelos sufixos: -ense (cearense); -ano (baiano); -eiro (brasileiro).

Texto 3

Recomendamos a leitura desse texto na íntegra.

1. As formas corretas são: magríssimo ou macérrimo.

2. O adjetivo "linda" encontra-se no grau superlativo relativo de superioridade. Considerar que a flexão no grau superlativo intensifica a surpresa do personagem que, só depois de um tempo, se dá conta da beleza da mulher.

3. A palavra "burro", utilizada como adjetivo, aparece repetida três vezes. Na primeira, sem intensificador; na segunda, no grau superlativo absoluto analítico e, na terceira, no grau superlativo absoluto sintético.

4. Sárvio, mais do que nunca, se sentiu sábio, muito sábio, sapientíssimo.
Sárvio, mais do que nunca, se sentiu célebre, muito célebre, celebérrimo.
Sárvio, mais do que nunca, se sentiu sensível, muito sensível, sensibilíssimo.

Texto 4

Como sempre nestes casos, insistimos em que as atividades de leitura e análise comecem pela audição da canção. Este texto, particularmente, é muito atraente para os alunos, adolescentes que veem muitas de suas atitudes de questionamento de valores e de construção de uma identidade própria retratadas na letra de Gonzaguinha.

1. "Mundo novo" e "vida nova" permitem perceber o comportamento geral dos adjetivos em relação aos substantivos: os adjetivos qualificam os substantivos, estabelecendo com eles concordância de número e gênero.

2. *Final* é substantivo; *feliz*, adjetivo. O aluno deve usar a palavra *final* como adjetivo.

3. O aluno deve perceber que em alguns casos a posição do adjetivo em relação ao substantivo é importante para o significado da expressão. "Velhas histórias" são as histórias que são sempre repetidas; "histórias velhas" são histórias antigas. Em "canto antigo" e "antigo canto" não ocorre o mesmo fato. Deve-se notar que antigo, no texto, tem o sentido de "habitual".

4. Reflexão pessoal.

Questões de exames e concursos *(p. 262)*

1. a **2.** e **3.** c

4. a) Por se tratar de textos narrativos, a adjetivação tem caráter descritivo e não argumentativo. Em ambos os textos, nota-se uma caracterização enaltecedora, que desenha um quadro idealizado, cujos elementos se aproximam da perfeição. No segundo texto, essa construção é o objetivo do escritor; no primeiro, o escritor faz referência a certo tipo de escrita em que os elementos apresentados são sempre os mesmos — sempre idealizados, sempre caracterizados pelos mesmos adjetivos.
b) Deve-se notar o uso dos artigos definidos no primeiro texto, que substantivam as expressões a que se referem — não é um castelo, é "o imponente castelo" das típicas histórias românticas. Esse tratamento permite perceber que o primeiro texto é metalinguístico.

5. b

6. Uma combinação inusitada seria "livro palerma". O efeito especial aqui decorre do fato de que o adjetivo palerma não é comumente utilizado para qualificar objetos inanimados.

7. b **8.** d

9. a) pluvial c) infantis, pueris
b) passionais d) antiofídico

10. a) felicíssimo b) libérrimo

11. a) especular c) legal
b) vítrea d) linear

12. a) vespertino c) discente
b) vital

13. a) borboletas azul-claras
b) borboletas cor-de-laranja

14. e **15.** c **16.** c **17.** a **18.** d
19. d **20.** a **21.** e **22.** 01 + 04 + 16 = 21
23. c **24.** nobilíssima **25.** d **26.** d
27. c **28.** d **29.** d

Capítulo 12 – Estudo dos advérbios

Atividades *(p. 270)*

Propusemos atividades que permitem refletir sobre as circunstâncias adverbiais, as relações entre os advérbios em *-mente* e as locuções adverbiais, os advérbios interrogativos, o uso de adjetivos em função adverbial e detalhes expressivos obtidos pela repetição da terminação *-mente* em advérbios coordenados. O aluno pode assim refletir sobre vários detalhes relacionados com o estudo dos advérbios — desde questões ortográficas até nuanças de estilo.

1. a) no dia seguinte: tempo; num restaurante: lugar; depois: tempo; num bar: lugar; ternamente: modo
b) talvez: dúvida; no interior de outro apartamento: lugar; lá fora: lugar; no chão e na parte de baixo de uma porta: lugar; vagamente: modo
c) mais: intensidade; ainda: intensidade; em geral/em particular: modo
d) naquela solene ocasião: tempo; diante das figuras ilustres a olhar boquiabertas as dimensões ciclópicas do monumento: lugar; sobre o trabalho: lugar; de súbito: tempo; fragorosamente: modo
e) aos três meses de vida: tempo; muito bem: intensidade e modo; em cativeiro: lugar; no Centro de Primatologia: lugar, no Rio de Janeiro: lugar; legalmente: modo. f) não: negação; em qualquer fábrica de bebida: lugar; desde os tempos da Idade Média: tempo; ali: lugar

2. a) afetuosamente
b) pudicamente
c) prazerosamente
d) indubitavelmente
e) indistintamente
f) impiedosamente
g) gradualmente
h) casualmente
i) nitidamente
j) silenciosamente

3. a) com habilidade
b) fazendo muito ruído, com muito ruído
c) sem pensar
d) com frieza
e) com delicadeza
f) de repente
g) sem pudor, sem qualquer pudor
h) com frequência
i) com força, com intensidade
j) com ingenuidade

4. a) por que
b) nunca
c) quando
d) lá/ali
e) aqui/cá
f) longe/perto
g) já/agora
h) algures
i) alhures

5. a) advérbio/adjetivo
b) advérbio/adjetivo
c) advérbio/adjetivo
d) advérbio/adjetivo

6. a) advérbio de intensidade
b) numeral adjetivo
c) advérbio de intensidade
d) advérbio de modo/advérbio de modo
e) adjetivo/adjetivo
f) adjetivo/adjetivo
g) advérbio de modo

7. O aluno deve perceber que a repetição da terminação tem efeito expressivo, pois sugere a lentidão que se quer exprimir.

Textos para análise *(p. 271)*

Texto 1

1. Hoje; logo depois; em todas essas ocasiões; quase sempre; de um ano para cá; então; no passado; "quando a frase [que se segue] não dá certeza de coisa nenhuma" (oracional); já; antes; desde Aristóteles. Espera-se que os alunos percebam que o conjunto dos advérbios e locuções adverbiais desse tipo, presentes num texto, organizam os fatos dentro de uma linha temporal importante para a compreensão dos fatos. Observe-se, por exemplo, como o autor contrapõe hábitos linguísticos do passado aos do presente, comparando-os e criticando as "novas manias".

2. Espontaneamente; comicamente; magicamente; com a maior facilidade. Observar que eles se referem ao modo como as palavras são ditas.

3. "Então… Não sei se lavo o carro ou se vou comer um macarrão com a mamãe."

4. Nessa frase, *pior* é adjetivo, pois refere-se a um substantivo. No contexto em que ela é utilizada, fica subentendido o substantivo *praga*: "…'então…' é apenas uma das pragas recentes a infestar a língua. Nem é a pior [*praga*]." Trata-se do grau comparativo de superioridade do adjetivo *mau*. Como advérbio (e, nesse caso, é o grau comparativo de *mal*), ela deve modificar um verbo: agiu *pior* do que o outro, cantou *pior*, falou *pior* etc.

5. a) Quiçá, porventura, possivelmente, provavelmente.
b) *Estejam [falando]:* "…estamos falando como zumbis, e os jovens, talvez *estejam [falando]* mais do que todos". Observar que o advérbio de dúvida *talvez* exige que o verbo seja empregado no modo subjuntivo.

6. a) O advérbio cá, nesse trecho, delimita um espaço temporal: o mais próximo possível de quem fala. Ou seja: no espaço de um ano, o advérbio *cá* refere-se ao presente.
b) O autor do texto utiliza o advérbio *então* com o sentido de "nessa época/nesse período", o sentido mencionado anteriormente por ele como legítimo e belo.

7. a) Refere-se ao que foi dito anteriormente, equivalendo a "desses fatos". Observar que os advérbios de lugar podem referir-se a palavras e expressões mencionadas no próprio texto.
b) Resposta pessoal.

Texto 2

O aluno deve perceber que se trata de um adjetivo exercendo o papel de um advérbio, num caso de derivação imprópria. O uso do adjetivo pelo advérbio em *-mente* em casos como esse oferece a possibilidade de construir frases mais leves, diretas, econômicas — o que ocorre

frequentemente na linguagem falada. Embora no texto em análise, o emprego do adjetivo na função de advérbio se deva à facilidade de enunciação (*legalmente* é palavra mais longa e mais difícil de dizer do que *legal*) e não a uma escolha com fins expressivos, podemos afirmar que a frase ganha expressividade. O adjetivo confere uma concretude expressiva que em parte se dilui com o advérbio em *-mente*: é só comparar "Queria trabalhar legal" com "Queria trabalhar legalmente", "Falar rápido" e "Falar rapidamente", para perceber isso. Acrescente-se, ainda, o fato de que o advérbio em —*mente* conferiria à fala do garimpeiro um tom culto e elaborado que não caberia nesse contexto.

Texto 3

Desnecessário enfatizar a beleza deste poema de Manuel Bandeira. O apego à concretude do cotidiano como referência fundamental para o desenrolar da existência do indivíduo no transcurso do tempo é expresso em linguagem descomplicada, simples.

1. Advérbio de tempo: *amanhã*; advérbio de intensidade: *mais* (em "mais cotidianos").

2. "Na curva dos trilhos".

3. De forma inexorável, de maneira inexorável. A gramática normativa recomenda que o *-x* de *inexorável* e seus derivados seja pronunciado com som de *z*.

4. Esse isolamento gráfico confere à palavra maior ênfase: é como se o que é inexorável se fizesse ainda mais inexorável.

5. Ocorre um processo em que *noite*, um referencial cronológico, passa a ser tomado como um referencial espacial. Esse processo consegue tornar mais concretos os atributos noturnos: adensam-se a escuridão, o isolamento, o silêncio. Pode-se dizer que *dentro* indica, no caso, uma espécie de lugar metafórico.

6. Ouvirei a ferramenta do ferreiro / Bater corajosa o seu cântico de certezas.

7. *Corajoso* é, no texto, um adjetivo. Sintaticamente, atua como predicativo do sujeito e estabelece concordância de número e gênero com esse sujeito ("martelo do ferreiro"). É inegável, no entanto, que esse adjetivo tem valor aproximado ao que teria o advérbio de modo *corajosamente* se a frase fosse "Ouvirei o martelo do ferreiro bater corajosamente o seu cântico de certezas".

8. O aluno deve perceber que essa imagem indica aqueles componentes e valores da existência aos quais se pode considerar permanentes, positivos, em contraste com a transitoriedade de muitas das coisas da vida. E o poeta deixa claro que, de tudo o que inexoravelmente passa, permanecem as coisas mais cotidianas, salvas do naufrágio. O "bater corajoso" do martelo do ferreiro é um desses elementos do cotidiano que nos resgatam da implacabilidade do tempo.

Questões de exames e concursos *(p. 275)*

1. c **2.** b **3.** c **4.** a **5.** b

6. O uso do futuro do pretérito evidencia uma eventual causa do esfacelamento dos sindicatos no mundo inteiro (uma hipótese provável). O advérbio "provavelmente" ratifica a ideia expressa pelo verbo no futuro do pretérito.

7. e **8.** b

9. Não está de acordo com a norma culta porque nesse caso deveria ser usada a forma *melhor*, invariável, pois se trata de um advérbio relacionado com a forma verbal *saíssem* (sair-se melhor) e não de um adjetivo.

10. b **11.** a **12.** c

13. a) caladamente, mudamente
b) monotonamente
c) resignadamente
d) fraternalmente

14. Com humildade, pensando na vida…

15. a) A frase significa que um *impeachment* imposto não rasga a Constituição, ou seja, não desrespeita as leis.
b) Você não acha que um *impeachment* imposto é rasgar a Constituição?
c) A ocorrência da dupla negação (…não é contraditório… a não-posse/ não acha… não é rasgar).

16. c **17.** d

18. a) sibilinamente
b) desassombradamente
c) prolixamente
d) tacitamente
e) bisonhamente
f) sofregamente
g) puerilmente
h) sutilmente
i) radicalmente
j) inexoravelmente

19. e **20.** b

21. O adjetivo se transforma em advérbio por meio do processo de derivação imprópria.

22. a **23.** e

Capítulo 13 – Estudo dos pronomes

Atividades *(p. 284)*

Estas atividades permitem ao professor discutir com os alunos a necessidade de evitar ambiguidades resultantes de determinados usos dos pronomes pessoais — usos em que, muitas vezes, as necessidades da língua escrita não são satisfeitas por formas que, na língua falada, são suficientes porque incorporam um contexto de situação. Além disso, permitem ao professor explorar muitos aspectos importantes do uso dos pronomes pessoais na forma culta da língua.

1. a) Não se pode identificar o sujeito das formas verbais *refaça* e *havia feito* (ele/ela ou você?). A melhor solução é utilizar esses pronomes diante dos verbos.
b) Ele quem, Pedro ou Paulo? Evita-se a ambiguidade colocando-se um aposto ao pronome *ele*.
c) Quem conseguiria resolver, ele ou eu? Evita-se a ambiguidade por meio do uso do pronome apropriado diante do verbo.

d) Quem obteria, ela ou eu? A solução é igual à do item anterior.
e) Ela quem, Sílvia ou Flávia? A solução já foi indicada anteriormente.

2. a) Entregue-os
b) Entregue-lhes
c) Envie-os
d) Envie-lhe
e) Mostrei-o
f) Mostrei-lhes
g) Apresentei-as
h) Paguei-lhes
i) Paguei-os

3. a) Pediram-na
b) Pediram-lhes
c) Mostraram-na
d) Mostraram-lhe
e) Devem destruí-la
f) Refi-lo
g) Mete-lo
h) Mete-o
i) deve pô-las
j) Desejo vê-los

O pronome **a** assumiu a foma **na**, uma vez que as formas verbais dos itens a) e c) terminam em som nasal; os pronomes **o**, **os** e **as** assumiram a forma **lo**, **los** e **las**, uma vez que as formas verbais dos itens f), g) i), j) terminam em -z, -s e -r.

4. a) Vi-o ontem.
b) Encontrei-a no cinema.
c) Deixe-me/deixa-me quieto! (de acordo com o tratamento utilizado, você, ou tu)
d) … para eu dar uma olhada.
e) … entre mim e você f) Mandaram-me sair da sala.
g) … para tu dormires. h) Fizeram-no desistir da escola.
i) Trouxe-o aqui para dar uma força para nós. ou, ainda melhor, Trouxe-o aqui para nos ajudar.

5. a) Apresentaram algumas sugestões para eu analisar.
b) Mandaram alguns documentos para eu arquivar.
c) Recomendaram alguns procedimentos para eu adotar.
d) Enviaram alguns exemplares para eu examinar.
e) Deixaram várias fitas para eu ver.

6. a) eu
b) mim
c) mim
d) mim
e) mim
f) mim
g) eu

7. a) Não nos esquecemos de que ele não simpatiza conosco.
b) Não vos queixastes de que ela não se preocupava convosco?
c) Não nos lembramos da presença de alguém conosco…
d) Não vos recordais das coisas ruins que vos…
e) Não nos propusemos a cuidar melhor de nós mesmos?
f) Lembramo-nos de que ela gostava de passear conosco.
g) Não vos lembrais de quem estava convosco…

8. a) … gosto muito de você.
b) … de sair com você.
c) … falei com você…
d) … esqueço de você.

9. Sim, pois a frase mistura os tratamentos *tu* e *você*. Se houvesse uniformidade de tratamento, deveríamos ter "Se não te cuidares, a AIDS vai te pegar" (os gramáticos mais ortodoxos prefeririam "a AIDS te vai pegar, vai-te pegar ou vai pegar-te") ou "Se você não se cuidar, a AIDS o vai pegar/vai pegá-lo.".

Atividades *(p. 288)*

Também neste caso optamos por oferecer atividades que permitem ao professor trabalhar com os alunos possíveis ambiguidades decorrentes do uso inadequado de pronomes e observar as formas pronominais endossadas pela forma culta da língua.

1. a) De quem era a namorada, do primo ou do Sílvio? O melhor a fazer é acrescentar um termo do tipo "a namorada do primo", ou "a namorada dele, Sílvio".
b) De quem é o carro? A solução nesse caso não é muito simples — seria melhor re-estruturar a frase toda, formando outra como "Você deve pegar seu carro, encontrar seu irmão e levá-lo até…" ou "Você deve encontrar seu irmão, que estará de carro, e conduzi-lo até…".

2. a) suas
b) tuas
c) seu
d) teu
e) sua/seus/suas/suas/suas
f) tua/teus/tuas/tuas/tuas
g) suas
h) tuas
i) suas
j) tuas

3. a) Esta
b) essas
c) isto/nesta/naquele
d) aqueles
e) esse
f) estas
g) aquelas

4. a) esta
b) esse
c) disso
d) Essa
e) desses
f) Este/aquele

5. a) valor aproximativo
b) indica hábito
c) indica respeito
d) indica envolvimento emocional intenso
e) indica hábito
f) indica menosprezo
g) indica surpresa, desapontamento ao encontrar algo ou alguém que se havia visto há muito ou de que se ouvia falar
h) indica intensidade

Atividades *(p. 291)*

No caso dos pronomes relativos, optamos por atividades que permitem discutir com o aluno o estabelecimento da conexão entre orações, considerando o uso do pronome adequado e da preposição que, em muitos casos, é fundamental. Também dedicamos espaço à questão da ambiguidade.

1. a) que
b) que
c) com que ou com as quais
d) de que ou das quais
e) cujo
f) cujo
g) cujos
h) em que ou onde ou na qual
i) que

2. a) … algumas teses que apresentam soluções…
b) … para ler todos os livros que têm sido elogiados pelos…

c) … ver algumas peças de que um professor havia falado…
d) … ao senador em quem (ou em que ou no qual) votei na última eleição…
e) … projetos sociais exequíveis cuja principal meta seja a eliminação da miséria.
f) … uma nação onde (ou em que) prevaleça a justiça social.
g) … órgãos de incentivo à cultura cuja principal finalidade será…
h) … políticos conservadores, para quem (para os quais) a questão dos meninos…
i) … candidatos oportunistas, sobre cuja vida pouco se divulga.

3. Não se pode definir se é o líder da comissão ou a própria a comissão que vai estudar o assunto. Uma forma de resolver esse problema é usar o pronome *o qual*, se se tratar do líder da comissão, ou a forma *a qual*, se se tratar da comissão.

Atividades *(p. 293)*

Atividades que permitem ao professor discutir com o aluno o valor e o emprego dos pronomes indefinidos.

1. a) tudo/ninguém
b) outrem
c) dos outros
d) Poucos/muitos
e) nada/ninguém
f) alguém/Ninguém

2. a) valia alguma coisa/não valia nada
b) algumas pessoas, determinadas pessoas/as pessoas apropriadas, corretamente escolhidas
c) alguma coisa/coisa alguma
d) num dia qualquer do passado/no dia seguinte
e) qualquer pessoa/ alguém desconhecido, inexpressivo
f) diariamente/o dia inteiro

Textos para análise *(p. 294)*

Texto 1

1. Ficou faltando a preposição **de**, exigida pelo verbo **gostar**: "Toda mulher tem uma parte do corpo **de** que não gosta." O pronome relativo é **que**, que substitui a palavra **corpo**.

2. Em : "… **das** que fumam ocorre a contração da preposição **de** com o pronome demonstrativo **as**.

3. Que: pronome substantivo relativo (substituindo doença); elas: pronome pessoal substantivo do caso reto, terceira pessoa do plural; você: pronome de tratamento substantivo; seu e sua: pronomes adjetivos possessivos, terceira pessoa.

4. O pronome "elas" refere-se a "mulheres", palavra citada na frase anterior; já "você" destina-se a um provável interlocutor, no caso as leitoras do anúncio.

Texto 2

1. A primeira ocorrência do pronome pessoal no feminino leva o leitor a fazer a relação entre *ela* e *mestre*. Todavia, com o aparecimento de *ele*, o leitor confunde-se. A hipótese que se pode levantar é a de que *ela* é uma pessoa que trabalha com cristais e *ele* algum mentor dessa pessoa .

2. Observa-se, nas duas primeiras orações, que o verbo está conjugado na primeira pessoa do plural. As formas seguintes estão conjugadas na terceira pessoa do singular. Essa mudança deixa o leitor em dúvida a respeito de quem realmente realizará os trabalhos.

3. Em "qualquer que seja **seu** problema" verifica-se o emprego da terceira pessoa do singular. Já em "ela **te** orientará" está sendo usada a segunda pessoa do singular. A mistura de segunda (te) com terceira pessoa (seu) deve ser evitada na escrita.

4. Causa estranheza a utilização de um adjetivo (financeiro) numa ordenação em que deveriam estar apenas substantivos. O adjetivo *financeiro* pressupõe o substantivo *problema*, não utilizado provavelmente para se evitar a repetição dessa palavra, citada anteriormente.

5. Sim. Por mais inadequada que esteja a redação do anúncio, o leitor sabe antecipadamente (por sua bagagem de leituras) que esse tipo de folheto sempre oferece consultas, prometendo aos consulentes a solução mágica para os difíceis problemas enfrentados diariamente pelas pessoas. Realiza-se, assim, a inferência por parte do leitor, uma vez que este constrói o sentido do texto com o auxílio de seu conhecimento de mundo.

Texto 3

Como sempre nestes casos, recomendamos vivamente que o trabalho comece com a audição da canção como parte das atividades de leitura e análise. Neste caso, trata-se de um texto particularmente interessante para as aulas de língua pelo fato de explorar explicitamente um fato gramatical.

1. Refere-se ao termo "a palavra você".

2. Também se refere ao termo "a palavra você".

3. a) você
b) outro, outra, quantos, qualquer
c) eu, nós
d) la, mim, se

4. O primeiro *eu* é o pronome reto em sua função normal de sujeito verbal. O segundo *eu* faz parte de um conjunto: trata-se, na verdade, do conjunto "você e eu" (não exatamente igual a nós, segundo o texto). Esse conjunto atua como objeto do verbo *tirar*. É por fazer parte desse conjunto que o pronome da primeira pessoa do singular surge na forma reta *eu* e não na forma oblíqua *me* ou *a mim*.

5. O aluno deve perceber que se trata de retirar uma possibilidade de relacionamento sentimental.

6. São normalmente advérbios. No texto, foram substantivados por meio da derivação imprópria.

7. Reflexão pessoal.

Questões de exames e concursos *(p. 296)*

1. c **2.** c **3.** 29 (01,04,08,16)

4. Na construção do sentido do texto, o uso dos pronomes de segunda ("teus", "tu", "te", "teu") e de terceira pessoa ("ela", "seus") dá conta dos momentos em que o eu-lírico fala com a amada (1a à 3a estrofe) e sobre a amada (última estrofe).

5. O pronome *o* se refere a "certo de ser amado" (Camilo não só estava certo de ser amado). E é justamente essa repetição do termo "certo de ser amado" que o uso do pronome evita.

6. *Esta* refere-se com clareza e precisão ao substantivo feminino mais próximo, Rita. *Ela*, no caso, poderia criar ambiguidade, pois seria aceitável interprelá-lo como referindo-se ao outro substantivo feminino próximo, *comprovinciana*.

7. a) Canudos c) o arraial
b) esta página

8. O pronome demonstrativo *essa* ("essa atividade"), que remete a um elemento anteriormente citado no texto, o que permite concluir que a "atividade" já tivesse sido mencionada.

9. c **10.** a **11.** b

12. a) Qualquer homem, cada um dos homens; o homem inteiro.
b) O primeiro *todo* é pronome indefinido, com sentido equivalente ao de outros indefinidos, como *qualquer* e *cada*. O segundo *todo* é adjetivo e quer dizer "inteiro, completo".

13. e **14.** d **15.** d

16. demonstrativos: esta, o (= aquilo, em "… o que escrevo…"); pessoal do caso reto: eu; pessoal do caso oblíquo: me

17. "… uma das incontáveis amantes de Kennedy, que, simultaneamente, mantinha um caso com o chefão mafioso Sam Giancana." Esse trecho é ambíguo: tanto Judith Exner como Kennedy podem estar mantendo o mencionado caso com o chefão mafioso, o que não condiz com a fama de "mulherengo" do ex-presidente norte-americano. A ambiguidade resulta do mau emprego do pronome relativo *que*, cujo antecedente não fica claro. A frase poderia ser, por exemplo, "… uma das incontáveis amantes de Kennedy, Judith Exner, que, simultaneamente…".

18. c **19.** d **20.** c **21.** a **22.** e

23. c **24.** a **25.** d **26.** a **27.** c

28. a **29.** b

30. a) Pretendeu dizer que rasgou sua própria ficha de filiação do PDT.
b) Que rasgou a ficha de filiação de Brizola ao PDT.
c) Que Brizola era na ocasião a principal figura do PDT, o que impossibilitava L. A. N. de desfiliá-lo.

a) cada um b) inteiramente

31. mim, eu

32. "ora **o** vejo" (o = que me enganei); "eu t**o** juro" (o = não te esqueci)

33. "Nadam-te os olhos" = nadam os teus olhos; "Arfa-te o peito" = arfa o teu peito

34. b **35.** b **36.** c

37. b **38.** c **39.** a

40. a)… enquanto me cortava os cabelos.
b)Amigo algum me ajudará.

41. a

42. c (arvoado = confuso, atordoado, tonto)

43. a) encontraram-no c) não o permite
b) arrancara-a

44. d **45.** b **46.** b

47. A fotografia pertence à pessoa com quem se está falando ou a fotografia retrata a pessoa a que se está falando.

48. d

49. O aluno deve usar o pronome posposto ao substantivo a que se refere: esquina alguma, pessoa alguma, criatura alguma, cidade alguma etc.

50. d **51.** b

Capítulo 14 – Estudo dos numerais

Atividades *(p. 308)*

Atividades que permitem trabalhar detalhes importantes do uso dos numerais de acordo com os preceitos da norma culta. Também se analisa a expressividade dos pronomes em situações informais.

1. a) dezesseis
b) dezessete
c) cinquenta
d) dois bilhões, oitocentos e trinta e quatro milhões, quatrocentos e noventa e seis mil e dezesseis
e) octogésimo
f) ducentésimo sexto
g) trecentésimo décimo quarto
h) milésimo trecentésimo quinto

2. cinco (graus), dezesseis (minutos) e trinta e três (graus), quarenta e cinco (minutos)/ trinta e quatro, quarenta e sete, setenta e três, cinquenta e nove/ oito milhões, quinhentos e onze mil novecentos e sessenta e cinco/ um, sessenta e seis/ cinco, setenta e sete/ vinte, oitenta/ quarenta e sete/ vinte e três, trinta/ noventa e três/ noventa e dois/ vinte e três mil cento e vinte e sete/ quinze mil setecentos e dezenove/ três mil cento e vinte e seis/ quinhentos e noventa e três/ sete mil quatrocentos e oito

3. a) quarto d) oitavo
b) trinta e dois e) trecentésimo trigésimo terceiro
c) quinto f) quingentésimo segundo

4. a) valor enfático (hipérbole)
b) atribui julgamento de qualidade, com valor superlativo — ótimo

c) atribui julgamento de valor, com tom de ironia ou crítica — significa fazer uma troca entre elementos que se equivalem
d) indica procedência, atribuindo julgamento de valor
e) indicam julgamento de valor — com valor superlativo: ótimo e péssimo, respectivamente.

Textos para análise *(p. 309)*

Texto 1

O aluno deve perceber que, por serem as palavras da língua que indicam quantidade, os numerais estão fortemente presentes nesse texto. O grande número de informações é o principal argumento para convencer o usuário (que, pressupõe-se, precisa delas) a comprar o produto anunciado. Na verdade, os numerais surgem quando se leem (mentalmente ou em voz alta) os números representados no texto por algarismos.

Texto 2

1. Ao contrapor essas duas frases: "a fórmula mágica que faz você voltar no tempo não existe" e "uma fórmula que faz você bonita por mais tempo" o anunciante pretende convencer a consumidora de que o tempo é inexorável: impossível fazer voltar a juventude; melhor aceitar a idade e tentar permancer bela externa e internamente. Observar ainda a oposição dos artigos: a/uma (fórmula); o paralelismo das frases (que faz você) e os diferentes sentidos da palavra tempo: na primeira ocorrência, tempo significando o que já passou; na segunda, duração.

2. O anúncio reforça o conceito do slogan: ser "bonita de verdade" é ter uma beleza natural, não forçada, não fabricada por determinados "recursos artificiais". A pergunta de Shakespeare é respondida quando se associa beleza à aceitação da idade real e não à busca desenfreada da eterna juventude.

3. Cardinais: quinhentos e cem; fracionário: um quarto; multiplicativo: tripla.

4. A intenção é dar credibilidade (100% verdade; testado em 500 mulheres, uma grande amostragem), dar exatidão científica e quantificar resultados (tripla, um quarto), de forma a aproximar as características do produto ao conceito de "verdade" proposto anteriormente.

Texto 3

Deve-se iniciar a leitura e análise deste texto pela audição da canção. Além de permitir analisar com os alunos o uso expressivo do numeral *zil,* o texto, pela sua beleza e atualidade temática, abre muitas possibilidades de discussão. O professor pode abordar a questão do desrespeito aos sinais de trânsito e de outras formas de violência que se transformam em "gestos naturais" em nosso cotidiano. Será, como pergunta Caetano, que apenas a música popular brasileira, maravilhosa e genial, é que nos oferece algo de bom neste país? Discutir com a turma essa e outras questões levantadas pelo texto pode ser muito produtivo.

1. Esse numeral tem valor hiperbólico, ou seja, atua para criar ênfase pelo evidente exagero da expressão.

2. É um numeral cardinal, indicador de grande quantidade. Os dicionários da língua portuguesa não o registram; pode-se, por isso, considerá-lo criação do poeta Caetano. Nos dicionários de língua inglesa, há a palavra *zillion*, que significa "grande quantidade".

3. Reflexão pessoal do aluno.

Questões de exames e concursos *(p. 311)*

1. c **2.** e **3.** d **4.** a **5.** a
6. 3,5,1,4,2 **7.** d **8.** b **9.** e
10. a **11.** b **12.** e

Capítulo 15 – Estudo das preposições

Atividades *(p. 316)*

Optamos por oferecer ao professor atividades que lhe permitam analisar com os alunos as principais relações estabelecidas pelas proposições. Também nos preocupamos com nuanças de sentido que devem ser observadas na passagem das formas da língua coloquial para as formas da língua culta.

1. a) a (à = a+a): lugar; a (a+o): tempo
b) a (à): modo; a (à): tempo
c) ante: lugar (figurado)
d) após: lugar
e) após: tempo
f) até: limite
g) até: limite
h) com: modo; com: companhia
i) contra: proximidade; com: modo
j) até: limite; contra: oposição
k) de: origem; para: direção
l) desde: origem; per (pelos): finalidade, direção
m) em: modo; perante: lugar (figurado)
n) sobre: tempo; a: lugar;
o) sob: lugar (figurado)
p) sob: (lugar).

2. a) causa/assunto
b) meio
c) lugar (origem)
d) meio
e) lugar (limite)
f) lugar/lugar
g) situação/assunto

3. a) preposição
b) verbo
c) verbo
d) preposição
e) artigo, pronome, preposição

4. a) Na primeira frase, houve dois enfrentamentos, um após o outro; na segunda, houve um único enfrentamento, contra os dois oponentes ao mesmo tempo.
b) A primeira frase indica uma medida favorável a duas classes de profissionais: os músicos e os com-

positores. A segunda frase indica uma medida favorável a uma classe de profissionais que são ao mesmo tempo músicos e compositores.

Textos para análise *(p. 317)*

Texto 1

1. As palavras que exigem a preposição com nessa tirinha são os verbos *acontecer* e *casar*.

2. O que aconteceu com o marido esbelto, bonito e espirituoso *do* qual me separei há vinte anos? / O que aconteceu com o marido esbelto, bonito e espirituoso *pelo* qual ansiei há vinte anos? Observar que a substituição do verbo exige a mudança da preposição: separar-se *de* e ansiar *por* alguém.

3. O humor da tirinha consiste no duplo sentido que emerge da confusão feita por Eddie Sortudo em relação ao marido de Helga: não o próprio Hagar, moço, esbelto, bonito, espirituoso, de outros tempos, mas um outro homem.

Texto 2

Deve-se começar a análise e leitura pela audição da canção. É um texto muito apropriado para investigar as relações estabelecidas pelas preposições, pois oferece muitas estruturas sintáticas em que os sentidos se modificam pela troca de uma preposição por outra.

1. de (que também surge nas formas contraídas da, do), sem, em (que também surge na forma contraída *no*), com.

2. dentro de e fora de

3. Verbo *parar*, terceira pessoa do singular do presente do indicativo. Observar que não se trata da preposição *para*, mas do verbo *parar*, que se refere à "cor da terra de um lugar sem fim", e que pode se substituído por outro verbo, como *chegar* (a), *alcançar* ("A cor da terra de um lugar sem fim / *alcança/ chega* ao tempo de um lugar com fim").

4. O aluno deve perceber que a noção expressa pela locução prepositiva *dentro de* já está implícita no verbo entrar.

5. lugar sem fim, lugar com fim, perto do longe, vou ter contigo

Questões de exames e concursos *(p. 318)*

1. a **2.** c **3.** 009 (001; 008)

4. a) Não; nos textos transcritos, "para" indica finalidade e "por" causa.
b) Gosto e preciso de ti, mas quero logo explicar: não gosto porque preciso; preciso sim, por gostar.

5. a

6. a) …acompanhado de confederados ou … em que viajavam confederados.
b) No primeiro caso, indica-se a noção de companhia; no segundo, de conteúdo

7. d **8.** b

9. a) Sugestão: a determinado intervalos, a cada duas horas.
b) Sugestão: à mão, à faca, à máquina.

10. a) lugar b) modo, instrumento

11. e **12.** d **13.** b **14.** c **15.** e

16. d **17.** d **18.** d **19.** c **20.** d

21. b **22.** b

23. A passagem é "…organismo que você pode abandonar…". Deve ser re-escrita como " …organismo em que se pode abandonar…" ou "…organismo no qual se pode abandonar…".

24. Em todos os casos, o pronome relativo não foi precedido pela preposição adequada. Sugestões de correção: "Se lermos esta reportagem daqui a um ano, vamos perceber que ela não é moderna."; "Futebol, aquele esporte que faz o povo vibrar ao ver a vitória do time pelo qual se propõe a torcer."; "Existem escolas em que as aulas da noite são iluminadas pela luz de velas.".

Capítulo 16 – Estudo das conjunções

Atividades *(p. 325)*

Nestas atividades, oferecemos ao professor e aos alunos material para reflexão e análise dos conteúdos estudados. Insistimos em que não se deve memorizar a classificação das conjunções, mas sim observar seu uso efetivo nas estruturas da língua. Destacar para os alunos que o estudo desta classe de palavras só se completa com os capítulos de sintaxe dedicados ao estudo do período composto.

1. a) país rico, mas a maior parte…
b) …dedicadamente, logo será bem-sucedido.
c) …corrupto, logo não se deve re-elegê-lo.
d) …descansado, que eu…
e) …noite, porque as ruas…
f) …esta noite ou pode ficar…
g) … sentimentos ou deve esquecê-la…

Nos itens a, b, c, d, e podem-se usar outras conjunções além das utilizadas nas respostas aqui dadas.

2. a) causa/comparação/conformidade
b) consequência/causa/ comparação
c) explicação/ oposição

3. O uso da conjunção *mas* em frases desse tipo é, infelizmente, cada vez mais frequente. Mostrar ao aluno que não há oposição entre os dois fatos apresentados, e sim uma relação de causa e efeito. Em lugar de *mas*, dever-se-ia usar *por isso*, *e daí*; poder-se-ia também re-estruturar a frase, formando algo como "A maior parte dos trabalhadores enfrenta problemas de sobrevivência porque não recebe…"

Textos para análise *(p. 325)*

Texto 1

1. O texto é claro: ao invés de estabelecer uma relação de mútua exclusão entre viver e sonhar (expressa pela conjunção OU), o que se deve estabelecer é uma relação de adição (expressa pela conjunção E). A publicidade, desta forma, re-escreve o dilema hamletiano, transformando uma questão existencial básica num problema de consumo…

2. Foi possível trocar *dúvida* por *decisão* na segunda frase porque houve também a troca da conjunção *ou* (exclusão) por *e* (adição) nos enunciados principais do anúncio (Viver ou sonhar?/Viver e sonhar). Observe-se, também a troca da pontuação (do ponto-de-interrogação para o ponto final).

Texto 2

1. A conjunção utilizada na charge é *nem* que tem o sentido de adição.

2. A conjunção *nem* provoca o humor da *charge* porque enumera uma série de campeonatos dos quais o time participou, sem conseguir vencer nenhum deles. Além disso, o título da *charge* faz referência à contratação do zagueiro Nen e aí reside o humor: no fato de o novo jogador chamar-se Nen e não ter contribuído para um bom desempenho do time nos campeonatos.

Texto 3

Como sempre, sugerimos vivamente que o trabalho com este texto comece pela audição da canção. Seria interessante que o professor conversasse com os alunos sobre a energia da paixão — é um tema grato aos adolescentes. O texto da canção permite expandir a discussão desse tema.

1. São conjunções subordinativas: a primeira, condicional; a segunda, comparativa.

2. Nas duas ocorrências, a palavra *porque* é uma conjunção subordinativa causal.

3. O primeiro *que* é pronome substantivo relativo; o segundo, conjunção subordinativa integrante.

4. Ocorre diversas vezes a conjunção coordenativa aditiva *e*.

5. Há pelo menos dois trechos da canção em que a conjunção ***e*** é repetida de forma a enfatizar a própria noção de repetição e continuidade, implícita na ideia do moto-contínuo: "…e abraçar e afagar seu ofício…" e "… e vai fundo, e vai fundo".

6. A repetição dessa oração, encabeçada pela conjunção *se*, vem justamente reforçar a ideia de que um homem é capaz de cometer os atos mais improváveis desde que seja pelo amor de uma mulher. A conjunção ***se***, indicando essa condição, enfatiza a relação de amor contínuo entre ambos.

7. Reflexão pessoal.

Questões de exames e concursos *(p. 327)*

1. e **2.** d **3.** a **4.** 30 (02,04,08,16)
5. a **6.** b **7.** c **8.** a **9.** d
10. d **11.** d **12.** e **13.** e **14.** a
15. c **16.** b **17.** e
18. 1. "por ser tecnicamente melhor do que as suas antecessoras"
2. enquanto
3. entretanto
19. Sugestões: "conquanto fosse magra,…" ou "apesar de ser magra,…".
20. e **21.** b **22.** c
23. c **24.** d **25.** c

Capítulo 17 – Estudo das interjeições

Atividades *(p. 333)*

Propusemos atividades que levem o aluno a refletir sobre o fato de que as interjeições equivalem a verdadeiros enunciados. Por meio da análise de situações e da produção de seus próprios enunciados, o aluno pode verificar por isso mesmo a validade dessa conceituação.

1. a) Oba!
b) Ufa!
c) Puxa!
d) Ai!
e) Oba!
f) Blergh!
Essas respostas são sugestões.

2. Reflexão pessoal do aluno.

3. A interjeição é o "som indefinido" produzido pelo Itaborá ao ver a comadre de biquíni. É um som que exprime surpresa, assombro mesmo — um assombro que se tenta conter, pois o Itaborá sabe da inconveniência da sua manifestação.

Textos para análise *(p. 334)*

Texto 1

1. *Yeah*! é uma interjeição cujo significado é "sim, claro".

2. A interjeição é fundamental para o humor da tirinha porque contradiz totalmente as palavras da professora. Se os alunos vêm sendo ensinados sobre a constituição da nacionalidade, no caso, a nacionalidade argentina, surpreende o leitor que respondam com uma palavra estrangeira.

3. O pronome de tratamento é *você*; o demonstrativo é *o*; o relativo, *que* e o possessivo *nossa*. Os três primeiros estão em função substantiva; *nossa* está em função adjetiva.

4. O autor quis criticar, por meio da expressão de Mafalda, a forte influência da cultura americana sobre os jovens (no caso argentinos) em formação.

Texto 2

1. *Ah!* exprime satisfação, prazer; *bah!* exprime aversão, descontentamento.

2. Sabemos, pela relação entre o texto de José Paulo Paes e o de Gonçalves Dias, que *lá* indica o Brasil e *cá*, Portugal. Se tomarmos o texto de José Paulo Paes isoladamente, pode-se interpretar o lá como um lugar ideal, que nunca corresponde ao lugar em que estamos.
3. O aluno deve perceber que as interjeições têm uma capacidade de síntese muito elevada — justamente porque são verdadeiras frases.

Texto 3

1. Não. A palavra está substantivada, precedida de artigo indefinido (um oi).
2. Resposta pessoal. São aceitáveis frases como: "Oi, tudo bem?"; "Oi, como você está"?
3. A interjeição "oi" é normalmente utilizada para se estabelecer uma comunicação entre as pessoas. Nada melhor para nomear uma empresa de telefonia. De fácil memorização, curta e simples, a palavra é perfeita para expressar o conceito essencial da empresa que é a simplicidade.

Texto 4

1. Ocorre mudança na classe da palavra: novamente uma interjeição é utilizada como substantivo. Neste caso específico, transformou-se no nome de uma revista.

Capítulo 18 – Introdução à sintaxe

Atividades *(p. 340)*

1. O aluno deve perceber que frases dotadas de uma mesma estrutura sintática adquirem significados diferentes de acordo com a situação de uso e entoação.
2. O aluno deve perceber que o *Manual* põe em prática aquilo que preceitua: constrói uma frase imensa, mostrando como é pouco clara e por que é pouco clara; ao seu lado, coloca uma frase curta, clara.

Atividades *(p. 343)*

1. Resposta pessoal.
2. Há efetivamente um conjunto de brasileiros que se comportam como se as leis não lhes dissessem respeito. O convívio social não passa de uma forma de lhes satisfazer os desejos. As obrigações inerentes a qualquer forma de sociedade pertencem exclusivamente aos outros. Seria importante saber o que efetivamente produzem esses indivíduos para o bem da comunidade: são eles seres verdadeiramente sociais? A resposta a essa pergunta pode dar início à redescoberta da noção de bem-comum.

Textos para análise *(p. 344)*

Texto 1

1. O aluno deverá perceber que o fragmento é composto apenas de frases curtas, formadas predominantemente por substantivos, acompanhados ou não de adjetivos. Em nenhuma delas há verbos. Ele deverá, também, perceber que todas as palavras utilizadas pelo autor do texto começam pela letra M.
2. Excetuando-se algumas vírgulas que separam elementos enumerados, há a total predominância dos pontos finais, enfatizando o caráter declarativo das frases. Observar, também, as reticências após o "Muuuuuuuuuuuuu", reforçando o humor e o sarcasmo do texto.
3. No primeiro parágrafo, descrevem-se mulheres e um homem, com insinuações sobre o relacionamento dessas pessoas. No segundo parágrafo o vocabulário sugere corrupção e assuntos relacionados a gado.
4. O fragmento foi extraído de um texto de sete parágrafos, todos eles compostos por palavras iniciadas com a letra M. O episódio em questão remete a Renan Calheiros e às denúncias que enfrentou durante o *Renangate* cujo desfecho foi a renúncia do senador.
   Pistas que podem conduzir à descoberta do episódio: na primeiro parágrafo a descrição da mulher (Maria Verônica), da amante (Mônica Veloso) e do senador (Machão maduro, malcasado, meia-idade.). No segundo parágrafo, a citação das cidades (Murici, terra natal do senador) e Maceió, capital de Alagoas. Além de todo vocabulário denunciando a corrupção, ressaltar ainda a referência à venda irregular de gado. Na ocasião, o senador afirmou obter renda extra com venda de gado. Com relação à escolha da letra M, provavelmente se deu em função do nome do pivô de toda essa situação.

Texto 2

1. Seguem os subtítulos dados pelo autor; considerar respostas aproximadas:
   INFÂNCIA: A PERMANENTE EXCLAMAÇÃO
   A PUBERDADE: A TRAVESSIA (ou O TRAVESSÃO)
   JUVENTUDE — A INTERROGAÇÃO
   AS PAUSAS RECEOSAS (RECEOSAS, VÍRGULA, CAUTELOSAS) DO JOVEM ADULTO
   O HOMEM MADURO. NO PONTO.
   O FINAL…RETICENTE…
2. Reflexões pessoais. Observar, contudo que, segundo o autor, a infância é o período das exclamações de alegria, das descobertas; a adolescência vem acompanhada de inseguranças, dúvidas, incertezas, representadas pelos travessões; a juventude é a idade dos questionamentos, das interrogações; o adulto é cuidadoso, cheio de vírgulas; a maturidade traz a certeza de tudo, o domínio da vida, expressos pelos pontos finais e, finalmente, a velhice vem seguida de lapsos, de reticências.

Capítulo 19 – Termos essenciais da oração

Atividades *(p. 350)*

Estas atividades permitem ao professor trabalhar intensamente com seus alunos a relação de concordância

entre o sujeito e o verbo — particularmente em casos mais problemáticos, como nas orações em que o sujeito está posposto ao verbo.

1. a) Cumpriste a palavra dada. (tu)/Cumprimos a palavra dada. (nós)/Cumpristes a palavra dada. (vós)
b) Foste surpreendido pela notícia. (tu)/Fomos surpreendidos… (nós)/Fostes surpreendidos… (vós)

2. a) Ocorreram/fatos surpreendentes. (predicado/sujeito)
b) Sobraram/muitos pães/ na festa. (sujeito: muitos pães; predicado: o que resta)
c) Bastam-me/algumas frases de incentivo. (predicado/sujeito)
d) Faltaram/alguns bons quadros/ naquela exposição (sujeito: alguns bons quadros; predicado: o que resta)
e) Doem-me/as pernas. (predicado/sujeito)
f) Caíram/raios/sobre aquela árvore. (sujeito: raios; predicado: o que resta)
g) Desabaram/temporais muito fortes/ontem à noite. (sujeito: temporais muito fortes; predicado: o que resta)
h) Existem/culturas muito ricas/no interior deste país. (sujeito: culturas muito ricas; predicado: o que resta)
i) Teus trabalhos/foram elogiados por todos. (sujeito/predicado)

3. a) Alguns fatos surpreendentes devem ter acontecido.
b) Alguns fortes temporais devem ocorrer esta tarde.
c) Algumas frases de incentivo poderiam bastar-me.
d) Os melhores quadros poderão faltar naquela exposição.
e) As pernas poderiam estar me doendo.
f) Alguns raios parecem ter caído sobre aquela árvore.
g) Temporais muito fortes devem ter desabado ontem à noite.
h) Culturas muito ricas parecem ter existido no interior deste país.
i) Teus trabalhos devem ter sido elogiados por todos.

4. a) não-nocional
b) nocional
c) não-nocional
d) nocional
e) não-nocional
f) nocional
g) nocional
h) não-nocional
i) não-nocional
j) nocional
k) nocional
l) não-nocional
m) nocional
n) não-nocional

Atividades *(p. 353)*

Atividades que permitem ao professor trabalhar intensamente particularidades importantes do estudo do sujeito: concordância com o sujeito posposto ao verbo, estruturas de sujeito indeterminado, estruturas com verbo impessoal.

1. a) o sino: determinado simples
b) uma imagem poética: determinado simples
c) uma velha lembrança: determinado simples
d) nova crise: determinado simples
e) um novo medicamento contra a doença: determinado simples
f) ele: determinado simples
g) as denúncias de abuso de autoridade: determinado simples
h) Industriais e industriários: determinado composto

2. a) Acredita-se em…
b) Crê-se em…
c) Necessita-se de…
d) Apelou-se para…
e) Assistiu-se a…
f) Aspira-se ao…
g) Obedece-se aos…
h) Tratou-se de…

3. O aluno deve perceber que o sujeito indeterminado pela terceira pessoa do plural surge quase que espontaneamente nessas situações. As respostas são sugestões.
a) Pediram que você passasse amanhã em…
b) Mandaram de…
c) Deixaram na porta.
d) Deixaram-no num banco da praça.
e) Disseram-me na escola
f) Juraram que era.

4. a) Devia fazer cinco anos…
b) Deve fazer algumas semanas…
c) Deve fazer três anos…

5. a) Havia várias propostas…/Houve várias propostas…
b) Havia vários cargos…/Houve vários cargos…
c) Havia várias maneiras…/Houve várias maneiras…
d) Havia infindáveis modos…/Houve infindáveis modos…
e) Havia discussões intermináveis/ Houve discussões intermináveis.

6. a) Deve ter havido provas…/Pode ter havido provas…
b) Deve ter havido graves…/Pode ter havido graves…
c) Deve ter havido questões…/Pode ter havido questões…
d) Deve ter havido situações…/Pode ter havido situações…
e) Pode ter havido leis…/Deve ter havido leis…

7. a) Os sinos da igreja batem de hora em hora.
b) Surgiram várias ideias revolucionárias durante a noite.
c) Faltaram vários alunos na semana passada.
d) Ocorreram faltas violentas durante o jogo.
e) Desabaram dois prédios no ano passado.

Atividades *(p. 355)*

Atividades que permitem praticar a classificação dos predicados e refletir sobre as diferenças de sentido entre estruturas sintáticas diferentes. Além disso, optamos por oferecer como atividade de reflexão as diferentes nuanças de estado indicadas pelos vários verbos de ligação.

1. a) verbal
b) verbal
c) verbal
d) verbal
e) verbal
f) nominal
g) nominal
h) nominal
i) verbo-nominal
j) verbo-nominal

2. A segunda forma confere maior destaque ao atributo *imensa*. A primeira forma enfatiza o processo do surgimento da cordilheira.

3. A frase inicial indica estado permanente.
a) indica estado transitório
b) mudança de estado
c) continuidade, permanência de estado
d) constância de estado não-permanente
e) aparência de estado
f) mudança de estado, com noção de que o novo estado é permanente
g) continuidade, permanência de estado

Atividades *(p. 357)*

Atividades que permitem ao professor sistematizar o uso de sinais de pontuação relacionados aos termos essenciais da oração. Merece destaque a diferença discutida na questão 2.

1. a) sem vírgulas
b) sem vírgulas
c) … os antigos ressentimentos, as rusgas medíocres, a estupidez mútua.
d) …trabalhadores, e malandros, e policiais, e pessoas sem teto, e vendedores ambulantes.
e) sem vírgulas
f) Seres humanos, animais e vegetais…
g) Desiludido, rasguei…

2. a) Na primeira frase, trata-se de um policial que é neurótico; na segunda, de um policial que, momentaneamente, está neurótico.
b) Na primeira frase, trata-se de espíritos não acometidos pela dúvida; na segunda, *sem dúvida* significa *indubitavelmente*.
c) Na primeira frase, os atletas que são desnutridos deixaram o clube; na segunda, todos os atletas — e todos estão desnutridos — deixaram o clube.

Textos para análise *(p. 358)*

Texto 1

Adoro vir é uma locução verbal intransitiva; *observar* é verbo transitivo direto (o complemento é *o maior espetáculo da natureza*).

Texto 2

A leitura e análise deste texto permite trabalhar com praticamente todo o conteúdo relacionado ao estudo do sujeito. Merece destaque a estrutura imperativa do item d, com a qual os alunos costumam ter dificuldades de análise.

1. a) Sujeito indeterminado. Chamar a atenção para a forma singular do verbo transitivo indireto.
b) sujeito determinado oculto ou elíptico (nós)
c) sujeito determinado simples (1200 municípios sem médico ou enfermeiro — núcleo do sujeito: municípios)
d) Sujeito determinado oculto ou elíptico (você). Chamar a atenção para o fato de que se trata de uma forma imperativa afirmativa (faça você.)

2. No Brasil, há 1200 municípios sem médico ou enfermeiro.
Obtém-se uma oração sem sujeito, com verbo *haver* impessoal.

Texto 3

O aluno deve perceber que, apesar de aparentemente semelhantes, os predicados são na verdade bem diferentes. Em "As manchetes **foram recortadas**." há predicado verbal, com verbo na voz passiva analítica. Em "Mas os elogios **foram rasgados**." há predicado nominal — *rasgados* é predicativo do sujeito *os elogios*.

Texto 4

Como sempre, enfatizamos que se deve iniciar o trabalho com estes textos pela audição das canções. No caso de "Raça humana", o professor deve considerar a possibilidade de, se julgar conveniente, aproveitar o texto também para discutir figuras de linguagem.

1. a) Sim.
b) O sujeito de *existe* é *uma*; *há* não tem sujeito.
c) Num céu de estrelas multicoloridas, existem algumas que eu não colori./Entre o céu e o firmamento, não há mágoas.
d) Num céu de estrelas multicoloridas, existiam algumas que eu não colori./Entre o céu e o firmamento, não havia mágoas.

2. Porque o sujeito da primeira forma ("mais coisas") está no plural, e o sujeito da segunda ("o nosso próprio entendimento") está no singular.

3. É o sujeito simples da forma verbal elíptica vaga (… vagam como o vento vaga).

4. Os versos remetem a outros, de Hamlet, personagem de Shakespeare: "Há mais mistérios entre o céu e a terra do que supõe nossa vã filosofia".

5. Reflexão pessoal do aluno, que deve perceber que o texto explora os dois sentidos da palavra.

Texto 5

Espera-se que o aluno perceba a alternância existente entre os verbos não-nocionais e os nocionais: os primeiros apresentam uma característica da cidade de São Paulo que, em seguida, é exemplificada com o emprego de verbos nocionais: "é medrosa"/ "prefere passear"; "é resignada"/ "não reage", estrutura que praticamente se repete no texto inteiro.

Questões de exames e concursos *(p. 361)*

1. a **2.** 44 (04 + 08 + 32) **3.** b **4.** e
5. d **6.** a **7.** b **8.** e **9.** c
10. d **11.** b **12.** b

13. O sujeito é determinado e elíptico, ela , e se refere ao sujeito da oração principal, Rita . Se não se tivesse feito a elipse, o período seria "Rita estava certa de ela (a própria Rita) ser amada". Outra possível redação é "Rita estava certa de que ela (a própria Rita) era amada".

Note-se que não há dúvida quanto ao fato de que há de fato um sujeito para a forma verbal *ser amada* — isso se pode facilmente comprovar pela substituição do pronome *ela*, elíptico, por outro sujeito: "Rita estava certa de Maria ser amada" ou, numa redação melhor, "Rita estava certa de que Maria era amada".

14. b **15.** e

16. a) Em "Havia muitas estrelas.", *haver* indica existência e é impessoal, ou seja, permanece invariavelmente na terceira pessoa do singular. Na outra frase, *haver* é verbo auxiliar, participando da conjugação do verbo *contar*. Como auxiliar, *haver* é pessoal e estabelece concordância de número e pessoa com o seu sujeito.
b) b1 — haviam b2 — havia

17. e **18.** e

19. a) Toda a humanidade
b) É uma oração sem sujeito.

20. d **21.** b **22.** c **23.** d
24. e **25.** e **26.** c **27.** c
28. e (sujeito e predicativo do sujeito, respectivamente)
29. d **30.** d **31.** a **32.** e **33.** b
34. e **35.** c **36.** a **37.** d **38.** d
39. b **40.** a **41.** c **42.** c **43.** e
44. b **45.** c **46.** a **47.** c **48.** c
49. d **50.** c

Capítulo 20 – Termos integrantes da oração

Atividades *(p. 371)*

Atividades que permitem trabalhar o conceito de transitividade verbal, o uso de pronomes pessoais oblíquos de acordo com os preceitos da norma culta, as sutilezas de sentido relacionadas ao objeto direto preposicionado.

1. a) intransitivo/transitivo direto e indireto/transitivo direto
b) intransitivo/transitivo indireto
c) transitivo direto/ transitivo direto e indireto
d) intransitivo/transitivo direto/transitivo direto e indireto

2. a) Falta-lhes… (objeto indireto)
b) … ocorreu-lhe. (objeto indireto)
c) … demonstrá-la. (objeto direto)
d) Ouço-a. (objeto direto)
e) Comunico-lhes… (objeto indireto)
f) Comunico-o… (objeto direto)
g) Paguei-os. (objeto direto)
h) Paguei-lhes. (objeto indireto)
i) Apresentei-as… (objeto direto)
j) Apresentei-lhe… (objeto indireto)

3. a) A primeira frase pode significar que se comeu todo o pão; a segunda significa que se comeu apenas parte dele.
b) A primeira frase significa que se deve beber apenas parte da bebida amarga; a segunda, que se deve bebê-la toda.
c) A segunda frase é mais enérgica que a primeira.

4. a) Aconteceram-lhe fatos surpreendentes durante a viagem à Europa.
b) Houve poucos problemas no seminário de ontem.
c) A imprensa comunicou o novo preço dos combustíveis ontem à noite.
d) As novas regras de exploração do solo favorecem apenas alguns grupos empresariais.
e) A Amazônia necessita de projetos ambientais sustentáveis.
f) Vários deputados apresentaram propostas de alteração constitucional aos colegas na sessão de ontem.

Atividades *(p. 373)*

Atividades de nominalização e de análise. Por meio delas, o professor e os alunos observam mecanismos de organização sintática da língua.

1. a) O Banco Central optou pela intervenção no mercado do dólar.
b) O governo recusou-se à negociação com os grevistas.
c) … faria investimentos em saúde e educação.
d) …a suspensão das remessas…

2. a) com os mais jovens
b) em saúde e educação/a todos os outros
c) de mim
d) lhe/por tudo isso
e) aos pobres
f) de animais em extinção.

Atividades *(p. 377)*

Oferecemos ao professor e aos alunos uma grande quantidade de atividades relacionadas com as vozes verbais porque se trata de um aspecto a um só tempo rico e delicado da sintaxe portuguesa. Assim, analisam-se as pequenas diferenças de sentido entre as diferentes vozes verbais e enfatizam-se detalhes relacionados à concordância verbal da passiva sintética.

1. b) por gente inescrupulosa
c) pelos representantes dos países latino-americanos
d) pelo Juventus
e) pelos meios de comunicação

2. A primeira forma enfatiza o agente do processo verbal e o próprio processo verbal; a segunda forma enfatiza o paciente do processo verbal. A construção na voz ativa dá destaque ao técnico e à sua ação; a construção na voz passiva dá destaque ao que está sendo anunciado.

3. a) Novos dados sobre a dengue no interior de São Paulo vão ser divulgados pela Secretaria da Saúde.
b) O time brasileiro na Copa de 70 no México foi comandado por Pelé, Tostão e Gérson.
c) Os candidatos a prefeito haviam sido convidados para um debate por várias emissoras de televisão.

d) Os torcedores têm sido levados ao desespero por algumas decisões do técnico.
e) Uma greve havia sido convocada para a semana seguinte pelo principal sindicado da categoria.
f) Várias conquistas acabam de ser obtidas na justiça pelo movimento dos aposentados.

O aluno deve perceber que as diferenças apontadas na questão **1** são válidas para as frases da questão 2.

4. a) As cartas foram enviadas…/Enviaram-se as cartas…
b) Vários livros premiados foram publicados./Publicaram-se vários livros…
c) O novo diretor do colégio foi nomeado./Nomeou-se o novo diretor…
d) Um novo critério de seleção dos candidatos foi adotado./Adotou-se um novo critério…
e) Uma criança foi salva…/Salvou-se uma criança….
f) Ameaças à testemunha de acusação foram feitas./Fizeram-se ameaças à testemunha…
g) A cidade foi transformada num caos./Transformou-se a cidade…

5. a) Elaboraram-se projetos…
b) Estipularam-se novos prazos…
c) Aspira-se a vidas mais dignas.
d) Localizaram-se os principais focos de…
e) Não se conhecem as reais causas…
f) Não se dispõe de meios eficientes…
g) … se descubram as origens de tudo isso.
h) … que se parta de dados comprováveis…
i) … que se trata de casos de…

6 a) Procuram-se alternativas…
b) Precisa-se de novas…
c) Finalmente, liberaram-se as importações de…
d) Ultrapassaram-se as últimas barreiras…
e) Pensa-se em soluções…
f) Encontrou-se a cura…
g) Atente-se para os índices …

7. Essas frases podem ser interpretadas como casos da voz passiva sintética ou da voz reflexiva. Por isso, devem ser evitadas. Quando se pretende fazer a construção passiva com sujeito humano, é melhor optar pela forma analítica: "Os alunos são incentivados", "Os culpados são desmascarados", "Os responsáveis são acusados". Para a voz reflexiva, recomenda-se a anteposição do sujeito: "Os alunos incentivam-se", "Os culpados desmascaram-se", "Os responsáveis acusam-se". Nesse último caso, recomenda-se ainda o uso de expressões como *mutuamente*, *um ao outro*, *reciprocamente*.

8. por ninguém.

Atividades *(p. 380)*

1. a) sem vírgulas
b) …por rádios, jornais e canais de TV.
c) Aos que se sentem enganados, cabe-lhes…
d) … mais dedicação, mais interesse, mais aplicação.
e) … dois técnicos, cinco operadores de retífica, oito mecânicos de manutenção e dez…
f) sem vírgulas
g) sem vírgulas
h) … amigos, nem parentes, nem colegas do futebol ou das…
i) sem vírgulas

2. Na primeira frase, "do meu ponto de vista" é objeto indireto do verbo *saber*: a frase significa que quem critica desconhece o que está criticando — e o objeto da crítica é o ponto de vista de quem está falando. Na segunda frase, "do meu ponto de vista" tem função adverbial: a frase significa que, de acordo com o entendimento de quem está falando, quem está criticando não sabe nada.

Textos para análise *(p. 380)*

Texto 1

"Um país inteiro" é sujeito determinado simples; "por um mosquito" é agente da passiva. Comentar com os alunos que a opção do redator pela estrutura passiva analítica enfatiza o caráter de omissão (passividade seria a melhor palavra, mas soaria mais redundante do que já soa…) do sujeito paciente e de atividade (intensa e disseminada, neste caso) do agente.

Texto 2

1. Não se trata de sujeito indeterminado. Trata-se de sujeito elíptico (vocês). O contexto permite inferir que o pronome "vocês", subentendido, representa a palavra "filhos" citados no título da canção e que contituem o sujeito das orações.

2. No texto, o verbo perdoar apresenta apenas o objeto direto ("de coisa"). O objeto indireto fica implícito em todas as orações. Ele poderia ser o pronome pessoal do caso oblíquo "nos" que representaria os próprios autores (perdoem-nos por estas coisas) ou a sociedade como um todo, que permite ou provoca essa situação insuportável.

3. Exercem a função de complemento nominal. Esses complementos são importantíssimos para o texto porque revelam o que está faltando para as pessoas: a liberdade, a segurança, a afetividade, as opções na vida.

4. A cada três versos aparece a oração: "Os dias eram assim". Nos três versos iniciais, o verbo utilizado é nocional transitivo , apresenta complemento. O quarto verso é de estado (ser). Essa mesma estrutura se repete três vezes na primeira parte do texto. A alternância dos verbos nocionais (que retratam a realidade social da época) com os verbos de estado ("eram") foi a forma encontrada pelos autores para denunciar uma situação de repressão, justificando com o advérbio "assim" o injustificável.

5. É a conjunção "quando", que introduz ideia de tempo futuro. A partir desse verso, o modo verbal passa a ser o subjuntivo. Na primeira parte do texto, utilizaram-se o indicativo (eram) e o imperativo (perdoem). Ao introduzir o subjuntivo, insere-se no texto o desejo de que

algo se realize ou uma hipótese que pode (ou não) se confirmar.

6. O objetivo de repetir estruturas frasais semelhantes, além de buscar manter o ritmo do texto (pois se trata de uma canção), pode ser o de simular uma prece, na qual o pedido de perdão não é feito a uma divindade mas aos "filhos", que representam, simbolicamente, as gerações futuras.

7. Em "Quando crescerem as matas", o sujeito da oração está posposto ao verbo e é "matas"; já em "Quando colherem os frutos", o sujeito está elíptico e é "vocês". Os autores aproveitam com mestria os recursos sintáticos que a língua oferece para criarem um texto enfático, de regular perfeição.

8. Os autores retratam o período da ditadura militar no Brasil, de 1964 a 1984. O aluno deverá reconhecer essa época pelas referências: falta de espaço, de escolhas, de folhas (que podem aqui estar representando a censura à imprensa); a presença de perigos e pelo desejo de que a situação mude para se cortarem os laços (que prendem), soltarem os cintos (das cadeiras de tortura?).

9. Seria um tempo de liberdade, sem violência, sem repressão aos direitos políticos e ao direito de expressão das pessoas. "Lavarem a água" busca intensificar ao extremo o processo de purificação pelo qual a sociedade como um todo deveria passar após o término da ditadura. Se é preciso lavar a água, com a qual se lava tudo, então é porque a situação chegou no insuportável. A aproximação sonora com "lavarem a alma", transfere para a outra o significado de desforra, vingança.

10. Os autores se excluem porque, na verdade, não sabem quando virá o período da liberdade. A canção foi composta nos anos setenta. Eles fazem um pedido de desculpas pela "herança" que deixarão aos filhos, ou seja, pelas consequências desse período negro da história do Brasil na vida futura dos jovens e, ao mesmo tempo, declaram que não terão mais a vontade ou o ânimo para viver a vida em sua plenitude quando esse período tiver terminado, em função das cicatrizes deixadas por ele.

Questões de exames e concursos *(p. 382)*

1. a

2. e Como no poema, a oração "só ontem avisou-me de sua viagem" contém um verbo transitivo direto e indireto ("avisar"), que tem como objeto direto o termo "me" (a pessoa) e como objeto indireto a expressão "de sua viagem" (a coisa).

3. **e.** Na oração sob análise, "os bolsos" é objeto direto de "vasculhar", sendo, pois, substituível pelo pronome oblíquo átono "os"; "o loiro sueco" é sujeito.

4. a

5. c

6. a) Sugestão de resposta: Uma das possibilidades de leitura seria considerar o termo do neurocientista como paciente da ação, ou seja, nesse caso, o neurocientista foi indicado (indicaram o neurocientista; alguém indicou o neurocientista), e esse fato trouxe benefícios para a pesquisa. A outra possibilidade seria reconhecer o termo do neurocientista como agente da ação, isto é, o neurocientista fez a indicação (indicou algo/alguém) e essa indicação feita por ele trouxe benefícios para a pesquisa.

b) Sugestão de resposta: A indicação que o neurocientista fez trouxe benefícios para a pesquisa. / O fato de terem indicado o neurocientista trouxe benefícios para a pesquisa. / A indicação feita pelo neurocientista trouxe benefícios para a pesquisa.

7. d **8.** c **9.** b **10.** d **11.** a
12. b **13.** b **14.** d **15.** a **16.** d
17. c **18.** d **19.** a **20.** c

21. a) verbo intransitivo
b) verbo não-nocional ou de ligação

22. a) verbo não-nocional ou de ligação
b) verbo transitivo direto
c) verbo transitivo indireto
d) verbo intransitivo

23. vos: pronome pessoal do caso oblíquo, objeto direto; que: pronome substantivo relativo, objeto direto

24. a) Vi-o catando-a.
b) *Ver* e *catar* são, no enunciado, transitivos diretos.

25. c **26.** a **27.** e
28. b **29.** b **30.** b

29. Em cada uma das frases de cada par, o mesmo verbo aparece com transitividade diferente: *querer* é transitivo direto na primeira frase, transitivo indireto na segunda; *dormir* é intransitivo na primeira frase, transitivo direto na segunda. Isso mostra como a transitividade depende sempre do contexto em que o verbo é utilizado.

32. d **33.** e **34.** d

35. a) …como ele foi visto por mim em uma noite sem luar…
b) o: objeto direto; ele: sujeito

36. e **37.** b **38.** a **39.** b **40.** c
41. b **42.** b **43.** c **44.** c

45. Hoje não se fazem mais carros como antigamente.

46. a) Muitos ajudaram-te.
b) Os mestres aconselharam-nos.

47. a) Ela não foi vista por mim ontem.
d) O paciente foi assistido pelo enfermeiro dia e noite.
Só admitem voz passiva os verbos que na voz ativa possuem objeto direto.

48. c **49.** c **50.** b **51.** e
52. c **53.** d **54.** a

55. Nomearam-na tutora.

56. d **57.** b

58. Se o ruído da vaga fosse ouvido pelos filhos dos pescadores, o rangido longínquo dos carros de boi seria escutado por mim.

59. O jornalista britânico Frederick Sands, autor de uma biografia de Greta Garbo, anunciou ontem em Genebra, Suíça, a volta da atriz ao cinema.

60. … e se às vezes eu era repreendido, à vista de gente, isso era feito por simples formalidade.

61. c **62.** c

Capítulo 21 – Termos acessórios da oração e vocativo

Atividades *(p. 393)*

É a expressão das circunstâncias a característica mais importante dos adjuntos adverbiais. Por isso, oferecemos atividades para que o professor e os alunos analisem essas circunstâncias, tanto em enunciados alheios como em suas próprias produções.

1. a) de repente: tempo
b) silenciosamente: modo; em casa: lugar; em plena madrugada: tempo
c) à noite: tempo; com muita clareza: modo.
d) sem plenas condições de tráfego: modo
e) de trem: meio (modo); por toda a Europa: lugar
f) felizmente: modo
g) muito: intensidade; longe daqui: lugar; no norte da Itália: lugar (na frase exerce função de aposto)
h) na próxima semana: tempo; das sete às dez da manhã: tempo
i) quase: intensidade; de vergonha: causa
j) sem as chaves: modo
k) apesar de você: concessão; amanhã: tempo
l) à toa: modo
m) com os dentes: instrumento (modo)

2. Reflexão pessoal. As respostas dadas individualmente devem ser apresentadas à classe para análise.

3. a) Eles pensaram rápido.
b) Eles pensaram rapidamente.
c) Eles foram rápidos.
d) Vozes de protesto levantaram-se inesperadamente.
e) Vozes de protesto levantaram-se inesperadas
f) Os rapazes falavam muito baixo.
g) Os rapazes eram muito baixos.
h) Ficamos calmos durante a discussão
i) Agimos calmamente durante a discussão.
j) Suas atitudes ponderadas súbito converteram-se em gestos irritados.
k) Suas atitudes ponderadas subitamente converteram-se em irritação.
l) Seus gestos de irritação foram súbitos e veementes.

4. A inadequação está na preposição: em lugar da preposição **sobre**, deveria ter sido usada a preposição **sob**: AS MELHORES DA *DINHEIRO*: O ÚNICO RANKING QUE AVALIA SUA EMPRESA SOB TODOS OS ÂNGULOS.

Atividades *(p. 395)*

Oferecemos atividades que permitem não apenas identificar o adjunto adnominal, mas também analisar as ambiguidades que surgem em situações em que o adjunto pode ser confundido com outros termos sintáticos, como predicativos ou complementos nominais. A distinção entre adjunto adnominal e complemento nominal, mais do que um capricho de gramáticos, é muitas vezes indicadora de diferenças de sentido.

1. a) sujeito determinado simples: um novo comportamento empresarial; núcleo: comportamento; adjuntos adnominais: um, novo, empresarial; predicado verbal: deve ser incentivado (voz passiva analítica)
b) sujeito determinado simples: muitos candidatos despreparados; núcleo: candidatos; adjuntos adnominais: muitos, despreparados; predicado verbal: pedem votos pouco críticos a eleitores desinteressados; verbo transitivo direto e indireto: pedem; objeto direto: votos pouco críticos, núcleo: votos; adjunto adnominal: pouco críticos; adjunto adverbial: pouco, intensificando críticos; objeto indireto: a eleitores desinteressados; núcleo: eleitores; adjunto adnominal: desinteressados
c) sujeito determinado simples: os garimpeiros; núcleo: garimpeiros; adjunto adnominal: os; predicado verbal: têm transmitido doenças graves aos índios da Amazônia; verbo transitivo direto e indireto: têm transmitido; objeto direto: doenças graves; núcleo:doenças; adjunto adnominal: graves; objeto indireto: aos índios da Amazônia; núcleo: índios, adjuntos adnominais: os, da Amazônia.
d) sujeito determinado simples: um redator eficiente; núcleo: redator; adjuntos adnominais: um, eficiente; predicado verbal: deve comunicar informações claras e realmente importantes ao público interessado; verbo transitivo direto e indireto: deve comunicar; objeto direto: informações claras e realmente importantes; núcleo: informações; adjuntos adnominais: claras, realmente importantes; adjunto adverbial: realmente, intensificando importantes; objeto indireto: ao público interessado; núcleo: público; adjuntos adnominais: o, interessado.

2. O aluno deve perceber que *inusitada* pode ser classificado como adjunto adnominal ou como predicativo do objeto — em ambos os casos, o termo caracterizado é "aquela atitude". Na primeira interpretação, quem fala se nega a julgar uma inusitada atitude tomada por alguém; na segunda interpretação, quem fala se nega a considerar inusitada uma determinada atitude.

3. O aluno deve perceber que em ambas as frases ocorre um mesmo problema sintático: a possibilidade de se analisar um termo como adjunto adnominal ou como

complemento nominal. Os termos envolvidos são "desta cidade" e "de criança". Se "desta cidade" for adjunto adnominal, a frase significa "não serei mais um pichador originário, proveniente desta cidade"; se for um complemento nominal, a frase significa "não serei mais um dos que picham esta cidade". Se "de criança" for adjunto adnominal, a frase significa "é absurdo que tenhamos um medo infantil"; se "de criança" for complemento nominal, a frase significa "é absurdo que as crianças nos causem medo".

Atividade *(p. 398)*

Atividade para que professor e alunos analisem apostos e vocativos — para além das semelhanças de pontuação, existem as diferenças de natureza sintática que devem ser apreendidas pelos estudantes.

1. a) vocativo: meu velho amigo
b) você: vocativo; meu velho amigo: aposto (do vocativo *você*)
c) vocativo: ó meus sonhos
d) aposto: meu maior sonho
e) vocativo: minha querida
f) vocativo: tu
g) vocativo: meu bem
h) aposto: um emprego, uma casinha, uns trocados para uma viagem de vez em quando.

Atividade *(p. 400)*

1. a) O Brasil, país que via seus jovens como garantia de um grande futuro, parece ter optado…
b) Acorde, menino, e vá ver…
c) A cidadania, essa ilustre desconhecida, ainda…
d) Sob aquelas velhas árvores, ali perto do poço, repousam…
e) Daqui a dois anos, poderemos…
f) Poderemos, daqui a dois anos, avaliar…
g) … dessas medidas, daqui a dois anos. (vírgula opcional)
h) sem vírgulas
i) … acontecendo, Alfredo.
j) sem vírgulas
k) … palavra: incompetência.
l) Gilberto Gil, músico e compositor, continua…
m) sem vírgulas

Textos para análise *(p. 400)*

Texto 1

O termo que tem destaque no texto é o adjunto adnominal. Isso acontece porque o texto explora justamente a pluralidade do jornal anunciado, caracterizando sucessivamente esse jornal por meio de adjuntos adnominais diferentes.

Texto 2

1. "Aqui" refere-se ao próprio Jornal da Tarde. "Todo o resto está aqui" significa que, com raras exceções, todos os acontecimentos sobre São paulo estão no periódico.

2. Os balões reproduzem a fala das pessoas que respondem à questão colocada no canto superior esquerdo do anúncio (balão azul): "Encostar no dedo da estátua dá sorte?"

3. Ocorre nessa oração o emprego do adjetivo adverbializado. Subentende-se: "Fala seriamente". Em geral são os advérbios terminados em *-mente* que são substituídos pelos adjetivos: "Veio *direto* do trabalho pra cá"; "Fale *rápido* que estou com pressa" etc.

4. Há ocorrência de vários adjuntos adverbiais, expressando circunstâncias variadas, entre eles: não, em "**não** tem cabimento", "se dá sorte, já **não** sei" (negação); muito em "Duvido **muito**" , Deve ser **muito** antiga" (intensidade); lá, em "Meu pai me levou **lá** quando eu era pequeno" (lugar). A forte presença de adjuntos adverbiais explica-se pelo fato de os interlocutores referirem-se ao local (onde está a estátua), ou por demonstrarem acreditar ou não nisso e à intensidade com que acredtam (ou não) nisso. Observar, também, a presença de frases sem verbos, uma vez que buscam imitar a fala contextualizada do cotidiano.

Texto 3

1. os adjuntos adnominais são "esses" e "colaterais", que modificam o núcleo do objeto direto "efeito".

2. os adjuntos adverbiais são: na verdade (afirmação); dificilmente (tempo/modo); extremamente e muito (intensidade). Chamar a atenção para o fato de que nem todos os advérbios terminados em *-mente* são de modo.

3. A ênfase dada pelos adjuntos adverbiais ao fato de o paciente ter efeitos colaterais transforma um fato ruim (os efeitos) numa espécie de premiação. Por serem tão raros e terem acontecido justamente com ele, o médico faz parecer que sejam um privilégio.

Texto 4

1. Os adjuntos adnominais caracterizam a atividade de Di Cavalcanti como incessante e especificam a especialidade do artista sobre o qual se fala.

2. Circunstância de tempo: "em diferentes ocasiões"; "sob variados momentos emocionais"; "no registro de momentos"; circunstância de lugar: "em cada lugar"; "sobre os mais diversos tipos de papel".

3. *Di Cavalcanti* é um aposto especificativo. Se omitido, o leitor não saberia a quem a autora do texto estaria se referindo.

4. Os termos acessórios predominam na construção do parágrafo. Observar a importância dos adjuntos adnominais e adverbiais na construção de um parágrafo que busca descrever as qualificações do artista e as circunstâncias que envolviam seu processo criativo.

Texto 5

A repetição exaustiva (nove vezes) do adjunto adverbial de negação *não*, enfatizada pela repetição da conjunção *nem*, colocados estrategicamente no início das orações, funciona estruturalmente como um reforço ao sentido negativo do texto. A negativa é a base do texto, tanto semanticamente como sintaticamente.

Questões de exames e concursos *(p. 403)*

1. c

2. **I.** b.1 — comparativo b.2 — explicativo

II. Era na Trindade que a personagem Bisneto mais gostava de viver. Ou : O menino Bisneto viera gêmeo com uma menina.

3. 20 (16 + 04) **4.** 26 (16 + 08 + 02) **5.** a

6. d **7.** b **8.** c **9.** e **10.** c

11. d **12.** e **13.** a

14. a) demonstrativos: esta, o (… o que escrevo…); pessoal do caso reto: eu; pessoal do caso oblíquo: me

b) esta: adjunto adnominal; o: sujeito; eu: sujeito; me: objeto direto

15. a **16.** a **17.** c **18.** b

19. a) "A portaria proíbe os menores de 18 anos de irem a motéis e rodeios sem a companhia ou autorização dos pais."

b) Pais acompanhando filhos a motéis.

c) … proíbe os menores de 18 anos de irem a rodeios sem a companhia ou autorização dos pais ou de irem a motéis.

20. A passagem ambígua é "exigindo a leitura de um livro que entrará no exame inexistente no Brasil.", pois pode significar que o livro ou o exame é inexistente. Sugestão de uma nova redação: … exigindo para o exame a leitura de um livro inexistente no Brasil.

21. com as últimas chuvas: adjunto adverbial de causa ou tempo; o verde: sujeito; verdíssimo: predicativo do sujeito.

22. e **23.** e **24.** a **25.** b **26.** b

27. b **28.** f, d, vazio, i, a, h, c, b, e, g

29. b, d, c, a **30.** a

Capítulo 22 – Orações subordinadas substantivas

Atividades *(p. 412)*

Atividades que permitem ao professor e aos alunos sistematizarem o que foi exposto sobre os processos de relacionamento entre orações.

1. a) "O presidente" e "o governador " são termos coordenados entre si: ambos exercem a mesma função de núcleo do sujeito.

b) Todos os termos destacados são subordinados: todos são adjuntos adverbiais do verbo.

c) Os termos estão coordenados entre si: exercem a função de predicativo do objeto.

d) Os termos estão coordenados entre si, atuando ambos como objetos diretos.

e) Os três primeiros termos estão coordenados entre si e subordinados ao termo *nada*, que os sintetiza. Notar que os termos coordenados entre si estão subordinados normalmente a outros.

2. a) Ninguém sabe/se ela vai aceitar o convite. (subordinação)

b) Informe aos presentes/que a reunião… (subordinação)

c) Vá ao banco,/pague as contas/e traga os comprovantes. (coordenação)

d) Vá ao banco,/pague as contas/e prove a todos/que você é capaz de honrar seus compromissos. (coordenação e subordinação)

e) "A Mata Atlântica, /considerada pela Constituição federal de 1988 como 'patrimônio nacional',/ é hoje um dos biomas mais ameaçados de extinção de todo o planeta /e está reduzida a menos de 8% de sua vegetação original." (Folheto da Fundação SOS Mata Atlântica") (coordenação e subordinação)

Atividade *(p. 414)*

Atividade que permite ao professor e aos alunos rever os conceitos até aqui expostos. Enfatizamos que o estudo das orações subordinadas é desenvolvido mais satisfatoriamente quando o aluno percebe com clareza a equivalência entre os termos sintáticos que exercem funções substantivas, adjetivas e adverbiais e as respectivas orações subordinadas.

a) Sugeri ao prefeito que suspendesse a cobrança do imposto.

b) … os bons momentos que vivi na infância.

c) Apesar de existirem provas incontestáveis,…

d) … uma crise que não se pode superar.

e) Pedi que se liberassem mais recursos.

f) Enquanto durou o dia,…

Atividades *(p. 418)*

Por meio destas atividades, sistematizam-se vários conceitos importantes apresentados anteriormente: a equivalência sintática entre termos que exercem funções substantivas e orações subordinadas substantivas, as várias funções que essas orações podem desempenhar e as diferenças de sentido provenientes do emprego de diferentes conjunções integrantes.

1. a) Pressenti que ele chegava (estava chegando).

b) O sucesso do projeto depende de que tu te esforces.

c) Sou contrário a que o réu seja condenado.

d) "O importante é que a nossa emoção sobreviva."

e) Não preciso de que você me ajude.

f) Anunciaram que tu saías.

g) Lamento que vos interesseis pouco pelo projeto.

De uma forma geral, o período simples é mais conciso e elegante do que o período composto, que deve ser

usado para evitar ambiguidades ou para dar ênfase ao processo verbal em desenvolvimento (na oração subordinada).

2. a) subjetiva
b) subjetiva
c) objetiva direta
d) subjetiva
e) predicativa
f) completiva nominal
g) objetiva indireta
h) apositiva

3. O primeiro período exprime uma interrogação (quem fala não sabe se é amado); o segundo, um pedido de confirmação (quem fala sabe que é amado).

Atividade *(p. 415)*

a) …auxilie, que interceda em seu favor, que faça as coisas…
b) sem vírgulas
c) …"Imagine", Lennon… sonho: que a humanidade…
d) sem vírgulas
e) sem vírgulas
f) … uma coisa: que você… ou … uma coisa, que você…
g) sem vírgulas
h) sem vírgulas

Textos para análise *(p. 419)*

Texto 1

1. Espera-se que o aluno perceba a intenção do autor de imprimir um ritmo cadenciado ao poema, além de intensificar, com a repetição de "é preciso" a necessidade de se praticarem as ações por ele enumeradas.

2. Com exceção do último, os versos estão organizados em períodos compostos por subordinação. Todos os versos iniciados por "é preciso" têm como sujeito uma oração subordinada substantiva, reduzida de infinitivo.

3. No último verso, a conjunção coordenativa aditiva "e" adiciona a última oração à penúltima, ficando subentendida a forma verbal "é preciso". A mudança ocorre estrategicamente nesse verso porque o autor introduz a ideia que estava implícita em todos os versos anteriores: o final dos tempos se aproxima.

4. O último verso vem como que "justificar" as "necessidades" citadas anteriormente, algumas delas relacionadas ao cotidiano das pessoas, outras aos sentimentos (suportar, odiar) e outras ainda relacionadas ao sentido da vida (substituir todos nós, ter religiosidade). Os sentimentos, as atitudes estão demonstrando o final dos tempos.

5. A estrutura sintática exaustivamente repetida e ritmada torna o texto uma espécie de ladainha, uma espécie de prece, por meio da qual o autor relata as necessidades do homem moderno e as dificuldades de convivência. Essas necessidades intensificam-se justamente pela repetição de "é preciso" e dos verbos no infinitivo (terminados em -ar, -er ou -ir), sugerindo nossa incapacidade ou nossa impossibilidade de atendê-las.

Texto 2

O estudo deste texto é apropriado para se analisarem diferentes níveis de linguagem. Tal análise não se restringe às diferenças no vocabulário. Ela mostra, também, as diferenças nas estruturas sintáticas das frases, evidenciando que a subordinação está presente em construções mais complexas e sofisticadas.

1. Sim. Além de não entender o que dizia o jogador, o repórter acaba concordando em chamá-lo de "chato".

2. […] um jogador de futebol dizendo […] → um jogador de futebol que diz
[…] recuperado o esférico […] → assim que o esférico for recuperado
[…] valendo-nos da desestruturação momentânea do sistema oposto → se nos valermos da …
[…] surpreendido pela reversão inesperada do fluxo da ação → que se surpreenderá …

3. Ambas exercem a função de complemento nominal.

4. a) principal → Nosso treinador vaticinou que […]; aumentam as probabilidades à oração subordinada substantiva objetiva direta.
b) principal → Estou vendo […]; que você é um, um …à oração subordinada substantiva objetiva direta.

5. Espera-se que os alunos percebam que ,nas falas mais elaboradas, aparecem inúmeros modificadores (adjuntos adverbiais), orações reduzidas, principalmente de gerúndio, com a predominância do processo de subordinação. Já nas falas curtas, que "traduzem" as anteriores, emprega-se o período simples ou frases sem verbos, representadas até por interjeições. Observar também o emprego da gíria na linguagem mais informal.

Questões de exames e concursos *(p. 421)*

1. a

2. a) numa boa
b) Enviados a um computador, esses sinais permitiram a ele controlar um cursor em uma tela, abrir e-mails, jogar videogame e comandar um braço robótico.
c) Embora tenhamos inventado a maravilha do automóvel, aumentamos o tempo perdido para ir de casa ao trabalho.

3. a) O mesmo fato pode não passar de "um mistério da floresta", ou seja, não ter qualquer repercussão nem merecer qualquer atenção, quando ignorado pela mídia, ou ser transformado em "um problema mundial", se veiculado pelos meios de comunicação de massas. O sentido político de que o fato possa revestir-se depende, portanto, da "medição da imprensa".
b) Se 20 índios ianomâmis fossem assassinados e ninguém ouvisse falar, o crime não se tornaria um fato político. Caso aparecesse na televisão, ou que seria um mistério da floresta tornar-se-ia um problema mundial.

4. 25 (16 + 08 + 02)

5. A oração destacada é uma subordinada substantiva objetiva direta, que funciona, portanto, como complemento do verbo da oração principal (ensinou). O mesmo ocorre no período da alternativa A: a oração iniciada pela conjunção integrante que funciona como complemento direto do verbo espero, núcleo do predicado da oração principal.

6. c **7.** b **8.** c **9.** c

10. Ela é coordenada à oração que a antecede (… era inevitável…) e subordinada à oração cujo sujeito é o pronome demonstrativo *o*.

11. a) É uma subordinada substantiva normalmente classificada como completiva nominal, subordinada ao pronome demonstrativo *a*. Essa oração é mais bem descrita como uma substantiva em papel de adjunto adnominal.
b) A conclusão é que mais vale um pássaro na mão do que nenhum./A conclusão é: mais vale um pássaro na mão do que nenhum.

12. c **13.** b

14. a) Não importou, na época, a aprovação ou não dos métodos de Nostradamus por seus inimigos.
b) Notou-se perfeitamente a audácia de sua atitude.

15. c **16.** c

17. a) 'não é necessário" e "não precisa"
b) Isso porque não é necessário que nesse estágio o Planalto apresente sua defesa./Isso porque nesse estágio o Planalto não precisa apresentar sua defesa.

18. oração subordinada substantiva subjetiva

19. e **20.** c **21.** a **22.** d

23. Desejo-lhes uma boa viagem e bastante descanso.

24. c **25.** c **26.** c

27. "que a escrava é que estragara o doce…"

28. a **29.** d

30. a) adjunto adverbial (de modo)
b) complemento nominal
c) sujeito
d) objeto indireto
e) complemento nominal
f) objeto direto (na forma de oração subordinada substantiva objetiva direta).

Capítulo 23 – Orações subordinadas adjetivas

Atividade *(p. 427)*

Atividade que enfatiza a relação entre adjetivo e oração adjetiva como formas distintas de exercer um mesmo tipo de função sintática.

a) … prejuízos que não se podem calcular.
b) …que não se podem desmentir.
c) … italianos, que são notáveis bebedores de vinho e comedores de pizza,…
d) O país, que é grande exportador de matérias-primas,…
e) … econômica que não termina.

De uma forma geral, o uso dos adjetivos torna as frases mais elegantes e concisas do que o uso das orações, recomendável quando houver necessidade por motivo de clareza ou ênfase.

Atividade *(p. 429)*

As diferenças de sentido provenientes do uso de orações restritivas ou explicativas devem ser enfatizadas e trabalhadas com profundidade.

a) A primeira frase refere-se a todo e qualquer time que não treina; a segunda refere-se a um determinado time, o qual não treina e não vence.
b) Na primeira frase, todos os policiais em questão participaram; na segunda, participaram apenas aqueles policiais cujos nomes foram encontrados na agenda.
c) Todos os jogadores do time andaram em campo./Apenas alguns jogadores — aqueles de que se esperava no mínimo amor à camisa — simplesmente andaram em campo.
d) Os fiscais serão enviados àquelas cidades litorâneas que têm altos índices de poluição./A poluição é alarmante em todas as cidades do litoral — e a todas elas serão enviados fiscais.

Atividades *(p. 433)*

O uso de preposição apropriada e o emprego correto do relativo são dois aspectos importantes da forma escrita culta da língua que devem ser trabalhados intensamente em sala de aula.

1. a) … crianças que estão hoje nas ruas têm direito…
b) Muitas crianças a que (ou a quem) não se dá oportunidade …
c) Boa parte da classe média brasileira de que tenho medo tem comportamento extremamente violento…
d) … crianças brasileiras cuja vida é, desde cedo, miséria e exploração não têm direito…
e) … no Brasil, onde existe a pior…, não se pode sonhar…

2. a) sem preposição
b) de
c) aos
d) com
e) sem preposição
f) por
g) em
h) sobre
i) com
j) a
k) a
l) de
m) por

3. a) É um grave problema cuja solução…
b) Conheci uma garota cujo pai é…
c) …funcionários, cujos nomes ele prefere…
d) … situação em que todos…
e) … e por isso acho que…
f) … gesto que nos fez sentir recompensados./… gesto que fez com que nos sentíssemos…/… gesto que nos recompensou a todos.
g) … cujos efeitos colaterais…

4. a) A comissão ou o desenvolvimento tecnológico permitirá perspectivas? A solução é usar as formas *a qual* ou *o qual*.
b) As teses ou os grupos ambientalistas apresentam problemas de interesse nacional? A solução é usar *as quais* ou *os quais*.
c) Não é o bairro que atende — é o dentista. Deve-se re-escrever a frase: "Abriu seu consultório neste bairro um novo dentista, que atende todas as manhãs" é uma das possibilidades.
d) É o time que não ganha títulos, não a nova contratação. Por isso, a frase deve ser re-escrita: "O time — que há muitos anos não ganha um título — contratou…" é uma das possibilidades.
e) O carro é do assessor, não do próprio governador. Uma das possibilidades de re-escrita é: "Está sendo procurado o assessor em cujo carro o governador sofreu um acidente".
f) Joana de França viajou para o Rio de Janeiro, onde ficará hospedada no Palácio do Governo.
g) O jogador Arturzinho está fazendo muito sucesso com sua nova escolinha, que fica no bairro da Lapa.

Atividades *(p. 435)*

1. a) A medicina, que estuda a prevenção e a cura de doenças, tem tido…
b) … era muito comum fazer referências jocosas aos corintianos, cujo time…
c) sem vírgulas
d) sem vírgulas
e) … natal, onde não punha…
f) sem vírgulas

2. a) Na situação apresentada na segunda frase, todos os professores pediram demissão e nenhum deles poderá ser substituído; na situação apresentada na primeira frase, somente aqueles professores que pediram demissão — e não foram todos — não poderão ser substituídos.
b) Na primeira frase, somente aquelas construtoras que não concluíram as obras devem fazer a devolução do dinheiro. Na segunda, todas as construtoras envolvidas deixaram de concluir as obras e estão obrigadas a devolver o dinheiro.

Textos para análise *(p. 435)*

Textos 1 e 2

A leitura e análise destes textos será mais agradável se partir da audição da belíssima canção que Mílton Nascimento fez para a "Canção amiga" de Drummond. O trabalho e o consumo são temas tranversais — é sempre bom lembrar.

1. As crianças que trabalham.

2. a) "que pudesse acordar os homens e adormecer as crianças"
b) oração subordinada adjetiva restritiva
c) uma canção
d) pronome relativo
e) sujeito

3. oração subordinada adjetiva restritiva

4. oração subordinada adjetiva restritiva

5. Significa que há necessidade de se especificar o significado de termos de sentido genérico.

6. Reflexão pessoal.

Texto 3

1. Terceiro período: que se encontram — antecedente: *pessoas*; que animava a nobreza nos tempos de reis e rainhas — antecedente: *reunião* (observar que, apesar de distante, nesse contexto é possível identificar o antecedente do pronome relativo). Quinto período: que comanda o Sarau da Santos — antecedente: *empreendedora*; que acontece duas vezes por semestre na Vila Madalena, em São Paulo — antecedente: *Sarau da Santos*.

2. a) Para não ficar chato, peça que os convidados leiam textos curtos, de no máximo uma página, e (que) façam performances rápidas. Uma outra possibilidade: Peça aos convidados que leiam textos curtos (…) e (que) façam performances rápidas.
b) Para não ficar chato, peça para os convidados lerem textos curtos, que tenham no máximo uma página, e fazerem performances rápidas.

3. Trata-se de uma oração subordinada substantiva objetiva direta.

4. a) …diz a empreendedora social Laís Fleury, *sob cujo comando está o Sarau da Santos*.
b) …diz a empreendedora social Laís Fleury, da Vila Madalena, *onde o Sarau da Santos acontece duas vezes por semestre*.

5. para promover um sarau na sua casa e [para] experimentar um programa bem diferente do costumeiro cinema-restaurante ou cerveja-boteco até o amanhecer; para ouvir música ou [para] ler poesias e trechos de livros; para juntar as pessoas em torno de atividades; para não ficar chato; para cada um expressar o que deseja.

6. a) O resto corre por conta da criatividade de cada artista na seleção d*aquilo* que vai ser mostrado; Segundo ele, o segredo é dar liberdade para cada um expressar *aquilo* que deseja. Trata-se de pronome demonstrativo (antecedente do pronome relativo *que*)
b) Ambas são orações subordinadas adjetivas restritivas.
c) Na primeira, é sujeito: *o* [*aquilo*] vai ser mostrado. Na segunda, é objeto direto. Para se chegar a essa resposta, é preciso desenvolver o seguinte raciocínio: o sujeito do verbo *desejar é cada um*; se pensarmos que quem deseja expressar deseja expressar *alguma coisa*, teremos o pronome demonstrativo *o* [*aquilo*] como objeto direto (deseja expressar o [*aquilo*]).

Textos 4 e 5

1. É a preposição *de*, exigida pelo verbo *gostar*: "É legal ganhar a vida fazendo algo *de* que realmente se gosta".

2. No primeiro, o pronome relativo é sujeito, pois substitui originais na oração "*que* ilustram os livros do escritor baiano" (*originais* ilustram os livros…). No segundo, é objeto indireto, pois substitui *aquilo de que se gosta* na oração "[de] *que* realmente se gosta" (realmente se gosta *de algo*).

Questões de exames e concursos *(p. 438)*

1. c **2.** 28 (04,08,16) **3.** d
4. b **5.** a **6.** d **7.** a
8. d **9.** d **10.** d

11. a) E como sempre teve a intenção de possuir as terras de São Bernardo, considerou legítimas as ações que o levaram a obtê-las.
b) que: às ações; me: ao narrador, que assume, no caso, a primeira pessoa do discurso; las: às terras de São Bernardo

12. a **13.** c **14.** d **15.** c
16. e **17.** b **18.** b **19.** c

20. Na primeira frase, está-se dizendo que a psicóloga está localizada no endereço apontado, e não a clínica. Sugestão de correção: "A psicóloga Iracema Leite Ferreira Duarte está fazendo muito sucesso com a sua nova clínica, (localizada) na rua Campo Grande, 159". Na segunda frase, o pronome relativo está-se referindo a Maria Helena Arruda, e não a São Paulo. Sugestão de correção: "Maria Helena Arruda embarcou para São Paulo, onde ficará hospedada no luxuoso hotel Maksoud Plaza".

21. d

22. a) O menino, que é estudioso, aprende.
b) O menino, cujo pai o ama, é feliz.
c) A cidade onde o menino nasceu fica longe.

23. e **24.** c

25. vos: pronome pessoal do caso oblíquo, objeto direto; que: pronome substantivo relativo, objeto direto

26. a) Agora sei isso/algo/esta novidade.
b) Agora sei que outro dia disse uma palavra saudável/ agradável/ benéfica a alguém.

27. Agora sei: oração principal; que outro dia eu disse uma palavra: subordinada substantiva objetiva direta; que fez bem a alguém: subordinada adjetiva restritiva

28. a) Ao chegar ao ancoradouro, Alzira Alves Filha, que estava acompanhada de um grupo de adeptos do Movimento Evangélico Unido, recebeu um colar indígena feito de escamas de pirarucu e frutos do mar.
b) Porque cria confusão quanto ao verdadeiro antecedente do pronome relativo.

29. a) conjunção subordinativa integrante em 1 e pronome substantivo relativo em 2
b) subordinada substantiva objetiva direta

30. b **31.** b

32. a) Todos os homens são venais e corruptíveis.
b) São corruptíveis apenas os homens venais.

33. d **34.** b **35.** a **36.** e
37. a **38.** d **39.** a

Capítulo 24 – Orações subordinadas adverbiais

Atividade *(p. 445)*

Esta atividade oferece ao professor e aos alunos a oportunidade de refletir sobre a equivalência sintática entre os adjuntos adverbiais e as orações subordinadas adverbais e sobre as diferenças de sentido e de estilo que as várias possibilidades de escrita acabam produzindo.

1. a) …porque se sente muito tédio/porque se tem muito tédio.
b) Quando é noite,…/Quando a noite chega,…/ Quando cai a noite…
c) Apesar de dedicar-se ao estudo,…/Embora se dedicasse ao estudo,…
d) Se não se investir em educação e cultura,…
e) …porque passa fome.
f) Enquanto duraram as férias,…

O aluno deve perceber que os adjuntos adverbiais na forma simples são normalmente mais concisos e elegantes; a forma oracional nem sempre corresponde exatamente à forma simples, devendo ser usada por motivo de clareza ou quando houver necessidade de exprimir detalhes não-compatíveis com a forma simples.

Atividades *(p. 448)*

A ênfase no estudo das orações subordinadas adverbiais deve recair sobre a compreensão das circunstâncias que exprimem e sobre o uso correto das cojunções e locuções conjuntivas, e não na classificação. Por isso, oferecemos esta série de atividades que levam o aluno a refletir sobre as circunstâncias estudadas até aqui e a utilizar as várias conjunções e locuções conjuntivas que a língua oferece para cada caso.

1. a) consequência (decisão de calar-se) — causa (ter argumentos inconsistentes)
b) causa (argumentação inconsistente) — consequência (opção pelo silêncio)
c) condição (argumentos serem consistentes) — fato alcançado se a condição fosse satisfeita (os argumentos teriam sido defendidos)
d) concessão (há argumentos consistentes) — fato que estabelece contraste com o fato da outra oração (o treinador optar pelo silêncio)

2. a) Como recebem salários baixos, muitos brasileiros não possuem casa própria.
b) … casa própria, já que recebem salários baixos.
c) … casa própria, visto que recebem salários baixos.
d) Muitos brasileiros recebem salários tão baixos que não conseguem comprar a casa própria.

3. a) Como o quadro da educação no país é muito preocupante, até empresários tradicionalmente omissos estão…
b) Até empresários tradicionalmente omissos estão… porque o quadro da educação no país é muito preocupante.
c) … é muito preocupante, de modo que até empresários tradicionalmente…
d) … estão interessados em participar…uma vez que o quadro da educação no país…

4. a) Caso elimine o Grêmio, o Corinthians…
b) Desde que elimine o Grêmio, o Corinthians…
c) Contanto que elimine…

5. a) Embora existam claros indícios…
b) Conquanto existam…
c) Ainda que existam…

6. Na primeira frase, a dedicação é a condição para se alcançar o sucesso. Na segunda, o sucesso é inalcançável (para aquele a quem se está falando): dedicação nesse caso de nada adianta.

7. a) condição: o treinador permanece no cargo se o time se classificar
b) causa: o treinador permaneceu no cargo porque o time se classificou

8. Explora-se a relação causa-consequência, exposta de forma a criar um círculo vicioso: não se consegue estabelecer com precisão qual a causa e qual a consequência, porque esta é logo transformada naquela. A oração utilizada é a subordinada adverbial causal.

Atividades *(p. 451)*

Também neste caso, a ênfase deve recair sobre a compreensão das circunstâncias expressas e sobre o uso apropriado das conjunções e locuções conjuntivas. Damos também destaque às estruturas correlativas das orações comparativas e proporcionais, que são trabalhadas intensamente.

1. a) fato (sair) — modo como ocorreu
b) fato (comportamento) — comparação
c) fato (comportamento) — conformidade (a uma promessa)
d) fato (canalização) — finalidade
e) qualidade de um ser (delicadeza da pele) — comparação
f) informação de tempo — fato (ocorrência de problemas de saúde)
g) condição — fato dependente da condição
h) informação de tempo (proporcional) — fato de desenvolvimento gradual
i) causa — fato decorrente
j) fato — condição

2. a) Tudo foi feito conforme os termos do acordo a que haviam chegado as várias partes interessadas.
b) Os outros técnicos não têm trabalhado tanto quanto este, que tem trabalhado muito.
c) Apesar de já ter aprendido muito, ele, curiosamente, quer aprender…
d) À medida que nos aproximamos do fundo do vale, podemos ouvir cada vez mais distintamente…
e) Vou dar-lhe um presente sem que ela saiba disso…
f) Se formarmos um time de futebol, poderemos participar…
g) Quando se investir em saúde e educação, começarão a surgir…/Se se investir…

3. a) Enquanto caminhávamos à beira do rio, ela me falava…
b) Ao ser empossado ontem,/Quando foi empossado, ontem, o ministro fez um discurso…
c) … às vicissitudes do cotidiano, embora muitos tecnocratas elaborem planos…
d) … chegou ao aeroporto três horas depois que ela havia viajado para a Argentina.
e) Assim que abri a porta, percebi que…
f) Depois de caminharmos várias horas, lembramo-nos de que…

4. a) Creio termos que suportar as exigências feitas por ela.
b) Sinto estarem acontecendo fatos que…
c) Ao terminar a sessão, percebi ter-se desperdiçado uma oportunidade há muito procurada.
d) As promessas ali feitas indicavam ter o novo governo nítido perfil populista.
e) … indicava não se ter ele corrigido ainda.
f) Executadas as obras prometidas pelo candidato, o município assumiria dívidas que…
g) É importante você ter visto tudo para poder opinar mais tarde.

Atividade *(p. 453)*

a) Se você tivesse cumprido o que prometera, …
b) … em casa, se tudo… (opcional)
c) Como choveu muito, …
d) … sujos, porque o povo… (opcional)
e) À medida que avança, o cólera…
f) Os jogadores, como se esperava, atuaram…
g) Notamos, quando ainda seria possível modificar o rumo das discussões, a falta…

Textos para análise *(p. 453)*

Textos 1, 2 e 3

Além da análise linguística propriamente dita, os textos 1 e 2 suscitam reflexões importantes sobre questões relativas à vida humana, como a utopia e a memória. Interessante discutir também a forma poética e concisa como o autor desses textos discorre sobre tais assuntos. O texto 3 toca na questão da exploração dos recursos naturais da Amazônia.

Texto 1: oração subordinada adverbial concessiva: "por mais que eu caminhe". Observar a presença da oração "para caminhar", reduzida de infinitivo, aposto do adjunto adverbial de finalidade "para isso".

Texto 2: oração subordinada adverbial temporal: "quando estiver se afogando na chuva" (e as duas que se

seguem, com omissão da conjunção e do verbo auxiliar *estar*: "[quando estiver]sendo quebrado pelo frio"; "[quando estiver]sendo revirado pelo vento").

Texto 3: oração subordinada adverbial temporal: "quando os produtos da Amazônia forem explorados"; oração subordinada adverbial comparativa: "quanto (houve) no período das grandes navegações, da descoberta da América".

Texto 4

Deve-se iniciar o trabalho de leitura e análise do texto pela audição da canção. Como já foi comentado anteriormente, Zélia Dunca tem características de intérprete e compositora que costumam torná-la bastante atraente para os adolescentes. No caso deste texto em particular, seria interessante que o professor, antes de apresentá-lo aos alunos, perguntasse a eles o que conhecem do Rio de Janeiro, a fim de verificar se a referência à Avenida Vieira Souto e a outros fatos urbanos, como os moradores de rua, os barracos das favelas e as inundações fazem sentido. Este é um texto muito feliz, em que a continuidade que se estabelece entre a vida interior e a vida exterior do sujeito lírico mostra como a realização do bem-estar amoroso não é independente da sensação de mal-estar social que um país injusto causa.

1. O período é formado por duas orações: "A tempestade me assusta", que é a oração principal, e "como sua ausência (me assusta)", que é a subordinada adverbial comparativa com o verbo elíptico.

2. É a circunstância de tempo, expressa por várias orações subordinadas adverbiais temporais ao longo de todo o texto: "Enquanto sua ausência inunda meu quarto", "(enquanto sua ausência) transborda na cama", "Enquanto não durmo", "enquanto te espero", "(enquanto) chove no mundo". É enquanto tudo isso ocorre que o sujeito lírico desenvolve sua reflexão sobre as relações entre seu sofrimento amoroso e o sofrimento social do país.

3. O aluno deve perceber que se trata de um caso de concordância por contaminação, por contiguidade, pois *brasileiro*, apesar de estar ao lado de *rumo* e de concordar com esse termo, na verdade se refere a *falta* — é a falta (de rumo) que é brasileira. Do modo como está, o trecho produz uma interpretação curiosa, pois o que falta, nesse caso, é um "rumo brasileiro"; na verdade, há uma brasileira falta de rumo…

4. É um pronome relativo e introduz a oração subordinada adjetiva restritiva "que atingiu o nosso amor", na qual desempenha a função sintática de sujeito da forma verbal *atingiu*.

5. O aluno deve perceber que Vieira Souto, no texto, é uma metonímia que indica a parte da cidade do Rio que goza de bem-estar social, as classes sociais mais abastadas, que habitam e frequentam esse espaço urbano e outros similares. É sobre o cinismo, a indiferença dessas classes sociais que desabam os barracos que a tempestade desprende dos morros, onde se escoram as favelas.

6. O aluno deve perceber que a oração destacada é subordinada adverbial reduzida de gerúndio e que pode ser interpretada de mais de uma maneira: pode-se considerá-la uma adverbial causal (…porque cresce no esgoto) ou uma adverbial temporal (… quando cresce no esgoto). Ainda haveria a possibilidade de considerá-la uma oração com valor condicional: "Ninguém fica imune **desde que cresça no esgoto**".

7. Não. Como ocorre com muita frequência nos registros da língua falada coloquial, há mistura de tratamentos: o interlocutor do sujeito lírico é tratado como *você* — pronome de tratamento que demanda as formas verbais e pronominais de terceira pessoa — e também como *tu* — quando surge a forma pronominal de segunda pessoa *te*, em "enquanto te espero".

8. O aluno deve perceber que a tempestade desaba ao mesmo tempo dentro e fora do sujeito lírico. São indícios de que ela é uma tempestade pessoal, interna, imagens como " Você, raio humano, despencou na minha cabeça / E desde então / Grita esse trovão no meu peito". E essa tempestade íntima se combina com a tempestade atmosférica, meteorológica: "A chuva lá fora chove de fato / Enquanto sua ausência inunda meu quarto / E transborda na cama". Dessa idenficação de tempestades surge para o sujeito lírico a consciência de que seus sonhos "são outros", tanto no plano amoroso, como no plano social.

9. O aluno deve perceber que o sujeito lírico apresenta ao leitor um país sem rumo ("eu não me acostumo com a falta de rumo brasileiro"), com moradores de rua e barracos que são carregados pela tempestade ("Penso no homem que dorme nas ruas do Rio e agora flutua nos rios da rua e os barracos na beira do abismo deslizam no cinismo da Vieira Souto."), um país "no fundo do poço", onde as pessoas crescem "no esgoto". É muito coerente, portanto, que esse sujeito lírico chame ao Brasil de "país do desgosto" — até porque é na história desse país que "se escora" o amor "sem risco e sem glória" que ele está vivendo…

Questões de exames e concursos *(p. 456)*

1. a) O mesmo fato pode não passar de "um mistério da floresta", ou seja, não ter qualquer repercussão nem merecer qualquer atenção, quando ignorado pela mídia, ou ser transformado em "um problema mundial", se veiculado pelos meios de comunicação de massas. O sentido político de que o fato possa revestir-se depende, portanto, da "medição da imprensa".

b) Se 20 índios ianomâmis fossem assassinados e ninguém ouvisse falar, o crime não se tornaria um fato político. Caso aparecesse na televisão, o que seria um mistério da floresta tornar-se-ia um problema mundial.

2. d **3.** e **4.** b
5. b **6.** e **7.** e

8. Nós, os escritores nacionais, porque (já que, visto que, uma vez que) queremos ser entendidos de nosso povo, havemos de falar-lhe em sua língua.

9. Embora (ainda que, conquanto, mesmo que) seja um bom escutador e um vedor melhor, só trancado e sozinho é que consigo me expressar.

10. a **11.** e **12.** a **13.** d

14. Comentário da própria UFCE:
A questão **7** trata da organização estrutural de orações e da função sintática de termos que a compõem. No item a1, pede-se que o candidato identifique uma outra ordenação aceitável para a oração fornecida. A resposta correta é 4 – 5 – 2 – 3 – 1 (Quando caíram seus últimos defensores, pois todos morreram, Canudos caiu, ao entardecer, expugnado palmo a palmo.), pois a oração resultante desta ordenação é coerente e não fere as regras de sintaxe. No item a2, solicita-se que o candidato escolha uma das duas sequências restantes de a1 e justifique a razão pela qual a ordenação é inaceitável. Na primeira, 3 – 5 – 2 – 4 – 1, articulam-se o adjunto adverbial de tempo, ao *entardecer*, e a oração explicativa, *pois todos morreram*, o que resulta numa relação incoerente. Na segunda, 5 – 2 – 4 – 1 – 3, a incoerência encontra-se já no início da oração, visto que ela principia por uma explicativa, que, vindo descontextualizada, se descaracteriza semanticamente.
No item b, solicita-se que o candidato re-escreva a oração fornecida, iniciando-a pelo segmento de frase 4 (quando caíram os seus últimos defensores), transformando-o numa oração reduzida de infinitivo. Dentre as possibilidades de respostas, há: "Ao caírem os seus últimos defensores, pois todos morreram, Canudos caiu, ao entardecer, expugnado palmo a palmo." e "Ao caírem os seus últimos defensores, pois todos morreram, expugnado palmo a palmo, Canudos caiu, ao entardecer.". No item c, pede-se que o candidato construa uma oração sobre Canudos, com a seguinte estrutura: sujeito composto + verbo intransitivo + predicativo do sujeito. Para tanto, o candidato deve selecionar um sujeito composto, um verbo intransitivo e um predicativo do sujeito, de modo a obter uma oração com a estrutura solicitada. Muitas são as respostas possíveis. Fornecemos, por isso, apenas um exemplo: "Antônio Conselheiro e Canudos caíram derrotados.".

15. c

16. quando topei os obstáculos mencionados/sem que me detivesse

17. b **18.** e **19.** e

20. e **21.** e **22.** b

23. Conquanto fosse magra,…/Apesar de ser magra,…

24. É desnecessário destacar que o baixo salário pago aos funcionários públicos prejudica o atendimento da população nos hospitais, nas escolas, nas delegacias, nas faculdades (nos serviços públicos em geral).

25. Mesmo que não cheguem a configurar…,/Embora não cheguem a configurar…,/Ainda que não cheguem a configurar…,

26. c

27. a) Muitos alunos passarão porque a prova de português está fácil.
b) Embora a prova de português esteja fácil, muitos alunos a acham difícil.

28. Anda a espreitar meus olhos a fim de que os roa. Oração subordinada adverbial final.

29. d **30.** b

31. a) As coisas não andam porque ninguém confia no governo, e ninguém confia no governo porque as coisas não andam.
b) É necessário que aquilo que é causa num primeiro momento passe a ser consequência no momento seguinte, e vice-versa. O autor mantém a falta de confiança no governo como causa nas duas frases.

32. a **33.** b **34.** a **35.** b

36. c **37.** c **38.** e **39.** b

40. Se não houvesse muita cinza de cigarro no chão, o velho Leite não raciocinaria assim.

Capítulo 25 – Orações coordenadas

Atividades *(p. 467)*

O estudo das orações coordenadas deve enfatizar a exata compreensão dos relações semânticas que as orações estabelecem entre si e o uso apropriado das conjunções coordenativas. Por isso, oferecemos estas atividades que permitem ao professor e aos alunos refletirem sobre o uso e os sentidos das conjunções e das relações no período composto por coordenação.

1. a) fato, explicação de como se descobriu esse fato
b) pedido, explicação da razão de se fazer o pedido
c) ato, outro fato com que o primeiro contrasta
d) fato, conclusão tirada a partir do fato
e) pedido, explicação do porquê se fez o pedido
f) alternância de fatos, com valor condicional

2. a) … quente e ensolarado, mas só pudemos…
b) … muitos pobres, logo alguma coisa está errada.
c) Visite-me, pois quero estar…
d) … será a maior…, mas muita…
e) … nossos problemas, logo foi preciso…
f) … agora, ou …
g) Ou chove torrencialmente, ou a seca…

Utilizamos as conjunções mais típicas em cada caso: o professor saberá fazer a variação que julgar conveniente.

3. a) Ou estou enganado, ou escrevi…
b) …da reunião, logo não…
c) …nas férias, logo não estarei…
d) …podem ir, mas devem voltar cedo.
e) … um pouco, telefonei para ela e marquei…
f) Venha logo para dentro, que está…

g) … não para de sorrir, logo deve ser feliz.
h) …na estrada, pois está cheia…
i) … estudo espanhol e estou começando…
j) … a ela, logo a reunião…
k) …violentamente, mas não…

É válida para este exercício a mesma observação feita em relação ao exercício anterior.

4. a) Juntou galhos e gravetos e acendeu a fogueira.
b) Escolheu um local plano e aberto, limpou o terreno e armou a barraca cuidadosamente.
c) Levantou-se da cama, caminhou cuidadosamente no escuro, chegou até a janela, abriu-a, e a luz invadiu o quarto.
d) Não sei nada sobre o assunto; nada posso dizer a respeito, pois.
e) Não faça barulho, pois muitas pessoas já estão dormindo.
f) Sofreu um acidente terrível, mas não se feriu com gravidade.
g) Faça tudo cuidadosamente ou não obterá sucesso.

A partir do item d, atentar para o fato de que não haveria obrigatoriedade de se adotar a ordem aqui proposta se se construíssem períodos compostos por subordinação.

5. a) A acusação é grave, mas o candidato nega-se a discuti-la.
b) Ou você se dedica seriamente, ou os resultados não serão satisfatórios.
c) Não há ninguém na casa, porque janelas e portas estão trancadas.

Atividade *(p. 470)*

a) … da partida, mas…
b) … energia, portanto deveria…
c) … energia; deveria ter seu uso ampliado e estimulado, portanto.
d) sem vírgulas
e) Tentou uma vez, e insistiu, e tornou a tentar, e conseguiu…
f) Examinei, notei a falta de estrutura do grupo e achei melhor interferir.
g) … do país; nenhum deles, contudo, estabelece…
h) … projetos; nenhum foi sequer…
i) Chamava-se Pedro; o amigo, Paulo.

Textos para análise *(p. 470)*

Texto 1

Deve-se apresentar a canção à classe: Gabriel o Pensador não é nunca motivo de indiferença da parte dos adolescentes e isso é muito produtivo como ponto de partida para as atividades de leitura e análise do texto.

1. É um período composto por coordenação: a primeira oração é a coordenada inicial (ou assindética) "O Brasil proclamou sua independência"; a segunda é coordenada sindética adversativa "mas o filho do rei é que assumiu a gerência". O contraste, a oposição de sentido expressa no período é várias vezes retomada ao longo do texto, que, em última análise, é construído contrastando as possibilidades (muito positivas) do país com as realizações (pífias) que se têm obtido.

2. O aluno deve perceber que a conjunção *e*, nesse período, tem valor adversativo: "O negro virou um homem livre, mas foi pra prisão". Esse mesmo fenômeno ocorre no período "O rico sobe na vida feito estrangeiro, e o pobre só sobe no elevador de serviço".

3. O aluno deve perceber que se está afirmando com todas as letras que o racismo é um fato no Brasil.

4. Oração coordenada inicial (ou assindética): "torturaram"; orações coordenadas sindéticas aditivas: "e prenderam" e "e mataram milhares"; oração coordenada sindética adversativa: "mas ninguém foi condenado pelos crimes de tortura".

5. O aluno deve perceber que há um vínculo de causalidade entre os períodos, ou seja, a eleição de Collor se deve, de acordo com o texto, ao fato de "a gente que vota" ainda ser "semianalfabeta".

6. Oração principal: "O Brasil tem um povo gigante por natureza"; oração subordinada adjetiva restritiva: "que ainda não percebe o tamanho dessa grandeza".

7. É uma conjunção que estabelece uma relação de alternância ou de mútua exclusão. Isso se pode perceber no título do texto — se se ri devido ao panorama social oferecido pelo país, não se chora e vice-versa. O mesmo se pode dizer sobre a longa sequência de alternativas que são oferecidas no final do texto: se se repete o que se tem feito, não se transforma a realidade, por exemplo. Note-se que se trata de um recurso retórico, pois, na verdade, o texto pressupõe que o leitor (ou ouvinte) vai oferecer como resposta a atitude correta - aquela que beneficia o país, que une todos em "um sonho".

8. Considerar a simetria das duas orações que compõem o título e a conjunção que as une, estabelecendo uma relação de oposição entre ambas. Considerar também os dois adjuntos adverbiais que aparecem na segunda oração e modificam substancialmente seu sentido: o *não* e o *sempre*. Além disso, observar o jogo estabelecido pela palavra *mesmo*, ao aparecer , pela segunda vez, como substantivo, em função de predicativo do sujeito.

9. Resposta pessoal.

Texto 2

"Penso, logo assisto" é um período formado por coordenação. A primeira oração — "penso" — é uma coordenada inicial; a segunda — "logo assisto" — é uma coordenada sindética conclusiva. O aluno também deve perceber que essa re-escrita da célebre máxima de Descartes ("Penso, logo existo.") tem como principal objetivo ressaltar a qualidade da programação anunciada, dirigida a um público "pensante", ou seja, capaz de refletir sobre a programação que recebe.

Questões de exames e concursos *(p. 472)*

1. a

2. A questão viabilizou o estudo da coordenada adversativa (mas contava) a sugerir a quebra de expectativa que o cotidiano enfadonho expressa nos dois primeiros versos. Resposta: b

3. **7** (01 + 02 + 04) **4.** 19 (16 + 02 + 01)

5. b **6.** d **7.** a **8.** a

9. e **10.** a **11.** e

12. Essa oração é coordenada à oração "que era inevitável" e subordinada à oração "anteontem aconteceu o".

13. a **14.** a

15. a) Na coordenação, organizam-se num período orações sintaticamente independentes umas das outras, ou seja, orações que não desempenham funções sintáticas umas nas outras. Na subordinação, organizam-se num período orações dentre as quais alguma ou algumas desempenham, em outra, função sintática de natureza substantiva, adjetiva ou adverbial.

b) "Dentro dele um desejo abre-se em flor": oração coordenada assindética (ou inicial); "e cresce": o. c. sindética aditiva; "e ele pensa": o. c. sindética aditiva; "ao sentir esses sonhos ignotos": o. s. adverbial temporal reduzida de infinitivo; "que a alma é como planta": o. s. substantiva objetiva direta.

16. a **17.** d **18.** c **19.** d

20. b **21.** d **22.** e **23.** b, d, c

24. c **25.** a **26.** d **27.** d

28. a **29.** c **30.** c

Capítulo 26 – Concordância verbal e nominal

Atividades *(p. 479)*

Oferecemos com estas atividades a oportunidade de o professor trabalhar com os alunos alguns casos delicados de concordância verbal: a concordância com o sujeito simples posposto e alguns casos do sujeito composto. Não deixamos de contemplar também possíveis ambiguidades de sentido.

1. a) ocorreram
b) restam-nos
c) ficaram
d) sobraram
e) bastam
f) devem existir
g) podem ocorrer
h) sobrevivam
i) cabem

2. a) discutiram
b) discutiram
c) iremos
d) iremos ou irão
e) irei ou iremos
f) deveis participar ou devem participar
g) devemos
h) faltas, faltais ou faltam
i) inscreveram-se ou inscreveu-se
j) abraçaram-se

3. A segunda frase sugere uma sequência na renúncia: primeiramente, renunciou o presidente; a seguir, os ministros. Na primeira frase não há essa sugestão: todos parecem ter renunciado ao mesmo tempo.

4. Essa frase pode ser interpretado como uma forma de voz passiva sintética, uma forma de voz reflexiva recíproca ou uma forma de voz reflexiva. Para a voz passiva, recomenda-se o uso da forma analítica: "A mãe e o filho foram feridos". Para a voz reflexiva recíproca, recomenda-se o reforço por meio de expressões como *mutuamente*, *um ao outro*: "Mãe e filho feriram-se mutuamente". A forma reflexiva fica clara quando se concorda o verbo com o núcleo mais próximo: "Feriu-se a mãe e o filho".

Atividades *(p. 482)*

Contemplamos com estas atividades os casos de concordância verbal estudados e as várias possibilidades de efeitos de sentido que proporcionam.

1. a) terminaram
b) levaram
c) subiu
d) previne/previnem
e) é provocada/são provocados
f) participaram
g) gastou

2. a) A primeira frase enfatiza o caráter do conjunto formado pelas pessoas; a segunda, destaca os indivíduos.

b) A segunda frase representa uma admissão de culpa; a primeira, uma acusação feita por um membro de um grupo a outros membros desse grupo.

c) A segunda frase indica reciprocidade: os jogadores feriram-se um ao outro. A primeira indica que cada um deles ficou ferido, sem ação recíproca.

3. a) têm ou tendes/preferem ou preferis
b) são ou somos/gozam ou gozamos
c) pode (o tempo verbal pode ser outro)
d) aceita (o tempo verbal pode ser outro)
e) fica
f) fazem
g) representam
h) tem
i) têm
j) reúnem
k) são

4. a) haviam participado
b) negaram-se a declarar
c) desaparece
d) foi
e) montei
f) montou/montei
g) acordamos
h) compraste
i) falou/falei
j) pensam
k) repudiam

Atividade *(p. 484)*

Contemplamos com esta atividade os casos de concordância verbal estudados e as várias possibilidades de efeitos de sentido que proporcionam.

a) incendeiam/incendeia
b) bastavam/bastava

c) podem
d) são
e) ganhará
f) ocupará
g) faz/fazem
h) produz/produzem
i) desembarcou
j) concederam
k) têm
l) foi

Atividades *(p. 487)*

Oferecemos uma grande quantidade de atividades para que professor e alunos sistematizem alguns aspectos da concordância verbal que vêm sendo estudados há tempo: as formas de concordância das estruturas de que participa o pronome *se*, as formas de concordância com verbos impessoais.

1. a) Anunciaram-se as reformas administrativas.
b) Amanhã se farão os últimos exames.
c) Trata-se de questões polêmicas.
d) Revogar-se-ão as leis.
e) Apelou-se para os médicos mais experientes do hospital.
f) Obtiveram-se microprocessadores mais velozes.
g) Definiram-se os objetivos da reforma fiscal.
h) … quando se fala em eleições.
i) … que se estavam preparando novos conjuntos de medidas econômicas.

2. a) Houve alguns problemas durante a viagem.
b) Ocorreram alguns problemas durante a viagem.
c) Não havia motivos para tanto.
d) Existiam motivos para tanto?
e) Parece ter havido algumas dúvidas…
f) Parecem ter surgido algumas dúvidas…
g) … que deve ter havido alguns transtornos…
h) … que devem ter ocorrido alguns transtornos…
i) Faz alguns anos que…
j) Faz mais de duas horas…
k) Deve fazer algumas décadas…

3. a) é
b) são/é
c) é
d) são
e) é
f) São
g) somos
h) é; sou
i) és
j) somos; somos
k) são/é
l) são/é
m) são/é
n) é

Atividade *(p. 489)*

Atividade para sistematizar o uso do infinitivo flexionado e analisar os efeitos de sentido obtidos em alguns casos.

a) ficar/ficarem
b) pensar
c) ter/terem (o plural indica uma oração reduzida de infinitivo)
d) anunciar
e) falar
f) surgirem
g) entrar/entrarem
h) sair/saírem
i) poderem
j) aturar
k) cair
l) expor/expormos
m) pedir
n) pedirem

Atividades *(p. 491)*

Atividades que permitem ao professor e aos alunos sistematizarem todo o conteúdo estudado até este ponto. Além disso, são analisadas questões relativas à clareza dos enunciados.

1. a) escuros
b) latino-americanos
c) latino-americanas
d) sua/deploráveis
e) seu/deploráveis
f) aquela/uma/melancólica
g) robustas
h) robustos
i) marinhos
j) marinhos/marinhas
k) dourados/dourado
l) brancos/brancas
m) brancos

2. A segunda frase não deixa dúvidas quanto ao fato de a calma e o rigor serem britânicos. Já na primeira frase pode-se interpretar que apenas o rigor seja britânico.

3. a) francesas/francesa
b) suecos/sueca
c) muitos
d) muitas
e) inúteis
f) inúteis
g) excessivos
h) excessiva
i) excessivos (alguns autores aceitam também a forma excessiva)
j) famosos
k) famoso
l) famosos
m) vitoriosos
n) vitoriosos
o) vitorioso

4. a) Estudo as culturas grega e alemã./Estudo a cultura grega e a alemã.
b) … nas línguas francesa e russa./…na língua francesa e na língua russa.
c) … do quinto e oitavo andares./…do quinto e oitavo andar.
d) … da sétima e oitava séries…/…da sétima e oitava série…
e) … queria o poder político e o econômico./…queria os poderes político e econômico.

Atividades *(p. 494)*

Atividades que permitem ao professor e aos alunos sistematizarem o que foi estudado sobre os casos de concordância nominal que merecem destaque.

1. a) mesmas/mesma
b) mesmos/anexos
c) inclusa
d) anexos
e) agradecida/quite
f) obrigada/própria
g) própria
h) anexos

2. a) meio
b) meia
c) bastante/bastantes
d) bastante/meio/meia
e) meia/meia/bastante/meio
f) bastantes/meio
g) meio

3. O aluno deve perceber que, em todos os casos citados, a diferença é a mesma: na primeira frase de cada par, o substantivo é tomado em sentido amplo, num caso de sobrevivência do gênero neutro. Na segunda frase, a presença do determinante explicita o gênero desses substantivos.

Atividade *(p. 495)*

Esta atividade permite ao professor e aos alunos analisar as principais questões relacionadas com a concordância ideológica, particularmente os efeitos de sentido produzidos em cada caso.

a) O verbo concorda com a ideia de que são duas belezas distintas.
b) *Estão* concorda com a ideia de plural contida em *família*.
c) *Renunciaram* concorda com a ideia de plural contida em *grupo*.
d) *Exausto* concorda no masculino porque *Vossa Excelência* está sendo usado para se dirigir a um homem.
e) *Apto*, no singular, indica que há apenas um falante, que está usando o plural de modéstia.
f) O pronome após o verbo *abraçar* concorda no feminino, pois, nesse caso, *alguém* está sendo usado no sentido de "aquela pessoa esperada" (sabidamente uma mulher).
g) Subentende-se a ideia de cidade quando se faz referência a Santos.
h) *Esperamos* porque quem fala se inclui no grupo dos professores.

Textos para análise *(p. 495)*

Texto 1

Espera-se que o aluno perceba que se trata de uma linguagem informal, utilizada entre dois companheiros de trabalho e que mistura a segunda (**tu**) com a terceira pessoas (**é**). Ao se utilizar o padrão culto da linguagem, essa prática deve ser evitada.

Texto 2

O aluno deve perceber que há um erro de concordância na frase do anúncio, que deveria ser "Porque, na indústria do petróleo, tão **importantes** quanto os recursos naturais, são os recursos humanos." *Importantes*, no plural, porque é predicativo do sujeito plural "recursos humanos": "Os recursos humanos são tão importantes quanto os recursos naturais" seria a frase na ordem direta.

Texto 3

O aluno deverá localizar a flexão inadequada do verbo haver em: "Haverão 776 profissionais envolvidos, 364 postos fixos e móveis, carros, motos, barcos e outros transportes totalizarão 109". O verbo haver, nesse caso, é impessoal porque declara a existência de um fato. A forma correta é "Haverá …"

Texto 4

1. As palavras são "Sem sombra de dúvidas", "Sombrio" e "Santa Catarina". A repetição dos sons sibilantes ressalta a importância do jogador, das qualidades que o autor quer atribuir a ele e prepara o leitor para o fato de que esse nome revelará dados fundamentais para o entendimento do texto (relação: Sombra-negro).

2. Os adjetivos "claro e translúcido" são flexionados no feminino ao caracterizarem o substantivo "verdade". Em seguida, são flexionados no masculino para caracterizarem "Sombra". A proximidade dos mesmos adjetivos utilizados ora no feminino, ora no masculino cria um efeito de sentido interessante no texto.

3. Sintaticamente, os períodos organizam-se por coordenação e o terceiro, em relação ao segundo, demarca uma oposição (oração adversativa), claramente expressa pela conjunção "mas". Semanticamente, estabelece-se um contraste entre a verdade (Sombra era negro) e a ocultação dessa verdade (passavam nele as substâncias embranquecedoras para disfarçar) até que a artimanha é descoberta.

4. A intenção é surpreender o leitor; dar a informação mais importante do texto de forma abrupta e seca.

5. As orações subordinadas reproduzem a fala dos dirigentes, por meio do discurso indireto. São orações subordinadas substantivas objetivas diretas.

6. "Outras substâncias embranquecedoras" opõem-se a "negro" e a "pintados de negro". Observar, novamente, a oposição entre masculino e feminino, como em claro/clara e translúcido/translúcida na concordância com os substantivos que esses adjetivos modificam.

7. O autor faz questão de descrever a reação da torcida para deixar bem claro que o preconceito não era do povo, dos admiradores do futebol, mas dos "cartolas", dos dirigentes. Notar a inversão do sujeito na oração final do texto, um recurso para aproximar o sujeito de seu predicativo (todos pintados de preto).

Texto 5

1. Resposta pessoal.

2. O deputado hesitou no momento de estabelecer a concordância porque as duas formas verbais (singular e plural) lhe pareceram corretas e o fato de não se decidir por uma ou por outra o impediu de concluir seu discurso. Quando o sujeito de uma oração é o pronome relativo **que**, o verbo deve concordar em número e pessoa com o antecedente (no caso, "daqueles"). Portanto, a concordância seria: "Não sou **daqueles** que **recusam**". Por outro lado, pode-se pressupor a omissão de "um" na frase e, nesse caso, o verbo poderia

ficar no singular: "Não sou (**um**) daqueles que **recusa**". Se o deputado tivesse escolhido uma das duas possibilidades, toda sua aflição teria sido evitada.

3. O deputado está preocupado apenas com a forma de seu discurso, não com seu conteúdo. As frases que ele intercala à oração principal para ganhar tempo e decidir pela concordância no singular ou no plural são vazias de significado. Os demais deputados da "Casa" compactuam com essa encenação. O deputado está preocupado apenas com sua retórica, não com sua verdadeira função.

Texto 6

Caso os alunos tenham feito a leitura do livro de Lima Barreto *Triste fim de Policarpo Quaresma*, pode-se estabelecer um diálogo entre essa obra e o fragmento de texto aqui explorado.

Destacar a ironia presente tanto no texto 5 como no 6 e estabelecer, também, a relação entre os títulos.

1. Oração subordinada adverbial causal: porque temo pela minha saúde mental.
Oração subordinada adverbial condicional: se algo acontecer comigo.
Oração subordinada adverbial causal: já que compartilha comigo a crença…
As orações expressam a justificativa por ele estar escrevendo a carta, a preocupação de que algo ruim vai acontecer com ele.

2. Espera-se que o aluno perceba que essa luta não produzirá resultados significativos, pois não há como impedir mudanças numa língua, principalmente agindo dessa forma.

3. Quando mais preciso de apoio; quando descubro o verdadeiro inimigo; quando passo a sofrer ameaças diretas do Grande Pajé. As orações adverbiais temporais foram usadas para expressar as circunstâncias adversas que o emissor da carta está enfrentando naquele momento.

4. O que deixou o professor desesperado foi ter verificado que as pessoas não estavam mais realizando a concordância nominal. Esse desespero teria sido evitado se as pessoas tivessem dito: dez reais; dois reais; três cuecas; quatro quilos de batata; seis limões; os peixes estão frescos; as sacolas; meus filhos; das compras.

5. Minhas **força** já me faltam! Do meu salário desse mês, deposite quinhentos **real** na conta da mãe dos meus **filho**. As **folha** da amendoeira já nem balançam.

6. Espera-se que o aluno reflita sobre as mudanças que ocorrem nas línguas em geral, decorrentes de seu próprio uso e das influências externas (de outras línguas, da evolução da sociedade). Embora lentas, essas mudanças podem ser sentidas pelos falantes. Exemplo clássico é a transformação sofrida pelo pronome de tratamento *Vossa mercê* que se tornou *você* e atualmente, nos meios eletrônicos assumiu a forma *vc* ou *cê*. No caso do plural, é comum, principalmente no português não-padrão, a eliminação dos marcadores redundantes em situações de fala no uso informal da língua, para agilizar a comunicação. Em geral utiliza-se a marca indicadora de plural apenas no artigo e, na ausência deste, no adjetivo ou na primeira palavra da frase.

Questões de exames e concursos *(p. 499)*

1. a **2.** b **3.** e

4. a) O uso da expressão (com ironia) altera o sentido da resposta dada por Ferreira Gullar. Assim, quando o autor afirma "e nem é preciso saber português" o leitor deve entender o contrário, ou seja, que é de fato necessário saber português para escrever bem.
b) Ao dizerem "as quinhentas milhões de pessoas", os falantes fazem a concordância de gênero entre a palavra quinhentas e o termo pessoas e não com milhões.

5. 009 (001,008) **6.** b

7. O verbo *haver*, no sentido de "existir", é impessoal. Por isso, deve aparecer apenas na terceira pessoa do singular em orações com sujeito inexistente. Na oração "em que se digitam teclas", ocorre voz passiva sintética, portanto o verbo *digitar* deve concordar com o sujeito teclas. Resposta: e.

8. Os verbos são *resta*, que concorda no singular com o núcleo *déficit* do sujeito "um déficit de oitenta por cento", e *correspondem*, que concorda no plural com *vinte*, núcleo do sujeito "os vinte por cento que consigo falar".

9. a) O que ocorre no título do filme é um erro de concordância ou solecismo, e não um erro ortográfico. A gramática normativa defende e recomenda a forma "Alugam-se moças", repudiando a forma "Aluga-se moças", que, no entanto, retrata uma forma bastante frequente na língua portuguesa do Brasil. Retratar esse uso frequente pode ter sido a intenção de quem batizou o filme…
b) Em caso de dúvida, aceite a ajuda somente de funcionário do banco. (*Somente* deve se referir apenas a "funcionário do banco".)

10. c **11.** c **12.** a **13.** a

14. e **15.** a **16.** b

17. Mas aqueles pendões firmes, verticais, beijados pelo vento do mar, vieram enriquecer nosso canteirinho vulgar com uma força e uma alegria que fazem bem.

18. e **19.** c

20. Está-se fazendo a concordância do verbo com a ideia transmitida pela expressão *a gente* (=nós), e não com a forma (terceira pessoa do singular). Essa concordância ideológica recebe o nome de silepse.

21. O interlocutor 2 não obedece às regras de concordância verbal ditadas pela norma culta. Para perceber isso, devem-se observar os casos "a rapaziada… não são…", "nós ia", "nós saía", "nós levava", "nós ficava", "nós vinhesse". Além disso, o falante utiliza algumas formas linguísticas diferentes daquelas da língua padrão: "com nós", "arguma", "vinhesse". Trata-se claramente de um membro das camadas populares, possivelmente morador de alguma pequena cidade do interior.

22. Além do caos sintático da frase, que a torna quase ininteligível, deve-se notar a falta de concordância verbal em "doa a quem doer esses fatos", que deveria ser "doam a quem doer esses fatos". A frase deveria ser algo como: "Utilizando todos os meios de que necessitar, a polícia terá a responsabilidade de apurar até o fim esses fatos, doam a quem doer os resultados dessa apuração".

23. a) O professor defende que se deve respeitar a forma de língua em que as crianças se expressam, levando-as a perceber que essa forma, no entanto, não é a que o país considera oficial. Deve-se também ensinar a forma oficial, a norma culta, a essas crianças.
b) Não, o comentário do jornal é maldosamente tendencioso, atribuindo ao professor uma atitude de 'valorização do errado" que ele não tem. As palavras do professor transcritas no próprio texto contradizem a preconceituosa posição do redator.

24. Em a, ocorre mútua exclusão. Em b, não.

25. a) Há um catastrófico erro de concordância verbal na frase de Antônio Carlos Reborado, que deveria ser "os convênios assinados traduzem…"
b) O comentário é uma incisiva crítica ao fato de que um funcionário do Ministério da Educação seja tão despreparado a ponto de cometer um erro crasso de concordância verbal numa solenidade pública. Que esperar do desempenho de um Ministério desses?

26. a) "… enfrentariam qualquer programa de estabilização…"
b) O redator deixou-se contaminar pelo plural *percalços*, tomando-o como sujeito no lugar de "programa de estabilização".
c) "… enfrentaria qualquer programa de estabilização…"

27. e **28.** e **29.** d

30. a) O verbo *haver* não vai para o plural quando indica existência.
b) *Sentiram*, no plural, concorda com o relativo *que*, cujo antecedente é o demonstrativo plural *os*.

31. a) Havia jardins naquele tempo: existia paz em toda parte.
b) Se houvesse mais homens honestos, não existiriam tantas brigas por justiça.

32. Houve algumas conversas meio longas.

33. Existem em nosso país duas constantes que nos induzem a sustentar que o Brasil é o único país brasileiro de todo o mundo.

34. c **35.** a **36.** b **37.** b **38.** b
39. d **40.** d **41.** d **42.** d **43.** c
44. a **45.** a **46.** e

47. Ela está meio nervosa. *Meio*, ao referir-se a um adjetivo (nervosa), atua como advérbio, sendo, portanto, invariável.

48. d **49.** 01+02+16+32=51

50. c **51.** c **52.** b **53.** e
54. c **55.** a **56.** c

57. Ao meio-dia e meia, depois de penosa escalada, durante a qual houve perigos os mais surpreendentes possíveis, o grupo de alpinistas franceses atingiu o ponto mais elevado da cordilheira.

58. a) piores c) anexas
b) bastante

59. É proibida a entrada de pessoas estranhas no recinto. Por ser acompanhada de artigo, a palavra *entrada* passa a estar determinada, o que obriga a concordância na forma feminina.

60. a **61.** c **62.** a **63.** b **64.** c
65. d **66.** d **67.** c **68.** b **69.** c
70. d **71.** a **72.** a

Capítulo 27 – Regência verbal e nominal

Atividades *(p. 511)*

Atividades para praticar os estudos de regência verbal feitos até este ponto de duas maneiras importantes: o uso apropriado dos pronomes pessoais oblíquos e as relações entre as formas da língua coloquial e as formas da língua culta.

1. a) incomodá-los f) namorá-la
b) ajudá-las g) alegrá-los
c) prejudicá-los h) prezo-o
d) enviá-los i) não lhes obedece
e) enviar-lhes j) não lhes respondeu

2. a) … eu a amo muito.
b) Desde que o (a) vi,…/Desde que vi você,…
c) Não simpatizo com …
d) …não obedece ao sinal vermelho (comentar a barbárie da criatura que pratica isso).
e) …responder ao bilhete…
f) … o proteja!/… a proteja!…proteja você!
g) … o amparar,…/…a amparar,…/…amparar você,…
h) …de o amolar (amolá-lo)?/…de a amolar (amolá-la)?/…de amolar você?
i) …abraçá-lo (o abraçar)./…abraçá-la (a abraçar)./…abraçar você.

3. Essa regência, apesar de difundida mesmo entre falantes cultos, é considerada incorreta. Em seu lugar, deve-se usar *consistir em*: "Essas medidas consistem basicamente em e… e em…".

Atividades *(p. 514)*

Prática e sistematização dos conteúdos estudados até este ponto, com ênfase na utilização apropriada dos pronomes pessoais oblíquos e nas diferenças entre as formas coloquiais e as da língua culta.

1. a) pagá-las
b) não lhes paga
c) perdoar-lhes
d) não a perdoarei
e) agradeço-as
f) agradeço-lhes

2. a) Lembro-me sempre de você./Lembro sempre você.
b) Nunca me esqueci do…/Nunca esqueci o que…
c) …antipatizou comigo…
d) Prefiro ficar aqui a sair…
e) Prefiro ser essa… a ter aquela velha…
f) Prefiro química à física.
g) Preferimos dormir a trabalhar.
h) Informo-lhe que…/Informo-o de que…
i) Informo-a de que…/Informo-lhe que…

Atividades *(p. 518)*

Sistematização dos conteúdos estudados até este ponto por meio de atividades variadas que permitem explorar os vários aspectos da regência verbal culta da língua portuguesa.

1. a) … aspirei perfume…
b) Aspiro a uma vida…
c) … agradar cães…
d) … agradar ao inexorável…
e) …assistir o paciente./…assistir ao paciente.
f) …assistir aos filmes…
g) …assiste a todos nós.
h) …visar todas as vias…
i) …visa ao saneamento…
j) Quero-lhe muito.
k) …quis um exemplar…

2. a) Custou-lhe perceber…
b) Custou-nos enxergar…
c) Custou-me notar…
d) Cidadania implica direitos e deveres.
e) … implicarão maior evasão…
f) …procedeu ao exame…

3. a) A primeira frase indica que ele presenciara várias cirurgias; a segunda, que ele participara delas.
b) Desejo-a muito./Amo-a muito.

4. a) …de que …
b) … a que assisti…
c) … a que todos…
d) … a que aspiramos…
e) … a que ele …
f) … a cujos filmes…
g) … a que se visa…

5. Reflexão pessoal.

6. Desejo-a e amo-a, disse o escritor de forma brilhantemente sintética.

Atividades *(p. 521)*

Atividades para a prática dos conteúdos de regência nominal estudados, com ênfase nas diferenças entre as formas da língua coloquial e as da língua culta.

1. a) aos, com, para com, pelos
b) aos, pelos
c) a, por
d) para, de
e) acerca de, sobre
f) a, para com, pelo
g) à, da/aos
h) à, contra a
i) por, a

2. a) à, para
b) à, com a
c) ao
d) aos
e) a
f) ao
g) à, para a
h) de
i) ao, do
j) à
k) a
l) em
m) de
n) com, para com

3. a) … a que ele…
b) … a que eu…
c) … por que…/… para que…
d) … a que incluíssem…
e) … de que se encontre…
f) … a cuja presença…
g) … a cujo futuro…

4. A preposição *de* introduz a oração "ela ter aceitado candidatar-se" e não apenas o pronome *ela*. Por isso, não se faz a contração de+ela. Acrescente-se que *ela* é sujeito de *ter aceitado* — e sujeito é um termo não-preposicionado da oração.

Atividades *(p. 527)*

1. a) às empresas interessadas
f) à cultura
j) às palavras

2. a) à continuidade
c) às pessoas
d) à sua (opcional)/à minha
e) à Bahia
f) à Europa/à Ásia
h) à Natal das praias…
i) à Florianópolis das quarenta e duas praias
l) à velha casa
m) à terra

3. a) à baila
b) à boca pequena
c) à cata de
d) à noite, à espreita
e) à esquerda
f) à queima-roupa
g) à tona
h) à paisana/à procura
i) às moscas/às quatro horas
j) à rua/à meia-noite
k) à proporção que
l) à vontade/à mão
m) à *parmiggiana*
n) à moda

4. a) àquilo
b) àquele
c) àquelas pessoas
d) à reunião
e) à qual/à cerimônia
g) à candidata/à da esquerda
h) à que

5. a) Alguém veio quando era noite./ A noite caiu.
b) Saiu sem dizer nada, ou seja, à moda francesa./A mulher de nacionalidade francesa saiu.
c) Algo ou alguém causava boa impressão quando visto pela primeira vez./ A primeira vista de um lugar parecia agradável.
d) Felicitações foram enviadas às vencedoras./ As vencedoras é que enviaram as felicitações a outrem.

e) O acordo foi prejudicial à indústria nacional./ A indústria nacional fez algo que prejudicou o acordo.
f) Alguém fez seu trabalho usando uma máquina./ Uma máquina fez o trabalho que lhe cabia.
g) Alguém permanece distante./ A distância continua existindo.

Textos para análise *(p. 528)*

Textos 1, 2 e 3

1. *Chegar* é intransitivo;. *assistir* é transitivo indireto; *dizer* é transitivo direto e indireto.

2. Não, há erros em todos eles. *Chegar* é normalmente acompanhado de adjunto adverbial de lugar. Na língua culta, a preposição usada para indicar destino é *a*, a qual se funde com o artigo a que acompanha *cidade*: "chegando à cidade".
Assistir tem o sentido de "ver, presenciar" — e a norma culta preceitua que, nesse caso, o verbo é transitivo indireto e rege a preposição a. A frase, então, deveria ser "Assista nas férias à revolução que você não vê na escola". A regência observada aqui tem sido muito frequente até mesmo em registros da língua formal e da língua literária, o que tem levado muitos gramáticos e dicionaristas a verem com certa tolerância essa regência do verbo *assistir*.
"A violência" é objeto indireto de *diga*, portanto deveria receber o acento indicador de crase: "Diga não à violência" (dizer algo a alguém — o verbo rege a preposição *a*, e esta se funde ao artigo *a* que acompanha *violência*).
Espera-se que o aluno atente para a estreita relação que há entre crase e regência verbal, nesses três textos.

Texto 4

Porque somente diante da palavra *Bahia* é que ocorrem preposição + artigo feminino. Deve-se comentar que no próprio anúncio se explicitam os mecanismos para perceber essa ocorrência (comparar "ao Rio Grande do Sul" com "a São Paulo".)

Texto 5

Mais uma vez, insistimos em que aulas como estas devam ser iniciadas pela audição da canção. Neste caso, oferecemos um texto muito próximo ao universo do aluno, que costuma considerar as letras de Renato Russo uma das mais felizes expressões desse universo em que as descobertas, paixões e frustrações adolescentes estão no centro de um pensar.

1. a) São todos predicativos do sujeito, que é, em todas as orações do período, determinado oculto (eu).
2. a) *Questão* tem como complemento a oração subordinada completiva nominal "de esquecer"
b) *Esquecer* é, no texto, transitivo direto, e seu objeto direto é a oração subordinada substantiva objetiva direta "que mentir pra si mesmo…"
3. a) O objeto direto da forma verbal *sei* é a oração subordinada substantiva objetiva direta "que você sabe…".
b) O objeto direto da forma verbal *sabe* é a oração subordinada substantiva subjetiva "que eu vejo o mesmo…".
4. a) Tenho consciência de que às vezes…
b) Tenho convicção de que às vezes…
c) Estou convencido de que às vezes…
5. Na primeira ocorrência, *querer* é transitivo direto e significa "desejar", "ter vontade de", "cobiçar". Na segunda ocorrência, é transitivo indireto e significa "ter afeição a", "amar".
6. Resposta pessoal.

Questões de exames e concursos *(p. 531)*

1. c	**2.** a	**3.** c	**4.** a	**5.** b
6. b	**7.** c	**8.** e	**9.** a	**10.** c
11. a	**12.** e	**13.** e	**14.** a	**15.** c
16. e	**17.** e	**18.** c	**19.** e	**20.** a
21. c	**22.** d	**23.** c	**24.** b	**25.** e
26. e	**27.** a	**28.** e	**29.** e	**30.** d
31. c	**32.** e	**33.** e		

34. a) E o rio cismou em falar grosso.
b) E o rio passou a falar grosso.
c) E o rio deliberou falar grosso.

35. d	**36.** d	**37.** a	**38.** b	**39.** a
40. c	**41.** c	**42.** c	**43.** d	**44.** c
45. e	**46.** c	**47.** a		

48. "… contar tudo à senhora…". O acento ocorre para indicar a crase entre a preposição regida pela verbo *contar* (contar algo a alguém) e o artigo *a* diante de *senhora* (contar tudo ao senhor).

49. c **50.** c **51.** e

52. a) expressão adverbial feminina
b) objeto indireto introduzido pela preposição *a*, à qual se funde o artigo *a* que antecede o substantivo feminino *ilusão*

53. c	**54.** b	**55.** b	**56.** d
57. d	**58.** d	**59.** a	**60.** e
61. e	**62.** e	**63.** a	**64.** e

Capítulo 28 – Problemas gerais da língua culta

Atividade *(p. 544)*

1. a) que
b) quê
c) quê
d) por que/porque
e) por quê/por quê
f) porquê/por que
g) onde
h) aonde
i) mas/mais
j) mal/mau
k) mal/mau
l) mal
m) a par
n) ao encontro das
o) de encontro às
p) há/a
q) a
r) acerca/há cerca
s) afins/a fim
t) de mais/demais
u) se não/senão
v) à medida que
w) na medida em que

2. a) Aonde você quer ir daqui a dez anos?
b) Onde você quis estar há dez anos?

Atividades *(p. 547)*

1. a) arquimilionário
b) arquissecular
c) antiescravismo
d) antididático
e) anti-hemorrágico
f) antissocial
g) antitetânico
h) antessala
i) antedatar
j) contraofensiva
k) contraponto
l) contrassenso
m) autobiografia
n) autoeducação
o) autossuficiente
p) extrarregulamentar
q) extraoficial
r) infravermelho
s) intravenoso
t) intramuscular
u) neolatino

2. Sugestões:
semiaberto; pseudocientífico; semiextensivo; proto-histórico; pré-escolar; pan-americano; semisselvagem; interestadual; contrarrevolucionário; extra-humano.

3. a) à toa: advérbio, atua como adjunto adverbial de modo; à-toa: adjetivo, atua como adjunto adnominal
b) é um sentimento perfeito que os une; é o nome de uma flor
c) o cotidiano; diariamente
d) pão endurecido; sujeito avaro, mesquinho
e) numa confusão, numa balbúrdia; interjeição

Textos para análise *(p. 549)*

Texto 1

A forma "aonde" (lugar ao qual se vai) está correta, uma vez que o verbo ir pressupõe ideia de movimento, deslocamento, diferentemente de "onde" (lugar em que se está).

Texto 2

Embora o verbo da oração esteja conjugado no futuro do presente do indicativo (tornará), a mesóclise não se justifica nesse caso. O mais indicado seria a próclise porque a frase começa com um advérbio de negação (não). Provavelmente o autor do anúncio, ao buscar criar algo que imitasse textos antigos, optou pela mesóclise, forma de colocação pronominal menos usada na atualidade.

Texto 3

Sim, está. Trata-se da conjunção subordinativa causal que inicia uma oração subordinada adverbial anteposta à principal: o tornar-se criança tem como causa a esperança trazida pelo encontro com o outro.

Texto 4

Oferecemos neste capítulo um texto humorístico. Dessa forma, continuamos fiéis a nosso propósito de oferecer ao aluno a maior variedade possível de tipos de textos para leitura e análise.

1. *Porquês*, substantivo, como sinônimo de "razões, motivos".

2. Equivale a "por qual razão", "por qual motivo".

3. É um advérbio de intensidade, invariável.

4. A preposição é exigida pelo verbo *lembrar-se*: lembrar-se de uma pessoa.

5. Reflexão pessoal.

Questões de exames e concursos *(p. 551)*

1. 011 (001,002,008) **2.** c **3.** 35 (01 + 02 + 32)

4. c **5.** d **6.** a

7. É a forma gráfica por que a utilizada nas orações interrogativas. Isso vale tanto para a interrogação direta, Por que os bons sofrem?, como para a interrogação indireta, ou seja, aquela em que a pergunta aparece como oração subordinada a uma principal: Descubra por que os bons sofrem. Obs.: A forma gráfica interrogativa por quê só é empregada quando imediatamente seguida de ponto final ou de sinal de interrogação. Resposta: e

8. A construção e o emprego de palavras estão totalmente adequados apenas na alternativa **A**. Em **B**, o verbo "representar", usado no lugar de "causar", não traduz com propriedade o sentido desejado — de que a não observância das instruções causaria graves consequências para a integridade física de seus ocupantes e do próprio veículo. Já em **C**, a preposição "sob", cujo sentido é "embaixo de", foi utilizada no lugar da preposição "sobre", que faz referência ao assunto "Pneus". Em **D**, há uma ambiguidade: pela construção da frase, a expressão "na maior parte do tempo" pode relacionar-se tanto ao termo "ocorrer" ("ocorrer … na maior parte do tempo") quanto a "asfaltadas" ("asfaltadas na maior parte do tempo"). Por fim em **E**, na oração "que atua como complemento a este sistema", o pronome relativo **que**, por proximidade, parece estar retomando "sistema 'Air bag'", mas, neste caso, seria produzida uma incoerência, pois o pronome "este" também faz referência ao termo "sistema". **Observação:** Talvez cause estranhamento o uso da expressão "em virtude" relacionada a um elemento com traço semântico negativo ("graves consequências"). No entanto, o uso esvaziou o sentido original da expressão, que hoje pode ser utilizada com o valor de "em consequência de".

9. d **10.** a

11. 01 + 02 + 08 + 16 = 27 **12.** a

13. a) *Por que*, no texto, porque tem o sentido de "por qual razão", "por qual motivo".
b) I. porquê II. por quê III. porque

14. a **15.** e **16.** c **17.** d **18.** a

19. a) afim b) a fim

20. b **21.** e **22.** b **23.** b **24.** c

25. b **26.** d **27.** b **28.** d **29.** b

30. e **31.** e **32.** c

33. Por que, por quê, porque, por que

Capítulo 29 – Significação das palavras

Atividades *(p. 558)*

Oferecemos atividades que buscam utilizar de forma prática as relações de significação entre as palavras, ou seja, buscam integrá-las às atividades de leitura e produção e textos e ao desenvolvimento da capacidade de escrita do aluno. O professor pode desenvolver suas próprias atividades extras baseado nestes modelos.

1. a) fato/comportamento/procedimento/ato/gesto
b) veículos
c) micro-organismos/seres
d) pessoas/criaturas

2. a) doei
b) demonstrava
c) produz
d) oferece
e) dedica
f) oferecer
g) batia
h) atinaram
i) bateram
j) basta

3. a) construir ou montar
b) produz ou grava
c) gera
d) produz, causa
e) gera
f) fingiu-se
g) forcei
h) conceber
i) juntou
j) induziram

Textos para análise *(p. 559)*

Texto 1

O aluno deve perceber que o texto explora o significado coloquial da palavra *secar*, estabelecendo uma curiosa relação de sentido com o termo *lavar*. No caso, não se trata de secar no sentido de retirar a água ou umidade a fim de deixar seco, mas sim no sentido de olhar fixamente, com inveja. Destaque-se que, por ter sujeito diferente do da primeira oração, a segunda deveria vir separada por vírgula: "Você lava, e os vizinhos secam".

Texto 2

Espera-se que o aluno perceba a insólita situação proposta por Hagar de convidar um adversário a ser "cavalheiro" no momento de esmurrá-lo. Como ser gentil numa luta? A proximidade de sons dos parônimos e a diferença dos sentidos ("cavaleiro": homem que sabe andar a cavalo; "cavalheiro": homem educado) completam o humor da tirinha.

Texto 3

1. Pretende-se estabelecer uma oposição entre dois campos semânticos: o das vitórias e o das derrotas. O aluno deverá perceber que o par de antônimos ganhar/perder é realçado pela repetição de "saber", em construções paralelas. Considerar, também, que as quatro palavras estão no infinitivo e têm o mesmo número de letras em sua constituição, o que contribui para a simetria do título. No texto, destacam-se: altos/baixos e vitórias/derrotas. Note-se, ainda, que "pra cima" mantém uma relação de oposição a "baixos", embora não sejam antônimos perfeitos. O texto é corroborado pela imagem da escada, sugerindo subida ou descida. O próprio nome da publicação joga com o sentido das palavras entre o adjetivo do título (simples) e o *slogan*: "para quem quer viver mais e melhor".

2. O verbo *vencer*, cujas vogais são as mesmas de perder, poderia ter sido utilizado no lugar de *ganhar*, o que tornaria o texto ainda mais bem acabado.

Texto 4

Recomendamos vivamente que o professor apresente aos alunos a canção como ponto de partida das atividades de leitura e análise. Neste caso, em particular, nossa recomendação é ainda mais enfática, pois se trata de uma das mais memoráveis composições de Caetano Veloso.

1. O aluno deve perceber a relação entre essa expressão e a forma verbal do infinitivo pessoal que dá nome ao texto (o quereres). Literalmente, pois, trata-se de uma referência a um dado gramatical. Além disso, a expressão sugere que a forma de querer descrita é pessoalíssima (infinitivamente sugere infinitamente).

2. As respostas são sugestões.
a) apego ao doméstico, ao lar/comportamento inconsequente
b) cultor do sentimentalismo/amante do dinheiro
c) "badalação" de cidade grande/provincianismo
d) inimigo voraz/companheiro
e) herói espalhafatoso/ discreto e equilibrado
f) alheio a regras/medido, regrado
g) ser puro, ingênuo/ser ambíguo, sedutor
h) participação consciente/alienação
i) idílio, sossego/protesto, ruído

3. É uma imagem paradoxal, ou seja, aproxima termos que remetem a realidades opostas. O aluno deve perceber que é assim que o texto se refere ao relacionamento amoroso estável.

4. Toda a estruturação do texto, praticamente, decorre dessa aproximação de opostos. E isso não é gratuito, pois o texto busca retratar a dificuldade da convivência amorosa.

5. O texto demonstra cabalmente que a antonímia (assim como outras relações de significado entre palavras) depende de contextos. Que oposição pode haver, por exemplo, entre *anjo* e *mulher* se tomarmos essas palavras em seu sentido de dicionário? (Notar que essas palavras são colocadas como sinônimos em outros textos, como, por exemplo, na poesia romântica.)

Questões de exames e concursos *(p. 562)*

1. a. No título ***Esquecer para lembrar***, o aparente paradoxo entre as ações "esquecer" e "lembrar" se desfaz pelas ideias defendidas por Pedro Nava no final de seu texto, em que afirma que há fatos que, às vezes, chegam à memória "*vindos do esquecimento, que é a outra função ativa dessa memória*". Para o autor, experiências remotas são harmonizadas no subconsciente, do qual brotam sem lógica aparente.

2. Na expressão *eterno relance*, o primeiro vocábulo (*eterno*) evoca o que é permanente, infinito, atemporal, o que se repete; o segundo vocábulo (*relance*) remete ao que é transitório, fugaz, fragmentado no tempo. A combinação desses vocábulos revela a tensão, experimentada pelo personagem, quanto à passagem do tempo.

3. a) A expressão "céu azul" tem conotação negativa para Fabiano, pois indica que não haverá chuva e que a tão temida seca já é uma realidade inevitável.

b) "Após a tempestade, o céu azul brilhava com promessa de bonança."

4. e. A expressão "alegria séria" junta palavras que normalmente se excluem, já que *alegre* é em geral contraposto a *sério*.

5. A vida na infância e a vida na velhice se assemelham quanto ao aproveitamento intenso de cada instante. Os recursos linguísticos que expressam essa semelhança são o uso da expressão comparativa *tal* e *qual* e o emprego do vocábulo *também*.

6. a **7.** d **8.** e **9.** a

10. d **11.** c **12.** e **13.** e

14. c **15.** d **16.** c **17.** c

18. a) Invocou o argumento anterior.

b) Invocou o argumento válido, significativo, eficaz.

19. a **20.** d **21.** b **22.** c

Capítulo 30 – Noções elementares de estilística

Textos para análise *(p. 571)*

Textos 1 a 7

Não só a poesia utiliza os recursos expressivos que a língua oferece. A publicidade, o texto jornalístico, as charges e tirinhas utilizam com bastante frequência as figuras de linguagem, transformando-as em recursos muito eficientes para atrair a atenção do leitor e convencê-lo a adotar determinadas atitudes e a comprar os produtos anunciados, para enfatizar aspectos da matéria jornalística ou para obter humor.

Texto 1: "… menino de dúvidas""…homem de fé"; "certezas…""…dúvidas"- antítese.

Texto 2: "Não tem…", "Não tem…", "Não tem…" - anáfora

Texto 3: "F*é*rias entre f*e*ras" — aliteração e assonância

Texto 4: "…bocas para alimentar …" — metonímia (a parte — *bocas* — pelo todo — *crianças*)

Texto 5: encontros/desencontros; achados/perdidos - antítese; "Clique, acesse, descubra, mostre quem você é, quem você quer ser" — assíndeto e elipse do sujeito.

Texto 6: "…do pai são passados para o filho" — metonímia (singular — *pai/filho* — no lugar do plural — *pais/filhos*); "É meio como brincar de 'batata quente'" — ironia.

Texto 7: "…**e** então o bicho humano ergueu-se **e** suas quatro patas… **e** duas pernas…**e** graças às pernas os braços ficaram livres **e**…" — polissíndeto. Interessante observar como o autor do texto, em sua pequena história universal, aproxima-se do estilo bíblico pela utilização do polissíndeto.

Texto 8: O texto apresenta uma descrição metonímica de uma situação: supostamente uma cena em que um homem baleia outro. Os elementos metonímicos do texto podem ser divididos em dois tipos: tutano/osso/miolo/crânio/ bolso/bala/cano/sangue (parte pelo todo); aço (matéria pelo objeto, no caso, a arma). Além das metonímias, destacam-se as metáforas: *caroço* (a bala), *planta* (verbo *plantar*, por associação ao ato de introduzir algo como uma semente — o *caroço* — na terra — a *carne*). A figura de sintaxe é a elipse do sujeito (*ele* planta). Interessante notar que o poema é construído com uma enumeração feita de nomes. O único verbo do texto é o que confere sentido à enumeração e define a cena. Um verbo com sujeito elíptico: o que importa é o ato; o homem que atira, esse se esconde.

Texto 9

Como sempre, insistimos em que as atividades de leitura e análise partam da audição da canção — que, neste caso, é uma verdadeira poética, um manifesto sintético em defesa da liberdade criadora do poeta.

1. *Meta* (é) é um substantivo que significa alvo, objetivo, ponto de chegada. *Meta* (ê) é uma forma verbal do presente do subjuntivo e do imperativo. São palavras de mesma grafia, mas de pronúncia e significados diferentes. São palavras homógrafas. Note-se que no verso "Meta dentro e fora, lata absoluta", Gilberto Gil pronuncia claramente /é/, ou seja, enuncia o substantivo e não a forma verbal.

2. O aluno deve perceber que a homografia, a homofonia e a homonímia, assim como a paronímia, são recursos poéticos frequentes, pois permitem ao poeta introduzir a plurissignificação em seu texto, abrindo-o a mais de uma interpretação. Atente-se no texto para o trabalho de plurissignificação desenvolvido com as palavras *meta* (substantivo), *meta* (forma verbal) — já investigado na questão 1 — e *cabe* ("tudo-nada cabe'", "ao poeta cabe fazer").

3. *Tudonada* é um composto por justaposição. Seu sentido é o de uma totalidade tão ampla que inclui o próprio nada: com sua lata, o poeta pode querer significar tudo e ao mesmo tempo pode não querer significar nada; o texto poético pode exprimir o tudo e o nada. A relação antitética entre tudo/nada é a mesma que há entre dentro/fora.

4. Da mesma forma que *lata* pode, para o poeta, significar o "incontível", *meta* pode significar o "inatingível", ou seja, o poeta tem liberdade para manipular os sentidos das palavras a ponto de fazê-las significar até mesmo o oposto do que costumam significar. Há, pois, uma relação paradoxal entre lata/incontível e meta/inatingível — uma relação paradoxal que o poeta incorpora à sua atividade de desautomatizador de sentidos.

5. O aluno deve perceber que nesse verso o título do poema comparece sutilmente: "deixe a sua **meta fora** (metáfora) da disputa". Esse recurso, muito frequente nos procedimentos da poesia concretista, cria uma relação sonora e semântica entre o título e o verso: é como se, subrepticiamente, se estivesse dizendo que a metáfora (a meta do poeta) devesse ser deixada fora da disputa…

6. A "lata absoluta" é, no texto, a meta do poeta, ou seja, é o texto acabado impregnado de significações, capaz de sugerir várias interpretações ao leitor, que, ao lidar com ele, tem de escavar significados novos e inéditos por sob as palavras. A "lata absoluta" é, portanto, "simplesmente metáfora", ou seja, é palavra metamorfoseada, irradiadora de múltiplos sentidos.

Questões de exames e concursos *(p. 574)*

1. b

2. a) Não é correto afirmar que o verbo **dormia** tem conotação positiva no contexto. Segundo o texto, como a pátria era prejudicada em transação enquanto "dormia distraída", o verbo em questão adquire sentido negativo por revelar a desatenção do país.

b) Nos três últimos versos, há a predominância dos encontros consonantais **tr** e **br**, que tornam a passagem truncada e difícil de ser pronunciada rapidamente. Esse recurso sonoro produz um efeito de sentido, pois aproxima a dificuldade de pronúncia das palavras à dificuldade do tempo infeliz ao qual o texto faz referência: "(…) Num tempo / Página infeliz da nossa história (…)".

3. a) A expressão "aparte", segundo definição do dicionário *Houaiss*, significa "comentário, observação (com que se interrompe quem discursa, conferencia, conversa)". Ao considerar o termo "aparte" juntamente com a forma de tratamento "vossa excelência", podemos dizer que se trata de um discurso que ocorre no Congresso, dado que esse tratamento é protocolar entre parlamentares.

b) A expressão "um aparte" pode gerar, por paronomásia, a expressão "uma parte". Nesse sentido, indica que o rato quer um pedaço de queijo. (O sentido de "aparte" se encontra descrito na resposta ao quesito anterior).

c) No quadrinho, temos dois ratos como personagens. No Brasil, a palavra rato é utilizada para designar aquele que furta (*Houaiss*), além de sugerir a ideia de sujeira, podridão. A imagem também desperta o leitor para a ambiguidade da expressão "um aparte", pois é a partir da observação do queijo que se chega à expressão "uma parte". A relação entre imagem e palavra permite, então, que o leitor identifique uma prática comum na política brasileira: a interferência num discurso (um aparte) muitas vezes é utilizada com forma de obtenção de vantagens (uma parte).

4. d **5.** d

6. "Ter um currículo qualificado / avantajado / aprimorado / de primeira qualidade …"

7. d **8.** e **9.** e **10.** e **11.** c

12. c **13.** a **14.** e **15.** e **16.** a

17. a **18.** a **19.** b

20. A ironia resulta da coordenação estabelecida entre os termos "quinze meses" e "onze contos de réis". Por meio dessa coordenação, Machado de Assis deixa claro que o amor de Marcela pelo narrador era na verdade um sentimento de interesse pelas vantagens financeiras que este lhe proporcionava.

21. a

22. a) prosopopeia

b) o milho e o trigo

c) Um simboliza a simplicidade da vida no campo, o outro relaciona-se com o cristianismo e seus rituais.

23. onomatopeia **24.** a **25.** d **26.** e

27. b **28.** b **29.** d **30.** c **31.** b

32. d **33.** b

34. a) metonímia

b) Minha mãe e eu ficamos cercados de mulheres.

Coleção de Receitas

Panetones sem glúten

www.riosemgluten.com

Coleção de Receitas

Panetones sem glúten

www.riosemgluten.com
Edição/Diagramação: Raquel Benati
2013

Panettone - patrimônio italiano

Diz a lenda que a primeira cidade a criar o Panettone foi Milão. As primeiras citações ao Panettone surgiram no século XV, no norte da Itália. Desde então, este “pão naturalmente fermentado” tem sido sempre associado intimamente com a cidade de Milão, a capital da Lombardia.

O Panettone foi desenvolvido gradualmente durante os séculos subseqüentes e assim, novas técnicas foram adotadas além de ter havido um grande progresso na qualidade das matérias-primas utilizadas em seu preparo. O hábito de consumir Panettone, especialmente nas festas de fim de ano, iniciou-se em Milão e tomou conta da Itália, dos Alpes no norte à Sicília no sul.

O Panettone desde 2005 foi considerado patrimônio nacional italiano e tem especificações de ingredientes e percentuais para ser definido com tal. É feito a partir de uma massa de fermento natural, feito com água, farinha, manteiga, ovos ou gemas de ovos, à qual são adicionados frutas cristalizadas, raspas de laranja e limão em partes iguais, e passas e baunilha. A fermentação natural é que vai garantir a umidade desse tipo de pão.

No Brasil ele se tornou popular na época de Natal. Para que celíacos e sensíveis ao glúten possam continuar desfrutando dessa tradição, reunimos aqui algumas receitas testadas de panetones sem glúten.

Como os gostos variam muito, escolha aquela receita que mais vai se adaptar ao seu paladar, lembrando que pães sem glúten tem durabilidade menor e ressecam com facilidade. Se não for consumir o panetone rápidamente, recomendamos que ele seja fatiado e congelado. Assim, poderá ser aquecido quando for consumido, recuperando sua maciez e sabor.

http://nocontemgluten.blogspot.com.br/2012/12/panetone-na-maquina-de-fazer-pao-nao.html

Panetone sem glúten I
na Maquina Panificadora
Silvia Kawaguti

Ingredientes:
2 1/2 xícaras de farinha de arroz
1 xícara de de fécula de batata
1/2 xícara de polvilho doce
2 colheres de sopa de maisena
1 colher de sopa de fermento em pó biológico
100g de manteiga
1 xícara de açúcar
1/2 xícara de suco de laranja
4 ovos
1 colher de café de psyllium em pó
2 colheres de café de goma xantana ou CMC
Essência de amêndoas ou essência de panetone
Chocolate em barra em pedaços, frutas secas

Fazer a esponja com o fermento, 2 colheres de sopa de açúcar e água morna. Cubra com um plástico e deixe em lugar abafado para levedar o fermento.

Em uma tigela grande, misture as farinhas e os demais ingredientes, inclusive a esponja já crescida. A massa deve ficar firme.
Colocar na assadeira da Máquina de fazer Pão para a massa crescer por 50 minutos (caso esteja quente 20~30 minutos são suficientes).
Depois de crescido, leve para assar por aproximadamente 70 minutos.

http://nocontemgluten.blogspot.com.br/2012/12/panetone-ii-nao-contem-gluten.html

Panetone sem glúten II

Silvia Kawaguti

Ingredientes :
2 xícaras de farinha de arroz
1 xícara de fécula de batata
1/2 xícara de polvilho doce
2 colheres de chá de psyllium em pó
1 colher de chá de pectina em pó
1 colher de chá de goma xantana ou CMC
3 ovos médios
100g de manteiga
1/2 xícara de iogurte natural
1/2 xícara de suco de laranja
1 xícara de açúcar
1 colher de sopa rasa de fermento em pó biológico
2 colheres de sopa de açúcar
Essência de Panetone ou Essência de Amêndoas
Recheio a gosto, eu usei chocolate ao leite picado. Para cobertura, chocolate meio amargo derretido, granulado e castanha de caju picada.

Fazer a esponja : 1 colher de sopa rasa de fermento em pó biológico + 2 colheres de sopa de açúcar + 1 pouco de água morna. Misture bem e cubra com um plástico. Deixe descansar em um lugar abafado.

Em uma tigela grande, junte todos os ingredientes e misture bem. Espere de meia hora à 1 hora antes de assar. Deixe a massa em lugar abafado.
Leve para assar em forno pré-aquecido 170º

http://nocontemgluten.blogspot.com.br/2011/11/panetone-nao-contem-gluten.html

Panetone sem glúten III

Silvia Kawaguti

Ingredientes :
360g de farinha de arroz
180g de fécula de batata
60g de maisena
60g de polvilho doce
3 colheres de café de goma xantana
150g de açúcar
5 ovos
250g de margarina ou manteiga amolecida
uma pitada de sal
2 colheres de sopa rasas de fermento biológico em pó
1/2 colher de chá de essência de panetone (se necessário coloque um pouco mais)
raspas de limão ou essência de laranja ou limão
Frutas cristalizadas, castanhas picadas ou chocolate picado

Faça a esponja : Na vasilha em que for fazer a massa, coloque o fermento, 1 colher de sopa de açúcar, 2 colheres de sopa de fécula de batata e acrescente um pouco de água morna até dissolver bem todos os ingredientes. Tampe e deixe o fermento reagir em um lugar aquecido.

Enquanto isso, pegue um saco plástico tipo ziploc e coloque as farinhas e a goma xantana e misture bem. Depois do fermento estar pronto, coloque na vasilha os demais ingredientes, menos as frutas e a farinha. Misture bem e aos poucos vá acrescentando a farinha. A consistência ideal é de uma massa firme, como a de um pão. Acrescente o recheio e encorpore à massa. Acomode a massa nas formas de panetone (apoiadas em uma forma) ou em uma assadeira redonda e alta. Não encha até a boca, pois a massa vai crescer.

Como onde moro é friozinho, eu coloco a forma dentro do forno com uma panelinha com água fervendo e deixo o forno fechado. O tempo de crescimento varia de 3 a 4 hs. De hora em hora eu fervo a água e devolvo no forno, para ficar bem aquecido.

Pincele uma gema antes de levar ao forno. Eu pincelei um pouco de margarina junto para não ficar tão ressecado. O forno não precisa estar pré-aquecido..

http://dietasgsc.blogspot.com.br/2009/12/chocotone.html

Chocotone
Sem glúten Sem leite
Claudia Marcelino

Ingredientes:
- 2 xícaras da mistura de farinha sem glúten (2 xíc. de farinha ou creme de arroz, 2/3 de xíc. de fécula de batata, 1/3 de xíc. de polvilho doce);
- 1/2 colher das chá de sal;
- 1/4 de xícara de chá de açúcar granulado;
- 1 1/2 colheres das de chá de CMC clique aqui ;
- 2 colheres das de chá de fermento biológico seco;
- 1 xícara de água mineral morna + 1 colher das de sopa;
- 1 ovo;
- 1 1/2 colheres das de sopa de óleo;
- 1/2 colher das de sopa de essência de panettone;
- 1/2 xícara de mini gotas de chocolate.

Modo de fazer:
1º Em uma vasilha média, adicione todos os ingredientes secos e misture com um batedor de ovos.

2º Adicione a água morna e bata em velocidade baixa para misturar.

3º Junte o ovo levemente batido com o óleo e a essência. Bata em velocidade baixa para misturar. Aumente a velocidade da batedeira para o máximo e bata por mais 3 minutos.

4º Com uma colher, misture as gotas de chocolate.

5º Despeje a massa em uma forma para panettone de 500g untada com creme vegetal. Deixe descansar em local quente (forno microondas fechado) por aproximadamente 40 minutos ou até que a massa atinja 1cm da borda.

6º Enquanto a massa está crescendo, posicione a grade no centro do forno e pré-aqueça o forno em temperatura máxima por 10 min.

7º Leve o Chocotone ao forno, sobre uma assadeira e, asse-o por 3o min. Após 20 min. de cozimento, abaixe para forno médio.

8º Após retirá-lo do forno, pincele creme vegetal sobre a casca para que ela fique mais macia.

Bom apetite!
Servido morno é mais gostoso :)

Rendimento: 1 unidade de 500g.

http://dietasgsc.blogspot.com.br/2009/12/panetone.html

Panetone Tradicional

Claudia Marcelino

É só repetir a receita de Chocotone e substituir as gotas de chocolate por:

- 1/2 xícara de passas sem sementes e;

- 1/2 xícara de frutas cristalizadas.

Estas são as fotos do passo-a-passo.
Os ingredientes secos e líquidos já misturados, a forma e as frutas prontas.

http://www.chefcarlaserrano.com/2012/12/panetone-sem-gluten-e-sem-lactose.html

Panetone sem glúten e sem lactose

Chef Carla Serrano

Ingredientes:
5 colheres (sopa) rasadas de açúcar refinado (50g)
1 colher (café) de sal (2g)
1 e 1/2 xícara (chá) de farinha de arroz (150g)
3 colheres (sopa) cheias de fécula de batata (75g)
1/4 de xícara (chá) de polvilho doce (25g)
3 colheres (chá) de goma xantana (6g)
1/2 envelope de fermento biológico seco instantâneo (5g)
1 colher (sopa) rasada de fermento químico em pó (10g)
1/2 xícara (chá) de nozes picadas (50g)
1 xícara (chá) de frutas cristalizadas picadas (135g)
1/2 xícara (chá) de uvas-passas escuras (67,5g)
1 colher (sopa) de rum (15ml)
1 e 1/8 de xícara (chá) de água (225ml)
1 ovo (60g)
3 colheres (sopa) de óleo (45ml)
1 colher (chá) de essência de panetone (5ml)
1 colher (chá) de essência de laranja (5ml)

Preparo:
Em uma tigela, misture bem os 9 primeiros ingredientes e reserve.
Regue as frutas cristalizadas e as uvas-passas com o rum e reserve por 15 minutos. Misture os ingredientes restantes e junte-os aos ingredientes secos reservados. Por último, incorpore as frutas reservadas com o líquido. Despeje na fôrma de papel impermeável (1.250ml - 12x9,5cm), posicione sobre uma fôrma de metal e reserve dentro de saco plástico até crescer, por cerca de 45 minutos. Asse no forno preaquecido (180oC) por cerca de 35 minutos ou até que, ao espetar o centro da massa com um palito, este saia limpo. Sirva morno ou em temperatura ambiente.

Dicas:
É importante que todos os ingredientes estejam em temperatura ambiente.
Antes de utilizá-las, escalde as frutas cristalizadas e as uvas-passas em água fervente e em seguida passe-as em agua fria e escorra bem.
Caso queira, substitua as frutas cristalizadas e as uvas-passas por 1 xícara (chá) de chocolate meio amargo sem lactose picado. Neste caso, adicione o rum diretamente à massa.
Utilizei o fermento químico em pó do tipo que só age no forno, e não por estar em contato com a umidade da massa.

Rendimento: 1 panetone com 850g

http://cozinhando-sem-gluten.blogspot.com.br/2012/11/panetones-zero-gluten-e-zero-lactose.html

Panetone 1
Zero Glúten Zero Lactose
Gilda Moreira

Ingredientes:
2 xíc. de farinha de arroz
1 xíc. de polvilho doce
1/2 xíc. de fécula de batata
1 sachê de fermento biológico seco
1/2 xíc. de açúcar
3 ovos inteiros
1/2 xíc. de óleo de canola
1 CS de essência de baunilha, foi o que usei (ou essência de panetone)
1/2 xíc. de água morna
1 colher de sobremesa cheia de CMC (é um espessante que ajuda na liga das preparações sem glúten, é encontrado em lojas de produtos para festas).
Para o recheio use: frutas cristalizadas, frutas secas (nozes, amêndoas ,damasco e etc) ou o que quiser.

Modo de fazer:
Em um recipiente fundo, misture todos os ingredientes secos. Faça um buraco no centro e junte os ovos inteiros (gema sem pele), o óleo, a baunilha e a água. Mexa para misturar. Depois que a massa estiver bem homogênea, acrescente as frutas secas ou o recheio escolhido e misture com massa.Coloque até a metade das formas para panetone pois cresce muito. Coloque as formas dentro de uma assadeira e deixe crescendo em um lugar quentinho mais ou menos 20 a 30 min. Após o crescimento leve ao forno 180ºC até dourar. Faça o teste do palito. Retire do forno e decore a gosto. Eu usei 1 copo de açúcar de confeiteiro com 2 CS de água, misturei bem e coloquei com uma colher por cima do panetone, cuidando para não escorrer.
Enfeitei com nozes, damasco, amêndoas, cerejas, passas de uva. Finalize com um laço de fita bem lindo e bom apetite!

http://cozinhando-sem-gluten.blogspot.com.br/2012/12/panetones-zero-gluten-zero-lactose.html

Panetone 2
Zero Glúten Zero Lactose
Gilda Moreira

Usei:
2 xíc. de farinha de arroz (400g)
1/2 xíc. de fécula de batata (100g)
1 xíc. de polvilho doce (200g)
1/2 xíc. de açúcar (100g) usei demerara
1 sachê de fermento biológico seco
1 CS de cmc
3 ovos (gema sem pele)
1/2 xíc. de óleo (usei canola)
1 xíc. de água morna
1 CS de vinagre de maçã
1 CS de essência de panetone ou de baunilha
Frutas secas, passas e frutas cristalizadas a gosto

Fiz assim:
No recipiente da batedeira misturei todos os ingredientes secos. Fiz um buraco no centro e adicionei os ovos, o vinagre, o óleo, a essência e a água morna. Liguei a batedeira e deixei bater até formar uma massa uniforme. Desliguei e acrescentei as frutas, misturando com uma colher. Coloquei colheradas de massa, um pouquinho acima da metade de cada forma de panetone (formas de papel próprias). Deixei crescendo em lugar quentinho (dentro do microondas ou dentro do forno). Em 30 a 35 min. estão prontos para assar. Coloquei as formas dentro de uma assadeira e levei ao forno 180ºC até começarem a dourar. Uns 25 min. dependendo do forno. Faça o teste do palito. Retire da forma deixe esfriar e decore como quiser.

Eu fiz um glacê com açúcar de confeiteiro e clara de ovo (fica sequinho por mais tempo). Pode usar água no lugar da clara. 1 xíc. de açúcar de confeiteiro + 1 clara de ovo. Misture bem e com uma colherinha derrame por cima dos panetones. Finalizei enfeitando com frutas secas e cerejas.
Bom apetite!

http://cozinhando-sem-gluten.blogspot.com.br/2012/11/chocotones-zero-gluten-e-zero-lactose.html

Chocotone
zero glúten zero lactose
Gilda Moreira

Ingredientes:
1 xíc. de polvilho doce
1/2 xíc. de fécula de batata
2 xíc. de farinha de arroz
1 CS de fermento biológico seco
1 colher de sobremesa cheia de CMC (espessante encontrado em lojas de prod. alimentícios para festas)
3 ovos, 200 ml de água morna
1/2 xíc. de óleo
1/2 xíc. de açúcar
2 CS de essência de baunilha (ou essência própria para panetone)
gotas ou cubinhos de chocolate a gosto (o que for permitido para cada um) ou choc. granulado.

Modo de fazer:
Em um recipiente fundo, misture com uma colher todos os ingredientes secos. Faça um buraco no meio e junte o óleo, os ovos, a essência, e água. Mexa até que misture e a massa fique homogênea. Acrescente os cubinhos de chocolate e misture. Coloque as formas próprias para panetone em uma assadeira e despeje a massa até a metade. Deixe crescer em lugar quente por cerca de 20 a 30min. Após o crescimento leve ao forno 180ºC até dourar. Mais ou menos 30min. dependendo do forno. Faça o teste do palito.

Retire do forno, deixe esfriar. Decorei, misturando um 1 copo de açúcar de confeiteiro, 1 CS de água e 2 CS de cacau (tb pode ser usado chocolate em pó a gosto) Espalhe por cima do chocotone e decore como quiser!

Rendeu 9 mini chocotones

Bom apetite!

http://saboresdacozinhasemgluten.blogspot.com.br/2012/12/panetone-rainha-rachel.html

Panetone Rainha Rachel

Josy Gomez

Ingredientes:
3 ovos inteiros
1 colher de sopa de fermento biológico instantâneo
1 xícara de açucar
1 xícara de inhame cozido e passado pela peneira
1 xícara de leite de coco
1\2 xícara de óleo de milho
1\2 xícara de suco de 2 laranjas e completar com água
1 colher de sobremesa de psillyum (vendido em cápsulas ou em farmácia de manipulação)
1 colher de chá de CMC
1 colher de chá de raspas de casca de laranja
1 colher de café de raspas de casca de limão
1 pitada de sal
1\2 colher de café de bicarbonato
1 xícara e 1/2 de farinha de arroz
1 xícara de polvilho doce
1\2 xícara de fécula de batata
1\2 xícara de farinha de amêndoas
1\2 xícara de passas
1\2 xícara de nozes picadas
1\2 xícara de damascos picados
1\2 xícara de ameixa preta picada

Modo de fazer:
Colocar o fermento com um pouco de água e duas colheres de açúcar e deixar a parte (vai crescer). Na batedeira, bater os ovos, o inhame, o leite de coco, o suco, o óleo e o açucar até virar uma mistura homogênea. Colocar o fermento, que já deu uma prévia levedada. Ir adicionando os secos pouco a pouco até formar uma massa consistente, mas não dura. Bater por uns 3 minutos. Colocar as frutas secas previamente passadas em uma duas colheres de amido de milho - isso serve para as frutas não afundarem no cozimento. Colocar em formas de panetone. Forno 180 graus por 1 hora.

Rendimento: dois panetones de 400 gramas.

http://saboresdacozinhasemgluten.blogspot.com.br/2012/12/chocotone-leoa-de-ouro-sem-gluten.html

Chocotone Leoa de Ouro

Josy Gomez

Ingredientes:

* medida: 1 copo de 250 ml

“Esponja” de fermento:
1 colher de sopa de fermento biológico seco
1 colher de sopa de adoçante culinário ou açúcar demerara
1/2 copo do tipo de requeijão de água morna

Misturar todos ingredientes e fazer a fermentação por 10 minutos

1 ovo
1 clara
1 colher de sopa de linhaça dourada
2 colheres de sopa de farinha de coco
4 colheres de gordura de coco
1 colher de sobremesa de psyllium (vendido em cápsulas ou em farmácia de manipulação)
1 colher de sobremesa de CMC
1 colher de chá de goma xantana
1 colher de café de bicarbonato de sódio
1 colher de café de raspas de limão
1 copo do tipo de requeijão de suco de laranja
1 copo do tipo de requeijão de farinha de arroz
1\2 copo do tipo de requeijão de fécula de batata
1\2 copo do tipo de requeijão de polvilho doce
1\2 xícara de adoçante culinário ou açucar demerara
1\2 xícara de nozes picadas
1\2 xícara de passas que ficaram de molho em 2 colheres de vodka
1 tablete de 200 gr de chocolate sem glúten e sem leite em pedaços pequenos.

Modo de Fazer:
Fazer a primeira fermentação e deixar de lado.
Colocar no liquidificador os ovos, a gordura de coco, a linhaça e o copo de suco de laranja. Bater bem. Colocar todos os ingredientes na batedeira e bater bem, por 5 minutos. Colocar em assadeira redonda alta ou forma de panetone. Deixar crescer por 45 minutos. Assar em forno de 180 graus por 50 minutos.

Rendimento: um panetone de 500 gramas. Durabilidade fora da geladeira 5 dias. Poderá ser congelado.

http://saboresdacozinhasemgluten.blogspot.com.br/2012/12/panetone-josy-gomez-sem-gluten-e-sem.html

Panetone Josy Gomez sem glúten sem leite

Ingredientes:
3 colheres de sopa de açúcar
4 colheres de sopa de mel de abelha
1 colher e meia de sopa de fermento biológico seco
150 ml de suco de laranja
200 ml ou uma garrafinha de leite de coco
3 ovos
1 gema
4 colheres de sopa de creme vegetal Becel azul (sem leite)
1 colher de café de raspas de limão
1 colher de café de raspas de laranja
1\2 colher de café de bicarbonato de sódio
1 pitada de sal
600 gramas de farinha preparada Beladri ou Amina (mistura de farinhas sem glúten)
2 xícaras de frutas secas de sua preferencia (eu usei nozes,passas brancas e damascos picadinhos)

RECEITA DE MINHA FARINHA PREPARADA
Misturar todas e guardar em pote fechado:
2 xícaras e 1/2 de farinha de arroz
3 xícaras de amido de milho
3 xícaras de polvilho doce
1 xícara de fubá de milho fininha
1 xícara de farinha de amêndoas
2 colheres de sopa de goma xantana ou CMC (carboximetilcelulose)
2 colheres de sopa de psyllium (pode ser comprado em cápsulas ou em farmácias de manipulação)
Quando for usar misture bem e use a medida pedida na receita.

Modo de fazer:
Bater os ovos e a gema com o açúcar até ficar bem aerado. Ir adicionando os líquidos e as farinhas e batendo bem. Vai ficar uma massa bem pesada e pegajosa. Adicionar as frutas secas de sua preferência, passadas em uma colher de amido de milho, para que elas não fiquem no fundo da forma. Colocar em forma de papel para panetone. Deixar crescer por 45 minutos. Assar em formo médio 180 graus por 1 hora.

Cobertura de chocolate:
2 xícaras de açúcar de confeiteiro peneirado
4 colheres de creme vegetal Becel azul (sem leite)
1 xícara de chocolate em pó Nestlé
2 colheres de suco de limão

Modo de fazer:
Levar a batedeira todos os ingredientes e bater 10 minutos, até virar um glacê que sirva para cobrir ou pitangar.

http://saboresdacozinhasemgluten.blogspot.com.br/2013/11/panetone-napolitano-sul-da-italia.html

Panetone Napolitano

Josy Gomez

Pré fermentação:
200 ml de água morna retirada da quantidade da receita abaixo.
100 gramas de Míx Pan Schär retirada da quantidade da receita.
4 colheres de sopa de fermento biológico instantâneo.
5 colheres de açúcar
Misturar e deixar levedar por 30 minutos.

10 gemas batidas ligeiramente
1 colher de café de essência de panetone (eu não usei)
raspas de casca de um limão grande
1 colher de chá de raspas de laranja
3 colheres de Vodka e 3 colheres de suco de abacaxi
1 xícara de açúcar
7 colheres de sopa de mel
150 gramas de Becel azul
500 gramas da Míx Pan Schär
1 xícara de farinha de milho passada na peneira
1 xícara de creme de arroz
1 xícara de polvilho doce
1\2 xícara de polvilho azedo
1\2 xícara de farinha de amêndoas
1 xícara de fécula de batata
1 colher de sopa de psyllium
1 xícara de uvas passas embebidas por 1 hora com o suco de abacaxi e a Vodka
1 xícara de nozes picadas,castanhas do pará, avelãs, amêndoas.
1\2 xícara de damascos bem picados e cerejas.
800 ml de água ou um pouco mais ou menos se necessário
1 colher de sopa de vinagre branco

Modo de fazer:
Primeira fermentação:
Em uma tigela colocar o açúcar, 200 ml de água morna e 100 gramas de farinha Mix Schär. Deixar descansar por 20 minutos.

Segunda parte:
Em uma tigela misturar todas as farinhas muito bem, adicionar o sal,o açúcar, a margarina em temperatura ambiente, o mel, o vinagre branco, as gemas ligeiramente batidas, o psyllium , o restante da água e por final o fermento levedado.
Quando for colocar a água vá adicionando aos poucos, pois dependendo do tamanho das gemas poderá necessitar de um pouco menos. O ponto da massa é um pouco pegajoso antes do crescimento. Bater bem a massa ou sova-la na mão. Deixar descansar a massa por 30 minutos.

Depois deste tempo , sovar a massa e notará que ela está muito mais elástica. Misturar o recheio das frutas secas e amassar bem para distribuir em toda massa . Colocar em duas formas de panetone ou em formas de silicone altas.
Deixar crescer por 30 minutos ou mais até dobrar de volume.
Passar em cima uma gema batida com 3 gotas de azeite e duas de café coado
Aquecer o forno em 180 graus e assar por 50 minutos.
Desenformar e cortar frio.

Rendimento 2 panetones de 500 gramas e 3 mínis individuais.

Dura perfeitamente 3 dias macio se guardado em potes fechados.

Uma delicia!

http://saboresdacozinhasemgluten.blogspot.com.br/2013/10/panetone-doce-magia.html

Panetone "Doce Magia"

Josy Gomez

Ingredientes:
4 colheres de sopa rasas de fermento biológico
2 colheres de açúcar
400 ml de água morna
200 gramas de farinha Mix Pan Schär
Misturar tudo em uma tigela , cobrir com filme plástico e deixar levedar por 20 minutos.

Ingredientes secos:
500 gramas de Mix Pan Schär
200 gramas de fécula de batata
100 gramas de amido de milho
1 xícara de açúcar
1 colher de café de raspas de laranja
1 colher de chá de raspas de limão
1 pitada de sal
uma raspa de baunilha ou (3 gotas)
5 gotas de essência de panetone (opcional, eu não uso)
1 colher de sobremesa de fermento químico em pó

Ingredientes líquidos:
3 colheres de sopa de gordura de coco
3 colheres de sopa de Becel azul
3 ovos
2 gemas
1\2 xícara de azeite menos 1 por cento de acidez
1 garrafinha de 200 ml de leite de coco
A mesma medida da garrafinha de suco de laranja

As frutas secas que forem usadas para o recheio não deverão ultrapassar duas xícaras de chá.

Peço atenção ao modo de preparo, pois esse é o sucesso da receita.

Modo de fazer:
Colocar em um tigela todos os ingrediente secos, misturados e peneirados, adicionar os ovos batidos, o azeite, o leite de coco, o suco de laranja e as gorduras em temperatura ambiente, misturar bem e por final adicionar o fermento levedado.
Amassar bem ...eu particularmente gosto de fazer tudo na mão, mexer com a massa é estimulante , um ato de alquimia, coloco todo meu amor e o meu desejo de bem estar de minha família.
Sempre falo :- Se as pessoas não estão bem, não cozinhem!
Poderá ser usada a batedeira. O ponto da massa é bem firme , mas pegajosa. Deixar descansar em um lugar sem vento por 1 hora. Depois de crescida a massa, ela estará mais firme e menos pegajosa.Caso esteja mole poderá ser colocado mais um pouco de amido ou fécula para poder sovar em uma bancada.
Sovar por 5 minutos com auxílio de duas espátulas para ir levantando quando grudar. Esse é um passo importante, tomar o cuidado de não adicionar mais farinha que o necessário. Juntar as frutas secas e no de chocolate as raspas. Colocar nas formas de panetone ou em formas altas. Pincelar com uma gema batida com 3 gotas de azeite e 1 colher de chá de café coado.
Deixar crescer por 50 minutos em lugar sem vento com uma jarra de água fervendo. Esse procedimento vai fazer que os panetone cresçam novamente e com umidade.
Assar em forno em 180 graus por 50 minutos ou quando bater os dedos na parte do meio, esteja bem firme. Deixar esfriar bem em uma grelha.

Essa receita rende 2 panetones de 500 gramas e 4 de tamanho individual.

http://saboresdacozinhasemgluten.blogspot.com.br/2013/12/panetone-divino-sabor.html

Panetone Divino Sabor

Josy Gomez

Esponja de fermento:

1 colher de sopa rasa de fermento seco biológico
2 colheres de sopa de açúcar
1\2 xícara de creme de arroz
200 ml de água morna

Em uma tigela grande misturar tudo e deixar levedando por meia hora com papel filme cobrindo.

Ingredientes:

2 ovos
4 gemas
100 gramas de creme vegetal Becel azul
6 colheres de sopa de mel de laranjeira
3 colheres de sopa de psylium
1\2 xícara de açúcar
1 xícara de farinha de milho batida e peneirada duas vezes
1\2 xícara de amido de milho
1 xícara e meia de polvilho doce
1 xícara de fécula de batata
1\2 xícara de farinha de amêndoas
1 garrafinha de leite de coco
100 ml de suco de laranja (onde deixei as passas e as frutas cristalizadas de molho)
1 xícara de passas
1 xícara de nozes picadas
1\2 xícara de frutas cristalizadas a escolher..eu usei abacaxi cristalizado
1 colher rasa de sopa de fermento químico para bolos
suco de meio limão
1 colher de sopa de casca de limão ralada bem miúda
1 colher de sopa de casca de laranja ralada
Opcional: essência de panetone a gosto (Não usei)

Modo de fazer:

Bater os ovos com a manteiga por 10 minutos, até ficar uma gemada forte e aerada.
Ir adicionando o açúcar, o mel, a garrafinha de leite de coco, o psylium batendo em velocidade média.
Misturar as farinhas, as cascas de limão, de laranja, o fermento químico e ir adicionando pouco a pouco a gemada .
Por final adicionar o fermento levedado .
O ponto da massa é pastosa, mas que dê para ir trabalhando a massa com as mãos untadas.
Adicionar as frutas que ficaram de molho no suco de laranja e as nozes picadas.
Caso a massa fique muito mole poderá adicionar um pouco mais de amido de milho.
Colocar em formas de panetone.
Fazer um corte em cruz em cima e passar margarina derretida com 2 gotas de café.
Deixar crescer por 1 hora.
Aquecer o forno por 20 minutos em 180 graus e assar por 50 minutos ou ficar moreninho e batendo o dedo no meio saia um som oco.

Rendimento dois panetones de 300 gramas.

Caso queira fazer um chocotone é só adicionar 1 xícara e meia de chocolate em barra (sem glúten) picado.

http://saboresdacozinhasemgluten.blogspot.com.br/2013/11/panetone-salgado-de-frios-com-mix-de.html

Panetone salgado de frios
Mix de farinhas sem glúten
Josy Gomez

Ingredientes:
500 gramas de farinha Mix Pan Schär
3 ovos
1 clara
1 colher de sopa de vinagre branco
2 colheres de sopa de sal
4 colheres de sopa açúcar
2 colheres de sopa de mel
4 colheres d sopa de fermento biológico
800 ml de água
1 xícara de farinha de milho passada na peneira
1 xícara de creme de arroz
1 xícara de polvilho doce
1\2 xícara de polvilho azedo
1\2 xícara de farinha de amêndoas
1 xícara de fécula de batata
8 colheres de sopa de azeite
1 colher de sopa cheia de psyllium

Recheios de frios: Presunto, Peito de Peru, azeitonas, tomate, milho verde, orégano.

Modo de fazer:
Em uma tigela colocar o femento, o açúcar, 200 ml de água morna e 100 gramas de farinha Mix Schär. Deixar descansar por 20 minutos.

Em outra tigela misturar todas as farinhas muito bem, adicionar o sal, o azeite, o mel, o vinagre branco, os ovos ligeiramente batidos , o psyllium , o restante da água e por final o fermento levedado.

Bater bem a massa ou sová-la na mão.
Deixar descansar a massa por 30 minutos.

Depois deste tempo , sovar a massa e notará que ela está muito mais elástica. Misturar o recheio de frios e amassar bem para distribuir em toda massa .
Colocar em duas formas de panetone ou em formas de silicone altas.

Deixar crescer por 30 minutos ou mais até dobrar de volume.
Passar em cima a gema que sobrou , batida com 3 gotas de azeite e duas de café coado
Aquecer o forno em 180 graus e assar por 50 minutos.

Desenformar e cortar frio.

Rendimento 2 panetones de 500 gramas e 3 mínis individuais.

Dura perfeitamente 3 dias macio se guardado em potes fechados.

Uma delicia!

http://saboresdacozinhasemgluten.blogspot.com.br/2012/12/panetone-salgado-sem-gluten.html

Panetone salgado sem glúten sem leite sem soja

Josy Gomez

*copo medida: 250 ml

Ingredientes:
1 copo do tipo de requeijão de farinha de arroz
1\2 copo do tipo de requeijão de polvilho doce
1\2 copo do tipo de requeijão de farinha de amaranto
1\2 copo do tipo de requeijão de fécula de batata
3 colheres de farinha de amêndoas ou farinha de banana verde
1 colher de sopa rasa de sal
3 ovos
1 copo e mais 1\4 do tipo de requeijão de água
3 colheres de sopa de banha (Sadia ou outra marca confiável)
1 colher de chá de CMC (carboximetilcelulose - à venda em loja de material para festas, bolos e doces)
2 colheres de chá de psyllium (vendido em capsulas ou farmácias de manipulação
1 colher de chá de vinagre branco
1 colher bem rasa de fermento biológico seco para pão
1 colher de sobremesa de açúcar
1 cebola pequena
2 dentes de alho
1\2 xícara de damascos picados
6 castanhas do pará picada
2 cenouras raladas crua
1 lata de milho verde escorrida
1\2 xícara de cogumelos cortados
1 xícara de azeitonas verdes picadas miúdas

Modo de fazer:
Colocar o fermento biológico com a colher de açúcar e o 1\4 de água morna para levedar.
Bater no liquidificador os ovos, o resto da água, a banha, o sal, a cebola e o alho, misturando muito bem.
Na batedeira colocar as farinhas bem misturadas e peneiradas e ir adicionando pouco a pouco os líquidos e por último o fermento que já levedou.
Bater a massa por 5 minutos, incorporando todos os ingredientes.

Depois de tudo misturado, colocar na massa : as cenouras raladas, os cogumelos picados, as azeitonas, o milho, os damascos e as castanhas. Misturar bem incorporando o recheio a massa. Passar uma gema com gotinhas de azeite em cima para corar.

Colocar em uma forma de papel de panetone. Deixar crescer por 50 minutos.

Levar ao forno já pré-aquecido em 180 graus e assar por 50 minutos.

Deixar esfriar antes de cortar.

http://www.riosemgluten.com/receitas_2008_2009.htm

Panetone sem glúten

Isabela Nagy

Ingredientes:
Leite (baixa lactose) até dar o ponto
3 colheres cheias de açúcar
50 gramas fermento de pão (fresco)
1 colher sobremesa de sal
3 colheres óleo
3 ovos
1 colher sobremesa de liga neutra (para sorvete)
1 colher de sopa emulsificante (SELECTA ou Emustab)
2 caixas creme de arroz
1 caixa fécula de batata
1 copo (tipo requeijão) de polvilho doce
1 colher sopa rasa de essência de panetone

Modo de fazer:
Fazer uma esponja, derretendo o fermento com o açúcar, um pouquinho de creme de arroz e um pouquinho de leite morno. Deixar crescer por uns 10 minutos. Reservar
Colocar os demais ingredientes , misturando na bacia e depois o que foi reservado. Deixar a massa grudenta e acrescentar frutas cristalizadas muito bem picadas. Colocar em formas de papel especiais para panetone . Dobrar de volume. Assar primeiros 20 minutos em forno baixo e após aumentar. Retirar ao dourar.

Rendimento são 2 panetones de 500 gramas.

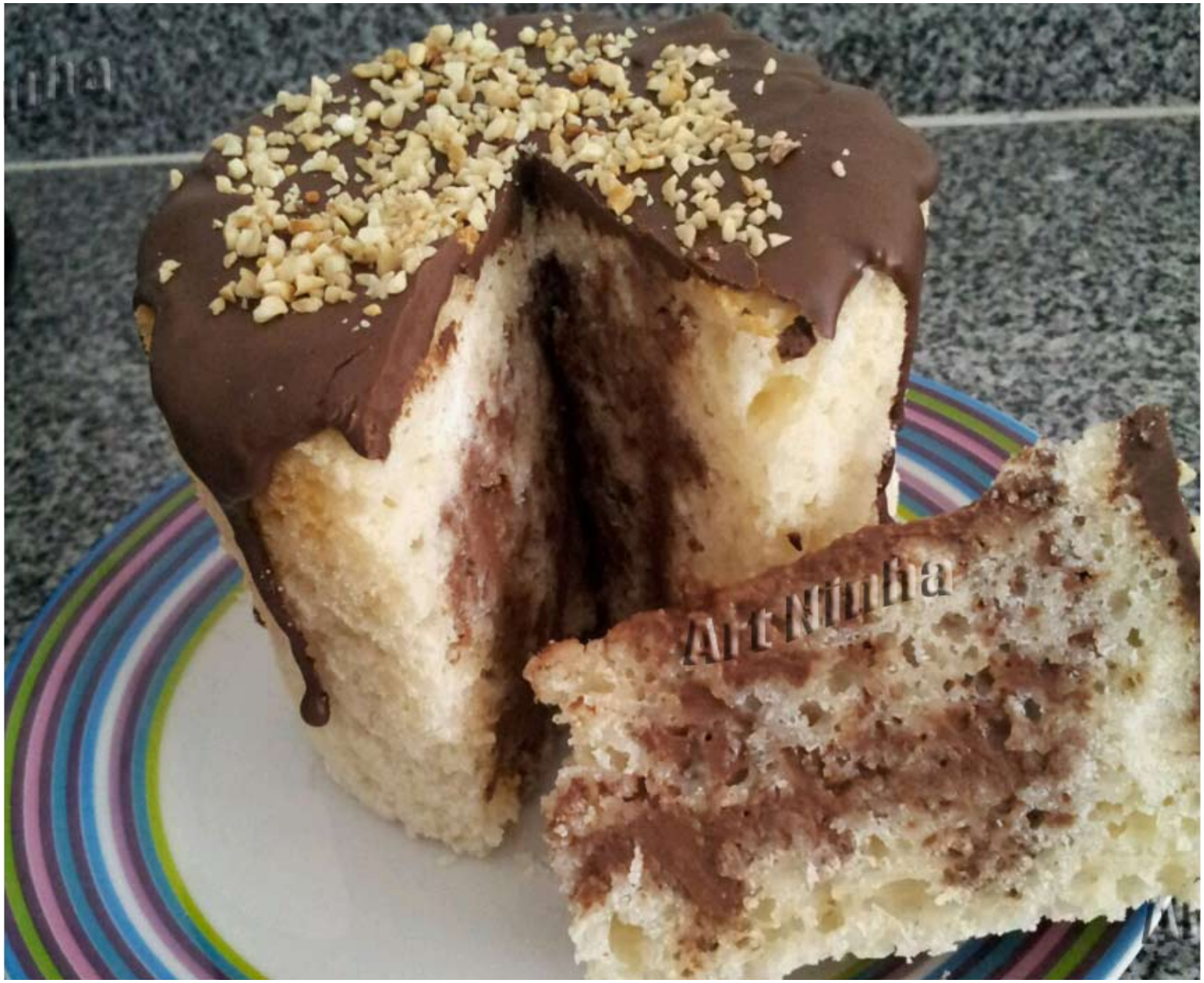

http://artninha.blogspot.com.br/2012/12/panetone-trufado-sem-gluten.html

Panetone Trufado Sem Glúten

Elis Ninha

Ingredientes:
180 ml de água
1 ovo
2 colheres de sopa de margarina
1 colher de sopa de essência de panetone
2 xícaras de mix de farinhas sem glúten (2 xícaras de farinha de arroz, 2/3 de xícara de fécula de batata, 3 colheres de sopa de polvilho doce)
1/2 colher de chá de sal
1/4 de xícara de chá de açúcar
1 colher rasa de chá de Goma Xantana
2 colheres de sopa de fermento biológico seco

Modo de fazer:
Misture todos os ingredientes, deixando o fermento por último. Coloque a massa já misturada na forma de panetone. Deixe descansar por 1 hora, quando deverá dobrar de volume. Asse em forrno pré-aquecido, em temperatura média.

Creme de chocolate:
creme de leite de caixinha
chocolate em barra
essência de rum

Modo de fazer e aplicar:
Derreta o chocolate, misture 2 partes de chocolate e 1 de creme de leite e gotas de essência de rum (só faça o creme quando o panetone já estiver pronto e frio). Após o panetone já estar frio, aplique o creme com uma seringa de cânula larga (do tipo usado para injetar temperos). Injete o chocolate onde você desejar - é fácil e rápido.

https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10200204553275972&set=gm.669778539709510&type=1&theater

Panetone sem glúten

Liana Bello

PAO MACIO

Ingredientes:

1 e 1/2 xícara farinha ou creme de arroz
1 e 1/2 xícara de polvilho doce
(Pode ser substituido por 2 e 3/4 de xíc de farinha sem glúten Beladri)
1 xícara leite em pó
2 ovos
1/2 xícara de óleo
1 colher (sopa) de fermento para pao
1 colher (sopa) rasa sal
1 colher (sopa) açúcar
(coloquei 2 colheres de açúcar, sendo 1 delas de açúcar baunilhado)*
1 1/2 xicara de leite morno
Essência de panetone à vontade
O quanto gostar de gotas de chocolate

* Com essa quantidade de açúcar não fica muito doce, mas é gosto pessoal, não gosto de nada muito doce.

- Misture o leite morno, fermento, açúcar e sal, tampe e deixe crescer 10 minutos.

- Em outro recipiente misture a farinha o polvilho e o leite em pó, coloque os ovos, o óleo e o fermento já crescido. Bata com a colher de pau ou batedeira até a massa ficar lisa.

- Coloque em assadeira untada e polvilhada.

- Deixe crescer até dobrar de volume. (Levou pouco mais de 1h pra crescer porque dei uma forcinha com o forno quente)

- Asse em forno médio.

https://www.facebook.com/photo.php?fbid=557241674366406&set=a.462838487140059.1073741828.462609223829652&type=1&theater

Panetone / Chocotone sem glúten e sem lactose

Juliana Cardoso Benati

Assar por + ou - 35 min.

Rendimento:
2 panetones (forma de papel com 10 cm de diâmetro)

Ingredientes:
1 xíc. de polvilho doce
1/2 xíc. de farinha de arroz
1/2 de xíc. de amido de milho
1 colher de sopa de açúcar
1 colherinha de sal
1/2 colherinha de goma xantana ou CMC
1/2 colher de sopa de fermento biológico seco
1/2 colher de sopa de fermento químico em pó
2 ovos
2 colheres de sopa de óleo
+ ou - 3/4 de xíc. de água ou leite de côco
1 colherinha de café de essência de panetone
2 colheres de sopa de mel
Frutas cristalizadas ou gotas de chocolate a gosto

Modo de fazer:
Misturar todos os ingredientes secos (menos o fermento em pó) na própria vasilha da batedeira, acrescente os ovos, água, óleo e mel. Bater até ficar uma massa lisa e cremosa, parecendo de bolo. Por último misture à mão o fermento em pó. Acrescente as frutas ou o chocolate (coloco 1 colher de sopa de amido de milho no potinho com frutas e balanço bem. isso evita que elas afundem), coloque nas formas de papel e deixe descansar por 10 min (enquanto isso aqueça o forno a 200°).

www.riosemgluten.com

PACOTÃO DE CURSOS

Parabéns Pela Compra e Obrigado Pela Preferência!!

Clique AQUI para realizar a qualificação

Após a qualificação você receberá de brinde:
Lista de Cursos no MEGA

40 pastas - 300 arquivos - 42.77 GB
2.888 pastas 47.95 GB
Marketing Digital 49.49GB
Concursos Públicos, Enem e Vestibular 34.07 GB
102 pastas - 625 arquivos - 50GB
123 pastas - 368 arquivos 35GB
633 pastas - 4.106 arquivos 338.79GB
99 pastas - 877 arquivos 36.88Gb
143 pastas - 871 arquivos 48.03GB

1000 Cursos

COACH

1. Profissão Coach
2. 40 ferramentas de coaching - 100 ferramentas de coaching no Mega
3. Academia da Prosperidade
4. Coaching Mentoring
5. Coach ao vivo
6. Coaching Personal
7. Concursos coach
8. Pnl

IMPORTAÇÃO

9. Todos os segredos da importação
10. Mestre da importação
11. Importando com sucesso
12. Fórmula da Importação
13. Fórmula da Importação
14. Dropshipping nacional
15. Como Importar da China
16. Academia Do Importador

17. como importar roupas
18. Como Importar Suplementos
19. importador profissional 2.0
20. Importação Legal

EMAGRECIMENTO

21. Abdominal Sarado
22. CONAFIT
23. Emagrecer de vez
24. Emagrecimento Saudável
25. Fórmula 47
26. Fórmula dos Músculos
27. Hipertrofia Muscular
28. Os 100 segredos das pessoas saudáveis
29. Queima de 48 horas 2.0
30. Zumba FITNESS

INFORMÁTICA

31. Curso Camtasia Total
32. Curso Photoshop Total
33. Curso Web design
34. Curso.Format.Computadores
35. Escola.Virtual
36. MANUTENÇÃO DE NOTEBOOK

IDIOMAS

37. 750 Palavras em inglês
38. Curso de Idiomas Globo Espanhol
39. Empreendedor Sem Fronteiras
40. Inglês - Conversação
41. Inglês do Jerry
42. ingles Pimsleur Método Fbi
43. Núcleo 500 Kevin Potter
44. Programa Japonês Online
45. Mairo Vergara 2.0
46. Mairo Vergara 3.0

DESENVOLVIMENTO PESSOAL

47. A alta influencia - Lilia Porto
48. A arte da Excelência - Autor Emmerson Gazda
49. A classe alta
50. A lei da atração
51. Academia da Produtividade - Vídeos
52. As pessoas precisam de feedback
53. Audio Curso Aumente seu Potencial Criativo
54. Áudios para enriquecer
55. Auto-hipnose - Carisma e popularidade
56. Coach Charles Peterson - Motivação e Dicas de Estudo
57. COMO APRENDER MAIS RÁPIDO
58. CONQUISTE UM SUPER CÉREBRO [MP3]
59. Crenças Extraordinárias - Mauro Pennafort
60. Criação da Riqueza
61. Curso Completo de Memorização
62. Curso Criando Oportunidades - Bel Pece
63. Curso De Hipnose - Especialmente Apresentado Por Fabio Puentes
64. Curso Persuasão - Cojunto De PDF's E Doc's
65. DNC - Procrastinação (tiger)
66. Dr. Lair - Envelhecer sem ficar velho (Eduardo.Vino)
67. Eft - André Lima - mente próspera
68. Empredig
69. Linguagem Corporal
70. metas e objetivos
71. método cis
72. moving up
73. Napoleon Hill - A Lei do Triunfo
74. O Poder da Comunicação 2.0
75. O Poder do foco
76. persuasão extreme
77. Produtividade Ninja
78. Programa Escolha Sua Vida
79. SbCoaching - Life Coaching - Academia da Vida
80. SbCoaching - Prosperity Academy - Academia da Prosperidade
81. Sbcoaching - Relationship Academy -Academia do Relacionamento
82. Técnica de Otimização dos Estudos
83. Tempestade Mental
84. torne-se uma calculadora humana

85. transforme sua rotina
86. ULTRAPASSANDO LIMITES
87. Videos Reprogramação

DESENVOLVIMENTO PESSOAL II

88. Alta performance
89. Curso Reaprendizagem Criativa - Murilo Gun
90. Elimina a Auto-sabotagem - André Lima
91. Habilidade Social 1.0
92. hipnose erick
93. Poder da Evolução Pessoal - Bruno Juliani - Vídeos
94. Treinando a Emocao para Ser Feliz - Caco Ciocler

DESENVOLVIMENTO PESSOAL III

95. Código da produtividade - Shinyashiki
96. Código de Influência Total
97. Coleção Chis almeida
98. Como Encontrar a Sua Missão de Vida
99. Curso Despertamento Mauro Pennafort
100. Metas e objetivos 2.0
101. MUDANDO PARADIGMAS
102. Negócios de Palestras - Roberto Shinyashiki
103. OS 7 HÁBITOS DOS BILIONÁRIOS - PAULO VIEIRA
104. SUPERAÇÃO e PREPARAÇÃO MENTAL
105. ULTRAPASSANDO LIMITES - Rodrigo Cardoso
106. 7 Segredos para uma vida Feliz.pdf
107. A Arte da Guerra Sun Tzu.pdf
108. As 48 Leis Do Poder - Robert Greene.pdf
109. As Armas da Persuasao - Robert B. Cialdini.pdf
110. Como expandir sua inteligência.pdf
111. Como Fazer Amigos e Influenciar Pessoas.pdf
112. Ebook-A-Arte-de-Convencer.pdf
113. Mude sua Vida em 30 dias.pdf
114. Os Segredos da Mente Milionária.pdf
115. Pense e Enriqueça.pdf
116. Trabalhe 4 Horas por Semana.pdf

LEITURA E ESCRITA

117. Gramática Completo [vídeo e pdf] - Marcelo Bernardo
118. Acelere 3X a sua Leitura
119. AM3 (Aprendizagem Multiplicada por Mapas Mentais)
120. APRENDA A CONJUGAR VERBOS
121. APRENDIZAGEM EFICIENTE
122. CURSO RENATO ALVES DE LEITURA DINÂMICA (fast read)
123. Escrita eficiente
124. ESTUDANTE PRODUTIVO
125. Estudo Memorização - renato alves
126. Fórmula da aprovação
127. Leitura Dinâmica Personal Training
128. LETRAMENTO DIGITAL
129. Mais Aprendizagem
130. Meta Aprendizado Acelerado
131. Os 7 Pilares do Aprendizado
132. PLANILHAS PARA ORGANIZAÇAO DE ESTUDO (Eduardo.Vino)
133. Sensei Leitura Dinâmica
134. Sensei Memorização
135. Supermemória Para Concursos
136. Técnica de Estudos e Memorização
137. Leitura Dinâmica, Técnica de Estudo, Concentração e Memorização.pdf
138. mapas mentais e memorização - felipe lima.pdf

TRADER ESPORTIVO

139. Academia Apostas - Paulo Rebelo - Vídeos
140. Academia de futebol - Vídeos
141. Back ou Lay - Vídeos
142. Curso Avançado Betfair - Valor Esperado - Daniel Freitas
143. FUTEBOL MILIONÁRIO - Co Jesum Duarte
144. Guinorbet - Vídeos
145. INVESTIMENTO FUTEBOL - JULIANO FONTES - Vídeos
146. master of horse racing - André - Vídeos
147. Trader Cavalos Pre Live - Vídeos

148. Trader esportivo Dener Santos - Vídeos

MARKETING DIGITAL

149. 10 Ideias de Negócios
150. 8PS 2.1
151. A Máquina de Vendas Online
152. ACADEMIA DE AFILIADOS - rogerio job
153. afiliado 150°
154. Afiliado de sucesso
155. Afiliado expert
156. afiliado spartano
157. Afiliado Zen
158. Afiliados e-Commerce 2.0
159. Atraia 10 mil fãs no Facebook
160. Avalanche de leads
161. Blog Memorável
162. Blog Serial Killer v2
163. Circulo dos milionarios
164. COMO CRIAR UM BLOG DE NICHO
165. Como Fazer InfoProdutos
166. Como ganhar dinheiro no Hotmart
167. COMO GANHAR DINHEIRO NO YOUTUBE
168. Como vender serviços de Marketing Digital
169. Copywriter Expresso
170. Curso - Vender sites (mini curso)
171. Curso Búfalos
172. Curso mailchimp
173. Curso Sucesso nas Redes Sociais
174. dinheiro no facebook
175. Disparos Persuasivos
176. Domine o MailChimp
177. EBOOK 30 DIAS um eBook de Sucesso em 30 dias
178. Edifício da Lista - Junior Resende
179. Email Marketing Secreto
180. Expert Dominante
181. Facebook 30 Minutos - Camila Porto
182. Facebook Ads 2.0
183. facebook essencial - Camila Porto

184. Facebook para Empresas
185. Facebook Pro
186. Facebook Ultimate - Felipe Moreira
187. FACULDADE DO DINHEIRO
188. Fature 10k - Fagner Borges
189. Fature 10k 2.0
190. Férias sem fim
191. Ferramenta - MailChimp
192. Ferramentas e Processos
193. Fórmula de Audiência
194. Fórmula de lançamento 4.0
195. Fórmula dos Vídeos
196. Fórmula Negócio Online
197. Formula Recrutamento
198. Funil conversão 3x
199. Funil Magnético
200. Hotmart Experts 2.0
201. Hotmart Express
202. hotmart sem segredos 2.0
203. Ignição de Marketing V2
204. Ijumper 3.0
205. império do tráfego
206. InstaNegocios
207. Lair Ribeiro - Áudio
208. Magnet Free Traffic
209. Marketing Explosivo Pro
210. Master Trafic Marcos Callado
211. Mestre SEO
212. Método marca
213. Mobile marketing
214. Mundo Y Platinum
215. NinjaPPC
216. Optimize Press na Pática
217. Programa e Aplicativos para Divulgação Automática
218. ReMindset Avançado - Conrado Adolpho
219. Segredo dos Milionários
220. Segredo dos Webinários Express
221. segredos da audiencia 2.0

222. SEGREDOS DO ADSENSE 3.0
223. Segredos do Remarketing Avançado
224. SEO - CHECK LIST SEO
225. Sistema de Vendas Automática
226. top afiliado 2.0
227. trabalhar pela internet agora
228. Tráfego Imparável no Facebook
229. tráfego instantâneo nas redes sociais
230. Tráfego social massivo
231. Traffic net82
232. unbounce Land Page
233. Venda Realizada
234. Vendas por Email
235. Whatsapp Marketing
236. Wordpress Developer
237. Youtube Adsense - Pablo Azevedo
238. Youtube dominado - Fernando Lopes
239. Youtube Marketing - Manassés Moraes
240. YouTube para Negócios

241. 130 modelos de paginas.zip
242. Curso Interativo de Blogs e Flogs.rar
243. Plugins e temas premium Wordpress.rar
244. SEO para Wordpress.pdf
245. Tema épico 1.5.rar

MARKETING DIGITAL II

246. 12 Ebooks para estudo Marketing Digital
247. a magia do copywriter
248. A Máquina de Vendas Online 2.0
249. Afiliado Imparável
250. AFILIADOS EM 60 MINUTOS
251. Alpinista Digital
252. Bmg Canvas 6 módulos
253. Como vender no Mercado Livre
254. Congresso 150°
255. Conteúdo e Marketing - Vitor Peçanha (Rock Content)
256. Conversão Extrema

257. copy samurai 2.0
258. CopyResponder - Sequência de Emails - Laila Vanetti
259. Curso Copy Para Iniciantes
260. Curso de Design de Fanpages
261. Demolição Digital
262. Desafio 3k em 30 dias
263. Elite do Facebook
264. Email Marketing
265. Email Marketing Efetivo
266. FL Insider Digital
267. Funil polonês (4 módulos)
268. Google Atirador de Elite
269. Isca digital de alta conversão
270. Máquina Automática de Vendas
271. MARKETING POLÍTICO
272. Negócio Online na Prática - Daniel Grecco
273. O Negócio perfeito
274. Páginas matadoras
275. Produto em 24 Horas - Matheus Beirão
276. Propulsão Digital
277. Remarketing Passo-a-passo - Camila Porto
278. Remindset
279. Segredos Da Audiência 2.1
280. SEO na Prática - Natanael Oliveira
281. Super Servidor - Gabriel Wohlfart
282. Ultra Afiliado - Romualdo
283. Venda com Tráfego Gratuito
284. video hero
285. Videos que vendem - Vitor Ali e Lilia Porto
286. VIDEOXPRESS
287. WQV - Webinars Que Vendem

288. 20 paginas de captura.zip
289. Gerador-viral-de-visitas

RELACIONAMENTO

290. A ARTE DE CONVERSAR 2.0
291. Abordagem de Mulheres-Atitude de Homem

292. academia da atração
293. Approach 2.0
294. Arte do Namoro + Guia do Sexo
295. Atração Natural 2.0
296. BOM DE PAPO -JOHNNY VICE
297. CLUBE DA SEDUÇÃO
298. CÓDIGO ESTILO
299. Coleção ebook Sedução
300. Como deixar de ser babaca 2.0
301. como se tornar um macho alpha
302. Curso de Hipnose na Sedução
303. DOMINANDO A ATRAÇÃO SEXUAL
304. Dossiê do Beijo-484 Formas de Beijar-Pedro Paulo Carneiro
305. DVD 2 Sedução Perfeita (brennobr03)
306. DVD Abordagem, Como Iniciar conversas - Eduardo Santorini
307. Ejaculando com controle
308. F. A 3FF
309. game day
310. Guerra da Sedução - Jogo do Sexo
311. Homem de labia
312. Lover
313. MANUAL O MÉTODO DO RESPEITO
314. O Jogo do Texto 2.0
315. PUA
316. PUA AVANÇADO
317. Rio academy
318. SEDUÇÃO CIENTIFICA
319. Seduzindo Beldades
320. Seminário As 11 Regras da Sedução (eduardo santorini)
321. sempre pickup
322. Social Encrypted
323. Titã na Cama
324. Todd - Daygame
325. TORNADO
326. zera

327. Curso-Tinder.pdf
328. Guia completo de abordagens (Sétimo Amor).pdf

329. Jogo Interno - Como conquistar uma mulher mesmo tímido.pdf
330. Método de Sedução Alpha 2 Edição.pdf
331. Projeto Masculinidade.pdf

VENDAS/ FINANCEIRO

332. $ - Academia bitcoin 2kl
333. Árvore de Riqueza
334. Curso Como Falar Bem - Leni Kyrillos
335. Curso de Oratória - áudio
336. CURSO OPÇÕES BINÁRIAS FÁCIL 2.0 - WELDES CAMPOS
337. Curso Segredo de Opções Binárias
338. Estratégia vendida por R$7.000,00
339. Ganhar na Bolsa
340. Iniciando com Sucesso no Mercado de Ações
341. Investir me Ações, Renda Fixa, Fundo de Investimento
342. Liberdade Financeira hoje
343. MATRIX FINANCEIRA
344. MSV - Método Segredos da Venda - Fred Graef
345. O Código Secreto das Vendas
346. O Investidor de Sucesso
347. Orador de Sucesso - Vídeos
348. Senhor Mercado - PDF
349. Sucesso Em Forex - Vídeos
350. Tesouro direto - Carteira rica
351. tesouro direto - descomplicado
352. Tesouro Direto Express Leonardo Rocha
353. Triade do dinheiro 2.0
354. Tudo sobre a bolsa de valores
355. Vendas
356. Video Sales Letter

OUTROS

357. 900 Livros (ePUB)
358. A Cauda Longa- PDF
359. Academia de Pilotos
360. Aposta Certa 2.0

361. Aprenda a jogar poker
362. Auto-escola Fácil
363. Biblia Sagrada narrada por Cid Moreira
364. CHEFS' ACADEMY
365. Combat Hapkido (Vols 1-4)
366. Como Fazer um Livro
367. Como sair bem na foto
368. Curso de Desenho
369. Curso de Desenho Realista - Charles Laveso - DVD Vol.01
370. Curso de Mecânica Quântica
371. CURSO ECONOMIA
372. Curso Fibra Óptica
373. curso marcenaria
374. Curso_AutoCAD 2015
375. Eletrônica em 5 DVDs
376. Kit Completo Ganhar no Jogo do Bicho
377. Leia mais pagando menos
378. Livros de Massagem
379. MÉTODO VENÇA O MEDO DE DIRIGIR
380. milhas aéreas
381. Pare de Fumar Já - Vídeos
382. Projeto Maquina De Fabricar Chinelos
383. Segredo dos veículos 2.0
384. VIOLÃO PARA INICIANTES (EM VÍDEOS)

385. 201 ideias de MMN.pdf
386. A Cabeça de Steve Jobs.pdf
387. A Tríade do tempo.pdf
388. BÍBLIA THOMPSON.rar
389. COMO GANHAR NA LOTERIA.pdf
390. como parar de fumar.pdf
391. Ebook_Poker_Classe_A.pdf
392. O Rinoceronte.pdf

NOVA CONCURSOS

500 QUESTÕES DA CESPE

Língua Portuguesa,
Matemática e Raciocínio Lógico,
Noções de Informática,
Noções de Direito da Pessoa com Deficiência,
Normas dos Servidores Públicos Federais,
Noções de Direito Constitucional,
Noções de Direito Administrativo,
Noções de Direito Civil,
Noções de Direito Processual Civil,
Noções de Direito Penal e
Noções de Direito Processual Penal

Autores:
Profª. Bruna Pinotti Garcia Oliveira
Profº. Carlos Alexandre Quiqueto
Profª. Evelisi Akashi
Profª. Greice Sarquis
Profª. Mariela Cardoso
Profª. Zenaide Auxiliadora P. Branco

WWW.NOVACONCURSOS.COM.BR

500 QUESTÕES DA

CESPE

OT110-2017

NOVA CONCURSOS

DADOS DA OBRA

Título da obra: 500 Questões da CESPE

• Língua Portuguesa
• Matemática e Raciocínio Lógico
• Noções de Informática
• Noções de Direito da Pessoa com Deficiência
• Normas dos servidores públicos federais
• Noções de Direito Constitucional
• Noções de Direito Administrativo
• Noções de Direito Civil
• Noções de Direito Processual Civil
• Noções de Direito Penal
• Noções de Direito Processual Penal

Autores
Zenaide Auxiliadora Pachegas Branco
Evelise Leiko Uyeda Akashi
Carlos Alexandre Quiqueto
Bruna Pinotti Garcia.
Mariela Cardoso
Greice Aline da Costa Sarquis Pinto

Gestão de Conteúdos
Emanuela Amaral de Souza

Produção Editorial/Revisão
Elaine Cristina
Igor de Oliveira
Suelen Domenica Pereira
Camila Lopes

Capa
Bruno Fernandes

Editoração Eletrônica
Marlene Moreno

Gerente de Projetos
Bruno Fernandes

NOVA CONCURSOS

500 QUESTÕES DA CESPE

Língua Portuguesa 01
Matemática e Raciocínio Lógico 13
Noções de Informática 28
Noções de Direito da Pessoa com Deficiência 40
Normas dos servidores públicos federais 49
Noções de Direito Constitucional 59
Noções de Direito Administrativo 67
Noções de Direito Civil 75
Noções de Direito Processual Civil 86
Noções de Direito Penal 95
Noções de Direito Processual Penal 106

PROF. ZENAIDE AUXILIADORA PACHEGAS BRANCO

Graduada pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Adamantina. Especialista pela Universidade Estadual Paulista – Unesp

LÍNGUA PORTUGUESA

PCJ-MT - DELEGADO SUBSTITUTO - 2017

Texto CG1A1AAA

A valorização do direito à vida digna preserva as duas faces do homem: a do indivíduo e a do ser político; a do ser em si e a do ser com o outro. O homem é inteiro em sua dimensão plural e faz-se único em sua condição social. Igual em sua humanidade, o homem desiguala-se, singulariza-se em sua individualidade. O direito é o instrumento da fraternização racional e rigorosa.

O direito à vida é a substância em torno da qual todos os direitos se conjugam, se desdobram, se somam para que o sistema fique mais e mais próximo da ideia concretizável de justiça social.

Mais valeria que a vida atravessasse as páginas da Lei Maior a se traduzir em palavras que fossem apenas a revelação da justiça. Quando os descaminhos não conduzirem a isso, competirá ao homem transformar a lei na vida mais digna para que a convivência política seja mais fecunda e humana.

Cármen Lúcia Antunes Rocha. **Comentário ao artigo 3.º**. In: 50 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos 1948-1998: conquistas e desafios. Brasília: OAB, Comissão Nacional de Direitos Humanos, 1998, p. 50-1 (com adaptações).

QUESTÃO 01

Compreende-se do texto CG1A1AAA que o ser humano tem direito

A - de agir de forma autônoma, em nome da lei da sobrevivência das espécies.

B - de ignorar o direito do outro se isso lhe for necessário para defender seus interesses.

C - de demandar ao sistema judicial a concretização de seus direitos.

D - à institucionalização do seu direito em detrimento dos direitos de outros.

E - a uma vida plena e adequada, direito esse que está na essência de todos os direitos.

O ser humano tem direito a uma vida digna, adequada, para que consiga gozar de seus direitos – saúde, educação, segurança – e exercer seus deveres plenamente, como prescrevem todos os direitos: (...) *O direito à vida é a substância em torno da qual todos os direitos se conjugam* (...).

RESPOSTA: E

Texto CG1A1BBB

Segundo o parágrafo único do art. 1.º da Constituição da República Federativa do Brasil, "Todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente, nos termos desta Constituição." Em virtude desse comando, afirma-se que o poder dos juízes emana do povo e em seu nome é exercido. A forma de sua investidura é legitimada pela compatibilidade com as regras do Estado de direito e eles são, assim, autênticos agentes do poder popular, que o Estado polariza e exerce. Na Itália, isso é constantemente lembrado, porque toda sentença é dedicada (intestata) ao povo italiano, em nome do qual é pronunciada.

Cândido Rangel Dinamarco. **A instrumentalidade do processo**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1987, p. 195 (com adaptações).

QUESTÃO 02

Conforme as ideias do texto **CG1A1BBB**,

A - o Poder Judiciário brasileiro desempenha seu papel com fundamento no princípio da soberania popular.

B - os magistrados do Brasil deveriam ser escolhidos pelo voto popular, como ocorre com os representantes dos demais poderes.

C - os magistrados italianos, ao contrário dos brasileiros, exercem o poder que lhes é conferido em nome de seus nacionais.

D - há incompatibilidade entre o autogoverno da magistratura e o sistema democrático.

E - os magistrados brasileiros exercem o poder constitucional que lhes é atribuído em nome do governo federal.

A questão deve ser respondida segundo o texto: (...) "*Todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente, nos termos desta Constituição." Em virtude desse comando, afirma-se que o poder dos juízes emana do povo e em seu nome é exercido (...).*

RESPOSTA: A

QUESTÃO 03 (adaptada)

No texto **CG1A1BBB**, o vocábulo '*emana*' foi empregado com o sentido de

A - trata.

B - provém.

C - manifesta.

D - pertence.

E - cabe.

Dentro do contexto, "emana" tem o sentido de "provém".

RESPOSTA: B

Texto CG1A1CCC

A injustiça, Senhores, desanima o trabalho, a honestidade, o bem; cresta em flor os espíritos dos moços, semeia no coração das gerações que vêm nascendo a semente da podridão, habitua os homens a não acreditar senão na estrela, na fortuna, no acaso, na loteria da sorte; promove a desonestidade, a venalidade, a relaxação; insufla a cortesania, a baixeza, sob todas as suas formas.

De tanto ver triunfar as nulidades, de tanto ver prosperar a desonra, de tanto ver crescer a injustiça, de tanto ver agigantarem-se os poderes nas mãos dos maus, o homem chega a desanimar da virtude, a rir-se da honra, a ter vergonha de ser honesto. E, nessa destruição geral das nossas instituições, a maior de todas as ruínas, Senhores, é a ruína da justiça, corroborada pela ação dos homens públicos. E, nesse esboroamento da justiça, a mais grave de todas as ruínas é a falta de penalidade aos criminosos confessos, é a falta de punição quando ocorre um crime de autoria incontroversa, mas ninguém tem coragem de apontá-la à opinião pública, de modo que a justiça possa exercer a sua ação saneadora e benfazeja.

Rui Barbosa. **Obras completas de Rui Barbosa**. Vol. XLI. 1914. Internet: <www.casaruibarbosa.gov.br> (com adaptações).

QUESTÃO 04 (adaptada)

Infere-se do texto CG1A1CCC que

I - a injustiça faz que as "gerações que vêm nascendo" sejam mais desonestas e rudes que as gerações passadas.

II - a injustiça é considerada um empecilho à atuação íntegra e idônea das gerações futuras.

III - a injustiça é responsável pela degradação dos homens, que, desanimados, ficam à mercê do destino.

Assinale a opção correta.

A - Apenas o item I está certo.

B - Apenas o item II está certo.

C - Apenas os itens I e III estão certos.

D - Apenas os itens II e III estão certos.

E - Todos os itens estão certos.

Com base na leitura do texto, a única afirmação correta é a de que a injustiça impede a atuação honesta, idônea das gerações futuras, pois (...) *semeia no coração das gerações que vêm nascendo a semente da podridão* (...).

RESPOSTA: B

QUESTÃO 05 (adaptada)

No último parágrafo do texto **CG1A1CCC**, a forma pronominal "***la***", em "*apontá-la*", retoma

A - "a ruína da justiça".

B - "autoria incontroversa".

C - "ação dos homens públicos".

D - "falta de punição".

E - "a mais grave de todas as ruínas".

Ao texto! (...) *E, nesse esboroamento da justiça, a mais grave de todas as ruínas é a falta de penalidade aos criminosos confessos, é a falta de punição quando ocorre um crime de* ***autoria incontroversa****, mas ninguém tem coragem de apontá-****la*** *à opinião pública, de modo que a justiça possa exercer a sua ação saneadora e benfazeja.* O pronome oblíquo em destaque retoma os termos "autoria incontroversa" – até porque, quanto à falta de punição, ela está bem clara à opinião pública, sem necessidade de ser apontada...

RESPOSTA: B

SERES-PE - AGENTE DE SEGURANÇA PENITENCIÁRIA - 2017

Texto 1A1AAA

Após o processo de redemocratização, com o fim da ditadura militar, em meados da década de 80 do século passado, era de se esperar que a democratização das instituições tivesse como resultado direto a consolidação da cidadania — compreendida de modo amplo, abrangendo as três categorias de direitos: civis, políticos e sociais. Sobressaem, porém, problemas que configuram mais desafios para a cidadania brasileira, como a violência urbana — que ameaça os direitos individuais — e o desemprego — que ameaça os direitos sociais.

No Brasil, o crime aumentou significantemente a partir de 1980, impacto do processo de modernização pelo qual o país passou. Isso sugere que o *boom* do consumo colocou em circulação bens de alto valor e, consequentemente, aumentou as oportunidades para o crime, inclusive porque a maior mobilidade de pessoas torna o espaço social mais anônimo, menos supervisionado.

Nesse contexto, justiça criminal passa a ser cada vez mais dissociada de justiça social e reconstrução da sociedade. O objetivo em relação à criminalidade torna-se bem menos ambicioso: o controle. A prisão ganha mais importância na modernidade tardia, porque satisfaz uma dupla necessidade dessa nova cultura: castigo e controle do risco. Essa postura às vezes proporciona controle, porém não segurança, pois o Estado tem o poder limitado de manter a ordem por meio da polícia, sendo necessário dividir as tarefas de controle com organizações locais e com a comunidade.

Jacqueline Carvalho da Silva. **Manutenção da ordem pública e garantia dos direitos individuais: os desafios da polícia em sociedades democráticas**. In: Revista Brasileira de Segurança Pública. São Paulo, ano 5, 8.ª ed., fev. – mar./2011, p. 84-5 (com adaptações).

QUESTÃO 06

De acordo com o texto **1A1AAA**, a restauração da democracia no Brasil evidenciou

A - a diminuição do controle social decorrente do aumento da mobilidade de pessoas.

B - o crescimento da produção de bens de alto valor decorrente do aumento do poder de consumo.

C - a existência de problemas sociais que dificultam a consolidação da cidadania.

D - a modernidade do mercado interno e das instituições públicas brasileiras.

E - o medo nas metrópoles provocado pelo aumento da violência urbana e do desemprego.

No texto: *Após o processo de redemocratização, com o fim da ditadura militar, em meados da década de 80 do século passado, era de se esperar que a democratização das instituições tivesse como resultado direto a consolidação da cidadania — compreendida de modo amplo, abrangendo as três categorias de direitos: civis, políticos e sociais. Sobres-*

saem, porém, problemas que configuram mais desafios para a cidadania brasileira, como a violência urbana — que ameaça os direitos individuais — e o desemprego — que ameaça os direitos sociais (...). = problemas sociais que dificultam a consolidação da cidadania.

RESPOSTA: C

QUESTÃO 07

No primeiro parágrafo do texto **1A1AAA**, os dois-pontos introduzem

A - uma enumeração das "categorias de direitos".

B - resultados da "consolidação da cidadania".

C - um contra-argumento para a ideia de cidadania como algo "amplo".

D - uma generalização do termo "direitos".

E - objetivos do "processo de redemocratização".

Recorramos ao texto (faça isso SEMPRE durante seu concurso. O texto é a base para encontrar as respostas para as questões!): (...) *abrangendo as três categorias de direitos: civis, políticos e sociais.* Os dois-pontos introduzem a enumeração dos direitos; apresenta-os.

RESPOSTA: A

PREFEITURA DE SÃO LUÍS - MA - CONHECIMENTOS BÁSICOS
CARGOS DE TÉCNICO MUNICIPAL - NÍVEL MÉDIO - 2017

Texto CB3A2AAA

Tinha chegado o tempo da colheita, era uma manhã risonha, e bela, como o rosto de um infante, entretanto eu tinha um peso enorme no coração. Sim, eu estava triste, e não sabia a que atribuir minha tristeza. Era a primeira vez que me afligia tão incompreensível pesar. Minha filha sorria para mim, era ela gentilzinha, e em sua inocência semelhava um anjo. Desgraçada de mim! Deixei-a nos braços de minha mãe e fui-me à roça colher milho. Ah! Nunca mais devia eu vê-la...

Ainda não tinha vencido cem braças de caminho, quando um assobio, que repercutiu nas matas, me veio orientar acerca do perigo iminente que aí me aguardava. E logo dois homens apareceram e me amarraram com cordas. Era uma prisioneira — era uma escrava! Foi embalde que supliquei, em nome de minha filha, que me restituíssem a liberdade: os bárbaros sorriam-se das minhas lágrimas e me olhavam sem compaixão. Julguei enlouquecer, julguei morrer, mas não me foi possível... a sorte me reservava ainda longos caminhos.

Meteram-me a mim e a mais trezentos companheiros de infortúnio e de cativeiro no estreito e infecto porão de um navio. Trinta dias de cruéis tormentos e de falta absoluta de tudo quanto é mais necessário à vida passamos nessa sepultura, até que aportamos nas praias brasileiras. Para caber a mercadoria humana no porão, fomos amarrados em pé e, para que não houvesse receio de revolta, acorrentados como os animais ferozes das nossas matas, que se levam para recreio dos potentados da Europa. Davam-nos a água imunda, podre e dada com mesquinhez; a comida má e ainda mais porca: vimos morrer ao nosso lado muitos companheiros à falta de ar, de alimento e de água. É horrível lembrar que criaturas humanas tratem a seus semelhantes assim e que não lhes doa a consciência de levá-los à sepultura, asfixiados e famintos.

Maria Firmina dos Reis. Úrsula. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2004, p. 116-7 (com adaptações)

QUESTÃO 08 (adaptada)

No texto **CB3A2AAA**, o trecho "*como o rosto de um infante*" introduz uma ideia de

A - comparação.

B - contraste.

C - adição.

D - compensação.

E - intensidade.

(..) *era uma manhã risonha, e bela,* ***como*** *o rosto de um infante.* A conjunção estabelece uma comparação – manhã risonha e bela como (igual ao) rosto de um infante.

RESPOSTA: A

QUESTÃO 09 (adaptada)

No texto **CB3A2AAA**, ao utilizar a expressão "*Ah! Nunca mais devia eu vê-la...*", a narradora manifesta

A - uma surpresa.

B - um lamento.

C - um desejo.

D - uma recomendação.

E - uma dúvida.

No contexto: (...) *Desgraçada de mim! Deixei-a nos braços de minha mãe e fui-me à roça colher milho. Ah! Nunca mais devia eu vê-la...* = representa tristeza, lamento.

RESPOSTA: B

Texto CB3A2BBB

O reconhecimento e a proteção dos direitos humanos estão na base das Constituições democráticas modernas. A paz, por sua vez, é o pressuposto necessário para o reconhecimento e a efetiva proteção dos direitos humanos em cada Estado e no sistema internacional. Ao mesmo tempo, o processo de democratização do sistema internacional, que é o caminho obrigatório para a busca do ideal da paz perpétua, não pode avançar sem uma gradativa ampliação do reconhecimento e da proteção dos direitos humanos, acima de cada Estado. Direitos humanos, democracia e paz são três elementos fundamentais do mesmo movimento histórico: sem direitos humanos reconhecidos e protegidos, não há democracia; sem democracia, não existem as condições mínimas para a solução pacífica dos conflitos. Em outras palavras, a democracia é a sociedade dos cidadãos, e os súditos se tornam cidadãos quando lhes são reconhecidos alguns direitos fundamentais; haverá paz estável, uma paz que não tenha a guerra como alternativa, somente quando existirem cidadãos não mais apenas deste ou daquele Estado, mas do mundo.

Norberto Bobbio. **A era dos direitos**. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004, p. 1 (com adaptações).

QUESTÃO 10

De acordo com o texto **CB3A2BBB**, a condição necessária para que os direitos humanos sejam reconhecidos e efetivamente protegidos nos Estados é a

A - soberania.
B - lei.
C - democracia.
D - cidadania.
E - paz.

Ao texto: *A **paz**, por sua vez,* é o pressuposto necessário para o reconhecimento e a efetiva proteção dos direitos humanos em cada Estado e no sistema internacional.

RESPOSTA: E

QUESTÃO 11

Depreende-se do texto **CB3A2BBB** que o avanço do processo de democratização do sistema internacional depende da

A - flexibilização das fronteiras dos Estados.
B - eliminação de regimes autoritários.
C - manutenção de mecanismos que preservem interesses ideológicos e materiais dos Estados.
D - sobreposição dos direitos humanos aos interesses individuais dos Estados.
E - existência, em todos os Estados, de condições mínimas para a solução pacífica de conflitos.

Texto! (...) *o processo de democratização do sistema internacional, que é o caminho obrigatório para a busca do ideal da paz perpétua, não pode avançar sem uma gradativa ampliação do reconhecimento e da proteção dos direitos humanos, acima de cada Estado*.

As questões de Interpretação/compreensão textual, muitas vezes, apresentam as respostas "explícitas", bastando à (ao) candidata (candidato) voltar ao texto quando precisar - ou, então, destacar as ideias principais durante a leitura.

RESPOSTA: D

QUESTÃO 12 (adaptada)

Preservando-se a correção gramatical do texto **CB3A-2BBB**, os termos "*não há*" e "*não existem*" poderiam ser substituídos, respectivamente, por

A - não existe e não têm.
B - não existe e inexiste.
C - inexiste e não há.
D - inexiste e não acontece.
E - não tem e não têm.

Busquemos o contexto:

- *sem direitos humanos reconhecidos e protegidos, não há democracia* = poderíamos substituir por "não existe", inexiste (verbo "haver" empregado com o sentido de "existir")

- *sem democracia, não existem as condições mínimas para a solução pacífica dos conflitos* = sentido de "existir". Poderíamos substituir por *inexiste*, mas no plural, já que devemos concordar com "*as condições mínimas*". A única "troca" adequada seria o verbo "haver" – que pode ser utilizado com o sentido de "existir". Teríamos: *sem direitos humanos reconhecidos e protegidos, **inexiste** democracia; sem democracia, **não há** as condições mínimas para a solução pacífica dos conflitos.*

RESPOSTA: C

Texto CB3A2CCC

Fala-se, às vezes, na necessidade que tem a democracia de se defender do que lhe possa ameaçar. Quase sempre, porém, lamentavelmente, o que se vem considerando como ameaças à democracia é o que na verdade a justifica como democracia: a presença atuante do povo no processo político nacional; a voz das classes trabalhadoras que se mobilizam e se organizam na reivindicação de seus direitos; a presença inquieta da juventude brasileira cuja palavra nos é indispensável... Os que procuram "defender" a democracia contra o "perigo" da participação dos trabalhadores e dos estudantes na reinvenção necessária da sociedade sonham com uma democracia sem povo.

Paulo Freire. In: Ana Maria Araújo Freire (Org.). **Paulo Freire: uma história de vida**. Indaiatuba, SP: Villa das Letras, 2006, p. 405 (com adaptações)

QUESTÃO 13

Assinale a opção que apresenta a tese central do texto **CB3A2CCC**.

A - As classes trabalhadoras precisam se organizar para lutar pelos seus direitos.
B - A democracia é ameaçada pelas pessoas que temem a participação popular no processo político nacional.
C - A juventude brasileira, cuja atuação é fundamental para a defesa da democracia, é passiva.
D - A democracia dispensa a participação efetiva do povo no processo político nacional.
E - As organizações estudantis representam uma ameaça para o processo democrático.

Segundo o texto, (...) ***Os** que procuram "defender" a democracia contra o "perigo" da participação dos trabalhadores e dos estudantes na reinvenção necessária da sociedade sonham com uma democracia sem povo.* = o termo em destaque mostra que essas pessoas, sim, representam perigo à democracia.

RESPOSTA: B

TCE-PA - CONHECIMENTOS BÁSICOS - CARGOS 1, 18, 19, 37 E 38 - 2016

Texto CB1A1BBB

Estranhamente, governos estaduais cujas despesas com o funcionalismo já alcançaram nível preocupante ou que estouraram o limite de gastos com pessoal fixado pela Lei Complementar n.º 101/2000, denominada Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF), estão elaborando sua própria legislação destinada a assegurar, como alegam, maior rigor na gestão de suas finanças. Querem uma nova lei de responsabilidade fiscal para, segundo argumentam, fortalecer a estrutura legal que protege o dinheiro público do mau uso por gestores irresponsáveis.

Examinando-se a situação financeira dos estados que preparam sua versão da lei de responsabilidade fiscal, fica difícil aceitar a argumentação. Desde maio de 2000, quando entrou em vigor a LRF, esses estados, como os demais, estão sujeitos a regras precisas para a gestão do dinheiro público, para a criação de despesas e, em particular, para os gastos com pessoal. Por que, tendo descumprido algumas dessas regras, estariam interessados em torná-las ainda mais rigorosas?

Não foi a lei que não funcionou, mas os responsáveis pelo dinheiro público que, por alguma razão, não a cumpriram. De que adiantaria, então, tornar a lei mais rigorosa, se nem nas condições atuais esses responsáveis estão sendo capazes de cumpri-la? O problema não está na lei. Mudá-la pode ser o pretexto não para torná-la mais rigorosa, mas para atribuir-lhe alguma flexibilidade que a desfigure. O verdadeiro problema é a dificuldade do setor público de adaptar suas despesas às receitas em queda por causa da crise.

Internet: <http://opiniao.estadao.com.br> (com adaptações).

A respeito das ideias do texto **CB1A1BBB**, julgue os itens a seguir.

QUESTÃO 14

De acordo com o texto, as normas da LRF dispõem principalmente sobre gastos com pessoal, pois esse tipo de gasto causa mais problemas para os responsáveis pela gestão do dinheiro público.

( ) CERTO ( ) ERRADO

A Lei de Responsabilidade Fiscal dispõe sobre gastos em geral, não apenas com pessoal. O texto aborda apenas este, mas não afirma ser o único alvo da LRF.

RESPOSTA: ERRADO

QUESTÃO 15

Segundo o texto, o objetivo de se propor uma nova lei de responsabilidade fiscal, mais rígida quanto à proteção do dinheiro público, é desconfigurar a LRF.

( ) CERTO ( ) ERRADO

No texto, o objetivo apresentado é: *Querem uma nova lei de responsabilidade fiscal para, segundo argumentam, fortalecer a estrutura legal que protege o dinheiro público do mau uso por gestores irresponsáveis.* Para o autor, sim, haverá desconfiguração.

RESPOSTA: ERRADO

QUESTÃO 16

Para o autor do texto, o descumprimento das normas da LRF em alguns estados decorreu do fato de a própria lei ser pouco clara em relação aos gastos públicos e também da incapacidade dos gestores do dinheiro público de adaptar as contas estaduais à realidade financeira do país.

( ) CERTO ( ) ERRADO

Texto: *O verdadeiro problema é a dificuldade do setor público de adaptar suas despesas às receitas em queda por causa da crise.*

RESPOSTA: ERRADO

QUESTÃO 17

Para o autor do texto, é um contrassenso a proposta de tornar a LRF mais rigorosa.

( ) CERTO ( ) ERRADO

Resposta no texto: *Por que, tendo descumprido algumas dessas regras, estariam interessados em torná-las ainda mais rigorosas?*

RESPOSTA: CERTO

Com relação aos aspectos linguísticos do texto CB1A-1BBB, julgue os seguintes itens.

QUESTÃO 18

A construção "*Não foi a lei que não funcionou*" está associada a uma interpretação de contraste, significando que outro elemento — e não a lei — não funcionou.

( ) CERTO ( ) ERRADO

Não foi a lei que não funcionou, mas os responsáveis pelo dinheiro público = o texto apresenta o elemento responsável pela não funcionalidade da lei.

RESPOSTA: CERTO

QUESTÃO 19

O emprego do acento grave em "às receitas" decorre da regência do verbo "*adaptar*" e da presença do artigo definido feminino determinando o substantivo "receitas".

( ) CERTO ( ) ERRADO

Texto: *O verdadeiro problema é a dificuldade do setor público de adaptar suas despesas às receitas em queda por causa da crise* = quem adapta, adapta algo/alguém **A** algo/alguém.

RESPOSTA: CERTO

QUESTÃO 20 – (adaptada)

Os sujeitos das orações "*como alegam*" e "*segundo argumentam*" são indeterminados.

( ) CERTO ( ) ERRADO

Contexto: ***governos estaduais*** *cujas despesas com o funcionalismo já alcançaram nível preocupante ou que estouraram o limite de gastos com pessoal fixado pela Lei Complementar n.º 101/2000, denominada Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF),* ***estão elaborando*** *sua própria legislação destinada a assegurar, como* ***alegam****, maior rigor na gestão de suas finanças.* ***Querem*** *uma nova lei de responsabilidade fiscal para, segundo* ***argumentam****, fortalecer a estrutura legal que protege o dinheiro público do mau uso por gestores irresponsáveis.* = o sujeito dos verbos em destaque é "governos estaduais".

RESPOSTA: ERRADO

QUESTÃO 21 – (adaptada)

A oração "*aceitar a argumentação*" funciona como complemento do adjetivo "*difícil*".

( ) CERTO ( ) ERRADO

(...) *fica difícil aceitar a argumentação* = "aceitar a argumentação" funciona como sujeito deslocado (ordem indireta na frase) – *aceitar a argumentação fica difícil*.

RESPOSTA: ERRADO

PC-PE - CONHECIMENTOS GERAIS - 2016

Texto CG1A01BBB

Não são muitas as experiências exitosas de políticas públicas de redução de homicídios no Brasil nos últimos vinte anos, e poucas são aquelas que tiveram continuidade. O Pacto pela Vida, política de segurança pública implantada no estado de Pernambuco em 2007, é identificado como uma política pública exitosa.

O Pacto Pela Vida é um programa do governo do estado de Pernambuco que visa à redução da criminalidade e ao controle da violência. A decisão ou vontade política de eleger a segurança pública como prioridade é o primeiro marco que se deve destacar quando se pensa em recuperar a memória dessa política, sobretudo quando se considera o fato de que o tema da segurança pública, no Brasil, tem sido historicamente negligenciado. Muitas autoridades públicas não só evitam associar- -se ao assunto como também o tratam de modo simplista, como uma questão que diz respeito apenas à polícia.

O Pacto pela Vida, entendido como um grande concerto de ações com o objetivo de reduzir a violência e, em especial, os crimes contra a vida, foi apresentado à sociedade no início do mês de maio de 2007. Em seu bojo, foram estabelecidos os principais valores que orientaram a construção da política de segurança, a prioridade do combate aos crimes violentos letais intencionais e a meta de reduzir em 12% ao ano, em Pernambuco, a taxa desses crimes.

Desse modo, definiu-se, no estado, um novo paradigma de segurança pública, que se baseou na consolidação dos valores descritos acima (que estavam em disputa tanto do ponto de vista institucional quanto da sociedade), no estabelecimento de prioridades básicas (como o foco na redução dos crimes contra a vida) e no intenso debate com a sociedade civil. A implementação do Pacto Pela Vida foi responsável pela diminuição de quase 40% dos homicídios no estado entre janeiro de 2007 e junho de 2013.

José Luiz Ratton et al. **O Pacto Pela Vida e a redução de homicídios em Pernambuco**. Rio de Janeiro: Instituto Igarapé, 2014. Internet: <https://igarape.org.br> (com adaptações).

QUESTÃO 22

O Pacto pela Vida é caracterizado no texto **CG1A-01BBB** como uma política exitosa porque

A - teve como objetivos a redução da criminalidade e o controle da violência no estado de Pernambuco.

B - tratou a questão da violência como um problema social complexo e inaugurou uma estratégia de contenção desse problema compatível com sua complexidade.

C - definiu, no estado de Pernambuco, um novo paradigma de segurança pública, embasado em uma rede de ações de combate e de repressão à violência.

D - foi fruto de um plano acertado que elegeu a área da segurança pública como prioridade.

E - resultou em uma redução visível no número de crimes contra a vida no estado de Pernambuco.

Exitosa porque obteve êxito, como comprova o resultado: *diminuição de quase 40% dos homicídios no estado entre janeiro de 2007 e junho de 2013*.

RESPOSTA: E

QUESTÃO 23

No trecho "*Muitas autoridades públicas não só evitam associar-se ao assunto como também o tratam de modo simplista*", do texto **CG1A01BBB**, o vocábulo "*como*" integra uma expressão que introduz no período uma ideia de

A - proporcionalidade.

B - adição.

C - comparação.

D - explicação.

E - oposição.

Muitas autoridades públicas não só evitam associar-se ao assunto como também o tratam de modo simplista = a conjunção "como" já nos remete à ideia de comparação, mas temos que analisar a função dela no contexto apresentado. Ela pode ser substituída, sem prejuízo de sentido, pela conjunção "mas também" – que nos dá a ideia de adição, no caso.

RESPOSTA: B

QUESTÃO 24

De acordo com o Manual de Redação da Presidência da República (MRPR), o aviso e o ofício são

A - modalidades de comunicação entre unidades administrativas de um mesmo órgão.

B - instrumentos de comunicação oficial entre os chefes dos poderes públicos.

C - documentos que compartilham a mesma diagramação, uma vez que seguem o padrão ofício.

D - expedientes utilizados para o tratamento de assuntos oficiais entre órgãos da administração pública e particulares.

E - correspondências usualmente remetidas por particulares a órgãos do serviço público.

NOVA CONCURSOS

De acordo com o Manual:

O Padrão Ofício

Há três tipos de expedientes que se diferenciam antes pela finalidade do que pela forma: o ofício, o aviso e o memorando. Com o fito de uniformizá-los, pode-se adotar uma diagramação única, que siga o que chamamos de padrão ofício.

Fonte: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/manual/manual.htm

RESPOSTA: C

QUESTÃO 25

Considerando as disposições do MRPR, assinale a opção que apresenta o vocativo adequado para ser empregado em um expediente cujo destinatário seja um delegado de polícia civil.

A - Magnífico Delegado,
B - Digníssimo Delegado,
C - Senhor Delegado,
D - Excelentíssimo Senhor Delegado,
E - Ilustríssimo Senhor Delegado,

Manual de Redação:

As demais autoridades serão tratadas com o vocativo Senhor, seguido do cargo respectivo:

Senhor Senador,
Senhor Juiz,
Senhor Ministro,
Senhor Governador,
(...)

Em comunicações oficiais, está abolido o uso do tratamento digníssimo (DD), às autoridades arroladas na lista anterior. A dignidade é pressuposto para que se ocupe qualquer cargo público, sendo desnecessária sua repetida evocação.

(...)

Como se depreende do exemplo acima, fica dispensado o emprego do superlativo ilustríssimo para as autoridades que recebem o tratamento de Vossa Senhoria e para particulares. É suficiente o uso do pronome de tratamento Senhor.

Acrescente-se que doutor não é forma de tratamento, e sim título acadêmico. Evite usá-lo indiscriminadamente. Como regra geral, empregue-o apenas em comunicações dirigidas a pessoas que tenham tal grau por terem concluído curso universitário de doutorado. É costume designar por doutor os bacharéis, especialmente os bacharéis em Direito e em Medicina. Nos demais casos, o tratamento Senhor confere a desejada formalidade às comunicações.

Fonte: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/manual/manual.htm

RESPOSTA: C

INSS - TÉCNICO SEGURO SOCIAL - 2016

Texto I

Naquele novo apartamento da rua Visconde de Pirajá pela primeira vez teria um escritório para trabalhar. Não era um cômodo muito grande, mas dava para armar ali a minha tenda de reflexões e leitura: uma escrivaninha, um sofá e os livros. Na parede da esquerda ficaria a grande e sonhada estante onde caberiam todos os meus livros. Tratei de encomendá-la a seu Joaquim, um marceneiro que tinha oficina na rua Garcia D'Ávila com Barão da Torre.

O apartamento não ficava tão perto da oficina. Era quase em frente ao prédio onde morava Mário Pedrosa, entre a Farme de Amoedo e a antiga Montenegro, hoje Vinicius de Moraes. Estava ali havia uma semana e nem decorara ainda o número do prédio. Tanto que, quando seu Joaquim, ao preencher a nota de encomenda, perguntou-me onde seria entregue a estante, tive um momento de hesitação. Mas foi só um momento. Pensei rápido: "Se o prédio do Mário é 228, o meu, que fica quase em frente, deve ser 227". Mas lembrei-me de que, ao ir ali pela primeira vez, observara que, apesar de ficar em frente ao do Mário, havia uma diferença na numeração.

— Visconde de Pirajá, 127 — respondi, e seu Joaquim desenhou o endereço na nota.

— Tudo bem, seu Ferreira. Dentro de um mês estará lá sua estante.

— Um mês, seu Joaquim! Tudo isso? Veja se reduz esse prazo.

— A estante é grande, dá muito trabalho... Digamos, três semanas.

Ferreira Gullar. **A estante**. In: A estranha vida banal. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989 (com adaptações)

No que se refere aos sentidos do texto I, julgue os próximos itens.

QUESTÃO 26

O trecho "*dá muito trabalho*" constitui uma referência de seu Joaquim à confecção da estante, tarefa que, segundo ele, seria trabalhosa.

( ) CERTO ( ) ERRADO

A estante é grande, dá muito trabalho = a confecção da estante, que é grande, dará trabalho.

RESPOSTA: CERTO

QUESTÃO 27

De acordo com as informações do texto, é correto inferir que seu Joaquim era analfabeto, uma vez que ele "*desenhou o endereço na nota*".

( ) CERTO ( ) ERRADO

Ao perguntar a numeração, seu Joaquim percebera a hesitação de Ferreira, o que o levou a deduzir que este não tinha certeza do número do prédio. Desenhar facilitaria a localização.

RESPOSTA: ERRADO

QUESTÃO 28

A expressão "*armar ali a minha tenda*" foi empregada no texto em sentido figurado.

( ) CERTO ( ) ERRADO

mas dava para armar ali a minha tenda de reflexões e leitura = trecho empregado em sentido figurado

RESPOSTA: CERTO

QUESTÃO 29

De acordo com as informações do texto, Vinicius de Moraes passou a morar no apartamento onde antes residia Mário Pedrosa.

( ) CERTO ( ) ERRADO

onde morava Mário Pedrosa, entre a Farme de Amoedo e a antiga Montenegro, hoje Vinicius de Moraes = os trechos em destaque remetem a nome de ruas; a Montenegro passou a ser chamada de Vinicius de Moraes.

RESPOSTA: ERRADO

QUESTÃO 30

O "*momento de hesitação*" vivido pelo narrador deveu-se ao medo de informar o endereço a um desconhecido.

( ) CERTO ( ) ERRADO

Estava ali havia uma semana e nem decorara ainda o número do prédio. Tanto que, quando seu Joaquim, ao preencher a nota de encomenda, perguntou-me onde seria entregue a estante, tive um momento de hesitação = a hesitação se deu porque o narrador percebeu que não sabia o número de seu prédio.

RESPOSTA: ERRADO

QUESTÃO 31 – (adaptada)

O verbo *dever* ("*deve ser 227")* foi empregado no sentido de ser provável.

( ) CERTO ( ) ERRADO

"Se o prédio do Mário é 228, o meu, que fica quase em frente, deve ser 227" = levando em conta a numeração do prédio que fica em frente ao dele, o narrador deduz a numeração do seu, achando-a provável.

RESPOSTA: CERTO

Bibliotecas sempre deram muito o que falar. Grandes monarquias jamais deixaram de possuir as suas, e cuidavam delas estrategicamente. Afinal, dotes de princesas foram negociados tendo livros como objetos de barganha; tratados diplomáticos versaram sobre essas coleções. Os monarcas portugueses, após o terremoto que dizimou Lisboa, se orgulhavam de, a despeito dos destroços, terem erguido uma grande biblioteca: a Real Livraria. D. José chamava-a de joia maior do tesouro real. D. João VI, mesmo na correria da partida para o Brasil, não se esqueceu dos livros. Em três diferentes levas, a Real Biblioteca aportou nos trópicos, e foi até mesmo tema de disputa.

Internet: <http://observatoriodaimprensa.com.br> (com adaptações).

Acerca de aspectos linguísticos e dos sentidos do texto acima, julgue os itens que se seguem.

QUESTÃO 32

A Real Livraria foi erguida com os destroços resultantes do terremoto que atingiu Lisboa, como símbolo da força de Portugal na superação da tragédia que acabava de assolar o país.

( ) CERTO ( ) ERRADO

após o terremoto que dizimou Lisboa, se orgulhavam de, a despeito dos destroços, terem erguido uma grande biblioteca: a Real Livraria = destroços da livraria "sobreviveram" ao terremoto.

RESPOSTA: ERRADO

QUESTÃO 33

O sinal de dois-pontos empregado imediatamente após "*biblioteca*" introduz um termo de natureza explicativa.

( ) CERTO ( ) ERRADO

terem erguido uma grande biblioteca: a Real Livraria = os dois-pontos antecedem um termo explicativo.

RESPOSTA: CERTO

PREFEITURA DE SÃO PAULO - SP - ASSISTENTE DE GESTÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS - 2016

Texto I

O Brasil é um país de cidades novas. A maior parte de seus núcleos urbanos surgiu no século passado. Há cidades, entretanto, que já existem há bastante tempo. Contemporâneas dos primeiros tempos da colonização, algumas delas já ultrapassaram inclusive a marca do quarto centenário. Poucas são as cidades brasileiras, contudo, que ainda apresentam vestígios materiais consideráveis do passado.

Se hoje o Rio de Janeiro, fundado em 1565, vangloria-se de seu "corredor cultural", que preserva edificações da área central construídas na virada do século XIX para o XX, é importante lembrar que as edificações aí situadas substituíram inúmeras outras antes existentes no mesmo local. Nem mesmo o berço histórico da cidade existe mais, arrasado devido à destruição do Morro do Castelo em 1922. E o que falar de São Paulo, fundada em 1554? Da pauliceia colonial e imperial quase mais nada existe, e, se ainda temos uma boa noção do que foi a cidade da primeira metade do século XX, é porque contamos com a paisagem eternizada das fotografias e com os belíssimos trabalhos realizados pelos geógrafos paulistas por ocasião do quarto centenário da cidade.

Há outros exemplos. Olinda, fundada em 1537, orgulha-se de ser patrimônio cultural da humanidade, mas esse título não lhe foi conferido em razão dos testemunhos que sobraram da cidade antiga, em grande parte substituída por construções em estilo eclético ou *art* déco do início do

século passado. E se Salvador, criada em 1549, e Ouro Preto, fundada em 1711, podem gabar-se de manter ainda um patrimônio histórico-arquitetônico apreciável, isso se deve muito mais à longa decadência econômica pela qual passaram, que atenuou os ataques ao parque construído, do que a qualquer veleidade preservacionista local.

Em suma, não é muito comum encontrarem-se vestígios materiais do passado nas cidades brasileiras, mesmo naquelas que já existem há bastante tempo. Há, entretanto, algo novo acontecendo em todas elas. Independentemente de qual tenha sido o estoque de materialidades históricas que tenham conseguido salvar da destruição, as cidades do país vêm hoje engajando-se decisivamente em um movimento de preservação do que sobrou de seu passado, em uma indicação flagrante de que muita coisa mudou na forma como a sociedade brasileira se relaciona com as suas memórias.

Mauricio Abreu. **Sobre a memória das cidades**. In: Ana Fani Alessandri Carlos et al (Orgs.). A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo: Editora Contexto, 2013, p. 21-2 (com adaptações).

QUESTÃO 34

De acordo com as informações presentes no texto I,

A - as cidades brasileiras não guardam vestígios materiais relevantes de seu passado.

B - a forma como a sociedade brasileira se relaciona com suas memórias mantém-se inalterada desde a fundação das cidades mais antigas do país.

C - observa-se nas cidades brasileiras um movimento no sentido da preservação dos vestígios que sobraram de sua história.

D - as cidades brasileiras mais antigas tendem a conservar menos vestígios materiais de seu passado.

E - as cidades brasileiras fundadas recentemente, por serem novas, conservam poucos vestígios materiais de sua história.

Busquemos a resposta no texto: *as cidades do país vêm hoje engajando-se decisivamente em um movimento de preservação do que sobrou de seu passado, em uma indicação flagrante de que muita coisa mudou na forma como a sociedade brasileira se relaciona com as suas memórias.*

RESPOSTA: C

QUESTÃO 35

Considerando as informações apresentadas no texto I, assinale a opção correta.

A - O patrimônio histórico-arquitetônico existente em Salvador foi preservado graças a um movimento antigo e consciente de valorização, preservação e restauração dos vestígios materiais de sua história.

B - O título de patrimônio cultural da humanidade foi concedido à cidade de Olinda como reconhecimento pelo seu esforço de preservação e de valorização do que sobrou de suas paisagens urbanas do período colonial.

C - O Morro do Castelo e algumas construções da passagem do século XIX para o XX são exemplos de materialidades históricas que foram sacrificadas para a construção do 'corredor cultural' do Rio de Janeiro.

D - O período de longa decadência econômica por que passaram Salvador e Ouro Preto serviu para minimizar as agressões ao patrimônio histórico-arquitetônico dessas cidades.

E - O papel dos fotógrafos e dos geógrafos foi fundamental para a preservação de inúmeros registros da história colonial e imperial da cidade de São Paulo, assim como de sua história mais recente.

A única informação que consta no texto é: *E se Salvador, criada em 1549, e Ouro Preto, fundada em 1711, podem gabar-se de manter ainda um patrimônio histórico-arquitetônico apreciável, isso se deve muito mais à longa decadência econômica pela qual passaram, que atenuou os ataques ao parque construído, do que a qualquer veleidade preservacionista local.*

RESPOSTA: D

QUESTÃO 36

Entre as cidades citadas no texto I, a cidade brasileira mais antiga na qual existe patrimônio histórico-arquitetônico apreciável é

A - Rio de Janeiro.
B - Salvador.
C - São Paulo.
D - Olinda.
E - Ouro Preto.

Texto: *E se Salvador, criada em 1549, e Ouro Preto, fundada em 1711, podem gabar-se de manter ainda um patrimônio histórico-arquitetônico apreciável.*

RESPOSTA: B

QUESTÃO 37

No texto I, a conjunção "*entretanto*" introduz, no período em que ocorre, uma ideia de

A - oposição.
B - adição.
C - condição.
D - causa.
E - consequência.

O Brasil é um país de cidades novas. A maior parte de seus núcleos urbanos surgiu no século passado. Há cidades, entretanto, que já existem há bastante tempo. = "entretanto" é uma conjunção adversativa, que nos dá ideia de oposição.

RESPOSTA: A

Texto III

A história do grafite no Brasil iniciou-se na década de 70 do século XX, precisamente na cidade de São Paulo, em uma época conturbada da história do Brasil, época essa silenciada pela censura resultante da chegada dos militares ao poder.

Paralelamente ao movimento que despontava em Nova York, o grafite surgiu no cenário da metrópole brasileira como uma arte transgressora, a linguagem da rua, da marginalidade, que não pedia licença e que gritava nas paredes da cidade os incômodos de uma geração.

A partir disso, a arte de grafitar se transformou em um importante veículo de comunicação urbano, corroborando, de alguma maneira, a existência de outras vozes, de outros sujeitos históricos e ativos que participam da cidade.

É importante ressaltar que o grafite, inicialmente, foi uma arte caracterizada pela autoria anônima, por meio da qual o grafiteiro transformava a cidade em um importante suporte de comunicação artística sem delimitação de espaço, de mensagem ou de mensageiro.

Portanto, o que importava naquele momento era a arte em si e não o nome de seu autor. Por esse motivo, os ditos "cânones" são retirados de sua posição central e imperativa para dar lugar a uma arte de todos e para todos; arte da rua, na rua e para a rua; arte da cidade, na cidade e para a cidade: o grafite. Nesse sentido, a arte se funde com a vida do cidadão da metrópole por meio do movimento mútuo de transformação e de identificação de seus sujeitos.

Internet: <www.todamateria.com.br> (com adaptações).

QUESTÃO 38

De acordo com o texto III, o grafite

A - faz denúncias sociais, usando uma forma de linguagem padronizada.

B - caracterizou-se pela clara marca de autoria.

C - materializa-se nas paredes e muros das cidades.

D - nasceu desvinculado da realidade, com foco na arte em si.

E - constitui um importante meio de comunicação que conecta diversas pessoas em lugares públicos e privados.

(...) *uma arte de todos e para todos; arte da rua, na rua e para a rua; arte da cidade, na cidade e para a cidade: o grafite.* Arte expressa nos muros da cidade, na cidade.

RESPOSTA: C

Texto IV

A metrópole de São Paulo vem se tornando mais heterogênea econômica, social e espacialmente e menos desigual quanto à renda, inserção no mercado de trabalho e condições de vida de seus habitantes, mesmo nas áreas mais precárias. A imagem emerge dos treze ensaios que compõem o livro *A Metrópole de São Paulo no Século XXI – Espaços, Heterogeneidades e Desigualdades*, os quais abordam temas específicos, a partir de um diagnóstico comum, para construir um panorama atual da região metropolitana. Tal retrato resulta das mudanças de diversas dimensões pelas quais a metrópole passou na última década, do perfil da pobreza às dinâmicas migratórias e ligadas ao crescimento demográfico, dos moldes de segregação social à produção habitacional e à mobilidade urbana.

A fisionomia da metrópole, central na economia do país, reflete a conjuntura de modo especial, segundo o organizador. Assim, tiveram impactos particulares na região metropolitana a redemocratização, na década de 80 do século XX (com a volta das eleições regulares e com a constituição de sistemas nacionais de políticas públicas), a estabilização econômica, a abertura do mercado interno da década de 90 e o crescimento econômico vigoroso da primeira década do século XXI.

Internet: <www.fflch.usp.br> (com adaptações).

QUESTÃO 39

De acordo com o texto IV,

A - a transformação da sociedade brasileira atinge a região metropolitana de São Paulo com um atraso de cerca de uma década.

B - a transformação urbana da metrópole de São Paulo está relacionada à conjuntura econômica brasileira.

C - a cidade de São Paulo é especial por refletir as transformações do Brasil.

D - não há relação entre as transformações ocorridas na metrópole paulistana e as transformações ocorridas no Brasil.

E - a capital paulista determinou as transformações sociais do Brasil, dada a sua importância política.

Texto: (...) *tiveram impactos particulares na região metropolitana a redemocratização, na década de 80 do século XX (com a volta das eleições regulares e com a constituição de sistemas nacionais de políticas públicas), a estabilização econômica, a abertura do mercado interno da década de 90 e o crescimento econômico vigoroso da primeira década do século XXI.* = mudanças ligadas à realidade nacional.

RESPOSTA: B

DPU - AGENTE ADMINISTRATIVO - CONHECIMENTOS BÁSICOS - 2016

Saúde: direito de todos e dever do Estado. É assim que a Constituição Federal de 1988 inicia a sua seção sobre o tema. Uma vez que muitas ações ou omissões vão de encontro a essa previsão, cotidianamente é possível observar graves desrespeitos à Carta Magna. A Defensoria Pública, importante instituição garantida por lei assim como a saúde, busca sanar o problema por meio da via judicial quando a mediação não produz resultados. Recentemente, a Defensoria Pública em Foz do Iguaçu, por exemplo, obteve três decisões liminares garantindo o direito à saúde a três pessoas por ela assistidas.

Em todos os casos, a Defensoria Pública fez intervenção judicial para suprir a negativa ou a má prestação do serviço público de saúde na localidade.

Em um dos casos, atendeu uma gestante com histórico de abortos decorrentes de doença trombofílica e que necessitava de uma medicação diária de alto custo. A medicação, única opção na manutenção da gestação, havia sido negada pelo município e pelo estado, o que colocava a gestante em sério risco de sofrer mais um aborto. Em mais uma intervenção judiciária do defensor público, foi deferida liminar em favor da assistida, tendo o estado e o município sido obrigados a fornecer o medicamento necessário durante toda a sua gestação e enquanto houver prescrição médica, sob pena de multa diária.

Internet: <www.defensoriapublica.pr.gov.br> (com adaptações).

Com relação às informações e aos aspectos linguísticos do texto acima, julgue os itens a seguir.

QUESTÃO 40

O sujeito da forma verbal "*atendeu*", que está elíptico, refere-se a "*serviço público de saúde na localidade*".

( ) CERTO ( ) ERRADO

Em todos os casos, a Defensoria Pública fez intervenção judicial para suprir a negativa ou a má prestação do serviço público de saúde na localidade.

Em um dos casos, atendeu uma gestante com histórico de abortos (...) = o sujeito é "Defensoria Pública".

RESPOSTA: ERRADO

QUESTÃO 41

Sem prejuízo para a correção gramatical do texto nem para seu sentido original, o trecho "*a Defensoria Pública fez intervenção judicial*" poderia ser reescrito da seguinte forma: *a Defensoria Pública interviu judicialmente*.

( ) CERTO ( ) ERRADO

Não existe esta forma verbal (interviu). A conjugação do verbo "intervir" segue a do verbo "vir" – interveio.

RESPOSTA: ERRADO

QUESTÃO 42

Conclui-se do texto que, a despeito do que prevê a Constituição Federal, muitos cidadãos encontram dificuldades em conseguir atendimento na rede pública de saúde e acabam por recorrer à Defensoria Pública para que seus direitos sejam respeitados e garantidos.

( ) CERTO ( ) ERRADO

(...) *cotidianamente é possível observar graves desrespeitos à Carta Magna. A Defensoria Pública, importante instituição garantida por lei assim como a saúde, busca sanar o problema por meio da via judicial quando a mediação não produz resultados.*

RESPOSTA: CERTO

Maria Silva é moradora do Assentamento Noroeste, onde moram cerca de cem pessoas cuja principal forma de renda é o trabalho com reciclagem. Ela é uma das líderes que lutam pelos direitos daquela comunidade. Vinda do estado do Ceará, Maria chegou a Brasília em 2002 e conheceu o trabalho da Defensoria Pública por meio do projeto Monitoramento da Política Nacional para a População em Situação de Rua, tendo seu primeiro contato com a defensoria ocorrido quando ela precisou de novos documentos para substituir os que haviam sido perdidos no período em que esteve nas ruas.

O objetivo do referido projeto é o de ir até a população que normalmente não tem acesso à Defensoria Pública. "Nós chegamos de forma humanizada até essas pessoas em situação de rua. Com esse trabalho nós estamos garantindo seu acesso à justiça e aos direitos para que consigam se beneficiar de outras políticas públicas", explica a coordenadora do Departamento de Atividade Psicossocial.

A mais recente visita de participantes de outro projeto, o Atenção à População de Rua do Assentamento Noroeste, levou respostas às demandas solicitadas pelos moradores. O foco foram soluções e retornos de casos como o de um morador que tem problemas com a justiça e que está sendo assistido por um defensor público e o de uma senhora que estava internada em um hospital público e conseguiu uma cirurgia por meio dos serviços da defensoria.

As visitas acontecem mensalmente, sendo a maior demanda a solicitação de registro civil. "As certidões de nascimento figuram entre as demandas porque essas pessoas não as conseguiram por outros serviços, e a defensoria teve que intervir. Nós entramos para solucionar problemas: vamos até as ruas para informar sobre o trabalho da defensoria, para que seus direitos sejam garantidos", afirma a coordenadora.

Internet: <www.defensoria.df.gov.br.> (com adaptações).

Acerca dos aspectos linguísticos e das ideias do texto acima, julgue os itens seguintes.

QUESTÃO 43

No trecho "*respostas às demandas*", o emprego do sinal indicativo de crase justifica-se pela regência do substantivo "*respostas*", que exige complemento antecedido da preposição ***a***, e pela presença de artigo feminino plural que determina "*demandas*".

( ) CERTO ( ) ERRADO

Não tenho o que explicar! A afirmação do item já o fez!

RESPOSTA: CERTO

QUESTÃO 44

Conforme o texto, a Defensoria Pública deve atuar sempre que direitos dos cidadãos são negligenciados, por isso atua na defesa das pessoas em situação de rua.

( ) CERTO ( ) ERRADO

Segundo o texto: *O objetivo do referido projeto é o de ir até a população que normalmente não tem acesso à Defensoria Pública* = não consta que a Defensoria Pública defenda, apenas, moradores de rua.

RESPOSTA: ERRADO

QUESTÃO 45

Seria mantida a correção do texto caso o trecho '*para que seus direitos sejam garantidos*' fosse reescrito da seguinte forma: *visando à garantia de seus direitos*.

( ) CERTO ( ) ERRADO

O verbo "visar" exige preposição, por isso o acento grave indicativo de crase antes da palavra "garantia". O trecho manteria o sentido e estaria gramaticalmente correto.

RESPOSTA: CERTO

TJ-DFT - CONHECIMENTOS BÁSICOS PARA OS CARGOS 13 E 14 - 2015

Texto para os itens de 46 a 50

Ouro em FIOS

A natureza é capaz de produzir materiais preciosos, como o ouro e o cobre - condutor de ENERGIA ELÉTRICA. O ouro já é escasso. A energia elétrica caminha para isso. Enquanto cientistas e governos buscam novas fontes de energia sustentáveis, faça sua parte aqui no TJDFT:

- Desligue as luzes nos ambientes onde é possível usar a iluminação natural.
- Feche as janelas ao ligar o ar-condicionado.
- Sempre desligue os aparelhos elétricos ao sair do ambiente.
- Utilize o computador no modo espera.

Fique ligado! Evite desperdícios.
Energia elétrica.
A natureza cobra o preço do desperdício.

Internet: <www.tjdft.jus.br> (com adaptações)

Considerando as ideias expressas no texto, bem como seus aspectos tipológicos e linguísticos, julgue os itens subsequentes.

QUESTÃO 46

A expressão "*Fique ligado*", típica da oralidade, é empregada no texto com o significado de *fique atento* e funciona como uma estratégia para estabelecer uma relação de proximidade com o interlocutor.

( ) CERTO ( ) ERRADO

RESPOSTA: CERTO

QUESTÃO 47

Há no texto elementos característicos das tipologias expositiva e injuntiva.

( ) CERTO ( ) ERRADO

Texto injuntivo – ou instrucional – é aquele que passa instruções ao leitor. O texto acima apresenta tal característica.

RESPOSTA: CERTO

Tendo como referência os aspectos gramaticais do texto, julgue os próximos itens.

QUESTÃO 48

A oração "*usar a iluminação natural*" exerce a função de complemento do adjetivo "*possível*".

( ) CERTO ( ) ERRADO

Desligue as luzes nos ambientes onde é possível usar a iluminação natural = o termo destacado exerce a função de sujeito da oração "é possível".

RESPOSTA: ERRADO

QUESTÃO 49 – (adaptada)

O termo "*como o ouro e o cobre*" expressa uma informação que torna mais preciso o significado de "*materiais preciosos*".

( ) CERTO ( ) ERRADO

A natureza é capaz de produzir materiais preciosos, como o ouro e o cobre = o termo exemplifica o que fora apresentado no período anterior.

RESPOSTA: CERTO

QUESTÃO 50

O pronome "*isso*" retoma a ideia expressa no primeiro período do parágrafo, ou seja, refere-se ao fato de o ouro ser escasso.

( ) CERTO ( ) ERRADO

O ouro já é escasso. A energia elétrica caminha para isso = a energia elétrica caminha para a escassez.

RESPOSTA: ERRADO

Fonte de pesquisa:

https://www.qconcursos.com/questoes-de-concursos/provas/search?utf8=%E2%9C%93&q=&instituto=Institui%C3%A7%C3%A3o&organizadora=Banca&ano=Ano&cargo=&escolaridade=&area_atuacao=&formacao=&orgao_hidden=&banca_hidden=2+&ano_hidden=&cargo_hidden=&escolaridade_hidden=&area_atuacao_hidden=&area_formacao_hidden=&palavra_chave_hidden=&download=false&online=false

PROF. EVELISE LEIKO UYEDA AKASHI

Especialista em Lean Manufacturing pela Pontifícia Universidade Católica- PUC Engenheira de Alimentos pela Universidade Estadual de Maringá – UEM. Graduanda em Matemática pelo Claretiano.

MATEMÁTICA E RACIOCÍNIO LÓGICO

QUESTÃO 51

(SERES/PE – Agente de Segurança Penitenciária – CESPE/2017) Assinale a opção que corresponde a uma negativa da seguinte proposição: "Se nas cidades medievais não havia lugares próprios para o teatro e as apresentações eram realizadas em igrejas e castelos, então a maior parte da população não era excluída dos espetáculos teatrais".

(A) Nas cidades medievais havia lugares próprios para o teatro ou as apresentações eram realizadas em igrejas e castelos e a maior parte da população era excluída dos espetáculos teatrais.

(B) Se a maior parte da população das cidades medievais era excluída dos espetáculos teatrais, então havia lugares próprios para o teatro e as apresentações eram realizadas em igrejas e castelos.

(C) Se nas cidades medievais havia lugares próprios para o teatro e as apresentações não eram realizadas em igrejas e castelos, então a maior parte da população era excluída dos espetáculos teatrais.

(D) Se nas cidades medievais havia lugares próprios para o teatro ou as apresentações eram realizadas em igrejas e castelos, então a maior parte da população era excluída dos espetáculos teatrais.

(E) Nas cidades medievais não havia lugares próprios para o teatro, as apresentações eram realizadas em igrejas e castelos e a maior parte da população era excluída dos espetáculos teatrais.

Resposta: E.

Negação de condicional: mantém a primeira E nega a segunda

Então copiamos a primeira: nas cidades medievais não havia lugares próprios para o teatro e as apresentações eram realizadas em igrejas e castelos

Para negar a segunda: a maior parte da população ~~não~~ era excluída dos espetáculos teatrais".

QUESTÃO 52

(SERES/PE – Agente de Segurança Penitenciária – CESPE/2017) A partir das proposições simples P: "Sandra foi passear no centro comercial Bom Preço", Q: "As lojas do centro comercial Bom Preço estavam realizando liquidação" e R: "Sandra comprou roupas nas lojas do Bom Preço" é possível formar a proposição composta S: "Se Sandra foi passear no centro comercial Bom Preço e se as lojas desse centro estavam realizando liquidação, então Sandra comprou roupas nas lojas do Bom Preço ou Sandra foi passear no centro comercial Bom Preço". Considerando todas as possibilidades de as proposições P, Q e R serem verdadeiras (V) ou falsas (F), é possível construir a tabela-verdade da proposição S, que está iniciada na tabela mostrada a seguir.

P	Q	R			S
V	V	V			
V	V	F			
V	F	V			
V	F	F			
F	V	V			
F	V	F			
F	F	V			
F	F	F			

Completando a tabela, se necessário, assinale a opção que mostra, na ordem em que aparecem, os valores lógicos na coluna correspondente à proposição S, de cima para baixo.

(A) V / V / F / F / F / F / F / F
(B) V / V / F / V / V / F / F / V
(C) V / V / F / V / F / F / F / V
(D) V / V / V / V / V / V / V / V
(E) V / V / V / F / V / V / V / F

Resposta: D.
(P^Q)-->(RvP)

P	Q	R	P∧Q	R∨P	S
V	V	V	V	V	V
V	V	F	V	V	V
V	F	V	F	V	V
V	F	F	F	V	V
F	V	V	F	V	V
F	V	F	F	F	V
F	F	V	F	V	V
F	F	F	F	F	V

QUESTÃO 53
(SERES/PE – Agente de Segurança Penitenciária – CESPE/2017) De uma urna que continha 20 bolas idênticas, identificadas por números de 1 a 20, foi extraída aleatoriamente uma bola. Esse evento define o espaço amostral Ω = {1, 2, 3, ..., 20}.
Considere os seguintes eventos:

A = {a bola retirada da urna é identificada por um número múltiplo de 4};
B = {a bola retirada da urna é identificada por um número múltiplo de 5}.

A partir das probabilidades P(A), P(B) e P(A∪B) — que são, respectivamente, as probabilidades de os eventos A, B e A∪B ocorrerem —, considere o argumento formado pelas premissas P1 e P2 e pela conclusão C, em que

$$P_1: Se\ P(A) = \frac{1}{4}\ e\ P(B) = \frac{1}{5}, então\ P(A \cup B) = \frac{9}{20}$$

$$P_2: P(A \cup B) \neq \frac{9}{20}\ e\ C: P(A) \neq \frac{1}{4} ou\ P(B) \neq \frac{1}{5}$$

Com base nessas informações, assinale a opção correta.
(A) A premissa P1 é uma proposição verdadeira, e a conclusão C é uma proposição falsa.
(B) A premissa P2 e a conclusão C são proposições verdadeiras.
(C) A conclusão C é falsa, mas o argumento é válido.
(D) A premissa P1 é falsa e o argumento não é válido.
(E) A premissa P1 e a conclusão C são proposições verdadeiras e o argumento é válido.-

Resposta: C.
A={4,8,12,16,20}
B={5,10,15,20}

$$P(A) = \frac{5}{20} = \frac{1}{4}$$

$$P(B) = \frac{4}{20} = \frac{1}{5}$$

$$P(A \cap B) = \frac{1}{20}$$

$$P(A \cup B) = \frac{1}{4} + \frac{1}{5} - \frac{1}{20} = \frac{5+4-1}{20} = \frac{8}{20} = \frac{2}{5}$$

A conclusão é falsa
F ou F=F
Como a conclusão é falsa e a P1 é falsa, então o argumento é válido.

NOVA CONCURSOS

(FUB – Assistente em Administração – CESPE/2016)
Texto associado questões 54, 55 e 56

Em determinado dia, a quantidade Q de serviços administrativos demandados por usuários de determinado departamento da UnB, às t horas, pôde ser modelada pela função quadrática $Q(t) = at^2 + bt + c$, em que a, b e c são constantes reais e $a \neq 0$. Nesse departamento, o expediente inicia-se às 8 horas da manhã e, nesse dia, a demanda máxima ocorreu às 11 horas da manhã, com o atendimento de Qmáx = 54 usuários. Com referência a esse modelo, julgue o próximo item.

QUESTÃO 54

Segundo o modelo apresentado, se, nesse dia, no início do expediente, havia a demanda de usuários por quatro serviços administrativos, então

$$Q(t) = \frac{50}{9}(t-11)^2 + 54$$

Certo errado

Resposta: Errado.

$$Q(8) = \frac{50}{9}(8-11)^2 + 54$$

$$Q(8) = \frac{50}{9}(-3)^2 + 54$$

Q(8)=50+54=104

QUESTÃO 55

Na situação apresentada, o coeficiente a é, necessariamente, negativo.

Certo Errado

Resposta: Certo.

Como terá uma demanda máxima, o coeficiente a deve ser negativo.

QUESTÃO 56

De acordo com o modelo, se, nesse dia, no início do expediente não havia nenhuma demanda de usuários por serviços administrativos nesse departamento, então às 13 horas também não havia nenhum serviço administrativo sendo demandado.

Certo Errado

Resposta: Errado.

$$X_v = \frac{x_1 + x_2}{2}$$

O ponto máximo é as 11h e se às 8h, não há serviço, então é uma raiz da equação.

$$11 = \frac{8 + x_2}{2}$$

8+x2=22
X2=14
Ou seja, seria às 14h.

(FUB – Assistente em Administração – CESPE/2016)
Texto associado para as questões 57, 58 e 59

Diariamente, o tempo médio gasto pelos servidores de determinado departamento para executar suas tarefas é diretamente proporcional à quantidade de tarefas executadas e inversamente proporcional à sua produtividade individual diária P.

Com base nessas informações, julgue o item a seguir.

QUESTÃO 57

Se, na quarta-feira, um servidor tinha 13 tarefas de sua responsabilidade para executar e se nas 3 primeiras horas de trabalho ele executou 5 dessas tarefas, então, mantendo essa produtividade, ele gastou menos de 8 horas para concluir as 13 tarefas na quarta-feira

Certo Errado

Resposta: Certo.
Tarefas tempo
5----------3
13----------x

5x=13 · 3
5x=39
X=7,8
Portanto, ele gastou menos de 8 horas.

QUESTÃO 58

Considere que na terça-feira a quantidade de tarefas a serem executadas por um servidor correspondia a 50% a mais do que a quantidade de tarefas executadas no dia anterior. Nesse caso, para que o servidor concluísse seu trabalho da terça-feira no mesmo tempo gasto para concluí-lo na segunda-feira, a sua produtividade na terça-feira deveria aumentar em 50% em relação à produtividade da segunda-feira.

Certo Errado

Resposta: Certo.

Como tempo de trabalho e produtividade são inversamente proporcionais: pra ele fazer as tarefas no mesmo tempo, ele tem que aumentar a produtividade.

E esse aumento da produtividade deve ser na mesma proporção do aumento das tarefas.

OBS: se falar em aumento de produtividade e aumento de tarefas, parece que estamos falando errado, pois a questão diz que são inversamente proporcionais, mas não podemos esquecer que o tempo diminuiu para cada tarefa executada, já que o tempo deve ser o mesmo.

QUESTÃO 59

Se, na segunda-feira, um servidor gastou 6 horas para executar todas as 15 tarefas a seu encargo e, na sexta-feira, ele gastou 7 horas para executar as suas 18 tarefas, então, nessa situação, o servidor manteve a mesma produtividade nesses dois dias.

Certo Errado

Resposta: Errado.
Segunda feira

$$P = \frac{15}{6} = 2{,}5\frac{tarefas}{hora}$$

sexta-feira

$$P = \frac{18}{7} = 2{,}57\frac{tarefas}{hora}$$

(ANVISA – Técnico Administrativo – CESPE/2016)
Texto associado para as questões 60 a 63

Considerando os símbolos normalmente usados para representar os conectivos lógicos, julgue o item seguinte, relativos a lógica proposicional e à lógica de argumentação. Nesse sentido, considere, ainda, que as proposições lógicas simples sejam representadas por letras maiúsculas.

QUESTÃO 60
A sentença A fiscalização federal é imprescindível para manter a qualidade tanto dos alimentos quanto dos medicamentos que a população consome pode ser representada simbolicamente por P∧Q.
Certo Errado

Resposta: Errado.
É uma proposição simples.
Se pensarmos em separar a frase, não forma nenhuma frase lógica.

QUESTÃO 61
A sentença As consequências de nossos atos são florestas devastadas, descongelamento das calotas polares, extinção de dezenas de espécies animais, poluição dos rios e diminuição drástica das reservas de água potável apresenta um argumento válido.
Certo Errado

Resposta: Errado.
Para dizer se o argumento é válido, devemos ter premissas e conclusão, essa frase é apenas uma declaração.

QUESTÃO 62
A expressão (¬ P) ∧ ((¬ Q) ∨ R) ↔ ¬ (P ∨ Q) ∨ ((¬ P) ∧ R) é uma tautologia.

Certo Errado

Resposta: Certo.

P	Q	R	~P	~Q	~Q∨R)	(~P) ∧((~Q) ∨R)	~(P∨Q)	~P∧R	~(P∨Q)∨ ~P∧R	
V	V	V	F	F	V	F	F	F	F	V
V	V	F	F	F	F	F	F	F	F	V
V	F	V	F	V	V	F	F	F	F	V
V	F	F	F	V	V	F	F	F	F	V
F	V	V	V	F	V	V	F	V	V	V
F	V	F	V	F	F	F	F	F	F	V
F	F	V	V	V	V	V	V	V	V	V
F	F	F	V	V	V	V	V	F	V	V

QUESTÃO 63

A sentença Alberto é advogado, pois Bruno não é arquiteto é logicamente equivalente à sentença Bruno é arquiteto, pois Alberto não é advogado.

Certo Errado

Resposta: Certo.

Essa frase, talvez, fique melhor pra você entender com a condicional que estamos acostumados.

Se Bruno não é arquiteto, então Alberto é advogado.

$p \rightarrow q$

A equivalência é : $\sim q \rightarrow \sim p$

Se Alberto não é advogado, então Bruno é arquiteto.

(FUB – Assistente em Administração – CESPE/2016)
Texto associado para as questões 64 e 65

Em um intervalo para descanso, a assistente em administração Marta foi a uma lanchonete cujo cardápio oferecia 7 tipos diferentes de salgados, 4 tipos diferentes de bolos, 3 espécies diferentes de tapioca, sucos de 3 sabores diferentes e 5 tipos diferentes de refrigerantes.

QUESTÃO 64

A partir dessa situação hipotética, julgue o item que se segue.

Considere que Marta não coma salgado nem beba refrigerante e que o seu lanche contenha apenas uma comida e uma bebida. Nessa situação, considerando-se todas as opções do cardápio da lanchonete e todas as opções de lanche com apenas uma comida e uma bebida e escolhendo-se ao acaso uma dessas opções, a probabilidade de que ela não agrade Marta é inferior a 70%.

Certo Errado

Resposta: Errado.

São 14 tipos diferentes de comida, mas Marta só come 7.

E são 8 bebidas diferentes, mas ela só gosta de 3.

Uma comida E uma bebida:

$$\frac{7}{14} \cdot \frac{3}{8} = \frac{21}{112} = 0{,}1875 = 18{,}75\% \; de \; agradar \; Marta$$

100-18,75=81,25% de não agradar.

QUESTÃO 65

A partir dessa situação hipotética, julgue o item que se segue.

Se Marta desejar fazer um lanche com apenas uma opção de comida e apenas uma bebida, ela terá mais de 100 maneiras distintas de organizar seu lanche.

Certo Errado

Resposta: Certo.

Como são 14 comidas e 8 bebidas diferentes: $14 \cdot 8=112$ maneiras diferentes.

(FUB – Assistente em Administração – CESPE/2016)
Texto para as questões 66, 67 e 68.

Em um almoxarifado há, em estoque, 100 caixas na forma de paralelepípedos retângulos. Na tabela a seguir são mostrados alguns valores da frequência absoluta, da frequência relativa e da porcentagem da variável volume interno da caixa, em litros (L).

volume da caixa (L)	frequência absoluta	frequência relativa	porcentagem (%)
10	10	*	*
20	*	*	*
45	*	0,2	*
60	*	*	40
Total	100	1	100

QUESTÃO 66-Considerando essas informações, julgue o seguinte item
A figura a seguir mostra, corretamente, o gráfico de barras da variável volume interno das caixas.

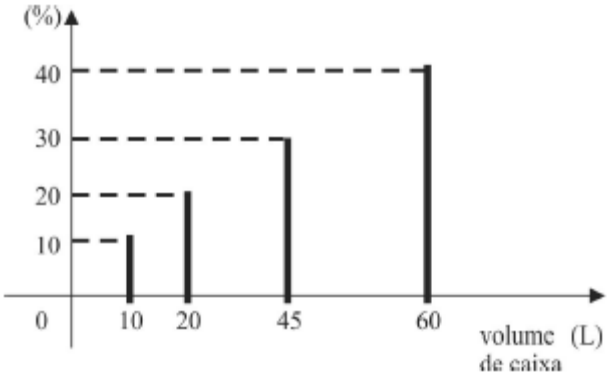

Certo Errado

Resposta: Errado.

Volume da caixa	Frequência absoluta	Relativa	Porcentagem
10	10	0,1	10
20	30	0,3	30
45	20	0,2	20
60	40	0,4	40
Total	100	1	100

Para descobrir o de 20litros, basta somar: 10+20+40=70
Tiramos de 100-70=30
Com 45 litros, a porcentagem seria de 20%

NOVA CONCURSOS

QUESTÃO 67

Se a área interna da base do paralelepípedo de uma caixa de 60 L for igual a 2.000 cm^2, então a altura interna dessa caixa me dirá menos de 35 cm.

Certo Errado

Resposta: Certo.

$A=2000 \cdot 35=70000cm^3=70dm^3=70l$

Como para 35 cm deu 70 litros, para ter 60 litros deve ter altura menor.

QUESTÃO 68

A média aritmética dos volumes dessas caixas é igual a 40 L.

Certo Errado

Resposta: Certo.

$$M = \frac{10 \cdot 10 + 20 \cdot 30 + 45 \cdot 20 + 60 \cdot 40}{100} = \frac{4000}{100} = 40L$$

QUESTÃO 69

(FUNPRESP– Analista - Comunicação e Marketing– CESPE/2016) À luz da teoria da argumentação, julgue o item subsequente.

O seguinte argumento foi construído com base no raciocínio dedutivo.

Todos os papéis são azuis.
Há papéis em cima da mesa.
Logo, os papéis que estão sobre a mesa são azuis.
Certo Errado

Resposta: Certo.

O raciocínio dedutivo consiste basicamente, em uma premissa geral e outra mais particular.

(PC/PE – Conhecimentos Gerais – CESPE/2016)
Texto para as questões 70 a 72

Considere as seguintes proposições para responder as questões.

P1: Se há investigação ou o suspeito é flagrado cometendo delito, então há punição de criminosos.

P2: Se há punição de criminosos, os níveis de violência não tendem a aumentar.

P3: Se os níveis de violência não tendem a aumentar, a população não faz justiça com as próprias mãos.

QUESTÃO 70

A quantidade de linhas da tabela verdade associada à proposição P1 é igual a

(A) 32.
(B) 2.
(C) 4.
(D) 8.
(E) 16.

Resposta: D.

A quantidade de linhas na tabela verdade, é definida da forma:

2^n, onde n é o número de proposições.

P: há investigação
Q: o suspeito é flagrado cometendo delito
R: há punição de criminosos.

No caso da P1, temos 3 proposições:$2^3=8$

QUESTÃO 71

Assinale a opção que apresenta uma negação correta da proposição P1.

(A) Se não há punição de criminosos, então não há investigação ou o suspeito não é flagrado cometendo delito.

(B) Há punição de criminosos, mas não há investigação nem o suspeito é flagrado cometendo delito.

(C) Há investigação ou o suspeito é flagrado cometendo delito, mas não há punição de criminosos.

(D) Se não há investigação ou o suspeito não é flagrado cometendo delito, então não há punição de criminosos.

(E) Se não há investigação e o suspeito não é flagrado cometendo delito, então não há punição de criminosos.

Resposta: C.

Negação de condicional: $p \wedge \sim q$ (MANE) mantém a primeira e nega a segunda.

Há investigação ou o suspeito é flagrado cometendo delito e não há punição de criminosos.

No caso, o " e" foi substituído pelo mas.

QUESTÃO 72

Pretende-se acrescentar ao conjunto de proposições P1, P2 e P3 uma nova proposição, P0, de modo que o argumento formado pelas premissas P0, P1, P2 e P3, juntamente com a conclusão "A população não faz justiça com as próprias mãos" constitua um argumento válido. Assinale a opção que apresenta uma proposta correta de proposição P0

(A) Há investigação ou o suspeito é flagrado cometendo delito.

(B) Não há investigação ou o suspeito não é flagrado cometendo delito.

(C) Não há investigação e o suspeito não é flagrado cometendo delito.

(D) Se o suspeito é flagrado cometendo delito, então há punição de criminosos.

(E) Se há investigação, então há punição de criminosos.

Resposta: A.

Vamos fazer pelo método da conclusão falsa.

Para o argumento ser válido, devemos ter pelo menos uma falsa.

Supondo as outras premissas verdadeiras, devemos encontrar nas alternativas, uma premissa falsa.

Como na letra A as duas são falsas, a disjunção também é.

QUESTÃO 73

(CPRM – Técnico em Geociências – CESPE/2016) A represa X, que abastece de água determinada cidade, tem capacidade para 480 milhões de metros cúbicos de água.

A capacidade da represa X é de

(A) 4.800 km^3 .
(B) 0,48 km^3 .
(C) 4,8 km^3 .
(D) 48 km^3 .
(E) 480 km^3 .

Resposta: B.

$480 \cdot 10^6 m^3$, para transformar para km^3, devemos dividir por 10^9.

De m para km, dividimos por 1000, como é m^3 dividimos então por 1000000000.

0,48 km^3

QUESTÃO 74

(CPRM – Técnico em Geociências – CESPE/2016) A represa X, que abastece de água determinada cidade, tem capacidade para 480 milhões de metros cúbicos de água.

Se, em determinado dia, a água contida na represa X representava 35% de sua capacidade máxima, então, nesse dia, havia na represa

(A) 168 milhões de litros de água.
(B) 312 milhões de litros de água.
(C) 384 mil litros de água.
(D) 312 mil litros de água.
(E) 168 bilhões de litros de água.

Resposta: E.

480------100%
x---------35%
x=168 milhões de m^3
x=168 bilhões de litros.

QUESTÃO 75

(CPRM – Técnico em Geociências – CESPE/2016) Depois das simplificações possíveis, o número $z = \frac{(20+\sqrt{2})^2 - (20-\sqrt{2})^2}{\sqrt{2}}$ será igual a

(A) 3.
(B) 40.
(C) 80.
(D) 400.
(E) 566.

Resposta: C.

$$z = \frac{400 + 40\sqrt{2} + 2 - 400 + 40\sqrt{2} - 2}{\sqrt{2}} = \frac{80\sqrt{2}}{\sqrt{2}} = 80$$

QUESTÃO 76

(CPRM – Técnico em Geociências – CESPE/2016) Três caminhões de lixo que trabalham durante doze horas com a mesma produtividade recolhem o lixo de determinada cidade. Nesse caso, cinco desses caminhões, todos com a mesma produtividade, recolherão o lixo dessa cidade trabalhando durante

(A) 6 horas.
(B) 7 horas e 12 minutos.
(C) 7 horas e 20 minutos.
(D) 8 horas.
(E) 4 horas e 48 minutos.

Resposta: B.

Caminhões horas
3----------12
5----------x

As grandezas são inversamente proporcionais.

Quanto MAIS caminhões, MENOS horas

5x=36
X=7,2
$0,2 \cdot 60$=12 minutos.
7 horas e 12 minutos

QUESTÃO 77

(DPU – Agente Administrativo – CESPE/2016) Considere que as seguintes proposições sejam verdadeiras.

• Quando chove, Maria não vai ao cinema.
• Quando Cláudio fica em casa, Maria vai ao cinema.
• Quando Cláudio sai de casa, não faz frio.
• Quando Fernando está estudando, não chove.
• Durante a noite, faz frio.

Tendo como referência as proposições apresentadas, julgue o item subsecutivo.

Se Maria foi ao cinema, então Fernando estava estudando.

certo errado

Resposta: Errado

• Durante a noite, faz frio.
V

• Quando Cláudio sai de casa, não faz frio.
F F

• Quando Cláudio fica em casa, Maria vai ao cinema.
V V

• Quando chove, Maria não vai ao cinema.
F F

• Quando Fernando está estudando, não chove.
V/F V

Portanto, Se Maria foi ao cinema, então Fernando estava estudando.

Não tem como ser julgado.

NOVA CONCURSOS

(DPU – Agente Administrativo – CESPE/2016)

Texto para as questões 78 e 79

Em uma festa com 15 convidados, foram servidos 30 bombons: 10 de morango, 10 de cereja e 10 de pistache. Ao final da festa, não sobrou nenhum bombom e

- quem comeu bombom de morango comeu também bombom de pistache;
- quem comeu dois ou mais bombons de pistache comeu também bombom de cereja;
- quem comeu bombom de cereja não comeu de morango.

Com base nessa situação hipotética, julgue o item a seguir.

QUESTÃO 78

É possível que um mesmo convidado tenha comido todos os 10 bombons de pistache.

Certo Errado

Resposta: Errado.

Está errado, pois se alguém tivesse comido todos os bombons de pistache, deveria comer bombom de morango e de cereja, mas quem comeu de cereja, não comeu de morango.

QUESTÃO 79

Quem comeu bombom de morango comeu somente um bombom de pistache.

Certo Errado

Resposta: Certo.

Sim, porque se comer dois bombons de pistache, teria que comer de cereja, mas quem comeu morango, não comeu de cereja.

QUESTÃO 80

(DPU – Agente Administrativo – CESPE/2016) Na zona rural de um município, 50% dos agricultores cultivam soja; 30%, arroz; 40%, milho; e 10% não cultivam nenhum desses grãos. Os agricultores que produzem milho não cultivam arroz e 15% deles cultivam milho e soja.

Considerando essa situação, julgue o item que se segue.

Em exatamente 30% das propriedades, cultiva-se apenas milho.

Certo errado

Resposta: Errado.

15% de 40%=6%

Portanto, 40-6=34%

(DPU – Analista – CESPE/2016)

Texto para as questões 31 a 34

Um estudante de direito, com o objetivo de sistematizar o seu estudo, criou sua própria legenda, na qual identificava, por letras, algumas afirmações relevantes quanto à disciplina estudada e as vinculava por meio de sentenças (proposições). No seu vocabulário particular constava, por exemplo:

P: Cometeu o crime A.

Q: Cometeu o crime B.

R: Será punido, obrigatoriamente, com a pena de reclusão no regime fechado.

S: Poderá optar pelo pagamento de fiança.

Ao revisar seus escritos, o estudante, apesar de não recordar qual era o crime B, lembrou que ele era inafiançável.

Tendo como referência essa situação hipotética, julgue os itens que se seguem.

QUESTÃO 81

A sentença $(P \rightarrow Q) \leftrightarrow ((\sim Q) \rightarrow (\sim P))$ será sempre verdadeira, independentemente das valorações de P e Q como verdadeiras ou falsas.

certo errado

Resposta: Certo.

Analisando as duas tabelas, qualquer valor lógico que colocarmos dará verdadeiro.

Exemplo:

V(P)=V

V(Q)=V

$V(\sim P)=F$

$V(\sim Q)=F$

$V(P \rightarrow Q)=V$

$V(\sim Q \rightarrow \sim P)=V$

$V((P \rightarrow Q) \leftrightarrow ((\sim Q \rightarrow (\sim P))==V$

-Condicional

p	q	p →q
V	V	V
V	F	F
F	V	V
F	F	V

-Bicondicional

p	q	p ↔q
V	V	V
V	F	F
F	V	F
F	F	V

QUESTÃO 82

Tendo como referência essa situação hipotética, julgue o item que se segue.

A sentença P→S é verdadeira.

certo errado

Resposta: Errado

Apesar da tendência de falar que é verdadeira, pois fala que o crime B é inafiançável, logo A é pode optar por pagar a fiança, não é correto, pois não sabemos sobre o crime A, se ele é inafiançável ou não.

QUESTÃO 83

Tendo como referência essa situação hipotética, julgue o item que se segue.

A sentença Q→R é falsa.

certo errado

Resposta: Errado.

Se temos V(Q)=V

Para a proposição Q→R ser falsa, R deve ser falso.

Mas, se o crime B é inafiançável, então R é verdadeiro, tornando Q→R verdadeira, por isso está errado.

QUESTÃO 84

A proposição "Caso tenha cometido os crimes A e B, não será necessariamente encarcerado nem poderá pagar fiança" pode ser corretamente simbolizada na forma (P∧−Q)→((~R)∨(~S)).

Certo Errado

Resposta: Errado.

"...encarcerado nem poderá pagar fiança".

"Nem" é uma conjunção(∧)

(PREF. DE SÃO PAULO – Assistente de Gestão de Políticas Públicas I – CESPE/2016)

Texto para as questões 85 a 87

Na cidade de São Paulo, se for constatada reforma irregular em imóvel avaliado em P reais, o proprietário será multado em valor igual a k% de P × t, expresso em reais, em que t é o tempo, em meses, decorrido desde a constatação da irregularidade até a reparação dessa irregularidade. A constante k é válida para todas as reformas irregulares de imóveis da capital paulista e é determinada por autoridade competente.

QUESTÃO 85

Se, de acordo com as informações do texto, for aplicada multa de R$ 900,00 em razão de reforma irregular em imóvel localizado na capital paulista e avaliado em R$ 150.000,00, cuja irregularidade foi reparada em um mês, então a multa a ser aplicada em razão de reforma irregular em imóvel localizado na capital paulista e avaliado em R$ 180.000,00, cuja irregularidade também foi reparada em um mês, será de

(A) R$ 1.080,00.
(B) R$ 1.350,00.
(C) R$ 1.500,00.
(D) R$ 1.620,00.
(E) R$ 1.800,00.

Resposta: A.

$$\frac{k}{100} \cdot 150000 = 900$$

K=0,6%

180000.0,6=108000/100=1080.

QUESTÃO 86

De acordo com as informações do texto V, se foi de R$ 12.000,00 o valor da multa aplicada em razão de reforma irregular em imóvel localizado na capital paulista e avaliado em R$ 1.500.000,00, cuja irregularidade tenha demorado dois meses para ser reparada, então a constante k determinada pela autoridade competente foi igual a

(A) 0,40.
(B) 0,75.
(C) 0,80.
(D) 1,25.
(E) 1,80.

Resposta: A.

$$\frac{k}{100} \cdot 1500000 \cdot 2 = 12000$$

$$k = \frac{1200000}{3000000} = 0{,}4$$

QUESTÃO 87

Em uma pesquisa relacionada às ações de fiscalização que resultaram em multas aplicadas de acordo com os critérios mencionados no texto V, 750 pessoas foram entrevistadas, e 60% delas responderam que concordam com essas ações. Nessa hipótese, a quantidade de pessoas que discordaram, são indiferentes ou que não responderam foi igual a

(A) 60.
(B) 300.
(C) 450.
(D) 600.
(E) 750.

Resposta:B.

750 · 0,4=300

QUESTÃO 88

(CPRM – técnico em Geociências – CESPE/2016) Por 10 torneiras, todas de um mesmo tipo e com igual vazão, fluem 600 L de água em 40 minutos. Assim, por 12 dessas torneiras, todas do mesmo tipo e com a mesma vazão, em 50 minutos fluirão

(A) 625 L de água.
(B) 576 L de água.
(C) 400 L de água.
(D) 900 L de água.
(E) 750 L de água.

NOVA CONCURSOS

Resposta: D.
Cada torneira tem vazão de 60 litros em 40 minutos.
60/40=1,5 litros por minuto
Como são 12 torneiras e 50 minutos:
$1,5 \cdot 12 \cdot 50=900$ litros

QUESTÃO 89

(TRE/MT – Analista – CESPE/2015) Um grupo de 300 soldados deve ser vacinado contra febre amarela e malária. Sabendo-se que a quantidade de soldados que receberam previamente a vacina de febre amarela é o triplo da quantidade de soldados que receberam previamente a vacina de malária, que 45 soldados já haviam recebido as duas vacinas e que apenas 25 não haviam recebido nenhuma delas, é correto afirmar que a quantidade de soldados que já haviam recebido apenas a vacina de malária é.

(A) superior a 40
(B) inferior a 10.
(C) superior a 10 e inferior a 20
(D) superior a 20 e inferior a 30.
(E) superior a 30 e inferior a 40.

Resposta: E.
Com os dados obtidos, podemos montar um diagrama de Venn

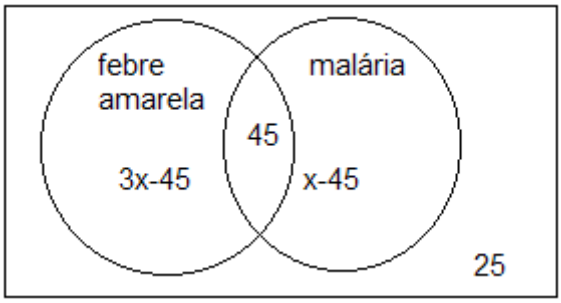

Por que a febre amarela temos 3x-45?
"...a quantidade de soldados que receberam previamente a vacina de febre amarela é o triplo da quantidade de soldados que receberam previamente a vacina de malária, que 45 soldados já haviam recebido as duas vacinas..."
Não podemos esquecer de subtrair a quantidade que já tomaram as duas vacinas, por isso o -45.
$3x-45+45+x-45+25=300$
$4x=300+20$
$4x=320$
$X=80$
Recebeu apenas a vacina de malária foi de: $x-45=80-45=35$

QUESTÃO 90

(TCE/RN – Administrador – CESPE/2015) Em campanha de incentivo à regularização da documentação de imóveis, um cartório estampou um cartaz com os seguintes dizeres: "O comprador que não escritura e não registra o imóvel não se torna dono desse imóvel".

Em campanha de incentivo à regularização da documentação de imóveis, um cartório estampou um cartaz com os seguintes dizeres: "O comprador que não escritura e não registra o imóvel não se torna dono desse imóvel".

A partir dessa situação hipotética e considerando que a proposição P: "Se o comprador não escritura o imóvel, então ele não o registra" seja verdadeira, julgue o item seguinte.

Considerando-se a veracidade da proposição P, é correto afirmar que, após a eliminação das linhas de uma tabela-verdade associada à proposição do cartaz do cartório que impliquem a falsidade da proposição P, a tabela-verdade resultante terá seis linhas.

certo errado

Resposta: certo.
O comprador que não escritura e não registra o imóvel não se torna dono desse imóvel
p: O comprador escritura
q: o comprador registra
r: O comprador torna dono desse imóvel

Como são 3 proposições, nossa tabela verdade terá 2^3=8 linhas

p	~p	q	~q	r	~p∧~q	~r	(~p∧~q)→~r
V	F	V	F	V	F	F	V
V	F	F	V	V	F	F	V
V	F	V	F	F	F	V	V
V	F	F	V	F	F	V	V
F	V	V	F	V	F	F	V
F	V	F	V	V	V	F	F
F	V	V	F	F	F	V	V
F	V	F	V	F	V	V	V

A proposição P: Se o comprador não escritura o imóvel, então ele não o registra
Cuidado, que aqui você pode ir no "embalo" e dizer que só há uma falsa, mas na verdade ele quer saber sa proposição P.
~p→~r
Para V(P)=F, devemos ter V(~p)=V e V(~r)=F
8-2=6 linhas

(MEC – Analista de Sistema Operacional –CESPE/2015)
Texto para as questões 91 e 92

	P	Q	R
1	V	V	V
2	F	V	V
3	V	F	V
4	F	F	V
5	V	V	F
6	F	V	F
7	V	F	F
8	F	F	F

A figura acima apresenta as colunas iniciais de uma tabela-verdade, em que P, Q e R representam proposições lógicas, e V e F correspondem, respectivamente, aos valores lógicos verdadeiro e falso.
Com base nessas informações e utilizando os conectivos lógicos usuais, julgue o item subsecutivo.

QUESTÃO 91.
A última coluna da tabela-verdade referente à proposição lógica Pv(Q ↔ R) quando representada na posição horizontal é igual a

	1	2	3	4	5	6	7	8
P∨(Q↔R)	V	V	V	F	V	F	V	V

certo errado

Resposta: Certo.

	P	Q	R	Q↔R	P∨(Q↔R)
1	V	V	V	V	V
2	F	V	V	V	V
3	V	F	V	F	V
4	F	F	V	F	F
5	V	V	F	F	V
6	F	V	F	F	F
7	V	F	F	V	V
8	F	F	F	V	V

QUESTÃO 92

A última coluna da tabela-verdade referente à proposição lógica P →(Q ∧ R) quando representada na posição horizontal é igual a

	1	2	3	4	5	6	7	8
P →(Q ∧ R)	V	V	F	F	V	F	V	V

certo errado

Resposta: Errado

	P	Q	R	Q ∧ R	P →(Q ∧ R)
1	V	V	V	V	V
2	F	V	V	V	V
3	V	F	V	F	F
4	F	F	V	F	V
5	V	V	F	F	F
6	F	V	F	F	V
7	V	F	F	V	V
8	F	F	F	V	V

(POLICIA FEDERAL – Agente de Polícia Federal – CESPE/2014) Texto para as questões 93, 94 e 95

Em um restaurante, João, Pedro e Rodrigo pediram pratos de carne, frango e peixe, não necessariamente nessa ordem, mas cada um pediu um único prato. As cores de suas camisas eram azul, branco e verde; Pedro usava camisa azul; a pessoa de camisa verde pediu carne e Rodrigo não pediu frango. Essas informações podem ser visualizadas na tabela abaixo, em que, no cruzamento de uma linha com uma coluna, V corresponde a fato verdadeiro e F, a fato falso.

	Carne	Frango	Peixe	João	Pedro	Rodrigo
Azul					V	
branca						
verde	V					
João						
Pedro						
Rodrigo		F				

Considerando a situação apresentada e, no que couber, o preenchimento da tabela acima, julgue o item seguinte.

QUESTÃO 93
Se João pediu peixe, então Rodrigo não usava camisa branca.
certo errado

Resposta: Certo.

	Carne	Frango	Peixe	João	Pedro	Rodrigo
Azul	F			F	V	F
branca	F				F	
verde	V	F	F		F	
João						
Pedro						
Rodrigo		F				

Lembrando que para a condicional ser verdadeira, podemos ter
VV, FV ou FF
P: João pediu peixe
Q: Rodrigo não usava camisa branca
Vamos considerar V(p)=V

	Carne	Frango	Peixe	João	Pedro	Rodrigo
Azul	F			F	V	F
branca	F			V	F	F
verde	V	F	F	F	F	V
João	F	F	V			
Pedro	F	V	F			
Rodrigo	V	F	F			

Quando V(p)=F, não precisamos analisar, pois independente do valor lógico de p a proposição será verdadeira.

QUESTÃO 94
Das informações apresentadas, é possível inferir que Pedro pediu frango.
certo errado

Resposta: errado.

	Carne	Frango	Peixe	João	Pedro	Rodrigo
Azul	F			F	V	F
branca	F				F	
verde	V	F	F		F	
João						
Pedro						
Rodrigo		F				

Só por essa análise, não podemos dizer o que Pedro pediu.

NOVA CONCURSOS

QUESTÃO 95

As informações apresentadas na situação em apreço e o fato de João ter pedido peixe não são suficientes para se identificarem a cor da camisa de cada uma dessas pessoas e o prato que cada uma delas pediu.

certo errado

Resposta: Errado.

	Carne	Frango	Peixe	João	Pedro	Rodrigo
Azul	F			F	V	F
branca	F				F	
verde	V	F	F		F	
João						
Pedro						
Rodrigo		F				

João pediu peixe

	Carne	Frango	Peixe	João	Pedro	Rodrigo
Azul	F			F	V	F
branca	F				F	
verde	V	F	F		F	
João	F	F	V			
Pedro	F	V	F			
Rodrigo	V	F	F			

Analisando a primeira coluna, sabemos que Rodrigo pediu carne e está de verde, e podemos complementar a tabela

	Carne	Frango	Peixe	João	Pedro	Rodrigo
Azul	F			F	V	F
branca	F			V	F	F
verde	V	F	F	F	F	V
João	F	F	V			
Pedro	F	V	F			
Rodrigo	V	F	F			

João pediu peixe e está de camisa branca
Pedro pediu frango e está de azul
Rodrigo pediu carne e está de verde.
Portanto, somente com os dados conseguimos definir exatamente o que cada um pediu e a cor da camisa.

PROF. CARLOS ALEXANDRE QUIQUETO

Administrador, Analista de Sistemas e Consultor em TI. Graduado em Adm. Emp. e Sist. Informação. Pós-Graduando em Esp. Adm. TI.

NOÇÕES DE INFORMÁTICA

QUESTÃO 96

(TRE-BA - Conhecimentos Gerais - Nível Médio - CESPE/2017)

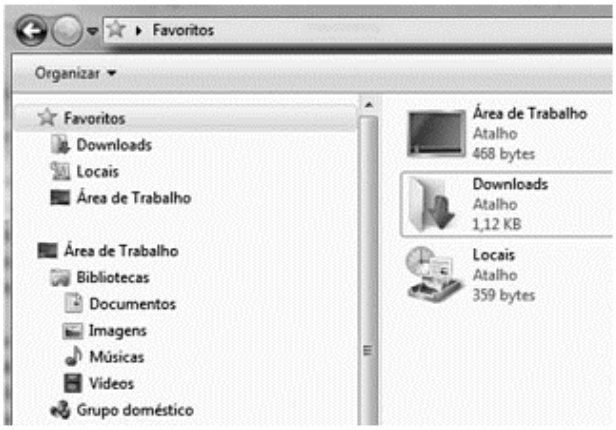

Tendo como referência a imagem precedente, que ilustra uma tela do Windows Explorer, assinale a opção correspondente ao local apropriado para o usuário criar atalhos ou armazenar livremente arquivos de uso corrente ou a que deseje ter acesso mais facilmente.

(A) Bibliotecas
(B) Área de Trabalho
(C) Locais
(D) Downloads
(E) Favoritos

QUESTÃO 97

(TRE-BA - Conhecimentos Gerais - Nível Médio - CESPE/2017) O procedimento utilizado para atribuir integridade e confidencialidade à informação, de modo que mensagens e arquivos trocados entre dois ou mais destinatários sejam descaracterizados, sendo impedidos leitura ou acesso ao seu conteúdo por outras pessoas, é denominado

(A) criptografia
(B) engenharia social
(C) antivírus
(D) firewall
(E) becape

QUESTÃO 98

(TRE-BA - Conhecimentos Gerais - Nível Superior - CESPE/2017) Para responder uma mensagem de correio eletrônico e, simultaneamente, encaminhá-la para todos os endereços de email constantes no campo Para: (ou To) e no campo Cópia: (ou Copy) no cabeçalho da mensagem recebida, o usuário deve utilizar a opção

(A) encaminhar mensagem.
(B) encaminhar mensagem para todos os destinatários.
(C) responder para todos.
(D) responder para o remetente.
(E) responder com cópia oculta.

QUESTÃO 99. (TRE-BA - Conhecimentos Gerais - Nível Superior - CESPE/2017) Assinale a opção que apresenta a solução que permite filtrar tentativas de acessos não autorizados oriundos de outros ambientes e redes externas, contribuindo para a melhora do estado de segurança da informação de ambientes computacionais.

(A) certificado digital
(B) chave de criptografia
(C) rootkits
(D) firewall
(E) antivírus

QUESTÃO 100

(SERES-PE - Agente de Segurança Penitenciária - CESPE /2017) Determinado usuário, que dispõe de um arquivo Excel com as planilhas Plan1, Plan2 e Plan3, deseja realizar, na Plan1, um cálculo na célula A1, cujo resultado deve ser a soma dos valores presentes na célula A1, da Plan2, e na célula A1, da Plan3.

O usuário

(A) poderá realizar o cálculo desejado com a digitação da fórmula =Soma(Plan2.A1,Plan3.A1) na célula A1 da Plan1. Caso os valores na célula A1 da Plan2 e(ou) na célula A1 da Plan3 sejam alterados, será atualizado o valor na célula A1 da Plan1.

(B) poderá realizar o cálculo desejado com a digitação da fórmula =Plan2! A1+Plan3! A1 na célula A1 da Plan1. Caso os valores na célula A1 da Plan2 e(ou) na célula A1 da Plan3 sejam alterados, será atualizado o valor na célula A1 da Plan1.

(C) poderá realizar o cálculo desejado com a digitação da fórmula =A1(Plan2)+A1(Plan3) na célula A1 da Plan1. Caso os valores na célula A1 da Plan2 e(ou) na célula A1 da Plan3 sejam alterados, o valor na célula A1 da Plan1 será atualizado.

(D) não poderá realizar o cálculo desejado, já que, por questão de segurança, é vedada a referência entre planilhas. Ademais, no Excel, alterações de valores em células de origem não permitem que os valores sejam atualizados na célula que contém a fórmula.

(E) não poderá realizar o cálculo desejado, uma vez que, no Excel, é vedado o uso de endereços de outras planilhas em fórmulas. Para solucionar o problema, o usuário deverá copiar os dados das planilhas Plan2 e Plan3 para a planilha Plan1 e, em seguida, realizar o cálculo.

QUESTÃO 101

(SERES-PE - Agente de Segurança Penitenciária - CESPE /2017) Praga virtual que informa, por meio de mensagem, que o usuário está impossibilitado de acessar arquivos de determinado equipamento porque tais arquivos foram criptografados e somente poderão ser recuperados mediante pagamento de resgate denomina-se

(A) ransomware.
(B) trojan.
(C) spyware.
(D) backdoor.
(E) vírus.

QUESTÃO 102

(TRE-PE - Conhecimentos Gerais - Cargos 1, 2, 4 e 5 - CESPE /2017) Com relação à figura precedente, que mostra parte de uma janela do Windows Explorer, assinale a opção correta.

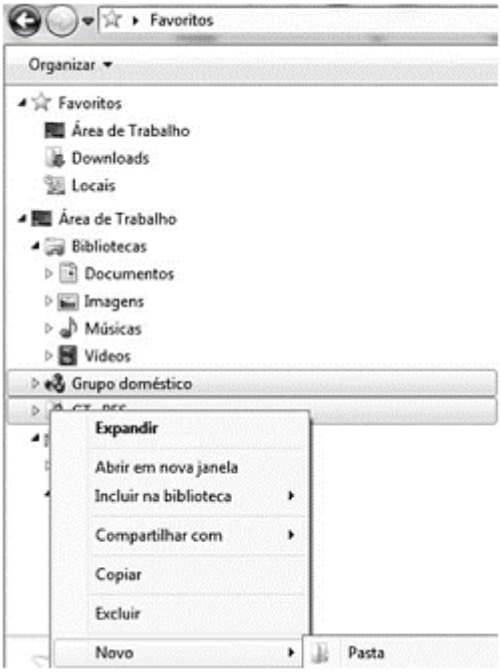

(A) A pasta Downloads, por padrão, armazena os arquivos que o usuário deseje guardar temporariamente antes de enviá-los para uma unidade externa.

(B) A opção Expandir permite aumentar a área de armazenamento dispo[illegible]o computador.

(C) No menu Novo, a opção Pasta permite a criação de uma nova pasta de arquivos dentro da unidade ou da pasta que tiver sido selecionada.

(D) A área Locais é destinada ao compartilhamento de arquivos da máquina com outros usuários.

(E) É possível excluir a Área de Trabalho clicando-se com o botão direito na opção Excluir.

QUESTÃO 103

(TRE-PE - Conhecimentos Gerais - Cargos 1, 2, 4 e 5 - CESPE /2017) Com referência aos ícones da interface de edição do MS Word disponíveis na guia Página Inicial, assinale a opção que apresenta, na respectiva ordem, os ícones que devem ser acionados para se realizarem as seguintes ações: aumentar em um ponto o tamanho da fonte; ativar estrutura de tópicos; alinhar texto à direita; alterar o espaçamento entre linhas de texto.

(A)

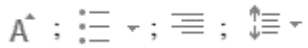

(B)

(C)

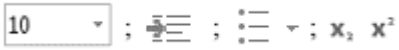

(D)

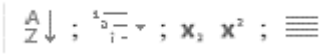

(E)

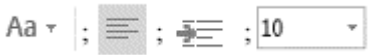

QUESTÃO 104

(TRE-PE - Conhecimentos Gerais – Cargo 6 - CESPE /2017) Com referência aos ícones da interface de edição do MS Word disponíveis na guia Página Inicial, assinale a opção que apresenta associação correta entre o(s) ícone(s) e a descrição de sua(s) funcionalidade(s).

(A)

Permitem alternar, no texto selecionado, palavras maiúsculas e minúsculas.

(B)

Permite acesso a opções de edição de bordas das células de uma tabela inserida dentro do documento.

(C)

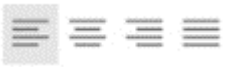

Exibem o texto em forma de tópicos para permitir a visualização da estrutura do documento.

(D)

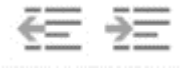

Permitem alternar as páginas do documento.

(E)

Tem a função exclusiva de realçar com cores palavras do texto.

QUESTÃO 105

(Prefeitura de São Luís – MA - Conhecimentos Básicos - Cargos de Técnico Municipal Nível Superior - CESPE /2017)

A humanidade vem passando por um processo de revolução tecnológica sem precedentes em sua história cujo maior exemplo é o advento da Internet. A respeito da Internet e dos aspectos a ela relacionados, assinale a opção correta.

(A) As informações pessoais disponibilizadas na Internet são de domínio privado e seu acesso por aplicativos é proibido.

(B) A Internet, embora tenha impactado as relações sociais, manteve inalteradas as formas de consumo.

(C) A utilidade da Internet à pesquisa é restrita, por causa da quantidade de informações falsas disponibilizadas na rede.

(D) Com a Internet, uma nova modalidade de contravenção surgiu: o cybercrime, que se manifesta nas ações dos hackers.

(E) A Internet é acessível às diferentes classes sociais dos mais diversos países.

QUESTÃO 106

(Prefeitura de São Luís – MA - Técnico Municipal Nível Médio/Nível VII-A- Transcritor e Adaptador de Sistema Braille- CESPE /2017)

Uma escola recebeu uma impressora braille nova. No momento de sua instalação, verificou-se que a escola dispunha de apenas um notebook com as seguintes conexões: duas entradas USB 2.0, entrada USB 3.0, uma entrada HDMI, entrada VGA, uma entrada para cartão de memória. Para que a impressora funcione corretamente com esse notebook, é necessário

(A) conectar a impressora ao computador por meio de um cabo USB 2.0 ou um cabo conversor de porta paralela serial para USB 2.0.

(B) instalar um hardware conversor de impressão em tinta em impressão em braille, conectado ao notebook via cartão de memória.

(C) conectar a impressora pela entrada VGA, liberando-se as entradas USB para outros dispositivos

(D) usar um cabo HDMI Full HD com blindagem, tendo em vista uma melhor qualidade na passagem de dados e a maior durabilidade do cabo.

(E) um cabo de impressora que converta a entrada USB 2.0 para MiniUSB, pois a impressora braille tem uma conexão analógica.

QUESTÃO 107

(SEDF - Professor de Educação Básica - Informática - CESPE /2017)

Acerca dos sistemas de entrada, saída e armazenamento em arquiteturas de computadores, julgue o item que se segue.

CD-ROM, pendrive e impressora são exemplos de dispositivos de entrada e saída do tipo bloco.

( ) Certo

( ) Errado

QUESTÃO 108

(SEDF - Professor de Educação Básica - Informática - CESPE /2017) Acerca dos sistemas de entrada, saída e armazenamento em arquiteturas de computadores, julgue o item que se segue.

Quando um sistema usa um canal de acesso direto à memória (DMA), a CPU inicia a transferência, mas não a executa.

( ) Certo

( ) Errado

QUESTÃO 109

(SEDF - Professor de Educação Básica - Informática - CESPE /2017) Acerca dos sistemas de entrada, saída e armazenamento em arquiteturas de computadores, julgue o item que se segue.

Os dispositivos de entrada e saída do tipo caractere utilizam operações bufferizadas a fim de otimizar o desempenho da transferência de dados.

( ) Certo

( ) Errado

QUESTÃO 110

(SEDF - Técnico de Gestão Educacional - Apoio Administrativo - CESPE /2017) Julgue o próximo item, relativo aos aplicativos para edição de textos, planilhas e apresentações do ambiente Microsoft Office 2013.

Em uma planilha do Excel 2013, ao se tentar inserir a fórmula =a3*(b3-c3), ocorrerá erro de digitação, pois as fórmulas devem ser digitadas com letras maiúsculas.

( ) Certo
( ) Errado

QUESTÃO 111

(SEDF - Técnico de Gestão Educacional - Apoio Administrativo - CESPE /2017) Julgue o próximo item, relativo aos aplicativos para edição de textos, planilhas e apresentações do ambiente Microsoft Office 2013.

Uma apresentação criada no PowerPoint 2013 não poderá ser salva em uma versão anterior a esta, visto que a versão de 2013 contém elementos mais complexos que as anteriores.

( ) Certo
( ) Errado

QUESTÃO 112

(SEDF - Técnico de Gestão Educacional - Apoio Administrativo - CESPE /2017) Julgue o próximo item, relativo aos aplicativos para edição de textos, planilhas e apresentações do ambiente Microsoft Office 2013.

No Word 2013, ao se clicar, com o botão esquerdo do mouse, a seta no botão S , localizado na guia Página Inicial, grupo Fonte, serão mostradas opções para sublinhar um texto, tais como sublinhado duplo e sublinhado tracejado.

( ) Certo
( ) Errado

QUESTÃO 113

(SEDF - Técnico de Gestão Educacional - Apoio Administrativo - CESPE /2017) Julgue o próximo item, relativo aos aplicativos para edição de textos, planilhas e apresentações do ambiente Microsoft Office 2013.

Uma forma de realçar uma palavra, em um documento no Word 2013, é adicionar um sombreamento a ela; no entanto, esse recurso não está disponível para aplicação a um parágrafo selecionado.

( ) Certo
( ) Errado

QUESTÃO 114

(SEDF - Técnico de Gestão Educacional - Apoio Administrativo - CESPE /2017)

Julgue o próximo item, relativo aos aplicativos para edição de textos, planilhas e apresentações do ambiente Microsoft Office 2013.

No canto esquerdo superior da janela inicial do Excel 2013, consta a informação acerca do último arquivo acessado bem como do local onde ele está armazenado.

( ) Certo
( ) Errado

QUESTÃO 115

(SEDF - Técnico de Gestão Educacional - Apoio Administrativo - CESPE /2017) Acerca do sistema operacional Windows 8.1, julgue o item subsequente.

O Windows 8.1 é um sistema operacional com desempenho superior às versões anteriores devido ao fato de restringir a instalação de dois ou mais programas para a mesma finalidade como, por exemplo, navegadores de Internet.

( ) Certo
( ) Errado

QUESTÃO 116

(SEDF - Técnico de Gestão Educacional - Apoio Administrativo - CESPE /2017) Acerca do sistema operacional Windows 8.1, julgue o item subsequente.

Por questões de segurança, a tela de logon do Windows 8.1 não pode ser personalizada.

( ) Certo
( ) Errado

QUESTÃO 117

(SEDF - Técnico de Gestão Educacional - Apoio Administrativo - CESPE /2017) Com relação aos conceitos básicos e modos de utilização de tecnologias, ferramentas, aplicativos e procedimentos associados à Internet e à intranet, julgue o próximo item.

Embora exista uma série de ferramentas disponíveis na Internet para diversas finalidades, ainda não é possível extrair apenas o áudio de um vídeo armazenado na Internet, como, por exemplo, no Youtube (http://www.youtube.com).

( ) Certo
( ) Errado

QUESTÃO 118

(SEDF - Técnico de Gestão Educacional - Apoio Administrativo - CESPE /2017) Com relação aos conceitos básicos e modos de utilização de tecnologias, ferramentas, aplicativos e procedimentos associados à Internet e à intranet, julgue o próximo item.

É correto conceituar intranet como uma rede de informações internas de uma organização, que tem como objetivo compartilhar dados e informações para os seus colaboradores, usuários devidamente autorizados a acessar essa rede.

( ) Certo
( ) Errado

QUESTÃO 119

(SEDF - Técnico de Gestão Educacional - Apoio Administrativo - CESPE /2017) Com relação aos conceitos básicos e modos de utilização de tecnologias, ferramentas, aplicativos e procedimentos associados à Internet e à intranet, julgue o próximo item.

Cookies são arquivos enviados por alguns sítios da Internet aos computadores dos usuários com o objetivo de obter informações sobre as visitas a esses sítios; no entanto, o usuário pode impedir que os cookies sejam armazenados em seu computador.

( ) Certo
( ) Errado

QUESTÃO 120

(SEDF - Técnico de Gestão Educacional - Apoio Administrativo - CESPE /2017) Com relação aos conceitos básicos e modos de utilização de tecnologias, ferramentas, aplicativos e procedimentos associados à Internet e à intranet, julgue o próximo item.

Embora os gerenciadores de downloads permitam que usuários baixem arquivos de forma rápida e confiável, essas ferramentas ainda não possuem recursos para que arquivos maiores que 100 MB sejam baixados.

( ) Certo
( ) Errado

QUESTÃO 121

(SEDF - Técnico de Gestão Educacional - Apoio Administrativo - CESPE /2017) A respeito dos conceitos de organização, de segurança e de gerenciamento de informações, arquivos, pastas e programas, julgue o item a seguir.

No sistema Windows 8.1, os arquivos ocultos não ocupam espaço em disco.

( ) Certo
( ) Errado

QUESTÃO 122

(SEDF - Técnico de Gestão Educacional - Apoio Administrativo - CESPE /2017)

A respeito dos conceitos de organização, de segurança e de gerenciamento de informações, arquivos, pastas e programas, julgue o item a seguir.

No Explorador de Arquivos do Windows 8.1, ao se clicar uma pasta com o botão direito do mouse, selecionar a opção Propriedades e depois clicar a aba Segurança, serão mostradas algumas opções de permissões para usuários autorizados como, por exemplo, Controle total, Modificar e Leitura.

( ) Certo
( ) Errado

QUESTÃO 123

(FUB - Conhecimentos Básicos - Cargos de 8 a 19 - CESPE /2016) Julgue o próximo item, relativos ao sistema operacional Windows 8 e à edição de textos no ambiente Microsoft Office 2013.

No Word 2013, entre as opções de colagem disponibilizadas no botão Colar, localizado na guia Página Inicial, encontra-se a opção Mesclar Formatação.

( ) Certo
( ) Errado

QUESTÃO 124

(FUB - Conhecimentos Básicos - Cargos de 8 a 19 - CESPE /2016) Julgue o próximo item, relativos ao sistema operacional Windows 8 e à edição de textos no ambiente Microsoft Office 2013.

O sistema operacional Windows 8 demanda poucos requisitos de hardware para ser instalado, podendo ser executado, por exemplo, em computadores com 128 MB de RAM e espaço livre em disco de 1 GB.

( ) Certo
( ) Errado

QUESTÃO 125

(FUB - Conhecimentos Básicos - Cargos de 8 a 19 - CESPE /2016) Julgue o próximo item, relativos ao sistema operacional Windows 8 e à edição de textos no ambiente Microsoft Office 2013.

No Windows 8, para se desbloquear uma tela protegida e passar para a página de logon, é suficiente pressionar qualquer tecla.

( ) Certo
( ) Errado

QUESTÃO 126

(FUB - Conhecimentos Básicos - Cargos de 8 a 19 - CESPE /2016) Julgue o próximo item, relativos ao sistema operacional Windows 8 e à edição de textos no ambiente Microsoft Office 2013.

No Word 2013, é possível definir uma fonte padrão para ser utilizada somente no documento em edição.

( ) Certo
( ) Errado

QUESTÃO 127

(FUB - Conhecimentos Básicos - Cargos de 8 a 19 - CESPE /2016) Acerca de conceitos de redes de computadores, aplicativos e procedimentos de Internet, julgue o item subsequente.

No catálogo de endereços das versões mais recentes do Mozilla Thunderbird, não se pode inserir dois usuários com o mesmo email.

( ) Certo
( ) Errado

QUESTÃO 128

(FUB - Conhecimentos Básicos - Cargos de 8 a 19 - CESPE /2016) Acerca de conceitos de redes de computadores, aplicativos e procedimentos de Internet, julgue o item subsequente.

Ao realizar uma pesquisa na Internet, o Google distingue palavras digitadas em maiúsculas daquelas digitadas em minúsculas no texto a ser pesquisado.

( ) Certo
( ) Errado

QUESTÃO 129

(FUB - Conhecimentos Básicos - Cargos de 8 a 19 - CESPE /2016) Com relação a gerenciamento de arquivos e segurança da informação, julgue o seguinte item.

Enquanto estiver conectado à Internet, um computador não será infectado por worms, pois este tipo de praga virtual não é transmitido pela rede de computadores.

( ) Certo
( ) Errado

QUESTÃO 130

(FUB - Conhecimentos Básicos - Cargos de 8 a 19 - CESPE /2016) Com relação a gerenciamento de arquivos e segurança da informação, julgue o seguinte item.

O Windows disponibiliza recursos que permitem selecionar simultaneamente vários arquivos de mesma extensão e executar operações comuns envolvendo esses arquivos, como, por exemplo, excluir e imprimir.

( ) Certo
( ) Errado

NOVA CONCURSOS

QUESTÃO 131

(FUB - Conhecimentos Básicos – Cargo 20 - CESPE /2016) Julgue o próximo item, relativos ao sistema operacional Windows 8, ao Microsoft Office Excel 2013 e ao programa de navegação Microsoft Internet Explorer 11.

No Excel 2013, o ponto e vírgula (;) presente na fórmula =SOMA(F10;F20) indica que todos os valores compreendidos entre as células F10 e F20 devem ser somados.

( ) Certo
( ) Errado

QUESTÃO 132

(FUB - Conhecimentos Básicos – Cargo 20 - CESPE /2016) Julgue o próximo item, relativos ao sistema operacional Windows 8, ao Microsoft Office Excel 2013 e ao programa de navegação Microsoft Internet Explorer 11.

Por ser considerado um navegador seguro, o Internet Explorer 11 não permite a navegação na Internet em computadores conectados via redes sem fio.

( ) Certo
( ) Errado

QUESTÃO 133

(FUB - Conhecimentos Básicos – Cargo 20 - CESPE /2016) Julgue o próximo item, relativos ao sistema operacional Windows 8, ao Microsoft Office Excel 2013 e ao programa de navegação Microsoft Internet Explorer 11.

Em uma janela do sistema operacional Windows, podem-se encontrar informações de uma imagem e de um documento de texto, e também de um programa que esteja em execução.

( ) Certo
( ) Errado

QUESTÃO 134

(FUB - Conhecimentos Básicos – Cargo 20 - CESPE /2016) Julgue o próximo item, relativos ao sistema operacional Windows 8, ao Microsoft Office Excel 2013 e ao programa de navegação Microsoft Internet Explorer 11.

Na tela Iniciar do Windows 8, são exibidos menus ocultos ao se apontar com o mouse para o canto direito inferior da tela.

( ) Certo
( ) Errado

QUESTÃO 135

(FUB - Conhecimentos Básicos – Cargo 20 - CESPE /2016) Acerca de sítios de busca e pesquisa na Internet, de gerenciamento de arquivos e de aplicativos para segurança, julgue o item subsequente.

Os arquivos ocultos são arquivos de sistemas que só podem ser manipulados pelo Windows 8; por sua vez, os arquivos de usuários não podem ser configurados como ocultos a fim de evitar que usuário não autorizado os visualize.

( ) Certo
( ) Errado

QUESTÃO 136

(FUB - Conhecimentos Básicos – Cargo 20 - CESPE /2016) Acerca de sítios de busca e pesquisa na Internet, de gerenciamento de arquivos e de aplicativos para segurança, julgue o item subsequente.

A utilização de firewalls em uma rede visa impedir acesso indevido dentro da própria rede e também acessos oriundos da Internet.

( ) Certo
( ) Errado

QUESTÃO 137

(FUB - Conhecimentos Básicos – Cargo 20 - CESPE /2016) Acerca de sítios de busca e pesquisa na Internet, de gerenciamento de arquivos e de aplicativos para segurança, julgue o item subsequente.

Entre as funcionalidades do sítio de busca Google, encontra-se a de permitir a pesquisa de temas de interesse em livros de domínio público.

( ) Certo
( ) Errado

QUESTÃO 138

(FUB - Conhecimentos Básicos - Cargos de 1 a 7 - CESPE /2016) Com relação ao sistema operacional Windows e ao ambiente Microsoft Office, julgue o item que se segue.

No MS Office, o uso da ferramenta Pincel de Formatação permite copiar a formatação de um parágrafo do documento em edição e aplicá-la a outro parágrafo.

( ) Certo
( ) Errado

QUESTÃO 139

(FUB - Conhecimentos Básicos - Cargos de 1 a 7 - CESPE /2016) Com relação ao sistema operacional Windows e ao ambiente Microsoft Office, julgue o item que se segue.

No MS Excel, as referências relativas são fixas e identificadas pelo símbolo $.

( ) Certo
( ) Errado

QUESTÃO 140

(PM-SP - Soldado da Polícia Militar - CESPE /2017) Com relação ao sistema operacional Windows e ao ambiente Microsoft Office, julgue o item que se segue.

A forma de organização dos dados no disco rígido do computador é chamada de sistema de arquivos, como, por exemplo, o NTFS e o FAT32.

( ) Certo
( ) Errado

RESPOSTAS

96 Resposta: B

A Área de trabalho ou Desktop é a primeira área que nos é exibida ao iniciarmos ou efetuarmos logon no Windows. Através de sua interface, podemos criar ou acessar atalhos, iniciar programas, salvar arquivos, etc.

97 Resposta: A

A criptografia, considerada como a ciência e a arte de escrever mensagens em forma cifrada ou em código, é um dos principais mecanismos de segurança que você pode usar para se proteger dos riscos associados ao uso da Internet.

Confidencialidade significa garantir que a informação não será conhecida por pessoas que não estejam autorizadas para tal.

Integridade, por sua vez, significa garantir que a informação armazenada ou transferida está correta e é apresentada corretamente para quem a consulta.

98 Resposta: C

As mensagens de e-mail recebidas, poderão ser:

- Respondidas para o remetente (Responder)
- Respondidas para o remetente, para outros destinatários nos campos PARA e CC (Responder para Todos)
- Encaminhadas para outros destinatários (Encaminhar)

99 Resposta: D

Um firewall é um dispositivo de segurança da rede que monitora o tráfego de rede de entrada e saída e decide permitir ou bloquear tráfegos específicos de acordo com um conjunto definido de regras de segurança.

100 Resposta: B

Primeiramente, contrariando as alternativas D e E pois sim, é possível realizar o calculo desejado. A forma correta de fazer referência a uma planilha externa no Excel é colocando o nome da mesma, depois o sinal de exclamação e, por fim, a célula ou intervalo a ser utilizado.

101 Resposta: A

Ransomware é um tipo de código malicioso que torna inacessíveis os dados armazenados em um equipamento, geralmente usando criptografia, e que exige pagamento de resgate (ransom) para restabelecer o acesso ao usuário.

102 Resposta: C

Ao selecionarmos a opção Pasta No menu Novo, é possível criar uma nova pasta no local selecionado.

103 Resposta: A

: Aumentar em um ponto o tamanho da fonte;

: Ativar estrutura de tópicos;

: Alinhar texto à direita;

: Alterar o espaçamento entre linhas de texto.

104 Resposta: B

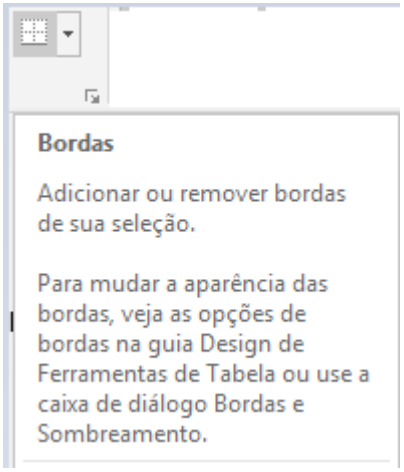

105 Resposta: D

O cybercrime é definido como um crime em que um computador é objeto do crime (hacking, phishing, spamming) ou é usado como uma ferramenta para cometer uma ofensa (pornografia infantil, crimes de ódio). Os cibercriminosos podem usar tecnologia informática para acessar informações pessoais, segredos comerciais ou usar a internet para fins de exploração ou maliciosos. Os criminosos também podem usar computadores para comunicação e armazenamento de documentos ou dados. Os criminosos que realizam essas atividades ilegais são frequentemente chamados de hackers.

106 Resposta: A

Devemos conectar a impressora ao computador por meio de um cabo USB 2.0 ou um cabo conversor de porta paralela serial para USB 2.0. Deduzimos que esta impressora seja de um dos padrões mais comuns de conexão de impressoras: USB, mais recente, ou paralela serial, não especificada nas configurações do Notebook, além de ser pouco comum em configurações padrão de notebooks. Em sendo USB 2.0 não ira influenciar no funcionamento da impressora.

107 Resposta: Errado

Os dispositivos de entrada e saída podem ser divididos em um modo genérico como dispositivos de bloco e caractere.

Um dispositivo de bloco armazena as informações em blocos de tamanho fixo, cada qual com seu endereço. Cada bloco pode ser lido ou escrito de maneira independente uns dos outros. Um dispositivo de bloco pode estar com um ponteiro em qualquer lugar e pode ser posicionado para outro cilindro.

Dito isso, poderíamos responder à questão apenas analisando os dispositivos citados:

CD-ROM – Só entrada (somente leitura).
PENDRIVE – Dispositivo de ENTRA/SAÍDA.
IMPRESSORA – Dispositivo de SAÍDA.

108 Resposta: Certo

O canal de acesso direto à memória (DMA - Direct Memory Access) é usado para realizar a transferência dos dados, mas sem a execução dos dados pelo processador (CPU), que se encarrega apenas de iniciar ela. O DMA visa melhorar a performance geral do micro, permitindo que os periféricos transmitam dados diretamente para a memória, poupando o processador de mais esta tarefa.

109 Resposta: Errado

O dispositivo de caractere não utiliza estrutura de blocos nem posicionamento. No dispositivo de caractere ele recebe um fluxo de caracteres, além de não ser endereçável. Sua comunicação é feita através do envio e recebimento de um fluxo de caracteres. As operações não são bufferizadas, porque são enviadas em sequência, em fluxo. Um buffer é uma pequena área de memória ultra -rápida usada para melhorar a velocidade de acesso a um determinado dispositivo. É encontrado em HDs, gravadores de CD, modems.

110 Resposta: Errado

Para inserir uma fórmula no Excel é irrelevante o uso de letra maiúscula ou minúscula. Todavia, na barra de fórmulas todo o conteúdo da célula será mostrado com letra maiúscula. A digitação de endereços de células em letras minúsculas está correta, e o Excel apenas normatiza na fonte maiúsculas, os endereços existentes nas fórmulas.

111 Resposta: Errado

Apesar de estar certa quanto ao fato de afirmar qu realmente versões anteriores podem não executar adequadamente alguns dos recursos de versões atuais, está errada por afirmar que não podemos salvar o arquivo como versões anteriores pois mesmo nesse caso, algum recurso como quando você utiliza um recurso como o Equação (guia Inserir, grupo Símbolos), ao "salvar" como Apresentação do PowerPoint versão 97-2003 a equação "não" irá funcionar adequadamente (você não poderá editá-la, por exemplo) e o usuário será advertido em relação a esta ocorrência. A equação será convertida em uma imagem.

Utilizaremos a opção Arquivo/Salvar como/selecionar o tipo de salvamento.

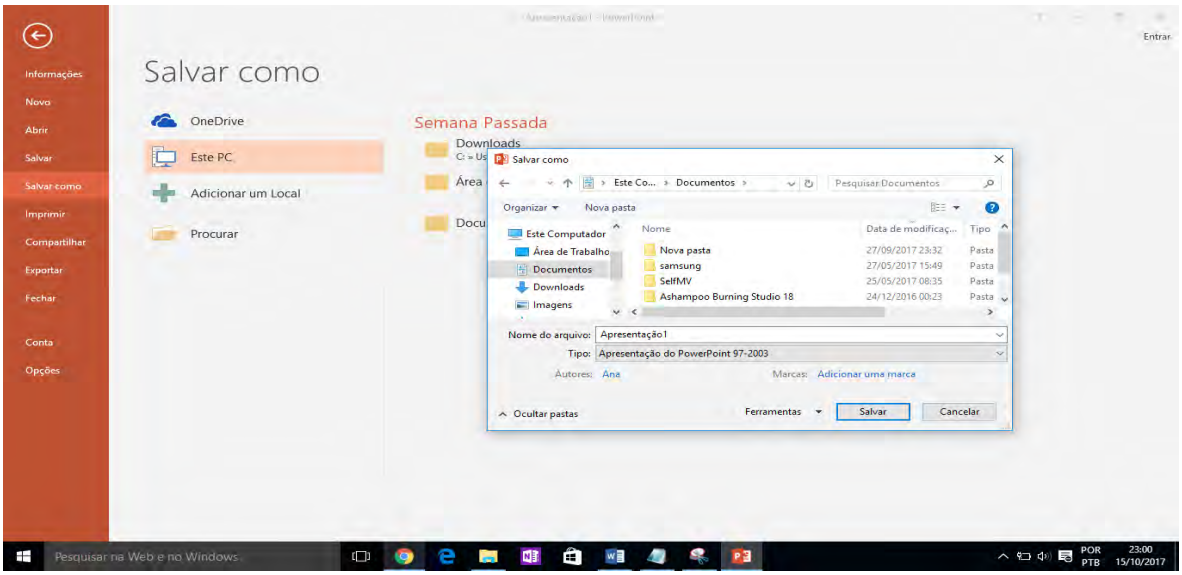

112 Resposta: Certo

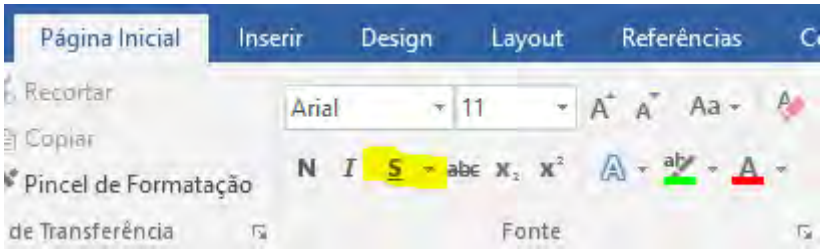

113 Resposta: Errado

O realce pode ser aplicado tanto a determinadas palavras, clicando no botão do pincel denominado cor do realce do texto, no grupo Fonte (guia Página Inicial), como também pode ser aplicado ao parágrafo inteiro onde o cursor estiver, clicando no botão da "tinta" do grupo Parágrafo (também na guia Página Inicial).

114 Resposta: Certo

Ao abrir o EXCEL 2013 pode ser visualizada a JANELA INICIAL que contém os modelos prontos do Excel e ao lado esquerdo os últimos arquivos abertos e os seus respectivos locais.

115 Resposta: Errado

Nunca existiu este tipo de restrição nos sistemas operacionais Windows. Podemos, por exemplo, ter o Google Chrome, o Mozilla Firefox e o Internet Explorer instalados no mesmo computador com sistema Windows, fato mais comum do que parece.

116 Resposta: Errado

Podemos personalizar de diversas maneiras a tela de logon do Windows 8 (tela anterior à digitação de senha). Podemos, por exemplo, trocar imagem, inserir um slideshow ou ainda ter notificações de aplicativos.

117 Resposta: Errado

Existem diversos aplicativos que realizam esta tarefa, podendo citar como exemplo o aTube Catcher que, além desta, realiza diversas outras tarefas relativas à extração de vídeos diretamente do youtube.

118 Resposta: Certo

Uma intranet é uma rede privada baseada em protocolos TCP / IP, pertencente a uma organização, geralmente uma corporação, acessível apenas pelos membros da organização, funcionários ou outros com autorização. Os sites e aplicativos de software da intranet aparecem e agem como qualquer outro, mas o firewall que envolve uma intranet evita o acesso e o uso não autorizados.

119 Resposta: Certo

COOKIES são pequenos arquivos de texto que são deixados no disco rígido do nosso computador pelos sites que visitamos contendo informações sobre nossa preferência de navegação. O objetivo principal de um cookie é identificar usuários e, possivelmente, preparar páginas da Web personalizadas ou salvar informações de login do site para você.

Quando você acessa um site usando cookies, você pode ser solicitado a preencher um formulário que fornece informações pessoais; como seu nome, endereço de e-mail e interesses. Esta informação é empacotada em um cookie e enviada ao seu navegador da Web, que depois armazena as informações para uso posterior. Na próxima vez que você acessar o mesmo site, seu navegador enviará o cookie para o servidor da Web. A mensagem é enviada de volta ao servidor sempre que o navegador solicita uma página do servidor.

No entanto, o usuário pode impedir que os cookies sejam armazenados em seu computador, através da opção "Bloquear todos os cookies", ou definir os específicos.

120 Resposta: Errado

Não existe restrição quanto ao tamanho do arquivo na hora de baixar por um gerenciador de download.

Através de um gerenciador podemos pausar, reiniciar, deletar, alocar banda, etc.

121 Resposta: Errado

O arquivo estar com a propriedade oculto ativo não quer dizer que ficou inexistente. Ele ainda está presente no computador e com o mesmo tamanho e funções anteriores. Não é exibido no Explorador de Arquivos (em sua configuração padrão), sendo possível visualizar na listagem, caso se altere as configurações de exibição.

122 Resposta: Certo

Seguindo os passos da questão, teremos como opções de PERMISSÕES:

- Controle total;
- Modificar;
- Ler & executar;
- Leitura;
- Gravar;
- Permissões especiais.

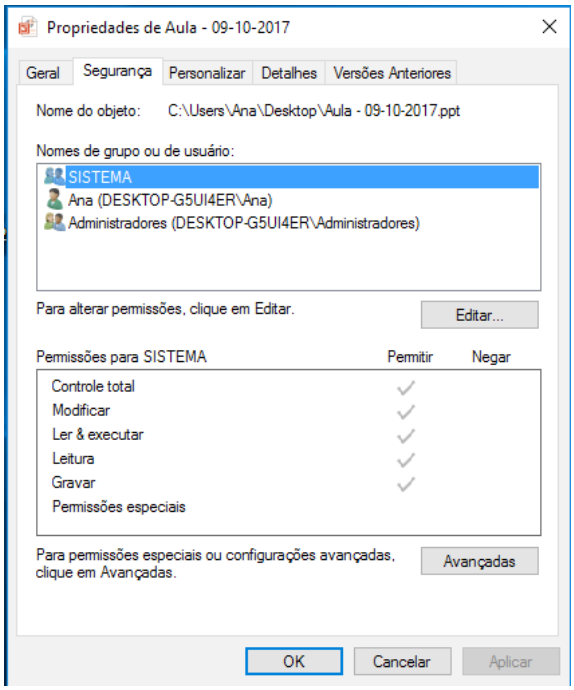

123 Resposta: Certo

124 Resposta: Errado

Requisitos mínimos para rodarmos o Windows 8, de acordo com o suporte da Microsoft

- Processador. 1 GHz ou mais rápido com suporte a PAE, NX e SSE2
- RAM. 1 GB (32 bits) ou 2 GB (64 bits)
- Espaço em disco. 16 GB (32 bits) ou 20 GB (64 bits)
- Placa gráfica. Dispositivo gráfico Microsoft DirectX 9 com driver WDDM

125 Resposta: Certo

Pressionar qualquer tecla é o bastante para passar para a tela de logon (onde se coloca o usuário e senha).

126 Resposta: Certo

Comece com um documento em branco ou, se o documento já contiver texto formatado com as propriedades que você deseja usar, selecione esse texto.

Na guia Página Inicial, na Iniciador de Caixa de Diálogo Fonte, clique no grupo Fonte.

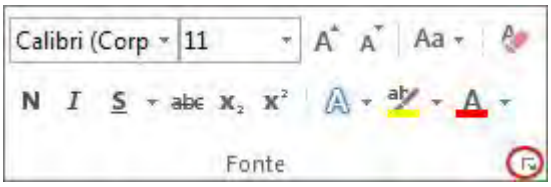

Selecione as opções que você deseja aplicar à fonte padrão, como estilo e tamanho da fonte. Se você tiver selecionado o texto na etapa 1, as propriedades do texto selecionado serão definidas na caixa de diálogo.

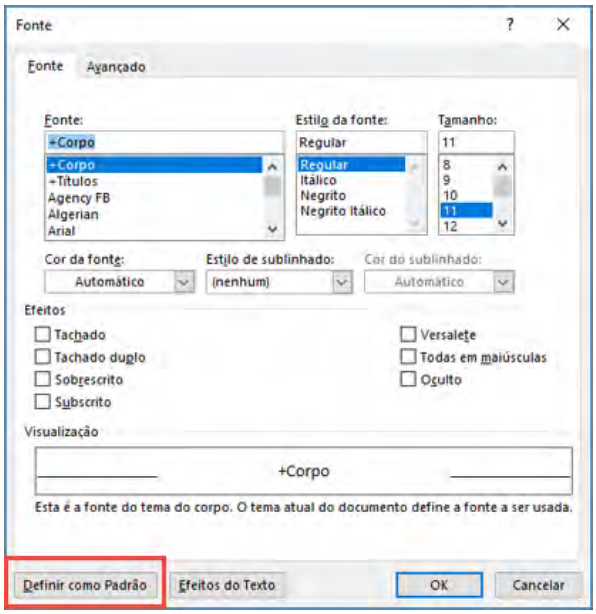

Clique em Definir como Padrão e defina o escopo das suas alterações:

Selecione Somente este documento? se quiser que as alterações se apliquem somente ao documento atual.

Selecione Todos os documentos baseados no modelo Normal.dotm? se quiser que as alterações se apliquem a qualquer documento baseado no modelo Normal.

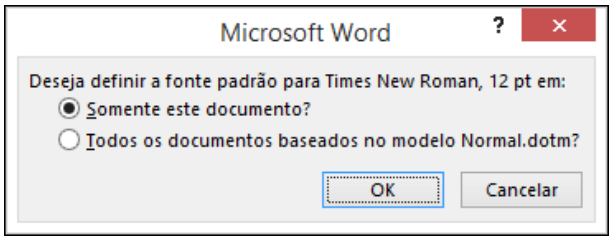

Clique em OK para aplicar suas alterações.

Observação: o atalho para acessarmos a opção fonte é Ctrl+D.

127 Resposta: Errado.

Podemos incluir sim dois usuários com um mesmo e-mail no catálogo de endereços. Podemos citar como exemplo um e-mail corporativo, utilizado por diversas pessoas.

128 Resposta: Errado.

A ferramenta de pesquisa Google não tem característica CASE SENSITIVE, ou seja, não faz distinção entre letras maiúsculas ou letras minúsculas. O ajuste, se necessário é feito de forma automática.

O corretor ortográfico do Google padroniza automaticamente para a escrita mais comum de uma palavra, mesmo que você não tenha digitado corretamente.

129 Resposta: Errado.

Os Worms são programas que geram cópias de si próprios em diversos locais num computador infectado. O objetivo deste tipo de malware é por norma saturar os computadores e redes, impedindo o seu correto funcionamento. Ao contrário dos vírus, os worms não infectam arquivos. Exploram vulnerabilidades das aplicações e das redes de comunicações para se propagarem, e não necessitam de intervenção das vítimas para se executarem.

O principal objetivo dos worms é propagarem-se e infectar o maior número de computadores possível. Para tal, criam cópias deles próprios nos computadores infectados, que se distribuem para outros computadores através de diversos canais possíveis, destacando-se os e-mails, os programas de compartilhamento de arquivos por redes P2P e de instant messaging.

130 Resposta: Certo.

No Windows Explorer, caso pressionarmos a tecla SHIFT, poderemos selecionar simultaneamente os arquivos desejados. Logo em seguida, clicando c/ o botão direito do mouse encontramos várias opções, tais como excluir ou imprimir.

O mesmo acontece pressionando a tecla "Ctrl" e selecionando quais arquivos desejas excluir ou imprimir.

131 Resposta: Errado.

Em relação à formulas no Excel:

; => e (esta "e" aquela)

: => até (desta "até" aquela)

132 Resposta: Errado.

Qualquer browser (navegador) permite a navegação na internet independente da forma que estiverem conectados.

133 Resposta: Certo.

Uma seção da exibição do computador em uma GUI - Graphical User Interface (Interface Gráfica do Usuário, em português) - que mostra o programa atualmente em uso. O Windows permite que um usuário trabalhe com vários programas ou visualize vários programas ao mesmo tempo. Quase todas as janelas permitem que você minimize e maximize, permitindo que você esconda e visualize temporariamente um programa.

134 Resposta: Certo.

A Charm Bar do Windows 8 é, essencialmente, uma reformulação do "Menu Iniciar", assim como da barra de tarefas. É nela em que se localizam as "Charms", funcionalidades fundamentais do novo sistema operacional da Microsoft, as quais são: Iniciar (Start), Pesquisar (Search), Dispositivos (Devices), Configurações (Settings) e Compartilhar (Share).

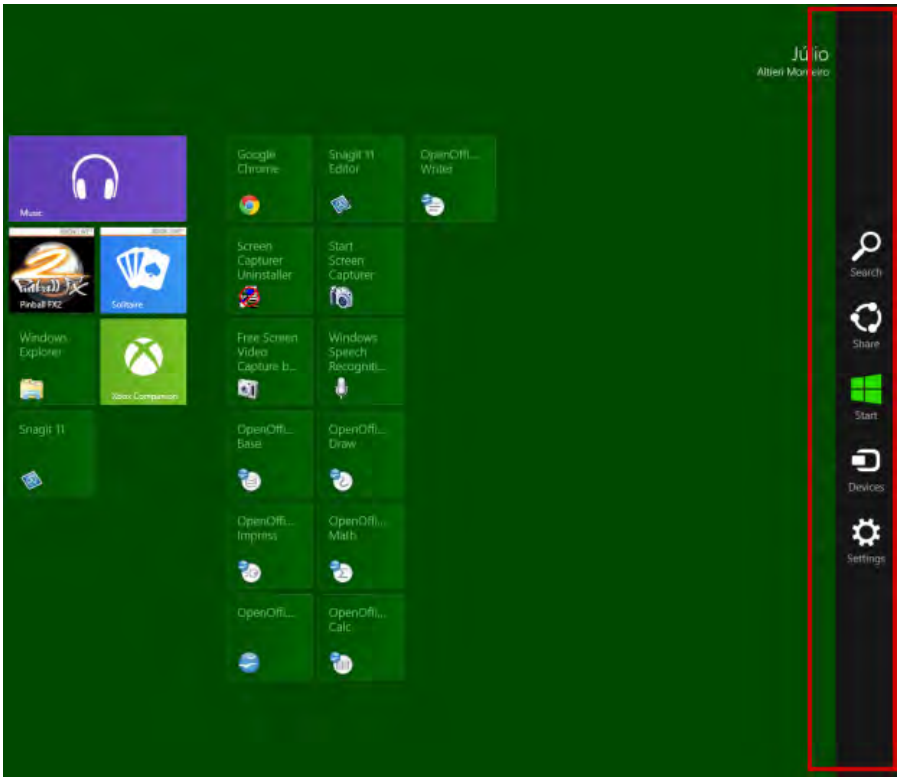

Diferentemente do tradicional botão iniciar e da barra de tarefas, a Charm Bar nem sempre está aparente na tela. Ela é ativada por gestos - em telas sensíveis ao toque - pelo atalho Windows + C ou pela passagem do cursor sobre os cantos superior ou inferior, no lado direito da tela.

135 Resposta: Errado.

o usuário também pode manipular esse aquivos, para alterar esta propriedade, basta acessar as Propriedades do item desde que os torne visível, no menu Opções de Pasta, guia modo de exibição. Podemos visualizar os que possuem esta propriedade, basta alterar o modo de visualização da Opção de Pasta.

136 Resposta: Certo.

Um firewall é um dispositivo de segurança da rede que monitora o tráfego de rede de entrada e saída e decide permitir ou bloquear tráfegos específicos de acordo com um conjunto definido de regras de segurança.

137 Resposta: Certo

O google disponibiliza um recurso chamado Google Livros (Google Books). No Google Livros, é possível ler livros e revistas, fazer o download deles, citá-los e traduzi-los. Alguns livros são fornecidos pelos editores, enquanto outros são digitalizados como parte do Projeto Biblioteca.

Ler livros e revistas

Acesse o Google Livros.

Pesquise por título, autor, ISBN ou palavras-chave.

Para pesquisar com filtros, faça uma pesquisa avançada.

Clique em um título. Você verá informações básicas, e alguns ou todos os livros.

138 Resposta: Certo.

Use o Pincel de Formatação para copiar rapidamente a formatação de um item em um documento para outro. Basta selecionar o item com a aparência desejada, clicar em Pincel de Formatação e clicar no item que você deseja alterar para que tenha a mesma aparência. O Pincel de Formatação seleciona toda a formatação do primeiro item, quer ele seja uma forma, uma célula, uma borda de imagem ou um texto, e a aplica ao segundo item. As etapas e as opções variam ligeiramente, dependendo do aplicativo que você usa.

Selecione o texto ou gráfico com a formatação que deseja copiar.

Para copiar a formatação do texto, selecione um trecho de um parágrafo. Para copiar a formatação do texto e do parágrafo, selecione todo o parágrafo, inclusive a marca de parágrafo.

Clique em Página Inicial e, no grupo Área de Transferência, clique em Pincel de Formatação.

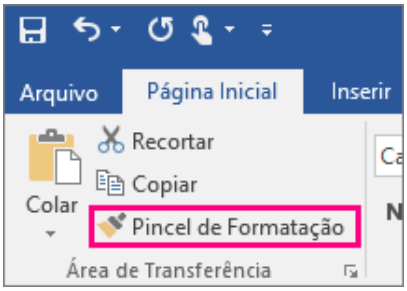

Quando o ponteiro se transformar em um ícone de pincel, clique e arraste para selecionar o texto ou o elemento gráfico que deseja formatar e solte o botão do mouse.

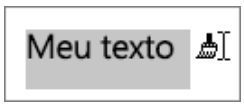

DICA : Para copiar a formatação para mais de um item, clique duas vezes no Pincel de Formatação em vez de clicar uma vez. A formatação copiada será aplicada a todos os itens em que você clicar, até que você pressione Esc.

139 Resposta: Errado.

No MS Excel, as referências absolutas são fixas e identificadas pelo símbolo $.

140 Resposta: Certo.

FAT32 é o mais antigo dos dois formatos de unidade. FAT32 é a versão mais comum do sistema de arquivos FAT (File Allocation Table) criado em 1977 pela Microsoft. Eventualmente encontrou seu caminho no PC-DOS do IBM PC em 1981 e foi transferido para o MS-DOS quando isso se tornou um produto autônomo. FAT tinha sido o formato padrão para disquetes e discos rígidos durante os anos do DOS e versões do Windows até e incluindo o Windows 8.

NTFS (New Technology Files System) é o formato de unidade mais recente. A Microsoft introduziu o NTFS em 1993, como um componente do Windows NT 3.1 orientado a empresas e, em seguida, do Windows 2000, embora não se tornou comum em PCs de consumo até o Windows XP em 2001. Windows 7 e 8 tem como padrão o formato NTFS.

Fontes:

https://www.profissionaisti.com.br/2015/07/seguranca-da-informacao-confidencialidade-integridade-e-disponibilidade-cid/

https://cartilha.cert.br/criptografia/

https://www.cisco.com/c/pt_br/products/security/firewalls/what-is-a-firewall.html

http://www.devmedia.com.br/como-funcionam-os-dispositivos-de-entrada-e-saida/28275

https://support.microsoft.com/pt-br/help/12660/windows-8-system-requirements

https://support.office.com/pt-br/

https://www.pandasecurity.com/brazil/homeusers/security-info/classic-malware/worm/

http://www.techtudo.com.br/artigos/noticia/2012/03/entenda-charm-bar-do-windows-8.html

https://www.cisco.com/c/pt_br/products/security/firewalls/what-is-a-firewall.html

PROF. MA. BRUNA PINOTTI GARCIA.

Advogada e pesquisadora. Doutoranda em Direito, Estado e Constituição pela Universidade de Brasília – UNB. Mestre em Teoria do Direito e do Estado pelo Centro Universitário Eurípides de Marília (UNIVEM) – bolsista CAPES. Professora de curso preparatório para concursos e universitária (Faculdade do Noroeste de Minas – FINOM). Autora de diversos trabalhos científicos publicados em revistas qualificadas, anais de eventos e livros, notadamente na área do direito eletrônico, dos direitos humanos e do direito constitucional.

NOÇÕES DE DIREITO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA

QUESTÃO 141

(CESPE/2016 INSS - Analista do Seguro Social - Serviço Social) No que se refere ao Estatuto da Pessoa com Deficiência, julgue o seguinte item.

As escolas particulares podem cobrar dos estudantes com deficiência mensalidades com valores maiores que os das mensalidades cobradas de estudantes sem deficiência.

R: Errado. Nos termos do artigo 28, § 1º, Lei nº 13146/2015: "Às instituições privadas, de qualquer nível e modalidade de ensino, aplica-se obrigatoriamente o disposto nos incisos I, II, III, V, VII, VIII, IX, X, XI, XII, XIII, XIV, XV, XVI, XVII e XVIII do caput deste artigo, sendo vedada a cobrança de valores adicionais de qualquer natureza em suas mensalidades, anuidades e matrículas no cumprimento dessas determinações". Não obstante, vale ressaltar que a conduta de cobrar valores adicionais devido à deficiência é crime previsto na Lei nº 7.853/1989: "Art. 8º Constitui crime punível com reclusão de 2 (dois) a 5 (cinco) anos e multa: I - recusar, cobrar valores adicionais, suspender, procrastinar, cancelar ou fazer cessar inscrição de aluno em estabelecimento de ensino de qualquer curso ou grau, público ou privado, em razão de sua deficiência; [...]".

QUESTÃO 142

(CESPE/2014 - Câmara dos Deputados - Analista Legislativo) Com relação aos direitos das pessoas com deficiência, julgue o item subsequente.

O trabalhador rural com deficiência tem direito a um ambiente de trabalho acessível, tendo as mesmas garantias que o trabalhador urbano com deficiência.

R: Certo. Nos termos da Lei nº 13.146/2015, a acessibilidade deve abranger tanto a zona urbana quanto a rural, consoante ao conceito do artigo 3º, I: "Art. 3º Para fins de aplicação desta Lei, consideram-se: I - acessibilidade: possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privados de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida".

QUESTÃO 143

(CESPE/2017 - TRE-PE - Conhecimentos Gerais - Cargo 6) Considerando a legislação relativa à pessoa com deficiência, assinale a opção correta.

a) Pessoas com deficiência têm direito a planos de saúde específicos, que podem ter redução de cobertura em relação aos demais clientes, desde que haja redução proporcional do preço.

b) Os hotéis construídos antes da edição da Lei n.º 13.146/2015 têm o prazo de até dez anos para adotar todos os meios de acessibilidade estabelecidos na lei.

c) O princípio do desenho universal não é aplicável a serviços, mas apenas a produtos e ambientes.

d) A acessibilidade deve ser entendida não só como direito, mas também como princípio e garantia para o pleno exercício de demais direitos.

e) Havendo vagas decorrentes de ação afirmativa, a pessoa com deficiência deverá, necessariamente, concorrer pelas cotas.

R: D. Corroborando a afirmativa "d", observa-se um dos considerandos da Resolução Nº 230 de 22/06/2016 do CNJ: "CONSIDERANDO que a acessibilidade foi reconhecida na Convenção como princípio e como direito, sendo também considerada garantia para o pleno e efetivo exercício de demais direitos".

As demais assertivas estão incorretas: a "a" porque a cobertura assegurada deve ser no mínimo a mesma assegurada aos demais clientes (artigo 20, Lei nº 13.146/2015); a "b" porque, desde logo, "os estabelecimentos já existentes deverão disponibilizar, pelo menos, 10% (dez por cento) de seus dormitórios acessíveis, garantida, no mínimo, 1 (uma) unidade acessível" (art. 45, §1º, Lei nº 13.146/2015); a "c" porque, de acordo com o art. 3º, II, do Estatuto, desenho universal é compreendido como a "concepção de produtos, ambientes, programas e serviços a serem usados por todas as pessoas, sem necessidade de adaptação ou de projeto específico, incluindo os recursos de tecnologia assistiva"; a "e" porque cabe à pessoa com deficiência optar pelo gozo ou não das prerrogativas que lhes são garantias, não havendo obrigatoriedade para que usufruam as ações afirmativas, assim prevendo o artigo 4º, §2º do Estatuto: "a pessoa com deficiência não está obrigada à fruição de benefícios decorrentes de ação afirmativa".

QUESTÃO 144

(CESPE/2017 - TRE-PE - Conhecimentos Gerais - Cargo 3) Considerando o disposto na Lei n.º 13.146/2015 — Estatuto da Pessoa com Deficiência (EPD) —, assinale a opção correta.

a) Os planos e seguros privados de saúde podem cobrar valores diferenciados das pessoas com deficiência em razão da sua deficiência.

b) Com a edição do EPD a incapacidade absoluta prevista no Código Civil restringe-se aos menores de dezesseis anos de idade.

c) É assegurado à pessoa com deficiência o direito de votar e de ser votada, salvo na hipótese de curatela.

d) O EPD revogou a Lei n.º 7.853/1989, que dispunha sobre o apoio às pessoas com deficiência.

e) A deficiência não afeta a plena capacidade civil da pessoa, salvo a condição de adotante em processo de adoção.

R: B. A alternativa "b" está correta porque o artigo 4º do Código Civil foi alterado pela Lei nº 13.146/2015, passando a prever que apenas o menor de 16 anos será considerado absolutamente incapaz. A alternativa "a" está incorreta, pois o artigo 23 da Lei nº 13.146/2015 veda expressamente todas as formas de discriminação contra a pessoa com deficiência, inclusive por meio de cobrança de valores diferenciados por planos e seguros privados de saúde, em razão de sua condição. A alternativa "c" está incorreta porque o artigo 76, §1º do Estatuto da Pessoa com Deficiência assegura à pessoa com deficiência a capacidade eleitoral ativa e passiva, não impedindo o exercício caso esteja sob a proteção da curatela ou tomada de decisão apoiada. A alternativa "d" está incorreta porque a Lei nº 7.853/1989 sofreu alterações pela Lei nº 13.146/2015, mas não foi revogada. A alternativa "e" está incorreta, pois o artigo 6º, VI da Lei nº 13.146/2015 é expresso em afirmar que a pessoa com deficiência poderá exercer a guarda, a tutela ou a adoção como decorrência da capacidade civil.

QUESTÃO 145

(CESPE/2017 - TRE-PE - Conhecimentos Gerais - Cargo 3) Com relação aos crimes, às infrações administrativas e às disposições finais e transitórias previstos no EPD, assinale a opção correta.

a) Constitui crime a conduta de obstar o acesso da pessoa com deficiência a cargo ou emprego público, ainda que com base em critério restritivo e objetivo previamente definido em lei.

b) Na tipificação da conduta de praticar, induzir ou incitar discriminação de pessoa em razão da deficiência, é admitida a tentativa.

c) O sujeito passivo dos crimes previstos no EPD é sempre a pessoa com deficiência.

d) Para a consumação do crime de desviar bens da pessoa com deficiência, exige-se o efetivo lucro do agente.

e) Admitem-se tanto a modalidade dolosa quanto a culposa no caso do delito de abandono da pessoa com deficiência, que é crime permanente.

R: C. Observe os crimes previstos no Estatuto da Pessoa com Deficiência: "Art. 88. Praticar, induzir ou incitar discriminação de pessoa em razão de sua deficiência: [...]. Art. 89. Apropriar-se de ou desviar bens, proventos, pensão, benefícios, remuneração ou qualquer outro rendimento de pessoa com deficiência: [...]. Art. 90. Abandonar pessoa com deficiência em hospitais, casas de saúde, entidades de abrigamento ou congêneres: [...]. Art. 91. Reter ou utilizar cartão magnético, qualquer meio eletrônico ou documento de pessoa com deficiência destinados ao recebimento de benefícios, proventos, pensões ou remuneração ou à realização de operações financeiras, com o fim de obter vantagem indevida para si ou para outrem: [...]". Todos eles expressamente se referem à pessoa com deficiência, o que significa que ela sempre será vítima, ou sujeito passivo, dos crimes ali tipificados. Por eliminação, é possível notar que as demais assertivas estão todas incorretas. A alternativa "a" está errada porque é possível interpretar o artigo 98 do Estatuto, que alterou a Lei nº 7.853/1989, no sentido de que é crime o óbice do acesso em razão da deficiência, mas nada impede a restrição mediante requisitos fixados em lei de forma objetiva e justificada (artigo 37, I, CF), por exemplo, no caso de pessoa com deficiência pretendendo concorrer ao cargo de policial militar. A alternativa "b" está errada porque os núcleos típicos consistentes nos verbos praticar, induzir ou incitar se fazem presentes verbos que não admitem fragmentação de conduta, logo, não pode ser aceita a tentativa. A alternativa "d" está errada porque a lei nada fala sobre o efetivo lucro em seu artigo 89. A alternativa "e" está errada porque a lei nada fala sobre a modalidade culposa e o crime culposo para existir deve estar expresso em lei, se não está expresso não se admite.

QUESTÃO 146

(CESPE/2017 - TRE-PE - Conhecimentos Gerais - Cargo 6) A respeito dos direitos das pessoas com deficiência e dos conceitos estabelecidos pela legislação de regência, assinale a opção correta.

a) A prioridade na aquisição de imóvel de programa habitacional público é deferida à pessoa com deficiência sempre que signifique melhora de moradia, sem limite de vezes.

b) O serventuário da justiça que, no exercício de suas funções, tomar conhecimento de violação aos direitos de pessoa com deficiência deve remeter peças ao Ministério Público para as providências cabíveis.

c) O conceito de atendente pessoal abarca a prestação, por enfermeiro, de serviço de enfermagem a pessoas com deficiência.

d) As ações e os serviços de saúde pública destinados à pessoa com deficiência devem assegurar atendimento psicológico também a seus familiares.

e) A isenção do imposto de renda é um dos benefícios reservados à pessoa com deficiência, não se estendendo a seu acompanhante.

R: D. A assertiva "d" está correta porque, entre as ações de saúde, o art. 18, § 4º, V do Estatuto assegura atendimento psicológico, inclusive para seus familiares e atendentes pessoais: "atendimento psicológico, inclusive para seus familiares e atendentes pessoais". A alternativa "a" está errada porque há um limite percentual para destinação de unidades prioritárias às pessoas com deficiência no importe de 3%, conforme prevê o artigo 32, I, da Lei nº 13.165/2015. A alternativa "b" está errada porque nesta circunstância o servidor deve se reportar ao magistrado que, se for o caso, remeterá as cópias ao Ministério Público, conforme estabelece o art. 7º, parágrafo único, da Lei 13.146/2015. A alternativa "c" está errada porque assim prevê o artigo 3º, XII da Lei 13.146/2015: "atendente pessoal: pessoa, membro ou não da família, que, com ou sem remuneração, assiste ou presta cuidados básicos e essenciais à pessoa com deficiência no exercício de suas atividades diárias, EXCLUÍDAS AS TÉCNICAS OU OS PROCEDIMENTOS IDENTIFICADOS COM PROFISSÕES LEGALMENTE ESTABELECIDAS". A alternativa "e" está errada porque quanto ao imposto de renda temos a prioridade de restituição conforme se extrai do art. 9º, VII, não a isenção.

QUESTÃO 147

(CESPE/2017 - SEDF - Monitor de Gestão Educacional) Nas duas últimas décadas, o Brasil tornou-se signatário de declarações que ratificam o direito ao acesso, à permanência, à aprendizagem e à gestão participativa das pessoas com deficiência na escola e na sociedade. A posição brasileira se afirma como uma política pública propositiva e possibilita uma sociedade mais inclusiva.

Com referência aos dispositivos das Leis n.º 10.048/2000 e n.º 10.098/2000 e do Decreto-lei n.º 5.296/2004, julgue o item a seguir, a respeito da acessibilidade para pessoas com deficiência.

Somente mediante solicitação dos interessados, os semáforos para pedestres serão instalados com mecanismo que sirva de guia ou de orientação para a travessia de pessoa com deficiência visual ou com mobilidade reduzida.

R: Errado. Preconiza a Lei nº 10.098/2000 em seu artigo 9º: "Os semáforos para pedestres instalados nas vias públicas deverão estar equipados com mecanismo que emita sinal sonoro suave, intermitente e sem estridência, ou com mecanismo alternativo, que sirva de guia ou orientação para a travessia de pessoas portadoras de deficiência visual, se a intensidade do fluxo de veículos e a periculosidade da via assim determinarem". O erro da questão esta em afirmar que os semáforos serão instalados somente mediante solicitação dos interessados.

QUESTÃO 148

(CESPE/2017 - SEDF - Monitor de Gestão Educacional) Nas duas últimas décadas, o Brasil tornou-se signatário de declarações que ratificam o direito ao acesso, à permanência, à aprendizagem e à gestão participativa das pessoas com deficiência na escola e na sociedade. A posição brasileira se afirma como uma política pública propositiva e possibilita uma sociedade mais inclusiva.

Com referência aos dispositivos das Leis nº 10.048/2000 e nº 10.098/2000 e do Decreto-lei n.º 5.296/2004, julgue o item a seguir, a respeito da acessibilidade para pessoas com deficiência.

As infrações ao disposto na lei que dá prioridade de atendimento às pessoas portadoras de deficiência implicam penalidades e multas de acordo com as especificidades dos seus responsáveis.

R: Certo. A Lei nº 10.048/2000 prevê em seu artigo 6º: "A infração ao disposto nesta Lei sujeitará os responsáveis: I – no caso de servidor ou de chefia responsável pela repartição pública, às penalidades previstas na legislação específica; II – no caso de empresas concessionárias de serviço público, a multa de R$ 500,00 (quinhentos reais) a R$ 2.500,00 (dois mil e quinhentos reais), por veículos sem as condições previstas nos arts. 3o e 5o; III – no caso das instituições financeiras, às penalidades previstas no art. 44, incisos I, II e III, da Lei no 4.595, de 31 de dezembro de 1964".

QUESTÃO 149

(CESPE/2017 - TCE-PE - Analista de Controle Externo - Auditoria de Contas Públicas) Acerca da organização da seguridade social, julgue o item que se segue.

Pessoa com deficiência que não disponha de renda para prover suas necessidades terá direito a benefício assistencial mesmo que não tenha contribuído para a seguridade social.

R: Certo. A seguridade social se sustenta em três pilares: Previdência Social, Assistência Social e Saúde. O único desses regimes de cariz contributiva é o regime previdenciário, podendo a saúde ser utilizada por qualquer pessoa e a assistência por aqueles sujeitos à situação de desamparo social. A pessoa com deficiência tem direito ao BPC - Benefício de Prestação Continuada, que tem fulcro no artigo 203, CF: "A assistência social será prestada a quem dela necessitar, independentemente de contribuição à seguridade social, e tem por objetivos: [...] a garantia de um salário mínimo de benefício mensal à pessoa portadora de deficiência e ao idoso que comprovem não possuir meios de prover à própria manutenção ou de tê-la provida por sua família, conforme dispuser a lei".

QUESTÃO 150

(CESPE/2017 - TRE-PE - Conhecimentos Gerais - Cargo 6) A Resolução CNJ n.º 230/2016:

a) representou inovação do CNJ, com base na Constituição Federal de 1988 e em convenção internacional, já que antecipou-se à legislação específica relativa à inclusão da pessoa com deficiência.

b) foi editada com base em decisões administrativas do próprio CNJ que atribuíram à Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência o status de emenda constitucional.

c) estabeleceu prazo para os tribunais criarem as chamadas comissões permanentes de acessibilidade e inclusão, que devem ser interdisciplinares e integradas por servidores e magistrados com e sem deficiência.

d) foi o primeiro ato normativo do CNJ a tratar de acessibilidade nos órgãos do Poder Judiciário.

e) visa orientar os juízes eleitorais quanto à escolha dos locais de votação, de maneira a garantir acessibilidade para o eleitor com deficiência ou mobilidade reduzida.

R: C. Prevê o artigo 10 da Resolução CNJ nº 230/2016: "Art. 10. Serão instituídas por cada Tribunal, no prazo máximo de 45 (quarenta e cinco) dias, Comissões Permanentes de Acessibilidade e Inclusão, com caráter multidisciplinar, com participação de magistrados e servidores, com e sem deficiência, objetivando que essas Comissões fiscalizem, planejem, elaborem e acompanhem os projetos arquitetônicos de acessibilidade e projetos "pedagógicos" de treinamento e capacitação dos profissionais e funcionários que trabalhem com as pessoas com deficiência, com fixação de metas anuais, direcionados à promoção da acessibilidade para pessoas com deficiência". A letra "a" está errada porque a Resolução CNJ nº 230/2016 constitui regula-

mentação a partir da edição da legislação específica sobre a matéria, no caso da Lei nº 13.146/2015, de modo que não se antecipou à legislação. A letra "b" está errada pois a resolução foi editada a partir de um conjunto extenso de normas internas e internacionais de proteção à pessoa com deficiência. A letra "d" está errada pois existem documentos anteriores a tratar da temática no âmbito do CNJ, a exemplo da Resolução CNJ nº 27/2009. A letra "e" está errada porque a Resolução não estabelece normas relativas à escolha de locais de votação.

QUESTÃO 151

(CESPE/2017 - TRE-PE - Conhecimentos Gerais - Cargo 3) À luz da Resolução CNJ nº 230/2016, que orienta a adequação das atividades dos órgãos do Poder Judiciário e seus serviços auxiliares ao EPD, assinale a opção correta.

a) É garantido à pessoa com deficiência o acesso aos atos processuais de seu interesse, desde que presente seu advogado.

b) Os tribunais devem instituir comissões permanentes de acessibilidade e inclusão compostas integralmente por magistrados e servidores com deficiência.

c) Cada órgão do Poder Judiciário deve dispor de um percentual mínimo de servidores, funcionários e terceirizados capacitados para o uso e a interpretação de LIBRAS.

d) Se o órgão judiciário estipular o regime de home office aos seus servidores, aqueles com mobilidade comprometida concorrerão em igualdade de condições com os demais.

e) O servidor que, tendo tomado conhecimento de alguma conduta discriminatória praticada por outro servidor por motivo de deficiência, não comunicar o fato à autoridade competente incorrerá em pena de suspensão.

R: C. Assim prevê o artigo 4º, §2º da Resolução: "Cada órgão do Poder Judiciário deverá dispor de, pelo menos, 5% de servidores, funcionários e terceirizados capacitados para o uso e interpretação de Libras". A alternativa "a" está incorreta porque nos termos do art. 7º, §2º da resolução "a pessoa com deficiência tem garantido o acesso ao conteúdo de todos os atos processuais de seu interesse, inclusive no exercício da advocacia", isto é, não é obrigatória a presença de advogado. A alternativa "b" está incorreta porque a composição é mista, nos termos do artigo 10º da Resolução: "[...] Comissões Permanentes de Acessibilidade e Inclusão com caráter multidisciplinar, com participação de magistrados e servidores COM E SEM DEFICIÊNCIA [...]" A alternativa "d" está incorreta porque o art. 26 da Resolução assegura prioridade ao servidor com deficiência: "Se o órgão possibilitar aos seus servidores a realização de trabalho por meio de sistema home office, dever-se-á dar prioridade aos servidores com mobilidade comprometida que manifestem interesse na utilização desse sistema". A alternativa "e" está incorreta porque a pena aplicada nesta situação é de advertência (art. 33, §1º, Resolução CNJ nº 230/2016).

QUESTÃO 152

(CESPE/2017 - SEDF - Monitor de Gestão Educacional) Nas duas últimas décadas, o Brasil tornou-se signatário de declarações que ratificam o direito ao acesso, à permanência, à aprendizagem e à gestão participativa das pessoas com deficiência na escola e na sociedade. A posição brasileira se afirma como uma política pública propositiva e possibilita uma sociedade mais inclusiva.

Com referência aos dispositivos das Leis nº 10.048/2000 e nº 10.098/2000 e do Decreto-lei nº 5.296/2004, julgue o item a seguir, a respeito da acessibilidade para pessoas com deficiência.

Conforme definição legal, barreira é necessariamente uma barreira física, isto é, consiste em um entrave ou obstáculo que impeça a participação social da pessoa bem como a sua liberdade de movimento e o acesso à informação e circulação com segurança; se retirados esses impasses físicos, os direitos da pessoa ficam assegurados.

R: Errado. As barreiras podem ter natureza física, mas também podem ter naturezas diversas, conforme se depreende do artigo 3ª, IV, Lei nº 13.146/2015: "barreiras: qualquer entrave, obstáculo, atitude ou comportamento que limite ou impeça a participação social da pessoa, bem como o gozo, a fruição e o exercício de seus direitos à acessibilidade, à liberdade de movimento e de expressão, à comunicação, ao acesso à informação, à compreensão, à circulação com segurança, entre outros, classificadas em: a) barreiras urbanísticas: as existentes nas vias e nos espaços públicos e privados abertos ao público ou de uso coletivo; b) barreiras arquitetônicas: as existentes nos edifícios públicos e privados; c) barreiras nos transportes: as existentes nos sistemas e meios de transportes; d) barreiras nas comunicações e na informação: qualquer entrave, obstáculo, atitude ou comportamento que dificulte ou impossibilite a expressão ou o recebimento de mensagens e de informações por intermédio de sistemas de comunicação e de tecnologia da informação; e) barreiras atitudinais: atitudes ou comportamentos que impeçam ou prejudiquem a participação social da pessoa com deficiência em igualdade de condições e oportunidades com as demais pessoas; f) barreiras tecnológicas: as que dificultam ou impedem o acesso da pessoa com deficiência às tecnologias".

QUESTÃO 153

(CESPE/2017 - TRE-BA - Conhecimentos Gerais - Nível Médio) Rafael, técnico judiciário de determinado tribunal regional eleitoral e ocupante de função comissionada, discriminou, no uso de suas atribuições, pessoa com deficiência auditiva, porque esta compareceu ao tribunal sem acompanhante que interpretasse a linguagem dos sinais, ainda que ciente da existência de norma que obriga o órgão a possuir servidor capacitado para uso e interpretação de LIBRAS.

Nessa situação hipotética, Rafael estará sujeito à penalidade administrativa de

a) destituição da função.

b) advertência.

c) suspensão.

d) demissão.

e) repreensão.

R: B. Assim prevê a Resolução CNJ nº 230/2016: "Art. 33. Incorre em pena de ADVERTÊNCIA o servidor, terceirizado ou o serventuário extrajudicial que: [...] III – no exercício das suas atribuições, tenha qualquer outra espécie de atitude discriminatória por motivo de deficiência ou descumpra qualquer dos termos desta Resolução".

QUESTÃO 154

(CESPE/2017 - TRE-BA - Conhecimentos Gerais - Nível Médio) Ao estabelecer condições de alcance para pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida utilizar, com segurança e autonomia, espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como outros serviços e instalações abertos ao público, de uso coletivo público ou privado, tanto na zona urbana quanto na rural, a legislação garante a pessoas nessa situação o direito à

a) funcionalidade.
b) adaptação.
c) inclusão.
d) mobilidade.
e) acessibilidade.

R: E. Nos termos da Lei nº 13.146/2015, a acessibilidade deve abranger tanto a zona urbana quanto a rural, consoante ao conceito do artigo 3º, I: "Art. 3º Para fins de aplicação desta Lei, consideram-se: I - acessibilidade: possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privados de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida".

QUESTÃO 155

(CESPE/2017 - TRE-PE - Conhecimentos Gerais - Cargo 3) Acerca do instituto da tomada de decisão apoiada, assinale a opção correta.

a) Não é possível ao juiz designar apoiadores em substituição àqueles indicados.
b) A curatela não pode substituir a tomada de decisão apoiada, ainda que ocorra planejamento pessoal do beneficiário nesse sentido.
c) O beneficiário desse instituto conserva sua capacidade de autodeterminação em relação aos atos da vida civil, salvo aqueles previstos no acordo de tomada de decisão apoiada.
d) Tal instituto é aplicável aos casos de pessoas com deficiência que se enquadrem no conceito de relativamente incapazes.
e) A decisão tomada por pessoa apoiada é válida contra terceiros, com restrições, ainda que não figure nos limites do acordo.

R: C. Após o Estatuto, assim passou a prever o Código Civil em seu art. 1.783-A: A tomada de decisão apoiada é o processo pelo qual a pessoa com deficiência elege pelo menos 2 (duas) pessoas idôneas, com as quais mantenha vínculos e que gozem de sua confiança, para prestar-lhe apoio na tomada de decisão sobre atos da vida civil, fornecendo-lhes os elementos e informações necessários para que possa exercer sua capacidade".

QUESTÃO 156

(CESPE/2016 - INSS - Analista do Seguro Social - Serviço Social) No que se refere ao Estatuto da Pessoa com Deficiência, julgue o seguinte item.

A pessoa com deficiência tem o direito de receber cobranças de tributos de forma acessível, independentemente de solicitação.

R: Errado. O artigo 62 do Estatuto da Pessoa com Deficiência fiza a obrigatoriedade da solicitação: "É assegurado à pessoa com deficiência, mediante solicitação, o recebimento de contas, boletos, recibos, extratos e cobranças de tributos em formato acessível".

QUESTÃO 157

(CESPE/2016 - FUB - Tradutor e Intérprete de Linguagem de Sinais) Conforme a Convenção Interamericana para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Pessoas Portadoras de Deficiência, as pessoas com deficiência têm os mesmos direitos humanos e liberdades fundamentais que outras pessoas, e esses direitos, incluído o de não serem submetidas à discriminação devido à deficiência, emanam da dignidade e da igualdade inerentes a todo ser humano. Considerando essas informações, julgue o próximo item, relativo à referida convenção.

Tal convenção prevê a adoção, pelos Estados-parte, de medidas de caráter meramente legislativo para a eliminação da discriminação contra as pessoas com deficiência.

R: Errado. A Convenção fixa entre as obrigações gerais descritas em seu artigo 4º o seguinte: "1. Os Estados Partes se comprometem a assegurar e promover o pleno exercício de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais por todas as pessoas com deficiência, sem qualquer tipo de discriminação por causa de sua deficiência. Para tanto, os Estados Partes se comprometem a: a) Adotar todas as medidas legislativas, administrativas e de qualquer outra natureza, necessárias para a realização dos direitos reconhecidos na presente Convenção; [...]". Logo, as medidas não são meramente legislativas, mas também administrativas e de qualquer outra natureza.

QUESTÃO 158

(CESPE/2016 - FUB - Tradutor e Intérprete de Linguagem de Sinais) Conforme a Convenção Interamericana para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Pessoas Portadoras de Deficiência, as pessoas com deficiência têm os mesmos direitos humanos e liberdades fundamentais que outras pessoas, e esses direitos, incluído o de não serem submetidas à discriminação devido à deficiência, emanam da dignidade e da igualdade inerentes a todo ser humano. Considerando essas informações, julgue o próximo item, relativo à referida convenção.

A convenção prevê que os Estados trabalhem prioritariamente na prevenção de todas as formas de deficiência passíveis de prevenir, assim como na detecção e intervenção precoce, no tratamento, na reabilitação, na educação, na formação ocupacional e na prestação de serviços completos, para garantir o melhor nível de independência e qualidade de vida às pessoas com deficiência.

R: Certo. Assim está previsto no artigo III, 2, "a" e "b" da Convenção: "2. Trabalhar prioritariamente nas seguintes áreas: a) prevenção de todas as formas de deficiência preveníveis; b) detecção e intervenção precoce, tratamento, reabilitação, educação, formação ocupacional e prestação de serviços completos para garantir o melhor nível de independência e qualidade de vida para as pessoas portadoras de deficiência; e [...]".

QUESTÃO 159

(CESPE/2016 - FUNPRESP-JUD - Assistente - Previdencial) Com base na Lei n.º 10.048/2000, na Lei n.º 10.098/2000 e no Decreto n.º 5.296/2004, que regem o atendimento prioritário e promovem a acessibilidade das pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida, julgue o item seguinte.

São consideradas pessoas com deficiência mental as que, em qualquer momento de suas vidas, manifestam funcionamento intelectual significativamente inferior à média.

R: Errado. O Decreto nº 5.296/2004 conceitua em seu art. 5º, § 1º, I, "d": "Considera-se, para os efeitos deste Decreto: I - pessoa portadora de deficiência, além daquelas previstas na Lei 10.690, de 16 de junho de 2003, a que possui limitação ou incapacidade para o desempenho de atividade e se enquadra nas seguintes categorias: [...] d) deficiência mental: funcionamento intelectual significativamente inferior à média, com manifestação antes dos dezoito anos e limitações associadas a duas ou mais áreas de habilidades adaptativas, tais como: [...]"

QUESTÃO 160

(CESPE/2016 - TCE-PA - Auditor de Controle Externo - Área Administrativa - Arquitetura) A respeito das normas de acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos estabelecidas na NBR 9050:2015, julgue o próximo item.

Os sanitários para portadores de deficiência em espaços públicos devem possuir entrada independente, para que a pessoa com deficiência possa utilizar a instalação sanitária acompanhada, caso seja necessário, de uma pessoa do sexo oposto.

R: Certo. Prevê assim a NBR 9050:2015: "7.4.2 Os sanitários, banheiros e vestiários acessíveis devem possuir entrada independente, de modo a possibilitar que a pessoa com deficiência possa utilizar a instalação sanitária acompanhada de uma pessoa do sexo oposto".

QUESTÃO 161

(CESPE/2016 - TCE-PA - Auditor de Controle Externo - Área Fiscalização - Arquitetura) A respeito de mobiliário urbano, julgue o seguinte item.

No mínimo dez por cento do total das vagas de áreas de estacionamento de veículos localizadas em vias ou espaços públicos devem ser reservados para veículos que transportem pessoas portadoras de deficiência.

R: Errado. Conforme o §1º do artigo 46 do Estatuto da Pessoa com Deficiência, "as vagas a que se refere o caput deste artigo devem equivaler a 2% (dois por cento) do total, garantida, no mínimo, 1 (uma) vaga devidamente sinalizada e com as especificações de desenho e traçado de acordo com as normas técnicas vigentes de acessibilidade".

QUESTÃO 162

(CESPE/2016 - TCE-PA - Auditor de Controle Externo - Área Fiscalização - Arquitetura) A respeito de mobiliário urbano, julgue o seguinte item.

Os semáforos para pedestre instalados em vias públicas de grande circulação devem ser equipados com mecanismos que emitam sinal de alta intensidade sonora para orientar pessoas com deficiência visual ou baixa visão.

R: Errado. Preconiza a Lei nº 10.098/2000 em seu artigo 9º: "Os semáforos para pedestres instalados nas vias públicas deverão estar equipados com mecanismo que emita sinal sonoro suave, intermitente e sem estridência, ou com mecanismo alternativo, que sirva de guia ou orientação para a travessia de pessoas portadoras de deficiência visual, se a intensidade do fluxo de veículos e a periculosidade da via assim determinarem".

QUESTÃO 163

(CESPE/2016 - FUB - Conhecimentos Básicos - Somente para os cargos 10 e 13)

Com base nas disposições da Lei nº 8.112/1990, julgue o item seguinte, a respeito de provimento de vagas no serviço público e direitos e vantagens do servidor público.

Nos concursos para provimento de vagas no serviço público, no mínimo, 25% das vagas oferecidas são reservadas às pessoas portadoras de deficiência.

R: Errado. Prevê o art. 5°, § 2º da Lei nº 8.112/1990: "Às pessoas portadoras de deficiência é assegurado o direito de se inscrever em concurso público para provimento de cargo cujas atribuições sejam compatíveis com a deficiência de que são portadoras; para tais pessoas serão reservadas até 20% (vinte por cento) das vagas oferecidas no concurso".

QUESTÃO 164

(CESPE/2016 - FUB - Tradutor e Intérprete de Linguagem de Sinais) Com base no disposto na Constituição Federal de 1988 (CF) acerca da educação, julgue o item a seguir.

Taxas podem ser cobradas das pessoas com deficiência matriculadas em estabelecimentos de ensino público oficiais caso o Estado não tenha condições de disponibilizar material necessário à sua inclusão total.

R: Errado. O Estado tem dever de providenciar educação gratuita às pessoas com deficiência, conforme dever esculpido no art. 208, III, CF: "O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: [...] III - atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino".

QUESTÃO 165

(CESPE/2016 - FUB - Tradutor e Intérprete de Linguagem de Sinais) Com base no disposto na Lei nº 10.098/2000, julgue o item que se segue.

A previsão referente à adoção de medidas técnicas pelos serviços de radiodifusão sonora e de sons e imagens restringe-se à garantia do uso da legenda para viabilizar o acesso das pessoas com deficiência auditiva à informação.

R: Errado. O art. 19 da Lei nº 10.098/2000 prevê: "Os serviços de radiodifusão sonora e de sons e imagens adotarão plano de medidas técnicas com o objetivo de permitir o uso da linguagem de sinais ou outra subtitulação, para garantir o direito de acesso à informação às pessoas portadoras de deficiência auditiva, na forma e no prazo previstos em regulamento".

QUESTÃO 166

(CESPE/2016 - FUB - Tradutor e Intérprete de Linguagem de Sinais) Com base no disposto na Lei nº 10.098/2000, julgue o item que se segue.

Conforme a referida lei, o poder público deve implementar a formação de profissionais intérpretes de escrita em braille, de língua de sinais e de guias-intérpretes para facilitar qualquer tipo de comunicação direta à pessoa com deficiência sensorial e com dificuldade de comunicação.

R: Certo. O art. 18 da Lei nº 10.098/2000 prevê: "O Poder Público implementará a formação de profissionais intérpretes de escrita em braile, linguagem de sinais e de guias-intérpretes, para facilitar qualquer tipo de comunicação direta à pessoa portadora de deficiência sensorial e com dificuldade de comunicação".

QUESTÃO 167

(CESPE/2016 - FUNPRESP-JUD - Assistente - Previdencial) Com base na Lei nº 10.048/2000, na Lei nº 10.098/2000 e no Decreto nº 5.296/2004, que regem o atendimento prioritário e promovem a acessibilidade das pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida, julgue o item seguinte.

Idosos, gestantes, lactantes, pessoas com crianças de colo e obesos são considerados pessoas com mobilidade reduzida porque apresentam dificuldades de movimentação, permanente ou temporária, que geram redução efetiva da mobilidade, da flexibilidade, da coordenação motora ou da percepção.

R: Certo. O Estatuto da Pessoa com Deficiência conceitua em seu art. 3º, IX: "pessoa com mobilidade reduzida: aquela que tenha, por qualquer motivo, dificuldade de movimentação, permanente ou temporária, gerando redução efetiva da mobilidade, da flexibilidade, da coordenação motora ou da percepção, incluindo idoso, gestante, lactante, pessoa com criança de colo e obeso".

QUESTÃO 168

(CESPE/2015 - FUB - Tradutor e Interprete de Linguagem de Sinais) No que se refere à inclusão e à acessibilidade das pessoas com deficiência, julgue o seguinte item.

Embora esteja previsto, na Constituição Federal (CF), que a educação deverá ser ofertada em igualdade de condições para garantir o acesso e a permanência de todos os cidadãos na escola, não está prevista, na Carta Magna, a garantia de atendimento educacional diferenciado para as pessoas com deficiência.

R: Errado. A Constituição prevê o dever estatal de providenciar educação gratuita às pessoas com deficiência, conforme dever esculpido no art. 208, III, CF: "O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: [...] III - atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino".

QUESTÃO 169

(CESPE/2015 - STJ - Analista Judiciário - Serviço Social) Com base na regulamentação e nas diretrizes das políticas sociais, julgue o próximo item.

Apesar dos avanços no âmbito da legislação no sentido de que sejam implementadas ações de inclusão das pessoas com deficiência, ainda é necessário que se regulamente a garantia de um sistema educacional inclusivo para esse segmento.

R: Errado. A disciplina constitucional está regulada pela Lei nº 13.146/2015, que institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência).

QUESTÃO 170

(CESPE/2015 - MPOG - Arquiteto - Cargo 14) Julgue o item que se segue, relativo ao conceito de desenho universal.

O conceito de desenho universal restringe-se às pessoas que devem legalmente ser atendidas pelas normas de acessibilidade, independentemente do tipo de deficiência.

R: Errado. O conceito de desenho universal é mais abrangente, devendo permitir acesso a todas pessoas, conforme o artigo 3º, II do Estatuto da Pessoa com Deficiência: " II - desenho universal: concepção de produtos, ambientes, programas e serviços a serem usados por todas as pessoas, sem necessidade de adaptação ou de projeto específico, incluindo os recursos de tecnologia assistiva".

QUESTÃO 171

(CESPE/2015 - FUB - Tradutor e Interprete de Linguagem de Sinais) Com base no que dispõe o Decreto nº 7.611/2011, julgue o item subsequente.

Cabe à União oferecer apoio técnico e financeiro aos sistemas públicos de ensino dos estados, dos municípios e do Distrito Federal de modo a viabilizar a ampliação do atendimento educacional especializado ofertado às pessoas com deficiência.

R: Certo. O Decreto nº 7.611/2011 prevê em seu art. 5º: "A União prestará apoio técnico e financeiro aos sistemas públicos de ensino dos Estados, Municípios e Distrito Federal, e a instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos, com a finalidade de ampliar a oferta do atendimento educacional especializado aos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, matriculados na rede pública de ensino regular".

QUESTÃO 172

(CESPE/2015 - FUB - Tradutor e Interprete de Linguagem de Sinais) Com referência à Convenção Interamericana para a Eliminação de todas as Formas de Discriminação contra as Pessoas Portadoras de Deficiência (Convenção de Guatemala), julgue o próximo item.

A Convenção da Guatemala serviu como referência para a elaboração do texto da Política Nacional da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.

R: Certo. A Convenção interamericana para a eliminação de todas as formas de discriminação contra as pessoas portadoras de deficiência, foi aprovada em 7 de junho de 1999, na Guatemala. A Convenção esclarecia sobre o fato de não constituir discriminação a diferenciação ou preferência adotada para promover a integração social ou o desenvolvimento das pessoas com deficiência, desde que a diferenciação ou preferência não limite em si mesma o direito à igualdade dessas pessoas e que elas não sejam obrigadas a aceitar tal diferenciação ou preferência. A Política Nacional da Educação Especial teve como referência a convenção de Guatemala, trazendo novas concepções à atuação da educação especial e incorporando a perspectiva de diferenciação positiva da Convenção de Guatemala.

QUESTÃO 173

(CESPE/2014 - Polícia Federal - Assistente Social) Considerando o disposto na Lei nº 7.853/1989, julgue os próximos itens, acerca do apoio às pessoas com deficiência.

É garantido a todas as pessoas portadoras de deficiência o atendimento domiciliar de saúde, independentemente do grau de deficiência.

R: Errado. A Lei nº 7.853/1989 prevê em seu art. 2º: "Ao Poder Público e seus órgãos cabe assegurar às pessoas portadoras de deficiência o pleno exercício de seus direitos básicos, inclusive dos direitos à educação, à saúde, ao trabalho, ao lazer, à previdência social, ao amparo à infância e à maternidade, e de outros que, decorrentes da Constituição e das leis, propiciem seu bem-estar pessoal, social e econômico. II – na área da saúde: e) a garantia de atendimento domiciliar de saúde ao deficiente grave não internado".

QUESTÃO 174

(CESPE/2014 - MEC - Analista Processual) Com relação aos deveres do Estado para com a educação, de acordo com as disposições da Constituição Federal de 1988 (CF), julgue os próximos itens.

O atendimento educacional especializado a portadores de deficiência, será realizado, preferencialmente, na rede regular de ensino.

R: Certo. Neste sentido preceitua o art. 208, III da CF: "Art. 208. O dever do Estado com a educação será efetivado mediante garantia de: [...] III - atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino". A regra é repetida no art. 54 do Estatuto da Criança e do Adolescente: "Art. 54. É dever do Estado assegurar à criança e ao adolescente: [...] III - atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino".

QUESTÃO 175

(CESPE/2014 - Câmara dos Deputados - Analista Legislativo) Com relação aos direitos das pessoas com deficiência, julgue o item subsequente.

À pessoa com deficiência é garantido apoio para a formação profissional em cursos regulares e para a permanência em empregos de meio período.

R: Certo. Assim prevê a Lei nº 7853/1989: "Art. 2º Ao Poder Público e seus órgãos cabe assegurar às pessoas portadoras de deficiência o pleno exercício de seus direitos básicos, inclusive dos direitos à educação, à saúde, ao trabalho, ao lazer, à previdência social, ao amparo à infância e à maternidade, e de outros que, decorrentes da Constituição e das leis, propiciem seu bem-estar pessoal, social e econômico. Parágrafo único. Para o fim estabelecido no caput deste artigo, os órgãos e entidades da administração direta e indireta devem dispensar, no âmbito de sua competência e finalidade, aos assuntos objetos esta Lei, tratamento prioritário e adequado, tendente a viabilizar, sem prejuízo de outras, as seguintes medidas: I - na área da educação: [...] c) a oferta, obrigatória e gratuita, da Educação Especial em estabelecimento público de ensino; [...] f) a matrícula compulsória em cursos regulares de estabelecimentos públicos e particulares de pessoas portadoras de deficiência capazes de se integrarem no sistema regular de ensino; [...] III - na área da formação profissional e do trabalho: [...] b) o empenho do Poder Público quanto ao surgimento e à manutenção de empregos, inclusive de tempo parcial, destinados às pessoas portadoras de deficiência que não tenham acesso aos empregos comuns;".

QUESTÃO 176

(CESPE/2014 - Câmara dos Deputados - Analista Legislativo) Com relação aos direitos das pessoas com deficiência, julgue o item subsequente.

A língua brasileira de sinais substitui a modalidade escrita da língua portuguesa para pessoas com deficiência auditiva.

R: Errado. A Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências, preconizando no art. 4º, parágrafo único: "A Língua Brasileira de Sinais - Libras não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa".

QUESTÃO 177

(CESPE/2014 - Câmara dos Deputados - Analista Legislativo) Considerando o disposto na Convenção sobre os Direitos da Pessoa com Deficiência, promovida pela Organização das Nações Unidas, julgue o item subsequente.

Embora represente um avanço em relação às políticas públicas para as pessoas com deficiência, essa convenção é omissa quanto ao reconhecimento das múltiplas formas de discriminação das mulheres com deficiência, não contemplando medidas específicas protetivas e de garantias de direitos a essa população.

R: Errado. A Convenção da ONU trata das mulheres com deficiência em seu artigo 6º: "1. Os Estados Partes reconhecem que as mulheres e meninas com deficiência estão sujeitas a múltiplas formas de discriminação e, portanto, tomarão medidas para assegurar às mulheres e meninas com deficiência o pleno e igual exercício de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais. 2. Os Estados Partes tomarão todas as medidas apropriadas para assegurar o pleno desenvolvimento, o avanço e o empoderamento das mulheres, a fim de garantir-lhes o exercício e o gozo dos direitos humanos e liberdades fundamentais estabelecidos na presente Convenção".

QUESTÃO 178

(CESPE/2014 - Câmara dos Deputados - Analista Legislativo) Com referência à evolução da organização político-social das pessoas com deficiência no Brasil, julgue o seguinte item.

A articulação de um movimento político em direção à luta das pessoas com deficiência por seus direitos no Brasil ocorreu a partir da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e de seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, na década de sessenta do século passado.

R: Errado. A afirmativa é falsa por fazer referência à década de setenta como o período de elaboração do documento. A Convenção sobre os Direitos da Pessoa com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinado pelo Brasil em 30 de março de 2007, aprovado pelo Decreto Legislativo nº 186, de 9 de Julho de 2008 e promulgado pelo Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009.

QUESTÃO 179

(CESPE/2014 - Polícia Federal - Assistente Social) Considerando o disposto na Lei nº 7.853/1989, julgue os próximos itens, acerca do apoio às pessoas com deficiência.

Às pessoas com deficiência que não tenham acesso aos empregos comuns o poder público deve estimular a criação e a manutenção de empregos, inclusive de tempo parcial.

R: Certo. Disciplina a Lei nº 7.853/1989 em seu art. 2º: "Ao Poder Público e seus órgãos cabe assegurar às pessoas portadoras de deficiência o pleno exercício de seus direitos básicos, inclusive dos direitos à educação, à saúde, ao trabalho, ao lazer, à previdência social, ao amparo à infância e à maternidade, e de outros que, decorrentes da Constituição e das leis, propiciem seu bem-estar pessoal, social e econômico. [...] III – na área da formação profissional e do trabalho: [...] b) o empenho do Poder Público quanto ao surgimento e à manutenção de empregos, inclusive de tempo parcial, destinados às pessoas portadoras de deficiência que não tenham acesso aos empregos comuns".

QUESTÃO 180

(CESPE/2014 - Câmara dos Deputados - Analista Legislativo) Com base na legislação que regula os direitos da pessoa com deficiência, julgue o próximo item.

Será concedido passe livre no sistema de transporte coletivo interestadual às pessoas com deficiência independentemente de sua situação econômico-social.

R: Errado. A Lei nº 8.899/1994 assegura em seu art. 1º: "É concedido passe livre às pessoas portadoras de deficiência, comprovadamente carentes, no sistema de transporte coletivo interestadual". Logo, não é qualquer pessoa com deficiência que tem passe livre em transporte interestadual.

QUESTÃO 181

(CESPE/2014 - Câmara dos Deputados - Analista Legislativo) Com relação aos direitos das pessoas com deficiência, julgue o item subsequente.

À pessoa com deficiência cujo estado de saúde seja grave é garantida pelo Estado a estadia no hospital, sendo de incumbência da família os custos do atendimento domiciliar.

R: Errado. Prevê o Decreto nº 3.298/1999 em seu artigo 16, V: "os órgãos e as entidades da Administração Pública Federal direta e indireta responsáveis pela saúde devem dispensar aos assuntos objeto deste Decreto tratamento prioritário e adequado, viabilizando, sem prejuízo de outras, as seguintes medidas: [...] V - a garantia de atendimento domiciliar de saúde ao portador de deficiência grave não internado".

QUESTÃO 182

(CESPE/2014 - MEC - Analista Processual) A expressão "pessoa portadora de deficiência", empregada na Lei de Acessibilidade, refere-se a indivíduo que apresenta limitação temporária com relação ao meio e à sua utilização.

R: Errado. A Lei nº 10.098/2000 foi atualizada pelo Estatuto da Pessoa com Deficiência - Lei nº 13.146/2015, que alterou a expressão "pessoa portadora de deficiência" para "pessoa com deficiência", bem como melhor delimitou este conceito. Observe o conceito atual e a clara distinção entre pessoa com deficiência e pessoa com mobilidade reduzida colacionada no artigo 2º, III e IV: "III - pessoa com deficiência: aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas; IV - pessoa com mobilidade reduzida: aquela que tenha, por qualquer motivo, dificuldade de movimentação, permanente ou temporária, gerando redução efetiva da mobilidade, da flexibilidade, da coordenação motora ou da percepção, incluindo idoso, gestante, lactante, pessoa com criança de colo e obeso".

QUESTÃO 183

(CESPE/2014 - MEC - Analista Processual) Com relação às definições da Lei n.º 10.098/2000 (Lei de Acessibilidade), julgue os próximos itens.

Na acessibilidade de pessoas com deficiência, barreira corresponde a todo entrave ou obstáculo que dificulte ou impossibilite a expressão ou o recebimento de mensagens.

R: Errado. A Lei nº 10.098/2000 prevê em seu artigo 2º, II o conceito de barreiras como "qualquer entrave, obstáculo, atitude ou comportamento que limite ou impeça a participação social da pessoa, bem como o gozo, a fruição e o exercício de seus direitos à acessibilidade, à liberdade de movimento e de expressão, à comunicação, ao acesso à informação, à compreensão, à circulação com segurança, entre outros, classificadas em: a) barreiras urbanísticas: as existentes nas vias e nos espaços públicos e privados abertos ao público ou de uso coletivo; b) barreiras arquitetônicas: as existentes nos edifícios públicos e privados; c) barreiras nos transportes: as existentes nos sistemas e meios de transportes; d) barreiras nas comunicações e na informação: qualquer entrave, obstáculo, atitude ou comportamento que dificulte ou impossibilite a expressão ou o recebimento de mensagens e de informações por intermédio de sistemas de comunicação e de tecnologia da informação".

QUESTÃO 184

(CESPE/2014 - Polícia Federal - Assistente Social) Considerando o disposto na Lei n.º 7.853/1989, julgue os próximos itens, acerca do apoio às pessoas com deficiência.

Diferentemente das entidades da administração pública, cometerá crime punível unicamente por meio de pagamento de multa a empresa privada que negar, sem justa causa, emprego ou trabalho a alguém em razão de sua deficiência.

R: Errado. Conforme a Lei nº 7.853/1989, art. 8º, III, "constitui crime punível com reclusão de 2 (dois) a 5 (cinco) anos e multa: [...] III - negar ou obstar emprego, trabalho ou promoção à pessoa em razão de sua deficiência".

QUESTÃO 185

(CESPE/2014 - Câmara dos Deputados - Analista Legislativo) Considerando o disposto na Convenção sobre os Direitos da Pessoa com Deficiência, promovida pela Organização das Nações Unidas, julgue o item subsequente.

Na convenção em apreço, é prevista a constituição de um comitê sobre os direitos das pessoas com deficiência, sendo a Organização Mundial de Saúde o órgão responsável para prover o pessoal e as instalações necessárias para o seu efetivo desempenho.

R: Errado. De fato é prevista a constituição de um comitê sobre os direitos das pessoas com deficiência, mas o responsável por prover o pessoal e as instalações necessárias deste comitê necessárias para o seu efetivo desempenho é o Secretário Geral da ONU, não a OMS (artigo 34, 11, Convenção).

NORMAS DOS SERVIDORES PÚBLICOS FEDERAIS

QUESTÃO 186

(CESPE/2017 - TCE-PE - Analista de Gestão - Administração) Com referência a atos administrativos e improbidade administrativa, julgue o item subsequente.

Na punição aos atos de improbidade administrativa, a penalidade será distinta se o ato implicar enriquecimento ilícito do agente ou se ele apenas causar prejuízo ao erário.

R: Certo. O artigo 9º da Lei nº 8.429/92 trata dos atos que importam enriquecimento ilícito, ao passo que o artigo 10 da mesma trata dos atos que importam em prejuízo ao erário. O primeiro se sujeita a penalidade mais severa, conforme artigo 12, I, LIA, ao passo que o segundo se sujeita a uma penalidade intermediária (artigo 12, II, LIA). Há ainda os atos que importam em ofensa aos princípios da administração pública (artigo 11, LIA), sujeitos a penalidade mais branda (artigo 12, III, LIA)

QUESTÃO 187

(CESPE/2017 - TCE-PE - Conhecimentos Básicos - Cargos 1 e 2) João, aprovado em concurso público para auditor de controle externo no tribunal de contas de seu estado, foi lotado em sua cidade natal. Ao ter ciência desse fato, o prefeito do município, amigo da família de João, resolveu presenteá-lo com um veículo, a fim de facilitar a sua locomoção até o local de trabalho. João aceitou o presente.

Com referência a essa situação hipotética, julgue o item que se segue, à luz do disposto na Lei n.º 8.429/1992.

João cometeu ato de improbidade administrativa que importou enriquecimento ilícito.

R: Certo. Prevê a Lei de Improbidade Administrativa: "Art. 9° Constitui ato de improbidade administrativa importando enriquecimento ilícito auferir qualquer tipo de vantagem patrimonial indevida em razão do exercício de cargo, mandato, função, emprego ou atividade nas entidades mencionadas no art. 1° desta lei, e notadamente: I - receber, para si ou para outrem, dinheiro, bem móvel ou imóvel, ou qualquer outra vantagem econômica, direta ou indireta, a título de comissão, percentagem, gratificação ou presente de quem tenha interesse, direto ou indireto, que possa ser atingido ou amparado por ação ou omissão decorrente das atribuições do agente público". Observe que para a caracterização de enriquecimento ilícito não importa se o valor recebido veio ou não dos cofres públicos.

QUESTÃO 188

(CESPE/2017 - TCE-PE - Conhecimentos Básicos - Cargos 1 e 2) João, aprovado em concurso público para auditor de controle externo no tribunal de contas de seu estado, foi lotado em sua cidade natal. Ao ter ciência desse fato, o prefeito do município, amigo da família de João, resolveu presenteá-lo com um veículo, a fim de facilitar a sua locomoção até o local de trabalho. João aceitou o presente.

Com referência a essa situação hipotética, julgue o item que se segue, à luz do disposto na Lei n.º 8.429/1992.

Caso seja condenado por improbidade administrativa, João estará sujeito a pagar multa de, no mínimo, quatro vezes o valor do veículo que recebeu de presente.

R: Errado. O erro da assertiva está no fato de que o valor a ser pago é de três vezes o proveito econômico, conforme artigo 12, I, LIA: "I - na hipótese do art. 9°, perda dos bens ou valores acrescidos ilicitamente ao patrimônio, ressarcimento integral do dano, quando houver, perda da função pública, suspensão dos direitos políticos de oito a dez anos, pagamento de multa civil de até três vezes o valor do acréscimo patrimonial e proibição de contratar com o Poder Público ou receber benefícios ou incentivos fiscais ou creditícios, direta ou indiretamente, ainda que por intermédio de pessoa jurídica da qual seja sócio majoritário, pelo prazo de dez anos".

QUESTÃO 189

(CESPE/2017 - TCE-PE - Conhecimentos Básicos - Cargo 5) À luz da Lei nº 8.429/1992 — Lei de Improbidade Administrativa —, julgue o próximo item.

A aplicação de sanções por atos de improbidade administrativa que causem prejuízo ao erário depende da aprovação das contas pelo tribunal ou conselho de contas.

R: Errado. A propósito, destaca-se o teor do artigo 21 da Lei nº 8.429/1992: "Art. 21. A aplicação das sanções previstas nesta lei independe: I - da efetiva ocorrência de dano ao patrimônio público, salvo quanto à pena de ressarcimento; II - da aprovação ou rejeição das contas pelo órgão de controle interno ou pelo Tribunal ou Conselho de Contas".

QUESTÃO 190

(CESPE/2017 - TRE-BA - Conhecimentos Gerais - Nível Médio) Pedro, servidor de órgão público federal, a mando de Lucas, seu chefe imediato, mensalmente entregava dez resmas de papel a uma empregada terceirizada, a título de colaboração para a escola em que um filho dessa empregada estudava.

Nessa situação hipotética,

a) Lucas deu ordem manifestamente ilegal, razão por que Pedro deveria ter-se recusado a cumpri-la.

b) Pedro cometeu infração que não representou grave dano ao patrimônio público e, por isso, deverá ser-lhe aplicada a penalidade mais branda.

c) o desconhecimento da ilegalidade da conduta afastará a aplicação de penalidade a Pedro.

d) Pedro cometeu infração, mas Lucas, não, já que não praticou a conduta proibida.

e) a nobreza da conduta de Pedro poderá justificar a não instauração de processo administrativo contra si.

R: A. A ordem de entregar materiais da repartição para terceiros é ilegal ("Art. 117, Lei nº 8.112/1990. Ao servidor é proibido: [...] XVI - utilizar pessoal ou recursos materiais da repartição em serviços ou atividades particulares") e, diante de tal cenário, é dever de Pedro se recusar a cumpri-la ("Art. 116, Lei nº 8.112/1990. São deveres do servidor: [...] VI - cumprir ordens superiores, exceto quando manifestamente ilegais") e reportar o fato.

QUESTÃO 191

(CESPE/2017 - TRE-BA - Conhecimentos Gerais - Nível Superior) Renata, servidora pública do Tribunal de Justiça da Bahia (TJ/BA), pediu vacância para tomar posse no cargo de técnico judiciário do TRE/BA. Ao final do período de avaliação, Renata foi inabilitada no estágio probatório referente ao novo cargo. O cargo por ela ocupado anteriormente no TJ/BA não havia sido provido.

Nessa situação hipotética, seu retorno ao cargo anterior se dará por meio de

a) redistribuição.

b) reintegração.

c) recondução.

d) aproveitamento.

e) reversão.

R: C. Trata-se de hipótese de recondução, conforme art. 29 da Lei nº 8.112/1990: "Recondução é o retorno do servidor estável ao cargo anteriormente ocupado e decorrerá de: I - inabilitação em estágio probatório relativo a outro cargo; II - reintegração do anterior ocupante".

QUESTÃO 192

(CESPE/2017 - TRE-BA - Analista Judiciário – Área Judiciária) No que concerne à improbidade administrativa, julgue os seguintes itens, à luz da Lei nº 8.429/1992.

I - É possível conduta omissiva culposa configurar ato de improbidade administrativa que cause lesão ao erário.

II - As hipóteses de improbidade administrativa previstas na Lei de Improbidade são taxativas.

III - Em ação de improbidade, é inadmissível transação, acordo ou conciliação.

IV - Aplica-se aos atos de improbidade administrativa o princípio da insignificância.

Estão certos apenas os itens

a) I e II.

b) I e III.

c) II e III.

d) III e IV.

e) I, II e IV.

R: B. O item I está correto porque assim decorre da própria redação do artigo 10 da LIA: "Constitui ato de improbidade administrativa que causa lesão ao erário qualquer ação ou omissão, dolosa ou culposa [...]". O item II está incorreto porque o rol de atos de improbidade é sempre exemplificativo, pois os caputs dos artigos 9º, 10 e 11 claramente indicam requisitos gerais e enumeram a seguir exemplos de casos em que estes requisitos se fazem presentes, de modo que se o fato não estiver descrito em nenhum inciso mas preencher os requisitos gerais caracteriza-se o ato de

improbidade administrativa. O item III está correta porque assim prevê a LIA em seu art. 17, §1º É vedada a transação, acordo ou conciliação nas ações de que trata o caput art. 17, §1º: "É vedada a transação, acordo ou conciliação nas ações de que trata o caput". O item IV está incorreto porque como bem observam Masson, Andrade e Andrade (Interesses Difusos e Coletivos, GEN, 2016, p. 738-739), o valor da moralidade administrativa deve ser objetivamente considerado, não comportando relativização a ponto de permitir "só um pouco" de ofensa à probidade administrativa.

QUESTÃO 193

(CESPE/2017 - TRE-BA - Analista Judiciário - Área Administrativa) De acordo com a Lei nº 8.429/1992 – Lei de Improbidade Administrativa –, servidor público que, utilizando-se do cargo que ocupa, facilitar o enriquecimento ilícito de terceiros, causando prejuízo ao erário, estará sujeito à pena de

a) proibição do recebimento de qualquer benefício até o total ressarcimento do dano.

b) perda dos valores acrescidos ilicitamente ao patrimônio.

c) suspensão da função pública.

d) suspensão dos direitos políticos até o integral ressarcimento do dano ao erário.

e) pagamento de multa civil, cujo valor deve ser equivalente ao valor do dano causado.

R: B. O artigo 10 da Lei nº 8.429/1992 disciplina as hipóteses de ato de improbidade administrativa decorrentes de lesão ao erário. As sanções para esta modalidade estão previstas no artigo 12, II da Lei de Improbidade Administrativa: "na hipótese do art. 10, ressarcimento integral do dano, perda dos bens ou valores acrescidos ilicitamente ao patrimônio, se concorrer esta circunstância, perda da função pública, suspensão dos direitos políticos de cinco a oito anos, pagamento de multa civil de até duas vezes o valor do dano e proibição de contratar com o Poder Público ou receber benefícios ou incentivos fiscais ou creditícios, direta ou indiretamente, ainda que por intermédio de pessoa jurídica da qual seja sócio majoritário, pelo prazo de cinco anos". Entre elas, está a perda dos valores acrescidos ao patrimônio.

QUESTÃO 194

(CESPE/2017 - SEDF - Conhecimentos Básicos - Cargo 2) Acerca de administração pública, organização do Estado e agentes públicos, julgue o item a seguir.

O direito de petição é um dos instrumentos para a concretização do princípio da publicidade.

R: Certo. A administração pública é obrigada a manter transparência em relação a todos seus atos e a todas informações armazenadas nos seus bancos de dados. Para que a sociedade possa exigir a transparência das ações governamentais, a Constituição Federal prevê uma série de institutos jurídicos como: habeas data, mandado de segurança, direito de petição aos Poderes Públicos, direito à obtenção de certidões em repartições públicas e ação popular.

QUESTÃO 195

(CESPE/2017 - PC-GO - Delegado de Polícia Substituto) Se uma pessoa, maior e capaz, representar contra um delegado de polícia por ato de improbidade sabendo que ele é inocente, a sua conduta poderá ser considerada, conforme o disposto na Lei n.º 8.429/1992,

a) crime, estando essa pessoa sujeita a detenção e multa.

b) ilícito administrativo, por atipicidade penal da conduta.

c) contravenção penal.

d) crime, estando essa pessoa sujeita apenas a multa.

e) crime, estando essa pessoa sujeita a reclusão e multa.

R: A. Consta do dispositivo tipificante, o artigo 19 da Lei de Improbidade Administrativa: "Art. 19. Constitui crime a representação por ato de improbidade contra agente público ou terceiro beneficiário, quando o autor da denúncia o sabe inocente. Pena: detenção de seis a dez meses e multa. Parágrafo único. Além da sanção penal, o denunciante está sujeito a indenizar o denunciado pelos danos materiais, morais ou à imagem que houver provocado".

QUESTÃO 196

(CESPE/2017 - TRE-BA - Analista Judiciário – Área Judiciária) Após a regular tramitação de processo administrativo disciplinar instaurado contra servidor público federal, a comissão processante propôs, em relatório, penalidade de suspensão de sessenta dias.

Nessa situação, segundo entendimento do Superior Tribunal de Justiça, a autoridade julgadora

a) pode divergir da conclusão do relatório, podendo majorar ou diminuir a penalidade administrativa.

b) pode alterar a capitulação da infração, mas deve manter a penalidade administrativa proposta.

c) deve acatar a conclusão do relatório e aplicar a penalidade administrativa proposta.

d) deve acatar a conclusão do relatório, podendo majorar a penalidade administrativa, mas não diminuí-la.

e) pode divergir da conclusão do relatório, mas não pode diminuir a penalidade administrativa.

R: A. Disciplina o art. 168 da Lei nº 8.112/1990: "O julgamento acatará o relatório da comissão, salvo quando contrário às provas dos autos. Parágrafo único. Quando o relatório da comissão contrariar as provas dos autos, a autoridade julgadora poderá, motivadamente, agravar a penalidade proposta, abrandá-la ou isentar o servidor de responsabilidade". Considerando o entendimento do STJ, a autoridade julgadora não está atrelada às conclusões propostas pela comissão, podendo delas discordar, motivadamente, quando o relatório contrariar a prova dos autos, nos termos do art. 168 da Lei nº 8.112/1990 (STJ MS 16.174/DF, Rel. Min. Castro Meira, Primeira Seção, julgado em 14/12/2011).

QUESTÃO 197

(CESPE/2017 - TRE-BA - Analista Judiciário – Área Judiciário) Um servidor entrou em exercício em um cargo público amparado por decisão judicial liminar precária e, antes do julgamento final da ação mandamental, requereu, enquanto ainda estava em exercício, sua aposentadoria por tempo de contribuição, visto que havia efetuado legítimas contribuições ao sistema previdenciário. Após a concessão da aposentadoria, ocorreu o julgamento final da demanda, e a segurança foi denegada.

Nessa situação, segundo o entendimento do Superior Tribunal de Justiça, a aposentadoria desse servidor deve ser

a) cassada, em razão da precariedade do vínculo de trabalho.

b) válida, por aplicação da teoria do fato consumado.

c) mantida, em razão da conversão do vício de forma.

d) anulada, com efeitos retroativos à data da aposentadoria.

e) revogada, com efeitos a partir da data do julgamento final da demanda.

R: B. Observa-se o teor do informativo nº 600 do STJ: "Não se pode cassar a aposentadoria do servidor que ingressou no serviço público por força de provimento judicial precário e se aposentou durante o processo, antes da decisão ser reformada". Sendo assim, prevalece a teoria do fato consumado.

QUESTÃO 198

(CESPE/2017 - TRE-BA - Analista Judiciário – Engenharia Civil) Carlos, servidor do TRE/BA, foi removido de ofício, no interesse da administração pública, para exercer suas funções em nova sede, razão por que teve de mudar de domicílio em caráter permanente. Carlos é casado com Maria, também servidora do TRE/BA.

Nessa situação hipotética, conforme disposição da Lei n.º 8.112/1990, a remoção de Maria

a) deverá ser concedida pela administração se Maria a solicitar.

b) garantirá a ela o direito ao recebimento de ajuda de custo, ainda que Carlos já a tenha recebido.

c) será automática, independentemente de solicitação.

d) será automaticamente desfeita se Carlos falecer no novo domicílio.

e) dependerá de análise de viabilidade pela administração pública.

R: A. Assim disciplina a Lei nº 8.112/1990: "Art. 36. Remoção é o deslocamento do servidor, a pedido ou de ofício, no âmbito do mesmo quadro, com ou sem mudança de sede. Parágrafo único. Para fins do disposto neste artigo, entende-se por modalidades de remoção: [...] III - a pedido, para outra localidade, independentemente do interesse da Administração: a) para acompanhar cônjuge ou companheiro, também servidor público civil ou militar, de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, que foi deslocado no interesse da Administração".

QUESTÃO 199

(CESPE/2017 - TRE-BA - Analista Judiciário – Engenharia Civil) Anderson, servidor do TRE/BA, sofreu grave acidente no exercício de suas funções, o que resultou na amputação total de seu braço esquerdo. Após avaliação da equipe médica, constatou-se que ele não poderia exercer as funções anteriormente exigidas pelo cargo que ocupava. Diante disso, Anderson passou a exercer outra função, compatível com sua limitação.

Conforme a Lei nº 8.112/1990, a situação apresentada configura hipótese de

a) aproveitamento.

b) readaptação.

c) reintegração.

d) recondução.

e) reversão.

R: B. Neste sentido, o art. 24 da Lei nº 8.112/1990 prevê que "readaptação é a investidura do servidor em cargo de atribuições e responsabilidades compatíveis com a limitação que tenha sofrido em sua capacidade física ou mental verificada em inspeção médica".

QUESTÃO 200

(CESPE/2017 - TRE-BA - Analista Judiciário – Engenharia Civil) Determinado servidor público está respondendo a processo administrativo por ter, supostamente, se apropriado de dinheiro público. Além disso, há investigação criminal em curso pela prática do mesmo delito.

Conforme o disposto na Lei nº 8.112/1990, nessa situação, o servidor

a) não poderá ser processado civil e penalmente antes da conclusão do processo administrativo.

b) deverá ser representado por advogado, como forma de se garantir a ampla defesa.

c) somente poderá ser processado na esfera cível se ficarem comprovados o delito na forma dolosa, e o prejuízo ao erário ou a terceiro.

d) poderá ser afastado preventivamente de suas funções pelo prazo de até sessenta dias, sem prejuízo da sua remuneração.

e) deixará de responder ao processo administrativo se for absolvido criminalmente por falta de prova.

R: D. A medida cautelar em questão está prevista no art. 147 da Lei nº 8.112/1990: "Como medida cautelar e a fim de que o servidor não venha a influir na apuração da irregularidade, a autoridade instauradora do processo disciplinar poderá determinar o seu afastamento do exercício do cargo, pelo prazo de até 60 (sessenta) dias, sem prejuízo da remuneração". A alternativa "a" está errada porque o servidor responde nas três esferas, que são independentes entre si (artigo 121, Lei nº 8.112/1990). A alternativa "b" está errada porque é facultativa a presença de advogado (súmula vinculante nº 5). A alternativa "c" está errada porque "a responsabilidade civil decorre de ato omissivo ou comissivo, doloso ou culposo, que resulte em prejuízo ao erário ou a terceiros" (artigo 122, Lei nº 8.112/1990). A alternativa "e" está errada porque somente deixará de responder administrativamente se na esfera penal o resultado for o reconhecimento da inexistência do fato ou da negativa da autoria (artigo 126, Lei nº 8.112/1990).

NOVA CONCURSOS

QUESTÃO 201

(CESPE/2017 - TRE-PE - Conhecimentos Gerais - Cargo 3) Com relação ao Regime Jurídico Único dos Servidores Públicos Civis da União (RJU), assinale a opção correta.

a) A relação jurídica estatutária não tem natureza contratual, tratando-se de relação própria de direito público.

b) A regra que estabelece a nacionalidade brasileira como requisito básico para a investidura em cargo público não comporta exceções.

c) O RJU não é aplicável aos servidores das entidades da administração indireta, mas apenas aos órgãos públicos.

d) Constitui competência comum dos Poderes Executivo e Legislativo a iniciativa de lei que verse sobre o RJU dos servidores da administração direta da União.

e) As diversas categorias de servidores públicos, nelas incluídos os membros da magistratura e da advocacia pública, submetem-se ao regime estatutário previsto na Lei n.º 8.112/1990.

R: A. Somente tem natureza contratual a relação celetista, que é regida pelo regime geral, sendo que no caso de relação estatutária a natureza é diversa, própria de direito público. A alternativa "b" está errada porque há casos em que estrangeiros podem ocupar cargos públicos, notadamente na docência e outros técnico-científicos (art. 5º, § 3º, Lei nº 8.112/1990). A alternativa "c" está errada, conforme o 1° artigo da lei 8.112, que diz que a lei se aplica aos servidores da União (administração direta) e das autarquias e fundações públicas federais. A alternativa "d" está errada porque a CF prevê no art. 61, § 1º, II, "c" que "são de iniciativa privativa do Presidente da República as leis que: [...] II - disponham sobre: [...] c) servidores públicos da União e Territórios, seu regime jurídico, provimento de cargos, estabilidade e aposentadoria". A alternativa "e" está errada porque os magistrados enquadram-se na categoria de agentes políticos (STF, RE nº 228.977).

QUESTÃO 202

(CESPE/2016 - FUB - Conhecimentos Básicos - Somente para os cargos 10 e 13) Com base nas disposições da Lei n.º 8.112/1990, julgue o item seguinte, a respeito de provimento de vagas no serviço público e direitos e vantagens do servidor público.

Ajuda de custo, diárias, transporte e auxílio-moradia constituem indenizações ao servidor.

R: Certo. Neste sentido, nos termos do art. 51 da Lei nº 8.112/1990: "Constituem indenizações ao servidor: I - ajuda de custo; II - diárias; III - transporte; IV - auxílio-moradia".

QUESTÃO 203

(CESPE/2016 - FUB - Conhecimentos Básicos - Cargo 20) Eduardo, servidor público em estágio probatório, frequentemente se ausentava de seu local de trabalho sem justificativa e, quando voltava, se apresentava nitidamente embriagado. Em razão desses fatos, a comissão de ética, tendo apreciado a conduta do servidor, decidiu aplicar a ele a penalidade de advertência. Eduardo foi, então, reprovado no estágio probatório e, por isso, foi demitido, sem que a administração pública tenha observado o contraditório e a ampla defesa.

Considerando essa situação hipotética, julgue o item a seguir.

A atuação da administração pública obedeceu a todos os princípios do processo administrativo.

R: Errado. Primeiramente, vale destacar que a Comissão de Ética aplica apenas a pena de censura (XVI, Decreto nº 1.171/1994). Além disso, o servidor reprovado em estágio probatório não será demitido e sim exonerado (artigo 20, Lei nº 8.112/1990). Entretanto, a informação mais relevante do enunciado está no fato de que não foi observado o contraditório e ampla defesa. A respeito, prevê o artigo 153 da Lei nº 8.112/1990: "O inquérito administrativo obedecerá ao princípio do contraditório, assegurada ao acusado ampla defesa, com a utilização dos meios e recursos admitidos em direito".

QUESTÃO 204

(CESPE/2016 - FUB - Conhecimentos Básicos - Cargo 20) Cláudio, servidor público federal lotado na capital federal, pediu remoção para o estado de São Paulo. O pedido foi deferido pelo órgão ao qual ele pertence. Imediatamente, Cíntia, sua esposa, também servidora pública federal lotada em Brasília, solicitou remoção para acompanhar o cônjuge. O pedido de Cíntia foi negado. Quinze dias depois da data de ciência da decisão, Cíntia apresentou recurso, que não foi conhecido, por ter sido apresentado fora do prazo. Diante disso, Cíntia, sem prévia autorização do chefe imediato, se ausentou do serviço durante o expediente para auxiliar na mudança de Cláudio.

Considerando essa situação hipotética, julgue o item que se segue com fundamento na Lei nº 8.112/1990 — Regime Jurídico dos Servidores Públicos Civis da União — e na Lei nº 9.784/1999, que dispõe sobre o processo administrativo na administração pública federal.

A administração pública agiu corretamente ao indeferir o pedido de remoção para acompanhar o cônjuge formulado por Cíntia, uma vez que Cláudio foi removido no seu interesse, e não no interesse da administração.

R: Certo. Disciplina-se no artigo 36 da Lei nº 8.112/1990: "Art. 36. Remoção é o deslocamento do servidor, a pedido ou de ofício, no âmbito do mesmo quadro, com ou sem mudança de sede. Parágrafo único. Para fins do disposto neste artigo, entende-se por modalidades de remoção: I - de ofício, no interesse da Administração; II - a pedido, a critério da Administração; III - a pedido, para outra localidade, independentemente do interesse da Administração: a) para acompanhar cônjuge ou companheiro, também servidor público civil ou militar, de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, que foi deslocado no interesse da Administração; [...]". Observe que a remoção para acompanhar cônjuge só é direito no caso de cônjuge removido no interesse da administração, não a pedido. No caso, Cláudio foi removido a pedido, motivo pelo qual sua esposa não tem direito à remoção a pedido.

QUESTÃO 205

(CESPE/2016 - FUB - Conhecimentos Básicos - Cargo 20) Cláudio, servidor público federal lotado na capital federal, pediu remoção para o estado de São Paulo. O pedido foi deferido pelo órgão ao qual ele pertence. Imediatamente, Cíntia, sua esposa, também servidora pública federal lotada em Brasília, solicitou remoção para acompanhar o cônjuge. O pedido de Cíntia foi negado. Quinze dias depois da data de ciência da decisão, Cíntia apresentou recurso, que não foi conhecido, por ter sido apresentado fora do prazo. Diante disso, Cíntia, sem prévia autorização do chefe imediato, se ausentou do serviço durante o expediente para auxiliar na mudança de Cláudio.

Considerando essa situação hipotética, julgue o item que se segue com fundamento na Lei nº 8.112/1990 — Regime Jurídico dos Servidores Públicos Civis da União — e na Lei nº 9.784/1999, que dispõe sobre o processo administrativo na administração pública federal.

Por ter se ausentado do serviço durante o expediente e sem prévia autorização do chefe imediato, Cíntia está sujeita à penalidade de demissão.

R: Errado. Prevê a Lei nº 8.112/1990: "Art. 117. Ao servidor é proibido: I - ausentar-se do serviço durante o expediente, sem prévia autorização do chefe imediato". No caso, a pena aplicável é de advertência, conforme a Lei nº 8.112/1990: "Art. 129. A advertência será aplicada por escrito, nos casos de violação de proibição constante do art. 117, incisos I a VIII e XIX, e de inobservância de dever funcional previsto em lei, regulamentação ou norma interna, que não justifique imposição de penalidade mais grave".

QUESTÃO 206

(CESPE/2016 - FUB - Auxiliar em Administração) Em conformidade com a Lei n.º 8.112/1990 e suas alterações, julgue o item que se segue.

O valor referente ao pagamento de ajuda de custo, diárias, transporte e auxílio-moradia incorpora-se ao vencimento do servidor público para todos os efeitos.

Errado. O artigo 49, §1º, Lei nº 8.112/1990 prevê que "as indenizações não se incorporam ao vencimento ou provento para qualquer efeito". Todos casos descritos são de verbas indenizatórias, nos termos do art. 51 da Lei nº 8.112/1990: "Constituem indenizações ao servidor: I - ajuda de custo; II - diárias; III - transporte; IV - auxílio-moradia".

QUESTÃO 207

(CESPE/2016 - FUB - Auxiliar em Administração) Em conformidade com a Lei n.º 8.112/1990 e suas alterações, julgue o item que se segue.

É lícito ao servidor público requerer licença por motivo de doença do seu enteado, desde que este conste de seu assentamento funcional, mediante comprovação por perícia médica oficial.

Certo. Trata-se de previsão expressa do art. 83 da Lei nº 8.112/1990: "Poderá ser concedida licença ao servidor por motivo de doença do cônjuge ou companheiro, dos pais, dos filhos, do padrasto ou madrasta e enteado, ou dependente que viva a suas expensas e conste do seu assentamento funcional, mediante comprovação por perícia médica oficial".

QUESTÃO 208

(CESPE/2016 - FUB - Auxiliar em Administração) Ainda de acordo com a Lei n.º 8.112/1990 e suas alterações, julgue o item subsequente.

Sem qualquer prejuízo, o servidor público poderá se afastar do serviço por oito dias consecutivos em razão de licença gala e licença nojo.

R: Certo. Assim estão previstas a licença-gala e a licença-nojo da Lei nº 8.112/1990: "Art. 97. Sem qualquer prejuízo, poderá o servidor ausentar-se do serviço: [...] III - por 8 (oito) dias consecutivos em razão de: a) casamento; b) falecimento do cônjuge, companheiro, pais, madrasta ou padrasto, filhos, enteados, menor sob guarda ou tutela e irmãos".

QUESTÃO 209

(CESPE/2016 - FUB - Auxiliar em Administração) Ainda de acordo com a Lei n.º 8.112/1990 e suas alterações, julgue o item subsequente.

O servidor público, fora do serviço, poderá emprestar dinheiro a outrem e cobrar-lhe juros superiores a 15% ao ano.

R: Errado. A prática descrita é de usura ou agiotagem, proibida nos termos do art. 117, XIV, Lei nº 8.112/1990: "Art. 117. Ao servidor é proibido: [...] XIV - praticar usura sob qualquer de suas formas".

QUESTÃO 210

(CESPE/2016 - INSS - Analista do Seguro Social - Serviço Social) Com base no disposto no Decreto n.º 6.029/2007 e na Lei n.º 8.112/1990, julgue o item subsequente, que versam sobre direitos e deveres de servidores públicos.

É proibido ao servidor público atuar como intermediário junto a repartições públicas, salvo quando se tratar de benefícios previdenciários ou assistenciais de parentes até o segundo grau e de cônjuge ou companheiro.

R: Certo. A prática é proibida nos termos do art. 117, XI, Lei nº 8.112/1990, que também fixa a exceção enunciada: "Art. 117. Ao servidor é proibido: [...] XI - atuar, como procurador ou intermediário, junto ao órgão ou à entidade pública em que estiver lotado ou em exercício, exceto quando se tratar de benefícios previdenciários ou assistenciais de parentes até o segundo grau e de cônjuge ou companheiro".

QUESTÃO 211

(CESPE/2016 - INSS - Técnico do Seguro Social) Considerando que determinado servidor público federal tenha sido removido para outra sede, situada em outro município, para acompanhar sua esposa, que também é servidora pública federal e foi removida no interesse da administração, julgue o item seguinte à luz do disposto na Lei n.º 8.112/1990.

Ainda que o servidor e sua esposa sejam integrantes de órgãos pertencentes a poderes distintos da União, a remoção do servidor poderia ser concedida.

NOVA CONCURSOS

R: Certo. A questão se refere à remoção para acompanhamento de cônjuge, no interesse da administração, possível quanto a qualquer dos poderes, conforme art. 36, parágrafo único, III, "a", Lei nº 8.112/1990: "Art. 36, parágrafo único. Para fins do disposto neste artigo, entende-se por modalidades de remoção: [...] III - a pedido, para outra localidade, independentemente do interesse da Administração: a) para acompanhar cônjuge ou companheiro, também servidor público civil ou militar, de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, que foi deslocado no interesse da Administração".

QUESTÃO 212

(CESPE/2016 - INSS - Técnico do Seguro Social) Considerando que determinado servidor público federal tenha sido removido para outra sede, situada em outro município, para acompanhar sua esposa, que também é servidora pública federal e foi removida no interesse da administração, julgue o item seguinte à luz do disposto na Lei n.º 8.112/1990.

É correto inferir que houve interesse da administração na remoção do servidor, pois esse é um dos requisitos para sua concessão.

R: Errado. Cabe ao cônjuge daquele que foi removido pelo interesse público solicitar a sua remoção para acompanhamento, de acordo com o art. 36, parágrafo único, III, "a", Lei nº 8.112/1990: "Art. 36, parágrafo único. Para fins do disposto neste artigo, entende-se por modalidades de remoção: [...] III - a pedido, para outra localidade, independentemente do interesse da Administração: a) para acompanhar cônjuge ou companheiro, também servidor público civil ou militar, de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, que foi deslocado no interesse da Administração".

QUESTÃO 213

(CESPE/2016 - INSS - Técnico do Seguro Social) Considerando que determinado servidor público federal tenha sido removido para outra sede, situada em outro município, para acompanhar sua esposa, que também é servidora pública federal e foi removida no interesse da administração, julgue o item seguinte à luz do disposto na Lei n.º 8.112/1990.

A referida remoção pressupõe o deslocamento do cargo ocupado pelo servidor para outro órgão ou entidade do mesmo poder.

R: Errado. A questão se refere à remoção para acompanhamento de cônjuge, no interesse da administração, possível quanto a qualquer dos poderes, não necessariamente no mesmo poder, conforme art. 36, parágrafo único, III, "a", Lei nº 8.112/1990: "Art. 36, parágrafo único. Para fins do disposto neste artigo, entende-se por modalidades de remoção: [...] III - a pedido, para outra localidade, independentemente do interesse da Administração: a) para acompanhar cônjuge ou companheiro, também servidor público civil ou militar, de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, que foi deslocado no interesse da Administração".

QUESTÃO 214

(CESPE/2016 - INSS - Técnico do Seguro Social) Considerando que determinado servidor público federal tenha sido removido para outra sede, situada em outro município, para acompanhar sua esposa, que também é servidora pública federal e foi removida no interesse da administração, julgue o item seguinte à luz do disposto na Lei n.º 8.112/1990.

O período de afastamento do servidor para o deslocamento e para a retomada do exercício do cargo no novo município, observados os limites legais, é considerado como de efetivo exercício.

R: Certo. Neste sentido prevê a Lei nº 8.112/1990: "Art. 102. Além das ausências ao serviço previstas no art. 97, são considerados como de efetivo exercício os afastamentos em virtude de: [...] IX - deslocamento para a nova sede de que trata o art. 18".

QUESTÃO 215

(CESPE/2016 - INSS - Técnico do Seguro Social) Julgue o item subsecutivo conforme o disposto na Lei n.º 8.112/1990.

Como medida que contribui para a melhoria da qualidade de vida do servidor público, é-lhe facultado optar pela acumulação de períodos de licença-capacitação, caso não seja possível usufruí-los após cada período aquisitivo.

R: Errado. A licença para capacitação não é acumulável e seu propósito é o aperfeiçoamento intelectual do servidor, conforme a Lei nº 8.112/1990: "Art. 87. Após cada quinquênio de efetivo exercício, o servidor poderá, no interesse da Administração, afastar-se do exercício do cargo efetivo, com a respectiva remuneração, por até três meses, para participar de curso de capacitação profissional. Parágrafo único. Os períodos de licença de que trata o caput não são acumuláveis.

QUESTÃO 216

(CESPE/2016 - TRT - 8ª Região (PA e AP) - Analista Judiciário - Tecnologia da Informação) Conforme a Lei n.º 8.112/1990, o servidor que sofrer acidente que limite sua capacidade física de forma a inviabilizar o exercício pleno das atribuições do cargo por ele ocupado deverá

a) ser mantido no mesmo cargo que ocupa, com eliminação das atribuições para as quais não mais tiver capacidade.

b) ser exonerado de ofício.

c) ser revertido por invalidez.

d) ser posto em disponibilidade.

e) desempenhar suas funções como excedente em cargo de atribuições afins, com mesmo nível de escolaridade e equivalência de vencimentos, até a ocorrência de vaga disponível.

R: E. O ideal, no caso, é a readaptação do servidor para cargo compatível, mas se ela não for possível deve ser colocado em disponibilidade, conforme o §2º do art. 24 da Lei nº 8.112/1990: "A readaptação será efetivada em cargo de atribuições afins, respeitada a habilitação exigida, nível de escolaridade e equivalência de vencimentos e, na hipótese de inexistência de cargo vago, o servidor exercerá suas atribuições como excedente, até a ocorrência de vaga".

QUESTÃO 217

(CESPE/2016 - TRT - 8ª Região (PA e AP) - Analista Judiciário - Tecnologia da Informação) Conforme a Lei n.º 8.112/1990, o deslocamento de cargo de provimento efetivo, ocupado ou vago, no âmbito do quadro geral de pessoal para outro órgão ou entidade do mesmo poder denomina-se

a) redistribuição.
b) remoção.
c) reintegração.
d) transferência.
e) substituição.

R: A. Assim conceitua a Lei nº 8.112/1990: "Art. 37. Redistribuição é o deslocamento de cargo de provimento efetivo, ocupado ou vago no âmbito do quadro geral de pessoal, para outro órgão ou entidade do mesmo Poder, com prévia apreciação do órgão central do SIPEC, observados os seguintes preceitos: [...]".

QUESTÃO 218

(CESPE/2016 - TRT - 8ª Região (PA e AP) - Analista Judiciário - Serviço Social)

Com base no disposto na Lei n.º 8.112/1990, assinale a opção correta acerca da acumulação de cargos.

a) A proibição de acumular cargos não alcança cargos dos quadros de entidades da administração indireta.
b) Proventos de aposentadoria de emprego público não podem ser cumulados com o exercício de cargo temporário.
c) O servidor ocupante de cargo em comissão pode exercer interinamente cargo em comissão diverso, sem prejuízo das atribuições do cargo por ele regularmente ocupado.
d) O servidor ocupante de cargo em comissão não poderá perceber, adicionalmente, remuneração por eventual participação em conselhos de administração de empresa pública.
e) O servidor que acumular licitamente dois cargos efetivos poderá ser investido em um terceiro cargo, em comissão, se houver compatibilidade de horários.

R: C. Neste sentido, o art. 9º, parágrafo único da Lei nº 8.112/1990: "O servidor ocupante de cargo em comissão ou de natureza especial poderá ser nomeado para ter exercício, interinamente, em outro cargo de confiança, sem prejuízo das atribuições do que atualmente ocupa, hipótese em que deverá optar pela remuneração de um deles durante o período da interinidade". A alternativa "a" está errada, nos termos do art. 118, §1º, Lei nº 8.112/1990: "A proibição de acumular estende-se a cargos, empregos e funções em autarquias, fundações públicas, empresas públicas, sociedades de economia mista da União, do Distrito Federal, dos Estados, dos Territórios e dos Municípios". A alternativa "b" está errada, nos termos do art. 118, §3º, Lei nº 8.112/1990: "Considera-se acumulação proibida a percepção de vencimento de cargo ou emprego público efetivo com proventos da inatividade, salvo quando os cargos de que decorram essas remunerações forem acumuláveis na atividade". A alternativa "d" está errada, nos termos do art. 119, Lei nº 8.112/1990: "O servidor não poderá exercer mais de um cargo em comissão, exceto no caso previsto no parágrafo único do art. 9º, nem ser remunerado pela participação em órgão de deliberação coletiva. Parágrafo único: O disposto neste artigo não se aplica à remuneração devida pela participação em conselhos de administração e fiscal das empresas públicas e sociedades de economia mista, suas subsidiárias e controladas, bem como quaisquer empresas ou entidades em que a União, direta ou indiretamente, detenha participação no capital social, observado o que, a respeito, dispuser legislação específica". A alternativa "e" está errada, porque se o servidor acumular licitamente dois cargos públicos e vier a acumular mais um em comissão, este servidor terá que abdicar de um dos cargos efetivos, assim prevendo o art. 120 da Lei nº 8.112/1990: "O servidor vinculado ao regime desta Lei, que acumular licitamente dois cargos efetivos, quando investido em cargo de provimento em comissão, ficará afastado de ambos os cargos efetivos, salvo na hipótese em que houver compatibilidade de horário e local com o exercício de um deles, declarada pelas autoridades máximas dos órgãos ou entidades envolvidos".

QUESTÃO 219

(CESPE/2016 - TRT - 8ª Região (PA e AP) - Analista Judiciário - Serviço Social) A respeito da responsabilidade do servidor, assinale a opção correta à luz da Lei n.º 8.112/1990.

a) Eventual decisão que absolva servidor público na esfera penal não interfere nas esferas civil e administrativa.
b) A denúncia feita pelo servidor à autoridade competente a respeito da suspeita de envolvimento de seu superior em ato de improbidade acarreta a sua responsabilidade, se posteriormente verificada a inexistência de infração.
c) A responsabilidade regressiva do servidor por dano praticado contra terceiro no exercício de suas funções é objetiva.
d) A responsabilidade criminal do servidor alcança contravenções eventualmente por ele praticadas no exercício de suas funções.
e) A responsabilidade regressiva do servidor por dano praticado contra terceiro é personalíssima, não se estendendo a seus herdeiros e sucessores.

R: D. Disciplina o art. 123, Lei nº 8.112/1990: "A responsabilidade penal abrange os crimes e contravenções imputadas ao servidor, nessa qualidade". A alternativa "a" está errada porque "as sanções civis, penais e administrativas poderão cumular-se, sendo independentes entre si" (art. 125, Lei nº 8.112/1990). A alternativa "b" está errada porque "nenhum servidor poderá ser responsabilizado civil, penal ou administrativamente por dar ciência à autoridade superior ou, quando houver suspeita de envolvimento desta, a outra autoridade competente para apuração de informação concernente à prática de crimes ou improbidade de que tenha conhecimento, ainda que em decorrência do exercício de cargo, emprego ou função pública" (art. 126-A, Lei nº 8.112/1990). A alternativa "c" está errada porque embora a responsabilidade do Estado seja objetiva, a do servidor é subjetiva (art. 37, §6º, CF). A alternativa "e" está errada porque "a obrigação de reparar o dano estende-se aos sucessores e contra eles será executada, até o limite do valor da herança recebida" (art. 122, §3º, Lei nº 8.112/1990).

NOVA CONCURSOS

QUESTÃO 220

(CESPE/2016 - TRT - 8ª Região (PA e AP) - Analista Judiciário - Serviço Social) De acordo com a Lei n.º 8.112/1990, estará sujeito à penalidade de demissão o servidor público que

a) coagir subordinado a filiar-se a partido político.

b) utilizar recurso material da repartição em atividade particular.

c) negar fé a documento público.

d) opor resistência injustificada a processo administrativo.

e) reincidir na retirada de documento da repartição sem prévia autorização da autoridade competente.

R: B. Prevista a proibição no art. 117, XVI, Lei nº 8.112/1990 de "utilizar pessoal ou recursos materiais da repartição em serviços ou atividades particulares", a pena devida é de demissão, conforme art. 132, XIII, Lei nº 8.112/1990: "A demissão será aplicada nos seguintes casos: [...] XIII - transgressão dos incisos IX a XVI do art. 117".

QUESTÃO 221

(CESPE/2016 - TRT - 8ª Região (PA e AP) - Analista Judiciário - Enfermagem) Após denúncia anônima contendo documentos que permitiram a determinada autarquia federal conhecer indícios de infração administrativa cometida por servidor público a ela vinculado, instaurou-se, no âmbito da entidade, processo administrativo disciplinar (PAD). Para compor a comissão responsável pelo PAD foi designado, entre outros membros, parente de quarto grau em linha colateral do servidor processado. A instrução processual foi ampla e houve necessidade de se prorrogar o prazo para a conclusão dos trabalhos. Ao final, o servidor, que optou por apresentar defesa pessoalmente, dispensando assistência técnica de advogado, foi indiciado.

Superado o prazo para a conclusão do processo, sobreveio decisão proferida pela autoridade competente em que foi reconhecida a prescrição da pretensão punitiva da administração pública e a extinção da punibilidade. Ainda assim, em atendimento ao princípio da publicidade, foi promovido o registro do PAD e do seu resultado nos assentamentos funcionais do servidor.

Com base no disposto na Lei n.º 8.112/1990 e considerando a doutrina e a jurisprudência, é correto afirmar que, na situação apresentada, houve irregularidade decorrente

a) do fato de a denúncia que deu origem à instauração do PAD ser anônima.

b) do fato de a comissão ter sido integrada pelo parente do servidor.

c) do registro nos assentamentos funcionais do servidor.

d) do excesso de prazo para conclusão do processo.

e) da ausência de defesa técnica por advogado.

R: C. No Julgamento do MS 23.262/DF, o STF concluiu que o art. 170 da Lei nº 8.112/1990 é inconstitucional, uma vez que "reconhecida a prescrição da pretensão punitiva, há impedimento absoluto de ato decisório condenatório ou de formação de culpa definitiva por atos imputados ao investigado no período abrangido pelo PAD". Portanto, nenhuma consequência desabonadora da conduta do servidor poderá ser realizada pela Administração, nem mesmo o registro dos fatos nos assentamentos individuais.

QUESTÃO 222

(CESPE/2016 - DPU - Agente Administrativo - Conhecimentos Básicos) Com base nas disposições da Lei n.º 8.112/1990, que trata do regime jurídico dos servidores públicos federais, julgue o item a seguir.

Somente nos casos previstos em lei poderá haver a prestação gratuita de serviços ao poder público.

R: Certo. Conforme art. 4º da Lei nº 8.112/1990, "é proibida a prestação de serviços gratuitos, salvo os casos previstos em lei".

QUESTÃO 223

(CESPE/2016 - DPU - Agente Administrativo - Conhecimentos Básicos) Ainda com base no disposto na Lei n.º 8.112/1990 e na Constituição Federal de 1988 (CF), julgue o próximo item.

É permitido o exercício de mais de um cargo em comissão, desde que seja na condição de interino.

R: Certo. Conforme disciplina do art. 9º, parágrafo único, Lei nº 8.112/1990: "O servidor ocupante de cargo em comissão ou de natureza especial poderá ser nomeado para ter exercício, interinamente, em outro cargo de confiança, sem prejuízo das atribuições do que atualmente ocupa, hipótese em que deverá optar pela remuneração de um deles durante o período da interinidade".

QUESTÃO 224

(CESPE/2016 - DPU - Agente Administrativo - Conhecimentos Básicos) Ainda com base no disposto na Lei n.º 8.112/1990 e na Constituição Federal de 1988 (CF), julgue o próximo item.

O servidor que for nomeado para cargo de provimento efetivo será submetido, após entrar em exercício, a estágio probatório de três anos, no qual será avaliado com base na assiduidade, disciplina, capacidade de iniciativa, produtividade e responsabilidade.

R: Certo. Assim disciplina o texto constitucional: "Art. 41. São estáveis após três anos de efetivo exercício os servidores nomeados para cargo de provimento efetivo em virtude de concurso público. I - assiduidade; II - disciplina; III - capacidade de iniciativa; IV - produtividade; V- responsabilidade".

QUESTÃO 225

(CESPE/2016 - DPU - Agente Administrativo - Conhecimentos Básicos) Ainda com base no disposto na Lei n.º 8.112/1990 e na Constituição Federal de 1988 (CF), julgue o próximo item.

A inassiduidade habitual será apurada mediante procedimento sumário, cabendo, nesse caso, a penalidade de remoção ou de advertência.

R: Errado. A inassiduidade habitual de fato é apurada em procedimento sumário, descrito no art. 133 da Lei nº 8.112/1990. Com efeito, o art. 132, III, Lei nº 8.112/1990 prevê que a pena nestes casos é de demissão, restando errada a assertiva: "Art. 132. A demissão será aplicada nos seguintes casos: [...] III - inassiduidade habitual".

QUESTÃO 226

(CESPE/2016 - DPU - Agente Administrativo - Conhecimentos Básicos) Ainda com base no disposto na Lei n.º 8.112/1990 e na Constituição Federal de 1988 (CF), julgue o próximo item.

Ao servidor público federal que tenha recebido certidão emitida por órgão público estadual para instruir pedido administrativo é lícito exigir o reconhecimento de firma da autoridade estadual.

R: Errado. Destaca-se que o art. 117, III, Lei nº 8.112/1990 proíbe ao servidor "recusar fé a documentos públicos". No entanto, os documentos públicos possuem presunção de legitimidade e não precisam de reconhecimento de firma, logo, ela não pode ser exigida.

QUESTÃO 227

(CESPE/2016 - DPU - Analista Técnico - Administrativo) Uma autarquia federal, desejando comprar um bem imóvel — não enquadrado nas hipóteses em que a licitação é dispensada, dispensável ou inexigível — com valor de contratação estimado em R$ 50.000,00, efetuou licitação na modalidade concorrência.

Considerando a situação descrita, julgue os itens a seguir, acerca da organização administrativa da União, das licitações e contratos administrativos e do disposto na Lei n.º 8.112/1990.

Servidor público efetivo da referida autarquia federal que, no curso do processo licitatório, recusasse fé a documento público regularmente apresentado por um dos licitantes não estaria sujeito a sanção administrativa prevista na Lei n.º 8.112/1990, uma vez que servidores de autarquias submetem-se a regime jurídico próprio.

R: Errado. A assertiva está errada porque a Lei nº 8.112/1990 se aplica aos servidores de autarquias: "Art. 1º Esta Lei institui o Regime Jurídico dos Servidores Públicos Civis da União, das autarquias, inclusive as em regime especial, e das fundações públicas federais".

QUESTÃO 228

(CESPE/2015 - TJ-DFT - Analista Judiciário - Psicologia) Com base no disposto na Lei n.º 8.112/1990, especificamente no que concerne aos direitos, aos deveres e às responsabilidades dos servidores públicos civis, julgue o seguinte item.

O servidor em estágio probatório pode exercer quaisquer cargos de provimento em comissão ou funções de direção, chefia ou assessoramento no órgão ou entidade de lotação.

R: Certo. Não há impedimento, conforme disciplina o art. 20, § 3º, Lei nº 8.112/1990: "O servidor em estágio probatório poderá exercer quaisquer cargos de provimento em comissão ou funções de direção, chefia ou assessoramento no órgão ou entidade de lotação, e somente poderá ser cedido a outro órgão ou entidade para ocupar cargos de Natureza Especial, cargos de provimento em comissão do Grupo-Direção e Assessoramento Superiores - DAS, de níveis 6, 5 e 4, ou equivalentes".

QUESTÃO 229

(CESPE/2015 - TJ-DFT - Analista Judiciário - Psicologia) Com base no disposto na Lei n.º 8.112/1990, especificamente no que concerne aos direitos, aos deveres e às responsabilidades dos servidores públicos civis, julgue o seguinte item.

A servidora gestante tem garantido seu direito de afastamento das operações e locais considerados penosos, insalubres ou perigosos durante os períodos da gestação e da lactação.

R: Certo. A vedação está no art. 69, parágrafo único, Lei nº 8.112/1990: "A servidora gestante ou lactante será afastada, enquanto durar a gestação e a lactação, das operações e locais previstos neste artigo, exercendo suas atividades em local salubre e em serviço não penoso e não perigoso".

QUESTÃO 230

(**CESPE/2015 - TRE-RS - Conhecimentos Básicos para os Cargos 1 a 5)** Conforme o disposto na Lei n.º 8.112/1990, ao servidor em estágio probatório é vedada a concessão de licença

a) para capacitação.
b) para o serviço militar.
c) por motivo de afastamento do cônjuge.
d) por motivo de doença em pessoa da família.
e) para atividade política.

R: A. Conforme o artigo 20, § 5º, Lei nº 8.112/1990, "o estágio probatório ficará suspenso durante as licenças e os afastamentos previstos nos arts. 83, 84, § 1º, 86 e 96, bem assim na hipótese de participação em curso de formação, e será retomado a partir do término do impedimento", sendo que a licença por doença em pessoa da família está prevista no artigo 83, Lei nº 8.112/1990; a licença por motivo de afastamento do cônjuge no artigo 84 da Lei nº 8.112/1990; a licença para atividade política no artigo 86 da mesma lei; e o afastamento de servidor para servir em organismo internacional de que o Brasil participe ou com o qual coopere encontra-se no artigo 96 da lei. Não está abarcada, então, a hipótese de licença para capacitação.

NOÇÕES DE DIREITO CONSTITUCIONAL

QUESTÃO 231

(CESPE/2017 - TCE-PE - Analista de Gestão - Administração) A respeito das disposições da CF e da legislação que instituiu o regime jurídico dos funcionários públicos civis do estado de Pernambuco, julgue o próximo item.

De acordo com a CF, é vedada a contratação de servidor público por tempo determinado.

R: Errado. A Constituição autoriza a contratação de servidor público por tempo determinado em seu artigo 37, IX, exigindo excepcional interesse público: "a lei estabelecerá os casos de contratação por tempo determinado para atender a necessidade temporária de excepcional interesse público".

QUESTÃO 232

(CESPE/2017 - TCE-PE - Analista de Gestão - Administração) Considerando o que dispõe a CF acerca dos direitos sociais, direitos de nacionalidade e direitos políticos, bem como dos partidos políticos, julgue o item subsequente.

Por imposição de lei, se um órgão estadual for criado, os servidores ocupantes de cargo efetivo desse órgão poderão, desde que com prévia autorização do órgão estatal competente, fundar sindicato.

R: Errado. A autorização estatal não é exigida, conforme art. 8º, I, CF: "Art. 8º É livre a associação profissional ou sindical, observado o seguinte: I - a lei não poderá exigir autorização do Estado para a fundação de sindicato, ressalvado o registro no órgão competente, vedadas ao Poder Público a interferência e a intervenção na organização sindical".

QUESTÃO 233

(CESPE/2017 - TCE-PE - Analista de Gestão - Administração) Considerando o que dispõe a CF acerca dos direitos sociais, direitos de nacionalidade e direitos políticos, bem como dos partidos políticos, julgue o item subsequente.

Situação hipotética: Cláudio, brasileiro nato, por interesse exclusivamente pessoal, residiu em país estrangeiro, onde teve um filho com uma cidadã local. Assertiva: Nessa situação, segundo a CF, o filho de Cláudio poderá ser considerado brasileiro nato, ainda que não venha a residir no Brasil.

R: Certo. O art. 12, I, "c", CF prevê para o caso do filho de Cláudio não apenas a exigência de que venha e residir no Brasil, aceitando também em vez disso que ele seja registrado em repartição brasileira competente: "Art. 12. São brasileiros: I - natos: [...] c) os nascidos no estrangeiro de pai brasileiro ou de mãe brasileira, desde que sejam registrados em repartição brasileira competente ou venham a residir na República Federativa do Brasil e optem, em qualquer tempo, depois de atingida a maioridade, pela nacionalidade brasileira".

QUESTÃO 234

(CESPE/2017 - TCE-PE - Analista de Gestão - Administração) Considerando o que dispõe a CF acerca dos direitos sociais, direitos de nacionalidade e direitos políticos, bem como dos partidos políticos, julgue o item subsequente.

Se, no ano de 2018, o presidente da assembleia legislativa de um estado, em seu primeiro mandato, substituir o governador nos seis meses anteriores ao pleito eleitoral, ele poderá concorrer ao cargo de governador, no mesmo estado, nas eleições estaduais daquele ano, mas não poderá concorrer à reeleição no pleito posterior.

R: Certo. Se um dos sucessores do chefe do executivo assumir em definitivo seu posto no curso do mandato, independentemente de quanto tempo o ocupe, somente poderá se candidatar na eleição seguinte, mas se for vitorioso não poderá buscar a sua reeleição no pleito seguinte, conforme art. 14, §5º, CF: "O Presidente da República, os Governadores de Estado e do Distrito Federal, os Prefeitos e quem os houver sucedido, ou substituído no curso dos mandatos poderão ser reeleitos para um único período subseqüente".

QUESTÃO 235

(CESPE/2017 - TCE-PE - Analista de Gestão - Administração) No que diz respeito às atribuições e responsabilidades do presidente da República e às atribuições do Poder Legislativo, julgue o seguinte item.

Quando um cargo público federal estiver vago, o presidente da República poderá extingui-lo por decreto, sendo essa competência indelegável.

R: Errado. A competência de extinguir cargos por decreto está prevista no art. 84, VI, "b", CF: "Compete privativamente ao Presidente da República: [...] VI – dispor, mediante decreto, sobre: [...] b) extinção de funções ou cargos públicos, quando vagos". O parágrafo único do mesmo artigo 84 autoriza a delegação no caso deste inciso: "O Presidente da República poderá delegar as atribuições mencionadas nos incisos VI, XII e XXV, primeira parte, aos Ministros de Estado, ao Procurador-Geral da República ou ao Advogado-Geral da União, que observarão os limites traçados nas respectivas delegações".

QUESTÃO 236

(CESPE/2017 - TCE-PE - Analista de Gestão - Julgamento) Com relação aos direitos sociais, aos direitos de nacionalidade, aos direitos políticos e aos partidos políticos, julgue o próximo item.

O transporte e o lazer são direitos sociais expressamente previstos na CF.

R: Certo. Percebe-se na atual redação do artigo 6º, CF: "São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição". O transporte não fazia parte do rol dos direitos sociais expressamente previsto na CF, mas foi introduzido no texto constitucional através da EC nº 90/2015.

QUESTÃO 237

(CESPE/2017 - TCE-PE - Conhecimentos Básicos - Cargos 1 e 2) A respeito do controle jurisdicional da administração pública no direito brasileiro, julgue o item a seguir.

O remédio constitucional do habeas data permite que o impetrante obtenha informações cadastrais relativas a todas as partes de um processo do qual seja parte, exceto aquelas protegidas por sigilo bancário.

R: Errado. O habeas data é instrumento que visa promover o acesso a informações de interesse pessoal, conforme artigo 5º, LXXII, CF: "para assegurar o conhecimento de informações relativas à pessoa do impetrante, constantes de registro ou banco de dados de entidades governamentais ou de caráter público".

QUESTÃO 238

(CESPE/2017 - SERES-PE - Agente de Segurança Penitenciária) A respeito do Ministério Público, julgue as asserções que se seguem.

I - É garantida aos membros do Ministério Público a irredutibilidade de subsídios, de modo a se evitar a redução nominal da remuneração.

II - É permitido que promotor de justiça receba honorários de sucumbência e custas processuais nos processos em que o Ministério Público for o vencedor na demanda.

Assinale a opção correta, a respeito das asserções I e II.

a) As asserções I e II são erradas.

b) As asserções I e II são certas, e a II é uma justificativa da I.

c) As asserções I e II são certas, mas a II não é uma justificativa da I.

d) A asserção I é certa, e a II é errada.

e) A asserção I é errada, e a II é certa.

R: D. Consta no artigo 128, I, "c", CF a garantia à irredutibilidade de subsídio: "irredutibilidade de subsídio, fixado na forma do art. 39, § 4º, e ressalvado o disposto nos arts. 37, X e XI, 150, II, 153, III, 153, § 2º, I". De outro lado, no artigo 128, II, "a", CF fixa-se a vedação de "receber, a qualquer título e sob qualquer pretexto, honorários, percentagens ou custas processuais".

QUESTÃO 239

(CESPE/2017 - SERES-PE - Agente de Segurança Penitenciária) É dispensável licença, autorização ou referendo do Congresso Nacional para que o presidente da República

a) sancione e promulgue leis.

b) fique ausente do país por mais de quinze dias.

c) firme tratados ou convenções internacionais.

d) declare guerra, caso haja agressão estrangeira.

e) celebre a paz.

R: A. Conforme se percebe no artigo 84, CF, as atribuições descritas nas letras "a", "c", "d" e "e" são privativas do Presidente: "Art. 84. Compete privativamente ao Presidente da República: [...] IV - sancionar, promulgar e fazer publicar as leis, bem como expedir decretos e regulamentos para sua fiel execução; [...] VIII - celebrar tratados, convenções e atos internacionais, sujeitos a referendo do Congresso Nacional; [...] XIX - declarar guerra, no caso de agressão estrangeira, autorizado pelo Congresso Nacional ou referendado por ele, quando ocorrida no intervalo das sessões legislativas, e, nas mesmas condições, decretar, total ou parcialmente, a mobilização nacional; [...] XX - celebrar a paz, autorizado ou com o referendo do Congresso Nacional". Percebe-se que todas as competências dos incisos acima, exceto o inciso IV, que corresponde à letra "a", devem ser autorizados ou referendados pelo Congresso Nacional. Corroborando, o artigo 49, CF, fixa entre atribuições do Congresso Nacional: "Art. 49. É da competência exclusiva do Congresso Nacional: I - resolver definitivamente sobre tratados, acordos ou atos internacionais que acarretem encargos ou compromissos gravosos ao patrimônio nacional; II - autorizar o Presidente da República a declarar guerra, a celebrar a paz, a permitir que forças estrangeiras transitem pelo território nacional ou nele permaneçam temporariamente, ressalvados os casos previstos em lei complementar; III - autorizar o Presidente e o Vice-Presidente da República a se ausentarem do País, quando a ausência exceder a quinze dias".

QUESTÃO 240

(CESPE/2017 - SERES-PE - Agente de Segurança Penitenciária) É permitida a edição de medida provisória que verse sobre

a) retenção de bens de poupança ou de ativo financeiro.

b) organização do Poder Judiciário e do Ministério Público.

c) direitos políticos e partidos políticos.

d) instituição e majoração de impostos.

e) nacionalidade, cidadania e direito eleitoral.

R: D. O artigo 62, CF autoriza a edição de medidas provisórias em caso de relevância e urgência, sendo que o §1º traz as matérias que não podem ser por ela abrangidas: "§ 1º É vedada a edição de medidas provisórias sobre matéria: I – relativa a: a) nacionalidade, cidadania, direitos políticos, partidos políticos e direito eleitoral; (matérias descritas nas assertivas "c" e "e") b) direito penal, processual penal e processual civil; c) organização do Poder Judiciário e do Ministério Público, a carreira e a garantia de seus membros; (matéria descrita na assertiva "b") d) planos plurianuais, diretrizes or-

çamentárias, orçamento e créditos adicionais e suplementares, ressalvado o previsto no art. 167, § 3º; II – que vise a detenção ou sequestro de bens, de poupança popular ou qualquer outro ativo financeiro; (matéria descrita na assertiva "a") III – reservada a lei complementar; IV – já disciplinada em projeto de lei aprovado pelo Congresso Nacional e pendente de sanção ou veto do Presidente da República".

QUESTÃO 241

(CESPE/2017 - TRE-BA - Analista Judiciário – Área Judiciária) A Constituição Federal de 1988 estabelece que os tribunais regionais eleitorais sejam compostos por dois juízes dentre seis advogados de notável saber jurídico e idoneidade moral indicados pelo

a) Tribunal de Justiça.
b) Superior Tribunal de Justiça.
c) presidente do Supremo Tribunal Federal.
d) Tribunal Superior Eleitoral.
e) presidente da República.

R: A. Observa-se que os dois juízes escolhidos entre advogados serão indicados pelo Tribunal de Justiça e nomeados pelo Presidente da República, conforme artigo 120, §1º, III, CF: "Art. 120. Haverá um Tribunal Regional Eleitoral na Capital de cada Estado e no Distrito Federal. § 1º – Os Tribunais Regionais Eleitorais compor-se-ão: I – mediante eleição, pelo voto secreto: a) de dois juízes dentre os desembargadores do Tribunal de Justiça; b) de dois juízes, dentre juízes de direito, escolhidos pelo Tribunal de Justiça; II – de um juiz do Tribunal Regional Federal com sede na Capital do Estado ou no Distrito Federal, ou, não havendo, de juiz federal, escolhido, em qualquer caso, pelo Tribunal Regional Federal respectivo; III – por nomeação, pelo Presidente da República, de dois juízes dentre seis advogados de notável saber jurídico e idoneidade moral, indicados pelo Tribunal de Justiça".

QUESTÃO 242

(CESPE/2017 - TRE-BA - Analista Judiciário – Área Judiciária) O presidente da República, fundamentando-se no argumento de que o exercício dos direitos políticos não deve ser imposto pelo Estado, pretende extinguir o voto obrigatório para os cidadãos com idade entre dezoito e setenta anos nas eleições de cargos eletivos do Poder Legislativo e do Poder Executivo e implementar o voto facultativo.

Nesse caso, a implementação do voto facultativo deverá ocorrer por

a) lei complementar.
b) medida provisória.
c) lei ordinária.
d) emenda constitucional.
e) decreto legislativo.

R: D. O voto é matéria constitucional, que em alguns aspectos pode ser alterada por emenda constitucional - por se tratar de matéria constitucional prevista no artigo 14, §1º, CF - e noutros não pode sequer ser alterada, considerando-se cláusula pétrea o voto "o voto direto, secreto, universal e periódico" (artigo 60, §4º, II, CF). A obrigatoriedade do voto está prevista no artigo 14, §1º, I, CF, que não é cláusula pétrea, e sim matéria constitucional, passível de alteração por emenda constitucional.

QUESTÃO 243

(CESPE/2017 - TRE-BA - Analista Judiciário – Área Judiciária) Determinada lei, publicada seis meses antes da data da realização de eleições estaduais, criou hipótese de inelegibilidade para dificultar abuso do poder econômico.

Assinale a opção correta a respeito da classificação da referida lei e de sua vigência e aplicação.

a) Tal lei deve ser complementar, e vigerá e se aplicará a partir da data da sua publicação.
b) Tal lei deve ser complementar e não se aplicará às referidas eleições.
c) Tal lei deve ser ordinária estadual e não se aplicará às referidas eleições.
d) Tal lei deve ser ordinária distrital, e vigerá e se aplicará a partir da data da sua publicação.
e) Tal lei deve ser ordinária federal, e se aplicará a partir da data de sua publicação.

R: B. O artigo 14, § 9º, CF fixa que lei que discipline casos de inelegibilidade deve ser complementar: "Lei complementar estabelecerá outros casos de inelegibilidade e os prazos de sua cessação, a fim de proteger a probidade administrativa, a moralidade para exercício de mandato considerada vida pregressa do candidato, e a normalidade e legitimidade das eleições contra a influência do poder econômico ou o abuso do exercício de função, cargo ou emprego na administração direta ou indireta". Por seu turno, o artigo 16, CF fixa o princípio da anterioridade eleitoral que exige o prazo mínimo de um ano entre o início da vigência da lei e as próximas eleições: "A lei que alterar o processo eleitoral entrará em vigor na data de sua publicação, não se aplicando à eleição que ocorra até um ano da data de sua vigência".

QUESTÃO 244

(CESPE/2017 - TRE-BA - Analista Judiciário – Área Administrativa) Para a criação da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI), é indispensável

a) que o fato não esteja em apuração em instância policial ou judicial.
b) o requerimento de, no mínimo, dois terços dos membros da casa legislativa.
c) o apontamento de fato determinado a ser investigado.
d) que a iniciativa seja da Câmara dos Deputados, não podendo ser de outra casa legislativa.
e) a fixação de prazo improrrogável para a conclusão do trabalho, independentemente da complexidade do fato investigado.

R: C. O artigo 58, CF disciplina a questão das Comissões Parlamentares de Inquérito em seu §3º: "As comissões parlamentares de inquérito, que terão poderes de investigação próprios das autoridades judiciais, além de outros previstos nos regimentos das respectivas Casas, serão criadas pela Câmara dos Deputados e pelo Senado Federal, em conjunto ou separadamente, mediante requerimento de um terço de seus membros, para a apuração de fato determinado e por prazo certo, sendo suas conclusões, se for o caso,

encaminhadas ao Ministério Público, para que promova a responsabilidade civil ou criminal dos infratores". Exige-se, assim fato certo e prazo determinado (embora prorrogável), não havendo impedimento se houver investigação em curso sobre o mesmo em outras esferas. Pode ser criada pela Câmara ou pelo Senado, mediante requerimento de 1/3 dos seus membros.

QUESTÃO 245

(CESPE/2017 - TRE-BA - Técnico Judiciário – Área Administrativa) O remédio constitucional que representa, no plano institucional, a mais expressiva reação jurídica do Estado às instituições que lesem, efetiva ou potencialmente, os direitos de conhecimento de informações relativas à pessoa interessada constantes de registros ou bancos de dados de entidades governamentais ou de caráter público, bem como de retificação de dados e complementação de registros existentes, é o(a)

a) habeas data.
b) mandado de segurança.
c) habeas corpus.
d) ação popular.
e) mandado de injunção.

R: A. O habeas data é instrumento que visa promover o acesso a informações de interesse pessoal, conforme artigo 5º, LXXII, CF: "para assegurar o conhecimento de informações relativas à pessoa do impetrante, constantes de registro ou banco de dados de entidades governamentais ou de caráter público".

QUESTÃO 246

(CESPE/2017 - TRE-BA - Técnico Judiciário – Área Administrativa) O governador de um estado da Federação, durante o cumprimento de seu mandato, foi aprovado em concurso público para o cargo de analista judiciário de um tribunal e convocado para a respectiva posse.

Nessa situação hipotética, conforme a Constituição Federal de 1988, o governador

a) não poderá tomar posse no cargo por ser chefe do Poder Executivo estadual, o que feriria o princípio da indissolubilidade do pacto federativo.
b) poderá tomar posse no cargo e perderá, automaticamente, o mandato.
c) poderá tomar posse no cargo, mas, para continuar cumprindo seu mandato eletivo, terá de manter-se afastado do cargo de analista judiciário.
d) não poderá tomar posse no cargo em razão de vedação constitucional que visa evitar ofensa ao princípio da separação dos poderes.
e) poderá tomar posse no cargo e, ao entrar em exercício, cumular as duas atividades.

R: C. Não haverá perda de mandato, pois a posse se deu em virtude de concurso, conforme artigo 28, §1º, CF: "Perderá o mandato o Governador que assumir outro cargo ou função na administração pública direta ou indireta, ressalvada a posse em virtude de concurso público e observado o disposto no art. 38, I, IV e V". Com efeito, quanto ao afastamento, o artigo 38 prevê em seu inciso I que "tratando-se de mandato eletivo federal, estadual ou distrital, ficará afastado de seu cargo, emprego ou função".

QUESTÃO 247

(CESPE/2017 - TRE-BA - Técnico Judiciário – Área Administrativa) Vincent, cidadão holandês naturalizado brasileiro, conseguiu, por determinação judicial definitiva, o cancelamento de sua naturalização e, então, regressou à Holanda. Tempos depois, já com trinta e dois anos de idade, ele foi convidado por um partido político nacional a concorrer ao cargo de deputado estadual de um estado da Federação brasileira.

Nessa situação hipotética, de acordo com os preceitos constitucionais, Vincent será

a) inelegível, porque ainda não tem a idade mínima para o exercício do cargo de deputado estadual no Brasil, que é de trinta e cinco anos.
b) elegível, caso se candidate no estado da Federação no qual residiu até conseguir seu direito à naturalização.
c) inelegível, porque o cancelamento judicial da naturalização afasta-lhe o pleno exercício dos direitos políticos.
d) elegível, desde que sua condição de brasileiro naturalizado tenha sido superior a cinco anos.
e) elegível, desde que ele comprove seu domicílio eleitoral em qualquer estado da Federação.

R: C. A perda dos direitos políticos, é tratada no artigo 15 da Constituição Federal, prevendo o inciso I a perda devido a "cancelamento da naturalização por sentença transitada em julgado". A partir deste momento, Vincent não é mais brasileiro, passando a ser estrangeiro e, conforme artigo 14, § 2º, CF, "não podem alistar-se como eleitores os estrangeiros e, durante o período do serviço militar obrigatório, os conscritos". Também não podem se eleger aqueles que não tenham nacionalidade brasileira ou não estejam em pleno exercício dos direitos políticos (artigo 14, §3º, I e II, CF).

QUESTÃO 248

(CESPE/2017 - TRE-BA - Técnico Judiciário – Área Administrativa) Ao ser procurada para responder pesquisa relativa às eleições estaduais, Maria Lúcia, professora aposentada, então com sessenta e seis anos de idade, recusou-se a responder aos questionamentos e alegou que, por ser idosa, não era mais obrigada a votar. Assim, afirmou que, como tem a intenção de utilizar essa prerrogativa, sua opinião quanto aos candidatos não seria relevante à pesquisa.

Nessa situação hipotética, à luz da Constituição Federal de 1988, o entendimento de Maria Lúcia está

a) correto, porque a sua idade faz presumir a incapacidade civil absoluta, o que acarreta a perda de direitos políticos.
b) correto, tendo em vista que a sua situação de idosa lhe garante o voto facultativo.
c) correto, porque a aposentadoria torna seu voto facultativo.
d) equivocado, porque o voto é facultativo apenas para os analfabetos.
e) equivocado, porque, para cidadãos com a sua idade, o voto é obrigatório.

R: E. Maria Lúcia não precisará mais votar apenas quando completar 70 anos, conforme o art. 14, §1º, "b", CF: "O alistamento eleitoral e o voto são: [...] II - facultativos para: [...] b) os maiores de 70 anos".

QUESTÃO 249

(CESPE/2017 - TRE-BA - Técnico Judiciário – Área Administrativa) O corregedor de um tribunal regional eleitoral (TRE), ao analisar o regimento interno desse órgão, verificou que diversos dispositivos estavam em desacordo com as normas estabelecidas pela Constituição Federal de 1988 (CF) e que, por essa razão, seria necessário elaborar um novo regimento.

Tendo em vista os preceitos estabelecidos na CF, nessa situação hipotética, a competência privativa para a elaboração do novo regimento interno do TRE será do

a) Tribunal Superior Eleitoral, em decorrência da hierarquia constitucional sobre o TRE.

b) referido TRE, que deverá observar as normas de processo e as garantias processuais das partes ao elaborar a referida peça normativa.

c) Supremo Tribunal Federal, em razão de sua hierarquia constitucional sobre o TRE.

d) Superior Tribunal de Justiça, tendo em vista que o Supremo Tribunal Federal cuida exclusivamente de questões constitucionais.

e) Congresso Nacional, por ser o órgão responsável pelo processo legislativo, que cria e edita normativas.

R: B. Nestes termos, o art. 96, I, "a", CF: "Art. 96. Compete privativamente: I - aos tribunais: a) eleger seus órgãos diretivos e elaborar seus regimentos internos, com observância das normas de processo e das garantias processuais das partes, dispondo sobre a competência e o funcionamento dos respectivos órgãos jurisdicionais e administrativos".

QUESTÃO 250

(CESPE/2017 - TRE-BA - Técnico Judiciário – Área Administrativa) De acordo com a Constituição Federal de 1988, o órgão a que compete o controle da atuação administrativa e financeira do Poder Judiciário e do cumprimento dos deveres funcionais dos juízes, além do encargo do recebimento e conhecimento de reclamações contra os serviços auxiliares do Poder Judiciário, é o(a)

a) Tribunal de Contas da União.

b) Conselho Nacional de Justiça.

c) Procuradoria-Geral da República.

d) Supremo Tribunal Federal.

e) Corregedoria do Superior Tribunal de Justiça.

R: B. Assim prevê, essencialmente, o art. 103-B, §4º, CF: "Compete ao Conselho o controle da atuação administrativa e financeira do Poder Judiciário e do cumprimento dos deveres funcionais dos juízes, cabendo-lhe, além de outras atribuições que lhe forem conferidas pelo Estatuto da Magistratura: [...]".

QUESTÃO 251

(CESPE/2017 - TRE-PE - Analista Judiciário - Área Administrativa) O brasileiro naturalizado

a) poderá ocupar o cargo de presidente do Senado Federal.

b) poderá ocupar o cargo de ministro de Estado da Defesa.

c) não poderá ocupar cargo da carreira diplomática.

d) perderá a nacionalidade brasileira no caso de reconhecimento de nacionalidade originária pela lei estrangeira.

e) poderá ocupar o cargo de ministro do Supremo Tribunal Federal.

R: C. O artigo 12, CF fixa em seu §3º os cargos que não aceitam brasileiros naturalizados, exigindo brasileiros natos: "São privativos de brasileiro nato os cargos: I - de Presidente e Vice-Presidente da República; II - de Presidente da Câmara dos Deputados; III - de Presidente do Senado Federal; IV - de Ministro do Supremo Tribunal Federal; V - da carreira diplomática; VI - de oficial das Forças Armadas; VII - de Ministro de Estado da Defesa". A hipótese do inciso V corresponde à letra "c".

QUESTÃO 252

(CESPE/2017 - TRE-PE - Analista Judiciário - Área Administrativa) De acordo com a Constituição Federal de 1988 (CF), a perda ou a suspensão dos direitos políticos se dará em caso de

a) condenação criminal por decisão de tribunal contra a qual caiba recurso.

b) incapacidade civil relativa.

c) condenação em ação de improbidade administrativa, nos termos da lei.

d) cancelamento da naturalização por decisão judicial de primeira instância.

e) condenação criminal por decisão judicial de primeira instância.

R: C. O artigo 15, CF disciplina os casos de perda e suspensão dos direitos políticos: "É vedada a cassação de direitos políticos, cuja perda ou suspensão só se dará nos casos de: I - cancelamento da naturalização por sentença transitada em julgado; (letra "d" errada) II - incapacidade civil absoluta; (letra "b" errada) III - condenação criminal transitada em julgado, enquanto durarem seus efeitos; (letras "a" e "e" erradas) IV - recusa de cumprir obrigação a todos imposta ou prestação alternativa, nos termos do art. 5º, VIII; V - improbidade administrativa, nos termos do art. 37, § 4º (letra "c" correta)".

QUESTÃO 253

(CESPE/2017 - TRE-PE - Analista Judiciário - Área Administrativa) De acordo com a CF, na fixação do vencimento e da remuneração dos servidores públicos, deve-se observar

a) se o ocupante do cargo é afrodescendente.

b) a complexidade dos cargos componentes de cada carreira.

c) se o ocupante do cargo é portador de deficiência.

d) se o cargo é destinado a hipossuficiente.

e) se o cargo é destinado a indígena.

R: B. Segundo a Constituição, a fixação dos padrões de vencimento e dos demais componentes do sistema remuneratório observará, conforme art. 39, § 1º: "I – a natureza, o grau de responsabilidade e a complexidade dos cargos componentes de cada carreira; II – os requisitos para a investidura; III – as peculiaridades dos cargos".

QUESTÃO 254

(CESPE/2017 - TRE-PE - Técnico Judiciário – Área Administrativa) O alistamento eleitoral e o voto são obrigatórios para

a) maiores de setenta e cinco anos de idade.

b) maiores de dezoito anos de idade.

c) maiores de dezesseis e menores de dezoito anos de idade.

d) analfabetos.

e) maiores de setenta anos de idade.

R: B. Neste sentido, o artigo 14, § 1º, I, CF: "O alistamento eleitoral e o voto são: I - obrigatórios para os maiores de dezoito anos; [...]".

QUESTÃO 255

(CESPE/2017 - PC-GO - Delegado de Polícia Substituto) No modelo de funcionamento da justiça montado no Brasil, entendeu-se ser indispensável a existência de determinadas funções essenciais à justiça. Nesse sentido, a CF considera como funções essenciais à justiça

a) o Poder Judiciário, o Ministério Público, a defensoria pública, a advocacia e as polícias civil e militar.

b) o Ministério Público, a defensoria pública, a advocacia pública, a advocacia e as polícias civil e militar.

c) o Poder Judiciário e o Ministério Público.

d) o Ministério Público, a defensoria pública, a advocacia pública e a advocacia.

e) o Poder Judiciário, o Ministério Público e a defensoria pública.

R: D. No título IV sobre a organização dos poderes são colacionadas as funções essenciais da justiça em seu capítulo IV, dividido em 4 seções: "SEÇÃO I - DO MINISTÉRIO PÚBLICO; SEÇÃO II - DA ADVOCACIA PÚBLICA; SEÇÃO III - DA ADVOCACIA; SEÇÃO IV - DA DEFENSORIA PÚBLICA".

QUESTÃO 256

(CESPE/2017 - SEDF - Analista de Gestão Educacional - Direito e Legislação) Julgue o próximo item, relativo ao Poder Executivo e ao Poder Legislativo.

No exercício de atividade investigatória, caso se deparem com a necessidade de quebra do sigilo fiscal de alguém, as comissões parlamentares de inquérito deverão requerer tal quebra ao Poder Judiciário, pois elas não possuem poderes de investigação próprios das autoridades judiciais.

R: Errado. Já de início, o artigo 58 traz em seu §3º que "as comissões parlamentares de inquérito, que terão poderes de investigação próprios das autoridades judiciais".

QUESTÃO 257

(CESPE/2017 - SEDF - Analista de Gestão Educacional - Direito e Legislação) Julgue o próximo item, relativo ao Poder Executivo e ao Poder Legislativo.

Na hipótese de o presidente da República, antes da vigência do seu mandato, praticar um homicídio, a acusação terá de ser admitida por dois terços da Câmara de Deputados para, posteriormente, poder ser submetida a julgamento perante o Senado Federal.

R: Errado. Conforme leciona o art. 86, §4º da CF/88, o Presidente da República não poderá ser responsabilizado por crimes estranhos a sua função. Nessa senda, entende o STF que o crime comum estranho à função terá sua prescrição suspensa, podendo ser processado e julgado somente após o término do mandado. A respeito, reproduz-se: "Art. 86. § 3ºº - Enquanto não sobrevier sentença condenatória, nas infrações comuns, o Presidente da República não estará sujeito a prisão.§ 4ºº - O Presidente da República, na vigência de seu mandato, não pode ser responsabilizado por atos estranhos ao exercício de suas funções".

QUESTÃO 258

(CESPE/2017 - SEDF - Analista de Gestão Educacional - Direito e Legislação) Considerando os dispositivos constitucionais relativos ao exercício do serviço público no Brasil, julgue o item a seguir.

Para solicitar aposentadoria voluntária, o servidor público deverá contar com: dez anos de efetivo exercício no serviço público e cinco anos no cargo efetivo, no mínimo; sessenta anos de idade e trinta e cinco anos de contribuição, se homem; cinquenta e cinco anos de idade e trinta anos de contribuição, se mulher.

R: Errado. O erro está em a questão não ter contemplado a aposentadoria voluntária proporcional, bem como de não mencionar expressamente que o tempo de exercício deve ser no cargo em que se dará a aposentadoria. Leia-seo art. 40, III, CF: "Voluntariamente, desde que cumprido tempo MÍNIMO de dez anos de efetivo exercício no serviço público e cinco anos NO CARGO EFETIVO em que se dará a aposentadoria, obeservadas as seguintes condições: a) sessenta e cinco anos de idade (65) e trinta e cinco (35) de contribuição, se homem, e cinquenta e cinco anos (55) de idade e trinta anos (30) de contribuição, se mulher; b) sessenta e cinco anos de idade, se homem, e sessenta anos de idade, se mulher, comproventos proporcionais ao tempo de contribuição".

QUESTÃO 259

(CESPE/2017 - SEDF - Analista de Gestão Educacional - Monitor de Gestão Educacional) Considerando os dispositivos constitucionais relativos ao exercício do serviço público no Brasil, julgue o item a seguir.

O regime normal de trabalho do servidor público não terá duração superior a oito horas diárias e quarenta e quatro horas semanais, sendo assegurada ao servidor a mesma remuneração em diferentes turnos.

R: Errado. O art. 37, XIII, CF de fato prevê esta duração: "duração do trabalho normal não superior a oito horas diárias e quarenta e quatro semanais, facultada a compensação de horários e a redução da jornada, mediante acordo ou convenção coletiva de trabalho". Entretanto, o trabalho noturno recebe remuneração superior ao diurno, conforme art. 37, IX: "remuneração do trabalho noturno superior à do diurno".

QUESTÃO 260

(CESPE/2017 - SEDF - Analista de Gestão Educacional - Monitor de Gestão Educacional) Considerando os dispositivos constitucionais relativos ao exercício do serviço público no Brasil, julgue o item a seguir.

Um dos requisitos utilizados para a promoção de servidores públicos na carreira consiste na participação em cursos de formação e de aperfeiçoamento nas escolas de governo mantidas pela União, pelos estados e pelo DF.

R: Certo. Assim prevê o art. 39, § 2º, CF: "A União, os Estados e o Distrito Federal manterão escolas de governo para a formação e o aperfeiçoamento dos servidores públicos, constituindo-se a participação nos cursos um dos requisitos para a promoção na carreira, facultada, para isso, a celebração de convênios ou contratos entre os entes federados".

QUESTÃO 261

(CESPE/2016 - FUB - Conhecimentos Básicos - Somente para os cargos 10 e 13) A respeito dos direitos e garantias fundamentais estabelecidos na Constituição Federal de 1988, julgue o item a seguir.

Os direitos e garantias fundamentais têm como destinatários os brasileiros natos e naturalizados, não se aplicando aos estrangeiros.

R: Errado. Pela própria redação do artigo 5º, caput, CF, se aplica aos estrangeiros residentes no país: "Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade". Não obstante, prevalece o entendimento que por força da prevalência dos direitos humanos como princípio regente das relações internacionais do Brasil (artigo 4º, II, CF) devem se aplicar os direitos e garantias individuais mesmo a estrangeiros que estejam de passagem, salvo exceções que dependam de condições específicas (ex.: apenas pode ingressar com ação popular o cidadão brasileiro).

QUESTÃO 262

(CESPE/2016 - FUB - Conhecimentos Básicos - Somente para os cargos 10 e 13) À luz das disposições constitucionais relativas aos direitos sociais, julgue o item a seguir.

É livre a associação sindical, desde que o poder público autorize, previamente, a fundação do sindicato.

R: Errado. A Constituição Federal prevê que a lei não pode exigir autorização do poder público para funcionamento do sindicato, conforme o art. 8º, I: "É livre a associação profissional ou sindical, observado o seguinte: I - a lei não poderá exigir autorização do Estado para a fundação de sindicato, ressalvado o registro no órgão competente, vedadas ao Poder Público a interferência e a intervenção na organização sindical".

QUESTÃO 263

(CESPE/2016 - FUB - Conhecimentos Básicos - Somente para os cargos 10 e 13) À luz das disposições constitucionais relativas aos direitos sociais, julgue o item a seguir.

É assegurada a participação dos trabalhadores e empregadores nos colegiados dos órgãos públicos em que seus interesses profissionais ou previdenciários sejam objeto de discussão e deliberação.

R: Certo. Neste sentido, o art. 10, CF: "É assegurada a participação dos trabalhadores e empregdores nos colegiados dos órgãos públicos em que seus interesses proffisionais ou previdenciários sejam objeto de discussão e deliberação".

QUESTÃO 264

(CESPE/2016 - FUB - Conhecimentos Básicos - Cargo 20) Com referência à Constituição Federal de 1988 e às disposições nela inscritas relativamente a direitos sociais e políticos, administração pública e servidores públicos, julgue o item subsequente.

No Brasil, o alistamento eleitoral e o voto são facultativos para os analfabetos, os maiores de setenta anos de idade e os maiores de dezesseis e menores de dezoito anos de idade.

R: Certo. Assim disciplina o texto constitucional: "art. 14, § 1º, CF. O alistamento eleitoral e o voto são: [...] II - facultativos para: a) os analfabetos; b) os maiores de setenta anos; c) os maiores de dezesseis e menores de dezoito anos".

QUESTÃO 265

(CESPE/2016 - FUB - Conhecimentos Básicos - Cargo 20) Com referência à Constituição Federal de 1988 e às disposições nela inscritas relativamente a direitos sociais e políticos, administração pública e servidores públicos, julgue o item subsequente.

Legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência são princípios aplicáveis exclusivamente à administração pública federal: eles não se aplicam à administração pública dos estados, do Distrito Federal nem dos municípios.

R: Errado. Por previsão expressa da Constituição, se aplica a todos poderes em todas esferas federativas: "Art. 37, caput, CF. A administração pública direta e indireta de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios obedecerá aos princípios de legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência e, também, ao seguinte: [...]".

QUESTÃO 266

(CESPE/2016 - FUB - Conhecimentos Básicos - Cargo 20) Com referência à Constituição Federal de 1988 e às disposições nela inscritas relativamente a direitos sociais e políticos, administração pública e servidores públicos, julgue o item subsequente.

Com exceção de casos específicos previstos em lei, a administração pública deve realizar processo de licitação para a contratação de obras, serviços, compras e alienações.

R: Certo. A obrigatoriedade de licitar está prevista no art. 37, XXI, CF: "ressalvados os casos especificados na legislação, as obras, serviços, compras e alienações SERÃO CONTRATADOS mediante processo de LICITAÇÃO PÚBLICA que assegure igualdade de condições a todos os concorrentes, com cláusulas que estabeleçam obrigações de pagamento, mantidas as condições efetivas da proposta, nos termos da lei, o qual somente permitirá as exigências de qualificação técnica e econômica indispensáveis à garantia do cumprimento das obrigações".

QUESTÃO 267

(CESPE/2016 - FUB - Conhecimentos Básicos - Cargo 20) Com referência à Constituição Federal de 1988 e às disposições nela inscritas relativamente a direitos sociais e políticos, administração pública e servidores públicos, julgue o item subsequente.

Diferentemente do que ocorre com os trabalhadores da iniciativa privada, a Constituição Federal de 1988 não assegura ao servidor público o direito de greve nem o de livre associação sindical.

R: Errado. Assim disciplina o art. 9º, caput, CF: "É assegurado o direito de greve, competindo aos trabalhadores decidir sobre a oportunidade de exercê-lo e sobre os interesses que devam por meio dele defender".

QUESTÃO 268

(CESPE/2016 - FUB - Conhecimentos Básicos - Cargo 20) Com referência à Constituição Federal de 1988 e às disposições nela inscritas relativamente a direitos sociais e políticos, administração pública e servidores públicos, julgue o item subsequente.

A Constituição Federal de 1988 proíbe expressamente a diferença de salários, de exercício de funções e de critério de admissão por motivo de sexo, idade, cor ou estado civil.

R: Certo. Fixa-se como direito social no art. 7º, XXX, CF: "proibição de diferença de salários, de exercício de funções e de critério de admissão por motivo de sexo, idade, cor ou estado civil".

QUESTÃO 269

(CESPE/2016 - FUB - Conhecimentos Básicos - Cargos 1 a 7) Acerca da Constituição Federal de 1988 e das disposições nela inscritas relativamente a direitos e garantias fundamentais e à administração pública, julgue o item a seguir.

A Constituição Federal de 1988 define os cargos que são privativos de brasileiros natos e proíbe que legislação infraconstitucional estabeleça distinções entre brasileiros natos e naturalizados.

R: Certo. Neste sentido, a proibição de que a lei infraconstitucional distinga brasileiros natos e naturalizados está no §2º do artigo 12, CF: "A lei não poderá estabelecer distinção entre brasileiros natos e naturalizados, salvo nos casos previstos nesta Constituição". Por sua vez, o §3º do mesmo dispositivo fixa os cargos privativos de brasileiro nato: "São privativos de brasileiro nato os cargos: I - de Presidente e Vice-Presidente da República; II - de Presidente da Câmara dos Deputados; III - de Presidente do Senado Federal; IV - de Ministro do Supremo Tribunal Federal; V - da carreira diplomática; VI - de oficial das Forças Armadas".

QUESTÃO 270

(CESPE/2016 - FUB - Conhecimentos Básicos - Cargos 1 a 7) Acerca da Constituição Federal de 1988 e das disposições nela inscritas relativamente a direitos e garantias fundamentais e à administração pública, julgue o item a seguir.

Diferentemente dos cargos em comissão, as funções de confiança somente podem ser preenchidas por servidores ocupantes de cargo efetivo.

R: Certo. Confirmando a distinção entre cargo em comissão e função de confiança tem-se o art. 37, V, CF: "as funções de confiança, exercidas exclusivamente por servidores ocupantes de cargo efetivo, e os cargos em comissão, a serem preenchidos por servidores de carreira nos casos, condições e percentuais mínimos previstos em lei, destinam-se apenas às atribuições de direção, chefia e assessoramento".

QUESTÃO 271

(CESPE/2016 - FUB - Conhecimentos Básicos - Cargos 1 a 7) Acerca da Constituição Federal de 1988 e das disposições nela inscritas relativamente a direitos e garantias fundamentais e à administração pública, julgue o item a seguir.

A União, os estados, o Distrito Federal e os municípios devem, obrigatoriamente, instituir, no âmbito de sua competência, regime jurídico único aplicável tanto aos servidores da administração direta quanto aos das autarquias, empresas públicas, fundações e sociedades de economia mista.

R: Errado. O regime jurídico único varia conforme a esfera deferativa e não se aplica às empresas públicas e às sociedades de economia mista, que aplicam o regime geral aos seus funcionários, conforme o artigo 39, §13, CF: "ao servidor ocupante, exclusivamente, de cargo em comissão declarado em lei de livre nomeação e exoneração bem como de outro cargo temporário ou de emprego público, aplica-se o regime geral de previdência social".

QUESTÃO 272

(CESPE/2016 - ANVISA - Técnico Administrativo) Com relação aos direitos e garantias fundamentais, julgue o item que se segue.

À luz do princípio da dignidade humana, a CF estabelece que, após a aprovação por qualquer quórum durante o processo legislativo, todos os tratados e convenções sobre direitos humanos subscritos pelo Brasil passem a ter o status de norma constitucional.

R: Errado. É exigido quórum e procedimento específico de aprovação para aquisição do status de emenda constitucional, conforme art. 5°, § 3º, CF: "Os tratados e convenções internacionais sobre direitos humanos que forem aprovados, em cada Casa do Congresso Nacional, em dois turnos, por três quintos dos votos dos respectivos membros, serão equivalentes às emendas constitucionais".

QUESTÃO 273

(CESPE/2016 - ANVISA - Técnico Administrativo) No que se refere à organização político-administrativa do Estado, julgue o próximo item.

Em caso de desmembramento de município, faz-se necessária consulta por meio de plebiscito, tanto à população do território remanescente como, também, à daquele a ser desmembrado.

R: Certo. Neste sentido, o art. 18, § 4º, CF: "A criação, a incorporação, a fusão e o desmembramento de Municípios, far-se-ão por lei estadual, dentro do período determinado por Lei Complementar Federal, e dependerão de consulta prévia, mediante plebiscito, às populações dos Municípios envolvidos, após divulgação dos Estudos de Viabilidade Municipal, apresentados e publicados na forma da lei".

QUESTÃO 274

(CESPE/2016 - ANVISA - Técnico Administrativo) Julgue o item a seguir com base na CF.

O Congresso Nacional, com o auxílio do TCU, tem competência para fiscalizar a legalidade contábil, financeira, orçamentária e patrimonial da União, mediante controle externo

R: Certo. A respeito da fiscalização contábil, financeira e orçamentária, tem-se o art. 70, CF: "Art. 70. A fiscalização contábil, financeira, orçamentária, operacional e patrimonial da União e das entidades da administração direta e indireta, quanto à legalidade, legitimidade, economicidade, aplicação das subvenções e renúncia de receitas, será exercida pelo Congresso Nacional, mediante controle externo, e pelo sistema de controle interno de cada Poder". Ainda, disciplina o art. 71, CF: "O controle externo, a cargo do Congresso Nacional, será exercido com o auxílio do Tribunal de Contas da União, [...]".

QUESTÃO 275

(CESPE/2016 - PC-GO - Agente de Polícia Substituto) Compete privativamente à União

a) estabelecer política de educação para segurança no trânsito.

b) legislar sobre requisições civis e militares, em caso de iminente perigo e em tempo de guerra.

c) cuidar da proteção e garantia das pessoas portadoras de deficiência.

d) legislar sobre organização, garantias, direitos e deveres da polícia civil.

e) legislar sobre educação, ensino, pesquisa e inovação.

R: B. Neste sentido, prevê o art. 22, III, CF: "Compete PRIVATIVAMENTE à União legislar sobre: [...] III - requisições civis e militares, em caso de iminente perigo e em tempo de guerra".

QUESTÃO 276

(CESPE/2016 - PC-GO - Escrivão de Polícia Substituto) Assinale a opção que apresenta um dos fundamentos da República Federativa do Brasil previsto expressamente na Constituição Federal de 1988.

a) valores sociais do trabalho e da livre iniciativa

b) autodeterminação dos povos

c) igualdade entre os estados

d) erradicação da pobreza

e) solução pacífica dos conflitos

R: A. Os fundamentos da República estão previsto no art. 1º, CF: "A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos: I - a soberania; II - a cidadania; III - a dignidade da pessoa humana; IV - os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa; V - o pluralismo político".

NOÇÕES DE DIREITO ADMINISTRATIVO

QUESTÃO 277

(CESPE/2017 - TCE-PE - Conhecimentos Básicos - Cargo 3) A respeito do controle da administração pública exercido pelos tribunais de contas, julgue o próximo item.

Cabe aos tribunais de contas a anulação de ato ou contrato dos órgãos jurisdicionados eivado de vícios.

R: Errado. Nos termos do art. 71, § 1º, CF, "no caso de contrato, o ato de sustação será adotado diretamente pelo Congresso Nacional, que solicitará, de imediato, ao Poder Executivo as medidas cabíveis".

QUESTÃO 278

(CESPE/2017 - TCE-PE - Conhecimentos Básicos - Cargo 4) A respeito do conceito, das formas, da classificação e da previsão normativa do controle na administração pública brasileira, julgue o seguinte item.

Conforme a Constituição Federal de 1988, o sistema de controle interno de cada Poder deve apoiar o controle externo no exercício de sua função, razão por que o controle interno é subordinado ao controle externo.

R: Errado. Nos termos do art. 74, IV, CF, "os Poderes Legislativo, Executivo e Judiciário manterão, de forma integrada, sistema de controle interno com a finalidade de: apoiar o controle externo no exercício de sua missão institucional". Não há hierarquia entre o controle interno e o externo, eles são complementares um ao outro.

QUESTÃO 279

(CESPE/2017 - TCE-PE - Analista de Controle Externo - Auditoria de Contas Públicas) Com relação ao regime diferenciado de contratações, a licitações e contratos administrativos, a responsabilidade do Estado, ao controle da administração pública e à organização administrativa, julgue o item subsequente.

A construção de unidades de atendimento socioeducativo poderá ser realizada mediante atos regidos pelo regime diferenciado de contratações, utilizando-se a contratação integrada, se necessária inovação técnica.

R: Certo. O regime diferenciado de contratação é disciplinado na Lei nº 12.462, de 4 de agosto de 2011. É aplicável a obras e serviços de engenharia em estabelecimentos penais e unidades de atendimento socioeducativo, conforme artigo 1º, VI: "É instituído o Regime Diferenciado de Contratações Públicas (RDC), aplicável exclusivamente às licitações e contratos necessários à realização: [...] VI - das obras e serviços de engenharia para construção, ampliação e reforma e administração de estabelecimentos penais e de unidades de atendimento socioeducativo". Com efeito, a contratação integrada é possível nos casos de inovação tecnológica ou técnica, conforme artigo 9º, I: "Nas licitações de obras e serviços de engenharia, no âmbito do RDC, poderá ser utilizada a contratação integrada, desde que técnica e economicamente justificada e cujo objeto envolva, pelo menos, uma das seguintes condições: I - inovação tecnológica ou técnica".

QUESTÃO 280

(CESPE/2017 - TCE-PE - Analista de Gestão - Administração) No que tange a regime jurídico-administrativo, organização administrativa e teoria do direito administrativo brasileiro, julgue o item a seguir.

As autarquias e as fundações públicas incluem-se entre as entidades que integram a administração pública indireta.

R: Certo. No Decreto-Lei nº 200/1967 consolida-se esta clássica divisão: "Art. 4° A Administração Federal compreende: I - A Administração Direta, que se constitui dos serviços integrados na estrutura administrativa da Presidência da República e dos Ministérios; II - A Administração Indireta, que compreende as seguintes categorias de entidades, dotadas de personalidade jurídica própria: a) Autarquias; b) Emprêsas Públicas; c) Sociedades de Economia Mista; d) fundações públicas".

QUESTÃO 281

(CESPE/2017 - TCE-PE - Analista de Gestão - Administração) No que tange a regime jurídico-administrativo, organização administrativa e teoria do direito administrativo brasileiro, julgue o item a seguir.

No Brasil, as fontes do direito administrativo são, exclusivamente, a Constituição Federal de 1988 (CF), as leis e os regulamentos.

R: Errado. A expressão fonte do direito corresponde aos elementos de formação da ciência jurídica ou de um de seus campos. Quando se fala em fontes do direito administrativo, refere-se aos elementos que serviram de aparato lógico para a formação do direito administrativo. Fontes diretas: são aquelas que primordialmente influenciam na composição do campo jurídico em estudo, no caso, o direito administrativo. Apontam-se como fontes diretas a Constituição Federal e as leis. Ambas são normas impostas pelo Estado, de observação coativa. Fontes indiretas: são aquelas que decorrem das fontes diretas ou que surgem paralelamente a elas. Por exemplo, a doutrina e a jurisprudência estabelecem processos de interpretação da norma jurídica, no sentido de que interpretam o que a lei e a Constituição fixam, conferindo rumos para a aplicação das normas do direito administrativo. Já os costumes e os princípios gerais do Direito existiam antes mesmo da elaboração da norma, influenciando em sua gênese e irradiando esta influência em todo o processo de aplicação da lei.

QUESTÃO 282

(CESPE/2017 - TCE-PE - Analista de Gestão - Administração) Acerca da responsabilidade civil do Estado, julgue o item subsequente.

Na hipótese de responsabilidade do Estado por dano causado por agente público, apenas nos casos de atos dolosos será assegurado ao poder público o direito de regresso.

R: Errado. Há também direito de regresso nos casos de culpa do servidor, conforme artigo 37, §6º, CF: "As pessoas jurídicas de direito público e as de direito privado prestadoras de serviços públicos responderão pelos danos que seus agentes, nessa qualidade, causarem a terceiros, assegurado o direito de regresso contra o responsável nos casos de dolo ou culpa".

QUESTÃO 283

(CESPE/2017 - TCE-PE - Analista de Gestão - Administração) Acerca da responsabilidade civil do Estado, julgue o item subsequente.

Considera-se causa atenuante da responsabilidade estatal a culpa concorrente da vítima.

R: Certo. Considerando a clássica teoria do risco administrativo, são causas que excluem a responsabilidade: caso fortuito ou força maior; culpa exclusiva da vítima; e fato exclusivo de terceiro. Por sua vez, é causa que atenua a responsabilidade a culpa concorrente da vítima (o Estado ainda responderá, mas de forma atenuada).

QUESTÃO 284

(CESPE/2017 - TCE-PE - Analista de Gestão - Administração) Acerca da responsabilidade civil do Estado, julgue o item subsequente.

Para efeito de apuração da responsabilidade civil do Estado, é juridicamente irrelevante que o ato tenha sido comissivo ou omissivo.

R: Errado. Há relevância porque prevalece na doutrina que nos casos de ação haverá responsabilidade objetiva do Estado, independentemente de culpa, mas nos casos de omissão a responsabilidade estatal será subjetiva, ou seja, será preciso comprovar a culpa do Estado.

QUESTÃO

(CESPE/2017 - TCE-PE - Analista de Gestão - Administração) Com referência a atos administrativos e improbidade administrativa, julgue o item subsequente.

O ato administrativo deve ser avaliado pelo seu conteúdo, não devendo ser invalidado por desobediência a requisitos de forma.

R: Errado. A forma é a maneira pela qual o ato se revela no mundo jurídico. Usualmente, adota-se a forma escrita. Eventualmente, pode ser praticado por sinais ou gestos (ex: trânsito). A forma é sempre fixada por lei. Os vícios podem atingir a forma, quando a lei expressamente exige e não é respeitada, e ainda o motivo, quando pressupostos de fato e/ou de direito não existem e/ou são falsos. No caso, dependendo do vício, poderá ou acarretará nulidade.

QUESTÃO 285

(CESPE/2017 - TCE-PE - Analista de Gestão - Administração) Com referência a atos administrativos e improbidade administrativa, julgue o item subsequente.

Na revogação, o ato é extinto por oportunidade e conveniência, ao passo que, na anulação, ele é desfeito por motivo(s) de ilegalidade.

R: Certo. A anulação é a retirada do ato administrativo em decorrência de sua invalidade, reconhecida judicial ou administrativamente, preservando-se os direitos dos terceiros de boa-fé. Trata-se da supressão do ato administrativo, com efeito retroativo, por razões de ilegalidade e ilegitimi-

NOVA CONCURSOS

dade. A revogação é a retirada do ato administrativo em decorrência da sua inconveniência ou inoportunidade em face dos interesses públicos, sendo o ato válido e praticado dentro da Lei, efetuando-se a revogação na via administrativa. Trata-se da extinção de um ato administrativo legal e perfeito, por razões de conveniência e oportunidade, pela Administração, no exercício do poder discricionário.

QUESTÃO 286

(CESPE/2017 - TCE-PE - Analista de Gestão - Administração) Considerando a legislação e os conceitos pertinentes a licitações e contratos administrativos, julgue o item a seguir.

No sistema de registro de preços, a utilização da ata de registro de preços é restrita aos órgãos que tenham participado dos procedimentos iniciais da licitação.

R: Errado. Disciplina o art. 22 do Decreto nº 7.892/2013: "Desde que devidamente justificada a vantagem, a ata de registro de preços, durante sua vigência, poderá ser utilizada por qualquer órgão ou entidade da administração pública federal que não tenha participado do certame licitatório, mediante anuência do órgão gerenciador".

QUESTÃO 287

(CESPE/2017 - TCE-PE - Analista de Gestão - Administração) Considerando a legislação e os conceitos pertinentes a licitações e contratos administrativos, julgue o item a seguir.

Diferentemente de modalidades como a tomada de preços, o convite e a concorrência, o pregão é estabelecido em função do objeto da licitação, e não do valor dela, podendo ser empregado para a aquisição de bens ou serviços comuns.

R: Certo. Conforme o art. 1º da Lei nº 10.520/2002, "para aquisição de bens e serviços comuns, poderá ser adotada a licitação na modalidade de pregão, que será regida por esta Lei". Utiliza-se para toda aquisição de bens e serviços comuns, independentemente de valor. De acordo com Hely Lopes, o que caracteriza os bens e serviços comuns é sua padronização, ou seja, a possibilidade de substituição de uns por outros, mantendo-se o mesmo padrão de qualidade e eficiência.

QUESTÃO 288

CESPE/2017 - TCE-PE - Conhecimentos Básicos - Cargo 5) No que se refere ao controle administrativo, julgue o item que se segue.

O controle exercido pela administração sobre seus próprios atos pode ser realizado de ofício quando a autoridade competente constatar ilegalidade.

R: Certo. Neste sentido, o art. 53, Lei nº 9.784/1999: "A Administração deve anular seus próprios atos, quando eivados de vício de legalidade, e pode revogá-los por motivo de conveniência ou oportunidade, respeitados os direitos adquiridos".

QUESTÃO 289

(CESPE/2017 - TCE-PE - Conhecimentos Básicos - Cargo 5) No que se refere ao controle administrativo, julgue o item que se segue.

A fiscalização hierárquica poderá ser realizada a qualquer tempo, desde que haja provocação da administração ou de órgão a ela vinculado.

R: Errado. O controle hierárquico emana do poder hierárquico, que é o poder conferido à administração de fixar campos de competência quanto às figuras que compõem sua estrutura, ou seja, é um poder de auto-organização. As autoridades escalonadas acima podem fiscalizar aqueles que ocupem cargo abaixo delas, não precisando de autorização ou de requisição alguma.

QUESTÃO 290

CESPE/2017 - TCE-PE - Auditor de Controle Externo - Auditoria de Contas Públicas) Com relação a agentes públicos, atos administrativos, poderes da administração pública e responsabilidade civil do Estado, julgue o item subsequente.

Ainda que a lei ofereça ao agente público mais de uma alternativa para o exercício do poder de polícia, a autoridade terá limitações quanto ao meio de ação.

R: Certo. Evidentemente, abusos no exercício do poder de polícia não podem ser tolerados. Por mais que todo direito individual seja relativo perante o interesse público, existem núcleos mínimos de direitos que devem ser preservados, mesmo no exercício do poder de polícia. Neste sentido, a faculdade repressiva deve respeitar os direitos do cidadão, as prerrogativas individuais e as liberdades públicas que são consagrados no texto constitucional.

QUESTÃO 291

(CESPE/2017 - TRE-BA - Conhecimentos Gerais - Nível Superior) De acordo com a Lei de Licitações e Contratos, o prazo para interposição de

a) recurso e representação será de dez dias úteis.

b) representação e pedido de reconsideração será de cinco dias úteis.

c) representação e pedido de reconsideração será de dez dias úteis.

d) recurso e representação será de cinco dias úteis.

e) recurso e pedido de reconsideração será de cinco dias úteis.

R: D. Os prazos constam do artigo 109 da Lei nº 8.666/1993: "Art. 109. Dos atos da Administração decorrentes da aplicação desta Lei cabem: I - recurso, no prazo de 5 (cinco) dias úteis a contar da intimação do ato ou da lavratura da ata, nos casos de: [...] II - representação, no prazo de 5 (cinco) dias úteis da intimação da decisão relacionada com o objeto da licitação ou do contrato, de que não caiba recurso hierárquico; III - pedido de reconsideração, de decisão de Ministro de Estado, ou Secretário Estadual ou Municipal, conforme o caso, na hipótese do § 4o do art. 87 desta Lei, no prazo de 10 (dez) dias úteis da intimação do ato".

QUESTÃO 292

(CESPE/2017 - SERES-PE - Agente de Segurança Penitenciária) Assinale a opção que apresenta o ato administrativo mediante o qual a administração pública faculta, de forma unilateral e vinculada, a um cidadão exercer determinada atividade para a qual preencha os requisitos legais.

a) homologação
b) autorização
c) permissão
d) licença
e) aprovação

R: D. A licença é ato administrativo unilateral, vinculado e definitivo pelo qual o Poder Público, verificando que o interessado atendeu a todos os requisitos legais, faculta-lhe a realização de determinada atividade ou fato material. Como exemplo, tem-se a licença ambiental concedida aos que cumpriram os requisitos para o início da construção de uma indústria.

QUESTÃO 293

(CESPE/2017 - SERES-PE - Agente de Segurança Penitenciária) Secretário de justiça e direitos humanos de determinado estado da Federação que publicar uma portaria e, na semana seguinte, revogá-la, em nova publicação, terá praticado ato revogatório com base no princípio da

a) indisponibilidade.
b) moralidade.
c) autotutela.
d) eficiência.
e) supremacia do interesse público.

R: C. O princípio da autotutela corresponde ao controle interno que a Administração Pública exerce sobre seus próprios atos. Ela tem o poder-dever de retirada de atos administrativos por meio de anulação ou revogação.

QUESTÃO 294

(CESPE/2017 - SERES-PE - Agente de Segurança Penitenciária) É permitida aos governos estaduais a delegação da prestação de serviço público por

a) permissão, mediante licitação, sendo vedada, nesse caso, a delegação a pessoa física.
b) concessão, sem licitação, sendo vedada, nesse caso, a delegação a pessoa física.
c) permissão, sem licitação, a título precário, a pessoa física.
d) permissão, sem licitação, a título precário, a pessoa jurídica.
e) concessão, mediante licitação, a pessoa jurídica.

R: E. Observe a distinção que a própria Lei nº 8.987/1995 traz: "Art. 2° Para os fins do disposto nesta Lei, considera-se: [...] II - concessão de serviço público: a delegação de sua prestação, feita pelo poder concedente, mediante licitação, na modalidade de concorrência, à pessoa jurídica ou consórcio de empresas que demonstre capacidade para seu desempenho, por sua conta e risco e por prazo determinado. [...] IV - permissão de serviço público: a delegação, a título precário, mediante licitação, da prestação de serviços públicos, feita pelo poder concedente à pessoa física ou jurídica que demonstre capacidade para seu desempenho, por sua conta e risco".

QUESTÃO 295

(CESPE/2017 - SERES-PE - Agente de Segurança Penitenciária) Pessoa jurídica de direito privado, sem fins lucrativos, que tenha sido instituída por iniciativa de particulares e que receba delegação do Poder Público mediante contrato de gestão para desempenhar serviço público de natureza social denomina-se

a) organização social.
b) entidade de apoio.
c) empresa pública.
d) organização da sociedade civil de interesse público.
e) serviço social autônomo.

R: A. Organizações sociais (OS) são reguladas pela Lei nº 9.637/1998, são entidades privadas que se associam ao Estado, exercendo atividades privadas, em seu próprio nome, com incentivos do Poder Público. Disciplina o artigo 1º da referida lei: "O Poder Executivo poderá qualificar como organizações sociais pessoas jurídicas de direito privado, sem fins lucrativos, cujas atividades sejam dirigidas ao ensino, à pesquisa científica, ao desenvolvimento tecnológico, à proteção e preservação do meio ambiente, à cultura e à saúde, atendidos aos requisitos previstos nesta Lei".

QUESTÃO 296

(CESPE/2017 - TRE-BA - Analista Judiciário – Área Judiciária) Uma das atribuições dos órgãos de assessoria jurídica da administração pública é apreciar juridicamente as minutas de contratos, convênios ou acordos administrativos. Nessa hipótese, para a efetivação de ajustes, as minutas devem ser

a) previamente aprovadas pela comissão de licitação.
b) previamente examinadas e aprovadas pela própria assessoria jurídica da administração pública.
c) examinadas, até o término de sua vigência, pela comissão de licitação.
d) aprovadas, até o término de sua vigência, pela própria assessoria jurídica da administração pública.
e) previamente examinadas pelo licitante.

R: B. É a previsão expressa do art. 38, parágrafo único, Lei nº 8.666/1993: "As minutas de editais de licitação, bem como as dos contratos, acordos, convênios ou ajustes devem ser previamente examinadas e aprovadas por assessoria jurídica da Administração".

QUESTÃO 297

(CESPE/2017 - TRE-BA - Analista Judiciário – Área Administrativa) A determinado servidor público foi concedida licença em razão de ele preencher todos os requisitos exigidos. Contudo, no curso da licença, ele deixou de atender às condições exigidas para a manutenção do benefício, o que implicou a extinção do ato administrativo de concessão da licença.

Nessa situação hipotética, a modalidade de extinção de atos administrativos aplicada foi a

a) convalidação.
b) anulação, em decorrência da imperatividade.
c) cassação.
d) revogação.
e) anulação, em decorrência da legalidade.

NOVA CONCURSOS

R: C. A cassação é a retirada do ato administrativo em decorrência do beneficiário ter descumprido condição tida como indispensável para a manutenção do ato. Embora legítimo na sua origem e na sua formação, o ato se torna ilegal na sua execução a partir do momento em que o destinatário descumpre condições pré-estabelecidas.

QUESTÃO 298

(CESPE/2017 - TRE-BA - Analista Judiciário – Área Administrativa) A aplicação de advertência a servidor público, em decorrência do cometimento de infração funcional, demonstra o exercício do poder

a) regulamentar.
b) disciplinar.
c) hierárquico.
d) vinculado.
e) de polícia.

R: B. Poder Disciplinar é aquele de que dispõe a Administração Pública para controlar o desempenho das funções e das condutas internas de seus servidores, responsabilizando-os pelas infrações que cometer.

QUESTÃO 299

(CESPE/2017 - TRE-BA - Analista Judiciário – Área Administrativa) Em caso de acidente de trânsito que envolva automóvel particular e veículo pertencente à administração pública, a comprovação de culpa exclusiva do particular pelos danos causados caracteriza

a) causa excludente da responsabilidade civil do Estado.
b) motivo para a responsabilização do Estado pelos prejuízos, em decorrência das teorias civilistas.
c) causa atenuante da responsabilidade civil do Estado.
d) motivo para que nenhuma das partes envolvidas seja responsabilizada, por se tratar de caso fortuito.
e) motivo para a responsabilização do Estado pelos prejuízos, em decorrência da responsabilidade objetiva.

R: A. A partir da clássica teoria do risco administrativo, são causas que excluem a responsabilidade: caso fortuito ou força maior; culpa exclusiva da vítima; e fato exclusivo de terceiro. No caso, a culpa exclusiva do particular no acidente exclui a responsabilidade do Estado.

QUESTÃO 300

(CESPE/2017 - TRE-BA - Analista Judiciário – Área Administrativa) Determinada empresa autorizada pela União, mediante concessão, a explorar serviço público, parou de prestar os devidos serviços sem apresentar qualquer justificativa.

Nos termos da Lei nº 8.987/1995 — Lei de Concessões —, a referida concessão deve ser extinta por

a) caducidade.
b) rescisão.
c) anulação.
d) advento do termo contratual.
e) encampação.

R: A. A caducidade consiste na extinção do ato em consequência da sobrevinda de norma legal proibindo situação que o ato autorizava. Funciona como uma anulação por causa superveniente.

QUESTÃO 301

(CESPE/2017 - TRE-PE - Técnico Judiciário – Área Administrativa) O atributo que consiste na possibilidade de certos atos administrativos serem decididos e executados diretamente pela própria administração, independentemente de ordem judicial, denomina-se

a) presunção de legitimidade.
b) autoexecutoriedade.
c) motivação.
d) tipicidade.
e) imperatividade.

R: B. Pelo atributo da autoexecutoriedade, em regra, a Administração pode concretamente executar seus atos independente da manifestação do Poder Judiciário, mesmo quando estes afetam diretamente a esfera jurídica de particulares.

QUESTÃO 302

(CESPE/2017 - TRE-BA - Analista Judiciário – Área Administrativa) Empresa vencedora de processo licitatório, na modalidade concorrência, para a reforma de um imóvel pertencente à administração pública deixou de realizar 30% da obra licitada, parte equivalente ao valor de R$ 250.000, em decorrência de graves problemas financeiros. Por esse motivo, o contrato foi rescindido.

Conforme previsto pela Lei n.º 8.666/1993 — Lei de Licitações e Contratos —, nessa situação hipotética, novo processo licitatório para a contratação de empresa que finalize a obra remanescente será

a) inexigível, por se tratar da conclusão de obra remanescente.
b) dispensável, devendo a nova contratada obedecer à ordem de classificação e aos mesmos termos oferecidos à licitante vencedora.
c) dispensável, devendo a nova contratada estabelecer o preço dos serviços que serão realizados.
d) aberto obrigatoriamente na modalidade concorrência.
e) aberto preferencialmente na modalidade convite.

R: B. Neste sentido, a Lei nº 8.666/1993 prevê em seu art. 24, XI: "Art. 24. É dispensável a licitação: [...] XI - na contratação de remanescente de obra, serviço ou fornecimento, em consequência de rescisão contratual, desde que atendida a ordem de classificação da licitação anterior e aceitas as mesmas condições oferecidas pelo licitante vencedor, inclusive quanto ao preço, devidamente corrigido".

QUESTÃO 303

(CESPE/2017 - TRE-BA - Técnico Judiciário – Área Administrativa) De acordo com a doutrina, os atos administrativos que possuem todas as suas condições e requisitos estipulados por lei, prevendo uma única e obrigatória atuação administrativa, são classificados como

a) complexos.
b) vinculados.
c) constitutivos.
d) declaratórios.
e) discricionários.

R: B. No poder vinculado não há qualquer liberdade quanto à atividade que deva ser praticada, cabendo ao administrador se sujeitar por completo ao mandamento da lei. Nos atos vinculados, o agente apenas reproduz os elementos da lei. Afinal, o administrador se encontra diante de situações que comportam solução única anteriormente prevista por lei. Portanto, não há espaço para que o administrador faça um juízo discricionário, de conveniência e oportunidade.

QUESTÃO 304

(CESPE/2017 - TRE-BA - Técnico Judiciário – Área Administrativa) Maria, professora de escola da rede pública, recebeu de um aluno ameaças de agressão e, mais de uma vez, avisou à direção da escola, que se manteve inerte. Com a consumação das agressões pelo aluno, a professora ajuizou ação indenizatória contra o Estado.

A respeito dessa situação hipotética e de aspectos legais a ela pertinentes, assinale a opção correta.

a) A responsabilidade civil por conduta omissiva independe da demonstração do nexo de causalidade.
b) A ação deverá ser julgada improcedente, haja vista que o Estado só responde por atos comissivos.
c) A ação deverá ser julgada improcedente, tendo em vista que o causador do dano não é agente estatal.
d) A responsabilidade do Estado derivou do descumprimento do dever legal, a ele atribuído, de impedir a consumação do dano.
e) As condutas omissivas do Estado que causem danos a terceiros invariavelmente dão ensejo à responsabilidade civil.

R: A. Apesar da responsabilidade civil do Estado, por omissão, ser subjetiva como regra, impondo a demonstração de dolo ou culpa, no caso de eventual omissão específica, como ocorreu no caso em tela, havendo assim uma determinação jurídica para realizar a conduta somada à omissão estatal, os efeitos serão os mesmos da responsabilidade por ato comissivo por omissão, dispensando a prova de culpa estatal. Aplica-se diretamente o art. 37, § 6º, CF: "As pessoas jurídicas de direito público e as de direito privado prestadoras de serviços públicos responderão pelos danos que seus agentes, nessa qualidade, causarem a terceiros, assegurado o direito de regresso contra o responsável nos casos de dolo ou culpa".

QUESTÃO 305

(CESPE/2017 - TRE-BA - Técnico Judiciário – Área Administrativa) Se o diretor de um museu público tiver de contratar a restauração de um objeto histórico, de autenticidade certificada, com o objetivo de aprimorar o acervo da instituição, a licitação para a restauração desse objeto, nos termos da legislação pertinente, será considerada

a) dispensável.
b) recusável.
c) inexigível.
d) dispensada.
e) inviável.

R: A. Disciplina a Lei nº 8.666/1993 a situação descrita como de licitação dispensável: "Art. 24. É dispensável a licitação: [...] XV - para a aquisição ou restauração de obras de arte e objetos históricos, de autenticidade certificada, desde que compatíveis ou inerentes às finalidades do órgão ou entidade".

QUESTÃO 306

(CESPE/2017 - SEDF - Analista de Gestão Educacional - Administração) Acerca de licitações, contratos e convênios na administração pública, julgue o item que se segue.

Concorrência, pregão e parcerias são, segundo a Lei n.º 8.666/1993, as modalidades de licitação.

R: Errado. Prosseguindo o estudo, quanto às modalidades de licitação, podem ser apontadas as seguintes modalidades: Concorrência, tomada de preços, convite, concurso e leilão (artigo 22, Lei nº 8.666/1993).

QUESTÃO 307

(CESPE/2017 - SEDF - Analista de Gestão Educacional - Administração) Acerca de licitações, contratos e convênios na administração pública, julgue o item que se segue.

Nos casos em que couber o pregão eletrônico, a administração poderá utilizar a carta-convite e, em qualquer caso, a concorrência.

R: Errado. O art. 23, §4º, Lei nº 8.666/1993 prevê que "nos casos em que couber convite, a Administração poderá utilizar a tomada de preços e, em qualquer caso, a concorrência". Carta-convite é o instrumento convocatório da modalidade convite, cujos valores são menores. O pregão não guarda relação alguma com o valor, mas sim com o objeto, consistente em bens e serviços comuns.

QUESTÃO 308

(CESPE/2017 - SEDF - Analista de Gestão Educacional - Direito e Legislação) A exploração e operação de determinado aeroporto foi transferida pelo governo federal para um consórcio de empresas pelo prazo de vinte anos. Em determinado dia, durante a vigência da execução desse serviço público pelo consórcio, uma passageira sofreu um acidente grave em esteira rolante do aeroporto, a qual se encontrava em manutenção devidamente sinalizada. A passageira, por estar enviando mensagem no aparelho celular, não observou a sinalização relativa à manutenção da esteira.

A respeito dessa situação hipotética e de aspectos legais e doutrinários a ela relacionados, julgue o item subsequente.

Na situação descrita, a transferência do referido serviço público para o consórcio terá obedecido à legislação pertinente se tiver sido realizada por meio de contrato de permissão de serviço público.

NOVA CONCURSOS

R: Errado. Se destaca a distinção que a Lei nº 8.987/1995 traz: "Art. 2° Para os fins do disposto nesta Lei, considera-se: [...] II - concessão de serviço público: a delegação de sua prestação, feita pelo poder concedente, mediante licitação, na modalidade de concorrência, à pessoa jurídica ou consórcio de empresas que demonstre capacidade para seu desempenho, por sua conta e risco e por prazo determinado. [...] IV - permissão de serviço público: a delegação, a título precário, mediante licitação, da prestação de serviços públicos, feita pelo poder concedente à pessoa física ou jurídica que demonstre capacidade para seu desempenho, por sua conta e risco". O caso em tela seria de concessão, por estar envolvido consórcio de empresas.

QUESTÃO 309

(CESPE/2017 - SEDF - Conhecimentos Básicos - Cargos 36 e 37) Em relação aos princípios da administração pública e à organização administrativa, julgue o item que se segue.

O administrador, quando gere a coisa pública conforme o que na lei estiver determinado, ciente de que desempenha o papel de mero gestor de coisa que não é sua, observa o princípio da indisponibilidade do interesse público.

R: Certo. Alexandre Mazza ensina que "o supraprincípio da indisponibilidade do interesse público enuncia que os agentes públicos não são donos do interesse por eles defendido. Assim, no exercício da função administrativa os agentes públicos estão obrigados a atuar, não segundo sua própria vontade, mas do modo determinado pela legislação. Como decorrência dessa indisponibilidade, não se admite tampouco que os agentes renunciem aos poderes legalmente conferidos ou que transacionem em juízo".

QUESTÃO 310

(CESPE/2017 - SEDF - Conhecimentos Básicos - Cargos 36 e 37) No que se refere aos poderes administrativos, aos atos administrativos e ao controle da administração, julgue o item seguinte.

O fato de a administração pública internamente aplicar uma sanção a um servidor público que tenha praticado uma infração funcional caracteriza o exercício do poder de polícia administrativo.

R: Errado. Poder disciplinar é o poder conferido à administração para aplicar sanções aos seus servidores que pratiquem infrações disciplinares. Estas sanções aplicadas são apenas as que possuem natureza administrativa, não envolvendo sanções civis ou penais.

QUESTÃO 311

(CESPE/2017 - SEDF - Conhecimentos Básicos - Cargo 2) Com relação aos poderes e atos administrativos, julgue o próximo item.

Ato administrativo declaratório é aquele que implanta uma nova situação jurídica ou modifica ou extingue uma situação existente.

R: Errado. Ato declaratório é o ato que apenas afirma a existência de um fato ou de uma situação jurídica anterior a ele. O ato declaratório atesta um fato, ou reconhece um direito ou uma obrigação preexistente. Essa espécie de ato não cria situação jurídica nova, nem modifica ou extingue uma situação existente.

QUESTÃO 312

(CESPE/2017 - SEDF - Conhecimentos Básicos - Cargo 2) Com relação aos poderes e atos administrativos, julgue o próximo item.

A coercibilidade, uma característica do poder de polícia, evidencia-se no fato de a administração não depender da intervenção de outro poder para torná-lo efetivo.

R: Errado. Os atos de polícia são coercitivos na medida em que impõem restrições ou condições que devem ser obrigatoriamente cumpridas pelos particulares. A afirmativa descreve outro atributo, o da autoexecutoriedade, pelo qual se confere à Administração para implementar os seus atos, sem a necessidade de manifestação prévia do Poder Judiciário.

QUESTÃO 313

(CESPE/2017 - SEDF - Conhecimentos Básicos - Cargo 2) No que se refere ao controle e à responsabilidade da administração, julgue o item subsequente.

A legalidade de qualquer ato administrativo pode ser submetida à apreciação judicial.

R: Certo. O controle judicial admitir que o juiz se substituta ao administrador, ou seja, não pode o juiz entrar no terreno que a lei reservou aos agentes da Administração, perquirindo os critérios de conveniência e oportunidade que lhe inspiraram a conduta, fazendo controle de discricionariedade. Contudo, o controle judicial pode tranquilamente se imiscuir no controle de legalidade dos atos administrativos, analisando o respeito à lei na prática destes.

QUESTÃO 314

(CESPE/2017 - SEDF - Conhecimentos Básicos - Cargo 2) Acerca de administração pública, organização do Estado e agentes públicos, julgue o item a seguir.

As autarquias e as empresas públicas têm personalidade jurídica de direito público, e as sociedades de economia mista têm personalidade jurídica de direito privado.

R: Errado. Empresas Públicas e Sociedades de Economia Mista são pessoas jurídicas de direito privado. A autarquia, por sua vez, é pessoa jurídica de direito público.

QUESTÃO 315

(CESPE/2017 - SEDF - Conhecimentos Básicos - Cargo 2) Acerca de administração pública, organização do Estado e agentes públicos, julgue o item a seguir.

Somente as pessoas administrativas, seja qual for seu nível federativo ou sua natureza jurídica, podem participar do capital das empresas públicas.

R: Certo. Segundo a lição de Marcelo Alexandrino e Vicente Paulo, "o capital das empresas públicas é integralmente público, isto é, oriundo de pessoas integrantes da administração pública. Não há possibilidade de participação direta de recursos de particulares na formação do capital das empresas públicas. É possível, porém, desde que a maioria do capital votante de uma empresa pública permaneça sob propriedade da pessoa política instituidora, que haja participação de outras pessoas políticas, ou de entidades das diversas Administrações Indiretas".

QUESTÃO 316

(CESPE/2017 - Prefeitura de São Luís - MA - Técnico Municipal Nível Superior/Nível IX-A Engenharia Civil) Se a administração decidir licitar uma obra sem previsão de recursos orçamentários, o gestor público responsável pela decisão

a) poderá licitar a obra, mas a homologação da licitação estará condicionada à existência de crédito orçamentário.

b) poderá licitar a obra, mas a assinatura do contrato estará condicionada à existência de crédito orçamentário.

c) deverá captar recursos até o momento da homologação da licitação.

d) poderá prever no edital que o futuro contratado providencie o financiamento necessário para a obra em bancos públicos.

e) não poderá licitar a obra enquanto não houver previsão de recursos orçamentários.

R: E. Assim prevê o art. 14 da Lei nº 8.666/1993: "Nenhuma compra será feita sem a adequada caracterização de seu objeto e indicação dos recursos orçamentários para seu pagamento, sob pena de nulidade do ato e responsabilidade de quem lhe tiver dado causa".

QUESTÃO 317

(CESPE/2017 - TRE-PE - Técnico Judiciário – Área Administrativa) Na licitação para a aquisição de armários de aço para suprir as unidades de um órgão público, dez empresas apresentaram, em igualdade de condições, armários da mesma marca, com as mesmas especificações técnicas e com o mesmo preço.

Na situação apresentada, de acordo com as disposições da Lei n.º 8.666/1993 e suas alterações, a preferência recairá, sucessivamente, aos bens

a) produzidos por empresas brasileiras; produzidos por empresas que invistam em pesquisa e no desenvolvimento de tecnologia no país; produzidos no país.

b) produzidos no país; produzidos por empresas brasileiras; produzidos por empresas que invistam em pesquisa e no desenvolvimento de tecnologia no país.

c) produzidos no país; produzidos por empresas que invistam em pesquisa e no desenvolvimento de tecnologia no país; produzidos por empresas brasileiras.

d) produzidos por empresas que invistam em pesquisa e no desenvolvimento de tecnologia no país; produzidos no país; produzidos por empresas brasileiras.

e) produzidos por empresas brasileiras; produzidos no país; produzidos por empresas que invistam em pesquisa e no desenvolvimento de tecnologia no país.

R: B. A ordem está prevista no art. 3º, § 2º, da Lei nº 8.666/1993: produzidos no País; produzidos ou prestados por empresas brasileiras; produzidos ou prestados por empresas que invistam em pesquisa e no desenvolvimento de tecnologia no País; e produzidos ou prestados por empresas que comprovem cumprimento de reserva de cargos prevista em lei para pessoa com deficiência ou para reabilitado da Previdência Social e que atendam às regras de acessibilidade previstas na legislação.

QUESTÃO 318

(CESPE/2017 - PC-GO - Delegado de Polícia Substituto) Após o término de estágio probatório, a administração reprovou servidor público e editou ato de exoneração, no qual declarou que esta se dera por inassiduidade. Posteriormente, o servidor demonstrou que nunca havia faltado ao serviço ou se atrasado para nele chegar.

Nessa situação hipotética, o ato administrativo de exoneração é

a) nulo por ausência de finalidade.

b) anulável por ausência de objeto.

c) anulável por ausência de forma.

d) anulável por ausência de motivação.

e) nulo por ausência de motivo.

R: E. A Teoria dos Motivos Determinantes afirma que os motivos alegados para a prática de um ato administrativo ficam a ele vinculados de tal modo que a prática de um ato administrativo mediante a alegação de motivos falsos ou inexistentes determina a sua invalidade. Logo, o motivo apresentado é falso, sendo assim nulo o ato que determinou a exoneração.

QUESTÃO 319

(CESPE/2017 - TRE-PE - Técnico Judiciário – Área Administrativa) O poder de polícia

a) é indelegável.

b) é delegável no âmbito da própria administração pública, em todas as suas dimensões, a pessoas jurídicas de direito privado e, também, a particulares.

c) é suscetível de delegação no âmbito da própria administração pública, desde que o delegatário não seja pessoa jurídica de direito privado.

d) pode ser delegado em sua dimensão fiscalizatória a pessoa jurídica de direito privado integrante da administração pública.

e) pode ser delegado em suas dimensões legislativa e sancionadora a pessoa jurídica de direito privado integrante da administração pública.

R: D. O poder de polícia pode ser exercido de forma originária, pelo próprio órgão ao qual se confere a competência de atuação, ou de forma delegada, mediante lei que transfira a mera prática de atos de natureza fiscalizatória (poder de polícia seria de caráter executório, não inovador) a pessoas jurídicas que tenham vinculação oficial com entes públicos.

NOVA CONCURSOS

QUESTÃO 320

(CESPE/2017 - TRE-PE - Técnico Judiciário – Área Administrativa) Determinado município pretende contratar empresa para a prestação de serviço de divulgação institucional de políticas públicas, sendo o objeto da contratação avaliado em cinco mil reais.

Nessa situação hipotética, a licitação

a) será inexigível, por tratar-se de serviço técnico especializado de natureza singular.

b) deverá ser realizada na modalidade concorrência.

c) poderá ser realizada, por exemplo, na modalidade convite, embora seja dispensável.

d) deverá ser realizada na modalidade tomada de preços.

e) estará automaticamente dispensada devido ao baixo valor do objeto da contratação.

R: C. No caso, a licitação é dispensável conforme o artigo 24, II, Lei nº 8.666/1993: "Art. 24. É dispensável a licitação: [...] II - para outros serviços e compras de valor até 10% (dez por cento) do limite previsto na alínea 'a', do inciso II do artigo anterior e para alienações, nos casos previstos nesta Lei, desde que não se refiram a parcelas de um mesmo serviço, compra ou alienação de maior vulto que possa ser realizada de uma só vez". Contudo, todos casos de licitação dispensável são facultativos, podendo o administrador licitar se entender mais adequado. Caso escolha licitar, cabe escolher a modalidade convite, que no caso exemplificado se regeria pelo artigo 23, II, "a", Lei nº 8.666/1993: "Art. 23. As modalidades de licitação a que se referem os incisos I a III do artigo anterior serão determinadas em função dos seguintes limites, tendo em vista o valor estimado da contratação: [...] II - para compras e serviços não referidos no inciso anterior: a) convite - até R$ 80.000,00 (oitenta mil reais)".

PROF. ESP. MARIELA CARDOSO

Jornalista e advogada, formada pela Universidade de Marília e Centro Universitário Eurípides de Marília (UNIVEM), especialista pela Fundação Getúlio Vargas. Coordenadora de Políticas para as Mulheres do Município de Marília/SP.

NOÇÕES DE DIREITO CIVIL

QUESTÃO 321

(TRE/BA - Analista Judiciário – Área Judiciária - CESPE/2017). Acerca do domicílio, assinale a opção correta.

(A) O foro de eleição é uma espécie de domicílio necessário ou legal.

(B) É inadmissível, pelo ordenamento jurídico, a pluralidade de domicílios.

(C) O domicílio da pessoa jurídica que possui vários estabelecimentos empresariais é sua sede administrativa.

(D) O servidor público tem domicílio no local onde exerce permanentemente suas funções, ainda que exerça função de confiança de forma transitória em local diverso.

(E) O domicílio necessário do preso é o local onde foi capturado, ainda que cumpra a sentença condenatória em local diverso.

Resposta: D

Art. 76. Têm domicílio necessário o incapaz, o servidor público, o militar, o marítimo e o preso.

Parágrafo único. O domicílio do incapaz é o do seu representante ou assistente; o do servidor público, o lugar em que exercer permanentemente suas funções; o do militar, onde servir, e, sendo da Marinha ou da Aeronáutica, a sede do comando a que se encontrar imediatamente subordinado; o do marítimo, onde o navio estiver matriculado; e o do preso, o lugar em que cumprir a sentença.

QUESTÃO 322

(TRE/BA - Analista Judiciário – Área Judiciária - CESPE/2017). Maria, Carla e Luciana são credoras solidárias da quantia de R$ 3.000 de Antônio. Maria casou-se com Antônio. Na constância da sociedade conjugal, houve a perda da pretensão de recebimento do crédito de Carla e Luciana em relação a Antônio. Posteriormente, insatisfeita com o relacionamento, Maria divorciou-se de Antônio e ingressou com ação de cobrança contra ele.

A respeito dessa situação hipotética, assinale a opção correta de acordo com o Código Civil.

(A) O casamento de Maria com Antônio é causa interruptiva da prescrição.

(B) O prazo de prescrição pode ser alterado mediante acordo entre as credoras e Antônio.

(C) Maria não pode renunciar tacitamente à prescrição.

(D) A suspensão da prescrição em favor de Maria aproveita às demais credoras solidárias.

(E) Maria pode exigir de Antônio o cumprimento da prestação por inteiro.

Resposta: E

Art. 267. Cada um dos credores solidários tem direito a exigir do devedor o cumprimento da prestação por inteiro.

QUESTÃO 323

(TRE/BA - Analista Judiciário – Área Judiciária - CESPE/2017). João deve determinada quantia a Carlos, o qual deve igual valor a Pedro. Feito acordo entre os três, João deverá pagar a referida quantia diretamente a Pedro, o que retira Carlos da relação obrigacional.

O instituto utilizado pelas partes para adimplemento da obrigação nessa situação hipotética denomina-se

(A) novação.
(B) assunção de dívida.
(C) confusão.
(D) compensação.
(E) dação em pagamento.

Resposta: A

Art. 360. Dá-se a novação:

I - quando o devedor contrai com o credor nova dívida para extinguir e substituir a anterior;

II - quando novo devedor sucede ao antigo, ficando este quite com o credor;

III - quando, em virtude de obrigação nova, outro credor é substituído ao antigo, ficando o devedor quite com este.

QUESTÃO 324

(TRE/BA - Analista Judiciário – Área Judiciária - CESPE/2017). Em 20/5/2014, o carro conduzido por Fernando foi atingido na traseira pelo automóvel conduzido por Rafael, o qual não respeitou sinalização de parada obrigatória. Os dois convencionaram que Fernando apresentaria a Rafael três orçamentos dos reparos no automóvel e que Rafael lhe pagaria o de menor valor. No dia 2/6/2014, Fernando, então, apresentou os três orçamentos, mas Rafael recusou-se a efetuar o pagamento, sob o argumento de que os valores estavam muito altos. Em 10/6/2014, Rafael fez contraproposta, que não foi aceita por Fernando. Fernando, então, ingressou com ação de cobrança e, em 14/6/2014, Rafael foi citado. Após o regular trâmite do processo, o juiz reconheceu a culpa de Rafael e o condenou, em 2/3/2015, a pagar quantia certa a Fernando.

Considerando-se o disposto no Código Civil e a jurisprudência do Superior Tribunal de Justiça, nessa situação hipotética o termo inicial dos juros de mora é

(A) 14/6/2014.
(B) 2/3/2015.
(C) 20/5/2014.
(D) 2/6/2014.
(E) 10/6/2014.

Resposta: C

Por se tratar de responsabilidade civil decorrente de ato ilícito extracontratual (ou aquiliana), aplica-se o art. 398, CC: Nas obrigações provenientes de ato ilícito, considera-se o devedor em mora, desde que o praticou. Desta forma, estabelece a Súmula 54 do STJ: Os juros moratórios fluem a partir do evento danoso, em caso de responsabilidade extracontratual.

QUESTÃO 325

(TRE/BA - Analista Judiciário – Área Judiciária - CESPE/2017). Pedro, a fim de reformar seu imóvel, celebrou contrato de empreitada com João, empreiteiro que lhe ofereceu o menor preço e se comprometeu a concluir a obra em três meses. O contrato previa a prestação de serviços e o fornecimento de materiais, contudo, durante a execução da obrigação, João faleceu. Pedro estava em mora.

À luz do Código Civil e do entendimento doutrinário sobre o tema, assinale a opção correta, acerca dessa situação hipotética.

(A) Os riscos correriam por conta de João até o momento da entrega da obra, já que Pedro estava em mora.
(B) A obrigação assumida por João é alternativa.
(C) A obrigação assumida por João é de não fazer.
(D) O fornecimento de materiais por João é presumido no contrato de empreitada.
(E) O falecimento de João não implica a extinção do contrato.

Resposta: E

Art. 626. Não se extingue o contrato de empreitada pela morte de qualquer das partes, salvo se ajustado em consideração às qualidades pessoais do empreiteiro.

QUESTÃO 326

(TRE/BA - Analista Judiciário – Área Judiciária - CESPE/2017). Acerca das espécies de contratos regulados pelo Código Civil, assinale a opção correta.

(A) Tratando-se de contrato de comodato, o comodatário pode recobrar do comodante as despesas feitas com a conservação da coisa emprestada.
(B) A culpa de terceiro elide a responsabilidade contratual do transportador no caso de contrato de transporte de pessoas.
(C) O benefício de ordem em contrato de fiança aproveita ao fiador que se obrigou como devedor solidário.
(D) Em se tratando de venda ad corpus, o preço do imóvel é determinado por sua área.
(E) Morto o doador, o Ministério Público poderá exigir do donatário o cumprimento dos encargos da doação de interesse geral, se ainda não cumpridos.

Resposta: E

Art. 553. O donatário é obrigado a cumprir os encargos da doação, caso forem a benefício do doador, de terceiro, ou do interesse geral.

Parágrafo único. Se desta última espécie for o encargo, o Ministério Público poderá exigir sua execução, depois da morte do doador, se este não tiver feito.

QUESTÃO 327

(MPE/RR - Promotor de Justiça Substituto - CESPE/2017). Tendo em vista que o surgimento de novos tipos de estruturas familiares demanda do direito civil uma revisão constante do conceito de família, julgue os itens a seguir.

I A guarda compartilhada implica igualdade de tempo de convívio da criança com cada um de seus genitores, a fim de evitar ofensa ao princípio da igualdade.

II O direito de obter, judicialmente, a fixação de pensão alimentícia não prescreve; no entanto, há prazo prescricional para a execução de valores inadimplidos correspondentes ao pagamento da pensão.

III O reconhecimento de união estável homoafetiva acarreta aos seus partícipes os mesmos direitos garantidos aos componentes de união estável heterossexual.

IV Os avós detêm o direito de pleitear a regulamentação de visita aos netos, a qual poderá ser viabilizada desde que observados os interesses da criança ou do adolescente.

Assinale a opção correta.

(A) Apenas os itens I e II estão certos.

(B) Apenas os itens I, III e IV estão certos.

(C) Apenas os itens II, III e IV estão certos.

(D) Todos os itens estão certos.

Resposta: C

I - (ERRADA) - Art. 1583, CC - § 2º Na guarda compartilhada, o tempo de convívio com os filhos deve ser dividido de forma equilibrada com a mãe e com o pai, sempre tendo em vista as condições fáticas e os interesses dos filhos.

II - CORRETA - Enquanto vivo, e a qualquer época, desde que existentes os pressupostos cabíveis, o titular do direito a alimentos poderá demandar o obrigado a prestá-los, para que esse seja constrangida judicialmente a fazê-lo com recursos que o habilitem a subsistir. Entretanto, o artigo 206 diz: Prescrevem: parágrafo § 2º Em dois anos, a pretensão para haver prestações alimentares, a partir da data em que se vencerem.

III - CORRETA - STF (ADPF 132): INTERPRETAÇÃO DO ART. 1.723 DO CÓDIGO CIVIL EM CONFORMIDADE COM A CONSTITUIÇÃO FEDERAL (TÉCNICA DA "INTERPRETAÇÃO CONFORME"). RECONHECIMENTO DA UNIÃO HOMOAFETIVA COMO FAMÍLIA. PROCEDÊNCIA DAS AÇÕES. Ante a possibilidade de interpretação em sentido preconceituoso ou discriminatório do art. 1.723 do Código Civil, não resolúvel à luz dele próprio, faz-se necessária a utilização da técnica de "interpretação conforme à Constituição". Isso para excluir do dispositivo em causa qualquer significado que impeça o reconhecimento da união contínua, pública e duradoura entre pessoas do mesmo sexo como família. Reconhecimento que é de ser feito segundo as mesmas regras e com as mesmas consequências da união estável heteroafetiva.

IV - CORRETA - Código Civil: Art. 1.589. O pai ou a mãe, em cuja guarda não estejam os filhos, poderá visitá-los e tê-los em sua companhia, segundo o que acordar com o outro cônjuge, ou for fixado pelo juiz, bem como fiscalizar sua manutenção e educação.

Parágrafo único. O direito de visita estende-se a qualquer dos avós, a critério do juiz, observados os interesses da criança ou do adolescente.

QUESTÃO 328

(MPE/RR - Promotor de Justiça Substituto - CESPE/2017). Pedro reside com a sua família, por mais de quinze anos, sem interrupção nem oposição, em um imóvel, de trezentos metros quadrados, de propriedade de João. Mesmo sem comprovar boa-fé quanto à posse, Pedro ajuizou ação por meio da qual pleiteia que seja julgado procedente seu pedido de propriedade do imóvel.

Nessa situação hipotética, observa-se um caso de usucapião

(A) pró-família.

(B) habitacional.

(C) extraordinária.

(D) pró-labore.

Resposta: C

Art. 1.238. Aquele que, por quinze anos, sem interrupção, nem oposição, possuir como seu um imóvel, adquire-lhe a propriedade, independentemente de título e boa-fé; podendo requerer ao juiz que assim o declare por sentença, a qual servirá de título para o registro no Cartório de Registro de Imóveis.

Parágrafo único. O prazo estabelecido neste artigo reduzir-se-á a dez anos se o possuidor houver estabelecido no imóvel a sua moradia habitual, ou nele realizado obras ou serviços de caráter produtivo.

QUESTÃO 329

(MPE/RR - Promotor de Justiça Substituto - CESPE/2017). Com o advento do Estatuto da Pessoa com Deficiência, realizaram-se, no texto do Código Civil, alterações relativas à capacidade civil que revolucionaram a teoria das incapacidades.

Acerca desse assunto, assinale a opção correta.

(A) Deixou de ser hipótese de nulidade casamento contraído por enfermo mental que não possua o necessário discernimento para os atos da vida civil.

(B) O referido estatuto ab-rogou determinados artigos do Código Civil.

(C) No que se refere à capacidade, no Código Civil, passou-se a valorizar a dignidade-vulnerabilidade para atender disposições internacionais relacionadas ao tema.

(D) Mesmo diante de incapacidade absoluta, a curatela abrange somente atos relacionados a direitos de natureza patrimonial.

Resposta: A

Art. 1.550. É anulável o casamento: (Vide Lei nº 13.146, de 2015) (Vigência)

I - de quem não completou a idade mínima para casar;

II - do menor em idade núbil, quando não autorizado por seu representante legal;

III - por vício da vontade, nos termos dos arts. 1.556 a 1.558;

IV - do incapaz de consentir ou manifestar, de modo inequívoco, o consentimento;

V - realizado pelo mandatário, sem que ele ou o outro contraente soubesse da revogação do mandato, e não sobrevindo coabitação entre os cônjuges;

VI - por incompetência da autoridade celebrante.

§ 1º. Equipara-se à revogação a invalidade do mandato judicialmente decretada. (Redação dada pela Lei nº 13.146, de 2015) (Vigência)

§ 2º A pessoa com deficiência mental ou intelectual em idade núbia poderá contrair matrimônio, expressando sua vontade diretamente ou por meio de seu responsável ou curador. (Incluído pela Lei nº 13.146, de 2015) (Vigência)

QUESTÃO 330

(MPE/RR - Promotor de Justiça Substituto - CESPE/2017). Para a instituição de uma fundação, que é um tipo de pessoa jurídica, é necessário que o instituidor, por meio de escritura pública ou por testamento, faça a dotação especial de bens livres bem como especifique o fim a que a fundação se destina. Nesse sentido, de acordo com as delimitações insertas no Código Civil, uma fundação poderá constituir-se para

I fins de assistência social, para a promoção de cultura, para a defesa e a conservação do patrimônio histórico e artístico, bem como para a realização de atividades religiosas.

II a promoção de educação, de saúde, de segurança alimentar e nutricional, para a realização de pesquisa científica, para o desenvolvimento de tecnologias alternativas, para a modernização de sistemas de gestão, para a produção e a divulgação de informações e para o desenvolvimento de conhecimentos técnicos e científicos.

III fins de defesa, de preservação e de conservação do meio ambiente, para a promoção do desenvolvimento sustentável bem como para a promoção da ética, da cidadania, da democracia e dos direitos humanos.

Assinale a opção correta.

(A) Apenas os itens I e II estão certos.
(B) Apenas os itens I e III estão certos.
(C) Apenas os itens II e III estão certos.
(D) Todos os itens estão certos.

Resposta: D

Art. 62. Para criar uma fundação, o seu instituidor fará, por escritura pública ou testamento, dotação especial de bens livres, especificando o fim a que se destina, e declarando, se quiser, a maneira de administrá-la.

Parágrafo único. A fundação somente poderá constituir-se para fins de: (Redação dada pela Lei nº 13.151, de 2015)

I - assistência social; (Incluído pela Lei nº 13.151, de 2015)

II - cultura, defesa e conservação do patrimônio histórico e artístico; (Incluído pela Lei nº 13.151, de 2015)

III - educação; (Incluído pela Lei nº 13.151, de 2015)

IV - saúde; (Incluído pela Lei nº 13.151, de 2015)

V - segurança alimentar e nutricional; (Incluído pela Lei nº 13.151, de 2015)

VI - defesa, preservação e conservação do meio ambiente e promoção do desenvolvimento sustentável; (Incluído pela Lei nº 13.151, de 2015)

VII - pesquisa científica, desenvolvimento de tecnologias alternativas, modernização de sistemas de gestão, produção e divulgação de informações e conhecimentos técnicos e científicos; (Incluído pela Lei nº 13.151, de 2015)

VIII - promoção da ética, da cidadania, da democracia e dos direitos humanos; (Incluído pela Lei nº 13.151, de 2015)

IX - atividades religiosas; e (Incluído pela Lei nº 13.151, de 2015)

X - (VETADO). (Incluído pela Lei nº 13.151, de 2015)

QUESTÃO 331

(MPE/RR - Promotor de Justiça Substituto - CESPE/2017). Com relação ao direito sucessório e suas implicações, julgue os itens a seguir.

I Herança corresponde ao conjunto de bens deixado pelo falecido e engloba tanto os bens positivos quanto os bens negativos.

II Os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos, contados a partir da data do seu falecimento.

III Na hipótese de doação de imóvel de ascendente a descendente, quando do falecimento daquele, o bem deverá, em regra, ser trazido à colação, sob pena de ser considerado bem sonegado.

Assinale a opção correta

(A) Apenas os itens I e II estão certos.
(B) Apenas os itens I e III estão certos.
(C) Apenas os itens II e III estão certos.
(D) Todos os itens estão certos

Resposta: B

I - CORRETA: "A herança é o conjunto de bens formado com o falecimento do de cujus (autor da herança)." (TARTUCE, Manual de Direito Civil, 2016, p. 1485)

II - INCORRETA: Lei 9.610/98, Art. 41. Os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1° de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento, obedecida a ordem sucessória da lei civil.

III - CORRETA: Art. 2.002. Os descendentes que concorrerem à sucessão do ascendente comum são obrigados, para igualar as legítimas, a conferir o valor das doações que dele em vida receberam, sob pena de sonegação.

QUESTÃO 332

(Prefeitura de Belo Horizonte/MG - Procurador Municipal - CESPE/2017). João celebrou contrato de locação de imóvel residencial com determinada imobiliária, que realizou negócio jurídico de administração do bem com Júlio, proprietário do referido imóvel. Conforme convencionado entre João e a imobiliária, o aluguel deveria ser pago a Carlos, um dos sócios da imobiliária, o qual costumeiramente recebia os aluguéis e dava quitação. Em determinado momento, João foi surpreendido com uma ação de despejo, na qual se argumentava que alguns pagamentos efetuados a Carlos não extinguiram a obrigação locatícia, porquanto ele tinha se retirado da sociedade no curso do contrato e o locatário não havia observado a alteração societária.

De acordo com o Código Civil, nessa situação,

(A) João deverá demonstrar que o pagamento foi revertido em favor da sociedade, para se eximir das cobranças.

(B) os pagamentos efetuados por João são válidos, pois Carlos é considerado credor putativo.

(C) a validade dos pagamentos realizados por João depende de ratificação por Júlio, proprietário do imóvel.

(D) João terá de pagar novamente o valor cobrado.

Resposta: B

Art. 309. O pagamento feito de boa-fé ao credor putativo é válido, ainda provado depois que não era credor.

QUESTÃO 333

(Prefeitura de Belo Horizonte/MG - Procurador Municipal - CESPE/2017). À luz da legislação aplicável e do entendimento doutrinário prevalecente a respeito da responsabilidade civil, assinale a opção correta.

(A) O abuso do direito, ato ilícito, exige a comprovação do dolo ou da culpa para fins de responsabilização civil.

(B) No contrato de transporte de pessoas, a obrigação assumida pelo transportador é de resultado, e a responsabilidade é objetiva.

(C) O dever de indenizar pressupõe, necessariamente, a prática de ato ilícito.

(D) No que se refere ao nexo causal, elemento da responsabilidade civil, o Código Civil adota a teoria da equivalência das condições.

Resposta: B

Art. 734. O transportador responde pelos danos causados às pessoas transportadas e suas bagagens, salvo motivo de força maior, sendo nula qualquer cláusula excludente da responsabilidade.

Parágrafo único. É lícito ao transportador exigir a declaração do valor da bagagem a fim de fixar o limite da indenização.

Art. 735. A responsabilidade contratual do transportador por acidente com o passageiro não é elidida por culpa de terceiro, contra o qual tem ação regressiva.

QUESTÃO 334

(Prefeitura de Fortaleza/CE - Procurador do Município - CESPE/2017). A respeito da Lei de Introdução às Normas do Direito Brasileiro, das pessoas naturais e jurídicas e dos bens, julgue o item a seguir.

Por não se admitir a posse dos bens incorpóreos, tais bens são insuscetíveis de aquisição por usucapião.

(A) Certo (B) Errado

Resposta: A

Segundo Venosa, (VENOSA, Silvio do Salvo. Código Civil Interpretado, São Paulo: Editora Atlas, 2010, p. 1048), com base nos ensinamentos de Pontes de Miranda, não há resistências no direito nacional para tanto, sendo possível falar-se em posse de marcas, patentes, invenções e outros direitos intelectuais. A jurisprudência do STJ é vacilante em relação ao tema, conforme se infere das Súmulas 193 e 228. Segundo a Súmula 193, o direito de uso de linha telefônica pode ser adquirido por usucapião. Já a Súmula 228 informa que é inadmissível o interdito proibitório para a proteção do direito autoral.

QUESTÃO 335

(Prefeitura de Fortaleza/CE - Procurador do Município - CESPE/2017). A respeito da Lei de Introdução às Normas do Direito Brasileiro, das pessoas naturais e jurídicas e dos bens, julgue o item a seguir.

Conforme o modo como for feita, a divulgação de fato verdadeiro poderá gerar responsabilidade civil por ofensa à honra da pessoa natural.

(A) Certo (B) Errado

Resposta: A

Art. 17. O nome da pessoa não pode ser empregado por outrem em publicações ou representações que a exponham ao desprezo público, ainda quando não haja intenção difamatória.

QUESTÃO 336

(Prefeitura de Fortaleza/CE - Procurador do Município - CESPE/2017). A respeito da Lei de Introdução às Normas do Direito Brasileiro, das pessoas naturais e jurídicas e dos bens, julgue o item a seguir.

O registro do ato constitutivo da sociedade de fato produzirá efeitos ex tunc se presentes, desde o início, os requisitos legais para a constituição da pessoa jurídica.

(A) Certo (B) Errado

Resposta: B

Art. 45. Começa a existência legal das pessoas jurídicas de direito privado com a inscrição do ato constitutivo no respectivo registro, precedida, quando necessário, de autorização ou aprovação do Poder Executivo, averbando-se no registro todas as alterações por que passar o ato constitutivo.

Parágrafo único. Decai em três anos o direito de anular a constituição das pessoas jurídicas de direito privado, por defeito do ato respectivo, contado o prazo da publicação de sua inscrição no registro.

QUESTÃO 337

(Prefeitura de Fortaleza/CE - Procurador do Município - CESPE/2017). Acerca de ato e negócio jurídicos e de obrigações e contratos, julgue o item que se segue.

O ato jurídico em sentido estrito tem consectários previstos em lei e afasta, em regra, a autonomia de vontade.

(A) Certo (B) Errado

Resposta: B

De acordo com os professores Nelson Rosenvald e Cristiano Chaves (in Curso de direito civil. Parte geral e LINDB, volume 1. 13 ed. São Paulo: Atlas, 2015. Pág. 499):

"Assim, derivando da teoria alemã, a tese dualista, que já tinha sido acolhida pela doutrina, faz distinção entre negócio jurídico e ato jurídico stricto sensu, ambos derivando de um tronco único: o ato jurídico lato sensu. Enquanto o ato jurídico em sentido estrito (ou ato não negocial) tem consectários previstos em lei, afastando, em regra, a autonomia privada (neles a intenção está em segundo plano, ganhando realce a consequência desejada), o negócio jurídico (ou ato negocial) é ato de autonomia privada, com os quais o particular regula por si os próprios interesses. É ato regula-

mentador dos interesses privados. Desfechando: quando a autonomia da vontade não exercer influência nos efeitos decorrentes, ter-se-á ato jurídico sentido estrito, cujo efeito se produz ex lege, sem considerar a vontade do agente; já se o resultado depender da vontade (ex voluntate), é caso de negócio jurídico. A finalidade do ato jurídico estrito senso está prevista em lei (embora a parte a deseje); já a do negócio jurídico pode se concretizar em momentos diversos da vida do direito. Normalmente, os atos jurídicos em sentido estrito partem de manifestações de vontade, enquanto os negócios jurídicos são estribados em declarações de vontade. Trata-se de simples regra, que pode ser alterada no caso concreto, sem que qualquer prejuízo ocorra à configuração do ato."

QUESTÃO 338

(Prefeitura de Fortaleza/CE - Procurador do Município - CESPE/2017). Acerca de ato e negócio jurídicos e de obrigações e contratos, julgue o item que se segue.

Em se tratando de obrigações negativas, o devedor estará em mora a partir da data em que realizar a prestação que havia se comprometido a não efetivar.

(A) Certo (B) Errado

Resposta: B

Art. 390. Nas obrigações negativas o devedor é havido por inadimplente desde o dia em que executou o ato de que se devia abster.

QUESTÃO 339

(Prefeitura de Fortaleza/CE - Procurador do Município - CESPE/2017). Acerca de ato e negócio jurídicos e de obrigações e contratos, julgue o item que se segue.

Tratando-se de contrato de mandato, o casamento do mandante não influenciará nos poderes já conferidos ao mandatário.

(A) Certo (B) Errado

Resposta: B

Art. 682. Cessa o mandato:

I - pela revogação ou pela renúncia;

II - pela morte ou interdição de uma das partes;

III - pela mudança de estado que inabilite o mandante a conferir os poderes, ou o mandatário para os exercer;

IV - pelo término do prazo ou pela conclusão do negócio.

QUESTÃO 340

(Prefeitura de Fortaleza/CE - Procurador do Município - CESPE/2017). Acerca de ato e negócio jurídicos e de obrigações e contratos, julgue o item que se segue.

Não constitui condição a cláusula que subordina os efeitos de um negócio jurídico à aquisição da maioridade da outra parte.

(A) Certo (B) Errado

Resposta: A

Art. 121. Considera-se condição a cláusula que, derivando exclusivamente da vontade das partes, subordina o efeito do negócio jurídico a evento futuro e incerto.

QUESTÃO 341

(Prefeitura de Fortaleza/CE - Procurador do Município - CESPE/2017). Acerca de atos unilaterais, responsabilidade civil e preferências e privilégios creditórios, julgue o item subsequente.

Na hipótese de enriquecimento sem causa, a restituição do valor incluirá atualização monetária, independentemente do ajuizamento de ação judicial.

(A) Certo (B) Errado

Resposta: A

Art. 884. Aquele que, sem justa causa, se enriquecer à custa de outrem, será obrigado a restituir o indevidamente auferido, feita a atualização dos valores monetários.

Parágrafo único. Se o enriquecimento tiver por objeto coisa determinada, quem a recebeu é obrigado a restituí-la, e, se a coisa não mais subsistir, a restituição se fará pelo valor do bem na época em que foi exigido.

QUESTÃO 342

(Prefeitura de Fortaleza/CE - Procurador do Município - CESPE/2017). Acerca de atos unilaterais, responsabilidade civil e preferências e privilégios creditórios, julgue o item subsequente.

No que se refere às famílias de baixa renda, há presunção de dano material e moral em favor dos pais em caso de morte de filho menor de idade, ainda que este não estivesse trabalhando na data do óbito.

(A) Certo (B) Errado

Resposta: A

Sumula 491 STF: é indenizável o acidente que causa a morte de filho menor, ainda que não exerça trabalho remunerado.

QUESTÃO 343

(Prefeitura de Fortaleza/CE - Procurador do Município - CESPE/2017). Acerca de atos unilaterais, responsabilidade civil e preferências e privilégios creditórios, julgue o item subsequente.

Quanto aos títulos legais de preferência, declarada a insolvência de devedor capaz, o privilégio especial compreenderá todos os bens não sujeitos a crédito real.

(A) Certo (B) Errado

Resposta: B

Art. 963 do CC. O privilégio especial só compreende os bens sujeitos, por expressa disposição de lei, ao pagamento do crédito que ele favorece; e o geral, todos os bens não sujeitos a crédito real nem a privilégio especial.

QUESTÃO 344

(Prefeitura de Fortaleza/CE - Procurador do Município - CESPE/2017). Com relação a direitos reais, parcelamento do solo urbano, locação e registros públicos, julgue o item seguinte.

O imóvel objeto de contrato de promessa de compra e venda devidamente registrado pode ser objeto de hipoteca.

(A) Certo (B) Errado

NOVA CONCURSOS

Resposta: A

Art. 1.225. São direitos reais:

I - a propriedade;

II - a superfície;

III - as servidões;

IV - o usufruto;

V - o uso;

VI - a habitação;

VII - o direito do promitente comprador do imóvel;

VIII - o penhor;

IX - a hipoteca;

X - a anticrese.

XI - a concessão de uso especial para fins de moradia; (Incluído pela Lei nº 11.481, de 2007)

XII - a concessão de direito real de uso; e (Redação dada pela Lei nº 13.465, de 2017)

XIII - a laje. (Incluído pela Lei nº 13.465, de 2017)

QUESTÃO 345

(TJ/PR - Juiz Substituto - CESPE/2017). Assinale a opção correta em relação às pessoas naturais e à teoria geral do negócio jurídico.

(A) É taxativa, ou seja, não conta com ressalva legal, a regra de que negócio jurídico existente, porém inválido, não gera efeitos, ainda que tenha sido celebrado de boa-fé pelos contratantes.

(B) São absolutamente incapazes de exercer pessoalmente os atos da vida civil os excepcionais sem desenvolvimento mental completo.

(C) A teoria da personalidade condicional define que haverá elemento acidental no negócio jurídico que subordine a validade dos direitos de nascituro a evento futuro e incerto.

(D) Em algumas situações, o ato-fato jurídico praticado pelo menor absolutamente incapaz produz efeitos.

Resposta: D

"Excelente exemplo de ato-fato jurídico encontramos na compra e venda feita por criança. Ninguém discute que a criança, ao comprar o doce no boteco da esquina, não tem vontade direcionada à celebração do contrato de consumo. Melhor do que considerar, ainda que apenas formalmente, esse ato como negócio jurídico, portador de intrínseca nulidade por força da incapacidade absoluta do agente, é enquadrá-lo na noção de ato-fato jurídico, dotado de ampla aceitação social." (Pablo Stolze Gagliano e Rodolfo Pamplona Filho, TARTUCE, Flávio. Manual de Direito Civil. 6. ed. p. 224.)

QUESTÃO 346

(TRE/PE - Analista Judiciário - Área Judiciária - CESPE/2017). Com relação a negócios jurídicos, prescrição e provas, assinale a opção correta à luz do Código Civil e da jurisprudência do STJ.

(A) A pretensão condenatória decorrente da declaração de nulidade de cláusula contratual que preveja reajuste em plano de saúde prescreve em três anos.

(B) A prova exclusivamente testemunhal é admitida somente para negócios jurídicos cujo valor não ultrapasse o décuplo do maior salário mínimo vigente no país ao tempo que forem celebrados.

(C) A presunção é inferida a partir de um fato jurídico indireto e, por essa razão, não consta no rol dos meios de prova do Código Civil.

(D) Nas declarações de vontade, prevalece o sentido literal da linguagem em detrimento da intenção nelas consubstanciada.

(E) A validade do negócio jurídico pode subordinar-se, se convencionado pelas partes, a evento futuro e incerto, mediante condição.

Resposta: A

"Para os efeitos do julgamento do recurso especial repetitivo, fixa-se a seguinte tese: Na vigência dos contratos de plano ou de seguro de assistência à saúde, a pretensão condenatória decorrente da declaração de nulidade de cláusula de reajuste nele prevista prescreve em 20 anos (art. 177 do CC/1916) ou em 3 anos (art. 206, § 3º, IV, do CC/2002), observada a regra de transição do art. 2.028 do CC/2002.

11. Caso concreto: Recurso especial interposto por Unimed Nordeste RS Sociedade Cooperativa de Serviços Médicos Ltda. a que se nega provimento." (REsp 1360969/RS, Rel. Ministro MARCO BUZZI, Rel. p/ Acórdão Ministro MARCO AURÉLIO BELLIZZE, SEGUNDA SEÇÃO, julgado em 10/08/2016, DJe 19/09/2016).

QUESTÃO 347

(TRE/PE - Analista Judiciário - Área Judiciária - CESPE/2017). Assinale a opção correta no que se refere ao adimplemento das obrigações.

(A) O pagamento feito por terceiro ao credor não obriga o reembolso pelo devedor, se este tiver ciência da prescrição da pretensão do credor e se opuser ao adimplemento.

(B) Caso haja dúvida quanto ao fato de o terceiro ter efetuado pagamento em nome próprio ou do devedor, presume-se que o tenha feito em nome do devedor.

(C) Embora a quitação seja um direito subjetivo do devedor, ele não pode reter o pagamento como forma de compelir o credor a fornecer-lhe o recibo.

(D) Caso sejam designados dois ou mais lugares para o pagamento, a escolha do local para efetuá-lo caberá ao devedor, em exceção à regra geral de que o pagamento seja efetuado no domicílio do credor.

(E) O terceiro não interessado que paga a dívida, em nome próprio, se sub-roga nos direitos do credor.

Resposta: A

Art. 306. O pagamento feito por terceiro, com desconhecimento ou oposição do devedor, não obriga a reembolsar aquele que pagou, se o devedor tinha meios para ilidir a ação.

QUESTÃO 348

(TRE/PE - Analista Judiciário - Área Judiciária - CESPE/2017). A empresa Bebidas Bom Preço Ltda. celebrou com uma empresa de alimentos, por prazo determinado, contrato de comodato cujo objeto era o empréstimo de um freezer. Era dever da comodatária armazenar somente produtos adquiridos da comodante.

Nessa situação hipotética, conforme a legislação aplicável ao caso e o entendimento doutrinário sobre o tema,

(A) por ter natureza pessoal, o contrato de comodato não se estenderá no caso de sucessão empresarial da empresa comodatária.

(B) a comodante não poderá suspender o uso da coisa antes do término do prazo do contrato, ainda que demonstre necessidade imprevista e urgente.

(C) o negócio jurídico perfez-se com a assinatura do contrato.

(D) a empresa comodatária pode cobrar da empresa comodante as despesas referentes ao uso e ao gozo da coisa emprestada.

(E) a cláusula de exclusividade acerca dos produtos que devem ficar armazenados no freezer não poderia ter sido estipulada.

Resposta: A

O contrato de comodato "possui natureza *intuitu personae*, pois o comodante tem em mira a fidúcia que deposita na pessoa do comodatário, tanto que é contrato gratuito. Traduz favorecimento pessoal do comodatário. O benefício, salvo ratificação do comodante, não se estende, portanto, aos sucessores do comodatário." (Sílvio de Salvo Venosa, Direito Civil: Contratos em espécie. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2003, p. 225)

QUESTÃO 349

(TRE/PE - Analista Judiciário - Área Judiciária - CESPE/2017). Quando caminhava pelo acostamento de uma via pública, Francisco foi atropelado por veículo de propriedade de uma locadora de veículos conduzido por Pedro. Em razão do acidente, Francisco sofreu fratura do fêmur e ficou internado por um mês. As lesões por ele sofridas geraram debilidade permanente, que o impedem de trabalhar, e cicatrizes na perna, que lhe causam constrangimento.

Nessa situação hipotética, conforme a legislação aplicável e a jurisprudência dos tribunais superiores,

(A) Francisco não pode cumular pedido de compensação por danos morais e estéticos, porquanto os danos estéticos estão incluídos nos danos morais.

(B) se Francisco não comprovar o valor auferido por seu trabalho, o juiz poderá determinar que a eventual indenização arbitrada seja paga de uma só vez, mesmo contra a vontade da vítima.

(C) a locadora de veículos e Pedro são solidariamente responsáveis pelos danos causados a Francisco.

(D) caso Francisco viesse a óbito, cessariam seus direitos da personalidade e seus pais não poderiam pleitear perdas e danos.

(E) a debilidade permanente causada a Francisco pode dar causa ao pagamento de pensão alimentícia pela causadora do dano, no valor de no máximo um salário mínimo, até ele completar sessenta e cinco anos de idade.

Resposta: C

Súmula nº 492 do STF "A empresa locadora de veículos responde, civil e solidariamente com o locatário, pelos danos por este causados a terceiro, no uso do carro locado".

QUESTÃO 350

(TRE/PE - Analista Judiciário - Área Judiciária - CESPE/2017). A respeito do direito das famílias, assinale a opção correta.

(A) O ato jurídico da adoção depende da efetiva assistência do poder público e de sentença constitutiva, ressalvados os casos de maiores de dezoito anos de idade, que independem de sentença.

(B) O reconhecimento de filhos havidos fora do casamento pode ser feito por manifestação direta e expressa perante o juiz.

(C) Não se admite a alteração do regime de bens no curso do matrimônio.

(D) A obrigação de prestar alimentos não é transmitida aos herdeiros do devedor.

(E) O bem de família pode ser instituído mediante qualquer instrumento que evidencie a vontade da entidade familiar de destacar parte de seu patrimônio.

Resposta: B

Art. 1.609. O reconhecimento dos filhos havidos fora do casamento é irrevogável e será feito: IV - por manifestação direta e expressa perante o juiz, ainda que o reconhecimento não haja sido o objeto único e principal do ato que o contém.

QUESTÃO 351

(PC/GO - Delegado de Polícia Substituto - CESPE/2017). A Lei n.º XX/XXXX, composta por quinze artigos, elaborada pelo Congresso Nacional, foi sancionada, promulgada e publicada.

A respeito dessa situação, assinale a opção correta, de acordo com a Lei de Introdução às Normas do Direito Brasileiro.

(A) Se algum dos artigos da lei sofrer alteração antes de ela entrar em vigor, será contado um novo período de vacância para o dispositivo alterado.

(B) Caso essa lei tenha revogado dispositivo da legislação anterior, automaticamente ocorrerá o efeito repristinatório se nela não houver disposição em contrário.

(C) A lei irá revogar a legislação anterior caso estabeleça disposições gerais sobre assunto tratado nessa legislação.

(D) Não havendo referência ao período de vacância, a nova lei entra em vigor imediatamente, sendo eventuais correções em seu texto consideradas nova lei.

(E) Não havendo referência ao período de vacância, a lei entrará em vigor, em todo o território nacional, três meses após sua publicação.

Resposta: A

LINDB. Art. 1º. § 3º. Se, antes de entrar a lei em vigor, ocorrer nova publicação de seu texto, destinada a correção, o prazo deste artigo e dos parágrafos anteriores começará a correr da nova publicação.

NOVA CONCURSOS

QUESTÃO 352

(PC/GO - Delegado de Polícia Substituto - CESPE/2017). No que concerne à pessoa natural, à pessoa jurídica e ao domicílio, assinale a opção correta.

(A) Sendo o domicílio o local em que a pessoa permanece com ânimo definitivo ou o decorrente de imposição normativa, como ocorre com os militares, o domicílio contratual é incompatível com a ordem jurídica brasileira.

(B) Conforme a teoria natalista, o nascituro é pessoa humana titular de direitos, de modo que mesmo o natimorto possui proteção no que concerne aos direitos da personalidade.

(C) De acordo com o Código Civil, deve ser considerado absolutamente incapaz aquele que, por enfermidade ou deficiência mental, não possuir discernimento para a prática de seus atos.

(D) A ocorrência de grave e injusta ofensa à dignidade da pessoa humana configura o dano moral, sendo desnecessária a comprovação de dor e sofrimento para o recebimento de indenização por esse tipo de dano

(E) Na hipótese de desaparecimento do corpo de pessoa em situação de grave risco de morte, como, por exemplo, no caso de desastre marítimo, o reconhecimento do óbito depende de prévia declaração de ausência.

Resposta: D

Informativo nº 0513

Período: 6 de março de 2013.

TERCEIRA TURMA

DIREITO CIVIL. DANO MORAL. OFENSA À DIGNIDADE DA PESSOA HUMANA. DANO IN RE IPSA.

Sempre que demonstrada a ocorrência de ofensa injusta à dignidade da pessoa humana, dispensa-se a comprovação de dor e sofrimento para configuração de dano moral. Segundo doutrina e jurisprudência do STJ, onde se vislumbra a violação de um direito fundamental, assim eleito pela CF, também se alcançará, por consequência, uma inevitável violação da dignidade do ser humano. A compensação nesse caso independe da demonstração da dor, traduzindo-se, pois, em consequência in re ipsa, intrínseca à própria conduta que injustamente atinja a dignidade do ser humano. Aliás, cumpre ressaltar que essas sensações (dor e sofrimento), que costumeiramente estão atreladas à experiência das vítimas de danos morais, não se traduzem no próprio dano, mas têm nele sua causa direta. REsp 1.292.141-SP, Rel. Min. Nancy Andrighi, julgado em 4/12/2012.

QUESTÃO 353

(PC/GO - Delegado de Polícia Substituto - CESPE/2017). Em cada uma das opções seguintes, é apresentada uma situação hipotética, seguida de uma assertiva a ser julgada, a respeito de posse, propriedade e direitos reais sobre coisa alheia. Assinale a opção que apresenta assertiva correta conforme a legislação e a doutrina pertinentes.

(A) Durante o prazo de vigência de contrato de locação de imóvel urbano, o locatário viajou e, ao retornar, percebeu que o imóvel havia sido invadido pelo próprio proprietário. Nesse caso, o locatário não pode defender sua posse, uma vez que o possuidor direto não tem proteção possessória em face do indireto.

(B) Determinado indivíduo realizou, de boa-fé, construção em terreno que pertencia a seu vizinho. O valor da construção excede consideravelmente o valor do terreno. Nessa situação, não havendo acordo, o indivíduo que realizou a construção adquirirá a propriedade do solo mediante pagamento da indenização fixada pelo juiz.

(C) Caio realizou a doação de um bem para Fernando. No contrato celebrado entre ambos, consta cláusula que determina que o bem doado volte para o patrimônio do doador se ele sobreviver ao donatário. Nessa situação, a cláusula é nula, pois o direito brasileiro não admite a denominada propriedade resolúvel.

(D) Roberto possui direito real de superfície de bem imóvel e deseja hipotecar esse direito pelo prazo de vigência do direito real. Nesse caso, a estipulação de direito real de garantia é ilegal porque a hipoteca somente pode ser constituída pelo proprietário do bem.

(E) Determinado empregador cedeu bem imóvel de sua propriedade a seu empregado, em razão de relação de confiança decorrente de contrato de trabalho. Nesse caso, ainda que desfeito o vínculo trabalhista, é juridicamente impossível a conversão da detenção do empregado em posse.

Resposta: B

Art. 1.255. Aquele que semeia, planta ou edifica em terreno alheio perde, em proveito do proprietário, as sementes, plantas e construções; se procedeu de boa-fé, terá direito a indenização.

Parágrafo único. Se a construção ou a plantação exceder consideravelmente o valor do terreno, aquele que, de boa-fé, plantou ou edificou, adquirirá a propriedade do solo, mediante pagamento da indenização fixada judicialmente, se não houver acordo.

QUESTÃO 354

(PC/GO - Delegado de Polícia Substituto - CESPE/2017). Um oficial do corpo de bombeiros arrombou a porta de determinada residência para ingressar no imóvel vizinho e salvar uma criança que corria grave perigo em razão de um incêndio.

A respeito dessa situação hipotética e conforme a doutrina dominante e o Código Civil, assinale a opção correta.

(A) O oficial tem o dever de indenizar o proprietário do imóvel danificado, devendo o valor da indenização ser mitigado em razão da presença de culpa concorrente.

(B) O ato praticado pelo oficial é ilícito porque causou prejuízo ao dono do imóvel, inexistindo, entretanto, o dever de indenizar, dada a ausência de nexo causal.

(C) Não se aplica ao referido oficial a regra do Código Civil segundo a qual o agente que atua para remover perigo iminente pode ser chamado a indenizar terceiro inocente.

(D) Conforme disposição do Código Civil, o oficial teria o dever de indenizar o dono do imóvel no valor integral dos prejuízos existentes, tendo direito de regresso contra o responsável pelo incêndio.

(E) Não se pode falar em responsabilidade civil nesse caso, pois, na hipótese de estado de necessidade, o agente causador do dano nunca terá o dever de indenizar.

Resposta: C

Não se aplica a lógica do CC, aplica-se a regra da responsabilidade objetiva do Estado (art. 37, §6º da Constituição Federal), ou seja, quem deve figurar no polo passivo em eventual demanda de reparação de danos materiais é o Estado não o agente público.

QUESTÃO 355

(TCE/PA - Auxiliar Técnico de Controle Externo - Área Administrativa - CESPE/2016). Com base no disposto no Código Civil acerca de personalidade e capacidade jurídica, julgue o item a seguir.

A pessoa jurídica, assim como a física, é capaz de direitos e deveres na ordem civil.

(A) Certo (B) Errado

Resposta: A

Art. 1. CC - Toda pessoa é capaz de direitos e deveres na ordem civil.

Art. 52. CC - Aplica-se às pessoas jurídicas, no que couber, a proteção dos direitos da personalidade.

QUESTÃO 356

(TCE/PA - Auxiliar Técnico de Controle Externo - Área Administrativa - CESPE/2016). Com base no disposto no Código Civil acerca de personalidade e capacidade jurídica, julgue o item a seguir.

As crianças e os adolescentes com menos de dezesseis anos de idade são absolutamente incapazes de exercer pessoalmente os atos da vida civil.

(A) Certo (B) Errado

Resposta: A

Art. 3º São absolutamente incapazes de exercer pessoalmente os atos da vida civil os menores de 16 (dezesseis) anos. (Redação dada pela Lei nº 13.146, de 2015)

QUESTÃO 357

(TCE/PA - Auxiliar Técnico de Controle Externo - Área Administrativa - CESPE/2016). Com base no disposto no Código Civil acerca de personalidade e capacidade jurídica, julgue o item a seguir.

Por se tratar de direito da personalidade, o ato de disposição gratuita de parte do próprio corpo após a morte, para fins altruísticos, é intransmissível e irrevogável.

(A) Certo (B) Errado

Resposta: B

Art. 11. Com exceção dos casos previstos em lei, os direitos da personalidade são instransmissíveis e irrenunciáveis, não podendo o seu exercício sofrer limitação voluntária.

Art. 14. É válida, com objetivo científico, ou altruístico, a disposição gratuita do próprio corpo, no todo ou em parte, para depois da morte.

Parágrafo único. O ato de disposição pode ser livremente revogado a qualquer tempo.

QUESTÃO 358

(TCE/PA - Auxiliar Técnico de Controle Externo - Área Administrativa - CESPE/2016). Com base no disposto no Código Civil acerca de personalidade e capacidade jurídica, julgue o item a seguir.

O início da personalidade civil das pessoas físicas ocorre com a concepção, e o das associações de direito privado, com a inscrição de seus atos constitutivos no registro peculiar, desde que tenham sido previamente aprovados pelo Poder Executivo.

(A) Certo (B) Errado

Resposta: B

O início da personalidade civil da pessoa começa com o nascimento com a vida, e não com a concepção, nos termos do artigo 2º do CC. A lei apenas põe a salvo os direitos do nascituro, mas considera como início de personalidade. No que se refere às pessoas jurídicas, sua existência legal inicia-se com a inscrição do ato constitutivo no respectivo registro, sendo que só será autorizada ou aprovada pelo poder Executivo, QUANDO NECESSÁRIO ao seu funcionamento (Art 45, CC)

QUESTÃO 359

(TCE/PA - Auxiliar Técnico de Controle Externo - Área Administrativa - CESPE/2016). Julgue o item que se segue, a respeito de responsabilidade civil, indenização, dano moral e dano material.

A obrigação de reparar o dano causado não se transmite por sucessão aos herdeiros.

(A) Certo (B) Errado

Resposta: B

Art. 943. O direito de exigir reparação e a obrigação de prestá-la transmitem-se com a herança.

A obrigação de reparação, apesar de ser transmitida com a herança, está adstrita aos seus limites.

QUESTÃO 360

(TCE/PA - Auxiliar Técnico de Controle Externo - Área Administrativa - CESPE/2016). Julgue o item que se segue, a respeito de responsabilidade civil, indenização, dano moral e dano material.

Como regra, o valor da indenização deve corresponder à extensão do dano material; mas excepcionalmente o juiz poderá reduzir a indenização se houver excessiva desproporção entre a gravidade da culpa e o dano causado.

(A) Certo (B) Errado

Resposta: A

Art. 944. A indenização mede-se pela extensão do dano.

Parágrafo único. Se houver excessiva desproporção entre a gravidade da culpa e o dano, poderá o juiz reduzir, equitativamente, a indenização.

QUESTÃO 361

(TCE/PA - Auxiliar Técnico de Controle Externo - Área Administrativa - CESPE/2016). Julgue o item que se segue, a respeito de responsabilidade civil, indenização, dano moral e dano material.

A ação civil de reparação de dano independe do correspondente procedimento criminal, mas, se a sentença criminal reconhecer o fato e o autor, na justiça civil não poderão mais ser questionadas a autoria e a existência do fato.

(A) Certo (B) Errado

NOVA CONCURSOS

Resposta: A

Art. 935. A responsabilidade civil é independente da criminal, não se podendo questionar mais sobre a existência do fato, ou sobre quem seja o seu autor, quando estas questões se acharem decididas no juízo criminal.

QUESTÃO 362

(TCE/PA - Auxiliar Técnico de Controle Externo - Área Administrativa - CESPE/2016). Julgue o item subsequente com base nas disposições do Código Civil acerca de bens, fatos jurídicos e prescrição.

Denomina-se representação a relação jurídica em que uma pessoa se obriga perante terceiro por meio de ato praticado em seu nome por representante, cujos poderes são conferidos por lei ou por mandato.

(A) Certo (B) Errado

Resposta: A

Art. 115. Os poderes de representação conferem-se por lei ou pelo interessado.

Art. 116. A manifestação de vontade pelo representante, nos limites de seus poderes, produz efeitos em relação ao representado.

Art. 653. Opera-se o mandato quando alguém recebe de outrem poderes para, em seu nome, praticar atos ou administrar interesses. A procuração é o instrumento do mandato.

Art. 654. Todas as pessoas capazes são aptas para dar procuração mediante instrumento particular, que valerá desde que tenha a assinatura do outorgante.

§ 1º O instrumento particular deve conter a indicação do lugar onde foi passado, a qualificação do outorgante e do outorgado, a data e o objetivo da outorga com a designação e a extensão dos poderes conferidos.

§ 2º O terceiro com quem o mandatário tratar poderá exigir que a procuração traga a firma reconhecida.

QUESTÃO 363

(TCE/PA - Auxiliar Técnico de Controle Externo - Área Administrativa - CESPE/2016). Julgue o item subsequente com base nas disposições do Código Civil acerca de bens, fatos jurídicos e prescrição.

Cometerá ato ilícito o titular de direito que, ao exercê-lo, exceder manifestamente os limites impostos pelo seu fim socioeconômico, pela boa-fé ou pelos bons costumes.

(A) Certo (B) Errado

Resposta: A

Art. 187. Também comete ato ilícito o titular de um direito que, ao exercê-lo, excede manifestamente os limites impostos pelo seu fim econômico ou social, pela boa-fé ou pelos bons costumes.

QUESTÃO 364

(TCE/PA - Auxiliar Técnico de Controle Externo - Área Administrativa - CESPE/2016). Julgue o item subsequente com base nas disposições do Código Civil acerca de bens, fatos jurídicos e prescrição.

São considerados bens particulares aqueles pertencentes a pessoas jurídicas de direito público interno às quais se tenha dado estrutura de direito privado.

(A) Certo (B) Errado

Resposta: B

Art. 98. São públicos os bens do domínio nacional pertencentes às pessoas jurídicas de direito público interno; todos os outros são particulares, seja qual for a pessoa a que pertencerem.

Art. 99. São bens públicos:

I - os de uso comum do povo, tais como rios, mares, estradas, ruas e praças;

II - os de uso especial, tais como edifícios ou terrenos destinados a serviço ou estabelecimento da administração federal, estadual, territorial ou municipal, inclusive os de suas autarquias;

III - os dominicais, que constituem o patrimônio das pessoas jurídicas de direito público, como objeto de direito pessoal, ou real, de cada uma dessas entidades.

Parágrafo único. Não dispondo a lei em contrário, consideram-se dominicais os bens pertencentes às pessoas jurídicas de direito público a que se tenha dado estrutura de direito privado.

QUESTÃO 365

(TJ/DFT - Técnico Judiciário – Administrativa - CESPE/2015). À luz da Lei de Introdução às Normas do Direito Brasileiro, julgue o item a seguir.

Ato jurídico perfeito é aquele que está em consonância com as regras, costumes e princípios gerais vigentes.

(A) Certo (B) Errado

Resposta: B

Art. 6º A Lei em vigor terá efeito imediato e geral, respeitados o ato jurídico perfeito, o direito adquirido e a coisa julgada.

§ 1º Reputa-se ato jurídico perfeito o já consumado segundo a lei vigente ao tempo em que se efetuou.

QUESTÃO 366

(TJ/DFT - Técnico Judiciário – Administrativa - CESPE/2015). Com base nas disposições do Código Civil, julgue o item seguinte.

Situação hipotética: Fábio e Cristiano, ao transportarem Batista, que se encontrava seriamente enfermo, para um hospital, colidiram o veículo em que estavam com um poste. Em virtude do acidente, todos os três morreram, não tendo sido possível verificar quem morreu primeiro. Assertiva: Nesse caso, considerando-se o debilitado estado de saúde de Batista, presume-se que ele morreu primeiro.

(A) Certo (B) Errado

Resposta: B

Art. 8º Se dois ou mais indivíduos falecerem na mesma ocasião, não se podendo averiguar se algum dos comorientes precedeu aos outros, presumir-se-ão simultaneamente mortos

PROF. MA. BRUNA PINOTTI GARCIA.

Advogada e pesquisadora. Doutoranda em Direito, Estado e Constituição pela Universidade de Brasília – UNB. Mestre em Teoria do Direito e do Estado pelo Centro Universitário Eurípides de Marília (UNIVEM) – bolsista CAPES. Professora de curso preparatório para concursos e universitária (Faculdade do Noroeste de Minas – FINOM). Autora de diversos trabalhos científicos publicados em revistas qualificadas, anais de eventos e livros, notadamente na área do direito eletrônico, dos direitos humanos e do direito constitucional.

NOÇÕES DE DIREITO PROCESSUAL CIVIL

QUESTÃO 367

(CESPE/2017 - TRE-BA - Analista Judiciário – Área Judiciária) Em um tribunal, o relator de determinado recurso concedeu o prazo de cinco dias ao recorrente para que fosse sanado vício e complementada a documentação exigida pela legislação para interposição de recurso.

Nessa situação, o magistrado tomou tal providência com base no princípio denominado

a) dialeticidade.
b) fungibilidade.
c) primazia do julgamento do mérito.
d) dispositivo.
e) identidade física do juiz.

R: C. Cabe ao julgador buscar por todos os meios sanar os vícios processuais em vez de extinguir o processo em razão dos mesmos, implicando em julgamento sem resolução do mérito. Afinal, a extinção do processo sem resolução do mérito não coloca fim ao litígio e transforma o processo num fim em si mesmo, enquanto que a busca pela justiça efetiva apenas se contenta com a resposta ao litígio trazido. Destaca-se o artigo 6º, CPC: "Todos os sujeitos do processo devem cooperar entre si para que se obtenha, em tempo razoável, decisão de mérito justa e efetiva".

QUESTÃO 368

(CESPE/2017 - TRE-BA - Analista Judiciário – Área Judiciária) Julgue os itens a seguir, com base no Código de Processo Civil.

I - É cabível a fixação de honorários de sucumbência na reconvenção, no cumprimento de sentença, na execução e em grau recursal.

II - A legislação processual proíbe que a tutela da evidência seja concedida antes da manifestação do réu.

III - Somente para rescindir decisão de mérito pode-se utilizar ação rescisória.

IV - A concessão do benefício da prioridade de tramitação de processo a parte idosa que figure como beneficiado deve ser estendido em favor de seu cônjuge supérstite no caso de óbito da parte.

Estão certos apenas os itens

a) I e II.
b) I e III.
c) I e IV.
d) II e III.
e) III e IV.

R: C. O item I é verdadeiro, conforme art. 85, § 1º, CPC: "São devidos honorários advocatícios na reconvenção, no cumprimento de sentença, provisório ou definitivo, na execução, resistida ou não, e nos recursos interpostos, cumulativamente". O item II é falso, pois há casos em que a tutela de evidência pode ser aplicada sem oitiva da parte contrária: "Art. 9º, CPC. Não se proferirá decisão contra uma das partes sem que ela seja previamente ouvida. Parágrafo único. O disposto no caput não se aplica: [...] II - às hipóteses de tutela da evidência previstas no art. 311, incisos II e III; [...]". O item III é falso, pois a ação rescisória poderá ser proposta caso o julgamento anterior não seja de mérito se este impedir "I - nova propositura da demanda; ou II - admissibilidade do recurso correspondente" (art. 966, §2º, CPC). O item IV é verdadeiro, pois "Concedida a prioridade, essa não cessará com a morte do beneficiado, estendendo-se em favor do cônjuge supérstite ou do companheiro em união estável" (art. 1.048, §3º, CPC).

QUESTÃO 369

(CESPE/2017 - TRE-BA - Analista Judiciário – Área Judiciária) Tendo examinado uma petição inicial com dois pedidos, em demanda que tramitava pelo procedimento comum, o juiz indeferiu parcialmente a petição quanto a um dos pedidos apresentados pelo autor e determinou a citação do réu para que o processo prosseguisse apenas em relação ao outro pedido.

Nesse momento processual, o pronunciamento do juiz será

a) recorrível por apelação.
b) irrecorrível.
c) recorrível por agravo retido.
d) recorrível por agravo de instrumento.
e) recorrível por agravo interno.

R: D. Trata-se de julgamento parcial do processo, eis que o juiz apenas indeferiu parte da petição inicial. No caso, cabe agravo de instrumento, conforme artigo 354, parágrafo único, CPC: "A decisão a que se refere o caput pode dizer respeito a apenas PARCELA do processo, caso em que será impugnável por agravo de instrumento".

QUESTÃO 370

(CESPE/2017 - TRE-BA - Analista Judiciário – Área Judiciária) De acordo com o Código de Processo Civil, o amicus curiae

a) deve ser pessoa jurídica, órgão ou entidade especializada, sendo vedado à pessoa natural atuar nessa condição.
b) depende de autorização da parte interessada para participar da relação processual.
c) pode opor embargos de declaração e ainda recorrer da decisão que julgar o incidente de resolução de demandas repetitivas.
d) pode ingressar somente em demandas que tramitem nos tribunais.
e) tem o direito, assegurado na lei, de realizar sustentação oral em julgamento de qualquer causa da qual participe.

R: C. O CPC inova com a modalidade do "amicus curiae", que é toda pessoa natural ou jurídica que possua conhecimento especializado na matéria em litígio. Ela atuará como amiga da Corte, não como auxiliar de nenhuma das partes no processo. Colaborará, assim, para que o juiz tenha uma decisão mais justa no caso concreto, fazendo-se vale de conhecimentos especializados que fogem à sua alçada. Disciplina o CPC: "Art. 138. O juiz ou o relator, considerando a relevância da matéria, a especificidade do tema objeto da demanda ou a repercussão social da controvérsia, poderá, por decisão irrecorrível, de ofício ou a requerimento das partes ou de quem pretenda manifestar-se, solicitar ou admitir a participação de pessoa natural ou jurídica, órgão ou entidade especializada, com representatividade adequada, no prazo de 15 (quinze) dias de sua intimação. § 1º A intervenção de que trata o caput não implica alteração de competência nem autoriza a interposição de recursos, ressalvadas a oposição de embargos de declaração e a hipótese do § 3º. § 2º Caberá ao juiz ou ao relator, na decisão que solicitar ou admitir a intervenção, definir os poderes do amicus curiae. § 3º O amicus curiae pode recorrer da decisão que julgar o incidente de resolução de demandas repetitivas".

QUESTÃO 371

(CESPE/2017 - TRE-BA - Analista Judiciário – Área Judiciária) De acordo com a jurisprudência dos tribunais superiores, julgue os itens que se seguem.

I - A fixação de astreintes pelo juiz faz coisa julgada material, caso não seja objeto de recurso pela parte interessada, não podendo ser alterada posteriormente.

II - Tendo sido a intimação feita por oficial de justiça, a contagem do prazo recursal inicia-se da data em que a parte tomou conhecimento da intimação, porque a contagem a partir da data da juntada do mandado somente se aplica para hipóteses de citação.

III - O prazo decadencial para a impetração de mandado de segurança em razão de redução ilegal do valor de vantagem integrante de remuneração de servidor público se renova a cada mês.

IV - São protelatórios os embargos de declaração cuja finalidade seja rediscutir matéria julgada em conformidade com precedente firmado pelo rito dos recursos repetitivos.

Estão certos apenas os itens

a) I e II.

b) I e IV.

c) II e III.

d) III e IV.

e) II, III e IV.

R: D. Item I está incorreto porque "o juiz poderá, de ofício ou a requerimento, modificar o valor ou a periodicidade da multa vincenda ou excluí-la, caso verifique que: [...]" (art. 537, §1º, CPC). Item II está incorreto porque existe, no art. 231 do NCPC, uma diferença de tratamento do início do prazo para citações e intimações, mas ela diz respeito à hipótese de haver mais de um citado ou intimado. Item III está correto, conforme entendimento do STJ: "[...] Esta Corte vem definindo que quando houver redução, e não supressão do valor de vantagem, fica configurada a prestação de trato sucessivo, que se renova mês a mês, pois não equivale à negação do próprio fundo de direito, não havendo que se falar, portanto, em decadência do mandado de segurança. [...]". (AgRg no REsp 1110192/CE, Rel. Min. Celso Limongi (Des. Conv. do TJ/SP), Sexta Turma, julgado em 04/05/2010). Item IV está correto porque são considerados protelatórios os embargos de declaração para rediscutir matéria já decida em precedente anterior que tenha caráter vinculativo (STJ, RECURSO ESPECIAL, REsp 1564822 MS 2015/0278366-8).

QUESTÃO 372

(CESPE/2017 - TRE-BA - Analista Judiciário – Área Judiciária) É sabido que o advogado é indispensável à administração da justiça e que a capacidade postulatória é pressuposto processual de validade dos atos decorrente da representação por advogado. Contudo, conforme o Código de Processo Civil (CPC), mesmo sem procuração o advogado pode

a) postular em juízo para praticar ato considerado urgente.

b) obter cópias de todo e qualquer processo independentemente da fase de tramitação.

c) requerer vista dos autos de qualquer processo.

d) examinar autos de todo e qualquer processo em cartório de fórum e secretaria de tribunal.

e) retirar os autos em conjunto com o procurador da outra parte do processo.

R: A. Trata-se de disciplina expressa no art. 104, caput, CPC: "O advogado não será admitido a postular em juízo sem procuração, salvo para evitar preclusão, decadência ou prescrição, ou para praticar ato considerado urgente".

QUESTÃO 373

(CESPE/2017 - TRE-BA - Analista Judiciário – Área Administrativa) De acordo com o CPC, no que se refere aos atos processuais, cabe ao servidor

a) documentar sentenças pronunciadas oralmente, dispensada a revisão pelo juiz.

b) praticar os atos ordinatórios de juntada e vista obrigatória, com revisão do juiz, se necessário.

c) tomar decisões interlocutórias, com a revisão do juiz, se necessário.

d) documentar acórdão pronunciado oralmente, dispensada a revisão pelo juiz prolator.

e) redigir despachos, com a revisão do juiz, se necessário.

R: B. Correta a "b", conforme art. 203, §4º, CPC: "Os atos meramente ordinatórios, como a juntada e a vista obrigatória, independem de despacho, devendo ser praticados de oficio pelo servidor e revistos pelo juiz quando necessário". Assertivas "a" e "d" estão erradas porque é obrigatória a revisão do juiz (art. 205, §1º, CPC). Assertivas "c" e "e" estão erradas porque o servidor não toma decisão alguma, nem mesmo interlocutória, nem despacha os processos: despachos e decisões interlocutórias são atos privativos do magistrado.

QUESTÃO 374

(CESPE/2017 - TRE-BA - Analista Judiciário – Área Administrativa) Acerca do sistema recursal previsto no CPC, julgue os itens a seguir.

I - O recorrente só poderá desistir do recurso com a anuência do recorrido e dos litisconsortes.

II - Os embargos de declaração interrompem o prazo para a interposição de recurso.

III - Não comprovado o recolhimento do preparo no ato da interposição do recurso, a parte será intimada, na pessoa do seu advogado, para realizar o pagamento em dobro, sob pena de deserção.

Assinale a opção correta.

a) Apenas o item I está certo
b) Apenas o item II está certo.
c) Apenas os itens I e III estão certos.
d) Apenas os itens II e III estão certos.
e) Todos os itens estão certos.

R: D. Item I está incorreto porque "o recorrente poderá, a qualquer tempo, sem a anuência do recorrido ou dos litisconsortes, desistir do recurso" (art. 988, CPC). Item II está correto porque "os embargos de declaração não possuem efeito suspensivo e interrompem o prazo para a interposição de recurso" (art. 1.026, CPC). Item III está correto porque "o recorrente que não comprovar, no ato de interposição do recurso, o recolhimento do preparo, inclusive porte de remessa e de retorno, será intimado, na pessoa de seu advogado, para realizar o recolhimento em dobro, sob pena de deserção" (art. 1.007, §4º, CPC).

QUESTÃO 375

(CESPE/2017 - TRE-BA - Analista Judiciário – Área Administrativa) De acordo com o CPC, é atribuição expressa do chefe de secretaria redigir, na forma legal,

a) ordens judiciais.
b) intimações.
c) citações.
d) mandados.
e) decisões interlocutórias.

R: D. Disciplina o CPC em seu art. 152, I: "Incumbe ao escrivão ou ao chefe de secretaria: I - redigir, na forma legal, os ofícios, os mandados, as cartas precatórias e os demais atos que pertençam ao seu ofício".

QUESTÃO 376

(CESPE/2017 - TRE-BA - Analista Judiciário – Área Administrativa) Acerca do procedimento ordinário, assinale a opção correta.

a) A audiência de instrução poderá ser fracionada injustificadamente pelo juiz.

b) Se não houver conexão, não é lícita a cumulação de vários pedidos em um único processo, ainda que contra o mesmo réu.

c) Não se presumem verdadeiros os fatos não impugnados que estiverem em contradição com a defesa, considerada em seu conjunto.

d) Como regra, a confissão é irrevogável e divisível, podendo a parte que a quiser invocar aceitá-la tão somente quanto ao tópico que a beneficiar.

e) Os fatos, ainda que notórios, dependem de prova.

R: C. A assertiva "c" está certa porque "Incumbe também ao réu manifestar-se precisamente sobre as alegações de fato constantes da petição inicial, presumindo-se verdadeiras as não impugnadas, salvo se: [...] III - estiverem em contradição com a defesa, considerada em seu conjunto" (art. 341, III, CPC). A assertiva "a" está errada porque "a audiência é una e contínua, podendo ser excepcional e justificadamente cindida na ausência de perito ou de testemunha, desde que haja concordância das partes" (art. 365, CPC), isto é, é obrigatória a justificativa. A assertiva "b" está errada porque "é lícita a cumulação, em um único processo, contra o mesmo réu, de vários pedidos, ainda que entre eles não haja conexão" (art. 327, CPC). A assertiva "d" está errada porque "a confissão é irrevogável [...]" (art. 393, CPC), e "a confissão é, em regra, indivisível, não podendo a parte que a quiser invocar como prova aceitá-la no tópico que a beneficiar e rejeitá-la no que lhe for desfavorável [...]" (art. 395, CPC). A assertiva "e" está errada porque "não dependem de prova os fatos: I - notórios; [...]" (art. 374, I, CPC).

QUESTÃO 377

(CESPE/2017 - TRE-BA - Analista Judiciário – Área Administrativa) João ajuizou ação contra Maria e Joana, as quais, citadas, se fizeram representar por diferentes procuradores, de escritórios de advocacia distintos. As procurações foram juntadas aos autos eletrônicos.

Nessa situação hipotética, o prazo para Maria e Joana apresentarem suas contestações no processo é de

a) 5 dias.
b) 15 dias.
c) 10 dias.
d) 8 dias.
e) 30 dias.

R: B. Embora o artigo 229, CPC fixe em seu caput prazo em dobro para litisconsortes com advogados diversos, o §2º do mesmo dispositivo diz que o disposto não se aplica aos autos eletrônicos. Assim, vale a regra geral, sendo de 15 dias o prazo de contestação (art. 335, CPC).

QUESTÃO 378

(CESPE/2017 - Prefeitura de Fortaleza - CE - Procurador do Município) No que concerne aos meios de impugnação das decisões judiciais, julgue o item a seguir, de acordo com o CPC e com a jurisprudência dos tribunais superiores.

Situação hipotética: Ao interpor recurso de agravo contra decisão monocrática no tribunal, o recorrente deixou de impugnar especificamente os fundamentos da decisão recorrida. Assertiva: Nesse caso, em observância ao princípio da primazia do julgamento do mérito, o relator deverá intimar o agravante para complementar seu recurso no prazo de cinco dias.

R: Errado. O artigo 932, CPC traz o seguinte parágrafo único: "Antes de considerar inadmissível o recurso, o relator concederá o prazo de 5 (cinco) dias ao recorrente para que seja sanado vício ou complementada a documentação exigível". Entretanto, o prazo de complemento aplica-se apenas aos vícios formais, não aos vícios de conteúdo, de modo que a previsão não afasta o dever de impugnação específica da decisão (STJ. 2ª Turma. AgInt no AREsp 863.182/SP, Rel. Min. Mauro Campbell Marques, julgado em 02/06/2016).

QUESTÃO 379

(CESPE/2017 - Prefeitura de Fortaleza - CE - Procurador do Município) No que concerne aos meios de impugnação das decisões judiciais, julgue o item a seguir, de acordo com o CPC e com a jurisprudência dos tribunais superiores.

Ainda que, em exame de embargos declaratórios, seja mantido o resultado do julgamento anterior, o recorrente deverá ratificar recurso especial que tenha sido interposto antes do julgamento dos embargos.

R: Errado. Neste sentido, disciplina o art. 1.024, §5º, CPC: "Se os embargos de declaração forem rejeitados ou não alterarem a conclusão do julgamento anterior, o recurso interposto pela outra parte antes da publicação do julgamento dos embargos de declaração será processado e julgado independentemente de ratificação".

QUESTÃO 380

(CESPE/2017 - Prefeitura de Fortaleza - CE - Procurador do Município) No que concerne aos meios de impugnação das decisões judiciais, julgue o item a seguir, de acordo com o CPC e com a jurisprudência dos tribunais superiores.

A certidão de concessão de vistas dos autos ao ente público é elemento suficiente para a demonstração da tempestividade do agravo de instrumento e se equipara à certidão de intimação da decisão agravada para essa finalidade.

R: Certo. É possível dispensar a certidão de intimação se existirem outros meios para se aferir a tempestividade do recurso. Assim, o termo de abertura de vista e remessa dos autos ao órgão público substitui, para efeito de demonstração da tempestividade do agravo de instrumento por ele interposto, a apresentação de certidão de intimação da decisão agravada (art. 525, I, do CPC 1973 / art. 1.017, I, do CPC 2015) (Informativo nº 577, STJ. STJ, Corte Especial, REsp 1.383.500-SP, Rel. Min. Benedito Gonçalves, julgado em 17/2/2016).

QUESTÃO 381

(CESPE/2017 - Prefeitura de Fortaleza - CE - Procurador do Município) Julgue o item seguinte, com base no que dispõe o CPC sobre atos processuais, deveres das partes e dos procuradores e tutela provisória.

Com a consagração do modelo sincrético de processo, as tutelas provisórias de urgência e da evidência somente podem ser requeridas no curso do procedimento em que se pleiteia a providência principal.

R: Errado. É possível o pedido de tutela provisória de urgência de forma antecipada ou incidental, ao passo que a tutela de evidência deve necessariamente ser incidental: "Art. 294, CPC. A tutela provisória pode fundamentar-se em urgência ou evidência. Parágrafo único. A tutela provisória de urgência, cautelar ou antecipada, pode ser concedida em caráter antecedente ou incidental".

QUESTÃO 382

(CESPE/2017 - Prefeitura de Fortaleza - CE - Procurador do Município) Julgue o item seguinte, com base no que dispõe o CPC sobre atos processuais, deveres das partes e dos procuradores e tutela provisória.

É dever do magistrado manifestar-se de ofício quanto ao inadimplemento de qualquer negócio jurídico processual válido celebrado pelas partes, já que, conforme expressa determinação legal, as convenções processuais devem ser objeto de controle pelo juiz.

R: Errado. O juiz controlará a validade dos negócios nas seguintes hipóteses: a) nulidade; b) abusividade de cláusula em contrato de adesão; c) manifesta situação de vulnerabilidade (art. 190, parágrafo único, CPC).

QUESTÃO 383

(CESPE/2017 - Prefeitura de Fortaleza - CE - Procurador do Município) Julgue o item seguinte, com base no que dispõe o CPC sobre atos processuais, deveres das partes e dos procuradores e tutela provisória.

Situação hipotética: Em ação que tramita pelo procedimento comum, determinado município foi intimado de decisão por meio de publicação no diário de justiça eletrônico. Assertiva: Nessa situação, segundo o CPC, a intimação é válida, uma vez que é tida como pessoal por ter sido realizada por meio eletrônico.

R: Errado. Conforme art. 269, § 3º, CPC, "a intimação da União, dos Estados, do Distrito Federal, dos Municípios e de suas respectivas autarquias e fundações de direito público será realizada perante o órgão de Advocacia Pública responsável por sua representação judicial".

QUESTÃO 384

(CESPE/2017 - Prefeitura de Fortaleza - CE - Procurador do Município) Julgue o item que se segue, referentes ao procedimento comum no processo civil.

Situação hipotética: Ao receber a petição inicial de determinada ação judicial, o magistrado deferiu pedido de tutela provisória e determinou que o município réu fosse comunicado para ciência e apresentação de defesa. Assertiva: Nessa situação, a apresentação de embargos de declaração pelo réu pode interromper o prazo para contestação.

R: Errado. O efeito interruptivo apenas afeta o prazo de interposição de recursos, conforme art. 1.026, CPC: "Os embargos de declaração não possuem efeito suspensivo e interrompem o prazo para a interposição de recurso".

QUESTÃO 385

(CESPE/2017 - Prefeitura de Fortaleza - CE - Procurador do Município) Julgue o item que se segue, referentes ao procedimento comum no processo civil.

A decisão de saneamento e de organização do processo estabiliza-se caso não seja objeto de impugnação pelas partes no prazo de cinco dias, vinculando a atividade jurisdicional a partir desse momento processual.

R: Certo. Nestes termos, o art. 357, § 1º, CPC, prevê que "realizado o saneamento, as partes têm o direito de pedir esclarecimentos ou solicitar ajustes, no prazo comum de 5 (cinco) dias, findo o qual a decisão se torna estável".

QUESTÃO 386

(CESPE/2017 - Prefeitura de Fortaleza - CE - Procurador do Município) Julgue o item que se segue, referentes ao procedimento comum no processo civil.

No polo ativo ou passivo da reconvenção poderão ser incluídos terceiros legitimados em litisconsórcio ativo ou passivo.

R: Certo. Prevê o art. 343, CPC: "Na contestação, é lícito ao réu propor reconvenção para manifestar pretensão própria, conexa com a ação principal ou com o fundamento da defesa". A seguir, o dispositivo prevê em seus §§ 3º e 4º: "§3º A reconvenção pode ser proposta contra o autor e terceiro. § 4º A reconvenção pode ser proposta pelo réu em litisconsórcio com terceiro". Logo, no polo ativo ou passivo da reconvenção podem ser incluídos terceiros legitimados, formando litisconsórcio passivo ou ativo.

QUESTÃO 387

(CESPE/2017 - Prefeitura de Fortaleza - CE - Procurador do Município) No que tange à fazenda pública em juízo, julgue o item subsecutivo.

Se, antes do trânsito em julgado, ocorrer a estabilização da tutela antecipada requerida contra a fazenda pública, decorrente da não interposição de recurso pelo ente público, será possível a imediata expedição de precatório.

R: Errado. O Enunciado n. 532 do Fórum Permanente de Processualistas Civis preconiza: "A expedição do precatório ou da RPV depende do trânsito em julgado da decisão que rejeita as arguições da Fazenda Pública executada". Além disso, a decisão que estabiliza tutela antecipada requerida em caráter antecedente (art. 304, CPC) não transita em julgado.

QUESTÃO 388

(CESPE/2017 - Prefeitura de Fortaleza - CE - Procurador do Município) Julgue o próximo item, a respeito de litisconsórcio, intervenção de terceiros e procedimentos especiais previstos no CPC e na legislação extravagante.

Caso seja convocado de forma superveniente a participar de processo judicial, o litisconsorte unitário ativo poderá optar por manter-se inerte ou por ingressar na relação processual como litisconsorte do autor ou assistente do réu.

R: Certo. Assim prevê o enunciado nº 118 do FPPC: "O litisconsorte unitário ativo, uma vez convocado, pode optar por ingressar no processo na condição de litisconsorte do autor ou de assistente do réu".

QUESTÃO 389

(CESPE/2017 - Prefeitura de Fortaleza - CE - Procurador do Município) Com base na legislação processual e no Código Civil, julgue o seguinte item, acerca de ações possessórias e servidão urbanística.

No âmbito das ações possessórias, se houver pedido de reintegração de posse e a propriedade do imóvel for controvertida, o juiz deverá, em primeiro lugar, decidir quanto ao domínio do bem e, depois, conceder ou não a ordem de reintegração.

R: Errado. Não há que se falar em discussão sobre o domínio. A vedação à exceção de domínio está apoiada no art. 557, CPC: "Na pendência de ação possessória é vedado, tanto ao autor quanto ao réu, propor ação de reconhecimento do domínio, exceto se a pretensão for deduzida em face de terceira pessoa".

QUESTÃO 390

(CESPE/2017 - TRE-PE - Analista Judiciário - Área Judiciária) Acerca do prazo decadencial para impetrar mandado de segurança contra a redução ilegal de vantagem integrante de remuneração de servidor público e dos efeitos financeiros decorrentes de eventual concessão da ordem mandamental, assinale a opção correta de acordo com o entendimento do STJ.

a) O prazo renova-se mês a mês e os efeitos financeiros da concessão da ordem retroagem à data do ato impugnado.

b) O prazo conta-se a partir da redução, não havendo efeitos financeiros retroativos de valores eventualmente vencidos, por não haver direito adquirido no regime jurídico.

c) O prazo conta-se a partir da redução, devendo o impetrante ajuizar nova demanda de natureza condenatória para reivindicar os valores vencidos.

d) O prazo renova-se mês a mês, devendo o impetrante ajuizar nova demanda de natureza condenatória para reivindicar os valores vencidos.

e) O prazo conta-se a partir da redução e os efeitos financeiros da concessão da ordem retroagem à data do ato impugnado.

R: A. Para o STJ, o prazo decadencial para impetrar mandado de segurança contra redução do valor de vantagem integrante de proventos ou de remuneração de servidor público renova-se mês a mês. A redução, ao contrário da supressão de vantagem, configura relação de trato sucessivo, pois não equivale à negação do próprio fundo de direito. Logo, o prazo decadencial para se impetrar a ação mandamental renova-se mês a mês (Informativo nº 578, STJ. STJ, Corte Especial, EREsp 1.164.514-AM, Rel. Min. Napoleão Nunes Maia Filho, julgado em 16/12/2015).

QUESTÃO 391

(CESPE/2017 - TRE-PE - Analista Judiciário - Área Judiciária) Acerca das normas processuais civis, assinale a opção correta.

a) O juiz não pode decidir com base em fundamento a respeito do qual não tenha sido dada oportunidade de manifestação às partes, ressalvado o caso de matéria que deva decidir de ofício.

b) Os juízes e tribunais terão de, inexoravelmente, atender à ordem cronológica de conclusão para proferir sentença ou decisão.

c) A boa-fé processual objetiva, que não se aplica ao juiz, prevê que as partes no processo tenham um comportamento probo e leal.

d) O modelo cooperativo, que atende à nova ordem do processo civil no Estado constitucional, propõe que o juiz seja assimétrico no decidir e na condução do processo.

e) O contraditório substancial tem por escopo propiciar às partes a ciência dos atos processuais, bem como possibilitar que elas influenciem na formação da convicção do julgador.

R: E. O contraditório não deve ser meramente formal, fictício, não permitindo à parte influir na formação da convicção do juiz. Cabe, então, ser substancial, material, viabilizando a real influência das partes na convicção do magistrado. A assertiva "a" está errada porque não se faz esta ressalva no art. 10, CPC: "O juiz não pode decidir, em grau algum de jurisdição, com base em fundamento a respeito do qual não se tenha dado às partes oportunidade de se manifestar, ainda que se trate de matéria sobre a qual deva decidir de ofício". A assertiva "b" está errada porque a ordem cronológica é apenas preferencial, não obrigatória (art. 12, CPC). A assertiva "c" está errada porque o princípio da boa-fé se aplica a todos que participam de alguma forma no processo (art. 5º, CPC). A assertiva "d" está errada porque o princípio coopertativo propõe um juiz paritário no diálogo e assimétrico apenas no momento de tomar suas decisões.

QUESTÃO 392

(CESPE/2017 - TRE-PE - Analista Judiciário - Área Judiciária) A respeito dos poderes, deveres e responsabilidades do juiz e dos atos processuais, assinale a opção correta à luz do Código de Processo Civil (CPC).

a) Não podem ocorrer durante as férias forenses citações, intimações e penhoras, ainda que haja autorização judicial.

b) Na ausência de preceito legal ou prazo determinado pelo juiz, será de cinco dias úteis o prazo para a prática de ato processual a cargo da parte.

c) O juiz pode dilatar e reduzir os prazos processuais, adequando-os às necessidades do conflito, de modo a conferir maior efetividade à tutela do direito.

d) Pode o magistrado declarar-se suspeito no processo por razões de foro íntimo; contudo, para assim fazer, ele deve externar tais razões.

e) O terceiro que demonstre interesse jurídico poderá requerer ao juiz certidão de inteiro teor da sentença, no caso de processo que tramite sob segredo de justiça.

R: B. Prevê o art. 218, CPC em seu §3º: "Inexistindo preceito legal ou prazo determinado pelo juiz, será de 5 (cinco) dias o prazo para a prática de ato processual a cargo da parte". Quanto à afirmativa "a", diferente do que se afirma, dispõe o art. 212, §2º, do CPC/15, que "independentemente de autorização judicial, as citações, intimações e penhoras poderão realizar-se no período de férias forenses, onde as houver, e nos feriados ou dias úteis fora do horário estabelecido neste artigo, observado o disposto no art. 5º, inciso XI, da Constituição Federal". Quanto à afirmativa "c", a possibilidade de redução de prazos pelo juiz está abarcada pelo art. 139, VI, CPC. Quanto à afirmativa "d", os motivos de foro íntimo não precisam ser externalizados (art. 145, §1º, CPC). Quanto à afirmativa "e", tratando-se de processo que corre em segredo de justiça o terceiro somente poderá requerer certidão do dispositivo da sentença (e não de seu inteiro teor) e, ainda assim, se demonstrar interesse jurídico (art. 189, §§1º e §2º, CPC).

QUESTÃO 393

(CESPE/2017 - TRE-PE - Analista Judiciário - Área Judiciária) João e José, residentes em Recife – PE, foram vítimas de acidente automobilístico provocado por Pedro, maior e capaz, domiciliado em Olinda – PE. As vítimas impetraram ações indenizatórias individuais em 10/3/2016, ambas no juízo de Recife – PE.

Nessa situação hipotética,

a) caso Pedro oponha incidente de exceção de incompetência relativa após a entrada em vigor do novo CPC, o juiz deverá declinar da competência.

b) João e José poderiam optar por ingressar em litisconsórcio ativo e, nesse caso, seriam considerados como litigantes distintos em suas relações com Pedro.

c) se as ações forem distribuídas para juízos distintos, os processos deverão ser reunidos em razão da existência de continência.

d) ambos os processos devem seguir o rito ordinário, porquanto o procedimento sumário foi extinto no novo CPC.

e) a citação de Pedro deve ocorrer por mandado, por meio de oficial de justiça.

R: B. Tratando-se de causas conexas, poderiam demandar juntos, conforme art. 113, II, CPC: "Duas ou mais pessoas podem litigar, no mesmo processo, em conjunto, ativa ou passivamente, quando: [...] II - entre as causas houver conexão pelo pedido ou pela causa de pedir". Neste caso, o art. 117, CPC prevê que "os litisconsortes serão considerados, em suas relações com a parte adversa, como litigantes distintos, exceto no litisconsórcio unitário, caso em que os atos e as omissões de um não prejudicarão os outros, mas os poderão beneficiar".

QUESTÃO 394

(CESPE/2017 - SEDF - Analista de Gestão Educacional - Direito e Legislação) Julgue o item subsequente, relativo à improcedência liminar do pedido e ao cumprimento de sentença.

Compete ao juízo cível processar o cumprimento de sentença penal condenatória e de sentença arbitral que reconheçam a obrigação de pagar quantia. Tais processos sujeitam-se a distribuição e podem ser impugnados pelos executados nos mesmos moldes das sentenças condenatórias provenientes do juízo cível.

R: Certo. O procedimento regido pelos artigos do título se aplica tanto a sentenças condenatórias de quantia originárias de juízo cível quanto de juízo penal ou arbitral, conforme o art. 515, CPC: "São títulos executivos judiciais, **cujo cumprimento dar-se-á de acordo com os artigos previstos neste Título**: [...] I - as decisões proferidas no processo civil que reconheçam a exigibilidade de obrigação de pagar quantia, de fazer, de não fazer ou de entregar coisa; [...] VI - a sentença penal condenatória transitada em julgado; VII - a sentença arbitral; [...]".

QUESTÃO 395

(CESPE/2017 - SEDF - Analista de Gestão Educacional - Direito e Legislação) Julgue o item subsequente, relativo à improcedência liminar do pedido e ao cumprimento de sentença.

Situação hipotética: Órgão colegiado de um Tribunal Regional Federal negou provimento a recurso de apelação e aplicou tese diversa da proferida pelo Superior Tribunal Federal em julgamento de casos repetitivos. Assertiva: Nesse caso, a parte sucumbente poderá valer-se de reclamação constitucional para reformar a decisão proferida pelo Tribunal Regional Federal após o trânsito em julgado desta.

R: Errado. Destaca-se a disciplina selecionada do art. 988, CPC: "Caberá reclamação da parte interessada ou do Ministério Público para: I - preservar a competência do tribunal; II - garantir a autoridade das decisões do tribunal; III – garantir a observância de enunciado de súmula vinculante e de decisão do Supremo Tribunal Federal em controle concentrado de constitucionalidade; IV – **garantir a observância de acórdão proferido em julgamento de incidente de resolução de demandas repetitivas ou de incidente de assunção de competência**; [...] § 5º É inadmissível a reclamação: I – **proposta após o trânsito em julgado da decisão reclamada**; II – proposta para garantir a observância de acórdão de recurso extraordinário com repercussão geral reconhecida ou de acórdão proferido em julgamento de recursos extraordinário ou especial repetitivos, **quando não esgotadas as instâncias ordinárias**".

QUESTÃO 396

(CESPE/2017 - SEDF - Analista de Gestão Educacional - Direito e Legislação) Acerca do Ministério Público e da tutela de urgência, julgue o próximo item.

Concedida e efetivada a tutela provisória de urgência antecipada em caráter antecedente, se o réu não interpuser recurso contra essa decisão, a tutela concedida se estabilizará mesmo que o processo seja extinto sem resolução de mérito. Todavia, essa decisão poderá ser revista, reformada ou invalidada a pedido da parte interessada no prazo de dois anos, contados da ciência da decisão que extinguir o processo.

R: Certo. É preciso observar dois dispositivos do CPC: "Art. 303, §2º Não realizado o aditamento a que se refere o inciso I do § 1o deste artigo, o processo será extinto sem resolução do mérito. Art. 304, caput. A tutela antecipada, concedida nos termos do art. 303, torna-se estável se da decisão que a conceder não for interposto o respectivo recurso". Assim, se a tutela antecipada requerida de forma antecedente é deferida, e o réu não interpõe agravo de instrumento em face da decisão que a deferiu, ocorrerá o fenômeno da estabilização da tutela. De outro lado, caso o autor não adite a petição inicial, ele demonstra ao juiz que não tem interesse no prosseguimento da ação, de modo que o processo será extinto sem resolução de mérito. Mesmo neste caso, os efeitos da tutela estabilizada persistirão (art. 304, §6º, CPC).

QUESTÃO 397

(CESPE/2017 - SEDF - Analista de Gestão Educacional - Direito e Legislação) Acerca do Ministério Público e da tutela de urgência, julgue o próximo item.

Nas relações processuais que envolvam interesse de incapaz, o Ministério Público será intimado para intervir como fiscal da ordem jurídica, caso em que poderá produzir provas e recorrer, bem como terá vista dos autos depois das partes.

R: Certo. Neste sentido, disciplina o CPC: "Art. 178. O Ministério Público será intimado para, no prazo de 30 (trinta) dias, intervir como fiscal da ordem jurídica nas hipóteses previstas em lei ou na Constituição Federal e nos processos que envolvam: [...] II - interesse de incapaz; [...]. Art. 179. Nos casos de intervenção como fiscal da ordem jurídica, o Ministério Público: I - terá vista dos autos depois das partes, sendo intimado de todos os atos do processo; II - poderá produzir provas, requerer as medidas processuais pertinentes e recorrer.

QUESTÃO 398

(CESPE/2017 - SEDF - Analista de Gestão Educacional - Direito e Legislação) Julgue o item subsequente, relativo à improcedência liminar do pedido e ao cumprimento de sentença.

Contra a decisão que julgue liminarmente improcedente o pedido do autor por contrariar acórdão do Superior Tribunal de Justiça em julgamento de recursos repetitivos caberá recurso de agravo de instrumento cujo prazo é de quinze dias.

R: Errado. Na hipótese de improcedência liminar do pedido cabe o recurso de apelação, conforme art. 332, §2º, CPC: "Não interposta a apelação, o réu será intimado do trânsito em julgado da sentença, nos termos do art. 241".

QUESTÃO 399

(CESPE/2017 - SEDF - Analista de Gestão Educacional - Direito e Legislação) Julgue o item subsequente, relativo à improcedência liminar do pedido e ao cumprimento de sentença.

Situação hipotética: Um ente do poder público federal firmou contrato de concessão de serviço de transporte de passageiro interestadual com uma empresa privada em desobediência às regras que exigem concorrência pública. Assertiva: Nesse caso, segundo interpretação do Supremo Tribunal Federal, uma pessoa jurídica de direito privado que atue no ramo e que demonstre ter interesse em explorar tal serviço terá legitimidade ativa para propor ação popular com o fim de obter a declaração de nulidade do referido contrato de concessão.

R: Errado. A legitimidade para propositura de ação popular é exclusiva de cidadão, conforme art. 1º da Lei nº 4.117/1965: "Qualquer cidadão será parte legítima para pleitear a anulação ou a declaração de nulidade de atos lesivos ao patrimônio da União, do Distrito Federal, dos Estados, dos Municípios, de entidades autárquicas, de sociedades de economia mista (Constituição, art. 141, § 38), de sociedades mútuas de seguro nas quais a União represente os segurados ausentes, de empresas públicas, de serviços sociais autônomos, de instituições ou fundações para cuja criação ou custeio o tesouro público haja concorrido ou concorra com mais de cinquenta por cento do patrimônio ou da receita ânua, de empresas incorporadas ao patrimônio da União, do Distrito Federal, dos Estados e dos Municípios, e de quaisquer pessoas jurídicas ou entidades subvencionadas pelos cofres públicos".

QUESTÃO 400

(CESPE/2017 - SEDF - Analista de Gestão Educacional - Direito e Legislação) Julgue o item subsequente, relativo à improcedência liminar do pedido e ao cumprimento de sentença.

Situação hipotética: A defensoria pública ingressou em juízo com uma ação civil pública contra empresa privada que praticava ato lesivo ao meio ambiente e à ordem urbanística de determinado ente federativo. Assertiva: Nesse caso, a defensoria pública poderia requerer a condenação da empresa requerida ao pagamento em dinheiro em função dos danos provocados, e cumular a esse pedido a cessação dos atos lesivos, bem como o cumprimento de recuperação dos danos causados ao meio ambiente e à ordem urbanística.

R: Certo. Nestes termos, o art. 3º da Lei nº 7.347/1985 afirma que a Ação Civil Pública "poderá ter por objeto a condenação em dinheiro ou o cumprimento de obrigação de fazer ou não fazer". Ainda, o informativo 526 nº do STJ trouxe que na hipótese de ação civil pública proposta em razão de dano ambiental, é possível que a sentença condenatória imponha ao responsável, cumulativamente, as obrigações de recompor o meio ambiente degradado e de pagar quantia em dinheiro a título de compensação por dano moral coletivo (STJ, 2ª Turma, REsp 1.328.753-MG, Rel. Min. Herman Benjamin, julgado em 28/5/2013).

QUESTÃO 401

(CESPE/2017 - SEDF - Analista de Gestão Educacional - Direito e Legislação) Julgue o item a seguir, relativo a normas processuais civis, capacidade processual e postulatória e intervenção de terceiros.

Caso o titular do direito lesado ou ameaçado seja uma pessoa incapaz, a legitimidade ativa passa a ser dos seus pais, que poderão agir em conjunto ou isoladamente.

R: Errado. Diferente do que se afirma, o incapaz detém legitimidade ativa. Ele é parte no processo, mas, por não tem capacidade processual. Por isso, deve ir a juízo acompanhado de seu representante legal (art. 71, CPC/15).

QUESTÃO 402

(CESPE/2017 - SEDF - Analista de Gestão Educacional - Direito e Legislação) Julgue o item a seguir, relativo a normas processuais civis, capacidade processual e postulatória e intervenção de terceiros.

O novo Código de Processo Civil que entrou em vigor em março de 2016 não se aplica aos processos que já estavam tramitando na data da sua vigência.

R: Errado. A norma processual tem aplicabilidade imediata, conforme art. 14, CPC: "A norma processual não retroagirá e será aplicável imediatamente aos processos em curso, respeitados os atos processuais praticados e as situações jurídicas consolidadas sob a vigência da norma revogada".

QUESTÃO 403

(CESPE/2017 - SEDF - Analista de Gestão Educacional - Direito e Legislação) Julgue o item a seguir, relativo a normas processuais civis, capacidade processual e postulatória e intervenção de terceiros.

A denunciação da lide constitui uma forma de intervenção de terceiro por meio da qual o réu, quando demandado isoladamente, poderá convocar outro(s) devedor(es) solidário(s) para assumir(em) com ele o ônus da relação processual.

R: Errado. O caso seria de chamamento ao processo (art. 130, CPC). A denunciação da lide se aplica a casos de evicção e regresso: "Art. 125, CPC. É admissível a denunciação da lide, promovida por qualquer das partes: I - ao alienante imediato, no processo relativo à coisa cujo domínio for transferido ao denunciante, a fim de que possa exercer os direitos que da evicção lhe resultam; II - àquele que estiver obrigado, por lei ou pelo contrato, a indenizar, em ação regressiva, o prejuízo de quem for vencido no processo".

QUESTÃO 404

(CESPE/2017 - SEDF - Analista de Gestão Educacional - Direito e Legislação) Julgue o item a seguir, relativo a normas processuais civis, capacidade processual e postulatória e intervenção de terceiros.

Após a juntada da procuração nos autos de uma relação processual, é vedado ao constituinte revogar os poderes conferidos ao seu advogado sem a anuência deste.

R: Errado. É possível a revogação de mandato, conforme art. 111, CPC: "A parte que revogar o mandato outorgado a seu advogado constituirá, no mesmo ato, outro que assuma o patrocínio da causa".

QUESTÃO 405

(CESPE/2016 - PGE-AM - Procurador do Estado) A respeito das normas processuais civis pertinentes a jurisdição e ação, julgue o item seguinte.

Segundo as regras contidas no novo CPC, a legitimidade de parte deixou de ser uma condição da ação e passou a ser analisada como questão prejudicial. Sendo assim, tal legitimidade provoca decisão de mérito.

R: Errado. A condição da legitimidade permanece, conforme art. 17, CPC: "Para postular em juízo é necessário ter interesse e legitimidade".

QUESTÃO 406

(CESPE/2016 - PGE-AM - Procurador do Estado) A respeito das normas processuais civis pertinentes a jurisdição e ação, julgue o item seguinte.

O novo CPC reconhece a competência concorrente da jurisdição internacional para processar ação de inventário de bens situados no Brasil, desde que a decisão seja submetida à homologação do STJ.

R: Errado. Trata-se de hipótese de competência exclusiva, impedindo que qualquer jurisdição estrangeira delibere sobre a matéria, o que inviabiliza a homologação de decisão. Assim prevê o CPC no art. 23: "Compete à autoridade judiciária brasileira, com exclusão de qualquer outra: I - Conhecer de ações relativas a imóveis situados no Brasil; II - em matéria de sucessão hereditária, proceder à confirmação de testamento particular e ao inventário e à partilha de bens situados no Brasil, ainda que o autor da herança seja de nacionalidade estrangeira ou tenha domicílio fora do território nacional".

QUESTÃO 407

(CESPE/2016 - PGE-AM - Procurador do Estado) A respeito das normas processuais civis pertinentes a jurisdição e ação, julgue o item seguinte.

O novo CPC aplica-se aos processos que se encontravam em curso na data de início de sua vigência, assim como aos processos iniciados após sua vigência que se referem a fatos pretéritos.

R: Certo. A norma processual tem aplicabilidade imediata, conforme art. 14, CPC: "A norma processual não retroagirá e será aplicável imediatamente aos processos em curso, respeitados os atos processuais praticados e as situações jurídicas consolidadas sob a vigência da norma revogada".

QUESTÃO 408

(CESPE/2016 - PGE-AM - Procurador do Estado) Em relação a análise de petição inicial e julgamento antecipado parcial de mérito, julgue o seguinte item.

Cabe recurso de apelação contra julgamento antecipado parcial de mérito proferido sobre matéria incontroversa

R: Errado. No caso de julgamento antecipado de mérito cabe agravo de instrumento, conforme artigo 354, parágrafo único, CPC: "A decisão a que se refere o caput pode dizer respeito a apenas PARCELA do processo, caso em que será impugnável por agravo de instrumento".

QUESTÃO 409

(CESPE/2016 - PGE-AM - Procurador do Estado) Em relação a análise de petição inicial e julgamento antecipado parcial de mérito, julgue o seguinte item.

Se, ao analisar a petição inicial, o juiz constatar que o pedido funda-se em questão exclusivamente de direito e contraria entendimento firmado em incidente de resolução de demandas repetitivas, ele deverá, sem ouvir o réu, julgar liminarmente improcedente o pedido do autor.

R: Certo. Trata-se de hipótese expressa no art. 332, III, CPC: "Nas causas que dispensem a fase instrutória, o juiz, independentemente da citação do réu, julgará liminarmente improcedente o pedido que contrariar: [...] III - entendimento firmado em incidente de resolução de demandas repetitivas ou de assunção de competência; [...]".

QUESTÃO 410

(CESPE/2016 - FUNPRESP-JUD - Analista - Direito) Com relação aos poderes, aos deveres e à responsabilidade do juiz, julgue o item seguinte.

O magistrado poderá solicitar o comparecimento da parte caso entenda ser necessário o esclarecimento de fatos narrados na contestação. Nessa situação, a parte será ouvida informalmente.

R: Certo. O juiz tem liberdade de buscar depoimentos informais das partes, conforme previsto no CPC: "Art. 139. O juiz dirigirá o processo conforme as disposições deste Código, incumbindo-lhe: [...] VIII - determinar, a qualquer tempo, o comparecimento pessoal das partes, para inquiri-las sobre os fatos da causa, hipótese em que não incidirá a pena de confesso".

QUESTÃO 411

(CESPE/2016 - FUNPRESP-JUD - Analista - Direito) Com relação aos poderes, aos deveres e à responsabilidade do juiz, julgue o item seguinte.

Ao analisar a especificidade do caso, o juiz da causa poderá conferir prazo de vinte e cinco dias para que o réu apresente sua contestação, mesmo após o encerramento do prazo regular.

R: Errado. Prevê o art. 139, VI, do CPC: "O juiz dirigirá o processo conforme as disposições deste Código, incumbindo-lhe: [...] VI - dilatar os prazos processuais e alterar a ordem de produção dos meios de prova, adequando-os às necessidades do conflito de modo a conferir maior efetividade à tutela do direito". Contudo, essa dilação de prazo, por expressa disposição de lei, somente poderá ocorrer antes de encerrado o prazo regular (art. 139, parágrafo único, CPC).

PROF. GREICE ALINE DA COSTA SARQUIS PINTO.

Bacharel em Direito - Faculdade de Direito da Alta Paulista - FADAP/FAP. Advogada inscrita na OAB/ SP sob nº 298.596. Membro da Comissão do Jovem Advogado na 34ª Subseção de Tupã/SP.

NOÇÕES DE DIREITO PENAL

QUESTÃO 412

(TCE-PE - Auditor de Controle Externo - Auditoria de Contas Públicas - 2017 - CESPE) Julgue o próximo item, referente a crimes de falsidade documental.

A omissão involuntária de despesas de campanha eleitoral quando da prestação de contas afasta a eventual incidência do crime de falsidade ideológica.

( ) Certo **( ) Errado**

QUESTÃO 413

(TRE-BA - Analista Judiciário – Área **Administrativa - 2017 - CESPE)** Marcos estava sendo acusado de roubo. Preocupado com o futuro de Marcos, que havia recentemente sido aprovado em um concurso para a carreira policial, Carlos, pai de Marcos, comunicou à autoridade ser o autor do roubo e assumiu, em juízo, a prática do crime.

Nessa situação hipotética, caso seja descoberta a mentira, Carlos responderá pela prática do crime de

(A) falso testemunho.
(B) fraude processual.
(C) autoacusação falsa.
(D) denunciação caluniosa.
(E) comunicação falsa de crime.

QUESTÃO 414

(TRE-BA - Analista Judiciário – Área **Administrativa - 2017 - CESPE)** Considera-se inimputável aquele que comete crime

(A) antes de completar dezoito anos de idade.
(B) em estado de embriaguez preordenada
(C) agindo em legítima defesa, o que o isenta de pena.
(D) sem ser inteiramente capaz de entender o caráter ilícito de sua conduta, o que o isenta de pena.
(E) sob forte emoção ou paixão.

QUESTÃO 415

(TRE-BA - Analista Judiciário – Área **Administrativa - 2017 - CESPE)** A respeito de penas, julgue os itens a seguir.

I O trabalho externo é admissível no regime fechado.

II Em se tratando de reincidentes em crimes dolosos, as penas restritivas de direitos não podem ser autônomas.

III São penas restritivas de direitos: interdição temporária de direitos e pagamento de multa.

IV A limitação de final de semana é uma das penas restritivas de direitos e consiste em permanecer em casa de albergado por cinco horas aos finais de semana.

Estão certos apenas os itens

(A) I e III.
(B) I e IV.
(C) II e III.
(D) II e IV.
(E) III e IV.

QUESTÃO 416

(TRE-BA - Analista Judiciário – Área **Judiciária – Ano - CESPE)** Depois de finalizado o devido processo legal, um indivíduo foi condenado à pena concreta mínima de um ano de reclusão e de dez dias-multa por ter praticado crime de estelionato.

De acordo com o Código Penal e com o entendimento dos tribunais superiores, nesse caso é permitido ao juiz, na sentença condenatória,

(A) converter a pena de reclusão aplicada em duas penas restritivas de direitos, sendo uma de prestação de serviços comunitários e outra de prestação pecuniária.
(B) estabelecer prestação de serviços comunitários como condição do regime aberto.
(C) aplicar o regime aberto, ainda que o condenado seja reincidente.
(D) estabelecer regime mais severo que o permitido em lei, ainda que a pena base tenha se mantido no mínimo legal.
(E) converter a pena de reclusão aplicada em uma pena de multa.

QUESTÃO 417

(TRE-BA - Analista Judiciário – Área **Administrativa - 2017 - CESPE)** A pedido de Ronaldo, um amigo portador de doença congênita cardiovascular, a médica Joana emitiu atestado médico afirmando que ele estava apto a praticar, sem prejuízos para sua saúde, esportes como a corrida. Ronaldo, então, utilizou o atestado como instrumento de prova para um concurso público para a polícia civil. Uma semana depois de assumir o cargo, Ronaldo passou mal, e o atestado foi colocado à prova, tendo passado a ser objeto de investigação criminal. O perito escalado para contestar ou reafirmar o atestado concedido pela médica protegeu a colega de profissão e atestou que o problema cardíaco de Ronaldo, embora congênito, pode ser de difícil diagnóstico, o que justificaria suposta falha de Joana. Ronaldo, entretanto, em sede de inquérito, confessou que havia pedido o atestado à médica. O perito voltou atrás e retratou-se, tendo afirmado que seria impossível a médica não ter verificado a doença.

A respeito das condutas de Ronaldo, de Joana e do perito, assinale a opção correta.

(A) Ronaldo não cometeu crime, configurando arrependimento eficaz o fato de ele ter confessado em sede de inquérito.
(B) A conduta de Joana configura crime contra a administração pública.
(C) O perito não cometeu crime, cabendo-lhe apenas punição administrativa.
(D) Joana cometeu crime de certidão ou atestado ideologicamente falso.
(E) A conduta de Joana configura crime de falsidade de atestado médico.

QUESTÃO 418

(SERES-PE - Agente de Segurança Penitenciária – 2017 - CESPE) De acordo com a Lei n.º 9.296/1996, a interceptação de comunicações telefônicas como meio de prova em investigação criminal deve ser

(A) admitida em inquéritos instaurados para a apuração de crimes punidos com pena de detenção ou reclusão.

(B) deferida de ofício por autoridade policial, independentemente de autorização judicial.

(C) deferida por autoridade judicial e conduzida por autoridade policial, que deverá dar ciência ao Ministério Público, para que este acompanhe as diligências.

(D) registrada nos próprios autos do inquérito, resguardando-se sigilo quanto aos investigados.

(E) executada por técnicos especializados das concessionárias de serviço público de telefonia, conforme determinar a autoridade policial.

QUESTÃO 419

(MPE-RR - Promotor de Justiça Substituto – 2017 – CESPE) Tendo em vista que a violência doméstica contra a mulher ainda é um problema social grave no Brasil, apesar da sua redução com o advento da Lei Maria da Penha, assinale a opção correta com relação aos crimes advindos da prática de violência contra a mulher no âmbito doméstico e familiar.

(A) O feminicídio, homicídio praticado contra a mulher em razão do seu sexo, consiste na violência doméstica e familiar ou no menosprezo ou discriminação à condição de mulher, com hipóteses de aumento de pena por circunstâncias fáticas específicas.

(B) O processamento de crimes praticados em situação de violência doméstica se dá por meio de ação penal de iniciativa pública incondicionada, segundo entendimento do STF.

(C) O crime de estupro é processado por meio de ação penal de iniciativa pública condicionada à representação, da qual a vítima pode retratar-se mesmo após o oferecimento da denúncia.

(D) Os crimes de violência doméstica e familiar contra a mulher estão taxativamente elencados na Lei Maria da Penha.

QUESTÃO 420

(MPE-RR - Promotor de Justiça Substituto – 2017 - CESPE) No direito penal, o princípio da

(A) fragmentariedade informa que o direito penal é autônomo e cuida das condutas tidas por ilícitas penalmente, sendo aplicável a lei penal independentemente da solução do problema por outros ramos do direito.

(B) irretroatividade da lei se aplica absolutamente.

(C) insignificância, segundo o entendimento do STF, pressupõe apenas três requisitos para a sua configuração: mínima ofensividade da conduta do agente, nenhuma periculosidade social e reduzidíssimo grau de reprovabilidade do comportamento.

(D) proporcionalidade fundamenta a declaração de inconstitucionalidade de parte do art. 44 da Lei Antidrogas, que veda a concessão de liberdade provisória em crimes relacionados às drogas.

QUESTÃO 421

(MPE-RR - Promotor de Justiça Substituto – 2017 - CESPE) De acordo com o entendimento do STF a respeito de assuntos afetos ao direito penal, assinale a opção correta.

(A) No latrocínio — roubo seguido de morte —, responderá apenas pelo roubo o autor que não estiver fisicamente no ambiente em que ocorrer a morte, por não provocá-la diretamente e por sua participação ser considerada de menor importância.

(B) É hediondo o tráfico privilegiado de drogas, ainda que sujeito à redução de pena, conforme disposições da Lei Antidrogas, razão por que seu autor tem de atender a requisitos mais severos para o livramento condicional, não lhe sendo permitida a progressão de regime.

(C) O inadimplemento da pena de multa imposta ao sentenciado impede a sua progressão de regime, salvo se ele comprovar absoluta impossibilidade econômica.

(D) À prática clandestina de atividade de telecomunicação consistente em manutenção de rádio comunitária não se aplica o princípio da insignificância, independentemente do grau de interferência do sinal e mesmo que presente a boa-fé do infrator.

QUESTÃO 422

(MPE-RR - Promotor de Justiça Substituto – 2017 - CESPE) Assinale a opção correta a respeito da dosimetria da pena segundo o entendimento do STJ.

(A) É possível a aplicação de pena inferior à mínima na segunda fase da dosimetria da pena.

(B) Apenas à confissão qualificada se impõe a incidência de atenuante na segunda fase da dosimetria da pena.

(C) Natureza e quantidade de droga não podem ser utilizadas, concomitantemente, na primeira e na terceira fase da dosimetria da pena, sob pena de bis in idem.

(D) Não se admite compensação da atenuante da confissão espontânea com a agravante da reincidência.

QUESTÃO 423

(MPE-RR - Promotor de Justiça Substituto – 2017 - CESPE) João, prestador de serviços, trabalha como MEI na forma da Lei Complementar n.º 123/2006 (SIMPLES Nacional). Nessa qualidade, com o propósito de recolher menos tributo, ele informou à RFB ter recebido, no exercício de 2016, a receita bruta de R$ 50.000, mas a RFB constatou que sua receita bruta real nesse exercício havia sido de R$ 120.000. Ante a existência de provas suficientes desses fatos, a conduta de João foi tipificada como dolosa.

A respeito dessa situação hipotética, assinale a opção correta com base na Lei n.º 8.137/1990, que dispõe sobre crimes contra a ordem tributária.

(A) A conduta de João poderá ser tipificada como crime contra a ordem tributária somente após o lançamento definitivo do tributo em exame.

(B) Sabe-se que a falsa declaração de dados de interesse tributário é crime formal cuja tipificação independe do lançamento tributário. Nesse caso, somente se João tivesse retificado as informações antes do início da diligência fiscal o crime seria afastado.

NOVA CONCURSOS

(C) Eventual exclusão de João do SIMPLES Nacional somente produziria efeitos tributários no exercício seguinte, ou seja, em 2017. Não tendo havido redução do tributo devido, não se pode falar em crime contra a ordem tributária.

(D) Sabe-se que o MEI enquadrado no SIMPLES Nacional paga o seu tributo em valores fixos mensais, independentemente da receita bruta por ele auferida no mês. Por isso, se João tivesse efetuado a retificação das informações após o lançamento definitivo do tributo, não haveria crime tributário.

QUESTÃO 424

(Prefeitura de Belo Horizonte – MG - Procurador Municipal - 2017 - CESPE) Com relação aos crimes em espécie previstos no CP, assinale a opção correta, considerando o entendimento jurisprudencial do STJ.

(A) O indivíduo que, ao ser preso em flagrante, informa nome falso com o objetivo de esconder seus maus antecedentes pratica o crime de falsa identidade, não sendo cabível a alegação do direito à autodefesa e à não autoincriminação.

(B) Para a configuração do crime de descaminho, é necessária a constituição definitiva do crédito tributário por processo administrativo-fiscal.

(C) Em se tratando de crime de concussão, a situação de flagrante se configura com a entrega da vantagem indevida.

(D) O crime de sonegação fiscal não absorve o crime de falsidade ideológica, mesmo que seja praticado unicamente para assegurar a evasão fiscal.

QUESTÃO 425

(TRE-PE - Analista Judiciário - Área **Judiciária - 2017 - CESPE)** De acordo com os principais teóricos do direito penal, a teoria da imputação objetiva se refere especificamente à

(A) culpabilidade.
(B) antijuridicidade.
(C) tipicidade material.
(D) relação de causalidade.
(E) punibilidade.

QUESTÃO 426

(TRE-PE - Analista Judiciário - Área **Judiciária - 2017 - CESPE)** Um dos elementos da culpabilidade, a imputabilidade será excluída no caso de o agente atuar sob o estado de embriaguez completa

(A) intencional.
(B) fortuita.
(C) culposa.
(D) preordenada.
(E) voluntária.

QUESTÃO 427

(TRE-PE - Analista Judiciário - Área **Judiciária - 2017 - CESPE)** Acerca do crime de assunção de obrigação no último ano do mandato ou legislatura, assinale a opção correta.

(A) Tal crime classifica-se como crime de mão própria, exigindo-se, para sua tipificação, atuação pessoal e direta do agente, razão pela qual não se admite coautoria ou participação.

(B) É típica a conduta do agente que autoriza a assunção de obrigação nos dois últimos quadrimestres do último ano do mandato caso reste parcela a ser paga no exercício seguinte, ainda que haja contrapartida suficiente de disponibilidade de caixa.

(C) O sujeito ativo desse crime é o funcionário público competente para ordenar ou autorizar a assunção de obrigação, podendo ser inclusive diretor de fundos, autarquias, fundações e empresas estatais dependentes.

(D) O tipo penal em questão prevê as modalidades dolosa e culposa, podendo o comportamento do agente ser comissivo, omissivo próprio ou impróprio.

(E) Por se tratar de crime de menor potencial ofensivo, admite-se a transação penal, mas, como a conduta do agente ofende a moralidade e a probidade administrativa, há vedação expressa à concessão de suspensão condicional da pena.

QUESTÃO 428

(TRE-PE - Analista Judiciário - Área **Judiciária - 2017 - CESPE)** O prazo prescricional da pretensão punitiva

(A) será calculado sobre o total da pena aplicada a todos os crimes praticados após a incidência do acréscimo, se se tratar de concurso formal imperfeito.

(B) será calculado sobre o total correspondente à soma das penas de todos os crimes praticados, se se tratar de crime continuado.

(C) será calculado sobre o total correspondente à soma de todas as penas dos crimes praticados, se se tratar de concurso material.

(D) será calculado isoladamente em cada crime praticado, desconsiderando-se o acréscimo decorrente do concurso, se se tratar de concurso formal perfeito.

(E) será calculado isoladamente em cada um dos crimes praticados, computando-se o acréscimo decorrente da continuidade, se se tratar de crime continuado.

QUESTÃO 429

(PC-GO - Delegado de Polícia Substituto – 2017 - CESPE) Assinale a opção correta, acerca de extinção da punibilidade

(A) Uma lei de anistia pode ser revogada por lei posterior, diante de mudança de opinião do Congresso Nacional a respeito da extinção de punibilidade concedida.

(B) Graça e indulto somente podem ser concedidos pelo presidente da República, uma vez que tais prerrogativas são insuscetíveis de delegação.

(C) A punibilidade de qualquer crime pode ser extinta por meio de graça e indulto.

(D) O instituto da prescrição atinge a pretensão de punir ou de executar a pena.

(E) A anistia ou abolitio criminis é causa extintiva de punibilidade discutida no âmbito do Poder Legislativo.

QUESTÃO 430

(PC-GO - Delegado de Polícia Substituto – 2017 - CESPE) À luz do posicionamento jurisprudencial e doutrinário dominantes acerca das disposições da Lei n.º 11.340/2006 (Lei Maria da Penha), assinale a opção correta.

(A) Caracteriza o crime de desobediência o reiterado descumprimento, pelo agressor, de medida protetiva decretada no âmbito das disposições da Lei Maria da Penha.

(B) Em se tratando dos crimes de lesão corporal leve e ameaça, pode o Ministério Público dar início a ação penal sem necessidade de representação da vítima de violência doméstica.

(C) No caso de condenação à pena de detenção em regime aberto pela prática do crime de ameaça no âmbito doméstico e familiar, é possível a substituição da pena pelo pagamento isolado de multa.

(D) No âmbito de aplicação da referida lei, as medidas protetivas de urgência poderão ser concedidas independentemente de audiência das partes e de manifestação do Ministério Público, o qual deverá ser prontamente comunicado.

(E) Afasta-se a incidência da Lei Maria da Penha na violência havida em relações homoafetivas se o sujeito ativo é uma mulher.

QUESTÃO 431

(PC-GO - Delegado de Polícia Substituto – 2017 - CESPE) Em relação às disposições expressas nas legislações referentes aos crimes de trânsito, contra o meio ambiente e de lavagem de dinheiro, assinale a opção correta.

(A) Em relação aos delitos ambientais, constitui crime omissivo impróprio a conduta de terceiro que, conhecedor da conduta delituosa de outrem, se abstém de impedir a sua prática.

(B) Para a caracterização do delito de lavagem de dinheiro, a legislação de regência prevê um rol taxativo de crimes antecedentes, geradores de ativos de origem ilícita, sem os quais o crime não subsiste.

(C) A colaboração premiada de que trata a Lei de Lavagem de Dinheiro poderá operar a qualquer momento da persecução penal, até mesmo após o trânsito em julgado da sentença.

(D) É vedada a imposição de multa por infração administrativa ambiental cominada com multa a título de sanção penal pelo mesmo fato motivador, por violação ao princípio do non bis in idem.

(E) A prática de homicídio culposo descrita no Código de Trânsito enseja a aplicação da penalidade de suspensão da permissão para dirigir, pelo órgão administrativo competente, mesmo antes do trânsito em julgado de eventual condenação.

QUESTÃO 432

(PC-GO - Delegado de Polícia Substituto – 2017 - CESPE) Vantuir e Lúcio cometeram, em momentos distintos e sem associação, crimes previstos na Lei de Drogas (Lei n.º 11.343/2006). No momento da ação, Vantuir, em razão de dependência química e de estar sob influência de entorpecentes, era inteiramente incapaz de entender o caráter ilícito do fato. Lúcio, ao agir, estava sob efeito de droga, proveniente de caso fortuito, sendo também incapaz de entender o caráter ilícito do fato.

Nessas situações hipotéticas, qualquer que tenha sido a infração penal praticada,

(A) Vantuir terá direito à redução de pena de um a dois terços e Lúcio será isento de pena.

(B) somente Vantuir será isento de pena.

(C) Lúcio e Vantuir serão isentos de pena.

(D) somente Lúcio terá direito à redução de pena de um a dois terços.

(E) Lúcio e Vantuir terão direito à redução de pena de um a dois terços.

QUESTÃO 433

(PC-GO - Delegado de Polícia Substituto – 2017 - CESPE) Júlio, durante discussão familiar com sua mulher no local onde ambos residem, sem justo motivo, agrediu-a, causando-lhe lesão corporal leve.

Nessa situação hipotética, conforme a Lei n.º 11.340/2006 e o entendimento do STJ,

(A) a ofendida poderá renunciar à representação, desde que o faça perante o juiz.

(B) a ação penal proposta pelo Ministério Público será pública incondicionada.

(C) a autoridade policial, independentemente de haver necessidade, deverá acompanhar a vítima para assegurar a retirada de seus pertences do domicílio familiar.

(D) Júlio poderá ser beneficiado com a suspensão condicional do processo, se presentes todos os requisitos que autorizam o referido ato.

(E) Júlio poderá receber proposta de transação penal do Ministério Público, se houver anuência da vítima

QUESTÃO 434

(PC-GO - Delegado de Polícia Substituto – 2017 - CESPE) Considere os seguintes atos, praticados com o objetivo de suprimir tributo:

1) Marcelo prestou declaração falsa às autoridades fazendárias;

2) Hélio negou-se a emitir, quando isso era obrigatório, nota fiscal relativa a venda de determinada mercadoria;

3) Joel deixou de fornecer nota fiscal relativa a prestação de serviço efetivamente realizado.

Nessas situações, conforme a Lei n.º 8.137/1990 e o entendimento do STF, para que o ato praticado tipifique crime material contra a ordem tributária, será necessário o prévio lançamento definitivo do tributo em relação a

(A) Hélio e Joel.

(B) Marcelo apenas.

(C) Hélio apenas.

(D) Joel apenas.

(E) Hélio, Marcelo e Joel.

QUESTÃO 435

(PC-GO - Delegado de Polícia Substituto – 2017 - CESPE) Com base no disposto na Lei n.º 11.101/2005 e no Decreto-Lei n.º 201/1967, assinale a opção correta.

(A) O princípio da bagatela aplica-se aos crimes de responsabilidade praticados por prefeitos no exercício do mandato.

(B) A Lei n.º 11.101/2005 aplica-se às sociedades de economia mista detentoras de capital público e privado.

(C) Findo o mandato de prefeito, veda-se a instauração de processo criminal com base em conduta tipificada no Decreto-Lei n.º 201/1967, sendo incabível o oferecimento de denúncia.

(D) Em se tratando de recuperação judicial, extrajudicial e falência do empresário e da sociedade empresária, aplicam-se as normas do Código de Processo Penal, inexistindo fase de investigação judicial.

(E) Os vereadores, assim como os prefeitos municipais, respondem como autores ou sujeitos ativos das condutas penais definidas no Decreto-Lei n.º 201/1967.

NOVA CONCURSOS

QUESTÃO 436

(PC-GO - Delegado de Polícia Substituto – 2017 - CESPE) À luz do disposto no Estatuto do Índio (Lei n.º 6.001/1973), na Lei de Parcelamento do Solo Urbano (Lei n.º 6.766/1979), na Lei de Definição de Crimes Contra a Ordem Econômica (Lei n.º 8.176/1991) e na legislação que trata da investigação criminal conduzida pelo delegado de polícia, assinale a opção correta.

(A) A distribuição de panfletos anunciando a criação de loteamento irregular com finalidade residencial e urbana caracteriza ato preparatório do crime de parcelamento ilegal, porquanto o tipo penal não prevê a figura tentada do delito.

(B) O delegado de polícia, nos termos da legislação que disciplina a sua atividade, pode indeferir diligências requeridas pelo indiciado, pela vítima ou pelo Ministério Público.

(C) Considera-se índio ou silvícola, para efeitos do Estatuto do Índio, todo indivíduo de origem e ascendência sul-americana que se identifica como pertencente a um grupo étnico cujas características culturais o distinguem da sociedade nacional.

(D) Não caracteriza crime tipificado na Lei Federal n.º 6.766/1979 o parcelamento irregular realizado em zona rural, dada a previsão da finalidade urbana do imóvel na lei de regência.

(E) Constitui crime contra a ordem econômica na modalidade de usurpação a exploração de lavra, sem autorização ou em desacordo com as obrigações impostas pelo título autorizativo, de matéria-prima pertencente à União.

QUESTÃO 437

(PC-GO - Delegado de Polícia Substituto – 2017 - CESPE) Durante a instrução de determinado processo judicial, foi comprovada falsificação da escrituração em um dos livros comerciais de uma sociedade limitada, em decorrência da criação do chamado "caixa dois". A sentença proferida condenou pelo crime apenas o sócio com poderes de gerência.

A respeito dessa situação hipotética, assinale a opção correta.

(A) A conduta praticada pelo sócio constitui crime falimentar.

(B) Na situação, configura-se crime de falsificação de documento público.

(C) Sendo o diário e o livro de registro de atas de assembleia livros obrigatórios da sociedade citada, a referida falsificação pode ter ocorrido em qualquer um deles.

(D) Em decorrência da condenação criminal, o sócio-gerente deverá ser excluído definitivamente da sociedade.

(E) O nome do condenado não pode ser excluído da firma social, que deve conter o nome de todos os sócios, seguido da palavra "limitada".

QUESTÃO 438

(PC-GO - Delegado de Polícia Substituto – 2017 - CESPE) Com base no disposto no ECA, assinale a opção correta.

(A) Cabe à autoridade judiciária ou policial competente a aplicação das medidas específicas de proteção relacionadas no ECA, mediante prévia notificação do conselho tutelar.

(B) É cabível a aplicação de medida socioeducativa de internação ao penalmente imputável com idade entre dezoito e vinte e um anos e que era menor à época da prática do ato infracional.

(C) Não há prazo mínimo para o cumprimento da liberdade assistida fixada pelo ECA, sendo o limite fixado de acordo com a gravidade do ato infracional e as circunstâncias de vida do adolescente.

(D) O crime de corrupção de menores se consuma quando o infrator pratica infração penal com o menor ou o induz a praticá-la, sendo imprescindível, para sua configuração, a prova da efetiva corrupção do menor.

(E) O ECA prevê expressamente os prazos de prescrição das medidas socioeducativas.

QUESTÃO 439

(PC-GO - Conhecimentos Básicos – 2016 - CESPE) Com base na Lei n.º 8.069/1990, assinale a opção que apresenta medida passível de aplicação por autoridade competente tanto a criança quanto a adolescente que cometa ato infracional.

(A) prestação de serviços à comunidade
(B) internação em estabelecimento educacional
(C) requisição de tratamento psicológico
(D) inserção em regime de semiliberdade
(E) liberdade assistida

QUESTÃO 440

(PC-GO - Conhecimentos Básicos – 2016 - CESPE) Caso uma pessoa seja ré em processo criminal por supostamente ter cometido homicídio qualificado, eventual interceptação de suas comunicações telefônicas

(A) dependerá de ordem do juiz competente, sob segredo de justiça.

(B) poderá ser admitida por meio de parecer favorável de representante do MP.

(C) não poderá exceder o prazo improrrogável de quinze dias, se concedida pelo juiz.

(D) poderá ser admitida, ainda que a prova possa ser feita por outros meios.

(E) deverá ser negada, se for requerida verbalmente ao juiz competente.

QUESTÃO 441

(PC-GO - Conhecimentos Básicos – 2016 - CESPE) De acordo com a Lei n.º 10.741/2003, a retenção, sem justo motivo, de cartão magnético de conta bancária relativa a benefícios de pessoa idosa é considerada

(A) crime de ação penal pública incondicionada.
(B) infração administrativa.
(C) crime punível com reclusão, seja a conduta culposa, seja ela dolosa.
(D) fato atípico, pois constitui conduta que não pode ser considerada crime.
(E) contravenção penal.

QUESTÃO 442

(PC-GO - Conhecimentos Básicos – 2016 - CESPE) De acordo com a Lei n.º 7.492/1986, o indivíduo que gerir fraudulentamente determinada instituição financeira

(A) não poderá ser vítima da decretação de prisão preventiva no curso do processo.

(B) cometerá crime cuja ação penal será promovida pelo MPF.

(C) terá sua pena aumentada de um terço, se a gestão tiver sido temerária.

(D) responderá por crime, ainda que tenha agido culposamente.

(E) cometerá crime que deverá ser processado e julgado pela justiça estadual.

QUESTÃO 443

(PC-GO - Conhecimentos Básicos – 2016 - CESPE) Com base na Lei n.º 7.492/1986, a tipificação dos crimes contra o Sistema Financeiro Nacional

(A) inadmite confissão espontânea perante autoridade policial.

(B) inadmite coautoria.

(C) inadmite partícipe.

(D) admite coautoria ou participação, e, se ocorrer confissão espontânea que revele toda a trama delituosa, a pena será reduzida de um a dois terços.

(E) admite coautoria ou participação, e, se ocorrer confissão espontânea que revele toda a trama delituosa, será concedido o perdão judicial da pena.

QUESTÃO 444

(PC-GO - Conhecimentos Básicos – 2016 - CESPE) De acordo com a Lei n.º 7.210/1984 — LEP —, a prestação de trabalho

(A) decorrente de pena restritiva de direito deve ser remunerada.

(B) em ambiente externo tem de ser autorizada pelo juiz da execução penal e depende de critérios como aptidão, disciplina e responsabilidade.

(C) a entidade privada depende do consentimento expresso do preso, que terá sua autorização de trabalho revogada se for punido por falta grave.

(D) é obrigatória tanto para o preso provisório quanto para o definitivo.

(E) externo é proibida ao preso provisório e ao condenado que cumpre pena em regime fechado.

QUESTÃO 445

(PC-GO - Conhecimentos Básicos – 2016 - CESPE) José subverteu a disciplina interna do estabelecimento prisional por ter praticado ato previsto como crime.

Nessa situação hipotética, de acordo com o que prevê a LEP relativamente ao RDD,

(A) o RDD poderá ser aplicado a José pelo diretor do estabelecimento prisional, que, na decisão, deverá considerar o comportamento de José e os motivos de sua prisão.

(B) a submissão de José ao RDD ocorrerá se o crime praticado por ele for tipificado na modalidade dolosa ou culposa, que cause dano ao patrimônio ou à integridade física de outrem.

(C) para que José seja submetido ao RDD, o crime por ele cometido deve ser doloso e ter sido praticado com violência ou grave ameaça a pessoa, hipótese que configura falta grave.

(D) não será admitida a aplicação do RDD a José se ele for um preso provisório, uma vez que a LEP prevê ser requisito para esse regime o trânsito em julgado da sentença penal condenatória.

(E) se for submetido ao RDD, José ficará recolhido em cela individual, terá direito a visitas semanais e poderá sair da cela diariamente para banho de sol.

QUESTÃO 446

(PC-GO - Conhecimentos Básicos – 2016 - CESPE) De acordo com a LEP, se um preso for comunicado sobre o falecimento de uma irmã dele,

(A) o juiz da execução poderá autorizar a saída temporária do preso para comparecimento ao enterro, desde que ele apresente bom comportamento no estabelecimento prisional.

(B) ele não terá direito à saída do estabelecimento prisional, devido ao fato de não haver previsão de concessão desse benefício em caso de falecimento de irmão.

(C) o diretor do estabelecimento prisional poderá conceder a permissão de saída ao preso, independentemente de ele ser preso provisório ou de estar cumprindo pena em regime fechado.

(D) o diretor do estabelecimento deverá comunicar o falecimento ao juiz da execução, que poderá conceder a permissão de saída para o preso, ficando este sujeito à monitoração eletrônica caso esteja cumprindo pena em regime semiaberto ou aberto.

(E) o diretor do estabelecimento poderá autorizar a saída temporária do preso, que, mediante escolta, poderá permanecer fora do estabelecimento prisional pelo tempo que for necessário para cumprir a finalidade da saída.

QUESTÃO 447

(PC-GO - Conhecimentos Básicos – 2016 - CESPE) De acordo com a LEP, se determinado preso provisório cometer crime doloso após o encarceramento, ele estará sujeito ao regime disciplinar diferenciado, sem prejuízo da sanção penal,

(A) mediante decisão da autoridade administrativa competente, independentemente da manifestação do juiz competente.

(B) por decisão da autoridade administrativa competente, precedida da manifestação do MP e da defesa.

(C) caso o novo ato cometido, previsto como crime doloso, seja punível com reclusão.

(D) que poderá limitar o número de pessoas e a duração das visitas semanais.

(E) depois de transitar em julgado eventual decisão condenatória do crime que motivou a sua prisão, pois, como preso provisório, ele não pode ser sujeito ao referido regime.

QUESTÃO 448

(PC-GO - Conhecimentos Básicos – 2016 - CESPE) • Vera destruiu grande quantidade de matéria-prima com o fim de provocar alta de preço em proveito próprio.

• Túlio formou acordo entre ofertantes, visando controlar rede de distribuição, em detrimento da concorrência.

• Lucas reduziu o montante do tributo devido por meio de falsificação de nota fiscal.

De acordo com a Lei n.º 8.137/1990, que regula os crimes contra a ordem tributária e econômica e contra as relações de consumo, nas situações hipotéticas apresentadas, somente

(A) Vera cometeu crime contra a ordem econômica.

(B) Lucas cometeu crime contra as relações de consumo.

(C) Vera e Túlio cometeram crime contra a ordem tributária.

(D) Vera e Lucas cometeram crime contra as relações de consumo.

(E) Túlio cometeu crime contra a ordem econômica.

NOVA CONCURSOS

QUESTÃO 449

(PC-GO - Agente de Polícia Substituto – 2016 – CESPE) A respeito da aplicação da lei penal e dos elementos e das causas de exclusão de culpabilidade, assinale a opção correta.

(A) O princípio da legalidade pode ser desdobrado em três: princípio da reserva legal, princípio da taxatividade e princípio da retroatividade como regra, a fim de garantir justiça na aplicação de qualquer norma.

(B) São excludentes de culpabilidade: inimputabilidade, coação física irresistível e obediência hierárquica de ordem não manifestamente ilegal.

(C) Se ordem não manifestamente ilegal for cumprida por subordinado e resultar em crime, apenas o superior responderá como autor mediato, ficando o subordinado isento por inexigibilidade de conduta diversa.

(D) Emoção e paixão são causas excludentes de culpabilidade.

(E) Em razão do princípio da legalidade, a analogia não pode ser usada em matéria penal.

QUESTÃO 450

(PC-GO - Escrivão de Polícia Substituto - 2016 - CESPE) Com referência à tipificação das diversas modalidades de crimes e ao processamento desses crimes, assinale a opção correta.

(A) Configura-se o peculato na modalidade de desvio quando o servidor público, consciente e voluntariamente, desvia, em proveito próprio ou de terceiro, verba que detém em razão do cargo que ocupa na sua repartição.

(B) Não constitui causa especial de aumento de pena a prática de lesões corporais contra cônjuge ou companheiro(a) de policial civil ou militar em razão dessa condição.

(C) O assassinato da esposa ou companheira será classificado como feminicídio apenas quando for praticado no ambiente doméstico e familiar, sujeitando o infrator à pena de doze a trinta anos de reclusão.

(D) Consoante a jurisprudência do Supremo Tribunal Federal, reputa-se tentado o latrocínio quando há a morte da vítima, mas o agente não logra obter a subtração da res furtiva pretendida por circunstâncias alheias à sua vontade.

(E) O crime de estupro de vulnerável constitui ação penal pública condicionada à representação da pessoa ofendida, que deve estar assistida pelo seu representante legal.

QUESTÃO 451

(PC-GO - Escrivão de Polícia Substituto - 2016 - CESPE) No curso de IP, o delegado de polícia representou à autoridade judicial para que lhe fosse autorizada a infiltração de agentes de polícia em tarefas de investigação.

Nessa situação, com base na Lei n.º 12.850/2013, que dispõe sobre crime organizado,

(A) a infiltração poderá ser admitida, ainda que a prova possa ser produzida por outros meios disponíveis.

(B) para que o juiz competente decida, será desnecessário ouvir o MP.

(C) se a infiltração for autorizada, o MP poderá requisitar, a qualquer tempo, relatório de infiltração.

(D) a infiltração poderá ser autorizada pelo prazo improrrogável de seis meses.

(E) se a infiltração for autorizada, ao agente de polícia será vedado a recusa da atuação infiltrada.

QUESTÃO 452

(TCE-PR - Analista de Controle – Jurídica – 2016 - CESPE) À luz da jurisprudência do STJ, assinale a opção correta, no que se refere aos crimes contra administração pública.

(A) O crime de corrupção ativa se consuma com a realização da promessa ou apenas com a oferta de vantagem indevida.

(B) O crime de concussão se consuma com o recebimento das vantagens exigidas indevidamente, sendo mero exaurimento a utilização de tais vantagens.

(C) O funcionário público que se utiliza de violência ou grave ameaça para obter vantagem indevida em razão de sua função comete o crime de concussão.

(D) Em razão da incidência do princípio da bilateralidade nos crimes de corrupção passiva e ativa, a comprovação de um deles pressupõe a do outro.

(E) Para a configuração do crime de corrupção passiva, é prescindível a existência de nexo de causalidade entre a conduta do funcionário público e a realização de ato funcional de sua competência.

QUESTÃO 453

(TCE-PA - Auditor de Controle Externo - Área **Fiscalização – Direito - 2016 - CESPE)** Cada item a seguir apresenta uma situação hipotética seguida de uma assertiva a ser julgada de acordo com o Código Penal, com a legislação penal extravagante e com a jurisprudência do STJ.

João, policial civil, exigiu vantagem indevida de particular para não prendê-lo em flagrante. A vítima não realizou o pagamento e prontamente comunicou o fato a policiais civis. Nessa situação, como o delito de concussão é formal, o crime consumou-se com a exigência da vantagem indevida, devendo João por ele responder.

( ) Certo **( ) Errado**

QUESTÃO 454

(TCE-PA - Auditor de Controle Externo - Área **Fiscalização – Direito - 2016 - CESPE)** Cada item a seguir apresenta uma situação hipotética seguida de uma assertiva a ser julgada de acordo com o Código Penal, com a legislação penal extravagante e com a jurisprudência do STJ.

Durante fiscalização em sociedade de economia mista, policiais federais que acompanhavam a operação perceberam que um dos empregados daquela sociedade portava ilegalmente arma de fogo de uso permitido. Na delegacia de polícia, embora tenha verificado que se tratava de hipótese de arbitramento de fiança e que o flagrado se dispunha a recolhê-la, a autoridade policial preferiu não arbitrar a fiança, e remeteu o auto de prisão em flagrante delito para o juiz de direito competente. Nessa situação, a autoridade policial cometeu abuso de autoridade.

( ) Certo **( ) Errado**

QUESTÃO 455

(TCE-PA - Auditor de Controle Externo - Área **Fiscalização – Direito - 2016 - CESPE)** Julgue o próximo item, de acordo com a jurisprudência e a legislação brasileira em vigor.

A conduta de atribuir-se falsa identidade perante autoridade policial é típica, ainda que em situação de alegada autodefesa.

( ) Certo **( ) Errado**

QUESTÃO 456

(PC-PE - Delegado de Polícia - Ano: 2016Banca: CESPE) Da sentença penal se extraem diversas consequências jurídicas e, quando for condenatória, emergem-se os efeitos penais e extrapenais. Acerca dos efeitos da condenação penal, assinale a opção correta.

((A) A licença de localização e de funcionamento de estabelecimento onde se verifique prática de exploração sexual de pessoa vulnerável, em caso de o proprietário ter sido condenado por esse crime, não será cassada, dada a ausência de previsão legal desse efeito da condenação penal.

(B) A condenação por crime de racismo cometido por proprietário de estabelecimento comercial sujeita o condenado à suspensão do funcionamento de seu estabelecimento, pelo prazo de até três meses, devendo esse efeito ser motivadamente declarado na sentença penal condenatória.

(C) Segundo o CP, constitui efeito automático da condenação a perda de cargo público, quando aplicada pena privativa de liberdade por tempo igual ou superior a um ano, nos crimes praticados com abuso de poder ou violação de dever para com a administração pública.

(D) A condenação por crime de tortura acarretará a perda do cargo público e a interdição temporária para o seu exercício pelo dobro do prazo da pena aplicada, desde que fundamentada na sentença condenatória, não sendo efeito automático da condenação.

((E) A condenação penal pelo crime de maus-tratos, com pena de detenção de dois meses a um ano ou multa, ocasiona a incapacidade para o exercício do poder familiar, quando cometido pelo pai contra filho, devendo ser motivado na sentença condenatória, por não ser efeito automático.

Respostas

412. C.

Art. 299 - Omitir, em documento público ou particular, declaração que dele devia constar, ou nele inserir ou fazer inserir declaração falsa ou diversa da que devia ser escrita, com o fim de prejudicar direito, criar obrigação ou alterar a verdade sobre fato juridicamente relevante:

Pena - reclusão, de um a cinco anos, e multa, se o documento é público, e reclusão de um a três anos, e multa, se o documento é particular.

Parágrafo único - Se o agente é funcionário público, e comete o crime prevalecendo-se do cargo, ou se a falsificação ou alteração é de assentamento de registro civil, aumenta-se a pena de sexta parte.

413. C.

Autoacusação falsa

Art 341: Acusar-se, perante autoridade, de crime inexistente ou praticado por outrem:

Pena - detenção, de três meses a 2 anos, ou multa.

414. A.

Art. 27- Os menores de 18 (dezoito) anos são penalmente inimputáveis, ficando sujeitos às normas estabelecidas na legislação especial.

415. B.

Art. 44. As penas restritivas de direitos são autônomas e substituem as privativas de liberdade, quando:

II – o réu não for reincidente em crime doloso;

§ 3o Se o condenado for reincidente, o juiz poderá aplicar a substituição, desde que, em face de condenação anterior, a medida seja socialmente recomendável e a reincidência não se tenha operado em virtude da prática do mesmo crime.

416. E.

Código Penal - artigo 44:

§ 2o Na condenação igual ou inferior a um ano, a substituição pode ser feita por multa ou por uma pena restritiva de direitos; se superior a um ano, a pena privativa de liberdade pode ser substituída por uma pena restritiva de direitos e multa ou por duas restritivas de direitos.

417. E.

Art. 302 do CP- Cometeu o crime de Falsidade de atestado médico.

418. C.

Art. 6° Deferido o pedido, a autoridade policial conduzirá os procedimentos de interceptação, dando ciência ao Ministério Público, que poderá acompanhar a sua realização.

419. A.

Art. 121, § 7:

A pena do feminicídio é aumentada de 1/3 (um terço) até a metade se o crime for praticado:

I - durante a gestação ou nos 3 (três) meses posteriores ao parto;

II - contra pessoa menor de 14 (catorz(E) anos, maior de 60 (sessenta) anos ou com deficiência;

III - na presença de descendente ou de ascendente da vítima.

420. D.

(D) CERTO: Vedação legal absoluta, imposta em caráter apriorístico, inibitória da concessão de liberdade provisória nos crimes tipificados no Art. 33, 'Caput' E § 1º, e nos arts. 34 a 37, todos da lei de drogas. possível inconstitucionalidade da regra legal vedatória (art. 44). ofensa aos postulados constitucionais da presunção de inocência, do 'due process of law', da dignidade da pessoa humana e da proporcionalidade (STF 01/08/2011).

421. C.

• Regra: o inadimplemento deliberado da pena de multa cumulativamente aplicada ao sentenciado impede a progressão no regime prisional.

NOVA CONCURSOS

• Exceção: mesmo sem ter pago, pode ser permitida a progressão de regime se ficar comprovada a absoluta impossibilidade econômica do apenado em quitar a multa, ainda que parceladamente.

STF. Plenário. EP 12 ProgReg-AgR/DF, Rel. Min. Roberto Barroso, julgado em 8/4/2015 (Info 780).

422. C.

Súmula nº 545, STJ: Quando a confissão [seja ela qual for] for utilizada para a formação do convencimento do julgador, o réu fará jus à atenuante prevista no art. 65, III, d, do Código Penal.

423. A.

A questão se fundamenta na seguinte Súmula vinculante:

Súmula Vinculante 24: Não se tipifica crime material contra a ordem tributária, previsto no art. 1º, incisos I a IV, da Lei nº 8.137/90, antes do lançamento definitivo do tributo.

424. A.

Súmula 522 do STJ, é típica a conduta de atribuir-se falsa identidade perante autoridade policial, ainda que em situação de alegada autodefesa.

425. D.

REGRA – art. 13, caput – Teoria da CONDITIO SINE QUA NON ou da EQUIVALÊNCIA DOS ATENCEDENTES CAUSAIS (juízo de eliminação hipotética) – Segundo esta teoria, considera-se causa toda a ação ou omissão sem a qual não teria ocorrido o resultado (método hipotético de eliminação).

EXCEÇÃO – Art. 13, § 1° - Teoria da CAUSALIDADE ADEQUADA (juízo de prognose póstuma objetiva) – A causa superveniente relativamente independente exclui a imputação, quando, por si só, tiver produzido o resultado. Ex: Caminhão que abalroa com ambulância, que transportava uma pessoa que foi ferida dolosamente por PAF, matando a todos. Neste caso, o atirador só responderá pela tentativa de homicídio, enquanto o motorista do caminhão responderá por homicídio culposo na direção de veículo automotor.

426. B.

CP

ART. 28

Embriaguez

II - a embriaguez, voluntária ou culposa, pelo álcool ou substância de efeitos análogos.

§ 1º - É isento de pena o agente que, por embriaguez completa, proveniente de caso fortuito ou força maior, era, ao tempo da ação ou da omissão, inteiramente incapaz de entender o caráter ilícito do fato ou de determinar-se de acordo com esse entendimento

427. C.

CP

Assunção de obrigação no último ano do mandato ou legislatura

Art. 359-C. Ordenar ou autorizar a assunção de obrigação, nos dois últimos quadrimestres do último ano do mandato ou legislatura, cuja despesa não possa ser paga no mesmo exercício financeiro ou, caso reste parcela a ser paga no exercício seguinte, que não tenha contrapartida suficiente de disponibilidade de caixa:

Pena - reclusão, de 1 (um) a 4 (quatro) anos.

428. D.

Art.. 119 - No caso de concurso de crimes, a extinção da punibilidade incidirá sobre a pena de cada um, isoladamente.

As hipóteses de concurso de crimes previstas em nossa legislação penal são:

(A) concurso material; (B) concurso formal e; (C) concurso continuado.

429. D.

Acerca da a anistia (letras A e E), é importante observar que sua concessão cabe ao Congresso Nacional, com a sanção do Presidente da República (art. 48, VIII, CF).

430. D.

Art. 19 (LMP) "§ 1o As medidas protetivas de urgência poderão ser concedidas de imediato, independentemente de audiência das partes e de manifestação do Ministério Público, devendo este ser prontamente comunicado."

431. C.

Art. 1º § 5o (Lei 9613) A pena poderá ser reduzida de um a dois terços e ser cumprida em regime aberto ou semiaberto, facultando-se ao juiz deixar de aplicá-la ou substituí-la, a qualquer tempo, por pena restritiva de direitos, se o autor, coautor ou partícipe colaborar espontaneamente com as autoridades, prestando esclarecimentos que conduzam à apuração das infrações

432. C.

Art. 45. É isento de pena o agente que, em razão da dependência, ou sob o efeito, proveniente de caso fortuito ou força maior, de droga, era, ao tempo da ação ou da omissão, qualquer que tenha sido a infração penal praticada, inteiramente incapaz de entender o caráter ilícito do fato ou de determinar-se de acordo com esse entendimento.

Parágrafo único. Quando absolver o agente, reconhecendo, por força pericial, que este apresentava, à época do fato previsto neste artigo, as condições referidas no caput deste artigo, poderá determinar o juiz, na sentença, o seu encaminhamento para tratamento médico adequado.

433. B.

Súmula 542 do STJ: A ação penal relativa ao crime de lesão corporal resultante de violência doméstica contra a mulher é pública incondicionada.

434. B.

Artigo 1º da lei 8.137/90

Do inciso I ao IV = crime material.

O inciso V= crime formal;

Conforme o entendimento da jurisprudência, pois a atitude de Marcelo enquadra-se no inciso I. Dos demais estão tipificadas no inciso V do referido artigo.

435. C.

Correta. "Na antiga lei de falência, existia a figura do inquérito judicial, que era muito criticado pela doutrina, procedimento de caráter administrativo presidido pelo juiz da falência, não sujeito ao contraditório, instaurado a pedido do síndico, ou de qualquer credor, destinado à apuração da existência de

crimes falimentares, visando subsidiar o Ministério Público, no caso de uma futura ação penal." (Fonte: Jus artigos). Além disso, vide o art. 188 da Lei de Falências (Art. 188. Aplicam-se subsidiariamente as disposições do Código de Processo Penal, no que não forem incompatíveis com esta Lei.);

436. E.

CORRETA. Art. 2° Constitui crime contra o patrimônio, na modalidade de usurpação, produzir bens ou explorar matéria-prima pertencentes à União, sem autorização legal ou em desacordo com as obrigações impostas pelo título autorizativo.

437. B.

Falsificação de documento público

Art. 297 - Falsificar, no todo ou em parte, documento público, ou alterar documento público verdadeiro:

Pena - reclusão, de 2 a 6 anos, e multa.

§ 1º - Se o agente é funcionário público, e comete o crime prevalecendo-se do cargo, aumenta-se a pena de sexta parte.

§ 2º - Para os efeitos penais, equiparam-se a documento público o emanado de entidade paraestatal, o título ao portador ou transmissível por endosso, as ações de sociedade comercial, os livros mercantis e o testamento particular.

438. B.

Art. 2ºECA - Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade. Parágrafo único. Nos casos expressos em lei, aplica-se excepcionalmente este Estatuto às pessoas entre dezoito e vinte e um anos de idade.

439. C.

Art. 101. Verificada qualquer das hipóteses previstas no art. 98, a autoridade competente poderá determinar, dentre outras, as seguintes medidas:

[...]

V - requisição de tratamento médico, psicológico ou psiquiátrico, em regime hospitalar ou ambulatorial;

440. A.

Art. 1º - A interceptação de comunicações telefônicas, de qualquer natureza, para prova em investigação criminal e em instrução processual penal, observará o disposto nesta Lei e dependerá de ordem do juiz competente da ação principal, sob segredo de justiça.

LEI Nº 9.296, DE 24 DE JULHO DE 1996

441. A.

Art. 95. Os crimes definidos nesta Lei são de ação penal pública incondicionada, não se lhes aplicando os arts. 181 e 182 do Código Penal.

442. B.

Lei 7.492/86, Art. 26. A ação penal, nos crimes previstos nesta lei, será promovida pelo Ministério Público Federal, perante a Justiça Federal.

443. D

Art. 25.

§ 2º Nos crimes previstos nesta Lei, cometidos em quadrilha ou co-autoria, o co-autor ou partícipe que através de confissão espontânea revelar à autoridade policial ou judicial toda a trama delituosa terá a sua pena reduzida de um a dois terços..

444. C.

LEP

Art. 36. O trabalho externo será admissível para os presos em regime fechado somente em serviço ou obras públicas realizadas por órgãos da Administração Direta ou Indireta, ou entidades privadas, desde que tomadas as cautelas contra a fuga e em favor da disciplina.

§ 1º O limite máximo do número de presos será de 10% (dez por cento) do total de empregados na obra.

§ 2º Caberá ao órgão da administração, à entidade ou à empresa empreiteira a remuneração desse trabalho.

§ 3º A prestação de trabalho à entidade privada depende do consentimento expresso do preso

445. E.

Art. 52.

II - recolhimento em cela individual;

III - visitas semanais de duas pessoas, sem contar as crianças, com duração de duas horas;

IV - o preso terá direito à saída da cela por 2 horas diárias para banho de sol

446. C

Art. 120. Os condenados que cumprem pena em regime fechado ou semi-aberto e os presos provisórios poderão obter permissão para sair do estabelecimento, mediante escolta, quando ocorrer um dos seguintes fatos:

I - falecimento ou doença grave do cônjuge, companheira, ascendente, descendente ou irmão;

II - necessidade de tratamento médico (parágrafo único do artigo 14).

Parágrafo único. A permissão de saída será concedida pelo diretor do estabelecimento onde se encontra o preso.

Art. 121. A permanência do preso fora do estabelecimento terá a duração necessária à finalidade da saída.

447. D.

CORRETA por eliminação, pois o reenducando em RDD sujeita-se a limitações diferenciadas:

Art. 52. (...)

I - duração máxima de trezentos e sessenta dias, sem prejuízo de repetição da sanção por nova falta grave de mesma espécie, até o limite de um sexto da pena aplicada;

II - recolhimento em cela individual;

III - visitas semanais de duas pessoas, sem contar as crianças, com duração de duas horas;

IV - o preso terá direito à saída da cela por 2 horas diárias para banho de sol.

NOVA CONCURSOS

448. E.

Art. 4° Constitui crime contra a ordem econômica:

II - formar acordo, convênio, ajuste ou aliança entre ofertantes, visando:

(A) à fixação artificial de preços ou quantidades vendidas ou produzidas;

(B) ao controle regionalizado do mercado por empresa ou grupo de empresas;

(C) ao controle, em detrimento da concorrência, de rede de distribuição ou de fornecedores.

449. C.

CP

Coação irresistível e obediência hierárquica

Art. 22 - Se o fato é cometido sob coação irresistível ou em estrita obediência a ordem, não manifestamente ilegal, de superior hierárquico, só é punível o autor da coação ou da ordem.

450. A.

312. Peculato (próprio): apropriar-se ou desviar bem móvel, público ou particular, que tem a posse em razão do cargo, em proveito próprio ou alheio (bem sob a custódia da adm);

STJ (11): no peculato desvio, delito plurissubsistente, o momento consumativo ocorre quando há efetiva destinaçã

451. C.

LEI 12.850

Art. 10. A infiltração de agentes de polícia em tarefas de investigação, representada pelo delegado de polícia ou requerida pelo Ministério Público, após manifestação técnica do delegado de polícia quando solicitada no curso de inquérito policial, será precedida de circunstanciada, motivada e sigilosa autorização judicial, que estabelecerá seus limites.

§ 1o Na hipótese de representação do delegado de polícia, o juiz competente, antes de decidir, ouvirá o Ministério Público.

§ 2o Será admitida a infiltração se houver indícios de infração penal de que trata o art. 1o e se a prova não puder ser produzida por outros meios disponíveis.

§ 3o A infiltração será autorizada pelo prazo de até 6 (seis) meses, sem prejuízo de eventuais renovações, desde que comprovada sua necessidade.

§ 4o Findo o prazo previsto no § 3o, o relatório circunstanciado será apresentado ao juiz competente, que imediatamente cientificará o Ministério Público.

§ **5o No curso do inquérito policial, o delegado de polícia poderá determinar aos seus agentes, e o Ministério Público poderá requisitar, a qualquer tempo, relatório da atividade de infiltração.**

452. A.

Sendo um crime formal, o simples fato de oferecer ou prometer a vantagem indevida a funcionário público já consuma o delito, independente da aceitação deste. A expressão 'realização da promessa' na assertiva não significa dizer pagamento, mas sim o ato de prometer. A corrupção ativa não é delito de dolo genérico, mas exige dolo específico, que consiste em querer que o funcionário público pratique, omita ou retarde ato de ofício. Na ausência do dolo específico, na finalidade específica de agir, não se caracteriza o crime.

Corrupção ativa

Art. 333 - Oferecer ou prometer vantagem indevida a funcionário público, para determiná-lo a praticar, omitir ou retardar ato de ofício:

Pena – reclusão, de 2 (dois) a 12 (doz(E) anos, e multa.

Parágrafo único - A pena é aumentada de um terço, se, em razão da vantagem ou promessa, o funcionário retarda ou omite ato de ofício, ou o pratica infringindo dever funcional.

453. Certo.

Concussão

Art. 316 - Exigir, para si ou para outrem, direta ou indiretamente, ainda que fora da função ou antes de assumi-la, mas em razão dela, vantagem indevida:

• Crime Formal ou de consumação antecipada.

• Consuma-se com o exigir.

454. Certo.

LEI Nº 4.898, DE 9 DE DEZEMBRO DE 1965.

Art. 4º Constitui também abuso de autoridade:

(E) levar à prisão e nela deter quem quer que se proponha a prestar fiança, permitida em lei;

455. Certo.

Súmula 522 STJ: A conduta de atribuir-se falsa identidade perante autoridade policial é tipica, ainda que em situação de alegada autodefesa.

456. B.

A condenação por crime de racismo cometido por proprietário de estabelecimento comercial sujeita o condenado à suspensão do funcionamento de seu estabelecimento, pelo prazo de até três meses, devendo esse efeito ser motivadamente declarado na sentença penal condenatória.(previsão no art. 16 da lei 7716)

Referências

Disponível em: https://www.qconcursos.com. Acesso em 13 de outubro de 2017.

NOÇÕES DE DIREITO PROCESSUAL PENAL

QUESTÃO 457

(TRE-BA - Analista Judiciário – Área **Judiciária - 2017 - CESPE)** No que se refere a jurisdição e competência criminal, julgue os itens a seguir.

I A justiça comum, a justiça eleitoral e a justiça militar exercem a jurisdição penal.

II Os tribunais de justiça dos estados, assim como o Superior Tribunal de Justiça e o Supremo Tribunal Federal, exercem jurisdição criminal.

III Compete ao juiz singular processar e julgar o crime de infanticídio.

Assinale a opção correta.

(A) Apenas o item I está certo.
(B) Apenas o item II está certo.
(C) Apenas o item III está certo.
(D) Apenas os itens I e II estão certos.
(E) Todos os itens estão certos.

QUESTÃO 458

(TRE-BA - Analista Judiciário – Área **Judiciária - 2017 – CESPE)** A instauração de inquérito penal independe da manifestação do ofendido no caso de crime de ação penal

(A) pública incondicionada.
(B) privada, se o ofendido for incapaz.
(C) privada.
(D) pública condicionada.
(E) pública condicionada, se o ofendido houver falecido.

QUESTÃO 459

(TRE-BA - Analista Judiciário – Área **Judiciária - 2017 – CESPE)** João foi vítima de um crime de furto praticado por Pedro. A res furtiva não foi recuperada pela vítima. Instaurado inquérito, apuraram-se a autoria e a materialidade e ofereceu-se a denúncia contra Pedro.

Nessa situação hipotética, a propositura da ação civil ex delicto contra Pedro

(A) estará prejudicada, por haver litispendência.
(B) independerá da existência da ação penal.
(C) será inadmissível, pois ninguém pode ser punido duas vezes pela prática do mesmo fato.
(D) dependerá do trânsito em julgado da sentença penal.
(E) dependerá da condenação do acusado por órgão jurisdicional colegiado.

QUESTÃO 460

(TRE-BA - Analista Judiciário – Área **Judiciária - 2017 – CESPE)** Considere que o Ministério Público tenha oferecido denúncia contra determinado indivíduo pela prática de crime que somente se processa mediante queixa. Nessa situação, o juiz deve

(A) designar audiência de tentativa de reconciliação entre a vítima e o ofendido.
(B) intimar o ofendido, para que ele assuma a titularidade da ação penal.
(C) rejeitar a denúncia.
(D) determinar a citação do querelado, para que ele ofereça defesa no prazo de quinze dias.
(E) exigir do órgão ministerial a correção da peça acusatória.

QUESTÃO 461

(TRE-BA - Analista Judiciário – Área **Judiciária - 2017 – CESPE)** Define-se prisão preventiva como

(A) providência adotada pela autoridade policial ou judicial para privar de liberdade o acusado ou o indiciado se houver dúvida sobre a autoria do crime.
(B) remédio constitucional utilizado para privar da liberdade aquele que for condenado por sentença transitada em julgado.
(C) espécie de prisão cautelar que pode ser decretada de ofício pelo delegado se houver prova da materialidade do crime e confissão do indiciado.
(D) medida processual de privação da liberdade do acusado ou do indiciado para impedir que ele cometa novos crimes ou embarace as investigações policiais ou judicial.
(E) instrumento judicial de privação da liberdade a ser adotada nos casos de cometimento de crimes com grande clamor público e repercussão social.

QUESTÃO 462

(TRE-BA - Analista Judiciário – Área **Administrativa - 2017 - CESPE)**

Indiciado em determinado inquérito policial, Pedro requereu, por meio de seu advogado, acesso aos autos da investigação. O requerimento foi negado pelo delegado de polícia.

Nessa situação hipotética, a decisão da autoridade policial está

(A) correta, pois, sendo procedimento inquisitório, não há de se falar em assistência de advogado no curso do inquérito policial.
(B) incorreta, pois o exercício do direito de defesa e contraditório são plenamente aplicáveis ao inquérito policial.
(C) incorreta, pois afronta o princípio da publicidade, igualmente aplicável às ações penais em curso e aos inquéritos policiais.
(D) correta, pois o inquérito policial, sendo procedimento inquisitório, deve ser mantido em sigilo até o ajuizamento da ação penal.
(E) incorreta, pois o acesso do indiciado, por meio de seu advogado, aos autos do procedimento investigatório é garantia de seu direito de defesa.

QUESTÃO 463

TRE-BA - Analista Judiciário – Área **Administrativa - 2017 - CESPE)** Com relação às provas no processo penal, julgue os seguintes itens.

I O exame de corpo delito, imprescindível nos casos em que as infrações penais deixam vestígios, pode ser suprido pela confissão do acusado.

II Desaparecidos os vestígios da infração penal, a prova testemunhal poderá suprir a falta do exame de corpo delito.

III Do ofendido não será colhido o compromisso de dizer a verdade sobre o que souber, não podendo ele ser responsabilizado pelo crime de falso testemunho.

IV Reputar-se-á verdadeira a acusação formulada contra o acusado que permanecer em silêncio em seu interrogatório judicial.

NOVA CONCURSOS

Estão certos apenas os itens
(A) I e II.
(B) I e III.
(C) I e IV.
(D) II e III.
(E) III e IV.

QUESTÃO 464

TRE-BA - Analista Judiciário – Área **Administrativa - 2017 - CESPE)** Caso verifique que o réu se oculta para não ser citado, o oficial de justiça deverá certificar a ocorrência e proceder à citação

(A) com hora certa, prosseguindo-se o curso processual com nomeação de defensor dativo se o réu não comparecer nos autos.

(B) por edital, com prazo de quinze dias, suspendendo-se o curso processual até o comparecimento do réu nos autos.

(C) por edital, com prazo de quinze dias, prosseguindo-se o curso processual com a nomeação de defensor dativo.

(D) por intermédio de qualquer outra pessoa localizada em seu endereço.

(E) com hora certa, suspendendo-se o curso processual até que o réu compareça nos autos.

QUESTÃO 465

TRE-BA - Analista Judiciário – Área **Administrativa - 2017 - CESPE)**

Ivo, indivíduo primário e com endereço fixo, foi preso em flagrante pela prática do delito de homicídio qualificado, definido como crime hediondo.

Nessa situação hipotética, ao receber o auto de prisão em flagrante, caberá ao juiz

(A) manter a prisão, por se tratar de crime insuscetível de liberdade provisória.

(B) conceder liberdade provisória a Ivo, por ser ele réu primário com endereço fixo, ainda que verificada a presença dos requisitos da prisão preventiva.

(C) conceder liberdade provisória a Ivo, se verificada a ausência dos requisitos da prisão preventiva, sem possibilidade de imposição do pagamento de fiança.

(D) conceder liberdade provisória a Ivo, se verificada a ausência dos requisitos da prisão preventiva, com possibilidade de imposição do pagamento de fiança.

(E) manter a prisão, ainda que reconhecida a ilegalidade da prisão em flagrante, tendo em vista a hediondez do crime.

QUESTÃO 466

TRE-BA - Analista Judiciário – Área **Administrativa - 2017 - CESPE)**

Tendo respondido a ação penal por crime de roubo, Márcio foi condenado, em primeira instância, a pena privativa de liberdade. Intimado pessoalmente, ele pretende recorrer da sentença proferida.

Nessa situação hipotética, o recurso

(A) cabível é a apelação criminal, no prazo de cinco dias, podendo as respectivas razões recursais ser apresentadas na instância superior.

(B) cabível é o recurso em sentido estrito, o qual devolve a sentença à apreciação do magistrado, para fins de juízo de retratação.

(C) não será admitido se Márcio não estiver recolhido na prisão.

(D) cabível é a apelação criminal, com o termo e as respectivas razões recursais apresentados em petição única, no prazo de quinze dias.

(E) não será admitido se seu defensor não apresentar as razões recursais, ainda que Márcio tenha tempestivamente assinado o termo recursal.

QUESTÃO 467

(MPE-RR - Promotor de Justiça Substituto – 2017 - CESPE) A Polícia Civil, em uma operação de combate ao tráfico de drogas, prendeu Adelmo em flagrante. Durante a operação, na residência do indiciado, apreendeu-se, além de grande quantidade de cocaína, um smartphone que continha toda a movimentação negocial de Adelmo e seus clientes, o que confirmava o tráfico e toda a estrutura da organização criminosa.

Acerca dessa situação hipotética, assinale a opção correta.

(A) Se não tiver havido mandado judicial para adentrar a residência de Adelmo, isso tornará ilegal tanto a prisão dele quanto todas as apreensões realizadas.

(B) Se a prisão em flagrante tiver sido precedida de mandado de busca e apreensão do smartphone de Adelmo, então, ainda que não haja, no referido mandado, a previsão de quebra do sigilo de dados, não haverá qualquer ilegalidade no acesso às informações contidas no referido aparelho.

(C) Para o acesso aos dados contidos no smartphone, exige-se mandado judicial autorizativo, nos moldes da Lei n.º 9.296/1996 (interceptação telefônica), já que há expressa proteção constitucional quanto a essa matéria.

(D) Tendo a apreensão do smartphone ocorrido mediante flagrante delito, a Polícia Civil pode acessar os dados nele inseridos sem a necessidade de autorização judicial.

QUESTÃO 468

(MPE-RR - Promotor de Justiça Substituto – 2017 - CESPE) O não cumprimento de procedimento previsto em lei pode gerar múltiplas nulidades, além de ofensas ao devido processo legal. A respeito desse assunto, assinale a opção correta de acordo com o entendimento dos tribunais superiores.

(A) A oitiva de policiais de forma antecipada, sob a alegação de que a atuação frequente em situações semelhantes leva ao esquecimento de fatos específicos, não configura constrangimento ilegal.

(B) O acesso do MP a recibos e comprovantes de depósitos bancários entregues espontaneamente pela ex-companheira do investigado, que tiverem sido voluntariamente deixados sob a guarda dela pelo próprio investigado, é considerado meio de prova nulo.

(C) A gravação ambiental realizada por um dos interlocutores, sem o consentimento do outro e sem prévia autorização judicial, é ilícita e, por isso, acarreta nulidade da prova.

(D) A técnica de depoimento sem dano nos crimes sexuais contra criança e adolescente configura-se vedada no ordenamento brasileiro, por trazer cerceamento de defesa, devido ao fato de o defensor não poder fazer a inquirição direta da testemunha.

QUESTÃO 469

(MPE-RR - Promotor de Justiça Substituto – 2017 - CESPE) Com relação às sentenças e aos recursos em geral, assinale a opção correta de acordo com o entendimento do STJ.

(A) Cabe apelação da decisão que determinar medida assecuratória com o objetivo de reparar dano decorrente da infração penal, a fim de liberar parcialmente os bens constritos.

(B) Interposto recurso de apelação pelo MP contra sentença de absolvição sumária, pode o tribunal de justiça analisar o mérito e condenar o acusado, em razão do efeito devolutivo do recurso.

(C) Em recurso exclusivo da defesa, pode o tribunal agravar a pena quando reconhecer equívoco aritmético ocorrido no somatório das penas aplicadas, por se tratar de erro material.

(D) O juiz criminal só pode estipular a reparação de danos materiais sofridos pela vítima, não podendo determinar a compensação de danos morais, que deverão ser estipulados em procedimento próprio na vara cível.

QUESTÃO 470

(MPE-RR - Promotor de Justiça Substituto – 2017 - CESPE) O arquivamento do inquérito policial é uma das formas de ele ser encerrado. Acerca desse assunto, assinale a opção correta de acordo com o entendimento dos tribunais superiores.

(A) O arquivamento por atipicidade faz coisa julgada formal, motivo pelo qual permite a reabertura da investigação caso surjam novas evidências da tipicidade delitiva

(B) A jurisprudência dos tribunais superiores admite o arquivamento implícito, quando o promotor de justiça deixa de denunciar réu indiciado em inquérito policial.

(C) É inepta a denúncia oferecida por promotor de justiça que impute a prática de crime culposo ao indiciado cometido na direção de veículo automotor sem descrever, de forma clara e precisa, a conduta; assim, não será válida a mera citação de que o autor do fato estava na direção do veículo no momento do acidente.

(D) A vítima ou seus representantes legais têm direito líquido e certo para impetrar mandado de segurança contra arquivamento oferecido por membro do MP.

QUESTÃO 471

(MPE-RR - Promotor de Justiça Substituto – 2017 - CESPE) À luz do entendimento dos tribunais superiores, assinale a opção correta a respeito dos processos em espécie.

(A) A ameaça sofrida pela mulher no contexto doméstico é crime de natureza pública incondicionada.

(B) Caberá transação penal de contravenção penal praticada contra a mulher no contexto doméstico.

(C) O descumprimento de medida protetiva de urgência não configura o crime de desobediência.

(D) Caberá suspensão condicional do processo em denúncia oferecida contra o marido que, no ambiente doméstico, causar lesões corporais à esposa.

QUESTÃO 472

(MPE-RR - Promotor de Justiça Substituto – 2017 - CESPE) Considerando o entendimento dos tribunais superiores, assinale a opção correta a respeito do MP como parte atuante e fundamental no tribunal do júri.

(A) Tem-se nulidade no caso de o oficial de justiça não entregar ao acusado o termo de recurso no momento da intimação da decisão de pronúncia.

(B) Em razão do princípio da soberania dos veredictos, previsto na CF, revisão criminal de decisão proferida por tribunal do júri poderá apenas anular a sentença atacada, devendo um novo júri decidir a questão.

(C) O direito às recusas imotivadas de jurados é garantido em relação a cada um dos réus, mesmo no caso de os vários réus terem um mesmo defensor.

(D) A simples leitura da pronúncia conduz, por si só, à nulidade do julgamento.

QUESTÃO 473

(MPE-RR - Promotor de Justiça Substituto – 2017 - CESPE) Acerca do processo de execução, assinale a opção correta de acordo com o entendimento dos tribunais superiores.

(A) Em razão da vedação constitucional de imposição de pena de trabalhos forçados, a recusa injustificada de apenado a trabalho interno não constitui falta grave.

(B) O apenado que deva cumprir pena em regime aberto não poderá fazê-lo em prisão domiciliar, mesmo que não haja casa de albergado na localidade.

(C) Segundo o princípio da não culpabilidade, reconhecida falta grave decorrente do cometimento de crime doloso, o cumprimento da pena só se dará com o trânsito em julgado de sentença penal condenatória.

(D) O condenado terá direito a remir o tempo efetivamente trabalhado em domingos e feriados, mesmo que ainda não tenha a efetiva autorização do juízo ou da direção do estabelecimento prisional para esse labor.

QUESTÃO 474

475. (Prefeitura de Belo Horizonte – MG - Procurador Municipal - Ano: 2017 - CESPE)

Com base no entendimento do STJ, assinale a opção correta.

(A) Somente se houver prévia autorização judicial, serão considerados prova lícita os dados e as conversas registrados no aplicativo WhatsApp colhidos de aparelho celular apreendido quando da prisão em flagrante.

(B) O MP estadual não tem legitimidade para atuar diretamente como parte em recurso submetido a julgamento no STJ.

(C) Tratando-se de demandas que sigam o rito dos processos de competência originária dos tribunais superiores, considera-se intempestiva a apresentação de exceção da verdade no prazo da defesa prévia, se, tendo havido defesa preliminar, o acusado não tiver nesse momento se manifestado a esse respeito.

(D) É ilegal portaria que, editada por juiz federal, estabelece a tramitação direta de inquérito policial entre a Polícia Federal e o MPF.

NOVA CONCURSOS

QUESTÃO 475

(TJ-PR - Juiz Substituto - 2017 - CESPE) Acerca da divisão do exercício da jurisdição entre os diversos órgãos jurisdicionais, assinale a opção correta.

(A) A competência será determinada pela conexão, quando duas ou mais pessoas forem acusadas pela mesma infração.

(B) Caso desclassifique infração que tenha dado causa à conexão, o juiz continuará competente para julgar os delitos remanescentes e os corréus, haja vista a regra da perpetuatio jurisdicionis.

(C) Nos crimes praticados fora do território brasileiro, será competente o juízo da capital da República, independentemente de o acusado ter residido ou não no Brasil.

(D) Os domicílios do réu e da vítima são critérios de determinação da competência jurisdicional.

QUESTÃO 476

(TJ-PR - Juiz Substituto - 2017 - CESPE) Tendo em vista que a nulidade no processo penal pode ser definida como um defeito jurídico que torna inválido ou destituído de valor jurídico um ato ou o processo, assinale a opção correta de acordo com a legislação processual penal brasileira e com o entendimento dos tribunais superiores acerca dos efeitos e extensão dos atos praticados em desconformidade com o modelo legal.

(A) O tribunal poderá reconhecer, de ofício, nulidade em prejuízo do réu, ainda que ela não tenha sido arguida no recurso da acusação.

(B) O STF e o STJ orientam-se no sentido de que não se conhece de recurso sem a assinatura do advogado, por se tratar de ato juridicamente inexistente.

(C) De acordo com entendimento do STF, serão nulas as provas obtidas por meio de interceptação telefônica, quando não for demonstrado o esgotamento de outros meios de investigação.

(D) De acordo com o STF, devido ao princípio da não convalidação de atos nulos, irregularidades do inquérito repercutem na ação penal, podendo ser proclamada a nulidade do processo.

QUESTÃO 477

(TJ-PR - Juiz Substituto - 2017 - CESPE) Com base no entendimento dos tribunais superiores sobre os incidentes e os procedimentos afetos às execuções penais, assinale a opção correta.

(A) De acordo com o STF, o exame de cessação da periculosidade poderá ser ordenado, mediante requerimento, desde que o sentenciado tenha cumprido mais da metade do prazo da medida imposta.

(B) O juiz poderá definir a monitoração eletrônica quando autorizar a saída temporária do apenado que está no regime fechado ou no semiaberto, ou quando ele determinar a prisão domiciliar.

(C) Situação hipotética: João, reincidente, foi preso preventivamente em 3/2/2012 e, após regular processamento do feito, em 5/2/2014, foi condenado a oito anos de reclusão em regime inicialmente fechado, pela prática de homicídio. A defesa interpôs recurso de apelação e, entre os pleitos, requereu a progressão do regime de cumprimento de pena. Assertiva: Nessa situação, mesmo preenchidos os requisitos para a progressão, o pedido não deverá ser conhecido, sob pena de o tribunal incorrer em supressão de instância.

(D) Situação hipotética: Maria foi processada e condenada pela prática de crime. Após o trânsito em julgado da sentença, ela iniciou o cumprimento da pena de reclusão em regime fechado. Alguns meses depois, sobreveio-lhe nova condenação por outro crime, cuja pena também deveria ser cumprida em regime fechado. Assertiva: Nessa situação, de acordo com o entendimento do STF, em se tratando de unificação de penas, a data base para a concessão da progressão da pena a Maria será a do trânsito em julgado da sua primeira condenação.

QUESTÃO 478

(TJ-PR - Juiz Substituto - 2017 - CESPE) Pedro e Maria praticaram, em concurso, o crime de lesão corporal seguida de morte. Pedro foi preso em flagrante delito e Maria, por ser a mandante e não estar na cena do crime, e também por estarem ausentes os requisitos da prisão preventiva, respondeu o processo em liberdade. Ambos foram condenados na instância a quo: Pedro, a dez anos de reclusão; Maria, a onze anos e seis meses de reclusão em regime inicial fechado. Apenas Maria recorreu.

Nessa situação hipotética, a decisão do recurso interposto por Maria

(A) aproveitará a Pedro, desde que, no caso, os motivos fundantes do concurso de agentes não sejam de caráter exclusivamente pessoal.

(B) não aproveitará a Pedro, mesmo que seja benéfica, porque a pena deste foi menor que a aplicada a Maria.

(C) não será estendida a Pedro em razão do trânsito em julgado da sentença em relação a este.

(D) aproveitará a Pedro, desde que, de qualquer forma, seja benéfica à recorrente.

QUESTÃO 479

(TJ-PR - Juiz Substituto - 2017 - CESPE) Acerca das modalidades de exceção previstas no CPP, assinale a opção correta, considerando o entendimento dos tribunais superiores.

(A) A arguição de suspeição de jurado poderá ser apresentada a qualquer tempo, preferencialmente antes do início da seção de julgamento.

(B) As exceções, em regra, suspendem o andamento da ação penal e os prazos processuais.

(C) O juiz decidirá a respeito da arguição de suspeição de membro do MP, após ouvi-lo, sendo admitida a produção de provas.

(D) A arguição de suspeição de magistrado não exige poderes especiais do advogado.

QUESTÃO 480

(TJ-PR - Juiz Substituto - 2017 - CESPE) A competência pode ser entendida como delimitação da jurisdição. A respeito dessa matéria, assinale a opção correta.

(A) Compete à justiça estadual militar processar e julgar o policial militar pela prática do crime militar e, à comum, pela prática do crime comum simultâneo àquele.

(B) Competirá ao juízo do local onde for praticada a contrafação processar e julgar crime de estelionato que for cometido mediante falsificação de cheque.

(C) Situação hipotética: João é pedreiro e foi contratado para prestar serviços de alvenaria nas dependências do Comando Geral da Polícia Militar do Paraná. Aproveitando-se da facilidade em transitar livremente pelas instalações do prédio, ele furtou um computador contendo informações sobre os dados cadastrais do alto comando, com o intuito de vendê-las a uma quadrilha de estelionatários. Assertiva: Nessa situação, a competência para o processo e julgamento da ação penal será do juízo da auditoria militar, uma vez que compete a esta processar e julgar o acusado, civil ou militar, que pratique crime contra instituições militares.

(D) Compete à justiça federal processar e julgar o crime de falsa anotação na carteira de trabalho e previdência social atribuída a empresa privada.

QUESTÃO 481

(TJ-PR - Juiz Substituto - 2017 - CESPE) Considerando os princípios que norteiam o interrogatório do acusado e os requisitos para a realização desse ato, assinale a opção correta.

(A) É válido o interrogatório do acusado que dispensa a presença do advogado e permanece em silêncio, pois, se o silêncio não puder ser interpretado contra a defesa, não haverá prejuízo, considerando-se o princípio pas de nullité sans grief.

(B) Se o interrogado não souber escrever, não puder ou não quiser assinar, o juiz nomeará curador e este, após a leitura do interrogatório, assinará o termo.

(C) Por não contar com as garantias constitucionais da ampla defesa e do contraditório, a confissão extrajudicial, ainda que indireta, não é admitida como meio de prova.

(D) O exercício do direito ao silêncio não gera presunção de culpabilidade para o acusado, tampouco pode ser interpretado em prejuízo da defesa.

QUESTÃO 482

(TJ-PR - Juiz Substituto - 2017 - CESPE) João, maior de setenta anos de idade ao tempo do fato, foi condenado pelo crime de estelionato à pena privativa de liberdade de quatro anos e três meses de reclusão em regime inicial semiaberto e, ainda, ao pagamento de cinquenta dias-multa, fixado o valor de um vinte avos do salário mínimo vigente.

Nessa situação hipotética, conforme o CPP,

(A) caso o presidente da República conceda a João graça parcial, o benefício não poderá ser recusado.

(B) o juiz poderá, a requerimento do réu, demonstradas as circunstâncias que o justifiquem, permitir que o pagamento da pena de multa se faça em parcelas mensais.

(C) João terá direito ao livramento condicional, preenchidos os requisitos, e somente este ou o seu advogado poderá requerê-lo ao juízo da execução penal, tendo em vista a natureza personalíssima da pena.

(D) o requisito temporal do livramento condicional será reduzido pela metade, em razão de João contar com mais de setenta anos de idade na data do fato.

QUESTÃO 483

(TJ-PR - Juiz Substituto - 2017 - CESPE) Em relação ao procedimento do tribunal do júri, assinale a opção correta.

(A) O mesmo conselho de sentença poderá conhecer de mais de um processo, no mesmo dia, se as partes os aceitarem e, neste caso, os jurados deverão prestar um novo compromisso legal.

(B) O jurado que participar de um julgamento poderá recusar-se a servir em outro julgamento no mesmo dia.

(C) O julgamento será adiado se o acusado, solto, devidamente intimado para a sessão, não comparecer; ser-lhe-á decretada a prisão preventiva a fim de ele ser apresentado coercitivamente.

(D) O conselho de sentença, ao ser sorteado, se limitará ao conhecimento do processo para o qual foi inicialmente formado.

QUESTÃO 484

(TJ-PR - Juiz Substituto - 2017 - CESPE) No que se refere a prisão, medidas cautelares e liberdade provisória, assinale a opção correta.

(A) A fiança poderá ser definitiva ou provisória.

(B) Ninguém poderá ser preso senão em flagrante ou por ordem escrita e fundamentada da autoridade judiciária competente, razão pela qual, havendo ordem legal emanada, a não apresentação do mandado obsta a prisão, que deverá ser relaxada, se executada.

(C) Para seu devido cumprimento, o mandado original expedido pela autoridade judiciária deve ser apresentado durante a diligência, sendo vedada a sua reprodução.

(D) São medidas cautelares diversas da prisão, entre outras, o comparecimento periódico em juízo, a monitoração eletrônica e a fiança.

QUESTÃO 485

(TJ-PR - Juiz Substituto - 2017 - CESPE) No juizado especial criminal, a suspensão do processo

(A) proposta antes da resposta do acusado acarreta a nulidade do processo.

(B) poderá ocorrer no caso de infração cometida em concurso formal e material, se a pena mínima cominada for igual ou inferior a um ano.

(C) é incabível em caso de procedência parcial da pretensão punitiva.

(D) aplica-se aos delitos sem violência física sujeitos ao rito da Lei Maria da Penha.

QUESTÃO 486

(TJ-PR - Juiz Substituto - 2017 - CESPE) Acerca da transação penal no juizado especial, assinale a opção correta.

(A) O descumprimento de transação penal homologada não impede a extinção da punibilidade pela prescrição da pretensão punitiva.

(B) Haverá óbice à proposta de transação de pena restritiva de direitos quando o tipo em abstrato só comportar pena de multa.

(C) A proposta de transação penal pelo MP exige o comparecimento da vítima à audiência preliminar.

(D) A proposta de transação penal por carta precatória fere o princípio da oralidade.

NOVA CONCURSOS

QUESTÃO 487

(TRE-PE - Analista Judiciário - Área **Judiciária - 2017 - CESPE)** Com relação à apelação criminal, assinale a opção correta.

(A) O julgamento de apelação por órgão fracionário de tribunal composto majoritariamente por juízes de primeiro grau convocados viola o princípio constitucional do juiz natural.

(B) O efeito devolutivo amplo permite ao tribunal competente, no julgamento de apelação exclusiva da defesa, agravar a situação do condenado.

(C) Em razão da preclusão, a apresentação extemporânea das razões impede o conhecimento do recurso de apelação tempestivamente interposto.

(D) O efeito devolutivo da apelação contra decisões do tribunal do júri é adstrito aos fundamentos nela presentes.

(E) A renúncia ao direito de apelar manifestada pelo réu impede o conhecimento de eventual recurso de apelação já interposto pelo seu defensor.

QUESTÃO 488

(TRE-PE - Analista Judiciário - Área **Judiciária - 2017 - CESPE)** Em ano sem eleições, João, durante crise de ciúmes, destruiu o título de eleitor de sua esposa, Maria, para causar-lhe transtornos e dificultar que ela obtivesse passaporte. Após queixa de Maria, foi instaurado inquérito policial para a apuração de crime.

Nessa situação hipotética, de acordo com a atual jurisprudência dos tribunais superiores, eventual ação penal deverá ser proposta na

(A) justiça estadual, por se tratar de crime de destruição de documento público.

(B) justiça federal ou justiça eleitoral, por aplicação da regra da prevenção.

(C) justiça federal, por se tratar de crime de destruição de documento público federal.

(D) justiça estadual, por não estar o crime vinculado a pleito eleitoral.

(E) justiça eleitoral, por se tratar de crime de destruição de documento relativo à eleição.

QUESTÃO 489

(PC-GO - Delegado de Polícia Substituto – 2017 - CESPE) Pedro, Joaquim e Sandra foram presos em flagrante delito. Pedro, por ter ofendido a integridade corporal de Lucas, do que resultou debilidade permanente de um de seus membros; Joaquim, por ter subtraído a bicicleta de Lúcio, de vinte e cinco anos de idade, no período matutino — Lúcio a havia deixado em frente a uma padaria; e Sandra, por ter subtraído o carro de Tomás mediante grave ameaça.

Considerando-se os crimes cometidos pelos presos, a autoridade policial poderá conceder fiança a

(A) Joaquim somente.

(B) Pedro somente.

(C) Pedro, Joaquim e Sandra.

(D) Pedro e Sandra somente.

(E) Joaquim e Sandra somente.

QUESTÃO 490

(PC-GO - Delegado de Polícia Substituto – 2017 - CESPE) O Código de Processo Penal prevê a requisição, às empresas prestadoras de serviço de telecomunicações, de disponibilização imediata de sinais que permitam a localização da vítima ou dos suspeitos de delito em curso, se isso for necessário à prevenção e à repressão de crimes relacionados ao tráfico de pessoas. Essa requisição pode ser realizada pelo

(A) delegado de polícia, independentemente de autorização judicial e por prazo indeterminado

(B) Ministério Público, independentemente de autorização judicial, por prazo não superior a trinta dias, renovável por uma única vez, podendo incluir o acesso ao conteúdo da comunicação.

(C) delegado de polícia, mediante autorização judicial e por prazo indeterminado, podendo incluir o acesso ao conteúdo da comunicação.

(D) delegado de polícia, mediante autorização judicial, devendo o inquérito policial ser instaurado no prazo máximo de setenta e duas horas do registro da respectiva ocorrência policial.

(E) Ministério Público, independentemente de autorização judicial e por prazo indeterminado.

QUESTÃO 491

(PC-GO - Delegado de Polícia Substituto – 2017 - CESPE) Cláudio, maior e capaz, residente e domiciliado em Goiânia – GO, praticou determinado crime, para o qual é prevista ação penal privada, em Anápolis – GO. A vítima do crime, Artur, maior e capaz, é residente e domiciliada em Mineiros – GO.

Nessa situação hipotética, considerando-se o disposto no Código de Processo Penal, o foro competente para processar e julgar eventual ação privada proposta por Artur contra Cláudio será

(A) Anápolis – GO ou Goiânia – GO.

(B) Goiânia – GO ou Mineiros – GO.

(C) Goiânia – GO, exclusivamente.

(D) Anápolis – GO, exclusivamente.

(E) Mineiros – GO, exclusivamente.

QUESTÃO 492

(PC-GO - Delegado de Polícia Substituto – 2017 - CESPE) Suponha que o réu em determinado processo criminal tenha indicado como testemunhas o presidente da República, o presidente do Senado Federal, o prefeito de Goiânia – GO, um desembargador estadual aposentado, um vereador e um militar das Forças Armadas. Nessa situação hipotética, conforme o Código de Processo Penal, poderão optar pela prestação de depoimento por escrito

(A) o presidente do Senado Federal e o desembargador estadual.

(B) o prefeito de Goiânia – GO e o militar das Forças Armadas.

(C) o desembargador estadual e o vereador.

(D) o presidente da República e o presidente do Senado Federal.

(E) o presidente da República e o vereador.

QUESTÃO 493

(PC-GO - Delegado de Polícia Substituto – 2017 - CESPE) Com relação a questões e processos incidentes, assinale a opção correta.

(A) Não poderá ser arguida a suspeição dos intérpretes.

(B) Não poderá ser arguida a suspeição dos funcionários da justiça.

(C) Não poderá ser arguida a suspeição do órgão do Ministério Público.

(D) Não poderá ser arguida a suspeição das autoridades policiais nos atos do inquérito.

(E) Não poderá ser arguida a suspeição dos peritos.

QUESTÃO 494

(PC-GO - Delegado de Polícia Substituto – 2017 - CESPE) Relativamente à aplicação da lei processual penal no tempo e no espaço e aos princípios processuais penais constitucionais, assinale a opção correta.

(A) O Código de Processo Penal normatiza o processamento das relações processuais penais em curso perante todos os juízos e tribunais brasileiros, aplicando-se, em caráter subsidiário, as normas procedimentais que versem sobre matérias especiais.

(B) Segundo entendimento expendido pelo STF, a atração por continência ou conexão do processo do corréu ao foro por prerrogativa de função de um dos denunciados constitui violação das garantias do juiz natural e da ampla defesa.

(C) A gravação ambiental por meio de fita magnética, de conversa entre presentes, feita por um dos interlocutores sem o conhecimento do outro é considerada prova ilícita, pois viola preceito constitucional.

(D) O princípio da extraterritorialidade adotado pelo direito processual penal brasileiro não ofende a soberania de outros Estados, já que os ordenamentos jurídicos de todas as nações convergem para o combate às condutas delitivas.

(E) A lei processual penal tem aplicação imediata e é aplicável tanto nos processos que se iniciarem após a sua vigência, quanto nos processos que já estiverem em curso no ato da sua vigência, e até mesmo nos processos que apurarem condutas delitivas ocorridas antes da sua vigência.

QUESTÃO 495

(PC-GO - Delegado de Polícia Substituto – 2017 - CESPE) Acerca de jurisdição e competência em matéria criminal, assinale a opção correta.

(A) Segundo entendimento do STJ, é de competência da justiça estadual processar e julgar crime contra funcionário público federal, estando ou não este no exercício da função.

(B) A competência para julgar prefeito municipal por desvio de verba sujeita a prestação de contas perante o órgão federal será dos juízes federais da seção judiciária da localidade em que o prefeito exercer ou tiver exercido o mandato.

(C) A competência para julgar governador de estado que, no exercício do mandato, cometa crime doloso contra a vida será do tribunal do júri da unidade da Federação na qual aquela autoridade tenha sido eleita para o exercício do cargo público.

(D) A competência para processar e julgar crime de roubo que resulte em morte da vítima será do tribunal do júri da localidade em que ocorrer o fato criminoso.

(E) No Estado brasileiro, a jurisdição penal pode ser exercida pelo STF, e em todos os graus de jurisdição das justiças militar e eleitoral, e das justiças comuns estadual e federal, dentro do limite da competência fixada por lei.

QUESTÃO 496

(PC-GO - Delegado de Polícia Substituto – 2017 - CESPE) Com referência a citação e intimação no processo penal, assinale a opção correta.

(A) A citação do réu preso poderá ser cumprida na pessoa do procurador por ele constituído na fase policial.

(B) As intimações dos defensores públicos nomeados pelo juízo devem ser realizadas mediante publicação nos órgãos incumbidos da publicidade dos atos judiciais da comarca, e não os havendo, pelo escrivão, por mandado ou via postal.

(C) Os prazos para a prática de atos processuais contam-se da data da intimação e não da juntada aos autos do mandado ou da carta precatória ou de ordem.

(D) Em função dos princípios da simplicidade, informalidade e economia processual, é admissível a citação por edital e por hora certa nos procedimentos sumaríssimos perante juizado especial criminal.

(E) No procedimento comum, não se admite a citação ficta nem tampouco a contumácia do réu.

QUESTÃO 497

(PC-GO - Escrivão de Polícia Substituto – 2016 - CESPE) Quanto à prova e aos seus meios de produção no processo penal, assinale a opção correta.

(A) A acareação no processo penal é admitida entre acusados ou entre estes e testemunhas, sendo legalmente vedado tal procedimento entre acusado ou testemunha e a pessoa ofendida.

(B) O interrogatório, a ser realizado em momento anterior à inquirição das testemunhas e da produção de outras provas, constitui ato restrito à autoridade judiciária e ao acusado, não podendo o defensor do acusado intervir ou influir, de qualquer modo, nas perguntas e nas respostas.

(C) Estão dispensados de depor na condição de testemunha o ascendente ou descendente, o afim em linha reta, o cônjuge, ainda que separado ou divorciado, o irmão e o pai, a mãe, ou o filho adotivo do acusado.

(D) A lei não prevê qualquer medida coercitiva contra o ofendido que, intimado para depor, deixar de comparecer em juízo, com ou sem justificado motivo, porquanto sua inquirição no processo não é obrigatória.

(E) Para os fins de prova documental a ser formalizada na ação penal, consideram-se documentos apenas os escritos, instrumentos ou papéis públicos cuja originalidade possa ser oficialmente comprovada.

QUESTÃO 498

(PC-GO - Escrivão de Polícia Substituto – 2016 - CESPE) Quanto à prova pericial, assinale a opção correta.

(A) A confissão do acusado suprirá a ausência de laudo pericial para atestar o rompimento de obstáculo nos casos de furto mediante arrombamento, prevalecendo em tais situações a qualificadora do delito.

(B) O exame de corpo de delito somente poderá realizar-se durante o dia, de modo a não suscitar qualquer tipo de dúvida, sendo vedada a sua realização durante a noite.

(C) Prevê a legislação processual penal a obrigatória participação da defesa na produção da prova pericial na fase investigatória, antes do encerramento do IP e da elaboração do laudo pericial.

(D) Os exames de corpo de delito serão realizados por um perito oficial e, na falta deste, admite a lei que duas pessoas idôneas, portadoras de diploma de curso superior e dotadas de habilidade técnica relacionada com a natureza do exame, sejam nomeadas para tal atividade.

(E) Em razão da especificidade da prova pericial, o seu resultado vincula o juízo; por isso, a sentença não poderá ser contrária à conclusão do laudo pericial.

QUESTÃO 499

43. (PC-GO - Escrivão de Polícia Substituto – 2016 - CESPE) No curso de um IP, segundo a Lei n.º 7.960/1989, será possível decretar a prisão temporária do indiciado quando, de acordo com qualquer prova admitida na legislação penal, houver fundadas razões de autoria ou participação dele no delito, se o crime investigado for o de

(A) estelionato.
(B) roubo.
(C) extorsão indireta.
(D) apropriação indébita.
(E) furto qualificado.

QUESTÃO 500

(PC-GO - Escrivão de Polícia Substituto – 2016 - CESPE) A situação em que um indivíduo é preso em flagrante delito por ser surpreendido logo após cometer um homicídio caracteriza um

(A) flagrante presumido.
(B) flagrante impróprio.
(C) flagrante assimilado.
(D) flagrante próprio.
(E) quase-flagrante.

QUESTÃO 501

(PC-PE - Delegado de Polícia - 2016 - CESPE) Conforme a legislação em vigor e o posicionamento doutrinário prevalente, assinale a opção correta com relação à competência e às questões e processos incidentes.

(A) Todas as infrações penais, incluindo-se as contravenções que atingirem o patrimônio da União, suas autarquias e empresas públicas, serão da competência da justiça federal.

(B) O processo incidente surge acessoriamente no processo principal, cujo mérito se confunde com o mérito da causa principal, devendo, assim, tal processo — o incidente — ser resolvido concomitantemente ao exame do mérito da ação penal, sob pena de decisões conflitantes.

(C) A restituição de coisas apreendidas no bojo do inquérito policial ainda não concluído poderá ser ordenada pela autoridade policial, quando cabível, desde que seja evidente o direito do reclamante.

(D) Havendo fundada dúvida sobre a sanidade mental do indiciado, o delegado de polícia poderá determinar de ofício a realização do competente exame, com o objetivo de aferir a sua imputabilidade.

(E) Tratando-se de foro privativo por prerrogativa de função cuja competência para o conhecimento da causa é atribuída à jurisdição colegiada, esta será determinada pelo lugar da infração.

Respostas

457. D.

"A jurisdição penal é exercida pelos juízes estaduais comuns, pela Justiça Militar estadual, pela Justiça Militar federal, pela Justiça Federal e pela Justiça Eleitoral. Apenas a Justiça do Trabalho é completamente desprovida de competência penal." (CINTRA; GRINOVER; DINAMARCO. Teoria Geral do Processo, 31 ed. São Paulo: Malheiros, 2015. p. 177-178)

Compete ao Tribunal do Júri o julgamento dos crimes dolosos contra a vida, que são homicídio, infanticídio, participação (induzimento, instigação ou auxílio) em suicídio e aborto, sejam estes consumados ou tentados (CF, art. 5º, XXXVIII, d; CPP, art. 74, § 1º). Constituem exceções à competência do Tribunal do Júri o homicídio praticado por um militar contra outro militar, de competência da Justiça Militar (CF, art. 125, § 4º; CPPM, art. 82), e o crime doloso contra a vida cujo agente tem foro por prerrogativa de função não estabelecido exclusivamente em Constituição Estadual (STF, súm. 721).

458. A.

A resposta encontra-se exposta no art. 5º do Código de Processo Penal, vejamos:

Art. 5o Nos crimes de ação pública o inquérito policial será iniciado:

I - de ofício;

II - mediante requisição da autoridade judiciária ou do Ministério Público, ou a requerimento do ofendido ou de quem tiver qualidade para representá-lo.

(...)

§ 4o O inquérito, nos crimes em que a ação pública depender de representação, não poderá sem ela ser iniciado.

§ 5o Nos crimes de ação privada, a autoridade policial somente poderá proceder a inquérito a requerimento de quem tenha qualidade para intentá-la.

459. B.

Código de Processo Penal:

Art. 66. Não obstante a sentença absolutória no juízo criminal , a ação civil poderá ser proposta quando não tiver sido, categoricamente, reconhecida a inexistência material do fato .

Art. 67. Não impedirão igualmente a propositura da ação civil :

I - o despacho de arquivamento do inquérito ou das peças de informação;

II - a decisão que julgar extinta a punibilidade;

III - a sentença absolutória que decidir que o fato imputado não constitui crime .

460. C.

CPP

Art. 395. A denúncia ou queixa será rejeitada quando:

I - for manifestamente inepta;

II - faltar pressuposto processual ou condição para o exercício da ação penal; ou

III - faltar justa causa para o exercício da ação penal.

461. D.

CPP

Art.313 + observado o Art.312 > estes são os requisitos observados para se decretar a prisão preventiva.

ART 311 mencionado acima + Art. 312. A prisão preventiva poderá ser decretada como garantia da ordem pública, da ordem econômica, por conveniência da instrução criminal, ou para assegurar a aplicação da lei penal, quando houver prova da existência do crime e indício suficiente de autoria. (Redação dada pela Lei nº 12.403, de 2011).

462. E

(E) incorreta, pois o acesso do indiciado, por meio de seu advogado, aos autos do procedimento investigatório é garantia de seu direito de defesa. CERTO

STF, Súmula vinculante 14: É direito do defensor, no interesse do representado, ter acesso amplo aos elementos de prova que, já documentados em procedimento investigatório realizado por órgão com competência de polícia judiciária, digam respeito ao exercício do direito de defesa.

463. D

II - Correta - Art. 167. Não sendo possível o exame de corpo de delito, por haverem desaparecido os vestígios, a prova testemunhal poderá suprir-lhe a falta.

III - Correta - Isso mesmo,"Se o réu tem o direito ao silêncio (CF, art. 5º LXII); SE NÃO HÁ LEI QUE OBRIGUE O RÉU A FALAR A VERDADE, é induvidoso que o interrogatório (melhor seria denomina-lo declaração") é meio de defesa e não de prova" (Fernando da Costa Tourinho Filho, in Processo Penal, Ed Saraiva, 1994, pg. 240-241)

ITEM II

Art. 167. Não sendo possível o exame de corpo de delito, por haverem desaparecido os vestígios, a prova testemunhal poderá suprir-lhe a falta.

ITEM III

O depoimento do ofendido é um meio de prova. Não se confunde, porém, o ofendido com a testemunha, que é terceiro desinteressado. (...) Não sendo testemunha, não possui o compromisso de dizer a verdade e não incide no crime de falso testemunho (art. 342, CP). Também não se confunde com o réu, razão pela qual não poderá invocar o direito ao silência, salvo se tiver que depor sobre circunstância de fato que possa incriminá-lo.

(p. 352 do Código de Processo Penal para concursos da Juspodivm)

464. A.

Art 362, parágrafo único:

Completada a citação com hora certa, se o acusado não comparecer, ser-lhe-á nomeado um defensor dativo.

465. C.

Art. 321. Ausentes os requisitos que autorizam a decretação da prisão preventiva, o juiz deverá conceder Liberdade Provisória, impondo, se for o caso, as medidas cautelares previstas no art. 319 deste Código e observados os critérios constantes do art. 282 deste Código.

Art. 323. Não será concedida fiança:

I - nos crimes de Racismo;

II - nos crimes de Tortura, Tráfico ilícito de Drogas afins, Terrorismo e nos definidos como Crimes Hediondos;

III - nos crimes cometidos por Grupos Armados, civis ou militares, contra a ordem constitucional e o Estado Democrático;

CERTO. Não atendidos os pressupostos da prisão preventida, a liberdade provisória é de imposição. O crime de homicídio qualificado é um crime INAFIANÇAVEL, motivo pelo qual não será concedida fiança. CRIMES INAFIANÇAVEIS: CH3T >>> CRIMES HEDIONDOS, TERRORISMO, TORTURA, TRÁFICO ILÍCITO DE DROGAS E ENTORPECENTES.

466. A.

CPP, Art. 593. Caberá apelação no prazo de 5 (cinco) dias: I - das sentenças definitivas de condenação ou absolvição proferidas por juiz singular;

467. A.

CORRETA. STJ. Informativo nº 0590 Período: 16 de setembro a 3 de outubro de 2016. Determinada judicialmente a busca e apreensão de telefone celular ou smartphone, é lícito o acesso aos dados armazenados no aparelho apreendido, notadamente quando a referida decisão o tenha expressamente autorizado.

468. A.

"A antecipação da produção de prova, com base no art. 366 do Código de Processo Penal, encontra-se, no caso em exame, concretamente fundamentada em razão do decurso do tempo aliado à condição de policial militar da testemunha, circunstância fática relevante que autoriza a medida antecipatória e que não implica ofensa ao teor do Enunciado n. 455 da Súmula do STJ" (STJ RHC n. 51.861/AL)

469. A.

Art. 593, CPP - Caberá apelação no prazo de 5 (cinco) dias:

I - das sentenças definitivas de condenação ou absolvição proferidas por juiz singular;

II - das decisões definitivas, ou com força de definitivas, proferidas por juiz singular nos casos não previstos no Capítulo anterior

NOVA CONCURSOS

470. C.

Denúncia no caso de homicídio culposo deve apontar qual foi a conduta culposa

É inepta a denúncia que imputa a prática de homicídio culposo na direção de veículo automotor (art. 302 da Lei 9.503/1997) sem descrever, de forma clara e precisa, a conduta negligente, imperita ou imprudente que teria gerado o resultado morte, sendo insuficiente a simples menção de que o suposto autor estava na direção do veículo no momento do acidente.

STJ. 6ª Turma. HC 305.194-PB, Rel. Min. Rogerio Schietti Cruz, julgado em 11/11/2014 (Info 553).

471. C.

O descumprimento de medida protetiva de urgência não configura o crime de desobediência. CORRETA

" 1. As determinações cujo cumprimento for assegurado por sanções de natureza civil, processual civil ou administrativa, retiram a tipicidade do delito de desobediência, salvo se houver ressalva expressa da lei quanto à possibilidade de aplicação cumulativa do art. 330, do CP. [...]. Para o caso de descumprimento de medida protetiva, pode o juiz fixar providência com o objetivo de alcançar a tutela específica da obrigação. [...] .2. A segunda razão consiste em questionar se o afastamento do crime de desobediência apenas ocorre em caso de previsão legal de penalidade administrativa ou civil, ou se também decorre da previsão de penalidade de cunho processual penal.[...] A jurisprudência deste STF é firme no sentido de que o descumprimento da transação penal a que alude o art. 76 da Lei nº 9.099/95 gera a submissão do processo ao seu estado anterior [...] Não parece haver razão, portanto, para se entender de maneira distinta quando o descumprimento da medida protetiva der ensejo à prisão preventiva [...] se o caso admitir a decretação da prisão preventiva com base no art. 313, III, do Código de Processo Penal, não há falar em crime de desobediência. (REsp 1.374.653/MG)

472. C.

O direito de a defesa recusar imotivadamente até 3 jurados é garantido em relação a cada um dos réus, ainda que as recusas tenham sido realizadas por um só defensor (art. 469 do CPP). De acordo com o art. 468, caput, do CPP, o direito a até 3 recusas imotivadas é da parte.

Como cada réu é parte no processo, se houver mais de um réu, cada um deles terá direito à referida recusa. Dessa forma, o direito às três recusas imotivadas é garantido ao acusado, e não à defesa, ou seja, cada um dos réus terá direito às suas três recusas imotivadas ainda que possuam o mesmo advogado, sob pena de violação da plenitude de defesa. STJ. 6ª Turma. REsp 1.540.151-MT, Rel. Min. Sebastião Reis Júnior, julgado em 8/9/2015 (Info 570)." Fonte: Dizer o Direito. https://dizerodireitodotnet.files.wordpress.com/2015/11/info-570-stj.pdf.

473. D.

Constitui falta grave na execução penal a recusa injustificada do condenado ao exercício de trabalho interno. O art. 31 da Lei 7.210/1984 (LEP) determina a obrigatoriedade do trabalho ao apenado condenado à pena privativa de liberdade, na medida de suas aptidões e capacidades, sendo sua execução, nos termos do art. 39, V, da referida Lei, um dever do apenado. O art. 50, VI, da LEP, por sua vez, classifica como falta grave a inobservância do dever de execução do trabalho. Ressalte-se, a propósito, que a pena de trabalho forçado, vedada no art. 5º, XLVIII, "c", da CF, não se confunde com o dever de trabalho imposto ao apenado, ante o disposto no art. 6º, 3, da Convenção Americana de Direitos Humanos (Pacto San José da Costa Ric(A), segundo o qual os trabalhos ou serviços normalmente exigidos de pessoa reclusa em cumprimento de sentença ou resolução formal expedida pela autoridade judiciária competente não constituem trabalhos forçados ou obrigatórios vedados pela Convenção. HC 264.989-SP, Rel. Min. Ericson Maranho, julgado em 4/8/2015, DJe 19/8/2015.

474. A.

3. Ilícita é a devassa de dados, bem como das conversas de whatsapp, obtidas diretamente pela polícia em celular apreendido no flagrante, sem prévia autorização judicial.

4. Recurso em habeas corpus parcialmente provido para declarar a nulidade das provas obtidas no celular do paciente sem autorização judicial, cujo produto deve ser desentranhado dos autos.

(RHC 76.510/RR, SEXTA TURMA, DJe 17/04/2017)

Todavia, um julgado mais recente entendeu que não seria prova ilícita, pois "o acesso às conversas dos aplicativos no celular pelos policiais foi permitido pelo corréu" (RHC 81.297/SP, QUINTA TURMA, DJe 05/05/2017). Lol. Não sei q torre de marfim que vivem os ministros da quinta turma que acham que uma pessoa "consente", de livre vontade, que policiais vasculhem seu celular - prática, infelizmente, cada vez mais comum.

475. B.

(B) Caso desclassifique infração que tenha dado causa à conexão, o juiz continuará competente para julgar os delitos remanescentes e os corréus, haja vista a regra da perpetuatio jurisdicionis.

Art. 81. Verificada a reunião dos processos por conexão ou continência, ainda que no processo da sua competência própria venha o juiz ou tribunal a proferir sentença absolutória ou que desclassifique a infração para outra que não se inclua na sua competência, continuará competente em relação aos demais processos.

476. B.

O STF e o STJ orientam-se no sentido de que não se conhece de recurso sem a assinatura do advogado, por se tratar de ato juridicamente inexistente.

CORRETA: Para o STJ: PROCESSO PENAL. AGRAVO REGIMENTAL NO AGRAVO EM RECURSO ESPECIAL. APELO NOBRE. AUSÊNCIA DE ASSINATURA. RECURSO INEXISTENTE. AGRAVO DESPROVIDO. 1. Segundo a jurisprudência consolidada desta Corte Superior, deve ser considerado inexistente

o recurso especial interposto sem a assinatura do advogado da parte. Agravo regimental desprovido. "Destaca-se que o recurso especial foi interposto na vigência do Código de Processo Civil de 1973, o que afasta a aplicação do novo CPC". (AgRg no AREsp 919215 / ES AGRAVO REGIMENTAL NO AGRAVO EM RECURSO ESPECIAL 2016/0138558-0. Órgão Julgador: T5 - QUINTA TURMA. Data do Julgamento: 09/03/2017; Data da Publicação/Fonte: DJe 17/03/2017)

Para o STF: AG.REG. NO RECURSO EXTRAORDINÁRIO RE 470885 RS (STF). Data de publicação: 29/07/2011. Ementa: RECURSO EXTRAORDINÁRIO - EMBARGOS DE DECLARAÇÃO RECEBIDOS COMO RECURSO DE AGRAVO. AUSÊNCIA DE ASSINATURA DO ADVOGADO NA PETIÇÃO RECURSAL. INEXISTÊNCIA DO PRÓPRIO ATO PROCESSUAL DE INTERPOSIÇÃO DO RECURSO. RECURSO DE AGRAVO IMPROVIDO." (RE 581.429 -AgR- ED /SP, Relator o Ministro Celso de Mello, Segunda Turma, DJe de 16.03.2011)

477. C.

Súmula Vinculante 26: Para efeito de progressão de regime no cumprimento de pena por crime hediondo, ou equiparado, o juízo da execução observará a inconstitucionalidade do art. 2º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, sem prejuízo de avaliar se o condenado preenche, ou não, os requisitos objetivos e subjetivos do benefício, podendo determinar, para tal fim, de modo fundamentado, a realização de exame criminológico.

478. A.

LETRA (A)aproveitará a Pedro, desde que, no caso, os motivos fundantes do concurso de agentes não sejam de caráter exclusivamente pessoal.

ART.580 CPP.

Art. 580. No caso de concurso de agentes (Código Penal, art. 25), a decisão do recurso interposto por um dos réus, se fundado em motivos que não sejam de caráter exclusivamente pessoal, aproveitará aos outros.

479. C.

CPP

Art. 104. Se for argüida a suspeição do órgão do Ministério Público, o juiz, depois de ouvi-lo, decidirá, sem recurso, podendo antes admitir a produção de provas no prazo de três dias.

480. A.

CPP: "Art. 79. A conexão e a continência importarão unidade de processo e julgamento, salvo: I - no concurso entre a jurisdição comum e a militar". Súmula 90 do STJ: "Compete à Justiça Estadual Militar processar e julgar o policial militar pela prática do crime militar, e à Comum pela prática do crime comum simultâneo àquele».

481. D.

CPP: Art. 186. Parágrafo único. O silêncio, que não importará em confissão, não poderá ser interpretado em prejuízo da defesa.

482. B.

ART. 169 e parágrafo primeiro da LEP

783. A

Art. 452. O mesmo Conselho de Sentença poderá conhecer de MAIS DE 1 PROCESSO, no mesmo dia, se as partes o aceitarem, hipótese em que seus integrantes DEVERÃO prestar novo compromisso.

484. D.

CERTO

Art. 319. São medidas cautelares diversas da prisão:

I - comparecimento periódico em juízo, no prazo e nas condições fixadas pelo juiz, para informar e justificar atividades; (Redação dada pela Lei nº 12.403, de 2011).

VIII - fiança, nas infrações que a admitem, para assegurar o comparecimento a atos do processo, evitar a obstrução do seu andamento ou em caso de resistência injustificada à ordem judicial;

IX - monitoração eletrônica.

485. B.

LEI 9099

Art. 89. Nos crimes em que a pena mínima cominada for igual ou inferior a um ano, abrangidas ou não por esta Lei, o Ministério Público, ao oferecer a denúncia, poderá propor a suspensão do processo, por dois a quatro anos, desde que o acusado não esteja sendo processado ou não tenha sido condenado por outro crime, presentes os demais requisitos que autorizariam a suspensão condicional da pena (art. 77 do Código Penal).

486. A

O descumprimento de transação penal homologada não impede a extinção da punibilidade pela prescrição da pretensão punitiva. CORRETA

ENUNCIADO 44 – No caso de transação penal homologada e não cumprida, o decurso do prazo prescricional provoca a declaração de extinção de punibilidade pela prescrição da pretensão punitiva. (nova redação - XXXVII - Florianópolis/SC.

487. D.

Súmula 713 STF - O efeito devolutivo da apelação contra decisões do júri é adstrito aos fundamentos da sua interposição.

488. C.

CÓDIGO PENAL: Art. 305. Destruir, suprimir ou ocultar, em benefício próprio ou de outrem, ou em prejuízo alheio, documento público ou particular verdadeiro, de que não podia dispor.

COMPETÊNCIA: JUSTIÇA FEDERAL COMUM (art. 109, IV, da CF/88). Título de eleitor é documento público federal.

NOVA CONCURSOS

489. A.

Art. 322. A autoridade policial somente poderá conceder fiança nos casos de infração cuja pena privativa de liberdade máxima não seja superior a 4 (quatro) anos. (Redação dada pela Lei nº 12.403, de 2011).

Parágrafo único. Nos demais casos, a fiança será requerida ao juiz, que decidirá em 48 (quarenta e oito) horas. (Redação dada pela Lei nº 12.403, de 2011).

490. D.

Art. 13-B. Se necessário à prevenção e à repressão dos crimes relacionados ao tráfico de pessoas, o membro do Ministério Público ou o delegado de polícia poderão requisitar, mediante autorização judicial, às empresas prestadoras de serviço de telecomunicações e/ou telemática que disponibilizem imediatamente os meios técnicos adequados – como sinais, informações e outros – que permitam a localização da vítima ou dos suspeitos do delito em curso.

(..)

§ 3o Na hipótese prevista neste artigo, o inquérito policial deverá ser instaurado no prazo máximo de 72 (setenta e duas) horas, contado do registro da respectiva ocorrência policial.

491. A.

Trata-se de crime cuja ação penal é privada exclusiva, já que a banca não deu nenhuma outra informação sobre o fato. Logo, nos termos do art. .73 do CPP "(...) o querelante poderá preferir o foro de domicílio ou da residência do réu, ainda quando conhecido o lugar da infração".

492. D.

CPP: ART. 221, § 1o: O Presidente e o Vice-Presidente da República, os presidentes do Senado Federal, da Câmara dos Deputados e do Supremo Tribunal Federal poderão optar pela prestação de depoimento por escrito, caso em que as perguntas, formuladas pelas partes e deferidas pelo juiz, Ihes serão transmitidas por ofício.

493. D.

CPP

Art. 107. Não se poderá opor suspeição às autoridades policiais nos atos do inquérito, mas deverão elas declarar-se suspeitas, quando ocorrer motivo legal.

494. E.

Lei processual penal vigora o princípio do "Tempus Regit actum" - Art. 2 do CPP c/c art. 1 da lei de introdução ao CPP.

495. E.

A jurisdição penal pode ser exercida pelas justiças comum, abrangendo as justiças estadual e federal, bem como as justiças especializadas, dentre as quais se menciona as justiças militar e eleitoral.

A jurisdição penal e exercida pela Justiça Comum, Militar e Eleitoral.

496. C.

Diferentemente do que sucede no processo civil, o prazo processual penal se inicial da data da efetiva intimação, e não da juntada do mandado aos autos.

Súmula 710 do STF:"No processo penal, contam-se os prazos da data da intimação, e não da juntada aos autos do mandado ou da carta precatória ou de ordem".

497. C.

206. A testemunha não pode eximir-se da obrigação de depor. Apenas o ascendente, descendente, irmão, afim em linha reta, cônjuge, ainda que desquitado, do acusado, salvo quando não for possível, por outro modo, obter-se ou integrar-se a prova do fato e de suas circunstâncias (quando for o único meio de prova);

498. D.

Art. 159 - O exame de corpo de delito e outras perícias serão realizados por perito oficial, portador de diploma de curso superior.

§ 1° - Na falta de perito oficial, o exame será realizado por 2 (duas) pessoas idôneas, portadoras de diploma de curso superior preferencialmente na área específica, dentre as que tiverem habilitação técnica relacionada com a natureza do exame.

499. B.

Art. 1° Caberá prisão temporária:

I - quando imprescindível para as investigações do inquérito policial;

II - quando o indicado não tiver residência fixa ou não fornecer elementos necessários ao esclarecimento de sua identidade;

III - quando houver fundadas razões, de acordo com qualquer prova admitida na legislação penal, de autoria ou participação do indiciado nos seguintes crimes:

(A) homicídio doloso (art. 121, caput, e seu § 2°);

(B) sequestro ou cárcere privado (art. 148, caput, e seus §§ 1° e 2°);

(C) roubo (art. 157, caput, e seus §§ 1°, 2° e 3°);

(D) extorsão (art. 158, caput, e seus §§ 1° e 2°);

(E) extorsão mediante seqüestro (art. 159, caput, e seus §§ 1°, 2° e 3°);

f) estupro (art. 213, caput, e sua combinação com o art. 223, caput, e parágrafo único);

g) atentado violento ao pudor (art. 214, caput, e sua combinação com o art. 223, caput, e parágrafo único);

h) rapto violento (art. 219, e sua combinação com o art. 223 caput, e parágrafo único);

i) epidemia com resultado de morte (art. 267, § 1°);

j) envenenamento de água potável ou substância alimentícia ou medicinal qualificado pela morte (art. 270, caput, combinado com art. 285);

l) quadrilha ou bando (art. 288), todos do Código Penal;

m) genocídio (arts. 1°, 2° e 3° da Lei n° 2.889, de 1° de outubro de 1956), em qualquer de sua formas típicas;

n) tráfico de drogas (art. 12 da Lei n° 6.368, de 21 de outubro de 1976);

o) crimes contra o sistema financeiro (Lei n° 7.492, de 16 de junho de 1986).

p) crimes previstos na Lei de Terrorismo. (Incluído pela Lei nº 13.260, de 2016)

500. D.

Classificação dos Flagrantes (é trazido pela doutrina, não pela lei)

Art. 302. Considera-se em flagrante delito quem:

I - está cometendo a infração penal; (PRÓPRIO)

II - acaba de cometê-la; (PRÓPRIO)

III - é perseguido, logo após, pela autoridade, pelo ofendido ou por qualquer pessoa, em situação que faça presumir ser autor da infração; (IMPRÓPRIO ou QUASE FLAGRANT(E)

IV - é encontrado, logo depois, com instrumentos, armas, objetos ou papéis que façam presumir ser ele autor da infração. (PRESUMIDO)

501. C.

CPP

Art. 120. A restituição, quando cabível, poderá ser ordenada pela autoridade policial ou juiz, mediante termo nos autos, desde que não exista dúvida quanto ao direito do reclamante.

Referências

Disponível em: https://www.qconcursos.com. Acesso em 13 de outubro de 2017.

ANOTAÇÕES

NOVA CONCURSOS

ANOTAÇÕES

ANOTAÇÕES

NOVA CONCURSOS

ANOTAÇÕES

ANOTAÇÕES

NOVA CONCURSOS

NOVÍSSIMA GRAMÁTICA DA LÍNGUA PORTUGUESA

Domingos Paschoal

CEGALLA

COM A NOVA ORTOGRAFIA DA LÍNGUA PORTUGUESA

Companhia Editora Nacional

APRESENTAÇÃO

Esta nova edição da **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa** apresenta como principal novidade sua adaptação ao novo sistema ortográfico de 1990, decorrente de um acordo assinado naquele ano, em Lisboa, pelos representantes dos sete países lusófonos.

Não esperem os professores e estudantes encontrar nesta edição grandes alterações no modo de escrever as palavras, porquanto, o chamado **Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa**, o terceiro desde 1931, não visou à simplificação, mas à unificação ortográfica do idioma falado na comunidade lusófona. O que o leitor vai encontrar são pequenas modificações no uso das notações léxicas (acentos gráficos, hífen, apóstrofo) e a ausência do trema no **u** átono dos grupos **gue**, **gui**, **que**, **qui**. Em decorrência dessas alterações, tivemos de adaptar às novas regras o capítulo sobre ortografia e remanejar os correspondentes exercícios.

Se nos permitem, tomamos a liberdade de lembrar aos abnegados colegas de ensino que o estudo da gramática, por parte dos discípulos, deve andar lado a lado com a redação de textos, a interpretação de poemas e excertos literários e a leitura de livros e revistas de boa qualidade. Só com essa didática plurivalente é que o ensino do português atingirá seu objetivo precípuo, que é levar o estudante a assenhorear-se gradativamente das normas e dos recursos do idioma, nas modalidades oral e escrita.

A todos os que derem preferência a esta obra, professores, alunos e estudiosos da nossa língua, os nossos profundos agradecimentos.

Domingos Paschoal Cegalla

À
Dalva,
minha esposa dileta
e incansável colaboradora

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 16

A LÍNGUA PORTUGUESA NO MUNDO 18

I – FONÉTICA

FONEMAS 21

1. CONCEITO DE FONEMA 21
2. REPRESENTAÇÃO DOS FONEMAS 21
3. APARELHO FONADOR 22
4. CLASSIFICAÇÃO DE FONEMAS 24
5. CLASSIFICAÇÃO DAS VOGAIS 24
6. ENCONTROS VOCÁLICOS 25
   - Ditongo 25
   - Tritongo 27
   - Hiato 27
7. CLASSIFICAÇÃO DAS CONSOANTES 28
8. ENCONTROS CONSONANTAIS 30
9. DÍGRAFOS 30
10. NOTAÇÕES LÉXICAS 31

EXERCÍCIOS – LISTA 1 32

SÍLABA – TONICIDADE 36

1. CLASSIFICAÇÃO DAS PALAVRAS QUANTO AO NÚMERO DE SÍLABAS 36
2. DIVISÃO SILÁBICA 36
3. PARTIÇÃO DAS PALAVRAS EM FIM DE LINHA 37
4. ACENTO TÔNICO 38
5. CLASSIFICAÇÃO DAS PALAVRAS QUANTO AO ACENTO TÔNICO 38
6. VOCÁBULOS ÁTONOS E VOCÁBULOS TÔNICOS 39
7. VOCÁBULOS RIZOTÔNICOS E ARRIZOTÔNICOS 40
8. ACENTO DE INSISTÊNCIA 40
9. ANÁLISE FONÉTICA 40

EXERCÍCIOS – LISTA 2 41

ORTOÉPIA – PROSÓDIA 44

1. ORTOÉPIA 44
2. PROSÓDIA 46

EXERCÍCIOS – LISTA 3 48

ORTOGRAFIA 52

1. ALFABETO PORTUGUÊS 52
2. EMPREGO DAS LETRAS *K*, *W* E *Y* 53
3. EMPREGO DA LETRA *H* 53
4. EMPREGO DAS LETRAS *E*, *I*, *O* E *U* 55
5. EMPREGO DAS LETRAS *G* E *J* 57

6. REPRESENTAÇÃO DO FONEMA /S/ 58
7. EMPREGO DE LETRA S COM VALOR DE Z 60
8. EMPREGO DA LETRA Z 61
9. S OU Z? 61
10. EMPREGO DO X 63
11. EMPREGO DO DÍGRAFO CH 63
12. CONSOANTES DOBRADAS 64
13. EMPREGO DAS INICIAIS MAIÚSCULAS E MINÚSCULAS 64
EXERCÍCIOS – LISTA 4 66

ACENTUAÇÃO GRÁFICA 71

1. PRINCIPAIS REGRAS DE ACENTUAÇÃO GRÁFICA 71
- Acentuação dos vocábulos proparoxítonos 71
- Acentuação dos vocábulos paroxítonos 71
- Acentuação dos vocábulos oxítonos 72
- Acentuação dos monossílabos 72
- Acentuação dos ditongos 73
- Acentuação dos hiatos 73
- Os grupos *gue, gui, que, qui* 74
- Acento diferencial 74
- Acento grave 75

EXERCÍCIOS – LISTA 5 76

NOTAÇÕES LÉXICAS 80

1. EMPREGO DO TIL 80
2. EMPREGO DO TREMA 80
3. EMPREGO DO APÓSTROFO 80
4. EMPREGO DO HÍFEN 81
5. DIVISÃO SILÁBICA E PARTIÇÃO DE PALAVRAS 84
EXERCÍCIOS – LISTA 6 84

ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS 86

EXERCÍCIOS – LISTA 7 89

II – MORFOLOGIA

ESTRUTURA DAS PALAVRAS 91

1. RAIZ 91
2. RADICAL 91
3. TEMA 92
4. AFIXOS 92
5. DESINÊNCIAS 92
6. VOGAL TEMÁTICA 93
7. VOGAIS E CONSOANTES DE LIGAÇÃO 93
8. COGNATOS 93
9. PALAVRAS PRIMITIVAS E DERIVADAS 94
10. PALAVRAS SIMPLES E COMPOSTAS 94
EXERCÍCIOS – LISTA 8 94

FORMAÇÃO DAS PALAVRAS 96

1. DERIVAÇÃO 96
2. COMPOSIÇÃO 98
3. REDUÇÃO 98
4. HIBRIDISMOS 99
5. ONOMATOPEIAS 99

EXERCÍCIOS – LISTA 9 100

SUFIXOS 102

1. PRINCIPAIS SUFIXOS NOMINAIS 102
2. SUFIXOS VERBAIS 106
3. SUFIXO ADVERBIAL 108

EXERCÍCIOS – LISTA 10 108

PREFIXOS 110

1. PREFIXOS LATINOS 110
2. PREFIXOS GREGOS 113
3. CORRESPONDÊNCIA ENTRE PREFIXOS LATINOS E GREGOS 114

EXERCÍCIOS – LISTA 11 115

RADICAIS GREGOS 117

EXERCÍCIOS – LISTA 12 121

RADICAIS LATINOS 123

EXERCÍCIOS – LISTA 13 124

ORIGEM DAS PALAVRAS DA LÍNGUA PORTUGUESA 126

EXERCÍCIOS – LISTA 14 128

CLASSIFICAÇÃO E FLEXÃO DAS PALAVRAS 129

SUBSTANTIVO 130

1. SUBSTANTIVOS 130
2. SUBSTANTIVOS COLETIVOS 131
3. PALAVRAS SUBSTANTIVADAS 134

EXERCÍCIOS – LISTA 15 134

4. FLEXÃO DOS SUBSTANTIVOS: *GÊNERO* 135
5. FORMAÇÃO DO FEMININO 136
6. SUBSTANTIVOS UNIFORMES EM GÊNERO 138
7. SUBSTANTIVOS DE GÊNERO INCERTO 139
8. GÊNERO DOS NOMES DE CIDADES 141
9. GÊNERO E SIGNIFICAÇÃO 141

EXERCÍCIOS – LISTA 16 141

10. FLEXÃO DOS SUBSTANTIVOS: *NÚMERO* 143
11. PLURAL DOS SUBSTANTIVOS COMPOSTOS 146
12. PLURAL DAS PALAVRAS SUBSTANTIVADAS 148
13. PLURAL DOS DIMINUTIVOS 148
14. PLURAL DOS NOMES PRÓPRIOS PERSONATIVOS 149

15. PLURAL DOS SUBSTANTIVOS ESTRANGEIROS 149
16. PLURAL DAS SIGLAS 149
17. PLURAL COM MUDANÇA DE TIMBRE 149
18. PARTICULARIDADES SOBRE O NÚMERO DOS SUBSTANTIVOS 150
EXERCÍCIOS - LISTA 17 150
19. FLEXÃO DOS SUBSTANTIVOS: *GRAU* 152
- Grau aumentativo 152
- Grau diminutivo 153

20. ADJETIVOS COM AS FLEXÕES DE AUMENTATIVO E DIMINUTIVO 154
21. PLURAL DOS DIMINUTIVOS EM *–ZINHO* E *–ZITO* 154
EXERCÍCIOS – LISTA 18 155

ARTIGO 157

1. DEFINIDO 157
2. INDEFINIDO 157
EXERCÍCIOS – LISTA 19 158

ADJETIVO 159

1. ADJETIVOS 159
2. ADJETIVOS PÁTRIOS 159
3. FORMAÇÃO DO ADJETIVO 160
4. LOCUÇÃO ADJETIVA 161
5. ADJETIVOS ERUDITOS 161
6. FLEXÃO DO ADJETIVO 163
7. FLEXÃO DO ADJETIVO: *GÊNERO* 163
8. REGRAS PARA A FORMAÇÃO DO FEMININO 164
9. PLURAL DOS ADJETIVOS SIMPLES 164
10. PLURAL DOS ADJETIVOS COMPOSTOS 164
EXERCÍCIOS – LISTA 20 165
11. GRAU DO ADJETIVO 169
12. FLEXÃO DO ADJETIVO: *GRAU COMPARATIVO* 169
13. FLEXÃO DO ADJETIVO: *GRAU SUPERLATIVO* 169
14. SUPERLATIVOS ABSOLUTOS SINTÉTICOS ERUDITOS 170
15. OUTRAS FORMAS DE SUPERLATIVO ABSOLUTO 171
EXERCÍCIOS – LISTA 21 172

NUMERAL 174

1. NUMERAL 174
2. FLEXÃO DOS NUMERAIS 175
3. LEITURA E ESCRITA DOS NÚMEROS 175
4. QUADRO DOS PRINCIPAIS NUMERAIS 175
5. FORMAS DUPLAS 176
EXERCÍCIOS – LISTA 22 177

PRONOME 179

1. PRONOMES 179
2. CLASSIFICAÇÃO DOS PRONOMES 179
3. PRONOMES SUBSTANTIVOS E PRONOMES ADJETIVOS 179

4. PRONOMES PESSOAIS 179
5. PRONOMES DE TRATAMENTO 181
6. PRONOMES POSSESSIVOS 182
7. PRONOMES DEMONSTRATIVOS 183
8. PRONOMES RELATIVOS 184
9. PRONOMES INDEFINIDOS 186
10. PRONOMES INTERROGATIVOS 188
EXERCÍCIOS – LISTA 23 188

VERBO 194

1. VERBO 194
2. PESSOA E NÚMERO 194
3. TEMPOS VERBAIS 194
4. MODOS DO VERBO 195
5. FORMAS NOMINAIS 195
6. VOZ 196
7. VERBOS AUXILIARES 196
8. CONJUGAÇÕES 197
9. ELEMENTOS ESTRUTURAIS DOS VERBOS 197
10. TEMPOS PRIMITIVOS E DERIVADOS 198
11. MODO IMPERATIVO 199
12. FORMAÇÃO DO IMPERATIVO 199
13. FORMAÇÃO DOS TEMPOS COMPOSTOS 200
14. VERBOS REGULARES, IRREGULARES E DEFECTIVOS 200
EXERCÍCIOS – LISTA 24 201
- Conjugação dos verbos auxiliares *ser, estar, ter,* e *haver* 203

EXERCÍCIOS – LISTA 25 208
- Verbos regulares: 1ª conjugação 209
- Verbos regulares: 2ª conjugação 211
- Verbos regulares: 3ª conjugação 214

EXERCÍCIOS – LISTA 26 216
15. VOZES DO VERBO 219
16. VOZ ATIVA 219
17. VOZ PASSIVA 219
18. FORMAÇÃO DA VOZ PASSIVA 220
19. VOZ REFLEXIVA 220
20. CONVERSÃO DA VOZ ATIVA NA PASSIVA 222
- Conjugação de um verbo na voz passiva analítica 223

21. CONJUGAÇÃO DOS VERBOS PRONOMINAIS 225
EXERCÍCIOS – LISTA 27 227
22. VERBOS IRREGULARES 229
- Verbos irregulares: 1ª conjugação 230
- Verbos irregulares: 2ª conjugação 234
- Verbos irregulares: 3ª conjugação 242

23. VERBOS DEFECTIVOS 247
24. VERBOS ABUNDANTES 249
- Conjugação de um verbo com os pronomes oblíquos *o, a, os, as* 252

25. PRONÚNCIA CORRETA DE ALGUNS VERBOS 253
EXERCÍCIOS – LISTA 28 254

ADVÉRBIO **259**

1. ADVÉRBIO 259
2. ADVÉRBIOS INTERROGATIVOS 260
3. LOCUÇÕES ADVERBIAIS 261
4. GRAUS DOS ADVÉRBIOS 261
5. PALAVRAS E LOCUÇÕES DENOTATIVAS 262

EXERCÍCIOS – LISTA 29 264

PREPOSIÇÃO **268**

1. PREPOSIÇÃO 268
   - Preposições essenciais 269
   - Preposições acidentais 269
2. LOCUÇÕES PREPOSITIVAS 270
3. COMBINAÇÕES E CONTRAÇÕES 271

EXERCÍCIOS – LISTA 30 271

4. CRASE 275
5. CRASE DA PREPOSIÇÃO *A* COM OS ARTIGOS *A, AS* 276
6. CASOS EM QUE NÃO HÁ CRASE 277
7. CASOS ESPECIAIS 281
8. CRASE DA PREPOSIÇÃO *A* COM OS PRONOMES DEMONSTRATIVOS 283

EXERCÍCIOS – LISTA 31 284

CONJUNÇÃO **289**

1. CONJUNÇÕES 289
2. CONJUNÇÕES COORDENATIVAS 289
3. CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS 291
4. LOCUÇÕES CONJUNTIVAS 293
5. A CONJUNÇÃO *QUE* 294

EXERCÍCIOS – LISTA 32 295

INTERJEIÇÃO **300**

1. INTERJEIÇÃO 300
2. LOCUÇÃO INTERJETIVA 301

EXERCÍCIOS – LISTA 33 301

CONECTIVOS **304**

FORMAS VARIANTES **305**

EXERCÍCIOS – LISTA 34 306

ANÁLISE MORFOLÓGICA **307**

III – SEMÂNTICA

SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS **310**

1. SINÔNIMOS 310
2. ANTÔNIMOS 310

3. HOMÔNIMOS 311
4. PARÔNIMOS 312
5. POLISSEMIA 312
6. SENTIDO PRÓPRIO E SENTIDO FIGURADO 313
7. DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO 313
EXERCÍCIOS – LISTA 35 313

IV – SINTAXE

ANÁLISE SINTÁTICA 319

1. NOÇÕES PRELIMINARES 319
2. FRASE 319
3. ORAÇÃO 321
4. NÚCLEO DE UM TERMO 322
5. PERÍODO 322
EXERCÍCIOS – LISTA 36 323

TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO 324

1. SUJEITO 324
2. PREDICADO 328
EXERCÍCIOS – LISTA 37 330
3. PREDICAÇÃO VERBAL 335
4. CLASSIFICAÇÃO DOS VERBOS QUANTO À PREDICAÇÃO 336
   - Intransitivos 336
   - Transitivos diretos 337
   - Transitivos indiretos 337
   - Transitivos diretos e indiretos 339
   - De ligação 339
   - Verbos vicários 340
EXERCÍCIOS – LISTA 38 341
5. PREDICATIVO 343
   - Predicativo do sujeito 343
   - Predicativo do objeto 344
EXERCÍCIOS – LISTA 39 345

TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO 348

1. OBJETO DIRETO 348
2. OBJETO DIRETO PREPOSICIONADO 349
3. OBJETO DIRETO PLEONÁSTICO 352
4. OBJETO INDIRETO 352
5. OBJETO INDIRETO PLEONÁSTICO 354
6. COMPLEMENTO NOMINAL 354
7. AGENTE DA PASSIVA 355
EXERCÍCIOS – LISTA 40 356

TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO 363

1. ADJUNTO ADNOMINAL 363
2. ADJUNTO ADVERBIAL 364
3. APOSTO 365

4. VOCATIVO 366
EXERCÍCIOS – LISTA 41 367

PERÍODO COMPOSTO 370

1. PERÍODO COMPOSTO 370
EXERCÍCIOS – LISTA 42 371

ORAÇÕES COORDENADAS INDEPENDENTES 373

1. ORAÇÕES COORDENADAS SINDÉTICAS 374
2. ORAÇÕES COORDENADAS ASSINDÉTICAS 376
EXERCÍCIOS – LISTA 43 376

ORAÇÕES PRINCIPAIS E SUBORDINADAS 378

1. ORAÇÃO PRINCIPAL 378
2. ORAÇÃO SUBORDINADA 379
3. CLASSIFICAÇÃO DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS 379
4. ORAÇÕES SUBORDINADAS COORDENADAS 380
EXERCÍCIOS – LISTA 44 381

ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS 383

1. ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS 383
EXERCÍCIOS – LISTA 45 386

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS 390

1. ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS 391
EXERCÍCIOS – LISTA 46 392

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS 396

1. ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS 396
2. ORAÇÕES ADVERBIAIS LOCATIVAS 402
EXERCÍCIOS – LISTA 47 403

ORAÇÕES REDUZIDAS 408

1. ORAÇÕES REDUZIDAS 408
2. CLASSIFICAÇÃO DAS ORAÇÕES REDUZIDAS 409
- Reduzidas de infinitivo 409
- Reduzidas de gerúndio 412
- Reduzidas de particípio 413
EXERCÍCIOS – LISTA 48 415

ESTUDO COMPLEMENTAR DO PERÍODO COMPOSTO 421

1. ORAÇÕES INTERFERENTES 421
EXERCÍCIOS – LISTA 49 422
2. MODELOS DE ANÁLISE SINTÁTICA 424
EXERCÍCIOS – LISTA 50 426

SINAIS DE PONTUAÇÃO 428

1. EMPREGO DA VÍRGULA 428
2. PONTO E VÍRGULA 430
3. DOIS-PONTOS 430
4. PONTO FINAL 431
5. PONTO DE INTERROGAÇÃO 431
6. PONTO DE EXCLAMAÇÃO 432
7. RETICÊNCIAS 432
8. PARÊNTESES 433
9. TRAVESSÃO 433
10. ASPAS 434
11. COLCHETES 434
12. ASTERISCO 435
13. PARÁGRAFO 435

EXERCÍCIOS – LISTA 51 435

SINTAXE DE CONCORDÂNCIA 438

CONCORDÂNCIA NOMINAL 438
EXERCÍCIOS – LISTA 52 446
CONCORDÂNCIA VERBAL 450
CASOS ESPECIAIS DE CONCORDÂNCIA VERBAL 451
EXERCÍCIOS – LISTA 53 472

SINTAXE DE REGÊNCIA 483

1. REGÊNCIA 483
2. OS PRONOMES OBJETIVOS *O(S), A(S), LHE(S)* 485

REGÊNCIA NOMINAL 487

EXERCÍCIOS – LISTA 54 488

REGÊNCIA VERBAL 490

1. REGÊNCIA E SIGNIFICAÇÃO DOS VERBOS 490
2. REGÊNCIA DE ALGUNS VERBOS 490
3. CASOS ESPECIAIS DE REGÊNCIA VERBAL 512

EXERCÍCIOS – LISTA 55 515

SINTAXE DE COLOCAÇÃO 529

1. POSPOSIÇÃO DO SUJEITO 531
2. ANTECIPAÇÃO DE TERMOS DA ORAÇÃO 532
3. COLOCAÇÃO DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS 533

EXERCÍCIOS – LISTA 56 534

4. COLOCAÇÃO DOS PRONOMES OBLÍQUOS ÁTONOS 538
5. PRÓCLISE 538
6. MESÓCLISE 541
7. ÊNCLISE 541
8. ÊNCLISE EUFÔNICA E ENFÁTIVA 543
9. COLOCAÇÃO DOS PRONOMES ÁTONOS NOS TEMPOS COMPOSTOS 543

10. COLOCAÇÃO DOS PRONOMES ÁTONOS NAS LOCUÇÕES VERBAIS 543
EXERCÍCIOS – LISTA 57 545

EMPREGO DE ALGUMAS CLASSES DE PALAVRAS 551

1. ARTIGO 551
2. ADJETIVO 554
3. NUMERAL 556
4. PRONOMES PESSOAIS 557
5. EU OU MIM? 559
6. CONTRAÇÃO DOS PRONOMES OBLÍQUOS 561
7. O PRONOME *SE* 562
8. PRONOMES POSSESSIVOS 563
9. PRONOMES DEMONSTRATIVOS 564
10. PRONOMES RELATIVOS 566
11. PRONOMES INDEFINIDOS 569
12. ADVÉRBIO 571

EXERCÍCIOS – LISTA 58 574

EMPREGO DOS MODOS E TEMPOS 584

1. MODO INDICATIVO 584
2. MODO SUBJUNTIVO 588
3. MODO IMPERATIVO 591
4. PARTICÍPIO 591
5. GERÚNDIO 592

EXERCÍCIOS – LISTA 59 593

EMPREGO DO INFINITIVO 596

1. INFINITIVO NÃO-FLEXIONADO 596
2. INFINITIVO PESSOAL FLEXIONADO 598

EXERCÍCIOS – LISTA 60 601

EMPREGO DO VERBO HAVER 606

EXERCÍCIOS – LISTA 61 609

V – ESTILÍSTICA

FIGURAS DE LINGUAGEM 614

1. FIGURAS DE PALAVRAS 614
   - Metáfora 614
   - Comparação 615
   - Metonímia 615
   - Perífrase 617
   - Sinestesia 617

EXERCÍCIOS – LISTA 62 617

2. FIGURAS DE CONSTRUÇÃO 620
   - Elipse 620
   - Pleonasmo 621

- Polissíndeto 622
- Inversão 622
- Anacoluto 622
- Silepse 622
- Onomatopeia 623
- Repetição 624

EXERCÍCIOS – LISTA 63 624

3. FIGURAS DE PENSAMENTO 626
- Antítese 626
- Apóstrofe 626
- Eufemismo 626
- Gradação 627
- Hipérbole 627
- Ironia 627
- Paradoxo 627
- Personificação 627
- Reticência 628
- Retificação 628

EXERCÍCIOS – LISTA 64 628

VÍCIOS DE LINGUAGEM 634

EXERCÍCIOS – LISTA 65 636

QUALIDADES DA BOA LINGUAGEM 637

LÍNGUA E ARTE LITERÁRIA 639

1. A LÍNGUA E SUAS MODALIDADES 639
2. ELEMENTOS DA OBRA LITERÁRIA 640
3. ESTILO 641
4. GÊNEROS LITERÁRIOS 641
5. FICÇÃO 642

EXERCÍCIOS – LISTA 66 645

6. VERSIFICAÇÃO 646
7. PROCESSOS PARA A REDUÇÃO DO NÚMERO DE SÍLABAS MÉTRICAS 648
8. RITMO 648
9. ENCADEAMENTO *(ENJAMBEMENT)* 651
10. RIMA 652
11. VERSOS BRANCOS 653
12. ESTROFE 653
13. SONETO 653
14. VERSO LIVRE 654

EXERCÍCIOS – LISTA 67 655

BIBLIOGRAFIA 657

EXERCÍCIOS DE EXAMES E CONCURSOS 663

RESPOSTAS DOS EXERCÍCIOS DE EXAMES E CONCURSOS 694

INTRODUÇÃO

Linguagem é a faculdade que o homem tem de se exprimir e comunicar por meio da fala.

Cada povo exerce essa capacidade por meio de um determinado código linguístico, ou seja, utilizando um sistema de signos vocais distintos e significativos, a que se dá o nome de *língua* ou *idioma*.

Criação social da mais alta importância, a língua é por excelência o veículo do conhecimento humano e a base do patrimônio cultural de um povo.

A utilização da língua pelo indivíduo denomina-se *fala*. A fala nasce da inelutável necessidade humana de comunicação.

A comunicação linguística se realiza por meio da expressão oral ou escrita.

A língua não é um sistema intangível, imutável; como toda criação humana, está sujeita à ação do tempo e do espaço geográfico, sofre constantes alterações e reflete forçosamente as diferenças individuais dos falantes. Daí a existência de falares regionais e de vários *níveis de fala*: culta, popular, coloquial, etc.

A história, o registro e a sistematização dos fatos de uma língua constituem matéria da *Gramática*.

A *Gramática Histórica* estuda a origem e a evolução de uma língua, acompanhando-lhe os passos desde o seu alvorecer até a época atual.

A *Gramática Normativa* enfoca a língua como é falada em determinada fase de sua evolução: faz o registro sistemático dos fatos linguísticos e dos meios de expressão, aponta normas para a correta utilização oral e escrita do idioma, em suma, ensina a falar e escrever a língua-padrão corretamente.

Este livro pretende ser uma Gramática Normativa da Língua Portuguesa do Brasil, conforme a falam e escrevem as pessoas cultas na época atual.

De acordo com os diferentes aspectos sob os quais se podem encarar os fatos linguísticos, divide-se a Gramática em cinco partes distintas:

- **Fonética**
- **Morfologia**
- **Sintaxe**
- **Semântica**
- **Estilística**

1. A *fonética* é o estudo dos sons da fala. Considera a palavra sob o aspecto sonoro e trata:
   - dos fonemas: como se produzem, classificam e agrupam;
   - da pronúncia correta das palavras, ou seja, da correta emissão e articulação dos fonemas (ortoépia);
   - da exata acentuação tônica das palavras (prosódia);
   - da figuração gráfica dos fonemas ou a escrita correta das palavras (ortografia).

   Observação:

   ✔ A linguística moderna distingue *fonética* de *fonologia*. Ambas as disciplinas tratam dos sons da fala, porém de modo diverso: a fonética se ocupa dos sons da língua sob o aspecto material, físico, acústico, ao passo que a fonologia os estuda do ponto de vista prático, funcional, no contexto fônico da comunicação humana. Nesta obra, não fazemos tal distinção. Seguindo a Nomenclatura Gramatical Brasileira, empregamos o termo *fonética* no seu sentido amplo, tradicional.

2. A *morfologia* ocupa-se das diversas classes de palavras, isoladamente, analisando-lhes a estrutura, a formação, as flexões e propriedades.

3. É objeto da *sintaxe* o estudo das palavras associadas na frase. Examina:
   - a função das palavras e das orações no período (análise sintática);
   - as relações de dependência das palavras na oração, sob o aspecto da subordinação (sintaxe de regência);
   - as relações de dependência das palavras consideradas do ponto de vista da flexão (sintaxe de concordância);
   - a disposição ou ordem das palavras e das orações no período (sintaxe de colocação).

4. A *semântica* tem como objetivo o estudo da significação das palavras. Pode ser *descritiva* ou *histórica*.

   A semântica descritiva estuda a significação atual das palavras; a histórica se ocupa da evolução do sentido das palavras através do tempo.

   À Gramática Normativa só interessa a semântica descritiva.

5. A *estilística* trata, essencialmente, do *estilo*, ou seja, dos diversos processos expressivos próprios para sugestionar, despertar o sentimento estético e a emoção. Esses processos resumem-se no que chamamos de *figuras de linguagem*. A estilística, em outras palavras, visa ao lado estético e emocional da atividade linguística, em oposição ao aspecto intelectivo, científico.

A LÍNGUA PORTUGUESA NO MUNDO

1. A língua portuguesa é falada em todos os continentes por cerca de duzentos milhões de pessoas. Poucos idiomas desfrutam de tão privilegiada posição.

   Das línguas neolatinas foi a primeira a expandir-se fora do continente europeu. Acompanhando as caravelas dos conquistadores lusitanos dos séculos XV e XVI, ela implantou-se em todas as partes do mundo. Entretanto, levada para terras tão distantes, a língua portuguesa, em contato com a cultura dos povos aborígines, sofreu inevitáveis alterações, de que resultaram falares regionais ou dialetos.

2. Atualmente, o português é a língua oficial de oito países, ditos lusófonos: Portugal (incluídos os Açores e a Ilha da Madeira), Brasil, Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e o Timor Leste, que conquistou sua independência em 1999, tornando-se o oitavo país lusófono.

3. Dialetos com raízes no português são falados em ex-colônias e possessões lusitanas da Ásia, como Diu, Damão, Goa, todas três na Índia, Macau, na China, e Timor Leste, na Oceania.

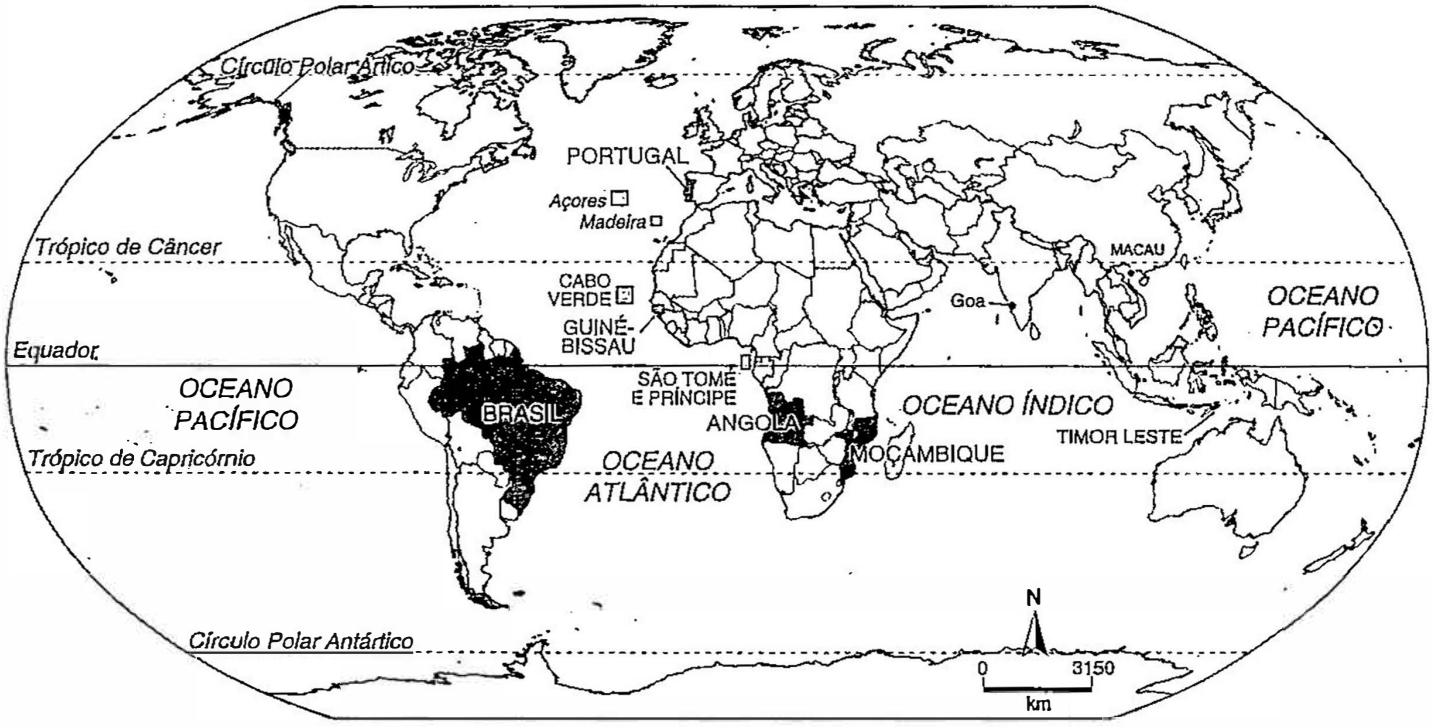

A língua portuguesa no mundo

FONÉTICA

estuda os sons da fala

A água

Flui a água, flébil, flexuosa,
em seu eterno fluxo,
aflita por chegar
ao final de seu curso.

A água flui, a água lava,
a leve água leva
para longe as impurezas
de nossa vida breve.

Fluida flecha frágil,
avança, entanto, impávida;
lépida, atinge o alvo,
expande-se toda em dádivas...

Tange a água, tange o tempo
a aguilhada da pressa.
O tempo nunca retorna,
a água sempre regressa...

Domingos Paschoal Cegalla

FONEMAS

1 CONCEITO DE FONEMA

Fonemas *são as menores unidades sonoras da fala*.

São os sons elementares e distintivos que, articulados e combinados, formam as sílabas, os vocábulos e a teia da frase, na comunicação oral.

Funcionam como elementos distintivos ou diferenciadores das palavras, porque são capazes de diferenciar umas de outras, conforme se observa, por exemplo, nas sequências:

m*a*la	*g*ato	ma*l*
m*o*la	*m*ato	ma*r*
m*u*la	*p*ato	ma*s*

Quando proferimos a palavra *aflito*, por exemplo, emitimos três sílabas e seis fonemas: *a - fli - to*. Percebemos que numa sílaba pode haver um ou mais fonemas.

No sistema fonético do português do Brasil há, aproximadamente, 33 fonemas, que adiante estudaremos.

2 REPRESENTAÇÃO DOS FONEMAS

Na língua escrita, os fonemas são representados por signos ou sinais gráficos chamados *letras*. O conjunto das letras denomina-se *alfabeto* ou *abecedário*, ou ainda, *abecê*, também escrito *abc*.

Observação:

✔ A palavra *alfabeto* origina-se do nome das duas primeiras letras do alfabeto grego: *alfa* (a) + *beta* (b).

É importante não confundir letra com fonema. Fonema é som, letra é o sinal gráfico que representa o som. Para falar, usamos fonemas; para escrever, usamos letras.

O ideal seria que a cada fonema correspondesse uma só letra, e vice-versa, mas *infelizmente* isso não acontece. É que o nosso sistema ortográfico não é rigorosamente fonético, mas ainda está preso à origem das palavras. Escreve-se, por exemplo, *exame*, em vez de *ezame*, porque este substantivo vem da palavra latina *examen*. Assim, por força da tradição etimológica, podemos observar, na representação dos fonemas portugueses, as seguintes imperfeições:

- A mesma letra pode representar fonemas diferentes:
  eXame, Xale, próXimo, seXo; Cola, Cera.
- O mesmo fonema pode ser figurado por letras diferentes:
  caSa, eXílio, coZinha; tiGela, laJe.
- Um fonema pode ser representado por um grupo de duas letras (dígrafo):
  maCHado, muLHer, uNHa, miSSa, caRRo.
- A letra *X* pode representar, simultaneamente, dois fonemas diferentes:
  táXi (tácsi), *fiXo* (ficso), *tóraX* (tóracs).
- Há letras que, às vezes, não representam fonemas; funcionam apenas como notações léxicas:
  caMpo (cãpo), *reNda* (rẽda), *regUe* (U insonoro, para não se proferir *reje*).
- Usam-se letras simplesmente decorativas: não representam fonemas nem funcionam como notações léxicas. Mantiveram-se em razão da etimologia:
  hotel (otel), *diScípulo* (dicípulo), *eXceção* (eceção), *qUina* (qina).
- Há fonemas que, em certos casos, não se representam graficamente:
  bem (bẽi), *batem* (bátẽi), *falam* (fálãU).

3 APARELHO FONADOR

Os sons da fala são produzidos pelo concurso dos órgãos da fonação, ou seja, pelo aparelho fonador. Fazem parte do aparelho fonador:

- **Pulmões**

  Funcionam como dois foles, produzindo a corrente de ar.

- **Brônquios e traqueia**

  São os canais que conduzem a corrente de ar à laringe.

- **Laringe**

  Situada na parte superior da traqueia, é o mais importante órgão da fonação. Nela se localizam a *glote*, a *epiglote* (válvula elástica que tapa a glote durante a deglutição) e as *cordas vocais*.

- **Glote**

  Pequena abertura de forma triangular situada na laringe, na altura do *pomo de adão*. À chegada do fluxo de ar vindo dos pulmões, a glote pode abrir-se ou fechar-se, bastando que os bordos das cordas vocais se afastem ou se aproximem. Se a glote se abrir, o ar passa livremente, sem fazer vibrar as cordas vocais: nesse caso, o fonema produzido é *surdo*. Se a glote se fechar, o fluxo de ar força a passagem, fazendo vibrar as cordas vocais, e o fonema produzido é então *sonoro*.

APARELHO FONADOR

1. Fossas nasais
2. Palato duro
3. Véu palatino
4. Lábios
5. Dentes
6. Língua
7. Faringe
8. Epiglote
9. Cordas vocais
10. Laringe
11. Traqueia
12. Esôfago
13. Alvéolo
14. Úvula
15. Glote

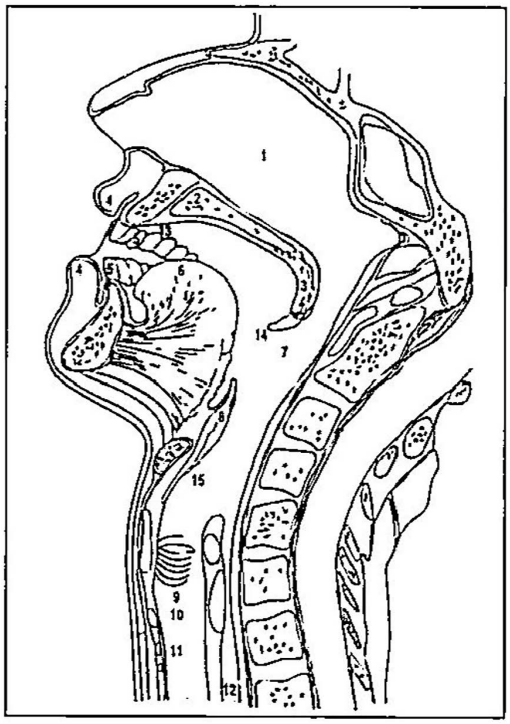

- **Cordas vocais**

  São duas pregas musculares, elásticas, distendidas horizontalmente diante da glote. Quando vibradas, produzem fonemas sonoros.

- **Faringe**

  Cavidade ligeiramente afunilada, entre a boca e a parte superior do esôfago. Conduz o ar para a boca e as fossas nasais.

- **Úvula**

  Vulgarmente chamada *campainha*, a úvula é um apêndice flexível do véu palatino. Tem a função de fiscalizar a passagem do ar; levantando-se contra a parede posterior da faringe, intercepta a passagem do ar para as fossas nasais: o ar escoa-se pela boca e o fonema se diz *oral*; abaixando-se a úvula, permite que a corrente de ar se escape em parte pelas fossas nasais, produzindo-se então um fonema *nasal*.

- **Boca e órgãos anexos**

  Podemos dizer que os fonemas nascem na laringe e se completam na boca. E isso acontece graças ao concurso das arcadas dentárias, dos alvéolos, do palato duro (ou céu da boca) e do palato mole (ou véu palatino) e, sobretudo, à atividade da língua, dos lábios e das bochechas, os quais se movimentam para modificar a corrente sonora e moldar os fonemas. A cavidade bucal atua também como caixa de ressonância dos fonemas sonoros.

- **Fossas nasais**

  Cavidades situadas acima do maxilar superior, funcionam como caixa de ressonância dos fonemas nasais.

4 CLASSIFICAÇÃO DOS FONEMAS

Os **fonemas** da língua portuguesa classificam-se em *vogais, semivogais* e *consoantes*.

- **Vogais**

São fonemas sonoros, ou sons laríngeos, que, passando pela boca entreaberta, chegam livremente ao exterior sem fazer ruído: **a, é, ê, i, ó, ô, u.**

- **Semivogais**

São os fonemas /i/ e /u/ átonos que se unem a uma vogal, formando com esta uma só sílaba: va*i*, and*ei*, o*u*ro, á*gu*a.

- **Consoantes**

São ruídos provenientes da resistência que os órgãos bucais opõem à corrente de ar: bola, copo, depósito.

Na língua portuguesa, a vogal é o elemento básico, suficiente e indispensável para a formação da sílaba. As consoantes e as semivogais são fonemas dependentes: só podem formar sílaba com o auxílio das vogais.

5 CLASSIFICAÇÃO DAS VOGAIS

De acordo com a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), classificam-se as vogais conforme:

- **a zona de articulação**

a) média: *a* (*a*ve)

b) anteriores: *é, ê, i* (*fé*, *vê*, r*i*)

c) posteriores: *ó, ô, u* (n*ó*, av*ô*, tat*u*)

- **o papel das cavidades bucal e nasal**

a) orais: *a, é, ê, i, ó, ô, u* (*a*to, *sé*, *vê*, *vi*, *só*, *fo*go, *u*va)

b) nasais: *ã, ẽ, ĩ, õ, ũ* (l*ã*, vento, *si*m, *som*, m*u*ndo)

c) tônicas: p*á*, at*é*, gelo, tup*i*, d*ó*, gl*o*bo, l*u*z

- **a intensidade**

a) subtônicas: *a*rvorezinha, cafezinho, esplendidamente, *so*mente, *co*modamente

b) átonas: el*a*, m*o*le, l*i*ção, lad*o*, l*u*gar, ó*r*fã, lençol

- **o timbre**

a) abertas: *a, é, ó* (l*á*, p*é*, cip*ó*)

b) fechadas: *ê, ô, i, u* e todas as nasais (v*ê*, am*o*r, v*i*, cr*u*, s*ã*, lenda)

c) reduzidas: as vogais átonas orais ou nasais (vel*a*, val*e*, v*i*tal, sap*o*, *u*nido, *a*ndei, *e*ntão)

Explicação do esquema anterior

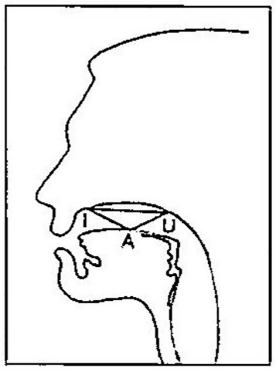

- A zona de articulação é o ponto ou a parte em que se dá o contato ou a aproximação dos órgãos que cooperam para a produção dos fonemas, no caso das vogais, a língua e o palato. Produzimos a vogal média *a* mantendo a língua baixa, quase em posição de descanso, e a boca entreaberta. Para passar da vogal *a* para as anteriores (*é, ê, i*), levantamos gradualmente a parte anterior da língua em direção ao palato duro, ao mesmo tempo que diminuímos a abertura da boca. Para emitir as vogais posteriores (*ó, ô, u*), elevamos mais e mais a parte posterior da língua em direção ao véu palatino, arredondando progressivamente os lábios.
- Na emissão das vogais orais, a corrente sonora, impedida, pela úvula levantada, de chegar às cavidades nasais, ressoa apenas na boca. Na produção das vogais nasais, dá-se o abaixamento da úvula, e a corrente sonora chega, em parte, às fossas nasais e nelas ressoa.
- As vogais tônicas são as que proferimos com maior intensidade: constituem a base das sílabas tônicas. As subtônicas proferem-se com intensidade secundária, sendo a base das sílabas subtônicas. As vogais átonas, de intensidade mínima, são a base das sílabas átonas.
- O timbre das vogais resulta da maior ou menor abertura da boca. Essa abertura é máxima na produção das vogais abertas (*a, é, ó*), mínima na emissão das vogais fechadas (*ê, ô, i, u*) e média na formação das reduzidas.

Observações:

✔ A distinção entre abertas e fechadas só é perceptível nas vogais tônicas e subtônicas. As vogais reduzidas praticamente confundem-se com as átonas.

✔ No fim das palavras, as vogais átonas *e* e *o* são, em geral, proferidas como *i* e *u*, respectivamente: *noite* (nôitchi), *tribo* (tríbu).

✔ As vogais nasais são grafadas de três maneiras: a) sobrepondo-lhes til (irmã); b) pospondo-lhes *m* (tampa); c) pospondo-lhes *n* (ganso).

6 ENCONTROS VOCÁLICOS

Os encontros vocálicos são três: *ditongo, tritongo* e *hiato.*

- **Ditongo**

É a combinação de uma *vogal* + uma *semivogal*, ou vice-versa, na mesma sílaba. Exemplos: pa*i*, re*i*, so*u*, pã*o*, fu*i*, her*ói*, sér*io*, qu*a*ndo.

Dividem-se os ditongos em:

a) **orais:** pa*i*, pou*co*, jei*to*, fu*i*, etc.

b) **nasais:** mã*e*, pã*o*, põ*e*, mu*i*to (mũ*i*to), be*m* (bẽ*i*), etc.

c) **decrescentes:** (vogal + semivogal): pa*u*ta, me*u*, ri*u*, constit*ui*, d*ói*, ou*ro*, jei*to*, etc.

d) **crescentes:** (semivogal + vogal): gê*nio*, pá*tria*, sé*rie*, qu*a*tro, ag*u*entar, qu*a*ntia, tê*nue*, vá*cuo*, etc.

Observação:

✔ Note-se que, tanto nos ditongos decrescentes como nos crescentes, a vogal é, por via de regra, o fonema de maior abertura.

Existem 17 ditongos decrescentes e 13 crescentes, considerados sob o aspecto da escrita:

▪ **Ditongos decrescentes**

ãe: mãe, pães
ai: pai, vaidade
ãi: cãibra, paina
ão: pão, mãos, falam (fálão)
au: mau, degrau
éi: fiéis, papéis
ei: rei, leite, rejeito
ẽi: hem!, vivem, têm (tẽi)
éu: véu, céu
eu: meu, bebeu
iu: viu, partiu
õe: põe, limões, ações
ói: dói, herói, constrói
oi: coitado, foi
ou: dou, louco, estoura
ui: fui, ruivo, gratuito
ũi: muito (mũito), muita

▪ **Ditongos crescentes**

ea: área, orquídea
eo: róseo, níveo
ia: várias, sábia, infância
ie: série, espécie, quieto
io: lírio, curioso, ópio
oa: nódoa, mágoa
ua: água, quadra
uã: quando, araquã
ue: tênue, equestre
uẽ: aguento, frequente
ui: sanguinário, tranquilo
uĩ: quinquagésimo, pinguim
uo: aquoso, vácuo

Observações:

✔ Os ditongos crescentes aparecem, mais frequentemente, em sílabas átonas.

✔ Por terem o valor fonético aproximado de */i/* e */u/*, respectivamente, */e/* e */o/* átonos são, em certos casos, semivogais, originando, portanto, ditongos: *mãe*, capitães, *põe*, perdoe, limões, Caetano, *ao*, etc.

✔ Não aparece escrita a semivogal nos ditongos nasais *em* (ẽi) e *am* (ão): *bem* (bẽi), *contém* (contẽi), *vivem* (vívẽi), *eram* (érão), *falam* (fálão), *lutaram* (lutárão), etc.

✔ "Os encontros *ia, ie, io, ua, ue, uo* finais átonos, seguidos ou não de *s*, classificam-se quer como ditongos, quer como hiatos, uma vez que ambas as emissões existem no domínio da Língua Portuguesa: *his-tó-ri-a* e *his-tó-ria*; *sé-ri-e* e *sé-rie*; *pá-ti-o* e *pá-tio*; *ár-du-a*; *tê-nue*; *vá-cu-o* e *vá-cuo*" (NGB). Todavia, é preferível considerar tais grupos ditongos crescentes e, consequentemente, paroxítonos os vocábulos em que ocorrem. Na escrita, em final de linha, esses encontros vocálicos não devem ser partidos.

✔ Em palavras como *área, róseo, mágoa* e outras com iguais terminações, é discutível a existência de ditongo crescente, porque na pronúncia brasileira o primeiro fonema do encontro vocálico de tais vocábulos é proferido com intensidade bastante sensível, aproximando-se mais de vogal do que de semivogal.

✔ Certos encontros vocálicos, por alguns considerados ditongos crescentes, verdadeiramente não passam de hiatos: p*ia*da, qu*ia*bo, cord*ia*l, m*io*lo, p*o*eta, v*ia*ndante, p*o*ente, coelho, m*oi*nho, l*ua*r, m*iu*deza, etc.

✔ Palavras como *saia, raio, tuxaua, teia, correio, gaiola, goiaba, imbuia*, etc. encerram, na realidade, dois ditongos juntos, pois é assim que as emitimos: *sai-ia, rai-io,* tux*au-ua, tei-ia,* corr*ei-io, gai-io*la, g*oi-ia*ba, imb*ui-ia*.

▪ Tritongo

É o conjunto *semivogal + vogal + semivogal*, formando uma só sílaba.

O tritongo pode ser:

a) **oral:** ig*uais*, averig*uei*, averig*uou*, delinq*uiu*, seq*uoi*a, Urug*uai*.

b) **nasal:** q*uão*, sag*uão*, sag*uões*, míng*uam* (míng*uão*), enxág*uem* (enxág*uẽi*), deság*uam* (deság*uão*), deság*uem* (deság*uẽi*).

Observações:

✔ Nos tritongos nasais *uam, uem*, não se registra graficamente a segunda semivogal, conforme atestam os quatro últimos exemplos.

✔ Em palavras como *uruguaio, Uruguaiana, sequoia*, etc., temos o conjunto vocálico *tritongo + ditongo*: uruguai-**io**, Uruguai-iana, sequoi-**ia**.

▪ Hiato

É o encontro de duas vogais pronunciadas em dois impulsos distintos, formando sílabas diferentes:

S*aa*ra (S*a*-*a*-ra)	*ao*rta (*a*-*o*r-ta)
fa*í*sca (fa-*í*s-ca)	d*oe*r (d*o*-er)
pod*ia* (po-d*i*-*a*)	v*oo* (v*o*-*o*)
sa*ú*de (sa-*ú*-de)	cr*ee*m (cr*e*-em), passeemos (pas-se-*e*-mos)
ci*ú*me (ci-*ú*-me)	p*oe*ira (p*o*-ei-ra)
preencher (pre-en-cher)	m*ee*iro (m*e*-ei-ro)
cr*u*el (cr*u*-el)	f*ui*nha (f*u*-*i*-nha)
fr*ea*r (fr*e*-*a*r)	lag*oa* (la-g*o*-*a*)
j*uí*zo (j*u*-*í*-zo)	fr*ii*ssimo (fr*i*-*í*s-si-mo)

Observações:

✔ Em palavras como *veia, saia, gaiola, maiúscula*, etc., pode-se ver hiato (*vei-a, sai-a, gai-o-la, mai-ús-cu-la*), ou, mais acertadamente, dois ditongos (*vei-ia, sai-ia, gai-io-la, mai-iús-cu-la*), conforme explicamos acima.

✔ Na poesia, exigências de ordem fonética ou estilística podem converter hiatos em ditongos (*sinérese*) ou dissolver ditongos em hiatos (*diérese*).

7 CLASSIFICAÇÃO DAS CONSOANTES

As consoantes são classificadas de acordo com quatro critérios:

- modo de articulação
- ponto de articulação
- função das cordas vocais
- função das cavidades bucal e nasal

FUNÇÃO DAS CAVIDADES BUCAL E NASAL		ORAIS						NASAIS
MODO DE ARTICULAÇÃO		OCLUSIVAS		CONSTRITIVAS				
				fricativas		vibrantes	laterais	
FUNÇÃO DAS CORDAS VOCAIS		surdas	sonoras	surdas	sonoras	sonoras	sonoras	sonoras
Ponto de articulação	bilabiais	*p*	*b*					*m*
	labiodentais			*f*	*v*			
	linguodentais	*t*	*d*					
	alveolares			*s* *c* *ç*	*s* *z*	*r* *rr*	*l*	*n*
	palatais			*x* *ch*	*g* *j*		*lh*	*nh*
	velares	*c q* *(k)*	*g* *(guê)*					

- **Modo de articulação**

É a maneira pela qual os fonemas consonantais são articulados.

Vindo da laringe, a corrente de ar chega à boca, na qual encontra obstáculo total ou parcial da parte dos órgãos bucais. Se o fechamento dos lábios ou a interrupção da corrente de ar é total, dá-se a oclusão; se parcial, a constrição: daí a divisão das consoantes em *oclusivas* e *constritivas*.

No segundo caso, conforme o modo pelo qual a corrente expiratória escapa, as consoantes podem ser:

a) **fricativas** – quando o ar sai roçando ruidosamente as paredes da boca estreitada: *f, v, ç, s, z, x, j;*

b) ***vibrantes*** – quando o ar produz um movimento vibratório áspero: *r* brando e *r* forte ou múltiplo;

c) **laterais** – quando o ar, encontrando a língua apoiada no palato, é forçado a sair pelas fendas laterais da boca: *l, lh*.

Observação:

✔ As consoantes nasais, que alguns autores incluem entre as oclusivas e outros entre as constritivas, merecem, quanto ao modo de se articularem, classificação à parte, pois, quando as proferimos, há oclusão apenas bucal, chegando o ar às fossas nasais, nas quais ressoa.

▪ Ponto de articulação

É o lugar em que os órgãos entram em contato para a emissão do som.

Quando entram em ação ou contato:

- os lábios, as consoantes são *bilabiais*: **p, b, m**;
- os lábios e os dentes, as consoantes são *labiodentais*: **f, v**;
- a língua e os dentes, as consoantes são *linguodentais*: **t, d**.
- a língua e os alvéolos, temos consoantes *alveolares*: **s, c** (= ç), **z, l, r** (brando), **r** (forte ou múltiplo), **n**;
- o dorso da língua e o palato duro (céu da boca), as consoantes se chamam *palatais*: **j, g** (= j), **x, lh, nh**;
- a parte posterior da língua e o véu palatino (palato mole), as consoantes denominam-se *velares*: **c** (k), **q, g** (guê).

As consoantes produzidas pelo concurso dos mesmos órgãos denominam-se *homorgânicas*. Exemplos:

t / d **s / z** **p / b** **c** (k) / **g** (guê)

▪ Função das cordas vocais

Se a corrente de ar puser as cordas vocais em vibração, teremos uma consoante *sonora*; caso contrário, a consoante será *surda*.

▪ Função das cavidades bucal e nasal

Quando o ar sai exclusivamente pela boca, as consoantes são *orais*; se, pelo abaixamento da úvula, o ar penetra nas fossas nasais, as consoantes são *nasais*: **m, n, nh**.

Observações:

✔ Os signos *m* e *n* são consoantes apenas em início de sílaba: *mato, remo, nado, sino*, etc.; em final de sílaba, como nas palavras *campo, tempo, conde, fundo, anta, lindo*, são simples sinais de nasalização da vogal ou do ditongo anterior.

✔ Na pronúncia normal brasileira, o *l*, em final de sílaba, tem realização antes de *velar* do que *alveolar*, vocalizando-se aproximadamente como um *u*: *alto* (aultu), *mal* (mául), *anel* (aneul), *filme* (fiulme), etc. Ao escrever tais palavras, não se pode trocar o *l* por *u*.

- ✔ O *r* forte, em final de sílaba, como em *porta, carne, levar*, é proferido como velar no Rio de Janeiro e em outras áreas do Brasil. Tanto a pronúncia velar como a alveolar são boas. O mesmo não se pode dizer da realização linguopalatal (*r* caipira), desagradável ao ouvido, dominante em certas áreas dos estados de São Paulo, Minas Gerais e Mato Grosso do Sul.
- ✔ No português do Brasil, as consoantes *d* e *t*, quando seguidas da vogal ou da semivogal *i*, geralmente se palatalizam: *dinheiro* (djinhêiru), *diabo* (djiábu), *tia* (tchia), *mate* (mátchi).
- ✔ Na pronúncia normal brasileira, o *s* final de sílaba soa aproximadamente como *z*: *ondas, peles, lesma*, etc. A melhor produção do *s*, neste caso, é a alveolar e não a palatal (como *x*). Soam desagradáveis os *ss* exageradamente "puxados", à carioca.
- ✔ Para representar os fonemas palatais *lh* e *nh*, não há signos próprios em nosso alfabeto. É que tais fonemas inexistem no grego e no latim.

8 ENCONTROS CONSONANTAIS

Encontro consonantal é a sequência de dois ou mais fonemas consonânticos numa palavra. Exemplos:

brado, **cr**eme, **pl**ano, re**gr**a, **cl**o, a**tl**eta, a**tr**ás, **tr**anstorno, **ps**íquico, **pn**eumático, obtu**r**, di**g**no, e**n**igma, obs**tr**uir, sub**d**elegado, infecção, **st**mo, fórceps, **Pt**olomeu, **tch**eco, tsé-tsé, lam**bd**a, lam**bd**acismo, etc.

O encontro consonantal pode ocorrer:

a) na mesma sílaba:

cli-ma, **fl**o-res, du-**pl**o, **br**a-do, re-**pr**e-sa, le-**tr**a, **cz**ar, **ps**eu-dô-ni-mo, **mn**e-mô-ni-co, **ps**i-co-se, etc.

São encontros consonantais inseparáveis, mais frequentemente formados de *consoante* + *l* ou *r*.

b) em sílabas diferentes:

ad-ven-to, **ob**-tu-so, **ap**-to, fú**c**-sia, pa**c**-to, su**c**-ção, na**f**-ta, **sub**-lo-car, **sub**-lin-gual, in-cóg-ni-ta, ét-ni-co, **cons**-tar, cor-**rup**-ção, **obs**-tá-cu-lo, etc.

São encontros consonantais *separáveis*. Ocorrem sempre no interior das palavras e geralmente são formados de duas consoantes.

Observações:

- ✔ Pronunciam-se separadamente o *b* e o *l* das palavras *sublinhar, sublegenda, sublacustre, sublingual, sublocar, sublocação* e *sublunar*, formadas com o prefixo *sub*.
- ✔ Em palavras como *samba, renda, lindo*, não há encontro consonantal, porque, como já vimos, *m* e *n*, em final de sílaba, não representam fonemas, são letras nasalizadoras, têm a função do til: *sãba, rẽda, lĩdo*.
- ✔ Não se deve confundir encontro consonantal com dígrafo, que a seguir estudaremos.

9 DÍGRAFOS

Dígrafo é o grupo de duas letras representando um só fonema. Na palavra **ch**ave, por exemplo, que se pronuncia **x**ávi, ocorre o dígrafo **ch**.

a) Dígrafos que representam consoantes:

ch: chapéu, cheio
lh: pilha, galho
nh: banho, ganhar
rr: barro, erro
ss: asseio, passo
gu: (antes de *e* ou *i*): guerra, seguinte
qu: (antes de *e* ou *i*): leque, aquilo
sc: (antes de *e* ou *i*): descer, piscina
sç: (antes de *a* ou *o*): desça, cresço
xc: (antes de *e* ou *i*): exceção, excitar

Observações:

✔ Em palavras em que as duas letras se pronunciam, os grupos *gu, qu, sc* e *xc* não são dígrafos, como nos exemplos: *agudo, aguentar, aquático, frequente, escada, exclamar.*

✔ Na divisão gráfica das sílabas, cinco desses dígrafos (*ch, lh, nh, gu, qu*) são inseparáveis, e os cinco outros (*rr, ss, sc, sç, xc*), separáveis: *ter-ra, os-so, pis-ci-na, cres-ça, ex-ce-to.*

✔ Dígrafo não é encontro consonantal, pois representa um só fonema.

b) Dígrafos que representam vogais nasais:

am: tampa (tãpa)
em: tempo (tẽpu)
im: limpo (lĩpu)
om: ombro (õbru)
um: jejum (jejũ)
an: santa (sãta)
en: venda (vẽda)
in: linda (lĩda)
on: sonda (sõda)
un: mundo (mũdu)

No fim das palavras, como *falam* (fálãu), *batem* (bátẽi), *alguém* (alguẽi), *am* e *em* não são dígrafos, porque representam um ditongo nasal, portanto, dois fonemas.

10 NOTAÇÕES LÉXICAS

Notações léxicas são certos sinais gráficos que se juntam às letras, geralmente para lhes dar um valor fonético especial e permitir a correta pronúncia das palavras.

São as seguintes:

- o **acento agudo** – indica vogal tônica aberta: *pé, avó, lágrima;*
- o **acento circunflexo** – indica vogal tônica fechada: *avô, mês, âncora;*
- o **acento grave** – sinal indicador de crase: ir à cidade;
- o **til** – indica vogal nasal: *lã, põe, ímã, romãzeira;*
- a **cedilha** – dá ao *c* o som de *ss*: *moça, laço, açude;*
- o **apóstrofo** – indica supressão de vogal: *mãe-d'água, pau-d'alho;*
- o **hífen** – une palavras, prefixos, etc.: *arco-íris, peço-lhe, ex-aluno.*

O emprego das notações léxicas, também denominadas **sinais diacríticos**, será estudado em **Ortografia**, páginas 80 a 85.

EXERCÍCIOS

LISTA 01

1. Explique para cada uma das listas de palavras abaixo o tipo de imperfeição que ocorre na representação dos fonemas:

a) maCHado – miLHo – uNHa – caRRo – oSSo – seGUir

b) eXame – Xale – teXto – próXimo – táXi – heXacampeão

c) taMbor – diamaNte – doeNte – nogUeira

d) seXo – tóXico – oXigênio – aXila – fluXo – tóraX

e) eXilar – coZido – corteSia

f) bEM – armazÉM – ajudEM – lutAM – escutarAM

g) Hospital – piScina – eXceção – reqUisito

2. Copie apenas as afirmações verdadeiras:

a) Na língua portuguesa, a vogal é o elemento básico, suficiente e indispensável para a formação de sílabas.

b) Todas as vogais nasais são fechadas.

c) Na palavra **cafezinho**, E é vogal tônica.

d) Na produção das vogais orais, a úvula se levanta, impedindo que a corrente de ar chegue às fossas nasais.

e) A única maneira de representar uma vogal nasal é sobrepor um til à letra que a simboliza.

3. Em português há sete vogais orais e cinco vogais nasais. Copie-as em seu caderno, substituindo o triângulo pelas que faltam e os seus respectivos exemplos:

Orais		**Nasais**	
1 - *i* (vi)	5 - *u* (tu)	1 - *ĩ* (sim)	4 - *ũ* (um)
2 - *ê* (lê)	6 - *ô* (dor)	2 - *ã* (lã)	5 - Δ
3 - *é* (pé)	7 - Δ	3 - *õ* (onda)	
4 - *a* (pá)			

4. Classifique no seu caderno as vogais em destaque dos vocábulos seguintes, de acordo com o exemplo:

cafÉ: anterior, aberta, oral, tônica

a) sofÁ

b) cÂntico

c) pOços

d) Unicamente

e) cEdo

5. Responda:

Na palavra **ódio**, o ditongo é crescente porque a semivogal vem antes da vogal base.

Por que na palavra **boi** o ditongo é decrescente?

6. Reescreva as palavras abaixo, colocando na frente de cada uma os números correspondentes ao tipo de ditongo:

(1) ditongo oral decrescente

(2) ditongo oral crescente

(3) ditongo nasal decrescente

(4) ditongo nasal crescente

ouro	cãibra	doido
pão	mau	araquã
frequente	tênue	múmia
muito	refém	quando
viu	estavam	exíguo

7. Separe as palavras abaixo em três colunas: ditongos, tritongos e hiatos:

equestre – ciúme – radiouvinte – mínguam – fortuito – poético – quaisquer – aquático – reagir – pessoa – guaicuru – averiguou

8. Classifique os encontros vocálicos abaixo, indicando se são orais ou nasais, crescentes ou decrescentes:

Paraguai – aguentar – saguão – reeleito – circuito – caótico – artéria – apaziguei – quieto – triunfo – saguões – gratuito – iguaizinhos – propõe – orquídea – uruguaianense – pinguim – sequoia

9. Copie a única palavra em que há ditongo nasal:

viajante – nogueira – mágoa – cantavam – hortênsia

10. Substitua o * nas palavras, usando adequadamente o ditongo nasal **ão** ou **am**:

estav * est * s * seri * der *

11. Copie em seu caderno apenas as palavras em que ocorre hiato:

viúva – viu – coeso – sueco – ruivo – ruína – ruíra – caí – cai – lagoa – beato – sai – saíra – preencher – água – pajeú – rua – ruim – pais – país

12. Nas palavras **ninguém**, **lagoa**, **queijo**, **lírio** e **Uruguai**, há, respectivamente:

a) hiato – ditongo decrescente – hiato – hiato – tritongo

b) ditongo decrescente – hiato – tritongo – hiato – tritongo

c) ditongo decrescente – hiato – ditongo decrescente – ditongo crescente – tritongo

13. Copie as palavras abaixo, modificando a intensidade da penúltima vogal, de tal modo que de tônica se torne átona:

alivio – desanimo – magoas – habito – auxilio – secretaria – penitencia – fotografo – pronuncia – renuncia – obvia – autentica – seria – negocio – calculo – animo – incomodo

14. Quais, das alternativas abaixo, são as duas melhores pronúncias do **R** forte, em final de sílaba, como nas palavras **doutor** e **carne**:

- realização linguopalatal, frouxa?
- realização alveolar, nítida?
- realização velar, nítida?

15. Classifique as consoantes da palavra **caderno**:

Exemplos: C – consoante oral, oclusiva surda, velar.

16. Copie os vocábulos abaixo e em seguida assinale aqueles em que **M** e **N** não são fonemas, porém sinais de nasalização de vogais:

remo – campo – lembrança – maduro – ontem – honesto – lindo – hífen – algum – amor – cólon – simples – camada – hino – fundo

17. Escreva as palavras abaixo, sublinhando os encontros consonantais e passando um traço em volta dos dígrafos:

equestre – pneumático – guitarra – occipital – digno – obter – nascer – recepção – repleto – psicologia – cacique – telha – facho – exceder – sessão – sonho – czar – mnemônico – admitir – tambor – canto – apto – nafta – gente – fúcsia – bilíngue – sucção

18. Escreva os vocábulos listados, circulando a única palavra:

a) em que o encontro consonantal pertence a sílabas diferentes:
sublime – sublocar – abrolhar – psicólogo – aglutinar

b) em que o fonema consonântico está representado incorretamente:
malvado – alto – natureza – freguesa – coucha – granjear – maldade

19. Por que em **samba** e **lenda** não há encontro consonantal?

20. Copie as palavras, identificando em seguida, entre parênteses, o valor fonético da letra **x**.

Exemplos: **eixo** (ch) – **sexto** (s) – **fixo** (cs) – **auxílio** (ss) – **hexaedro** (cz) – **exame** (z) – **exceto** (-)

elixir	sintaxe	maxilar
exalar	vexame	prolixo
fluxo	exorbitar	axila
texto	clímax	excêntrico
coxa	exímio	máximo
êxodo	léxico	cóccix
tóxico	nexo	exíguo
exonerar	trouxe	profilaxia
exceção	excitar	oxítono
ortodoxo	hexágono	hexacampeão

21. No texto "A água" (página 20), ocorrem palavras com sons expressivos. Informe quais são e o que sugerem.

22. Os textos abaixo são fragmentos de poemas. Aponte os versos com sons expressivos e informe o que sugerem:

texto A

O sino bate,
o condutor apita o apito,
solta o trem de ferro um grito,
põe-se logo a caminhar...

– Vou danado pra Catende,
vou danado pra Catende,
vou danado pra Catende
com vontade de chegar...

Mergulham mocambos
nos mangues molhados,
moleques, mulatos
vêm vê-lo passar.

(Ascenso Ferreira, *Poemas*, p. 137, Recife, 1959)

texto B

Sino de Belém,
Sino da Paixão...

Sino de Belém,
Sino da Paixão...

Sino do Bonfim...
Sino do Bonfim...

Sino de Belém, pelos que inda vêm!
Sino de Belém bate bem-bem-bem.

Sino da Paixão, pelos que lá vão!
Sino da Paixão, bate bão-bão-bão.

(Manuel Bandeira, *Poesia Completa e Prosa*, p. 225, Aguilar, 1967)

23. Diga quantos fonemas e quantas letras há em cada palavra destacada:
"Não serei o poeta de um **mundo caduco**.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou **preso** à vida e **olho** meus **companheiros**." (Carlos Drummond de Andrade)

24. Procure no fragmento de Drummond transcrito acima:
a) dois exemplos de dígrafos.
b) dois exemplos de dígrafos que representam vogais nasais.
c) um exemplo de encontro consonantal.
d) um exemplo em que *em* apareça representando ditongo nasal na fala.

25. Quatro das palavras abaixo possuem o mesmo número de fonemas. Identifique-as:
horrível – sílaba – coqueiro – ferreiro – piscina – planalto – palavra – chuvinha – projeto

26. Identifique o(s) fonema(s) que corresponde(m) à letra **x** de cada palavra:
a) fixo b) próximo c) caixa d) exato e) fênix

27. Nas palavras abaixo, aponte as que contêm dígrafo (D), encontro consonantal (EC), ditongo (DI), hiato (H) ou tritongo (T):

queijo	frequência	linguiça	quilômetro
blocos	conflito	quais	aguente
mágoa	magoa	guitarra	traído

FONEMAS
Exercícios de exames e concursos
[Página 664]

SÍLABA
TONICIDADE

Sílaba é um fonema ou grupo de fonemas emitidos num só impulso da voz (impulso expiratório).

Na palavra *azeite*, por exemplo, há três sílabas: *a-zei-te*.

Na língua portuguesa, a sílaba se forma necessariamente com uma vogal, a que se agregam, ou não, semivogais ou consoantes.

1 CLASSIFICAÇÃO DAS PALAVRAS QUANTO AO NÚMERO DE SÍLABAS

Quanto ao número de sílabas, classificam-se as palavras em:

- **monossílabas** – as que têm uma só sílaba:
  pó, luz, é, pão, pães, mau, reis, boi, véus, etc.
- **dissílabas** – as que têm duas sílabas:
  café, livro, leite, caixas, noites, caí, roer, etc.
- **trissílabas** – as constituídas de três sílabas:
  jogador, cabeça, ouvido, saúde, circuito, etc.
- **polissílabas** – as que têm mais de três sílabas:
  casamento, americano, responsabilidade, jesuíta, etc.

2 DIVISÃO SILÁBICA

A divisão silábica faz-se pela silabação, isto é, pronunciando as palavras por sílabas. Na escrita, separam-se as sílabas por meio do hífen:

te-sou-ro, di-nhei-ro, con-te-ú-do, ad-mi-tir, guai-ta-cá, sub-le-var.

Regra geral:

✔ Na escrita, não se separam letras representativas da mesma sílaba.

Regras práticas:

✔ Não se separam letras que representam:

a) ditongos: c**au**-le, tr**ei**-no, ân-s**ia**, ré-g**ua**s, so-c**ie**-da-de, g**ai**-o-la, ba-l**ei**-a, des-m**ai**-a-do, im-b**ui**-a, etc.

b) tritongos: Pa-ra-guai, quais-quer, sa-guão, sa-guões, a-ve-ri-guou, de-lin-quiu, ra-diou-vin-te, U-ru-guai-a-na, etc.

c) os dígrafos *ch, lh, nh, gu* e *qu*: fa-cha-da, co-lhei-ta, fro-nha, pe-guei, quei-jo, etc.

d) encontros consonantais inseparáveis: re-cla-mar, re-ple-to, pa-trão, gno-mo, mne-mô-ni-co, pneu-mo-ni-a, pseu-dô-ni-mo, psi-có-lo-go, bí-ceps, etc.

✔ Separam-se as letras que representam os hiatos:

sa-ú-de, Sa-a-ra, sa-í-da, ca-o-lho, fe-é-ri-co, pre-en-cher, te-a-tro, co-e-lho, zo-o-ló-gi-co, du-e-lo, ví-a-mos, etc.

✔ Contrariamente à regra geral, separam-se, por tradição, na escrita, as letras dos dígrafos *rr, ss, sc, sç* e *xc*:

guer-ra, sos-se-go, pis-ci-na, des-çam, cres-ço, ex-ce-ção, etc.

✔ Separam-se, obviamente, os encontros consonantais separáveis, obedecendo-se ao princípio da silabação:

ab-do-me	ad-je-ti-vo	de-cep-ção	ls-ra-el
sub-ma-ri-no	ad-mi-rar	ap-ti-dão	felds-pa-to
sub-lin-gual	af-ta	e-clip-se	trans-tor-no
sub-lo-car	of-tal-mo-lo-gis-ta	rap-to	sols-tí-cio
ab-so-lu-to	e-nig-ma	rép-til	rit-mo
fric-ção	ma-lig-no	pers-pi-caz	ist-mo
in-fec-ção	dig-no	subs-tân-cia	ex-cur-são
téc-ni-co	mag-nó-lia	abs-tra-to	ex-clu-ir

Observação:

✔ Os grupos consonânticos separáveis são sempre internos. Os encontros *gn, ps, pt* e *tm*, quando internos, podem ser pronunciados juntos, na mesma sílaba: di-gno, eli-pse, ra-pto, ri-tmo, etc.

✔ O *x* com valor fonético de */cs/* junta-se à vogal seguinte (quando houver):

fi-xar, com-ple-xo, tó-xi-co, re-fle-xão, o-xi-gê-nio, etc.

✔ Na divisão silábica, não se levam em conta os elementos mórficos das palavras (prefixos, radicais, sufixos):

de-sa-ten-to, di-sen-te-ri-a, tran-sa-tlân-ti-co, su-ben-ten-di-do, su-bes-ti-mar, in-te-rur-ba-no, su-bur-ba-no, bi-sa-vó, hi-dre-lé-tri-ca, etc.

3 PARTIÇÃO DAS PALAVRAS EM FIM DE LINHA

Na translineação, isto é, ao passar de uma linha para a seguinte, além das *normas estabelecidas* para a divisão silábica, seguir-se-ão os seguintes critérios:

- Dissílabos como aí, saí, ato, rua, ódio, joia, unha, etc. não devem ser partidos, para que uma letra não fique isolada no fim ou no início da linha.

- Na partição de palavras de mais de duas sílabas, não se isola sílaba formada por uma vogal:

  agos-to (e não *a-gosto*), **la-goa** (e não *lago-a*), **ida-de** (e não *i-dade*).

- Na partição de compostos hifenizados, ao translinear, repetir-se-á o hífen quando a secção da palavra coincidir com o final de um dos elementos do vocábulo composto:

saca-	cana-	bem-me-
-rolhas	-de-açúcar	-quer

4 ACENTO TÔNICO

Num vocábulo de duas ou mais sílabas, há, em geral, uma que se destaca por ser proferida com mais intensidade que as outras: é a *sílaba tônica*. Nela recai o *acento tônico*, também chamado *acento de intensidade* ou *prosódico*. Nos exemplos seguintes, as sílabas tônicas estão em destaque:

café – janela – **médico** – estômago – colecionador

Observações:

✔ O acento tônico é um fato fonético e não deve ser confundido com o acento gráfico (agudo ou circunflexo) que às vezes o assinala.

✔ A sílaba tônica nem sempre é acentuada graficamente. Exemplos: cedo, *flores*, *bote*, pessoa, *senhor*, *caju*, *tatus*, *siri*, abaca*xis*.

Certos vocábulos derivados, geralmente polissílabos, além da sílaba tônica (em que recai o acento principal ou tônico), possuem uma *sílaba subtônica*, com acento secundário. Nos exemplos seguintes, as sílabas subtônicas aparecem em destaque:

caFEzinho – INdiazinha – RApidamente – COmodamente

As sílabas que não são tônicas nem subtônicas chamam-se *átonas* (= fracas), e podem ser *pretônicas* ou *postônicas*, conforme estejam antes ou depois da sílaba tônica. Exemplos:

MON → átona	FA → subtônica	HE → pretônica
TA → tônica	CIL → pretônica	ROI → subtônica
NHA → átona	MEN → tônica	ZI → tônica
	TE → postônica	NHO → postônica

5 CLASSIFICAÇÃO DAS PALAVRAS QUANTO AO ACENTO TÔNICO

De acordo com a posição da sílaba tônica, as palavras com mais de uma sílaba classificam-se em:

- **oxítonas** – quando a sílaba tônica é a última:

  caFÉ – raPAZ – escriTOR – maracuJÁ – má-criaÇÃO

- **paroxítonas** – quando a sílaba tônica é a penúltima:

  MEsa – LÁpis – monTAnha – imensiDAde – erva-MAte

- **proparoxítonas** – quando a sílaba tônica é a antepenúltima:
  ÁRvore – quiLÔmetro – MÉxico – pré-hisTÓrico

Observação:

✔ Para a classificação de palavras compostas, considere-se a posição da sílaba tônica do último elemento.

As palavras monossílabas, conforme a intensidade com que se proferem, podem ser *tônicas* ou *átonas*:

- **tônicas** – as que têm autonomia fonética, sendo proferidas fortemente na frase em que aparecem, como as destacadas no exemplo:

  "Pálido, o **Sol** do **céu** se despedia." (Olavo Bilac)

  São monossílabos tônicos:

  é, má, si, dó, nó, eu, tu, nós, ré, pôr, etc.

- **átonas** – as que não têm autonomia fonética, sendo proferidas fracamente, como se fossem sílabas átonas do vocábulo a que se apoiam. Nos exemplos seguintes, os monossílabos destacados são átonos:

  O menino divertia-**se** olhando **os** peixinhos **do** aquário.

  (**O** menino divertia-**se** olhand' **os**peixinhos **do**aquário.)

  "Este céu **que me** leva **ao** fim **de** tudo..." (Dante Milano)

  Os monossílabos átonos são palavras vazias de sentido: artigos, pronomes oblíquos, elementos de ligação (preposições, conjunções). Exemplos:

  o, a, os, as, um, uns, me, te, se, lhe, nos, de, em, e, que.

Os monossílabos átonos apoiam-se, foneticamente, ou na palavra seguinte ou na anterior. No primeiro caso, temos uma *próclise*, e os monossílabos se dizem *proclíticos*:

João *se* arrependeu do que fez.

No segundo caso, há uma *ênclise*, e os monossílabos são *enclíticos*:

João arrependeu-*se* do que fez.

Há monossílabos que são tônicos numa frase e átonos em outras. Exemplos:

Você me chamou para **quê**? (tônico) _____ **Que** tem você? (átono)

Assim **não**! (tônico) _____ **Não** posso ir. (átono)

Há sempre um **mas** para atrapalhar. (tônico) _____ Eu sei, **mas** não digo. (átono)

6 VOCÁBULOS ÁTONOS E VOCÁBULOS TÔNICOS

A maioria dos vocábulos átonos são monossílabos. Alguns, porém, são dissílabos: o artigo *uma*, as preposições *para* e *pera* (arcaica), as contrações *pelo* e *pela* e as conjunções *como* e *porque*.

Só quando proferidas na frase é que podemos perceber se as palavras são átonas ou tônicas.

Quando dois vocábulos paroxítonos são homógrafos, um átono e outro tônico, na escrita o tônico, de acordo com o novo sistema ortográfico, não se acentua mais. Exemplos:

A vida não *para*. (tônico) O *pelo* do gato é macio. (tônico)

Isto é *para* você. (átono) Segui *pelo* atalho. (átono)

7 VOCÁBULOS RIZOTÔNICOS E ARRIZOTÔNICOS

Rizotônicos (do grego *riza,* raiz) são os vocábulos cujo acento tônico incide no radical. Aqueles que têm o acento tônico depois do radical se dizem *arrizotônicos*.

Essa classificação diz respeito particularmente às formas verbais. Considerem-se, por exemplo, as seguintes formas do verbo **escrever**, cujo radical é **escrev**:

escrevo
escreves — formas rizotônicas
escreva

escrevi
escreverá — formas arrizotônicas
escrevendo

8 ACENTO DE INSISTÊNCIA

Sentimentos fortes (emoção, alegria, raiva, medo) ou a simples necessidade de enfatizar uma ideia podem levar o falante a emitir a sílaba tônica ou a primeira sílaba de certas palavras com uma intensidade e duração além do normal. Exemplos:

"Cada qual havia pescado um peixe **deeeeeeeeste** tamanho!" (PEDRO BLOCH)

"Me **saaalva**! – implorou a baratinha." (MILLÔR FERNANDES)

Estúuupido! – gritou a menina, revoltada.

Foi uma noite **maaaravilhosa**!

Deve haver equilíbrio entre exportação e importação.

João não distinguia eminente de iminente.

A esse realce sonoro de uma sílaba dá-se o nome de *acento de insistência* ou *acento enfático*.

Note-se que o acento de insistência nem sempre coincide com a sílaba tônica da palavra, conforme se vê nos três últimos exemplos.

9 ANÁLISE FONÉTICA

Fazer a análise fonética de um vocábulo é classificá-lo quanto ao número de sílabas e o acento tônico, decompor-lhe as sílabas e classificar os fonemas que as constituem. Exemplo:

BAILE: palavra dissílaba paroxítona, rizotônica.

1ª sílaba: **bai**, tônica, constituída pela consoante bilabial oclusiva sonora **b** e pelo ditongo oral decrescente **ai** (**a** vogal + **i** semivogal).

2ª sílaba: **le**, átona postônica, formada pela consoante constritiva lateral alveolar sonora **l** e a vogal anterior reduzida oral átona **e**.

EXERCÍCIOS

LISTA 02

1. Qual é o fonema que, necessariamente, aparece na formação das sílabas em português?

2. Separe as sílabas das palavras de cada grupo, de acordo com a respectiva norma:

   a) Não se separam as vogais dos ditongos – decrescentes e crescentes – nem as dos tritongos:

   louvor – precaução – rádio – história – tênue – paiaguá – aguardente – quaisquer – desiguais – averiguou

   b) Separam-se as vogais dos hiatos:

   saúva – saindo – boato – reedição – coorte – caatinga – freada – jesuíta – poeira – saíamos – triunfo

   c) Separam-se os encontros consonantais internos separáveis:

   absoluto – advogado – dracma – nafta – ritmo – ignorar – decepção – hipnose – apto – técnica – ético – perspectiva

   d) Na divisão silábica não se consideram os elementos mórficos das palavras:

   desatencioso – disenteria – bisavô – transamazônica – interurbano – subestimar – hidrelétrica – exorbitar

3. Divida as sílabas destas palavras, não esquecendo que há dígrafos que se bipartem e outros não:

   cachoeira – consciência – excessivo – descendência – correria – coalhada – ressurreição – distinguiu – desencalhei – quermesse

4. Separe corretamente as sílabas destes vocábulos:

   feiíssimo – substância – perspicácia – iguaizinhos – delinquência – feérico – descêsseis – impregnariam – circunspecto – fricção – leais – despautério – tiziu – obstáculo – clepsidra – abstêmio – substituir – admissão – egípcio – quinquênio

5. Faça como no exercício anterior:

   dispepsia – subsistência – sublocar – paradoxais – interruptor – gnaisse – gipsita – esfíncter – zeugma – quartzo – tungstênio – abstrair – feldspato – paizinho – paisinho – aracnídeo – designar – abdicar – paraibano – núpcias – Quéops

6. Parta de todos os modos admissíveis as seguintes palavras em fim de linha, deixando de lado as que não devem ser partidas:

   olaria – ódio – inexcedível – baú – ilha – ilusório – água – sussurro – ignomínia – oxigênio – auxílio – voo – saí – sabiá

7. Copie, em cada grupo, as palavras partidas corretamente:

   a) dece-pção, ex-ceção, ascen-são, varie-dade
   b) discus-são, fer-reiro, de-sonesto, memóri-a
   c) caço-ada, inter-estadual, pé-rola, coc-ção
   d) o-pinar, ad-quirir, sequên-cia, obs-truir
   e) psico-logia, goi-abeira, enxa-guei, exce-sso

8. Classifique os vocábulos quanto ao número de sílabas:

leiteiro – véus – zombaria – cauim

9. Escreva e sublinhe a sílaba tônica de cada palavra:

sôfrego – sofregamente – cafezinho – paraense – ruim – ruidoso

10. Separe as sílabas das palavras **caótico**, **desobstruiu** e **perspectiva** de modo que as sílabas tônicas coincidam com os asteriscos:

			*				*			*		

11. Organize os vocábulos em três colunas, de acordo com a acentuação tônica: oxítonos, paroxítonos e proparoxítonos:

obstáculo – horizontal – rapidamente – timidez – esperávamos – lavrador – precioso – epidemia – atlético – madrepérola – enlouqueceu – taubateense – vice-diretor – neocomungante – fenômenos

12. Copie as palavras em seu caderno e passe um traço em volta das sílabas subtônicas:

dificilmente – instantaneamente – cristãmente – otimamente – tunelzinho – chapeuzinho – mãozinhas – papelzinho

13. Copie o trecho abaixo, sublinhando os monossílabos átonos com um traço e os tônicos com dois:

Por certo que foi esse céu luminoso

o brilho primeiro do "– Faça-se a luz!"

(ROSAMARIA CASTELO BRANCO)

14. Copie os pares de frases abaixo, acentuando corretamente o homógrafo monossílabo tônico para distingui-lo do homógrafo átono:

a) Senna foi um **as** do automobilismo.
Lave **as** mãos antes das refeições.

b) Cão **que** ladra não morde.
Você quer o carro para **que**?

c) Errei **por** distração.
Começou a **por** defeitos em mim.

d) **Da** o que podes.
Preciso **da** chave.

e) Chegou **de** noite.
Não **de** gritos.

f) Que pessoas **mas**!
Sofre, **mas** não chora.

15. Registre em seu caderno a frase em que o acento de insistência não coincide com a sílaba tônica da palavra:

À nossa frente erguia-se uma montanha enooorme!

A viagem foi maaaravilhosa!

16. Escreva os grupos de palavras e sublinhe em cada um a que não é proparoxítona:

a) êxodo – apóstata – rubrica – anátema – óbolo
b) aríete – incólume – munícipe – trôpego – ibero
c) zênite – década – abóbada – avaro – silvícola

17. Informe no seu caderno a série em que há palavras cuja divisão silábica é incorreta:

a) tó-xi-co, ru-im, gra-tui-to, ex-ce-ção
b) sub-li-nhar, e-clip-se, in-fec-ção, de-son-ra
c) te-a-tro, des-ones-to, ap-ti-dão, sub-es-ti-mar

18. Divida as palavras abaixo em sílabas e localize a sílaba tônica de cada uma:

quaisquer – enfronhado – psicólogo – advogado – fôssemos – exceção – coordenadora – piscina

19. Classifique as palavras do exercício anterior quanto à posição da sílaba tônica.

20. Leia o trecho abaixo, separe as sílabas das palavras destacadas e, depois, classifique-as de acordo com a posição da sílaba tônica:

Nos mundos imaginados por esse **escritor**, nascido no **México**, o futuro é sempre **pior** que o presente. O que já é **ruim** hoje tende a piorar. Como **morreu** há vinte anos, não seria de **admirar** que o **chamassem** de visionário.

21. Crie novas palavras apenas substituindo a sílaba tônica por uma átona. Depois construa uma frase com cada nova palavra, deixando clara a diferença de sentido entre elas:

Tônico – análise – sabiá – fotógrafo – número

22. Destaque, no fragmento abaixo, os monossílabos que encontrar, dizendo se são átonos ou tônicos:

O movimento do trem lhe dá a incrível sensação de irrealidade e leva-o a concordar com aqueles que afirmam ser a realidade apenas um de nossos sonhos. Põe, então, os óculos de grau e, ignorando a insuficiência de luz, retoma a leitura, pensando que aquelas afirmações sem pé nem cabeça apenas podem provocar dó em quem as ouvir.

23. Releia os monossílabos que localizou no exercício anterior, observando a ocorrência de acentuação gráfica. O que é possível concluir quanto à acentuação dos monossílabos?

SÍLABA TONICIDADE
Exercícios de exames e concursos
[Página 664]

ORTOÉPIA
PROSÓDIA

1 ORTOÉPIA

A *ortoépia* (do grego *orthós*, correto + *hepós*, fala) ocupa-se da boa pronunciação das palavras, no ato da fala. É fonética prática, dinâmica, e merece especial atenção no estudo da língua.

A ortoépia preceitua:

- a perfeita emissão das vogais e dos grupos vocálicos, enunciando-os com nitidez, sem acrescentar nem omitir ou alterar fonemas, respeitando o timbre (aberto ou fechado) das vogais tônicas, tudo de acordo com as normas da fala culta. Exemplos:

  m**o**leque, ch**o**ver, c**o**légio, búss**o**la, e não: m**u**leque, ch**u**ver, c**u**légio, búss**u**la

  f**ei**xe, qu**ei**jo, qu**ei**xa, **ou**ro, e não: f**ê**xe, qu**ê**jo, qu**ê**xa, **ô**ro

  r**ou**bo, r**ou**ba, afr**ou**xo, afr**ou**xa, e não: r**ó**bo, r**ó**ba, afr**ó**xo, afr**ó**xa

  fizest**e**s, quisest**e**s, e não: fizést**e**is, quisést**e**is

  caranguejo, band**e**ja, e não: carangueijo, band**ei**ja

  f**o**rnos (ó), p**o**stos (ó), e não: f**ô**rnos, p**ô**stos

  infl**i**gir, mend**i**go, e não: infl**in**gir, mend**in**go

  meteorologia, e não: **meter**ologia ou **metere**ologia

- a articulação correta e nítida dos fonemas consonantais. Exemplos:

  mulhe**r**, que**r**, come**r**, fala**r**, e não: mulhé, qué, comê, falá

  pasto**r**, ca**r**ne, po**r**ta, etc., dando-se ao ***r*** final de sílaba som velar ou alveolar

  ma**l**, e não: ma**u** nem ma**r**; m**al**-humorado, e não m**au**-humorado

  vigé**s**imo (zi), compa**nh**ia, e não: vigé**ss**imo, compa**n**ia

  ma**s** (maz), me**s**mo (mezmo), ci**s**ne (cizne) e não: ma**ç**, me**ç**mo, ci**ç**ne

  o**b**ter, a**dm**irar, di**g**no, dece**pç**ão, ri**tm**o, e não: o**bi**ter, a**di**mirar, dí**gui**no, dece**pi**ção, rí**ti**mo

- a correta e adequada ligação das palavras na frase. Exemplo:

  No início da escalada, encontramos um túnel escuro, que atravessamos correndo.

Registramos aqui alguns casos mais frequentes de pronúncias errôneas e, ao lado, as pronúncias corretas:

Pronúncias errôneas	Pronúncias corretas
abissoluto, adevogado	absoluto, advogado
abóboda	abóbada
advinhar, advinho	adivinhar, adivinho
abstênio	abstêmio
afroxa (ó)	afrouxa
aleja (é)	aleija
almejo (é), almeja (é), caleja (é)	almejo (ê), almeja (ê), caleja (ê)
asterístico	asterisco
arrúina	arruína
aterrisagem (zá)	aterrissagem
beneficiente	beneficente
bilingue	bilíngüe
buginganga	bugiganga
carramanchão	caramanchão
cataclisma	cataclismo
colmeia (éi)	colmeia (êi)
cônjugue	cônjuge
degladiar	digladiar
douze	doze (ô)
dignatário	dignitário
desiguinar, desiguina	designar, designa
distingüir, distingüiu	distinguir, distinguiu (gui)
encapuçar, encapuçado	encapuzar, encapuzado
espelha (pé)	espelha (pê)
entitular	intitular
estora (tó)	estoura
extingüir, extingüiu	extinguir, extinguiu (gui)
Efigênia	Ifigênia
faixada	fachada
fascismo (xis), fascista (xis)	fascismo (cis), fascista (cis)
fleugma	fleuma
fluído (substantivo)	fluido (flúi)
freiada, freiar, freiou	freada, frear, freou
frustado, frustar, frustação	frustrado, frustrar, frustração
garage	garagem
gratuíto	gratuito (túi)
hilariedade	hilaridade

impecilho	empecilho
júniores (jú)	juniores (ô)
mãs, mais (conjunção)	mas
mendingo	mendigo
metereologia, meterologia	meteorologia
naiscer	nascer
óbulo	óbolo
opitar, ópito, ópita	optar (op-tar), opto, opta
pégadas (pé)	pegadas (gá)
pósa (verbo *pousar*)	pousa
prazeirosamente	prazerosamente
previlégio	privilégio
própio, apropiado	próprio, apropriado
pissicologia, pissicólogo	psicologia, psicólogo (psi)
qüestão, questã	questão
récorde (ré)	recorde (cór)
róbo, róbas, róba, róbam	roubo, roubas, rouba, roubam
rúbrica (rú)	rubrica (brí)
salchiça, salchicha	salsicha
soar, soo, soa (verbo *suar*)	suar, suo, sua
supertição, superticioso	superstição, supersticioso
tiroide	tireoide (ói)
tóxico (chi), intoxicar (chi)	tóxico (cs), intoxicar (cs)

Em muitas palavras há incerteza, divergência quanto ao timbre das vogais tônicas */e/* e */o/*. Recomenda-se proferir:

a) com timbre aberto: acerbo, badejo, coeso, coevo, grelha, groselha, ileso, obsoleto, coldre, dolo, inodoro, molho (feixe, conjunto), piloro, suor.

b) com timbre fechado: acervo, cerda, escaravelho, interesse (substantivo), reses, algoz, algozes, crosta, bodas, molho (caldo), poça, torpe.

O ditongo *ai* das palavras **Roraima**, **Jaime** e **andaime** pode ser proferido com som nasal, como em **mãe**, ou com som oral, como em **pai**. Já nas palavras terminadas em *-aina* e *-aino*, esse ditongo deve ser emitido com som nasal. Exemplos:

paina (ãi), faina (ãi), plaino (ãi), aplaino (ãi), aplaina (ãi)

2 PROSÓDIA

Prosódia é a parte da fonética que tem por objeto a exata acentuação tônica das palavras.

Há um sem-número de vocábulos que pessoas menos familiarizadas com a norma linguística proferem mal, deslocando-lhes o acento prosódico, cometendo *silabadas*.

Consignamos aqui algumas dessas palavras, com a respectiva classificação tônica, ou seja, como devem ser pronunciadas.

- São **oxítonas:**

cateter	masseter	novéis	reféns
Cister	mister	obus	ruim (í)
condor	negus	oximel (cs)	sutil
Gibraltar	Nobel	recém	sutis
hangar	novel	refém	ureter

- São **paroxítonas:**

alcácer	erudito	opimo
ambrosia (manjar delicioso)	filantropo	pegadas
assecla	fortuito (túi)	penedia
austero	gratuito (túi)	poliglota
avaro	homizio (zí)	primata
avito	ibero	pudico (dí)
aziago	imbele	recorde
batavo	impudico	refrega
Bolívar	inaudito	rocio (cí)
caracteres	látex	rubrica (brí)
celtiberos	libido	Sardanapalo
ciclope	luzidio (dí)	Sólon
cupido (substantivo)	Madagáscar	subido (elevado:
decano	maquinaria (rí)	esmeraldas do mais
díspar	misantropo	*subido* quilate;
edito (lei, decreto)	necromancia	a *subida* (honra)
Epicuro	nenúfar	têxtil
efebo	ônix	tulipa

Observação:

✔ No português do Brasil é corrente a pronúncia *boemia*: Ele vive na *boemia*. *Boêmia* emprega-se como adjetivo, feminino de *boêmio*: Leva uma vida *boêmia*.

Indústria *boêmia* (da Boêmia, região da República Tcheca).

- São **proparoxítonas:**

ádvena	década	lêvedo
aeródromo	édito (ordem judicial)	leucócito
aerólito	égide	munícipe
álacre	elétrodo	Niágara

alcíone
alcoólatra
anátema
apóstata
antídoto
areópago
arquétipo
aríete
azáfama
bígamo
bímano
brâmane
Cérbero
cotilédone
crisântemo
Espártaco
espécime
êxodo
fagócito
férula
gárrulo
hégira
Hélade
hieróglifo
ímprobo
ínclito
ínterim
invólucro
írrito (nulo)
janízaro
notívago (ou noctívago)
Pégaso
périplo
plêiade
pólipo
protótipo
quadrúmano
revérbero
sátrapa
Semíramis
Tâmisa
trânsfuga
végeto (adjetivo)
vermífugo
zênite

Existem não poucas palavras cujo acento prosódico é incerto, oscilante, mesmo na língua culta. Registramos, entre outras, as seguintes, dando, em primeiro lugar, a pronúncia que se vai impondo na língua atual:

acrobata e acróbata – autópsia e autopsia – Bálcãs e Balcãs – hieroglifo e hieróglifo – necrópsia e necropsia – Oceania e Oceânia – ortoépia e ortoepia – projétil e projetil – réptil e reptil – safári e safari – sóror e soror – xerox e xérox

Há palavras que assumem significados diversos, conforme forem paroxítonas ou proparoxítonas:

Cupido: deus do amor, o amor personificado
cúpido: ávido, ambicioso, cobiçoso

fervido: particípio de *ferver*
férvido: quente, apaixonado, ardoroso

provido: particípio de *prover*
próvido: providente, que provê

valido: particípio de *valer*; protegido (valido da rainha)
válido: que tem valor, lícito; que tem saúde, são, vigoroso

vivido: particípio de *viver*; experiente, que viveu, esperto
vívido: vivaz, que tem vivacidade, ardente, brilhante, expressivo

EXERCÍCIOS

LISTA 03

1. Quem pronuncia **inflingir** em vez de **infligir**, que tipo de erro comete?

2. Ao dizer **ariete** em vez de **aríete**, está se incorrendo em que tipo de erro?

3. Pronuncie corretamente, em voz alta, as palavras:

fornos – designar – psicólogo – ele rouba – a bomba estoura – eu adivinho – empecilho – cear – meado – freada – distinguir – gratuito – rubrica – refém – ibero – abóbada – tireoide

4. Pronuncie estas palavras em voz alta, atendendo à correta emissão das vogais e dos grupos vocálicos:

moleque – feixe – feira – aleija – caranguejo – caleja – planejo – touro – rouba – estoura – afrouxa – pousa – fogos – portos – brotos – adivinhar – frear – freada – mágoa – arrepiar – sequer – jabuti – engolir – chover – tábua – tabuada – inigualável – disenteria – cumeeira – invólucro – espocar – mutuca – intitular – silvícola – infligir – mendigo – peneiro – peneira – espelha – espelhe

5. Organize as palavras abaixo em duas colunas, conforme o timbre das vogais tônicas for **aberto** ou **fechado**:

poço – poços – fornos – almoços – reforços – destroços – algoz – algozes – bandeja – badejo – pelejo – planeja – espelha – assemelha – dolo – bodas

6. Faça a correta distinção de pronúncias e de significados das palavras:

pouso e **poso**

pousa e **posa**

pouse, pose (ô) e **pose** (ó)

couro, coro (ô) e **coro** (ó)

7. Escreva as palavras abaixo em seu caderno, substituindo o asterisco, convenientemente, pelas vogais **e** ou **i**, **o** ou **u**:

pr*vilégio – *mpecilho – d*sperdiçar – d*sperdício – front*spício – escárn*o – acr*ano – laj*ano – d*stilar – s*a (transpira) – pir*lito – búss*la – ch*ver – eng*lir – m*cambo – f*cinho – c*tia (animal) – jab*ti – g*ela – táb*a

8. Responda às frases em seu caderno, seguindo o modelo; depois, leia-as em voz alta, observando que os verbos em destaque têm a vogal tônica fechada:

a) Quem **peneira** o arroz? Eu **peneiro** o arroz.

b) Quem **inteira** a quantia?

c) Quem se **espelha** no escuro?

d) Quem se **assemelha** a Sólon?

e) Quem **almeja** a paz?

f) Quem **caleja** as mãos?

g) Quem **despeja** a água?

h) Quem **estoura** a bomba?

9. Em cada grupo há uma palavra errada. Escreva-a e pronuncie-a corretamente.

a) suo – mendigo – supertição – dignitário – próprio

b) previlégio – belchior – fleuma – extinguir – afrouxa

c) doze – caramanchão – infligir – salchicha – vigésimo

d) colmeia – frustado – prazerosamente – bilíngue – óbvio

e) chuvisco – adivinho – compania – supersticioso – Ifigênia

10. Pronuncie as palavras em voz alta, tendo o cuidado de não intercalar vogal nos grupos consonânticos:

absoluto – advertir – obséquio – obstáculo – submisso – obstrução – septo – decepção – facção – sucção – captar – significa – enigma – ritmo – psicologia – psíquico – apto – optar – opção

11. Escreva os vocábulos, colocando o acento gráfico nos que o exigem e escrevendo depois de cada um o tipo de acento prosódico (**oxítono, paroxítono** ou **proparoxítono**):

austero	ciclope	condor	alcoolatra
azafama	gratuito	mister	maquinaria
avaro	ibero	pudico	recem
refem	ariete	inaudito	vermifugo
refens	pleiade	involucro	exodo
bimano	obus	rubrica	sutil

12. Elabore dez frases com palavras extraídas da relação de oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas (páginas 47 e 48); em seguida, leia-as em voz alta:

13. Escreva as sequências em que todas as sílabas tônicas estão bem indicadas:

a) gratuito – recorde – rubrica – Cérbero
b) ruim – interim – bígamo – bímano
c) leucócito – circuito – juniores – inaudito
d) férula – estalido – celtiberos – Nobel
e) erudito – tulipa – sênior – seniores

14. Escolha, em cada item, a palavra adequada para substituir o asterisco na frase:

a) No coração nascem * desejos. (*vividos – vívidos*)
b) A * formiga abasteceu o seu celeiro. (*provida – próvida*)
c) O café foi * sem açúcar. (*fervido – férvido*)
d) João era um * partidário do governo. (*fervido – férvido*)
e) O duque, * do rei, vivia na corte. (*valido – válido*)
f) O juiz considerou * o gol. (*valido – válido*)
g) A menina, * e vivaz, era só alegria. (*gárrula – garrula*)
h) E a menina * e salta e ri. (*gárrula – garrula*)

15. Escreva as palavras, sublinhando aquelas em que o **X** tem valor fonético de **CS**:

fluxo – exortar – tóxico – intoxicar – máximo – extirpar – paradoxo – léxico – exótico – profilaxia – malgaxe – maxila – maxilar

LEITURA

Retreta do Vinte

O cabo mulato balança a batuta,
meneia a cabeça, acorda com a vista
os bombos, as caixas, os baixos e as trompas.

(No centro da praça o busto de D. Pedro escuta.)
Batuta pra esquerda: relincham clarins,
requintas, tintins e as vozes meninas da banda do Vinte.

Batuta à direita: de novo os trombones
e as trompas soluçam. E os bombos e as caixas: ban-ban!

Vêm logo operários, meninas, cafuzas,
mulatos, portugas, vem tudo pra ali.
Vem tudo, parecem formigas de asas
rodando, rodando em torno da luz.

Nos bancos da praça conversas acesas,
apertos, beijocas, talvezes.
D. Pedro II espia do alto.
(As barbas tão alvas,
tão alvas nem sei!)

E os pares passeiam,
parece que dançam,
que dançam ciranda
em torno do rei.

(Jorge de Lima, *Obra Poética*, p. 226, Editora Getúlio Costa, Rio de Janeiro, 1949)

16. Diga se são falsas ou verdadeiras as afirmações abaixo, que se referem à pronúncia das palavras.

a) Não se recomenda pronunciar o u na palavra questão.

b) Escreve-se catorze ou quatorze, mas a pronúncia é sempre catorze.

c) Pronuncia-se a vogal o aberta nos plurais: ossos, tijolos, olhos, tortos, porcos, poços.

d) O som do x soa como KS nas palavras: táxi, crucifixo, fixar, tóxico, intoxicação.

e) São paroxítonas todas as palavras seguintes: gratuito, sótão, ruim, pegada.

f) O d é mudo, não devendo ser pronunciado nas palavras: advogado, admite, ádvena, adjetivo.

g) No poema acima predominam as palavras paroxítonas.

ORTOGRAFIA

Ortografia (do grego *orthographia*, escrita correta) é a parte da Gramática que trata do emprego correto das letras e dos sinais gráficos na língua escrita.

Em português utilizam-se, na expressão escrita, letras, sinais diacríticos e sinais de pontuação.

O sistema ortográfico atualmente em vigor é o de 1990, decorrente do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa assinado em Lisboa, em 16 de dezembro daquele ano, pelos representantes dos sete países lusófonos e aprovado pelo Congresso Nacional em 1994.

O objetivo principal desse novo Acordo Ortográfico não foi, como era de se esperar, a simplificação, mas a unificação ortográfica da língua portuguesa falada na comunidade lusófona.

Razões de ordem fonética, ou seja, a diversidade de pronúncia entre portugueses e brasileiros, não permitiram alcançar uma padronização ortográfica perfeita; mesmo assim, o novo Acordo representa uma louvável iniciativa na busca da tão almejada unidade ortográfica de um dos idiomas mais falados no mundo.

Para nós, brasileiros, as alterações ortográficas introduzidas na língua pelo novo sistema são, lamentavelmente, superficiais, visto que se restringem ao uso dos sinais diacríticos (acentos gráficos, trema, hífen, apóstrofo). São mais sensíveis para os portugueses e os lusofalantes africanos, que passarão a grafar sem as consoantes mudas *c* e *p* palavras como *actor*, *director*, *lectivo*, *óptimo*, etc.

Observações:

- ✔ Continuarão, porém, os portugueses a escrever *facto*, *projecto*, *indemne*, *indemnizar* e outras palavras. Grafarão também, de modo diverso do nosso, vocábulos em que as vogais *e* e *o*, em final de sílaba e seguidas de *m* ou *n*, eles pronunciam com timbre aberto, como *génio*, *efémero*, *cómodo*, *fenómeno*, *tónico*, *fémur*, *ténis*, *ónus*, etc., contrariamente aos falantes brasileiros, que proferem tais palavras com timbre nasal fechado: *gênio*, *fenômeno*, *tônico*, *fêmur*, *cômodo*, etc.
- ✔ Apresentamos neste capítulo e no seguinte, sob forma acessível, as regras básicas essenciais para a escrita correta das palavras de nossa língua e a adequada utilização dos sinais gráficos, em consonância com as normas traçadas pelo Acordo Ortográfico de 1990.

1 ALFABETO PORTUGUÊS

O alfabeto da Língua Portuguesa compõe-se de 26 letras:

a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v, w, x, y, z

Ora sozinhos, ora combinados com outras letras ou auxiliados por certos sinais gráficos (acentos, til, cedilha, etc.), estes signos representam os mais de trinta fonemas de nossa fala.

Quanto à forma, as letras podem ser maiúsculas ou minúsculas, de imprensa (ou de fôrma) ou manuscritas.

Como vimos nas páginas anteriores, nosso sistema ortográfico não é totalmente fonético, pois nem sempre a grafia corresponde à pronúncia das palavras. Tem deficiências e imperfeições, responsáveis pela maioria das dificuldades com que nos defrontamos no emprego de certas letras, sobretudo as que representam fonemas consonânticos alveolares e palatais fricativos: *g* ou *j*? *s* ou *z*? *ch* ou *x*?, etc.

2 EMPREGO DAS LETRAS *K*, *W* E *Y*

Usam-se apenas:

- em abreviaturas e como símbolos de termos científicos de uso internacional:
  km (quilômetro), *kg* (quilograma), *K* (potássio), *w* (watt), *W* (oeste), *Y* (ítrio), *yd* (jarda), etc.
- na transcrição de palavras estrangeiras não aportuguesadas:
  kart, kibutz, smoking, show, watt, playground, playboy, hobby, etc.
- em nomes próprios estrangeiros não aportuguesados e seus derivados:
  Kant, Franklin, Shakespeare, Wagner, Kennedy, Mickey, Newton, Darwin, Hollywood, Washington, Kremlin, Byron, Walt Disney, kantismo, byroniano, shakespeariano, kartista, parkinsonismo, parkinsoniano, Disneylândia, etc.

Observações:

✔ Em palavras estrangeiras aportuguesadas, bem como nos demais casos não previstos acima, o *k* foi substituído por *c* ou *qu*, conforme o caso, o *w* por *v* ou *u*, conforme o valor fonético, e o *y* por *i*: *uísque, lorque, Bálcãs, bloco, sandufche, vermute, Válter, Osvaldo, jóquei, iate, ianque, Niterói, Rui, guarani, heureca, viquingue* (menos usado que *viking*), etc.

✔ Na transcrição de etnônimos brasílicos, os etnólogos utilizam essas letras exóticas: *Kamayurá, Kayabi, Kaingang, Waiká, Suyá*, etc. É preferível, porém, grafar-se *camaiurá, caiabi, caingangue, uaicá, suiá*, etc., como fazem os dicionaristas modernos.

3 EMPREGO DA LETRA H

Esta letra, em início ou fim de palavras, não tem valor fonético; conservou-se apenas como símbolo, por força da etimologia e da tradição escrita. Grafa-se, por exemplo, *hoje*, porque esta palavra vem do latim *hodie*.

Emprega-se o H:

a) inicial, quando etimológico:

hábito, hélice, herói, hérnia, hesitar, haurir, hilaridade, homologar, Horácio, haxixe, hortênsia, hulha, etc.

b) medial, como integrante dos dígrafos *ch, lh, nh*:

chave, boliche, broche, cachimbo, capucho, chimarrão, cochilar, fachada, flecha, machucar, mochila, telha, companhia, etc.

c) final e inicial em certas interjeições:

ah!, ih!, eh!, oh!, hem?, hum!, etc.

d) em compostos unidos por hífen, no início do segundo elemento, se etimológico:

sobre-humano, anti-higiênico, pré-histórico, super-homem, etc.

e) no substantivo próprio *Bahia* (estado do Brasil), por secular tradição.

Observações:

✔ Sem *h*, porém, os derivados *baiano, baianinha, baião, baianada, baianismo, baianidade, laranja-da-baía* e o antropônimo *Baía* (José Baía).

✔ A bem da simplificação ortográfica, o *h* deveria ser eliminado nos casos *a* e *d* acima.

Não se usa H:

a) no início ou no fim de certos vocábulos, no passado escritos com essa letra, embora sem fundamento etimológico. Exemplos:

ontem, úmido, ume, iate, ombro, rajá, Jeová, Iná, etc.

b) no início de alguns vocábulos em que o *h*, embora etimológico, foi eliminado por se tratar de palavras que entraram na língua por via popular, como é o caso de *erva, inverno* e *Espanha*, respectivamente do latim *herba, hibernus* e *Hispania*.

Observação:

✔ Os derivados eruditos de *erva, Espanha* e *inverno*, entretanto, grafam-se com *h: herbívoro, herbicida, herbáceo, hispânico, hispano, hibernal, hibernar, hibernação.*

c) em palavras derivadas e em compostos sem hífen:

reaver (*re* + *haver*), reabilitar, inábil, desonesto, desonra, desumano, exaurir, lobisomem, turboélice, etc.

4 EMPREGO DAS LETRAS *E, I, O* E *U*

Na língua falada, a distinção entre as vogais átonas /e/ e /i/, /o/ e /u/ nem sempre é nítida. É principalmente desse fato que nascem as dúvidas quando se escrevem palavras como *quase, intitular, mágoa, bulir*, etc., em que ocorrem aquelas vogais.

- **Escrevem-se com a letra *e*:**

a) a sílaba final de formas dos verbos terminados em *-uar*:
continue, continues, habitue, habitues, pontue, pontues, etc.

b) a sílaba final de formas dos verbos terminados em *-oar*:
abençoe, abençoes, magoe, magoes, perdoe, perdoes, etc.

c) as palavras formadas com o prefixo *ante-* (antes, anterior):
antebraço, antecipar, antedatar, antediluviano, antevéspera, etc.

d) Os seguintes vocábulos:

arrepiar	creolina	empecilho	mexerico	senão
cadeado	cumeeira	encarnar	mimeógrafo	sequer
candeeiro	desperdiçar	encarnação	orquídea	seriema
cemitério	desperdício	indígena	peru	seringa
Cireneu	destilar	irrequieto	quase	umedecer
confete	disenteria	lacrimogêneo	quepe	Zeferino

- **Emprega-se a letra *i*:**

a) na sílaba final de formas dos verbos terminados em *-uir*:
diminui, diminuis, influi, influis, possui, possuis, etc.

b) em palavras formadas com o prefixo *anti-* (contra):
antiaéreo, Anticristo, antitetânico, antiestético, etc.

c) nos seguintes vocábulos:

aborígine	crânio	erisipela	incinerar	privilégio
açoriano	criar	escárnio	inigualável	requisito
artifício	criador	feminino	invólucro	Sicília (ilha)
artimanha	criação	Filipe	lajiano	silvícola
camoniano	crioulo	frontispício	lampião	siri
Casimiro	digladiar	Ifigênia	pátio	terebintina
chefiar	displicência	inclinar	penicilina	Tibiriçá
cimento	displicente	inclinação	pontiagudo	Virgílio

- **Grafam-se com a letra *o*:**

abolir	chover	mágoa	nódoa
banto	cobiça	magoar	óbolo
boate	cobiçar	mocambo	ocorrência
bolacha	concorrência	moela	rebotalho
boletim	costume	moleque	Romênia
botequim	engolir	mosquito	romeno
bússola	goela	névoa	tribo

- **Grafam-se com a letra *u*:**

bulício	chuvisco	íngua	rebuliço
buliçoso	cumbuca	jabuti	tábua
bulir	cúpula	jabuticaba	tabuada
burburinho	curtume	lóbulo	tonitruante
camundongo	cutucar	Manuel	trégua
chuviscar	entupir	mutuca	urtiga

- **Parônimos**

Registramos alguns parônimos (palavras parecidas na pronúncia e na escrita) que se diferenciam pela oposição das vogais */e/* e */i/*, */o/* e */u/*. Fixemos a grafia e o significado dos seguintes:

área = superfície
ária = melodia, cantiga

arrear = pôr arreios, enfeitar
arriar = abaixar, pôr no chão, cair

comprido = longo
cumprido = particípio de *cumprir*

comprimento = extensão
cumprimento = saudação, ato de cumprir

costear = navegar ou passar junto à costa
custear = pagar as custas, financiar

deferir = conceder, atender
diferir = ser diferente, divergir

delatar = denunciar
dilatar = distender, aumentar

descrição = ato de descrever

discrição = qualidade de quem é discreto

emergir = vir à tona
imergir = mergulhar

emigrar = sair do país
imigrar = entrar num país estranho

emigrante = que ou quem emigra
imigrante = que ou quem imigra

eminente = elevado, ilustre
iminente = que ameaça acontecer

recrear = divertir
recriar = criar novamente

soar = emitir som, ecoar, repercutir
suar = expelir suor pelos poros, transpirar

sortir = abastecer
surtir = produzir (efeito ou resultado)

sortido = abastecido, bem provido, variado
surtido = produzido, causado

vadear = atravessar (rio) por onde dá pé, passar a vau

vadiar = viver na vadiagem, vagabundear, levar vida de vadio

- **Ditongos e hiatos**

a) A semivogal dos ditongos decrescentes orais representa-se com as letras *i* e *u*:

cai, sobressai, dói, herói(s), chapéu(s), Montevidéu, Eliseu, atribui, constitui, possui, possuis, retribui, retribuis, conclui, inclui, etc.

Exceções: ao, aos, Caetano, Caetanópolis, Baependi.

b) Escreve-se e pronuncia-se *ou* e não *o* aberto nos verbos *afrouxar, cavoucar, estourar, pousar* (descer), *repousar, roubar* e suas flexões:

afrouxo, cavouca, estoura, pousa, pousas, pousam, roubo, rouba, roubam, etc.

c) Em alguns vocábulos, o ditongo *ou* alterna com *oi*:

balouçar e baloiçar – dourar e doirar – louro e loiro – mourão e moirão – touça e toiça – toucinho e toicinho, etc.

d) Como já vimos, os verbos terminados em *-oar*, no presente do subjuntivo e no imperativo, escrevem-se com *-oe* e não com *-oi*:

abençoe, abençoes, perdoe, perdoes, amaldiçoe, caçoe, caçoes, abotoe, etc.

e) No presente do subjuntivo e no imperativo, conforme dissemos, os verbos terminados em *-uar* grafam-se com *-ue* e não *-ui*:

cultue, cultues, continue, continues, flutue, preceitue, sue, etc.

5 EMPREGO DAS LETRAS *G* E *J*

Para representar o fonema */j/* existem duas letras: *g* e *j*. Grafa-se este ou aquele signo não de modo arbitrário, mas de acordo com a origem da palavra. Exemplos:

gesso (do grego *gypsos*) – **jeito** (do latim *jactu*) – **jipe** (do inglês *jeep*)

- **Escrevem-se com *g*:**

a) os substantivos terminados em *-agem, -igem, -ugem*:
garagem, massagem, viagem, origem, vertigem, ferrugem, lanugem, etc.

Exceção: pajem.

b) as palavras terminadas em *-ágio, -égio, -ígio, -ógio, -úgio*:
contágio, estágio, egrégio, prodígio, relógio, refúgio, etc.

c) as palavras derivadas de outras que se grafam com *g*:

massagista (de *massagem*) – vertiginoso (de *vertigem*) – ferruginoso (de *ferrugem*) – engessar (de *gesso*) – faringite (de *faringe*) – selvageria (de *selvagem*), etc.

d) os seguintes vocábulos:

algema	gengiva	ginete	herege	rabugice
angico	gesto	gíria	megera	sugestão
apogeu	gibi	giz	monge	tangerina
auge	gilete	hegemonia	rabugento	tigela
estrangeiro				

- **Escrevem-se com *j*:**

a) palavras derivadas de outras terminadas em *-ja*:
laranja: laranjeira, laranjinha
loja: lojinha, lojeca, lojista
granja: granjeiro, granjense, granjear (e suas flexões)

gorja: (garganta): gorjeta, gorjeio, gorjear (e flexões)
lisonja: lisonjeiro, lisonjeador, lisonjear (e flexões)
sarja: sarjeta, sarjar (e flexões)
cereja: cerejeira

b) todas as formas da conjugação dos verbos terminados em *-jar* ou *-jear*:
arranjar: arranje, arranjemos, arranjem, arranjei, etc.
viajar: viajei, viaje, viajemos, viajem (*viagem* é substantivo)
despejar: despejei, despeje, despejem, despejemos, etc.
gorjear: gorjeia, gorjeiam, gorjeavam, gorjeie, gorjeando, etc.

c) vocábulos cognatos ou derivados de outros que têm *j*:
laje: lajedo, Lajes, lajiano, lajense
nojo: nojeira, nojento
jeito: jeitoso, ajeitar, desajeitado, enjeitar, conjetura, conjeturar, dejetar, dejeção, dejeto(s), ejetar, ejeção, ejetor, injetar, injeção, interjeição, objetar, objeção, objeto, objetivo, projetar, projeção, projeto, projétil, rejeitar, rejeição, sujeitar, sujeição, sujeito, subjetivo, trajeto, trajetória, trejeitar, trejeito

d) palavras de origem ameríndia (principalmente tupi-guarani) ou africana:
canjerê, canjica, jenipapo, jequitibá, jerimum, jia, jiboia, jiló, jirau, Moji, mojiano, pajé, pajeú, tijipió, etc.

e) as seguintes palavras:

alfanje	intrujice	Jerônimo	manjedoura	sabujice
alforje	jeca	jérsei	manjericão	sujeira
berinjela	jegue	jiu-jítsu	ojeriza	traje
cafajeste	Jeremias	majestade	pegajento	ultraje
cerejeira	jerico	majestoso	rijeza	varejista

6 REPRESENTAÇÃO DO FONEMA /S/

- **O fonema /s/, conforme o caso, representa-se por:**

a) C, Ç:

acetinado	cimento	exceção	maço	pança
açafrão	dança	Iguaçu	miçanga	pinça
almaço	dançar	maçarico	muçulmano	Suíça
anoitecer	contorção	maçaroca	muçurana	suíço
censura	endereço	maciço	paçoca	vicissitude

b) S:

ânsia	cansar	diversão	hortênsia	remorso
ansiar	cansado	excursão	pretensão	sebo
ansioso	descansar	farsa	pretensioso	tenso
ansiedade	descanso	ganso	propensão	utensílio

c) SS:

acesso	concessão	massa	profissional
acessório	discussão	massagista	ressurreição
acessível	escassez	missão	sessenta
assar	escasso	necessário	sossegar
asseio	essencial	obsessão	sossego
assinar	expressão	opressão	submissão
carrossel	fracasso	pêssego	sucessivo
cassino	impressão	procissão	

d) SC, SÇ:

acréscimo	cresço	discípulo	imprescindível	seiscentos
adolescente	cresça	discernir	néscio	suscetível
ascensão	descer	fascinar	oscilar	suscetibilidade
consciência	desço	fascinante	piscina	suscitar
consciente	desça	florescer	ressuscitar	víscera
crescer	disciplina			

Observação:

✔ A simplificação ortográfica está a exigir a eliminação do *s* dos dígrafos *sc* e *sç*, bem como do *x* do dígrafo *xc*. Veja item f, abaixo.

e) X:

aproximar	máximo	trouxe
auxiliar	próximo	trouxer
auxílio	proximidade	trouxeram

f) XC:

exceção	excelência	excêntrico	excessivo
excedente	excelente	excepcional	exceto
exceder	excelso	excesso	excitar

- **Homônimos**

Eis alguns homônimos, palavras que têm a mesma pronúncia, mas significação e escrita diferentes:

acento = inflexão da voz, sinal gráfico
assento = lugar para sentar-se

acético = referente ao ácido acético (vinagre)
ascético = referente ao ascetismo, místico

cesta = utensílio de vime ou outro material
sexta = ordinal referente a *seis*

cismo = penso
sismo = terremoto

empoçar = formar poça
empossar = dar posse a

incipiente = principiante
insipiente = ignorante

círio = grande vela de cera
sírio = natural da Síria

ruço = pardacento
russo = natural da Rússia

intercessão = ato de interceder
interseção = ponto em que duas linhas se cruzam

7 EMPREGO DO *S* COM VALOR DE *Z*

Escrevem-se com *s* com som de *z*:

- adjetivos com os sufixos *-oso, -osa*:
  gostoso, gostosa – gracioso, graciosa – teimoso, teimosa, etc.
- adjetivos pátrios com os sufixos *-ês, -esa*:
  português, portuguesa – inglês, inglesa – milanês, milanesa, etc.
- substantivos e adjetivos terminados em *-ês*, feminino *-esa*:
  burguês, burguesa, burgueses – camponês, camponesa, camponeses – freguês, freguesa, fregueses – marquês, marquesa, marqueses, etc.
- substantivos com os sufixos gregos *-ese, -isa, -ose*:
  catequese, diocese, diurese – pitonisa, poetisa, sacerdotisa – glicose, metamorfose, virose, etc.
- verbos derivados de palavras cujo radical termina em *-s*:
  analisar (de *análise*) – apresar (de *presa*) – atrasar (de *atrás*) – abrasar (de *brasa*) – extasiar (de *êxtase*) – enviesar (de *viés*) – afrancesar (de *francês*) – extravasar (de *vaso*) – alisar (de *liso*), etc.
- formas dos verbos *pôr* e *querer* e de seus derivados:
  pus, pôs, pusemos, puseram, puser, compôs, compusesse, impuser, etc.
  quis, quisemos, quiseram, quiser, quisera, quiséssemos, etc.
- os seguintes nomes próprios de pessoas:
  Avis, Baltasar, Brás, Eliseu, Garcês, Heloísa, Inês, Isabel, Isaura, Luís, Luísa, Queirós, Resende, Sousa, Teresa, Teresinha, Tomás, Valdês, etc.
- os seguintes vocábulos e seus cognatos:

aliás	descortesia	hesitar	raposa
análise	despesa	manganês	represa
anis	empresa	mês	requisito
arnês	esplêndido	mesada	rês, reses
ás, ases	esplendor	obséquio	retrós
atrás	espontâneo	obus	revés, reveses
através	evasiva	paisagem	surpresa
avisar	fase	país	tesoura
aviso	frase	paraíso	tesouro
besouro	freguesia	pêsames	três
colisão	fusível	pesquisa	usina
convés	gás	presa	vasilha

cortês	Goiás	presépio	vaselina
cortesia	groselha	presídio	vigésimo
defesa	heresia	querosene	visita

8 EMPREGO DA LETRA *Z*

Grafam-se com *z*:

- os derivados em *-zal, -zeiro, -zinho, -zinha, -zito, -zita*:
  cafezal, cafezeiro, cafezinho, avezinha, cãozito, avezita, etc.
- os derivados de palavras cujo radical termina em *-z*:
  cruzeiro (de *cruz*), enraizar (de *raiz*), esvaziar, vazar, vazão (de *vazio*), etc.
- os verbos formados com o sufixo *-izar* e palavras cognatas:
  fertilizar, fertilizante; civilizar, civilização, etc.
- substantivos abstratos em *-eza*, derivados de adjetivos e denotando qualidade física ou moral:
  pobreza (de *pobre*), limpeza (de *limpo*), frieza (de *frio*), etc.
- as seguintes palavras:

azar	aprazível	chafariz	proeza	vazante
azeite	baliza	cicatriz	vazar	vaza-barris
azáfama	buzina	ojeriza	vazamento	vizinho
azedo	buzinar	prezar	vazão	xadrez
amizade	bazar	prezado		

9 *S* OU *Z*?

- **Sufixos *-ês* e *-ez*:**

a) O sufixo *-ês* (latim *-ense*) forma adjetivos (às vezes substantivos) derivados de substantivos concretos:

montês (de *monte*)	montanhês (de *montanha*)
cortês (de *corte*)	francês (de *França*)
burguês (de *burgo*)	chinês (de *China*)

b) O sufixo *-ez* forma substantivos abstratos femininos derivados de adjetivos:

aridez (de *árido*)	cupidez (de *cúpido*)	avidez (de *ávido*)
acidez (de *ácido*)	estupidez (de *estúpido*)	palidez (de *pálido*)
rapidez (de *rápido*)	mudez (de *mudo*)	lucidez (de *lúcido*)

- **Sufixos *-esa* e *-eza*:**

Escreve-se *-esa* (com s):

a) nos seguintes substantivos cognatos de verbos terminados em *-ender*:

defesa (*defender*), presa (*prender*), despesa (*despender*), represa (*prender*), empresa (*empreender*), surpresa (*surpreender*).

b) nos substantivos femininos designativos de títulos nobiliárquicos:
baronesa, duquesa, marquesa, princesa, consulesa, prioresa.

c) nas formas femininas dos adjetivos terminados em *-ês*:
burguesa (de *burguês*), francesa (de *francês*), camponesa (de *camponês*), milanesa (de *milanês*), holandesa (de *holandês*), etc.

d) nas seguintes palavras femininas:
framboesa, indefesa, lesa, mesa, sobremesa, obesa, Teresa, tesa, toesa, turquesa.

Escreve-se *-eza*:

Usa-se *-eza* (com *z*) nos substantivos femininos abstratos derivados de adjetivos e denotando qualidades, estado, condição. Exemplos:

beleza (de *belo*), franqueza (de *franco*), pobreza (de *pobre*), leveza (de *leve*).

Observação:

✔ Inclua-se o topônimo *Veneza*, cidade da Itália.

▪ **Verbos terminados em *-isar* e *-izar*:**

Escreve-se *-isar* (com *s*) quando o radical dos nomes correspondentes termina em *-s*. Se o radical não terminar em *-s*, grafa-se *-izar* (com *z*):

avisar (aviso + -ar)	*anarquizar* (anarquia + -izar)
analisar (análise + -ar)	*civilizar* (civil + -izar)
alisar (a + liso + -ar)	*canalizar* (canal + -izar)
bisar (bis + -ar)	*amenizar* (ameno + -izar)
catalisar (catálise + -ar)	*colonizar* (colono + -izar)
improvisar (improviso + -ar)	*vulgarizar* (vulgar + -izar)
paralisar (paralisia + -ar)	*motorizar* (motor + -izar)
pesquisar (pesquisa + -ar)	*escravizar* (escravo + -izar)
pisar, repisar (piso + -ar)	*cicatrizar* (cicatriz + -ar)
frisar (friso + -ar)	*deslizar* (deslize + -ar)
grisar (gris + -ar)	*matizar* (matiz + -ar)

Observações:

✔ As letras *s* ou *z* aparecerão, é claro, em todas as formas da conjugação desses verbos.

✔ Nos verbos derivados de nomes cujo radical termina em *s* ou *z*, o sufixo é *-ar*; se o radical termina por outra consoante, o sufixo é *-izar*.

✔ Dos verbos em *-izar*, uns, como *oficializar, monopolizar, sintonizar*, etc., foram formados em nossa língua; outros, como *batizar, catequizar, dramatizar, traumatizar*, etc., derivam do grego e entraram no vernáculo já formados. No grego, escrevem-se como *dzeta*, letra que corresponde ao nosso *z*.

10 EMPREGO DO *X*

- Esta letra representa os seguintes fonemas:

  /ch/: xarope, enxofre, vexame, etc.

  /cs/: sexo, látex, léxico, tóxico, etc.

  /z/: exame, exílio, êxodo, etc.

  /ss/: auxílio, máximo, próximo, etc.

  /s/: sexto, texto, expectativa, extensão, etc.

- Não soa nos grupos internos *-xce-* e *-xci-*:

  exceção, exceder, excelente, excelso, excêntrico, excessivo, excitar, inexcedível, etc.

Observação:

✔ Nas palavras do segundo item, o *x* é parte do prefixo latino *ex-*, mas deveria ser abolido, simplesmente por ser desnecessário. Bastaria a variante *e-* (em vez de *ex-*), tal como ocorre em *efusão, emigrar, evasão, emanar*, etc.

- Grafam-se com *x* e não com *s*:

  expectativa, experiente, expiar (remir, pagar), expirar (morrer), expoente, êxtase, extasiado, extrair, fênix, têxtil, texto, etc.

- Escreve-se *x* e não *ch*:

  a) em geral, depois de ditongo:
  caixa, baixo, faixa, feixe, frouxo, ameixa, rouxinol, seixo, etc.

Excetuam-se *caucho* e os derivados *cauchal, recauchutar* e *recauchutagem*.

  b) geralmente, depois da sílaba inicial *en-*:
  enxada, enxame, enxamear, enxaguar, enxaqueca, enxárcia, enxerga, enxergar, enxerido, enxerto, enxertar, enxó, enxofre, enxotar, enxoval, enxovalhar, enxovia, enxugar, enxúndia, enxurrada, enxuto, etc.

Excepcionalmente, grafam-se com *ch*: *encharcar* (de *charco*), *encher* e seus derivados (*enchente, enchimento, preencher*, etc.), *enchova, enchumaçar* (de *chumaço*), enfim, toda vez que se trata do prefixo *en-* + palavra iniciada por *ch*.

  c) em vocábulos de origem indígena ou africana:
  abacaxi, xavante, caxambu (dança negra), caxinguelê, mixira, orixá, xará, maxixe, etc.

  d) nas seguintes palavras:
  anexim, bexiga, bruxa, coaxar, faxina, graxa, lagartixa, lixa, lixo, mexer, mexerico, puxar, rixa, oxalá, praxe, vexame, xadrez, xarope, xaxim, xícara, xale, xingar, xampu.

11 EMPREGO DO DÍGRAFO *CH*

Escrevem-se com *ch*, entre outros, os seguintes vocábulos:

bucha, charque, charrua, chávena, chimarrão, chuchu, cochilo, cochilar, fachada, ficha, flecha, mecha, mochila, pechincha, tocha.

- **Homônimos**

bucho = estômago
buxo = espécie de arbusto

cocho = recipiente de madeira
coxo = capenga, manco

tacha = mancha, defeito; pequeno prego de cabeça larga e chata; caldeira
taxa = imposto, preço de um serviço público, conta, tarifa

chá = planta da família das Teáceas; infusão de folhas do chá ou de outras plantas
xá = título do soberano da Pérsia (atual Irã)

cheque = ordem de pagamento
xeque = no jogo de xadrez, lance em que o rei é atacado por uma peça adversária

12 CONSOANTES DOBRADAS

- Nas palavras portuguesas só se duplicam as consoantes *c, r, s*.
- Escreve-se *cc* ou *cç* quando as duas consoantes soam distintamente:
  convicção, occipital, cocção, fricção, friccionar, facção, sucção, etc.
- Duplicam-se o *r* e o *s* em dois casos:
  a) quando, intervocálicos, representam os fonemas */r/* forte e */s/* sibilante, respectivamente:
     carro, ferro, pêssego, missão, etc.
  b) quando a um elemento de composição terminado em vogal seguir, sem interposição do hífen, palavra começada por *r* ou *s*:
     arroxeado, correlação, pressupor, bissemanal, girassol, minissaia, etc.

Observação:

✔ Em palavras estrangeiras e derivadas conservam-se as consoantes dobradas: *Garrett, garrettiano, Hoffmann, hoffmânnico*, etc.

13 EMPREGO DAS INICIAIS MAIÚSCULAS E MINÚSCULAS

- **Escrevem-se com letra inicial maiúscula:**

a) a primeira palavra de período ou citação:
Nossa língua é falada em todos os continentes.
Diz um provérbio árabe: "A agulha veste os outros e vive nua".

Observação:

✔ No início dos versos que não abrem período é facultativo o uso da letra maiúscula.

b) substantivos próprios (antropônimos, alcunhas, topônimos, nomes sagrados, mitológicos, astronômicos, nomes de regiões):

José, Tiradentes, Brasil, Amazônia, Campinas, Deus, Jesus Cristo, Maria Santíssima, Tupã, Minerva, Via Láctea, Marte, Cruzeiro do Sul, Região Sul, Baixada Fluminense, Triângulo Mineiro, etc.

Observação:

✔ Grafa-se com inicial minúscula: o *deus* pagão, os *deuses* pagãos, a *deusa* Juno.

c) nomes de épocas históricas, datas e fatos importantes, festas religiosas:

Idade Média, Renascença, Centenário da Independência do Brasil, a Páscoa, o Natal, o Dia das Mães, Plano Real, Semana Santa, etc.

d) nomes de altos cargos e dignidades: Papa, Presidente da República, etc.

e) nomes de altos conceitos religiosos ou políticos: Igreja, Nação, Estado, Pátria, União, República, Império, etc.

f) nomes de estabelecimentos, agremiações, corporações, órgãos públicos, etc.: Academia Brasileira de Letras, Banco do Brasil, Teatro Municipal, Colégio Santista, Secretaria de Saúde, Guarda Municipal, Ministério da Fazenda, etc.

g) títulos de jornais e revistas: *O Globo*, *Jornal do Brasil*, *Veja*, etc.

h) expressões de tratamento:

Vossa Excelência, Sr. Presidente, Excelentíssimo Senhor Ministro, Senhor Diretor, etc.

i) nomes dos pontos cardeais, quando designam regiões:

Os povos do Oriente, o falar do Norte.

Mas: Corri o país de *norte* a *sul*. O sol nasce a *leste*.

j) nomes comuns, quando personificados ou individualizados:

o Amor, o Ódio, a Morte, o Jabuti (nas fábulas), etc.

Observação:

✔ No interior dos títulos, as palavras átonas, como *o, a, com, de, em, sem, um,* etc., grafam-se com inicial minúscula.

- **Escrevem-se com letra inicial minúscula:**

a) nomes de meses, de festas pagãs ou populares, nomes gentílicos, nomes próprios tornados comuns:
maio, bacanais, carnaval, ingleses, ave-maria, um havana, pau-brasil, etc.

b) nomes a que se referem os itens **d** e **e** da página anterior, quando empregados em sentido geral:
São Pedro foi o primeiro *papa*.
Candidatou-se a *presidente* da República.
Todos amam sua *pátria*.
As *igrejas* evangélicas.

c) palavras, depois de dois-pontos, não se tratando de citação direta:
"Chegam os magos do Oriente, com suas dádivas: ouro, incenso, mirra." (MANUEL BANDEIRA)
"A sobremesa era no pomar: chupar laranjas debaixo das árvores." (ELSIE LESSA)
O filósofo grego disse: "Nada se cria, nada se perde, tudo se transforma."

- **Casos opcionais**

Grafam-se, opcionalmente, com letra inicial maiúscula ou minúscula:

a) nomes designativos de logradouros públicos, edifícios, templos: Rua (ou rua) São José, Praça (ou praça) da Paz, Edifício (ou edifício) Jabuti, Igreja (ou igreja) do Bonfim, etc.

b) nomes designativos de santos, de profissionais: Santo Antônio ou santo Antônio, Doutor Paulo ou doutor Paulo, Professor Renato ou professor Renato, etc.

c) nomes de disciplinas: Matemática ou matemática, etc.

d) nomes comuns antepostos a nomes próprios de acidentes geográficos: Baía (ou baía) de Guanabara. Lagoa (ou lagoa) de Araruama, Rio (ou rio) Amazonas, Ilha (ou ilha) de Marajó, Serra (ou serra) do Mar. Pico (ou pico) da Neblina, etc.

e) nomes de livros (menos o inicial e substantivos próprios, que são sempre com maiúscula): *A Menina do Sobrado* ou *A menina do sobrado*, *O Primo Basílio* ou *O primo Basílio*, *Histórias sem Data* ou *Histórias sem data*, *A Retirada de Laguna* ou *A retirada de Laguna*, etc.
→ Os títulos de livros devem ser grifados, com tipo itálico claro.

EXERCÍCIOS

LISTA 04

1. Escreva as palavras, completando com **h** inicial quando for o caso:

ontem – esitar – ulha – úmido – iate – erbívoro

2. Escreva corretamente os verbos, substituindo o * pelas letras **e** ou **i**:

contribu* – perdo* – habitu* – continu* – pontu* – tumultu* – influ* – constitu* – abenço* – atribu*

3. Escreva as palavras, substituindo o * por **e** ou **i**, conforme convenha:

quas* – pát*o – *mpecilho – pr*vilégio – arr*piado – ant*cipar – front*spício – ant*ontem – ant*térmico – d*sperdiçar – s*lvícola – re*u*sito – s*não – cr*ar – recr*ativo – lacrimogên*o

4. Escreva as palavras substituindo convenientemente o * pelas letras **o** ou **u**:

bússola – eng*lir – b*lir – ch*ver – ch*visco – jab*ti – mág*a – conc*rrência – cam*ndongo – ób*lo – c*biçar – c*rtume – g*ela

5. Copie cada frase, substituindo os asteriscos pelo parônimo adequado:
   1) O calor *** o ferro. *(delata – dilata)*
   2) Falava-se num ataque *** do inimigo. *(eminente – iminente)*
   3) Pessoa prudente fala com *** . *(descrição – discrição)*
   4) A sucuri tinha oito metros de *** . *(comprimento – cumprimento)*

6. Escreva as palavras, substituindo * por **g** ou **j**, conforme o caso:
   pa*em – lo*ista – mon*e – ti*ela – gor*eio – *iboia – tra*eto – ma*estoso – su*eira – *inete – pa*é – *iló – *eito – here*e – pro*eção – su*estão – tra*e – o*eriza – sar*eta – re*eitar – gara*em – farin*ite – ferru*em – selva*eria – rabu*ento – ultra*e – via*em (substantivo) – via*em (verbo)

7. Escreva as palavras trocando o * por **c**, **ç**, **s** ou **ss**, conforme convenha:
   dan*a – ân*ia – ma*iço – discu*ão – diver*ão – ma*arico – preten*ioso – *ebo – carro*el – ascen*ão – pê*ego – descan*ar – suí*o – pa*oca – hortên*ia – so*ego – remor*o – mi*angas – esca*o – far*a – mu*ulmano – Igua*u – obse*ão

8. Escreva as palavras em seu caderno, completando adequadamente com **ç** ou **ss** no lugar do asterisco:
   ma*agista – pan*a – profi*ão – ace*o – re*urreição – fraca*o – a*afrão – exce*ão – mu*urana – Suí*a – alma*o – proci*ão – ma*aroca – ave*o – nece*ário – a*olar

9. Observe os exemplos e faça o mesmo em seu caderno:

a) ater	**atenção**	e) admitir	**admissão**
abster		demitir	
conter		emitir	
deter		omitir	
obter		permitir	
reter		remitir	
b) converter	**conversão**	f) comprimir	**compressão**
inverter		deprimir	
reverter		exprimir	
subverter		imprimir	
		oprimir	
c) ceder	**cessão**	reprimir	
conceder		suprimir	
interceder			
d) agredir	**agressão**	g) expelir	**expulsão**
progredir		impelir	
regredir		repelir	

10. Substitua o * por **sc**, **ss**, **x** ou **xc**:
    a*ensão – e*eção – o*ilar – au*ílio – con*iência – di*iplina – e*ência – e*esso – fa*inante – sei*entos – trou*er – e*êntrico – suce*ivo – su*itar – flore*er

11. Escreva as listas de palavras, classificando-as de acordo com o emprego do **s**, conforme a numeração abaixo (pág. 68):
    a) catequese, poetisa, metamorfose

b) quis, pôs, quiser, puser, puseram
c) generoso, generosa, jeitoso, jeitosa
d) analisar, extasiar, atrasar, apresar
e) genovês, genovesa, português, portuguesa
(1) sufixos **-oso, -osa**
(2) adjetivos pátrios terminados em **ês, esa**
(3) sufixos gregos **-ese, -isa, -ose**
(4) derivados de radicais finalizados em **-s**
(5) formas dos verbos **pôr** e **querer**

12. Troque o * por **s** ou **z**, conforme convenha:

l*abel – atravé* – bu*inar – coli*ão – civili*ação – corte*ia – ba*ar – fregue*ia – ga*ômetro – fu*ível – me*es – ob*équio – pai*agem – pre*ado – paraí*o – vene*iana – proe*a – quero*ene – te*ouro – u*ina – vi*ita – va*io – va*amento – do*e (porção) – do*e (numeral)

13. Faça como no exercício anterior:

atra*ar – freguê* – rapide* – fertili*ante – ga*es – camponê* – qui*er – improvi*ar – co*inha – burguê* – compô* – esva*iar – paí*es – fregue*es – ave*inha – requi*ito – vi*inho – campone*es – Tere*inha – teimo*ia

14. Reveja os parágrafos sobre o emprego das letras **s** e **z**; em seguida, copie os nomes abaixo, completando com os sufixos **-esa** ou **-eza** no lugar dos asteriscos, conforme o caso:

clar*** – redond*** – portugu*** – milan***

surpr*** – repr*** – delicad*** – empr***

firm*** – baron*** – campon*** – limp***

japon*** – franc*** – frambo*** – marqu***

duqu*** – fregu*** – espert*** – princ***

pobr*** – gentil*** – turqu*** – def***

chin*** – Ter*** – desp*** – magr***

15. Utilizando corretamente os sufixos **-ês** e **-ez**, derive:

1) substantivo de **ácido** e **árido.**

2) adjetivos de **China** e **corte** (ô).

16. Dos nomes abaixo derive corretamente verbos terminados em **-isar** ou **-izar:**

pesquisa	ameno
canal	civil
símbolo	paralisia
escravo	simpatia
análise	cicatriz
deslize	improviso

17. Justifique cada afirmativa com três exemplos adequados:

Escreve-se **x** e não **ch**:

a) geralmente depois de ditongo:

b) geralmente depois da sílaba inicial **en-**:

c) em palavras de origem indígena ou africana:

18. Dê exemplos de palavras em que a letra **x** soa como:

ch – cs – z – ss

19. Escreva as palavras, substituindo o * convenientemente por **x** ou **ch**:

fai*a – fa*ada – en*ame – en*ofre – pu*ar – *u*u – en*ugar – en*arcar – *arque – li*a – fle*a – coa*ar – me*er – ri*a – co*a – trou*a – bu*a – bru*a – fa*ina – be*iga – *arope

20. Substitua o * por **s** ou **x**, conforme o caso:

e*pontâneo – e*tender – e*tensão – e*plendor – e*plêndido – e*gotar – e*pansão

21. Escreva cada expressão abaixo, trocando os asteriscos pelo homônimo adequado:

apreçar – apressar – cessão – seção – sessão – cela – sela – cheque – xeque – espiar – expiar – intercessão – interseção – tacha – taxa

*** o passo	assinar o ***
*** o imóvel	evitar o ***
*** de um bem	*** um crime
*** noturna	*** a moça
*** de esportes	*** de Maria
*** a carta	*** de 2 linhas
*** de preso	*** de luz elétrica
*** de couro	*** de metal

22. Identifique as alternativas em que todas as palavras estão escritas corretamente:

a) honrado, desumano, horizonte, hontem

b) horário, desonrado, hábil, hospedaria

c) humanidade, humildade, honesto, humano

d) harém, hora, hostil, hovíparo

23. Escolha, em cada um dos pares abaixo, qual a palavra corretamente grafada:

a) continue/continui

b) cemitério/cimitério

c) quase/quasi

d) possue/possui

e) indígena/indígina

24. Faça o mesmo, escolhendo a forma grafada corretamente com **o** ou **u**:

a) tribo/tribu No Brasil vivem muitas *tribos* indígenas.

b) engolir/engulir

c) jaboticaba/jabuticaba

d) tabuada/taboada

e) costume/custume

25. Leia as frases abaixo e corrija onde houver erro:

a) Meu braço é muito cumprido.

b) Ele fez às moças um cerimonioso comprimento.

c) Faça uma discrição dessa figura para seus colegas.

d) Meus bisavós vieram da Itália para cá no início do século passado. Como imigrantes, tinham poucos direitos assegurados.

e) Ele soava por todos os poros.

f) Imigrantes africanos morrem nas águas do Mediterrâneo antes de chegar à Espanha.

26. Derive adjetivos dos substantivos usando o sufixo *-oso*:

gosto, gula, medo, teima, nervo, esperança, choro, calor, amor, dor, carinho

27. Complete usando formas adequadas dos verbos entre parênteses:

a) Ontem meu pai * algum dinheiro em sua conta. (pôr)

b) Os soldados ajoelharam-se e * flores sobre a laje. (pôr)

c) Eles * entrar, mas eu não permiti. (querer)

d) Se eu * que você entrasse, teria pedido. (querer)

e) Quem * ser aprovado deve estudar bastante. (querer)

f) Quem * alguma coisa em minha carteira vai se arrepender! (pôr)

28. Responda utilizando adjetivos pátrios formados por meio do sufixo *-ês/-esa*:

a) Aquele que nasce na França é *, na Inglaterra é *, na Escócia é * e em Portugal é *.

b) Uma pintura originária do Japão é *, da China é * e de Portugal é *.

29. Forme substantivos derivados dos adjetivos abaixo, usando o sufixo *-ez/-eza*:

belo – mole – franco – fraco – macio – leve – nobre – esperto – honrado – limpo – rápido – estúpido

ORTOGRAFIA

Exercícios de exames e concursos

[Página 665]

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

1 PRINCIPAIS REGRAS DE ACENTUAÇÃO GRÁFICA

- **Acentuação dos vocábulos proparoxítonos**

Todos os vocábulos proparoxítonos são acentuados na vogal tônica:

a) com acento agudo se a vogal tônica for *i, u* ou *a, e, o* abertos:
xícara, úmido, queríamos, lágrima, término, déssemos, lógico, binóculo, colocássemos, inúmeros, polígono, etc.

b) com acento circunflexo se a vogal tônica for fechada ou nasal:
lâmpada, pêssego, esplêndido, pêndulo, lêssemos, estômago, sôfrego, fôssemos, quilômetro, sonâmbulo, etc.

Observação:

✔ Acentuam-se também os vocábulos que terminam por encontro vocálico e que podem ser pronunciados como proparoxítonos: *área, conterrâneo, errôneo, enxáguam,* etc.

- **Acentuação dos vocábulos paroxítonos**

Acentuam-se com o acento adequado os vocábulos paroxítonos terminados em:

a) *ditongo crescente*, seguido, ou não, de *s*:
sábio, róseo, Gávea, planície, nódoa, régua, árdua, espontâneo, ânsia, decência, cerimônia, tênues, ingênuo, etc.

b) *-i, -is, -us, -um, -uns*:
táxi, júri, biquíni, lápis, bônus, vírus, Vênus, álbum, álbuns, médium, médiuns, fórum, etc.

c) *-l, -n, -r, -x, -ons, -ps*:
fácil, móvel, cônsul, hífen, pólen, cânon, elétron, dólar, revólver, vômer, mártir, látex, fênix, Félix, elétrons, bíceps, fórceps, etc.

d) *-ei, -eis*:
jóquei, vôlei, fósseis, úteis, fizésseis, lêsseis, fáceis, túneis, etc.

e) *-ã, -ãs, -ão, -ãos, -guam, -guem*:
ímã, ímãs, órgão, órgãos, bênção, bênçãos, enxáguam, enxáguem, etc.

Observações:

✔ Não se acentuam os vocábulos paroxítonos terminados em *-ens*: *imagens, edens, itens, jovens, nuvens,* etc.

✔ Não se acentuam os prefixos *anti, semi* e *super*, por serem considerados elementos átonos: *semi-interno, super-homem, anti-inflamatório.*

✔ Não se acentua um paroxítono só porque sua vogal tônica é aberta ou fechada. Descabido seria o acento gráfico, por exemplo, em *cedo, este, espelho, aparelho, cela, janela, socorro, pessoa, dores, flores, solo, esforços.*

✔ As terminações dos itens *b, c, d* e *e* são, por natureza, tônicas. Daí a necessidade do acento gráfico nas palavras com essas terminações.

✔ Não se acentuam os ditongos abertos *ei, eu, oi* de palavras paroxítonas: *assembleia, geleia, jiboia, ovoide*, etc.

▪ Acentuação dos vocábulos oxítonos

a) Acentuam-se com o acento adequado os vocábulos oxítonos terminados em:

- *-a, -e, -o*, seguidos ou não de *s*:

  xará, xarás, gambá, será, serás, pajé, pajés, Tietê, você, freguês, vovô, avós, vovó, etc.

  Seguem esta regra os infinitivos seguidos de pronome:

  cortá-los, vendê-lo, conhecê-la, compô-lo, etc.

- *-em, -ens* (em palavras de duas ou mais sílabas):

  ninguém, armazém, armazéns, ele contém, tu conténs, ele convém, ele mantém, eles mantêm, ele intervém, eles intervêm, etc.

Observação:

✔ A 3ª pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos derivados de *ter* e *vir* leva acento circunflexo:

Eles *contêm, detêm, obtêm, retêm*, etc.

Eles *convêm, intervêm, provêm, sobrevêm*, etc.

- *-éis, -éu(s), -ói(s):*

  fiéis, chapéu, chapéus, herói, heróis, etc.

b) Não devem ser acentuados os oxítonos terminados em *-i(s), -u(s)*:

aqui, juriti, juritis, saci, bambu, bambus, zebu, puni-los, reduzi-los, etc.

Exceção: o *i* e o *u* são acentuados quando precedidos de vogal átona com a qual formem hiato:

saí, Piraí, Jacareí, Jaú, Camboriú, sucuriú, baú, baús, saís, Luís, instruí-los, etc.

▪ Acentuação dos monossílabos

a) Acentuam-se os monossílabos tônicos:

- terminados em *-a, -e, -o*, seguidos ou não de *s*:

  há, pá, pás, má, más, pé, pés, dê, dês, mês, nó, nós, pôs (colocou), etc.

- que encerram os ditongos abertos *éi, éu, ói:*
  véu, véus, réis, dói, sóis, etc.

b) Não se acentuam os monossílabos tônicos com outras terminações:
ri, bis, ver, vez, sol, pus, mau, maus, Zeus, dor, flor, etc.

Exceções: acentuam-se os verbos *pôr, têm* (plural) e *vêm* (plural) porque existem os homógrafos *por* (preposição átona), *tem* (singular) e *vem* (singular):

Eles *têm* autoridade: *vêm pôr* ordem na cidade.

- **Acentuação dos ditongos**

a) Acentua-se a base (isto é, a vogal) dos ditongos abertos *éi, éu, ói,* quando tônicos e em palavras oxítonas: papéis, chapéu, herói, Niterói, anzóis, destrói, etc.
Em palavras paroxítonas esses ditongos não se acentuam: *ideia, estreia, joia, heroico,* etc.

b) Esses ditongos não se acentuam:
- quando fechados:
  areia, ateu, joio, tamoio, apoio, etc.
- quando subtônicos:
  ideiazinha, chapeuzinho, heroizinho, tireoidite, heroicamente, etc.

c) Não se acentua a vogal tônica dos ditongos *-iu* e *-ui,* quando precedida de vogal:
saiu, atraiu, contraiu, contribuiu, distribuiu, pauis, etc.

- **Acentuação dos hiatos**

a) Acentuam-se, em regra, o *i* e o *u* tônicos em hiato com vogal ou ditongo anterior, formando sílaba sozinhos ou com *s*:
saída (*sa-í-da*), saúde (*sa-ú-de*), faísca (*fa-ís-ca*), caía, saíra, egoísta, heroína, caí, Xuí, Luís, uísque, balaústre, juízo, país, cafeína, baú, baús, Grajaú, saímos, eletroímã, reúne, construía, proíbem, influí, destruí-lo, instruí-la, etc.

Razão do acento gráfico: indicar hiato, impedir a ditongação.
Compare: *caí* e *cai*, *doído* e *doido*, *fluído* e *fluido*.

b) No caso acima, não se acentuam o *i* e o *u*:
- quando seguidos de *nh*:
  rainha, fuinha, moinho, lagoinha, etc.
- quando formam sílaba com letra que não seja *s*:
  cair (*ca-ir*), sairmos, saindo, juiz, ainda, diurno, Raul, ruim, cauim, amendoim, saiu (*sa-iu*), contribuiu, instruiu, etc.

Razão da ausência do acento gráfico: não é possível a ditongação, nesses casos.

c) Não se coloca acento circunflexo na primeira vogal dos hiatos *oo* e *ee*:
voo, voos, enjoo, abençoo, abotoo, creem, deem, leem, veem, descreem, releem, preveem, proveem, etc.

Observação:

✔ O acento circunflexo, nesse caso, é desnecessário; por isso, o novo *Acordo Ortográfico* de 1990 o aboliu.

d) Fora o caso previsto no item *a*, não se acentuam os hiatos. Assim, escreveremos sem acento:

Saara, caolho, aorta, semeemos, semeeis, mandriice, vadiice, lagoa, pessoa, boa, abotoa, Mooca, coorte, moeda, poeta, meeiro, paracuuba, voe, perdoe, abençoe, etc.

Observação:

✔ Cabe esclarecer que existem hiatos acentuados não por serem hiatos, mas por outras razões.

Acentuam-se, por exemplo:

poético, por ser vocábulo proparoxítono;

beócio e *boêmio*, porque terminam em ditongo crescente;

jaó, por ser vocábulo oxítono terminado em *-o*.

- **Os grupos *gue, gui, que, qui***

a) Não se coloca acento agudo sobre o *u* desses grupos, quando é proferido e tônico:

averigue, averigues, averiguem, apazigue, apazigues, apaziguem, oblique, obliques, obliquem, arguis, argui, arguem, etc. → O acento gráfico deveria ser mantido para evitar falsas pronúncias.

b) Quando átono, o referido *u* não recebe trema, sinal abolido no sistema ortográfico de 1990:

aguentar, arguir, arguimos, arguia, argui, arguiu, frequente, delinquência, delinquir, tranquilo, cinquenta, enxaguei, pinguim, sequestro, etc.

- **Acento diferencial**

Acento diferencial é o que se usa para diferenciar homógrafos (palavras que se escrevem com as mesmas letras, mas que têm significados diferentes). O sistema ortográfico de 1990 aboliu o acento diferencial em alguns homógrafos. É preciso destinguir:

a) Acentos diferenciais obrigatórios:

Como no sistema ortográfico de 1943, acentuam-se obrigatoriamente:

pôr (verbo) para diferenciar de *por* (preposição): *pôr* sal no café *por* distração.

pôde (pretérito perfeito do verbo *poder*) para distinguir de *pode* (presente do indicativo): Ontem o médico não *pôde* atender; hoje ele *pode*.

b) Acentos diferenciais facultativos:

Podem-se acentuar, opcionalmente:

fôrma (molde) para distinguir de *forma* (feitio, modo): O bolo toma a *forma* da *fôrma*.

andámos, cantámos, louvámos, etc. (formas verbais do pretérito perfeito do indicativo) para as diferenciar das correspondentes formas do presente do indicativo (andamos, cantamos, louvamos, etc., por ser aberto o timbre do *a* tônico no pretérito em certas variantes do português. No Brasil, não se pronuncia nem se escreve *andámos*, mas *andamos*, tanto no presente como no pretérito perfeito, neste e em todos os verbos da 1ª conjugação.

c) Acentos diferenciais abolidos:

Aboliram-se os acentos gráficos nos vocábulos tônicos abaixo, que se usavam para diferenciá-los dos respectivos homógrafos átonos:

Vocábulos tônicos	Vocábulos átonos
pera (fruta)	*pera* (para, preposição arcaica)
polo (ó) (extremidade, jogo)	*polo* (contração arcaica de *por o* = pelo)
polo (ô) (falcão novo)	*polo* (contração arcaica de *por o* = pelo)
coa, coas (formas do verbo coar)	*coa, coas* (contrações de *com a, com as*)

Observação:

✔ Nos demais casos, como antes do Acordo Ortográfico de 1990, não se usa acento diferencial. Grafam-se, por exemplo, *erro, colher, sede, governo, torre, olho, almoço*, e não: êrro, colhêr, sêde, govêrno, tôrre, ôlho, almôço.

▪ Acento grave

O acento grave usa-se exclusivamente para indicar a crase da preposição *a* com os artigos *a, as* e com os pronomes demonstrativos *a, as, aquele(s), aquela(s), aquilo*. Exemplos:

Fui *à* feira. Assisti *às* aulas. Não liguei *àquilo*. Dirija-se *àquele* moço.

Observação:

✔ Não se grafa acento grave em sílaba subtônica:

somente, rapidamente, comodamente, heroicamente; cafezal, avozinha, cafezinho, papeizinhos, chapeuzinho, pezinhos, etc.

EXERCÍCIOS

LISTA 05

1. Em seu caderno, escreva os grupos de palavras, numerando cada grupo de acordo com a razão do acento gráfico:

papéis – mundéu – herói

público – astrônomo – déssemos

pôr – pôde – fôrma

cajá – cipó – pajé – você

heroína – saúde – atribuía – baía

dólar – túnel – bênção – táxi

(1) hiato

(2) ditongos **éi, éu, ói,** em palavras oxítonas

(3) vocábulos oxítonos terminados em **a, e** e **o**

(4) vocábulos paroxítonos com terminação tônica

(5) vocábulos proparoxítonos

(6) homógrafos tônicos com acento diferencial

2. Copie apenas os vocábulos que se acentuam em virtude do hiato:

úteis – médium – saúva – anzóis – país – sanduíche – heroína

3. Em seu caderno, escreva as palavras abaixo, acentuando-as corretamente. Em seguida, numere os grupos de acordo com sua classificação:

sofas – jao – vintem – parabens

uisque – Piaui – saude – bau

onibus – tatica – otico – umido

mes – mas – ha – nos – pos (verbo)

orfã – orgãos – vomer – uteis

tabua – genio – tenue – oleo

heroi – trofeu – coroneis

(1) vocábulos proparoxítonos

(2) paroxítonos com terminação tônica

(3) vocábulos oxítonos

(4) ditongos abertos e tônicos de palavras oxítonas

(5) monossílabos tônicos

(6) *hiatos*

(7) paroxítonos terminados em ditongo crescente

4. Justifique o acento gráfico nas palavras:

saúva – atribuí – país – proíbe – miúdo – raízes

5. Escreva as palavras, colocando o acento gráfico adequado:

moido – ruido – ciume – esplendido – bussola – exito – orfãos – magoa – hernia – cranio – miriade – lotus – fusivel – textil – atraves – fregues – aguarras – suiço – paraiso – mundeu – alcoolatra – res (quadrúpede) – repteis – eletrons – albuns – onix – imãs – concluia – cutis

6. Escreva as palavras, acentuando-as quando necessário:

especime – cedo – refem – apazigue – pessoa – maquinaria – espelho – sairam – almoço – fenix – ansia – benção – urutu – austero – rubrica – juriti – ariete – obus – desaguam – flores – dispor

7. Copie as seguintes palavras em seu caderno, colocando o acento gráfico quando for adequado:

zenite – lagoa – perdoa – erudito – desdem – refens – espeto – comboio (subst.) – gaucho – influiu – argui – apoio (subst.) – desapoio (verbo) – inaudito – girassois – bebiamos – aparelho – polen – circuito – tramoia – exodo – abençoe – sossego – vende-lo – aleija – peneiro – impar – urubu – corressemos – moinho – cairam – juizes – Grajau – torax – ruim – Mooca – chapeuzinho – comodamente – pegadas – alcool – Criciuma – repor

8. Justifique os acentos gráficos nestes vocábulos, acentuados pela mesma razão:

ciência – vários – zínia – efígie – vácuo – pátio – fêmea

9. Por meio de acento gráfico adequado, converta os verbos em substantivos:

habito – transito – desanimo – veiculo – naufrago – telegrafo – datilografa – anuncio – providencia – alivio – calunia – vangloria

10. Escreva, em seu caderno, os verbos no plural, seguindo os modelos:

a) ele tem	b) ele contém	c) ele vê
eles **têm**	eles **contêm**	eles **veem**
ele vem	ele detém	ele prevê
eles	eles	eles
	ele mantém	ele crê
	eles	eles
	ele obtém	ele lê
	eles	eles
	ele retém	ele relê
	eles	eles

11. Copie a série de palavras que contém erros de acentuação gráfica, acentuando-as corretamente:

garoa – êxtase – deem – frêmito – conserto – saúdam
cerca – estreio – planejo – Quéops – atraiu – odisseia
corôa – caique – destroi – tamôio – refem – egoismo
boiem – heroína – tainha – más – meses – hábil – ciclope

12. Copie as frases abaixo, acentuando as palavras quando necessário:

a) Quando voltava a colmeia, a abelha não pode colher o nectar das flores.
b) Referindo-se as viagens de seu avo Cristovão, Emilia dizia que ele era um nomade.
c) Eloi não para de por objetos a venda: ninguem sabe por que.

13. Por que se acentua o verbo **pôr** e não se acentua **compor**?

14. Retiramos os acentos utilizados por Millôr Fernandes no texto abaixo. Veja se você consegue recolocar todos eles:

"Ministerio das perguntas cretinas
– Se o diabo se portar bem vai para o ceu?
– O curso do rio da diploma?
– O Pão de Açucar se lambe?
– Um critico vive numa situação critica?
– Na cadeia dos Diarios Associados tem alguem preso?"

15. Leia a estrofe de "Construção", de Chico Buarque, procurando descobrir a regra que orientou a acentuação das palavras destacadas:

"Subiu a construção como se fosse **máquina**
Ergueu no patamar quatro paredes **sólidas**
Tijolo por tijolo num desenho **mágico**
Seus olhos embotados de cimento e **lágrima**"

16. Em qual das alternativas abaixo todas as palavras foram acentuadas de acordo com a mesma regra:

a) aquático, gráfico, conteúdo, átona
b) pêssego, análise, gramática, prática
c) caráter, sílaba, cômodo, veículo

17. Destaque dos versos de Vinícius de Moraes abaixo transcritos palavras paroxítonas que devem ser acentuadas:

a) "Eu fiquei imovel e no escuro tu vieste"
b) "E seus braços, como imãs, atraem o firmamento"
c) "Irremediavel, muito irremediavel
Tanto quanto esta torre medieval
Cruel, pura, insensivel, inefavel"
d) "Esse imenso, atroz, silencio..."
e) "Escorreu da noite nos labios da aurora..."

18. Faça o mesmo em relação às oxítonas:

a) "Às vezes dos igapos/subia o berro animal/de algum jacare feroz"

b) "Diz que ninguem esqueceu/a gargalhada de louca/que a pobre Lunalva deu"

c) "Tem os olhos cansados de olhar para o alem"

d) "Eu sem voce/Não tenho porque/Porque sem voce/Não sei nem chorar"

19. Escreva as frases no plural, prestando atenção às formas verbais:

a) Ele sempre vem à minha casa aos sábados.

b) Você vê maldade em tudo!

c) Meu irmão não crê em nada que você lhe diz.

d) Espero que o garoto dê o recado ao professor.

e) O governador não tem mais nenhuma credibilidade.

20. Copie os monossílabos tônicos, acentuando-os quando necessário:

a) Levantou o veu e sorriu docemente.

b) Quanta pobreza ha por la!

c) Ana e Lourdes analisarão cuidadosamente os pros e os contras de nossa proposta.

d) Os homens de bem não devem se calar diante da injustiça.

e) De seus irmãos, so Luís tinha os pes pequenos.

21. Use o acento diferencial quando necessário:

a) Cássio agora pode sair mais cedo; ontem, porém, não pode: tinha muitos contratos para analisar.

b) Taís: não vá por aí!

c) Marina não pretende por os pés em minha casa novamente.

d) José só irá para casa nas próximas férias.

e) Para! Nosso inimigo se aproxima silenciosamente.

22. Veja quais das palavras destacadas devem receber acento gráfico:

a) Os *juizes*, certamente, estão equivocados.

b) O *juiz* encarregado do caso adoeceu.

c) A *saida* fica do lado oposto, Ana Paula.

d) Osmar, não seja tão *egoista*!

ORTOGRAFIA – ACENTUAÇÃO GRÁFICA
Exercícios de exames e concursos
[Página 666]

NOTAÇÕES LÉXICAS

No capítulo anterior estudamos o emprego dos acentos gráficos. Neste capítulo estudaremos o til, o trema, o apóstrofo e o hífen.

1 EMPREGO DO TIL

O til sobrepõe-se às letras *a* e *o* para indicar vogal nasal.

Pode figurar em sílaba:

– tônica: maçã, *cãi*bra, perdão, barões, põe, etc.

– pretônica: ro*mã*zeira, ba*lõ*ezinhos, *grã*-fino, cristãmente, aquida*bã*ense, etc.

– átona: ór*fãs*, ór*gãos*, bên*çãos*, etc.

Observe: cristão, cristandade; Satã, satânico; Islã, islamismo.

2 EMPREGO DO TREMA

- O trema foi abolido na escrita de palavras portuguesas. Não se coloca mais, portanto, trema sobre o *u* dos grupos *gue, gui, que, qui*, quando proferido e átono:

  aguentar, sagui, argui (pretérito), frequente, cinquenta, equino, tranquilo, ensanguentar, etc.

- Usa-se apenas em nomes estrangeiros e palavras deles derivadas. Exemplos: *Dürer, Staël, Müller, mülleriano*.

Observações:

✔ Em algumas palavras de dupla pronunciação, o emprego do trema era opcional: *líqüido* ou *líquido, sangüinário* ou *sanguinário, sangüíneo* ou *sanguíneo, séqüito* ou *séquito*, etc.

✔ Embora bem-vinda, sua ausência pode gerar dúvidas acerca da pronúncia correta de palavras como *redarguir, quinquênio, equídeo, equidistante, ubiquidade, equilátero, aquicultura*, etc.

3 EMPREGO DO APÓSTROFO

- **Emprega-se este sinal gráfico:**

  a) para indicar a supressão de uma vogal nos versos, por exigências métricas, como ocorre, mais frequentemente, entre poetas portugueses:

  esp'rança, c'roa, minh'alma, 'stamos, por esperança, coroa, minha alma, estamos.

b) para reproduzir certas pronúncias populares:

"**Olh'ele** aí..." (GUIMARÃES ROSA)

"Não **s'enxerga**, enxerido!" (PEREGRINO JR.)

c) para indicar a supressão da vogal da preposição *de* em certas palavras compostas: galinha-d'angola, pau-d'arco, estrela-d'alva, caixa-d'água, etc.

- **Não se usa apóstrofo:**

a) na palavra *pra*, forma reduzida da preposição *para*:

"Puxa! Você não presta nem **pra** tirar gelo, Simão." (ORÍGENES LESSA)

b) nas contrações das preposições com artigos, pronomes e advérbios:

dum, num, dalém, doutro, doutrora, noutro, nalgum, naquele, nele, dele, daquilo, dacolá, doravante, co, cos, coa, coas (com o, com os, com a, com as), pro, pra, pros, pras (para o, para a, para os, para as).

Exemplos: escritores **dalém-mar**; costumes **doutrora**; ir **pra** beira do rio.

c) nas combinações dos pronomes pessoais: mo, mos, ma, mas, to, lho, lhos, etc.

d) nas expressões cujos elementos se aglutinaram numa unidade fonética e semântica: dessarte, destarte, homessa, tarrenego, tesconjuro, vivalma.

- **Casos opcionais:**

a) Nos títulos de livros, jornais, etc., pode-se usar o apóstrofo e grafar:

a leitura d'*O Guarani*; a campanha d'*O Globo*; a notícia está *n'O Globo*, ou, a leitura de *O Guarani*; a campanha de *O Globo*; a notícia está em *O Globo*.

b) Com referência a Deus, Jesus, a Virgem Maria, também se pode escrever: o poder d'Ele; confiar n' Ele; confiar n'Ela; o poder de Aquele, a intercessão de Aquela, etc.

4 EMPREGO DO HÍFEN

O emprego do hífen é matéria extremamente complexa e continua mal disciplinada pelo novo sistema ortográfico, sobretudo no que diz respeito ao uso desse sinal em palavras formadas por prefixação, nas quais mais palpáveis são as falhas e incoerências. Para quem escreve, o emprego do hífen é um autêntico quebra-cabeça.

Eis, em resumo, o que se preceitua acerca do emprego desse embaraçoso traço unitivo:

- **Emprega-se o hífen:**

- em palavras compostas cujos elementos conservam sua autonomia fonética e acentuação própria, mas perderam sua significação individual para constituir uma unidade semântica, um conceito único:

  amor-perfeito, água-marinha, beija-flor, quinta-feira, corre-corre, sempre-viva, bem-te-vi, vitória-régia, ano-luz, decreto-lei, tio-avô, guarda-chuva, arco-íris, tenente-coronel, médico-cirurgião, primeiro-ministro, conta-gotas, etc.

Observação:

✔ Note a diferença de significação: *meio dia* (= metade do dia), ao *meio-dia* (= às 12 horas); *pão duro* (= pão endurecido), *pão-duro* (= sovina); *cara suja* (= rosto sujo), *cara-suja* (= espécie de periquito); *copo de leite* (= copo com leite), *copo-de-leite* (= nome de uma flor).

- para ligar pronomes átonos a verbos e à palavra *eis*:

  deixa-o, obedecer-lhe, chamar-se-á, dir-se-ia, ei-lo, etc.

- em adjetivos compostos:

  mato-grossense, rio-grandense, latino-americano, greco-latino, verde-amarelo, azul-turquesa, cor-de-rosa, à-toa, sem-vergonha, sem-par, etc.

- em vocábulos formados pelos adjetivos de origem tupi *açu, guaçu* e *mirim*, se o elemento anterior acaba em vogal acentuada ou nasal:

  andá-açu, sabiá-guaçu, capim-açu, socó-mirim, etc.

Portanto, sem hífen: *jiboiaçu, cajumirim, Mojimirim*, etc.

- em vocábulos formados por elementos e prefixos que têm acentuação própria (tônicos):

  além-: além-túmulo, além-mar

  aquém-: aquém-mar

  pós-: pós-escolar, pós-operatório

  pré-: pré-nupcial

  pró-: pró-alfabetização

  recém-: recém-nascido

- depois de *circum-*, *mal-* e *pan-*, antes de *vogal, m, n* ou *h*:

  pan-americano, pan-helênico, mal-educado, mal-humorado, circum-anal, circum-navegar, circum-navegação, etc.

  Antes de outras letras, sem hífen:

  malcriado, malfeito, panteísmo, circumpolar, etc.

- depois de *bem-* (como prefixo e não como advérbio), antes de palavras que têm vida autônoma e quando a pronúncia o exigir:

  bem-amado, bem-aventurado (para não se ler *bem-maventurado*), bem-aventuranças, bem-estar, bem-me-quer, bem-nascido, bem-vindo, etc.

- nos encadeamentos de palavras: ponte Rio-Niterói, linha aérea Rio-Paris.

- na partição de palavras no fim da linha. Veja pág. 38.

- fora do âmbito da ortografia imposta, como recurso de estilo e com valor expressivo:

  "Começou daí um Brasil-sem-história-certa." (RAUL BOPP)

  "Foi o boi-grande-que-berra-feio-e-carrega-uma-cabeça-na-cacunda." (GUIMARÃES ROSA)

"– Não vou daqui sem uma resposta definitiva, disse meu pai. De-fi-ni-ti-va! repetiu, batendo as sílabas com o dedo." (MACHADO DE ASSIS)

- **Não se usará hífen:**
  - sempre que se obliterou a consciência da composição da palavra, o que acontece quando um elemento se adaptou foneticamente ao vizinho ou perdeu sua autonomia semântica:

    aguardente, girassol, madrepérola, malmequer, passatempo, pontapé, rodapé, sobremesa, vaivém, benquisto, etc.
  - quando o prefixo (ou o elemento de composição) pode ser unido ou aglutinado sem prejuízo da clareza ou sem promover pronúncias errôneas:

    aeroporto, aeromoça, audiovisual, bioquímico, eletroímã, fotoelétrico, fotocópia, ferrovia, geofísica, gastroenterologia, multissecular, neuromuscular, pretônica, radioatividade, radiouvinte, retropropulsão, semibárbaro, socioeconômico, supersônico, termoelétrico, vasossecção, etc.

Observação:

✔ Ao se unirem os elementos desses vocábulos compostos, pode ocorrer: a) a geminação do *r* e do *s*: *microrregião, fotossíntese*; b) a queda do *h* inicial do segundo elemento: *turboélice*; c) a elisão (facultativa) da vogal final do primeiro elemento: *radiativo* ou *radioativo, hidrelétrica* ou *hidroelétrica*.

  - nas locuções:

    da gema (= *legítimo*), um a um, de vez em quando, à toa (locução adverbial), a fim de, ora bolas!, de repente, por isso, etc.

    Mas, por serem consideradas palavras compostas e não locuções, escrever-se-ão:

    de mão-cheia, vice-versa, de meia-tigela, sem-par, sem-sal, tão-somente, à-toa (adjetivo), sem-cerimônia, etc.
  - em expressões do tipo:

    estrada de ferro, doce de leite, cor de café, anjo da guarda, relógio de bolso, dona de casa, farinha de trigo.

EMPREGO DO HÍFEN NAS FORMAÇÕES POR PREFIXAÇÃO

- Emprega-se o hífen nas palavras formadas com os prefixos gregos e latinos aero-, agro-, ante-, anti-, arqui-, auto-, bio-, co-, contra-, eletro-, entre-, eco-, extra-, ex-, geo-, hidro-, hiper-, inter-, infra-, macro-, maxi-, micro-, mini-, multi-, neo-, proto-, pan-, pseudo-, pluri-, retro-, semi-, super-, sub-, supra-, tele-, ultra-, vice-, etc.

  a) quando o segundo elemento começa por *h*: *anti-higiênico, co-herdeiro, super-homem, pré-história, pan-helenismo, neo-helênico, sub-humano*, etc.

  Exceções: *desumano, inábil*.

  b) quando o prefixo termina com a mesma vogal com que começa o segundo elemento: *anti-ibérico, supra-auricular, micro-onda, semi-interno, auto-observação*, etc.

  Exceção. Excetua-se o prefixo *co-*, que se une, sem hífen, ao segundo elemento iniciado por *o*: *coordenar, cooperar, coordenação, coobrigado*, etc.

c) nas formações com os prefixos *circum-* e *pan-*, antes de *vogal, h, m* e *n*: *circum-navegar, circum-navegação, pan-americano, circum-anal, circum-murado*, etc.

d) nas formações com os prefixos *hiper-, inter-*, e *super-*, quando o segundo elemento começa por *r*: *hiper-realismo, inter-racial, inter-relacionar, super-requintado*, etc.

e) nas formações com os prefixos *ex-* (com o sentido de estado anterior ou cessamento), *sota-, soto-* e *vice-*: *ex-diretor, ex-aluno, sota-piloto, soto-mestre, vice-presidente, vice-rei*.

f) nas formações com os prefixos tônicos, acentuados, *pós-, pré-, pró-*, como já vimos. Nas formas átonas, se justapõem ao elemento seguinte, sem hífen: *pospor, prever, promover*, etc.

g) com o prefixo sub- antes de *b, h* e *r*: *sub-humano, sub-raça, sub-bibliotecário*.

- **Não se usará hífen:**

a) quando o prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa por r ou s, caso em que as consoantes se duplicam: antirreligioso, antissemita, minissaia, infrassom, contrarregra, microrregião, cosseno, ultrassonografia, etc.

b) quando o prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa com vogal diferente: antiaéreo, autoestrada, autoaprendizagem, etc.

Observação:

✔ O emprego do hífen é um ponto de nossa ortografia que deveria ser urgentemente revisto, restringindo-se o uso desse sinal auxiliar da escrita aos casos de absoluta necessidade. Não seria preferível escrever, por exemplo, *vagalume, benvindo, seminterno, extraoficial, excombatente*, em vez de *vaga-lume, bem-vindo, semi-interno, extra-oficial, ex-combatente?*

EXERCÍCIOS LISTA 06

1. Escreva em seu caderno algumas linhas sobre o trema.

2. Em seu caderno, escreva as palavras, unindo corretamente os elementos e empregando o hífen quando necessário:

vitória + régia	busca + pé	sem + vergonha	homem + rã
azul + marinho	além + túmulo	jiboia + açu	semi + morto
auto + escola	recém + nascido	grã + fino	neo + latina
proto + mártir	extra + terreno	ex + ministro	pós + guerra

3. Faça como no exercício anterior:

ultra + rápido	quebra + cabeça	ante + véspera	sub + solo
contra + senso	anti + rábico	super + homem	anti + tóxico
contra + peso	anti + aéreo	sub + chefe	circum + polar
mal + educado	para + quedas	co + existência	micro + empresa
eletro + ímã	gastro + intestinal	tetra + campeão	tele + objetiva
termo + elétrica	bem + vindo	sócio + econômico	bem + estar
multi + secular	gira + sol	bio + química	roda + pé

4. Copie em seu caderno somente as palavras em que se usa o hífen para evitar pronúncia errônea:

bem-amado	pan-americano	mal-educado	não-agressão
bem-estar	pré-vestibular	obra-prima	sub-raça

5. Que nova significação as expressões destacadas assumem, se ligarmos, em outras frases, os seus componentes com hífen?

a) Trabalhei só **meio dia.**
b) Tinha a **pele vermelha.**
c) Bebi um **copo de leite.**
d) Fale **sem vergonha.**

6. Explique o emprego do hífen nas frases seguintes:

a) "Um tapa do Sílvio arrebentava porta de apartamento-de-sala-e-quarto-conjugados." (RUBEM FONSECA, *Os Prisioneiros*, p. 11)

b) "No fim da festa, um funcionário do Itamarati declarou: Estamos e-xaus-tos." (DANUZA LEÃO, *Jornal do Brasil*, 30/6/1999)

7. Consulte o dicionário e verifique se as palavras abaixo devem ser unidas por hífen ou formar um único vocábulo:

mal criado, mal educado, mal feito, mal humorado, mal estar, bem amado, bem aventurado, bem educado, bem estar, bem visto, bem dizer.

8. Escreva frases que deixem bem evidente a diferença de sentido entre os pares de palavra abaixo:

a) pão duro, pão-duro. (pão endurecido, avarento)
b) copo de leite, copo-de-leite. (copo com leite, flor)

9. Alguns dos substantivos compostos abaixo relacionados deveriam ter sido escritos com hífen. Localize-os e reescreva-os corretamente. Em caso de dúvida, recorra às explicações apresentadas neste livro ou consulte o dicionário.

Maleducado, girassol, autobiografia, benvindo, subsolo, subchefe, vicediretor, fotocópia, extraordinário, pontapé, semcerimônia, bentevi, sempreviva, sobremesa, autoretrato, aeroporto.

ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS

1 ABREVIATURA

Abreviatura é a representação escrita abreviada de uma palavra ou expressão. Exemplos:

R. (Rua), *Av.* (Avenida), *ed.* (edição), *loc. adv.* (locução adverbial).

Em geral, a abreviatura termina por consoante seguida de ponto final. Os símbolos científicos, porém, se grafam sem ponto e, no plural, sem *s*: *m* (metro ou metros), *h* (hora ou horas), *10h30min* (dez horas e trinta minutos).

Há palavras que são abreviadas de modo diverso:

C.ia ou *Cia.* (Companhia), *Sr.a* ou *Sra.* (Senhora), *p.* ou *pág.* (página), etc.

Mantêm-se os acentos nas abreviaturas. Exemplos:

gên. (gênero), *séc.* (século).

Em textos literários e jornalísticos, em geral, evitam-se as abreviaturas de medida:

O jogo começou às *16 horas*. Andou *5 quilômetros* a pé.

Os designativos de nomes geográficos devem ser escritos por extenso:

São Paulo (e não *S. Paulo*), *Santo Amaro* (e não *S. Amaro*), *Dom Joaquim* (e não *D. Joaquim*), etc.

2 SIGLA

Sigla é a abreviatura formada com as letras iniciais de nomes de entidades, associações, organismos administrativos, empresas, partidos políticos, etc.:

QG (Quartel-General), FAB (Força Aérea Brasileira), ONU (Organização das Nações Unidas).

Na prática, eliminam-se, modernamente, os pontos abreviativos nas siglas, cuja finalidade, aliás, é poupar tempo e espaço. Por serem práticas e cômodas, as siglas vão se multiplicando cada vez mais na língua de hoje e até passam a funcionar como substantivos: o Senai, o CEP, a Funai, a TV, a Petrobras, etc.

As palavras *aides* (recomendamos esta grafia, em vez de *Aids*), *radar* e *sonar*, formadas com as letras ou sílabas iniciais de expressões inglesas, são outros exemplos de siglas convertidas em substantivos.

Há siglas que deram origem a outras palavras:

DDT → dedetizar; CLT → celetista.

Eis algumas abreviaturas, siglas e símbolos de uso mais frequente:

A

a = are(s)
ABI = Associação Brasileira de Imprensa
a.C. = antes de Cristo
AC = Acre (Estado do)
A/C = ao(s) cuidado(s)
AL = Alagoas (Estado de)
AM = Amazonas (Estado do)
apart. ou ap. = apartamento
AP = Amapá (Estado do)
Au = ouro (lat. *aurum*)
Av. = Avenida

B

BA = Bahia (Estado da)
BCG = Bacilo de Calmette e Guérin (vacinação contra a tuberculose)
BR = Brasil

C

CAN = Correio Aéreo Nacional
CE = Ceará (Estado do)
CBF = Confederação Brasileira de Futebol
CEP = Código de Endereçamento Postal
cf. = confira ou confronte
Cia. = companhia
CLT = Consolidação das Leis Trabalhistas
cm = centímetro(s)
CPF = Cadastro de Pessoa Física
Cx. = caixa

D

D. = Dom, Dona
Dª = Dona
DDD = Discagem Direta a Distância
DD. = digníssimo
DF = Distrito Federal
dm = decímetro(s)
DNA = *desoxyribonucleic acid* (= ácido desoxirribonucleico)
DNER = Departamento Nacional de Estradas de Rodagem
Dr. = Doutor
Drª ou Dra. = Doutora

E

ed. = edição
Embraer = Empresa Brasileira de Aeronáutica
ECT = Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos
ES = Espírito Santo (Estado do)
etc. = *et cetera* (e as outras coisas)
EUA = Estados Unidos da América
Ex.mo = Excelentíssimo

F

FAB = Força Aérea Brasileira
FGTS = Fundo de Garantia do Tempo de Serviço
FIFA = Federação Internacional das Associações de Futebol
fl. = folha; fls. = folhas
FN = Fernando de Noronha
Funai = Fundação Nacional do Índio

G

g = grama(s)
GO = Goiás (Estado de)

H

h = hora(s)
ha = hectare(s)
HP = *horse power* (cavalo-vapor)

I

ib. = *ibidem* (no mesmo lugar)
IBGE = Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
id. = idem (o mesmo)
Il.ma = Ilustríssima
Il.mo = Ilustríssimo
I.N.R.I. = *Iesus Nazarenus Rex Iudaeorum* (Jesus Nazareno, Rei dos Judeus)
INSS = Instituto Nacional de Seguro Social
Ir. = irmão, irmã

K

K = *kalium* (potássio)
kg = quilograma(s)
km = quilômetro(s)
km² = quilômetro(s) quadrado(s)
kw = quilowatt(s)

L

l = litro(s)
L. = Leste (ponto cardeal)
lat. = latitude, latim
lb. = libra(s)
long. = longitude
Lt.da ou Ltda. = limitada

M

m = metro(s)
m^2 = metro(s) quadrado(s)
m^3 = metro(s) cúbico(s)
MA = Maranhão (Estado do)
MG = Minas Gerais (Estado de)
mg = miligrama(s)
min = minuto(s)
ml = mililitro(s)
mm = milímetro(s)
MS = Mato Grosso do Sul (Estado de)
MT = Mato Grosso (Estado de)
MW = megawatt(s)

N

N. = Norte
N. E. = Nordeste (ponto entre o Norte e o Leste)
nº = número
N. O. = Noroeste
N. Sª = Nossa Senhora

O

O. = Oeste
OEA = Organização dos Estados Americanos
O. K. ou OK = *all correct* (tudo bem)
ONU = Organização das Nações Unidas
op. cit. = *opus citatum* (obra citada)
OTAN ou Otan = Organização do Tratado do Atlântico Norte

P

pág. ou p. = página; págs. = páginas
PA = Pará (Estado do)
PB = Paraíba (Estado da)
PE = Pernambuco (Estado de)
Pe. = padre
PI = Piauí (Estado do)
PIS = Programa de Integração Social
PR = Paraná (Estado do)
Prof. = professor
Profª ou Profa. = professora
P. S. = *post scriptum* (depois do escrito)

Q

QG = Quartel-General
ql = quilate(s)

R

R. = rua
Remte ou Remte. = remetente
Rev.mo ou Revmo. = Reverendíssimo
RJ = Rio de Janeiro (Estado do)
RN = Rio Grande do Norte (Estado do)
RO = Rondônia (Estado de)
RR = Roraima (Estado de)
RS = Rio Grande do Sul (Estado do)

S

s = segundo(s)
S. = São, Santo(a), Sul
S. A. = Sociedade Anônima
SC = Santa Catarina (Estado de)
SE = Sergipe (Estado de)
séc. = século
Senac = Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
Senai = Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
S. O. = Sudoeste
S.O.S. = *save our souls* (salvai nossas almas: pedido de socorro enviado por navios e aviões)
SP = São Paulo (Estado de)
Sr. = Senhor; Srs. = Senhores
Srª ou Sra. = Senhora; Srªs = Senhoras
Srta ou Srta. = Senhorita

T

t = tonelada(s)
tel. = telefone, telegrama
TO = Tocantins (Estado do)
TV = televisão

U

Unesco = *United Nations Educational Scientific and Cultural Organization* (= Organização Educacional, Científica e Cultural das Nações Unidas)

V

v = volt(s)
V. Sª = Vossa Senhoria
V.Sªs = Vossa Senhorias
V. Exª = Vossa Excelência
v. g. = *verbi gratia* (por exemplo)

W

w = watt(s)
W.C. = *water-closet* (banheiro, sanitário)

1. Leia o texto abaixo e, em seguida, localize na primeira estrofe as siglas correspondentes aos significados listados:

A revoada das siglas

PIB OTAN CACEX CONTRAN
FAB CUT MAM FIESP OPEP
USP IBOPE GATT DETRAN
PROCON BANERJ et caterva.

Salve, filhas espúrias dos idiomas
das gentes deste século fremente,
salvação da lavoura jornalística!
Os que fazem das letras sua mística
a vossos pés se prostram reverentes.

Dia e noite, em ruidosas revoadas,
pelos céus do Brasil torvelinhais
e o céu da boca me feris, malvadas,
e a meus cansados tímpanos soais
como o ranger de ásperos metais.

D.P.C.

a) Museu de Arte Moderna
b) Banco do Estado do Rio de Janeiro
c) Produto Interno Bruto
d) Universidade de São Paulo
e) Central Única dos Trabalhadores

2. Escreva os símbolos científicos de:
metro – metro quadrado – metro cúbico – centímetro – milímetro – quilômetro – litro – quilo – grama

3. Escreva o significado das siglas: RO – Senai

4. Escreva as abreviaturas de:
antes de Cristo – professor – século – Companhia – professora – telefone – doutor – página – edição

5. Escreva abreviadamente, usando símbolos:
a) dezesseis horas e trinta minutos; b) nove horas dez minutos e vinte segundos.

6. Reescreva a única abreviatura correta de **oito horas**: 8hs 8:00h 8:00hs 8,00h 8h

7. Escreva a expressão destacada, usando símbolos:
Neil Armstrong foi o primeiro homem
a pisar na Lua.
Esse fato histórico aconteceu no dia
20 de julho de 1969,
às **vinte e três horas e cinquenta e seis minutos**, horário de Brasília.

MORFOLOGIA

ocupa-se da estrutura e da classificação das palavras.

ESTRUTURA DAS PALAVRAS

Observe a estrutura das palavras:
sol, dent-ista, in-quiet-o, cant-a-mos, cha-l-eira

A análise destes exemplos mostra-nos que as palavras são formadas de unidades ou elementos mórficos.

São os seguintes os elementos mórficos ou estruturais das palavras:

- **raiz**, **radical**, **tema**: elementos básicos e significativos;
- **afixos** (prefixos, sufixos), **desinência**, **vogal temática**: elementos modificadores da significação do radical;

  Os elementos mórficos dos grupos acima denominam-se *morfemas*.
- **vogal de ligação**, **consoante de ligação**: elementos de ligação ou eufônicos.

1 RAIZ

Raiz é o elemento originário e irredutível em que se concentra a significação das palavras, consideradas do ângulo histórico. Geralmente monossilábica, a raiz encerra sentido lato e geral, comum às palavras da mesma família etimológica.

Assim, a raiz *noc* (do latim *nocere* = prejudicar) tem a significação geral de *causar dano*, e a ela se prendem, pela origem comum, as palavras *nocivo, nocividade, inocente, inocentar, inócuo*, etc.

Uma raiz pode apresentar-se alterada: *ag*-ir, *ag*-ente, re-*ag*-ir, ex-*ig*-ir, ex-*ig*-ência, *at*-o, *at*-or, *at*-ivo, *aç*-ão, *ac*-ionar, etc.

Observação:

✔ O estudo das raízes foge à finalidade da gramática normativa, só interessa à gramática histórica ou, mais precisamente, à etimologia. Numa análise morfológica elementar das palavras portuguesas, deve-se preterir a raiz e partir do radical.

2 RADICAL

O *radical* é o elemento básico e significativo das palavras, consideradas sob o aspecto gramatical e prático, dentro da língua portuguesa atual.

Acha-se o radical despojando-se a palavra de seus elementos secundários (quando houver):

CERT-*o*, CERT-*eza*, *in*-CERT-*eza*, CAFE-*teira*, *a*-JEIT-*ar*, RECEB-*er*, EDUC-*ar*, ILUS-*ório*, PERFUM-*e*, EXEMPL-*ar*, PERMIT-*ir*, *ex*-PORT-*ação*, *in*-OBSERV-*ância*, *des*-CONHEC-*ido*, *a*-PEDR-*ejar*, etc.

Observações:

- ✔ Destacam-se os prefixos quando a língua atual os sente como tais: *in-feliz, a-mans-ar, ex-orbit-ar, re-conquist-ar,* etc. Não persistindo o sentimento dessas partículas, não se destacam: *exam-e* (latim *ex-amen*), *excel-ência* (latim *ex-cellentia*), *óbit-o* (latim *ob-itum*), *pérfid-o* (latim *per-fidum*), etc.
- ✔ Em certas palavras só existe o radical: *fé, mar, sol, traz*, etc.; em outras, o radical coincide com a raiz: CAMP-*o*, NOC-*ivo*, *re*-NOV-*ar*, *in*-ÚT-*il*, etc.

3 TEMA

Tema é o radical acrescido de uma vogal (chamada *vogal temática*).

Nos verbos o tema se obtém destacando-se o *-r* do infinitivo:

CANTA-*r*, BATE-*r*, PARTI-*r*, etc.

Nos nomes o tema é mais evidente em derivados de verbos:

CAÇA-*dor*, DEVE-*dor*, FINGI-*mento*, PERDOÁ-*vel*, FERVE-*nte*, etc.

4 AFIXOS

Afixos são elementos secundários (geralmente sem vida autônoma) que se agregam a um radical ou tema para formar palavras derivadas. Chamam-se *prefixos*, quando antepostos ao radical ou tema, e *sufixos*, quando pospostos. Assim, nas palavras *inativo, empobrecer, internacional, desanimador, imperdoável* e *predominante*, temos:

prefixo	radical	sufixo	prefixo	tema	sufixo
in	**at**	**ivo**	**des**	**anima**	**dor**
em	**pobr**	**ecer**	**im**	**perdoá**	**vel**
inter	**nacion**	**al**	**pre**	**domina**	**nte**

5 DESINÊNCIAS

Desinências são os elementos terminais indicativos das flexões das palavras.

As desinências *nominais* indicam as flexões de gênero (masculino e feminino) e de número (singular e plural) dos nomes. Exemplo:

menin-*o* menino-*s*
menin-*a* menina-*s*

As desinências *verbais* indicam as flexões de número e pessoa e de modo e tempo dos verbos. Exemplos:

am-*o*, ama-*s*, ama-*mos*, ama-*is*, ama-*m*
ama-*va*, ama-*va*-s, ama-*va*, etc.

A desinência -*o* de *am-o* é uma desinência *número-pessoal*, porque indica que o verbo está na 1ª pessoa do singular; -*va*, de *ama-va*, é desinência *modo-temporal*: caracteriza uma forma verbal do pretérito imperfeito do indicativo, na 1ª conjugação.

6 VOGAL TEMÁTICA

Vogal temática é o elemento que, acrescido ao radical, forma o tema de nomes e verbos.

Nos verbos distinguem-se três vogais temáticas:

a que caracteriza os verbos da 1ª conjugação: and*a*r, and*a*vas, etc.

e que caracteriza os verbos da 2ª conjugação: bat*e*r, bat*e*mos, etc.

i que caracteriza os verbos da 3ª conjugação: part*i*r, part*i*rá, etc.

Chama-se *terminação* à parte da palavra subsequente ao radical. Às vezes confunde-se com o sufixo: pass-*ear*, vend-*erão*, glori-*oso*, grit-*ando*.

7 VOGAIS E CONSOANTES DE LIGAÇÃO

São fonemas que, em certas palavras derivadas ou compostas, se inserem entre os elementos mórficos, em geral por motivos de eufonia, isto é, para facilitar a pronúncia de tais palavras. Exemplos:

silv-*í*-cola, cafe-*t*-eira, pe-*z*-inho, cha-*l*-eira, cafe-*i*-cultura, gas-*ô*-metro, gas-*ei*-ficar, cacau-*i*-cultor, rod-*o*-via, pobre-*t*-ão, pau-*l*-ada, capin-*z*-al, inset-*i*-cida, rat-*i*-cida, gas-*o*-duto, etc.

Observação:

✔ A esses elementos de ligação alguns gramáticos chamam *infixos*.

8 COGNATOS

Cognatos são vocábulos que procedem de uma raiz comum. Tais palavras constituem uma *família etimológica*.

À raiz da palavra latina *anima* (= espírito), por exemplo, prendem-se os seguintes cognatos: alma, animal, alimária, animar, animador, desanimar, animação, almejar, ânimo, desalmado, etc.

Às vezes torna-se difícil discernir a raiz primitiva, em virtude das alterações sofridas. Exemplo: FACção, FACcioso, FACínora, FAÇanha, FÁCil, FACilitar, FATor, FATurar, FATo, inFECção, diFÍCil, beneFÍCio, artíFICe, conFECção, eFETuar, FEITo, ouriVES (cognatos do verbo latino *facio*, fazer).

9 PALAVRAS PRIMITIVAS E DERIVADAS

Quanto à formação, as palavras podem ser *primitivas* ou *derivadas*.

- **Palavras *primitivas* são as que não derivam de outras, dentro da língua portuguesa.**

  Exemplos:
  pedra, terra, dente, pobre, etc.

- **Palavras *derivadas* são as que provêm de outras.**

  Exemplos:
  pedreiro, enterrar, dentista, pobrezinho, etc.

10 PALAVRAS SIMPLES E COMPOSTAS

Com relação ao radical, dividem-se as palavras em *simples* e *compostas*.

- **Palavras *simples* são as que têm um só radical.**

  Exemplos:
  livre, beleza, recomeçar, maquinismo, desmatamento.

- **Palavras *compostas* são as que apresentam mais de um radical.**

  Seus elementos, em muitos casos, unem-se sem hífen. Exemplos:
  passatempo, automóvel, ferrovia, peixe-elétrico, melão-de-são-caetano.

EXERCÍCIOS LISTA 08

1. Destaque e classifique os elementos mórficos das palavras seguintes:

insanável – deslealdade – operoso – louvavas – antimilitarismo – cafeteira – cacauicultor

2. Forme cognatos que tenham por base as seguintes palavras:

cruz – jeito – maduro – amigo – corpo – pedra – comum

3. Escreva somente as afirmativas corretas com relação à análise morfológica da palavra **desonrosa**:

O radical é *onr*.
O prefixo é *des-*.
O sufixo é *-rosa*.
O *a* final é desinência de gênero.

4. Escreva em seu caderno de forma a combinar corretamente as duas colunas:

raiz, radical, tema	elementos modificadores
prefixo, sufixo, desinência	elementos de ligação
vogal e consoante de ligação	elementos básicos e significativos

5. Copie as palavras e, em seguida, assinale com um traço o radical delas:

desanimador – realizar – anoitecer – exportação – inativo – analisar

6. Escreva em seu caderno as seguintes palavras, indicando, a seguir, se são **primitivas** ou **derivadas**:

arte – artista – pesquisador – pesquisa – atleta – atletismo – concretizar – concreto

7. Qual é o tipo de desinência do elemento em destaque do verbo esperáva**mos**?

8. Distinga as palavras simples das compostas, classificando-as em duas colunas:

terremoto – erva-doce – desemprego – carro-pipa – modernismo – laranjal – pontiagudo – engarrafamento

9. Identifique os radicais das palavras abaixo:

a) terra – terrinha – térreo – terreiro

b) descampado – campestre – campesino – acampar

c) cardiologia – cardíaco – cardiologista – taquicardia

d) envelhecimento – velhice – envelhecer – velharia

10. Copie as palavras, desmembrando-as como no exemplo:

martelada

radical: martel- **sufixo nominal:** -ada

a) tristonho b) certeza c) receber d) gostoso

11. Todos os vocábulos derivados de um radical comum são considerados **cognatos**. Dê exemplos de palavras cognatas de:

a) poeira b) cinzento c) impressão d) puro e) doer

12. Aponte a alternativa em que há uma palavra que não é cognata das demais:

a) regular, desregulado, regulador, regularidade, regularizar

b) religião, religioso, religiosidade, relíquia, religiosamente

c) nebuloso, nebulosidade, nebulizador, nebulosa

13. Forme palavras cognatas das que aparecem em cada alternativa, utilizando os sufixos entre parênteses:

a) biblioteca (-ário) imundo (-ice ou -ície) órfão (-ato)

b) obedecer (-ência) paraíso (-aco) ler (-ível)

ESTRUTURA DAS PALAVRAS
Exercícios de exames e concursos
[Página 669]

FORMAÇÃO DAS PALAVRAS

Veja este exemplo do escritor Murilo Melo Filho:

"O *computador* poderá ser, no futuro, um instrumento tão vulgarizado quanto o *rádio*, o *telefone*, a *geladeira* e o *televisor*."

As palavras destacadas foram criadas para denominar modernos inventos da ciência e da tecnologia. É assim que nascem os **neologismos** (palavras novas), que são uma decorrência do progresso e do desenvolvimento da cultura humana. Novas ideias e invenções criam novas necessidades de expressão.

Se existe uma técnica para construir um televisor, há também outra para formar palavras novas.

Em nossa língua há dois processos gerais para a formação de palavras: a *derivação* e a *composição*.

1 DERIVAÇÃO

A derivação consiste em formar uma palavra nova (derivada), a partir de outra já existente (primitiva). Realiza-se de quatro maneiras:

- **por sufixação – acrescentando-se um sufixo a um radical:**
  den*tista*, jog*ador*, boi*ada*, sapat*aria*, real*izar*, feliz*mente*

- **por prefixação – antepondo-se um prefixo a um radical:**
  *in*capaz, *des*ligar, *re*fresco, *super*sônico, *pré*-história

- **por derivação parassintética (ou parassíntese) – anexando-se, ao mesmo tempo, um prefixo e um sufixo a um radical:**

  alistar (a + lista + ar), *envergonhar* (en + vergonha + ar), *emudecer* (e + mudo + ecer), *esfarelar* (es + farelo + ar), *desalmado* (des + alma + ado), *enfileirar* (en + fileira + ar), *empapelar* (em + papel + ar), *empalidecer* (em + pálido + ecer), *enegrecer* (e + negro + ecer)

  Os vocábulos parassintéticos são quase sempre verbos e têm como base um substantivo ou um adjetivo:

  empalhar, despedaçar, amanhecer, anoitecer, etc. (base substantiva);
  amolecer, esfriar, endoidecer, etc. (base adjetiva).

  É importante fazer distinção:

  descarregar (*des* + carregar) → prefixação
  achatamento (achatar + *mento*) → sufixação
  amaciar (*a* + macio + *ar*) → parassíntese

  (Não existe o verbo *maciar* nem o substantivo ou adjetivo *amacio*.)

Observação:

✔ A NGB não adotou a denominação *parassíntese* nem alude explicitamente a esse processo.

- **por derivação regressiva – substituindo-se a terminação de um verbo pelas desinências** *-a, -o* **ou** *-e*:

mudar	→	muda	pescar	→	pesca
ajudar	→	ajuda	combater	→	combate
atacar	→	ataque	rematar	→	remate
chorar	→	choro	castigar	→	castigo
abalar	→	abalo	falar	→	fala

Observação:

✔ Os substantivos que derivam dos verbos chamam-se *pós-verbais* ou *deverbais*.

✔ O processo normal é criar o verbo partindo de um substantivo. Na derivação regressiva, a língua procede em sentido inverso: forma o substantivo partindo do verbo.

- **Além desses processos de derivação propriamente dita, existe ainda o da** *derivação imprópria*, **que consiste em mudar a classe de uma palavra, estendendo-lhe a significação.**

Por este processo (que não deixa de ser um recurso de enriquecimento dos meios de expressão):

a) os adjetivos passam a substantivos: os *bons*, os *maus*, o *verde*, etc.

b) os particípios passam a substantivos ou adjetivos: um *feito* heróico, o *passado*, ente *querido*, filho *amado*, etc.

c) os infinitivos passam a substantivos: o *viver*, o *andar*, o *sorrir*, o *bater* da porta, o *espocar* dos foguetes, etc.

"O *badalar* dos sinos animou-a debilmente." (Graciliano Ramos)

d) os substantivos passam a adjetivos: comício *monstro*, menino *prodígio*, traje *esporte*, funcionário *fantasma*, homens-*rãs*, etc.

e) os adjetivos passam a advérbios: falar *alto*, vender *caro*, tossir *forte*, falar *baixo*, etc.

f) palavras invariáveis passam a substantivos: o *sim*, os *prós* e os *contras*, um *quê* de mistério, o *porquê* da existência, etc.

g) substantivos próprios tornam-se comuns: os *mecenas* das artes, um *caxias* (= chefe severo e exigente), um *havana*, etc.

"os braços de pano de um *judas*" (Raquel de Queirós)

Observação:

✔ O processo da derivação imprópria não interessa à morfologia, mas à semântica e à estilística.

2 COMPOSIÇÃO

Pelo processo da *composição* associam-se duas ou mais palavras ou dois ou mais radicais para formar uma palavra nova.

A composição pode efetuar-se:

- **por justaposição, unindo-se duas ou mais palavras (ou radicais), sem lhes alterar a estrutura.**

  Exemplos: passatempo, vaivém, cantochão, girassol, biólogo, televisão, rodovia, mata-borrão, sempre-viva, greco-latino, cor-de-rosa, etc.

Na justaposição, os elementos ora se unem com hífen, ora sem hífen. Expressões como *fogão a gás, estrada de ferro, doce de leite, fim de semana, anjo da guarda, dona de casa* não se hifenizam porque não são vocábulos compostos, não constituem uma perfeita unidade semântica. Veja *Emprego do hífen*, página, 81 § 4.

- **por aglutinação, unindo-se dois ou mais vocábulos ou radicais, com supressão de um ou mais de um de seus elementos fonéticos.**

  Exemplos: *aguardente* (água ardente) – *embora* (em boa hora) – *fidalgo* (filho de algo, isto é, filho de família nobre) – *pernalta* (perna alta) – *planalto* (plano alto) – *pernilongo* (perna longo) – *quintessência* (quinta essência) – *hidrelétrico* (hidro elétrico) – *santelmo* (Santo Elmo), *santantônio* (Santo Antônio), *viandante* (via andante), *boquiaberto* (boca aberto), etc.

Observação:

✔ Ao aglutinarem-se, os componentes subordinam-se a um só acento tônico, o do último componente.

3 REDUÇÃO

Algumas palavras apresentam, ao lado de sua forma plena, uma forma reduzida. Exemplos:

auto (por *automóvel*)
cinema (por *cinematografia*)
cine (por *cinema*)
foto (por *fotografia*)
moto (por *motocicleta*)
Guará (por *Guaratinguetá*)
extra (*por extraordinário* ou *extrafino*)
quilo (por *quilograma*)
ônibus (por *auto-ônibus*)
seu (por *senhor*)
pornô (por *pornografia*)
curta (por *curta-metragem*)
pólio (por *poliomielite*)
pneu (por *pneumático*)
micro (por *microcomputador*)
Quim (por *Joaquim*)
Zé (por *José*)

Essa espécie de economia linguística, comum a todos os idiomas, é responsável por simplificações mais arrojadas. Haja vista:

zoo (por *jardim zoológico*)

metrô (do francês *métro*, redução de *chemin de fer métropolitain*, isto é, *estrada de ferro metropolitana*)

Como exemplo de redução ou simplificação das palavras, podem ser citadas também as siglas, tão frequentes na comunicação de hoje.

4 HIBRIDISMOS

Hibridismos são palavras em cuja formação entram elementos de línguas diferentes. São exemplos de palavras híbridas:

monocultura (*mono* + *cultura*, grego e latim)
alcoômetro (*álcool* + *metro*, árabe e grego)
lactômetro (*lact* + *metro*, latim e grego)
televisão (*tele* + *visão*, grego e latim)
automóvel (*auto* + *móvel*, grego e latim)
abreugrafia (*Abreu* + *grafia*, português e grego)

5 ONOMATOPEIAS

Numerosas palavras devem sua origem a uma tendência constante da fala humana para imitar as vozes e os ruídos da natureza. Semelhantes vocábulos, chamados *onomatopeias*, reproduzem aproximadamente os sons e as vozes dos seres.

Eis as principais vozes imitativas:

arrulhar – pombo, rola
badalar, **bimbalhar**, **repicar**, **repenicar** – sino
balir – ovelha, cordeiro
blaterar – camelo
bramar, **bramir**, **rugir** – feras, mar
cascalhar – risadas
coaxar – rã
cocoricar, **cucuricar**, **cucuritar** – galo
chiar – carro de bois, insetos
chilrar, **chilrear** – aves
chirriar – coruja
chocalhar – chocalho, cascavel
ciciar – brisa, vozes
espocar, **pipocar** – foguetes
estralejar – chicote, raio
estridular – cigarra
farfalhar – folhas, árvores, etc.
fonfom, **fonfonar** – buzina de automóveis
fremir – urso, vestes, ondas, mar
frufru, **frufrutar** – rumor de folhas, de vestidos
gloterar – cegonha
gorgolejar – água
gralhar, **gralhear** – gaio, gralha
grasnar, **grulhar**, **crocitar** – pato, grou, corvo
grugulejar, **grugulhar** – peru
grunhir, **cuinchar** – porco
guinchar – macaco, rato, carro
ladrar, latir, ganir, uivar, rosnar, cainhar – cão
miar, miau, rosnar, ronronar, bufar – gato
mugir – boi, vaca
palrar, chalrar – papagaio
piar, pipilar – aves
pissitar – estorninho
rataplã – tambor
rechiar, rechinar – carne na brasa
regougar – raposa
relinchar, rinchar, nitrir – cavalo
retinir – araponga
ribombar, retumbar, atroar, reboar, tonitroar – trovão, canhão, eco, estampido, etc.
rufar – tambor, caixa
ruflar – asas, saias, etc.
rugir, urrar – leão, onça, etc.
sibilar – balas, serpente
tamborilar – dedos, gotas de água
tartamudear – gago
tilintar – moedas, campainha
tinir – copos, cristais, metais
tique-taque, tiquetaquear – relógio, pêndulo
trilar – apito, inhambu
trissar – andorinha, calhandra
uivar, ulular – cão, lobo
urrar, rugir, bramir – touros, feras
zumbir, zunir, zinir, ziziar, zoar, chiar – insetos
zunzum, zunzunar – motor
zurrar, ornejar – burro

EXERCÍCIOS

LISTA 09

1. Copie as palavras abaixo, classificando-as, em seguida, de acordo com o processo de formação:

vaivém – pernalta – leiteiro – repatriar – infeliz

(1) sufixação ou derivação sufixal

(2) prefixação ou derivação prefixal

(3) justaposição

(4) aglutinação

(5) parassíntese

2. Reconheça os processos de formação das palavras seguintes:

motorista – aeroplano – internacional – embora – água-de-colônia – envernizar – canalizar – aguardente – girassol – comumente – quinta-feira – enlutar – malmequer – vivalma

3. Forme parassintéticos verbais que tenham por base os nomes seguintes:

Exemplo: vergonha – *envergonhar*

terra – caixa – sócio – pedaço – coice – podre – pedra – grande – tímido – velho – pálido – parede – papel

4. Escreva apenas as afirmativas corretas relativamente à palavra **televisão**:

É vocábulo simples.
É composta por justaposição.
É formada por prefixação.
É formada por sufixação.
É formada por aglutinação.
É um hibridismo.
O verbo derivado é *televisionar*.
Abrevia-se: TV.

5. Escreva os nomes dos seres a que se referem as seguintes vozes:

regougar – tinir – grunhir – bimbalhar – blaterar – crocitar – chirriar – ulular

6. Escreva as palavras e classifique-as de acordo com a coluna numerada:

moto – envergonhar – monocultura – ciciar – Funai

(1) parassíntese

(2) hibridismo

(3) redução

(4) sigla

(5) onomatopeia

7. Copie a frase, reduzindo a palavra destacada:

O primeiro trecho do **metropolitano** carioca foi inaugurado no dia 5 de março de 1979.

8. Escreva a oração, substituindo os asteriscos corretamente por verbos derivados parassintéticos dos substantivos **carne** e **papel**:

"Diferença entre o açougueiro e o ator: o ator ********** os papéis, o açougueiro ********** as carnes." (MILLÔR FERNANDES)

9. Informe o processo de derivação das palavras abaixo:

inconsciente	amadurecer	surfista
interesseiro	desonesto	emplacar
enfileirar	gorduroso	redondeza
anoitecer	reaver	bimensal

10. Releia o item que trata de *derivação imprópria* e explique as palavras destacadas:

a) A estrada rasgava o **verde** bruto da paisagem.

b) Num **estrondar** de rodas, de súbito freadas, o trem se imobiliza.

c) No seu traje moderninho havia um **quê** de ridículo.

11. Copie somente o vocábulo formado por derivação sufixal:

bem-te-vi	guloso
retrocesso	esfriar

12. Copie apenas a palavra cujo radical é diferente do radical das outras:

dor – dolorido – doloroso – indolor – dormente

13. Pelo processo da **sufixação**, derive **adjetivos** das palavras abaixo. Destaque os sufixos que utilizou:

a) verdade

b) árvore

c) força

d) riso

e) sede

14. Forme verbos pelo processo de **parassíntese** a partir dos substantivos e adjetivos abaixo:

a) vergonha

b) tarde

c) raiz

d) farelo

e) magro

15. As palavras em destaque sofreram mudança de categoria gramatical. Dizemos, então, que houve **derivação imprópria**. Aponte essas alterações:

a) O **andar** de meu pai é compassado.

b) Havia nas suas maneiras um **quê** de encantador.

c) Um **não** dito com delicadeza fere menos que um **sim** com aspereza.

d) Procure sempre unir o **útil** ao **agradável**.

FORMAÇÃO DAS PALAVRAS
Exercícios de exames e concursos
[Página 669]

SUFIXOS

Sufixos são elementos (isoladamente, insignificativos) que, acrescentados a um radical, formam nova palavra. Ao mesmo tempo que alteram a significação do vocábulo originário (*dente* → *dent**ista***), podem ainda mudar-lhe a classe gramatical (*ponta* → *pont**udo***), o gênero (*boi* → *boi**ada***) ou o grau (*gato* → *gat**inho**, frio* → *fri**íssimo***).

A maioria dos sufixos provêm do latim e do grego. Classificam-se em:

- **nominais**: os que formam substantivos e adjetivos: dent*ista*, gost*oso;*
- **verbais**: os que formam verbos: gote*jar*, cabece*ar;*
- **adverbial**: o sufixo *-mente*, formador de advérbios: rapida*mente*.

1 PRINCIPAIS SUFIXOS NOMINAIS

Eis os mais importantes sufixos nominais, com algumas de suas múltiplas significações:

- **-ada, -agem, -al, -alha, -ama, -ame, -edo, -io**

Formam substantivos com ideia de coleção, agrupamento:

boiada, ramagem, laranjal, algodoal, cordoalha, dinheirama, courama, vasilhame, arvoredo, mulherio, gentio, etc.

Os sufixos **-al** e **-io** também formam adjetivos. Exemplos:

especial, colonial, fugidio, arredio, etc.

- **-aço, -aça, -arra, -orra, -aréu, -ázio, -ão (este com numerosas variantes)**

São sufixos aumentativos:

balaço, ricaço, barcaça, bocarra, cabeçorra, povaréu, copázio, portão, vagalhão, espertalhão, casarão, narigão, comilão, espadagão, gatarrão, beberrão, homenzarrão, vozeirão.

Observação:

✔ Neles a ideia aumentativa concorre, em geral, com a depreciativa ou pejorativa.

- **-acho, -ejo, -ela, -eta, -ete, -eto, -ico, -iço, -isco, -(z)inho, -(z)ito, -im, -ola, -ota, -ote, -(c)ulo, -(c)ula, -ucho**

São sufixos diminutivos:

riacho, lugarejo, ruela, saleta, artiguete, poemeto, burrico, aranhiço, chuvisco, dedinho, animalzinho, pequenito, pezito, espadim, fazendola, casota, velhote, glóbulo, montículo, governículo, flâmula, gotícula, papelucho.

Observação:

✔ Juntamente com a ideia diminutiva, alguns desses vocábulos têm acentuada tonalidade depreciativa: *hotelejo, fidalgote, artiguete, saberete, gentinha, povinho, papelucho, governicho*[1]; outros exprimem afetividade: *filhinho, paizinho, pezito, pequenito*.

- **-ada, -dade, -dão, -ança, -ância, -ção, ença, ência, -ez, -eza, -ice, -ície, -mento, -(t)ude, -ume, -ura**

Formam substantivos significando ação, resultado de ação, qualidade, estado:

paulada, maldade, escuridão, esperança, oração, traição, relutância, detença, imponência, altivez, surdez, beleza, velhice, calvície, ferimento, quietude, atitude, negritude, negrume, brancura, pintura, formatura.

- **-aria, -eria**

Exprimem coleção, estabelecimento comercial ou industrial, repartição, ação:

maquinaria, vozeria, gritaria, sapataria, leiteria, loteria, secretaria, pirataria, zombaria, galanteria, bruxaria.

Observação:

✔ Evite-se a pronúncia *maquinária*, em vez de *maquinaria*. Diz-se *imobiliária*, por ser adjetivo feminino substantivado: (*empresa*) *imobiliária*.

- **-ário, -eiro, -dor, -sor, -tor, -nte**

Denotam profissão, ofício, agente:

bibliotecário, pedreiro, vendedor, agrimensor, professor, inspetor, ajudante, escrevente, ouvinte, pedinte.

Formam também adjetivos. Exemplos:

contrário, rodoviário, previdenciário, lisonjeiro, consolador, produtor, confiante, recente, seguinte.

---

(1) "*Governichos* burocráticos, desfibrados, a administrarem um organismo corroído." (Ciro dos Anjos, *Montanha*, p. 276, 2ª ed.)

- **-douro, -tório**

Formam substantivos que exprimem lugar:

ancoradouro, bebedouro, dormitório, laboratório, purgatório.

(O sufixo **-ório** acrescenta, às vezes, a ideia de quantidade com sentido depreciativo: *papelório, palavrório, farelório*.)

Formam também adjetivos. Exemplos:

duradouro, vindouro, finório, provisório, meritório, satisfatório, notório.

- **-cida, -cídio**

Formam substantivos, aos quais transmitem as ideias de "que mata" e "crime de matar", respectivamente:

homicida, homicídio, suicida, suicídio.

- **-al, -ar, -eo, -ea**

Formam adjetivos que denotam referência, relação:

imperial, escolar, vítreo, férreo, corpóreo, lacrimogêneo, instantânea.

- **-ano, -ão, -eiro, -ense, -eu, -ino, -ês, -esa**

Formam adjetivos que exprimem naturalidade, origem:
curitibano, alemão, brasileiro, paraense, europeu, florentino, chinês, montanhês, chinesa, montanhesa.
O sufixo **-ino** indica também referência. Exemplos:

bovino, ovino, caprino, leonino, taurino, suíno.

- **-oso, -udo**

Formam adjetivos denotadores de abundância, qualificação acentuada:

gorduroso, arenoso, corajoso, barrigudo, beiçudo, cabeludo, pontudo, bicudo.

- **-imo, -érrimo, -íssimo**

Exprimem o grau superlativo dos adjetivos:
facílimo, paupérrimo, belíssimo.

Observação:

✔ Os sufixos anteriores são de origem latina, com exceção de **-arra**, **-orra**, **-aréu**. Os sufixos seguintes são de proveniência grega.

- **-ia, -ismo**

Formam substantivos que traduzem ciência, escola, sistema político ou religioso:

astronomia, romantismo, modernismo, socialismo, catolicismo.

Observação:

✔ O sufixo **-ia** exprime ainda outros conceitos, como qualidade (*valentia*, *ufania*, *melancolia*), lugar (*sacristia*), cargo (*chefia*), etc.

- **-ista**

Traduz naturalidade, particularismo, profissão:
paulista, comunista, maquinista.

- **-ite**

Exprime a ideia de inflamação:
apendicite, bronquite, nefrite, gastrite.

- **-esa, -essa, -isa**

Traduzem título ou dignidade de pessoa do sexo feminino:
baronesa, marquesa, condessa, abadessa, sacerdotisa, profetisa, poetisa, pitonisa.

- **-ico**

Forma adjetivos denotando referência, relação:
físico, helênico, histórico, olímpico, histérico, mecânico, esplênico, cíclico, sulfúrico, telúrico, bíblico, faraônico.

- **-ose**

Denota estado mórbido, doença:
neurose, psicose, tuberculose, esclerose.

- **-oide (ói)**

Forma adjetivos denotadores de semelhança:
antropoide, esferoide, metaloide, negroide, ovoide.

(Esse último sufixo às vezes confere aos adjetivos significado depreciativo: *politicoide*, *moloide*, etc.)

- **-tério**

Forma substantivos denotadores de lugar:
batistério, cemitério, necrotério.

- **Outros sufixos nominais**

-ado: bispado, consulado, desalmado, barbado
-aico: judaico, arcaico, prosaico
-ando: doutorando, bacharelando, examinando
-âneo: instantâneo, conterrâneo

-ardo: felizardo, galhardo
-ático: lunático, aromático, aquático, asiático
-ato: sindicato, cardinalato, timorato
-engo: realengo, mulherengo, verdolengo
-ento: sedento, poeirento, cruento, areento
-esco: dantesco, gigantesco, grotesco
-ício: desperdício, alimentício, patrício
-iço: movediço, enfermiço
-il: gentil, febril, varonil, Brasil
-ivo: corrosivo, impulsivo, explosivo
-onho: medonho, tristonho, enfadonho
-rana: (= semelhança): canarana, cajarana
-ugem: penugem, lanugem, ferrugem
-usco: velhusco, patusco, chamusco, pardusco
-vel: inflamável, adorável, indelével, audível, solúvel, miscível, imóvel

▪ Alguns sufixos da terminologia científica

-ato, **-eno**, **-eto**, **-ina**, **-ol** (em Química): *sulfato*, *carbonato*, *acetileno*, *cloreto*, *anilina*, *cocaína*, *fenol*.

-áceo, **-ácea** (em Botânica): *rubiáceo*, *rubiácea*, *liliáceo*, *liliácea*, *rosáceo*, *rosácea*, *musáceo*, *musácea*, *violáceo*, *violácea*. Têm outras aplicações: *cetáceo*, *coriáceo*, *galináceo*, *farináceo*.

-ite, -ose (em Medicina): *apendicite*, *neurose*.

-oide (em várias ciências): *antropoide*, *geoide*, *metaloide*, *alcaloide*, *mongoloide*, *debiloide*, *epilepticoide*.

Observações:

✔ Os sufixos nominais prestam-se, quase sempre, à expressão de mais de uma ideia. O sufixo *-eiro*, por exemplo, pode acrescentar ao radical a noção de árvore (*coqueiro*), profissão (*sapateiro*), coleção (*braseiro*), lugar (*banheiro*), recipiente (*açucareiro*), naturalidade (*brasileiro*). Existem até sufixos de significações opostas: *beiçola* (= beiço grande), *bandeirola* (= pequena bandeira), *povaréu* (= grande multidão), *mastaréu* (= pequeno mastro).

✔ Observe, nos exemplos dados, as diferentes maneiras pelas quais os sufixos se anexam e se acomodam aos radicais.

2 SUFIXOS VERBAIS

Os sufixos verbais agregam-se, em regra, ao radical de substantivos e adjetivos para formar novos verbos. Eis os sufixos que maior vitalidade tiveram na formação de verbos portugueses:

- **Formam verbos que exprimem, entre outras ideias, prática de ação:**

-ar: cruzar, fonfonar, analisar, limpar, telefonar

-ear: pratear, guerrear, golear, cabecear

-entar: afugentar, amamentar, amolentar

-ficar: dignificar, gaseificar, liquidificar, petrificar, ossificar

-izar: civilizar, finalizar, organizar, comercializar

Observação:

✔ A terminação **-ar**, na prática, funciona como sufixo.

- **Forma verbos *incoativos*, isto é, que exprimem início de ação, fenômeno progressivo, passagem a novo estado:**

-ecer: amadurecer, amanhecer, empobrecer, endurecer, enriquecer, enlouquecer, endoidecer, envelhecer, entristecer, escurecer, fortalecer, reverdecer, alvorecer, apodrecer, umedecer, favorecer, enaltecer, etc.

A variante **-escer** aparece em formas eruditas, provenientes diretamente do latim literário. Exemplos:

convalescer, florescer, incandescer, intumescer, recrudescer, rejuvenescer, etc.

- **Formam verbos *frequentativos*, isto é, que traduzem ação repetida muitas vezes:**

-açar: esvoaçar, espicaçar

-ear: espernear, escoicear, chicotear, balancear

-ejar: gotejar, bracejar, grugulejar, doidejar, voejar, lacrimejar

-ilhar: fervilhar, dedilhar, pontilhar, saltarilhar

-inhar: chapinhar, escoucinhar, escrevinhar, estracinhar, cuspinhar

-itar: saltitar, cucuritar, volitar

Observações:

✔ À ideia de ação repetida os três últimos sufixos frequentativos podem acrescentar a de diminuição (*saltitar*, *pontilhar*, *cuspinhar*) ou a de depreciação (*escrevinhar*).

✔ O sufixo **-ejar** forma também verbos que exprimem outras ideias: *almejar*, *calejar*, *velejar*, *verdejar*, etc.

- **Formam verbos *diminutivos*, isto é, que exprimem ação pouco intensa (*dormitar* = dormir levemente):**

-icar: adocicar, bebericar, depenicar, namoricar, saltaricar

-inhar: cuspinhar, escrevinhar

-iscar: lambiscar, mordiscar, namoriscar, petiscar

-itar dormitar, saltitar

Observação:

✔ Dos sufixos verbais, **-ar**, **-ear**, **-ejar**, **-izar**, **-ecer** foram, e continuam sendo, os mais produtivos dentro do idioma.

3 SUFIXO ADVERBIAL

O único sufixo adverbial, em português, é **-mente** (da palavra latina *mentem* = mente, espírito, ânimo, intenção), que se acrescenta aos adjetivos, na flexão feminina (quando houver), para exprimir circunstâncias de modo, quantidade, tempo:

comodamente, bondosamente, copiosamente, atualmente, anteriormente.

Observação:

✔ Os adjetivos em *-ês*, no caso, mantêm-se, tradicionalmente, no masculino, porque no português antigo eram invariáveis em gênero: *portuguesmente*, *francesmente*, *burguesmente*, etc. Veja exemplos na p. 261, § 2.

EXERCÍCIOS — LISTA 10

1. Escreva as palavras seguintes e destaque os seus sufixos:

barbearia, sobranceria, bronquite, ciclista, escorregadio, opúsculo, civilizar, paralisar, férreo, vidraceiro, comodamente, marquesa, mesinha, pazinha, mataréu

2. Com o auxílio de sufixos adequados derive adjetivos de:

anel, círculo, cone, esfera, ovo, face, ciclo, montanha, barba, guerra, cólera, ferrugem, riso, primavera, repulsa, Gênova, Dante, burgo

3. Por meio de sufixos adequados derive verbos das palavras:

central, forte, análise, prega, braço, flor, ameno, salto, voo, irmão, fértil, mão, pesquisa, amarelo

4. Escreva as palavras no seu caderno e classifique-as, numerando-as de acordo com a significação do sufixo:

frond**oso**	(1)	naturalidade
homi**cídio**	(2)	abundância
apendic**ite**	(3)	diminuição
social**ismo**	(4)	crime
peru**ano**	(5)	inflamação
flaut**im**	(6)	sistema

5. Dê os adjetivos terminados em **-eo** relativos aos substantivos abaixo, utilizando os radicais latinos do quadro:

Exemplo: enxofre, *sulfúreo*

corpo, ouro, mármore, sangue, osso, neve, enxofre, chumbo, prata, fogo, rosa, cinza, leite

corpor(i)- – aur(i)- – marmor(i)- – sanguin(i)- – oss(i)- – niv-
– sulfur- – plumb(i)- – argent(i)- – ign(i)- – ros- – ciner(i)- – lact(i)-

6. Substitua os asteriscos pelos adjetivos correspondentes às expressões entre parênteses, nas frases abaixo:

a) Galinhas catavam farelo no chão ***. (cheio de **areia**)

b) Era uma múmia da época ***. (dos **faraós**)

c) A polícia dispersou a multidão com gás ***. (que provoca **lágrimas**)

7. Forme palavras derivadas com os sufixos: **-ar**, **-ense**, **-iço**, **-eza**, **-ite**, **-ose**, **-oide**, **-ula**, **-vel**.

8. Com os sufixos **-ês**, **-ez**, **-esa**, **-eza**, forme, corretamente, cognatos de:

China – escasso – duque – limpo – surdo – monte – altivo – empreender – defender – corte (ô)

9. Copie somente o grupo de sufixos que formam nomes que indicam naturalidade:

-edo	-ês	-vel
-ado	-ez	-ano
-ense	-oso	-dor
-al	-ino	-iço
-esco	-ento	-ista

10. Substitua convenientemente o * nas palavras pelos sufixos **-esa** ou **-eza**.
Releia antes o que foi estudado sobre o assunto:

portugu*	frambo*
firm*	delicad*
avar*	holand*
repr*	espert*
cert*	surpr*
fregu*	profund*

11. Dê exemplos de verbos incoativos formados com os sufixos **-ecer** e **-escer**:

12. Dê exemplos de palavras em que apareçam os sufixos propostos com o sentido indicado nos parênteses:

a) -al (coleção, agrupamento)
b) -ejo (diminutivo)
c) -eiro (profissão)
d) -tório (lugar)
e) -ense (origem)
f) -ose (doença)

SUFIXOS
Exercícios de exames e concursos
[Página 664]

PREFIXOS

Os prefixos ocorrentes em palavras portuguesas provieram do latim e do grego, línguas em que funcionavam como preposições ou advérbios, portanto como vocábulos autônomos. Por isso, têm significação bem mais precisa que os sufixos e exprimem, geralmente, circunstâncias (lugar, modo, tempo, etc.).

Muitos prefixos latinos podem apresentar-se ora com a forma primitiva, principalmente em palavras eruditas (***ab**dicar*, ***abs**têmio*, ***ad**junto*, ***ex**clamar*, ***in**corporar*, ***inter**urbano*, ***sub**terrâneo*, ***super**sônico*, etc.), ora com a forma evoluída ou vernácula (***a**versão*, ***a**juntar*, ***es**gotar*, ***en**sacar*, ***entre**vista*, ***so**braçar*, ***sobre**por*, etc.).

Alguns prefixos foram pouco ou nada produtivos, em português; outros, pelo contrário, tiveram grande vitalidade na formação de novas palavras. Figuram entre esses últimos *a-*, *contra-*, *des-*, *em-* ou *en-*, *es-*, *entre-*, *re-*, *sub-* e *super-* (latinos) e *anti-* (grego).

Em numerosas palavras que entraram para a nossa língua já formadas obliterou-se o sentimento do prefixo. É o caso, por exemplo, de *adunco*, *observar*, *objeto*, *exceção*, *proceder*, *relatar*, cujos prefixos são, aparentemente, vazios de sentido.

Não são raros os exemplos de vocábulos em que ocorrem juntos dois prefixos: ***rea**proximar*, ***desen**terrar*, ***desem**barcar*, ***indis**por*, etc.

1 PREFIXOS LATINOS

Eis os principais prefixos de origem latina que figuram em palavras portuguesas:

- **ab-**, **abs-**, **a-** – indicam afastamento, separação, privação:
  abjurar, abnegado, abdicar, abster-se, abstêmio, aversão, afastar.
- **a-**, **ad-** – indicam aproximação, passagem a um estado, tendência:
  ajuntar, avizinhar, apodrecer, admirar, adjacência.
- **ambi-** – exprime duplicidade, dubiedade:
  ambíguo, ambiguidade, ambivalente.
- **ante-** – antes, anterioridade, antecedência:
  antepor, antevéspera, antebraço, antedatar.
- **bene-**, **bem-**, **ben-** – bem, excelência:
  beneficente, benevolência, bem-falante, bem-amada, benfazejo, benquerença.

- **circum-**, **circun-**, **circu-** – em redor, em torno:

  circumpolar, circunlóquio, circungirar, circunavegação.

- **cis-** – do lado de cá, aquém:

  cisandino, cisatlântico, cisplatino.

- **com-**, **con-**, **co-** – companhia, concomitância:

  compadre, concidadão, condomínio, confraternizar, colaborar, cooperar, coestaduano, co-herdeiro, co-redentora, coautor.

- **contra-** – direção contrária, oposição:

contra-indicado, contraprovar, contravenção, contraveneno, contramarcha, contraofensiva, contramuro.

- **de-** – para baixo, separação:

  declínio, deposição, decrescer, demover, decompor.

- **des-**, **dis-** – negação, ação contrária, separação, afastamento:

desarmonia, desonesto, descascar, desfazer, deslembrar, desterrar, dissentir, dissociar.

- **ex-**, **es-**, **e-** – movimento para fora, função ou estado anteriores, separação, conversão em:

expulsar, expatriar, ex-ministro, esmigalhar, esgotar, esfolar, emigrar, evaporar, ejetor, ejetável.

- **extra-** – fora de:

  extraordinário, extraviar, extraoficial.

(*Extra* é adjetivo quando representa a redução de *extraordinário*: voos *extras*.)

- **in-**[1], **i-**, **en-**, **em-**, **e-** – para dentro, conversão em, tornar:

  ingerir, imerso, entesourar, engarrafar, engordar, entristecer, empalidecer, engolir, embarcar, emudecer.

- **in-**[2], **im-**, **i-** – negação, carência:

  indelével, infelicidade, impune, imberbe, ilegível, ilegal, irreal, irracional, irredutível, irresoluto.

(O prefixo *in-* reduz-se a *i-* antes de *l*, *m*, *n* e *r*: *ilegível, imóvel, inocente, irresponsável*. Antes de *b* e *p* assume a forma *im-*: *imberbe, improdutivo*.)

- **infra-** – abaixo, na parte inferior:

  infravermelho, infraestrutura, infra-renal, infrassom.

- **inter-**, **entre-** – posição ou ação intermediária, ação recíproca ou incompleta:

  interstício, intercomunicação, entreter, entrelinha, entreamar-se, entreabrir.

- **intra-**, **intro-** – dentro, movimento para dentro:

  intramuscular, introspectivo, introduzir, introvertido.

- **justa-** – proximidade, posição ao lado:

  justafluvial, justapor, justalinear.

- **male-**, **mal-** – opõem-se a *bene*:

  malevolência, mal-educado, mal-estar, maldizer.

- **multi-** – ideia de "muitos":
  multinacional, multissecular.
- **ob-, o-** – posição fronteira, oposição:
  objetivo, objeção, obstáculo, obstar, opor.
- **pene-** – quase:
  penumbra, penúltimo, península.
- **per-** – através de, ação completa:
  percorrer, pervagar, perfazer, perfeito.
- **pluri-** – ideia de multiplicidade, como *multi*:
  pluricelular, pluripartidário.
- **post-, pos-, pós-** – atrás, depois:
  póstumo, posteridade, postergar, pospor, pós-guerra, pós-escrito, postônica, pós-operatório.
- **pre-, pré-** – antes, acima:
  prefixo, predizer, pressupor, pretônica, predominar, pré-escolar, pré-estreia, pré-moldado.
- **preter-** – que vai além de:
  preternatural, preterir, preterintencional.
- **pro-, pró-** – para a frente, diante, em lugar de, em favor de:
  progresso, prosseguir, propor, pronome, propugnar, pró-paz.
- **re-** – para trás, repetição, intensidade:
  regresso, regressar, retornar, regredir, reaver, remarcação, recomeçar, revigorar, redobrar.
- **retro-** – para trás:
  retrocesso, retroativo, retropropulsão.
- **semi-** – metade, meio:
  semimorto, semicírculo, se(mi)mínima, semicerrar.
- **sesqui-** – um e meio:
  sesquicentenário (= 150 anos, um século e meio).
- **sub-, sob-, so-** – posição inferior, debaixo, deficiência, ação incompleta:
  subdelegado, subaquático, subscrição, subestimar, subalimentado, sobpor, sobraçar, soterrar, sopé, soerguer.
- **super-, sobre-** – posição superior, em cima, depois, excesso:
  superpor, supercílio, super-homem, superlotado, sobrecarga, sobreloja, sobrevir, sobreviver.
- **supra-** – acima:
  supradito, supracitado, suprapartidário, suprarrenal.
- **trans-, tras-, tra-, tres-** – além, através de:
  transoceânico, transatlântico, transandino, trasladar (ou *transladar*), *tradição*, tresnoitar.

- **tri-**, **tris-** – *três:*
  triciclo, trigêmeo, tricampeão, trisavô.
- **ultra-** – além de:
  ultramarino, ultrapassar.
- **uni-** – um:
  unicelular, unifamiliar, unificar, uníssono.
- **vice-**, **vis-** – substituição, no lugar de, imediatamente inferior a:
  vice-versa, vice-presidente, visconde, vice-almirante.

2 PREFIXOS GREGOS

Os prefixos de origem grega aparecem, geralmente, anexados a radicais gregos. Eis os mais comuns:

- **a-**, **an-** – negação, carência:
  ateu, abulia, afônico, acéfalo, anemia, anonimato, anarquia, analgésico, anestesia.
- **ana-** – inversão, afastamento, decomposição:
  anagrama, anacronismo, anacoluto, analisar, anatomia.
- **anfi-** – em torno de, duplicidade:
  anfiteatro, anfíbio, anfibologia.
- **anti-** – oposição, contra:
  antibiótico, anticristo, antididático, antítese, antipatia, antiaéreo.
- **apo-** – separação, afastamento:
  apócrifo, apostasia, apofonia, apogeu.
- **arqui-**, **arque-**, **arce-** – superioridade, primazia:
  arquipélago, arquidiocese, arquibancada, arquimilionário, arquétipo, arcebispo.
- **cata-** – movimento de cima para baixo:
  catadupa, catarata, catarro, catástrofe, cataclismo.
- **di-** – dois:
  dípode, díptero, dissílabo.
- **dia-** – através, por meio de:
  diâmetro, diálogo, diagnóstico, diáfano.
- **dis-** – dificuldade, afecção:
  disenteria, dispneia, dispepsia, disfagia.
- **en-**, **em-** – dentro, posição interna:
  encéfalo, empíreo.

- **endo-** – dentro, para dentro:
  endocarpo, endovenoso, endosmose.
- **epi-** – sobre, posição superior:
  epígrafe, epigrafia, epiderme, epitáfio.
- **eu-**, **ev-** – bem, bondade, excelência:
  eugenia, euforia, eufemismo, eucaristia, evangelho, evangélico.
- **ex-**, **exo-**, **ec-** – fora, movimento para fora:
  exorcismo, exosmose, êxodo, eclipse, eclético, ecletismo, exosqueleto, exogamia.
- **hemi-** – meio, metade:
  hemiciclo, hemisfério, hemiplegia.
- **hiper-** – sobre, superioridade, demais, excesso:
  hipérbole, hipertensão, hipertrofia.
- **hipo-** – sob, posição inferior, deficiência:
  hipogeu, hipoglosso, hipocrisia, hipótese, hipotenusa, hipotensão.
- **meta-** – mudança, atrás, além, depois de, no meio:
  metamorfose, metáfora, metafísica, metonímia, metacarpo, metatarso.
- **para-** – junto de, proximidade, semelhança:
  parasita, paradigma, parônimo, parábola, parapsicologia.
- **peri-** – em torno de:
  periferia, perímetro, perífrase, periscópio.
- **pro-** – antes, anterioridade:
  programa, prólogo, prognosticar, prognóstico, próclise, profilaxia.
- **sin-**, **sim-**, **si-** – reunião, conjunto, simultaneidade:
  sintonizar, sintaxe, síntese, sinfonia, simpatia, sistema, simetria.

3 CORRESPONDÊNCIA ENTRE PREFIXOS LATINOS E GREGOS

Latinos	Gregos
ab-: abjurar	**apo-**: apostasia
ad-: adjunto	**para-**: parasita
ambi-: ambidestro	**anfi-**: anfíbio
bene-: benevolente	**eu-**: euforia
bi-, **bis-**: bípede, bisavô	**di-**: dípode
circum-: circumpolar	**peri-**: perímetro
contra-: contraveneno	**anti-**: antídoto
com-, **con-**: compartilhar, concordar	**sin-**: sincronizar
ex-: exportar	**ex-**: êxodo

i-, **in-**, **des-**: ilegal, infeliz, desonesto
in-: ingerir
intra-: intramuscular
semi-: semicírculo
sub-: subterrâneo
super-, **supra-**: superlotar, supracitado
trans-: transparente
a-, **an-**: ateu, anônimo
en-: encéfalo
endo-: endocarpo
hemi-: hemiciclo
hipo-: hipogeu
epi-, **hiper-**: epitáfio, hipertrofia
dia-: diáfano

EXERCÍCIOS LISTA 11

1. Escreva as palavras em seu caderno, dê a significação ao lado de cada uma e separe os prefixos latinos por um traço vertical:

antedatar	imergir	circumpolar
cisplatino	emergir	ejetável
cooperar	inalar	retrógrado
dissociar	dissabor	semicírculo
imberbe	entrever	ilegal

2. Em seu caderno, dê a significação das seguintes palavras de origem grega e separe-lhes os prefixos:

abulia	diáfano	epílogo
anônimo	dispepsia	antipatia
antípoda	êxodo	metáfora
atrofia	epitáfio	simpatia
hipertrofia	paradigma	exorcismo
catadupa	eufemismo	dípode
perímetro	síntese	diagnóstico

3. Em seu caderno, associe as palavras da coluna da esquerda ao sentido correto do prefixo que consta na coluna da direita:

prólogo	excesso
dispneia	duplicidade
diagonal	oposição
anfíbio	superioridade
hipérbole	através
antípoda	dificuldade
arquipélago	privação
afonia	mudança
sincronizar	em torno de, ao redor de
metempsicose	anterioridade
cisplatino	simultaneidade
perífrase	conjunto
vice-presidente	aquém
sintaxe	substituição

4. Reorganize as três colunas, colocando na mesma linha o **prefixo latino**, seu correspondente **prefixo grego** e a **significação** de ambos:

ab-	peri-	bondade
ambi-	anti-	em redor de
bene-	apo-	dualidade, duas vezes
bi-	eu-	negação
circum-	hipo-	através de
contra-	a-	excesso
in-	dia-	afastamento
semi-	hiper-	debaixo de
sub-	anfi-	metade
super-	hemi-	oposição
trans-	di-	duplicidade, dos dois lados

5. Com prefixos adequados, forme as palavras equivalentes às expressões destacadas:

a) Realizamos uma viagem **em torno do polo**.

b) Houve manifestações **contra o racismo**.

c) Aquele avião tem assento **que pode ser lançado para fora**.

d) Na época **anterior a Cristóvão Colombo**, havia no Novo Mundo duas brilhantes civilizações: a dos incas e a dos astecas.

e) O doente sofre de **dificuldade para digerir**.

f) O crime não pode ficar **sem punição**.

g) Que é **propulsão para trás**?

h) A **ciência que estuda as inscrições sobre pedras e metais** é valiosa para a História.

6. Forme novas palavras com os prefixos **ante-** e **anti-**, usando-os adequadamente:

térmico	cristo	véspera
ontem	tóxico	aéreo
míssil	braço	democrata

7. Dê exemplos de outros vocábulos que contenham os mesmos prefixos destacados:

a) **ante**ssala
b) **bis**neto
c) **des**feito
d) **in**feliz
e) **super**lotado

8. Identifique o sentido em que foram empregados os prefixos nas palavras abaixo:

a) contraveneno	d) infeliz	g) ultrapassar
b) descascar	e) introvertido	h) pós-guerra
c) ingerir	f) prefixo	i) retroceder

PREFIXOS
Exercícios de exames e concursos
[Página 664]

RADICAIS GREGOS

O conhecimento dos radicais gregos é de indiscutível importância para a exata compreensão e fácil memorização de inúmeras palavras criadas e vulgarizadas pela linguagem científica. Consignaremos aqui apenas os de uso mais frequente.

Observe-se que esses radicais se unem, por via de regra, a outros elementos de origem grega e que, para formarem palavras compostas, sofrem, geralmente, adaptações ou acomodações fonéticas e gráficas.[1]

ácros, alto:	acrópole, acrobacia, acrofobia
adén, **adénos**, glândula:	adenite, adenoide
aér, **aéros**, ar:	aeródromo, aeronáutica, aéreo
agogós, o que conduz:	demagogo, pedagogo, galactagogo
agón, luta:	agonia, antagonista, protagonista
akrís, **akrídos**, gafanhoto:	acrídio, acridófago
álgos, dor:	algofilia, analgésico, nevralgia
álos, outro:	alopatia, alopata, alogamia
ánemos, vento:	anemômetro, anemografia
anér, **andrós**, homem, macho:	androfobia, androceu
ánthos, flor:	antografia, antologia, crisântemo
ánthropos, homem:	antropologia, antropófago, filantropo
archáios, antigo:	arcaico, arqueologia, arcaísmo
arché, comando, governo:	anarquia, monarca, monarquia
áristos, o melhor:	aristocracia, aristocrata
árthron, articulação:	artrose, artrite, artrópode
astér, **astéros**, estrela:	asteroide, asterisco
ástron, astro:	astronomia, astronauta
atmós, gás, vapor:	atmosfera
autós, próprio, mesmo:	automóvel, autonomia, autônomo
bápto, **baptízo**, eu mergulho:	batista, batismo, batistério
báros, peso, pressão:	barômetro, barostato
barýs, pesado, grave:	barimetria, barítono, barrio
bathýs, profundo:	batímetro, batiscafo, batisfera
biblíon, livro:	biblioteca, bibliografia, bibliófilo

(1) Quanto à pronúncia das palavras gregas, tenham-se em mente as normas seguintes: **ou** = ***u***: odóus (odús); **ch** = ***k***: arché (arké), brachys (brakís); **ph** = ***f***: phílos (filos); **ge** = ***gue***: gê (guê); **gi** ou **gy** = ***gui***: gyné (guiné); **x** = ***ks***: dóxa (dóksa).

bíos, vida:	biologia, biografia, anfíbio
brachýs, curto, breve:	braquicéfalo, braquidátilo
bróma, **brómatos**, alimento:	bromatologia, teobroma
cir-, **quiro-** (de **chéir**, **cheirós**, mão):	cirurgia, cirurgião, quiromante
chlorós, verde:	cloro, clorofila, clorídrico
chróma, **chrómatos**, cor:	cromático, policromia
chrónos, tempo:	cronômetro, anacrônico, anacronismo
chrýsos, ouro:	crisólito, crisóstomo, crisântemo
dáktylos, dedo:	datilografia, datilografar
déka, dez:	decálogo, decâmetro, decassílabo
démos, povo:	democracia, demográfico, demografia
dérma, **dérmatos**, pele:	dermatologia, epiderme, dermatose
dóxa, opinião, doutrina:	ortodoxo, paradoxo
drómos, corrida:	autódromo, hipódromo, dromoterapia
dýnamis, força, potência:	dínamo, dinamite, dinamômetro
eco- (de **oikos**, casa, hábitat):	economia, ecologia
élektron, âmbar, eletricidade:	elétrico, eletrônica, elétron
eno- (de **oinos**, vinho):	enologia, enólogo
énteron, intestino:	enterite, enterologia, disenteria
éthnos, povo, raça:	étnico, etnografia, etnia
étymos, verdadeiro:	etimologia, etimológico, étimo
gámos, casamento:	poligamia, polígamo, monogamia
gastér, **gastrós**, estômago:	gastrite, gastrônomo, gástrico
géo- (de **gê**, terra):	geografia, geologia, geoide
glótta, **glóssa**, língua:	poliglota, epiglote, glossário
gonía, ângulo:	goniômetro, polígono, diagonal
grámma, letra, escrito:	gramática, anagrama, telegrama
grápho, escrevo:	grafia, ortografia, caligrafia
gymnós, nu:	ginásio, ginástica, gimnofobia
gyné, **gynaikós**, mulher:	gineceu, ginecologia, ginecológico
hédra, base, face, lado:	poliedro, hexaedro, pentaedro
hélios, Sol:	heliocêntrico, heliotropismo, afélio
hema-, **hemo-** (de **háima**, **háimatos**, sangue):	hematófago, anemia, hemorragia
heméra, dia:	hemeroteca, hemerologia, efêmero
hépar, **hépatos**, fígado:	hepático, hepatite, hepatologia
héteros, outro, diferente:	heterogêneo, heterônimo, heteróclito
héxa- (de **hex**, seis):	hexacampeão, hexaedro, hexágono
hierós, sagrado:	hierarquia, hierático, hieróglifo
hippos, cavalo:	hipódromo, hipismo, hipopótamo
hodós, caminho:	hodômetro, êxodo, método
hómoios, semelhante, igual:	homeopatia, homeopático, homeopata
homós, semelhante, igual:	homônimo, homógrafo, homogêneo
hýdro- (de **hýdor**, **hýdatos**, água):	hidratar, hidrografia, hidrômetro
hygrós, úmido:	higrômetro, higrófito
hýpnos, sono:	hipnose, hipnotizar, hipnotismo
iatréia, tratamento médico:	pediatria, psiquiatria

ichthýs (ictís), **ichthyos**, peixe:	ictiófago, ictiografia
icon- (de **eikón**, **eikónos**, imagem):	iconoclasta, iconografia
ídios, próprio:	idioma, idiotismo
ísos, semelhante, igual:	isósceles, isotérmico, isonomia
kakós, mau:	cacofonia, cacoete, cacografia
kali- (de **kalós**, belo):	caligrafia, calidoscópio
kardía, coração:	cardíaco, cardiologia, taquicardia
karpós, fruto:	endocarpo, mesocarpo
kephalé, cabeça:	cefalalgia, acéfalo, cefálico
kínema, **kinématos**, movimento:	cinema, cinematográfico
kósmos, mundo, adorno:	cosmografia, cosmopolita, cosmético
krátos, poder, força, domínio:	aristocracia, democracia, escravocrata
kýklos, círculo:	ciclovia, triciclo
kýon, **kynós**, cão:	cínico, cinismo, cinegética
kýstis, bexiga:	cistite, cistoscopia
kýtos, célula:	citologia, leucócito
latréia, culto, adoração:	idolatria, heliolatria, idólatra
leukós, branco:	leucócito, leucemia
líthos, pedra:	aerólito, litografia
lógos, palavra, colóquio, estudo:	diálogo, biologia, decálogo, logotipo
lýsis, dissolução, ato de desatar:	análise, eletrólise
makrós, longo, grande:	macróbio, macrobiótica
mancia- (de **mantéia**, adivinhação):	cartomancia, quiromancia
manía, loucura, inclinação:	cleptomania, manicômio, maníaco
mégas, **megálo-**, grande:	megalomania, megaton, megatério
mésos, meio, do meio:	mesocarpo, mesóclise, mesopotâmia
méter, **metrós**, mãe:	metrópole, metropolitano
métron, medida:	métrico, quilômetro, termômetro
mikrós, pequeno:	micróbio, microscópio, micro-onda
mísos, ódio, aversão:	misógamo, misógino, misoneísmo
mnemo- (de **mnéme**, memória, lembrança):	mnemônico, amnésia, mnemoteste
mónos, um só, sozinho:	monólogo, monocultura, monoteísta
morphé, forma:	morfologia, amorfo, metamorfose
nekrós, morto, cadáver:	necrotério, necropsia, necrológio
néos, novo:	neologismo, neófito, neolatino
néuron, nervo:	neurologia, neurose, nevralgia
nómos, lei, norma:	autônomo, anomalia, anômalo
nósos, doença, moléstia:	nosocômio, nosofobia, zoonose
odóus, **odóntos**, dente:	odontologia, odontologista, mastodonte
olígos, pouco:	oligarquia, oligofrenia, oliguria
óneiros, sonho:	oniromancia, onirologia, onírico
ónoma, **ónyma**, nome:	onomástica, pseudônimo, antônimo
óphis, **ophídion**, cobra:	ofídio, ofídico, ofidismo
ophthalmós, olho:	oftalmologia, oftalmologista, oftálmico
óps, **opós**, vista:	óptica (ou ótica), miopia, míope, ciclope
órnis, **órnithos**, ave:	ornitologia, ornitólogo

orthós, reto, correto:	ortografia, ortopedia, ortopedista
ous (us), **otós**, ouvido:	otite, otorrino, otologia, otalgia
páis, **paidós**, criança:	pedagogia, pediatria, pediatra
pan, **pantós**, tudo, todo:	panorama, panteísmo, pantógrafo, panaceia
pathos, doença, afecção, sentimento:	patologia, simpatia
pedo- (de **paidéia**, educação, correção):	ortopedia, ortopedista, enciclopédia
penta- (de **pente**, cinco):	pentacampeão, pentágono, pentatlo
phagô, eu como:	fagocitose, antropófago, ictiófago
phílos, amigo:	filosofia, filantropia, anglófilo
phóbos, medo, aversão:	hidrofobia, xenofobia, xenófobo, claustrofobia, fotofobia
phoné, voz, som:	telefone, cacofonia, afônico, fonógrafo
phós, **photós**, luz:	fotografia, fotógrafo, fósforo, fotonovela
phýsis, **phýseos**, natureza:	fisiologia, físico, fisioterapia
phytón, vegetal:	fitotecnia, fitogeografia, fitoteca, xerófito
plóutos, riqueza:	plutocracia, plutocrata
pnéuma, **pnéumatos**, respiração, ar, sopro:	pneumática, pneumático (pneu)
pnéumon, pulmão:	pneumonia, pneumologia
pólis, cidade:	política, acrópole, Petrópolis, metrópole
polýs, muito, numeroso:	policlínica, poliglota, polígono
pótamos, rio:	potamografia, hipopótamo, Mesopotâmia
pséudos, mentira, falsidade:	pseudônimo, pseudotopázio
psittakós, papagaio:	psitacismo, psitacídeos
psyché, alma:	psicologia, psicose, psíquico
pterón, asa:	pteroide, coleóptero, helicóptero
pyr, **pyrós**, fogo:	pirosfera, pirotécnico, antipirético
rhéo, fluir, correr, **reuma**, fluxo:	reumatismo, catarro, diarreia
rino- (de **rhis**, **rhinós**, nariz):	rinite, rinofonia, otorrino
riza, raiz:	rizófago, rizotônico
seismós, abalo, tremor:	sismógrafo, sísmico
seléne, Lua:	selenita, selenomancia
síderos, ferro, aço:	siderose, siderurgia
skopéo, ver, olhar:	telescópio, microscópio, radioscopia
sóma, **sómatos**, corpo:	somatologia, somático, cromossomo
sophós, sábio:	filósofo, filosofia
stoma, **stómatos**, boca:	estomatite, estomático
taqui- (de **tachús**, rápido, breve):	taquicardia, taquígrafo
táxis, arranjo, classificação:	sintaxe, taxidermista
téchne, arte, ofício:	tecnologia, politécnica, tecnocrata
téle, longe:	televisão, telefone, teleguiar
théke, caixa:	biblioteca, discoteca, hemeroteca
theós, deus:	teologia, teólogo, apoteose
therapéia, tratamento:	hidroterapia, fisioterapia
thérmos, quente:	topônimo, topografia, tópico
tráuma, ***tráumatos***, ferimento:	trauma, traumático, traumatismo
trophé, nutrição, alimentação:	atrofia, hipertrofia

týpos, marca, modelo, tipo:	tipografia, protótipo, logotipo
-urgia, operação, trabalho:	cirurgia, siderurgia
xénos, estrangeiro:	xenofobia, xenófobo
xerós, seco:	xerófito, xerófilo
xýlon, madeira:	xilogravura, xiloteca, xilófago
zóon, animal:	zoologia, zoológico, zoonose

EXERCÍCIOS LISTA 12

1. Dê a etimologia e o significado dos seguintes compostos gregos:

Exemplo: *cefalalgia* vem de *kephalé*, cabeça, e *álgos*, dor: **dor de cabeça**.

cefalalgia	autônomo	gastrônomo	decálogo
antropófago	bibliófilo	hematófago	cosmopolita
anarquia	democracia	hipnotismo	ornitologia

2. Faça como no exercício anterior:

monólogo	filantropia	macróbio	pentágono
periscópio	psicologia	epígrafe	datiloscopia
odontologia	megalomania	poliglota	telegrama
arqueologia	helioscópio	hemeroteca	zoonose

3. Reorganize as colunas abaixo de maneira a corresponder os elementos de composição a seus significados. Em seguida, dê exemplos de palavras compostas por estes radicais:

-algia	adoração	-mancia	tratamento
-fobia	adivinhação	-patia	medo, aversão
-latria	doença	-terapia	ciência
-logia	dor		

4. O sufixo **-ite** exprime inflamação. Escreva, pela ordem, os nomes dos órgãos afetados, nas moléstias seguintes:

Exemplo: cistite, **bexiga**.

enterite – estomatite – gastrite – hepatite – nefrite – rinite

5. Estes instrumentos servem para medir o quê?

anemômetro – barômetro – batímetro – hidrômetro – higrômetro – dinamômetro – hodômetro – pluviômetro

6. Reorganize as colunas de forma que a cada palavra corresponda seu antônimo:

alopatia	cacofonia	arcaísmo	xenofilia
homogêneo	homeopatia	macrocéfalo	policultura
eufonia	xerófito	monocultura	neologismo
higrófito	heterogêneo	xenofobia	microcéfalo

7. Escreva os grupos de palavras e em seguida escolha qual das ideias listadas abaixo é aquela expressa por todas as palavras de cada grupo:

a) telescópio – microscópio – endoscopia – radioscopia – autópsia

tocar ler olhar, examinar ouvir

b) antropônimo – homônimo – pseudônimo – topônimo – heterônimo
homem estudo lei nome

c) aristocrata – escravocrata – plutocrata – tecnocrata – autocrata
domínio dinheiro arte glória

8. Escreva a única palavra em que o radical grego tenha o mesmo significado do radical latino *voro* (carn*ívoro*, frug*ívoro*, on*ívoro*, etc.):
neófito cacófato ictiófago xenófobo

9. Qual é o campo de estudos da **bromatologia** e da **farmacologia**?

10. Procure, na relação dos radicais gregos, as palavras que se ajustem às definições seguintes:
a) a parte alta das cidades gregas
b) remédio que suprime a dor
c) fora do tempo, contrário aos usos da época
d) destruidor de imagens ou ídolos
e) pessoa que fala várias línguas
f) provocar o sono artificialmente
g) palavra ou expressão própria de um idioma
h) pessoa que adora um só Deus
i) palavra ou expressão nova
j) aversão aos estrangeiros
k) nome próprio de lugar

11. Copie apenas o significado correto de **psitacismo**:
psicose, doença mental
crença na imortalidade da alma
repetição mecânica de palavras ou frases, sem lhes entender o sentido

12. Em seu caderno, substitua as expressões destacadas por um dos adjetivos equivalentes do quadro:
a) abalo *produzido por terremoto*
b) sentido *verdadeiro (original)* de uma palavra
c) povo *que se governa por suas próprias leis*
d) nação *sem cabeça (sem chefe)*
e) dor *dos nervos*
f) soro *contra veneno de cobra*
g) reação *da alma*
h) frase *que soa mal*
i) nervo *do olho*
j) imagem *do sonho*
k) grupo de pessoas *da mesma raça*
l) estar *sem voz*
m) artifício *para ajudar a memória*

acéfala – cacofônica – etimológico – autônomo – nevrálgica – antiofídico – psíquica – sísmico – afônico – mnemônico – óptico – étnico – onírica

RADICAIS GREGOS
Exercícios de exames e concursos
[Página 664]

RADICAIS LATINOS

Damos aqui uma pequena lista de radicais latinos com as respectivas formações vernáculas, de cunho erudito, isto é, palavras que entraram na língua portuguesa por via literária e científica, a maioria delas entre os séculos XVIII e XX.

ager, **agri**, campo:	agrícola, agricultura
ambi- (de **ambo**, ambos):	ambidestro, ambíguo
ambulo, **ambulare**, andar:	ambulatório, sonâmbulo, perambular
apis, abelha:	apicultura, apicultor
arbor, **arboris**, árvore:	arboricultura, arborizar, arborícola
argentum, **argenti**, prata:	argênteo, argentífero, argentino
bellum, **belli**, guerra:	bélico, belicoso, beligerante
capillus, **capilli**, cabelo:	capilar, capiliforme, capilaridade
caput, **capitis**, cabeça:	capital, decapitar, capitoso
cinis, **cineris**, cinza:	cinéreo, incinerar, incineração
cola-, (de **colo**, **colere**, habitar, cultivar):	arborícola, vitícola
cor, **cordis**, coração:	cordiforme, cordial, Cordisburgo
cuprum, **cupri**, cobre:	cúpreo, cúprico, cuprífero
digitus, **digiti**, dedo:	digital, digitar, digitação
ego, eu:	egocêntrico, egoísmo, ególatra
equi-, (de **aequus**, igual):	equivalente, equinócio, equiângulo
-evo (de **aevum**, tempo, idade):	longevo, longevidade, medievo
-fero (de **fero**, **ferre**, levar, conter):	aurífero, lactífero, carbonífero
fluvius, rio:	fluvial, fluviômetro
frater, **fratris**, irmão:	fraterno, confraternizar, fratricida
frigus, **frigoris**, frio:	frigorífico, frigomóvel
fulmen, **fulminis**, raio:	fulminante, fulminar
genu, joelho:	genuflexão, genuflexório
gero, **gerere**, produzir, ter:	lanígero, alígero
herba, erva:	herbáceo, herbívoro, herbicida
ignis, fogo:	ígneo, ignição, ignífero
lac, **lactis**, leite:	lactífero, lactação, laticínio
lapis, **lapidis**, pedra:	lápide, lapidificar, lapidar
lex, **legis**, lei:	legislativo, legislar, legista
loquor, **loqui**, falar:	locutor, loquaz, ventríloquo
noceo, **nocere**, prejudicar, causar mal:	nocivo, inocente, inócuo
omnis, todo:	onipresente, onisciente, ônibus
oryza, arroz:	orizicultura (ou rizicultura)

os, **oris**, boca:	ósculo, oral, orar, oráculo
pauper, **pauperis**, pobre:	pauperismo, depauperar
pecus, rebanho:	pecuária, pecuarista, pecúnia
petra, pedra:	pétreo, petrificar, petróleo
piscis, peixe:	piscicultura, piscina, piscívoro
pluvia, chuva:	pluvial, pluviômetro
pulvis, **pulveris**, pó:	pulverizar, pulverizador, pulverulento
radix, **radicis**, raiz:	radical, radicar, erradicar
sidus, **sideris**, astro:	sideral, sidéreo, siderar
silva, selva:	silvícola, silvicultura
stella, estrela:	estelar, constelação
sudor, **sudoris**, suor:	sudorífero, sudorese
tellus, **telluris**, terra, solo:	telúrico, telurismo
triticum, **tritici**, trigo:	triticultura, triticultor, tritícola
vinum, **vini**, vinho:	vinicultura, vinícola
vitis, videira:	viticultura, viticultor, vitícola
volo, **velle**, querer, desejar:	benévolo, malévolo
volo, **volare**, voar:	volátil, noctívolo
vox, **vocis**, voz:	vocal, vociferar

EXERCÍCIOS LISTA 13

1. Dê exemplos de palavras que tenham os seguintes radicais latinos:

argentum, prata	**genu**, joelho
capillus, cabelo	**arbor**, **arboris**, árvore
ignis, fogo	**fulmen**, **fulminis**, raio
lac, **lactis**, leite	**capra**, cabra
herba, erva	**os**, **oris**, boca
pecus, gado	**cinis**, **cineris**, cinza
pluvia, chuva	**pauper**, pobre
fluvius, rio	**pulvis**, **pulveris**, pó
stella, estrela	**volare**, voar
silva, selva	**nocere**, fazer mal, prejudicar

2. Copie somente a definição correta de animal **arborícola**:

é o animal que come ervas

é o animal que vive sobre árvores

é o animal que habita a mata

3. Em seu caderno, reorganize as duas colunas, associando as palavras aos respectivos radicais latinos:

caput, **capitis**, cabeça	piscicultura, pisciforme
lex, **legis**, lei	bélico, beligerante, belicoso

bellum, **belli**, guerra	capital, capitoso
piscis, peixe	lápide, lapidação
lapis, **lapidis**, pedra	legislador, legislar

4. Substitua os asteriscos nas frases, seguindo o exemplo:

Agricultura é o cultivo dos campos, da terra.

a) **** é a cultura do trigo.
b) **** é a cultura do arroz.
c) **** é a criação de abelhas.
d) **** é a criação de peixes.
e) **** é a cultura de videiras.

5. Escreva as expressões, substituindo os asteriscos adequadamente por verbos derivados dos radicais entre parênteses:

a) **** o lixo (**cinis**, **cineris**)
b) **** um mal (**radix**, **radicis**)
c) **** os grãos de café (**pulvis**, **pulveris**)
d) **** ameaças (**vox**, **vocis**, voz)

6. Escreva as frases, substituindo os asteriscos adequadamente pelos adjetivos do quadro abaixo:

egocêntrico – onisciente – lanígero – fluvial – capilares – cordiforme

a) A seiva das plantas chega às folhas pelos vasos ****.
b) Só Deus é todo-poderoso e ****.
c) Presenteou a noiva com uma medalha de ouro ****.
d) O gado ****, além da carne, nos dá a lã.
e) Ele se considera o centro do universo: é um ****.
f) É preciso incentivar a navegação ****.

7. Escreva as sequências, sublinhando as duas ideias básicas expressas pelos radicais dos vocábulos:

a) **lacticínio** ou **laticínio** (leite/comércio – látex/colheita – leite/indústria)
b) **sonâmbulo** (sono/andar – som/correr – som/gravar)
c) **longevidade** (longe/lugar – longe/vida – longa/idade)
d) **aurífero** (ouro/ferro – ouro/conter – ouro/valor)

RADICAIS LATINOS
Exercícios de exames e concursos
[Página 664]

ORIGEM DAS PALAVRAS DA LÍNGUA PORTUGUESA

As palavras que constituem o nosso patrimônio léxico podem ser:

1. de origem latina
2. de formação vernácula
3. de importação estrangeira

A maioria das palavras da língua portuguesa são provenientes do latim vulgar, isto é, o latim falado pelo povo, que os romanos introduziram na Lusitânia, duzentos anos antes de Cristo.

Entre as palavras de origem latina, umas datam do período de formação do idioma, entre os séculos VI e XI, aproximadamente; outras foram introduzidas mais tarde pelos escritores e letrados, sobretudo no período áureo da literatura portuguesa, o século XVI, e mais abundantemente ainda nos séculos seguintes, por via literária e científica. As primeiras, as *formas populares*, foram profundamente alteradas na boca do povo iletrado e rude, ao passo que as outras, as *formas cultas*, ou *eruditas*, incorporaram-se à língua com leves alterações.

Comparem-se, como exemplo, as formas populares e as correspondentes eruditas abaixo, procedentes da mesma palavra latina:

Formas populares: *cuidar, chave, chama, leal, siso, sarar, teia*

Formas cultas: *cogitar, clave, flama, legal, senso, sanar, tela*

No decorrer dos séculos, vieram sendo criadas no seio da língua, pelo gênio inventivo do povo luso-brasileiro, numerosas palavras que enriqueceram sobremodo o nosso vocabulário. São as chamadas *criações vernáculas*, de que são exemplos os termos seguintes:

coitado, fofoca, jeca, xereta, quicar, fofo, ranzinza, zunzum, zumbir, beija-flor, malmequer, careca, você, girassol, xodó, etc.

As palavras de outros idiomas penetram na língua através das relações entre os povos e graças às influências que as culturas e civilizações exercem umas sobre as outras. Desde os primórdios da língua portuguesa, e mais intensamente na fase da sua expansão pelos continentes e, depois, nos séculos das grandes invenções, numerosos termos estrangeiros, importados e aprovados pelo uso, vieram enriquecer-lhe o patrimônio léxico.

Assim é que encontramos, no vocabulário português, palavras oriundas:

- **do grego:**

umas por influência do cristianismo e do latim literário, como *anjo, apóstolo, bíblia, teatro, clímax*; outras, criadas pelos sábios e cientistas, como *nostalgia, telefone, microscópio*, etc.

- **do hebraico**:

  veiculadas pela Sagrada Escritura: aleluia, Páscoa, sábado, Jesus, Maria, etc.

- **do alemão**:

  guerra, norte, sul, realengo, Ricardo, interlândia, etc.

- **do árabe**:

  algodão, alfaiate, azeite, algema, oxalá, Alá, nácar, muçulmano, etc.

- **do francês**:

  elite, greve, avenida, detalhe, pose, toalete, tricô, guichê, etc.

- **do inglês**:

  bife, clube, esporte, futebol, jóquei, náilon, tênis, vagão, xampu, etc.

- **do italiano**:

  maestro, piano, soneto, pastel, lasanha, salsicha, etc.

- **do espanhol**:

  castanhola, cavalheiro, caudilho, ninharia, maçanilha, ojeriza, etc.

- **do russo**:

  rublo, mujique, esputinique, vodca, soviete, etc.

- **do chinês**:

  chá, chávena, nanquim, pequinês, etc.

- **do japonês**:

  biombo, judô, micado, quimono, nissei, samurai, gueixa, etc.

- **do turco**:

  algoz, horda, iatagã, lacaio, etc.

- **do tupi**:

  tatu, araponga, saci, pitanga, Iracema, Itu, Iguaçu, jiboia, pajé, etc.

- **de línguas africanas**:

  macumba, vatapá, maxixe, quilombo, marimbondo, etc.

O inglês e o francês são os idiomas que maior influência exercem, hoje, sobre o português. Pelas páginas dos jornais e das revistas desliza um caudal de anglicismos e galicismos, muitos dos quais desnecessários.

EXERCÍCIOS LISTA 14

1. Copie as palavras abaixo, colocando a letra **P** à frente das formas populares e a letra **E** à frente das eruditas ou cultas:

areia	íntegro
arena	inteiro
auscultar	lacuna
escutar	laguna
coalhar	macho
coagular	másculo
chama	mancha
flama	mácula
cálido	sigilo
caldo	selo

2. Escreva as sequências de palavras, numerando-as de acordo com a língua de proveniência:

futebol – clube – jipe – uísque
algodão – alfaiate – algema – oxalá
via – peixe – chave – lágrima – ônibus
detalhe – buquê – abajur – crochê
tatu – jiboia – Iguaçu – graúna
bíblia – anjo – trauma – teatro

(1) latim
(2) grego
(3) inglês
(4) árabe
(5) francês
(6) tupi

CLASSIFICAÇÃO E FLEXÃO DAS PALAVRAS

Na língua portuguesa há dez classes de palavras ou **classes gramaticais**:

1. Substantivo
2. Artigo
3. Adjetivo
4. Numeral
5. Pronome
6. Verbo
7. Advérbio
8. Preposição
9. Conjunção
10. Interjeição

As seis primeiras classes são *variáveis*, isto é, flexionam-se, sofrem alterações na forma. As quatro outras são *invariáveis*.

Observações:

- ✔ A mesma palavra pode pertencer a mais de uma classe. Exemplos:
  O céu é *azul* (*azul*, adjetivo). O *azul* triste de seus olhos fascinava-me (*azul*, substantivo). Abel era um *caipira* corajoso (*caipira*, substantivo). Assisti a uma festa *caipira* (*caipira*, adjetivo).
- ✔ Alguns advérbios admitem, na linguagem afetiva, as flexões de grau: cedo, *cedinho*; agora, *agorinha*; muito, *muitíssimo*.
- ✔ Não poucos substantivos e pronomes e a maioria dos numerais são invariáveis: *pires*, *isto*, *alguém*, *dez*, etc.

O substantivo e o verbo destacam-se como as duas mais importantes classes de palavras, porque constituem a base das frases, ou seja, da comunicação. Isso pode ser facilmente percebido no exemplo:

O *capitão*, sorridente e garboso, *montou* no seu *cavalo* branco.

As palavras da mesma classe têm características comuns e, quando ordenadas em frases, cabe, a cada uma, determinada função sintática. Assim, no exemplo acima, o substantivo *capitão* designa um ser, uma pessoa, admite flexões de gênero (*capitã*) e número (*capitães*) e funciona como *sujeito* da oração.

A seguir, estudaremos cada uma das classes gramaticais sob o aspecto morfológico.

SUBSTANTIVO

Consideremos estes exemplos:

Aquele **homem** comprou um **livro** e ganhou uma **flor**.

Na **praia**, a **alegria** era geral.

As palavras destacadas são *substantivos*.

1 SUBSTANTIVOS

Substantivos são palavras que designam os seres.

Os substantivos exercem na frase diversas funções sintáticas: sujeito, objeto direto, objeto indireto, etc.

Dividem-se os substantivos em:

- **Comuns**

Os que designam seres da mesma espécie:

menino, galo, palmeira (há muitos meninos, muitos galos, muitas palmeiras).

- **Próprios**

Os que se aplicam a um ser em particular:

Deus, Brasil, Roma, São Paulo, Gonçalves Dias, Tiradentes, Minerva.

Observação:

✔ Certos substantivos próprios podem tornar-se comuns: um *judas* (traidor), um *esculápio* (médico), um *ícaro* (aviador), um *havana* (charuto), um *panamá* (chapéu), etc.

- **Concretos**

Os que designam seres de existência real ou que a imaginação apresenta como tais:

avô, mulher, pedra, leão, alma, fada, lobisomem.

- **Abstratos**

Os que designam qualidades, sentimentos, ações ou estados dos seres, dos quais se podem abstrair (= separar) e sem os quais não podem existir:

beleza, coragem, brancura, rapidez (*qualidades*);
amor, saudade, alegria, dor, fome, frio (*sentimentos, sensações*);
viagem, estudo, doação, esforço, fuga, afronta (*ações*);
vida, morte, cegueira, doença (*estados*);

Observação:

✔ Substantivos abstratos podem ser concretizados. Assim: a *caça* (= ato de caçar): **abstrato**; a *caça* (= animal caçado): **concreto**. Ó *mocidade* (= moços), a *Pátria* (= o país) vos concita ao trabalho.

- **Simples**

Os que são formados de um só radical:
chuva, pão, lobo.

- **Compostos**

Os que são formados por mais de um radical:
guarda-chuva, passatempo, beija-flor.

- **Primitivos**

Os que não derivam de outra palavra da língua portuguesa:
pedra, ferro, dente, trovão.

- **Derivados**

Os que derivam de outra palavra:
pedreira, ferreiro, dentista, trovoada.

- **Coletivos**

Os que exprimem um conjunto de seres da mesma espécie:
exército, rebanho, constelação.

2 SUBSTANTIVOS COLETIVOS

Eis os principais substantivos coletivos:

acervo – de coisas amontoadas, bens patrimoniais, obras de arte
álbum – de fotografias, selos
alcateia – de lobos, feras
antologia – de textos seletos
arboreto – de árvores cultivadas
armada – de navios de guerra
arquipélago – de ilhas
assembleia – de parlamentares, membros de associações

atilho – de espigas
atlas – de mapas reunidos em livro
bagagem – objetos de viagem
baixela – utensílios de mesa
banca – de examinadores
bando – de aves, crianças, etc.
batalhão – de soldados
biblioteca – de livros
boiada – de bois
cacho – de uvas, bananas, cabelos
cáfila – de camelos, de patifes
cainçalha – de cães
cambada – de vadios, malvados, objetos enfiados, chaves
cancioneiro – de canções
canzoada – de cães
caravana – de viajantes, peregrinos, excursionistas
cardume – de peixes, piranhas
cartuchame – de cartuchos
casaria, **casario** – de casas
caterva – de animais, desordeiros, vadios
choldra – de malfeitores, canalhas, pessoas ordinárias
chorrilho – de coisas ou pessoas semelhantes, de asneiras
chusma – de criados, populares
clientela – de clientes de advogados, médicos, etc.
código – de leis
colmeia – de cortiços de abelhas
conciliábulo – de conspiradores em assembleia secreta
concílio – de bispos em assembleia
conclave – de cardeais, de cientistas em assembleia
confraria – de pessoas religiosas
congregação – de religiosos, de professores
constelação – de estrelas
cordoalha, **cordame** – de cordas, de cabos de um navio
corja – de velhacos, vadios, canalhas, malfeitores
década – período de dez anos
discoteca – de discos
elenco – de atores, artistas
enxame – de abelhas, insetos
enxoval – de roupas e adornos
fato – de cabras
fauna – os animais de uma região
feixe – de espigas, varas, canas, etc.
filmoteca – de filmes
flora – as plantas de uma região
fornada – de pães, tijolos, etc.
frota – de navios, ônibus

galeria – de quadros, estátuas
girândola – de foguetes, fogos de artifício
grei – de gado miúdo, paroquianos, políticos
hemeroteca – de jornais, revistas
horda – de invasores, salteadores
hoste – de inimigos, soldados
irmandade – de membros de associações religiosas e beneficentes
junta – de dois bois, de médicos (junta médica)
júri – de jurados (membros do tribunal do júri)
legião – de soldados, anjos, demônios
leva – de recrutas, prisioneiros
malta – de ladrões, desordeiros, bandidos, capoeiras
mapoteca – de mapas
milênio – período de mil anos
manada – de bois, porcos, etc.
maquinaria – de máquinas
matilha – de cães de caça
molho (ó) – de chaves, capim, etc.
miríade – infinidade de estrelas, insetos, etc.
nuvem – de gafanhotos, mosquitos, etc.
panapaná – de borboletas em bando migratório
penca – de frutos
pente – de balas de armas automáticas
pinacoteca – de quadros, telas
piquete – de soldados montados, grevistas
plateia – de espectadores, de ouvintes
plêiade – de pessoas notáveis, de sábios
pomar – de árvores frutíferas
prole – os filhos de um casal
quadrilha – de ladrões, assaltantes
raizame – conjunto de raízes de uma árvore
ramalhete – de flores
rancho – de pessoas em passeio ou jornada, de romeiros
rebanho – de bois, ovelhas, carneiros, cabras, gado, reses
récua – de cavalgaduras
renque – de árvores, pessoas ou coisas enfileiradas
repertório – de peças teatrais ou músicas interpretadas por artistas
resma – quinhentas folhas de papel
réstia – de alhos, cebolas
revoada – de aves voando
ronda – de sentinelas, de guardas
ror – grande quantidade de coisas
século – período de cem anos
súcia – de velhacos, patifes, malandros
tertúlia – de amigos, intelectuais, em reunião
tríade – conjunto de três pessoas ou de três coisas

tríduo – período de três dias
triênio – período de três anos
tropilha – de cavalos
turma – de trabalhadores, alunos
vara – de porcos
videoteca – de videocassetes
xiloteca – de amostras de espécies de madeiras (para estudos e pesquisas florestais)

Aos coletivos indeterminados acrescenta-se, em regra, o nome dos seres a que se referem. Assim, dizemos:

Um ***bando*** *de crianças.* Um ***bando*** *de aves.*

Um ***renque*** *de palmeiras.* Um ***renque*** *de colunas.*

"Ei-lo a passar como triunfador do futuro entre ***renques*** *de caras boçais.*" (ANÍBAL MACHADO)

3 PALAVRAS SUBSTANTIVADAS

Palavras de outras classes gramaticais podem ser substantivadas. Para isso, antepõe-se-lhes o artigo:

"*O morrer* pertence a Deus." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

Até hoje a polícia não sabe *o porquê* do sequestro – se vingança ou extorsão.

"Não deixo *o certo* pelo *duvidoso.*" (GRACILIANO RAMOS)

EXERCÍCIOS LISTA 15

1. Copie o trecho abaixo em seu caderno e passe um traço sob os substantivos concretos e dois sob os abstratos:

"Os índios foram muitas vezes considerados cruéis guerreiros, e as suas atitudes não raro causam pânico e revolta. O seu conhecimento mais profundo, entretanto, revela o heroísmo de um povo que, de arcos e flechas, se opõe tenazmente às máquinas que invadem seu território." (Apoena Meireles, *apud* Edilson Martins, *Nossos Índios, Nossos Mortos,* p. 14)

2. Dê os substantivos abstratos correspondentes:

Exemplo: garimpeiro – **garimpagem**

tirano – rei – mendigo – catequista – viúvo – infrator – sacerdote – herege

3. Escreva as frases, sublinhando as palavras que funcionam acidentalmente como substantivos:

a) A estrada rasgava o verde bruto da paisagem.

b) Nas *palavras* amáveis de Venâncio percebi um quê de falsidade.

c) Súbito, ouvimos um leve ruflar de asas.

4. Forme substantivos compostos com as palavras seguintes, combinando-as corretamente:

água – vira – papel – ardente – rã – prima – volta – pé – alta – moeda – obra – relevo – busca – baixo – perna – homem

5. Substitua os asteriscos pelos coletivos do quadro nas frases seguintes:

miríade – matilha – hordas – século – tropilha – alcateia – caravana – baixela – tríade
renques – legião – elenco

a) A *** foi atacada por uma *** de lobos famintos.
b) No *** V, a Europa foi invadida por *** de bárbaros.
c) Entre os *** de árvores floridas revoavam *** de insetos zumbidores.
d) A égua-madrinha guia a *** pelos descampados.
e) A *** era de fino lavor.
f) Na *** do Egito, Osíris é o pai, Ísis é a mãe e Hórus, o filho.
g) Os caçadores açulavam a *** contra a onça.
h) O filme promete ser bom: no *** só há artistas famosos.
i) "A noite no espaço vinha a negra *** das sombras espargindo." (OLAVO BILAC)

6. Com o auxílio de sufixos adequados, derive coletivos dos substantivos seguintes:

Exemplo: árvores – **arvoredo**

árvore – canas – bois – vinhas – cafeeiros – cabelos – cães – coqueiros – ramos – teclas – hinos – tripulantes – parentes – cordas – vasilhas – criados – mulheres – jabuticabeiras – carnaúbas

7. Escreva frases empregando substantivos abstratos que correspondam às palavras destacadas. Oriente-se pelo exemplo:

O menino, **feliz**, corria pelos campos.
A **felicidade** do menino contagiava a todos.

a) O **pobre** homem emocionou a todos.
b) **Recordar** a cena me trazia lágrimas aos olhos.
c) **Atualizar** os conhecimentos é uma exigência dos dias de hoje.
d) **Conceder** privilégios parece ser uma característica desse governo.
e) **Matar** os pobres filhotes é crime que não tem perdão.

4 FLEXÃO DOS SUBSTANTIVOS: GÊNERO

Os substantivos flexionam-se para indicar o gênero, o número e o grau.

Gênero é a propriedade que as palavras têm de indicar o sexo real ou fictício dos seres.

Na língua portuguesa são dois os gêneros: o *masculino* e o *feminino*. Certas línguas, como o latim, o grego, o inglês, possuem um terceiro gênero: o *neutro*.

Para os nomes dos seres vivos, o gênero, em geral, corresponde ao sexo do indivíduo. O mesmo, porém, não acontece com os nomes dos seres inanimados, em que o gênero é puramente convencional.

São masculinos os substantivos a que antepomos os artigos *o*, *os*, e femininos aqueles a que antepomos os artigos *a*, *as*.

5 FORMAÇÃO DO FEMININO

Diversos são os processos de formação do feminino. Sem levar em conta alguns casos especiais, podemos afirmar que o feminino se realiza, mais frequentemente, de três modos diferentes:

- flexionando-se o substantivo masculino:
  filho, *filha* – mestre, *mestra* – leão, *leoa* – folião, *foliona*, etc.
- acrescentando-se ao masculino a desinência -*a* ou um sufixo feminino:
  autor, *autora* – deus, *deusa* – cônsul, *consulesa*, etc.
- utilizando-se uma palavra feminina com radical diferente:
  pai, *mãe* – homem, *mulher* – boi, *vaca*, etc.

Observe como se formam os femininos da relação seguinte:

Masculino	Feminino
menino	*menina*
elefante	*elefanta*
parente	*parenta, parente*
presidente	*presidenta, presidente*
mestre	*mestra*
gigante	*giganta*
oficial	*oficiala*
aviador	*aviadora*
senhor	*senhora*
cantor	*cantora*
senador	*senadora*
prior	*priora, prioresa*
doutor	*doutora*
peru	*perua*
avô	*avó*
irmão	*irmã*
cidadão	*cidadã*
aldeão	*aldeã*
anão	*anã*
ancião	*anciã*
guardião	*guardiã*
pagão	*pagã*
charlatão	*charlatã*

Masculino	Feminino
hóspede	*hóspeda, hóspede*
infante	*infanta*
monge	*monja*
comilão	*comilona*
valentão	*valentona*
solteirão	*solteirona*
sultão	*sultana*
galo	*galinha*
arrumador	*arrumadeira*
ator	*atriz*
imperador	*imperatriz*
embaixador	*embaixatriz, embaixadora*
vindicador	*vindicatriz*
juiz	*juíza*
deus	*deusa, deia*
poeta	*poetisa*
sacerdote	*sacerdotisa*
profeta	*profetisa*
papa	*papisa*
píton	*pitonisa*
príncipe	*princesa*
barão	*baronesa*
duque	*duquesa*

Masculino	Feminino
escrivão	*escrivã*
alemão	*alemã*
campeão	*campeã*
capitão	*capitã*
anfitrião	*anfitriã, anfitrioa*
tecelão	*tecelã, teceloa*
ermitão	*ermitã, ermitoa*
leão	*leoa*
patrão	*patroa*
leitão	*leitoa*
faisão	*faisoa*
pavão	*pavoa*
hortelão	*horteloa*
beirão	*beiroa*
tabaréu	*tabaroa*
ilhéu	*ilhoa*
melro	*mélroa*
parvo	*párvoa, parva*
sabichão	*sabichona*
mocetão	*mocetona*
beberrão	*beberrona*
glutão	*glutona*
folião	*foliona*
frei	*sóror, soror*
raja	*rani*
padre	*madre*
compadre	*comadre*
padrasto	*madrasta*
macho	*fêmea*
patriarca	*matriarca*
pai	*mãe*
marido	*mulher*
padrinho	*madrinha*

Masculino	Feminino
cônsul	*consulesa*
freguês	*freguesa*
camponês	*camponesa*
marquês	*marquesa*
abade	*abadessa*
conde	*condessa*
czar	*czarina*
felá	*felaína*
rei	*rainha*
mu, mulo	*mula*
ladrão	*ladra*
perdigão	*perdiz*
cão	*cadela*
ateu	*ateia*
pigmeu	*pigmeia*
plebeu	*plebeia*
hebreu	*hebreia*
réu	*ré*
judeu	*judia*
sandeu	*sandia*
tigre	*tigresa*
cerzidor	*cerzideira*
frade	*freira*
genro	*nora*
dom	*dona*
cavaleiro	*amazona*
cavalheiro	*dama*
varão[1]	*matrona*
zangão	*abelha*
bode	*cabra*
cavalo	*égua*
carneiro	*ovelha*
touro, boi	*vaca*

(1) "O venerável padre Anchieta era *varão* santo." (CARLOS DE LAET)

Observação:

✔ Nos casos como *pai/mãe, boi/vaca, bode/cabra*, etc., o feminino se realiza não pela flexão do masculino, mas por heteronímia, isto é, por meio de outra palavra, de radical diferente.

6 SUBSTANTIVOS UNIFORMES EM GÊNERO

Há um tipo de substantivos – denominativos de pessoas e animais – refratários à flexão de gênero. Uns (os *epicenos* e *sobrecomuns*) só têm um gênero; outros, pelo contrário, têm os dois gêneros e chamam-se, por isso, *comuns de dois gêneros*.

▪ epicenos

Designam certos animais e têm um só gênero, quer se refiram ao macho ou à fêmea. Exemplos:

o *jacaré* (macho ou fêmea)

a *cobra* (macho ou fêmea)

Quando se quer indicar precisamente o sexo, usam-se as palavras *macho* ou *fêmea*. Exemplos:

a onça *macho* (ou *macha*)	o *macho* da cobra	o peixe *macho*
a onça *fêmea*	a *fêmea* da cobra	o peixe *fêmea*

"Capivara *macha* tem um calo no nariz." (GODOFREDO RANGEL)

"A cascavel *macho* é de corpo mais grosso que a fêmea." (RENATO INÁCIO DA SILVA)

▪ sobrecomuns

Designam pessoas e têm um só gênero, quer se refiram a homem ou a mulher. Exemplos:

a *criança* (menino ou menina)

a *testemunha* (homem ou mulher)

o *neném* ou *nenen* (menino ou menina)

o *cônjuge* (marido ou mulher)

o *guia* (homem ou mulher)

um *monstro* (sentido figurado: homem ou mulher)

▪ Comuns de dois gêneros

Sob uma só forma, designam os indivíduos dos dois sexos. São masculinos ou femininos.

São masculinos quando referentes a homens, e femininos se designam mulheres. Distinguimos-lhes o gênero pelo artigo ou adjetivo que os acompanham. Exemplos:

o colega	→	*a colega*	o consorte	→	*a consorte*
o intérprete	→	*a intérprete*	o médium	→	*a médium*
o mártir	→	*a mártir*	o motorista	→	*a motorista*
o cliente	→	*a cliente*	um estudante	→	*uma estudante*
o fã	→	*a fã*	artista famoso	→	*artista famosa*
o soprano	→	*a soprano*	repórter francês	→	*repórter francesa*

O substantivo *poeta* só se aplica a homem. Não é comum de dois gêneros.

No feminino se diz *poetisa* e não *poeta*: "A *poetisa* traz-nos o seu primeiro livro, porém não o entrega logo." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE).

7 SUBSTANTIVOS DE GÊNERO INCERTO

Há numerosos substantivos de gênero incerto e flutuante, sendo usados pelos escritores, com a mesma significação, ora como masculinos, ora como femininos.

Consignamos aqui alguns deles com o gênero que nos parece preferível:

a abusão – erro comum, superstição, crendice
a acne – doença da pele, espinha
a *aluvião* – sedimentos deixados pelas águas, inundação; grande número:
"... uma *aluvião* torrentuosa de hérulos." (CAMILO CASTELO BRANCO)
a cólera ou *a cólera-morbo* – doença infecciosa
a personagem – pessoa importante, pessoa que figura numa história
a trama – intriga, conluio, maquinação, cilada
a íbis – ave pernalta
a laringe – conduto musculocartilaginoso em que estão as cordas vocais
a xerox (ou xérox) – cópia xerográfica, xerocópia
o ágape – refeição que os primitivos cristãos faziam em comum; banquete de confraternização
o caudal – torrente, rio
o diabetes ou *diabete* – doença (*diabetes sacarino*: acúmulo de açúcares no sangue)
o jângal – floresta do sul da Ásia, mata virgem (a lei do *jângal*)
o lhama – mamífero ruminante da família dos Camelídeos
o ordenança – soldado às ordens de um oficial
o praça – soldado raso
o preá – pequeno roedor
o sabiá – ave da família dos Turdídeos

Observações:

✔ A palavra *personagem* é usada indistintamente nos dois gêneros. Entre os escritores modernos nota-se acentuada preferência pelo masculino. Exemplos:

"... *um personagem* trágico..." (ARIANO SUASSUNA)

"O menino descobria nas nuvens *os personagens* dos contos da carochinha." (VIVALDO COARACI)

"Não sabia que viajava como *algum personagem* importante." (ANÍBAL MACHADO)

Com referência a mulheres, deve-se preferir o feminino:

Iracema é *a personagem* principal de um dos romances de José de Alencar.

"O problema está nas mulheres de mais idade, que não aceitam *a personagem*." (RICARDO RAMOS)

"Não cheguei assim, nem era minha intenção, a criar *uma personagem*." (RUBEM BRAGA)

✔ *Ordenança*, *praça* (soldado) e *sentinela* (soldado, atalaia) são sentidos e usados, na língua atual, como masculinos, por se referirem, ordinariamente, a homens. Cp. *O guarda, o vigia*.

"Onde está Franz Post? – grita Nassau para *o seu ordenança*." (ASSIS BRASIL)

✔ Diz-se: *o* (ou *a*) *manequim* Simone; *o* (ou *a*) modelo fotográfico Rosângela Belmonte.

✔ Pela sua origem, *sósia* é substantivo masculino. Alguns dicionaristas modernos, porém, o incluem entre os comuns de dois gêneros. Segundo eles, portanto, é correto dizer: Essa atriz tem *uma* sósia que a representa muito bem. A televisão mostrou *a sósia* de Marilyn Monroe.

✔ *Cólera* ou *cólera-morbo*, pela sua origem, é substantivo feminino, e é nesse gênero que deve ser usado em português. Exemplos: "*A cólera-morbo* dizimava a população". (MÁRIO BARRETO) "Vibrião *da cólera* chega à Zona Sul." (*JORNAL DO BRASIL*, 1º/4/1993)

"No longo cerco do Porto, entre os flagelos *da cólera* e da fome,... essa querida imagem não o abandonara nunca." (ALMEIDA GARRETT)

"Com a rapidez *da cólera* ou da peste corre por todos os ângulos de Portugal uma coisa hedionda e torpe." (ALEXANDRE HERCULANO)

Note-se o gênero dos substantivos seguintes:

Masculinos

o tapa	o clã
o eclipse	o hosana
o lança-perfume	o herpes
o dó (*pena*)	o espécime
o sanduíche	o suéter
o clarinete	o guaraná
o champanha	o alude (*avalancha*)
o mármore	o pernoite
o maracajá	o púbis
o tegme (ou *tégmen*)	o gengibre
o formicida	o magazine

Femininos

a dinamite	a pane
a áspide	a mascote
a derme	a gênese
a hélice	a entorse
a alcíone	a libido
a filoxera	a cal
a clâmide	a faringe
a omoplata	a cólera (*doença*)
a cataplasma	a ubá (*canoa*)

São geralmente masculinos os substantivos de origem grega terminados em *-ma*:

o grama (*peso*)	o epigrama	o apotegma	o anátema
o quilograma	o telefonema	o trema	o estigma
o plasma	o estratagema	o eczema	o axioma
o apostema	o dilema	o edema	o tracoma
o diagrama	o teorema	o magma	o hematoma
o aneurisma	o emblema	o fonema	o glaucoma

"Mas atenção, mulheres, a este aviso: a moda exige *um grama* de juízo." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE, *Jornal do Brasil*, 28/10/1972)

Exceções: a cataplasma, a celeuma, a fleuma, etc.

8 GÊNERO DOS NOMES DE CIDADES

Salvo raras exceções, nomes de cidades são femininos:

a histórica *Ouro Preto*; a dinâmica *São Paulo*; a acolhedora *Porto Alegre*; uma *Londres* imensa e triste.

"Estes crepúsculos sublimes criam *outra Belo Horizonte*." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

Exceções: o Rio de Janeiro, o Cairo, o Porto, o Havre (França).

9 GÊNERO E SIGNIFICAÇÃO

Muitos substantivos têm uma significação no masculino e outra no feminino. Exemplos:

o cabeça: chefe, líder	→ *a cabeça*: parte do corpo
o cisma: separação religiosa, dissidência, cisão	→ *a cisma*: ato de cismar
o cinza: a cor cinzenta	→ *a cinza*: resíduos de combustão
o capital: dinheiro	→ *a capital*: cidade sede do governo
o coma: perda dos sentidos	→ *a coma*: cabeleira
o coral: pólipo; canto em coro	→ *a coral*: cobra venenosa
o crisma: óleo sagrado	→ *a crisma*: sacramento da confirmação
o cura: pároco, vigário	→ *a cura*: ato de curar
o estepe: pneu sobressalente	→ *a estepe*: vasta planície de vegetação herbácea
o guia: pessoa que guia outros	→ *a guia*: documento para efetuar pagamentos
o grama: unidade de peso	→ *a grama*: relva
o caixa: funcionário da caixa	→ *a caixa*: recipiente; setor de pagamentos
o lente: professor universitário	→ *a lente*: vidro de aumento
o moral: ânimo [1]	→ *a moral*: honestidade, bons costumes
o nascente: lado onde nasce o Sol	→ *a nascente*: fonte
o rádio: aparelho receptor de sinais de radiofonia	→ *a rádio*: estação emissora de radiofonia

EXERCÍCIOS — LISTA 16

1. Dê o feminino dos substantivos seguintes:

campeão – profeta – guardião – ator – marquês – freguês – juiz – anfitrião – visconde – varão – espião – ladrão – hebreu – barão – réu

(1) "Autorizados filósofos e cristãos disseram que o vestido atua imperiosamente sobre o *moral* do indivíduo." (CAMILO CASTELO BRANCO)

2. Em seu caderno, reorganize as duas colunas, associando-as de acordo com o processo de formação do feminino:

flexão do substantivo masculino	cônsul, consulesa
acréscimo da desinência **-a** ao masculino	gato, gata
acréscimo de um sufixo feminino ao masculino	cavalo, égua
heteronímia	cantor, cantora

3. Determine o gênero dos substantivos seguintes, antepondo-lhes os artigos **o** ou **a**:

ágape – fleuma – cal – champanha(e) – derme – dó – eclipse – dinamite – fênix – filoxera – aneurisma – herpes – grama (peso) – axioma – guaraná – fel – coral (cobra) – clã – tapa – espécime – telefonema – trama – estigma – primata

4. Substitua os asteriscos pelo feminino dos substantivos entre parênteses:

a) O príncipe casou com uma ***. (plebeu)

b) A *** visitou as escolas. (conde)

c) Ela foi uma *** incorrupta. (cidadão)

d) A *** tinha amigos na corte. (duque)

e) A mãe de João viajou com a ***. (genro)

f) Nos campos, as *** colhiam cereais. (felá)

g) A *** Cecília Meireles nasceu no Rio. (poeta)

5. Classifique os substantivos abaixo de acordo com a classificação genérica constante do quadro:

epicenos – sobrecomuns – comuns de dois gêneros – biformes (variáveis)

ciclista – cidadão – cônjuge – peru – vítima – fã – capivara – cúmplice – pavão

6. Copie somente a série em que todas as palavras são femininas:

foliona – deusa – ilha – trema – hematoma – dó

heroína – alemã – cataplasma – edema – gengibre – orbe

gênese – sóror – omoplata – bílis – cútis – rês

7. Os substantivos abaixo têm no masculino significação diferente da do feminino. Dê a significação de cada um deles nos dois gêneros:

nascente – grama – cura – coral – cisma – cinza – cabeça – lente – moral – rádio

8. Substitua o * com o artigo adequado, de acordo com o gênero dos substantivos destacados:

a) Trazia ainda no corpo * **estigma** infamante do escravo.

b) * **pampas** são a arena verde e imensa do cavaleiro gaúcho.

c) * **lança-perfumes** são proibidos nos festejos carnavalescos.

d) O grande líder político presidia * **ágape**.

e) Um broche de ouro segurava ao pescoço * **clâmide** do general ateniense.

f) As dissidências religiosas geram * **cismas**.

g) As chuvas avolumaram rapidamente * enorme **caudal**.

h) A luz da ciência dissipa os erros e * **abusões**.

i) * **aluvião** de populares irrompeu pelo parque adentro.

j) A notícia da derrota abateu * **moral** da população.

k) * **mascote** dos Fuzileiros Navais é um carneiro.

l) * colossal **alude**, despenhando-se da cordilheira andina, arrasou a aldeia.

m) Aumentava cada vez mais * **celeuma** da multidão revoltada.

n) É * **íris** que regula a entrada da luz no olho.

o) "Deus é * **alfa** e o ômega de todas as coisas." (ANTÔNIO HOUAISS)

p) * **cólera** é uma doença infecto-contagiosa.

q) * grande **Porto Alegre** adormecia junto ao Guaíba.

9. Dê o significado do substantivo conforme o gênero. Em seguida, escreva orações que deixem clara a diferença de sentido entre o substantivo masculino e o feminino:

a) a cabeça, o cabeça

b) o rádio, a rádio

c) o grama, a grama

d) o cinza, a cinza

10 FLEXÃO DOS SUBSTANTIVOS: NÚMERO

Em português há dois números gramaticais:

- **Singular**

Indica um ser ou um grupo de seres: *ave, bando*.

- **Plural**

Indica mais de um ser ou grupo de seres: *aves, bandos*.

A característica do plural, em português, é o *s* final.

Os substantivos flexionam-se no plural de diferentes maneiras, conforme a terminação do singular.

- **Substantivos terminados em vogal ou em ditongo oral**

Flexionam-se no plural acrescentando-se *-s* ao singular:

asa, *asas* – regime, *regimes* – táxi, *táxis* – tribo, *tribos* – pá, *pás* – irmã, *irmãs* – pé, *pés* – sapoti, *sapotis* – nó, *nós* – robô, *robôs* – caju, *cajus* – baú, *baús* – pai, *pais* – herói, *heróis* – véu, *véus* – parêntese, *parênteses*

Observações:

✔ Seguem esta regra a palavra *mãe* (plural *mães*) e os substantivos em *-n*: pólen, *polens*, éden, *edens*, íon, *ions*, próton, *protons*, nêutron, *neutrons*, elétron, *eletrons*, líquen, *liquens*, hífen, *hifens*, abdômen, *abdomens* (formas menos usadas que *abdome*, *abdomes*). *Cânon*, porém, faz *cânones*.

✔ O substantivo *avô* tem dois plurais: *avôs* (o avô paterno e o materno) e *avós* (o avô e a avó, ou *os antepassados*).

✔ Pluralizam-se por essa regra os nomes das letras: os *ás*, os *bês*, os *és*, os *agás*, os *is*, os *ós*, os *erres*, os *esses*, etc.: Colocar os pingos nos *is*. "A juriti, pombinha eternamente magoada, é toda *us*." (Monteiro Lobato)

Contudo, também se pode grafar: os *ii*, os *ff*, os *ss*, etc.: "As folhas enchem de *ff* as vogais do vento." (Mário Quintana)

- **Substantivos terminados em *-r* ou *-z***

Forma-se o plural acrescentando-se *-es* ao singular:

colher, *colheres* – cateter, *cateteres* – masseter, *masseteres* – clister, *clisteres* – ureter, *ureteres* – bôer, *bôeres* – dólar, *dólares* – faquir, *faquires* – abajur, *abajures* – clamor, *clamores* – esfíncter, *esfíncteres* – prócer, *próceres* – hambúrguer, *hambúrgueres* – frízer, *frízeres* – cruz, *cruzes* – raiz, *raízes* – noz, *nozes*

Caráter faz *caracteres*; júnior, *juniores*; sênior, *seniores*; sóror, *sorores*, com deslocamento do acento tônico.

- **Substantivos terminados em *-al, -el, -ol, -ul***

Pluralizam-se trocando o *-l* final por *-is*:

pombal, *pombais* – papel, *papéis* – mel, *méis* (ou *meles*) – túnel, *túneis* – anzol, *anzóis* – sol, *sóis* – paul, *pauis* – álcool, *álcoois*

Exceções: mal / *males*, cônsul / *cônsules*, real (antiga moeda portuguesa) / *réis*.

- **Substantivos terminados em *-il***

Flexionam-se no plural de duas maneiras:
a) os oxítonos mudam *-il* em *-is*: funil, *funis*; fuzil, *fuzis*
b) os paroxítonos mudam *-il* em *-eis*: fóssil, *fósseis*; réptil, *répteis*; projétil, *projéteis*.

Observação:

✔ As formas oxítonas *reptil*, *reptis* e *projetil*, *projetis*, embora corretas, são pouco usadas. *Til* tem o plural regular: o *til*, os *tis*.

- **Substantivos terminados em *-m***

Trocam esta letra por *-ns*:

nuvem, *nuvens* – fim, *fins* – som, *sons* – refém, *reféns* – pajem, *pajens* – álbum, *álbuns* – atum, *atuns* – ultimátum, *ultimátuns* – totem, *totens* – item, *itens* – fórum, *fóruns*

▪ Substantivos terminados em *-s*

• Os monossílabos e os oxítonos formam o plural mediante o acréscimo da desinência *-es*:

gás, *gases* – mês, *meses* – rês, *reses* – país, *países* – deus, *deuses* – ás, *ases* – adeus, *adeuses* – obus, *obuses* – português, *portugueses* – freguês, *fregueses* – lilás, *lilases* – avelós, *aveloses* – revés, *reveses*

Exceções:

Cais e *xis* são invariáveis: *os cais, os xis.*

Cós faz *cós* ou *coses.*

• Os paroxítonos e proparoxítonos são invariáveis:

o pires, *os pires* – o atlas, *os atlas* – o oásis, *os oásis* – o ourives, *os ourives* – o alferes, *os alferes* – o bíceps, os *bíceps* – o busílis, *os busílis* – o *miosótis, os miosótis* – a íris, *as íris* – o lótus, *os lótus* – o ônus, *os ônus* – o vírus, *os vírus* – o ônibus, *os ônibus* – o herpes, *os herpes*

▪ Substantivos terminados em *-x*

• Uns são invariáveis (vai entre parênteses o valor fonético do *x*):

o tórax (cs), os *tórax* – o pneumotórax (cs), os *pneumotórax* – o ônix (cs), os *ônix* – a fênix (s), as *fênix* – uma xerox (cs), duas *xerox* – um fax (cs), dois *fax*

• Outros (fora de uso) têm o mesmo plural que suas variantes em *-ice* (atualmente as únicas em vigor):

apêndix (cs)	ou	apêndice, apêndices
cálix (cs)	ou	cálice, *cálices*
códex (ccs)	ou	códice, *códices*
córtex (s)	ou	córtice, *córtices*
índex (cs)	ou	índice, *índices*

▪ Substantivos terminados em *-ão*

• Uns formam o plural com o acréscimo de *-s*:

mão, *mãos* – irmão, *irmãos* – cidadão, *cidadãos* – cortesão, *cortesãos* – ancião, *anciãos* – grão, *grãos* – pagão, *pagãos* – desvão, *desvãos* – corrimão, *corrimãos* – temporão, *temporãos* – afegão, *afegãos*, e todos os paroxítonos: órgão, *órgãos* – bênção, *bênçãos* – órfão, *órfãos* – sótão, *sótãos* – gólfão, *gólfãos* – acórdão, *acórdãos*

• Outros, mais numerosos, mudam *-ão* em *-ões*:

limão, *limões* – botão, *botões* – anão, *anões* – vulcão, *vulcões* – espião, *espiões* – aldeão, *aldeões* – balão, *balões* – mamão, *mamões* – melão, *melões* – caixão, *caixões* – tecelão, *tecelões* – falcão, *falcões* – cirurgião, *cirurgiões* – zangão, *zangões* [1]

• Outros, enfim, trocam *-ão* por *-ães:*

pão, *pães* – cão, *cães* – capitão, *capitães* – charlatão, *charlatães* – escrivão, *escrivães* – alemão, *alemães* – sacristão, *sacristães* – tabelião, *tabeliães* – guardião, *guardiães* – capelão, *capelães*

---

(1) "Os povos, como as abelhas, trabalham para si e para os seus zangões." (MARQUÊS DE MARICÁ)

Observação:

✔ *Artesão* (artífice) ➔ artesãos; *artesão* (adorno arquitetônico) ➔ *artesões*.

Vários substantivos em *-ão* ainda não encontraram uma forma definitiva para o plural, se bem que a flexão *-ões*, por ser mais eufônica, se venha impondo vitoriosamente. Eis alguns exemplos:

aldeão	aldeões	aldeãos	–
castelão	castelões	castelãos	–
deão	deões	deãos	–
ermitão	ermitões	ermitãos	ermitães
faisão	faisões	–	faisães
hortelão	hortelões	hortelãos	–
sultão	sultões	sultãos	sultães
verão	verões	verãos	–
vilão	vilões	vilãos	–
refrão	–	refrãos	refrães

11 PLURAL DOS SUBSTANTIVOS COMPOSTOS

Formam o plural de acordo com as seguintes normas:

- Pluralizam-se os dois elementos, unidos por hífen, quando ocorre:

a) substantivo + substantivo:

cirurgião-dentista, *cirurgiões-dentistas*
abelha-mestra, *abelhas-mestras*
tenente-coronel, *tenentes-coronéis*
tia-avó, *tias-avós*
redator-chefe, *redatores-chefes*
decreto-lei, *decretos-leis*

Obs.: Ressalve-se o caso de substantivos compostos intercalados por preposição, como será exposto a seguir.

b) substantivo + adjetivo:

amor-perfeito, *amores-perfeitos*
capitão-mor, *capitães-mores*
cajá-mirim, *cajás-mirins*
carro-forte, *carros-fortes*
cachorro-quente, *cachorros-quentes*
guarda-civil, *guardas-civis*
guarda-noturno, *guardas-noturnos*
obra-prima, *obras-primas*
sabiá-piranga, *sabiás-pirangas*

c) adjetivo + substantivo:

boa-vida, *boas-vidas*

curta-metragem, *curtas-metragens*

curto-circuito, *curtos-circuitos*

má-língua, *más-línguas*

livre-pensador, *livres-pensadores*

d) numeral + substantivo:

segunda-feira, *segundas-feiras* quinta-feira, *quintas-feiras*

terça-feira, *terças-feiras* sexta-feira, *sextas-feiras*

Exceções: os *grão-mestres*, as *grã-cruzes*, os *grã-finos*, os *terra-novas*, os *claro-escuros* (ou *claros-escuros*), os *nova-iorquinos*, os *nova-trentinos*, os *são-bernardos*, os *são-paulinos*, os *são-joanenses*, os *cavalos-vapor*.

- Varia apenas o segundo (ou o último) elemento, quando houver:

a) elementos unidos sem hífen:

os *pontapés*, os *girassóis*, os *vaivéns*, as *autopeças*, os *malmequeres*.

b) verbo + substantivo:

os guarda-*roupas*, os guarda-*louças*, os beija-*flores*.

c) elemento invariável + palavra variável:

as sempre-*vivas*, as ave-*marias*, os vice-*reis*, os alto-*falantes*,

os abaixo-*assinados*, os recém-*nascidos*.

d) palavras repetidas:

os quero-*queros*, os tico-*ticos*, os reco-*recos*, os ruge-*ruges*, os quebra-*quebras*,

os corre-*corres*.

Observação:

✔ Contrariamente ao que ensinam as gramáticas, preferimos os plurais *ruge-ruges*, *treme-tremes*, *corre-corres*, etc., por serem mais eufônicos. É por eufonia que se explicam os plurais anômalos *padre-nossos*, *terra-novas*, *arco-íris*, *são-joanenses* e outros.

- Varia apenas o primeiro elemento:

a) quando ocorre substantivo + preposição + substantivo:
os *pés* de moleque, os *pães* de ló, as *quedas*-d'água, os *paus*-d'arco,
as *mãos* de obra, os *sinais* da cruz, os *autos* de fé, as *câmaras* de ar,
as *orelhas*-de-pau, as *mulas* sem cabeça.

b) quando o segundo elemento limita ou determina o primeiro, indicando finalidade, tipo, semelhança, funcionando como se fosse um adjetivo:

os *pombos*-correio, as *canetas*-tinteiro, os *navios*-escola, os *peixes*-boi, as *frutas*-pão, os *paus*-brasil, as *cidades*-satélite, os *guardas*-marinha, as *fazendas*-modelo, etc.

Observação:

✔ Não é errado, porém, pluralizar, no caso **b**, os dois elementos e dizer:

pombos-correios, peixes-bois, frutas-pães, homens-rãs, porcos-espinhos, navios-tanques, bananas-maçãs, mangas-rosas, balões-sondas, couves-flores, países-membros, etc.

"*Homens-rãs* buscam corpos no rio Iguaçu." (*Jornal do Brasil*, 22/9/73)

"... ambos já *guardas-marinhas*." (Vivaldo Coaraci)

✔ Os melhores dicionários brasileiros registram as duas formas.

- Os dois elementos ficam invariáveis quando houver:
  a) verbo + advérbio:
  os *bota-fora*, os *pisa-mansinho*.
  b) verbo + substantivo plural:
  os *troca-tintas*, os *saca-rolhas*, os *guarda-vidas*.
- Casos especiais:

o louva-a-deus, os *louva-a-deus* – o diz que diz, os *diz que diz* – o bem-te-vi, os *bem-te-vis* – o bem-me-quer, os *bem-me-queres* – o joão-ninguém, os *joões-ninguém* – o fora da lei, os *fora da lei* – o ponto e vírgula, os *ponto e vírgulas* – o sem-terra, os *sem-terra* – o mico-leão-dourado, os *micos-leões-dourados* – o bumba meu boi, os *bumba meu boi* – *o arco-íris, os arco-íris*.

12 PLURAL DAS PALAVRAS SUBSTANTIVADAS

As palavras substantivadas, isto é, palavras de outras classes gramaticais usadas como substantivos, apresentam, no plural, as flexões próprias destes últimos:

Ouviam-se *vivas* e *morras*.

Pese bem os *prós* e os *contras*.

O aluno errou na prova dos *noves*.

Ouça com a mesma serenidade os *sins* e os *nãos*.

Observação:

✔ Numerais substantivados terminados em *-s* ou *-z* não variam no plural.

Exemplo: Nos testes mensais consegui muitos *seis* e alguns *dez*.

13 PLURAL DOS DIMINUTIVOS

Para a formação do plural dos substantivos diminutivos, veja item 21, no final deste capítulo.

14 PLURAL DOS NOMES PRÓPRIOS PERSONATIVOS

Devem-se pluralizar os nomes próprios de pessoa sempre que a terminação se preste à flexão. Exemplos:

"A poesia vulgar, mormente na pátria dos *Junqueiras*, dos *Álvares de Azevedo*, dos *Casimiros de Abreu* e dos *Gonçalves Dias*, é um pecado publicá-la." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"As *Raquéis* e *Esteres*." (MÁRIO BARRETO)

Os *Napoleões* também são derrotados.

"É impossível que os *Monizes* não fugissem de casa assim que principiou o fogo." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Os *Ataídes de Azevedo* são, na verdade, encantadores." (CIRO DOS ANJOS)

Aos nomes estrangeiros acrescenta-se *s*: os *Kennedys*, os *Stalins*, os *Mozarts*, etc.

15 PLURAL DOS SUBSTANTIVOS ESTRANGEIROS

Substantivos ainda não aportuguesados devem ser escritos como na língua original, acrescentando-se-lhes um *s* (exceto quando terminam em *s* ou *z*). Exemplos:

os *shorts*, os *dancings*, os *shows*, os *déficits*, os *superávits*, os *habitats*, os *ex-libris*, os *jazz*, os *pit-bulls*, os *watts*, os *icebergs*, as *pizzas*.

• É usual acentuar os latinismos *deficit*, *superavit* e *habitat*, embora ainda não aportuguesados.

Substantivos já aportuguesados flexionam-se de acordo com as regras de nossa língua:

os *clubes* – os *chopes* – os *jipes* – os *times* – os *esportes* – as *toaletes* – os *bibelôs* – os *garçons* – os *cicerones* – o réquiem, os *réquiens* – o te-déum, os *te-déuns* – o álibi, os *álibis*, etc.

No entanto, *gol* [do inglês *goal*] faz *gols*, forma estranha à fonética portuguesa, um barbarismo impingido pelo uso. O plural correto seria *gois* (ô) ou *goles* [cp. *goleada*], mas não se usa. Em Portugal se diz *golo* (ô), *golos* (ô).

16 PLURAL DAS SIGLAS

Pluralizam-se as siglas acrescentando-lhes um *s* minúsculo:

os *CDs*, os *HPs*, os *PMs*, as *ONGs*, as *Ufirs*.

17 PLURAL COM MUDANÇA DE TIMBRE

Certos substantivos formam o plural com mudança de timbre da vogal tônica (*o* fechado ⇒ *o* aberto). É um fato fonético chamado *metafonia*.

Eis alguns exemplos:

corpo (ô)	*corpos* (ó)	osso (ô)	*ossos* (ó)
esforço	*esforços*	ovo	*ovos*

fogo	*fogos*	poço	*poços*
forno	*fornos*	porto	*portos*
fosso	*fossos*	posto	*postos*
imposto	*impostos*	rogo	*rogos*
olho	*olhos*	tijolo	*tijolos*

- Têm a vogal tônica fechada (ô): *adornos*, *almoços*, *bolsos*, *esposos*, *estojos*, *globos*, *gostos*, *polvos*, *rolos*, *soros*, etc.

Observação:

✔ Distinga-se *molho* (ô), caldo (*molho de carne*), de *molho* (ó), feixe (*molho de lenha*). No plural: *molhos(ô)*, caldos; *molhos(ó)*, feixes.

18 PARTICULARIDADES SOBRE O NÚMERO DOS SUBSTANTIVOS

Há substantivos que só se usam no singular: o *sul*, o *norte*, a *fé*, etc.; outros só no plural: os *idos*, as *cãs*, as *núpcias*, os *víveres*, os *pêsames*, etc.; outros, enfim, têm, no plural, sentido diferente do singular: *bem*, virtude, *bens*, riquezas; *honra*, probidade, bom nome, *honras*, homenagens, títulos. Exemplo:

"A *honra* anuncia virtudes, as *honras* nem sempre as supõem." (MARQUÊS DE MARICÁ)

- Deve-se dizer: *Os óculos* (e não o *óculos*) corrigem defeitos da vista. Perdi *meus óculos* (e não *meu óculos*).

Usamos, às vezes, os substantivos no singular, mas com sentido de plural:

"Aqui morreu muito *negro*." (COELHO NETO)
"Celebraram o sacrifício divino muita *vez* em capelas improvisadas." (AFONSO CELSO)
"Juntou-se ali uma população de retirantes que, entre *homem*, *mulher* e *menino*, ia a bem cinquenta mil." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

EXERCÍCIOS — LISTA 17

1. Flexione no plural:

mês – rês – réptil – projétil – túnel – canil – espécime – sol – sal – mal – caráter – hífen – álbum – ás – procônsul – prócer – nenúfar – fã – obus – líquen – ímã – totem – cânon – refém – parêntese – revés – galã – fóssil – fuzil – fusível – ureter – hambúrguer

2. Escreva apenas os substantivos invariáveis em número:

mó – cais – ourives – mel – tórax – íbis – fênix – obus – ônus – nó – dom – bíceps – íris – xerox

3. Escreva no plural:

cidadão – charlatão – tabelião – tecelão – ancião – folião – capelão – aldeão – anão – guardião – corrimão – bênção – órfão – órgão – capitão – escrivão – cirurgião – pagão – anão – afegão

4. Flexione no feminino plural:

cidadão, ator, cônsul, marquês, réu, cortesão, grão-duque

5. Escreva no plural os seguintes substantivos compostos:

a) vanglória, bombom, lobisomem, autolotação, malmequer, vaivém

b) guarda-civil, cartão-postal, terça-feira, tenente-coronel, capitão-mor, má-língua, baixo-relevo, cirurgião-dentista, criado-mudo, capitão-aviador, redator-chefe, vera-efígie, meio-termo, pão-duro, táxi-aéreo, ferro-velho, curta-metragem, alto-relevo, boia-fria, carro-forte

c) guarda-chuva, pai-nosso, terra-nova, alto-falante, abaixo-assinado, papa-mel, salvo-conduto, grão-vizir, busca-pé, tico-tico, bem-te-vi, pisca-pisca, vice-rei

d) pombo-correio, mapa-múndi, manga-espada, joão-ninguém, guarda-marinha, porco-espinho, banana-maçã, caminhão-pipa, navio-escola, ano-luz, carro-bomba

e) flor-de-maio, água-de-colônia, pão de ló, orelha-de-pau, ama de leite, limão-de-cheiro, pau-d'água, estrela-do-mar, joão-de-barro

6. Cite dois substantivos que só se usam no plural e quatro substantivos compostos que não variam no plural.

7. Passe as frases seguintes para o plural:

a) Fez belas evoluções a porta-estandarte da escola de samba.

b) Não se via peixe-voador fora da água.

c) O terra-nova mostrou-se eficiente no patrulhamento das cidades.

d) O beija-flor é uma pequena obra-prima da natureza.

e) O projétil do folião atingiu o guarda-marinha.

f) O homem-rã estava junto ao navio-tanque.

g) O artesão fez a mesinha de cabeceira.

h) O homem-mosca encontrou-se na rua com o homem-sanduíche.

i) Ele fabrica salsicha e detesta cachorro-quente.

j) O olho-de-boi é selo raríssimo.

k) O hambúrguer me tentava, mas o real faltava.

8. Escreva o único plural cuja vogal tônica é fechada:

fornos – rogos – bolsos – poços – miolos

9. O plural **gols** é um barbarismo. Por quê?

10. Construa uma frase com o substantivo **óculos**.

11. Escreva as frases no plural:

a) Quero um cachorro-quente.

b) Sempre faço pão de ló e pé de moleque para festas.

c) Rasgarei qualquer abaixo-assinado que receber.

d) Você, como Van Gogh, aprecia girassol?

e) O beija-flor está novamente no quintal.

12. Alguns substantivos têm sentidos diferentes no singular e no plural. Descubra o sentido de cada palavra dos pares abaixo e, depois, elabore frases que deixem bem evidente a diferença entre elas.

a) ouro/ouros
b) vencimento/vencimentos
c) copa/copas
d) féria/férias

19 FLEXÃO DOS SUBSTANTIVOS: GRAU

Grau dos substantivos é a propriedade que essas palavras têm de exprimir as variações de tamanho dos seres.

São dois os graus dos substantivos: o aumentativo e o diminutivo.

forma normal	**aumentativo**	**diminutivo**
⇓	⇓	⇓
gato	gatão	gatinho
casa	casarão	casinha

▪ Grau aumentativo

Veja este exemplo, em que a autora se refere à onça:

"A flecha acertara em cheio na *bocarra* da *bichona*." (Edi Lima)

As palavras destacadas estão no grau aumentativo.

O grau aumentativo exprime um aumento do ser relativamente ao seu tamanho normal. Pode ser formado sintética ou analiticamente.

a) *Aumentativo sintético*: forma-se com sufixos aumentativos, sendo os mais comuns:

-aça: barcaça, barbaça, populaça, caraça

-aço: balaço, calhamaço, volumaço

-alha: muralha, gentalha, fornalha

-ão (com as variantes **-alhão**, **-arão**, **-zarrão**, **-arrão**, **-eirão**, **-zão**): cavalão, garrafão, vagalhão, casarão, homenzarrão, gatarrão, vozeirão, pezão

-arra: bocarra, naviarra

-ázio: copázio, balázio

-ona: mulherona, vacona, pernona, vozona

-orra: cabeçorra, beiçorra, patorra, manzorra

-uça: dentuça

-aréu: povaréu, fogaréu, folharéu

b) *Aumentativo analítico*: forma-se com o auxílio do adjetivo *grande*, ou outros de mesmo sentido:

letra grande, pedra enorme, estátuta colossal, obra gigantesca, planície imensa.

- Na linguagem publicitária se diz: *liquidação monstro, megaevento*.

▪ Grau diminutivo

Na seguinte frase, a palavra destacada está no grau diminutivo:

"Que brancos são seus *pezinhos*!" (MÁRIO QUINTANA)

O grau diminutivo exprime um ser com seu tamanho normal diminuído. Pode ser formado sintética ou analiticamente.

a) *Diminutivo sintético*: forma-se com sufixos diminutivos. Eis os mais comuns:

-acho: riacho, fogacho
-ebre: casebre
-eco: livreco, jornaleco, boieco
-ejo: lugarejo, animalejo, vilarejo
-elho: rapazelho, artiguelho, grupelho
-eto, -eta: poemeto, saleta, maleta
-ete: filete, diabrete
-ico: burrico, namorico
-im: espadim, flautim, selim, camarim
-inho: livrinho, dedinho
-inha: casinha, janelinha
-zinho, -zinha: irmãozinho, irmãzinha
-isco: chuvisco, pedrisco
-ito, **-ita**: mosquito, cabrito, senhorita
-oca: sitioca, engenhoca
-ola: sacola, bandeirola, rapazola, casinhola, arteríola
-ote: velhote, serrote, caixote, morrote
-ucho: papelucho
-(c)ulo, -(c)ula: glóbulo, homúnculo, radícula

b) *Diminutivo analítico*: forma-se com o adjetivo *pequeno*, ou outros de igual sentido. Exemplos: chave pequena, casa pequenina, semente minúscula.

Observações:

✔ Em geral, os aumentativos e diminutivos, juntamente com a ideia de grandeza ou pequenez, exprimem também deformidade, desprezo ou troça. Dizemos, por isso, que têm *sentido pejorativo* ou *depreciativo*. Exemplos: *gentalha, narigão, beiçorra, livreco, musiqueta, papelucho, gentinha, povinho*.

"O *homenzinho* estava lívido." (AFONSO SCHMIDT)

"Não suporto *mulheraças*." (MONTEIRO LOBATO)

"Grita o *povinho* furioso impropérios aos condenados." (JOSÉ SARAMAGO)

"Decidira não dar trela à *gentinha* da vila." (JORGE AMADO)

- ✔ As formas diminutivas exprimem, frequentemente, carinho, ternura, afetividade: *filhinho, avozinha, mãezinha, Carlito, Antoninho.*
- ✔ Existem aumentativos que são fictícios, isto é, têm a forma aumentativa, mas sem o sentido de aumento: *cartão, caldeirão, colchão, calção*, etc.
- ✔ A escolha entre os prefixos *-inho(a)* e *-zinho(a)* é condicionada pela acentuação tônica e a terminação dos vocábulos. Os proparoxítonos, por exemplo, e os terminados em sílaba nasal, ditongo, hiato ou vogal tônica recebem o sufixo *-zinho(a)*: *lampadazinha, irmãozinho, heroizinho, bauzinho, ruazinha, cafezinho.* Recebem o sufixo *-inho(a)* as palavras terminadas em *-s* ou *-z*, ou em uma dessas consoantes seguida de vogal: *paisinho* (pequeno *país*), *rapazinho, princesinha, rosinha, belezinha*, etc.

  Em alguns casos coexistem as duas formas: *colherzinha* ou *colherinha, florzinha* ou *florinha, pastorzinho* ou *pastorinho*.
- ✔ Observe as formas diminutivas *prainha, radinho, Emilinha, sandalinha, xicrinha*, correntes na linguagem popular.

  "*Radinho* de pilha ridiculariza a paz da roça." (PAULO MENDES CAMPOS)

  "... *prainha* perdida na curva alta do rio." (JOSUÉ GUIMARÃES)
- ✔ Registram-se aumentativos e diminutivos formados por prefixação:

  maxissaia, supermercado, minissaia, minifúndio, minicalculadora, etc.

20 ADJETIVOS COM AS FLEXÕES DE AUMENTATIVO E DIMINUTIVO

Na linguagem emotiva e coloquial, é comum o emprego de adjetivos com as flexões próprias do aumentativo e diminutivo. Exemplos:

menino *bonzinho*, garota *bonitinha*, garoto *espertinho*, areia *branquinha*, café *quentinho*, moço *bonitão*, homem *espertalhão*, criança *gorducha* e *moleirona*, avô *bonachão*.

Note-se que essas formas aumentativas e diminutivas dos adjetivos equivalem, geralmente, a superlativos:

areia *branquinha* = areia *muito branca*

moço *bonitão* = moço *muito bonito*

Outros exemplos:

"Era tão *fragilzinha* minha amiga!" (GODOFREDO RANGEL)

"Que boi *grandão* é esse, minha gente, que eu nunca vi?" (LUÍS JARDIM)

21 PLURAL DOS DIMINUTIVOS EM *-ZINHO* E *-ZITO*

Observe bem os exemplos seguintes:

pãe(s)	+ zinhos	→	*pãezinhos*	mão(s)	+ zinhas	→	*mãozinhas*
animai(s)	+ zinhos	→	*animaizinhos*	papéi(s)	+ zinhos	→	*papeizinhos*
botõe(s)	+ zinhos	→	*botõezinhos*	nuven(s)	+ zinhas	→	*nuvenzinhas*
chapéu(s)	+ zinhos	→	*chapeuzinhos*	funi(s)	+ zinhos	→	*funizinhos*

farói(s)	+	zinhos	➔	*faroizinhos*	túnei(s)	+	zinhos	➔	*tuneizinhos*
tren(s)	+	zinhos	➔	*trenzinhos*	pai(s)	+	zinhos	➔	*paizinhos*
colhere(s)	+	zinhas	➔	*colherezinhas*	pé(s)	+	zinhos	➔	*pezinhos*
flore(s)	+	zinhas	➔	*florezinhas*	pé(s)	+	zitos	➔	*pezitos*

Regra:

Flexiona-se o substantivo no plural, retira-se o *s* final e acrescenta-se o sufixo diminutivo.

Observação:

✔ São anômalos os plurais *pastorinhos(as)*, *papelinhos*, *florzinhas*, *florinhas*, *colherzinhas* e *mulherzinhas*, correntes na linguagem popular e usados até por escritores de renome.

EXERCÍCIOS — LISTA 18

1. Forme o aumentativo sintético dos substantivos seguintes:

boca – chapéu – espada – festa – bala – homem – nariz – rapaz – mão – moço – pé – vaga – cara – voz

2. Com o auxílio dos sufixos dados no quadro, forme o diminutivo dos substantivos abaixo:

Sufixos: **-acho**, **-ebre**, **-eco**, **-elho**, **-ejo**, **-ela**, **-eta**, **-ete**, **-éu**, **-ico**, **-inhola**, **-isco**, **-im**, **-iço**, **-inho**, **-oca**, **-ote**, **-ulo**

lugar – porta – globo – rio – casa – rua – serra – engenho – espada – jornal – beiço – sala – papel – chuva – grupo – namoro – aranha – ilha

3. Forme o diminutivo dos substantivos abaixo, utilizando os sufixos: **-ulo** e **-ula** ou **-culo** e **-cula**:

corpo – animal – grão – gota – nota – ovo – obra – feixe – homem – raiz – questão – monte – verso – flor – pele – campa – flama – pé – casa – cela – rei – lobo (ó) – nó

4. Flexione os substantivos seguintes no diminutivo plural, utilizando os sufixos **-inho(a)** ou **-zinho(a)**, conforme convenha:

nuvem – cão – canal – papel – chapéu – túnel – país – pai – automóvel – funil – flor – café – irmão – princesa – leitão – ideia – baú – animal – pastor – colher – mulher – praia – rádio

5. Dê a forma normal, isto é, não flexionada, dos substantivos seguintes:

ruela – pobretão – pratarraz – vilanaz – viela – casulo – radícula – alegrão – chapelão – sitioca – manzorra – povaréu – pecadilho – nódulo – cançoneta – sineta – galeota – veranico – camarim – bastonete – terriola – vareta – patorra – hotelejo – febrícula – ossículo – festança – rapazola – selim – ricaço – carroção – rapagão

6. Escreva cada frase e coloque entre parênteses o grau do substantivo destacado:

Coloquei os **peixinhos** no aquário.	aumentativo sintético
Vagalhões batiam no cais deserto.	aumentativo analítico
Seus **olhos** miúdos fitavam-me surpresos.	diminutivo sintético
Vi desabar a **estátua** colossal.	diminutivo analítico

7. Substitua os diminutivos pelas respectivas formas normais:

a) O fortim da ilhota não resistiu ao ataque do inimigo.
b) O régulo chegou àquela aldeola à boquinha da noite.
c) O fidalgote aborreceu-se por uma questiúncula.
d) "Eu teria que voltar ao homúnculo de metro e quarenta e cinco." (ANÍBAL MACHADO)
e) "Homens sujos de pó empurravam vagonetes de lenha." (AMANDO FONTES)

8. Copie as frases abaixo, sublinhando com um traço as formas sintéticas dos aumentativos e com dois as analíticas:

a) "Examinei os olhões amarelos, os dentes enormes e as patorras do bicho." (EDI LIMA)
b) "O dono da fazenda virou-se para ver que barulhão era aquele. Vendo o boi que não tinha mais tamanho, ele gritou: 'Que boi grandão é esse, minha gente, que eu nunca vi?'" (LUÍS JARDIM)

9. Escreva a frase abaixo e copie do quadro a conotação correta da palavra "empreguinho":

João arrumou um **empreguinho** no escritório de uma fábrica.

diminuição – carinho – desprezo – zombaria

10. Dê o diminutivo plural dos substantivos:

a) pão	d) pá
b) chapéu	e) cartão
c) pastel	f) mão

11. Identifique nas frases o que os aumentativos e diminutivos exprimem (desprezo, troça, carinho ou afetividade):

a) Meu filho, não brinque com essa **gentalha**!
b) Você quer trinta reais por esse **livreco**?
c) **Filhinho**, você não está com frio?
d) Você o acha bonito? Com aquele **narigão** achatado?

SUBSTANTIVO
Exercícios de exames e concursos
[Página 670]

ARTIGO

Consideremos o exemplo seguinte:

Certa vez, passando por **uma** praça, encontrei **um** menino chorando. **A** praça estava deserta e **o** menino, sozinho, **as** mãos e **os** cabelos sujos de terra.

As palavras destacadas são *artigos*.

Artigo ***é uma palavra que antepomos aos substantivos para dar aos seres um sentido determinado ou indeterminado.***

Indica, ao mesmo tempo, o gênero e o número dos substantivos.

Dividem-se os artigos em *definidos* e *indefinidos*.

1 DEFINIDOS

o, a, os, as (*o* filho, *a* filha, *os* filhos, *as* filhas)

2 INDEFINIDOS

um, uma, uns, umas (*um* filho, *uma* filha, *uns* filhos, *umas* filhas)

Os artigos definidos se antepõem a substantivos que designam seres definidos, determinados:

Viajei com **o** médico (um médico referido, conhecido, determinado).

Os artigos indefinidos se antepõem a substantivos que designam seres indefinidos, indeterminados:

Viajei com **um** médico (um médico não referido, desconhecido, indeterminado).

Os artigos podem unir-se às preposições *a, de, em* e *por*, formando combinações e contrações antes de substantivos:

- **masculinos**

ao, aos, do, dos, no, nos, pelo, pelos, num, nuns

Exemplos: ir **ao** colégio; precisar **do** carro; correr **pelos** campos.

- **femininos**

  à, às, da, das, na, nas, pela, pelas, numa, numas

  Exemplos: ir **à** escola; sair **da** sala; lutar **pela** paz.

EXERCÍCIOS

LISTA 19

1. Anote em seu caderno a alternativa que não apresenta erro no emprego do artigo.

a) Sempre me deu uma dó dela!
b) Você não trouxe o óculos hoje?
c) Ainda não dei a telefonema que você me pediu.
d) Não falarei com as pessoas cujo o nome não conste dessa lista.
e) A personagem Capitu é uma das mais conhecidas da literatura brasileira.

2. Explique, em seu caderno, a diferença de sentido que existe entre os pares de frases abaixo:

a) Conversei com o médico.
Conversei com um médico.

b) O ônibus passou lotado.
Passou um ônibus lotado.

c) Esse lápis não é meu.
Esse lápis não é o meu.

3. Substitua em seu caderno o símbolo por um artigo feminino ou masculino. Se tiver dúvida a respeito do gênero do substantivo, consulte um dicionário.

a) Você não imagina ◆ dó que o garoto me dá!
b) Estou diante de ◆ grande dilema. Não sei como agir!
c) ◆ apendicite do paciente recebeu tratamento adequado?
d) Não se usa mais ◆ trema em palavras portuguesas.
e) É muito grave ◆ pane que seu carro sofreu?

4. Palavras de outras classes gramaticais podem ser usadas como substantivo quando precedidas por um *artigo*. Escreva em seu caderno frases em que os adjetivos e verbos abaixo sejam usados como substantivos.

a) verde
b) cantar
c) saber
d) absurdo
e) amanhecer

5. Lembrando-se de que o artigo sempre vem anteposto ao substantivo, indicando-lhe o gênero e o número, mencione as passagens onde **a/o** *não foram empregados como artigos*.

"A partir deste ano, a arrecadação será menor. Além disso, o aumento do salário mínimo obrigará o governo a arcar com mais despesas... Os cortes, embora difíceis para os autores e penosos para os que serão privados dos serviços estatais, têm um aspecto positivo por mostrar que o compromisso do Brasil com a transparência é inarredável. A estabilidade é a garantia de que o Brasil permanecerá no mapa da economia mundial..." (Revista *Veja*)

ARTIGO
Exercícios de exames e concursos
[Página 671]

ADJETIVO

Considere estes exemplos:

"O **velho** touro da fazenda saiu, **arrogante**." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"Na ponta do chalé brilhava um **grande** ovo de louça **azul**." (CECÍLIA MEIRELES)

As palavras destacadas atribuem qualidades aos substantivos (touro, ovo, louça): são, por isso, *adjetivos*.

1 ADJETIVOS

Adjetivos são palavras que expressam as qualidades ou características dos seres.

Na frase, os adjetivos exercem as funções sintáticas de *predicativo* e *adjunto adnominal*. (Veja páginas 343 e 363.)

2 ADJETIVOS PÁTRIOS

Entre os adjetivos, existem os que designam a nacionalidade, o lugar de origem de alguém ou de alguma coisa: são os *adjetivos pátrios*. Citemos alguns:

Angola	*angolano*	Egito	*egípcio*
Argélia	*argelino*	El Salvador	*salvadorenho*
Áustria	*austríaco*	Equador	*equatoriano*
Bagdá	*bagdali*	Estados Unidos	*norte-americano, ianque*
Bizâncio	*bizantino*	Etiópia	*etíope*
Brasília	*brasiliense*	Florença	*florentino*
Buenos Aires	*portenho*	Goiás	*goiano*
Cairo	*cairota*	Grécia	*grego, helênico*
Calábria	*calabrês*	Guatemala	*guatemalteco*
Campinas	*campineiro*	Índia	*indiano*
Campos	*campista*	Japão	*japonês, nipônico*
Cartago	*cartaginês*	Lácio	*latino*
Chipre	*cipriota*	Lacônia	*lacônico*
Lapônia	*lapão*	Nova Zelândia	*neozelandês*

Lima	*limenho*	Panamá	*panamenho*
Lisboa	*lisboeta, lisbonense*	Pequim	*pequinês*
Londres	*londrino*	Rio de Janeiro (estado)	*fluminense*
Madri	*madrileno, madrilense*	Rio de Janeiro (cidade)	*carioca*
Marajó	*marajoara*	São Paulo (estado)	*paulista*
Marrocos	*marroquino*	São Paulo (cidade)	*paulistano*
Mato Grosso	*mato-grossense*	Túnis	*tunisiano*
Moscou	*moscovita*	Veneza	*veneziano*
Nápoles	*napolitano*		

3 FORMAÇÃO DO ADJETIVO

Quanto à formação, o adjetivo pode ser:

- **primitivo**

  O que não deriva de outra palavra:

  bom, forte, feliz, etc.

- **derivado**

  O que deriva de substantivos ou verbos:

  famoso, carnavalesco, amado, etc.

- **simples**

  O que é formado de um só elemento:

  brasileiro, escuro, etc.

- **composto**

  O que é formado de mais de um elemento:

  luso-brasileiro, castanho-escuro, etc.

Alguns adjetivos pátrios compostos apresentam o primeiro elemento reduzido e invariável. Eis os principais:

afro (= africano)	cultura *afro-brasileira*
anglo (= inglês)	comércio *anglo-americano*
austro (= austríaco)	império *austro-húngaro*
euro (= europeu)	tratado *euro-americano*
franco (= francês)	amizade *franco-brasileira*
greco (= grego)	civilização *greco-romana*
hispano (= espanhol)	literatura *hispano-americana*
ibero (= ibérico)	civilização *ibero-americana*

ítalo (= italiano)	acordo comercial *ítalo-francês*
luso (= lusitano)	literatura *luso-brasileira*
nipo (= nipônico)	jovem *nipo-argentina*
sino (= chinês)	guerra *sino-japonesa*
teuto (= alemão)	descendentes *teuto-argentinos*

4 LOCUÇÃO ADJETIVA

Locução adjetiva é uma expressão que equivale a um adjetivo. Exemplos:

presente *de rei* = presente *régio*
amor *de filho* = amor *filial*
paixões *sem freio* = paixões *desenfreadas* ou *infrenes*
confiança *sem limites* = confiança *ilimitada*
pescoço *de touro* = pescoço *taurino*
as margens *do Nilo* = as margens *nilóticas*
aves *da noite* = aves *noturnas*
alimento *sem sabor* = alimento *insípido*

Outros exemplos de locuções adjetivas:

o andar *de cima*; as patas *de trás*; gente *de fora*; floresta *a perder de vista*; rapaz *sem-vergonha*; produtos *de primeira*; olhar *de espanto*; homem *à toa*; estar *com fome*; desculpa *sem pés nem cabeça*.

Observe as diversas maneiras de caracterizar os substantivos:

homem *corajoso*	=	homem *de coragem*	=	homem *que tem coragem*
gente *serrana*	=	gente *da serra*	=	gente *que mora na serra*

5 ADJETIVOS ERUDITOS

Numerosos adjetivos eruditos, que significam "relativo a", "próprio de", "semelhante a", "da cor de", equivalem a locuções adjetivas: *torácico* = do tórax, relativo ao tórax; *sulfurino* = da cor do enxofre; *férreo* = de ferro, como ferro.

Eis os mais frequentes desses adjetivos, ao lado dos nomes dos seres a que se referem:

açúcar: *sacarino*	astro: *sideral*	bode: *hircino*
água: *hídrico*	audição: *auditivo*	boi: *bovino*
águia: *aquilino*	baço: *esplênico*	braço: *braquial*
aluno: *discente*	bálsamo: *balsâmico*	brejo: *palustre*
anel: *anular*	bexiga: *vesical*	cabeça: *cefálico*
aranha: *aracnídeo*	bílis ou bile: *biliar*	cabelo: *capilar*
arcebispo: *arquiepiscopal*	bispo: *episcopal*	cabra: *caprino*
asno: *asinino*	boca: *bucal, oral*	caça: *venatório, cinegético*
campo: *rural, campestre*	garganta: *gutural*	óleo: *oleaginoso*

caos: *caótico*
cavalo: *equídeo, equino, hípico*
cela, célula: *celular*
chumbo: *plúmbeo*
chuva: *pluvial*
cinza: *cinéreo*
circo: *circense*
cobra: *colubrino, ofídico*
cobre: *cúprico*
coelho: *cunicular*
coração: *cardíaco*
correio: *postal*
costas: *dorsal*
criança: *pueril, infantil*
dança: *coreográfico*
daltonismo: *daltônico*
dano: *daninho*
dedo: *digital*
diamante: *adamantino*
dieta: *dietético*
dinheiro: *pecuniário*
direito: *jurídico*
domingo: *dominical*
éden: *edênico*
eixo: *axial*
embriaguez: *ébrio*
enxofre: *sulfúrico, sulfúreo, sulfuroso*
erva: *herbáceo*
espelho: *especular*
estômago: *gástrico*
estrela: *estelar*
éter: *etéreo*
fábrica: *fabril*
faraó: *faraônico*
fêmur: *femoral*
fera: *beluíno, feroz, ferino*
ferro: *férreo*
fígado: *hepático*
fogo: *ígneo*
fleuma: *fleumático*
formiga: *formicular*
gado: *pecuário*
gafanhoto: *acrídio*
gato: *felino, felídeo*
gelo: *glacial*
glúten: *glutinoso*
guerra: *bélico*
homem: *viril*
Igreja: *eclesiástico*
ilha: *insular*
inverno: *hibernal*
irmão: *fraternal*
jovem: *juvenil*
junho: *junino*
Lacônia: *lacônico*
lago: *lacustre*
lágrima: *lacrimal*
leão: *leonino*
lebre: *leporino*
leite: *lácteo, láctico*
limão: *cítrico*
laranja: *cítrico*
linha: *linear*
lobo: *lupino*
Lua: *lunar*
macaco, símio: *simiesco*
madeira, lenho: *lígneo*
maçãs do rosto: *malar*
mar: *marinho, marítimo, equóreo*
manhã: *matutino, matinal*
marfim: *ebúrneo, ebóreo*
margem: *marginal*
margem de rio: *ribeirinho, justafluvial*
memória: *mnemônico*
mestre: *magistral*
moeda: *monetário, numismático*
Moisés: *mosaico*
monge: *monástico*
morte: *letal, mortífero*
nádegas: *glúteo*
nariz: *nasal*
navio, navegação: *naval*
Nilo (rio): *nilótico*
neve: *níveo*
norte: *setentrional, boreal*
olhos: *ocular, óptico, oftálmico*
Olimpo, olimpíadas: *olímpico*
opala: *opalino, opalescente*
outono: *outonal*
ouvido: *auricular, ótico*
ovelha: *ovino*
paixão: *passional*
pâncreas: *pancreático*
paraíso: *paradisíaco*
pedra: *pétreo*
peixe: *ictíico, ictiológico, písceo*
pele: *cutâneo, epidérmico*
pelve: *pélvico*
pesca: *pesqueiro, piscatório*
pescoço: *cervical*
Platão: *platônico*
plebe: *plebeu*
pombo: *columbino*
porco: *suíno, porcino*
prata: *argênteo, argentino, argírico*
primavera: *primaveril*
professor: *docente*
prosa: *prosaico*
pulmão: *pulmonar*
pus: *purulento*
raposa: *vulpino*
rato: *murino*
rim: *renal*
rio: *fluvial, potâmico*
rocha: *rupestre*
romance: *romanesco*
sabão: *saponáceo*
selos: *filatélico*
seda: *sérico, seríceo*
sonho: *onírico*
sul: *meridional, austral*
tarde: *vespertino*
tecido: *têxtil*
Terra: *terrestre, terreno, telúrico*
terremoto: *sísmico*
tórax: *torácico*
touro: *taurino*
túmulo: *tumular*
umbigo: *umbilical*

universo habitado: *ecumênico*
útero: *uterino*
vasos sanguíneos: *vascular*
veia: *venoso*
velho, velhice: *senil*
vento: *eólio, eólico*
Vênus: *venusiano*
verão, estio: *estival*
verme: *vermicular*
víbora: *viperino*
vidro: *vítreo, hialino*
vinho: *vínico, vinário, vinoso*
vinagre: *acético*
violeta: *violáceo*
virilha: *inguinal*
voz: *fônico, vocal*
vulcão: *vulcânico*

6 FLEXÃO DO ADJETIVO

O adjetivo varia em gênero, número e grau.

Flexiona-se para concordar em gênero e número com o substantivo caracterizado. Exemplos: moço *bonito*, moça *bonita*, moços *bonitos*, moças *bonitas*.

7 FLEXÃO DO ADJETIVO: GÊNERO

Quanto ao gênero, dividem-se os adjetivos em:

▪ Uniformes

Os que têm a mesma forma em ambos os gêneros:

leal – azul – cruel – gentil – grácil – vil – regular – superior – inferior – incolor – anterior – ulterior – esmoler – ruim – comum – jovem – feliz – audaz – loquaz – veloz – soez – cortês – pedrês – reles – simples – nômade – fluminense – paulista – otimista – carijó – só – tupi – lilás, etc.

Com referência à irmã diretora de um convento, dizemos, porém: a madre *superiora* ou, simplesmente, a *superiora*.

▪ Biformes

Os que possuem duas formas, uma para o masculino e outra para o feminino:

ativo, *ativa*
cru, *crua*
mau, *má*
ateu, *ateia*
hebreu, *hebreia*
europeu, *europeia*
alemão, *alemã*
chão (plano, simples), *chã*
cristão, *cristã*
são, *sã*
vão, *vã*
temporão, *temporã*
plebeu, *plebeia*
judeu, *judia*
sandeu, *sandia*
vilão, *vilã*, *viloa*
burguês, *burguesa*
inglês, *inglesa*
siamês, *siamesa*
roedor, *roedora*
trabalhador, *trabalhadora*
tabaréu, *tabaroa*
andaluz, *andaluza*
espanhol, *espanhola*

folgazão, *folgazã*, *folgazona* bom, *boa*
chorão, *chorona* parvo, *parva*, *párvoa*

"São tantas as formiguinhas *trabalhadeiras*!" (GODOFREDO RANGEL)
"Minha *párvoa* franqueza." (CAMILO CASTELO BRANCO)

8 REGRAS PARA A FORMAÇÃO DO FEMININO

- Os adjetivos biformes simples flexionam-se em gênero pelas mesmas regras de flexão dos substantivos:
  lindo, *linda*; japonês, *japonesa*; sonhador, *sonhadora*.
- Os adjetivos compostos recebem a flexão feminina apenas no segundo elemento:
  sociedade *luso-brasileira*, festa *cívico-religiosa*, saia *verde-escura*.
- Nos adjetivos terminados em *-oso* muda-se a vogal tônica fechada em vogal aberta:
  bondoso (ô), bondosa (ó); gostoso (ô), gostosa (ó).

9 PLURAL DOS ADJETIVOS SIMPLES

Os adjetivos simples seguem as mesmas regras da flexão numérica dos substantivos:

gostoso	*gostosos*	azul	*azuis*	amável	*amáveis*
cru	*crus*	fiel	*fiéis*	útil	*úteis*
gentil	*gentis*	audaz	*audazes*	são	*sãos*
igual	*iguais*	feroz	*ferozes*	vã	*vãs*

Nos adjetivos terminados em *-oso*, muda-se a vogal tônica fechada em vogal aberta:
glorioso (ô), gloriosos (ó); famoso (ô), famosos (ó).

10 PLURAL DOS ADJETIVOS COMPOSTOS

Para formar o plural dos adjetivos compostos, observem-se os seguintes princípios:

- Os componentes sendo adjetivos, somente o último toma a flexão do plural:
  cabelos *castanho-escuros*[1], saudades *doce-amargas*, ciências *político-sociais*, conflitos *russo-americanos*, lenços *verde-claros*, folhas *verde-escuras*, penas *amarelo-gualdas*, poemas *herói-cômicos*, hábitos *grã-finos*, clínicas *médico-cirúrgicas*, jogos *infanto-juvenis*.

Observações:

✔ Escritores modernos contrariam esta regra, usando os dois elementos no plural, sem os hifenizar: "Tinha os olhos de vovó, *verdes claros*." (RAQUEL JARDIM, *Os Anos 40*, p. 17)

---

(1) " Cabelos *castanho-claros*" (CIRO DOS ANJOS, *Explorações*, p. 30).
"Cabelos *castanho-louros*" (AMANDO FONTES, *Os Corumbas*, p. 88).

Exceções:

- Flexionam-se os dois componentes de *surdo-mudo*: meninos *surdos-mudos*, crianças *surdas-mudas*.
- *Azul-marinho*, *azul-celeste* e *azul-ferrete* são invariáveis: ternos *azul-marinho*, mantos *azul-celeste*, gravatas *azul-ferrete*.
- Os componentes sendo *palavra* (ou *elemento*) *invariável* + *adjetivo*, somente esse último se flexionará:

  meninos *mal-educados*, povos *semi-selvagens*, esforços *sobre-humanos*, crianças *recém-nascidas*.

Segue essa regra o adjetivo *sem-vergonha*, que alguns gramáticos consideram invariável:

Eles são muito *sem-vergonhas*.

- Os compostos de *adjetivo* + *substantivo* são invariáveis:

  tapetes *verde-esmeralda*, blusas *amarelo-laranja*, chapéus *escuro-cinza*, gravatas *verde-malva*, ternos *verde-oliva*, saias *azul-pavão*, olhos *verde-mar*, calções *azul-ferrete*, vestidos *azul-turquesa*.

Nos adjetivos compostos desse tipo, subentende-se a expressão *da cor de*:

tapetes *verde-esmeralda* = tapetes *da cor verde da esmeralda*

- Invariáveis ficam também as locuções adjetivas formadas de *cor* + *de* + *substantivo*:

  vestidos *cor-de-rosa*, olhos da *cor do mar*, cabelos *cor de palha*, olhos da *cor da safira*, estofos da *cor do abacate*, suéteres *cor de café*, etc.

Observações:

✔ Por concisão, frequentemente dizemos apenas: fitas *violeta*, ternos *cinza*, luvas *creme*, sapatos *gelo*, botões *rosa*, gravatas *grená*, etc.

✔ São também invariáveis os adjetivos *ultravioleta*, *sem-par* e *sem-sal*: raios *ultravioleta*, alegrias *sem-par*, anedotas *sem-sal*.

EXERCÍCIOS — LISTA 20

1. Copie as frases abaixo e, em seguida, passe um traço sob os adjetivos:

a) No salão, jovens dançavam ao ritmo alucinante de músicas modernas.

b) Os jovens artesãos trabalhavam numa oficina pequena e escura.

c) Pessoas supersticiosas viram no estranho fenômeno um sinal de desgraça iminente.

d) "Não há um lugar calmo nas cidades do homem branco", disse o chefe indígena.

2. Substitua os asteriscos pelos adjetivos derivados dos substantivos entre parênteses:

a) Atravessamos as ruas *** da grande cidade. (**caos**)
b) Seus bilhetes eram vazados em linguagem ***. (**Lacônia**)
c) Todos temiam seus ditos ***. (**fera**)
d) O diretor era um homem *** e metódico. (**fleuma**)
e) Arrancamos o joio e outras ervas ***.(**dano**)
f) Para pagar dívidas, empenhei objetos ***. (**valia**)
g) Nosso professor citou uma frase muito ***. (**expressão**)

3. Substitua as locuções adjetivas pelos adjetivos equivalentes:

a) beleza **de anjo**
b) força **de leão**
c) lábio **de lebre**
d) orelhas **de asno**
e) pescoço **de touro**
f) engenho **de guerra**
g) aventura **de romance**
h) funcionário **sem aptidão**
i) vegetação **dos brejos**
j) cidades **dos lagos**
k) exposição **de selos**
l) alimento **sem sabor**
m) líquido **sem cheiro**
n) paixões **sem freio**
o) populações **das margens dos rios**
p) proeminências **das maçãs do rosto**

4. Reorganize as colunas, relacionando corretamente os adjetivos aos substantivos:

aquilino	fogo	inguinal	pele
letal	direito	magistral	umbigo
ígneo	ilha	cutâneo	sonho
jurídico	pescoço	têxtil	vinagre
hepático	águia	umbilical	vento
insular	fígado	onírico	mestre
capilar	morte	senil	tecido
cefálico	braço	eólico, eólio	virilha
cervical	cabelo	ictiológico	velho
braquial	cabeça	acético	peixe

5. Dê os adjetivos pátrios referentes aos seguintes nomes de lugar:

Marajó – Recife – Belo Horizonte – Buenos Aires – Madri – Nápoles – Cairo – Etiópia – Índia – Panamá – Bizâncio – Túnis – Lapônia – Chipre – Argélia – Equador – Líbano – Veneza – Cartago – Lácio – Pequim

6. Substitua as orações e expressões destacadas por adjetivos de igual significação:

a) Pássaro **que come insetos**
b) Ave **que come peixe**
c) Cirurgia **que não causa dor**
d) Árvores **que têm um século**
e) Animal **que rasteja e que tem peçonha**
f) Comida **sem sal**

g) Água **boa para beber**
h) Coisa **em que há prazer**
i) Obelisco **feito de um só bloco de pedra**

7. Passe para o feminino:

a) Infante português
b) Cidadão cortês
c) Espião andaluz
d) Estudante plebeu
e) Moço folgazão, mas trabalhador
f) Príncipe cristão

8. Substitua * pela forma feminina dos adjetivos:

Moço hebreu	Moça *
Idioma inglês	Língua *
Pastor judeu	Pastora *
Tenista alemão	Tenista *
Nervo motor	Força *
Motivo superior	Razão *

9. Troque o * pela forma feminina dos adjetivos entre parênteses:

a) Menina * (surdo-mudo)
b) Aliança * (luso-brasileiro)
c) Academia * (recém-fundado)
d) Tranças * (castanho-escuro)
e) Línguas * (indo-europeu)
f) Mantas * (azul-turquesa)

10. Flexione no plural:

a) Pé grácil
b) Feijão cru
c) Ação má
d) Raiz útil
e) Caráter inflexível
f) Cãozinho feroz
g) Túnica inconsútil
h) Gesto hostil
i) Rapagão loquaz
j) Venerável ancião
k) Gás letal
l) Raio ultravioleta
m) Cão fiel
n) Mau cidadão
o) Raio infravermelho
p) Placa cinza

11. Escreva no plural:

a) Cerimônia cívico-religiosa
b) Saia azul-pavão
c) Terno azul-marinho
d) Conflito sino-russo-japonês
e) Vestido cor-de-rosa
f) Tecido malva
g) Rapazinho mal-educado
h) Rei todo-poderoso
i) Olho verde-claro
j) Anedota sem-sal
k) Pessoa mal-agradecida
l) "Onde andará o sem-vergonha desse papagaio?" (Graciliano Ramos)

12. Siga o exemplo, empregando os adjetivos pátrios compostos:

Exemplo: rivalidades (China – Japão) **rivalidades sino-japonesas**

acordos (Japão – Brasil)
indivíduos (Alemanha – Argentina)
empresas (França – Itália)
costumes (África – Brasil)

povos (Espanha – América)
comemorações (Ibéria – América)
convenções (Portugal – Brasil)
tropas (Inglaterra – França)

13. Reescreva o grupo em que a relação **adjetivo/substantivo** está correta:

a) linear/linha – bélico/guerra – ígneo/fogo – renal/rim
b) proteico/proteína – hídrico/água – glúteo/glúten – cítrico/limão

14. Substitua as expressões destacadas por adjetivos correspondentes. Faça as modificações necessárias:

a) Meu pai sofre de uma doença **do coração**.
b) Tinham confiança **sem limites** nos filhos.
c) Sua atitude **não tem defesa**.
d) Apresentou argumentos **sem consistência**.
e) Era uma pessoa totalmente **sem habilidade.**
f) A história se passa numa mansão **não habitada**.

15. Indique as frases em que houver erro na flexão dos adjetivos compostos:

a) A garota tinha lindos cabelos castanhos-escuros e olhos verde-esmeraldas.
b) Todas as suas calças eram azul-marinhas e suas gravatas, azuis-celestes.
c) Seus uniformes verde-oliva destacavam-se no branco da neve.
d) A boneca veio com sapatinhos cores-de-rosa e luvas verde-malva.
e) Naquela década tão conturbada, o que mais preocupava a humanidade eram os conflitos russo-americanos.

16. Forme adjetivos com o auxílio do sufixo **-vel**. Oriente-se pelo exemplo:

lavar – lavável

a) confiar
b) discutir
c) desejar
d) admitir
e) substituir

17. Muitas vezes, encontramos, em rótulos de remédios, adjetivos eruditos que equivalem a locuções adjetivas, como loção **capilar**, que se destina aos cabelos. Vejamos se consegue identificar os substantivos a que se referem:

a) auricular
b) herbáceo
c) hepático
d) gástrico
e) lacrimal
f) oftálmico

18. Substitua por superlativo os adjetivos que aparecem entre parênteses. Oriente-se pelo exemplo:

A jovem pensou encontrar uma criatura (feroz) à sua espera.
A jovem pensou encontrar um criatura *ferocíssima* à sua espera.

a) Achei o problema (**difícil**).
b) Soraia é (**amiga**) de minha madrinha.
c) Mário fez um (**bom**) negócio quando vendeu seu carro.
d) Giovana acha (**fácil**) todos os exercícios do livro de Matemática.
e) Os amigos de meu irmão são todos (**simpáticos**).

11 GRAU DO ADJETIVO

O grau do adjetivo exprime a intensidade das qualidades dos seres. São dois os graus do adjetivo: o *comparativo* e o *superlativo*.

12 FLEXÃO DO ADJETIVO: GRAU COMPARATIVO

Usa-se o grau comparativo para comparar qualidades dos seres.

O grau comparativo pode ser:

- **de igualdade**

Sou *tão alto* como (ou quanto) você.

- **de superioridade**
  - *analítico*: Sou *mais alto* (do) que você.
  - *sintético*: O Sol é *maior* (do) que a Terra.

- **de inferioridade**

Sou *menos alto* (do) que você.

Pode-se dizer: Sou mais alto **que** (ou **do que**) você.

Note bem:

a) No comparativo de igualdade, o segundo termo da comparação é introduzido pelas palavras *como*, *quanto*, ou *quão*:

Rui é tão belo *quanto* (ou *quão*) inteligente.

"Lançou um último olhar às duas casas, tão próximas *quanto* parecidas." (LÍGIA FAGUNDES TELES)

b) Alguns adjetivos possuem, para o comparativo de superioridade, formas sintéticas, herdadas do latim. São eles:

bom	*melhor*	pequeno	*menor*
mau	*pior*	alto	*superior*
grande	*maior*	baixo	*inferior*

c) Excepcionalmente, usam-se as formas analíticas desses adjetivos quando se comparam duas qualidades do mesmo ser:

Aquele menino é *mais bom* do que inteligente.

13 FLEXÃO DO ADJETIVO: GRAU SUPERLATIVO

O superlativo expressa qualidades num grau muito elevado ou em grau máximo.

O grau superlativo pode ser absoluto ou relativo e apresenta as seguintes modalidades:

- **absoluto**
  - *analítico*: A torre é *muito alta*.
  - *sintético:* A torre é *altíssima*.

- **relativo**
  - *de superioridade*:
    - *analítico*: João é o *mais alto* de todos.
    - *sintético*: Este monte é *o maior* de todos.
  - *de inferioridade*: Pedro é *o menos alto* de todos nós.

Note bem:

a) O superlativo absoluto analítico é expresso por meio dos advérbios *muito*, *extremamente*, *excepcionalmente*, etc., antepostos ao adjetivo. Exemplo:

Procusto era um assaltante *muito* (ou *extremamente*) mau.

b) O superlativo absoluto sintético apresenta-se sob duas formas em bom número de adjetivos: uma *erudita*, de origem latina, outra *popular*, de origem vernácula. A forma erudita é constituída pelo radical do adjetivo latino + um dos sufixos *-íssimo*, *-imo* ou *-érrimo*:

fidelíssimo, facílimo, paupérrimo, minutíssimo (muito miúdo).

O sufixo *-érrimo* é restrito aos adjetivos terminados em *r* no latim. Exemplos:

pauper (pobre) originou *pauperrimus*, em latim, e *paupérrimo*, em português.

macer (magro) deu *macerrimus*, em latim, e *macérrimo*, em português.

A forma popular é constituída do radical do adjetivo português + o sufixo *-íssimo*:

altíssimo, pobríssimo, agilíssimo, amarguíssimo, friíssimo, etc.

c) Em vez dos superlativos normais *seriíssimo*, *sumariíssimo*, *ordinariíssimo*, *precariíssimo*, *primariíssimo*, *necessariíssimo*, preferem-se, na língua atual, as formas *seríssimo*, *sumaríssimo*, *ordinaríssimo*, *precaríssimo*, *primaríssimo*, *necessaríssimo*, sem o desagradável hiato *i-í*. Exemplos:

"Ali, estavam simplesmente uns restos, os despojos *precaríssimos*." (ANTÔNIO CARLOS VILAÇA)

"... apresentara-se em trajes *sumaríssimos*, atentando contra o decoro." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE, *Os Dias Lindos*, p. 80)

Cheio e *feio* fazem, respectivamente: *cheíssimo* ou *cheiíssimo*, *feíssimo* ou *feiíssimo*.

14 SUPERLATIVOS ABSOLUTOS SINTÉTICOS ERUDITOS

Eis os principais superlativos absolutos, quase todos exclusivos da língua culta:

acre, *acérrimo*	fácil, *facílimo*	nobre, *nobilíssimo*
alto, *supremo*, *sumo*	feliz, *felicíssimo*	parco, *parcíssimo*
ágil, *agílimo*	feroz, *ferocíssimo*	pequeno, *mínimo*
amargo, *amaríssimo*	fiel, *fidelíssimo*	pessoal, *personalíssimo*
amável, *amabilíssimo*	frágil, *fragílimo*	pio, *piíssimo*

amigo, *amicíssimo*
antigo, *antiquíssimo*
áspero, *aspérrimo*
atroz, *atrocíssimo*
baixo, *ínfimo*
benéfico, *beneficentíssimo*
benévolo, *benevolentíssimo*
bom, *ótimo*
célebre, *celebérrimo*
comum, *comuníssimo*
cristão, *cristianíssimo*
cruel, *crudelíssimo*
difícil, *dificílimo*
doce, *dulcíssimo*
dócil, *docílimo*
frio, *frigidíssimo*
geral, *generalíssimo*
grácil, *gracílimo*
grande, *máximo*
humilde, *humílimo*
incrível, *incredibilíssimo*
inimigo, *inimicíssimo*
íntegro, *integérrimo*
livre, *libérrimo*
magnífico, *magnificentíssimo*
magro, *macérrimo*
mau, *péssimo*
mísero, *misérrimo*
negro, *nigérrimo*
notável, *notabilíssimo*
pobre, *paupérrimo*
pródigo, *prodigalíssimo*
provável, *probabilíssimo*
pudico, *pudicíssimo*
respeitável, *respeitabilíssimo*
sábio, *sapientíssimo*
sagrado, *sacratíssimo*
salubre, *salubérrimo*
são, *saníssimo*
simpático, *simpaticíssimo*
simples, *simplicíssimo*
soberbo, *superbíssimo*
terrível, *terribilíssimo*
veloz, *velocíssimo*
voraz, *voracíssimo*

15 OUTRAS FORMAS DE SUPERLATIVO ABSOLUTO

Pode-se também superlativar a ideia contida no adjetivo:

- por meio de certos prefixos:

  garota *supersimpática*, nave *ultrarrápida*, produto *extrafino*, criança *superalimentada*, temperamento *hipersensível*.

- com a repetição do adjetivo:

  Ela era *linda, linda*! (= Ela era *lindíssima!*)

- por meio de uma comparação:

  feio *como o diabo*, doce *como mel*, valente *como quê*, etc.

- por meio de certas expressões da língua coloquial:

  podre de rico, *linda de morrer*, *magro de dar pena*, etc.

- com a flexão diminutiva do adjetivo:

  A igreja ficou *cheinha*.
  A semente do fumo é *pequenininha*.

- com a flexão aumentativa do adjetivo:

  boi *grandão*, homem *grandalhão*, sinhá *gordalhona*, moço *bonitão*

Observações:

- ✔ O superlativo *meritíssimo* (= de grande mérito, muito digno), tratamento dado, ordinariamente, a juízes de direito, não possui a forma normal correspondente, que seria *mérito* (do lat. *meritus*, merecedor), mas este, em português, se tornou substantivo, sinônimo de *merecimento*.
- ✔ Na linguagem enfática, ocorre *grandessíssimo*, por *grandíssimo*, em expressões depreciativas ou insultuosas: *grandessíssimo* tolo, *grandessíssimo* canalha.
- ✔ Ao lado de *macérrimo*, ocorre frequentemente a forma anormal *magérrimo*, usada por escritores modernistas. Deve ser evitada; não tem tradição na língua.
- ✔ Na linguagem informal, frequente é também o hábito de enfatizar qualidades por meio do sufixo *-érrimo*, em vez de *-íssimo*: *elegantérrimo*, *chiquérrimo*, *chatérrimo*, etc. Veja na página anterior o que se disse acerca do sufixo *-érrimo*, que, em bom português, ocorre em pouco mais de dez superlativos, todos de base latina.
- ✔ Certos adjetivos não comportam as variações de grau. Exemplos: *seguinte*, *mortal*, *eterno*, *onipotente*, *celeste*, *mensal*, *anual*, etc.

EXERCÍCIOS — LISTA 21

1. Dê o grau dos adjetivos:

a) A intemperança não é menos funesta que a preguiça.
b) As abelhas são tão operosas quanto as formigas.
c) "O homem é o pequeníssimo bicho da terra, de que fala o Camões." (Camilo Castelo Branco)
d) "Os mais arrojados em falar são ordinariamente os menos profundos em saber." (Marquês de Maricá)
e) Mercúrio é o menor dos planetas, e Júpiter, o maior deles.
f) Os santos eram extremamente puros, mas não se julgavam melhores que os outros homens.

2. Substitua o ∩ pelo superlativo absoluto sintético erudito dos adjetivos entre parênteses:

a) A ninguém negues o ∩ direito à vida. (**sagrado**)
b) ∩ aeronaves, levais a vida ou a morte? (**velozes**)
c) A chegada do noivo deixou Marta ∩. (**feliz**)
d) Lúcia era uma colega ∩. (**simpática**)
e) É gente ∩, porém de ∩ sentimentos. (**pobre – nobre**)
f) Para o tédio o trabalho é ∩ remédio. (**eficaz**)
g) ∩ sábios iniciaram a vida como ∩ serventes. (**notáveis – humildes**)

3. Escreva as frases, flexionando os adjetivos no grau superlativo absoluto sintético erudito:

a) **Frágeis** criaturas, aceitai o **doce** jugo das leis **sábias** do Criador.
b) Jandira deve ter **sérios** motivos para adiar seu casamento.
c) A mesma iguaria pode ser **boa** para uns e **má** para outros.

4. Escreva corretamente o único superlativo errôneo:
acérrimo – aspérrimo – celebérrimo – elegantérrimo – misérrimo

5. Qual é o grau do adjetivo em destaque na frase?
O jaguar é o mais **perigoso** dos carnívoros de nossas florestas.

6. Releia o item relativo a outras formas de superlativo absoluto. Em seguida, registre superlativos por meio de:
a) um prefixo:
b) repetição do adjetivo:
c) uma comparação:
d) um sufixo diminutivo:

7. Comente os superlativos em destaque:
"Enquanto a **chiquérrima** namorada não vem, ele observa a vizinhança com binóculos." (SUSANA SCHULD, *Jornal do Brasil*, 6/7/91)
"Você é chato, Tomás, **chatérrimo**." (JOSÉ CARDOSO PIRES)
"Os modelos sociais são magros, às vezes **magérrimos**." (MARINA COLASANTI)
"Sabe o que fez, **grandessíssimo** tratante?" (ALEXANDRE HERCULANO)

8. Em seu caderno, escreva os superlativos do texto abaixo, dando-lhes a significação.

Portão

O portão fica bocejando, aberto
para os alunos retardatários.
Não há pressa em viver
nem nas ladeiras duras de subir,
quanto mais para estudar a insípida cartilha.
Mas se o pai do menino é da oposição
à ilustríssima autoridade municipal,
prima da eminentíssima autoridade provincial,
prima por sua vez da sacratíssima
autoridade nacional,
ah, isso não: o vagabundo
ficará mofando lá fora
e leva no boletim uma galáxia de zeros.
A gente aprende muito no portão
fechado.

(CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE, Boitempo – *Menino Antigo*, Record, Rio de Janeiro, 2006)

ADJETIVO
Exercícios de exames e concursos
[Página 671]

NUMERAL

Nos exemplos seguintes, as palavras destacadas são numerais:

Comprei **cinco** livros.	**cinco**	→	número, quantidade
Moro no **segundo** andar.	**segundo**	→	ordem numérica
Comemos um **terço** do bolo.	**terço**	→	parte, fração
Trinta é o **triplo** de dez.	**triplo**	→	múltiplo

1 NUMERAL

Numeral é uma palavra que exprime número, ordem numérica, múltiplo ou fração.

O numeral pode ser *cardinal*, *ordinal*, *multiplicativo* e *fracionário*. Exemplos:

dez litros; *sexta* série; um *terço* do bolo; o *triplo* de vinte.

Incluem-se entre os numerais as seguintes palavras:

- **zero**

  grau *zero*, *zero* hora, *zero* quilômetro.

- **ambos** (= os dois, um e outro), **ambas** (= as duas, uma e outra)

  São substantivos coletivos numéricos:

  a) *par*, *dezena*, *década*, *dúzia*, *vintena*, *centena*, *centúria*, *grosa*, *milheiro*, *milhar* e outros coletivos que indicam um agrupamento numericamente exato;

  b) *biênio*, *triênio*, *quadriênio*, *lustro* ou *quinquênio*, *década* ou *decênio*, *milênio*, *centenário* e *sesquicentenário* (150 anos), referentes a anos;

  c) *tríduo* e *novena*, referentes a dias, e *bimestre*, *trimestre*, *semestre*, relativos a meses.

Observação:

✔ As palavras *último*, *penúltimo* e *antepenúltimo* são adjetivos. *Metade* é substantivo.

2 FLEXÃO DOS NUMERAIS

Alguns numerais se flexionam, outros não.

- Os **cardinais**, com exceção de *um* (fem. *uma)*, *dois* (fem. *duas*) e daqueles terminados em *-entos* e *-ão* (duzentas, trezentas, milhões, etc.), são invariáveis.
- Os **ordinais** variam em gênero e número: *primeira* volta, *primeiros* resultados, as *segundas* eleições, etc.
- No plural flexionam-se os numerais cardinais substantivados que terminam por fonema vocálico: dois *cinquentas*, dois *setes*, três *oitos*, dois *cens*, quatro *uns*, etc. Permanecem invariáveis os que finalizam por fonema consonantal: Pedro tirou quatro *seis* e dois *dez*, nos testes mensais.

3 LEITURA E ESCRITA DOS NÚMEROS

Intercala-se a conjunção **e** entre as centenas e as dezenas e entre estas e as unidades. Exemplo:

3.655.264 = três milhões seiscentos **e** cinquenta **e** cinco mil duzentos **e** sessenta **e** quatro

Observações:

✔ Na escrita dos números por extenso não se põe vírgula entre uma classe e outra.

✔ Não se usa ponto na escrita dos anos: 1998, 2000, 2005, etc.

4 QUADRO DOS PRINCIPAIS NUMERAIS

Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
um	primeiro	—	—
dois	segundo	dobro, duplo	meio
três	terceiro	triplo (tríplice)	terço
quatro	quarto	quádruplo	quarto
cinco	quinto	quíntuplo	quinto
seis	sexto	sêxtuplo	sexto
sete	sétimo	sétuplo	sétimo
oito	oitavo	óctuplo	oitavo
nove	nono	nônuplo	nono
dez	décimo	décuplo	décimo
onze	décimo primeiro	—	onze avos
doze	décimo segundo	—	doze avos
treze	décimo terceiro	—	treze avos

Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
catorze	décimo quarto	—	catorze avos
quinze	décimo quinto	—	quinze avos
dezesseis	décimo sexto	—	dezesseis avos
dezessete	décimo sétimo	—	dezessete avos
dezoito	décimo oitavo	—	dezoito avos
dezenove	décimo nono	—	dezenove avos
vinte	vigésimo	—	vinte avos
trinta	trigésimo	—	trinta avos
quarenta	quadragésimo	—	quarenta avos
cinquenta	quinquagésimo	—	cinquenta avos
sessenta	sexagésimo	—	sessenta avos
setenta	septuagésimo	—	setenta avos
oitenta	octogésimo	—	oitenta avos
noventa	nonagésimo	—	noventa avos
cem, cento	centésimo	cêntuplo	centésimo
duzentos	ducentésimo	—	ducentésimo
trezentos	trecentésimo	—	trecentésimo
quatrocentos	quadringentésimo	—	quadringentésimo
quinhentos	quingentésimo	—	quingentésimo
seiscentos	sexcentésimo	—	sexcentésimo
setecentos	setingentésimo	—	setingentésimo
oitocentos	octingentésimo	—	octingentésimo
novecentos	nongentésimo	—	nongentésimo
mil	milésimo	—	milésimo
milhão	milionésimo	—	milionésimo
bilhão	bilionésimo	—	bilionésimo

5 FORMAS DUPLAS

Os seguintes numerais apresentam mais de uma forma:

undécimo *ou* décimo primeiro
duodécimo *ou* décimo segundo
catorze *ou* quatorze
septuagésimo *ou* setuagésimo
sexcentésimo *ou* seiscentésimo
septingentésimo *ou* setingentésimo
noningentésimo *ou* nongentésimo

A partir de *dois mil* é melhor usar *segundo milésimo, terceiro milésimo*, etc., do que *dois milésimos, três milésimos*, etc. Assim:

No segundo milésimo quingentésimo aniversário da fundação da cidade...
Na terceira milésima ducentésima vigésima quinta página da enciclopédia...

EXERCÍCIOS LISTA 22

1. Escreva por extenso os números seguintes:

112 – 660 – 7.663.251 – 3.012.005 – 14.612.063 – 216.153.374.001

2. Escreva por extenso os ordinais correspondentes aos seguintes cardinais:

12, 20, 50, 60, 70, 80, 90, 200, 300, 400, 500, 600, 700, 800, 900, 258, 10.000, 100.000, 1.000.000

3. Escreva os números por extenso e pluralize os substantivos:

3 (pãozinho)	1.222 (laranja)
12 (leitãozinho)	660 (grama)
14 (papelzinho)	1.001 (razão)

4. Informe quantos anos representam estes substantivos coletivos numéricos:

década
lustro
milênio
quadriênio
século
quinquênio
bicentenário
sesquicentenário

5. Escreva os numerais por extenso:

século V
século XIX
capítulo III
capítulo XI
Paulo VI
Leão XIII
D. Pedro II
Luís XV

6. Informe se **um** e **uma** são artigos ou numerais:

Eis **uma** afirmação primária: se de **um** número positivo eu tiro **um**, diminuo-o de **uma** unidade.

7. Escreva as frases, substituindo os asteriscos pelas formas corretas dos numerais indicados entre parênteses:

a) Pelo serviço, deram-lhe *** reais. (*mil – um mil*)

b) Era o *** carro sorteado. (*octagésimo – octogésimo*)

c) Elói mora na Rua *** de Setembro. (*VII – Sete*)

d) Havia mais de *** de desempregados. (*1,5 milhões – 1,5 milhão*)

e) Abri o livro na página ***. (*décima quinta – 15*)

f) Nasceu no dia *** de maio de 1990. (*1º – 1*)

8. Como se leem os numerais em destaque?

a) São Paulo comemorou seu **450º** aniversário com dezenas de atrações.

b) Durante a vacinação em massa, **1.255.352** pessoas foram imunizadas.

c) Esse foi seu **45º** gol no Flamengo.

d) Você sabe se esse conflito ocorreu no século **IX** ou no **XI**?

e) Amanhã comemoramos o **80º** aniversário da empresa.

9. Escreva por extenso os numerais representados por algarismos nas frases abaixo. Faça a concordância necessária:

a) O artigo (9º) do Regimento Interno fala da constituição da mesa diretora, porém a cláusula (1ª) não menciona a presença de representantes.

b) A professora atribuiu três (8), dois (9) e quatro (7) ao grupo.

c) O livro tem (240) páginas.

d) Vamos imediatamente tirar a prova dos (9).

10. Veja se é possível passar os numerais para o feminino plural. Se for, copie a frase fazendo as alterações necessárias:

a) O segundo colocado também será premiado.

b) O primeiro a entrar deu um grito e saiu correndo.

11. Diga se os algarismos que aparecem nas frases abaixo devem ser lidos como ordinais ou cardinais.

a) Você conhece a vida de D. Pedro II?

b) O papa que escreveu essa encíclica mencionada no texto foi João XXIII.

c) Foi D. João VI que determinou a abertura dos portos?

d) Leiam para a próxima aula do capítulo III ao capítulo VIII. E, para a semana seguinte, do capítulo IX ao XV. Depois discutiremos o capítulo XXII em classe.

e) O rei Henrique VIII também participou desses acontecimentos?

12. Suponha que você ganhou na loteria e recebeu um prêmio de R$ 21.216.817,00. Como estaria preenchida a linha que, no cheque, indica por extenso a quantia a ser paga ao portador?

NUMERAL
Exercícios de exames e concursos
[Página 672]

PRONOME

Na frase:

Prendi *teu* cachorro, mas não *o* maltratei.

a palavra **o** substitui e representa o substantivo **cachorro** e a palavra **teu** o determina, isto é, indica que o animal pertence à 2ª pessoa do discurso (a pessoa com quem se fala).

As palavras **o** e **teu**, nessa frase, são *pronomes*.

1 PRONOMES

Pronomes são palavras que substituem os substantivos ou os determinam, indicando a pessoa do discurso.

Pessoa do discurso é a que participa ou é objeto do ato da comunicação.

2 CLASSIFICAÇÃO DOS PRONOMES

Há seis espécies de pronomes:

- pessoais
- possessivos
- demonstrativos
- indefinidos
- relativos
- interrogativos

3 PRONOMES SUBSTANTIVOS E PRONOMES ADJETIVOS

No exemplo citado acima, a palavra **o** é *pronome substantivo*, porque substitui o substantivo *cachorro*, ao passo que **teu** é *pronome adjetivo*, porque determina o substantivo junto do qual se encontra.

4 PRONOMES PESSOAIS

Observe as palavras destacadas deste exemplo:

Mauro havia deitado tarde. *Ele* ainda dormia quando a mãe *o* chamou.

As palavras **ele** e **o** substituem o nome *Mauro*, que é a 3ª pessoa do discurso, ou seja, a pessoa de quem se fala. Por isso, **ele** e **o**, nessa frase, são *pronomes pessoais*.

Pronomes pessoais são palavras que substituem os substantivos e representam as pessoas do discurso.

As pessoas do discurso (ou pessoas gramaticais) são três:

- **1ª pessoa**
  a que fala: *eu, nós*
- **2ª pessoa**
  a com quem se fala: *tu, vós*
- **3ª pessoa**
  a pessoa ou coisa de que se fala: *ele, ela, eles, elas*

Os pronomes pessoais dividem-se em *retos* e *oblíquos*:

- **pronomes retos**
  Funcionam, em regra, como sujeito da oração.
- **oblíquos**
  Funcionam como objetos ou complementos.

Exemplos:

Sujeito	**Objeto**	**Verbo**
Eu	te	convido.
Nós	o	ajudamos.
Ela	me	chamou.
Eles	lhe	bateram.

Quadro dos Pronomes Pessoais

Pessoas do discurso	**Pronomes retos**	**Pronomes oblíquos**
	Função subjetiva	**Função objetiva**
1ª pessoa do singular	eu	me, mim, comigo
2ª pessoa do singular	tu	te, ti, contigo
3ª pessoa do singular	ele, ela	se, si, consigo, lhe, o, a
1ª pessoa do plural	nós	nos, conosco
2ª pessoa do plural	vós	vos, convosco
3ª pessoa do plural	eles, elas	se, si, consigo, lhes, os, as

Quanto à acentuação, os pronomes oblíquos monossilábicos dividem-se em:

- **tônicos**

mim, ti, si

- **átonos**

me, te, se, lhe, lhes, o, a, os, as, nos, vos

Associados a verbos terminados em *-r*, *-s* ou *-z*, e à palavra *eis*, os pronomes **o**, **a**, **os**, **as** assumem as antigas formas **lo**, **la**, **los**, **las**, caindo aquelas consoantes. Exemplos:

Mandaram prendê-**lo**. Ajudemo-**la**. Fê-**los** entrar. Ei-**lo** aqui!

Associados a verbos terminados em ditongo nasal (*-am*, *-em*, *-ão*, *-õe*), os ditos pronomes tomam as formas **no**, **na**, **nos**, **nas**:

Trazem-**no**. Ajudavam-**na**. Dão-**nos** de graça. Põe-**no** aqui.

- **Pronomes oblíquos reflexivos**

São os que se referem ao sujeito da oração, sendo da mesma pessoa que este. Exemplos:

Alexandre só pensa em **si**.

O operário feriu-**se** ao subir no muro.

Tu não **te** enxergas?

Eu **me** machuquei na escada.

Nós **nos** perfilamos corretamente.

A mãe trouxe as crianças **consigo**.

Com exceção de **o**, **a**, **os**, **as**, **lhe**, **lhes**, os demais pronomes oblíquos podem ser reflexivos.

Os pronomes *migo*, *tigo*, *sigo*, *nosco*, *vosco*, do português antigo, se combinaram com a preposição *com*, dando as formas atuais: **comigo**, **contigo**, **consigo**, **conosco**, **convosco**.

5 PRONOMES DE TRATAMENTO

Entre os pronomes pessoais incluem-se os *pronomes de tratamento*, também chamados *formas de tratamento*, que se usam no trato com as pessoas. Dependendo da pessoa a quem nos dirigimos, do seu cargo, título, idade, dignidade, o tratamento será familiar ou cerimonioso.

Eis os principais pronomes de tratamento, seguidos de suas abreviaturas, que, de modo geral, devem ser evitadas:

você (v.): no tratamento familiar, informal

o senhor (Sr.), *a senhora* (Sr.ª): no tratamento de respeito

a senhorita (Sr.ª): a moças solteiras

Vossa Senhoria (V. S.ª): para pessoas de cerimônia, principalmente na correspondência comercial; para funcionários graduados

Vossa Excelência (V. Ex.ª): para altas autoridades

Vossa Reverendíssima (V. Rev.ma): para sacerdotes

Vossa Eminência (V. Em.ª): para cardeais

Vossa Santidade (V. S.): para o Papa

Vossa Majestade (V. M.): para reis e rainhas

Vossa Majestade Imperial (V. M. I.): para imperadores

Vossa Alteza (V. A.): para príncipes, princesas e duques

Esses pronomes são da 2ª pessoa, mas se usam com as formas verbais e os pronomes possessivos da 3ª pessoa. Exemplo:

"Vossa Majestade **pode** partir tranquilo para a *sua* expedição." (VIVALDO COARACI)

Referindo-se à 3ª pessoa, apresentam-se com o possessivo *sua*: *Sua Senhoria*, *Sua Excelência*, *Sua Majestade*, etc. Exemplos:

Sua Excelência volta hoje para Brasília.

"Certa manhã, *Sua Majestade* o rei Marcos I acordou ao som de tiros."

(OFÉLIA E NARBAL FONTES)

Observações:

✔ *Você* (plural *vocês*), usado no trato familiar e íntimo, é a contração de *vosmecê*, que, por sua vez, deriva de *Vossa Mercê*.

✔ Na linguagem popular, é de uso generalizado o tratamento *seu*, forma reduzida de *senhor*: Como vai, *seu* Pedro?

6 PRONOMES POSSESSIVOS

Os *pronomes possessivos* referem-se às pessoas do discurso, atribuindo-lhes a posse de alguma coisa. Por exemplo, na frase:

Meu relógio estava atrasado.

a palavra **meu** informa que o relógio pertence à 1ª pessoa (*eu*). **Meu**, portanto, é um pronome possessivo.

Eis as formas dos pronomes possessivos:

- **1ª pessoa do singular**

  meu, minha, meus, minhas

- **2ª pessoa do singular**

  teu, tua, teus, tuas

- **3ª pessoa do singular**

  seu, sua, seus, suas

- **1ª pessoa do plural**

  nosso, nossa, nossos, nossas

- **2ª pessoa do plural**

  vosso, vossa, vossos, vossas

- **3ª pessoa do plural**

  seu, sua, seus, suas

7 PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Pronomes demonstrativos são os que indicam o lugar, a posição ou a identidade dos seres, relativamente às pessoas do discurso. Exemplos:

Compro **este** carro (aqui).

(O pronome **este** indica que o carro está perto da pessoa que fala.)

Compro **esse** carro (aí).

(O pronome **esse** indica que o carro está perto da pessoa com quem falo ou afastado da pessoa que fala.)

Compro **aquele** carro (lá).

(O pronome **aquele** diz que o carro está afastado da pessoa que fala e daquela com quem falo.)

Aos pronomes *este, esse, aquele* correspondem *isto, isso, aquilo*, que são invariáveis e se empregam exclusivamente como substitutos dos substantivos. Exemplos:

Isto é meu.
Isso que você está levando é seu?
Aquilo que Dario está levando não é dele.

São os seguintes os pronomes demonstrativos:

- *este(s), esta(s), esse(s), essa(s), aquele(s), aquela(s), aqueloutro(s), aqueloutra(s), mesmo(s), mesma(s), próprio(s), própria(s), tal, tais, semelhante(s)*

As contrações *aqueloutro, aqueloutra* são raramente usadas em lugar de *aquele outro, aquela outra*.

- *isto, isso, aquilo, o, a, os, as*

  Exemplos:

  Estes rapazes são os mesmos que vieram ontem.

  Os **próprios** sábios podem enganar-se.

  Não digas **tal**.

  Tais crimes não podem ficar impunes.

  Não faças **semelhantes** coisas.

  Ninguém sabe **o** que ele resolveu. [*o* = aquilo]

  Ela casou ontem. Não **o** sabias? [*o* = isso]

"Teus dentes não são tão brancos quanto eu **o** desejaria." (LÊDO IVO)

São poucos **os** que sabem **isto**. [*os* = aqueles]

Sabeis ser gentis quando **isso** vos convém.

"Eu sou **a** que no mundo anda perdida." (FLORBELA ESPANCA) [*a* = aquela]

"Nunca tive um jardim que se parecesse com **aqueloutro** que ficou lá longe."

(VIVALDO COARACI)

Observações:

✔ *O, a, os, as* – que também podem ser artigos e pronomes pessoais – são pronomes demonstrativos quando equivalem a *isto, aquilo, aquele, aquela, aqueles, aquelas*: Leve *o* (= aquilo) que lhe pertence. É esta *a* (= aquela) que você quer?

✔ A locução *o quê*, salvo melhor interpretação, é pronome demonstrativo em frases como: O médico examinou minuciosamente o enfermo; após *o quê*, prescreveu-lhe repouso absoluto. [*o quê* = isso]

✔ Pode ocorrer a contração das preposições *a, de, em* com pronome demonstrativo: *àquele, àquela, deste, desta, disso, nisso, no*, etc. Exemplos:

Cheguei *àquele* sítio às 10 horas. [*àquele* = a aquele]

Não acreditei *no* que estava vendo. [*no* = naquilo]

6 PRONOMES RELATIVOS

Veja este exemplo:

Armando comprou a casa **que** lhe convinha.

A palavra **que** representa o substantivo *casa*, relaciona-se com o termo *casa*: é um *pronome relativo*.

Pronomes relativos *são palavras que representam substantivos já referidos, com os quais estão relacionadas. Daí denominarem-se* relativos.

A palavra que o pronome relativo representa chama-se *antecedente*. No exemplo dado, o antecedente de **que** é **casa**.

Outros exemplos de pronomes relativos:

Sejamos gratos a Deus, a **quem** tudo devemos.

O lugar **onde** paramos era deserto.

Traga tudo **quanto** lhe pertence.

Leve tantos ingressos **quantos** quiser.

Posso saber o motivo por **que** (ou pelo **qual**) desistiu do concurso?

Levarei alguns livros na viagem, com **os quais** pretendo encher o tempo.

"Por fim, entrou numa rua larga, com muitas árvores, através **das quais** se avistava o rio."

(ÉRICO VERÍSSIMO)

"Depois, seu olhar se fixou no corrimão da escada, **cujos** degraus não voltaria a pisar."

(LÊDO IVO)

"... uma catedral imensa, **cujas** torres tocassem o céu." (CIRO DOS ANJOS)

"Tirei um colete velho, em **cujo** bolso trazia cinco moedas de ouro." (MACHADO DE ASSIS)

"Afinal deram com uma caverna, **cuja** entrada transpuseram com agilidade."

(MARIA DE LOURDES TEIXEIRA)

Eis o quadro dos pronomes relativos:

VARIÁVEIS				INVARIÁVEIS
masculino		feminino		
o qual	os quais	a qual	as quais	quem
cujo	cujos	cuja	cujas	que
quanto	quantos	quanta	quantas	onde

Observações:

- ✔ O pronome relativo *quem* só se aplica a pessoas, tem antecedente, vem sempre precedido de preposição e equivale a *o qual*: O médico de *quem* falo é meu conterrâneo.
- ✔ Os pronomes *cujo, cuja* significam *do qual, da qual* e precedem sempre um substantivo sem artigo: Qual será o animal *cujo nome* a autora não quis revelar? [*cujo nome* = o nome do qual]
- ✔ *Quanto(s)* e *quanta(s)* são pronomes relativos quando precedidos de um dos pronomes indefinidos *tudo, tanto(s), tanta(s), todos, todas*: Tenho tudo *quanto* quero. Leve tantos *quantos* precisar. Nenhum ovo, de todos *quantos* levei, se quebrou.
- ✔ *Onde*, como pronome relativo, tem sempre antecedente e equivale a *em que*: A casa *onde* moro foi de meu avô. [*onde* = em que]

Os pronomes relativos nos permitem reunir duas orações numa só frase. Exemplos:

Das árvores caíam folhas.
O vento levava essas folhas. } Das árvores caíam folhas, **que** o vento levava.

Os planetas são súditos.
O rei deles é o Sol. } Os planetas são súditos **cujo** rei é o Sol.

O futebol é um esporte.
O povo gosta muito deste esporte. } O futebol é um esporte **de que** o povo gosta muito.

Visitei a cidade.
Você nasceu nessa cidade. } Visitei a cidade **onde** você nasceu.

O local é perigoso.
Você se dirige ao local. } É perigoso o local **a que** você se dirige.

Tenho uma coleção de quadros.
Já me ofereceram milhões por ela. } Tenho uma coleção de quadros **pela qual** já me ofereceram milhões.

9 PRONOMES INDEFINIDOS

Estes pronomes se referem à 3ª pessoa do discurso, designando-a de modo vago, impreciso, indeterminado.

▪ Pronomes indefinidos substantivos

Funcionam como substantivo.

algo, alguém, fulano, sicrano, beltrano, nada, ninguém, outrem, quem, tudo

Exemplos:

Algo o incomoda?
Acreditam em **tudo** o que **fulano** diz ou **sicrano** escreve.
Não faça a **outrem** o que não queres que te façam.
Quem avisa amigo é.
Encontrei **quem** me pode ajudar.
Ele gosta de **quem** o elogia.

Observação:

✔ *Quem*, pronome indefinido, ao invés do pronome relativo *quem*, não tem antecedente.

▪ Pronomes indefinidos adjetivos

Funcionam como adjetivo.

cada, certo, certos, certa, certas

Exemplos:

Cada povo tem seus costumes.

Certas pessoas exercem várias profissões.

Certo dia apareceu em casa um repórter famoso.

- **Ora são pronomes adjetivos, ora pronomes substantivos**

algum, alguns, alguma(s), bastante(s) (= muito, muitos), demais, mais, menos, muito(s), muita(s), nenhum, nenhuns, nenhuma(s), outro(s), outra(s), pouco(s), pouca(s), qualquer, quaisquer, qual, que, quanto(s), quanta(s), tal, tais, tanto(s), tanta(s), todo(s), toda(s), um, uns, uma(s), vários, várias

Exemplos:

Alguns contentam-se com **pouco**.

Nesses rios havia **muito** ouro.

Fiquei **bastante** tempo à sua espera.

Nenhum dia se passe, sem que **algum** bem se faça.

"**Menos** palavras e **mais** ações", disse ele, encerrando o discurso.

Dois tripulantes se salvaram; os **demais** pereceram.

"Seu Ivo não mora em parte **nenhuma**." (Graciliano Ramos)

Quantos há ali a quem a fome obriga a aceitar **quaisquer** tarefas!

João tinha **vários** planos, **qual** (= cada qual) mais arrojado e difícil.

Não sabíamos **que** fazer; no entanto, havia **muito** que fazer.

Eu estava invadida não sei por **que** estranhos sentimentos.

Que loucura cometeste!

O médico atendia a **quantos** o procurassem.

"Olhos de **tanta** suavidade **quanta** penetração." (Camilo Castelo Branco)

Diz as coisas com **tal** jeito que **todos** o aprovam.

"Mas, apesar disso, **um** que facilitou, como eu, está sempre com a pulga atrás da orelha."
(Monteiro Lobato)

Uns partem, **outros** ficam.

Observações:

✔ Os pronomes deste grupo que exprimem quantidade, como *mais, menos, muito, pouco*, etc., funcionam como advérbios de intensidade, quando modificam adjetivos, verbos ou advérbios. *Quanto*, além de pronome indefinido (*Quanto* dinheiro gastou!), pode ser pronome relativo (Devolva tudo *quanto* lhe dei.) e advérbio de intensidade (Você sabe *quanto* a estimo.).

✔ *Bastante*, na acepção de *suficiente*, é adjetivo: Há comida *bastante*? Não houve provas *bastantes* para condenar o réu.

✔ Quando são pronomes adjetivos, *um, uns, uma(s)* confundem-se, na maioria dos casos, com os artigos indefinidos.

- **Locuções pronominais indefinidas**

cada qual, cada um, qualquer um, quantos quer (que), quem quer (que), seja quem for, seja qual for, todo aquele (que), tal qual (= certo), tal e qual, tal ou qual, um ou outro, uma ou outra, etc.

Exemplos:

"**Cada qual** tem o ar que Deus lhe deu." (MACHADO DE ASSIS)

"No tronco havia **tal qual** inclinação." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"... com **tais e tais** enfeites." (MACHADO DE ASSIS)

"Sentia umas **tais ou quais** cócegas de curiosidade." (MACHADO DE ASSIS)

Apenas **uma ou outra** pessoa entrava naquela loja.

10 PRONOMES INTERROGATIVOS

Os pronomes interrogativos se usam em frases interrogativas. Como os indefinidos, referem-se de modo impreciso à 3ª pessoa do discurso. Exemplos:

Que há?	**Que** dia é hoje?
Reagir contra **quê**?	Por **que** motivo não veio?
Quem foi?	**Qual** será?
Quantos vêm?	**Quantas** pessoas moram aqui?

EXERCÍCIOS — LISTA 23

1. A que pessoa do discurso se referem os pronomes desta frase?

Você deve ir **comigo** para **os** receber.

2. Escreva as frases, colocando na frente **A** ou **S,** conforme houver **pronome adjetivo** ou **pronome substantivo**:

Aquilo não era bom sinal.

O mascate conhecia bem aquelas paragens.

Havia muita gente.

Quem avisa amigo é.

3. Reorganize as colunas, realizando a correspondência correta entre as frases, de acordo com os pronomes em destaque:

Isto é muito importante.	(1) pessoal
Todos **a** olhavam curiosos.	(2) possessivo
Veja **quem** é.	(3) demonstrativo
São amiguinhas a **quem** quero muito bem.	(4) indefinido

Que lhe diria você? (5) relativo

Guardei o que é **vosso**. (6) interrogativo

4. Substitua o * pelos pronomes pessoais adequados, na pessoa indicada entre parênteses:

a) Que * teria acontecido? (3ª pessoa do plural)

b) Aqui ninguém * incomodará. (3ª pessoa do plural)

c) Ele falava alto para * ouvi-lo. (1ª pessoa do singular)

d) Após ligeiro desmaio, ela voltou a * . (3ª pessoa do singular)

e) Meus amigos imploravam para * atravessar o rio. (1ª pessoa do singular)

f) O que resta agora entre mim e * ? (2ª pessoa do singular)

g) Os gritos dele chegaram até *. (1ª pessoa do singular)

5. Anexe corretamente os pronomes oblíquos aos verbos:

a) chamar + o =

b) conhecer + a =

c) levem + o =

d) indispõe + a =

e) convidam + o =

f) seguimos + os =

g) vimos + as =

h) fez + os =

6. Escreva as frases, colocando em seguida a elas **A** ou **T**, conforme o pronome em destaque seja átono ou tônico:

Não **nos** apressemos.

Elói era um rapaz cheio de **si**.

Não vá sem **mim**.

Ele atirou-**se** ao mar.

7. Copie somente a frase em que ocorre pronome reflexivo:

Pendura-**se** a roupa num galho de árvore.

O macaco pendura-**se** num galho de árvore.

8. Copie apenas o pronome de tratamento referente a príncipes:

Vossa Excelência – Vossa Eminência – Vossa Alteza

9. Substitua corretamente * por **Vossa** ou **Sua**, conforme a pessoa do discurso:

a) * Excelência estava bem-humorado. (3ª pessoa)

b) * Excelência pretende viajar para a Europa? (2ª pessoa)

10. Reconheça e classifique os pronomes:

a) "Qualquer pessoa que lesse tal coisa não a levaria a sério." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

b) "Ninguém teve coragem de falar antes que ela o fizesse." (JOSÉ CONDÉ)

c) "Tudo isso são prazeres que um intelectual modesto pode usufruir." (RUBEM BRAGA)

d) "Olhe, se esta [casa] vale os cinquenta contos, quantos não vale a que você deseja para si, a do Campos?" (MACHADO DE ASSIS)

e) "O alumínio era algo que as fascinava." (EDY LIMA)

f) "Quem pode adivinhar o que se passa na mente de outrem?" (JOSÉ FONSECA FERNANDES)

g) "E depois todos entravam numa jaula cuja chave se perdia." (LÊDO IVO)

h) "Iam pela ilharga da montanha, sobre lajes que tornavam cavos quaisquer ruídos." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

11. Identifique os pronomes relativos e indique seus antecedentes:

a) O artista vendeu todos os quadros que pintou.

b) Já houve muitas espécies de elefantes, das quais só restam duas.

c) Queria ir para uma cidade onde houvesse mais conforto.

d) O diretor recebeu os ex-alunos, com quem manteve longa conversa.

e) Abri um grande álbum, cujas páginas estavam amarelecidas.

12. Por meio de pronomes relativos adequados, junte cada par de frases numa só, fazendo as modificações necessárias.

a) Tio Onofre contava histórias. As histórias dele me apavoravam.

b) Junto à fonte vi uma jovem. Pedi a ela um pouco d'água.

c) Os planetas são súditos. O rei deles é o Sol.

d) Veja o perigo. Você se expõe a esse perigo.

e) Antes do jogo houve uma cerimônia cívica. Durante essa cerimônia o povo se manteve em silêncio.

13. Classifique a palavra **um** de acordo com a classe gramatical a que pertence.

O que **um** faz todos aprovam.	(1) artigo indefinido
Não lhe sobrou **um** só real.	(2) pronome indefinido
Lutou como **um** herói.	(3) numeral cardinal

14. Classifique o pronome **quem** destacado nas frases abaixo, de acordo com a coluna numerada:

Quem procura acha.

Quem é perfeito?

Conhece a pessoa a **quem** me refiro?

(1) **relativo**

(2) **indefinido**

(3) **interrogativo**

15. Copie as frases abaixo, antepondo as letras **R**, **D** ou **T**, conforme o pronome **que** for **relativo**, **indefinido** ou **interrogativo**.

As aulas a **que** assisti foram proveitosas.

"**Que** incógnitos veios de ouro exploram?" (Camilo Castelo Branco)

Não sabia **que** responder.

Você o chamou para **quê**?

"Cada experiência por **que** passamos é favor da vida." (Vivaldo Coaraci)

"Desanimaram não sei por **quê**." (Aníbal Machado)

16. Copie as frases e ao lado de cada uma escreva **A**, **D**, **O** ou **P**, conforme as palavras **o**, **a**, **os**, **as** forem **artigo**, **pronome demonstrativo**, **pronome pessoal oblíquo** ou **preposição**.

a) Corro até **a** janela e abro-**a**.

b) Abri **a** do meio e daí **a** pouco **a** fechei.

c) Amparei **os** que precisavam de amparo.

d) **As** que eu tenho não **as** dou **a** ninguém.

e) Não **o** aconselho **a** ficar aqui.

f) "Era uma bela ponte, ele próprio **o** reconhecia." (Aníbal Machado)

g) "**A** modéstia doura **os** talentos, **a** vaidade **os** deslustra." (Marquês de Maricá)

h) Eu não **a** ajudo por interesse: faço-**o** por pura amizade.

17. Substitua o * nas frases pelos pronomes pessoais oblíquos adequados:

a) Quando * pedem algum favor, Nélson * faz com prazer.

b) Eles tentam fugir, mas não conseguem: uma estranha força * mantém imóveis.

c) Quando a atriz aparecia, saudavam * aos gritos, atiravam * flores.

d) A esbelta ginasta rodopiou sobre * mesma, leve, graciosa.

18. Troque o * por pronomes relativos adequados ao contexto:

a) Ele não respondeu à pergunta * lhe fiz.

b) Aproximei-me da mesa de pingue-pongue, sobre * havia duas raquetes.

c) São perigosos os rios em * águas vivem sucuris.

d) O moço a * me dirigi parecia ser o gerente da loja.

e) Elza chamou o filho da vizinha, * veio correndo.

19. Reorganize as colunas, de maneira a corresponderem à classe gramatical de **quanto**:

Quanto ouro existe ali!	(1) pronome relativo
Tenho tudo **quanto** quero.	(2) pronome indefinido
Sabes **quanto** te amo.	(3) advérbio de intensidade

20. Forme uma frase com o pronome **menos** seguido de substantivo feminino.

21. Substitua os asteriscos nas frases pelos pronomes adequados:

a) Percorri ***** país, de norte a sul. (*todo – todo o*)

b) Nem ***** país é banhado pelo mar. (*todo – todo o*)

c) Peço a Vossa Senhoria me envie o ***** currículo. (*seu – vosso*)

d) Lembra a água corrente ***** tua voz. (*esta – essa*)

e) Grave bem *****: É melhor prevenir o mal do que remediá-lo. (*isto – isso*)

22. Aponte os substantivos a que se referem os pronomes oblíquos usados nas frases abaixo:

a) Sérgio trouxe uma camisa e, com repugnância, **a** entregou ao irmão.

b) "Escrevo perfeitamente ouvindo os grilos. Havia uma orquestra deles, mas eu nem **os** notava." (Graciliano Ramos)

c) "[...]e a velha tinha um ar sabido, nem sequer escondia o sorriso. O melhor seria não deixá-**la** sozinha na saleta, com o armário de louça nova." (Clarice Lispector)

d) "Com tanto choro, o pai acordou lá dentro, e veio, estremunhado, ver de que se tratava. O menino mostrou-**lhe** a tartaruga morta." (Millôr Fernandes)

23. Complete usando o pronome demonstrativo adequado para indicar a posição dos objetos em relação às pessoas do discurso:

a) Traga-me * revista. (*A revista está longe do falante e do ouvinte.*)

b) Onde você comprou * revista? (*A revista está nas mãos do ouvinte.*)

c) * camisa é um presente para você. (*O objeto está nas mãos do falante.*)

24. Complete as frases usando corretamente as formas pronominais **eu** ou **mim**:

a) O cãozinho deitou-se entre * e meu namorado.

b) Eu sempre socorri os que precisavam de *.

c) Este exercício é para * fazer em casa?

d) Você está certo de que as rosas são para * ?

e) Essas rosas são para * entregar à Marta?

f) Não faça nada sem * mandar!

25. Reescreva as frases substituindo o termo destacado por um pronome oblíquo:

a) Entreguei *seu material* ao diretor.

b) Entreguei seu material *ao diretor*.

c) Levei *os alunos da creche* ao parque de diversões.

d) Pretendo consultar *o advogado* imediatamente.

e) Fizeram *o funcionário* desistir da promoção!

26. Aponte e corrija erros na utilização dos pronomes pessoais; apenas em uma frase não há erro:

a) Renato estava entre eu e Leandro.

b) Professor, queremos conversar consigo.

c) O médico trouxe consigo os remédios que utilizaria durante a consulta.

d) Receberam nós com carinho e atenção.

e) Infelizmente, não deu para mim sair mais cedo hoje.

f) Liana, tenho uma encomenda para si.

27. Faça o mesmo em relação aos pronomes demonstrativos e relativos. Apenas em uma frase não há erro:

a) Chorar e lamentar-se, isto não resolverá seus problemas.

b) Pense nisso: amanhã estaremos em nossa velha casa.

c) Até este chapéu que tens na cabeça me pertence!

d) Os pais cujos os filhos se comportaram mal deverão permanecer na sala.

e) Pretendíamos falar duramente com ele, mas não o fizemos.

f) Taís e Renato tinham temperamentos diferentes: esta era calma e alegre; aquele, agitado e loquaz.

28. O pronome pessoal utilizado *consigo*, no item *c)* do exercício 26, foi utilizado corretamente. Use-o em outra frase.

29. O pronome demonstrativo *o*, no item *e)* do exercício 27, foi usado corretramente. Use-o numa frase semelhante.

PRONOME
Exercícios de exames e concursos
[Página 673]

VERBO

Considere estes exemplos:

O criado **abriu** o portão.	[**abriu** exprime uma ação]
Fernando **estava** doente.	[**estava** exprime um estado, uma situação]
Nevou em São Joaquim.	[**nevou** exprime um fato, um fenômeno]

As palavras *abriu*, *estava* e *nevou* são verbos.

1 VERBO

Verbo é uma palavra que exprime ação, estado, fato ou fenômeno.

O verbo é palavra indispensável na organização do período.

Dentre as classes de palavras, o verbo é a mais rica em flexões. Com efeito, o verbo reveste diferentes formas para indicar a pessoa do discurso, o número, o tempo, o modo e a voz. Ao conjunto ordenado das flexões ou formas de um verbo dá-se o nome de *conjugação*.

2 PESSOA E NÚMERO

O verbo varia para indicar o número e a pessoa. Exemplo:

	singular	**plural**
1ª pessoa	eu *penso*	nós *pensamos*
2ª pessoa	tu *pensas*	vós *pensais*
3ª pessoa	ele *pensa*	eles *pensam*

3 TEMPOS VERBAIS

Os **tempos** situam o fato ou a ação verbal dentro de determinado momento (*durante* o ato da comunicação, *antes* ou *depois* dele). São três os tempos verbais:

- ***presente***

Agora eu *leio*.

- **pretérito (= passado)**

  a) imperfeito: Depois de entrar, ele *trancava* a porta.
  b) perfeito: Ele *trancou* a porta.
  c) mais-que-perfeito: Quando cheguei, ele já *trancara* a porta.

- **futuro**

  a) do presente: Beatriz *ganhará* o prêmio.
  b) do pretérito: Beatriz *ganharia* o prêmio.

  Não nos parece adequada a denominação *futuro do presente*. Bastaria chamar esse tempo simplesmente de *futuro*.

  Quanto à forma, os tempos podem ser *simples* ou *compostos*.

  Na conjugação ativa, os tempos simples apresentam-se sob formas simples (*leio*, *andava*, *corremos*, etc.) e os compostos, sob formas compostas (*tenho lido*, *tinham andado*, *havia corrido*, etc.).

  Na voz passiva, tanto os tempos simples como os compostos apresentam formas compostas: *sou premiado*, *fomos chamados*, *tens sido visto*, etc.

4 MODOS DO VERBO

Os **modos** indicam as diferentes maneiras de um fato se realizar. São três:

- **indicativo**

  Exprime um fato certo, positivo:
  Vou hoje. *Saíram* cedo.

- **imperativo**

  Exprime ordem, proibição, conselho, pedido:
  Volte logo. Não *fiquem* aqui. *Sejam* prudentes.

- **subjuntivo**

  Enuncia um fato possível, duvidoso, hipotético:
  É possível que *chova*. Se você *trabalhasse*, não passaria fome.

5 FORMAS NOMINAIS

Além desses três modos, existem as **formas nominais** do verbo, que enunciam simplesmente um fato, de maneira vaga, imprecisa, impessoal. São formas nominais do verbo:

- **o infinitivo**

  plantar, vender, ferir

- **o gerúndio**

  plantando, vendendo, ferindo

- **o particípio**

  plantado, vendido, ferido

Observação:

✔ Chamam-se *formas nominais* porque, sem embargo de sua significação verbal, podem desempenhar as funções próprias dos nomes, substantivos e adjetivos: o *andar*, água *fervendo*, tempo *perdido*.

O infinitivo pode ser *pessoal* ou *impessoal*. Denomina-se:

a) **pessoal**, quando tem sujeito:

Para *sermos* vencedores, é preciso lutar. [sujeito: *nós*]

b) **impessoal**, quando não tem sujeito:

"*Ser* ou *não ser*, eis a questão." (SHAKESPEARE)

O infinitivo pessoal ora se apresenta *flexionado*, ora *não flexionado*:

a) **flexionado**: andares tu, andarmos nós, andardes vós, andarem eles
b) **não flexionado**: andar eu, andar ele

6 VOZ

Quanto à **voz**, os verbos se classificam em:

- **ativos**

O patrão *chamou* o empregado.

- **passivos**

O empregado *foi chamado* pelo patrão.

- **reflexivos**

A criança *feriu-se* na gangorra.

7 VERBOS AUXILIARES

Verbos auxiliares são os que se juntam a uma forma nominal de outro verbo para constituir a voz passiva, os tempos compostos e as locuções verbais:

Somos castigados pelos nossos erros.

Tenho estudado muito esta semana.

Jacinto *havia* chegado naquele momento.

O mecânico *estava* consertando o carro.

O secretário *vai* anunciar os resultados.

Começava a escurecer na cidade de Itu.

Principais verbos auxiliares:
ter, haver, ser, estar.
Veja na pág. 200 (locuções verbais) outros exemplos de verbos auxiliares.

8 CONJUGAÇÕES

Os verbos da língua portuguesa se agrupam em três conjugações, de conformidade com a terminação do infinitivo:

- Os da 1ª conjugação terminam em **-ar**: *cantar*, *falar*, *amar*, etc.
- Os da 2ª conjugação terminam em **-er**: *bater*, *comer*, *ver*, etc.
- Os da 3ª conjugação terminam em **-ir**: *partir*, *abrir*, *rir*, etc.

Cada conjugação se caracteriza por uma vogal temática:

A → 1ª conjugação: lev**ar**
E → 2ª conjugação: bat**er**
I → 3ª conjugação: un**ir**

Ao radical acrescido de vogal temática chama-se *tema*. Nos verbos supracitados os temas são *leva-*, *bate-* e *uni-*, respectivamente.

Observações:

✔ O verbo *pôr*, antigo *poer* (do latim *ponere*), perdeu a vogal temática do infinitivo. É um verbo anômalo da 2ª conjugação.

✔ A nossa língua possui aproximadamente onze mil verbos, dos quais mais de dez mil são da 1ª conjugação. Hoje, esta é a única conjugação prolífica. Exemplos: *televisionar*, *teleguiar*, *agilizar*, *globalizar*, etc.

9 ELEMENTOS ESTRUTURAIS DOS VERBOS

Num verbo devemos distinguir o *radical*, que é o elemento básico, normalmente invariável, e a *terminação*, que varia para indicar o tempo e o modo, a pessoa e o número. Exemplos:

radical	terminação	radical	terminação
cant-	ar	cant-	avas
vend-	er	vend-	ia
part-	ir	part-	imos
traz-	er	troux-	eram

Na terminação, ou seja, na parte flexiva do verbo, encontramos pelo menos um destes elementos:

- **vogal temática**

  Caracteriza a conjugação.

- **desinência modo-temporal**

  Indica o modo e o tempo do verbo: na forma *andá**SSE**mos*, por exemplo, o elemento destacado denota o pretérito imperfeito do subjuntivo.

- **desinência número-pessoal**

  A flexão *-mos* de *partimos*, por exemplo, configura a primeira pessoa do plural.

10 TEMPOS PRIMITIVOS E DERIVADOS

Quanto à formação, dividem-se os tempos em *primitivos* e *derivados*. São tempos primitivos:

- o **presente do infinitivo impessoal**: amar, caber, etc.;
- o **presente do indicativo** (1ª e 2ª pessoas do singular e 2ª pessoa do plural): digo, dizes, dizeis;
- o **pretérito perfeito do indicativo** (3ª pessoa do plural): disseram.

Os tempos derivados formam-se com o radical dos primitivos.

Vamos esquematizar a formação dos tempos simples da voz ativa:

- O **presente do infinitivo**

Exemplo: **caber**

forma:

a) o pretérito imperfeito do indicativo: *cabia, cabias, cabia*, etc.

b) o futuro do presente: *caberei, caberás, caberá*, etc.

c) o futuro do pretérito: *caberia, caberias, caberia*, etc.

d) o infinitivo pessoal: *caber, caberes, caber*, etc.

e) o gerúndio: *cabendo*

f) o particípio: *cabido*

- O **presente do indicativo**

Exemplo: **digo, dizes, dizeis**

forma:

a) o presente do subjuntivo: *digo* → *diga, digas, diga, digamos, digais, digam*

b) o imperativo afirmativo: *dizes* → *dize; dizeis* → *dizei*

▪ Do pretérito perfeito do indicativo

Exemplo: **disseram**

derivam:

a) o pretérito mais-que-perfeito do indicativo: *dissera*, *disseras*, *dissera*, etc.

b) o pretérito imperfeito do subjuntivo: *dissesse*, *dissesses*, *dissesse*, etc.

c) o futuro do subjuntivo: *disser*, *disseres*, *disser*, etc.

11 MODO IMPERATIVO

Considerem-se estes exemplos de Machado de Assis:

"*Anda, aprende*, tola!" → imperativo afirmativo

"*Não te assustes*, disse ela." → imperativo negativo

▪ imperativo afirmativo

Forma-se assim: a 2ª pessoa do singular (tu) e a 2ª do plural (vós) derivam das pessoas correspondentes do presente do indicativo, suprimindo-se o **s** final; as demais pessoas (você, nós, vocês) são tomadas do presente do subjuntivo, sem qualquer alteração.

▪ imperativo negativo

Não possui, em português, formas especiais: suas pessoas são iguais às correspondentes do presente do subjuntivo.

Atente-se para o seguinte quadro:

12 FORMAÇÃO DO IMPERATIVO

Pessoas	Presente do indicativo	Imperativo afirmativo	Presente do subjuntivo	Imperativo negativo
tu	dizes →	dize	digas →	não digas
você		diga	← diga →	não diga
nós		digamos	← digamos →	não digamos
vós	dizeis →	dizei	digais →	não digais
vocês		digam	← digam →	não digam

Observações:

✔ O verbo *ser* no imperativo afirmativo faz, excepcionalmente: *sê* (tu), *sede* (vós).

✔ O imperativo não possui a 1ª pessoa do singular nem as 3as pessoas. As formas verbais correspondentes aos pronomes de tratamento (você, vocês, o senhor, os senhores, etc.), embora revistam aspecto de 3ª pessoa, verdadeiramente referem-se à 2ª pessoa do discurso (a pessoa com quem se fala).

13 FORMAÇÃO DOS TEMPOS COMPOSTOS

Eis como se formam os tempos compostos:

▪ tempos compostos da voz ativa

São formados pelos verbos auxiliares *ter* ou *haver*, seguidos do particípio do verbo principal:

Tenho trabalhado muito.
Havíamos saído cedo.
Tinham posto a mesa no salão.

▪ tempos compostos da voz passiva

Formam-se com o concurso simultâneo dos auxiliares *ter* (ou *haver*) e *ser*, seguidos do particípio do verbo principal:

Tenho sido maltratado por ele.
Os dois *tinham* (ou *haviam*) *sido vistos* no cinema.

▪ locuções verbais

Outro tipo de conjugação composta – também chamada *conjugação perifrástica* – são as **locuções verbais**, constituídas de um verbo auxiliar seguido de gerúndio ou infinitivo do verbo principal:

Tenho de ir hoje. *Hei de ir* amanhã.
Estava lendo o jornal. Não *podia atender*.
Que *vais fazer*? *Ficas esperando* o quê?
Ela *começou a rir*, não *queria comprometer-se*.
Não *devem hesitar*. *Podemos precisar* dele.
Deveis ir prestar-lhe vossas homenagens.
Clóvis *anda viajando*. Ele *vive fazendo* projetos.
Sandra *veio correndo*: o noivo *acabara de chegar*.
João *entrou a falar alto*. [*entrou* = começou]
O jornal *voltou a circular*.

(No último exemplo, *voltou* é verbo auxiliar e *circular*, verbo principal.)

14 VERBOS REGULARES, IRREGULARES E DEFECTIVOS

Quanto à conjugação, dividem-se os verbos em:

▪ regulares

Os que seguem um paradigma ou modelo comum de conjugação, mantendo o radical invariável: *cantar*, *bater*, *partir*, etc.

▪ irregulares

Os que sofrem alterações no radical e/ou nas terminações, afastando-se do paradigma: *dar*, *trazer*, *dizer*, *ir*, *ouvir*, etc.

Observação:

✔ Entre os irregulares destacam-se os *anômalos*, como os verbos *pôr* (sem vogal temática no infinitivo), *ser* e *ir* (que apresentam radicais diferentes: *sou, era, fui*; *vou, ia, fui*).

▪ defectivos

Os que não possuem a conjugação completa, não sendo usados em certos modos, tempos ou pessoas: *abolir*, *demolir*, *reaver*, *precaver*, *soer*, etc.

EXERCÍCIOS LISTA 24

1. Reorganize as colunas de acordo com o que os verbos exprimem nas frases:

Quando **venta**, o tempo esfria.	ação
Atravessei o rio a nado.	estado
Sarita **era** alegre, expansiva.	fenômeno

2. Destaque os elementos estruturais da forma verbal **cortássemos:**
radical / desinência modo-temporal / tema / desinência número-pessoal

3. Dê o que se pede acerca de cada um dos verbos em destaque:

— Homens armados **invadirão** a casa em que **moras** e matarão tua mulher e filhos – **disse**-me o vidente.

— Não **creio** que isso **aconteça** — contestei com ironia —, não tenho mulher nem filhos e moro sob uma ponte.

a) conjugação;
b) pessoa;
c) número;
d) tempo;
e) modo.

4. Reorganize as três colunas correlacionando-as corretamente:

Vá agora, Luís.	indicativo	fato incerto
O náufrago **salvou**-se.	subjuntivo	ordem
Talvez Elói não **venha**.	imperativo	fato certo

5. Reorganize corretamente as duas colunas e identifique, oralmente, os tempos verbais:

O vento **soprava** forte.	fato atual
Fiz o que lhe **prometera**.	fato passado não concluído
Assistirei às Olimpíadas.	fato passado concluído
Preciso de um dicionário.	fato passado anterior a outro também passado

Prometi que o **ajudaria**.	fato a ser realizado
Elas **colheram** a uva.	fato futuro situado no passado

6. Copie o quadro abaixo, substituindo os asteriscos pelas formas do imperativo do verbo **falar**:

Pessoas	Presente do indicativo	Imperativo afirmativo	Presente do subjuntivo	Imperativo negativo
Tu	falas (-s) →	****	fales →	Não ****
Você	–	****	← fale →	Não ****
Nós	–	****	← falemos →	Não ****
Vós	falais (-s) →	****	faleis →	Não ****
Vocês	–	****	← falem →	Não ****

7. Escreva as frases e sublinhe as locuções verbais:

a) Quando Joel chegou, eu estava abrindo as garrafas.

b) Clóvis terá de trabalhar dobrado e sua vida vai ficar mais dura.

8. Indique a voz dos verbos:

a) A carta **foi lida** por todas.

b) João **feriu-se** na obra.

c) **Acendemos** a fogueira.

d) O mel **é produzido** pelas abelhas.

9. Complete as frases substituindo o * pelo presente do indicativo ou pelo presente do subjuntivo, conforme convenha:

a) Quero que ele * em casa hoje. (ficar)

b) É possível que eu não * para o hotel. (voltar)

c) Não creio que ele * o serviço hoje. (terminar)

d) Sempre que eu lhe *, ela * por monossílabos. (telefonar/responder)

e) Eu * que você não * feliz. (pensar/ser)

10. Complete usando o pretérito perfeito, o pretérito imperfeito ou o mais-que-perfeito do indicativo dos verbos entre parênteses:

a) Eu * a carteira que * no dia anterior. (encontrar/perder)

b) Eles sempre me * que * futebol quando jovens. (dizer/jogar)

c) Minha mãe * a carne, quando o gás *. (cozinhar/acabar)

11. Complete usando o futuro do presente ou o futuro do pretérito do indicativo:

a) Se forem bem tratados, esses canteiros * repletos de flores. (ficar)

b) Prometi a seu pai que não o * sozinho. (deixar)

c) Eu * com meu chefe se as circunstâncias o exigirem. (falar)
d) O pai decidiu que todos se * para a capital. (mudar)

12. Escreva frases com os verbos abaixo, começando a frase com as palavras "Quando eu..." ou "Se eu".
a) fazer
b) trazer
c) ir
d) vir
e) pôr

13. Escreva as frases abaixo utilizando os verbos na voz passiva (veja p. 220, nº 18):
a) Um estrangeiro comprou todas as peças de cerâmica.
b) A nova bibliotecária comprou vários livros de História.
c) Os jogadores fizeram muitas promessas aos torcedores do clube.
d) A polícia cercará a praça Manuel Bandeira.
e) Os críticos sempre elogiam obras de vanguarda.

14. Complete as frases, flexionando corretamente os verbos irregulares entre parênteses:
a) Se * mais alguma coisa no carro, me avise. (caber)
b) Se você * o que lhe pedi, eu * o dinheiro. (fazer/trazer)
c) Se Júlio * as malas no carro e Ivan * conosco, partiremos. (pôr/ir)
d) Sempre * os conselhos que me dão e * explicações sobre aquilo que não entendo. (ouvir/pedir)
e) Quando seus primos * vir, * lhes que * seus agasalhos. (querer/dizer/pôr)

VERBOS AUXILIARES

ser, estar, ter, haver

INDICATIVO

1. **presente**

sou	estou	tenho	hei
és	estás	tens	hás
é	está	tem	há
somos	estamos	temos	havemos
sois	estais	tendes	haveis
são	estão	têm	hão

2. **pretérito imperfeito**

era	estava	tinha	havia
eras	estavas	tinhas	havias
era	estava	tinha	havia
éramos	estávamos	tínhamos	havíamos
éreis	estáveis	tínheis	havíeis
eram	estavam	tinham	haviam

3. **pretérito perfeito simples**

fui	estive	tive	houve
foste	estiveste	tiveste	houveste
foi	esteve	teve	houve
fomos	estivemos	tivemos	houvemos
fostes	estivestes	tivestes	houvestes
foram	estiveram	tiveram	houveram

4. **pretérito perfeito composto**

tenho sido	tenho estado	tenho tido	tenho havido
tens sido	tens estado	tens tido	tens havido
tem sido	tem estado	tem tido	tem havido
temos sido	temos estado	temos tido	temos havido
tendes sido	tendes estado	tendes tido	tendes havido
têm sido	têm estado	têm tido	têm havido

5. **pretérito mais-que-perfeito simples**

fora	estivera	tivera	houvera
foras	estiveras	tiveras	houveras
fora	estivera	tivera	houvera
fôramos	estivéramos	tivéramos	houvéramos
fôreis	estivéreis	tivéreis	houvéreis
foram	estiveram	tiveram	houveram

6. **pretérito mais-que-perfeito composto**

tinha sido	tinha estado	tinha tido	tinha havido
tinhas sido	tinhas estado	tinhas tido	tinhas havido
tinha sido	tinha estado	tinha tido	tinha havido
tínhamos sido	tínhamos estado	tínhamos tido	tínhamos havido
tínheis sido	tínheis estado	tínheis tido	tínheis havido
tinham sido	tinham estado	tinham tido	tinham havido

7. **futuro do presente simples**

serei	estarei	terei	haverei
serás	estarás	terás	haverás
será	estará	terá	haverá
seremos	estaremos	teremos	haveremos
sereis	estareis	tereis	havereis
serão	estarão	terão	haverão

8. **futuro do presente composto**

terei sido	terei estado	terei tido	terei havido
terás sido	terás estado	terás tido	terás havido
terá sido	terá estado	terá tido	terá havido
teremos sido	teremos estado	teremos tido	teremos havido
tereis sido	tereis estado	tereis tido	tereis havido
terão sido	terão estado	terão tido	terão havido

9. **futuro do pretérito simples**

seria	estaria	teria	haveria
serias	estarias	terias	haverias
seria	estaria	teria	haveria
seríamos	estaríamos	teríamos	haveríamos
seríeis	estaríeis	teríeis	haveríeis
seriam	estariam	teriam	haveriam

10. **futuro do pretérito composto**

teria sido	teria estado	teria tido	teria havido
terias sido	terias estado	terias tido	terias havido
teria sido	teria estado	teria tido	teria havido
teríamos sido	teríamos estado	teríamos tido	teríamos havido
teríeis sido	teríeis estado	teríeis tido	teríeis havido
teriam sido	teriam estado	teriam tido	teriam havido

SUBJUNTIVO

1. **presente**

seja	esteja	tenha	haja
sejas	estejas	tenhas	hajas
seja	esteja	tenha	haja
sejamos	estejamos	tenhamos	hajamos
sejais	estejais	tenhais	hajais
sejam	estejam	tenham	hajam

2. **pretérito imperfeito**

fosse	estivesse	tivesse	houvesse
fosses	estivesses	tivesses	houvesses
fosse	estivesse	tivesse	houvesse
fôssemos	estivéssemos	tivéssemos	houvéssemos
fôsseis	estivésseis	tivésseis	houvésseis
fossem	estivessem	tivessem	houvessem

3. **pretérito perfeito composto**

tenha sido	tenha estado	tenha tido	tenha havido
tenhas sido	tenhas estado	tenhas tido	tenhas havido
tenha sido	tenha estado	tenha tido	tenha havido
tenhamos sido	tenhamos estado	tenhamos tido	tenhamos havido
tenhais sido	tenhais estado	tenhais tido	tenhais havido
tenham sido	tenham estado	tenham tido	tenham havido

4. **pretérito mais-que-perfeito composto**

tivesse sido	tivesse estado	tivesse tido	tivesse havido
tivesses sido	tivesses estado	tivesses tido	tivesses havido
tivesse sido	tivesse estado	tivesse tido	tivesse havido
tivéssemos sido	tivéssemos estado	tivéssemos tido	tivéssemos havido
tivésseis sido	tivésseis estado	tivésseis tido	tivésseis havido
tivessem sido	tivessem estado	tivessem tido	tivessem havido

5. **futuro simples**

se eu for	se eu estiver	se eu tiver	se eu houver
se tu fores	se tu estiveres	se tu tiveres	se tu houveres
se ele for	se ele estiver	se ele tiver	se ele houver
se nós formos	se nós estivermos	se nós tivermos	se nós houvermos
se vós fordes	se vós estiverdes	se vós tiverdes	se vós houverdes
se eles forem	se eles estiverem	se eles tiverem	se eles houverem

6. **futuro composto**

tiver sido	tiver estado	tiver tido	tiver havido
tiveres sido	tiveres estado	tiveres tido	tiveres havido
tiver sido	tiver estado	tiver tido	tiver havido
tivermos sido	tivermos estado	tivermos tido	tivermos havido
tiverdes sido	tiverdes estado	tiverdes tido	tiverdes havido
tiverem sido	tiverem estado	tiverem tido	tiverem havido

IMPERATIVO

1. **afirmativo**

sê tu	está tu	tem tu	há tu
seja você	esteja você	tenha você	haja você
sejamos nós	estejamos nós	tenhamos nós	hajamos nós
sede vós	estai vós	tende vós	havei vós
sejam vocês	estejam vocês	tenham vocês	hajam vocês

2. **negativo**

não sejas tu	não estejas tu	não tenhas tu	não hajas tu
não seja você	não esteja você	não tenha você	não haja você
não sejamos nós	não estejamos nós	não tenhamos nós	não hajamos nós
não sejais vós	não estejais vós	não tenhais vós	não hajais vós
não sejam vocês	não estejam vocês	não tenham vocês	não hajam vocês

INFINITIVO

1. **impessoal**

presente:	ser	estar	ter	haver
pretérito:	ter sido	ter estado	ter tido	ter havido

2. **pessoal**

presente:	ser	estar	ter	haver
	seres	estares	teres	haveres
	ser	estar	ter	haver
	sermos	estarmos	termos	havermos
	serdes	estardes	terdes	haverdes
	serem	estarem	terem	haverem
pretérito:	ter sido	ter estado	ter tido	ter havido
	teres sido	teres estado	teres tido	teres havido
	ter sido	ter estado	ter tido	ter havido
	termos sido	termos estado	termos tido	termos havido
	terdes sido	terdes estado	terdes tido	terdes havido
	terem sido	terem estado	terem tido	terem havido

GERÚNDIO

presente:	sendo	estando	tendo	havendo
pretérito:	tendo sido	tendo estado	tendo tido	tendo havido

PARTICÍPIO

sido	estado	tido	havido

Observação:

✔ Como *ter* conjugam-se todos os seus derivados: *abster-se, ater-se, conter, deter, entreter, manter, obter, reter, suster*. Basta antepor-lhes o prefixo. Exemplos: *contenho, contive, detiveram, entretínhamos, mantivesse, retiver*, etc. Observe a acentuação: tu *manténs, mantém* tu; ele *mantém*, eles *mantêm*.

EXERCÍCIOS

LISTA 25

1. Dê a pessoa, o número, o tempo e o modo dos verbos da frase:

Onde **estarias** agora, se eu não **contivesse** o agressor?

2. Escreva as frases, flexionando corretamente os verbos destacados, de acordo com o contexto:

a) Quando **ser** crianças, não tínheis essas preocupações.

b) É possível que elas **estar** viajando. **Haver** tempo que não são vistas em casa.

c) Talvez **haver** desabado algumas barreiras.

d) Como não **obter** resposta, esmurrou a porta com violência.

e) Praticai o bem, **ser** atenciosos, convivei pacificamente com todos.

f) Até ali ele se **manter** calado. (pretérito mais-que-perfeito)

g) Veja como as crianças se **entreter** a observar os peixes no aquário!

h) Se nos **ater** ao parecer de um só homem, sem dúvida haveremos de errar.

i) Até agora eles **ter** sido muito bons para mim.

j) O doceiro parava em todas as casas onde **haver** crianças.

k) Se não **ser** os bombeiros, todos teriam perecido.

l) Eles são **ter** e **haver** como pessoas de bem. (particípio)

m) Se você tem algo a dizer, fale, mas **ser** breve.

n) Fábio avançou contra mim, João o **deter**: eu não **conter** o riso.

o) **Haver** países que **manter** no espaço satélites espiões.

p) Enquanto bebíamos, Félix nos **entreter** com suas brincadeiras.

3. Nas frases do exercício anterior, sublinhe os verbos **ser, ter, haver** e **estar** quando são auxiliares.

4. Conjugue o verbo **entreter** nos tempos derivados do pretérito.

5. Dê as formas pedidas dos verbos seguintes:

manter – 2ª pessoa do plural do imperativo afirmativo

obter – 1ª pessoa do plural do pretérito mais-que-perfeito do indicativo

deter – 3ª pessoa do singular do pretérito imperfeito do subjuntivo

haver – 3ª pessoa do singular do presente do subjuntivo

VERBOS REGULARES

paradigmas

Primeira conjugação *CANTAR*

	INDICATIVO		SUBJUNTIVO	
	tempos simples	**tempos compostos**	**tempos simples**	**tempos compostos**
PRESENTE	canto cantas canta cantamos cantais cantam		cante cantes cante cantemos canteis cantem	
PRETÉRITO IMPERFEITO	cantava cantavas cantava cantávamos cantáveis cantavam		cantasse cantasses cantasse cantássemos cantásseis cantassem	
PRETÉRITO PERFEITO	cantei cantaste cantou cantamos cantastes cantaram	tenho cantado tens cantado tem cantado temos cantado tendes cantado têm cantado		tenha cantado tenhas cantado tenha cantado tenhamos cantado tenhais cantado tenham cantado
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO	cantara cantaras cantara cantáramos cantáreis cantaram	tinha cantado tinhas cantado tinha cantado tínhamos cantado tínheis cantado tinham cantado		tivesse cantado tivesses cantado tivesse cantado tivéssemos cantado tivésseis cantado tivessem cantado
FUTURO DO PRESENTE	cantarei cantarás cantará cantaremos cantareis cantarão	terei cantado terás cantado terá cantado teremos cantado tereis cantado terão cantado	cantar cantares cantar cantarmos cantardes cantarem	tiver cantado tiveres cantado tiver cantado tivermos cantado tiverdes cantado tiverem cantado
FUTURO DO PRETÉRITO	cantaria cantarias cantaria cantaríamos cantaríeis cantariam	teria cantado terias cantado teria cantado teríamos cantado teríeis cantado teriam cantado		

IMPERATIVO	FORMAS NOMINAIS
afirmativo	INFINITIVO
canta (tu)	**presente impessoal**
cante (você)	cantar
cantemos (nós)	
cantai (vós)	
cantem (vocês)	
	presente pessoal
	cantar
negativo	cantares
não cantes (tu)	cantar
não cante (você)	cantarmos
não cantemos (nós)	cantardes
não canteis (vós)	cantarem
não cantem (vocês)	
	pretérito impessoal
	ter cantado
	pretérito pessoal
	ter cantado
	teres cantado
	ter cantado
	termos cantado
	terdes cantado
	terem cantado
	GERÚNDIO
	presente **pretérito**
	cantando tendo cantado
	PARTICÍPIO
	cantado

Observações:

✔ Por este modelo se conjugam todos os verbos regulares da 1ª conjugação: *andar, lavar, saltar, saudar, caçar, suar*, etc.

✔ Para a formação dos tempos compostos pode-se usar também o verbo *haver*: *hei cantado, havia cantado, haverei cantado*, etc.

✔ Há verbos que merecem reparos, no tocante à grafia e à ortoépia. Assim:

a) Os verbos em *-car*, como *ficar, secar*, etc., trocam o *c* por *qu* antes de e: *fique, fiquei, fiquemos; seque, sequei*, etc.

b) Os terminados em *-çar*, como *caçar, abraçar*, perdem a *cedilha* antes do e: *cace, cacemos*, etc.

c) Os verbos em *-gar*, como *jogar, negar*, mudam o *g* em *gu* antes do e: *jogue, joguei, joguemos*, etc.

d) O verbo *roubar* escreve-se e pronuncia-se com o ditongo *ou: roubo, roubas, rouba*, etc., e não "róbo", "róbas", "róba". Assim também *estoura*, e não "estóra", *afrouxa*, e não "afróxa".

e) Nos verbos em *-oar* não se acentua o grupo *oo: voo, entoo, magoo; magoas, magoe*; coo, coas, coa.

f) O verbo *saudar* tem o *u* acentuado nas formas rizotônicas: *saúdo, saúdas, saúdam, saúde*, etc.

g) Nos verbos *obstar, optar, captar, interceptar, pugnar, impugnar, repugnar, designar, eclipsar*, etc., cujo radical termina por duas ou mais consoantes, evite-se intercalar, tanto na pronúncia como na escrita, um *i* entre essas consoantes: *opto, optas, opta*, etc., e não: "ópito", "ópitas", "ópita", nem "opito", "opitas", "opita", etc.; *pugno, pugnas, pugna*, etc., e não: "púguino", "púguinas", "púguina", etc.

h) Os verbos em *-jar* conservam o *j* em todos os tempos: *viajo, viajes, viaje, viajemos, viajeis, viajem*.

i) Os verbos em *-oiar*, como *apoiar, boiar*, etc., têm o **o** tônico aberto nas formas rizotônicas: *apoio, apoias, apoia, apoiam; apoie, apoies, apoie, apoiem*.

j) Nos verbos em *-eijar, -ejar, -eirar, -eixar, -elhar*, a vogal **e** dessas terminações é fechada (ê e não é): *aleijo, aleija, aleijem, despejo, despeja, despejam, inteiro, inteiram, enfeixo, enfeixa, espelho, espelha, espelham*, etc.

VERBOS REGULARES

Segunda conjugação ***BATER***

	INDICATIVO		SUBJUNTIVO	
	tempos simples	**tempos compostos**	**tempos simples**	**tempos compostos**
PRESENTE	bato bates bate batemos bateis batem		bata batas bata batamos batais batam	
PRETÉRITO IMPERFEITO	batia batias batia batíamos batíeis batiam		batesse batesses batesse batêssemos batêsseis batessem	
PRETÉRITO PERFEITO	bati bateste bateu batemos batestes bateram	tenho batido tens batido tem batido temos batido tendes batido têm batido		tenha batido tenhas batido tenha batido tenhamos batido tenhais batido tenham batido
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO	batera bateras batera batêramos batêreis bateram	tinha batido tinhas batido tinha batido tínhamos batido tínheis batido tinham batido		tivesse batido tivesses batido tivesse batido tivéssemos batido tivésseis batido tivessem batido
FUTURO DO PRESENTE	baterei baterás baterá bateremos batereis baterão	terei batido terás batido terá batido teremos batido tereis batido terão batido	bater bateres bater batermos baterdes baterem	tiver batido tiveres batido tiver batido tivermos batido tiverdes batido tiverem batido
FUTURO DO PRETÉRITO	bateria baterias bateria bateríamos bateríeis bateriam	teria batido terias batido teria batido teríamos batido teríeis batido teriam batido		

IMPERATIVO	FORMAS NOMINAIS
afirmativo	INFINITIVO
bat**e** (tu)	**presente impessoal**
bat**a** (você)	bater
bat**amos** (nós)	
bat**ei** (vós)	**presente pessoal**
bat**am** (vocês)	bater batermos
	bateres baterdes
	bater baterem
negativo	**pretérito impessoal**
não bat**as** (tu)	ter batido
não bat**a** (você)	
não bat**amos** (nós)	**pretérito pessoal**
não bat**ais** (vós)	ter batido termos batido
não bat**am** (vocês)	teres batido terdes batido
	ter batido terem batido
	GERÚNDIO
	presente **pretérito**
	batendo tendo batido
	PARTICÍPIO
	batido

Observações:

- ✔ Seguem este paradigma todos os verbos regulares da 2ª conjugação: *comer, temer, beber, descer, crescer, repreender, conhecer*, etc.
- ✔ Os tempos compostos são formados também com o verbo *haver: havia batido, haja batido, houvesse batido*, etc.
- ✔ Os verbos em *-cer*, como *descer, vencer*, etc., terão ç antes de *o* e *a*: *desço, desça, desçamos, desçam*, etc.
- ✔ Os verbos em *-ger*, como *proteger*, mudam o *g* em *j* antes de *o* e *a*: *protejo, protejas, proteja, protejamos, protejais, protejam*.
- ✔ Os verbos em *-guer*, como *erguer*, perdem o *u* antes de *o* e *a*: *ergo, erga, ergamos*.
- ✔ Muitos verbos da 2ª conjugação têm, no presente do indicativo, o *e* ou o *o* tônicos do radical fechados na 1ª pessoal do singular e abertos nas 2ª e 3ª pessoas do singular e na 3ª do plural. Exemplos:
  ergo (ér), ergues (ér), ergue (ér), erguem (ér); corro (ô), corres (ó), corre (ó), correm (ó). Essa alteração no timbre da vogal chama-se *metafonia*.

  Assim também: *escrever, dever, morder, coser* (costurar), *cozer* (cozinhar), etc.

VERBOS REGULARES

Terceira conjugação ***PARTIR***

	INDICATIVO		SUBJUNTIVO	
	tempos simples	**tempos compostos**	**tempos simples**	**tempos compostos**
PRESENTE	parto partes parte partimos partis partem		parta partas parta partamos partais partam	
PRETÉRITO IMPERFEITO	partia partias partia partíamos partíeis partiam		partisse partisses partisse partíssemos partísseis partissem	
PRETÉRITO PERFEITO	parti partiste partiu partimos partistes partiram	tenho partido tens partido tem partido temos partido tendes partido têm partido		tenha partido tenhas partido tenha partido tenhamos partido tenhais partido tenham partido
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO	partira partiras partira partíramos partíreis partiram	tinha partido tinhas partido tinha partido tínhamos partido tínheis partido tinham partido		tivesse partido tivesses partido tivesse partido tivéssemos partido tivésseis partido tivessem partido
FUTURO DO PRESENTE	partirei partirás partirá partiremos partireis partirão	terei partido terás partido terá partido teremos partido tereis partido terão partido	partir partires partir partirmos partirdes partirem	tiver partido tiveres partido tiver partido tivermos partido tiverdes partido tiverem partido
FUTURO DO PRETÉRITO	partiria partirias partiria partiríamos partiríeis partiriam	teria partido terias partido teria partido teríamos partido teríeis partido teriam partido		

IMPERATIVO	FORMAS NOMINAIS
afirmativo parte (tu) parta (você) partamos (nós) parti (vós) partam (vocês) **negativo** não partas (tu) não parta (você) não partamos (nós) não partais (vós) não partam (vocês)	INFINITIVO **presente impessoal** partir **presente pessoal** partir partirmos partires partirdes partir partirem **pretérito impessoal** ter partido **pretérito pessoal** ter partido termos partido teres partido terdes partido ter partido terem partido
	GERÚNDIO **presente** **pretérito** partindo tendo partido
	PARTICÍPIO partido

Observações:

- ✔ Como *partir* se conjugam: *repartir, dirigir, exigir, dividir*, etc.
- ✔ Para os tempos compostos, usa-se também o verbo *haver*: *haver partido, havia partido, houvesse partido*, etc.
- ✔ Os verbos terminados em *-gir* mudam o *g* em *j* antes de *o* e *a*: *dirigir, dirijo, dirija, dirijamos*, etc.
- ✔ Os terminados em *-guir* (nos quais o *u* não é proferido) perdem o *u* antes de *o* e *a*: *distinguir, distingo, distinga*, etc.
- ✔ Na 2ª e 3ª pessoas do singular do presente do indicativo dos verbos regulares em *-uir*, grafa-se *ui* e não *ue*, por se tratar de ditongo decrescente: *concluis, conclui, influis, influi*, etc.

EXERCÍCIOS

LISTA 26

1. Prossiga dando a pessoa, o número, o tempo e o modo das formas verbais:

Exemplo: cansam – **3ª pessoa do plural do presente do indicativo**

deixávamos –
cessariam –
dançarão –
dançaram –
achastes –
assaste –
considerem –
atáramos –
deixei –
deixasse –

2. Conjugue por escrito o verbo **descansar** nos tempos simples do indicativo.

3. Conjugue por escrito o verbo **alcançar** nos tempos do subjuntivo.

4. Flexione por escrito o verbo **despejar** no imperativo afirmativo e no negativo.

5. Conjugue por escrito o verbo **suar** no infinitivo presente pessoal.

6. Escreva as formas nominais (infinitivo, gerúndio e particípio) do verbo em destaque:
Não **deixes** o certo pelo duvidoso.

7. Relacione as frases aos respectivos tempos dos verbos que estão em destaque:

É melhor que a **conservemos** na água.	pretérito perfeito do indicativo
Por que **desanimastes**?	pretérito mais-que-perfeito do indicativo
Pedi que **examinassem** as contas.	futuro do pretérito
Alcançariam o fugitivo?	presente do subjuntivo
Ninguém os **autorizara** a entrar.	pretérito imperfeito do subjuntivo

8. Substitua o * pelos verbos nos tempos do subjuntivo, nas formas adequadas ao contexto:

a) Pedi às crianças que *. (**sossegar**)
b) Peço ao moço que * as cartas na caixa. (**depositar**)
c) É preciso que nós mesmas * a roupa. (**consertar**)
d) Pior para eles, se * minhas recomendações. (**desprezar**)
e) Proponho-vos que * para vossas casas. (**voltar**)
f) Espero que Luís já * os colegas. (**avisar**)
g) Não o verás, por mais que * longe. (**enxergar**)
h) Pode acontecer que o avião * ou * em outra cidade. (**atrasar – descer**)

9. Forme frases com os verbos abaixo na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo:
roubar – saudar – almejar – espelhar – magoar – optar – vistoriar

10. Reescreva as frases, flexionando corretamente os verbos em destaque, no presente do indicativo ou do subjuntivo, de acordo com o contexto sintático:

a) A História **restaurar** o passado.

b) Farei tudo para que os dois se **reconciliar**.

c) Alguns se **gloriar** do que não fizeram.

d) **Estourar** morteiros e **espocar** foguetes.

e) Peço-te que não **afrouxar** a marcha.

f) Aconselho-os a que **viajar** amiúde e **ampliar** seus conhecimentos.

g) Ele **gesticular** e **vociferar** contra os que lhe **impugnar** as opiniões.

h) Pobre homem! Uns o **caluniar**, outros lhe **roubar** o sossego.

i) A polícia **interceptar** o veículo e **apreender** o contrabando.

j) É de esperar que **nascer** novos gênios da música.

k) É possível que **ocorrer** outros terremotos na região.

l) Conversando, talvez nos **entender** e nos **tornar** bons amigos.

11. Conjugue o verbo **crescer** nos tempos simples do indicativo.
Conjugue o verbo **mexer** nos tempos do subjuntivo.

12. Flexione o verbo **descer** no imperativo afirmativo e no negativo.

13. Escreva as frases, colocando entre parênteses os respectivos tempos e modos dos verbos em destaque. Veja os tempos e modos abaixo:

Cássio **desaparecera** no mar.

Existiriam discos voadores?

Talvez **existam**.

Dividi para vencerdes.

Eu **dividi** os lucros.

Se me **morderes**, prendo-te.

Cuidado para não **morderes** a língua!

a) pretérito perfeito do indicativo

b) futuro do subjuntivo

c) pretérito mais-que-perfeito do indicativo

d) infinitivo presente pessoal

e) imperativo afirmativo

f) presente do subjuntivo

g) futuro do pretérito do indicativo

14. Dê as formas verbais pedidas:

apoiar – 1ª pes. sing. pres. indic.

telegrafar – 3ª pes. sing. pres. indic.

deliciar – 3ª pes. sing. pres. indic.
eclipsar – 3ª pes. sing. pret. perf. indic.
exercer – 3ª pes. pl. pres. subj.
designar – 2ª pes. sing. pres. subj.
conceder – 1ª pes. pl. pret. imperf. subj.
florescer – 3ª pes. pl. fut. do pres.
proteger – 1ª pes. pl. pres. subj.
dirigir – 2ª pes. sing. imper. neg.
extinguir – 3ª pes. sing. pret. perf. indic.
distinguir – 3ª pes. sing. pret. imperf. indic.
proibir – 3ª pes. pl. pres. subj.
exigir – 1ª pes. pl. imper. afirm.

15. Escreva as frases, substituindo as expressões em destaque pelos verbos equivalentes, fazendo as necessárias adaptações:

a) As jovens contavam casos, **diziam gracejos** e riam alto.
b) A banda **deu início** à retreta com o hino *Cidade Maravilhosa*.
c) Noêmia não **causara boa impressão** ao povo da cidade.
d) É preciso que alguma força **dê impulso** ao veículo.
e) Falta de dinheiro **torna impossível** a muitos **fazer excursões** durante as férias.
f) **Demos graças** a Deus por termos escapado ilesos.

16. Passe para a 2ª pessoa do singular ou plural, conforme o caso:

a) Divide e sê vencedor.
b) Não esqueçais o passado nem vos afeiçoeis demais ao presente.
c) Recebe com alegria os amigos que te visitam.
d) Abri as portas à esperança; não deixeis entrar o desânimo.
e) Não magoes nunca nem entristeças tua mãe.
f) Queremos que participeis de nossa alegria: entrai e comei!
g) Frequenta os bons e serás bom; convive com os maus, serás como eles.

17. Use o tratamento **vocês** em lugar do tratamento **vós**:

a) Não vendais a honra nem atraiçoeis os amigos.
b) Permiti, prezados ouvintes, que vos faça uma pergunta.
c) Não vos mexais, belas jovens, senão o retrato sai borrado.

18. Mude os tempos simples em destaque nos correspondentes compostos:

a) Até então a vida para mim **fora** suave.
b) Onde, na infância, **brincáramos** alegres, ali agora só se viam edifícios tristes.

c) Não a **deixarás** entregue à própria sorte?

d) Confesso que não me **esforcei** tanto quanto poderia.

e) Quem lhe **ensinaria** o caminho? Quem a **protegeria**?

f) Voltarás para casa assim que **concluíres** a tarefa.

19. Substitua os tempos em destaque pelos indicados entre parênteses:

a) Espero que você **inclua** meu nome na lista. (pretérito perfeito)

b) Se me **ouvissem**, agora não estariam se lamentando. (pretérito mais-que-perfeito)

c) **É** bom **voltares** para a tua terra natal. (pretérito)

d) **É** uma injustiça não o **atenderem**. (pretérito)

15 VOZES DO VERBO

Voz do verbo é a forma que este assume para indicar que a ação verbal é praticada ou sofrida pelo sujeito.

Três são as vozes dos verbos: a *ativa*, a *passiva* e a *reflexiva*.

16 VOZ ATIVA

Um verbo está na *voz ativa* quando o sujeito é agente, isto é, faz a ação expressa pelo verbo. Exemplos:

O caçador **abateu** a ave.

O vento **agitava** as águas.

Os pais **educam** os filhos.

17 VOZ PASSIVA

Um verbo está na *voz passiva* quando o sujeito é paciente, isto é, sofre, recebe ou desfruta a ação expressa pelo verbo. Exemplos:

A ave foi **abatida** pelo caçador.

As águas **eram agitadas** pelo vento.

Os filhos **são educados** pelos pais.

Observação:

✔ Só verbos transitivos podem ser usados na voz passiva.

18 FORMAÇÃO DA VOZ PASSIVA

A voz passiva, mais frequentemente, é formada:

- pelo verbo auxiliar *ser* seguido do particípio do verbo principal. Nesse caso, a voz é *passiva analítica*. Exemplos:

  O homem **é afligido** pelas doenças.

  A criança **era conduzida** pelo pai.

  As ruas **serão enfeitadas**.

  Seriam abertas novas escolas.

  "Dos conveses dos navios **seriam vistas** torres de petróleo em todo o litoral." (LEDO IVO)

Na voz passiva analítica, o verbo pode vir acompanhado de um agente, como nos dois primeiros exemplos deste parágrafo.

Menos frequentemente, pode-se exprimir a passiva analítica com outros verbos auxiliares. Exemplos:

A aldeia **estava isolada** pelas águas.

A presa **estava sendo devorada** pelo leão.

O cachorro **ficou esmagado** pela roda do ônibus.

A noiva **vinha acompanhada** pelo pai.

O preso **ia escoltado** pelos guardas.

"Eu **ia perseguido** por criaturas inexistentes." (GRACILIANO RAMOS)

- com o pronome apassivador *se* associado a um verbo ativo da 3ª pessoa. Nesse caso, temos *voz passiva pronominal*. Exemplos:

  Regam-se as plantas de manhã cedo.

  Organizou-se o campeonato.

  Abrir-se-ão novas escolas de artes e ofícios.

  Ainda não **se lançaram** as redes.

  Já **se têm feito** muitas experiências.

  Entregaram-se os troféus aos vencedores da corrida.

  "Não indagava o motivo de **se encherem** os cestos, perguntava se eles realmente **se enchiam**." (GRACILIANO RAMOS)

Por clareza, preferir-se-á a passiva analítica toda vez que o sujeito for uma pessoa ou animal que possa ser o agente da ação verbal. Exemplo:

Foi retirada a guarda.

["**Retirou-se** a guarda" tanto pode ser voz passiva como reflexiva.]

19 VOZ REFLEXIVA

Na *voz reflexiva* o sujeito é ao mesmo tempo agente e paciente: faz uma ação cujos efeitos ele mesmo sofre ou recebe. Exemplos:

O caçador **feriu-se**.

A menina **penteou-se** e saiu com as colegas.

Sacrifiquei-me por ele.

Os pais **contemplam-se** nos filhos.

O preso **suicidou-se**.

Vistamo-nos e **enfeitemo-nos** para a festa!

O verbo reflexivo é conjugado com os pronomes reflexivos *me, te, se, nos, vos, se*. Esses pronomes são reflexivos quando se lhes pode acrescentar *a mim mesmo, a ti mesmo, a si mesmo, a nós mesmos, a vós mesmos, a si mesmos*, respectivamente. Exemplos:

Consideras-te aprovado? (**a ti mesmo**)

Classes sociais **arrogam-se** (**a si mesmas**) direitos que a lei lhes nega.

Às vezes **nos intoxicamos** com alimentos deteriorados.

Errando, **prejudicamo-nos** a nós mesmos.

Aquele escritor **fez-se** por si mesmo.

Por que **vos atribuís** tanta importância?

Observações:

- ✔ Não se deve atribuir sentido reflexivo a verbos que designam sentimentos, como *queixar-se, alegrar-se, arrepender-se, zangar-se, indignar-se* e outros meramente pronominais. O pronome átono como que se dilui nesses verbos, dos quais é parte integrante. A prova de que não são reflexivos é que não se pode dizer, por exemplo, *zango-me a mim mesmo*.
- ✔ Observe-se também que em frases como "João fala de si" há *reflexividade*, mas não há *voz reflexiva*, porque o verbo não é reflexivo.

Uma variante da voz reflexiva é a que denota reciprocidade, ação mútua ou correspondida. Os verbos dessa voz, por alguns chamados *recíprocos*, usam-se, geralmente, no plural e podem ser reforçados pelas expressões *um ao outro, reciprocamente, mutuamente*. Exemplos:

Amam-se como irmãos. (Amam um ao outro.)

Os dois pretendentes *insultaram-se*.

Ó povos, por que *vos guerreais* tão barbaramente?

Os dois escritores *carteavam-se* assiduamente.

Muitas vezes, *atrapalhamo-nos* uns aos outros.

Cumprimentaram-se e *abraçaram-se* com alegria e emoção.

"A gente *se correspondia* por meio de sinais e gestos, de janela a janela." (Rubem Braga)

"Fazia meses que não *se viam*." (Autran Dourado)

"As companheiras *convidavam-se* umas às outras." (Helena Silveira)

"Os dois irmãos *entreolharam-se* em silêncio." (Camilo Castelo Branco)

"Tacapes e tangapemas *entrechocam-se* no ar." (Gastão Cruls)

"O Presidente esperará que vocês *se entredevorem*, para ver o que sobra." (Ciro dos Anjos)

Observação:

✔ Em muitos verbos reflexivos a ideia de reciprocidade é reforçada pelo prefixo *entre: entremear-se, entrechocar-se, entrebater-se, entredevorar-se, entrecruzar-se, entredilacerar-se, entrematar-se, entremorder-se, entreolhar-se, entrequerer-se, entrevistar-se.*

20 CONVERSÃO DA VOZ ATIVA NA PASSIVA

Pode-se mudar a voz ativa na passiva sem alterar substancialmente o sentido da frase. Exemplo:
Gutenberg **inventou** a imprensa. – voz ativa
A imprensa **foi inventada** por Gutenberg. – voz passiva

Observe que o objeto direto será o sujeito da passiva, o sujeito da ativa passará a agente da passiva e o verbo ativo assumirá a forma passiva, conservando o mesmo tempo. Outros exemplos:

Os calores intensos **provocam** as chuvas.
As chuvas **são provocadas** pelos calores intensos.
Os mestres **têm** constantemente **aconselhado** os alunos.
Os alunos **têm sido** constantemente **aconselhados** pelos mestres.
Eu o **acompanharei**.
Ele **será acompanhado** por mim.
Todos te **louvariam**.
Serias louvado por todos.
Receberam-me com festa.
Fui recebido com festa.
Condenar-te-iam, se cometesses tais desatinos.
Serias condenado, se cometesses tais desatinos.

(Quando o sujeito da voz ativa for indeterminado, como nos dois últimos exemplos, não haverá complemento agente da passiva.)

Observações finais:

✔ Aos verbos que não são ativos nem passivos ou reflexivos, alguns gramáticos chamam *neutros*:
O vinho *é* bom. Aqui *chove* muito.

✔ Há formas passivas com sentido ativo:
É chegada a hora. (= *Chegou* a hora.)
Eu ainda não *era nascido*. (= Eu ainda não *tinha nascido*.)
"*São decorridos* três meses do crime, e o edifício ainda continua na berlinda." (ANÍBAL MACHADO) (são decorridos = *decorreram*)
"Imaginei que ela saíra do mato *almoçada* e feliz." (MACHADO DE ASSIS)
"Nós estávamos *brigados*." (MACHADO DE ASSIS)
Ferreira de Castro era um homem *lido* e *viajado*. (= que leu e viajou)

✔ Os verbos *chamar-se, batizar-se, operar-se* (no sentido cirúrgico) e *vacinar-se* são considerados passivos por alguns autores, por isso que o sujeito é paciente:
Chamo-me Luís. *Batizei-me* na igreja do Carmo.
Operou-se de hérnia. *Vacinaram-se* contra o tifo.

CONJUGAÇÃO DE UM VERBO NA VOZ PASSIVA ANALÍTICA

GUIAR

INDICATIVO

presente
sou guiado
és guiado
é guiado
somos guiados
sois guiados
são guiados

pretérito imperfeito
era guiado
eras guiado
era guiado
éramos guiados
éreis guiados
eram guiados

pretérito perfeito simples
fui guiado
foste guiado
foi guiado
fomos guiados
fostes guiados
foram guiados

pretérito perfeito composto
tenho sido guiado
tens sido guiado
tem sido guiado
temos sido guiados
tendes sido guiados
têm sido guiados

pretérito mais-que-perfeito simples
fora guiado
foras guiado
fora guiado
fôramos guiados
fôreis guiados
foram guiados

pretérito mais-que-perfeito composto
tinha sido guiado
tinhas sido guiado
tinha sido guiado
tínhamos sido guiados
tínheis sido guiados
tinham sido guiados

futuro do presente simples
serei guiado
serás guiado
será guiado
seremos guiados
sereis guiados
serão guiados

futuro do presente composto
terei sido guiado
terás sido guiado
terá sido guiado
teremos sido guiados
tereis sido guiados
terão sido guiados

futuro do pretérito simples
seria guiado
serias guiado
seria guiado
seríamos guiados
seríeis guiados
seriam guiados

futuro do pretérito composto
teria sido guiado
terias sido guiado
teria sido guiado
teríamos sido guiados
teríeis sido guiados
teriam sido guiados

IMPERATIVO

afirmativo
sê guiado
seja guiado
sejamos guiados
sede guiados
sejam guiados

negativo
não sejas guiado
não seja guiado
não sejamos guiados
não sejais guiados
não sejam guiados

SUBJUNTIVO

presente
seja guiado
sejas guiado
seja guiado
sejamos guiados
sejais guiados
sejam guiados

pretérito imperfeito
fosse guiado
fosses guiado
fosse guiado
fôssemos guiados
fôsseis guiados
fossem guiados

pretérito perfeito composto
tenha sido guiado
tenhas sido guiado
tenha sido guiado
tenhamos sido guiados
tenhais sido guiados
tenham sido guiados

pretérito mais-que-perfeito composto
tivesse sido guiado
tivesses sido guiado
tivesse sido guiado
tivéssemos sido guiados
tivésseis sido guiados
tivessem sido guiados

futuro simples
for guiado
fores guiado
for guiado
formos guiados
fordes guiados
forem guiados

futuro composto
tiver sido guiado
tiveres sido guiado
tiver sido guiado
tivermos sido guiados
tiverdes sido guiados
tiverem sido guiados

FORMAS NOMINAIS

infinitivo presente impessoal
ser guiado

infinitivo pretérito impessoal
ter sido guiado

infinitivo presente pessoal	**infinitivo pretérito pessoal**
ser guiado	ter sido guiado
seres guiado	teres sido guiado
ser guiado	ter sido guiado
sermos guiados	termos sido guiados
serdes guiados	terdes sido guiados
serem guiados	terem sido guiados

gerúndio presente	**gerúndio pretérito**	**particípio**
sendo guiado	tendo sido guiado	guiado

Observações:

- ✔ Sendo o sujeito um ser do gênero feminino, o particípio terá as desinências *-a, -as*: sou *guiada*, ela é *guiada*, somos *guiadas*, etc.
- ✔ Nos tempos compostos, pode-se usar o auxiliar *haver* em lugar de *ter*: *haverei sido guiado, havia sido guiado, se houver sido guiada, havendo sido guiadas*, etc.
- ✔ Entendem alguns autores que na voz passiva não há imperativo.

21 CONJUGAÇÃO DOS VERBOS PRONOMINAIS

Há os verbos essencialmente pronominais, que só se usam com os pronomes átonos (*queixar-se, arrepender-se, dignar-se*, etc.), e os acidentalmente pronominais (*pentear-se, matar-se, atribuir-se*, etc.), que nem sempre se usam com os ditos pronomes.

Os verbos pronominais abrangem, portanto, os reflexivos e são conjugados como na voz ativa, mas associando-se-lhes os pronomes *me, te, se, nos, vos, se*.

As formas da 1ª pessoa do plural perdem o *s* final antes de receber o pronome enclítico. Exemplo:

"Desconcertados com essa reação que não esperávamos, *afastamo-nos* em pequenos grupos." (José J. Veiga)

Eis um exemplo de conjugação pronominal:

LEMBRAR-SE

INDICATIVO

Presente: lembro-me, lembras-te, lembra-se, lembramo-nos, lembrais-vos, lembram-se.

Pretérito imperfeito: lembrava-me, lembravas-te, lembrava-se, lembrávamo-nos, lembráveis-vos, lembravam-se.

Pretérito perfeito simples: lembrei-me, lembraste-te, lembrou-se, lembramo-nos, lembrastes-vos, lembraram-se.

Pretérito perfeito composto: tenho-me lembrado, tens-te lembrado, tem-se lembrado, temo-nos lembrado, tendes-vos lembrado, têm-se lembrado.

Pretérito mais-que-perfeito simples: lembrara-me, lembraras-te, lembrara-se, lembráramo-nos, lembráreis-vos, lembraram-se.

Pretérito mais-que-perfeito composto: tinha-me lembrado, tinhas-te lembrado, tinha-se lembrado, tínhamo-nos lembrado, tínheis-vos lembrado, tinham-se lembrado.

Futuro do presente simples: lembrar-me-ei, lembrar-te-ás, lembrar-se-á, lembrar-nos-emos, lembrar-vos-eis, lembrar-se-ão.

Futuro do presente composto: ter-me-ei lembrado, ter-te-ás lembrado, ter-se-á lembrado, ter-nos-emos lembrado, ter-vos-eis lembrado, ter-se-ão lembrado.

Futuro do pretérito simples: lembrar-me-ia, lembrar-te-ias, lembrar-se-ia, lembrar-nos-íamos, lembrar-vos-íeis, lembrar-se-iam.

Futuro do pretérito composto: ter-me-ia lembrado, ter-te-ias lembrado, ter-se-ia lembrado, ter-nos-íamos lembrado, ter-vos-íeis lembrado, ter-se-iam lembrado.

SUBJUNTIVO

Presente: lembre-me, lembres-te, lembre-se, lembremo-nos, lembrai-vos, lembrem-se.

Pretérito imperfeito: lembrasse-me, lembrasses-te, lembrasse-se, lembrássemo-nos, lembrásseis-vos, lembrassem-se.

Pretérito perfeito composto. Neste tempo não se usam pronomes oblíquos pospostos, mas antepostos ao verbo: que me tenha lembrado, que te tenhas lembrado, que se tenha lembrado, etc.

Pretérito mais-que-perfeito composto: tivesse-me lembrado, tivesses-te lembrado, tivesse-se lembrado, tivéssemo-nos lembrado, tivésseis-vos lembrado, tivessem-se lembrado.

Futuro simples. Neste tempo os pronomes oblíquos são antepostos ao verbo: se me lembrar, se te lembrares, se se lembrar, etc.

Futuro composto. Neste tempo os pronomes oblíquos são antepostos ao verbo: se me tiver lembrado, se te tiveres lembrado, se se tiver lembrado, etc.

IMPERATIVO

Afirmativo: lembra-te, lembre-se, lembremo-nos, lembrai-vos, lembrem-se.

Negativo (sempre com os pronomes antepostos): não te lembres, não se lembre, não nos lembremos, não vos lembreis, não se lembrem.

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo presente impessoal: lembrar-se.

Infinitivo presente pessoal: lembrar-me, lembrares-te, lembrar-se, lembrarmo-nos, lembrardes--vos, lembrarem-se.

Infinitivo pretérito impessoal: ter-se lembrado.

Infinitivo pretérito pessoal: ter-me lembrado, teres-te lembrado, ter-se lembrado, termo-nos lembrado, terdes-vos lembrado, terem-se lembrado.

Gerúndio presente: lembrando-se.

Gerúndio pretérito: tendo-se lembrado.

Particípio. Não admite a forma pronominal.

Observações:

- ✔ Por este modelo conjugam-se: *queixar-se, esquecer-se, arrepender-se, iludir-se, vestir-se,* etc.
- ✔ Um verbo pronominal pode também ser conjugado com os pronomes antepostos (proclíticos): *eu me lembro, tu te lembras, ele se lembra, nós nos lembramos, vós vos lembrais, eles se lembram,* etc. Veja páginas 538, parágrafo 6, e 543, parágrafo 9.

EXERCÍCIOS — LISTA 27

1. Reorganize as colunas, fazendo as frases corresponderem à voz adequada dos verbos:

Demoliram-se as casas.	(1) ativa
As abelhas **colhem** o néctar.	(2) passiva analítica
Cumprimentamo-nos cordialmente.	(3) passiva pronominal
A casa **foi reformada**.	(4) reflexiva
Rita **olhou-se** no espelho.	(5) reflexiva recíproca

2. Informe a voz dos verbos:

a) Laranjas eram vendidas por atacado e a varejo.

b) "As mortalhas das lagartas vestem os homens de gala." (Marquês de Maricá)

c) "Os abusos, como os dentes, nunca se arrancam sem dores." (Marquês de Maricá)

d) Os moradores entreolharam-se decepcionados.

e) Quem nunca comeu melado, quando come, se lambuza.

f) "Um dos professores sugeriu, ao se discutirem os programas, a ideia do ensino integral da Zoologia." (Carlos de Laet)

g) "Nunca nos falamos, apenas nos cumprimentávamos." (Autran Dourado)

h) A cidade estava sitiada pelo exército romano.

i) "Por que foram os persas, logo que se deram às delícias do luxo, vencidos pelos lacedemônios?" (Camilo Castelo Branco)

j) "As reses famintas comem-no [o tingui] e se envenenam." (Gustavo Barroso)

3. Converta a voz ativa na passiva analítica:

a) A luz circular do refletor envolve o pianista e o piano.

b) A civilização invadiu e conquistou o morro.

c) Nas escolas, os alunos recitavam belas poesias, no Dia da Bandeira.
d) Soldados, vossos chefes vos elogiaram?
e) Entreguei-lhe a carta ontem.
f) Meu bisavô fundara a cidade.
g) As tuas mãos não mais acenderiam o nosso fogo.
h) Atendeu-nos prontamente o diretor.
i) A moça entregara dois anéis para consertar.
j) As caixas de doces abria-as eu.
k) Quem o chamou aqui, menino?
l) A esta hora a diretora talvez já esteja publicando os resultados dos exames.
m) Os chefes do partido o teriam ameaçado de morte.
n) Censuram-te por causa dos teus desatinos.
o) Concederam-lhe a licença.

4. Mude a voz passiva na ativa:

Exemplo: O trabalho é abençoado por Deus – Deus **abençoa** o trabalho.

a) O Egito, país fabuloso, é fertilizado pelas enchentes do Nilo.
b) O terreno tinha sido invadido pelo mato.
c) A estrada era percorrida por linhas de ônibus.
d) Muitas dessas árvores foram por mim mesmo plantadas.
e) Elas teriam sido elogiadas pelo diretor.
f) Eles têm sido frequentemente criticados pela imprensa.
g) O povo fora mantido a distância pelos guardas.
h) Ele sempre era acolhido por ti com carinho.
i) Foi ele visto por ti quando era detido pelos guardas?
j) Teria eu sido aceito por vós?
k) Teria ele sido readmitido pelo senhor?
l) Se ela estivesse sendo incomodada por nós...
m) Sem dúvida, ele iria ser perseguido pelos adversários políticos.
n) A Terra poderá ser atingida por destroços de satélites artificiais.
o) "O céu é árido, sem manchas, como se fora varrido por um vento de maldição." (Gustavo Barroso)

5. Troque a voz passiva analítica pela pronominal:

Exemplo: As roseiras **são podadas**. – **Podam-se** as roseiras.

a) Os galhos são cortados e os troncos serrados.
b) Foram retidos os cães e outros animais perigosos.
c) Nem sempre são obtidos bons resultados.
d) Tinham sido abertos vários concursos naquele ano.
e) Nos cantos do salão eram vistos grupos de convidados.
f) Foi-lhe cassada a licença, devido a irregularidades.

g) Eis as prerrogativas que são concedidas.

h) Nas tardes frescas a mesa era armada no caramanchão do jardim.

i) Afinal, a obra fora inaugurada dentro do prazo.

j) Era a primeira cerimônia pública que ia ser realizada ali.

k) Caso sejam mantidas as comportas fechadas...

l) Serão escritos os títulos com tinta vermelha.

m) Sejam mobilizadas todas as forças imediatamente.

n) Seriam concedidos os recursos necessários.

o) "Em Grécia e Roma as festas anuais eram solenizadas com espetáculos." (Camilo Castelo Branco)

6. Copie a única frase em que há voz reflexiva recíproca:

Deram-se os prêmios aos vencedores.

Pedro e João deram-se provas de estima.

Gabriel e seu irmão deram-se ao trabalho de despachar a minha bagagem.

7. Conjugue os verbos **zangar-se** e **arrepender-se** no presente do indicativo, com os pronomes pospostos aos verbos.

8. Dos verbos abaixo dê as pessoas pedidas, na voz passiva:

avisar – 3ª pes. pl. do pret. perf. composto do indic.

atender – 1ª pes. pl. do pret. imperf. do subj.

iludir – 2ª pes. sing. do pret. mais-que-perf. composto do indic.

9. Dê as pessoas pedidas dos seguintes verbos pronominais:

calar-se – 2ª pes. pl. do imperativo afirmativo

esquecer-te – 2ª pes. sing. do imperativo negativo

arrepender-se – 3ª pes. sing. do futuro do presente (pronome intercalado)

divertir-se – 1ª pes. pl. do pret. perf. simples do indicativo

vestir-se – 1ª pes. sing. do pret. mais-que-perfeito composto do indic. (pronome posposto ao verbo auxiliar)

10. Siga o exemplo, modificando a frase, sem lhe alterar o sentido:

a) Ainda não **houve apuração** dos fatos.

Ainda não **foram apurados** os fatos.

Ainda não **se apuraram** os fatos.

b) Ainda não **houve confirmação** dos jogos de domingo.

22 VERBOS IRREGULARES

Para mais facilmente compreender e assimilar o processo da conjugação irregular, é importante saber distinguir:

a) **tempos primitivos** e **tempos derivados**;

b) **formas rizotônicas** (as que têm o acento tônico no radical, como: *sirv-o*) e **arrizotônicas** (as que têm o acento tônico na terminação, como: *serv-imos*).

No presente do indicativo dos verbos cujo infinitivo tem mais de uma sílaba, são rizotônicas a 1ª, a 2ª e a 3ª pessoas do singular e a 3ª pessoa do plural, e arrizotônicas a 1ª e a 2ª pessoas do plural. Exemplos:

agrid-o, agrid-es, agrid-e, agrid-em → formas rizotônicas
agred-imos, agred-is → formas arrizotônicas

Se um tempo primitivo for irregular, seus derivados também o serão. Isto se verifica, por exemplo, no verbo *caber*:

tempos primitivos		**tempos derivados**
caibo (presente do indicativo)	→	**caiba** (presente do subjuntivo)
couberam (pretérito perfeito do indicativo)	→	**coubera** (pretérito mais-que-perfeito do indicativo) **couber** (futuro do subjuntivo) **coubesse** (pretérito imperfeito do subjuntivo)

Quando se diz que um verbo é irregular, não se deve entender que ele o seja em todo o quadro de suas flexões. O verbo *perder*, para citar um exemplo, apresenta formas irregulares, como *perco, perca, percam*, etc., e outras regulares, como *perde, perdia, perdi*, etc.

Estudaremos, a seguir, os verbos irregulares das três conjugações. Não incluímos os auxiliares *ser, estar, ter* e *haver*, já conjugados anteriormente, mas registramos alguns verbos regulares dignos de atenção. Não damos os tempos compostos nem as formas regulares que não apresentam dificuldades.

1ª CONJUGAÇÃO

DAR

Indicativo *presente*: dou, dás, dá, damos, dais, dão.
Pretérito imperfeito: dava, davas, dava, dávamos, dáveis, davam.
Pretérito perfeito: dei, deste, deu, demos, destes, deram.
Pretérito mais-que-perfeito: dera, deras, dera, déramos, déreis, deram.
Futuro do presente: darei, darás, dará, daremos, dareis, darão.
Futuro do pretérito: daria, darias, daria, daríamos, daríeis, dariam.
Imperativo *afirmativo*: dá, dê, demos, dai, deem.
Imperativo negativo: não dês, não dê, não demos, não deis, não deem.
Subjuntivo *presente*: dê, dês, dê, demos, deis, deem.
Pretérito imperfeito: desse, desses, desse, déssemos, désseis, dessem.
Futuro: der, deres, der, dermos, derdes, derem.
Infinitivo *presente impessoal*: dar.

Infinitivo presente pessoal: dar, dares, dar, darmos, dardes, darem.

Gerúndio: dando.

Particípio: dado.

Assim se conjuga o derivado *desdar*. *Circundar* é regular.

APROPINQUAR-SE (= aproximar-se)

Indicativo *presente*: apro*pín*quo-me, apro*pín*quas-te, apro*pín*qua-se, apropin*qua*mo-nos, apropin*quais*-vos, apro*pín*quam-se.

Imperativo afirmativo: apro*pín*qua-te, apro*pín*que-se, apropin*que*mo-nos, apropin*quai*-vos, apro*pín*quem-se.

Subjuntivo *presente*: que eu me apro*pín*que, que tu te apro*pín*ques, etc.

Este verbo, de pouco uso, é regular. Os destaques indicam as sílabas tônicas.

MOBILIAR

Indicativo *presente*: mob*í*lio, mob*í*lias, mob*í*lia, mobiliamos, mobiliais, mob*í*liam.

Subjuntivo *presente*: mob*í*lie, mob*í*lies, mob*í*lie, mobiliemos, mobilieis, mob*í*liem.

Verbo regular na escrita e irregular na pronúncia (o *i* destacado é tônico), pois dos verbos em *-iliar* é o único que assim se pronuncia. Os outros têm a sílaba tônica *-li*: auxi*li*o, conci*li*o, reconci*li*o, fi*li*o, reta*li*o. Há ainda as variantes *mobilhar* e *mobilar* (esta última, forma lusitana), que fazem, respectivamente, *mobilho, mobilhas* e *mobilo, mobilas*, etc.

AGUAR

Indicativo *presente*: águo, águas, água, aguamos, aguais, águam.

Pretérito perfeito: aguei, aguaste, aguou, etc.

Subjuntivo *presente*: águe, águes, águe, aguemos, agueis, águem.

Verbo regular. Assim se conjugam *desaguar, enxaguar* e *minguar* [1].

Nas formas desses verbos terminadas em *-gue, -gues, -guem*, o acento agudo, com a abolição do trema pelo novo Acordo Ortográfico de 1990, tornou-se necessário.

Gramáticos e escritores há que preferem *aguo, aguas, desagua, enxagua, mingua,* com acento tônico no *u*, mas tal pronúncia divorcia-se do uso comum.

AVERIGUAR (= verificar)

Indicativo *presente*: averig*u*o, averig*u*as, averig*u*a, averiguamos, averiguais, averig*u*am.

Pretérito perfeito: averiguei, averiguaste, averiguou, etc.

Imperativo afirmativo: averig*u*a, averig*ú*e, averiguemos, averiguai, averig*ú*em.

Subjuntivo *presente*: averig*ú*e, averig*ú*es, averig*ú*e, averiguemos, averigueis, averig*ú*em.

---

[1] "Os nobres impulsos não esmorecem, quando lhes míngua ressonância." (Ciro dos Anjos, *Explorações no Tempo*, p. 146)

Verbo regular. Vai grifado o *u* tônico, o qual, no grupo *gue*, deve ser acentuado para evitar falsas pronúncias. Equivocadamente, o novo Acordo Ortográfico aboliu o acento gráfico neste caso. Ora, não se pode grafar *averigue, averigues, averiguem* e *obrigue, obrigues, obriguem* da mesma forma! Assim serão conjugados *apaniguar* (= proteger) e *apaziguar* (= pacificar).

OBLIQUAR (= caminhar ou seguir obliquamente; agir com dissimulação)

Indicativo *presente*: obli*qu*o, obli*qu*as, obli*qu*a, obliquamos, obliquais, obli*qu*am.

Imperativo afirmativo: obli*qu*a, obli*qú*e, obliquemos, obliquai, obli*qú*em.

Imperativo negativo: não obli*qú*es, não obli*qú*e, não obliquemos, não obliqueis, não obli*qú*em.

Verbo regular de emprego raro. Os destaques indicam as sílabas tônicas. Contrariamente ao que preceitua o novo sistema ortográfico, achamos que o *u* tônico do grupo *que* deve ser acentuado.

Segue este modelo o verbo defectivo *adequar*, que só possui as formas arrizotônicas: *adequamos, adequais, adequava, adequei, adequado*, etc.

MAGOAR

Indicativo *presente*: magoo, magoas, magoa, magoamos, magoais, magoam.

Subjuntivo *presente*: magoe, magoes, magoe, magoemos, magoeis, magoem.

Verbo regular. Assim se conjugam os verbos em *-oar: abençoar, doar, abotoar, soar, voar*, etc. Não se acentuam os grupos *-oa* e *-oe*.

APIEDAR-SE (= ter piedade, compadecer-se)

Indicativo *presente*: apiedo-me, apiedas-te, apieda-se, apiedamo-nos, apiedais-vos, apiedam-se.

Subjuntivo *presente*: que eu me apiede, que tu te apiedes, que ele se apiede, etc.

Imperativo *afirmativo*: apieda-te, apiede-se, apiedemo-nos, apiedai-vos, apiedem-se.

Seu antônimo é *desapiedar-se*. É tendência geral conjugar *apiedar-se* regularmente:

"Trigo, que eu semeei, *apieda-te* de mim!" (Raimundo Correia)

"*Apiedo-me* dos amigos." (Gastão Cruls)

"... quando *se apieda*." (Hermes Fontes)

"... quem não *se apieda* dos outros." (Gustavo Corção)

"Que Deus *se apiede* dos pecadores que assim procedem!" (Peregrino Júnior)

As formas irregulares *apiado-me, apiadas-te, apiada-se, apiadam-se, apiada-te*, etc. (calcadas no antigo verbo *apiadar-se*) não são recomendáveis.

RESFOLEGAR

Indicativo *presente:* resfolgo, resfolgas, resfolga, resfolegamos, resfolegais, resfolgam.

Imperfeito: resfolegava, etc.

Pretérito perfeito: resfoleguei, etc.

Subjuntivo *presente*: resfolgue, resfolgues, resfolgue, resfoleguemos, resfolegueis, resfolguem.

Este verbo perde o e da penúltima sílaba nas formas rizotônicas. As formas usuais são as arrizotônicas: *resfolegar, resfolegava, resfolegavam*, etc.

É menos recomendável a conjugação regular (*resfólego, resfólegas*, etc.) que alguns gramáticos adotam. Há a variante *resfolgar*, inteiramente regular.

SOBRESTAR (= parar, deter-se; suspender)

Conjuga-se como *estar*, de que é derivado: sobrestou, sobrestava, sobrestive, sobrestarei, sobresteja, etc.

"*Sobresteve* o tupi." (GONÇALVES DIAS)

"Pacatuba aperrou a arma, mas eu *sobrestive-lhe* o gesto." (GASTÃO CRULS)

VERBOS TERMINADOS EM *-EAR*

Os verbos terminados em *-ear* intercalam um *i* eufônico nas formas rizotônicas. Pode servir de modelo o verbo seguinte:

NOMEAR

Indicativo *presente*: nomeio, nomeias, nomeia, nomeamos, nomeais, nomeiam.

Pretérito imperfeito: nomeava, nomeavas, nomeava, nomeávamos, nomeáveis, nomeavam.

Pretérito perfeito: nomeei, nomeaste, nomeou, nomeamos, nomeastes, nomearam.

Subjuntivo *presente*: nomeie, nomeies, nomeie, nomeemos, nomeeis, nomeiem.

Imperativo afirmativo: nomeia, nomeie, nomeemos, nomeai, nomeiem.

Imperativo negativo: não nomeies, não nomeie, não nomeemos, não nomeeis, não nomeiem. É regular o resto da conjugação.

Assim se conjugam: *apear, atear, cear, recear, folhear, frear, passear, gear, enlear, bloquear, afear, granjear, hastear, lisonjear, semear, titubear, arrear, recrear, idear* e *estrear*. Esses dois últimos são os únicos que têm o *e* aberto nas formas rizotônicas, porém, sem acento gráfico: *ideio, ideias, ideia, ideie, ideies, estreio, estreias, estreia, estreie*, etc.

VERBOS TERMINADOS EM *-IAR*

Os verbos terminados em *-iar* podem ser distribuídos em dois grupos:

1º) Os que se conjugam regularmente, que são a maioria: *abreviar, agraciar, aliar, alumiar, angariar, caluniar, obviar, gloriar-se, historiar, injuriar, vangloriar-se, criar, presenciar, premiar, arriar, copiar*, etc. Seguem o modelo *copiar:*

COPIAR

Indicativo *presente*: copio, copias, copia, copiamos, copiais, copiam.

Pretérito perfeito: copiei, copiaste, copiou, etc.

Pretérito mais-que-perfeito: copiara, copiaras, etc.

Subjuntivo *presente*: copie, copies, copie, copiemos, copieis, copiem.

Imperativo afirmativo: copia, copie, copiemos, copiai, copiem.

Imperativo negativo: não copies, não copie, não copiemos, não copieis, não copiem.

2º) Os que mudam o *i* da penúltima sílaba em *ei*, nas formas rizotônicas. São os seis seguintes: *mediar, intermediar, ansiar, remediar* [2], *incendiar, odiar*. Conjugaremos esse último, que servirá de modelo para os outros cinco.

---

[2] "Uns homens ocasionam os males e exigem que outros os remedeiem." (MARQUÊS DE MARICÁ)

ODIAR

Indicativo *presente*: odeio, odeias, odeia, odiamos, odiais, odeiam.

Pretérito imperfeito: odiava, odiavas, odiava, etc.

Pretérito perfeito: odiei, odiaste, odiou, etc.

Pretérito mais-que-perfeito: odiara, odiaras, odiara, odiáramos, odiáreis, odiaram.

Subjuntivo *presente*: odeie, odeies, odeie, odiemos, odieis, odeiem.

Imperativo afirmativo: odeia, odeie, odiemos, odiai, odeiem.

Imperativo negativo: não odeies, não odeie, não odiemos, não odieis, não odeiem. E assim por diante.

2ª CONJUGAÇÃO

ABSTER-SE

Indicativo *presente*: abstenho-me, absténs-te, abstém-se, abstemo-nos, abstende-vos, abstêm-se.

Pretérito imperfeito: abstinha-me, abstinhas-te, abstinha-se, abstínhamo-nos, etc.

Pretérito perfeito: abstive-me, abstiveste-te, absteve-se, abstivemo-nos, etc.

Pretérito mais-que-perfeito: abstivera-me, abstiveras-te, abstivera-se, etc.

Futuro do presente: abster-me-ei, abster-te-ás, abster-se-á, abster-nos-emos, etc.

Futuro do pretérito: abster-me-ia, abster-te-ias, abster-se-ia, abster-nos-íamos, etc.

Imperativo afirmativo: abstém-te, abstenha-se, abstenhamo-nos, abstende-vos, abstenham-se.

Subjuntivo *presente*: que me abstenha, que te abstenhas, que se abstenha, etc.

Pretérito imperfeito: se me abstivesse, se te abstivesses, se se abstivesse, etc.

Futuro: se me abstiver, se te abstiveres, se se abstiver, etc.

Gerúndio: abstendo-se.

Particípio: abstido.

Conjuga-se como *ter*.

COMPRAZER-SE (= sentir prazer, gostar)

Tem a conjugação completa e figura no rol dos verbos abundantes. Segue o modelo *jazer* (com irregularidade apenas na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo), sendo que nos tempos do pretérito apresenta formas irregulares ao lado das regulares:

comprazo-me, comprazes-te, compraz-se, comprazemo-nos, etc.; *comprazia-me*, etc.; *comprazer-me-ei*, etc.; *comprazer-me-ia*, etc.; *compraza-me*, etc.; *comprazi-me* ou *comprouve-me; comprazera-me* ou *comprouvera-me; comprazesse-me* ou *comprouvesse-me*; *se me comprazer* ou *se me comprouver*, etc.[3]

---

[3] "Embora o conselheiro às vezes se *comprouvesse* em seguir as suas aventuras policiais modernas." (João Alphonsus, *Contos e Novelas*, p. 137, Rio de Janeiro, 1965)

"Sentiu-se que o gênio da noite se *comprazera* em criar gruta ímpar e assombrosa." (Ferreira de Castro, *A Selva*, Guimarães Editores, 2006)

"Não mais *me comprazi* na sua palavra." (Carlos de Laet)

CABER

Indicativo *presente*: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem.
Pretérito perfeito: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam.
Pretérito mais-que-perfeito: coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam.
Subjuntivo *presente*: caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam.
Pretérito imperfeito: coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem.
Futuro: couber, couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem.
Gerúndio: cabendo.
Particípio: cabido.
Imperativo: não existe.

CRER

Indicativo *presente*: creio, crês, crê, cremos, credes, creem.
Pretérito imperfeito: cria, crias, cria, críamos, críeis, criam.
Pretérito perfeito: cri, creste, creu, cremos, crestes, creram.
Imperativo afirmativo: crê, creia, creiamos, crede, creiam.
Subjuntivo *presente*: creia, creias, creia, creiamos, creiais, creiam.
Pretérito imperfeito: cresse, cresses, cresse, crêssemos, crêsseis, cressem.
Futuro: crer, creres, crer, crermos, crerdes, crerem.
Gerúndio: crendo.
Particípio: crido.

Assim se conjugam *descrer* e *ler*.

DIZER

Indicativo *presente*: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem.
Pretérito imperfeito: dizia, dizias, dizia, dizíamos, dizíeis, diziam.
Pretérito perfeito: disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram.
Pretérito mais-que-perfeito: dissera, disseras, dissera, etc.
Futuro do presente: direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão.
Futuro do pretérito: diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam.
Imperativo afirmativo: dize, diga, digamos, dizei, digam.
Subjuntivo *presente*: diga, digas, diga, digamos, digais, digam.
Pretérito imperfeito: dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem.
Futuro: disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem.
Infinitivo *impessoal*: dizer.
Infinitivo pessoal: dizer, dizeres, dizer, dizermos, dizerdes, dizerem.
Gerúndio: dizendo.
Particípio: dito.

Seguem este paradigma os derivados *bendizer, condizer, contradizer, desdizer, entredizer, maldizer, predizer* e *redizer*.

ESCREVER

Escrever e seus derivados *descrever, inscrever, prescrever, proscrever, reescrever, sobrescrever, subscrever* são irregulares apenas no particípio: *escrito, descrito, inscrito, prescrito, proscrito, reescrito, sobrescrito, subscrito.*

FAZER

Indicativo *presente*: faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem.
Pretérito perfeito: fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram.
Pretérito mais-que-perfeito: fizera, fizeras, fizera, fizéramos, fizéreis, fizeram.
Futuro do presente: farei, farás, fará, faremos, fareis, farão.
Futuro do pretérito: faria, farias, faria, faríamos, faríeis, fariam.
Imperativo afirmativo: faze, faça, façamos, fazei, façam.
Subjuntivo *presente*: faça, faças, faça, façamos, façais, façam.
Pretérito imperfeito: fizesse, fizesses, fizesse, fizéssemos, fizésseis, fizessem.
Futuro: fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem.
Infinitivo *impessoal*: fazer.
Infinitivo pessoal: fazer, fazeres, fazer, fazermos, fazerdes, fazerem.
Gerúndio: fazendo.
Particípio: feito.

Como *fazer* se conjugam os seus derivados: *afazer-se, desfazer, refazer, perfazer, satisfazer*, etc.

JAZER

Indicativo *presente*: jazo, jazes, *jaz*, jazemos, jazeis, jazem.
Pretérito perfeito: jazi, jazeste, jazeu, jazemos, jazestes, jazeram.
Futuro do presente: jazerei, jazerás, jazerá, etc.
Futuro do pretérito: jazeria, jazerias, jazeria, etc.
Imperativo afirmativo: jaze, jaza, jazamos, jazei, jazam.
Subjuntivo *presente*: jaza, jazas, jaza, jazamos, jazais, jazam.
Pretérito imperfeito: jazesse, jazesses, jazesse, etc.
Futuro: jazer, jazeres, jazer, jazermos, jazerdes, jazerem.
Gerúndio: jazendo.
Particípio: jazido.

Esse verbo, que significa "estar deitado", "estar no chão", é irregular só na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo.

Segue esse modelo o verbo *comprazer-se*, conjugado anteriormente.

LER

Indicativo *presente*: leio, lês, lê, lemos, ledes, leem.
Pretérito imperfeito: lia, lias, lia, etc.

Pretérito perfeito: li, leste, leu, lemos, lestes, leram.
Pretérito mais-que-perfeito: lera, leras, lera, lêramos, lêreis, leram.
Imperativo afirmativo: lê, leia, leiamos, lede, leiam.
Subjuntivo *presente*: leia, leias, leia, leiamos, leiais, leiam.
Pretérito imperfeito: lesse, lesses, lesse, lêssemos, lêsseis, lessem.
Futuro: ler, leres, ler, lermos, lerdes, lerem.
Gerúndio: lendo.
Particípio: lido.

Ler e seus derivados *reler* e *tresler* conjugam-se como *crer*.

MOER

Indicativo *presente*: moo, *móis, mói,* moemos, moeis, moem.
Pretérito imperfeito: moía, moías, moía, moíamos, moíeis, moíam.
Pretérito perfeito: moí, moeste, moeu, etc.
Imperativo *afirmativo*: *mói,* moa, moamos, moei, moam.
Subjuntivo *presente*: moa, moas, moa, moamos, moais, moam.
Pretérito imperfeito: moesse, moesses, moesse, etc.
Gerúndio: moendo.
Particípio: moído.

Irregular apenas na 2ª e 3ª pessoas do singular do presente do indicativo e na 2ª pessoa do singular do imperativo. Assim se conjugam *esmoer, remoer, roer, corroer, doer-se, condoer-se* e *doer*.

PERDER

Indicativo *presente*: perco, perdes, perde, perdemos, perdeis, perdem.
Subjuntivo *presente*: perca, percas, perca, percamos, percais, percam.
Imperativo afirmativo: perde, perca, percamos, perdei, percam.

Regular no resto. As formas com a consoante *c* têm o *e* fechado: perco (ê), percas (ê), perca (ê), percam (ê).

PODER

Indicativo *presente*: posso, podes, pode, podemos, podeis, podem.
Pretérito imperfeito: podia, podias, podia, etc.
Pretérito perfeito: pude, pudeste, pôde, pudemos, pudestes, puderam.
Pretérito mais-que-perfeito: pudera, puderas, pudera, pudéramos, pudéreis, puderam.
Imperativo: não existe.
Subjuntivo *presente*: possa, possas, possa, possamos, possais, possam.
Pretérito imperfeito: pudesse, pudesses, pudesse, pudéssemos, pudésseis, pudessem.
Futuro: puder, puderes, puder, pudermos, puderdes, puderem.

***Infinitivo** pessoal*: poder, poderes, poder, podermos, poderdes, poderem.
Gerúndio: podendo.
Particípio: podido.

PÔR

***Indicativo** presente*: ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem.
Pretérito imperfeito: punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham.
Pretérito perfeito: pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram.
Pretérito mais-que-perfeito: pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram.
Futuro do presente: porei, porás, porá, poremos, poreis, porão.
Futuro do pretérito: poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poriam.
Imperativo afirmativo: põe, ponha, ponhamos, ponde, ponham.
Imperativo negativo: não ponhas, não ponha, não ponhamos, não ponhais, não ponham.
***Subjuntivo** presente*: ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham.
Pretérito imperfeito: pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, puséssseis, pusessem.
Futuro: puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem.
***Infinitivo** impessoal*: pôr.
Infinitivo pessoal: pôr, pores, pôr, pormos, pordes, porem.
Gerúndio: pondo.
Particípio: posto.

Pôr é o antigo verbo *poer*, motivo pelo qual é incluído entre os irregulares da 2ª conjugação.

Como *pôr* conjugam-se todos os seus derivados: *antepor, apor, compor, contrapor, decompor, depor, descompor, dispor, entrepor, expor, impor, indispor, interpor, justapor, maldispor, opor, pospor, predispor, prepor, pressupor, propor, recompor, repor, sobrepor, sotopor, superpor, supor, transpor.*

PRAZER (= causar prazer, agradar)

Só se usa na 3ª pessoa do singular.

***Indicativo** presente*: praz.
Pretérito imperfeito: prazia.
Pretérito perfeito: prouve.
Pretérito mais-que-perfeito: prouvera.
Futuro do presente: prazerá.
Futuro do pretérito: prazeria.
***Subjuntivo** presente*: praza.
Pretérito imperfeito: prouvesse.
Futuro: prouver.
Gerúndio: prazendo.
Particípio: prazido.

Assim se conjugam *aprazer* e *desaprazer*: "Pois que *aprouve* ao dia findar, aceito a noite." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

PRECAVER

Indicativo *presente*: precavemos, precaveis (defectivo nas outras pessoas).

Pretérito imperfeito: precavia, precavias, precavia, etc.

Pretérito perfeito: precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram.

Imperativo: precavei.

Subjuntivo *presente*: não há.

Pretérito imperfeito: precavesse, precavesses, precavesse, etc.

Futuro: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.

Gerúndio: precavendo.

Particípio: precavido.

Este verbo é defectivo. Não se usa nas formas rizotônicas. Não é formado de *ver* nem de *vir*, sendo, portanto, errôneas as formas *precavejo, precavês, precavenho, precavéns, precavém, precavêm, precavenha, precavenham*. Nas formas em que é defectivo, empregaremos os verbos *precatar, acautelar, cuidar* ou *prevenir*. Usa-se mais frequentemente como verbo reflexivo: *precavemo-nos, precavia-me, precavei-vos*, etc.

Em vez de "ele que *se precavenha*", diga "que ele *se previna*" ou "que ele *se acautele*" ou ainda "que ele *se cuide*".

PROVER

Indicativo *presente*: provejo, provês, provê, provemos, provedes, proveem.

Pretérito imperfeito: provia, provias, provia, etc.

Pretérito perfeito: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram.

Pretérito mais-que-perfeito: provera, proveras, provera, etc.

Futuro do presente: proverei, proverás, proverá, etc.

Futuro do pretérito: proveria, proverias, proveria, etc.

Imperativo afirmativo: provê, proveja, provejamos, provede, provejam.

Subjuntivo *presente*: proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam.

Pretérito imperfeito: provesse, provesses, provesse, etc.

Futuro: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.

Gerúndio: provendo.

Particípio: provido.

Este verbo, que significa *abastecer, providenciar,* conjuga-se como *ver*, exceto no pretérito perfeito e seus derivados e no particípio, em que é regular.

Seu antônimo *desprover* é usado quase exclusivamente no particípio: *desprovido*.

QUERER

Indicativo *presente*: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem.

Pretérito imperfeito: queria, querias, queria, etc.

Pretérito perfeito: quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram.

Pretérito mais-que-perfeito: quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram.

Futuro do presente: quererei, quererás, quererá, etc.

Futuro do pretérito: quereria, quererias, quereria, etc.

Imperativo afirmativo: queira você, queiram vocês, querei vós[4].

Imperativo negativo: não queiras, não queira, não queiramos, não queirais, não queiram.

***Subjuntivo** presente*: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram.

Pretérito imperfeito: quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem.

Futuro: quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem.

***Infinitivo** pessoal*: querer, quereres, querer, querermos, quererdes, quererem.

Gerúndio: querendo.

Particípio: querido.

Os derivados *benquerer* e *malquerer*, além do particípio regular *benquerido, malquerido*, têm outro, irregular: *benquisto, malquisto*, usados como adjetivos.

REQUERER

***Indicativo** presente*: requeiro, requeres, requer, requeremos, requereis, requerem.

Pretérito perfeito: requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram.

Pretérito mais-que-perfeito: requerera, requereras, requerera, etc.

Futuro do presente: requererei, requererás, requererá, etc.

Futuro do pretérito: requereria, requererias, requereria, etc.

Imperativo afirmativo: requere, requeira, requeiramos, requerei, requeiram.

***Subjuntivo** presente*: requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram.

Pretérito imperfeito: requeresse, requeresses, requeresse, etc.

Futuro: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.

Gerúndio: requerendo.

Particípio: requerido.

Este verbo não segue a conjugação de *querer*. É irregular apenas na 1ª e na 3ª pessoa do singular do indicativo presente e, portanto, no presente do subjuntivo, no imperativo negativo e no imperativo afirmativo (requeira você, requeiram vocês).

REAVER

Conjuga-se como *haver*, mas só possui as formas que têm a letra *v*.

***Indicativo** presente*: reavemos, reaveis. (Não existem: *reei, reás, reá, reão*.)

Pretérito imperfeito: reavia, reavias, reavia, etc.

Pretérito perfeito: reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram.

Pretérito mais-que-perfeito: reouvera, reouveras, reouvera, etc.

Futuro do presente: reaverei, reaverás, etc.

Futuro do pretérito: reaveria, reaverias, etc.

Imperativo afirmativo: reavei.

***Subjuntivo** pretérito imperfeito*: reouvesse, reouvesses, reouvesse, reouvéssemos, reouvésseis, reouvessem.

---

[4] "*Querei* só o que podeis e seres onipotentes." (Antônio Vieira)

Futuro: reouver, reouveres, reouver, reouvermos, reouverdes, reouverem.
Gerúndio: reavendo.
Particípio: reavido.

Reaveja, reavejam são formas errôneas, inadmissíveis. O presente do subjuntivo não existe, nem, portanto, o imperativo negativo. Supre-se com as formas do sinônimo *recuperar*: *recupere, recuperes, recupere*, etc.

SABER
Indicativo *presente*: sei, sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem.
Pretérito perfeito: soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, souberam.
Pretérito mais-que-perfeito: soubera, souberas, soubera, soubéramos, soubéreis, souberam.
Subjuntivo *presente*: saiba, saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam.
Pretérito imperfeito: soubesse, soubesses, soubesse, soubéssemos, soubésseis, soubessem.
Futuro: souber, souberes, souber, soubermos, souberdes, souberem.
Imperativo afirmativo: sabe, saiba, saibamos, sabei[5], saibam.

É regular nos outros tempos.

SOER (= costumar)
Indicativo *presente*: sóis, sói, soemos, soeis, soem. (Pronuncie *sóem*.)
Pretérito imperfeito: soía, soías, soía, soíamos, soíeis, soíam.

Verbo defectivo, inusitado nas demais formas. Nas formas vigentes segue o verbo *moer*.

TRAZER
Indicativo *presente*: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem.
Pretérito imperfeito: trazia, trazias, trazia, etc.
Pretérito perfeito: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram.
Pretérito mais-que-perfeito: trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram.
Futuro do presente: trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão.
Futuro do pretérito: traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam.
Imperativo afirmativo: traze, traga, tragamos, trazei, tragam.
Subjuntivo *presente*: traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam.
Pretérito imperfeito: trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem.
Futuro: trouxer, trouxeres, trouxer, trouxermos, trouxerdes, trouxerem.
Infinitivo *pessoal*: trazer, trazeres, trazer, trazermos, trazerdes, trazerem.
Gerúndio: trazendo.
Particípio: trazido.

---

[5] "Sabei sofrer, merecereis gozar." (Marquês de Maricá)
"Pois sabei que, naquele tempo, estava eu na quarta edição." (Machado de Assis)
"Sabei, moços, que há inferno, e não fica longe; é aqui." (Rubem Braga)

VALER

Indicativo *presente*: valho, vales, vale, valemos, valeis, valem.

Subjuntivo *presente*: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham.

Imperativo afirmativo: vale, valha, valhamos, valei, valham.

Nos outros tempos é regular.

Assim se conjugam *equivaler* e *desvaler*.

VER

Indicativo *presente*: vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem.

Pretérito perfeito: vi, viste, viu, vimos, vistes, viram.

Pretérito mais-que-perfeito: vira, viras, vira, víramos, víreis, viram.

Imperativo afirmativo: vê, veja, vejamos, vede, vejam.

Subjuntivo *presente*: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam.

Pretérito imperfeito: visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem.

Futuro: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.

Gerúndio: vendo.

Particípio: visto.

Como *ver* se conjugam: *antever, entrever, prever, rever*. Observe que no futuro do subjuntivo se diz "se você *vir*", "se eu *vir*", e não "se você *ver*", "se eu *ver*".

3ª CONJUGAÇÃO

ABOLIR

Indicativo *presente*: aboles, abole, abolimos, abolis, abolem.

Imperativo afirmativo: abole, aboli.

Subjuntivo *presente*: não existe.

Defectivo nas formas em que ao *l* do radical se seguiria *a* ou *o*, o que ocorre apenas no presente do indicativo e seus derivados.

Por este verbo se conjugam: *banir, brandir, carpir, colorir, comedir-se, delir, demolir, extorquir, esculpir, haurir, delinquir*, etc.

AGREDIR

Indicativo *presente*: agrido, agrides, agride, agredimos, agredis, agridem.

Subjuntivo *presente*: agrida, agridas, agrida, agridamos, agridais, agridam.

Imperativo afirmativo: agride, agrida, agridamos, agredi, agridam.

Regular nos demais tempos.

Este verbo muda a vogal *e* em *i* nas formas rizotônicas do presente do indicativo e em todas as formas dos seus dois derivados, excetuando-se a 2ª pessoa do plural do imperativo afirmativo (agredi).

São conjugados assim: *progredir, regredir, transgredir, denegrir, prevenir, cerzir*.

CAIR

Indicativo *presente*: caio, cais, cai, caímos, caís, caem.

Subjuntivo *presente*: caia, caias, caia, caiamos, caiais, caiam.

Imperativo afirmativo: cai, caia, caiamos, caí, caiam.

Regular no resto.

Seguem este modelo os verbos terminados em *-air: decair, recair, sair, sobressair, trair, distrair, abstrair, detrair, subtrair*, etc.

COBRIR

Indicativo *presente*: cubro, cobres, cobre, cobrimos, cobris, cobrem.

Subjuntivo *presente*: cubra, cubras, cubra, cubramos, cubrais, cubram.

Imperativo afirmativo: cobre, cubra, cubramos, cobri, cubram.

Particípio: coberto.

Observe: *o* → *u* na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e em todas as pessoas do presente do subjuntivo.

Assim se conjugam: *dormir, engolir, tossir, encobrir, descobrir*. Os três primeiros, porém, têm o particípio regular. *Abrir, entreabrir* e *reabrir* seguem *cobrir*, no particípio: *aberto, entreaberto, reaberto*.

CONDUZIR

Este verbo e todos os terminados em *-uzir* perdem o *e* final na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo: *conduz, induz, reduz, seduz, luz, reluz*, etc.

CONSTRUIR

Indicativo *presente*: construo, constróis, constrói, construímos, construís, constroem.

Imperativo afirmativo: constrói, construa, construamos, construí, construam.

Regular no resto. Não se usam as formas regulares *construi(s), construem*.

Assim se conjugam *destruir, reconstruir* e *estruir* (destruir, desperdiçar).

FALIR

Indicativo *presente*: falimos, falis.

Pretérito imperfeito: falia, falias, falia, falíamos, falíeis, faliam.

Pretérito perfeito: fali, faliste, faliu, etc.

Pretérito mais-que-perfeito: falira, faliras, falira, etc.

Particípio: falido.

Verbo regular defectivo. Usa-se apenas nas formas em que ao *l* se segue *i*.

Modelam-se por *falir*: *aguerrir, empedernir, espavorir, remir*, etc.

FERIR

Indicativo *presente*: firo, feres, fere, ferimos, feris, ferem.

Subjuntivo *presente*: fira, firas, fira, firamos, firais, firam.

Imperativo afirmativo: fere, fira, firamos, feri, firam.

Regular no resto. Note: *e* → *i* na 1ª pessoa do singular do indicativo presente e em todo o presente do subjuntivo.

Seguem a conjugação de *ferir: aderir, advertir, aferir, auferir, compelir, competir, concernir, convergir, deferir, despir, diferir, divergir, discernir, divertir, gerir, digerir, ingerir, sugerir, refletir, vestir, servir, desservir, seguir, repelir, conseguir, perseguir, prosseguir, preterir, inserir, revestir.*

FRIGIR

Indicativo *presente*: frijo, freges, frege, frigimos, frigis, fregem.

Subjuntivo *presente*: frija, frijas, frija, frijamos, frijais, frijam.

Imperativo afirmativo: frege, frija, frijamos, frigi, frijam.

Particípio: frito ou frigido. *Frito* funciona também como adjetivo: peixe *frito*.

Regular no resto. Verbo de pouco uso. Emprega-se, de preferência, o sinônimo *fritar*. Aparece na expressão "no frigir dos ovos" = no fim de tudo.

FUGIR

Indicativo *presente*: fujo, foges, foge, fugimos, fugis, fogem.

Imperativo afirmativo: foge, fuja, fujamos, fugi, fujam.

Subjuntivo *presente*: fuja, fujas, fuja, fujamos, fujais, fujam.

Regular nas demais formas.

Seguem este modelo: *acudir, bulir, cuspir, entupir, escapulir, sacudir, subir*. Não se usam as formas regulares *entupes, entupe, entupem,* do verbo *entupir*, suplantadas pelas irregulares *entopes, entope, entopem*.

IR

Indicativo *presente*: vou, vais, vai, vamos, ides, vão.

Pretérito imperfeito: ia, ias, ia, íamos, íeis, iam.

Pretérito perfeito: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.

Pretérito mais-que-perfeito: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.

Futuro do presente: irei, irás, irá, iremos, ireis, irão.

Futuro do pretérito: iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam.

Imperativo afirmativo: vai, vá, vamos, ide, vão.

Imperativo negativo: não vás, não vá, não vamos, não vades, não vão.

Subjuntivo *presente*: vá, vás, vá, vamos, vades, vão.

Pretérito imperfeito: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.

Futuro: for, fores, for, formos, fordes, forem.

Infinitivo *pessoal*: ir, ires, ir, irmos, irdes, irem.

Gerúndio: indo.
Particípio: ido.

MENTIR

Indicativo *presente*: minto, mentes, mente, mentimos, mentis, mentem.
Subjuntivo *presente*: minta, mintas, minta, mintamos, mintais, mintam.
Imperativo afirmativo: mente, minta, mintamos, menti, mintam.

Regular no resto da conjugação. Como no verbo *ferir*, a vogal *e* muda em *i* na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e em todas as do presente do subjuntivo, mas, por ser nasal, conserva o timbre fechado na 2ª e 3ª pessoas do singular e 3ª do plural do presente do indicativo.

Seguem este modelo: *desmentir, sentir, consentir, ressentir, pressentir.*

OUVIR

Indicativo *presente*: ouço, ouves, ouve, ouvimos, ouvis, ouvem.
Imperativo afirmativo: ouve, ouça, ouçamos, ouvi, ouçam.
Subjuntivo *presente*: ouça, ouças, ouça, ouçamos, ouçais, ouçam.
Imperativo negativo: não ouças, não ouça, não ouçamos, não ouçais, não ouçam.
Gerúndio: ouvindo.
Particípio: ouvido.

Regular nos demais tempos.

PEDIR

Indicativo *presente*: peço, pedes, pede, pedimos, pedis, pedem.
Subjuntivo *presente*: peça, peças, peça, peçamos, peçais, peçam.
Imperativo afirmativo: pede, peça, peçamos, pedi, peçam.
Imperativo negativo: não peças, não peça, não peçamos, não peçais, não peçam.

Regular nas outras formas.

Conjugam-se assim: *despedir, expedir, impedir, desimpedir* e *medir.*

POLIR

Indicativo *presente*: pulo, pules, pule, polimos, polis, pulem.
Subjuntivo *presente*: pula, pulas, pula, pulamos, pulais, pulam.
Imperativo afirmativo: pule, pula, pulamos, poli, pulam.

Irregular nas formas rizotônicas, nas quais o *o* do radical muda em *u*. Segue a conjugação do verbo *sortir*.

REMIR

Verbo regular, mas só tem as formas em que ao *m* segue a vogal *i*.

As formas que lhe faltam são supridas com as do verbo sinônimo *redimir*, que é regular e tem a conjugação completa: ***redimo, redimes, redime***, *remimos, remis,* ***redimem***.

Conjugam-se como *falir*.

POSSUIR

Indicativo *presente*: possuo, possuis, possui, possuímos, possuís, possuem.

Pretérito imperfeito: possuía, possuías, possuía, etc.

Pretérito perfeito: possuí, possuíste, possuiu, possuímos, possuístes, possuíram.

Pretérito mais-que-perfeito: possuíra, possuíras, possuíra, etc.

Subjuntivo *presente*: possua, possuas, possua, possuamos, possuais, possuam.

Imperativo afirmativo: possui, possua, possuamos, possuí, possuam.

Verbo regular, apresentando a particularidade gráfica *-ui*, e não *-ue*, na 2ª e 3ª pessoas do singular do presente do indicativo, por haver ditongo decrescente.

Por este se conjugam todos os verbos em *-uir* (*destituir, concluir, influir, anuir, arguir, fruir, obstruir, instruir, restituir*, etc.), exceto *construir, reconstruir* e *destruir*, irregulares no indicativo presente. Alguns, como *puir, ruir*, etc., são defectivos nas pessoas em que o *u* é seguido de *o* ou *a*.

Quanto ao verbo *arguir*, o *u* recebe acento gráfico quando tônico e seguido de *i* ou *e*: arguo, *argúis, argúi, arguímos, arguís, argúem*; arg*uí*, arg*uí*ste, arg*uí*u, arg*uí*mos, ag*uí*stes, arg*uí*ram, etc. Contrariamente ao que preceitua o novo sistema ortográfico, entendemos que se devem acentuar os grupos *gui, gue* desse verbo quando as vogais *i* e *u* são tônicas, a fim de afastar pronúncias errôneas. *Argui*, sem acento, por exemplo, pode ser pronunciado como *segui*.

RIR

Indicativo *presente*: rio, ris, ri, rimos, rides, riem.

Pretérito imperfeito: ria, rias, ria, ríamos, ríeis, riam.

Pretérito perfeito: ri, riste, riu, rimos, ristes, riram.

Imperativo afirmativo: ri, ria, riamos, ride, riam.

Subjuntivo *presente*: ria, rias, ria, riamos, riais, riam.

Imperfeito: risse, risses, risse, ríssemos, rísseis, rissem.

Particípio: rido.

Como *rir* se conjuga o derivado *sorrir*.

SORTIR

Indicativo *presente*: surto, surtes, surte, sortimos, sortis, surtem.

Subjuntivo *presente*: surta, surtas, surta, surtamos, surtais, surtam.

Imperativo afirmativo: surte, surta, surtamos, sorti, surtam.

Irregular nas formas rizotônicas, nas quais a vogal *o* muda em *u*.

Segue esta conjugação o verbo *polir*.

Sortir significa *abastecer, fazer sortimento, combinar*. Não confundir com *surtir* (= ter como resultado, alcançar efeito, originar), que só tem as terceiras pessoas: o plano *surtiu* efeito; as negociações não *surtiram* efeito.

SUMIR

Indicativo *presente*: sumo, somes, some, sumimos, sumis, somem.

Subjuntivo *presente*: suma, sumas, suma, sumamos, sumais, sumam.

Imperativo afirmativo: some, suma, sumamos, sumi, sumam.

Regular no resto da conjugação.

Assim também *consumir*: *consumo, consomes, consome, consumimos, consumis, consomem. Assumir, reassumir, resumir* e *presumir* são regulares: *assumo, assumes, assume, assumimos, assumis, assumem*, etc.

SUBMERGIR

Indicativo *presente*: submerjo (ê), submerges, submerge, submergimos, submergis, submergem.

Subjuntivo *presente*: submerja (ê), submerjas, submerja, etc.

Particípio: submergido e submerso (mais usado como adjetivo: *corpo submerso*).

Seguem esse modelo *emergir, imergir* e *aspergir*. Este último, porém, pode ser conjugado como *ferir* (*aspirjo, asperges, asperge*, etc.; *aspirja, aspirjas, aspirja*, etc.), observando-se que as formas com *i* tônico praticamente não se usam.

VIR

Indicativo *presente*: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm.

Pretérito imperfeito: vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham.

Pretérito perfeito: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.

Pretérito mais-que-perfeito: viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram.

Futuro do presente: virei, virás, virá, viremos, vireis, virão.

Futuro do pretérito: viria, virias, viria, viríamos, viríeis, viriam.

Imperativo afirmativo: vem, venha, venhamos, vinde, venham.

Subjuntivo *presente*: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham.

Pretérito imperfeito: viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem.

Futuro: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.

Infinitivo *pessoal*: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.

Gerúndio: vindo.

Particípio: vindo.

Por este se conjugam *advir, convir, intervir, provir, sobrevir, avir-se, desavir-se* (= desentender-se).

Desavindo, além de particípio, é adjetivo: Eram casais *desavindos*. Os vereadores estavam *desavindos* com o prefeito.

23 VERBOS DEFECTIVOS

Verbos defectivos são os que não possuem a conjugação completa, por não serem usados em certos modos, tempos ou pessoas.

A defectividade verbal verifica-se principalmente em formas que, por serem antieufônicas (exemplo: *abolir*, 1ª pessoa do singular do indicativo presente) ou homofônicas (exemplos: *soer*

e *falir*, 1ª pessoa do singular do indicativo presente), não foram vivificadas pelo uso. Há, porém, casos de verbos defectivos que não se explicam por nenhuma razão de ordem fonética, mas pelo simples desuso.

Ocorre maior incidência de defectividade verbal na 3ª conjugação e em formas rizotônicas.

Os verbos defectivos podem ser distribuídos em quatro grupos:

1º) Os que não têm as formas em que ao radical se seguem *a* ou *o*, o que ocorre apenas no presente do indicativo e do subjuntivo e no imperativo. O verbo *abolir* serve de exemplo.

INDICATIVO PRESENTE	SUBJUNTIVO PRESENTE	IMPERATIVO	
		AFIRMATIVO	NEGATIVO
—	—		
aboles	—	abole	—
abole	—	—	—
abolimos	—	—	—
abolis	—	aboli	—
abolem	—	—	—

Pertencem a este grupo, entre outros: *aturdir, brandir, carpir, colorir, delir, demolir, exaurir, explodir, fremir, haurir, delinquir, extorquir, puir, ruir, retorquir, latir, urgir, tinir, pascer.*

Observação:

✔ Em escritores modernos aparecem, no entanto, alguns desses verbos na 1ª pessoa do presente do indicativo, como *explodo, lato*, etc.: "Daqui vocês não me tiram – respondeu-lhes a bomba. O primeiro que me tocar, eu *explodo*." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

2º) Os que só se usam nas formas em que ao radical segue *i*, ou seja, nas formas arrizotônicas. A defectividade destes verbos, como nos do primeiro grupo, só se verifica no presente do indicativo e do subjuntivo e no imperativo.

Sirva de exemplo o verbo *falir*:

INDICATIVO PRESENTE	SUBJUNTIVO PRESENTE	IMPERATIVO	
		AFIRMATIVO	NEGATIVO
—	—		
—	—	—	—
—	—	—	—
falimos	—	—	—
falis	—	fali	—
—	—	—	—

Seguem este paradigma: *aguerrir, embair, empedernir, remir, transir*, etc. Pertencem também a este grupo os verbos *adequar* e *precaver-se*, pois só possuem as formas arrizotônicas.

3º) Verbos que, pela sua significação, não podem ter imperativo (*acontecer, poder* e *caber*) ou que, por exprimirem ação recíproca (*entrechocar-se, entreolhar-se*), se usam exclusivamente nas três pessoas do plural.

4º) Os três seguintes, já estudados, que apresentam particularidades especiais: *reaver, prazer* e *soer*.

Observação:

✔ Verbos que exprimem fenômenos meteorológicos, como *chover, ventar, trovejar*, etc., a rigor não são defectivos, uma vez que, em sentido figurado, podem ser usados em todas as pessoas.

As formas inexistentes dos verbos defectivos suprem-se:

a) com as de um verbo sinônimo: eu *recupero*, tu *recuperas*, etc. (para *reaver*); eu *redimo*, tu *redimes*, ele *redime*, eles *redimem* (para *remir*); eu *me previno* ou *me acautelo*, etc. (*para precaver*);

b) com construções perifrásticas: *estou demolindo, estou colorindo, vou à falência*; embora o cachorro *comece a latir*, etc.

24 VERBOS ABUNDANTES

Verbos abundantes são os que apresentam duas ou mais formas em certos tempos, modos ou pessoas: *comprazi-me* e *comprouve-me, apiedo-me* e *apiado-me* (forma arcaica), *elegido* e *eleito*.

Essas variantes verbais são mais frequentes no particípio, havendo numerosos verbos, geralmente transitivos, que, ao lado do particípio regular em *-ado*, ou *-ido*, possuem outro, irregular, as mais das vezes proveniente do particípio latino.

Eis alguns desses verbos seguidos de seus particípios:

absolver _____	*absolvido, absolto*	imprimir_____	*imprimido, impresso*
aceitar _____	*aceitado, aceito*	incorrer _____	*incorrido, incurso*
acender _____	*acendido, aceso*	incluir _____	*incluído, incluso*
anexar _____	*anexado, anexo*	inserir _____	*inserido, inserto*
assentar _____	*assentado, assente*	isentar _____	*isentado, isento*
benzer _____	*benzido, bento*	limpar _____	*limpado, limpo*
contundir _____	*contundido, contuso*	matar _____	*matado, morto*
despertar _____	*despertado, desperto*	morrer _____	*morrido, morto*
dispersar _____	*dispersado, disperso*	nascer _____	*nascido, nato*
entregar _____	*entregado, entregue*	pagar _____	*pagado, pago*
eleger _____	*elegido, eleito*	pegar _____	*pegado, pego* (ê)
erigir _____	*erigido, ereto*	prender _____	*prendido, preso*
expelir _____	*expelido, expulso*	romper _____	*rompido, roto*

expulsar _____	*expulsado, expulso*	sepultar _____	*sepultado, sepulto*
expressar _____	*expressado, expresso*	submergir _____	*submergido, submerso*
exprimir _____	*exprimido, expresso*	suprimir _____	*suprimido, supresso*
extinguir _____	*extinguido, extinto*	surpreender _____	*surpreendido, surpreso*
frigir _____	*frigido, frito*	soltar _____	*soltado, solto*
ganhar _____	*ganhado, ganho*	suspender _____	*suspendido, suspenso*
gastar _____	*gastado, gasto*	tingir _____	*tingido, tinto*

As formas participiais regulares usam-se, em regra, com os auxiliares *ter* e *haver*, na voz ativa, e as irregulares com os auxiliares *ser* e *estar*, na voz passiva:

"Foi temeridade *haver aceitado* o convite." (CIRO DOS ANJOS)
O convite *foi aceito* pelo professor.
O caçador *tinha soltado* os cães.
Os cães não *seriam soltos* pelo caçador.
O pescador *teria salvado* o náufrago.
O náufrago *estaria* (ou *seria*) *salvo*.
"Por que *tinha* ele *suspendido* a leitura?" (GRACILIANO RAMOS)
A leitura *estava* (ou *fora*) *suspensa*.

Essa regra, no entanto, não é seguida rigorosamente, havendo numerosas formas irregulares que se usam tanto na voz ativa como na passiva, e algumas formas regulares também empregadas na voz passiva. Exemplos:

voz ativa	**voz passiva**
Tinha *aceitado* ou *aceito* o convite.	O convite foi *aceito*.
Tinha *acendido* ou *aceso* as velas.	As velas eram *acesas* ou *acendidas*.
Tinha *elegido* ou *eleito* os candidatos.	Os candidatos são ou estão *eleitos*.
A nuvem tinha-os *envolvido* ou *envolto*.	Foram *envoltos* ou *envolvidos* pela nuvem.
Tinha *entregado* ou *entregue* a carta.	As cartas eram *entregues*.
Tinha-os *expulsado* ou *expulso*.	Foram *expulsos* da sala.
Tinha *ganho* ou *ganhado* o prêmio.	O prêmio foi ou estava *ganho*.
Tinha *gastado* ou *gasto* o dinheiro.	Foi *gasto* muito dinheiro.
Tinha *imprimido* ou *impresso* a obra.	Foi *impressa* a obra. Foi *imprimida* grande velocidade ao carro[6].
Tinha *inserido* ou *inserto* dois artigos no projeto de lei.	Foram *inseridos* ou *insertos* dois artigos no projeto de lei.
Teria *matado* ou *morto* o agressor.	O agressor teria sido *morto*.
Tê-lo-iam *pegado* ou *pego* de surpresa.	O ladrão foi *pego* pela polícia.
Terá *pago* a dívida?	A dívida foi *paga*?
Tinha *salvado* ou *salvo* muitas vidas.	A vida foi ou estava *salva*.
Tinham *extinguido* ou *extinto* o incêndio.	O incêndio foi *extinto*.

[6] "... orientação imprimida por ele." (J. GERALDO VIEIRA, *A 40ª Porta*, p. 56)

As formas irregulares, sem dúvida por serem mais breves, gozam de franca preferência, na língua atual, e algumas tanto se impuseram que acabaram por suplantar as concorrentes. É o caso de *ganho* e *pago*, que vêm tornando obsoletos os particípios regulares *ganhado* e *pagado*. Assim também se explica a forma *pasmo* (particípio irregular de *pasmar*), empregado como adjetivo, em vez de *pasmado*, e de largo uso na língua falada e escrita.

Os exemplos seguintes comprovam a preferência dos autores pelos particípios irregulares:

"Podia ter *salvo* a rapariga." (ÉRICO VERÍSSIMO)

"Anda, abraça Brígida. É quem tem *salvo* teu pai." (J. GERALDO VIEIRA)

"Um dos rapazes que o havia *salvo* era um latagão simpático." (ANTÔNIO CALLADO)

"Meu pai ganhou uma medalha de ouro por haver *salvo* duas criancinhas num incêndio de um mocambo no Recife." (AUSTREGÉSILO DE ATAÍDE)

"Tudo que é meu eu lhe dei sem você haver *aceito*." (STELLA LEONARDOS)

"Bastava levar água *benta* por ele e o efeito seria o mesmo." (OTTO LARA RESENDE)

"Proibiu-se que estes metais fossem *limpos*." (RAMALHO ORTIGÃO)

"... tinha-a *limpo* com uma lixa." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"Dias depois, vi chegar um rapazinho *seguro* por dois homens." (GRACILIANO RAMOS)

"Tinha trabalhado como um mouro, e tinha *ganho* dinheiro!" (EÇA DE QUEIRÓS)

"Mas o que é que eu tenho *ganho* com isso?" (HERBERTO SALES)

"Pelo caminho haviam *gasto* mais do que imaginavam." (JORGE AMADO)

"Tinham-lhe *gasto* o fio em pedra de amolar." (GRACILIANO RAMOS)

"... como se a indiferença os houvesse *gasto*." (FERNANDO NAMORA)

"Os que não houvessem *pago* imposto lá mesmo, teriam que o fazer em Santos, e em dobro." (CASSIANO RICARDO)

"Ele ficou *pasmo*, sem palavra." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

"Podíamos ter *morto* os que vieram hoje." (FERREIRA DE CASTRO)

Com os verbos *estar, ficar* e *andar*, usam-se quase sempre as formas irregulares, com feição de adjetivos e função de predicativos:

Os brinquedos estavam *dispersos* pelo chão.

A raia ficou *presa* à rede elétrica.

Os animais andavam *soltos* pela estrada.

"Só essas árvores estavam *despertas*." (JOSÉ AMÉRICO)

"Estará *sepulto* Churchill." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"O passado amargo há muito estava *sepulto*." (MÍRIA BOTELHO)

Finalmente, advirta-se que vários particípios irregulares, perdida a força verbal, passaram para a categoria de meros adjetivos. Citemos, entre outros: *confuso* (de *confundir*), *correto* (de *corrigir*), *exausto* (de *exaurir*), *insurreto* (de *insurgir-se*), *omisso* (de *omitir*), *submisso* (de *submeter*), *corrupto* (de *corromper*). Exemplos:

homem *corrupto*; frase *correta*; grupos *insurretos*

CONJUGAÇÃO DE UM VERBO COM OS PRONOMES OBLÍQUOS O, A, OS, AS

Indicativo *presente*: faço-o, faze-lo, fá-lo, fazemo-lo, fazei-lo, fazem-no.

Pretérito imperfeito: fazia-o, fazia-lo, fazia-o, fazíamo-lo, fazíei-lo, faziam-no.

Pretérito perfeito: fi-lo, fizeste-o, fê-lo, fizemo-lo, fizeste-lo, fizeram-no.

Pretérito mais-que-perfeito: fizera-o, fizera-lo, fizera-o, fizéramo-lo, fizérei-lo, fizeram-no.

Futuro do presente: fá-lo-ei, fá-lo-ás, fá-lo-á, fá-lo-emos, fá-lo-eis, fá-lo-ão.

Futuro do pretérito: fá-lo-ia, fá-lo-ias, fá-lo-ia, fá-lo-íamos, fá-lo-íeis, fá-lo-iam.

Imperativo afirmativo: faze-o, faça-o, façamo-lo, fazei-o, façam-no.

Imperativo negativo: não o faças, não o faça, não o façamos, não o façais, não o façam.

Subjuntivo *presente*: que o faça, que o faças, que o faça, que o façamos, que o façais, que o façam.

Pretérito imperfeito: se o fizesse, se o fizesses, se o fizesse, se o fizéssemos, se o fizésseis, se o fizessem.

Futuro: se o fizer, se o fizeres, se o fizer, se o fizermos, se o fizerdes, se o fizerem.

Infinitivo *impessoal*: fazê-lo.

Infinitivo pessoal: fazê-lo, fazere-lo, fazê-lo, fazermo-lo, fazerde-lo, fazerem-no.

Gerúndio: fazendo-o.

Tempos compostos: tenho-o feito, tinha-o feito, tê-lo-ei feito, tê-lo-ia feito, que o tenha feito, se o tivesse feito, se o tiver feito, tê-lo feito, tendo-o feito.

Note bem:

a) Quando o verbo termina em vogal oral, ou em ditongo ou tritongo orais, associam-se-lhe os pronomes enclíticos *o, a, os, as*, sem nenhuma alteração:
faço-o, defendei-a, vende-os, deu-as

b) Quando a forma verbal termina em *-r, -s* ou *-z*, desaparecem estas consoantes e os pronomes assumem as formas *lo, la, los, las:*
dar + o --> *dá-lo* fizestes + a --> *fizeste-la* fez + os --> *fê-los*

c) Se o verbo termina por um ditongo nasal (*-am, -em, -ão, -õe*), os pronomes tomam as formas *no, na, nos, nas*:
trazem-no, dão-na, faziam-nos, põe-nas

d) No futuro do indicativo os pronomes não podem ser pospostos ao verbo:
vendê-lo-ei (ou *eu o venderei*) e nunca: *venderei-o*
vendê-la-ia (ou *eu a venderia*) e nunca: *venderia-a*

e) Nos tempos do subjuntivo os pronomes átonos são, em geral, antepostos.

f) Ao particípio não se associam os pronomes átonos.

Observação:

✔ Na prática, associações como *fi-lo, qui-lo, fá-lo-ão*, etc. devem ser evitadas, por serem malsoantes e de mau gosto. Nesses casos, deve-se antepor o pronome oblíquo ao verbo: eu *o fiz* calar; ele *os quis* enganar; eles *a farão* feliz; nós *as fazíamos* rir; etc.

25 PRONÚNCIA CORRETA DE ALGUNS VERBOS

- Nos verbos cujo radical termina em *-ei, -eu, -oi, -ou*, seguidos de consoante, é fechada a vogal-base desses ditongos:

  a) Pronuncie *ei* (como na palavra *lei*):
  al**ei**jo, al**ei**jas, al**ei**ja, al**ei**jam, al**ei**je, al**ei**jem;
  ab**ei**ro-me, ab**ei**ra-se, ab**ei**ram-se, ab**ei**re-se, ab**ei**ra-te;
  enf**ei**xo, enf**ei**xas, enf**ei**xa, enf**ei**xe, enf**ei**xam, enf**ei**xem, enf**ei**xes;
  int**ei**ro, int**ei**ras, int**ei**ra, int**ei**ram, int**ei**re, int**ei**res, int**ei**rem.

  b) Pronuncie *eu* (como na palavra *deu*):
  end**eu**so, end**eu**sas, end**eu**sa, end**eu**sam, end**eu**se, end**eu**ses, end**eu**sem.

  c) Pronuncie *oi* (como na palavra *boi*):
  aç**oi**to, aç**oi**tas, aç**oi**ta, aç**oi**tam, aç**oi**te, aç**oi**tes, aç**oi**tem;
  f**oi**ço, f**oi**ças, f**oi**ça, f**oi**çam, f**oi**ce, f**oi**ces, f**oi**cem;
  desm**oi**to, desm**oi**tas, desm**oi**ta, desm**oi**tam, desm**oi**te, desm**oi**tes, desm**oi**tem;
  n**oi**vo, n**oi**vas, n**oi**va, n**oi**vam, n**oi**ve, n**oi**ves, n**oi**vem.

  d) Pronuncie *ou* (como na palavra *ouro*):
  afr**ou**xo, afr**ou**xas, afr**ou**xa, afr**ou**xam, afr**ou**xe, afr**ou**xes, afr**ou**xem;
  r**ou**bo, r**ou**bas, r**ou**ba, r**ou**bam, r**ou**be, r**ou**bes, r**ou**bem;
  est**ou**ro, est**ou**ras, est**ou**ra, est**ou**ram, est**ou**re, est**ou**res, est**ou**rem.

- Nos verbos terminados em *-ejar* e *-elhar*, como *despejar, almejar, arejar, velejar, pelejar, planejar, espelhar, aparelhar, semelhar, avermelhar*, etc., o *e* tônico profere-se fechado:
  desp**e**jo, desp**e**jas, desp**e**ja, desp**e**jam, desp**e**je, desp**e**jes, desp**e**jem
  esp**e**lho, esp**e**lhas, esp**e**lha, esp**e**lham, esp**e**lhe, esp**e**lhes, esp**e**lhem.

- Verbos como *englobar, desposar, forçar, rogar, mofar, ensopar, escovar, estorvar, enroscar, rosnar, lograr*, etc. têm o *o* aberto nas formas rizotônicas:
  esc**o**vo, esc**o**va, esc**o**ve, desp**o**sa, ens**o**pa, ens**o**pam, etc.

- Na terminação *-oem*, a vogal *o* é fechada nos verbos finalizados em *-oar: voem, magoem, coem, doem* (doar), *soem* (soar), *abençoem, coroem, abotoem*, etc., e aberta nos verbos terminados em *-oer: doem* (doer), *soem* (soer), *moem, roem, corroem*, etc.

- Nas três pessoas do singular e na 3ª do plural do presente do indicativo e do subjuntivo do verbo *saudar*, a vogal *u* forma hiato e não ditongo:
  sa**ú**do (sa-**ú**-do), sa**ú**das, sa**ú**da, sa**ú**dam;
  sa**ú**de (sa-**ú**-de), sa**ú**des, sa**ú**de, sa**ú**dem.

- O *u* do dígrafo *gu* dos verbos *distinguir* e *extinguir* não soa. Pronuncie *gue, gui*, como no verbo *seguir*:
  distin**gue**, distin**guem**, distin**gui**u, extin**gui**u, etc.
  (se**gue**) (se**guem**) (se**guiu**) (se**guiu**)

EXERCÍCIOS

LISTA 28

1. Escreva as frases, substituindo o * pelas formas adequadas do verbo **dar**:

a) As plantas * às aves alimento e abrigo.

b) Quando cheguei, Adriano já * a notícia a meus pais.

c) Precisamos de um livro que nos * a explicação do fenômeno.

d) Deus quis que a roseira * rosas e espinhos.

e) Vós, porém, não * espinhos, dai somente rosas!

f) Vocês, porém, não deem espinhos, * somente rosas.

g) Tu, porém, não * espinhos, dá somente rosas!

2. Nos verbos terminados em *-ear*, intercala-se um *i* nas formas rizotônicas. Copie as sequências que comprovam a regra:

ateamos – passeais – ceávamos

geia – granjeia – hasteiam

recreemos – nomeeis – freei

nomeio – passeias – semeie

3. Dos verbos terminados em *-iar*, somente seis trocam o *i* da terminação por *ei*, nas formas rizotônicas. Suas iniciais, se excluirmos *intermediar*, formam a palavra MÁRIO. Copie somente a sequência que comprova a afirmação.

alia – copia – calunias – presencio – premia – injurie – obviam

odeio – remedeiam – medeia – anseiam – incendeiem

4. Troque as pessoas do plural pelas correspondentes do singular:

Abstivemo-nos de bebida.

Saudai os atletas.

Couberam no porta-malas?

Credes em mim?

Talvez **caibam** aqui.

Quiseram humilhar-me.

Trouxemos comida.

Não **ateeis** fogo ao capinzal.

Não **puderam** vir.

Por mais que **escutemos**, não **ouvimos** nada.

Ceamos com tio Luís.

Quantos alunos os senhores **argúem** na aula de hoje?

Não **obtivemos** resposta.

Pusemos água na fervura.

5. Flexione os verbos nas pessoas pedidas:

nomear – 1ª pessoa pl. pret. perf. indic.

folhear – 3ª pessoa sing. pres. indic.

odiar – 2ª pessoa sing. pres. subj.

ansiar – 3ª pessoa pl. pres. subj.

passear – 1ª pessoa pl. pres. subj.

ver – 1ª pessoa sing. futuro subj.

deter – 3ª pessoa pl. pret. perf. indic.

obter – 1ª pessoa sing. futuro. subj.

caber – 1ª pessoa sing. pres. indic.

crer – 2ª pessoa sing. pret. imperf. subj.

reaver – 1ª pessoa sing. pret. perf. indic.

prever – 3ª pessoa pl. futuro subj.

6. Reproduza o quadro em seu caderno, substituindo os asteriscos pelas formas do imperativo afirmativo e do negativo do verbo **fazer**:

pessoas	**presente do indicativo**	**imperativo afirmativo**	**presente do subjuntivo**	**imperativo negativo**
Tu	fazes (-s) →	****	faças →	não ****
Você	–	****	← faça →	não ****
Nós	–	****	← façamos →	não ****
Vós	fazeis (-s) →	****	façais →	não ****
Vocês	–	****	← façam →	não ****

7. Passe os verbos para o presente do indicativo ou do subjuntivo, conforme a frase, conservando a mesma pessoa:

a) Na haste flexível desabotoou a primeira rosa.
b) Os vícios consumiram-lhe em pouco tempo a saúde e o patrimônio.
c) O coronel reassumiu o comando das tropas.
d) "Requeri minha aposentadoria, não podia mais trabalhar", disse o velho.
e) Que lucros auferiste de tantos esforços?
f) Os comissários proveram ao abastecimento dos navios.
g) O manuscrito jazeu esquecido no fundo de um armário.
h) Quando nos lembrávamos do passado, receávamos o futuro.
i) Muitos se abstiveram de bebidas alcoólicas.
j) Eu cobria o doente para que ele não tossisse.
k) A memória cerziu e reconstituiu os fatos que se distanciaram no passado.
l) A minha proposta não lhe aprouve.
m) Convinha que a viúva mobiliasse logo a casa.
n) Talvez houvesse outro livro que valesse menos e fosse melhor.
o) Talvez houvesse alguma coisa que o impedisse de voltar.
p) Vós sorríeis incrédulos, dizíeis que não proviemos de Deus, mas do macaco.

8. Substitua o * em cada frase pela forma verbal correta:

a) É bom que você se * contra assaltos. (**precavenha – previna**)
b) É bom que eu me *. Essa gente é falsa. (**acautele – precava**)
c) Pedi-lhe que se * contra o perigo dos tóxicos. (**precavisse – precavesse**)
d) Abra os olhos! Acautele-se, * ! (**precavenha-se – cuide-se**)
e) Felizmente, eu * tudo o que perdi. (**reavi – reouve**)
f) Não creio que eles * o prestígio perdido. (**reajam – recuperem**)

9. Substitua o * pelas formas adequadas do imperativo afirmativo do verbo *servir*:

Governante, * o povo e não a ti mesmo.

Governante, * o povo e não a si mesmo.

Governantes, * o povo e não a nós mesmos.

Governantes, * o povo e não a vós mesmos.

Governantes, * o povo e não a si mesmos.

10. Escreva a frase utilizando a sequência que a completa corretamente:

Se o senhor a *** na fábrica, ***-lhe que *** com prudência.

ver – dizei – aja vir – dize – haja

ver – diga – aja vir – diga – aja

11. Conjugue os verbos abaixo no pretérito perfeito do indicativo:

entreter – querer – pôr – transpor – ver – prever – vir – convir

12. Escreva as sentenças, flexionando os verbos em destaque nas formas que o contexto exige:

a) As formigas não desanimam e **reconstruir** o ninho.

b) Os males não se **remediar** lastimando-os.

c) Feliz serás tu se **reaver** o que perdeste.

d) Nenhum descanso teríamos enquanto não **reaver** o talismã.

e) O adulador **soer** ser maldizente.

f) **Prazer** a Deus que tal não aconteça!

g) O inverno, dentro de poucos dias, afastará o sol e **trazer** o frio.

h) Nada o **satisfazer**, enquanto não tivesse certeza do amor de Cláudia.

i) Ela **suster** o bule no ar e perguntou se eu queria café.

j) Se **sobrevir** contratempos, não desanimes.

k) O guarda persegue e **balear** o assaltante.

l) Cultivai as boas maneiras, que elas vos **fazer** simpáticos.

m) Não é justo que (nós) **diminuir** o número de convivas no banquete da vida.

n) Terroristas atacam embaixada e **incendiar** carros de diplomatas.

o) Se você **compor** a melodia, eu farei a letra da canção.

p) Os revolucionários tomaram a cidade e **depor** o presidente.

13. Substitua os asteriscos nas frases pelos verbos em destaque, nas formas indicadas:

a) Nós *** que o rio fosse fundo. (**supor**, pretérito imperf. do indic.)

b) Eu não *** na discussão. (**intervir**, pretérito perf. do indic.)

c) O motorista parou o carro, *** com violência. (**frear**, gerúndio)

d) Sete países do Pacífico *** aos testes nucleares. (**opor-se**, pretérito perf. do indic.)

e) Ele parecia receoso de que alguém o ***. (**contradizer**, pretérito imperf. do subj.)

f) Os dois *** e um *** o outro. (**desavir-se**, pret. perf. do indic. – **descompor**, pret. imperf. do indic.)

g) Até então eu não tinha *** nos debates. (**intervir**, particípio)

h) Cristo *** a destruição de Jerusalém. (**predizer**, pret. mais-que-perf. do indic.)

i) Comprarei as roupas que me ***. (**convir**, futuro subj.)

j) As pesquisas de opinião pública fazem com que certos candidatos *** a sua derrota. (**pressentir**, presente subj.)

k) O Brasil *** o litígio entre os dois países. (**intermediar**, pres. do indic.)

l) Se o senhor se *** desses bens, terá vida mais tranquila. (**desfazer**, futuro do subj.)

14. Troque as formas simples pelas compostas dos mesmos tempos:

a) **Granjeei** a simpatia de todos.

b) **Escrevi** muitas cartas a Jane.

c) Ele me **descrevera** o local.

d) Quem o **descobrira**?

e) Donde **proviera** aquele monstro?

f) João **proveu** ao sustento da família.

15. Escreva no caderno os verbos defectivos:

ler – reaver – soer – precaver – rir – abolir – falir – transir – ouvir

16. Troque as formas destacadas pelas equivalentes dos verbos indicados:

Verifique as causas. (averiguar)

Realizai a obra. (fazer)

Arriscavas a vida? (expor)

Não **aconteceu** nada. (haver)

Olhai as aves do céu. (ver)

Eu **conduzirei** o animal. (trazer)

Pensamos bem nisso. (refletir)

Ele não **interferiu**. (intervir)

Se **interferíssemos**... (intervir)

Eles **providenciam** tudo. (prover)

Donde **originou-se** a vida? (provir)

17. Siga o exemplo, dando as categorias das formas verbais:

valho – 1ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo **valer**

estreie – abster-me-ei – compraz-se – pudemos – predisséseis – podermos – creiamos – bendize – remoo – supúnhamos – suponhamos – dispuser – veem – propus – proponde – prouve – requeira – traríeis – víramos – cirze – induz – dispa – conduze – divirjas – sobressaia – bulas – ide – impeço – rides – ris – sorride – virdes – provim – sobresteve

18. Escreva as frases, substituindo os asteriscos pelas formas adequadas:

infligem – infringem – deferem – diferem – surtiram – sortiram – provêm – proveem

a) As nações frequentemente * os convênios (acordos).

b) Os chefes *-lhes castigos cruéis.

c) Os ministros * nossos requerimentos.

d) As opiniões * .

e) Os comerciantes * seus estabelecimentos.

f) As tentativas não * o efeito almejado.

g) Os frutos * da terra.

h) Os pais * às necessidades da prole.

19. Passe para a 2ª pessoa do plural:

a) Não emprestes o teu nem o alheio, não terás cuidados nem receio.

b) Não lisonjeies nem maldigas, faze o bem, foge do mal e não te arrependerás.

c) Se aspiras à paz definitiva, sorri ao destino que te fere.

d) Ouve, vê e cala, viverás vida folgada.

e) Bane do espírito o fantasma da dúvida e põe tua confiança em Deus.

f) Não desprezes o pobre, vai antes ao seu encontro e alivia-lhe o sofrimento.

g) Não reclames da visita inesperada: recebe-a sempre bem.

20. Conjugue o verbo **precaver-se** no presente do indicativo e no imperativo afirmativo, suprindo com sinônimos as pessoas em que é defectivo.

21. Flexione os verbos abaixo nas pessoas pedidas:

a) **dar**, **doar**, **soar**: 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo

b) **crer**, **ler**, **vir**, **doer**, **soer**, **ter**: 3ª pessoa do plural do presente do indicativo

c) **ver**, **prever**, **vir**, **convir**: 3ª pessoa do singular do futuro do subjuntivo

22. Conjugue os verbos abaixo nos tempos pedidos, com os pronomes átonos pospostos ou intercalados, conforme for o caso:

a) **dizê-lo** – presente do indicativo

b) **conduzi-la** – futuro do presente

c) **enviá-los** – futuro do pretérito

d) **adverti-las** – imperativo afirmativo

23. Escreva as frases seguintes, substituindo os tempos simples pelos compostos correspondentes, colocando corretamente os pronomes oblíquos:

a) O diretor suspendera-os por três dias.

b) Esse dinheiro, ganhá-lo-ias sem trabalho e sacrifício?

c) Se eles o entregassem, nós o aceitaríamos.

d) Esses fugazes prazeres, vós os pagastes bem caro.

e) Os revoltosos imprimi-lo-iam em oficinas gráficas clandestinas. [lo = jornal]

f) O diretor imprimira nova orientação ao jornal.

g) Nunca as acendêramos.

24. Use as formas adequadas do particípio dos verbos indicados:

a) A polícia havia *** o grupo de manifestantes. **(dispersar)**

b) As folhas estavam *** no chão. **(dispersar)**

c) A multidão seria *** a gás lacrimogêneo. **(dispersar)**

d) As chuvas tinham *** o fogo. **(extinguir)**

e) Estava enfim *** o infame cativeiro! **(extinguir)**

f) A raça humana seria *** pelas explosões nucleares. **(extinguir)**

VERBO
Exercícios de exames e concursos
[Página 674]

ADVÉRBIO

1 ADVÉRBIO

Comparemos estes exemplos:

O navio chegou. O navio chegou **ontem**.

A palavra *ontem* acrescentou ao verbo *chegou* uma circunstância de tempo: *ontem* é um advérbio.

Paulo jogou. Paulo jogou **bem**.

A palavra *bem* modificou a ação de Paulo, expressa pelo verbo *jogou: bem*, aqui, é um advérbio.

Paulo jogou bem. Paulo jogou **muito** bem.

A palavra *muito* intensificou o sentido do advérbio *bem*: *muito*, aqui, é um advérbio.

A moça é linda. A moça é **muito** linda.

A palavra *muito* intensificou a qualidade contida no adjetivo *linda: muito*, nesta frase, é um advérbio.

Advérbio *é uma palavra que modifica o sentido do verbo, do adjetivo* e *do próprio advérbio.*

Na oração, o advérbio exerce a função sintática de adjunto adverbial.

A maioria dos advérbios modifica o verbo, ao qual acrescentam uma circunstância. Só os de intensidade é que podem também modificar adjetivos e advérbios.

2 CLASSIFICAÇÃO DOS ADVÉRBIOS

De acordo com as circunstâncias ou a ideia acessória que exprimem, os advérbios se dizem:

- **de afirmação**

  sim, certamente, deveras, incontestavelmente, realmente, efetivamente.

- **de dúvida**

  talvez, quiçá, acaso, porventura, certamente, provavelmente, decerto, certo. Exemplo:

  "**Certo** perdeste o senso!" (Olavo Bilac)

- **de intensidade**

muito, mui, pouco, assaz, bastante, mais, menos, tão, demasiado, meio, todo, completamente, profundamente, demasiadamente, excessivamente, demais, nada, ligeiramente, levemente, que, quão, quanto, bem, mal, quase, apenas, como. Exemplos:

A prova foi **muito** fácil
Isto não é **nada** fácil.
Que bom!
Quanto insisti!
O desenho estava **apenas** esboçado.
Como comem!

- **de lugar**

abaixo, acima, acolá, cá, lá, aqui, ali, aí, além, aquém, algures (= em algum lugar), alhures (= em outro lugar), nenhures (= em nenhum lugar), atrás, fora, afora, dentro, perto, longe, adiante, diante, onde, avante, através, defronte, aonde, donde, detrás.

- **de modo**

bem, mal, assim, depressa, devagar, como, adrede, debalde, alerta, melhor (= mais bem), pior (= mais mal), aliás (de outro modo), calmamente, livremente, propositadamente, selvagemente, e quase todos os advérbios terminados em *-mente*.

- **de negação**

não, tampouco (= também não).

- **de tempo**

agora, hoje, amanhã, depois, ontem, anteontem, já, sempre, amiúde, nunca, jamais, ainda, logo, antes, cedo, tarde, ora, afinal, outrora, então, breve, aqui (= neste momento), nisto, aí (= então, nesse momento), entrementes, brevemente, imediatamente, raramente, finalmente, comumente, presentemente, diariamente, concomitantemente, simultaneamente, etc.

3 ADVÉRBIOS INTERROGATIVOS

São as palavras *onde, aonde, donde, quando, como, por que,* nas interrogações diretas ou indiretas, referentes às circunstâncias de lugar, tempo, modo e causa. Exemplos:

Interrogação direta	Interrogação indireta
Como aprendeu?	Perguntei *como* aprendeu.
Onde mora?	Indaguei *onde* morava.
Por que choras?	Não sei *por que* choras.
Aonde vai?	Perguntei *aonde* ia.
Donde vens?	Pergunto *donde* vens.
Quando voltas?	Pergunto *quando* voltas.

Observação:

✔ Seria mais acertado grafar o advérbio interrogativo *por que* numa só palavra: *Porque* fez isso? Perguntaram *porque* me atrasei.

Os advérbios em *-mente* derivam-se dos adjetivos: à forma feminina (quando houver) dos adjetivos acrescenta-se o sufixo *-mente*. Exemplos:

friamente, esplendidamente, comodamente, ferozmente, etc.

Excetuam-se alguns advérbios derivados de adjetivos em *-ês*, como *portuguesmente, francesmente*, etc. Exemplos:

"Cuido que escrevi clara e *portuguesmente* a minha ideia." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Manuel soa honesto, *portuguesmente* honesto." (MANUEL BANDEIRA)

"O chapéu-coco equilibra-se *inglesmente* na cabeça de cabelos louros e compridos." (LUÍS HENRIQUE TAVARES)

"... uma governanta almoçava *burguesmente*." (ELSIE LESSA)

4 LOCUÇÕES ADVERBIAIS

São expressões que têm a função dos advérbios. Iniciam-se ordinariamente por uma preposição:

às cegas, às claras, à toa, a medo, à pressa, às pressas, a pé, a pique, a fundo, a jusante, a montante, à uma, às escondidas, às tontas, à noite, às vezes, ao acaso, de repente, de chofre, de forma alguma, de cor, de improviso, de propósito, de viva voz, de súbito, de uma assentada, de soslaio, de quando em quando, de vez em quando, em breve, em vão, por miúdo, por atacado, em cima, por fora, por ora, por trás, para trás (olhar *para trás*), de perto, sem dúvida, com certeza, por certo, por um triz, mal e mal, o mais das vezes (ou as mais das vezes), passo a passo, lado a lado, vez por outra, de fome, de medo, de manhãzinha, de alto a baixo, etc.

Exemplos:

O capitão me olhou **de alto a baixo**.

"Chegou **de manhãzinha** a Florianópolis." (*JORNAL DO BRASIL*, 19/10/1991)

Observação:

✔ As locuções adverbiais classificam-se como os advérbios, ou melhor, de acordo com a circunstância que exprimem: de modo, de lugar, de tempo, de causa, etc.

5 GRAUS DOS ADVÉRBIOS

Certos advérbios de modo, tempo, lugar e intensidade são, à semelhança dos adjetivos, suscetíveis de grau, conforme se vê do seguinte esquema:

comparativo de
- **igualdade:** tão longe, tão rapidamente como
- **superioridade**
  - **analítico:** mais longe que, mais rapidamente que...
  - **sintético:** melhor que, pior que...
- **inferioridade:** menos longe que, menos rapidamente que...

superlativo absoluto
- **analítico:** muito longe, muito rapidamente
- **sintético:** longíssimo, rapidissimamente, otimamente

Observação:

✔ Para indicar o limite da possibilidade, dizemos: "o mais cedo possível", "o mais longe que puder", "o mais depressa possível", "o máximo de vezes", etc. Exemplos:

"Jorge despediu-se do médico levando a promessa de que este iria à casa de D. Antônia *o mais cedo que pudesse*." (MACHADO DE ASSIS)

"... dar-me o seu estrídulo tlintlim *o máximo de vezes*." (CIRO DOS ANJOS)

Na linguagem familiar, certos advérbios assumem forma diminutiva, mas com ideia de intensidade, a modo de superlativos: *agorinha, cedinho, pertinho, rentinho, juntinho, devagarinho* (= muito devagar), *depressinha* (= bem depressa), *rapidinho* (= bem rápido).

Frequentemente, empregamos adjetivos com valor de advérbios:

Ele falou **claro** (= claramente).

Ana tinha ido ao cinema, o que **raro** acontecia (= raramente).

Bem **caros** pagarás os teus deleites. [ou: **Bem caro** pagarás os teus deleites.]

"Amadeu não conseguiu dormir **direito**." (AUTRAN DOURADO)

"Foram **direto** ao galpão do engenheiro-chefe." (JOSUÉ GUIMARÃES)

Quando ocorrem dois ou mais advérbios em *-mente*, em geral sufixamos apenas o último:

O aluno respondeu **calma** e **respeitosamente**.

Veja emprego dos advérbios, págs. 571 a 574.

6 PALAVRAS E LOCUÇÕES DENOTATIVAS

De acordo com a Nomenclatura Gramatical Brasileira, serão classificadas à parte certas palavras e locuções – outrora consideradas advérbios – que não se enquadram em nenhuma das dez classes conhecidas. Tais palavras e locuções, chamadas "denotativas", exprimem:

▪ afetividade

felizmente, infelizmente, ainda bem:

Felizmente não me machuquei.

Ainda bem que o orador foi breve!

- **designação ou indicação**

  eis:

  Eis o anel que perdi. *Ei*-lo!

- **exclusão**

  exclusive, menos, exceto, fora, salvo, tirante, senão, sequer:

  Voltaram todos, **menos** (ou *exceto, salvo, fora*) André.

  Não me descontou **sequer** um real.

  Ninguém, **senão** Deus, poderia salvá-lo.

- **inclusão**

  inclusive, também, mesmo, ainda, até, ademais, além disso, de mais a mais:

  Eu **também** vou.

  Levou-me para sua casa e **ainda** me deu roupa e dinheiro.

  Aqui falta tudo, **até** água.

- **limitação**

  só, apenas, somente, unicamente:

  Só Deus é perfeito.

  Apenas um aluno teve nota boa.

- **realce**

  cá, lá, só, é que, sobretudo, mesmo, embora:

  Eu **cá** me arranjo!

  Você **é que** não se mexe!

  É isso **mesmo**!

  Veja **só**!

  Vá **embora**!

  Eu sei **lá** o que ele pretende?

- **retificação**

  aliás, ou melhor, isto é, ou antes:

  Venha ao meio-dia, **ou melhor**, venha já.

  Aquele casal era japonês, **aliás**, descendente de japoneses.

  "Finda a saudação cortês, o cavalo calou-se, **isto é**, recolheu o movimento do rabo."
  (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

- **explanação**

  isto é, a saber, por exemplo:

  Os elementos do mundo físico são quatro, **a saber**: terra, fogo, água e ar.

- **situação**

afinal, agora, então, mas:

Afinal, quem tem razão?

Posso mostrar-lhes o sítio; **agora**, vender eu não vendo.

Então, que achou do filme?

Mas você fez isso, meu filho?

Observação:

✔ Na análise dir-se-á: palavra ou locução denotativa de exclusão, de inclusão, de realce, etc.

EXERCÍCIOS LISTA 29

1. Copie as frases. Em seguida, sublinhe e classifique os advérbios:

a) Fiz tudo muito calmamente: devagar se chega mais depressa.

b) As ilusões andam sempre na frente e as desilusões atrás.

c) Teu irmão partiu ontem, meio triste. Talvez não o vejas aqui tão cedo.

d) Uns comem pouco, outros comem demais.

e) Amiúde vemos pessoas que falam bem e agem mal.

f) A casa era muito velha, o telhado já meio torto, o assoalho todo esburacado.

g) Como se faz para obter água bem limpa?

h) "O homem pasmava dos nomes daqueles objetos, nenhum dos quais soava portuguesmente." (Camilo Castelo Branco)

i) "Sentiu-se extraordinariamente forte." (Lígia Fagundes Telles)

j) A cidade hoje é bem diferente do que foi outrora.

2. Localize e classifique os advérbios e as locuções verbais das frases abaixo:

a) Sino que assim badalas, não falas à toa!

b) É o que se murmura por aí, à boca pequena.

c) "O Brasil então medrava a olhos vistos. (Carlos de Laet)

d) Realmente, há pessoas que são como os vitrais de igrejas: feias por fora, bonitas por dentro.

e) De vez em quando falavam baixo, trocando segredos à socapa.

f) "Fugiam em carreira pelo vale afora." (Aníbal Machado)

g) Onde ele se demorava mais era na agência do correio, com certeza, para vigiar a abertura das malas.

h) A linha reta nem sempre é o caminho mais curto entre dois pontos.

i) Num átimo, cessou de todo o ruído das vozes e ele entrou a falar à vontade, calma e decididamente.

j) À noite, as águas arrombam a represa: a jusante, o povo foge em massa, mal agasalhado.

3. Substitua as locuções destacadas pelos advérbios correspondentes:

a) A máquina trabalha **sem interrupção**.

b) A patroa repreendeu **com aspereza** a empregada.

c) Agistes **sem flexão** e **com precipitação**.

d) O crime foi praticado **com frieza** e **premeditação**.

e) Depois que liquidou as dívidas, foi consolidando **pouco a pouco** sua situação econômica.

f) O artista toca e canta **ao mesmo tempo**.

g) Percebia-se no olhar vago e distante do proscrito que sua alma estava **em outro lugar**.

h) Não sei onde, mas já sucedeu **em algum lugar** um caso assim.

i) É preciso que o homem e a natureza convivam **em paz**.

j) Joel abriu **com displicência** o livro e leu um trecho.

4. Informe se as palavras **melhor** e **pior** são comparativos de **bem** e **mal** ou de **bom** e **mau**:

a) Se bem o disse, melhor o fez.

b) O vício é pior que a pobreza.

c) O sábio nem sempre é melhor que o iletrado.

d) Estes agiram pior do que aqueles.

e) Uns melhor, outros pior, todos desempenharam satisfatoriamente os seus papéis.

5. Informe o grau dos advérbios destacados:

a) Ri **melhor** quem ri por último, disse-lhe **muito calmamente**.

b) Ele agiu **corretissimamente**.

c) Hei de chegar **mais longe** do que ele.

d) Vive-se **tão bem** aqui como lá.

e) "Deveria ser **muitíssimo longe**." (Machado de Assis)

f) Você saiu-se **menos mal** do que esperávamos.

g) "...pugnando **nobilissimamente** pela liberdade dos índios." (Carlos de Laet)

h) Levanto-me **cedinho** e apronto-me **bem depressa**.

i) "Tinha impressão de que Zito estava dirigindo o país **direitinho**." (Aníbal Machado)

6. Escreva as frases abaixo trocando os asteriscos por advérbios derivados das palavras entre parênteses:

a) Fomos recebidos *** .(**calor**)

b) O prédio desabou *** . (**fragor**)

c) O juiz o condenou *** . (**inexorável**)

d) Você respondeu *** . (**acerto**)

e) Alguns erravam *** . (**propósito**)

f) Ele a humilhou *** . (**acinte**)

g) Certos remédios agem ***, mas *** . (**lento – eficaz**)

7. Dê a classe gramatical das palavras destacadas:

a) **Mais** vale **muito** saber que **muito** ouro.

b) "Creiam-me, o **menos mau** é recordar." (MACHADO DE ASSIS)

c) Há coisas **muito** caras e **pouco** úteis.

d) Arranjou um **meio** de vida que lhe garantisse **mais** conforto.

e) Ficou **meio** tonto com o **meio** copo de vinho: não bebeu **demais**.

f) É **mau** costume andar **mal** vestido.

8. Copie somente a frase em que há uma expressão denotativa de retificação:

a) Os mais espertos **é que** saíram lucrando.

b) Lerei o livro todo, **ou melhor**, as passagens que me agradarem.

c) O Sol, **isto é**, a mais próxima das estrelas, comanda a vida terrestre.

d) Na sala não havia **sequer** uma cadeira.

9. Escreva as frases substituindo *** por **mal** ou **mau**. Em seguida, classifique essas duas palavras em **substantivo**, **adjetivo** ou **advérbio**:

a) Esta frase soa *** .

b) Esse *** tem cura?

c) Fiz um *** negócio.

d) Fui *** informado.

e) Ele agiu *** .

f) Teve um *** sonho.

10. Leia o texto abaixo observando os advérbios e as locuções adverbiais.

LEITURA

Eclipse lunar

Pois ali está, no meio da noite, a Lua. É mesmo um lago de prata, com vagas sombras cinzentas – sombras de árvores, de barcos, de aves aquáticas... O céu está muito límpido, e é puro o brilho das estrelas. Mas em breve se produzirá o eclipse.

E, então, pouco a pouco, o luminoso contorno vai sendo perturbado pela escuridão. A Terra, esta nossa misteriosa morada, vai projetando sua forma naquele redondo espelho. Muito lentamente sobe a mancha negra sobre aquela cintilante claridade. É mesmo um dragão de trevas que vai calmamente bebendo aquela água tão clara; devorando, pétala por pétala, aquela flor tranquila.

E o globo da Lua, num dado momento, parece roxo, sanguíneo, como um vaso de sangue. Que singular metamorfose, e que triste símbolo! Ali vemos a Terra, melancolicamente reproduzida na apagada limpidez da Lua. Ali estamos, com estas lutas, estes males, ambições, cóleras, sangue. Ali estamos projetados! E poderíamos pensar, um momento, na sombra amarga que somos. Sombra imensa. Mancha sanguínea. (Por que insistimos em ser assim?)

Ah! – mas o eclipse passa. Recupera-se a Lua, mais brilhante do que nunca. Parece até purificada.

(Brilharemos um dia também com o maior brilho? Perderemos para sempre este peso de treva?)

(CECÍLIA MEIRELES, *Escolha o Seu Sonho*, Record, Rio de Janeiro, 1996)

11. Acrescente advérbios ou expressões adverbiais às frases, de acordo com as circunstâncias indicadas:

a) Os estudantes encontraram forte resistência. (**negação**, **lugar**)

b) O secretário entrou no plenário. (**tempo**, **modo**)

c) Você foi indelicado. (**tempo**, **intensidade**)

d) A festa acabava. (**lugar**, **tempo**, **modo**)

e) As crianças estarão sonolentas depois do jantar. (**afirmação**, **intensidade**, **tempo**)

12. Escreva as frases fazendo as correções necessárias:

a) Sentia-me cansado fisicamente e moralmente.

b) Chegou tarde porque mora longíssimo.

c) As garotas estão menas agitadas agora.

d) Minha mãe está meia cansada de tanto trabalhar.

13. "Sua filha está muito bem agasalhada."

Se na frase acima você retirar o advérbio **bem**, o sentido continua o mesmo? Explique.

14. Escreva as frases abaixo, substituindo o termo destacado pelo que está entre parênteses. Faça as adaptações necessárias.

a) Esperei muito *tempo* por você. (**horas**)

b) *Ele* falava muito alto. (**todas**)

c) *Ivan* estava muito triste. (**Alguns**)

d) *Cássio* estava muito cansado. (**Os turistas**)

e) Quando menor, *eu* brinquei muito com seu irmão. (**nós**)

f) O amigo já lhe deu muito *conselho* sensato. (**conselhos**)

15. Em quais das frases do exercício anterior a palavra **muito** não é advérbio? Justifique a sua resposta.

16. Transforme os adjetivos em advérbios, utilizando o sufixo **-mente**. Depois, anote a que conclusão chegou sobre a maneira de obter essa transformação.

fácil, caridoso, firme, leve, esperançoso, calmo, inteiro, grave, ágil, penoso, claro, manso.

ADVÉRBIO
Exercícios de exames e concursos
[Página 676]

PREPOSIÇÃO

Veja estes exemplos:

A motocicleta **de** Cláudio era nova.

Trabalhemos **com** alegria.

Isabel mora **em** Niterói.

1 PREPOSIÇÃO

As palavras **de**, **com** e **em** estão ligando termos dependentes (Cláudio, alegria e Niterói) a termos principais (motocicleta, trabalhemos e mora): são *preposições*.

A preposição liga um termo dependente a um termo principal ou subordinante, estabelecendo entre ambos relações de posse, modo, lugar, causa, fim, etc.

Nos exemplos acima, as preposições *de, com* e *em* estabelecem relações de posse, modo e lugar, respectivamente.

Preposição *é uma palavra invariável que liga um termo dependente a um termo principal, estabelecendo uma relação entre ambos.*

Observe mais estes exemplos:

termo subordinante	preposição	termo dependente
Recorremos	a	Jerônimo.
Choravam	de	alegria.
Olhei	para	ele.
Esperamos	por	você.
A luta	contra	o mal.

O termo dependente pode ser uma oração:

"Aconselhou-me *a não o ler*." (Graciliano Ramos)

"Estava convencido *de que um dia lhe dariam razão*." (Herberto Sales)

Em síntese:

a) As preposições são conectivos subordinativos.

b) Antepõem-se a termos dependentes (objetos indiretos, complementos nominais, adjuntos, etc.) e a orações subordinadas.

c) Estabelecem entre os termos as mais diversas relações.

Dividem-se as preposições em *essenciais* (as que sempre foram preposições) e *acidentais* (palavras de outras classes gramaticais que acidentalmente funcionam como preposições).

▪ Preposições essenciais

a, ante, após, até, com, contra, de, desde (dês), em, entre, para, perante, por (per), sem, sob, sobre, trás.

"Ela ainda se agarrava **a** fantasias." (GRACILIANO RAMOS)

"Prostradas **ante** o meu retrato, minhas irmãs rezavam." (ANÍBAL MACHADO)

"Fumava cigarro **após** cigarro." (JOSÉ FONSECA FERNANDES)

"**Dês** pequeno que sou ativo e ladino." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

"E calculas tu quanto seria cômico estar **entre** ti e ela..." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Fora intimado **a** comparecer **perante** o juiz, **para** ser interrogado." (ANÍBAL MACHADO)

Os carros passavam **sob** um arco **de** triunfo erguido **sobre** a ponte.

Chegamos **até** um porto, remando **contra** a maré.

Observações:

✔ A preposição *após*, acidentalmente, pode ser advérbio, com a significação de *atrás*, *depois*: Terminou a festa à meia-noite e as visitas saíram logo *após*.

✔ *Dês* é o mesmo que *desde* e ocorre com pouca frequência em autores modernos:

"... *dês* que surgiste em minha estrada, abandonei formas banais." (RONALD DE CARVALHO)

"... *dês* que ele era menino." (JOSÉ CONDÉ)

✔ *Per* usa-se na locução adverbial *de per si* (= isoladamente, por sua vez): "No último instante, cada um, *de per si*, conseguiria libertar-se". (FERNANDO NAMORA)

✔ *Trás*, modernamente, só se usa em locuções adverbiais e prepositivas: *por trás*, *para trás*, *por trás de*. Como preposição, aparece, por exemplo, no antigo ditado: *Trás* mim virá quem bom me fará.

✔ *Para*, na fala popular, apresenta a forma sincopada *pra*: "Traz aqui um cafezinho *pra* gente!" (LUÍS JARDIM)

✔ *Até*, como vimos, pode ser palavra denotativa de inclusão: Os ladrões roubaram-lhe *até* a roupa do corpo.

✔ As preposições essenciais exigem as formas oblíquas *mim*, *ti* e *si* dos pronomes pessoais: Recorreu *a mim*. Preciso *de ti*. Só pensam *em si*.

▪ Preposições acidentais

conforme (= de acordo com), *consoante*, *segundo*, *durante*, *mediante*, *visto* (= devido a, por causa de), *como*, etc. Exemplos:

Vestimo-nos **conforme** a moda e o tempo.

Os heróis tiveram **como** prêmio uma coroa de louros.

"A prudência o mandava viver em Lisboa **consoante** os costumes de Lisboa, e na província, *segundo* o seu gênio e hábitos aldeãos." (CAMILO CASTELO BRANCO)

Mediante manobras mesquinhas, o escrivão conseguira prestígio.

Vovô dormiu **durante** a viagem.

A vida hoje torna-se difícil, **visto** a sua estonteante complexidade.

2 LOCUÇÕES PREPOSITIVAS

São expressões com a função das preposições. Em geral são formadas de *advérbio* (ou locução adverbial) + *preposição:* abaixo de, acima de, a fim de, além de, a par de, apesar de, atrás de, através de, antes de, junto de, junto a, ao encontro de, de encontro a, embaixo de, em frente de (ou *a*), em cima de, em face de, longe de, defronte de, a instâncias de, de acordo com, por causa de, por trás de, não obstante (= apesar de), para com (o respeito *para com* os mais velhos), a despeito de (= apesar de), devido a, em virtude de, em atenção a, em obediência a, em via de, a favor de, ao invés de, à (ou *na*) proporção de, até a (foi *até à* porta), à custa de, a expensas de, sob pena de, etc.

Exemplos:

Passamos **através de** mata cerrada.

Não nos atendeu, **não obstante** nossa insistência.

Em atenção à sua idade, não lhe batemos.

A instâncias dos amigos, ele concordou em cantar sua última canção.

Observação:

✔ Numerosos autores não veem locução prepositiva nas sequências *de até* (crianças *de até* sete anos), *de sobre, de sob, por entre* (passar *por entre* a multidão), *por sob, por sobre, para sobre* (atirar os livros *para sobre* o armário), por entenderem que, em tais conjuntos, cada preposição conserva o seu sentido próprio. De acordo com essa análise, ver-se-á o conjunto *preposição + locução prepositiva* em frases como:

Sai *de diante de* mim!

A Lua nasce *por detrás do* morro.

Venha *para perto de* nós.

Chegou *por trás de* nós.

3 RELAÇÕES EXPRESSAS PELAS PREPOSIÇÕES

Isoladamente, as preposições são palavras vazias de sentido, se bem que algumas delas contenham uma vaga noção de tempo e lugar. Na frase, porém, exprimem relações as mais diversas, tais como:

- **assunto:** Falou *sobre* política.
- **causa:** Morreu *de* fome.
- **companhia:** Jantei *com* ele.

- **especialidade:** Formou-se *em* Medicina.
- **direção:** Olhe *para* frente.
- **fim** ou **finalidade:** Trabalha *para* viver.
- **falta:** Estou *sem* recursos.
- **instrumento:** Feriu-se *com* a própria espada.
- **lugar:** Moro *em* São Paulo.
- **meio:** Viajei *de* avião.
- **modo, conformidade:** Trajava *à* moderna.
- **oposição:** João falou *contra* nós.
- **posse, pertença, propriedade:** Vi o carro *de* Mário.
- **matéria:** Era uma casa *de* tijolos.
- **origem:** Descendia *de* família ilustre.
- **tempo:** Viajei *durante* as férias.

4 COMBINAÇÕES E CONTRAÇÕES

As preposições *a, de, em* e *per* unem-se com outras palavras, formando um só vocábulo. Há *combinação* quando a preposição se une sem perda de fonema; se a preposição sofre queda de fonema, haverá *contração*.

- A preposição *a* combina-se com os artigos e pronomes demonstrativos *o, os* e com o advérbio *onde*, dando: *ao, aos, aonde*.
- As preposições *a, de, em, per* contraem-se com os artigos e, algumas delas, com certos pronomes e advérbios. Eis alguns exemplos:

a + a = à	de + o = do	em + esse = nesse
a + as = *às*	de + ele = dele	em + o = no
a + aquele = àquele	de + este = deste	em + um = num
a + aquela = àquela	de + isto = disto	em + aquele = naquele
a + aquilo = àquilo	de + aqui = daqui	per + o = pelo

- Registrem-se ainda as contrações *coa* (com + a), *coas* (com + as), *pro* (para + o), *pros* (para + os), *pra* (para + a), *pras* (para + as), mais frequentes na fala popular, e *dentre* (de + entre).

EXERCÍCIOS — LISTA 30

1. Classifique as frases de acordo com o tipo de relação expresso pelas preposições.

Inclinei-me **para** beber.
A menina chorava **de** dor.
Ele dança **conforme** a música.
Cortou-se **com** a gilete.
Não fales **de** guerra.
Viajou **sem** passaporte.
A janela dava **para** o telhado.
É um direito **dos** cidadãos.

Saí **de** madrugada.
Viajei **de** ônibus.
A pena era **de** ouro.
Nuno formou-se **em** Direito.
Passeei **com** os colegas.
Sofia descende **de** nobres.
Eles opõem-se **a** tudo.
Moro **em** Campinas.

2. Escreva as frases abaixo e em seguida passe um traço sob as preposições e dois sob as combinações e contrações:

a) Ao chegar à Amazônia, senti que estava ante um mundo diferente.

b) Desde a nascente até o poço, o córrego murmurejava entre pedras roliças.

c) Após o jantar, Heitor dava um giro pela praça ou sentava-se num banco do jardim, sob um toldo de lona.

d) Tive de voltar para casa a pé, devido à falta de condução.

e) Naquele galpão, construído por meu avô, só se viam caixas de vinho sobre mesas toscas.

3. Copie as frases colocando um traço em volta das preposições e sublinhando as locuções prepositivas:

a) Ítalo buzinou em frente à janela, a fim de me acordar.

b) Antes de o sol raiar, estávamos junto ao rio, que atravessaríamos a nado.

c) Filipe, a despeito de seu gênio concentrado, era extremamente simpático.

d) Através de meu primo, firmei laços de amizade com muitas pessoas da localidade.

e) O réu foi intimado a comparecer perante o juiz para ser interrogado.

f) Atrás de mim, dois homens discutiam a propósito de futebol.

g) O gavião pousou sobre o ramo, que vergou sob o peso da ave.

4. Reorganize as três colunas de forma a relacionar as locuções prepositivas sinônimas:

devido a	acerca de	a despeito de
a respeito de	não obstante	em virtude de
apesar de	por causa de	a propósito de

5. Substitua o * pelas preposições adequadas, contraídas com o artigo quando necessário:

a) O soalho rangia * meus pés.

b) " * o silêncio sombrio do visitante, a professora teve medo." (Aníbal Machado)

c) " * manobras mesquinhas o esperto escrivão conseguiu prestígio." (Aníbal Machado)

d) "E caminhou sozinho * passos vacilantes." (Camilo Castelo Branco)

e) Saíam de casa uma vez por ano, * velho costume.

f) "Resta ainda uma dúvida * desfazer." (Said Ali)

g) Era preciso romper * velhos hábitos.

h) "Todos são iguais * a lei." (C. DRUMMOND DE ANDRADE)

i) "Quem me pôs no coração este amor * vida, senão tu?" (M. DE ASSIS)

j) "Era a maior dignidade * que podia aspirar." (M. DE ASSIS)

k) Estava ansioso * me ver livre daquilo tudo.

l) "Investia como cego * as paredes." (C. CASTELO BRANCO)

m) Dei-me pressa * regressar * casa.

n) Não se atiram pedras * árvores sem fruto.

o) Mostrava-se insensível * admoestações do irmão, * cuja companhia se desinteressara.

p) "Lavínia lançou ao enfermo um olhar * zombeteiro e inquieto." (LÍGIA FAGUNDES TELES)

q) As estrelas empalidecem * o esplendor do Sol.

r) Chamava-se Virginiano: nascera * o signo de Virgem.

s) Ariosto, * arquiteto, considerava-se um homem realizado.

t) Na noite * que chegamos, tudo parecia tão triste!

6. Classifique as frases de acordo com o valor da locução prepositiva em destaque, especificando se é de **distância** ou de **negação intensiva**:

Longe de o castigar, ainda o abençoou.

A escola não ficava **longe de** minha casa.

O resultado está **longe de** ser o que eu esperava.

Longe dos olhos, **longe do** coração.

Não lhe quero mal, **longe disso**!

7. Escreva as frases e ponha entre parênteses a classificação correta da palavra **até**, **preposição** ou **palavra denotativa de inclusão**.

Os ladrões levaram-lhe **até** a roupa do corpo.

O cafezal estendia-se **até** a linha do horizonte.

Esse camelô consegue vender **até** pentes a carecas.

8. Substitua adequadamente os asteriscos por **afim** e **a fim**, **ao encontro de** e **de encontro a:**

a) Fui à mata próxima **** de catar lenha.

b) O português é um idioma **** do espanhol.

c) O ônibus desgovernou-se e foi **** um muro.

d) A criança, toda feliz, correu **** seu pai.

e) Que dia aziago! Tudo foi **** meus desejos.

f) O ano é bom. Tudo vai **** nossas expectativas.

9. Classifique a palavra **a**, que pode ser artigo, pronome pessoal, pronome demonstrativo e preposição:

a) A menina saiu de casa sem que a mãe a visse e foi juntar-se a suas amigas.

b) Devolva a fita a seu pai: não é a que eu queria.

10. Troque corretamente o * por **entre** e **dentre**:

a) Ela sentou-se * mim e Pedro.

b) Retirou uma carta * velhos papéis.

c) Eis que * os arbustos sai um caçador.

11. Forme frases com as preposições **sob** e **sobre**.

12. Una os termos dependentes aos verbos substituindo * por preposições adequadas:

a) Assisti * cenas tristes.

b) Não vá * mim.

c) Prostrou-se * o altar e orou.

d) Lute * nobres ideais.

e) Abriguei-me * uma tenda.

f) O tigre arrojou-se * a presa.

13. Identifique as relações que as preposições exprimem em cada frase.

a) Dizem que o rapaz morreu de pneumonia.

b) Carlos, preste atenção! Não olhe para trás!

c) Você escreve para expressar seus sentimentos?

d) Ana feriu-se com aquela faca afiada.

e) Na história, o porquinho construiu uma casa de palha e seu irmão uma de tábuas.

f) Pedi arroz à grega. E você?

g) Viajamos de trem durante vários dias.

14. Indique os casos em que a preposição aparece ligada a outras palavras, combinando-se ou formando contrações:

a) Meu irmão sempre envia bilhetes à namorada.

b) Nunca consigo perceber aonde você quer chegar.

c) Suas fotos estão naquela caixa amarela.

d) Você sempre vai ao cinema de seu bairro?

e) Nós também vamos participar desta manifestação de protesto.

15. Indique se, nas frases abaixo, aparecem preposições ou locuções prepositivas:

a) Faremos um estudo a fim de determinar a extensão do problema.

b) Longe dos pais, as crianças eram mais cordatas.

c) Meu irmão dormiu durante todo o percurso.

d) As cartas registradas estão embaixo da pasta amarela.

e) Chegamos até aqui lutando contra tudo e contra todos.

16. Formule frases em que a preposição aparece empregada expressando a relação indicada entre parênteses. Oriente-se pelo exemplo.

de (procedência): Chegou há pouco do Acre.

a) **de** (causa)

b) **para** (finalidade)

c) **de** (qualidade)

d) **de** (matéria)

e) **contra** (oposição)

f) **de** (posse)

17. Qual o significado da preposição *sobre* na estrofe de Manuel Bandeira transcrita a seguir?

"Da terceira vez não vi mais nada
Os céus se misturaram com a terra
E o espírito de Deus voltou a se mover sobre a face das águas."

a) a respeito de

b) além de

c) na superfície de

d) a fim de

e) diante de

4 CRASE

A palavra crase (do grego *krásis* = mistura, fusão) designa, em gramática normativa, a contração da preposição *a* com:

- **o artigo feminino *a* ou *as***

  Fomos *à* cidade e assistimos *às* festas.

- **o pronome demonstrativo *a* ou *as***

  Chamou as filhas e entregou a chave *à* mais velha.

- **o *a* inicial dos pronomes *aquele(s), aquela(s), aquilo***

  Refiro-me *àquele* fato. Poucos vão *àquela* ilha.

Observação:

✔ Na escrita, assinala-se a crase com o acento grave. A contração à, que representa a fusão da preposição a com o artigo a, não é tônica, mas pode ser proferida um tanto mais fortemente que o *a* átono.

5 CRASE DA PREPOSIÇÃO *A* COM OS ARTIGOS *A, AS*

Considerem-se estes exemplos:

Irei *à* cidade. [Irei *a a* cidade.]

Apresentei-me *à* diretora. [Apresentei-me *a a* diretora.]

Dedico-me *às* artes. [Dedico-me *a as* artes.]

Obedeço *às* leis de Deus. [Obedeço *a as* leis de Deus.]

A crase, como se vê dos exemplos citados, resulta da contração da preposição *a* (exigida por um termo subordinante) com o artigo feminino *a* ou *as* (reclamado por um termo dependente).

Outros exemplos:

	preposição ↓	**artigo** ↓			
Fomos	**a**	**a**	praia.	→	Fomos **à** praia.
Estavam junto	**a**	**a**	porta.	→	Estavam junto **à** porta.
Compareci	**a**	**as**	reuniões.	→	Compareci **às** reuniões.

Se não houver a presença da preposição ou do artigo, não haverá crase e, consequentemente, não se acentuará o **a** ou **as**:

	preposição ↓	**artigo** ↓	
Os turistas visitaram		**a**	cidade.
A concórdia une		**as**	nações.
Não digas isto	**a**		ninguém.
Ele parecia entregue	**a**		tristes cogitações.
Lançaram-se	**a**		nova ofensiva.

Regra geral. O acento indicador de crase só tem cabimento diante de palavras femininas determinadas pelo artigo definido *a* ou *as* e subordinadas a termos que exigem a preposição *a*.

Veja mais estes exemplos:

As crianças voltaram *à* piscina. [Voltar *a* (preposição) *a* (artigo) piscina.]

Ninguém é insensível *à* dor.

Exige-se a assistência *às* aulas.

Atribuiu o insucesso *à* má sorte.

Procedeu-se *à* apuração dos votos.

Devemos aliar a teoria *à* prática.

Avançamos rente *à* parede.

O trem chegou *à* estação *às* 18 horas.

Os garimpeiros assistiam *à* cena em silêncio, entreolhando-se *à* luz das candeias.

"Fez uma excursão *à* cidade de Santos." (CAMILO CASTELO BRANCO)

Refiro-me *às* duas (ou *às* tais) meninas de nariz arrebitado.

A desnutrição abre caminho *às* doenças.

Plantou videiras no pomar, *às* quais dedica muito carinho.

Observação:

✔ Os termos diante dos quais ocorre a crase exercem as funções sintáticas de complementos (objeto direto, objeto indireto, complemento nominal) ou de adjuntos adverbiais.

6 CASOS EM QUE NÃO HÁ CRASE

Não havendo o artigo *a(s)* antes do termo dependente, é evidente que não pode ocorrer a crase. Por isso não se acentua o *a*:

▪ diante de palavras masculinas

Não assisto *a* filmes de guerra ou de violência.

Isto cheira *a* vinho.

Casarão do império cede lugar *a* edifício.

"Bicho se caça *a* pau e pedra." (RICARDO RAMOS)

Admirei os quadros *a* óleo.

Escreveu um bilhetinho *a* lápis.

Fomos *a* São Lourenço, onde passeamos *a* pé, *a* cavalo, de charrete.

"Juntos íamos *a* bailes e teatros." (CAMILO CASTELO BRANCO)

Fiz ver *a* Roberto que era irracional seu ódio *a* estrangeiros.

Venho *a* mando de meu patrão.

Não gaste a vista: óculos *a* prazo. (DE UM ANÚNCIO COMERCIAL.)

Observação:

✔ Ocorrendo a elipse da palavra *moda* ou *maneira*, das expressões *à moda de*, *à maneira de*, haverá crase diante de nomes masculinos:

Calçados *à* Luís XV (*à moda de* Luís XV).

Cabelos *à* Sansão.

Estilo *à* Coelho Neto.

"Era um senhor atarracado, de grossos bigodes *à* Kaiser." (JOSÉ MARIA BELO)

"Aliás magníficas perucas *à* Luís XIV." (MÁRIO QUINTANA)

▪ diante de substantivos femininos usados em sentido geral e indeterminado:

Não vai *a* festas nem *a* reuniões.

Dedicas o trabalho *a* homem ou *a* mulher?

A Funai decidiu fechar o parque indígena *a* visitas.

Não dê atenção *a* pessoas suspeitas.

"Nunca supus poder resistir *a* marchas tão longas." (GASTÃO CRULS)

"Depois comprara um cone de papel com pipocas recendentes *a* gordura vegetal." (ÉRICO VERÍSSIMO)

"O tormento maior era não poder confiar *a* pessoa alguma os seus cuidados." (HERMAN LIMA)

"O exército dos invasores, semelhante *a* serpe monstruosa..." (ALEXANDRE HERCULANO)

"Kravchenko apresentar-me-á *a* princesas eslavas." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

Dirigi-me *a* duas (ou *a* diversas) pessoas vizinhas.

Contei o caso *a* uma (ou *a* certa) senhora supersticiosa.

- **diante de nomes de parentesco, precedidos de pronome possessivo**

Recorri *a minha mãe*.

Peça desculpas *a sua irmã*.

Faremos uma visita *a nossa(s) tia(s)*.

"A quem puxaste? *A teu pai* ou *a tua mãe?*" (VIANA MOOG)

"Arrependi-me de ter falado *a minha prima*." (GRACILIANO RAMOS)

"Nunca saio satisfeito das visitas que faço *a minha mãe*." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

- **diante de nomes próprios que não admitem o artigo**

Rezamos *a Nossa Senhora* todos os dias.

Dedicaram templos *a Minerva* e *a Júpiter*.

O guerreiro branco falou *a Iracema*.

O historiador referiu-se *a Joana d'Arc*.

Fiz uma promessa *a Santa Teresinha*.

Iremos *a Curitiba* e depois *a Londrina*.

Chegamos *a Paquetá* ao meio-dia.

[Cp. A imagem *de* Nossa Senhora. História *de* Joana d'Arc. Vim *de* Curitiba. Cheguei *de* Londrina. Moro *em* Paquetá.]

Observação:

✔ Haverá crase quando o nome próprio admitir o artigo ou vier acompanhado de adjetivo ou locução adjetiva:

A jovem tinha devoção *à Virgem Maria*.

Entreguei a carta *à Julia* (no trato familiar e íntimo).

Fomos *à Bahia* por ocasião dos 500 anos do Brasil.

Chegamos *à Argentina* ao raiar do dia.

Referiu-se *à Roma dos Césares*.

Assim foi que cheguei *à histórica Ouro Preto* numa tarde de maio.

[Cp. Viemos *da* Bahia. Cheguei *da* Argentina. Voltei *da* histórica Ouro Preto. Estou sob a proteção *da* Virgem Maria.]

- **diante da palavra *casa*, no sentido de *lar, domicílio*, quando não acompanhada de adjetivo ou locução adjetiva:**

Voltamos *a* casa tristes. [Cp. Vou *para* casa; vim *de* casa.]

"Chegou Basílio *a* casa, e atirou-se a chorar sobre a cama." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Chegavam *a* casa quase sempre à tardinha." (HERBERTO SALES)

"A chuva reteve-o no Clube Campestre e só pela madrugada regressou *a* casa." (GERALDO FRANÇA LIMA)

Observação:

✔ Se a palavra *casa* vier acompanhada de adjetivo ou locução adjetiva, terá lugar o acento da crase:

O filho pródigo voltou *à casa paterna*.

Fiz uma visita *à velha casa de meus avós*.

Fui *à casa de meu colega*.

"Estavam nisto quando a costureira chegou *à casa da baronesa*." (MACHADO DE ASSIS)

A crase é de rigor com a dita palavra no sentido de *estabelecimento comercial* ou *hospitalar, residência oficial de chefe de Estado, dinastia*, enfim, quando *casa* não significa *lar, domicílio:*

Fui *à* Casa Açucena comprar um presente.

O presidente americano regressou *à* Casa Branca.

Poucos têm acesso *à* Casa da Moeda.

"O príncipe pertencia *à* casa de Bragança." (VITÓRIO BERGO)

- **nas locuções formadas com a repetição da mesma palavra**

Tomou o remédio *gota a gota*.

Estavam *frente a frente*.

Foi de *cidade a cidade*.

Entraram *uma a uma*.

Dia a dia, a empresa foi crescendo.

"Gramados e pastos eram, de *ponta a ponta*, um só atoalhado branco." (MONTEIRO LOBATO)

- **diante do substantivo *terra*, em oposição a *bordo*, a *mar***

Os marinheiros tinham descido *a terra* para visitar a cidade.

Vendo o tubarão, o nadador voltou logo *a terra*.

"Eu aposto em como ele não vai *a terra*." (FERREIRA DE CASTRO)

Fora desse caso, escreve-se *à*:

Aves voavam rente *à terra*.

Gulliver chegou, primeiramente, *à terra* dos liliputianos.

Os astronautas voltaram *à Terra*.

- **diante de artigos indefinidos e de pronomes pessoais (inclusive de tratamento, com exceção de *senhora* e *senhorita*) e interrogativos**

Chegamos à cidade *a uma* hora morta.

Recorreram *a mim* (*a nós, a ela, a você, a dona Marta*, etc.).

Solicito *a Vossa Senhoria* o obséquio de anotar nosso endereço.

Não me referi *a Vossa Excelência*.

"Hei de pedir licença *a Sua Majestade*, e espero alcançá-la." (CAMILO CASTELO BRANCO)

Falaste *a que* pessoa? *A quem* falaste?

A qual delas se refere você?

Escreve-se, porém, com o acento indicador de crase:

Peço *à senhora* que tenha paciência.

É um favor que peço *à senhorita*.

- **antes de outros pronomes que rejeitam o artigo, o que ocorre com a maioria dos indefinidos e relativos e boa parte dos demonstrativos**

Escrevi *a todas* as (ou *a algumas, a várias, a muitas*) colegas.

Não ligo *a essas* (ou *a tais*) coisas.

Foi o vício que o levou *a tamanha* degradação.

O letreiro pode despencar *a qualquer* hora.

Esta é a vida *a que* aspiramos.

A tia gostava de Jacinta, *a quem* sempre ajudava.

As cartas *a que* ela não respondeu estão guardadas.

Ali havia uma árvore, *a cuja* sombra descansamos.

Diariamente chegam turistas *a esta* cidade.

"A penedia, *a essa* hora, faiscava." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

Estamos *a pouca* (ou *a certa*) distância da fronteira.

Observação:

✔ Há, no entanto, pronomes que admitem o artigo, dando ensejo à crase:

Não fale nada *às outras* colegas.

Assistimos sempre *às mesmas* cenas.

Diga *à tal* senhora que sua reclamação não procede.

Não temo as acusações de X, *às quais* responderei oportunamente.

Estavam atentas umas *às outras*.

- **diante de numerais cardinais referentes a substantivos não determinados pelo artigo, usados em sentido genérico**

Chanceler inicia visita *a oito* países africanos.

[Chanceler visita *oito* países africanos.]

Assisti *a duas* sessões (ou *a* uma só sessão).

A fazenda ficava *a três* léguas da cidade.

Daqui *a quatro* semanas muita coisa terá mudado.

O número de candidatas aprovadas não chega *a vinte*.

Foi isto *a* 16 de agosto de 1959.

"Então aquilo tinha acontecido de meia-noite *a três* horas!" (GRACILIANO RAMOS)

Usa-se, porém, a crase nas locuções adverbiais que exprimem hora determinada e nos casos em que o numeral estiver precedido de artigo:

Chegamos *às oito* horas da noite.

Assisti *às duas* sessões de ontem.

Entregaram-se os prêmios *às três* alunas vencedoras.

▪ diante de verbos

Estamos dispostos *a trabalhar* pela paz no mundo.

Quando me dispunha *a sair*, começou *a chover*.

Puseram-se *a discutir* em voz alta.

7 CASOS ESPECIAIS

O uso do artigo antes dos pronomes possessivos, salvo em alguns casos, fica ao arbítrio de quem escreve. Daí a possibilidade de haver, ou não, a crase antes desses pronomes:

A minha viagem é certa. → Referiu-se *à* minha viagem.

Minha viagem é certa. → Referiu-se *a* minha viagem.

As minhas colegas vêm. → Fiz um apelo *às* minhas colegas.

Minhas colegas vêm. → Fiz um apelo *a* minhas colegas.

Observações:

✔ Seguindo-se a atual tendência, é preferível usar o artigo, e, portanto, a crase, diante dos possessivos que não se referem a nomes de parentesco.

✔ Ocorrendo a elipse do substantivo, o *a* será acentuado:

Ele referia-se *à* desgraça do amigo e não *à* sua. [*à* sua *desgraça*]

Eu fui *à* formatura dele, mas ele não compareceu *à* minha.

Opcional é também, na linguagem familiar, o uso do artigo diante de nomes próprios personativos. A crase, portanto, dependerá da preferência do escritor. Exemplos:

Mandamos um convite *à* (ou *a*) Maurília.

Escrevi *à* (ou *a*) Lúcia.

Na língua formal, sobretudo quando se faz referência a mulheres célebres, não se usa artigo e, portanto, não se acentua o *a*:

A polícia dará proteção *a* Márcia Nogueira, testemunha do crime.

Por que os ingleses tinham ódio *a* Joana d'Arc?

[*Joana d'Arc* foi uma heroína francesa.]

Em um e outro caso, o acento indicativo de crase será de rigor, se o nome vier acompanhado de um adjunto:

Quem negará elogios *à* corajosa Maria Quitéria de Medeiros?

Refiro-me *à* Beatriz do Dr. Vieira.

À querida Estela (nas dedicatórias).

O professor referiu-se *à* intrépida Joana d'Arc.

Coloca-se acento grave sobre *a* da expressão *à distância de*, seja a distância determinada, precisa ou não:

Achava-me *à distância de* cem (ou de alguns) metros da fronteira.

Paramos *à distância de* alguns metros do riacho.

Se antes de *distância* ocorrer adjetivo ou palavra que não admite o artigo definido, não se acentuará o *a*:

O trem passava *a pouca distância da* casa.

"Só o João conservava-se *a respeitável distância da* água." (COELHO NETO)

Quando se trata da locução adverbial *a distância*, é opcional o uso do acento grave sobre o *a*. Renomados escritores modernos ora acentuam, ora não acentuam. Exemplos:

"É necessário vê-los *a distância*." (GRACILIANO RAMOS)

"Pedras de gamão estalavam *à distância*." (GRACILIANO RAMOS)

"Os merceeiros ignaros, os negociantes sovinas, eram, porém, mantidos *a distância*." (CIRO DOS ANJOS)

"Além disso, convinha que as alunas fossem mantidas *à distância*." (CIRO DOS ANJOS)

"Seguiu-a *a distância*, discretamente." (FERNANDO NAMORA)

"Observava *à distância* os convidados do cirurgião." (FERNANDO NAMORA)

"O vento soprava, sacudindo faíscas *a distância*." (JOSÉ LINS DO REGO)

"Os canhões punham *à distância* os franceses cobiçosos." (JOSÉ LINS DO REGO)

Para dizer *a grande distância, ao longe,* pode-se usar também *na distância*:

"O mar se fundia *na distância*, brilhante e azul." (ELSIE LESSA)

▪ A crase nas locuções

Acentua-se, geralmente, o *a* ou *as* de locuções formadas de substantivos femininos:

a) locuções adverbiais

à direita, à esquerda, à força, à farta, à milanesa (= à moda milanesa), à oriental (= à moda oriental), à mesa (estar à mesa), à noite (= de noite), à risca, à solta, à vontade, à saída (= na saída), à uma hora, às sete horas, à zero hora, às vezes, à toa, às claras, às pressas (ou à pressa), etc.

b) locuções prepositivas

à custa de, à espera de, à força de, à procura de, à vista de, etc.

c) locuções *conjuntivas*

à medida que, à proporção que:

O uso do acento grave é opcional nas locuções adverbiais que indicam meio ou instrumento:

barco a (ou à) vela; escrever a (ou à) máquina; escrever a (ou à) mão; fechar o cofre a (ou à) chave; repelir o invasor a (ou à) bala, etc.

Observação:

✔ Não há consenso, entre os gramáticos, quanto ao emprego do acento grave nesse último caso. Uns invocam, em favor dele, a tradição da língua, ou melhor, o uso tradicional entre os portugueses, que pronunciam o *à* (contração) um pouco mais fortemente do que o *a* simples. Outros entendem ser descabido o acento, porquanto nas ditas locuções não ocorre crase, o *a* é simples preposição, como em *a lápis, a giz, a óleo, a facão,* etc. Além disso, argumentam, os brasileiros pronunciam *a* e *à* de igual modo. São válidas e boas ambas as opiniões. Quem escreve escolherá a que achar melhor e mais adequada.

Não se acentua locução constituída de *a + substantivo plural:*

a expensas de, a duras penas, a marteladas, a desoras, a duas mãos, etc.

É descabido e vetado o acento grave em locução formada com substantivo masculino. Grafa-se, portanto:

a cavalo, a pé, a gás, a nado, a mando de, a pedido de, etc.

É desnecessário o acento grave no *a* ou *as*, depois de *até*, a não ser que sua falta possa gerar ambiguidade (duplo sentido):

Chegou *até a* praia. Andei *até a* igreja. Fomos *até as* dunas.

Os garimpeiros danificaram todo o rio *até à* nascente. [Sem o acento grave, poder-se-ia entender que os garimpeiros danificaram inclusive a nascente do rio.]

Há, portanto, casos em que o acento grave, nas locuções, não assinala crase; emprega-se, simplesmente, para deixar bem claro que se trata de um adjunto adverbial. Comparem-se, por exemplo, as expressões seguintes, em que a ausência do acento grave torna o sentido dúbio:

ver a distância e *ver à distância*
matar a fome e *matar à fome*
cheirar a gasolina e *cheirar à gasolina*
enfrentar-se a espada e *enfrentar-se à espada*
receber a bala e *receber à bala*

8 CRASE DA PREPOSIÇÃO *A* COM OS PRONOMES DEMONSTRATIVOS

A crase pode também resultar da contração da preposição *a* com os pronomes demonstrativos *aquele, aquela, aqueles, aquelas, aquilo, a, as:*

Não irás *àquela* festa. [*a aquela*]

Vou *àquele* cinema. [*a aquele*]

Não dei importância *àquilo*. [*a aquilo*]
Não estou falando de todas as jovens; refiro-me *à* que você namora. [*a a*]
Àquela ordem estranha, o soldado estremeceu.
Recomeçamos a caminhada, rumo *àquele* pico.
A capitania de Minas Gerais estava unida *à* de São Paulo.
As alunas vinham correndo, e a professora entregava a bola *à* que chegasse primeiro.
Falarei *às* que quiserem me ouvir.
Essa anedota é semelhante *à* que meu professor contou.
"... suas forças são inferiores *às* de Nassau." (Assis Brasil)

EXERCÍCIOS — LISTA 31

1. Escreva as duas frases, colocando, ao lado de cada palavra **a**, sua classificação de acordo com a lista abaixo e acentuando a que representa uma contração:

1) artigo definido
2) pronome pessoal oblíquo
3) pronome demonstrativo
4) preposição
5) contração

a) Emprestei **a** máquina **a** José, que **a** devolveu **a** empregada.
b) Emprestei-lhe **a** minha máquina, não **a** de meu irmão.

2. Faça como nos exemplos, substituindo os asteriscos:

AO (masculino) ➔ À (feminino) A (masculino) ➔ A (feminino)

a) Alice obedece **ao pai** e **à mãe**.
b) Dedicas o livro **a homem** ou **a mulher**?
c) Recorremos ao diretor e ****** .
d) Prestaram homenagem a papai e ****** .
e) Muitos ofereceram flores aos noivos e ****** .
f) São brinquedos que agradam a meninos e ****** .
g) Fui apresentado a reis e ****** , a príncipes e ****** .
h) Apresentaram-me ao rei e ****** , ao príncipe e ****** .

3. Escreva as frases, substituindo os asteriscos de acordo com os exemplos e observando as correlações:

DA ➔ À DE ➔ A

Voltei **da** cidade. ➔ Fui **à** cidade.
Vim **de** Brasília. ➔ Fui **a** Brasília.
a) Voltei **da** Bahia. ➔ Irei novamente ****** .
b) Voltei **de** Curitiba ontem. ➔ Fui ****** .
c) Vim **de** Minas hoje. ➔ Voltarei ****** .
d) Chegamos **da** Argentina. ➔ Iremos ****** .
e) João veio **da** farmácia. ➔ Vá correndo ****** .

4. Justifique o emprego ou a ausência do acento grave:

Ontem encontrei rindo **a** garota de Atibaia, que faltou **às** aulas para ir **a** Santos, para ir **à** praia. Talvez algum dia **a** encontre chorando.

5. Escreva as frases classificando-as em três grupos de acordo com a classificação da palavra **a(s)**, conforme indicação abaixo; em seguida, acentue a única contração que ocorre nos exemplos dados:

(1) **artigo definido**

Fui e voltei **a** pé.
Socorreu **a** vítima?
Vendo TV **a** cores.
Estávamos **a** sós.
Não ligue **a** boatos.

(2) **preposição**

O diretor atendeu **as** alunas.
Não atendem **a** reclamações.
O álcool é nocivo **a** saúde.
O carro era movido **a** álcool.
Eu levo o estudo **a** sério.

(3) **contração**

6. Escreva as frases nas quais não há possibilidade de crase; em seguida, coloque após cada uma delas o motivo, de acordo com a relação abaixo:

Percorri a rua de ponta **a** ponta.
Não há ninguém igual **a** ela.
Amanhã tornarás **a** sorrir.
Demos graças **a** Deus.

(1) palavra masculina
(2) verbo
(3) pronome pessoal
(4) locução formada por palavra repetida

7. Nos exemplos do exercício anterior não há crase porque ocorre apenas o artigo definido **a** ou apenas a preposição **a**?

8. Assinala-se a crase com acento grave. Copie as frases abaixo, colocando-o onde for necessário:

a) A um sinal do instrutor, todos voltaram a piscina.
b) Edi levou a criança a uma praça e ficou sentada a sombra das árvores.
c) Prefiro coca-cola a guaraná, vinho a cerveja, água da fonte a do rio.
d) Devido a ventania, nenhum homem-asa se atreveu a saltar da Pedra Bonita.
e) Fiz marcha a ré e parei em frente a uma loja que vendia a vista e a prazo.
f) A meia-noite, o retirante chegou a cidade com um saco as costas.
g) Isto não compete só as autoridades, compete a mim, a você, a todos.
h) Chamou-o a parte e disse-lhe: "Quanto a isso, pode ficar tranquilo."
i) Quanto a tia, nada a reclamar: pessoa fina, tem horror a discussões.
j) Encostou-se a janela, atento a campainha do telefone.
k) Daqui a cem anos, naves talvez levem gente a Lua, a Vênus e a outros mundos.
l) A saída do cinema, vozes de adultos misturavam-se a gritos de crianças.

9. Copie somente a frase em que o acento indicador de crase é indispensável:

A rodovia BR-101 liga Natal a Porto Alegre.
Às vezes ela vai a um cinema, outras vezes assiste a uma novela.
O marinheiro desceu a terra e fez rápida visita a sua mãe.
A exportação deve ser igual ou superior a importação.

10. Substitua * por **a**, **as**, **à** ou **às**, conforme convenha:

O Sol nasce * leste.
Chegou os lábios * taça.
Os pneus aderem * pista.
Assistiu * reuniões de ontem?
O futuro pertence * Deus.
Estou * suas ordens.

Nada pôde resistir * força das águas.
Feriram-me * costas os espinhos.
As frutas pertenciam * aves.
O rio corre paralelamente * mata.
Ele só bebe após * refeições.
Ainda não respondi * essa carta.

11. Escreva a frase abaixo, substituindo os asteriscos pela série que a completa de forma correta:

Na velha fazenda, **** que cheguei **** nove horas e que percorri **** cavalo, vi ferramentas expostas **** chuva e plantações abandonadas **** formigas.

à – às – a – a – às a – às – a – à – às
a – as – à – a – às à – às – à – a – as

12. Escreva as frases, colocando acento grave nos pronomes demonstrativos em destaque e justificando-o:

a) Nunca tinha visto um mágico igual **aquele**.
b) Costumo ir **aquela** ilha para pescar.
c) **Aquela** hora a família já devia estar dormindo.
d) Na entrevista limitamo-nos **aquilo** que mais nos interessava.
e) Pedi uma blusa igual **a** que estava à mostra na vitrine.

13. Transcreva as frases abaixo, usando o acento indicador de crase onde for necessário:

a) Sentou-se a mesa e começou a escrever a máquina.
b) Decidiu não mais voltar a Argentina, renunciando a toda a obra a que consagrara muitos anos de trabalho.
c) O Brasil foi sempre mais fiel a força da toga que a da espada.
d) Já se havia habituado aquela vida, quando o médico aventou a ideia de submetê-lo a uma intervenção cirúrgica.
e) Voltamos a casa quase a uma hora da madrugada.
f) Regressou a Belo Horizonte e dirigiu-se a casa paterna.
g) A onda da vida trouxe-nos a mesma praia.
h) Estando a porta da loja, vi assomar a distância dois cavalheiros que caminhavam lado a lado e pareciam dirigir-se aquela casa comercial.
i) Chegamos aquele sítio as 9 horas para assistir a inauguração da escola.
j) Do Rio de Janeiro a Vila Rica a viagem mais rápida era feita a cavalo, levando-se de 12 a 15 dias.
k) "Não podemos deixar de ir a igreja para agradecer a Nossa Senhora." (Josué Montelo)
l) "O ar cheira a gasolina." (Ribeiro Couto)
m) "Depois convidou-os a procederem a nomeação do secretário." (João Felício dos Santos)
n) "Nos dias festivos havia jantares suntuosos a Luculo, a tarde passeios no jardim e pescarias no tanque em escaleres dourados, a noite bailes e representações teatrais." (João Felício dos Santos)
o) "Nem nos sonhos cheguei a aspirar a tal emprego." (Ciro dos Anjos)
p) "A tarde os trabalhadores descansam a beira do caminho." (Cecília Meireles)
q) "Fechava os ouvidos aqueles tristes comentários." (João Clímaco Bezerra)
r) "As fofocas eram sussurradas a meia voz." (Carlos Marchi)

14. Copie as frases, colocando o acento indicador de crase onde for adequado:

a) "Maria José ficara imóvel, entregue a mudas cogitações." (Raquel de Queirós)
b) "Tresandava a álcool a dois passos de distância." (Fernando Namora)
c) "A carroça chegou a aldeia ainda a uma hora morta." (Fernando Namora)

d) "Uns quadros a óleo enfeitariam a minha sala." (GRACILIANO RAMOS)

e) "Caçulinha, que era tão viva e inteligente, bem poderia chegar a professora." (AMANDO FONTES)

f) "Predominava, entretanto, em meio aquele baralhar de emoções, o sentimento de perda." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

g) "Chegavam a casa quase sempre a tardinha." (HERBERTO SALES)

h) "Venho dizer a Vossa Reverendíssima que estou pronto a partir para o Xingu." (ANTONIO CALLADO)

i) "Sua inteligência excedia a das criaturas humanas." (CECÍLIA MEIRELES)

j) "Há nomes gravados a canivete, eu sei." (RUBEM BRAGA)

k) "Geminiano Ramos usava bigodões a Stalin." (ÉRICO VERÍSSIMO)

l) "Face as perspectivas que se abriam a sua frente, Henri ficou muito emocionado." (RUBEM FONSECA)

15. O acento grave, nos exemplos abaixo, altera o sentido da frase. Explique cada caso:

a) Despediu-se a francesa.
Despediu-se à francesa.

b) Sua constância tinha de ser posta a mais dura prova.
Sua constância tinha de ser posta à mais dura prova.

c) Ele matou a fome.
Ele matou à fome.

d) A noite vinha-os consolar.
À noite vinha-os consolar.

e) O dinheiro, leva-o a filha dele.
O dinheiro, leva-o à filha dele.

f) Corri a cidade.
Corri à cidade.

16. Ponha o acento da crase, se necessário:

Passaram
- a distância.
- a pouca distância de nós.
- a distância de cinco metros de nós.
- a uma e meia da tarde.
- a segunda parte do programa.
- a outros assuntos.
- uma a uma, vestidas a oriental.
- o rio a nado.
- a vista de todos.
- a nos importunar com cartas anônimas.
- a hora de sempre, em direção a escola.
- a direção da empresa a pessoas incompetentes.

17. Assinale as frases em que o acento grave é opcional:

a) Levamos encomendas **a** domicílio.
b) Não sabia **a** quem recorrer.
c) Fechou o cofre **a** chave.
d) Chovia desde **a** meia-noite.
e) Seguiram-no **a** distância.
f) Fiz isso **a** duras penas.
g) Eles não têm fogão **a** gás.
h) Começou **a** ventar forte.
i) Não dê isto **a** ninguém.
j) Fui até **a** estrada.

18. Copie, indicando a ocorrência de crase por meio de acento grave.

a) A bebida alcoólica é prejudicial a saúde.
b) É preciso que sejamos úteis a sociedade em que vivemos.
c) O cão é fiel a seu dono.
d) Diga-lhe que estou a sua espera.
e) Chovendo, não iremos a praia.

19. Faça como no exercício anterior.

a) Nada escapava a destreza de sua mãe.
b) Partiremos daqui a sete dias.
c) "Deus te leve a salvo, brioso e altivo barco." (José de Alencar)
d) Deu preferência aquele carro.
e) Os estrangeiros faziam reverências a todos os chefes das tribos.
f) A sua agressividade põe tudo a perder.
g) Os índios xavantes chegaram a era do satélite.

20. Escreva as frases abaixo, substituindo os termos destacados pelas palavras que aparecem entre parênteses. Faça as adaptações necessárias:

a) Nunca fui a **Curitiba** (Brasília), mas já fui ao **Paraguai** (Argentina).
b) Referia-se ao **médico** da família (médica).
c) Ao **passo** que estudava, aprendia (medida).
d) As chuvas causam prejuízo aos **agricultores** (lavoura).
e) Assistimos ao **filme** premiado (peça).

21. Copie as frases abaixo, completando-as com **aquele, àquele, aquela, àquela ou àquilo**:

a) Obedeceram * maluco?
b) Referia-se * que todos sabiam ser proibido.
c) Encontrei * menina de que falávamos ontem.
d) Cheguei * vila horrível embaixo de chuva.
e) Acostumei-me * vida tranquila.

22. Indique as alternativas em que o acento indicador de crase foi utilizado incorretamente. Justifique sua resposta.

a) Não temos nada à declarar, senhores.
b) Minha mãe só pinta quadros à óleo.
c) Você ainda só escreve à lápis?
d) Não damos atenção à observações destrutivas.
e) Depois do bolo, todos voltaram à piscina.
f) Você assiste à peças desse autor tão mal visto pelos críticos?
g) A secretária referia-se à pasta desaparecida.

PREPOSIÇÃO
Exercícios de exames e concursos
[Página 677]

CONJUNÇÃO

Examinemos estes exemplos:

a) Tristeza **e** alegria não moram juntas.

b) Os livros ensinam **e** divertem.

c) Saímos de casa **quando** amanhecia.

1 CONJUNÇÕES

No primeiro exemplo, a palavra **e** liga duas palavras da mesma oração: é uma *conjunção*.

No segundo e terceiro exemplos, as palavras **e** e **quando** estão ligando orações: são também *conjunções*.

Conjunção *é uma palavra invariável que liga orações ou palavras da mesma oração*.

No segundo exemplo, a conjunção liga as orações sem fazer que uma dependa da outra, sem que a segunda complete o sentido da primeira; por isso, a conjunção *e* é *coordenativa*.

No terceiro exemplo, a conjunção liga duas orações que se completam uma à outra e faz que a segunda dependa da primeira; por isso, a conjunção *quando* é *subordinativa*.

As conjunções, portanto, dividem-se em *coordenativas* e *subordinativas*.

2 CONJUNÇÕES COORDENATIVAS

As conjunções coordenativas podem ser:

- **aditivas**

Dão ideia de adição, acrescentamento: *e, nem, mas também, mas ainda, senão também, como também, bem como*.

O agricultor colheu o trigo *e* o vendeu.

Não aprovo *nem* permitirei essas coisas.

Os livros não só instruem, *mas também* divertem.

As abelhas não apenas produzem mel e cera, *mas ainda* polinizam as flores.

- **adversativas**

Exprimem oposição, contraste, ressalva, compensação: *mas, porém, todavia, contudo, entretanto, senão, ao passo que, antes* (= pelo contrário), *no entanto, não obstante, apesar disso, em todo caso.*

Querem ter dinheiro, *mas* não trabalham.

Ela não era bonita, *contudo* cativava pela simpatia.

Não vemos a planta crescer, *no entanto* ela cresce.

A culpa, não a atribuo a vós, *senão* a ele.

O professor não proíbe, *antes* estimula as perguntas em aula.

O exército do rei parecia invencível, *não obstante* foi derrotado.

Você já sabe bastante, *porém* deve estudar mais.

Eu sou pobre, *ao passo que* ele é rico.

Hoje não atendo, *em todo caso* entre.

- **alternativas**

Exprimem alternativa, alternância: *ou, ou... ou, ora... ora, já... já, quer... quer,* etc.

Os sequestradores deviam render-se *ou* seriam mortos.

Ou você estuda *ou* arruma um emprego.

Ora triste, *ora* alegre, a vida segue o seu ritmo.

Quer reagisse, *quer* se calasse, sempre acabava apanhando.

"*Já* chora, *já* se ri, *já* se enfurece." (Luís de Camões)

- **conclusivas**

Iniciam uma conclusão: *logo, portanto, por conseguinte, pois* (posposto ao verbo), *por isso.*

As árvores balançam, *logo* está ventando.

Você é o proprietário do carro, *portanto* é o responsável.

O mal é irremediável; deves, *pois*, conformar-te.

- **explicativas**

Precedem uma explicação, um motivo: *que, porque, porquanto, pois* (anteposto ao verbo).

Não solte balões, *que* (ou *porque*, ou *pois*, ou *porquanto*) podem causar incêndios.

Choveu durante a noite, *porque* as ruas estão molhadas.

Observação:

✔ A conjunção *e* pode apresentar-se com sentido adversativo:

Sofrem duras privações *e* [= mas] não se queixam.

"Quis dizer mais alguma coisa *e* não pôde." (Jorge Amado)

3 CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS

As conjunções subordinativas ligam duas orações, subordinando uma à outra. Com exceção das integrantes, essas conjunções iniciam orações que traduzem circunstâncias (causa, comparação, concessão, condição ou hipótese, conformidade, consequência, finalidade, proporção, tempo). Abrangem as seguintes classes:

▪ causais

Introduzem orações que exprimem causa: *porque, que, pois, como, porquanto, visto que, visto como, já que, uma vez que, desde que.*

O tambor soa *porque* é oco. [*porque* é oco: *causa*; o tambor soa: *efeito*]

Como estivesse de luto, não nos recebeu.

Desde que é impossível, não insistirei.

▪ comparativas

Introduzem orações que representam o segundo elemento de uma comparação: *como, (tal) qual, tal e qual, assim como, (tal) como, (tão* ou *tanto) como, (mais) que* ou *do que, (menos) que* ou *do que, (tanto) quanto, que nem, feito* (= como, do mesmo modo que), *o mesmo que* (= como).

Ele era arrastado pela vida *como* uma folha pelo vento.

O exército avançava pela planície *qual* uma serpente imensa.

"Os cães, *tal qual* os homens, podem participar das três categorias." (Paulo Mendes Campos)

"Sou *o mesmo que* um cisco em minha própria casa." (Antônio Olavo Pereira)

"E pia *tal e qual* a caça procurada." (Amadeu de Queirós)

"Por que ficou me olhando assim *feito* boba?" (Carlos Drummond de Andrade)

Os pedestres se cruzavam pelas ruas *que nem* formigas apressadas.

Nada nos anima tanto *como* (ou *quanto*) um elogio sincero.

Os governantes realizam menos *do que* prometem.

▪ concessivas

Iniciam orações que exprimem um fato que se concede, que se admite, em oposição a outro: *embora, conquanto, que, ainda que, mesmo que, ainda quando, mesmo quando, posto que, por mais que, por muito que, por menos que, se bem que, em que* (pese), *nem que, dado que, sem que* (= embora não).

Célia vestia-se bem, *embora* fosse pobre.

A vida tem um sentido, *por mais* absurda *que* possa parecer.

Beba, *nem que* seja um pouco.

Dez minutos *que* fossem, para mim, seria muito tempo.

Fez tudo direito, *sem que* eu lhe ensinasse.

Em que pese à autoridade deste cientista, não podemos aceitar suas afirmações.

Não sei dirigir, e, *dado que* soubesse, não dirigiria de noite.

"O próprio edifício, *posto que* avelhentado e fraco, também parecia animado de espírito guerreiro." (Alexandre Herculano)

- **condicionais**

Iniciam orações que exprimem condição ou hipótese: *se, caso, contanto que, desde que, salvo se, sem que* (= se não), *a não ser que, a menos que, dado que*.

Ficaremos sentidos, *se* você não vier.

Comprarei o quadro, *desde que* não seja caro.

Não sairás daqui *sem que* antes me confesses tudo.

"Eleutério decidiu logo dormir repimpadamente sobre a areia, *a menos que* os mosquitos se opusessem." (FERREIRA DE CASTRO)

- **conformativas**

Indicam conformidade de um fato com outro: *como, conforme, segundo, consoante*.

As coisas não são *como* (ou *conforme*) dizem.

"Digo essas coisas por alto, *segundo* as ouvi narrar." (MACHADO DE ASSIS)

- **consecutivas**

Iniciam orações que exprimem consequência: *que* (precedido dos termos intensivos *tal, tão, tanto, tamanho*, às vezes subentendidos), *de sorte que, de modo que, de forma que, de maneira que, sem que, que* (não).

Minha mão tremia tanto *que* mal podia escrever.

Falou com uma calma *que* todos ficaram atônitos. [uma calma tal que...]

Ontem estive doente, *de sorte que* (ou *de modo que*) não saí.

Não podem ver um cachorro na rua *sem que* o persigam.

Não podem ver um brinquedo *que* não o queiram comprar.

- **finais**

Iniciam orações que exprimem finalidade: *para que, a fim de que, que* (= para que).

Afastou-se, depressa *para que* não o víssemos.

Falei-lhe com bons termos, *a fim de que* não se ofendesse.

Fiz-lhe sinal *que* se calasse.

- **proporcionais**

Iniciam orações que exprimem proporcionalidade: *à proporção que, à medida que, ao passo que, quanto mais... (tanto mais), quanto mais... (tanto menos), quanto menos... (tanto mais), quanto mais... (mais), (tanto)... quanto.*

À medida que se vive, mais se aprende.

À proporção que subíamos, o ar ia ficando mais leve.

Quanto mais as cidades crescem, mais problemas vão tendo.

Os soldados respondiam, *à medida que* eram chamados.

Observação:

✔ São incorretas as locuções proporcionais *à medida em que, na medida que* e *na medida em que*. A forma correta é *à medida que:*

"*À medida que* os anos passam, as minhas possibilidades diminuem." (Maria José de Queirós)

Existe, sim, a expressão *na medida em que*, na qual o *que* é pronome relativo, não forma locução conjuntiva como em *à medida que*. Exemplos de uso correto da expressão *na medida em que:*

"A rigor, tal cordialidade não existe *na medida em que* é apregoada". (Viana Moog)

"A expansão da lavoura algodoeira não pôde produzir-se em São Paulo *na mesma medida em que* se produziu noutras terras." (Sérgio Buarque de Holanda)

- **temporais**

Introduzem orações que exprimem tempo: *quando, enquanto, logo que, mal* (= logo que), *sempre que, assim que, desde que, antes que, depois que, até que, agora que, ao mesmo tempo que, toda vez que*.

Venha *quando* você quiser.

Não fale *enquanto* come.

Ela me reconheceu, *mal* lhe dirigi a palavra.

Desde que o mundo existe, sempre houve guerras.

Agora que o tempo esquentou, podemos ir à praia.

Ao mesmo tempo que corriam, atiravam pedras para trás.

"Ninguém o arredava dali, *até que* eu voltasse." (Povina Cavalcânti)

- **integrantes**

Introduzem orações que funcionam como substantivos: *que, se*.

Pedi-lhe *que* me desculpasse. [= Pedi-lhe desculpas.]

Verifique *se* o muro é sólido. [= Verifique a solidez do muro.]

Observação:

✔ Em frases como "Sairás *sem que* te vejam", "Morreu *sem que* ninguém o chorasse", consideramos *sem que* conjunção subordinativa *modal*. A NGB, porém, não consigna esse tipo de conjunção.

4 LOCUÇÕES CONJUNTIVAS

No entanto, *visto que, desde que, se bem que, por mais que, ainda quando, à medida que, logo que, a fim de que, ao mesmo tempo que*, etc.

A locução correta é *ao mesmo tempo que*, e não *ao mesmo tempo em que*: "*Ao mesmo tempo que* marchavam, os soldados cantavam hinos."

5 A CONJUNÇÃO *QUE*

a) Muitas conjunções não têm classificação única, imutável, devendo, portanto, ser classificadas de acordo com o sentido que apresentam no contexto. Assim, a conjunção **que** pode ser:

- **aditiva** (= e)

  Esfrega *que* esfrega, mas a nódoa não sai.

  A nós *que* não a eles, compete fazê-lo.

- **explicativa** (= pois, porque)

  Apressemo-nos, *que* chove.

- **integrante**

  Diga-lhe *que* não irei.

- **consecutiva**

  Tanto se esforçou *que* conseguiu vencer.

  Não vão a uma festa *que* não voltem cansados.

  Onde estavas, *que* não te vi?

- **comparativa** (= do que, como)

  A luz é mais veloz *que* o som.

  Ficou vermelho *que nem* brasa.

- **concessiva** (= embora, ainda que)

  Alguns minutos *que* fossem, ainda assim seria muito tempo.

  Beba, um pouco *que* seja.

- **temporal** (= depois que, logo que)

  Chegados *que* fomos, dirigimo-nos ao hotel.

- **final** (= para que)

  Vendo-me à janela, fez sinal *que* descesse.

- **causal** (= porque, visto que)

  "Velho *que* sou, apenas conheço as flores do meu tempo." (VIVALDO COARACI)

b) A locução conjuntiva *sem que* pode ser, conforme a frase:

- **concessiva** (*sem que* = embora não)

  Nós lhe dávamos roupa e comida, *sem que* ele pedisse.

- **condicional** (*sem que* = se não, caso não)

  Ninguém será bom cientista, *sem que* estude muito.

- **consecutiva** (*sem que* = que não)

  Não vão a uma festa *sem que* voltem cansados.

- **modal** (*sem que* = de modo que não)

  Sairás *sem que* te vejam.

EXERCÍCIOS LISTA 32

1. Classifique as conjunções coordenativas:

a) "O major Camilo não ata nem desata." (Ricardo Ramos)

b) "Desta vez ou tomas juízo, ou ficas sem coisa nenhuma." (Machado de Assis)

c) "O Rubião olhou duas outras vezes e não a conhecera ou fingia não conhecê-la." (Alcindo Guanabara)

d) "Nem eu lavro a terra, nem vós também." (Carlos de Laet)

e) Leve-lhe flores, que ela aniversaria amanhã.

f) Ele sofria, mas não se queixava.

g) Não vos peço benevolência, senão justiça.

h) Não suportava mais a vista dos aviões, quer fosse na tela, quer fosse nos ares.

i) Sois jovens e tendes um ideal, podeis, portanto, ser felizes.

j) Os filhos não somente estudam, mas ainda auxiliam os pais.

k) João é bom pai, pois os filhos o amam.

l) "Queres granjear fortuna, logo deves trabalhar." (Said Ali)

m) Ela devia ter chorado muito, porque os olhos estavam roxos.

2. Transcreva as frases, classificando-as de acordo com o valor das conjunções coordenativas em destaque, conforme lista abaixo:

(1) acrescentamento
(2) contraste
(3) alternância, alternativa
(4) conclusão
(5) explicação, motivo

Emílio sofre, **contudo** não se queixa.

Ora trabalha, **ora** se diverte.

Apressa-te, **que** o tempo é pouco.

Não me escreve **nem** me visita.

Ele comprara o ingresso, **portanto** podia entrar.

3. Classifique as conjunções subordinativas em destaque:

a) "Ontem o vento andava mais devagar **do que** o rio." (Aníbal Machado)

b) "**Quando** levantou a cabeça, vi **que** chorava deveras." (Machado de Assis)

c) "Não sei **se** saiu do país, **se** se matou." (Camilo Castelo Branco)

d) **À proporção que** os dias passam, a vida vai encarecendo.

e) "A calúnia, **conquanto** escrita em palavras cultas e penteadas, é sempre calúnia." (Camilo Castelo Branco)

f) "A rapidez da marcha era tal, **que** escapava a toda compreensão." (Machado de Assis)

g) "Alguns conhecidos tinham passado, palavreando com ele, **consoante** costumavam." (Camilo Castelo Branco)

h) Pegou-me pelo braço **para que** eu apressasse o passo.

i) "Bebia **que** era uma lástima." (Ribeiro Couto)

j) "Não posso deitar-me sem tocar piano, **nem que** seja um pouco." (Aníbal Machado)

k) "Devia soar-lhe **como** um ai plangente aquele silvo agudo." (CAMILO CASTELO BRANCO)
l) Recendia **que nem** um galho de manacá florido.
m) As plantas morrerão, **se** persistir a seca.
n) Só não lincharam o assaltante **porque** a polícia impediu.

4. Escreva as duas colunas fazendo corresponder as frases às circunstâncias expressas pelas conjunções subordinativas:

Caso não os encontre, eu lhe telefono.	causa
Como estivesse ventando, fechei a janela.	comparação
Segure-o com força, **para que** não fuja.	concessão, admissão
Tamanho foi o impacto **que** o carro incendiou-se.	hipótese, condição
A volta não demorou tanto **como** a ida.	conformidade
Não falaria **nem que** o matassem.	consequência, efeito
Mal me viu, veio abraçar-me.	finalidade
Ele não é, **como** dizem, um criminoso.	proporção
Aproximei-me **sem que** ele percebesse.	tempo
Quanto mais cresce, **mais** linda fica.	modo

5. Classifique as conjunções subordinativas em destaque, como fez no exercício 3:

a) Irei contigo, **desde que** minha família não se oponha.
b) Não fez nada **desde que** chegou.
c) **Desde que** estás disposto, convém **que** inicies já o trabalho.
d) Vejo **que** sabes **tanto quanto** nós, **se bem que** tenhas estado no local dos acontecimentos.
e) Malha-se o ferro **enquanto** está quente.
f) **Como** a escola era perto, íamos a pé.
g) Eu podia assistir à pescaria, **contanto que** ficasse em silêncio.
h) **Embora** pertencêssemos a partidos rivais, nossas ideias coincidiam em muitos pontos, de modo que era possível convivermos como bons amigos.
i) **Conquanto** estivéssemos cansados, nosso pai não permitia que fôssemos dormir sem que antes tivéssemos rezado as orações.
j) **Visto como** o futuro é incerto, trabalharei agora **enquanto** as forças me permitirem.
k) "Caúla, **mesmo que** o quisesse, não saberia o que dizer." (ADONIAS FILHO)
l) "**Tanto** nos leva ao porto o navio **quanto** o mar." (ANÍBAL MACHADO)

6. Classifique as conjunções dos períodos seguintes:

a) Quando eu te trazia biscoitos, tu os guardavas, e eu te censurava, porque me parecias avara, pois nem os comias nem os repartias com outrem.
b) Como é gorda, ela cansa mais depressa, mas não se queixa nem diminui o passo.
c) Fui visitar Letícia e levei-lhe, conforme você me lembrou, um ramo de flores.
d) "Pareceu-me que a minha posição melhorava, mas enganei-me." (CAMILO CASTELO BRANCO)
e) Sou pobre, como bem sabes; contudo, tenho a certeza de que, se fosse rico, não seria mais feliz do que sou agora.
f) Por mais distraído que fosses, leitor amigo, terias notado que ele ficara sinceramente alegre, posto que contivesse a alegria, segundo convinha a um filósofo.

7. Transcreva as frases abaixo e classifique a palavra **que**, sobrepondo-lhe a letra correspondente:

(A) pronome relativo
(B) pronome indefinido
(C) pronome interrogativo
(D) advérbio de intensidade
(E) conjunção coordenativa
(F) conjunção subordinativa
(G) substantivo
(H) preposição
(I) interjeição
(J) palavra expletiva
(K) palavra denotativa de exclusão (que não = exceto)

1) Há pessoas que sofrem.
2) Que força tem o vento!
3) Que tencionas fazer agora?
4) Que bom seria viver aqui!
5) "Procura que procura." (Amadeu Amaral)
6) Apressas-te, que vem gente.
7) Criança que és, não podes compreender isto.
8) Sabemos que a Terra gira no espaço.
9) Não sai à rua, que não leve a netinha.
10) Fiz-lhe sinal que se calasse.
11) Falou de tal modo que nos empolgou.
12) "Cinco contos que fossem, era um arranjo menor..." (Machado de Assis)
13) Felicidade vale mais que riqueza.
14) "Que gentil que estava a espanhola!" (Machado de Assis)
15) "O patrão já dera ordem de ajuntar mais um peão, que os dois que havia não davam conta do serviço." (Darci Azambuja)
16) A verdade é que a mulher não soube que inventar para defender o procedimento do marido.
17) "Quê! – atalhou Vasco – pois aquele homem tão sério!... tão temente a Deus!" (Camilo Castelo Branco)
18) "Leio nos seus olhos claros um quê de profunda curiosidade." (Gasparino Damata)
19) Parece que ele se referiu a outra pessoa, que não a mim.
20) "Punham-se a procurar não se sabia quê." (Fernando Namora)
21) "Não existia mistério que resolver." (Jorge Amado)
22) "Os doze anos, ai de mim, nunca mais que chegavam." (Ciro dos Anjos)
23) "Tão gulosa que era, tinha sempre à mão alguma coisa para comer." (Antônio Olavo Pereira)
24) "Senti-me leve, transportado a outras paragens, que não as terrenas." (Otto Lara Resende)
25) Quem não tiver coragem de escalar o pico, que fique em casa.

8. Em cada grupo, copie a única conjunção subordinativa que não pertence à classe das:

1) **comparativas**: como – assim como – tal e qual – qual – (mais) que – o mesmo que – (tanto) quanto – porquanto – feito

2) **concessivas**: embora – ainda que – mesmo que – ainda quando – por mais que – nem que – se – se bem que – sem que

9. Transcreva as frases; em seguida sublinhe e classifique as conjunções:

a) "Poderás, se fugires, orientar-te pelas estrelas." (SANTOS FERNANDO)

b) "Confundia agitação com ação, tal e qual o Melquíades." (CIRO DOS ANJOS)

c) Ia escrevendo ora devagar, ora depressa, conforme o ritmo dos pensamentos.

d) "Ele, Caúla, não ficaria ancorado como uma canoa." (ADONIAS FILHO)

e) Sagaz como era, logo percebeu que havia novidades.

f) O frio excessivo, como se sabe, impede a condensação necessária à queda da neve.

g) Por mais leve que pisasse, seus passos reboavam.

h) A planície dir-se-ia que busca o fim do mundo, de tão extensa que é.

i) Segundo narram alguns historiadores, muitos escravos se precipitaram no abismo a fim de fugir às torturas.

j) "Nos canteiros empoçados as plantas sacudiam-se tal qual jaçanãs nos lagos." (STELLA LEONARDOS)

10. Escreva as frases, substituindo o * corretamente por **mal** ou **mau**, e numere-as de acordo com a classe gramatical dessas palavras:

Isto é um * sinal.

O * é infeliz.

A guerra é um *.

* me viu, veio correndo.

Você agiu * .

* ouvi o que ele disse.

(1) substantivo concreto
(2) substantivo abstrato
(3) adjetivo
(4) advérbio de modo
(5) advérbio de intensidade
(6) conjunção subordinativa temporal

11. Copie a única frase com a locução conjuntiva correta:

Os rios se avolumam, **na medida em que** avançam para o mar.

Os rios se avolumam, **à medida que** avançam para o mar.

Os rios se avolumam, **à medida em que** avançam para o mar.

Os rios se avolumam, **na medida que** avançam para o mar.

12. Use, em duas frases:

a) ao mesmo tempo que; b) à medida que.

13. Observe que tipo de relação há entre as frases. Depois una-as em um só período, usando as conjunções coordenativas mais adequadas.

a) Explicou o caminho diversas vezes. Não entendi direito o trajeto.

b) Ande logo. Chegaremos atrasados.

c) Não irei. Não mandarei representantes.

d) Não fale alto. Estamos num hospital.

e) Não veio hoje. Deve estar com algum problema sério.

14. Escreva as frases substituindo a conjunção coordenativa por uma concessiva. Faça as alterações necessárias.

Trabalhei muito, mas não estou cansada.

Embora tenha trabalhado muito, não estou cansada.

a) Você é muito inteligente, mas precisa estudar mais.

b) Querem ter sucesso, porém não se esforçam.

c) Clara ganhava pouco, mas vestia-se com cuidado.

15. Una as orações utilizando conjunções subordinativas adequadas para expressar as circunstâncias indicadas entre parênteses. Faça as alterações necessárias.

a) Não nos recebeu. Estava em reunião. (**causa**)

b) Não vou a estádios. Gosto de futebol. (**concessão**)

c) Conto esses fatos. Ouvi esses fatos assim. (**conformidade**)

d) Explicou tudo com muitos detalhes. Todos entenderam. (**consequência**)

e) Falei-lhe com carinho. Queria que ele me ouvisse. (**finalidade**)

16. Indique qual das conjunções aditivas indica ideia de oposição.

a) Meu irmão e eu fomos ao cinema do bairro.

b) Bruna não telefonou nem deu notícias.

c) Leandro apareceu com o carro e disse que o comprara há pouco.

d) Estou procurando Alice há mais de uma hora e ainda não a encontrei.

e) Não só trouxemos as prendas, mas também armamos as barracas da quermesse.

17. Complete as frases usando conjunções adequadas para explicar a relação que há entre as orações:

a) Ontem chovia * ventava assustadoramente.

b) Iria com você ao teatro * não tivesse de cuidar do bebê.

c) Fiz todas as tarefas * você recomendou.

d) As lágrimas eram tantas * ele sequer via quem estava ao seu redor.

e) A passagem do tempo o assustava * não estava satisfeito com sua própria vida.

18. Identifique o tipo de relação que a conjunção **como** estabelece entre as orações.

a) Como eu já te disse antes, aquela criança está com sérios problemas.

b) Chovia como só chove em minha terra natal!

c) Como estivesse exausto, resolveu não participar da festa.

d) A história não aconteceu como te contaram.

e) Como não tivesse mais condições de estudar, começou a procurar emprego.

CONJUNÇÃO
Exercícios de exames e concursos
[Página 679]

INTERJEIÇÃO

1 INTERJEIÇÃO

É uma palavra ou locução que exprime um estado emotivo:

"**Caramba**! Isto é que se chama talento!" (JOSUÉ MONTELO)

"**Puxa vida**! Outra vez! – exclamou Gumersindo, brecando o carro." (EDY LIMA)

Vozes ou exclamações vivas, as interjeições são um recurso da linguagem afetiva ou emocional. Podem exprimir e registrar os mais variados sentimentos e emoções:

aclamação: *viva!*
dor, arrependimento, lástima: *ai! ui! ah! oh! ai de mim! meu Deus! que pena! xi!*
advertência: *cuidado! devagar! atenção! calma! sentido! alerta! olha! olha lá! vê bem!*
dúvida, suspeita: *hum! epa!*
admiração, surpresa, espanto: *ah! oh! ih! puxa! céus! caramba! quê! ué! hem?! uai! credo! nossa! opa! xi!*
impaciência, aborrecimento, desagrado: *irra! apre! arre! vote! ora bolas! puxa vida! hum!*
animação: *eia! sus! coragem! avante! upa! força! vamos!*
aplauso, felicitação, satisfação: *bravo! apoiado! ótimo! viva! boa! bis! isso! parabéns! muito bem!*
desacordo, incredulidade: *qual! qual o quê! pois sim! que esperança!*
alegria: *ah! oh! eh! viva! eta! aleluia! oba!*
desapontamento: *ué! uai!*
alívio: *uf! ufa! arre! ah!*
apelo, pedido, chamamento: *ó! alô! socorro! psiu! eh! ei! olá! misericórdia! valha-me Deus!*
afugentamento: *sai! fora! passa! rua! chit! arreda! xô!*
desejo: *oh! oxalá! tomara! quem me dera! queira Deus!*
indignação, repulsa: *fora! morra! abaixo! não! t'esconjuro!*
assentimento, concordância: *claro! pudera! sim! pois não! ótimo! tá! hã-hã!*
reprovação: *não apoiado! fiau! francamente! ora essa! ora!*
silêncio: *psiu! pst! caluda! silêncio! bico calado!*
saudação: *ave! salve! olá! bom dia! oi! anauê!* (saudação integralista)
despedida: *adeus! até logo! tchau!*
medo, terror, horror: *ui! uh! cruzes!*
desculpa: *perdão!*
pena: *oh! coitado! que pena! pobre dele!*
agradecimento: *obrigado! muito obrigado! obrigada! graças a Deus! grato!*

Observação:

✔ A mesma interjeição pode registrar mais de um sentimento, segundo o tom de voz com que a proferimos.

Além dessas, existem ainda as interjeições imitativas, que exprimem ruídos e vozes: *pum! miau! plaft! trac! pof! zás! zás-trás! tique-taque! quá-quá-quá!*, etc.

Psssiu! – chamou alguém atrás de mim.

"*Chap, chap, chap*. Era o vascolejar da água nas garrafas! (GRACILIANO RAMOS)

2 LOCUÇÃO INTERJETIVA

É uma expressão que vale por uma interjeição:

Meu Deus! Muito bem! Alto lá! Ai de mim! Ó de casa!

As interjeições são como que frases resumidas, sintéticas:

ué! = Eu não esperava por essa!

perdão! = Peço-lhe que me desculpe.

São proferidas com entoação especial, que se representa, graficamente, com o ponto de exclamação. Este pode aparecer depois da interjeição ou no fim da frase, ou mesmo ser repetido:

"Oh! é um anjo aquela menina." (MACHADO DE ASSIS)

"Oh, trágicas novelas!" (CABRAL DO NASCIMENTO)

Arre! você é teimosa!

Não se deve confundir a interjeição de apelo *ó* com a sua homônima *oh!*, que exprime admiração, alegria, tristeza, etc. Faz-se pausa depois do *oh!* exclamativo e não a fazemos depois do *ó* vocativo. Exemplos:

"*Ó* natureza! *ó* mãe piedosa e pura!" (OLAVO BILAC)

"*Oh!* a jornada negra!" (OLAVO BILAC)

Observação:

✔ Dentre as interjeições cumpre distinguir as que são exclusivamente interjeições (*oh! arre! olá!*, etc.) e as palavras de outras classes gramaticais usadas eventualmente como interjeições (*viva! cuidado! adiante!*, etc.).

EXERCÍCIOS — LISTA 33

1. Que sentimentos, emoções, etc. exprimem as interjeições e locuções interjetivas destes exemplos?

1) "Adeus, astros da noite!" (OLAVO BILAC)

2) "Ih! mamãe, mas está todo estragado [o piano]!" (ANÍBAL MACHADO)

3) "Quê! – atalhou Vasco – pois aquele homem tão sério!... tão temente a Deus!" (CAMILO CASTELO BRANCO)

4) "Valha-me Deus! exclamou ela aflitivamente." (Camilo Castelo Branco)

5) "Rua! Isto aqui não é casa da sogra!" (Orígenes Lessa)

6) "Cuidado, Emília! disse Narizinho." (Monteiro Lobato)

7) "De repente, no melhor da festa, plaft! uma jabuticaba cai do galho..." (Monteiro Lobato)

8) "Uf! Que trabalho me deu!" (Monteiro Lobato)

9) "Vamos! Dize alguma coisa!" (Monteiro Lobato)

10) "Ah! toda alma num cárcere anda presa!" (Cruz e Sousa)

11) "Zás! um certeiro golpe de foice dá com ela [a paca] em terra." (Monteiro Lobato)

12) "Ah! É o senhor o tão falado milionário?!" (Araújo Nabuco)

13) "— Então? hoje está mais fortezinho...
— Qual! passei mal a noite." (Machado de Assis)

14) "Eh, doutorzinho! chegou tua hora!" (Aníbal Machado)

15) "Oxalá não tivesse de tingir o sangue as ruas de Córdova." (Alexandre Herculano)

16) Ora bolas! Sempre fazendo das tuas!

17) "Tu vais partir, Dom Gil! Sus! cavaleiro!" (João Ribeiro)

18) Ó almas, devagar! Não esgoteis a taça...

19) Epa! Há algo se mexendo no armário!

20) "Oi! Dr. Fernando. Vai para a cidade?" (José Fonseca Fernandes)

21) "Ei, você aí, ó sardento, esfrega aquele pedaço de tijolo nas lajes." (Josué Guimarães)

22) "Caramba! São bem uns quatro quilômetros até o Anhangabaú." (José Fonseca Fernandes)

23) "Puxa, que pontaria, hem!" (Edi Lima)

24) Sentinela, alerta!

25) "Na porta, o Santo olhou o nosso herói: 'Opa, você de novo? Ah, conseguiu o cavalo, hem! Muito bem, amarre o cavalo aí fora e pode entrar'." (Millôr Fernandes)

26) "Xi, seu Antônio, estou sem um níquel, depois eu pago." (Millôr Fernandes)

27) Calma! Não se afogue num copo d'água.

28) "Bravo! Assim é que é!" (Carlos Drummond de Andrade)

2. Escreva as frases abaixo substituindo * pelas interjeições **ó** ou **oh!**, conforme convenha:

a) * não esperava por essa!

b) "Deus! * Deus! onde estás que não respondes?" (Castro Alves)

c) * com todo o prazer, senhor Lourenço!

d) "* borboleta, pára! * Mocidade, espera!" (Raimundo Correia)

e) "E a esperança? * a esperança, essa é que não renascera!" (Alexandre Herculano)

3. Leia as frases abaixo, procurando perceber os estados, sentimentos ou emoções que expressam as interjeições:

a) Cuidado! O chão está molhado.

b) Puxa! Não pensei que este lugar fosse tão bonito!

c) Puxa vida! Você não para um segundo sequer, Chiquinho!

d) Ufa! Consegui terminar o exercício!

e) Ué! Seu irmão não veio com você?

4. Escreva orações utilizando as interjeições abaixo para exprimir as emoções ou estados indicados:

a) desejo: tomara!

b) pena: coitado!

c) espanto: credo!

d) espanto: nossa!

e) concordância: claro!

5. Faça o mesmo utilizando locuções interjetivas:

a) apoio: muito bem!

b) espanto: meu Deus!

c) pena: meu Deus!

d) aborrecimento: puxa vida!

e) desejo: queira Deus!

CONECTIVOS

Os *conectivos* ligam palavras ou orações. São elementos de ligação, na frase. Exemplos:

O prazer **e** a dor são passageiros.

A espada vence, **mas** não convence.

No primeiro exemplo, o conectivo **e** liga duas palavras; no segundo, o conectivo **mas** liga duas orações.

Os conectivos dividem-se em duas classes: *coordenativos* e *subordinativos*.

▪ Quadro sinótico dos conectivos

- ***CONECTIVOS***
  - **coordenativos** ***(Ligam orações coordenadas.)***
    - ***conjunções coordenativas***
      - ***aditivas:*** *e*
      - ***adversativas:*** *mas*
      - ***alternativas:*** *ou*
      - ***conclusivas:*** *logo*
      - ***explicativas:*** *pois*
  - **subordinativos** ***(Subordinam orações dependentes às principais.)***
    - ***conjunções subordinativas***
      - ***causais:*** *porque*
      - ***comparativas:*** *como*
      - ***concessivas:*** *embora*
      - ***condicionais:*** *se*
      - ***conformativas:*** *conforme*
      - ***consecutivas:*** *(tão) que*
      - ***finais:*** *para que*
      - ***proporcionais:*** *à medida que*
      - ***temporais:*** *quando*
      - ***Iniciam orações adverbiais.***
      - ***integrantes:*** *que, se* — ***Iniciam orações substantivas.***
    - ***pronomes relativos:*** *que, quem, cujo, cuja, o qual, a qual,* ***etc.*** — ***Iniciam orações adjetivas.***

FORMAS VARIANTES

Veja estes exemplos:

A mãe de Alfredo não gostava que ele *assobiasse*.

"Ataliba *assovia* enquanto corta a lenha." (JORGE AMADO)

Assoviar é variante de *assobiar*.

Existe na língua hodierna bom número de palavras que, ao lado da forma considerada normal, apresentam uma ou mais variantes. Em alguns casos é indiferente o emprego de uma ou de outra forma (*cousa* ou *coisa*, *assobiar* ou *assoviar*, etc.); em outros, pelo contrário, deve-se dar preferência às formas que mais se impuseram, graças ao uso constante e generalizado.

São exemplos de formas variantes:

aluguel, aluguer
assobiar, assoviar
assobio, assovio
bílis, bile
coisa, cousa
escoicear, escoucear
louro, loiro
derrubar, derribar
espargir, esparzir
marimbondo, maribondo
bêbedo, bêbado
malvadez, malvadeza
percentagem, porcentagem
pitoresco, pinturesco
lacrimejar, lagrimejar
diabete, diabetes
cacaréus, cacarecos
baralhar, embaralhar
desvario, desvairo
perspectiva, perspetiva
entretimento, entretenimento
engambelar, engabelar
quociente, cociente
rubi, rubim
remoinhar, redemoinhar
remoinho, redemoinho
endemoniado, endemoninhado
infarto, enfarte
líquido, líquido (ki)
traquina, traquinas
catorze, quatorze
cota, quota
taverna, taberna
eriçar, erriçar
espécime, espécimen
ridiculizar, ridicularizar
fleuma, flegma
coradouro, coaradouro, coarador
transpassar, traspassar, trespassar
nambu, nhambu, inambu, inhambu, inamu

EXERCÍCIO LISTA 34

1. Informe onde aparecem formas variantes e onde há erro. No caso de variantes, diga qual a forma considerada normal; no caso de erro, corrija-o:

a) O garoto *assobiava* e corria pela rua.

b) Era um rapaz *louro*, muito bonito e simpático.

c) Você já leu o livro de José Sarney chamado "*Marimbondos* de fogo"?

d) Tenho o *previlégio* de conhecê-lo há anos!

e) Você é um *bêbedo*, que não sabe o que diz.

f) Você tem *catorze* ou quinze anos?

g) Aborrecia-me a *fleuma* com que ele empilhava os tijolos.

h) Vou fazer um bazar *beneficiente* em minha casa.

i) Reveja o *cociente* dessas contas.

j) Quero *cincoenta* copos de papel.

k) Quantas *cotas* do empreendimento seu pai adquiriu?

ANÁLISE MORFOLÓGICA

Consiste a análise morfológica em dar a classe das palavras, sua classificação, fazer o levantamento dos diversos acidentes gramaticais (gênero, número, grau, pessoa, etc.) e identificar-lhes o processo de formação e os elementos mórficos que as constituem. Exemplos:

- **cafeteira**

Substantivo comum, concreto, feminino, singular; derivado, formado por sufixação.

Radical: *café*; sufixo (nominal): *eira;* desinência (nominal): *a;* consoante de ligação: *t*.

- **detivemos**

1ª pessoa do plural do pretérito perfeito simples do indicativo do verbo irregular da 2ª conjugação *deter*, voz ativa; formado por prefixação (*de* + *ter*).

Radical: *tiv;* prefixo: *de;* vogal temática: *e;* desinência número-pessoal: *mos*.

Na análise *morfossintática* de uma palavra, faz-se, juntamente, a análise morfológica e a sintática.

LEITURA

Janeiro

Janeiro desnastra os arrozais,
o fumo é desfolhado
e a larva ameaça o algodoal.
A mão do homem corrige todos os acasos.
Janeiro vê a altura viva das mudas
nos viveiros.
É tempo ainda de semear.
As frutas submetem-se aos enxertos, promissoras.
Reverdecer é simples como a luz.

(VALMIR AYALA, *Águas como Espadas*, p. 13,
LR Editores Ltda., São Paulo, 1983)

SEMÂNTICA

trata da significação das palavras

Soneto à Lua

Vens chegando de longe, tão cansada,
Tão frágil e tão pálida vens vindo,
Que pareces, ó doce Lua amiga,
Vir impelida pelo vento leve.

Pelo vento gentil que está soprando
Tu pareces tangida, como um barco
Com as suas louras velas enfunadas,
E vens a navegar nos altos mares...

Atravessando campos e cidades,
Quantas artes e sortes não fizeste,
Ó triste Lua dos enamorados!

Quantas flores e virgens distraídas
Não seduziste para a estranha viagem
Por esse mar de amor, cheio de abismos!

(AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT, *Eu Te Direi as Grandes Palavras*, 2ª ed., p. 74, Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1977)

SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS

1 SINÔNIMOS

Sinônimos são palavras de sentido igual ou aproximado. Exemplos:

alfabeto, abecedário

brado, grito, clamor

extinguir, apagar, abolir, suprimir

justo, certo, exato, reto, íntegro, imparcial

Geralmente não é indiferente usar um sinônimo pelo outro. Embora irmanados pelo sentido comum, os sinônimos diferenciam-se, entretanto, uns dos outros, por matizes de significação e certas propriedades que o escritor não pode desconhecer.

Com efeito, estes têm sentido mais amplo, aqueles, mais restrito (*animal* e *quadrúpede*); uns são próprios da fala corrente, desataviada, vulgar, outros, ao invés, pertencem à esfera da linguagem culta, literária, científica ou poética (*orador* e *tribuno, oculista* e *oftalmologista, cinzento* e *cinéreo*).

A contribuição greco-latina é responsável pela existência, em nossa língua, de numerosos pares de sinônimos. Exemplos:

adversário e *antagonista*	*moral* e *ética*
translúcido e *diáfano*	*colóquio* e *diálogo*
semicírculo e *hemiciclo*	*transformação* e *metamorfose*
contraveneno e *antídoto*	*oposição* e *antítese*

O fato linguístico de existirem sinônimos chama-se *sinonímia*, palavra que também designa o *emprego de sinônimos*.

O bom escritor deve conhecer os segredos da sinonímia. Entre dois ou mais sinônimos há sempre um que se impõe, por ser mais adequado, mais expressivo ou pitoresco.

2 ANTÔNIMOS

Antônimos são palavras de significação oposta. Exemplos:

ordem e *anarquia*	*louvar* e *censurar*
soberba e *humildade*	*mal* e *bem*

A antonímia pode originar-se de um prefixo de sentido oposto ou negativo. Exemplos:

bendizer, maldizer
simpático, antipático
progredir, regredir
concórdia, discórdia
explícito, implícito
ativo, inativo
esperar, desesperar
comunista, anticomunista
simétrico, assimétrico
pré-nupcial, pós-nupcial

3 HOMÔNIMOS

Homônimos são palavras que têm a mesma pronúncia, e às vezes a mesma grafia, mas significação diferente. Exemplos:

são (sadio), *são* (forma do verbo *ser*) e *são* (santo)

aço (substantivo) e *asso* (verbo)

Só o contexto é que determina a significação dos homônimos. A homonímia pode ser causa de ambiguidade, por isso é considerada uma deficiência dos idiomas.

O que mais nos impressiona nos homônimos é o seu aspecto fônico (som) e o gráfico (grafia). Daí serem divididos em:

- **homógrafos heterofônicos (iguais na escrita e diferentes no timbre ou na intensidade das vogais):**

rego (substantivo) e *rego* (verbo)
colher (verbo) e *colher* (substantivo)
jogo (substantivo) e *jogo* (verbo)
vede (verbo *ver*) e *vede* (verbo *vedar*)
apoio (verbo) e *apoio* (substantivo)
para (verbo *parar*) e *para* (preposição)
pelo (subst.: *cabelo*), *pelo* (forma do verbo *pelar*) e *pelo* (contração de *per* + *o*)
providência (substantivo) e *providencia* (verbo)
ás (substantivo), *às* (contração) e *as* (artigo)

Observação:

✔ Palavras como as dos dois últimos exemplos, a rigor, não são homógrafas, visto que o acento gráfico desfaz a homografia. Razões de ordem didática, porém, nos levam a incluí-las neste grupo de homônimos.

- **homófonos heterográficos (iguais na pronúncia e diferentes na escrita):**

acender (atear, pôr fogo) e *ascender* (subir)
concertar (harmonizar) e *consertar* (reparar, emendar)
concerto (harmonia, sessão musical) e *conserto* (ato de consertar)
cegar (tornar cego) e *segar* (cortar, ceifar)
apreçar (determinar o preço, avaliar) e *apressar* (acelerar)
cela (pequeno quarto), *sela* (arreio) e *sela* (verbo *selar*)
censo (recenseamento) e *senso* (juízo)

cerrar (fechar) e *serrar* (cortar)
paço (palácio) e *passo* (andar)
hera (trepadeira) e *era* (época), *era* (verbo)
caça (ato de caçar), *cassa* (tecido) e *cassa* (verbo *cassar* = *anular*)
cessão (ato de ceder), *seção* (divisão, repartição)[1] e *sessão* (tempo de uma reunião ou espetáculo)

- **homófonos homográficos (iguais na escrita e na pronúncia):**

caminha (substantivo), *caminha* (verbo)
cedo (verbo), *cedo* (advérbio)
somem (forma do verbo *somar*), *somem* (forma do verbo *sumir*)
livre (adjetivo), *livre* (forma do verbo *livrar*)
pomos (substantivo), *pomos* (forma do verbo *pôr*)
alude (avalancha), *alude* (forma do verbo *aludir*)

4 PARÔNIMOS

Parônimos são palavras parecidas na escrita e na pronúncia:

coro e *couro*
cesta e *sesta* (é)
eminente e *iminente*
tetânico e *titânico*
atoar e *atuar*
degradar e *degredar*
cético e *séptico*
prescrever e *proscrever*
descrição e *discrição*
infligir (aplicar) e *infringir* (transgredir)
osso e *ouço*
sede (vontade de beber) e *cede* (verbo *ceder*)
comprimento e *cumprimento*
deferir (conceder, dar deferimento) e *diferir* (ser diferente, *divergir*, adiar)
ratificar (confirmar) e *retificar* (tornar reto, corrigir)
vultoso (volumoso, muito grande: soma *vultosa*) e *vultuoso* (congestionado: rosto *vultuoso*)

5 POLISSEMIA

Uma palavra pode ter mais de uma significação. A esse fato linguístico dá-se o nome de *polissemia*. Exemplos:

mangueira: tubo de borracha ou de plástico para regar as plantas ou apagar incêndios; árvore frutífera; grande curral de gado.

pena: pluma; peça de metal para escrever; punição; dó.

velar: cobrir com véu; ocultar; vigiar, cuidar; relativo ao véu do palato.

Podemos citar ainda, como exemplos de palavras polissêmicas, o verbo *dar* e os substantivos *linha* e *ponto*, que têm dezenas de acepções.

---

(1) Existe ainda a variante *secção* (latim *sectio, sectionis* = *corte*), que se aplica melhor ao sentido etimológico (*corte, amputação*).

6 SENTIDO PRÓPRIO E SENTIDO FIGURADO

As palavras podem ser empregadas no sentido próprio ou no sentido figurado. Exemplos:

Construí um muro de **pedra**. (sentido próprio)

Ênio tem um coração de **pedra**. (sentido figurado)

A água **pingava** da torneira. (sentido próprio)

As horas iam **pingando** lentamente. (sentido figurado)

7 DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO

Observe a palavra em destaque destes exemplos:

Comprei uma correntinha de **ouro**.

Fulano nadava em **ouro**.

No primeiro exemplo, a palavra *ouro* denota ou designa simplesmente o conhecido metal precioso, dúctil, brilhante, de cor amarela: tem sentido próprio, real, *denotativo*. No segundo, *ouro* sugere ou evoca riquezas, opulência, poder, glória, luxo, ostentação, conforto, prazeres: tem sentido *conotativo*, possui várias *conotações* (ideias associadas, sentimentos, evocações que irradiam da palavra).

Como se vê, certas palavras têm grande poder evocativo, uma extraordinária carga semântica; são capazes de sugerir muito mais do que o objetivo designado, desencadeando, conforme a situação, ideias, sentimentos e emoções de toda ordem. Quantas coisas podem sugerir palavras conotativas como *selva, mar, praia, sol, festa*!

EXERCÍCIOS — LISTA 35

1. Dê sinônimos das palavras seguintes:

remoto	percalço	repúdio
granjear	motejo	afeito
inexorável	vicejar	fútil
malfadado	suscitar	infrene
turbamulta	repulsivo	meandro

2. Reorganize as colunas, relacionando os sinônimos de origem latina aos de origem grega:

transparente	diálogo
adversário	ética
moral	diáfano
solilóquio	monólogo
colóquio	antagonista

circunlóquio	protótipo
modelo	metamorfose
transformação	hipótese
contraveneno	perífrase
suposição	antídoto

3. Substitua as palavras destacadas por sinônimos:

a) "Os cabelos, dum **curioso** louro-esverdeado, **iam** muito bem com o tom do uniforme." (ÉRICO VERÍSSIMO)

b) "De noite a cidade **enfeitiça**, mas, de dia, também **desilude**." (GUEDES DE AMORIM)

c) O **retorno** da nave à Terra **fez-se** de modo **análogo** ao das missões Apolo.

d) A contenção dos gastos do governo **gerou** um **declínio** da inflação.

e) Sacudi o **torpor** que se **apoderou** de mim.

4. Substitua as palavras destacadas pelos seus antônimos:

a) A **polidez** vos torna **simpáticos**.

b) Considerai a vida **agitada** e **árdua** de nossos **contemporâneos**!

c) "Os **velhos impugnam** as modas recentes e **defendem** as antigas." (MARQUÊS DE MARICÁ)

d) "A **amenidade** do semblante anuncia a **bondade** do coração." (MARQUÊS DE MARICÁ)

e) Bruno era um rapaz **generoso, perdulário, extrovertido**.

5. Copie, em cada grupo, apenas a palavra que não é sinônimo:

a) presidente – ministro – chefe de Estado – primeiro mandatário

b) terremoto – tremor de terra – abalo sísmico – fissão – sismo

c) nave espacial – cosmonave – espaçonave – avião – veículo espacial

6. Reorganize as colunas de acordo com o tipo de homônimo:

cedo (verbo), cedo (advérbio)	homógrafos heterofônicos
torre (substantivo), torre (verbo)	homógrafos heterográficos
cinto (substantivo), sinto (verbo)	homógrafos homográficos

7. Organize frases com os homônimos das palavras destacadas:

a) A menina dos olhos **verdes** foi à **sessão** das 16 horas.

b) A **cruz** nos **traz** a **graça**.

c) Depois da **caça** faz-se o **conserto** das redes.

d) "A pobre senhora **concertou** o xale sobre os ombros e retomou o rumo da cidade." (AMANDO FONTES)

8. Dê a significação dos homônimos seguintes:

acender e ascender – acento e assento – censo e senso – cerrar e serrar – cerviz e servis – empoçar e empossar – incerto e inserto – incipiente e insipiente – laço e lasso – mole (adjetivo) e mole (substantivo) – coser e cozer – acerto e asserto – cessão, seção e sessão – ruço e russo

9. Informe a diferença de significação dos parônimos seguintes:

a) vultoso, vultuoso
b) auspícios, hospícios
c) acidente, incidente
d) conjetura, conjuntura
e) estofar, estufar
f) intimorato, intemerato
g) inerme, inerte
h) premissas, primícias
i) prescrever, proscrever
j) tráfego, tráfico
k) ratificar, retificar
l) flagrante, fragrante
m) indefeso, indefesso
n) ablação, ablução, oblação

10. Escreva as frases abaixo substituindo os asteriscos pelos parônimos adequados:

a) O secretário não **** o meu requerimento. (**diferiu**, **deferiu**)

b) Não hás de **** impunemente as leis. (**infringir**, **infligir**)

c) Fiz uma simples ****. (**conjuntura**, **conjetura**)

d) Há homens **** em ciência e virtude. (**iminentes**, **eminentes**)

e) Os fatos **** meus prognósticos. (**retificaram**, **ratificaram**)

f) Viu-se na **** de perder suas terras. (**iminência**, **eminência**)

11. Dê exemplos de palavras:

a) polissêmicas
b) conotativas

12. Transcreva as frases antepondo **P** ou **F**, conforme houver sentido próprio ou figurado:

Quebrei um galho de árvore.

O Presidente **quebrou** o protocolo.

Não sejas **escravo** da moda.

O **escravo** fugiu para o quilombo.

Tive uma ideia **luminosa**.

Os cometas têm uma longa cauda **luminosa**.

Joel estava **imerso** em profunda tristeza.

Doces recordações do passado e **amargas** desilusões.

13. Escreva as frases, substituindo * por uma das palavras entre parênteses. Depois, anteponha **H** ou **P**, conforme elas sejam homônimos ou parônimos.

O preso saiu da *. (**cela**, **sela**)

Vítor usa cabelo *. (**comprido**, **cumprido**)

O calor * o ferro. (**delata**, **dilata**)

O * é um sinal gráfico. (**acento**, **assento**)
O cisne * a cabeça na água. (**emergiu**, **imergiu**)
Paguei as * de luz e água. (**tachas**, **taxas**)
* os olhos e dormi. (**cerrei**, **serrei**)
João é um bom *. (**celeiro**, **seleiro**)
Agi com calma e *. (**descrição**, **discrição**)
Manuel * o fardo. (**arreou**, **arriou**)
Mandei * o cavalo. (**arrear**, **arriar**)
Ele tem uma força *. (**tetânica**, **titânica**)
O carro foi para o *. (**concerto**, **conserto**)
Estávamos * três dias das eleições. (**a**, **há**)

14. Dê antônimos das palavras relacionadas, utilizando prefixos *in-, im-, des-, i-*:
moral – parcial – reverente – satisfeito – esperar – ativo – responsável – humano – harmonia

15. Formule orações que exemplifiquem a diferença de sentido entre os pares de homônimos abaixo:
a) acento e assento
b) para e para (verbo/preposição)
c) jogo e jogo (substantivo/verbo)
d) cela e sela
e) sessão e seção

16. Faça o mesmo em relação aos parônimos:
a) descrição e discrição
b) osso e ouço
c) comprimento e cumprimento
d) infligir e infringir

17. Veja se as palavras foram utilizadas em seu sentido próprio ou em sentido figurado.
a) "O pavão é um arco-íris de plumas." (Rubem Braga)
b) Venha ver o arco-íris!
c) "Me deixe, sim, meu grão de amor." (Marisa Monte/Carlinhos Brown)
d) É necessário incluir grãos em uma alimentação balanceada.

18. Lembrando-se do que viu sobre **polissemia**, dê exemplos de frases que exemplifiquem diferentes sentidos em que podem ser utilizadas as palavras abaixo.
a) manga
b) pena
c) romper
d) grave

SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS
Exercícios de exames e concursos
[Página 681]

SINTAXE

estuda as palavras associadas na frase

Inverno

Nesses dias de inverno
em que a chuva fustiga a vidraça,
sonho desperto, as mãos
na nuca. Olho o teto, a praça,
e cavalgo uma moto possante
pelas estradas do Sul.
Treme de febre o pampa,
treme a cordilheira e o Aconcágua.
Estico minha ânsia sob sol e neve,
cuspo salitre
e vomito este Pacífico
que me persegue.

(Sérgio Caparelli, *Restos de Arco-Íris*, p. 64,
L&PM Editores, Porto Alegre, 1985)

ANÁLISE SINTÁTICA

1 NOÇÕES PRELIMINARES

A *análise sintática* examina a estrutura do período, divide e classifica as orações que o constituem e reconhece a função sintática dos termos de cada oração.

Preliminarmente, daremos uma ideia do que seja *frase, oração, período, termo, função sintática* e *núcleo de um termo da oração*.

As palavras, tanto na expressão escrita como na oral, são reunidas e ordenadas em frases. Pela frase é que se alcança o objetivo do discurso, ou seja, da atividade linguística: a comunicação com o ouvinte ou o leitor.

2 FRASE

É todo enunciado capaz de transmitir, a quem nos ouve ou lê, tudo o que pensamos, queremos ou sentimos. Pode revestir as mais variadas formas, desde a simples palavra até o período mais complexo, elaborado segundo os padrões sintáticos do idioma.

São exemplos de frases:

Socorro!

Muito obrigado!

Que horror!

Sentinela, alerta!

Cada um por si e Deus por todos.

Grande nau, grande tormenta.

Por que agridem a natureza?

"Tudo seco em redor." (Graciliano Ramos)

"Boa tarde, mãe Margarida!" (Graciliano Ramos)

"Fumaça nas chaminés, o céu tranquilo, limpo o terreiro." (Adonias Filho)

"As luzes da cidade estavam amortecidas." (Érico Veríssimo)

"Tropas do exército regular do Sul, ajudadas pelos seus aliados brancos de além-mar, tinham sido levadas em helicópteros para o lugar onde se presumia estivesse o inimigo, mas este se havia sumido por completo." (Érico Veríssimo)

Observações:

✔ As frases são proferidas com entonação e pausas especiais, indicadas na escrita pelos sinais de pontuação.

✔ Muitas frases, mormente as que se desviam do esquema sujeito + predicado, só podem ser entendidas dentro do contexto (= o escrito em que figuram) e na situação (= o ambiente, as circunstâncias) em que o falante está.

✔ Chamam-se *frases nominais* as que se apresentam sem o verbo. Exemplo: *Tudo parado e morto.*

Quanto ao sentido, as frases podem ser:

- **declarativas**

Encerram a declaração ou enunciação de um juízo acerca de alguém ou de alguma coisa:
A retificação da velha estrada é uma obra inadiável.
Neli não quis montar o cavalo velho, de pelo ruço.

- **interrogativas**

São uma pergunta, uma interrogação:
"Por que faço eu sempre o que não queria?" (Fernando Pessoa)
"Não sabe, ao menos, o nome do pequeno?" (Machado de Assis)

- **imperativas**

Contêm uma ordem, proibição, exortação ou pedido:
"Cale-se! Respeite este templo." (Érico Veríssimo)
"Vamos, meu filho, ande depressa!" (Herberto Sales)
"Segue teu rumo e canta em paz." (Cecília Meireles)
"Não me leves para o mar." (Vicente de Carvalho)

- **exclamativas**

Traduzem admiração, surpresa, arrependimento, etc.:
Como eles são audaciosos!
Não voltaram mais!
"Uma senhora instruída meter-se nestas bibocas!" (Graciliano Ramos)

- **optativas**

Exprimem um desejo:
Bons ventos o levem!
Oxalá não sejam vãos tantos sacrifícios!
"E queira Deus que te não enganes, menino!" (Carlos de Laet)
"Quem me dera ser como Casimiro Lopes!" (Graciliano Ramos)

- **imprecativas**

Encerram uma imprecação (praga, maldição):

"Esta luz me falte, se eu minto, senhor!" (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Não encontres amor nas mulheres!" (GONÇALVES DIAS)

"Maldito seja quem arme ciladas no seu caminho!" (DOMINGOS CARVALHO DA SILVA)

Como se vê dos exemplos citados, os diversos tipos de frase podem encerrar uma afirmação ou uma negação. No primeiro caso, a frase é afirmativa, no segundo, negativa.

O que caracteriza e distingue esses diferentes tipos de frase é a entonação, ora ascendente ora descendente. A mesma frase pode assumir sentidos diferentes, conforme o tom com que a proferimos. Observe:

Olavo esteve aqui.

Olavo esteve aqui?

Olavo esteve aqui?!

Olavo esteve aqui!

3 ORAÇÃO

É a frase de estrutura sintática que apresenta, normalmente, sujeito e predicado e, excepcionalmente, só o predicado. Exemplos:

A menina — **sujeito**

banhou-se na cachoeira. — **predicado**

Choveu durante a noite. — **predicado**

Observações:

✔ Em toda oração há um verbo ou locução verbal (às vezes elípticos).

✔ Não têm estrutura sintática, portanto não são orações e não podem ser analisadas sintaticamente frases como:

Socorro!

Com licença!

Que rapaz impertinente!

Muito riso, pouco siso.

"A bênção, mãe Nácia!" (RAQUEL DE QUEIRÓS)

Na oração as palavras estão relacionadas entre si, como partes de um conjunto harmônico: elas formam os *termos* ou as *unidades sintáticas* da oração. Cada termo da oração desempenha uma *função sintática*.

4 NÚCLEO DE UM TERMO

Núcleo de um termo é a palavra principal (geralmente um substantivo, pronome ou verbo), que encerra a essência de sua significação. Nos exemplos seguintes, as palavras *amigo* e *revestiu* são o núcleo do sujeito e do predicado, respectivamente:

"*O* **amigo** *retardatário do presidente* prepara-se para desembarcar." (ANÍBAL MACHADO)

A avezinha **revestiu** *o interior do ninho com macias plumas.*

Segundo sua importância, os termos da oração se dizem *essenciais, integrantes* e *acessórios*, como logo adiante se verá.

5 PERÍODO

Periodo é a frase constituída de uma ou mais orações.

O período é *simples* quando constituído de uma só oração:

"A ignorância do bem **é** a causa do mal." (DEMÓCRITO)

"Na esplanada do Museu *alongavam-se* cada vez mais sobre as lajes as sombras das estátuas de pedra de mandarins d'antanho." (ÉRICO VERÍSSIMO)

No período simples há um só verbo (ou locução verbal).

O período é *composto* quando formado por mais de uma oração:

"O gato não nos **afaga**, **afaga-se** em nós." (MACHADO DE ASSIS)

O líder Xanana Gusmão **disse** que a língua portuguesa **será adotada** oficialmente no Timor Leste.

No período composto há mais de um verbo (ou locução verbal).

Observações:

- ✔ A oração do período simples chama-se *absoluta*.
- ✔ Na língua escrita abre-se o período com letra maiúscula e fecha-se com ponto final, ponto de exclamação ou interrogação e, em certos casos, com dois-pontos ou reticências.

LEITURA

Enquanto é maio

Durante quatro ou cinco meses por ano o Rio é uma cidade desesperadamente infernal, com o seu calor. E eis que de repente os termômetros se comportam e o céu azula e o ar se limpa e purifica, o mar lava as suas ondas, as árvores pintam de luz o verde das suas folhas e tudo se adoça, dentro e fora dos seres humanos.

E me inquieto e quisera ser ubíqua e onipresente, pois não posso sair daqui, nem um minuto, e perder o Rio, nos seus dias de maio. E Petrópolis, ali, junto, está um delírio de beleza. Teresópolis, Friburgo, Penedo, Itatiaia, São Paulo, Caraguatatuba, Parati e Vila Bela hão de estar igualmente esplendorosas. E que diremos de Salvador e Recife, quem sabe se até Brasília? Pois é maio em todas elas. O que sobremaneira nos inquieta, pois já não será possível festejar o acontecimento em todas essas latitudes.

E vos escrevo, vigiando a paisagem pelas janelas abertas, pois não sei se ficará muito tempo assim à minha espera. E tenho remorsos de ir ao cinema e teatro, pois é um privilégio assistir a tais espetáculos em maio, mas uma tristeza perder um minuto que seja de maio, do lado de fora deles.

E é mister reunir os amigos e amar mais do que nunca os bem-amados e agradecer – ah, não vos esqueçais – aos vossos deuses, não importa quais sejam, o breve, o precário, o maravilhoso privilégio de estardes vivos e sãos e alegres, em maio.

(Elsie Lessa, *A Dama da Noite*, p. 164, Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1963)

EXERCÍCIOS — LISTA 36

1. Aponte os enunciados que são frases, mas não constituem orações:

a) Cuidado!
b) O Brasil exporta minério, café e soja.
c) Meus pêsames!
d) Muito riso, pouco siso.
e) As árvores pintam de luz o verde de suas folhas.

2. Diga quantas orações há em cada verso reproduzido:

a) "A razão **dá-se** a quem **tem**." (Noel Rosa)
b) "**Acabou** a hora do trabalho, **começou** o tempo do lazer." (Arnaldo Antunes)
c) "Seu pensador, **vê** se **decifras** para mim.
Eu já **passei** por tanto horror.
Por que **é** que não **morri**?" (Edvaldo Santana)
d) "O vento **verga** as árvores, o vento clamoroso da aurora." (Mário Quintana)
e) "Toda vez que **toca** o telefone, eu **penso** que **é** você." (Engenheiros do Hawai)
f) "Deus **diz**: **faze** TU, que eu te **ajudarei**. **Madruga** e **verás**, **trabalha** e **terás**." (Glauco Matoso)

3. Divida os períodos em orações, dizendo se se trata de período simples ou composto.

a) As palavras de importação **penetram** na língua graças à influência que as culturas e civilizações **exercem** umas sobre as outras.
b) No decorrer dos séculos, **criaram-se**, no seio da língua, devido ao inventivo povo luso-brasileiro, numerosas palavras que **enriqueceram** nosso vocabulário.
c) **Encontramos**, no vocabulário português, palavras oriundas do grego, do alemão, do árabe, do francês, do inglês, do italiano...

4. Dê exemplos de:

a) uma frase que não é oração;
b) uma frase imperativa que seja oração;
c) uma frase interrogativa que é também oração;
d) uma frase optativa que é também oração;
e) uma frase exclamativa que seja oração;

ANÁLISE SINTÁTICA
Exercícios de exames e concursos
[Página 682]

TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO

São dois os termos essenciais (ou fundamentais) da oração: *sujeito* e *predicado*. Exemplos:

sujeito	**predicado**
Pobreza	não é vileza.
Os sertanistas	capturavam os índios.
Um vento áspero	sacudia as árvores.

Sujeito é o ser do qual se diz alguma coisa.

Predicado é aquilo que se declara do sujeito, ou melhor, é o termo que contém a declaração, referida, em geral, ao sujeito.

1 SUJEITO

O sujeito é constituído por um substantivo ou pronome, ou por uma palavra ou expressão substantivada. Exemplos:

O sino era grande.

Ela tem uma educação fina.

Vossa Excelência agiu com imparcialidade.

Isto não me agrada.

Morrer pela pátria é glorioso.

"Ouvia-se *o matraquear de máquinas de escrever*." (ÉRICO VERÍSSIMO)

O *núcleo* (isto é, a palavra-base) do sujeito é, pois, um substantivo ou pronome. Em torno do núcleo podem aparecer palavras secundárias (artigos, adjetivos, locuções adjetivas, etc.). Exemplo:

"*Todos os ligeiros* **rumores** *da mata* tinham uma voz para a selvagem filha do sertão." (JOSÉ DE ALENCAR)

O sujeito pode ser:

- **simples** – quando tem um só núcleo:

As *rosas* têm espinhos.

"Um *bando* de galinhas-d'angola atravessa a rua em fila indiana." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

- ***composto*** – quando tem mais de um núcleo:

"O *burro* e o *cavalo* nadavam ao lado da canoa." (HERBERTO SALES)

- **expresso** – quando está explícito, enunciado:

  Eu viajarei amanhã.

- **oculto** (ou **elíptico**) – quando está implícito, isto é, quando não está expresso, mas se deduz do contexto:

  Viajarei amanhã. [sujeito: *eu*, que se deduz da desinência do verbo]

  "Um soldado saltou para a calçada e aproximou-se." (ÉRICO VERÍSSIMO)

  [O sujeito, *soldado*, está expresso na primeira oração e elíptico na segunda: e (ele) aproximou-se.]

  Crianças, guardem os brinquedos. [sujeito: *vocês*]

- **agente** – se faz a ação expressa pelo verbo da voz ativa:

  O *Nilo* fertiliza o Egito.

- **paciente** – quando sofre ou recebe os efeitos da ação expressa pelo verbo passivo:

  O *criminoso* é atormentado pelo remorso.

  Muitos *sertanistas* foram mortos pelos índios.

  Construíram-se *açudes*. [= *Açudes* foram construídos.]

- **agente e paciente** – quando o sujeito faz a ação expressa por um verbo reflexivo e ele mesmo sofre ou recebe os efeitos dessa ação:

  O *operário* feriu-se durante o trabalho.

  Regina trancou-se no quarto.

- **indeterminado** – quando não se indica o agente da ação verbal:

  Atropelaram uma senhora na esquina.

  [Quem atropelou a senhora? Não se diz, não se sabe quem a atropelou.]

  Come-se bem naquele restaurante.

  Não confundir sujeito indeterminado com sujeito oculto.

  Sujeito formado por pronome indefinido não é indeterminado, mas expresso:

  Alguém me ensinará o caminho. *Ninguém* lhe telefonou.

  Em português assinala-se a indeterminação do sujeito de três modos:

  a) usando-se o verbo na 3ª pessoa do plural, sem referência a qualquer agente já expresso nas orações anteriores. Exemplos:

     Na rua *olhavam*-no com admiração.

     "*Bateram* palmas no portãozinho da frente." (JOSUÉ GUIMARÃES)

     "De qualquer modo, foi uma judiação *matarem* a moça." (RUBEM BRAGA)

  b) com um verbo ativo na 3ª pessoa do singular, acompanhado do pronome *se*. Exemplos:

     Aqui *se vive* bem.

     Devagar *se vai* ao longe.

     Quando *se é* jovem, a memória é mais vivaz.

     Trata-se de fenômenos que nem a ciência sabe explicar.

     "E *passou-se* a falar em internacionalização da Amazônia." (TIAGO DE MELO)

"Quando *se* é menino, *tem-se* o espírito inteiramente aberto: receptivo, crédulo, esperançoso." (POVINA CAVALCÂNTI)

"*Saía-se* do coração da brenha só para *se ver* o barco." (FERREIRA DE CASTRO)

Observação:

✔ O pronome *se*, neste caso, é índice de indeterminação do sujeito. Pode ser omitido junto de infinitivos: "É difícil *subir* a corrente, mas sobe-se". (MACHADO DE ASSIS)

c) deixando-se o verbo no infinitivo impessoal. Exemplos:

Era penoso *carregar* aqueles fardos enormes.

É triste *assistir* a estas cenas repulsivas.

▪ Posição do sujeito na oração

Normalmente, o sujeito antecede o predicado; todavia, a posposição do sujeito ao verbo é fato corriqueiro em nossa língua. Exemplos:

É facílimo *este problema!*

Vão-se *os anéis*, fiquem *os dedos*.

"Breve desapareceram *os dois guerreiros* entre as árvores." (JOSÉ DE ALENCAR)

"Foi ouvida por Deus *a súplica do condenado*." (RAMALHO ORTIGÃO)

"Mas terás *tu* paciência por duas horas?" (CAMILO CASTELO BRANCO)

"No muro de tijolo vermelho passeavam *lagartixas*." (GRACILIANO RAMOS)

"Para o cargo de primeiro governador do Brasil foi escolhido *o fidalgo Tomé de Sousa*." (EDUARDO BUENO)

▪ Orações sem sujeito

Observe-se a estrutura destas orações:

sujeito	predicado
–	Havia ratos no porão
–	Choveu durante o jogo.

Constata-se que essas orações não têm sujeito. Constituem a enunciação pura e absoluta de um fato, através do predicado; o conteúdo verbal não é atribuído a nenhum ser. São construídas com os verbos impessoais, na 3ª pessoa do singular.

São verbos impessoais:

- *haver* (nos sentidos de *existir, acontecer, realizar-se, decorrer*). Exemplos:

Há plantas venenosas.

Havia quadros nas paredes.

Houve algo de anormal?

Havia três noites que não dormia.

Onde houvesse festas e danças, ali estava ele.

Fora dessas acepções, o verbo *haver* não é impessoal.

Observações:

✔ *Haver* transmite a sua impessoalidade aos verbos que com ele formam locução. Não têm sujeito, portanto, orações como estas:

"*Deve haver* outros implicados."

"Não *podia haver* leis mais sábias."

• *fazer, passar, ser* e *estar*, com referência ao tempo. Exemplos:

Faz dois anos que me formei.

"*Fazia* dias que o Balão não aparecia na porteira do curral." (José J. Veiga)

Hoje *fez* muito calor.

Fazia um frio intenso.

Era no mês de maio.

Era à hora do jantar.

Eram trinta de maio de 1980.

Abria a janela, se *estava* calor.

Olhei o relógio: *passava* das cinco horas da tarde.

Observações:

✔ Os verbos *ser* e *estar* também são impessoais em frases do tipo:

"*Era* como se me achasse num cinema." (Graciliano Ramos)

"*Está* cheio de gente aqui." (Dalton Trevisan)

Se ele não veio é porque está doente.

✔ O verbo *ser*, impessoal, concorda, excepcionalmente, na 3ª pessoa do plural, em frases como:

Eram 25 de março de 1960.

São duas horas da tarde.

Daqui à cidade *são* dez quilômetros.

• *chover, ventar, nevar, gear, relampejar, amanhecer, anoitecer* e outros que exprimem fenômenos meteorológicos. Exemplos:

Chovia torrencialmente.

Ventou muito durante a noite.

Anoiteceu rapidamente.

Nevou no Sul do país.

Usados em sentido figurado, esses verbos têm sujeito e deixam de ser impessoais. Exemplos:

O orador *trovejava* ameaças.

"*Coruscou* um relâmpago de duzentas baionetas." (EUCLIDES DA CUNHA)

"Aí lhe *amanheceram* dias de perfeita ventura." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"*Choviam* sobre a cidadela os projéteis da artilharia francesa." (EDUARDO PRADO)

"*Anoiteci*. Sou treva só." (MÁRIO DA SILVA BRITO)

2 PREDICADO

Há três tipos de predicado: *nominal, verbal* e *verbo-nominal*.

▪ Predicado nominal

Seu núcleo significativo é um nome (substantivo, adjetivo, pronome), ligado ao sujeito por um verbo de ligação. Exemplo:

As moças	*eram*	*encantadoras*
sujeito	verbo de ligação	predicativo do sujeito
	predicado nominal	

Outros exemplos de predicado nominal:

A Terra *é um planeta*. Minha mãe *ficou feliz*.

A ilha *está deserta*. Os atletas *pareciam cansados*.

O espião *é aquele*. O tempo *continua chuvoso*.

O núcleo do predicado nominal chama-se *predicativo do sujeito*, porque atribui ao sujeito uma qualidade ou característica.

Os verbos de ligação (ser, estar, parecer, etc.) funcionam como um elo entre o sujeito e o predicado.

Mais adiante, estudaremos o predicativo e os verbos de ligação com mais profundidade.

▪ Predicado verbal

Seu núcleo é um verbo, seguido, ou não, de complemento(s) ou termos acessórios. Pode ter uma das seguintes estruturas básicas:

a)

sujeito	predicado verbal
Os pessegueiros	**floresceram**.
	↑ verbo intransitivo

Verbo intransitivo é o que tem sentido completo, não precisa de complemento para formar o predicado.

b)

sujeito	predicado verbal	
A família	**chamou**	o médico.
	↑ verbo transitivo direto	↑ objeto direto

Verbo transitivo direto é o que não tem significação completa, precisa de um complemento para inteirar a informação. Esse complemento denomina-se *objeto direto*.

c) sujeito — predicado verbal

Os jovens — **gostam** — de aventuras.

↑ verbo transitivo indireto — ↑ objeto indireto

Verbo transitivo indireto é o que pede um complemento regido de preposição. Esse complemento denomina-se *objeto indireto*.

d) sujeito — predicado verbal

O pintor — **ofereceu** — o quadro — a um amigo.

↑ verbo transitivo direto e indireto — ↑ objeto direto — ↑ objeto indireto

Verbo transitivo direto e indireto é o que se constrói com dois complementos (objeto direto + objeto indireto).

▪ Predicado verbo-nominal

Tem dois núcleos significativos: um verbo e um nome. Pode ser organizado:

a) com verbo intransitivo + predicativo do sujeito:

O soldado **voltou ferido**. [O soldado *voltou* e estava *ferido*.]

b) com verbo transitivo direto + predicativo do sujeito:

O réu **deixou** a sala **abatido**. [O réu *deixou* a sala e estava *abatido*.]

c) com verbo transitivo indireto + predicativo do sujeito:

Eu **assisti** à cena **revoltado**. [Eu *assisti* à cena e estava *revoltado*.]

d) com verbo transitivo direto + predicativo do objeto:

Eu **acho** Denise **bonita**.

O termo *bonita* refere-se ao objeto direto (Denise): é *predicativo do objeto*.

Todos esses tipos de predicado podem ter suas estruturas ampliadas por termos acessórios. Exemplos:

Minha mãe ficou muito feliz com a notícia.

Os pessegueiros floresceram no mês passado.

A família chamou o médico imediatamente.

O pintor ofereceu um belo quadro a um amigo de Campinas.

O soldado voltou da guerra gravemente ferido.

Eu acho Denise, aeromoça da Varig, muito bonita.

Como vemos dos exemplos acima, o verbo é indispensável para a formação do predicado, sendo, quase sempre, o elemento essencial da declaração.

Entretanto, é muito comum a elipse (ou omissão) do verbo, quando este puder ser facilmente subentendido, em geral por estar expresso ou implícito na oração anterior. Exemplos:

"A fraqueza de Pilatos é enorme, a ferocidade dos algozes inexcedível." (MACHADO DE ASSIS) [Está subentendido o verbo *é* depois de *algozes*.]

"Mas o sal está no Norte, o peixe, no Sul." (PAULO MOREIRA DA SILVA) [Subentende-se o verbo *está* depois de *peixe*.]

"A cidade parecia mais alegre; o povo, mais contente." (POVINA CAVALCÂNTI) [Isto é: o povo *parecia* mais contente.]

"Vamos jogar, só nós dois? Você chuta para mim e eu para você." (ANTÔNIO OLINTO) [Está elíptico o verbo *chuto* depois do pronome *eu*.]

A mesa era farta e as iguarias, finas. [Está oculto o verbo *eram* depois do sujeito *iguarias*.]

"– Quando poderei voltar? perguntou Simão.

– Em poucos dias, salvo se as cousas se complicarem." (MACHADO DE ASSIS) [Isto é: *Poderá voltar* em poucos dias...]

EXERCÍCIOS LISTA 37

1. Transcreva somente as frases nominais, isto é, as que se apresentam sem o verbo.

"Ruído de chave na porta, passos leves no corredor." (JORGE AMADO)

Às margens dos rios nasceram muitas cidades brasileiras.

"Ninguém na rua, nesta noite chuvosa." (JOSÉ CONDÉ)

"Faltavam apenas onze dias para o carnaval." (JOSÉ CONDÉ)

2. Classifique as frases quanto ao sentido, conforme se fez na pág. 320:

a) "Um bonito lampião iluminava a varanda." (POVINA CAVALCÂNTI)

b) "Que gentil que estava a espanhola!" (MACHADO DE ASSIS)

c) "O marquês desobedece às ordens de el-rei?" (REBELO DA SILVA)

d) "Filho de Araquém, deita-te na porta da cabana e nunca mais te levantes da terra." (JOSÉ DE ALENCAR)

e) "Quem me dera ser como Casimiro Lopes!" (GRACILIANO RAMOS)

f) "Maldito seja quem arme ciladas no seu caminho!" (DOMINGOS CARVALHO DA SILVA)

3. Transcreva os períodos abaixo antepondo **S** ao período simples e **C** ao composto:

No calor da tarde, Sultão cerra os olhos e dorme.

Elias jamais levou a mulher a um teatro ou a uma sala de concertos.

4. Copie as frases; sublinhe os sujeitos:

a) "Nenhum governo é bom para os homens maus." (MARQUÊS DE MARICÁ)

b) "Tudo passa sobre a terra." (JOSÉ DE ALENCAR)

c) Depois da abdicação do Imperador, em 7 de abril de 1831, nosso país entrou em grande agitação.

d) "Poti e seus guerreiros o acompanharam." (JOSÉ DE ALENCAR)

e) "De repente, entre os ramos das árvores, seus olhos viram sentada, à porta da cabana, Iracema..." (JOSÉ DE ALENCAR)

f) No ano centenário da fundação de nossa cidade, realizaram-se grandes obras.

g) "Nenhum respeito lhes inspiram os cabelos brancos." (CARLOS DE LAET)

h) "Ninguém se fie da felicidade presente." (MACHADO DE ASSIS)

i) "As virtudes são econômicas, mas os vícios, dispendiosos." (MARQUÊS DE MARICÁ)

j) "O dia descobre a terra, a noite descortina os céus." (MARQUÊS DE MARICÁ)

k) "Para onde vai a minha vida, e quem a leva?" (FERNANDO PESSOA)

5. Transcreva as frases; em seguida sublinhe com um traço os núcleos dos sujeitos e com dois os dos predicados.

a) As araras de cores vistosas posavam para os turistas.

b) No inverno as noites são mais longas.

c) Ao longo da praia sucediam-se hotéis, restaurantes, casas luxuosas.

d) As geadas e as secas deixam os lavradores preocupados.

e) À noite, Anselmo voltou para casa exausto.

f) A voz do orador era bonita, mas suas palavras soavam ocas.

g) Furioso, o pasteleiro chinês correu atrás do ladrão.

6. Separe o sujeito do predicado e ponha **S** sobre o primeiro e **P** sobre o segundo:

a) "Perfilam-se corretos seus ilustres batalhadores." (CARLOS DE LAET)

b) Àquela hora ainda não tinham sido acesas as luzes da cidade.

c) Ouviu-se por toda a sala um oh! de decepção.

d) "O patear cadente dos cavalos fazia um ruído cavo na terra empapada pela chuva." (CAMILO CASTELO BRANCO)

e) "Difundia-se nos ares o coro da primeira reza." (EUCLIDES DA CUNHA)

f) Súbito ruflar de asas veio quebrar o solene silêncio da mata.

g) "Na esplanada do Museu alongavam-se cada vez mais sobre as lajes as sombras das estátuas de pedra de mandarins d'antanho." (ÉRICO VERÍSSIMO)

h) "Ouvia-se o matraquear de máquinas de escrever." (ÉRICO VERÍSSIMO)

i) "Saltaram do moderníssimo carro de corrida uma garota e um rapaz." (MARIA DE LOURDES TEIXEIRA)

j) "Por florestas, por vales, por montanhas, serpenteia espumante o Paraíba." (RAIMUNDO CORREIA)

7. Classifique o sujeito das seguintes orações:

Exemplo:

Eu fiz o teste.

Eu: simples, expresso, agente.

a) "Queres tu abandonar teu esposo?" (José de Alencar)

b) As doenças e as guerras ceifam milhares de vidas.

c) "Agora só buscas as praias ardentes." (José de Alencar)

d) Garantir-se-ão os direitos dos cidadãos. [garantir-se-ão = serão garantidos]

e) No colégio ensinaram-me o bom caminho.

f) Aprendem-se muitas coisas com a força de vontade.

g) Não se progride sem esforço.

h) O aqualouco atirou-se do trampolim.

8. Escreva as orações antepondo o predicado ao sujeito:

a) A generosidade cabe aos vitoriosos.

b) Pratos saborosos já fumegavam sobre a grande mesa.

c) O movimento de pedestres pouco a pouco vai diminuindo nas ruas.

d) As plantações, vastas e belas, ali estavam como prova do seu esforço.

e) A rapidez e a agilidade dos esgrimistas eram impressionantes.

f) O ouro negro vai jorrar das entranhas da terra até quando?

9. Escreva as orações abaixo, numerando-as de acordo com a seguinte classificação:

(1) Orações sem sujeito

(2) Orações com sujeito indeterminado

(3) Orações com sujeito oculto

Júlio, no clube falaram mal de você.

Embaixo da árvore havia pedras espalhadas.

Apertamo-nos as mãos amigavelmente.

Não faz muito tempo, houve ali um motim.

Naquela cidadezinha da Espanha, uma vez por ano, soltam um touro na rua.

Trabalha-se de dia, descansa-se à noite.

No trabalho, use equipamento de proteção.

10. Copie a frases e sublinhe os verbos impessoais, orientando-se pelo item **"Orações sem sujeito"**.

a) "Havia muitos anos que não vinha ao Rio." (Aníbal Machado)

b) Fazia frio e ventava muito.

c) Faz duas semanas que cheguei.

d) Aqui, quando chove, não se sai de casa.

e) Houve ataques em que choveram balas e granadas.

f) Era uma bela tarde de maio; as lojas da pequena cidade já haviam cerrado as portas.

g) "Ia fechar a janela próxima, se havia alguma brisa, ou abri-la, se estava calor." (MACHADO DE ASSIS)

h) "Quando os encontrava na rua, era como se não os conhecesse." (ARTUR AZEVEDO)

i) "Pois ninguém deixa de bater, se sabe que tem gente do outro lado." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

j) "Vislumbrou o despertador de mostrador cintilante: passava das quatro horas da manhã." (JOSÉ FONSECA FERNANDES)

11. Transcreva as frases abaixo; sublinhe e numere os predicados de acordo com sua classificação:

(1) **nominal** (2) **verbal** (3) **verbo-nominal**

Soa um toque áspero de trompa.

Os estudantes saem das aulas cansados.

"A distância alimenta o sonho." (ANÍBAL MACHADO)

"Eram sólidos e bons os móveis." (MACHADO DE ASSIS)

Toda aquela dedicação deixava-o insensível.

"Um oficial militar caíra ferido." (CAMILO CASTELO BRANCO)

Assistimos à cena estarrecidos.

No município paulista de Iporanga existem belíssimas grutas.

Devido às fortes chuvas, os rios estavam cheios.

12. Escreva orações que tenham as seguintes estruturas:

a) sujeito + verbo de ligação + predicativo do sujeito

b) sujeito + verbo transitivo direto + objeto direto

13. Reconheça os verbos elípticos:

a) "Os varões olhavam-no com respeito, alguns com inveja, não raros com incredulidade." (MACHADO DE ASSIS)

b) "É transparente o céu, liso o mar, calmo o espaço." (TEÓFILO DIAS)

c) Eles se orgulham de suas misérias como Antístenes de seus andrajos.

d) "O nosso amigo não pode, por enfermo, realizar sua preleção." (CARLOS DE LAET)

e) "Eu ensinarei dança, e tu piano e canto." (CAMILO CASTELO BRANCO)

f) "Três dias depois, amanhecera o piano engalanado de flores... e a casa preparada para a recepção dos pretendentes." (ANÍBAL MACHADO)

g) "Dona Eusébia vigiava-nos, mas pouco." (MACHADO DE ASSIS)

h) "Alguns colegas entenderam-me; outros não." (CARLOS DE LAET)

i) "Quando adolescente, estudante em Salvador, participei dos festejos da noite de São João." (POVINA CAVALCÂNTI)

j) "O céu, à tarde, cada vez se tornava mais vermelho, os ventos mais quentes, mais forte a claridade." (ADONIAS FILHO)

k) "Não fiz o artigo, a revista não saiu, a literatura francesa não perdeu nada com isso, a brasileira muito menos." (RUBEM BRAGA)

l) "No caminho encontrou um velho amigo e perguntou a ele aonde ia. Disse o amigo que ao céu." (MILLÔR FERNANDES)

14. Em "Ouviram do Ipiranga as margens plácidas/De um povo heroico o brado retumbante...", início do Hino Nacional brasileiro, o sujeito é:

a) oculto

b) indeterminado

c) as margens plácidas

d) um povo

15. Identifique a(s) alternativa(s) que apresenta(m) oração sem sujeito.

a) Em sua gestão, houve muitos conflitos entre índios e garimpeiros.

b) Choviam elogios de todos os lados.

c) Existem muitas pessoas feridas ainda sem socorro.

d) Nadavam lado a lado o americano e o árabe.

e) Naquela região do país, neva durante o inverno.

16. Escreva as orações transformando os predicados verbais em verbo-nominais.

Os jogadores viajaram.

Os jogadores viajaram confiantes.

a) O sol surgiu no horizonte.

b) Os professores entraram na sala.

c) Os alunos assistiram ao jogo.

d) Encontraram a filha de Adélia.

17. Se necessário, acrescente complementos aos verbos. Em seguida, classifique-os quanto à predicação.

a) As crianças já chegaram.

b) Para a festa traremos.

c) Os organizadores ofereceram.

d) Depois de uma conversa, lembrei-me.

e) Nossos antepassados sempre acreditaram.

f) As suas irmãs andam.

18. Escreva as orações de modo que passem a apresentar **sujeito paciente**.

a) O amor inundava seus corações.

b) Carlos dispensou o motorista.

c) Se não agirmos, as queimadas destruirão as florestas.

19. Lembrando-se de que as orações sem sujeito são construídas com verbos impessoais, sempre usados na terceira pessoa do singular, substitua os símbolos pelos verbos entre parênteses, nos tempos e pessoas adequados.

a) Durante os anos da guerra, ainda • quadros nas paredes da antiga mansão. (haver)

b) • algo estranho na aula passada? (haver)

c) Já • dois anos que moro nesta cidade. (fazer)

d) Onde • livros e revistas, ali poderíamos encontrar Júlio. (haver)

e) • primavera. O céu estava azul e o sol radioso. (ser)

20. Identifique a alternativa em que não aparece sujeito indeterminado.

a) Está muito frio hoje.

b) Vive-se bem nesta cidadezinha!

c) Durante as comemorações, trouxeram muitos brinquedos para os os garotos do orfanato.

d) Come-se bem neste restaurante.

e) Fala-se muito mal de estrangeiros por aqui, não?

3 PREDICAÇÃO VERBAL

Chama-se **predicação verbal** o modo pelo qual o verbo forma o predicado.

Há verbos que, por natureza, têm sentido completo, podendo, por si mesmos, constituir o predicado: são os verbos de *predicação completa*, denominados **intransitivos**. Exemplos:

As flores *murcharam*.

Os animais *correm*.

As folhas *caem*.

"Os inimigos dos Moreiras *rejubilaram*." (Graciliano Ramos)

"A mão *ardia* e o dedo *inchava*." (Luís Jardim)

"E *espocavam* gargalhadas no grupo..." (Aluísio Azevedo)

Outros verbos há, pelo contrário, que para integrar o predicado necessitam de outros termos: são os verbos de *predicação incompleta*, denominados **transitivos**. Exemplos:

João *puxou* a rede.

"Não *invejo* os ricos, nem *aspiro* à riqueza." (Otto Lara Resende)

"Não *simpatizava* com as pessoas investidas no poder." (Camilo Castelo Branco)

"*Julgava*-o um aluado." (Ciro dos Anjos)

Observe que, sem os seus complementos, os verbos *puxou, invejo, aspiro,* etc. não transmitiriam informação completa: puxou *o quê*? Não invejo *a quem*? Não aspiro *a quê*?

Os verbos de predicação completa denominam-se *intransitivos* e os de predicação incompleta, *transitivos*.

Os verbos transitivos subdividem-se em:

- transitivos diretos
- transitivos indiretos
- transitivos diretos e indiretos (bitransitivos)

Além dos verbos transitivos e intransitivos, que encerram uma noção definida, um conteúdo significativo, existem os *de ligação*, verbos que entram na formação do predicado nominal, relacionando o predicativo com seu sujeito, como adiante se verá.

4 CLASSIFICAÇÃO DOS VERBOS QUANTO À PREDICAÇÃO

Quanto à predicação, classificam-se, pois, os verbos em:

▪ Intransitivos

São os que não precisam de complemento, pois têm sentido completo. Exemplos:

"Três contos *bastavam*, insistiu ele." (MACHADO DE ASSIS)
"Os guerreiros tabajaras *dormem*." (JOSÉ DE ALENCAR)
"A pobreza e a preguiça *andam* sempre em companhia." (MARQUÊS DE MARICÁ)
"As sovas de meu pai *doíam* por muito tempo." (MACHADO DE ASSIS)
"*Fui* e *parei* diante dele." (MACHADO DE ASSIS)
"O padre *apareceu* e logo o burburinho *cessou*." (COELHO NETO)

Observações:

✔ Os verbos intransitivos podem vir acompanhados de um adjunto adverbial e mesmo de um predicativo (qualidade, característica):

Fui *cedo*.
Passeamos *pela cidade*.
Cheguei *atrasado*.
Entrei *em casa aborrecido*.

✔ As orações formadas com verbos intransitivos não podem "transitar" (= passar) para a voz passiva.

✔ Verbos intransitivos passam, ocasionalmente, a transitivos quando construídos com objeto direto ou indireto.

"Inutilmente a minha alma *o chora*!" (CABRAL DO NASCIMENTO)
"Depois me deitei e *dormi um sono pesado*." (LUÍS JARDIM)
"*Morrerás morte* vil da mão de um forte." (GONÇALVES DIAS)
"Inútil tentativa de *viajar o passado*, penetrar no mundo que já morreu..." (CIRO DOS ANJOS)
"Os olhos pestanejavam e *choravam lágrimas quentes*..." (GRACILIANO RAMOS)
"*Sorriu* para Holanda *um sorriso* ainda marcado de pavor." (VIANA MOOG)
"Tinha a testa enrugada, como quem *vivera vida* de contínuo pensar." (ALEXANDRE HERCULANO)
"Pouco dinheiro *basta ao homem* sóbrio e econômico." (AULETE)

✔ Alguns verbos essencialmente intransitivos: *anoitecer, crescer, brilhar, ir, agir, sair, nascer, latir, rir, tremer, brincar, chegar, vir, mentir, suar, adoecer*, etc.

▪ Transitivos diretos

São os que pedem um *objeto direto*, isto é, um complemento sem preposição.
Exemplos:

Comprei um terreno e *construí* a casa.

"Trabalho honesto *produz* riqueza honrada." (MARQUÊS DE MARICÁ)

"Então, solenemente Maria *acendia* a lâmpada de sábado." (GUEDES DE AMORIM)

"As poucas vezes que o *visitei* foi por motivo de doença dele." (MÁRIO DE ALENCAR)

"Simão Bacamarte não o *contrariou*." (MACHADO DE ASSIS)

Dentre os verbos transitivos diretos merecem destaque os que formam o predicado verbo-nominal e se constroem com um complemento acompanhado de predicativo, como vimos no capítulo anterior. Exemplos:

Consideramos o caso extraordinário.

Inês *trazia* as mãos sempre limpas.

Julgo Marcelo incapaz disso.

O povo *chamava*-os de anarquistas.

"Deus vos *fez* padre e bispo." (CARLOS DE LAET)

"Ele *achou* estranho o cerimonial." (ÉRICO VERÍSSIMO)

"Todos a *tratam* por madame." (VIVALDO COARACI)

"Já outro dia, *encontrei*-a muito prevenida." (CIRO DOS ANJOS)

Pertencem a esse grupo:

julgar, chamar, nomear, eleger, proclamar, designar, considerar, declarar, adotar, ter, fazer, tornar, encontrar, deixar, ver, coroar, sagrar, achar, etc.

Observações:

✔ Os verbos transitivos diretos, em geral, podem ser usados também na voz passiva.

✔ Outra característica desses verbos é a de poderem receber, como objeto direto, os pronomes **o, a, os, as**: *convido-o, encontro-os, incomodo-a, conheço-as.*

✔ Verbos transitivos diretos podem ser construídos, acidentalmente, com preposição, a qual lhes acrescenta novo matiz semântico: *arrancar da espada; puxar da faca; pegar de uma ferramenta; tomar do lápis; cumprir com o dever.*

✔ Alguns verbos transitivos diretos: *abençoar, achar, acolher, avisar, abraçar, comprar, castigar, contrariar, convidar, desculpar, dizer, estimar, elogiar, entristecer, encontrar, ferir, imitar, levar, perseguir, prejudicar, receber, saudar, socorrer, ter, unir, ver,* etc.

▪ Transitivos indiretos

São os que reclamam um complemento regido de preposição, chamado *objeto indireto*.
Exemplos:

"Ninguém *perdoa* ao quarentão que *se apaixona* por uma adolescente." (CIRO DOS ANJOS)

"Populares *assistiam* à cena aparentemente apáticos e neutros." (ÉRICO VERÍSSIMO)

"Lúcio não *atinava* com essa mudança instantânea." (JOSÉ AMÉRICO)

"Do que eu mais *gostava* era do tempo do retiro espiritual." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

"Não *sucedesse* a morte à vida!" (CABRAL DO NASCIMENTO)

"*Desinteressa-se* totalmente de você." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

"Dr. Leandro *proverá* a tudo." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

"Nem nos sonhos cheguei a *aspirar* a tal emprego." (CIRO DOS ANJOS)

"As coisas *obedeciam* ao seu tempo regular." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"Quem ouvir pensará que estou *atirando* aos nhambus, claro." (GUIMARÃES ROSA)

"*Ansiava* pelo novo dia que vinha nascendo." (FERNANDO SABINO)

"O luxo *contribuiu* para a sua ruína." (AULETE)

"O ator não teria dinheiro para lhe *pagar*." (FERNANDO NAMORA)

"*Sucedi*-lhe no cargo de diretor do Arquivo Histórico..." (CIRO DOS ANJOS)

"Aqui tem já Vossa Excelência três pessoas que lhe *querem* muito." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Não acreditava que Deus lhe *houvesse perdoado* enquanto lhe não restituísse o filho." (CAMILO CASTELO BRANCO)

Entre os verbos transitivos indiretos importa distinguir:

a) Os que se constroem com os pronomes objetivos *lhe, lhes*. Em geral, são verbos que exigem a preposição **a**: *agradar-lhe, agradeço-lhe, apraz-lhe, bate-lhe, desagrada-lhe, desobedecem-lhe, interessa-lhe, obedece-lhe, paga-lhe, perdoo-lhe, quero-lhe* (= *quero-lhe bem*), *resiste-lhe, repugna-lhe, sucede-lhe, valeu-lhe*, etc.

b) Os que não admitem para objeto indireto as formas oblíquas *lhe, lhes*, construindo-se com os pronomes retos precedidos de preposição: *aludir a ele, anuir a ele, assistir a ela, atentar nele, depender dele, investir contra ele, não ligar para ele, recorrer a ele, simpatizar com ele*, etc.

Principais verbos transitivos indiretos:

abusar (de)	cuidar (de)	obedecer (a)
aludir (a)	cogitar (em, de)	obstar (a)
assistir (a)	conspirar (contra)	pagar (a)
anuir (a)	carecer (de)	perdoar (a)
aspirar (a)	crer (em)	presidir (a)
aprazer (a)	confiar (em)	precisar (de)
ansiar (por)	contribuir (para)	querer (a)
atentar (em)	gostar (de)	recorrer (a)
agradar (a)	interessar (a)	repugnar (a)
atirar (a, em, contra)	investir (contra, com)	resistir (a)
bater (em) [= espancar]	lutar (contra)	valer (a)
contentar-se (com, de, em)	lembrar-se (de)	zombar (de)

Observações:

✔ Em princípio, verbos transitivos indiretos não comportam a forma passiva. Excetuam-se *pagar, perdoar, obedecer*, e poucos mais, usados também como transitivos diretos:

João paga (perdoa, obedece) o médico. → *O médico é pago (perdoado, obedecido) por João.*

✔ Há verbos transitivos indiretos, como *atirar, investir, contentar-se*, etc., que admitem mais de uma preposição, sem mudança de sentido. Outros mudam de sentido com a troca da preposição, como nestes exemplos:

Trate de sua vida. [*tratar* = cuidar]

É desagradável *tratar com* gente grosseira. [*tratar* = lidar]

✔ Verbos como *aspirar, assistir, dispor, servir*, etc. variam de significação conforme sejam usados como transitivos diretos ou indiretos. Exemplo: *aspirar* o perfume (absorver), *aspirar* a um cargo (desejar).

▪ Transitivos diretos e indiretos

São os que se usam com *dois objetos*: um direto, outro indireto, concomitantemente. Exemplos:

No inverno, Dona Cleia *dava* roupa aos pobres.

A empresa *fornece* comida aos trabalhadores.

Oferecemos flores à noiva.

Ceda o lugar aos mais velhos.

Perdoa-lhe tudo. [= *perdoa* tudo a ele]

"A sua intuição *preveniu*-a de uma desgraça." (Fernando Namora)

"*Causou*-me dó a morte do avô." (Luís Jardim) [*Causou* dó a mim...]

"*Ensinamos* técnicas agrícolas aos camponeses." (Érico Veríssimo)

"Era o que eu faria, se ela me *preferisse* a você." (A. Olavo Pereira)

"*Expliquei* isso a ele, disse adeus e fui andando." (José J. Veiga)

"O século XX *familiarizou* o homem com a máquina." (Aurélio)

Principais verbos transitivos diretos e indiretos (bitransitivos):

atirar, atribuir, dar, doar, ceder, apresentar, ofertar, oferecer, pedir, prometer, explicar, ensinar, proporcionar, perdoar, pagar, preferir, devolver, chamar, entregar, perguntar, informar, aconselhar, propor, prevenir, relatar, narrar.

▪ De ligação

Os que ligam ao sujeito uma palavra ou expressão chamada *predicativo*. Esses verbos, como já vimos, entram na formação do predicado nominal. Exemplos:

A Terra *é* móvel.

A água *está* fria.

O moço *anda* (= está) triste.

Mário *encontra-se* doente.

A lua *parecia* um disco.

As crianças *tornam-se* rebeldes.

A crisálida *vira* borboleta.

Pedro *fez-se* lívido.

O dia *continuava* chuvoso.

Ele *permaneceu* sentado.

João *ficou* zangado.

O fato *pareceu-lhe* estranho.

A Lua *ia* (= estava) alta.

Minha proposta *saiu* vitoriosa.

A operação *resultou* inútil.[1]

As matrículas *acham-se* abertas.

Observações:

✔ Os verbos de ligação não servem apenas de nexo, mas exprimem ainda os diversos aspectos sob os quais se considera a qualidade atribuída ao sujeito. O verbo *ser*, por exemplo, traduz aspecto permanente e o verbo *estar*, aspecto transitório:

Ele *é* doente. → aspecto permanente

Ele *está* doente. → aspecto transitório

✔ Muitos desses verbos passam à categoria dos intransitivos em frases como:

Era (= existia) uma vez uma princesa.

Eu não *estava* em casa.

Fiquei à sombra. *Anda* com dificuldades. *Parece* que vai chover.

Os verbos, relativamente à predicação, não têm classificação fixa, imutável. Conforme a regência e o sentido que apresentam na frase, podem pertencer ora a um grupo, ora a outro. Assim:

O homem *anda*. *(intransitivo)*

O homem *anda* triste. *(de ligação)*

O cego não *vê*. *(intransitivo)*

O cego não *vê* o obstáculo. *(transitivo direto)*

Deram 12 horas. *(intransitivo)*

A terra *dá* bons frutos. *(transitivo direto)*

Não *dei* com a chave do enigma. *(transitivo indireto)*

Os pais *dão* conselhos aos filhos. *(transitivo direto e indireto)*

▪ Verbos vicários

Verbos **vicários** são os que substituem outro verbo, na mesma frase, e que se empregam para evitar a repetição do que foi expresso antes. Usam-se como vicários os verbos *ser* e *fazer*. Exemplos:

Se a professora reclama *é* porque não a respeitam. [*é* = reclama]

O pouco que aprendi *foi* com meu velho pai. [*foi* = aprendi]

Visita seu mestre todos os anos e *o faz* como quem cumpre um ritual. [*o faz* = visita seu mestre]

As moças desfilavam, uma a uma, diante de nós, e *o faziam* com naturalidade e graça. [*o faziam* = desfilavam]

(1) Não faltam, em escritores modernos, exemplos do verbo *resultar* usado com predicativo: "Que importava que o convívio humano aparentemente *resultasse inútil*?" (FERNANDO NAMORA, *O Homem Disfarçado*, p. 39).

EXERCÍCIOS LISTA 38

1. Reorganize as duas colunas fazendo a correspondência correta da predicação dos verbos:

O animal **obedece** a seus instintos.	intransitivo
Os metais **são** úteis.	transitivo direto
As crianças **gritavam**.	transitivo indireto
Chamei um técnico.	transitivo direto e indireto
Daremos o prêmio ao vencedor.	de ligação

2. Escreva as orações, antepondo (**a**) ou (**b**), conforme ocorrer verbo intransitivo ou transitivo direto:

Abri a caixa com cuidado.

O egoísmo **cerra** o coração.

O paraquedas não **abriu**.

O eco **repercutiu** ao longe.

3. Copie apenas a oração cujo verbo é transitivo indireto:

Passavam mulheres e crianças em direção ao rio.

Dentro das gaiolas, macaquinhos salientes **provocavam** risos.

Poucos **resistem** à pressão da publicidade comercial.

4. Numere as orações abaixo de acordo com a tabela, atendendo à predicação dos verbos:

(1) intransitivo

(2) transitivo direto

(3) transitivo indireto

(4) transitivo direto e indireto

(5) de ligação

As orquídeas **gostam** de ambientes úmidos e quentes.

Crianças morenas de olhos sonhadores **brincavam** nas calçadas.

O desfile das escolas de samba **foi** um espetáculo deslumbrante.

A televisão **deve** às crianças programações mais ricas e educativas.

No centro da praça um fabuloso baobá **atraiu** nossa atenção.

5. No período "Ivone **andava** depressa, **parecia** preocupada e não **respondia** às minhas perguntas", os verbos são, pela ordem:

a) transitivo direto – de ligação – transitivo indireto

b) intransitivo – de ligação – transitivo indireto

c) de ligação – intransitivo – transitivo direto e indireto

6. Transcreva somente as orações em que NÃO há erro quanto à classificação do verbo:

Ela participou de uma série de festivais. (transitivo indireto)

Neide apresentou-me a seus pais. (transitivo direto e indireto)

A costureira pagou a conta? (transitivo direto)

Pagou a conta à costureira? (transitivo direto e indireto)

As feras rugiam em suas jaulas. (transitivo indireto)

Estrondavam trovões a cada instante. (intransitivo)

Meus prognósticos estariam certos? (de ligação)

O pânico apoderou-se de nós. (transitivo indireto)

7. Escreva as orações na ordem inversa (predicado antes do sujeito); em seguida, responda:

a) Os gêneros alimentícios encarecem dia a dia.

b) A produção de cana-de-açúcar cresceu muito?

c) Artistas e personalidades famosas dançaram ao som da orquestra.

d) Uma brisa suave soprava do lado do mar.

e) Todos os vossos mirabolantes planos cairão por terra como castelos de areia.

Todos os verbos deste exercício são intransitivos ou transitivos?

8. Substitua os asteriscos por complementos adequados aos verbos transitivos indiretos:

Os pais preocupam-se *****.

Assistimos, maravilhados, *****.

Em nosso encontro, Samuel aludiu *****.

Muitos trabalhadores não aderiram *****.

Emilio apaixonou-se *****.

9. Classifique os verbos quanto à predicação:

a) A secretária ficou indecisa: comunicaria, ou não, o fato ao diretor?

b) A Horácio não interessavam tais conversas, embora não fossem totalmente fúteis.

c) Dei condução à professora, com a qual, aliás, eu simpatizava muito.

d) Aspirávamos ao título de pentacampeões e julgávamos fácil a vitória.

e) "Marcela ofereceu-me polidamente o refresco." (Machado de Assis)

f) "Não estou doente, minha filha. A palidez é a minha cor natural." (Camilo Castelo Branco)

g) "Ansiava pelo novo dia que vinha nascendo." (Fernando Sabino)

h) "Abriu a porta e aspirou o ar." (Dalton Trevisan)

i) "Mencionarei também aqueles a quem Loiola chamava *cometas*." (Herman Lima)

j) "E sorriu um sorriso cheio de doçura e de satisfação." (Jorge Amado)

10. Releia o parágrafo sobre **verbos vicários** e, em seguida, invente frases com os verbos **ser** e **fazer**.

5 PREDICATIVO

Há o predicativo do sujeito e o predicativo do objeto.

▪ Predicativo do sujeito

É o termo que exprime um atributo, um estado ou modo de ser do sujeito, ao qual se prende por um verbo de ligação, no predicado nominal. Exemplos:

sujeito	**verbo de ligação**	**predicativo do sujeito**
A bandeira	é	o símbolo da Pátria.
A mesa	era	de mármore.
O mar	estava	agitado.
A ilha	parecia	um monstro.
Todos	andam [= estão]	apreensivos.
Eu	não sou	ele.
Os premiados	foram	dois.
As crianças	estavam	com fome.
A árvore	ficou	sem folhas.
A tentativa	resultou	inútil.
Eles	devem ser	irmãos.
As águas	podiam estar	poluídas.
O portão	permanecerá	fechado.
A vida	tornou-se	insuportável.

Além desse tipo de predicativo, existe outro que entra na constituição do predicado verbo-nominal. Exemplos:

O trem chegou *atrasado*. [= O trem chegou *e estava atrasado*.]

O menino abriu a porta *ansioso*.

Todos partiram *alegres*.

Marta entrou *séria*.

O professor sorriu *satisfeito*.

O prisioneiro foi encontrado *morto*.

O soldado foi julgado *incapaz*.

Ele será eleito *presidente*.

Ele é tido por *sábio*.

O cosmonauta foi aclamado como *herói*.

Lembro-me dela *com saudade*. [= Lembro-me dela *saudoso*.]

Observações:

✔ O predicativo subjetivo às vezes está preposicionado.

✔ Pode o predicativo preceder o sujeito e até mesmo o verbo:

São *horríveis* essas coisas!

Que *linda* estava Amélia!

Completamente *feliz* ninguém é.

Raros são os verdadeiros líderes.

Quem são esses homens?

Lentos e *tristes*, os retirantes iam passando.

Novo ainda, eu não entendia certas coisas.

Onde está a criança *que* fui?

▪ Predicativo do objeto

É o termo que se refere ao objeto de um verbo transitivo. Exemplos:

sujeito	verbo e objeto	predicativo do objeto
O juiz	declarou o réu	inocente.
O povo	elegeu-o	deputado.
As paixões	tornam os homens	cegos.
Nós	julgamos o fato	milagroso.
Os presos	tinham os pés	inchados.
Ela	adotou-o	por filho.
Muitos	consideram-no	(como) um sábio.
Alguns	chamam-no	(de) impostor.
Os inimigos	chamam-lhe	(de) traidor.
As batalhas	sagraram-no	herói.
A doença	deixou-me	sem apetite.
A mãe	viu-o	desanimado.
Silvinho	acha-se	um gênio.

Observações:

✔ O predicativo objetivo, como vemos dos exemplos acima, às vezes vem regido de preposição. Esta, em certos casos, é facultativa.

✔ O predicativo objetivo geralmente se refere ao objeto direto. Excepcionalmente, pode referir-se ao objeto indireto do verbo *chamar*: *Chamavam-lhe poeta*.

✔ Podemos antepor o predicativo a seu objeto:

O advogado considerava *indiscutíveis* os direitos da herdeira.

Julgo *inoportuna* essa viagem.

"E até *embriagado* o vi muitas vezes." (Camilo Castelo Branco)

"Tinha *estendida* a seus pés uma planta rústica da cidade." (Érico Veríssimo)

"Sentia ainda muito *abertos* os ferimentos que aquele choque com o mundo me causara." (Lima Barreto)

EXERCÍCIOS LISTA 39

1. Transcreva os períodos em seu caderno e sublinhe com um traço os predicativos do sujeito:

a) A noite era serena.

b) Estavam roxos os olhos da criança.

c) A atriz permaneceu sentada e parecia abatida.

d) O gato de porcelana virou um monte de cacos.

e) A chuva continuava forte e as ruas ficaram alagadas e intransitáveis.

f) Uns partem tristes, outros chegam alegres.

g) Meu tio foi nomeado embaixador.

h) Ando desconfiado, esse homem parece um espião.

i) Uns saíram prejudicados, outros acabaram pobres.

j) "Que passassem! Livre estava o trânsito para a direita." (ANÍBAL MACHADO)

k) A situação foi considerada pelo governador como gravíssima.

l) Afável e comunicativo, o técnico chegou a brincar com os repórteres que o procuraram.

2. Copie as frases; em cada uma há mais de um predicativo do sujeito. Sublinhe-os:

a) Belém hoje é um grande porto e centro comercial.

b) A terra é fértil, os rios piscosos e abundante a caça.

c) Sentada estava e sentada ficaria até que o filho retornasse.

d) A chuva refrescou o ar, a noite cai leve e serena.

e) Tudo isso que você me diz é inaudito, absurdo, insensato.

f) Sílvio levantou-se rápido, abriu a porta e estacou surpreso.

g) Devido à sua grande popularidade, a vida do artista tornou-se agitada, cansativa, insuportável.

3. Escreva as frases colocando o predicativo do sujeito em três posições diferentes, como no exemplo:

O coração de Nosso Senhor é **misericordiosíssimo**.

É **misericordiosíssimo** o coração de Nosso Senhor.

Misericordiosíssimo é o coração de Nosso Senhor.

a) Os verdadeiros líderes são **raros**.

b) O sertanejo que tangia as reses era **magro e de rosto duro**.

c) Aquela selva era **tão cerrada e hostil** que ninguém ousava penetrá-la.

4. Troque a expressão em destaque pelo predicativo do sujeito, como no exemplo:

Marta reviu **com emoção** a casa em que nascera.

Marta reviu **emocionada** a casa em que nascera.

a) Teresa me escutou **com atenção**, mas acabou rindo-se de meus conselhos.

b) Os policiais avançaram **com cautela** por entre arbustos e pedras.

c) As duas meninas bateram à porta **com impaciência**, gritando pela empregada.

d) Vilma olhou **com tristeza** para a mãe e sentiu uma vontade enorme de abraçá-la.

5. Transcreva as frases, sublinhando com um traço os predicativos do objeto:

a) "Os vencidos julgaram mais decoroso o silêncio." (MACHADO DE ASSIS)

b) "Olhou para as suas terras e viu-as incultas e maninhas." (CARLOS DE LAET)

c) O juiz deu por terminada a audiência e foi para outra sala.

d) "Meus progressos na escola faziam-me vaidoso." (POVINA CAVALCÂNTI)

e) Receava que o tomassem por malfeitor.

f) "Sempre os imaginei como ingênuas crianças." (OSMAN LINS)

g) Aquelas barbaridades punham-me fremente de cólera.

h) Acho indiscutíveis os teus direitos.

i) "Deram-me como bastante conhecedora da língua." (CAMILO CASTELO BRANCO)

j) "A Heródoto chamam o pai da História." (JOÃO RIBEIRO)

6. Copie as frases; sublinhe com um traço os predicativos do sujeito e com dois os predicativos do objeto:

a) A prosperidade fê-lo orgulhoso.

b) Passada a tempestade, o lugarejo reapareceu calmo, lavado.

c) Tenho a notícia por inverídica.

d) Tinham como inevitável a morte do refém.

e) Julgaram-no incapaz de exercer o cargo.

f) O rapaz ficou imóvel na poltrona, fingindo-se doente.

g) A rica viúva o adotou por filho.

h) O avarento tem o ouro por seu deus.

i) "Em toda parte andava acesa a guerra." (LUÍS DE CAMÕES)

j) O tempo ia sereno posto que frio." (ALEXANDRE HERCULANO)

k) "Não te vá iludir essa alegria, que é tão dos outros e tão pouco tua." (OLEGÁRIO MARIANO)

l) "A pequena cultura de chá torna alegre outra vez a terra abandonada." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

m) "Apagaremos tudo, só ficarão acesas as velas." (LÍGIA FAGUNDES TELLES)

n) "Só esperamos que eles não tenham trazido escondidos hipopótamos, gorilas, hienas, nem tigres e leões que vivem nas suas imensas florestas." (*JORNAL DO BRASIL*, 22/6/1974)

o) As adolescentes surgiram lindas, em seus vestidos vaporosos.

7. Como o exercício precedente:

a) Nunca o vi triste.

b) César foi aclamado imperador.

c) Encontrei a sala desarrumada.

d) "Esse canto é de dor ou de alegria?" (OLEGÁRIO MARIANO)

e) A imaginação torna presentes os dias passados.

f) "O que fazia engraçadíssima Carlota eram as espessas sobrancelhas." (CAMILO CASTELO BRANCO)

g) "Fiquei desconsolado com esta reflexão, chamei-me pródigo." (MACHADO DE ASSIS)

h) Fina e persistente, a chuva caía sobre a cidade triste.

i) "A terra despertava triste." (EUCLIDES DA CUNHA)

j) "Descubra as reservas de bravura que você há de ter escondidas." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

k) "Bons ou maus, esses homens são nossos aliados." (ÉRICO VERÍSSIMO)

l) "Como eram gostosas as pitombas, que eu preferia verdosas, porque eram carnudas." (POVINA CAVALCÂNTI)

m) "Enorme e brilhante, erguia-se sobre os homens a cruz de ouro." (LUÍS HENRIQUE TAVARES)

n) O homem não pode aceitar como suas as regras da máquina.

o) "As mulheres o achavam um homem fascinante." (RUBEM FONSECA)

p) O cliente acusou o advogado de omisso e incompetente.

8. Faça concordar os predicativos com os respectivos objetos diretos:

a) Vi **ancorado** na baía os navios petrolíferos.

b) A luz jorrou forte e tornou **visível** os quadros das paredes.

c) Ele manteve **estendido** sobre a mesa a planta do prédio.

d) O cineasta já tem quase **pronto** seus dois novos filmes.

e) Os invasores retiraram-se, deixando **gravado** nos muros palavras insultuosas.

TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO
Exercícios de exames e concursos
[Página 683]

TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO

Chamam-se **termos integrantes da oração** os que completam a significação transitiva dos verbos e nomes. *Integram* (inteiram, completam) o sentido da oração, sendo por isso indispensáveis à compreensão do enunciado.

São os seguintes:

a) complementos verbais: objeto direto e objeto indireto

b) complemento nominal

c) agente da passiva

1 OBJETO DIRETO

Objetivo direto é o complemento dos verbos de predicação incompleta, não regido, normalmente, de preposição. Exemplos:

As plantas purificam **o ar**.

"Nunca mais ele arpoara **um peixe-boi**." (Ferreira de Castro)

Procurei **o livro**, mas não **o** encontrei.

Ninguém **me** visitou.

Esta é a casa **que** eu vendi.

Houve **grandes festejos**.

Tia Mirtes já não sentia **dor nem cansaço**.

O povo aclamou **o imperador e a imperatriz**.

"Mendonça cumprimentou-**as** respeitosamente." (Machado de Assis)

"Tão leve estou que já nem **sombra** tenho." (Mário Quintana)

"**Lembranças** havia que eram úlceras incuráveis da memória." (Érico Veríssimo)

A) O objeto direto tem as seguintes características:

- completa a significação dos verbos transitivos diretos;
- normalmente, não vem regido de preposição;
- *traduz* o ser sobre o qual recai a ação expressa por um verbo ativo:
  Caim matou **Abel**.

- Torna-se sujeito da oração na voz passiva:
  Abel foi morto por Caim.

B) O objeto direto pode ser constituído:

- por um substantivo ou expressão substantivada:
  O lavrador cultiva a **terra**.
  Unimos o **útil** ao agradável.

- pelos pronomes oblíquos *o, as, os, as, me, te, se, nos, vos*:
  Espero-**o** na estação.
  Ela **nos** chama.
  Estimo-**os** muito.
  Avisamo-**lo** a tempo.
  Sílvia olhou-**se** ao espelho.
  Procuram-**na** em toda parte.
  Não **me** convidas?
  Meu Deus, eu **vos** amo.
  "Marchei resolutamente para a maluca e intimei-**a** a ficar quieta." (Graciliano Ramos)
  "Vós haveis de crescer, perder-**vos**-ei de vista." (Cabral do Nascimento)

- por qualquer pronome substantivo:
  Não vi **ninguém** na loja.
  A árvore **que** plantei floresceu. [*que*: objeto direto de *plantei*]
  Onde foi que você achou **isso**?
  Quando vira as folhas do livro, ela **o** faz com cuidado.
  "**Que** teria o homem percebido nos meus escritos?" (Graciliano Ramos)

C) Frequentemente transitivam-se verbos intransitivos, dando-se-lhes por objeto direto uma palavra cognata ou da mesma esfera semântica:
"**Viveu** José Joaquim Alves **vida** tranquila e patriarcal." (Vivaldo Coaraci)
"Pela primeira vez **chorou** o **choro** da tristeza." (Aníbal Machado)
"Nenhum de nós **pelejou** a **batalha** de Salamina." (Machado de Assis)
"Como andei contando um **sonho**, me lembrei de outro **que** já **sonhei** mais de uma vez." (Oto Lara Resende)

Em tais construções é de rigor que o objeto venha acompanhado de um adjunto.

2 OBJETO DIRETO PREPOSICIONADO

Há casos em que o objeto direto, isto é, o complemento de verbos transitivos diretos, vem precedido de preposição, geralmente a preposição **a**. Isto ocorre principalmente:

- quando o objeto direto é um pronome pessoal tônico:
  Deste modo, prejudicas **a ti** e **a ela**.
  "Mas dona Carolina amava mais **a ele** do que aos outros filhos." (Raquel Jardim)
  "Pareceu-me que Roberto hostilizava antes **a mim** do que à ideia." (Ciro dos Anjos)

"Ricardina lastimava o seu amigo como **a si** própria." (Camilo Castelo Branco)

"Amava-a tanto como **a nós**." (José Geraldo Vieira)

- quando o objeto é o pronome relativo *quem*:

"Pedro Severiano tinha um filho **a quem** idolatrava." (Carlos de Laet)

"Abraçou a todos; deu um beijo em Adelaide, **a quem** felicitou pelo desenvolvimento das suas graças." (Machado de Assis)

"Agora sabia que podia manobrar com ele – com aquele homem **a quem** na realidade também temia, como todos ali." (Herberto Sales)

- quando precisamos assegurar a clareza da frase, evitando que o objeto direto seja tomado como sujeito, impedindo construções ambíguas:

Convence, enfim, **ao pai** o filho amado[1].

"Vence o mal **ao remédio**." (Antônio Ferreira)

"Tratava-me sem cerimônia, como **a um irmão**." (Olavo Bilac)

A qual delas iria homenagear o cavaleiro?

"E olhava o amigo como **a um filho** mais velho." (Luís Henrique Tavares)

"Olho Gabriela como **a uma criança**, e não mulher feita." (Ciro dos Anjos)

"Foi a comadre do Rubião que o agasalhou e mais **ao cachorro**." (Machado de Assis)

"Encontrou-a e **ao marido** na fazenda das Lajes." (Ciro dos Anjos)

"**A inimigo** não se poupa." (Viana Moog)

"Também se adormece a fome, como **às crianças**, cantando." (José Américo)

"**Ao poeta Drummond**, que mora mais além, a feira deve incomodar, porque os grandes caminhões roncam sob sua janela." (Rubem Braga)

- em expressões de reciprocidade, para garantir a clareza e a eufonia da frase:

"Os tigres despedaçaram-se uns **aos outros**." (Camilo Castelo Branco)

"As companheiras convidavam-se umas **às outras**." (Helena Silveira)

"Era o abraço de duas criaturas que só tinham uma **à outra**." (Vivaldo Coaraci)

- com nomes próprios ou comuns, referentes a pessoas, principalmente na expressão dos sentimentos ou pela eufonia da frase:

Judas traiu **a Cristo**.

Amemos **a Deus** sobre todas as coisas.

"Provavelmente, enganavam é **a Pedro**." (Ciro dos Anjos)

"O estrangeiro foi quem ofendeu **a Tupã**." (José de Alencar)

"É certo que ele teme **a Deus** e crê na doutrina." (Machado de Assis)

"E dali em diante, o drama intensificava-se, fazendo sorrir, de plena satisfação, **a Caetano**." (Ferreira de Castro)

"Esse último rasgo do Costa persuadiu **a crédulos e incrédulos**." (Machado de Assis)

"Diabolicamente, o dinheiro atrai **a pequenos e grandes**." (Ciro dos Anjos)

---

(1) Sem a preposição *a* diante do objeto (o pai), a frase ficaria ambígua, obscura, pois tanto poderia ser entendida como sujeito a palavra *pai* como a palavra *filho*.

- em construções enfáticas, nas quais antecipamos o objeto direto para dar-lhe realce:

  A você é que não enganam!

  A médico, confessor e letrado nunca enganes.

  "**A este confrade** conheço desde os seus mais tenros anos." (CARLOS DE LAET)

  "**Ao Medeiros** não o amordaçavam as convenções." (FERNANDO NAMORA)

- sendo objeto direto o numeral *ambos(as)*:

  "O aguaceiro caiu, molhou **a ambos**." (ANÍBAL MACHADO)

  "Se eu previsse que os matava **a ambos**..." (CAMILO CASTELO BRANCO)

- com certos pronomes indefinidos, sobretudo referentes a pessoas:

  Se todos são teus irmãos, por que amas **a uns** e odeias **a outros**?

  Aumente sua felicidade, tornando felizes também **aos outros**.

  A quantos a vida ilude!

  "A estupefação imobilizou **a todos**." (MACHADO DE ASSIS)

  "**A tudo** e **a todos** eu culpo." (ANÍBAL MACHADO)

  "Como fosse acanhado, não interrogou **a ninguém**." (MACHADO DE ASSIS)

- em certas construções enfáticas como *puxar* (ou *arrancar*) *da espada*, *pegar da pena*, *cumprir com o dever*, *atirar com os livros sobre a mesa*, etc.:

  "Arrancam **das espadas** de aço fino..." (LUÍS DE CAMÕES)

  "Chegou a costureira, pegou **do pano**, pegou **da agulha**, pegou **da linha**, enfiou a linha na agulha e entrou a coser." (MACHADO DE ASSIS)

  "Imagina-se a consternação de Itaguaí, quando soube **do caso**". (MACHADO DE ASSIS)

Observações:

✔ Nos quatro primeiros casos estudados, a preposição é de rigor; nos cinco outros, facultativa.

✔ A substituição do objeto direto preposicionado pelo pronome oblíquo átono, quando possível, se faz com as formas *o(s)*, *a(s)* e não *lhe*, *lhes*:

amar a Deus → amá-lo; convencer ao amigo → convencê-lo.

✔ O objeto direto preposicionado, é óbvio, só ocorre com verbo transitivo direto.

Podem resumir-se em três as razões ou finalidades do emprego do objeto direto preposicionado:

- a clareza da frase;
- a harmonia da frase;
- a ênfase ou a força da expressão.

3 OBJETO DIRETO PLEONÁSTICO

Quando queremos dar destaque ou ênfase à ideia contida no objeto direto, colocamo-lo no início da frase e depois o repetimos ou reforçamos por meio do pronome oblíquo. A esse objeto repetido sob forma pronominal chama-se *pleonástico*, *enfático* ou *redundante*. Exemplos:

O dinheiro, Jaime **o** trazia escondido nas mangas da camisa.

O bem, muitos **o** louvam, mas poucos **o** seguem.

"**Seus cavalos**, ela **os** montava em pelo." (Jorge Amado)

"**Os** que lá não penetram, engole-**os** a obscuridade." (Machado de Assis)

"De mais a mais, **frutas** os passarinhos conseguem-**nas** pelo seu próprio esforço." (Vivaldo Coaraci)

"**Aquelas veemências**, quem não **as** ouviu de voz ou não **as** viu de letra? (Raquel de Queirós)

Observação:

✔ Escritores modernos omitem, frequentemente, o pronome objetivo:

"E os amigos a gente conhece na hora do aperto." (Josué Montelo)

"Esse segredo eu guardaria só para mim." (Povina Cavalcânti)

4 OBJETO INDIRETO

Objeto indireto é o complemento verbal regido de preposição necessária e sem valor circunstancial. Representa, ordinariamente, o ser a que se destina ou se refere à ação verbal:

"Nunca desobedeci **a meu pai**." (Povina Cavalcânti)

A) O objeto indireto completa a significação dos verbos:

- transitivos indiretos

Assisti **ao** jogo.
Assistimos **à missa** e **à festa**.
Aludiu **ao fato**.
Aspiro **a uma vida calma**.
Absteve-se **de vinho**.
Deparei **com um estranho**.
O pai batia-**lhe**. (*no* filho)
Anseio **pela tua volta**.
Não cedi **à tentação**.
Não consisto **nisso**.
Lembre-se **de nós**.

Atentou **contra a vida do rei**.
Gosto **de frutas** e **de doces**.
Obedeço **ao regulamento**.
Deus **lhe** perdoe. (*ao* pecador)
Paguei **ao médico** ontem.
Preciso **de ti** amanhã.
Ele zombou **de nós**.
Responderei **à carta de Lúcia**.
Resistimos **ao ataque**.
A terra pertencia **aos índios**.
Pio XII sucedeu **a Pio XI**.

"**A que influência** alude?" (Machado de Assis)

Não abuse **dos remédios**: recorra **a eles** só quando não houver outro remédio.

- transitivos diretos e indiretos (na voz ativa ou passiva)

Dou graças **a Deus**.

Ceda o lugar **aos mais velhos**.

Dedicou sua vida **aos doentes** e **aos pobres**.

Disse-**lhe** a verdade. [Disse a verdade *ao moço*.]

Peço-**lhe** desculpas. [Peço desculpas *ao professor*.]

Revoltavam o povo **contra o regime**.

Não revelarei isto **a ninguém**.

Acostumou o corpo **ao frio** e **às intempéries**.

Beijou as mãos **ao sacerdote**.

O juiz confiou-**lhe** a guarda do menino.

Perdoo-**lhe** a ofensa.

Devolva-**lhe** o dinheiro. [Devolva o dinheiro *a ele*.]

Não **lhe** foi devolvido o livro. [Não *lhe* devolveram o livro.]

Devolveu-se-**lhe** o livro. [O livro foi-*lhe* devolvido.]

Aos vencidos tomavam-se os bens à força.

A árvore foi sacrificada **à tirania do progresso**.

B) O objeto indireto pode ainda acompanhar verbos de outras categorias, os quais, no caso, são considerados acidentalmente transitivos indiretos:

A bom entendedor meia palavra basta.

Sobram-**lhe** qualidades e recursos. [*lhe* – a ele]

Isto não **lhe** convém.

A proposta pareceu-**lhe** aceitável.

Observações:

✔ Há verbos que podem construir-se com dois objetos indiretos, regidos de preposições diferentes:

Rogue a *Deus por nós*.

Ela queixou-se *de mim a seu pai*.

Pedirei *para ti a meu senhor* um rico presente.

✔ Não confundir o objeto indireto com o *complemento nominal* nem com o *adjunto adverbial*.

✔ Em frases como "*Para mim* tudo eram alegrias", "Para *ele* nada é possível", os pronomes em destaque podem ser considerados adjuntos adverbiais.

C) O objeto indireto é sempre regido de preposição, expressa ou implícita.

a) A preposição está implícita nos pronomes objetivos indiretos (átonos) *me, te, se, lhe, nos, vos, lhes*. Exemplos:

Obedecem-**me**. [= Obedecem *a mim*.]

Isto **te** pertence. [= Isto pertence *a ti*.]

Rogo-**lhe** que fique. [= Rogo *a você*...]

Peço-**vos** isto. [= Peço isto *a vós*.]

- Nos demais casos a preposição é expressa como característica do objeto indireto:

Recorro **a Deus**.
Dê isto **a** (ou para) **ele**.
Contenta-se **com pouco**.
Ele só pensa **em si**.
Esperei **por ti**.
Falou **contra nós**.
Conto **com você**.
Não preciso **disto**.
O filme **a que** assisti agradou **ao público**.
Assisti **ao desenrolar** da luta.
A coisa **de que** mais gosto é pescar.
A pessoa **a quem** me refiro você a conhece.
Os obstáculos **contra os quais** luto são muitos.
As pessoas **com quem** conto são poucas.

D) Como atestam os exemplos acima, o objeto indireto é representado pelos substantivos (ou expressões substantivas) ou pelos pronomes.

As preposições que o ligam ao verbo são: *a, com, contra, de, em, para* e *por*.

5 OBJETO INDIRETO PLEONÁSTICO

À semelhança do objeto direto, o objeto indireto pode vir repetido ou reforçado, por ênfase. Exemplos:

"**A mim** o que **me** deu foi pena." (Ribeiro Couto)

"Que **me** importa **a mim** o destino de uma mulher tísica...?" (Machado de Assis) [*tísica* = tuberculosa]

"E, **aos brigões**, incapazes de se moverem, basta-**lhes** xingarem-se à distância." (Dalton Trevisan)

"Mas que **te** importam **a ti** os assuntos que me são agradáveis?" (Graciliano Ramos)

6 COMPLEMENTO NOMINAL

Complemento nominal é o termo complementar reclamado pela significação transitiva, incompleta, de certos substantivos, adjetivos e advérbios. Vem sempre regido de preposição. Exemplos:

A defesa **da pátria**.
O respeito **às leis**.
Assistência **às aulas**.
Aliança **com o estrangeiro**.
A luta **contra o mal**.
G. Bell foi o inventor **do telefone**.
O amor **ao trabalho**.
Nossa fé **em Deus**.
Gosto **pela arte**.
Disposição **para o trabalho**.
Suas atenções **para com todos**.
Teve raiva **de si mesmo**.
Apto **para o trabalho**.
Útil **ao bem comum**.
Contente **com a sorte**.
Precavido **contra os males**.
Insaciável **de vingança**.
Confiante **na vitória**.
Tudo ficou reduzido **a cinzas**.
Responsável **pela ordem**.
Impróprio **para menores**.
Atencioso **para com todos**.
Relativamente **a alguém**.
Favoravelmente **ao réu**.

"O ódio **ao mal** é amor **do bem**, e a ira **contra o mal**, entusiasmo divino." (RUI BARBOSA)

"Ah, não fosse ele surdo **à minha voz**!" (CABRAL DO NASCIMENTO)

"A sensibilidade existe e está a serviço **da harmonia, da beleza e do equilíbrio**." (LUÍS CARLOS LISBOA)

"Pois bem, nada me abala relativamente **ao Rubião**." (MACHADO DE ASSIS)

A grande rodovia corre paralelamente **às fronteiras setentrionais do Brasil**.

Observações:

✔ O complemento nominal representa o recebedor, o paciente, o alvo da declaração expressa por um nome: amor a *Deus*, a condenação da *violência*, o medo de *assaltos*, a remessa de *cartas*, útil ao *homem*, compositor de *músicas*, etc. É regido pelas mesmas preposições usadas no objeto indireto. Difere deste apenas porque, em vez de complementar verbos, completa nomes (substantivos, adjetivos) e alguns advérbios em *-mente*.

✔ A nomes que requerem complemento nominal correspondem, geralmente, verbos de mesmo radical: *amor* ao próximo, *amar* o próximo; *perdão* das injúrias, *perdoar* as injúrias; *obediente* aos pais, *obedecer* aos pais; *regresso* à pátria, *regressar* à pátria; *remessa* de cartas, *remeter* cartas; *criação* de impostos, *criar* impostos; *queima* de fogos, *queimar* fogos; *recordação* do passado, *recordar* o passado; *resistência* ao mal, *resistir* ao mal, etc.

7 AGENTE DA PASSIVA

Agente da passiva é o complemento de um verbo na voz passiva. Representa o ser que pratica a ação expressa pelo verbo passivo. Vem regido comumente pela preposição *por* e, menos frequentemente, pela preposição *de*:

Alfredo é estimado **pelos colegas**.

A cidade estava cercada **pelo exército romano**.

"Era conhecida **de todo mundo** a fama de suas riquezas." (OLAVO BILAC)

A) O agente da passiva pode ser expresso pelos substantivos ou pelos pronomes:

As flores são umedecidas **pelo orvalho**.

A carta foi cuidadosamente corrigida **por mim**.

Muitos já estavam dominados **por ele**.

Aquele é o cachorro **pelo qual** fui mordido.

Conheço o funcionário **por quem** fui atendido.

Por quem teria ele sido denunciado?

B) Vimos que o agente da passiva corresponde ao sujeito da oração na voz ativa. Observe:

A rainha era aclamada **pela multidão**.	(voz passiva)
A multidão aclamava a rainha.	(voz ativa)
Ele será acompanhado **por ti**.	(voz passiva)
Tu o acompanharás.	(voz ativa)

Observações:

✔ Conforme frisamos anteriormente, frase de forma passiva analítica sem complemento agente expresso, ao passar para a ativa, terá sujeito indeterminado e o verbo na 3ª pessoa do plural:

Ele foi expulso da cidade. → *Expulsaram-no da cidade.*

As florestas são devastadas. → *Devastam as florestas.*

✔ Na passiva pronominal não se declara o agente:

Nas ruas assobiavam-se as canções dele pelos pedestres. (errado)

Nas ruas eram assobiadas as canções dele pelos pedestres. (certo)

Assobiavam-se as canções dele nas ruas. (certo)

EXERCÍCIOS LISTA 40

1. Transcreva as frases e sublinhe com um traço os objetos diretos:

a) Os holandeses invadiram a Bahia em 1624.

b) O trabalho produz a riqueza e a felicidade.

c) Fatos impressionantes relatou esse turista.

d) "O louvor ganha amigos, a maledicência inimigos." (Marquês de Maricá)

e) Muitos favores já temos recebido desta família.

f) No rio das Mortes houve combates sangrentos.

g) Devemos unir o útil ao agradável.

h) "Desenhou a casa do engenho, as árvores, os morros." (Garcia de Paiva)

2. Copie as orações, antepondo a elas **1** ou **2**, de acordo com a função das palavras em destaque:

(1) objeto direto (2) objeto indireto

a) No Sul do Brasil, o inverno obedece ao **ciclo** das estações.

b) Não devemos recorrer à **violência**.

c) A volta do sol trouxe de novo a **alegria** aos corações.

d) O antiquário possuía até **moedas** da Roma dos Césares.

e) Ao **Exército** compete defender a pátria.

3. Transcreva as orações e sublinhe os objetos indiretos:

a) Assisti a uma cena impressionante.

b) Obedeço a ordens superiores.

c) Não aspiro a esse título.

d) Aludiu ele à minha obra?

e) Cristo perdoou ao bom ladrão e prometeu-lhe o paraíso.

f) Emília não acredita em horóscopos.

g) A polícia interditou a área às pessoas estranhas ao trabalho.

h) Optei pela solução mais segura.

i) Por acaso necessitam de tanto espaço?
j) "Ninguém objetaria à entrada ou à saída de ninguém." (PAULO MENDES CAMPOS)
k) "Nesse ponto, desobedecera à mãe." (JOÃO CLÍMACO BEZERRA)
l) Tal atitude não convém a um juiz.
m) As crianças logo se familiarizaram com os animais.
n) Dulce ainda não respondera à carta de sua amiga.
o) "A terra não pertence ao homem; é o homem que pertence à terra." (SEATTLE, chefe índio americano)

4. Copie as frases e sublinhe com um traço os objetos diretos e com dois os indiretos:
a) O embaixador ofereceu um jantar ao líder político.
b) Agradeça a Deus o dom da vida, todos os dias.
c) Confiei a Vicente os meus planos.
d) Pagamos a cerveja ao garçom e mostramos as fotos a Denise.
e) "Ao coronel Lelê deveu mais tarde meu pai um favor inesquecível." (POVINA CAVALCÂNTI)

5. Copie as frases e informe se os pronomes oblíquos funcionam como objeto direto ou indireto:
a) Nós **o** elogiamos.
b) Eu **lhe** agradeci muito.
c) Todos **a** admiram.
d) João **me** persegue.
e) João **me** obedece.
f) Ela **te** ama.
g) Ela **te** confessará tudo.
h) Guarde-**os** na caixa.
i) Vim convidá-**los**.
j) Ele **nos** estima.
k) Isto **nos** pertence.
l) Confie em **mim**.
m) Confie menos em **si**.
n) Refiro-me a **ti** mesmo.
o) Quem **vos** chamou?
p) Quem **vos** deu a vida?
q) Beatriz **os** veste e **lhes** dá comida.
r) Sílvia olhou-**se** no espelho.

6. Copie as frases e complete os verbos transitivos diretos substituindo o * pelo pronome oblíquo **o**, e os verbos transitivos indiretos substituindo o * pelo pronome oblíquo **lhe**:
a) Estimo-* muito.
b) Avise-* depressa.
c) Não * respondas.
d) Não * invejemos.
e) Atribuo-* a culpa.
f) Espero-* em casa.
g) Conheço-* muito bem.
h) Felicito-* pela vitória.
i) Confesso-* a verdade.

7. Complete as orações substituindo os asteriscos por objetos indiretos adequados:
a) Assistirei *****.
b) Não resisti *****.
c) Ele aspira *****.
d) Elza simpatizou *****.
e) Refiro-me *****.
f) A fauna depende *****.
g) Todos se opõem *****.
h) Luís desobedeceu *****.

8. Reorganize as colunas em seu caderno, de modo a fazê-las corresponder corretamente, de acordo com a função do pronome relativo **que**:

Não me agradou o filme a **que** assisti.	sujeito
Compro os livros **que** me interessam.	objeto direto
São ótimos os livros **que** estou lendo.	objeto indireto

9. Nos exemplos seguintes os pronomes em destaque são objetos diretos ou indiretos. Copie as frases em seu caderno e aponte a distinção, sobrepondo **D** aos primeiros e **I** aos segundos:

a) Meu avô chamava-**me** e eu **o** atendia prontamente.

b) Valmor fez **o que lhe** ordenei.

c) Nas cidades **que** visitei nas férias, achei **tudo** caro.

d) Há coisas de **que** não gostamos e pessoas com **quem** não simpatizamos.

e) "A virtude **nos** diviniza, o vício **nos** embrutece." (Marquês de Maricá)

f) "Pajé, eu **te** agradeço o agasalho **que me** deste." (José de Alencar)

g) "Cada qual tem o ar **que** Deus **lhe** deu." (Machado de Assis)

h) Refiro-**lhe o que** ouvi.

i) Confesso-**vos aquilo que** nunca revelei a **ninguém**.

j) Ele arroga-**se** direitos **que** não possui.

k) "Expliquei **isso** a **ele**." (José J. Veiga)

l) Não sabemos **o que** o destino **nos** reserva.

10. Escreva as orações, iniciando-as com o objeto direto ou indireto, a fim de realçar esses termos, como no exemplo:

Exemplo: Eu não poderia ter tido **surpresa mais agradável**.
Surpresa mais agradável eu não poderia ter tido.

a) Eu catava no mato até a lenha do fogão.

b) Faltam disciplina e coragem a esses adolescentes.

c) Interessam particularmente a nós técnicas agrícolas mais avançadas.

d) Colombo chamou de índios aos nativos da América.

e) Esse meu amigo estaria planejando que estranhos negócios?

f) Najibe ofereceu a seus fregueses calendários com belas estampas.

11. Transcreva apenas a oração em que ocorre objeto direto pleonástico:

a) "As horas disponíveis eu as ocupava com a coleção de selos." (Murilo Rubião)

b) A longa estiagem preocupa agricultores e pecuaristas.

c) A presença do cachorro não agradou ao visitante.

12. Copie somente as duas frases em que ocorre objeto direto preposicionado:

a) Ainda não respondi à carta de Beatriz.

b) Muitos encontram a Deus servindo o próximo.

c) Quem resiste a seus encantos?

d) Não se prenda a minúcias.

e) Será que as barbas longas honram mais a quem as cultiva?

13. Copie os períodos e explique os seguintes casos de objeto direto preposicionado:

a) "Foi **a Tupã** que o pajé serviu." (José de Alencar)

b) "Vence o mal **ao remédio**." (Antônio Ferreira)

c) "Aquele fim imprevisto decepcionara **a todas**." (Monteiro Lobato)

d) "Somente **ao tronco** que devassa os ares o raio ofende." (Gonçalves Dias)

e) "Por fim, sustentando-me numa das mãos e **ao Fagundes** na outra, o gigante atravessou a sala..." (Aníbal Machado)

f) "Rubião... esqueceu a sala, a mulher e **a si**." (MACHADO DE ASSIS)

g) "Olhou o especialista como **a um irmão**." (JOSÉ FONSECA FERNANDES)

h) "Levarei comigo o prazer de vos ter abençoado **a ambos**." (CAMILO CASTELO BRANCO)

i) "**A ela** ninguém convidava." (HELENA SILVEIRA)

j) "Eles [os traficantes] alugavam limusines blindadas, contratavam policiais para protegê-los e **às malas** cheias de dólares." (*JORNAL DO BRASIL*)

14. Como o exercício anterior:

a) Não sei dizer **a quem** ele mais estimava.

b) "O nascimento enobrece **a alguns**, o procedimento **a muitos**." (MARQUÊS DE MARICÁ)

c) Louvemos **a Deus** na alegria e no sofrimento.

d) Nomearam procurador **a um amigo** de meu pai.

e) "Nós a enfeitamos e perfumamos como **a uma noiva**." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

f) "Então Agostinho tomou-a nos braços, **a ela** e **à gata**, e Noca sorriu." (JORGE AMADO)

g) "Os parceiros do barão acusaram-se uns **aos outros**." (MACHADO DE ASSIS)

h) "Não se deve amar **a ninguém** como **a Deus**." (MACHADO DE ASSIS)

i) "Atrai o poviléu como o pólen **às abelhas**." (CIRO DOS ANJOS)

j) "Se as pessoas não aceitam a vaca como passageira, nós não aceitamos **a elas**." (EDI LIMA)

k) **A quem** escolheria Simões para seu assessor?

l) "As roupas de embaixador não honram nem desonram mais quem as veste que o macacão **ao mecânico**." (RUBEM BRAGA)

15. Transcreva as frases em seu caderno, numerando-as de acordo com a causa determinante do objeto direto preposicionado:

a) Quem não ama **a seus pais**?	(1) clareza
b) Júlio tratava-o como **a um irmão**.	(2) harmonia, ritmo
c) A festa decepcionou **a todos**.	(3) ênfase

16. Copie os períodos abaixo; sublinhe os objetos pleonásticos, dizendo se são diretos ou indiretos:

a) "As flores leva-as a brisa." (JOSÉ DE ALENCAR)

b) "A mim me basta a celebridade que ela veio a ganhar..." (CAMILO CASTELO BRANCO)

c) Que lhe importa a ele a nossa desgraça?

d) "Se o mundo tinha razão, não o diremos nós." (CAMILO CASTELO BRANCO)

e) "A nós também nos rechearam de angústia." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

f) "Ao Medeiros não o amordaçavam as convenções." (FERNANDO NAMORA)

g) "De tarde, são outros que o admiram a ele e à obra." (MACHADO DE ASSIS)

h) "Que me importa a mim a glória?" (ALEXANDRE HERCULANO)

i) "As migalhas que lhe ficavam entre os dedos, levava-as à boca." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

j) "A lança, eles a faziam, espécie de arpão." (ADONIAS FILHO)

17. Em seu caderno, transforme as orações usando o objeto direto pleonástico:

Exemplo: O ministro do culto ensina a religião.

A religião, ensina-**a** o ministro do culto.

a) Ele reservava as glórias para si.

b) Ninguém viu os frutos de tantos esforços.

c) Deus fez as flores para a nossa alegria.

d) Todos previram o fatal desenlace.

e) Vós encontrareis a explicação neste livro.

f) Ela não tem, não teve nunca amigas.

18. Copie as frases e numere-as de acordo com a função das palavras em destaque:

(1) objeto direto preposicionado

(2) objeto indireto

(3) complemento nominal

a) Todo homem tem direito **à liberdade**.

b) Tenho pena desse jovem, **ao qual** a vida ilude com tantas seduções.

c) O povo se opunha **à instalação** da usina nuclear.

19. Copie o período e dê a função sintática das palavras em destaque:
"As **feras**, depois do aprendizado da **caça** e dos meios de defesa, dão aos **filhotes** a **liberdade**."
(Maria José de Queirós)

20. Copie as frases e sublinhe os complementos nominais:

a) Teresa tinha medo das trovoadas.

b) Ninguém está contente com a sua sorte.

c) Tem muita disposição para música.

d) Estávamos ansiosos pelos resultados.

e) Tende amor ao próximo e não vos esqueçais da assistência aos desamparados.

f) "Os moleques se atropelavam na disputa dos papéis." (Aníbal Machado)

g) "Há silêncio relativamente àquela nobre personagem." (Carlos de Laet)

h) "Os pretos sofriam como predestinados à dor." (Monteiro Lobato)

i) Piscava e mordia os beiços, num tique comum aos que bebem.

j) "Quem me pôs no coração este amor da vida, senão tu?" (Machado de Assis)

k) A ciência deve ser aplicada em benefício do homem.

21. Como o exercício anterior:

a) "A aliança com os maus é sempre funesta aos governos." (Marquês de Maricá)

b) "De Portugal passou ao Brasil a devoção à Virgem." (Carlos de Laet)

c) "Todo ser humano tem um direito natural à liberdade." (Érico Veríssimo)

d) "Podes vê-lo e falar-lhe, contanto que imediatamente à operação." (Camilo Castelo Branco)

e) "Conta ver-me outra vez dependente de seus cuidados, submisso às suas ordens." (Antônio Olavo Pereira)

f) "O sapo-boi enche a mata com mugidos semelhantes aos do touro." (Renato da Silva)

g) O telefone tornou-se indispensável ao homem da cidade.

h) Encontrei-o entregue a seu trabalho, a mesa cheia de mapas.

i) Orgulhosa do pai, Lígia não escondia sua admiração por ele.

j) "A convivência com os semelhantes é um apelo muito forte." (Luís Carlos Lessa)

22. Copie as frases substituindo * por complementos nominais adequados:

a) Sônia tem alergia *.

b) O gás é nocivo *.

c) Ele é versado *.

d) José foi afável *.

e) Estou quite *.

f) És responsável *.

23. Escreva as frases trocando o complemento nominal pelo verbal, como no exemplo:

O visitante fez elogios **à beleza da moça**.

O visitante elogiou **a beleza da moça**.

a) Tais práticas são contrárias **à boa convivência**.

b) Motorista não deve ter ódio **a pedestre**.

c) Joel demonstrou interesse **pela campanha**.

d) Não tenha demasiado apego **às riquezas**.

e) Se tens amor **à vida**, não entres nas águas deste mar.

f) Ninguém fez referência **ao namoro de Susana**.

g) Há plantas resistentes **à seca.**

24. Responda em seu caderno. No período "Jerônimo foi atencioso com os dois **turistas** e apontou-**lhes** a casa **que** procuravam", as palavras em destaque são, respectivamente:

a) objeto indireto – objeto direto – complemento nominal

b) complemento nominal – objeto indireto – sujeito

c) complemento nominal – objeto indireto – objeto direto

25. Transcreva as frases e sublinhe os agentes da passiva:

a) Os homens são atormentados pelas doenças.

b) A cidade estava sitiada pelo exército romano.

c) "O plano de assalto à casa foi traçado por mim." (Rubem Braga)

d) "Passou-lhe na mente a conjetura de que era amado daquela doce criatura." (Camilo Castelo Branco)

e) O avô, pela sua simpatia, era muito estimado por todos.

f) O Congresso Nacional é convocado por quem estiver na presidência do Senado.

g) Márcia tinha grande amor à tia, por quem fora educada.

h) "A primeira partida foi ganha por Fidélio, perdida por Seixas." (Jorge Amado) [*perdida* = foi perdida]

i) "A terra vai sendo aberta por intermináveis sulcos." (Cecília Meireles)

26. Converta, em seu caderno, as orações abaixo na voz passiva:

a) Nenhuma editora imprimirá esses manuscritos.

b) Quem a teria denunciado?

c) Todos te admiram, Luciana.

d) Quem os terá posto aqui?

e) Que tribunal nos julgará?

f) De ano a ano as nações livres vão consolidando o regime democrático.

g) Os alunos escreviam as frases no quadro.

27. Converta a voz passiva em ativa, substituindo, ao mesmo tempo, os destaques por pronomes oblíquos adequados:

a) Talvez **a caverna** tenha sido descoberta por algum pertinaz espeleólogo.

b) **A boiada** foi contida pelos vaqueiros a muito custo.

c) Tive medo de que **Teresa** fosse ouvida pelos pais.

d) **A bandeira da Ordem de Cristo** foi solenemente entregue a Cabral pelo rei Dom Manuel, em 9 de março de 1500.

28. Responda no caderno: Qual a função da palavra **desfile** no período abaixo? **Complemento nominal**, **objeto direto** ou **objeto indireto**?

"Garoto participa do **desfile** esforçando-se em tirar som da tuba." (*Jornal do Brasil*)

29. Copie o período e dê a função sintática das palavras em destaque:

"Cabiam a **Simón Bolívar tarefas** não só de comandante militar, mas também de governante e organizador." (Moacir Werneck de Castro)

30. Depois de copiar os períodos, dê a função sintática dos termos destacados:

a) Os garotos procuravam seus **amigos** havia horas.

b) Os jovens sonhavam com uma **profissão** melhor.

c) Carla contou a **história** aos **pais**.

d) "Abri **cavernas** no mar/construí **segredos**/teci com teias de luz/as mais delicadas **roupagens**." (Roseana Murray)

e) A luta contra os **poderosos** consumia todos os seus **momentos**.

31. Escreva as frases e dê a função sintática dos pronomes destacados:

a) O ator criticou-**o** pelas observações feitas.

b) Diga-**me** apenas a verdade.

c) **Eu** sempre **o** encontro perto da pracinha.

d) Obedeça-**me** sem reclamar!

e) Não **lhe** devolvi ainda o livro de inglês.

32. Escreva a oração na voz passiva, destacando o agente da passiva:

a) O orvalho umedecia as plantas.

b) A multidão aclamava o general rebelde.

c) Corrigi as provas com o maior cuidado.

33. Classifique, em seu caderno, os termos destacados em objetos indiretos ou complementos nominais:

a) Lembrem-se *de nós* ao visitarem os museus.

b) A luta *contra o câncer* tornara-o paciente e destemido.

c) Gosto muito *de pinturas* surrealistas.

d) Não tinham nenhum gosto *pela arte*.

e) Sempre tiveram necessidade *de afeto*, mas nunca o receberam.

34. Escreva as orações transformando os complementos nominais em objetos indiretos ou diretos, conforme o caso. Faça as necessárias adaptações.

a) Era famoso por seu respeito às convenções sociais.

b) Estava confiante na vitória.

c) Os moradores tinham necessidade de mais verde.

d) A condenação da violência, sem medidas eficazes, não basta.

e) O perdão das dívidas não foi sequer cogitado.

35. Transcreva os complementos verbais que utilizou nas frases do exercício anterior, informando se são objetos diretos ou indiretos.

TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO
Exercícios de exames e concursos
[Página 683]

TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO

Termos acessórios são os que desempenham na oração uma função secundária, qual seja a de caracterizar um ser, determinar os substantivos, exprimir alguma circunstância.

São três os termos acessórios da oração: *adjunto adnominal, adjunto adverbial* e *aposto*.

1 ADJUNTO ADNOMINAL

Adjunto adnominal é o termo que caracteriza ou determina os substantivos. Exemplo:

Meu irmão veste roupas **vistosas**.

- *Meu* determina o substantivo *irmão*: é um *adjunto adnominal*.
- *Vistosas* caracteriza o substantivo *roupas*: é também *adjunto adnominal*.

O adjunto adnominal pode ser expresso:

- pelos **adjetivos**: água *fresca*, terras *férteis*, animal *feroz*;
- pelos **artigos**: *o* mundo, *as* ruas, *um* rapaz;
- pelos **pronomes adjetivos**: *nosso* tio, *este* lugar, *pouco* sal, *muitas* rãs, país *cuja* história conheço, *que* rua?;
- pelos **numerais**: *dois* pés, *quinto* ano, capítulo *sexto*;
- pelas **locuções** ou **expressões adjetivas** que exprimem qualidade, posse, origem, fim ou outra especificação:

  presente *de rei* (= régio): qualidade

  livro *do mestre*, as mãos *dele*: posse, pertença

  água *da fonte*, filho *de fazendeiros*: origem

  fio *de aço*, casa *de madeira:* matéria

  casa *de ensino*, aulas *de inglês*: fim, especialidade

  homem *sem escrúpulos* (= inescrupuloso): qualidade

  histórias *de arrepiar os cabelos* (= arrepiadoras): qualidade

  criança *com febre* (= febril): característica

  aviso *do diretor*: agente

Observações:

✔ Não confundir o adjunto adnominal formado por locução adjetiva com complemento nominal. Este, como vimos, representa o alvo da ação expressa por um nome transitivo: a eleição *do presidente*, aviso *de perigo*, declaração *de guerra*, empréstimo *de dinheiro*, plantio de *árvores*, colheita *de trigo*, destruidor *de matas*, descoberta *de petróleo*, amor *ao próximo*, etc.

O adjunto adnominal formado por locução adjetiva representa o agente da ação ou a origem, pertença, qualidade de alguém ou de alguma coisa: o discurso *do presidente*, aviso *de amigo*, declaração *do ministro*, empréstimo *do banco*, a casa *do fazendeiro*, folhas *de árvores*, farinha *de trigo*, beleza *das matas*, cheiro *de petróleo*, amor *de mãe*.

✔ Pronomes oblíquos com sentido possessivo, alguns autores os consideram adjuntos adnominais, outros, objetos indiretos. Preferimos a última análise. Veja pág. 560, item final.

2 ADJUNTO ADVERBIAL

Adjunto adverbial é o termo que exprime uma circunstância (de tempo, lugar, modo, etc.) ou, em outras palavras, que modifica o sentido de um verbo, adjetivo ou advérbio. Exemplo:
"Meninas *numa tarde* brincavam *de roda na praça*". (GERALDO FRANÇA DE LIMA)

O adjunto adverbial é expresso:

- pelos **advérbios**:

Cheguei *cedo*.	Moramos *aqui*.
Ande *devagar*.	Ele fala *bem*, fala *corretamente*.
Maria é *mais* alta.	Volte *bem* depressa.
Não durma ao volante.	*Talvez* esteja enganado.

- pelas **locuções** ou **expressões adverbiais**:

Às vezes viajava *de trem*.	Júlio reside *em Niterói*.
Compreendo *sem esforço*.	Errei *por distração*.
Saí *com meu pai*.	Escureceu *de repente*.

Observações:

✔ Pode ocorrer a elipse da preposição antes de adjuntos adverbiais de tempo e modo:

Aquela noite, não dormi. [= Naquela noite...]
Domingo que vem não sairei. [= No domingo...]
Ouvidos atentos, aproximei-me da porta. [= De ouvidos atentos...]

✔ Os adjuntos adverbiais classificam-se de acordo com as circunstâncias que exprimem: adjunto adverbial de lugar, modo, tempo, intensidade, causa, companhia, meio, assunto, negação, etc. A NGB, porém, não dá nenhuma classificação dos adjuntos adverbiais.

✔ É importante saber distinguir adjunto adverbial de adjunto adnominal, de objeto indireto e de complemento nominal: sair *do mar* (adj. adv.), água *do mar* (adj. adn.), gostar *do mar* (obj. indir.), ter medo *do mar* (compl. nom.).

3 APOSTO

Aposto é uma palavra ou expressão que explica ou esclarece, desenvolve ou resume outro termo da oração. Exemplos:

D. Pedro II, **imperador do Brasil**, foi um monarca sábio.

"Nicanor, **ascensorista**, expôs-me seu caso de consciência." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

"No Brasil, *região do ouro e dos escravos*, encontramos a felicidade." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"No fundo do mato virgem nasceu Macunaíma, **herói de nossa gente**." (MÁRIO DE ANDRADE)

Casas e pastos, árvores e plantações, **tudo** foi destruído pela enchente.

"O pastor, o guarda, o médico, **todos** olham e não dizem nada." (RICARDO RAMOS)

Prezamos acima de tudo duas coisas: **a vida e a liberdade**.

"Cada casa arrumava, no terreiro em frente, a sua fogueira: **uma pirâmide de toros de madeira decepados pela manhã**." (POVINA CAVALCÂNTI)

"Ele, **Caúla**, não ficaria ancorado como uma canoa." (ADONIAS FILHO)

"E isso exigiria estratagemas, **coisas** a que era avesso." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

A) O núcleo do aposto é um substantivo ou um pronome substantivo. Exemplos de apostos expressos pelos pronomes:

Foram os dois, *ele e ela*.

Só não tenho um retrato: **o** de minha irmã.

O dia amanheceu chuvoso, **o** que me obrigou a ficar em casa.

B) O aposto não pode ser formado por adjetivos. Nas frases seguintes, por exemplo, não há aposto, mas predicativo do sujeito:

Audaciosos, os dois surfistas atiraram-se às ondas.

As borboletas, **leves** e **graciosas**, esvoaçavam num balé de cores.

C) Os apostos, em geral, destacam-se por pausas, indicadas, na escrita, por vírgulas, dois-pontos ou travessões. Não havendo pausa, não haverá vírgula, como nestes exemplos:

Minha irmã **Beatriz**; o escritor **João Ribeiro**; o romance **Toia**; o rio *Amazonas;* a Rua *Osvaldo Cruz;* o Colégio **Tiradentes**, etc.

"Onde estariam os descendentes de Amaro **vaqueiro**?" (GRACILIANO RAMOS)

D) O aposto pode preceder o termo a que se refere, o qual, às vezes, está elíptico. Exemplos:

Rapaz impulsivo, Mário não se conteve.

Mensageira da ideia, a palavra é a mais bela expressão da alma humana.

"**Irmão do mar, do espaço,**
Amei as solidões sobre os rochedos ásperos." (CABRAL DO NASCIMENTO)

O aposto em destaque, no último exemplo, refere-se ao sujeito oculto *eu*.

E) O aposto, às vezes, refere-se a toda uma oração. Exemplos:

Nuvens escuras borravam os espaços silenciosos, **sinal** de tempestade iminente.

O espaço é incomensurável, **fato** que me deixa atônito.

Simão era muito espirituoso, **o** que me levava a preferir sua companhia.

F) Um aposto pode referir-se a outro aposto:

"Serafim Gonçalves casou-se com Lígia Tavares, **filha do velho coronel Tavares, senhor de engenho**." (Lêdo Ivo)

G) O aposto pode vir precedido das expressões explicativas *isto é*, *a saber*, ou da preposição acidental *como*:

Dois países sul-americanos, **isto é, a Bolívia e o Paraguai**, não são banhados pelo mar.

Este escritor, **como romancista**, nunca foi superado.

H) O aposto que se refere a objeto indireto, complemento nominal ou adjunto adverbial vem precedido de preposição:

O rei perdoou aos dois: **ao fidalgo e ao criado**.

"Acho que adoeci disso, **de beleza, da intensidade das coisas**." (Raquel Jardim)

De cobras, morcegos, bichos, **de tudo** ela tinha medo.

4 VOCATIVO

Vocativo [do latim *vocare* = chamar] é o termo (nome, título, apelido) usado para chamar ou interpelar a pessoa, o animal ou a coisa personificada a que nos dirigimos:

"**Elesbão**? **Ó Elesbão**! Venha ajudar-nos, por favor!" (Maria de Lourdes Teixeira)

"A ordem, **meus amigos**, é a base do governo." (Machado de Assis)

"Correi, correi, **ó lágrimas saudosas**!" (Fagundes Varela)

"Ei-lo, o teu defensor, **ó Liberdade**!" (Mendes Leal)

"Vocês por aqui, **meninos**?!" (Afonso Arinos)

"**Meu nobre perdigueiro**, vem comigo!" (Castro Alves)

"Serenai, **verdes mares**!" (José de Alencar)

"Voltem para sua floresta, **seus antropófagos**!" (Rubem Braga)

Observação:

✔ Profere-se o vocativo com entoação exclamativa. Na escrita é separado por vírgula(s).

No exemplo inicial, os pontos interrogativo e exclamativo indicam um chamado alto e prolongado.

O vocativo se refere sempre à 2ª pessoa do discurso, que pode ser uma pessoa, um animal, uma coisa real ou entidade abstrata personificada. Podemos antepor-lhe uma interjeição de apelo (*ó, olá, eh!*):

"Tem compaixão de nós, **ó Cristo**!" (Alexandre Herculano)

"**Ó Dr. Nogueira**, mande-me cá o Padilha, amanhã!" (Graciliano Ramos)

"Esconde-te, **ó sol de maio, ó alegria do mundo**!" (C. Castelo Branco)

Eh! rapazes, são horas!

"**Olá compadre**, mais alto, mais alto!" (Augusto Meyer)

O vocativo é um termo à parte. Não pertence à estrutura da oração, por isso não se anexa ao sujeito nem ao predicado.

EXERCÍCIOS LISTA 41

1. Transcreva as frases e sublinhe os adjuntos adnominais:

a) Em muitas cidades do Brasil, as velhas mansões estão deixando o lugar para grandes edifícios modernos.

b) Esta viga de metal será aproveitada para a construção de minha casa.

c) Pela primeira vez, em muitos anos, a campanha conseguiu atingir seus objetivos: foram queimados em praça pública cerca de novecentos balões.

2. Depois de copiar as frases em seu caderno, sublinhe os adjuntos adverbiais e classifique-os:

a) Ontem, pela manhã, foi visto, na rua, o palhaço Gog, montado num jumento, virado para o rabo do animal.

b) À tarde, Onofre voltou depressa à oficina, onde encontrou os empregados dormindo profundamente.

c) – Guilhermino, muito bem escrita sua redação sobre o cachorro, mas está exatamente igual à de seu irmão.

– É porque o cachorro é o mesmo, professora.

3. Transcreva somente a análise correta dos termos em destaque:

Índios não vimos, durante a travessia da **mata** no interior do **Pará**, mas dormíamos **armados**, com medo de algum **ataque**.

- sujeito – complemento nominal – adjunto adnominal – predicativo do sujeito – adjunto adnominal
- objeto direto – adjunto adnominal – complemento nominal – predicativo do objeto – adjunto adnominal
- objeto direto – complemento nominal – adjunto adnominal – predicativo do sujeito – complemento nominal

4. Localize os adjuntos adverbiais e escreva as frases colocando-os em outra ordem, quando for possível:

a) Aos sábados, o movimento cresce espantosamente, por causa da feira.

b) Na toalha da mesa, Vivaldino risca vincos paralelos, com a lâmina da faca.

c) Foi inaugurada, no Parque do Flamengo, em março de 1979, a marina da Glória.

5. Transcreva as frases; sublinhe os apostos:

a) "Já brilha na cabana de Araquém o fogo, companheiro da noite." (José de Alencar)

b) "Quando mais nada devêramos aos portugueses, nós estas duas coisas lhes deveríamos, a religião e a língua..." (Carlos de Laet)

c) Médico pobre, o Dr. Bento andava sempre a cavalo.

d) "A hoteleira colocou na minha mesa uma jarra de flores, privilégio, segundo me dissera, dos hóspedes recém-chegados." (ANÍBAL MACHADO)

e) "Os pequenos são dois, um menino e uma menina." (ARTUR AZEVEDO)

f) O irmão de Álvaro, o Jaime, esse viveu pouco tempo em nossa companhia, uns dois anos.

g) "Tibiriçá, o líder da tribo, vivia na aldeia de Piratininga." (EDUARDO BUENO)

h) "Os meus cães, Rex e Rita, companheiros fiéis de todas as horas, como animais de puro-sangue, estão excluídos da competição." (VIVALDO COARACI)

i) Ente racional e livre, o homem é capaz de distinguir o bem do mal, o justo do injusto.

j) "Os livros deviam passar diretamente para as estantes, o que pouparia tempo e trabalho." (CECÍLIA MEIRELES)

6. Como o exercício precedente:

a) O recente clube do bairro dera ao jovem outra alegria: a piscina.

b) A anta, ou tapir, animal pacato, não ataca o homem.

c) "Onde estariam os descendentes de Amaro vaqueiro?" (GRACILIANO RAMOS)

d) Possuímos, no Brasil, um barco magnífico, o saveiro.

e) "Tudo acabou: as casas, os jardins, as árvores." (RUBEM BRAGA)

f) "De maio a agosto, os meses sem r, ninguém podia tomar banho no rio, dava febre". (JOSÉ J. VEIGA)

g) Só eles, os práticos, conhecem os segredos da baía e sabem orientar os comandantes dos navios.

h) "Era gordo, alto e claro – três coisas que o envaideciam." (LÊDO IVO)

i) Pobres e ricos, párias e marajás, todos se banham nas águas sagradas do Ganges.

j) "Mas onde há essas pontes, o mono não ousa passar porque ali enxameiam esses estranhos monos sem cauda, os homens, bichos cruéis que matam outros bichos só pelo prazer de matar." (RUBEM BRAGA)

7. Depois de copiar os períodos abaixo, sublinhe com um traço os apostos e com dois os vocativos:

a) "Olhe, D. Evarista, disse-lhe o padre Lopes, vigário do lugar, veja se seu marido dá um passeio ao Rio de Janeiro." (MACHADO DE ASSIS)

b) "Ó grande mar – escola de naufrágios!

Chora um adeus em cada colo de onda!" (GEIR CAMPOS)

c) "Ei, você aí, ó sardento, esfrega aquele pedaço de tijolo nas lajes." (JOSUÉ GUIMARÃES)

d) "É tão igual ao nosso o teu semblante, ó Natureza!" (CABRAL DO NASCIMENTO)

e) "Olá, meu rapaz, isto não é vida!" (MACHADO DE ASSIS)

f) "Entrou de lábios comprimidos, o que lhe afilava mais ainda o narizinho pontudo." (ANTONIO CALADO)

g) "Vai, minha alma, branco veleiro,

vai sem destino, a bússola tonta..." (MARIA FERNANDA DE CASTRO)

h) "O Redentor do homem, Jesus Cristo, é o centro do cosmo e da História." (JOÃO PAULO II)

8. Dê a função sintática das palavras destacadas:

A disposição de enfrentar **qualquer** sacrifício para garantir o **carnaval** foi levada ao extremo, **ontem**, pelas muitas **pessoas** que procuraram as agências da Caixa Econômica Federal a fim de penhorar **joias** e **outros** objetos de **valor, recurso** que **lhes** garantiu o dinheiro necessário à **compra** das **fantasias** ou ao ingresso nos **bailes**.

9. Siga o exemplo, trocando o adjunto adverbial pelo predicativo do sujeito:

Exemplo: As chamas propagaram-se **rapidamente**.

As chamas propagaram-se **rápidas**.

a) As gaivotas voavam **apressadamente** sobre as ondas.
b) Os dois homens avançaram **cautelosamente**.
c) A música difundiu-se **suavemente** e **deleitosamente** pela sala.

10. Dê a função sintática dos termos destacados:

a) O **imenso** mar **azul** deixava-o deslumbrado.
b) **Naquele instante**, o garoto começou a gritar.
c) O jeito, **companheiros**, é permanecermos unidos.
d) Ande **mais devagar**, Ana!
e) Clarice Lispector, **grande escritora moderna**, nasceu em 1925 na Ucrânia.

11. Escreva as frases substituindo os asteriscos por adjuntos adnominais:

a) * amigo sempre esteve presente nos momentos mais * de minha vida.
b) João trouxe * livros * para o trabalho.
c) * vizinho só quer mesmo sombra e água * .
d) * amigos moram em * e * cidades.

12. Identifique as circunstâncias expressas pelos adjuntos adverbiais em cada frase.

a) Só entrarão com autorização do diretor.
b) Chorei de emoção.
c) Conversávamos sobre pintura e música.
d) Saía com amigos todas as tardes.
e) Arrumou-se para a festa dos vizinhos.

13. Complete as frases utilizando adjuntos adverbiais que expressem as circunstâncias indicadas.

a) * fosse melhor você mesma conversar com Pedro. (dúvida)
b) Fez o desenho * . (conformidade)
c) Não escreva * . (modo)
d) Fez o trabalho todo * rapidamente. (intensidade)
e) * participava das reuniões que promovíamos. (tempo)

14. Nas frases seguintes, identifique o aposto e o vocativo:

a) Meu amigo, você viu Tião, o rei do acarajé?
b) O desastre deixou muitos feridos, coisa lastimável.
c) Professor, como se resolve este problema?

TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO
Exercícios de exames e concursos
[Página 684]

PERÍODO COMPOSTO

O período composto, como já dissemos, é constituído de duas ou mais orações.

1 FORMAÇÃO DO PERÍODO COMPOSTO

Para a formação do período composto, podemos usar dois processos sintáticos: a *coordenação* e/ou a *subordinação*.

- Na **coordenação**, as orações se sucedem igualitariamente, sem que umas dependam sintaticamente das outras. Exemplos:

  "Assinei as cartas / e meti-as nos envelopes." (GRACILIANO RAMOS)

  "Adaptou-se à aspereza da vida, / enfrentou a adversidade, / desafiou o destino." (VIVALDO COARACI)

- Na **subordinação**, pelo contrário, há orações que dependem sintaticamente de outras, isto é, que são termos (sujeito, objeto, complemento, etc.) de outras. O período seguinte, por exemplo, está estruturado por subordinação, porque a oração em destaque é objeto direto da precedente, ou seja, completa o sentido da outra oração:

  Sílvia esperou / **que o marido voltasse**. [= Sílvia esperou **a volta do marido**.]

- O **período composto por coordenação** é constituído de orações independentes. Estas ou vêm ligadas pelas conjunções coordenativas ou estão simplesmente justapostas, isto é, sem conectivo que as enlace. Exemplos:

  "O guerreiro cristão atravessou a cabana / **e** sumiu-se na treva." (JOSÉ DE ALENCAR)

  "Agachou-se, / apanhou uma pedra / **e** atirou-a." (FERNANDO SABINO)

  A música se aviva, / o ritmo torna-se irresistível, frenético, alucinante.

- O **período composto por subordinação** consta de uma ou mais de uma oração principal e de uma ou mais orações dependentes ou subordinadas. Exemplos:

  Malha-se o ferro / **enquanto** está quente.

  Malha-se o ferro: oração principal; *enquanto está quente*: oração subordinada.

  Peço-te / **que** procedas / **como** convém.

  Peço-te: oração principal; *que procedas*: oração subordinada; *como convém*: oração subordinada.

Combinando os dois processos, temos um **período composto por coordenação e subordinação**, simultaneamente, ou **período misto**, no qual encontramos orações coordenadas independentes, orações principais e orações subordinadas. Exemplo:

Examinei a árvore / **e** constatei / **que** nos seus galhos havia parasitas.

Examinei a árvore: oração coordenada; *e constatei*: oração coordenada e principal; *que nos seus galhos havia parasitas*: oração subordinada.

Dos exemplos citados vê-se que num período composto podem ocorrer três tipos de orações:

a) coordenadas

b) principais

c) subordinadas

EXERCÍCIOS LISTA 42

1. Utilizando o processo sintático da subordinação, reduza as frases de cada grupo a um só período, fazendo as necessárias adaptações:

a) Fui à cidade vizinha despedir-me de um irmão. Ele trabalhava num hotel.

b) Plínio recebeu a boa notícia e sentiu-se muito comovido. Chegou a chorar.

c) O grupo escolar ficava perto, mas eu ia sempre acompanhado de minha irmã Luciana. Ela me havia ensinado a ler.

d) Alberto me fez uma pergunta. Não prestei atenção. Eu estava pensando em outra coisa.

e) O proprietário voltaria mais tarde. Assim nos informou o porteiro do edifício.

f) Nem os próprios deuses podem contentar toda a gente. Muito menos nós, homens, o podemos fazer.

g) O filho andara tanto tempo afastado deles. Agora parecia-lhes um estranho.

2. Como o exercício precedente:

a) Jacinto não sabia como preencher o tempo. Aborrecia-se muito com isso.

b) Ele não era daquela terra: via-se isso pelo modo de vestir e de falar.

c) Conduziram-me à presença da diretora, numa sala severa. Das paredes desta sala pendiam quadros e um crucifixo.

d) Foi violenta a fúria da tromba-d'água. Até veículos eram arrastados para o abismo.

e) Éramos ainda crianças. Não podíamos sair sozinhos aos domingos. Isto nos deixava humilhados.

f) Entre a minha casa e a do vizinho há um muro. Vejo, às vezes, por cima dele, cabecinhas de crianças esperando o momento oportuno para furtarem mangas.

g) Esta dura sentença não me abalou. Até me envaideceu.

3. Os períodos abaixo estão mal construídos. Desdobre-os em outros mais curtos e corretos. Faça as alterações necessárias:

a) Era noite fechada e todas as luzes estavam acesas, enquanto na estação um apito estridente deu ordem de partida e a locomotiva resfolegou, silvou forte, e o trem começou a deslocar-se em marcha lenta.

b) Um, dois dias de ansiosa espera, até que, afinal, certa hora em que o sol estava a pino, escureceu de súbito e relâmpagos cortaram o espaço e, dentro de minutos, as águas desabavam fartas, lavando a terra abrasada.

4. Transforme em períodos compostos:

a) "O tempo corrige tudo. Aumenta o saber. Clareia a mente da gente." (José Fonseca Fernandes)

b) "A campainha do telefone tocou várias vezes. Imperativa, insistente, irritante. Não me mexi." (Vilma Guimarães Rosa)

c) "Trabalhava no algodão, debaixo da poeira. Por isso vivia tossindo." (João Clímaco Bezerra)

d) Em Belém, pode-se visitar o Paraíso das Tartarugas. Ali centenas desses répteis são criados em viveiros.

5. Escreva cada período, numerando-o de acordo com o respectivo processo sintático:

(1) coordenação

(2) subordinação

(3) coordenação e subordinação

O matuto respondeu que onça só ataca homem nas fitas de cinema.

Eu tinha pressa e precisava de alguém que me ajudasse.

Acolheremos essas crianças ou as deixaremos na rua.

O cão que fica acorrentado salta de alegria, quando é posto em liberdade.

O jornal é torrente que desliza e passa, o livro é lago que recolhe e guarda.

Vão-se os anéis, mas fiquem os dedos.

6. Estruture os períodos abaixo pelo processo da subordinação. Ligue as orações em destaque com os conectivos indicados entre parênteses, fazendo as necessárias alterações:

a) **Era inocente** e condenaram-no. (**embora**)

b) **Entreterás as crianças com bons divertimentos** e elas serão dóceis. (**se**)

c) **Ele interveio arbitrariamente no caso** e todos ficaram revoltados. (**como**)

d) **As terras estavam ocupadas por terceiros**, mas nunca haviam sido alienadas por seus legítimos donos. (**conquanto**)

e) As fibras do linho eram trançadas umas nas outras: **assim se obtinham fios longos**. (**para que**)

f) Os caracteres estavam desbotados; **a carta era quase ilegível**. (**tão... que**)

PERÍODO COMPOSTO
Exercícios de exames e concursos
[Página 685]

ORAÇÕES COORDENADAS INDEPENDENTES

Esquema:

Orações coordenadas
- assindéticas (= não ligadas)
- sindéticas (= ligadas)
  - aditivas
  - adversativas
  - alternativas
  - conclusivas
  - explicativas

Oração coordenada é a que está ligada a outra de mesma natureza sintática.

No período composto por coordenação, as coordenadas são independentes (isto é, não funcionam como termos de outras) e se dizem:

a) **sindéticas**, quando se prendem às outras pelas conjunções coordenativas;

b) **assindéticas**, se estiverem apenas justapostas, sem conectivo, como as duas primeiras orações deste período:

"Inclinei-me, apanhei o embrulho e segui." (Machado de Assis)

Inclinei-me: oração coordenada assindética;

apanhei o embrulho: oração coordenada assindética;

e segui: oração coordenada sindética aditiva.

Outros exemplos de orações coordenadas assindéticas:

"A noite avança, há uma paz profunda na casa deserta." (Antônio Olavo Pereira)

"O ferro mata apenas; o ouro infama, avilta, desonra." (Coelho Neto)

"Avancei lentamente até o bueiro, sentei-me." (Graciliano Ramos)

"Jonas dá o sinal de partida, as lanchas se movimentam lentamente, os saveiros acompanham." (Jorge Amado)

1 ORAÇÕES COORDENADAS SINDÉTICAS

As *orações coordenadas sindéticas* recebem o nome das conjunções coordenativas que as iniciam. Podem ser, portanto:

- **aditivas** (expressam adição, sequência de fatos ou de pensamentos):

A doença vem a cavalo *e volta a pé*.

As pessoas não se mexiam *nem falavam*.

"Não só findaram as queixas contra o alienista, *mas até nenhum ressentimento ficou dos atos* que ele praticara." (MACHADO DE ASSIS)

Os livros não somente instruem, *mas também divertem*.

Ela não somente se orgulhava de seu marido *como também o amava muito*.

Observações:

✔ Nos três últimos exemplos, as orações coordenadas aditivas aparecem correlacionadas e são enfáticas. A conexão de orações desse tipo se faz por meio do par correlato *não só... mas também*, que apresenta as variantes: *não somente... mas ainda, não somente... como também, não somente... senão também, não só... mas até*.

✔ Usa-se e antes de *nem* só em dois casos. Primeiro, se a ênfase o exigir: "Não queremos *e nem* podemos entrar no exame de tamanha complexidade." (JOÃO RIBEIRO). Segundo, nas expressões *e nem sequer, e nem por isso, e nem assim, e nem sempre:* Recebeu a esmola *e nem sequer* agradeceu. Viu seus projetos desprezados *e nem por isso* se abalou.

- **adversativas** (exprimem contraste, oposição, ressalva):

A espada vence, *mas não convence*.

"É dura a vida, *mas aceitam-na*." (CECÍLIA MEIRELES)

Tens razão, *contudo não te exaltes*.

Havia muito serviço, *entretanto ninguém trabalhava*.

O mar é generoso, *porém às vezes torna-se cruel*.

O instinto social não é privilégio do homem, *antes, se nos depara nos próprios animais*. [*antes* = pelo contrário]

"Já não era um tímido passageiro que embarcara em São Paulo *e sim um estoico aviador*." (JOSÉ FONSECA FERNANDES) [*e sim* = mas]

- **alternativas** (exprimem alternância, alternativa, exclusão):

Venha agora *ou perderá a vez*.

"Jacinta não vinha à sala, *ou retirava-se logo*." (MACHADO DE ASSIS)

"Em aviação, tudo precisa ser benfeito *ou custará preço muito caro.*" (RENATO INÁCIO DA SILVA)
"A louca ora o acariciava, ora o rasgava freneticamente." (LUÍS JARDIM)
"Ou Amaro estuda ou largo-o de mão!" (GRACILIANO RAMOS)
O misterioso disco já escurecia, já brilhava intensamente.

Observação:

✔ Nos três últimos exemplos, ambas as orações são coordenadas alternativas.

- **conclusivas** (expressam conclusão, dedução, consequência):
  Vives mentindo; *logo, não mereces fé.*
  Ele é teu pai: *respeita-lhe, pois, a vontade.*
  Raimundo é homem são, *portanto deve trabalhar.*

- **explicativas** (exprimem explicação, motivo, razão):
  Leve-lhe uma lembrança, *que ela aniversaria amanhã.*
  "A mim ninguém engana, *que não nasci ontem.*" (ÉRICO VERÍSSIMO)
  "Qualquer que seja a tua infância, conquista-a, *que te abençoo.*" (FERNANDO SABINO)
  O cavalo estava cansado, *pois arfava muito.*
  Não mintas, *porque é pior para ti.*
  Ninguém podia queixar-se, *porquanto eu estava cumprindo o meu dever.*
  Decerto alguém o agrediu, *pois* (ou *porque*) *o nariz dele sangra.*

Observação:

✔ As orações coordenadas *explicativas* não devem ser confundidas com as subordinadas adverbiais *causais:* estas exprimem a causa de um fato, aquelas dão o motivo, a explicação da declaração anterior. Exemplos:

João está triste *porque perdeu o emprego.* → oração adverbial causal
[A perda do emprego é a causa da tristeza de João.]

A criança devia estar doente, *porque chorava muito.* → oração explicativa
[O choro da criança não podia ser a causa de sua doença.]

Note-se também que há pausa (vírgula, na escrita) entre a oração explicativa e a precedente e que esta é, muitas vezes, imperativa, o que não acontece com a oração adverbial causal.

2 ORAÇÕES COORDENADAS ASSINDÉTICAS

As *orações coordenadas assindéticas* são separadas por pausas, que na escrita se marcam por vírgula, ponto e vírgula ou dois-pontos. Exemplos:

"O sol apareceu, cortou o nevoeiro." (José Fonseca Fernandes)

"Matamos o tempo; o tempo nos enterra." (Machado de Assis)

"Não dançou; viu, conversou, riu um pouco e saiu." (Machado de Assis)

"Apertei-lhe a mão: estava gelada." (Carlos de Laet)

Observação importante:

✔ As orações coordenadas são autônomas quanto à estrutura sintática, mas inter-relacionadas, interdependentes, quanto ao sentido.

EXERCÍCIOS — LISTA 43

1. Transcreva apenas o período cujas orações são todas coordenadas assindéticas:

a) Teria o avião caído na selva ou estaria pousado em local desconhecido?

b) "A mata agita-se, revoluteia, contorce-se toda e sacode-se!" (Manuel Bandeira)

c) "Elisa recomenda à pequena Araci atenção na casa, fecha a porta, dirige-se para o Correio". (Jorge Amado)

2. Classifique as orações coordenadas sindéticas em destaque, numerando-as de 1 a 5, de acordo com a tabela abaixo:

(1) aditivas
(2) adversativas
(3) alternativas
(4) conclusivas
(5) explicativas

- Ou galopa **ou sai da estrada**. (Refrão gaúcho)
- "A civilização não se mede pelo aperfeiçoamento material, **mas sim pela elevação moral**." (Eduardo Prado)
- Os operários protestam, reclamam **e exigem explicações**.
- Decerto choveu nas cabeceiras do rio, **porque o caudal avolumou-se muito, hoje**.
- Os argumentos sobre os malefícios da poluição não os abalam **nem comovem**.
- O homem depende do solo e da flora; **deve, pois, preservá-los**.
- "O navio deve estar mesmo afundando, **pois os ratos já começaram a abandoná-lo**." (Érico Veríssimo)
- Seremos vencedores **ou iremos provar o amargor da derrota**?
- O rio ora se estreitava, **ora se alargava caprichosamente**.
- Mônica não era uma beldade, **contudo impunha-se pela sua simpatia**.
- Astrônomos já tentaram estabelecer contato com seres extraterrestres; **suas tentativas, porém, resultaram infrutíferas**.

3. Escreva três vezes o período final do exercício anterior, trocando a conjunção **porém** por outras equivalentes.

4. Divida e classifique as orações coordenadas:

a) "Ele falava, contava tudo." (Olavo Bilac)

b) Ou o governo gasta menos ou acabará dando com os burros n'água.

c) "As grandes árvores nem se mexem, pois não dão confiança a essa brisa, mas as plantinhas miúdas ficam felizes." (Aníbal Machado)

d) "O major Camilo não ata nem desata." (Ricardo Ramos)

e) A punição foi justa, portanto não se queixe.

f) "Abram-me estas portas, que eu a trarei!" (Camilo Castelo Branco)

g) Não tinha experiência, mas boa vontade não lhe faltava.

h) "Um cachorro talvez rosnasse ou mordesse." (Adonias Filho)

i) A árvore provavelmente estava meio podre, pois o vento a derrubou.

5. Divida e classifique as orações coordenadas destes períodos:

a) A mulher tentou passar, porém sua passagem foi barrada.

b) A ordem era absurda, entretanto ninguém protestou.

c) As folhas, no inverno, amarelecem e caem, ou ficam inativas.

d) Netuno é deus do mar, mas Baco tem afogado mais gente. (Provérbio grego)

e) Não te queixes, que há outros mais infelizes.

f) "O dia é belo, esplende ao sol a baía, os aviões rumorejam, passam mulheres perfumadas." (Aníbal Machado)

g) Os verdadeiros mestres não só ensinam, mas também educam.

h) O acusado não é criminoso; logo, será absolvido.

i) "Ora se esconde, ora ressurge, ora se inclina." (Olegário Mariano)

j) Ela é rica, poderia exibir roupas finas, no entanto veste-se com simplicidade.

k) "A atmosfera oleosa não arejava o peito, antes sufocava." (Autran Dourado)

l) O Sol não somente ilumina a Terra, mas ainda lhe dá calor e vida.

6. Relacione as orações em destaque a seus significados:

(1) acrescentamento
(2) contraste, oposição
(3) alternância, alternativa
(4) conclusão
(5) explicação, motivo

Deus é amor, **portanto Ele nos ama**.
A água evapora-se **e forma as nuvens**.
Ela devia estar triste, **pois não sorriu uma só vez**.
Ou ele se rende **ou será morto**.
A vida o arrocha, **mas Tomé não afrouxa**.
Não reclame de seus pais, **que ninguém no mundo é perfeito**.
Alguns ora aplaudiam, **ora vaiavam os oradores**.

ORAÇÕES COORDENADAS INDEPENDENTES
Exercícios de exames e concursos

[Página 685]

ORAÇÕES PRINCIPAIS E SUBORDINADAS

1 ORAÇÃO PRINCIPAL

Analisemos este período composto por subordinação:

Pedi que tivessem calma. [= Pedi calma.]

Pedi: oração principal

que tivessem calma: oração subordinada

A primeira oração é principal porque não depende, sintaticamente, da segunda, que a completa.

A segunda oração é subordinada porque completa o sentido da primeira, da qual depende, funcionando como objeto direto.

Vejamos, agora, este período composto por coordenação e subordinação:

Acordamos quando amanhecia e partimos alegres.

[= Acordamos de manhã cedo e partimos alegres.]

Acordamos: oração principal
quando amanhecia: oração subordinada adverbial temporal
e partimos alegres: oração coordenada sindética aditiva

Observe que a segunda oração depende da primeira, funcionando como um adjunto adverbial de tempo.

Oração principal ***é a que não exerce, no período, nenhuma função sintática e vem acompanhada de oração dependente, que lhe completa ou amplia o sentido.***

Oração principal somente pode ocorrer num período composto por subordinação ou num período misto.

Orações coordenadas são ao mesmo tempo *principais* sempre que houver outras que delas dependam. Exemplo:

Eu não disse nada, **mas achei** que tinham razão.

Eu não disse nada: oração coordenada assindética
mas achei: oração coordenada sindética adversativa e principal
que tinham razão: oração subordinada à segunda oração

A segunda oração é coordenada sindética adversativa e, ao mesmo tempo, principal em relação à seguinte.

Num período misto, pode haver mais de uma oração principal. Exemplos:

Eu sei que a vida é bela, **mas também não ignoro** que ela é áspera.

"**Estimo** que sejam felizes, **e espero** que não se esqueçam de mim." (MACHADO DE ASSIS)

As orações em destaque são principais em relação às imediatas.

2 ORAÇÃO SUBORDINADA

Oração subordinada é a que depende de outra: serve-lhe de termo e completa-lhe ou amplia-lhe o sentido.

Quando se apresenta desenvolvida vem, geralmente, ligada por um conectivo subordinativo. Exemplos:

Eu não esperava **que ele concordasse**.

Tínhamos certeza **de que seríamos mal recebidos**.

O tambor soa **porque é oco**.

A cobra é um animal **que se arrasta**. [= rastejante]

A oração subordinada exerce função sintática de um termo de outra oração, sendo, por isso, necessária à perfeita realização do enunciado. Nos exemplos dados, as orações em destaque são, respectivamente, objeto direto, complemento nominal, adjunto adverbial de causa e adjunto adnominal.

Uma oração subordinada pode depender de outra subordinada e não da principal, que inicia o período. Exemplo:

Quero que saibam **quanto o sucesso me custou**.

Quero: oração principal

que saibam: oração subordinada à principal

quanto o sucesso me custou: oração subordinada à segunda oração

3 CLASSIFICAÇÃO DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS

As orações subordinadas classificam-se, de acordo com seu valor ou função, em *substantivas*, *adjetivas* e *adverbiais*.

- **substantivas** – exercem as funções próprias dos substantivos (sujeito, objeto direto, objeto indireto, predicativo, complemento nominal, aposto). Exemplos, com as orações substantivas em destaque:

  Peço **que desistas**. → oração substantiva objetiva direta
  [Peço **tua desistência**. → objeto direto]

  É necessário **que você compareça**. → oração substantiva subjetiva
  [É necessário *seu comparecimento*. → sujeito]

- **adjetivas** – exercem a função dos adjetivos (adjunto adnominal):

  Pessoa **que mente** não merece fé.
  [Pessoa *mentirosa* não merece fé.]

  Confortai os homens **que sofrem**.
  [Confortai os homens *sofredores*.]

  "Era esta a verdade **que ninguém contestou**." (CAMILO CASTELO BRANCO)
  [Era esta a verdade *incontestável*.]

- **adverbiais** – exercem a função dos advérbios (adjunto adverbial):

  Chegamos **quando anoitecia**.
  [Chegamos *pela noitinha*.]

  Quando amanhece, sopram ventos frescos.
  [*De manhã* sopram ventos frescos.]

  As pernas tremiam-lhe **porque tinha medo**.
  [As pernas tremiam-lhe *de medo*.]

Quanto à forma, as orações subordinadas podem apresentar-se *desenvolvidas* ou *reduzidas*. Exemplos:

Peço-lhes **que voltem aqui amanhã**. (desenvolvida)
Peço-lhes **voltarem aqui amanhã**. (reduzida)

Se fores por este caminho, chegarás antes. (desenvolvida)
Indo por este caminho, chegarás antes. (reduzida)

Quanto à conexão, as orações subordinadas desenvolvidas podem ser:

a) *sindéticas*, isto é, com conectivo, caso mais frequente. Exemplos:

Acredita-se **que** *o Sol tenha mais de cinco bilhões de anos*.

Os índios se revoltarão, **se** *lhes invadirmos as terras*.

b) *assindéticas* ou *justapostas*, isto é, sem conectivo, caso menos frequente. Exemplos:

Ignoro *quantas reses há nesta fazenda*.

Faziam o trabalho maquinalmente, *tão habituados estavam*.

4 ORAÇÕES SUBORDINADAS COORDENADAS

Duas ou mais orações subordinadas com a mesma função podem estar coordenadas entre si. Exemplos:

Teus pais desejam *que estudes* **e** *que te formes*.

Teus pais desejam
- que estudes → oração substantiva objetiva direta
- **e**
- que te formes → oração substantiva objetiva direta

Se trabalhares **e** *(se) fores honesto*, serás feliz.

Quando ela chegar **e** *(quando) te vir aqui*, ficará contente.

Exigiu-me *que cultivasse as terras* **ou** *as vendesse.* [ou *que* as vendesse]

"O homem brinca com as forças da natureza *que ele não conhece* **nem** *domina.*" (VIVALDO COARACI) [*nem domina* = e *que* não domina]

Tenho a sensação *de que viajo para muito longe* **e** *não voltarei nunca mais.* [*Isto é:* e de que não voltarei nunca mais.]

"A ausência diminui as paixões medíocres e aumenta as grandes, *como o vento apaga as velas* **e** *atiça as fogueiras.*" (MACHADO DE ASSIS)

"Continuou resmungando lá dentro, *enquanto arrastava malas, abria* **e** *fechava gavetas com estrondo.*" (A. OLAVO PEREIRA)

"Era estranho *que a mana se conservasse calada, não desse uma palavra, não fizesse um comentário.*" (LUÍS JARDIM)

"Arriscou algumas passadas, convencido *de que o observavam* **e** *censuravam.*" (GRACILIANO RAMOS) [**e** *de que o* censuravam]

"Por mais que eu admire o mestre do 'Grande Sertão', **e** *bastantemente o inveje,* não creio que o ande imitando." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

Observação:

✔ Só se coordenam orações subordinadas de mesma espécie e função. Observe que o conectivo subordinativo, as mais das vezes, está elíptico.

EXERCÍCIOS — LISTA 44

1. Divida as orações colocando-as entre colchetes e ponha **P** sobre as principais e **S** sobre as subordinadas:

a) O meteorologista avisou que o ano seria chuvoso.

b) Chegaram as grandes máquinas que iam aplainar o terreno.

c) Enquanto o patrão viveu, a empresa prosperou.

2. Transcreva os períodos compostos e sublinhe as orações principais:

a) "Respondi-lhe que não era poeta." (MACHADO DE ASSIS)

b) Se o Nilo secar amanhã de manhã, o Egito morrerá amanhã à noite. (Adágio)

c) "Conto com vossemecê, e creia que tem em mim um amigo." (CAMILO CASTELO BRANCO)

d) "Os olhos, que eram travessos, fizeram-se murchos." (MACHADO DE ASSIS)

e) Assegurou-me que viajaria, mas não me disse quando ia voltar.

3. Continue o exercício, colocando entre colchetes as orações subordinadas coordenadas entre si, atendendo aos conectivos ocultos:

a) Pediu-me [que esquecesse tudo] [e lhe perdoasse].

b) "Há umas plantas que nascem e crescem depressa, outras são tardias e pecas." (MACHADO DE ASSIS) [*peco (pê)* = atacado de doença]

c) "Peça-lhe que viva, que se case e que me esqueça." (CAMILO CASTELO BRANCO)

d) Quando se trabalha e se tem esperança, a felicidade mora em nós.

e) "Chovesse ou fizesse sol, o Major não faltava." (Povina Cavalcânti)

f) "Não haverá ninguém no cais, porque é tarde e faz frio lá fora." (Vilma Guimarães Rosa)

4. Copie os períodos, numerando-os de acordo com o tipo de oração subordinada:

(1) subordinada substantiva

(2) subordinada adjetiva

(3) subordinada adverbial

Reconheço **que agi mal**.

Quando me retirei, já era noite fechada.

É conveniente **que fiques aqui**.

Quero isto **porque é justo**.

Há plantas **que são venenosas**.

Pedra **que rola** não cria limo.

5. Substitua as orações subordinadas adjetivas por adjetivos e as substantivas por substantivos equivalentes, fazendo as necessárias alterações:

Exemplo: Necessito **de que me ajudes**.

Necessito **de tua ajuda**.

a) O senhor necessita **de que o ajudemos**?

b) O homem **que estuda** penetra o mistério das coisas.

c) Pratiquemos ações **que enobreçam**.

d) É indispensável **que estejam presentes e que participem nos debates**.

e) Meu pai não se opõe **a que eu viaje à Europa**.

f) Alimentas um ideal **que não se pode atingir, que é uma utopia**.

6. Substitua os termos em destaque por orações subordinadas equivalentes iniciadas por conectivos subordinativos, fazendo as adaptações necessárias:

a) Evitemos palavras **ofensivas**.

b) O professor pediu **a colaboração dos alunos**.

c) Ninguém impede **vossa permanência** aqui.

d) **Ao escurecer**, as aves buscam os ninhos.

e) **À nossa chegada**, a multidão se alvoroçou.

f) O comandante exortava os soldados **à luta** contra os invasores.

g) Em princípio, sou favorável **ao teu pedido tão insistente**.

h) **Com a minha aproximação**, eles se calaram.

i) Será necessário **nosso comparecimento** à reunião.

j) É imprescindível **a colaboração de todos** nesta campanha.

k) O médico advertiu-a **da gravidade da doença**.

l) Cerca-o uma corte **aduladora e exploradora**.

m) Admitia-se **a existência de seres vivos** na Lua.

ORAÇÕES PRINCIPAIS E SUBORDINADAS
Exercícios de exames e concursos
[Página 685]

ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS

As *orações subordinadas substantivas* são designadas de acordo com a sua função no período.

1 CLASSIFICAÇÃO DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS

Compreendem sete espécies:

- **subjetivas** – funcionam como sujeito do verbo da oração principal:
  É necessário **que você colabore**. [= *Sua colaboração* é necessária.]
  Parece **que a situação melhorou**.
  Aconteceu **que não o encontrei em casa**.
  Importa **que saibas isso bem**.
  Às vezes sucedia **que um de nós se machucava**.
  Não consta **que ele fosse antirreligioso**.
  Convém **que sigas uma profissão**.
  É bom **que você venha**.
  Não é segredo **que os dois não se entendem**.
  Ficou provado **que os documentos eram falsos**.
  Foi decidido **que não haveria convites**.
  Não se sabia **se ela vinha**.
  Sabe-se **que ele é rico**.
  Constatou-se **que os remédios eram falsos**.
  Acreditava-se **que a Terra fosse imóvel**.
  "Receava-se **tivesse havido algum desastre**." (ANÍBAL MACHADO)
  Dir-se-ia **que ele estava cego**.
  Julgar-nos-á **quem nos criou**.
  Quem avisa amigo é.
  Ignora-se **como** (ou **quando** ou **onde**) **se deu o acidente**.
  "Logo correu **que havia chegado à terra um literato**." (GRACILIANO RAMOS)
  "Nunca se sabe **quem está conosco ou contra nós**." (ÉRICO VERÍSSIMO)

Observação:

✔ As subordinadas subjetivas, como se vê nos exemplos acima, desempenham a função de sujeito de verbos usados na 3ª pessoa do singular e são iniciadas, quando se apresentam desenvolvidas, pelas conjunções integrantes *que* (às vezes elíptica) e *se*, pelos pronomes indefinidos *quem, qual, quanto, que*, e pelos advérbios *como, quando, onde, porque, quão*, nas interrogações indiretas.

- **objetivas diretas** – funcionam como objeto direto do verbo da oração principal:

O mestre exigia **que todos estivessem presentes**. [= O mestre exigia *a presença de todos*.]

Mariana esperou **que o marido voltasse**.

Ninguém pode dizer: **desta água não beberei**.

O fiscal verificou **se tudo estava em ordem**.

Perguntaram **quem era o dono da fábrica**.

Indaguei **de quem eram aqueles quadros**.

Veja **que horas são**.

Não posso dizer **qual delas é a mais feia**.

Ignoro **quantos são os desabrigados**.

O freguês perguntou **quanto custava aquele relógio**.

Ignoramos **como se salvaram**.

Perguntei-lhe **quando ia casar**.

Não sabemos **onde anda o proprietário do imóvel**.

Eu sei **por que ele não veio**.

Bem sabes **quão desagradáveis são essas coisas**.

Peço a Vossa Excelência **me escute um pouco mais**. [= *que* me escute]

Adriana me perguntou **de quem era o retrato**.

"Ignoro **a que pessoas se referia o Dr. Magalhães**." (Graciliano Ramos)

"No meu quarto, caí vencido sobre a cama, abafando soluços que não desejava **fossem ouvidos na sala ao lado**." (Gastão Cruls) [= *que* fossem ouvidos]

"Jamais pensei **fosse tão bom assim**." (Marina Colasanti)

As orações substantivas objetivas diretas desenvolvidas são iniciadas:

a) pelas conjunções integrantes *que* (às vezes elíptica) e *se*;

b) pelos pronomes indefinidos *que, quem, qual, quanto* (às vezes regidos de preposição), nas interrogações indiretas;

c) pelos advérbios *como, quando, onde, por que, quão* (às vezes regidos de preposição), nas interrogações indiretas.

- **objetivas indiretas** – funcionam como objeto indireto:

Não me oponho **a que você viaje**. [= Não me oponho *à sua viagem*.]

Aconselha-o **a que trabalhe mais**.

Daremos o prêmio **a quem o merecer**.

Lembre-se **de que a vida é breve**.

O santo exortava o povo **a que se mantivesse fiel a Deus**.

O soldado insistia **em que a prisão fosse feita**.

"O coronel Ferreira avisava-o **de que se acautelasse**." (Camilo Castelo Branco)

"Alguém me convencera **de que eu devia jejuar**." (Graciliano Ramos)

"Abriu-se o templo **a quem quer que cresse em Deus**." (Jônatas Serrano)

Observações:

✔ As orações objetivas indiretas são regidas de preposição.

✔ É frequente a elipse (omissão) da preposição:

"Não me lembrei *que estava diante de um cavalheiro...*" (Camilo Castelo Branco), isto é: Não me lembrei *de* que estava diante de um cavalheiro.

"Esqueceu-se *que tenho cinquenta anos?*" (Camilo Castelo Branco), ou seja:

Esqueceu-se *de* que tenho cinquenta anos?

"Ambos concordaram *que essas ideias não tinham senso comum*". (Machado de Assis)

- **predicativas** – exercem a função de predicativo do sujeito:

Seu receio era **que chovesse**. [Seu receio era *a chuva*.]

Minha esperança era **que ele desistisse**.

Meu maior desejo agora é **que me deixem em paz**.

Não sou **quem você pensa**.

Arnaldo foi **quem trabalhou menos**.

Para alguns a pátria é **onde se está bem**.

"O certo é **que a pacata fisionomia da cidadezinha ganhou animação**."
(Povina Cavalcânti)

Em certos casos, são realçadas com a preposição expletiva *de*:

A expectativa é **de que a safra agrícola aumente**.

"A impressão é **de que uma e outra seriam a mesma coisa**."
(Carlos Castelo Branco, *Jornal do Brasil*, 10/9/1991)

- **completivas nominais** – têm a função de complemento nominal de um substantivo ou adjetivo da oração principal:

Sou favorável **a que o prendam**. [= Sou favorável *à prisão dele*.]

Estava ansioso **por que voltasses**.

Sê grato **a quem te ensina**.

"Fabiano tinha a certeza **de que não se acabaria tão cedo**." (Graciliano Ramos)

"Deixei-me estar em casa, desde a tarde, na esperança **de que me chamasse**."
(Antônio Olavo Pereira)

"Estava convencido **de que um dia lhe dariam razão**." (Herberto Sales)

"Mariana teve a sensação **de que alguém a observava**." (Ana Miranda)

"O romano estava intimamente convencido **de que era superior a todos os outros povos**."
(Jônatas Serrano)

"É inútil uma coleção de armas **para quem já não caça mais**." (Maria de Lourdes Teixeira)

"Há necessidade **de quem é luz do mundo e sal da terra**." (Dom Eugênio Sales)

Observação:

✔ As completivas nominais são regidas de preposição, a qual em certos casos pode ser omitida, como neste exemplo: "Zé Grande tinha a impressão *que estava voltando a ser criança*." (HAROLDO BRUNO).

- **apositivas** – servem de aposto:

Só desejo uma coisa: **que vivam felizes**. [Só desejo uma coisa: *a sua felicidade*.]

Só lhe peço isto: **honre o nosso nome**.

"Talvez o que eu houvesse sentido fosse o presságio disto: **de que virias a morrer**..." (OSMAN LINS)

"Mas diga-me uma cousa, **essa proposta traz algum motivo oculto**?" (MACHADO DE ASSIS)

"A notícia veio de supetão: **iam meter-me na escola**." (GRACILIANO RAMOS)

"E confesso uma verdade: **eu era um homem puro**." (POVINA CAVALCÂNTI)

- orações com função de **agente da passiva**:

O quadro foi comprado **por quem o fez**. [= *pelo seu autor*]

A obra foi apreciada **por quantos a viram**.

Observação:

✔ A NGB não faz referência a esse tipo de oração substantiva.

Orações subordinadas substantivas podem estar coordenadas. Exemplos:

"Parece **que a paisagem tem vida e se ajoelha** a rezar." (OLEGÁRIO MARIANO)
[*e se ajoelha* = e *que* se ajoelha]
"Contei-lhe **que Timóteo vendera o forde e se mudara**." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA) [*e se mudara* = e *que* se mudara]

"Tínhamos a impressão **de que a fala ranzinza nos acariciava e repreendia**."
(GRACILIANO RAMOS) [*e repreendia* = e *de que* repreendia]

"Só aí me inteirei **de que ela havia sofrido e era boa**." (GRACILIANO RAMOS) [*e era boa* = *e de que* era boa]

EXERCÍCIOS — LISTA 45

1. Siga os exemplos, transformando os termos em destaque em orações substantivas, sem alterar o sentido básico das frases. Observe que as orações substantivas têm as mesmas funções dos substantivos:

É possível **a ida do homem a Vênus**.

É possível **que o homem vá a Vênus**.

a) Parecia impossível **o voo de máquinas tão pesadas**.

b) Interessa a todos **a baixa dos preços**.

Pedimos **seu comparecimento em nosso escritório**.
Pedimos **que compareça em nosso escritório**.

c) O porteiro impediu **a entrada dos retardatários**.
d) Constatei **a existência, em mim, de forças antagônicas**.

Alfredo precisava **da ajuda de sua irmã**.
Alfredo precisava **de que sua irmã o ajudasse**.

e) Os pais não se opunham **ao casamento da filha com o pugilista**.
f) O funcionário se queixa **da perseguição do chefe**.

Tínhamos medo **do ataque de animais ferozes**.
Tínhamos medo **de que animais ferozes nos atacassem**.

g) À noite, tive conhecimento **da chegada de meus primos**.
h) Eu estava convicto **da inocência do acusado**.

2. Transcreva apenas os períodos em que há oração substantiva subjetiva:

Aqui está o anel que achei.
Ficarei triste, se você não vier.
Aconteceu que faltou luz.
Sabe-se que o ouro é dúctil.

3. Copie somente o período em que a oração substantiva funciona como sujeito da oração principal:

- Parece que ele é surdo.
- Desejo que venham todos.

4. Ponha entre colchetes as orações substantivas e classifique-as:

(**S**) subjetivas (**OD**) objetivas diretas

a) Sabemos que o calor dilata os corpos.
b) Acreditava-se que o homem chegaria à Lua.
c) Convém que obedeças aos ditames da razão.
d) Ignoramos quando ocorreu o acidente.
e) É provável que os egípcios tenham inventado a fabricação do vidro.
f) É fato inconteste que a civilização grega influenciou a romana.
g) "Ninguém lhe perguntou donde vinha." (Vivaldo Coaraci)
h) Foi decidido que não haveria discursos durante o banquete.
i) Seja dito, a bem da verdade, que Rafael não mentia.
j) Admitamos que o mundo acabe amanhã.
k) "Creio que a grande paixão de Childe foi o Egito." (Manuel Bandeira)

5. Transcreva os períodos antepondo **OI** quando houver oração substantiva objetiva indireta, e **CN** se ocorrer oração completiva nominal:

- "Tenho a certeza de que Sérvulo irá ajudá-la muito." (Vilma Guimarães Rosa)
- "Joana agarrava-se loucamente à esperança de que Dedé haveria de voltar." (Bernardo Élis)

- Eles agora se convenceram de que o estudo é indispensável.
- Margarida lembrou-se de que o relógio estava atrasado.
- Eles agora estão convencidos de que o estudo é indispensável.

6. Copie as frases e numere os períodos, de **1** a **7**, de acordo com as orações subordinadas substantivas que neles ocorrem, obedecendo à seguinte classificação:

(1) orações subjetivas
(2) orações objetivas diretas
(3) orações objetivas indiretas
(4) orações predicativas
(5) orações completivas nominais
(6) orações apositivas
(7) orações com função de agente da passiva

a) Perguntei se ele estava satisfeito ali.
b) É justo que amparemos nossos pais.
c) A minha opinião é que você não deve ir.
d) "Nada obsta a que o joguem [o futebol] com elegantes pernadas as damas e senhoritas." (Carlos de Laet)
e) Havia suspeitas de que ele fosse o criminoso.
f) "Lá se vê quão salutar é a vara da lei." (Camilo Castelo Branco)
g) Não se esqueça de que você também é falível.
h) Seremos julgados por quem nos criou.
i) "Só ponho uma condição: vai almoçar comigo." (Carlos de Laet)
j) Estamos ansiosos por que terminem as aulas.
k) Na traseira do fordeco, lia-se o aviso: "Mantenha distância".
l) Na loteria da vida, o acertador é quem não aposta.
m) Tive o pressentimento de que os dois carros iriam chocar-se.

7. Transcreva apenas o período em que ocorre oração substantiva apositiva:

- No portão da casa havia o aviso: "Nosso cão não é seu amigo".
- No portão da casa estava escrito: "Nosso cão não é seu amigo".
- No portão da casa a placa avisava: "Nosso cão não é seu amigo".

8. Complete os períodos, substituindo os asteriscos por **orações substantivas** adequadas e classifique-as:

a) É necessário **********.
b) Perguntamos **********.
c) Comentava-se **********.
d) Informo V. Sª **********.
e) Bastaria **********.
f) A verdade é **********.

g) Ela estava ansiosa **********.

h) Na traseira do ônibus estava a advertência: **********.

9. Copie o período abaixo e em seguida aponte a análise correta das três orações em destaque:

[**Dizem**] [**que em boca fechada não entram moscas;**] [por isso, é bom] [**que não demos com a língua nos dentes.**]

- oração principal – substantiva objetiva direta – substantiva subjetiva
- oração principal – substantiva subjetiva – substantiva predicativa

10. Divida e classifique as orações deste período:

"O pescador subaquático está agora estendido na relva: ninguém sabe se ele dorme ou perdeu os sentidos." (Érico Veríssimo)

11. Sublinhe e classifique as orações subordinadas substantivas, observando que em quatro períodos há orações subordinadas coordenadas:

a) "Os brancos tinham como dogma que de outra maneira não se levavam pretos." (Monteiro Lobato)

b) Cada vez mais me convenço de que a guerra é uma estupidez.

c) "Parecia-nos que um santuário estava sendo profanado." (Vivaldo Coaraci)

d) O rei o persuadiu a que aceitasse o cargo.

e) "O público insistiu em que não se retirava." (Ramalho Ortigão)

f) "Ninguém pergunta ao retirante donde vem nem para onde vai." (José Américo)

g) "E nunca se sabia como, quando e com que armas ia atacar." (Érico Veríssimo)

h) "A notícia corria de boca em boca: íamos ter um circo na cidade." (Povina Cavalcânti)

i) "Não importa que só tenha quinze anos e se ache feia." (Vilma Guimarães Rosa)

j) Rômulo não se opôs a que o filho vendesse a casa e fosse morar no Rio.

ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS
Exercícios de exames e concursos
[Página 685]

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS

Comparemos as duas frases:

O professor gosta dos alunos **estudiosos**.
O professor gosta dos alunos **que estudam**.

estudiosos: adjunto adnominal de *alunos*
que estudam: oração subordinada adjetiva

A oração **que estudam** é chamada *adjetiva* porque tem o mesmo valor do adjetivo *estudiosos*, funciona como adjunto adnominal do substantivo *alunos*.

As orações subordinadas adjetivas são as que exercem, como os adjetivos, a função de adjunto adnominal.

São introduzidas, as mais das vezes, pelos pronomes relativos e referem-se a um termo antecedente, que pode ser um substantivo ou pronome. Outros exemplos, com os antecedentes sublinhados:

Há coisas **que nos comovem**.

O professor **a quem fui apresentado** era muito simpático.

Há palavras **cuja origem é obscura**.

Este é o motivo **pelo qual desisti do torneio**.

Os jogadores dirigiram-se ao estádio, **onde a multidão os esperava**.

É teu tudo **quanto aqui existe**.

Ele falava cantando, o **que muito nos divertia**. [*o* = coisa, fato]

Ele, **que trabalhou**, não ganhou nada.

Para uns, **que viajam**, as estrelas são guias.

Ó flor, **que me sorris**, que fim terás? [antecedente: *tu*]

"A poeira **que levantou** o fez espirrar." (NÉLIDA PIÑON)

Observe que a oração subordinada adjetiva, como nos quatro últimos exemplos, pode estar intercalada na oração principal:

Ele não ganhou nada: oração principal
que trabalhou: oração subordinada adjetiva

Observação:

✔ Convém recordar os pronomes relativos.

Não faltam exemplos de orações adjetivas iniciadas pelo pronome indefinido *quem*, sem antecedente:

Os benefícios persistem na memória **de quem os faz**.

Encarecemos as qualidades **de quem amamos**.

"Tinha a expressão obstinada **de quem tenta** desembaçar um espelho." (LÍGIA FAGUNDES TELLES)

Observação:

✔ Neste, como em outros casos, desaconselhamos o processo artificial dos desdobramentos [Encarecemos as qualidades *daqueles que* amamos], processo esse que se divorcia do moderno conceito de análise sintática. Deve-se analisar a frase como se apresenta no texto.

Registrem-se também as orações adjetivas introduzidas pelo advérbio relativo *como* (= por que, pelo qual, pela qual). Exemplos:

Admiro o modo **como ele trabalha**.

"Não reproduzo suas palavras da maneira **como as enunciou**." (MONTEIRO LOBATO)

1 CLASSIFICAÇÃO DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS

Há dois tipos de orações subordinadas adjetivas: *explicativas* e *restritivas*.

- **explicativas** – explicam ou esclarecem, à maneira de aposto, o termo antecedente, atribuindo-lhe uma qualidade que lhe é inerente ou acrescentando-lhe uma informação. Exemplos:

  Deus, **que é nosso pai**, nos salvará.

  Valério, **que nasceu rico**, acabou na miséria.

  Ele tem amor às plantas, **que cultiva com carinho**.

  Alguém, **que passe por ali à noite**, poderá ser assaltado.

  "Olhou a caatinga amarela, **que o poente avermelhava**." (GRACILIANO RAMOS)

  "Mariana sentou-se no catre, **ao lado do qual estava o baú de roupas**." (ANA MIRANDA)

As explicativas são isoladas por pausas, que na escrita se indicam por vírgulas.

- **restritivas** – restringem ou limitam a significação do termo antecedente, sendo indispensáveis ao sentido da frase. Exemplos:

  Pedra **que rola** não cria limo.

  Os animais **que se alimentam de carne** chamam-se carnívoros.

  Rubem Braga é um dos cronistas **que mais belas páginas escreveram**.

"Há saudades **que a gente nunca esquece**." (OLEGÁRIO MARIANO)
"Escolheu a rua **que o levaria ao bairro dos clubes**." (FERNANDO NAMORA)
"As pessoas **a que a gente se dirige** sorriem." (GRACILIANO RAMOS)
"A vida me ensinou a conhecer os homens **com os quais eu lido**." (JOSUÉ GUIMARÃES)
"Existem coisas **cujo alcance nos escapa**; nem por isso deixam de existir." (INÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO)

A oração adjetiva do primeiro exemplo restringe, limita, reduz a categoria das pedras: não são todas as pedras que não criam limo, mas só as que rolam.

Observação:

✔ Não se faz pausa entre a oração principal e a adjetiva restritiva; por isso, não tem cabimento a vírgula. Há, no entanto, autores que, mesmo neste caso, usam vírgula.

- As orações adjetivas vêm precedidas de preposição (ou locução prepositiva), sempre que esta for reclamada pelo verbo que as constitui. Exemplos:

Este é um título **a que toda moça bonita aspira**. [aspirar *a* algo]
A velhinha era uma dessas pessoas **às quais não se pode mentir**.
Trouxe-lhe as frutas **de que você gosta**. [gostar *de* algo]
Algumas colegas **com quem estudo** são alunas brilhantes.
Havia ali pessoas **por quem eu não queria ser visto**.
Este é um ideal **por que sempre lutei**. [lutar *por* algo]
"A casa **em que Antônia morava** foi posta abaixo." (MANUEL BANDEIRA) [morar *em* um lugar]
Não desespere, recorra a Deus, **em cujas mãos está a nossa vida**.
De repente, achei-me num mundo desconhecido, desconcertante, **com o qual eu nunca mantivera qualquer contato**. [manter contato *com* algo]
Os doentes foram instalados num galpão, **perto do qual acendemos grandes fogueiras**.
"A doença de Margarida durou dois dias, **no fim dos quais levantou-se a viúva um pouco abatida**." (MACHADO DE ASSIS)

- Orações adjetivas podem estar coordenadas. Exemplos:

"Cerca-o uma corte **que o adula e explora**." (RAMALHO ORTIGÃO)
[*e explora* = e *que* o explora]
"Não assim o panorama do mar, **que é vário e a cada instante se recria**." (CIRO DOS ANJOS)
[Isto é: e *que* a cada instante se recria.]

EXERCÍCIOS — LISTA 46

1. Ponha as orações adjetivas entre colchetes e destaque os antecedentes, como no exemplo:

a) Mal podia encobrir a **tristeza** [que o minava.]
b) Nem tudo que reluz é ouro.
c) "São amiguinhas a quem quero bem." (VIVALDO COARACI)

d) Amo a vida por tudo quanto ela me dá.
e) "O presente é a bigorna onde se forja o futuro." (VICTOR HUGO)
f) "A dor que se dissimula dói mais." (MACHADO DE ASSIS)
g) Há certas aranhas cujas teias parecem fios de prata.
h) "Não houve labor a que se eximisse." (CARLOS DE LAET)
i) "A maneira como a receberam era um aviso." (ANÍBAL MACHADO)
j) "Neste caminho encontra-se o tesouro pelo qual tantas almas estremecem." (CRUZ E SOUSA)

2. Siga o exemplo, observando que a oração adjetiva tem a função de um adjunto adnominal:
Assisti a cenas **que me comoveram**.
Assisti a cenas **comoventes**.

a) Ela tem um olhar **que me fascina**.
b) Mauro tem atitudes **que irritam**.
c) Existem gases **que causam a morte**.
d) Há insetos **que transmitem doenças**.

3. Transcreva os períodos numerando-os de forma a distinguir **que**, pronome relativo, de **que**, conjunção subordinativa integrante:
(1) pronome relativo: oração adjetiva
(2) conjunção integrante: oração substantiva

- Este é um mal que tem cura.
- Não sabem o que querem.
- Confesso que errei.
- Não é justo que o magoes.

4. Ponha as orações adjetivas entre colchetes e escreva **E** para as explicativas e **R** para as restritivas:
a) "A mãe, que era surda, estava na sala com ela." (MACHADO DE ASSIS)
b) "Ela reparou nas roupas curiosas que as crianças usavam." (VILMA GUIMARÃES ROSA)
c) "Ele próprio desculpou a irritação com que lhe falei." (MACHADO DE ASSIS)
d) Ele pôs-se a contar velhos casos, em que não achei graça.
e) "Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar." (JOSÉ DE ALENCAR)
f) "Esse professor de quem falo era um homem magro e triste." (JOSÉ J. VEIGA)
g) "O instinto moral é a razão em botão, a qual se desenvolve com o tempo, experiência e reflexão." (MARQUÊS DE MARICÁ)
h) "O velho pajé, para quem são estas dádivas, as recebe com desdém." (JOSÉ DE ALENCAR)
i) "Onde está a vela do saveiro que o mar engoliu?" (JORGE AMADO)
j) "Por que estará de implicância comigo, que nunca lhe pisei nos calos?" (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)
k) Passamos por muitos trechos onde nem estrada havia.
l) "A máquina mais complicada que ele conhecia era o monjolo." (ÉRICO VERÍSSIMO)
m) O homem pôs-se a olhar as laranjeiras, cujos galhos sem folhas pareciam arranhar o céu cinzento.

n) Estavam ainda ali no chão as cascas dos ovos pelos quais o orador fora atingido.

o) Enviamos-lhes roupas, alimentos, remédios e outras coisas de que precisavam.

p) "Apenas um homem, de quantos assistiam à cena, soltou uma risada." (ÉRICO VERÍSSIMO) [**de quantos** = de todos quantos]

q) O vulcão, que parecia extinto, voltou a dar sinal de vida.

5. Os pronomes relativos exercem na frase funções sintáticas: sujeito, objeto direto, objeto indireto, adjunto adverbial, adjunto adnominal, agente da passiva, etc. Dê a função dos que ocorrem nos períodos do exercício 4.

Exemplo: **que** (do primeiro período) → sujeito

6. Em cada um dos períodos seguintes há duas orações adjetivas. Destaque-as e classifique-as (explicativa ou restritiva):

a) Ofereceu-lhe o vestidinho que ela mesma – que costurava tão bem – fizera na máquina.

b) "Tenho visto criaturas que trabalham demais e não progridem." (GRACILIANO RAMOS)

c) "Deus, que é Pai de todos, sabia da luta que ela tivera." (ADONIAS FILHO)

7. As orações adjetivas vêm precedidas de preposição quando o verbo a exigir. Classifique as orações adjetivas dos períodos seguintes e dê a função sintática dos pronomes relativos.

a) Ele me puxou para ver um quadro [de que havia gostado muito].

b) Não era muito grande a mesa [a que nos sentamos].

c) Os moradores das palafitas vivem à beira do rio, [do qual retiram o seu sustento].

d) As pessoas [a quem Juliano recorreu] não o atenderam.

8. Orientado pelo exemplo, escreva os períodos convertendo as orações coordenadas em destaque em subordinadas adjetivas:

A máquina é uma potência infernal; **os homens não são completamente donos dela**.

A máquina é uma potência infernal, **de que os homens não são completamente donos**.

a) Ainda estavam no chão os cacos de vidro; **o garoto nos alvejara com esses cacos**.

b) Fizeram-lhe graves acusações; **ele se defendeu delas com veemência e coragem**.

c) Encontrou-se um velho colete; **no bolso dele havia moedas de ouro**.

d) Havia, no colégio, frequentes reuniões; **apenas alguns pais compareciam a elas**.

e) No jardim havia canteiros floridos; **crianças perseguiam borboletas por entre eles**.

f) Este é um problema difícil; **para a sua solução se exigem competência e recursos**.

g) O povo fez questão de empurrar a carreta; **sobre ela estava o féretro**.

h) Era um estudante que eu conheci num carnaval; **e me tornei amigo dele**.

i) Entrei numa pequena loja; **nas prateleiras dela se enfileiravam objetos de artesanato.**

9. Faça como no exercício anterior, porém intercalando a oração adjetiva na oração principal:

A oficina ficava no fim da rua; **Juvenal trabalhava nessa oficina**.

A oficina **em que Juvenal trabalhava** ficava no fim da rua.

a) A casa é modesta, mas aconchegante; **nós moramos nela**.

b) O festival conta com a participação de artistas famosos; **eu assistirei a ele hoje à noite**.

c) As tintas eram extraídas dos vegetais; **com elas se matizavam os tecidos**.

d) A montanha era alta e arborizada; **do cimo dela se descortinava o mar**.

e) O lago era grande e límpido; **eu costumava brincar às suas margens**.

f) O oficial foi transferido para Brasília; **Nair simpatizava com ele**.

g) O local era inóspito, agressivo; **tínhamos chegado a esse local**.

h) As flores eram de Barbacena; **e delas mandei tecer uma grinalda**.

i) Os animais são da ordem dos primatas; **o professor se referiu a eles**.

10. Divida e classifique as orações dos períodos seguintes:

a) "Luís Filipe começou a falar sobre alguns casos difíceis que apareceram no hospital, mas a verdade é que eu não o ouvia." (LÍGIA FAGUNDES TELLES)

b) "Não interrompemos a quem nos louva, mas aos que nos censuram, acusam ou contradizem." (MARQUÊS DE MARICÁ)

c) Você, que é íntimo dele, aconselhe-o a que desista de tão arriscado empreendimento.

11. Escreva os períodos abaixo mudando as orações coordenadas em destaque em orações adjetivas, que nos itens **a** e **f** devem ser intercaladas na oração principal:

a) Os tiranos eram soberbos e cruéis, **e o povo se submetia ao poder deles**.

b) Atravessamos o jardim e dirigimo-nos à piscina, **e sentamo-nos à beira dessa piscina**.

c) Por fim, desemboquei numa rua larga, com muitas árvores; **através dessas árvores se avistava o mar**.

d) Percebi nas suas palavras uma benevolente ironia; **no fundo dessa ironia se escondia, contudo, uma indisfarçável tristeza**.

e) O índio olhou, depois, as flechas cruzadas na parede; **perante essas flechas duas vezes baixou e ergueu a cabeça**, como para aprovar a presença delas ali.

f) A peça de teatro é da autoria de um aluno desta escola; **assisti ao ensaio dela**.

g) Volutas de fumaça subiam languidamente das mesas; **em torno dessas mesas pessoas conversavam animadamente**.

12. Escreva o seguinte período substituindo corretamente o pronome relativo **onde**, que inicia a oração adjetiva, pelo pronome **cujo**:

"Agora as ruas estreitas iam ficando para trás, a igreja, também o cemitério, onde, diante do portão, havia o umbuzeiro." (JOSÉ CONDÉ)

13. Escreva corretamente as frases substituindo * por preposição + pronome relativo:

a) Pelos equipamentos * dispõe, este hospital é considerado o melhor do país.

b) A estátua da fonte é uma criança nua, * cabeça os passarinhos pousam.

c) Os amigos de Lauro eram justamente aqueles * as mães não queriam que seus filhos brincassem.

14. Transcreva apenas a sequência correta das orações do último período do exercício anterior:

- oração principal – oração subordinada substantiva objetiva indireta – oração subordinada adjetiva explicativa
- oração principal – oração subordinada adjetiva restritiva – oração subordinada substantiva objetiva direta
- oração principal – oração subordinada adjetiva explicativa – oração subordinada adjetiva restritiva

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS
Exercícios de exames e concursos
[Página 686]

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS

Veja este exemplo:

Saímos de casa **quando amanhecia**. [= Saímos de casa **de manhã cedo**.]

A oração **quando amanhecia** exprime uma circunstância de tempo, funciona como um *adjunto adverbial*: por isso, é uma oração subordinada *adverbial*.

As orações subordinadas adverbiais têm a função dos adjuntos adverbiais, isto é, exprimem circunstâncias de tempo, modo, fim, causa, condição, hipótese, etc.

São iniciadas, quando desenvolvidas, pelas conjunções subordinativas (excluindo-se as subordinativas integrantes). É importante saber distinguir os diferentes tipos dessas conjunções.

1 CLASSIFICAÇÃO DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS

As orações subordinadas adverbiais classificam-se de acordo com as conjunções que as introduzem. Portanto, podem ser:

- **causais** – exprimem causa, motivo, razão. Exemplos:
  O tambor soa **porque é oco**.
  Como não me atendessem, repreendi-os severamente.
  Como ele estava armado, ninguém ousou reagir.
  "Faltou à reunião, **visto que esteve doente**." (ARLINDO DE SOUSA)
  Já que (ou **visto que** ou **desde que** ou **uma vez que**) **ninguém se mexe**, temos que agir nós, cidadãos.
  "Maximiano temera que o coronel o agredisse, **de tão violento que ficara**." (JORGE AMADO)
  "**Velho que sou**, apenas conheço as flores do meu tempo." (VIVALDO COARACI)
  Desprezam-me, **por isso que sou pobre**.
  Não posso ir hoje, **tanto mais que meu filho está doente**.
  Não encontrei o livro em nenhuma loja, **pela simples razão que ele não existe**.

Observação:

✔ Pode-se considerar causal justaposta (= sem conectivo) a segunda oração de construções como:
Não se ouvia nada, *tamanho era o barulho*.
É difícil distinguir um do outro, *tão parecidos são*.
Nem se podia passar, *tantas eram as formigas*.

- **comparativas** – representam o segundo termo de uma comparação.

a) orações comparativas com o verbo expresso:

"A preguiça gasta a vida **como a ferrugem consome o ferro**." (MARQUÊS DE MARICÁ)

Ela o atraía irresistivelmente, **como o ímã atrai o ferro**.

Os retirantes deixaram a cidade tão pobres **como vieram**.

Como a flor se abre ao Sol, assim minha alma se abriu à luz daquele olhar.

"Nos Estados Unidos há universidades para todas as inteligências **como há hotéis para todas as bolsas**." (EDUARDO PRADO)

O lugar é **tal qual** (ou **tal como**) **você o descreveu**.

Certos cantores gesticulam mais **do que cantam**.

Rui voltou para casa **como quem vai para a prisão**.

b) orações comparativas com o predicado ou o verbo subentendidos:

O esquilo é tão ágil **quanto o macaco**. [= quanto o macaco é ágil]

Nenhum nadador treinou tanto **como Ricardo**. [= como Ricardo treinou]

A luz é mais veloz **do que o som**. [= do que o som é veloz]

Não há tirania pior **que a dos vícios inveterados**.

O orador foi mais brilhante **do que profundo**.

Sua morada era antes um barraco escuro **que uma casa humilde**.

De modo geral, pessoas gordas vivem menos **do que as magras**.

"E dizia que os vaga-lumes bailavam gentis **quais falenas no ar**." (LUÍS HENRIQUE TAVARES)

Ela recendia perfumes **que nem um ramo de manacá florido**.

Observação:

✔ Esta é a análise tradicionalmente aceita, mas artificial. Seria preferível ver, nos exemplos citados na alínea b, não orações adverbiais comparativas, mas simples adjuntos adverbiais de comparação.

Pela mesma razão, é melhor análise a que vê adjunto adverbial de comparação em estruturas de cunho popular como:

"Luzia *que só espelho*!" (LUÍS JARDIM)

"É forte *como o diabo*." (AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA)

Ficou vermelho *que nem brasa*.

c) orações comparativas hipotéticas:

O homem parou perplexo, **como se esperasse um guia**.

Os cavalos iam à toda, **como se mil demônios os esporeassem**.

"O zunido espalhou-se na sala **como se um inseto estivesse voejando**." (VILMA GUIMARÃES ROSA)

Observação:

✔ Esse tipo de oração reúne as ideias de comparação e hipótese. Por isso, há quem subentenda verbo e analise: "O homem parou perplexo / como *pararia*, / se esperasse um guia." Tal análise, porém, é desaconselhada, por ser artificial. É preferível considerar *como se* uma locução comparativa.

- **concessivas** – exprimem um fato que se concede, que se admite, em oposição ao da oração principal. Exemplos:

Admirava-o muito, **embora** (ou **conquanto** ou **posto que** ou **se bem que**) **não o conhecesse pessoalmente**.

Embora não possuísse informações seguras, ainda assim arriscou uma opinião.

Cumpriremos nosso dever, **ainda que** (ou **mesmo quando** ou **ainda quando** ou **mesmo que**) **todos nos critiquem**.

Por mais que gritasse, não me ouviram.

Os louvores, **pequenos que sejam**, são ouvidos com agrado.

"**Nem que a gente quisesse**, conseguiria esquecer." (Otto Lara Resende)

"Os cavalos vinham quase em cima dela, **por mais que o cocheiro os sofreasse**." (Machado de Assis)

"**Por muito mau que fosse o seringal**, devia ser melhor que aquilo." (Ferreira de Castro)

"Em cada escola [filosófica], **por exagerada que seja**, há sempre uma apreciável parcela de verdade integral." (Jônatas Serrano)

"**Se o via derrubado, rosto no pó**, nem por isso o respeitava menos." (Ondina Ferreira) [*Se* o via = *embora* o visse.]

Ajudava-os em tudo, **sem que isso fosse de minha obrigação**.

Júlio César resolveu passar o Rubicão, **fossem quais fossem as consequências**.

O responsável deve ser punido, **quem quer que seja**.

Por incrível que pareça, eles não sabiam o nome de sua cidade.

"**Chovesse ou fizesse sol**, o Major não faltava." (Povina Cavalcânti)

"**Em que pese aos inimigos do paraense**, sinceramente confesso que o admiro." (Graciliano Ramos)

Observação:

✔ As orações subordinadas adverbiais concessivas, quando coordenadas alternativas, como no penúltimo exemplo, dispensam, em geral, a conjunção subordinativa (*embora*).

- **condicionais** – exprimem condição, hipótese. Exemplos:

Deus só nos perdoará **se perdoarmos aos nossos ofensores**.

Se o conhecesses, não o condenarias.

"Que diria o pai **se soubesse disso**?" (Carlos Drummond de Andrade)

A cápsula do satélite será recuperada, **caso a experiência tenha êxito**.
Você pode ir, **contanto que** (ou **desde que**) **volte cedo**.
Não sairei de meu consultório, **a menos que** (ou **a não ser que**) **haja casos urgentes**.
Poderão chegar lá ainda hoje, **salvo se acontecer algum imprevisto**.
Não poderás ser bom médico, **sem que estudes muito**.
"**Se convidada**, [a menina] senta no colo da gente, conversa um pouco e logo sai correndo." (RAQUEL DE QUEIRÓS) [*se convidada* = se for convidada]
Não fosse a perícia do guia, talvez teríamos perecido todos.
"**Escrevesse eu esses livros** e estaria rico. (AUTRAN DOURADO)
"**Houvesse chegado um minuto antes, ou um minuto depois**, e tudo teria sido diferente." (VIANA MOOG)
"A carinha [de Neuma] podia ser de chinesa, **fossem os olhos mais enviesados**." (RAQUEL DE QUEIRÓS) [*fossem os olhos* = se fossem os olhos]

Observações:

✔ Às vezes a oração condicional (como nos quatro últimos exemplos) aparece justaposta, sem o conectivo *se*.

✔ A conjunção *se* às vezes apresenta-se com o valor aproximado de *visto que*, transmitindo ideia de causa a orações que funcionam como base ou ponto de partida de um raciocínio. Exemplos:
Se a alimentação é uma necessidade básica, cumpre incentivar a agropecuária.
Se os homens são por natureza imperfeitos, as sociedades humanas não podem ser perfeitas.
Se no inverno a sala já era quente, no verão tornava-se uma fornalha.

✔ Diz-se, corretamente: *Caso* (e não *se caso*) tenha pago a conta, desconsidere este aviso.

- **conformativas** – exprimem acordo ou conformidade de um fato com outro. Exemplos:
O homem age **conforme pensa**.
Relatei os fatos **como** (ou **conforme**) **os ouvi**.
Como diz o povo, tristezas não pagam dívidas.
O jornal, **como sabemos**, é um grande veículo de informação.
Vim hoje, **conforme lhe prometi**.
"Digo essas coisas por alto, **segundo as ouvi narrar anos depois**." (MACHADO DE ASSIS)
Segundo ouvi dizer, Fleming descobriu a penicilina por acaso.
Consoante opinam alguns, a História se repete.
"**Como deveis saber**, há em todas as coisas um sentido filosófico." (MACHADO DE ASSIS)
"Um eclipse da Lua pode ser total ou parcial, **conforme a Lua fique ou não completamente mergulhada no cone de sombra da Terra**." (RONALDO DE FREITAS MOURÃO)

Observação:

✔ *Como* introduz oração conformativa quando equivale a *conforme*.

- **consecutivas** – exprimem uma consequência, um efeito ou resultado. Exemplos:

  Fazia tanto frio **que meus dedos estavam endurecidos**.

  "A fumaça era tanta **que eu mal podia abrir os olhos**." (José J. Veiga)

  De tal sorte a cidade crescera **que não a reconhecia mais**.

  As notícias de casa eram boas, **de maneira que pude prolongar minha viagem**.

  Ontem estive doente, **de sorte que** (ou **de modo que** ou **de forma que** ou **de maneira que**) **não saí de casa**.

  "Corria para a rua, para o trabalho, para o tumulto, a estontear-se, **de modo que lhe fosse difícil** encontrar-se a sós consigo." (Fernando Namora)

  "Ainda assim, não andei tão depressa **que amarrotasse as calças**." (Machado de Assis)

  "Não esperava, tanto **que me pediu um prazinho para a resposta**." (Amadeu de Queirós)

  "Deus! ó Deus! onde estás **que não respondes**?" (Castro Alves)

  "Tinha um filho, podia erguê-lo ao sol, **sem que a guerra o arrebatasse**." (José Geraldo Vieira)

  Não vão a uma festa **que não voltem bêbedos**. [*que não* = sem que]

  "Não podia fitá-lo **sem que** (ou **que não**) **risse**." (Celso Luft)

  "Não se sentava **que não enterrasse a cara nas mãos**." (José Américo)

  "Bebia **que era uma lástima**!" (Ribeiro Couto)

  Falou com uma calma e frieza **que todos ficaram atônitos**.

  "Tenho medo disso **que me pelo**!" (Coelho Neto)

  "Essa gente fazia um barulho, **que assustava os transeuntes**..." (Graciliano Ramos)

Observações:

✔ Às vezes, como nos quatro últimos exemplos citados, o termo intensivo (tão, tanto, tal, tamanho, etc.) da oração principal está oculto: Bebia *tanto* que era uma lástima. Falou com uma calma *tal* que todos ficaram atônitos.

✔ A oração adverbial do exemplo de Fernando Namora pode ser considerada também final, por traduzir, simultaneamente, consequência e finalidade.

Para expressar uma consequência impossível, emprega-se, por influência do francês, a locução *para que*, antecedida de *muito* (ou *demais*) + adjetivo. Exemplos:

O fardo era muito pesado *para que eu pudesse erguê-lo*.

O convite era demais tentador *para que João o recusasse*.

"O seu corpo era pesado demais *para que eu conseguisse arrastá-lo*." (Murilo Rubião)

"As festas estavam muito próximas *para que a morte de Totonha pudesse perturbar a alegre expectativa da cidade*." (José Condé)

- **finais** – exprimem finalidade, objetivo. Exemplos:

"O futuro se nos oculta **para que nós o imaginemos**." (MARQUÊS DE MARICÁ)

Aproximei-me dele **a fim de que me ouvisse melhor**.

"Fiz-lhe sinal **que se calasse**." (MACHADO DE ASSIS) [*que* = para que]

"Instara muito comigo **não deixasse de frequentar as recepções da mulher**." (MACHADO DE ASSIS) [*não deixasse* = para que não deixasse]

"Quando sentiu que ia chegando, cruzou os braços no peito, **não fosse o coração saltar-lhe**." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

Observação:

✔ Pode ocorrer a elipse total ou parcial da locução conjuntiva final, como atestam os três últimos exemplos.

- **proporcionais** – denotam proporcionalidade. Exemplos:

À medida que se vive, mais se aprende.

À proporção que avançávamos, as casas iam rareando.

O valor do salário, **ao passo que os preços sobem**, vai diminuindo.

Aparecem, às vezes, correlacionadas com as orações principais. Exemplos:

Quanto mais se tem, (tanto) mais se deseja.

Quanto maior for a altura, maior será o tombo.

Quanto menos te esforçares, mais te arrependerás.

Tanto gostava de um **quanto** (ou **como**) **aborrecia o outro**.

Vimos que a locução proporcional correta é *à medida que*, e não *na medida em que*. Essa última forma, considerada errada, aparece frequentemente, ora com valor causal, ora condicional, em frases como:

O aumento descontrolado dos preços é injusto e perverso, **na medida em que** atinge principalmente a classe pobre.

Um empreendimento só poderá ter êxito **na medida em que** for bem concebido e executado.

Em lugar de *na medida em que*, é melhor usar *porque* ou *visto que* na primeira frase, e *se* ou *desde que* na outra.

- **temporais** – indicam o tempo em que se realiza o fato expresso na oração principal. Exemplos:

Formiga, **quando quer se perder**, cria asas. (DITO POPULAR)

"Lá pelas sete da noite, **quando escurecia**, as casas se esvaziavam." (POVINA CAVALCÂNTI)

"**Quando os tiranos caem**, os povos se levantam." (MARQUÊS DE MARICÁ)

Enquanto foi rico, todos o procuravam.

Um dos garimpeiros falou, **enquanto os outros escutavam silenciosos**.

Sempre que vou à cidade, passo pelas livrarias.

Todas as vezes que agredimos a natureza, ela se volta contra nós.

Mal chegamos ao local, vimos toda a extensão da catástrofe.

Ela me reconheceu **apenas** (ou **mal** ou **logo que** ou **assim que**) **lhe dirigi a palavra**.

Minha mãe ficava acordada **até que eu voltasse**.

"Deolindo veio à terra **tão depressa alcançou a licença**." (MACHADO DE ASSIS)

"**Nem bem sentou-se no banco**, o moço ergueu-se rápido." (JOSÉ FONSECA FERNANDES)

Agora que estás de férias, que pretendes fazer?

"Ela acalentou o bebê, manteve-o apertado contra o peito, **ao mesmo tempo que lhe afagava os cabelos**." (HELENA JOBIM)

Por que ela ainda não apareceu **desde que estamos aqui**?

"**Desde que não confia nele** manda-o embora e chama outro." (RAMALHO ORTIGÃO)

No texto donde foi extraído o último exemplo, *desde que* tem sentido nitidamente temporal (= quando, logo que, desde o momento que).

- **modais** – exprimem modo, maneira. Exemplos:

Aqui viverás em paz, **sem que ninguém te incomode**.

Entrou na sala **sem que nos cumprimentasse**.

Essas orações não estão consignadas na NGB, o que constitui uma omissão.

2 ORAÇÕES ADVERBIAIS LOCATIVAS

Equivalem a um adjunto adverbial de lugar e são iniciadas pelo advérbio *onde* (que pode vir precedido de preposição), sem antecedente. Exemplos:

"**Onde me espetam**, fico." (MACHADO DE ASSIS)

"Não pode haver reflexão **onde tudo é distração**." (MARQUÊS DE MARICÁ)

Quero ir **aonde estás**.

Venha **por onde eu passar**.

"**Onde quer que farejem raposas**, perseguem-nas com fúria." (GUSTAVO BARROSO)

Observação:

✔ Estas orações não são mencionadas na NGB.

Existem ainda outros tipos de orações adverbiais. Veja esta:

Irei **com quem quiser me acompanhar**. → adverbial de companhia

[Neste caso, é análise desaconselhada desdobrar *quem* em *aquele que*.]

Orações adverbiais podem estar coordenadas, conforme vimos anteriormente. Exemplos:

"**Quando chamou Raquel e enfiou-lhe no braço a linda pulseira**, a filha estava com dezesseis anos." (AMADEU AMARAL)

"Andorinhas devotas, **chovesse *ou* fizesse sol**, adejavam somente na igreja de Santa Rita." (JOSÉ AMÉRICO)

EXERCÍCIOS LISTA 47

1. Prossiga de acordo com o exemplo, observando que a oração subordinada adverbial exerce a função de um adjunto adverbial:

a) Partimos da cidade **de manhã cedo**. → adjunto adverbial
Partimos da cidade **quando amanhecia.** → oração subordinada adverbial

b) Chegamos à fazenda **antes da noite**.

c) Não lhe telefonei **por esquecimento**.

d) **Na retirada**, os soldados davam tiros para o ar.

2. Ponha entre colchetes as orações subordinadas adverbiais e numere os períodos de acordo com a classificação dessas orações:

Minha mão tremia tanto que mal podia escrever.	(1) causal
Joel acompanhou a irmã, embora estivesse cansado.	(2) comparativa
Onde há fumaça, há fogo.	(3) concessiva
À medida que subimos, o ar se rarefaz.	(4) condicional
Fiz-lhe sinal para que não insistisse.	(5) conformativa
Os detentos fugiram da penitenciária porque eram maltratados.	(6) consecutiva
Ali vivíamos felizes, sem que ninguém nos perturbasse.	(7) final
"Envelheçamos como as árvores fortes envelhecem!" (Olavo Bilac)	(8) proporcional
"Por que não foi lá ontem, como me tinha dito?" (Machado de Assis)	(9) temporal
"Ia escurecendo quando entrou em casa." (Garcia de Paiva)	(10) modal
"Se Deus não guarda a cidade, em vão a sentinela vigia." (Cecília Meireles)	(11) locativa

3. Faça como no exercício anterior:

A raposa, como não pudesse alcançar as uvas, desdenhou-as.

"Não venham colheitas fartas e serei mais um vencido pela fatalidade das coisas." (Monteiro Lobato)

"As tuas saudades ficam onde deixas o coração." (C. Castelo Branco)

"Quanto mais os arredava, mais eles perseveravam." (Fernando Namora)

"Como o assunto estivesse reduzido a cinzas, calamo-nos." (Graciliano Ramos)

"Tivesse tua mãe vindo dar-te adeus e talvez tudo se arranjasse." (Antônio Olavo Pereira)

"Por mais leve que pisasse, seus passos reboavam." (José Geraldo Vieira)

Depois que veio para a cidade, a vida dele mudou.

A geada, como se sabe, é a grande inimiga da lavoura.

Chame o sacerdote, se você quiser, contanto que o doutor também venha.

O ladrão entrou no prédio sem que o porteiro percebesse.

Os políticos prometem mais do que realizam.

Nas estradas há acostamentos, a fim de que os veículos não parem na pista.

Tão violenta foi a tromba-d'água de ontem que arrastou carros e ônibus.

Inquieto estará o nosso coração enquanto não descansar em Deus.

Mal girei a chave da fechadura, senti a respiração de alguém atrás de mim.
À proporção que as plantas crescem, suas raízes se aprofundam.
Joana saiu de casa alegre como quem vai a uma festa.
"O fogo, mesmo que venha chuva grossa, queimará a noite inteira." (ADONIAS FILHO)
Conforme havíamos previsto, as safras este ano foram boas.
Empregados e patrões chegaram a um acordo, de maneira que não houve greve.
Neste rio não existem peixes, pela simples razão que a poluição os matou.
"Ainda que o corpo doa, tenho de me levantar." (BRÁULIO PEDROSO)
"Mas, se iniciou o gesto, não chegou a completá-lo." (ARIANO SUASSUNA)
"Um pouco que alguém se aproxime e já sente odores." (LÍGIA FAGUNDES TELLES)
"Havia seiva em tudo como há sangue em nosso corpo." (CLARICE LISPECTOR)

4. Varie a estrutura da oração adverbial causal, conforme o exemplo:

Os dois meninos se perderam **porque não conheciam a mata**.
Como não conhecessem a mata, os dois meninos se perderam.
Os dois meninos se perderam, **visto que não conheciam a mata**.
Os dois meninos se perderam, **por isso que não conheciam a mata**.
Os dois meninos se perderam **por não conhecerem a mata**.

Eles não poderão ser bons fotógrafos **porque não distinguem as cores**.

5. Copie o período e sublinhe a oração subordinada adverbial causal:

"Em poucos anos o consumo mundial de borracha centuplicou, e como só havia seringueiras na Amazônia, a exportação do látex trouxe a Manaus uma fortuna fabulosa."
(CARLOS DE SÁ MOREIRA)

6. Escreva as orações adverbiais em destaque e classifique-as:

(1) oração adverbial causal
(2) oração adverbial comparativa
(3) oração adverbial conformativa

O retorno da nave espacial à Terra fez-se **como fora previsto**.

Como a Lua ainda não tinha surgido, tudo estava imerso na escuridão.

Como sempre acontece, o tempo sepultou a memória do grande morto.

Suas palavras soaram no recinto **como chicotadas**.

Se você gosta mesmo dele, **como diz**, por que o ofende?

"Lá saiu o Dr. Rui, apressado **como quem vai apagar fogo**." (JOSUÉ GUIMARÃES)

O carro andava aos trancos, **como se o motorista estivesse bêbedo**.

O terremoto fora violentíssimo, **como atestavam os escombros de casas destruídas**.

7. Escreva o período três vezes, substituindo por equivalentes o conectivo que inicia a oração adverbial concessiva:

Miguel tentará consertar o carro, **conquanto** não entenda muito de mecânica.

8. Escreva os períodos e classifique as orações em destaque:

(1) oração adverbial causal (3) oração adverbial condicional

(2) oração adverbial temporal

Desde que cheguei aqui, não houve nenhum progresso.

Poderás fazer sucesso, **desde que saibas falar**.

Desde que não sabes ler, eu vou ler em teu lugar.

9. Com que oração do exercício anterior se relaciona a oração em destaque?

Os escritos ficam, as palavras voam, **contanto que não as apanhe a rede de algum gravador oculto**!

10. Escreva, em seu caderno, as orações subordinadas adverbiais destacadas e identifique-as de acordo com os números do quadro abaixo:

1) causal 2) consecutiva 3) condicional 4) concessiva

a) **Caso aconteça algum imprevisto**, avise-me imediatamente.

b) Não carregue muito dinheiro consigo, **mesmo que o tenha**.

c) Se Neusa sair à rua, paralisa o trânsito, **de tão bonita que é**.

d) Neusa é tão bonita **que**, se sair à rua, **paralisa o trânsito**.

11. Analise o segmento em destaque e, depois, escreva o período duas vezes, trocando o conectivo **que nem** por equivalentes:

Na outra pista vinha um caminhão cheio de luzes **que nem um dragão chamejante**.

12. Destacamos as orações adverbiais assindéticas (sem conectivo). Classifique-as, depois de reconhecer a conjunção subentendida:

a) Esta cidade não teria crescido tanto, **não fossem seus múltiplos atrativos**.

b) **Houvéssemos chegado um minuto depois**, e seria a catástrofe.

c) Os homens continuavam atirando nas avezinhas e, **atirassem a vida inteira**, não matariam a metade delas.

d) Esforcei-me por demonstrar coragem, **não fossem os colegas acusar-me de covarde**.

13. Escreva o período abaixo, substituindo a conjunção em destaque pelas locuções conjuntivas adequadas, sem alterar o sentido da frase. Escolha-as no quadro seguinte:

ainda que – desde que – mesmo que – nem que – sem que – logo que

Frase: Silvério aceitaria qualquer trabalho, **embora** fosse o de carregar pedras.

14. Repita a frase duas vezes, trocando a locução conjuntiva por equivalentes. Em seguida, classifique a oração adverbial:

Algum dia hei de casar com Beatriz, **salvo se** houver onça no caminho.

15. Siga o exemplo, dando ênfase à oração adverbial concessiva:

Embora a proposta fosse tentadora, não a aceitei.

Por mais tentadora que fosse a proposta, não a aceitei.

Muitas vezes, **embora nos esforcemos**, não conseguimos alcançar o nosso objetivo.

16. Reescreva e complete os períodos abaixo, substituindo convenientemente os asteriscos:

a) Mal o orador abriu a boca,***.

b) Segundo afirmam os médicos,***.

c) À medida que os dias passam,***.

d) Se não me falha a memória,***.

e) Por incrível que pareça,***.

f) ***, já que as mãos carregavam sacolas.

g) ***, se bem que lhe reconheça qualidades.

h) *** que não pude conter o riso.

17. Estruture o período de tal forma que a oração principal passe a subordinada adverbial causal:

Os meninos temiam que o santo os castigasse e iam brincar longe.

18. Transcreva o período em que NÃO há oração adverbial:

a) "Mexia-me como se andasse entre cacos de vidro." (Graciliano Ramos)

b) "Agora que Luluzinho já está vacinado, pode morder qualquer um?" (Millôr Fernandes)

c) Ali o artista poderá viver em paz, sem que os fãs o perturbem.

d) Verifiquei se havia alguma infiltração no teto da casa.

e) Para onde quer que me voltasse, eu só via paredes de edifícios.

f) Se desarmado ele já é perigoso, quanto mais se estiver armado.

g) O horizonte, ao passo que avanço, vai se afastando.

19. Proceda como no exemplo, mudando a estrutura do período sem lhe alterar substancialmente o significado:

O fardo era tão pesado **que eu não podia erguê-lo**.
O fardo era muito (ou demais) pesado **para que eu pudesse erguê-lo**.

a) A proposta era tão tentadora **que não podíamos recusá-la**.

b) Essas lembranças são tão vivas **que não as posso esquecer**.

20. Invente um período no qual, como nos exemplos dados, a oração adverbial iniciada pela conjunção **se** exprima, predominantemente, ideia de causa (se = visto que):

Se o fumo é nocivo à saúde, não aconselho ninguém a fumar.
Se não pode haver efeito sem causa, o mundo não surgiu do nada.

21. Forme períodos cujas orações adverbiais estejam coordenadas, como nestes exemplos:

Quando o filho viajava para longe e não lhe escrevia, ela ficava aflita.

Se alguém risse ou falasse alto, o chefe reclamava.

"**Quanto mais o índio envelhece e se aproxima da morte**, mais feliz fica." (Edilson Martins)

22. Escreva as frases abaixo, divida e classifique as orações:

a) Não contarei isto a ninguém para que não digam que eu invento qualidades que não tenho.

b) Ela falou de minha mãe com tanta saudade que me cativou logo, posto que me entristecesse.

c) "Observava como ele torneava ou esculpia a madeira." (Graciliano Ramos)

d) "Por duas vezes senti o cavalo tão próximo que, se estendesse a mão, tinha certeza de que poderia tocá-lo." (Lígia Fagundes Telles)

23. Escreva os períodos e informe a ideia expressa pela oração em destaque:

a) **Caso o satélite se desintegre**, seus destroços atingirão a Terra.
(causa, concessão, hipótese, consequência)
b) **Como o vento era muito forte**, caíam muitas mangas maduras.
(comparação, modo, tempo, causa)
c) Ninguém quis carregar o fardo, **se bem que não fosse pesado**.
(causa, concessão, hipótese, proporção)
d) Eu conhecia bem a cidade, **de modo que cheguei facilmente ao estádio**.
(consequência, causa, modo, proporção)

24. Leia o texto abaixo e indique o período em que ocorre oração adverbial comparativa.

LEITURA

O comércio e a civilização

O comércio foi, a princípio, o instigador, o promotor, o pai da civilização, criando-a e desenvolvendo-a, e é hoje o seu regulador máximo, como repartidor do trabalho e das riquezas, aproximando os povos, transformando os inimigos em clientes recíprocos, uniformizando os costumes e os idiomas, estabelecendo uma solidariedade real entre todos os homens.

O comércio, avassalador do mundo, concentra e reparte. Concentra os produtos e reparte-os depois pela face da terra.

Ainda haverá quem diga que o comércio enriquece à custa do produtor, como a erva parasita vive a expensas da árvore?

Grande distribuidor, ele representa no organismo social o mesmo papel do sistema de circulação sanguínea no organismo animal. O corpo morre, quando o sangue para.

A sociedade definharia e morreria, se o comércio deixasse de levar a todos os seus órgãos a nutrição. Não se pode compreender o trabalho senão dividido e repartido. A divisão do trabalho é uma lei fundamental e soberana da vida social: quanto mais dividido é o labor humano, maior e mais dominadora é a ação do homem sobre a natureza.

Como poderia haver relações entre o produtor e o consumidor, se não houvesse comércio? É ele quem abre a foz, a embocadura, o desaguadouro da indústria. É ele quem estimula a produção, quem ativa o trabalho, descobrindo as necessidades do mercado, e, mais do que isso, provocando-as e inventando-as. Assim, ele é o maior fator econômico. É ele quem promove a circulação dos capitais. Sempre alerta, previne crises, sofre os riscos da alta e da baixa dos preços, provê e providencia...

O comércio é nobre. Os agiotas, os onzeneiros, os usuários, os monopolistas, os sindicateiros, os açambarcadores do capital ou do pão, os que especulam com a miséria do povo, os que negociam em carne humana e em lágrimas, não são comerciantes: são, entre os muitos bons e os muitos puros, os poucos maus que fazem avultar a bondade e a pureza dos outros.

(Olavo Bilac, *Obra Reunida*, Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 1996)

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERSATIVAS
Exercícios de exames e concursos
[Página 685]

ORAÇÕES REDUZIDAS

Leia e compare:

a) Afirmou o sertanista [*que não há* selvagens gigantes].

b) Afirmou o sertanista [*não haver* selvagens gigantes.]

Tanto na primeira como na segunda construção, a oração entre colchetes é subordinada substantiva objetiva direta. A forma dessa oração é diferente, mas o sentido é o mesmo.

Na segunda construção, a oração subordinada se apresenta sem conectivo (elemento de ligação) e tem o verbo numa forma nominal (infinitivo): é uma oração *reduzida*.

1 ORAÇÕES REDUZIDAS

Oração reduzida *é a que se apresenta sem conectivo* e *com o verbo numa forma nominal.*

Em geral, é possível desenvolver orações reduzidas. Para isso, substitui-se a forma nominal do verbo por um tempo do indicativo ou do subjuntivo e inicia-se a oração com um conectivo adequado, de tal modo que se mude a forma da frase sem lhe alterar o sentido. Exemplos:

orações reduzidas		**orações desenvolvidas**
Penso *estar preparado.*	=	Penso *que estou preparado.*
Dizem *ter estado lá.*	=	Dizem *que estiveram lá.*
Fazendo assim, conseguirás.	=	*Se fizeres assim,* conseguirás.
Ao saber isso, entristeceu-se.	=	*Quando soube isso,* entristeceu-se.
Foi à festa *sem ser convidado.*	=	Foi à festa *sem que fosse convidado.*
Não falei *por não ter certeza.*	=	Não falei *porque não tinha certeza.*
Viam-se folhas *girando no ar.*	=	Viam-se folhas *que giravam no ar.*
Terminada a prova, fui para casa.	=	*Depois que terminei a prova,* fui para casa.
É bom *ficarmos atentos.*	=	É bom *que fiquemos atentos.*
Espero *poder chegar lá hoje.*	=	Espero *que poderei* (ou *possa*) *chegar lá hoje.*
Tenho a impressão *de o estar vendo.*	=	Tenho a impressão *de que o estou vendo.*
Disse-me *estar sendo perseguido pelo patrão.*	=	Disse-me *que está sendo perseguido pelo patrão.*

▪ reduzidas fixas

Há, no entanto, exemplos de reduzidas que não se prestam a tais desdobramentos. Haja vista:

Agrada-me *ouvir isso*.

Dispõem-se *a atacar o navio*.

Eu tinha vontade *de jogá-lo fora*.

Enriqueceu *vendendo frutas*.

"Seduz-me *auscultar os caminhos* que ainda não trilhei." (FERREIRA DE CASTRO)

2 CLASSIFICAÇÃO DAS ORAÇÕES REDUZIDAS

Há três tipos de orações reduzidas:

a) de *infinitivo*;

b) de *gerúndio*;

c) de *particípio*;

As orações reduzidas são quase sempre subordinadas e analisam-se como as desenvolvidas correspondentes, ou melhor, de acordo com a sua função no período. Exemplo:

Fui à cidade *para consultar o médico*.
para consultar o médico: subordinada adverbial final, reduzida de infinitivo

■ reduzidas de infinitivo

Podem ser:

a) Substantivas subjetivas:

Não convém *procederes assim*.

É possível *terem tão pouco interesse?!*

Não adianta nada *reclamarem da sorte*.

Vale a pena *estudar tantas matérias*?

Importa *prevenir os acidentes*.

Custou-lhe muito *concluir o curso superior*.

Tornara-se impossível *continuarem juntos*.

"É certo *ter vivido e morrido em Famalicão uma endiabrada mulher*, a quem chamaram Maria da Fonte." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Não me pesa *confessá-lo*." (CIRO DOS ANJOS)

"Até hoje, não me agrada *ver uma ave prisioneira*." (POVINA CAVALCÂNTI)

"Faz mal a Marcoré *ver mãe e avó desunidas*." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

"De nada servia *pegarem-me os dedos, tentarem dominá-los*." (GRACILIANO RAMOS)

Dói *ver essas crianças abandonadas*.

"Indispensável *os meninos entrarem no bom caminho*." (GRACILIANO RAMOS)

"Inútil *definir este animal aflito*." (ANTÔNIO GEDEÃO)

Encontrar Marcelo em casa é muito difícil.

Acabarem as flores num monte de lixo me causa tristeza.

b) Substantivas objetivas diretas:

O índio não aceita *viver sem liberdade*.

Não leve a mal *eu ter me referido a você*.

"Foi o que acreditei *ter lido nos olhos das alunas*." (CIRO DOS ANJOS)

"Achei uma injustiça *não me premiarem também*." (CIRO DOS ANJOS)

"Era esta a herança dos miseráveis, que ele sabia *não escassearem na quase solitária e meia arruinada Carteia*." (ALEXANDRE HERCULANO) [*meia* = meio]

c) Substantivas objetivas indiretas:

Nada me impede *de ir agora*.

Acusavam-no *de traficar pedras preciosas*.

"Ainda me não arrependo *de o haver restituído à liberdade*." (MACHADO DE ASSIS)

"Por que não aconselha sua sobrinha *a deixar essa profissão*, D. Glória?" (GRACILIANO RAMOS)

"Acostumei-me *a julgá-lo um bicho perigoso*." (GRACILIANO RAMOS)

O pai habituará os filhos *a respeitá-lo*.

d) Substantivas predicativas:

O essencial é *salvarmos a nossa alma*.

Sua vontade foi sempre *ser um grande jogador*.

Seu sonho era *morar no Rio*.

Recusar o computador seria *adiar a solução de muitos problemas humanos*.

O destino deles é *serem devorados pelos outros peixes*.

"O mais sensato seria *voltares para casa de teus pais*." (FERREIRA DE CASTRO)

Aparecem, em bons escritores, realçadas pela preposição expletiva *de*:

"Sabes tu, Gonçalo Nunes, que o dever de um alcaide é *de nunca entregar, por nenhum caso, o seu castelo a inimigos*...?" (ALEXANDRE HERCULANO)

e) Substantivas completivas nominais:

Tinha ânsia *de retornar à sua pátria*.

Estou disposto *a ir sozinho*.

Este piloto é capaz *de fazer incríveis acrobacias*.

O líder reafirmou seu propósito *de prosseguir nas negociações*.

"Recuou, muito pálida, receosa *de se contaminar*." (GRACILIANO RAMOS)

"Também das meninas é a obrigação *de trazer água para casa*." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

f) Substantivas apositivas:

És bonita e inteligente; só te falta uma coisa: *seres mais humilde*.

"Ele chegava aos cinquenta e cinco anos com apenas dois problemas: *não fumar e não comer em excesso*." (VIANA MOOG)

g) Adverbiais temporais:

Ao despedirem-se, choravam.

"*Ao perceber o logro*, Zezé desorientou-se." (CIRO DOS ANJOS)
Pense bem, *antes de falar*.
Não os deixei em paz, *até eles se decidirem*.

h) Adverbiais finais:
Os marinheiros deixaram os navios *a fim de conhecer a cidade*.
"O animal feroz mata *para se alimentar*." (FERNANDO NAMORA)
Para melhor fotografarem o eclipse solar, astrônomos subiram a doze mil metros, a bordo de um avião.
"Arrastei-me chorando, apalpando o chão, *a procurar qualquer coisa*." (GRACILIANO RAMOS)

i) Adverbiais concessivas:
Aprenderam a ler *sem terem frequentado escola*.
Apesar de (ou *não obstante*, ou *sem embargo de*) *ser ainda criança*, Marcelo não teve medo.

j) Adverbiais condicionais:
Você não sairá *sem antes me avisar*.
A ser eu rei, não faria outra coisa.
A prosseguirem esses crimes, ninguém mais terá sossego.
A julgar pelas aparências, Paulo e Vera são um casal feliz.

k) Adverbiais causais:
Marta não veio *por se achar doente*.
Por não gostar dos artistas, não vi o filme.
Comprarei os dois cavalos, *visto serem de boa raça*.
"Quase nos matam *de tanto nos abraçar*." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

l) Adverbiais consecutivas:
Muito distraído devia estar você *para não me ver na festa*.
Aquela cena impressionou-o muito, *a ponto de lhe tirar o sono*.
"Eu é que era jovem, *a ponto de provocar reparo*." (AMADEU DE QUEIRÓS)
Não podiam demorar-se mais, *sob pena de perderem o avião*.

m) Adverbiais modais:
Retirei-me discretamente, *sem ser percebido*.
"O funcionário da polícia tinha passado *sem fazer a saudação do costume*." (GRACILIANO RAMOS)
"Eugênia saiu *sem despedir-se do pai*." (CAMILO CASTELO BRANCO)
"Ela o encarou por algum tempo, em silêncio, *como a analisá-lo*." (ÉRICO VERÍSSIMO)

n) Adjetivas:
A morte é o último inimigo *a ser destruído por Cristo*.
O capitão não era homem *de se entregar facilmente*.
"Não sou homem [*de inventar coisas*], [*mas de contá-las*]." (RUBEM BRAGA)

Não constituem orações reduzidas os infinitivos:

- de locuções verbais:

  Deves ir já!

  Não *pode haver* dúvidas!

  Foi levar o recado.

  Viviam a elogiar os filhos.

  Provavelmente *andam* por aí *a cochichar* que...

  "Não havia por que *ficar* ali *a recriminar-se*." (ÉRICO VERÍSSIMO)

- substantivados:

  "*O comer* era quando Deus fosse servido." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

reduzidas de gerúndio

Estas orações podem ser:

a) Subordinadas adjetivas:

Passaram guardas *conduzindo presos*. [= guardas *que conduziam presos*]

Havia ali crianças *pedindo esmola*.

"Iam cinco soldados, *portando fuzis*." (LUÍS HENRIQUE TAVARES)

b) Adverbiais temporais:

Chegando lá, avise-me. [= *Quando chegar lá*, avise-me.]

"*Em aparecendo febre*, peço a qualquer tropeiro que chame o Dr. Felício dos Santos." (CARLOS DE LAET)

"Você, *varrendo o quarto*, não terá encontrado algumas?" (GRACILIANO RAMOS)

Cheguei a Belém três dias depois, *tendo rodado mais de quatro mil quilômetros*.

c) Adverbiais concessivas:

Admira-me que, *sendo tão esperto*, você tenha acreditado neles.

Mesmo correndo, não o alcançou.

"... *não sendo religioso*, mandei dizer uma missa pelo eterno descanso do coronel." [= *embora não fosse religioso*] (MACHADO DE ASSIS)

"Abomina o espírito de fantasia, *sendo dos* que mais o possuem." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE) [*sendo* = embora seja]

"Eu não podia entender a hostilidade de meu tio, *sabendo embora* que ele não era de rir à toa para mim." (JOSÉ J. VEIGA)

d) Adverbiais condicionais:

Ficando aí, nada verás. [= *Se ficares aí*, nada verás.]

Estudando, você aprenderá em pouco tempo.

"Chegarás facilmente lá, *querendo*." (SAID ALI)

"Havia uma técnica para soltar busca-pé, a fim de evitar que, *estourando* ao acendê-lo, arrebentasse na mão." (POVINA CAVALCÂNTI)

e) Adverbiais causais:

Estando adoentado, não saí de casa. [= *Como estava adoentado*]

Prevendo uma resposta indelicada, não o interroguei.

"*Julgando inúteis as cautelas*, curvei-me à fatalidade." (GRACILIANO RAMOS)

Tendo perdido o dinheiro, João viu-se obrigado a voltar a pé.

Agora veja que errei *mantendo-me calado*.

f) Adverbiais modais:

Aprendeu-se um ofício *praticando-o*.

O homem entrou na sala *dando empurrões*.

"Caminhava ao meu encontro, *sinistramente sorrindo*." (CECÍLIA MEIRELES)

As alunas espalharam-se pelo pátio, *rindo e papagueando*.

"O ladrão abriu a porta *servindo-se de gazua*." (SAID ALI)

"Tive a ideia extravagante de chegar à cidade *andando sobre as árvores*." (GRACILIANO RAMOS)

A oração adverbial modal traduz o modo como se realiza o fato expresso pela oração principal.

Observação:

✔ As orações adverbiais modais não são mencionadas na NGB.

g) Adverbiais conformativas:

Seguindo velho hábito, ele e a esposa iam juntos ao culto divino na igreja da paróquia." (ÉRICO VERÍSSIMO)

h) Coordenadas aditivas:

A mãe aconchegou a criança e a beijou, *largando-a, em seguida*.

[*largando-a, em seguida* = e a largou, em seguida]

O balão subiu rapidamente, *desaparecendo no céu*.

"Ela [a capitania de Itamaracá] se iniciava na baía da Traição, na Paraíba, *prolongando-se até a ponta sul da ilha de Itamaracá*." (EDUARDO BUENO)

As coordenadas aditivas traduzem fatos imediatos, ações subsequentes a (não consequentes de) outras. Essas orações são de difícil classificação. Optamos pela que nos parece melhor.

Não constituem orações reduzidas os gerúndios de locuções verbais como:

Foi andando devagar até a beira do abismo.

O médico *está viajando*.

Fiquei sabendo muitas coisas a respeito desse artista.

reduzidas de particípio

Apresentam-se com essa forma orações:

a) Subordinadas adjetivas:

Esta é a notícia *divulgada pela imprensa*. [= *que foi divulgada pela imprensa*]

O menino trouxe a gaiola, *feita pelo pai.*

As histórias *contadas por ele* têm muita graça.

"Era um burrinho pedrês, miúdo e resignado, *vindo de Passa-Tempo.*" (GUIMARÃES ROSA) [*vindo* = que veio]

Observação:

✔ Em muitos casos, os particípios são meros adjetivos, devendo ser analisados, conforme o caso, como adjuntos adnominais ou predicativos:

São dez os alunos *aprovados.* → adjunto adnominal

Vi *jogada* no chão a minha blusa verde. → predicativo do objeto

b) Adverbiais temporais:

Abertas as portas, entraram as visitas. [= *Depois que foram abertas as portas*]

Feito isto, podem sair.

"*Findas as lições*, espaçou as visitas, sumiu-se afinal." (GRACILIANO RAMOS)

Chegados que fomos àquela cidade, procuramos um hotel.

"*Concluída que foi a cabana*, instalaram-se contentes." (COELHO NETO)

Observação:

✔ É expletiva ou de realce a sequência *que* + verbo *ser* que ocorre em orações adverbiais temporais como as dos últimos dois exemplos.

c) Adverbiais concessivas:

Mesmo oprimidos, não cederemos. [= *Mesmo que sejamos oprimidos*]

Sitiada por um inimigo implacável, a cidade não se rendeu.

d) Adverbiais condicionais:

"*Aceita a força por fundamento jurídico*, então o mundo seria uma arena de feras." (JÔNATAS SERRANO) [*Aceita* = Se fosse aceita]

e) Adverbiais causais:

Surpreendidos por repentina chuva, pusemo-nos a correr. [*Surpreendidos* = *Como fomos surpreendidos*]

"*Muito ocupado no Asilo*, não tenho com quem deixar os órfãos." (OTTO LARA RESENDE)

Observação sobre orações reduzidas:

✔ Inúmeras orações reduzidas, mormente adverbiais, prestam-se a mais de uma interpretação. As fronteiras entre os diversos tipos nem sempre são nítidas. Nem faltam exemplos de orações reduzidas que não se enquadram nos esquemas da NGB. Haja vista:

Forçaram o preso a confessar o crime, *torturando-o.* (oração adverbial de meio ou de modo)

Em vez de (ou *longe de*, ou *em lugar de*) *se abandonar ao desânimo*, ele reagiu e venceu. (oração adverbial de exclusão ou de negação)

Não fez nada o mês inteiro, *a não ser* (ou *senão*) *passear*. (oração adverbial de exceção)

Sobre (ou *além de*) *serem rápidos*, os jogadores eram fortes. (oração coordenada aditiva)

"Recebeu a joia, *entregando-a depois à esposa*." (SAID ALI) (oração coordenada aditiva)

Tenha-se em mente, porém, que o fundamental não é saber classificar as orações, mas usá-las com acerto, na prática da comunicação oral e escrita.

O emprego criterioso das orações reduzidas assegura à linguagem concisão e elegância. Quem escreve há de saber utilizar oportunamente ora a forma plena, ora a forma reduzida.

EXERCÍCIOS LISTA 48

1. Siga o exemplo, transformando os termos destacados em orações reduzidas:

Isabel não suportava **o trato com pessoas mal-educadas**.

Isabel não suportava **tratar com pessoas mal-educadas**.

a) Seria muito ruim para nós **a divulgação de falsidades**.

b) Economizei dinheiro para **a aquisição de um gravador**.

c) A vantagem deles é **o conhecimento de todos os segredos da selva**.

2. As orações em destaque são substantivas reduzidas de infinitivo. Numere-as, de acordo com o indicado:

(1) subjetiva

(2) objetiva direta

(3) objetiva indireta

(4) completiva nominal

(5) predicativa

(6) apositiva

Aconselharam-me a **desfazer o noivado**.

Todos conheciam a mania de Laura: **empenhar joias**.

Depende de V. Sa. **libertar esses presos**.

Um de seus passatempos é **colecionar selos**.

Parti com a doce esperança **de encontrar meu amor**.

Lamento **ter perdido essa oportunidade**.

3. Em seu caderno, reorganize as duas colunas, classificando corretamente as orações adverbiais reduzidas de infinitivo:

Não podia demorar-me, **sob pena de perder o avião**.	causal
Retirei-me discretamente, **sem ser percebido**.	concessiva
É difícil curar um mal **sem lhe conhecer as causas**.	condicional
Ao clarear o dia, descemos da montanha.	consecutiva
Não pude viajar **por ter perdido o dinheiro**.	final
Tirou o cachimbo da boca **a fim de poder falar**.	modal
Apesar de ser mais fraco, Davi matou Golias.	temporal

4. Classifique as orações adverbiais reduzidas de gerúndio, numerando-as adequadamente:

(1) causal (3) modal
(2) condicional (4) temporal

Aumentando-se a produção, a exportação crescerá.
Vendo-se perdido, o toureiro gritou por socorro.
Chegando ao alto da árvore, sacudiu-a fortemente.
Matou as formigas esmagando-as com o calcanhar.

5. Classifique as orações adverbiais reduzidas de particípio, numerando-as:

(1) causal (3) condicional
(2) concessiva (4) temporal

Terminado o almoço, comentamos as notícias do dia.
Ofendido pelo empregado, o patrão descontrolou-se.
Mesmo picado por uma jararaca, o novilho não morreu.
Instituída a pena de morte, o crime diminuiria?

6. Copie a única oração reduzida que não é adjetiva:

A estrada **a ser construída pelo governo** terá 500 km de extensão.
O menino trouxe a gaiola, **feita na véspera pelo pai**.
Incumbiram-me **de apascentar um rebanho de ovelhas**.
Ouvimos a voz da araponga **cortando o silêncio da mata**.
Ernesto não era homem **de levar desaforo para casa**.

7. Desenvolva as orações reduzidas:

a) **Hasteada a bandeira por um capitão**, cantou-se o Hino Nacional.

b) Hoje cedo, **indo ao quintal**, surpreendi a pereira toda florida.

c) Iremos nós mesmos, **sendo preciso**.

d) **Prevendo uma recepção fria**, não fui visitá-lo.

e) À beira da estrada, vimos crianças **empinando papagaios**.

f) Os moradores de um edifício em chamas, **ao saltar das janelas**, deveriam cair em redes protetoras.

g) Não os deixei em paz **até eles se decidirem**.

h) Então você se apaixonou pela moça **antes de conhecê-la**?

i) Nos eclipses, a Lua escurece **por entrar no cone de sombra da Terra**.

j) Dizem os retirantes **ter passado muitas privações na cidade grande**.

8. Classifique as orações reduzidas[1]:

a) "É preciso trabalhar todos os dias pela alegria geral." (TIAGO DE MELO)

b) Garantiu-me o pescador serem baleias aquelas manchas escuras.

c) A grande pedra parecia uma sentinela vigiando a planície.

d) "Chegando a Nápoles, cresceram-lhe desejos de subir ao Vesúvio." (CARLOS DE LAET)

e) Urge erradicar da televisão brasileira todo conteúdo negativo.

f) Eles vangloriam-se de ter escalado o mais alto pico do Brasil.

g) O sapateiro tinha a pretensão de se tornar prefeito da cidade.

h) "Um sonho tinha: possuir um barco para apanhar peixe grande." (ADONIAS FILHO)

i) Não tendo interesse no caso, não intervim.

j) Apesar de possuir asas, o pinguim não voa.

k) Ela não tem culpa de ser rica, como ele de ser pobre.

9. As orações reduzidas em destaque do período abaixo são, respectivamente:

substantiva subjetiva – substantiva objetiva direta

substantiva objetiva direta – substantiva subjetiva

substantiva predicativa – substantiva subjetiva

substantiva subjetiva – substantiva apositiva

"Convém **lembrar** que os defensores dos UFOS acreditam **serem os discos naves espaciais de origem extraterrena**." (RONALDO DE FREITAS MOURÃO)

10. Classifique as orações reduzidas:

a) "Não descrevo as festas por não interessarem ao nosso propósito." (MACHADO DE ASSIS)

b) Eu achava estupidez exigirem tanto esforço de uma criança.

c) "Proibidas que foram as entradas livres, enfureceram-se os colonos e arderam em fúrias contra os jesuítas." (CARLOS DE LAET)

d) "Doeu-lhe ver espalhados sobre a sua cama os fragmentos coloridos." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

e) "A continuar assim, não vou longe." (OTTO LARA RESENDE)

f) "Estaria transformado a ponto de não ser reconhecido?" (GRACILIANO RAMOS)

g) Eles têm a preocupação de não deixar o menor vestígio por onde passam.

h) A dificuldade era discernir a amizade do interesse.

i) A selva, habitada por animais ferozes, estava à nossa espera.

---

(1) Quando se classificam orações reduzidas, não é preciso desenvolvê-las, mas pode-se fazê-lo mentalmente, o que, sem dúvida, ajudará a classificá-las com acerto.

j) "Tio Maxêncio ainda não te perdoou não teres descido para a missa de sétimo dia." (José Geraldo Vieira)

k) "Custa corrigir velhos hábitos." (Celso Luft)

l) "A rainha e a corte francesa adotaram o hábito de fumar." (Eduardo Bueno)

11. Copie os períodos numerando-os de acordo com o tipo de oração reduzida em destaque:

(1) substantiva subjetiva
(2) substantiva objetiva direta
(3) substantiva objetiva indireta
(4) substantiva completiva nominal

"Aconselhou-me **a não o ler**." (Graciliano Ramos)

"Faz mal a Marcoré **ver mãe e avó desunidas**." (A. Olavo Pereira)

"Exortou-me **a botar a mão na consciência**." (Carlos Drummond de Andrade)

"Sou avesso **a derramar sangue humano**." (Carlos de Laet)

Eu estava com sede e curioso **de experimentar aquela bebida**.

A Funai informou **ter demarcado a reserva indígena**.

"É uma obrigação **pagar a dívida ao velho**." (Adonias Filho)

Muitos preferem morrer lutando **a viver sem liberdade**.

"O treinador do clube observava o interesse do rapaz **em melhorar o nado livre**." (José Fonseca Fernandes)

12. Destaque do período seguinte as orações reduzidas, conforme se pede:

"E, aos brigões, incapazes de se moverem, basta-lhes xingarem-se à distância." (Dalton Trevisan)

a) subordinada substantiva subjetiva

b) subordinada substantiva completiva nominal

13. Converta as orações subordinadas em destaque nas reduzidas correspondentes:

a) **Se tudo correr bem**, chegaremos antes do sol posto.

b) **Assim que nos viu**, correu a nosso encontro.

c) **Como a rua fosse estreita**, os namorados falavam-se das janelas.

d) Acreditamos **que há outras soluções possíveis para o problema dos transportes**.

e) **Depois que a notícia foi divulgada pela imprensa**, houve na cidade manifestações de desagrado.

f) Tenho consciência **de que agi corretamente**.

g) Diz-se **que nos diademas dos reis há mais espinhos do que rosas**.

h) Noticia-se **que foram encontrados por um garimpeiro de Goiás dois grandes diamantes**.

i) Descobri, atônito, **que estava contribuindo para a minha própria ruína**.

j) Foste punido **porque não seguiste os conselhos de teus pais**.

14. Como o exercício anterior:

a) **Embora tenhas vivido nesta cidade desde criança**, ainda não lhe conheces os arredores?

b) **Se fosse posta em prática**, esta doutrina seria a solução de muitos problemas sociais.

c) **Quando se vence com perigo**, triunfa-se com glória.

d) Os jovens, **como não têm ainda ideias claras e definitivas**, flutuam à mercê de múltiplas correntes filosóficas.

e) É absurdo **que se deixem criminosos em paz** até que eles resolvam emendar-se sozinhos.

f) Lembro-me **de que achei estranha aquela casa**.

g) Sugeri **que comêssemos o peixe no almoço**.

h) Na ilha vi milhares de asas **que obscureciam o sol**.

i) Pelo caminho ouvi **que repetiam a música do filme**.

j) O rádio espalhou a notícia, **que foi confirmada depois pelos jornais**.

k) Às vezes acontecia **que encontravam alguma jaca madura** e então era aquela festa.

l) A vida é um palco: **depois que acabar a representação e cerrarem-se as cortinas**, só restarão dois personagens, você e Deus.

15. Copie as reduzidas fixas, isto é, que não admitem a forma desenvolvida:

"O divertimento dele era **decepar cabeça de saúva**." (MÁRIO DE ANDRADE)

Recusei-me **a assinar o papel em branco**.

Ao atravessar uma rua, ele olhava à direita e à esquerda.

"**Repetindo o gesto do capelão da frota de Colombo**, o Papa beijou a terra do Novo Mundo." (MANCHETE, 10/2/1979)

16. Orientado pelo esquema, substitua as orações desenvolvidas em destaque pelas equivalentes reduzidas de infinitivo:

1) Informaram que não **há** (ou **havia**) mais ingressos. [presente ou pretérito imperfeito]
Informaram não **haver** mais ingressos. [infinitivo presente]

2) Mauro disse que **fez** (ou **fizera**) boa prova. [pretérito perfeito ou mais-que-perfeito]
Mauro disse **ter feito** boa prova. [infinitivo pretérito]

a) Causou estranheza o fato **de que seus corpos flutuavam no espaço**.

b) Foi **porque montou cavalo xucro** que Saul quebrou a perna.

c) O rádio informa **que não há previsão para o restabelecimento do tráfego aéreo**.

d) Pescadores afirmaram **que viram um objeto voador não identificado**.

e) O menino deveria ter uns dez anos e via-se **que recebera boa educação**.

f) Helena parece **que não gostou da brincadeira de suas colegas**.

g) Chegaram dois homens dizendo **que eram os legítimos donos daquelas terras**.

h) Das vinganças de Henrique Heine disse alguém **que eram** como as de Apolo, que de um talho arrancou a pele ao sátiro Mársias.

i) Seria conveniente que não fosses à festa **sem que te vestisses de acordo com a moda**.

17. Os períodos seguintes estão mal redigidos, devido à desagradável repetição da palavra **que**. Melhore-os, substituindo as orações em destaque pelas reduzidas correspondentes:

a) Li no jornal umas notícias que depois averiguei **que não tinham fundamento**.

b) Marquei consulta com o Dr. Clemente, um médico que diziam **que era muito bom**.

c) Todos esses edifícios, enormes e assustadores, que parece **que querem esmagar-nos**, são a prova concreta de uma falsa civilização.

d) Guardarei com amor esta carta, que dizes **que escreveste num banco de jardim**.

e) Dizem as crônicas que algumas pessoas afirmavam **que tinham visto cascavéis** dançando no peito do vereador.

f) Referiu-me que uma freira, recentemente chegada, lhe disse **que há por lá sérios receios** de que se deflagre nova guerra.

g) O chefe do grupo considerou **que era demasiado perigoso que alguns dos homens se arriscassem** a entrar naquela selva dominada pelos índios.

h) A mesma pessoa que me disse **que o dito farmacêutico mudou de nome** afirmou, entretanto, **que era de ascendência italiana** e **que exercera já a profissão de escultor**.

i) Aquelas rochas atraem a atenção dos arqueólogos **porque têm marcas** que se acredita **que são vestígios de antiga civilização**.

18. Forme períodos em que figurem orações reduzidas iniciadas pelas locuções prepositivas **longe de**, **a ponto de**, **sob pena de**, **a despeito de**.

19. Escreva as orações subordinadas reduzidas, transformando-as em desenvolvidas.

a) Terminada a leitura da peça, o debate começou.

b) É importante cultivares boas amizades.

c) Percebendo minha tristeza, calou-se.

20. Transforme as orações subordinadas desenvolvidas em reduzidas:

a) Nossa intenção era que participássemos do congresso.

b) Quando a recepção terminou, todos estavam entusiasmados.

c) Penso que estou preparado para tudo.

21. Localize no exercício 19 exemplos de:

a) oração reduzida de infinitivo;

b) oração reduzida de gerúndio;

c) oração reduzida de particípio.

22. Desenvolva a oração reduzida abaixo de duas maneiras diferentes. Depois, classifique cada uma delas.

Consertando o carro, ele rodará ainda muitos quilômetros.

23. Desenvolva as orações reduzidas por meio de pronomes relativos:

a) No colégio, vi um garoto pulando o muro.

b) Você já ouviu os CDs comprados pelo Grêmio?

c) Observei durante longo tempo os médicos discutindo a situação.

d) Havia ali muitos homens procurando emprego.

ORAÇÕES REDUZIDAS
Exercícios de exames e concursos
[Página 686]

ESTUDO COMPLEMENTAR DO PERÍODO COMPOSTO

No *período composto* podem ocorrer:

a) orações subordinadas justapostas, isto é, sem conectivo:

"*Há seis meses* depusemos Sílvia na campa, ao lado de seu Camilo." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

"Conheciam-se já provavelmente, *tão familiares se mostravam*." (FERNANDO NAMORA)

"Lembra-me *quão penoso foi o encontro com o passado*." (CIRO DOS ANJOS)

"Ficou resolvido *se fizesse, em nome do povo, uma representação ao Imperador*." (VIRIATO CORREIA)

"A carinha podia ser de chinesa, *fossem os olhos mais enviesados*." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"De maio a agosto, ninguém podia tomar banho no rio, *dava febre*." (JOSÉ J. VEIGA)

b) orações cujo verbo está elíptico, isto é, subentendido:

"*Tão bom* se ela estivesse viva para me ver assim!" (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

[*Tão bom* = Seria tão bom]

"*Absurdo* alguém viver num lugar onde se apertavam tantas casas." (GRACILIANO RAMOS)
[*Absurdo* = Era absurdo]

"Carteia está deserta, *como as demais povoações vizinhas*." (ALEXANDRE HERCULANO)

"E nunca se sabia *como, quando* e com que armas ia atacar." (ÉRICO VERÍSSIMO)

"Olha-me com ar, *se não de censura*, de ressentimento." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

"*Humilde embora a choupana* a que se bata, sempre se é acolhido com afabilidade." (AFONSO CELSO)

"A coleira não aprisionava nem tigre nem leão, *mas um menino*." (HAROLDO BRUNO)

"Não sei se é lua, *se apenas um rastro de nuvem no azul triste do dia*." (CECÍLIA MEIRELES)

O candidato promete que, *se eleito*, fará amplas reformas.

c) orações interferentes, que estudaremos a seguir.

1 ORAÇÕES INTERFERENTES

Às orações que se acrescentam "à margem" da frase, como esclarecimento, observação, ressalva, etc., dá-se o nome de *interferentes* ou *intercaladas*.

- Semelhantes orações interferem na sequência lógica da frase, sendo elementos estranhos à estrutura do período. Exemplos:

  "Melhor seria eu ir para o forno (*e o de lá de casa era enorme*), para ao menos eu ir assando ao fogo lento." (LUÍS JARDIM)

  "Se não me atirasse às bananas (*devo ter comido meia dúzia*), não poderia ter feito as milhares de coisas que fiz." (LÍGIA FAGUNDES TELLES)

  "Desta vez, *disse ele*, vais para a Europa." (MACHADO DE ASSIS)

  "É muito esperto o seu menino, *exclamaram os ouvintes*." (MACHADO DE ASSIS)

  "É bem feiozinho, *benza-o Deus*, o tal teu amigo!" (ALUÍSIO AZEVEDO)

  "Rico, e muito rico – *pensava Caúla* – quem possuía um barco como aquele!" (ADONIAS FILHO)

  "Tive (*por que não direi tudo?*), tive remorsos." (MACHADO DE ASSIS)

  "Esta obra de arte popular até hoje se conservou inédita, *creio eu*." (GRACILIANO RAMOS)

  "No monte Calvário (*relembra o nosso grande Vieira*), esteve a Senhora sempre ao pé da Cruz..." (CARLOS DE LAET)

  "Notei, *é verdade*, as pedras roídas nos alicerces." (ANÍBAL MACHADO)

  "O espaço desta campanha de norte a sul (*aqui chamo, senhores, vossa atenção*) é de mais de 300 léguas por costa." (CARLOS DE LAET)

  Meus irmãos (*digo-o com tristeza*) desviaram-se do bom caminho.

  Nenhum destes historiadores, *que eu saiba*, faz referência àquele episódio.

- Às vezes, não é apenas uma oração que se insere na frase, mas um período composto, como neste exemplo:

  A cidade, caso o tempo esteja bom – *e não há quem admita o contrário* –, terá este ano um carnaval animadíssimo.

Observação:

✔ As orações interferentes são de largo uso no discurso direto. Veja pág. 643.

Divergem os autores quanto à classificação das orações interferentes. Entendemos que são orações independentes justapostas. Na análise sintática, basta dizer: oração ou período interferente.

EXERCÍCIOS — LISTA 49

1. Escreva somente os períodos em que há orações subordinadas justapostas, isto é, sem conectivo:

a) Não fossem as aves, os insetos nocivos acabariam com as plantas.

b) Qualquer que seja o resultado, permanecerei tranquilo.

c) Perguntaram a que horas o patrão tinha passado pela ponte.

d) Nada o contentará enquanto não tiver a paz interior.

e) Ela pediu às autoridades transferissem o irmão para outro presídio.

2. Transcreva os períodos e sublinhe as orações cujo verbo está subentendido e enuncie esse verbo:

a) A terra era fértil, os rios piscosos e grande o número de animais.

b) "A chuva havia parado, mas o vento não." (SÉRGIO FARACO)

c) "À tarde houve cavalhadas e à noite quermesse." (ÉRICO VERÍSSIMO)

d) "Não se sabia como, quando e com que armas ia atacar." (ÉRICO VERÍSSIMO)

e) O candidato promete que, se eleito, fará amplas reformas.

f) Ela o atraía irresistivelmente, como o ímã ao ferro.

g) Donde terá provindo a vida? Porventura do acaso?

3. Copie os períodos abaixo e sublinhe as orações ou os períodos interferentes:

a) Velhos prédios da Rua do Catete são uma ameaça para os pedestres (pedaços de fachadas tombam no passeio) e podem desabar a qualquer momento.

b) "Tudo que se pode ter de felicidade aqui debaixo deste céu (fez um gesto de declamadora de cidade pequena) a vida me deu." (ELSIE LESSA)

c) "Se eu alteasse o choro, se gritasse – a minha mãe ameaçava – a surra se duplicaria." (LUÍS JARDIM)

d) "Tenho passado por boas, observei, e não me consta que te houvesses interessado por mim." (CARLOS DE LAET)

e) Apesar da chuva e do campo enlameado – até o meio-dia o jogo correu o risco de ser transferido –, a atuação das duas equipes agradou bastante, sobretudo pelas boas jogadas dos ataques.

f) "No bolso do capote, por que não confessar, ia uma garrafinha de um horrível conhaque de contrabando que eu arranjara em Pistoia." (RUBEM BRAGA)

4. Fazendo uso da elipse, redija frases de estrutura semelhante à das seguintes:

a) Absurdo pretender melhorar o mundo sem melhorar o homem.

b) Acanhado, as orelhas ardendo, repeli o elogio: os meus escritos eram fracos, não prestavam.

c) Criatura estranha o filósofo Diógenes, que morava num tonel.

d) A voz áspera, modos sacudidos, ranzinza, impertinente, Fernando era assim.

e) "Veio sem pintura, um vestido leve, sandálias coloridas." (RUBEM BRAGA)

5. Organize períodos em que figurem orações semelhantes às em destaque:

a) Aquela dura sentença, **longe de me abalar**, até me envaideceu.

b) Não só se envergonhava do pai, **como também não o amava**.

c) **Por mais que eu tenha insistido**, não me atendeu.

d) Não se sentava **que não enterrasse a cara nas mãos**.

e) **Tivesse eu os teus recursos**, e quantas coisas haveria de realizar!

f) A planície parecia não ter fim, **de tão extensa que era**.

g) "**Nem bem a porta fechou**, Casimiro redarguiu, agressivo..." (José Fonseca Fernandes)

h) A tempestade fustigava a natureza, **a floresta e o rio como que se contorciam de dor**.

2 MODELOS DE ANÁLISE SINTÁTICA

1

"A ordem, meus amigos, é a base do governo."

(Machado de Assis)

Período simples; oração absoluta (única no período).

Sujeito: A ordem

Predicado: é a base do governo (*nominal*)

Verbo: é (*de ligação*)

Predicativo do sujeito: a base do governo

Adjuntos adnominais: a, meus, a, do governo

Vocativo: meus amigos

2

A	B
[Netuno é deus do mar,]	**[mas Baco tem afogado mais gente.]**

Período composto por coordenação.

A) oração coordenada assindética

Sujeito: Netuno

Predicado: é deus do mar (*nominal*)

Verbo: é (*de ligação*)

Predicativo do sujeito: deus do mar

Adjunto adnominal: do mar

B) oração coordenada adversativa sindética

Sujeito: Baco

Predicado: tem afogado mais gente (*verbal*)

Verbo: tem afogado (*transitivo direto*)

Objeto direto: mais gente

Adjunto adnominal: mais

Conectivo coordenativo: mas

3

A B C

[Se bem que eu não o julgue insensível à arte,] [admira-me] [vê-lo assim tão entusiasmado.]

Período composto por subordinação.

A) oração subordinada adverbial concessiva

Sujeito: eu

Predicado: não o julgue insensível à arte (*verbo-nominal*)

Verbo: julgue (*transitivo direto*)

Objeto direto: o

Predicativo do objeto: insensível

Complemento nominal: à arte

Adjunto adverbial de negação: não

Conectivo subordinativo: se bem que

B) oração principal

Sujeito: a oração *C*

Predicado: admira-me (*verbal*)

Verbo: admira (*transitivo direto*)

Objeto direto: me

C) oração sub. subst. subjetiva, reduzida de infinitivo

Sujeito: eu (*oculto*)

Predicado: vê-lo assim tão entusiasmado (*verbo-nominal*)

Verbo: ver (*transitivo direto*)

Objeto direto: o

Predicativo do objeto: entusiasmado

Adjunto adverbial de modo: assim

Adjunto adverbial de intensidade: tão

4

A B A

["Todos os médicos [a quem contei as moléstias dele] foram acordes]

C D E

[em que a morte era certa,] [e só se admiravam] [de ter resistido tanto tempo."]

(MACHADO DE ASSIS)

Período composto por subordinação e coordenação.

A) oração principal

B) oração subordinada adjetiva restritiva

C) oração subordinada substantiva completiva nominal

D) oração coordenada aditiva sindética, principal relativamente à seguinte

E) oração subordinada substantiva objetiva indireta, reduzida de infinitivo

Análise de alguns termos: *quem*, objeto indireto; *dele*, adjunto adnominal; *acordes*, predicativo do sujeito; *tanto*, adjunto adnominal.

5

A **B**

["Certamente, para o garoto o ideal seria] [que todos fossem embora]

C

[e ele tomasse posse da cápsula.]

(CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

Período composto por subordinação e coordenação.

A) oração principal

B) oração subordinada substantiva predicativa

C) oração subordinada substantiva predicativa coordenada à oração *B* (elipse da conjunção integrante *que*: e **que** ele tomasse posse da cápsula)

Análise de alguns termos: *certamente*, adjunto adverbial de afirmação; *garoto*, adjunto adverbial de interesse; *ideal*, sujeito; *tomasse posse* [= *se apossasse*], núcleo do predicado; *cápsula*, objeto indireto.

Análise também aceitável: *tomasse*, núcleo do predicado; *posse*, objeto direto; *cápsula*, complemento nominal.

Observação:

✔ **Cápsula**. Cabine de uma nave espacial.

EXERCÍCIOS — LISTA 50

1. Converta os termos destacados em orações e classifique-as:

a) Quero **sua colaboração**.

b) É necessária nossa **participação**.

c) Tenho necessidade **de sua ajuda**.

d) O mais importante é **a devolução do nosso dinheiro**.

e) Peço-te apenas uma coisa: **o reconhecimento da verdade**.

2. Transforme os períodos simples em compostos utilizando pronome relativo. Oriente-se pelo exemplo.

Estudo em uma escola religiosa. A escola tem muitos alunos.

A escola em que estudo tem muitos alunos.

a) Seu José é ótimo contador. Seu José mora em minha rua.

b) Temos novos funcionários. Esses funcionários foram aprovados em concurso.

c) Paulo é uma pessoa admirável. Podemos contar sempre com ele.

3. Escreva os períodos substituindo os adjuntos adverbiais grifados por orações subordinadas adverbiais equivalentes.

a) *À noite*, retornávamos a nossos lares.

b) Enviaremos o resultado do exame *para a realização do inquérito*.

c) *Apesar de sua agressividade*, Carlinhos é um ótimo garoto.

d) Não terminei o relatório *por falta de dados*.

e) Saíram *no término da festa*.

4. Classifique as orações adverbiais que formulou no exercício anterior.

5. Escreva os períodos acrescentando orações subordinadas adjetivas às principais.

a) O campeão * não participará da próxima competição.

b) A secretária * trabalha na sala ao lado.

c) O livro * é muito interessante.

d) A vila * não existe mais.

e) O colégio * é muito bom.

6. Explique a diferença de sentido que existe entre as frases abaixo:

a) Meu irmão, que mora em Botucatu, virá amanhã.

b) Meu irmão que mora em Botucatu virá amanhã.

ESTUDO COMPLEMENTAR DO PERÍODO COMPOSTO
Exercícios de exames e concursos
[Página 685]

SINAIS DE PONTUAÇÃO

Tríplice é a finalidade dos sinais de pontuação:

a) assinalar as pausas e as inflexões da voz (a entonação) na leitura;

b) separar palavras, expressões e orações que devem ser destacadas;

c) esclarecer o sentido da frase, afastando qualquer ambiguidade.

Não há uniformidade entre os escritores quanto ao emprego dos sinais de pontuação. Não sendo possível traçar normas rigorosas sobre a matéria, daremos aqui apenas as que o uso geral vem sancionando, na atual língua escrita.

1 EMPREGO DA VÍRGULA

A) Emprega-se a vírgula:

- para separar palavras ou orações justapostas assindéticas:

  A terra, o mar, o céu, tudo apregoa a glória de Deus.
  Os passantes chegam, olham, perguntam e prosseguem.

- para separar vocativos:

  "Olha, *Roque*, você me vai dar um remédio." (MENOTTI DEL PICCHIA)

- para separar apostos e certos predicativos:

  São Marcelino Champagnat, *fundador da Congregação dos Irmãos Maristas*, destaca-se entre os grandes educadores da juventude.

  "*Pássaro e lesma*, o homem oscila entre o desejo de voar e o desejo de arrastar." (GUSTAVO CORÇÃO)

  Lentos e tristes, os retirantes iam passando.

- para separar orações intercaladas e outras de caráter explicativo:

  A História, *diz Cícero*, é a mestra da vida.
  Segundo afirmam, há no mundo 396.000 espécies vivas de animais.

  "O jornal, *como o entendem hoje em dia*, é o mergulho absoluto na intensidade da vida." (FÉLIX PACHECO)

- para separar certas expressões explicativas ou retificativas, como *isto é, a saber, por exemplo, ou melhor, ou antes*, etc. Exemplo:

  O amor, *isto é*, o mais forte e sublime dos sentimentos humanos, tem seu princípio em Deus.

- para separar orações adjetivas explicativas:

  Pelas 11h do dia, *que foi de sol ardente*, alcançamos a margem do rio Paraná.
  "O coronel ia enchendo o tambor do revólver, *do qual nunca se apartava*." (HERBERTO SALES)

- de modo geral, para separar orações adverbiais desenvolvidas:

  Enquanto o marido pescava, Rosa ficava pintando a paisagem.

- para separar orações adverbiais reduzidas:

  "Dali eu via, *sem ser visto*, a sala de visitas." (LÚCIO DE MENDONÇA)
  "*Findas as lições*, espaçou as visitas, sumiu-se afinal." (GRACILIANO RAMOS)
  "O tiroteio inesperado, *violentando a paz da noite*, fez a cidade estremecer..." (HERBERTO SALES)

- para separar adjuntos adverbiais:

  "Eis que, *aos poucos, lá para as bandas do oriente*, clareia um cantinho do céu." (VISCONDE DE TAUNAY)
  "*Com mais de setenta anos*, andava a pé." (GRACILIANO RAMOS)
  O adjunto adverbial, quando breve, pode dispensar a vírgula:
  "*Dentro do navio* homens e mulheres conversavam." (JORGE AMADO)

- para indicar a elipse de um termo:

  Uns diziam que se matou, outros, que fora para o Acre. [= outros *diziam* que fora para o Acre.]
  "Às vezes sobe aos ramos da árvore; outras, remexe o uru de palha matizada." (JOSÉ DE ALENCAR) [= outras *vezes*]

- para separar certas conjunções pospositivas, como *porém, contudo, pois, entretanto, portanto*, etc.:

  "Vens, *pois*, anunciar-me uma desventura." (ALEXANDRE HERCULANO)
  "As pessoas delicadas, *contudo*, haviam desde a véspera abandonado a cidade." (JOÃO RIBEIRO)

- para separar os elementos paralelos de um provérbio:

  Mocidade ociosa, velhice vergonhosa.

- para separar termos que desejamos realçar:

  O dinheiro, Jaime o trazia escondido nas mangas do paletó.

- para separar, nas datas, o nome do lugar:

  Rio de Janeiro, 10 de maio de 2000.

B) Não se emprega vírgula:

- entre o sujeito e o verbo da oração, quando juntos:

  Atletas de várias nacionalidades participarão da grande maratona.

Observação:

✔ Se entre o sujeito e o verbo ocorrer adjunto ou oração, com pausas obrigatórias, terá lugar a vírgula:

Meus olhos, *devido à fumaça*, ardiam e lacrimejavam muito.

As crianças, *quando os pais as tratam mal*, tornam-se agressivas.

- entre o verbo e seus complementos, quando juntos:

  Dona Elza pediu ao diretor do colégio que colocasse o filho em outra turma.

- em geral, antes de oração adverbial consecutiva do tipo:

  O vento soprou tão forte *que arrancou mais de uma árvore*.

2 PONTO E VÍRGULA

O ponto e vírgula denota uma pausa mais sensível que a vírgula e emprega-se principalmente:

- para separar orações coordenadas de certa extensão:

  "Depois Iracema quebrou a flecha homicida; deu a haste ao desconhecido, guardando consigo a ponta farpada." (José de Alencar)

  Astrônomos já tentaram estabelecer contato com seres extraterrestres; suas tentativas, porém, foram infrutíferas.

- em enumerações do tipo:

  Destacaram-se, na Conjuração Mineira, Joaquim José da Silva Xavier, alcunhado *Tiradentes*; o poeta Cláudio Manuel da Costa, autor do poema épico *Vila Rica*; o poeta Tomás Antônio Gonzaga, autor de *Marília de Dirceu*; o desembargador Inácio Alvarenga Peixoto e o padre Luís Vieira da Silva, em cuja biblioteca se reuniam os conjurados.

- para separar os considerandos de um decreto, de uma sentença, de uma petição, etc.
- para separar os itens de um artigo de lei, de um regulamento.

3 DOIS-PONTOS

Emprega-se este sinal de pontuação:

- para anunciar a fala dos personagens nas histórias de ficção:

  "O Baixinho retomou o leme, dizendo:
  – Olha, menino, veja a Bahia." (Adonias Filho)
  "Ouvindo passos no corredor, abaixei a voz:
  – Podemos avisar sua tia, não?" (Graciliano Ramos)

- antes de uma citação:

  "Repetia as palavras do pai: O mundo, sem a selva, será triste e mau." (Adonias Filho)
  Bem diz o ditado: Vento ou ventura, pouco dura.
  "O pessoal do extremo norte tem um *slogan*: Amazônia também é Brasil!" (Raquel de Queirós)

- antes de certos apostos, principalmente nas enumerações:

  Tudo ameaça as plantações: vento, enchentes, geadas, insetos daninhos, bichos, etc.
  Duas coisas lhe davam superioridade: o saber e o prestígio.
  Existem na esgrima três modalidades de arma: florete, sabre e espada.
  "O *Titanic* nasceu de um sonho: o de que era possível construir um navio à prova de naufrágio." (Artur Dapieve)

- antes de orações apositivas:

  A verdadeira causa das guerras é esta: os homens se esquecem do Decálogo.
  "Só ponho uma condição: vai almoçar comigo." (CARLOS DE LAET)
  "É triste dizer: o velho às vezes se embriagava." (AUTRAN DOURADO)

- para indicar um esclarecimento, um resultado ou resumo do que se disse:

  "Mas padre Anselmo era assim mesmo: amigo dos pobres." (JOÃO CLÍMACO BEZERRA)
  "Guardo o mundo na mão: não sei se sou feliz." (CABRAL DO NASCIMENTO)
  "Afinal a casa não caíra do céu por descuido: fora construída pelo major." (GRACILIANO RAMOS)
  "Resultado: no fim de algum tempo tinha o que se chama 'dinheiro no Banco'."
  (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)
  "Em resumo: saí com 1.029 cruzeiros no bolso, um tanto confuso."
  (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

4 PONTO FINAL

- Emprega-se, principalmente, para fechar o período:

  "Mestre Vitorino morava no mar." (ADONIAS FILHO)

- Usa-se também nas abreviaturas:

  Sr. (senhor), *a.C.* (antes de Cristo), *pág.* (página), *P.S.* (*post scriptum*), etc.

5 PONTO DE INTERROGAÇÃO

- Usa-se no fim de uma palavra, oração ou frase, para indicar pergunta direta, que se faz com entoação ascendente:

  "– Aonde? perguntou Dona Plácida." (MACHADO DE ASSIS)
  "Não estás farto do espetáculo e da luta?" (MACHADO DE ASSIS)
  "– Que vai fazer V. Exª? tornou Calisto." (CAMILO CASTELO BRANCO)
  "– Que tem isso? perguntava-lhe eu." (MACHADO DE ASSIS)
  "Caça é coisa para homem, não é, César?" (ANTÔNIO OLINTO)

- Aparece, às vezes, no fim de uma pergunta intercalada, que pode, ao mesmo tempo, estar entre parênteses:

  "A imprensa (quem o contesta?) é o mais poderoso meio que se tem inventado para a divulgação do pensamento." (CARLOS DE LAET)
  Outras vezes combina-se com o ponto de exclamação ou as reticências:
  "– A mim?! Que ideia!" (CAMILO CASTELO BRANCO)
  "Virgília? Mas então era a mesma senhora que alguns anos depois...?" (MACHADO DE ASSIS)

Observação:

✔ Não se usa o ponto interrogativo nas perguntas indiretas: *Dize-me o que tens.*
Desejo saber quem vai. Perguntei quem era.

6 PONTO DE EXCLAMAÇÃO

- Usa-se depois das interjeições, locuções ou frases exclamativas, que se proferem com entonação descendente, exprimindo surpresa, espanto, susto, indignação, piedade, ordem, súplica, etc. Exemplos:

  "– Céus! Que injustiça!" (Camilo Castelo Branco)

  "– Nunca! gemeu o enfermo." (Machado de Assis)

  "Coitada de Dona Plácida!" (Machado de Assis)

  "Ah! mísero demente! o teu tesouro é falso!" (Olavo Bilac)

  "Suspendam o interrogatório!" (Érico Veríssimo)

  "– Um automóvel! Depressa! Depressa!" (Fernando Namora)

- Substitui a vírgula depois de um vocativo enfático:

  "*Colombo!* fecha a porta dos teus mares!" (Castro Alves)

7 RETICÊNCIAS

As reticências (...) são usadas, principalmente:

- para indicar suspensão ou interrupção do pensamento, ou ainda, corte da frase de um personagem pelo interlocutor, nos diálogos:

  "– Mas essa cruz, observei eu, não me disseste que era teu pai que..." (Machado de Assis)

  "– A instrução é indispensável, a instrução é uma chave, a senhora não concorda, dona Madalena?

  – Quem se habitua aos livros...

  – É não habituar-se, interrompi." (Graciliano Ramos)

- no meio do período, para indicar certa hesitação ou breve interrupção do pensamento:

  "– Porque... não sei, porque... porque é a minha sina..." (Machado de Assis)

  "– Ao contrário, se é amigo dele... peço-lhe que o distraia... que..." (Machado de Assis)

- no fim de um período gramaticalmente completo, para sugerir certo prolongamento da ideia:

  "Na terra os homens sonham, os homens vivem sonhando..." (Malu de Ouro Preto)

  "Ninguém... A estrada, ampla e silente,
  Sem caminhantes adormece..." (Olavo Bilac)

- para sugerir movimento ou a continuação de um fato:

  "E o pingo d'água continua..." (Olegário Mariano)

  "E a Vida passa... efêmera e vazia." (Raul de Leoni)

- para indicar chamamento ou interpelação, em lugar do ponto interrogativo:

  "– *Seu Pilar*... murmurou ele daí a alguns minutos.

  – Que é?" (Machado de Assis)

- para indicar supressão de palavra(s) numa frase transcrita, caso em que se podem usar quatro pontos, em vez de três:

  "... o chefe dos pescadores... se arroja nas ondas..." (José de Alencar)

  "Na primeira semana de agosto,.... a frota ancorou em Málaga...." (Eduardo Bueno)

Neste último caso, as reticências são mero sinal gráfico: não representam pausa nem entonação especial.

Observação:

✔ As reticências e o ponto de exclamação, sinais gráficos subjetivos de grande poder de sugestão e ricos em matizes melódicos, são ótimos auxiliares da linguagem afetiva e poética. Seu uso, porém, é antes arbitrário, pois depende do estado emotivo do escritor.

8 PARÊNTESES

- Usam-se para isolar palavras, locuções ou frases intercaladas no período, com caráter explicativo, as quais são proferidas em tom mais baixo:

  "O Cristianismo (escreveu Chateaubriand) inventou o órgão e fez suspirar o bronze." (Carlos de Laet)

  "Mas o tempo (e é outro ponto em que eu espero a indulgência dos homens pensadores!), o tempo caleja a sensibilidade..." (Machado de Assis)

- Às vezes substituem a vírgula ou o travessão:

  "Ora (direis) ouvir estrelas! Certo

  Perdeste o senso!..." (Olavo Bilac)

9 TRAVESSÃO

O travessão (–) é um traço maior que o hífen e usa-se:

- nos diálogos, para indicar mudança de interlocutor ou, simplesmente, início da fala de um personagem:

  "– Você é daqui mesmo? perguntei.

  – Sou, sim senhor, respondeu o garoto." (Aníbal Machado)

- para separar expressões ou frases explicativas, intercaladas:

  Um bom ensino básico – diga-se mais uma vez – exige a valorização do professor.

  "Quanto mais andam pelas docas, pelo porto – Amsterdam já tem uma indústria naval –, maior agitação encontram." (Assis Brasil)

  "E logo me apresentou à mulher, – uma estimável senhora – e à filha." (Machado de Assis)

- para isolar palavras ou orações que se quer realçar ou enfatizar:

  "Acresce que chovia – peneirava – uma chuvinha miúda, triste e constante..." (Machado de Assis)

  "O obelisco aponta aos mortais as coisas mais altas: o céu, a Lua, o Sol, as estrelas, – Deus." (Manuel Bandeira)

- às vezes substitui os parênteses e mesmo a vírgula e os dois-pontos:

"Uma das glórias – e tantas são elas! – da Ordem Beneditina no Brasil é D. Frei Antônio do Desterro." (CARLOS DE LAET)

"O que o colono do Maranhão pretendia era isto – fazer entradas livres." (CARLOS DE LAET)

"Mas eis – corre-se então nívea cortina." (CRUZ E SOUSA)

10 ASPAS

- Usam-se as aspas (" ") antes e depois de uma citação textual (palavra, expressão, frase ou trecho):

Disse o pintor grego Apeles ao sapateiro que o criticara: "Sapateiro, não passes além da sandália!"

"Proletário, uni-vos." Isto era escrito sem vírgula e sem traço, a piche. (GRACILIANO RAMOS)

"A bomba não tem endereço certo." (CECÍLIA MEIRELES)

- Costuma-se aspear expressões ou conceitos que se deseja pôr em evidência:

Miguel Ângelo, "o homem das três almas"... (CARLOS DE LAET)

Desde os cinco anos merecera eu a alcunha de "menino diabo". (MACHADO DE ASSIS)

País algum sobrevive sob o insensato refrão de que "é proibido proibir". (DOM EUGÊNIO SALES)

- Põem-se entre aspas ou, então, grifam-se palavras estrangeiras, termos da gíria, expressões que devem ser destacadas:

Guido vestiu um *short* branco e foi jogar bola.

O *réveillon* foi muito animado.

Assim me contou o "tira"... (ANÍBAL MACHADO)

- Títulos de livros, revistas, jornais, filmes, etc. são, de preferência, grifados:

A notícia foi dada pelo *Jornal do Brasil*.

11 COLCHETES

- Têm a mesma finalidade que os parênteses; todavia, seu uso se restringe aos escritos de cunho didático, filológico, científico:

"Luzente. [Do lat. *lucente*.] *Adj. 2 g.* Que luz ou brilha." (*Novo Dicionário Aurélio*, 3ª edição, 1999)

"Cada um colhe [conforme semeia]." (ADRIANO DA GAMA KURY)

- Na transcrição de um texto, indicam inclusão de palavra(s):

  "O [peixe] do meio trazia uma concha na boca..." (*Novo Dicionário Aurélio*, 3ª edição, verbete *lhe*)

  "Qualquer mudança deve vigir [*sic*] apenas a partir de 1995." (CARLOS CASTELO BRANCO)

12 ASTERISCO

O asterisco (*), palavra que significa *estrelinha*, é usado:

- para remeter a uma nota ou explicação ao pé da página ou no fim de um capítulo;
- nos dicionários e nas enciclopédias, para remeter a um verbete;
- no lugar de um nome próprio que não se quer mencionar: *o Dr.*, o jornal***.*

13 PARÁGRAFO

Representa-se com o sinal § e serve para indicar um parágrafo de um texto ou artigo de lei.

EXERCÍCIOS — LISTA 51

1. Em uma frase a vírgula é inadequada. Dê a razão:

a) Colhiam café bandos de moças alegres, cantadoras, muito bonitas.

b) Menino pobre, Zezinho não tinha roupa nova para ir à festa.

c) Para lá da via férrea, meninos empinavam papagaios.

d) A tartaruga, conhecido réptil aquático, vem à terra para a desova.

e) Mugidos tristes de reses famintas, cortavam o silêncio da noite.

2. Escreva o trecho abaixo, colocando as vírgulas corretamente:

"De longe por entre coqueiros surge correndo uma mulher vestida de calça e capa de borracha negra dessas de marinheiro; na mão um cajado longo. Não ouvem o que ela grita devido ao vento mas sentem no bastão erguido um gesto de ameaça. Seguem-na um padre e um tipo de barbas. Em seguida os pescadores: velhos moços e meninos." (JORGE AMADO)

3. Copie as frases, colocando convenientemente vírgula, ponto e vírgula e dois-pontos:

a) Vaqueiros saltam em cima de cavalos cavalos se lançam atrás dos bois que correm desabalados caatinga adentro.

b) Na cidade vê-se o contrário do que acontece na roça as pessoas estão sempre muito apressadas.

c) Umas excursões levam ao norte às praias de Cabo Frio onde a vida social é muito animada outras conduzem ao sul a Angra dos Reis lugar ideal para a caça submarina.

d) "Durante o ciclo da borracha fora aquela legião de rapazes para os seringais. Poucos voltaram. O Governo prometia mundos e fundos terras hospitais ordenado médicos escolas. E no fim foi o que se viu os desgraçados voltaram como antigamente. Roídos de beribéri de maleita magros famintos. Dinheiro nem um tostão. E os arrebanhadores de gente ricos com casa na cidade." (João Clímaco Bezerra, *A Vinha dos Esquecidos*, p. 97)

4. Ponha os sinais de pontuação adequados na seguinte fábula:

O acordo

Vestido como caçador o homem caçava Estava metido no mais negro da floresta e caçava Mas não procurava qualquer caça não Procurava uma caça determinada capaz de lhe dar uma pele que aquecesse suas noites hibernais

E procurava Procura que procura eis senão quando numa volta da floresta depara nada mais nada menos que com um urso Os dois se defrontam O caçador apavorado pela selvageria do animal O animal apavorado pela civilização em forma de rifle do caçador Mas foi o urso quem falou primeiro

Que é que você está procurando

Eu disse o caçador procuro uma boa pele com a qual possa abrigar-me no inverno E você

Eu disse o urso procuro algo que jantar porque há três dias que não como

E os dois se puseram a pensar E foi de novo o urso quem falou primeiro

Olha caçador vamos entrar na toca e conversar lá dentro que é melhor

Entraram E dentro de meia hora o urso tinha o seu almoço e consequentemente o caçador tinha o seu capote

Moral Falando a gente se entende

(Millôr Fernandes, *Novas Fábulas Fabulosas*, Desiderata, 2007)

5. Copie as frases colocando as vírgulas necessárias.

a) A doença a perda da esposa a viagem do filho tudo o abatia.

b) Falemos amigos de nossos sonhos e esperanças.

c) Os artistas alegres e realizados recebiam seus merecidos prêmios.

d) Dirigiam-se às crianças ou melhor aos alunos da quinta série.

e) Os alunos do ensino médio partirão hoje nós amanhã.

6. Explique por que não se podem usar as vírgulas que aparecem nas frases abaixo.

a) O grande e invencível herói americano, deixou-se cair abatido.

b) Os que zombam de ti não conhecem ainda, a força de teu caráter e de tua vontade.

c) As histórias do filme eram tão tristes e sombrias, que arrancaram lágrimas de toda a plateia.

7. Explique a diferença de sentido entre os pares de frases abaixo:

a) Carlos, o professor está doente.

Carlos, o professor, está doente.

b) As meninas andavam pelas ruas tranquilas.

As meninas andavam pelas ruas, tranquilas.

8. Escreva as frases colocando o termo destacado no ínicio do período. Veja se, então, haverá necessidade de usar vírgula.

a) Os refugiados caminhavam sem destino *após o ataque inimigo*.

b) Falava com as crianças da turma *com muita sensibilidade*.

9. Recoloque, em cada período, o ponto e vírgula omitido.

a) Muitos já tentaram descobrir a cura do câncer as diferentes pesquisas, no entanto, ainda não tiveram sucesso.

b) Os paulistas armaram-se para o ataque, supondo contar com a adesão dos outros estados após alguns combates, no entanto, foram desarmados.

SINAIS DE PONTUAÇÃO
Exercícios de exames e concursos
[Página 667]

SINTAXE DE CONCORDÂNCIA

Concordância é o princípio sintático segundo o qual as palavras dependentes se harmonizam, nas suas flexões, com as palavras de que dependem. Assim:

a) Os adjetivos, pronomes, artigos e numerais concordam em gênero e número com os substantivos a que se referem (*concordância nominal*);

b) O verbo concordará com o sujeito da oração em número e pessoa (*concordância verbal*).

CONCORDÂNCIA NOMINAL

1 CONCORDÂNCIA DO ADJETIVO ADJUNTO ADNOMINAL

A concordância do adjetivo, com a função de adjunto adnominal, efetua-se de acordo com as seguintes regras gerais:

- O adjetivo concorda em gênero e número com o substantivo a que se refere. Exemplo:

  O **alto** ipê cobre-se de flores **amarelas**.

- O adjetivo que se refere a mais de um substantivo de gênero ou número diferentes, quando posposto, poderá concordar no masculino plural (concordância mais aconselhada), ou com o substantivo mais próximo. Exemplos:

a) no masculino plural:

"Tinha as espáduas e o colo **feitos** de encomenda para os vestidos decotados." (MACHADO DE ASSIS)

"Os arreios e as bagagens **espalhados** no chão, em roda." (HERMAN LIMA)

"Ainda assim, apareci com o rosto e as mãos muito **marcados**." (POVINA CAVALCÂNTI)

"... grande número de camareiros e camareiras **nativos**." (ÉRICO VERÍSSIMO)

"... um padre-nosso e uma ave-maria **oferecidos** a Nossa Senhora." (MACHADO DE ASSIS)

"Uma solicitude e um interesse mais que **fraternos**." (MÁRIO DE ALENCAR)

"... asas e peito **matizados** de riscas brancas." (LÚCIO DE MENDONÇA)

A atriz possui muitas joias e vestidos **caros**.

"... à descoberta de rios e terras ainda **desconhecidos**." (JOSÉ DE ALENCAR)

"... esperavam-nos alguns tios e tias **maternos**, com os quais fomos viver." (HUMBERTO DE CAMPOS)

b) com o substantivo mais próximo:

A Marinha e o Exército **brasileiro** estavam alerta.

Músicos e bailarinas **ciganas** animavam a festa.

"... toda ela [a casa] cheirando ainda a cal, a tinta e a barro **fresco**." (HUMBERTO DE CAMPOS)

"Meu primo estava saudoso dos tempos da infância e falava dos irmãos e irmãs **falecidas**." (LUÍS HENRIQUE TAVARES)

- Anteposto aos substantivos, o adjetivo concorda, em geral, com o mais próximo:

"Escolhestes **mau** lugar e hora..." (ALEXANDRE HERCULANO)

"... acerca do **possível** ladrão ou ladrões." (ANTÔNIO CALLADO)

Velhas revistas e livros enchiam as prateleiras.

Velhos livros e revistas enchiam as prateleiras.

Observação:

✔ Seguem esta regra os pronomes adjetivos:

A *sua* idade, sexo e profissão. *Seus* planos e tentativas.

Aqueles vícios e ambições. Por que *tanto* ódio e perversidade?

"*Seu* Príncipe e filhos." (LUÍS DE CAMÕES, *Os Lusíadas*, III, 124)

Muitas vezes é facultativa a escolha desta ou daquela concordância, mas em todos os casos deve subordinar-se às exigências da eufonia, da clareza e do bom gosto.

Quando dois ou mais adjetivos se referem ao mesmo substantivo determinado pelo artigo, ocorrem dois tipos de construção, um e outro legítimos. Exemplos:

Estudo **as línguas** inglesa e francesa.

Estudo **a língua** inglesa e **a** francesa.

Os dedos indicador e médio estavam feridos.

O dedo indicador e **o** médio estavam feridos.

- Os adjetivos regidos da preposição *de*, que se referem a pronomes neutros indefinidos (*nada, muito, algo, tanto, que*, etc.), normalmente ficam no masculino singular:

Sua vida nada tem de **misterioso**.

Seus olhos têm algo de **sedutor**.

Todavia, por atração, podem esses adjetivos concordar com o substantivo (ou pronome) sujeito:

"Elas nada tinham de **ingênuas**." (JOSÉ GUALDA DANTAS)

"Os edifícios da cidade nada têm de **elegantes**." (MÁRIO BARRETO)

"Júlia tinha tanto de **magra** e **sardenta**, quanto de **feia**! (RIBEIRO COUTO)

"Tanto tinha minha tia de **emperiquitada** quanto minha avó de **desmazelada** consigo mesma." (PEDRO NAVA)

"... esses números nada têm de **precisos**." (JOSUÉ DE CASTRO)

2 CONCORDÂNCIA DO ADJETIVO PREDICATIVO COM O SUJEITO

A concordância do adjetivo predicativo com o sujeito realiza-se consoante as seguintes normas:

- O predicativo concorda em gênero e número com o sujeito simples:

  A ciência sem consciência é **desastrosa**.

  Os campos estavam **floridos**, as colheitas seriam **fartas**.

  É **proibida** a caça nesta reserva.

- Quando o sujeito é composto e constituído por substantivos do mesmo gênero, o predicativo deve concordar no plural e no gênero deles:

  O mar e o céu estavam **serenos**.

  A ciência e a virtude são **necessárias**.

  "**Torvos** e **ferozes** eram o gesto e os meneios destes homens sem disciplina." (ALEXANDRE HERCULANO)

- Sendo o sujeito composto e constituído por substantivos de gêneros diversos, o predicativo concordará no masculino plural:

  O vale e a montanha são **frescos**.

  "O céu e as árvores ficariam **assombrados**." (MACHADO DE ASSIS)

  Longos eram os dias e as noites para o prisioneiro.

  "O César e a irmã são **louros**." (ANTÔNIO OLINTO)

  O garoto e as meninas avançaram **cautelosos**.

- Menos comum é a concordância com o substantivo mais próximo, o que só é possível quando o predicativo se antecipa ao sujeito:

  "Era **deserta** a vila, a casa, o templo." (GONÇALVES DIAS)

  Onde andará **metido** Antônio e suas irmãs?

  Estavam **molhadas** as cortinas e os tapetes.

- Se o sujeito for representado por um pronome de tratamento, a concordância se efetua com o sexo da pessoa a quem nos referimos:

  Vossa Senhoria, ficará **satisfeito**, eu lhe garanto.

  "Vossa Excelência está **enganado**, Doutor Juiz." (ARIANO SUASSUNA)

  Vossas Excelências, senhores Ministros, são **merecedores** de nossa confiança.

  Vossa Alteza foi **bondoso**. (com referência a um príncipe)

  Vossa Alteza foi muito **severa**. (com referência a uma princesa)

  "Vossa Majestade pode partir **tranquilo** para a sua expedição." (VIVALDO COARACI)

Observação:

✔ A essa concordância do adjetivo com a ideia implícita na expressão de tratamento dá-se o nome de *silepse*, da qual trataremos adiante.

O predicativo aparece às vezes na forma do masculino singular nas estereotipadas locuções *é bom, é necessário, é preciso*, etc., embora o sujeito seja substantivo feminino ou plural:

Bebida alcoólica não é **bom** para o fígado.

"Água de melissa é muito **bom**." (MACHADO DE ASSIS)

"É **preciso** cautela com semelhantes doutrinas." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Hormônios, às refeições, não é **mau**." (ANÍBAL MACHADO)

"É **necessário** muita fé." (MÁRIO BARRETO)

"Não seria **preciso** muita finura para perceber isso." (CIRO DOS ANJOS)

Observe-se que em tais casos o sujeito não vem determinado pelo artigo e a concordância se faz não com a forma gramatical da palavra, mas com o fato que se tem em mente:

Tomar hormônios às refeições não é mau.

É necessário **ter muita fé**.

- Havendo determinação do sujeito, ou sendo preciso realçar o predicativo, efetua-se a concordância normalmente:

É necessária a tua presença aqui. [= indispensável]

"**Se eram necessárias** obras, que se fizessem e largamente." (EÇA DE QUEIRÓS)

"**Seriam precisos** outros três homens." (ANÍBAL MACHADO)

"**São precisos** também os nomes dos admiradores." (CARLOS DE LAET)

"Só para consolidar as bases do palácio real, **foram precisas** treze mil estacas." (RAMALHO ORTIGÃO)

3 CONCORDÂNCIA DO PREDICATIVO COM O OBJETO

A concordância do adjetivo predicativo com o objeto direto ou indireto subordina-se às seguintes regras gerais:

- O adjetivo concorda em gênero e número com o objeto quando este é simples:

Vi **ancorados** na baía os navios petrolíferos.

"Olhou para as suas terras e viu-as **incultas** e **maninhas**." (CARLOS DE LAET)

O tribunal qualificou de **ilegais** as nomeações do ex-prefeito.

A noite torna **visíveis** os astros no céu límpido.

- Quando o objeto é composto e constituído por elementos do mesmo gênero, o adjetivo se flexiona no plural e no gênero dos elementos:

A justiça declarou **criminosos** o empresário e seus auxiliares.

Deixe bem **fechadas** a porta e as janelas.

- Sendo o objeto composto e formado de elementos de gêneros diversos, o adjetivo predicativo concordará no masculino plural:

Tomei **emprestados** a régua e o compasso.

Achei muito **simpáticos** o príncipe e sua filha.

"Vi setas e carcás **espedaçados**." (GONÇALVES DIAS)

Encontrei **jogados** no chão o álbum e as cartas.

Encontrei pai e filha **empenhados** numa discussão.

- Se anteposto ao objeto, poderá o predicativo, neste caso, concordar com o núcleo mais próximo:

  É preciso que se mantenham **limpas** as ruas e os jardins.

- Segue as mesmas regras o predicativo expresso pelos substantivos variáveis em gênero e número:

  Temiam que as tomassem por **malfeitoras**.

  Considero **autores** do crime o comerciante e sua empregada.

4 CONCORDÂNCIA DO PARTICÍPIO PASSIVO

- Na voz passiva, o particípio concorda em gênero e número com o sujeito, como os adjetivos:

  Foi **escolhida** a rainha da festa.

  Foi **feita** a entrega dos convites.

  Os jogadores tinham sido **convocados**.

  O governo avisa que não serão **permitidas** invasões de propriedades.

  Passadas duas semanas, procurei o devedor.

  Minhas três coleções de selos são **postas** à venda.

  O que não é **admitido** é a greve abusiva.

  Foram **vistas** centenas de rapazes pedalando nas ruas.

- Quando o núcleo do sujeito é, como no último exemplo, um coletivo numérico, pode-se, em geral, efetuar a concordância com o substantivo que o acompanha:

  Centenas de rapazes foram **vistos** pedalando nas ruas.

  Dezenas de soldados foram **feridos** em combate.

- Referindo-se a dois ou mais substantivos de gêneros diferentes, o particípio concordará no masculino plural:

  Atingidos por mísseis, a corveta e o navio foram a pique.

  "Mas achei natural que o clube e suas ilusões fossem **leiloados**."
  (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

5 CONCORDÂNCIA DO PRONOME COM O NOME

- O pronome, quando se flexiona, concorda em gênero e número com o substantivo a que se refere:

  "Martim quebrou um ramo de murta, a folha da tristeza, e deitou-**o** no jazigo de sua esposa."
  (JOSÉ DE ALENCAR)

  "O velho abriu as pálpebras e cerrou-**as** logo." (JOSÉ DE ALENCAR)

- O pronome que se refere a dois ou mais substantivos de gêneros diferentes flexiona-se no masculino plural:

"Salas e coração habita-**os** a saudade!" (ALBERTO DE OLIVEIRA)

"A generosidade, o esforço e o amor, ensinaste-**os** tu em toda a sua sublimidade." (ALEXANDRE HERCULANO)

Conheci naquela escola ótimos rapazes e moças, com **os quais** fiz boas amizades.

"Referi-me à catedral de Notre-Dame e ao Vesúvio familiarmente, como se **os** *tivesse* visto." (GRACILIANO RAMOS)

Trazem presentes e flores e depositam-**nos** em torno dela.

Observação:

✔ Os substantivos sendo sinônimos, o pronome concorda com o mais próximo:

"Ó mortais, que cegueira e desatino *é o nosso!*" (MANUEL BERNARDES)

- Os pronomes *um... outro*, quando se referem a substantivos de gêneros diferentes, concordam no masculino:

  Marido e mulher viviam em boa harmonia e ajudavam-se **um ao outro**.

  "Repousavam bem perto **um do outro a matéria e o espírito**." (ALEXANDRE HERCULANO)

  Nilo e **Sônia** casaram cedo: **um** por amor, **o outro**, por interesse.

- A locução *um* e *outro*, referida a indivíduos de sexos diferentes, permanece também no masculino:

  "A **mulher** do **colchoeiro** escovou-lhe o chapéu; e, quando ele [Rubião] saiu, **um e outro** agradeceram-lhe muito o benefício da salvação do filho." (MACHADO DE ASSIS)

- O substantivo que se segue às locuções *um e outro* e *nem um nem outro* fica no singular. Exemplos:

  Um e outro **livro** me agradaram.

  Nem um nem outro **livro** me agradaram.

6 OUTROS CASOS DE CONCORDÂNCIA NOMINAL

Registramos aqui alguns casos especiais de concordância nominal:

▪ Anexo, incluso, leso

Como adjetivos, concordam com o substantivo em gênero e número:

Anexa à presente, vai a relação das mercadorias.

Vão **anexos** os pareceres das comissões técnicas.

Remeto-lhe, **anexas**, duas cópias do contrato.

Remeto-lhe, **inclusa**, uma fotocópia do recibo.

Os crimes de **lesa**-majestade eram punidos com a morte.

Ajudar esses espiões seria crime de **lesa**-pátria.

(Evite a locução espúria *em anexo*).

▪ A olhos vistos

Locução adverbial invariável. Significa *visivelmente*.

"Lúcia emagrecia **a olhos vistos**." (COELHO NETO)

"Zito envelhecia **a olhos vistos**." (AUTRAN DOURADO)

▪ Só

Como adjetivo, *só* [= sozinho, único] concorda em número com o substantivo. Como palavra denotativa de limitação, equivalente de *apenas*, *somente*, é invariável.

Eles estavam **sós**, na sala iluminada.

Esses dois livros, por si **sós**, bastariam para torná-lo célebre.

Elas **só** passeiam de carro.

Só eles estavam na sala.

Observação:

✔ Forma a locução *a sós* [= sem mais companhia, sozinho]:

Estávamos *a sós*.

Jesus despediu a multidão e subiu ao monte para orar *a sós*.

▪ Possível

- Usado em expressões superlativas, este adjetivo ora aparece invariável, ora flexionado:

"À volta, esperava-nos sempre o almoço com os pratos mais requintados **possível**." (MARIA HELENA CARDOSO)

"Estas frutas são as mais saborosas **possível**." (CARLOS GÓIS)

"A mania de Alice era colecionar os enfeites de louça mais grotescos **possíveis**." (LÊDO IVO)

"... e o resultado obtido foi uma apresentação com movimentos os mais espontâneos **possíveis**." (RONALDO MIRANDA)

"De modo geral, as características do solo são as mais variadas **possíveis**." (MURILO MELO FILHO)

As informações obtidas são as melhores (ou as piores) **possíveis**.

Ele escolhia as tarefas menos penosas **possíveis**.

- Como se vê dos exemplos citados, há nítida tendência, no português de hoje, para se usar, neste caso, o adjetivo *possível* no plural.

O singular é de rigor quando a expressão superlativa inicia com a partícula *o* (*o* mais, *o* menos, *o* maior, *o* menor, etc.):

Os prédios devem ficar **o** mais afastados **possível**.

Ele trazia sempre as unhas **o** mais bem aparadas **possível**.

O médico atendeu *o* maior número de pacientes **possível**.

▪ Adjetivos adverbiados

Certos adjetivos, como *sério*, *claro*, *caro*, *barato*, *alto*, *raro*, etc., quando usados com a função de advérbios terminados em *-mente*, ficam invariáveis:

Vamos falar **sério**. [*sério* = seriamente]

Penso que falei bem **claro**, disse a secretária.
Esses produtos passam a custar mais **caro**. [ou mais *barato*]
Estas aves voam **alto**. [ou *baixo*]
Gilberto e Regina **raro** vão ao cinema.
"Há pessoas que parecem nascer **errado**." (MACHADO DE ASSIS)

Junto e *direto* ora funcionam como adjetivos, ora como advérbios:
"Jorge e Dante saltaram **juntos** do carro." (JOSÉ LOUZEIRO)
"Era como se tivessem estado **juntos** na véspera." (AUTRAN DOURADO)
"Elas moram **junto** há algum tempo." (JOSÉ GUALDA DANTAS)
"Foram **direto** ao galpão do engenheiro-chefe." (JOSUÉ GUIMARÃES)
"As gaivotas iam **diretas** como um dardo." (JOSUÉ GUIMARÃES)
"Vamos carregar, **juntas**, nossa cruz." (MARIA JOSÉ DE QUEIRÓS)
Junto, estou lhe enviando algumas fotos.

As fotos foram enviadas **junto** com a carta.

▪ Todo

No sentido de *inteiramente, completamente*, costuma-se flexionar, embora seja advérbio:
Esses índios andam **todos** nus.
Geou durante a noite e a planície ficou **toda** (ou **todo**) branca.
As meninas iam **todas** de branco.
A casinha ficava sob duas mangueiras, que a cobriam **toda**.

Mas admite-se também a forma invariável:
Fiquei com os cabelos **todo** sujos de terra.

Suas mãos estavam **todo** ensanguentadas.

▪ Alerta

Pela sua origem, *alerta* [= atentamente, de prontidão, em estado de vigilância] é advérbio e, portanto, invariável:
Estamos **alerta**.
Os soldados ficaram **alerta**.
"Todos os sentidos **alerta** funcionam." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)
"Os brasileiros não podem deixar de estar sempre **alerta**." (MARTINS DE AGUIAR)

Contudo, esta palavra é, atualmente, sentida antes como adjetivo, sendo por isso flexionada no plural:
Nossos chefes estão **alertas**. [= vigilantes]
Papa diz aos cristãos que se mantenham **alertas**.

"Uma sentinela de guarda, olhos abertos e sentidos **alertas**, esperando pelo desconhecido..." (ASSIS BRASIL, *Os Crocodilos*, p. 25)

▪ Meio

Usada como advérbio, no sentido de *um pouco*, esta palavra é invariável. Exemplos:
A porta estava **meio** aberta.
As meninas ficaram **meio** nervosas.

Os sapatos eram **meio** velhos, mas serviam.

▪ Bastante

- Varia quando adjetivo, sinônimo de *suficiente*:
  Não havia provas **bastantes** para condenar o réu.
  Duas malas não eram **bastantes** para as roupas da atriz.
- Fica invariável quando advérbio, caso em que modifica um adjetivo:
  As cordas eram **bastante** fortes para sustentar o peso.
  Os emissários voltaram **bastante** otimistas.
  "Levi está inquieto com a economia do Brasil. Vê que se aproximam dias **bastante** escuros."
  (AUSTREGÉSILO DE ATAÍDE)

▪ Menos

É palavra invariável:
Gaste **menos** água.
À noite, há **menos** pessoas na praça.

EXERCÍCIOS LISTA 52

1. Escreva as frases substituindo o * pelas palavras propostas, fazendo-as concordar corretamente. Em certos casos, a palavra fica invariável; em outros, tanto é lícita a forma masculina como a feminina.

a) Pai e filhas mantiveram-se *. (**calado**)
b) Você escolheu * lugar e hora. (**mau**)
c) Ela revelou um interesse e uma solicitude mais que *. (**fraterno**)
d) O arbusto e as árvores haviam sido * pela queda do pinheiro. (**esmagado**)
e) Vai * a lista dos preços. (**incluso**)
f) É tempo, é paciência, é dinheiro *. (**perdido**)
g) Não custa muito a gente elogiar-se a si *. (**mesmo**)
h) Visitei os museus e as escolas *.(**recém-fundado**)
i) Não se pode negar que Petrópolis é *. (**bonito**)
j) Encontrareis a guarnição e seu comandante * a combater até a morte. (**disposto**)
k) Aquela mulher tinha tanto de * quanto de * . (**sedutor**, **pérfido**)
l) As mãos eram * pequenas. (**demasiado**)
m) As janelas * abertas deixavam ouvir o rumor das vozes. (**meio**)
n) Não admiro nem um nem outro *. (**artista**)
o) Em um ou outro * encontrei vocábulos e expressões *. (**livro**, **desconhecido**)
p) * já tantos anos de seu desaparecimento, os exemplos dele ainda vivem na memória de todos. (**passado**)
q) O frio e a chuva * prejudicaram o jogo. (**torrencial**)
r) O tráfego e as comunicações continuavam *. (**interrompido**)
s) Um e outro * são bons. (**carro**)
t) Chegam a ser * as conversas deles. (**irritante**)
u) Muitos eleitores, * à chuva, não votaram. (**devido**)
v) Descobertas novas, * a pacientes pesquisas e experiências dos cientistas, derrubaram certas teorias de Darwin. (**devido**)

2. Faça como no exercício anterior:

a) Era ela * que arrumava a casa. (mesmo)
b) Quando cheguei em casa era meio-dia e *. (meio)
c) Eu estou * com a tesouraria e vocês estão *? (quite)
d) Suas Excelências estavam * de suas esposas. (acompanhado)
e) Estas são as informações que foi * obter. (possível)
f) Alguns acham * navios de 800 mil toneladas. (possível)
g) Escolhemos as cores mais vivas *. (possível)
h) Serão mais * os homens ou as máquinas? (importante)
i) Achei o príncipe e sua filha muito *. (simpático)
j) Infelizmente, perdi a capa que lhe pedi *. (emprestado)
k) O operário teve uma das pernas *. (amputado)
l) A população respirou aliviada quando viu * o bandido e terrível assaltante. (preso)
m) Centenas de rapazes foram * pedalando nas ruas. (visto)
n) Para onde estariam sendo * a girafa e o tigre *? (levado, feroz)
o) Vai * à presente a relação dos livros solicitados. (anexo)
p) Vão * os comprovantes dos débitos quitados. (anexo)
q) Que * os discos que você comprou? (tal)
r) Emocionada, a moça agradeceu: – Muito *! (obrigado)
s) Compraram-me * óculos escuros de que não gostei. (um, artigo)
t) É * a entrada de pessoas estranhas. (proibido)

3. Escreva os períodos em que NÃO há erro de concordância:

a) As matas foram bastante danificadas pelo fogo.
b) A sala tinha bastantes carteiras, mas era meio escura.
c) As crianças já estavam bastantes crescidas.
d) Salvo algumas plantas mais resistentes, as demais a geada matou.
e) Cinquenta casas, se tantas, formavam a rua do povoado.
f) As duas ilhas ficam muito distante do litoral.
g) Convidamos o maior número de amigos possível.
h) Prestaram-lhe honras devido aos heróis.
i) Prestaram-lhe honras devidas aos heróis.

4. Substitua corretamente os asteriscos pelas palavras entre parênteses:

a) A cidade crescia a olhos ****. (**visto**)
b) Minutos depois, o avião descia em Paris, **** de escuro véu de nuvens. (**coberto**)
c) Achei muito **** a ida e a volta do barco. (**rápido**)
d) As que estavam **** ao repuxo ficaram **** molhadas. (**próximo**, **todo**)
e) Todas as guarnições militares estavam ****. (**alerta**)
f) Mãe viúva e filho moravam **** numa casa modesta. (**junto**)
g) Esses privilégios custam ****. (**caro**)
h) A casa tinha as paredes e o telhado ****. (**enegrecido**)
i) Disse-me que morava na Rua Codajás, número ****. (**tanto**)

j) A distância entre os dois portos é de cento e **** milhas. (**tanto**)

k) As crianças não andam ****, mas acompanhadas. (**só**)

l) Nem sempre vemos as coisas **** são. (**tal qual**)

m) As cópias estão **** com os originais. (**conforme**)

n) No seu gabinete, o diretor da Empresa de Chuvas Artificiais despachava de capa e guarda-chuva ****. (**aberto**)

5. Escreva as frases em seu caderno, fazendo concordar corretamente os particípios em destaque:

a) Não será **permitido** a presença de repórteres no recinto.

b) Procura-se um caderno que tem, **escrito** na capa, a palavra DIÁRIO.

c) **Removido** a pedra e o tronco da árvore tombada, o tráfego foi liberado.

d) O fazendeiro comprou vinte reses **vindo** de Goiás.

e) Se **observado** as normas de segurança, o voo livre oferece poucos riscos.

f) A coroa e o manto do imperador foram **exposto** à visitação pública no museu de Petrópolis.

g) Jipe, caminhão e máquinas descem a rua **acompanhado** por crianças.

h) Para ele, terminar a corrida já pode ser **considerado** uma vitória.

i) Rui pediu-me **emprestado** mil reais.

j) Deve ser **levado** em conta a boa vontade dele.

6. Justifique a concordância das palavras em destaque:

a) O carro tinha um dos faróis **queimado**.

b) Há muitos anos que coleciono selos e moedas **raras**.

c) **Entretidos** com seus brinquedos, Guido e suas irmãs nem olharam para mim.

d) Vento e mar **agitado** deixaram **vazias** as praias do Rio, no domingo.

e) Na árvore **próxima** à escola estavam **pousadas** duas rolinhas.

f) Vossa Senhoria, prezado chefe, tem justos motivos para estar **preocupado**.

g) Ele trazia muito bem **tratados** a barba e os cabelos.

h) Não me passou **despercebida** a ironia com que ele proferiu a última frase.

i) "Foram **direto** ao galpão do engenheiro-chefe." (JOSUÉ GUIMARÃES)

j) "Mas por via das dúvidas, melhor é passar ao largo, com os sentidos bem **alertas**." (HAROLDO BRUNO)

7. Substitua o * pelas concordâncias adequadas:

a) Para teus incômodos * água mineral. (*é bom – é boa*)

b) Muito * os seus conselhos. (*útil me foi – úteis me foram*)

c) A que * as marés? (*é devido – são devidas*)

d) Estas são as obras que me * consultar. (*foi permitido – foram permitidas*)

e) O pintor descobriu que * telas falsificadas com o seu nome. (*está sendo vendido – estão sendo vendidas*)

f) * grandes safras para o próximo ano. (*foi previsto – foram previstas*)

g) * como certa a morte do contrabandista. (*foi dado – foi dada*)

h) * bilhões de dólares para o homem ir à Lua. (*foi gasto – foram gastos*)

i) O que não * foi a fuga do preso. (*foi esclarecido – foi esclarecida*)

j) A fuga do preso é que não foi *. (*esclarecido – esclarecida*)

8. Faça concordar os predicativos em destaque:

a) O coqueiro e a palmeira são **alto** e **majestoso**.
b) Veja como são **belo** as rosas e os lírios deste canteiro!
c) Estava **deserto** a praça e o templo.
d) Mantenha o quarto e a sala bem **arejado**.
e) Vi **sentado**, na escada, Sônia e seus irmãos.
f) Estavam **desempregado** centenas de trabalhadores.
g) Nestes campos reinam **soberano** a saúva e seus aliados.
h) Eu não a suspeito **autor** do crime.
i) É preciso que se mantenham **limpo** as ruas e os jardins.
j) Em casa, encontrei meus pais e irmãs **triste** e **abatido**.
k) Suas Excelências mostraram-se muito **atencioso**.
l) Para tão grande obra é **pouco** uma vida.
m) É **proibido** a caça naquela região.
n) Os móveis e as cortinas eram o **mesmo**.
o) Não seria **preciso** muita inteligência para compreender isso.
p) O moço deixou **claro** as suas intenções.
q) Cientistas acham que estamos **só** no Universo.

9. Troque o * pelos pronomes **o**, **a**, **os**, **as**, conforme convenha:

a) As revistas e os jornais, leio- * por alto.
b) Ele podia ajudá-la, mas não * quis.
c) Vi Mário e suas irmãs, porém não * cumprimentei.
d) Aquela ilha, aquelas praias, como eu * conheço!
e) É a doença * que vos torna apáticos.
f) As paixões nos acorrentam sem que * sintamos.
g) "Salas e coração habita- * a saudade!" (ALBERTO DE OLIVEIRA)
h) "As suas horas deve- * Vossa Excelência ao bem da Pátria e indiscreta fui eu obrigando-* a estar fora do parlamento a esta hora." (CAMILO CASTELO BRANCO)
i) Passaram bandos de aves: você gostaria de * ter visto.

10. Substitua corretamente o * pelos pronomes e adjetivos entre parênteses:

a) Malograram * planos e tentativas. (**seu**)
b) Esperavam-me na estação * primos e primas, com * ia passar as férias. (**algum**, **o qual**)
c) São verdades evidentes por si *. (**mesmo**)
d) Estas e * mais foram as palavras do sacerdote. (**pouco**)
e) Aqui não faltam frutas: leve * quantas quiser. (**tanto**)
f) Seria inútil negar o que ela * confessara. (**próprio**)
g) A guerra é sempre um mal, * que sejam os motivos. (**qualquer**)
h) Nesse lago há * peixes. Há * carpas do que carás. (**bastante**, **menos**)
i) Não havia estacas * para fazer a cerca. (**bastante**)
j) As candidatas estavam * nervosas. (**bastante**)
k) Essas duas obras do prefeito, por si *, o redimem de seus erros. (**só**)

11. Transcreva as frases que têm as concordâncias corretas:

a) O governo mobilizou a polícia civil e militar.

b) O governo mobilizou a polícia civil e a militar.

c) O governo mobilizou as polícias civil e militar.

CONCORDÂNCIA VERBAL

O verbo concorda com o sujeito, em harmonia com as seguintes regras gerais:

1 O SUJEITO É SIMPLES

O sujeito sendo simples, com ele concordará o verbo em número e pessoa. Exemplos:

- verbo depois do sujeito:

  "As saúvas **eram** uma praga." (Povina Cavalcânti)

  "Tu não **és** inimiga dele, não?" (Camilo Castelo Branco)

  Vós **fostes** chamados à liberdade, irmãos." (São Paulo)

- verbo antes do sujeito:

  Acontecem tantas desgraças neste planeta!

  Não **faltarão** pessoas que nos queiram ajudar.

  A quem **pertencem** essas terras?

  "Que me **importavam** as grades negras e pegajosas?" (Graciliano Ramos)

  "**Eram** duas princesas muito lindas." (Adriano da Gama Kury)

2 O SUJEITO É COMPOSTO E DA 3ª PESSOA

- O sujeito, sendo composto e anteposto ao verbo, leva geralmente este para o plural. Exemplos:

  "A esposa e o amigo **seguem** sua marcha." (José de Alencar)

  "Poti e seus guerreiros o **acompanharam**." (José de Alencar)

  "Vida, graça, novidade, **escorriam**-lhe da alma como de uma fonte perene." (Machado de Assis)

- É lícito (mas não obrigatório) deixar o verbo no singular:

  a) quando os núcleos do sujeito são sinônimos:

  "A decência e honestidade ainda **reinava**." (Mário Barreto)

  "A coragem e afoiteza com que lhe respondi, **perturbou-o**..." (Camilo Castelo Branco)

  "Que barulho, que revolução **será** capaz de perturbar esta serenidade?"(Graciliano Ramos)

  b) quando os núcleos do sujeito formam sequência gradativa:

  Uma ânsia, uma aflição, uma angústia repentina **começou** a me apertar a alma.

- Sendo o sujeito composto e posposto ao verbo, este poderá concordar no plural ou com o substantivo mais próximo:

"Não **fossem** o rádio de pilha e as revistas, que seria de Elisa?" (JORGE AMADO)

"Enquanto ele não vinha, **apareceram** um jornal e uma vela." (RICARDO RAMOS)

"Ali **estavam** o rio e as suas lavadeiras." (POVINA CAVALCÂNTI)

"... casa abençoada onde **paravam** Deus e o primeiro dos seus ministros." (CARLOS DE LAET)

"Moço escritor, ao qual não **faltam** o talento e a graça." (Raquel de Queirós)

"Aí **vinham** a cobiça que devora, a cólera que inflama, a inveja que baba..." (MACHADO DE ASSIS)

"**Proibiu**-se o ofício e lojas de ourives." (VIRIATO CORRÊA)

"Aqui é que **reina** a paz e a alegria nas boas consciências." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"E de tudo, só **restaria** a árvore, a relva e o cestinho de morangos." (LÍGIA FAGUNDES TELES)

"**Assusta**-as, talvez, o ar tranquilo com que as recebo, e a modéstia da casa." (RUBEM BRAGA)

"**Passou**-me pela mente a face e a voz duma professora de escola primária." (ÉRICO VERÍSSIMO)

- Aconselhamos, nesse caso, usar o verbo no plural.

3 O SUJEITO É COMPOSTO E DE PESSOAS DIFERENTES

Se o sujeito composto for de pessoas diversas, o verbo se flexiona no plural e na pessoa que tiver prevalência. [A 1ª pessoa prevalece sobre a 2ª e a 3ª; a 2ª prevalece sobre a 3ª]:

"Foi o que **fizemos** Capitu e eu." (MACHADO DE ASSIS) [ela e eu = *nós*]

"Tu e ele **partireis** juntos." (MÁRIO BARRETO) [tu e ele = *vós*]

Você e meu irmão não me **compreendem**. [você e ele = *vocês*]

Muitas vezes os escritores quebram a rigidez dessa regra:

a) ora fazendo concordar o verbo com o sujeito mais próximo, quando este se pospõe ao verbo:

"O que me resta da felicidade passada **és** tu e eles." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Faze uma arca de madeira; **entra** nela tu, tua mulher e teus filhos." (MACHADO DE ASSIS)

b) ora preferindo a 3ª pessoa na concorrência tu + ele [*tu + ele = vocês* em vez de *tu + ele = vós*]:

"... Deus e tu **são** testemunhas..." (ALMEIDA GARRETT)

"O que eu continuamente peço a Deus é que ele e tu **sejam** meus amigos." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Juro que tu e tua mulher me **pagam**". (COELHO NETO)

"Nem tu nem Belkiss a **veem**." (EUGÊNIO DE CASTRO)

CASOS ESPECIAIS DE CONCORDÂNCIA VERBAL

Estudaremos aqui os mais importantes casos especiais de concordância verbal, lembrando que a matéria é complexa e controversa, sujeita a soluções divergentes. As normas que a seguir traçamos têm, muitas vezes, valor relativo, porquanto a escolha desta ou daquela concordância depende, frequentemente, do contexto, da situação e do clima emocional que envolvem o falante ou o escrevente.

1 NÚCLEOS DO SUJEITO UNIDOS POR *OU*

Há duas situações a considerar:

- Se a conjunção *ou* indicar exclusão ou retificação, o verbo concordará com o núcleo do sujeito mais próximo:

  Paulo ou Antônio **será** o presidente.

  O ladrão ou os ladrões não **deixaram** nenhum vestígio.

  Ainda não **foi encontrado** o autor ou os autores do crime.

  "O chefe ou um dos delegados, não me lembra, **era** amigo do Andrade." (MACHADO DE ASSIS)

- O verbo irá para o plural se a ideia por ele expressa se referir ou puder ser atribuída a todos os núcleos do sujeito:

  "Era tão pequena a cidade, que um grito ou gargalhada forte a **atravessavam** de ponta a ponta." (ANÍBAL MACHADO) [Tanto um grito como uma gargalhada atravessavam a cidade.]

  "Naquela crise, só Deus ou Nossa Senhora **podiam** acudir-lhe." (CAMILO CASTELO BRANCO)

- Há, no entanto, em bons autores, ocorrência de verbo no singular:

  "A glória ou a vergonha da estirpe **provinha** de atos individuais." (VIVALDO COARACI)

  "Há dessas reminiscências que não descansam antes que a pena ou a língua as **publique**." (MACHADO DE ASSIS)

  "Um príncipe ou uma princesa não **casa** sem um vultoso dote." (VIRIATO CORRÊA)

  "Nas classes burguesas é raro o rapaz ou a rapariga que não **saiba** o latim e o francês." (RAMALHO ORTIGÃO)

  "Não **faltava** argúcia ou malícia a quem era irmão de Júlia." (LUÍS JARDIM)

2 NÚCLEOS DO SUJEITO UNIDOS PELA PREPOSIÇÃO *COM*

- Usa-se mais frequentemente o verbo no plural quando se atribui a mesma importância, no processo verbal, aos elementos do sujeito unidos pela preposição *com*. Exemplos:

  Manuel com seu compadre **construíram** o barracão.

  "Eu com outros romeiros **vínhamos** de Vigo..." (CAMILO CASTELO BRANCO)

  "Ele com mais dois **acercaram**-se da porta." (CAMILO CASTELO BRANCO)

- Pode-se usar o verbo no singular quando se deseja dar relevância ao primeiro elemento do sujeito e também quando o verbo vier antes deste. Exemplos:

  O bispo, com dois sacerdotes, **iniciou** solenemente a missa.

  O presidente, com sua comitiva, **chegou** a Paris às 5 h da tarde.

  "Já num sublime e público teatro, se **assenta** o rei inglês com toda a corte." (LUÍS DE CAMÕES)

"À mesma porta por onde **saíra** a mulher com a filha, chegavam outros pretendentes." (ANÍBAL MACHADO)

3 NÚCLEOS DO SUJEITO UNIDOS POR *NEM*

- Quando o sujeito é formado por núcleos no singular unidos pela conjunção *nem*, usa-se, comumente, o verbo no plural. Exemplos:

Nem a riqueza nem o poder o **livraram** de seus inimigos.

Nem eu nem ele o **convidamos**.

"Nem o mundo nem Deus **teriam** força para me constranger a tanto." (ALEXANDRE HERCULANO)

"Nem a Bíblia nem a respeitabilidade lhe **permitem** praguejar alto." (EÇA DE QUEIRÓS)

Nem a mãe nem o pai **tinham** percebido sua ausência." (GARCIA DE PAIVA)

"Nem a mocidade, nem a fortuna **tinham** já forças para reanimar a sua vítima." (ANTÔNIO FELICIANO DE CASTILHO)

"Nem Hazerot nem Magog **foram eleitos**." (MACHADO DE ASSIS)

- É preferível a concordância no singular:

a) quando o verbo precede o sujeito:

"Não lhe **valeu** a imensidade azul, nem a alegria das flores, nem a pompa das folhas verdes..." (MACHADO DE ASSIS)

Não o **convidei** eu nem minha esposa.

"Na fazenda, atualmente, não se **recusa** trabalho, nem dinheiro, nem nada a ninguém." (GUIMARÃES ROSA)

b) quando há exclusão, isto é, quando o fato só pode ser atribuído a um dos elementos do sujeito:

Nem Berlim nem Moscou **sediará** a próxima Olimpíada.
[Só uma cidade pode sediar a Olimpíada.]

Nem Paulo nem João **será eleito** governador do Acre.
[Só um candidato pode ser eleito governador.]

4 NÚCLEOS DO SUJEITO CORRELACIONADOS

O verbo vai para o plural quando os elementos do sujeito composto estão ligados por uma das expressões correlativas *não só... mas também, não só como também, tanto... como*, etc. Exemplos:

"Não só a nação mas também o príncipe **estariam** pobres." (ALEXANDRE HERCULANO)

"Tanto a Igreja como o Estado **eram** até certo ponto inocentes." (ALEXANDRE HERCULANO)

"Tanto Noêmia como Reinaldo só **mantinham** relações de amizade com um grupo muito reduzido de pessoas." (JOSÉ CONDÉ)

"Tanto a lavoura como a indústria da criação de gado não o **demovem** do seu objetivo." (CASSIANO RICARDO)

"Tanto Lincoln quanto o Aleijadinho **parecem** deter o segredo de tudo que lhes falta." (VIANA MOOG)

5 SUJEITOS RESUMIDOS POR *TUDO, NADA, NINGUÉM*

Quando o sujeito composto vem resumido por um dos pronomes *tudo, nada, ninguém*, etc., o verbo concorda, no singular, com o pronome resumidor. Exemplos:

Jogos, espetáculos, viagens, diversões, nada *pôde* satisfazê-lo.

"O entusiasmo, alguns goles de vinho, o gênio imperioso, estouvado, tudo isso me **levou** a fazer uma coisa única." (MACHADO DE ASSIS)

Jogadores, árbitro, assistentes, ninguém **saiu** do campo.

6 NÚCLEOS DO SUJEITO DESIGNANDO A MESMA PESSOA OU COISA

O verbo concorda no singular quando os núcleos do sujeito designam a mesma pessoa ou o mesmo ser. Exemplos:

"Aleluia! O brasileiro comum, o homem do povo, o joão-ninguém, agora **é** cédula de Cr$ 500,00!" (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

"Embora sabendo que tudo vai continuar como está, **fica** o registro, o protesto, em nome dos telespectadores." (VALÉRIO ANDRADE)

Advogado e membro da instituição **afirma** que ela é corrupta.

7 NÚCLEOS DO SUJEITO SÃO INFINITIVOS

O verbo concordará no plural se os infinitivos forem determinados pelo artigo ou exprimirem ideias opostas; caso contrário, tanto é lícito usar o verbo no singular como no plural. Exemplos:

O comer e o beber **são** necessários.

Rir e chorar **fazem** parte da vida.

Montar brinquedos e desmontá-los **divertiam** muito o menino.

"Já tinha ouvido que plantar e colher feijão não **dava** trabalho." (POVINA CAVALCÂNTI) [ou *davam*]

Cantar, dançar e representar **faz** [ou *fazem*] a alegria do artista.

"Nenhum rugir ou gemer seu **anulariam** o mal que se consumara no Mirante." (EÇA DE QUEIRÓS)

8 SUJEITO ORACIONAL

Concorda no singular o verbo cujo sujeito é uma oração:

Ainda **falta** comprar os cartões.

predicado sujeito oracional

Estas são realidades que não **adianta** esconder.

[sujeito de adianta: *esconder que (as realidades)*] (Veja item 29, p. 468.)

9 SUJEITO COLETIVO

O verbo concorda no singular com o sujeito coletivo no singular. Exemplos:

A multidão **vociferava** ameaças.

O exército dos aliados **desembarcou** no sul da Itália.

Uma junta de bois **tirou** o automóvel do atoleiro.

Um bloco de foliões **animava** o centro da cidade.

"Uma porção de índios **surgiu** do meio das árvores e nos **rodeou**." (EDY LIMA)

"Surpreendemos uma vara de porcos que **atravessava** o rio a nado." (GASTÃO CRULS)

"... o bando dos guerreiros tabajara que **fugia** em nuvem negra de pó." (JOSÉ DE ALENCAR)

"Um grupo de rapazes **sentara**-se ali ao lado." (FERNANDO NAMORA)

Observação:

✔ Se o coletivo vier seguido de substantivo plural que o especifique e anteceder ao verbo, este poderá ir para o plural, quando se quer salientar não a ação do conjunto, mas a dos indivíduos, efetuando-se uma concordância não gramatical, mas ideológica:

"Uma grande multidão de crianças, de velhos, de mulheres *penetraram* na caverna..." (ALEXANDRE HERCULANO)

"Uma grande vara de porcos que *se afogaram* de escantilhão no mar..." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Reconheceu que era um par de besouros que *zumbiam* no ar." (MACHADO DE ASSIS)

"Havia na União um grupo de meninos que *praticavam* esse divertimento com uma pertinácia admirável." (POVINA CAVALCÂNTI)

10 A MAIOR PARTE DE, GRANDE NÚMERO DE, ETC.

Sendo o sujeito uma das expressões quantitativas *a maior parte de, parte de, a maioria de, grande número de*, etc., seguida de substantivo ou pronome no plural, o verbo, quando posposto ao sujeito, pode ir para o singular ou para o plural, conforme se queira efetuar uma concordância estritamente gramatical (com o coletivo singular) ou uma concordância enfática, expressiva, com a ideia de pluralidade sugerida pelo sujeito. Exemplos:

"A maior parte dos indígenas **respeitavam** os pajés." (GILBERTO FREYRE)

"A maior parte dos doidos ali metidos **estão** em seu perfeito juízo." (MACHADO DE ASSIS)

"A maior parte das pessoas **pedem** uma sopa, um prato de carne e um prato de legumes." (RAMALHO ORTIGÃO)

"A maior parte dos nomes **podem** ser empregados em sentido definido ou em sentido indefinido." (MÁRIO BARRETO)

"Grande parte dos atuais advérbios **nasceram** de substantivos." (IDEM)

"A maioria das pessoas **são** sinuosas, coleantes..." (ONDINA FERREIRA)

"A maioria dos acidentes nas estradas de acesso ao Rio **ocorrem** em dias claros." (*Jornal do Brasil*, 28/12/1972)

"Vocês já imaginaram a maravilha que seria o mundo se ao menos uma quinta parte desses gênios **se realizassem** na maioridade?" (LÍGIA FAGUNDES TELLES)

"A maioria dos presentes, formando grupos, **contavam** histórias, baixinho, **falavam** de coisas da vida." (AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA)

"A maioria dos mouros **era** escrava e pobre." (ALEXANDRE HERCULANO)

"A maioria dos trabalhadores **recebeu** essa notícia com alegria." (AMANDO FONTES)

"A maioria das palavras **continua** visível." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

"A maioria dos doentes não **podia** compreender que..." (FERNANDO NAMORA)

"Metade dos alunos **fez** [ou *fizeram*] o trabalho." (J. GUALDA DANTAS)

"Meia dúzia de garimpeiros doentes **esperava** a consulta matutina." (HERMAN LIMA)

"Visitei os presos. Boa parte deles **dormia** [ou *dormiam*] no chão."

"A quantidade de veículos que **circulam** em São Paulo me **impressionou**."

"Grande número de eleitores **votou** [ou *votaram*] em branco."

"**Morreu** de gripe a maioria dos índios que tiveram contato com os brancos."

Nos quilombos **refugiava-se** parte dos escravos fugitivos.

Observações:

1ª) Quando o verbo precede o sujeito, como nos dois últimos exemplos, a concordância se efetua no singular.

2ª) Como se vê dos exemplos supracitados, as duas concordâncias são igualmente legítimas, porque têm tradição na língua. Cabe a quem fala ou escreve escolher a que julgar mais adequada à situação. Pode-se, portanto, no caso em foco, usar o verbo no plural, efetuando a concordância não com a forma gramatical das palavras, mas com a ideia de pluralidade que elas encerram e sugerem à nossa mente. Essa *concordância ideológica* é bem mais expressiva que a gramatical, como se pode perceber relendo as frases citadas de Machado de Assis, Ramalho Ortigão, Ondina Ferreira e Aurélio Buarque de Holanda, e cotejando-as com as dos autores que usaram o verbo no singular.

11 UM E OUTRO, NEM UM NEM OUTRO

O sujeito sendo uma dessas expressões, o verbo concorda, de preferência, no plural. Exemplos:

"Um e outro gênero **se destinavam** ao conhecimento..." (HERNÂNI CIDADE)

"Um e outro **descendiam** de velhas famílias do Norte." (MACHADO DE ASSIS)

Uma e outra família **tinham** [ou *tinha*] parentes no Rio.

"Depois nem um nem outro **acharam** novo motivo para diálogo." (FERNANDO NAMORA)

"Não me **ficaria** bem nem uma nem outra coisa." (JOSÉ GUALDA DANTAS)

Nem uma nem outra foto **prestavam** [ou *prestava*].

Um e outro livro me **agradaram** [ou *agradou*] muito.

"Um e outro país **deixarão** de ver no outro o Império do Mal." (EMIR SADER)

12 UM OU OUTRO

O verbo concorda no singular com o sujeito *um ou outro*:

"Respondi-lhe que um ou outro colar lhe **ficava** bem." (MACHADO DE ASSIS)

"Uma ou outra **pode** dar lugar a dissentimentos." (MACHADO DE ASSIS)

"Sempre tem um ou outro que **vai** dando um vintém." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

13 UM DOS QUE, UMA DAS QUE

- Quando, em orações adjetivas restritivas, o pronome *que* vem antecedido de *um dos* ou expressão análoga, o verbo da oração adjetiva flexiona-se, em regra, no plural:

  "O príncipe foi um dos que **despertaram** mais cedo." (ALEXANDRE HERCULANO)

  "A baronesa era uma das pessoas que mais **desconfiavam** de nós." (MACHADO DE ASSIS)

  "Areteu da Capadócia era um dos muitos médicos gregos que **viviam** em Roma." (MOACYR SCLIAR)

  Ele é desses charlatães que **exploram** a crendice humana.

  Não sou dos que **acreditam** piamente em soluções mágicas.

- Essa é a concordância lógica, geralmente preferida pelos escritores modernos. Todavia, não é prática condenável fugir ao rigor da lógica gramatical e usar o verbo da oração adjetiva no singular (fazendo-o concordar com a palavra *um*), quando se deseja destacar o indivíduo do grupo, dando-se a entender que ele sobressaiu ou sobressai aos demais:

  Ele é um desses parasitas que **vive** à custa dos outros.

  "Foi um dos poucos do seu tempo que **reconheceu** a originalidade e importância da literatura brasileira." (JOÃO RIBEIRO)

Observação:

✔ Há gramáticos que condenam tal concordância. Por coerência, deveriam condenar também a comumente aceita em construções anormais do tipo: Quais de *vós sois* isentos de culpa? Quantos de nós *somos* completamente felizes?

- O verbo fica obrigatoriamente no singular quando se aplica apenas ao indivíduo de que se fala, como no exemplo:

  Jairo é um dos meus empregados que não **sabe** ler.
  [Jairo é o único empregado que não sabe ler.]

Ressalte-se, porém, que nesse caso é preferível construir a frase de outro modo:

Jairo é um empregado meu que não sabe ler.

Dos meus empregados, só Jairo não sabe ler.

- Na linguagem culta formal, ao empregar as expressões em foco, o mais acertado é usar no plural o verbo da oração adjetiva:

  O Japão é um dos países que mais **investem** em tecnologia.

  Gandhi foi um dos que mais **lutaram** pela paz.

  O sertão cearense é uma das áreas que mais **sofrem** com as secas.

  Heráclito foi um dos empresários que **conseguiram** superar a crise.

- Embora o caso seja diferente, é oportuno lembrar que, nas orações adjetivas explicativas, nas quais o pronome *que* é separado de seu antecedente por pausa e vírgula, a concordância é determinada pelo sentido da frase:

  Um dos meninos, que **estava** sentado à porta da casa, foi chamar o pai.
  [Só um menino estava sentado.]

  Um dos cinco homens, que **assistiam** àquela cena estupefatos, soltou um grito de protesto.
  [Todos os cinco homens assistiam à cena.]

14 MAIS DE UM

O verbo concorda, em regra, no singular. O plural será de rigor se o verbo exprimir reciprocidade, ou se o numeral for superior a um. Exemplos:

Mais de um excursionista já **perdeu** a vida nesta montanha.

Mais de um dos circunstantes **se entreolharam** com espanto.

Devem ter fugido mais de vinte presos.

15 QUAIS DE VÓS? ALGUNS DE NÓS

Sendo o sujeito um dos pronomes interrogativos *quais*? *quantos*? ou um dos indefinidos *alguns*, *muitos*, *poucos*, etc., seguidos dos pronomes *nós* ou *vós*, o verbo concordará, por atração, com estes últimos, ou, o que é mais lógico, na 3ª pessoa do plural:

"Quantos dentre nós a **conhecemos**?" (Rogério César Cerqueira)

"Quais de vós **sois**, como eu, desterrados...?" (Alexandre Herculano)

"... quantos dentre vós **estudam** conscienciosamente o passado?" (José de Alencar)

Alguns de nós **vieram** [ou *viemos*] de longe.

Poucos dentre nós **conhecem** [ou *conhecemos*] as leis.

"Quantos de nós **teríamos** experimentado essa tentação?" (Olga Savary)

"Já pensou, meu caro, quantos de nós **nos arriscamos** aqui?" (Guilherme de Figueiredo)

Observação:

✔ Estando o pronome no singular, no singular (3ª pessoa) ficará o verbo:

Qual de vós *testemunhou* o fato?

Nenhuma de nós a *conhece*.

Nenhum de vós a *viu*?

Qual de nós *falará* primeiro?

16 PRONOMES *QUEM, QUE,* COMO SUJEITOS

- O verbo concordará, em regra, na 3ª pessoa, com os pronomes *quem* e *que*, em frases como estas:

Sou eu quem **responde** pelos meus atos.

Somos nós quem **leva** o prejuízo.

Eram elas quem **fazia** a limpeza da casa.

"Eras tu quem **tinha** o dom de encantar-me." (OSMAN LINS)

"Fui eu quem o **ensinou** a desenhar." (MÁRIO BARRETO)

"Eu fui o último que **se retirou**." (MÁRIO BARRETO)

Eu sou o que **presenciou** o fato.

"Sou um homem que ainda não **renegou** nem da cruz, nem da Espanha." (ALEXANDRE HERCULANO)

"Éramos dois sócios que **entravam** no comércio da vida com diferente capital." (MACHADO DE ASSIS)

- Todavia, a linguagem enfática justifica a concordância com o sujeito da oração principal:

"Sou **eu** quem **prendo** aos céus a terra." (GONÇALVES DIAS)

"Não sou **eu** quem **faço** a perspectiva encolhida." (RICARDO RAMOS)

"És **tu** quem **dás** frescor à mansa brisa." (GONÇALVES DIAS)

"Nós somos os galegos que **levamos** a barrica." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"**Vós** sois o algoz que **recebeis** o cutelo da mão providencial." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Somos **nós** quem a **fazemos**." (RICARDO RAMOS)

"**Eu** sou a que mais **estou** torcendo para jogarmos juntas." (*Jornal do Brasil*, 21/8/1999)

- A concordância do verbo precedido do pronome relativo *que* far-se-á obrigatoriamente com o sujeito do verbo (*ser*) da oração principal, em frases do tipo:

Sou **eu** que **pago**.

És **tu** que **vens** conosco?

Somos **nós** que **cozinhamos**.

Eram **eles** que mais **reclamavam**.

Fomos **nós** que o **encontramos**.

Fostes **vós** que o **elegestes**.

Foram **os bombeiros** que a **salvaram**.

"Fui **eu** que me **pus** a rir." (MACHADO DE ASSIS)

"Fui **eu** que **imitei** o ronco do bicho." (EDI LIMA)

"Não seremos **nós** que **iremos** à maneira dos primitivistas, ficar de tanga e entrar a falar capiau." (SÍLVIO ELIA)

Observação:

✔ Em construções desse tipo, é lícito considerar o verbo *ser* e a palavra *que* como elementos expletivos ou enfatizantes, portanto não necessários ao enunciado. Assim:

Sou eu *que* pago. [= Eu pago.]

Somos nós *que* cozinhamos. [= Nós cozinhamos.]

Foram os bombeiros *que* a salvaram. [= Os bombeiros a salvaram.]

✔ Seja qual for a interpretação, o importante é saber que, neste caso, tanto o verbo *ser* como o outro devem concordar com o pronome ou substantivo que precede a palavra *que*.

17 CONCORDÂNCIA COM OS PRONOMES DE TRATAMENTO

Os pronomes de tratamento exigem o verbo na 3ª pessoa, embora se refiram à 2ª pessoa do discurso:

Vossa Excelência **agiu** com moderação.

Vossas Excelências não **ficarão** surdos à voz do povo.

"Espero que V. Sª não me **faça** mal." (Camilo Castelo Branco)

"Vossa Majestade não **pode** consentir que os touros lhe matem o tempo e os vassalos." (Rebelo da Silva)

18 CONCORDÂNCIA COM CERTOS SUBSTANTIVOS PRÓPRIOS NO PLURAL

- Certos substantivos próprios de forma plural, como *Estados Unidos*, *Andes*, *Campinas*, *Lusíadas*, etc., levam o verbo para o plural quando se usam com o artigo; caso contrário, o verbo concorda no singular.

"Os Estados Unidos **são** o país mais rico do mundo." (Eduardo Prado)

Os Andes **se estendem** da Venezuela à Terra do Fogo.

"Os Lusíadas" **imortalizaram** Luís de Camões.

Campinas **orgulha-se** de ter sido o berço de Carlos Gomes.

Minas Gerais **possui** grandes jazidas de ferro.

"Montes Claros **era** um feudo daquela família." (Raquel Jardim)

"Terras do Sem-Fim" **foi quadrinizado** para leitores jovens.

- Tratando-se de títulos de obras, é comum deixar o verbo no singular, sobretudo com o verbo *ser* seguido de predicativo no singular:

"*As Férias de El-Rei* **é** o título da novela." (Rebelo da Silva)

"*As Valkírias* **mostra** claramente o homem que existe por detrás do mago." (Paulo Coelho)

"*Os Sertões* **é** um ensaio sociológico e histórico..." (Celso Luft)

⇒ A concordância, neste caso, não é gramatical, mas *ideológica*, porque se efetua não com a palavra (Valkírias, Sertões, Férias de El-Rei), mas com a *ideia* por ela sugerida (obra ou livro). Ressalte-se, porém, que é também correto usar o verbo no plural:

As Valkírias **mostram** claramente o homem...

"*Os Sertões* **são** um livro de ciência e de paixão, de análise e de protesto." (ALFREDO BOSI)

19 CONCORDÂNCIA DO VERBO PASSIVO

- Quando apassivado pelo pronome apassivador *se*, o verbo concordará normalmente com o sujeito:

Vende-se a casa e **compram-se** dois apartamentos.

Gastaram-se milhões, sem que se **vissem** resultados concretos.

"**Correram-se** as cortinas da tribuna real." (REBELO DA SILVA)

"**Aperfeiçoavam-se** as aspas, **cravavam-se** pregos necessários à segurança dos postes..." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Agora já não **se fazem** destes aparelhos." (CARLOS DE LAET)

Ouviam-se vozes fortes de comando." (FERREIRA DE CASTRO)

Ali só se **viam** ruínas.

"A tentativa de **se aferirem** pesos e medidas." (CIRO DOS ANJOS)

"Quantas horas faltariam para **se abrirem** os cafés e as bodegas?" (GRACILIANO RAMOS)

"A salvação de Toledo foi não **se terem fechado** suas portas." (ALEXANDRE HERCULANO)

"Sua sala era absolutamente igual às que **se veem** nos livros ilustrados para o ensino do inglês." (CECÍLIA MEIRELES)

"Mais tarde se confirma isto, ao **se mandarem** chusmas de criminosos povoar os cafundós desta ou daquela capitania." (CASSIANO RICARDO)

"Daí o princípio colonial de só se **concederem** terras em sesmarias às pessoas que possuam meios para realizar a exploração delas e fundar engenhos." (OLIVEIRA VIANA)

Observação:

✔ Na literatura moderna há exemplos em contrário, mas que não devem ser seguidos:

"*Vendia-se* seiscentos convites e aquilo ficava cheio." (RICARDO RAMOS)

"Em Paris há coisas que não *se entende* bem." (RUBEM BRAGA)

- Nas locuções verbais formadas com os verbos auxiliares *poder* e *dever*, na voz passiva sintética, o verbo auxiliar concordará com o sujeito. Exemplos:

Não **se podem** cortar essas árvores.

[sujeito: *árvores*; locução verbal: *podem cortar*]

Devem-se ler bons livros. [= Devem ser lidos bons livros.]

[sujeito: *livros*; locução verbal: *devem-se ler*]

"Nem de outra forma **se poderiam** imaginar façanhas memoráveis como a do fabuloso Aleixo Garcia." (SÉRGIO BUARQUE DE HOLLANDA)

"Em Santarém há poucas casas particulares que **se possam** dizer verdadeiramente antigas." (ALMEIDA GARRETT)

- Entretanto, pode-se considerar sujeito do verbo principal a oração iniciada pelo infinitivo e, nesse caso, não há locução verbal e o verbo auxiliar concorda no singular. Assim:

  Não **se pode** cortar essas árvores.

  [sujeito: *cortar essas árvores*; predicado: *não se pode*]

  Deve-se ler bons livros.

  [sujeito: *ler bons livros*; predicado: *deve-se*]

- Em síntese: de acordo com a interpretação que se escolher, tanto é lícito usar o verbo auxiliar no singular como no plural. Portanto:

  Não **se podem** [ou *pode*] cortar essas árvores.

  Devem-se [ou *deve-se*] ler bons livros.

  "Quando se joga, **deve-se** aceitar as regras." (LEDO IVO)

  " Concluo que não **se devem** abolir as loterias." (MACHADO DE ASSIS)

  "**Pode-se** comprar livros de segunda mão baratíssimos." (JOSÉ PAULO PAES)

  "De preferência, **deve-se** ler os dois, o historiador e o novelista." (JORGE AMADO)

  "**Deviam-se** reduzir ao mínimo as relações com o poder público." (CIRO DOS ANJOS)

  "Era loura, mas **podia-se** ver massas castanhas por baixo da tintura dourada do cabelo." (VINÍCIUS DE MORAES)

20 VERBOS IMPESSOAIS

Os verbos *haver*, *fazer* (na indicação do tempo), *passar de* (na indicação das horas), *chover* e outros que exprimem fenômenos meteorológicos, quando usados como impessoais, ficam na 3ª pessoa do singular:

"Não **havia** ali vizinhos naquele deserto." (MONTEIRO LOBATO)

"**Havia** já dois anos que nos não víamos." (MACHADO DE ASSIS)

"Aqui, **faz** verões terríveis." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"**Faz** hoje ao certo dois meses que morreu na forca o tal malvado..." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Conhecera-o assim, **fazia** quase vinte anos." (JOSUÉ MONTELLO)

Quando saí de casa, **passava** das oito horas.

"**Chovera** e **nevara** depois, durante muitos dias." (CAMILO CASTELO BRANCO)

Observações:

a) Também fica invariável na 3ª pessoa do singular o verbo que forma locução com os verbos impessoais *haver* ou *fazer*:

Deverá haver cinco anos que ocorreu o incêndio.

Vai haver grandes festas.

Há de haver, sem dúvida, fortíssimas razões para ele não aceitar o cargo.

Começou a haver abusos na nova administração.

Vai fazer cem anos que nasceu o genial artista.

Não *pode* haver rasuras neste documento.

"Haverá, *deve* haver construções históricas em Nova Iorque." (VIANA MOOG)

b) O verbo *chover*, no sentido figurado [= cair ou sobrevir em grande quantidade], deixa de ser impessoal e, portanto, concordará com o sujeito:

Choviam pétalas de flores.

"Sou aquele sobre quem mais *têm chovido* elogios e diatribes." (CARLOS DE LAET)

Choveram comentários e palpites." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

"E nem lá [na Lua] *chovem* meteoritos, permanentemente." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

c) Na língua popular brasileira é generalizado o uso de *ter*, impessoal, por *haver*, *existir*. Nem faltam exemplos em escritores modernos:

"No centro do pátio *tem* uma figueira velhíssima, com um banco embaixo." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

"Soube que *tem* um cavalo morto, no quintal." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

d) Esse emprego do verbo *ter*, impessoal, não é estranho ao português europeu:

"É verdade. *Tem* dias que sai ao romper de alva e recolhe alta noite, respondeu Ângela." (CAMILO CASTELO BRANCO) [Tem = Há]

e) *Existir* não é verbo impessoal. Portanto:

Nesta cidade *existem* [e não *existe*] bons médicos.

Não *deviam* [e não *devia*] existir crianças abandonadas.

21 CONCORDÂNCIA DO VERBO SER

- O verbo de ligação *ser* concorda com o predicativo nos seguintes casos:

a) quando o sujeito é um dos pronomes *tudo*, *o*, *isto*, *isso* ou *aquilo*:

"Tudo **eram** hipóteses." (LÊDO IVO)

"Tudo isto **eram** sintomas graves." (MACHADO DE ASSIS)

Na mocidade tudo **são** esperanças.

"Não, nem tudo **são** dessemelhanças e contrastes entre Brasil e Estados Unidos." (VIANA MOOG)

"Vamos e venhamos: na floresta nem tudo **são** flores." (TIAGO DE MELO)

"Aquilo **eram** asperezas que o tempo acepilhava." (GRACILIANO RAMOS)

"Isso **são** sonhos, Mariana!" (CAMILO CASTELO BRANCO)

"O que atrapalhava **eram** as caras antipáticas dos guardas." (ANÍBAL MACHADO)

"O que atrapalha bastante **são** as discussões a meu respeito." (ANÍBAL MACHADO)

"Mas o que o amor é, principalmente, **são** duas pessoas neste mundo." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

Hoje o que não falta **são** divertimentos.

- A concordância com o sujeito, embora menos comum, é também lícita:

"Tudo **é** flores no presente." (GONÇALVES DIAS)

"O que de mim posso oferecer-lhe **é** espinhos da minha coroa." (CAMILO CASTELO BRANCO)

O verbo *ser* fica no singular quando o predicativo é formado de dois núcleos no singular:

"Tudo o mais **é** soledade e silêncio." (FERREIRA DE CASTRO)

b) quando o sujeito é um nome de coisa, no singular, e o predicativo um substantivo plural:

"A cama **são** umas palhas." (CAMILO CASTELO BRANCO)

" A causa **eram** os seus projetos." (MACHADO DE ASSIS)

"Vida de craque não **são** rosas." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

Sua salvação **foram** aquelas ervas.

"Quando D. Angélica soube que a base daqueles pratos e sobremesas **eram** flores, ficou consternada." (JOSÉ J. VEIGA)

Observação:

✔ O sujeito sendo nome de pessoa, com ele concordará o verbo *ser*:

Emília *é* os encantos de sua avó.

Abílio *era* só problemas.

Dá-se também a concordância no singular com o sujeito *que*:

"Ergo-me hoje para escrever mais uma página neste Diário *que* breve *será* cinzas como eu." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"No edifício *que era* só vidros." (RICARDO RAMOS)

c) quando o sujeito é uma palavra ou expressão de sentido coletivo ou partitivo, e o predicativo um substantivo no plural:

"A maioria **eram** rapazes." (ANÍBAL MACHADO)

A maior parte **eram** famílias pobres.

O resto [ou *o mais*] **são** trastes velhos.

"A maior parte dessa multidão **são** mendigos." (EÇA DE QUEIRÓS)

"Quase a metade dos escritores brasileiros que viveram entre 1870 e 1930 **foram** professores de escolas públicas." (JOSÉ MURILO DE CARVALHO)

d) quando o predicativo é um pronome pessoal ou um substantivo, e o sujeito não é pronome pessoal reto:

"O Brasil, senhores, **sois** vós." (RUI BARBOSA)

"Nas minhas terras o rei **sou** eu." (ALEXANDRE HERCULANO)

"O dono da fazenda **serás** tu." (SAID ALI)

"... mas a minha riqueza **eras** tu." (CAMILO CASTELO BRANCO)

Quem deu o alarme **fui** eu.

Quem plantou essas árvores **fomos** nós.

Quem não ficou nada contente **foram** os camelôs.

Mas:

Eu não **sou** ele. Vós não **sois** eles. Tu não **és** ele.

e) quando o predicativo é o pronome demonstrativo **o** ou a palavra *coisa*:

Divertimentos **é** o que não lhe falta.

"Os bastidores **é** só o que me toca." (CORREIA GARÇÃO)

"Mentiras, **era** o que me pediam, sempre mentiras." (FERNANDO NAMORA)

"Os responsórios e os sinos **é** coisa importuna em Tibães." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Histórias sobre diamantes **é** o que não falta." (MARIA JOSÉ DE QUEIRÓS)

f) nas locuções *é muito, é pouco, é suficiente, é demais, é mais que* (ou *do que*), *é menos que* (ou *do que*), etc., cujo sujeito exprime *quantidade, preço, medida*, etc.:

"Seis anos **era** muito." (CAMILO CASTELO BRANCO)

Dois mil dólares **é** pouco.

Cinco mil dólares **era** quanto bastava para a viagem.

Doze metros de fio **é** demais.

Seis quilos de carne **é** mais do que precisamos.

Para ele, mil dólares **era** menos que um real.

- Na indicação das horas, datas e distâncias, o verbo *ser* é impessoal (não tem sujeito) e concordará com a expressão designativa de hora, data ou distância:

Era uma hora da tarde.

"**Era** hora e meia, foi pôr o chapéu." (EÇA DE QUEIRÓS)

"**Seriam** seis e meia da tarde." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"**Eram** duas horas da tarde." (MACHADO DE ASSIS)

"**São** horas de fechar esta carta." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"**Eram** sete de maio da era de 1439..." (ALEXANDRE HERCULANO)

"Hoje **são** vinte e um do mês, não **são**?" (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Da estação à fazenda **são** três léguas a cavalo." (SAID ALI)

Observações:

1ª) Pode-se, entretanto, na linguagem espontânea, deixar o verbo no singular, concordando com a ideia implícita de "dia":

"Hoje é seis de março." (J. MATOSO CÂMARA JR.) [Hoje *é dia* seis de março.]

"Hoje é dez de janeiro." (CELSO LUFT)

2ª) Estando a expressão que designa horas precedida da locução *perto de*, hesitam os escritores entre o plural e o singular:

"*Eram* perto de oito horas." (MACHADO DE ASSIS)

Era perto de duas horas quando saiu da janela." (MACHADO DE ASSIS)

"...*era* perto das cinco quando saí." (EÇA DE QUEIRÓS)

3ª) O verbo *passar*, referente a horas, fica na 3ª pessoa do singular, em frases como:

Quando o trem chegou, *passava* das sete horas.

22 LOCUÇÃO DE REALCE *É QUE*

O verbo *ser* permanece invariável na expressão expletiva ou de ralce *é que*:

Eu **é que** mantenho a ordem aqui. [= *Sou* eu que mantenho a ordem aqui.]

Nós **é que** trabalhávamos. [= *Éramos* nós que trabalhávamos.]

As mães **é que** devem educá-los. [= *São* as mães que devem educá-los.]

Os astros **é que** os guiavam. [= *Eram* os astros que os guiavam.]

Divertimentos **é que** não lhe faltavam.

Da mesma forma se diz, com ênfase:

"Vocês são muito **é** atrevidos." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"Sentia **era** vontade de ir também sentar-me numa cadeira junto do palco." (GRACILIANO RAMOS)

"Por que **era que** ele usava chapéu sem aba?" (GRACILIANO RAMOS)

Observação:

✔ O verbo *ser* é impessoal e invariável em construções enfáticas como:

Era aqui onde se açoitavam os escravos. [= Aqui se açoitavam os escravos.]

Foi então que os dois se desentenderam. [= Então os dois se desentenderam.]

23 ERA UMA VEZ

Por tradição, mantém-se invariável a expressão inicial de histórias *era uma vez*, ainda quando seguida de substantivo plural:

Era uma vez dois cavaleiros andantes.

24 A NÃO SER

- É geralmente considerada locução invariável, equivalente a *exceto*, *salvo*, *senão*. Exemplos:

  Nada restou do edifício, **a não ser** escombros.

  A não ser alguns pescadores, ninguém conhecia aquela praia.

  "Nunca pensara no que podia sair do papel e do lápis, **a não ser** bonecos sem pescoço..." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

- Mas não constitui erro usar o verbo *ser* no plural, fazendo-o concordar com o substantivo seguinte, convertido em sujeito da oração infinitiva. Exemplos:

  "As dissipações não produzem nada, **a não serem** dívidas e desgostos." (MACHADO DE ASSIS)

  "**A não serem** os antigos companheiros de mocidade, ninguém o tratava pelo nome próprio." (ÁLVARO LINS)

  "**A não serem** os críticos e eruditos, pouca gente manuseia hoje... aquela obra." (LATINO COELHO, *APUD* BERGO)

25 HAJA VISTA

- A expressão correta é *haja vista*, e não *haja visto*. Pode ser construída de três modos:

a) **Hajam vista** os livros desse autor. [= tenham vista, vejam-se]

b) **Haja vista** os livros desse autor. [= por exemplo, veja] (concordância mais usual)

c) **Haja vista** aos livros desse autor. [= olhe-se para, atente-se para os livros]

A primeira construção (que é a mais lógica) analisa-se deste modo:

Sujeito: os livros; *verbo*: hajam [= tenham]; *objeto direto*: vista.

A situação é preocupante; **hajam vista** os incidentes de sábado.

- Seguida de substantivo (ou pronome) singular, a expressão, evidentemente, permanece invariável:

A situação é preocupante; **haja vista** o incidente de sábado.

26 BEM HAJA / MAL HAJA

Bem haja e *mal haja* usam-se em frases optativas e imprecativas, respectivamente. O verbo concordará normalmente com o sujeito, que vem sempre posposto:

"**Bem haja** Sua Majestade!" (Camilo Castelo Branco)

Bem hajam os promovedores dessa campanha!

"**Mal hajam** as desgraças da minha vida..." (Camilo Castelo Branco)

27 CONCORDÂNCIA DOS VERBOS *BATER, DAR* E *SOAR*

Referindo-se às horas, os três verbos acima concordam regularmente com o sujeito, que pode ser *hora*, *horas* (claro ou oculto), *badaladas* ou *relógio*:

"Nisto, **deu** três horas o relógio da botica." (Camilo Castelo Branco)

"**Bateram** quatro da manhã em três torres a um tempo..." (Mário Barreto)

"**Tinham batido** quatro horas no cartório do tabelião Vaz Nunes." (Machado de Assis)

"**Deu** uma e meia." (Said Ali)

"**Davam** nove horas na igreja do Loreto." (Rebelo da Silva)

"Não tardou muito que no sino do coro **batessem** as badaladas que anunciavam a hora de prima." (Alexandre Herculano)

"**Soaram** dez horas nos relógios das igrejas e das fábricas." (Amando Fontes)

Observação:

✔ *Passar*, com referência a horas, no sentido de *ser mais de*, é verbo impessoal, por isso fica na 3ª pessoa do singular:

Quando chegamos ao aeroporto, *passava* das 16 horas.

Vamos, já *passa* das oito horas – disse ela ao filho.

28 CONCORDÂNCIA DO VERBO *PARECER*

Em construções com o verbo *parecer* seguido de infinitivo, pode-se flexionar o verbo *parecer* ou o infinitivo que o acompanha:

a) As paredes **pareciam estremecer**. (construção corrente)

b) As paredes **parecia estremecerem**. (construção literária)

Análise da construção **b)**: parecia: *oração principal;* as paredes estremecerem: *oração subordinada substantiva subjetiva*.

Outros exemplos:

"Nervos... que **pareciam estourar** no minuto seguinte." (FERNANDO NAMORA)

"Referiu-me circunstâncias que **parece justificarem** o procedimento do soberano." (LATINO COELHO)

"As lágrimas e os soluços **parecia** não a **deixarem** prosseguir." (ALEXANDRE HERCULANO)

"... quando as estrelas, em ritmo moroso, **parecia caminharem** no céu." (GRAÇA ARANHA)

"Os moravos **parece haverem tomado** a sério, para regra da vida, a palavra irônica do mártir." (RAMALHO ORTIGÃO)

"Volvidos um para o outro, **parecia** não **terem dado** por ele." (FERREIRA DE CASTRO)

"Até **parece escolherem** o modelo." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"O amanhecer e o anoitecer **parece deixarem**-me intacta." (CECÍLIA MEIRELES)

"As corporações que deviam voltar-se para a manutenção da ordem **parece** quase **insurgirem-se** contra ela." (WALTER FONTOURA)

- Usando-se a oração desenvolvida, *parecer* concordará no singular:

"Mesmo os doentes **parece** que são mais felizes." (CECÍLIA MEIRELES)

"Outros, de aparência acabadiça, **parecia** que não podiam com a enxada." (JOSÉ AMÉRICO)

"As notícias **parece** que têm asas." (OTTO LARA RESENDE)

[Isto é: *Parece* que as notícias têm asas.]

Observação:

✔ Essa dualidade de sintaxe verifica-se também com o verbo *ver* na voz passiva: "*Viam-se entrar* mulheres e crianças" ou "*Via-se entrarem* mulheres e crianças."

29 CONCORDÂNCIA COM O SUJEITO ORACIONAL

O verbo cujo sujeito é uma oração concorda obrigatoriamente na 3ª pessoa do singular:

Parecia — verbo
que os dois homens estavam bêbedos. — sujeito (oração subjetiva)

Faltava — verbo
dar os últimos retoques. — sujeito (oração subjetiva)

Outros exemplos, com o sujeito oracional em destaque:

Não me interessa **ouvir essas parlendas**.

Anotei os livros **que** faltava **adquirir**. [*faltava* adquirir os livros]

Esses fatos, importa [ou convém] **não esquecê-los**.

São viáveis as reformas **que** se intenta **implantar**?

São problemas esses **que** compete ao governo **solucionar**.

Não se conseguiu **conter os curiosos**.

Tentou-se **aumentar as exportações**.

No momento, procura-se **diminuir as importações**.

Não se pretende **alcançar resultados imediatos**.

São problemas esses **que** não cabe a nós **resolver**.

"A casa é grande; mas tem-se visto **acabarem casas maiores**." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"O americano pede contas aos seus mandatários pela administração e destino dos bens **que** lhes incumbe **zelar**." (VIANA MOOG)

"Sobre isto dissemos cousas **que** não importa **escrever aqui**." (MACHADO DE ASSIS)

30 CONCORDÂNCIA COM SUJEITO INDETERMINADO

O pronome *se* pode funcionar como índice de indeterminação do sujeito. Nesse caso, o verbo concorda obrigatoriamente na 3ª pessoa do singular. Exemplos:

Em casa, **fica-se** mais à vontade.

Detesta-se [e não *detestam-se*] aos indivíduos falsos.

Acabe-se de vez com esses abusos!

Para ir de São Paulo a Curitiba, **levava-se** doze horas.

Trata-se de fenômenos que os cientistas não sabem explicar.

"Não **se trata** de advogados, minha senhora. **Trata-se** de provas." (GERALDO FRANÇA DE LIMA)

31 CONCORDÂNCIA COM OS NUMERAIS *MILHÃO, BILHÃO* E *TRILHÃO*

Estes substantivos numéricos, quando seguidos de substantivo no plural, levam, de preferência, o verbo ao plural. Exemplos colhidos nos melhores jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo:

"Um milhão de fiéis **agruparam-se** em procissão."

"**São gastos** ainda um milhão de dólares por ano para a manutenção de cada Ciep."

"Meio milhão de refugiados **se aproximam** da fronteira do Irã."

"Meio milhão de pessoas **foram** às ruas para reverenciar os mártires da resistência."

"Pelas contas da Petrobrás, **podem** faltar um bilhão e meio de litros de álcool."

"Todos os anos, no Brasil, **ocorre** um milhão de acidentes de trânsito."

Eça de Queirós, em *O Egito*, página 99, preferiu, como o jornalista no último exemplo supracitado, usar o verbo no singular:

"Quase um milhão de homens **se move** naquelas ruas estreitas, apertadas e confusas."

Observações:

Milhão, bilhão e *milhar* são substantivos masculinos. Por isso, devem concordar no masculino os artigos, numerais e pronomes que os precedem: *os dois milhões* de pessoas; *os três milhares* de plantas; *alguns milhares* de telhas; *esses bilhões* de criaturas, *os milhares* de meninas que estudam no Rio, etc.

Se o sujeito da oração for *milhões*, o particípio ou o adjetivo podem concordar, no masculino, com *milhões*, ou, por atração, no feminino, com o substantivo feminino plural: Dois milhões de sacas de soja estão ali *armazenados* (ou *armazenadas*). Os outros cinco milhões de moedas serão *cunhados* (ou *cunhadas*) no próximo ano. Foram *colhidos* três milhões de sacas de trigo. Os dois milhões de árvores *plantadas* estão *altas* e *bonitas*.

32 CONCORDÂNCIA COM NUMERAIS FRACIONÁRIOS

- De regra, a concordância do verbo efetua-se com o numerador. Exemplos:

  "Mais ou menos um terço dos guerrilheiros **ficou** atocaiado perto..." (AUTRAN DOURADO)

  "Um quinto dos bens **cabe** ao menino." (JOSÉ GUALDA DANTAS)

  Dois terços da população **vivem** da agricultura.

- Não nos parece, entretanto, incorreto usar o verbo no plural, quando o número fracionário, seguido de substantivo no plural, tem o numerador 1, como nos exemplos:

  "Um terço das mortes violentas no campo **acontecem** no sul do Pará." (*Jornal do Brasil*, 9/5/1991)

  Um quinto dos homens **eram** de cor escura.

33 CONCORDÂNCIA COM PERCENTUAIS

O verbo deve concordar com o número expresso na porcentagem:

Só 1% dos eleitores **se absteve** de votar.

Só 2% dos eleitores **se abstiveram** de votar.

Foram destruídos 20% da mata.

"Cerca de 40% do território **ficam** abaixo de 200 metros." (ANTÔNIO HOUAISS)

"A sondagem revelou ainda que 73% da população **acreditam** que a situação do país piorou." (*O Estado de S. Paulo*, 29/1/1992)

"Na União 90% dos homens **andavam** armados." (POVINA CAVALCÂNTI)

A pesquisa revelou que 82% (oitenta e *dois* por cento ou oitenta e *duas* por cento) das mulheres **trabalham** fora.

Observação:

✔ Em casos como o da última frase, a concordância efetua-se, pela lógica, no feminino (oitenta e *duas* entre cem mulheres), ou, seguindo o uso geral, no masculino, por se considerar a porcentagem um conjunto numérico invariável em gênero.

34 CONCORDÂNCIA COM O PRONOME *NÓS* SUBENTENDIDO

O verbo concorda com o pronome subentendido *nós* em frases do tipo:

Todos **estávamos** preocupados. [= Todos *nós estávamos* preocupados.]

Os dois **vivíamos** felizes. [= *Nós* dois *vivíamos* felizes.]

"**Ficamos** por aqui, insatisfeitos, os seus amigos." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

35 CONCORDÂNCIA DE SENÃO EM FRASES NEGATIVAS

- Em frases negativas em que *senão* equivale a *mais que*, *a não ser*, e vem seguido de substantivo no plural, costuma-se usar o verbo no plural, fazendo-o concordar com o sujeito oculto *outras coisas*. Exemplos:

  Do antigo templo grego não **restam** senão ruínas. [Isto é: não *restam outras coisas* senão ruínas.]

  Da velha casa não **sobraram** senão escombros.

  "Para os lados do sul e poente, não **se viam** senão edifícios queimados." (ALEXANDRE HERCULANO)

  "Por toda a parte não **se ouviam** senão gemidos ou clamores." (REBELO DA SILVA)

  "Para mim não **restaram** senão vagos reflexos..." (CIRO DOS ANJOS)

- Segundo alguns autores, pode-se, em tais frases, efetuar a concordância do verbo no singular com o sujeito subentendido *nada*:

  Do antigo templo grego não **resta** senão ruínas. [Ou seja: não *resta nada*, senão ruínas.]

  Ali não **se via** senão (ou *mais que*) escombros.

As duas interpretações são boas, mas só a primeira tem tradição na língua.

36 CONCORDÂNCIA COM FORMAS GRAMATICAIS

Palavras no plural com sentido gramatical e função de sujeito exigem o verbo no singular:

"Elas" **é** um pronome pessoal. [= A palavra *elas* é um pronome pessoal.]

Na placa **estava** "veiculos", sem acento.

"Contudo, mercadores não **tem** a força de vendilhões." (MACHADO DE ASSIS)

37 MAIS DE, MENOS DE

O verbo concorda com o substantivo que se segue a essas expressões:

Mais de cem pessoas **perderam** suas casas, na enchente.

Sobrou mais de uma cesta de pães.

Gastaram-se menos de dois galões de tinta.

Menos de dez homens **fariam** a colheita das uvas.

EXERCÍCIOS LISTA 53

1. Transcreva os períodos em que NÃO há erro de concordância verbal:

a) Precisava fazer uma caixa de madeira, mas **faltavam**-me ferramentas.

b) Estávamos ali parados, quando **começaram** a cair grossos pingos de chuva.

c) Raros são os dias em que não **acontecem** fatos desagradáveis.

d) **Sobra**-lhe motivos para poder considerar-se uma pessoa feliz.

e) O que me admira é ainda **existirem** peixes em rios tão poluídos.

f) Quando o médico chegou, **passava** das nove horas.

2. Transcreva as frases antepondo-lhes o número correspondente à razão pela qual o verbo concorda no singular, embora o sujeito seja composto:

(1) Os núcleos do sujeito são sinônimos.

(2) Os núcleos do sujeito formam uma sequência gradativa.

(3) Os núcleos do sujeito referem-se ao mesmo ser.

(4) Concordância com o núcleo do sujeito mais próximo (concordância atrativa).

A dona de casa e mãe de família **anda** preocupada com a alta dos preços.

A segurança e firmeza com que lhes respondi **deixou**-os perplexos.

Passou-me pela mente o rosto e a voz de minha primeira professora.

A inveja, o ódio, a maldade humana **armará** ciladas em teu caminho.

3. Transcreva os períodos em que a concordância está correta:

a) João nunca subirá, na vida: faltam-lhe coragem e idealismo.

b) O puma ou suçuarana costuma caçar de noite.

c) Partireis amanhã tu, Ramiro e as crianças.

d) Partirão amanhã tu, Ramiro e as crianças.

e) Partiremos amanhã tu, Ramiro, as crianças e eu.

f) Partirá amanhã tu, Ramiro e as crianças.

4. Justifique a concordância dos verbos nos exemplos seguintes:

a) "É mofina a condição dos povos em que **faltam** lavradores e **sobejam** legisladores." (MARQUÊS DE MARICÁ)

b) "Itaguaí e o universo **ficavam** à beira de uma revolução." (MACHADO DE ASSIS)

c) "No dia seguinte, **veio** o morgado e a filha a Lisboa." (CAMILO CASTELO BRANCO)

d) "**Seguiram**-na, a distância, o esposo e o médico." (COELHO NETO)

e) "Obelisco não é mourão em que **se amarram** cavalos." (MANUEL BANDEIRA)

f) "**Chegava** a multidão de passageiros dos subúrbios." (FELÍCIO DOS SANTOS)

g) "Eu, o Silêncio e a Solidão **éramos** quem estava aí." (ALEXANDRE HERCULANO)

h) "A maior parte das suas companheiras **eram** felizes." (CAMILO CASTELO BRANCO)

i) "A maioria dos condenados **acabou** nas plagas africanas." (CAMILO CASTELO BRANCO)

j) "Ao lado, em distância conveniente para o fogo não chamuscar a copa verde, uma palmeira ou árvore esguia **era** plantada." (POVINA CAVALCÂNTI)

k) "O falso e o verdadeiro, a verdade e a mentira, tudo **passa**." (ANTÔNIO VIEIRA)

l) "Mais de um ricaço **ficou** reduzido à miséria." (SAID ALI)

5. Justifique a concordância verbal, como fez no exercício 4:

a) "Mas **vivam** os mitos, que são o pão dos homens." (CIRO DOS ANJOS)

b) "Os amigos **nos revezávamos** à sua cabeceira." (AMADEU DE QUEIRÓS)

c) **Sobraram** cerca de sessenta ingressos.

d) "Viajando, viajando, **esquecia-se** o mal e o bem." (ADONIAS FILHO)

e) Não se **trata** de riquezas imaginárias, mas reais.

f) "Aqui **estão** a bandeira e o escudo d'armas da República." (ARIANO SUASSUNA)

g) Infelizmente só quando **acontecem** tragédias é que as autoridades tomam providências.

h) "Não **se atravessam** oceanos só para dançar valsas." (VILMA G. ROSA)

i) Nem o macaco nem a ema **conseguem** escapar à agilidade do puma.

j) "Os pardais **parece** que andam nas pontinhas dos pés, como as bailarinas." (CECÍLIA MEIRELES)

k) "Diante de uma forja, um bando hirsuto de pastores de Moab **esperavam**, enquanto dentro os ferreiros lhes batiam ferros novos para as lanças." (EÇA DE QUEIRÓS)

l) "Uma sucessão de acasos **foi** ocorrendo." (EVANDRO LINS)

6. Substitua os asteriscos pela alternativa que completa corretamente o período.

*** explosões de natureza elétrica no planeta Vênus, o que faz crer que *** de relâmpagos muito fortes, embora não *** provas que *** tal hipótese.

Registrou-se – se tratam – existam – confirmam

Registraram-se – se trata – exista – confirme

Registraram-se – se trata – existam – confirmem

7. Troque o * pelos verbos entre parênteses, flexionando-os corretamente no tempo *do indicativo* que se pede:

a) Quando a cólera ou o amor nos *, a razão se despede. (**visitar**, presente)

b) Nem os gestos nem o olhar dela * expressão. (**ter**, pretérito imperfeito)

c) A multidão de pedestres * de todos os quadrantes. (**desaguar**, presente)

d) * menos de cem combatentes. (**restar**, pretérito perfeito)

e) O louvor e a censura * com poucas palavras. (**fazer-se**, presente)

f) Às quatro horas da tarde * no cais o presidente com sua comitiva. (**desembarcar**, pretérito imperfeito)

g) Ali * uma multidão de trepadeiras que * aos troncos das árvores. (**crescer**, **enrodilhar-se**, pretérito imperfeito)

h) A empresa é grande, mas * visto acabarem empresas maiores. (**ter-se**, presente)

i) Fostes vós que o * . (**eleger**, pretérito perfeito)

j) Não seremos nós quem o *. (**condenar**, futuro do presente)

k) És tu que * naquela revista? (**escrever**, presente)

l) Eu fui um dos que mais * na viagem. (**sofrer**, pretérito perfeito)

m) Em Icaraí * e se * a sedução, o encanto, o fascínio que, por todo o resto da existência, * de exercer sobre mim o mar e os largos espaços abertos. (**nascer**, **firmar**, pretérito perfeito; **haver**, pretérito imperfeito)

n) Vivemos numa época em que as palavras * que foram feitas para esconder o pensamento. (**parecer**, presente)

o) O pessoal dos morros * para a festa. (**descer**, pretérito imperfeito)

p) Não só a escola mas também a família *. (**colaborar**, pretérito imperfeito)

8. Faça como no exercício anterior:

a) E muito * para isso as facilidades que tentam o comprador. (**contribuir**, pretérito perfeito)

b) Ali * matas de onde já * desaparecido as onças e onde * a rarear os pequenos animais. (**existir**, **haver**, **começar**, pretérito imperfeito)

c) Cada um de nós * uma coisa diferente. (**querer**, presente)

d) * notícias de todas as partes do mundo. (**chegar**, presente)

e) Na cidade bombardeada não se * senão ruínas. (**ver**, presente)

f) Os esqueletos das árvores * que se estorcem de sofrimento. (**parecer**, presente)

g) Não * a pena tantos sacrifícios feitos? (**valer**, pretérito imperfeito)

h) Agora falarei das coisas que lhe *. (**interessar**, presente)

i) Agora falarei das coisas que lhe * saber. (**interessar**, presente)

j) Um ou outro * para dizer-lhe uma palavra. (**deter-se**, pretérito imperfeito)

k) Prestígio e talento * o que não lhe *. (**ser**, **faltar**, presente)

l) Nem a mãe nem a filha * à terra natal. (**voltar**, pretérito perfeito)

m) Seu orgulho e acanhamento a * de solicitar ajuda. (**impedir**, pretérito perfeito)

n) Graças, ó Cristo, pela vossa vinda ao mundo, da qual * tantos benefícios. (**resultar**, pretérito perfeito)

o) Do trabalho humilde desses homens * muitas vidas. (**depender**, presente)

9. Faça concordar corretamente os verbos em destaque nos tempos indicados:

a) Rogo a Vossa Excelência que não **dar** atenção a esses boatos. (*subjuntivo presente*)

b) Montes Claros **ficar** no norte de Minas Gerais. (*indicativo presente*)

c) Não me **interessar** palavras, quero fatos. (*indicativo presente*)

d) O funcionamento do cérebro e não as batidas do coração é que **determinar** se uma pessoa está viva ou morta. (*indicativo presente*)

e) O cientista afirmou que **ir** se passar vários dias antes que se **receber** as primeiras fotografias do satélite. (*indicativo presente – subjuntivo presente*)

f) Sua presença era indispensável para se **organizar** os serões musicais. (*infinitivo presente pessoal*)

g) Cada ano **aumentar** o número de pessoas que visitam Parati. (*indicativo presente*)

h) Prevíamos os mínimos detalhes, para que depois não **surgir** coisas desagradáveis. (*pretérito imperfeito do subjuntivo*)

i) Durante a semana **suceder**-se as visitas ao enfermo. (*pretérito perfeito*)

j) **Tratar**-se de peças sacras de inestimável valor. (*pretérito imperfeito*)

10. Varie o verbo da frase abaixo, seguindo o exemplo:

A) No zoo da cidade **viviam** alguns animais raros.

B) No zoo da cidade **havia** alguns animais raros.

C) No zoo da cidade **existiam** alguns animais raros.

D) No zoo da cidade **encontravam-se** alguns animais raros.

Nas margens desse rio **viviam** antigamente algumas tribos selvagens.

11. Transcreva apenas os períodos em que a concordância verbal está certa:

a) Só o desenrolar dos acontecimentos é que **poderá** revelar a verdade dos fatos.

b) Só o desenrolar dos acontecimentos é que **poderão** revelar a verdade dos fatos.

c) Daqueles dias longínquos **resta**-me apenas vagas recordações.

d) Daqueles dias longínquos **restam**-me apenas vagas recordações.

e) Como lhe **parecia** altos aqueles edifícios!

f) Como lhe **pareciam** altos aqueles edifícios!

g) Se **existissem** melhores sementes poderia haver melhores colheitas.

h) Se **existisse** melhores sementes poderia haver melhores colheitas.

i) Se existissem melhores sementes **poderiam** haver melhores colheitas.

j) No encontro que tive com Jairo **impressionou**-me as revelações que ele me fez.

k) No encontro que tive com Jairo **impressionaram**-me as revelações que ele me fez.

12. Substitua os asteriscos pelos verbos no tempo indicado entre parênteses. Em seguida, anteponha **A** ou **B**, conforme seja o caso.

(A) Verbo passivo concorda com o sujeito: **Consertam-se** relógios.

(B) Verbo transitivo indireto cujo sujeito é indeterminado concorda na 3ª pessoa do singular: **Precisa-se** de bons técnicos.

*** gritos lancinantes. (**ouvir-se**, pretérito perfeito)

*** de empregadas domésticas. (**precisar-se**, presente)

*** de fenômenos desconhecidos. (**tratar-se**, presente)

*** as plantas com amor. (**tratar-se**, presente)

A cartas dessas não se ***. (**responder**, presente)

Nas doenças, *** aos médicos. (**recorrer-se**, presente)

*** as cartas na caixa. (**depositar-se**, pretérito perfeito)

Há muito não se *** a espetáculos tão belos. (**assistir**, pretérito imperfeito)

Na reunião, *** de problemas que afligem os jovens. (**tratar-se**, pretérito perfeito)

13. Transcreva as frases em que as concordâncias postas entre parênteses estão certas:

a) O que me **espantava** (ou *espantavam*) eram suas afirmações.

b) O pavão era uma das aves do zoo que mais **chamavam** (ou *chamava*) a atenção das crianças.

c) Nem eu nem meu pai os **esperávamos** (ou *esperava*).

d) Um e outro **começaram** (ou *começou*) a gritar.

e) Nem um nem outro **concluiu** (ou *concluíram*) o curso.

f) Não **fossem** (ou *fosse*) os livros, como poderíamos estudar?

g) A maior parte dos carros **tinham** (ou *tinha*) defeitos.

h) Pesquisa revela que 50% dos alunos **pretendem** (ou *pretende*) seguir Medicina.

i) Mais de um piloto **perdeu** (ou *perderam*) a vida nos autódromos.

j) Atrás da montanha **ficavam** (ou *ficava*) a praia e o mar.

k) Alguns de nós **moram** (ou *moramos*) longe.

l) Cacos de vidro não **significam** (ou *significa*) nada quando se tem dez anos.

m) Nenhum dos dois índios **sabia** (ou *sabiam*) falar português.

n) Quem não gostou **foram** (ou *foi*) os vizinhos.

o) Lá em casa todos **eram** (ou *éramos*) felizes.

p) De vez em quando, um de nós ou nós três juntos **estávamos** (ou *estava*) apanhando por causa do gravador.

q) Apenas um ou outro **tentou** (ou *tentaram*) aproximar-se.

r) **Existem** (ou *existe*) perto de três mil mendigos em nossa cidade.

s) Não foi só uma foto que tiramos, **foram** (ou *foi*) várias.

14. Faça como no exercício anterior:

a) Um gesto, um olhar, uma palavra **despertava** (ou *despertavam*) suspeitas.

b) O diretor ou seu secretário **receberá** (ou *receberão*) os visitantes.

c) A família com a enfermeira **viajaram** (ou *viajou*) para a França.

d) Era um grupo de cavaleiros que **vinham** (ou *vinha*) em sentido contrário.

e) O lugar, as companhias, as brincadeiras, tudo **deixou** (ou *deixaram*) em mim saudades.

f) O que se via **eram** (ou *era*) ratos em todos os cantos.

g) Não fui eu quem o **convidou** (ou *convidei*).

h) Nos rios e lagos não **havia** (ou *haviam*) mais peixes.

i) Não lhe **bastam** (ou *basta*) tantas riquezas?

j) Não lhe **basta** (ou *bastam*) possuir tantas riquezas?

k) Peço a Vossas Senhorias que me **enviem** (ou *envieis*) as encomendas com urgência.

l) Um e outro **tinham-se** perdido (ou *tinha-se* perdido) na rua.

m) A maioria dos trabalhadores **recebeu** (ou *receberam*) essa notícia com alegria.

n) Quando a noiva com o pai **assomaram** (ou *assomou*) à porta da igreja, um frêmito percorreu o templo.

o) Um milhão de trabalhadores **aderiram** (ou *aderiu*) à greve.

p) Um terço dos homens **era** (ou *eram*) de cor escura.

q) A não **ser** (ou *serem*) dois mendigos, ninguém estava na praça.

15. Transcreva as frases antepondo **A** ou **B** para justificar a concordância dos verbos:

(A) Concorda no singular o verbo cujo sujeito é uma oração.

(B) Concorda no plural o verbo que tem como sujeito um substantivo comum no plural.

a) Não me **importam** as opiniões desses tais futurólogos.

b) Não me **importa** que eles façam maus prognósticos.

c) **Projeta-se** remodelar as praças da cidade.

d) **Projetam-se** obras urbanísticas de grande importância.

e) Quando **deixarão** de existir guerras e violências?

f) São apenas dois os casos que **resta** solucionar.

g) Anotei os objetos que **faltavam**.

h) Anotei os objetos que **faltava** comprar.

i) Quanto não **terão** custado esses quadros de Portinari?

j) São problemas que não **adianta** adiar.

k) Abandonei as amizades que não me **convinham**.

l) Abandonei as amizades que não me **convinha** manter.

m) **Estavam** faltando apenas algumas lâmpadas.

n) **Estava** faltando apenas instalar algumas lâmpadas.

o) Resolver esses casos não **compete** a nós.

p) Esses casos não **competem** a nós.

q) As grandes realizações **custam** muitos esforços e sacrifícios.

r) **Custa**-nos muito aceitar os sofrimentos.

s) Seus passos pesados **pareciam** torturar a terra.

t) Seus passos pesados **parecia** que torturavam a terra.

u) Seus passos pesados **parecia** torturarem a terra.

v) **Parecia** que seus passos pesados torturavam a terra.

w) Não lhe **interessam** fatos passados?

x) Não lhe **interessa** conhecer fatos passados?

16. Copie as duas únicas frases que podem ter o verbo auxiliar no plural:

a) Com esses troncos pode-se fazer belos móveis.

b) Tentou-se reduzir os gastos.

c) Não pode haver rasuras neste documento.

d) Deve haver outras razões.

e) Não se deve perder tão boas oportunidades.

17. Transcreva a alternativa certa relativamente à concordância do verbo **bastar**.

"– Minha senhora, sua doença não tem nenhuma gravidade. Nem precisa tomar remédio. **Basta** uma alimentação adequada e um pouco de descanso.

– Mas, doutor, veja minha língua...

– Também precisa de descanso". (*Realidade*, junho de 1974)

- Está certa, pois se trata de um verbo impessoal.
- Está errada, porque o sujeito é composto.
- Está certa, porque o verbo, estando anteposto a um sujeito composto, pode concordar com o núcleo mais próximo.

18. Transcreva somente as frases cuja concordância está correta:

Nenhum dos presentes se atreveu a falar.
Nenhum dos presentes se atreveram a falar.
Nem eu, nem tu, nem qualquer outra pessoa poderíamos dissuadi-lo.
Jacinta era filha de um casal de velhos que a idolatrava.
Jacinta era filha de um casal de velhos que a idolatravam.
Rogo a Vossa Excelência vos digneis aceitar o meu convite.
Rogo a Vossa Excelência se digne aceitar o meu convite.
Talvez Judite, ou alguma de suas irmãs, casem com o tenente.
Nem o Nilo nem o Amazonas têm as águas claras.
Nem uma nem outra coisa o interessa.
Antigamente deviam haver ali belas matas.
Antigamente deviam existir ali belas matas.
As joias e o dinheiro ficaram na gaveta.
Ficou na gaveta o dinheiro e as joias.
Ficaram na gaveta o dinheiro e as joias.
De repente um e outro desapareceram.
De repente um e outro desapareceu.
Quantos dentre vós percorrestes aquele país?
Quantos dentre vós percorreram aquele país?
Uma grande qualidade ou talento desculpa os pequenos defeitos.
Não fosse os livros, como conheceríamos o passado?
Estas canções, fui eu que as compus.
Estas canções, fui eu que as compôs.
Estas canções, fui eu quem as compus.
Estas canções, fui eu quem as compôs.
Quando as doenças aparecem é por muito tempo.
Aquelas estátuas só faltam falar.
Aquelas estátuas só falta falarem.
Nem a pobreza nem a doença hão de se extinguir.
Um e outro insultou-se grosseiramente.
O ex-ministro e professor foi alvo de homenagens.
Contávamos os dias que ainda faltava.
Haja vista as últimas composições deste autor.
Hajam vista as últimas composições deste autor.
Bem haja os que lutam pela paz.

"Todos os brasileiros aprendemos desde meninos que Pedro Américo foi o maior pintor brasileiro." (MANUEL BANDEIRA)

Do grande castelo medieval não sobrou senão ruínas.

Do velho teatro grego não sobraram senão ruínas.

Tanto ele como eu sentem muito a falta dela.

19. Copie as frases, justificando a concordância dos verbos destacados, antepondo a elas **A** ou **B**:

(A) O verbo concorda regularmente com o sujeito.

(B) O verbo é impessoal, concorda na 3ª pessoa do singular.

"**Deram** dez horas." (EÇA DE QUEIRÓS)

"**Iam dar** seis horas." (MACHADO DE ASSIS)

"Na igreja, ao lado, **bateram** devagar dez horas." (EÇA DE QUEIRÓS)

"**Faz** hoje precisamente sete anos." (RUI BARBOSA)

"Aqui **faz** verões terríveis." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"**Vai fazer** cinco anos que ele se doutorou." (ANTÔNIO VIEIRA)

"**Havia** muitos anos que não vinha ao Rio." (ANÍBAL MACHADO)

Não **pode haver** boas leis se não **houver** bons legisladores.

"Males inevitáveis **iam chover** sobre mim." (GRACILIANO RAMOS)

"**Acabaram de dar** sete horas." (HERBERTO SALES)

Nas fazendas **haveria** alimentos frescos e baratos.

Talvez ainda **haja** vagas naquela escola.

"Por cima do fogão **devia haver** fósforos." (JOÃO CLÍMACO BEZERRA)

20. Justifique a concordância do verbo **ser** nos exemplos seguintes.

a) "Eu **é** que coso." (MACHADO DE ASSIS)

b) "O que se quer **são** homens." (TRISTÃO DA CUNHA)

c) "Um cruzado **eram** 400 réis." (VIVALDO COARACI)

d) "Quarenta contos **era** uma fortuna." (JOSÉ CONDÉ)

e) "O homem **é** cinzas." (ANTÔNIO VIEIRA)

f) "O meu mundo **eram** os meus coelhos." (MARQUES REBELO)

g) "O que eu vejo **são** sete abismos." (CAMILO CASTELO BRANCO)

h) "Nas minhas terras, o rei **sou** eu." (ALEXANDRE HERCULANO)

i) "Seis anos **era** muito." (CAMILO CASTELO BRANCO)

j) "'Cenas da Foz' **é** um livro de ouro." (CAMILO CASTELO BRANCO)

k) "No fundo, tudo **são** astúcias do raciocínio." (OTTO LARA RESENDE)

l) Em São Paulo **era** onde as massas operárias mais se mostravam insatisfeitas.

m) Daqui à cidade **são** seis quilômetros puxados.

n) **Eram** as pessoas e não as tarefas que o cansavam.

o) "Dize-me o que quiseres, mesmo que **sejam** mentiras." (FERNANDO NAMORA)

p) "**Eram** de ver os passistas infernais, e a bateria legalíssima." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

q) "Mentiras, **era** o que me pediam, sempre mentiras." (FERNANDO NAMORA)

r) "Esta família **são** dois jovens / alheios a tirar retrato." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

s) "Isso não **são** maneiras, Padilha." (GRACILIANO RAMOS)

t) "O Vasco **é** só contusões e dores musculares." (*Jornal do Brasil*, 28/10/1982)

21. Substitua o * por uma das formas do verbo **ser** propostas entre parênteses, atendendo à concordância preferida pela norma culta:

a) Nem tudo na vida * flores. (*é – são*)

b) A sua meta * os grandes centros da Europa. (*era – eram*)

c) Hildebrando * só problemas. (*era – eram*)

d) Isto * teorias que a prática desmente. (*é – são*)

f) Tudo isso * prazeres que a vida nos proporciona. (*é – são*)

g) Cem mil dólares * muito. (*é – são*)

h) Hoje * vinte e cinco do mês. (*é – são*)

i) Quando voltei da cidade, * uma hora e meia da tarde. (*era – eram*)

j) * cinco horas da manhã quando me chamaram. (*seria – seriam*)

k) Aquilo * caprichos que não durariam muito. (*era – eram*)

l) Os Estados Unidos * um país rico. (*é – são*)

m) * uma vez dois mágicos famosos. (*era – eram*)

n) O responsável * tu. (*é – és*)

o) * tesouros que eles procuram no fundo escuro do mar? (*é – são*)

p) O que mais me agradou no filme * as cenas finais. (*foi – foram*)

q) Bons divertimentos * o que não lhe falta. (*é – são*)

r) Preservemos a natureza: os beneficiados * nós. (*são – somos*)

s) Edifícios só havia dois, o resto * casas modestas. (*era – eram*)

t) "Vândalos" * mais forte que "destruidores". (*é – são*)

22. Passe as palavras destacadas para o plural e efetue a concordância:

a) Vê-se ao longe a alterosa **cordilheira**.

b) Não creio que se possa extirpar esse **abuso**, se **Vossa Excelência** não impuser sua autoridade.

c) Não se podia distinguir bem aquele **sinalzinho** cabalístico.

d) Deve-se procurar outra **solução**.

e) Construir-se-ia o **barco** onde houvesse bom **porto**.

f) O que mais me revoltava era a sua **grosseria**.

23. Corrija os erros de concordância verbal e nominal:

a) Mal se distinguia, através da cerração da manhã, as casas das ruas.

b) Não há latadas de chuchus que se forme e viceje, quando hajam sanhaços na vizinhança.

c) Construir-se-ia as casas onde houvessem operários pobres.

d) Se não haviam braços indígenas para a lavoura, que se fossem buscar outros braços onde houvesse.

e) Fazem já muitos séculos que se escreveu esses livros, mas não falta escritores que comprovem a sua autenticidade.

f) Quando se tratam de casos urgentes, não devem haver tantas exigências e formalidades.

g) Para se avaliar as excelências desta campanha, basta essas poucas considerações.

h) Anexo àquela carta remeteu-se a Vossa Senhoria as notas de crédito nºs 80 e 81, relativo à publicação de seus livros.

i) Ninguém achou que valesse a pena tantos sacrifícios.

j) Não parecia que daquelas terras houvesse saído tantas riquezas.

k) Antecipei o meu regresso por motivos que não interessam expor agora.

l) Talvez não cheguem a trinta o número de candidatos aprovados.

m) Apenas um entre dez filhos de lavradores permanecem no campo.

n) As estrelas brilham também de dia. A luz do Sol é que as tornam invisíveis.

o) O que é palafitas?

24. Faça as necessárias correções onde houver erro de concordância.

a) É necessária a tua presença na assinatura do contrato.

b) Na cidade, haviam poucas atrações turísticas.

c) Segue anexo os documentos pedidos.

d) Hoje sou eu que pago.

e) Vendem-se casas novas.

25. Prestando atenção à concordância do predicativo com o sujeito, flexione corretamente os adjetivos entre parênteses:

a) Como são * esses momentos! (difícil)

b) É * a entrada de pessoas estranhas. (proibido)

c) Os jardins estavam * e as árvores * de passarinhos. (florido, repleto)

d) Paciência e dedicação são * a quem cuida de doentes. (necessária).

e) Seguem * as contas do inquilino anterior. (anexo)

26. Corrija o único erro de concordância nominal:

a) É necessário muita paciência com ele.

b) É necessária a tua volta imediata!

c) É preciso muita sabedoria para lidar com crianças.

d) Deixe bem arrumadas a cozinha e a sala.

e) Encontrei amassados os papéis e as cartas de que me falou.

f) Tomei emprestado algumas cadeiras para a festa.

27. Corrija se houver erro de concordância verbal:

a) Livros, revistas, cadernos, tudo foi destruído pela enchente.

b) Só haviam alguns professores na reunião.

c) Vão fazer quinze dias que não vejo minha namorada.

d) Soou duas horas no relógio da igreja.

e) Fui eu que fiz todas as bandeirinhas da festa.

28. Complete corretamente as frases prestando atenção à concordância verbal:

a) Foi o que * o engenheiro e eu. (constatar)

b) Um grupo de torcedores * no ônibus. (entrar)

c) Nem um nem outro * com os presentes. (falar)
d) Uma ou outra aluna * terminar a leitura do livro. (conseguir)
e) Cláudia é uma das que mais * na repartição. (trabalha)
f) Somos nós quem * a culpa de tudo. (levar)
g) Os Estados Unidos * o país escolhido pelos premiados. (ser)

29. Responda oralmente às perguntas, baseadas no poema **Os anos são degraus**:

a) Qual é o verbo que se subentende no primeiro verso? E no primeiro verso da segunda estrofe?
b) Na segunda estrofe, está correta a concordância do verbo *ser*: tudo são degraus?
c) Explique o uso do acento grave no verso "à humana condição".
d) Na 3ª estrofe, o que significa *Estrada*? Por que inicial maiúscula?
e) Na 3ª estrofe, se estivesse escrito "as portas fechadas", como concordaria o verbo *encontrar*?

LEITURA

Os anos são degraus

Os anos são degraus; a vida, a escada.
Longa ou curta, só Deus pode medi-la.
E a Porta, a grande Porta desejada,
só Deus pode fechá-la,
pode abri-la.

São vários os degraus: alguns sombrios,
outros ao sol, na plena luz dos astros,
com asas de anjos, harpas celestiais;
alguns, quilhas e mastros
nas mãos dos vendavais.
Mas tudo são degraus; tudo é fugir
à humana condição.
Degrau após degrau,
tudo é lenta ascensão.

Senhor, como é possível a descrença,
imaginar, sequer, que ao fim da Estrada
se encontre, após esta ansiedade imensa,
uma porta fechada
– e nada mais?

(Maria Fernanda de Castro, *Asa no Espaço*, p. 73 e 74, Lisboa, 1955)

SINTAXE DE CONCORDÂNCIA
Exercícios de exames e concursos
[Página 687]

SINTAXE DE REGÊNCIA

1 REGÊNCIA

A *sintaxe de regência* ocupa-se das relações de dependência que as palavras mantêm na frase.

Regência *é o modo pelo qual um termo* rege *outro que o complementa.*

2 TIPOS DE REGÊNCIA

A regência pode ser *verbal* ou *nominal*, conforme trate do regime dos verbos ou dos nomes (substantivos e adjetivos). Exemplos:

É homem **propenso** à colera. → O termo regente é um nome (propenso): temos um caso de *regência nominal*.

Assistimos ao desfile. → O termo regente é um verbo: temos um caso de *regência verbal*.

Num período, os termos *regentes* ou subordinantes (substantivos, adjetivos, verbos) reclamam outros (termos *regidos* ou subordinados) que lhes completem ou ampliem o sentido. Exemplos:

Termos regentes	**Termos regidos**
Amor	**a** Deus. (*complemento nominal*)
Rico	**em** virtudes. (*complemento nominal*)
Comprei	joias. (*objeto direto*)
Gostam	**de** festas. (*objeto indireto*)
Resido	**em** Santos. (adjunto adverbial)
Foram vistos	**por** mim. (*agente da passiva*)
Insisto	**em** que vá. (*oração subordinada objetiva indireta*)
Peixes	**que** voam. (*oração subordinada adjetiva*)

Como se vê dos exemplos acima, os termos regidos, as mais das vezes, prendem-se aos regentes por meio das preposições. Por isso, essas palavras desempenham papel relevante no capítulo da regência.

Todavia, a dependência de um termo, ou de uma oração, é estabelecida também pelos conectivos subordinativos, como no último exemplo.

Às vezes, porém, como no caso do objeto direto, não há nenhum nexo subordinante entre o termo regente e o regido: a subordinação é indicada pela posição do termo dependente (O filho

acompanhava o *pai*), ou pela própria forma objetiva da palavra (O filho *o* acompanhava), ou, mesmo, pelo sentido lógico da frase (Dourava *o monte* o sol agonizante).

- O sujeito nunca é regido de preposição. Entretanto, por eufonia, pode-se contrair a preposição *de* com o sujeito, ou seus adjuntos, em orações reduzidas de infinitivo:

  Antes **de o** sacerdote iniciar a missa, os fiéis entoaram cantos. *Ou*:

  Antes **do** sacerdote iniciar a missa, os fiéis entoaram cantos.

  Já era tempo **de ele** entrar na escola. *Ou*:

  Já era tempo **dele** entrar na escola.

  "Sabia-o, senhor, antes **do** caso suceder." (ALEXANDRE HERCULANO)

  "Uma hora depois **do** cão do Hotel Not ter ladrado..." (FERREIRA DE CASTRO)

  "Antes **dela** ir para o colégio, eram tudo travessuras de criança." (MACHADO DE ASSIS)

  "Holanda começava a examinar a hipótese **dessa** tristeza [da raça mexicana] vir da geografia." (VIANA MOOG)

  "O fato **do** Brasil e **dos** Estados Unidos se acharem no mesmo continente é um acidente geográfico..." (EDUARDO PRADO)

  "Leonora irritou-se, além **do** abade puni-la..., pedia-lhe favores." (NÉLIDA PIÑON)

  "No momento **do** comboio partir, Carlos correria à portinhola, a balbuciar fugitivamente uma desculpa." (EÇA DE QUEIRÓS)

  "Agora chegou a vez **dos** advogados tomarem a dianteira na luta contra as prisões." (EVANDRO LINS E SILVA)

  "O modo **dele** falar soou-me agressivo." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

  "O Dr. Sampaio comprou-me uma boiada, e na hora **da** onça beber água deu-me com os cotovelos, ficou palitando os dentes." (GRACILIANO RAMOS)

  "No dia 31 de março foi a vez **do** delegado interino de Macaé responder ao juiz Lima e Castro." (CARLOS MARCHI)

  Sendo sujeito o pronome *eu*, não se faz a contração:

  "No caso **de eu** morrer, os meus herdeiros assumiriam essa obrigação." (MACHADO DE ASSIS)

Observação:

✔ A contração em foco tem tradição na língua; sempre foi e continua sendo largamente praticada por eminentes escritores brasileiros e portugueses. Tem a vantagem de evitar os artificiais e desagradáveis hiatos *de ele*, *de ela*, *antes de o*, *apesar de os*, etc. Trata-se de um fato fonético, de uma acomodação da escrita à fala, e não de uma alteração sintática, porquanto, ainda que contraída com o sujeito, a preposição *de* rege o infinitivo que se lhe segue (antes *do caso suceder* = antes *de suceder o caso*). Tanto é lícito, portanto, dizer "antes *do* sacerdote iniciar a missa", como "antes *de o* sacerdote iniciar a missa". A primeira construção é mais natural e espontânea. A segunda é um gramaticalismo um tanto afetado, em choque com a língua falada.

✔ Acrescente-se, a favor da contração, que igual fato ocorre em frases como "*Do* que o menino mais gostava era jogar futebol", "Do que ninguém desconfiava era que a moça fosse espiã", nas quais, a bem da eufonia, se contrai o *de* com o pronome demonstrativo *o*, sujeito da segunda oração.

O objeto direto prende-se ao verbo sem o auxílio da preposição. Todavia, em determinados casos, como atrás se viu, pode esse termo vir preposicionado:

"O marido era rico, e ela sem escrúpulo arruiná-lo-ia, **a ele** e **ao papá Monforte**."
(EÇA DE QUEIRÓS)

Conforme foi explanado anteriormente, o objeto indireto é sempre regido de preposição, clara ou implícita. A preposição está implícita nos pronomes objetivos indiretos *me*, *te*, *se*, *lhe*, *nos*, *vos*, *lhes*:

Ele obedece-**me**. [= Ele obedece *a mim*.]
Eu obedecia-**lhe**. [= Eu obedecia *a ele*.]

As orações objetivas indiretas normalmente são regidas pela preposição:

Gosto **de** que vivam felizes.
Lembra-te **de** que a vida é breve.
Persuadiu-os **a** que fugissem.

Todavia, frequentemente omitem os escritores o nexo prepositivo:

"Não se dignou **abrir os olhos**." (J. GERALDO VIEIRA) [= *de* abrir os olhos]

"Esqueceu-se **que tenho cinquenta anos**?" (CAMILO CASTELO BRANCO) [= *de* que tenho...]

"Ambos concordaram **que essas ideias não tinham senso comum**." (MACHADO DE ASSIS) [= *em* que essas ideias...]

"Duvido muito **que ninguém fosse mais generoso** do que eu." (MACHADO DE ASSIS) [= Duvido muito *de* que...]

"Não gostaria **que João Brandão se lembrasse** de oferecer-me o cavalo." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE) [= Não gostaria *de* que...]

Convenhamos **(em) que o preço desses remédios é exorbitante**.

Na língua culta formal, convém não omitir a preposição.

3 OS PRONOMES OBJETIVOS *O(S), A(S), LHE(S)*

- Os pronomes objetivos substituem substantivos da mesma função:

a) Os pronomes *o*, *a*, *os*, *as* usam-se como objetos diretos dos verbos transitivos diretos e dos transitivos diretos e indiretos:

Estimo **aquele colega**. _____ Estimo-**o**.
Convido **os amigos**. _____ Convido-**os**.
Deixa **o menino** brincar. _____ Deixa-**o** brincar.
Obrigou **as filhas** a trabalhar. _____ Obrigou-**as** a trabalhar.
Considero **Olívia** inteligente. _____ Considero-**a** inteligente.

b) Os pronomes *lhe*, *lhes* formam o objeto indireto dos verbos transitivos indiretos e dos transitivos diretos e indiretos:

Obedece **a teu superior**. _____ Obedece-**lhe**.
Não batas **nos animais**. _____ Não **lhes** batas.

O rei perdoou **ao servo**. _____ O rei perdoou-**lhe**.
O cliente pagou **ao médico**. _____ O cliente pagou-**lhe**.
Resistimos **aos invasores**. _____ Resistimos-**lhes**.
Recomendo prudência **aos jovens**. _____ Recomendo-**lhes** prudência.

c) Certos verbos transitivos indiretos repelem os pronomes *lhe*, *lhes*, sendo, por isso, construídos com as formas retas preposicionadas:

Aspiro **ao título**. _____ Aspiro **a ele**.
Assistimos **à festa**. _____ Assistimos **a ela**.
Refiro-me **a João**. _____ Refiro-me **a ele**.
Aludiram **a teus irmãos**. _____ Aludiram **a eles**.
Recorri **ao ministro**. _____ Recorri **a ele**.
Dependo **de Deus**. _____ Dependo **dEle**.
Prescindimos **de armas**. _____ Prescindimos **delas**.

d) Os verbos *deixar*, *fazer*, *mandar* e *ver*, na língua culta, constroem-se com os pronomes oblíquos *me*, *o*, *a*, os, *as*, e não com os retos *eu*, *ele*, *ela*, *eles*, *elas*:

Deixe-**me** ver. Faço-**os** andar.
Deixe-**o** sair. Mande-**as** entrar.
Deixe-**a** levar o cão. Vejo-**os** sair todos os dias.

- As orações adjetivas são regidas de preposição sempre que esta for reclamada pelo verbo que as constitui.

Aspiro **a** um cargo. _____ Eis o cargo **a que aspiro**.
Gosto **de** festas. _____ Eis as festas **de que mais gosto**.
Entretive-me **com** ele. _____ Este é o amigo **com quem me entretive**.
Preste atenção **a** isto. _____ Eis uma coisa **a que deve prestar atenção**.
Assisti **ao** início da festa. _____ A festa **a cujo início** assisti acabou tarde.

"Este é o mundo **a que vim**, de pedra e sonho." (Dante Milano)

"Assim imaginava Anselmo a casa de Rui Vaz, **à qual se dirigia pela primeira vez**." (Coelho Neto)

"Chegados ao quintalejo, abancavam debaixo de uma parreira, **em cujos troncos as matronas penduravam as mantilhas e eles as casacas**." (Camilo Castelo Branco)

- As orações completivas nominais são, normalmente, regidas de preposição. Em certos casos, porém, pode-se omitir o nexo prepositivo:

Tínhamos certeza **de que João era inocente**.

"Tenho medo [de] **que minha mãe me repreenda**." (Mário Barreto)

"Juca estava ansioso [por] **que ela partisse**." (Jorge Amado)

"Não há dúvida [de] **que Luís Dutra exultava de felicidade**." (Machado de Assis)

"Não estou certo **se ele poderia atinar facilmente com um trecho de Tertuliano**." (Machado de Assis)

Na língua culta formal, convém não omitir a preposição.

REGÊNCIA NOMINAL

Certos substantivos e adjetivos admitem mais de uma regência. A escolha desta ou daquela preposição deve, no entanto, obedecer às exigências da clareza e da eufonia e adequar-se aos diferentes matizes do pensamento. Exemplos:

▪ Amor

Tenha amor **a** seus livros.

Os pais incutiram-lhe o amor **do** estudo.

"Com efeito, o amor **do** próximo era um obstáculo grave à nova instituição." (MACHADO DE ASSIS)

"Meu amor **pelos** moços divinizava outrora a mocidade." (RUI BARBOSA)

"Marcela morria de amores **pelo** Xavier." (MACHADO DE ASSIS)

Observação:

✔ Modernamente preferem-se as preposições *a* e *por*: amor *ao* trabalho, amor *à* patria, amor *pelas* coisas da natureza, etc.

▪ Ansioso

"Olhos ansiosos **de** novas paisagens." (LUÍS JARDIM)
"Ansioso **de** emoções desusadas." (CAMILO CASTELO BRANCO)
"Estava ansioso **de** se libertar da presença de Amaro." (FERREIRA DE CASTRO)
"Estava ansioso **por** vê-la." (CAMILO CASTELO BRANCO)
"Estou particularmente ansioso **para** ler qualquer história..." (ÉRICO VERÍSSIMO)
"Eu estava ansioso **para** rever a Rua da Fábrica." (POVINA CAVALCÂNTI)

Apresentamos aqui uma pequena relação de substantivos e adjetivos acompanhados de suas preposições mais usuais:

acessível *a*
afável *com, para com*
afeição *a, por*
aflito *com, por*
alheio *a, de*
atentatório *a, de*
aversão *a, para, por*
avesso *a*
aliado *a, com*
análogo *a*
antipatia *a, contra, por*
apto *a, para*
atencioso *com, para com*
imune *a, de*
indulgente *com, para com*
inerente *a*

coerente *com*
compaixão *de, para com, por*
compatível *com*
conforme *a, com*
constituído *com, de, por*
contente *com, de, em, por*
contíguo *a*
cruel *com, para, para com*
curioso *de, por*
desgostoso *com, de*
desprezo *a, de, por*
devoção *a, para com, por*
devoto *a, de*
dúvida *acerca de, de, em, sobre*
empenho *de, em, por*
fácil *a, de, para*
falho *de, em*
feliz *com, de, em, por*
fértil *de, em*
hostil *a, para com*
junto *a, de*
lento *em*
pasmado *de*
passível *de*
peculiar *a*
pendente *de*
preferível *a*
propício *a*
próximo *a, de*
rente *a*
residente *em*
respeito *a, com, de, para com, por*
simpatia *a, para com, por*
situado *a, em, entre*
solidário *com*
suspeito *a, de*
último *a, de, em*
união *a, com, entre*
versado *em*
vizinho *a, com, de*

Observação:

✔ Alguns advérbios terminados em *-mente* requerem a mesma preposição dos adjetivos de que derivam.

Exemplos:

favorável *a*	favoravelmente *a*
concomitante *com*	concomitantemente *com*
independente *de*	independentemente *de*

EXERCÍCIOS LISTA 54

1. Escreva as frases substituindo o * pelas preposições adequadas, contraindo-as com o artigo quando for o caso:

a) Meus olhos estavam ansiosos * novas paisagens.
b) Estou solidário * você.
c) Exercia suas funções concomitantemente * às de cônsul.
d) Sentia-se feliz * vê-la assim.
e) O filme foi proibido: tinha cenas atentatórias * bons costumes.
f) Hélio tinha aversão * política, era coerente * seus princípios.
g) Procure divertimentos compatíveis * sua formação moral.
h) Um homem encapuzado passou rente * parede.
i) O amor do indivíduo * si mesmo não deve levar à egolatria.
j) O professor era indulgente * nossos erros.

k) Estávamos pasmados * ouvi-lo falar assim.
l) O velho Moura era pouco afeito * vida social.
m) Tinha mais afeição * uma que * outra.
n) Houve dissidência * os membros do partido.
o) Pendentes * teto, oscilavam as lâmpadas.
p) Aconselho a consulta * dicionários e * enciclopédias.

2. Transcreva as frases em que não há erro de regência nominal:

a) É preferível um inimigo declarado do que um amigo falso.
b) No mundo inteiro houve manifestações de repulsa ao bárbaro crime.
c) Eram conhecidas as pretensões estrangeiras sobre a Amazônia.
d) Havia orquídeas em profusão, algumas em vasos pendentes do teto.

3. Substitua os * como fez no exercício 1, atendendo à regência dos nomes em destaque:

a) Construiremos portos **acessíveis** * qualquer navio.
b) Ela costurava numa saleta **contígua** * cozinha.
c) Esse crime é **passível** * pena de reclusão.
d) Ele exerce atividades **incompatíveis** * o seu cargo.
e) Socorreu-me um senhor **residente** * Av. Atlântica.
f) A arquitetura desse prédio é **análoga** * do nosso.
g) O sentimento de liberdade é **inerente** * ser humano.
h) A **chegada** do cantor * Brasília passou despercebida.
i) É **preferível** sofrer injustiças * cometê-las.
j) Ele é um escritor culto, muito **versado** * Astronomia.
k) A terra e o clima eram **propícios** * cultura da soja.
l) Luís era um homem calmo, **avesso** * discussões.

4. Destaque do exercício 3 os termos regidos [= dependentes] dos nomes:

a) residente b) chegada c) avesso

5. Escreva as frases dando complementos adequados aos nomes em destaque:

a) Não temos **antipatia** * .
b) Ninguém está **imune** * .
c) Ela estava **ansiosa** * .
d) Vítor não foi julgado **apto** * .
e) Ele tinha **aversão** * .
f) O guarda era **suspeito** * .

6. Substitua os asteriscos em cada frase pelo conjunto adequado:
a quem – de que – de quem – por quem

a) Trouxe-lhe dessas flores ********* os campos estão cheios.
b) Este é um artista ********* sempre tive admiração.
c) Ela não ouvia bajuladores, ********* tinha profunda aversão.
d) Severino foi à festa de São José, ********* era grande devoto.

REGÊNCIA NOMINAL
Exercícios de exames e concursos
[Página 688]

REGÊNCIA VERBAL

1 REGÊNCIA E SIGNIFICAÇÃO DOS VERBOS

Há verbos que admitem mais de uma regência sem mudar de sentido. Exemplos:

A aurora *antecede* o dia.
A aurora *antecede ao* dia.

José não *tarda a* chegar.
José não *tarda em* chegar.

A ventania *precedeu* a chuva.
A ventania *precedeu à* chuva.

Esforcei-me por não contrariá-lo.
Esforcei-me para não contrariá-lo.

Cumpriremos o nosso dever.
Cumpriremos com o nosso dever.

Desfrutemos os bens da vida.
Desfrutemos dos bens da vida.

Outros verbos, pelo contrário, assumem outra significação, quando se lhes muda a regência:

Aspirei o aroma da flores. [= sorver, absorver]
Aspirei ao sacerdócio. [= desejar, pretender]

Bonifácio *assistiu* ao jogo. [= presenciar, ver]
O médico *assistiu* o enfermo. [= prestar assistência, ajudar]

Olhe para ele. [= fixar o olhar]
Olhe por ele. [= cuidar, interessar-se]

Ele não *precisou* a quantia. [= informar com exatidão]
Ele não *precisou* da quantia. [= necessitar]

2 REGÊNCIA DE ALGUNS VERBOS

Consignamos aqui alguns verbos com suas regências e acepções na língua atual. Antes, porém, julgamos oportuno remeter o estudante ao capítulo que trata da predicação verbal. (páginas 336-340)

▪ Abdicar

Significa *renunciar* (ao poder, a um cargo, título, dignidade), *desistir*. Pode ser intransitivo, transitivo direto ou transitivo indireto (preposição *de*):

D. Pedro I *abdicou* em 1831.

"D. Pedro *abdicou* a coroa na pessoa de sua filha D. Maria da Glória." (VIRIATO CORRÊA)

A beldade *abdicou* o seu título de rainha.

Não *abdicarei de* meus direitos.

▪ Agradar

a) No sentido de *causar agrado, contentar, satisfazer, aprazer,* usa-se, hoje, mais frequentemente, com objeto indireto, sendo o sujeito da oração nome de coisa [uma coisa *agrada* a alguém]:

A canção *agradou ao público.*
Minha proposta não *lhe agradou.*
"Vicente desviou o assunto, que não *lhe agradava.*" (RAQUEL DE QUEIRÓS)
"*À velha agradara* sobretudo a sem-cerimônia do jovem capitalista." (MONTEIRO LOBATO)

Escritores modernos usam-no também, nesta acepção, com objeto direto, quando o sujeito é nome de pessoa [*alguém* agrada *alguém*]:

"Sua intenção parecia ser a de *agradar o médico* para obter um melhor resultado favorável." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

"Procura *agradá-lo* de toda forma." (CIRO DO ANJOS)

"Tia Quiquinha continuava querendo *agradá-lo.*" (EDY LIMA)

"Anselmo era chefe do departamento pessoal e vários funcionários sentiam prazer em *agradá-lo.*" (JOSÉ FONSECA FERNANDES)

Observação:

✔ No Brasil, "agradar alguém" pode significar, conforme o contexto, "fazer carinhos ou agrados", como nesta frase de Graciliano Ramos, em que ele se refere a sua mãe: "Quando cresci e tentei *agradá-la*, recebeu-me suspeitosa e hostil".

b) Usa-se como verbo intransitivo na acepção de *causar satisfação, ser agradável* ou *atraente.*

A exibição do grupo de balé não *agradou.*

Em certas horas, nada *agrada* tanto quanto uma boa música.

Cuidam muito de sua aparência para *agradar.*

c) Apresenta-se com a forma pronominal, no sentido de *gostar*:

Leila *agradou-se* muito do rapaz.

A virtude *de* que Deus mais *se agrada* é a humildade.

▪ Ajudar

Constrói-se com objeto direto de pessoa:

Antônio *ajudava o pai* na roça.
Nós *os ajudaremos.*
Elas não queriam que *as ajudássemos.*
Eu *ajudava-o* a subir a escada.
"O professor pediu que *o ajudassem* a afastar a pedra." (JOSÉ J. VEIGA)

- **Aludir**

a) Significa *fazer alusão a, referir-se a,* e se constrói com objeto indireto:

Na conversa, *aludiu-se* brevemente *ao* seu novo projeto.

Nenhum historiador *alude a* esse triste episódio.

A que o senhor *está aludindo?*

O jornal *a* que o ministro *aludiu* lhe fazia duras críticas.

b) Não admite, como complemento, o pronome *lhe*:

Como o caso era melindroso, não *aludi a ele* [e não *lhe aludi*].

Aquela moça o destratara, mas ele nem sequer *aludiu a ela*.

- **Ansiar**

a) Na acepção de *causar mal-estar, angustiar,* é transitivo direto:

"O cansaço *ansiava-o*." (CAMILO CASTELO BRANCO)

b) Significando *desejar ardentemente*, usa-se, em geral, como transitivo indireto (preposição *por*), e às vezes como transitivo direto, com ideia intensiva:

"*Ansiava pelo* novo dia que vinha nascendo." (FERNANDO SABINO)

"*Ansiava por* me ver fora daquela casa." (MACHADO DE ASSIS)

"*Ansiou por* ir ao seu encontro." (GARCIA DE PAIVA)

"O seu coração *anseia* um confidente." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Viagem longa é para quem *anseia* voltar." (JORGE AMADO)

"Minha alma *anseia* o infinito." (AMADEU DE QUEIRÓS)

Observação:

✔ A regência correta é "ansiar *por* alguma coisa" e não "ansiar *em* alguma coisa": Ansiava *por* me ver livre daquele sofrimento.

- **Aspirar**

a) Transitivo direto na acepção de *inalar, sorver, tragar* (ar, perfume, pó, gás, etc.):

"Calixto *aspirou* o aroma das flores..." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Há máquinas que *aspiram* o pó do assoalho." (J. MESQUITA DE CARVALHO)

"Aspirou profundamente o ar cálido." (VILMA GUIMARÃES ROSA)

b) Transitivo indireto (preposição *a*), no sentido de *desejar, pretender*:

Eles *aspiravam a* altos cargos, *a* altas dignidades.

Eu *aspirava a* uma posição mais brilhante.

"O orador *aspirava à* notoriedade..." (CARLOS DE LAET)

"Nem em sonhos cheguei a *aspirar a* tal emprego." (CIRO DOS ANJOS)

Jaime *aspirava a* ser médico para atender a população pobre.

"Dizia que era a maior dignidade *a* que podia *aspirar*." (MACHADO DE ASSIS)

"A magistratura o seduzia, prometia aquilo *a* que mais *aspirava*, segurança, respeitabilidade." (ONDINA FERREIRA)

• Neste sentido, o verbo *aspirar* não se constrói com os pronomes *lhe, lhes*, mas sim com as formas retas regidas de preposição [*a ele(s), a ela(s)*]:

Não invejo essas honrarias nem *aspiro a elas*.

"Na academia teria um lugar de direito, se *aspirasse a ele*, o historiador ora desaparecido." (HÉLIO DAMANTE)

▪ Assistir

a) Transitivo direto, quando significa *prestar assistência, confortar, ajudar*, de acordo com a prática moderna:

O médico *assiste o* doente.

"O médico já não *o assistia*." (AMADEU DE QUEIRÓS)

"Quem *assistia a paciente* eram mulheres do povo." (POVINA CAVALCÂNTI)

"Ele sofreu sozinho, não *o assisti*." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

"E felizes foram, retorquiu-lhe o castelhano, porque tiveram V. Rev. para *assisti-los* nos seus últimos momentos." (ALPHONSUS DE GUIMARAENS)

"Moças de minissaia *assistiam os fregueses* numerosos." (MARIA JOSÉ DE QUEIRÓS)

Observação:

✔ Nesta acepção, pode ser usado na voz passiva: "O doente é *assistido* pelo médico."; "Os missionários *são assistidos* por Deus."; "Faleiros morria *assistido* por velhos amigos." (AMADEU DE QUEIRÓS)

b) Transitivo indireto (com a preposição *a*), no sentido de *presenciar, estar presente a*:

"Algumas famílias, de longe, na calçada, *assistiam ao* espetáculo." (ANÍBAL MACHADO)

"Populares *assistiam à* cena aparentemente apáticos e neutros." (ÉRICO VERÍSSIMO)

"Ataxerxes *assistia a* tudo." (ANÍBAL MACHADO)

"O gari *a* tudo *assistia* com os olhos esbugalhados." (ASSIS BRASIL)

"Nas missas *a* que *assisto* não há sermão." (J. MESQUITA DE CARVALHO)

"Há um comício feminino, *a* que alguns homens *assistem*." (RICARDO RAMOS)

"*A* quanto espanto *assisti* e ainda *assisto*!" (ROSAMARIA CASTELO BRANCO)

"Eu desejava *assistir à* extinção daquelas aves amaldiçoadas." (GRACILIANO RAMOS)

Por que não *assistes às* aulas?

• Se o objeto for pronome pessoal, não se usam as formas *lhe, lhes*, mas *a ele(s), a ela(s)*:

"Não é propósito nosso descrevermos uma corrida de touros. Todos *têm assistido a elas*..." (REBELO DA SILVA)

"Lá vão os frades celebrar um auto! Não serei eu que *assista a ele*." (ALEXANDRE HERCULANO)

"O vencedor nestes jogos guerreiros tinha de receber um prêmio das mãos do principal personagem que *assistia a eles*." (ALEXANDRE HERCULANO)

"Enfim, mais uma corrida de obstáculos. Vamos *assistir a ela*, curiosos e em dieta de legumes." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

Observação:

✔ Nesta acepção, o verbo *assistir* não admite a voz passiva. Em vez de: "A festa *foi assistida* por altas autoridades", prefira-se dizer: "*À festa assistiram* altas autoridades."

✔ Não obstante, são comuns, na imprensa, frases como esta: "A solenidade de posse *foi assistida* por 89 delegações estrangeiras".

✔ Os próprios escritores condescendem com essa construção: "Uma partida de futebol na Inglaterra *é assistida* por 150 mil pessoas". (PAULO MENDES CAMPOS)

c) Como transitivo indireto, usa-se também no sentido de *caber, pertencer* (direito ou razão):

Assiste ao réu o direito de se defender.

Não *lhe assiste* o direito de oprimir os outros.

Evidentemente não *lhe assistia* razão para reclamar.

d) Constrói-se, mas raramente, com a preposição *em*, no sentido de *morar, residir*:

"Sou obrigado por esta desgraçada posição de deputado a *assistir* mais algum tempo *na capital*." (CAMILO CASTELO BRANCO)

▪ Atender

a) Usa-se, modernamente, com objeto direto, no sentido de:

- acolher ou receber alguém com atenção, responder a alguém que se dirige a nós:

  O diretor *atendeu os alunos*.

  O médico sempre *os atende* bem e lhes dá remédios.

  A professora não *o atendeu*.

  A tenista não *atendeu o repórter*. Ela não quis *atendê-lo*.

  "A Dona Emília tinha de *o atender*." (FERNANDO NAMORA)

- ouvir, conceder, deferir um pedido:

  Deus *atendeu a súplica* de seu servo.

b) Constrói-se com objeto indireto, na acepção de:

- dar atenção a alguém, ouvir-lhe os conselhos, levar em consideração o que alguém nos diz:

  "Não *atendera aos* amigos, fora entregar-se a impostores." (GRACILIANO RAMOS)

- considerar, atentar, prestar atenção a, levar em consideração, satisfazer:

  Atenda bem *ao* [ou *para o*] que lhe digo.

  Atenderemos ao apelo [ou *ao* chamado, *aos* conselhos, *aos* interesses, *às* exigências, *às* reivindicações] de fulano.

  "O Corpo de Bombeiros *atendeu a* doze pedidos de socorro." (*Jornal do Brasil*, 28/9/1982)

  O novo método *atende* perfeitamente *às* exigências do moderno ensino.

  "Se tivesses *atendido ao* meu apelo, tinhas poupado este desgosto e este remorso." (MACHADO DE ASSIS)

  "Vou *atender ao* que me pede..." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

▪ Bater

a) Na acepção de *dar pancadas* (em alguém), exige objeto indireto:

Os colegas mais fortes *batiam nele* (ou *batiam-lhe*) à toa.

Por que batiam *no menino*. Por que *lhe batiam*?

b) Conforme o sentido, diz e escreve-se:

- *Bater a porta*. Fechá-la com força: Furioso, entrou no quarto e *bateu a porta*.
- *Bater à porta*. Bater junto à porta, para que abram ou atendam: "De noite *bateram à porta*, e foi dona Manuela que atendeu". (MARQUES REBELO)
- *Bater na porta*. Dar pancadas na porta ou esbarrar nela: Para acordá-lo, era preciso *bater na porta* do quarto dele.

▪ Chamar

a) Transitivo direto (construído com objeto direto):

O rei *o chamou* à sua presença.

Ninguém *o chamou* aqui, moço. (certo)

Ninguém *lhe chamou* aqui, moço. (errado)

O objeto direto pode vir regido da preposição de realce *por*:

Chamei por você com insistência, não me ouviu?

A menina teve medo e *chamou pela* mãe.

"*Chamou por* um escravo." (MACHADO DE ASSIS)

b) Construído com objeto seguido do predicativo, admite as seguintes regências:

Chamaram-no charlatão.

Chamaram-lhe charlatão.

Chamaram-no de charlatão.

Chamaram-lhe de charlatão.

"Os gregos *chamavam*, desprezivelmente, *metecos* os que não eram de Atenas." (AFRÂNIO PEIXOTO)

"Nós o *chamávamos tiozinho* e brincávamos com ele como um boneco." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"O povo *chamava-o maluco*." (José Lins do Rego)

"Os naturais do lugar *chamam taperás às avezinhas* singulares que ali vão dormir." (Salvador de Mendonça)

"*A nenhuma chamarás Aldebarã*." (Rubem Braga)

"Há umas granadas de mão, redondas e pequenas, *a que chamam laranjas*." (Antônio Gedeão)

"Justino *chamava-a de mãezinha*." (Herman Lima)

"Um sujeito barbudo, dirigindo um fusca, *chamou-o de molenga*." (Lourenço Diaféria)

"Você *chama de espevitada uma pessoa* a quem não conhece." (Carlos Drummond de Andrade)

"No norte do Brasil *chamam ao diabo de cão*, o cão do inferno." (João Ribeiro)

"*Aos nativos* Colombo *chamou de índios*." (Millôr Fernandes)

▪ Chegar

Na língua culta, o adjunto adverbial de lugar do verbo *chegar* é regido da preposição *a*:

Chegamos a [e não *em*] São Paulo pela manhã.

A noiva *chegou à* [e não *na*] igreja às 18 horas.

O lugarejo *a* que *chegamos* fica entre morros.

Vejam *a* que ponto *chegou* a audácia desses criminosos!

"Ao alvorecer devemos *chegar às* portas de Jerusalém." (Eça de Queirós)

Na linguagem coloquial, admite-se a preposição *em*:

Chegamos *em* São Paulo no dia seguinte.

Ele chegou *na* cidade ao meio-dia.

As crianças chegaram *em* casa exaustas.

Os verbos *ir* e *vir* têm a regência de *chegar*. Fomos *a* Belém. Fui *à* feira. Não sei *a* que reunião eles foram. *A* que loja o senhor foi? Vieram *à* cidade fazer compras.

É oportuno lembrar que o verbo *chegar* concorda normalmente com o sujeito:

Chegaram [e não *chegou*] visitas à casa do vizinho.

Chegam a Brasília os novos embaixadores.

Talvez *cheguem* a vinte mil reais as despesas da família.

Que mais ele quer? Não *chegam* [= bastam] os bens que possui?

▪ Contentar-se

Constrói-se com objeto indireto (ou oração objetiva indireta) regido das preposições *com*, *de* ou *em*:

"*Contentam-se com* despedi-los." (Carlos de Laet)

"*Contento-me com* os raios desse ocaso." (Visconde de Taunay)

"*Contentei-me de* responder que não era tarde." (MACHADO DE ASSIS)

"*Contentava-se em* bater palmas de longe." (ANÍBAL MACHADO)

"Não dá aula, *contenta-se em* ir de uma à outra sala." (J. GERALDO VIEIRA)

▪ Custar

a) No sentido de *ser custoso, difícil*, emprega-se na 3ª pessoa do singular, tendo como sujeito uma oração reduzida de infinitivo, a qual pode vir precedida da preposição expletiva *a*:

"*Custa-me* dizer que acendeu um cigarro." (MACHADO DE ASSIS)

"*Custa* muito corrigir um erro." (ANTÔNIO HOUAISS)

"*Custa-lhe* reconhecer um rosto que se aproxima sorrindo." (ANÍBAL MACHADO)

"*Custou-me* muito *a* brigar com Sabina." (MACHADO DE ASSIS)

"*Custa a* crer que uma centena de homens..." (RUI BARBOSA)

Observações:

✔ A construção lógica é a sem preposição. *Custa* [= é custoso] crer que...

✔ Popularmente, usa-se este verbo em todas as pessoas, com as acepções de *ter dificuldade, demorar*: *custo a crer, custas a entender, ele custou a chegar, custamos a acreditar, custais a aceitar, custam a vir, custei a entender*, etc., formas estas ainda não sancionadas pelos gramáticos, embora já apadrinhadas pelos escritores modernos:

"*Custei a* acreditar que fosse goiana." (ORÍGENES LESSA)

"A árvore *custara a* cair." (COELHO NETO)

"*Custas a* vir e, quando vens, não te demoras." (CECÍLIA MEIRELES)

"Como *custaram a* passar os últimos três meses!" (JOSUÉ MONTELO)

"A menina *custou a* aparecer." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

b) Na acepção de *acarretar trabalhos, causar incômodos, sofrimentos, prejuízos*, etc., é transitivo direto e indireto:

A conquista do pão *custa ao pobre* muitos sacrifícios.

A imprudência *custou-lhe lágrimas amargas* e três anos de prisão.

"*Custar-te-emos* contudo *dura guerra*." (LUÍS DE CAMÕES) [custar-te-emos = custaremos a *ti*]

▪ Deparar

Apresenta as seguintes regências:

a) Transitivo direto, significando *dar com, encontrar*:

Nas aflições é tão bom *deparar* alguém que nos ajude!

"Em *deparando* um colega leal, abro-me, ofereço-me até as últimas consequências." (FERNANDO NAMORA)

b) Transitivo indireto (preposição *com*), com a mesma significação:

"O marquês de Luso não *deparou* nunca *com* o inimigo." (CAMILO CASTELO BRANCO)

c) Transitivo direto e indireto, no sentido de *fazer aparecer, apresentar*:

"E pedia ao padre Santo Antônio que *lhe deparasse a cabra perdida*." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"A ciência do naturalista não *deparou a solução ao problema*." (CARLOS DE LAET)

d) Transitivo indireto (preposição *a*) e pronominal no sentido de *apresentar-se, oferecer-se, surgir*, tendo como sujeito a coisa ou a pessoa que se apresenta, que aparece.

Deparou-se enfim *ao rapaz* uma boa oportunidade.

"*Depara-se-lhe* na esquina um velho amigo." (CELSO LUFT)

"*Depararam-se-me* coisas estranhas." (VITÓRIO BERGO)

"As multiplicadas ocasiões que se *lhe deparam* de estudar." (CARLOS DE LAET)

Em resumo, pode-se dizer:

Deparei alguém ou alguma coisa.

Deparei com alguém ou com alguma coisa.

Deparou-se-me alguém ou alguma coisa.

O destino (ou a sorte, o acaso, etc.) *me deparou* alguém ou alguma coisa.

▪ Dignar-se

Seu complemento é regido da preposição *de*, a qual pode ser omitida, sem alteração do sentido da frase:

"Ele azeitava uma espingarda, sem *dignar-se de* levantar os olhos para mim." (OTO LARA RESENDE)

"Rogo a Vossa Excelência *se digne de* expedir suas respeitáveis ordens para que o cadáver seja transportado ao necrotério e se proceda ao corpo de delito." (MACHADO DE ASSIS)

"Quando o cirurgião-chefe *se dignava* terminar seu jantar..." (FERNANDO NAMORA)

"Não *se dignou* abrir os olhos." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

Digne-se Vossa Excelência ouvir as razões de minha renúncia.

▪ Ensinar

Admite, entre outras, as duas seguintes regências:

a) *Ensino* a dança *a* João. *Ensino-lhe* a dança.

"Mande *ensinar-lhe* Medicina." (MACHADO DE ASSIS)

"Vou *ensinar-lhe* o caminho." (ANTÔNIO HOUAISS)

b) *Ensino João a* dançar. *Ensino-o a* dançar.

"*Ensinou o primeiro rei português a* ser honrado." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"... para *ensiná-lo a* respeitar o 5º mandamento." (VALENTIM MAGALHÃES)

"*Ensina-o a* converter cada espinho em flor." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"*Ensinei-a a* libertar-se das amarras..." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

"Gomes Carneiro o *ensinará a* amar o índio." (EDILBERTO COUTINHO)

- **Entreter-se** (= divertir-se, ocupar-se)

Seu complemento é regido das preposições *a*, *com* ou *em*:

De noite *entretinha-se a* ouvir música.

As crianças *entretiveram-se com* seus brinquedos.

Às vezes *nos entretínhamos em* recordar o passado.

- **Esquecer** e **lembrar**

a) Estes verbos admitem as seguintes construções:

Esqueci o nome dele.	*Lembro* um caso antigo.
Esqueci-me do nome dele.	*Lembro-me de* um caso antigo.
Esqueceu-me o nome dele.	*Lembra-me* um caso antigo.

O que nas duas primeiras construções é objeto, passa a sujeito na terceira: "O nome dele esqueceu-me", isto é, "apagou-se da memória", "saiu da lembrança".

Essa última construção, corrente entre portugueses, é menos conhecida no Brasil, onde a usaram os nossos escritores clássicos:

"*Esqueceu-me* o teu nome." (CÂNDIDO DE FIGUEIREDO)

"Nunca *me esqueceu* esse fenômeno." (MACHADO DE ASSIS)

"*Lembra-me* que não chorei." (MACHADO DE ASSIS)

"Ainda *me lembram* as palavras dele." (MÁRIO BARRETO)

"*Esqueceu-me* comunicar-lhe que..." (CIRO DOS ANJOS)

"*Esqueceram-lhe* os dias felizes." (*Aurélio*)

Observação:

✔ Esse último tipo de construção ocorre com outros verbos, como *admirar*, *alegrar*, etc:

Admira-me que Aurélio não tenha vencido a luta.

"Não admira que ela me preferisse." (MACHADO DE ASSIS)

Alegra-me saber que sua empresa vai de vento em popa.

É corrente em Portugal e raro no Brasil o emprego de *esquecer* como verbo intransitivo, na acepção de "apagar-se da memória", "cair no esquecimento":

Os fatos acontecem, passam e *esquecem*.

"As particularidades da guerra *esqueceram* com o decurso dos anos." (ALEXANDRE HERCULANO)

b) Na língua culta são consideradas errôneas as construções "esquecer de alguém", "esquecer de alguma coisa", "lembrar de alguém", "lembrar de alguma coisa", com os verbos despronominados, como nas frases:

Esqueci de meu compromisso [ou do livro, ou de minha promessa].

Você *esqueceu de* nós?

Meu pai *esqueceu de* ir à reunião.

Eles *esqueceram de* que era feriado.

Ele não *lembrou de* seu amigo [ou de sua promessa].

Não *lembrei de* que era feriado [ou de pagar a conta].

Construções corretas, na língua culta:

Esqueci-me de meu compromisso [ou do livro, da promessa].

Meu pai *esqueceu-se de* ir à reunião.

Ele não *se lembrou de* seu amigo [ou do livro, da promessa].

Não *me lembrei de* que era feriado [ou de pagar a conta].

Em síntese, na língua culta, os verbos *esquecer* e *lembrar*, quando usados com a preposição *de*, são pronominais:

"*Esquecia-me*, porém, *de* que ignorava a sua real medida." (NÉLIDA PIÑON)

"*Lembra-te*, Belmiro, *de* que essas bodas são impossíveis." (CIRO DOS ANJOS)

"*Esquecia-me de* dizer que, à noite passada, ouvimos novamente esturros de onça." (GASTÃO CRULS)

c) Usados como transitivos diretos, eis como se devem construir esses verbos:

Esqueça essa mulher. *Esqueça-a*.

Não *esqueçamos que* [e não *de que*] a saúde tem seu preço.

Ele *esqueceu como* [e não *de como*] se abre o cofre.

O professor *lembrou a* [e não *da*] importância do voto.

Ele *lembrou que* [e não *de que*] é importante votar.

A casa, os móveis, o jardim, tudo *lembrava* nossa mãe.

Tudo *a lembrava*, a casa, os móveis, o jardim...

▪ Implicar

a) No sentido de *trazer como consequência, acarretar*, é verbo transitivo direto, isto é, constrói-se com objeto direto:

A assinatura de um contrato *implica* a aceitação de todas as suas cláusulas.

O desrespeito às leis *implica* sérias consequências.

O Congresso rejeitará medidas que *impliquem* aumento de impostos.

"Não há máquina que não *implique* aplicação maior ou menor de ferro." (MONTEIRO LOBATO)

Nesta acepção, é censurada a regência indireta (preposição *em*), como na frase:

A quebra de um compromisso *implica em* descrédito.

b) Constrói-se com dois complementos, no sentido de *envolver, enredar, comprometer*:

Negócios ilícitos o *implicariam em* vários crimes.

Falsos amigos *implicaram* o jornalista na conspiração.

c) Na acepção de *promover rixas, mostrar má disposição para com alguém*, é transitivo indireto:

Ele era uma criatura que *implicava com* todo o mundo.

▪ Informar

Apresenta as seguintes regências:

a) Infelizmente não posso *informá-lo* agora.

b) O ministro *informou o povo sobre* a (ou *a respeito da*) situação financeira do país.

"*Informou-me sobre* o caminho para Andorra." (Ferreira de Castro)

c) *Informei-me do* preço das mercadorias.

"Informe-se com o ascensorista." (*Dicionário Mirador*)

d) O general *informou-se* minuciosamente *sobre* a posição das tropas inimigas.

e) "Em todas as povoações *o informavam de* que o duque passara duas horas antes." (Camilo Castelo Branco)

Informamos os interessados de que as inscrições estão abertas.

f) "Apenas *lhe informaram* que os bens de Domingos Leite haviam sido confiscados." (Camilo Castelo Branco)

Não *lhe* posso *informar* se este imóvel está à venda.

"Seu emissário *lhe informara* que a busca da bomba..." (Érico Veríssimo)

g) "Este é um jornal que *informa*." (*Aurélio*)

h) O cidadão nem sempre *é informado sobre* os seus direitos.

Observação:

✔ Muitos gramáticos tacham de incorreta a construção **f** (informou-lhe que...), só admitindo a **e** (informo-o de que...). Assim também para o verbo avisar: "Aviso-o de que desisti", preferível a "Aviso-lhe que desisti".

▪ Investir

a) No sentido de *dar posse* ou *investidura, empossar*:

O governo *o investiu no* cargo de presidente da empresa.

Ele *foi investido nas* funções de ministro.

"O barbeiro declarou que *estava investido de* um mandato público." (Machado de Assis)

b) Na acepção de *fazer investimentos, empregar dinheiro*:

A empresa *investiu* ali enormes capitais.

Ele *investe* parte dos lucros *em* pesquisas científicas.

Investir em tecnologia, *na* compra de ações, *em* imóveis, etc.

c) No sentido de *atacar, acometer, arremeter,* pode ser:

- transitivo direto:

  "Quando a onda *investe* a praia." (MACHADO DE ASSIS)

- transitivo indireto (preposição *com* ou *contra*):

  "Sanción, seguido de seus nove companheiros, *investiu* com os árabes." (ALEXANDRE HERCULANO)

  "*Investia* como um cego *contra* as paredes." (CAMILO CASTELO BRANCO)

  O touro, enfurecido, *investiu contra* (ou *com*) o toureiro.

▪ Lembrar

Veja *esquecer.*

▪ Morar

a) Antes do substantivo *rua* e de outros que designam logradouros públicos, usa-se morar com a preposição *em*, devendo-se evitar a preposição *a*:

João *mora na* Rua Itu (e não *à* Rua Itu).

"Eu *morava na* Rua do Bispo, numa casa de azulejo de quatro andares." (CAMILO CASTELO BRANCO)

Morávamos na Av. Brasil.

Meus tios *moram na* Praça Tiradentes.

A rua *em* que *moramos* fica na periferia da cidade.

Em que rua você *mora*? – *Moro na* antiga Rua Montenegro, em Ipanema.

b) A preposição *a* tem cabimento em construções do tipo:

Moro a cem metros da estrada.

Morávamos a pouca distância da praia.

▪ Namorar

a) A regência correta é *namorar alguém* e não *namorar com alguém*:

Joaquim *namorava* a filha do patrão.

Ela *namora* um oficial da Marinha.

Trabalha com a atriz, mas não *a namora*.

"Nem sei mesmo explicar por que ele *namora* a filha do chefe de Seção, que é de condição modesta." (CIRO DOS ANJOS)

"Ele também *namorou-a* publicamente, defronte do palacete dos Vargas." (EÇA DE QUEIRÓS)

"O capitão Nonato *namorava* a mulher de quem queria." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"... como se quisessem *namorar* todas as moças da vizinhança." (MACHADO DE ASSIS)

Observação:

✔ Embora defendida por alguns dicionaristas, não se recomenda a regência indireta *namorar com alguém*.

b) Usa-se *namorar* também nas formas intransitiva e pronominal:

Aos doze anos ele já *namorava*.

O conde *namorou-se (ou, mais usual, enamorou-se)* da princesa.

Na festa, vimos meninas e rapazes *namorando-se*.

"*Namorei-me da* filha dele, D. Rufina, moça de dezenove anos." (MACHADO DE ASSIS)

▪ Obedecer

Constrói-se, modernamente, com objeto indireto:

Os filhos *obedecem aos* pais.

O filho *obedece-lhes* em tudo.

Os corpos *obedecem à* lei da gravidade.

"Os passeios sempre *obedeciam a* horários." (MARIA DE LOURDES TEIXEIRA)

"Os coqueiros eram senhores *a* que os trabalhadores *obedeciam*." (LÊDO IVO)

Observações:

✔ Embora transitivo indireto, admite a forma passiva:

Os pais *são obedecidos* pelos filhos.

✔ O antônimo *desobedecer* tem o mesmo regime.

✔ Autores modernos constroem o verbo *obedecer* também como objeto direto:

"Eu devia *obedecer minha mãe* em tudo." (JOSÉ J. VEIGA)

▪ Pagar

Admite as seguintes regências:

a) Pagar alguma coisa:

Ele *pagou* a conta e saiu.

Sabe que tem débitos, mas não *os paga*.

"O suborno envilece tanto a mão que o *paga* como a que recebe." (RUI BARBOSA)

b) Pagar a alguém:

Ela ainda não *pagou ao* médico. Vai *pagar-lhe* hoje.

"*Pagava* com pontualidade exemplar *ao* alfaiate e *ao* merceeiro." (ALEXANDRE HERCULANO)

"Corria o risco de se arruinar e não poder *pagar aos* credores." (CIRO DOS ANJOS)

"A mulher do seleiro *pagou-lhe* e ele arrumou-se para sair." (JOSÉ LINS DO REGO)

"Mas Rosinha não precisava saber que o jornal *lhe pagara*." (ORÍGENES LESSA)

Na linguagem informal, neste caso, usa-se geralmente objeto direto: *pagar o médico, pagar os empregados, pagar o colégio.*

c) Pagar alguma coisa a alguém:

Paguei a consulta diretamente ao médico.

Paguei-lhe a consulta com um cheque.

d) Pagar por alguma coisa:

Pagou caro pelos seus crimes.

Quanto *pagou* pela hospedagem?

e) Pagar (sem complemento):

Muitos assistem aos jogos sem *pagar*.

▪ Perdoar

Apresenta as seguintes regências:

a) Transitivo direto, com objeto direto de coisa:

Deus *perdoe* nossos pecados.

Não é fácil *perdoar* ofensas.

Nos clássicos e em escritores modernos aparece, frequentemente, com objeto direto de pessoa:

"O ilustre Persa levemente *o perdoa*." (LUÍS DE CAMÕES)

"Ajoelhou-se ao pé do oratório, os olhos na Virgem do Carmo, para pedir à santa, mais uma vez, que *a perdoasse*." (JOSUÉ MONTELLO)

"Sentia-se forçado a *perdoá-la*." (AMANDO FONTES)

"Nunca mais *a perdoaria*." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

"Queria perdoá-lo, embora com dúvidas, pois sabia que esse homem era um enigma." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

"Deus *o perdoe* e o tenha." (RICARDO RAMOS)

"Ela é Maria e Deus *a perdoe* por não odiar o mar." (ADONIAS FILHO)

"Bruna não *a perdoaria* nunca, se a visse assim." (LÍGIA FAGUNDES TELLES)

b) Transitivo indireto, com objeto indireto de pessoa:

"... *perdoava aos* meus devedores." (MACHADO DE ASSIS)

"Dizei-lhe que *lhe perdoei*." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"A potranquinha bravia ainda não *lhe perdoara*." (CIRO DOS ANJOS)

"Se quisessem, elas *lhes perdoariam*." (GERALDO FRANÇA DE LIMA)

Observação:

✔ Como o verbo *obedecer*, admite a forma passiva:

Ambos *foram perdoados* pelo rei.

Perdoai, para *serdes perdoados*.

"Muita coisa *se perdoa* aos automóveis e aos tufões." (CECÍLIA MEIRELES)

c) Transitivo direto e indireto, com objeto direto de coisa e indireto de pessoa:

Perdoei a dívida ao pobre homem.

Ela não *lhes perdoará* o desprezo com que a tratam.

"*Perdoava-lhe* a ingratidão." (MÁRIO BARRETO)

d) Intransitivo:

Quem não *perdoa* não merece perdão.

▪ Permitir

a) Exige objeto indireto de pessoa:

A empregada *permitiu ao repórter* que entrasse.

O telescópio *permite ao homem* devassar o universo.

b) Constrói-se com o pronome *lhe* e não *o*:

A empregada *permitiu-lhe* que entrasse.

c) Não se usa a preposição *de* antes de oração infinitiva:

O pai lhe *permite sair* sozinha (e não *de sair sozinha*).

Não nos *permitiram permanecer* no local.

Não posso *permitir-me*, sem justo motivo, *infringir* as leis.

▪ Precisar

a) No sentido de *ter necessidade, necessitar,* constrói-se, indiferentemente, com objeto direto ou indireto, mas a língua hodierna tem preferência por este último complemento:

O país *precisa de* agrônomos. Quem não *precisa deles*?

"*Precisava* fazenda macia, pulseiras de ouro." (GRACILIANO RAMOS)

"Mas não há órfã que tanto amparo *precise*." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Um poeta *precisa* apenas *de* lápis e uma folha de papel..." (MANUEL BANDEIRA)

Nas construções em que *precisar* vem acompanhado de infinitivo, pode-se usar a preposição (de); a língua moderna, porém, tende a dispensá-la:

"*Precisava de* amar ardentemente..." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"*Precisavam* ser duros, virar tatus." (GRACILIANO RAMOS)

"Estava esgotado, *precisava* refazer as forças." (ANÍBAL MACHADO)

"*Precisava* ter a cabeça fria." (ANÍBAL MACHADO)

"Essas terríveis pequenas não *precisam de* falar para se entenderem." (CIRO DOS ANJOS)

Eles são ricos, não *precisam* trabalhar tanto.

b) Às vezes usa-se na voz passiva, outras, com sujeito indeterminado:

Precisa-se de bons médicos. [sujeito indeterminado]

Precisa-se de muitos conhecimentos para ser bom professor.

"*Precisam-se* mais conhecimentos para o ler que para o escrever." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Hoje o que mais *se precisa* é *de* silêncios que interrompam o barulho." (MÁRIO QUINTANA)

c) Emprega-se também, na fala popular, como intransitivo, na acepção de *ser necessário*:
Não *precisa* vocês virem tão cedo.
Eram insetos nocivos. *Precisava* que alguém os exterminasse.

d) É transitivo direto no sentido de *indicar com exatidão*:
Ele diz que perdeu muito dinheiro, não sabe *precisar* a quantia.

▪ Preferir

Como transitivo direto e indireto, exige a preposição *a*:
O prisioneiro *preferiu* a morte *à* escravidão.
Prefiro um inimigo declarado *a* um falso amigo.
"*Prefere* ser escravo *a* combater." (Mário Barreto)
"É o que eu faria, se ela me *preferisse a* você." (Antônio Olavo Pereira)
"Tive uma suspeita e *preferi* dizê-la *a* guardá-la." (Machado de Assis)
"*A* se apresentar malvestida *prefere* não ir." (Ciro dos Anjos)
"*Prefere* rezar na mais humilde das igrejas *a* ir rezar na Acrópole." (Agripino Grieco)

Observação:

✔ Esse verbo não se constrói com a locução conjuntiva *do que* nem com o advérbio *mais*:

Prefiro trabalhar *a* passar fome. (certo)
Prefiro trabalhar *do que* passar fome (errado)

Não quero café, *prefiro* a limonada. (certo)
Não quero café, *prefiro mais* a limonada. (errado)

▪ Presidir

Pode ser construído, indiferentemente, com objeto direto ou objeto indireto (preposição *a*):
Presidir ao congresso (ou o congresso).
"Oh, tu, Diana, que *presides ao* destino das nuvens errantes..." (Rubem Braga)
"A bela infanta viera *presidir ao* banquete de seus ricos-homens." (Alexandre Herculano)
"... nalgum tribunal superior, *a* que *presidisse* com beca romana e frases latinas." (Aníbal Machado)
"Dir-se-ia que *presidiam a* uma inquirição." (Fernando Namora)
"O promotor Espínola *preside* a cerimônia." (Ciro dos Anjos)
"Não se sabe ainda quem *presidirá* o país." (Aurélio Buarque de Holanda)
"... os que fizeram o sacrifício de *presidi-la*." (Carlos Drummond de Andrade)
"O banquete *era presidido* pelo Simpatia..." (José J. Veiga)

Observação:

✔ São, portanto, igualmente aceitáveis as construções *presidir a sessão, presidi-la, presidir à sessão, presidir a ela, a sessão foi presidida por fulano.*

▪ Prevenir

Admite as seguintes construções:

A prudência *previne as desgraças.*

Preveni meu irmão.

Devo *preveni-lo.*

Quero *preveni-los do* perigo.

"A sua intuição *preveniu-a* de uma ameaça." (FERNANDO NAMORA)

Preveniu o dono contra o ataque dos indígenas.

Previno-a de que você encontrará dificuldades.

"Devo *prevenir-te* que não venho disposto para fazer via-sacra." (CAMILO CASTELO BRANCO)

Preveniu-se para a luta.

"Eles *se preveniram contra* o inimigo." (J. MESQUITA DE CARVALHO)

▪ Proceder

a) É intransitivo no sentido de *ter fundamento*:

O depoimento da testemunha *procedia.*

"Como a queixa não *procedia*, ela foi arquivada." (CELSO LUFT)

"Esse argumento não *procede*." (CALDAS AULETE)

Não *procedem* as acusações que lhe fazem.

Também é intransitivo na acepção de *comportar-se, agir*:

A senhora *procedeu* bem.

Procedi de acordo com a lei.

O menino *procedia* mal na escola.

Proceda de maneira que não levante suspeitas.

b) Constrói-se com preposição *de*, na acepção de *originar-se, provir, derivar, descender*:

Da ambição humana *procedem* muitos males.

"A língua portuguesa *procede do* latim." (J. MESQUITA DE CARVALHO)

"O Espírito Santo *procede do* Pai e *do* Filho." (*Dicionário Mirador*)

c) Usa-se como transitivo indireto, com a preposição *a*, no sentido de *dar início, levar a efeito, realizar*:

"Entretanto, *procedeu-se ao* inventário dos objetos." (MACHADO DE ASSIS)

Aberta a sessão pelo presidente, o secretário *procedeu à* leitura da ata.

"Depois convidou-os a *procederem à* nomeação do secretário." (J. FELÍCIO DOS SANTOS)

O inquérito *a* que se *procedeu* nada apurou.

▪ Querer

a) Significando *desejar*, pede objeto direto:

Ele não *a quis* para esposa.

"Eu *o quero* obediente e aplicado!" (J. MESQUITA DE CARVALHO)

b) Com a significação de *amar* ou *ter afeto a alguém* ou *alguma coisa*, usa-se como objeto indireto da pessoa ou coisa a que se quer bem:

Do filho que muito *lhe quer*. (nas cartas)

"Jurou que *lhe queria* muito." (MACHADO DE ASSIS)

"Os jesuítas *queriam* muito *ao* noviço." (ADOLFO CAMINHA)

▪ Residir

Como o seu sinônimo *morar*, constrói-se *residir* com a preposição *em* e não *a*, tanto no sentido próprio como no figurado:

O médico *residia na* [e não *à*] Rua Santana.

Residíamos em Copacabana, *na* Av. Atlântica.

A força de uma nação *reside na* capacidade de seus homens.

Observação:

✔ *Residente* e *residência* têm a mesma regência de *residir*:

Vítor Silva, *residente na* Rua Estrela, nº 20, não foi encontrado em casa.

O cantor fixou *residência na* Rua Castro Alves.

▪ Responder

Registramos apenas as construções que merecem atenção.

a) Responder alguma coisa a alguém:

O senador *respondeu ao* jornalista que o projeto do governo sofreria emendas.

Respondeu-lhe que o projeto sofreria emendas.

b) Responder a uma carta, a uma pergunta, a um questionário, etc.:

Ele desconversou, não *respondeu à* pergunta que lhe fiz.

Na prova, ela *respondeu a* todas as questões.

"Não *respondo a* tais cartas." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Natural é que o leitor faça tais perguntas, *às* quais temos obrigação de *responder*." (ALEXANDRE HERCULANO)

"O silêncio *respondeu* sempre *às* sátiras petulantes." (REBELO DA SILVA)

"Ao cabo de alguns meses, Capitu começara a escrever-me cartas, *a* que eu *respondi* com brevidade e sequidão." (MACHADO DE ASSIS)

"Quem *responderá a* essa póstuma chamada?" (CECÍLIA MEIRELES)

"O jornaleiro, já se vê, não é obrigado a *responder a* perguntas desta natureza." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

"Sangue e rios de tinta ainda não *responderam a* essa pergunta." (ROBERTO CAMPOS)

Observação:

✔ Não tem tradição na língua e deve ser evitada a regência direta: responder uma carta; responder uma pergunta; responder as dúvidas dos leitores, etc.

✔ Desaconselhado é também usar *responder* na voz passiva:

As cartas *eram respondidas* pela secretária.

Essas cartas ainda não *foram respondidas*?

Diga-se: Era a secretária que *respondia às* cartas.

Não *se respondeu* ainda *a* essas cartas?

c) Responder por alguma coisa:

Cada um *responde pelos* seus atos.

▪ Reverter

Eis os significados e as regências deste verbo:

a) Voltar ao primitivo estado ou ao que foi antes, regressar:

O homem *reverterá ao* pó.

João, funcionário aposentado, *reverteu à* ativa.

"... *revertendo ao* modo de viver de seus antepassados." (VIANA MOOG)

b) Voltar para a posse de alguém:

O imóvel *reverterá ao* legítimo dono.

c) Redundar em, destinar-se, converter-se:

A renda do espetáculo *reverterá em* benefício dos desabrigados.

Observação:

✔ É incorreto o uso deste verbo no sentido de *mudar*, *inverter*: *reverter* uma situação ruim; *reverter* uma expectativa má. Monteiro Lobato escreveu corretamente: "E a coisa se perpetuará assim, se o Presidente da República não *inverter* a situação". (*O Escândalo do Petróleo e do Ferro*, p. 178)

▪ Simpatizar

Pede objeto indireto regido da preposição *com*:

Não *simpatizei com* ele nem *com* as suas ideias.

Há pessoas *com* quem não *simpatizamos*.

"O país inteiro *simpatizou com* este princípio." (Rui Barbosa)

Observações:

✔ Este verbo não é pronominal. Não se dirá, portanto, simpatizei-me com ele, mas simpatizei com ele.

✔ Tem o mesmo regime o antônimo *antipatizar*: "Quando fomos apresentados, não antipatizei com ele". (Olavo Bilac)

▪ Subir

Atente-se para as seguintes construções:

Sobem ao céu rolos de fumaça.

"*Sobe* [o apóstolo] *ao* púlpito das igrejas do sertão." (Euclides da Cunha)

"Às vezes *sobe aos* ramos da árvore." (José de Alencar)

"Chegou a sua vez de *subir ao* lotação." (Raquel de Queirós)

"Chegou até *subir no* banco..." (José Condé)

"*Sobe* à pressa *nas* aspas do monte." (Gonçalves Dias)

"*Subira pela* escada de Jacó até o céu." (Machado de Assis)

"Foi *subindo a* Rua de São José." (Machado de Assis)

"Luís Garcia punha-a no chão, tornava a *subi-la aos* joelhos." (Machado de Assis)

Pode-se dizer, portanto, *subir a* ou *subir em* alguma coisa.

A preposição *a* é de rigor nas expressões "subir ao céu", "subir à cabeça", "subir ao trono", "subir ao poder", consagradas pelo uso.

▪ Suceder

No sentido de *vir depois, substituir, ser sucessor,* emprega-se, modernamente, com objeto indireto regido da preposição *a*:

"A República *sucedeu à* Monarquia." (Cândido de Figueiredo)

A noite *sucede ao* dia, o descanso *ao* trabalho.

À tempestade *sucedeu* a bonança.

Tibério *sucedeu a* César.

Morto Nero, *sucedeu-lhe* Galba, senador da velha nobreza.

"Outro alagoano, o briosíssimo marechal Floriano Peixoto, *sucedeu a* Deodoro da Fonseca." (Ledo Ivo)

"Abul-Hassan-Ali *sucedera a* seu pai no vasto império da Mauritânia." (Alexandre Herculano)

"Luís II morreu em 1949, *sucedendo-lhe* seu neto Rainier III." (Ferreira de Castro)

"*À* longa apatia de tantos meses *sucedia* uma inesperada atividade." (Almeida Garrett)

Observação:

✔ Nota-se, na língua hodierna, tendência para dar a *suceder* objeto direto: "Nem o menino nem o homem, que *o sucedeu*, nunca puderam odiar." (POVINA CAVALCÂNTI)

"O Presidente Médici anunciará, finalmente, quem é que está apontado para *sucedê-lo*..." (*Jornal do Brasil*, 18/6/1973)

✔ O antônimo *preceder* usa-se, indiferentemente, com objeto direto ou indireto: Um vento forte *precedeu o* (ou *ao*) temporal. O ministro que *o* (ou *lhe*) *precedeu* no cargo era apolítico. "Pode-se dizer que o negro *precede* ao índio no trabalho agrícola organizado pelo branco." (OLIVEIRA VIANA)

▪ Tocar

a) Na acepção de *pôr a mão em, ter contato com*, diz-se, indiferentemente, *tocar alguém* ou *tocar em alguém, tocar uma coisa* ou *tocar em uma coisa*:

A mãe não deixava a criança *tocar o* (ou *no*) gato.

Acreditavam que, se *tocassem o* (ou *no*) santo, ficariam curadas.

Acreditavam que, se *o* (ou *lhe*) *tocassem*, ficariam curadas.

Acreditavam que, se *tocassem nele*, ficariam curadas.

"Soltou um gemido agudo e pronto, com se *lhe houvessem tocado* com um ferro em brasa." (ALEXANDRE HERCULANO)

b) No sentido de *comover, sensibilizar*, usa-se com objeto direto:

A notícia da morte do amigo *o tocou* profundamente.

Meus gestos de solidariedade sempre *a tocavam* muito.

c) Constrói-se com objeto indireto nas acepções de:

- *caber por sorte* ou *partilha*:

  Não é fácil a tarefa que *lhe tocou*.

  Tocaram-lhe, de herança, um terreno e uma casa.

- *Ser da competência de, caber, competir*:

  Toca ao Presidente da República nomear os seus ministros.

  A ele é que *toca* aprovar ou vetar os projetos do Legislativo.

  Foi o jogador que causou o acidente: *toca-lhe* agora indenizar as vítimas.

▪ Visar

▪ É transitivo direto no sentido de:

a) *dirigir a pontaria, apontar arma de fogo contra*:

"Se *visaram* este alvo..." (MÁRIO BARRETO)

"Filipe dos Santos ficou imobilizado por dezenas de bacamartes que *visavam* o seu peito." (VIRIATO CORREIA)

"De dentro, alguém atirava, procurando *visar* Horácio no meio dos capangas." (JORGE AMADO)

b) *pôr o visto em*:

As autoridades *visaram* o passaporte.

O banco *visou* o cheque.

"*Visar* um passaporte para lá é difícil, numa emergência dessas." (José Geraldo Vieira)

- Na acepção de *ter em vista, ter como objetivo, pretender, objetivar,* rege objeto indireto (preposição *a*):

As medidas *visavam ao* restabelecimento da ordem pública.

A que *visariam* eles com tanto alarde?

Não devemos *visar* apenas *ao* progresso material.

"Quem sabe se aquele homem não *havia* particularmente *visado à* sua [= dela] fortuna, *aos* bens que lhe constituíam quantioso dote?" (Visconde de Taunay)

"... os conspiradores presos *visavam* provavelmente *a* estabelecer a internacional socialista." (Camilo Castelo Branco)

Entretanto, nessa última acepção, não é sintaxe condenável dar ao verbo *visar* objeto direto. Dicionaristas modernos acolhem e bons escritores abonam essa regência. Exemplos:

"Oito dias depois, *visando* o meu completo restabelecimento, decidi seguir para o extremo norte." (Gastão Cruls)

"Estas páginas *visam* mostrar os perigos que ameaçam a concepção natural e cristã da família." (Alceu Amoroso Lima)

"Muitos movimentos populares registrados em Mônaco *visavam* combater certa preferência..." (Ferreira de Castro)

"Todos os seus atos, todos, *visavam* um interesse pecuniário." (Aluísio Azevedo)

3 CASOS ESPECIAIS DE REGÊNCIA VERBAL

Complementos de termos de regências diferentes

Examinemos o seguinte exemplo:

"Não há mais que uma só verdadeira justiça, que *em* Deus reside, e *de* Deus emana." (Antônio de Castilho)

Esse período também pode ser construído assim:

Não há mais que uma só verdadeira justiça, que *em* Deus reside e *Dele* emana.

Mas não seria correto dizer:

Não há mais que uma só verdadeira justiça, que *em Deus reside e emana*.

É que o verbo *residir* pede a preposição *em*, e *emanar*, a preposição *de*.

Todavia, por concisão, pode-se, em certos casos, dar um complemento comum a verbos de regência diferente:

"Na companhia desta sua tia ficara Rosa, enquanto o cônego *ia* e *vinha de Lisboa*." (Camilo Castelo Branco)

[Em vez de: enquanto o cônego *ia a Lisboa* e *vinha de Lisboa*.]

Os devotos *entravam* e *saíam da igreja*.

[Em vez de: Os devotos *entravam na igreja* e *saíam dela*.]

"Semanalmente *entram* e *saem* navios *dos portos aliados*." (Rui Barbosa)

"Todos esses letrados não *sabiam* ou não *tinham a coragem de ser humanos*." (Fernando Namora)

"Fui o príncipe *contra o qual armaste exércitos* e *destronaste*." (Coelho Neto)

"Não *se recorda* ou não *sabe que perdeu uma carta*?" (Machado de Assis)

Semelhantemente (isto é, dando o mesmo complemento a termos de regências diferentes), podemos dizer, por concisão:

Você é *a favor* ou *contra esta lei*? [Você é a favor *desta* lei ou *contra* ela?]

Choveu *antes, durante* e *depois da festa*.

Ela fala o inglês *tão bem* ou *melhor que* o marido.

São muito inteligentes; *tanto* ou *mais do que* o pai.

▪ Deslocamento de preposições

Em vez de dizer:

O *de* que ela mais gostava era (de) passear a cavalo.

"O *de* que nós nos devemos convencer é que possuir uma língua não significa gerá-la." (Sílvio Elia)

prefere-se, em geral, construir:

Do que ela mais gostava era (de) passear a cavalo.

Do que nós nos devemos convencer...

"*Do* que ele principalmente se convencera era da inutilidade de todo o esforço." (Eça de Queirós)

Do que os países não podem prescindir é de petróleo.

"*Do* que eu tenho medo é que as hemoptises voltem." (Fernando Namora)

"*Do* que ele menos se lembrava era da perfídia que os inspirou." (Machado de Assis)

"*Do* que não desconfiavam era de sua estranha e espantosa capacidade de trabalho." (Álvaro Lins)

"Os outros sabiam muito bem *com* o que poderiam contar." (Fernando Namora)

A anteposição da preposição (que rege uma oração adjetiva) ao pronome demonstrativo *o*, de que resulta, geralmente, uma contração, tem a vantagem de tornar a frase mais leve e eufônica. É opcional repetir a preposição *de* após o verbo *ser*.

Outros exemplos:

Não sei *no* que está pensando. [Não sei o *em* que está pensando.]

Alguém o ameaçou de matá-lo, *ao* que ele calmamente respondeu que era cedo para morrer. [*ao* que = o *a* que]

"Ordena-lhes que deponham as armas, *no* que é prontamente obedecido." (J. FELÍCIO DOS SANTOS)

"Só os seus conhecidos antigos o chamavam de Olímpio, *do* que ele não gostava, me confessou Alfredo." (AUTRAN DOURADO)

▪ Dar-se ao trabalho ou dar-se o trabalho?

Ambas as construções são aceitáveis, mas a primeira é a que sempre mereceu a preferência dos bons escritores:

"Sabia-se que ele escrevia, mas pouca gente *se dava ao trabalho* de ver o que era." (JOSÉ J. VEIGA) [*dar-se a* = entregar-se a]

"Quem *se der ao trabalho* de consultar esse capítulo verá que..." (CIRO DOS ANJOS)

"Algumas dessas pessoas – todas de nível intelectual elevado – *se deram ao trabalho* de vir de Lisboa e de Ontário..." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

"O homem *dera-se ao trabalho* de contar..." (CECÍLIA MEIRELES)

"Os outros bichos não *se davam mais o trabalho* de aproximar-se da caverna." (VIVALDO COARACI) [*dar-se* o trabalho = *dar a si* o trabalho]

"Eu quis perguntar por que ele *se tinha dado o trabalho* de fazer aquilo tudo..." (RICARDO RAMOS)

Ela nem *se dá o trabalho* de responder à pergunta." (ÉRICO VERÍSSIMO)

Variantes: *dar-se ao incômodo* ou *dar-se o incômodo, poupar-se ao trabalho* (ou *ao incômodo*) ou *poupar-se o trabalho* (ou *o incômodo*). Há exemplos de ambas as construções nos escritores modernos. O mesmo ocorre com *dar-se ao luxo.*

Ela *dava-se ao luxo* (ou *o luxo*) de ter dama de companhia.

▪ Propor-se alguma coisa ou propor-se a alguma coisa?

O verbo *propor-se*, no sentido de *ter em vista, dispor-se a,* pode ser construído com ou sem a preposição *a*, indiferentemente:

Eu *me propus* livrá-lo de uma situação difícil.
Eu *me propus a* livrá-lo de uma situação difícil.

Este foi o objetivo *que* o Governo *se propôs.*
Este foi o objetivo *a que* o Governo *se propôs.*

"Não *me proponho a* ajudá-lo, porque sou seu irmão em falta de jeito." (RUBEM BRAGA)

"Tratava-se de uma indústria que *se propunha a* substituir o azeite de oliva importado." (POVINA CAVALCÂNTI)

"É esse desafio que o novo plano de saúde *se propõe* vencer." (*Manchete,* Brasil 73, pág. 208)

"... um ativista que *se propõe* lutar pelas reformas da sociedade." (MOACIR WERNECK DE CASTRO)

"O PBJ é um partido nacionalista que *se propõe* converter a Índia numa nação hindu." (OLGA SAVARY, *Vislumbres da Índia*, p. 107, trad.)

▪ Passar revista a ou passar em revista?

Ambas as construções aparecem nos escritos de bons autores, sendo que a segunda, com mais frequência:

"O certo é que ali com efeito *passara* o imperador D. Pedro *a sua última revista ao* exército liberal." (ALMEIDA GARRETT)

"*Passava revista a* tudo aquilo que havia anos sonhava possuir." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

"Para designar o seu sucessor, o leão *passou em revista* as qualidades, os requisitos, as prerrogativas de todos os animais." (VIVALDO COARACI)

O general *passou* a tropa *em revista*.

Observação:

✔ *Passar em revista* é cópia do francês *passer en revue*. Em português clássico se diz: *passar revista a* uma casa, *a* um depósito, *a* uma tropa.

▪ Em que pese a

Expressão concessiva que significa *ainda que custe a, apesar de, não obstante*:

"*Em que pese aos* inimigos do paraense, sinceramente confesso que o admiro." (GRACILIANO RAMOS)

"*Em que pese aos* seus oito batalhões, magnificamente armados, a luta era desigual." (EUCLIDES DA CUNHA)

"Parece que todos os cachorrinhos são iguais, *em que pese à* vaidade ou *à* ternura cega dos donos." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

Há quem condene converter o objeto indireto em sujeito e construir:

Todos os cachorrinhos são iguais, *em que pese a* opinião *dos donos*.

A máquina estatal mostra-se ineficiente, *em que pesem* as afirmações do governo.

Trata-se de uma locução evoluída, abonada por bons escritores, mas admissível apenas quando o sujeito é nome de coisa: em que pese sua *capacidade*, em que pesem seus *esforços*. Havendo referência a nome de pessoa, deve-se usar a construção original *em que pese a*, como no exemplo inicial de Graciliano Ramos.

EXERCÍCIOS LISTA 55

1. Escreva as frases abaixo e classifique os verbos:

(1) transitivos diretos	Assisti à luta.	Nós a prevenimos.
(2) transitivos indiretos	Assisti a vítima.	A neta lhe obedece.
(3) transitivos diretos e indiretos	Eu o convidei.	Perdoei-lhe a dívida.
	Demos pão ao pobre.	Ela os advertiu.
	Demos-lhes comida.	Todos gostam dela.

2. Escreva as frases abaixo, sublinhe os complementos dos verbos em destaque e numere-as de acordo com o tipo de complemento indicado:

(1) substantivos (2) pronomes (3) orações

Morto Nero, **sucedeu**-lhe o senador Galba.

O gerente do banco **visou** o cheque.

A que **visariam** eles com aquelas manobras?

O inquérito a que **se procedeu** nada apurou.

Não **se esqueça** de que todos somos falíveis.

Custa-lhe obedecer ao regulamento do colégio?

Na entrada, **deparei** com um homem estranho.

Ele nem **se dignou** de levantar os olhos para mim.

O patrão não gostou do atraso deles, mas não os **repreendeu**.

3. Transcreva o único período em que não há erro de regência verbal:

a) Prefiro ser prejudicado do que prejudicar os outros.
b) Prefiro a companhia de Paulo que a de Joaquim.
c) Prefiro mais viver no campo do que na cidade.
d) Prefiro uma crítica sincera a elogios exagerados.
e) A elogios exagerados prefiro antes uma crítica sincera.

4. Copie as frases em que a regência do verbo **proceder** não contraria a norma culta:

a) Ninguém ignora as causas donde procede a atual crise econômica.
b) Procedeu-se à entrega dos prêmios aos vencedores.
c) Aberta a sessão, o secretário procedeu a chamada dos condôminos.
d) Segundo a Bíblia, o homem procede de Adão e Eva.
e) Proceda de acordo com a sua consciência.

5. Escreva os períodos em que o verbo **aspirar** não apresenta erro de regência:

a) Neide inclinou-se e aspirou fundo o aroma das rosas.
b) Se aspiras ao poder, prepara-te para o pior.
c) Títulos e honrarias são coisas que não aspiro.
d) Bom seria inventar uns robôs que aspirassem o lixo e a poeira das ruas.

6. Copie as frases em que a regência do verbo **assistir** não contraria a norma culta:

a) Não saí de casa só para assistir a transmissão do jogo pela TV.
b) Aos domingos havia brigas de galos, mas eu não assistia a elas.
c) Em Nova Jerusalém, assistimos à representação da Paixão de Cristo.
d) Durante sua longa enfermidade, a esposa o assistiu dia e noite.
e) Perdeu o emprego por indisciplina, não lhe assiste o direito de reclamar.

7. Substitua os verbos destacados pelos propostos + preposição adequada, como no exemplo:

Ele **ambiciona** o título. (**aspira**) Ele **aspira ao** título.

a) Eu **desejo** a felicidade. (**aspiro**)
b) Eu **presenciei** a briga. (**assisti**)
c) **Dispenso** sua ajuda. (**prescindo**)
d) Ele **segue** as leis. (**obedece**)
e) **Visitem** a Bahia. (**vão**)
f) **Confie** nele. (**recorra**)
g) **Alcançou** a estrada. (**chegou**)

8. Transcreva os períodos nos quais não ocorrem erros de regência verbal:

a) Na mesa a que nos sentamos, só havia um talher.
b) Artur voltou para suceder ao pai na administração da empresa.
c) Papa compara cristãos de hoje aos mártires da Roma Antiga.
d) A coisa que ela mais gosta é cultivar samambaias.
e) O uso dos meios de comunicação implica uma enorme responsabilidade.
f) Chegamos a uma praia a que pouca gente vai.
g) "Era um índio; chamavam-lhe em casa José Tapuio." (Araripe Júnior)

9. Escreva os períodos em que há erros de regência, corrigindo-os:

a) Seu nome não constava da lista de passageiros a que tive acesso.
b) Seu nome não constava na lista de passageiros que tive acesso.
c) A que fim visariam esses grupos de criminosos?
d) Às chuvas copiosas do verão sucederam os belos dias de outono.
e) Se a ordem é justa, não o assiste o direito de desobedecer o pai.

10. Substitua os asteriscos pela única alternativa que preenche corretamente o período:

O médico *** informou *** o paciente não resistiu *** operação *** fora submetido.

a) a – que – à – a que
b) a – de que – à – a que
c) lhe – de que – a – que
d) lhe – que – a – que

11. Substitua * por preposições adequadas, contraindo-as com os artigos quando necessário (Consulte as preposições essenciais na pág. 269):

a) Nada obsta * que sejas objeto de tal distinção.
b) Apressei-me * antecipar-lhe a resposta.
c) Contentavam-se * bater palmas de longe.
d) Afinal eu só visava * minha felicidade.
e) Quando lhe fui apresentado, não antipatizei * ele.
f) Ninguém atinava * tão súbita mudança.
g) Hesitava * a voz da consciência e os acenos das paixões.

h) Ansiava * me ver fora daquela casa.
i) Entrei * desconfiar de que me estavam enganando.
j) Deleitamo-nos * ouvir palavras de apreço.
k) Dissuadiram-me * semelhante resolução.
l) Os cães investiam furiosos * os dois estranhos.
m) De há muito ele se desinteressou * minha companhia.
n) Procurei persuadi-lo * que aceitasse o cargo.
o) Fugia * tudo o que cheirasse * modernismo.
p) Não se referiu * cena do outro dia, quando ele os correu de casa * pontapés.
q) O homem sente-se pequenino * a imensidade do universo.
r) Insisti * querer saber a causa * que me castigavam.
s) * o gesto daquele estranho, fiquei * envaidecido e indignado.
t) Não podia atinar * o nervosismo de meu pai e fiquei ansioso * que tudo se esclarecesse.
u) * alto teto pendia uma corrente de ferro, * que estava preso um grande lampião belga.
v) Os passantes não suspeitam * perigo * que estão expostos.

12. Substitua o * por pronomes relativos adequados precedidos de preposição (Consulte os pronomes relativos na pág. 185):

a) A cerimônia da posse foi das mais pomposas * tenho assistido.
b) O respeito humano é uma fraqueza * bem poucos se eximem.
c) Dizia que era a maior dignidade * podia aspirar.
d) A felicidade * tanto anseias talvez nunca chegue.
e) Estive em Petrópolis dez dias, * passeei e me diverti.
f) Quero saber o preço * o vendeu.
g) A cartomante foi à cômoda, * estava um prato com passas.
h) A vida era um jogo de engrenagens de aço * dentes ele sentia-se esmagar.
i) A riqueza é uma árvore fatal * sombra muitos adormecem e morrem.
j) Os amigos * expôs sua situação não lhe deram ouvido.
k) A disciplina * dureza vos revoltais enrijece vosso caráter.
l) A autópsia * se precedeu revelou a natureza do crime.
m) O lugarejo * chegamos estava em festa.
n) A conclusão * cheguei é que o incêndio foi criminoso.

13. Mude a regência dos verbos em destaque sem alterar-lhes o sentido:

a) Ninguém **atira** pedras numa árvore sem frutos. (provérbio)
b) Há tempo que eu **anseio** falar com você.
c) A fera enraivecida **investiu** com a matilha.
d) Ele **contenta-se** de ser escutado por alguns discípulos.
e) O líder **subiu** na mesa para falar aos circunstantes.
f) "A incompreensão de Glicério **atingiu** a esse limite." (Ciro dos Anjos)
g) Nós a **chamávamos** de tia Leila.
h) **Deparou-se-me** ali um espetáculo bem triste.

i) "Essas terríveis pequenas não **precisam** de falar para se entenderem." (CIRO DOS ANJOS)

j) O major Vaz, à cabeceira, **presidia** a refeição do clã.

k) **Dei-me ao trabalho** de examinar livro por livro.

l) O Governo **se propõe** expandir o comércio exterior.

14. Informe as preposições elípticas:

a) "Não me lembrei que estava diante de um cavalheiro." (CAMILO CASTELO BRANCO)

b) "Concordava que a sobrinha fosse leviana." (MACHADO DE ASSIS)

c) "Não há dúvida que Luís Dutra exultava de felicidade." (MACHADO DE ASSIS)

d) "Juca estava ansioso que ela partisse." (JORGE AMADO)

e) "Nunca me esquecerei que no meio do caminho tinha uma pedra." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

f) "Não é preciso dizer que também eu ficara em brasas, ansioso que a aula acabasse." (MACHADO DE ASSIS)

g) "Desconfio que o barão não gosta que lhe fales em Antônio José." (CAMILO CASTELO BRANCO)

h) "Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim." (MACHADO DE ASSIS)

i) "Vossa Excelência dá licença que lhe faça uma pergunta?" (REBELO DA SILVA)

j) "Estou certo que ele me estima." (MÁRIO BARRETO)

k) "Teresa fez-me sinal que a seguisse." (CAMILO CASTELO BRANCO)

l) "Vossa Excelência se dignará ouvir as razões." (CAMILO CASTELO BRANCO)

m) "Tinha medo que eles se acabassem de todo." (MANUEL BANDEIRA)

n) "Por isso fizéramos questão que ela fosse conosco." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

o) Você há de convir comigo que o pintor carregou nas tintas.

p) "Serena não gostaria que ele percebesse o seu embaraço." (VILMA GUIMARÃES ROSA)

15. Escreva as frases, substituindo * pelos pronomes **o** ou **lhe**, conforme convenha:

a) Quem * convidou a ir jantar com eles?

b) Nunca * vi conversar com empregadas.

c) Eu fugi ao espetáculo, tinha-* repugnância.

d) Lembra-* ainda com que solicitude ela * atendia?

e) Encolerizava-se quando o filho * desobedecia.

f) O cunhado dissuadiu-* da viagem.

g) As dificuldades não * fizeram recuar.

h) Informo-* de que a excursão foi adiada.

i) O padrinho queria-* como a seu próprio filho.

j) Ela não * quis para esposo.

16. Troque os substantivos destacados pelos pronomes pessoais adequados, usando os oblíquos sempre que possível e colocando-os corretamente:

a) Obedeça **ao mestre**.

b) Avisei **o rapaz** de que havia perigo.

c) Não vi **a professora** entrar.
d) Foi uma grande olimpíada. Assistimos **à olimpíada** pela TV.
e) Eu informava **o chefe** acerca de tudo.
f) Aludiram **ao candidato**?
g) O filho sucedera **ao pai** no trono.
h) Quem presidirá **ao banquete**?
i) Por que não simpatizas com **o diretor**?
j) Hilário ajudava **o pai** no escritório.

17. Substitua os termos em destaque pelos pronomes pessoais oblíquos adequados:

a) Presentearam **a rainha** com um colar de pedras preciosas.
b) Deus conserve e proteja **minha mãe**!
c) Deviam ter comunicado o fato **ao diretor**.
d) Não será permitido **aos presos** sair de suas celas.
e) O juiz intimou **João** a comparecer perante o júri.
f) Cumpre cientificar **Vossa Senhoria** de que os preços dos produtos em pauta são majorados.
g) Não assiste esse direito **ao patrão**.
h) Ensina **os filhos** a serem honrados.
i) A nossa conversa parece que não está agradando **a você**.
j) Felicito **você** pela sua vitória.
k) Foi difícil convencer **meu pai** a ficar em casa.

18. Substitua o * por um dos pronomes propostos, conforme convenha:

a) Tânia voltou o rosto para ver quem * chamava. (a – lhe)
b) Estes olhos * perseguirão aonde quer que você for. (o – lhe)
c) Ela acenou-* do alto da escada. (o – lhe)
d) Riam e cantavam, como se nada * ameaçasse. (os – lhes)
e) Riam e cantavam, como se nada * ameaçasse a vida. (os – lhes)
f) Elas são gordas: alguns passos * deixam cansadas. (as – lhes)
g) Pague-* o que você lhe deve. (o – lhe)
h) O funcionário * atendeu muito mal. (o – lhe)

19. Escolha no quadro abaixo os conjuntos adequados e substitua os asteriscos das orações adjetivas:

a que – com quem – de que – em que – em cujo – por quem

a) A mesa *** nos sentamos mal comportava quatro pessoas.
b) O barco *** estávamos comportava poucas pessoas.
c) Ele ofendeu a secretária, *** não simpatizava.
d) Às vezes temos de executar tarefas *** não gostamos.
e) O grau de segurança *** chegou a navegação aérea ainda não satisfaz.
f) O preso *** intercedi junto ao ministro fora condenado injustamente.

g) São insuficientes os dados *** dispomos.

h) Não havia feira de amostras *** ele não fosse.

i) Como vocês tratam as pessoas *** lidam?

j) Percorremos o grande parque, *** centro se ergue o museu.

20. Troque o verbo em destaque pelos propostos, atendendo à regência de cada um desses verbos:

É aquela a jovem **de** quem você **falou**?

passeou – se referiu – se apaixonou – se enamorou – gosta – recorreu – simpatiza – confia – se interessou

21. Siga o exemplo, substituindo as orações coordenadas em destaque por orações subordinadas adjetivas:

Exemplo: A canoa virou **e estávamos nela**.

A canoa **em que estávamos** virou. Ou:

Virou a canoa **em que estávamos**.

a) Afundaram as tábuas **e estávamos agarrados a elas**.

b) Acabou-se a vida de conforto **e estávamos habituados a ela**.

c) As plantas sugam do solo a água **e anseiam por ela**.

d) No pátio fez-se uma pequena fogueira **e sentamo-nos em torno dela**.

e) Dirigiu-se à mesa **e sobre ela havia duas raquetes**.

f) Encontrou-se um velho colete **e no bolso dele havia moedas de ouro**.

g) Gutenberg nasceu em Mogúncia **e deve-se a ele a invenção da imprensa**.

h) A ponte era muito alta **e as embarcações passavam por baixo dela**.

i) O índio recuperou as terras, **o branco se apoderara delas**.

22. Use os verbos abaixo em orações adjetivas precedidas de preposição e intercaladas nas orações principais:

Exemplo: A profissão [a que você aspira] exige muita dedicação.

a) aspirar
b) ansiar
c) entreter-se
d) confiar
e) insurgir-se
f) assistir
g) simpatizar
h) gostar
i) aludir
j) referir-se
k) pender
l) sacrificar-se

23. Recorde o que foi exposto acerca dos verbos **esquecer-se**, **lembrar-se** e **admirar**. Em seguida, escreva corretamente as frases em que há erro de regência:

a) Os maus políticos se esquecem de suas promessas.

b) Eles esquecem facilmente de suas promessas.

c) Esqueceu-me acrescentar esse pormenor.

d) Não esqueçam de que essa doença é contagiosa.

e) Ele disse ainda muitas outras coisas que não me lembro.

f) Ele disse ainda muitas outras coisas de que não me lembro.

g) Não me lembrei de o avisar a tempo.

h) Ela não lembra de mais nada.

i) Admiro-me de o ver tão entusiasmado com a política.

j) Admira-me vê-lo tão entusiasmado com a política.

k) Admiro-me vê-lo tão entusiasmado com a política.

l) Não me admiro de que seu entusiasmo tenha esfriado.

24. A mudança de regência de um verbo altera-lhe, em geral, a significação. Registre as variações de regência e de sentido que se observam nos exemplos seguintes:

	Significação	**Regência**
Assisti o doente.	dar assistência	transitivo direto

a) Assisti ao jogo.

b) Aspiro ao cargo.

c) Aspiro o aroma.

d) Visamos o alvo.

e) Visamos ao bem comum.

f) Declinei do convite.

g) O Sol declinava.

h) O cão investiu contra mim.

i) Vão investi-lo no cargo.

j) Investi milhões nesta obra.

k) Corri a cidade.

l) Corri à cidade.

m) Não precisou a quantia.

n) Preciso de dinheiro.

25. Corrija as frases seguintes:

a) Entreteram-se no clube até altas horas, eis o motivo porque faltaram a reunião que deviam comparecer hoje.

b) A fase da vida que estão passando é a mais decisiva, pois deixa marcas que mais tarde sentireis os efeitos.

c) O tema que o conferencista discorreu despertou grande interesse.

d) As plantas que nos detemos diante delas eram caládios.

e) Um casal francês sentou-se na mesa vizinha aquela que nós estávamos.

f) No tempo que me refiro ainda não haviam ônibus.

g) Como o casarão estava deserto, ninguém ouviu ela gritar.

h) Levaram-no para um hospital que não me lembro o nome dele.

i) É lamentável o estado de abandono que se acham aquelas famílias.

j) Isso leva à situações que nos deparamos com frequência em nosso dia a dia.

26. Escreva apenas a frase correta:

a) Ainda me lembro da casa que morávamos.

b) Ainda lembro da casa em que morávamos.

c) Ainda me lembro da casa em que morávamos.

27. Substitua os asteriscos nas frases de acordo com o indicado, completando-as adequadamente com os femininos:

AO (masculino) **À (feminino)** **A (masculino)** **A (feminino)**

a) Refiro-me ao **tio** e *** de Rosângela.

b) Fizeram elogios aos **irmãos** e *** de Filipe.

c) São divertimentos que interessam tanto a **homens** como ***.

d) Ao **senhor** chamavam os escravos "sinhô" e ***, "sinhá".

28. Reveja os exercícios sobre a crase e, em seguida, coloque o acento grave nos casos em que ela ocorrer:

a) Dirce tem amor a natureza, as plantas, as aves, aos animais.

b) "Queixe-se a mim e não a ela", disse Romão, referindo-se a esposa.

c) Ainda não respondi as cartas de Mauro e Dino; não sei a qual delas deva responder primeiro.

d) As atletas entusiasmaram a torcida que assistiu a partida de voleibol.

e) Tudo pode acontecer aquele que não obedece as normas do trânsito.

f) A que terra teria a nau aportado? Talvez a uma ilhazinha perdida no mar.

g) A televisão estende a sua influência a todas as regiões, mesmo as que ficam mais distantes dos grandes centros urbanos.

h) O Zoológico está aberto a visitas de terça-feira a domingo, das 8h as 16h 30min.

i) Entreguei a lembrança a Danilo, que a mostrou a noiva e a irmã.

j) Na casa comercial a que me refiro, vende-se a vista e a crédito.

k) Em São Luís, cuja população não chegava a dez mil pessoas, a situação piorava dia a dia.

l) "Agora, se eu não voltar a casa a hora normal, haverá alarme, virá gente a minha procura." (Guimarães Rosa)

29. Escreva os períodos, colocando o acento grave onde for adequado; sublinhe os dois casos de crase opcional e explique-os:

a) Os índios chamavam a borracha de *cautchu*, isto é, "lágrimas da madeira".

b) A agitação da cidade muitos preferem a paz do campo.

c) José convida-me a acompanhá-lo na sua visita a zona rural.

d) O diretor da escola presidiu a cerimônia de encerramento as aulas.

30. Varie as frases de acordo com o exemplo:

As naves espaciais **chegam a** distâncias fantásticas.

A que distância **chegam** as naves espaciais?

As distâncias **a que chegam** as naves espaciais são fantásticas.

São fantásticas as distâncias **a que chegam** as naves espaciais.

a) As caravelas portuguesas chegaram a terras muito distantes.

b) Chegamos a uma situação crítica.

31. Damos quatro construções com o verbo **gostar**, todas corretas. Varie a frase abaixo, seguindo o exemplo:

Cinema e futebol são as diversões de que mais gosto.

As diversões de que mais gosto são cinema e futebol.

Do que mais gosto é de cinema e futebol.

Do que mais gosto é cinema e futebol.

Natação e ciclismo são os esportes de que mais gosto.

32. Transcreva a única alternativa em que não há erro de regência:

a) Em casa éramos seis. Morávamos na Praça Verde. Ainda lembro das brincadeiras que eu ali participava com extrema alegria.

b) Em casa éramos em seis. Morávamos à Praça Verde. Ainda me lembro das brincadeiras que eu ali participava com extrema alegria.

c) Em casa éramos seis. Morávamos na Praça Verde. Ainda me lembro das brincadeiras de que eu ali participava com extrema alegria.

33. Responda afirmativamente às perguntas, como nos exemplos:

São muitos os filmes **de que** o senhor **gostou**?

Sim, os filmes **de que gostei** são muitos.

a) São muitos os recursos de que o senhor dispõe?

b) São muitas as coisas de que o senhor depende?

c) São muitas as histórias de que o senhor se lembra?

São muitas as cartas **a que** o senhor **responde**?

Sim, as cartas **a que respondo** são muitas.

d) São muitas as cidades a que o senhor já foi?

e) São muitos os acidentes a que o senhor assistiu?

f) São muitas as pessoas a quem expôs seu plano?

34. Escreva a frase trocando o verbo **buscar** pelo verbo **aspirar**, atendendo à regência deste último:

É natural que toda criatura humana busque a felicidade.

35. Escreva as frases substituindo o * pelas opções corretas:

a) Estas são as conclusões * o investigador chegou. (que – a que)

b) Este é o mundo * vim sem ser consultado. (que – a que)

c) Ele afirmou aos jornalistas * não haverá demissões. (que – de que)

d) Os jornais noticiaram o escândalo * ele se envolveu. (que – em que)

e) A jovem * ele namorava era de boa família. (que – com quem)

36. Escreva a frase, substituindo o verbo **gostar** pelo verbo **preferir**, atendendo a regência adequada deste último.

Eles gostam mais de assistir a um jogo do que de visitar um museu.

37. Escreva corretamente a alternativa em que a regência do verbo **proceder** está incorreta:

a) Terminada a votação, procedeu-se a apuração dos votos.

b) Como nenhuma das acusações procedia, o juiz liberou o réu.

c) Procedi de acordo com a minha consciência.

d) Terminada a sessão, o secretário procedeu à leitura da ata.

e) O inquérito a que se procedeu nada apurou.

38. Qual o tipo de erro que a incorreta acentuação gráfica na frase "Ele está se referindo a namorada de Lúcio e não a tua." ocasiona? (concordância – regência nominal – regência verbal)

39. As afirmações abaixo são absurdas, devido à falta de acentuação gráfica adequada. Corrija-as sem alterar a ordem das palavras:

a) A adolescência precede a infância.

b) No Brasil, a República antecedeu a Monarquia.

40. Escreva apenas a frase abaixo que apresenta erro de regência, corrigindo-a:

a) Manifestações de protesto precederam a posse do governador.

b) Manifestações de protesto precederam à posse do governador.

c) Todos os moradores anuíram à proposta do síndico.

d) Assistiram a missa campal mais de cem mil pessoas.

e) Como custa aos vencidos aceitar a derrota!

f) Vi um tronco boiando e abracei-me a ele.

41. Responda às perguntas usando os verbos em destaque e obedecendo às normas da língua culta:

a) Ele já **pagou** ao médico?

b) Marta **namora** esse moço?

c) Ele **aspira** ao sacerdócio?

d) **Lembraram-se** de você?

e) Ela **assiste** a novelas?

f) De quem você **se esqueceu**?

g) Você **assistiu** os doentes?

h) Com quem **deparou** na esquina?

i) Você a **viu** no cinema?

j) **Obedeces** a teus pais?

k) **Moras** na Rua Anchieta?

l) Por que **desobedecem** aos pais?

m) O filme **agradou** ao público?

n) Em que rua você **reside**?

42. Forme frases usando corretamente as expressões:

a) **ir ao encontro de**

b) **ir de encontro a**

43. Troque o pronome **lhe** por outro, de modo que a regência fique correta:

a) Quem foi que **lhe** mandou entrar?

b) Informo-**lhe** de que seu bilhete foi premiado.

c) O pai **lhe** proibiu de soltar balões.

d) Nunca **lhe** vi tão abatido, Jacinto.

e) Ninguém **lhe** conhece melhor que eu, Rodrigo.

f) O cheiro forte da tinta **lhe** fez espirrar.

g) Encantavam-**lhe** os acrobatas do circo.

44. Orientado pelo que foi dito na página 484 sobre a contração da preposição *de* com o sujeito ou seus adjuntos, escreva as frases abaixo restabelecendo a contração da preposição **de**. Em seguida, copie apenas as afirmações verdadeiras.

a) Sabia-o, senhor, antes **de o** caso suceder.

b) O modo **de ele** falar soou-me agressivo.

c) Agora chegou a vez **de os** advogados tomarem a dianteira...

d) Apesar **de o** voto ser secreto, voto pela dissolução.

e) Leonor irritou-se, além **de o** abade puni-la, pedia-lhe favores.

As contrações que os escritores usaram nas frases acima:

- têm tradição na língua; portanto, são lícitas.
- são erros grosseiros de autores modernistas.
- são descuidos de um ou outro escritor brasileiro.
- têm a vantagem de tornar a expressão mais natural e agradável ao ouvido.
- são encontros de duas palavras que, por tradição e eufonia, se pronunciam juntamente.

45. Depois de reler a matéria sobre deslocamento de preposições, escreva as frases abaixo antepondo a preposição em destaque ao pronome demonstrativo **o**, em benefício da eufonia:

a) O **de** que ela mais gostava era visitar museus.

b) O **de** que o Brasil não pode prescindir é de uma boa rede viária.

c) O **de** que nossas crianças precisam é de um bom ensino.

d) O **com** que não posso concordar é com a subversão da ordem pública.

e) Ordenei-lhe que entregasse a arma, o **em** que fui prontamente obedecido.

f) No fim, o **de** que ele se convenceu foi da inutilidade de seus esforços.

46. Nas expressões em destaque, usou-se corretamente a preposição **em**. Escreva as frases trocando-a pela preposição **a**, acentuando-a quando for necessário:

a) **Na época** das colheitas, havia grande movimento na fazenda.

b) **Na saída**, os forasteiros agradeceram muito a hospedagem.

c) **Na falta** de professores, as crianças aprendiam a ler em casa.

d) Encostei-me **no tronco** da árvore e esperei o amigo.

e) Ela foi ao quarto e olhou-se minuciosamente **no espelho**.

f) A criança, com medo de mim, abraçou-se **na mãe**.

g) As mulheres iam buscar água **na fonte**.

h) Os bens do retirante resumiam-se **em duas cabras** e um casebre.

47. Transcreva as frases colocando o acento indicativo de crase, se necessário:

a) "A refrigeração artificial prefere a brisa da praia." (Ciro dos Anjos)

b) "Vilaça Júnior aspirava a ser vereador da câmara." (Eça de Queirós)

c) "Egas recusou-se a atender as reclamações da matrona." (Eça de Queirós)

d) "Parece-me que todos os cachorrinhos são iguais, em que pese a vaidade ou a ternura dos donos." (Carlos Drummond de Andrade)

e) "O emprego de *o que* em orações interrogativas é corretíssimo, em que pese a certos gramáticos." (Aurélio Buarque de Holanda)

f) "Ignoro a que pessoas se referia o Dr. Magalhães." (Graciliano Ramos)

g) "Contou então que na seca tinha ganho muito dinheiro a custa dos cofres públicos." (Adolfo Caminha)

h) "E assim, não se esquecesse Polidoro de que estava a engordar uma adversária incapaz de conceder-lhe a mínima trégua." (Nélida Piñon)

i) "Maria do Carmo já respondia as perguntas sem ser sacudindo apenas a cabeça." (Mário Palmério)

j) "A antiga Vila Rica começou o povo de então, por escárnio, a chamar de *Vila Pobre*." (João Ribeiro)

48. Identifique os erros de regência e, depois, faça a correção necessária:

a) Obedeça o regulamento!

b) Sempre lhe estimei muito.

c) Prefiro morrer do que trair meus ideais.

d) Não me simpatizo com sua prima.

e) Nem se dignou em levantar os olhos para mim.

49. Complete as orações com a preposição pedida pelo verbo. Combine-se com artigo, se necessário:

a) Depende apenas * ti a solução do problema.

b) Vocês gostam * que os outros os tratem mal?

c) Compete * pais a educação dos filhos.

d) Você assistiu * filme desde o início?

e) Você se contenta * tão pouco!

50. Faça o mesmo em relação às preposições pedidas pelos nomes:

a) Ele vivia alheio * tudo.

b) Tinham aversão * todas as criações de vanguarda.

c) Sou avessa * badalações.

d) Aquele homem é suspeito * um crime.

e) Paulo é atencioso * todos que o procuram.

51. Os pronomes relativos também são regidos de preposição sempre que esta for reclamada pelo verbo. Veja para quais das alternativas vale essa explicação.

a) Era a função * que eu mais aspirava!

b) A festa * que assistimos foi muito movimentada.

c) O teatro * que estávamos quase pegou fogo.

d) O rapaz * que me referia acabou de entrar.

e) As flores * que mais gosto são as orquídeas.

f) As pessoas * que visitei ontem foram muito gentis.

52. As orações completivas nominais também são, normalmente, regidas de preposição. Complete cada período com a preposição adequada:

a) Você tem medo * que eu o abandone?

b) Estamos ansiosos * que venhas logo.

c) Estava decidido * abandonar o emprego.

d) Continuou fiel * quem o amou durante a vida toda.

e) Todos tinham receio * que eles nos atacassem.

REGÊNCIA VERBAL
Exercícios de exames e concursos
[Página 689]

SINTAXE DE COLOCAÇÃO

A *sintaxe de colocação* trata da ordem ou disposição dos termos na oração e das orações no período.

Embora não seja arbitrária, a colocação das palavras na frase, em português, é muitas vezes livre, podendo variar de acordo com o tipo e o objetivo da mensagem falada ou escrita e com as circunstâncias que envolvem o ato da comunicação. No arranjo dos termos na frase intervêm poderosamente a cultura, o estilo e a sensibilidade do escritor.

Em muitos casos, o mesmo período pode ser organizado de diferentes maneiras, sem alteração do sentido. Vejam, por exemplo, a flexibilidade desta frase de José de Alencar:

"Já brilha na cabana de Araquém o fogo, companheiro da noite."

Na cabana de Araquém já brilha o fogo, companheiro da noite.
O fogo, companheiro da noite, já brilha na cabana de Araquém.
Companheiro da noite, o fogo já brilha na cabana de Araquém.
Na cabana de Araquém, o fogo, companheiro da noite, já brilha.

1 A ORDEM DIRETA E A INVERSA

Duas são as ordens que podem presidir à construção da frase: a *direta* e a *inversa*.

- Na *ordem direta*, os termos regentes precedem os termos regidos: sujeito + verbo + complementos ou adjuntos. Exemplos:

  "Uma saudade indizível atraía-me para o mar." (ALEXANDRE HERCULANO)

  "Os maus e viciosos são algozes de si próprios." (MARQUÊS DE MARICÁ)

- Na construção de *ordem inversa* alteramos a sequência normal dos termos, dispondo o verbo antes do sujeito, os complementos ou adjuntos antes do verbo, enfim, o termo regido antes do termo regente. Exemplos:

  "E que terríveis negócios planejava esse meu amigo de sempre!" (RUBEM BRAGA)

  "Belos e veneráveis eram os dois plátanos." (ALEXANDRE HERCULANO)

Observação:

✔ A ordem inversa é mais frequente na poesia e na linguagem afetiva e obedece antes ao ritmo caprichoso do sentimento e ao fluxo da emoção. Referindo-se à construção inversa, observa muito bem Said Ali:

"A deslocação é anomalia, e a anomalia aguça a atenção do ouvinte."

São as seguintes as causas que condicionam a colocação das palavras na frase, exigindo ora uma, ora outra ordem:

- a ênfase, a afetividade e a emoção;
- a clareza da expressão;
- a eufonia;
- o ritmo e o equilíbrio da frase.

Os adjetivos, normalmente, vêm pospostos aos substantivos (terras *férteis*, frutas *maduras*), mas, em atenção às exigências acima, são frequentemente antepostos. Exemplos:

"Nessas *aflitas* paragens, não mais se ouve o piar da *esquiva* perdiz, tão frequente antes do incêndio." (VISCONDE DE TAUNAY)

"Os meninos ouviam contar os casos com *frio* desinteresse." (POVINA CAVALCÂNTI)

Certos adjetivos se imobilizam ora antes, ora depois dos substantivos: *mero* acaso, a mão *direita*, a verdade *nua*, senso *comum*. Outros assumem acepções diversas, conforme a posição: homem *pobre* (sem recursos), *pobre* homem (infeliz); chefe *grande* (alto), *grande* chefe (notável); mestre *simples* (sem afetação, afável), *simples* mestre (mero, comum).

Assim também: contas *certas* (exatas), *certas* contas (algumas); *qualquer* pessoa (toda, indeterminada), uma pessoa *qualquer* (insignificante); *algum* homem (um, indeterminado), homem *algum* (nenhum).

Consoante a índole de nossa língua, antepomos ordinariamente os possessivos aos substantivos: *minha* vida, *nosso* pai, *tua* lembrança. Todavia, na linguagem afetiva ou enfática, são intencionalmente pospostos. Exemplos:

Quanto valor tem uma lembrança *tua*!

Pai *nosso*, que estais no céu... (oração dominical)

"O meu destino errante, ó vida *minha*,

é o destino dos barcos e das velas." (OLEGÁRIO MARIANO)

A conjunção *porém* usa-se, de preferência, intercalada na oração:

"A verdade, *porém*, é que Coimbra era sincero." (MACHADO DE ASSIS)

Entretanto, não é prática reprovável colocar-se essa adversativa no início ou no fim da oração a que pertence, uma vez que a isso não se oponham a harmonia e o ritmo da frase. Exemplos:

Eu chamava-te, *porém* não me ouvias.

"Não inventamos nada, *porém*." (MÁRIO BARRETO)

"As represálias não tardaram, *porém*." (CIRO DOS ANJOS)

"Tu não crês na ventura; ela existe, *porém*." (CLEÓMENES CAMPOS)

Observação:

✔ O mesmo se dá com a conjunção sinônima *entretanto*:

"A fuga repetia-se, *entretanto*." (MACHADO DE ASSIS)

2 POSPOSIÇÃO DO SUJEITO

Pospõe-se, habitualmente, o sujeito ao verbo nos seguintes casos:

- em orações adverbiais reduzidas de particípio ou de gerúndio:

"De manhã, acabado o *almoço*, a cólera estourou." (MACHADO DE ASSIS)

"Caindo o *sol*, a costureira dobrou a costura para o dia seguinte." (MACHADO DE ASSIS)

Observação:

✔ O sujeito pode anteceder o gerúndio quando este vier precedido da preposição *em*:

"Em ela sabendo que saíste de Lisboa, abençoa tua resolução." (CAMILO CASTELO BRANCO)

- nas orações interrogativas iniciadas pelos advérbios interrogativos ou por um pronome interrogativo que não seja sujeito:

"Como é *isso* possível?" (ALEXANDRE HERCULANO)

"Onde vai *o guerreiro branco*?" (JOSÉ DE ALENCAR)

"Donde vinham *aqueles cavalos*?" (GRACILIANO RAMOS)

"Por que virá *o conde* quase de luto à festa?" (REBELO DA SILVA)

"Que deixara *ele* na terra do exílio?" (JOSÉ DE ALENCAR)

"Quem sou *eu* para ser digno da vida?" (DANTE MILANO)

"Como sabem *eles* distinguir a fruta nutritiva da venenosa?" (CARLOS DE SÁ MOREIRA)

No entanto, antepõe-se o sujeito ao verbo:

a) quando se interpõe a locução enfática *é que*:

"Onde *é que este homem* vai parar?" (MACHADO DE ASSIS)

b) se iniciarmos a frase com o sujeito:

Teu irmão, por que não veio?

c) quando a palavra interrogativa encerra a frase:

Você viu isso *onde*?

Eles se retiraram *por quê*?

- nas orações optativas e imprecativas:

"E queira *Deus* que te não enganes, menino!" (CARLOS DE LAET)

"Possa *o sangue do mártir* remir o crime do presbítero!" (ALEXANDRE HERCULANO)

"Pudera *eu* dilatar-lhe a vida!" (ALEXANDRE HERCULANO)

"Morra *o alienista!* Bradavam vozes mais perto." (MACHADO DE ASSIS)

Todavia, às vezes prefere-se a anteposição:

"*Bons ventos* o levem!" (MACHADO DE ASSIS)

"*O Senhor* te ouça!" (MACHADO DE ASSIS)

"*Deus* vos leve, defenda e traga!" (D. FRANCISCO MANUEL DE MELO)

- em certas frases exclamativas:

  "Como são belas *aquelas palmeiras*!" (Visconde de Taunay)

- nas orações imperativas:

  Acompanha-o *tu*, guerreiro ilustre!

  "Ouçam *todos* o mal que toca a todos." (Luís de Camões)

- nas orações interferentes:

  "É falso, interrompeu *o presidente*." (Machado de Assis)

  "Rico, muito rico – pensava *Caúla* – quem possuía um barco como aquele!" (Adonias Filho)

- na voz passiva pronominal:

  "Contavam-se dele *coisas muito bonitas*." (Machado de Assis)

  "Nas lanchas, ouvem-se *gritos, choros, pedidos de socorro*." (Jorge Amado)

Contudo, a necessidade de pôr o sujeito em relevo leva-o, ocasionalmente, para o início da frase:

Os louvores recebem-se com agrado.

"*As consciências* esclarecem-se e não se forçam." (Alexandre Herculano)

"*Vozes* não se escutam quase, só aquele murmúrio abafado." (Raquel de Queirós)

"*Muitas coisas* se dizem, que não deviam ser ditas." (Carlos Drummond de Andrade)

- em orações como as seguintes, em que se realça a ideia expressa pelo predicativo, colocando-se este no início da frase ou depois do verbo:

  "Sábio era *ele*, mas faltava-lhe a prática do mundo." (Camilo Castelo Branco)

  "Eram sólidos e bons *os móveis*." (Machado de Assis)

Observação:

✔ A posição do sujeito pode influenciar a concordância do verbo. Assim, por exemplo, vindo o sujeito composto depois do verbo, este poderá concordar com o núcleo mais próximo:

"Acuso-vos disso *eu e todo o povo de Santarém*." (Almeida Garrett)

"De pouco lhe *valeu a astúcia e a coragem*." (Rodrigues Lapa)

3 ANTECIPAÇÃO DE TERMOS DA ORAÇÃO

Não poucas vezes antecipamos, na frase, um termo que desejamos pôr em evidência. Eis alguns casos mais frequentes:

- antecipação do sujeito na oração subordinada:

  Meu pai, sabes que não quer. [= Sabes que *meu pai* não quer.]

  O mal parece que se agravou. [= Parece que *o mal* se agravou.]

  "*O rio*, nem sei se tem nome." (Vivaldo Coaraci)

  "*Aqueles Cavaleiros* vê-se que nos esperam." (Alexandre Herculano)

  "*Os filhos* parece que envelhecem a gente." (Mário Barreto)

"Eu sei bem *o plantão dele* como é!" (MARQUES REBELO)

"*Eles* parece que são muitos." (ANÍBAL MACHADO)

"*Esses anos de Juiz de Fora* parece mesmo que foram marcados de glória, para Luisinho." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"*Os homens* é assim que fazem." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"*A mocidade*, dizem que não cria ferrugem." (MÁRIO QUINTANA)

- antecipação do objeto direto:

Verdades há que não se dizem.

"*Os exemplos* achou-os na História e em Itaguaí." (MACHADO DE ASSIS)

"*Animal mais inútil* nunca vossos olhos viram." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

- antecipação do objeto indireto:

De música todo o mundo gosta.

"*A esta pergunta* ninguém respondeu." (ALEXANDRE HERCULANO)

"*A Caribe* não faltavam astúcia e experiência." (JORGE AMADO)

"*A mim* o que me deu foi pena." (RIBEIRO COUTO)

"*Da limpeza pública* se encarregam uns elefantes artificiais, que aspiram tudo." (PAULO MENDES CAMPOS)

- antecipação do predicativo do sujeito ou do objeto:

Impossível seria permanecer parado.

"*Mal-educado* eu sou, mas ingrato não." (PAULO MENDES CAMPOS)

"*Perigoso* é se o velho deixar se influenciar pelo filho." (CIRO DOS ANJOS)

"*Bonitos* são (os quadros), mas estão manchados." (MACHADO DE ASSIS)

"*Doente*, todo mundo fica, João." (MARQUES REBELO)

"*Arquiteto do Mosteiro de Santa Maria*, já o não sou." (ALEXANDRE HERCULANO)

"Respirava com ruído e tinha *roxas* as orelhas grandes." (GRACILIANO RAMOS)

"Jorge soltou uma risada, tão *feliz* ficou." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

- antecipação do adjunto adverbial:

Naquele país, ladrão não tem vez.

- antecipação do verbo da oração subordinada:

"Lembrava-se bem das notas, *eram* parece que verdes, grandes e frescas." (MACHADO DE ASSIS) [= parece que eram verdes...]

4 COLOCAÇÃO DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS

As orações subordinadas substantivas, de acordo com a índole de nossa língua, pospõem-se, em geral, às principais.

Mas na linguagem enfática ou emotiva, é frequente antepor tais orações às principais, a fim de lhes dar realce. Exemplos:

"*De cumprir meu voto* ninguém poderá mover-me." (ALEXANDRE HERCULANO)

"*Se o mundo tinha razão*, não o diremos nós." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Vicência, *se estava comovida pelo que acabava de ouvir*, não demonstrava." (LUÍS JARDIM)

"*Por que brigavam no meu interior esses entes de sonho* não sei." (GRACILIANO RAMOS)

"*Que passavam aperturas*, via-se claramente na pobreza da casa." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

As orações adjetivas pospõem-se ao substantivo ou pronome a que se referem, podendo vir intercaladas na oração principal, como vimos no estudo destas orações.

As subordinadas adverbiais são as orações que gozam de maior mobilidade dentro do período, podendo, conforme o caso, vir antes, no meio ou depois da oração subordinante.

Exemplos:

"*Onde me espetam*, fico." (MACHADO DE ASSIS)

"Dali via, *sem ser visto*, a sala de visitas." (LÚCIO DE MENDONÇA)

"Iracema, *depois que ofereceu aos chefes o licor de Tupã*, saiu do bosque." (JOSÉ DE ALENCAR)

"Eram quatro horas da manhã, *quando emergi do meu letargo*." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"*Quando dei por mim*, já passava de uma da madrugada." (FERREIRA GULLAR)

Escrevendo, cumpre fugir à monotonia da ordem direta e assegurar à frase harmonia e variedade de ritmo, usando, com equilíbrio e bom gosto, ora uma, ora outra ordem.

Evitar-se-ão, sobretudo, construções malsoantes e cacofônicas, inversões violentas e transposições forçadas, que comprometem a clareza da expressão, dando margem a falsos sentidos.

EXERCÍCIOS LISTA 56

1. Transcreva as frases, numerando-as de acordo com os tipos de construção:

(1) **ordem direta** (2) **ordem inversa**

a) Após um mês de férias, reabre sua academia de dança a bailarina Casanova.

b) O vaga-lume voou mais alto e comparou-se às estrelas.

c) Sua fábrica de laticínios, instalada no ano passado, vai de vento em popa.

d) Na árvore próxima à casa estavam pousadas duas rolinhas.

2. Relacione as frases aos termos antecipados que nelas ocorrem:

(1) antecipação do sujeito da oração subordinada

(2) antecipação do objeto direto

(3) antecipação do objeto indireto

(4) antecipação do predicativo

(5) antecipação do adjunto adverbial

(6) antecipação do verbo da oração subordinada

(7) anteposição da oração subordinada à oração principal

- Em canoa furada eu não embarco.
- "Aos nativos Colombo chamou de índios." (MILLÔR FERNANDES)
- "O homem parece que teve pena." (RAQUEL DE QUEIRÓS)
- "Esse segredo eu guardaria só para mim." (POVINA CAVALCÂNTI)
- "Animal mais inútil nunca vossos olhos viram." (RAQUEL DE QUEIRÓS)
- "Equilibrava-me não sei como." (GRACILIANO RAMOS)
- "Bonita, atraente, isto era ela, de verdade." (POVINA CAVALCÂNTI)
- "Com as árvores e os bichos ele se entende." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)
- "Surpresa maior eu não podia ter." (RUBEM FONSECA)
- "Que passavam aperturas, via-se claramente na pobreza da casa." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

3. Leia o seguinte caso e informe se a oração subordinada adjetiva em destaque está construída na ordem direta ou inversa:

Aviso aos caçadores

Um pecuarista de Alegrete, no Rio Grande do Sul, não suportando mais os problemas **que lhe causavam os caçadores da região**, mandou colocar na porteira de sua fazenda uma placa de madeira com este aviso: "É expressamente proibido atirar em qualquer coisa que se mexa neste campo. Poderiam acertar no capataz."

(*Realidade*, junho de 1974)

4. Coloque os termos dos períodos abaixo na ordem direta:

a) "Mais depressa que seu marido perdera Rosália as esperanças." (ANÍBAL MACHADO)

b) "O rio, nem sei se tem nome." (VIVALDO COARACI)

c) Louco és tu, disse-me ele, se a tanto aspiras.

d) "Estreito era o círculo das suas ideias." (MACHADO DE ASSIS)

e) "Ótimo negócio fizera incontestavelmente o velho tio." (VISCONDE DE TAUNAY)

f) "Não tem azul nem estrelas a noite que enlutam os ventos." (JOSÉ DE ALENCAR)

g) "Por que foram os persas, logo que se deram às delícias do luxo, vencidos pelos lacedemônios?" (CAMILO CASTELO BRANCO)

5. Melhore a redação das frases, usando criteriosamente a ordem inversa:

a) Ele tentou convencer-me em vão.

b) Um pequeno incidente deu-se na família cinco meses depois.

c) Porém casa de confiança onde se ocultasse, faltava-lhe.

d) O navio sulcava garbosamente as águas da baía, dias depois, numa radiante manhã de domingo.

e) A tempestade passada, o arco-íris aparece no céu, símbolo da bonança e da união.

f) Suas palavras perturbam-me não tanto como o seu olhar e sorriso.

g) O velho caminhão estava parado, ficou parado.

h) Nunca sentira inveja de ninguém, mas ele sentia de mestre Vitorino, o dono do barco.

i) O espetáculo de um desfile de escolas de samba no Rio de Janeiro é também único no mundo.

6. Escreva as frases abaixo, colocando convenientemente os sujeitos que figuram entre parênteses:

a) Do fundo da mata subiam. (**vozes misteriosas**)

b) Quando poderemos estar livres disso tudo? (**nós**)

c) Pouco tardou a espalhar-se pelo povoado. (**a notícia fatal**)

d) Mas aos ouvidos do chefe não podia chegar. (**a voz do mensageiro**)

e) Onde pretendem encontrar os recursos necessários? (**eles**)

f) Que importa ao escravo? (**a vida**)

g) Senti quanto era justa. (**aquela queixa**)

h) Como se portaram durante a excursão? (**os alunos**)

i) Por que teria saído de casa tão cedo? (**a vizinha**)

j) Para onde se dirige a essas horas? (**você**)

k) Possam despertar as consciências adormecidas. (**tuas palavras**)

l) Feliz serás se desta te livrares. (**tu**)

m) Pelo alto dos muros estendem-se. (**as trepadeiras floridas**)

n) Não vindo, saíram a buscá-lo. (**ele**)

o) Que teria percebido nas minhas palavras? (**o homem**)

p) Pareciam de prata, assim contra a luz, pintados de branco. (**os pequenos barcos**)

7. Disponha o termo das frases abaixo de outras maneiras aceitáveis:

a) A Química presta grande auxílio à Medicina.

b) O céu se arqueia como um teto de bronze infindo e quente, sobre o deserto adormecido.

c) "Entre os troncos da brenha hirsuta, o Bandeirante jaz por terra, à feição de um tronco derribado." (Olavo Bilac)

d) "Mil coisas imprevistas nos esperam nos muitos meandros da existência." (Visconde de Taunay)

e) "À entrada do prédio reunira-se, de um minuto para outro, um mundo de gente." (Fernando Namora)

f) "Passeiam, à tarde, as belas na Avenida." (Carlos Drummond de Andrade)

g) Saltaram do moderníssimo carro esporte uma garota e um rapaz.

h) "Passava pela calçada o fotógrafo João Lopes carregando a sua máquina a tiracolo." (Josué Guimarães)

8. Ordene os termos dos períodos seguintes de tal maneira que se desfaça a ambiguidade, isto é, o duplo sentido. Use as vírgulas necessárias:

a) Os terroristas obrigaram o pessoal da redação e da oficina do jornal a retirar-se antes do empastelamento do prédio.

b) Descia um perfume do alto da montanha que embriagava os sentidos.

c) Mando-te uma cadelinha pela minha empregada que tem as orelhas cortadas.

d) A guerra nada conserta: nada mais é que uma efusão de sangue inútil.

e) Marisa retira a chave nervosa da bolsa que introduz na fechadura com medo.

9. Neste pequeno relato jornalístico nota-se um erro de colocação que ocasiona duplo sentido. Qual é o erro e como se pode corrigi-lo?

"Numa de suas viagens à Amazônia, pelo Projeto Radam, o sertanista Peret conseguiu ajudar os índios nos seus dias de caça, trazendo os animais abatidos de helicóptero para uma picada próxima das palhoças.

Agora, uma nova equipe chegou à mesma tribo. Quando planejaram a primeira caçada, ouviram de um caiapó:

– Eu mato o veado. Você arranja o cavalo voador. (Diarã katon uati. Kaí rarére birreotú.)"

(*Jornal do Brasil*, 26/4/1974)

10. Escreva os períodos, iniciando-os com os termos indicados entre parênteses e dispondo os demais de modo ideal:

a) Um homem gordo pode ser muito fino? (**verbo auxiliar**)

b) A água do coco por onde entra? (**predicado**)

c) Muito mais que um chute na canela dói um bom drible. (**sujeito**)

d) No meio da catarata ninguém pode beber água. (**objeto direto**)

e) Seu grito foi tão alto que o morcego saiu feito uma bala, pela janela. (**predicativo do sujeito**)

f) Era mais do que visível que Simplício ficara com um nó na garganta. (**oração subordinada substantiva**)

g) Foi infeliz o Virgulino, que, não tendo cavalo, deu com os burros n'água. (**predicativo do sujeito**)

h) Só o capim interessava aos animais. (**objeto indireto**)

i) Criaturas ingratas! Não têm boca para agradecer. (**adjunto adnominal**)

j) As declarações do ministro não podiam agradar ao presidente. (**objeto indireto**)

11. Dê ênfase ao predicativo colocando-o no início da frase:

O que estavam fazendo com aquela gente era sumamente injusto.

5 COLOCAÇÃO DOS PRONOMES OBLÍQUOS ÁTONOS

Neste exemplo de José Fonseca Fernandes:

"Despediu-*se* aborrecido do especialista, que, amável, estendia-*lhe* a mão com simpatia."

podemos observar que os pronomes pessoais átonos *se* e *lhe* se incorporam foneticamente ao verbo, formando com este como que uma só palavra.

Conforme sua posição junto ao verbo, os pronomes oblíquos átonos podem ser:

- **proclíticos** (antepostos ao verbo)
  Isso não **se** faz.
- **mesoclíticos** (intercalados no verbo)
  Chamar-**me**-iam de louco.
- **enclíticos** (pospostos ao verbo)
  Quero-**lhe** muito bem.

Essas três colocações dos pronomes átonos denominam-se, respectivamente, *próclise, mesóclise* e *ênclise*.

Observação:

✔ As normas que vamos dar acerca da colocação pronominal aplicam-se também ao pronome demonstrativo *o*, que pode incorporar-se ao verbo à maneira de um pronome pessoal átono, como no exemplo:

Ia dizer-lhe uma palavra áspera, mas não *o* fiz.

6 PRÓCLISE

A próclise será de rigor:

- quando antes do verbo houver, na oração, palavras que possam atrair o pronome átono[1]. Tais palavras são principalmente:

a) as de sentido negativo:

Não *o maltratei*.

Nunca *se queixa* nem *se aborrece*.

Ninguém *lhe resiste*.

Nada *a perturba*.

Nenhum lugar *nos agradou*.

Jamais *te importunei*.

Observação:

✔ Se a palavra negativa preceder um infinitivo não flexionado, é possível a ênclise: Calei-me para não *magoá-lo*.

(1) Não se trata, é claro, de uma atração de natureza física, mas sim da influência fonética que certas palavras exercem sobre as vizinhas para atender ao ritmo e à entoação da frase.

b) os pronomes relativos:

Há pessoas que *nos querem* bem. Nenhuma que *nos odeie*.

Conheces o homem por quem *te apaixonaste*?

"Só então Luísa adivinhou o que *se teria passado*." (FERNANDO NAMORA)

c) as conjunções subordinativas:

Quando *nos viu*, afastou-se.

Se *me ensinares* o caminho, chegarei lá.

Ela não quis os brincos, embora *lhe servissem*.

Ele é teu pai: é justo que *o ampares*.

Disse-me que não iria à festa, ainda que *a convidassem*.

Não sei como *se justificaram* perante a diretora.

Reagimos porque *nos agrediram*.

Observação:

✔ A elipse da conjunção não dispensa a próclise:

Peço a Vossa Excelência *me dispense* dessas formalidades.

Quando passo e *te vejo*, exulto.

d) certos advérbios:

Sempre *me lembro* dele.

Já *se abrem* as portas das lojas e dos bancos.

Bem *se vê* que não entendes do riscado.

Aqui *se trabalha*, lá *se fala* da vida alheia.

Deixe a pasta onde *a encontrou*.

Mais *se aprende* vendo do que ouvindo.

O avô talvez *o ajude* a comprar a casa.

Ainda *se lembra* de mim?

Por que o pai *lhe bate*?

Indaguei como *se chega* lá.

Observação:

✔ Se houver pausa depois do advérbio, prevalecerá a ênclise:

"Depois, encaminhei-me para ele." (SAID ALI)

"Aqui uma nuvem escura envolveu-lhe o espírito." (ANÍBAL MACHADO)

e) os pronomes indefinidos *tudo, nada, pouco, muito, quem, todos, alguém, algo, nenhum, ninguém, quanto:*

Tudo *se acaba*.

Nada *lhe agradava* ali.

Ignoro de quem *se trata*.

Pouco *se sabe* a respeito desse artista.

Algo *o incomoda*?

f) a palavra *só*, no sentido de *apenas, somente*, e as conjunções coordenativas alternativas *ou... ou, ora... ora, quer... quer*:

Só *me ofereceram* um copo d'água.

Só *se lembram* de nós quando estão doentes.

Ou ele *se corrige* ou *lhe voltarão* as costas.

O rio, ora *se estreita*, ora *se alarga* caprichosamente.

Quer *nos atacasse*, quer *se escondesse*, a onça era sempre um perigo.

- nas orações optativas cujo sujeito estiver anteposto ao verbo:

Deus *o guarde!*

Os céus *te favoreçam!*

A terra *lhe seja* leve!

- nas orações exclamativas iniciadas por palavras ou expressões exclamativas:

Como *te iludes!*

Quanto *nos custa* dizer a verdade!

"Que de coisas *me disse* a propósito da Vênus de Milo!" (MACHADO DE ASSIS)

- nas orações interrogativas iniciadas por advérbio ou pronome interrogativos:

Quando *me visitas?*

Quem *se apresenta?*

Por que *vos entristeceis?*

Acaso *lhe faltam* recursos?

Na pronúncia do Brasil, as formas pronominais oblíquas não são completamente átonas; são, antes, semitônicas. Assim se explica por que entre nós é predominante a tendência para a próclise:

Ele terá de *se explicar*.

É o que eu queria *lhe dizer*.

As pessoas foram *se retirando*.

Me empreste o livro.

"Calado, *me diga* se devo ir-me embora." (CECÍLIA MEIRELES)

"Nosso sonho vai *se realizar*." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

"*Te agarra* com aquele pretinho do céu, Amparo!" (JOSUÉ MONTELLO)

"Percebi que estavam *me chamando*." (VIVALDO COARACI)

"*Me* penteio, *me* lavo, *me* embelezo." (MARINA COLASANTI)

"Como teria *se comportado* aquela alma de passarinho...?" (RAQUEL DE QUEIRÓS)

7 MESÓCLISE

A intercalação das variações pronominais átonas ocorre somente no futuro do presente e no futuro do pretérito, desde que antes do verbo não haja palavra que exija a próclise. Exemplos:

Realizar-se-á, em maio, uma reunião de prefeitos.

Falar-lhe-ei a teu respeito, na primeira oportunidade.

Por este processo, *ter-se-iam* obtido melhores resultados.

"*Dir-me-á* o leitor que a beleza vive de si mesma." (MACHADO DE ASSIS)

"Eu derrocarei o templo de Jeová e *edificá-lo-ei* em três dias!" (EÇA DE QUEIRÓS)

"*Dar-me-iam* água para lavar as mãos?" (GRACILIANO RAMOS)

"Gildete *manter-se-ia* atenta para o que desse e viesse." (JORGE AMADO)

"Sua atitude é serena, *poder-se-ia* dizer hierática, quase ritual." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"Viesse a música de onde viesse, *conduzi-lo-ia* à terra." (JOSÉ FONSECA FERNANDES)

"*Contentar-nos-emos* agora com sambas velhos..." (GRACILIANO RAMOS)

Havendo palavra atrativa, impõe-se a próclise:

Não *lhe pedirei* nada. Ninguém *se importaria*.

Observações:

✔ Em caso algum se haverá de pospor o pronome átono ao futuro do indicativo: dir-se-ia, dir-lhe-ei, dir-lhe-ia, far-se-ia, vender-lhe-ei, chamá-lo-ia, e nunca: diria-se, direi-lhe, diria-lhe, faria-se, venderei-lhe, chamaria-o.

✔ A mesóclise é colocação exclusiva da língua culta e da modalidade literária. Na fala corrente, emprega-se a próclise: Eu *lhe* direi a verdade. Eles *se* arrependerão (ou *vão se arrepender*). Ela *o* chamaria de louco. Ao meio-dia, *nos* sentaríamos à mesa.

8 ÊNCLISE

Os pronomes átonos estarão em ênclise:

- nos períodos iniciados pelo verbo (que não seja o futuro), pois, na língua culta, não se abre frase com o pronome oblíquo:

  "*Vai-se* a primeira pomba despertada!" (RAIMUNDO CORREIA)

  "*Diga-me* isto só, murmurou ele." (MACHADO DE ASSIS)

  "*Vendo-a* entrar, Araquém partiu." (JOSÉ DE ALENCAR)

Observação:

✔ Iniciar a frase com pronome átono só é lícito na conversação familiar, despreocupada, ou na língua escrita, quando se deseja reproduzir a fala dos personagens:

Me ponho a correr na praia.

"*Me* larga! Eu quero ir embora." (FERNANDO SABINO)

"*Nos* atirarmos à água pode nos ser fatal." (MILLÔR FERNANDES)

- nas orações reduzidas de gerúndio, quando nelas não houver palavras atrativas:

  "O anão chegara-se a Inocência, *tomando-lhe* uma das mãos." (VISCONDE DE TAUNAY)

Se o gerúndio vier antecedido da preposição expletiva *em*, ou modificado por um advérbio, usar-se-á a próclise:

Em *se tratando* de um caso urgente, nada o retinha em casa.

Não *o achando* em casa, voltei desanimado.

Custódio era dado ao luxo, pouco *se importando* com despesas.

- nas orações imperativas afirmativas:

  Procure suas colegas e *convide-as*.

  "Romano, *escuta-me*!" (OLAVO BILAC)

Observação:

✔ A próclise com o imperativo afirmativo não era estranha ao português clássico:

"Agora tu, Calíope, *me ensina*..." (LUÍS DE CAMÕES)

O pão nosso de cada dia *nos dai*, hoje. (oração dominical)

- junto ao infinitivo não flexionado, precedido da preposição *a*, em se tratando dos pronomes *o, a, os, as*:

  Todos corriam *a ouvi-lo*.

  Começou *a maltratá-la*.

  "Sabe ele se tornará *a vê-los* algum dia?" (JOSÉ DE ALENCAR)

Junto a infinitivo flexionado, regido de preposição, é de rigor a próclise:

Repreendi-os por *se queixarem* sem razão.

- Vindo o infinitivo impessoal regido da preposição *para*, quase sempre é indiferente a colocação do pronome oblíquo antes ou depois do verbo, mesmo com a presença do advérbio *não*:

  Corri para *defendê-lo*.

  Corri para *o defender*.

  Calei-me para não *contrariá-lo*.

  Calei-me para não *o contrariar*.

Observação:

✔ Escritores clássicos costumavam intercalar o advérbio *não* entre o verbo e o pronome proclítico:

"E queira Deus que *te não enganes*, menino!" (CARLOS DE LAET)

"Há coisas que *se não descrevem*." (GASTÃO CRULS)

"Já *me não lembravam* os três primeiros nomes." (MACHADO DE ASSIS)

Tal colocação é obsoleta.

9 ÊNCLISE EUFÔNICA E ENFÁTICA

Em certos casos, a ênclise é justificada por exigências da eufonia ou da ênfase, embora com sacrifício das regras expostas no estudo da próclise.

"Era verdade que Dom Augustin *excedera-se* um pouco." (VIANA MOOG)

Acontecia às vezes que uma das éguas xucras *arrumava-lhe* um coice." (VIVALDO COARACI)

10 COLOCAÇÃO DOS PRONOMES ÁTONOS NOS TEMPOS COMPOSTOS

- Nos tempos compostos os pronomes átonos, na língua culta de tradição lusitana, se juntam ao verbo auxiliar e jamais ao particípio, podendo ocorrer, de acordo com as regras já estudadas, a próclise, a ênclise ou a mesóclise:

  Os amigos *o tinham prevenido*.

  Os presos *tinham-se revoltado*.

  Nunca *a tínhamos visto*.

  Haviam-no já declarado vencedor.

  Até lá muitos já *se terão arrependido*.

  "Você *tem-se governado* com virtude e fina sabedoria." (AMADEU DE QUEIRÓS)

  "Muitas infelicidades *me haviam perseguido*." (GRACILIANO RAMOS)

  "*Ter-lhe-ia sido* nociva alguma de minhas prescrições?" (GASTÃO CRULS)

  "Não devíeis *tê-los libertado*." (ANA MIRANDA)

  "Eu *tinha-me escondido* atrás de uma mangueira muito alta." (AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA)

- A colocação do pronome átono junto ao particípio, censurada pela Gramática tradicional, é peculiar à língua portuguesa do Brasil, em todos os níveis de fala, e encontra acolhida entre os melhores escritores modernos. Exemplos:

  "Tinha *se esquecido* de conferir o bilhete." (VIVALDO COARACI)

  "A conversa na mesa teria *lhe dado* suficiente prestígio para isso?" (JORGE AMADO)

  "A terra devia ter *se contorcido*, fervendo em lama." (ADONIAS FILHO)

  "Era como se tivesse ido muito longe, ou *se escondido* atrás de uma parede muito grossa." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

  "A situação agora havia *se invertido*." (JOSÉ J. VEIGA)

  "O general Bagnuoli está plantado na sua colina de espera, depois de haver *se recusado* a enfrentar Nassau..." (ASSIS BRASIL)

  "Melhor destino, nem ele próprio teria *se concedido*." (NÉLIDA PIÑON)

11 COLOCAÇÃO DOS PRONOMES ÁTONOS NAS LOCUÇÕES VERBAIS

Nas locuções verbais podem os pronomes átonos, conforme as circunstâncias, estar em próclise ou ênclise ora ao verbo auxiliar, ora à forma nominal:

- Verbo auxiliar + infinitivo:

  Devo calar-me, ou *devo-me calar*, ou *devo me calar*.

Não devo calar-me, ou *não me devo calar*, ou *não devo me calar*.

Mandei-os entrar. Não os mandei entrar.

Podes ajudá-lo. Não o podes ajudar, ou *não podes ajudá-lo*.

Queriam enganar-me, ou *queriam-me enganar*, ou *queriam me enganar*.

Não queriam enganar-me, ou *não me queriam enganar*.

"Mas agora já *sabemos nos defender*." (GUIMARÃES ROSA)

"Não *posso me confessar* autor dessas barbaridades." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

"Se Vossa Senhoria quer, *posso lhe mandar* algumas." (MARTINS PENA)

Observação:

✔ Na fala brasileira, como atestam os três últimos exemplos, os pronomes átonos acostam-se, em geral, ao infinitivo.

- Verbo auxiliar + preposição + infinitivo:

Há de acostumar-se, ou *há de se acostumar*.

Não se há de acostumar, ou *não há de acostumar-se*.

Deixou de visitá-lo, ou *deixou de o visitar*.

Não o deixou de visitar, ou *não deixou de visitá-lo*, ou *não deixou de o visitar*.

- Verbo auxiliar + gerúndio:

Vou-me arrastando, ou *vou me arrastando*, ou *vou arrastando-me*.

Não me vou arrastando, ou *não vou me arrastando*.

As sombras foram-se dissipando, ou *as sombras se foram dissipando*, ou *as sombras foram se dissipando*, ou ainda *as sombras foram dissipando-se*.

V.Sª me está insultando, ou *V.Sª está me insultando*, ou *V.Sª está insultando-me*.

Não o estou criticando, ou *não estou criticando-o*.

Eu o estava lendo há pouco, ou *estava-o lendo há pouco*, ou *estava lendo-o há pouco*.

As forças *iam-se-lhe sumindo* de dia para dia.

"Que relógio parado *me estava governando*?" (CECÍLIA MEIRELES)

"A tarde *ia-se tornando* lindíssima." (CECÍLIA MEIRELES)

"Cada vez mais ela *se ia transformando*." (JOSÉ LINS DO REGO)

"Meus olhos *iam se enchendo* de água." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"Você *está me machucando*." (FERNANDO SABINO)

"Mas aos poucos foi *se adaptando*." (VIVALDO COARACI)

"Atualmente a justiça *está se tornando* inviável até para os ricos." (EVANDRO LINS E SILVA)

Observações:

- ✔ A colocação que se vê nos quatro últimos exemplos, com o pronome átono proclítico ao verbo principal, espelha um fato inequívoco da língua falada e escrita do Brasil. A Gramática não pode senão sancioná-la.
- ✔ A maneira de colocar os pronomes átonos, no falar brasileiro, nem sempre coincide com a dos portugueses, devido à entoação diferente e ao ritmo peculiar de nossa fala.
- ✔ As normas que acabamos de traçar acerca da topologia pronominal não devem ser vistas como preceitos intocáveis, ficando, em muitos casos, subordinadas às exigências da ênfase, da harmonia e espontaneidade da expressão.

EXERCÍCIOS LISTA 57

1. Nos exemplos abaixo aparecem todos os pronomes pessoais átonos. Escreva as frases, numerando-as de acordo com a colocação dos pronomes junto ao verbo. Em seguida sublinhe os pronomes:

(1) **proclítico** (2) **mesoclítico** (3) **enclítico**

Autorizaram-me a entrar.
Não te metas nisso.
Amai-vos uns aos outros.
Organizar-se-á uma equipe.
Todos o admiram.
Sustive-a na palma da mão.
Quem os ajudara?
Trato-as com muito respeito.
Comprar-lhe-ia roupa nova.
Não lhes acho graça.
Aprontamo-nos rapidamente.
É um prazer ouvi-lo falar.

2. Justifique a próclise, escrevendo e numerando as frases adequadamente, conforme as palavras que apareçam antes do verbo:

(1) **palavras de sentido negativo**
(2) **pronomes relativos**
(3) **conjunções subordinativas**

Ninguém **lhe** resiste.
Pedi que **se** afastassem.
Quando **me** lembrei, já era tarde.
Não **se** nega um copo d'água.
Preciso de alguém que **me** oriente.
São pessoas com quem **nos** identificamos.

3. Justifique a colocação dos pronomes oblíquos nestes períodos:

Deus **o** acompanhe!
Por que **se** preocupa tanto com essas coisas?
Não **a** vejo há muito tempo.

Ficar-**lhe**-ei grato por esse favor.
Distraímo-**nos** ouvindo música.
Tornei a visitá-**los** três meses depois.
Fiquei olhando o carteiro, que **se** aproximava.
Pedi licença para **me** retirar (ou retirar-**me**).
Como a gente **se** engana!
A mãe correu para as filhas, beijando-**as** muito.
Pedi que **os** guardasse em lugar seguro.
Procure seu irmão e peça-**lhe** desculpas.
Várias pessoas já **me** disseram isso.
Rugas precoces instalaram-**se** no rosto dele.
Tudo **nos** leva a crer que João é inocente.

4. Varie os verbos em todas as pessoas, com os pronomes mesoclíticos:

a) **Estabelecer-me-ei** nesta cidade.
b) **Retirar-me-ia** da reunião.
c) **Jogá-lo-ei** ao mar.
d) **Conceder-lhe-ia** licença.

5. Escreva corretamente o único período em que há erro de colocação pronominal; justifique:

a) Enquanto se absteve de beber e fumar, sua saúde melhorou.
b) Plantações de cana-de-açúcar estendiam-se até a linha do horizonte.
c) Ele não é um bom escritor, embora reconheça-lhe algumas qualidades.
d) Quando a patroa limpa a louça, ela o faz com extremo cuidado.

6. Copie o período no qual a mesóclise é inadequada, corrigindo a má colocação:

a) Sentir-me-ia mais aliviado, se conseguisse chorar um pouco.
b) Se mergulhares um pano vermelho neste rio, retirá-lo-ás cheio de piranhas.
c) Dir-se-ia que pairava sobre nós uma divindade funesta.
d) Nada contentá-lo-á enquanto não tiver a paz interior.

7. Reescreva de maneira correta as duas frases em que a colocação pronominal não está de acordo com o padrão culto. Justifique:

a) Caberia-lhe então mostrar patriotismo e competência.
b) Será preciso refazer a estrada, modificando-lhe o traçado.
c) Me disseram que a cachoeira de Sete Quedas sumiu rio abaixo, levada pelo progresso.

8. Coloque corretamente junto aos verbos em destaque os pronomes entre parênteses:

a) **Detive** para ouvir melhor. (*me*)
b) Nenhum obstáculo **fará** recuar. (*nos*)
c) Jacinto não entendeu o que Sônia **disse**. (*lhe*)
d) Quando ele **enfurece**, não há nada que **detenha**. (*se – o*)
e) Bem **vê** que não **preocupas** com essas coisas. (*se – te*)
f) Como **custa** perdoar uma ofensa! (*nos*)

g) Viesse donde viesse, **receberíamos** com a alegria de sempre. (*o*)
h) **Lembra** de nós – disse o padrinho, **despedindo**. (*te – se*)
i) **Retirarei**, se **recusais** a ouvir-me. (*me – vos*)
j) Talvez dali por diante agisse de outro modo, **acautelasse** contra pessoas inescrupulosas. (*se*)
k) Mais depressa **apanha** um mentiroso do que um coxo. (*se*)
l) Tudo **encantava** e **dizia** que a vida é bela. (*a – lhe*)
m) **Acenderam** fogueiras, onde **assaram** batatas-doces. (*se – se*)
n) Só **direi** isto: Ivone, jamais **esquecerei** de você! (*lhe – me*)
o) A avó gosta dos netos, **trata** com carinho, **alegra** quando **vê**. (*os – se – os*)
p) **Trataria** de objetos voadores não identificados? (*se*)

9. Dê outra colocação aos pronomes átonos, mas só quando for lícita:

a) Ergueram o homem e **o** carregaram até a farmácia mais próxima.
b) Quem **a** visse ao lado dos escravos **a** julgaria também cativa.
c) A brava nação tupi **se** erguerá novamente para expulsar o invasor.
d) Nada **a** satisfaria, enquanto não **os** tivesse consigo.
e) João **se** levantou para agredir-**me**, mas Luís deteve-**o**, segurando-**lhe** o braço.
f) A agricultura não **os** havia ainda fixado à terra.

10. Incorpore corretamente os pronomes aos tempos compostos e às locuções verbais:

a) **Teriam falado** a meu respeito? (*lhe*)
b) E se eu **houvesse enganado**? (*me*)
c) Era um vidrinho de perfume cuja essência já **tinha evaporado**. (*se*)
d) **Haviam procurado** em toda parte. (*o*)
e) **Tendo** o menino **distraído** na rua, não assistiu à primeira aula. (*se*)
f) **Teria mordido** algum cachorro? (*o*)
g) Várias pessoas já **tinham ido ver**. (*o*)
h) Era como se tivesse ido muito longe, ou **escondido** atrás de uma parede muito grossa. (*se*)
i) Ela aplaudia a transformação que **ia operando** em mim. (*se*)
j) O marido **está aconselhando** a desistir da viagem. (*a*)
k) Cada vez mais eles **foram distanciando** de nós. (*se*)
l) Eu **deveria reunir** a eles para a escalada do morro. (*me*)

11. Há mais de uma alternativa lícita para a colocação dos pronomes nos tempos compostos e nas locuções verbais. Assinale, em cada grupo, a que representa uma peculiaridade da fala brasileira:

Os presos tinham-se revoltado contra os carcereiros.
Os presos tinham se revoltado contra os carcereiros.
Os presos se tinham revoltado contra os carcereiros.
Você lhe devia ter cedido o lugar.
Você devia ter-lhe cedido o lugar.
Você devia ter lhe cedido o lugar.
O navio se foi afastando lentamente.

O navio foi se afastando lentamente.

O navio foi-se afastando lentamente.

O navio foi afastando-se lentamente.

12. Assinale a única frase em que a colocação do pronome átono espelha uma característica da língua portuguesa do Brasil:

"Que relógio parado **me estava governando**?" (CECÍLIA MEIRELES)

"Don'Ana pressente que alguma coisa de muito sério **se está processando**." (JORGE AMADO)

"**Dar-me-iam** algum monte de feno onde dormir..." (RUBEM BRAGA)

"Não faz mal que a plantação **se vá estendendo** por toda a área." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

"**Poderia ter se encontrado** com a raposa..." (LÊDO IVO)

"Aquela bonequinha de muita conversa e forte maquilagem **o estava enfeitiçando**." (VILMA GUIMARÃES ROSA)

13. Nos exemplos seguintes há outras opções para a colocação dos pronomes átonos. Dê todas as colocações lícitas:

a) Soube que estavam sozinhos: vim para os ajudar.

b) Eu aproximava-me deles com certo receio.

c) Os ingressos para o jogo podem-se comprar aqui.

d) Os homens devem-se amar uns aos outros.

e) "Não pode permitir-se o fabrico ou a importação de produtos que tais, alheios à demanda nacional mais urgente." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

f) "Ainda que voltasse a vista para mim, ele não poderia me ver." (RUBEM BRAGA)

g) "A tarde ia-se tornando lindíssima." (CECÍLIA MEIRELES)

h) Depois de amarrá-lo ao pé da árvore, eu dava-lhe de comer.

i) "Não me quis dizer o que era." (MACHADO DE ASSIS)

j) "Aquele freguês estava se dirigindo ao Chefe da Nação." (ANÍBAL MACHADO)

k) "Naquele tempo a escuridão se ia dissipando, vagarosa." (GRACILIANO RAMOS)

l) "Eu quis experimentar-te." (ALEXANDRE HERCULANO)

m) "Daqui a poucas horas me hás de conhecer." (ALEXANDRE HERCULANO)

n) "A mãe contava um caso qualquer que tinha se passado em casa." (AUTRAN DOURADO)

o) Eu devia esperar no colégio até que papai viesse buscar-me de carro.

p) Viúva acusa investigador de ter se apoderado de sua fortuna.

q) "O povo se comprimia cada vez mais ao pé do altar." (BERNARDO ÉLIS)

r) "Uma saudade funda lhe aperta o coração." (JOSÉ CONDÉ)

s) "Se Viana não saísse das Minas, o guarda-mor ver-se-ia obrigado a usar suas forças militares." (ANA MIRANDA)

14. Orientando-se pelo exemplo, redija os períodos abaixo na forma B:

A) Eu reconheci **algumas delas**.
B) **Algumas delas**, eu **as** reconheci.

a) Levava à boca as migalhas que lhe ficavam entre os dedos.
b) Os passarinhos conseguem frutas e insetos pelo seu próprio esforço.
c) Tu ensinaste a caridade, o perdão e o sacrifício durante toda a tua vida.
d) Ela fez os doces e as empadas bem gostosos.
e) Quem não admira o mar e seus encantos?

15. Corrija onde houver erro de colocação pronominal:

a) Quero que encontre-o imediatamente.
b) Não quero-lhe mal por isso.
c) Há pessoas que estimam-no demais.
d) Me diga onde poderei encontrar produtos aromatizantes.
e) Nunca levei-o a sério.

16. Escreva na ordem direta:

a) Remédios, os indígenas encontravam nas plantas.
b) Os avarentos, é certo que não aproveitam a vida.
c) De médico e de louco todos temos um pouco.
d) Durante aqueles breves momentos, rememorei toda a minha vida.
e) Considero valiosíssima a colaboração dos alunos.

17. Você acha que algo se modificou na segunda redação do exercício 16? Na ordem direta algo se perdeu? Justifique.

18. Coloque o pronome oblíquo antes ou depois do verbo, obedecendo às regras que orientam a colocação pronominal na norma culta.

a) Não levarei comigo! (a)
b) Espero que tenha dito a verdade. (lhe)
c) Ninguém assusta. (os)
d) Há muitos problemas que apavoram. (nos)
e) Sempre lembro daqueles dias maravilhosos. (me)

19. Faça como no exercício anterior.

a) Embora estime, está sempre repreendendo. (me, me)
b) Todos maltrataram, segundo diz. (o)
c) Já fizeram muitas perguntas sobre esse assunto. (nos)
d) Bem vê que você não conhece. (se, as)
e) Quando entregarão os resultados dos exames? (nos)
f) Diga só uma coisa: os amigos nunca haviam avisado do perigo? (me, o)

LEITURA
O inquérito

No dia seguinte foi o inquérito.

João Miguel ainda estava atordoado, meio tonto, quando Salu o escoltou até a pequena sala caiada, onde o delegado assistia, com a ordenança guardando a porta.

O escrivão, malvestido, magro, de cara vermelha grossa de espinhas, fazia a pena zumbir, monotonamente, como um inseto que fosse deixando a marca das patas em tinta roxa sobre a alvura das páginas do grande livro preto.

E foi um longo suplício esse inquérito, em que o delegado, defendido pelas figuras imóveis dos soldados de guarda, acastelado atrás da sua mesa carregada de papéis, o crivava de mil perguntas e ditava as respostas para o escrivão, de uma em uma, lançando devagar as palavras, como se, escorropichando cada sílaba da sombria história, mais aumentasse, mais enegrecesse o gesto do criminoso.

De repente, levantou os papéis, e de sob eles tirou uma faca de grossa bainha castanha.

O preso sentiu um baque no coração. Lentamente, o homem sacou fora da bainha a lâmina, que fulgurou à luz do dia, com um relâmpago branco de espelho.

Manchas escuras se espalhavam pela folha, cortando o brilho do aço. E, junto ao cabo, sob os dedos do delegado, que o seguravam indiferentes, uma crosta de sangue se agarrava ainda, teimosa, como o selo do crime.

O preso quase cambaleou ante aquela exibição que o cegava, enquanto o delegado, furando a madeira da mesa com a ponta da faca, continuava a perguntar:

— Reconhece como sua esta arma com que foi cometido o assassinato?

Ele apenas pôde baixar a cabeça. O homem insistiu na pergunta, até que o preso, afinal, conseguiu murmurar:

— Reconheço...

O delegado virou-se para o outro, que suspendera a pena, e machucava lentamente uma espinha inchada da cara:

— Senhor escrivão, lance a confissão do acusado.

Muito tempo depois, por fim satisfeito, o delegado o despediu com um conselho:

— Isto é para vocês se acostumarem a ter medida em cachaça... Veja você, um rapaz tão quieto, que nunca tinha dado uma entrada no xadrez...

O preso viu-se, afinal, a caminho da cela.

(Raquel de Queirós, *João Miguel*, in *Três Romances*, p. 134, José Olympio, Rio de Janeiro, 1957)

SINTAXE DE COLOCAÇÃO
Exercícios de exames e concursos
[Página 689]

EMPREGO DE ALGUMAS CLASSES DE PALAVRAS

1 ARTIGO

De modo geral, o artigo definido se aplica a seres conhecidos ou já mencionados e o indefinido a seres desconhecidos, indeterminados ou de que não se fez menção. Exemplo:

"*Um* dia, olhando para *o* quintal do vizinho, vi *um* rapaz que sorria para mim." (RIBEIRO COUTO)

▪ Artigo definido

▪ Dentre os nomes próprios geográficos, a língua atual distingue:

a) os que repelem o artigo:

Portugal, Roma, Atenas, Curitiba, Minas Gerais, Copacabana, etc.

b) os que exigem o artigo:

a Bahia, o Rio de Janeiro, o Porto, o Cairo, o Havre, a Argentina, as Canárias, os Açores, a Sicília, etc.

Diz-se, de preferência, *o Recife*.

Observação:

✓ Os locativos do primeiro grupo usam-se com o artigo sempre que vierem caracterizados por adjetivo, locução adjetiva, ou oração adjetiva: *o velho Portugal, a Roma dos Césares, a Atenas de Péricles, a soberba Catargo.*

"E passou a explicar como era *a Corumbá* em que nascera." (VIANA MOOG)

▪ Nomes próprios personativos são determinados pelo artigo quando usados no plural. Exemplos:

os Homeros, os Caxias, os Maias.

Anteposto a nomes de pessoas, o artigo denota intimidade e confere-lhes uma conotação familiar:

A Helena estuda à noite.

"E *o Costa* sempre lhano, risonho." (MACHADO DE ASSIS)

- O uso do artigo antes dos pronomes possessivos é, geralmente, livre:

Foi rápida *a sua passagem* (ou *sua passagem*) pelo Rio.

Seus planos (ou *os seus planos*) foram descobertos.

- Diz-se, sem o artigo:

Foram presos *todos três*.

"Era belo de verem-se *todos cinco* em redor da criança." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"... opinião desfavorável sobre *todas três*." (LIMA BARRETO)

"*Todas duas* eram bonitas e parecidas." (ARIANO SUASSUNA)

Mas com o artigo:

Foram presos *todos os três assaltantes*.

"... ficou *todos os três dias* no jornal." (LIMA BARRETO)

- Embora censurada por alguns gramáticos, é frequente, na língua atual, a anteposição do artigo *o* (como partícula de realce) ao advérbio *quanto* e ao pronome interrogativo *que*:

"Só agora via *o quanto* se enganara." (LÍGIA FAGUNDES TELLES)

"*O que* diria Deus daquilo tudo?" (JOSÉ LINS DO REGO, *apud* LUÍS CARLOS LESSA)

- O artigo e o numeral, antes dos substantivos *milhão*, *milhar* e *bilhão*, devem concordar no masculino:

Os dois milhões [e não *as dois*, nem *as duas milhões*] de árvores plantadas cresceram bem.

Os milhares de crianças que vivem nas ruas clamam por ajuda.

Haverá emprego para *os dois bilhões* de pessoas que podem trabalhar?

Observação:

✔ São viciosas construções como "*os* 1,1 milhão de servidores da União", "*os* 1,5 milhão de vítimas da guerra", "*os* 1,2 bilhão de chineses", etc., porque o numeral *um* não admite artigo. Com efeito, não se diz que alguém recusou *o* (ou *os*) *um* milhão de dólares pela sua casa, mas sim que recusou *um milhão* de dólares.

Omissão do artigo definido

Omite-se o artigo definido:

- antes de nomes de parentesco precedidos de possessivo:

"Vendeu Mariana as terras e deixou a casa *a sua tia*, que nascera nela e onde *seu pai* casara." (CAMILO CASTELO BRANCO)

Observação:

Às vezes a ênfase justifica a presença do artigo: "Viemos ver *o meu pobre irmão*." (CAMILO CASTELO BRANCO)

- antes das formas de tratamento, antes dos títulos honoríficos *dom* e *monsenhor*, bem como antes de *frei*:

"Engana-se *Vossa Senhoria*, disse o barbeiro." (MACHADO DE ASSIS)

"Travou-se acesa polêmica entre *Dom* Antônio de Macedo Costa e o Barão de Penedo." (HÉLIO VIANA)

Após a missa, *monsenhor* Gonçalves visitou um orfanato.

Para as crianças, *frei* Lucas era um pai.

- entre o pronome *cujo* e o substantivo imediato:

Há animais *cujo pelo* é liso. [E não: *cujo o pelo* é liso]

Afinal encontrei o livro *cuja capa* me havia fascinado.

- diante dos superlativos relativos, em frases como estas:

Ouvi *os mestres mais competentes*. [E não: *os mestres os mais competentes*]

Não lhe bastavam *as glórias mais embriagadoras*.

Observações:

✔ A repetição do artigo [*os* mestres *os* mais competentes, *as* glórias *as* mais embriagadoras] constitui, neste caso, um galicismo.

✔ Todavia, são de bom cunho as seguintes construções: *mestres os mais competentes, os mais competentes mestres, os mestres ainda os mais competentes:*

"Trinta milhões vivendo em níveis históricos *os mais contrastantes*." (VIANA MOOG)

"Neste fenômeno se patenteia a nobilitação que a singela prática do trabalho mais obscuro imprime nos caracteres *ainda os mais antipáticos*." (RAMALHO ORTIGÃO)

- frequentemente nos provérbios e máximas:

Pobreza não é vileza. *Tempo é dinheiro.*

- antes de substantivos usados em sentido geral ou indeterminado:

"Pra *queda* e *susto água fria é remédio*." (LUÍS JARDIM)

"Lera numa revista que *mulher* fica mais gripada que *homem*." (RICARDO RAMOS)

- em certas expressões como: *ouvir missa, declarar guerra, dar esmola, pedir perdão, pedir esmola, fazer penitência, a meu ver*, etc.

- diante da palavra *casa*, quando designa a residência, o lar da pessoa que fala ou de quem se trata:

Voltei *a casa*. Fui *para casa*. Venho *de casa*.

Saiu *de casa*. Foi *para casa*. Ficou *em casa*.

Observação:

✔ Todavia, se a palavra *casa* vier acompanhada de adjetivo ou locução adjetiva, antepõe-se-lhe, ordinariamente, o artigo:

João deixou *a casa paterna* ainda criança.

"... a costureira chegou *à casa da baronesa*." (MACHADO DE ASSIS)

"De tarde, arrastei-me até *a casa da preta velha*." (GASTÃO CRULS)

- antes de *terra* (em oposição a *bordo, mar*):

Alguns marinheiros ainda estavam em *terra*.

"Ele será o comandante das tropas holandesas quando em *terra*." (ASSIS BRASIL)

▪ O artigo e a crase

Convém recordar que a crase, resultante da contração da preposição *a* com os artigos *a, as,* só é possível diante das palavras femininas que admitem esses artigos.

▪ Artigo indefinido

Não obstante sua imprecisão, o artigo indefinido transmite ao substantivo grande força expressiva. Exemplos:

"... (o tigre) atirou-se como *um* estilhaço de rocha cortada pelo raio." (JOSÉ DE ALENCAR)

"Foi *uma* alegria, quando viu os pais." (RODRIGUES LAPA)

"Recomeçou a falar com *uma* calma que não sabia bem de onde vinha." (ANÍBAL MACHADO)

"Estou com *uma* fome..." (FERREIRA DE CASTRO)

Antepõe-se aos numerais para exprimir cálculo aproximado:

Fiquei esperando *uma* boa meia hora.

"Eu devia ter, por esse tempo, *uns* dezesseis anos." (RIBEIRO COUTO)

2 ADJETIVO

- O adjetivo aparece na frase como:

a) adjunto adnominal:

"O pranto orvalhou seu *lindo* semblante." (JOSÉ DE ALENCAR)

b) predicativo do sujeito:

"A repulsa de Bolívar foi *enérgica*." (MOACIR WERNECK DE CASTRO)

"Eram *sólidos* e *bons* os móveis." (MACHADO DE ASSIS)

c) predicativo do objeto:

"Achou a mãe *lépida, bem-disposta*." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

- Usa-se amiúde o adjetivo com valor de substantivo (adjetivo substantivado). Neste caso, antepõe-se-lhe o artigo. Exemplos:

O grito ecoou *no profundo* da mata. [*no profundo* = na profundeza]

"Tem nas faces *o branco* das areias que bordam o mar, nos olhos *o azul* triste das águas profundas." (José de Alencar)

"A paisagem, *num roxo* doloroso, se desdobra num pálio de ametista." (Olegário Mariano)

"Camilo achou-se diante de um longo véu opaco... pensou rapidamente *no inexplicável* de tantas coisas." (Machado de Assis)

"... comia pouco, mas estimava *o fino* e *o raro*." (Machado de Assis)

"Pessegueiros em flor tingem de opala *o verde* dos laranjais." (Viana Moog)

Inversamente, substantivos são às vezes usados como adjetivos:

O satélite *espião* detectou queimadas na Amazônia.

Após a explosão da bomba atômica, Hiroxima era uma cidade *fantasma*.

"Aí está o homem *anjo*." (Camilo Castelo Branco)

"O coração aqui no peito de Irapuã ficou *tigre*." (José de Alencar)

- Magnífico recurso estilístico é referir qualidades a substantivos abstratos em vez de a concretos. Exemplos:

Era angustiante a *monotonia cinzenta* da paisagem. [= paisagem *cinzenta* e *monótona*]

"Cesário teve medo da *tranquilidade* azul daqueles olhos." [= daqueles olhos *azuis* e *tranquilos*] (José Geraldo Vieira)

"Uma comoção profunda a pungiu, ante aquela *calma sofredora, suave*..." (Raquel de Queirós)

"Eduardo olhava por cima a *curiosidade agitada* de outros meninos." (Fernando Sabino)

Observe que, desse modo, se atribuem duas características a um ser. No último exemplo, *curiosidade agitada* dos meninos [= meninos *curiosos* e *agitados*].

- Comum é também usar-se o adjetivo no masculino singular, como advérbio:

Falemos *sério*. [= seriamente]

São pessoas *demasiado* crédulas.

"Matias sorriu *manso* e *discreto*." (Machado de Assis)

"Ela fugia com os olhos, ou falava *áspero*." (Machado de Assis)

"Os animais querem andar mais *ligeiro*." (Guimarães Rosa)

"Quando estavam *próximo* a um porto..." (Jorge Amado)

"A morte de Sílvia golpeou-a *fundo*." (Antônio Olavo Pereira)

"Os negociantes aguentavam *firme* no balcão até meia-noite." (Herberto Sales)

Outros exemplos de adjetivos adverbializados:

Falavam *alto*.	A porta estava *meio* aberta.
Tossia *forte*.	Compra *barato* e vende *caro*.
Raro a vemos.	*Breve* estarei lá.

O adjetivo adverbiado, geralmente invariável, às vezes concorda, por atração, com a palavra a que se refere:

"... finalmente paguei *cara* a curiosidade." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Estes homens rudes combatiam *meios* nus." (ALEXANDRE HERCULANO)

"Dona Eusébia entrou inesperadamente, mas não tão *súbita*, que nos apanhasse ao pé um do outro." (MACHADO DE ASSIS)

"Os cavaleiros galopam *rápidos* pela trilha estreita." (ASSIS BRASIL)

- As formas sintéticas dos superlativos são mais enfáticas que as analíticas e imprimem à ideia maior intensidade. Considerem-se estes exemplos:

"Naquele muro *aspérrimo* brotou uma flor descorada e sem cheiro." (MACHADO DE ASSIS)

"Pois assim sou esbulhado de um *sacratíssimo* direito?" (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Rio Branco morreu *pobríssimo*." (CARLOS DE LAET)

As formas diminutivas de certos adjetivos têm a força intensiva dos superlativos:

"Fui andando, sorrateiramente, *encostadinho* à parede." (MACHADO DE ASSIS)

Demos, anteriormente outras opções que a língua nos oferece para superlativar a ideia expressa pelo adjetivo. Convém recordá-las.

3 NUMERAL

- Para designar os números entre cem e duzentos, emprega-se a forma *cento*: *cento* e um reais, *cento* e vinte alunos.

Cem, forma contracta de *cento*, e como esta invariável, designa o número sucessivo a 99: *cem* anos, *cem* escolas.

- *Ambos*, feminino *ambas*, é número dual e significa *os dois*, *um e outro*:

Ambas as mãos estavam feridas.

"E como em *ambos* os reinos havia pecado, castigava-os Deus a *ambos*." (ANTÔNIO VIEIRA)

- Na designação dos séculos, reis e papas, usam-se os ordinais de um a dez e os cardinais de onze em diante. Exemplos:

Século V (*quinto*)	Século XX (*vinte*)
Pedro II (*segundo*)	Luís XV (*quinze*)
Pio X (*décimo*)	Pio XII (*doze*)

- Com referência ao primeiro dia do mês, usa-se o numeral ordinal:

"Outra missa foi celebrada no dia *1º de maio*, em terra firme." (JOÃO RIBEIRO)

Na designação dos outros dias do mês, emprega-se o cardinal:

D. João VI chegou ao Brasil *a* (ou *em*) *24* de janeiro de 1808.

"*A 2* de maio aprestaram-se para a partida." (JOÃO RIBEIRO)

"*Aos 21* de abril teve indícios de terra próxima." (JOÃO RIBEIRO)

- Na referência às páginas de um livro e nos endereços de apartamentos e casas de uma vila, usam-se os numerais cardinais:

Abri o livro na página *22*. [vinte e dois]

Apartamento *504*. Casa *2*. [dois]

- Diz-se corretamente:

Era *meio-dia e meia* (isto é, 12 *horas e meia*), e não *meio-dia e meio*.

- Não se usa o numeral *um* antes de *mil*.

Mil reais (e não *um mil reais*) é pouco.

Emprestei-lhe *mil* e seiscentos reais.

- Quando o sujeito da oração é *milhões*, seguido do substantivo feminino no plural, o particípio ou o adjetivo podem concordar, no masculino, com *milhões*, ou, por atração, no feminino, com o substantivo feminino:

Dois *milhões* de sacas de cereais estão ali *armazenados*. (ou *armazenadas*)

Foram *vacinados* cinco *milhões* de pessoas.

Os dois *milhões* de moedas serão *cunhados* (ou *cunhadas*) ainda neste ano.

- Os numerais multiplicativos *quíntuplo, sêxtuplo, sétuplo e óctuplo* usam-se também como substantivos para designar os indivíduos nascidos do mesmo parto. Exemplo:

Os quíntuplos ainda estão no berçário.

- Na linguagem afetiva e hiperbólica, usam-se certos numerais esvaziados do seu sentido próprio para exprimir número indeterminado, infinidade:

Durante a visita falou-se de *mil e uma* coisas.

"Na guerra os meus dedos disparam *mil* mortes." (Junqueira Freire)

"A vida tem uma só entrada: a saída é por *cem* portas." (Marquês de Maricá)

"Vá para os *seiscentos* diabos, inglês, que em negócio de amor lógica não entra!" (Luís Jardim)

4 PRONOMES PESSOAIS

Via de regra, os pronomes pessoais retos empregam-se como sujeitos, e os oblíquos como objetos ou complementos. Exemplo:

Ele	me	defende.
sujeito	*objeto direto*	*verbo*

- Contudo, as formas retas *ele(s), ela(s), nós, vós* também se usam com função objetiva, mas regidas sempre de preposição. Exemplos:

Pagarei *a ele mesmo*.

Lutei *contra ele*.

Atiraram *contra nós*.

Confio *em vós*.

Foi uma cena inédita; os que *a ela* assistiram ficaram impressionados.

"As suas palavras perderam-se no ar, ninguém deu atenção *a elas*." (Viriato Correia)

- Na linguagem coloquial informal, podem-se usar as formas pronominais retas como objetos diretos quando precedidas de *todos* ou *todas* ou acompanhadas de numeral:

Eu trouxe *todos eles* comigo.

Vi *todas elas* entrando na água.

"Quando crescêssemos mais ele ia pôr *nós dois* para amansar burro bravo." (José J. Veiga)

Na língua culta se dirá:

Eu *os trouxe* (ou *trouxe-os*) *todos* comigo. Eu *as vi todas* entrando na água.

Ele *nos iria* pôr *aos dois* para amansar burro bravo.

- As formas *o, a, os, as* empregam-se como objetos diretos:

Ninguém *o* agrediu. As crianças *os* seguiam.

Se *a* vejo triste, consolo-*a*. Os homens *as* admiram.

Observação:

✔ Eventualmente, podem esses pronomes funcionar como sujeito de uma oração infinitiva, como no exemplo:

Mande-o entrar.

[*Mande:* oração principal; *o entrar:* subordinada objetiva direta; *o:* sujeito]

- As formas átonas *lhe, lhes* usam-se como objetos indiretos:

Cedo-*lhe* a vez. Não *lhe* pagou a dívida.

Obedece-*lhes* com alegria. Ensinei-*lhes* o caminho.

- Os pronomes *me, te, se, nos, vos* são objetos diretos ou indiretos, conforme o verbo for transitivo direto ou transitivo indireto:

Objeto direto	**Objeto indireto**
Ele *me* estima.	Ele *me* obedece.
Todos *te* esperam.	Cedo-*te* o lugar.
A criança feriu-*se*.	Dá-*se* ares de importante.
Ele *nos* convidou.	Perdoe-*nos*.
Eu *vos* louvo.	Pergunto-*vos*: o que diz a lei?

- As formas tônicas *mim, ti* e *si* são sempre regidas de preposição:

Ela sentou-se *entre mim* e Lúcio.

Ele estava *entre* Nair e *mim*.

Podes viver *sem mim*, não posso viver *sem ti*.

Ele venceu *por si* mesmo.

Eles discutiam *entre si*, mas não brigavam.

O estrondo chegou *até mim*.

"... *entre mim* e *ti* está a cruz ensanguentada do Calvário." (Alexandre Herculano)

5 EU OU MIM?

- Observe o uso correto destes pronomes:

Ele deu o livro *para mim*.

Ele dera o livro *para eu* guardar. [E não: *para mim* guardar]

Não é difícil, *para mim*, ir lá. [*Para mim*, não é difícil ir lá.]

Fizeram tudo *para eu* ir lá. [*para eu ir lá* = para que eu fosse lá]

Ela chegou até *mim*.

Não vá *sem mim*.

Não vá *sem eu* mandar. [*sem eu mandar* = sem que eu mande]

"Não vá *sem eu* lhe ensinar a minha filosofia da miséria." (MACHADO DE ASSIS)

Note bem: emprega-se o *eu* quando for sujeito de um verbo no infinitivo, e *mim* quando complemento, ou adjunto adverbial.

- Os pronomes reflexivos *si* e *consigo*, para serem usados de acordo com a norma culta da língua, devem referir-se ao sujeito da oração. Exemplos:

O *egoísta* só pensa em *si*. [*si* refere-se ao sujeito *egoísta*]

Marcos levou a filha *consigo*. [*consigo* refere-se ao sujeito *Marcos*]

Os chefes reservaram os melhores lugares para *si*.

É óbvio que o *réu* não vai depor contra *si* próprio.

Você deve é cuidar de *si* e deixar os outros em paz.

O *criminoso* prejudica os outros e a *si* próprio.

O *senhor* guarde o recibo *consigo*.

O *vento* traz *consigo* a tempestade.

Lúcia gostava de usar o vestido que a *mãe* fizera para *si* mesma.

Inácio queria aquele importuno bem longe de *si*.

Passaram os *vândalos*, deixando após *si* destruição e lágrimas.

"... quantos não vale a [casa] que *você* deseja para *si*? (MACHADO DE ASSIS)

"*Ele* tem diante de *si* um velho inimigo." (ASSIS BRASIL)

- Em frases como as citadas no parágrafo anterior, não se deve usar *ele*, *ela*, em vez de *si*:

Marcos levou a filha *com ele*. (errado)

Marcos levou a filha *consigo*. (certo)

Ele tem *diante dele* um velho inimigo. (errado)

Ele tem *diante de si* um velho inimigo. (certo)

- São consideradas incorretas frases em que *si* e *consigo* não se referem ao sujeito da oração, como estas:

Eu tenho um recado para *si*, Regina.

[*eu*: 1ª pessoa; *si*: 2ª pessoa]

Mestre, nós queremos falar *consigo*.

[*nós*: 1ª pessoa; *consigo*: 2ª pessoa]

Segundo o padrão culto, as construções corretas são:

Eu tenho um recado para *você*, Regina.

Mestre, nós queremos falar com o *senhor*.

- Todavia, não nos parece condenável, na linguagem coloquial, o emprego de *si* e *consigo* sem caráter reflexivo, desde que tais pronomes não comprometam a clareza da frase. Entre outras razões, por serem mais cômodos, e às vezes mais adequados que os tratamentos *você* e o *senhor*. Exemplos:

"Se com a roleta empenada ainda der o 17 – e o senhor bem sabe que é impossível dar –, eu concordarei *consigo*." (Jorge Amado)

"Ora, isto é que eu não esperava de *si*, senhor Eduardo." (Camilo Castelo Branco)

"O caso é mesmo delicado para *si*, dada sua situação anterior." (Amando Fontes)

- Em vez de *conosco, convosco*, diz-se *com nós, com vós*, sempre que esses pronomes vierem acompanhados de palavra determinativa, como *próprios, mesmos, outros, todos*, etc.

Com nós outros isso não acontece.

Falei *com vós mesmos*.

O barco virou *com nós três*.

- As sequências pronominais *se o, se a, se os, se as* sempre foram condenadas pelos gramáticos e repelidas pelos bons escritores. Não se deve dizer, portanto:

Teu livro é bom, mas não *se o* encontra em parte alguma.

Os erros não *se os* cometem impunemente.

Roupa fica mais limpa quando *se a lava* com sabão.

As aves são livres, não *se as deve prender*.

As construções corretas são:

Teu livro é bom, mas não *se encontra* (ou *não é encontrado*) em parte alguma.

Os erros não *se cometem* impunemente.

Roupa fica mais limpa quando *se lava* (ou *quando lavada*) com sabão.

As aves são livres, não *se deve prendê-las*.

- Os pronomes oblíquos substituem muito elegantemente os possessivos em frases como as seguintes:

O barulho perturba-*me* as ideias. [O barulho perturba *as minhas ideias*.]

Ninguém *lhe* ouvia as queixas. [Ninguém ouvia as *suas queixas*.]

O vento *nos* despenteava os cabelos. [O vento despenteava os *nossos cabelos*.]

"A borboleta pousou-*me* na testa." (Machado de Assis)

"Laura acariciou-*lhe* o queixo num gesto vacilante." (Lígia Fagundes Telles)

"O lábio crispou-se-*lhe* num riso de maldade." (Olavo Bilac)

"Senti os olhos encherem-se-*me* de lágrimas." (Herberto Sales)

"O terror *lhes* contorce subitamente as faces." (Érico Veríssimo)

6 CONTRAÇÃO DOS PRONOMES OBLÍQUOS

Os pronomes oblíquos *me, te, lhe, nos, vos, lhes* contraem-se com os pronomes átonos *o*[1], *a, os, as*, da seguinte maneira:

me	+	o: *mo*	te	+	o: *to*	lhe	+	o: *lho*
me	+	a: *ma*	te	+	a: *ta*	lhe	+	a: *lha*
me	+	os: *mos*	te	+	os: *tos*	lhe	+	os: *lhos*
me	+	as: *mas*	te	+	as: *tas*	lhe	+	as: *lhas*
nos	+	o: *no-lo*	vos	+	o: *vo-lo*	lhes	+	o: *lho*
nos	+	a: *no-la*	vos	+	a: *vo-la*	lhes	+	a: *lha*
nos	+	os: *no-los*	vos	+	os: *vo-los*	lhes	+	os: *lhos*
nos	+	as: *no-las*	vos	+	as: *vo-las*	lhes	+	as: *lhas*

Exemplos:

Recebi os livros e gratifiquei o rapaz que *mos* entregou.

Se ele pedir a moto, eu *lha* emprestarei.

"Meu pai, que *mas* impôs inexoravelmente, considerava-as maravilhas." (VIVALDO COARACI)

"Punha a cereja, e a rir *ma* ofertava sem pejo." (RAIMUNDO CORREIA)

"O coração humano tem seus abismos e às vezes *no-los* mostra com crueza." (CIRO DOS ANJOS)

"Comeríamos à mesa, se *no-lo* ordenassem as escrituras." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

O que os santos têm de mais sagrado são os pés. Por isso os antigos fiéis *lhos* beijavam." (MÁRIO QUINTANA)

Observação:

✔ O emprego desses conglomerados pronominais restringe-se à língua escrita, nas modalidades literária e científica. Em geral, os autores brasileiros de hoje os evitam, dado o artificialismo de tais contrações.

▪ Registrem-se alguns casos curiosos de emprego expressivo dos pronomes oblíquos:

Não *me* toque nessa pasta.

Leve-*me* esse homem para fora.

Não *me* venhas com desculpas.

"No dia seguinte, entra-*me* em casa o Cotrim." (MACHADO DE ASSIS)

"Como eu tivera bons começos de música, os papéis *me* eram fáceis." (RIBEIRO COUTO)

As coisas não *lhe* saíram como esperava.

Observação:

✔ Nos três primeiros exemplos, o pronome *me* denota interesse e é expletivo: portanto, sem função sintática.

(1) Pronome pessoal ou pronome demonstrativo.

7 O PRONOME *SE*

O pronome *se* aparece na frase como:

- pronome reflexivo, com a função sintática de objeto direto de verbos reflexivos:

Se você está doente, *trate-se*.

"A verdade é que o marinheiro não *se matou*." (MACHADO DE ASSIS)

"Os monges budistas *se imolam* em praça pública." (JOSÉ CARLOS OLIVEIRA)

"Tibério fez um rápido exame de consciência e *achou-se* culpado." (ÉRICO VERÍSSIMO)

- pronome reflexivo, com a função de objeto indireto de verbos reflexivos:

Ele *arroga-se* o direito de intervir. [se = *a si*]

Ela *impôs-se* uma dieta severíssima.

O rapaz *dá-se* muita importância.

Eles *atribuem-se* qualidades que não têm.

- pronome reflexivo, com a função de objeto direto de verbos reflexivos recíprocos:

Os dois *amam-se* como irmãos. [um ama *o outro*]

"Os repórteres *entreolharam-se* em silêncio." (ÉRICO VERÍSSIMO)

"Os dois homens *cumprimentaram-se* friamente." (MACHADO DE ASSIS)

"Os elegantes *acotovelam-se* nos corredores." (FRANÇA JÚNIOR)

- pronome reflexivo e objeto indireto de verbos reflexivos recíprocos:

Os dois jovens *deram-se* provas de profunda amizade.

Avó e neta *queriam-se* muito. [uma queria muito *à outra*]

Os dois escritores *se corresponderam* durante 40 anos.

- pronome reflexivo, sujeito de um infinitivo:

O cego deixa-*se* levar pelo guia." [*se*: sujeito de *levar*]

"Sofia deixou-*se* estar à janela." (MACHADO DE ASSIS)

"Deixou-*se* estar alguns meses em Curaçau, amadurecendo o projeto." (MOACIR WERNECK DE CASTRO)

- pronome apassivador. Forma a voz passiva pronominal, juntando-se a verbos transitivos:

"Ainda *se viam* ali carros carregados de madeira." (HERBERTO SALES)

"Justo é que *se deem* todas as honras a um personagem tão desprezado." (MACHADO DE ASSIS) [*se deem* = sejam dadas]

Sabe-se que as línguas evoluem.

"Jabuticaba *chupa-se* no pé." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

"Antes de *se batizarem* os gentios, *batizou-se* a terra encontrada." (MANUELA CARNEIRO DA CUNHA)

Devolveram-se as terras aos legítimos donos.

- índice de indeterminação do sujeito:

Aqui *se vive* em paz. *Pode-se* andar, sem medo, pela cidade.

Ali *trabalhava-se* com prazer.

Detesta-se aos aduladores.

Responde-se às cartas dos leitores.

Para que a obra fique pronta, é preciso que *se espere* ainda dois anos.

Trata-se de indivíduos aproveitadores.

Acabe-se com esses abusos!

Precisa-se de operários especializados.

Raro é o dia em que não *se assiste* a essas tristes cenas.

A vida é tão leve quando *se está* contente!

Nesse caso, o verbo concorda obrigatoriamente na 3ª pessoa do singular.

Na língua culta, não se usa o popular *você* em lugar de *se*, para indeterminar o sujeito. Diga-se, portanto:

Antigamente *podia-se* (e não *você podia*) andar sem medo pela cidade.

Quando *se está* (e não quando *você está*) feliz, a vida fica mais leve.

"Quando *se é* o homem mais rico das redondezas, mais vale se prevenir." (NÉLIDA PIÑON)

- Palavra expletiva ou de realce. Neste caso o pronome *se*, sem ser rigorosamente necessário, transmite à ação verbal mais vigor, ênfase, ou certa espontaneidade:

As moças *sorriam-se*, agradecidas. [As moças sorriam, agradecidas.]

"*Vai-se* a primeira pomba despertada..." (RAIMUNDO CORREIA)

"O auditório *riu-se* ao ouvir tantas afirmações tolas." (*AURÉLIO*)

No caso em apreço, o pronome *se*, não tendo valor gramatical, mas apenas estilístico, não exerce função sintática.

- Parte integrante de verbos que exprimem sentimentos, mudança de estado, movimento, etc., como *queixar-se, arrepender-se, alegrar-se, converter-se, afastar-se* e outros verbos pronominais.

O *se* que se associa a esses verbos não tem função sintática.

8 PRONOMES POSSESSIVOS

- Os possessivos *seu(s)*, *sua(s)* tanto podem referir-se à 3ª pessoa [*seu* pai = o pai *dele*], como à 2ª pessoa do discurso [*seu* pai = o pai *de você*].

Por isso, toda vez que os ditos possessivos derem margem a ambiguidade, devem ser substituídos pelas expressões *dele(s)*, *dela(s)*:

Você bem sabe que eu não sigo a opinião *dele*.

"A opinião *dela* era que Camilo devia tornar à casa *deles*." (MACHADO DE ASSIS)

"Eles batizaram com o nome *delas* as águas deste rio..." (TIAGO DE MELO)

- Os possessivos devem ser usados com critério. Substituí-los pelos pronomes oblíquos comunica à frase desenvoltura e elegância:

"Crispim Soares beijou-*lhe* as mãos agradecido." (MACHADO DE ASSIS) [Em vez de: beijou as *suas* mãos]

"Não *me* respeitava a adolescência..." (MACHADO DE ASSIS)

"A repulsa estampava-se-*lhe* nos músculos da face." (FERNANDO NAMORA)

"O vento vindo do mar acariciava-*lhe* os cabelos." (JOSÉ MAURO DE VASCONCELOS)

- Além da ideia de posse, podem ainda os possessivos exprimir:

a) cálculo aproximado, estimativa:

Ele poderá ter *seus* quarenta e cinco anos.

b) familiaridade ou ironia, aludindo-se à personagem de uma história:

O *nosso* homem não se deu por vencido.

"Chama-se Falcão o *meu* homem." (MACHADO DE ASSIS)

c) o mesmo que os indefinidos *certo, algum*:

Será ele um homem íntegro? Eu tenho cá *minhas* dúvidas.

Cornélio, como sabemos, teve *suas* horas amargas.

d) afetividade, cortesia:

Como vai, *meu* menino?

"Não os culpo, *minha* boa senhora, não os culpo." (JOÃO CARLOS MARINHO)

- No plural se usam os possessivos substantivados no sentido de *parentes, família*:

"É assim que um moço deve zelar o nome dos *seus*?" (MACHADO DE ASSIS)

- Podem os possessivos ser modificados por um advérbio de intensidade:

"Levaria a mão ao colar de pérolas, com aquele gesto *tão seu*, quando não sabia o que dizer." (LÍGIA FAGUNDES TELES)

- Quando desnecessários, omitem-se os pronomes possessivos, principalmente antes de nomes de partes do corpo:

Estendi *o braço* para apanhar a flor.

Enxugou com *a mão* uma lágrima indiscreta.

9 PRONOMES DEMONSTRATIVOS

- De modo geral, os demonstrativos *este(s), esta(s), isto* se aplicam às pessoas ou coisas que se acham perto da pessoa que fala ou lhe dizem respeito; ao passo que *esse(s), essa(s), isso* aludem a coisas que ficam próximas da pessoa com quem se fala ou a ela se referem. Exemplos:

Leve *este* livro para você.

Esta é a minha opinião.

Não sei onde andas com *essa* cabeça!

"Praxinoa, *esse* teu vestido de pregas te vai muito bem." (CECÍLIA MEIRELES)

Isto (que eu tenho) é o que há de melhor.

Isso (que dizes) não me parece certo.

"Campanhas de vacinação sempre provocaram resistência, mas *isso* era antigamente." (JOÃO UBALDO RIBEIRO)

- Usa-se *nisto* adverbialmente, como sinônimo de *nesse momento, nesse entretempo*:

"*Nisto* deu o vento e uma folha caiu." (MONTEIRO LOBATO)

- Não raro, os demonstrativos aparecem na frase, em construções redundantes, com finalidade expressiva, para salientar algum termo anterior:

"Bernardina, *essa* é que dera em cheio casando com o Manuel da Ventosa." (ALEXANDRE HERCULANO)

"A estrada do mar, larga e oscilante, *essa*, sim, o tentava." (JORGE AMADO)

"Ora o povo, *esse* o que precisa é saber que existe Deus." (CAMILO CASTELO BRANCO)

Subindo pelo vale do Itajaí, alcançamos Brusque e, depois, Blumenau, cidades *essas* que nos impressionaram pela sua avançada indústria fabril.

Ter sede e não poder beber, *isso* é que é atroz!

- O pronome demonstrativo neutro *o* pode representar um termo ou o conteúdo de uma oração inteira, caso em que aparece, geralmente, como objeto direto, predicativo ou aposto. Exemplos:

Ia dizer-lhe umas palavras duras, mas não *o* fiz.

Quiseram gratificar-me, o que me deixou constrangido.

"*Ninguém teve coragem de falar* antes que ela *o* fizesse." (JOSÉ CONDÉ)

"*Era uma bela ponte*, ele próprio *o* reconhecia." (ANÍBAL MACHADO)

"*Era meu* o universo; mas, ai triste! Não *o* era de graça." (MACHADO DE ASSIS)

"*Se lagoa existiu*, pouca coisa *o* indica." (POVINA CAVALCÂNTI)

"Dirás que sou *ambicioso*? Sou-*o* deveras, mas..." (MACHADO DE ASSIS)

"*O jantar ia ser um desastre*. Todos *o* pressentiam." (FERNANDO NAMORA)

- Para evitar a repetição de um verbo anteriormente expresso, é comum empregar-se, em tais casos, o verbo *fazer*, chamado, então, verbo *vicário* (= que substitui, que faz as vezes de). Exemplos:

Ia dizer-lhe umas palavras duras, mas não *o* fiz.

Ele ajudava os pobres e *o fazia* sem alarde.

"O jornal informa e *o faz* corretamente, afirmava, vitorioso, o editorial." (JORGE AMADO)

- Vimos que as preposições *a, de* e *em* podem contrair-se com o pronome demonstrativo *o*. Veja mais estas abonações:

"*Do* que gostamos é de vinhaça e viola." (EÇA DE QUEIRÓS)

Sabemos *no* que resultam essas campanhas.

"Cada qual nutre a esperança de trazê-lo pelo cabresto. *No* que se enganam redondamente." (CIRO DOS ANJOS)

- Diz-se corretamente:

Não sei *que* fazer. Ou: Não sei *o que* fazer.

Mas, se se empregar um dos pronomes *mais, muito, pouco, nada*, antes do *que*, não terá cabimento o pronome *o*:

Tenho *muito* (ou *mais*) *que* fazer. [E não: Tenho *muito o que* fazer.]

"Bolívar ainda tinha *muito que fazer* em terras americanas." (MOACIR WERNECK DE CASTRO)

Havia *pouco que* acrescentar.

Não havia *nada que* comer.

- Em frases como a seguinte, *este* refere-se à pessoa mencionada em último lugar, *aquele* à mencionada em primeiro lugar:

"O referido advogado e o Dr. Tancredo Lopes eram amigos íntimos: *aquele* casado, solteiro *este*." (VALENTIM MAGALHÃES) [ou então: *este* solteiro, *aquele* casado]

- O pronome demonstrativo *tal* pode ter conotação irônica:

"A senhora foi *a tal* que usou minha cozinha?" (EDY LIMA)

- *Desses* e *dessas* equivalem a *desse gênero, tais,* em frases como:

Hoje, não se fazem mais *desses* aparelhos.

"A vida opressiva do mato exige *dessas* compensações." (CASSIANO RICARDO)

10 PRONOMES RELATIVOS

- O antecedente do pronome relativo *que* pode ser nome de coisa ou de pessoa, ou o demonstrativo *o*, ou outro pronome. Exemplos:

Há *coisas que* aprendemos tarde.

"Vi-a falar com desdém, e um pouco de indignação, da *mulher* de *que* se tratava, aliás sua amiga." (MACHADO DE ASSIS)

"Bendito *o que*, na terra, o fogo fez, e o teto." (OLAVO BILAC)

O relativo *que* às vezes equivale a *o que, coisa que,* e se refere a uma oração:

"Não chegou a ser padre, mas não deixou de *ser poeta, que* era a sua vocação natural." (MACHADO DE ASSIS)

- Conforme vimos, numa série de orações objetivas coordenadas, pode ocorrer a elipse do relativo *que*:

"A sala estava cheia de gente que conversava, *ria, fumava*." (LÚCIO DE MENDONÇA)

- O relativo *quem* é sempre regido de preposição e, na língua moderna, se refere exclusivamente a pessoas ou coisas personificadas:

Não há pessoa estranha *diante de quem* ela não fique inibida.

O funcionário *por quem* fui atendido mostrou-se gentil.

"São amiguinhas *a quem* quero bem." (VIVALDO COARACI)

Ao encontro malsoante *sem quem* deve-se preferir *sem o qual*:

Estávamos esperando Otávio, *sem o qual* não podíamos sair.

- *Cujo* (e suas flexões) é pronome adjetivo e equivale a *do qual, da qual, dos quais, das quais*:

O cavalo é um animal *cujo* pelo é liso. [= o pelo *do qual* é liso]

As abelhas, *cuja* operosidade é proverbial, vivem em colmeias.

Há na selva milhares de plantas *cuja* seiva é benéfica à vida humana.

No colégio tive muitos amigos, de *cujos* nomes nem me lembro mais.

Incentivemos a agricultura, de *cujos* produtos não podemos prescindir.

Podemos conviver com pessoas de *cujas* ideias discordamos.

O substantivo determinado por este pronome não virá precedido do artigo: *cujo pelo* (e não *cujo o pelo*), *cuja operosidade* (e não *cuja a operosidade*), *cujos nomes* (e não *cujos os nomes*).

- Erro grosseiro é usar *cujo* em vez de *que* ou *o qual*, como na frase:

Saía da caverna um ruído estranho, *cujo* me assustou. (errado)

Saía da caverna um ruído estranho, *que* me assustou. (certo)

- Não menos grosseiro é o erro inverso, que consiste em substituir *cujo* por *de quem* ou *do qual*:

No colégio tive muitos amigos *de quem* nem me lembro mais dos nomes.

Incentivamos a agricultura, *da qual* não podemos prescindir dos produtos.

Podemos conviver com pessoas *de quem* discordamos das ideias.

- O relativo *o qual* (e suas flexões), principalmente quando regido da preposição, pode substituir o pronome *que*:

É um passado extinto e *de que* (ou *do qual*) ninguém se lembra.

Eis o magno problema *por que* (ou *pelo qual*) me bato.

"Fizeram-lhe graves acusações, *das quais* ele se defendeu com hombridade e energia." (Carlos de Laet)

- Por clareza usa-se *o qual* em vez de *que*, quando este vier distanciado de seu antecedente, ensejando falsos sentidos:

Regressando de Ouro Preto, visitei o sítio de minha tia, *o qual* me deixou encantado.

"Numa quinta para lá da encosta, houve uma reunião de famílias de Lisboa, *à qual* fui convidado." (Camilo Castelo Branco)

"Fora ele, enfim, que negociara a trégua dos doze anos, *a qual* deu a Holanda a época da sua maior prosperidade, da sua maior riqueza." (Ramalho Ortigão)

"À esquerda acham-se as prateleiras forradas de linho alvejante, *sobre as quais* se ostentam os queijos ainda frescos, retirados das formas." (Ramalho Ortigão)

Como se vê dos exemplos precedentes, o pronome relativo *o qual* aparece, geralmente, em orações adjetivas explicativas, e, por ser palavra tônica, é reclamado para imprimir à frase ritmo e harmonia.

- As preposições *ante, após, até, desde, durante, entre, perante, mediante, segundo* (vale dizer, preposições com duas ou mais sílabas), bem como as monossilábicas *sem* e *sob* e todas as locuções prepositivas, constroem-se com o pronome *o qual* e nunca com o pronome relativo *que*. As preposições *contra, para* e *sobre* usam-se, de preferência, com o pronome *o qual*. Exemplos:

Perguntei-lhe quantos eram os temas *sobre os quais* ele devia falar.

"Teve então início um breve cerimonial contábil, *durante o qual* só se ouvia o ruído da pena arranhando o papel." (Herberto Sales)

"E havia a grande mangueira *sob a qual* um grupo de crianças tranquilamente ouvia as histórias que uma mulher contava." (CECÍLIA MEIRELES)

"Observava a presença de pequeníssimos corpúsculos, *sem os quais* a água perdia aquelas propriedades fosforescentes." (CECÍLIA MEIRELES)

"Dizia Napoleão que sempre há algum artigo de lei *em virtude do qual* se pode mandar enforcar um cidadão, sendo necessário." (CIRO DOS ANJOS)

"Glória e Gabriela ficaram, pois, com as damas, *entre as quais* se achava uma bela e jovem senhora que se chama Berta..." (CIRO DOS ANJOS)

"Tinha a ciência da economia doméstica, *mediante a qual* sabia despender utilmente, sem faltas nem sobras." (MACHADO DE ASSIS)

"E Luísa estaria presente – a última testemunha *perante a qual* ele seria insensível ao vexame." (FERNANDO NAMORA)

"Havia também um tanque, *em torno do qual* a empregada se agitava." (LEANDRO TOCANTINS)

"Esta é uma cidade *sobre a qual* se perdeu todo o controle." (IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO)

- As preposições monossilábicas *a, com, de, em* e *por*, quando iniciam orações adjetivas restritivas, empregam-se, de preferência, com o pronome *que*:

A moça [*a que* me refiro] não é desta cidade.

Não encontrei os livros [*de que* precisava].

O atalho [*por que* passamos] atravessava a mata.

- Como já vimos anteriormente, os pronomes relativos vêm precedidos de preposição (ou locução prepositiva) quando o verbo da oração adjetiva a reclamar. Exemplos:

Ainda me lembro dos passeios *a que* ele me levava. [*levar a* um lugar]

São muitas as pessoas *de quem* dependemos. [*depender de* alguém]

O processo terapêutico caiu em desuso, motivo *por que* hoje poucos o conhecem.

"Vou hoje saber o preço *por que* o vendeu." (MACHADO DE ASSIS)

"... árvore fatal *a cuja* sombra adormecemos indolentes." (CARLOS DE LAET)

"A vista é o sentido *através do qual* mais ofendidas são as nossas ideias estéticas." (VIVALDO COARACI)

"... parecia uma múmia viva, *no fundo de cujas* órbitas se houvessem enxertado os olhos lustrosos e limpos dum homem de trinta anos." (ÉRICO VERÍSSIMO)

Observações:

✔ Como vimos, *onde*, como pronome relativo, refere-se a um antecedente, equivale a *em que, no qual*, e pode vir regido de preposição:

O rio *onde* pescam está poluído.

O caminho por *onde* passamos é muito perigoso.

✔ Distinga-se *por que* [= pelo qual] de *porque* [conjunção] e de *por que* [advérbio]:

Foi amarga a experiência *por que* passei. Não fui *porque* chovia. *Por que* chora?

11 PRONOMES INDEFINIDOS

Eis o que convém saber acerca do emprego de certos pronomes indefinidos:

- **algum**

Anteposto ao substantivo, tem significação positiva; posposto apresenta valor negativo:

Algum amigo os traiu. [= um amigo]

Amigo *algum* os traiu. [= nenhum amigo]

Em hipótese *alguma* admitirei isto. [*alguma* = nenhuma]

"Você, afinal, é que não mudou em coisa *alguma*." (FERNANDO NAMORA)

"O homem não é integralmente feliz em parte *alguma* do mundo." (FERREIRA DE CASTRO)

- **cada**

Pode apresentar-se na frase com valor:

a) distributivo:

Cada livro custou dez dólares!

Lúcia visita os pais *cada* três meses.

b) intensivo:

Lá na cidade tem *cada* moça bonita!

"Dentão grande, pezão grande, *cada* unha!" (GRACILIANO RAMOS)

De modo geral, não é necessário empregar a preposição *a* antes de *cada*, em adjuntos adverbiais de tempo. Exemplos:

É preciso adubar a terra *cada* ano. Ana compra roupas *cada* seis meses.

Os preços aumentavam *cada* dia. Esse risco nos ameaça *a cada* instante.

A forma correta é *cada um(a)*, e não simplesmente *cada*, em frases como:

Os livros custaram dez reais *cada um*.

As máquinas custaram dois mil reais *cada uma*.

- **demais**

Significa *os outros, os restantes*:

Dos quadros que fiz só tenho dois; os *demais* eu vendi.

Observação:

✔ Não confundir o pronome indefinido *demais* com o advérbio de intensidade *demais* (Comeu *demais*), nem com a locução adverbial *de mais* (Não fez nada *de mais*), ou com a palavra continuativa *demais* (além disso): João relutou em saldar o débito; *demais* (ou *demais disso*), ele pagou fora do prazo.

- **menos, mais**

a) *Menos* é invariável:

É preciso gastar *menos* água. [e não: *menas água*]

Na roseira, há menos rosas do que espinhos. [e não: *há menas rosas*]

b) *Mais* significa *muitos, uma infinidade,* em frases como:

Os índios avançavam, atirando flechas e *mais* flechas.

▪ nenhum

Posposto ao substantivo, aviva a negação:

"Seu Ivo não mora em parte *nenhuma*". (GRACILIANO RAMOS)

Cumpre distinguir *nenhum* de *nem um*:

Não recebeste *nenhum* elogio? [= elogio algum]

Não recebi *nem um* elogio. [*sequer um elogio*]

▪ certo

Antepõe-se a um substantivo, podendo, em alguns casos, vir precedido do artigo *um*:

Tinha *certo* ar de superioridade.

Chegamos ao sítio de *um certo* Eufrásio.

▪ qual

Como pronome indefinido, tem o sentido de *cada qual*:

"Em seguida desceram, e já não eram dois, mas sim dez meninos, *qual* mais fagueiro, e todos diziam que iam acabar com a ratazana." (LUÍS HENRIQUE TAVARES)

▪ qualquer

O plural deste pronome é *quaisquer*:

Executamos *quaisquer* serviços.

- Pode apresentar-se com sentido depreciativo:

"A intenção dele é mostrar que não é criado de *qualquer*." (MACHADO DE ASSIS)

▪ todo

Modernamente, costuma-se distinguir *todo* [= cada, qualquer] e *todo o* [= inteiro, completo]:

Li *todo o* livro. [= o livro *todo* ou *inteiro*]

Lia *todo* livro que encontrasse. [= *cada* ou *qualquer* livro]

- Usa-se como advérbio, no sentido de *completamente*, mas geralmente flexionando-se em gênero e número:

Os ipês estavam *todos* floridos.

A roupa estava *toda* molhada.

As alunas iam *todas* alegres.

- Todavia, também é lícita a forma invariável:

As ruas ficaram *todo* alagadas.

Os picos estavam *todo* cobertos de neve.

- **Tudo**

Pode-se dizer, indiferentemente, *tudo que* ou *tudo o que*:

Esqueça *tudo que* ficou atrás. Nem *tudo que* brilha é ouro.

Esqueça *tudo o que* ficou atrás. Nem *tudo o que* brilha é ouro.

12 ADVÉRBIO

- Os advérbios modificam o verbo, o adjetivo ou outro advérbio, conforme já vimos.

São anômalos e raríssimos os casos em que advérbios de intensidade se referem a um substantivo ou pronome, desempenhando a função de reforço enfático. Exemplos:

Aquele gesto *tão seu* encantava-me.

"Você ignora que quem os cose sou eu, e *muito eu*?" (MACHADO DE ASSIS)

"O vento era *todo malícia*." (ANÍBAL MACHADO)

- Os advérbios são, na sua generalidade, invariáveis. Alguns, porém, recebem as flexões de grau:

"Deveria ser *muitíssimo* longe." (MACHADO DE ASSIS)

"Foi vítima dum animalzinho *muitíssimo* menor." (MONTEIRO LOBATO)

Na linguagem afetiva usam-se as formas diminutivas dos advérbios com a ideia de intensidade, à maneira de superlativos:

"Amanhã espero você para brincar, *de tardinha*." (HELENA SILVEIRA)

"Há um amigo ali *pertinho*..." (ANÍBAL MACHADO)

"Tinha a impressão de que Zito estava dirigindo o país *direitinho*." (ANÍBAL MACHADO)

"Assis é *assinzinha*, do tamanho de uma concha." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

- Numa série de advérbios terminados em *-mente*, em geral só o último toma esse sufixo:

"Por que são fortes *econômica* e *militarmente*?" (ÉRICO VERÍSSIMO)

"Abalado *física, moral* e *espiritualmente*." (OTTO LARA RESENDE)

"*Velada* ou *abertamente*, falavam-me então dos tais fabulosos tratamentos." (FERNANDO NAMORA)

- Por ênfase, repete-se às vezes o sufixo:

"E [os tesouros] apareceram *fabulosamente, opulentamente, deslumbrantemente*..." (VIRIATO CORREIA)

- Comum é também usar o adjetivo em vez do advérbio terminado em *-mente*:

"Tancredo ergueu-se *rápido* do divã." (VALENTIM MAGALHÃES)

"As lanças eram *demasiado* leves." (MACHADO DE ASSIS)

"*Súbito* um sorriso iluminou-lhe a face." (JOSÉ MAURO DE VASCONCELOS)

- Os comparativos sintéticos *melhor* (mais bem) e *pior* (mais mal), *maior (mais grande)* e *menor* (mais pequeno), é óbvio, são invariáveis:

Vamos indo *melhor*.

As coisas andam *pior* do que antes.

"No próximo caderno vou escrever *menor* e mais depressa." (OTTO LARA RESENDE)

- Antes de particípio, diz-se, indiferentemente, *mais bem* ou *melhor*, *mais mal* ou *pior*:

Dali em diante, fomos *mais bem* (ou *melhor*) *tratados*.

Nunca recebi carta *mais mal* (ou *pior*) *redigida*.

Casa *mais mal* (ou *pior*) *construída* jamais vossos olhos verão.

"Tenho empregados que nunca estudaram e são *mais bem pagos*." (GRACILIANO RAMOS)

"Coisas mal ouvidas e *pior entendidas*." (ROCHA LIMA)

"E foi à estante e tirou um dos relatórios para ser *melhor visto*." (MACHADO DE ASSIS)

"Saí *melhor informado* de tudo e... mais tranquilo." (HERBERTO SALES)

"Gioconda às vezes reconhecia que Diana estava *melhor credenciada* para enfrentar a realidade." (NÉLIDA PIÑON)

"Temos terra, que pode ser mais e *melhor cultivada*, devemos cultivá-la."
(ANTÔNIO FELICIANO DE CASTILHO)

"... para que as mulheres ficassem *melhor acomodadas* no interior e os homens fora."
(CASSIANO RICARDO)

- Depois do particípio, usam-se exclusivamente as formas sintéticas:

A estátua foi *esculpida melhor* do que esperávamos.

Agora estamos sendo *atendidos pior* que antes.

- Uma coisa pode ser *melhor do que a outra*, e não *melhor a outra*. Portanto:

É *melhor* sacrificar a rês doente *do que* pôr em risco [e não *a pôr em risco*] a vida do rebanho inteiro.

Ele achou que era *melhor* morrer como herói *do que* viver como escravo.

- Não se confundam *menos mau* e *menos mal*. Recorde-se que *mau* (adjetivo) se opõe a *bom*, e *mal* (advérbio), a *bem*:

O *mau* humor de Gil me deixou *mal* impressionada.

"Creiam-me, o *menos mau* é recordar." (MACHADO DE ASSIS)

"Eu, porém, que sou médico e sei *menos mal* o meu Cláudio Bernard, encaro a questão por outra face." (VALENTIM MAGALHÃES)

- Ensinou-se, anteriormente, como se exprime o limite da possibilidade. Outros exemplos:

Cobri o rosto *o mais que pude* com o meu capuz.

"Guma fazia as viagens *o mais rápido que podia*." (JORGE AMADO)

"Conseguir uma linguagem literária que se aproxime *o mais possível* da linguagem oral."
(RAQUEL DE QUEIRÓS)

- O advérbio *aqui* assume, por vezes, nas narrativas, sentido temporal (= *neste momento, neste ponto*). Exemplo:

"*Aqui* uma nuvem escura envolveu-lhe o espírito." (ANÍBAL MACHADO)

- O advérbio *não* aparece, sobretudo em frases exclamativas, despojado de sua significação, como simples expletivo. Exemplos:

"Que doce a vida *não* era nessa risonha manhã! (CASIMIRO DE ABREU)

"Quantas angústias *não* passaram os manos...!" (RUBEM BRAGA)

- Em frases negativas o advérbio *já* indica cessação de um fato e vale o mesmo que *mais*. Exemplos:

"Agora *já* não se fazem destes aparelhos." (CARLOS DE LAET) [= Agora não se fazem *mais* destes aparelhos.]

"Arquiteto do mosteiro de Santa Maria *já* o não sou." (ALEXANDRE HERCULANO) [= não o sou *mais*]

A ênfase justifica o emprego simultâneo e redundante de *já* e *mais*:

"*Já* não há *mais* razão para a revolta." (ANÍBAL MACHADO)

"*Já* não se fazem *mais* frases como antigamente." (MOACIR WERNECK DE CASTRO)

- Na locução adverbial *a olhos vistos* (= claramente, visivelmente), o particípio permanece invariável, no masculino plural. Exemplos:

"Muitas, à força de jejuns, desmedravam *a olhos vistos*." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"O Brasil então medrava *a olhos vistos*, mantendo acima do par o valor da sua moeda." (CARLOS DE LAET)

- *Bastante*, antes de adjetivo, é advérbio, portanto, invariável:

Saíamos do encontro *bastante* satisfeitos.

As candidatas estavam *bastante* nervosas.

- É variável quando adjetivo ou pronome indefinido:

Tens recursos *bastantes* para a obra? [*bastantes* = suficientes]

Há provas *bastantes* para condenar o réu.

"Em torno de nós jaziam riquezas incontáveis, *bastantes* para pagar as dívidas de muitos Estados." (EÇA DE QUEIRÓS)

Isto aconteceu há *bastantes* anos. [*bastantes* = muitos]

Pode-se contestar o uso de *bastante(s)* no sentido de *muito(s)*, mas não faltam abonações de eminentes escritores brasileiros e portugueses.

- Normalmente, se diz:

Sabemos *quanto* custa perdoar uma injúria.

"Só então é que pude avaliar melhor *quanto* a adorava." (LUÍS JARDIM)

Todavia, é tendência generalizada antepor ao advérbio *quanto* a partícula expletiva *o*:

Eu mesmo não poderia negar *o quanto* queria a Dulce." (LUÍS JARDIM)

"Só agora via *o quanto* se enganara." (LÍGIA FAGUNDES TELLES)

- A tendência, hoje, é fazer distinção entre *onde* e *aonde*, combinação da preposição *a* com *onde*.

a) Usa-se *aonde* com verbos de movimento que se constroem com a preposição *a*, como *ir, chegar, levar*.

Não sei *aonde* foram. [*ir a* um lugar]

Aonde me levas? [*levar a* um lugar]

"Barqueiro do Douro, *aonde* chegaremos?" (CECÍLIA MEIRELES)

b) *Onde* é adequado a verbos que indicam permanência e que se constroem com a preposição *em*, como *estar, morar, ficar*.

Fique *onde* está. [*estar em* um lugar]

Onde mora a jovem? [*morar em* um lugar]

- *Onde* é de rigor quando precedido de preposição:

Até onde vou não sei. *Para onde* ir?

De onde vem essa gente? Siga *por onde* lhe indiquei.

Observações:

✔ De acordo com o *Vocabulário Ortográfico*, escreve-se o advérbio interrogativo *por que* em duas palavras: "*Por que* não vens?" "Queria saber *por que* não vens."

✔ Contudo, a grafia *porque*, numa só palavra, é mais acertada e coerente e a que melhor se harmoniza com o nosso sistema ortográfico simplificado.

EXERCÍCIOS LISTA 58

1. Anteponha o artigo definido às expressões que o admitem:

meu pai	Recife	moderna Lisboa
Vossa Excelência	minha casa	Nossa Senhora
Sua Majestade	casa paterna	Bahia
Cairo	Lisboa	Açores

2. Anteponha às palavras em destaque o artigo definido, quando necessário:

a) Como pode o pássaro voar, se tem ambas **asas** feridas?

b) Não é todo **país** que possui florestas como o nosso.

c) Percorri todo **país**, de norte a sul.

d) Afinal, dei com uma caverna, cuja **entrada** mal se percebia.

e) São artistas que provieram de classes sociais **mais** contrastantes.

f) São muito importantes esses rios, pois todos **três** são navegáveis.

g) Você bem sabe **quanto** lutei para conseguir este emprego.

h) Eles navegaram meses sem ver **terra**.

3. Numere de acordo com o valor dos adjetivos:

(1) substantivo

(2) advérbio

(3) superlativo

A morte de Sílvia golpeou-a **fundo**.

Era tão **fragilzinha** a minha amiga!

Não deixe o **certo** pelo **duvidoso**.

Breve estarei contigo.

Ele compra **barato** e vende **caro**.

Deu-se então o **inevitável**.

4. Identifique a que sentido (olfato, audição, paladar, tato, visão) se referem os adjetivos abaixo e junte-os a substantivos a que se possam aplicar:

Exemplo: fruta **doce** (paladar)

acre, ofuscante, tépido, sibilante, macio, lívido, insípido, grave, cáustico, adstringente, aromático, álgido, picante, estridente, fétido, delicioso, veludoso

5. No emprego dos adjetivos das expressões abaixo, houve transferência de sensação de um sentido para outro. Indique essa transferência, de acordo com o exemplo:

Exemplo: doce voz (paladar → audição)

tom macio	amargas palavras
olhar frio	sorriso quente
cores cruas	claras e perfumadas vozes
som áspero	

6. Siga o primeiro exemplo, trocando o adjetivo destacado pelo substantivo abstrato:

Era desoladora a paisagem cinzenta e **monótona**.

Era desoladora **a monotonia** cinzenta da paisagem.

a) Na planície verde e **monótona** só os umbus se destacavam.

b) Fiquei impressionado com aqueles homens **polidos** e frios.

7. Escreva os numerais por extenso:

o século X	o Papa Pio IX
o rei Luís XVI	o século XI

8. Substitua as palavras destacadas pelos correspondentes pronomes oblíquos, devidamente colocados:

a) Teria sido nocivo **ao doente** o medicamento?

b) Havia **cajueiros** de várias qualidades.

c) A presença do guarda fez retroceder o **larápio**.

d) Teria esquecido **o cheque** no táxi? Talvez deixara **o cheque** no escritório.

e) Direi **ao empresário** o que penso a respeito de sua determinação.

f) Libertemos do erro **as nossas consciências**.

g) Cristo perdoou **a seus algozes**. Você perdoaria **a seus algozes**?

h) Presentearam **a princesa** com um colar de águas-marinhas.

i) Defendestes **a pátria** com bravura.

j) Infligimos pesada derrota **aos invasores**.

k) Livrarei **esses rapazes** dos sentimentos que infelicitam **esses rapazes**.

l) Posso garantir **à senhora** que seu filho é inocente.

m) Quem valerá **às órfãs**?

9. *Use a passiva sintética no lugar da analítica, substituindo ao mesmo tempo os destaques pelos pronomes oblíquos:*

Exemplo: Foi notada no gesto **dele** qualquer coisa de estranho.

Notou-se-lhe no gesto qualquer coisa de estranho.

a) Era vista no rosto **dele** a palidez da morte.

b) São vistas no corpo **dele** as marcas das balas.

c) Era notada no olhar **dele** uma expressão feliz.

10. Substitua os destaques pelos pronomes átonos da mesma função, contraindo-os corretamente:

Exemplo: Quem vos garantirá **o sustento**? Quem **vo-lo** garantirá?

a) A glória é nossa e ninguém nos arrebatará **esta glória**.

b) Quem vos dará **as razões**?

c) Pedi que me devolvesse **os livros** com urgência.

d) Quem me explicava **a lição** era meu pai.

e) Alguém entregou **o cheque a Vossa Senhoria**?

f) Quem nos desvendará **tantos mistérios**?

11. Transcreva o período abaixo, sublinhando os pronomes oblíquos com valor de pronomes possessivos:

"Os sapatos enterram-se na areia; o reflexo do sol cega-lhe os olhos; agudo fio de navalha, o vento corta-lhe a pele." (JORGE AMADO)

12. Escreva os períodos abaixo substituindo os possessivos pelos pronomes oblíquos correspondentes, colocando-os corretamente:

a) Eu retive o **seu** braço fortemente.

b) Não pude ver o **seu** rosto.

c) O vento não mais fareja a **minha** face como um cão amigo.

d) Esses monstros querem esmagar os **nossos** corpos?

e) Ataram as **suas** mãos às costas e levaram-no preso.

f) Dir-se-ia que uma sombra funesta envolve a **tua** alma.

g) Uma expressão nova desenhou-se no **seu** rosto.

h) Dançavam na **minha** cabeça imagens aterradoras.

i) Era como se um grande peso oprimisse o **meu** corpo e a **minha** alma.

j) O lenhador derrubou a árvore e cortou os **seus** galhos.

13. Substitua em cada frase os asteriscos pela alternativa correta:

a) Não ***** censurando, Marlene. (*estou lhe – a estou*)

b) Ajude sua mãe, não ***** sozinha. (*deixe ela – a deixe*)

c) De todas as partes chegam casais trazendo presentes para os noivos, depositam-***** em sua volta e, dando-se as mãos, fazem uma roda alegre. (*os – nos*)

d) As feras viram o índio, seguiram-***** até a orla da mata e desapareceram. (*no – lhe*)

e) A mãe precipita-se para o menino e arrebata-***** a arma. (*o – lhe*)

14. Passe o pronome oblíquo para a terceira pessoa do singular:

a) Roque **me** abraçou emocionado, agradeceu-**me** e felicitou-**me** pelo gesto.

b) "Este lugar **me** deprime e **me** inspira pensamentos tristes." (VILMA GUIMARÃES ROSA)

15. Empregue corretamente os pronomes pessoais **eu** e **mim**, no lugar do *:

a) O professor apresentou-me uma folha para * traçar um polígono.

b) Para *, traçar um polígono era quase um divertimento.

c) O dinheiro que meu pai mandou era exclusivamente para *.

d) Esse dinheiro era para * comprar roupas e calçados.

e) Leila sentou-se entre * e Alexandre.

f) "Sem *, nada podeis fazer", disse Cristo.

g) A secretária enviou a carta sem * assinar.

h) Os gritos da criança chegaram até *.

i) Não havia motivo para * ficar triste.

j) Afastei-me rápido, para que a pedra não caísse sobre *.

16. Orientado pelo que se ensinou sobre *pronomes pessoais*, substitua o * pelos pronomes **si** ou **ele(s)**, **ela(s)**, conforme convenha:

a) Os herdeiros repartiram os bens entre *, sem desavenças.

b) Rômulo conseguiu o cargo por * mesmo, por seu mérito.

c) José foi preso injustamente e não há quem se interesse por *.

d) Artur era bom pai, vivia para * e sua família.

e) Via-se que João estava bêbedo, pois falava contra * mesmo.

f) A moça percebeu que minha pergunta se dirigia a * e a seu companheiro.

g) A guerra só deixa sangue e cinzas após *.

h) Alípio se aborreceu: pensou que eu estava me referindo a *.

17. Substitua o * da frase pela alternativa que está de acordo com a norma culta:

a) Rui perdeu a partida porque confiou demais * . (*nele – em si*)

b) Respeite o adversário, mas tenha confiança em *. (*você – si*)

c) Para impedir que Joel incomodasse a irmã, o pai mandou-o sentar longe *. (*dela – de si*)

d) O senhor Oliveira estava em paz com a vida e * mesmo. (*com ele – consigo*)

e) Júlio não quis comer, afastou * o prato vazio. (*dele – de si*)

f) Cada um reclamava para * a glória de ter prendido o famigerado terrorista. (*ele – si*)

g) Os retirantes carregaram * o que puderam levar. (*com eles – consigo*)

h) Ênio é ainda criança: não cabe a * decidir sobre o caso, mas aos pais. (*ele – si*)

i) Tuas riquezas, bem sabes, não as levarás * para a sepultura. (*com você – contigo*)

j) O patinador para no centro da pista e roda sobre *, num giro velocíssimo. (*ele – si*)

18. Substitua os asteriscos pelos pronomes **lhe**, **lhes**, ou **a**, **o**, **os**, conforme a regência dos verbos:

a) Os dois moços ajudaram-*** a sair do barco. Ela *** agradeceu.

b) Se eu não *** conhecesse, não *** deixaria entrar, tão estranho me pareceu.

c) Fortes eles eram, mas nós *** resistimos e *** vencemos.

d) André e Lúcio não *** temiam, mas *** respeitavam, quando ele falava.

e) Se *** convier, posso servir-*** de cicerone. Aceita a sugestão?

f) Convido-*** para um passeio, espero-*** ansioso, mas ela não vem.

19. Escreva as frases em seu caderno informando a função do pronome **se**, de acordo com a teoria estudada no parágrafo 7, pág. 562:

a) Os dois amigos abraçaram-se emocionados.
b) Os detentos queixavam-se de maus-tratos.
c) O Estado reservou-se o direito de desapropriar o imóvel.
d) Não há no mundo duas pessoas que se queiram tanto.
e) Os rapazes descem das árvores e também se vão. (ÉRICO VERÍSSIMO)
f) Nas noites quentes dormia-se nas redes.
g) Marciano trancou-se no quarto e descansou.
h) Trancaram-se as portas por medida de segurança.
i) Jesus deixou-se prender e levar à presença do Sumo Sacerdote.

20. Classifique o pronome **se** dos seguintes exemplos, como fez no exercício anterior.

a) Deram-se as mãos e saíram em direção à praça.
b) Sofia deixou-se estar à janela.
c) As pazes fizeram-se como a guerra, depressa.
d) "Bajula-se hoje para atacar amanhã." (CARLOS DE LAET)
e) Os galãs vestem-se com apuro.
f) Entreolharam-se com desprezo.
g) Assim se vai aos astros.
h) Certas classes sociais arrogam-se muitos privilégios.
i) Acreditava-se que a Terra fosse imóvel.
j) Vão-se os anéis e fiquem os dedos.
k) Cumprimentaram-se friamente.
l) O menino sorria-se feliz.
m) "Muito se lucra quando se é honrado." (CAMILO CASTELO BRANCO)
n) "Os cacaueiros em frente se balançavam ao sabor da brisa." (JORGE AMADO)
o) "Dizia-se do Norte, filho do Ceará." (JOSÉ LINS DO REGO)
p) "Saía-se do coração da brenha só para se ver o barco." (FERREIRA DE CASTRO)
q) Ela impôs-se uma dieta severíssima.
r) Os dois irmãos reconciliaram-se algum tempo depois.

21. Transcreva a oração em que o pronome **me** é expletivo:

Não me atendeu. Ferveu-me o sangue, de raiva.
Pediu-me desculpas. Não me ponha mais os pés nesta casa, ouviu?

22. Qual a ideia expressa pelo pronome possessivo, na frase abaixo? (posse, idade, estimativa)
Era um homem de *seus* 29 anos, forte e moreno.

23. Troque em cada frase o * por um dos pronomes demonstrativos propostos adequado ao contexto:

a) Na traseira do caminhão lia-se * frase: "Tristeza não paga dívidas". (*essa – esta*)
b) Aviso-o de que chegarei a * cidade no dia 2 de maio. (*essa – esta*)
c) O chefe da rebelião, * tratou de fugir. (*esse – este*)
d) Mas você vai ao colégio com * unhas imundas! (*essas – estas*)
e) O Brasil é rico e imenso: um país como * só pode progredir. (*esse – este*)
f) Era uma linda samambaia, * que chamam de "choronas". (*dessas – destas*)

g) Um dia * eu estava em casa sozinho. (*desses – destes*)
h) Grave * na memória: o mal se combate com o bem. (*isso – isto*)
i) Ver um amigo afogar-se e não poder salvá-lo, * é que é horrível. (*isso – isto*)
j) Cuidado, mergulhador, * animais são venenosos: a arraia-mijona, o peixe-escorpião, a medusa, o mangangá. (*esses – estes*)

24. Evite as repetições por meio do verbo vicário **fazer** precedido do pronome demonstrativo **o**:
a) Ia dizer-lhe palavras ásperas, mas não **lhe disse palavras ásperas**.
b) É certo que te ofendi, mas não **te ofendi** por maldade.
c) Não conseguiu humilhar-me, embora procurasse **humilhar-me**.
d) Telefonava-lhe quase diariamente e, quando não **lhe telefonava**, mandava-lhe recado.
e) Que diria a mulher se ele confessasse que não lhe socorreu o marido, embora pudesse ter **socorrido o marido**?
f) Procurava chamá-lo o menos possível, e se **o chamava**, era só em casos extremos e pedindo-lhe desculpas.
g) Ele resolveu publicar suas memórias, porém não pretende **publicar suas memórias** já.

25. Substitua os destaques pelos pronomes demonstrativos adequados:
a) Bem diversa é a sorte do livro e do jornal: **o jornal** é torrente que desliza e passa, **o livro** é lago que colige e guarda.
b) O perdão enobrece, a vingança rebaixa: **a vingança** é própria dos escravos, **o perdão** é a virtude dos nobres.
c) O jardim de Paulo era belo, mas **o jardim** de Mário não era menos **belo**.
d) O jogo nos rouba tempo e dinheiro: **o dinheiro**, talvez o possamos recuperar, **o tempo**, nunca.
e) O que na França é desonra, talvez não seja **desonra** na Mongólia.
f) Sou independente, e devo admitir que os outros também sejam **independentes**.

26. Escreva corretamente o período em que é considerado erro o emprego do pronome demonstrativo **o**:
a) Não sabemos o que aconteceu depois que o navio afundou.
b) A criança guarda tudo o que ouve.
c) Esse jogador tem muito o que fazer para atingir a forma ideal.
d) "Se a casa das Marcondes era alegre, a nossa não o era menos." (PEDRO NAVA)

27. Escreva os períodos utilizando a opção que substitui corretamente os asteriscos:
a) Na carta menciono o nome e o endereço do amigo **** poder se encontra a fita magnética **** me referi há pouco.
b) Estes são alguns dos acontecimentos **** Félix se envolvera e **** se vangloriava.

a) a cujo – a que – nos quais – de que
b) em cujo – à que – nos quais – de que
c) em cujo – a que – em que – dos quais

28. Em três dos seguintes períodos não é lícito empregar o pronome relativo **que** em lugar de **o qual**. Indique-os e diga a razão:
a) Sentamo-nos num lindo quiosque, perto **do qual** crianças brincavam e riam.
b) Difícil tarefa recuperar um navio **do qual** o mar se apoderou.
c) Que outro astro é tão importante como o Sol, **o qual** nos dá luz, calor e energia?

d) Esses nevoeiros no alto das serras, **os quais** são os pesadelos dos motoristas, ficam mais densos nos dias chuvosos.

e) O que a tornou famosa foi a beleza de seu rosto, **a qual** ninguém lhe disputava.

29. Siga o exemplo, trocando **do qual** ou **de que** pelo equivalente **cujo(a)**:

Ao atravessar a mata, vimos um lindo pássaro azul, **do qual** nenhum de nós sabia o nome.

Ao atravessar a mata, vimos um lindo pássaro azul, **cujo** nome nenhum de nós sabia.

a) "Balbuciou algumas palavras confusas, **de que** ele mesmo ignorava a significação." (GRACILIANO RAMOS)

b) "Dirigiram-se ao bar e sentaram-se diante da mesinha, no centro **da qual** brilhava a chama de uma vela." (VILMA GUIMARÃES ROSA)

c) "Deve ser assim o fim do mundo, o extremo de todas as coisas: um longo caminho, no topo **do qual** existe um simples portão." (SANTOS FERNANDO)

30. Crie períodos cujas orações adjetivas iniciem pelos conjuntos:

a que	a qual	durante a qual	após o qual
à que	à qual	dentro do qual	com quem
de que	sobre a qual	sem os quais	de cujo

Exemplo: "A casa é uma prisão **à qual** você se acostuma como os animais do Jardim Zoológico se acostumam com as suas jaulas." (RUBEM FONSECA)

31. Substitua nos períodos o * por pronomes relativos adequados, precedidos da preposição exigida pelo verbo:

a) Conheço a pessoa * te referes.
b) É pelo saber que conquistareis o posto * aspirais.
c) A regata internacional, * início assisti, revelou novos valores do remo.
d) A vida ensinou-me a respeitar as pessoas * eu lido.
e) Cada experiência * passamos é favor da vida.
f) O outeiro, * se ergue a igreja, fica defronte do mar.
g) Sois réus dos mesmos crimes * vos insurgis.
h) Nosso Rei, * poderio vos rendeis, saberá ser magnânimo.
i) Baltasar sofreu o castigo * o profeta Daniel o tinha ameaçado.
j) Não escolhas um ofício * não tenhas aptidão.
k) No livro * me refiro o autor fala sobre a Antártida.
l) Não foram poucos os obstáculos e perigos * nos defrontamos.
m) Se a praça * estávamos era grande, esta * chegamos é bem maior.
n) A casa era cercada por um muro alto, * fora erguida uma tela de arame grosso.
o) Brito não simpatizava com o irmão, *, aliás, pouco se parecia.

32. Escolha os conjuntos adequados e escreva os períodos, substituindo os asteriscos nas orações adjetivas:

atrás do qual – diante da qual – durante o qual – em virtude da qual – graças ao qual – sem as quais – sobre o qual

a) É importante cultivar boas amizades, ****** a vida se tornaria triste e monótona.

b) O cronista já escolhera o tema ****** devia escrever.

c) Foi muito proveitoso o encontro de jovens, ****** houve palestras e debates interessantes.

d) O país construíra uma nova capital no planalto, ****** o mundo começava a pasmar.

e) Ao homem foi concedido o dom da palavra, ****** ele pode comunicar-se com seus semelhantes.

f) Fui galgando um pequeno morro, ****** se escondia a casa do caboclo.

g) Queria saber qual é a lei ****** se pode matar uma pessoa inocente.

33. Resolva as questões seguintes:

a) Forme a voz passiva com o pronome apassivador **se**:

Esforço-me por que os erros sejam conhecidos e remediados.

b) Analise a palavra grifada: Não sei *no* que pensas.

c) Transcreva o período e sublinhe os adjetivos substantivados:

"O azul e o verde das piscinas contrastando com o negro da lava é de grande efeito." (VIANA MOOG)

d) Copie os períodos colocando o acento da crase onde necessário:

1) Fui a Copacabana para assistir a festa de fim de ano.

2) O navio chegou a Fortaleza as cinco horas da tarde.

3) Minha viagem a Bahia, devido a um temporal, teve de ser adiada.

e) Substitua corretamente o * por **bastante** e **bastantes** e numere as frases de acordo com a classe gramatical dessas palavras:

(1) **advérbio** (2) **pronome indefinido** (3) **adjetivo**

Já temos provas * para inocentar o réu.

Houve * cartões premiados.

Eles são rapazes * fortes.

Eles foram * compreensivos.

Precisamos de * alimentos.

Tens forças * para tão dura missão?

34. Substitua nas frases os asteriscos pelos adequados pronomes indefinidos constantes da relação: algumas – nenhuma – outras – outrem – outros – quaisquer – menos – poucas – tantas – uns

a) Não é lícito invadir a casa ou a propriedade de ******.

b) Para certos serviços especializados não servem ****** profissionais.

c) Vinte casas, se ******, formavam a rua principal do povoado.

d) Cada qual contava suas histórias: ****** tristes, ****** alegres e jocosas.

e) No choque entre manifestantes e policiais houve pancadaria e ferimentos, leves ******, graves ******; morte, porém, ******.

f) No canavial, homens e mulheres trabalhavam sem parar: ****** cortavam a cana com afiadas foices, ****** a despontavam e limpavam com facões, ****** ainda a carregavam para os caminhões estacionados à margem do canavial.

g) "Estas e ****** mais foram as palavras do presbítero." (CAMILO CASTELO BRANCO)

h) Na escola havia ****** meninas do que meninos.

35. Copie apenas a frase na qual o pronome **tal** tem conotação depreciativa:

a) Alguém que lesse tal notícia não a levaria a sério.

b) Tal não aconteceria, se os motoristas fossem mais prudentes.

c) Você já leu algum livro desse tal de Freud?

36. Escreva os períodos substituindo os asteriscos por **porque** ou **por que**, conforme o caso, e anteponha a cada frase a respectiva letra, de acordo com o esquema seguinte:

- Grafa-se **por que**, em duas palavras, quando:

a) significa **pelo(a) qual, pelo(s) quais, pela(s) quais**, caso em que a palavra **que** é pronome relativo: Era escuro o atalho **por que** passei;

b) significa **por qual, por quais**, sendo o **que** pronome indefinido: Ele quis saber **por que** motivo eu estava chorando;

c) é possível subentender a palavra **motivo** (ou **razão**, **causa**), sendo **por que** advérbio interrogativo: **Por que** está chorando?

d) o **que** é conjunção integrante: Anseiam **por que** isso termine logo.

- Escreve-se **porque**, em uma só palavra, quando:

e) é conjunção causal: Bebo **porque** tenho sede.

f) é conjunção explicativa: Devia estar sofrendo, **porque** tremia.

g) a pergunta propõe uma causa possível, limitando a resposta a **sim** ou **não**: Seu rosto sangra **porque** você brigou? Poucos foram à praia. Será **porque** ventava?

Ela estava triste, dominada não sei ****** recônditos pensamentos.
João devia estar com muita pressa, ****** nem se sentou.
Estavam ansiosos ****** o dia amanhecesse.
****** o arco-íris é colorido?
A criança queria saber ****** razão as estrelas cintilam.
Grandes são as transformações ****** vêm passando as cidades.
Chegou atrasado ao colégio ****** houve um engarrafamento.
****** meios os índios se comunicavam a distância?
Não revelou o motivo ****** não compareceu à reunião.
"Instou ****** a deixassem ir viver de seu trabalho." (CAMILO CASTELO BRANCO)
"******processo maléfico teria ocorrido a mudança?" (JOSÉ J. VEIGA)
O preso fugiu ****** subornou o guarda?

37. Transcreva apenas as frases corretas, que atendem à norma culta da língua:

a) Se aqui não existe árvores é porque não se as plantam.
b) Se aqui não existem árvores é porque não se plantam.
c) A vida se transfigura através do prisma da ilusão.
d) A vida se transfigura através o prisma da ilusão.
e) Gostamos que as coisas venham de encontro a nossos desejos.
f) Gostamos que as coisas venham ao encontro de nossos desejos.
g) Fiquei feliz em rever a ponte que eu presenciara a construção, em criança.
h) Fiquei feliz em rever a ponte cuja construção eu presenciara, em criança.
i) Alice definhava a olhos vistos.
j) Alice definhava a olhos vista.
k) O professor não deixa eu falar, eu não vou deixar ele em paz.
l) O professor não me deixa falar, eu não vou deixá-lo em paz.
m) Doutor Plínio, há um cliente que quer falar consigo.

n) Doutor Plínio, há um cliente que quer falar com o senhor.
o) Que tais as matas? Nelas agora há mais ou menos aves?
p) Que tal as matas? Nelas agora há mais ou menas aves?

38. Releia o estudado sobre o pronome adjetivo *cujo*, e, em seguida, transcreva a única frase correta:

a) Não tome remédio que o prazo de validade está vencido.
b) Não tome remédio cujo o prazo de validade está vencido.
c) Não tome remédio cujo prazo de validade está vencido.
d) Comprava remédios caríssimos, cujos remédios às vezes ele nem tomava.
e) Comprava remédios caríssimos, cujos às vezes ele nem tomava.

39. Forme duas frases com o pronome indefinido **menos** referente a **gente** e a **casas**.

40. Justifique o emprego da preposição **a** nos versos 7 e 12 do poema abaixo.

LEITURA

Sombra no ar

Um resto azul de sono ainda me ilude.
Mais visível se torna o meu fantasma
Turvo, entre a névoa da metamorfose.

Respiro o ar leve que sustenta o mundo.

A vida, nada mais que esse respiro.
Meu olhar, nada mais que essa procura.
Este o mundo a que vim, de pedra e sonho.

Penso: Por que me cerca este cenário?
Quem sou eu para ser digno da vida?
Que farei neste mundo, que direi?

Prefiro à minha voz o som das águas,
E a um pensamento, por maior, prefiro
Que por minha cabeça passe o vento.

Arde a nuvem na luz que além se acende.

Ao longe, o fundo da existência. Sempre
O céu presente, do alto presidindo.

(DANTE MILANO, *Poesias*, p. 107, Editora Sabiá, Rio de Janeiro, 1971)

EMPREGO DE ALGUMAS CLASSES DE PALAVRAS
Exercícios de exames e concursos
[Página 663]

EMPREGO DOS MODOS E TEMPOS

Compare os verbos destes exemplos:

João **leu** o livro.	**leu**	→	fato certo
Se João **lesse** o livro, aprenderia.	**lesse**	→	fato incerto
Leia, João, o livro.	**leia**	→	fato ordenado ou pedido

A essas diversas modalidades de um fato se realizar dá-se o nome de *modos*.

Como já vimos, os modos verbais são três: o *indicativo*, o *subjuntivo* e o *imperativo*.

Observação:

✔ Incluímos neste capítulo o estudo do particípio e do gerúndio, que são formas nominais do verbo.

1 MODO INDICATIVO

Exprime um fato certo, real, positivo. Excepcionalmente, pode traduzir incerteza, possibilidade. Aparece com mais frequência em orações independentes (absolutas, coordenadas e principais).

Vamos estudar o emprego dos tempos do indicativo:

▪ Presente

a) Indica um fato atual (simultâneo ao ato da fala), ou habitual:

Neste momento *penso* em você, leitor.

Mal clareia o dia, os homens *partem* para o trabalho.

b) Indica um fato permanente, uma verdade científica, religiosa ou filosófica:

A Terra *gira* no espaço, em torno do Sol.

O fim não *justifica* os meios.

c) Emprega-se nas narrações, em lugar do pretérito, para tornar mais viva, e como que atual, a representação de um fato. É o chamado *presente histórico*:

"Rumor suspeito *quebra* [= quebrou] a doce harmonia da sesta. *Ergue* [= ergueu] a virgem os olhos...; sua vista *perturba-se* [= perturbou-se]. Diante dela *está* [= estava] um guerreiro estranho." (José de Alencar)

d) Emprega-se pelo futuro do presente, para exprimir um fato que ocorrerá em breve:

Amanhã *vou* a Petrópolis. [*vou* = irei]

Príncipe inglês *chega* amanhã ao Rio. (estilo jornalístico)

"Amália *embarca* amanhã de volta para o Rio." (WALMIR AYALA)

e) Usa-se na linguagem viva e pitoresca, em lugar do pretérito imperfeito ou mais-que-perfeito do subjuntivo:

"Se o jumento *corre* por ali fora, contundia-me deveras." (MACHADO DE ASSIS)

[*corre* = tivesse corrido *ou* corresse]

"Se teu pai não *morre* e o seu partido *vinga*, podia acabar general." (CAMILO CASTELO BRANCO) [*morre* = tivesse morrido *ou* morresse] [*vinga* = tivesse vingado *ou* vingasse]

"Se D. Maria Cristina não *tira* [do berço] o bebê depressa, seria uma tragédia." (*JORNAL DO BRASIL*, 6/4/1973) [*tira* = tivesse tirado *ou* tirasse]

f) Pode substituir o futuro do subjuntivo, principalmente na linguagem emotiva, quando os sentimentos nos levam a romper com a disciplina gramatical:

Se te *afastas* daqui, serás punido.

g) Pode também ser usado, em lugar do imperativo, para se dar uma ordem atenuada, menos impositiva:

"Ninguém *desce* das redes, fora da hora de acampar para refeições." (EDY LIMA)

[*desce* = desça]

▪ Pretérito imperfeito

a) Enuncia um fato passado, porém não concluído, um fato que se prolongou:

Enquanto *subia* o morro, ia admirando a paisagem.

"O coronel fez um gesto que *traía* o seu agastamento." (ÉRICO VERÍSSIMO)

b) Traduz um fato habitual, durativo, no passado:

Aurélio *vivia* sempre quieto.

Adelaide *gostava* de festas.

"Madalena *possuía* um excelente coração." (GRACILIANO RAMOS)

c) Usa-se pelo presente para exprimir, com modéstia e polidez, um desejo, um pedido:

Gostava de saber se você vem.

Eu *queria* ter apenas a metade da fortuna dele.

d) Pode substituir o futuro do pretérito, principalmente na linguagem informal:

Se cultivasses estas terras, em pouco tempo *estavas* rico. [*estavas* = estarias]

"A carinha de Neuma *podia* ser de chinesa, fossem os olhos mais enviesados." (RAQUEL DE QUEIRÓS) [*podia* = poderia]

"Deixassem-no com ele e haviam de ver o bicho que dali *saía*." (COELHO NETO) [*saía* = sairia]

"Se ela me preferisse ao marido, não *fazia* mau negócio." (GRACILIANO RAMOS) [*fazia* = faria]

Observações:

✔ Na linguagem culta formal, deve-se respeitar a correspondência temporal, combinando o pretérito imperfeito do subjuntivo com o futuro do pretérito do indicativo:

Se Pedro *fosse* competente, a empresa o *contrataria*. (certo)

Se Pedro *fosse* competente, a empresa o *contratava*. (errado)

✔ Embora não faltem exemplos em contrário, até mesmo em bons escritores, deve-se usar *havia* [= fazia] e não *há*, em frases do tipo:

A quadrilha *roubava* carros *havia* muitos anos.

O casal *se mudara* para Curitiba *havia* pouco tempo.

"*Havia* perto de oito anos que ela *vivia* naquela situação." (GASTÃO CRULS)

▪ Pretérito perfeito

a) Indica um fato completamente realizado, uma ação concluída:

"A América *reagiu* e *combateu*." (LATINO COELHO)

"*Assinei* as cartas e *meti*-as nos envelopes." (GRACILIANO RAMOS)

b) O pretérito perfeito composto traduz um fato passado repetido, ou que se prolonga até o presente:

Tenho-lhe *dado* sempre bons conselhos.

"Meu trato com Marcoré *tem decorrido* sem problemas, num entendimento completo." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

"Creio que *tenho dado* provas de não ser nenhum ignorante." (ARTUR AZEVEDO)

▪ Pretérito mais-que-perfeito

a) Exprime um fato passado, anterior a outro igualmente passado:

"Paranhos seguia as mesmas ruas que anos antes, voltando do Sul, *pisara* sozinho e condenado." (MACHADO DE ASSIS)

[O fato expresso pelo verbo *pisar* foi anterior ao de *seguir* as ruas.]

"Lembrava-se da última carretinha que o pai *fizera* no Engenho e de como *se divertira* com ela dias seguidos." (GARCIA DE PAIVA)

b) Emprega-se, na linguagem literária, pelo futuro do pretérito:

Fora injustiça destituí-lo do cargo. [*fora* = seria]

"Ninguém *devera* casar sem muito ler..." [*devera* = deveria] (CAMILO CASTELO BRANCO)

c) Emprega-se, na língua culta, pelo pretérito imperfeito do subjuntivo:

"Levantou-me ao ar como se *fora* uma pluma." (ANÍBAL MACHADO) [*fora* = fosse]

"Se não *fora* a subvenção dele, eu não teria podido manter o colégio." (HERBERTO SALES)

"Teria sido uma temporada de ouro, não *fora* a intromissão de minha mãe." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

d) Traduz desejo, em frases optativas:

Prouvera a Deus que meu filho não sofresse!

Quisera eu ter a vida que levas!

"*Tomara* que assim fosse!" (CÂNDIDO DE FIGUEIREDO)

Em geral, prefere-se o pretérito mais-que-perfeito composto ao simples:

Naquela manhã eu *tinha acordado* mais cedo. [tinha acordado = *acordara*]

Quantas vezes *havíamos brincado* juntos, quando crianças!

▪ Futuro do presente

a) Enuncia um fato que se há de realizar:

Amanhã *viajarei* para a Europa.

Se cultivadas, essas terras *darão* bons frutos.

b) Pode exprimir dúvida, incerteza, possibilidade:

"*Terá* realmente *piado* a coruja? *Será* a mesma que piava há dois anos?" (GRACILIANO RAMOS)

Ele *terá*, quando muito, vinte e sete anos.

Você não *estará* equivocado?

"De sua casinha à Faculdade *serão* dois quilômetros, se tanto." (CIRO DOS ANJOS)

c) É usado com força de imperativo:

Não *furtarás*. [= Não furtes.]

Você *irá* com ele agora. [= Vá com ele agora.]

d) Pode ser substituído, sobretudo na linguagem coloquial, por locuções constituídas pelo presente do indicativo dos verbos *ir, ter* ou *haver* + *infinitivo* do verbo principal:

Olga *vai casar* no mês que vem. [*vai casar* = casará]

"Eu *vou dizer* tudo, tudo o que vi." (AUTRAN DOURADO) [*vou dizer* = direi]

Daqui por diante *hei de ter* mais cuidado. [intenção, promessa]

Tenho de atender um doente. [obrigação]

e) O futuro do presente composto usa-se para expressar:

- um fato futuro que se consumará antes de outro:

  Antes que o caçador chegue lá, a onça já *terá fugido*.

- dúvida, incerteza, relativamente à efetivação de um fato no passado:

  Terá chegado às mãos de Vera a minha carta?

▪ Futuro do pretérito

a) Exprime um fato futuro condicionado a outro:

Eu *iria* à festa, se não chovesse.

"*Faria* melhor negócio criando galinhas." (GRACILIANO RAMOS)

b) Exprime um fato futuro situado no passado:

Afirmei, naquela ocasião, que não o *apoiaria*.

Prometeste-me que não me *desobedecerias* mais.

A família decidiu: *viajariam* todos no mês seguinte.

c) Emprega-se pelo presente nas fórmulas de polidez:

Desejaria falar a Vossa Excelência. [*desejaria* = desejo]

Poderia dar-me uma informação, senhorita? [*poderia* = pode]

"*Gostaria* de saber como conseguiu retirar do hotel os dois cartões de registro." (José Fonseca Fernandes)

d) Pode exprimir dúvida, incerteza, probabilidade, ideia aproximada:

Seria verdade o que dizem dele?

Você não *estaria* exagerando?

"A minha reação era tão intensa e caótica que *poderia* supor-se que..." (Fernando Namora)

"Mas quem me *iria* emprestar vinte mil-réis, àquela hora?" (Graciliano Ramos)

Os pais *teriam* realmente *batido* na criança?

Venera-se, naquela cidade, uma imagem da Virgem que *teria pertencido* a Anchieta.

Ele *teria*, quando muito, trinta e cinco anos.

e) Pode ser substituído, sobretudo na linguagem coloquial, por locuções formadas com o pretérito imperfeito do indicativo do verbo *ir* + *infinitivo* do verbo principal:

Informaram que *ia faltar* luz. [*ia faltar* = faltaria]

"Uma conquista como a que a bandeira *ia realizar* não se faria em branca nuvem." (Cassiano Ricardo) [*ia realizar* = realizaria]

2 MODO SUBJUNTIVO

Emprega-se o modo subjuntivo para exprimir um fato possível, incerto, hipotético, irreal ou dependente de outro.

O subjuntivo aparece:

a) em orações absolutas, isto é, únicas no período:

Deus o *acompanhe*!

Eles que *se avenham*!

"Os passageiros que *chacoalhassem* lá dentro de qualquer jeito!" (Vivaldo Coaraci)

"Que *se trouxessem*, com presteza, esses braços para o Brasil! (Viriato Corrêa)

b) em orações coordenadas:

Talvez ela *compreendesse* [e lhe *perdoasse*.]

"Os vossos conselheiros julgaram-me incapaz disto: [agora eles que a *alevantem*!"] (Alexandre Herculano)

c) em orações principais:

[Que lhe *dessem* o] que ele queria, porque senão haveria briga na certa.

["Que também esses... *se ergam*] para pelejarem batalhas tremendas." (ALEXANDRE HERCULANO)

["Talvez não *mereçamos*] imaginar que haverá outros verões." (RUBEM BRAGA)

d) mais frequentemente, em orações subordinadas:

Espera-se que o aproveitamento da energia solar *aumente*.

"Quero ser o primeiro que te *chame* duquesa." (MACHADO DE ASSIS)

"Por muito que *descessem* as águas, a sonda encontrava sempre liberdade para qualquer quilha." (FERREIRA DE CASTRO)

"Ainda assim, não andei tão depressa que *amarrotasse* as calças." (MACHADO DE ASSIS)

"*Erguesse* o corpo e, pela janela aberta, veria a jindiba com o vento nas folhas." (ADONIAS FILHO)

▪ Presente

a) Exprime dúvida, hipótese, possibilidade:

Talvez *seja* esse o plano dele.

É possível que me *engane*.

Suponhamos que teu plano não *dê* certo.

"*Falte* eu a esse juramento, e deixarei de viver!" (VISCONDE DE TAUNAY)

"A senhora acredita que eles *salvem* a gente?" (GRACILIANO RAMOS)

"Não! vos digo eu: não serei quem *torne* a erguer essa derrocada abóbada!" (ALEXANDRE HERCULANO)

"*Corra*, daí a instantes, qualquer aragem, por débil que seja, e levanta-se a língua de fogo esguia e trêmula..." (VISCONDE DE TAUNAY)

b) Emprega-se em orações optativas e imprecativas:

"Oxalá *cesse* um dia a miséria do mundo!" (AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA)

"Que elas *envolvam* no seu aroma a vossa memória." (RUI BARBOSA)

"Que as luas *se sucedam* em todos os céus do mundo..." (LÊDO IVO)

"A terra lhes *seja* leve." (MACHADO DE ASSIS)

"Não *encontres* amor nas mulheres." (GONÇALVES DIAS)

"Malditas *sejam* as mãos que te profanarem, Santarém!" (ALMEIDA GARRETT)

▪ Pretérito imperfeito

a) Emprega-se em frases optativas e imprecativas:

Oxalá *fosse* eterna esta ventura!

"Assim ela *quisesse!*" (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Não *sucedesse* a morte à vida.

Parasse o tempo, que nos foge!" (CABRAL DO NASCIMENTO)

"Se *pudesse* retirar-me dali..." (GRACILIANO RAMOS)

b) Usa-se em orações adverbiais condicionais, causais e outras:

Se *soubesse*, não perguntaria.

Como *fosse* acanhado, não interrogava a ninguém.

Por mais que *insistisse*, não foi atendido.

c) Forma orações substantivas e adjetivas:

As chamas impediam que os bombeiros *se aproximassem*.

"Não fui nunca um menino que *morresse* em cima dos livros." (POVINA CAVALCÂNTI)

d) Traduz uma condição, um meio para se conseguir determinado fim ou efeito, para que algo acontecesse ou deixasse de acontecer:

Se estes eram os seus ideais, *trabalhasse* com mais constância.

"Não *fosse* tolo, e *confessasse* francamente que não sabia o que é plebiscito." (ARTUR AZEVEDO)

"Se caí aos teus olhos, não foi minha culpa: não me *elevasses* tanto." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"*Deixassem*-no com ele e haviam de ver o bicho que dali saía." (COELHO NETO)

e) Exprime um fato hipotético, irreal:

"Talvez o *poupassem* por ele ter uma irmã do Sigma." (GRACILIANO RAMOS)

"*Aparecesse* o Imperador à frente dos amotinados... e, num segundo, tudo acabaria." (VIRIATO CORREIA)

"Não seria o silêncio com o seu negror que me *viesse* assustar." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

▪ Pretérito perfeito

Enuncia um fato passado, real ou incerto, provável:

Foi bom que ele *tenha saído* daqui.

Talvez *tenham seguido* por outro caminho.

▪ Pretérito mais-que-perfeito

Traduz um fato hipotético, ou irreal, anterior a outro igualmente irreal, ou hipotético:

Se *tivessem vindo* ontem, teriam sido atendidos.

Tivessem-no *aconselhado*, e ele hoje seria outro.

Supunha que *tivesses ficado* em casa.

Antes a *houvesse esquecido*!

Se Cristo não *tivesse resgatado* a humanidade, quem se salvaria?

"Se não *tivesse tido* a ideia de beber, não lhe haveria sucedido aquele desastre." (GRACILIANO RAMOS)

▪ Futuro simples

a) Emprega-se em orações adverbiais condicionais, temporais, proporcionais e outras:

Se *transpuserem* a fronteira, serão capturados.

Caso *persistirem* as chuvas, os rios transbordarão.

Enquanto não a *vir*, não descansarei.

Quanto maior *for* a altura, maior será o tombo.

b) Aparece em orações subordinadas adjetivas:

Só poderão entrar os que *tiverem* ingresso.

- **Futuro composto**

Usa-se em orações subordinadas e enuncia um fato futuro relacionado a outro também futuro, ou um fato passado, mas hipotético:

Depois que *tiver visto* o filme, darei minha opinião.

Se *tiver acertado* na loteria, comprarei uma fazenda.

3 MODO IMPERATIVO

Emprega-se para exprimir ordem, proibição, pedido, convite, conselho, exortação, licença, que emanam da 1ª pessoa e se dirigem à 2ª pessoa do discurso:

"*Emende* a língua, ordenei." (Graciliano Ramos)

"*Lançai* os cavalos para as brenhas, *atravessemos* o Sália!" (Alexandre Herculano)

"*Descansa, dorme* em paz, Aldebarã é tua amiga." (Rubem Braga)

"Não *vá*, não *vá* mais! – pedia, insistindo." (Adonias Filho)

"*Trazei* sempre bem vivo nos vossos corações o amor ao próximo." (Latino Coelho)

"Pois *vá*, menino!" (Afonso Arinos)

Sente-se e *conversemos*.

4 PARTICÍPIO

O particípio, como o infinitivo e o gerúndio, é, por si, vago, impreciso, impessoal. Só no contexto é que se despoja de sua imprecisão, para enunciar, geralmente, fato concluído, ação relacionada com o passado.

Emprega-se o particípio:

- para formar a voz passiva e os tempos compostos da ativa:

Tínhamos ido ao cinema.

Talvez João já *tenha chegado*.

Tenho visto por ali muitas misérias.

Leila *foi avisada* pelo irmão.

Fui ouvido com simpatia.

Elas *eram aplaudidas* pelos fãs.

- para construir orações reduzidas adverbiais temporais, causais e outras, já estudadas no capítulo sobre *orações reduzidas*:

Feitos os preparativos, partiu para uma longa viagem.

O artista, *animado* pelo êxito, promete novas exibições.

Chegados que fomos ao local, levantamos um abarracamento.

- em orações reduzidas adjetivas:

"Os galhos dos oitizeiros fremiam, *tocados* pela aragem *vinda* do mar." (Lêdo Ivo)

- como simples adjetivo:

  Isto aconteceu no mês *passado*, quando elas chegaram à aula *atrasadas*.

  O moço estendeu a mão *ferida*, os dedos *ensanguentados*.

5 GERÚNDIO

Vimos que o gerúndio possui a forma simples (*amando, batendo, saindo*) e a composta (*tendo* ou *havendo amado, batido, saído*).

Emprega-se o gerúndio:

- nas conjugações perifrásticas, formando locuções verbais com os verbos *andar, estar, ficar, viver, ir, vir*, etc.:

  Andavam caçando. Está chovendo.
  Ficou chorando. Vive rindo.
  Vamos indo devagar. Vem vindo de mansinho.

  Nesse caso, pode o gerúndio ser substituído pelo infinitivo regido da preposição *a*:

  Os dois não se entendiam, andavam *a brigar*. [*a brigar* = brigando]
  "Sentava no chão e ficava *a ler* o livro que ia sempre comigo." (ELSIE LESSA)
  "Não havia por que ficar ali *a recriminar-se*." (ÉRICO VERÍSSIMO)
  "Vivia *a elogiar* incendiários e assassinos." (GRACILIANO RAMOS)
  "Quantas madrugadas fico eu *a esperar* por alguém que não chega?" (JOSUÉ GUIMARÃES)

- em orações reduzidas adverbiais, sob a forma simples ou composta:

  Cessando a chuva, todos saíram.
  Calando-me, atrairei suspeitas.
  Tendo ferido o pé durante uma caçada, o príncipe teve de cancelar a viagem.
  "A espada do cristão, *batendo* na clava do selvagem, fez-se em pedaços." (JOSÉ DE ALENCAR)
  "Passava o dia *esperando* meia-noite, e, *em chegando* esta, interrogava o futuro próximo." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)
  Nesta terra, *em se plantando*, tudo dá.

Observação:

✔ Em orações adverbiais, o gerúndio pode, em certos casos, ser reforçado pela preposição expletiva *em*, como vemos nos dois últimos exemplos citados.

- em orações reduzidas adjetivas, sob a forma simples:

  Eram as alunas *saindo* para o recreio. [*saindo* = que saíam]

  "Tomei a figura de um barbeiro chinês *escanhoando* um mandarim." (MACHADO DE ASSIS)

  "Eram quatro bandidos *disparando* por todo o lado." (SANTOS FERNANDO)

- em descrições breves, para sugerir movimentação:

  "Ao longo dos campos verdes, tropeiros *tocando* o gado... O vento e as nuvens *correndo* por cima dos montes claros." (CECÍLIA MEIRELES)

EXERCÍCIOS LISTA 59

1. Substitua adequadamente os asteriscos pelos verbos conjugados no indicativo ou no subjuntivo:

a) Essa gente quer que nos ***** à poluição! (*acostumamos – acostumemos*)
b) Eu pensava que eles ***** para casa. (*iam – fossem*)
c) Não sei se Telmo ***** de esquiar. (*gosta – goste*)
d) Talvez a ponte ***** de podre. (*caiu – tenha caído*)
e) Preferia um guia que ***** inglês. (*falava – falasse*)
f) Preferi o Vitório, que ***** inglês. (*falava – falasse*)

2. Substitua o * nas frases pelas formas corretas dos verbos entre parênteses:

a) Qualquer pessoa que * tal notícia não a levaria a sério. (**ler**)
b) Se eu * anos fora de São Paulo e voltasse agora, acho que não acertaria nem com a minha rua. (**passar**)
c) Não * aquelas garrafas de cerveja que iriam tornar-me mais feliz. (**ser**)
d) Naquele encontro, Lúcio me falou da nova casa que ele * dias antes. (**comprar**)
e) Não * testemunhas que provassem a minha inocência. (**faltar**)
f) Embora nunca * à Sibéria, sei que lá é frio. (**ir**)
g) Talvez haja até quem * esses espertalhões. (**aplaudir**)

3. Em lugar de que tempo estão usados os verbos em destaque?

a) Amanhã **vou** a Petrópolis.
b) Não **matarás**.
c) "Anchieta **parte** em um navio..." (Carlos de Laet)
d) Se tivéssemos estudado, **estávamos** aprovados.
e) Agora ninguém **fala**, ordenou o professor.
f) Se não me **avisas** a tempo, **surpreendiam**-me em casa.
g) **Honrar** pai e mãe.
h) Trataram-no como se ele **fora** o mais vil dos escravos.
i) "A única coisa que **devêramos** fazer seria bater nos peitos." (Raquel de Queirós)
j) Firmino, eu **precisava** de um favor seu.
k) "Mas se ele vivesse... não **existias** tu agora." (Almeida Garrett)

4. Transcreva as frases, numerando-as de acordo com o valor do pretérito mais-que-perfeito do indicativo:

(1) **futuro do pretérito** (2) **pretérito imperfeito do subjuntivo**

- "A pele estava tão lisa como se **fora** de louça." (Diná Silveira de Queirós)
- "Ninguém **devera** casar sem muito ler..." (Camilo Castelo Branco)
- Sem a ajuda dos sertanistas, **fora** impossível pacificar a tribo.
- "Não teria havido nada grave, não **fora** a gasolina que imediatamente se esparramou pelo asfalto." (José Fonseca Fernandes)
- Não podes entender isso. **Fora** o mesmo que falar das cores do prisma a um cego de nascença.
- "Quando mais nada **devêramos** aos portugueses, nós estas duas coisas lhes deveríamos, a religião e a língua." (Carlos de Laet)
- "Há um costume, na Índia, que eu **quisera** ver adotado no resto do mundo." (Machado de Assis)

5. Desenvolva as orações reduzidas de gerúndio.

a) "Santos apareciam no sertão, **prometendo a terra para todos**." (LÊDO IVO)

b) "A estrela-d'alva, no céu escuro, parecia uma garça **lavando-se na lagoa**." (AFONSO ARINOS)

c) "Não serão, portanto, demais algumas palavras **explicando** quem era esse teólogo." (CARLOS DE LAET)

d) **Estourando nas mãos**, a bomba poderá matá-lo.

e) "**Tornando-se tão fácil** possuir um bicho de rodas, difícil ficou sendo não possuí-lo, João que o diga." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

6. Copie os períodos, antepondo a eles as letras **I** ou **S**, conforme ocorrer imperativo ou subjuntivo:

- "Montemos nós quatro na vaca e voemos para casa." (EDY LIMA)
- "Que se rendam ao morto as mesmas homenagens." (JOSUÉ GUIMARÃES)
- Bons ventos o levem!
- Levem seus livros para casa, disse-lhes o professor.
- Deus o acompanhe!
- "Descanse, mãe, você contará depois – Iuta pedia." (ADONIAS FILHO)

7. Reorganize as colunas, relacionando-as adequadamente:

Deus o **ouça**!	(1) fato futuro
Tenho de ir hoje.	(2) dúvida, incerteza
Hei de ir hoje!	(3) ordem, mandamento
Visitá-lo-ei amanhã.	(4) promessa, intenção
O senhor **poderia** dar-me uma informação?	(5) obrigação
João **saía** sempre cedo.	(6) fato condicionado
Já **dei** o recado.	(7) pedido delicado
Tenho trabalhado muito.	(8) desejo
Não **matarás**!	(9) fato futuro situado no passado
Prometi que **iria** cedo.	(10) fato hipotético
Batem. **Será** gente?	(11) ação habitual
Iríamos, se não chovesse.	(12) fato passado repetido
Aparecesse o guarda, e tudo se acalmaria.	(13) fato completamente realizado

8. Flexione corretamente os verbos destacados num tempo adequado do indicativo ou do subjuntivo, conforme convenha:

a) Tu, talvez, **descrer** do bem e da virtude.

b) Fale sobre coisas que **entreter** o interesse dos ouvintes.

c) Conquanto todos **supor** e **afirmar** que a empresa **ser** fácil, eu não me convencia.

d) Calei-me, não porque ele **intervir**, mas simplesmente porque achei ridícula aquela discussão.

e) Nosso chefe não era homem que **se abster** completamente de beber.

f) Adelaide **tocar** piano quando Mário entrou sem que ela o **ver**.

g) Não consta que **haver** prisões.

h) **Prazer** a Deus que isto não tivesse acontecido.

i) **Prazer** a Deus que isto não aconteça.

j) Ele ainda não me **pagar** as joias que eu lhe havia vendido.

k) Se ele tivesse partido hoje, nós ainda o **alcançar**.

l) Egoístas e maus **ser** vós, se não o tivésseis amparado.

m) Eu já **reaver** o meu dinheiro quando o detetive chegou.
n) E entravas ali sem que ninguém **ousar** impedir-te?
o) Se eu **escrever** maus versos, ninguém os teria lido.
p) "Pedrinho pagava na cadeia um crime que não **cometer**." (João Clímaco Bezerra)

9. Faça como no exercício anterior:
a) Você acha que nossos antepassados **ser** melhores, se tivessem conhecido os nossos maravilhosos inventos?
b) **Faltar**-lhe os amigos quando mais precisasse deles.
c) Não havia pessoa com quem ele não **se desavir**.
d) **Procurá**-lo, e tê-lo-iam descoberto.
e) Parecia incrível que **chegar** ao termo da nossa viagem tão depressa.
f) **Dizer-se** que aquela criatura tinha vindo ao mundo para sofrer.
g) Eu corria a segurar a canoa, não **ir** as ondas levá-la para longe.
h) Não seríamos nós que **ir** arcar com as consequências!
i) Sei que ela não descansará enquanto não me **ver** trabalhando.
j) **Seguir** os meus conselhos, e hoje não seríeis o que sois.
k) Devemos tratar as crianças de tal modo que não nos **faltar** ao respeito.
l) "De nada aproveitam leis, bem se sabe, não existindo quem as **amparar** contra os abusos." (Rui Barbosa)

10. Substitua os asteriscos pelo item que completa corretamente as frases:
- ***** supercivilizações ou seres inteligentes extraterrestres?
- Não ***** os dois valentes cães, os ladrões ***** na casa.
- Descansa e ***** em paz, as estrelas velarão o teu sono.
- Se não ***** a represa, o rio agora não inundaria as minhas terras.
- Com a chuva e os ventos ***** do sul, baixou sensivelmente a temperatura.

a) existiria – fossem – entrariam – durma – tinham construído – vindos
b) existiriam – fosse – teriam entrado – durma – têm construído – vindo
c) existirá – fossem – tinham entrado – dorme – construíssem – vindo
d) existiriam – fossem – teriam entrado – dorme – tivessem construído – vindos

11. Na frase "Ficamos ali sozinhos **a esperar** nossos colegas.", o infinitivo preposicionado pode ser substituído por que tempo?
(particípio – gerúndio – pretérito imperfeito do indicativo)

12. Responda às perguntas acerca da frase:
Arnaldo vendeu a moto que comprara de um amigo.
a) Em que tempo está o verbo **comprara**?
b) Qual a forma composta correspondente a **comprara**?
c) Como se justifica o emprego desse tempo verbal?

EMPREGO DOS MODOS E TEMPOS
Exercícios de exames e concursos
[Página 674]

EMPREGO DO INFINITIVO

Veja estes exemplos:

Não é um milagre o fato de **estarmos** vivos?

[**estarmos** → infinitivo pessoal flexionado]

Não é um milagre o fato de você **estar** vivo?

[**estar** → infinitivo pessoal não flexionado]

Estar vivo é um milagre.

[**estar** → infinitivo impessoal]

Os exemplos acima evidenciam que:

- O infinitivo pode ser *pessoal* (quando tem sujeito próprio) ou *impessoal* (quando não se refere a nenhum sujeito).
- O infinitivo pessoal ora se flexiona (isso ocorre na 2ª pessoa do singular e nas três pessoas do plural), ora não se flexiona (o que se dá na 1ª e na 3ª pessoas do singular). Todavia, mesmo no primeiro caso, nem sempre tem cabimento a forma flexionada.

1 INFINITIVO NÃO FLEXIONADO

Usa-se o infinitivo não flexionado nos seguintes casos:

- Quando é impessoal, isto é, quando exprime um fato de modo geral, sem referi-lo a um sujeito:

  Morrer pela pátria é glorioso.

  Importa a todos *colaborar* pela causa do bem.

  "*Morrer*, se necessário for; *matar*, nunca." (Cândido Rondon)

- Se equivaler a um imperativo:

  "*Caminhar! caminhar!*... O deserto primeiro,

  o mar depois..." (Olavo Bilac)

- Em geral, quando o infinitivo forma oração que complementa substantivos e adjetivos:

  Temos a obrigação de *ajudar* nossos pais.

  Eles sentiam prazer em *prestar* estes serviços.

  Não fomos capazes de *erradicar* a corrupção.

Estão dispostos a *tentar* a vida em outro país.

Estão propensos a *concordar*.

"Eles estavam fartos de *ver* aviões cruzar o céu." (EDI LIMA)

"Nós estamos imundamente morrendo do mal de não *ser* portugueses." (EÇA DE QUEIRÓS)

Flexiona-se, no entanto, o infinitivo da voz reflexiva:

Jogador e técnico estão dispostos a *se reconciliarem*.

Eles são incapazes de *se ajudarem*.

As duas meninas estavam ansiosas de *se conhecerem*.

Na voz passiva, a flexão, neste caso, é opcional:

Não falam ao telefone, com medo de *ser* (ou *serem*) ouvidos.

- Quando o infinitivo forma locução verbal, ou, em regra, quando tem o mesmo sujeito que o verbo da oração principal:

Costumamos levantar cedo desde crianças.

Devemos pelas nossas obras *dar* glória a Deus.

Podemos, depois disso, *convidar* amigos e *festejar*.

Evita prometer o que não *podes cumprir*.

Não *ousaste* sequer *encarar* teu ofensor!

Tomaram a resolução de *resistir* até o fim.

Pretendemos, se tudo correr bem, *chegar* lá ainda hoje.

"*Queremos*, em nossos reveses, *passar* por infelizes e não por inábeis." (ANÍBAL MACHADO)

"Vidas que *têm* forçosamente de *se entrechocar*." (FERNANDO NAMORA)

- Quando o infinitivo, regido das preposições *a* ou *de*, forma locução com os verbos *estar, começar, entrar, continuar, acabar, tornar, ficar* e outros análogos:

Continuas *a levantar* cedo?

Elas começaram *a rir* de nós.

Eles acabam *de sair*.

Estavam *a preparar* o banquete.

Tornastes *a errar*.

Ficamos os dois *a olhar* o mar.

Observação:

✔ O infinitivo sendo reflexivo e vindo distante do verbo auxiliar, é possível a forma flexionada: "Talvez por isso *entraram* os objetos a *trocarem-se*." (MACHADO DE ASSIS)

- Se o infinitivo tiver como sujeito um pronome oblíquo com o qual constitua o objeto direto dos verbos *deixar, fazer, mandar, ver, ouvir* e *sentir*:

Não nos deixeis *cair* em tentação.

Faça-os *entrar*.
Mande-as *esperar* um pouco.
Vejo-os *sair* de casa.
Ouço-as *falar* e *discutir*.
Senti-os *aproximar-se*.

Observações:

✔ O infinitivo, sendo reflexivo, revestirá, de preferência, a forma flexionada:

"Vi-os *alongarem-se* para mim, cheios de contrição." (MACHADO DE ASSIS)

✔ O sujeito do infinitivo sendo um substantivo, é facultativa a flexão para verbos ativos e obrigatória ou pelo menos recomendável, segundo os casos, com os verbos reflexivos:

Impostos elevados fazem os preços *subirem*.

"O vento fazia *ramalhar* as árvores do jardim." (ALEXANDRE HERCULANO)

"Viu *desfilarem* uma a uma todas as mulheres fatais." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"E eu vi, assombrado, *aparecerem* soldados romanos..." (EÇA DE QUEIRÓS)

"Apetece deixar as ervas *crescerem* à nossa volta." (FERNANDO NAMORA)

"Vilares via os anos *passarem* inalteráveis." (AMADEU DE QUEIRÓS)

"As damas antigamente mandavam os cavaleiros *correr* aventuras." (REBELO DA SILVA)

"Faziam, num átimo, os grãos *saltarem* da espiga." (CIRO DOS ANJOS)

"Chuchu enterrado de manhã bem cedo faz *caírem* verrugas." (CLARICE LISPECTOR)

"Vi os bustos *inclinarem-se* ainda mais." (MACHADO DE ASSIS)

"Sentia os torrões *se esfarelarem* sob as solas dos sapatos." (GRACILIANO RAMOS)

2 INFINITIVO PESSOAL FLEXIONADO

Ocorre o **infinitivo pessoal flexionado** nos seguintes casos:

- Quando o infinitivo tem sujeito próprio, diverso do sujeito da oração principal:

Eu alugaria uma casa para eles *morarem* sozinhos.
As autoridades deram ordens para *serem* presos todos os agitadores.
Permaneci calado, ouvindo os outros *discutirem* os seus problemas.
"Não era raro *sentarem-se* à mesa dezoito ou vinte convivas." (VIVALDO COARACI)
"Às vezes acontecia *acharem-se* ali duas pessoas inimigas." (MACHADO DE ASSIS)
"Convidava eu amigos a *jantarem* comigo aos domingos." (CAMILO CASTELO BRANCO)
"O bom cavaleiro sentiu as asas da morte *roçarem*-lhe frias pela fronte." (ALEXANDRE HERCULANO)
"Aquela porta se abre para *entrarem* carros de lenha." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Afirma não *existirem* tais plantas no país." (SAID ALI)

"Achei notável *usarem* os dois uma prosa fofa." (GRACILIANO RAMOS)

"Tio Maxêncio não te perdoou não *teres descido* para a missa do sétimo dia." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

"*Serem* comidas é o destino final delas, como aliás o de todo ser vivo." (JOSÉ J. VEIGA)

- Quando vier regido de preposição, sobretudo se preceder ao verbo da oração principal:

Para não *teres* más surpresas, não votes em maus candidatos.

"Ficaram todos pasmados *ao verem*-no caminhar." (SAID ALI)

Ao saberem que o sítio estava à venda, resolveram comprá-lo.

Até o *encontrarem*, muito terão de andar.

"Alguns o tinham visto meses atrás, *sem* lhe *guardarem* bem a fisionomia." (ANÍBAL MACHADO)

"A realidade, *ao aproximarmo-nos* dela, faz diminuir o próprio interesse das coisas verdadeiramente belas." (FERREIRA DE CASTRO)

"*Ao nos sentarmos* à mesa, havia sempre a louca esperança de que algum acontecimento viesse a cancelar a malsinada leitura." (CIRO DOS ANJOS)

"As pessoas mais delicadas haviam desde a véspera abandonado a cidade *para* não *testemunharem* a execução." (JOÃO RIBEIRO)

- Sendo verbo passivo, reflexivo ou pronominal:

Viviam juntos sem *se conhecerem*.

"Despediu-se de Filipe dizendo que não convinha *serem vistos* juntos." (CLARICE LISPECTOR)

"Confesso que senti as carnes *arrepiarem-se*." (COELHO NETO)

"Bem antes de *se tingirem* de rosa e laranja as bandas do céu..." (CIRO DOS ANJOS)

"A tentativa de *se aferirem* pesos e medidas." (CIRO DOS ANJOS)

"Roderico viu *enovelarem-se* nos ares os rolos de pó." (ALEXANDRE HERCULANO)

"O pobre-diabo sentiu *enterrarem-se*-lhe no corpo os milhões de agulhas." (MACHADO DE ASSIS)

"Essas terríveis pequenas não precisam de falar para *se entenderem*." (CIRO DOS ANJOS)

- Sempre que for necessário deixar bem claro o agente ou sujeito, ou se quiser pô-lo em evidência, enfatizando-o:

"Estás louco, rapaz! Não *comeres*, tu que estalavas de fome?" (MONTEIRO LOBATO)

"Confessam *deverem*-vos a vida que vivem." (SAID ALI)

"Não era tão fácil *asseverarem* que estavam cortando mandacaru nos cestos?" (GRACILIANO RAMOS)

"E assim vão se criando, sem jamais *terem* escutado uma palavra de catecismo." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

Era melhor *teres feito* isto ontem.

Penso *seres* o mais indicado para o cargo.

Ele nos acompanhará para não *atrairmos* suspeitas.

"Não havia risco de *sermos* prejudicados." (POVINA CALVANCÂNTI)

"Em vez de *aborrecerem* o mal, aborrecem a luz." (ANTÔNIO VIEIRA)

"É preciso *aprendermos* a nos esquecer de nós mesmos." (CIRO DOS ANJOS)

- Quando vier um tanto afastado do verbo auxiliar ou do seu sujeito:

"Mas a selva já começa a rarear, e os ginetes a *resfolegarem* com mais violência." (ALEXANDRE HERCULANO)

"Quem quisesse poderia ver as filhas de Maria Amélia, com seus vestidinhos de luto, *brincarem* no jardim." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

- Como recurso de expressão, já para assegurar à frase harmonia e equilíbrio, já para transmitir à ação verbal mais vigor e dinamismo:

"Em pouco, os vi *saírem* juntos, a cavalo." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

"Eu vi as ondas *engolirem*-no." (ANÍBAL MACHADO)

"... como as cegonhas que um ilustre viajante viu *desferirem* o voo desde o Ilisso às ribas africanas." (MACHADO DE ASSIS)

"Venho com os olhos a *faiscarem* de cores." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

"Chamam-nos pelo medo de *terem* suas moradias queimadas." (CECÍLIA MEIRELES)

"Vira muitos dos seus companheiros *caírem* mortos ao seu lado." (JOÃO FELÍCIO DOS SANTOS)

"Cifras, cifras, sempre cifras a lhe *ferverem* na cabeça..." (CIRO DOS ANJOS)

"Vi vários deles *tombarem* de seus cavalos e *serem* arrastados pelo campo." (JOSÉ J. VEIGA)

"Vivemos, Dora, na certeza / de *sermos* amanhã / o que ontem não fomos." (JOSÉ PAULO PAES)

- Com os verbos *ver* e *parecer*, conforme vimos no capítulo da *Concordância verbal*, são lícitos dois tipos de construção, podendo-se flexionar no plural ora o verbo auxiliar, ora o infinitivo:

Viam-se reluzir as armas. [ou: *Via-se reluzirem* as armas.]

As montanhas *pareciam fugir* à nossa aproximação. [ou: As montanhas *parecia fugirem* à nossa aproximação.]

"*Via-se* as ervas *crescerem* nos pátios e eirados." (REBELO DA SILVA)

"Nessas tétricas paragens, os bichos do mato *pareciam confraternizar-se* com o homem." (CIRO DOS ANJOS)

"Os longínquos contornos das coisas esmaecem como num banho, e *parece diluírem-se* no éter, esbatidos na polvilhação aquosa." (RAMALHO ORTIGÃO)

O emprego do infinitivo na língua portuguesa é matéria complexa e, em alguns casos, polêmica. Por isso, nos limitamos a traçar as normas que julgamos essenciais para habilitar o estudante a usar com acerto essa forma verbal. Como vimos, há situações em que é livre a escolha da forma flexionada ou da não flexionada do infinitivo.

Nesta, como em todas as questões de linguagem, deve-se atender, antes e acima de tudo, às exigências do bom gosto literário, à harmonia da frase e à clareza da expressão.

EXERCÍCIOS LISTA 60

1. Escreva as frases, substituindo os asteriscos de forma adequada e numerando-as corretamente, conforme o indicado:

Não é maravilhoso **enxergar** as cores?

Não é maravilhoso o fato de (tu) ***** as cores?
Não é maravilhoso o fato de você ***** as cores?
Não é maravilhoso o fato de nós ***** as cores?
Não é maravilhoso o fato de vós ***** as cores?
Não é maravilhoso o fato de vocês ***** as cores?

(1) infinitivo pessoal flexionado

(2) infinitivo pessoal não flexionado

(3) infinitivo impessoal

2. Transcreva os exemplos, descrevendo as regras do emprego do infinitivo estudadas neste capítulo:

a) Os motoristas, impacientes, começaram a buzinar.

b) Adianta vocês fazerem bonitos planos, se não têm dinheiro?

c) Andar a pé é um excelente exercício físico.

d) "Andar com isso, bradou Mascarenhas." (Arnaldo Gama)

e) Vejo-os atravessar a praça todos os dias.

f) "Eles estão acostumados a se combaterem desde antes do Cabral." (Edi Lima)

g) Não podíamos, é verdade, sair de casa sem o consentimento dos pais.

h) Ao receberem a notícia, ficaram muito tristes.

i) As duas velhinhas, coitadas, pareciam cansadas de viver.

j) Acredito seres o mais indicado para essa tarefa.

k) Aqueles túmulos régios parece falarem da fragilidade do poderio humano.

l) "Continuaram a enfiar a mão na lata e, depois, a lamberem a calda dos dedos." (Edi Lima)

m) "Eu vi as ondas engolirem-no." (Aníbal Machado)

n) "O vento fazia ramalhar as árvores do Jardim." (Alexandre Herculano)

3. Justifique o emprego do infinitivo nestas frases:

a) "Ele já andava meio desconfiado vendo as fontes minguarem." (Graciliano Ramos)

b) "Podíamos ver aqueles véus finos da água oscilarem, flutuarem, esgarçarem-se, mostrando e escondendo a paisagem." (Cecília Meireles)

c) "Viu saírem e entrarem mulheres." (Machado de Assis)

d) "Vejo erguerem-se no horizonte algumas velas." (João Ribeiro)

e) "Não adianta nada estarem hospedados longe da cidade, num sanatório." (Maria de Lourdes Teixeira)

f) "Revoltava-me o recurso infantil de se xingarem, arrancarem os cabelos." (Graciliano Ramos)

g) "Via as paredes afastarem-se, as telhas subirem e descerem." (Graciliano Ramos)

h) "Eram incapazes de exercer um cargo de confiança." (Raquel de Queirós)

i) "A uma acautelada distância, viu saírem os alunos do Grupo." (Garcia de Paiva)

j) "Cansei-me de ouvir os mais velhos elogiarem a minha educação." (Povina Cavalcânti)

k) Para não teres surpresas desagradáveis, guarda minhas recomendações.

4. Copie as frases, prestando atenção ao emprego do infinitivo; em seguida, escreva a frase f), mudando a forma reduzida do verbo *discutir* na forma desenvolvida.

a) "Ensinava as índias a prepararem quitutes." (Edy Lima)

b) "Poiranga adiantou-se e fez sinal para ficarmos onde estávamos." (Edy Lima)

c) "E, aos brigões, incapazes de se moverem, basta-lhes xingarem-se à distância." (Dalton Trevisan)

d) "Alertados pela imprensa, os cautelosos preferem não se arriscar a duas eventualidades: serem furtados ou serem suspeitados como afanadores." (Carlos Drummond de Andrade)

e) "O fato de um milhão de pessoas participarem dos mesmos vícios não os transforma em virtudes." (Gustavo Corção)

f) "Um dos professores sugeriu, ao se discutirem os programas, a ideia do ensino integral da Zoologia." (Carlos Laet)

g) "Afirmam estarem impossibilitados de prosseguir viagem." (Said Ali)

h) "Outros, muito silenciosos, mordiam os lábios e dir-se-ia quererem fuzilar a brenha com os olhos sinistramente fixos." (Ferreira de Castro)

i) "Faziam, num átimo, os grãos saltarem da espiga." (Ciro dos Anjos)

j) "Vi muitos meninos grandes serem batizados." (Povina Cavalcânti)

5. Escreva os períodos, substituindo o * pela forma adequada do infinitivo dos verbos entre parênteses:

a) Era a revolução e a democracia a * em toda a parte. (**infiltrar-se**)

b) Fizeram-nas * desde a infância. (**trabalhar**)

c) Amiúde vemos pessoas * bem e * mal. (**falar**, **agir**)

d) É necessário não * tão graves erros. (**repetir-se**)

e) Não quisestes, por causa de vossa modéstia, * homenageados. (**ser**)

f) Ficava horas à janela, vendo os transeuntes *. (**passar**)

g) Não podemos * a nossos compromissos. (**faltar**)

h) Os exemplos não se fizeram senão para * citados. (**ser**)

i) Não percebes * teus planos descobertos? (**estar**)

j) O vento fazia * as hastes das antenas. (**oscilar**)

k) Viam-se já * as primeiras estrelas. (**brilhar**)

l) Via-se, no infinito espaço, * solitários astros. (**brilhar**)

6. Copie apenas os exemplos em que também seria lícita a forma flexionada do infinitivo:

a) Não devemos **preocupar-nos** exclusivamente com a vida material.

b) "Por que deixara as coisas **chegar** àquele ponto?" (CIRO DOS ANJOS)

c) "Foram feitos para **ser** vistos apenas uma vez." (CIRO DOS ANJOS)

d) "Roberval, a princípio, deixava-os **lutar**." (DINÁ SILVEIRA DE QUEIRÓS)

e) "E para **comemorar** o achado executavam no ar grandes rondas festivas." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

7. Escreva as frases substituindo o * pelo infinitivo dos verbos entre parênteses, flexionado ou não flexionado, conforme convenha:

a) Sentindo-me enregelado, com os pés a *, ergui-me para um exercício violento. (**doer**)

b) Os fazendeiros haveriam, dali por diante, de * as geadas. (**temer**)

c) Para não se * no meio da multidão, amarraram um lenço vermelho na cabeça. (**perder**)

d) Os jovens gostam muito de * com seus amigos. (**conversar**)

e) Os alunos devem, durante o ano, * ao estudo. (**aplicar-se**)

f) *, no mundo, crimes e injustiças, eis um fato entristecedor. (**existir**)

g) Todos aprenderiam, com um pouco de esforço, a * algum ofício útil. (**exercer**)

h) Ficarei aqui esperando-te, até * dar-me uma resposta definitiva. (**resolver**)

i) Chamei as duas pobrezinhas e dei-lhes um brinquedo, para não * na frente de outras mais felizes. (**chorar**)

j) Mandou-os * imediatamente. (**sair**)

k) Convidei-os a * na sala. (**entrar**)

l) Os perigos nos forçam a * unidos. (**permanecer**)

m) Difícil explicar como as duas crianças chegaram ali sem * vistas. (**ser**)

n) O fato de * a verdade não me dá o direito de vos espancar. (**negar**)

o) Ela via que era perigoso * (nós) sozinhos pelas ruas. (**andar**)

p) Sentia como que bicos de abutre a lhe * as entranhas. (**espicaçar**)

q) Os olhos de Marta! Dir-se-ia * a cor do mar. (**copiar**)

r) Depois de se * as obras, o bairro ganhará fisionomia nova. (**concluir**)

8. Faça como no exercício anterior:

a) É muito comum * detentos das penitenciárias. (**fugir**)

b) Alguns conseguiram, a muito custo, * até a praia. (**nadar**)

c) Íamos aos terreiros ver * as fogueiras. (**acender-se**)

d) Habitavam a terra muito antes de * os portugueses. (**chegar**)

e) Sem se * com a chuva, os meninos continuavam jogando. (**importar**)

f) Aos domingos, vinham muitos amigos * com ele. (**falar**)

g) O pior que pode acontecer é os pneus * na viagem. (**estourar**)

h) Assim, venho ao senhor para * a um acordo de cavalheiros. (**chegar**)

i) Os dois homenzarrões pareciam * da nossa fraqueza. (**zombar**)

j) Os dois homenzarrões parecia * da nossa fraqueza. (**zombar**)

k) Os bilhões de reais que o governo arrecada não são para se *. (**desperdiçar**)

9. Escreva de forma correta a única frase em que há erro no emprego do infinitivo:

a) Esse rio é perigoso por **existirem** piranhas em suas águas.

b) Esse rio é perigoso por **haverem** piranhas em suas águas.

c) As emissoras de rádio informavam não **haver** dados exatos sobre a catástrofe.

d) Os sacos pareciam **conter** frutas volumosas.

e) Todas as coisas em volta parecia **aplaudirem** meu nobre gesto.

10. Copie os períodos abaixo, com exceção daquele em que o infinitivo flexionado não é cabível por formar locução verbal:

a) Não concordo com os que afirmam **serem** esses índios violentos e agressivos.

b) Antes de **partirem**, a mãe lhes acenou da varanda várias vezes.

c) Os pais mandaram seus filhos **alistarem-se** como voluntários.

d) Via-se que aquelas crianças deviam **terem** recebido boa educação.

e) Acho uma temeridade **viveres** num lugar desses.

11. Corrija os infinitivos cuja forma for inadequada:

a) Depende de nós todos **aumentarmos** nossa produção agrícola.

b) É muito comum **aparecer** baleias nesta praia.

c) Não é raro **faltarem** folhas em livros novos.

d) Os bons candidatos evitam **prometerem** o que não podem cumprir.

e) Muitos países estão empenhados em **descobrir** ou **aperfeiçoar** novos processos para a produção de energia.

f) Os defensores dos ufos acreditam **serem** os discos naves espaciais de origem extraterrena.

g) Ao **cruzarmos** a rua, Armando veio ao nosso encontro.

h) Há pouca esperança de os dois países beligerantes **chegar** a um acordo.

i) O perigo era uma daquelas feras **sentirem** nossa presença e nos **atacarem**.

12. Substitua as orações destacadas por orações reduzidas de infinitivo:

a) Parecia **que tinha a alma nos olhos**, tão vivos e lindos eram.

b) A natureza parece **que concentrou toda a sua pujança na catadupa tremenda**.

c) Os inimigos parecia **que esperavam firmes o combate**.

d) Ela ainda não te perdoou **que não tenhas comparecido à festa**.

e) Noticia-se **que foram vistos discos voadores perto de Baturité**.

f) Asseguram **que encontraram uma solução para o cessar-fogo**.

g) As ilhas parece **que atraem magneticamente esses aventureiros**.

h) Espero-te aqui **até que resolvas** dar-me uma resposta definitiva.

i) Continua a difícil cruzada para convencer os índios **a que deixem de ser índios** e **adiram à sociedade de consumo**.

13. Melhore a redação dos períodos abaixo, substituindo as orações destacadas pelas reduzidas correspondentes:

a) Mas há um fato elementar que você parece **que não percebeu claramente**.

b) No Largo da Carioca acercou-se de mim um homem que, pelos modos e atitudes, se via **que era do interior** e **que precisava de ajuda**.

c) Dizes-me que não há possibilidades **de que se remedeiem os males** que nos afligem?

d) Li nos jornais umas notícias que depois averiguei **que não eram verdadeiras**.

e) Dizem as crônicas que algumas pessoas afirmavam **que tinham visto cascavéis** dançando no peito do vereador.

14. Justifique o infinitivo flexionado **despencarem** neste diálogo, à porta de uma quitanda:

— Não haverá perigo desses cachos de banana despencarem sobre nossas cabeças, Manuel?

— Tu queres dizer perigo para nós ou pros cachos?

LEITURA

Viagens

Olímpio tinha negócios em Belém. Pelo menos uma vez por semana ia a Belém. As viagens eram longas e cansativas, sobretudo para ele, que não conseguia dormir no avião. Ficava inteiramente insone, prestava atenção nos outros passageiros dormindo, e tinha inveja daquela segurança, daquele destemor que os fazia dormir. Conscientemente não sentia medo, só que não conseguia dormir. Encostava a cabeça no vidro frio da janela e olhava a escuridão da noite lá fora. O barulho dos motores varando o mundo fechado e sem fim da noite.

Às vezes havia lua e estrelas, mas a solidão pesava fundo. Ficava horas olhando a luz de navegação na asa, o fogo do motor que a luz do dia não deixa ver. Uma casquinha de noz boiando entregue a forças invisíveis. Não tinha medo, no bojo do avião ia anotando friamente as sensações. Não conseguia dormir, só isso. Porque não conseguia dormir e às vezes não suportava a solidão, quando esgotava todas as lembranças e o poço era vazio, levantava-se e ia conversar com a aeromoça. Muitas vezes a aeromoça também dormia. Foi assim que conheceu o comandante. Este, como ele, não dormia. Foi assim que conheceu o comandante, que fazia aquela linha há três anos.

(Autran Dourado, *Solidão Solitude*, Rocco, Rio de Janeiro, 2004)

EMPREGO DO INFINITIVO
Exercícios de exames e concursos
[Página 675]

EMPREGO DO VERBO HAVER

O verbo *haver* pode ser empregado como pessoal ou impessoal. Emprega-se pessoalmente:

- como verbo auxiliar de verbo pessoal:

  Os criminosos *haviam fugido* da prisão. [*haviam* = tinham]

  Isso não *há de acontecer*.

  Hei de viajar muito.

  Haveremos de ter saudades desta casa.

  "Podê-lo-ás depois quando as condições da vida *houverem mudado*." (Machado de Assis)

- no sentido de *ter*:

  "Pedia ao Senhor que lhe visse as lágrimas, e *houvesse* piedade delas." (Camilo Castelo Branco) [houvesse = *tivesse*]

- como sinônimo de *obter, conseguir, alcançar*:

  "Os sentenciados *houveram* do poder público a comutação da pena." (Carlos Góis)

  "Donde *houveste*, ó pélago revolto, esse rugido teu?" (Gonçalves Dias)

- na acepção de *pensar, julgar, entender*:

  "Muitos *hão* que é fantasia." (Bernardim Ribeiro)

  "Se *houverdes* que é fraqueza morrer em tão penoso e triste estado." (Luís de Camões)

  "Os ingleses *houveram por* mais acertado voltar com um cão de menos." (Lúcio de Mendonça)

  "*Haviam*-no *por* sábio." (Celso Luft)

  Alguns *haviam*-no *por* morto.

- como verbo pronominal, no sentido de *proceder, portar-se, lidar, desincumbir-se, sair-se:*

  Todos *se houveram* com perfeita dignidade.

  O soldado *houve-se* como herói.

  Os alunos não *se houveram* bem nas provas do mês.

  "Sei viver modestamente e sei também como *haver-me* na abundância." (São Paulo, Filipenses 4, 11)

  "Foi com esta escória da população que *se teve de haver* o frade recém-chegado." (Carlos de Laet)

  "Ele, porém, *houve-se* com a maior delicadeza e habilidade." (Machado de Assis)

  "Não sabia como *haver-se* com seus empregados." (Garcia de Paiva)

- ainda como pronominal, na acepção de *entender-se, avir-se, acertar conta, enfrentar*, caso em que se constrói com a preposição *com:*

  Agora o criminoso terá de *haver-se com* a justiça.

  Quem o maltratar *comigo se haverá.*

  "... se o estudante *se* não pudesse *haver com* o inimigo." (CAMILO CASTELO BRANCO)

  "Comportem-se como homens de bem, ou *vão se haver comigo.*" (NÉLIDA PIÑON)

O verbo *haver* é também pessoal nas seguintes locuções:

- *haver mister (de)* = precisar, necessitar:

  "Muitos dos enfermos bem *haviam mister* um hospital." (ANTÔNIO VIEIRA)

  "Mas o seu amor da ciência e da pátria não *havia mister de* outros incentivos." (RUI BARBOSA)

  (Esta locução é obsoleta.)

- *haver por bem* = dignar-se, resolver, considerar bom:

  O presidente *houve por bem* reconsiderar sua decisão.

  Os dirigentes dos sindicatos *houveram por bem* suspender a greve.

  "Mandei pedir à pessoa que requerera a minha captura, *houvesse por bem* explicá-la." (CAMILO CASTELO BRANCO)

  "O Doutor Juiz *houve por bem* decretar o fechamento do Asilo." (OTTO LARA RESENDE)

- *bem haja* = seja feliz, seja abençoado, tenha bom êxito:

  Bem hajam os que lutam pela liberdade.

  "*Bem haja* Sua Majestade!" (CAMILO CASTELO BRANCO)

  "*Bem hajas*, meu querido!" (CAMILO CASTELO BRANCO)

  • Nessas frases optativas o verbo *haver* deve concordar com o sujeito.

- *mal haja* (frase imprecativa):

  "*Mal haja* a hora em que saíste desta casa." (CAMILO CASTELO BRANCO)

  "*Mal hajam* as desgraças da minha vida..." (CAMILO CASTELO BRANCO)

  • O verbo *haver* concorda com o sujeito (*hora, desgraças*).

O verbo *haver* é impessoal — sendo, portanto, usado invariavelmente na 3ª pessoa do singular — quando significa:

- *existir:*

  Há pessoas que se dedicam a obras sociais.

  Criaturas infalíveis nunca *houve* nem *haverá.*

  Brigavam à toa, sem que *houvesse* motivos sérios.

  Se *tivesse havido* mais recursos, a obra já estaria concluída.

  Na ilha *havia* charretes puxadas a cavalos.

  Livros, *havia*-os de sobra; o que faltava eram leitores.

  • O substantivo que acompanha o verbo *haver*, neste caso, é objeto direto.

  Na primeira frase, por exemplo, *pessoas* é objeto direto de *há.*

- *acontecer, suceder:*

  Houve casos difíceis na minha profissão de médico.

  Não *haja* desavenças entre vocês.

  Naquela cidade *havia* frequentes rebeliões de presos.

- *decorrer, fazer*, com referência ao tempo passado:

  Há meses que não o vejo.

  Haverá nove dias que ele nos visitou.

  Havia já duas semanas que Marcos não trabalhava.

  O fato aconteceu *há* cerca de oito meses.

- Quando pode ser substituído por *fazia*, o verbo *haver* concorda no pretérito imperfeito, e não no presente:

  Havia (e não *há*) meses que a escola estava fechada.

  Morávamos ali *havia* (e não *há*) cinco anos.

  Ela conseguira emprego *havia* (e não *há*) pouco tempo.

  Havia (e não *há*) muito tempo que a polícia o procurava.

  "O garoto renovava, incansável em novo combate, as façanhas que, *havia* pouco, praticara no sempre memorando repique." (ALEXANDRE HERCULANO)

- *realizar-se:*

  Houve festas e jogos.

  Se não chovesse, *teria havido* outros espetáculos.

  Todas as noites *havia* ensaios das escolas de samba.

- *ser possível, existir possibilidade ou motivo* (em frases negativas e seguido de infinitivo):

  "Em pontos de ciência *não há transigir*." (CARLOS DE LAET)

  "Não *há contê-lo*, então, no ímpeto." (EUCLIDES DA CUNHA)

  "*Não havia descrer* da sinceridade de ambos." (MACHADO DE ASSIS)

  "Mas olha, Tomásia, que *não há fiar* nestas afeiçõezinhas." (CAMILO CASTELO BRANCO)

  "E *não houve convencê-lo* do contrário." (VIANA MOOG)

  "*Não havia* por que *ficar* ali a recriminar-se." (ÉRICO VERÍSSIMO)

- *ser necessário*, nas locuções *haver que* e *haver de*, seguidas de infinitivo:

  "*Há que* recuperar o tempo perdido." (ELSIE LESSA)

  "*Havia que* desmascarar o professor." (NÉLIDA PIÑON)

  "Em nosso caso, *há de* se levar em conta o baixo nível de credibilidade da classe política." (MARCO MACIEL)

Como impessoal o verbo *haver* forma ainda a locução adverbial *de há muito* [= desde muito tempo, há muito tempo]:

De há muito que esta árvore não dá frutos.

De há muito a imprensa vem alertando o País contra o desmatamento.

"*De há muito* sonho esta ilha, se é que não a sonhei sempre." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

O verbo *haver* transmite sua impessoalidade aos verbos que com ele formam locução, os quais, por isso, permanecem invariáveis na 3ª pessoa do singular:

Vai haver eleições, em novembro.

Começou a haver reclamações.

Não *pode haver* umas sem as outras.

Parecia haver mais curiosos do que interessados.

"Mas haveria outros defeitos, *devia haver* outros." (MACHADO DE ASSIS)

"*Há de haver* seis meses que ele me mandou chamar a Viseu." (CAMILO CASTELO BRANCO)

EXERCÍCIOS — LISTA 61

1. Substitua o * por formas adequadas do verbo **haver**:

a) Se * estudado, teriam sido aprovados.
b) Os sertanistas voltaram satisfeitos: * encontrado as tão cobiçadas pedras.
c) * coisas que se aprendem tarde.
d) Pessoas * que não sabem organizar sua vida.
e) No lugar onde é hoje Copacabana, *, no século XIX, apenas ranchos de pescadores.
f) Desde que o mundo é mundo, sempre * rivalidades entre os homens.
g) As casas eram novas e nas janelas * vasos com flores.
h) Se não * prêmios, ninguém se interessará pelo certame.
i) É justo que * as mesmas oportunidades para todos.
j) * três anos que não nos víamos.
k) Seria preferível que * menos exigências burocráticas.
l) Os pais, quando souberem isto, * de ficar muito contentes.
m) Se não * ódios e violências, o mundo seria mais feliz.
n) Se os ricos não fugissem da caridade, não * tantos pobres e indigentes.
o) Nesta difícil missão os dois médicos *-se com rara habilidade.
p) "E ele andava sossegado, como se ali * guardas-civis." (ÉRICO VERÍSSIMO)
q) Em que língua pensas tu * sido escritos aqueles magníficos poemas?

2. Ponha os verbos destacados no presente e no pretérito imperfeito do indicativo, sucessivamente:

a) **Fazer** dois meses que não **chover**.
b) **Ir** fazer dez dias que eu não **sair** de casa.
c) **Começar** a haver sinais de descontentamento.
d) Não **poder** haver rasuras neste documento.
e) Não **dever** haver desavenças entre vós.
f) **Haver** de haver leis justas e sábias.
g) Aqui **fazer** calores intensos.
h) Entre nós não **costumar** haver dissensões.
i) Em muitos países **precisar** haver mais estradas.
j) **Haver** crianças brincando na praça.

3. Dê os diferentes significados do verbo **haver**:

a) Falam como se **houvessem** presenciado o fato.
b) Aquele que ousar difamar-te vai **se haver** comigo.
c) Muitos **hão** que a empresa é irrealizável e temerária.
d) Os soldados **houveram-se** com bravura.
e) Rogava a seu credor que **houvesse** mais um pouco de paciência.
f) Os sentenciados **houveram** da rainha a comutação da pena.
g) "E lá se vão [os bois]: não **há** mais contê-los ou alcançá-los." (EUCLIDES DA CUNHA)
h) O prefeito **houve** por bem aceitar a minha proposta.
i) Nossos carros têm melhorado muito. **Haja** vista os últimos modelos.
j) Bem **hajam** os que lutam pela redenção dos cativos!
k) Como **se houveram** vocês na última prova?
l) "Mal **hajam** os vícios, mal **hajam** as paixões!" (CAMILO CASTELO BRANCO)
m) "Mas não **havia** negá-lo, era o próprio nome do Diogo Vilares." (MACHADO DE ASSIS)
n) "**Havia** muitos anos que não vinha ao Rio." (ANÍBAL MACHADO)
o) "É de fé que Deus **se houve** entre os dois partidos com uma honrada imparcialidade." (CAMILO CASTELO BRANCO)
p) "Sua majestade **houve** por bem admitir a Vossa Mercê à sua real presença." (CAMILO CASTELO BRANCO)
q) "Se acontecer achá-lo colérico, **haja-se** com discreta paciência." (CAMILO CASTELO BRANCO)
r) "Provavelmente ali ainda **haveria** assentos." (VIANA MOOG)
s) "Tanto um como o outro **se houveram** admiravelmente." (ALUÍSIO AZEVEDO)
t) "Quem sabe lá o que não seria se **nos** tivéssemos de **haver**, nos dias de hoje, com um *tiger-sapiens*!" (MÁRIO QUINTANA)
u) Mas como **se haviam** os países que não possuíam riquezas minerais?

4. Reescreva as frases substituindo adequadamente o * por **a**, **à** e **há**:

a) O barco saiu * pouco, em direção * ilha.
b) Daqui * pouco talvez os ônibus voltem * circular.
c) Este médico se devota * pesquisas científicas * dez anos.
d) De mais * mais, * possibilidade de o navio ir * pique.
e) Interessa * você saber quantos quilômetros * daqui * Lua?
f) * meses que estou * espera de notícias suas.
g) Estamos * vinte dias das eleições.

5. Reescreva a frase trocando **viver** pelos verbos **haver** e **existir**, sucessivamente.

No zoo da cidade **viviam** animais raros.

6. Reescreva as frases trocando o * por **há** ou **havia**, conforme for adequado:

a) * dois anos que a obra tinha sido iniciada.
b) * dois anos que a obra fora iniciada.
c) * dois anos que a obra foi iniciada.
d) O DER liberou a estrada que estava interditada * um mês.
e) A estrada está interditada * um mês.

LEITURA

Domingo na praça

Em três altas ondas a fonte desata
na negra bacia
suas longas madeixas de prata.

Entre o lago e as flores, desliza alegria
nas areias quietas:
cantos de ciranda, sapatinhos brancos,
aros velozes de bicicletas.

Depois dos canteiros, dois a dois sentados,
falando em sonho, sonhando acordados,
os namorados enamorados
dizem loucuras, pelos bancos.

Ah, Deus, – e a grande Lua antiga,
que volta de viagens, saindo do oceano,
ouve a alegria, ouve a cantiga,
ouve a linguagem de puro engano,
ouve a fonte que desata
na negra bacia
novas madeixas de prata...

As águas não eram estas,
há um ano, há um mês, há um dia...
Nem as crianças, nem as flores,
nem o rosto dos amores...

Onde estão águas e festas
anteriores?

E a imagem da praça, agora,
que será, daqui a um ano,
a um mês, a um dia, a uma hora?...

(Cecília Meireles, *Mar Absoluto*, in *Poesia Completa*, Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 1993)

EMPREGO DO VERBO HAVER
Exercícios de exames e concursos
[Página 687]

ESTILÍSTICA

trata do estilo, dos recursos expressivos da língua

Cidade sem rio

O rio Amazonas é o maior do mundo,
mas o rio do Tanque é o menor,
(Deslizava na fazenda de meu irmão)
O rio Doce banha terras amargas
de maleita, ferro e melancolia.
O córrego da Penha, esse, coitado,
mal fazia um poço raso
onde a gente, fugindo, se banhava.
Talvez porque me faltasse água corrente,
hoje a tenho represada nos olhos
e neste vago verso fluvial.

(Carlos Drummond de Andrade, *Poesia*,
Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 2002)

FIGURAS DE LINGUAGEM

Figuras de linguagem, também chamadas *figuras de estilo*, são recursos especiais de que se vale quem fala ou escreve, para comunicar à expressão mais força e colorido, intensidade e beleza.

Podemos classificá-las em três tipos:

a) Figuras de palavras (ou tropos)

b) Figuras de construção (ou de sintaxe)

c) Figuras de pensamento

O estudo das figuras de linguagem faz parte da *estilística*.

1 FIGURAS DE PALAVRAS

Compare estes exemplos:

A) O tigre é uma **fera**. [*fera* = animal feroz: sentido próprio, literal, usual]

B) Pedro era uma **fera**. [*fera* = pessoa muito brava: sentido figurado, ocasional]

No exemplo B, a palavra *fera* sofreu um desvio na sua significação própria e diz muito mais do que a expressão vulgar "pessoa brava". Semelhantes desvios de significação a que são submetidas as palavras, quando se deseja atingir um efeito expressivo, denominam-se *figuras de palavras* ou *tropos* (do grego *trópos*, desvio, giro).

São as seguintes as figuras de palavras:

- **Metáfora**: É o desvio da significação própria de uma palavra, nascido de uma comparação mental ou característica comum entre dois seres ou fatos.

  O seguinte exemplo, colhido em *Crônicas Escolhidas* de Rubem Braga, esclarece a definição:

  "O pavão é um *arco-íris* de plumas."

  Isto é, o pavão, com sua cauda armada em forma de leque multicolorido, é como um arco-íris de plumas.

  Entre os termos *pavão* e *arco-íris* existe uma relação de semelhança, uma característica comum: um semicírculo ou arco multicor.

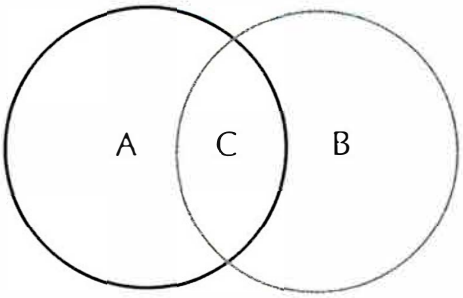

A – pavão

B – arco-íris

C – semicírculo multicor

Outros exemplos de metáforas:

Toda profissão tem seus *espinhos*.

As derrotas e as desilusões são *amargas*.

Murcharam-lhe os entusiasmos da mocidade.

"Adélia se via enclausurada numa *teia* de dúvidas." (Sérgio Gallo)

"Lá fora, a noite é um *pulmão ofegante*." (Fernando Namora)

"Mas o empregado não *se dobrou* a esses sofismas." (Carlos Drummond de Andrade)

"Cai a *tinta* da treva sobre o mundo." (Dante Milano)

"Que *negro* segredo guardava no *porão* da alma?" (Autran Dourado)

Dado o seu caráter enfático, incisivo, direto, a metáfora produz impacto em nossa sensibilidade: daí sua grande força evocativa e emotiva. É a mais importante e frequente figura de estilo e, frequentemente, encontra-se aliada a outras figuras, como a hipérbole e a personificação.

Observações:

✔ Não confundir a metáfora com a comparação. Nesta, os dois termos vêm expressos e unidos por nexos comparativos (como, tal, qual, assim como, etc.):

Nero foi cruel *como um monstro*. (comparação)

Nero foi um *monstro*. (metáfora)

✔ Por não ter colorido nem força expressiva especial, não é figura de estilo a *catacrese*, palavra ou expressão usada com seu significado original transposto ou adulterado: *embarcar* num trem, ficar *a cavalo* sobre um muro, *enterrar-se* um espinho no pé, tapar a *boca* dos poços, mesa de *pés* torneados, afiar os *dentes* da serra, etc.

- **Comparação**: Consiste em pôr em confronto pessoas ou coisas, a fim de lhes destacar semelhanças, características, traços comuns, visando a um efeito expressivo:

  Eles não têm ideal: são *como folhas* levadas pelo vento.

  A *criança é tal qual* uma *plantinha* delicada: precisa de amor e proteção.

  "*Como* uma informe *nódoa*, avulta e cresce / a *sombra* à proporção que a luz recua." (Raimundo Correia)

- **Metonímia:** Consiste em usar uma palavra por outra, com a qual se acha relacionada. Essa troca se faz não porque as palavras são sinônimas, mas porque uma evoca a outra. Há metonímia quando se emprega:

a) o *efeito* pela *causa*:

Os aviões semeavam a *morte*. [= bombas mortíferas]

[*as bombas* = a causa; *a morte* = o efeito]

b) o *autor* pela *obra*:

Nas horas de folga lia *Camões*. [*Camões* = a obra de Camões]

Traduzir *Homero* para o português não é fácil.

Um *Picasso* vale uma fortuna. [*Picasso* = o quadro de Picasso]

c) O *continente* pelo *conteúdo*:

Tomou uma *taça* de vinho. [= o vinho contido na taça]

A *terra* inteira chorou a morte do santo pontífice. [= os habitantes da terra]

d) o *instrumento* pela *pessoa* que *o* utiliza:

Ele é um bom *garfo*. [= comedor, comilão, glutão]

As *penas* mais brilhantes do país reverenciaram a memória do grande morto. [= os escritores]

e) o *sinal* pela *coisa significada*:

Que as *armas* cedam à *toga*. [isto é, *que a força militar acate o direito*]

O *trono* estava abalado. [isto é, *o império*]

Os partidários da *Coroa* eram poucos. [= governo monárquico]

f) o *lugar* pelos seus *habitantes* ou *produtos*:

"A *América* reagiu e combateu." (Latino Coelho)

Aprecio o *madeira*. [= o vinho fabricado na ilha da Madeira]

g) o *abstrato* pelo *concreto*:

A *mocidade* é entusiasta. [*mocidade* = moços]

"Difícil conduzir aquela *bondade* trôpega ao cárcere, onde curtiam pena os malfeitores." [bondade = o bom velho] (Graciliano Ramos)

h) a *parte* pelo *todo*:

Ele não tinha *teto* onde se abrigasse. [*teto* = casa]

Márcia completou ontem vinte *primaveras*. [*primaveras* = anos]

João trabalha dobrado para alimentar oito *bocas*. [*bocas* = pessoas]

i) o *singular* pelo *plural*:

O homem é mortal. [*o homem* = os homens]

"Foi onde o *paulista* fundou o país da Esperança." (Cassiano Ricardo)

j) a *espécie* ou a *classe* pelo *indivíduo*:

"Andai como filhos da luz", recomenda-nos o *Apóstolo* (para dizer *São Paulo*). [São Paulo (indivíduo) foi um dos *apóstolos* (espécie)]

k) o *indivíduo* pela *espécie* ou *classe*:

Os *mecenas* das artes (protetores)	Os *átilas* das instituições (destruidores)	O *Judas* da classe (traidor)

"Não é paternalismo de nenhum *mecenas* arquimilionário." (RAQUEL DE QUEIRÓS)
[*Mecenas:* amigo do imperador romano Augusto e incentivador das letras e das artes]

"Conseguirão os ladinos sherloques soteropolitanos desvendar a trama...?" (JORGE AMADO)
[*Sherlock Holmes:* famoso detetive, personagem dos romances policiais de Conan Doyle]

l) a *qualidade* pela *espécie*:

Os *mortais* [em vez de *os homens*] Os *irracionais* [= os animais]

m) a *matéria* pelo *objeto*:

Tanger o *bronze*. [= sino]

Ouvia-se o tinir dos *cristais*. [= copos]

Estava sem um *níquel* no bolso. [= moeda]

"O Cristianismo inventou o órgão e fez suspirar o *bronze*." (CHATEAUBRIAND) [*bronze* = sino]

"O *aço* de Zé Grande espelha reflexos dos cristais..." (HAROLDO BRUNO) [*aço* = faca]

- **Perífrase**: É uma expressão que designa os seres por meio de algum de seus atributos ou de um fato que os celebrizou:

Das entranhas da terra jorra o *ouro negro*. [= petróleo]

O *rei dos animais* foi generoso. [= leão]

O *Poeta dos Escravos* morreu moço. [= Castro Alves]

Os urbanistas tornarão ainda mais bela a *Cidade Maravilhosa*. [= o Rio de Janeiro]

"... parlamenteia-se hoje com o *monstro de mil cabeças*." (CARLOS DE LAET) [= a imprensa]

Observação:

✔ À estilística só interessam perífrases com valor expressivo.

- **Sinestesia**: É a transferência de percepções da esfera de um sentido para a de outro, do que resulta uma fusão de impressões sensoriais de grande poder sugestivo. Exemplos:

Sua *voz doce* e *aveludada* era uma *carícia* em meus ouvidos.

[*voz:* sensação auditiva; *doce:* sensação gustativa; *aveludada:* sensação tátil]

Em seu *olhar gelado* percebi uma ponta de desprezo.

"O *grito friorento* das marrecas povoava de terror o ronco medonho da cheia." (BERNARDO ÉLIS)

EXERCÍCIOS LISTA 62

1. Transcreva apenas as frases em que há metáfora:

a) Luzia olhou-se no espelho.

b) O rosto é o espelho da alma.

c) Um grito agudo cortou o silêncio.

d) "No céu desenha-se um pálido sorriso." (MÁRIO QUINTANA)

e) Muitos mancham a sua reputação e mordem na dos outros.

f) "As flores da terceira árvore eram rosadas como carne." (MARINA COLASANTI)

g) "O esquilo pincelava os troncos com a cauda." (MARINA COLASANTI)

h) "O luar amacia o mato sonolento." (RAUL BOPP)

i) "Uma nuvem de tristeza empana os olhos de amaro." (ÉRICO VERÍSSIMO)

j) Da nuvem cai a água que refresca e o raio que mata.

k) "No jardim as flores flamejam." (ÉRICO VERÍSSIMO)

l) Do alto via-se a teia imensa das ruas e avenidas cortando a floresta de edifícios.

2. Copie os períodos, numerando-os de acordo com as figuras de palavras que neles ocorrem:

(1) **metáfora** (2) **metonímia** (3) **perífrase** (4) **sinestesia**

a) Joguei duas pratas no chapéu do mendigo e fui andando.

b) O Pai da Aviação, com seu invento, encurtou as distâncias e aproximou os povos.

c) Via-me perdido num labirinto de dificuldades.

d) Ele, o Bom Pastor, deu a sua vida para nos salvar.

e) Um pássaro solitário riscou o céu, banhado em luz.

f) As planícies verdes alimentavam um rebanho de dez mil cabeças.

g) "Ó sonora audição colorida do aroma!" (ALPHONSUS DE GUIMARAENS)

h) Há muita luta e sofrimento neste vale de lágrimas.

3. Transcreva os períodos sublinhando as palavras que constituem metáfora:

a) Pesa sobre aquela nação uma sombria ameaça.

b) Ela sentou-se no banco, o olhar distante, o pensamento submerso no passado.

c) Uma a uma as badaladas se dissolvem na noite." (JOSÉ CONDÉ)

d) "Deitado na areia, meu pensamento vadio era uma borboleta serena que não pousava em nada." (BERNARDO ÉLIS)

4. Transforme as comparações em metáforas:

a) Os morcegos eram como loucos chicotes negros zurzindo as trevas.

b) A aeronave era como um grande pássaro metálico devorando a distância.

c) Faminto como ele estava, um pedaço de pão seria delicioso como um maná.

d) Cuidado com esse tal de Abelardo! Ele é astucioso como uma raposa.

5. Explique as metonímias, procedendo como no exemplo inicial:

Não podem viver debaixo do mesmo **teto**. [teto = casa: *a parte pelo todo*]

a) "Por que não te sentas? Eu vou descansar estes **ossos**." (ÉRICO VERÍSSIMO)

b) "**Nosso tempo** abomina flores, amigo." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

c) Sobre a cidade indefesa os aviões semeavam a **morte**.

d) **São Paulo** parou para receber e ovacionar os campeões.

e) "O **aço** de Zé Grande espelha reflexos dos cristais." (HAROLDO BRUNO)

f) "O garçom trouxera a bandeja com os copos festivos, perfilando num sorriso a brancura de seus dentes." (VILMA GUIMARÃES ROSA)

g) "Todos ao mar! — o Comandante ordena e é obedecido. Calções, maiôs, biquínis desfilam diante da reduzida população de Mangue Seco." (JORGE AMADO)

6. Qual é o tipo de figura de linguagem das palavras em destaque no período abaixo? (perífrase, metáfora, metonímia, comparação)

"E na curva da estrada, que era um talho sangrento no verde bruto da paisagem, sumiu-se a cavalgada." (BERNARDO ÉLIS)

7. Explique as perífrases:

a) E o **ouro** negro jorrou em vários pontos do **continente de Colombo**.

b) **Bípede implume**, não sujes o **precioso líquido** que te mata a sede e te purifica o corpo.

c) O **Poeta dos Escravos** verberou, em versos candentes, os navios negreiros.

8. Reconheça e classifique as figuras de palavras:

a) "Na guerra os meus dedos disparam mil mortes." (JUNQUEIRA FREIRE)

b) Firmou-se-lhe a reputação de mecenas das artes.

c) "O Major trazia sobre si o peso de 60 janeiros." (MONTEIRO LOBATO)

d) "Vendo em torno de mim mãos que davam esmolas." (OLEGÁRIO MARIANO)

e) "Volta aos humildes mas felizes tetos." (RONALD DE CARVALHO)

f) Os meninos ouviam contar os casos com frio desinteresse." (POVINA CAVALCÂNTI)

g) "O uniforme era lembrança viva do perigo permanente, da ceifadora implacável." (ORÍGENES LESSA)

h) "Um operário passou balançando uma lanterna vermelha, sumiu no oco da escuridão." (AUTRAN DOURADO)

i) "Os seminaristas que trocaram o turíbulo pelo rifle do guerrilheiro..." (VIANA MOOG)

j) "Altar e Trono, uni-vos!" (RAIMUNDO CORREIA)

k) Lisonjeavam-se outrora as cabeças coroadas; parlamenteia-se [= entra-se em negociação] hoje com o monstro de mil cabeças." (CARLOS DE LAET)

9. Forme frases com as palavras abaixo, usando-as no sentido metafórico.

Exemplo: Ele se libertou das **trevas** da ignorância.

sombra, tesouro, freio, manto, mar, brilhante, duro, acesso, frio, seco, sondar, alimentar, tecer, sacrificar

10. No diálogo, assinale a palavra empregada em sentido figurado:

"— Ainda bem que o inverno carioca é doce.

— É, mas aqui as folhas caem das árvores com tronco e tudo... (*Jornal do Brasil*, 21/6/1974)

11. Identifique as frases em que ocorrem *metonímias*.

a) Felizmente você tem um teto onde morar.

b) Precisamos de estradas bem construídas.

c) O ser humano é realmente insondável!

d) Ninguém segura a juventude deste país.

12. *Minha vida era um palco iluminado*

Eu vivia vestido de dourado

Palhaço das perdidas ilusões...

No trecho da música de Sílvio Caldas e Orestes Barbosa, acima reproduzido:

a) Qual a figura predominante?

b) Como ficaria esse mesmo trecho se fossem utilizadas comparações em lugar da figura que você apontou? Sugestão: Minha vida se passava como se eu, vestido de dourado, tal qual um palhaço, vivesse num palco, rindo e chorando minhas perdidas ilusões.

2 FIGURAS DE CONSTRUÇÃO

Compare as duas maneiras de construir esta frase:

Os homens pararam, o medo no coração.

Os homens pararam, com o medo no coração.

Nota-se que a primeira construção é mais concisa e elegante. Desvia-se da norma estritamente gramatical para atingir um fim expressivo ou estilístico. Foi com esse intuito que assim a redigiu Jorge Amado.

A essas construções que se afastam das estruturas regulares ou comuns e que visam transmitir à frase mais concisão, expressividade ou elegância dá-se o nome de *figuras de construção* ou *de sintaxe*.

São as mais importantes figuras de construção:

- **Elipse**: É a omissão de um termo ou oração que facilmente podemos subentender no contexto. É uma espécie de economia de palavras. Aqui só interessa a elipse como figura de estilo. Exemplos:

  As mãos eram pequenas e os dedos, finos e delicados. [elipse do verbo *eram*]

  "As quaresmas abriam a flor depois do carnaval, os ipês em junho." (RAQUEL DE QUEIRÓS) [Isto é: os ipês *abriam a flor* em junho.]

  Nossa professora estava satisfeita, como, aliás, todas as suas colegas.
  [Isto é: como, aliás, *estavam satisfeitas* todas as suas colegas.]

  "Parece que, quando menor, Sereia era bonita." (RAQUEL DE QUEIRÓS)
  [Elipse do verbo *era*: quando *era* menor]

  "Eles tremiam por si; eu pela sorte da Espanha." (ALEXANDRE HERCULANO) [isto é: *eu tremia*...]

  "Por que foi que a criatura se imolou? Um ato de protesto contra o governo?" (ÉRICO VERÍSSIMO)
  [Isto é: *Teria sido* um ato de protesto contra o governo?]

Nos exemplos supracitados, omitiram-se termos anteriormente expressos na frase. Essa modalidade de elipse tem o nome de *zeugma*.

- A elipse das conjunções e preposições assegura à frase concisão, leveza e desenvoltura:

  "E espero tenha sido a última." (VIANA MOOG) [elipse da conjunção *que*]

"Só aí que me inteirei de que ela havia sofrido e era boa." (GRACILIANO RAMOS)
[Ou seja: e *de que* era boa.]

"A carinha de Neuma podia ser de chinesa, fossem os olhos mais enviesados." (RAQUEL DE QUEIRÓS) [Isto é: *se* os olhos fossem...]

"Veio sem pintura, um vestido leve, sandálias coloridas." (RUBEM BRAGA)

"Entraram em casa, as armas na mão, os olhos atentos, procurando." (JORGE AMADO)

- Pode ocorrer a elipse total ou parcial de uma oração:

Perguntei-lhe quando voltava. Ele disse que não sabia.
[Isto é: Ele disse que não sabia *quando voltava*.]

"Os corpos se entendem, mas as almas não." (MANUEL BANDEIRA)
[Isto é: mas as almas não *se entendem*.]

- Podem ser consideradas casos de elipse as chamadas *frases nominais,* organizadas sem verbo. Exemplos:

"Bom rapaz, o verdureiro, cheio de atenções para com os fregueses." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

"Céu baixo, ondas mansas, vento leve." (ADONIAS FILHO)

"Àquela hora, quase deserta a Praia de Botafogo." (OLAVO BILAC)

"Em redor, tudo parado. Estático. No silêncio da madrugada, nem o piar de um pássaro, nem o farfalhar de uma folha." (LÍGIA FAGUNDES TELLES)

Observação:

✔ As frases nominais, de largo uso na literatura atual, são particularmente adequadas para a descrição de cenas estáticas, de ambientes de quietude, sem vida, sem movimento.

- **Pleonasmo**: É o emprego de palavras redundantes, com o fim de reforçar ou enfatizar a expressão. Exemplos:

"Foi o que *vi com os meus próprios olhos*." (ANTÔNIO CALADO)

"*Sorriu* para Holanda um *sorriso* ainda marcado de pavor." (VIANA MOOG)

"Tenha pena de sua filha, perdoe-lhe pelo *divino* amor *de Deus*." (CAMILO CASTELO BRANCO)

O seu leito era a *pedra fria*, a *pedra dura*.

"*Os impostos* é necessário pagá-*los*." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"*A mim* resta-*me* a independência para chorar." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"... *secá-las* bem *secas* no jirau." (FERREIRA DE CASTRO)

Observação:

✔ O pleonasmo, como figura de linguagem, visa a um efeito expressivo e deve obedecer ao bom gosto. São condenáveis, por viciosos, pleonasmos como: *descer para baixo, entrar para dentro, subir para cima*, a ilha *fluvial do rio* Araguaia, a *monocultura exclusiva de uma* planta, escrever a *sua autobiografia, produzir* bons produtos, etc.

- **Polissíndeto**: É a repetição intencional do conectivo coordenativo (geralmente a conjunção *e*). É particularmente eficaz para sugerir movimentos contínuos ou séries de ações que se sucedem rapidamente:

  "Trejeita, *e* canta, *e* ri nervosamente." (ANTÔNIO TOMÁS)

  "Por que é a beleza vaga *e* tênue,
  falaz *e* vã *e* incauta *e* inquieta?" (CABRAL DO NASCIMENTO)

  "Vão chegando as burguesinhas pobres,
  e as criadas das burguesinhas ricas,
  e as mulheres do povo, *e* as lavadeiras da redondeza." (MANUEL BANDEIRA)

  "Mão gentil, *mas* cruel, *mas* traiçoeira." (ALBERTO DE OLIVEIRA)

  Nossas matas têm milhares de espécies de árvores, *mas* o cedro, *mas* o mogno, *mas* o ipê quase não se encontram mais.

- **Inversão**: Consiste em alterar a ordem normal dos termos ou orações com o fim de lhes dar destaque:

  "*Passarinho*, desisti de ter." (RUBEM BRAGA)

  "*Justo* ela diz que é, mas eu não acho não." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

  "*Por que brigavam no meu interior esses entes de sonho* não sei." (GRACILIANO RAMOS)

  "*Tão leve* estou que já nem *sombra* tenho." (MÁRIO QUINTANA)

Observação:

✔ O termo que desejamos realçar é colocado, em geral, no início da frase.

- **Anacoluto**: É a quebra ou interrupção do fio da frase, ficando termos sintaticamente desligados do resto do período, sem função. O termo sem nexo sintático coloca-se, em geral, no início da frase para se lhe dar realce. Exemplos:

  Pobre, quando come frango, um dos dois está doente. (DITO POPULAR)

  "*Eu* não me importa a desonra do mundo." (CAMILO CASTELO BRANCO)

  "*Essas criadas de hoje* não se pode confiar nelas." (ANÍBAL MACHADO)

  "*Esses colonos* que se viram desalojados do Congo, não digo propriamente nada contra eles, mas não servem para nós." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

  A rua onde moras, nela é que desejo morar.

  Urubu, quando é caipora, o de baixo suja o de cima. (PROVÉRBIO)

  O anacoluto, fato bastante comum na língua oral, deve ser usado, na expressão escrita, com sobriedade e consciência.

- **Silepse**: Ocorre esta figura quando efetuamos a concordância não com os termos expressos, mas com a ideia a eles associada em nossa mente.

  A silepse, ou concordância ideológica, pode ser:

a) de **gênero**:

Vossa Majestade será *informado* acerca de tudo. [*Vossa Majestade* = o rei]

"Sobre a *triste Ouro Preto* o ouro dos astros chove." (OLAVO BILAC)

"Nuvens baixas e grossas ocultavam *Ilhéus*, *vista* dali em mar grande e livre." (ADONIAS FILHO)

"A certa altura, *a gente* tem que estar *cansado*." (FERNANDO PESSOA)

"Quando *a gente* é *novo*, gosta de fazer bonito." (GUIMARÃES ROSA)

"Se acha *Ana Maria comprido*, trate-me por Naná." (CIRO DOS ANJOS)

b) de **número**:

"Corria *gente* de todos os lados, e *gritavam*." (MÁRIO BARRETO)

"O *casal* de patos nada disse, pois a voz das ipecas é só um sopro. Mas *espadanaram, ruflaram* e *voaram* embora." (GUIMARÃES ROSA)

"Está cheio de gente aqui. Tire esse *povaréu* da minha casa. Que é que *eles querem*?" (DALTON TREVISAN)

"Minha amiga, *flor* tem vida muito curta, logo *murcham, secam, viram* húmus." (JOSÉ J. VEIGA)

c) de **pessoa**:

Ele e eu temos a mesma opinião. [*ele e eu* = nós]

"Aliás *todos os sertanejos* somos assim." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"*Os que adoramos* esse ideal, nela vamos buscar a chama incorruptível." (RUI BARBOSA)

"*Os amigos nos revezávamos* à sua cabeceira." (AMADEU DE QUEIRÓS)

"Mas haverá para qualquer de nós, *os que lutamos*, alguma alternativa?" (FERNANDO NAMORA)

"Os que a procuram são inúmeros, pois *todos sofremos* de alguma coisa; esta 'água insípida' tem uma vastíssima órbita de ação." (CECÍLIA MEIRELES)

"*Ficamos* por aqui, insatisfeitos, *os seus amigos*." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

"Dizem que *os cariocas somos* pouco dados aos jardins públicos." (MACHADO DE ASSIS) [= Dizem que *nós*, os cariocas, somos...]

- **Onomatopeia**: Consiste no aproveitamento de palavras cuja pronúncia imita o som ou a voz natural dos seres. É um recurso fonêmico ou melódico que a língua proporciona ao escritor.

"Pedrinho, sem mais palavras, deu rédea e, *lept! lept!* arrancou estrada afora." (MONTEIRO LOBATO)

"O som, mais longe, *retumba*, morre." (GONÇALVES DIAS)

"O longo vestido longo da velhíssima senhora *frufrulha* no alto da escada." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

"*Tíbios flautins finíssimos gritavam*." (OLAVO BILAC)

"*Troe* e *retroe* a *trompa*." (RAIMUNDO CORREIA)

"*Vozes veladas, veludosas vozes,*
volúpias dos violões, vozes veladas
vagam nos *velhos vórtices velozes,*
dos *ventos, vivas, vãs, vulcanizadas*." (CRUZ E SOUSA)

Observação:

✔ As onomatopeias, como nos três últimos exemplos, podem resultar da aliteração (repetição de fonemas nas palavras de uma frase ou de um verso). Pronuncia-se *onomatopéia*.

- **Repetição**: Consiste em reiterar (repetir) palavras ou orações para enfatizar a afirmação ou sugerir insistência, progressão:

  "O surdo pede *que repitam, que repitam* a última frase." (CECÍLIA MEIRELES)

  "*Tudo, tudo parado*: *parado* e morto." (MÁRIO PALMÉRIO)

  "Ia-se pelos perfumistas, *escolhia, escolhia*, saía toda perfumada." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

  "E o ronco das águas *crescia, crescia*, vinha para dentro da casona." (BERNARDO ÉLIS)

  "O mar foi ficando *escuro, escuro*, até que a última lâmpada se apagou." (INÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO)

EXERCÍCIOS — LISTA 63

1. Reconheça os termos e as orações elípticos:

a) Ela o atraía irresistivelmente, como o ímã ao ferro.

b) "Mas o sal está no Norte, o peixe, no Sul." (PAULO MOREIRA DA SILVA)

c) Eles se orgulham de suas misérias como Antístenes de seus andrajos.

d) "A cidade parecia mais alegre: o povo mais contente." (POVINA CAVALCÂNTI)

e) "Quando adolescente, estudante em Salvador, participei dos festejos da noite de São João." (POVINA CAVALCÂNTI)

f) "Ia aos poucos conquistando o seu terreno, que, por muito extenso, ele tinha medo de olhar." (AUTRAN DOURADO)

g) "Fabricava, antes, cachaça e rapadura, e agora tamancos." (GARCIA DE PAIVA)

h) "Vamos jogar, só nós dois? Você chuta para mim e eu para você." (ANTÔNIO OLINTO)

i) "Vamos ver o busto de Jorge numa pracinha sossegada, como convinha que fosse." (POVINA CAVALCÂNTI)

j) "Carteia está deserta, como as demais povoações vizinhas." (ALEXANDRE HERCULANO)

k) "Foi saqueada a vila, e assassinados os partidários dos Filipes." (CAMILO CASTELO BRANCO)

l) "Holanda afastou de si a ideia, por extravagante." (VIANA MOOG)

m) O senador propôs fossem reformulados alguns artigos da lei.

n) "O pensamento, não tenho certeza se estava no livro, se em outra parte." (MACHADO DE ASSIS)

o) Nunca fales mais do que convém.

p) Você talvez ache que a vida é uma ilusão, mas eu não acho.

2. Reconheça as preposições e conjunções elípticas:

a) "Pouco importa me batas pelo dobro." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

b) "Observava como ele torneava ou esculpia a madeira." (ÉRICO VERÍSSIMO)

c) "Marta tinha medo de que Paulo viesse destruir os seus planos, se metesse a modificar o que era seu." (JOSÉ LINS DO REGO)

d) "Veio sem pintura, um vestido leve, sandálias coloridas." (RUBEM BRAGA)

3. Transcreva as frases, colocando entre parênteses o nome das figuras de construção estudadas neste capítulo:

a) "Passeiam, à tarde, as belas na Avenida." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

b) "Agora seus olhos quase cegos viam perfeitamente vista a mata em todo o seu esplendor." (JORGE AMADO)

c) "O céu, à tarde, cada vez se tornava mais vermelho, os ventos mais quentes, mais forte a claridade." (ADONIAS FILHO)

d) "Táxi aqui não é fácil de conseguir. Passam lotados." (JOSÉ FONSECA FERNANDES)

e) "E rola e tomba e se espedaça e morre." (AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA)

f) "Você não volta nunca nunca nunca." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

g) "Essas criadas de hoje não se pode confiar nelas." (ANÍBAL MACHADO)

h) "Cricrila o grilo. Que frio!" (MÁRIO QUINTANA)

4. Classifique as figuras de construção, como fez no exercício anterior:

a) "E treme, e cresce, e brilha, e afia o ouvido, e escuta." (OLAVO BILAC)

b) "A gente, quando vai ensurdecendo, também vai ficando isolado." (GRACILIANO RAMOS)

c) "A mim é que não me enganam!" (MONTEIRO LOBATO)

d) "Não estou preparado. Quem está, para morrer?" (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

e) "Entravam matas adentro para o ventre das selvas, ou saíam mar afora para os portos do mundo." (ADONIAS FILHO)

f) "Os teus grilhões estrídulos estalam." (RAIMUNDO CORREIA)

g) "Coisa curiosa é gente velha. Como comem!" (ANÍBAL MACHADO)

h) "Sentei-me na cama, uma dor aguda no peito, o coração desordenado." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

i) "Homens e mais homens surgiram nas vertentes do Mogadouro." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

j) "Tão bom se ela estivesse viva para me ver assim!" (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

k) "Indispensável os meninos entrarem no bom caminho." (GRACILIANO RAMOS)

l) "Atrás, muito atrás, e com as gaivotas, ficaram a barra e o farol no morro do Pontal." (ADONIAS FILHO)

m) "Aliás todos os sertanejos somos assim." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

n) "A gente é obrigado a varrer até cair morto." (JOSUÉ GUIMARÃES)

o) "É tudo certo e prescrito
em nebuloso estatuto.
O homem, chamar-lhe mito
não passa de anacoluto." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

5. Transcreva as frases abaixo, antepondo a cada uma a letra correspondente à figura de construção que nela ocorre:

(a) **elipse** (b) **polissíndeto** (c) **anacoluto** (d) **silepse**

a) "Só a dor enobrece e é grande e é pura." (MANUEL BANDEIRA)

b) "O público vaiou demoradamente. E só não quebraram o circo porque o palhaço Gregório era engraçado." (JOSÉ CONDÉ)

c) "A cidade, quando davam as oito horas, todo mundo já estava de luz apagada, metido na cama." (BERNARDO ÉLIS)

d) "De que você me acusa? De não atendê-lo ao telefone?" (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

3 FIGURAS DE PENSAMENTO

Figuras de pensamento são processos estilísticos que se realizam na esfera do pensamento, no âmbito da frase. Nelas intervêm fortemente a emoção, o sentimento, a paixão.

Eis as principais figuras de pensamento:

- **Antítese**: Consiste na aproximação de palavras ou expressões de sentido oposto. É um poderoso recurso de estilo. Exemplos:

  "Última flor do Lácio, inculta e bela,

  és, a um tempo, *esplendor* e *sepultura*." (OLAVO BILAC)

  "A areia, *alva*, está agora *preta*, de pés que a pisam." (JORGE AMADO)

  "Como eram possível *beleza* e *horror*, *vida* e *morte* harmonizarem-se assim no mesmo quadro?" (ÉRICO VERÍSSIMO)

  "Quando a bola *saía*, *entravam* os comentários dos torcedores." (CARLOS EDUARDO NOVAIS)

  "As *sempre-vivas morreram*." (DORA FERREIRA DA SILVA)

- **Apóstrofe**: É a interrupção que faz o orador ou escritor para se dirigir a pessoas ou coisas presentes ou ausentes, reais ou fictícias. Exemplos:

  "Abre-se a imensidade dos mares, e a borrasca enverga, como o condor, as foscas asas sobre o abismo.

  Deus te leve a salvo, brioso e altivo barco, por entre as vagas revoltas..." (JOSÉ DE ALENCAR)

  Pode a apóstrofe ser também uma interpelação veemente, inflamada, como a destes versos de Castro Alves, que iniciam o poema *Vozes d'África*:

  "Deus! Ó Deus! Onde estás que não respondes?

  Em que mundo, em que estrela tu te escondes

  embuçado nos céus?"

- **Eufemismo**: Consiste em suavizar a expressão de uma ideia triste, molesta ou desagradável, substituindo o termo contundente por palavras ou circunlocuções amenas ou polidas. Exemplos:

  Fulano *foi desta para melhor*. [= morreu]

"A senhora é moça, é normal, e se estiver *em estado interessante*, o seu filho pode correr um perigo terrível." (LUÍS JARDIM) [= grávida]

Na cidade há escolas para crianças *excepcionais*. [= retardadas, anormais]

- **Gradação**: É uma sequência de ideias dispostas em sentido ascendente ou descendente. Exemplos:

"O primeiro milhão possuído *excita, acirra, assanha* a gula do milionário." (OLAVO BILAC)

Ele foi um *tímido*, um *frouxo*, um *covarde*.

Um ser *limitado*, uma *ínfima criatura*, um *grão de pó* perdido no cosmo, eis o que o homem é.

Uma *palavra*, um *gesto*, um *olhar* bastava para despertar suspeita.

A gradação ascendente denomina-se também *clímax*, e a descendente, *anticlímax*.

- **Hipérbole**: É uma afirmação exagerada. É uma deformação da verdade que visa a um efeito expressivo. Exemplos:

Chorou *rios* de lágrimas.

Estava *morto* de sede.

Os cavaleiros não corriam, *voavam*.

Estou um *século* à sua espera.

Tinha um *mundo* de planos na cabeça.

"A geada é um *eterno* pesadelo." (MONTEIRO LOBATO)

"Astrônomos famosos, como Pickering, *inundavam* os jornais de notícias." (RONALDO DE FREITAS MOURÃO)

- **Ironia**: É a figura pela qual dizemos o contrário do que pensamos, quase sempre com intenção sarcástica. Exemplos:

Fizeste um *excelente serviço*! [para dizer: um serviço péssimo]

Vejam os *altos feitos* destes senhores: dilapidar os bens do país e fomentar a corrupção!

"Um carro começa a buzinar... Talvez seja algum amigo que venha me desejar Feliz Natal. Levanto-me, olho a rua e sorrio: é um caminhão de lixo. *Bonito presente de Natal*!" (RUBEM BRAGA)

"Há recessão, há desemprego, há miséria, mas *tudo está sob controle de geniais economistas*." (EVANDRO LINS E SILVA)

- **Paradoxo**: Consiste esta figura, também chamada *oxímoro*, em usar, intencionalmente, um contrassenso:

"*Feliz culpa*, que nos valeu tão grande Redentor!" (SANTO AGOSTINHO)

Valentia covarde assaltar e matar pessoas indefesas!

"O doutor falava *bobagens conspícuas*." (MANOEL DE BARROS)

"*O que não tenho* e desejo é que melhor *me enriquece*." (MANUEL BANDEIRA)

- **Personificação**: É a figura pela qual fazemos os seres inanimados ou irracionais agirem e sentirem como pessoas humanas. É um precioso recurso da expressão poética. Por meio desta figura, também chamada *prosopopeia* e *animização*, empresta-se vida e ação a seres inanimados. Exemplos:

"Lá fora, no jardim que o *luar acaricia, um repuxo apunhala* a alma da solidão." (OLEGÁRIO MARIANO)

"*Os sinos chamam* para o amor." (MÁRIO QUINTANA)

"*O rio tinha entrado em agonia*, após anos de devastação em suas margens." (IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO)

Comum é a personificação de conceitos abstratos:

A Morte roubou-lhe o filho mais querido.

Vi *a Ciência desertar* do Egito..." (CASTRO ALVES)

- **Reticência**: Consiste em suspender o pensamento, deixando-o meio velado. Exemplos:

"De todas, porém, a que me cativou logo foi uma... uma... não sei se digo." (MACHADO DE ASSIS)

"Quem sabe se o gigante Piaimã, comedor de gente..." (MÁRIO DE ANDRADE)

- **Retificação**: Como a palavra diz, consiste em retificar uma afirmação anterior. Exemplos:

É uma joia, *ou melhor, uma preciosidade*, esse quadro.

O síndico, *aliás uma síndica* muito gentil, não sabia como resolver o caso.

"O país andava numa situação política tão complicada quanto a de agora. *Não, minto. Tanto não*." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"Tirou, *ou antes, foi-lhe tirado* o lenço da mão." (MACHADO DE ASSIS)

"Ronaldo tem as maiores notas da classe. *Da classe? Do ginásio*!" (GERALDO FRANÇA DE LIMA)

EXERCÍCIOS — LISTA 64

1. Escreva e classifique as frases de acordo com as figuras de pensamento estudadas neste capítulo:

a) "A excelente Dona Inácia era mestra na arte de judiar de crianças." (MONTEIRO LOBATO)

b) O infeliz poeta pôs termo à vida tragicamente.

c) "Toda vida se tece de mil mortes." (CARLOS DE LAET)

d) "Pupu está escrevendo – disse ela por fim. Não sei se ele..." (JOSÉ J. VEIGA)

e) Os tanques, abrasados, avançavam, a morte despejando dos seus bojos, mais frios do que as pedras que esmagavam.

f) "Acordei cansado, Solange. Ou melhor: não dormi." (JOSÉ FONSECA FERNANDES)

g) "No almoço e no jantar, tio Aníbal se levantava da cama para comer. Comia montanhas." (RAQUEL JARDIM)

h) "O sol belisca a pele azul do lago." (RAUL BOPP)

i) "Ande, corra, voe aonde a honra o chama." (BOILEAU)

j) " O coqueiro Ananias

está ali desde antes de nascerem os viajantes.

Estará ali depois que todos morrerem.

Salve, Ananias, os que vão findar te saúdam!" (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

2. Reconheça e classifique as figuras de pensamento, como fez no exercício anterior:

a) "Outro dia, João Brandão ia pela calçada. Minto. Evidentemente, não ia pela calçada, lugar por onde não se vai nem se vem, a menos que se possua carro." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

b) "A Rua Nova, no Recife, é velha à beça. A do Sossego é ruidosa e a Direita não pode ser mais torta." (MÁRIO SOUTO MAIOR)

c) "O povo estourava de riso." (MONTEIRO LOBATO)

d) "Onde estão os meus verdes? Os meus azuis?

O Arranha-Céu comeu!" (MÁRIO QUINTANA)

e) "O meu quarto, no primeiro andar, era um inferno de calor!" (GRACILIANO RAMOS)

f) "Quem sabe se o gigante Piaimã, comedor de gente..." (MÁRIO DE ANDRADE)

g) Que belo espetáculo cívico a pichação dos muros da cidade, em época de eleições!

h) Uma palavra, um gesto, um olhar bastava para despertar suspeitas.

i) "A luz do Sol – aliás, a luz em geral – só é vista quando se choca com a matéria." (RONALDO DE FREITAS MOURÃO)

j) O homem tem-se revelado grande amigo da natureza: onde se instala, abate as árvores, mata os animais, destrói cachoeiras, polui as águas dos rios e dos mares...

k) "Ela dará à luz um filho e tu o chamarás pelo nome de Jesus." (MATEUS 1, 21)

l) "As águas do rio gemiam alto, soluçando entre seixos." (VILMA GUIMARÃES ROSA)

m) "O ouro é tão claro! E turva tudo:

honra, amor e pensamento." (CECÍLIA MEIRELES)

n) "Bateu Amor à porta da Loucura.

'Deixa-me entrar – pediu – sou teu irmão.'" (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

o) "Na minha varanda já apareceu canário, até beija-flor, até uma deusa, oh, tu, Diana, caçadora de brisas, que presides ao destino das nuvens errantes e das espumas do mar." (RUBEM BRAGA)

3. Em cada uma das frases seguintes há duas figuras de estilo. Aponte-as:

a) "Ciprestes austeros velavam a paz dos encantados." (VILMA GUIMARÃES ROSA)

1) pleonasmo e elipse
2) personificação e eufemismo
3) antítese e hipérbole

b) Já é madrugada alta e a Lua vela o sono da cidade.

1) personificação e metonímia
2) antítese e silepse
3) metáfora e hipérbole

c) "Palavra que tem berço aqui, aqui tem sua sepultura." (JOSUÉ GUIMARÃES)

1) antítese e ironia

2) perífrase e ironia

3) antítese e metáfora

d) "Muda e sem trégua, galopa a névoa, galopa a névoa." (MANUEL GUIMARÃES)

1) repetição e personificação

2) antítese e elipse

3) pleonasmo e elipse

e) "Eu, que era branca e linda, eis-me medonha e escura." (MANUEL BANDEIRA)

1) retificação e eufemismo

2) antítese e anacoluto

3) ironia e hipérbole

f) Homens de vida amarga fazem o branco e doce açúcar.

1) metáfora e antítese

2) antítese e ironia

3) elipse e ironia

4. Assinale a figura de estilo que ocorre nos exemplos seguintes:

a) As viagens espaciais desprestigiaram o astro dos namorados.

1) metáfora

2) perífrase

3) hipérbole

4) elipse

b) Os pinheiros, de braços abertos, vigiavam a paisagem.

1) metonímia

2) apóstrofe

3) personificação

4) inversão

c) "Enfim o Rio de Janeiro pode orgulhar-se de um recorde mundial: é a cidade mais barulhenta do mundo." (*Jornal do Brasil*, 21/12/1981)

1) metáfora

2) onomatopeia

3) antítese

4) ironia

d) "Eu cá ninguém me tira da cabeça que foram os ministros militares que forçaram o homem a renunciar." (ÉRICO VERÍSSIMO)

1) anacoluto

2) elipse

3) eufemismo

4) ironia

e) Interesse ou não, seja barato ou caro, o produto tem de ser comprado.

1) polissíndeto

2) elipse

3) pleonasmo

4) silepse

5. Identifique as figuras de linguagem que ocorrem nos exemplos seguintes:

a) "Essas criadas de hoje não se pode confiar nelas." (ANÍBAL MACHADO)

b) "Vossa Reverendíssima está constipado?" (MARTINS PENA)

c) "Marcela juntava-as todas dentro de uma caixinha de ferro, cuja chave ninguém nunca jamais soube onde ficava." (MACHADO DE ASSIS)

d) "Misericórdia! – bradou toda aquela multidão, ao passar por el-rei: e caíram de bruços sobre as lájeas do pavimento." (ALEXANDRE HERCULANO)

e) "Mas estas coisas subentendem-se e não se dizem por ociosas." (MACHADO DE ASSIS)

f) "Porque afinal este mundo, tal como está, se eu gosto dele um bocadinho, é no momento mesmo em que penso em largá-lo." (ANÍBAL MACHADO)

g) "Achei a bordo do navio uma senhora que me procurava, quando os passageiros subimos ao convés." (CAMILO CASTELO BRANCO)

h) "Um velho como ele, que a qualquer momento pode juntar os pés, não tem como mentir." (ADONIAS FILHO)

i) "Vossa Excelência não tem filho que lhe vingue as cãs." (CAMILO CASTELO BRANCO)

j) "Seus muitos desertos são atravessados pelas serpentes dos oleodutos." (RENATO KLOSS)

k) "As rodas rangem na curva dos trilhos inexoravelmente." (MANUEL BANDEIRA)

l) "Um evento desse porte [a ECO-92] não poderia prescindir de cabeças coroadas." (*Jornal do Brasil*, 14/6/1992)

m) "Há recessão, há desemprego, há miséria, mas tudo está sob controle de geniais economistas." (EVANDRO LINS)

n) "Agora estão as montanhas estendidas

como cavalos azuis adormecidos." (JORGE DE LIMA)

o) "Se tu chegas, amanhece,

fica noite se te vais." (VICENTE DE CARVALHO)

p) "Leves véus velam, nuvens vãs, a Lua." (FERNANDO PESSOA)

q) "Entre Emília e a viúva Miranda há distâncias interplanetárias." (CIRO DOS ANJOS)

r) "O inclemente, o terrível, o tenebroso, o trágico mar do Norte, encapelado em ondas alterosas como montanhas, esbarrava na estreita ponta setentrional da Holanda." (RAMALHO ORTIGÃO)

6. Na 4ª e 5ª estrofes do poema "Domingo na praça", página 611, ocorrem as figuras de linguagem:

- antítese – hipérbole – ironia – metáfora
- personificação – repetição – metáfora – gradação
- metáfora – hipérbole – anacoluto – eufemismo

7. Transcreva apenas a frase em que há ironia:

- O narcotráfico é um vírus que ataca o organismo social.
- A ventania era uma loba faminta a uivar.
- "O monstro é ele (Inácio) e não o pobre que está atrás das grades." (João Clímaco Bezerra)
- "O fim justifica os meios, já ensinavam com proveito Hitler e outros pais da pátria, guias geniais dos povos." (Jorge Amado)

8. Assinale a figura de estilo que o autor usou no texto abaixo:

- antítese
- silepse
- ironia
- hipérbole

"A nossa floresta tem ao redor de um milhão de diferentes espécies de seres vivos. Da sucuriju de 15 metros à minhoquinha que serve de isca para puxar um pacu; do jacaré temível ao calango brincalhão; da sumaumeira de 60 metros de altura ao capim peremembeca rasteirinho; da vitória-régia de metro e meio de diâmetro ao protozoário invisível."

(Tiago de Melo, *Amazônia, A Menina dos Olhos do Mundo*, p. 43)

9. Nos enunciados abaixo há mais de uma figura de linguagem. Identifique-as:

a) "A imaginação açula a matilha das dúvidas." (Gastão Cruls)

b) "Essa gente já terá vindo? Parece que não. Saíram há um bom pedaço." (Machado de Assis)

c) "A inocência é transparente, a malícia opaca e tenebrosa." (Marquês de Maricá)

d) "O 13 de Maio tirou-lhe das mãos o azorrague." (Monteiro Lobato)

e) "Calisto Elói romperia no parlamento os vesúvios da sua eloquente indignação." (Camilo Castelo Branco)

f) "O Viegas – um cangalho de setenta invernos – era um hospital concentrado." (Machado de Assis)

g) "Sei que as pessoas não levam flores, mas pedras." (Rubem Braga)

h) "Dele descende Noé, e de Noé nós todos. (Mário Barreto)

i) "A nau do Estado já começou a singrar o mar traiçoeiro da inflação." (Lêdo Ivo)

j) "E o vaga-lume voava e voava e brilhava e brilhava e pensava e pensava: – Haverá, em toda mata, outro como eu?" (Millôr Fernandes)

k) "Teu pé, como o de um deus, fecundava o deserto." (Olavo Bilac)

l) "Escuta o galope certeiro dos dias
saltando as roxas barreiras da aurora." (Cecília Meireles)

m) "Que vento, que cavalo, que bravia
saudade me arrastava a esse deserto?" (Cecília Meireles)

n) "Quando a indesejada das gentes chegar
(Não sei se dura ou caroável),
talvez eu tenha medo,
talvez sorria ou diga:
– Alô, iniludível!" (Manuel Bandeira)

Observação

✔ Nesses versos MB se refere à sua morte.

10. Aponte as principais figuras de linguagem que ocorrem no texto abaixo.

LEITURA

Janelas sobre o Saara

Redemoinhos
erigem rosas
rosas fugidias
em vórtices que não se cumprem
pois tudo em ti, deserto,
é a longa espera do horizonte.
Fulva tua cor, fulvos teus camelos,
lentos barcos da longa travessia.
Nas dunas nasce o sol,
rugindo.
A sede acorda, alongam-se as caravanas.
O céu é uma pupila imensa, dilatada,
e a sombra dos corpos, o repouso adiado,
além, na imensidão.

(Dora Ferreira da Silva, *Poesia Reunida*, p. 69, Topbooks Editora, Rio de Janeiro, 1999)

11. Identifique as figuras de linguagem que aparecem nos versos transcritos a seguir:

a) "Fez-se de triste o que se fez de amante."
E de sozinho o que se fez contente
Fez-se de amigo próximo o distante" (Vinicius de Moraes)

b) "A felicidade é como a bruma que o vento vai levando pelo ar" (Vinicius de Moraes)

c) "Meu verso é sangue. Volúpia ardente." (Manuel Bandeira)

d) "O som, mais longe, retumba, morre." (GONÇALVES DIAS)

e) "Se às vezes digo que as flores sorriem
E se eu disser que os rios cantam..." (FERNANDO PESSOA)

12. Copie o verso que aparece na frase **b** do exercício anterior, de forma que passe a apresentar metáfora.

13. Identifique as frases em que haja *ironia*.

a) Que lindo esse seu chapéu verde e amarelo, repleto de rosas e de cravos vermelhos!

b) Vejam as grandes realizações daquele governo: aumento da pobreza e diminuição do número de hospitais!

c) As sementes despertam dando um abraço na mãe-terra.

d) Dois copos quebrados, o aspirador danificado e o ferro queimado... Realmente trabalhaste bem hoje!

4 VÍCIOS DE LINGUAGEM

Vícios de linguagem são incorreções e defeitos no uso da língua falada ou escrita. Originam-se do descaso ou do despreparo linguístico de quem se expressa. São os principais vícios de linguagem:

- **Ambiguidade**. Defeito da frase que apresenta duplo sentido. Exemplos:

  Vencem os romanos os cartagineses. [quem vence?]

  Convence, enfim, o pai o filho amado. [quem convence?]

  Jacinto, vi a Célia passeando com *sua* irmã. [*sua*: de quem?]

  Em cidade pequena, a qualquer hora *podem encontrar*-se pessoas conhecidas. [pessoas se encontram ou podem ser encontradas?]

- **Barbarismo**. Emprego de palavras erradas relativamente à pronúncia, forma ou significação. Exemplos:

  pégada, em vez de *pegada*; *carramanchão*, em vez de *caramanchão*; *ância*, em vez de *ânsia*; *cidadões* por *cidadãos*; *proporam*, em lugar de *propuseram*; *bizarro* no sentido de *esquisito* (galicismo).

- **Cacofonia** ou **cacófato**. Som desagradável ou palavra de sentido ridículo ou torpe, resultantes da contiguidade de certos vocábulos na frase. Exemplos:

  cinco *cada* um; a bo*ca dela*; mande-*me já* isso; *por cada* mil habitantes; nun*ca Brito* vinha aqui; não vi nun*ca Juca aqui*.

- **Estrangeirismo**. Uso de palavras, expressões ou construções próprias de línguas estrangeiras. Conforme a proveniência, o estrangeirismo se denomina: *galicismo* ou *francesismo* (do francês), *anglicismo* (do inglês), *germanismo* (do alemão), *castelhanismo* (do espanhol), *italianismo* (do italiano).

  O emprego de estrangeirismos deve-se limitar aos que são necessários, por não haver, em português, termos equivalentes. Por que usar, por exemplo, o galicismo *débâcle*, se temos *ruína, derrota, derrocada*, ou o anglicismo *performance*, se possuímos *desempenho, atuação*? O abuso de estrangeirismo torna o texto pedante e obscuro.

Eis alguns galicismos e anglicismos que devem ser evitados:

Galicismos	Formas corretas	Anglicismos	Formas corretas
através obstáculos	através de obstáculos	*apartheid*	segregação racial
molho ao tomate	molho de tomate	*corner*	escanteio
os sábios os mais renomados	os sábios mais renomados	*hall*	vestíbulo
estátua em bronze	estátua de bronze	*outdoor*	cartaz, painel
blague	pilhéria, gracejo	*performance*	desempenho
chofer	motorista	*office-boy*	contínuo, moço de recados
comandante-em-chefe	comandante-chefe	*mídia*	meios de comunicação
complô	conspiração, conluio	*grogue*	tonto
costume	traje, vestido	*blefar*	iludir, enganar
démarche	tentativa, diligência	*week-end*	fim de semana
frisson	arrepio, frêmito	*videogame*	videojogo
gauche	acanhado, inepto, desajeitado	*gentleman*	cavalheiro
menu	cardápio	*lady*	senhora
mise-en-scéne	encenação	*glamour*	fascínio, encanto
trupe	grupo teatral, elenco		

Estrangeirismos incorporados à nossa língua devem revestir, na medida do possível, a forma vernácula. Assim, por exemplo, *recorde, xorte, xampu* e *imbrólio* são grafias preferíveis a *record, short, shampoo* e *imbroglio*.

- **Hiato**. Sequência antieufônica de vogais:
  Andre*ia irá ain*da ho*je ao o*culista.

- **Colisão**. Sucessão desagradável de consoantes iguais ou idênticas:
  O *rato r*oeu a *r*oupa; o que *se sabe sob*re o *sabre*; via*ja já*; a*qui ca*em *cacos*.

- **Eco**. Concorrência de palavras que têm a mesma terminação (rima na prosa):
  A *flor* tem *odor* e *frescor*.
  Com *medo*, *Alfredo* ocultou-se no *arvoredo*.

- **Obscuridade**. Sentido obscuro ou duvidoso decorrente do emaranhado da frase, da má colocação das palavras, da impropriedade dos termos, da pontuação defeituosa ou do estilo empolado.

- **Pleonasmo**. Redundância, presença de palavras supérfluas na frase:

  Entrar para *dentro*; *sair* para *fora*; a brisa *matinal da manhã*.

Observação:

✔ Trata-se aqui, é claro, do pleonasmo vicioso, não do que se usa como recurso intencional de estilo.

- **Solecismo**. Erro de sintaxe (concordância, regência, colocação):

  Falta cinco alunos; eu *lhe* estimo; revoltarão-*se*.

- **Preciosismo, rebuscamento**. Linguagem afetada, artificial, cheia de sutilezas e vazia de ideias, fuga ao natural, maneirismo.

- **Plebeísmo**. Uso de palavras e expressões vulgares. Exemplos:

  cara (indivíduo), *troço* (objeto, coisa), *cuca* (cabeça), *coroa* (pessoa idosa), *abacaxi* (coisa difícil ou desagradável), *grana* (dinheiro), *goleirão* (bom goleiro), *mixar* (malograr, fracassar), *mixuruca* (à toa, de má qualidade), *pra burro* (muito), *entrar pelo cano* (sair-se mal), etc.

Os plebeísmos são vetados na linguagem culta, em situações formais e na conversação cerimoniosa.

EXERCÍCIOS — LISTA 65

1. Escreva as frases e coloque ao lado delas o nome dos vícios de linguagem que apresentam:

a) É verdade, poeta, só nos sonhos a gente agarra a fada pelos cabelos.

b) Muitos cidadões ou não votam ou votam mau.

c) Ah fatalidade! As rugas da idade se instalam em minha face sem piedade e apagam o frescor da mocidade.

d) Fábio quis conhecer o sítio de um tio de que o pai falava muito.

e) Embora doente, Tito teima em tomar café a todo instante.

f) O Rio está incluído na tournée organizada pela nova empresa de turismo.

g) Eu ia eufórico pela rua, ouvindo vozes que não me eram estranhas.

2. Relacione as frases aos vícios de linguagem que nelas ocorrem:

(**a**) **estrangeirismo** (**b**) **pleonasmo** (**c**) **solecismo** (**d**) **preciosismo**

Desde então ele passou a nutrir uma inexplicável xenofobia aos estrangeiros.

Evolou-se aos páramos etéreos a alma imácula da donzela.

Foi impecável a performance do piloto durante a dura competição.

Amanhã começa as aulas nas escolas e há muitas salas onde falta carteiras.

5 QUALIDADES DA BOA LINGUAGEM

- **Correção**. É a obediência à disciplina gramatical, o respeito das normas linguísticas que vigoram na língua-padrão. Linguagem correta, portanto, é a que está livre dos vícios a que atrás nos referimos.

  Todavia, a correção gramatical não deve ser considerada como um tabu. O purismo, ou a excessiva preocupação com "o que se não deve dizer", garroteia a ideia e abafa a espontaneidade.

- **Concisão**. Consiste em dizer muito em poucas palavras. A expressão concisa e sóbria se desenvolve no sentido retilíneo, evitando as digressões inúteis, as palavras supérfluas, a desmedida adjetivação e os períodos extensos e emaranhados.

  O vício contrário a essa qualidade do estilo é a prolixidade.

- **Clareza**. Juntamente com a correção, é qualidade primordial da expressão escrita ou falada. Reflete a limpidez do pensamento e facilita-lhe a pronta percepção. A clareza é coadjuvada pela concisão e a simplicidade da forma. Opõe-se-lhe a anfibologia e a obscuridade.

- **Precisão**. Resulta da escolha acertada do termo próprio, da palavra exata para a ideia que se quer exprimir. A impropriedade dos termos torna a linguagem imprecisa e obscura.

- **Naturalidade**. Sem deixar de ser correta e até mesmo original e colorida, a linguagem revestirá, no entanto, uma forma simples e espontânea, de tal maneira que não se note o esforço da arte e a preocupação do estilo.

  Ferem a naturalidade o uso sistemático dos termos difíceis, a frase rebuscada, a expressão empolada e pedante, enfim, tudo o que denota artificialismo e afetação.

- **Originalidade**. É uma qualidade inata ao falante ou escritor, um dom natural, que a arte não dá, mas pode estimular e aprimorar. Nasce de uma visão pessoal do mundo e das coisas.

  Contrapõem-se-lhe a imitação servil, o estilo postiço e a vulgaridade.

- **Harmonia**. É o elemento musical da frase. Seu segredo está na boa escolha e na correta disposição das palavras, de tal maneira que o período se imponha pelo ritmo, equilíbrio e harmonia.

- **Colorido e elegância**. São virtudes que dão à obra literária o acabamento ideal e o toque da perfeição. Decorrem do uso criterioso das figuras e dos ornatos de estilo, e exigem imaginação fértil e brilhante e o perfeito domínio da técnica literária.

LEITURA

Bendengó

Bendengó é um meteorito que foi encontrado no sertão baiano, em 1784, junto a um rio, afluente do Vaza-Barris e que passou a se chamar rio Bendengó.

O peso desse meteorito é de 5 toneladas e seu nome, de origem indígena, significa, entre os índios quiriris da Bahia, *vindo do céu*.

No local da queda do Bendengó existem até hoje escombros e estilhaços da pedra vinda do céu. E o acontecimento ficou na lembrança de todos os habitantes da região, em parte graças à literatura de cordel, que contou toda a história.

(Ronaldo de Freitas Mourão, *Astronomia e Poesia*, p. 87, Difel, Rio de Janeiro, 1977)

Nunca

Aprendi que, depois do horizonte,
há mais horizonte.
Aprendi que não existe limite,
a não ser o nosso próprio limite.
Aprendi que não existem mortes,
mas vida que sai de dentro da vida.
Apesar de todo o esforço do homem,
ele nunca encontrará a morte absoluta.

(Biafra, *Antologia da Nova Poesia Brasileira*, p. 45,
Editora Hipocampo, Rio de Janeiro, 1992)

FIGURAS DE LINGUAGEM
Exercícios de exames e concursos
[Página 690]

LÍNGUA E ARTE LITERÁRIA

1 A LÍNGUA E SUAS MODALIDADES

A língua de uma nação civilizada apresenta várias modalidades, que podem coexistir sem quebra de sua estrutura comum, de sua unidade. Assim, cumpre distinguir:

- a língua geral ou comum
- a língua popular
- a língua culta
- a língua literária
- a língua falada
- a língua escrita

A **língua geral** é a língua oficial de um país, vivificada pelo uso comum e aceita pela comunidade. Sobrepõe-se aos falares regionais, sempre existentes, sobretudo em países de grande extensão geográfica. Para nós, brasileiros, é a língua portuguesa, vista em seu conjunto.

A língua geral tende a carregar-se de tonalidades regionais, na fonética e no vocabulário, resultando dali os falares regionais, que chegam a tingir fortemente a expressão cultural e literária em certas áreas geográficas de um país. Quando características muito acentuadas vincam um falar muito regional, temos um *dialeto*. No Brasil, temos um caso típico desse fato, é o *dialeto caipira*, condenado a desaparecer ante a ação da escola e dos meios de comunicação.

Dentre os falares regionais do Brasil, destacam-se o amazônico, o nordestino, o fluminense, o carioca, o gaúcho, o mineiro e o sulista, cada qual marcado por sensíveis diferenças léxicas (vocabulário) e fonéticas (sotaque).

O linguajar de uma região, com seus modismos e peculiaridades, é frequentemente retratado pelos escritores regionalistas em suas obras literárias.

A **língua popular** é a fala espontânea e fluente do povo. Mostra-se quase sempre rebelde à disciplina gramatical e está eivada de plebeísmos, isto é, de palavras vulgares e expressões da gíria. É tanto mais incorreta quanto mais incultas as camadas sociais que a falam. Diz-se, com mais propriedade, *linguagem* popular. Nela se insere a modalidade familiar ou coloquial, em que a preocupação com a correção gramatical é mais ou menos sentida, dependendo do grau de escolaridade do falante.

A **língua culta** é usada pelas pessoas instruídas das diferentes profissões e classes sociais. Pauta-se pelos preceitos vigentes da gramática normativa e caracteriza-se pelo apuro da forma e pela riqueza lexical. Seu vocabulário é mais amplo, mais preciso, e a frase, mais elaborada que a da língua popular. É ensinada nas escolas e serve de veículo às ciências, nas quais se

apresenta com terminologias típicas. Em língua culta é que se elaboram obras científicas, obras didáticas, artigos de fundo em jornais e revistas, documentos oficiais, etc. Mais artificial do que espontânea, dela se servem os poetas e escritores em suas obras artísticas, sendo então chamada *linguagem literária*.

Uma língua pode ser **falada** ou **escrita**, conforme se utilizem signos vocais (expressão oral) ou sinais gráficos (expressão escrita). A primeira é viva e atual, ao passo que a segunda é a representação ou a imagem daquela. A língua falada é mais comunicativa e insinuante, porque as palavras são fortemente subsidiadas pela sonoridade e inflexões da voz, pelo ritmo da frase, pelo jogo fisionômico e a gesticulação (mímica), recursos estes que a língua escrita desconhece. O discurso de um orador inflamado é muito mais belo e empolgante ouvido do que lido. Por outro lado, a expressão oral é prolixa e evanescente, ao passo que a escrita é sóbria e duradoura.

A comunicação oral ou escrita se efetua em diferentes *níveis de expressão*. Dependendo das circunstâncias que envolvem o ato da comunicação, o indivíduo utiliza um tipo de linguagem adequado à situação: formal ou informal, culta ou coloquial, corrente ou científica, etc. Na conversação familiar, o modo de falar é um, em ambiente cerimonioso é outro. Ao escrever um livro, o autor diversifica a linguagem, conforme a obra se destine a adultos ou a crianças.

O grau de instrução do usuário da língua portuguesa, sua profissão, o meio em que vive e a camada social a que pertence são fatores que atuam fortemente no fenômeno da variação do idioma.

2 ELEMENTOS DA OBRA LITERÁRIA

Dois são os elementos fundamentais da obra literária: o *conteúdo* e a *forma*.

- **Conteúdo** ou **fundo**. São as ideias, os conceitos, os sentimentos, os apelos e as imagens imateriais que as palavras transmitem da mente do escritor à do leitor.
- **Forma**. É a expressão linguística, a linguagem escrita ou falada, veículo das ideias e dos sentimentos.

A forma de uma obra literária pode apresentar-se sob dois aspectos diferentes: a *prosa* e a *poesia* ou *verso*.

Prosa é a linguagem objetiva, direta, usual; é o veículo comum do pensamento. Ainda que vazada em prosa, uma obra literária pode estar permeada de pensamentos poéticos.

Poesia é a linguagem subjetiva, carregada de emoção e sentimento, com ritmo melódico constante, bela e indefinível como o mundo interior do poeta. Visa a um efeito estético.

"O objeto da poesia, como o de todas as belas-artes, é o de produzir um encanto emotivo, um puro e elevado prazer." (BUTCHER, *apud* ALCEU AMOROSO LIMA, *Estética Literária*, p. 38)

Vazada em linhas descontínuas ou *versos*, que podem ser *metrificados* ou *livres*, a linguagem poética, sob o aspecto auditivo ou melódico, se caracteriza pelo *ritmo*, bem mais acentuado que na prosa, e pela eventual utilização da *rima*.

Considera-se obra literária somente o escrito que se distingue pela beleza da forma e a excelência do conteúdo. Será tanto mais apreciada quanto maior o seu poder de sugerir, de tocar a nossa sensibilidade, de empolgar o nosso espírito. As obras literárias de alcance universal têm, geralmente, mais valor que as de caráter estritamente nacional ou regional.

3 ESTILO

Estilo é a maneira típica de cada um exprimir seus pensamentos, seus sentimentos e emoções, por meio da linguagem.

Todo escritor tem seu estilo próprio, pessoal, isto é, sua expressão reveste uma forma característica, pela qual se manifestam seus impulsos emotivos, sua sensibilidade e a feição peculiar de seu espírito. Podemos, pois, afirmar que o estilo é o espelho em que se reflete a alma do escritor, a tela em que se projeta a personalidade do artista.

Mas, além dessas características individuais que diferenciam os autores uns dos outros, o estilo revela também os traços psicológicos e culturais da raça e as tendências dominantes das diversas escolas e correntes literárias que marcaram época através dos tempos. Neste sentido é que dizemos que há um estilo clássico, um estilo barroco, um estilo romântico, um estilo modernista, etc.

É pelo seu estilo primoroso e brilhante que os grandes artistas da palavra conseguem criar obras de imarcescível beleza.

No estilo cumpre distinguir o aspecto material ou linguístico (que são as possibilidades de expressão que a língua oferece ao escritor e que este seleciona a seu gosto e até mesmo recria) e o aspecto psíquico, mental, subjetivo, ou seja, os traços que expressam a dimensão psicológica do artista, suas tendências, seu modo de ver e julgar a vida e o mundo em que vive. Da fusão desses dois elementos, um externo, outro interno, é que resulta o estilo.

4 GÊNEROS LITERÁRIOS

- **Em prosa**

a) **Gênero narrativo:**

romance histórico
romance psicológico
romance policial
romance de costumes
romance de aventuras
conto, novela, história, fábula
apólogo, crônica, memórias

b) **Gênero oratório:**

oratória acadêmica (discurso)
oratória sagrada (sermão)
oratória forense
oratória política

c) **Gênero dramático:**

drama
comédia

d) **Gênero didático:**
crítica
ensaio
tratado

e) **Gênero epistolar:**
carta

f) **Gênero polêmico:**
polêmica

- **Em verso**

a) **Gênero lírico:**
poema, soneto, canção, hino, ode, elegia, balada, bucólica

b) **Gênero épico:**
epopeia
poema

c) **Gênero dramático:**
drama
comédia
tragédia

d) **Gênero satírico:**
sátira
epigrama

e) **Gênero narrativo:**
fábula

Observação:

✔ Certos gêneros literários, como a epopeia e a tragédia, florescentes em outras épocas, são hoje obsoletos.

5 FICÇÃO

Em literatura, *ficção* (do latim *fictionem*, de *fingere* = modelar, criar, inventar, imaginar) é uma história inventada, uma criação da fantasia, uma obra do talento inventivo do escritor.

A literatura de ficção pertence ao gênero narrativo e abrange o romance, o conto, a novela, a fábula, o apólogo, a lenda e a história.

- **Novela**, como obra literária, é uma narração mais extensa do que o conto, porém menos longa que o romance. Não se confunda com novela de televisão.

Dentre essas formas de ficcionismo, destaca-se, pela sua extensão, complexidade e importância, o *romance*, gênero literário para o qual sempre se voltaram as preferências do público leitor.

Num romance cumpre distinguir:

a) o **tema** ou **assunto**: é a ideia central da história.

b) as **personagens**: são as pessoas que figuram na história e tomam parte na ação, nos acontecimentos. A figura central do romance é o *protagonista*.

c) o **narrador**: é o que narra os fatos e descreve o ambiente. O narrador é onisciente e onipresente e pode ser, ao mesmo tempo, personagem, participante da ação. Nesse caso, a narrativa é feita em 1ª pessoa, como se dá, por exemplo, no romance *São Bernardo*, de Graciliano Ramos.

d) o **enredo**: é a trama ou urdidura dos acontecimentos e das ações das personagens. Abrange as seguintes fases: *apresentação, complicação* ou *conflito, clímax* e *desenlace* ou *epílogo*. Esta é a sequência narrativa mais comum. Para que o enredo tenha unidade, os fatos devem estar inter-relacionados, de tal modo que uns sejam a consequência dos outros.

e) o **ambiente**: é o espaço físico, o lugar onde se desenrolam os acontecimentos, e também o meio social, a situação, a atmosfera mental e moral que envolve as personagens e atua sobre as suas ações.

f) o **tempo**: é o espaço de tempo mais ou menos longo, a hora do dia e a época em que transcorrem os fatos narrados. Pela movimentação das personagens e a sucessão dos eventos e incidentes, o autor faz com que sintamos a marcha do tempo e a duração dos acontecimentos.

g) o **discurso**: a transmissão ou referência que o narrador faz da fala ou do pensamento das personagens. O discurso pode ser *direto* ou *indireto*, como a seguir se verá.

▪ O discurso direto e o indireto

▪ O discurso é **direto** quando são as personagens que falam. O narrador, interrompendo a narrativa, põe-nas em cena e cede-lhes a palavra. Exemplo:

" – Por que veio tão tarde? perguntou-lhe Sofia, logo que ele apareceu à porta do jardim, em Santa Teresa.

– Depois do almoço, que acabou às duas horas, estive arranjando uns papéis. Mas não é tão tarde assim, continuou Rubião, vendo o relógio; são quatro horas e meia.

– Sempre é tarde para os amigos, replicou Sofia, em ar de censura."

(MACHADO DE ASSIS, *Quincas Borba*, cap. XXXIV)

No discurso direto, indica-se o interlocutor e caracteriza-se-lhe a fala por meio dos *verbos de elocução*, tais como: *dizer, exclamar, suspirar, segredar, explicar, perguntar, responder, replicar, protestar, pedir, prometer, prosseguir, concluir, acrescentar, propor, aconselhar, atalhar, ameaçar, gritar, vociferar, murmurar, desabafar, explodir, lamentar, gemer,* etc. Alguns desses verbos traduzem os sentimentos, as emoções e as reações psicológicas das personagens. Os autores modernos usam os verbos de elocução com muita parcimônia. Nas falas breves, convém omiti-los, bastando, para a clareza do diálogo, a abertura

de parágrafo e o uso de travessão. Veja-se, como exemplo, o capítulo CXIV do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis.

- No discurso **indireto** não há diálogo, o narrador não põe as personagens a falar diretamente, mas faz-se o intérprete delas, transmitindo ao leitor o que disseram ou pensaram. Exemplo:

"A certo ponto da conversação, Glória me disse que desejava muito conhecer Carlota e perguntou por que não a levei comigo." (CIRO DOS ANJOS, *Abdias*, 4ª ed., p. 52)

Expresso em discurso direto, o período acima apresentaria a seguinte forma:

– Desejo muito conhecer Carlota – disse-me Glória, a certo ponto da conversação. – Por que não a trouxe consigo?

Resultante da mistura dos discursos direto e indireto, existe uma terceira modalidade de técnica narrativa, o chamado **discurso indireto livre**, o processo mais difícil e menos comum, porém de grande efeito estilístico. É uma espécie de monólogo interior das personagens, mas expresso pelo narrador. Este interrompe a narrativa para registrar e inserir reflexões ou pensamentos das personagens, com as quais passa a confundir-se. Exemplos:

a) "Quando Eduardo ia para o Grupo, deixava-a debaixo da bacia. Um dia o pai lhe disse que aquilo era maldade: 'Gostaria que fizessem o mesmo com você? As galinhas também sofrem'. Um domingo, encontrou Eduarda na mesa do almoço, pernas para o ar, assada. Eduarda foi comida entre lágrimas. *É, sofrem, mas todo o mundo come e ainda acha bom.*"

(FERNANDO SABINO, *O Encontro Marcado*, 5ª ed., p. 9)

A última frase (por nós grifada), embora expressa pelo autor, representa uma reflexão do personagem, o menino Eduardo: está em discurso indireto livre.

b) "Fabiano ouviu o falatório desconexo do bêbado, caiu numa indecisão dolorosa. Ele também dizia palavras sem sentido, conversava à toa. Mas irou-se com a comparação, deu marradas na parede. Era bruto, sim senhor, nunca havia aprendido, não sabia explicar-se. Estava preso por isso? Como era? Então mete-se um homem na cadeia porque ele não sabe falar direito?"

(GRACILIANO RAMOS, *Vidas Secas*, 18ª ed., p. 40)

Os quatro períodos finais estão em discurso indireto livre: não podem ser atribuídos ao narrador, mas ao personagem Fabiano, que, preso injustamente, rumina e extravasa a própria revolta interior.

No discurso indireto puro, as orações que traduzem a fala das personagens dependem dos verbos de elocução:

Omar queixou-se ao pai, dizendo *que não era preciso tanta severidade,* e perguntou-lhe *por que não tratava os outros filhos com o mesmo rigor.*

No discurso indireto livre, não se usam verbos de elocução:

Omar queixou-se ao pai. *Não era preciso tanta severidade. Por que não tratava os outros filhos com o mesmo rigor?*

EXERCÍCIOS LISTA 66

1. Assinale as frases em que se fez o uso da linguagem popular:

a) Assisti a uma discussão do açougueiro com o vizinho.

b) Na casa não tinha fogão pra eu preparar o almoço.

c) Um e outro descendiam de velhas famílias do Norte.

d) A maioria dos escritores sobrevivia à custa de algum emprego público.

e) Quando viu que a coisa estava ficando preta, pegou o embrulho e se mandou.

f) A crise se agravou e muito empresário deu com os burros n'água.

2. Mude o discurso direto no indireto:

a) Nunca veio ao Rio? Perguntou-me o repórter.

b) Foi mesmo um descuido imperdoável, respondemos.

c) Não dê importância a essas notícias, pediu-me.

d) Eu os acompanharei até o fim, prometeu-lhes ele.

e) Minha avó conheceu-o ainda menino, lembrei-lhe.

f) Por que a minha proposta não lhe interessa? Quis saber Leandro.

g) Conta-me o que há, minha filha; não me escondas nada, pedia-lhe o pai, na carta.

h) Se eu puder, irei visitá-lo amanhã, disse-lhe.

i) Se alguma coisa lhe disse que a tenha magoado, perdoe-me, suplicou-lhe o moço, humildemente.

j) Isso não pode continuar assim, respondeu ela; é preciso que façamos as pazes definitivamente.

k) É interessante apreciar temporais, mas quando estamos abrigados, costumava dizer meu avô.

3. Mude o discurso indireto no direto:

a) Rodrigo, ao despedir-se, pediu-me que, se algum dia ainda nos víssemos, o apresentasse a minha família.

b) Dona Ema chamava o menino a si, dizendo que a única pessoa que a entendia naquela casa era seu neto.

c) Uma semana depois, Virgília perguntou ao Lobo Neves, a sorrir, quando seria ele ministro. Ele respondeu que, pela vontade dele, naquele instante mesmo; pela dos outros, dali a um ano.

d) "Daí a pouco chegou João Carlos e, após ligeiro exame, receitou alguma coisa, dizendo que nada havia de anormal; entretanto, parecia-lhe conveniente Carlota voltar ao consultório do Dr. Sinésio, que é especialista." (Ciro dos Anjos)

4. Sublinhe as frases que estão em discurso indireto livre:

a) – Como é que você trata meu filho?

– Ah, Dona Sílvia! Desculpe, mas encurtei o nome dele [Marco Aurélio]. Era muito comprido. Para mim ele se chama *Marcoré*.

Sílvia sorriu e examinou mentalmente a corruptela. *Marcoré*. Não ficava mal, soava até como um diminutivo carinhoso.

(Antônio Olavo Pereira, *Marcoré*, 4ª edição, p. 109)

b) Viam maldade numa indagação lógica e natural, e pretendiam atirar-me a culpa. Velhas idiotas, que se danassem. Tranquilizei Sílvia, que receara pelo pior com o meu protesto, e mandei Marcoré passear de velocípede na calçada.

(Idem, *ib.*, p. 124)

c) Antonieta lhe comunicou inesperadamente que iria embora:

– Papai chega amanhã. Vai com o governador a uma exposição pecuária em Uberaba, quer que eu vá com ele. De lá seguimos direto para o Rio. Logo agora que tinham tanto a conversar! No dia seguinte, de volta do quartel, era ele (Eduardo) que lhe contava pelo telefone: – A visita de seu pai é oficial. Fomos escalados para a escolta do ministro logo mais, da estação ao palácio.

(FERNANDO SABINO, *O Encontro Marcado*, 5ª ed., p. 122)

d) Ariosto Ribas já estava em Caruaru há cinco dias, não saíra de casa uma só vez. Para que sair? Para aquelas caras que odeia tanto? O importante é que saibam de uma coisa: Ariosto Ribas se acha novamente na terra. O que não lhes será nada agradável.

(JOSÉ CONDÉ, *Terra de Caruaru*, 2ª ed., p. 285)

6 VERSIFICAÇÃO

Versificação é a técnica ou arte de fazer versos.

Verso é uma linha poética, com número determinado de sílabas e agradável movimento rítmico.

No verso tradicional devemos distinguir: o *metro*, o *ritmo* e a *rima*.

▪ Metro

Metro é a medida ou extensão da linha poética.

Os poetas da língua portuguesa têm usado, dentro da poética tradicional, doze espécies de versos: de uma até doze sílabas. São relativamente raros os exemplos de versos metrificados que ultrapassam esta medida.

Segundo o número de sílabas, os verbos se dizem *monossílabos, dissílabos, trissílabos, tetrassílabos, pentassílabos, hexassílabos, heptassílabos, octossílabos, eneassílabos, decassílabos, hendecassílabos* e *dodecassílabos*.

Alguns verbos possuem ainda denominações especiais: *redondilha menor* (o de cinco sílabas), *redondilha maior* (o de sete sílabas), *heróico* (o de dez sílabas), *alexandrino* (o de doze sílabas).

As *sílabas métricas*, isto é, as sílabas dos versos, nem sempre coincidem com as sílabas gramaticais. A contagem das sílabas métricas faz-se auditivamente e subordina-se aos seguintes princípios:

a) Quando duas ou mais vogais se encontram no fim de uma palavra e começo de outra, e podem ser pronunciadas numa só emissão de voz, unem-se numa única sílaba métrica.

Exemplos:

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

"A i|da|de aus|te|ra e | no|bre a | que | che|ga|mos." (ALBERTO DE OLIVEIRA)

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

"A|cha em | lu|gar | da | gló|ria o | lo|do im|pu|ro." (OLAVO BILAC)

Observações:

- ✔ Para que tais uniões vocálicas não sejam duras e malsoantes, as vogais (pelo menos a primeira delas) devem ser átonas e não passar de três.
- ✔ Não se unem vogais tônicas: *sen* | ***ti*** | ***ó*** | *dio; es* | ***tá*** | ***ú*** | *mi* | *do,* etc. Nem é aconselhável juntar tônicas com átonas: *a* | ***li*** | ***o*** | *ve* | *jo; se* | ***rá*** | ***es*** | *po* | *sa*, etc.

b) Ditongos crescentes valem, geralmente, uma só sílaba métrica (de-lí-*cia*, *pie*-do-so, tê-*nue*, per-pé-*tuo*, sá-*bio*, *quie*-to, i-ní-*quo*):

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

"O|pe|rá|*rio* | mo|des|to, a|be|lha | po|bre." (OLAVO BILAC)

Observação:

- ✔ Às vezes, porém, poetas dissolvem ditongos crescentes em hiatos. Esta dissolução denomina-se *diérese*:

1 2 3 4 5 6 7 8

"Nem | fez | cas|te|los | gran|*di*|o|sos

1 2 3 4 5 6 7 8

so|bre as | a|rei|as | mo|ve|di|ças?" (CABRAL DO NASCIMENTO)

c) Não se conta(m) a(s) sílaba(s) que se segue(m) ao último acento tônico do verso. Exemplo:

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

"Quan|do | no | poen|te o | sol | des|do|bra as | *clâ*|mides

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

de | san|gue e | de oi|ro | que | nos | om|bros | *le*|va," (CABRAL DO NASCIMENTO)

Essa regra só atinge versos *graves* (os que terminam por palavra paroxítona) e *esdrúxulos* (os que terminam por palavra proparoxítona). Nos versos *agudos* (os que terminam por palavra oxítona), contam-se, é óbvio, todas as sílabas, como neste verso:

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

"Dei|xa | cor|rer | a | fon|te | da i|lu|são!" (CABRAL DO NASCIMENTO)

7 PROCESSOS PARA A REDUÇÃO DO NÚMERO DE SÍLABAS MÉTRICAS

Para atender às exigências da métrica, os poetas recorrem à:

a) **crase** – fusão de duas vogais iguais numa só:

a alma [*al-ma*]; o ódio [*ó-dio*]; foge e grita [*fo-ge-gri-ta*]

b) **elisão** – supressão da vogal átona final de um vocábulo, quando o seguinte começa por vogal:

Ela estava só [*e-les-ta-va-só*]; duma (por *de uma*); como um bravo [*co-mum-bra-vo*]

c) **ditongação** – fusão de uma vogal átona final com a seguinte, formando ditongo:

este amor [*es-tia-mor*], sobre o mar [*so-briu-mar*], aquela imagem [*a-que-lei-ma-gem*], moço infeliz [*mo-çuin-fe-liz*]

d) **sinérese** – transformação de um hiato em ditongo, na mesma palavra:

crueldade [*cruel-da-de*], luar, fiel, magoado [*ma-gua-do*]

e) **diérese** – o inverso da sinérese, ou seja, a dissolução de um ditongo em hiato:

saudade [*sa-u*-da-de], piedoso, [*pi-e*-do-so]

f) **ectlipse** – supressão de um fonema nasal final, para possibilitar a crase ou ditongação:

co, cos, coa, coas (por *com o, com os, com a, com as*)

g) **aférese** – supressão de sílaba ou fonema inicial:

té (por *até*), *inda* (por *ainda*), *'stamos* (por *estamos*)

8 RITMO

O *ritmo* resulta da regular sucessão de sílabas átonas ou fracas e de sílabas tônicas ou fortes. É o elemento melódico do verso, tão essencial e indispensável à poesia quanto à música. Juntamente com a rima e as imagens poéticas, transmite aos versos um misterioso poder de emoção e encantamento.

Os acentos tônicos ou as sílabas tônicas devem repetir-se com intervalos regulares, de modo a cadenciar o verso e torná-lo melodioso. Não se distribuem arbitrariamente, mas devem, segundo a espécie do verso, recair em determinadas sílabas, de acordo com os critérios seguintes:

a) Os versos **monossílabos**, muito raros, têm um só acento tônico ou predominante:

"Pingo
d'água,
pinga,
bate
tua
mágoa!"
(D. P. C.)

"Quem
não
tem
seu
bem
que
não
vem?

Ou
vem
mas
em
vão?
Quem?"

(Cassiano Ricardo)

b) Os versos **dissílabos**, pouco frequentes, têm o acento tônico na 2ª sílaba:

"Um **rai**o
Ful**gu**ra
No es**pa**ço
Es**par**so
De **luz**" (Gonçalves Dias)

"Ao **tro**te
Do **bai**o,
Que **do**ce
Lem**bran**ça
O **ros**to
Da **mo**ça
Que **mo**ra
Na **ser**ra
No **ran**cho
De **pa**lha!" (Ribeiro Couto)

c) Os versos **trissílabos** requerem o acento predominante na 3ª sílaba, podendo, no entanto, apresentar um acento secundário na 1ª sílaba:

"Vem a au**ro**ra
Pressu**ro**sa,
Cor-de-**ro**sa,
Que se **co**ra
De car**mim**." (Gonçalves Dias)

d) Os versos **tetrassílabos** têm, mais frequentemente, os acentos tônicos na 2ª e 4ª sílabas e, menos vezes, na 1ª e 4ª sílabas ou apenas na 4ª sílaba:

"O **sol** des**pon**ta
Lá no hori**zon**te,
Dou**ran**do a **fon**te,
E o **pra**do e o **mon**te,
E o **céu** e o **mar**." (Gonçalves Dias)

e) Os versos **pentassílabos** podem apresentar as seguintes cadências:

"**Já** dor**mi**ram **to**dos. (1ª, 3ª e 5ª sílabas)

Pássaros ce**les**tes (1ª e 5ª)

me vi**rão** can**tar** (3ª e 5ª)

do **la**do do **mar**. (2ª e 5ª) (CECÍLIA MEIRELES)

f) Os versos **hexassílabos** podem ter os acentos obrigatórios na 6ª sílaba juntamente com uma ou duas das quatro primeiras sílabas:

"**I**de-vos! Na ver**da**de
Não **que**ro ser as**sim**.
A **mi**nha liber**da**de
Vive **den**tro de **mim**." (CABRAL DO NASCIMENTO)

g) Os **heptassílabos** admitem as seguintes modalidades rítmicas:

"**Sur**gem **ve**las **mui**to a**lém**." (1ª, 3ª, 5ª e 7ª)

"**To**do o **tem**po me so**be**ja." (1ª, 3ª e 7ª)

"Vive**ri**a **sem**pre **lá**." (3ª, 5ª e 7ª)

"De que **tu**do aconte**ces**se." (3ª e 7ª)

"**Tu**do o que es**tá** para **trás**." (1ª, 4ª e 7ª)

"O **tem**po **tu**do me**lho**ra." (2ª, 4ª e 7ª)

"Ou **foi** ou ja**mais** co**me**ça." (2ª, 5ª e 7ª)

"Que se pro**lon**ga sem **pres**sa."[1] (4ª e 7ª) [1]

h) Os **octassílabos** admitem várias combinações rítmicas, com acentuação na 8ª sílaba e em duas ou três das seis primeiras sílabas:

"**Quan**tas gri**nal**das pelo **céu**!
Al**guém** de**cer**to **vai** ca**sar**." (ALPHONSUS DE GUIMARAENS)

"A **lua vem**, entre as ra**ma**gens
Do jar**dim** que **dor**me na **som**bra." (RIBEIRO COUTO)

i) Os **eneassílabos** podem apresentar os acentos tônicos na 3ª, 6ª e 9ª sílabas ou na 4ª e 9ª, com a possibilidade de acento secundário na 1ª sílaba.

"Falam **deu**ses nos **can**tos do **pia**ga,
Ó guer**rei**ros, meus **can**tos ou**vi**." (GONÇALVES DIAS)

"Na tênue **cas**ca de verde ar**bus**to
Gravei teu **no**me, depois par**ti**.
Foram-se os **a**nos, foram-se os **me**ses,
Foram-se os **di**as, acho-me a**qui**." (FAGUNDES VARELA)

j) Os **decassílabos** admitem duas modalidades rítmicas: 6ª e 10ª sílabas (verso heróico) e 4ª, 8ª e 10ª sílabas (verso sáfico):

"Estavas, **lin**da **Inês**, posta em sos**se**go,
de teus anos co**lhen**do o doce **fru**to." (LUÍS DE CAMÕES)

"Longe do es**té**ril turbi**lhão** da **ru**a." (OLAVO BILAC)

---

[1] Os oito versos heptassílabos acima foram colhidos no livro *Cancioneiro*, de Cabral do Nascimento, poeta português.

k) Os **hendecassílabos** têm acentuação fixa na 2ª, 5ª, 8ª e 11ª sílabas ou na 5ª e 11ª ou, ainda, na 3ª, 7ª e 11ª:

"Seus **o**lhos tão **ne**gros, tão **be**los, tão **pu**ros." (GONÇALVES DIAS)

"Nascem as es**tre**las, vivas, em car**du**me." (GUERRA JUNQUEIRO)

"Alvas **pé**talas do **lí**rio de tua **al**ma." (HERMES FONTES)

l) Os **dodecassílabos** ou **alexandrinos** admitem três ritmos diferentes:

- *alexandrino clássico*, com os acentos principais na 6ª e 12ª sílabas:

"Paira, grassa em re**dor**, toda a melanco**li**a
de uma paisagem **mor**ta, igual, deserta, i**men**sa." (VICENTE DE CARVALHO)

- *alexandrino moderno*, com duas variantes:

– ritmo quaternário (acentos na 4ª, 8ª e 12ª sílabas):

"É o choro **sur**do, entrecor**ta**do, do ba**tu**que,
no bate-**pé** que enche de as**som**bro o próprio **chão**." (CASSIANO RICARDO)

– ritmo ternário (acentos na 3ª, 6ª, 9ª e 12ª sílabas):

"Não me **dei**xas dor**mir**, não me **dei**xas so**nhar**." (CABRAL DO NASCIMENTO)

O alexandrino clássico é constituído de dois *hemistíquios* [*hemistíquio* = meio verso], ou seja, de dois versos de seis sílabas. Obedece às seguintes regras:

- A última palavra do 1º hemistíquio só pode ser oxítona ou paroxítona, nunca proparoxítona:

"E Cipango **verás**, fabulosa e opulenta." (OLAVO BILAC)

"Em tudo a fina **seta** aguda de aflições!" (CRUZ E SOUSA)

- Se a última palavra do 1º hemistíquio for paroxítona, deve terminar em vogal e embeber-se na primeira sílaba da palavra seguinte, que, para isso, começará por *vogal* ou *h*:

"Palpite a natureza **in**teira, bela e amante." (VICENTE DE CARVALHO)

"Mergulhada na som**bra**, **a** montanha mais cresce." (TASSO DA SILVEIRA)

9 ENCADEAMENTO (*ENJAMBEMENT*)

Quando a pausa final do verso não coincide com a pausa respiratória ou, por outras palavras, quando o verso não finaliza juntamente com um segmento sintático, tem-se o que se chama de **encadeamento** ou **transbordamento**, mais conhecido pelo nome francês de *enjambement*. Em geral, aconselha-se não fazer pausa no fim de tais versos. Todavia, pode-se fazer uma leve pausa, mas conservando a voz suspensa. Exemplo:

"Andam boiando, à superfície
da minha alma, restos
de coisas que eu não sei se, juntas, bastariam
para formar a vida... ou se eram só pretextos." (CABRAL DO NASCIMENTO)

10 RIMA

Rima é a identidade ou semelhança de som do fim (ou do meio) dos versos. Embora seja elemento secundário e até mesmo dispensável, a rima é aproveitada pelos poetas para comunicar aos versos mais harmonia e encantamento. É um recurso musical que agrada aos ouvidos.

Foneticamente, as rimas podem ser:

a) **perfeitas**: *sereno* e *moreno*, *neve* e *leve*, *audaz* e *paz*, *ronco* e *tronco*, *ninho* e *espinho*, etc.

b) **imperfeitas**: *Deus* e *céus*, *estrela* e *vela*, *espirais* e *Satanás*, etc.

c) **toantes** (idênticas somente na vogal tônica): *casa* e *vale*, *mudo* e *último*, *lírio* e *livro*, *época* e *pétala*, *hora* e *bola*, etc.

Conforme a posição do acento tônico das palavras que as formam, as rimas denominam-se:

a) **agudas** ou **masculinas**: feroz e atroz, amor e clamor, etc.

b) **graves** ou **femininas**: festa e manifesta, flores e cores, etc.

c) **esdrúxulas**: mágico e trágico, lírico e onírico, etc.

Segundo o seu valor, são as rimas classificadas em *pobres*, *ricas*, *raras* e *preciosas*.

a) **Pobres** – são as rimas vulgares e as formadas com palavras da mesma classe gramatical: *coração* e *oração*, *amor* e *temor*, *amado* e *desejado*, etc.

b) **Ricas** – as que são formadas com palavras de classe gramatical diferente: *prece* e *adormece*, *penas* e *apenas*, *arde* e *covarde*, etc.

c) **Raras** – as que são obtidas entre palavras de muito poucas rimas possíveis: *cisne* e *tisne*, *bosque* e *enrosque*, etc.

d) **Preciosas** – são rimas artificiais do tipo de *vê-la* e *estrela*, *tranquilo* e *ouvi-lo*, *dá-lhe* e *falhe*.

De várias maneiras podem as rimas ser dispostas nas estrofes. Conforme sua colocação, se dizem *emparelhadas* (aabb), *alternadas* (abab), *interpoladas* (abba) e *misturadas* (dispostas livremente).

As rimas, quase sempre, são *externas*. Um ou outro poeta cultivou as rimas *internas*:

"Na areia do *Douro*, orvalhada de *ouro*,
menina Ondina,
era lindo brincar." (CECÍLIA MEIRELES)

"Salve! Bandeira do Brasil **querida**!
Toda **tecida** de esperança e luz!
Pálio sagrado sob o qual **palpita**
A alma **bendita** do País da Cruz!" (DOM AQUINO CORREIA)

11 VERSOS BRANCOS

Chamam-se *brancos* ou *soltos* os versos sem rima. Entre os poemas compostos em versos brancos, citam-se o *Cântico do Calvário*, de Fagundes Varela, e *Palavras ao Mar*, de Vicente de Carvalho.

12 ESTROFE

Estrofe ou *estância* é um grupo de versos de um poema. As estrofes podem ser formadas de versos de medida igual ou diferente. Tem denominações especiais, conforme o número de versos:

dístico: estrofe de dois versos

terceto: estrofe de três versos

quadra ou *quarteto*: estrofe de quatro versos

quintilha: estrofe de cinco versos

sextilha: estrofe de seis versos

oitava: estrofe de oito versos

décima: estrofe de dez versos

Estribilho é um verso que se repete no fim das estrofes de certas poesias, como o *rondó*, a *balada*, etc. Chama-se também *refrão*.

13 SONETO

Soneto é um pequeno poema de forma fixa. Compõe-se de catorze versos, agrupados em duas quadras e dois tercetos. O decassílabo (o verso consagrado do soneto clássico) e o alexandrino são os metros preferidos dos sonetistas. Para a colocação das rimas, há diversas variantes.

"A tradição quer que o último verso do soneto seja sempre uma *chave de ouro*, encerrando a essência do pensamento geral da composição." (Olavo Bilac, *Tratado de Versificação*, p. 168)

Tem-se definido o soneto como "um pensamento de ouro num cárcere de aço".

O soneto presta-se principalmente para a expressão dos sentimentos líricos. Teve e continua tendo grande vitalidade em várias literaturas.

Eis um modelo de soneto:

Pra que partir?

Estou sentado sobre a minha mala
no velho bergantim desmantelado...
Quanto tempo, meu Deus, malbaratado
em tanto inútil, misteriosa escala!

Joguei a minha bússola quebrada
às águas fundas... E afinal, sem norte,
como o velho Simbá de alma cansada,
eu nada mais desejo, nem a morte...

Delícia de ficar deitado ao fundo
do barco, a vos olhar, velas paradas!
Se em toda parte é sempre o Fim do Mundo,

Pra que partir? Sempre se chega, enfim...
Pra que seguir empós das alvoradas,
se, por si mesmas, elas vêm a mim?

(MÁRIO QUINTANA, *A Rua dos Cata-ventos*, Editora Globo, São Paulo, 2005)

Há mais de uma opção para dispor e combinar as rimas do soneto. No soneto acima, o autor adotou o seguinte esquema: *abba* (1ª estrofe), *cdcd* (2ª estrofe), *efe* (3ª estrofe), *gfg* (4ª estrofe).

14 VERSO LIVRE

Verso livre é o que não obedece aos preceitos da versificação tradicional, mormente no que tange à métrica e ao ritmo. Não se subordina ao número fixo de sílabas nem à regular distribuição dos acentos tônicos. Seu movimento rítmico é, por isso, menos perceptível que o do verso metrificado. Em compensação, por ser mais espontâneo e livre de artifícios, o verso moderno não freia tanto a imaginação criadora do poeta.

O verso livre foi introduzido em nossa literatura pelos poetas modernistas, tendo sido cultivado mais intensamente após a Semana de Arte Moderna (1922).

O seguinte poema de Mário Quintana nos poderá dar uma ideia do que seja verso livre:

Cântico

O vento verga as árvores, o vento clamoroso da aurora...
Tu vens precedida pelos voos altos,
Pela marcha lenta das nuvens.
Tu vens do mar, comandando as frotas do Descobrimento!

Minh'alma é trêmula da revoada dos Arcanjos.
Eu escancaro amplamente as janelas.
Tu vens montada no claro touro da aurora.
Os clarins de ouro dos teus cabelos cantam na luz!

(MÁRIO QUINTANA, *Poesias*, p. 166, Editora Globo, 1972)

EXERCÍCIOS LISTA 67

1. Faça quadrinhos para escrever as sílabas métricas destes versos octossílabos, de Ribeiro Couto. Indique as junções vocálicas com o sinal (⌒) e sublinhe as sílabas tônicas:

"Vi o luar do céu deserto.

Enquanto em roda a noite avança."

2. Divida e numere as sílabas métricas dos versos:

"É uma história espantosa." (Joaquim Cardoso)

"Ao longe, a mancha esguia de um cipestre." (Rosamaria Castelo Branco)

"Teu pé, como o de um deus, fecundava o deserto." (Olavo Bilac)

"Sou apenas constante e humilhado leitor." (Carlos Drummond de Andrade)

"E os moços inquietos, que a festa enamora." (Gonçalves Dias)

"O Coronel estava ausente." (Carlos Drummond de Andrade)

"Como é triste esta sala assim vazia!" (Rosamaria Castelo Branco)

"Abri meus braços para alcançar-te." (Cecília Meireles)

3. Diga quantas sílabas métricas tem cada verso desta estrofe:

"Sofrimento ou Prazer, Tristeza ou Alegria,
ó tiranos cruéis, deuses de alto valor!
Eu vos porei em verso, dia-a-dia,
e ficarei melhor." (Cabral do Nascimento)

4. Identifique o único verso alexandrino entre os seguintes, de Cecília Meireles:

"Teu rosto passava, teu nome corria..."

"Eis o cavalo pela verde encosta."

"Sobre um passo de luz outro passo de sombra."

5. Identifique a redondilha maior:

"Ó *flor que* sorriste ao passante..." (Ribeiro Couto)

"Como um príncipe encantado." (Dante Milano)

"Um peso enorme para carregar." (Mário Quintana)

6. Relacione as palavras da direita com as da esquerda, atendendo aos processos de redução ou ampliação das sílabas métricas:

(1) aférese	ela encontra [e-len-con-tra]
(2) sinérese	piedade [pi-e-da-de]
(3) diérese	inda [por *ainda*]
(4) crase	coa [por *com a*]
(5) ditongação	magoado [ma-gua-do]
(6) ectlipse	sobre o mar [so-briu-mar]
(7) elisão	o ódio [ó-dio]

7. Reduza este verso alexandrino a decassílabo:

"Como a casa é deserta! E como a tarde é fria!" (MANUEL BANDEIRA)

8. O poema *Janelas sobre o Saara*, na página 633, está composto em versos livres ou metrificados, sem rimas e sem estrofes?

LEITURA

Amada

Céleres, as estrelas caem do céu.
Tu as recolhes, uma a uma,
– ó segadora de luzes!

Ilumina com elas a noite
de tua cabeleira longa.
E fica assim, imóvel, risonha,
diante de mim deslumbrado
– mito cintilante do amor.

(MÁRIO DA SILVA BRITO, *Jogral do Frágil e do Efêmero*, p. 31, Civilização Brasileira, 1979)

LÍNGUA E ARTE LITERÁRIA
Exercícios de exames e concursos
[Página 693]

BIBLIOGRAFIA

Adalberto Prado e Silva – *Gramática Simplificada*, Melhoramentos, s/d. *Dicionário Mirador*, Melhoramentos, 1975.

Adolfo Caminha – *A Normalista*, Ática, 1998.

Adonias Filho – *Léguas da Promissão*, Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1968. *Luanda Beira Bahia*, Bertrand Brasil, 2005. *As Velhas*, Bertrand Brasil, 2004. *Corpo Vivo*, Bertrand Brasil, 2001.

Adriano da Gama Kury – *Pequena Gramática*, 5ª ed., Rio de Janeiro, Agir, 1960. *Lições de Análise Sintática*, 1ª ed., Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1961.

Afonso Arinos de Melo Franco – *Pelo Sertão*, Villa Rica Editora, 1981.

Afrânio Coutinho – *Antologia Brasileira de Literatura*, v. 1, Rio de Janeiro, 1965.

Afrânio Peixoto – *Clima e Saúde*, Editora Nacional, 1935. *Uma Mulher como as Outras*, Editora Nacional, 1933.

Agripino Grieco – *Gralhas e Pavões*, Record, 1988.

Alexandre Herculano – *Eurico, o Presbítero*, Ática. *Lendas e Narrativas*, Pradense, 2008. *O Bobo*, Ática, 1998.

Almeida Garrett – *Viagens na Minha Terra*, Lisboa, s/d.

Alphonsus de Guimaraens – *Poesia Completa*, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 2001.

Alphonsus de Guimaraens Filho – *Água do Tempo*, 1976.

Aluísio Azevedo – *Casa de Pensão*, Ática, 1998. *O Cortiço*, Moderna, 2007.

Álvaro Lins – *Rio Branco*, 3ª ed., Alfa-Ômega, 1996.

Amadeu de Queirós – *Histórias Quase Simples*, São Paulo, Cultrix, 1963.

Ana Miranda – *O Retrato do Rei*, Cia. das Letras, São Paulo, 1991.

André Martinet – *Elementos de Linguística Geral*, Gredos, 1991.

Aníbal Machado – *Histórias Reunidas*, 1ª ed., Rio de Janeiro, J. Olympio, 1959. *Cadernos de João*, J. Olympio, 2004.

Antenor Nascentes – *Tesouro da Fraseologia Brasileira*, 2ª ed., Rio de Janeiro, 1966. *O Idioma Nacional*, 5ª ed., 1965.

Antônio Callado – *Assunção de Salviano*, Agir, 2005. *Quarup*, Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2005. *A Madona de Cedro*, Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2007.

Antônio Carlos Villaça – *Os Saltibancos da Porciúncula*, Record, 1996.

Antônio F. de Castilho – *Felicidade pela Agricultura*, Dois Mundos, Rio de Janeiro, s/d.

Antônio Gedeão – *Obra Completa*, Relógio D'água, 2004.

Antônio Houaiss – *Pequeno Dicionário Enciclopédico*, Rio de Janeiro, Larousse do Brasil, 1980.

Antônio Olavo Pereira – *Marcoré*, Rio de Janeiro, J. Olympio, 1991. *Fio de Prumo*, J. Olympio, 1965.

Ariano Suassuna – *O Rei Degolado ao Sol da Onça Caetana*, Rio de Janeiro, J. Olympio, 1977.

Artur Azevedo – *Contos Fora da Moda*, Alhambra, Rio de Janeiro, 1982.

Assis Brasil – *Nassau*, Rio Fundo Editora, 1990.

Aurélio Buarque de Holanda Ferreira – *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, 2ª ed., Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1986; 3ª ed., Nova Fronteira, 1999. *Seleta*, J. Olympio, 1979. *Dois Mundos*, Edições O Cruzeiro, 2ª ed., 1956.

Austregésilo de Ataíde – *Vana Verba*, Edições O Cruzeiro, 1971.

Autran Dourado – *O Risco do Bordado*, Rio de Janeiro, Rocco, 1999. *Solidão Solitude*, Rio de Janeiro, Rocco, 2004. *Monte da Alegria*, Rocco, 2003.

Bernardo Élis – *Caminhos dos Gerais*, Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1975.

Bernard Pottier – *Estruturas Linguísticas do Português*, 2ª ed., São Paulo, Difusão Europeia do Livro, 1973.

Cabral do Nascimento – *Cancioneiro*, Portugalia, Lisboa, 1963.

Caldas Aulete – *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*, 3ª ed., Editora Delta, 1974.

Camilo Castelo Branco – *A Queda dum Anjo*, Ática, 1997. *Coração, Cabeça, Estômago*, Martins Fontes, 2003. *Amor de Perdição*, São Paulo, FTD, 1999. *Maria da Fonte*, Porto, 1885. *Aventuras de Basílio Fernandes Enxertado*, Lisboa, 1863. *O Visconde de Ouguela*, Rio de Janeiro, Org. Simões, 1954. *Os Brilhantes do Brasileiro*, 8ª ed., Lisboa, 1965. *O Retrato de Ricardina*, 1977. *O Bem e o Mal*, Rio de Janeiro, Org. Simões, 1955. *Vulcões de Lama*, Lisboa, 1886. *A Brasileira de Prazins*, Nova Fronteira, 1995.

Carlos Augusto Corrêa – *Pontuar É Preciso*, Dissonarte, Rio de Janeiro, 2007.

Carlos de Laet – *O Frade Estrangeiro e Outros Escritos*, Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 1953.

Carlos de Sá Moreira – *Brasil*, Lés Éditions du Pacifique, 1978.

Carlos Drummond de Andrade – *Caminhos de João Brandão*, Record, 2002. *Boitempo*, Sabiá, 1968. *Menino Antigo*, Record, 2006. *Os Dias Lindos*, Record, 2003. *Esquecer para Lembrar*, Record, 2006. *A Paixão Medida*, Record, 2002. *Poesia Completa*, Nova Aguilar, 2002.

Carlos H. da Rocha Lima – *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Briguiet, 1957, J. Olympio, 2002.

Carlos Marchi – *Fera de Macabu*, Best Bolso, 2008.

Carlos Povina Cavalcânti – *Volta à Infância*, Rio de Janeiro, J. Olympio, 1972.

Cassiano Ricardo – *Marcha para Oeste*, 4ª. ed., J. Olympio, 1970.

Cecília Meireles – *Poesia Completa*, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1993. *Inéditos*, Rio de Janeiro, Bloch, 1967. *Escolha o Seu Sonho*, Record, Rio de Janeiro, 1996.

Celso Cunha – *Gramática do Português Contemporâneo*, Belo Horizonte, Bernardo Álvares, 1970. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lexikon, 2008.

Celso Pedro Luft – *Gramática Resumida*, Globo, 1960. *Novo Guia Ortográfico*, Globo, 2003. *Dicionário Prático de Regência Verbal*, Ática, 1996.

Cyro dos Anjos – *O Amanuense Belmiro*, Globo, 2006. *Explorações no Tempo*, J. Olympio, 1963. *Abdias*, Globo, 2008. *Montanha*, Rio de Janeiro, J. Olympio, 1956.

Clarice Lispector – *Felicidade Clandestina*, Rocco, Rio de Janeiro, 1998.

Dalton Trevisan – *Cemitério de Elefantes*, Rio de Janeiro, Record, 1998.

Dante Milano – *Poesias*, Sabiá, 1971.

Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, Mirador, Melhoramentos, 1975.

Dora Ferreira da Silva – *Poesia Reunida*, Topbooks, 1999.

Eça de Queirós – *A Relíquia*, Ateliê, 2004. *O Primo Basílio*, São Paulo, Saraiva, 2006. *Os Maias*, Landy, 2001.

Edy Lima – *A Vaca na Selva*, Global, 2003.

Eduardo Bueno – *Capitães do Brasil*, Objetiva, 2006.

Eduardo Prado – *A Ilusão Americana*, 3ª ed., Brasiliense, 1961.

Elsie Lessa – *A Dama da Noite*, J. Olympio, 1963. *Canta, que a Vida é um Dia*, Razão Cultural, Rio de Janeiro, 1998.

Érico Veríssimo – *O Prisioneiro*, Cia. das Letras, 2008. *Incidente em Antares*, Cia das Letras, 2006.

Evandro Lins e Silva – *Arca de Guardados*, Civ. Brasileira, Rio de Janeiro, 1995.

Evanildo Bechara – *Lições de Português pela Análise Sintática*, Lucerna, 2006. *Moderna Gramática Portuguesa*, Lucerna, 2001.

Fernando Namora – *Domingo à Tarde*, Europa-America, 1989. *O Homem Disfarçado*, Porto Alegre, Globo, 1966.

Fernando Pessoa – *Obra Poética*, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 2005.

Fernando Sabino – *O Encontro das Águas*, Rio de Janeiro, 1977. *A Falta que Ela me Faz*, Rio de Janeiro, 1980.

Ferreira de Castro – *A Selva*, Guimarães Editores, 2006. *Livros de Viagens*, Rio de Janeiro, J. Aguilar, 1961. *O Instinto Supremo*, Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1968.

Ferreira Gullar – *Rabo de Foguete*, Revan, 1998.

Gastão Cruls – *A Amazônia Misteriosa*, 6ª ed., Rio de Janeiro, Org. Simões, 1953.

Geraldo França de Lima – *Rio da Vida*, J. Olympio, 1991.

Gilberto Freyre – *Casa-Grande e Senzala*, Global, 2006.

Graça Aranha – *Canaã*, Ática, 1998.

Graciliano Ramos – *São Bernardo*, Record, 2003. *Infância*, Record, 2006. *Angústia*, Record, 2003. *Insônia*, Record, 2003. *Caetés*, Record, 2006. *Linhas Tortas*, Record, 2005. *Vidas Secas*, Record, 2006.

Guedes de Amorim – *Jesus Passou por Aqui*, Lisboa, 1967.

Guilherme de Figueiredo – *Maria da Praia*, Civ. Brasileira, 1994. *A Bala Perdida*, Rio de Janeiro, Topbooks, 1998.

Guimarães Rosa – *Sagarana*, Nova Fronteira, 2006.

Gustavo Barroso – *Terra de Sol*, 5ª ed., 1956.

Gustavo Corção – *Claro Escuro*, Agir, 1960.

Haroldo Bruno – *O Misterioso Rapto de Flor-do-Sereno*, Rio de Janeiro, 1979.

Helena Jobim – *Trilogia do Assombro*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1998.

Herberto Sales – *Cascalho*, Livros do Brasil,1966. *Dados Biográficos do Finado Marcelino*, 1965. *Além dos Marimbus*, 2ª ed., Rio de Janeiro, 1965. *Rio dos Morcegos*, Civilização Brasileira, 1993.

Herman Lima – *Garimpos*, Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1967.

Hildebrando A. de André – *Gramática Ilustrada*, São Paulo, Moderna, 1997.

Ignácio de Loyola Brandão – *Não Verás País Nenhum*, Global, 2008.

Ismael de Lima Coutinho – *Gramática Histórica*, Ao Livro Técnico, 1976. *Pontos de Gramática Histórica*, Ao Livro Técnico, 1976.

Jean Dubois – *Dicionário de Linguística*, São Paulo, Cultrix, 1997.

J. Mattoso Câmara Jr. – *Dicionário de Fatos Gramaticais*, Rio de Janeiro, MEC, Casa de Rui Barbosa, 1956. *Manual de Expressão Oral e Escrita*, Vozes, 2001.

João Clímaco Bezerra – *A Vinha dos Esquecidos*, J. Olympio, 1980.

João Domingues Maia – *Gramática*, São Paulo, Ática, 1982.

João Ribeiro – *Gramática Portuguesa*, c/s, 11ª ed., Francisco Alves, 1904. *História do Brasil*, Itatiaia Editora, 2001. *Autores Contemporâneos*, Francisco Alves, 1937.

Joaquim Felício dos Santos – *Memórias do Distrito Diamantino*, Itatiaia Editora.

Jônatas Serrano – *Filosofia do Direito*, 3ª ed., Briguiet.

Jorge Amado – *Seara Vermelha*, Record, 1999. *Mar Morto*, Cia das Letras, 2008. *Terras do Sem-Fim*, Cia das Letras, 2008. *Tieta do Agreste*, Rio de Janeiro, Record, 1997.

José Américo – *A Bagaceira*, 9ª ed., J. Olympio, 2008.

José de Alencar – *Iracema*, Ateliê, 2007.

José Fonseca Fernandes – *Um por Semana*, J. Olympio, 1972.

José Geraldo Vieira – *A Mulher que Fugiu de Sodoma*, Leitura, 2008. *A Ladeira da Memória*, Planeta, 2003. *A Quadragésima Porta*, 3ª ed., 1968.

José Gualda Dantas – *Testes de Português para Vestibular*, 3ª ed., Rio de Janeiro, 1970.

José J. Veiga – *Os Cavalinhos de Platiplanto*, Bertrand Brasil. *Aquele Mundo de Vasabarros*, Bertrand Brasil, 1997.

José Lins do Rego – *Fogo Morto*, J. Olympio, 1996.

José Louzeiro – *Aracelli, Meu Amor*, 5ª ed., Record, 1981.

José Luís de Oliveira – *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, Rio de Janeiro, 1965.

José Murilo de Carvalho – *A Construção da Ordem*, Relume-Dumará, 1996.

Josué de Castro – *Geografia da fome*, Civilização Brasileira, 2005.

Josué Guimarães – *Os Ladrões*, Rio de Janeiro, Fórum, 1966. *Os Tambores Silenciosos*, L&PM, 1997. *É Tarde para Saber*, L&PM, 1997.

Josué Montello – *Os Degraus do Paraíso*, Nova Fronteira, 1986.

Lêdo Ivo – *Ninho de Cobras*, Topbooks, 1997. *O Caminho sem Aventura*, Rio de Janeiro, Record, 1983.

Lygia Fagundes Telles – *Histórias Escolhidas*, 1961. *Ciranda de Pedra*, Rocco, 1998. *As Meninas*, Livros do Brasil, 1983. *Filhos Pródigos*, 1978.

Lourenço Diaféria – *Um Gato na Terra do Tamborim*, Ática, São Paulo, 1982.

Luís Carlos Lessa – *O Modernismo Brasileiro e a Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, FGV, 1966.

Luís Carlos Lisboa – *Olhos de Ver, Ouvidos de Ouvir*, Difel, 1977.

Luís Henrique Tavares – *Homem Deitado na Rede*, Rio de Janeiro, Org. Simões, 1969.

Luís Jardim – *As Confissões do Meu Tio Gonzaga*, 2ª ed., Rio de Janeiro, J. Olympio, 1966.

Machado de Assis – *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, Ática, 2006. *Machado de Assis, Seus 30 Melhores Contos*, Rio de Janeiro, J. Aguilar, 1961. *Dom Casmurro*, Ateliê, 2008. *Obra Completa*, Nova Aguilar, 2008.

Manuela Carneiro da Cunha – *História dos Índios no Brasil*, Cia. das Letras, 1992.

Manuel Bandeira – *Poesia Completa e Prosa*, 2ª ed., Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1967.

Maria de Lourdes Teixeira – *O Pátio das Donzelas*, Martins, 1969.

Maria José de Queirós – *Invenção a Duas Vozes*, Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1978. *A Literatura e o Gozo Impuro da Comida*, Topbooks, 1997.

Marina Colasanti – *Nada na Manga*, Nova Fronteira, 1973.

Mário Barreto – *Novíssimos Estudos da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1914. *Novos Estudos da Língua Portuguesa*, Francisco Alves, 1921. *Fatos da Língua Portuguesa*, Francisco Alves, 1916. *Através do Dicionário e da Gramática*, Rio de Janeiro, Quaresma, 1927. *De Gramática e de Linguagem*, 2ª ed., Rio de Janeiro, Org. Simões, 1955.

Mário Palmério – *O Chapadão do Bugre*, José Olympio, 2003.

Mário da Silva Brito – *Jogral do Frágil e do Efêmero*, Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1979.

Mário Quintana – *Antologia Poética*, Rio de Janeiro, Ed. do Autor, 1966. *A Vaca e o Hipogrifo*, Global, 2006. *Poesias*, Globo, 1972.

Marquês de Maricá – *Máximas, Pensamentos e Reflexões*, Rio de Janeiro, MEC, Casa de Rui Barbosa, 1958.

Manuel Rodrigues Lapa – *Estilística da Língua Portuguesa*, Martins Fontes, 1998.

Martins de Aguiar – *Notas e Estudos de Português*, FGV, Rio de Janeiro, 1971.

M. Said Ali – *Gramática Secundária da Língua Portuguesa*, São Paulo, Melhoramentos, s/d. *Dificuldades da Língua Portuguesa*, 5ª ed., Rio de Janeiro, Acadêmica, 1957.

Millôr Fernandes – *Novas Fábulas Fabulosas*, Desiderata, 2007.

Moacir Werneck de Castro – *O Libertador*, Rocco, Rio de Janeiro, 1989. *A Máscara do Tempo*, Civ. Brasileira, 1996.

Moacyr Scliar – *A Paixão Transformada*, Cia. das Letras, 2008.

Monteiro Lobato – *Urupês*, Globo, 2007. *O Escândalo do Petróleo e do Ferro*. Editora Brasiliense, 1956.

Murilo Melo Filho – *O Milagre Brasileiro*, Bloch, 1972.

Murilo Rubião – *O Pirotécnico Zacarias e Outros Contos*, Cia das Letras, 2006.

Nélida Piñon – *A Força do Destino*, Record, 1998. *A Doce Voz de Caetana*, Record, 1987.

Novir Sebastião dos Santos Barbosa – *Interpretação da N.G.B.*, Rio de Janeiro, 1962.

Olavo Bilac – *Poesias*, 25ª ed., Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1954.

Olegário Mariano – *Toda uma Vida de Poesia*, 2v., Rio de Janeiro, J. Olympio, 1957.

Oliveira Viana – *Evolução do Povo Brasileiro*, 4ª ed., J. Olympio, 1956.

Ondina Ferreira – *Inquietação*, São Paulo, Saraiva, 1958. *Acordar, Renascer, Soma*, São Paulo, 1983.

Orígenes Lessa – *O Feijão e o Sonho*, Ática, 1998.

Othon M. Garcia – *Comunicação em Prosa Moderna*, Rio de Janeiro, FGV, 2006.

Otto Lara Resende – *O Braço Direito*, Cia. das Letras, 1993.

Paulo Mendes Campos – *Os Bares Morrem numa Quarta-Feira*, Ática, 1980.

Pedro Nava – *Chão de Ferro*, Ateliê, 2001.

Ramalho Ortigão – *A Holanda*, 2ª ed., Lisboa, 1894.

Rachel de Queiroz – *O Caçador de Tatu*, Siciliano, 1994. *Quatro Romances*, Rio de Janeiro, J. Olympio, 1960. *O Menino Mágico*, Caramelo, 2004.

Raquel Jardim – *Os anos 40*, Caramelo, 2004.

Rebelo da Silva – *Contos e Lendas*, Lisboa, 1873.

Renato Inácio da Silva – *Amazônia, Paraíso e Inferno*, São Paulo, 1970.

Ribeiro Couto – *Poesias Reunidas*, J. Olympio, 1960.

Ricardo Ramos – *Memória de Setembro*, J. Olympio, 1968.

Ronald Langacher – *A Linguagem e Sua Estrutura*, Vozes, 1972.

Ronaldo R. de Freitas Mourão – *Alô, Galáxia*, Rio de Janeiro, Imago, 1978. *Astronomia e Poesias*, Difel, 1977.

Rosamaria Verney Castelo Branco – *Canção do Cotidiano*, Rio de Janeiro, 1973.

Rubem Braga – *A Traição das Elegantes*, Record, 1998. *Duzentas Crônicas Escolhidas*, Record, 2002.

Rubem Fonseca – *Os Prisioneiros*, Cia. das Letras, 1989.

Rui Barbosa – *Escritos e Discursos Seletos*, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1997. *Cartas de Inglaterra*, São Paulo, Iracema, 1968.

Sérgio Buarque de Hollanda – *Caminhos e Fronteiras*, Cia. das Letras, 2001.

Sérgio Faraco – *Hombre*, Civ. Brasileira, 1978.

Sérgio Gallo – *Ironias da Existência Humana*, Relume-Dumará, 1999.

Silvio Elia – *O Problema da Língua Brasileira*, INL, 1961.

Sousa da Silveira – *Lições de Português*, 5ª ed., Coimbra, 1952.

Stella Leonardos – *Estátua de Sal*, Rio de Janeiro, Agir, 1961.

Tiago de Melo – *Amazônia, a Menina dos Olhos do Mundo*, Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1991.

Vianna Moog – *Toia*, Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1963. *Bandeirantes e Pioneiros*, Graphia, 2006.

Vicente de Carvalho – *Poemas e Canções*, 16ª ed., São Paulo, Saraiva, 1962.

Vilma Guimarães Rosa – *Carisma*, J. Olympio, 1978.

Vinicius de Moraes – *Poesia Completa e Prosa*, Nova Aguilar, 2004. *Para uma Menina com uma Flor*, Cia. das Letras, 1992.

Vivaldo Coaraci – *Todos Contam sua Vida*, J. Olympio, 1959. *Cata-vento*, J. Olympio, 1956.

Walmir Ayala – *A Selva Escura*, Rio de Janeiro, Atheneu Cultura, 1990.

Yone Rodrigues – *A Razão do Pássaro*, Melhoramentos, 1984.

EXERCÍCIOS DE EXAMES E CONCURSOS

FONÉTICA

FONEMAS

1. (CPCAR) A medicina agora está ***estudando*** a importância do bom ***humor*** e dos ***sentimentos*** positivos na ***prevenção*** e no tratamento de moléstias.

Nas palavras destacadas, constata-se, respectivamente, a seguinte sequência de letras e fonemas:
a) 9 – 9 / 5 – 3 / 11 – 10 / 9 – 9
b) 9 – 7 / 5 – 5 / 10 – 9 / 8 – 8
c) 9 – 9 / 4 – 4 / 10 – 10 / 8 – 7
d) 9 – 8 / 5 – 4 / 11 – 9 / 9 – 8

2. (Unifesp) Na língua portuguesa escrita, quando duas letras são empregadas para representar um único fonema (ou som, na fala), tem-se um **dígrafo**. O dígrafo só está presente em todos os vocábulos de:
a) pai, minha, tua, esse, tragar.
b) afasta, vinho, dessa, dor, seria.
c) queres, vinho, sangue, dessa, filho.
d) esse, amarga, silêncio, escuta, filho.
e) queres, feita, tinto, melhor, bruta.

3. (UFSM-RS) Assinale a alternativa em que apenas uma das palavras apresenta dígrafo.
a) Alexandra – lhe
b) Esquecia – mesinha
c) Guardava – enterro
d) Assistir – que
e) Senhora – então

4. (Ufal) As palavras bloco, vidro e refrão têm em comum a presença de um:
a) ditongo crescente
b) encontro consonantal
c) ditongo crescente
d) dígrafo
e) hiato

5. (PUC-PR) Observe as palavras que seguem:

1. Choque	4. Desce
2. Hotel	5. Passa
3. Varre	6. Molha

Das palavras acima, são pronunciadas com 4 fonemas:
a) todas elas.
b) todas, menos a primeira.
c) todas, menos a segunda.
d) a segunda, a quarta e a quinta.
e) somente a quarta e a quinta.

6. (PUC-RJ) Um mesmo fonema pode ser grafado de diferentes maneiras. Qual a lista de palavras que exemplifica essa afirmação?
a) Paciente, centro, existência
b) existência, meses, batizaram
c) projeto, prejudicando, propõe
d) quem, quando, psiquiatra
e) coisa, incomoda, continuidade

SÍLABA

1. (BNB) Assinale a opção que apresenta ERRO quanto à **divisão silábica**:
a) ins-ti-tu-i-ção, co-me-ça-ram, pres-tí-gio
b) res-sur-gi-men-to, pres-ti-gi-o, ad-mi-rar
c) su-pers-ti-ção, ex-pe-ri-en-te, pers-pec-ti-va
d) ex-e-cu-ti-vo, a-brup-to, re-i-vin-di-car
e) ca-a-tin-ga, rit-mo, réus

2. (CPCAR) Observe a **divisão silábica** dos vocábulos abaixo.

I - ar-te-ri-al, ex-ces-so, su-bs-tân-cia

II - guer-ras, di-lú-vio, pi-a-da

III - res-pal-do, ob-je-to, pres-são

Está(ão) correta(s) apenas:
a) I e II.
b) I e III.
c) I, II, III.
d) II e III.

3. (UFCE) Assinale as alternativas em que a separação silábica está correta:

a) go-ia-na	e) con-ti-nu-a
b) cor-ru-pção	f) ir-mãos
c) sor-ri-so	g) De-us
d) ma-is	

4. (Unip-SP) Assinale o grupo de palavras em que não há erro na separação de sílabas:
a) in-a-pto, tran-se-pto, des-or-dem
b) né-ctar, fi-a-do, crian-ça

c) des-u-nhar, ad-je-ti-va, ve-e-mên-cia
d) gi-ras-sóis, mag-nó-lia, a-dá-lia
e) ins-cien-te, ân-si-a, né-sci-o

5. (Acafe-SC) Assinale a alternativa em que há erro na partição de sílabas:
a) en-trar, es-con-der, bis-a-vô, bis-ne-to
b) i-da-de, co-o-pe-rar, es-tô-ma-go
c) des-cen-der, car-ra-da, pos-so, a-tra-vés
d) des-to-ar, tran-sa-ma-zô-ni-co, ra-pé, on-tem
e) pre-des-ti-nar, ex-tra, e-xer-cí-cio, dan-çar

ORTOGRAFIA

1. (Cesgranrio) Assinale o item em que ocorre erro ortográfico:
a) ele mantém / eles mantêm
b) ele dê / eles deem
c) ele contém / eles contêm
d) ele vê / eles veem
e) ele contém / eles conteem

2. (PUC-Camp) Assinale a alternativa correta:
a) Não se deve infligir as leis.
b) Não se devem infringir as leis.
c) Não se devem infligir as leis.
d) Não se devem inflingir as leis.

3. (UPF-RS) A palavra "porque" deveria ter sido grafada separadamente na alternativa:
a) Não se preocupe com o futuro, porque os jovens têm energia para resolver problemas.
b) O Brasil será enriquecido no próximo século, porque terá o maior contingente de jovens de sua história.
c) Alguns questionam porque o futuro é encarado com pessimismo por muitos.
d) Acredite nos jovens, porque eles contribuirão para o progresso do Brasil.
e) Muitos problemas serão resolvidos, porque os jovens estarão preparados para isso.

4. (CPCAR) Assinale a alternativa em que **NÃO** há erro de grafia.
a) Poucos sabem por que você está pensativo.
b) Assinar o documento não trás dificuldade nenhuma ao povo.
c) Não sei porque tanto riso.
d) A atitude púdica de certas mulheres me surpreende.

5. Assinale a alternativa em que **não** haja nenhum erro de ortografia.
a) A ascenção do candidato nas pesquizas suprendeu a todos.
b) A ascenção do candidato nas pesquisas surpreendeu a todos.
c) A ascensão do candidato nas pesquisas surpreendeu a todos.
d) A ascenção do candidato nas pesquisas surprendeu a todos.
e) A assenção do candidato nas pesquizas surprendeu a todos.

6. Faça o mesmo:
a) A morte do paciente nada tem a ver com a paralisia dos órgãos.
b) A morte do paciente nada tem a haver com a paralizia dos órgãos.
c) A morte do pasciente nada tem haver com a paralizia dos órgãos.
d) A morte do pasciente nada tem a haver com a paralisia dos órgãos.
e) A morte do paciente nada tem a ver com a paralizia dos órgãos.

7. (BNB) Assinale a alternativa em que todas as palavras estão escritas de forma **ERRADA**:
a) ojeriza, riqueza, pegajento
b) veneziana, coalizão, assaz
c) asfixia, repuxo, coxia
d) flecha, broche, cocheira
e) despeza, degladiar, distemção

8. (BNB) Marque a alternativa em que todas as palavras são escritas, CORRETAMENTE, com a letra indicada entre parêntese:
a) a___ensorista, ca__ar , cre ___cer (s)
b) tra__e, rabu__ice, re__eição (j)
c) au__liar, asfi__ia, aflu__o (x)
d) deten__ão, conten__ão, preten___ão (ç)
e) nobre__a, avi___ar, coloni___ar (z)

9. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que **não** haja erro de grafia.
a) Não tinha feito a prova no dia regular nem tão pouco a substitutiva.
b) Afim de que as soluções pudessem ser adotadas por todos, José de Arimateia havia distribuído cópias do relatório no dia anterior.
c) Porventura, meu Deus, estarei louco?

d) Assinalou com um asterístico a necessidade de notas informativas adicionais.
e) Com frequência, os médicos falam de AVC, Acidente Vascular Celebral. Porisso, os próprios pacientes já estão familiarizados com esse termo.

10. (FGV) Assinale a alternativa em que a grafia de todas as palavras seja prestigiada pela norma culta.
a) Auto-falante, bandeija, degladiar, eletrecista.
b) Advogado, frustado, estrupo, desinteria.
c) Embigo, mendingo, meretíssimo, salchicha.
d) Estouro, cataclismo, prazeiroso, privilégio.
e) Aterrissagem, babadouro, lagarto, manteigueira.

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

1. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa em que todas as palavras estejam corretamente acentuadas.
a) caíra, enjoo, bárbaro, velóz.
b) jurití, automóvel, samambáia, jiló.
c) algoz, cauím, lençol, fácil.
d) pernalta, Tatuí, armazém, geleia.
e) conténs, heroico, chapéuzinho, Tietê.

2. (Ufla-MG)

"Meu lenço, meu **relógio**, meu chaveiro..."

A regra que justifica o acento na palavra acima destacada é a mesma que justifica o acento em:
a) tênis
b) hábito
c) glória
d) convém
e) invencível

3. (Mackenzie-SP) As palavras *aí, Ceará* e *vá* são acentuadas por serem, respectivamente:
a) monossílabo, trissílabo e monossílabo.
b) ditongo tônico, trissílabo tônico e monossílabo tônico.
c) ditongo tônico, oxítona terminada em *a* e monossílabo tônico terminado em *a*.
d) hiato, oxítona terminada em *a* e monossílabo tônico terminado em *a*.
e) oxítona terminada em *i*, oxítona terminada em *a* e monossílabo tônico terminado em *a*.

4. (UCDB-MT) São acentuadas pela mesma razão as palavras da alternativa:
a) ciúme – egoísta – saída
b) hífen – armazém – herói
c) dominó – avô – tênis

5. (CPCAR) Assinale a alternativa cujas palavras devem ser graficamente acentuadas, respectivamente, pelas mesmas normas de **glória**, **fácil**, **está**, **imunológico**.
a) Ruídos, límpida, verás, ínterim.
b) Incêndio, caráter, refém, protótipo.
c) Juízes, revólver, têm, temática.

6. (FGV-SP) Assinale a palavra que está graficamente acentuada pela mesma regra que determina o acento em **inadimplência**.
a) Mágoa.
b) Há.
c) Sabiá.
d) Heróico.
e) Baú.

7. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que as palavras sejam, respectivamente: oxítona, oxítona, paroxítona, proparoxítona, proparoxítona e oxítona.
a) Papel, sagu, andrajo, xenófobo, redondo, saci.
b) Sabia, interessar, anjo, borrego, íntimo, saúde.
c) Canavial, superar, novel, cádmio, contíguo, interesseiro.
d) Saci, sagu, indelevelmente, pródigo, bígamo, sinal.
e) Tizio, anéis, móvel, esperançoso, código, colher.

8. (PUC-RJ) Indique a opção que apresenta palavras acentuadas segundo as mesmas regras das palavras abaixo, respeitada a sua ordem de aparecimento:

há – incrédulo – história – frágil – bebê – alguém
a) já – Júpiter – telescópio – fácil – até – parabéns
b) pôr – óbvio – herói – até – parabéns – está
c) já – plateia – óbvio – fácil – fazê-la – além

9. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que a palavra deveria ter recebido **acento gráfico**:
a) Paiçandu. b) Taxi. c) Gratuito.
d) Rubrica. e) Entorno.

10. (PUC-Camp) A frase em que as palavras estão acentuadas corretamente é:
a) A providencia que foi tomada tem relação com o grupo de que ele é partidário.
b) A saúde pública deve ser um dos assuntos centrais dessa reunião.
c) Há muita polemica em relação a esse assunto, por isso devemos ter cautela.
d) Pouco tempo atrás, todos diziam que eles estavam em situação bastante confortavel.
e) Há quem avalie que aquela foi a solução mais inocua de todas as apresentadas.

SINAIS DE PONTUAÇÃO

1. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que a **pontuação** da frase seja a mais adequada.
a) Longe, além da função adverbial de lugar tem a de adjetivo com significação de distante, afastado: é então geralmente usado no plural.
b) Longe além da função adverbial de lugar, tem a de adjetivo com significação de distante afastado, é então geralmente usado no plural.
c) Longe, além da função adverbial de lugar, tem a de adjetivo, com significação de distante, afastado; é então, geralmente, usado no plural.
d) Longe, além da função adverbial de lugar tem a de adjetivo, com significação de distante, afastado: é então geralmente usado no plural.
e) Longe além da função adverbial de lugar tem, a de adjetivo, com significação de distante, afastado; é então geralmente usado no plural.

2. (MPO) Assinale a opção em que o texto apresenta **pontuação** correta.
a) Há no mundo regiões que agora enfrentam problemas generalizados, infinitamente mais graves que, aqueles com que nos confrontamos em nossos piores momentos do passado.
b) Mas parece reinar, em toda parte a certeza de que hoje faz sentido lançar ideias à mesa e trabalhar sobre elas.
c) Tantas passagens – remotas ou recentes – da história, foram marcadas pela esterilidade, pela convicção coletiva de que nada do que se pensasse, dissesse, fizesse, tentasse, ousasse adiantaria alguma coisa, tão bloqueadas eram as perspectivas.
d) Hoje vivemos o contrário disso. Sabemos que ideias, palavras e gestos têm o poder de fecundar o terreno do século que termina, do século que começa e que, vale a pena, por isso viver esse momento.
e) Se aproveitamos com integridade, inteligência, trabalho e sentido de criação, não há limite para o que nos pode vir em troca. Se perdermos essa oportunidade, se nos perdermos em banalidades neste ponto da história que reclama grandeza, sobrará depois um profundo remorso.

(Trechos adaptados de Francisco Rezek)

3. (FGV-SP) Observe a seguinte frase:

– Quem quer ir, perguntou o chefe.

A respeito dela, pode-se dizer que:
a) Deveria ter sido colocado um ponto de interrogação após a palavra ir.
b) Deveria ter sido colocado um ponto de interrogação após a palavra chefe.
c) Deveria ter sido colocado um ponto de exclamação após a palavra chefe.
d) Bastaria colocar entre aspas a oração "– Quem quer ir".
e) A frase está correta.

4. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a vírgula está empregada para separar dois termos que possuem a mesma função na frase:
a) "Minhas senhoras, seu Mendonça pintou o diabo enquanto viveu."
b) "Respeitei o engenho do Dr. Magalhães, juiz."
c) "E fui mostrar ao ilustre hóspede a serraria, o descaroçador e o estábulo."
d) "Depois da morte do Mendonça, derrubei a cerca..."
e) "Não obstante essa propaganda, as dificuldades surgiram."

5. (Mackenzie-SP) Assinale o par de frases em que as vírgulas foram empregadas de acordo com a mesma regra.
   a) E se baratas, ratos, moscas e mosquitos fossem exterminados?
   Por mais estranha que a ideia possa parecer, sua vida depende dos pernilongos.
   b) Baratas, ratos, moscas e mosquitos são elos fundamentais da cadeia alimentar...
   Sem essas larvas, muita matéria orgânica se acumularia nos rios.
   c) Por mais estranha que a ideia possa parecer, sua vida depende dos pernilongos.
   Sem essas larvas, muita matéria orgânica se acumularia nos rios.
   d) Baratas, ratos, moscas e mosquitos são elos fundamentais da cadeia alimentar...
   Por mais estranha que a ideia possa parecer, sua vida depende dos pernilongos.
   e) E se baratas, ratos, moscas e mosquitos fossem exterminados?
   Sem essas larvas, muita matéria orgânica se acumularia nos rios.

6. (PUC-SP) Assinale a alternativa que justifica corretamente o emprego da **vírgula**.
   a) Usa-se a vírgula entre o sujeito e o predicado como em: "Os escravos, em sua maioria de origem indígena, reforçavam o uso da 'língua geral' no âmbito do privado."
   b) Usa-se a vírgula em casos de inversão e intercalação como em: "Por isso, foram recorrentes, até os inícios dos Setecentos, os pedidos das autoridades para que se enviassem à capitania somente vigários versados na língua dos índios."
   c) Usa-se a vírgula em casos de intercalação como em: "... precisava-se falar em tupi, sem o que parte da população nada compreendia."
   d) Usa-se a vírgula entre o verbo e seu complemento como em: "Havia mulheres, ademais, que com certeza só sabiam a 'língua geral'..."
   e) Usa-se a vírgula entre o nome e seu complemento como em: "No domínio público, contudo, precisava-se falar em tupi..."

7. (PUC-PR) Observe o seguinte enunciado:

   Velhas casas abandonadas ( ) todas em ruínas ( ) apodreciam ao tempo sem atrair a atenção de ninguém ( ) a não ser de gatos arredios, que ( ) ao ver alguém ( ) desapareciam embrenhando-se nas macegas que tomavam conta dos jardins ( ) outrora orgulho de seus donos e motivo de admiração dos moradores da região.

   Os parênteses presentes no enunciado acima ficam corretamente preenchidos pelos seguintes **sinais de pontuação**:
   a) dois-pontos, ponto e vígula, ponto, vírgula, vírgula, ponto.
   b) vírgula, ponto e vírgula, ponto e vírgula, vírgula, ponto e vírgula, vírgula.
   c) vírgula, vírgula, vírgula, vírgula, vírgula, vírgula.
   d) dois-pontos, vírgula, ponto e vírgula, vírgula, ponto e vírgula, ponto e vírgula.
   e) vírgula, vírgula, dois-pontos, dois-pontos, ponto e vírgula, dois-pontos.

8. (PUC-PR) Observe o enunciado e preencha os parênteses com os **sinais de pontuação adequados**: "A partir daquele dia ( ) o filho assumia várias responsabilidades familiares ( ) a de levar o irmão à escola ( ) a de buscar a mãe na loja ( ) a de fazer todas as compras do dia."

   O espaços foram preenchidos, na sequência, com:
   a) ponto e vírgula / vírgula / vírgula / vírgula
   b) vírgula / dois-pontos / dois-pontos / vírgula
   c) ponto e vírgula / ponto e vírgula / ponto e vírgula / ponto e vírgula
   d) vírgula / dois-pontos / ponto e vírgula / ponto e vírgula
   e) dois-pontos / ponto e vírgula / vírgula / vírgula

9. (CEETPS-SP) Assinale a alternativa válida relativamente ao uso dos sinais de **pontuação**.
   a) O fracasso social brasileiro, não difere do restante dos países emergentes, sobretudo na educação.
   b) O IDH – Índice de Desenvolvimento Humano retrata que o país apresenta alguns avanços em relação às últimas décadas.
   c) Além de políticas educacionais de incentivo à permanência de brasileiros na escola, é preciso melhorar a qualidade da educação.

d) Pode-se defender que, é possível se desenvolver sem crescer economicamente.
e) O Brasil melhorou, mas ainda se registram práticas, insuportáveis de trabalho, escravo, trabalho, infantil e de salários, desiguais para homens, e mulheres que ocupam funções similares.

MORFOLOGIA

ESTRUTURA DAS PALAVRAS

1. (Unirio) Identifique a série em que os prefixos têm o mesmo significado:
a) contradizer, antídoto
b) desfolhar, epiderme
c) decapitar, hemiciclo
d) supercílio, acéfalo
e) semimorto, perianto

2. (PUC-SP) Das afirmações abaixo:
I – as palavras *deselegância*, *realidade* e *baianos* são formadas pelo processo de derivação;
II – as palavras *afasto*, *chamei* e *surgir* estão flexionadas, respectivamente, pelas desinências **-o**, **-ei**, **-ir**;
III – as palavras *és* e *baianos* apresentam a desinência **-s**, que indica plural.
Apenas:
a) I está correta.
b) III está correta.
c) I e III estão corretas.
d) I e II estão corretas.
e) II está correta.

3. (UFSM-RS) Assinale a única alternativa em que a primeira palavra apresenta prefixo e a segunda, sufixo.
a) desgraças – pimenta
b) incômoda – realmente
c) tristeza – realmente
d) refresco – ninguém
e) ridículo – carnaval

4. (UniFEI-SP) Assinale a alternativa em que o significado do radical esteja errado:
a) hidro: água (exemplo: hidráulico)
b) pisci: peixe (exemplo: piscicultura)
c) bio: vida (exemplo biologia)
d) agri: campo (exemplo: agricultura)
e) antropo: antigo (exemplo: antropologia)

5. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que sejam usados radicais ou prefixos – gregos ou latinos – correspondentes, respectivamente, aos seguintes sentidos:

dentro, duplicidade, em torno de, contra, metade, movimento para dentro, livro, vida.
a) Endoscópio, anfíbio, circunlóquio, antibiótico, hemiciclo, introspecção, bibliografia, biografia.
b) Intramuscular, anfibologia, circum-navegação, contraprova, semicírculo, internato, biblioteca, biosfera.
c) Endoscópio, cosmopolita, circundar, antihigiênico, semidespido, introspecção, bibliografia, biografia.
d) Interface, ambidestro, circundar, antônimo, semiólogo, biblioteca, biografia.
e) Endoscópio, ambivalente, circum-navegar, antepasto, seminal, introspecção, bibliografia, biografia.

FORMAÇÃO DAS PALAVRAS

1. (UniFEI-SP) Assinale a alternativa em que as palavras não sejam cognatas:
a) tristeza – entristecido
b) previsão – imprevisto
c) maresia – maremoto
d) internacional – intercâmbio
e) ilusionista – desilusão

2. (FGV-SP) Modelo: nobre – enobrecer

Observe que o termo *enobrecer* formou-se a partir de *nobre* com o auxílio de um prefixo e de um sufixo.

Abaixo, apresentamos pares de palavras. Em apenas um caso não se seguiu o modelo apresentado. Assinale a alternativa correspondente.
a) triste – entristecer
b) escuro – escurecer

c) gordo – engordar
d) duro – endurecer
e) rico – enriquecer

3. (CPCAR-MG) Leia atentamente as afirmativas abaixo.
I – No vocábulo **surradíssimo**, observa-se a derivação sufixal.
II – Os vocábulos **sorriso**, **arterial** e **ironizar** são formados por sufixos nominais.
III – **Patologia** é formado por hibridismo.
Está(ão) correta(s) apenas a(s) afirmativa(s):
a) I e II.
b) II.
c) I.
d) I, II e III.

4. (CPCAR-MG) Assinale a alternativa cujos vocábulos são, respectivamente, formados pelo mesmo processo: **vitimadas**, **amoral**, **arterial**.
a) Patologista, diariamente, televisiva.
b) Grandeza, imortal, positividade.
c) *Stress*, imunológico, risonho.
d) Prevenção, interferência, recorrência.

5. (Fuvest-SP) O prefixo assinalado em "desvario" expressa:
a) negação.
b) cessação.
c) ação contrária.
d) separação.
e) intensificação.

6. (Mackenzie-SP) A palavra **economiopia** segue o mesmo modelo de formação lexical presente em:
a) "aguardente".
b) "pé de moleque".
c) "passatempo".
d) "minissaia".
e) "antidemocrático".

7. (Unifesp) *Pneumotórax*, palavra que dá título ao famoso poema de Manuel Bandeira, é vocábulo constituído de dois radicais gregos (pneum[o]- + -tórax). Significa o procedimento médico que consiste na introdução de ar na cavidade pleural, como forma de tratamento de moléstias pulmonares, particularmente a tuberculose. Tal enfermidade é referida no diálogo entre médico e paciente, quando o primeiro explica a seu cliente que ele tem "uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito infiltrado". Esta última palavra é formada com base em um radical: filtro. Quanto à formação vocabular, o título do poema e o vocábulo *infiltrado* são constituídos, respectivamente, por:
a) composição, e derivação prefixal e sufixal.
b) derivação prefixal e sufixal, e composição.
c) composição por hibridismo, e composição prefixal e sufixal.
d) simples flexão, e derivação prefixal e sufixal.
e) simples derivação, e composição sufixal e prefixal.

8. (Unifesp) Tomando como referência **os processos de formação de palavras**, dada a relação com o som produzido pelos equinos quando em movimento, a palavra *Pocotó* é formada a partir de uma:
a) prefixação.
b) sufixação.
c) onomatopeia.
d) justaposição.
e) aglutinação.

SUBSTANTIVO

1. (Vunesp) O gênero dos substantivos está correto em:
a) É comum que as eclipses da lua coincidam com as piores tormentas e cataclismos.
b) A guia dos turistas não falava japonês e teve de usar uma estratagema para comunicar-se com eles.
c) Vamos dar um ênfase todo especial ao trabalho de prevenção do diabetes.
d) Não obteve, até agora, a alvará de funcionamento e deve enviar à prefeitura uma xerox da inscrição da firma.
e) A personagem vivida por ele tem um comportamento que é um verdadeiro modelo da moral vitoriana.

2. (Fuvest-SP) A enumeração de **substantivos** expressa gradação ascendente em:
a) "menino mais gracioso, inventivo e travesso".
b) "trazia-o amimado, asseado, enfeitado".
c) "gazear a escola, ir caçar ninhos de pássaros, ou perseguir lagartixas".
d) "papel de rei, ministro, general".
e) "tinha garbo (...), e gravidade, certa magnificência".

3. (UFSM-RS) Passando para o plural os substantivos compostos "mesinha-de-cabeceira" e "quarta-feira", a alternativa correta é a seguinte:
a) mesinhas-de-cabeceira, quartas-feiras.
b) mesinha-de-cabeceiras, quarta-feiras.
c) mesinha-de-cabeceira , quartas-feira.
d) mesinhas-de-cabeceiras, quartas-feiras.
e) mesinha-de-cabeceiras, quartas-feira.

4. (Unifor-CE) Assinale a alternativa correspondente a um **substantivo feminino**:
a) telefonema
b) eclipse
c) cal
d) clã
e) grama (unidade de medida)

5. (FGV-SP) Das alternativas abaixo, assinale aquela em que ao menos um plural NÃO está correto:
a) Mão, mãos; demão, demãos.
b) Capitão, capitães; ladrão, ladrões.
c) Pistão, pistões; encontrão, encontrões.
d) Portão, portões; cidadão, cidadães.
e) Capelão, capelães; escrivão, escrivães.

6. (BNB) Relacione os substantivos comuns ao seu substantivo coletivo e marque a alternativa que apresente a sequência CORRETA:

A. ( ) correição	1 - formiga
B. ( ) cordilheira	2 - alho
C. ( ) réstia	3 - montes
D. ( ) turba	4 - heróis
E. ( ) claque	5 - espectadores
F. ( ) falange	6 - ladrões

a) 6, 5, 4, 3, 2, 1
b) 1, 3, 2, 6, 5, 4
c) 2, 3, 4, 5, 1, 6
d) 4, 1, 6, 3, 2, 5
e) 5, 1, 3, 6, 4, 2

ARTIGO

1. (UFU-MG) Em uma das frases o artigo definido está empregado erradamente. Em qual?
a) A velha Roma está sendo modernizada.
b) A "Paraíba" é uma bela fragata.
c) Não reconheço agora a Lisboa do meu tempo.
d) O gato escaldado tem medo de água fria.
e) O Havre é um porto de muito movimento.

2. (Fatec-SP) Identifique em qual alternativa é errado colocar, após a palavra destacada, o artigo definido:
a) Afundou na lama **ambos** os pés.
b) **Todos** os dias passava por lá sem vê-la.
c) A **todo** passante perguntei, nenhum me informou.
d) **Toda** noite gotejou a torneira, não pude dormir.
e) N.d.a.

3. (UFSM-RS) Em "Vencer esse suposto paradoxo alfabetizando a população e incentivando-a a ler cada vez mais", as palavras sublinhadas classificam-se, respectivamente, como:
a) preposição, pronome oblíquo, artigo
b) pronome oblíquo, preposição, artigo
c) artigo, pronome oblíquo, preposição
d) preposição, artigo, pronome oblíquo
e) artigo, artigo, preposição

4. (USU-RJ) Assinale a opção em que a palavra **a** tem valor gramatical diferente de todas as outras:
a) Eu sou **a** indiferença.
b) Sou eu quem te sepulta **a** ideia imensa.
c) Marquei-te **a** fronte, mísero profeta!
d) Hoje veio **a** falar comigo.
e) Beijara **a** fronte sonhadora do poeta.

ADJETIVO

1. (UFV-MG) Assinale a alternativa em que não aparece adjetivo substantivado funcionando como sujeito:
a) Chorarão os religiosos.
b) Chorarão os velhos.
c) Chorarão os nobres.
d) Chorarão as mulheres.
e) Chorarão os inocentes.

2. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que a palavra sublinhada NÃO tem valor de **adjetivo**.
a) A malha <u>azul</u> estava molhada.
b) O sol desbotou o <u>verde</u> da bandeira.
c) Tinha os cabelos <u>branco-amarelados.</u>
d) As nuvens tornavam-se <u>cinzentas.</u>
e) O mendigo carregava um fardo <u>amarelado.</u>

3. (ITA-SP) Durante a Copa do Mundo deste ano, foi veiculada, em programa esportivo de uma emissora de TV, a notícia de que

um apostador inglês acertou o resultado de uma partida, porque seguiu os prognósticos de seu burro de estimação. Um dos comentaristas fez, então, a seguinte observação: "Já vi muito comentarista burro, mas burro comentarista é a primeira vez." Percebe-se que a classe gramatical das palavras se altera em função da ordem que elas assumem na expressão.

Assinale a alternativa em que isso **NÃO** ocorre:
a) obra grandiosa
b) jovem estudante
c) brasileiro trabalhador
d) velho chinês
e) fanático religioso

4. (FGV-SP) Observe a seguinte frase: Recorrendo a elas, arrisco-me a usar expressões técnicas, desconhecidas do público, e a ser tido por **pedante**. Das alternativas abaixo, assinale aquela em que a palavra sublinhada exerça a mesma função sintática de pedante, dessa frase.
a) As estações tinham passado **rápido**, sem que tivesse sido possível vê-las direito.
b) Fui julgado **culpado**, embora não houvesse provas decisivas a respeito do crime.
c) Ele era difícil de convencer, mas concordou quando a quantia foi **oferecida**.
d) Caminhou **depressa** por entre os coqueiros.
e) Ele passeou **demasiado** ontem; hoje, doem-lhe as pernas. Vai ser obrigado a deitar-se mais cedo.

5. (CPCAR-MG) Assinale a alternativa **incorreta** quanto à **morfologia**.
a) Em "Eu canto porque o instante existe / E a minha vida está completa", há conjunção coordenativa.
b) Os versos "Pensava em ti nas horas de tristeza, / Quando estes versos pálidos compus" apresentam interjeição, adjetivo e substantivo.
c) Nos versos "Embora o sopro ardente da calúnia crestasse os sonhos meus, / Nunca descri do bem da justiça, nunca descri de Deus", há três verbos.
d) O verso "Eras na vida a pomba predileta" apresenta verbo de ligação e substantivo.

6. (CPCAR-MG) A expressão assinalada tem valor adjetivo em todas as alternativas abaixo, **exceto** em:
a) espaço de tempo
b) missa das oito
c) toque de sineta
d) um dia de sol
e) não deverão de modo algum

NUMERAL

1. (FMU/FIAM/FAAM-SP) Gastei *trinta dias*...

A palavra em destaque é um numeral:
a) cardinal
b) ordinal
c) multiplicativo
d) fracionário
e) indefinido

2. (Unitau-SP) Observe:

I – "Essa atitude de certo modo religiosa de 'um' homem engajado no trabalho..."

II – "Pedro comprou 'um' jornal."

III – "Maria mora no apartamento 'um'."

IV – "Quantos namorados você tem? 'Um'."

A palavra "um" nas frases acima é, no plano morfológico, respectivamente:
a) artigo indefinido em I e numeral em II, III e IV.
b) artigo indefinido em I e II e numeral em III e IV.
c) artigo indefinido em I e III, e numeral em II e IV.
d) artigo indefinido em I, II, III e IV.
e) artigo indefinido em III e IV e numeral em I e II.

3. (Puc-Camp) Os ordinais referentes aos números 80, 300, 700 e 90 são, respectivamente:
a) octagésimo – trecentésimo – septigentésimo – nongentésimo
b) octogésimo – trecentésimo – septigentésimo – nonagésimo
c) octingentésimo – tricentésimo – septuagésimo – nonagésimo
d) octogésimo – tricentésimo – septuagésimo – nongentésimo
e) nenhuma das respostas anteriores.

4. (UFJF-MG) Marque o emprego incorreto do numeral:
a) século III (três)
b) página 102 (cento e dois)
c) 80º (octogésimo)
d) capítulo XI (onze)
e) X torno (décimo)

PRONOME

1. (ITA-SP) Assinale a incorreta:
a) Não se vá sem eu.
b) Ele é contra eu estar aqui.
c) Ele é contra mim, estar aqui é crime.
d) Como eu estava doente, não houve palestra.
e) Não haveria entre mim e ti entendimento possível.

2. (BNB) Na oração "Banco *algum* estava preocupado em agradar clientes.", a palavra em itálico corresponde a:
a) um entre dois
b) qualquer
c) um certo
d) determinado
e) nenhum

3. (BNB) Assinale a opção em que existe erro, quanto à classificação morfológica das palavras em itálico:
a) grandes instituições *estrangeiras* – adjetivo
b) tentando tomá-*las* – pronome pessoal do caso reto
c) *Otávio Castello Branco* – substantivo próprio
d) *uma* nova geração – artigo indefinido
e) Formar *pessoal* – substantivo coletivo

4. (FGV-SP) Observe: "O diretor perguntou: – Onde estão os estagiários? Mandaram-nos sair? Estão no andar de cima?". O **pronome** sublinhado pertence:
a) À terceira pessoa do plural.
b) À segunda pessoa do singular.
c) À terceira pessoa do singular.
d) À primeira pessoa do plural.
e) À segunda pessoa do plural.

5. (Mackenzie-SP) Assinale a alternativa correta.
a) De acordo com a gramática normativa, as palavras **espécie** e **três** são acentuadas por apresentarem vogal "e" na sílaba tônica.
b) O uso do pronome **ela** em *achou mais saboroso comer* ela *limpa*, embora comum na linguagem coloquial, não é apropriado a textos formais.
c) Em *Há quase 50 anos, na pequena ilha de Koshima, no Japão*, as vírgulas separam aposto explicativo.
d) Em *...o hábito se espalhou* pelos irmãos mais velhos..., a sequência em itálico tem função de agente da passiva.
e) No trecho *Ninguém sabe ao certo* se *ele percebeu...*, a conjunção em negrito introduz ideia de condição.

6. (ITA-SP) Assinale a opção em que o uso do pronome **NÃO** está de acordo com a norma padrão escrita. (Excertos extraídos e adaptados de *Folha de S.Paulo*, 1/11/1993.)
a) [O cineasta sofreu] um derrame, do qual não iria se recuperar mais.
b) [O rosto e a voz do cineasta] são aqueles os quais estamos acostumados, talvez um pouco mais cansados.
c) [Estar doente era] uma realidade sobre a qual [o cineasta] não sabia nada, sobre a qual jamais havia pensado.
d) [Com ele, o cinema] não é mais um meio; torna-se um fim, no qual o autor é a principal referência.
e) Depois de três cirurgias às quais se submetera, teve um ataque cardíaco.

7. (CPCAR) Assinale a alternativa onde o *pronome relativo*, em destaque, está corretamente interpretado e classificado quanto à sua função sintática.
a) "A equipe do doutor Berk acompanhou durante um ano 100 homens ***que*** já haviam enfartado (...)"
[que = 100 homens/objeto direto]
b) "Eles foram divididos em dois grupos, ***dos quais*** um era obrigado a assistir meia hora por dia a uma comédia televisiva."
[dos quais = dos dois grupos/adjunto adverbial]
c) "(...) são medidas ***que*** fazem viver mais e melhor."
[que = medidas/sujeito]

d) "O resultado foi surpreendente: os ***que*** foram submetidos às sessões de risadas (...)" [que = os/aposto]

8. (Mackenzie-SP) Mosquitos são elos fundamentais da cadeia alimentar **da qual você também faz parte**.

O trecho destacado pode ser corretamente substituído por:
a) na qual você também faz parte.
b) a qual você também faz parte.
c) onde você também faz parte.
d) que você também faz parte.
e) de que você também faz parte.

9. (TCU) Assinale a alternativa em que **o pronome oblíquo** foi empregado segundo o que recomenda a norma culta. Observe também a **flexão** dos verbos.
a) Quando nos vermos de novo, eu te cumprimentarei.
b) Quando nos vermos de novo, eu cumprimentar-te-ei.
c) Quando virmo-nos de novo, eu te comprimentarei.
d) Quando nos virmos de novo, eu te cumprimentarei.
e) Eu te cumprimentarei quando nos vermos de novo.

10. (TCU) Assinale a forma mais adequada, levando em consideração a flexão verbal e o emprego do **pronome de tratamento** e do sinal indicador de crase.
a) Vossa Excelência, o Presidente, vem com os ministros a reunião?
b) Sua Excelência, o Presidente, vem com os ministros à reunião?
c) Vossa Excelência, o Presidente, vêm com os ministros para a reunião?
d) Vossa Excelência, o Presidente, vem com os ministros na reunião?
e) Sua Excelência, o Presidente, vêm com os ministros para a reunião?

VERBO

1. (CPCAR) Assinale a alternativa em que os **verbos** foram empregados de acordo com a norma culta.
a) Ele havia entreaberto a porta e viu sua prima chegando.
b) Vós odiaste a candidata eleita?
c) Ele jamais foi aceitado pelos colegas de turma.
d) Todo recurso disponível já foi gastado pelo governo.

2. (CPCAR) Escreva **(V)** para as afirmativas verdadeiras e **(F)** para as falsas e, em seguida, assinale a alternativa com a sequência correta.

( ) No modo indicativo, o pretérito imperfeito expressa ação passada que se prolonga, o pretérito mais-que-perfeito expressa fato passado anterior a outro que também já é passado, e o pretérito perfeito expressa ação já concluída em época passada.

( ) No período: "Não deixeis para amanhã o que podeis fazer hoje.", os verbos estão, respectivamente, nos modos imperativo e indicativo.

( ) Na frase: "O diretor aborrecia-se sem razão.", o verbo está na voz passiva.

( ) Em "Precisa-se de candidatos aplicados.", tem-se voz ativa.

( ) Em "Não te destruas com álcool, fumo e demais drogas.", constata-se voz reflexiva.
a) V – F – F – V – V
b) V – V – F – V – V
c) F – V – V – F – F
d) F – F – V – F – F

3. (BNB) Em "E há sempre a possibilidade real de crescer no banco e vir a se tornar um sócio.", existe a presença do verbo **vir.**

Assinale a alternativa em que este verbo se encontra no futuro do pretérito.
a) O jovem talentoso vem chegando.
b) O lucro virá no fim do ano.
c) O investimento viera mas perdera-se na burocracia.
d) O cliente será bem atendido se vier negociar com o banco.
e) O sucesso viria se ele se esforçasse um pouco mais.

4. (FGV-SP) Assinale a alternativa que completa corretamente a frase:

_____os documentos que encaminharemos à Prefeitura.

a) Terá de serem formalizados.
b) Terão de ser formalizado.
c) Terá de ser formalizado.
d) Terão de serem formalizados.
e) Terão de ser formalizados.

5. (Fuvest-SP) Dos **verbos** assinalados, só está corretamente empregado o que aparece na frase:

a) A atual administração quer **crescer** a arrecadação do IPTU em 40%.
b) A economia latino-americana se modernizou sem que a estrutura de renda da região **acompanhou** as transformações.
c) Se **fazer** previsões sobre a situação econômica já era difícil antes das eleições, agora ficou ainda mais complicado.
d) A indústria ficará satisfeita só quando vender metade do estoque e **transpor** o obstáculo dos juros.
e) Por mais que os leitores se **apropriam** de um livro, no final, livro e leitor tornam-se uma só coisa.

6. (FGV-SP) Assinale a alternativa que contenha, corretamente, os verbos das orações abaixo no futuro do subjuntivo.

a) Se o menino se entretiver com o cão que passear na rua...
Se não couber na bolsa o frasco que você me emprestar...
b) Se o menino se entreter com o cão que passear na rua...
Se não caber na bolsa o frasco que você me emprestar...
c) Se o menino se entretiver com o cão que passear na rua...
Se não caber na bolsa o frasco que você me emprestar...
d) Se o menino se entreter com o cão que passear na rua...
Se não couber na bolsa o frasco que você me emprestar...
e) Se o menino se entretesse com o cão que passeava na rua...
Se não cabesse na bolsa o frasco que você me emprestasse...

7. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que o particípio sublinhado está corretamente utilizado.

a) O diretor tinha <u>suspenso</u> a edição do jornal antes da publicação da notícia.
b) Lourival tinha <u>chego</u> ao mercado. Marli o esperava próxima da barraca de frutas.
c) O coroinha havia já <u>disperso</u> a multidão que estava em volta da Matriz.
d) A correspondência não foi <u>entregue</u> no escritório.
e) Diogo tinha <u>expulso</u> os índios que cercavam o povoado.

8. (FGV-SP) Na língua portuguesa, às vezes, verbos diferentes assumem a mesma forma verbal. Isso NÃO OCORRE em:

a) Fui, pretérito perfeito do indicativo de ir e de ser.
b) Viemos, pretérito perfeito do indicativo de vir e presente do indicativo de ver.
c) Vimos, pretérito perfeito do indicativo de ver e presente do indicativo de vir.
d) For, futuro do subjuntivo de ir e de ser.
e) Fora, pretérito mais-que-perfeito do indicativo de ir e de ser.

9. (FGV-SP) Examine o termo sublinhado nos períodos abaixo.

• O frasco maior *contém* mais líquido, é evidente.

• O relato da testemunha não *condiz* com os fatos apontados pelos peritos.

• Ele não *intervirá* na questão entre o árbitro e o atleta.

Assinale a alternativa correta a respeito desses verbos, colocados no pretérito perfeito, mas mantida a pessoa gramatical.

a) Conteve, condiria, interveio.
b) Conteu, condizia, interveio.
c) Conteve, condisse, interveio.
d) Conteu, condisse, interviu.
e) Continha, condizeu, interviu.

10. (FGV-SP) Em uma das alternativas abaixo, o verbo está em **desacordo** com a norma culta. Assinale-a.

a) Lastimo que você seja parente dele: não há como evitar a pena e, pior, ela deve ser longa.

b) Caso ele for fazer o trabalho escolar na minha casa, vamos precisar encomendar algo para comer.
c) De qualquer jeito, o professor quer que eu vá à reunião. Diz que minha presença é necessária, não sei por quê.
d) Se ele supuser que os frades estejam na Capela de Santa Filomena, vai perder um tempo imenso.
e) Como Juca permaneceu muito tempo em cada time em que jogou, fazia meses que ele não estreava.

11. (FGV-SP) Em qual das alternativas não há a necessária correlação temporal das formas verbais?
a) A festa aconteceu no mesmo edifício em que transcorrera o passamento de José Mateus, vinte anos antes.
b) Quando Estela descer da carruagem, poderia acontecer-lhe uma desgraça se o cocheiro não dispuser adequadamente o estribo.
c) Tendo visto o pasto verde, o cavalo pôs-se a correr sem que alguém pudesse controlá-lo.
d) Pelo porte, pelo garbo, todos perceberam que Antônio Sé fora militar de alta patente.
e) Se o policial não tivesse intervindo a tempo, teria ocorrido a queda do canhão.

12. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que todos os verbos estejam empregados de acordo com a norma culta.
a) Você quer, depois de tudo o que me fez, que eu vou ao jantar com sua amiga?
b) Não faz isso, que os meninos estão para chegar e eu ainda não preparei o almoço.
c) Tende dó, meus filhos! Todos nós, pecadores, estamos sujeitos a essas tentações. Tende dó!
d) Quem haveria de dizer que ele pode vim fazer esse conserto sem nenhuma dificuldade?
e) Sai, que esse dinheiro é meu. Não me venha dizer que o viu primeiro.

13. (Fuvest-SP) Entre as mensagens abaixo, a única que está de acordo com a norma escrita culta é:
a) Confira as receitas incríveis preparadas para você. Clica aqui!
b) Mostra que você tem bom coração. Contri*bua* para a campanha do agasalho!
c) Cura-te a ti mesmo e seja feliz!
d) Não subestime o consumidor. Venda produtos de boa procedência.
e) Em caso de acidente, não siga viagem. Pede o apoio de um policial.

14. (Unifesp) Há certos verbos cujas flexões se desviam do paradigma de sua conjugação. São considerados, por isso, irregulares. Alguns deles são: dar, estar, fazer, ser e ir. Na estrofe de "O menino da porteira", ocorrem verbos dessa natureza. A alternativa que os contém é:
a) "Toda vez que eu viajava" e "De longe eu avistava".
b) "De longe eu avistava" e "Que corria abri[r] a porteira".
c) "Que corria abri[r] a porteira" e "— Toque o berrante, seu moço,".
d) "Que corria abri[r] a porteira" e "Que é p'ra mim ficá[r] ouvindo".
e) "Depois vinha me pedindo:" e "Que é p'ra mim ficá[r] ouvindo".

15. (Fuvest-SP) Transpondo-se corretamente para a voz **ativa** a oração "para serem instruídos por um astrônomo (...)", obtém-se:
a) para que sejam instruídos por um astrônomo (...).
b) para um astrônomo os instruírem (...).
c) para que um astrônomo lhes instruíssem (...).
d) para um astrônomo instruí-los (...).
e) para que fossem instruídos por um astrônomo (...).

ADVÉRBIO

1. (Fuvest-SP) Na frase "O Sol ainda produzirá energia (...)", o advérbio ainda tem o mesmo sentido que em:
a) Ainda lutando, nada conseguirá.
b) Há ainda outras pessoas envolvidas no caso.
c) Ainda há cinco minutos ela estava aqui.
d) Um dia ele voltará, e ela estará ainda à sua espera.
e) Sei que ainda serás rico.

2. (ITA-SP - adaptado) Geralmente a negação é expressa por meio de advérbios ou locuções adverbiais (não, tampouco, absolutamente, de modo algum, de jeito nenhum). Porém, existem

outras maneiras de negar. Aponte a opção em que, no enunciado, **NÃO** há ideia de negação.

a) Em 76 dos 96 distritos da cidade [de São Paulo], a falta de planejamento adequado aprofundou as desigualdades que eram enormes. (Pesquisa Fapesp, janeiro/2003, n. 83, p. 7.)

b) Metade das pacientes consome o Evista e a outra metade, um placebo. Nenhum dos dois grupos abandonou seus medicamentos habituais para doenças cardiovasculares. (Idem, p. 22.)

c) O que nós temos recomendado, agora, é que o pesquisador não só participe da execução da pesquisa, mas também da sua concepção. (Idem, p. 24.)

d) Esses dados preliminares mostram que dificilmente será possível aumentar de forma significativa – e não predatória – a quantidade de pescado marinho capturado pelo Brasil em sua Zona Econômica Exclusiva (ZEE). (Idem, p. 34)

e) Pesquisadores da Universidade de Oxford, no Reino Unido, constataram que roedores contaminados com o parasita (...) deixam de exibir a aversão natural aos gatos e, em alguns casos, passam a se sentir atraídos pelo odor dos bichanos.

3. (FAAP-SP) Em "... o queixo fugia-lhe pelo rosto, **infinitamente**, ...", o advérbio revela uma figura de linguagem:

a) polissíndeto
b) hipérbole
c) anacoluto
d) prosopopeia
e) silepse

4. (UFCE) Empregando o sufixo ***-mente***, substitua as expressões grifadas por um advérbio, cujo sentido seja equivalente ao da expressão substituída.

a) Pouco a pouco, o poeta aprenderia a partir sem medo.

b) Sem dúvida alguma, a lua nova é mais alegre que a cheia.

c) Ele ganhou um novo quarto e a aurora, ao mesmo tempo.

d) Passou dez anos, sem interrupção, com a janela virada para o pátio.

e) O poeta, por exceção, prefere a lua nova.

5. (PUC-Camp) A alternativa em que o advérbio exprime ideia de intensidade é:

a) A sociedade parece ser pouco sensível.

b) Usuários fazem sempre um pequeno comércio.

c) ... atitude essa centrada, evidentemente, em aspectos repressivos.

d) ... somente penalizando traficantes e usuários.

e) ... duplamente penalizados.

PREPOSIÇÃO

1. (UCDB-MT) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.

Um dos candidatos ___ prefeito de São Paulo informou ___ assessores ___ não receberá os jornalistas.

a) à – os – de que

b) à – os – que

c) a – aos – de que

d) à – os – que

e) a – aos – que

2. (FGV-SP) Observe os termos sublinhados nas seguintes frases:

• Chegou a hora do público se manifestar contra a publicação desse impostor.

• As palmas do público ecoavam pelo teatro, em apoio à proposta de Nabuco.

• Vista do público, a cantora parecia bonita; da coxia, percebia-se que era feia.

Sobre eles, é correto afirmar:

a) Para o segundo exemplo, vários gramáticos recomendam a forma **de o** em lugar de **do**, porque a preposição está regendo o sujeito.

b) Para o terceiro exemplo, vários gramáticos recomendam a forma **de o** em lugar de **do**, porque a preposição está regendo o sujeito.

c) Nos três exemplos, os termos sublinhados exercem a mesma função sintática de adjunto adverbial.

d) No primeiro e no segundo exemplos, os termos sublinhados exercem a mesma função sintática de adjunto adnominal.

e) Para o primeiro exemplo, vários gramáticos recomendam a forma **de o** em lugar de **do**, porque *o público* é sujeito, que não deve ser iniciado por preposição.

3. (Mackenzie-SP) Poder pagar faz parte do projeto, **ao devolver a auto-estima e a dignidade**.

Respeitado o sentido original, assinale a construção que poderia substituir o trecho em destaque.

a) por devolver a auto-estima e a dignidade.
b) se devolver a auto-estima e a dignidade.
c) assim que devolve a auto-estima e a dignidade.
d) apenas se devolver a auto-estima e a dignidade.
e) quando devolvidas a auto-estima e a dignidade.

4. (CEETPS)

"Apesar das conjunturas negativas, superamos obstáculos."

Analise as afirmações a seguir sobre o enunciado em destaque:

I. A expressão "apesar de" presta-se a fazer uma comparação de igualdade, em que os elementos comparados têm igual relevância.
II. A expressão "apesar de" estabelece uma relação de importância relativa do elemento *conjunturas negativas*, em relação a outro, mais importante, *superamos obstáculos*.
III. O texto em destaque poderia ser assim enunciado: Mesmo considerando conjunturas negativas, superamos obstáculos.

A alternativa com todas as afirmações válidas é:

a) apenas I
b) apenas II
c) apenas III
d) apenas I e II
e) apenas II e III

5. (Unifesp) A alternativa em que o uso da preposição em destaque tem função mais estilística do que gramatical é:

a) ... quando estava com ela...
b) Do fruto das árvores do jardim podemos comer.
c) ... e fizeram para si coberturas para os lombos.
d) ... ela começou dizer à mulher...
e) Depois deu também dele a seu esposo...

CRASE

1. (FGV-SP) Assinale a alternativa correta quanto à ocorrência ou não da **crase**.

a) Juliana enviou os papéis **à** Secretaria, que os encaminhou **à** Gerência.
b) Devido **a** morte do pai, deixou de comparecer **à** solenidade.
c) Passaram-se três meses até que Lucas atendesse **à** qualquer cliente.
d) O médico costumava atender de segunda **à** sexta-feira, das 14 **as** 18h.
e) Trouxera **a** mão várias armas, que lançou **as** costas dos inimigos.

2. (PUC-PR) Assinale a alternativa em que o elemento colocado entre parênteses **não** preenche corretamente os pontilhados.

a) Por favor, entrem e fiquem ..... vontade. (à)
b) Ele voltará daqui ..... meia hora. (a)
c) Sentou-se ..... mesa, mas não comeu nada. (à)
d) Dirigiu-se ao quadro-negro e começou ..... escrever. (a)
e) O velho matou o gato ..... pauladas. (à)

3. (UCDB-MT) Assinale a alternativa em que o a deve obrigatoriamente receber o acento grave, indicador de crase.

a) O progresso finalmente chegou **a** essa cidade.
b) A menina perguntou **a** sua mãe se ela gosta de viajar.
c) Pediram **a** Maria que ficasse calma.
d) O professor referia-se **a** aluna que estava ausente.
e) A renda destinava-se **a** associações de caridade.

4. (UCDB-MT) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.

Como ___ anos, sentaram-se todos __ mesa e começaram __ conversar animadamente.

a) a – a – à
b) à – à – a
c) à – à – à
d) há – a – a
e) há – à – a

5. (UCDB-MT) Assinale a alternativa em que o uso da crase é facultativo.

a) A vontade dele era ir à Itália.
b) Comprou móveis à Luís XV.
c) Dei um presente à minha irmã.
d) Assistiram àquela sessão de cinema.
e) Fumar é prejudicial à saúde.

6. (MPO) Indique o item em que, de acordo com as regras gramaticais, o **a** deve receber o acento indicativo de crase.

A visão destes anos 80 mostra uma sociedade cindida de ponta **a** (A) ponta e em cada detalhe da vida social por conflitos heterogêneos, fragmentados, violentos, mobilizantes. Cada movimento destes se faz por conflitos distintos e reconhece **a** (B) si mesmo em espaço político próprio. E o Estado, em cujo espaço institucional se traduzem os efeitos de uma sociedade plural e desigual, formaliza suas reações **a** (C) mobilização social. Nestes tempos turbulentos os governantes imaginaram uma forma de exercício de poder que conciliasse **a** (D) emergência dos novos direitos com os limites autoritários de sua gerência. O Executivo se lança, então, **a** (E) experiências várias de contenção social.

a) A b) B c) C d) D e) E

7. (TTN) Indique a letra em que os termos preenchem corretamente, pela ordem, as lacunas do trecho dado.

Assustada _____ família com os versos em que o via sempre ocupado, foi reclamar ao grande mestre que não o via estudar em casa, ao que lhe foi respondido que _____ sua assiduidade e aplicação ___ aulas nada deixavam ___ desejar. Era o que bastava e daí por diante continuou tranquilo a ler e fazer versos. (*Francisco Venâncio Filho*).

a) a – à – às – a
b) a – a – às – a
c) à – a – as – à
d) à – à – às – a
e) à – a – as – à

CONJUNÇÃO

1. (UFCE) Observe a forma grifada nos períodos abaixo:

I. Havia bichos domésticos, como o Padilha.
II. Como lhes disse, fui guia de cego.

A relação de sentido estabelecida por esta forma é de:

a) comparação nas duas frases.
b) conformidade nas duas frases.
c) comparação apenas em II.
d) conformidade apenas em II.
e) exemplificação nas duas frases.

2. (PUC-PR) Assinale a alternativa em que o termo colocado entre parênteses não substitui com o mesmo sentido o termo sublinhado da frase.

a) Não merecemos nenhum castigo, dado que nada fizemos. (pois que)
b) Ele chegará cedo ao trabalho, salvo se o trânsito o impedir. (a não ser que)
c) Eu não quis ofendê-lo; depois, nem o conhecia direito. (ademais)
d) Resolvemos partir, conquanto tivesse chovido muito à noite. (embora)
e) Você participou da festa; diga-me, pois, o que aconteceu. (contudo)

3. (Puc-Camp) "Talvez o dinheiro pago hoje aos fotógrafos leve-os a cometerem excessos", sugeriu o fotógrafo que inspirou o personagem do filme de Fellini. "Mas não existem justificativas para culpá-los." Fotos de Diana valiam muito porque ela era sucesso de público, e suas aparições eram virtuosas performances para que se tirassem fotos e se tivesse uma história.

As conjunções grifadas expressam ideia, respectivamente, de:

a) conclusão e explicação
b) adição e causa
c) alternância e tempo
d) concessão e consequência
e) contraste e finalidade

4. (AFR-Vunesp) *Os provedores argumentam que não têm de pagar o imposto porque não são, por lei, considerados empresas de telecomunicação,* mas *apenas prestadores de serviço.* (*Veja*, 08/01/97, p. 17)

A conjunção **mas** destacada no texto estabelece entre as orações uma relação de:

a) tempo
b) adição
c) consequência
d) causa
e) oposição

5. (AFR-Vunesp) A alternativa que substitui, correta e respectivamente, as conjunções ou locuções grifadas nos períodos abaixo é:
I. Visto que pretende deixar-nos, preparamos uma festa de despedida.
II. Terá sucesso, contanto que tenha amigos influentes.
III. Casaram-se e viveram felizes, tudo como estava escrito nas estrelas.
IV. Foi transferido, portanto não nos veremos com muita frequência.

a) porque ainda que	mesmo que	segundo
b) como logo	desde que	conforme
c) quando tão logo	caso	segundo
d) salvo se pois	a menos que	conforme
e) pois entretanto	mesmo que	segundo

6. (CPCAR) Assinale a alternativa correta do ponto de vista **morfológico**.
a) Em "Vê-se que o mundo agora é outro", há conjunção subordinativa causal.
b) Em "Este é o poema de que lhe falei outro dia", há conjunção integrante com valor de pronome relativo.
c) Em "João viu-se em perigo", o "se" é partícula de realce.
d) Em "Penso que a paz deve reger a humanidade", há conjunção integrante.

7. (TCU) Escreva, diante de cada texto, o número do item que preenche corretamente a lacuna:
( ) Deve-se entender como 'prestação de serviço', _____ definição insculpida no texto da Lei de Licitações e Contratos (art. 6º, II), a atividade contratada pela Administração com a finalidade de alcançar determinada utilidade de seu interesse.
( ) O dimensionamento da duração dos contratos, previsto no inciso II, do art. 57, da Lei nº 8.666/93, pode e deve ser feito pela Administração sempre com a finalidade de obter maior economicidade, respeitado, _____, o limite máximo de duração em lei fixado (60 meses).
( ) Não possuindo o contrato de transporte aéreo, exigência eventual para a Administração, deve ele observar a regra de duração dos prazos prevista no art. 57, inciso II, da Lei 8.666/93, não estando, _____, a sua duração adstrita à vigência dos respectivos créditos orçamentários.
( ) A contratação de transporte aéreo e a prestação de fornecimento de passagens não possuem a condição de fornecimento, _____ não se pode, nesse negócio, visualizar, como elemento de identificação, o simples ato de emissão do bilhete de passagem, que constitui mera autorização para o uso do meio de transporte.
( ) Para que dúvidas não viessem a subsistir, a título de exemplo, pode-se afirmar que, _____ regido por normas do extinto Decreto-lei nº 2.300/86, o contrato poderia ter a sua duração dimensionada com vistas à obtenção de preços e condições mais vantajosos para a Administração.
( ) Inadimplindo o contratado suas obrigações, a sanção administrativa pertinente lhe deverá ser aplicada, apenas necessitando a Administração _____ disponha o instrumento contratual de previsão do percentual relativo à multa aplicável no caso concreto.
( ) A Lei nº 8.666/93, ao dispor sobre a duração dos contratos, o fez de tal modo que, _____ não haja específica previsão, se o prazo máximo não foi alcançado, terá a Administração a possibilidade legal de realizar o dimensionamento dessa duração, até o limite estabelecido.

(Leon Frejda Szlarowsky, com adaptações)

(1) que	(5) ainda que
(2) já que	(6) embora
(3) consoante	(7) portanto
(4) no entanto	

A sequência numérica correta é:
a) 4, 1, 3, 6, 7, 2, 5
b) 3, 4, 7, 2, 6, 1, 5
c) 5, 3, 1, 6, 7, 2, 4
d) 3, 1, 5, 7, 2, 4, 6
e) 5, 6, 1, 3, 2, 7, 4

8. (Fuvest-SP) Em "Era a flor, e não já da escola, senão de toda a cidade.", a palavra assinalada

pode ser substituída, sem que haja alteração de sentido, por:

a) mas sim.
b) de outro modo.
c) exceto.
d) portanto.
e) ou.

9. (Mackenzie-SP) Assinale a alternativa em que a palavra "como" assume a mesma função que exerce em como fosse trazido à sua presença um pirata.

a) Como você conseguiu chegar até aqui?
b) Como todos podem ver, a situação não é das melhores.
c) Não só leu os livros indicados, como também outros de interesse pessoal.
d) Como não telefonou, resolvi procurá-lo pessoalmente.
e) O arquiteto projetou o jardim exatamente como lhe pediram.

SEMÂNTICA

SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS

1. (CEETPS) "Um dos motivos pelos quais a teoria da sustentabilidade não chega, muitas vezes, à prática é que as atitudes predatórias são muito **arraigadas** nas elites política e empresarial."

Assinale a alternativa que contém **sinônimo** para a palavra destacada no texto:

a) essas atitudes estão **fixadas** nas elites
b) essas atitudes são **deixadas de lado** pelas elites
c) essas atitudes são **rejeitadas** pelas elites
d) essas atitudes são **desaprovadas** pelas elites
e) essas atitudes são **repelidas** pelas elites

2. (AFR-Vunesp) Assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, as lacunas nos enunciados abaixo.

Aguarda-se a _____ do terreno para a construção do prédio.
Para dar conta da tarefa, a equipe precisou _____ a camisa.
Trata-se de quantia _____, que poderá levá-lo à falência.

a) cessão	suar	vultosa
b) sessão	soar	vultuosa
c) seção	suar	vultuosa
d) cessão	soar	vultosa
e) secção	soar	vultuosa

3. (BNB) Assinale a alternativa que apresenta pares de palavras homófonas, homógrafas e parônimas de acordo com a sequência:

a) sela/cela, sede (ê)/sede, lustro/lustre
b) acidente/incidente, conserto/concerto, olho (ô)/olho
c) manga/manga, inapto/inepto, russo/ruço
d) paço/passo, lactante/lactente, caçar/cassar
e) diferir/deferir, cheque/xeque, canto/canto

4. (IME-RJ) Indique a alternativa que completa corretamente a frase abaixo:

"Foram _____ as quantias _____ para a realização da festa, a que compareceram personalidades _____ da cidade."

a) vultosas – dispendidas – iminentes.
b) vultosas – despendidas – eminentes.
c) vultuosas – dispendidas – eminentes.
d) vultuosas – despendidas – iminentes.
e) vultuosas – dispendidas – iminentes.

5. (UCDB-MT) Assinale a alternativa incorreta.

a) absolver = perdoar / absorver = sorver
b) coser = costurar / cozer = cozinhar
c) cerrar = fechar / serrar = cortar
d) cela = arreio / sela = pequeno quarto
e) comprimento = extensão / cumprimento = saudação

6. (BNB) Assinale a alternativa que apresenta o sinônimo da palavra em itálico na oração: "A mudança de diretrizes dos bancos de investimento é digna de *encômios*".

a) alegrias
b) elogios
c) tristezas
d) cuidados
e) críticas

7. (FGV-SP) Assinale a alternativa correta quanto à relação grafia/significado.
a) Para sonhar, basta serrar os olhos.
b) Receba meus comprimentos por seu aniversário.
c) A secretária agiu com muita discrição.
d) Seus gastos foram vultuosos.
e) Tinha ainda conhecimentos insipientes de Matemática.

8. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que, pelo sentido, o vocábulo sublinhado esteja mal utilizado:
a) A classificação era sempre dicotômica: homens e mulheres, adultos e crianças, vertebrados e invertebrados.
b) Uma parcela da população – o seguimento das pessoas idosas – será explorada nos próximos anos.
c) A inflação continuava, mas seu incremento era cada vez menor.
d) Na orla marítima, as residências de verão seguiam cada vez mais caras.
e) O termo refere-se à relação entre um estado subjacente de uma pessoa e seu comportamento manifesto.

9. (Fuvest-SP)

CONTRA A MARÉ

A tribo dos que preferem ficar à margem da corrida dos bits e bytes não é minguada. Mas são os renitentes que fazem a tecnologia ficar mais fácil.

Nesta nota jornalística, a expressão "contra a maré" liga-se, quanto ao sentido que ela aí assume, à palavra:
a) tribo.
b) minguada.
c) renitentes.
d) tecnologia.
e) fácil.

10. (CPCAR) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas abaixo.

O motorista_____ ultrapassou o sinal vermelho, atrapalhando o _____ da avenida. O guarda de trânsito lhe _____ uma rigorosa multa.
a) despercebido – tráfico – infringiu
b) desapercebido – tráfico – infligiu
c) desapercebido – tráfego – infringiu
d) despercebido – tráfego – infligiu

SINTAXE

PREDICAÇÃO VERBAL

1. (CPCAR) Leia as frases abaixo
I – "O ser que é ser transforma tudo em flores."
II – "Fica sereno, num sorriso justo."
III – "Enquanto tudo em derredor oscila."
IV – "Quando rimos, rimos com o corpo todo."
Quanto à regência dos verbos acima, pode-se dizer que
a) ***transformar*** e ***ficar*** são transitivos.
b) ***ser***, ***ficar*** e ***rir*** são de ligação.
c) ***oscilar*** e ***rir*** são intransitivos.
d) ***transformar*** e ***rir*** são transitivos diretos e indiretos.

2. (PUC-SP) Na relação entre termos regentes e termos regidos, há verbos transitivos que necessitam de uma preposição para estabelecer um nexo de dependência sintético-semântica entre as palavras. Assinale a alternativa que apresenta verbo transitivo indireto.
a) "... difundindo-se por todas as camadas sociais e irradiando-se do privado para o público."
b) "... voltada para o mercado interno..."
c) "Apenas no domínio público encontrava alguma rivalidade do português."
d) "São Paulo colonial esteve, até certo ponto, à margem da economia de exportação."
e) "... como Luíza Esteves, que em 1636 precisou de um intérprete para dialogar com o juiz de órfãos..."

3. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que, pelo menos, um verbo esteja sendo usado como transitivo direto.
a) Dependeu o coveiro de alguém que rezasse.

b) Oremos, irmãos!
c) Chega o primeiro raio da manhã.
d) Loureiro escolheu-nos como padrinhos.
e) Contava com o auxílio de Marina para cuidar do evento.

4. (UFPI) Em qual das alternativas **não** há verbo de ligação?
a) "O que está em jogo..."
b) "... mas os resultados não foram equivalentes."
c) "... o ministro está convicto..."
d) "... o líder tucano estava mal-informado"
e) "As declarações parecem viáveis."

5. (UFRJ) A alternativa em que está correta a classificação do verbo ***dar*** quanto à predicação é:
a) Dei com os dois velhos sentados. (transitivo direto)
b) Os jornais não deram a notícia. (transitivo indireto)
c) O relógio deu onze horas. (transitivo direto e indireto)
d) Quem dá aos pobres empresta a Deus. (intransitivo)
e) Esse dinheiro não dá. (intransitivo.)

TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO

1. (UFU-MG) Assinale a única alternativa em que a palavra em destaque não está determinando o **sujeito**.
a) "Achei-o um pouco **abatido**. Mais magro". (G. Rosa)
b) "E a enchente crescia. O caudal, **barrento**, oscilava aos golpes..." (G. Rosa)
c) "João do Quintiliano saiu **furioso**." (G. Rosa)
d) "... fitou-me com um olhar novo, quase prometedor. Fiquei **sério**." (G. Rosa)
e) "O caixeiro-viajante sairá **assombrado**. (J. Amado)

2. (UCDB-MT) "A frequência com que se desmontam boas comissões técnicas em função das meras preferências pessoais do treinador é assustadora." (Juca Kfouri)
O sujeito do verbo **desmontar** é:
a) boas comissões técnicas
b) a frequência
c) preferências profissionais
d) indeterminado
e) inexistente

3. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que o pronome você exerça a função de sujeito do verbo sublinhado.
a) Cabe a você alcançar aquela peça do maleiro.
b) Não enchas o balão de ar, pois ele pode ser levado pelo vento.
c) Ao chegar, vi você perambulando pelo shopping center da Mooca.
d) Ei, você, posso entrar por esta rua?
e) Na Estação Trianon-Masp desceu a Angelina; na Consolação, desceu você.

4. (UFRN) Considerando a oração *que se destaquem também as desigualdades étnicas*, marque a opção correta:
a) O verbo está no plural para concordar com a expressão *as desigualdades étnicas*.
b) O verbo encontra-se na 3ª pessoa do plural porque o sujeito é indeterminado.
c) A expressão *as desigualdades étnicas* exerce função sintática de objeto direto.
d) O vocábulo *étnicas* exerce função sintática de complemento nominal.

TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO

1. (UCDB-MT) Assinale a alternativa em que o pronome nos tem a função de objeto direto.
a) Os diretores escutaram-nos atentamente.
b) Custou-nos aceitar a proposta.
c) Escreveram-nos uma longa carta.
d) O estagiário obedeceu-nos sem reclamar.
e) Deram-nos uma boa notícia.

2. (UEPA) Assinale a alternativa em que o pronome **lhe** não foi empregado na função de objeto indireto.
a) "Trago-lhe o grande homem que há de ser, disse ele ao reitor."
b) "Ela manda chamar meu padrinho, diz-lhe que quer que eu saia do seminário..."
c) "Já lhe digo, não pratiquei nenhum crime, isso juro."
d) "Afinal Damião contou tudo, o desgosto que lhe dava o seminário."
e) "Damião viu-se perdido... beijou-lhe as mãos, desesperado."

3. (CPCAR) Analisando o período "O senhor já pensou em usar lentes de contato, senhor Van Gogh?", é correto afirmar que

a) a oração "***em usar lentes de contato***" funciona como objeto indireto do verbo ***pensar***.
b) ele é constituído de uma oração absoluta, portanto, pode ser considerado uma frase.
c) o núcleo do objeto direto do verbo ***usar*** é o vocábulo ***lentes***, cujo complemento nominal é a expressão ***de contato***.
d) a expressão ***senhor Van Gogh*** tem função de aposto; pode, por isso, ser eliminada da frase sem prejuízo ao sentido.

4. (UFRN) Assinale a opção na qual a parte destacada equivale, sintaticamente, ao pronome LHE:
a) O analfabetismo entre os brancos desceu à taxa bastante acentuada, segundo dados do IBGE.
b) O censo forneceu à pesquisadora do IBGE subsídios para desmistificar a democracia racial.
c) O convívio pouco hostil entre brancos e negros mascara a discrepância socioeconômica entre os dois grupos.
d) O cruzamento dos dados do último censo do IBGE mostra a suposta divisão igualitária entre brancos e negros.

5. (FGV-SP) Em cada uma das alternativas abaixo, está sublinhado um termo iniciado por preposição. Assinale a alternativa em que esse termo **não é objeto indireto**.
a) O rapaz aludiu *às histórias passadas*, quando nossa bela Eugênia ainda era praticamente uma criança.
b) Quando voltei da Romênia, o Brasil todo assistia *à novela* da Globo, todos os dias.
c) Quem disse *a Joaquina* que as batatas deveriam cozer-se devagar?
d) Com a aterrissagem, o aviador logo transmitiu *ao público* a melhor das impressões.
e) Foi fiel *à lei* durante todos os anos que passou nos Açores.

6. (PUC-PR) Observe a frase que segue:

"Não posso lhe garantir que todos estarão presentes à sua festa de formatura."

Do enunciado acima, pode-se afirmar que a parte sublinhada desempenha a função de:
a) sujeito de **posso**
b) objeto direto de **posso**
c) objeto indireto de **posso**
d) objeto direto de **garantir**
e) objeto indireto de **garantir**

7. (BNB) Em "A dedicação ao trabalho ***te*** enche de glória e ***te*** faz ***vencedor***", as palavras em itálico são respectivamente:
a) objeto direto, objeto indireto, objeto direto
b) objeto indireto, objeto indireto, predicativo do sujeito
c) adjunto adnominal, adjunto adnominal, objeto direto
d) objeto direto, objeto direto, predicativo do objeto
e) predicativo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto

TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO

1. (Unirio-RJ) Em "Passamos então nós dois, privilegiadas criaturas, a regalar-nos com a mesa...", a função sintática do termo sublinhado é:
a) sujeito
b) objeto direto
c) aposto
d) adjunto adverbial
e) vocativo

2. (Unifor-CE) Ela fugiu durante a invasão das tropas alemãs.

A função sintática do termo sublinhado na frase acima é a mesma do que vem sublinhado em:
a) A menina voltou feliz do internato.
b) Um galo sozinho não tece uma manhã.
c) Fiquei contrariada com a sua resposta.
d) Sua mãe não me parece bem.
e) Os ingleses desocuparam a vila.

3. (CETEF-MG) Em: "Em pequena, Virgínia vira uma sala repleta de móveis onde havia uma estante com livros encadernados de dourado e preto.", os termos destacados têm a função sintática de:
a) complemento nominal e objeto indireto
b) adjunto adverbial e adjunto adnominal
c) adjunto adverbial e complemento nominal

d) adjunto adnominal e complemento nominal

e) complemento nominal e adjunto adnominal

4. (UniFEI-SP) Resolva as questões a seguir conforme o código que segue:

a) adjunto adverbial de lugar

b) adjunto adverbial de tempo

c) adjunto adverbial de modo

d) adjunto adverbial de causa

I – **Segunda-feira** haverá um jogo importante.

II – **Com o mau tempo** não podemos trabalhar ao relento.

III – O livro foi acolhido **com entusiasmo** pelos leitores.

IV – O automóvel parou **perto do rio**.

5. (UECE) Ocorre vocativo em:

a) "Então, senhora linha, ainda teima..."

b) "Entre os dedos dele, unidinha a eles, furando abaixo e acima..."

c) "A senhora não é alfinete, é agulha."

d) "Mas você é orgulhosa."

PERÍODO COMPOSTO

1. (FGV-SP) Observe os períodos abaixo, diferentes quanto **à pontuação**.

- Adoeci logo; não me tratei.
- Adoeci; logo não me tratei.

A observação atenta desses períodos permite dizer que:

a) No primeiro, **logo** é um advérbio de tempo; no segundo, uma conjunção causal.

b) No primeiro, **logo** é uma palavra invariável; no segundo, uma palavra variável.

c) No primeiro, as orações estão coordenadas sem a presença de conjunção; na segunda, com a presença de uma conjunção conclusiva.

d) No primeiro, as orações estão coordenadas com a presença de conjunção; na segunda, sem conjunção alguma.

e) No primeiro, a segunda oração indica alternância; no segundo, a segunda oração indica a consequência.

2. (Unifesp) A frase "Contudo, não a minha vontade, mas a tua seja feita!" contém dois conectivos adversativos. O conectivo mas estabelece coesão entre a oração "a tua [vontade] seja feita" e a oração "não [seja feita] a minha vontade." O conectivo contudo estabelece coesão entre:

a) a oração implícita *[se não queres]* e a oração *não [seja feita] a minha vontade*.

b) a oração *se queres* e a oração *não [seja feita] a minha vontade*.

c) a oração *afasta de mim este cálice!* e a oração *a tua [vontade] seja feita*.

d) a oração implícita *[se não queres]* e a oração *a tua [vontade] seja feita*.

e) a oração *a tua [vontade] seja feita* e a oração *não [seja feita] a minha vontade*.

3. (AFR-VUNESP) Assinale a alternativa em que as orações grifadas nos períodos I e II desempenham a mesma função sintática. (Trechos de *A hora da estrela*, de Clarice Lispector.)

a) I - Não sei se estava tuberculosa, acho que não.

II - Se é pobre, não estará me lendo porque ler-me é supérfluo...

b) I - A moça um dia viu num botequim um homem tão, tão, tão bonito que – que queria tê-lo em casa.

II - Encontra-se comigo próprio era um bem que ela até então não conhecia.

c) I - E minha vida (...) responde que devo lutar com quem se agora, mesmo que eu morra depois.

II - Cristo tinha sido além de santo um homem como ele, embora sem dente de ouro.

d) I - Nunca se perguntara por que colocava a barra embaixo.

II - Eu só não digo palavrões grossos porque você é moça donzela.

e) I - Sei que há moças que vendem o corpo, única posse real, em troca de um bom jantar em vez de um sanduíche de mortadela.

II - Depois que Olímpico a despediu, já que ela não era uma pessoa triste, procurou continuar.

4. (CPCAR) As orações destacadas dos versos de Bocage podem ter a função de substantivo (**1**) ou adjetivo (**2**). Assinale a alternativa que apresenta a correlação **incorreta**.

a) "Envergonha-te ao menos
De seres só feliz quando o permite **(1)**
O teu rival soberbo "Que doçura! Que encanto!
Este som faz ***que em êxtase me sinta***!... **(1)**
É verdade, é verdade: os anjos ouço..."

b) "À cândida Filena estar unido
Julgastes ***que um pastor não merecia***: **(2)**
A mais doce prisão de Amor partistes."

c) "Na mente vos observo: ei-lo a teu lado
implorando ao Senhor, ***que os maus flagela***, **(2)**
Perdão para o seu povo alucinado"

5. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que a oração sublinhada funciona como sujeito do verbo da oração principal.
a) Não queria que José fizesse nenhum mal ao garoto.
b) Não interessa se o trem solta fumaça ou não.
c) As principais ações dependiam de que os componentes do grupo tomassem a iniciativa.
d) Era uma vez um sapo que não comia moscas.
e) Nossas esperanças eram que a viatura pudesse voltar a tempo de sair atrás do bandido.

6. (UCDB-MT) Em "Eu esperava que me apoiasses", a oração em destaque pode ser substituída por:
a) o seu apoio
b) apoio deles
c) o vosso apoio
d) o apoio de vocês
e) o teu apoio

7. (PUC-PR) Observe a parte em destaque de cada período:
1- Bem marcado, Ronaldinho não tem uma boa atuação.
2- Como chegou atrasado, não conseguiu acompanhar a discussão.
3- Tem um domínio de bola como ninguém.
4- Se bem que quisesse a verdade, ninguém acreditou.
5- Choveu tanto, que não foi possível realizar o jogo.

A parte em destaque de cada período mantém com a outra parte, na ordem, uma relação significativa de:
a) Condição, causa, comparação, concessão, consequência.
b) Causa, causa, comparação, causa, consequência.
c) Causa, causa, comparação, causa, consequência.
d) Causa, causa, conformação, concessão, consequência.
e) Causa, causa, causa, causa, causa.

8. (UCDB-MT) No período "Embora fosse bom jogador, não ganharia o prêmio.", a conjunção destacada dá ideia de:
a) temporalidade
b) proporção
c) concessão
d) fim
e) causa

9. (PUC-Camp) Há uma oração subordinada adverbial causal em:
a) Mas não existem justificativas para culpá-los.
b) Fotos de Diana valiam muito porque ela era sucesso de público, e suas aparições eram virtuosas performances para que se tirassem fotos e se tivesse uma história.
c) Há poucos meses, alguns paparazzi se tornaram objeto das lentes dos colegas, quando o foco das investigações sobre a causa do acidente que matou a princesa de Gales virou contra eles.
d) Se o motorista tivesse respeitado o limite de velocidade, a tragédia teria sido evitada.
e) Mas não serve para fazer justiça quando se sabe que ao volante havia um motorista embriagado e irresponsável.

ORAÇÕES REDUZIDAS

1. (UCDB-MT) "Não se trata aqui de imputar tais práticas a este ou àquele treinador." A oração em destaque é classificada como:
a) subordinada substantiva objetiva indireta reduzida de particípio
b) subordinada substantiva completiva nominal reduzida de infinitivo

c) subordinada substantiva objetiva indireta reduzida de infinitivo

d) subordinada adverbial concessiva reduzida de infinitivo

e) subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio

2. (Unifor-CE) Se fizermos uma comparação com os índios, poderemos dizer que os civilizados são uma sociedade sofrida.

Assinale a alternativa em que as orações do texto, grifadas na frase acima, estão corretamente transformadas em orações reduzidas.

a) Caso fizermos uma comparação ... serem os civilizados...

b) Quando se faz uma comparação ... sejam os civilizados...

c) Feita uma comparação ... sejam os civilizados...

d) Fazendo uma comparação ... sejam os civilizados...

e) Fazendo uma comparação ... serem os civilizados...

3. (FGV-SP) Observe, nos seguintes períodos, as orações que contêm verbo no gerúndio:

• Estando as meninas em Araxá, foi Ronaldo ter com elas.

• Sendo o aluno um jovem estudioso, deverá facilmente obter aprovação.

• Sendo brasileiro o advogado, poderei atendê-lo; caso contrário, não.

Essas orações são subordinadas adverbiais. Assinale a alternativa que indique respectivamente a circunstância de cada uma.

Leve em conta que a oração pode indicar mais de uma circunstância.

a) Causa, causa, consequência.

b) Tempo, causa, finalidade.

c) Consequência, concessão, finalidade.

d) Tempo, causa, condição.

e) Condição, finalidade, tempo.

4. (Fatec) Há orações reduzidas que podem ser desenvolvidas em oração adjetiva. Aponte a alternativa em que isto ocorre.

a) Eram cadáveres a se erguerem nos túmulos.

b) Volte aqui, chegando a hora.

c) A solução era esperarmos.

d) Estaríamos prontos, chegada a hora.

e) n.d.a.

SINTAXE DE CONCORDÂNCIA

1. (UCDB-MT) Das frases abaixo, a única inteiramente de acordo com as normas gramaticais é:

a) Devem haver outra razões para ele ter desistido.

b) A apuração dos votos vai continuar até a madrugada.

c) Pode existir muitos problemas na diretoria da empresa.

d) Vão fazer três meses que ela não o procura.

e) Houveram surpresas na reunião de ontem.

2. (Carlos Chagas-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente os espaços:

Talvez _____ ainda peças sem lubrificação, mas não _____ existir mais defeitos mecânicos, pois o carro está rodando sem problemas já _____ três dias.

a) hajam – devem – fazem

b) hajam – devem – faz

c) haja – deve – faz

d) haja – deve – fazem

e) haja – devem – faz

3. (IME-RJ) Aponte a alternativa correta:

a) É preciso coragem.

b) Antônio ou João será o presidente.

c) E isso eram trevas da noite.

d) Hoje são trinta de julho.

e) Todas estão corretas.

4. (IME-RJ) Complete os espaços em branco com a opção correta:

Ainda _____ furiosa, mas com _____ violência, proferia injúrias _____ para escandalizar os mais arrojados.

a) meia – menas – bastantes

b) meia – menos – bastante

c) meio – menos – bastante

d) meio – menos – bastantes

e) meio – menas – bastantes

5. (CPCAR) Quanto à **concordância verbal**, analise as frases:

I – A maioria dos doentes melhoram quando riem.

II – Devem haver boas comédias.

III – Fazem algumas semanas, *Veja* presenciou o trabalho de dois médicos.

IV – Afasta-se doenças com humor.

V – Apenas 8% dos risonhos tiveram recorrência de infarto.

Estão corretas somente:

a) I e V.

b) I e II.

c) II e III.

d) III, IV e V.

6. (PUC-SP) O trecho "... os dois permanecemos trancados durante toda a viagem que realizamos juntos,..." apresenta, quanto à concordância verbal:

a) respectivamente, silepse ou concordância ideológica e indicação do sujeito pela flexão verbal.

b) em ambos os casos, indicação do sujeito apenas pela flexão verbal.

c) em ambos os casos, concordância ideológica ou silepse.

d) respectivamente, concordância ideológica e silepse.

e) respectivamente, indicação do sujeito pela flexão verbal e silepse ou concordância ideológica.

SINTAXE DE REGÊNCIA

1. (IME-RJ) Assinale a frase correta:

a) Nem todas visavam aquele diploma.

b) Não lhe julgava capaz de tal coisa.

c) Beberás de nosso leite, comerás de nosso pão e partirás quando te aprouver.

d) Quando lhe ver, peça-lhe dinheiro.

e) Não nos foi possível assistir o desfile militar.

2. (IME-RJ) Marque com um X a opção cuja regência verbal está incorreta:

a) No século XVI, muitos negros preferiram mais a morte do que a escravidão.

b) Informem-no de que não venha.

c) A garotada prefere à ginástica o jogo livre.

d) Informe-lhe de que não venha.

e) O jogador visou o ângulo esquerdo da meta.

3. (UCDB-MT) Desobedeceu ao pai e assistiu ao filme. Substituindo os termos em negrito por pronomes, tem-se:

a) Desobedeceu-lhe e assistiu a ele.

b) Desobedeceu-lhe e assistiu-lhe.

c) Desobedeceu-o e assistiu-o.

d) Desobedeceu-o e assistiu-lhe.

e) Desobedeceu-o e assistiu a ele.

4. (CPCAR) Assinale a alternativa em que a oração foi redigida de acordo com a norma culta.

a) A abstinência é um sacrifício a que não dou a menor importância.

b) Sofreu um incidente numa de suas viagens diárias à Petrópolis e correu sério risco de morte. Quando entrou no hospital, seu estado de saúde era mal.

c) Eu sou de menor, respondeu a menina assustada ao policial.

d) Ontem à noite, fui ao teatro.

e) Esse é o programa que eu mais gosto.

5. (CPCAR) Leia com atenção esta frase: "Eles foram divididos em dois grupos, dos quais um era obrigado a assistir meia hora por dia a uma comédia televisiva..."

Assinale a alternativa em que o verbo ***assistir*** foi empregado com a mesma relação semântica do trecho acima.

a) Assisti o aluno atentamente.

b) Não lhe assiste esse direito.

c) Quem assistirá o presidente?

d) Assistimos ao jogo impacientemente.

6. (CPCAR) Complete as lacunas de acordo com as normas de **regência.**

"Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai, _____ porta do Ateneu. Coragem para a luta.

O menino, inocente, acostumado _____ _____ afagos domésticos, vai a partir daí conviver com uma realidade incompatível _____ _____ sua."

A sequência correta é
a) à – aos – com a
b) a – com os – da
c) na – nos – à
d) diante da – dos – a

7. (UCDB-MT) Assinale a alternativa gramaticalmente correta.
a) Ele chegou atrasado na reunião.
b) Ele entrou e saiu da sala em segundos.
c) Ele mandou eu ir embora de casa.
d) Ele prefere mais cinema do que teatro.
e) Ele visou o alvo e atirou.

8. (FGV-SP) Assinale a alternativa que NÃO OBEDECE à norma culta em relação à REGÊNCIA.
a) Constava que o maestro, nos momentos em que mais dependia dos violinos, tinha um tique nervoso que denunciava sua preocupação.
b) As normas a que todos obedeciam chamavam-se Gerais. As Especiais eram aquelas a que poucos obedeciam.
c) Na história da cantora, desde criança, várias vezes apareciam referências a ela ser a menina que ninguém na escola gostava.
d) O salário que eles recebiam num mês mal dava para cobrir as despesas básicas da família. Costumava-se dizer que sobrava mês no final do salário.
e) Tinha esperanças de que o mensageiro trouxesse brevemente as notícias de que mais precisava.

SINTAXE DE COLOCAÇÃO

1. (PUC-MG) De acordo com o padrão culto escrito, assinale a opção em que o pronome destacado pode colocar-se depois do verbo grifado:
a) "(...) e, bem ordinária, **me** traz um estremecimento de colegial."
b) "Nessa altura, as minhas pernas tinham **me** levado pro mundo da lua."
c) "(...) aposentado é quem **se** recolhe aos aposentos."
d) "Há de ver que ali estavam lado a lado duas almas que **se** procuram."
e) "(...) e, distraídas, disso não **se** deram conta."

2. (PUC-MG) Assinale a opção em que, segundo as regras da norma culta escrita, é possível outra colocação para o pronome em destaque.
a) "Qualquer carta de amor, não importa o que **se** encontre nela escrito, só fala (...)".
b) "Se há outras pessoas na casa, ela **as** deixou."
c) "Falta-**lhe** o ingrediente essencial da palavra que é dita sem esperar resposta."
d) "Que **lhe** importa a cadeira?"
e) "Num telefonema a gente nunca diz aquilo que **se** diria numa carta."

3. (UCDB-MT) Assinale a alternativa em que os pronomes oblíquos átonos estão colocados na oração de acordo com a norma culta.
a) Disseram-me para que chegasse na hora marcada.
b) Me empresta um pouco o seu livro?
c) Tinha iniciado-se a apuração dos fatos.
d) A reunião que realizar-se-á amanhã será muito importante.
e) Não diga-lhes nada por enquanto.

4. (Puc-Camp) A frase em que a colocação pronominal está adequada à norma culta é:
a) Guardarei-lhe o lugar até que ele chegue.
b) Tentei o avisar do perigo, mas ele nem considerou-me as palavras.
c) Me empresta o seu lápis?
d) Seu livro está aqui, eu não coloquei-o na estante porque não sei seu lugar.
e) Eu lhe recomendaria esse livro se você gostasse de contos fantásticos.

5. (FGV-SP) Observe a ocorrência da mesóclise nos seguintes exemplos:

– veremos + o = vê-lo-emos;

– faríamos + os = fá-los-íamos;

– veríamos + a = vê-la-íamos.

Assinale abaixo a alternativa em que a mesóclise ocorre de acordo com a norma culta.
a) Fa-los-ei.
b) Entende-los-ás.
c) Partí-las-ás.
d) Integrá-las-eis.
e) Intui-las-emos.

6. (UFPI) Assinale a alternativa que avalia corretamente a regra "Nunca inicie frase com o pronome oblíquo".
a) Está correta, mas os escritores não a obedecem nunca.
b) É uma regra ultrapassada, que ninguém mais adota.
c) É uma regra que só se aplica à linguagem escrita.
d) No uso coloquial, é comum dispensar-se essa regra.
e) Aplica-se somente em situações da fala muito informais.

ESTILÍSTICA

FIGURAS DE LINGUAGEM

1. (CPCAR) Assinale a alternativa em que predomina a **linguagem metafórica**.
a) "Fica sereno, num sorriso justo,
Enquanto tudo em derredor oscila."
b) "A medicina agora está estudando a importância do bom humor e dos sentimentos positivos na prevenção e no tratamento de moléstias."
c) "O resultado foi surpreendente: os que foram submetidos às sessões de risadas sofreram menos episódios de arritmia..."
d) "A equipe do doutor Berk acompanhou durante um ano 100 homens que já haviam enfartado..."

2. (UFPA) O trecho em que a decadência do jogo do bicho está expressa por metáfora é:
a) "Corria o carnaval de 1993, o último ano de ouro vivido por esse bicheiro elegante."
b) "Passados dois meses de sua morte, o jogo do bicho enfrenta uma crise sem precedentes."
c) "Seus líderes perdem dinheiro sem parar."
d) "Os sorrisos fenecem nos lábios dos contraventores. Eles sabem, mais do que ninguém, que o bicho está anêmico."
e) "Já vai longe o tempo em que a contravenção empregava tanta gente quanto a indústria naval no Rio de Janeiro."

3. (UCDB-MT) Em "Minha vida era um palco iluminado", encontra-se a seguinte figura de linguagem:
a) polissíndeto
b) metonímia
c) catacrese
d) metáfora
e) antonomásia

4. (UCDB-MT) Em *"Esperando, parada, pregada na pedra do porto"*, nota-se a repetição dos mesmos sons consonantais. Essa figura de construção é conhecida como:
a) aliteração
b) polissíndeto
c) metonímia
d) onomatopeia
e) eufemismo

5. (UFV-MG) *Viae Sion lugent, eo quod non sint venant ad solemnitatem*, isto é, "os caminhos de Sião choram porque não há quem venha às suas festas". Existe aí uma figura de linguagem que consiste em atribuir a um ser inanimado característica de ser humano, chamada *personificação*. Assinale a opção em que ocorre o uso dessa figura.
a) "... despojados assim os templos, derrubados os altares, acabar-se-á no Brasil a cristandade católica..."
b) "... acabar-se-á o culto divino..."
c) "Chorarão as pedras das ruas, como diz Jeremias que choravam as de Jerusalém destruída."
d) "... passará a Quaresma e a Semana Santa, e não se celebrarão os mistérios da vossa Paixão."
e) "Passará um dia de Natal, e não haverá memória do vosso nascimento..."

6. (Fuvest-SP) Na frase "(...) data da nossa independência política, e do meu primeiro cativeiro pessoal", ocorre o mesmo recurso expressivo de natureza semântica que em:

a) Meu coração/ Não sei por que/ Bate feliz, quando te vê.
b) Há tanta vida lá fora,/ Aqui dentro, sempre,/ Como uma onda no mar.
c) Brasil, meu Brasil brasileiro,/ Meu mulato inzoneiro,/ Vou cantar-te nos meus versos.
d) Se lembra da fogueira,/ Se lembra dos balões,/ Se lembra dos luares, dos sertões?
e) Meu bem querer/ É segredo, é sagrado,/ Está sacramentado/ Em meu coração.

7. (Unifesp) Entre as figuras de sintaxe, como recursos que um autor emprega para obter maior expressividade, existe a zeugma. Uma das formas de elipse, a zeugma consiste na supressão de um vocábulo, já enunciado em frase anterior, por estar subentendido.

No poema de Gonçalves Dias, ocorre zeugma apenas em:
a) Sem qu'inda aviste as palmeiras.
b) Em cismar, sozinho, à noite.
c) As aves, que aqui gorjeiam.
d) Nossa vida mais amores.
e) Nosso céu tem mais estrelas.

8. (ITA-SP) Relacione as colunas e, a seguir, assinale a opção correspondente.

(1) Aliteração	(5) Hipérbato
(2) Anacoluto	(6) Metáfora
(3) Sinestesia	(7) Hipérbole
(4) Metonímia	(8) Prosopopeia

I. Esses políticos de hoje a gente não deve confiar na maioria deles.
II. Ao longe, avistava-se o grito ruidoso dos retirantes.
III. "E flui, fluente, frouxa claridade/ flutua como as brumas de um letargo..."
a) I- 5, II- 4, III- 2
b) I- 7, II- 6, III- 5
c) I- 7, II- 8, III- 3
d) I- 2, II- 3, III- 1
e) I- 5, II- 2, III- 4

9. (Casper Líbero-SP) Leia o fragmento de texto abaixo:

"O livro, localizei-o pela internet num antiquário orientalístico de Leyden, na Holanda. Uma demonstração assim de que as lições do império mongol acerca da centralidade das redes de comunicação foram, se bem que com atraso, devidamente assimiladas". (Nelson Ascher, *Folha de S.Paulo*, 23/11/2002)
Assinale a alternativa que corresponda à figura de construção (ou de sintaxe) empregada na frase "O livro, localizei-o pela internet":
a) silepse.
b) anáfora.
c) elipse.
d) polissíndeto.
e) anacoluto.

10. (Ufal) Está incorreta a classificação de figura de linguagem da frase:
a) Choravam as águas do rio, a caminho do mar. PERSONIFICAÇÃO
b) Ele entregou a alma ao Criador. EUFEMISMO
c) Já li esse poema inteirinho. METÁFORA
d) Suas lágrimas inundaram o quarto. HIPÉRBOLE
e) – Venho pedir-lhe a mão de sua filha. METONÍMIA.

VÍCIOS DE LINGUAGEM

1. (Fuvest-SP) Assinale a correta:
a) "Este é o problema para mim resolver."
b) "Vou por ele ao par dos problemas que me referi em nossa conversa de ontem."
c) "O aluno convenceu-se de que as questões do exame estavam no nível dos seus conhecimentos."
d) "Todos aguardavam anciosamente o resultado."
e) "Certo de que nada de grave ouve entre eu e ele, resolvi telefonar-lhe hoje."

2. (ITA-2004) Assinale a opção em que a ambiguidade ou o efeito cômico **NÃO** decorre da ordem dos termos.
a) O estudo analisou, por 16 anos, hábitos como caminhar e subir escadas de homens com idade média de 58 anos. (Equilíbrio. *Folha de S.Paulo*, 19/10/2000)
b) Andando pela zona rural do litoral norte, facilmente se encontram casas de veraneio e moradores de alto padrão. (*Folha de S. Paulo*, 26/01/2003)
c) Atendimento preferencial para: idosos, gestantes, deficientes, crianças de colo (Placa sobre um dos caixas de um banco.)

d) Temos vaga para rapaz com refeição (Placa em frente a uma casa em Campinas, SP.)
e) Detido acusado de furtos de processos (*Folha de S. Paulo*, 8/7/2000).

3. (UFSC) Assinale a(s) proposição(ões) em que a frase "B" elimina os desvios da norma culta apresentados pela frase "A":
01. a) *Durmas* bem com os anjos, mas sonhe comigo.
b) *Durma* bem com os anjos, mas sonhe comigo.
02. a) Minha querida, estava mesmo precisando falar *consigo*.
b) Minha querida, estava mesmo precisando falar *com você*.
03. a) Em setembro houve a primeira chuva do ano *onde* pudemos iniciar o plantio de feijão.
b) Em setembro houve a primeira chuva do ano *na qual* pudemos iniciar o plantio de feijão.
04. a) Convém dormir *afim* de recuperar energias.
b) Convém dormir bem *a fim* de recuperar as energias.
05. a) Ficou irritado porque *lhe* impediram de entrar na secretaria.
b) Ficou irritado porque *o* impediram de entrar na secretaria.

4. (UFSC) Assinale a(s) frase(s) ambígua(s), isto é, as que têm duplo sentido.
01. Num tribunal, a testemunha afirmou: "Eu vi o desmoronamento do barracão."
02. Veja seu filho na televisão revelando fotos na BellaFoto.
04. Peguei o ônibus correndo.
08. O policial deteve o ladrão em sua casa.
16. Os políticos falam da reunião no Canal 2.
32. Aconteceu o que parecia improvável há três anos.

5. (AFR-Vunesp) Não há impropriedade vocabular ou erro de grafia apenas na alternativa:
a) O equipamento que por ventura não estiver condicionado em embalagens resistentes deverá ser reembalado.
b) Há um subitem da norma que não está sendo considerado, e tampouco é conhecido.
c) Um bom profissional não deve exitar em usar seus conhecimentos para solucionar os problemas de sessão em que trabalha na empresa.
d) Ninguém está autorizado a distratar um colega ou cliente; deve-se grangrear-lhes a confiança.
e) Os casos de usocapião estão sendo tratados diretamente pelo sub-diretor da assessoria jurídica, que é um proeminente jurista.

6. (AFR-Vunesp) Em cada um dos enunciados abaixo transcritos há uma impropriedade linguística, que vem nomeada ao final deles, em negrito.
I. *A Sopave está oferecendo mais de setenta ofertas de veículos.* (Comercial veiculado por rádio.) **Redundância.**
II. *Sócrates é invendável e imprestável.* (Frase atribuída a Vicente Mateus.) **Inadequação vocabular.**
III. *Aconteceu então, há três anos atrás, de falecer um vizinho nosso, o sr. Vitalin.* **Redundância.**
IV. *Tendo em vista que nosso trabalho foi muito bem recebido, precisamos, no entanto, aprimorar mais ainda nossas técnicas.* **Incoerência sintática.**

Estão corretamente nomeadas as impropriedades dos enunciados.
a) I e II apenas.
b) III e IV apenas.
c) I, II e III apenas.
d) I, II, III e IV.
e) II, III e IV apenas.

VERSIFICAÇÃO

1. (Unifesp) Os versos da "Canção do exílio" são construídos nos moldes da redondilha maior, com predominância dos acentos de intensidade nas terceiras e sétimas sílabas métricas. Um verso que não segue esse padrão de tonicidade é:
a) Minha terra tem palmeiras
b) As aves, que aqui gorjeiam
c) Nosso céu tem mais estrelas
d) Em cismar, sozinho, à noite
e) Onde canta o Sabiá

2. (Mack-SP) *Sempre que me vou embora*
é com silêncio maior.
As solidões deste mundo
Conheço-as todas de cor.

(Cecília Meireles, *Vaga Música*)

Assinale a alternativa incorreta sobre a estrofe acima.

a) Toda a estrofe está centrada no *eu* que fala, o que ratifica o lirismo.

b) Em redondilha menor, marca-se o ritmo regular, pelo qual a solidão é expressa.

c) Partidas e ausências constroem a coerência semântica.

d) O pronome *me*, do verso 1, tem emprego enfático.

3. (Unifor-CE) *A maior pena que eu tenho,*
punhal de prata,
não é de me ver morrendo,
mas de saber quem me mata.

Na quadra acima, de Cecília Meireles,

a) os versos ímpares rimam entre si e têm diferentes número de sílabas.

b) os versos pares rimam entre si e têm o mesmo número de sílabas.

c) predominam os versos de sete sílabas.

d) predominam os versos de cinco sílabas.

e) alternam-se versos de cinco e de sete sílabas.

RESPOSTAS DOS EXERCÍCIOS DE EXAMES E CONCURSOS

Fonética

Fonemas
1. d
2. c
3. c
4. b
5. a
6. b

Sílaba
1. d
2. d
3. c, e, f
4. d
5. a

Ortografia
1. e
2. b
3. c
4. a
5. c
6. a
7. e
8. c
9. c
10. e

Acentuação gráfica
1. d
2. c
3. d
4. a
5. b
6. a
7. d
8. a
9. b
10. b

Sinais de pontuação
1. c
2. e
3. a
4. c
5. c
6. b
7. c
8. d
9. c

Morfologia

Estrutura das palavras
1. a
2. a
3. b
4. e
5. a

Formação de palavras
1. d
2. b
3. c
4. b
5. e
6. a
7. a
8. c

Substantivo
1. e
2. b
3. a
4. c
5. d
6. b

Artigo
1. d
2. c
3. c
4. d

Adjetivo
1. d
2. b
3. a
4. b
5. b
6. e

Numeral
1. a
2. b
3. b
4. a

Pronome
1. a
2. e
3. b
4. a
5. b
6. b
7. c
8. e
9. d
10. b

Verbo
1. a
2. b
3. e
4. e
5. c
6. a
7. d
8. b
9. c
10. b
11. b
12. c
13. d
14. e
15. d

Advérbio
1. d
2. c
3. b
4. a. paulatinamente
b. indubitavelmente
c. simultaneamente
d. ininterruptamente
e. excepcionalmente
5. a

Preposição
1. e
2. e
3. a
4. e
5. b

Crase
1. a
2. e
3. d
4. e
5. c
6. c
7. b

Conjunção
1. d
2. e
3. e
4. e
5. b
6. d
7. b
8. a
9. d

Semântica

Significação das palavras
1. a
2. a
3. a
4. b
5. d
6. b
7. c
8. b
9. c
10. d

Sintaxe

Predicação verbal
1. c
2. e
3. d
4. a
5. e

Termos essenciais da oração
1. a
2. a
3. e
4. a

Termos integrantes da oração
1. a
2. e
3. a
4. b
5. e
6. d
7. d

Termos acessórios da oração
1. c
2. b
3. b
4. I – b; II – d; III – c; IV – a
5. a

Período composto
1. c
2. a
3. c
4. b
5. b
6. e
7. a
8. c
9. b

Orações reduzidas
1. c
2. e
3. d
4. a

Sintaxe de concordância
1. b
2. e
3. e
4. d
5. a
6. a

Sintaxe de regência
1. c
2. a
3. a
4. a
5. d
6. a
7. e
8. c

Sintaxe de colocação
1. a
2. b
3. a
4. e
5. d
6. d

Estilística

Figuras de linguagem
1. a
2. d
3. d
4. a
5. c
6. b
7. d
8. d
9. e
10. c

Vícios de linguagem
1. c
2. c
3. 01, 02, 04, 05
4. 02, 04, 08, 16, 32
5. b
6. d

Versificação
1. b
2. b
3. c

NOVÍSSIMA GRAMÁTICA DA LÍNGUA PORTUGUESA

Domingos Paschoal

CEGALLA

COM A NOVA ORTOGRAFIA DA LÍNGUA PORTUGUESA

Companhia Editora Nacional

APRESENTAÇÃO

Esta nova edição da **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa** apresenta como principal novidade sua adaptação ao novo sistema ortográfico de 1990, decorrente de um acordo assinado naquele ano, em Lisboa, pelos representantes dos sete países lusófonos.

Não esperem os professores e estudantes encontrar nesta edição grandes alterações no modo de escrever as palavras, porquanto, o chamado **Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa**, o terceiro desde 1931, não visou à simplificação, mas à unificação ortográfica do idioma falado na comunidade lusófona. O que o leitor vai encontrar são pequenas modificações no uso das notações léxicas (acentos gráficos, hífen, apóstrofo) e a ausência do trema no **u** átono dos grupos **gue**, **gui**, **que**, **qui**. Em decorrência dessas alterações, tivemos de adaptar às novas regras o capítulo sobre ortografia e remanejar os correspondentes exercícios.

Se nos permitem, tomamos a liberdade de lembrar aos abnegados colegas de ensino que o estudo da gramática, por parte dos discípulos, deve andar lado a lado com a redação de textos, a interpretação de poemas e excertos literários e a leitura de livros e revistas de boa qualidade. Só com essa didática plurivalente é que o ensino do português atingirá seu objetivo precípuo, que é levar o estudante a assenhorear-se gradativamente das normas e dos recursos do idioma, nas modalidades oral e escrita.

A todos os que derem preferência a esta obra, professores, alunos e estudiosos da nossa língua, os nossos profundos agradecimentos.

Domingos Paschoal Cegalla

À
Dalva,
minha esposa dileta
e incansável colaboradora

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 16
A LÍNGUA PORTUGUESA NO MUNDO 18

I – FONÉTICA

FONEMAS 21

1. CONCEITO DE FONEMA 21
2. REPRESENTAÇÃO DOS FONEMAS 21
3. APARELHO FONADOR 22
4. CLASSIFICAÇÃO DE FONEMAS 24
5. CLASSIFICAÇÃO DAS VOGAIS 24
6. ENCONTROS VOCÁLICOS 25
   - Ditongo 25
   - Tritongo 27
   - Hiato 27
7. CLASSIFICAÇÃO DAS CONSOANTES 28
8. ENCONTROS CONSONANTAIS 30
9. DÍGRAFOS 30
10. NOTAÇÕES LÉXICAS 31

EXERCÍCIOS – LISTA 1 32

SÍLABA – TONICIDADE 36

1. CLASSIFICAÇÃO DAS PALAVRAS QUANTO AO NÚMERO DE SÍLABAS 36
2. DIVISÃO SILÁBICA 36
3. PARTIÇÃO DAS PALAVRAS EM FIM DE LINHA 37
4. ACENTO TÔNICO 38
5. CLASSIFICAÇÃO DAS PALAVRAS QUANTO AO ACENTO TÔNICO 38
6. VOCÁBULOS ÁTONOS E VOCÁBULOS TÔNICOS 39
7. VOCÁBULOS RIZOTÔNICOS E ARRIZOTÔNICOS 40
8. ACENTO DE INSISTÊNCIA 40
9. ANÁLISE FONÉTICA 40

EXERCÍCIOS – LISTA 2 41

ORTOÉPIA – PROSÓDIA 44

1. ORTOÉPIA 44
2. PROSÓDIA 46

EXERCÍCIOS – LISTA 3 48

ORTOGRAFIA 52

1. ALFABETO PORTUGUÊS 52
2. EMPREGO DAS LETRAS *K*, *W* E *Y* 53
3. EMPREGO DA LETRA *H* 53
4. EMPREGO DAS LETRAS *E*, *I*, *O* E *U* 55
5. EMPREGO DAS LETRAS *G* E *J* 57

6. REPRESENTAÇÃO DO FONEMA /S/ 58
7. EMPREGO DE LETRA S COM VALOR DE Z 60
8. EMPREGO DA LETRA Z 61
9. S OU Z? 61
10. EMPREGO DO X 63
11. EMPREGO DO DÍGRAFO CH 63
12. CONSOANTES DOBRADAS 64
13. EMPREGO DAS INICIAIS MAIÚSCULAS E MINÚSCULAS 64
EXERCÍCIOS – LISTA 4 66

ACENTUAÇÃO GRÁFICA 71

1. PRINCIPAIS REGRAS DE ACENTUAÇÃO GRÁFICA 71
- Acentuação dos vocábulos proparoxítonos 71
- Acentuação dos vocábulos paroxítonos 71
- Acentuação dos vocábulos oxítonos 72
- Acentuação dos monossílabos 72
- Acentuação dos ditongos 73
- Acentuação dos hiatos 73
- Os grupos *gue, gui, que, qui* 74
- Acento diferencial 74
- Acento grave 75

EXERCÍCIOS – LISTA 5 76

NOTAÇÕES LÉXICAS 80

1. EMPREGO DO TIL 80
2. EMPREGO DO TREMA 80
3. EMPREGO DO APÓSTROFO 80
4. EMPREGO DO HÍFEN 81
5. DIVISÃO SILÁBICA E PARTIÇÃO DE PALAVRAS 84
EXERCÍCIOS – LISTA 6 84

ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS 86

EXERCÍCIOS – LISTA 7 89

II – MORFOLOGIA

ESTRUTURA DAS PALAVRAS 91

1. RAIZ 91
2. RADICAL 91
3. TEMA 92
4. AFIXOS 92
5. DESINÊNCIAS 92
6. VOGAL TEMÁTICA 93
7. VOGAIS E CONSOANTES DE LIGAÇÃO 93
8. COGNATOS 93
9. PALAVRAS PRIMITIVAS E DERIVADAS 94
10. PALAVRAS SIMPLES E COMPOSTAS 94
EXERCÍCIOS – LISTA 8 94

FORMAÇÃO DAS PALAVRAS 96

1. DERIVAÇÃO 96
2. COMPOSIÇÃO 98
3. REDUÇÃO 98
4. HIBRIDISMOS 99
5. ONOMATOPEIAS 99

EXERCÍCIOS – LISTA 9 100

SUFIXOS 102

1. PRINCIPAIS SUFIXOS NOMINAIS 102
2. SUFIXOS VERBAIS 106
3. SUFIXO ADVERBIAL 108

EXERCÍCIOS – LISTA 10 108

PREFIXOS 110

1. PREFIXOS LATINOS 110
2. PREFIXOS GREGOS 113
3. CORRESPONDÊNCIA ENTRE PREFIXOS LATINOS E GREGOS 114

EXERCÍCIOS – LISTA 11 115

RADICAIS GREGOS 117

EXERCÍCIOS – LISTA 12 121

RADICAIS LATINOS 123

EXERCÍCIOS – LISTA 13 124

ORIGEM DAS PALAVRAS DA LÍNGUA PORTUGUESA 126

EXERCÍCIOS – LISTA 14 128

CLASSIFICAÇÃO E FLEXÃO DAS PALAVRAS 129

SUBSTANTIVO 130

1. SUBSTANTIVOS 130
2. SUBSTANTIVOS COLETIVOS 131
3. PALAVRAS SUBSTANTIVADAS 134

EXERCÍCIOS – LISTA 15 134

4. FLEXÃO DOS SUBSTANTIVOS: *GÊNERO* 135
5. FORMAÇÃO DO FEMININO 136
6. SUBSTANTIVOS UNIFORMES EM GÊNERO 138
7. SUBSTANTIVOS DE GÊNERO INCERTO 139
8. GÊNERO DOS NOMES DE CIDADES 141
9. GÊNERO E SIGNIFICAÇÃO 141

EXERCÍCIOS – LISTA 16 141

10. FLEXÃO DOS SUBSTANTIVOS: *NÚMERO* 143
11. PLURAL DOS SUBSTANTIVOS COMPOSTOS 146
12. PLURAL DAS PALAVRAS SUBSTANTIVADAS 148
13. PLURAL DOS DIMINUTIVOS 148
14. PLURAL DOS NOMES PRÓPRIOS PERSONATIVOS 149

15. PLURAL DOS SUBSTANTIVOS ESTRANGEIROS 149
16. PLURAL DAS SIGLAS 149
17. PLURAL COM MUDANÇA DE TIMBRE 149
18. PARTICULARIDADES SOBRE O NÚMERO DOS SUBSTANTIVOS 150
EXERCÍCIOS - LISTA 17 150
19. FLEXÃO DOS SUBSTANTIVOS: *GRAU* 152
- Grau aumentativo 152
- Grau diminutivo 153

20. ADJETIVOS COM AS FLEXÕES DE AUMENTATIVO E DIMINUTIVO 154
21. PLURAL DOS DIMINUTIVOS EM *–ZINHO* E *–ZITO* 154
EXERCÍCIOS – LISTA 18 155

ARTIGO 157

1. DEFINIDO 157
2. INDEFINIDO 157
EXERCÍCIOS – LISTA 19 158

ADJETIVO 159

1. ADJETIVOS 159
2. ADJETIVOS PÁTRIOS 159
3. FORMAÇÃO DO ADJETIVO 160
4. LOCUÇÃO ADJETIVA 161
5. ADJETIVOS ERUDITOS 161
6. FLEXÃO DO ADJETIVO 163
7. FLEXÃO DO ADJETIVO: *GÊNERO* 163
8. REGRAS PARA A FORMAÇÃO DO FEMININO 164
9. PLURAL DOS ADJETIVOS SIMPLES 164
10. PLURAL DOS ADJETIVOS COMPOSTOS 164
EXERCÍCIOS – LISTA 20 165
11. GRAU DO ADJETIVO 169
12. FLEXÃO DO ADJETIVO: *GRAU COMPARATIVO* 169
13. FLEXÃO DO ADJETIVO: *GRAU SUPERLATIVO* 169
14. SUPERLATIVOS ABSOLUTOS SINTÉTICOS ERUDITOS 170
15. OUTRAS FORMAS DE SUPERLATIVO ABSOLUTO 171
EXERCÍCIOS – LISTA 21 172

NUMERAL 174

1. NUMERAL 174
2. FLEXÃO DOS NUMERAIS 175
3. LEITURA E ESCRITA DOS NÚMEROS 175
4. QUADRO DOS PRINCIPAIS NUMERAIS 175
5. FORMAS DUPLAS 176
EXERCÍCIOS – LISTA 22 177

PRONOME 179

1. PRONOMES 179
2. CLASSIFICAÇÃO DOS PRONOMES 179
3. PRONOMES SUBSTANTIVOS E PRONOMES ADJETIVOS 179

4. PRONOMES PESSOAIS 179
5. PRONOMES DE TRATAMENTO 181
6. PRONOMES POSSESSIVOS 182
7. PRONOMES DEMONSTRATIVOS 183
8. PRONOMES RELATIVOS 184
9. PRONOMES INDEFINIDOS 186
10. PRONOMES INTERROGATIVOS 188
EXERCÍCIOS – LISTA 23 188

VERBO 194

1. VERBO 194
2. PESSOA E NÚMERO 194
3. TEMPOS VERBAIS 194
4. MODOS DO VERBO 195
5. FORMAS NOMINAIS 195
6. VOZ 196
7. VERBOS AUXILIARES 196
8. CONJUGAÇÕES 197
9. ELEMENTOS ESTRUTURAIS DOS VERBOS 197
10. TEMPOS PRIMITIVOS E DERIVADOS 198
11. MODO IMPERATIVO 199
12. FORMAÇÃO DO IMPERATIVO 199
13. FORMAÇÃO DOS TEMPOS COMPOSTOS 200
14. VERBOS REGULARES, IRREGULARES E DEFECTIVOS 200
EXERCÍCIOS – LISTA 24 201
- Conjugação dos verbos auxiliares *ser, estar, ter,* e *haver* 203

EXERCÍCIOS – LISTA 25 208
- Verbos regulares: 1ª conjugação 209
- Verbos regulares: 2ª conjugação 211
- Verbos regulares: 3ª conjugação 214

EXERCÍCIOS – LISTA 26 216
15. VOZES DO VERBO 219
16. VOZ ATIVA 219
17. VOZ PASSIVA 219
18. FORMAÇÃO DA VOZ PASSIVA 220
19. VOZ REFLEXIVA 220
20. CONVERSÃO DA VOZ ATIVA NA PASSIVA 222
- Conjugação de um verbo na voz passiva analítica 223

21. CONJUGAÇÃO DOS VERBOS PRONOMINAIS 225
EXERCÍCIOS – LISTA 27 227
22. VERBOS IRREGULARES 229
- Verbos irregulares: 1ª conjugação 230
- Verbos irregulares: 2ª conjugação 234
- Verbos irregulares: 3ª conjugação 242

23. VERBOS DEFECTIVOS 247
24. VERBOS ABUNDANTES 249
- Conjugação de um verbo com os pronomes oblíquos *o, a, os, as* 252

25. PRONÚNCIA CORRETA DE ALGUNS VERBOS 253
EXERCÍCIOS – LISTA 28 254

ADVÉRBIO **259**

1. ADVÉRBIO 259
2. ADVÉRBIOS INTERROGATIVOS 260
3. LOCUÇÕES ADVERBIAIS 261
4. GRAUS DOS ADVÉRBIOS 261
5. PALAVRAS E LOCUÇÕES DENOTATIVAS 262

EXERCÍCIOS – LISTA 29 264

PREPOSIÇÃO **268**

1. PREPOSIÇÃO 268
   - Preposições essenciais 269
   - Preposições acidentais 269
2. LOCUÇÕES PREPOSITIVAS 270
3. COMBINAÇÕES E CONTRAÇÕES 271

EXERCÍCIOS – LISTA 30 271

4. CRASE 275
5. CRASE DA PREPOSIÇÃO *A* COM OS ARTIGOS *A, AS* 276
6. CASOS EM QUE NÃO HÁ CRASE 277
7. CASOS ESPECIAIS 281
8. CRASE DA PREPOSIÇÃO *A* COM OS PRONOMES DEMONSTRATIVOS 283

EXERCÍCIOS – LISTA 31 284

CONJUNÇÃO **289**

1. CONJUNÇÕES 289
2. CONJUNÇÕES COORDENATIVAS 289
3. CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS 291
4. LOCUÇÕES CONJUNTIVAS 293
5. A CONJUNÇÃO *QUE* 294

EXERCÍCIOS – LISTA 32 295

INTERJEIÇÃO **300**

1. INTERJEIÇÃO 300
2. LOCUÇÃO INTERJETIVA 301

EXERCÍCIOS – LISTA 33 301

CONECTIVOS **304**

FORMAS VARIANTES **305**

EXERCÍCIOS – LISTA 34 306

ANÁLISE MORFOLÓGICA **307**

III – SEMÂNTICA

SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS **310**

1. SINÔNIMOS 310
2. ANTÔNIMOS 310

3. HOMÔNIMOS 311
4. PARÔNIMOS 312
5. POLISSEMIA 312
6. SENTIDO PRÓPRIO E SENTIDO FIGURADO 313
7. DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO 313
EXERCÍCIOS – LISTA 35 313

IV – SINTAXE

ANÁLISE SINTÁTICA 319

1. NOÇÕES PRELIMINARES 319
2. FRASE 319
3. ORAÇÃO 321
4. NÚCLEO DE UM TERMO 322
5. PERÍODO 322
EXERCÍCIOS – LISTA 36 323

TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO 324

1. SUJEITO 324
2. PREDICADO 328
EXERCÍCIOS – LISTA 37 330
3. PREDICAÇÃO VERBAL 335
4. CLASSIFICAÇÃO DOS VERBOS QUANTO À PREDICAÇÃO 336
   - Intransitivos 336
   - Transitivos diretos 337
   - Transitivos indiretos 337
   - Transitivos diretos e indiretos 339
   - De ligação 339
   - Verbos vicários 340
EXERCÍCIOS – LISTA 38 341
5. PREDICATIVO 343
   - Predicativo do sujeito 343
   - Predicativo do objeto 344
EXERCÍCIOS – LISTA 39 345

TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO 348

1. OBJETO DIRETO 348
2. OBJETO DIRETO PREPOSICIONADO 349
3. OBJETO DIRETO PLEONÁSTICO 352
4. OBJETO INDIRETO 352
5. OBJETO INDIRETO PLEONÁSTICO 354
6. COMPLEMENTO NOMINAL 354
7. AGENTE DA PASSIVA 355
EXERCÍCIOS – LISTA 40 356

TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO 363

1. ADJUNTO ADNOMINAL 363
2. ADJUNTO ADVERBIAL 364
3. APOSTO 365

4. VOCATIVO 366
EXERCÍCIOS – LISTA 41 367

PERÍODO COMPOSTO 370

1. PERÍODO COMPOSTO 370
EXERCÍCIOS – LISTA 42 371

ORAÇÕES COORDENADAS INDEPENDENTES 373

1. ORAÇÕES COORDENADAS SINDÉTICAS 374
2. ORAÇÕES COORDENADAS ASSINDÉTICAS 376
EXERCÍCIOS – LISTA 43 376

ORAÇÕES PRINCIPAIS E SUBORDINADAS 378

1. ORAÇÃO PRINCIPAL 378
2. ORAÇÃO SUBORDINADA 379
3. CLASSIFICAÇÃO DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS 379
4. ORAÇÕES SUBORDINADAS COORDENADAS 380
EXERCÍCIOS – LISTA 44 381

ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS 383

1. ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS 383
EXERCÍCIOS – LISTA 45 386

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS 390

1. ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS 391
EXERCÍCIOS – LISTA 46 392

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS 396

1. ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS 396
2. ORAÇÕES ADVERBIAIS LOCATIVAS 402
EXERCÍCIOS – LISTA 47 403

ORAÇÕES REDUZIDAS 408

1. ORAÇÕES REDUZIDAS 408
2. CLASSIFICAÇÃO DAS ORAÇÕES REDUZIDAS 409
- Reduzidas de infinitivo 409
- Reduzidas de gerúndio 412
- Reduzidas de particípio 413
EXERCÍCIOS – LISTA 48 415

ESTUDO COMPLEMENTAR DO PERÍODO COMPOSTO 421

1. ORAÇÕES INTERFERENTES 421
EXERCÍCIOS – LISTA 49 422
2. MODELOS DE ANÁLISE SINTÁTICA 424
EXERCÍCIOS – LISTA 50 426

SINAIS DE PONTUAÇÃO 428

1. EMPREGO DA VÍRGULA 428
2. PONTO E VÍRGULA 430
3. DOIS-PONTOS 430
4. PONTO FINAL 431
5. PONTO DE INTERROGAÇÃO 431
6. PONTO DE EXCLAMAÇÃO 432
7. RETICÊNCIAS 432
8. PARÊNTESES 433
9. TRAVESSÃO 433
10. ASPAS 434
11. COLCHETES 434
12. ASTERISCO 435
13. PARÁGRAFO 435

EXERCÍCIOS – LISTA 51 435

SINTAXE DE CONCORDÂNCIA 438

CONCORDÂNCIA NOMINAL 438
EXERCÍCIOS – LISTA 52 446
CONCORDÂNCIA VERBAL 450
CASOS ESPECIAIS DE CONCORDÂNCIA VERBAL 451
EXERCÍCIOS – LISTA 53 472

SINTAXE DE REGÊNCIA 483

1. REGÊNCIA 483
2. OS PRONOMES OBJETIVOS *O(S), A(S), LHE(S)* 485

REGÊNCIA NOMINAL 487

EXERCÍCIOS – LISTA 54 488

REGÊNCIA VERBAL 490

1. REGÊNCIA E SIGNIFICAÇÃO DOS VERBOS 490
2. REGÊNCIA DE ALGUNS VERBOS 490
3. CASOS ESPECIAIS DE REGÊNCIA VERBAL 512

EXERCÍCIOS – LISTA 55 515

SINTAXE DE COLOCAÇÃO 529

1. POSPOSIÇÃO DO SUJEITO 531
2. ANTECIPAÇÃO DE TERMOS DA ORAÇÃO 532
3. COLOCAÇÃO DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS 533

EXERCÍCIOS – LISTA 56 534

4. COLOCAÇÃO DOS PRONOMES OBLÍQUOS ÁTONOS 538
5. PRÓCLISE 538
6. MESÓCLISE 541
7. ÊNCLISE 541
8. ÊNCLISE EUFÔNICA E ENFÁTIVA 543
9. COLOCAÇÃO DOS PRONOMES ÁTONOS NOS TEMPOS COMPOSTOS 543

10. COLOCAÇÃO DOS PRONOMES ÁTONOS NAS LOCUÇÕES VERBAIS 543
EXERCÍCIOS – LISTA 57 545

EMPREGO DE ALGUMAS CLASSES DE PALAVRAS 551

1. ARTIGO 551
2. ADJETIVO 554
3. NUMERAL 556
4. PRONOMES PESSOAIS 557
5. EU OU MIM? 559
6. CONTRAÇÃO DOS PRONOMES OBLÍQUOS 561
7. O PRONOME *SE* 562
8. PRONOMES POSSESSIVOS 563
9. PRONOMES DEMONSTRATIVOS 564
10. PRONOMES RELATIVOS 566
11. PRONOMES INDEFINIDOS 569
12. ADVÉRBIO 571

EXERCÍCIOS – LISTA 58 574

EMPREGO DOS MODOS E TEMPOS 584

1. MODO INDICATIVO 584
2. MODO SUBJUNTIVO 588
3. MODO IMPERATIVO 591
4. PARTICÍPIO 591
5. GERÚNDIO 592

EXERCÍCIOS – LISTA 59 593

EMPREGO DO INFINITIVO 596

1. INFINITIVO NÃO-FLEXIONADO 596
2. INFINITIVO PESSOAL FLEXIONADO 598

EXERCÍCIOS – LISTA 60 601

EMPREGO DO VERBO HAVER 606

EXERCÍCIOS – LISTA 61 609

V – ESTILÍSTICA

FIGURAS DE LINGUAGEM 614

1. FIGURAS DE PALAVRAS 614
   - Metáfora 614
   - Comparação 615
   - Metonímia 615
   - Perífrase 617
   - Sinestesia 617

EXERCÍCIOS – LISTA 62 617

2. FIGURAS DE CONSTRUÇÃO 620
   - Elipse 620
   - Pleonasmo 621

- Polissíndeto 622
- Inversão 622
- Anacoluto 622
- Silepse 622
- Onomatopeia 623
- Repetição 624

EXERCÍCIOS – LISTA 63 624

3. FIGURAS DE PENSAMENTO 626
- Antítese 626
- Apóstrofe 626
- Eufemismo 626
- Gradação 627
- Hipérbole 627
- Ironia 627
- Paradoxo 627
- Personificação 627
- Reticência 628
- Retificação 628

EXERCÍCIOS – LISTA 64 628

VÍCIOS DE LINGUAGEM 634

EXERCÍCIOS – LISTA 65 636

QUALIDADES DA BOA LINGUAGEM 637

LÍNGUA E ARTE LITERÁRIA 639

1. A LÍNGUA E SUAS MODALIDADES 639
2. ELEMENTOS DA OBRA LITERÁRIA 640
3. ESTILO 641
4. GÊNEROS LITERÁRIOS 641
5. FICÇÃO 642

EXERCÍCIOS – LISTA 66 645

6. VERSIFICAÇÃO 646
7. PROCESSOS PARA A REDUÇÃO DO NÚMERO DE SÍLABAS MÉTRICAS 648
8. RITMO 648
9. ENCADEAMENTO *(ENJAMBEMENT)* 651
10. RIMA 652
11. VERSOS BRANCOS 653
12. ESTROFE 653
13. SONETO 653
14. VERSO LIVRE 654

EXERCÍCIOS – LISTA 67 655

BIBLIOGRAFIA 657

EXERCÍCIOS DE EXAMES E CONCURSOS 663

RESPOSTAS DOS EXERCÍCIOS DE EXAMES E CONCURSOS 694

INTRODUÇÃO

Linguagem é a faculdade que o homem tem de se exprimir e comunicar por meio da fala.

Cada povo exerce essa capacidade por meio de um determinado código linguístico, ou seja, utilizando um sistema de signos vocais distintos e significativos, a que se dá o nome de *língua* ou *idioma*.

Criação social da mais alta importância, a língua é por excelência o veículo do conhecimento humano e a base do patrimônio cultural de um povo.

A utilização da língua pelo indivíduo denomina-se *fala*. A fala nasce da inelutável necessidade humana de comunicação.

A comunicação linguística se realiza por meio da expressão oral ou escrita.

A língua não é um sistema intangível, imutável; como toda criação humana, está sujeita à ação do tempo e do espaço geográfico, sofre constantes alterações e reflete forçosamente as diferenças individuais dos falantes. Daí a existência de falares regionais e de vários *níveis de fala*: culta, popular, coloquial, etc.

A história, o registro e a sistematização dos fatos de uma língua constituem matéria da *Gramática*.

A *Gramática Histórica* estuda a origem e a evolução de uma língua, acompanhando-lhe os passos desde o seu alvorecer até a época atual.

A *Gramática Normativa* enfoca a língua como é falada em determinada fase de sua evolução: faz o registro sistemático dos fatos linguísticos e dos meios de expressão, aponta normas para a correta utilização oral e escrita do idioma, em suma, ensina a falar e escrever a língua-padrão corretamente.

Este livro pretende ser uma Gramática Normativa da Língua Portuguesa do Brasil, conforme a falam e escrevem as pessoas cultas na época atual.

De acordo com os diferentes aspectos sob os quais se podem encarar os fatos linguísticos, divide-se a Gramática em cinco partes distintas:

- **Fonética**
- **Morfologia**
- **Sintaxe**
- **Semântica**
- **Estilística**

1. A *fonética* é o estudo dos sons da fala. Considera a palavra sob o aspecto sonoro e trata:
   - dos fonemas: como se produzem, classificam e agrupam;
   - da pronúncia correta das palavras, ou seja, da correta emissão e articulação dos fonemas (ortoépia);
   - da exata acentuação tônica das palavras (prosódia);
   - da figuração gráfica dos fonemas ou a escrita correta das palavras (ortografia).

   Observação:

   ✔ A linguística moderna distingue *fonética* de *fonologia*. Ambas as disciplinas tratam dos sons da fala, porém de modo diverso: a fonética se ocupa dos sons da língua sob o aspecto material, físico, acústico, ao passo que a fonologia os estuda do ponto de vista prático, funcional, no contexto fônico da comunicação humana. Nesta obra, não fazemos tal distinção. Seguindo a Nomenclatura Gramatical Brasileira, empregamos o termo *fonética* no seu sentido amplo, tradicional.

2. A *morfologia* ocupa-se das diversas classes de palavras, isoladamente, analisando-lhes a estrutura, a formação, as flexões e propriedades.

3. É objeto da *sintaxe* o estudo das palavras associadas na frase. Examina:
   - a função das palavras e das orações no período (análise sintática);
   - as relações de dependência das palavras na oração, sob o aspecto da subordinação (sintaxe de regência);
   - as relações de dependência das palavras consideradas do ponto de vista da flexão (sintaxe de concordância);
   - a disposição ou ordem das palavras e das orações no período (sintaxe de colocação).

4. A *semântica* tem como objetivo o estudo da significação das palavras. Pode ser *descritiva* ou *histórica*.

   A semântica descritiva estuda a significação atual das palavras; a histórica se ocupa da evolução do sentido das palavras através do tempo.

   À Gramática Normativa só interessa a semântica descritiva.

5. A *estilística* trata, essencialmente, do *estilo*, ou seja, dos diversos processos expressivos próprios para sugestionar, despertar o sentimento estético e a emoção. Esses processos resumem-se no que chamamos de *figuras de linguagem*. A estilística, em outras palavras, visa ao lado estético e emocional da atividade linguística, em oposição ao aspecto intelectivo, científico.

A LÍNGUA PORTUGUESA NO MUNDO

1. A língua portuguesa é falada em todos os continentes por cerca de duzentos milhões de pessoas. Poucos idiomas desfrutam de tão privilegiada posição.

   Das línguas neolatinas foi a primeira a expandir-se fora do continente europeu. Acompanhando as caravelas dos conquistadores lusitanos dos séculos XV e XVI, ela implantou-se em todas as partes do mundo. Entretanto, levada para terras tão distantes, a língua portuguesa, em contato com a cultura dos povos aborígines, sofreu inevitáveis alterações, de que resultaram falares regionais ou dialetos.

2. Atualmente, o português é a língua oficial de oito países, ditos lusófonos: Portugal (incluídos os Açores e a Ilha da Madeira), Brasil, Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e o Timor Leste, que conquistou sua independência em 1999, tornando-se o oitavo país lusófono.

3. Dialetos com raízes no português são falados em ex-colônias e possessões lusitanas da Ásia, como Diu, Damão, Goa, todas três na Índia, Macau, na China, e Timor Leste, na Oceania.

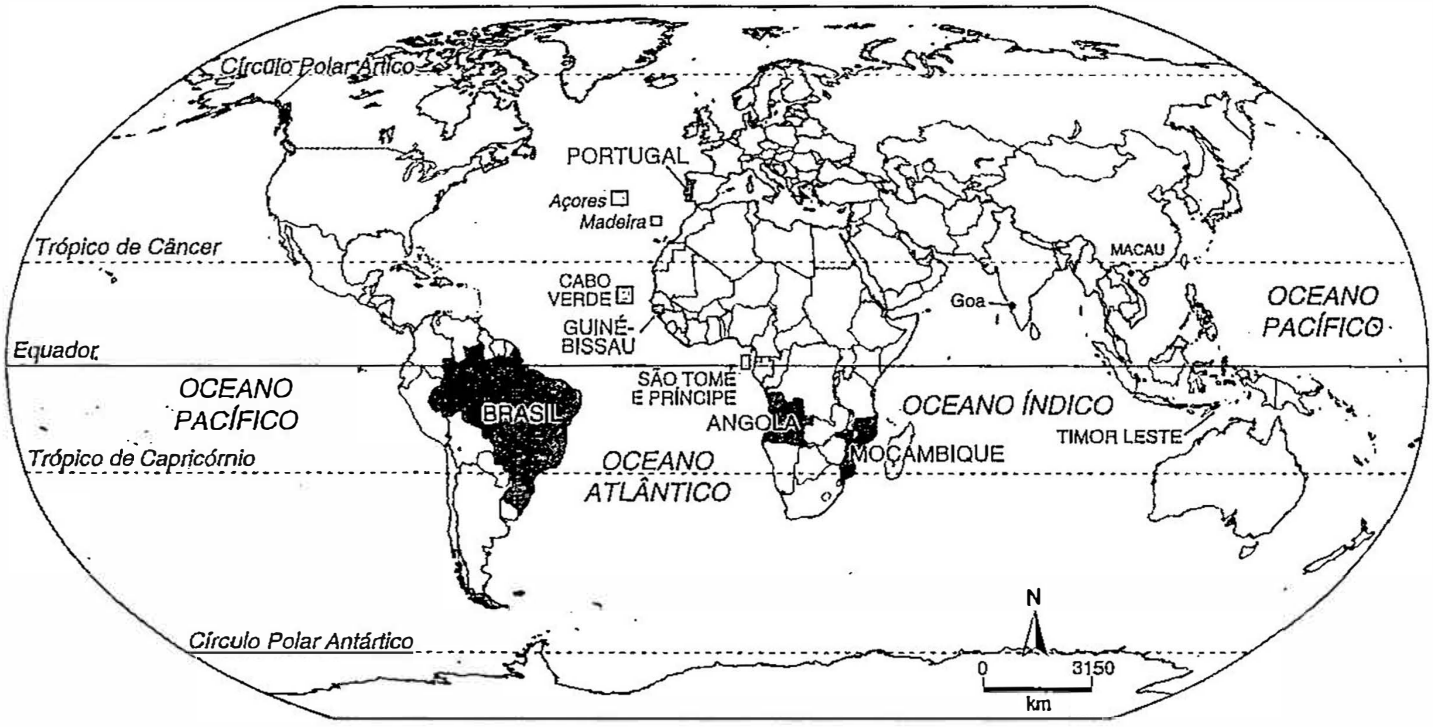

A língua portuguesa no mundo

FONÉTICA

estuda os sons da fala

A água

Flui a água, flébil, flexuosa,
em seu eterno fluxo,
aflita por chegar
ao final de seu curso.

A água flui, a água lava,
a leve água leva
para longe as impurezas
de nossa vida breve.

Fluida flecha frágil,
avança, entanto, impávida;
lépida, atinge o alvo,
expande-se toda em dádivas...

Tange a água, tange o tempo
a aguilhada da pressa.
O tempo nunca retorna,
a água sempre regressa...

Domingos Paschoal Cegalla

FONEMAS

1 CONCEITO DE FONEMA

Fonemas *são as menores unidades sonoras da fala*.

São os sons elementares e distintivos que, articulados e combinados, formam as sílabas, os vocábulos e a teia da frase, na comunicação oral.

Funcionam como elementos distintivos ou diferenciadores das palavras, porque são capazes de diferenciar umas de outras, conforme se observa, por exemplo, nas sequências:

m*a*la	*g*ato	ma*l*
m*o*la	*m*ato	ma*r*
m*u*la	*p*ato	ma*s*

Quando proferimos a palavra *aflito*, por exemplo, emitimos três sílabas e seis fonemas: *a - fli - to*. Percebemos que numa sílaba pode haver um ou mais fonemas.

No sistema fonético do português do Brasil há, aproximadamente, 33 fonemas, que adiante estudaremos.

2 REPRESENTAÇÃO DOS FONEMAS

Na língua escrita, os fonemas são representados por signos ou sinais gráficos chamados *letras*. O conjunto das letras denomina-se *alfabeto* ou *abecedário*, ou ainda, *abecê*, também escrito *abc*.

Observação:

✔ A palavra *alfabeto* origina-se do nome das duas primeiras letras do alfabeto grego: *alfa* (a) + *beta* (b).

É importante não confundir letra com fonema. Fonema é som, letra é o sinal gráfico que representa o som. Para falar, usamos fonemas; para escrever, usamos letras.

O ideal seria que a cada fonema correspondesse uma só letra, e vice-versa, mas *infelizmente* isso não acontece. É que o nosso sistema ortográfico não é rigorosamente fonético, mas ainda está preso à origem das palavras. Escreve-se, por exemplo, *exame*, em vez de *ezame*, porque este substantivo vem da palavra latina *examen*. Assim, por força da tradição etimológica, podemos observar, na representação dos fonemas portugueses, as seguintes imperfeições:

- A mesma letra pode representar fonemas diferentes:
  eXame, Xale, próXimo, seXo; Cola, Cera.
- O mesmo fonema pode ser figurado por letras diferentes:
  caSa, eXílio, coZinha; tiGela, laJe.
- Um fonema pode ser representado por um grupo de duas letras (dígrafo):
  maCHado, muLHer, uNHa, miSSa, caRRo.
- A letra *X* pode representar, simultaneamente, dois fonemas diferentes:
  táXi (tácsi), *fiXo* (ficso), *tóraX* (tóracs).
- Há letras que, às vezes, não representam fonemas; funcionam apenas como notações léxicas:
  caMpo (cãpo), *reNda* (rẽda), *regUe* (U insonoro, para não se proferir *reje*).
- Usam-se letras simplesmente decorativas: não representam fonemas nem funcionam como notações léxicas. Mantiveram-se em razão da etimologia:
  hotel (otel), *diScípulo* (dicípulo), *eXceção* (eceção), *qUina* (qina).
- Há fonemas que, em certos casos, não se representam graficamente:
  bem (bẽi), *batem* (bátẽi), *falam* (fálãU).

3 APARELHO FONADOR

Os sons da fala são produzidos pelo concurso dos órgãos da fonação, ou seja, pelo aparelho fonador. Fazem parte do aparelho fonador:

- **Pulmões**

  Funcionam como dois foles, produzindo a corrente de ar.

- **Brônquios e traqueia**

  São os canais que conduzem a corrente de ar à laringe.

- **Laringe**

  Situada na parte superior da traqueia, é o mais importante órgão da fonação. Nela se localizam a *glote*, a *epiglote* (válvula elástica que tapa a glote durante a deglutição) e as *cordas vocais*.

- **Glote**

  Pequena abertura de forma triangular situada na laringe, na altura do *pomo de adão*. À chegada do fluxo de ar vindo dos pulmões, a glote pode abrir-se ou fechar-se, bastando que os bordos das cordas vocais se afastem ou se aproximem. Se a glote se abrir, o ar passa livremente, sem fazer vibrar as cordas vocais: nesse caso, o fonema produzido é *surdo*. Se a glote se fechar, o fluxo de ar força a passagem, fazendo vibrar as cordas vocais, e o fonema produzido é então *sonoro*.

APARELHO FONADOR

1. Fossas nasais
2. Palato duro
3. Véu palatino
4. Lábios
5. Dentes
6. Língua
7. Faringe
8. Epiglote
9. Cordas vocais
10. Laringe
11. Traqueia
12. Esôfago
13. Alvéolo
14. Úvula
15. Glote

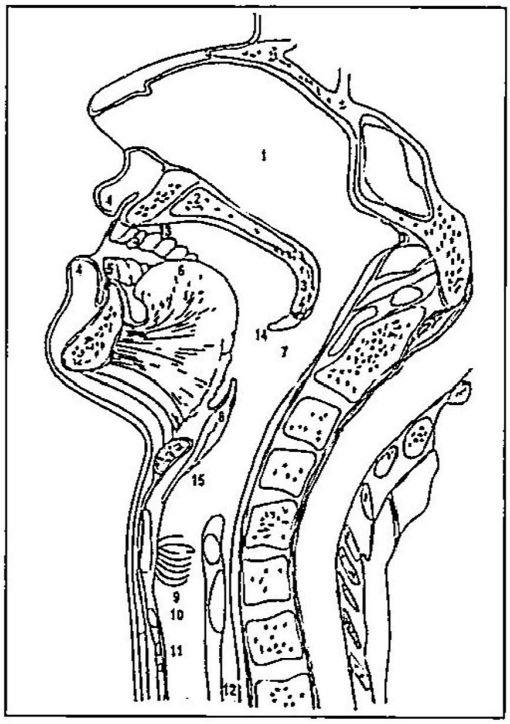

- **Cordas vocais**

  São duas pregas musculares, elásticas, distendidas horizontalmente diante da glote. Quando vibradas, produzem fonemas sonoros.

- **Faringe**

  Cavidade ligeiramente afunilada, entre a boca e a parte superior do esôfago. Conduz o ar para a boca e as fossas nasais.

- **Úvula**

  Vulgarmente chamada *campainha*, a úvula é um apêndice flexível do véu palatino. Tem a função de fiscalizar a passagem do ar; levantando-se contra a parede posterior da faringe, intercepta a passagem do ar para as fossas nasais: o ar escoa-se pela boca e o fonema se diz *oral*; abaixando-se a úvula, permite que a corrente de ar se escape em parte pelas fossas nasais, produzindo-se então um fonema *nasal*.

- **Boca e órgãos anexos**

  Podemos dizer que os fonemas nascem na laringe e se completam na boca. E isso acontece graças ao concurso das arcadas dentárias, dos alvéolos, do palato duro (ou céu da boca) e do palato mole (ou véu palatino) e, sobretudo, à atividade da língua, dos lábios e das bochechas, os quais se movimentam para modificar a corrente sonora e moldar os fonemas. A cavidade bucal atua também como caixa de ressonância dos fonemas sonoros.

- **Fossas nasais**

  Cavidades situadas acima do maxilar superior, funcionam como caixa de ressonância dos fonemas nasais.

4 CLASSIFICAÇÃO DOS FONEMAS

Os **fonemas** da língua portuguesa classificam-se em *vogais, semivogais* e *consoantes*.

- **Vogais**

São fonemas sonoros, ou sons laríngeos, que, passando pela boca entreaberta, chegam livremente ao exterior sem fazer ruído: **a, é, ê, i, ó, ô, u.**

- **Semivogais**

São os fonemas /i/ e /u/ átonos que se unem a uma vogal, formando com esta uma só sílaba: va*i*, and*ei*, o*u*ro, á*gu*a.

- **Consoantes**

São ruídos provenientes da resistência que os órgãos bucais opõem à corrente de ar: bola, copo, depósito.

Na língua portuguesa, a vogal é o elemento básico, suficiente e indispensável para a formação da sílaba. As consoantes e as semivogais são fonemas dependentes: só podem formar sílaba com o auxílio das vogais.

5 CLASSIFICAÇÃO DAS VOGAIS

De acordo com a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), classificam-se as vogais conforme:

- **a zona de articulação**

a) média: *a* (*a*ve)

b) anteriores: *é, ê, i* (*fé*, *vê*, r*i*)

c) posteriores: *ó, ô, u* (n*ó*, av*ô*, tat*u*)

- **o papel das cavidades bucal e nasal**

a) orais: *a, é, ê, i, ó, ô, u* (*a*to, *sé*, *vê*, *vi*, *só*, *fo*go, *u*va)

b) nasais: *ã, ẽ, ĩ, õ, ũ* (l*ã*, vento, *si*m, *som*, m*u*ndo)

c) tônicas: p*á*, at*é*, gelo, tup*i*, d*ó*, gl*o*bo, l*u*z

- **a intensidade**

a) subtônicas: *a*rvorezinha, cafezinho, esplendidamente, *so*mente, *co*modamente

b) átonas: el*a*, m*o*le, l*i*ção, lad*o*, l*u*gar, ó*r*fã, lençol

- **o timbre**

a) abertas: *a, é, ó* (l*á*, p*é*, cip*ó*)

b) fechadas: *ê, ô, i, u* e todas as nasais (v*ê*, am*o*r, v*i*, cr*u*, s*ã*, lenda)

c) reduzidas: as vogais átonas orais ou nasais (vel*a*, val*e*, v*i*tal, sap*o*, *u*nido, *a*ndei, *e*ntão)

Explicação do esquema anterior

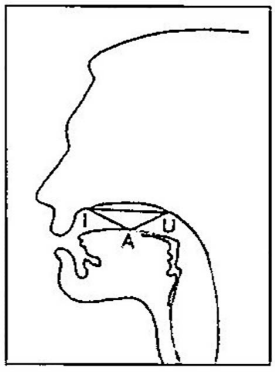

- A zona de articulação é o ponto ou a parte em que se dá o contato ou a aproximação dos órgãos que cooperam para a produção dos fonemas, no caso das vogais, a língua e o palato. Produzimos a vogal média *a* mantendo a língua baixa, quase em posição de descanso, e a boca entreaberta. Para passar da vogal *a* para as anteriores (*é, ê, i*), levantamos gradualmente a parte anterior da língua em direção ao palato duro, ao mesmo tempo que diminuímos a abertura da boca. Para emitir as vogais posteriores (*ó, ô, u*), elevamos mais e mais a parte posterior da língua em direção ao véu palatino, arredondando progressivamente os lábios.
- Na emissão das vogais orais, a corrente sonora, impedida, pela úvula levantada, de chegar às cavidades nasais, ressoa apenas na boca. Na produção das vogais nasais, dá-se o abaixamento da úvula, e a corrente sonora chega, em parte, às fossas nasais e nelas ressoa.
- As vogais tônicas são as que proferimos com maior intensidade: constituem a base das sílabas tônicas. As subtônicas proferem-se com intensidade secundária, sendo a base das sílabas subtônicas. As vogais átonas, de intensidade mínima, são a base das sílabas átonas.
- O timbre das vogais resulta da maior ou menor abertura da boca. Essa abertura é máxima na produção das vogais abertas (*a, é, ó*), mínima na emissão das vogais fechadas (*ê, ô, i, u*) e média na formação das reduzidas.

Observações:

✔ A distinção entre abertas e fechadas só é perceptível nas vogais tônicas e subtônicas. As vogais reduzidas praticamente confundem-se com as átonas.

✔ No fim das palavras, as vogais átonas *e* e *o* são, em geral, proferidas como *i* e *u*, respectivamente: *noite* (nôitchi), *tribo* (tríbu).

✔ As vogais nasais são grafadas de três maneiras: a) sobrepondo-lhes til (irmã); b) pospondo-lhes *m* (tampa); c) pospondo-lhes *n* (ganso).

6 ENCONTROS VOCÁLICOS

Os encontros vocálicos são três: *ditongo, tritongo* e *hiato.*

- **Ditongo**

É a combinação de uma *vogal* + uma *semivogal*, ou vice-versa, na mesma sílaba. Exemplos: pa*i*, re*i*, so*u*, pã*o*, fu*i*, her*ói*, sér*io*, qu*a*ndo.

Dividem-se os ditongos em:

a) **orais:** pa*i*, pou*co*, jei*to*, fu*i*, etc.

b) **nasais:** mã*e*, pã*o*, põ*e*, mu*i*to (mũ*i*to), be*m* (bẽ*i*), etc.

c) **decrescentes:** (vogal + semivogal): pa*u*ta, me*u*, ri*u*, constit*ui*, d*ói*, ou*ro*, jei*to*, etc.

d) **crescentes:** (semivogal + vogal): gê*nio*, pá*tria*, sé*rie*, qu*a*tro, ag*u*entar, qu*a*ntia, tê*nue*, vá*cuo*, etc.

Observação:

✔ Note-se que, tanto nos ditongos decrescentes como nos crescentes, a vogal é, por via de regra, o fonema de maior abertura.

Existem 17 ditongos decrescentes e 13 crescentes, considerados sob o aspecto da escrita:

▪ **Ditongos decrescentes**

ãe: mãe, pães
ai: pai, vaidade
ãi: cãibra, paina
ão: pão, mãos, falam (fálão)
au: mau, degrau
éi: fiéis, papéis
ei: rei, leite, rejeito
ẽi: hem!, vivem, têm (tẽi)
éu: véu, céu
eu: meu, bebeu
iu: viu, partiu
õe: põe, limões, ações
ói: dói, herói, constrói
oi: coitado, foi
ou: dou, louco, estoura
ui: fui, ruivo, gratuito
ũi: muito (mũito), muita

▪ **Ditongos crescentes**

ea: área, orquídea
eo: róseo, níveo
ia: várias, sábia, infância
ie: série, espécie, quieto
io: lírio, curioso, ópio
oa: nódoa, mágoa
ua: água, quadra
uã: quando, araquã
ue: tênue, equestre
uẽ: aguento, frequente
ui: sanguinário, tranquilo
uĩ: quinquagésimo, pinguim
uo: aquoso, vácuo

Observações:

✔ Os ditongos crescentes aparecem, mais frequentemente, em sílabas átonas.

✔ Por terem o valor fonético aproximado de */i/* e */u/*, respectivamente, */e/* e */o/* átonos são, em certos casos, semivogais, originando, portanto, ditongos: *mãe*, capitães, *põe*, perdoe, limões, Caetano, *ao*, etc.

✔ Não aparece escrita a semivogal nos ditongos nasais *em* (ẽi) e *am* (ão): *bem* (bẽi), *contém* (contẽi), *vivem* (vívẽi), *eram* (érão), *falam* (fálão), *lutaram* (lutárão), etc.

✔ "Os encontros *ia, ie, io, ua, ue, uo* finais átonos, seguidos ou não de *s*, classificam-se quer como ditongos, quer como hiatos, uma vez que ambas as emissões existem no domínio da Língua Portuguesa: *his-tó-ri-a* e *his-tó-ria*; *sé-ri-e* e *sé-rie*; *pá-ti-o* e *pá-tio*; *ár-du-a*; *tê-nue*; *vá-cu-o* e *vá-cuo*" (NGB). Todavia, é preferível considerar tais grupos ditongos crescentes e, consequentemente, paroxítonos os vocábulos em que ocorrem. Na escrita, em final de linha, esses encontros vocálicos não devem ser partidos.

✔ Em palavras como *área, róseo, mágoa* e outras com iguais terminações, é discutível a existência de ditongo crescente, porque na pronúncia brasileira o primeiro fonema do encontro vocálico de tais vocábulos é proferido com intensidade bastante sensível, aproximando-se mais de vogal do que de semivogal.

✔ Certos encontros vocálicos, por alguns considerados ditongos crescentes, verdadeiramente não passam de hiatos: p*ia*da, qu*ia*bo, cord*ia*l, m*io*lo, p*o*eta, v*ia*ndante, p*o*ente, coelho, m*oi*nho, l*ua*r, m*iu*deza, etc.

✔ Palavras como *saia, raio, tuxaua, teia, correio, gaiola, goiaba, imbuia*, etc. encerram, na realidade, dois ditongos juntos, pois é assim que as emitimos: *sai-ia, rai-io,* tux*au-ua, tei-ia,* corr*ei-io, gai-io*la, g*oi-ia*ba, imb*ui-ia*.

▪ Tritongo

É o conjunto *semivogal + vogal + semivogal*, formando uma só sílaba.

O tritongo pode ser:

a) **oral:** ig*uais*, averig*uei*, averig*uou*, delinq*uiu*, seq*uoi*a, Urug*uai*.

b) **nasal:** q*uão*, sag*uão*, sag*uões*, míng*uam* (míng*uão*), enxág*uem* (enxág*uẽi*), deság*uam* (deság*uão*), deság*uem* (deság*uẽi*).

Observações:

✔ Nos tritongos nasais *uam, uem*, não se registra graficamente a segunda semivogal, conforme atestam os quatro últimos exemplos.

✔ Em palavras como *uruguaio, Uruguaiana, sequoia*, etc., temos o conjunto vocálico *tritongo + ditongo*: uruguai-**io**, Uruguai-iana, sequoi-**ia**.

▪ Hiato

É o encontro de duas vogais pronunciadas em dois impulsos distintos, formando sílabas diferentes:

S*aa*ra (S*a*-*a*-ra)	*ao*rta (*a*-*o*r-ta)
fa*í*sca (fa-*í*s-ca)	d*oe*r (d*o*-er)
pod*ia* (po-d*i*-*a*)	v*oo* (v*o*-*o*)
sa*ú*de (sa-*ú*-de)	cr*ee*m (cr*e*-em), passeemos (pas-se-*e*-mos)
ci*ú*me (ci-*ú*-me)	p*oe*ira (p*o*-ei-ra)
preencher (pre-en-cher)	m*ee*iro (m*e*-ei-ro)
cr*u*el (cr*u*-el)	f*ui*nha (f*u*-*i*-nha)
fr*ea*r (fr*e*-*a*r)	lag*oa* (la-g*o*-*a*)
j*uí*zo (j*u*-*í*-zo)	fr*ii*ssimo (fr*i*-*í*s-si-mo)

Observações:

✔ Em palavras como *veia, saia, gaiola, maiúscula*, etc., pode-se ver hiato (*vei-a, sai-a, gai-o-la, mai-ús-cu-la*), ou, mais acertadamente, dois ditongos (*vei-ia, sai-ia, gai-io-la, mai-iús-cu-la*), conforme explicamos acima.

✔ Na poesia, exigências de ordem fonética ou estilística podem converter hiatos em ditongos (*sinérese*) ou dissolver ditongos em hiatos (*diérese*).

7 CLASSIFICAÇÃO DAS CONSOANTES

As consoantes são classificadas de acordo com quatro critérios:

- modo de articulação
- ponto de articulação
- função das cordas vocais
- função das cavidades bucal e nasal

FUNÇÃO DAS CAVIDADES BUCAL E NASAL		ORAIS						NASAIS
MODO DE ARTICULAÇÃO		OCLUSIVAS		CONSTRITIVAS				
				fricativas		vibrantes	laterais	
FUNÇÃO DAS CORDAS VOCAIS		surdas	sonoras	surdas	sonoras	sonoras	sonoras	sonoras
Ponto de articulação	bilabiais	*p*	*b*					*m*
	labiodentais			*f*	*v*			
	linguodentais	*t*	*d*					
	alveolares			*s* *c* *ç*	*s* *z*	*r* *rr*	*l*	*n*
	palatais			*x* *ch*	*g* *j*		*lh*	*nh*
	velares	*c q* *(k)*	*g* *(guê)*					

- **Modo de articulação**

É a maneira pela qual os fonemas consonantais são articulados.

Vindo da laringe, a corrente de ar chega à boca, na qual encontra obstáculo total ou parcial da parte dos órgãos bucais. Se o fechamento dos lábios ou a interrupção da corrente de ar é total, dá-se a oclusão; se parcial, a constrição: daí a divisão das consoantes em *oclusivas* e *constritivas*.

No segundo caso, conforme o modo pelo qual a corrente expiratória escapa, as consoantes podem ser:

a) **fricativas** – quando o ar sai roçando ruidosamente as paredes da boca estreitada: *f, v, ç, s, z, x, j;*

b) ***vibrantes*** – quando o ar produz um movimento vibratório áspero: *r* brando e *r* forte ou múltiplo;

c) **laterais** – quando o ar, encontrando a língua apoiada no palato, é forçado a sair pelas fendas laterais da boca: *l, lh*.

Observação:

✔ As consoantes nasais, que alguns autores incluem entre as oclusivas e outros entre as constritivas, merecem, quanto ao modo de se articularem, classificação à parte, pois, quando as proferimos, há oclusão apenas bucal, chegando o ar às fossas nasais, nas quais ressoa.

▪ Ponto de articulação

É o lugar em que os órgãos entram em contato para a emissão do som.

Quando entram em ação ou contato:

- os lábios, as consoantes são *bilabiais*: **p, b, m**;
- os lábios e os dentes, as consoantes são *labiodentais*: **f, v**;
- a língua e os dentes, as consoantes são *linguodentais*: **t, d**.
- a língua e os alvéolos, temos consoantes *alveolares*: **s, c** (= ç), **z, l, r** (brando), **r** (forte ou múltiplo), **n**;
- o dorso da língua e o palato duro (céu da boca), as consoantes se chamam *palatais*: **j, g** (= j), **x, lh, nh**;
- a parte posterior da língua e o véu palatino (palato mole), as consoantes denominam-se *velares*: **c** (k), **q, g** (guê).

As consoantes produzidas pelo concurso dos mesmos órgãos denominam-se *homorgânicas*. Exemplos:

t / d **s / z** **p / b** **c** (k) / **g** (guê)

▪ Função das cordas vocais

Se a corrente de ar puser as cordas vocais em vibração, teremos uma consoante *sonora*; caso contrário, a consoante será *surda*.

▪ Função das cavidades bucal e nasal

Quando o ar sai exclusivamente pela boca, as consoantes são *orais*; se, pelo abaixamento da úvula, o ar penetra nas fossas nasais, as consoantes são *nasais*: **m, n, nh**.

Observações:

✔ Os signos *m* e *n* são consoantes apenas em início de sílaba: *mato, remo, nado, sino*, etc.; em final de sílaba, como nas palavras *campo, tempo, conde, fundo, anta, lindo*, são simples sinais de nasalização da vogal ou do ditongo anterior.

✔ Na pronúncia normal brasileira, o *l*, em final de sílaba, tem realização antes de *velar* do que *alveolar*, vocalizando-se aproximadamente como um *u*: *alto* (aultu), *mal* (mául), *anel* (aneul), *filme* (fiulme), etc. Ao escrever tais palavras, não se pode trocar o *l* por *u*.

- ✔ O *r* forte, em final de sílaba, como em *porta, carne, levar*, é proferido como velar no Rio de Janeiro e em outras áreas do Brasil. Tanto a pronúncia velar como a alveolar são boas. O mesmo não se pode dizer da realização linguopalatal (*r* caipira), desagradável ao ouvido, dominante em certas áreas dos estados de São Paulo, Minas Gerais e Mato Grosso do Sul.
- ✔ No português do Brasil, as consoantes *d* e *t*, quando seguidas da vogal ou da semivogal *i*, geralmente se palatalizam: *dinheiro* (djinhêiru), *diabo* (djiábu), *tia* (tchia), *mate* (mátchi).
- ✔ Na pronúncia normal brasileira, o *s* final de sílaba soa aproximadamente como *z*: *ondas, peles, lesma*, etc. A melhor produção do *s*, neste caso, é a alveolar e não a palatal (como *x*). Soam desagradáveis os *ss* exageradamente "puxados", à carioca.
- ✔ Para representar os fonemas palatais *lh* e *nh*, não há signos próprios em nosso alfabeto. É que tais fonemas inexistem no grego e no latim.

8 ENCONTROS CONSONANTAIS

Encontro consonantal é a sequência de dois ou mais fonemas consonânticos numa palavra. Exemplos:

brado, **cr**eme, **pl**ano, re**gr**a, **cl**o, a**tl**eta, a**tr**ás, **tr**anstorno, **ps**íquico, **pn**eumático, obtu**r**, di**g**no, e**n**igma, obs**tr**uir, sub**d**elegado, infecção, **st**mo, fórceps, **Pt**olomeu, **tch**eco, tsé-tsé, lam**bd**a, lam**bd**acismo, etc.

O encontro consonantal pode ocorrer:

a) na mesma sílaba:

cli-ma, **fl**o-res, du-**pl**o, **br**a-do, re-**pr**e-sa, le-**tr**a, **cz**ar, **ps**eu-dô-ni-mo, **mn**e-mô-ni-co, **ps**i-co-se, etc.

São encontros consonantais inseparáveis, mais frequentemente formados de *consoante* + *l* ou *r*.

b) em sílabas diferentes:

ad-ven-to, **ob**-tu-so, **ap**-to, fú**c**-sia, pa**c**-to, su**c**-ção, na**f**-ta, **sub**-lo-car, **sub**-lin-gual, in-cóg-ni-ta, ét-ni-co, **cons**-tar, cor-**rup**-ção, **obs**-tá-cu-lo, etc.

São encontros consonantais *separáveis*. Ocorrem sempre no interior das palavras e geralmente são formados de duas consoantes.

Observações:

- ✔ Pronunciam-se separadamente o *b* e o *l* das palavras *sublinhar, sublegenda, sublacustre, sublingual, sublocar, sublocação* e *sublunar*, formadas com o prefixo *sub*.
- ✔ Em palavras como *samba, renda, lindo*, não há encontro consonantal, porque, como já vimos, *m* e *n*, em final de sílaba, não representam fonemas, são letras nasalizadoras, têm a função do til: *sãba, rẽda, lĩdo*.
- ✔ Não se deve confundir encontro consonantal com dígrafo, que a seguir estudaremos.

9 DÍGRAFOS

Dígrafo é o grupo de duas letras representando um só fonema. Na palavra **ch**ave, por exemplo, que se pronuncia **x**ávi, ocorre o dígrafo **ch**.

a) Dígrafos que representam consoantes:

ch: chapéu, cheio
lh: pilha, galho
nh: banho, ganhar
rr: barro, erro
ss: asseio, passo
gu: (antes de *e* ou *i*): guerra, seguinte
qu: (antes de *e* ou *i*): leque, aquilo
sc: (antes de *e* ou *i*): descer, piscina
sç: (antes de *a* ou *o*): desça, cresço
xc: (antes de *e* ou *i*): exceção, excitar

Observações:

✔ Em palavras em que as duas letras se pronunciam, os grupos *gu, qu, sc* e *xc* não são dígrafos, como nos exemplos: *agudo, aguentar, aquático, frequente, escada, exclamar.*

✔ Na divisão gráfica das sílabas, cinco desses dígrafos (*ch, lh, nh, gu, qu*) são inseparáveis, e os cinco outros (*rr, ss, sc, sç, xc*), separáveis: *ter-ra, os-so, pis-ci-na, cres-ça, ex-ce-to.*

✔ Dígrafo não é encontro consonantal, pois representa um só fonema.

b) Dígrafos que representam vogais nasais:

am: tampa (tãpa)
em: tempo (tẽpu)
im: limpo (lĩpu)
om: ombro (õbru)
um: jejum (jejũ)
an: santa (sãta)
en: venda (vẽda)
in: linda (lĩda)
on: sonda (sõda)
un: mundo (mũdu)

No fim das palavras, como *falam* (fálãu), *batem* (bátẽi), *alguém* (alguẽi), *am* e *em* não são dígrafos, porque representam um ditongo nasal, portanto, dois fonemas.

10 NOTAÇÕES LÉXICAS

Notações léxicas são certos sinais gráficos que se juntam às letras, geralmente para lhes dar um valor fonético especial e permitir a correta pronúncia das palavras.

São as seguintes:

- o **acento agudo** – indica vogal tônica aberta: *pé, avó, lágrima;*
- o **acento circunflexo** – indica vogal tônica fechada: *avô, mês, âncora;*
- o **acento grave** – sinal indicador de crase: ir à cidade;
- o **til** – indica vogal nasal: *lã, põe, ímã, romãzeira;*
- a **cedilha** – dá ao *c* o som de *ss*: *moça, laço, açude;*
- o **apóstrofo** – indica supressão de vogal: *mãe-d'água, pau-d'alho;*
- o **hífen** – une palavras, prefixos, etc.: *arco-íris, peço-lhe, ex-aluno.*

O emprego das notações léxicas, também denominadas **sinais diacríticos**, será estudado em **Ortografia**, páginas 80 a 85.

EXERCÍCIOS

LISTA 01

1. Explique para cada uma das listas de palavras abaixo o tipo de imperfeição que ocorre na representação dos fonemas:

a) maCHado – miLHo – uNHa – caRRo – oSSo – seGUir

b) eXame – Xale – teXto – próXimo – táXi – heXacampeão

c) taMbor – diamaNte – doeNte – nogUeira

d) seXo – tóXico – oXigênio – aXila – fluXo – tóraX

e) eXilar – coZido – corteSia

f) bEM – armazÉM – ajudEM – lutAM – escutarAM

g) Hospital – piScina – eXceção – reqUisito

2. Copie apenas as afirmações verdadeiras:

a) Na língua portuguesa, a vogal é o elemento básico, suficiente e indispensável para a formação de sílabas.

b) Todas as vogais nasais são fechadas.

c) Na palavra **cafezinho**, E é vogal tônica.

d) Na produção das vogais orais, a úvula se levanta, impedindo que a corrente de ar chegue às fossas nasais.

e) A única maneira de representar uma vogal nasal é sobrepor um til à letra que a simboliza.

3. Em português há sete vogais orais e cinco vogais nasais. Copie-as em seu caderno, substituindo o triângulo pelas que faltam e os seus respectivos exemplos:

Orais		**Nasais**	
1 - *i* (vi)	5 - *u* (tu)	1 - *ĩ* (sim)	4 - *ũ* (um)
2 - *ê* (lê)	6 - *ô* (dor)	2 - *ã* (lã)	5 - Δ
3 - *é* (pé)	7 - Δ	3 - *õ* (onda)	
4 - *a* (pá)			

4. Classifique no seu caderno as vogais em destaque dos vocábulos seguintes, de acordo com o exemplo:

cafÉ: anterior, aberta, oral, tônica

a) sofÁ

b) cÂntico

c) pOços

d) Unicamente

e) cEdo

5. Responda:

Na palavra **ódio**, o ditongo é crescente porque a semivogal vem antes da vogal base.

Por que na palavra **boi** o ditongo é decrescente?

6. Reescreva as palavras abaixo, colocando na frente de cada uma os números correspondentes ao tipo de ditongo:

(1) ditongo oral decrescente

(2) ditongo oral crescente

(3) ditongo nasal decrescente

(4) ditongo nasal crescente

ouro	cãibra	doido
pão	mau	araquã
frequente	tênue	múmia
muito	refém	quando
viu	estavam	exíguo

7. Separe as palavras abaixo em três colunas: ditongos, tritongos e hiatos:

equestre – ciúme – radiouvinte – mínguam – fortuito – poético – quaisquer – aquático – reagir – pessoa – guaicuru – averiguou

8. Classifique os encontros vocálicos abaixo, indicando se são orais ou nasais, crescentes ou decrescentes:

Paraguai – aguentar – saguão – reeleito – circuito – caótico – artéria – apaziguei – quieto – triunfo – saguões – gratuito – iguaizinhos – propõe – orquídea – uruguaianense – pinguim – sequoia

9. Copie a única palavra em que há ditongo nasal:

viajante – nogueira – mágoa – cantavam – hortênsia

10. Substitua o * nas palavras, usando adequadamente o ditongo nasal **ão** ou **am**:

estav * est * s * seri * der *

11. Copie em seu caderno apenas as palavras em que ocorre hiato:

viúva – viu – coeso – sueco – ruivo – ruína – ruíra – caí – cai – lagoa – beato – sai – saíra – preencher – água – pajeú – rua – ruim – pais – país

12. Nas palavras **ninguém**, **lagoa**, **queijo**, **lírio** e **Uruguai**, há, respectivamente:

a) hiato – ditongo decrescente – hiato – hiato – tritongo

b) ditongo decrescente – hiato – tritongo – hiato – tritongo

c) ditongo decrescente – hiato – ditongo decrescente – ditongo crescente – tritongo

13. Copie as palavras abaixo, modificando a intensidade da penúltima vogal, de tal modo que de tônica se torne átona:

alivio – desanimo – magoas – habito – auxilio – secretaria – penitencia – fotografo – pronuncia – renuncia – obvia – autentica – seria – negocio – calculo – animo – incomodo

14. Quais, das alternativas abaixo, são as duas melhores pronúncias do **R** forte, em final de sílaba, como nas palavras **doutor** e **carne**:

- realização linguopalatal, frouxa?
- realização alveolar, nítida?
- realização velar, nítida?

15. Classifique as consoantes da palavra **caderno**:

Exemplos: C – consoante oral, oclusiva surda, velar.

16. Copie os vocábulos abaixo e em seguida assinale aqueles em que **M** e **N** não são fonemas, porém sinais de nasalização de vogais:

remo – campo – lembrança – maduro – ontem – honesto – lindo – hífen – algum – amor – cólon – simples – camada – hino – fundo

17. Escreva as palavras abaixo, sublinhando os encontros consonantais e passando um traço em volta dos dígrafos:

equestre – pneumático – guitarra – occipital – digno – obter – nascer – recepção – repleto – psicologia – cacique – telha – facho – exceder – sessão – sonho – czar – mnemônico – admitir – tambor – canto – apto – nafta – gente – fúcsia – bilíngue – sucção

18. Escreva os vocábulos listados, circulando a única palavra:

a) em que o encontro consonantal pertence a sílabas diferentes:
sublime – sublocar – abrolhar – psicólogo – aglutinar

b) em que o fonema consonântico está representado incorretamente:
malvado – alto – natureza – freguesa – coucha – granjear – maldade

19. Por que em **samba** e **lenda** não há encontro consonantal?

20. Copie as palavras, identificando em seguida, entre parênteses, o valor fonético da letra **x**.

Exemplos: **eixo** (ch) – **sexto** (s) – **fixo** (cs) – **auxílio** (ss) – **hexaedro** (cz) – **exame** (z) – **exceto** (-)

elixir	sintaxe	maxilar
exalar	vexame	prolixo
fluxo	exorbitar	axila
texto	clímax	excêntrico
coxa	exímio	máximo
êxodo	léxico	cóccix
tóxico	nexo	exíguo
exonerar	trouxe	profilaxia
exceção	excitar	oxítono
ortodoxo	hexágono	hexacampeão

21. No texto "A água" (página 20), ocorrem palavras com sons expressivos. Informe quais são e o que sugerem.

22. Os textos abaixo são fragmentos de poemas. Aponte os versos com sons expressivos e informe o que sugerem:

texto A

O sino bate,
o condutor apita o apito,
solta o trem de ferro um grito,
põe-se logo a caminhar...

– Vou danado pra Catende,
vou danado pra Catende,
vou danado pra Catende
com vontade de chegar...

Mergulham mocambos
nos mangues molhados,
moleques, mulatos
vêm vê-lo passar.

(Ascenso Ferreira, *Poemas*, p. 137, Recife, 1959)

texto B

Sino de Belém,
Sino da Paixão...

Sino de Belém,
Sino da Paixão...

Sino do Bonfim...
Sino do Bonfim...

Sino de Belém, pelos que inda vêm!
Sino de Belém bate bem-bem-bem.

Sino da Paixão, pelos que lá vão!
Sino da Paixão, bate bão-bão-bão.

(Manuel Bandeira, *Poesia Completa e Prosa*, p. 225, Aguilar, 1967)

23. Diga quantos fonemas e quantas letras há em cada palavra destacada:
"Não serei o poeta de um **mundo caduco**.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou **preso** à vida e **olho** meus **companheiros**." (Carlos Drummond de Andrade)

24. Procure no fragmento de Drummond transcrito acima:
a) dois exemplos de dígrafos.
b) dois exemplos de dígrafos que representam vogais nasais.
c) um exemplo de encontro consonantal.
d) um exemplo em que *em* apareça representando ditongo nasal na fala.

25. Quatro das palavras abaixo possuem o mesmo número de fonemas. Identifique-as:
horrível – sílaba – coqueiro – ferreiro – piscina – planalto – palavra – chuvinha – projeto

26. Identifique o(s) fonema(s) que corresponde(m) à letra **x** de cada palavra:
a) fixo b) próximo c) caixa d) exato e) fênix

27. Nas palavras abaixo, aponte as que contêm dígrafo (D), encontro consonantal (EC), ditongo (DI), hiato (H) ou tritongo (T):

queijo	frequência	linguiça	quilômetro
blocos	conflito	quais	aguente
mágoa	magoa	guitarra	traído

FONEMAS
Exercícios de exames e concursos
[Página 664]

SÍLABA
TONICIDADE

Sílaba é um fonema ou grupo de fonemas emitidos num só impulso da voz (impulso expiratório).

Na palavra *azeite*, por exemplo, há três sílabas: *a-zei-te*.

Na língua portuguesa, a sílaba se forma necessariamente com uma vogal, a que se agregam, ou não, semivogais ou consoantes.

1 CLASSIFICAÇÃO DAS PALAVRAS QUANTO AO NÚMERO DE SÍLABAS

Quanto ao número de sílabas, classificam-se as palavras em:

- **monossílabas** – as que têm uma só sílaba:
  pó, luz, é, pão, pães, mau, reis, boi, véus, etc.
- **dissílabas** – as que têm duas sílabas:
  café, livro, leite, caixas, noites, caí, roer, etc.
- **trissílabas** – as constituídas de três sílabas:
  jogador, cabeça, ouvido, saúde, circuito, etc.
- **polissílabas** – as que têm mais de três sílabas:
  casamento, americano, responsabilidade, jesuíta, etc.

2 DIVISÃO SILÁBICA

A divisão silábica faz-se pela silabação, isto é, pronunciando as palavras por sílabas. Na escrita, separam-se as sílabas por meio do hífen:

te-sou-ro, di-nhei-ro, con-te-ú-do, ad-mi-tir, guai-ta-cá, sub-le-var.

Regra geral:

✔ Na escrita, não se separam letras representativas da mesma sílaba.

Regras práticas:

✔ Não se separam letras que representam:

a) ditongos: c**au**-le, tr**ei**-no, ân-s**ia**, ré-g**ua**s, so-c**ie**-da-de, g**ai**-o-la, ba-l**ei**-a, des-m**ai**-a-do, im-b**ui**-a, etc.

b) tritongos: Pa-ra-guai, quais-quer, sa-guão, sa-guões, a-ve-ri-guou, de-lin-quiu, ra-diou-vin-te, U-ru-guai-a-na, etc.

c) os dígrafos *ch, lh, nh, gu* e *qu*: fa-cha-da, co-lhei-ta, fro-nha, pe-guei, quei-jo, etc.

d) encontros consonantais inseparáveis: re-cla-mar, re-ple-to, pa-trão, gno-mo, mne-mô-ni-co, pneu-mo-ni-a, pseu-dô-ni-mo, psi-có-lo-go, bí-ceps, etc.

✔ Separam-se as letras que representam os hiatos:

sa-ú-de, Sa-a-ra, sa-í-da, ca-o-lho, fe-é-ri-co, pre-en-cher, te-a-tro, co-e-lho, zo-o-ló-gi-co, du-e-lo, ví-a-mos, etc.

✔ Contrariamente à regra geral, separam-se, por tradição, na escrita, as letras dos dígrafos *rr, ss, sc, sç* e *xc*:

guer-ra, sos-se-go, pis-ci-na, des-çam, cres-ço, ex-ce-ção, etc.

✔ Separam-se, obviamente, os encontros consonantais separáveis, obedecendo-se ao princípio da silabação:

ab-do-me	ad-je-ti-vo	de-cep-ção	ls-ra-el
sub-ma-ri-no	ad-mi-rar	ap-ti-dão	felds-pa-to
sub-lin-gual	af-ta	e-clip-se	trans-tor-no
sub-lo-car	of-tal-mo-lo-gis-ta	rap-to	sols-tí-cio
ab-so-lu-to	e-nig-ma	rép-til	rit-mo
fric-ção	ma-lig-no	pers-pi-caz	ist-mo
in-fec-ção	dig-no	subs-tân-cia	ex-cur-são
téc-ni-co	mag-nó-lia	abs-tra-to	ex-clu-ir

Observação:

✔ Os grupos consonânticos separáveis são sempre internos. Os encontros *gn, ps, pt* e *tm*, quando internos, podem ser pronunciados juntos, na mesma sílaba: di-gno, eli-pse, ra-pto, ri-tmo, etc.

✔ O *x* com valor fonético de */cs/* junta-se à vogal seguinte (quando houver):

fi-xar, com-ple-xo, tó-xi-co, re-fle-xão, o-xi-gê-nio, etc.

✔ Na divisão silábica, não se levam em conta os elementos mórficos das palavras (prefixos, radicais, sufixos):

de-sa-ten-to, di-sen-te-ri-a, tran-sa-tlân-ti-co, su-ben-ten-di-do, su-bes-ti-mar, in-te-rur-ba-no, su-bur-ba-no, bi-sa-vó, hi-dre-lé-tri-ca, etc.

3 PARTIÇÃO DAS PALAVRAS EM FIM DE LINHA

Na translineação, isto é, ao passar de uma linha para a seguinte, além das *normas estabelecidas* para a divisão silábica, seguir-se-ão os seguintes critérios:

- Dissílabos como aí, saí, ato, rua, ódio, joia, unha, etc. não devem ser partidos, para que uma letra não fique isolada no fim ou no início da linha.

- Na partição de palavras de mais de duas sílabas, não se isola sílaba formada por uma vogal:

  agos-to (e não *a-gosto*), **la-goa** (e não *lago-a*), **ida-de** (e não *i-dade*).

- Na partição de compostos hifenizados, ao translinear, repetir-se-á o hífen quando a secção da palavra coincidir com o final de um dos elementos do vocábulo composto:

saca-	cana-	bem-me-
-rolhas	-de-açúcar	-quer

4 ACENTO TÔNICO

Num vocábulo de duas ou mais sílabas, há, em geral, uma que se destaca por ser proferida com mais intensidade que as outras: é a *sílaba tônica*. Nela recai o *acento tônico*, também chamado *acento de intensidade* ou *prosódico*. Nos exemplos seguintes, as sílabas tônicas estão em destaque:

café – janela – **médico** – estômago – colecionador

Observações:

✔ O acento tônico é um fato fonético e não deve ser confundido com o acento gráfico (agudo ou circunflexo) que às vezes o assinala.

✔ A sílaba tônica nem sempre é acentuada graficamente. Exemplos: cedo, *flores*, *bote*, pessoa, *senhor*, *caju*, *tatus*, *siri*, abaca*xis*.

Certos vocábulos derivados, geralmente polissílabos, além da sílaba tônica (em que recai o acento principal ou tônico), possuem uma *sílaba subtônica*, com acento secundário. Nos exemplos seguintes, as sílabas subtônicas aparecem em destaque:

caFEzinho – INdiazinha – RApidamente – COmodamente

As sílabas que não são tônicas nem subtônicas chamam-se *átonas* (= fracas), e podem ser *pretônicas* ou *postônicas*, conforme estejam antes ou depois da sílaba tônica. Exemplos:

MON → átona	FA → subtônica	HE → pretônica
TA → tônica	CIL → pretônica	ROI → subtônica
NHA → átona	MEN → tônica	ZI → tônica
	TE → postônica	NHO → postônica

5 CLASSIFICAÇÃO DAS PALAVRAS QUANTO AO ACENTO TÔNICO

De acordo com a posição da sílaba tônica, as palavras com mais de uma sílaba classificam-se em:

- **oxítonas** – quando a sílaba tônica é a última:

  caFÉ – raPAZ – escriTOR – maracuJÁ – má-criaÇÃO

- **paroxítonas** – quando a sílaba tônica é a penúltima:

  MEsa – LÁpis – monTAnha – imensiDAde – erva-MAte

- **proparoxítonas** – quando a sílaba tônica é a antepenúltima:
  ÁRvore – quiLÔmetro – MÉxico – pré-hisTÓrico

Observação:

✔ Para a classificação de palavras compostas, considere-se a posição da sílaba tônica do último elemento.

As palavras monossílabas, conforme a intensidade com que se proferem, podem ser *tônicas* ou *átonas*:

- **tônicas** – as que têm autonomia fonética, sendo proferidas fortemente na frase em que aparecem, como as destacadas no exemplo:

  "Pálido, o **Sol** do **céu** se despedia." (Olavo Bilac)

  São monossílabos tônicos:

  é, má, si, dó, nó, eu, tu, nós, ré, pôr, etc.

- **átonas** – as que não têm autonomia fonética, sendo proferidas fracamente, como se fossem sílabas átonas do vocábulo a que se apoiam. Nos exemplos seguintes, os monossílabos destacados são átonos:

  O menino divertia-**se** olhando **os** peixinhos **do** aquário.

  (**O** menino divertia-**se** olhand' **os**peixinhos **do**aquário.)

  "Este céu **que me** leva **ao** fim **de** tudo..." (Dante Milano)

  Os monossílabos átonos são palavras vazias de sentido: artigos, pronomes oblíquos, elementos de ligação (preposições, conjunções). Exemplos:

  o, a, os, as, um, uns, me, te, se, lhe, nos, de, em, e, que.

Os monossílabos átonos apoiam-se, foneticamente, ou na palavra seguinte ou na anterior. No primeiro caso, temos uma *próclise*, e os monossílabos se dizem *proclíticos*:

João *se* arrependeu do que fez.

No segundo caso, há uma *ênclise*, e os monossílabos são *enclíticos*:

João arrependeu-*se* do que fez.

Há monossílabos que são tônicos numa frase e átonos em outras. Exemplos:

Você me chamou para **quê**? (tônico) _____ **Que** tem você? (átono)

Assim **não**! (tônico) _____ **Não** posso ir. (átono)

Há sempre um **mas** para atrapalhar. (tônico) _____ Eu sei, **mas** não digo. (átono)

6 VOCÁBULOS ÁTONOS E VOCÁBULOS TÔNICOS

A maioria dos vocábulos átonos são monossílabos. Alguns, porém, são dissílabos: o artigo *uma*, as preposições *para* e *pera* (arcaica), as contrações *pelo* e *pela* e as conjunções *como* e *porque*.

Só quando proferidas na frase é que podemos perceber se as palavras são átonas ou tônicas.

Quando dois vocábulos paroxítonos são homógrafos, um átono e outro tônico, na escrita o tônico, de acordo com o novo sistema ortográfico, não se acentua mais. Exemplos:

A vida não *para*. (tônico) O *pelo* do gato é macio. (tônico)

Isto é *para* você. (átono) Segui *pelo* atalho. (átono)

7 VOCÁBULOS RIZOTÔNICOS E ARRIZOTÔNICOS

Rizotônicos (do grego *riza,* raiz) são os vocábulos cujo acento tônico incide no radical. Aqueles que têm o acento tônico depois do radical se dizem *arrizotônicos*.

Essa classificação diz respeito particularmente às formas verbais. Considerem-se, por exemplo, as seguintes formas do verbo **escrever**, cujo radical é **escrev**:

escrevo
escreves — formas rizotônicas
escreva

escrevi
escreverá — formas arrizotônicas
escrevendo

8 ACENTO DE INSISTÊNCIA

Sentimentos fortes (emoção, alegria, raiva, medo) ou a simples necessidade de enfatizar uma ideia podem levar o falante a emitir a sílaba tônica ou a primeira sílaba de certas palavras com uma intensidade e duração além do normal. Exemplos:

"Cada qual havia pescado um peixe **deeeeeeeeste** tamanho!" (PEDRO BLOCH)

"Me **saaalva**! – implorou a baratinha." (MILLÔR FERNANDES)

Estúuupido! – gritou a menina, revoltada.

Foi uma noite **maaaravilhosa**!

Deve haver equilíbrio entre exportação e importação.

João não distinguia eminente de iminente.

A esse realce sonoro de uma sílaba dá-se o nome de *acento de insistência* ou *acento enfático*.

Note-se que o acento de insistência nem sempre coincide com a sílaba tônica da palavra, conforme se vê nos três últimos exemplos.

9 ANÁLISE FONÉTICA

Fazer a análise fonética de um vocábulo é classificá-lo quanto ao número de sílabas e o acento tônico, decompor-lhe as sílabas e classificar os fonemas que as constituem. Exemplo:

BAILE: palavra dissílaba paroxítona, rizotônica.

1ª sílaba: **bai**, tônica, constituída pela consoante bilabial oclusiva sonora **b** e pelo ditongo oral decrescente **ai** (**a** vogal + **i** semivogal).

2ª sílaba: **le**, átona postônica, formada pela consoante constritiva lateral alveolar sonora **l** e a vogal anterior reduzida oral átona **e**.

EXERCÍCIOS

LISTA 02

1. Qual é o fonema que, necessariamente, aparece na formação das sílabas em português?

2. Separe as sílabas das palavras de cada grupo, de acordo com a respectiva norma:

   a) Não se separam as vogais dos ditongos – decrescentes e crescentes – nem as dos tritongos:

   louvor – precaução – rádio – história – tênue – paiaguá – aguardente – quaisquer – desiguais – averiguou

   b) Separam-se as vogais dos hiatos:

   saúva – saindo – boato – reedição – coorte – caatinga – freada – jesuíta – poeira – saíamos – triunfo

   c) Separam-se os encontros consonantais internos separáveis:

   absoluto – advogado – dracma – nafta – ritmo – ignorar – decepção – hipnose – apto – técnica – ético – perspectiva

   d) Na divisão silábica não se consideram os elementos mórficos das palavras:

   desatencioso – disenteria – bisavô – transamazônica – interurbano – subestimar – hidrelétrica – exorbitar

3. Divida as sílabas destas palavras, não esquecendo que há dígrafos que se bipartem e outros não:

   cachoeira – consciência – excessivo – descendência – correria – coalhada – ressurreição – distinguiu – desencalhei – quermesse

4. Separe corretamente as sílabas destes vocábulos:

   feiíssimo – substância – perspicácia – iguaizinhos – delinquência – feérico – descêsseis – impregnariam – circunspecto – fricção – leais – despautério – tiziu – obstáculo – clepsidra – abstêmio – substituir – admissão – egípcio – quinquênio

5. Faça como no exercício anterior:

   dispepsia – subsistência – sublocar – paradoxais – interruptor – gnaisse – gipsita – esfíncter – zeugma – quartzo – tungstênio – abstrair – feldspato – paizinho – paisinho – aracnídeo – designar – abdicar – paraibano – núpcias – Quéops

6. Parta de todos os modos admissíveis as seguintes palavras em fim de linha, deixando de lado as que não devem ser partidas:

   olaria – ódio – inexcedível – baú – ilha – ilusório – água – sussurro – ignomínia – oxigênio – auxílio – voo – saí – sabiá

7. Copie, em cada grupo, as palavras partidas corretamente:

   a) dece-pção, ex-ceção, ascen-são, varie-dade
   b) discus-são, fer-reiro, de-sonesto, memóri-a
   c) caço-ada, inter-estadual, pé-rola, coc-ção
   d) o-pinar, ad-quirir, sequên-cia, obs-truir
   e) psico-logia, goi-abeira, enxa-guei, exce-sso

8. Classifique os vocábulos quanto ao número de sílabas:

leiteiro – véus – zombaria – cauim

9. Escreva e sublinhe a sílaba tônica de cada palavra:

sôfrego – sofregamente – cafezinho – paraense – ruim – ruidoso

10. Separe as sílabas das palavras **caótico**, **desobstruiu** e **perspectiva** de modo que as sílabas tônicas coincidam com os asteriscos:

			*				*			*		

11. Organize os vocábulos em três colunas, de acordo com a acentuação tônica: oxítonos, paroxítonos e proparoxítonos:

obstáculo – horizontal – rapidamente – timidez – esperávamos – lavrador – precioso – epidemia – atlético – madrepérola – enlouqueceu – taubateense – vice-diretor – neocomungante – fenômenos

12. Copie as palavras em seu caderno e passe um traço em volta das sílabas subtônicas:

dificilmente – instantaneamente – cristãmente – otimamente – tunelzinho – chapeuzinho – mãozinhas – papelzinho

13. Copie o trecho abaixo, sublinhando os monossílabos átonos com um traço e os tônicos com dois:

Por certo que foi esse céu luminoso

o brilho primeiro do "– Faça-se a luz!"

(ROSAMARIA CASTELO BRANCO)

14. Copie os pares de frases abaixo, acentuando corretamente o homógrafo monossílabo tônico para distingui-lo do homógrafo átono:

a) Senna foi um **as** do automobilismo.
Lave **as** mãos antes das refeições.

b) Cão **que** ladra não morde.
Você quer o carro para **que**?

c) Errei **por** distração.
Começou a **por** defeitos em mim.

d) **Da** o que podes.
Preciso **da** chave.

e) Chegou **de** noite.
Não **de** gritos.

f) Que pessoas **mas**!
Sofre, **mas** não chora.

15. Registre em seu caderno a frase em que o acento de insistência não coincide com a sílaba tônica da palavra:

À nossa frente erguia-se uma montanha enooorme!

A viagem foi maaaravilhosa!

16. Escreva os grupos de palavras e sublinhe em cada um a que não é proparoxítona:

a) êxodo – apóstata – rubrica – anátema – óbolo
b) aríete – incólume – munícipe – trôpego – ibero
c) zênite – década – abóbada – avaro – silvícola

17. Informe no seu caderno a série em que há palavras cuja divisão silábica é incorreta:

a) tó-xi-co, ru-im, gra-tui-to, ex-ce-ção
b) sub-li-nhar, e-clip-se, in-fec-ção, de-son-ra
c) te-a-tro, des-ones-to, ap-ti-dão, sub-es-ti-mar

18. Divida as palavras abaixo em sílabas e localize a sílaba tônica de cada uma:

quaisquer – enfronhado – psicólogo – advogado – fôssemos – exceção – coordenadora – piscina

19. Classifique as palavras do exercício anterior quanto à posição da sílaba tônica.

20. Leia o trecho abaixo, separe as sílabas das palavras destacadas e, depois, classifique-as de acordo com a posição da sílaba tônica:

Nos mundos imaginados por esse **escritor**, nascido no **México**, o futuro é sempre **pior** que o presente. O que já é **ruim** hoje tende a piorar. Como **morreu** há vinte anos, não seria de **admirar** que o **chamassem** de visionário.

21. Crie novas palavras apenas substituindo a sílaba tônica por uma átona. Depois construa uma frase com cada nova palavra, deixando clara a diferença de sentido entre elas:

Tônico – análise – sabiá – fotógrafo – número

22. Destaque, no fragmento abaixo, os monossílabos que encontrar, dizendo se são átonos ou tônicos:

O movimento do trem lhe dá a incrível sensação de irrealidade e leva-o a concordar com aqueles que afirmam ser a realidade apenas um de nossos sonhos. Põe, então, os óculos de grau e, ignorando a insuficiência de luz, retoma a leitura, pensando que aquelas afirmações sem pé nem cabeça apenas podem provocar dó em quem as ouvir.

23. Releia os monossílabos que localizou no exercício anterior, observando a ocorrência de acentuação gráfica. O que é possível concluir quanto à acentuação dos monossílabos?

SÍLABA TONICIDADE
Exercícios de exames e concursos
[Página 664]

ORTOÉPIA
PROSÓDIA

1 ORTOÉPIA

A *ortoépia* (do grego *orthós*, correto + *hepós*, fala) ocupa-se da boa pronunciação das palavras, no ato da fala. É fonética prática, dinâmica, e merece especial atenção no estudo da língua.

A ortoépia preceitua:

- a perfeita emissão das vogais e dos grupos vocálicos, enunciando-os com nitidez, sem acrescentar nem omitir ou alterar fonemas, respeitando o timbre (aberto ou fechado) das vogais tônicas, tudo de acordo com as normas da fala culta. Exemplos:

  m**o**leque, ch**o**ver, c**o**légio, búss**o**la, e não: m**u**leque, ch**u**ver, c**u**légio, búss**u**la

  f**ei**xe, qu**ei**jo, qu**ei**xa, **ou**ro, e não: f**ê**xe, qu**ê**jo, qu**ê**xa, **ô**ro

  r**ou**bo, r**ou**ba, afr**ou**xo, afr**ou**xa, e não: r**ó**bo, r**ó**ba, afr**ó**xo, afr**ó**xa

  fizest**e**s, quisest**e**s, e não: fizést**e**is, quisést**e**is

  caranguejo, band**e**ja, e não: carangueijo, band**ei**ja

  f**o**rnos (ó), p**o**stos (ó), e não: f**ô**rnos, p**ô**stos

  infl**i**gir, mend**i**go, e não: infl**in**gir, mend**in**go

  meteorologia, e não: **meter**ologia ou **metere**ologia

- a articulação correta e nítida dos fonemas consonantais. Exemplos:

  mulhe**r**, que**r**, come**r**, fala**r**, e não: mulhé, qué, comê, falá

  pasto**r**, ca**r**ne, po**r**ta, etc., dando-se ao ***r*** final de sílaba som velar ou alveolar

  ma**l**, e não: ma**u** nem ma**r**; m**al**-humorado, e não m**au**-humorado

  vigé**s**imo (zi), compa**nh**ia, e não: vigé**ss**imo, compa**n**ia

  ma**s** (maz), me**s**mo (mezmo), ci**s**ne (cizne) e não: ma**ç**, me**ç**mo, ci**ç**ne

  o**b**ter, a**dm**irar, di**g**no, dece**pç**ão, ri**tm**o, e não: o**bi**ter, a**di**mirar, dí**gui**no, dece**pi**ção, rí**ti**mo

- a correta e adequada ligação das palavras na frase. Exemplo:

  No início da escalada, encontramos um túnel escuro, que atravessamos correndo.

Registramos aqui alguns casos mais frequentes de pronúncias errôneas e, ao lado, as pronúncias corretas:

Pronúncias errôneas	Pronúncias corretas
abissoluto, adevogado	absoluto, advogado
abóboda	abóbada
advinhar, advinho	adivinhar, adivinho
abstênio	abstêmio
afroxa (ó)	afrouxa
aleja (é)	aleija
almejo (é), almeja (é), caleja (é)	almejo (ê), almeja (ê), caleja (ê)
asterístico	asterisco
arrúina	arruína
aterrisagem (zá)	aterrissagem
beneficiente	beneficente
bilingue	bilíngüe
buginganga	bugiganga
carramanchão	caramanchão
cataclisma	cataclismo
colmeia (éi)	colmeia (êi)
cônjugue	cônjuge
degladiar	digladiar
douze	doze (ô)
dignatário	dignitário
desiguinar, desiguina	designar, designa
distingüir, distingüiu	distinguir, distinguiu (gui)
encapuçar, encapuçado	encapuzar, encapuzado
espelha (pé)	espelha (pê)
entitular	intitular
estora (tó)	estoura
extingüir, extingüiu	extinguir, extinguiu (gui)
Efigênia	Ifigênia
faixada	fachada
fascismo (xis), fascista (xis)	fascismo (cis), fascista (cis)
fleugma	fleuma
fluído (substantivo)	fluido (flúi)
freiada, freiar, freiou	freada, frear, freou
frustado, frustar, frustação	frustrado, frustrar, frustração
garage	garagem
gratuíto	gratuito (túi)
hilariedade	hilaridade

impecilho	empecilho
júniores (jú)	juniores (ô)
mãs, mais (conjunção)	mas
mendingo	mendigo
metereologia, meterologia	meteorologia
naiscer	nascer
óbulo	óbolo
opitar, ópito, ópita	optar (op-tar), opto, opta
pégadas (pé)	pegadas (gá)
pósa (verbo *pousar*)	pousa
prazeirosamente	prazerosamente
previlégio	privilégio
própio, apropiado	próprio, apropriado
pissicologia, pissicólogo	psicologia, psicólogo (psi)
qüestão, questã	questão
récorde (ré)	recorde (cór)
róbo, róbas, róba, róbam	roubo, roubas, rouba, roubam
rúbrica (rú)	rubrica (brí)
salchiça, salchicha	salsicha
soar, soo, soa (verbo *suar*)	suar, suo, sua
supertição, superticioso	superstição, supersticioso
tiroide	tireoide (ói)
tóxico (chi), intoxicar (chi)	tóxico (cs), intoxicar (cs)

Em muitas palavras há incerteza, divergência quanto ao timbre das vogais tônicas */e/* e */o/*. Recomenda-se proferir:

a) com timbre aberto: acerbo, badejo, coeso, coevo, grelha, groselha, ileso, obsoleto, coldre, dolo, inodoro, molho (feixe, conjunto), piloro, suor.

b) com timbre fechado: acervo, cerda, escaravelho, interesse (substantivo), reses, algoz, algozes, crosta, bodas, molho (caldo), poça, torpe.

O ditongo *ai* das palavras **Roraima**, **Jaime** e **andaime** pode ser proferido com som nasal, como em **mãe**, ou com som oral, como em **pai**. Já nas palavras terminadas em *-aina* e *-aino*, esse ditongo deve ser emitido com som nasal. Exemplos:

paina (ãi), faina (ãi), plaino (ãi), aplaino (ãi), aplaina (ãi)

2 PROSÓDIA

Prosódia é a parte da fonética que tem por objeto a exata acentuação tônica das palavras.

Há um sem-número de vocábulos que pessoas menos familiarizadas com a norma linguística proferem mal, deslocando-lhes o acento prosódico, cometendo *silabadas*.

Consignamos aqui algumas dessas palavras, com a respectiva classificação tônica, ou seja, como devem ser pronunciadas.

- São **oxítonas:**

cateter	masseter	novéis	reféns
Cister	mister	obus	ruim (í)
condor	negus	oximel (cs)	sutil
Gibraltar	Nobel	recém	sutis
hangar	novel	refém	ureter

- São **paroxítonas:**

alcácer	erudito	opimo
ambrosia (manjar delicioso)	filantropo	pegadas
assecla	fortuito (túi)	penedia
austero	gratuito (túi)	poliglota
avaro	homizio (zí)	primata
avito	ibero	pudico (dí)
aziago	imbele	recorde
batavo	impudico	refrega
Bolívar	inaudito	rocio (cí)
caracteres	látex	rubrica (brí)
celtiberos	libido	Sardanapalo
ciclope	luzidio (dí)	Sólon
cupido (substantivo)	Madagáscar	subido (elevado:
decano	maquinaria (rí)	esmeraldas do mais
díspar	misantropo	*subido* quilate;
edito (lei, decreto)	necromancia	a *subida* (honra)
Epicuro	nenúfar	têxtil
efebo	ônix	tulipa

Observação:

✔ No português do Brasil é corrente a pronúncia *boemia*: Ele vive na *boemia*. *Boêmia* emprega-se como adjetivo, feminino de *boêmio*: Leva uma vida *boêmia*.

Indústria *boêmia* (da Boêmia, região da República Tcheca).

- São **proparoxítonas:**

ádvena	década	lêvedo
aeródromo	édito (ordem judicial)	leucócito
aerólito	égide	munícipe
álacre	elétrodo	Niágara

alcíone
alcoólatra
anátema
apóstata
antídoto
areópago
arquétipo
aríete
azáfama
bígamo
bímano
brâmane
Cérbero
cotilédone
crisântemo
Espártaco
espécime
êxodo
fagócito
férula
gárrulo
hégira
Hélade
hieróglifo
ímprobo
ínclito
ínterim
invólucro
írrito (nulo)
janízaro
notívago (ou noctívago)
Pégaso
périplo
plêiade
pólipo
protótipo
quadrúmano
revérbero
sátrapa
Semíramis
Tâmisa
trânsfuga
végeto (adjetivo)
vermífugo
zênite

Existem não poucas palavras cujo acento prosódico é incerto, oscilante, mesmo na língua culta. Registramos, entre outras, as seguintes, dando, em primeiro lugar, a pronúncia que se vai impondo na língua atual:

acrobata e acróbata – autópsia e autopsia – Bálcãs e Balcãs – hieroglifo e hieróglifo – necrópsia e necropsia – Oceania e Oceânia – ortoépia e ortoepia – projétil e projetil – réptil e reptil – safári e safari – sóror e soror – xerox e xérox

Há palavras que assumem significados diversos, conforme forem paroxítonas ou proparoxítonas:

Cupido: deus do amor, o amor personificado
cúpido: ávido, ambicioso, cobiçoso

fervido: particípio de *ferver*
férvido: quente, apaixonado, ardoroso

provido: particípio de *prover*
próvido: providente, que provê

valido: particípio de *valer*; protegido (valido da rainha)
válido: que tem valor, lícito; que tem saúde, são, vigoroso

vivido: particípio de *viver*; experiente, que viveu, esperto
vívido: vivaz, que tem vivacidade, ardente, brilhante, expressivo

EXERCÍCIOS

LISTA 03

1. Quem pronuncia **inflingir** em vez de **infligir**, que tipo de erro comete?

2. Ao dizer **ariete** em vez de **aríete**, está se incorrendo em que tipo de erro?

3. Pronuncie corretamente, em voz alta, as palavras:

fornos – designar – psicólogo – ele rouba – a bomba estoura – eu adivinho – empecilho – cear – meado – freada – distinguir – gratuito – rubrica – refém – ibero – abóbada – tireoide

4. Pronuncie estas palavras em voz alta, atendendo à correta emissão das vogais e dos grupos vocálicos:

moleque – feixe – feira – aleija – caranguejo – caleja – planejo – touro – rouba – estoura – afrouxa – pousa – fogos – portos – brotos – adivinhar – frear – freada – mágoa – arrepiar – sequer – jabuti – engolir – chover – tábua – tabuada – inigualável – disenteria – cumeeira – invólucro – espocar – mutuca – intitular – silvícola – infligir – mendigo – peneiro – peneira – espelha – espelhe

5. Organize as palavras abaixo em duas colunas, conforme o timbre das vogais tônicas for **aberto** ou **fechado**:

poço – poços – fornos – almoços – reforços – destroços – algoz – algozes – bandeja – badejo – pelejo – planeja – espelha – assemelha – dolo – bodas

6. Faça a correta distinção de pronúncias e de significados das palavras:

pouso e **poso**

pousa e **posa**

pouse, pose (ô) e **pose** (ó)

couro, coro (ô) e **coro** (ó)

7. Escreva as palavras abaixo em seu caderno, substituindo o asterisco, convenientemente, pelas vogais **e** ou **i**, **o** ou **u**:

pr*vilégio – *mpecilho – d*sperdiçar – d*sperdício – front*spício – escárn*o – acr*ano – laj*ano – d*stilar – s*a (transpira) – pir*lito – búss*la – ch*ver – eng*lir – m*cambo – f*cinho – c*tia (animal) – jab*ti – g*ela – táb*a

8. Responda às frases em seu caderno, seguindo o modelo; depois, leia-as em voz alta, observando que os verbos em destaque têm a vogal tônica fechada:

a) Quem **peneira** o arroz? Eu **peneiro** o arroz.

b) Quem **inteira** a quantia?

c) Quem se **espelha** no escuro?

d) Quem se **assemelha** a Sólon?

e) Quem **almeja** a paz?

f) Quem **caleja** as mãos?

g) Quem **despeja** a água?

h) Quem **estoura** a bomba?

9. Em cada grupo há uma palavra errada. Escreva-a e pronuncie-a corretamente.

a) suo – mendigo – supertição – dignitário – próprio

b) previlégio – belchior – fleuma – extinguir – afrouxa

c) doze – caramanchão – infligir – salchicha – vigésimo

d) colmeia – frustado – prazerosamente – bilíngue – óbvio

e) chuvisco – adivinho – compania – supersticioso – Ifigênia

10. Pronuncie as palavras em voz alta, tendo o cuidado de não intercalar vogal nos grupos consonânticos:

absoluto – advertir – obséquio – obstáculo – submisso – obstrução – septo – decepção – facção – sucção – captar – significa – enigma – ritmo – psicologia – psíquico – apto – optar – opção

11. Escreva os vocábulos, colocando o acento gráfico nos que o exigem e escrevendo depois de cada um o tipo de acento prosódico (**oxítono, paroxítono** ou **proparoxítono**):

austero	ciclope	condor	alcoolatra
azafama	gratuito	mister	maquinaria
avaro	ibero	pudico	recem
refem	ariete	inaudito	vermifugo
refens	pleiade	involucro	exodo
bimano	obus	rubrica	sutil

12. Elabore dez frases com palavras extraídas da relação de oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas (páginas 47 e 48); em seguida, leia-as em voz alta:

13. Escreva as sequências em que todas as sílabas tônicas estão bem indicadas:

a) gratuito – recorde – rubrica – Cérbero
b) ruim – interim – bígamo – bímano
c) leucócito – circuito – juniores – inaudito
d) férula – estalido – celtiberos – Nobel
e) erudito – tulipa – sênior – seniores

14. Escolha, em cada item, a palavra adequada para substituir o asterisco na frase:

a) No coração nascem * desejos. (*vividos – vívidos*)
b) A * formiga abasteceu o seu celeiro. (*provida – próvida*)
c) O café foi * sem açúcar. (*fervido – férvido*)
d) João era um * partidário do governo. (*fervido – férvido*)
e) O duque, * do rei, vivia na corte. (*valido – válido*)
f) O juiz considerou * o gol. (*valido – válido*)
g) A menina, * e vivaz, era só alegria. (*gárrula – garrula*)
h) E a menina * e salta e ri. (*gárrula – garrula*)

15. Escreva as palavras, sublinhando aquelas em que o **X** tem valor fonético de **CS**:

fluxo – exortar – tóxico – intoxicar – máximo – extirpar – paradoxo – léxico – exótico – profilaxia – malgaxe – maxila – maxilar

LEITURA

Retreta do Vinte

O cabo mulato balança a batuta,
meneia a cabeça, acorda com a vista
os bombos, as caixas, os baixos e as trompas.

(No centro da praça o busto de D. Pedro escuta.)
Batuta pra esquerda: relincham clarins,
requintas, tintins e as vozes meninas da banda do Vinte.

Batuta à direita: de novo os trombones
e as trompas soluçam. E os bombos e as caixas: ban-ban!

Vêm logo operários, meninas, cafuzas,
mulatos, portugas, vem tudo pra ali.
Vem tudo, parecem formigas de asas
rodando, rodando em torno da luz.

Nos bancos da praça conversas acesas,
apertos, beijocas, talvezes.
D. Pedro II espia do alto.
(As barbas tão alvas,
tão alvas nem sei!)

E os pares passeiam,
parece que dançam,
que dançam ciranda
em torno do rei.

(Jorge de Lima, *Obra Poética*, p. 226, Editora Getúlio Costa, Rio de Janeiro, 1949)

16. Diga se são falsas ou verdadeiras as afirmações abaixo, que se referem à pronúncia das palavras.

a) Não se recomenda pronunciar o u na palavra questão.

b) Escreve-se catorze ou quatorze, mas a pronúncia é sempre catorze.

c) Pronuncia-se a vogal o aberta nos plurais: ossos, tijolos, olhos, tortos, porcos, poços.

d) O som do x soa como KS nas palavras: táxi, crucifixo, fixar, tóxico, intoxicação.

e) São paroxítonas todas as palavras seguintes: gratuito, sótão, ruim, pegada.

f) O d é mudo, não devendo ser pronunciado nas palavras: advogado, admite, ádvena, adjetivo.

g) No poema acima predominam as palavras paroxítonas.

ORTOGRAFIA

Ortografia (do grego *orthographia*, escrita correta) é a parte da Gramática que trata do emprego correto das letras e dos sinais gráficos na língua escrita.

Em português utilizam-se, na expressão escrita, letras, sinais diacríticos e sinais de pontuação.

O sistema ortográfico atualmente em vigor é o de 1990, decorrente do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa assinado em Lisboa, em 16 de dezembro daquele ano, pelos representantes dos sete países lusófonos e aprovado pelo Congresso Nacional em 1994.

O objetivo principal desse novo Acordo Ortográfico não foi, como era de se esperar, a simplificação, mas a unificação ortográfica da língua portuguesa falada na comunidade lusófona.

Razões de ordem fonética, ou seja, a diversidade de pronúncia entre portugueses e brasileiros, não permitiram alcançar uma padronização ortográfica perfeita; mesmo assim, o novo Acordo representa uma louvável iniciativa na busca da tão almejada unidade ortográfica de um dos idiomas mais falados no mundo.

Para nós, brasileiros, as alterações ortográficas introduzidas na língua pelo novo sistema são, lamentavelmente, superficiais, visto que se restringem ao uso dos sinais diacríticos (acentos gráficos, trema, hífen, apóstrofo). São mais sensíveis para os portugueses e os lusofalantes africanos, que passarão a grafar sem as consoantes mudas *c* e *p* palavras como *actor*, *director*, *lectivo*, *óptimo*, etc.

Observações:

- ✔ Continuarão, porém, os portugueses a escrever *facto*, *projecto*, *indemne*, *indemnizar* e outras palavras. Grafarão também, de modo diverso do nosso, vocábulos em que as vogais *e* e *o*, em final de sílaba e seguidas de *m* ou *n*, eles pronunciam com timbre aberto, como *génio*, *efémero*, *cómodo*, *fenómeno*, *tónico*, *fémur*, *ténis*, *ónus*, etc., contrariamente aos falantes brasileiros, que proferem tais palavras com timbre nasal fechado: *gênio*, *fenômeno*, *tônico*, *fêmur*, *cômodo*, etc.
- ✔ Apresentamos neste capítulo e no seguinte, sob forma acessível, as regras básicas essenciais para a escrita correta das palavras de nossa língua e a adequada utilização dos sinais gráficos, em consonância com as normas traçadas pelo Acordo Ortográfico de 1990.

1 ALFABETO PORTUGUÊS

O alfabeto da Língua Portuguesa compõe-se de 26 letras:

a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v, w, x, y, z

Ora sozinhos, ora combinados com outras letras ou auxiliados por certos sinais gráficos (acentos, til, cedilha, etc.), estes signos representam os mais de trinta fonemas de nossa fala.

Quanto à forma, as letras podem ser maiúsculas ou minúsculas, de imprensa (ou de fôrma) ou manuscritas.

Como vimos nas páginas anteriores, nosso sistema ortográfico não é totalmente fonético, pois nem sempre a grafia corresponde à pronúncia das palavras. Tem deficiências e imperfeições, responsáveis pela maioria das dificuldades com que nos defrontamos no emprego de certas letras, sobretudo as que representam fonemas consonânticos alveolares e palatais fricativos: *g* ou *j*? *s* ou *z*? *ch* ou *x*?, etc.

2 EMPREGO DAS LETRAS *K*, *W* E *Y*

Usam-se apenas:

- em abreviaturas e como símbolos de termos científicos de uso internacional:
  km (quilômetro), *kg* (quilograma), *K* (potássio), *w* (watt), *W* (oeste), *Y* (ítrio), *yd* (jarda), etc.
- na transcrição de palavras estrangeiras não aportuguesadas:
  kart, kibutz, smoking, show, watt, playground, playboy, hobby, etc.
- em nomes próprios estrangeiros não aportuguesados e seus derivados:
  Kant, Franklin, Shakespeare, Wagner, Kennedy, Mickey, Newton, Darwin, Hollywood, Washington, Kremlin, Byron, Walt Disney, kantismo, byroniano, shakespeariano, kartista, parkinsonismo, parkinsoniano, Disneylândia, etc.

Observações:

✔ Em palavras estrangeiras aportuguesadas, bem como nos demais casos não previstos acima, o *k* foi substituído por *c* ou *qu*, conforme o caso, o *w* por *v* ou *u*, conforme o valor fonético, e o *y* por *i*: *uísque, lorque, Bálcãs, bloco, sandufche, vermute, Válter, Osvaldo, jóquei, iate, ianque, Niterói, Rui, guarani, heureca, viquingue* (menos usado que *viking*), etc.

✔ Na transcrição de etnônimos brasílicos, os etnólogos utilizam essas letras exóticas: *Kamayurá, Kayabi, Kaingang, Waiká, Suyá*, etc. É preferível, porém, grafar-se *camaiurá, caiabi, caingangue, uaicá, suiá*, etc., como fazem os dicionaristas modernos.

3 EMPREGO DA LETRA H

Esta letra, em início ou fim de palavras, não tem valor fonético; conservou-se apenas como símbolo, por força da etimologia e da tradição escrita. Grafa-se, por exemplo, *hoje*, porque esta palavra vem do latim *hodie*.

Emprega-se o H:

a) inicial, quando etimológico:

hábito, hélice, herói, hérnia, hesitar, haurir, hilaridade, homologar, Horácio, haxixe, hortênsia, hulha, etc.

b) medial, como integrante dos dígrafos *ch, lh, nh*:

chave, boliche, broche, cachimbo, capucho, chimarrão, cochilar, fachada, flecha, machucar, mochila, telha, companhia, etc.

c) final e inicial em certas interjeições:

ah!, ih!, eh!, oh!, hem?, hum!, etc.

d) em compostos unidos por hífen, no início do segundo elemento, se etimológico:

sobre-humano, anti-higiênico, pré-histórico, super-homem, etc.

e) no substantivo próprio *Bahia* (estado do Brasil), por secular tradição.

Observações:

✔ Sem *h*, porém, os derivados *baiano, baianinha, baião, baianada, baianismo, baianidade, laranja-da-baía* e o antropônimo *Baía* (José Baía).

✔ A bem da simplificação ortográfica, o *h* deveria ser eliminado nos casos *a* e *d* acima.

Não se usa H:

a) no início ou no fim de certos vocábulos, no passado escritos com essa letra, embora sem fundamento etimológico. Exemplos:

ontem, úmido, ume, iate, ombro, rajá, Jeová, Iná, etc.

b) no início de alguns vocábulos em que o *h*, embora etimológico, foi eliminado por se tratar de palavras que entraram na língua por via popular, como é o caso de *erva, inverno* e *Espanha*, respectivamente do latim *herba, hibernus* e *Hispania*.

Observação:

✔ Os derivados eruditos de *erva, Espanha* e *inverno*, entretanto, grafam-se com *h: herbívoro, herbicida, herbáceo, hispânico, hispano, hibernal, hibernar, hibernação.*

c) em palavras derivadas e em compostos sem hífen:

reaver (*re* + *haver*), reabilitar, inábil, desonesto, desonra, desumano, exaurir, lobisomem, turboélice, etc.

4 EMPREGO DAS LETRAS *E, I, O* E *U*

Na língua falada, a distinção entre as vogais átonas /e/ e /i/, /o/ e /u/ nem sempre é nítida. É principalmente desse fato que nascem as dúvidas quando se escrevem palavras como *quase, intitular, mágoa, bulir*, etc., em que ocorrem aquelas vogais.

- **Escrevem-se com a letra *e*:**

a) a sílaba final de formas dos verbos terminados em *-uar*:
continue, continues, habitue, habitues, pontue, pontues, etc.

b) a sílaba final de formas dos verbos terminados em *-oar*:
abençoe, abençoes, magoe, magoes, perdoe, perdoes, etc.

c) as palavras formadas com o prefixo *ante-* (antes, anterior):
antebraço, antecipar, antedatar, antediluviano, antevéspera, etc.

d) Os seguintes vocábulos:

arrepiar	creolina	empecilho	mexerico	senão
cadeado	cumeeira	encarnar	mimeógrafo	sequer
candeeiro	desperdiçar	encarnação	orquídea	seriema
cemitério	desperdício	indígena	peru	seringa
Cireneu	destilar	irrequieto	quase	umedecer
confete	disenteria	lacrimogêneo	quepe	Zeferino

- **Emprega-se a letra *i*:**

a) na sílaba final de formas dos verbos terminados em *-uir*:
diminui, diminuis, influi, influis, possui, possuis, etc.

b) em palavras formadas com o prefixo *anti-* (contra):
antiaéreo, Anticristo, antitetânico, antiestético, etc.

c) nos seguintes vocábulos:

aborígine	crânio	erisipela	incinerar	privilégio
açoriano	criar	escárnio	inigualável	requisito
artifício	criador	feminino	invólucro	Sicília (ilha)
artimanha	criação	Filipe	lajiano	silvícola
camoniano	crioulo	frontispício	lampião	siri
Casimiro	digladiar	Ifigênia	pátio	terebintina
chefiar	displicência	inclinar	penicilina	Tibiriçá
cimento	displicente	inclinação	pontiagudo	Virgílio

- **Grafam-se com a letra *o*:**

abolir	chover	mágoa	nódoa
banto	cobiça	magoar	óbolo
boate	cobiçar	mocambo	ocorrência
bolacha	concorrência	moela	rebotalho
boletim	costume	moleque	Romênia
botequim	engolir	mosquito	romeno
bússola	goela	névoa	tribo

- **Grafam-se com a letra *u*:**

bulício	chuvisco	íngua	rebuliço
buliçoso	cumbuca	jabuti	tábua
bulir	cúpula	jabuticaba	tabuada
burburinho	curtume	lóbulo	tonitruante
camundongo	cutucar	Manuel	trégua
chuviscar	entupir	mutuca	urtiga

- **Parônimos**

Registramos alguns parônimos (palavras parecidas na pronúncia e na escrita) que se diferenciam pela oposição das vogais */e/* e */i/*, */o/* e */u/*. Fixemos a grafia e o significado dos seguintes:

área = superfície
ária = melodia, cantiga

arrear = pôr arreios, enfeitar
arriar = abaixar, pôr no chão, cair

comprido = longo
cumprido = particípio de *cumprir*

comprimento = extensão
cumprimento = saudação, ato de cumprir

costear = navegar ou passar junto à costa
custear = pagar as custas, financiar

deferir = conceder, atender
diferir = ser diferente, divergir

delatar = denunciar
dilatar = distender, aumentar

descrição = ato de descrever

discrição = qualidade de quem é discreto

emergir = vir à tona
imergir = mergulhar

emigrar = sair do país
imigrar = entrar num país estranho

emigrante = que ou quem emigra
imigrante = que ou quem imigra

eminente = elevado, ilustre
iminente = que ameaça acontecer

recrear = divertir
recriar = criar novamente

soar = emitir som, ecoar, repercutir
suar = expelir suor pelos poros, transpirar

sortir = abastecer
surtir = produzir (efeito ou resultado)

sortido = abastecido, bem provido, variado
surtido = produzido, causado

vadear = atravessar (rio) por onde dá pé, passar a vau

vadiar = viver na vadiagem, vagabundear, levar vida de vadio

- **Ditongos e hiatos**

a) A semivogal dos ditongos decrescentes orais representa-se com as letras *i* e *u*:

cai, sobressai, dói, herói(s), chapéu(s), Montevidéu, Eliseu, atribui, constitui, possui, possuis, retribui, retribuis, conclui, inclui, etc.

Exceções: ao, aos, Caetano, Caetanópolis, Baependi.

b) Escreve-se e pronuncia-se *ou* e não *o* aberto nos verbos *afrouxar, cavoucar, estourar, pousar* (descer), *repousar, roubar* e suas flexões:

afrouxo, cavouca, estoura, pousa, pousas, pousam, roubo, rouba, roubam, etc.

c) Em alguns vocábulos, o ditongo *ou* alterna com *oi*:

balouçar e baloiçar – dourar e doirar – louro e loiro – mourão e moirão – touça e toiça – toucinho e toicinho, etc.

d) Como já vimos, os verbos terminados em *-oar*, no presente do subjuntivo e no imperativo, escrevem-se com *-oe* e não com *-oi*:

abençoe, abençoes, perdoe, perdoes, amaldiçoe, caçoe, caçoes, abotoe, etc.

e) No presente do subjuntivo e no imperativo, conforme dissemos, os verbos terminados em *-uar* grafam-se com *-ue* e não *-ui*:

cultue, cultues, continue, continues, flutue, preceitue, sue, etc.

5 EMPREGO DAS LETRAS *G* E *J*

Para representar o fonema */j/* existem duas letras: *g* e *j*. Grafa-se este ou aquele signo não de modo arbitrário, mas de acordo com a origem da palavra. Exemplos:

gesso (do grego *gypsos*) – **jeito** (do latim *jactu*) – **jipe** (do inglês *jeep*)

- **Escrevem-se com *g*:**

a) os substantivos terminados em *-agem, -igem, -ugem*:
garagem, massagem, viagem, origem, vertigem, ferrugem, lanugem, etc.

Exceção: pajem.

b) as palavras terminadas em *-ágio, -égio, -ígio, -ógio, -úgio*:
contágio, estágio, egrégio, prodígio, relógio, refúgio, etc.

c) as palavras derivadas de outras que se grafam com *g*:

massagista (de *massagem*) – vertiginoso (de *vertigem*) – ferruginoso (de *ferrugem*) – engessar (de *gesso*) – faringite (de *faringe*) – selvageria (de *selvagem*), etc.

d) os seguintes vocábulos:

algema	gengiva	ginete	herege	rabugice
angico	gesto	gíria	megera	sugestão
apogeu	gibi	giz	monge	tangerina
auge	gilete	hegemonia	rabugento	tigela
estrangeiro				

- **Escrevem-se com *j*:**

a) palavras derivadas de outras terminadas em *-ja*:
laranja: laranjeira, laranjinha
loja: lojinha, lojeca, lojista
granja: granjeiro, granjense, granjear (e suas flexões)

gorja: (garganta): gorjeta, gorjeio, gorjear (e flexões)
lisonja: lisonjeiro, lisonjeador, lisonjear (e flexões)
sarja: sarjeta, sarjar (e flexões)
cereja: cerejeira

b) todas as formas da conjugação dos verbos terminados em *-jar* ou *-jear*:
arranjar: arranje, arranjemos, arranjem, arranjei, etc.
viajar: viajei, viaje, viajemos, viajem (*viagem* é substantivo)
despejar: despejei, despeje, despejem, despejemos, etc.
gorjear: gorjeia, gorjeiam, gorjeavam, gorjeie, gorjeando, etc.

c) vocábulos cognatos ou derivados de outros que têm *j*:
laje: lajedo, Lajes, lajiano, lajense
nojo: nojeira, nojento
jeito: jeitoso, ajeitar, desajeitado, enjeitar, conjetura, conjeturar, dejetar, dejeção, dejeto(s), ejetar, ejeção, ejetor, injetar, injeção, interjeição, objetar, objeção, objeto, objetivo, projetar, projeção, projeto, projétil, rejeitar, rejeição, sujeitar, sujeição, sujeito, subjetivo, trajeto, trajetória, trejeitar, trejeito

d) palavras de origem ameríndia (principalmente tupi-guarani) ou africana:
canjerê, canjica, jenipapo, jequitibá, jerimum, jia, jiboia, jiló, jirau, Moji, mojiano, pajé, pajeú, tijipió, etc.

e) as seguintes palavras:

alfanje	intrujice	Jerônimo	manjedoura	sabujice
alforje	jeca	jérsei	manjericão	sujeira
berinjela	jegue	jiu-jítsu	ojeriza	traje
cafajeste	Jeremias	majestade	pegajento	ultraje
cerejeira	jerico	majestoso	rijeza	varejista

6 REPRESENTAÇÃO DO FONEMA /S/

- **O fonema /s/, conforme o caso, representa-se por:**

a) C, Ç:

acetinado	cimento	exceção	maço	pança
açafrão	dança	Iguaçu	miçanga	pinça
almaço	dançar	maçarico	muçulmano	Suíça
anoitecer	contorção	maçaroca	muçurana	suíço
censura	endereço	maciço	paçoca	vicissitude

b) S:

ânsia	cansar	diversão	hortênsia	remorso
ansiar	cansado	excursão	pretensão	sebo
ansioso	descansar	farsa	pretensioso	tenso
ansiedade	descanso	ganso	propensão	utensílio

c) SS:

acesso	concessão	massa	profissional
acessório	discussão	massagista	ressurreição
acessível	escassez	missão	sessenta
assar	escasso	necessário	sossegar
asseio	essencial	obsessão	sossego
assinar	expressão	opressão	submissão
carrossel	fracasso	pêssego	sucessivo
cassino	impressão	procissão	

d) SC, SÇ:

acréscimo	cresço	discípulo	imprescindível	seiscentos
adolescente	cresça	discernir	néscio	suscetível
ascensão	descer	fascinar	oscilar	suscetibilidade
consciência	desço	fascinante	piscina	suscitar
consciente	desça	florescer	ressuscitar	víscera
crescer	disciplina			

Observação:

✔ A simplificação ortográfica está a exigir a eliminação do *s* dos dígrafos *sc* e *sç*, bem como do *x* do dígrafo *xc*. Veja item f, abaixo.

e) X:

aproximar	máximo	trouxe
auxiliar	próximo	trouxer
auxílio	proximidade	trouxeram

f) XC:

exceção	excelência	excêntrico	excessivo
excedente	excelente	excepcional	exceto
exceder	excelso	excesso	excitar

- **Homônimos**

Eis alguns homônimos, palavras que têm a mesma pronúncia, mas significação e escrita diferentes:

acento = inflexão da voz, sinal gráfico
assento = lugar para sentar-se

acético = referente ao ácido acético (vinagre)
ascético = referente ao ascetismo, místico

cesta = utensílio de vime ou outro material
sexta = ordinal referente a *seis*

cismo = penso
sismo = terremoto

empoçar = formar poça
empossar = dar posse a

incipiente = principiante
insipiente = ignorante

círio = grande vela de cera
sírio = natural da Síria

ruço = pardacento
russo = natural da Rússia

intercessão = ato de interceder
interseção = ponto em que duas linhas se cruzam

7 EMPREGO DO *S* COM VALOR DE *Z*

Escrevem-se com *s* com som de *z*:

- adjetivos com os sufixos *-oso, -osa*:
  gostoso, gostosa – gracioso, graciosa – teimoso, teimosa, etc.
- adjetivos pátrios com os sufixos *-ês, -esa*:
  português, portuguesa – inglês, inglesa – milanês, milanesa, etc.
- substantivos e adjetivos terminados em *-ês*, feminino *-esa*:
  burguês, burguesa, burgueses – camponês, camponesa, camponeses – freguês, freguesa, fregueses – marquês, marquesa, marqueses, etc.
- substantivos com os sufixos gregos *-ese, -isa, -ose*:
  catequese, diocese, diurese – pitonisa, poetisa, sacerdotisa – glicose, metamorfose, virose, etc.
- verbos derivados de palavras cujo radical termina em *-s*:
  analisar (de *análise*) – apresar (de *presa*) – atrasar (de *atrás*) – abrasar (de *brasa*) – extasiar (de *êxtase*) – enviesar (de *viés*) – afrancesar (de *francês*) – extravasar (de *vaso*) – alisar (de *liso*), etc.
- formas dos verbos *pôr* e *querer* e de seus derivados:
  pus, pôs, pusemos, puseram, puser, compôs, compusesse, impuser, etc.
  quis, quisemos, quiseram, quiser, quisera, quiséssemos, etc.
- os seguintes nomes próprios de pessoas:
  Avis, Baltasar, Brás, Eliseu, Garcês, Heloísa, Inês, Isabel, Isaura, Luís, Luísa, Queirós, Resende, Sousa, Teresa, Teresinha, Tomás, Valdês, etc.
- os seguintes vocábulos e seus cognatos:

aliás	descortesia	hesitar	raposa
análise	despesa	manganês	represa
anis	empresa	mês	requisito
arnês	esplêndido	mesada	rês, reses
ás, ases	esplendor	obséquio	retrós
atrás	espontâneo	obus	revés, reveses
através	evasiva	paisagem	surpresa
avisar	fase	país	tesoura
aviso	frase	paraíso	tesouro
besouro	freguesia	pêsames	três
colisão	fusível	pesquisa	usina
convés	gás	presa	vasilha

cortês	Goiás	presépio	vaselina
cortesia	groselha	presídio	vigésimo
defesa	heresia	querosene	visita

8 EMPREGO DA LETRA *Z*

Grafam-se com *z*:

- os derivados em *-zal, -zeiro, -zinho, -zinha, -zito, -zita*:
  cafezal, cafezeiro, cafezinho, avezinha, cãozito, avezita, etc.
- os derivados de palavras cujo radical termina em *-z*:
  cruzeiro (de *cruz*), enraizar (de *raiz*), esvaziar, vazar, vazão (de *vazio*), etc.
- os verbos formados com o sufixo *-izar* e palavras cognatas:
  fertilizar, fertilizante; civilizar, civilização, etc.
- substantivos abstratos em *-eza*, derivados de adjetivos e denotando qualidade física ou moral:
  pobreza (de *pobre*), limpeza (de *limpo*), frieza (de *frio*), etc.
- as seguintes palavras:

azar	aprazível	chafariz	proeza	vazante
azeite	baliza	cicatriz	vazar	vaza-barris
azáfama	buzina	ojeriza	vazamento	vizinho
azedo	buzinar	prezar	vazão	xadrez
amizade	bazar	prezado		

9 *S* OU *Z*?

- **Sufixos *-ês* e *-ez*:**

a) O sufixo *-ês* (latim *-ense*) forma adjetivos (às vezes substantivos) derivados de substantivos concretos:

montês (de *monte*)	montanhês (de *montanha*)
cortês (de *corte*)	francês (de *França*)
burguês (de *burgo*)	chinês (de *China*)

b) O sufixo *-ez* forma substantivos abstratos femininos derivados de adjetivos:

aridez (de *árido*)	cupidez (de *cúpido*)	avidez (de *ávido*)
acidez (de *ácido*)	estupidez (de *estúpido*)	palidez (de *pálido*)
rapidez (de *rápido*)	mudez (de *mudo*)	lucidez (de *lúcido*)

- **Sufixos *-esa* e *-eza*:**

Escreve-se *-esa* (com s):

a) nos seguintes substantivos cognatos de verbos terminados em *-ender*:

defesa (*defender*), presa (*prender*), despesa (*despender*), represa (*prender*), empresa (*empreender*), surpresa (*surpreender*).

b) nos substantivos femininos designativos de títulos nobiliárquicos:
baronesa, duquesa, marquesa, princesa, consulesa, prioresa.

c) nas formas femininas dos adjetivos terminados em *-ês*:
burguesa (de *burguês*), francesa (de *francês*), camponesa (de *camponês*), milanesa (de *milanês*), holandesa (de *holandês*), etc.

d) nas seguintes palavras femininas:
framboesa, indefesa, lesa, mesa, sobremesa, obesa, Teresa, tesa, toesa, turquesa.

Escreve-se *-eza*:

Usa-se *-eza* (com *z*) nos substantivos femininos abstratos derivados de adjetivos e denotando qualidades, estado, condição. Exemplos:

beleza (de *belo*), franqueza (de *franco*), pobreza (de *pobre*), leveza (de *leve*).

Observação:

✔ Inclua-se o topônimo *Veneza*, cidade da Itália.

▪ **Verbos terminados em *-isar* e *-izar*:**

Escreve-se *-isar* (com *s*) quando o radical dos nomes correspondentes termina em *-s*. Se o radical não terminar em *-s*, grafa-se *-izar* (com *z*):

avisar (aviso + -ar)	*anarquizar* (anarquia + -izar)
analisar (análise + -ar)	*civilizar* (civil + -izar)
alisar (a + liso + -ar)	*canalizar* (canal + -izar)
bisar (bis + -ar)	*amenizar* (ameno + -izar)
catalisar (catálise + -ar)	*colonizar* (colono + -izar)
improvisar (improviso + -ar)	*vulgarizar* (vulgar + -izar)
paralisar (paralisia + -ar)	*motorizar* (motor + -izar)
pesquisar (pesquisa + -ar)	*escravizar* (escravo + -izar)
pisar, repisar (piso + -ar)	*cicatrizar* (cicatriz + -ar)
frisar (friso + -ar)	*deslizar* (deslize + -ar)
grisar (gris + -ar)	*matizar* (matiz + -ar)

Observações:

✔ As letras *s* ou *z* aparecerão, é claro, em todas as formas da conjugação desses verbos.

✔ Nos verbos derivados de nomes cujo radical termina em *s* ou *z*, o sufixo é *-ar*; se o radical termina por outra consoante, o sufixo é *-izar*.

✔ Dos verbos em *-izar*, uns, como *oficializar, monopolizar, sintonizar*, etc., foram formados em nossa língua; outros, como *batizar, catequizar, dramatizar, traumatizar*, etc., derivam do grego e entraram no vernáculo já formados. No grego, escrevem-se como *dzeta*, letra que corresponde ao nosso *z*.

10 EMPREGO DO *X*

- Esta letra representa os seguintes fonemas:

  /ch/: xarope, enxofre, vexame, etc.

  /cs/: sexo, látex, léxico, tóxico, etc.

  /z/: exame, exílio, êxodo, etc.

  /ss/: auxílio, máximo, próximo, etc.

  /s/: sexto, texto, expectativa, extensão, etc.

- Não soa nos grupos internos *-xce-* e *-xci-*:

  exceção, exceder, excelente, excelso, excêntrico, excessivo, excitar, inexcedível, etc.

Observação:

✔ Nas palavras do segundo item, o *x* é parte do prefixo latino *ex-*, mas deveria ser abolido, simplesmente por ser desnecessário. Bastaria a variante *e-* (em vez de *ex-*), tal como ocorre em *efusão, emigrar, evasão, emanar*, etc.

- Grafam-se com *x* e não com *s*:

  expectativa, experiente, expiar (remir, pagar), expirar (morrer), expoente, êxtase, extasiado, extrair, fênix, têxtil, texto, etc.

- Escreve-se *x* e não *ch*:

  a) em geral, depois de ditongo:
  caixa, baixo, faixa, feixe, frouxo, ameixa, rouxinol, seixo, etc.

Excetuam-se *caucho* e os derivados *cauchal, recauchutar* e *recauchutagem*.

  b) geralmente, depois da sílaba inicial *en-*:
  enxada, enxame, enxamear, enxaguar, enxaqueca, enxárcia, enxerga, enxergar, enxerido, enxerto, enxertar, enxó, enxofre, enxotar, enxoval, enxovalhar, enxovia, enxugar, enxúndia, enxurrada, enxuto, etc.

Excepcionalmente, grafam-se com *ch*: *encharcar* (de *charco*), *encher* e seus derivados (*enchente, enchimento, preencher*, etc.), *enchova, enchumaçar* (de *chumaço*), enfim, toda vez que se trata do prefixo *en-* + palavra iniciada por *ch*.

  c) em vocábulos de origem indígena ou africana:
  abacaxi, xavante, caxambu (dança negra), caxinguelê, mixira, orixá, xará, maxixe, etc.

  d) nas seguintes palavras:
  anexim, bexiga, bruxa, coaxar, faxina, graxa, lagartixa, lixa, lixo, mexer, mexerico, puxar, rixa, oxalá, praxe, vexame, xadrez, xarope, xaxim, xícara, xale, xingar, xampu.

11 EMPREGO DO DÍGRAFO *CH*

Escrevem-se com *ch*, entre outros, os seguintes vocábulos:

bucha, charque, charrua, chávena, chimarrão, chuchu, cochilo, cochilar, fachada, ficha, flecha, mecha, mochila, pechincha, tocha.

- **Homônimos**

bucho = estômago
buxo = espécie de arbusto

cocho = recipiente de madeira
coxo = capenga, manco

tacha = mancha, defeito; pequeno prego de cabeça larga e chata; caldeira
taxa = imposto, preço de um serviço público, conta, tarifa

chá = planta da família das Teáceas; infusão de folhas do chá ou de outras plantas
xá = título do soberano da Pérsia (atual Irã)

cheque = ordem de pagamento
xeque = no jogo de xadrez, lance em que o rei é atacado por uma peça adversária

12 CONSOANTES DOBRADAS

- Nas palavras portuguesas só se duplicam as consoantes *c, r, s*.
- Escreve-se *cc* ou *cç* quando as duas consoantes soam distintamente:
  convicção, occipital, cocção, fricção, friccionar, facção, sucção, etc.
- Duplicam-se o *r* e o *s* em dois casos:
  a) quando, intervocálicos, representam os fonemas */r/* forte e */s/* sibilante, respectivamente:
     carro, ferro, pêssego, missão, etc.
  b) quando a um elemento de composição terminado em vogal seguir, sem interposição do hífen, palavra começada por *r* ou *s*:
     arroxeado, correlação, pressupor, bissemanal, girassol, minissaia, etc.

Observação:

✔ Em palavras estrangeiras e derivadas conservam-se as consoantes dobradas: *Garrett, garrettiano, Hoffmann, hoffmânnico*, etc.

13 EMPREGO DAS INICIAIS MAIÚSCULAS E MINÚSCULAS

- **Escrevem-se com letra inicial maiúscula:**

a) a primeira palavra de período ou citação:
Nossa língua é falada em todos os continentes.
Diz um provérbio árabe: "A agulha veste os outros e vive nua".

Observação:

✔ No início dos versos que não abrem período é facultativo o uso da letra maiúscula.

b) substantivos próprios (antropônimos, alcunhas, topônimos, nomes sagrados, mitológicos, astronômicos, nomes de regiões):

José, Tiradentes, Brasil, Amazônia, Campinas, Deus, Jesus Cristo, Maria Santíssima, Tupã, Minerva, Via Láctea, Marte, Cruzeiro do Sul, Região Sul, Baixada Fluminense, Triângulo Mineiro, etc.

Observação:

✔ Grafa-se com inicial minúscula: o *deus* pagão, os *deuses* pagãos, a *deusa* Juno.

c) nomes de épocas históricas, datas e fatos importantes, festas religiosas:

Idade Média, Renascença, Centenário da Independência do Brasil, a Páscoa, o Natal, o Dia das Mães, Plano Real, Semana Santa, etc.

d) nomes de altos cargos e dignidades: Papa, Presidente da República, etc.

e) nomes de altos conceitos religiosos ou políticos: Igreja, Nação, Estado, Pátria, União, República, Império, etc.

f) nomes de estabelecimentos, agremiações, corporações, órgãos públicos, etc.: Academia Brasileira de Letras, Banco do Brasil, Teatro Municipal, Colégio Santista, Secretaria de Saúde, Guarda Municipal, Ministério da Fazenda, etc.

g) títulos de jornais e revistas: *O Globo*, *Jornal do Brasil*, *Veja*, etc.

h) expressões de tratamento:

Vossa Excelência, Sr. Presidente, Excelentíssimo Senhor Ministro, Senhor Diretor, etc.

i) nomes dos pontos cardeais, quando designam regiões:

Os povos do Oriente, o falar do Norte.

Mas: Corri o país de *norte* a *sul*. O sol nasce a *leste*.

j) nomes comuns, quando personificados ou individualizados:

o Amor, o Ódio, a Morte, o Jabuti (nas fábulas), etc.

Observação:

✔ No interior dos títulos, as palavras átonas, como *o, a, com, de, em, sem, um,* etc., grafam-se com inicial minúscula.

- **Escrevem-se com letra inicial minúscula:**

a) nomes de meses, de festas pagãs ou populares, nomes gentílicos, nomes próprios tornados comuns:
maio, bacanais, carnaval, ingleses, ave-maria, um havana, pau-brasil, etc.

b) nomes a que se referem os itens **d** e **e** da página anterior, quando empregados em sentido geral:
São Pedro foi o primeiro *papa*.
Candidatou-se a *presidente* da República.
Todos amam sua *pátria*.
As *igrejas* evangélicas.

c) palavras, depois de dois-pontos, não se tratando de citação direta:
"Chegam os magos do Oriente, com suas dádivas: ouro, incenso, mirra." (MANUEL BANDEIRA)
"A sobremesa era no pomar: chupar laranjas debaixo das árvores." (ELSIE LESSA)
O filósofo grego disse: "Nada se cria, nada se perde, tudo se transforma."

- **Casos opcionais**

Grafam-se, opcionalmente, com letra inicial maiúscula ou minúscula:

a) nomes designativos de logradouros públicos, edifícios, templos: Rua (ou rua) São José, Praça (ou praça) da Paz, Edifício (ou edifício) Jabuti, Igreja (ou igreja) do Bonfim, etc.

b) nomes designativos de santos, de profissionais: Santo Antônio ou santo Antônio, Doutor Paulo ou doutor Paulo, Professor Renato ou professor Renato, etc.

c) nomes de disciplinas: Matemática ou matemática, etc.

d) nomes comuns antepostos a nomes próprios de acidentes geográficos: Baía (ou baía) de Guanabara. Lagoa (ou lagoa) de Araruama, Rio (ou rio) Amazonas, Ilha (ou ilha) de Marajó, Serra (ou serra) do Mar. Pico (ou pico) da Neblina, etc.

e) nomes de livros (menos o inicial e substantivos próprios, que são sempre com maiúscula): *A Menina do Sobrado* ou *A menina do sobrado*, *O Primo Basílio* ou *O primo Basílio*, *Histórias sem Data* ou *Histórias sem data*, *A Retirada de Laguna* ou *A retirada de Laguna*, etc.
→ Os títulos de livros devem ser grifados, com tipo itálico claro.

EXERCÍCIOS

LISTA 04

1. Escreva as palavras, completando com **h** inicial quando for o caso:

ontem – esitar – ulha – úmido – iate – erbívoro

2. Escreva corretamente os verbos, substituindo o * pelas letras **e** ou **i**:

contribu* – perdo* – habitu* – continu* – pontu* – tumultu* – influ* – constitu* – abenço* – atribu*

3. Escreva as palavras, substituindo o * por **e** ou **i**, conforme convenha:

quas* – pát*o – *mpecilho – pr*vilégio – arr*piado – ant*cipar – front*spício – ant*ontem – ant*térmico – d*sperdiçar – s*lvícola – re*u*sito – s*não – cr*ar – recr*ativo – lacrimogên*o

4. Escreva as palavras substituindo convenientemente o * pelas letras **o** ou **u**:

bússola – eng*lir – b*lir – ch*ver – ch*visco – jab*ti – mág*a – conc*rrência – cam*ndongo – ób*lo – c*biçar – c*rtume – g*ela

5. Copie cada frase, substituindo os asteriscos pelo parônimo adequado:
   1) O calor *** o ferro. *(delata – dilata)*
   2) Falava-se num ataque *** do inimigo. *(eminente – iminente)*
   3) Pessoa prudente fala com *** . *(descrição – discrição)*
   4) A sucuri tinha oito metros de *** . *(comprimento – cumprimento)*

6. Escreva as palavras, substituindo * por **g** ou **j**, conforme o caso:
   pa*em – lo*ista – mon*e – ti*ela – gor*eio – *iboia – tra*eto – ma*estoso – su*eira – *inete – pa*é – *iló – *eito – here*e – pro*eção – su*estão – tra*e – o*eriza – sar*eta – re*eitar – gara*em – farin*ite – ferru*em – selva*eria – rabu*ento – ultra*e – via*em (substantivo) – via*em (verbo)

7. Escreva as palavras trocando o * por **c**, **ç**, **s** ou **ss**, conforme convenha:
   dan*a – ân*ia – ma*iço – discu*ão – diver*ão – ma*arico – preten*ioso – *ebo – carro*el – ascen*ão – pê*ego – descan*ar – suí*o – pa*oca – hortên*ia – so*ego – remor*o – mi*angas – esca*o – far*a – mu*ulmano – Igua*u – obse*ão

8. Escreva as palavras em seu caderno, completando adequadamente com **ç** ou **ss** no lugar do asterisco:
   ma*agista – pan*a – profi*ão – ace*o – re*urreição – fraca*o – a*afrão – exce*ão – mu*urana – Suí*a – alma*o – proci*ão – ma*aroca – ave*o – nece*ário – a*olar

9. Observe os exemplos e faça o mesmo em seu caderno:

a) ater	**atenção**	e) admitir	**admissão**
abster		demitir	
conter		emitir	
deter		omitir	
obter		permitir	
reter		remitir	
b) converter	**conversão**	f) comprimir	**compressão**
inverter		deprimir	
reverter		exprimir	
subverter		imprimir	
		oprimir	
c) ceder	**cessão**	reprimir	
conceder		suprimir	
interceder			
d) agredir	**agressão**	g) expelir	**expulsão**
progredir		impelir	
regredir		repelir	

10. Substitua o * por **sc**, **ss**, **x** ou **xc**:
    a*ensão – e*eção – o*ilar – au*ílio – con*iência – di*iplina – e*ência – e*esso – fa*inante – sei*entos – trou*er – e*êntrico – suce*ivo – su*itar – flore*er

11. Escreva as listas de palavras, classificando-as de acordo com o emprego do **s**, conforme a numeração abaixo (pág. 68):
    a) catequese, poetisa, metamorfose

b) quis, pôs, quiser, puser, puseram
c) generoso, generosa, jeitoso, jeitosa
d) analisar, extasiar, atrasar, apresar
e) genovês, genovesa, português, portuguesa
(1) sufixos **-oso, -osa**
(2) adjetivos pátrios terminados em **ês, esa**
(3) sufixos gregos **-ese, -isa, -ose**
(4) derivados de radicais finalizados em **-s**
(5) formas dos verbos **pôr** e **querer**

12. Troque o * por **s** ou **z**, conforme convenha:

l*abel – atravé* – bu*inar – coli*ão – civili*ação – corte*ia – ba*ar – fregue*ia – ga*ômetro – fu*ível – me*es – ob*équio – pai*agem – pre*ado – paraí*o – vene*iana – proe*a – quero*ene – te*ouro – u*ina – vi*ita – va*io – va*amento – do*e (porção) – do*e (numeral)

13. Faça como no exercício anterior:

atra*ar – freguê* – rapide* – fertili*ante – ga*es – camponê* – qui*er – improvi*ar – co*inha – burguê* – compô* – esva*iar – paí*es – fregue*es – ave*inha – requi*ito – vi*inho – campone*es – Tere*inha – teimo*ia

14. Reveja os parágrafos sobre o emprego das letras **s** e **z**; em seguida, copie os nomes abaixo, completando com os sufixos **-esa** ou **-eza** no lugar dos asteriscos, conforme o caso:

clar*** – redond*** – portugu*** – milan***

surpr*** – repr*** – delicad*** – empr***

firm*** – baron*** – campon*** – limp***

japon*** – franc*** – frambo*** – marqu***

duqu*** – fregu*** – espert*** – princ***

pobr*** – gentil*** – turqu*** – def***

chin*** – Ter*** – desp*** – magr***

15. Utilizando corretamente os sufixos **-ês** e **-ez**, derive:

1) substantivo de **ácido** e **árido.**

2) adjetivos de **China** e **corte** (ô).

16. Dos nomes abaixo derive corretamente verbos terminados em **-isar** ou **-izar:**

pesquisa	ameno
canal	civil
símbolo	paralisia
escravo	simpatia
análise	cicatriz
deslize	improviso

17. Justifique cada afirmativa com três exemplos adequados:

Escreve-se **x** e não **ch**:

a) geralmente depois de ditongo:

b) geralmente depois da sílaba inicial **en-**:

c) em palavras de origem indígena ou africana:

18. Dê exemplos de palavras em que a letra **x** soa como:

ch – cs – z – ss

19. Escreva as palavras, substituindo o * convenientemente por **x** ou **ch**:

fai*a – fa*ada – en*ame – en*ofre – pu*ar – *u*u – en*ugar – en*arcar – *arque – li*a – fle*a – coa*ar – me*er – ri*a – co*a – trou*a – bu*a – bru*a – fa*ina – be*iga – *arope

20. Substitua o * por **s** ou **x**, conforme o caso:

e*pontâneo – e*tender – e*tensão – e*plendor – e*plêndido – e*gotar – e*pansão

21. Escreva cada expressão abaixo, trocando os asteriscos pelo homônimo adequado:

apreçar – apressar – cessão – seção – sessão – cela – sela – cheque – xeque – espiar – expiar – intercessão – interseção – tacha – taxa

*** o passo	assinar o ***
*** o imóvel	evitar o ***
*** de um bem	*** um crime
*** noturna	*** a moça
*** de esportes	*** de Maria
*** a carta	*** de 2 linhas
*** de preso	*** de luz elétrica
*** de couro	*** de metal

22. Identifique as alternativas em que todas as palavras estão escritas corretamente:

a) honrado, desumano, horizonte, hontem

b) horário, desonrado, hábil, hospedaria

c) humanidade, humildade, honesto, humano

d) harém, hora, hostil, hovíparo

23. Escolha, em cada um dos pares abaixo, qual a palavra corretamente grafada:

a) continue/continui

b) cemitério/cimitério

c) quase/quasi

d) possue/possui

e) indígena/indígina

24. Faça o mesmo, escolhendo a forma grafada corretamente com **o** ou **u**:

a) tribo/tribu No Brasil vivem muitas *tribos* indígenas.

b) engolir/engulir

c) jaboticaba/jabuticaba

d) tabuada/taboada

e) costume/custume

25. Leia as frases abaixo e corrija onde houver erro:

a) Meu braço é muito cumprido.

b) Ele fez às moças um cerimonioso comprimento.

c) Faça uma discrição dessa figura para seus colegas.

d) Meus bisavós vieram da Itália para cá no início do século passado. Como imigrantes, tinham poucos direitos assegurados.

e) Ele soava por todos os poros.

f) Imigrantes africanos morrem nas águas do Mediterrâneo antes de chegar à Espanha.

26. Derive adjetivos dos substantivos usando o sufixo *-oso*:

gosto, gula, medo, teima, nervo, esperança, choro, calor, amor, dor, carinho

27. Complete usando formas adequadas dos verbos entre parênteses:

a) Ontem meu pai * algum dinheiro em sua conta. (pôr)

b) Os soldados ajoelharam-se e * flores sobre a laje. (pôr)

c) Eles * entrar, mas eu não permiti. (querer)

d) Se eu * que você entrasse, teria pedido. (querer)

e) Quem * ser aprovado deve estudar bastante. (querer)

f) Quem * alguma coisa em minha carteira vai se arrepender! (pôr)

28. Responda utilizando adjetivos pátrios formados por meio do sufixo *-ês/-esa*:

a) Aquele que nasce na França é *, na Inglaterra é *, na Escócia é * e em Portugal é *.

b) Uma pintura originária do Japão é *, da China é * e de Portugal é *.

29. Forme substantivos derivados dos adjetivos abaixo, usando o sufixo *-ez/-eza*:

belo – mole – franco – fraco – macio – leve – nobre – esperto – honrado – limpo – rápido – estúpido

ORTOGRAFIA

Exercícios de exames e concursos

[Página 665]

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

1 PRINCIPAIS REGRAS DE ACENTUAÇÃO GRÁFICA

- **Acentuação dos vocábulos proparoxítonos**

Todos os vocábulos proparoxítonos são acentuados na vogal tônica:

a) com acento agudo se a vogal tônica for *i, u* ou *a, e, o* abertos:
xícara, úmido, queríamos, lágrima, término, déssemos, lógico, binóculo, colocássemos, inúmeros, polígono, etc.

b) com acento circunflexo se a vogal tônica for fechada ou nasal:
lâmpada, pêssego, esplêndido, pêndulo, lêssemos, estômago, sôfrego, fôssemos, quilômetro, sonâmbulo, etc.

Observação:

✔ Acentuam-se também os vocábulos que terminam por encontro vocálico e que podem ser pronunciados como proparoxítonos: *área, conterrâneo, errôneo, enxáguam,* etc.

- **Acentuação dos vocábulos paroxítonos**

Acentuam-se com o acento adequado os vocábulos paroxítonos terminados em:

a) *ditongo crescente*, seguido, ou não, de *s*:
sábio, róseo, Gávea, planície, nódoa, régua, árdua, espontâneo, ânsia, decência, cerimônia, tênues, ingênuo, etc.

b) *-i, -is, -us, -um, -uns*:
táxi, júri, biquíni, lápis, bônus, vírus, Vênus, álbum, álbuns, médium, médiuns, fórum, etc.

c) *-l, -n, -r, -x, -ons, -ps*:
fácil, móvel, cônsul, hífen, pólen, cânon, elétron, dólar, revólver, vômer, mártir, látex, fênix, Félix, elétrons, bíceps, fórceps, etc.

d) *-ei, -eis*:
jóquei, vôlei, fósseis, úteis, fizésseis, lêsseis, fáceis, túneis, etc.

e) *-ã, -ãs, -ão, -ãos, -guam, -guem*:
ímã, ímãs, órgão, órgãos, bênção, bênçãos, enxáguam, enxáguem, etc.

Observações:

✔ Não se acentuam os vocábulos paroxítonos terminados em *-ens*: *imagens, edens, itens, jovens, nuvens,* etc.

✔ Não se acentuam os prefixos *anti, semi* e *super*, por serem considerados elementos átonos: *semi-interno, super-homem, anti-inflamatório.*

✔ Não se acentua um paroxítono só porque sua vogal tônica é aberta ou fechada. Descabido seria o acento gráfico, por exemplo, em *cedo, este, espelho, aparelho, cela, janela, socorro, pessoa, dores, flores, solo, esforços.*

✔ As terminações dos itens *b, c, d* e *e* são, por natureza, tônicas. Daí a necessidade do acento gráfico nas palavras com essas terminações.

✔ Não se acentuam os ditongos abertos *ei, eu, oi* de palavras paroxítonas: *assembleia, geleia, jiboia, ovoide*, etc.

▪ Acentuação dos vocábulos oxítonos

a) Acentuam-se com o acento adequado os vocábulos oxítonos terminados em:

- *-a, -e, -o*, seguidos ou não de *s*:

  xará, xarás, gambá, será, serás, pajé, pajés, Tietê, você, freguês, vovô, avós, vovó, etc.

  Seguem esta regra os infinitivos seguidos de pronome:

  cortá-los, vendê-lo, conhecê-la, compô-lo, etc.

- *-em, -ens* (em palavras de duas ou mais sílabas):

  ninguém, armazém, armazéns, ele contém, tu conténs, ele convém, ele mantém, eles mantêm, ele intervém, eles intervêm, etc.

Observação:

✔ A 3ª pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos derivados de *ter* e *vir* leva acento circunflexo:

Eles *contêm, detêm, obtêm, retêm*, etc.

Eles *convêm, intervêm, provêm, sobrevêm*, etc.

- *-éis, -éu(s), -ói(s):*

  fiéis, chapéu, chapéus, herói, heróis, etc.

b) Não devem ser acentuados os oxítonos terminados em *-i(s), -u(s)*:

aqui, juriti, juritis, saci, bambu, bambus, zebu, puni-los, reduzi-los, etc.

Exceção: o *i* e o *u* são acentuados quando precedidos de vogal átona com a qual formem hiato:

saí, Piraí, Jacareí, Jaú, Camboriú, sucuriú, baú, baús, saís, Luís, instruí-los, etc.

▪ Acentuação dos monossílabos

a) Acentuam-se os monossílabos tônicos:

- terminados em *-a, -e, -o*, seguidos ou não de *s*:

  há, pá, pás, má, más, pé, pés, dê, dês, mês, nó, nós, pôs (colocou), etc.

- que encerram os ditongos abertos *éi, éu, ói:*
  véu, véus, réis, dói, sóis, etc.

b) Não se acentuam os monossílabos tônicos com outras terminações:
ri, bis, ver, vez, sol, pus, mau, maus, Zeus, dor, flor, etc.

Exceções: acentuam-se os verbos *pôr, têm* (plural) e *vêm* (plural) porque existem os homógrafos *por* (preposição átona), *tem* (singular) e *vem* (singular):

Eles *têm* autoridade: *vêm pôr* ordem na cidade.

- **Acentuação dos ditongos**

a) Acentua-se a base (isto é, a vogal) dos ditongos abertos *éi, éu, ói,* quando tônicos e em palavras oxítonas: papéis, chapéu, herói, Niterói, anzóis, destrói, etc.
Em palavras paroxítonas esses ditongos não se acentuam: *ideia, estreia, joia, heroico,* etc.

b) Esses ditongos não se acentuam:
- quando fechados:
  areia, ateu, joio, tamoio, apoio, etc.
- quando subtônicos:
  ideiazinha, chapeuzinho, heroizinho, tireoidite, heroicamente, etc.

c) Não se acentua a vogal tônica dos ditongos *-iu* e *-ui,* quando precedida de vogal:
saiu, atraiu, contraiu, contribuiu, distribuiu, pauis, etc.

- **Acentuação dos hiatos**

a) Acentuam-se, em regra, o *i* e o *u* tônicos em hiato com vogal ou ditongo anterior, formando sílaba sozinhos ou com *s*:
saída (*sa-í-da*), saúde (*sa-ú-de*), faísca (*fa-ís-ca*), caía, saíra, egoísta, heroína, caí, Xuí, Luís, uísque, balaústre, juízo, país, cafeína, baú, baús, Grajaú, saímos, eletroímã, reúne, construía, proíbem, influí, destruí-lo, instruí-la, etc.

Razão do acento gráfico: indicar hiato, impedir a ditongação.
Compare: *caí* e *cai*, *doído* e *doido*, *fluído* e *fluido*.

b) No caso acima, não se acentuam o *i* e o *u*:
- quando seguidos de *nh*:
  rainha, fuinha, moinho, lagoinha, etc.
- quando formam sílaba com letra que não seja *s*:
  cair (*ca-ir*), sairmos, saindo, juiz, ainda, diurno, Raul, ruim, cauim, amendoim, saiu (*sa-iu*), contribuiu, instruiu, etc.

Razão da ausência do acento gráfico: não é possível a ditongação, nesses casos.

c) Não se coloca acento circunflexo na primeira vogal dos hiatos *oo* e *ee*:
voo, voos, enjoo, abençoo, abotoo, creem, deem, leem, veem, descreem, releem, preveem, proveem, etc.

Observação:

✔ O acento circunflexo, nesse caso, é desnecessário; por isso, o novo *Acordo Ortográfico* de 1990 o aboliu.

d) Fora o caso previsto no item *a*, não se acentuam os hiatos. Assim, escreveremos sem acento:

Saara, caolho, aorta, semeemos, semeeis, mandriice, vadiice, lagoa, pessoa, boa, abotoa, Mooca, coorte, moeda, poeta, meeiro, paracuuba, voe, perdoe, abençoe, etc.

Observação:

✔ Cabe esclarecer que existem hiatos acentuados não por serem hiatos, mas por outras razões.

Acentuam-se, por exemplo:

poético, por ser vocábulo proparoxítono;

beócio e *boêmio*, porque terminam em ditongo crescente;

jaó, por ser vocábulo oxítono terminado em *-o*.

- **Os grupos *gue, gui, que, qui***

a) Não se coloca acento agudo sobre o *u* desses grupos, quando é proferido e tônico:

averigue, averigues, averiguem, apazigue, apazigues, apaziguem, oblique, obliques, obliquem, arguis, argui, arguem, etc. → O acento gráfico deveria ser mantido para evitar falsas pronúncias.

b) Quando átono, o referido *u* não recebe trema, sinal abolido no sistema ortográfico de 1990:

aguentar, arguir, arguimos, arguia, argui, arguiu, frequente, delinquência, delinquir, tranquilo, cinquenta, enxaguei, pinguim, sequestro, etc.

- **Acento diferencial**

Acento diferencial é o que se usa para diferenciar homógrafos (palavras que se escrevem com as mesmas letras, mas que têm significados diferentes). O sistema ortográfico de 1990 aboliu o acento diferencial em alguns homógrafos. É preciso destinguir:

a) Acentos diferenciais obrigatórios:

Como no sistema ortográfico de 1943, acentuam-se obrigatoriamente:

pôr (verbo) para diferenciar de *por* (preposição): *pôr* sal no café *por* distração.

pôde (pretérito perfeito do verbo *poder*) para distinguir de *pode* (presente do indicativo): Ontem o médico não *pôde* atender; hoje ele *pode*.

b) Acentos diferenciais facultativos:

Podem-se acentuar, opcionalmente:

fôrma (molde) para distinguir de *forma* (feitio, modo): O bolo toma a *forma* da *fôrma*.

andámos, cantámos, louvámos, etc. (formas verbais do pretérito perfeito do indicativo) para as diferenciar das correspondentes formas do presente do indicativo (andamos, cantamos, louvamos, etc., por ser aberto o timbre do *a* tônico no pretérito em certas variantes do português. No Brasil, não se pronuncia nem se escreve *andámos*, mas *andamos*, tanto no presente como no pretérito perfeito, neste e em todos os verbos da 1ª conjugação.

c) Acentos diferenciais abolidos:

Aboliram-se os acentos gráficos nos vocábulos tônicos abaixo, que se usavam para diferenciá-los dos respectivos homógrafos átonos:

Vocábulos tônicos	Vocábulos átonos
pera (fruta)	*pera* (para, preposição arcaica)
polo (ó) (extremidade, jogo)	*polo* (contração arcaica de *por o* = pelo)
polo (ô) (falcão novo)	*polo* (contração arcaica de *por o* = pelo)
coa, coas (formas do verbo coar)	*coa, coas* (contrações de *com a, com as*)

Observação:

✔ Nos demais casos, como antes do Acordo Ortográfico de 1990, não se usa acento diferencial. Grafam-se, por exemplo, *erro, colher, sede, governo, torre, olho, almoço*, e não: êrro, colhêr, sêde, govêrno, tôrre, ôlho, almôço.

▪ Acento grave

O acento grave usa-se exclusivamente para indicar a crase da preposição *a* com os artigos *a, as* e com os pronomes demonstrativos *a, as, aquele(s), aquela(s), aquilo*. Exemplos:

Fui *à* feira. Assisti *às* aulas. Não liguei *àquilo*. Dirija-se *àquele* moço.

Observação:

✔ Não se grafa acento grave em sílaba subtônica:

somente, rapidamente, comodamente, heroicamente; cafezal, avozinha, cafezinho, papeizinhos, chapeuzinho, pezinhos, etc.

EXERCÍCIOS

LISTA 05

1. Em seu caderno, escreva os grupos de palavras, numerando cada grupo de acordo com a razão do acento gráfico:

papéis – mundéu – herói

público – astrônomo – déssemos

pôr – pôde – fôrma

cajá – cipó – pajé – você

heroína – saúde – atribuía – baía

dólar – túnel – bênção – táxi

(1) hiato

(2) ditongos **éi, éu, ói,** em palavras oxítonas

(3) vocábulos oxítonos terminados em **a, e** e **o**

(4) vocábulos paroxítonos com terminação tônica

(5) vocábulos proparoxítonos

(6) homógrafos tônicos com acento diferencial

2. Copie apenas os vocábulos que se acentuam em virtude do hiato:

úteis – médium – saúva – anzóis – país – sanduíche – heroína

3. Em seu caderno, escreva as palavras abaixo, acentuando-as corretamente. Em seguida, numere os grupos de acordo com sua classificação:

sofas – jao – vintem – parabens

uisque – Piaui – saude – bau

onibus – tatica – otico – umido

mes – mas – ha – nos – pos (verbo)

orfã – orgãos – vomer – uteis

tabua – genio – tenue – oleo

heroi – trofeu – coroneis

(1) vocábulos proparoxítonos

(2) paroxítonos com terminação tônica

(3) vocábulos oxítonos

(4) ditongos abertos e tônicos de palavras oxítonas

(5) monossílabos tônicos

(6) *hiatos*

(7) paroxítonos terminados em ditongo crescente

4. Justifique o acento gráfico nas palavras:

saúva – atribuí – país – proíbe – miúdo – raízes

5. Escreva as palavras, colocando o acento gráfico adequado:

moido – ruido – ciume – esplendido – bussola – exito – orfãos – magoa – hernia – cranio – miriade – lotus – fusivel – textil – atraves – fregues – aguarras – suiço – paraiso – mundeu – alcoolatra – res (quadrúpede) – repteis – eletrons – albuns – onix – imãs – concluia – cutis

6. Escreva as palavras, acentuando-as quando necessário:

especime – cedo – refem – apazigue – pessoa – maquinaria – espelho – sairam – almoço – fenix – ansia – benção – urutu – austero – rubrica – juriti – ariete – obus – desaguam – flores – dispor

7. Copie as seguintes palavras em seu caderno, colocando o acento gráfico quando for adequado:

zenite – lagoa – perdoa – erudito – desdem – refens – espeto – comboio (subst.) – gaucho – influiu – argui – apoio (subst.) – desapoio (verbo) – inaudito – girassois – bebiamos – aparelho – polen – circuito – tramoia – exodo – abençoe – sossego – vende-lo – aleija – peneiro – impar – urubu – corressemos – moinho – cairam – juizes – Grajau – torax – ruim – Mooca – chapeuzinho – comodamente – pegadas – alcool – Criciuma – repor

8. Justifique os acentos gráficos nestes vocábulos, acentuados pela mesma razão:

ciência – vários – zínia – efígie – vácuo – pátio – fêmea

9. Por meio de acento gráfico adequado, converta os verbos em substantivos:

habito – transito – desanimo – veiculo – naufrago – telegrafo – datilografa – anuncio – providencia – alivio – calunia – vangloria

10. Escreva, em seu caderno, os verbos no plural, seguindo os modelos:

a) ele tem	b) ele contém	c) ele vê
eles **têm**	eles **contêm**	eles **veem**
ele vem	ele detém	ele prevê
eles	eles	eles
	ele mantém	ele crê
	eles	eles
	ele obtém	ele lê
	eles	eles
	ele retém	ele relê
	eles	eles

11. Copie a série de palavras que contém erros de acentuação gráfica, acentuando-as corretamente:

garoa – êxtase – deem – frêmito – conserto – saúdam
cerca – estreio – planejo – Quéops – atraiu – odisseia
corôa – caique – destroi – tamôio – refem – egoismo
boiem – heroína – tainha – más – meses – hábil – ciclope

12. Copie as frases abaixo, acentuando as palavras quando necessário:

a) Quando voltava a colmeia, a abelha não pode colher o nectar das flores.
b) Referindo-se as viagens de seu avo Cristovão, Emilia dizia que ele era um nomade.
c) Eloi não para de por objetos a venda: ninguem sabe por que.

13. Por que se acentua o verbo **pôr** e não se acentua **compor**?

14. Retiramos os acentos utilizados por Millôr Fernandes no texto abaixo. Veja se você consegue recolocar todos eles:

"Ministerio das perguntas cretinas
– Se o diabo se portar bem vai para o ceu?
– O curso do rio da diploma?
– O Pão de Açucar se lambe?
– Um critico vive numa situação critica?
– Na cadeia dos Diarios Associados tem alguem preso?"

15. Leia a estrofe de "Construção", de Chico Buarque, procurando descobrir a regra que orientou a acentuação das palavras destacadas:

"Subiu a construção como se fosse **máquina**
Ergueu no patamar quatro paredes **sólidas**
Tijolo por tijolo num desenho **mágico**
Seus olhos embotados de cimento e **lágrima**"

16. Em qual das alternativas abaixo todas as palavras foram acentuadas de acordo com a mesma regra:

a) aquático, gráfico, conteúdo, átona
b) pêssego, análise, gramática, prática
c) caráter, sílaba, cômodo, veículo

17. Destaque dos versos de Vinícius de Moraes abaixo transcritos palavras paroxítonas que devem ser acentuadas:

a) "Eu fiquei imovel e no escuro tu vieste"
b) "E seus braços, como imãs, atraem o firmamento"
c) "Irremediavel, muito irremediavel
Tanto quanto esta torre medieval
Cruel, pura, insensivel, inefavel"
d) "Esse imenso, atroz, silencio..."
e) "Escorreu da noite nos labios da aurora..."

18. Faça o mesmo em relação às oxítonas:

a) "Às vezes dos igapos/subia o berro animal/de algum jacare feroz"

b) "Diz que ninguem esqueceu/a gargalhada de louca/que a pobre Lunalva deu"

c) "Tem os olhos cansados de olhar para o alem"

d) "Eu sem voce/Não tenho porque/Porque sem voce/Não sei nem chorar"

19. Escreva as frases no plural, prestando atenção às formas verbais:

a) Ele sempre vem à minha casa aos sábados.

b) Você vê maldade em tudo!

c) Meu irmão não crê em nada que você lhe diz.

d) Espero que o garoto dê o recado ao professor.

e) O governador não tem mais nenhuma credibilidade.

20. Copie os monossílabos tônicos, acentuando-os quando necessário:

a) Levantou o veu e sorriu docemente.

b) Quanta pobreza ha por la!

c) Ana e Lourdes analisarão cuidadosamente os pros e os contras de nossa proposta.

d) Os homens de bem não devem se calar diante da injustiça.

e) De seus irmãos, so Luís tinha os pes pequenos.

21. Use o acento diferencial quando necessário:

a) Cássio agora pode sair mais cedo; ontem, porém, não pode: tinha muitos contratos para analisar.

b) Taís: não vá por aí!

c) Marina não pretende por os pés em minha casa novamente.

d) José só irá para casa nas próximas férias.

e) Para! Nosso inimigo se aproxima silenciosamente.

22. Veja quais das palavras destacadas devem receber acento gráfico:

a) Os *juizes*, certamente, estão equivocados.

b) O *juiz* encarregado do caso adoeceu.

c) A *saida* fica do lado oposto, Ana Paula.

d) Osmar, não seja tão *egoista*!

ORTOGRAFIA – ACENTUAÇÃO GRÁFICA
Exercícios de exames e concursos
[Página 666]

NOTAÇÕES LÉXICAS

No capítulo anterior estudamos o emprego dos acentos gráficos. Neste capítulo estudaremos o til, o trema, o apóstrofo e o hífen.

1 EMPREGO DO TIL

O til sobrepõe-se às letras *a* e *o* para indicar vogal nasal.

Pode figurar em sílaba:

– tônica: maçã, *cãi*bra, perdão, barões, põe, etc.

– pretônica: ro*mã*zeira, ba*lõ*ezinhos, *grã*-fino, cristãmente, aquida*bã*ense, etc.

– átona: ór*fãs*, ór*gãos*, bên*çãos*, etc.

Observe: cristão, cristandade; Satã, satânico; Islã, islamismo.

2 EMPREGO DO TREMA

- O trema foi abolido na escrita de palavras portuguesas. Não se coloca mais, portanto, trema sobre o *u* dos grupos *gue, gui, que, qui*, quando proferido e átono:

  aguentar, sagui, argui (pretérito), frequente, cinquenta, equino, tranquilo, ensanguentar, etc.

- Usa-se apenas em nomes estrangeiros e palavras deles derivadas. Exemplos: *Dürer, Staël, Müller, mülleriano*.

Observações:

✔ Em algumas palavras de dupla pronunciação, o emprego do trema era opcional: *líqüido* ou *líquido, sangüinário* ou *sanguinário, sangüíneo* ou *sanguíneo, séqüito* ou *séquito*, etc.

✔ Embora bem-vinda, sua ausência pode gerar dúvidas acerca da pronúncia correta de palavras como *redarguir, quinquênio, equídeo, equidistante, ubiquidade, equilátero, aquicultura*, etc.

3 EMPREGO DO APÓSTROFO

- **Emprega-se este sinal gráfico:**

  a) para indicar a supressão de uma vogal nos versos, por exigências métricas, como ocorre, mais frequentemente, entre poetas portugueses:

  esp'rança, c'roa, minh'alma, 'stamos, por esperança, coroa, minha alma, estamos.

b) para reproduzir certas pronúncias populares:

"**Olh'ele** aí..." (GUIMARÃES ROSA)

"Não **s'enxerga**, enxerido!" (PEREGRINO JR.)

c) para indicar a supressão da vogal da preposição *de* em certas palavras compostas: galinha-d'angola, pau-d'arco, estrela-d'alva, caixa-d'água, etc.

- **Não se usa apóstrofo:**

a) na palavra *pra*, forma reduzida da preposição *para*:

"Puxa! Você não presta nem **pra** tirar gelo, Simão." (ORÍGENES LESSA)

b) nas contrações das preposições com artigos, pronomes e advérbios:

dum, num, dalém, doutro, doutrora, noutro, nalgum, naquele, nele, dele, daquilo, dacolá, doravante, co, cos, coa, coas (com o, com os, com a, com as), pro, pra, pros, pras (para o, para a, para os, para as).

Exemplos: escritores **dalém-mar**; costumes **doutrora**; ir **pra** beira do rio.

c) nas combinações dos pronomes pessoais: mo, mos, ma, mas, to, lho, lhos, etc.

d) nas expressões cujos elementos se aglutinaram numa unidade fonética e semântica: dessarte, destarte, homessa, tarrenego, tesconjuro, vivalma.

- **Casos opcionais:**

a) Nos títulos de livros, jornais, etc., pode-se usar o apóstrofo e grafar:

a leitura d'*O Guarani*; a campanha d'*O Globo*; a notícia está *n'O Globo*, ou, a leitura de *O Guarani*; a campanha de *O Globo*; a notícia está em *O Globo*.

b) Com referência a Deus, Jesus, a Virgem Maria, também se pode escrever: o poder d'Ele; confiar n' Ele; confiar n'Ela; o poder de Aquele, a intercessão de Aquela, etc.

4 EMPREGO DO HÍFEN

O emprego do hífen é matéria extremamente complexa e continua mal disciplinada pelo novo sistema ortográfico, sobretudo no que diz respeito ao uso desse sinal em palavras formadas por prefixação, nas quais mais palpáveis são as falhas e incoerências. Para quem escreve, o emprego do hífen é um autêntico quebra-cabeça.

Eis, em resumo, o que se preceitua acerca do emprego desse embaraçoso traço unitivo:

- **Emprega-se o hífen:**

- em palavras compostas cujos elementos conservam sua autonomia fonética e acentuação própria, mas perderam sua significação individual para constituir uma unidade semântica, um conceito único:

  amor-perfeito, água-marinha, beija-flor, quinta-feira, corre-corre, sempre-viva, bem-te-vi, vitória-régia, ano-luz, decreto-lei, tio-avô, guarda-chuva, arco-íris, tenente-coronel, médico-cirurgião, primeiro-ministro, conta-gotas, etc.

Observação:

✔ Note a diferença de significação: *meio dia* (= metade do dia), ao *meio-dia* (= às 12 horas); *pão duro* (= pão endurecido), *pão-duro* (= sovina); *cara suja* (= rosto sujo), *cara-suja* (= espécie de periquito); *copo de leite* (= copo com leite), *copo-de-leite* (= nome de uma flor).

- para ligar pronomes átonos a verbos e à palavra *eis*:

  deixa-o, obedecer-lhe, chamar-se-á, dir-se-ia, ei-lo, etc.

- em adjetivos compostos:

  mato-grossense, rio-grandense, latino-americano, greco-latino, verde-amarelo, azul-turquesa, cor-de-rosa, à-toa, sem-vergonha, sem-par, etc.

- em vocábulos formados pelos adjetivos de origem tupi *açu, guaçu* e *mirim*, se o elemento anterior acaba em vogal acentuada ou nasal:

  andá-açu, sabiá-guaçu, capim-açu, socó-mirim, etc.

Portanto, sem hífen: *jiboiaçu, cajumirim, Mojimirim*, etc.

- em vocábulos formados por elementos e prefixos que têm acentuação própria (tônicos):

  além-: além-túmulo, além-mar

  aquém-: aquém-mar

  pós-: pós-escolar, pós-operatório

  pré-: pré-nupcial

  pró-: pró-alfabetização

  recém-: recém-nascido

- depois de *circum-*, *mal-* e *pan-*, antes de *vogal, m, n* ou *h*:

  pan-americano, pan-helênico, mal-educado, mal-humorado, circum-anal, circum-navegar, circum-navegação, etc.

  Antes de outras letras, sem hífen:

  malcriado, malfeito, panteísmo, circumpolar, etc.

- depois de *bem-* (como prefixo e não como advérbio), antes de palavras que têm vida autônoma e quando a pronúncia o exigir:

  bem-amado, bem-aventurado (para não se ler *bem-maventurado*), bem-aventuranças, bem-estar, bem-me-quer, bem-nascido, bem-vindo, etc.

- nos encadeamentos de palavras: ponte Rio-Niterói, linha aérea Rio-Paris.

- na partição de palavras no fim da linha. Veja pág. 38.

- fora do âmbito da ortografia imposta, como recurso de estilo e com valor expressivo:

  "Começou daí um Brasil-sem-história-certa." (RAUL BOPP)

  "Foi o boi-grande-que-berra-feio-e-carrega-uma-cabeça-na-cacunda." (GUIMARÃES ROSA)

"– Não vou daqui sem uma resposta definitiva, disse meu pai. De-fi-ni-ti-va! repetiu, batendo as sílabas com o dedo." (MACHADO DE ASSIS)

- **Não se usará hífen:**
  - sempre que se obliterou a consciência da composição da palavra, o que acontece quando um elemento se adaptou foneticamente ao vizinho ou perdeu sua autonomia semântica:

    aguardente, girassol, madrepérola, malmequer, passatempo, pontapé, rodapé, sobremesa, vaivém, benquisto, etc.
  - quando o prefixo (ou o elemento de composição) pode ser unido ou aglutinado sem prejuízo da clareza ou sem promover pronúncias errôneas:

    aeroporto, aeromoça, audiovisual, bioquímico, eletroímã, fotoelétrico, fotocópia, ferrovia, geofísica, gastroenterologia, multissecular, neuromuscular, pretônica, radioatividade, radiouvinte, retropropulsão, semibárbaro, socioeconômico, supersônico, termoelétrico, vasossecção, etc.

Observação:

✔ Ao se unirem os elementos desses vocábulos compostos, pode ocorrer: a) a geminação do *r* e do *s*: *microrregião, fotossíntese*; b) a queda do *h* inicial do segundo elemento: *turboélice*; c) a elisão (facultativa) da vogal final do primeiro elemento: *radiativo* ou *radioativo, hidrelétrica* ou *hidroelétrica*.

  - nas locuções:

    da gema (= *legítimo*), um a um, de vez em quando, à toa (locução adverbial), a fim de, ora bolas!, de repente, por isso, etc.

    Mas, por serem consideradas palavras compostas e não locuções, escrever-se-ão:

    de mão-cheia, vice-versa, de meia-tigela, sem-par, sem-sal, tão-somente, à-toa (adjetivo), sem-cerimônia, etc.
  - em expressões do tipo:

    estrada de ferro, doce de leite, cor de café, anjo da guarda, relógio de bolso, dona de casa, farinha de trigo.

EMPREGO DO HÍFEN NAS FORMAÇÕES POR PREFIXAÇÃO

- Emprega-se o hífen nas palavras formadas com os prefixos gregos e latinos aero-, agro-, ante-, anti-, arqui-, auto-, bio-, co-, contra-, eletro-, entre-, eco-, extra-, ex-, geo-, hidro-, hiper-, inter-, infra-, macro-, maxi-, micro-, mini-, multi-, neo-, proto-, pan-, pseudo-, pluri-, retro-, semi-, super-, sub-, supra-, tele-, ultra-, vice-, etc.

  a) quando o segundo elemento começa por *h*: *anti-higiênico, co-herdeiro, super-homem, pré-história, pan-helenismo, neo-helênico, sub-humano*, etc.

  Exceções: *desumano, inábil*.

  b) quando o prefixo termina com a mesma vogal com que começa o segundo elemento: *anti-ibérico, supra-auricular, micro-onda, semi-interno, auto-observação*, etc.

  Exceção. Excetua-se o prefixo *co-*, que se une, sem hífen, ao segundo elemento iniciado por *o*: *coordenar, cooperar, coordenação, coobrigado*, etc.

c) nas formações com os prefixos *circum-* e *pan-*, antes de *vogal, h, m* e *n*: *circum-navegar, circum-navegação, pan-americano, circum-anal, circum-murado*, etc.

d) nas formações com os prefixos *hiper-, inter-*, e *super-*, quando o segundo elemento começa por *r*: *hiper-realismo, inter-racial, inter-relacionar, super-requintado*, etc.

e) nas formações com os prefixos *ex-* (com o sentido de estado anterior ou cessamento), *sota-, soto-* e *vice-*: *ex-diretor, ex-aluno, sota-piloto, soto-mestre, vice-presidente, vice-rei*.

f) nas formações com os prefixos tônicos, acentuados, *pós-, pré-, pró-*, como já vimos. Nas formas átonas, se justapõem ao elemento seguinte, sem hífen: *pospor, prever, promover*, etc.

g) com o prefixo sub- antes de *b, h* e *r*: *sub-humano, sub-raça, sub-bibliotecário*.

- **Não se usará hífen:**

a) quando o prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa por r ou s, caso em que as consoantes se duplicam: antirreligioso, antissemita, minissaia, infrassom, contrarregra, microrregião, cosseno, ultrassonografia, etc.

b) quando o prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa com vogal diferente: antiaéreo, autoestrada, autoaprendizagem, etc.

Observação:

✔ O emprego do hífen é um ponto de nossa ortografia que deveria ser urgentemente revisto, restringindo-se o uso desse sinal auxiliar da escrita aos casos de absoluta necessidade. Não seria preferível escrever, por exemplo, *vagalume, benvindo, seminterno, extraoficial, excombatente*, em vez de *vaga-lume, bem-vindo, semi-interno, extra-oficial, ex-combatente?*

EXERCÍCIOS LISTA 06

1. Escreva em seu caderno algumas linhas sobre o trema.

2. Em seu caderno, escreva as palavras, unindo corretamente os elementos e empregando o hífen quando necessário:

vitória + régia	busca + pé	sem + vergonha	homem + rã
azul + marinho	além + túmulo	jiboia + açu	semi + morto
auto + escola	recém + nascido	grã + fino	neo + latina
proto + mártir	extra + terreno	ex + ministro	pós + guerra

3. Faça como no exercício anterior:

ultra + rápido	quebra + cabeça	ante + véspera	sub + solo
contra + senso	anti + rábico	super + homem	anti + tóxico
contra + peso	anti + aéreo	sub + chefe	circum + polar
mal + educado	para + quedas	co + existência	micro + empresa
eletro + ímã	gastro + intestinal	tetra + campeão	tele + objetiva
termo + elétrica	bem + vindo	sócio + econômico	bem + estar
multi + secular	gira + sol	bio + química	roda + pé

4. Copie em seu caderno somente as palavras em que se usa o hífen para evitar pronúncia errônea:

bem-amado	pan-americano	mal-educado	não-agressão
bem-estar	pré-vestibular	obra-prima	sub-raça

5. Que nova significação as expressões destacadas assumem, se ligarmos, em outras frases, os seus componentes com hífen?

a) Trabalhei só **meio dia.**
b) Tinha a **pele vermelha.**
c) Bebi um **copo de leite.**
d) Fale **sem vergonha.**

6. Explique o emprego do hífen nas frases seguintes:

a) "Um tapa do Sílvio arrebentava porta de apartamento-de-sala-e-quarto-conjugados." (RUBEM FONSECA, *Os Prisioneiros*, p. 11)

b) "No fim da festa, um funcionário do Itamarati declarou: Estamos e-xaus-tos." (DANUZA LEÃO, *Jornal do Brasil*, 30/6/1999)

7. Consulte o dicionário e verifique se as palavras abaixo devem ser unidas por hífen ou formar um único vocábulo:

mal criado, mal educado, mal feito, mal humorado, mal estar, bem amado, bem aventurado, bem educado, bem estar, bem visto, bem dizer.

8. Escreva frases que deixem bem evidente a diferença de sentido entre os pares de palavra abaixo:

a) pão duro, pão-duro. (pão endurecido, avarento)
b) copo de leite, copo-de-leite. (copo com leite, flor)

9. Alguns dos substantivos compostos abaixo relacionados deveriam ter sido escritos com hífen. Localize-os e reescreva-os corretamente. Em caso de dúvida, recorra às explicações apresentadas neste livro ou consulte o dicionário.

Maleducado, girassol, autobiografia, benvindo, subsolo, subchefe, vicediretor, fotocópia, extraordinário, pontapé, semcerimônia, bentevi, sempreviva, sobremesa, autoretrato, aeroporto.

ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS

1 ABREVIATURA

Abreviatura é a representação escrita abreviada de uma palavra ou expressão. Exemplos:

R. (Rua), *Av.* (Avenida), *ed.* (edição), *loc. adv.* (locução adverbial).

Em geral, a abreviatura termina por consoante seguida de ponto final. Os símbolos científicos, porém, se grafam sem ponto e, no plural, sem *s*: *m* (metro ou metros), *h* (hora ou horas), *10h30min* (dez horas e trinta minutos).

Há palavras que são abreviadas de modo diverso:

C.ia ou *Cia.* (Companhia), *Sr.a* ou *Sra.* (Senhora), *p.* ou *pág.* (página), etc.

Mantêm-se os acentos nas abreviaturas. Exemplos:

gên. (gênero), *séc.* (século).

Em textos literários e jornalísticos, em geral, evitam-se as abreviaturas de medida:

O jogo começou às *16 horas*. Andou *5 quilômetros* a pé.

Os designativos de nomes geográficos devem ser escritos por extenso:

São Paulo (e não *S. Paulo*), *Santo Amaro* (e não *S. Amaro*), *Dom Joaquim* (e não *D. Joaquim*), etc.

2 SIGLA

Sigla é a abreviatura formada com as letras iniciais de nomes de entidades, associações, organismos administrativos, empresas, partidos políticos, etc.:

QG (Quartel-General), FAB (Força Aérea Brasileira), ONU (Organização das Nações Unidas).

Na prática, eliminam-se, modernamente, os pontos abreviativos nas siglas, cuja finalidade, aliás, é poupar tempo e espaço. Por serem práticas e cômodas, as siglas vão se multiplicando cada vez mais na língua de hoje e até passam a funcionar como substantivos: o Senai, o CEP, a Funai, a TV, a Petrobras, etc.

As palavras *aides* (recomendamos esta grafia, em vez de *Aids*), *radar* e *sonar*, formadas com as letras ou sílabas iniciais de expressões inglesas, são outros exemplos de siglas convertidas em substantivos.

Há siglas que deram origem a outras palavras:

DDT → dedetizar; CLT → celetista.

Eis algumas abreviaturas, siglas e símbolos de uso mais frequente:

A

a = are(s)
ABI = Associação Brasileira de Imprensa
a.C. = antes de Cristo
AC = Acre (Estado do)
A/C = ao(s) cuidado(s)
AL = Alagoas (Estado de)
AM = Amazonas (Estado do)
apart. ou ap. = apartamento
AP = Amapá (Estado do)
Au = ouro (lat. *aurum*)
Av. = Avenida

B

BA = Bahia (Estado da)
BCG = Bacilo de Calmette e Guérin (vacinação contra a tuberculose)
BR = Brasil

C

CAN = Correio Aéreo Nacional
CE = Ceará (Estado do)
CBF = Confederação Brasileira de Futebol
CEP = Código de Endereçamento Postal
cf. = confira ou confronte
Cia. = companhia
CLT = Consolidação das Leis Trabalhistas
cm = centímetro(s)
CPF = Cadastro de Pessoa Física
Cx. = caixa

D

D. = Dom, Dona
Dª = Dona
DDD = Discagem Direta a Distância
DD. = digníssimo
DF = Distrito Federal
dm = decímetro(s)
DNA = *desoxyribonucleic acid* (= ácido desoxirribonucleico)
DNER = Departamento Nacional de Estradas de Rodagem
Dr. = Doutor
Drª ou Dra. = Doutora

E

ed. = edição
Embraer = Empresa Brasileira de Aeronáutica
ECT = Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos
ES = Espírito Santo (Estado do)
etc. = *et cetera* (e as outras coisas)
EUA = Estados Unidos da América
Ex.mo = Excelentíssimo

F

FAB = Força Aérea Brasileira
FGTS = Fundo de Garantia do Tempo de Serviço
FIFA = Federação Internacional das Associações de Futebol
fl. = folha; fls. = folhas
FN = Fernando de Noronha
Funai = Fundação Nacional do Índio

G

g = grama(s)
GO = Goiás (Estado de)

H

h = hora(s)
ha = hectare(s)
HP = *horse power* (cavalo-vapor)

I

ib. = *ibidem* (no mesmo lugar)
IBGE = Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
id. = idem (o mesmo)
Il.ma = Ilustríssima
Il.mo = Ilustríssimo
I.N.R.I. = *Iesus Nazarenus Rex Iudaeorum* (Jesus Nazareno, Rei dos Judeus)
INSS = Instituto Nacional de Seguro Social
Ir. = irmão, irmã

K

K = *kalium* (potássio)
kg = quilograma(s)
km = quilômetro(s)
km² = quilômetro(s) quadrado(s)
kw = quilowatt(s)

L

l = litro(s)
L. = Leste (ponto cardeal)
lat. = latitude, latim
lb. = libra(s)
long. = longitude
Lt.da ou Ltda. = limitada

M

m = metro(s)
m^2 = metro(s) quadrado(s)
m^3 = metro(s) cúbico(s)
MA = Maranhão (Estado do)
MG = Minas Gerais (Estado de)
mg = miligrama(s)
min = minuto(s)
ml = mililitro(s)
mm = milímetro(s)
MS = Mato Grosso do Sul (Estado de)
MT = Mato Grosso (Estado de)
MW = megawatt(s)

N

N. = Norte
N. E. = Nordeste (ponto entre o Norte e o Leste)
nº = número
N. O. = Noroeste
N. Sª = Nossa Senhora

O

O. = Oeste
OEA = Organização dos Estados Americanos
O. K. ou OK = *all correct* (tudo bem)
ONU = Organização das Nações Unidas
op. cit. = *opus citatum* (obra citada)
OTAN ou Otan = Organização do Tratado do Atlântico Norte

P

pág. ou p. = página; págs. = páginas
PA = Pará (Estado do)
PB = Paraíba (Estado da)
PE = Pernambuco (Estado de)
Pe. = padre
PI = Piauí (Estado do)
PIS = Programa de Integração Social
PR = Paraná (Estado do)
Prof. = professor
Profª ou Profa. = professora
P. S. = *post scriptum* (depois do escrito)

Q

QG = Quartel-General
ql = quilate(s)

R

R. = rua
Remte ou Remte. = remetente
Rev.mo ou Revmo. = Reverendíssimo
RJ = Rio de Janeiro (Estado do)
RN = Rio Grande do Norte (Estado do)
RO = Rondônia (Estado de)
RR = Roraima (Estado de)
RS = Rio Grande do Sul (Estado do)

S

s = segundo(s)
S. = São, Santo(a), Sul
S. A. = Sociedade Anônima
SC = Santa Catarina (Estado de)
SE = Sergipe (Estado de)
séc. = século
Senac = Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
Senai = Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
S. O. = Sudoeste
S.O.S. = *save our souls* (salvai nossas almas: pedido de socorro enviado por navios e aviões)
SP = São Paulo (Estado de)
Sr. = Senhor; Srs. = Senhores
Srª ou Sra. = Senhora; Srªs = Senhoras
Srta ou Srta. = Senhorita

T

t = tonelada(s)
tel. = telefone, telegrama
TO = Tocantins (Estado do)
TV = televisão

U

Unesco = *United Nations Educational Scientific and Cultural Organization* (= Organização Educacional, Científica e Cultural das Nações Unidas)

V

v = volt(s)
V. Sª = Vossa Senhoria
V.Sªs = Vossa Senhorias
V. Exª = Vossa Excelência
v. g. = *verbi gratia* (por exemplo)

W

w = watt(s)
W.C. = *water-closet* (banheiro, sanitário)

1. Leia o texto abaixo e, em seguida, localize na primeira estrofe as siglas correspondentes aos significados listados:

A revoada das siglas

PIB OTAN CACEX CONTRAN
FAB CUT MAM FIESP OPEP
USP IBOPE GATT DETRAN
PROCON BANERJ et caterva.

Salve, filhas espúrias dos idiomas
das gentes deste século fremente,
salvação da lavoura jornalística!
Os que fazem das letras sua mística
a vossos pés se prostram reverentes.

Dia e noite, em ruidosas revoadas,
pelos céus do Brasil torvelinhais
e o céu da boca me feris, malvadas,
e a meus cansados tímpanos soais
como o ranger de ásperos metais.

D.P.C.

a) Museu de Arte Moderna
b) Banco do Estado do Rio de Janeiro
c) Produto Interno Bruto
d) Universidade de São Paulo
e) Central Única dos Trabalhadores

2. Escreva os símbolos científicos de:
metro – metro quadrado – metro cúbico – centímetro – milímetro – quilômetro – litro – quilo – grama

3. Escreva o significado das siglas: RO – Senai

4. Escreva as abreviaturas de:
antes de Cristo – professor – século – Companhia – professora – telefone – doutor – página – edição

5. Escreva abreviadamente, usando símbolos:
a) dezesseis horas e trinta minutos; b) nove horas dez minutos e vinte segundos.

6. Reescreva a única abreviatura correta de **oito horas**: 8hs 8:00h 8:00hs 8,00h 8h

7. Escreva a expressão destacada, usando símbolos:
Neil Armstrong foi o primeiro homem
a pisar na Lua.
Esse fato histórico aconteceu no dia
20 de julho de 1969,
às **vinte e três horas e cinquenta e seis minutos**, horário de Brasília.

MORFOLOGIA

ocupa-se da estrutura e da classificação das palavras.

ESTRUTURA DAS PALAVRAS

Observe a estrutura das palavras:
sol, dent-ista, in-quiet-o, cant-a-mos, cha-l-eira

A análise destes exemplos mostra-nos que as palavras são formadas de unidades ou elementos mórficos.

São os seguintes os elementos mórficos ou estruturais das palavras:

- **raiz**, **radical**, **tema**: elementos básicos e significativos;
- **afixos** (prefixos, sufixos), **desinência**, **vogal temática**: elementos modificadores da significação do radical;

  Os elementos mórficos dos grupos acima denominam-se *morfemas*.
- **vogal de ligação**, **consoante de ligação**: elementos de ligação ou eufônicos.

1 RAIZ

Raiz é o elemento originário e irredutível em que se concentra a significação das palavras, consideradas do ângulo histórico. Geralmente monossilábica, a raiz encerra sentido lato e geral, comum às palavras da mesma família etimológica.

Assim, a raiz *noc* (do latim *nocere* = prejudicar) tem a significação geral de *causar dano*, e a ela se prendem, pela origem comum, as palavras *nocivo, nocividade, inocente, inocentar, inócuo*, etc.

Uma raiz pode apresentar-se alterada: *ag*-ir, *ag*-ente, re-*ag*-ir, ex-*ig*-ir, ex-*ig*-ência, *at*-o, *at*-or, *at*-ivo, *aç*-ão, *ac*-ionar, etc.

Observação:

✔ O estudo das raízes foge à finalidade da gramática normativa, só interessa à gramática histórica ou, mais precisamente, à etimologia. Numa análise morfológica elementar das palavras portuguesas, deve-se preterir a raiz e partir do radical.

2 RADICAL

O *radical* é o elemento básico e significativo das palavras, consideradas sob o aspecto gramatical e prático, dentro da língua portuguesa atual.

Acha-se o radical despojando-se a palavra de seus elementos secundários (quando houver):

CERT-*o*, CERT-*eza*, *in*-CERT-*eza*, CAFE-*teira*, *a*-JEIT-*ar*, RECEB-*er*, EDUC-*ar*, ILUS-*ório*, PERFUM-*e*, EXEMPL-*ar*, PERMIT-*ir*, *ex*-PORT-*ação*, *in*-OBSERV-*ância*, *des*-CONHEC-*ido*, *a*-PEDR-*ejar*, etc.

Observações:

- ✔ Destacam-se os prefixos quando a língua atual os sente como tais: *in-feliz, a-mans-ar, ex-orbit-ar, re-conquist-ar,* etc. Não persistindo o sentimento dessas partículas, não se destacam: *exam-e* (latim *ex-amen*), *excel-ência* (latim *ex-cellentia*), *óbit-o* (latim *ob-itum*), *pérfid-o* (latim *per-fidum*), etc.
- ✔ Em certas palavras só existe o radical: *fé, mar, sol, traz*, etc.; em outras, o radical coincide com a raiz: CAMP-*o*, NOC-*ivo*, *re*-NOV-*ar*, *in*-ÚT-*il*, etc.

3 TEMA

Tema é o radical acrescido de uma vogal (chamada *vogal temática*).

Nos verbos o tema se obtém destacando-se o *-r* do infinitivo:

CANTA-*r*, BATE-*r*, PARTI-*r*, etc.

Nos nomes o tema é mais evidente em derivados de verbos:

CAÇA-*dor*, DEVE-*dor*, FINGI-*mento*, PERDOÁ-*vel*, FERVE-*nte*, etc.

4 AFIXOS

Afixos são elementos secundários (geralmente sem vida autônoma) que se agregam a um radical ou tema para formar palavras derivadas. Chamam-se *prefixos*, quando antepostos ao radical ou tema, e *sufixos*, quando pospostos. Assim, nas palavras *inativo, empobrecer, internacional, desanimador, imperdoável* e *predominante*, temos:

prefixo	radical	sufixo	prefixo	tema	sufixo
in	**at**	**ivo**	**des**	**anima**	**dor**
em	**pobr**	**ecer**	**im**	**perdoá**	**vel**
inter	**nacion**	**al**	**pre**	**domina**	**nte**

5 DESINÊNCIAS

Desinências são os elementos terminais indicativos das flexões das palavras.

As desinências *nominais* indicam as flexões de gênero (masculino e feminino) e de número (singular e plural) dos nomes. Exemplo:

menin-*o* menino-*s*
menin-*a* menina-*s*

As desinências *verbais* indicam as flexões de número e pessoa e de modo e tempo dos verbos. Exemplos:

am-*o*, ama-*s*, ama-*mos*, ama-*is*, ama-*m*
ama-*va*, ama-*va*-s, ama-*va*, etc.

A desinência -*o* de *am-o* é uma desinência *número-pessoal*, porque indica que o verbo está na 1ª pessoa do singular; -*va*, de *ama-va*, é desinência *modo-temporal*: caracteriza uma forma verbal do pretérito imperfeito do indicativo, na 1ª conjugação.

6 VOGAL TEMÁTICA

Vogal temática é o elemento que, acrescido ao radical, forma o tema de nomes e verbos.

Nos verbos distinguem-se três vogais temáticas:

a que caracteriza os verbos da 1ª conjugação: and*a*r, and*a*vas, etc.

e que caracteriza os verbos da 2ª conjugação: bat*e*r, bat*e*mos, etc.

i que caracteriza os verbos da 3ª conjugação: part*i*r, part*i*rá, etc.

Chama-se *terminação* à parte da palavra subsequente ao radical. Às vezes confunde-se com o sufixo: pass-*ear*, vend-*erão*, glori-*oso*, grit-*ando*.

7 VOGAIS E CONSOANTES DE LIGAÇÃO

São fonemas que, em certas palavras derivadas ou compostas, se inserem entre os elementos mórficos, em geral por motivos de eufonia, isto é, para facilitar a pronúncia de tais palavras. Exemplos:

silv-*í*-cola, cafe-*t*-eira, pe-*z*-inho, cha-*l*-eira, cafe-*i*-cultura, gas-*ô*-metro, gas-*ei*-ficar, cacau-*i*-cultor, rod-*o*-via, pobre-*t*-ão, pau-*l*-ada, capin-*z*-al, inset-*i*-cida, rat-*i*-cida, gas-*o*-duto, etc.

Observação:

✔ A esses elementos de ligação alguns gramáticos chamam *infixos*.

8 COGNATOS

Cognatos são vocábulos que procedem de uma raiz comum. Tais palavras constituem uma *família etimológica*.

À raiz da palavra latina *anima* (= espírito), por exemplo, prendem-se os seguintes cognatos: alma, animal, alimária, animar, animador, desanimar, animação, almejar, ânimo, desalmado, etc.

Às vezes torna-se difícil discernir a raiz primitiva, em virtude das alterações sofridas. Exemplo: FACção, FACcioso, FACínora, FAÇanha, FÁCil, FACilitar, FATor, FATurar, FATo, inFECção, diFÍCil, beneFÍCio, artíFICe, conFECção, eFETuar, FEITo, ouriVES (cognatos do verbo latino *facio*, fazer).

9 PALAVRAS PRIMITIVAS E DERIVADAS

Quanto à formação, as palavras podem ser *primitivas* ou *derivadas*.

- **Palavras *primitivas* são as que não derivam de outras, dentro da língua portuguesa.**

  Exemplos:
  pedra, terra, dente, pobre, etc.

- **Palavras *derivadas* são as que provêm de outras.**

  Exemplos:
  pedreiro, enterrar, dentista, pobrezinho, etc.

10 PALAVRAS SIMPLES E COMPOSTAS

Com relação ao radical, dividem-se as palavras em *simples* e *compostas*.

- **Palavras *simples* são as que têm um só radical.**

  Exemplos:
  livre, beleza, recomeçar, maquinismo, desmatamento.

- **Palavras *compostas* são as que apresentam mais de um radical.**

  Seus elementos, em muitos casos, unem-se sem hífen. Exemplos:
  passatempo, automóvel, ferrovia, peixe-elétrico, melão-de-são-caetano.

EXERCÍCIOS LISTA 08

1. Destaque e classifique os elementos mórficos das palavras seguintes:

insanável – deslealdade – operoso – louvavas – antimilitarismo – cafeteira – cacauicultor

2. Forme cognatos que tenham por base as seguintes palavras:

cruz – jeito – maduro – amigo – corpo – pedra – comum

3. Escreva somente as afirmativas corretas com relação à análise morfológica da palavra **desonrosa**:

O radical é *onr*.
O prefixo é *des-*.
O sufixo é *-rosa*.
O *a* final é desinência de gênero.

4. Escreva em seu caderno de forma a combinar corretamente as duas colunas:

raiz, radical, tema	elementos modificadores
prefixo, sufixo, desinência	elementos de ligação
vogal e consoante de ligação	elementos básicos e significativos

5. Copie as palavras e, em seguida, assinale com um traço o radical delas:

desanimador – realizar – anoitecer – exportação – inativo – analisar

6. Escreva em seu caderno as seguintes palavras, indicando, a seguir, se são **primitivas** ou **derivadas**:

arte – artista – pesquisador – pesquisa – atleta – atletismo – concretizar – concreto

7. Qual é o tipo de desinência do elemento em destaque do verbo esperáva**mos**?

8. Distinga as palavras simples das compostas, classificando-as em duas colunas:

terremoto – erva-doce – desemprego – carro-pipa – modernismo – laranjal – pontiagudo – engarrafamento

9. Identifique os radicais das palavras abaixo:

a) terra – terrinha – térreo – terreiro

b) descampado – campestre – campesino – acampar

c) cardiologia – cardíaco – cardiologista – taquicardia

d) envelhecimento – velhice – envelhecer – velharia

10. Copie as palavras, desmembrando-as como no exemplo:

martelada

radical: martel- **sufixo nominal:** -ada

a) tristonho b) certeza c) receber d) gostoso

11. Todos os vocábulos derivados de um radical comum são considerados **cognatos**. Dê exemplos de palavras cognatas de:

a) poeira b) cinzento c) impressão d) puro e) doer

12. Aponte a alternativa em que há uma palavra que não é cognata das demais:

a) regular, desregulado, regulador, regularidade, regularizar

b) religião, religioso, religiosidade, relíquia, religiosamente

c) nebuloso, nebulosidade, nebulizador, nebulosa

13. Forme palavras cognatas das que aparecem em cada alternativa, utilizando os sufixos entre parênteses:

a) biblioteca (-ário) imundo (-ice ou -ície) órfão (-ato)

b) obedecer (-ência) paraíso (-aco) ler (-ível)

ESTRUTURA DAS PALAVRAS
Exercícios de exames e concursos
[Página 669]

FORMAÇÃO DAS PALAVRAS

Veja este exemplo do escritor Murilo Melo Filho:

"O *computador* poderá ser, no futuro, um instrumento tão vulgarizado quanto o *rádio*, o *telefone*, a *geladeira* e o *televisor*."

As palavras destacadas foram criadas para denominar modernos inventos da ciência e da tecnologia. É assim que nascem os **neologismos** (palavras novas), que são uma decorrência do progresso e do desenvolvimento da cultura humana. Novas ideias e invenções criam novas necessidades de expressão.

Se existe uma técnica para construir um televisor, há também outra para formar palavras novas.

Em nossa língua há dois processos gerais para a formação de palavras: a *derivação* e a *composição*.

1 DERIVAÇÃO

A derivação consiste em formar uma palavra nova (derivada), a partir de outra já existente (primitiva). Realiza-se de quatro maneiras:

- **por sufixação – acrescentando-se um sufixo a um radical:**
  den*tista*, jog*ador*, boi*ada*, sapat*aria*, real*izar*, feliz*mente*

- **por prefixação – antepondo-se um prefixo a um radical:**
  *in*capaz, *des*ligar, *re*fresco, *super*sônico, *pré*-história

- **por derivação parassintética (ou parassíntese) – anexando-se, ao mesmo tempo, um prefixo e um sufixo a um radical:**

  alistar (a + lista + ar), *envergonhar* (en + vergonha + ar), *emudecer* (e + mudo + ecer), *esfarelar* (es + farelo + ar), *desalmado* (des + alma + ado), *enfileirar* (en + fileira + ar), *empapelar* (em + papel + ar), *empalidecer* (em + pálido + ecer), *enegrecer* (e + negro + ecer)

  Os vocábulos parassintéticos são quase sempre verbos e têm como base um substantivo ou um adjetivo:

  empalhar, despedaçar, amanhecer, anoitecer, etc. (base substantiva);
  amolecer, esfriar, endoidecer, etc. (base adjetiva).

  É importante fazer distinção:

  descarregar (*des* + carregar) → prefixação
  achatamento (achatar + *mento*) → sufixação
  amaciar (*a* + macio + *ar*) → parassíntese

  (Não existe o verbo *maciar* nem o substantivo ou adjetivo *amacio*.)

Observação:

✔ A NGB não adotou a denominação *parassíntese* nem alude explicitamente a esse processo.

- **por derivação regressiva – substituindo-se a terminação de um verbo pelas desinências** *-a, -o* **ou** *-e*:

mudar	→	muda	pescar	→	pesca
ajudar	→	ajuda	combater	→	combate
atacar	→	ataque	rematar	→	remate
chorar	→	choro	castigar	→	castigo
abalar	→	abalo	falar	→	fala

Observação:

✔ Os substantivos que derivam dos verbos chamam-se *pós-verbais* ou *deverbais*.

✔ O processo normal é criar o verbo partindo de um substantivo. Na derivação regressiva, a língua procede em sentido inverso: forma o substantivo partindo do verbo.

- **Além desses processos de derivação propriamente dita, existe ainda o da** *derivação imprópria*, **que consiste em mudar a classe de uma palavra, estendendo-lhe a significação.**

Por este processo (que não deixa de ser um recurso de enriquecimento dos meios de expressão):

a) os adjetivos passam a substantivos: os *bons*, os *maus*, o *verde*, etc.

b) os particípios passam a substantivos ou adjetivos: um *feito* heróico, o *passado*, ente *querido*, filho *amado*, etc.

c) os infinitivos passam a substantivos: o *viver*, o *andar*, o *sorrir*, o *bater* da porta, o *espocar* dos foguetes, etc.

"O *badalar* dos sinos animou-a debilmente." (Graciliano Ramos)

d) os substantivos passam a adjetivos: comício *monstro*, menino *prodígio*, traje *esporte*, funcionário *fantasma*, homens-*rãs*, etc.

e) os adjetivos passam a advérbios: falar *alto*, vender *caro*, tossir *forte*, falar *baixo*, etc.

f) palavras invariáveis passam a substantivos: o *sim*, os *prós* e os *contras*, um *quê* de mistério, o *porquê* da existência, etc.

g) substantivos próprios tornam-se comuns: os *mecenas* das artes, um *caxias* (= chefe severo e exigente), um *havana*, etc.

"os braços de pano de um *judas*" (Raquel de Queirós)

Observação:

✔ O processo da derivação imprópria não interessa à morfologia, mas à semântica e à estilística.

2 COMPOSIÇÃO

Pelo processo da *composição* associam-se duas ou mais palavras ou dois ou mais radicais para formar uma palavra nova.

A composição pode efetuar-se:

- **por justaposição, unindo-se duas ou mais palavras (ou radicais), sem lhes alterar a estrutura.**

  Exemplos: passatempo, vaivém, cantochão, girassol, biólogo, televisão, rodovia, mata-borrão, sempre-viva, greco-latino, cor-de-rosa, etc.

Na justaposição, os elementos ora se unem com hífen, ora sem hífen. Expressões como *fogão a gás, estrada de ferro, doce de leite, fim de semana, anjo da guarda, dona de casa* não se hifenizam porque não são vocábulos compostos, não constituem uma perfeita unidade semântica. Veja *Emprego do hífen*, página, 81 § 4.

- **por aglutinação, unindo-se dois ou mais vocábulos ou radicais, com supressão de um ou mais de um de seus elementos fonéticos.**

  Exemplos: *aguardente* (água ardente) – *embora* (em boa hora) – *fidalgo* (filho de algo, isto é, filho de família nobre) – *pernalta* (perna alta) – *planalto* (plano alto) – *pernilongo* (perna longo) – *quintessência* (quinta essência) – *hidrelétrico* (hidro elétrico) – *santelmo* (Santo Elmo), *santantônio* (Santo Antônio), *viandante* (via andante), *boquiaberto* (boca aberto), etc.

Observação:

✔ Ao aglutinarem-se, os componentes subordinam-se a um só acento tônico, o do último componente.

3 REDUÇÃO

Algumas palavras apresentam, ao lado de sua forma plena, uma forma reduzida. Exemplos:

auto (por *automóvel*)
cinema (por *cinematografia*)
cine (por *cinema*)
foto (por *fotografia*)
moto (por *motocicleta*)
Guará (por *Guaratinguetá*)
extra (*por extraordinário* ou *extrafino*)
quilo (por *quilograma*)
ônibus (por *auto-ônibus*)
seu (por *senhor*)
pornô (por *pornografia*)
curta (por *curta-metragem*)
pólio (por *poliomielite*)
pneu (por *pneumático*)
micro (por *microcomputador*)
Quim (por *Joaquim*)
Zé (por *José*)

Essa espécie de economia linguística, comum a todos os idiomas, é responsável por simplificações mais arrojadas. Haja vista:

zoo (por *jardim zoológico*)

metrô (do francês *métro*, redução de *chemin de fer métropolitain*, isto é, *estrada de ferro metropolitana*)

Como exemplo de redução ou simplificação das palavras, podem ser citadas também as siglas, tão frequentes na comunicação de hoje.

4 HIBRIDISMOS

Hibridismos são palavras em cuja formação entram elementos de línguas diferentes. São exemplos de palavras híbridas:

monocultura (*mono* + *cultura*, grego e latim)
alcoômetro (*álcool* + *metro*, árabe e grego)
lactômetro (*lact* + *metro*, latim e grego)
televisão (*tele* + *visão*, grego e latim)
automóvel (*auto* + *móvel*, grego e latim)
abreugrafia (*Abreu* + *grafia*, português e grego)

5 ONOMATOPEIAS

Numerosas palavras devem sua origem a uma tendência constante da fala humana para imitar as vozes e os ruídos da natureza. Semelhantes vocábulos, chamados *onomatopeias*, reproduzem aproximadamente os sons e as vozes dos seres.

Eis as principais vozes imitativas:

arrulhar – pombo, rola
badalar, **bimbalhar**, **repicar**, **repenicar** – sino
balir – ovelha, cordeiro
blaterar – camelo
bramar, **bramir**, **rugir** – feras, mar
cascalhar – risadas
coaxar – rã
cocoricar, **cucuricar**, **cucuritar** – galo
chiar – carro de bois, insetos
chilrar, **chilrear** – aves
chirriar – coruja
chocalhar – chocalho, cascavel
ciciar – brisa, vozes
espocar, **pipocar** – foguetes
estralejar – chicote, raio
estridular – cigarra
farfalhar – folhas, árvores, etc.
fonfom, **fonfonar** – buzina de automóveis
fremir – urso, vestes, ondas, mar
frufru, **frufrutar** – rumor de folhas, de vestidos
gloterar – cegonha
gorgolejar – água
gralhar, **gralhear** – gaio, gralha
grasnar, **grulhar**, **crocitar** – pato, grou, corvo
grugulejar, **grugulhar** – peru
grunhir, **cuinchar** – porco
guinchar – macaco, rato, carro
ladrar, latir, ganir, uivar, rosnar, cainhar – cão
miar, miau, rosnar, ronronar, bufar – gato
mugir – boi, vaca
palrar, chalrar – papagaio
piar, pipilar – aves
pissitar – estorninho
rataplã – tambor
rechiar, rechinar – carne na brasa
regougar – raposa
relinchar, rinchar, nitrir – cavalo
retinir – araponga
ribombar, retumbar, atroar, reboar, tonitroar – trovão, canhão, eco, estampido, etc.
rufar – tambor, caixa
ruflar – asas, saias, etc.
rugir, urrar – leão, onça, etc.
sibilar – balas, serpente
tamborilar – dedos, gotas de água
tartamudear – gago
tilintar – moedas, campainha
tinir – copos, cristais, metais
tique-taque, tiquetaquear – relógio, pêndulo
trilar – apito, inhambu
trissar – andorinha, calhandra
uivar, ulular – cão, lobo
urrar, rugir, bramir – touros, feras
zumbir, zunir, zinir, ziziar, zoar, chiar – insetos
zunzum, zunzunar – motor
zurrar, ornejar – burro

EXERCÍCIOS

LISTA 09

1. Copie as palavras abaixo, classificando-as, em seguida, de acordo com o processo de formação:

vaivém – pernalta – leiteiro – repatriar – infeliz

(1) sufixação ou derivação sufixal

(2) prefixação ou derivação prefixal

(3) justaposição

(4) aglutinação

(5) parassíntese

2. Reconheça os processos de formação das palavras seguintes:

motorista – aeroplano – internacional – embora – água-de-colônia – envernizar – canalizar – aguardente – girassol – comumente – quinta-feira – enlutar – malmequer – vivalma

3. Forme parassintéticos verbais que tenham por base os nomes seguintes:

Exemplo: vergonha – *envergonhar*

terra – caixa – sócio – pedaço – coice – podre – pedra – grande – tímido – velho – pálido – parede – papel

4. Escreva apenas as afirmativas corretas relativamente à palavra **televisão**:

É vocábulo simples.
É composta por justaposição.
É formada por prefixação.
É formada por sufixação.
É formada por aglutinação.
É um hibridismo.
O verbo derivado é *televisionar*.
Abrevia-se: TV.

5. Escreva os nomes dos seres a que se referem as seguintes vozes:

regougar – tinir – grunhir – bimbalhar – blaterar – crocitar – chirriar – ulular

6. Escreva as palavras e classifique-as de acordo com a coluna numerada:

moto – envergonhar – monocultura – ciciar – Funai

(1) parassíntese

(2) hibridismo

(3) redução

(4) sigla

(5) onomatopeia

7. Copie a frase, reduzindo a palavra destacada:

O primeiro trecho do **metropolitano** carioca foi inaugurado no dia 5 de março de 1979.

8. Escreva a oração, substituindo os asteriscos corretamente por verbos derivados parassintéticos dos substantivos **carne** e **papel**:

"Diferença entre o açougueiro e o ator: o ator ********** os papéis, o açougueiro ********** as carnes." (MILLÔR FERNANDES)

9. Informe o processo de derivação das palavras abaixo:

inconsciente	amadurecer	surfista
interesseiro	desonesto	emplacar
enfileirar	gorduroso	redondeza
anoitecer	reaver	bimensal

10. Releia o item que trata de *derivação imprópria* e explique as palavras destacadas:

a) A estrada rasgava o **verde** bruto da paisagem.

b) Num **estrondar** de rodas, de súbito freadas, o trem se imobiliza.

c) No seu traje moderninho havia um **quê** de ridículo.

11. Copie somente o vocábulo formado por derivação sufixal:

bem-te-vi	guloso
retrocesso	esfriar

12. Copie apenas a palavra cujo radical é diferente do radical das outras:

dor – dolorido – doloroso – indolor – dormente

13. Pelo processo da **sufixação**, derive **adjetivos** das palavras abaixo. Destaque os sufixos que utilizou:

a) verdade

b) árvore

c) força

d) riso

e) sede

14. Forme verbos pelo processo de **parassíntese** a partir dos substantivos e adjetivos abaixo:

a) vergonha

b) tarde

c) raiz

d) farelo

e) magro

15. As palavras em destaque sofreram mudança de categoria gramatical. Dizemos, então, que houve **derivação imprópria**. Aponte essas alterações:

a) O **andar** de meu pai é compassado.

b) Havia nas suas maneiras um **quê** de encantador.

c) Um **não** dito com delicadeza fere menos que um **sim** com aspereza.

d) Procure sempre unir o **útil** ao **agradável**.

FORMAÇÃO DAS PALAVRAS
Exercícios de exames e concursos
[Página 669]

SUFIXOS

Sufixos são elementos (isoladamente, insignificativos) que, acrescentados a um radical, formam nova palavra. Ao mesmo tempo que alteram a significação do vocábulo originário (*dente* → *dent**ista***), podem ainda mudar-lhe a classe gramatical (*ponta* → *pont**udo***), o gênero (*boi* → *boi**ada***) ou o grau (*gato* → *gat**inho**, frio* → *fri**íssimo***).

A maioria dos sufixos provêm do latim e do grego. Classificam-se em:

- **nominais**: os que formam substantivos e adjetivos: dent*ista*, gost*oso;*
- **verbais**: os que formam verbos: gote*jar*, cabece*ar;*
- **adverbial**: o sufixo *-mente*, formador de advérbios: rapida*mente*.

1 PRINCIPAIS SUFIXOS NOMINAIS

Eis os mais importantes sufixos nominais, com algumas de suas múltiplas significações:

- **-ada, -agem, -al, -alha, -ama, -ame, -edo, -io**

Formam substantivos com ideia de coleção, agrupamento:

boiada, ramagem, laranjal, algodoal, cordoalha, dinheirama, courama, vasilhame, arvoredo, mulherio, gentio, etc.

Os sufixos **-al** e **-io** também formam adjetivos. Exemplos:

especial, colonial, fugidio, arredio, etc.

- **-aço, -aça, -arra, -orra, -aréu, -ázio, -ão (este com numerosas variantes)**

São sufixos aumentativos:

balaço, ricaço, barcaça, bocarra, cabeçorra, povaréu, copázio, portão, vagalhão, espertalhão, casarão, narigão, comilão, espadagão, gatarrão, beberrão, homenzarrão, vozeirão.

Observação:

✔ Neles a ideia aumentativa concorre, em geral, com a depreciativa ou pejorativa.

- **-acho, -ejo, -ela, -eta, -ete, -eto, -ico, -iço, -isco, -(z)inho, -(z)ito, -im, -ola, -ota, -ote, -(c)ulo, -(c)ula, -ucho**

São sufixos diminutivos:

riacho, lugarejo, ruela, saleta, artiguete, poemeto, burrico, aranhiço, chuvisco, dedinho, animalzinho, pequenito, pezito, espadim, fazendola, casota, velhote, glóbulo, montículo, governículo, flâmula, gotícula, papelucho.

Observação:

✔ Juntamente com a ideia diminutiva, alguns desses vocábulos têm acentuada tonalidade depreciativa: *hotelejo, fidalgote, artiguete, saberete, gentinha, povinho, papelucho, governicho*[1]; outros exprimem afetividade: *filhinho, paizinho, pezito, pequenito*.

- **-ada, -dade, -dão, -ança, -ância, -ção, ença, ência, -ez, -eza, -ice, -ície, -mento, -(t)ude, -ume, -ura**

Formam substantivos significando ação, resultado de ação, qualidade, estado:

paulada, maldade, escuridão, esperança, oração, traição, relutância, detença, imponência, altivez, surdez, beleza, velhice, calvície, ferimento, quietude, atitude, negritude, negrume, brancura, pintura, formatura.

- **-aria, -eria**

Exprimem coleção, estabelecimento comercial ou industrial, repartição, ação:

maquinaria, vozeria, gritaria, sapataria, leiteria, loteria, secretaria, pirataria, zombaria, galanteria, bruxaria.

Observação:

✔ Evite-se a pronúncia *maquinária*, em vez de *maquinaria*. Diz-se *imobiliária*, por ser adjetivo feminino substantivado: (*empresa*) *imobiliária*.

- **-ário, -eiro, -dor, -sor, -tor, -nte**

Denotam profissão, ofício, agente:

bibliotecário, pedreiro, vendedor, agrimensor, professor, inspetor, ajudante, escrevente, ouvinte, pedinte.

Formam também adjetivos. Exemplos:

contrário, rodoviário, previdenciário, lisonjeiro, consolador, produtor, confiante, recente, seguinte.

---

(1) "*Governichos* burocráticos, desfibrados, a administrarem um organismo corroído." (Ciro dos Anjos, *Montanha*, p. 276, 2ª ed.)

- **-douro, -tório**

Formam substantivos que exprimem lugar:

ancoradouro, bebedouro, dormitório, laboratório, purgatório.

(O sufixo **-ório** acrescenta, às vezes, a ideia de quantidade com sentido depreciativo: *papelório, palavrório, farelório*.)

Formam também adjetivos. Exemplos:

duradouro, vindouro, finório, provisório, meritório, satisfatório, notório.

- **-cida, -cídio**

Formam substantivos, aos quais transmitem as ideias de "que mata" e "crime de matar", respectivamente:

homicida, homicídio, suicida, suicídio.

- **-al, -ar, -eo, -ea**

Formam adjetivos que denotam referência, relação:

imperial, escolar, vítreo, férreo, corpóreo, lacrimogêneo, instantânea.

- **-ano, -ão, -eiro, -ense, -eu, -ino, -ês, -esa**

Formam adjetivos que exprimem naturalidade, origem:
curitibano, alemão, brasileiro, paraense, europeu, florentino, chinês, montanhês, chinesa, montanhesa.
O sufixo **-ino** indica também referência. Exemplos:

bovino, ovino, caprino, leonino, taurino, suíno.

- **-oso, -udo**

Formam adjetivos denotadores de abundância, qualificação acentuada:

gorduroso, arenoso, corajoso, barrigudo, beiçudo, cabeludo, pontudo, bicudo.

- **-imo, -érrimo, -íssimo**

Exprimem o grau superlativo dos adjetivos:
facílimo, paupérrimo, belíssimo.

Observação:

✔ Os sufixos anteriores são de origem latina, com exceção de **-arra**, **-orra**, **-aréu**. Os sufixos seguintes são de proveniência grega.

- **-ia, -ismo**

Formam substantivos que traduzem ciência, escola, sistema político ou religioso:

astronomia, romantismo, modernismo, socialismo, catolicismo.

Observação:

✔ O sufixo **-ia** exprime ainda outros conceitos, como qualidade (*valentia*, *ufania*, *melancolia*), lugar (*sacristia*), cargo (*chefia*), etc.

- **-ista**

Traduz naturalidade, particularismo, profissão:
paulista, comunista, maquinista.

- **-ite**

Exprime a ideia de inflamação:
apendicite, bronquite, nefrite, gastrite.

- **-esa, -essa, -isa**

Traduzem título ou dignidade de pessoa do sexo feminino:
baronesa, marquesa, condessa, abadessa, sacerdotisa, profetisa, poetisa, pitonisa.

- **-ico**

Forma adjetivos denotando referência, relação:
físico, helênico, histórico, olímpico, histérico, mecânico, esplênico, cíclico, sulfúrico, telúrico, bíblico, faraônico.

- **-ose**

Denota estado mórbido, doença:
neurose, psicose, tuberculose, esclerose.

- **-oide (ói)**

Forma adjetivos denotadores de semelhança:
antropoide, esferoide, metaloide, negroide, ovoide.

(Esse último sufixo às vezes confere aos adjetivos significado depreciativo: *politicoide*, *moloide*, etc.)

- **-tério**

Forma substantivos denotadores de lugar:
batistério, cemitério, necrotério.

- **Outros sufixos nominais**

-ado: bispado, consulado, desalmado, barbado
-aico: judaico, arcaico, prosaico
-ando: doutorando, bacharelando, examinando
-âneo: instantâneo, conterrâneo

-ardo: felizardo, galhardo
-ático: lunático, aromático, aquático, asiático
-ato: sindicato, cardinalato, timorato
-engo: realengo, mulherengo, verdolengo
-ento: sedento, poeirento, cruento, areento
-esco: dantesco, gigantesco, grotesco
-ício: desperdício, alimentício, patrício
-iço: movediço, enfermiço
-il: gentil, febril, varonil, Brasil
-ivo: corrosivo, impulsivo, explosivo
-onho: medonho, tristonho, enfadonho
-rana: (= semelhança): canarana, cajarana
-ugem: penugem, lanugem, ferrugem
-usco: velhusco, patusco, chamusco, pardusco
-vel: inflamável, adorável, indelével, audível, solúvel, miscível, imóvel

▪ Alguns sufixos da terminologia científica

-ato, **-eno**, **-eto**, **-ina**, **-ol** (em Química): *sulfato*, *carbonato*, *acetileno*, *cloreto*, *anilina*, *cocaína*, *fenol*.

-áceo, **-ácea** (em Botânica): *rubiáceo*, *rubiácea*, *liliáceo*, *liliácea*, *rosáceo*, *rosácea*, *musáceo*, *musácea*, *violáceo*, *violácea*. Têm outras aplicações: *cetáceo*, *coriáceo*, *galináceo*, *farináceo*.

-ite, -ose (em Medicina): *apendicite*, *neurose*.

-oide (em várias ciências): *antropoide*, *geoide*, *metaloide*, *alcaloide*, *mongoloide*, *debiloide*, *epilepticoide*.

Observações:

✔ Os sufixos nominais prestam-se, quase sempre, à expressão de mais de uma ideia. O sufixo *-eiro*, por exemplo, pode acrescentar ao radical a noção de árvore (*coqueiro*), profissão (*sapateiro*), coleção (*braseiro*), lugar (*banheiro*), recipiente (*açucareiro*), naturalidade (*brasileiro*). Existem até sufixos de significações opostas: *beiçola* (= beiço grande), *bandeirola* (= pequena bandeira), *povaréu* (= grande multidão), *mastaréu* (= pequeno mastro).

✔ Observe, nos exemplos dados, as diferentes maneiras pelas quais os sufixos se anexam e se acomodam aos radicais.

2 SUFIXOS VERBAIS

Os sufixos verbais agregam-se, em regra, ao radical de substantivos e adjetivos para formar novos verbos. Eis os sufixos que maior vitalidade tiveram na formação de verbos portugueses:

- **Formam verbos que exprimem, entre outras ideias, prática de ação:**

-ar: cruzar, fonfonar, analisar, limpar, telefonar

-ear: pratear, guerrear, golear, cabecear

-entar: afugentar, amamentar, amolentar

-ficar: dignificar, gaseificar, liquidificar, petrificar, ossificar

-izar: civilizar, finalizar, organizar, comercializar

Observação:

✔ A terminação **-ar**, na prática, funciona como sufixo.

- **Forma verbos *incoativos*, isto é, que exprimem início de ação, fenômeno progressivo, passagem a novo estado:**

-ecer: amadurecer, amanhecer, empobrecer, endurecer, enriquecer, enlouquecer, endoidecer, envelhecer, entristecer, escurecer, fortalecer, reverdecer, alvorecer, apodrecer, umedecer, favorecer, enaltecer, etc.

A variante **-escer** aparece em formas eruditas, provenientes diretamente do latim literário. Exemplos:

convalescer, florescer, incandescer, intumescer, recrudescer, rejuvenescer, etc.

- **Formam verbos *frequentativos*, isto é, que traduzem ação repetida muitas vezes:**

-açar: esvoaçar, espicaçar

-ear: espernear, escoicear, chicotear, balancear

-ejar: gotejar, bracejar, grugulejar, doidejar, voejar, lacrimejar

-ilhar: fervilhar, dedilhar, pontilhar, saltarilhar

-inhar: chapinhar, escoucinhar, escrevinhar, estracinhar, cuspinhar

-itar: saltitar, cucuritar, volitar

Observações:

✔ À ideia de ação repetida os três últimos sufixos frequentativos podem acrescentar a de diminuição (*saltitar*, *pontilhar*, *cuspinhar*) ou a de depreciação (*escrevinhar*).

✔ O sufixo **-ejar** forma também verbos que exprimem outras ideias: *almejar*, *calejar*, *velejar*, *verdejar*, etc.

- **Formam verbos *diminutivos*, isto é, que exprimem ação pouco intensa (*dormitar* = dormir levemente):**

-icar: adocicar, bebericar, depenicar, namoricar, saltaricar

-inhar: cuspinhar, escrevinhar

-iscar: lambiscar, mordiscar, namoriscar, petiscar

-itar dormitar, saltitar

Observação:

✔ Dos sufixos verbais, **-ar**, **-ear**, **-ejar**, **-izar**, **-ecer** foram, e continuam sendo, os mais produtivos dentro do idioma.

3 SUFIXO ADVERBIAL

O único sufixo adverbial, em português, é **-mente** (da palavra latina *mentem* = mente, espírito, ânimo, intenção), que se acrescenta aos adjetivos, na flexão feminina (quando houver), para exprimir circunstâncias de modo, quantidade, tempo:

comodamente, bondosamente, copiosamente, atualmente, anteriormente.

Observação:

✔ Os adjetivos em *-ês*, no caso, mantêm-se, tradicionalmente, no masculino, porque no português antigo eram invariáveis em gênero: *portuguesmente*, *francesmente*, *burguesmente*, etc. Veja exemplos na p. 261, § 2.

EXERCÍCIOS — LISTA 10

1. Escreva as palavras seguintes e destaque os seus sufixos:

barbearia, sobranceria, bronquite, ciclista, escorregadio, opúsculo, civilizar, paralisar, férreo, vidraceiro, comodamente, marquesa, mesinha, pazinha, mataréu

2. Com o auxílio de sufixos adequados derive adjetivos de:

anel, círculo, cone, esfera, ovo, face, ciclo, montanha, barba, guerra, cólera, ferrugem, riso, primavera, repulsa, Gênova, Dante, burgo

3. Por meio de sufixos adequados derive verbos das palavras:

central, forte, análise, prega, braço, flor, ameno, salto, voo, irmão, fértil, mão, pesquisa, amarelo

4. Escreva as palavras no seu caderno e classifique-as, numerando-as de acordo com a significação do sufixo:

frond**oso**	(1)	naturalidade
homi**cídio**	(2)	abundância
apendic**ite**	(3)	diminuição
social**ismo**	(4)	crime
peru**ano**	(5)	inflamação
flaut**im**	(6)	sistema

5. Dê os adjetivos terminados em **-eo** relativos aos substantivos abaixo, utilizando os radicais latinos do quadro:

Exemplo: enxofre, *sulfúreo*

corpo, ouro, mármore, sangue, osso, neve, enxofre, chumbo, prata, fogo, rosa, cinza, leite

corpor(i)- – aur(i)- – marmor(i)- – sanguin(i)- – oss(i)- – niv-
– sulfur- – plumb(i)- – argent(i)- – ign(i)- – ros- – ciner(i)- – lact(i)-

6. Substitua os asteriscos pelos adjetivos correspondentes às expressões entre parênteses, nas frases abaixo:

a) Galinhas catavam farelo no chão ***. (cheio de **areia**)

b) Era uma múmia da época ***. (dos **faraós**)

c) A polícia dispersou a multidão com gás ***. (que provoca **lágrimas**)

7. Forme palavras derivadas com os sufixos: **-ar**, **-ense**, **-iço**, **-eza**, **-ite**, **-ose**, **-oide**, **-ula**, **-vel**.

8. Com os sufixos **-ês**, **-ez**, **-esa**, **-eza**, forme, corretamente, cognatos de:

China – escasso – duque – limpo – surdo – monte – altivo – empreender – defender – corte (ô)

9. Copie somente o grupo de sufixos que formam nomes que indicam naturalidade:

-edo	-ês	-vel
-ado	-ez	-ano
-ense	-oso	-dor
-al	-ino	-iço
-esco	-ento	-ista

10. Substitua convenientemente o * nas palavras pelos sufixos **-esa** ou **-eza**.
Releia antes o que foi estudado sobre o assunto:

portugu*	frambo*
firm*	delicad*
avar*	holand*
repr*	espert*
cert*	surpr*
fregu*	profund*

11. Dê exemplos de verbos incoativos formados com os sufixos **-ecer** e **-escer**:

12. Dê exemplos de palavras em que apareçam os sufixos propostos com o sentido indicado nos parênteses:

a) -al (coleção, agrupamento)
b) -ejo (diminutivo)
c) -eiro (profissão)
d) -tório (lugar)
e) -ense (origem)
f) -ose (doença)

SUFIXOS
Exercícios de exames e concursos
[Página 664]

PREFIXOS

Os prefixos ocorrentes em palavras portuguesas provieram do latim e do grego, línguas em que funcionavam como preposições ou advérbios, portanto como vocábulos autônomos. Por isso, têm significação bem mais precisa que os sufixos e exprimem, geralmente, circunstâncias (lugar, modo, tempo, etc.).

Muitos prefixos latinos podem apresentar-se ora com a forma primitiva, principalmente em palavras eruditas (***ab**dicar*, ***abs**têmio*, ***ad**junto*, ***ex**clamar*, ***in**corporar*, ***inter**urbano*, ***sub**terrâneo*, ***super**sônico*, etc.), ora com a forma evoluída ou vernácula (***a**versão*, ***a**juntar*, ***es**gotar*, ***en**sacar*, ***entre**vista*, ***so**braçar*, ***sobre**por*, etc.).

Alguns prefixos foram pouco ou nada produtivos, em português; outros, pelo contrário, tiveram grande vitalidade na formação de novas palavras. Figuram entre esses últimos *a-*, *contra-*, *des-*, *em-* ou *en-*, *es-*, *entre-*, *re-*, *sub-* e *super-* (latinos) e *anti-* (grego).

Em numerosas palavras que entraram para a nossa língua já formadas obliterou-se o sentimento do prefixo. É o caso, por exemplo, de *adunco*, *observar*, *objeto*, *exceção*, *proceder*, *relatar*, cujos prefixos são, aparentemente, vazios de sentido.

Não são raros os exemplos de vocábulos em que ocorrem juntos dois prefixos: ***rea**proximar*, ***desen**terrar*, ***desem**barcar*, ***indis**por*, etc.

1 PREFIXOS LATINOS

Eis os principais prefixos de origem latina que figuram em palavras portuguesas:

- **ab-**, **abs-**, **a-** – indicam afastamento, separação, privação:
  abjurar, abnegado, abdicar, abster-se, abstêmio, aversão, afastar.
- **a-**, **ad-** – indicam aproximação, passagem a um estado, tendência:
  ajuntar, avizinhar, apodrecer, admirar, adjacência.
- **ambi-** – exprime duplicidade, dubiedade:
  ambíguo, ambiguidade, ambivalente.
- **ante-** – antes, anterioridade, antecedência:
  antepor, antevéspera, antebraço, antedatar.
- **bene-**, **bem-**, **ben-** – bem, excelência:
  beneficente, benevolência, bem-falante, bem-amada, benfazejo, benquerença.

- **circum-**, **circun-**, **circu-** – em redor, em torno:

  circumpolar, circunlóquio, circungirar, circunavegação.

- **cis-** – do lado de cá, aquém:

  cisandino, cisatlântico, cisplatino.

- **com-**, **con-**, **co-** – companhia, concomitância:

  compadre, concidadão, condomínio, confraternizar, colaborar, cooperar, coestaduano, co-herdeiro, co-redentora, coautor.

- **contra-** – direção contrária, oposição:

contra-indicado, contraprovar, contravenção, contraveneno, contramarcha, contraofensiva, contramuro.

- **de-** – para baixo, separação:

  declínio, deposição, decrescer, demover, decompor.

- **des-**, **dis-** – negação, ação contrária, separação, afastamento:

desarmonia, desonesto, descascar, desfazer, deslembrar, desterrar, dissentir, dissociar.

- **ex-**, **es-**, **e-** – movimento para fora, função ou estado anteriores, separação, conversão em:

expulsar, expatriar, ex-ministro, esmigalhar, esgotar, esfolar, emigrar, evaporar, ejetor, ejetável.

- **extra-** – fora de:

  extraordinário, extraviar, extraoficial.

(*Extra* é adjetivo quando representa a redução de *extraordinário*: voos *extras*.)

- **in-**[1], **i-**, **en-**, **em-**, **e-** – para dentro, conversão em, tornar:

  ingerir, imerso, entesourar, engarrafar, engordar, entristecer, empalidecer, engolir, embarcar, emudecer.

- **in-**[2], **im-**, **i-** – negação, carência:

  indelével, infelicidade, impune, imberbe, ilegível, ilegal, irreal, irracional, irredutível, irresoluto.

(O prefixo *in-* reduz-se a *i-* antes de *l*, *m*, *n* e *r*: *ilegível, imóvel, inocente, irresponsável*. Antes de *b* e *p* assume a forma *im-*: *imberbe, improdutivo*.)

- **infra-** – abaixo, na parte inferior:

  infravermelho, infraestrutura, infra-renal, infrassom.

- **inter-**, **entre-** – posição ou ação intermediária, ação recíproca ou incompleta:

  interstício, intercomunicação, entreter, entrelinha, entreamar-se, entreabrir.

- **intra-**, **intro-** – dentro, movimento para dentro:

  intramuscular, introspectivo, introduzir, introvertido.

- **justa-** – proximidade, posição ao lado:

  justafluvial, justapor, justalinear.

- **male-**, **mal-** – opõem-se a *bene*:

  malevolência, mal-educado, mal-estar, maldizer.

- **multi-** – ideia de "muitos":
  multinacional, multissecular.
- **ob-, o-** – posição fronteira, oposição:
  objetivo, objeção, obstáculo, obstar, opor.
- **pene-** – quase:
  penumbra, penúltimo, península.
- **per-** – através de, ação completa:
  percorrer, pervagar, perfazer, perfeito.
- **pluri-** – ideia de multiplicidade, como *multi*:
  pluricelular, pluripartidário.
- **post-, pos-, pós-** – atrás, depois:
  póstumo, posteridade, postergar, pospor, pós-guerra, pós-escrito, postônica, pós-operatório.
- **pre-, pré-** – antes, acima:
  prefixo, predizer, pressupor, pretônica, predominar, pré-escolar, pré-estreia, pré-moldado.
- **preter-** – que vai além de:
  preternatural, preterir, preterintencional.
- **pro-, pró-** – para a frente, diante, em lugar de, em favor de:
  progresso, prosseguir, propor, pronome, propugnar, pró-paz.
- **re-** – para trás, repetição, intensidade:
  regresso, regressar, retornar, regredir, reaver, remarcação, recomeçar, revigorar, redobrar.
- **retro-** – para trás:
  retrocesso, retroativo, retropropulsão.
- **semi-** – metade, meio:
  semimorto, semicírculo, se(mi)mínima, semicerrar.
- **sesqui-** – um e meio:
  sesquicentenário (= 150 anos, um século e meio).
- **sub-, sob-, so-** – posição inferior, debaixo, deficiência, ação incompleta:
  subdelegado, subaquático, subscrição, subestimar, subalimentado, sobpor, sobraçar, soterrar, sopé, soerguer.
- **super-, sobre-** – posição superior, em cima, depois, excesso:
  superpor, supercílio, super-homem, superlotado, sobrecarga, sobreloja, sobrevir, sobreviver.
- **supra-** – acima:
  supradito, supracitado, suprapartidário, suprarrenal.
- **trans-, tras-, tra-, tres-** – além, através de:
  transoceânico, transatlântico, transandino, trasladar (ou *transladar*), *tradição*, tresnoitar.

- **tri-**, **tris-** – *três:*
  triciclo, trigêmeo, tricampeão, trisavô.
- **ultra-** – além de:
  ultramarino, ultrapassar.
- **uni-** – um:
  unicelular, unifamiliar, unificar, uníssono.
- **vice-**, **vis-** – substituição, no lugar de, imediatamente inferior a:
  vice-versa, vice-presidente, visconde, vice-almirante.

2 PREFIXOS GREGOS

Os prefixos de origem grega aparecem, geralmente, anexados a radicais gregos. Eis os mais comuns:

- **a-**, **an-** – negação, carência:
  ateu, abulia, afônico, acéfalo, anemia, anonimato, anarquia, analgésico, anestesia.
- **ana-** – inversão, afastamento, decomposição:
  anagrama, anacronismo, anacoluto, analisar, anatomia.
- **anfi-** – em torno de, duplicidade:
  anfiteatro, anfíbio, anfibologia.
- **anti-** – oposição, contra:
  antibiótico, anticristo, antididático, antítese, antipatia, antiaéreo.
- **apo-** – separação, afastamento:
  apócrifo, apostasia, apofonia, apogeu.
- **arqui-**, **arque-**, **arce-** – superioridade, primazia:
  arquipélago, arquidiocese, arquibancada, arquimilionário, arquétipo, arcebispo.
- **cata-** – movimento de cima para baixo:
  catadupa, catarata, catarro, catástrofe, cataclismo.
- **di-** – dois:
  dípode, díptero, dissílabo.
- **dia-** – através, por meio de:
  diâmetro, diálogo, diagnóstico, diáfano.
- **dis-** – dificuldade, afecção:
  disenteria, dispneia, dispepsia, disfagia.
- **en-**, **em-** – dentro, posição interna:
  encéfalo, empíreo.

- **endo-** – dentro, para dentro:
  endocarpo, endovenoso, endosmose.
- **epi-** – sobre, posição superior:
  epígrafe, epigrafia, epiderme, epitáfio.
- **eu-**, **ev-** – bem, bondade, excelência:
  eugenia, euforia, eufemismo, eucaristia, evangelho, evangélico.
- **ex-**, **exo-**, **ec-** – fora, movimento para fora:
  exorcismo, exosmose, êxodo, eclipse, eclético, ecletismo, exosqueleto, exogamia.
- **hemi-** – meio, metade:
  hemiciclo, hemisfério, hemiplegia.
- **hiper-** – sobre, superioridade, demais, excesso:
  hipérbole, hipertensão, hipertrofia.
- **hipo-** – sob, posição inferior, deficiência:
  hipogeu, hipoglosso, hipocrisia, hipótese, hipotenusa, hipotensão.
- **meta-** – mudança, atrás, além, depois de, no meio:
  metamorfose, metáfora, metafísica, metonímia, metacarpo, metatarso.
- **para-** – junto de, proximidade, semelhança:
  parasita, paradigma, parônimo, parábola, parapsicologia.
- **peri-** – em torno de:
  periferia, perímetro, perífrase, periscópio.
- **pro-** – antes, anterioridade:
  programa, prólogo, prognosticar, prognóstico, próclise, profilaxia.
- **sin-**, **sim-**, **si-** – reunião, conjunto, simultaneidade:
  sintonizar, sintaxe, síntese, sinfonia, simpatia, sistema, simetria.

3 CORRESPONDÊNCIA ENTRE PREFIXOS LATINOS E GREGOS

Latinos	Gregos
ab-: abjurar	**apo-**: apostasia
ad-: adjunto	**para-**: parasita
ambi-: ambidestro	**anfi-**: anfíbio
bene-: benevolente	**eu-**: euforia
bi-, **bis-**: bípede, bisavô	**di-**: dípode
circum-: circumpolar	**peri-**: perímetro
contra-: contraveneno	**anti-**: antídoto
com-, **con-**: compartilhar, concordar	**sin-**: sincronizar
ex-: exportar	**ex-**: êxodo

i-, **in-**, **des-**: ilegal, infeliz, desonesto
in-: ingerir
intra-: intramuscular
semi-: semicírculo
sub-: subterrâneo
super-, **supra-**: superlotar, supracitado
trans-: transparente
a-, **an-**: ateu, anônimo
en-: encéfalo
endo-: endocarpo
hemi-: hemiciclo
hipo-: hipogeu
epi-, **hiper-**: epitáfio, hipertrofia
dia-: diáfano

EXERCÍCIOS LISTA 11

1. Escreva as palavras em seu caderno, dê a significação ao lado de cada uma e separe os prefixos latinos por um traço vertical:

antedatar	imergir	circumpolar
cisplatino	emergir	ejetável
cooperar	inalar	retrógrado
dissociar	dissabor	semicírculo
imberbe	entrever	ilegal

2. Em seu caderno, dê a significação das seguintes palavras de origem grega e separe-lhes os prefixos:

abulia	diáfano	epílogo
anônimo	dispepsia	antipatia
antípoda	êxodo	metáfora
atrofia	epitáfio	simpatia
hipertrofia	paradigma	exorcismo
catadupa	eufemismo	dípode
perímetro	síntese	diagnóstico

3. Em seu caderno, associe as palavras da coluna da esquerda ao sentido correto do prefixo que consta na coluna da direita:

prólogo	excesso
dispneia	duplicidade
diagonal	oposição
anfíbio	superioridade
hipérbole	através
antípoda	dificuldade
arquipélago	privação
afonia	mudança
sincronizar	em torno de, ao redor de
metempsicose	anterioridade
cisplatino	simultaneidade
perífrase	conjunto
vice-presidente	aquém
sintaxe	substituição

4. Reorganize as três colunas, colocando na mesma linha o **prefixo latino**, seu correspondente **prefixo grego** e a **significação** de ambos:

ab-	peri-	bondade
ambi-	anti-	em redor de
bene-	apo-	dualidade, duas vezes
bi-	eu-	negação
circum-	hipo-	através de
contra-	a-	excesso
in-	dia-	afastamento
semi-	hiper-	debaixo de
sub-	anfi-	metade
super-	hemi-	oposição
trans-	di-	duplicidade, dos dois lados

5. Com prefixos adequados, forme as palavras equivalentes às expressões destacadas:

a) Realizamos uma viagem **em torno do polo**.

b) Houve manifestações **contra o racismo**.

c) Aquele avião tem assento **que pode ser lançado para fora**.

d) Na época **anterior a Cristóvão Colombo**, havia no Novo Mundo duas brilhantes civilizações: a dos incas e a dos astecas.

e) O doente sofre de **dificuldade para digerir**.

f) O crime não pode ficar **sem punição**.

g) Que é **propulsão para trás**?

h) A **ciência que estuda as inscrições sobre pedras e metais** é valiosa para a História.

6. Forme novas palavras com os prefixos **ante-** e **anti-**, usando-os adequadamente:

térmico	cristo	véspera
ontem	tóxico	aéreo
míssil	braço	democrata

7. Dê exemplos de outros vocábulos que contenham os mesmos prefixos destacados:

a) **ante**ssala
b) **bis**neto
c) **des**feito
d) **in**feliz
e) **super**lotado

8. Identifique o sentido em que foram empregados os prefixos nas palavras abaixo:

a) contraveneno	d) infeliz	g) ultrapassar
b) descascar	e) introvertido	h) pós-guerra
c) ingerir	f) prefixo	i) retroceder

PREFIXOS
Exercícios de exames e concursos
[Página 664]

RADICAIS GREGOS

O conhecimento dos radicais gregos é de indiscutível importância para a exata compreensão e fácil memorização de inúmeras palavras criadas e vulgarizadas pela linguagem científica. Consignaremos aqui apenas os de uso mais frequente.

Observe-se que esses radicais se unem, por via de regra, a outros elementos de origem grega e que, para formarem palavras compostas, sofrem, geralmente, adaptações ou acomodações fonéticas e gráficas.[1]

ácros, alto:	acrópole, acrobacia, acrofobia
adén, **adénos**, glândula:	adenite, adenoide
aér, **aéros**, ar:	aeródromo, aeronáutica, aéreo
agogós, o que conduz:	demagogo, pedagogo, galactagogo
agón, luta:	agonia, antagonista, protagonista
akrís, **akrídos**, gafanhoto:	acrídio, acridófago
álgos, dor:	algofilia, analgésico, nevralgia
álos, outro:	alopatia, alopata, alogamia
ánemos, vento:	anemômetro, anemografia
anér, **andrós**, homem, macho:	androfobia, androceu
ánthos, flor:	antografia, antologia, crisântemo
ánthropos, homem:	antropologia, antropófago, filantropo
archáios, antigo:	arcaico, arqueologia, arcaísmo
arché, comando, governo:	anarquia, monarca, monarquia
áristos, o melhor:	aristocracia, aristocrata
árthron, articulação:	artrose, artrite, artrópode
astér, **astéros**, estrela:	asteroide, asterisco
ástron, astro:	astronomia, astronauta
atmós, gás, vapor:	atmosfera
autós, próprio, mesmo:	automóvel, autonomia, autônomo
bápto, **baptízo**, eu mergulho:	batista, batismo, batistério
báros, peso, pressão:	barômetro, barostato
barýs, pesado, grave:	barimetria, barítono, barrio
bathýs, profundo:	batímetro, batiscafo, batisfera
biblíon, livro:	biblioteca, bibliografia, bibliófilo

(1) Quanto à pronúncia das palavras gregas, tenham-se em mente as normas seguintes: **ou** = ***u***: odóus (odús); **ch** = ***k***: arché (arké), brachys (brakís); **ph** = ***f***: phílos (filos); **ge** = ***gue***: gê (guê); **gi** ou **gy** = ***gui***: gyné (guiné); **x** = ***ks***: dóxa (dóksa).

bíos, vida:	biologia, biografia, anfíbio
brachýs, curto, breve:	braquicéfalo, braquidátilo
bróma, **brómatos**, alimento:	bromatologia, teobroma
cir-, **quiro-** (de **chéir**, **cheirós**, mão):	cirurgia, cirurgião, quiromante
chlorós, verde:	cloro, clorofila, clorídrico
chróma, **chrómatos**, cor:	cromático, policromia
chrónos, tempo:	cronômetro, anacrônico, anacronismo
chrýsos, ouro:	crisólito, crisóstomo, crisântemo
dáktylos, dedo:	datilografia, datilografar
déka, dez:	decálogo, decâmetro, decassílabo
démos, povo:	democracia, demográfico, demografia
dérma, **dérmatos**, pele:	dermatologia, epiderme, dermatose
dóxa, opinião, doutrina:	ortodoxo, paradoxo
drómos, corrida:	autódromo, hipódromo, dromoterapia
dýnamis, força, potência:	dínamo, dinamite, dinamômetro
eco- (de **oikos**, casa, hábitat):	economia, ecologia
élektron, âmbar, eletricidade:	elétrico, eletrônica, elétron
eno- (de **oinos**, vinho):	enologia, enólogo
énteron, intestino:	enterite, enterologia, disenteria
éthnos, povo, raça:	étnico, etnografia, etnia
étymos, verdadeiro:	etimologia, etimológico, étimo
gámos, casamento:	poligamia, polígamo, monogamia
gastér, **gastrós**, estômago:	gastrite, gastrônomo, gástrico
géo- (de **gê**, terra):	geografia, geologia, geoide
glótta, **glóssa**, língua:	poliglota, epiglote, glossário
gonía, ângulo:	goniômetro, polígono, diagonal
grámma, letra, escrito:	gramática, anagrama, telegrama
grápho, escrevo:	grafia, ortografia, caligrafia
gymnós, nu:	ginásio, ginástica, gimnofobia
gyné, **gynaikós**, mulher:	gineceu, ginecologia, ginecológico
hédra, base, face, lado:	poliedro, hexaedro, pentaedro
hélios, Sol:	heliocêntrico, heliotropismo, afélio
hema-, **hemo-** (de **háima**, **háimatos**, sangue):	hematófago, anemia, hemorragia
heméra, dia:	hemeroteca, hemerologia, efêmero
hépar, **hépatos**, fígado:	hepático, hepatite, hepatologia
héteros, outro, diferente:	heterogêneo, heterônimo, heteróclito
héxa- (de **hex**, seis):	hexacampeão, hexaedro, hexágono
hierós, sagrado:	hierarquia, hierático, hieróglifo
hippos, cavalo:	hipódromo, hipismo, hipopótamo
hodós, caminho:	hodômetro, êxodo, método
hómoios, semelhante, igual:	homeopatia, homeopático, homeopata
homós, semelhante, igual:	homônimo, homógrafo, homogêneo
hýdro- (de **hýdor**, **hýdatos**, água):	hidratar, hidrografia, hidrômetro
hygrós, úmido:	higrômetro, higrófito
hýpnos, sono:	hipnose, hipnotizar, hipnotismo
iatréia, tratamento médico:	pediatria, psiquiatria

ichthýs (ictís), **ichthyos**, peixe:	ictiófago, ictiografia
icon- (de **eikón**, **eikónos**, imagem):	iconoclasta, iconografia
ídios, próprio:	idioma, idiotismo
ísos, semelhante, igual:	isósceles, isotérmico, isonomia
kakós, mau:	cacofonia, cacoete, cacografia
kali- (de **kalós**, belo):	caligrafia, calidoscópio
kardía, coração:	cardíaco, cardiologia, taquicardia
karpós, fruto:	endocarpo, mesocarpo
kephalé, cabeça:	cefalalgia, acéfalo, cefálico
kínema, **kinématos**, movimento:	cinema, cinematográfico
kósmos, mundo, adorno:	cosmografia, cosmopolita, cosmético
krátos, poder, força, domínio:	aristocracia, democracia, escravocrata
kýklos, círculo:	ciclovia, triciclo
kýon, **kynós**, cão:	cínico, cinismo, cinegética
kýstis, bexiga:	cistite, cistoscopia
kýtos, célula:	citologia, leucócito
latréia, culto, adoração:	idolatria, heliolatria, idólatra
leukós, branco:	leucócito, leucemia
líthos, pedra:	aerólito, litografia
lógos, palavra, colóquio, estudo:	diálogo, biologia, decálogo, logotipo
lýsis, dissolução, ato de desatar:	análise, eletrólise
makrós, longo, grande:	macróbio, macrobiótica
mancia- (de **mantéia**, adivinhação):	cartomancia, quiromancia
manía, loucura, inclinação:	cleptomania, manicômio, maníaco
mégas, **megálo-**, grande:	megalomania, megaton, megatério
mésos, meio, do meio:	mesocarpo, mesóclise, mesopotâmia
méter, **metrós**, mãe:	metrópole, metropolitano
métron, medida:	métrico, quilômetro, termômetro
mikrós, pequeno:	micróbio, microscópio, micro-onda
mísos, ódio, aversão:	misógamo, misógino, misoneísmo
mnemo- (de **mnéme**, memória, lembrança):	mnemônico, amnésia, mnemoteste
mónos, um só, sozinho:	monólogo, monocultura, monoteísta
morphé, forma:	morfologia, amorfo, metamorfose
nekrós, morto, cadáver:	necrotério, necropsia, necrológio
néos, novo:	neologismo, neófito, neolatino
néuron, nervo:	neurologia, neurose, nevralgia
nómos, lei, norma:	autônomo, anomalia, anômalo
nósos, doença, moléstia:	nosocômio, nosofobia, zoonose
odóus, **odóntos**, dente:	odontologia, odontologista, mastodonte
olígos, pouco:	oligarquia, oligofrenia, oliguria
óneiros, sonho:	oniromancia, onirologia, onírico
ónoma, **ónyma**, nome:	onomástica, pseudônimo, antônimo
óphis, **ophídion**, cobra:	ofídio, ofídico, ofidismo
ophthalmós, olho:	oftalmologia, oftalmologista, oftálmico
óps, **opós**, vista:	óptica (ou ótica), miopia, míope, ciclope
órnis, **órnithos**, ave:	ornitologia, ornitólogo

orthós, reto, correto:	ortografia, ortopedia, ortopedista
ous (us), **otós**, ouvido:	otite, otorrino, otologia, otalgia
páis, **paidós**, criança:	pedagogia, pediatria, pediatra
pan, **pantós**, tudo, todo:	panorama, panteísmo, pantógrafo, panaceia
pathos, doença, afecção, sentimento:	patologia, simpatia
pedo- (de **paidéia**, educação, correção):	ortopedia, ortopedista, enciclopédia
penta- (de **pente**, cinco):	pentacampeão, pentágono, pentatlo
phagô, eu como:	fagocitose, antropófago, ictiófago
phílos, amigo:	filosofia, filantropia, anglófilo
phóbos, medo, aversão:	hidrofobia, xenofobia, xenófobo, claustrofobia, fotofobia
phoné, voz, som:	telefone, cacofonia, afônico, fonógrafo
phós, **photós**, luz:	fotografia, fotógrafo, fósforo, fotonovela
phýsis, **phýseos**, natureza:	fisiologia, físico, fisioterapia
phytón, vegetal:	fitotecnia, fitogeografia, fitoteca, xerófito
plóutos, riqueza:	plutocracia, plutocrata
pnéuma, **pnéumatos**, respiração, ar, sopro:	pneumática, pneumático (pneu)
pnéumon, pulmão:	pneumonia, pneumologia
pólis, cidade:	política, acrópole, Petrópolis, metrópole
polýs, muito, numeroso:	policlínica, poliglota, polígono
pótamos, rio:	potamografia, hipopótamo, Mesopotâmia
pséudos, mentira, falsidade:	pseudônimo, pseudotopázio
psittakós, papagaio:	psitacismo, psitacídeos
psyché, alma:	psicologia, psicose, psíquico
pterón, asa:	pteroide, coleóptero, helicóptero
pyr, **pyrós**, fogo:	pirosfera, pirotécnico, antipirético
rhéo, fluir, correr, **reuma**, fluxo:	reumatismo, catarro, diarreia
rino- (de **rhis**, **rhinós**, nariz):	rinite, rinofonia, otorrino
riza, raiz:	rizófago, rizotônico
seismós, abalo, tremor:	sismógrafo, sísmico
seléne, Lua:	selenita, selenomancia
síderos, ferro, aço:	siderose, siderurgia
skopéo, ver, olhar:	telescópio, microscópio, radioscopia
sóma, **sómatos**, corpo:	somatologia, somático, cromossomo
sophós, sábio:	filósofo, filosofia
stoma, **stómatos**, boca:	estomatite, estomático
taqui- (de **tachús**, rápido, breve):	taquicardia, taquígrafo
táxis, arranjo, classificação:	sintaxe, taxidermista
téchne, arte, ofício:	tecnologia, politécnica, tecnocrata
téle, longe:	televisão, telefone, teleguiar
théke, caixa:	biblioteca, discoteca, hemeroteca
theós, deus:	teologia, teólogo, apoteose
therapéia, tratamento:	hidroterapia, fisioterapia
thérmos, quente:	topônimo, topografia, tópico
tráuma, ***tráumatos***, ferimento:	trauma, traumático, traumatismo
trophé, nutrição, alimentação:	atrofia, hipertrofia

týpos, marca, modelo, tipo:	tipografia, protótipo, logotipo
-urgia, operação, trabalho:	cirurgia, siderurgia
xénos, estrangeiro:	xenofobia, xenófobo
xerós, seco:	xerófito, xerófilo
xýlon, madeira:	xilogravura, xiloteca, xilófago
zóon, animal:	zoologia, zoológico, zoonose

EXERCÍCIOS LISTA 12

1. Dê a etimologia e o significado dos seguintes compostos gregos:

Exemplo: *cefalalgia* vem de *kephalé*, cabeça, e *álgos*, dor: **dor de cabeça**.

cefalalgia	autônomo	gastrônomo	decálogo
antropófago	bibliófilo	hematófago	cosmopolita
anarquia	democracia	hipnotismo	ornitologia

2. Faça como no exercício anterior:

monólogo	filantropia	macróbio	pentágono
periscópio	psicologia	epígrafe	datiloscopia
odontologia	megalomania	poliglota	telegrama
arqueologia	helioscópio	hemeroteca	zoonose

3. Reorganize as colunas abaixo de maneira a corresponder os elementos de composição a seus significados. Em seguida, dê exemplos de palavras compostas por estes radicais:

-algia	adoração	-mancia	tratamento
-fobia	adivinhação	-patia	medo, aversão
-latria	doença	-terapia	ciência
-logia	dor		

4. O sufixo **-ite** exprime inflamação. Escreva, pela ordem, os nomes dos órgãos afetados, nas moléstias seguintes:

Exemplo: cistite, **bexiga**.

enterite – estomatite – gastrite – hepatite – nefrite – rinite

5. Estes instrumentos servem para medir o quê?

anemômetro – barômetro – batímetro – hidrômetro – higrômetro – dinamômetro – hodômetro – pluviômetro

6. Reorganize as colunas de forma que a cada palavra corresponda seu antônimo:

alopatia	cacofonia	arcaísmo	xenofilia
homogêneo	homeopatia	macrocéfalo	policultura
eufonia	xerófito	monocultura	neologismo
higrófito	heterogêneo	xenofobia	microcéfalo

7. Escreva os grupos de palavras e em seguida escolha qual das ideias listadas abaixo é aquela expressa por todas as palavras de cada grupo:

a) telescópio – microscópio – endoscopia – radioscopia – autópsia

tocar ler olhar, examinar ouvir

b) antropônimo – homônimo – pseudônimo – topônimo – heterônimo
homem estudo lei nome

c) aristocrata – escravocrata – plutocrata – tecnocrata – autocrata
domínio dinheiro arte glória

8. Escreva a única palavra em que o radical grego tenha o mesmo significado do radical latino *voro* (carn*ívoro*, frug*ívoro*, on*ívoro*, etc.):
neófito cacófato ictiófago xenófobo

9. Qual é o campo de estudos da **bromatologia** e da **farmacologia**?

10. Procure, na relação dos radicais gregos, as palavras que se ajustem às definições seguintes:
a) a parte alta das cidades gregas
b) remédio que suprime a dor
c) fora do tempo, contrário aos usos da época
d) destruidor de imagens ou ídolos
e) pessoa que fala várias línguas
f) provocar o sono artificialmente
g) palavra ou expressão própria de um idioma
h) pessoa que adora um só Deus
i) palavra ou expressão nova
j) aversão aos estrangeiros
k) nome próprio de lugar

11. Copie apenas o significado correto de **psitacismo**:
psicose, doença mental
crença na imortalidade da alma
repetição mecânica de palavras ou frases, sem lhes entender o sentido

12. Em seu caderno, substitua as expressões destacadas por um dos adjetivos equivalentes do quadro:
a) abalo *produzido por terremoto*
b) sentido *verdadeiro (original)* de uma palavra
c) povo *que se governa por suas próprias leis*
d) nação *sem cabeça (sem chefe)*
e) dor *dos nervos*
f) soro *contra veneno de cobra*
g) reação *da alma*
h) frase *que soa mal*
i) nervo *do olho*
j) imagem *do sonho*
k) grupo de pessoas *da mesma raça*
l) estar *sem voz*
m) artifício *para ajudar a memória*

acéfala – cacofônica – etimológico – autônomo – nevrálgica – antiofídico – psíquica – sísmico – afônico – mnemônico – óptico – étnico – onírica

RADICAIS GREGOS
Exercícios de exames e concursos
[Página 664]

RADICAIS LATINOS

Damos aqui uma pequena lista de radicais latinos com as respectivas formações vernáculas, de cunho erudito, isto é, palavras que entraram na língua portuguesa por via literária e científica, a maioria delas entre os séculos XVIII e XX.

ager, **agri**, campo:	agrícola, agricultura
ambi- (de **ambo**, ambos):	ambidestro, ambíguo
ambulo, **ambulare**, andar:	ambulatório, sonâmbulo, perambular
apis, abelha:	apicultura, apicultor
arbor, **arboris**, árvore:	arboricultura, arborizar, arborícola
argentum, **argenti**, prata:	argênteo, argentífero, argentino
bellum, **belli**, guerra:	bélico, belicoso, beligerante
capillus, **capilli**, cabelo:	capilar, capiliforme, capilaridade
caput, **capitis**, cabeça:	capital, decapitar, capitoso
cinis, **cineris**, cinza:	cinéreo, incinerar, incineração
cola-, (de **colo**, **colere**, habitar, cultivar):	arborícola, vitícola
cor, **cordis**, coração:	cordiforme, cordial, Cordisburgo
cuprum, **cupri**, cobre:	cúpreo, cúprico, cuprífero
digitus, **digiti**, dedo:	digital, digitar, digitação
ego, eu:	egocêntrico, egoísmo, ególatra
equi-, (de **aequus**, igual):	equivalente, equinócio, equiângulo
-evo (de **aevum**, tempo, idade):	longevo, longevidade, medievo
-fero (de **fero**, **ferre**, levar, conter):	aurífero, lactífero, carbonífero
fluvius, rio:	fluvial, fluviômetro
frater, **fratris**, irmão:	fraterno, confraternizar, fratricida
frigus, **frigoris**, frio:	frigorífico, frigomóvel
fulmen, **fulminis**, raio:	fulminante, fulminar
genu, joelho:	genuflexão, genuflexório
gero, **gerere**, produzir, ter:	lanígero, alígero
herba, erva:	herbáceo, herbívoro, herbicida
ignis, fogo:	ígneo, ignição, ignífero
lac, **lactis**, leite:	lactífero, lactação, laticínio
lapis, **lapidis**, pedra:	lápide, lapidificar, lapidar
lex, **legis**, lei:	legislativo, legislar, legista
loquor, **loqui**, falar:	locutor, loquaz, ventríloquo
noceo, **nocere**, prejudicar, causar mal:	nocivo, inocente, inócuo
omnis, todo:	onipresente, onisciente, ônibus
oryza, arroz:	orizicultura (ou rizicultura)

os, **oris**, boca:	ósculo, oral, orar, oráculo
pauper, **pauperis**, pobre:	pauperismo, depauperar
pecus, rebanho:	pecuária, pecuarista, pecúnia
petra, pedra:	pétreo, petrificar, petróleo
piscis, peixe:	piscicultura, piscina, piscívoro
pluvia, chuva:	pluvial, pluviômetro
pulvis, **pulveris**, pó:	pulverizar, pulverizador, pulverulento
radix, **radicis**, raiz:	radical, radicar, erradicar
sidus, **sideris**, astro:	sideral, sidéreo, siderar
silva, selva:	silvícola, silvicultura
stella, estrela:	estelar, constelação
sudor, **sudoris**, suor:	sudorífero, sudorese
tellus, **telluris**, terra, solo:	telúrico, telurismo
triticum, **tritici**, trigo:	triticultura, triticultor, tritícola
vinum, **vini**, vinho:	vinicultura, vinícola
vitis, videira:	viticultura, viticultor, vitícola
volo, **velle**, querer, desejar:	benévolo, malévolo
volo, **volare**, voar:	volátil, noctívolo
vox, **vocis**, voz:	vocal, vociferar

EXERCÍCIOS LISTA 13

1. Dê exemplos de palavras que tenham os seguintes radicais latinos:

argentum, prata	**genu**, joelho
capillus, cabelo	**arbor**, **arboris**, árvore
ignis, fogo	**fulmen**, **fulminis**, raio
lac, **lactis**, leite	**capra**, cabra
herba, erva	**os**, **oris**, boca
pecus, gado	**cinis**, **cineris**, cinza
pluvia, chuva	**pauper**, pobre
fluvius, rio	**pulvis**, **pulveris**, pó
stella, estrela	**volare**, voar
silva, selva	**nocere**, fazer mal, prejudicar

2. Copie somente a definição correta de animal **arborícola**:

é o animal que come ervas

é o animal que vive sobre árvores

é o animal que habita a mata

3. Em seu caderno, reorganize as duas colunas, associando as palavras aos respectivos radicais latinos:

caput, **capitis**, cabeça	piscicultura, pisciforme
lex, **legis**, lei	bélico, beligerante, belicoso

bellum, **belli**, guerra	capital, capitoso
piscis, peixe	lápide, lapidação
lapis, **lapidis**, pedra	legislador, legislar

4. Substitua os asteriscos nas frases, seguindo o exemplo:

Agricultura é o cultivo dos campos, da terra.

a) **** é a cultura do trigo.
b) **** é a cultura do arroz.
c) **** é a criação de abelhas.
d) **** é a criação de peixes.
e) **** é a cultura de videiras.

5. Escreva as expressões, substituindo os asteriscos adequadamente por verbos derivados dos radicais entre parênteses:

a) **** o lixo (**cinis**, **cineris**)
b) **** um mal (**radix**, **radicis**)
c) **** os grãos de café (**pulvis**, **pulveris**)
d) **** ameaças (**vox**, **vocis**, voz)

6. Escreva as frases, substituindo os asteriscos adequadamente pelos adjetivos do quadro abaixo:

egocêntrico – onisciente – lanígero – fluvial – capilares – cordiforme

a) A seiva das plantas chega às folhas pelos vasos ****.
b) Só Deus é todo-poderoso e ****.
c) Presenteou a noiva com uma medalha de ouro ****.
d) O gado ****, além da carne, nos dá a lã.
e) Ele se considera o centro do universo: é um ****.
f) É preciso incentivar a navegação ****.

7. Escreva as sequências, sublinhando as duas ideias básicas expressas pelos radicais dos vocábulos:

a) **lacticínio** ou **laticínio** (leite/comércio – látex/colheita – leite/indústria)
b) **sonâmbulo** (sono/andar – som/correr – som/gravar)
c) **longevidade** (longe/lugar – longe/vida – longa/idade)
d) **aurífero** (ouro/ferro – ouro/conter – ouro/valor)

RADICAIS LATINOS
Exercícios de exames e concursos
[Página 664]

ORIGEM DAS PALAVRAS DA LÍNGUA PORTUGUESA

As palavras que constituem o nosso patrimônio léxico podem ser:

1. de origem latina
2. de formação vernácula
3. de importação estrangeira

A maioria das palavras da língua portuguesa são provenientes do latim vulgar, isto é, o latim falado pelo povo, que os romanos introduziram na Lusitânia, duzentos anos antes de Cristo.

Entre as palavras de origem latina, umas datam do período de formação do idioma, entre os séculos VI e XI, aproximadamente; outras foram introduzidas mais tarde pelos escritores e letrados, sobretudo no período áureo da literatura portuguesa, o século XVI, e mais abundantemente ainda nos séculos seguintes, por via literária e científica. As primeiras, as *formas populares*, foram profundamente alteradas na boca do povo iletrado e rude, ao passo que as outras, as *formas cultas*, ou *eruditas*, incorporaram-se à língua com leves alterações.

Comparem-se, como exemplo, as formas populares e as correspondentes eruditas abaixo, procedentes da mesma palavra latina:

Formas populares: *cuidar, chave, chama, leal, siso, sarar, teia*

Formas cultas: *cogitar, clave, flama, legal, senso, sanar, tela*

No decorrer dos séculos, vieram sendo criadas no seio da língua, pelo gênio inventivo do povo luso-brasileiro, numerosas palavras que enriqueceram sobremodo o nosso vocabulário. São as chamadas *criações vernáculas*, de que são exemplos os termos seguintes:

coitado, fofoca, jeca, xereta, quicar, fofo, ranzinza, zunzum, zumbir, beija-flor, malmequer, careca, você, girassol, xodó, etc.

As palavras de outros idiomas penetram na língua através das relações entre os povos e graças às influências que as culturas e civilizações exercem umas sobre as outras. Desde os primórdios da língua portuguesa, e mais intensamente na fase da sua expansão pelos continentes e, depois, nos séculos das grandes invenções, numerosos termos estrangeiros, importados e aprovados pelo uso, vieram enriquecer-lhe o patrimônio léxico.

Assim é que encontramos, no vocabulário português, palavras oriundas:

- **do grego:**

umas por influência do cristianismo e do latim literário, como *anjo, apóstolo, bíblia, teatro, clímax*; outras, criadas pelos sábios e cientistas, como *nostalgia, telefone, microscópio*, etc.

- **do hebraico**:

  veiculadas pela Sagrada Escritura: aleluia, Páscoa, sábado, Jesus, Maria, etc.

- **do alemão**:

  guerra, norte, sul, realengo, Ricardo, interlândia, etc.

- **do árabe**:

  algodão, alfaiate, azeite, algema, oxalá, Alá, nácar, muçulmano, etc.

- **do francês**:

  elite, greve, avenida, detalhe, pose, toalete, tricô, guichê, etc.

- **do inglês**:

  bife, clube, esporte, futebol, jóquei, náilon, tênis, vagão, xampu, etc.

- **do italiano**:

  maestro, piano, soneto, pastel, lasanha, salsicha, etc.

- **do espanhol**:

  castanhola, cavalheiro, caudilho, ninharia, maçanilha, ojeriza, etc.

- **do russo**:

  rublo, mujique, esputinique, vodca, soviete, etc.

- **do chinês**:

  chá, chávena, nanquim, pequinês, etc.

- **do japonês**:

  biombo, judô, micado, quimono, nissei, samurai, gueixa, etc.

- **do turco**:

  algoz, horda, iatagã, lacaio, etc.

- **do tupi**:

  tatu, araponga, saci, pitanga, Iracema, Itu, Iguaçu, jiboia, pajé, etc.

- **de línguas africanas**:

  macumba, vatapá, maxixe, quilombo, marimbondo, etc.

O inglês e o francês são os idiomas que maior influência exercem, hoje, sobre o português. Pelas páginas dos jornais e das revistas desliza um caudal de anglicismos e galicismos, muitos dos quais desnecessários.

EXERCÍCIOS LISTA 14

1. Copie as palavras abaixo, colocando a letra **P** à frente das formas populares e a letra **E** à frente das eruditas ou cultas:

areia	íntegro
arena	inteiro
auscultar	lacuna
escutar	laguna
coalhar	macho
coagular	másculo
chama	mancha
flama	mácula
cálido	sigilo
caldo	selo

2. Escreva as sequências de palavras, numerando-as de acordo com a língua de proveniência:

futebol – clube – jipe – uísque
algodão – alfaiate – algema – oxalá
via – peixe – chave – lágrima – ônibus
detalhe – buquê – abajur – crochê
tatu – jiboia – Iguaçu – graúna
bíblia – anjo – trauma – teatro

(1) latim
(2) grego
(3) inglês
(4) árabe
(5) francês
(6) tupi

CLASSIFICAÇÃO E FLEXÃO DAS PALAVRAS

Na língua portuguesa há dez classes de palavras ou **classes gramaticais**:

1. Substantivo
2. Artigo
3. Adjetivo
4. Numeral
5. Pronome
6. Verbo
7. Advérbio
8. Preposição
9. Conjunção
10. Interjeição

As seis primeiras classes são *variáveis*, isto é, flexionam-se, sofrem alterações na forma. As quatro outras são *invariáveis*.

Observações:

- ✔ A mesma palavra pode pertencer a mais de uma classe. Exemplos:
  O céu é *azul* (*azul*, adjetivo). O *azul* triste de seus olhos fascinava-me (*azul*, substantivo). Abel era um *caipira* corajoso (*caipira*, substantivo). Assisti a uma festa *caipira* (*caipira*, adjetivo).
- ✔ Alguns advérbios admitem, na linguagem afetiva, as flexões de grau: cedo, *cedinho*; agora, *agorinha*; muito, *muitíssimo*.
- ✔ Não poucos substantivos e pronomes e a maioria dos numerais são invariáveis: *pires*, *isto*, *alguém*, *dez*, etc.

O substantivo e o verbo destacam-se como as duas mais importantes classes de palavras, porque constituem a base das frases, ou seja, da comunicação. Isso pode ser facilmente percebido no exemplo:

O *capitão*, sorridente e garboso, *montou* no seu *cavalo* branco.

As palavras da mesma classe têm características comuns e, quando ordenadas em frases, cabe, a cada uma, determinada função sintática. Assim, no exemplo acima, o substantivo *capitão* designa um ser, uma pessoa, admite flexões de gênero (*capitã*) e número (*capitães*) e funciona como *sujeito* da oração.

A seguir, estudaremos cada uma das classes gramaticais sob o aspecto morfológico.

SUBSTANTIVO

Consideremos estes exemplos:

Aquele **homem** comprou um **livro** e ganhou uma **flor**.

Na **praia**, a **alegria** era geral.

As palavras destacadas são *substantivos*.

1 SUBSTANTIVOS

Substantivos são palavras que designam os seres.

Os substantivos exercem na frase diversas funções sintáticas: sujeito, objeto direto, objeto indireto, etc.

Dividem-se os substantivos em:

- **Comuns**

Os que designam seres da mesma espécie:

menino, galo, palmeira (há muitos meninos, muitos galos, muitas palmeiras).

- **Próprios**

Os que se aplicam a um ser em particular:

Deus, Brasil, Roma, São Paulo, Gonçalves Dias, Tiradentes, Minerva.

Observação:

✔ Certos substantivos próprios podem tornar-se comuns: um *judas* (traidor), um *esculápio* (médico), um *ícaro* (aviador), um *havana* (charuto), um *panamá* (chapéu), etc.

- **Concretos**

Os que designam seres de existência real ou que a imaginação apresenta como tais:

avô, mulher, pedra, leão, alma, fada, lobisomem.

- **Abstratos**

Os que designam qualidades, sentimentos, ações ou estados dos seres, dos quais se podem abstrair (= separar) e sem os quais não podem existir:

beleza, coragem, brancura, rapidez (*qualidades*);
amor, saudade, alegria, dor, fome, frio (*sentimentos, sensações*);
viagem, estudo, doação, esforço, fuga, afronta (*ações*);
vida, morte, cegueira, doença (*estados*);

Observação:

✔ Substantivos abstratos podem ser concretizados. Assim: a *caça* (= ato de caçar): **abstrato**; a *caça* (= animal caçado): **concreto**. Ó *mocidade* (= moços), a *Pátria* (= o país) vos concita ao trabalho.

- **Simples**

Os que são formados de um só radical:
chuva, pão, lobo.

- **Compostos**

Os que são formados por mais de um radical:
guarda-chuva, passatempo, beija-flor.

- **Primitivos**

Os que não derivam de outra palavra da língua portuguesa:
pedra, ferro, dente, trovão.

- **Derivados**

Os que derivam de outra palavra:
pedreira, ferreiro, dentista, trovoada.

- **Coletivos**

Os que exprimem um conjunto de seres da mesma espécie:
exército, rebanho, constelação.

2 SUBSTANTIVOS COLETIVOS

Eis os principais substantivos coletivos:

acervo – de coisas amontoadas, bens patrimoniais, obras de arte
álbum – de fotografias, selos
alcateia – de lobos, feras
antologia – de textos seletos
arboreto – de árvores cultivadas
armada – de navios de guerra
arquipélago – de ilhas
assembleia – de parlamentares, membros de associações

atilho – de espigas
atlas – de mapas reunidos em livro
bagagem – objetos de viagem
baixela – utensílios de mesa
banca – de examinadores
bando – de aves, crianças, etc.
batalhão – de soldados
biblioteca – de livros
boiada – de bois
cacho – de uvas, bananas, cabelos
cáfila – de camelos, de patifes
cainçalha – de cães
cambada – de vadios, malvados, objetos enfiados, chaves
cancioneiro – de canções
canzoada – de cães
caravana – de viajantes, peregrinos, excursionistas
cardume – de peixes, piranhas
cartuchame – de cartuchos
casaria, **casario** – de casas
caterva – de animais, desordeiros, vadios
choldra – de malfeitores, canalhas, pessoas ordinárias
chorrilho – de coisas ou pessoas semelhantes, de asneiras
chusma – de criados, populares
clientela – de clientes de advogados, médicos, etc.
código – de leis
colmeia – de cortiços de abelhas
conciliábulo – de conspiradores em assembleia secreta
concílio – de bispos em assembleia
conclave – de cardeais, de cientistas em assembleia
confraria – de pessoas religiosas
congregação – de religiosos, de professores
constelação – de estrelas
cordoalha, **cordame** – de cordas, de cabos de um navio
corja – de velhacos, vadios, canalhas, malfeitores
década – período de dez anos
discoteca – de discos
elenco – de atores, artistas
enxame – de abelhas, insetos
enxoval – de roupas e adornos
fato – de cabras
fauna – os animais de uma região
feixe – de espigas, varas, canas, etc.
filmoteca – de filmes
flora – as plantas de uma região
fornada – de pães, tijolos, etc.
frota – de navios, ônibus

galeria – de quadros, estátuas
girândola – de foguetes, fogos de artifício
grei – de gado miúdo, paroquianos, políticos
hemeroteca – de jornais, revistas
horda – de invasores, salteadores
hoste – de inimigos, soldados
irmandade – de membros de associações religiosas e beneficentes
junta – de dois bois, de médicos (junta médica)
júri – de jurados (membros do tribunal do júri)
legião – de soldados, anjos, demônios
leva – de recrutas, prisioneiros
malta – de ladrões, desordeiros, bandidos, capoeiras
mapoteca – de mapas
milênio – período de mil anos
manada – de bois, porcos, etc.
maquinaria – de máquinas
matilha – de cães de caça
molho (ó) – de chaves, capim, etc.
miríade – infinidade de estrelas, insetos, etc.
nuvem – de gafanhotos, mosquitos, etc.
panapaná – de borboletas em bando migratório
penca – de frutos
pente – de balas de armas automáticas
pinacoteca – de quadros, telas
piquete – de soldados montados, grevistas
plateia – de espectadores, de ouvintes
plêiade – de pessoas notáveis, de sábios
pomar – de árvores frutíferas
prole – os filhos de um casal
quadrilha – de ladrões, assaltantes
raizame – conjunto de raízes de uma árvore
ramalhete – de flores
rancho – de pessoas em passeio ou jornada, de romeiros
rebanho – de bois, ovelhas, carneiros, cabras, gado, reses
récua – de cavalgaduras
renque – de árvores, pessoas ou coisas enfileiradas
repertório – de peças teatrais ou músicas interpretadas por artistas
resma – quinhentas folhas de papel
réstia – de alhos, cebolas
revoada – de aves voando
ronda – de sentinelas, de guardas
ror – grande quantidade de coisas
século – período de cem anos
súcia – de velhacos, patifes, malandros
tertúlia – de amigos, intelectuais, em reunião
tríade – conjunto de três pessoas ou de três coisas

tríduo – período de três dias
triênio – período de três anos
tropilha – de cavalos
turma – de trabalhadores, alunos
vara – de porcos
videoteca – de videocassetes
xiloteca – de amostras de espécies de madeiras (para estudos e pesquisas florestais)

Aos coletivos indeterminados acrescenta-se, em regra, o nome dos seres a que se referem. Assim, dizemos:

Um ***bando*** *de crianças.* Um ***bando*** *de aves.*

Um ***renque*** *de palmeiras.* Um ***renque*** *de colunas.*

"Ei-lo a passar como triunfador do futuro entre ***renques*** *de caras boçais.*" (ANÍBAL MACHADO)

3 PALAVRAS SUBSTANTIVADAS

Palavras de outras classes gramaticais podem ser substantivadas. Para isso, antepõe-se-lhes o artigo:

"*O morrer* pertence a Deus." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

Até hoje a polícia não sabe *o porquê* do sequestro – se vingança ou extorsão.

"Não deixo *o certo* pelo *duvidoso.*" (GRACILIANO RAMOS)

EXERCÍCIOS LISTA 15

1. Copie o trecho abaixo em seu caderno e passe um traço sob os substantivos concretos e dois sob os abstratos:

"Os índios foram muitas vezes considerados cruéis guerreiros, e as suas atitudes não raro causam pânico e revolta. O seu conhecimento mais profundo, entretanto, revela o heroísmo de um povo que, de arcos e flechas, se opõe tenazmente às máquinas que invadem seu território." (Apoena Meireles, *apud* Edilson Martins, *Nossos Índios, Nossos Mortos,* p. 14)

2. Dê os substantivos abstratos correspondentes:

Exemplo: garimpeiro – **garimpagem**

tirano – rei – mendigo – catequista – viúvo – infrator – sacerdote – herege

3. Escreva as frases, sublinhando as palavras que funcionam acidentalmente como substantivos:

a) A estrada rasgava o verde bruto da paisagem.

b) Nas *palavras* amáveis de Venâncio percebi um quê de falsidade.

c) Súbito, ouvimos um leve ruflar de asas.

4. Forme substantivos compostos com as palavras seguintes, combinando-as corretamente:

água – vira – papel – ardente – rã – prima – volta – pé – alta – moeda – obra – relevo – busca – baixo – perna – homem

5. Substitua os asteriscos pelos coletivos do quadro nas frases seguintes:

miríade – matilha – hordas – século – tropilha – alcateia – caravana – baixela – tríade
renques – legião – elenco

a) A *** foi atacada por uma *** de lobos famintos.
b) No *** V, a Europa foi invadida por *** de bárbaros.
c) Entre os *** de árvores floridas revoavam *** de insetos zumbidores.
d) A égua-madrinha guia a *** pelos descampados.
e) A *** era de fino lavor.
f) Na *** do Egito, Osíris é o pai, Ísis é a mãe e Hórus, o filho.
g) Os caçadores açulavam a *** contra a onça.
h) O filme promete ser bom: no *** só há artistas famosos.
i) "A noite no espaço vinha a negra *** das sombras espargindo." (OLAVO BILAC)

6. Com o auxílio de sufixos adequados, derive coletivos dos substantivos seguintes:

Exemplo: árvores – **arvoredo**

árvore – canas – bois – vinhas – cafeeiros – cabelos – cães – coqueiros – ramos – teclas – hinos – tripulantes – parentes – cordas – vasilhas – criados – mulheres – jabuticabeiras – carnaúbas

7. Escreva frases empregando substantivos abstratos que correspondam às palavras destacadas. Oriente-se pelo exemplo:

O menino, **feliz**, corria pelos campos.
A **felicidade** do menino contagiava a todos.

a) O **pobre** homem emocionou a todos.
b) **Recordar** a cena me trazia lágrimas aos olhos.
c) **Atualizar** os conhecimentos é uma exigência dos dias de hoje.
d) **Conceder** privilégios parece ser uma característica desse governo.
e) **Matar** os pobres filhotes é crime que não tem perdão.

4 FLEXÃO DOS SUBSTANTIVOS: GÊNERO

Os substantivos flexionam-se para indicar o gênero, o número e o grau.

Gênero é a propriedade que as palavras têm de indicar o sexo real ou fictício dos seres.

Na língua portuguesa são dois os gêneros: o *masculino* e o *feminino*. Certas línguas, como o latim, o grego, o inglês, possuem um terceiro gênero: o *neutro*.

Para os nomes dos seres vivos, o gênero, em geral, corresponde ao sexo do indivíduo. O mesmo, porém, não acontece com os nomes dos seres inanimados, em que o gênero é puramente convencional.

São masculinos os substantivos a que antepomos os artigos *o*, *os*, e femininos aqueles a que antepomos os artigos *a*, *as*.

5 FORMAÇÃO DO FEMININO

Diversos são os processos de formação do feminino. Sem levar em conta alguns casos especiais, podemos afirmar que o feminino se realiza, mais frequentemente, de três modos diferentes:

- flexionando-se o substantivo masculino:
  filho, *filha* – mestre, *mestra* – leão, *leoa* – folião, *foliona*, etc.
- acrescentando-se ao masculino a desinência -*a* ou um sufixo feminino:
  autor, *autora* – deus, *deusa* – cônsul, *consulesa*, etc.
- utilizando-se uma palavra feminina com radical diferente:
  pai, *mãe* – homem, *mulher* – boi, *vaca*, etc.

Observe como se formam os femininos da relação seguinte:

Masculino	Feminino
menino	*menina*
elefante	*elefanta*
parente	*parenta, parente*
presidente	*presidenta, presidente*
mestre	*mestra*
gigante	*giganta*
oficial	*oficiala*
aviador	*aviadora*
senhor	*senhora*
cantor	*cantora*
senador	*senadora*
prior	*priora, prioresa*
doutor	*doutora*
peru	*perua*
avô	*avó*
irmão	*irmã*
cidadão	*cidadã*
aldeão	*aldeã*
anão	*anã*
ancião	*anciã*
guardião	*guardiã*
pagão	*pagã*
charlatão	*charlatã*

Masculino	Feminino
hóspede	*hóspeda, hóspede*
infante	*infanta*
monge	*monja*
comilão	*comilona*
valentão	*valentona*
solteirão	*solteirona*
sultão	*sultana*
galo	*galinha*
arrumador	*arrumadeira*
ator	*atriz*
imperador	*imperatriz*
embaixador	*embaixatriz, embaixadora*
vindicador	*vindicatriz*
juiz	*juíza*
deus	*deusa, deia*
poeta	*poetisa*
sacerdote	*sacerdotisa*
profeta	*profetisa*
papa	*papisa*
píton	*pitonisa*
príncipe	*princesa*
barão	*baronesa*
duque	*duquesa*

Masculino	Feminino
escrivão	*escrivã*
alemão	*alemã*
campeão	*campeã*
capitão	*capitã*
anfitrião	*anfitriã, anfitrioa*
tecelão	*tecelã, teceloa*
ermitão	*ermitã, ermitoa*
leão	*leoa*
patrão	*patroa*
leitão	*leitoa*
faisão	*faisoa*
pavão	*pavoa*
hortelão	*horteloa*
beirão	*beiroa*
tabaréu	*tabaroa*
ilhéu	*ilhoa*
melro	*mélroa*
parvo	*párvoa, parva*
sabichão	*sabichona*
mocetão	*mocetona*
beberrão	*beberrona*
glutão	*glutona*
folião	*foliona*
frei	*sóror, soror*
raja	*rani*
padre	*madre*
compadre	*comadre*
padrasto	*madrasta*
macho	*fêmea*
patriarca	*matriarca*
pai	*mãe*
marido	*mulher*
padrinho	*madrinha*

Masculino	Feminino
cônsul	*consulesa*
freguês	*freguesa*
camponês	*camponesa*
marquês	*marquesa*
abade	*abadessa*
conde	*condessa*
czar	*czarina*
felá	*felaína*
rei	*rainha*
mu, mulo	*mula*
ladrão	*ladra*
perdigão	*perdiz*
cão	*cadela*
ateu	*ateia*
pigmeu	*pigmeia*
plebeu	*plebeia*
hebreu	*hebreia*
réu	*ré*
judeu	*judia*
sandeu	*sandia*
tigre	*tigresa*
cerzidor	*cerzideira*
frade	*freira*
genro	*nora*
dom	*dona*
cavaleiro	*amazona*
cavalheiro	*dama*
varão[1]	*matrona*
zangão	*abelha*
bode	*cabra*
cavalo	*égua*
carneiro	*ovelha*
touro, boi	*vaca*

(1) "O venerável padre Anchieta era *varão* santo." (CARLOS DE LAET)

Observação:

✔ Nos casos como *pai/mãe, boi/vaca, bode/cabra*, etc., o feminino se realiza não pela flexão do masculino, mas por heteronímia, isto é, por meio de outra palavra, de radical diferente.

6 SUBSTANTIVOS UNIFORMES EM GÊNERO

Há um tipo de substantivos – denominativos de pessoas e animais – refratários à flexão de gênero. Uns (os *epicenos* e *sobrecomuns*) só têm um gênero; outros, pelo contrário, têm os dois gêneros e chamam-se, por isso, *comuns de dois gêneros*.

▪ epicenos

Designam certos animais e têm um só gênero, quer se refiram ao macho ou à fêmea. Exemplos:

o *jacaré* (macho ou fêmea)

a *cobra* (macho ou fêmea)

Quando se quer indicar precisamente o sexo, usam-se as palavras *macho* ou *fêmea*. Exemplos:

a onça *macho* (ou *macha*)	o *macho* da cobra	o peixe *macho*
a onça *fêmea*	a *fêmea* da cobra	o peixe *fêmea*

"Capivara *macha* tem um calo no nariz." (GODOFREDO RANGEL)

"A cascavel *macho* é de corpo mais grosso que a fêmea." (RENATO INÁCIO DA SILVA)

▪ sobrecomuns

Designam pessoas e têm um só gênero, quer se refiram a homem ou a mulher. Exemplos:

a *criança* (menino ou menina)

a *testemunha* (homem ou mulher)

o *neném* ou *nenen* (menino ou menina)

o *cônjuge* (marido ou mulher)

o *guia* (homem ou mulher)

um *monstro* (sentido figurado: homem ou mulher)

▪ Comuns de dois gêneros

Sob uma só forma, designam os indivíduos dos dois sexos. São masculinos ou femininos.

São masculinos quando referentes a homens, e femininos se designam mulheres. Distinguimos-lhes o gênero pelo artigo ou adjetivo que os acompanham. Exemplos:

o colega	→	*a colega*	o consorte	→	*a consorte*
o intérprete	→	*a intérprete*	o médium	→	*a médium*
o mártir	→	*a mártir*	o motorista	→	*a motorista*
o cliente	→	*a cliente*	um estudante	→	*uma estudante*
o fã	→	*a fã*	artista famoso	→	*artista famosa*
o soprano	→	*a soprano*	repórter francês	→	*repórter francesa*

O substantivo *poeta* só se aplica a homem. Não é comum de dois gêneros.

No feminino se diz *poetisa* e não *poeta*: "A *poetisa* traz-nos o seu primeiro livro, porém não o entrega logo." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE).

7 SUBSTANTIVOS DE GÊNERO INCERTO

Há numerosos substantivos de gênero incerto e flutuante, sendo usados pelos escritores, com a mesma significação, ora como masculinos, ora como femininos.

Consignamos aqui alguns deles com o gênero que nos parece preferível:

a abusão – erro comum, superstição, crendice
a acne – doença da pele, espinha
a *aluvião* – sedimentos deixados pelas águas, inundação; grande número:
"... uma *aluvião* torrentuosa de hérulos." (CAMILO CASTELO BRANCO)
a cólera ou *a cólera-morbo* – doença infecciosa
a personagem – pessoa importante, pessoa que figura numa história
a trama – intriga, conluio, maquinação, cilada
a íbis – ave pernalta
a laringe – conduto musculocartilaginoso em que estão as cordas vocais
a xerox (ou xérox) – cópia xerográfica, xerocópia
o ágape – refeição que os primitivos cristãos faziam em comum; banquete de confraternização
o caudal – torrente, rio
o diabetes ou *diabete* – doença (*diabetes sacarino*: acúmulo de açúcares no sangue)
o jângal – floresta do sul da Ásia, mata virgem (a lei do *jângal*)
o lhama – mamífero ruminante da família dos Camelídeos
o ordenança – soldado às ordens de um oficial
o praça – soldado raso
o preá – pequeno roedor
o sabiá – ave da família dos Turdídeos

Observações:

✔ A palavra *personagem* é usada indistintamente nos dois gêneros. Entre os escritores modernos nota-se acentuada preferência pelo masculino. Exemplos:

"... *um personagem* trágico..." (ARIANO SUASSUNA)

"O menino descobria nas nuvens *os personagens* dos contos da carochinha." (VIVALDO COARACI)

"Não sabia que viajava como *algum personagem* importante." (ANÍBAL MACHADO)

Com referência a mulheres, deve-se preferir o feminino:

Iracema é *a personagem* principal de um dos romances de José de Alencar.

"O problema está nas mulheres de mais idade, que não aceitam *a personagem*." (RICARDO RAMOS)

"Não cheguei assim, nem era minha intenção, a criar *uma personagem*." (RUBEM BRAGA)

✔ *Ordenança*, *praça* (soldado) e *sentinela* (soldado, atalaia) são sentidos e usados, na língua atual, como masculinos, por se referirem, ordinariamente, a homens. Cp. *O guarda, o vigia*.

"Onde está Franz Post? – grita Nassau para *o seu ordenança*." (ASSIS BRASIL)

✔ Diz-se: *o* (ou *a*) *manequim* Simone; *o* (ou *a*) modelo fotográfico Rosângela Belmonte.

✔ Pela sua origem, *sósia* é substantivo masculino. Alguns dicionaristas modernos, porém, o incluem entre os comuns de dois gêneros. Segundo eles, portanto, é correto dizer: Essa atriz tem *uma* sósia que a representa muito bem. A televisão mostrou *a sósia* de Marilyn Monroe.

✔ *Cólera* ou *cólera-morbo*, pela sua origem, é substantivo feminino, e é nesse gênero que deve ser usado em português. Exemplos: "*A cólera-morbo* dizimava a população". (MÁRIO BARRETO) "Vibrião *da cólera* chega à Zona Sul." (*JORNAL DO BRASIL*, 1º/4/1993)

"No longo cerco do Porto, entre os flagelos *da cólera* e da fome,... essa querida imagem não o abandonara nunca." (ALMEIDA GARRETT)

"Com a rapidez *da cólera* ou da peste corre por todos os ângulos de Portugal uma coisa hedionda e torpe." (ALEXANDRE HERCULANO)

Note-se o gênero dos substantivos seguintes:

Masculinos

o tapa	o clã
o eclipse	o hosana
o lança-perfume	o herpes
o dó (*pena*)	o espécime
o sanduíche	o suéter
o clarinete	o guaraná
o champanha	o alude (*avalancha*)
o mármore	o pernoite
o maracajá	o púbis
o tegme (ou *tégmen*)	o gengibre
o formicida	o magazine

Femininos

a dinamite	a pane
a áspide	a mascote
a derme	a gênese
a hélice	a entorse
a alcíone	a libido
a filoxera	a cal
a clâmide	a faringe
a omoplata	a cólera (*doença*)
a cataplasma	a ubá (*canoa*)

São geralmente masculinos os substantivos de origem grega terminados em *-ma*:

o grama (*peso*)	o epigrama	o apotegma	o anátema
o quilograma	o telefonema	o trema	o estigma
o plasma	o estratagema	o eczema	o axioma
o apostema	o dilema	o edema	o tracoma
o diagrama	o teorema	o magma	o hematoma
o aneurisma	o emblema	o fonema	o glaucoma

"Mas atenção, mulheres, a este aviso: a moda exige *um grama* de juízo." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE, *Jornal do Brasil*, 28/10/1972)

Exceções: a cataplasma, a celeuma, a fleuma, etc.

8 GÊNERO DOS NOMES DE CIDADES

Salvo raras exceções, nomes de cidades são femininos:

a histórica *Ouro Preto*; a dinâmica *São Paulo*; a acolhedora *Porto Alegre*; uma *Londres* imensa e triste.

"Estes crepúsculos sublimes criam *outra Belo Horizonte*." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

Exceções: o Rio de Janeiro, o Cairo, o Porto, o Havre (França).

9 GÊNERO E SIGNIFICAÇÃO

Muitos substantivos têm uma significação no masculino e outra no feminino. Exemplos:

o cabeça: chefe, líder	→ *a cabeça*: parte do corpo
o cisma: separação religiosa, dissidência, cisão	→ *a cisma*: ato de cismar
o cinza: a cor cinzenta	→ *a cinza*: resíduos de combustão
o capital: dinheiro	→ *a capital*: cidade sede do governo
o coma: perda dos sentidos	→ *a coma*: cabeleira
o coral: pólipo; canto em coro	→ *a coral*: cobra venenosa
o crisma: óleo sagrado	→ *a crisma*: sacramento da confirmação
o cura: pároco, vigário	→ *a cura*: ato de curar
o estepe: pneu sobressalente	→ *a estepe*: vasta planície de vegetação herbácea
o guia: pessoa que guia outros	→ *a guia*: documento para efetuar pagamentos
o grama: unidade de peso	→ *a grama*: relva
o caixa: funcionário da caixa	→ *a caixa*: recipiente; setor de pagamentos
o lente: professor universitário	→ *a lente*: vidro de aumento
o moral: ânimo [1]	→ *a moral*: honestidade, bons costumes
o nascente: lado onde nasce o Sol	→ *a nascente*: fonte
o rádio: aparelho receptor de sinais de radiofonia	→ *a rádio*: estação emissora de radiofonia

EXERCÍCIOS — LISTA 16

1. Dê o feminino dos substantivos seguintes:

campeão – profeta – guardião – ator – marquês – freguês – juiz – anfitrião – visconde – varão – espião – ladrão – hebreu – barão – réu

(1) "Autorizados filósofos e cristãos disseram que o vestido atua imperiosamente sobre o *moral* do indivíduo." (CAMILO CASTELO BRANCO)

2. Em seu caderno, reorganize as duas colunas, associando-as de acordo com o processo de formação do feminino:

flexão do substantivo masculino	cônsul, consulesa
acréscimo da desinência **-a** ao masculino	gato, gata
acréscimo de um sufixo feminino ao masculino	cavalo, égua
heteronímia	cantor, cantora

3. Determine o gênero dos substantivos seguintes, antepondo-lhes os artigos **o** ou **a**:

ágape – fleuma – cal – champanha(e) – derme – dó – eclipse – dinamite – fênix – filoxera – aneurisma – herpes – grama (peso) – axioma – guaraná – fel – coral (cobra) – clã – tapa – espécime – telefonema – trama – estigma – primata

4. Substitua os asteriscos pelo feminino dos substantivos entre parênteses:

a) O príncipe casou com uma ***. (plebeu)

b) A *** visitou as escolas. (conde)

c) Ela foi uma *** incorrupta. (cidadão)

d) A *** tinha amigos na corte. (duque)

e) A mãe de João viajou com a ***. (genro)

f) Nos campos, as *** colhiam cereais. (felá)

g) A *** Cecília Meireles nasceu no Rio. (poeta)

5. Classifique os substantivos abaixo de acordo com a classificação genérica constante do quadro:

epicenos – sobrecomuns – comuns de dois gêneros – biformes (variáveis)

ciclista – cidadão – cônjuge – peru – vítima – fã – capivara – cúmplice – pavão

6. Copie somente a série em que todas as palavras são femininas:

foliona – deusa – ilha – trema – hematoma – dó

heroína – alemã – cataplasma – edema – gengibre – orbe

gênese – sóror – omoplata – bílis – cútis – rês

7. Os substantivos abaixo têm no masculino significação diferente da do feminino. Dê a significação de cada um deles nos dois gêneros:

nascente – grama – cura – coral – cisma – cinza – cabeça – lente – moral – rádio

8. Substitua o * com o artigo adequado, de acordo com o gênero dos substantivos destacados:

a) Trazia ainda no corpo * **estigma** infamante do escravo.

b) * **pampas** são a arena verde e imensa do cavaleiro gaúcho.

c) * **lança-perfumes** são proibidos nos festejos carnavalescos.

d) O grande líder político presidia * **ágape**.

e) Um broche de ouro segurava ao pescoço * **clâmide** do general ateniense.

f) As dissidências religiosas geram * **cismas**.

g) As chuvas avolumaram rapidamente * enorme **caudal**.

h) A luz da ciência dissipa os erros e * **abusões**.

i) * **aluvião** de populares irrompeu pelo parque adentro.

j) A notícia da derrota abateu * **moral** da população.

k) * **mascote** dos Fuzileiros Navais é um carneiro.

l) * colossal **alude**, despenhando-se da cordilheira andina, arrasou a aldeia.

m) Aumentava cada vez mais * **celeuma** da multidão revoltada.

n) É * **íris** que regula a entrada da luz no olho.

o) "Deus é * **alfa** e o ômega de todas as coisas." (ANTÔNIO HOUAISS)

p) * **cólera** é uma doença infecto-contagiosa.

q) * grande **Porto Alegre** adormecia junto ao Guaíba.

9. Dê o significado do substantivo conforme o gênero. Em seguida, escreva orações que deixem clara a diferença de sentido entre o substantivo masculino e o feminino:

a) a cabeça, o cabeça

b) o rádio, a rádio

c) o grama, a grama

d) o cinza, a cinza

10 FLEXÃO DOS SUBSTANTIVOS: NÚMERO

Em português há dois números gramaticais:

- **Singular**

Indica um ser ou um grupo de seres: *ave, bando*.

- **Plural**

Indica mais de um ser ou grupo de seres: *aves, bandos*.

A característica do plural, em português, é o *s* final.

Os substantivos flexionam-se no plural de diferentes maneiras, conforme a terminação do singular.

- **Substantivos terminados em vogal ou em ditongo oral**

Flexionam-se no plural acrescentando-se *-s* ao singular:

asa, *asas* – regime, *regimes* – táxi, *táxis* – tribo, *tribos* – pá, *pás* – irmã, *irmãs* – pé, *pés* – sapoti, *sapotis* – nó, *nós* – robô, *robôs* – caju, *cajus* – baú, *baús* – pai, *pais* – herói, *heróis* – véu, *véus* – parêntese, *parênteses*

Observações:

✔ Seguem esta regra a palavra *mãe* (plural *mães*) e os substantivos em *-n*: pólen, *polens*, éden, *edens*, íon, *ions*, próton, *protons*, nêutron, *neutrons*, elétron, *eletrons*, líquen, *liquens*, hífen, *hifens*, abdômen, *abdomens* (formas menos usadas que *abdome*, *abdomes*). *Cânon*, porém, faz *cânones*.

✔ O substantivo *avô* tem dois plurais: *avôs* (o avô paterno e o materno) e *avós* (o avô e a avó, ou *os antepassados*).

✔ Pluralizam-se por essa regra os nomes das letras: os *ás*, os *bês*, os *és*, os *agás*, os *is*, os *ós*, os *erres*, os *esses*, etc.: Colocar os pingos nos *is*. "A juriti, pombinha eternamente magoada, é toda *us*." (Monteiro Lobato)

Contudo, também se pode grafar: os *ii*, os *ff*, os *ss*, etc.: "As folhas enchem de *ff* as vogais do vento." (Mário Quintana)

- **Substantivos terminados em *-r* ou *-z***

Forma-se o plural acrescentando-se *-es* ao singular:

colher, *colheres* – cateter, *cateteres* – masseter, *masseteres* – clister, *clisteres* – ureter, *ureteres* – bôer, *bôeres* – dólar, *dólares* – faquir, *faquires* – abajur, *abajures* – clamor, *clamores* – esfíncter, *esfíncteres* – prócer, *próceres* – hambúrguer, *hambúrgueres* – frízer, *frízeres* – cruz, *cruzes* – raiz, *raízes* – noz, *nozes*

Caráter faz *caracteres*; júnior, *juniores*; sênior, *seniores*; sóror, *sorores*, com deslocamento do acento tônico.

- **Substantivos terminados em *-al, -el, -ol, -ul***

Pluralizam-se trocando o *-l* final por *-is*:

pombal, *pombais* – papel, *papéis* – mel, *méis* (ou *meles*) – túnel, *túneis* – anzol, *anzóis* – sol, *sóis* – paul, *pauis* – álcool, *álcoois*

Exceções: mal / *males*, cônsul / *cônsules*, real (antiga moeda portuguesa) / *réis*.

- **Substantivos terminados em *-il***

Flexionam-se no plural de duas maneiras:
a) os oxítonos mudam *-il* em *-is*: funil, *funis*; fuzil, *fuzis*
b) os paroxítonos mudam *-il* em *-eis*: fóssil, *fósseis*; réptil, *répteis*; projétil, *projéteis*.

Observação:

✔ As formas oxítonas *reptil*, *reptis* e *projetil*, *projetis*, embora corretas, são pouco usadas. *Til* tem o plural regular: o *til*, os *tis*.

- **Substantivos terminados em *-m***

Trocam esta letra por *-ns*:

nuvem, *nuvens* – fim, *fins* – som, *sons* – refém, *reféns* – pajem, *pajens* – álbum, *álbuns* – atum, *atuns* – ultimátum, *ultimátuns* – totem, *totens* – item, *itens* – fórum, *fóruns*

▪ Substantivos terminados em *-s*

• Os monossílabos e os oxítonos formam o plural mediante o acréscimo da desinência *-es*:

gás, *gases* – mês, *meses* – rês, *reses* – país, *países* – deus, *deuses* – ás, *ases* – adeus, *adeuses* – obus, *obuses* – português, *portugueses* – freguês, *fregueses* – lilás, *lilases* – avelós, *aveloses* – revés, *reveses*

Exceções:

Cais e *xis* são invariáveis: *os cais, os xis.*

Cós faz *cós* ou *coses.*

• Os paroxítonos e proparoxítonos são invariáveis:

o pires, *os pires* – o atlas, *os atlas* – o oásis, *os oásis* – o ourives, *os ourives* – o alferes, *os alferes* – o bíceps, os *bíceps* – o busílis, *os busílis* – o *miosótis, os miosótis* – a íris, *as íris* – o lótus, *os lótus* – o ônus, *os ônus* – o vírus, *os vírus* – o ônibus, *os ônibus* – o herpes, *os herpes*

▪ Substantivos terminados em *-x*

• Uns são invariáveis (vai entre parênteses o valor fonético do *x*):

o tórax (cs), os *tórax* – o pneumotórax (cs), os *pneumotórax* – o ônix (cs), os *ônix* – a fênix (s), as *fênix* – uma xerox (cs), duas *xerox* – um fax (cs), dois *fax*

• Outros (fora de uso) têm o mesmo plural que suas variantes em *-ice* (atualmente as únicas em vigor):

apêndix (cs)	ou	apêndice, apêndices
cálix (cs)	ou	cálice, *cálices*
códex (ccs)	ou	códice, *códices*
córtex (s)	ou	córtice, *córtices*
índex (cs)	ou	índice, *índices*

▪ Substantivos terminados em *-ão*

• Uns formam o plural com o acréscimo de *-s*:

mão, *mãos* – irmão, *irmãos* – cidadão, *cidadãos* – cortesão, *cortesãos* – ancião, *anciãos* – grão, *grãos* – pagão, *pagãos* – desvão, *desvãos* – corrimão, *corrimãos* – temporão, *temporãos* – afegão, *afegãos*, e todos os paroxítonos: órgão, *órgãos* – bênção, *bênçãos* – órfão, *órfãos* – sótão, *sótãos* – gólfão, *gólfãos* – acórdão, *acórdãos*

• Outros, mais numerosos, mudam *-ão* em *-ões*:

limão, *limões* – botão, *botões* – anão, *anões* – vulcão, *vulcões* – espião, *espiões* – aldeão, *aldeões* – balão, *balões* – mamão, *mamões* – melão, *melões* – caixão, *caixões* – tecelão, *tecelões* – falcão, *falcões* – cirurgião, *cirurgiões* – zangão, *zangões* [1]

• Outros, enfim, trocam *-ão* por *-ães:*

pão, *pães* – cão, *cães* – capitão, *capitães* – charlatão, *charlatães* – escrivão, *escrivães* – alemão, *alemães* – sacristão, *sacristães* – tabelião, *tabeliães* – guardião, *guardiães* – capelão, *capelães*

---

(1) "Os povos, como as abelhas, trabalham para si e para os seus zangões." (MARQUÊS DE MARICÁ)

Observação:

✔ *Artesão* (artífice) ➔ artesãos; *artesão* (adorno arquitetônico) ➔ *artesões*.

Vários substantivos em *-ão* ainda não encontraram uma forma definitiva para o plural, se bem que a flexão *-ões*, por ser mais eufônica, se venha impondo vitoriosamente. Eis alguns exemplos:

aldeão	aldeões	aldeãos	–
castelão	castelões	castelãos	–
deão	deões	deãos	–
ermitão	ermitões	ermitãos	ermitães
faisão	faisões	–	faisães
hortelão	hortelões	hortelãos	–
sultão	sultões	sultãos	sultães
verão	verões	verãos	–
vilão	vilões	vilãos	–
refrão	–	refrãos	refrães

11 PLURAL DOS SUBSTANTIVOS COMPOSTOS

Formam o plural de acordo com as seguintes normas:

- Pluralizam-se os dois elementos, unidos por hífen, quando ocorre:

a) substantivo + substantivo:

cirurgião-dentista, *cirurgiões-dentistas*
abelha-mestra, *abelhas-mestras*
tenente-coronel, *tenentes-coronéis*
tia-avó, *tias-avós*
redator-chefe, *redatores-chefes*
decreto-lei, *decretos-leis*

Obs.: Ressalve-se o caso de substantivos compostos intercalados por preposição, como será exposto a seguir.

b) substantivo + adjetivo:

amor-perfeito, *amores-perfeitos*
capitão-mor, *capitães-mores*
cajá-mirim, *cajás-mirins*
carro-forte, *carros-fortes*
cachorro-quente, *cachorros-quentes*
guarda-civil, *guardas-civis*
guarda-noturno, *guardas-noturnos*
obra-prima, *obras-primas*
sabiá-piranga, *sabiás-pirangas*

c) adjetivo + substantivo:

boa-vida, *boas-vidas*

curta-metragem, *curtas-metragens*

curto-circuito, *curtos-circuitos*

má-língua, *más-línguas*

livre-pensador, *livres-pensadores*

d) numeral + substantivo:

segunda-feira, *segundas-feiras* quinta-feira, *quintas-feiras*

terça-feira, *terças-feiras* sexta-feira, *sextas-feiras*

Exceções: os *grão-mestres*, as *grã-cruzes*, os *grã-finos*, os *terra-novas*, os *claro-escuros* (ou *claros-escuros*), os *nova-iorquinos*, os *nova-trentinos*, os *são-bernardos*, os *são-paulinos*, os *são-joanenses*, os *cavalos-vapor*.

- Varia apenas o segundo (ou o último) elemento, quando houver:

a) elementos unidos sem hífen:

os *pontapés*, os *girassóis*, os *vaivéns*, as *autopeças*, os *malmequeres*.

b) verbo + substantivo:

os guarda-*roupas*, os guarda-*louças*, os beija-*flores*.

c) elemento invariável + palavra variável:

as sempre-*vivas*, as ave-*marias*, os vice-*reis*, os alto-*falantes*,

os abaixo-*assinados*, os recém-*nascidos*.

d) palavras repetidas:

os quero-*queros*, os tico-*ticos*, os reco-*recos*, os ruge-*ruges*, os quebra-*quebras*,

os corre-*corres*.

Observação:

✔ Contrariamente ao que ensinam as gramáticas, preferimos os plurais *ruge-ruges*, *treme-tremes*, *corre-corres*, etc., por serem mais eufônicos. É por eufonia que se explicam os plurais anômalos *padre-nossos*, *terra-novas*, *arco-íris*, *são-joanenses* e outros.

- Varia apenas o primeiro elemento:

a) quando ocorre substantivo + preposição + substantivo:
os *pés* de moleque, os *pães* de ló, as *quedas*-d'água, os *paus*-d'arco,
as *mãos* de obra, os *sinais* da cruz, os *autos* de fé, as *câmaras* de ar,
as *orelhas*-de-pau, as *mulas* sem cabeça.

b) quando o segundo elemento limita ou determina o primeiro, indicando finalidade, tipo, semelhança, funcionando como se fosse um adjetivo:

os *pombos*-correio, as *canetas*-tinteiro, os *navios*-escola, os *peixes*-boi, as *frutas*-pão, os *paus*-brasil, as *cidades*-satélite, os *guardas*-marinha, as *fazendas*-modelo, etc.

Observação:

✔ Não é errado, porém, pluralizar, no caso **b**, os dois elementos e dizer:

pombos-correios, peixes-bois, frutas-pães, homens-rãs, porcos-espinhos, navios-tanques, bananas-maçãs, mangas-rosas, balões-sondas, couves-flores, países-membros, etc.

"*Homens-rãs* buscam corpos no rio Iguaçu." (*Jornal do Brasil*, 22/9/73)

"... ambos já *guardas-marinhas*." (Vivaldo Coaraci)

✔ Os melhores dicionários brasileiros registram as duas formas.

- Os dois elementos ficam invariáveis quando houver:
  a) verbo + advérbio:
  os *bota-fora*, os *pisa-mansinho*.
  b) verbo + substantivo plural:
  os *troca-tintas*, os *saca-rolhas*, os *guarda-vidas*.
- Casos especiais:

o louva-a-deus, os *louva-a-deus* – o diz que diz, os *diz que diz* – o bem-te-vi, os *bem-te-vis* – o bem-me-quer, os *bem-me-queres* – o joão-ninguém, os *joões-ninguém* – o fora da lei, os *fora da lei* – o ponto e vírgula, os *ponto e vírgulas* – o sem-terra, os *sem-terra* – o mico-leão-dourado, os *micos-leões-dourados* – o bumba meu boi, os *bumba meu boi* – *o arco-íris, os arco-íris*.

12 PLURAL DAS PALAVRAS SUBSTANTIVADAS

As palavras substantivadas, isto é, palavras de outras classes gramaticais usadas como substantivos, apresentam, no plural, as flexões próprias destes últimos:

Ouviam-se *vivas* e *morras*.

Pese bem os *prós* e os *contras*.

O aluno errou na prova dos *noves*.

Ouça com a mesma serenidade os *sins* e os *nãos*.

Observação:

✔ Numerais substantivados terminados em *-s* ou *-z* não variam no plural.

Exemplo: Nos testes mensais consegui muitos *seis* e alguns *dez*.

13 PLURAL DOS DIMINUTIVOS

Para a formação do plural dos substantivos diminutivos, veja item 21, no final deste capítulo.

14 PLURAL DOS NOMES PRÓPRIOS PERSONATIVOS

Devem-se pluralizar os nomes próprios de pessoa sempre que a terminação se preste à flexão. Exemplos:

"A poesia vulgar, mormente na pátria dos *Junqueiras*, dos *Álvares de Azevedo*, dos *Casimiros de Abreu* e dos *Gonçalves Dias*, é um pecado publicá-la." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"As *Raquéis* e *Esteres*." (MÁRIO BARRETO)

Os *Napoleões* também são derrotados.

"É impossível que os *Monizes* não fugissem de casa assim que principiou o fogo." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Os *Ataídes de Azevedo* são, na verdade, encantadores." (CIRO DOS ANJOS)

Aos nomes estrangeiros acrescenta-se *s*: os *Kennedys*, os *Stalins*, os *Mozarts*, etc.

15 PLURAL DOS SUBSTANTIVOS ESTRANGEIROS

Substantivos ainda não aportuguesados devem ser escritos como na língua original, acrescentando-se-lhes um *s* (exceto quando terminam em *s* ou *z*). Exemplos:

os *shorts*, os *dancings*, os *shows*, os *déficits*, os *superávits*, os *habitats*, os *ex-libris*, os *jazz*, os *pit-bulls*, os *watts*, os *icebergs*, as *pizzas*.

• É usual acentuar os latinismos *deficit*, *superavit* e *habitat*, embora ainda não aportuguesados.

Substantivos já aportuguesados flexionam-se de acordo com as regras de nossa língua:

os *clubes* – os *chopes* – os *jipes* – os *times* – os *esportes* – as *toaletes* – os *bibelôs* – os *garçons* – os *cicerones* – o réquiem, os *réquiens* – o te-déum, os *te-déuns* – o álibi, os *álibis*, etc.

No entanto, *gol* [do inglês *goal*] faz *gols*, forma estranha à fonética portuguesa, um barbarismo impingido pelo uso. O plural correto seria *gois* (ô) ou *goles* [cp. *goleada*], mas não se usa. Em Portugal se diz *golo* (ô), *golos* (ô).

16 PLURAL DAS SIGLAS

Pluralizam-se as siglas acrescentando-lhes um *s* minúsculo:

os *CDs*, os *HPs*, os *PMs*, as *ONGs*, as *Ufirs*.

17 PLURAL COM MUDANÇA DE TIMBRE

Certos substantivos formam o plural com mudança de timbre da vogal tônica (*o* fechado ⇒ *o* aberto). É um fato fonético chamado *metafonia*.

Eis alguns exemplos:

corpo (ô)	*corpos* (ó)	osso (ô)	*ossos* (ó)
esforço	*esforços*	ovo	*ovos*

fogo	*fogos*	poço	*poços*
forno	*fornos*	porto	*portos*
fosso	*fossos*	posto	*postos*
imposto	*impostos*	rogo	*rogos*
olho	*olhos*	tijolo	*tijolos*

- Têm a vogal tônica fechada (ô): *adornos*, *almoços*, *bolsos*, *esposos*, *estojos*, *globos*, *gostos*, *polvos*, *rolos*, *soros*, etc.

Observação:

✔ Distinga-se *molho* (ô), caldo (*molho de carne*), de *molho* (ó), feixe (*molho de lenha*). No plural: *molhos(ô)*, caldos; *molhos(ó)*, feixes.

18 PARTICULARIDADES SOBRE O NÚMERO DOS SUBSTANTIVOS

Há substantivos que só se usam no singular: o *sul*, o *norte*, a *fé*, etc.; outros só no plural: os *idos*, as *cãs*, as *núpcias*, os *víveres*, os *pêsames*, etc.; outros, enfim, têm, no plural, sentido diferente do singular: *bem*, virtude, *bens*, riquezas; *honra*, probidade, bom nome, *honras*, homenagens, títulos. Exemplo:

"A *honra* anuncia virtudes, as *honras* nem sempre as supõem." (MARQUÊS DE MARICÁ)

- Deve-se dizer: *Os óculos* (e não o *óculos*) corrigem defeitos da vista. Perdi *meus óculos* (e não *meu óculos*).

Usamos, às vezes, os substantivos no singular, mas com sentido de plural:

"Aqui morreu muito *negro*." (COELHO NETO)
"Celebraram o sacrifício divino muita *vez* em capelas improvisadas." (AFONSO CELSO)
"Juntou-se ali uma população de retirantes que, entre *homem*, *mulher* e *menino*, ia a bem cinquenta mil." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

EXERCÍCIOS — LISTA 17

1. Flexione no plural:

mês – rês – réptil – projétil – túnel – canil – espécime – sol – sal – mal – caráter – hífen – álbum – ás – procônsul – prócer – nenúfar – fã – obus – líquen – ímã – totem – cânon – refém – parêntese – revés – galã – fóssil – fuzil – fusível – ureter – hambúrguer

2. Escreva apenas os substantivos invariáveis em número:

mó – cais – ourives – mel – tórax – íbis – fênix – obus – ônus – nó – dom – bíceps – íris – xerox

3. Escreva no plural:

cidadão – charlatão – tabelião – tecelão – ancião – folião – capelão – aldeão – anão – guardião – corrimão – bênção – órfão – órgão – capitão – escrivão – cirurgião – pagão – anão – afegão

4. Flexione no feminino plural:

cidadão, ator, cônsul, marquês, réu, cortesão, grão-duque

5. Escreva no plural os seguintes substantivos compostos:

a) vanglória, bombom, lobisomem, autolotação, malmequer, vaivém

b) guarda-civil, cartão-postal, terça-feira, tenente-coronel, capitão-mor, má-língua, baixo-relevo, cirurgião-dentista, criado-mudo, capitão-aviador, redator-chefe, vera-efígie, meio-termo, pão-duro, táxi-aéreo, ferro-velho, curta-metragem, alto-relevo, boia-fria, carro-forte

c) guarda-chuva, pai-nosso, terra-nova, alto-falante, abaixo-assinado, papa-mel, salvo-conduto, grão-vizir, busca-pé, tico-tico, bem-te-vi, pisca-pisca, vice-rei

d) pombo-correio, mapa-múndi, manga-espada, joão-ninguém, guarda-marinha, porco-espinho, banana-maçã, caminhão-pipa, navio-escola, ano-luz, carro-bomba

e) flor-de-maio, água-de-colônia, pão de ló, orelha-de-pau, ama de leite, limão-de-cheiro, pau-d'água, estrela-do-mar, joão-de-barro

6. Cite dois substantivos que só se usam no plural e quatro substantivos compostos que não variam no plural.

7. Passe as frases seguintes para o plural:

a) Fez belas evoluções a porta-estandarte da escola de samba.

b) Não se via peixe-voador fora da água.

c) O terra-nova mostrou-se eficiente no patrulhamento das cidades.

d) O beija-flor é uma pequena obra-prima da natureza.

e) O projétil do folião atingiu o guarda-marinha.

f) O homem-rã estava junto ao navio-tanque.

g) O artesão fez a mesinha de cabeceira.

h) O homem-mosca encontrou-se na rua com o homem-sanduíche.

i) Ele fabrica salsicha e detesta cachorro-quente.

j) O olho-de-boi é selo raríssimo.

k) O hambúrguer me tentava, mas o real faltava.

8. Escreva o único plural cuja vogal tônica é fechada:

fornos – rogos – bolsos – poços – miolos

9. O plural **gols** é um barbarismo. Por quê?

10. Construa uma frase com o substantivo **óculos**.

11. Escreva as frases no plural:

a) Quero um cachorro-quente.

b) Sempre faço pão de ló e pé de moleque para festas.

c) Rasgarei qualquer abaixo-assinado que receber.

d) Você, como Van Gogh, aprecia girassol?

e) O beija-flor está novamente no quintal.

12. Alguns substantivos têm sentidos diferentes no singular e no plural. Descubra o sentido de cada palavra dos pares abaixo e, depois, elabore frases que deixem bem evidente a diferença entre elas.

a) ouro/ouros
b) vencimento/vencimentos
c) copa/copas
d) féria/férias

19 FLEXÃO DOS SUBSTANTIVOS: GRAU

Grau dos substantivos é a propriedade que essas palavras têm de exprimir as variações de tamanho dos seres.

São dois os graus dos substantivos: o aumentativo e o diminutivo.

forma normal	**aumentativo**	**diminutivo**
⇓	⇓	⇓
gato	gatão	gatinho
casa	casarão	casinha

▪ Grau aumentativo

Veja este exemplo, em que a autora se refere à onça:

"A flecha acertara em cheio na *bocarra* da *bichona*." (Edi Lima)

As palavras destacadas estão no grau aumentativo.

O grau aumentativo exprime um aumento do ser relativamente ao seu tamanho normal. Pode ser formado sintética ou analiticamente.

a) *Aumentativo sintético*: forma-se com sufixos aumentativos, sendo os mais comuns:

-aça: barcaça, barbaça, populaça, caraça

-aço: balaço, calhamaço, volumaço

-alha: muralha, gentalha, fornalha

-ão (com as variantes **-alhão**, **-arão**, **-zarrão**, **-arrão**, **-eirão**, **-zão**): cavalão, garrafão, vagalhão, casarão, homenzarrão, gatarrão, vozeirão, pezão

-arra: bocarra, naviarra

-ázio: copázio, balázio

-ona: mulherona, vacona, pernona, vozona

-orra: cabeçorra, beiçorra, patorra, manzorra

-uça: dentuça

-aréu: povaréu, fogaréu, folharéu

b) *Aumentativo analítico*: forma-se com o auxílio do adjetivo *grande*, ou outros de mesmo sentido:

letra grande, pedra enorme, estátuta colossal, obra gigantesca, planície imensa.

- Na linguagem publicitária se diz: *liquidação monstro, megaevento*.

▪ Grau diminutivo

Na seguinte frase, a palavra destacada está no grau diminutivo:

"Que brancos são seus *pezinhos*!" (MÁRIO QUINTANA)

O grau diminutivo exprime um ser com seu tamanho normal diminuído. Pode ser formado sintética ou analiticamente.

a) *Diminutivo sintético*: forma-se com sufixos diminutivos. Eis os mais comuns:

-acho: riacho, fogacho
-ebre: casebre
-eco: livreco, jornaleco, boieco
-ejo: lugarejo, animalejo, vilarejo
-elho: rapazelho, artiguelho, grupelho
-eto, -eta: poemeto, saleta, maleta
-ete: filete, diabrete
-ico: burrico, namorico
-im: espadim, flautim, selim, camarim
-inho: livrinho, dedinho
-inha: casinha, janelinha
-zinho, -zinha: irmãozinho, irmãzinha
-isco: chuvisco, pedrisco
-ito, **-ita**: mosquito, cabrito, senhorita
-oca: sitioca, engenhoca
-ola: sacola, bandeirola, rapazola, casinhola, arteríola
-ote: velhote, serrote, caixote, morrote
-ucho: papelucho
-(c)ulo, -(c)ula: glóbulo, homúnculo, radícula

b) *Diminutivo analítico*: forma-se com o adjetivo *pequeno*, ou outros de igual sentido. Exemplos: chave pequena, casa pequenina, semente minúscula.

Observações:

✔ Em geral, os aumentativos e diminutivos, juntamente com a ideia de grandeza ou pequenez, exprimem também deformidade, desprezo ou troça. Dizemos, por isso, que têm *sentido pejorativo* ou *depreciativo*. Exemplos: *gentalha, narigão, beiçorra, livreco, musiqueta, papelucho, gentinha, povinho*.

"O *homenzinho* estava lívido." (AFONSO SCHMIDT)

"Não suporto *mulheraças*." (MONTEIRO LOBATO)

"Grita o *povinho* furioso impropérios aos condenados." (JOSÉ SARAMAGO)

"Decidira não dar trela à *gentinha* da vila." (JORGE AMADO)

- ✔ As formas diminutivas exprimem, frequentemente, carinho, ternura, afetividade: *filhinho, avozinha, mãezinha, Carlito, Antoninho.*
- ✔ Existem aumentativos que são fictícios, isto é, têm a forma aumentativa, mas sem o sentido de aumento: *cartão, caldeirão, colchão, calção*, etc.
- ✔ A escolha entre os prefixos *-inho(a)* e *-zinho(a)* é condicionada pela acentuação tônica e a terminação dos vocábulos. Os proparoxítonos, por exemplo, e os terminados em sílaba nasal, ditongo, hiato ou vogal tônica recebem o sufixo *-zinho(a)*: *lampadazinha, irmãozinho, heroizinho, bauzinho, ruazinha, cafezinho.* Recebem o sufixo *-inho(a)* as palavras terminadas em *-s* ou *-z*, ou em uma dessas consoantes seguida de vogal: *paisinho* (pequeno *país*), *rapazinho, princesinha, rosinha, belezinha*, etc.

  Em alguns casos coexistem as duas formas: *colherzinha* ou *colherinha, florzinha* ou *florinha, pastorzinho* ou *pastorinho*.
- ✔ Observe as formas diminutivas *prainha, radinho, Emilinha, sandalinha, xicrinha*, correntes na linguagem popular.

  "*Radinho* de pilha ridiculariza a paz da roça." (PAULO MENDES CAMPOS)

  "... *prainha* perdida na curva alta do rio." (JOSUÉ GUIMARÃES)
- ✔ Registram-se aumentativos e diminutivos formados por prefixação:

  maxissaia, supermercado, minissaia, minifúndio, minicalculadora, etc.

20 ADJETIVOS COM AS FLEXÕES DE AUMENTATIVO E DIMINUTIVO

Na linguagem emotiva e coloquial, é comum o emprego de adjetivos com as flexões próprias do aumentativo e diminutivo. Exemplos:

menino *bonzinho*, garota *bonitinha*, garoto *espertinho*, areia *branquinha*, café *quentinho*, moço *bonitão*, homem *espertalhão*, criança *gorducha* e *moleirona*, avô *bonachão*.

Note-se que essas formas aumentativas e diminutivas dos adjetivos equivalem, geralmente, a superlativos:

areia *branquinha* = areia *muito branca*

moço *bonitão* = moço *muito bonito*

Outros exemplos:

"Era tão *fragilzinha* minha amiga!" (GODOFREDO RANGEL)

"Que boi *grandão* é esse, minha gente, que eu nunca vi?" (LUÍS JARDIM)

21 PLURAL DOS DIMINUTIVOS EM *-ZINHO* E *-ZITO*

Observe bem os exemplos seguintes:

pãe(s)	+ zinhos	→	*pãezinhos*	mão(s)	+ zinhas	→	*mãozinhas*
animai(s)	+ zinhos	→	*animaizinhos*	papéi(s)	+ zinhos	→	*papeizinhos*
botõe(s)	+ zinhos	→	*botõezinhos*	nuven(s)	+ zinhas	→	*nuvenzinhas*
chapéu(s)	+ zinhos	→	*chapeuzinhos*	funi(s)	+ zinhos	→	*funizinhos*

farói(s)	+	zinhos	➔	*faroizinhos*	túnei(s)	+	zinhos	➔	*tuneizinhos*
tren(s)	+	zinhos	➔	*trenzinhos*	pai(s)	+	zinhos	➔	*paizinhos*
colhere(s)	+	zinhas	➔	*colherezinhas*	pé(s)	+	zinhos	➔	*pezinhos*
flore(s)	+	zinhas	➔	*florezinhas*	pé(s)	+	zitos	➔	*pezitos*

Regra:

Flexiona-se o substantivo no plural, retira-se o *s* final e acrescenta-se o sufixo diminutivo.

Observação:

✔ São anômalos os plurais *pastorinhos(as)*, *papelinhos*, *florzinhas*, *florinhas*, *colherzinhas* e *mulherzinhas*, correntes na linguagem popular e usados até por escritores de renome.

EXERCÍCIOS — LISTA 18

1. Forme o aumentativo sintético dos substantivos seguintes:

boca – chapéu – espada – festa – bala – homem – nariz – rapaz – mão – moço – pé – vaga – cara – voz

2. Com o auxílio dos sufixos dados no quadro, forme o diminutivo dos substantivos abaixo:

Sufixos: **-acho**, **-ebre**, **-eco**, **-elho**, **-ejo**, **-ela**, **-eta**, **-ete**, **-éu**, **-ico**, **-inhola**, **-isco**, **-im**, **-iço**, **-inho**, **-oca**, **-ote**, **-ulo**

lugar – porta – globo – rio – casa – rua – serra – engenho – espada – jornal – beiço – sala – papel – chuva – grupo – namoro – aranha – ilha

3. Forme o diminutivo dos substantivos abaixo, utilizando os sufixos: **-ulo** e **-ula** ou **-culo** e **-cula**:

corpo – animal – grão – gota – nota – ovo – obra – feixe – homem – raiz – questão – monte – verso – flor – pele – campa – flama – pé – casa – cela – rei – lobo (ó) – nó

4. Flexione os substantivos seguintes no diminutivo plural, utilizando os sufixos **-inho(a)** ou **-zinho(a)**, conforme convenha:

nuvem – cão – canal – papel – chapéu – túnel – país – pai – automóvel – funil – flor – café – irmão – princesa – leitão – ideia – baú – animal – pastor – colher – mulher – praia – rádio

5. Dê a forma normal, isto é, não flexionada, dos substantivos seguintes:

ruela – pobretão – pratarraz – vilanaz – viela – casulo – radícula – alegrão – chapelão – sitioca – manzorra – povaréu – pecadilho – nódulo – cançoneta – sineta – galeota – veranico – camarim – bastonete – terriola – vareta – patorra – hotelejo – febrícula – ossículo – festança – rapazola – selim – ricaço – carroção – rapagão

6. Escreva cada frase e coloque entre parênteses o grau do substantivo destacado:

Coloquei os **peixinhos** no aquário.	aumentativo sintético
Vagalhões batiam no cais deserto.	aumentativo analítico
Seus **olhos** miúdos fitavam-me surpresos.	diminutivo sintético
Vi desabar a **estátua** colossal.	diminutivo analítico

7. Substitua os diminutivos pelas respectivas formas normais:

a) O fortim da ilhota não resistiu ao ataque do inimigo.
b) O régulo chegou àquela aldeola à boquinha da noite.
c) O fidalgote aborreceu-se por uma questiúncula.
d) "Eu teria que voltar ao homúnculo de metro e quarenta e cinco." (ANÍBAL MACHADO)
e) "Homens sujos de pó empurravam vagonetes de lenha." (AMANDO FONTES)

8. Copie as frases abaixo, sublinhando com um traço as formas sintéticas dos aumentativos e com dois as analíticas:

a) "Examinei os olhões amarelos, os dentes enormes e as patorras do bicho." (EDI LIMA)
b) "O dono da fazenda virou-se para ver que barulhão era aquele. Vendo o boi que não tinha mais tamanho, ele gritou: 'Que boi grandão é esse, minha gente, que eu nunca vi?'" (LUÍS JARDIM)

9. Escreva a frase abaixo e copie do quadro a conotação correta da palavra "empreguinho":

João arrumou um **empreguinho** no escritório de uma fábrica.

diminuição – carinho – desprezo – zombaria

10. Dê o diminutivo plural dos substantivos:

a) pão	d) pá
b) chapéu	e) cartão
c) pastel	f) mão

11. Identifique nas frases o que os aumentativos e diminutivos exprimem (desprezo, troça, carinho ou afetividade):

a) Meu filho, não brinque com essa **gentalha**!
b) Você quer trinta reais por esse **livreco**?
c) **Filhinho**, você não está com frio?
d) Você o acha bonito? Com aquele **narigão** achatado?

SUBSTANTIVO
Exercícios de exames e concursos
[Página 670]

ARTIGO

Consideremos o exemplo seguinte:

Certa vez, passando por **uma** praça, encontrei **um** menino chorando. **A** praça estava deserta e **o** menino, sozinho, **as** mãos e **os** cabelos sujos de terra.

As palavras destacadas são *artigos*.

Artigo ***é uma palavra que antepomos aos substantivos para dar aos seres um sentido determinado ou indeterminado.***

Indica, ao mesmo tempo, o gênero e o número dos substantivos.

Dividem-se os artigos em *definidos* e *indefinidos*.

1 DEFINIDOS

o, a, os, as (*o* filho, *a* filha, *os* filhos, *as* filhas)

2 INDEFINIDOS

um, uma, uns, umas (*um* filho, *uma* filha, *uns* filhos, *umas* filhas)

Os artigos definidos se antepõem a substantivos que designam seres definidos, determinados:

Viajei com **o** médico (um médico referido, conhecido, determinado).

Os artigos indefinidos se antepõem a substantivos que designam seres indefinidos, indeterminados:

Viajei com **um** médico (um médico não referido, desconhecido, indeterminado).

Os artigos podem unir-se às preposições *a, de, em* e *por*, formando combinações e contrações antes de substantivos:

- **masculinos**

ao, aos, do, dos, no, nos, pelo, pelos, num, nuns

Exemplos: ir **ao** colégio; precisar **do** carro; correr **pelos** campos.

- **femininos**

  à, às, da, das, na, nas, pela, pelas, numa, numas

  Exemplos: ir **à** escola; sair **da** sala; lutar **pela** paz.

EXERCÍCIOS

LISTA 19

1. Anote em seu caderno a alternativa que não apresenta erro no emprego do artigo.

a) Sempre me deu uma dó dela!
b) Você não trouxe o óculos hoje?
c) Ainda não dei a telefonema que você me pediu.
d) Não falarei com as pessoas cujo o nome não conste dessa lista.
e) A personagem Capitu é uma das mais conhecidas da literatura brasileira.

2. Explique, em seu caderno, a diferença de sentido que existe entre os pares de frases abaixo:

a) Conversei com o médico.
Conversei com um médico.

b) O ônibus passou lotado.
Passou um ônibus lotado.

c) Esse lápis não é meu.
Esse lápis não é o meu.

3. Substitua em seu caderno o símbolo por um artigo feminino ou masculino. Se tiver dúvida a respeito do gênero do substantivo, consulte um dicionário.

a) Você não imagina ◆ dó que o garoto me dá!
b) Estou diante de ◆ grande dilema. Não sei como agir!
c) ◆ apendicite do paciente recebeu tratamento adequado?
d) Não se usa mais ◆ trema em palavras portuguesas.
e) É muito grave ◆ pane que seu carro sofreu?

4. Palavras de outras classes gramaticais podem ser usadas como substantivo quando precedidas por um *artigo*. Escreva em seu caderno frases em que os adjetivos e verbos abaixo sejam usados como substantivos.

a) verde
b) cantar
c) saber
d) absurdo
e) amanhecer

5. Lembrando-se de que o artigo sempre vem anteposto ao substantivo, indicando-lhe o gênero e o número, mencione as passagens onde **a/o** *não foram empregados como artigos*.

"A partir deste ano, a arrecadação será menor. Além disso, o aumento do salário mínimo obrigará o governo a arcar com mais despesas... Os cortes, embora difíceis para os autores e penosos para os que serão privados dos serviços estatais, têm um aspecto positivo por mostrar que o compromisso do Brasil com a transparência é inarredável. A estabilidade é a garantia de que o Brasil permanecerá no mapa da economia mundial..." (Revista *Veja*)

ARTIGO
Exercícios de exames e concursos
[Página 671]

ADJETIVO

Considere estes exemplos:

"O **velho** touro da fazenda saiu, **arrogante**." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"Na ponta do chalé brilhava um **grande** ovo de louça **azul**." (CECÍLIA MEIRELES)

As palavras destacadas atribuem qualidades aos substantivos (touro, ovo, louça): são, por isso, *adjetivos*.

1 ADJETIVOS

Adjetivos são palavras que expressam as qualidades ou características dos seres.

Na frase, os adjetivos exercem as funções sintáticas de *predicativo* e *adjunto adnominal*. (Veja páginas 343 e 363.)

2 ADJETIVOS PÁTRIOS

Entre os adjetivos, existem os que designam a nacionalidade, o lugar de origem de alguém ou de alguma coisa: são os *adjetivos pátrios*. Citemos alguns:

Angola	*angolano*	Egito	*egípcio*
Argélia	*argelino*	El Salvador	*salvadorenho*
Áustria	*austríaco*	Equador	*equatoriano*
Bagdá	*bagdali*	Estados Unidos	*norte-americano, ianque*
Bizâncio	*bizantino*	Etiópia	*etíope*
Brasília	*brasiliense*	Florença	*florentino*
Buenos Aires	*portenho*	Goiás	*goiano*
Cairo	*cairota*	Grécia	*grego, helênico*
Calábria	*calabrês*	Guatemala	*guatemalteco*
Campinas	*campineiro*	Índia	*indiano*
Campos	*campista*	Japão	*japonês, nipônico*
Cartago	*cartaginês*	Lácio	*latino*
Chipre	*cipriota*	Lacônia	*lacônico*
Lapônia	*lapão*	Nova Zelândia	*neozelandês*

Lima	*limenho*	Panamá	*panamenho*
Lisboa	*lisboeta, lisbonense*	Pequim	*pequinês*
Londres	*londrino*	Rio de Janeiro (estado)	*fluminense*
Madri	*madrileno, madrilense*	Rio de Janeiro (cidade)	*carioca*
Marajó	*marajoara*	São Paulo (estado)	*paulista*
Marrocos	*marroquino*	São Paulo (cidade)	*paulistano*
Mato Grosso	*mato-grossense*	Túnis	*tunisiano*
Moscou	*moscovita*	Veneza	*veneziano*
Nápoles	*napolitano*		

3 FORMAÇÃO DO ADJETIVO

Quanto à formação, o adjetivo pode ser:

- **primitivo**

  O que não deriva de outra palavra:

  bom, forte, feliz, etc.

- **derivado**

  O que deriva de substantivos ou verbos:

  famoso, carnavalesco, amado, etc.

- **simples**

  O que é formado de um só elemento:

  brasileiro, escuro, etc.

- **composto**

  O que é formado de mais de um elemento:

  luso-brasileiro, castanho-escuro, etc.

Alguns adjetivos pátrios compostos apresentam o primeiro elemento reduzido e invariável. Eis os principais:

afro (= africano)	cultura *afro-brasileira*
anglo (= inglês)	comércio *anglo-americano*
austro (= austríaco)	império *austro-húngaro*
euro (= europeu)	tratado *euro-americano*
franco (= francês)	amizade *franco-brasileira*
greco (= grego)	civilização *greco-romana*
hispano (= espanhol)	literatura *hispano-americana*
ibero (= ibérico)	civilização *ibero-americana*

ítalo (= italiano)	acordo comercial *ítalo-francês*
luso (= lusitano)	literatura *luso-brasileira*
nipo (= nipônico)	jovem *nipo-argentina*
sino (= chinês)	guerra *sino-japonesa*
teuto (= alemão)	descendentes *teuto-argentinos*

4 LOCUÇÃO ADJETIVA

Locução adjetiva é uma expressão que equivale a um adjetivo. Exemplos:

presente *de rei* = presente *régio*
amor *de filho* = amor *filial*
paixões *sem freio* = paixões *desenfreadas* ou *infrenes*
confiança *sem limites* = confiança *ilimitada*
pescoço *de touro* = pescoço *taurino*
as margens *do Nilo* = as margens *nilóticas*
aves *da noite* = aves *noturnas*
alimento *sem sabor* = alimento *insípido*

Outros exemplos de locuções adjetivas:

o andar *de cima*; as patas *de trás*; gente *de fora*; floresta *a perder de vista*; rapaz *sem-vergonha*; produtos *de primeira*; olhar *de espanto*; homem *à toa*; estar *com fome*; desculpa *sem pés nem cabeça*.

Observe as diversas maneiras de caracterizar os substantivos:

homem *corajoso*	=	homem *de coragem*	=	homem *que tem coragem*
gente *serrana*	=	gente *da serra*	=	gente *que mora na serra*

5 ADJETIVOS ERUDITOS

Numerosos adjetivos eruditos, que significam "relativo a", "próprio de", "semelhante a", "da cor de", equivalem a locuções adjetivas: *torácico* = do tórax, relativo ao tórax; *sulfurino* = da cor do enxofre; *férreo* = de ferro, como ferro.

Eis os mais frequentes desses adjetivos, ao lado dos nomes dos seres a que se referem:

açúcar: *sacarino*	astro: *sideral*	bode: *hircino*
água: *hídrico*	audição: *auditivo*	boi: *bovino*
águia: *aquilino*	baço: *esplênico*	braço: *braquial*
aluno: *discente*	bálsamo: *balsâmico*	brejo: *palustre*
anel: *anular*	bexiga: *vesical*	cabeça: *cefálico*
aranha: *aracnídeo*	bílis ou bile: *biliar*	cabelo: *capilar*
arcebispo: *arquiepiscopal*	bispo: *episcopal*	cabra: *caprino*
asno: *asinino*	boca: *bucal, oral*	caça: *venatório, cinegético*
campo: *rural, campestre*	garganta: *gutural*	óleo: *oleaginoso*

caos: *caótico*
cavalo: *equídeo, equino, hípico*
cela, célula: *celular*
chumbo: *plúmbeo*
chuva: *pluvial*
cinza: *cinéreo*
circo: *circense*
cobra: *colubrino, ofídico*
cobre: *cúprico*
coelho: *cunicular*
coração: *cardíaco*
correio: *postal*
costas: *dorsal*
criança: *pueril, infantil*
dança: *coreográfico*
daltonismo: *daltônico*
dano: *daninho*
dedo: *digital*
diamante: *adamantino*
dieta: *dietético*
dinheiro: *pecuniário*
direito: *jurídico*
domingo: *dominical*
éden: *edênico*
eixo: *axial*
embriaguez: *ébrio*
enxofre: *sulfúrico, sulfúreo, sulfuroso*
erva: *herbáceo*
espelho: *especular*
estômago: *gástrico*
estrela: *estelar*
éter: *etéreo*
fábrica: *fabril*
faraó: *faraônico*
fêmur: *femoral*
fera: *beluíno, feroz, ferino*
ferro: *férreo*
fígado: *hepático*
fogo: *ígneo*
fleuma: *fleumático*
formiga: *formicular*
gado: *pecuário*
gafanhoto: *acrídio*
gato: *felino, felídeo*
gelo: *glacial*
glúten: *glutinoso*
guerra: *bélico*
homem: *viril*
Igreja: *eclesiástico*
ilha: *insular*
inverno: *hibernal*
irmão: *fraternal*
jovem: *juvenil*
junho: *junino*
Lacônia: *lacônico*
lago: *lacustre*
lágrima: *lacrimal*
leão: *leonino*
lebre: *leporino*
leite: *lácteo, láctico*
limão: *cítrico*
laranja: *cítrico*
linha: *linear*
lobo: *lupino*
Lua: *lunar*
macaco, símio: *simiesco*
madeira, lenho: *lígneo*
maçãs do rosto: *malar*
mar: *marinho, marítimo, equóreo*
manhã: *matutino, matinal*
marfim: *ebúrneo, ebóreo*
margem: *marginal*
margem de rio: *ribeirinho, justafluvial*
memória: *mnemônico*
mestre: *magistral*
moeda: *monetário, numismático*
Moisés: *mosaico*
monge: *monástico*
morte: *letal, mortífero*
nádegas: *glúteo*
nariz: *nasal*
navio, navegação: *naval*
Nilo (rio): *nilótico*
neve: *níveo*
norte: *setentrional, boreal*
olhos: *ocular, óptico, oftálmico*
Olimpo, olimpíadas: *olímpico*
opala: *opalino, opalescente*
outono: *outonal*
ouvido: *auricular, ótico*
ovelha: *ovino*
paixão: *passional*
pâncreas: *pancreático*
paraíso: *paradisíaco*
pedra: *pétreo*
peixe: *ictíico, ictiológico, písceo*
pele: *cutâneo, epidérmico*
pelve: *pélvico*
pesca: *pesqueiro, piscatório*
pescoço: *cervical*
Platão: *platônico*
plebe: *plebeu*
pombo: *columbino*
porco: *suíno, porcino*
prata: *argênteo, argentino, argírico*
primavera: *primaveril*
professor: *docente*
prosa: *prosaico*
pulmão: *pulmonar*
pus: *purulento*
raposa: *vulpino*
rato: *murino*
rim: *renal*
rio: *fluvial, potâmico*
rocha: *rupestre*
romance: *romanesco*
sabão: *saponáceo*
selos: *filatélico*
seda: *sérico, seríceo*
sonho: *onírico*
sul: *meridional, austral*
tarde: *vespertino*
tecido: *têxtil*
Terra: *terrestre, terreno, telúrico*
terremoto: *sísmico*
tórax: *torácico*
touro: *taurino*
túmulo: *tumular*
umbigo: *umbilical*

universo habitado: *ecumênico*
útero: *uterino*
vasos sanguíneos: *vascular*
veia: *venoso*
velho, velhice: *senil*
vento: *eólio, eólico*
Vênus: *venusiano*
verão, estio: *estival*
verme: *vermicular*
víbora: *viperino*
vidro: *vítreo, hialino*
vinho: *vínico, vinário, vinoso*
vinagre: *acético*
violeta: *violáceo*
virilha: *inguinal*
voz: *fônico, vocal*
vulcão: *vulcânico*

6 FLEXÃO DO ADJETIVO

O adjetivo varia em gênero, número e grau.

Flexiona-se para concordar em gênero e número com o substantivo caracterizado. Exemplos: moço *bonito*, moça *bonita*, moços *bonitos*, moças *bonitas*.

7 FLEXÃO DO ADJETIVO: GÊNERO

Quanto ao gênero, dividem-se os adjetivos em:

▪ Uniformes

Os que têm a mesma forma em ambos os gêneros:

leal – azul – cruel – gentil – grácil – vil – regular – superior – inferior – incolor – anterior – ulterior – esmoler – ruim – comum – jovem – feliz – audaz – loquaz – veloz – soez – cortês – pedrês – reles – simples – nômade – fluminense – paulista – otimista – carijó – só – tupi – lilás, etc.

Com referência à irmã diretora de um convento, dizemos, porém: a madre *superiora* ou, simplesmente, a *superiora*.

▪ Biformes

Os que possuem duas formas, uma para o masculino e outra para o feminino:

ativo, *ativa*
cru, *crua*
mau, *má*
ateu, *ateia*
hebreu, *hebreia*
europeu, *europeia*
alemão, *alemã*
chão (plano, simples), *chã*
cristão, *cristã*
são, *sã*
vão, *vã*
temporão, *temporã*
plebeu, *plebeia*
judeu, *judia*
sandeu, *sandia*
vilão, *vilã*, *viloa*
burguês, *burguesa*
inglês, *inglesa*
siamês, *siamesa*
roedor, *roedora*
trabalhador, *trabalhadora*
tabaréu, *tabaroa*
andaluz, *andaluza*
espanhol, *espanhola*

folgazão, *folgazã*, *folgazona* bom, *boa*
chorão, *chorona* parvo, *parva*, *párvoa*

"São tantas as formiguinhas *trabalhadeiras*!" (GODOFREDO RANGEL)
"Minha *párvoa* franqueza." (CAMILO CASTELO BRANCO)

8 REGRAS PARA A FORMAÇÃO DO FEMININO

- Os adjetivos biformes simples flexionam-se em gênero pelas mesmas regras de flexão dos substantivos:
  lindo, *linda*; japonês, *japonesa*; sonhador, *sonhadora*.
- Os adjetivos compostos recebem a flexão feminina apenas no segundo elemento:
  sociedade *luso-brasileira*, festa *cívico-religiosa*, saia *verde-escura*.
- Nos adjetivos terminados em *-oso* muda-se a vogal tônica fechada em vogal aberta:
  bondoso (ô), bondosa (ó); gostoso (ô), gostosa (ó).

9 PLURAL DOS ADJETIVOS SIMPLES

Os adjetivos simples seguem as mesmas regras da flexão numérica dos substantivos:

gostoso	*gostosos*	azul	*azuis*	amável	*amáveis*
cru	*crus*	fiel	*fiéis*	útil	*úteis*
gentil	*gentis*	audaz	*audazes*	são	*sãos*
igual	*iguais*	feroz	*ferozes*	vã	*vãs*

Nos adjetivos terminados em *-oso*, muda-se a vogal tônica fechada em vogal aberta:
glorioso (ô), gloriosos (ó); famoso (ô), famosos (ó).

10 PLURAL DOS ADJETIVOS COMPOSTOS

Para formar o plural dos adjetivos compostos, observem-se os seguintes princípios:

- Os componentes sendo adjetivos, somente o último toma a flexão do plural:
  cabelos *castanho-escuros*[1], saudades *doce-amargas*, ciências *político-sociais*, conflitos *russo-americanos*, lenços *verde-claros*, folhas *verde-escuras*, penas *amarelo-gualdas*, poemas *herói-cômicos*, hábitos *grã-finos*, clínicas *médico-cirúrgicas*, jogos *infanto-juvenis*.

Observações:

✔ Escritores modernos contrariam esta regra, usando os dois elementos no plural, sem os hifenizar: "Tinha os olhos de vovó, *verdes claros*." (RAQUEL JARDIM, *Os Anos 40*, p. 17)

---

(1) " Cabelos *castanho-claros*" (CIRO DOS ANJOS, *Explorações*, p. 30).
"Cabelos *castanho-louros*" (AMANDO FONTES, *Os Corumbas*, p. 88).

Exceções:

- Flexionam-se os dois componentes de *surdo-mudo*: meninos *surdos-mudos*, crianças *surdas-mudas*.
- *Azul-marinho*, *azul-celeste* e *azul-ferrete* são invariáveis: ternos *azul-marinho*, mantos *azul-celeste*, gravatas *azul-ferrete*.
- Os componentes sendo *palavra* (ou *elemento*) *invariável* + *adjetivo*, somente esse último se flexionará:

  meninos *mal-educados*, povos *semi-selvagens*, esforços *sobre-humanos*, crianças *recém-nascidas*.

Segue essa regra o adjetivo *sem-vergonha*, que alguns gramáticos consideram invariável:

Eles são muito *sem-vergonhas*.

- Os compostos de *adjetivo* + *substantivo* são invariáveis:

  tapetes *verde-esmeralda*, blusas *amarelo-laranja*, chapéus *escuro-cinza*, gravatas *verde-malva*, ternos *verde-oliva*, saias *azul-pavão*, olhos *verde-mar*, calções *azul-ferrete*, vestidos *azul-turquesa*.

Nos adjetivos compostos desse tipo, subentende-se a expressão *da cor de*:

tapetes *verde-esmeralda* = tapetes *da cor verde da esmeralda*

- Invariáveis ficam também as locuções adjetivas formadas de *cor* + *de* + *substantivo*:

  vestidos *cor-de-rosa*, olhos da *cor do mar*, cabelos *cor de palha*, olhos da *cor da safira*, estofos da *cor do abacate*, suéteres *cor de café*, etc.

Observações:

✔ Por concisão, frequentemente dizemos apenas: fitas *violeta*, ternos *cinza*, luvas *creme*, sapatos *gelo*, botões *rosa*, gravatas *grená*, etc.

✔ São também invariáveis os adjetivos *ultravioleta*, *sem-par* e *sem-sal*: raios *ultravioleta*, alegrias *sem-par*, anedotas *sem-sal*.

EXERCÍCIOS — LISTA 20

1. Copie as frases abaixo e, em seguida, passe um traço sob os adjetivos:

a) No salão, jovens dançavam ao ritmo alucinante de músicas modernas.

b) Os jovens artesãos trabalhavam numa oficina pequena e escura.

c) Pessoas supersticiosas viram no estranho fenômeno um sinal de desgraça iminente.

d) "Não há um lugar calmo nas cidades do homem branco", disse o chefe indígena.

2. Substitua os asteriscos pelos adjetivos derivados dos substantivos entre parênteses:

a) Atravessamos as ruas *** da grande cidade. (**caos**)
b) Seus bilhetes eram vazados em linguagem ***. (**Lacônia**)
c) Todos temiam seus ditos ***. (**fera**)
d) O diretor era um homem *** e metódico. (**fleuma**)
e) Arrancamos o joio e outras ervas ***.(**dano**)
f) Para pagar dívidas, empenhei objetos ***. (**valia**)
g) Nosso professor citou uma frase muito ***. (**expressão**)

3. Substitua as locuções adjetivas pelos adjetivos equivalentes:

a) beleza **de anjo**
b) força **de leão**
c) lábio **de lebre**
d) orelhas **de asno**
e) pescoço **de touro**
f) engenho **de guerra**
g) aventura **de romance**
h) funcionário **sem aptidão**
i) vegetação **dos brejos**
j) cidades **dos lagos**
k) exposição **de selos**
l) alimento **sem sabor**
m) líquido **sem cheiro**
n) paixões **sem freio**
o) populações **das margens dos rios**
p) proeminências **das maçãs do rosto**

4. Reorganize as colunas, relacionando corretamente os adjetivos aos substantivos:

aquilino	fogo	inguinal	pele
letal	direito	magistral	umbigo
ígneo	ilha	cutâneo	sonho
jurídico	pescoço	têxtil	vinagre
hepático	águia	umbilical	vento
insular	fígado	onírico	mestre
capilar	morte	senil	tecido
cefálico	braço	eólico, eólio	virilha
cervical	cabelo	ictiológico	velho
braquial	cabeça	acético	peixe

5. Dê os adjetivos pátrios referentes aos seguintes nomes de lugar:

Marajó – Recife – Belo Horizonte – Buenos Aires – Madri – Nápoles – Cairo – Etiópia – Índia – Panamá – Bizâncio – Túnis – Lapônia – Chipre – Argélia – Equador – Líbano – Veneza – Cartago – Lácio – Pequim

6. Substitua as orações e expressões destacadas por adjetivos de igual significação:

a) Pássaro **que come insetos**
b) Ave **que come peixe**
c) Cirurgia **que não causa dor**
d) Árvores **que têm um século**
e) Animal **que rasteja e que tem peçonha**
f) Comida **sem sal**

g) Água **boa para beber**
h) Coisa **em que há prazer**
i) Obelisco **feito de um só bloco de pedra**

7. Passe para o feminino:

a) Infante português
b) Cidadão cortês
c) Espião andaluz
d) Estudante plebeu
e) Moço folgazão, mas trabalhador
f) Príncipe cristão

8. Substitua * pela forma feminina dos adjetivos:

Moço hebreu	Moça *
Idioma inglês	Língua *
Pastor judeu	Pastora *
Tenista alemão	Tenista *
Nervo motor	Força *
Motivo superior	Razão *

9. Troque o * pela forma feminina dos adjetivos entre parênteses:

a) Menina * (surdo-mudo)
b) Aliança * (luso-brasileiro)
c) Academia * (recém-fundado)
d) Tranças * (castanho-escuro)
e) Línguas * (indo-europeu)
f) Mantas * (azul-turquesa)

10. Flexione no plural:

a) Pé grácil
b) Feijão cru
c) Ação má
d) Raiz útil
e) Caráter inflexível
f) Cãozinho feroz
g) Túnica inconsútil
h) Gesto hostil
i) Rapagão loquaz
j) Venerável ancião
k) Gás letal
l) Raio ultravioleta
m) Cão fiel
n) Mau cidadão
o) Raio infravermelho
p) Placa cinza

11. Escreva no plural:

a) Cerimônia cívico-religiosa
b) Saia azul-pavão
c) Terno azul-marinho
d) Conflito sino-russo-japonês
e) Vestido cor-de-rosa
f) Tecido malva
g) Rapazinho mal-educado
h) Rei todo-poderoso
i) Olho verde-claro
j) Anedota sem-sal
k) Pessoa mal-agradecida
l) "Onde andará o sem-vergonha desse papagaio?" (Graciliano Ramos)

12. Siga o exemplo, empregando os adjetivos pátrios compostos:

Exemplo: rivalidades (China – Japão) **rivalidades sino-japonesas**

acordos (Japão – Brasil)
indivíduos (Alemanha – Argentina)
empresas (França – Itália)
costumes (África – Brasil)

povos (Espanha – América)
comemorações (Ibéria – América)
convenções (Portugal – Brasil)
tropas (Inglaterra – França)

13. Reescreva o grupo em que a relação **adjetivo/substantivo** está correta:

a) linear/linha – bélico/guerra – ígneo/fogo – renal/rim
b) proteico/proteína – hídrico/água – glúteo/glúten – cítrico/limão

14. Substitua as expressões destacadas por adjetivos correspondentes. Faça as modificações necessárias:

a) Meu pai sofre de uma doença **do coração**.
b) Tinham confiança **sem limites** nos filhos.
c) Sua atitude **não tem defesa**.
d) Apresentou argumentos **sem consistência**.
e) Era uma pessoa totalmente **sem habilidade.**
f) A história se passa numa mansão **não habitada**.

15. Indique as frases em que houver erro na flexão dos adjetivos compostos:

a) A garota tinha lindos cabelos castanhos-escuros e olhos verde-esmeraldas.
b) Todas as suas calças eram azul-marinhas e suas gravatas, azuis-celestes.
c) Seus uniformes verde-oliva destacavam-se no branco da neve.
d) A boneca veio com sapatinhos cores-de-rosa e luvas verde-malva.
e) Naquela década tão conturbada, o que mais preocupava a humanidade eram os conflitos russo-americanos.

16. Forme adjetivos com o auxílio do sufixo **-vel**. Oriente-se pelo exemplo:

lavar – lavável

a) confiar
b) discutir
c) desejar
d) admitir
e) substituir

17. Muitas vezes, encontramos, em rótulos de remédios, adjetivos eruditos que equivalem a locuções adjetivas, como loção **capilar**, que se destina aos cabelos. Vejamos se consegue identificar os substantivos a que se referem:

a) auricular
b) herbáceo
c) hepático
d) gástrico
e) lacrimal
f) oftálmico

18. Substitua por superlativo os adjetivos que aparecem entre parênteses. Oriente-se pelo exemplo:

A jovem pensou encontrar uma criatura (feroz) à sua espera.
A jovem pensou encontrar um criatura *ferocíssima* à sua espera.

a) Achei o problema (**difícil**).
b) Soraia é (**amiga**) de minha madrinha.
c) Mário fez um (**bom**) negócio quando vendeu seu carro.
d) Giovana acha (**fácil**) todos os exercícios do livro de Matemática.
e) Os amigos de meu irmão são todos (**simpáticos**).

11 GRAU DO ADJETIVO

O grau do adjetivo exprime a intensidade das qualidades dos seres. São dois os graus do adjetivo: o *comparativo* e o *superlativo*.

12 FLEXÃO DO ADJETIVO: GRAU COMPARATIVO

Usa-se o grau comparativo para comparar qualidades dos seres.

O grau comparativo pode ser:

- **de igualdade**

Sou *tão alto* como (ou quanto) você.

- **de superioridade**
  - *analítico*: Sou *mais alto* (do) que você.
  - *sintético*: O Sol é *maior* (do) que a Terra.

- **de inferioridade**

Sou *menos alto* (do) que você.

Pode-se dizer: Sou mais alto **que** (ou **do que**) você.

Note bem:

a) No comparativo de igualdade, o segundo termo da comparação é introduzido pelas palavras *como*, *quanto*, ou *quão*:

Rui é tão belo *quanto* (ou *quão*) inteligente.

"Lançou um último olhar às duas casas, tão próximas *quanto* parecidas." (LÍGIA FAGUNDES TELES)

b) Alguns adjetivos possuem, para o comparativo de superioridade, formas sintéticas, herdadas do latim. São eles:

bom	*melhor*	pequeno	*menor*
mau	*pior*	alto	*superior*
grande	*maior*	baixo	*inferior*

c) Excepcionalmente, usam-se as formas analíticas desses adjetivos quando se comparam duas qualidades do mesmo ser:

Aquele menino é *mais bom* do que inteligente.

13 FLEXÃO DO ADJETIVO: GRAU SUPERLATIVO

O superlativo expressa qualidades num grau muito elevado ou em grau máximo.

O grau superlativo pode ser absoluto ou relativo e apresenta as seguintes modalidades:

- **absoluto**
  - *analítico*: A torre é *muito alta*.
  - *sintético:* A torre é *altíssima*.

- **relativo**
  - *de superioridade*:
    - *analítico*: João é o *mais alto* de todos.
    - *sintético*: Este monte é *o maior* de todos.
  - *de inferioridade*: Pedro é *o menos alto* de todos nós.

Note bem:

a) O superlativo absoluto analítico é expresso por meio dos advérbios *muito*, *extremamente*, *excepcionalmente*, etc., antepostos ao adjetivo. Exemplo:

Procusto era um assaltante *muito* (ou *extremamente*) mau.

b) O superlativo absoluto sintético apresenta-se sob duas formas em bom número de adjetivos: uma *erudita*, de origem latina, outra *popular*, de origem vernácula. A forma erudita é constituída pelo radical do adjetivo latino + um dos sufixos *-íssimo*, *-imo* ou *-érrimo*:

fidelíssimo, facílimo, paupérrimo, minutíssimo (muito miúdo).

O sufixo *-érrimo* é restrito aos adjetivos terminados em *r* no latim. Exemplos:

pauper (pobre) originou *pauperrimus*, em latim, e *paupérrimo*, em português.

macer (magro) deu *macerrimus*, em latim, e *macérrimo*, em português.

A forma popular é constituída do radical do adjetivo português + o sufixo *-íssimo*:

altíssimo, pobríssimo, agilíssimo, amarguíssimo, friíssimo, etc.

c) Em vez dos superlativos normais *seriíssimo*, *sumariíssimo*, *ordinariíssimo*, *precariíssimo*, *primariíssimo*, *necessariíssimo*, preferem-se, na língua atual, as formas *seríssimo*, *sumaríssimo*, *ordinaríssimo*, *precaríssimo*, *primaríssimo*, *necessaríssimo*, sem o desagradável hiato *i-í*. Exemplos:

"Ali, estavam simplesmente uns restos, os despojos *precaríssimos*." (ANTÔNIO CARLOS VILAÇA)

"... apresentara-se em trajes *sumaríssimos*, atentando contra o decoro." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE, *Os Dias Lindos*, p. 80)

Cheio e *feio* fazem, respectivamente: *cheíssimo* ou *cheiíssimo*, *feíssimo* ou *feiíssimo*.

14 SUPERLATIVOS ABSOLUTOS SINTÉTICOS ERUDITOS

Eis os principais superlativos absolutos, quase todos exclusivos da língua culta:

acre, *acérrimo*	fácil, *facílimo*	nobre, *nobilíssimo*
alto, *supremo*, *sumo*	feliz, *felicíssimo*	parco, *parcíssimo*
ágil, *agílimo*	feroz, *ferocíssimo*	pequeno, *mínimo*
amargo, *amaríssimo*	fiel, *fidelíssimo*	pessoal, *personalíssimo*
amável, *amabilíssimo*	frágil, *fragílimo*	pio, *piíssimo*

amigo, *amicíssimo*
antigo, *antiquíssimo*
áspero, *aspérrimo*
atroz, *atrocíssimo*
baixo, *ínfimo*
benéfico, *beneficentíssimo*
benévolo, *benevolentíssimo*
bom, *ótimo*
célebre, *celebérrimo*
comum, *comuníssimo*
cristão, *cristianíssimo*
cruel, *crudelíssimo*
difícil, *dificílimo*
doce, *dulcíssimo*
dócil, *docílimo*
frio, *frigidíssimo*
geral, *generalíssimo*
grácil, *gracílimo*
grande, *máximo*
humilde, *humílimo*
incrível, *incredibilíssimo*
inimigo, *inimicíssimo*
íntegro, *integérrimo*
livre, *libérrimo*
magnífico, *magnificentíssimo*
magro, *macérrimo*
mau, *péssimo*
mísero, *misérrimo*
negro, *nigérrimo*
notável, *notabilíssimo*
pobre, *paupérrimo*
pródigo, *prodigalíssimo*
provável, *probabilíssimo*
pudico, *pudicíssimo*
respeitável, *respeitabilíssimo*
sábio, *sapientíssimo*
sagrado, *sacratíssimo*
salubre, *salubérrimo*
são, *saníssimo*
simpático, *simpaticíssimo*
simples, *simplicíssimo*
soberbo, *superbíssimo*
terrível, *terribilíssimo*
veloz, *velocíssimo*
voraz, *voracíssimo*

15 OUTRAS FORMAS DE SUPERLATIVO ABSOLUTO

Pode-se também superlativar a ideia contida no adjetivo:

- por meio de certos prefixos:

  garota *supersimpática*, nave *ultrarrápida*, produto *extrafino*, criança *superalimentada*, temperamento *hipersensível*.

- com a repetição do adjetivo:

  Ela era *linda, linda*! (= Ela era *lindíssima!*)

- por meio de uma comparação:

  feio *como o diabo*, doce *como mel*, valente *como quê*, etc.

- por meio de certas expressões da língua coloquial:

  podre de rico, *linda de morrer*, *magro de dar pena*, etc.

- com a flexão diminutiva do adjetivo:

  A igreja ficou *cheinha*.
  A semente do fumo é *pequenininha*.

- com a flexão aumentativa do adjetivo:

  boi *grandão*, homem *grandalhão*, sinhá *gordalhona*, moço *bonitão*

Observações:

- ✔ O superlativo *meritíssimo* (= de grande mérito, muito digno), tratamento dado, ordinariamente, a juízes de direito, não possui a forma normal correspondente, que seria *mérito* (do lat. *meritus*, merecedor), mas este, em português, se tornou substantivo, sinônimo de *merecimento*.
- ✔ Na linguagem enfática, ocorre *grandessíssimo*, por *grandíssimo*, em expressões depreciativas ou insultuosas: *grandessíssimo* tolo, *grandessíssimo* canalha.
- ✔ Ao lado de *macérrimo*, ocorre frequentemente a forma anormal *magérrimo*, usada por escritores modernistas. Deve ser evitada; não tem tradição na língua.
- ✔ Na linguagem informal, frequente é também o hábito de enfatizar qualidades por meio do sufixo *-érrimo*, em vez de *-íssimo*: *elegantérrimo*, *chiquérrimo*, *chatérrimo*, etc. Veja na página anterior o que se disse acerca do sufixo *-érrimo*, que, em bom português, ocorre em pouco mais de dez superlativos, todos de base latina.
- ✔ Certos adjetivos não comportam as variações de grau. Exemplos: *seguinte*, *mortal*, *eterno*, *onipotente*, *celeste*, *mensal*, *anual*, etc.

EXERCÍCIOS — LISTA 21

1. Dê o grau dos adjetivos:

a) A intemperança não é menos funesta que a preguiça.
b) As abelhas são tão operosas quanto as formigas.
c) "O homem é o pequeníssimo bicho da terra, de que fala o Camões." (Camilo Castelo Branco)
d) "Os mais arrojados em falar são ordinariamente os menos profundos em saber." (Marquês de Maricá)
e) Mercúrio é o menor dos planetas, e Júpiter, o maior deles.
f) Os santos eram extremamente puros, mas não se julgavam melhores que os outros homens.

2. Substitua o ∩ pelo superlativo absoluto sintético erudito dos adjetivos entre parênteses:

a) A ninguém negues o ∩ direito à vida. (**sagrado**)
b) ∩ aeronaves, levais a vida ou a morte? (**velozes**)
c) A chegada do noivo deixou Marta ∩. (**feliz**)
d) Lúcia era uma colega ∩. (**simpática**)
e) É gente ∩, porém de ∩ sentimentos. (**pobre – nobre**)
f) Para o tédio o trabalho é ∩ remédio. (**eficaz**)
g) ∩ sábios iniciaram a vida como ∩ serventes. (**notáveis – humildes**)

3. Escreva as frases, flexionando os adjetivos no grau superlativo absoluto sintético erudito:

a) **Frágeis** criaturas, aceitai o **doce** jugo das leis **sábias** do Criador.
b) Jandira deve ter **sérios** motivos para adiar seu casamento.
c) A mesma iguaria pode ser **boa** para uns e **má** para outros.

4. Escreva corretamente o único superlativo errôneo:
acérrimo – aspérrimo – celebérrimo – elegantérrimo – misérrimo

5. Qual é o grau do adjetivo em destaque na frase?
O jaguar é o mais **perigoso** dos carnívoros de nossas florestas.

6. Releia o item relativo a outras formas de superlativo absoluto. Em seguida, registre superlativos por meio de:
a) um prefixo:
b) repetição do adjetivo:
c) uma comparação:
d) um sufixo diminutivo:

7. Comente os superlativos em destaque:
"Enquanto a **chiquérrima** namorada não vem, ele observa a vizinhança com binóculos." (SUSANA SCHULD, *Jornal do Brasil*, 6/7/91)
"Você é chato, Tomás, **chatérrimo**." (JOSÉ CARDOSO PIRES)
"Os modelos sociais são magros, às vezes **magérrimos**." (MARINA COLASANTI)
"Sabe o que fez, **grandessíssimo** tratante?" (ALEXANDRE HERCULANO)

8. Em seu caderno, escreva os superlativos do texto abaixo, dando-lhes a significação.

Portão

O portão fica bocejando, aberto
para os alunos retardatários.
Não há pressa em viver
nem nas ladeiras duras de subir,
quanto mais para estudar a insípida cartilha.
Mas se o pai do menino é da oposição
à ilustríssima autoridade municipal,
prima da eminentíssima autoridade provincial,
prima por sua vez da sacratíssima
autoridade nacional,
ah, isso não: o vagabundo
ficará mofando lá fora
e leva no boletim uma galáxia de zeros.
A gente aprende muito no portão
fechado.

(CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE, Boitempo – *Menino Antigo*, Record, Rio de Janeiro, 2006)

ADJETIVO
Exercícios de exames e concursos
[Página 671]

NUMERAL

Nos exemplos seguintes, as palavras destacadas são numerais:

Comprei **cinco** livros.	**cinco**	→	número, quantidade
Moro no **segundo** andar.	**segundo**	→	ordem numérica
Comemos um **terço** do bolo.	**terço**	→	parte, fração
Trinta é o **triplo** de dez.	**triplo**	→	múltiplo

1 NUMERAL

Numeral é uma palavra que exprime número, ordem numérica, múltiplo ou fração.

O numeral pode ser *cardinal*, *ordinal*, *multiplicativo* e *fracionário*. Exemplos:

dez litros; *sexta* série; um *terço* do bolo; o *triplo* de vinte.

Incluem-se entre os numerais as seguintes palavras:

- **zero**

  grau *zero*, *zero* hora, *zero* quilômetro.

- **ambos** (= os dois, um e outro), **ambas** (= as duas, uma e outra)

  São substantivos coletivos numéricos:

  a) *par*, *dezena*, *década*, *dúzia*, *vintena*, *centena*, *centúria*, *grosa*, *milheiro*, *milhar* e outros coletivos que indicam um agrupamento numericamente exato;

  b) *biênio*, *triênio*, *quadriênio*, *lustro* ou *quinquênio*, *década* ou *decênio*, *milênio*, *centenário* e *sesquicentenário* (150 anos), referentes a anos;

  c) *tríduo* e *novena*, referentes a dias, e *bimestre*, *trimestre*, *semestre*, relativos a meses.

Observação:

✔ As palavras *último*, *penúltimo* e *antepenúltimo* são adjetivos. *Metade* é substantivo.

2 FLEXÃO DOS NUMERAIS

Alguns numerais se flexionam, outros não.

- Os **cardinais**, com exceção de *um* (fem. *uma)*, *dois* (fem. *duas*) e daqueles terminados em *-entos* e *-ão* (duzentas, trezentas, milhões, etc.), são invariáveis.
- Os **ordinais** variam em gênero e número: *primeira* volta, *primeiros* resultados, as *segundas* eleições, etc.
- No plural flexionam-se os numerais cardinais substantivados que terminam por fonema vocálico: dois *cinquentas*, dois *setes*, três *oitos*, dois *cens*, quatro *uns*, etc. Permanecem invariáveis os que finalizam por fonema consonantal: Pedro tirou quatro *seis* e dois *dez*, nos testes mensais.

3 LEITURA E ESCRITA DOS NÚMEROS

Intercala-se a conjunção **e** entre as centenas e as dezenas e entre estas e as unidades. Exemplo:

3.655.264 = três milhões seiscentos **e** cinquenta **e** cinco mil duzentos **e** sessenta **e** quatro

Observações:

✔ Na escrita dos números por extenso não se põe vírgula entre uma classe e outra.

✔ Não se usa ponto na escrita dos anos: 1998, 2000, 2005, etc.

4 QUADRO DOS PRINCIPAIS NUMERAIS

Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
um	primeiro	—	—
dois	segundo	dobro, duplo	meio
três	terceiro	triplo (tríplice)	terço
quatro	quarto	quádruplo	quarto
cinco	quinto	quíntuplo	quinto
seis	sexto	sêxtuplo	sexto
sete	sétimo	sétuplo	sétimo
oito	oitavo	óctuplo	oitavo
nove	nono	nônuplo	nono
dez	décimo	décuplo	décimo
onze	décimo primeiro	—	onze avos
doze	décimo segundo	—	doze avos
treze	décimo terceiro	—	treze avos

Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
catorze	décimo quarto	—	catorze avos
quinze	décimo quinto	—	quinze avos
dezesseis	décimo sexto	—	dezesseis avos
dezessete	décimo sétimo	—	dezessete avos
dezoito	décimo oitavo	—	dezoito avos
dezenove	décimo nono	—	dezenove avos
vinte	vigésimo	—	vinte avos
trinta	trigésimo	—	trinta avos
quarenta	quadragésimo	—	quarenta avos
cinquenta	quinquagésimo	—	cinquenta avos
sessenta	sexagésimo	—	sessenta avos
setenta	septuagésimo	—	setenta avos
oitenta	octogésimo	—	oitenta avos
noventa	nonagésimo	—	noventa avos
cem, cento	centésimo	cêntuplo	centésimo
duzentos	ducentésimo	—	ducentésimo
trezentos	trecentésimo	—	trecentésimo
quatrocentos	quadringentésimo	—	quadringentésimo
quinhentos	quingentésimo	—	quingentésimo
seiscentos	sexcentésimo	—	sexcentésimo
setecentos	setingentésimo	—	setingentésimo
oitocentos	octingentésimo	—	octingentésimo
novecentos	nongentésimo	—	nongentésimo
mil	milésimo	—	milésimo
milhão	milionésimo	—	milionésimo
bilhão	bilionésimo	—	bilionésimo

5 FORMAS DUPLAS

Os seguintes numerais apresentam mais de uma forma:

undécimo *ou* décimo primeiro
duodécimo *ou* décimo segundo
catorze *ou* quatorze
septuagésimo *ou* setuagésimo
sexcentésimo *ou* seiscentésimo
septingentésimo *ou* setingentésimo
noningentésimo *ou* nongentésimo

A partir de *dois mil* é melhor usar *segundo milésimo, terceiro milésimo*, etc., do que *dois milésimos, três milésimos*, etc. Assim:

No segundo milésimo quingentésimo aniversário da fundação da cidade...
Na terceira milésima ducentésima vigésima quinta página da enciclopédia...

EXERCÍCIOS LISTA 22

1. Escreva por extenso os números seguintes:

112 – 660 – 7.663.251 – 3.012.005 – 14.612.063 – 216.153.374.001

2. Escreva por extenso os ordinais correspondentes aos seguintes cardinais:

12, 20, 50, 60, 70, 80, 90, 200, 300, 400, 500, 600, 700, 800, 900, 258, 10.000, 100.000, 1.000.000

3. Escreva os números por extenso e pluralize os substantivos:

3 (pãozinho)	1.222 (laranja)
12 (leitãozinho)	660 (grama)
14 (papelzinho)	1.001 (razão)

4. Informe quantos anos representam estes substantivos coletivos numéricos:

década
lustro
milênio
quadriênio
século
quinquênio
bicentenário
sesquicentenário

5. Escreva os numerais por extenso:

século V
século XIX
capítulo III
capítulo XI
Paulo VI
Leão XIII
D. Pedro II
Luís XV

6. Informe se **um** e **uma** são artigos ou numerais:

Eis **uma** afirmação primária: se de **um** número positivo eu tiro **um**, diminuo-o de **uma** unidade.

7. Escreva as frases, substituindo os asteriscos pelas formas corretas dos numerais indicados entre parênteses:

a) Pelo serviço, deram-lhe *** reais. (*mil – um mil*)

b) Era o *** carro sorteado. (*octagésimo – octogésimo*)

c) Elói mora na Rua *** de Setembro. (*VII – Sete*)

d) Havia mais de *** de desempregados. (*1,5 milhões – 1,5 milhão*)

e) Abri o livro na página ***. (*décima quinta – 15*)

f) Nasceu no dia *** de maio de 1990. (*1º – 1*)

8. Como se leem os numerais em destaque?

a) São Paulo comemorou seu **450º** aniversário com dezenas de atrações.

b) Durante a vacinação em massa, **1.255.352** pessoas foram imunizadas.

c) Esse foi seu **45º** gol no Flamengo.

d) Você sabe se esse conflito ocorreu no século **IX** ou no **XI**?

e) Amanhã comemoramos o **80º** aniversário da empresa.

9. Escreva por extenso os numerais representados por algarismos nas frases abaixo. Faça a concordância necessária:

a) O artigo (9º) do Regimento Interno fala da constituição da mesa diretora, porém a cláusula (1ª) não menciona a presença de representantes.

b) A professora atribuiu três (8), dois (9) e quatro (7) ao grupo.

c) O livro tem (240) páginas.

d) Vamos imediatamente tirar a prova dos (9).

10. Veja se é possível passar os numerais para o feminino plural. Se for, copie a frase fazendo as alterações necessárias:

a) O segundo colocado também será premiado.

b) O primeiro a entrar deu um grito e saiu correndo.

11. Diga se os algarismos que aparecem nas frases abaixo devem ser lidos como ordinais ou cardinais.

a) Você conhece a vida de D. Pedro II?

b) O papa que escreveu essa encíclica mencionada no texto foi João XXIII.

c) Foi D. João VI que determinou a abertura dos portos?

d) Leiam para a próxima aula do capítulo III ao capítulo VIII. E, para a semana seguinte, do capítulo IX ao XV. Depois discutiremos o capítulo XXII em classe.

e) O rei Henrique VIII também participou desses acontecimentos?

12. Suponha que você ganhou na loteria e recebeu um prêmio de R$ 21.216.817,00. Como estaria preenchida a linha que, no cheque, indica por extenso a quantia a ser paga ao portador?

NUMERAL
Exercícios de exames e concursos
[Página 672]

PRONOME

Na frase:

Prendi *teu* cachorro, mas não *o* maltratei.

a palavra **o** substitui e representa o substantivo **cachorro** e a palavra **teu** o determina, isto é, indica que o animal pertence à 2ª pessoa do discurso (a pessoa com quem se fala).

As palavras **o** e **teu**, nessa frase, são *pronomes*.

1 PRONOMES

Pronomes são palavras que substituem os substantivos ou os determinam, indicando a pessoa do discurso.

Pessoa do discurso é a que participa ou é objeto do ato da comunicação.

2 CLASSIFICAÇÃO DOS PRONOMES

Há seis espécies de pronomes:

- pessoais
- possessivos
- demonstrativos
- indefinidos
- relativos
- interrogativos

3 PRONOMES SUBSTANTIVOS E PRONOMES ADJETIVOS

No exemplo citado acima, a palavra **o** é *pronome substantivo*, porque substitui o substantivo *cachorro*, ao passo que **teu** é *pronome adjetivo*, porque determina o substantivo junto do qual se encontra.

4 PRONOMES PESSOAIS

Observe as palavras destacadas deste exemplo:

Mauro havia deitado tarde. *Ele* ainda dormia quando a mãe *o* chamou.

As palavras **ele** e **o** substituem o nome *Mauro*, que é a 3ª pessoa do discurso, ou seja, a pessoa de quem se fala. Por isso, **ele** e **o**, nessa frase, são *pronomes pessoais*.

Pronomes pessoais são palavras que substituem os substantivos e representam as pessoas do discurso.

As pessoas do discurso (ou pessoas gramaticais) são três:

- **1ª pessoa**
  a que fala: *eu, nós*
- **2ª pessoa**
  a com quem se fala: *tu, vós*
- **3ª pessoa**
  a pessoa ou coisa de que se fala: *ele, ela, eles, elas*

Os pronomes pessoais dividem-se em *retos* e *oblíquos*:

- **pronomes retos**
  Funcionam, em regra, como sujeito da oração.
- **oblíquos**
  Funcionam como objetos ou complementos.

Exemplos:

Sujeito	**Objeto**	**Verbo**
Eu	te	convido.
Nós	o	ajudamos.
Ela	me	chamou.
Eles	lhe	bateram.

Quadro dos Pronomes Pessoais

Pessoas do discurso	**Pronomes retos**	**Pronomes oblíquos**
	Função subjetiva	**Função objetiva**
1ª pessoa do singular	eu	me, mim, comigo
2ª pessoa do singular	tu	te, ti, contigo
3ª pessoa do singular	ele, ela	se, si, consigo, lhe, o, a
1ª pessoa do plural	nós	nos, conosco
2ª pessoa do plural	vós	vos, convosco
3ª pessoa do plural	eles, elas	se, si, consigo, lhes, os, as

Quanto à acentuação, os pronomes oblíquos monossilábicos dividem-se em:

- **tônicos**

mim, ti, si

- **átonos**

me, te, se, lhe, lhes, o, a, os, as, nos, vos

Associados a verbos terminados em *-r*, *-s* ou *-z*, e à palavra *eis*, os pronomes **o**, **a**, **os**, **as** assumem as antigas formas **lo**, **la**, **los**, **las**, caindo aquelas consoantes. Exemplos:

Mandaram prendê-**lo**. Ajudemo-**la**. Fê-**los** entrar. Ei-**lo** aqui!

Associados a verbos terminados em ditongo nasal (*-am*, *-em*, *-ão*, *-õe*), os ditos pronomes tomam as formas **no**, **na**, **nos**, **nas**:

Trazem-**no**. Ajudavam-**na**. Dão-**nos** de graça. Põe-**no** aqui.

- **Pronomes oblíquos reflexivos**

São os que se referem ao sujeito da oração, sendo da mesma pessoa que este. Exemplos:

Alexandre só pensa em **si**.

O operário feriu-**se** ao subir no muro.

Tu não **te** enxergas?

Eu **me** machuquei na escada.

Nós **nos** perfilamos corretamente.

A mãe trouxe as crianças **consigo**.

Com exceção de **o**, **a**, **os**, **as**, **lhe**, **lhes**, os demais pronomes oblíquos podem ser reflexivos.

Os pronomes *migo*, *tigo*, *sigo*, *nosco*, *vosco*, do português antigo, se combinaram com a preposição *com*, dando as formas atuais: **comigo**, **contigo**, **consigo**, **conosco**, **convosco**.

5 PRONOMES DE TRATAMENTO

Entre os pronomes pessoais incluem-se os *pronomes de tratamento*, também chamados *formas de tratamento*, que se usam no trato com as pessoas. Dependendo da pessoa a quem nos dirigimos, do seu cargo, título, idade, dignidade, o tratamento será familiar ou cerimonioso.

Eis os principais pronomes de tratamento, seguidos de suas abreviaturas, que, de modo geral, devem ser evitadas:

você (v.): no tratamento familiar, informal

o senhor (Sr.), *a senhora* (Sr.ª): no tratamento de respeito

a senhorita (Sr.ª): a moças solteiras

Vossa Senhoria (V. S.ª): para pessoas de cerimônia, principalmente na correspondência comercial; para funcionários graduados

Vossa Excelência (V. Ex.ª): para altas autoridades

Vossa Reverendíssima (V. Rev.ma): para sacerdotes

Vossa Eminência (V. Em.ª): para cardeais

Vossa Santidade (V. S.): para o Papa

Vossa Majestade (V. M.): para reis e rainhas

Vossa Majestade Imperial (V. M. I.): para imperadores

Vossa Alteza (V. A.): para príncipes, princesas e duques

Esses pronomes são da 2ª pessoa, mas se usam com as formas verbais e os pronomes possessivos da 3ª pessoa. Exemplo:

"Vossa Majestade **pode** partir tranquilo para a *sua* expedição." (VIVALDO COARACI)

Referindo-se à 3ª pessoa, apresentam-se com o possessivo *sua*: *Sua Senhoria*, *Sua Excelência*, *Sua Majestade*, etc. Exemplos:

Sua Excelência volta hoje para Brasília.

"Certa manhã, *Sua Majestade* o rei Marcos I acordou ao som de tiros."

(OFÉLIA E NARBAL FONTES)

Observações:

✔ *Você* (plural *vocês*), usado no trato familiar e íntimo, é a contração de *vosmecê*, que, por sua vez, deriva de *Vossa Mercê*.

✔ Na linguagem popular, é de uso generalizado o tratamento *seu*, forma reduzida de *senhor*: Como vai, *seu* Pedro?

6 PRONOMES POSSESSIVOS

Os *pronomes possessivos* referem-se às pessoas do discurso, atribuindo-lhes a posse de alguma coisa. Por exemplo, na frase:

Meu relógio estava atrasado.

a palavra **meu** informa que o relógio pertence à 1ª pessoa (*eu*). **Meu**, portanto, é um pronome possessivo.

Eis as formas dos pronomes possessivos:

- **1ª pessoa do singular**

  meu, minha, meus, minhas

- **2ª pessoa do singular**

  teu, tua, teus, tuas

- **3ª pessoa do singular**

  seu, sua, seus, suas

- **1ª pessoa do plural**

  nosso, nossa, nossos, nossas

- **2ª pessoa do plural**

  vosso, vossa, vossos, vossas

- **3ª pessoa do plural**

  seu, sua, seus, suas

7 PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Pronomes demonstrativos são os que indicam o lugar, a posição ou a identidade dos seres, relativamente às pessoas do discurso. Exemplos:

Compro **este** carro (aqui).

(O pronome **este** indica que o carro está perto da pessoa que fala.)

Compro **esse** carro (aí).

(O pronome **esse** indica que o carro está perto da pessoa com quem falo ou afastado da pessoa que fala.)

Compro **aquele** carro (lá).

(O pronome **aquele** diz que o carro está afastado da pessoa que fala e daquela com quem falo.)

Aos pronomes *este, esse, aquele* correspondem *isto, isso, aquilo*, que são invariáveis e se empregam exclusivamente como substitutos dos substantivos. Exemplos:

Isto é meu.
Isso que você está levando é seu?
Aquilo que Dario está levando não é dele.

São os seguintes os pronomes demonstrativos:

- *este(s), esta(s), esse(s), essa(s), aquele(s), aquela(s), aqueloutro(s), aqueloutra(s), mesmo(s), mesma(s), próprio(s), própria(s), tal, tais, semelhante(s)*

As contrações *aqueloutro, aqueloutra* são raramente usadas em lugar de *aquele outro, aquela outra*.

- *isto, isso, aquilo, o, a, os, as*

  Exemplos:

  Estes rapazes são os mesmos que vieram ontem.

  Os **próprios** sábios podem enganar-se.

  Não digas **tal**.

  Tais crimes não podem ficar impunes.

  Não faças **semelhantes** coisas.

  Ninguém sabe **o** que ele resolveu. [*o* = aquilo]

  Ela casou ontem. Não **o** sabias? [*o* = isso]

"Teus dentes não são tão brancos quanto eu **o** desejaria." (LÊDO IVO)

São poucos **os** que sabem **isto**. [*os* = aqueles]

Sabeis ser gentis quando **isso** vos convém.

"Eu sou **a** que no mundo anda perdida." (FLORBELA ESPANCA) [*a* = aquela]

"Nunca tive um jardim que se parecesse com **aqueloutro** que ficou lá longe."

(VIVALDO COARACI)

Observações:

✔ *O, a, os, as* – que também podem ser artigos e pronomes pessoais – são pronomes demonstrativos quando equivalem a *isto, aquilo, aquele, aquela, aqueles, aquelas*: Leve *o* (= aquilo) que lhe pertence. É esta *a* (= aquela) que você quer?

✔ A locução *o quê*, salvo melhor interpretação, é pronome demonstrativo em frases como: O médico examinou minuciosamente o enfermo; após *o quê*, prescreveu-lhe repouso absoluto. [*o quê* = isso]

✔ Pode ocorrer a contração das preposições *a, de, em* com pronome demonstrativo: *àquele, àquela, deste, desta, disso, nisso, no*, etc. Exemplos:

Cheguei *àquele* sítio às 10 horas. [*àquele* = a aquele]

Não acreditei *no* que estava vendo. [*no* = naquilo]

6 PRONOMES RELATIVOS

Veja este exemplo:

Armando comprou a casa **que** lhe convinha.

A palavra **que** representa o substantivo *casa*, relaciona-se com o termo *casa*: é um *pronome relativo*.

Pronomes relativos *são palavras que representam substantivos já referidos, com os quais estão relacionadas. Daí denominarem-se* relativos.

A palavra que o pronome relativo representa chama-se *antecedente*. No exemplo dado, o antecedente de **que** é **casa**.

Outros exemplos de pronomes relativos:

Sejamos gratos a Deus, a **quem** tudo devemos.

O lugar **onde** paramos era deserto.

Traga tudo **quanto** lhe pertence.

Leve tantos ingressos **quantos** quiser.

Posso saber o motivo por **que** (ou pelo **qual**) desistiu do concurso?

Levarei alguns livros na viagem, com **os quais** pretendo encher o tempo.

"Por fim, entrou numa rua larga, com muitas árvores, através **das quais** se avistava o rio."

(ÉRICO VERÍSSIMO)

"Depois, seu olhar se fixou no corrimão da escada, **cujos** degraus não voltaria a pisar."

(LÊDO IVO)

"... uma catedral imensa, **cujas** torres tocassem o céu." (CIRO DOS ANJOS)

"Tirei um colete velho, em **cujo** bolso trazia cinco moedas de ouro." (MACHADO DE ASSIS)

"Afinal deram com uma caverna, **cuja** entrada transpuseram com agilidade."

(MARIA DE LOURDES TEIXEIRA)

Eis o quadro dos pronomes relativos:

VARIÁVEIS				INVARIÁVEIS
masculino		feminino		
o qual	os quais	a qual	as quais	quem
cujo	cujos	cuja	cujas	que
quanto	quantos	quanta	quantas	onde

Observações:

- ✔ O pronome relativo *quem* só se aplica a pessoas, tem antecedente, vem sempre precedido de preposição e equivale a *o qual*: O médico de *quem* falo é meu conterrâneo.
- ✔ Os pronomes *cujo, cuja* significam *do qual, da qual* e precedem sempre um substantivo sem artigo: Qual será o animal *cujo nome* a autora não quis revelar? [*cujo nome* = o nome do qual]
- ✔ *Quanto(s)* e *quanta(s)* são pronomes relativos quando precedidos de um dos pronomes indefinidos *tudo, tanto(s), tanta(s), todos, todas*: Tenho tudo *quanto* quero. Leve tantos *quantos* precisar. Nenhum ovo, de todos *quantos* levei, se quebrou.
- ✔ *Onde*, como pronome relativo, tem sempre antecedente e equivale a *em que*: A casa *onde* moro foi de meu avô. [*onde* = em que]

Os pronomes relativos nos permitem reunir duas orações numa só frase. Exemplos:

Das árvores caíam folhas.
O vento levava essas folhas. } Das árvores caíam folhas, **que** o vento levava.

Os planetas são súditos.
O rei deles é o Sol. } Os planetas são súditos **cujo** rei é o Sol.

O futebol é um esporte.
O povo gosta muito deste esporte. } O futebol é um esporte **de que** o povo gosta muito.

Visitei a cidade.
Você nasceu nessa cidade. } Visitei a cidade **onde** você nasceu.

O local é perigoso.
Você se dirige ao local. } É perigoso o local **a que** você se dirige.

Tenho uma coleção de quadros.
Já me ofereceram milhões por ela. } Tenho uma coleção de quadros **pela qual** já me ofereceram milhões.

9 PRONOMES INDEFINIDOS

Estes pronomes se referem à 3ª pessoa do discurso, designando-a de modo vago, impreciso, indeterminado.

▪ Pronomes indefinidos substantivos

Funcionam como substantivo.

algo, alguém, fulano, sicrano, beltrano, nada, ninguém, outrem, quem, tudo

Exemplos:

Algo o incomoda?
Acreditam em **tudo** o que **fulano** diz ou **sicrano** escreve.
Não faça a **outrem** o que não queres que te façam.
Quem avisa amigo é.
Encontrei **quem** me pode ajudar.
Ele gosta de **quem** o elogia.

Observação:

✔ *Quem*, pronome indefinido, ao invés do pronome relativo *quem*, não tem antecedente.

▪ Pronomes indefinidos adjetivos

Funcionam como adjetivo.

cada, certo, certos, certa, certas

Exemplos:

Cada povo tem seus costumes.

Certas pessoas exercem várias profissões.

Certo dia apareceu em casa um repórter famoso.

- **Ora são pronomes adjetivos, ora pronomes substantivos**

algum, alguns, alguma(s), bastante(s) (= muito, muitos), demais, mais, menos, muito(s), muita(s), nenhum, nenhuns, nenhuma(s), outro(s), outra(s), pouco(s), pouca(s), qualquer, quaisquer, qual, que, quanto(s), quanta(s), tal, tais, tanto(s), tanta(s), todo(s), toda(s), um, uns, uma(s), vários, várias

Exemplos:

Alguns contentam-se com **pouco**.

Nesses rios havia **muito** ouro.

Fiquei **bastante** tempo à sua espera.

Nenhum dia se passe, sem que **algum** bem se faça.

"**Menos** palavras e **mais** ações", disse ele, encerrando o discurso.

Dois tripulantes se salvaram; os **demais** pereceram.

"Seu Ivo não mora em parte **nenhuma**." (Graciliano Ramos)

Quantos há ali a quem a fome obriga a aceitar **quaisquer** tarefas!

João tinha **vários** planos, **qual** (= cada qual) mais arrojado e difícil.

Não sabíamos **que** fazer; no entanto, havia **muito** que fazer.

Eu estava invadida não sei por **que** estranhos sentimentos.

Que loucura cometeste!

O médico atendia a **quantos** o procurassem.

"Olhos de **tanta** suavidade **quanta** penetração." (Camilo Castelo Branco)

Diz as coisas com **tal** jeito que **todos** o aprovam.

"Mas, apesar disso, **um** que facilitou, como eu, está sempre com a pulga atrás da orelha."
(Monteiro Lobato)

Uns partem, **outros** ficam.

Observações:

✔ Os pronomes deste grupo que exprimem quantidade, como *mais, menos, muito, pouco*, etc., funcionam como advérbios de intensidade, quando modificam adjetivos, verbos ou advérbios. *Quanto*, além de pronome indefinido (*Quanto* dinheiro gastou!), pode ser pronome relativo (Devolva tudo *quanto* lhe dei.) e advérbio de intensidade (Você sabe *quanto* a estimo.).

✔ *Bastante*, na acepção de *suficiente*, é adjetivo: Há comida *bastante*? Não houve provas *bastantes* para condenar o réu.

✔ Quando são pronomes adjetivos, *um, uns, uma(s)* confundem-se, na maioria dos casos, com os artigos indefinidos.

- **Locuções pronominais indefinidas**

cada qual, cada um, qualquer um, quantos quer (que), quem quer (que), seja quem for, seja qual for, todo aquele (que), tal qual (= certo), tal e qual, tal ou qual, um ou outro, uma ou outra, etc.

Exemplos:

"**Cada qual** tem o ar que Deus lhe deu." (MACHADO DE ASSIS)

"No tronco havia **tal qual** inclinação." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"... com **tais e tais** enfeites." (MACHADO DE ASSIS)

"Sentia umas **tais ou quais** cócegas de curiosidade." (MACHADO DE ASSIS)

Apenas **uma ou outra** pessoa entrava naquela loja.

10 PRONOMES INTERROGATIVOS

Os pronomes interrogativos se usam em frases interrogativas. Como os indefinidos, referem-se de modo impreciso à 3ª pessoa do discurso. Exemplos:

Que há?	**Que** dia é hoje?
Reagir contra **quê**?	Por **que** motivo não veio?
Quem foi?	**Qual** será?
Quantos vêm?	**Quantas** pessoas moram aqui?

EXERCÍCIOS — LISTA 23

1. A que pessoa do discurso se referem os pronomes desta frase?

Você deve ir **comigo** para **os** receber.

2. Escreva as frases, colocando na frente **A** ou **S,** conforme houver **pronome adjetivo** ou **pronome substantivo**:

Aquilo não era bom sinal.

O mascate conhecia bem aquelas paragens.

Havia muita gente.

Quem avisa amigo é.

3. Reorganize as colunas, realizando a correspondência correta entre as frases, de acordo com os pronomes em destaque:

Isto é muito importante.	(1) pessoal
Todos **a** olhavam curiosos.	(2) possessivo
Veja **quem** é.	(3) demonstrativo
São amiguinhas a **quem** quero muito bem.	(4) indefinido

Que lhe diria você? (5) relativo

Guardei o que é **vosso**. (6) interrogativo

4. Substitua o * pelos pronomes pessoais adequados, na pessoa indicada entre parênteses:

a) Que * teria acontecido? (3ª pessoa do plural)

b) Aqui ninguém * incomodará. (3ª pessoa do plural)

c) Ele falava alto para * ouvi-lo. (1ª pessoa do singular)

d) Após ligeiro desmaio, ela voltou a * . (3ª pessoa do singular)

e) Meus amigos imploravam para * atravessar o rio. (1ª pessoa do singular)

f) O que resta agora entre mim e * ? (2ª pessoa do singular)

g) Os gritos dele chegaram até *. (1ª pessoa do singular)

5. Anexe corretamente os pronomes oblíquos aos verbos:

a) chamar + o =

b) conhecer + a =

c) levem + o =

d) indispõe + a =

e) convidam + o =

f) seguimos + os =

g) vimos + as =

h) fez + os =

6. Escreva as frases, colocando em seguida a elas **A** ou **T**, conforme o pronome em destaque seja átono ou tônico:

Não **nos** apressemos.

Elói era um rapaz cheio de **si**.

Não vá sem **mim**.

Ele atirou-**se** ao mar.

7. Copie somente a frase em que ocorre pronome reflexivo:

Pendura-**se** a roupa num galho de árvore.

O macaco pendura-**se** num galho de árvore.

8. Copie apenas o pronome de tratamento referente a príncipes:

Vossa Excelência – Vossa Eminência – Vossa Alteza

9. Substitua corretamente * por **Vossa** ou **Sua**, conforme a pessoa do discurso:

a) * Excelência estava bem-humorado. (3ª pessoa)

b) * Excelência pretende viajar para a Europa? (2ª pessoa)

10. Reconheça e classifique os pronomes:

a) "Qualquer pessoa que lesse tal coisa não a levaria a sério." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

b) "Ninguém teve coragem de falar antes que ela o fizesse." (JOSÉ CONDÉ)

c) "Tudo isso são prazeres que um intelectual modesto pode usufruir." (RUBEM BRAGA)

d) "Olhe, se esta [casa] vale os cinquenta contos, quantos não vale a que você deseja para si, a do Campos?" (MACHADO DE ASSIS)

e) "O alumínio era algo que as fascinava." (EDY LIMA)

f) "Quem pode adivinhar o que se passa na mente de outrem?" (JOSÉ FONSECA FERNANDES)

g) "E depois todos entravam numa jaula cuja chave se perdia." (LÊDO IVO)

h) "Iam pela ilharga da montanha, sobre lajes que tornavam cavos quaisquer ruídos." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

11. Identifique os pronomes relativos e indique seus antecedentes:

a) O artista vendeu todos os quadros que pintou.

b) Já houve muitas espécies de elefantes, das quais só restam duas.

c) Queria ir para uma cidade onde houvesse mais conforto.

d) O diretor recebeu os ex-alunos, com quem manteve longa conversa.

e) Abri um grande álbum, cujas páginas estavam amarelecidas.

12. Por meio de pronomes relativos adequados, junte cada par de frases numa só, fazendo as modificações necessárias.

a) Tio Onofre contava histórias. As histórias dele me apavoravam.

b) Junto à fonte vi uma jovem. Pedi a ela um pouco d'água.

c) Os planetas são súditos. O rei deles é o Sol.

d) Veja o perigo. Você se expõe a esse perigo.

e) Antes do jogo houve uma cerimônia cívica. Durante essa cerimônia o povo se manteve em silêncio.

13. Classifique a palavra **um** de acordo com a classe gramatical a que pertence.

O que **um** faz todos aprovam.	(1) artigo indefinido
Não lhe sobrou **um** só real.	(2) pronome indefinido
Lutou como **um** herói.	(3) numeral cardinal

14. Classifique o pronome **quem** destacado nas frases abaixo, de acordo com a coluna numerada:

Quem procura acha.

Quem é perfeito?

Conhece a pessoa a **quem** me refiro?

(1) **relativo**

(2) **indefinido**

(3) **interrogativo**

15. Copie as frases abaixo, antepondo as letras **R**, **D** ou **T**, conforme o pronome **que** for **relativo**, **indefinido** ou **interrogativo**.

As aulas a **que** assisti foram proveitosas.

"**Que** incógnitos veios de ouro exploram?" (Camilo Castelo Branco)

Não sabia **que** responder.

Você o chamou para **quê**?

"Cada experiência por **que** passamos é favor da vida." (Vivaldo Coaraci)

"Desanimaram não sei por **quê**." (Aníbal Machado)

16. Copie as frases e ao lado de cada uma escreva **A**, **D**, **O** ou **P**, conforme as palavras **o**, **a**, **os**, **as** forem **artigo**, **pronome demonstrativo**, **pronome pessoal oblíquo** ou **preposição**.

a) Corro até **a** janela e abro-**a**.

b) Abri **a** do meio e daí **a** pouco **a** fechei.

c) Amparei **os** que precisavam de amparo.

d) **As** que eu tenho não **as** dou **a** ninguém.

e) Não **o** aconselho **a** ficar aqui.

f) "Era uma bela ponte, ele próprio **o** reconhecia." (Aníbal Machado)

g) "**A** modéstia doura **os** talentos, **a** vaidade **os** deslustra." (Marquês de Maricá)

h) Eu não **a** ajudo por interesse: faço-**o** por pura amizade.

17. Substitua o * nas frases pelos pronomes pessoais oblíquos adequados:

a) Quando * pedem algum favor, Nélson * faz com prazer.

b) Eles tentam fugir, mas não conseguem: uma estranha força * mantém imóveis.

c) Quando a atriz aparecia, saudavam * aos gritos, atiravam * flores.

d) A esbelta ginasta rodopiou sobre * mesma, leve, graciosa.

18. Troque o * por pronomes relativos adequados ao contexto:

a) Ele não respondeu à pergunta * lhe fiz.

b) Aproximei-me da mesa de pingue-pongue, sobre * havia duas raquetes.

c) São perigosos os rios em * águas vivem sucuris.

d) O moço a * me dirigi parecia ser o gerente da loja.

e) Elza chamou o filho da vizinha, * veio correndo.

19. Reorganize as colunas, de maneira a corresponderem à classe gramatical de **quanto**:

Quanto ouro existe ali!	(1) pronome relativo
Tenho tudo **quanto** quero.	(2) pronome indefinido
Sabes **quanto** te amo.	(3) advérbio de intensidade

20. Forme uma frase com o pronome **menos** seguido de substantivo feminino.

21. Substitua os asteriscos nas frases pelos pronomes adequados:

a) Percorri ***** país, de norte a sul. (*todo – todo o*)

b) Nem ***** país é banhado pelo mar. (*todo – todo o*)

c) Peço a Vossa Senhoria me envie o ***** currículo. (*seu – vosso*)

d) Lembra a água corrente ***** tua voz. (*esta – essa*)

e) Grave bem *****: É melhor prevenir o mal do que remediá-lo. (*isto – isso*)

22. Aponte os substantivos a que se referem os pronomes oblíquos usados nas frases abaixo:

a) Sérgio trouxe uma camisa e, com repugnância, **a** entregou ao irmão.

b) "Escrevo perfeitamente ouvindo os grilos. Havia uma orquestra deles, mas eu nem **os** notava." (Graciliano Ramos)

c) "[...]e a velha tinha um ar sabido, nem sequer escondia o sorriso. O melhor seria não deixá-**la** sozinha na saleta, com o armário de louça nova." (Clarice Lispector)

d) "Com tanto choro, o pai acordou lá dentro, e veio, estremunhado, ver de que se tratava. O menino mostrou-**lhe** a tartaruga morta." (Millôr Fernandes)

23. Complete usando o pronome demonstrativo adequado para indicar a posição dos objetos em relação às pessoas do discurso:

a) Traga-me * revista. (*A revista está longe do falante e do ouvinte.*)

b) Onde você comprou * revista? (*A revista está nas mãos do ouvinte.*)

c) * camisa é um presente para você. (*O objeto está nas mãos do falante.*)

24. Complete as frases usando corretamente as formas pronominais **eu** ou **mim**:

a) O cãozinho deitou-se entre * e meu namorado.

b) Eu sempre socorri os que precisavam de *.

c) Este exercício é para * fazer em casa?

d) Você está certo de que as rosas são para * ?

e) Essas rosas são para * entregar à Marta?

f) Não faça nada sem * mandar!

25. Reescreva as frases substituindo o termo destacado por um pronome oblíquo:

a) Entreguei *seu material* ao diretor.

b) Entreguei seu material *ao diretor*.

c) Levei *os alunos da creche* ao parque de diversões.

d) Pretendo consultar *o advogado* imediatamente.

e) Fizeram *o funcionário* desistir da promoção!

26. Aponte e corrija erros na utilização dos pronomes pessoais; apenas em uma frase não há erro:

a) Renato estava entre eu e Leandro.

b) Professor, queremos conversar consigo.

c) O médico trouxe consigo os remédios que utilizaria durante a consulta.

d) Receberam nós com carinho e atenção.

e) Infelizmente, não deu para mim sair mais cedo hoje.

f) Liana, tenho uma encomenda para si.

27. Faça o mesmo em relação aos pronomes demonstrativos e relativos. Apenas em uma frase não há erro:

a) Chorar e lamentar-se, isto não resolverá seus problemas.

b) Pense nisso: amanhã estaremos em nossa velha casa.

c) Até este chapéu que tens na cabeça me pertence!

d) Os pais cujos os filhos se comportaram mal deverão permanecer na sala.

e) Pretendíamos falar duramente com ele, mas não o fizemos.

f) Taís e Renato tinham temperamentos diferentes: esta era calma e alegre; aquele, agitado e loquaz.

28. O pronome pessoal utilizado *consigo*, no item *c)* do exercício 26, foi utilizado corretamente. Use-o em outra frase.

29. O pronome demonstrativo *o*, no item *e)* do exercício 27, foi usado corretramente. Use-o numa frase semelhante.

PRONOME
Exercícios de exames e concursos
[Página 673]

VERBO

Considere estes exemplos:

O criado **abriu** o portão.	[**abriu** exprime uma ação]
Fernando **estava** doente.	[**estava** exprime um estado, uma situação]
Nevou em São Joaquim.	[**nevou** exprime um fato, um fenômeno]

As palavras *abriu*, *estava* e *nevou* são verbos.

1 VERBO

Verbo é uma palavra que exprime ação, estado, fato ou fenômeno.

O verbo é palavra indispensável na organização do período.

Dentre as classes de palavras, o verbo é a mais rica em flexões. Com efeito, o verbo reveste diferentes formas para indicar a pessoa do discurso, o número, o tempo, o modo e a voz. Ao conjunto ordenado das flexões ou formas de um verbo dá-se o nome de *conjugação*.

2 PESSOA E NÚMERO

O verbo varia para indicar o número e a pessoa. Exemplo:

	singular	**plural**
1ª pessoa	eu *penso*	nós *pensamos*
2ª pessoa	tu *pensas*	vós *pensais*
3ª pessoa	ele *pensa*	eles *pensam*

3 TEMPOS VERBAIS

Os **tempos** situam o fato ou a ação verbal dentro de determinado momento (*durante* o ato da comunicação, *antes* ou *depois* dele). São três os tempos verbais:

- ***presente***

Agora eu *leio*.

- **pretérito (= passado)**

  a) imperfeito: Depois de entrar, ele *trancava* a porta.
  b) perfeito: Ele *trancou* a porta.
  c) mais-que-perfeito: Quando cheguei, ele já *trancara* a porta.

- **futuro**

  a) do presente: Beatriz *ganhará* o prêmio.
  b) do pretérito: Beatriz *ganharia* o prêmio.

  Não nos parece adequada a denominação *futuro do presente*. Bastaria chamar esse tempo simplesmente de *futuro*.

  Quanto à forma, os tempos podem ser *simples* ou *compostos*.

  Na conjugação ativa, os tempos simples apresentam-se sob formas simples (*leio*, *andava*, *corremos*, etc.) e os compostos, sob formas compostas (*tenho lido*, *tinham andado*, *havia corrido*, etc.).

  Na voz passiva, tanto os tempos simples como os compostos apresentam formas compostas: *sou premiado*, *fomos chamados*, *tens sido visto*, etc.

4 MODOS DO VERBO

Os **modos** indicam as diferentes maneiras de um fato se realizar. São três:

- **indicativo**

  Exprime um fato certo, positivo:
  Vou hoje. *Saíram* cedo.

- **imperativo**

  Exprime ordem, proibição, conselho, pedido:
  Volte logo. Não *fiquem* aqui. *Sejam* prudentes.

- **subjuntivo**

  Enuncia um fato possível, duvidoso, hipotético:
  É possível que *chova*. Se você *trabalhasse*, não passaria fome.

5 FORMAS NOMINAIS

Além desses três modos, existem as **formas nominais** do verbo, que enunciam simplesmente um fato, de maneira vaga, imprecisa, impessoal. São formas nominais do verbo:

- **o infinitivo**

  plantar, vender, ferir

- **o gerúndio**

  plantando, vendendo, ferindo

- **o particípio**

  plantado, vendido, ferido

Observação:

✔ Chamam-se *formas nominais* porque, sem embargo de sua significação verbal, podem desempenhar as funções próprias dos nomes, substantivos e adjetivos: o *andar*, água *fervendo*, tempo *perdido*.

O infinitivo pode ser *pessoal* ou *impessoal*. Denomina-se:

a) **pessoal**, quando tem sujeito:

Para *sermos* vencedores, é preciso lutar. [sujeito: *nós*]

b) **impessoal**, quando não tem sujeito:

"*Ser* ou *não ser*, eis a questão." (SHAKESPEARE)

O infinitivo pessoal ora se apresenta *flexionado*, ora *não flexionado*:

a) **flexionado**: andares tu, andarmos nós, andardes vós, andarem eles
b) **não flexionado**: andar eu, andar ele

6 VOZ

Quanto à **voz**, os verbos se classificam em:

- **ativos**

O patrão *chamou* o empregado.

- **passivos**

O empregado *foi chamado* pelo patrão.

- **reflexivos**

A criança *feriu-se* na gangorra.

7 VERBOS AUXILIARES

Verbos auxiliares são os que se juntam a uma forma nominal de outro verbo para constituir a voz passiva, os tempos compostos e as locuções verbais:

Somos castigados pelos nossos erros.

Tenho estudado muito esta semana.

Jacinto *havia* chegado naquele momento.

O mecânico *estava* consertando o carro.

O secretário *vai* anunciar os resultados.

Começava a escurecer na cidade de Itu.

Principais verbos auxiliares:
ter, haver, ser, estar.
Veja na pág. 200 (locuções verbais) outros exemplos de verbos auxiliares.

8 CONJUGAÇÕES

Os verbos da língua portuguesa se agrupam em três conjugações, de conformidade com a terminação do infinitivo:

- Os da 1ª conjugação terminam em **-ar**: *cantar*, *falar*, *amar*, etc.
- Os da 2ª conjugação terminam em **-er**: *bater*, *comer*, *ver*, etc.
- Os da 3ª conjugação terminam em **-ir**: *partir*, *abrir*, *rir*, etc.

Cada conjugação se caracteriza por uma vogal temática:

A → 1ª conjugação: lev**ar**
E → 2ª conjugação: bat**er**
I → 3ª conjugação: un**ir**

Ao radical acrescido de vogal temática chama-se *tema*. Nos verbos supracitados os temas são *leva-*, *bate-* e *uni-*, respectivamente.

Observações:

✔ O verbo *pôr*, antigo *poer* (do latim *ponere*), perdeu a vogal temática do infinitivo. É um verbo anômalo da 2ª conjugação.

✔ A nossa língua possui aproximadamente onze mil verbos, dos quais mais de dez mil são da 1ª conjugação. Hoje, esta é a única conjugação prolífica. Exemplos: *televisionar*, *teleguiar*, *agilizar*, *globalizar*, etc.

9 ELEMENTOS ESTRUTURAIS DOS VERBOS

Num verbo devemos distinguir o *radical*, que é o elemento básico, normalmente invariável, e a *terminação*, que varia para indicar o tempo e o modo, a pessoa e o número. Exemplos:

radical	terminação	radical	terminação
cant-	ar	cant-	avas
vend-	er	vend-	ia
part-	ir	part-	imos
traz-	er	troux-	eram

Na terminação, ou seja, na parte flexiva do verbo, encontramos pelo menos um destes elementos:

- **vogal temática**

  Caracteriza a conjugação.

- **desinência modo-temporal**

  Indica o modo e o tempo do verbo: na forma *andá**SSE**mos*, por exemplo, o elemento destacado denota o pretérito imperfeito do subjuntivo.

- **desinência número-pessoal**

  A flexão *-mos* de *partimos*, por exemplo, configura a primeira pessoa do plural.

10 TEMPOS PRIMITIVOS E DERIVADOS

Quanto à formação, dividem-se os tempos em *primitivos* e *derivados*. São tempos primitivos:

- o **presente do infinitivo impessoal**: amar, caber, etc.;
- o **presente do indicativo** (1ª e 2ª pessoas do singular e 2ª pessoa do plural): digo, dizes, dizeis;
- o **pretérito perfeito do indicativo** (3ª pessoa do plural): disseram.

Os tempos derivados formam-se com o radical dos primitivos.

Vamos esquematizar a formação dos tempos simples da voz ativa:

- O **presente do infinitivo**

Exemplo: **caber**

forma:

a) o pretérito imperfeito do indicativo: *cabia, cabias, cabia*, etc.

b) o futuro do presente: *caberei, caberás, caberá*, etc.

c) o futuro do pretérito: *caberia, caberias, caberia*, etc.

d) o infinitivo pessoal: *caber, caberes, caber*, etc.

e) o gerúndio: *cabendo*

f) o particípio: *cabido*

- O **presente do indicativo**

Exemplo: **digo, dizes, dizeis**

forma:

a) o presente do subjuntivo: *digo* → *diga, digas, diga, digamos, digais, digam*

b) o imperativo afirmativo: *dizes* → *dize; dizeis* → *dizei*

▪ Do pretérito perfeito do indicativo

Exemplo: **disseram**

derivam:

a) o pretérito mais-que-perfeito do indicativo: *dissera*, *disseras*, *dissera*, etc.

b) o pretérito imperfeito do subjuntivo: *dissesse*, *dissesses*, *dissesse*, etc.

c) o futuro do subjuntivo: *disser*, *disseres*, *disser*, etc.

11 MODO IMPERATIVO

Considerem-se estes exemplos de Machado de Assis:

"*Anda, aprende*, tola!" → imperativo afirmativo

"*Não te assustes*, disse ela." → imperativo negativo

▪ imperativo afirmativo

Forma-se assim: a 2ª pessoa do singular (tu) e a 2ª do plural (vós) derivam das pessoas correspondentes do presente do indicativo, suprimindo-se o **s** final; as demais pessoas (você, nós, vocês) são tomadas do presente do subjuntivo, sem qualquer alteração.

▪ imperativo negativo

Não possui, em português, formas especiais: suas pessoas são iguais às correspondentes do presente do subjuntivo.

Atente-se para o seguinte quadro:

12 FORMAÇÃO DO IMPERATIVO

Pessoas	Presente do indicativo	Imperativo afirmativo	Presente do subjuntivo	Imperativo negativo
tu	dizes →	dize	digas →	não digas
você		diga	← diga →	não diga
nós		digamos	← digamos →	não digamos
vós	dizeis →	dizei	digais →	não digais
vocês		digam	← digam →	não digam

Observações:

✔ O verbo *ser* no imperativo afirmativo faz, excepcionalmente: *sê* (tu), *sede* (vós).

✔ O imperativo não possui a 1ª pessoa do singular nem as 3as pessoas. As formas verbais correspondentes aos pronomes de tratamento (você, vocês, o senhor, os senhores, etc.), embora revistam aspecto de 3ª pessoa, verdadeiramente referem-se à 2ª pessoa do discurso (a pessoa com quem se fala).

13 FORMAÇÃO DOS TEMPOS COMPOSTOS

Eis como se formam os tempos compostos:

▪ tempos compostos da voz ativa

São formados pelos verbos auxiliares *ter* ou *haver*, seguidos do particípio do verbo principal:

Tenho trabalhado muito.
Havíamos saído cedo.
Tinham posto a mesa no salão.

▪ tempos compostos da voz passiva

Formam-se com o concurso simultâneo dos auxiliares *ter* (ou *haver*) e *ser*, seguidos do particípio do verbo principal:

Tenho sido maltratado por ele.
Os dois *tinham* (ou *haviam*) *sido vistos* no cinema.

▪ locuções verbais

Outro tipo de conjugação composta – também chamada *conjugação perifrástica* – são as **locuções verbais**, constituídas de um verbo auxiliar seguido de gerúndio ou infinitivo do verbo principal:

Tenho de ir hoje. *Hei de ir* amanhã.
Estava lendo o jornal. Não *podia atender*.
Que *vais fazer*? *Ficas esperando* o quê?
Ela *começou a rir*, não *queria comprometer-se*.
Não *devem hesitar*. *Podemos precisar* dele.
Deveis ir prestar-lhe vossas homenagens.
Clóvis *anda viajando*. Ele *vive fazendo* projetos.
Sandra *veio correndo*: o noivo *acabara de chegar*.
João *entrou a falar alto*. [*entrou* = começou]
O jornal *voltou a circular*.

(No último exemplo, *voltou* é verbo auxiliar e *circular*, verbo principal.)

14 VERBOS REGULARES, IRREGULARES E DEFECTIVOS

Quanto à conjugação, dividem-se os verbos em:

▪ regulares

Os que seguem um paradigma ou modelo comum de conjugação, mantendo o radical invariável: *cantar*, *bater*, *partir*, etc.

▪ irregulares

Os que sofrem alterações no radical e/ou nas terminações, afastando-se do paradigma: *dar*, *trazer*, *dizer*, *ir*, *ouvir*, etc.

Observação:

✔ Entre os irregulares destacam-se os *anômalos*, como os verbos *pôr* (sem vogal temática no infinitivo), *ser* e *ir* (que apresentam radicais diferentes: *sou, era, fui*; *vou, ia, fui*).

▪ defectivos

Os que não possuem a conjugação completa, não sendo usados em certos modos, tempos ou pessoas: *abolir*, *demolir*, *reaver*, *precaver*, *soer*, etc.

EXERCÍCIOS LISTA 24

1. Reorganize as colunas de acordo com o que os verbos exprimem nas frases:

Quando **venta**, o tempo esfria.	ação
Atravessei o rio a nado.	estado
Sarita **era** alegre, expansiva.	fenômeno

2. Destaque os elementos estruturais da forma verbal **cortássemos:**
radical / desinência modo-temporal / tema / desinência número-pessoal

3. Dê o que se pede acerca de cada um dos verbos em destaque:

— Homens armados **invadirão** a casa em que **moras** e matarão tua mulher e filhos – **disse**-me o vidente.

— Não **creio** que isso **aconteça** — contestei com ironia —, não tenho mulher nem filhos e moro sob uma ponte.

a) conjugação;
b) pessoa;
c) número;
d) tempo;
e) modo.

4. Reorganize as três colunas correlacionando-as corretamente:

Vá agora, Luís.	indicativo	fato incerto
O náufrago **salvou**-se.	subjuntivo	ordem
Talvez Elói não **venha**.	imperativo	fato certo

5. Reorganize corretamente as duas colunas e identifique, oralmente, os tempos verbais:

O vento **soprava** forte.	fato atual
Fiz o que lhe **prometera**.	fato passado não concluído
Assistirei às Olimpíadas.	fato passado concluído
Preciso de um dicionário.	fato passado anterior a outro também passado

Prometi que o **ajudaria**.	fato a ser realizado
Elas **colheram** a uva.	fato futuro situado no passado

6. Copie o quadro abaixo, substituindo os asteriscos pelas formas do imperativo do verbo **falar**:

Pessoas	Presente do indicativo	Imperativo afirmativo	Presente do subjuntivo	Imperativo negativo
Tu	falas (-s) →	****	fales →	Não ****
Você	–	****	← fale →	Não ****
Nós	–	****	← falemos →	Não ****
Vós	falais (-s) →	****	faleis →	Não ****
Vocês	–	****	← falem →	Não ****

7. Escreva as frases e sublinhe as locuções verbais:

a) Quando Joel chegou, eu estava abrindo as garrafas.

b) Clóvis terá de trabalhar dobrado e sua vida vai ficar mais dura.

8. Indique a voz dos verbos:

a) A carta **foi lida** por todas.

b) João **feriu-se** na obra.

c) **Acendemos** a fogueira.

d) O mel **é produzido** pelas abelhas.

9. Complete as frases substituindo o * pelo presente do indicativo ou pelo presente do subjuntivo, conforme convenha:

a) Quero que ele * em casa hoje. (ficar)

b) É possível que eu não * para o hotel. (voltar)

c) Não creio que ele * o serviço hoje. (terminar)

d) Sempre que eu lhe *, ela * por monossílabos. (telefonar/responder)

e) Eu * que você não * feliz. (pensar/ser)

10. Complete usando o pretérito perfeito, o pretérito imperfeito ou o mais-que-perfeito do indicativo dos verbos entre parênteses:

a) Eu * a carteira que * no dia anterior. (encontrar/perder)

b) Eles sempre me * que * futebol quando jovens. (dizer/jogar)

c) Minha mãe * a carne, quando o gás *. (cozinhar/acabar)

11. Complete usando o futuro do presente ou o futuro do pretérito do indicativo:

a) Se forem bem tratados, esses canteiros * repletos de flores. (ficar)

b) Prometi a seu pai que não o * sozinho. (deixar)

c) Eu * com meu chefe se as circunstâncias o exigirem. (falar)
d) O pai decidiu que todos se * para a capital. (mudar)

12. Escreva frases com os verbos abaixo, começando a frase com as palavras "Quando eu..." ou "Se eu".
a) fazer
b) trazer
c) ir
d) vir
e) pôr

13. Escreva as frases abaixo utilizando os verbos na voz passiva (veja p. 220, nº 18):
a) Um estrangeiro comprou todas as peças de cerâmica.
b) A nova bibliotecária comprou vários livros de História.
c) Os jogadores fizeram muitas promessas aos torcedores do clube.
d) A polícia cercará a praça Manuel Bandeira.
e) Os críticos sempre elogiam obras de vanguarda.

14. Complete as frases, flexionando corretamente os verbos irregulares entre parênteses:
a) Se * mais alguma coisa no carro, me avise. (caber)
b) Se você * o que lhe pedi, eu * o dinheiro. (fazer/trazer)
c) Se Júlio * as malas no carro e Ivan * conosco, partiremos. (pôr/ir)
d) Sempre * os conselhos que me dão e * explicações sobre aquilo que não entendo. (ouvir/pedir)
e) Quando seus primos * vir, * lhes que * seus agasalhos. (querer/dizer/pôr)

VERBOS AUXILIARES

ser, estar, ter, haver

INDICATIVO

1. **presente**

sou	estou	tenho	hei
és	estás	tens	hás
é	está	tem	há
somos	estamos	temos	havemos
sois	estais	tendes	haveis
são	estão	têm	hão

2. **pretérito imperfeito**

era	estava	tinha	havia
eras	estavas	tinhas	havias
era	estava	tinha	havia
éramos	estávamos	tínhamos	havíamos
éreis	estáveis	tínheis	havíeis
eram	estavam	tinham	haviam

3. **pretérito perfeito simples**

fui	estive	tive	houve
foste	estiveste	tiveste	houveste
foi	esteve	teve	houve
fomos	estivemos	tivemos	houvemos
fostes	estivestes	tivestes	houvestes
foram	estiveram	tiveram	houveram

4. **pretérito perfeito composto**

tenho sido	tenho estado	tenho tido	tenho havido
tens sido	tens estado	tens tido	tens havido
tem sido	tem estado	tem tido	tem havido
temos sido	temos estado	temos tido	temos havido
tendes sido	tendes estado	tendes tido	tendes havido
têm sido	têm estado	têm tido	têm havido

5. **pretérito mais-que-perfeito simples**

fora	estivera	tivera	houvera
foras	estiveras	tiveras	houveras
fora	estivera	tivera	houvera
fôramos	estivéramos	tivéramos	houvéramos
fôreis	estivéreis	tivéreis	houvéreis
foram	estiveram	tiveram	houveram

6. **pretérito mais-que-perfeito composto**

tinha sido	tinha estado	tinha tido	tinha havido
tinhas sido	tinhas estado	tinhas tido	tinhas havido
tinha sido	tinha estado	tinha tido	tinha havido
tínhamos sido	tínhamos estado	tínhamos tido	tínhamos havido
tínheis sido	tínheis estado	tínheis tido	tínheis havido
tinham sido	tinham estado	tinham tido	tinham havido

7. **futuro do presente simples**

serei	estarei	terei	haverei
serás	estarás	terás	haverás
será	estará	terá	haverá
seremos	estaremos	teremos	haveremos
sereis	estareis	tereis	havereis
serão	estarão	terão	haverão

8. **futuro do presente composto**

terei sido	terei estado	terei tido	terei havido
terás sido	terás estado	terás tido	terás havido
terá sido	terá estado	terá tido	terá havido
teremos sido	teremos estado	teremos tido	teremos havido
tereis sido	tereis estado	tereis tido	tereis havido
terão sido	terão estado	terão tido	terão havido

9. **futuro do pretérito simples**

seria	estaria	teria	haveria
serias	estarias	terias	haverias
seria	estaria	teria	haveria
seríamos	estaríamos	teríamos	haveríamos
seríeis	estaríeis	teríeis	haveríeis
seriam	estariam	teriam	haveriam

10. **futuro do pretérito composto**

teria sido	teria estado	teria tido	teria havido
terias sido	terias estado	terias tido	terias havido
teria sido	teria estado	teria tido	teria havido
teríamos sido	teríamos estado	teríamos tido	teríamos havido
teríeis sido	teríeis estado	teríeis tido	teríeis havido
teriam sido	teriam estado	teriam tido	teriam havido

SUBJUNTIVO

1. **presente**

seja	esteja	tenha	haja
sejas	estejas	tenhas	hajas
seja	esteja	tenha	haja
sejamos	estejamos	tenhamos	hajamos
sejais	estejais	tenhais	hajais
sejam	estejam	tenham	hajam

2. **pretérito imperfeito**

fosse	estivesse	tivesse	houvesse
fosses	estivesses	tivesses	houvesses
fosse	estivesse	tivesse	houvesse
fôssemos	estivéssemos	tivéssemos	houvéssemos
fôsseis	estivésseis	tivésseis	houvésseis
fossem	estivessem	tivessem	houvessem

3. **pretérito perfeito composto**

tenha sido	tenha estado	tenha tido	tenha havido
tenhas sido	tenhas estado	tenhas tido	tenhas havido
tenha sido	tenha estado	tenha tido	tenha havido
tenhamos sido	tenhamos estado	tenhamos tido	tenhamos havido
tenhais sido	tenhais estado	tenhais tido	tenhais havido
tenham sido	tenham estado	tenham tido	tenham havido

4. **pretérito mais-que-perfeito composto**

tivesse sido	tivesse estado	tivesse tido	tivesse havido
tivesses sido	tivesses estado	tivesses tido	tivesses havido
tivesse sido	tivesse estado	tivesse tido	tivesse havido
tivéssemos sido	tivéssemos estado	tivéssemos tido	tivéssemos havido
tivésseis sido	tivésseis estado	tivésseis tido	tivésseis havido
tivessem sido	tivessem estado	tivessem tido	tivessem havido

5. **futuro simples**

se eu for	se eu estiver	se eu tiver	se eu houver
se tu fores	se tu estiveres	se tu tiveres	se tu houveres
se ele for	se ele estiver	se ele tiver	se ele houver
se nós formos	se nós estivermos	se nós tivermos	se nós houvermos
se vós fordes	se vós estiverdes	se vós tiverdes	se vós houverdes
se eles forem	se eles estiverem	se eles tiverem	se eles houverem

6. **futuro composto**

tiver sido	tiver estado	tiver tido	tiver havido
tiveres sido	tiveres estado	tiveres tido	tiveres havido
tiver sido	tiver estado	tiver tido	tiver havido
tivermos sido	tivermos estado	tivermos tido	tivermos havido
tiverdes sido	tiverdes estado	tiverdes tido	tiverdes havido
tiverem sido	tiverem estado	tiverem tido	tiverem havido

IMPERATIVO

1. **afirmativo**

sê tu	está tu	tem tu	há tu
seja você	esteja você	tenha você	haja você
sejamos nós	estejamos nós	tenhamos nós	hajamos nós
sede vós	estai vós	tende vós	havei vós
sejam vocês	estejam vocês	tenham vocês	hajam vocês

2. **negativo**

não sejas tu	não estejas tu	não tenhas tu	não hajas tu
não seja você	não esteja você	não tenha você	não haja você
não sejamos nós	não estejamos nós	não tenhamos nós	não hajamos nós
não sejais vós	não estejais vós	não tenhais vós	não hajais vós
não sejam vocês	não estejam vocês	não tenham vocês	não hajam vocês

INFINITIVO

1. **impessoal**

presente:	ser	estar	ter	haver
pretérito:	ter sido	ter estado	ter tido	ter havido

2. **pessoal**

presente:	ser	estar	ter	haver
	seres	estares	teres	haveres
	ser	estar	ter	haver
	sermos	estarmos	termos	havermos
	serdes	estardes	terdes	haverdes
	serem	estarem	terem	haverem
pretérito:	ter sido	ter estado	ter tido	ter havido
	teres sido	teres estado	teres tido	teres havido
	ter sido	ter estado	ter tido	ter havido
	termos sido	termos estado	termos tido	termos havido
	terdes sido	terdes estado	terdes tido	terdes havido
	terem sido	terem estado	terem tido	terem havido

GERÚNDIO

presente:	sendo	estando	tendo	havendo
pretérito:	tendo sido	tendo estado	tendo tido	tendo havido

PARTICÍPIO

sido	estado	tido	havido

Observação:

✔ Como *ter* conjugam-se todos os seus derivados: *abster-se, ater-se, conter, deter, entreter, manter, obter, reter, suster*. Basta antepor-lhes o prefixo. Exemplos: *contenho, contive, detiveram, entretínhamos, mantivesse, retiver*, etc. Observe a acentuação: tu *manténs, mantém* tu; ele *mantém*, eles *mantêm*.

EXERCÍCIOS

LISTA 25

1. Dê a pessoa, o número, o tempo e o modo dos verbos da frase:

Onde **estarias** agora, se eu não **contivesse** o agressor?

2. Escreva as frases, flexionando corretamente os verbos destacados, de acordo com o contexto:

a) Quando **ser** crianças, não tínheis essas preocupações.

b) É possível que elas **estar** viajando. **Haver** tempo que não são vistas em casa.

c) Talvez **haver** desabado algumas barreiras.

d) Como não **obter** resposta, esmurrou a porta com violência.

e) Praticai o bem, **ser** atenciosos, convivei pacificamente com todos.

f) Até ali ele se **manter** calado. (pretérito mais-que-perfeito)

g) Veja como as crianças se **entreter** a observar os peixes no aquário!

h) Se nos **ater** ao parecer de um só homem, sem dúvida haveremos de errar.

i) Até agora eles **ter** sido muito bons para mim.

j) O doceiro parava em todas as casas onde **haver** crianças.

k) Se não **ser** os bombeiros, todos teriam perecido.

l) Eles são **ter** e **haver** como pessoas de bem. (particípio)

m) Se você tem algo a dizer, fale, mas **ser** breve.

n) Fábio avançou contra mim, João o **deter**: eu não **conter** o riso.

o) **Haver** países que **manter** no espaço satélites espiões.

p) Enquanto bebíamos, Félix nos **entreter** com suas brincadeiras.

3. Nas frases do exercício anterior, sublinhe os verbos **ser, ter, haver** e **estar** quando são auxiliares.

4. Conjugue o verbo **entreter** nos tempos derivados do pretérito.

5. Dê as formas pedidas dos verbos seguintes:

manter – 2ª pessoa do plural do imperativo afirmativo

obter – 1ª pessoa do plural do pretérito mais-que-perfeito do indicativo

deter – 3ª pessoa do singular do pretérito imperfeito do subjuntivo

haver – 3ª pessoa do singular do presente do subjuntivo

VERBOS REGULARES

paradigmas

Primeira conjugação *CANTAR*

	INDICATIVO		SUBJUNTIVO	
	tempos simples	**tempos compostos**	**tempos simples**	**tempos compostos**
PRESENTE	canto cantas canta cantamos cantais cantam		cante cantes cante cantemos canteis cantem	
PRETÉRITO IMPERFEITO	cantava cantavas cantava cantávamos cantáveis cantavam		cantasse cantasses cantasse cantássemos cantásseis cantassem	
PRETÉRITO PERFEITO	cantei cantaste cantou cantamos cantastes cantaram	tenho cantado tens cantado tem cantado temos cantado tendes cantado têm cantado		tenha cantado tenhas cantado tenha cantado tenhamos cantado tenhais cantado tenham cantado
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO	cantara cantaras cantara cantáramos cantáreis cantaram	tinha cantado tinhas cantado tinha cantado tínhamos cantado tínheis cantado tinham cantado		tivesse cantado tivesses cantado tivesse cantado tivéssemos cantado tivésseis cantado tivessem cantado
FUTURO DO PRESENTE	cantarei cantarás cantará cantaremos cantareis cantarão	terei cantado terás cantado terá cantado teremos cantado tereis cantado terão cantado	cantar cantares cantar cantarmos cantardes cantarem	tiver cantado tiveres cantado tiver cantado tivermos cantado tiverdes cantado tiverem cantado
FUTURO DO PRETÉRITO	cantaria cantarias cantaria cantaríamos cantaríeis cantariam	teria cantado terias cantado teria cantado teríamos cantado teríeis cantado teriam cantado		

IMPERATIVO	FORMAS NOMINAIS
afirmativo	INFINITIVO
canta (tu)	**presente impessoal**
cante (você)	cantar
cantemos (nós)	
cantai (vós)	
cantem (vocês)	
	presente pessoal
	cantar
negativo	cantares
não cantes (tu)	cantar
não cante (você)	cantarmos
não cantemos (nós)	cantardes
não canteis (vós)	cantarem
não cantem (vocês)	
	pretérito impessoal
	ter cantado
	pretérito pessoal
	ter cantado
	teres cantado
	ter cantado
	termos cantado
	terdes cantado
	terem cantado
	GERÚNDIO
	presente **pretérito**
	cantando tendo cantado
	PARTICÍPIO
	cantado

Observações:

✔ Por este modelo se conjugam todos os verbos regulares da 1ª conjugação: *andar, lavar, saltar, saudar, caçar, suar*, etc.

✔ Para a formação dos tempos compostos pode-se usar também o verbo *haver*: *hei cantado, havia cantado, haverei cantado*, etc.

✔ Há verbos que merecem reparos, no tocante à grafia e à ortoépia. Assim:

a) Os verbos em *-car*, como *ficar, secar*, etc., trocam o *c* por *qu* antes de e: *fique, fiquei, fiquemos; seque, sequei*, etc.

b) Os terminados em *-çar*, como *caçar, abraçar*, perdem a *cedilha* antes do e: *cace, cacemos*, etc.

c) Os verbos em *-gar*, como *jogar, negar*, mudam o *g* em *gu* antes do e: *jogue, joguei, joguemos*, etc.

d) O verbo *roubar* escreve-se e pronuncia-se com o ditongo *ou: roubo, roubas, rouba*, etc., e não "róbo", "róbas", "róba". Assim também *estoura*, e não "estóra", *afrouxa*, e não "afróxa".

e) Nos verbos em *-oar* não se acentua o grupo *oo: voo, entoo, magoo; magoas, magoe*; coo, coas, coa.

f) O verbo *saudar* tem o *u* acentuado nas formas rizotônicas: *saúdo, saúdas, saúdam, saúde*, etc.

g) Nos verbos *obstar, optar, captar, interceptar, pugnar, impugnar, repugnar, designar, eclipsar*, etc., cujo radical termina por duas ou mais consoantes, evite-se intercalar, tanto na pronúncia como na escrita, um *i* entre essas consoantes: *opto, optas, opta*, etc., e não: "ópito", "ópitas", "ópita", nem "opito", "opitas", "opita", etc.; *pugno, pugnas, pugna*, etc., e não: "púguino", "púguinas", "púguina", etc.

h) Os verbos em *-jar* conservam o *j* em todos os tempos: *viajo, viajes, viaje, viajemos, viajeis, viajem*.

i) Os verbos em *-oiar*, como *apoiar, boiar*, etc., têm o **o** tônico aberto nas formas rizotônicas: *apoio, apoias, apoia, apoiam; apoie, apoies, apoie, apoiem*.

j) Nos verbos em *-eijar, -ejar, -eirar, -eixar, -elhar*, a vogal **e** dessas terminações é fechada (ê e não é): *aleijo, aleija, aleijem, despejo, despeja, despejam, inteiro, inteiram, enfeixo, enfeixa, espelho, espelha, espelham*, etc.

VERBOS REGULARES

Segunda conjugação ***BATER***

	INDICATIVO		SUBJUNTIVO	
	tempos simples	**tempos compostos**	**tempos simples**	**tempos compostos**
PRESENTE	bato bates bate batemos bateis batem		bata batas bata batamos batais batam	
PRETÉRITO IMPERFEITO	batia batias batia batíamos batíeis batiam		batesse batesses batesse batêssemos batêsseis batessem	
PRETÉRITO PERFEITO	bati bateste bateu batemos batestes bateram	tenho batido tens batido tem batido temos batido tendes batido têm batido		tenha batido tenhas batido tenha batido tenhamos batido tenhais batido tenham batido
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO	batera bateras batera batêramos batêreis bateram	tinha batido tinhas batido tinha batido tínhamos batido tínheis batido tinham batido		tivesse batido tivesses batido tivesse batido tivéssemos batido tivésseis batido tivessem batido
FUTURO DO PRESENTE	baterei baterás baterá bateremos batereis baterão	terei batido terás batido terá batido teremos batido tereis batido terão batido	bater bateres bater batermos baterdes baterem	tiver batido tiveres batido tiver batido tivermos batido tiverdes batido tiverem batido
FUTURO DO PRETÉRITO	bateria baterias bateria bateríamos bateríeis bateriam	teria batido terias batido teria batido teríamos batido teríeis batido teriam batido		

IMPERATIVO	FORMAS NOMINAIS
afirmativo	INFINITIVO
bat**e** (tu)	**presente impessoal**
bat**a** (você)	bater
bat**amos** (nós)	
bat**ei** (vós)	**presente pessoal**
bat**am** (vocês)	bater batermos
	bateres baterdes
	bater baterem
negativo	**pretérito impessoal**
não bat**as** (tu)	ter batido
não bat**a** (você)	
não bat**amos** (nós)	**pretérito pessoal**
não bat**ais** (vós)	ter batido termos batido
não bat**am** (vocês)	teres batido terdes batido
	ter batido terem batido
	GERÚNDIO
	presente **pretérito**
	batendo tendo batido
	PARTICÍPIO
	batido

Observações:

- ✔ Seguem este paradigma todos os verbos regulares da 2ª conjugação: *comer, temer, beber, descer, crescer, repreender, conhecer*, etc.
- ✔ Os tempos compostos são formados também com o verbo *haver: havia batido, haja batido, houvesse batido*, etc.
- ✔ Os verbos em *-cer*, como *descer, vencer*, etc., terão ç antes de *o* e *a*: *desço, desça, desçamos, desçam*, etc.
- ✔ Os verbos em *-ger*, como *proteger*, mudam o *g* em *j* antes de *o* e *a*: *protejo, protejas, proteja, protejamos, protejais, protejam*.
- ✔ Os verbos em *-guer*, como *erguer*, perdem o *u* antes de *o* e *a*: *ergo, erga, ergamos*.
- ✔ Muitos verbos da 2ª conjugação têm, no presente do indicativo, o *e* ou o *o* tônicos do radical fechados na 1ª pessoal do singular e abertos nas 2ª e 3ª pessoas do singular e na 3ª do plural. Exemplos:
  ergo (ér), ergues (ér), ergue (ér), erguem (ér); corro (ô), corres (ó), corre (ó), correm (ó). Essa alteração no timbre da vogal chama-se *metafonia*.

  Assim também: *escrever, dever, morder, coser* (costurar), *cozer* (cozinhar), etc.

VERBOS REGULARES

Terceira conjugação ***PARTIR***

	INDICATIVO		SUBJUNTIVO	
	tempos simples	**tempos compostos**	**tempos simples**	**tempos compostos**
PRESENTE	parto partes parte partimos partis partem		parta partas parta partamos partais partam	
PRETÉRITO IMPERFEITO	partia partias partia partíamos partíeis partiam		partisse partisses partisse partíssemos partísseis partissem	
PRETÉRITO PERFEITO	parti partiste partiu partimos partistes partiram	tenho partido tens partido tem partido temos partido tendes partido têm partido		tenha partido tenhas partido tenha partido tenhamos partido tenhais partido tenham partido
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO	partira partiras partira partíramos partíreis partiram	tinha partido tinhas partido tinha partido tínhamos partido tínheis partido tinham partido		tivesse partido tivesses partido tivesse partido tivéssemos partido tivésseis partido tivessem partido
FUTURO DO PRESENTE	partirei partirás partirá partiremos partireis partirão	terei partido terás partido terá partido teremos partido tereis partido terão partido	partir partires partir partirmos partirdes partirem	tiver partido tiveres partido tiver partido tivermos partido tiverdes partido tiverem partido
FUTURO DO PRETÉRITO	partiria partirias partiria partiríamos partiríeis partiriam	teria partido terias partido teria partido teríamos partido teríeis partido teriam partido		

IMPERATIVO	FORMAS NOMINAIS
afirmativo parte (tu) parta (você) partamos (nós) parti (vós) partam (vocês) **negativo** não partas (tu) não parta (você) não partamos (nós) não partais (vós) não partam (vocês)	INFINITIVO **presente impessoal** partir **presente pessoal** partir partirmos partires partirdes partir partirem **pretérito impessoal** ter partido **pretérito pessoal** ter partido termos partido teres partido terdes partido ter partido terem partido
	GERÚNDIO **presente** **pretérito** partindo tendo partido
	PARTICÍPIO partido

Observações:

- ✔ Como *partir* se conjugam: *repartir, dirigir, exigir, dividir*, etc.
- ✔ Para os tempos compostos, usa-se também o verbo *haver*: *haver partido, havia partido, houvesse partido*, etc.
- ✔ Os verbos terminados em *-gir* mudam o *g* em *j* antes de *o* e *a*: *dirigir, dirijo, dirija, dirijamos*, etc.
- ✔ Os terminados em *-guir* (nos quais o *u* não é proferido) perdem o *u* antes de *o* e *a*: *distinguir, distingo, distinga*, etc.
- ✔ Na 2ª e 3ª pessoas do singular do presente do indicativo dos verbos regulares em *-uir*, grafa-se *ui* e não *ue*, por se tratar de ditongo decrescente: *concluis, conclui, influis, influi*, etc.

EXERCÍCIOS

LISTA 26

1. Prossiga dando a pessoa, o número, o tempo e o modo das formas verbais:

Exemplo: cansam – **3ª pessoa do plural do presente do indicativo**

deixávamos –
cessariam –
dançarão –
dançaram –
achastes –
assaste –
considerem –
atáramos –
deixei –
deixasse –

2. Conjugue por escrito o verbo **descansar** nos tempos simples do indicativo.

3. Conjugue por escrito o verbo **alcançar** nos tempos do subjuntivo.

4. Flexione por escrito o verbo **despejar** no imperativo afirmativo e no negativo.

5. Conjugue por escrito o verbo **suar** no infinitivo presente pessoal.

6. Escreva as formas nominais (infinitivo, gerúndio e particípio) do verbo em destaque:
Não **deixes** o certo pelo duvidoso.

7. Relacione as frases aos respectivos tempos dos verbos que estão em destaque:

É melhor que a **conservemos** na água.	pretérito perfeito do indicativo
Por que **desanimastes**?	pretérito mais-que-perfeito do indicativo
Pedi que **examinassem** as contas.	futuro do pretérito
Alcançariam o fugitivo?	presente do subjuntivo
Ninguém os **autorizara** a entrar.	pretérito imperfeito do subjuntivo

8. Substitua o * pelos verbos nos tempos do subjuntivo, nas formas adequadas ao contexto:

a) Pedi às crianças que *. (**sossegar**)
b) Peço ao moço que * as cartas na caixa. (**depositar**)
c) É preciso que nós mesmas * a roupa. (**consertar**)
d) Pior para eles, se * minhas recomendações. (**desprezar**)
e) Proponho-vos que * para vossas casas. (**voltar**)
f) Espero que Luís já * os colegas. (**avisar**)
g) Não o verás, por mais que * longe. (**enxergar**)
h) Pode acontecer que o avião * ou * em outra cidade. (**atrasar – descer**)

9. Forme frases com os verbos abaixo na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo:
roubar – saudar – almejar – espelhar – magoar – optar – vistoriar

10. Reescreva as frases, flexionando corretamente os verbos em destaque, no presente do indicativo ou do subjuntivo, de acordo com o contexto sintático:

a) A História **restaurar** o passado.

b) Farei tudo para que os dois se **reconciliar**.

c) Alguns se **gloriar** do que não fizeram.

d) **Estourar** morteiros e **espocar** foguetes.

e) Peço-te que não **afrouxar** a marcha.

f) Aconselho-os a que **viajar** amiúde e **ampliar** seus conhecimentos.

g) Ele **gesticular** e **vociferar** contra os que lhe **impugnar** as opiniões.

h) Pobre homem! Uns o **caluniar**, outros lhe **roubar** o sossego.

i) A polícia **interceptar** o veículo e **apreender** o contrabando.

j) É de esperar que **nascer** novos gênios da música.

k) É possível que **ocorrer** outros terremotos na região.

l) Conversando, talvez nos **entender** e nos **tornar** bons amigos.

11. Conjugue o verbo **crescer** nos tempos simples do indicativo.
Conjugue o verbo **mexer** nos tempos do subjuntivo.

12. Flexione o verbo **descer** no imperativo afirmativo e no negativo.

13. Escreva as frases, colocando entre parênteses os respectivos tempos e modos dos verbos em destaque. Veja os tempos e modos abaixo:

Cássio **desaparecera** no mar.

Existiriam discos voadores?

Talvez **existam**.

Dividi para vencerdes.

Eu **dividi** os lucros.

Se me **morderes**, prendo-te.

Cuidado para não **morderes** a língua!

a) pretérito perfeito do indicativo

b) futuro do subjuntivo

c) pretérito mais-que-perfeito do indicativo

d) infinitivo presente pessoal

e) imperativo afirmativo

f) presente do subjuntivo

g) futuro do pretérito do indicativo

14. Dê as formas verbais pedidas:

apoiar – 1ª pes. sing. pres. indic.

telegrafar – 3ª pes. sing. pres. indic.

deliciar – 3ª pes. sing. pres. indic.
eclipsar – 3ª pes. sing. pret. perf. indic.
exercer – 3ª pes. pl. pres. subj.
designar – 2ª pes. sing. pres. subj.
conceder – 1ª pes. pl. pret. imperf. subj.
florescer – 3ª pes. pl. fut. do pres.
proteger – 1ª pes. pl. pres. subj.
dirigir – 2ª pes. sing. imper. neg.
extinguir – 3ª pes. sing. pret. perf. indic.
distinguir – 3ª pes. sing. pret. imperf. indic.
proibir – 3ª pes. pl. pres. subj.
exigir – 1ª pes. pl. imper. afirm.

15. Escreva as frases, substituindo as expressões em destaque pelos verbos equivalentes, fazendo as necessárias adaptações:

a) As jovens contavam casos, **diziam gracejos** e riam alto.
b) A banda **deu início** à retreta com o hino *Cidade Maravilhosa*.
c) Noêmia não **causara boa impressão** ao povo da cidade.
d) É preciso que alguma força **dê impulso** ao veículo.
e) Falta de dinheiro **torna impossível** a muitos **fazer excursões** durante as férias.
f) **Demos graças** a Deus por termos escapado ilesos.

16. Passe para a 2ª pessoa do singular ou plural, conforme o caso:

a) Divide e sê vencedor.
b) Não esqueçais o passado nem vos afeiçoeis demais ao presente.
c) Recebe com alegria os amigos que te visitam.
d) Abri as portas à esperança; não deixeis entrar o desânimo.
e) Não magoes nunca nem entristeças tua mãe.
f) Queremos que participeis de nossa alegria: entrai e comei!
g) Frequenta os bons e serás bom; convive com os maus, serás como eles.

17. Use o tratamento **vocês** em lugar do tratamento **vós**:

a) Não vendais a honra nem atraiçoeis os amigos.
b) Permiti, prezados ouvintes, que vos faça uma pergunta.
c) Não vos mexais, belas jovens, senão o retrato sai borrado.

18. Mude os tempos simples em destaque nos correspondentes compostos:

a) Até então a vida para mim **fora** suave.
b) Onde, na infância, **brincáramos** alegres, ali agora só se viam edifícios tristes.

c) Não a **deixarás** entregue à própria sorte?

d) Confesso que não me **esforcei** tanto quanto poderia.

e) Quem lhe **ensinaria** o caminho? Quem a **protegeria**?

f) Voltarás para casa assim que **concluíres** a tarefa.

19. Substitua os tempos em destaque pelos indicados entre parênteses:

a) Espero que você **inclua** meu nome na lista. (pretérito perfeito)

b) Se me **ouvissem**, agora não estariam se lamentando. (pretérito mais-que-perfeito)

c) **É** bom **voltares** para a tua terra natal. (pretérito)

d) **É** uma injustiça não o **atenderem**. (pretérito)

15 VOZES DO VERBO

Voz do verbo é a forma que este assume para indicar que a ação verbal é praticada ou sofrida pelo sujeito.

Três são as vozes dos verbos: a *ativa*, a *passiva* e a *reflexiva*.

16 VOZ ATIVA

Um verbo está na *voz ativa* quando o sujeito é agente, isto é, faz a ação expressa pelo verbo. Exemplos:

O caçador **abateu** a ave.

O vento **agitava** as águas.

Os pais **educam** os filhos.

17 VOZ PASSIVA

Um verbo está na *voz passiva* quando o sujeito é paciente, isto é, sofre, recebe ou desfruta a ação expressa pelo verbo. Exemplos:

A ave foi **abatida** pelo caçador.

As águas **eram agitadas** pelo vento.

Os filhos **são educados** pelos pais.

Observação:

✔ Só verbos transitivos podem ser usados na voz passiva.

18 FORMAÇÃO DA VOZ PASSIVA

A voz passiva, mais frequentemente, é formada:

- pelo verbo auxiliar *ser* seguido do particípio do verbo principal. Nesse caso, a voz é *passiva analítica*. Exemplos:

  O homem **é afligido** pelas doenças.

  A criança **era conduzida** pelo pai.

  As ruas **serão enfeitadas**.

  Seriam abertas novas escolas.

  "Dos conveses dos navios **seriam vistas** torres de petróleo em todo o litoral." (LEDO IVO)

Na voz passiva analítica, o verbo pode vir acompanhado de um agente, como nos dois primeiros exemplos deste parágrafo.

Menos frequentemente, pode-se exprimir a passiva analítica com outros verbos auxiliares. Exemplos:

A aldeia **estava isolada** pelas águas.

A presa **estava sendo devorada** pelo leão.

O cachorro **ficou esmagado** pela roda do ônibus.

A noiva **vinha acompanhada** pelo pai.

O preso **ia escoltado** pelos guardas.

"Eu **ia perseguido** por criaturas inexistentes." (GRACILIANO RAMOS)

- com o pronome apassivador *se* associado a um verbo ativo da 3ª pessoa. Nesse caso, temos *voz passiva pronominal*. Exemplos:

  Regam-se as plantas de manhã cedo.

  Organizou-se o campeonato.

  Abrir-se-ão novas escolas de artes e ofícios.

  Ainda não **se lançaram** as redes.

  Já **se têm feito** muitas experiências.

  Entregaram-se os troféus aos vencedores da corrida.

  "Não indagava o motivo de **se encherem** os cestos, perguntava se eles realmente **se enchiam**." (GRACILIANO RAMOS)

Por clareza, preferir-se-á a passiva analítica toda vez que o sujeito for uma pessoa ou animal que possa ser o agente da ação verbal. Exemplo:

Foi retirada a guarda.

["**Retirou-se** a guarda" tanto pode ser voz passiva como reflexiva.]

19 VOZ REFLEXIVA

Na *voz reflexiva* o sujeito é ao mesmo tempo agente e paciente: faz uma ação cujos efeitos ele mesmo sofre ou recebe. Exemplos:

O caçador **feriu-se**.

A menina **penteou-se** e saiu com as colegas.

Sacrifiquei-me por ele.

Os pais **contemplam-se** nos filhos.

O preso **suicidou-se**.

Vistamo-nos e **enfeitemo-nos** para a festa!

O verbo reflexivo é conjugado com os pronomes reflexivos *me, te, se, nos, vos, se*. Esses pronomes são reflexivos quando se lhes pode acrescentar *a mim mesmo, a ti mesmo, a si mesmo, a nós mesmos, a vós mesmos, a si mesmos*, respectivamente. Exemplos:

Consideras-te aprovado? (**a ti mesmo**)

Classes sociais **arrogam-se** (**a si mesmas**) direitos que a lei lhes nega.

Às vezes **nos intoxicamos** com alimentos deteriorados.

Errando, **prejudicamo-nos** a nós mesmos.

Aquele escritor **fez-se** por si mesmo.

Por que **vos atribuís** tanta importância?

Observações:

- ✔ Não se deve atribuir sentido reflexivo a verbos que designam sentimentos, como *queixar-se, alegrar-se, arrepender-se, zangar-se, indignar-se* e outros meramente pronominais. O pronome átono como que se dilui nesses verbos, dos quais é parte integrante. A prova de que não são reflexivos é que não se pode dizer, por exemplo, *zango-me a mim mesmo*.
- ✔ Observe-se também que em frases como "João fala de si" há *reflexividade*, mas não há *voz reflexiva*, porque o verbo não é reflexivo.

Uma variante da voz reflexiva é a que denota reciprocidade, ação mútua ou correspondida. Os verbos dessa voz, por alguns chamados *recíprocos*, usam-se, geralmente, no plural e podem ser reforçados pelas expressões *um ao outro, reciprocamente, mutuamente*. Exemplos:

Amam-se como irmãos. (Amam um ao outro.)

Os dois pretendentes *insultaram-se*.

Ó povos, por que *vos guerreais* tão barbaramente?

Os dois escritores *carteavam-se* assiduamente.

Muitas vezes, *atrapalhamo-nos* uns aos outros.

Cumprimentaram-se e *abraçaram-se* com alegria e emoção.

"A gente *se correspondia* por meio de sinais e gestos, de janela a janela." (Rubem Braga)

"Fazia meses que não *se viam*." (Autran Dourado)

"As companheiras *convidavam-se* umas às outras." (Helena Silveira)

"Os dois irmãos *entreolharam-se* em silêncio." (Camilo Castelo Branco)

"Tacapes e tangapemas *entrechocam-se* no ar." (Gastão Cruls)

"O Presidente esperará que vocês *se entredevorem*, para ver o que sobra." (Ciro dos Anjos)

Observação:

✔ Em muitos verbos reflexivos a ideia de reciprocidade é reforçada pelo prefixo *entre: entremear-se, entrechocar-se, entrebater-se, entredevorar-se, entrecruzar-se, entredilacerar-se, entrematar-se, entremorder-se, entreolhar-se, entrequerer-se, entrevistar-se.*

20 CONVERSÃO DA VOZ ATIVA NA PASSIVA

Pode-se mudar a voz ativa na passiva sem alterar substancialmente o sentido da frase. Exemplo:
Gutenberg **inventou** a imprensa. – voz ativa
A imprensa **foi inventada** por Gutenberg. – voz passiva

Observe que o objeto direto será o sujeito da passiva, o sujeito da ativa passará a agente da passiva e o verbo ativo assumirá a forma passiva, conservando o mesmo tempo. Outros exemplos:

Os calores intensos **provocam** as chuvas.
As chuvas **são provocadas** pelos calores intensos.
Os mestres **têm** constantemente **aconselhado** os alunos.
Os alunos **têm sido** constantemente **aconselhados** pelos mestres.
Eu o **acompanharei**.
Ele **será acompanhado** por mim.
Todos te **louvariam**.
Serias louvado por todos.
Receberam-me com festa.
Fui recebido com festa.
Condenar-te-iam, se cometesses tais desatinos.
Serias condenado, se cometesses tais desatinos.

(Quando o sujeito da voz ativa for indeterminado, como nos dois últimos exemplos, não haverá complemento agente da passiva.)

Observações finais:

✔ Aos verbos que não são ativos nem passivos ou reflexivos, alguns gramáticos chamam *neutros*:
O vinho *é* bom. Aqui *chove* muito.

✔ Há formas passivas com sentido ativo:
É chegada a hora. (= *Chegou* a hora.)
Eu ainda não *era nascido*. (= Eu ainda não *tinha nascido*.)
"*São decorridos* três meses do crime, e o edifício ainda continua na berlinda." (ANÍBAL MACHADO) (são decorridos = *decorreram*)
"Imaginei que ela saíra do mato *almoçada* e feliz." (MACHADO DE ASSIS)
"Nós estávamos *brigados*." (MACHADO DE ASSIS)
Ferreira de Castro era um homem *lido* e *viajado*. (= que leu e viajou)

✔ Os verbos *chamar-se, batizar-se, operar-se* (no sentido cirúrgico) e *vacinar-se* são considerados passivos por alguns autores, por isso que o sujeito é paciente:
Chamo-me Luís. *Batizei-me* na igreja do Carmo.
Operou-se de hérnia. *Vacinaram-se* contra o tifo.

CONJUGAÇÃO DE UM VERBO NA VOZ PASSIVA ANALÍTICA

GUIAR

INDICATIVO

presente
sou guiado
és guiado
é guiado
somos guiados
sois guiados
são guiados

pretérito imperfeito
era guiado
eras guiado
era guiado
éramos guiados
éreis guiados
eram guiados

pretérito perfeito simples
fui guiado
foste guiado
foi guiado
fomos guiados
fostes guiados
foram guiados

pretérito perfeito composto
tenho sido guiado
tens sido guiado
tem sido guiado
temos sido guiados
tendes sido guiados
têm sido guiados

pretérito mais-que-perfeito simples
fora guiado
foras guiado
fora guiado
fôramos guiados
fôreis guiados
foram guiados

pretérito mais-que-perfeito composto
tinha sido guiado
tinhas sido guiado
tinha sido guiado
tínhamos sido guiados
tínheis sido guiados
tinham sido guiados

futuro do presente simples
serei guiado
serás guiado
será guiado
seremos guiados
sereis guiados
serão guiados

futuro do presente composto
terei sido guiado
terás sido guiado
terá sido guiado
teremos sido guiados
tereis sido guiados
terão sido guiados

futuro do pretérito simples
seria guiado
serias guiado
seria guiado
seríamos guiados
seríeis guiados
seriam guiados

futuro do pretérito composto
teria sido guiado
terias sido guiado
teria sido guiado
teríamos sido guiados
teríeis sido guiados
teriam sido guiados

IMPERATIVO

afirmativo
sê guiado
seja guiado
sejamos guiados
sede guiados
sejam guiados

negativo
não sejas guiado
não seja guiado
não sejamos guiados
não sejais guiados
não sejam guiados

SUBJUNTIVO

presente
seja guiado
sejas guiado
seja guiado
sejamos guiados
sejais guiados
sejam guiados

pretérito imperfeito
fosse guiado
fosses guiado
fosse guiado
fôssemos guiados
fôsseis guiados
fossem guiados

pretérito perfeito composto
tenha sido guiado
tenhas sido guiado
tenha sido guiado
tenhamos sido guiados
tenhais sido guiados
tenham sido guiados

pretérito mais-que-perfeito composto
tivesse sido guiado
tivesses sido guiado
tivesse sido guiado
tivéssemos sido guiados
tivésseis sido guiados
tivessem sido guiados

futuro simples
for guiado
fores guiado
for guiado
formos guiados
fordes guiados
forem guiados

futuro composto
tiver sido guiado
tiveres sido guiado
tiver sido guiado
tivermos sido guiados
tiverdes sido guiados
tiverem sido guiados

FORMAS NOMINAIS

infinitivo presente impessoal
ser guiado

infinitivo pretérito impessoal
ter sido guiado

infinitivo presente pessoal	**infinitivo pretérito pessoal**
ser guiado	ter sido guiado
seres guiado	teres sido guiado
ser guiado	ter sido guiado
sermos guiados	termos sido guiados
serdes guiados	terdes sido guiados
serem guiados	terem sido guiados

gerúndio presente	**gerúndio pretérito**	**particípio**
sendo guiado	tendo sido guiado	guiado

Observações:

- ✔ Sendo o sujeito um ser do gênero feminino, o particípio terá as desinências *-a, -as*: sou *guiada*, ela é *guiada*, somos *guiadas*, etc.
- ✔ Nos tempos compostos, pode-se usar o auxiliar *haver* em lugar de *ter*: *haverei sido guiado, havia sido guiado, se houver sido guiada, havendo sido guiadas*, etc.
- ✔ Entendem alguns autores que na voz passiva não há imperativo.

21 CONJUGAÇÃO DOS VERBOS PRONOMINAIS

Há os verbos essencialmente pronominais, que só se usam com os pronomes átonos (*queixar-se, arrepender-se, dignar-se*, etc.), e os acidentalmente pronominais (*pentear-se, matar-se, atribuir-se*, etc.), que nem sempre se usam com os ditos pronomes.

Os verbos pronominais abrangem, portanto, os reflexivos e são conjugados como na voz ativa, mas associando-se-lhes os pronomes *me, te, se, nos, vos, se*.

As formas da 1ª pessoa do plural perdem o *s* final antes de receber o pronome enclítico. Exemplo:

"Desconcertados com essa reação que não esperávamos, *afastamo-nos* em pequenos grupos." (José J. Veiga)

Eis um exemplo de conjugação pronominal:

LEMBRAR-SE

INDICATIVO

Presente: lembro-me, lembras-te, lembra-se, lembramo-nos, lembrais-vos, lembram-se.

Pretérito imperfeito: lembrava-me, lembravas-te, lembrava-se, lembrávamo-nos, lembráveis-vos, lembravam-se.

Pretérito perfeito simples: lembrei-me, lembraste-te, lembrou-se, lembramo-nos, lembrastes-vos, lembraram-se.

Pretérito perfeito composto: tenho-me lembrado, tens-te lembrado, tem-se lembrado, temo-nos lembrado, tendes-vos lembrado, têm-se lembrado.

Pretérito mais-que-perfeito simples: lembrara-me, lembraras-te, lembrara-se, lembráramo-nos, lembráreis-vos, lembraram-se.

Pretérito mais-que-perfeito composto: tinha-me lembrado, tinhas-te lembrado, tinha-se lembrado, tínhamo-nos lembrado, tínheis-vos lembrado, tinham-se lembrado.

Futuro do presente simples: lembrar-me-ei, lembrar-te-ás, lembrar-se-á, lembrar-nos-emos, lembrar-vos-eis, lembrar-se-ão.

Futuro do presente composto: ter-me-ei lembrado, ter-te-ás lembrado, ter-se-á lembrado, ter-nos-emos lembrado, ter-vos-eis lembrado, ter-se-ão lembrado.

Futuro do pretérito simples: lembrar-me-ia, lembrar-te-ias, lembrar-se-ia, lembrar-nos-íamos, lembrar-vos-íeis, lembrar-se-iam.

Futuro do pretérito composto: ter-me-ia lembrado, ter-te-ias lembrado, ter-se-ia lembrado, ter-nos-íamos lembrado, ter-vos-íeis lembrado, ter-se-iam lembrado.

SUBJUNTIVO

Presente: lembre-me, lembres-te, lembre-se, lembremo-nos, lembrai-vos, lembrem-se.

Pretérito imperfeito: lembrasse-me, lembrasses-te, lembrasse-se, lembrássemo-nos, lembrásseis-vos, lembrassem-se.

Pretérito perfeito composto. Neste tempo não se usam pronomes oblíquos pospostos, mas antepostos ao verbo: que me tenha lembrado, que te tenhas lembrado, que se tenha lembrado, etc.

Pretérito mais-que-perfeito composto: tivesse-me lembrado, tivesses-te lembrado, tivesse-se lembrado, tivéssemo-nos lembrado, tivésseis-vos lembrado, tivessem-se lembrado.

Futuro simples. Neste tempo os pronomes oblíquos são antepostos ao verbo: se me lembrar, se te lembrares, se se lembrar, etc.

Futuro composto. Neste tempo os pronomes oblíquos são antepostos ao verbo: se me tiver lembrado, se te tiveres lembrado, se se tiver lembrado, etc.

IMPERATIVO

Afirmativo: lembra-te, lembre-se, lembremo-nos, lembrai-vos, lembrem-se.

Negativo (sempre com os pronomes antepostos): não te lembres, não se lembre, não nos lembremos, não vos lembreis, não se lembrem.

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo presente impessoal: lembrar-se.

Infinitivo presente pessoal: lembrar-me, lembrares-te, lembrar-se, lembrarmo-nos, lembrardes--vos, lembrarem-se.

Infinitivo pretérito impessoal: ter-se lembrado.

Infinitivo pretérito pessoal: ter-me lembrado, teres-te lembrado, ter-se lembrado, termo-nos lembrado, terdes-vos lembrado, terem-se lembrado.

Gerúndio presente: lembrando-se.

Gerúndio pretérito: tendo-se lembrado.

Particípio. Não admite a forma pronominal.

Observações:

- ✔ Por este modelo conjugam-se: *queixar-se, esquecer-se, arrepender-se, iludir-se, vestir-se,* etc.
- ✔ Um verbo pronominal pode também ser conjugado com os pronomes antepostos (proclíticos): *eu me lembro, tu te lembras, ele se lembra, nós nos lembramos, vós vos lembrais, eles se lembram,* etc. Veja páginas 538, parágrafo 6, e 543, parágrafo 9.

EXERCÍCIOS — LISTA 27

1. Reorganize as colunas, fazendo as frases corresponderem à voz adequada dos verbos:

Demoliram-se as casas.	(1) ativa
As abelhas **colhem** o néctar.	(2) passiva analítica
Cumprimentamo-nos cordialmente.	(3) passiva pronominal
A casa **foi reformada**.	(4) reflexiva
Rita **olhou-se** no espelho.	(5) reflexiva recíproca

2. Informe a voz dos verbos:

a) Laranjas eram vendidas por atacado e a varejo.

b) "As mortalhas das lagartas vestem os homens de gala." (Marquês de Maricá)

c) "Os abusos, como os dentes, nunca se arrancam sem dores." (Marquês de Maricá)

d) Os moradores entreolharam-se decepcionados.

e) Quem nunca comeu melado, quando come, se lambuza.

f) "Um dos professores sugeriu, ao se discutirem os programas, a ideia do ensino integral da Zoologia." (Carlos de Laet)

g) "Nunca nos falamos, apenas nos cumprimentávamos." (Autran Dourado)

h) A cidade estava sitiada pelo exército romano.

i) "Por que foram os persas, logo que se deram às delícias do luxo, vencidos pelos lacedemônios?" (Camilo Castelo Branco)

j) "As reses famintas comem-no [o tingui] e se envenenam." (Gustavo Barroso)

3. Converta a voz ativa na passiva analítica:

a) A luz circular do refletor envolve o pianista e o piano.

b) A civilização invadiu e conquistou o morro.

c) Nas escolas, os alunos recitavam belas poesias, no Dia da Bandeira.
d) Soldados, vossos chefes vos elogiaram?
e) Entreguei-lhe a carta ontem.
f) Meu bisavô fundara a cidade.
g) As tuas mãos não mais acenderiam o nosso fogo.
h) Atendeu-nos prontamente o diretor.
i) A moça entregara dois anéis para consertar.
j) As caixas de doces abria-as eu.
k) Quem o chamou aqui, menino?
l) A esta hora a diretora talvez já esteja publicando os resultados dos exames.
m) Os chefes do partido o teriam ameaçado de morte.
n) Censuram-te por causa dos teus desatinos.
o) Concederam-lhe a licença.

4. Mude a voz passiva na ativa:

Exemplo: O trabalho é abençoado por Deus – Deus **abençoa** o trabalho.

a) O Egito, país fabuloso, é fertilizado pelas enchentes do Nilo.
b) O terreno tinha sido invadido pelo mato.
c) A estrada era percorrida por linhas de ônibus.
d) Muitas dessas árvores foram por mim mesmo plantadas.
e) Elas teriam sido elogiadas pelo diretor.
f) Eles têm sido frequentemente criticados pela imprensa.
g) O povo fora mantido a distância pelos guardas.
h) Ele sempre era acolhido por ti com carinho.
i) Foi ele visto por ti quando era detido pelos guardas?
j) Teria eu sido aceito por vós?
k) Teria ele sido readmitido pelo senhor?
l) Se ela estivesse sendo incomodada por nós...
m) Sem dúvida, ele iria ser perseguido pelos adversários políticos.
n) A Terra poderá ser atingida por destroços de satélites artificiais.
o) "O céu é árido, sem manchas, como se fora varrido por um vento de maldição." (Gustavo Barroso)

5. Troque a voz passiva analítica pela pronominal:

Exemplo: As roseiras **são podadas**. – **Podam-se** as roseiras.

a) Os galhos são cortados e os troncos serrados.
b) Foram retidos os cães e outros animais perigosos.
c) Nem sempre são obtidos bons resultados.
d) Tinham sido abertos vários concursos naquele ano.
e) Nos cantos do salão eram vistos grupos de convidados.
f) Foi-lhe cassada a licença, devido a irregularidades.

g) Eis as prerrogativas que são concedidas.

h) Nas tardes frescas a mesa era armada no caramanchão do jardim.

i) Afinal, a obra fora inaugurada dentro do prazo.

j) Era a primeira cerimônia pública que ia ser realizada ali.

k) Caso sejam mantidas as comportas fechadas...

l) Serão escritos os títulos com tinta vermelha.

m) Sejam mobilizadas todas as forças imediatamente.

n) Seriam concedidos os recursos necessários.

o) "Em Grécia e Roma as festas anuais eram solenizadas com espetáculos." (Camilo Castelo Branco)

6. Copie a única frase em que há voz reflexiva recíproca:

Deram-se os prêmios aos vencedores.

Pedro e João deram-se provas de estima.

Gabriel e seu irmão deram-se ao trabalho de despachar a minha bagagem.

7. Conjugue os verbos **zangar-se** e **arrepender-se** no presente do indicativo, com os pronomes pospostos aos verbos.

8. Dos verbos abaixo dê as pessoas pedidas, na voz passiva:

avisar – 3ª pes. pl. do pret. perf. composto do indic.

atender – 1ª pes. pl. do pret. imperf. do subj.

iludir – 2ª pes. sing. do pret. mais-que-perf. composto do indic.

9. Dê as pessoas pedidas dos seguintes verbos pronominais:

calar-se – 2ª pes. pl. do imperativo afirmativo

esquecer-te – 2ª pes. sing. do imperativo negativo

arrepender-se – 3ª pes. sing. do futuro do presente (pronome intercalado)

divertir-se – 1ª pes. pl. do pret. perf. simples do indicativo

vestir-se – 1ª pes. sing. do pret. mais-que-perfeito composto do indic. (pronome posposto ao verbo auxiliar)

10. Siga o exemplo, modificando a frase, sem lhe alterar o sentido:

a) Ainda não **houve apuração** dos fatos.

Ainda não **foram apurados** os fatos.

Ainda não **se apuraram** os fatos.

b) Ainda não **houve confirmação** dos jogos de domingo.

22 VERBOS IRREGULARES

Para mais facilmente compreender e assimilar o processo da conjugação irregular, é importante saber distinguir:

a) **tempos primitivos** e **tempos derivados**;

b) **formas rizotônicas** (as que têm o acento tônico no radical, como: *sirv-o*) e **arrizotônicas** (as que têm o acento tônico na terminação, como: *serv-imos*).

No presente do indicativo dos verbos cujo infinitivo tem mais de uma sílaba, são rizotônicas a 1ª, a 2ª e a 3ª pessoas do singular e a 3ª pessoa do plural, e arrizotônicas a 1ª e a 2ª pessoas do plural. Exemplos:

agrid-o, agrid-es, agrid-e, agrid-em → formas rizotônicas
agred-imos, agred-is → formas arrizotônicas

Se um tempo primitivo for irregular, seus derivados também o serão. Isto se verifica, por exemplo, no verbo *caber*:

tempos primitivos		**tempos derivados**
caibo (presente do indicativo)	→	**caiba** (presente do subjuntivo)
couberam (pretérito perfeito do indicativo)	→	**coubera** (pretérito mais-que-perfeito do indicativo) **couber** (futuro do subjuntivo) **coubesse** (pretérito imperfeito do subjuntivo)

Quando se diz que um verbo é irregular, não se deve entender que ele o seja em todo o quadro de suas flexões. O verbo *perder*, para citar um exemplo, apresenta formas irregulares, como *perco, perca, percam*, etc., e outras regulares, como *perde, perdia, perdi*, etc.

Estudaremos, a seguir, os verbos irregulares das três conjugações. Não incluímos os auxiliares *ser, estar, ter* e *haver*, já conjugados anteriormente, mas registramos alguns verbos regulares dignos de atenção. Não damos os tempos compostos nem as formas regulares que não apresentam dificuldades.

1ª CONJUGAÇÃO

DAR

Indicativo *presente*: dou, dás, dá, damos, dais, dão.
Pretérito imperfeito: dava, davas, dava, dávamos, dáveis, davam.
Pretérito perfeito: dei, deste, deu, demos, destes, deram.
Pretérito mais-que-perfeito: dera, deras, dera, déramos, déreis, deram.
Futuro do presente: darei, darás, dará, daremos, dareis, darão.
Futuro do pretérito: daria, darias, daria, daríamos, daríeis, dariam.
Imperativo *afirmativo*: dá, dê, demos, dai, deem.
Imperativo negativo: não dês, não dê, não demos, não deis, não deem.
Subjuntivo *presente*: dê, dês, dê, demos, deis, deem.
Pretérito imperfeito: desse, desses, desse, déssemos, désseis, dessem.
Futuro: der, deres, der, dermos, derdes, derem.
Infinitivo *presente impessoal*: dar.

Infinitivo presente pessoal: dar, dares, dar, darmos, dardes, darem.

Gerúndio: dando.

Particípio: dado.

Assim se conjuga o derivado *desdar*. *Circundar* é regular.

APROPINQUAR-SE (= aproximar-se)

Indicativo *presente*: apro*pín*quo-me, apro*pín*quas-te, apro*pín*qua-se, apropin*qua*mo-nos, apropin*quais*-vos, apro*pín*quam-se.

Imperativo afirmativo: apro*pín*qua-te, apro*pín*que-se, apropin*que*mo-nos, apropin*quai*-vos, apro*pín*quem-se.

Subjuntivo *presente*: que eu me apro*pín*que, que tu te apro*pín*ques, etc.

Este verbo, de pouco uso, é regular. Os destaques indicam as sílabas tônicas.

MOBILIAR

Indicativo *presente*: mob*í*lio, mob*í*lias, mob*í*lia, mobiliamos, mobiliais, mob*í*liam.

Subjuntivo *presente*: mob*í*lie, mob*í*lies, mob*í*lie, mobiliemos, mobilieis, mob*í*liem.

Verbo regular na escrita e irregular na pronúncia (o *i* destacado é tônico), pois dos verbos em *-iliar* é o único que assim se pronuncia. Os outros têm a sílaba tônica *-li*: auxi*li*o, conci*li*o, reconci*li*o, fi*li*o, reta*li*o. Há ainda as variantes *mobilhar* e *mobilar* (esta última, forma lusitana), que fazem, respectivamente, *mobilho, mobilhas* e *mobilo, mobilas*, etc.

AGUAR

Indicativo *presente*: águo, águas, água, aguamos, aguais, águam.

Pretérito perfeito: aguei, aguaste, aguou, etc.

Subjuntivo *presente*: águe, águes, águe, aguemos, agueis, águem.

Verbo regular. Assim se conjugam *desaguar, enxaguar* e *minguar* [1].

Nas formas desses verbos terminadas em *-gue, -gues, -guem*, o acento agudo, com a abolição do trema pelo novo Acordo Ortográfico de 1990, tornou-se necessário.

Gramáticos e escritores há que preferem *aguo, aguas, desagua, enxagua, mingua,* com acento tônico no *u*, mas tal pronúncia divorcia-se do uso comum.

AVERIGUAR (= verificar)

Indicativo *presente*: averig*u*o, averig*u*as, averig*u*a, averiguamos, averiguais, averig*u*am.

Pretérito perfeito: averiguei, averiguaste, averiguou, etc.

Imperativo afirmativo: averig*u*a, averig*ú*e, averiguemos, averiguai, averig*ú*em.

Subjuntivo *presente*: averig*ú*e, averig*ú*es, averig*ú*e, averiguemos, averigueis, averig*ú*em.

---

[1] "Os nobres impulsos não esmorecem, quando lhes míngua ressonância." (Ciro dos Anjos, *Explorações no Tempo*, p. 146)

Verbo regular. Vai grifado o *u* tônico, o qual, no grupo *gue*, deve ser acentuado para evitar falsas pronúncias. Equivocadamente, o novo Acordo Ortográfico aboliu o acento gráfico neste caso. Ora, não se pode grafar *averigue, averigues, averiguem* e *obrigue, obrigues, obriguem* da mesma forma! Assim serão conjugados *apaniguar* (= proteger) e *apaziguar* (= pacificar).

OBLIQUAR (= caminhar ou seguir obliquamente; agir com dissimulação)

Indicativo *presente*: obli*qu*o, obli*qu*as, obli*qu*a, obliquamos, obliquais, obli*qu*am.

Imperativo afirmativo: obli*qu*a, obli*qú*e, obliquemos, obliquai, obli*qú*em.

Imperativo negativo: não obli*qú*es, não obli*qú*e, não obliquemos, não obliqueis, não obli*qú*em.

Verbo regular de emprego raro. Os destaques indicam as sílabas tônicas. Contrariamente ao que preceitua o novo sistema ortográfico, achamos que o *u* tônico do grupo *que* deve ser acentuado.

Segue este modelo o verbo defectivo *adequar*, que só possui as formas arrizotônicas: *adequamos, adequais, adequava, adequei, adequado*, etc.

MAGOAR

Indicativo *presente*: magoo, magoas, magoa, magoamos, magoais, magoam.

Subjuntivo *presente*: magoe, magoes, magoe, magoemos, magoeis, magoem.

Verbo regular. Assim se conjugam os verbos em *-oar: abençoar, doar, abotoar, soar, voar*, etc. Não se acentuam os grupos *-oa* e *-oe*.

APIEDAR-SE (= ter piedade, compadecer-se)

Indicativo *presente*: apiedo-me, apiedas-te, apieda-se, apiedamo-nos, apiedais-vos, apiedam-se.

Subjuntivo *presente*: que eu me apiede, que tu te apiedes, que ele se apiede, etc.

Imperativo *afirmativo*: apieda-te, apiede-se, apiedemo-nos, apiedai-vos, apiedem-se.

Seu antônimo é *desapiedar-se*. É tendência geral conjugar *apiedar-se* regularmente:

"Trigo, que eu semeei, *apieda-te* de mim!" (Raimundo Correia)

"*Apiedo-me* dos amigos." (Gastão Cruls)

"... quando *se apieda*." (Hermes Fontes)

"... quem não *se apieda* dos outros." (Gustavo Corção)

"Que Deus *se apiede* dos pecadores que assim procedem!" (Peregrino Júnior)

As formas irregulares *apiado-me, apiadas-te, apiada-se, apiadam-se, apiada-te*, etc. (calcadas no antigo verbo *apiadar-se*) não são recomendáveis.

RESFOLEGAR

Indicativo *presente:* resfolgo, resfolgas, resfolga, resfolegamos, resfolegais, resfolgam.

Imperfeito: resfolegava, etc.

Pretérito perfeito: resfoleguei, etc.

Subjuntivo *presente*: resfolgue, resfolgues, resfolgue, resfoleguemos, resfolegueis, resfolguem.

Este verbo perde o e da penúltima sílaba nas formas rizotônicas. As formas usuais são as arrizotônicas: *resfolegar, resfolegava, resfolegavam*, etc.

É menos recomendável a conjugação regular (*resfólego, resfólegas*, etc.) que alguns gramáticos adotam. Há a variante *resfolgar*, inteiramente regular.

SOBRESTAR (= parar, deter-se; suspender)

Conjuga-se como *estar*, de que é derivado: sobrestou, sobrestava, sobrestive, sobrestarei, sobresteja, etc.

"*Sobresteve* o tupi." (GONÇALVES DIAS)

"Pacatuba aperrou a arma, mas eu *sobrestive-lhe* o gesto." (GASTÃO CRULS)

VERBOS TERMINADOS EM *-EAR*

Os verbos terminados em *-ear* intercalam um *i* eufônico nas formas rizotônicas. Pode servir de modelo o verbo seguinte:

NOMEAR

Indicativo *presente*: nomeio, nomeias, nomeia, nomeamos, nomeais, nomeiam.

Pretérito imperfeito: nomeava, nomeavas, nomeava, nomeávamos, nomeáveis, nomeavam.

Pretérito perfeito: nomeei, nomeaste, nomeou, nomeamos, nomeastes, nomearam.

Subjuntivo *presente*: nomeie, nomeies, nomeie, nomeemos, nomeeis, nomeiem.

Imperativo afirmativo: nomeia, nomeie, nomeemos, nomeai, nomeiem.

Imperativo negativo: não nomeies, não nomeie, não nomeemos, não nomeeis, não nomeiem. É regular o resto da conjugação.

Assim se conjugam: *apear, atear, cear, recear, folhear, frear, passear, gear, enlear, bloquear, afear, granjear, hastear, lisonjear, semear, titubear, arrear, recrear, idear* e *estrear*. Esses dois últimos são os únicos que têm o *e* aberto nas formas rizotônicas, porém, sem acento gráfico: *ideio, ideias, ideia, ideie, ideies, estreio, estreias, estreia, estreie*, etc.

VERBOS TERMINADOS EM *-IAR*

Os verbos terminados em *-iar* podem ser distribuídos em dois grupos:

1º) Os que se conjugam regularmente, que são a maioria: *abreviar, agraciar, aliar, alumiar, angariar, caluniar, obviar, gloriar-se, historiar, injuriar, vangloriar-se, criar, presenciar, premiar, arriar, copiar*, etc. Seguem o modelo *copiar:*

COPIAR

Indicativo *presente*: copio, copias, copia, copiamos, copiais, copiam.

Pretérito perfeito: copiei, copiaste, copiou, etc.

Pretérito mais-que-perfeito: copiara, copiaras, etc.

Subjuntivo *presente*: copie, copies, copie, copiemos, copieis, copiem.

Imperativo afirmativo: copia, copie, copiemos, copiai, copiem.

Imperativo negativo: não copies, não copie, não copiemos, não copieis, não copiem.

2º) Os que mudam o *i* da penúltima sílaba em *ei*, nas formas rizotônicas. São os seis seguintes: *mediar, intermediar, ansiar, remediar* [2], *incendiar, odiar*. Conjugaremos esse último, que servirá de modelo para os outros cinco.

---

[2] "Uns homens ocasionam os males e exigem que outros os remedeiem." (MARQUÊS DE MARICÁ)

ODIAR

Indicativo *presente*: odeio, odeias, odeia, odiamos, odiais, odeiam.

Pretérito imperfeito: odiava, odiavas, odiava, etc.

Pretérito perfeito: odiei, odiaste, odiou, etc.

Pretérito mais-que-perfeito: odiara, odiaras, odiara, odiáramos, odiáreis, odiaram.

Subjuntivo *presente*: odeie, odeies, odeie, odiemos, odieis, odeiem.

Imperativo afirmativo: odeia, odeie, odiemos, odiai, odeiem.

Imperativo negativo: não odeies, não odeie, não odiemos, não odieis, não odeiem. E assim por diante.

2ª CONJUGAÇÃO

ABSTER-SE

Indicativo *presente*: abstenho-me, absténs-te, abstém-se, abstemo-nos, abstende-vos, abstêm-se.

Pretérito imperfeito: abstinha-me, abstinhas-te, abstinha-se, abstínhamo-nos, etc.

Pretérito perfeito: abstive-me, abstiveste-te, absteve-se, abstivemo-nos, etc.

Pretérito mais-que-perfeito: abstivera-me, abstiveras-te, abstivera-se, etc.

Futuro do presente: abster-me-ei, abster-te-ás, abster-se-á, abster-nos-emos, etc.

Futuro do pretérito: abster-me-ia, abster-te-ias, abster-se-ia, abster-nos-íamos, etc.

Imperativo afirmativo: abstém-te, abstenha-se, abstenhamo-nos, abstende-vos, abstenham-se.

Subjuntivo *presente*: que me abstenha, que te abstenhas, que se abstenha, etc.

Pretérito imperfeito: se me abstivesse, se te abstivesses, se se abstivesse, etc.

Futuro: se me abstiver, se te abstiveres, se se abstiver, etc.

Gerúndio: abstendo-se.

Particípio: abstido.

Conjuga-se como *ter*.

COMPRAZER-SE (= sentir prazer, gostar)

Tem a conjugação completa e figura no rol dos verbos abundantes. Segue o modelo *jazer* (com irregularidade apenas na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo), sendo que nos tempos do pretérito apresenta formas irregulares ao lado das regulares:

comprazo-me, comprazes-te, compraz-se, comprazemo-nos, etc.; *comprazia-me*, etc.; *comprazer-me-ei*, etc.; *comprazer-me-ia*, etc.; *compraza-me*, etc.; *comprazi-me* ou *comprouve-me; comprazera-me* ou *comprouvera-me; comprazesse-me* ou *comprouvesse-me*; *se me comprazer* ou *se me comprouver*, etc.[3]

---

[3] "Embora o conselheiro às vezes se *comprouvesse* em seguir as suas aventuras policiais modernas." (João Alphonsus, *Contos e Novelas*, p. 137, Rio de Janeiro, 1965)

"Sentiu-se que o gênio da noite se *comprazera* em criar gruta ímpar e assombrosa." (Ferreira de Castro, *A Selva*, Guimarães Editores, 2006)

"Não mais *me comprazi* na sua palavra." (Carlos de Laet)

CABER

Indicativo *presente*: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem.
Pretérito perfeito: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam.
Pretérito mais-que-perfeito: coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam.
Subjuntivo *presente*: caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam.
Pretérito imperfeito: coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem.
Futuro: couber, couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem.
Gerúndio: cabendo.
Particípio: cabido.
Imperativo: não existe.

CRER

Indicativo *presente*: creio, crês, crê, cremos, credes, creem.
Pretérito imperfeito: cria, crias, cria, críamos, críeis, criam.
Pretérito perfeito: cri, creste, creu, cremos, crestes, creram.
Imperativo afirmativo: crê, creia, creiamos, crede, creiam.
Subjuntivo *presente*: creia, creias, creia, creiamos, creiais, creiam.
Pretérito imperfeito: cresse, cresses, cresse, crêssemos, crêsseis, cressem.
Futuro: crer, creres, crer, crermos, crerdes, crerem.
Gerúndio: crendo.
Particípio: crido.

Assim se conjugam *descrer* e *ler*.

DIZER

Indicativo *presente*: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem.
Pretérito imperfeito: dizia, dizias, dizia, dizíamos, dizíeis, diziam.
Pretérito perfeito: disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram.
Pretérito mais-que-perfeito: dissera, disseras, dissera, etc.
Futuro do presente: direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão.
Futuro do pretérito: diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam.
Imperativo afirmativo: dize, diga, digamos, dizei, digam.
Subjuntivo *presente*: diga, digas, diga, digamos, digais, digam.
Pretérito imperfeito: dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem.
Futuro: disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem.
Infinitivo *impessoal*: dizer.
Infinitivo pessoal: dizer, dizeres, dizer, dizermos, dizerdes, dizerem.
Gerúndio: dizendo.
Particípio: dito.

Seguem este paradigma os derivados *bendizer, condizer, contradizer, desdizer, entredizer, maldizer, predizer* e *redizer*.

ESCREVER

Escrever e seus derivados *descrever, inscrever, prescrever, proscrever, reescrever, sobrescrever, subscrever* são irregulares apenas no particípio: *escrito, descrito, inscrito, prescrito, proscrito, reescrito, sobrescrito, subscrito.*

FAZER

Indicativo *presente*: faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem.
Pretérito perfeito: fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram.
Pretérito mais-que-perfeito: fizera, fizeras, fizera, fizéramos, fizéreis, fizeram.
Futuro do presente: farei, farás, fará, faremos, fareis, farão.
Futuro do pretérito: faria, farias, faria, faríamos, faríeis, fariam.
Imperativo afirmativo: faze, faça, façamos, fazei, façam.
Subjuntivo *presente*: faça, faças, faça, façamos, façais, façam.
Pretérito imperfeito: fizesse, fizesses, fizesse, fizéssemos, fizésseis, fizessem.
Futuro: fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem.
Infinitivo *impessoal*: fazer.
Infinitivo pessoal: fazer, fazeres, fazer, fazermos, fazerdes, fazerem.
Gerúndio: fazendo.
Particípio: feito.

Como *fazer* se conjugam os seus derivados: *afazer-se, desfazer, refazer, perfazer, satisfazer*, etc.

JAZER

Indicativo *presente*: jazo, jazes, *jaz*, jazemos, jazeis, jazem.
Pretérito perfeito: jazi, jazeste, jazeu, jazemos, jazestes, jazeram.
Futuro do presente: jazerei, jazerás, jazerá, etc.
Futuro do pretérito: jazeria, jazerias, jazeria, etc.
Imperativo afirmativo: jaze, jaza, jazamos, jazei, jazam.
Subjuntivo *presente*: jaza, jazas, jaza, jazamos, jazais, jazam.
Pretérito imperfeito: jazesse, jazesses, jazesse, etc.
Futuro: jazer, jazeres, jazer, jazermos, jazerdes, jazerem.
Gerúndio: jazendo.
Particípio: jazido.

Esse verbo, que significa "estar deitado", "estar no chão", é irregular só na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo.

Segue esse modelo o verbo *comprazer-se*, conjugado anteriormente.

LER

Indicativo *presente*: leio, lês, lê, lemos, ledes, leem.
Pretérito imperfeito: lia, lias, lia, etc.

Pretérito perfeito: li, leste, leu, lemos, lestes, leram.
Pretérito mais-que-perfeito: lera, leras, lera, lêramos, lêreis, leram.
Imperativo afirmativo: lê, leia, leiamos, lede, leiam.
Subjuntivo *presente*: leia, leias, leia, leiamos, leiais, leiam.
Pretérito imperfeito: lesse, lesses, lesse, lêssemos, lêsseis, lessem.
Futuro: ler, leres, ler, lermos, lerdes, lerem.
Gerúndio: lendo.
Particípio: lido.

Ler e seus derivados *reler* e *tresler* conjugam-se como *crer*.

MOER

Indicativo *presente*: moo, *móis, mói,* moemos, moeis, moem.
Pretérito imperfeito: moía, moías, moía, moíamos, moíeis, moíam.
Pretérito perfeito: moí, moeste, moeu, etc.
Imperativo *afirmativo*: *mói,* moa, moamos, moei, moam.
Subjuntivo *presente*: moa, moas, moa, moamos, moais, moam.
Pretérito imperfeito: moesse, moesses, moesse, etc.
Gerúndio: moendo.
Particípio: moído.

Irregular apenas na 2ª e 3ª pessoas do singular do presente do indicativo e na 2ª pessoa do singular do imperativo. Assim se conjugam *esmoer, remoer, roer, corroer, doer-se, condoer-se* e *doer*.

PERDER

Indicativo *presente*: perco, perdes, perde, perdemos, perdeis, perdem.
Subjuntivo *presente*: perca, percas, perca, percamos, percais, percam.
Imperativo afirmativo: perde, perca, percamos, perdei, percam.

Regular no resto. As formas com a consoante *c* têm o *e* fechado: perco (ê), percas (ê), perca (ê), percam (ê).

PODER

Indicativo *presente*: posso, podes, pode, podemos, podeis, podem.
Pretérito imperfeito: podia, podias, podia, etc.
Pretérito perfeito: pude, pudeste, pôde, pudemos, pudestes, puderam.
Pretérito mais-que-perfeito: pudera, puderas, pudera, pudéramos, pudéreis, puderam.
Imperativo: não existe.
Subjuntivo *presente*: possa, possas, possa, possamos, possais, possam.
Pretérito imperfeito: pudesse, pudesses, pudesse, pudéssemos, pudésseis, pudessem.
Futuro: puder, puderes, puder, pudermos, puderdes, puderem.

***Infinitivo** pessoal*: poder, poderes, poder, podermos, poderdes, poderem.
Gerúndio: podendo.
Particípio: podido.

PÔR

***Indicativo** presente*: ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem.
Pretérito imperfeito: punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham.
Pretérito perfeito: pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram.
Pretérito mais-que-perfeito: pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram.
Futuro do presente: porei, porás, porá, poremos, poreis, porão.
Futuro do pretérito: poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poriam.
Imperativo afirmativo: põe, ponha, ponhamos, ponde, ponham.
Imperativo negativo: não ponhas, não ponha, não ponhamos, não ponhais, não ponham.
***Subjuntivo** presente*: ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham.
Pretérito imperfeito: pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, puséssseis, pusessem.
Futuro: puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem.
***Infinitivo** impessoal*: pôr.
Infinitivo pessoal: pôr, pores, pôr, pormos, pordes, porem.
Gerúndio: pondo.
Particípio: posto.

Pôr é o antigo verbo *poer*, motivo pelo qual é incluído entre os irregulares da 2ª conjugação.

Como *pôr* conjugam-se todos os seus derivados: *antepor, apor, compor, contrapor, decompor, depor, descompor, dispor, entrepor, expor, impor, indispor, interpor, justapor, maldispor, opor, pospor, predispor, prepor, pressupor, propor, recompor, repor, sobrepor, sotopor, superpor, supor, transpor.*

PRAZER (= causar prazer, agradar)

Só se usa na 3ª pessoa do singular.

***Indicativo** presente*: praz.
Pretérito imperfeito: prazia.
Pretérito perfeito: prouve.
Pretérito mais-que-perfeito: prouvera.
Futuro do presente: prazerá.
Futuro do pretérito: prazeria.
***Subjuntivo** presente*: praza.
Pretérito imperfeito: prouvesse.
Futuro: prouver.
Gerúndio: prazendo.
Particípio: prazido.

Assim se conjugam *aprazer* e *desaprazer*: "Pois que *aprouve* ao dia findar, aceito a noite." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

PRECAVER

Indicativo *presente*: precavemos, precaveis (defectivo nas outras pessoas).

Pretérito imperfeito: precavia, precavias, precavia, etc.

Pretérito perfeito: precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram.

Imperativo: precavei.

Subjuntivo *presente*: não há.

Pretérito imperfeito: precavesse, precavesses, precavesse, etc.

Futuro: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.

Gerúndio: precavendo.

Particípio: precavido.

Este verbo é defectivo. Não se usa nas formas rizotônicas. Não é formado de *ver* nem de *vir*, sendo, portanto, errôneas as formas *precavejo, precavês, precavenho, precavéns, precavém, precavêm, precavenha, precavenham*. Nas formas em que é defectivo, empregaremos os verbos *precatar, acautelar, cuidar* ou *prevenir*. Usa-se mais frequentemente como verbo reflexivo: *precavemo-nos, precavia-me, precavei-vos*, etc.

Em vez de "ele que *se precavenha*", diga "que ele *se previna*" ou "que ele *se acautele*" ou ainda "que ele *se cuide*".

PROVER

Indicativo *presente*: provejo, provês, provê, provemos, provedes, proveem.

Pretérito imperfeito: provia, provias, provia, etc.

Pretérito perfeito: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram.

Pretérito mais-que-perfeito: provera, proveras, provera, etc.

Futuro do presente: proverei, proverás, proverá, etc.

Futuro do pretérito: proveria, proverias, proveria, etc.

Imperativo afirmativo: provê, proveja, provejamos, provede, provejam.

Subjuntivo *presente*: proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam.

Pretérito imperfeito: provesse, provesses, provesse, etc.

Futuro: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.

Gerúndio: provendo.

Particípio: provido.

Este verbo, que significa *abastecer, providenciar,* conjuga-se como *ver*, exceto no pretérito perfeito e seus derivados e no particípio, em que é regular.

Seu antônimo *desprover* é usado quase exclusivamente no particípio: *desprovido*.

QUERER

Indicativo *presente*: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem.

Pretérito imperfeito: queria, querias, queria, etc.

Pretérito perfeito: quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram.

Pretérito mais-que-perfeito: quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram.

Futuro do presente: quererei, quererás, quererá, etc.

Futuro do pretérito: quereria, quererias, quereria, etc.

Imperativo afirmativo: queira você, queiram vocês, querei vós[4].

Imperativo negativo: não queiras, não queira, não queiramos, não queirais, não queiram.

***Subjuntivo** presente*: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram.

Pretérito imperfeito: quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem.

Futuro: quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem.

***Infinitivo** pessoal*: querer, quereres, querer, querermos, quererdes, quererem.

Gerúndio: querendo.

Particípio: querido.

Os derivados *benquerer* e *malquerer*, além do particípio regular *benquerido, malquerido*, têm outro, irregular: *benquisto, malquisto*, usados como adjetivos.

REQUERER

***Indicativo** presente*: requeiro, requeres, requer, requeremos, requereis, requerem.

Pretérito perfeito: requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram.

Pretérito mais-que-perfeito: requerera, requereras, requerera, etc.

Futuro do presente: requererei, requererás, requererá, etc.

Futuro do pretérito: requereria, requererias, requereria, etc.

Imperativo afirmativo: requere, requeira, requeiramos, requerei, requeiram.

***Subjuntivo** presente*: requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram.

Pretérito imperfeito: requeresse, requeresses, requeresse, etc.

Futuro: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.

Gerúndio: requerendo.

Particípio: requerido.

Este verbo não segue a conjugação de *querer*. É irregular apenas na 1ª e na 3ª pessoa do singular do indicativo presente e, portanto, no presente do subjuntivo, no imperativo negativo e no imperativo afirmativo (requeira você, requeiram vocês).

REAVER

Conjuga-se como *haver*, mas só possui as formas que têm a letra *v*.

***Indicativo** presente*: reavemos, reaveis. (Não existem: *reei, reás, reá, reão*.)

Pretérito imperfeito: reavia, reavias, reavia, etc.

Pretérito perfeito: reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram.

Pretérito mais-que-perfeito: reouvera, reouveras, reouvera, etc.

Futuro do presente: reaverei, reaverás, etc.

Futuro do pretérito: reaveria, reaverias, etc.

Imperativo afirmativo: reavei.

***Subjuntivo** pretérito imperfeito*: reouvesse, reouvesses, reouvesse, reouvéssemos, reouvésseis, reouvessem.

---

[4] "*Querei* só o que podeis e seres onipotentes." (Antônio Vieira)

Futuro: reouver, reouveres, reouver, reouvermos, reouverdes, reouverem.
Gerúndio: reavendo.
Particípio: reavido.

Reaveja, reavejam são formas errôneas, inadmissíveis. O presente do subjuntivo não existe, nem, portanto, o imperativo negativo. Supre-se com as formas do sinônimo *recuperar*: *recupere, recuperes, recupere*, etc.

SABER
Indicativo *presente*: sei, sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem.
Pretérito perfeito: soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, souberam.
Pretérito mais-que-perfeito: soubera, souberas, soubera, soubéramos, soubéreis, souberam.
Subjuntivo *presente*: saiba, saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam.
Pretérito imperfeito: soubesse, soubesses, soubesse, soubéssemos, soubésseis, soubessem.
Futuro: souber, souberes, souber, soubermos, souberdes, souberem.
Imperativo afirmativo: sabe, saiba, saibamos, sabei[5], saibam.

É regular nos outros tempos.

SOER (= costumar)
Indicativo *presente*: sóis, sói, soemos, soeis, soem. (Pronuncie *sóem*.)
Pretérito imperfeito: soía, soías, soía, soíamos, soíeis, soíam.

Verbo defectivo, inusitado nas demais formas. Nas formas vigentes segue o verbo *moer*.

TRAZER
Indicativo *presente*: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem.
Pretérito imperfeito: trazia, trazias, trazia, etc.
Pretérito perfeito: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram.
Pretérito mais-que-perfeito: trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram.
Futuro do presente: trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão.
Futuro do pretérito: traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam.
Imperativo afirmativo: traze, traga, tragamos, trazei, tragam.
Subjuntivo *presente*: traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam.
Pretérito imperfeito: trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem.
Futuro: trouxer, trouxeres, trouxer, trouxermos, trouxerdes, trouxerem.
Infinitivo *pessoal*: trazer, trazeres, trazer, trazermos, trazerdes, trazerem.
Gerúndio: trazendo.
Particípio: trazido.

---

[5] "Sabei sofrer, merecereis gozar." (Marquês de Maricá)
"Pois sabei que, naquele tempo, estava eu na quarta edição." (Machado de Assis)
"Sabei, moços, que há inferno, e não fica longe; é aqui." (Rubem Braga)

VALER

Indicativo *presente*: valho, vales, vale, valemos, valeis, valem.

Subjuntivo *presente*: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham.

Imperativo afirmativo: vale, valha, valhamos, valei, valham.

Nos outros tempos é regular.

Assim se conjugam *equivaler* e *desvaler*.

VER

Indicativo *presente*: vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem.

Pretérito perfeito: vi, viste, viu, vimos, vistes, viram.

Pretérito mais-que-perfeito: vira, viras, vira, víramos, víreis, viram.

Imperativo afirmativo: vê, veja, vejamos, vede, vejam.

Subjuntivo *presente*: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam.

Pretérito imperfeito: visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem.

Futuro: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.

Gerúndio: vendo.

Particípio: visto.

Como *ver* se conjugam: *antever, entrever, prever, rever*. Observe que no futuro do subjuntivo se diz "se você *vir*", "se eu *vir*", e não "se você *ver*", "se eu *ver*".

3ª CONJUGAÇÃO

ABOLIR

Indicativo *presente*: aboles, abole, abolimos, abolis, abolem.

Imperativo afirmativo: abole, aboli.

Subjuntivo *presente*: não existe.

Defectivo nas formas em que ao *l* do radical se seguiria *a* ou *o*, o que ocorre apenas no presente do indicativo e seus derivados.

Por este verbo se conjugam: *banir, brandir, carpir, colorir, comedir-se, delir, demolir, extorquir, esculpir, haurir, delinquir*, etc.

AGREDIR

Indicativo *presente*: agrido, agrides, agride, agredimos, agredis, agridem.

Subjuntivo *presente*: agrida, agridas, agrida, agridamos, agridais, agridam.

Imperativo afirmativo: agride, agrida, agridamos, agredi, agridam.

Regular nos demais tempos.

Este verbo muda a vogal *e* em *i* nas formas rizotônicas do presente do indicativo e em todas as formas dos seus dois derivados, excetuando-se a 2ª pessoa do plural do imperativo afirmativo (agredi).

São conjugados assim: *progredir, regredir, transgredir, denegrir, prevenir, cerzir*.

CAIR

Indicativo *presente*: caio, cais, cai, caímos, caís, caem.

Subjuntivo *presente*: caia, caias, caia, caiamos, caiais, caiam.

Imperativo afirmativo: cai, caia, caiamos, caí, caiam.

Regular no resto.

Seguem este modelo os verbos terminados em *-air: decair, recair, sair, sobressair, trair, distrair, abstrair, detrair, subtrair*, etc.

COBRIR

Indicativo *presente*: cubro, cobres, cobre, cobrimos, cobris, cobrem.

Subjuntivo *presente*: cubra, cubras, cubra, cubramos, cubrais, cubram.

Imperativo afirmativo: cobre, cubra, cubramos, cobri, cubram.

Particípio: coberto.

Observe: *o* → *u* na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e em todas as pessoas do presente do subjuntivo.

Assim se conjugam: *dormir, engolir, tossir, encobrir, descobrir*. Os três primeiros, porém, têm o particípio regular. *Abrir, entreabrir* e *reabrir* seguem *cobrir*, no particípio: *aberto, entreaberto, reaberto*.

CONDUZIR

Este verbo e todos os terminados em *-uzir* perdem o *e* final na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo: *conduz, induz, reduz, seduz, luz, reluz*, etc.

CONSTRUIR

Indicativo *presente*: construo, constróis, constrói, construímos, construís, constroem.

Imperativo afirmativo: constrói, construa, construamos, construí, construam.

Regular no resto. Não se usam as formas regulares *construi(s), construem*.

Assim se conjugam *destruir, reconstruir* e *estruir* (destruir, desperdiçar).

FALIR

Indicativo *presente*: falimos, falis.

Pretérito imperfeito: falia, falias, falia, falíamos, falíeis, faliam.

Pretérito perfeito: fali, faliste, faliu, etc.

Pretérito mais-que-perfeito: falira, faliras, falira, etc.

Particípio: falido.

Verbo regular defectivo. Usa-se apenas nas formas em que ao *l* se segue *i*.

Modelam-se por *falir*: *aguerrir, empedernir, espavorir, remir*, etc.

FERIR

Indicativo *presente*: firo, feres, fere, ferimos, feris, ferem.

Subjuntivo *presente*: fira, firas, fira, firamos, firais, firam.

Imperativo afirmativo: fere, fira, firamos, feri, firam.

Regular no resto. Note: *e* → *i* na 1ª pessoa do singular do indicativo presente e em todo o presente do subjuntivo.

Seguem a conjugação de *ferir: aderir, advertir, aferir, auferir, compelir, competir, concernir, convergir, deferir, despir, diferir, divergir, discernir, divertir, gerir, digerir, ingerir, sugerir, refletir, vestir, servir, desservir, seguir, repelir, conseguir, perseguir, prosseguir, preterir, inserir, revestir.*

FRIGIR

Indicativo *presente*: frijo, freges, frege, frigimos, frigis, fregem.

Subjuntivo *presente*: frija, frijas, frija, frijamos, frijais, frijam.

Imperativo afirmativo: frege, frija, frijamos, frigi, frijam.

Particípio: frito ou frigido. *Frito* funciona também como adjetivo: peixe *frito*.

Regular no resto. Verbo de pouco uso. Emprega-se, de preferência, o sinônimo *fritar*. Aparece na expressão "no frigir dos ovos" = no fim de tudo.

FUGIR

Indicativo *presente*: fujo, foges, foge, fugimos, fugis, fogem.

Imperativo afirmativo: foge, fuja, fujamos, fugi, fujam.

Subjuntivo *presente*: fuja, fujas, fuja, fujamos, fujais, fujam.

Regular nas demais formas.

Seguem este modelo: *acudir, bulir, cuspir, entupir, escapulir, sacudir, subir*. Não se usam as formas regulares *entupes, entupe, entupem,* do verbo *entupir*, suplantadas pelas irregulares *entopes, entope, entopem*.

IR

Indicativo *presente*: vou, vais, vai, vamos, ides, vão.

Pretérito imperfeito: ia, ias, ia, íamos, íeis, iam.

Pretérito perfeito: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.

Pretérito mais-que-perfeito: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.

Futuro do presente: irei, irás, irá, iremos, ireis, irão.

Futuro do pretérito: iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam.

Imperativo afirmativo: vai, vá, vamos, ide, vão.

Imperativo negativo: não vás, não vá, não vamos, não vades, não vão.

Subjuntivo *presente*: vá, vás, vá, vamos, vades, vão.

Pretérito imperfeito: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.

Futuro: for, fores, for, formos, fordes, forem.

Infinitivo *pessoal*: ir, ires, ir, irmos, irdes, irem.

Gerúndio: indo.
Particípio: ido.

MENTIR

Indicativo *presente*: minto, mentes, mente, mentimos, mentis, mentem.
Subjuntivo *presente*: minta, mintas, minta, mintamos, mintais, mintam.
Imperativo afirmativo: mente, minta, mintamos, menti, mintam.

Regular no resto da conjugação. Como no verbo *ferir*, a vogal *e* muda em *i* na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e em todas as do presente do subjuntivo, mas, por ser nasal, conserva o timbre fechado na 2ª e 3ª pessoas do singular e 3ª do plural do presente do indicativo.

Seguem este modelo: *desmentir, sentir, consentir, ressentir, pressentir.*

OUVIR

Indicativo *presente*: ouço, ouves, ouve, ouvimos, ouvis, ouvem.
Imperativo afirmativo: ouve, ouça, ouçamos, ouvi, ouçam.
Subjuntivo *presente*: ouça, ouças, ouça, ouçamos, ouçais, ouçam.
Imperativo negativo: não ouças, não ouça, não ouçamos, não ouçais, não ouçam.
Gerúndio: ouvindo.
Particípio: ouvido.

Regular nos demais tempos.

PEDIR

Indicativo *presente*: peço, pedes, pede, pedimos, pedis, pedem.
Subjuntivo *presente*: peça, peças, peça, peçamos, peçais, peçam.
Imperativo afirmativo: pede, peça, peçamos, pedi, peçam.
Imperativo negativo: não peças, não peça, não peçamos, não peçais, não peçam.

Regular nas outras formas.

Conjugam-se assim: *despedir, expedir, impedir, desimpedir* e *medir.*

POLIR

Indicativo *presente*: pulo, pules, pule, polimos, polis, pulem.
Subjuntivo *presente*: pula, pulas, pula, pulamos, pulais, pulam.
Imperativo afirmativo: pule, pula, pulamos, poli, pulam.

Irregular nas formas rizotônicas, nas quais o *o* do radical muda em *u*. Segue a conjugação do verbo *sortir*.

REMIR

Verbo regular, mas só tem as formas em que ao *m* segue a vogal *i*.

As formas que lhe faltam são supridas com as do verbo sinônimo *redimir*, que é regular e tem a conjugação completa: ***redimo, redimes, redime***, *remimos, remis,* ***redimem***.

Conjugam-se como *falir*.

POSSUIR

Indicativo *presente*: possuo, possuis, possui, possuímos, possuís, possuem.

Pretérito imperfeito: possuía, possuías, possuía, etc.

Pretérito perfeito: possuí, possuíste, possuiu, possuímos, possuístes, possuíram.

Pretérito mais-que-perfeito: possuíra, possuíras, possuíra, etc.

Subjuntivo *presente*: possua, possuas, possua, possuamos, possuais, possuam.

Imperativo afirmativo: possui, possua, possuamos, possuí, possuam.

Verbo regular, apresentando a particularidade gráfica *-ui*, e não *-ue*, na 2ª e 3ª pessoas do singular do presente do indicativo, por haver ditongo decrescente.

Por este se conjugam todos os verbos em *-uir* (*destituir, concluir, influir, anuir, arguir, fruir, obstruir, instruir, restituir*, etc.), exceto *construir, reconstruir* e *destruir*, irregulares no indicativo presente. Alguns, como *puir, ruir*, etc., são defectivos nas pessoas em que o *u* é seguido de *o* ou *a*.

Quanto ao verbo *arguir*, o *u* recebe acento gráfico quando tônico e seguido de *i* ou *e*: arguo, *argúis, argúi, arguímos, arguís, argúem*; arg*uí*, arg*uí*ste, arg*uí*u, arg*uí*mos, ag*uí*stes, arg*uí*ram, etc. Contrariamente ao que preceitua o novo sistema ortográfico, entendemos que se devem acentuar os grupos *gui, gue* desse verbo quando as vogais *i* e *u* são tônicas, a fim de afastar pronúncias errôneas. *Argui*, sem acento, por exemplo, pode ser pronunciado como *segui*.

RIR

Indicativo *presente*: rio, ris, ri, rimos, rides, riem.

Pretérito imperfeito: ria, rias, ria, ríamos, ríeis, riam.

Pretérito perfeito: ri, riste, riu, rimos, ristes, riram.

Imperativo afirmativo: ri, ria, riamos, ride, riam.

Subjuntivo *presente*: ria, rias, ria, riamos, riais, riam.

Imperfeito: risse, risses, risse, ríssemos, rísseis, rissem.

Particípio: rido.

Como *rir* se conjuga o derivado *sorrir*.

SORTIR

Indicativo *presente*: surto, surtes, surte, sortimos, sortis, surtem.

Subjuntivo *presente*: surta, surtas, surta, surtamos, surtais, surtam.

Imperativo afirmativo: surte, surta, surtamos, sorti, surtam.

Irregular nas formas rizotônicas, nas quais a vogal *o* muda em *u*.

Segue esta conjugação o verbo *polir*.

Sortir significa *abastecer, fazer sortimento, combinar*. Não confundir com *surtir* (= ter como resultado, alcançar efeito, originar), que só tem as terceiras pessoas: o plano *surtiu* efeito; as negociações não *surtiram* efeito.

SUMIR

Indicativo *presente*: sumo, somes, some, sumimos, sumis, somem.

Subjuntivo *presente*: suma, sumas, suma, sumamos, sumais, sumam.

Imperativo afirmativo: some, suma, sumamos, sumi, sumam.

Regular no resto da conjugação.

Assim também *consumir*: *consumo, consomes, consome, consumimos, consumis, consomem. Assumir, reassumir, resumir* e *presumir* são regulares: *assumo, assumes, assume, assumimos, assumis, assumem*, etc.

SUBMERGIR

Indicativo *presente*: submerjo (ê), submerges, submerge, submergimos, submergis, submergem.

Subjuntivo *presente*: submerja (ê), submerjas, submerja, etc.

Particípio: submergido e submerso (mais usado como adjetivo: *corpo submerso*).

Seguem esse modelo *emergir, imergir* e *aspergir*. Este último, porém, pode ser conjugado como *ferir* (*aspirjo, asperges, asperge*, etc.; *aspirja, aspirjas, aspirja*, etc.), observando-se que as formas com *i* tônico praticamente não se usam.

VIR

Indicativo *presente*: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm.

Pretérito imperfeito: vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham.

Pretérito perfeito: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.

Pretérito mais-que-perfeito: viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram.

Futuro do presente: virei, virás, virá, viremos, vireis, virão.

Futuro do pretérito: viria, virias, viria, viríamos, viríeis, viriam.

Imperativo afirmativo: vem, venha, venhamos, vinde, venham.

Subjuntivo *presente*: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham.

Pretérito imperfeito: viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem.

Futuro: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.

Infinitivo *pessoal*: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.

Gerúndio: vindo.

Particípio: vindo.

Por este se conjugam *advir, convir, intervir, provir, sobrevir, avir-se, desavir-se* (= desentender-se).

Desavindo, além de particípio, é adjetivo: Eram casais *desavindos*. Os vereadores estavam *desavindos* com o prefeito.

23 VERBOS DEFECTIVOS

Verbos defectivos são os que não possuem a conjugação completa, por não serem usados em certos modos, tempos ou pessoas.

A defectividade verbal verifica-se principalmente em formas que, por serem antieufônicas (exemplo: *abolir*, 1ª pessoa do singular do indicativo presente) ou homofônicas (exemplos: *soer*

e *falir*, 1ª pessoa do singular do indicativo presente), não foram vivificadas pelo uso. Há, porém, casos de verbos defectivos que não se explicam por nenhuma razão de ordem fonética, mas pelo simples desuso.

Ocorre maior incidência de defectividade verbal na 3ª conjugação e em formas rizotônicas.

Os verbos defectivos podem ser distribuídos em quatro grupos:

1º) Os que não têm as formas em que ao radical se seguem *a* ou *o*, o que ocorre apenas no presente do indicativo e do subjuntivo e no imperativo. O verbo *abolir* serve de exemplo.

INDICATIVO PRESENTE	SUBJUNTIVO PRESENTE	IMPERATIVO	
		AFIRMATIVO	NEGATIVO
—	—		
aboles	—	abole	—
abole	—	—	—
abolimos	—	—	—
abolis	—	aboli	—
abolem	—	—	—

Pertencem a este grupo, entre outros: *aturdir, brandir, carpir, colorir, delir, demolir, exaurir, explodir, fremir, haurir, delinquir, extorquir, puir, ruir, retorquir, latir, urgir, tinir, pascer.*

Observação:

✔ Em escritores modernos aparecem, no entanto, alguns desses verbos na 1ª pessoa do presente do indicativo, como *explodo, lato*, etc.: "Daqui vocês não me tiram – respondeu-lhes a bomba. O primeiro que me tocar, eu *explodo*." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

2º) Os que só se usam nas formas em que ao radical segue *i*, ou seja, nas formas arrizotônicas. A defectividade destes verbos, como nos do primeiro grupo, só se verifica no presente do indicativo e do subjuntivo e no imperativo.

Sirva de exemplo o verbo *falir*:

INDICATIVO PRESENTE	SUBJUNTIVO PRESENTE	IMPERATIVO	
		AFIRMATIVO	NEGATIVO
—	—		
—	—	—	—
—	—	—	—
falimos	—	—	—
falis	—	fali	—
—	—	—	—

Seguem este paradigma: *aguerrir, embair, empedernir, remir, transir*, etc. Pertencem também a este grupo os verbos *adequar* e *precaver-se*, pois só possuem as formas arrizotônicas.

3º) Verbos que, pela sua significação, não podem ter imperativo (*acontecer, poder* e *caber*) ou que, por exprimirem ação recíproca (*entrechocar-se, entreolhar-se*), se usam exclusivamente nas três pessoas do plural.

4º) Os três seguintes, já estudados, que apresentam particularidades especiais: *reaver, prazer* e *soer*.

Observação:

✔ Verbos que exprimem fenômenos meteorológicos, como *chover, ventar, trovejar*, etc., a rigor não são defectivos, uma vez que, em sentido figurado, podem ser usados em todas as pessoas.

As formas inexistentes dos verbos defectivos suprem-se:

a) com as de um verbo sinônimo: eu *recupero*, tu *recuperas*, etc. (para *reaver*); eu *redimo*, tu *redimes*, ele *redime*, eles *redimem* (para *remir*); eu *me previno* ou *me acautelo*, etc. (*para precaver*);

b) com construções perifrásticas: *estou demolindo, estou colorindo, vou à falência*; embora o cachorro *comece a latir*, etc.

24 VERBOS ABUNDANTES

Verbos abundantes são os que apresentam duas ou mais formas em certos tempos, modos ou pessoas: *comprazi-me* e *comprouve-me, apiedo-me* e *apiado-me* (forma arcaica), *elegido* e *eleito*.

Essas variantes verbais são mais frequentes no particípio, havendo numerosos verbos, geralmente transitivos, que, ao lado do particípio regular em *-ado*, ou *-ido*, possuem outro, irregular, as mais das vezes proveniente do particípio latino.

Eis alguns desses verbos seguidos de seus particípios:

absolver _____	*absolvido, absolto*	imprimir_____	*imprimido, impresso*
aceitar _____	*aceitado, aceito*	incorrer _____	*incorrido, incurso*
acender _____	*acendido, aceso*	incluir _____	*incluído, incluso*
anexar _____	*anexado, anexo*	inserir _____	*inserido, inserto*
assentar _____	*assentado, assente*	isentar _____	*isentado, isento*
benzer _____	*benzido, bento*	limpar _____	*limpado, limpo*
contundir _____	*contundido, contuso*	matar _____	*matado, morto*
despertar _____	*despertado, desperto*	morrer _____	*morrido, morto*
dispersar _____	*dispersado, disperso*	nascer _____	*nascido, nato*
entregar _____	*entregado, entregue*	pagar _____	*pagado, pago*
eleger _____	*elegido, eleito*	pegar _____	*pegado, pego* (ê)
erigir _____	*erigido, ereto*	prender _____	*prendido, preso*
expelir _____	*expelido, expulso*	romper _____	*rompido, roto*

expulsar _____	*expulsado, expulso*	sepultar _____	*sepultado, sepulto*
expressar _____	*expressado, expresso*	submergir _____	*submergido, submerso*
exprimir _____	*exprimido, expresso*	suprimir _____	*suprimido, supresso*
extinguir _____	*extinguido, extinto*	surpreender _____	*surpreendido, surpreso*
frigir _____	*frigido, frito*	soltar _____	*soltado, solto*
ganhar _____	*ganhado, ganho*	suspender _____	*suspendido, suspenso*
gastar _____	*gastado, gasto*	tingir _____	*tingido, tinto*

As formas participiais regulares usam-se, em regra, com os auxiliares *ter* e *haver*, na voz ativa, e as irregulares com os auxiliares *ser* e *estar*, na voz passiva:

"Foi temeridade *haver aceitado* o convite." (CIRO DOS ANJOS)
O convite *foi aceito* pelo professor.
O caçador *tinha soltado* os cães.
Os cães não *seriam soltos* pelo caçador.
O pescador *teria salvado* o náufrago.
O náufrago *estaria* (ou *seria*) *salvo*.
"Por que *tinha* ele *suspendido* a leitura?" (GRACILIANO RAMOS)
A leitura *estava* (ou *fora*) *suspensa*.

Essa regra, no entanto, não é seguida rigorosamente, havendo numerosas formas irregulares que se usam tanto na voz ativa como na passiva, e algumas formas regulares também empregadas na voz passiva. Exemplos:

voz ativa	**voz passiva**
Tinha *aceitado* ou *aceito* o convite.	O convite foi *aceito*.
Tinha *acendido* ou *aceso* as velas.	As velas eram *acesas* ou *acendidas*.
Tinha *elegido* ou *eleito* os candidatos.	Os candidatos são ou estão *eleitos*.
A nuvem tinha-os *envolvido* ou *envolto*.	Foram *envoltos* ou *envolvidos* pela nuvem.
Tinha *entregado* ou *entregue* a carta.	As cartas eram *entregues*.
Tinha-os *expulsado* ou *expulso*.	Foram *expulsos* da sala.
Tinha *ganho* ou *ganhado* o prêmio.	O prêmio foi ou estava *ganho*.
Tinha *gastado* ou *gasto* o dinheiro.	Foi *gasto* muito dinheiro.
Tinha *imprimido* ou *impresso* a obra.	Foi *impressa* a obra. Foi *imprimida* grande velocidade ao carro[6].
Tinha *inserido* ou *inserto* dois artigos no projeto de lei.	Foram *inseridos* ou *insertos* dois artigos no projeto de lei.
Teria *matado* ou *morto* o agressor.	O agressor teria sido *morto*.
Tê-lo-iam *pegado* ou *pego* de surpresa.	O ladrão foi *pego* pela polícia.
Terá *pago* a dívida?	A dívida foi *paga*?
Tinha *salvado* ou *salvo* muitas vidas.	A vida foi ou estava *salva*.
Tinham *extinguido* ou *extinto* o incêndio.	O incêndio foi *extinto*.

[6] "... orientação imprimida por ele." (J. GERALDO VIEIRA, *A 40ª Porta*, p. 56)

As formas irregulares, sem dúvida por serem mais breves, gozam de franca preferência, na língua atual, e algumas tanto se impuseram que acabaram por suplantar as concorrentes. É o caso de *ganho* e *pago*, que vêm tornando obsoletos os particípios regulares *ganhado* e *pagado*. Assim também se explica a forma *pasmo* (particípio irregular de *pasmar*), empregado como adjetivo, em vez de *pasmado*, e de largo uso na língua falada e escrita.

Os exemplos seguintes comprovam a preferência dos autores pelos particípios irregulares:

"Podia ter *salvo* a rapariga." (ÉRICO VERÍSSIMO)

"Anda, abraça Brígida. É quem tem *salvo* teu pai." (J. GERALDO VIEIRA)

"Um dos rapazes que o havia *salvo* era um latagão simpático." (ANTÔNIO CALLADO)

"Meu pai ganhou uma medalha de ouro por haver *salvo* duas criancinhas num incêndio de um mocambo no Recife." (AUSTREGÉSILO DE ATAÍDE)

"Tudo que é meu eu lhe dei sem você haver *aceito*." (STELLA LEONARDOS)

"Bastava levar água *benta* por ele e o efeito seria o mesmo." (OTTO LARA RESENDE)

"Proibiu-se que estes metais fossem *limpos*." (RAMALHO ORTIGÃO)

"... tinha-a *limpo* com uma lixa." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"Dias depois, vi chegar um rapazinho *seguro* por dois homens." (GRACILIANO RAMOS)

"Tinha trabalhado como um mouro, e tinha *ganho* dinheiro!" (EÇA DE QUEIRÓS)

"Mas o que é que eu tenho *ganho* com isso?" (HERBERTO SALES)

"Pelo caminho haviam *gasto* mais do que imaginavam." (JORGE AMADO)

"Tinham-lhe *gasto* o fio em pedra de amolar." (GRACILIANO RAMOS)

"... como se a indiferença os houvesse *gasto*." (FERNANDO NAMORA)

"Os que não houvessem *pago* imposto lá mesmo, teriam que o fazer em Santos, e em dobro." (CASSIANO RICARDO)

"Ele ficou *pasmo*, sem palavra." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

"Podíamos ter *morto* os que vieram hoje." (FERREIRA DE CASTRO)

Com os verbos *estar, ficar* e *andar*, usam-se quase sempre as formas irregulares, com feição de adjetivos e função de predicativos:

Os brinquedos estavam *dispersos* pelo chão.

A raia ficou *presa* à rede elétrica.

Os animais andavam *soltos* pela estrada.

"Só essas árvores estavam *despertas*." (JOSÉ AMÉRICO)

"Estará *sepulto* Churchill." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"O passado amargo há muito estava *sepulto*." (MÍRIA BOTELHO)

Finalmente, advirta-se que vários particípios irregulares, perdida a força verbal, passaram para a categoria de meros adjetivos. Citemos, entre outros: *confuso* (de *confundir*), *correto* (de *corrigir*), *exausto* (de *exaurir*), *insurreto* (de *insurgir-se*), *omisso* (de *omitir*), *submisso* (de *submeter*), *corrupto* (de *corromper*). Exemplos:

homem *corrupto*; frase *correta*; grupos *insurretos*

CONJUGAÇÃO DE UM VERBO COM OS PRONOMES OBLÍQUOS O, A, OS, AS

Indicativo *presente*: faço-o, faze-lo, fá-lo, fazemo-lo, fazei-lo, fazem-no.

Pretérito imperfeito: fazia-o, fazia-lo, fazia-o, fazíamo-lo, fazíei-lo, faziam-no.

Pretérito perfeito: fi-lo, fizeste-o, fê-lo, fizemo-lo, fizeste-lo, fizeram-no.

Pretérito mais-que-perfeito: fizera-o, fizera-lo, fizera-o, fizéramo-lo, fizérei-lo, fizeram-no.

Futuro do presente: fá-lo-ei, fá-lo-ás, fá-lo-á, fá-lo-emos, fá-lo-eis, fá-lo-ão.

Futuro do pretérito: fá-lo-ia, fá-lo-ias, fá-lo-ia, fá-lo-íamos, fá-lo-íeis, fá-lo-iam.

Imperativo afirmativo: faze-o, faça-o, façamo-lo, fazei-o, façam-no.

Imperativo negativo: não o faças, não o faça, não o façamos, não o façais, não o façam.

Subjuntivo *presente*: que o faça, que o faças, que o faça, que o façamos, que o façais, que o façam.

Pretérito imperfeito: se o fizesse, se o fizesses, se o fizesse, se o fizéssemos, se o fizésseis, se o fizessem.

Futuro: se o fizer, se o fizeres, se o fizer, se o fizermos, se o fizerdes, se o fizerem.

Infinitivo *impessoal*: fazê-lo.

Infinitivo pessoal: fazê-lo, fazere-lo, fazê-lo, fazermo-lo, fazerde-lo, fazerem-no.

Gerúndio: fazendo-o.

Tempos compostos: tenho-o feito, tinha-o feito, tê-lo-ei feito, tê-lo-ia feito, que o tenha feito, se o tivesse feito, se o tiver feito, tê-lo feito, tendo-o feito.

Note bem:

a) Quando o verbo termina em vogal oral, ou em ditongo ou tritongo orais, associam-se-lhe os pronomes enclíticos *o, a, os, as*, sem nenhuma alteração:
faço-o, defendei-a, vende-os, deu-as

b) Quando a forma verbal termina em *-r, -s* ou *-z*, desaparecem estas consoantes e os pronomes assumem as formas *lo, la, los, las:*
dar + o --> *dá-lo* fizestes + a --> *fizeste-la* fez + os --> *fê-los*

c) Se o verbo termina por um ditongo nasal (*-am, -em, -ão, -õe*), os pronomes tomam as formas *no, na, nos, nas*:
trazem-no, dão-na, faziam-nos, põe-nas

d) No futuro do indicativo os pronomes não podem ser pospostos ao verbo:
vendê-lo-ei (ou *eu o venderei*) e nunca: *venderei-o*
vendê-la-ia (ou *eu a venderia*) e nunca: *venderia-a*

e) Nos tempos do subjuntivo os pronomes átonos são, em geral, antepostos.

f) Ao particípio não se associam os pronomes átonos.

Observação:

✔ Na prática, associações como *fi-lo, qui-lo, fá-lo-ão*, etc. devem ser evitadas, por serem malsoantes e de mau gosto. Nesses casos, deve-se antepor o pronome oblíquo ao verbo: eu *o fiz* calar; ele *os quis* enganar; eles *a farão* feliz; nós *as fazíamos* rir; etc.

25 PRONÚNCIA CORRETA DE ALGUNS VERBOS

- Nos verbos cujo radical termina em *-ei, -eu, -oi, -ou*, seguidos de consoante, é fechada a vogal-base desses ditongos:

  a) Pronuncie *ei* (como na palavra *lei*):
  al**ei**jo, al**ei**jas, al**ei**ja, al**ei**jam, al**ei**je, al**ei**jem;
  ab**ei**ro-me, ab**ei**ra-se, ab**ei**ram-se, ab**ei**re-se, ab**ei**ra-te;
  enf**ei**xo, enf**ei**xas, enf**ei**xa, enf**ei**xe, enf**ei**xam, enf**ei**xem, enf**ei**xes;
  int**ei**ro, int**ei**ras, int**ei**ra, int**ei**ram, int**ei**re, int**ei**res, int**ei**rem.

  b) Pronuncie *eu* (como na palavra *deu*):
  end**eu**so, end**eu**sas, end**eu**sa, end**eu**sam, end**eu**se, end**eu**ses, end**eu**sem.

  c) Pronuncie *oi* (como na palavra *boi*):
  aç**oi**to, aç**oi**tas, aç**oi**ta, aç**oi**tam, aç**oi**te, aç**oi**tes, aç**oi**tem;
  f**oi**ço, f**oi**ças, f**oi**ça, f**oi**çam, f**oi**ce, f**oi**ces, f**oi**cem;
  desm**oi**to, desm**oi**tas, desm**oi**ta, desm**oi**tam, desm**oi**te, desm**oi**tes, desm**oi**tem;
  n**oi**vo, n**oi**vas, n**oi**va, n**oi**vam, n**oi**ve, n**oi**ves, n**oi**vem.

  d) Pronuncie *ou* (como na palavra *ouro*):
  afr**ou**xo, afr**ou**xas, afr**ou**xa, afr**ou**xam, afr**ou**xe, afr**ou**xes, afr**ou**xem;
  r**ou**bo, r**ou**bas, r**ou**ba, r**ou**bam, r**ou**be, r**ou**bes, r**ou**bem;
  est**ou**ro, est**ou**ras, est**ou**ra, est**ou**ram, est**ou**re, est**ou**res, est**ou**rem.

- Nos verbos terminados em *-ejar* e *-elhar*, como *despejar, almejar, arejar, velejar, pelejar, planejar, espelhar, aparelhar, semelhar, avermelhar*, etc., o *e* tônico profere-se fechado:
  desp**e**jo, desp**e**jas, desp**e**ja, desp**e**jam, desp**e**je, desp**e**jes, desp**e**jem
  esp**e**lho, esp**e**lhas, esp**e**lha, esp**e**lham, esp**e**lhe, esp**e**lhes, esp**e**lhem.

- Verbos como *englobar, desposar, forçar, rogar, mofar, ensopar, escovar, estorvar, enroscar, rosnar, lograr*, etc. têm o *o* aberto nas formas rizotônicas:
  esc**o**vo, esc**o**va, esc**o**ve, desp**o**sa, ens**o**pa, ens**o**pam, etc.

- Na terminação *-oem*, a vogal *o* é fechada nos verbos finalizados em *-oar: voem, magoem, coem, doem* (doar), *soem* (soar), *abençoem, coroem, abotoem*, etc., e aberta nos verbos terminados em *-oer: doem* (doer), *soem* (soer), *moem, roem, corroem*, etc.

- Nas três pessoas do singular e na 3ª do plural do presente do indicativo e do subjuntivo do verbo *saudar*, a vogal *u* forma hiato e não ditongo:
  sa**ú**do (sa-**ú**-do), sa**ú**das, sa**ú**da, sa**ú**dam;
  sa**ú**de (sa-**ú**-de), sa**ú**des, sa**ú**de, sa**ú**dem.

- O *u* do dígrafo *gu* dos verbos *distinguir* e *extinguir* não soa. Pronuncie *gue, gui*, como no verbo *seguir*:
  distin**gue**, distin**guem**, distin**gui**u, extin**gui**u, etc.
  (se**gue**) (se**guem**) (se**guiu**) (se**guiu**)

EXERCÍCIOS

LISTA 28

1. Escreva as frases, substituindo o * pelas formas adequadas do verbo **dar**:

a) As plantas * às aves alimento e abrigo.

b) Quando cheguei, Adriano já * a notícia a meus pais.

c) Precisamos de um livro que nos * a explicação do fenômeno.

d) Deus quis que a roseira * rosas e espinhos.

e) Vós, porém, não * espinhos, dai somente rosas!

f) Vocês, porém, não deem espinhos, * somente rosas.

g) Tu, porém, não * espinhos, dá somente rosas!

2. Nos verbos terminados em *-ear*, intercala-se um *i* nas formas rizotônicas. Copie as sequências que comprovam a regra:

ateamos – passeais – ceávamos

geia – granjeia – hasteiam

recreemos – nomeeis – freei

nomeio – passeias – semeie

3. Dos verbos terminados em *-iar*, somente seis trocam o *i* da terminação por *ei*, nas formas rizotônicas. Suas iniciais, se excluirmos *intermediar*, formam a palavra MÁRIO. Copie somente a sequência que comprova a afirmação.

alia – copia – calunias – presencio – premia – injurie – obviam

odeio – remedeiam – medeia – anseiam – incendeiem

4. Troque as pessoas do plural pelas correspondentes do singular:

Abstivemo-nos de bebida.

Saudai os atletas.

Couberam no porta-malas?

Credes em mim?

Talvez **caibam** aqui.

Quiseram humilhar-me.

Trouxemos comida.

Não **ateeis** fogo ao capinzal.

Não **puderam** vir.

Por mais que **escutemos**, não **ouvimos** nada.

Ceamos com tio Luís.

Quantos alunos os senhores **argúem** na aula de hoje?

Não **obtivemos** resposta.

Pusemos água na fervura.

5. Flexione os verbos nas pessoas pedidas:

nomear – 1ª pessoa pl. pret. perf. indic.

folhear – 3ª pessoa sing. pres. indic.

odiar – 2ª pessoa sing. pres. subj.

ansiar – 3ª pessoa pl. pres. subj.

passear – 1ª pessoa pl. pres. subj.

ver – 1ª pessoa sing. futuro subj.

deter – 3ª pessoa pl. pret. perf. indic.

obter – 1ª pessoa sing. futuro. subj.

caber – 1ª pessoa sing. pres. indic.

crer – 2ª pessoa sing. pret. imperf. subj.

reaver – 1ª pessoa sing. pret. perf. indic.

prever – 3ª pessoa pl. futuro subj.

6. Reproduza o quadro em seu caderno, substituindo os asteriscos pelas formas do imperativo afirmativo e do negativo do verbo **fazer**:

pessoas	**presente do indicativo**	**imperativo afirmativo**	**presente do subjuntivo**	**imperativo negativo**
Tu	fazes (-s) →	****	faças →	não ****
Você	–	****	← faça →	não ****
Nós	–	****	← façamos →	não ****
Vós	fazeis (-s) →	****	façais →	não ****
Vocês	–	****	← façam →	não ****

7. Passe os verbos para o presente do indicativo ou do subjuntivo, conforme a frase, conservando a mesma pessoa:

a) Na haste flexível desabotoou a primeira rosa.
b) Os vícios consumiram-lhe em pouco tempo a saúde e o patrimônio.
c) O coronel reassumiu o comando das tropas.
d) "Requeri minha aposentadoria, não podia mais trabalhar", disse o velho.
e) Que lucros auferiste de tantos esforços?
f) Os comissários proveram ao abastecimento dos navios.
g) O manuscrito jazeu esquecido no fundo de um armário.
h) Quando nos lembrávamos do passado, receávamos o futuro.
i) Muitos se abstiveram de bebidas alcoólicas.
j) Eu cobria o doente para que ele não tossisse.
k) A memória cerziu e reconstituiu os fatos que se distanciaram no passado.
l) A minha proposta não lhe aprouve.
m) Convinha que a viúva mobiliasse logo a casa.
n) Talvez houvesse outro livro que valesse menos e fosse melhor.
o) Talvez houvesse alguma coisa que o impedisse de voltar.
p) Vós sorríeis incrédulos, dizíeis que não proviemos de Deus, mas do macaco.

8. Substitua o * em cada frase pela forma verbal correta:

a) É bom que você se * contra assaltos. (**precavenha – previna**)
b) É bom que eu me *. Essa gente é falsa. (**acautele – precava**)
c) Pedi-lhe que se * contra o perigo dos tóxicos. (**precavisse – precavesse**)
d) Abra os olhos! Acautele-se, * ! (**precavenha-se – cuide-se**)
e) Felizmente, eu * tudo o que perdi. (**reavi – reouve**)
f) Não creio que eles * o prestígio perdido. (**reajam – recuperem**)

9. Substitua o * pelas formas adequadas do imperativo afirmativo do verbo *servir*:

Governante, * o povo e não a ti mesmo.

Governante, * o povo e não a si mesmo.

Governantes, * o povo e não a nós mesmos.

Governantes, * o povo e não a vós mesmos.

Governantes, * o povo e não a si mesmos.

10. Escreva a frase utilizando a sequência que a completa corretamente:

Se o senhor a *** na fábrica, ***-lhe que *** com prudência.

ver – dizei – aja vir – dize – haja

ver – diga – aja vir – diga – aja

11. Conjugue os verbos abaixo no pretérito perfeito do indicativo:

entreter – querer – pôr – transpor – ver – prever – vir – convir

12. Escreva as sentenças, flexionando os verbos em destaque nas formas que o contexto exige:

a) As formigas não desanimam e **reconstruir** o ninho.

b) Os males não se **remediar** lastimando-os.

c) Feliz serás tu se **reaver** o que perdeste.

d) Nenhum descanso teríamos enquanto não **reaver** o talismã.

e) O adulador **soer** ser maldizente.

f) **Prazer** a Deus que tal não aconteça!

g) O inverno, dentro de poucos dias, afastará o sol e **trazer** o frio.

h) Nada o **satisfazer**, enquanto não tivesse certeza do amor de Cláudia.

i) Ela **suster** o bule no ar e perguntou se eu queria café.

j) Se **sobrevir** contratempos, não desanimes.

k) O guarda persegue e **balear** o assaltante.

l) Cultivai as boas maneiras, que elas vos **fazer** simpáticos.

m) Não é justo que (nós) **diminuir** o número de convivas no banquete da vida.

n) Terroristas atacam embaixada e **incendiar** carros de diplomatas.

o) Se você **compor** a melodia, eu farei a letra da canção.

p) Os revolucionários tomaram a cidade e **depor** o presidente.

13. Substitua os asteriscos nas frases pelos verbos em destaque, nas formas indicadas:

a) Nós *** que o rio fosse fundo. (**supor**, pretérito imperf. do indic.)

b) Eu não *** na discussão. (**intervir**, pretérito perf. do indic.)

c) O motorista parou o carro, *** com violência. (**frear**, gerúndio)

d) Sete países do Pacífico *** aos testes nucleares. (**opor-se**, pretérito perf. do indic.)

e) Ele parecia receoso de que alguém o ***. (**contradizer**, pretérito imperf. do subj.)

f) Os dois *** e um *** o outro. (**desavir-se**, pret. perf. do indic. – **descompor**, pret. imperf. do indic.)

g) Até então eu não tinha *** nos debates. (**intervir**, particípio)

h) Cristo *** a destruição de Jerusalém. (**predizer**, pret. mais-que-perf. do indic.)

i) Comprarei as roupas que me ***. (**convir**, futuro subj.)

j) As pesquisas de opinião pública fazem com que certos candidatos *** a sua derrota. (**pressentir**, presente subj.)

k) O Brasil *** o litígio entre os dois países. (**intermediar**, pres. do indic.)

l) Se o senhor se *** desses bens, terá vida mais tranquila. (**desfazer**, futuro do subj.)

14. Troque as formas simples pelas compostas dos mesmos tempos:

a) **Granjeei** a simpatia de todos.

b) **Escrevi** muitas cartas a Jane.

c) Ele me **descrevera** o local.

d) Quem o **descobrira**?

e) Donde **proviera** aquele monstro?

f) João **proveu** ao sustento da família.

15. Escreva no caderno os verbos defectivos:

ler – reaver – soer – precaver – rir – abolir – falir – transir – ouvir

16. Troque as formas destacadas pelas equivalentes dos verbos indicados:

Verifique as causas. (averiguar)

Realizai a obra. (fazer)

Arriscavas a vida? (expor)

Não **aconteceu** nada. (haver)

Olhai as aves do céu. (ver)

Eu **conduzirei** o animal. (trazer)

Pensamos bem nisso. (refletir)

Ele não **interferiu**. (intervir)

Se **interferíssemos**... (intervir)

Eles **providenciam** tudo. (prover)

Donde **originou-se** a vida? (provir)

17. Siga o exemplo, dando as categorias das formas verbais:

valho – 1ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo **valer**

estreie – abster-me-ei – compraz-se – pudemos – predisséseis – podermos – creiamos – bendize – remoo – supúnhamos – suponhamos – dispuser – veem – propus – proponde – prouve – requeira – traríeis – víramos – cirze – induz – dispa – conduze – divirjas – sobressaia – bulas – ide – impeço – rides – ris – sorride – virdes – provim – sobresteve

18. Escreva as frases, substituindo os asteriscos pelas formas adequadas:

infligem – infringem – deferem – diferem – surtiram – sortiram – provêm – proveem

a) As nações frequentemente * os convênios (acordos).

b) Os chefes *-lhes castigos cruéis.

c) Os ministros * nossos requerimentos.

d) As opiniões * .

e) Os comerciantes * seus estabelecimentos.

f) As tentativas não * o efeito almejado.

g) Os frutos * da terra.

h) Os pais * às necessidades da prole.

19. Passe para a 2ª pessoa do plural:

a) Não emprestes o teu nem o alheio, não terás cuidados nem receio.

b) Não lisonjeies nem maldigas, faze o bem, foge do mal e não te arrependerás.

c) Se aspiras à paz definitiva, sorri ao destino que te fere.

d) Ouve, vê e cala, viverás vida folgada.

e) Bane do espírito o fantasma da dúvida e põe tua confiança em Deus.

f) Não desprezes o pobre, vai antes ao seu encontro e alivia-lhe o sofrimento.

g) Não reclames da visita inesperada: recebe-a sempre bem.

20. Conjugue o verbo **precaver-se** no presente do indicativo e no imperativo afirmativo, suprindo com sinônimos as pessoas em que é defectivo.

21. Flexione os verbos abaixo nas pessoas pedidas:

a) **dar**, **doar**, **soar**: 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo

b) **crer**, **ler**, **vir**, **doer**, **soer**, **ter**: 3ª pessoa do plural do presente do indicativo

c) **ver**, **prever**, **vir**, **convir**: 3ª pessoa do singular do futuro do subjuntivo

22. Conjugue os verbos abaixo nos tempos pedidos, com os pronomes átonos pospostos ou intercalados, conforme for o caso:

a) **dizê-lo** – presente do indicativo

b) **conduzi-la** – futuro do presente

c) **enviá-los** – futuro do pretérito

d) **adverti-las** – imperativo afirmativo

23. Escreva as frases seguintes, substituindo os tempos simples pelos compostos correspondentes, colocando corretamente os pronomes oblíquos:

a) O diretor suspendera-os por três dias.

b) Esse dinheiro, ganhá-lo-ias sem trabalho e sacrifício?

c) Se eles o entregassem, nós o aceitaríamos.

d) Esses fugazes prazeres, vós os pagastes bem caro.

e) Os revoltosos imprimi-lo-iam em oficinas gráficas clandestinas. [lo = jornal]

f) O diretor imprimira nova orientação ao jornal.

g) Nunca as acendêramos.

24. Use as formas adequadas do particípio dos verbos indicados:

a) A polícia havia *** o grupo de manifestantes. **(dispersar)**

b) As folhas estavam *** no chão. **(dispersar)**

c) A multidão seria *** a gás lacrimogêneo. **(dispersar)**

d) As chuvas tinham *** o fogo. **(extinguir)**

e) Estava enfim *** o infame cativeiro! **(extinguir)**

f) A raça humana seria *** pelas explosões nucleares. **(extinguir)**

VERBO
Exercícios de exames e concursos
[Página 674]

ADVÉRBIO

1 ADVÉRBIO

Comparemos estes exemplos:

O navio chegou. O navio chegou **ontem**.

A palavra *ontem* acrescentou ao verbo *chegou* uma circunstância de tempo: *ontem* é um advérbio.

Paulo jogou. Paulo jogou **bem**.

A palavra *bem* modificou a ação de Paulo, expressa pelo verbo *jogou: bem*, aqui, é um advérbio.

Paulo jogou bem. Paulo jogou **muito** bem.

A palavra *muito* intensificou o sentido do advérbio *bem*: *muito*, aqui, é um advérbio.

A moça é linda. A moça é **muito** linda.

A palavra *muito* intensificou a qualidade contida no adjetivo *linda: muito*, nesta frase, é um advérbio.

Advérbio *é uma palavra que modifica o sentido do verbo, do adjetivo* e *do próprio advérbio.*

Na oração, o advérbio exerce a função sintática de adjunto adverbial.

A maioria dos advérbios modifica o verbo, ao qual acrescentam uma circunstância. Só os de intensidade é que podem também modificar adjetivos e advérbios.

2 CLASSIFICAÇÃO DOS ADVÉRBIOS

De acordo com as circunstâncias ou a ideia acessória que exprimem, os advérbios se dizem:

- **de afirmação**

  sim, certamente, deveras, incontestavelmente, realmente, efetivamente.

- **de dúvida**

  talvez, quiçá, acaso, porventura, certamente, provavelmente, decerto, certo. Exemplo:

  "**Certo** perdeste o senso!" (Olavo Bilac)

- **de intensidade**

muito, mui, pouco, assaz, bastante, mais, menos, tão, demasiado, meio, todo, completamente, profundamente, demasiadamente, excessivamente, demais, nada, ligeiramente, levemente, que, quão, quanto, bem, mal, quase, apenas, como. Exemplos:

A prova foi **muito** fácil
Isto não é **nada** fácil.
Que bom!
Quanto insisti!
O desenho estava **apenas** esboçado.
Como comem!

- **de lugar**

abaixo, acima, acolá, cá, lá, aqui, ali, aí, além, aquém, algures (= em algum lugar), alhures (= em outro lugar), nenhures (= em nenhum lugar), atrás, fora, afora, dentro, perto, longe, adiante, diante, onde, avante, através, defronte, aonde, donde, detrás.

- **de modo**

bem, mal, assim, depressa, devagar, como, adrede, debalde, alerta, melhor (= mais bem), pior (= mais mal), aliás (de outro modo), calmamente, livremente, propositadamente, selvagemente, e quase todos os advérbios terminados em *-mente*.

- **de negação**

não, tampouco (= também não).

- **de tempo**

agora, hoje, amanhã, depois, ontem, anteontem, já, sempre, amiúde, nunca, jamais, ainda, logo, antes, cedo, tarde, ora, afinal, outrora, então, breve, aqui (= neste momento), nisto, aí (= então, nesse momento), entrementes, brevemente, imediatamente, raramente, finalmente, comumente, presentemente, diariamente, concomitantemente, simultaneamente, etc.

3 ADVÉRBIOS INTERROGATIVOS

São as palavras *onde, aonde, donde, quando, como, por que,* nas interrogações diretas ou indiretas, referentes às circunstâncias de lugar, tempo, modo e causa. Exemplos:

Interrogação direta	Interrogação indireta
Como aprendeu?	Perguntei *como* aprendeu.
Onde mora?	Indaguei *onde* morava.
Por que choras?	Não sei *por que* choras.
Aonde vai?	Perguntei *aonde* ia.
Donde vens?	Pergunto *donde* vens.
Quando voltas?	Pergunto *quando* voltas.

Observação:

✔ Seria mais acertado grafar o advérbio interrogativo *por que* numa só palavra: *Porque* fez isso? Perguntaram *porque* me atrasei.

Os advérbios em *-mente* derivam-se dos adjetivos: à forma feminina (quando houver) dos adjetivos acrescenta-se o sufixo *-mente*. Exemplos:

friamente, esplendidamente, comodamente, ferozmente, etc.

Excetuam-se alguns advérbios derivados de adjetivos em *-ês*, como *portuguesmente, francesmente*, etc. Exemplos:

"Cuido que escrevi clara e *portuguesmente* a minha ideia." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Manuel soa honesto, *portuguesmente* honesto." (MANUEL BANDEIRA)

"O chapéu-coco equilibra-se *inglesmente* na cabeça de cabelos louros e compridos." (LUÍS HENRIQUE TAVARES)

"... uma governanta almoçava *burguesmente*." (ELSIE LESSA)

4 LOCUÇÕES ADVERBIAIS

São expressões que têm a função dos advérbios. Iniciam-se ordinariamente por uma preposição:

às cegas, às claras, à toa, a medo, à pressa, às pressas, a pé, a pique, a fundo, a jusante, a montante, à uma, às escondidas, às tontas, à noite, às vezes, ao acaso, de repente, de chofre, de forma alguma, de cor, de improviso, de propósito, de viva voz, de súbito, de uma assentada, de soslaio, de quando em quando, de vez em quando, em breve, em vão, por miúdo, por atacado, em cima, por fora, por ora, por trás, para trás (olhar *para trás*), de perto, sem dúvida, com certeza, por certo, por um triz, mal e mal, o mais das vezes (ou as mais das vezes), passo a passo, lado a lado, vez por outra, de fome, de medo, de manhãzinha, de alto a baixo, etc.

Exemplos:

O capitão me olhou **de alto a baixo**.

"Chegou **de manhãzinha** a Florianópolis." (*JORNAL DO BRASIL*, 19/10/1991)

Observação:

✔ As locuções adverbiais classificam-se como os advérbios, ou melhor, de acordo com a circunstância que exprimem: de modo, de lugar, de tempo, de causa, etc.

5 GRAUS DOS ADVÉRBIOS

Certos advérbios de modo, tempo, lugar e intensidade são, à semelhança dos adjetivos, suscetíveis de grau, conforme se vê do seguinte esquema:

comparativo de
- **igualdade:** tão longe, tão rapidamente como
- **superioridade**
  - **analítico:** mais longe que, mais rapidamente que...
  - **sintético:** melhor que, pior que...
- **inferioridade:** menos longe que, menos rapidamente que...

superlativo absoluto
- **analítico:** muito longe, muito rapidamente
- **sintético:** longíssimo, rapidissimamente, otimamente

Observação:

✔ Para indicar o limite da possibilidade, dizemos: "o mais cedo possível", "o mais longe que puder", "o mais depressa possível", "o máximo de vezes", etc. Exemplos:

"Jorge despediu-se do médico levando a promessa de que este iria à casa de D. Antônia *o mais cedo que pudesse*." (MACHADO DE ASSIS)

"... dar-me o seu estrídulo tlintlim *o máximo de vezes*." (CIRO DOS ANJOS)

Na linguagem familiar, certos advérbios assumem forma diminutiva, mas com ideia de intensidade, a modo de superlativos: *agorinha, cedinho, pertinho, rentinho, juntinho, devagarinho* (= muito devagar), *depressinha* (= bem depressa), *rapidinho* (= bem rápido).

Frequentemente, empregamos adjetivos com valor de advérbios:

Ele falou **claro** (= claramente).

Ana tinha ido ao cinema, o que **raro** acontecia (= raramente).

Bem **caros** pagarás os teus deleites. [ou: **Bem caro** pagarás os teus deleites.]

"Amadeu não conseguiu dormir **direito**." (AUTRAN DOURADO)

"Foram **direto** ao galpão do engenheiro-chefe." (JOSUÉ GUIMARÃES)

Quando ocorrem dois ou mais advérbios em *-mente*, em geral sufixamos apenas o último:

O aluno respondeu **calma** e **respeitosamente**.

Veja emprego dos advérbios, págs. 571 a 574.

6 PALAVRAS E LOCUÇÕES DENOTATIVAS

De acordo com a Nomenclatura Gramatical Brasileira, serão classificadas à parte certas palavras e locuções – outrora consideradas advérbios – que não se enquadram em nenhuma das dez classes conhecidas. Tais palavras e locuções, chamadas "denotativas", exprimem:

▪ afetividade

felizmente, infelizmente, ainda bem:

Felizmente não me machuquei.

Ainda bem que o orador foi breve!

- **designação ou indicação**

  eis:

  Eis o anel que perdi. *Ei*-lo!

- **exclusão**

  exclusive, menos, exceto, fora, salvo, tirante, senão, sequer:

  Voltaram todos, **menos** (ou *exceto, salvo, fora*) André.

  Não me descontou **sequer** um real.

  Ninguém, **senão** Deus, poderia salvá-lo.

- **inclusão**

  inclusive, também, mesmo, ainda, até, ademais, além disso, de mais a mais:

  Eu **também** vou.

  Levou-me para sua casa e **ainda** me deu roupa e dinheiro.

  Aqui falta tudo, **até** água.

- **limitação**

  só, apenas, somente, unicamente:

  Só Deus é perfeito.

  Apenas um aluno teve nota boa.

- **realce**

  cá, lá, só, é que, sobretudo, mesmo, embora:

  Eu **cá** me arranjo!

  Você **é que** não se mexe!

  É isso **mesmo**!

  Veja **só**!

  Vá **embora**!

  Eu sei **lá** o que ele pretende?

- **retificação**

  aliás, ou melhor, isto é, ou antes:

  Venha ao meio-dia, **ou melhor**, venha já.

  Aquele casal era japonês, **aliás**, descendente de japoneses.

  "Finda a saudação cortês, o cavalo calou-se, **isto é**, recolheu o movimento do rabo."
  (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

- **explanação**

  isto é, a saber, por exemplo:

  Os elementos do mundo físico são quatro, **a saber**: terra, fogo, água e ar.

- **situação**

afinal, agora, então, mas:

Afinal, quem tem razão?

Posso mostrar-lhes o sítio; **agora**, vender eu não vendo.

Então, que achou do filme?

Mas você fez isso, meu filho?

Observação:

✔ Na análise dir-se-á: palavra ou locução denotativa de exclusão, de inclusão, de realce, etc.

EXERCÍCIOS LISTA 29

1. Copie as frases. Em seguida, sublinhe e classifique os advérbios:

a) Fiz tudo muito calmamente: devagar se chega mais depressa.

b) As ilusões andam sempre na frente e as desilusões atrás.

c) Teu irmão partiu ontem, meio triste. Talvez não o vejas aqui tão cedo.

d) Uns comem pouco, outros comem demais.

e) Amiúde vemos pessoas que falam bem e agem mal.

f) A casa era muito velha, o telhado já meio torto, o assoalho todo esburacado.

g) Como se faz para obter água bem limpa?

h) "O homem pasmava dos nomes daqueles objetos, nenhum dos quais soava portuguesmente." (Camilo Castelo Branco)

i) "Sentiu-se extraordinariamente forte." (Lígia Fagundes Telles)

j) A cidade hoje é bem diferente do que foi outrora.

2. Localize e classifique os advérbios e as locuções verbais das frases abaixo:

a) Sino que assim badalas, não falas à toa!

b) É o que se murmura por aí, à boca pequena.

c) "O Brasil então medrava a olhos vistos. (Carlos de Laet)

d) Realmente, há pessoas que são como os vitrais de igrejas: feias por fora, bonitas por dentro.

e) De vez em quando falavam baixo, trocando segredos à socapa.

f) "Fugiam em carreira pelo vale afora." (Aníbal Machado)

g) Onde ele se demorava mais era na agência do correio, com certeza, para vigiar a abertura das malas.

h) A linha reta nem sempre é o caminho mais curto entre dois pontos.

i) Num átimo, cessou de todo o ruído das vozes e ele entrou a falar à vontade, calma e decididamente.

j) À noite, as águas arrombam a represa: a jusante, o povo foge em massa, mal agasalhado.

3. Substitua as locuções destacadas pelos advérbios correspondentes:

a) A máquina trabalha **sem interrupção**.

b) A patroa repreendeu **com aspereza** a empregada.

c) Agistes **sem flexão** e **com precipitação**.

d) O crime foi praticado **com frieza** e **premeditação**.

e) Depois que liquidou as dívidas, foi consolidando **pouco a pouco** sua situação econômica.

f) O artista toca e canta **ao mesmo tempo**.

g) Percebia-se no olhar vago e distante do proscrito que sua alma estava **em outro lugar**.

h) Não sei onde, mas já sucedeu **em algum lugar** um caso assim.

i) É preciso que o homem e a natureza convivam **em paz**.

j) Joel abriu **com displicência** o livro e leu um trecho.

4. Informe se as palavras **melhor** e **pior** são comparativos de **bem** e **mal** ou de **bom** e **mau**:

a) Se bem o disse, melhor o fez.

b) O vício é pior que a pobreza.

c) O sábio nem sempre é melhor que o iletrado.

d) Estes agiram pior do que aqueles.

e) Uns melhor, outros pior, todos desempenharam satisfatoriamente os seus papéis.

5. Informe o grau dos advérbios destacados:

a) Ri **melhor** quem ri por último, disse-lhe **muito calmamente**.

b) Ele agiu **corretissimamente**.

c) Hei de chegar **mais longe** do que ele.

d) Vive-se **tão bem** aqui como lá.

e) "Deveria ser **muitíssimo longe**." (Machado de Assis)

f) Você saiu-se **menos mal** do que esperávamos.

g) "...pugnando **nobilissimamente** pela liberdade dos índios." (Carlos de Laet)

h) Levanto-me **cedinho** e apronto-me **bem depressa**.

i) "Tinha impressão de que Zito estava dirigindo o país **direitinho**." (Aníbal Machado)

6. Escreva as frases abaixo trocando os asteriscos por advérbios derivados das palavras entre parênteses:

a) Fomos recebidos *** .(**calor**)

b) O prédio desabou *** . (**fragor**)

c) O juiz o condenou *** . (**inexorável**)

d) Você respondeu *** . (**acerto**)

e) Alguns erravam *** . (**propósito**)

f) Ele a humilhou *** . (**acinte**)

g) Certos remédios agem ***, mas *** . (**lento – eficaz**)

7. Dê a classe gramatical das palavras destacadas:

a) **Mais** vale **muito** saber que **muito** ouro.

b) "Creiam-me, o **menos mau** é recordar." (MACHADO DE ASSIS)

c) Há coisas **muito** caras e **pouco** úteis.

d) Arranjou um **meio** de vida que lhe garantisse **mais** conforto.

e) Ficou **meio** tonto com o **meio** copo de vinho: não bebeu **demais**.

f) É **mau** costume andar **mal** vestido.

8. Copie somente a frase em que há uma expressão denotativa de retificação:

a) Os mais espertos **é que** saíram lucrando.

b) Lerei o livro todo, **ou melhor**, as passagens que me agradarem.

c) O Sol, **isto é**, a mais próxima das estrelas, comanda a vida terrestre.

d) Na sala não havia **sequer** uma cadeira.

9. Escreva as frases substituindo *** por **mal** ou **mau**. Em seguida, classifique essas duas palavras em **substantivo**, **adjetivo** ou **advérbio**:

a) Esta frase soa *** .

b) Esse *** tem cura?

c) Fiz um *** negócio.

d) Fui *** informado.

e) Ele agiu *** .

f) Teve um *** sonho.

10. Leia o texto abaixo observando os advérbios e as locuções adverbiais.

LEITURA

Eclipse lunar

Pois ali está, no meio da noite, a Lua. É mesmo um lago de prata, com vagas sombras cinzentas – sombras de árvores, de barcos, de aves aquáticas... O céu está muito límpido, e é puro o brilho das estrelas. Mas em breve se produzirá o eclipse.

E, então, pouco a pouco, o luminoso contorno vai sendo perturbado pela escuridão. A Terra, esta nossa misteriosa morada, vai projetando sua forma naquele redondo espelho. Muito lentamente sobe a mancha negra sobre aquela cintilante claridade. É mesmo um dragão de trevas que vai calmamente bebendo aquela água tão clara; devorando, pétala por pétala, aquela flor tranquila.

E o globo da Lua, num dado momento, parece roxo, sanguíneo, como um vaso de sangue. Que singular metamorfose, e que triste símbolo! Ali vemos a Terra, melancolicamente reproduzida na apagada limpidez da Lua. Ali estamos, com estas lutas, estes males, ambições, cóleras, sangue. Ali estamos projetados! E poderíamos pensar, um momento, na sombra amarga que somos. Sombra imensa. Mancha sanguínea. (Por que insistimos em ser assim?)

Ah! – mas o eclipse passa. Recupera-se a Lua, mais brilhante do que nunca. Parece até purificada.

(Brilharemos um dia também com o maior brilho? Perderemos para sempre este peso de treva?)

(CECÍLIA MEIRELES, *Escolha o Seu Sonho*, Record, Rio de Janeiro, 1996)

11. Acrescente advérbios ou expressões adverbiais às frases, de acordo com as circunstâncias indicadas:

a) Os estudantes encontraram forte resistência. (**negação**, **lugar**)

b) O secretário entrou no plenário. (**tempo**, **modo**)

c) Você foi indelicado. (**tempo**, **intensidade**)

d) A festa acabava. (**lugar**, **tempo**, **modo**)

e) As crianças estarão sonolentas depois do jantar. (**afirmação**, **intensidade**, **tempo**)

12. Escreva as frases fazendo as correções necessárias:

a) Sentia-me cansado fisicamente e moralmente.

b) Chegou tarde porque mora longíssimo.

c) As garotas estão menas agitadas agora.

d) Minha mãe está meia cansada de tanto trabalhar.

13. "Sua filha está muito bem agasalhada."

Se na frase acima você retirar o advérbio **bem**, o sentido continua o mesmo? Explique.

14. Escreva as frases abaixo, substituindo o termo destacado pelo que está entre parênteses. Faça as adaptações necessárias.

a) Esperei muito *tempo* por você. (**horas**)

b) *Ele* falava muito alto. (**todas**)

c) *Ivan* estava muito triste. (**Alguns**)

d) *Cássio* estava muito cansado. (**Os turistas**)

e) Quando menor, *eu* brinquei muito com seu irmão. (**nós**)

f) O amigo já lhe deu muito *conselho* sensato. (**conselhos**)

15. Em quais das frases do exercício anterior a palavra **muito** não é advérbio? Justifique a sua resposta.

16. Transforme os adjetivos em advérbios, utilizando o sufixo **-mente**. Depois, anote a que conclusão chegou sobre a maneira de obter essa transformação.

fácil, caridoso, firme, leve, esperançoso, calmo, inteiro, grave, ágil, penoso, claro, manso.

ADVÉRBIO
Exercícios de exames e concursos
[Página 676]

PREPOSIÇÃO

Veja estes exemplos:

A motocicleta **de** Cláudio era nova.

Trabalhemos **com** alegria.

Isabel mora **em** Niterói.

1 PREPOSIÇÃO

As palavras **de**, **com** e **em** estão ligando termos dependentes (Cláudio, alegria e Niterói) a termos principais (motocicleta, trabalhemos e mora): são *preposições*.

A preposição liga um termo dependente a um termo principal ou subordinante, estabelecendo entre ambos relações de posse, modo, lugar, causa, fim, etc.

Nos exemplos acima, as preposições *de, com* e *em* estabelecem relações de posse, modo e lugar, respectivamente.

Preposição *é uma palavra invariável que liga um termo dependente a um termo principal, estabelecendo uma relação entre ambos.*

Observe mais estes exemplos:

termo subordinante	preposição	termo dependente
Recorremos	a	Jerônimo.
Choravam	de	alegria.
Olhei	para	ele.
Esperamos	por	você.
A luta	contra	o mal.

O termo dependente pode ser uma oração:

"Aconselhou-me *a não o ler*." (Graciliano Ramos)

"Estava convencido *de que um dia lhe dariam razão*." (Herberto Sales)

Em síntese:

a) As preposições são conectivos subordinativos.

b) Antepõem-se a termos dependentes (objetos indiretos, complementos nominais, adjuntos, etc.) e a orações subordinadas.

c) Estabelecem entre os termos as mais diversas relações.

Dividem-se as preposições em *essenciais* (as que sempre foram preposições) e *acidentais* (palavras de outras classes gramaticais que acidentalmente funcionam como preposições).

▪ Preposições essenciais

a, ante, após, até, com, contra, de, desde (dês), em, entre, para, perante, por (per), sem, sob, sobre, trás.

"Ela ainda se agarrava **a** fantasias." (GRACILIANO RAMOS)

"Prostradas **ante** o meu retrato, minhas irmãs rezavam." (ANÍBAL MACHADO)

"Fumava cigarro **após** cigarro." (JOSÉ FONSECA FERNANDES)

"**Dês** pequeno que sou ativo e ladino." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

"E calculas tu quanto seria cômico estar **entre** ti e ela..." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Fora intimado **a** comparecer **perante** o juiz, **para** ser interrogado." (ANÍBAL MACHADO)

Os carros passavam **sob** um arco **de** triunfo erguido **sobre** a ponte.

Chegamos **até** um porto, remando **contra** a maré.

Observações:

✔ A preposição *após*, acidentalmente, pode ser advérbio, com a significação de *atrás*, *depois*: Terminou a festa à meia-noite e as visitas saíram logo *após*.

✔ *Dês* é o mesmo que *desde* e ocorre com pouca frequência em autores modernos:

"... *dês* que surgiste em minha estrada, abandonei formas banais." (RONALD DE CARVALHO)

"... *dês* que ele era menino." (JOSÉ CONDÉ)

✔ *Per* usa-se na locução adverbial *de per si* (= isoladamente, por sua vez): "No último instante, cada um, *de per si*, conseguiria libertar-se". (FERNANDO NAMORA)

✔ *Trás*, modernamente, só se usa em locuções adverbiais e prepositivas: *por trás*, *para trás*, *por trás de*. Como preposição, aparece, por exemplo, no antigo ditado: *Trás* mim virá quem bom me fará.

✔ *Para*, na fala popular, apresenta a forma sincopada *pra*: "Traz aqui um cafezinho *pra* gente!" (LUÍS JARDIM)

✔ *Até*, como vimos, pode ser palavra denotativa de inclusão: Os ladrões roubaram-lhe *até* a roupa do corpo.

✔ As preposições essenciais exigem as formas oblíquas *mim*, *ti* e *si* dos pronomes pessoais: Recorreu *a mim*. Preciso *de ti*. Só pensam *em si*.

▪ Preposições acidentais

conforme (= de acordo com), *consoante*, *segundo*, *durante*, *mediante*, *visto* (= devido a, por causa de), *como*, etc. Exemplos:

Vestimo-nos **conforme** a moda e o tempo.

Os heróis tiveram **como** prêmio uma coroa de louros.

"A prudência o mandava viver em Lisboa **consoante** os costumes de Lisboa, e na província, *segundo* o seu gênio e hábitos aldeãos." (CAMILO CASTELO BRANCO)

Mediante manobras mesquinhas, o escrivão conseguira prestígio.

Vovô dormiu **durante** a viagem.

A vida hoje torna-se difícil, **visto** a sua estonteante complexidade.

2 LOCUÇÕES PREPOSITIVAS

São expressões com a função das preposições. Em geral são formadas de *advérbio* (ou locução adverbial) + *preposição:* abaixo de, acima de, a fim de, além de, a par de, apesar de, atrás de, através de, antes de, junto de, junto a, ao encontro de, de encontro a, embaixo de, em frente de (ou *a*), em cima de, em face de, longe de, defronte de, a instâncias de, de acordo com, por causa de, por trás de, não obstante (= apesar de), para com (o respeito *para com* os mais velhos), a despeito de (= apesar de), devido a, em virtude de, em atenção a, em obediência a, em via de, a favor de, ao invés de, à (ou *na*) proporção de, até a (foi *até à* porta), à custa de, a expensas de, sob pena de, etc.

Exemplos:

Passamos **através de** mata cerrada.

Não nos atendeu, **não obstante** nossa insistência.

Em atenção à sua idade, não lhe batemos.

A instâncias dos amigos, ele concordou em cantar sua última canção.

Observação:

✔ Numerosos autores não veem locução prepositiva nas sequências *de até* (crianças *de até* sete anos), *de sobre, de sob, por entre* (passar *por entre* a multidão), *por sob, por sobre, para sobre* (atirar os livros *para sobre* o armário), por entenderem que, em tais conjuntos, cada preposição conserva o seu sentido próprio. De acordo com essa análise, ver-se-á o conjunto *preposição + locução prepositiva* em frases como:

Sai *de diante de* mim!

A Lua nasce *por detrás do* morro.

Venha *para perto de* nós.

Chegou *por trás de* nós.

3 RELAÇÕES EXPRESSAS PELAS PREPOSIÇÕES

Isoladamente, as preposições são palavras vazias de sentido, se bem que algumas delas contenham uma vaga noção de tempo e lugar. Na frase, porém, exprimem relações as mais diversas, tais como:

- **assunto:** Falou *sobre* política.
- **causa:** Morreu *de* fome.
- **companhia:** Jantei *com* ele.

- **especialidade:** Formou-se *em* Medicina.
- **direção:** Olhe *para* frente.
- **fim** ou **finalidade:** Trabalha *para* viver.
- **falta:** Estou *sem* recursos.
- **instrumento:** Feriu-se *com* a própria espada.
- **lugar:** Moro *em* São Paulo.
- **meio:** Viajei *de* avião.
- **modo, conformidade:** Trajava *à* moderna.
- **oposição:** João falou *contra* nós.
- **posse, pertença, propriedade:** Vi o carro *de* Mário.
- **matéria:** Era uma casa *de* tijolos.
- **origem:** Descendia *de* família ilustre.
- **tempo:** Viajei *durante* as férias.

4 COMBINAÇÕES E CONTRAÇÕES

As preposições *a, de, em* e *per* unem-se com outras palavras, formando um só vocábulo. Há *combinação* quando a preposição se une sem perda de fonema; se a preposição sofre queda de fonema, haverá *contração*.

- A preposição *a* combina-se com os artigos e pronomes demonstrativos *o, os* e com o advérbio *onde*, dando: *ao, aos, aonde*.
- As preposições *a, de, em, per* contraem-se com os artigos e, algumas delas, com certos pronomes e advérbios. Eis alguns exemplos:

a + a = à	de + o = do	em + esse = nesse
a + as = *às*	de + ele = dele	em + o = no
a + aquele = àquele	de + este = deste	em + um = num
a + aquela = àquela	de + isto = disto	em + aquele = naquele
a + aquilo = àquilo	de + aqui = daqui	per + o = pelo

- Registrem-se ainda as contrações *coa* (com + a), *coas* (com + as), *pro* (para + o), *pros* (para + os), *pra* (para + a), *pras* (para + as), mais frequentes na fala popular, e *dentre* (de + entre).

EXERCÍCIOS — LISTA 30

1. Classifique as frases de acordo com o tipo de relação expresso pelas preposições.

Inclinei-me **para** beber.
A menina chorava **de** dor.
Ele dança **conforme** a música.
Cortou-se **com** a gilete.
Não fales **de** guerra.
Viajou **sem** passaporte.
A janela dava **para** o telhado.
É um direito **dos** cidadãos.

Saí **de** madrugada.
Viajei **de** ônibus.
A pena era **de** ouro.
Nuno formou-se **em** Direito.
Passeei **com** os colegas.
Sofia descende **de** nobres.
Eles opõem-se **a** tudo.
Moro **em** Campinas.

2. Escreva as frases abaixo e em seguida passe um traço sob as preposições e dois sob as combinações e contrações:

a) Ao chegar à Amazônia, senti que estava ante um mundo diferente.

b) Desde a nascente até o poço, o córrego murmurejava entre pedras roliças.

c) Após o jantar, Heitor dava um giro pela praça ou sentava-se num banco do jardim, sob um toldo de lona.

d) Tive de voltar para casa a pé, devido à falta de condução.

e) Naquele galpão, construído por meu avô, só se viam caixas de vinho sobre mesas toscas.

3. Copie as frases colocando um traço em volta das preposições e sublinhando as locuções prepositivas:

a) Ítalo buzinou em frente à janela, a fim de me acordar.

b) Antes de o sol raiar, estávamos junto ao rio, que atravessaríamos a nado.

c) Filipe, a despeito de seu gênio concentrado, era extremamente simpático.

d) Através de meu primo, firmei laços de amizade com muitas pessoas da localidade.

e) O réu foi intimado a comparecer perante o juiz para ser interrogado.

f) Atrás de mim, dois homens discutiam a propósito de futebol.

g) O gavião pousou sobre o ramo, que vergou sob o peso da ave.

4. Reorganize as três colunas de forma a relacionar as locuções prepositivas sinônimas:

devido a	acerca de	a despeito de
a respeito de	não obstante	em virtude de
apesar de	por causa de	a propósito de

5. Substitua o * pelas preposições adequadas, contraídas com o artigo quando necessário:

a) O soalho rangia * meus pés.

b) " * o silêncio sombrio do visitante, a professora teve medo." (Aníbal Machado)

c) " * manobras mesquinhas o esperto escrivão conseguiu prestígio." (Aníbal Machado)

d) "E caminhou sozinho * passos vacilantes." (Camilo Castelo Branco)

e) Saíam de casa uma vez por ano, * velho costume.

f) "Resta ainda uma dúvida * desfazer." (Said Ali)

g) Era preciso romper * velhos hábitos.

h) "Todos são iguais * a lei." (C. DRUMMOND DE ANDRADE)

i) "Quem me pôs no coração este amor * vida, senão tu?" (M. DE ASSIS)

j) "Era a maior dignidade * que podia aspirar." (M. DE ASSIS)

k) Estava ansioso * me ver livre daquilo tudo.

l) "Investia como cego * as paredes." (C. CASTELO BRANCO)

m) Dei-me pressa * regressar * casa.

n) Não se atiram pedras * árvores sem fruto.

o) Mostrava-se insensível * admoestações do irmão, * cuja companhia se desinteressara.

p) "Lavínia lançou ao enfermo um olhar * zombeteiro e inquieto." (LÍGIA FAGUNDES TELES)

q) As estrelas empalidecem * o esplendor do Sol.

r) Chamava-se Virginiano: nascera * o signo de Virgem.

s) Ariosto, * arquiteto, considerava-se um homem realizado.

t) Na noite * que chegamos, tudo parecia tão triste!

6. Classifique as frases de acordo com o valor da locução prepositiva em destaque, especificando se é de **distância** ou de **negação intensiva**:

Longe de o castigar, ainda o abençoou.

A escola não ficava **longe de** minha casa.

O resultado está **longe de** ser o que eu esperava.

Longe dos olhos, **longe do** coração.

Não lhe quero mal, **longe disso**!

7. Escreva as frases e ponha entre parênteses a classificação correta da palavra **até**, **preposição** ou **palavra denotativa de inclusão**.

Os ladrões levaram-lhe **até** a roupa do corpo.

O cafezal estendia-se **até** a linha do horizonte.

Esse camelô consegue vender **até** pentes a carecas.

8. Substitua adequadamente os asteriscos por **afim** e **a fim**, **ao encontro de** e **de encontro a:**

a) Fui à mata próxima **** de catar lenha.

b) O português é um idioma **** do espanhol.

c) O ônibus desgovernou-se e foi **** um muro.

d) A criança, toda feliz, correu **** seu pai.

e) Que dia aziago! Tudo foi **** meus desejos.

f) O ano é bom. Tudo vai **** nossas expectativas.

9. Classifique a palavra **a**, que pode ser artigo, pronome pessoal, pronome demonstrativo e preposição:

a) A menina saiu de casa sem que a mãe a visse e foi juntar-se a suas amigas.

b) Devolva a fita a seu pai: não é a que eu queria.

10. Troque corretamente o * por **entre** e **dentre**:

a) Ela sentou-se * mim e Pedro.

b) Retirou uma carta * velhos papéis.

c) Eis que * os arbustos sai um caçador.

11. Forme frases com as preposições **sob** e **sobre**.

12. Una os termos dependentes aos verbos substituindo * por preposições adequadas:

a) Assisti * cenas tristes.

b) Não vá * mim.

c) Prostrou-se * o altar e orou.

d) Lute * nobres ideais.

e) Abriguei-me * uma tenda.

f) O tigre arrojou-se * a presa.

13. Identifique as relações que as preposições exprimem em cada frase.

a) Dizem que o rapaz morreu de pneumonia.

b) Carlos, preste atenção! Não olhe para trás!

c) Você escreve para expressar seus sentimentos?

d) Ana feriu-se com aquela faca afiada.

e) Na história, o porquinho construiu uma casa de palha e seu irmão uma de tábuas.

f) Pedi arroz à grega. E você?

g) Viajamos de trem durante vários dias.

14. Indique os casos em que a preposição aparece ligada a outras palavras, combinando-se ou formando contrações:

a) Meu irmão sempre envia bilhetes à namorada.

b) Nunca consigo perceber aonde você quer chegar.

c) Suas fotos estão naquela caixa amarela.

d) Você sempre vai ao cinema de seu bairro?

e) Nós também vamos participar desta manifestação de protesto.

15. Indique se, nas frases abaixo, aparecem preposições ou locuções prepositivas:

a) Faremos um estudo a fim de determinar a extensão do problema.

b) Longe dos pais, as crianças eram mais cordatas.

c) Meu irmão dormiu durante todo o percurso.

d) As cartas registradas estão embaixo da pasta amarela.

e) Chegamos até aqui lutando contra tudo e contra todos.

16. Formule frases em que a preposição aparece empregada expressando a relação indicada entre parênteses. Oriente-se pelo exemplo.

de (procedência): Chegou há pouco do Acre.

a) **de** (causa)

b) **para** (finalidade)

c) **de** (qualidade)

d) **de** (matéria)

e) **contra** (oposição)

f) **de** (posse)

17. Qual o significado da preposição *sobre* na estrofe de Manuel Bandeira transcrita a seguir?

"Da terceira vez não vi mais nada
Os céus se misturaram com a terra
E o espírito de Deus voltou a se mover sobre a face das águas."

a) a respeito de

b) além de

c) na superfície de

d) a fim de

e) diante de

4 CRASE

A palavra crase (do grego *krásis* = mistura, fusão) designa, em gramática normativa, a contração da preposição *a* com:

- **o artigo feminino *a* ou *as***

  Fomos *à* cidade e assistimos *às* festas.

- **o pronome demonstrativo *a* ou *as***

  Chamou as filhas e entregou a chave *à* mais velha.

- **o *a* inicial dos pronomes *aquele(s), aquela(s), aquilo***

  Refiro-me *àquele* fato. Poucos vão *àquela* ilha.

Observação:

✔ Na escrita, assinala-se a crase com o acento grave. A contração à, que representa a fusão da preposição a com o artigo a, não é tônica, mas pode ser proferida um tanto mais fortemente que o *a* átono.

5 CRASE DA PREPOSIÇÃO *A* COM OS ARTIGOS *A, AS*

Considerem-se estes exemplos:

Irei *à* cidade. [Irei *a a* cidade.]

Apresentei-me *à* diretora. [Apresentei-me *a a* diretora.]

Dedico-me *às* artes. [Dedico-me *a as* artes.]

Obedeço *às* leis de Deus. [Obedeço *a as* leis de Deus.]

A crase, como se vê dos exemplos citados, resulta da contração da preposição *a* (exigida por um termo subordinante) com o artigo feminino *a* ou *as* (reclamado por um termo dependente).

Outros exemplos:

	preposição ↓	**artigo** ↓			
Fomos	**a**	**a**	praia.	→	Fomos **à** praia.
Estavam junto	**a**	**a**	porta.	→	Estavam junto **à** porta.
Compareci	**a**	**as**	reuniões.	→	Compareci **às** reuniões.

Se não houver a presença da preposição ou do artigo, não haverá crase e, consequentemente, não se acentuará o **a** ou **as**:

	preposição ↓	**artigo** ↓	
Os turistas visitaram		**a**	cidade.
A concórdia une		**as**	nações.
Não digas isto	**a**		ninguém.
Ele parecia entregue	**a**		tristes cogitações.
Lançaram-se	**a**		nova ofensiva.

Regra geral. O acento indicador de crase só tem cabimento diante de palavras femininas determinadas pelo artigo definido *a* ou *as* e subordinadas a termos que exigem a preposição *a*.

Veja mais estes exemplos:

As crianças voltaram *à* piscina. [Voltar *a* (preposição) *a* (artigo) piscina.]

Ninguém é insensível *à* dor.

Exige-se a assistência *às* aulas.

Atribuiu o insucesso *à* má sorte.

Procedeu-se *à* apuração dos votos.

Devemos aliar a teoria *à* prática.

Avançamos rente *à* parede.

O trem chegou *à* estação *às* 18 horas.

Os garimpeiros assistiam *à* cena em silêncio, entreolhando-se *à* luz das candeias.

"Fez uma excursão *à* cidade de Santos." (CAMILO CASTELO BRANCO)

Refiro-me *às* duas (ou *às* tais) meninas de nariz arrebitado.

A desnutrição abre caminho *às* doenças.

Plantou videiras no pomar, *às* quais dedica muito carinho.

Observação:

✔ Os termos diante dos quais ocorre a crase exercem as funções sintáticas de complementos (objeto direto, objeto indireto, complemento nominal) ou de adjuntos adverbiais.

6 CASOS EM QUE NÃO HÁ CRASE

Não havendo o artigo *a(s)* antes do termo dependente, é evidente que não pode ocorrer a crase. Por isso não se acentua o *a*:

▪ diante de palavras masculinas

Não assisto *a* filmes de guerra ou de violência.

Isto cheira *a* vinho.

Casarão do império cede lugar *a* edifício.

"Bicho se caça *a* pau e pedra." (RICARDO RAMOS)

Admirei os quadros *a* óleo.

Escreveu um bilhetinho *a* lápis.

Fomos *a* São Lourenço, onde passeamos *a* pé, *a* cavalo, de charrete.

"Juntos íamos *a* bailes e teatros." (CAMILO CASTELO BRANCO)

Fiz ver *a* Roberto que era irracional seu ódio *a* estrangeiros.

Venho *a* mando de meu patrão.

Não gaste a vista: óculos *a* prazo. (DE UM ANÚNCIO COMERCIAL.)

Observação:

✔ Ocorrendo a elipse da palavra *moda* ou *maneira*, das expressões *à moda de*, *à maneira de*, haverá crase diante de nomes masculinos:

Calçados *à* Luís XV (*à moda de* Luís XV).

Cabelos *à* Sansão.

Estilo *à* Coelho Neto.

"Era um senhor atarracado, de grossos bigodes *à* Kaiser." (JOSÉ MARIA BELO)

"Aliás magníficas perucas *à* Luís XIV." (MÁRIO QUINTANA)

▪ diante de substantivos femininos usados em sentido geral e indeterminado:

Não vai *a* festas nem *a* reuniões.

Dedicas o trabalho *a* homem ou *a* mulher?

A Funai decidiu fechar o parque indígena *a* visitas.

Não dê atenção *a* pessoas suspeitas.

"Nunca supus poder resistir *a* marchas tão longas." (GASTÃO CRULS)

"Depois comprara um cone de papel com pipocas recendentes *a* gordura vegetal." (ÉRICO VERÍSSIMO)

"O tormento maior era não poder confiar *a* pessoa alguma os seus cuidados." (HERMAN LIMA)

"O exército dos invasores, semelhante *a* serpe monstruosa..." (ALEXANDRE HERCULANO)

"Kravchenko apresentar-me-á *a* princesas eslavas." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

Dirigi-me *a* duas (ou *a* diversas) pessoas vizinhas.

Contei o caso *a* uma (ou *a* certa) senhora supersticiosa.

- **diante de nomes de parentesco, precedidos de pronome possessivo**

Recorri *a minha mãe*.

Peça desculpas *a sua irmã*.

Faremos uma visita *a nossa(s) tia(s)*.

"A quem puxaste? *A teu pai* ou *a tua mãe?*" (VIANA MOOG)

"Arrependi-me de ter falado *a minha prima*." (GRACILIANO RAMOS)

"Nunca saio satisfeito das visitas que faço *a minha mãe*." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

- **diante de nomes próprios que não admitem o artigo**

Rezamos *a Nossa Senhora* todos os dias.

Dedicaram templos *a Minerva* e *a Júpiter*.

O guerreiro branco falou *a Iracema*.

O historiador referiu-se *a Joana d'Arc*.

Fiz uma promessa *a Santa Teresinha*.

Iremos *a Curitiba* e depois *a Londrina*.

Chegamos *a Paquetá* ao meio-dia.

[Cp. A imagem *de* Nossa Senhora. História *de* Joana d'Arc. Vim *de* Curitiba. Cheguei *de* Londrina. Moro *em* Paquetá.]

Observação:

✔ Haverá crase quando o nome próprio admitir o artigo ou vier acompanhado de adjetivo ou locução adjetiva:

A jovem tinha devoção *à Virgem Maria*.

Entreguei a carta *à Julia* (no trato familiar e íntimo).

Fomos *à Bahia* por ocasião dos 500 anos do Brasil.

Chegamos *à Argentina* ao raiar do dia.

Referiu-se *à Roma dos Césares*.

Assim foi que cheguei *à histórica Ouro Preto* numa tarde de maio.

[Cp. Viemos *da* Bahia. Cheguei *da* Argentina. Voltei *da* histórica Ouro Preto. Estou sob a proteção *da* Virgem Maria.]

- **diante da palavra *casa*, no sentido de *lar, domicílio*, quando não acompanhada de adjetivo ou locução adjetiva:**

Voltamos *a* casa tristes. [Cp. Vou *para* casa; vim *de* casa.]

"Chegou Basílio *a* casa, e atirou-se a chorar sobre a cama." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Chegavam *a* casa quase sempre à tardinha." (HERBERTO SALES)

"A chuva reteve-o no Clube Campestre e só pela madrugada regressou *a* casa." (GERALDO FRANÇA LIMA)

Observação:

✔ Se a palavra *casa* vier acompanhada de adjetivo ou locução adjetiva, terá lugar o acento da crase:

O filho pródigo voltou *à casa paterna*.

Fiz uma visita *à velha casa de meus avós*.

Fui *à casa de meu colega*.

"Estavam nisto quando a costureira chegou *à casa da baronesa*." (MACHADO DE ASSIS)

A crase é de rigor com a dita palavra no sentido de *estabelecimento comercial* ou *hospitalar, residência oficial de chefe de Estado, dinastia*, enfim, quando *casa* não significa *lar, domicílio:*

Fui *à* Casa Açucena comprar um presente.

O presidente americano regressou *à* Casa Branca.

Poucos têm acesso *à* Casa da Moeda.

"O príncipe pertencia *à* casa de Bragança." (VITÓRIO BERGO)

- **nas locuções formadas com a repetição da mesma palavra**

Tomou o remédio *gota a gota*.

Estavam *frente a frente*.

Foi de *cidade a cidade*.

Entraram *uma a uma*.

Dia a dia, a empresa foi crescendo.

"Gramados e pastos eram, de *ponta a ponta*, um só atoalhado branco." (MONTEIRO LOBATO)

- **diante do substantivo *terra*, em oposição a *bordo*, a *mar***

Os marinheiros tinham descido *a terra* para visitar a cidade.

Vendo o tubarão, o nadador voltou logo *a terra*.

"Eu aposto em como ele não vai *a terra*." (FERREIRA DE CASTRO)

Fora desse caso, escreve-se *à*:

Aves voavam rente *à terra*.

Gulliver chegou, primeiramente, *à terra* dos liliputianos.

Os astronautas voltaram *à Terra*.

- **diante de artigos indefinidos e de pronomes pessoais (inclusive de tratamento, com exceção de *senhora* e *senhorita*) e interrogativos**

Chegamos à cidade *a uma* hora morta.

Recorreram *a mim* (*a nós, a ela, a você, a dona Marta*, etc.).

Solicito *a Vossa Senhoria* o obséquio de anotar nosso endereço.

Não me referi *a Vossa Excelência*.

"Hei de pedir licença *a Sua Majestade*, e espero alcançá-la." (CAMILO CASTELO BRANCO)

Falaste *a que* pessoa? *A quem* falaste?

A qual delas se refere você?

Escreve-se, porém, com o acento indicador de crase:

Peço *à senhora* que tenha paciência.

É um favor que peço *à senhorita*.

- **antes de outros pronomes que rejeitam o artigo, o que ocorre com a maioria dos indefinidos e relativos e boa parte dos demonstrativos**

Escrevi *a todas* as (ou *a algumas, a várias, a muitas*) colegas.

Não ligo *a essas* (ou *a tais*) coisas.

Foi o vício que o levou *a tamanha* degradação.

O letreiro pode despencar *a qualquer* hora.

Esta é a vida *a que* aspiramos.

A tia gostava de Jacinta, *a quem* sempre ajudava.

As cartas *a que* ela não respondeu estão guardadas.

Ali havia uma árvore, *a cuja* sombra descansamos.

Diariamente chegam turistas *a esta* cidade.

"A penedia, *a essa* hora, faiscava." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

Estamos *a pouca* (ou *a certa*) distância da fronteira.

Observação:

✔ Há, no entanto, pronomes que admitem o artigo, dando ensejo à crase:

Não fale nada *às outras* colegas.

Assistimos sempre *às mesmas* cenas.

Diga *à tal* senhora que sua reclamação não procede.

Não temo as acusações de X, *às quais* responderei oportunamente.

Estavam atentas umas *às outras*.

- **diante de numerais cardinais referentes a substantivos não determinados pelo artigo, usados em sentido genérico**

Chanceler inicia visita *a oito* países africanos.

[Chanceler visita *oito* países africanos.]

Assisti *a duas* sessões (ou *a* uma só sessão).

A fazenda ficava *a três* léguas da cidade.

Daqui *a quatro* semanas muita coisa terá mudado.

O número de candidatas aprovadas não chega *a vinte*.

Foi isto *a* 16 de agosto de 1959.

"Então aquilo tinha acontecido de meia-noite *a três* horas!" (GRACILIANO RAMOS)

Usa-se, porém, a crase nas locuções adverbiais que exprimem hora determinada e nos casos em que o numeral estiver precedido de artigo:

Chegamos *às oito* horas da noite.

Assisti *às duas* sessões de ontem.

Entregaram-se os prêmios *às três* alunas vencedoras.

▪ diante de verbos

Estamos dispostos *a trabalhar* pela paz no mundo.

Quando me dispunha *a sair*, começou *a chover*.

Puseram-se *a discutir* em voz alta.

7 CASOS ESPECIAIS

O uso do artigo antes dos pronomes possessivos, salvo em alguns casos, fica ao arbítrio de quem escreve. Daí a possibilidade de haver, ou não, a crase antes desses pronomes:

A minha viagem é certa. → Referiu-se *à* minha viagem.

Minha viagem é certa. → Referiu-se *a* minha viagem.

As minhas colegas vêm. → Fiz um apelo *às* minhas colegas.

Minhas colegas vêm. → Fiz um apelo *a* minhas colegas.

Observações:

✔ Seguindo-se a atual tendência, é preferível usar o artigo, e, portanto, a crase, diante dos possessivos que não se referem a nomes de parentesco.

✔ Ocorrendo a elipse do substantivo, o *a* será acentuado:

Ele referia-se *à* desgraça do amigo e não *à* sua. [*à* sua *desgraça*]

Eu fui *à* formatura dele, mas ele não compareceu *à* minha.

Opcional é também, na linguagem familiar, o uso do artigo diante de nomes próprios personativos. A crase, portanto, dependerá da preferência do escritor. Exemplos:

Mandamos um convite *à* (ou *a*) Maurília.

Escrevi *à* (ou *a*) Lúcia.

Na língua formal, sobretudo quando se faz referência a mulheres célebres, não se usa artigo e, portanto, não se acentua o *a*:

A polícia dará proteção *a* Márcia Nogueira, testemunha do crime.

Por que os ingleses tinham ódio *a* Joana d'Arc?

[*Joana d'Arc* foi uma heroína francesa.]

Em um e outro caso, o acento indicativo de crase será de rigor, se o nome vier acompanhado de um adjunto:

Quem negará elogios *à* corajosa Maria Quitéria de Medeiros?

Refiro-me *à* Beatriz do Dr. Vieira.

À querida Estela (nas dedicatórias).

O professor referiu-se *à* intrépida Joana d'Arc.

Coloca-se acento grave sobre *a* da expressão *à distância de*, seja a distância determinada, precisa ou não:

Achava-me *à distância de* cem (ou de alguns) metros da fronteira.

Paramos *à distância de* alguns metros do riacho.

Se antes de *distância* ocorrer adjetivo ou palavra que não admite o artigo definido, não se acentuará o *a*:

O trem passava *a pouca distância da* casa.

"Só o João conservava-se *a respeitável distância da* água." (COELHO NETO)

Quando se trata da locução adverbial *a distância*, é opcional o uso do acento grave sobre o *a*. Renomados escritores modernos ora acentuam, ora não acentuam. Exemplos:

"É necessário vê-los *a distância*." (GRACILIANO RAMOS)

"Pedras de gamão estalavam *à distância*." (GRACILIANO RAMOS)

"Os merceeiros ignaros, os negociantes sovinas, eram, porém, mantidos *a distância*." (CIRO DOS ANJOS)

"Além disso, convinha que as alunas fossem mantidas *à distância*." (CIRO DOS ANJOS)

"Seguiu-a *a distância*, discretamente." (FERNANDO NAMORA)

"Observava *à distância* os convidados do cirurgião." (FERNANDO NAMORA)

"O vento soprava, sacudindo faíscas *a distância*." (JOSÉ LINS DO REGO)

"Os canhões punham *à distância* os franceses cobiçosos." (JOSÉ LINS DO REGO)

Para dizer *a grande distância, ao longe,* pode-se usar também *na distância*:

"O mar se fundia *na distância*, brilhante e azul." (ELSIE LESSA)

▪ A crase nas locuções

Acentua-se, geralmente, o *a* ou *as* de locuções formadas de substantivos femininos:

a) locuções adverbiais

à direita, à esquerda, à força, à farta, à milanesa (= à moda milanesa), à oriental (= à moda oriental), à mesa (estar à mesa), à noite (= de noite), à risca, à solta, à vontade, à saída (= na saída), à uma hora, às sete horas, à zero hora, às vezes, à toa, às claras, às pressas (ou à pressa), etc.

b) locuções prepositivas

à custa de, à espera de, à força de, à procura de, à vista de, etc.

c) locuções *conjuntivas*

à medida que, à proporção que:

O uso do acento grave é opcional nas locuções adverbiais que indicam meio ou instrumento:

barco a (ou à) vela; escrever a (ou à) máquina; escrever a (ou à) mão; fechar o cofre a (ou à) chave; repelir o invasor a (ou à) bala, etc.

Observação:

✔ Não há consenso, entre os gramáticos, quanto ao emprego do acento grave nesse último caso. Uns invocam, em favor dele, a tradição da língua, ou melhor, o uso tradicional entre os portugueses, que pronunciam o *à* (contração) um pouco mais fortemente do que o *a* simples. Outros entendem ser descabido o acento, porquanto nas ditas locuções não ocorre crase, o *a* é simples preposição, como em *a lápis, a giz, a óleo, a facão,* etc. Além disso, argumentam, os brasileiros pronunciam *a* e *à* de igual modo. São válidas e boas ambas as opiniões. Quem escreve escolherá a que achar melhor e mais adequada.

Não se acentua locução constituída de *a + substantivo plural:*

a expensas de, a duras penas, a marteladas, a desoras, a duas mãos, etc.

É descabido e vetado o acento grave em locução formada com substantivo masculino. Grafa-se, portanto:

a cavalo, a pé, a gás, a nado, a mando de, a pedido de, etc.

É desnecessário o acento grave no *a* ou *as*, depois de *até*, a não ser que sua falta possa gerar ambiguidade (duplo sentido):

Chegou *até a* praia. Andei *até a* igreja. Fomos *até as* dunas.

Os garimpeiros danificaram todo o rio *até à* nascente. [Sem o acento grave, poder-se-ia entender que os garimpeiros danificaram inclusive a nascente do rio.]

Há, portanto, casos em que o acento grave, nas locuções, não assinala crase; emprega-se, simplesmente, para deixar bem claro que se trata de um adjunto adverbial. Comparem-se, por exemplo, as expressões seguintes, em que a ausência do acento grave torna o sentido dúbio:

ver a distância e *ver à distância*
matar a fome e *matar à fome*
cheirar a gasolina e *cheirar à gasolina*
enfrentar-se a espada e *enfrentar-se à espada*
receber a bala e *receber à bala*

8 CRASE DA PREPOSIÇÃO *A* COM OS PRONOMES DEMONSTRATIVOS

A crase pode também resultar da contração da preposição *a* com os pronomes demonstrativos *aquele, aquela, aqueles, aquelas, aquilo, a, as:*

Não irás *àquela* festa. [*a aquela*]

Vou *àquele* cinema. [*a aquele*]

Não dei importância *àquilo*. [*a aquilo*]
Não estou falando de todas as jovens; refiro-me *à* que você namora. [*a a*]
Àquela ordem estranha, o soldado estremeceu.
Recomeçamos a caminhada, rumo *àquele* pico.
A capitania de Minas Gerais estava unida *à* de São Paulo.
As alunas vinham correndo, e a professora entregava a bola *à* que chegasse primeiro.
Falarei *às* que quiserem me ouvir.
Essa anedota é semelhante *à* que meu professor contou.
"... suas forças são inferiores *às* de Nassau." (Assis Brasil)

EXERCÍCIOS — LISTA 31

1. Escreva as duas frases, colocando, ao lado de cada palavra **a**, sua classificação de acordo com a lista abaixo e acentuando a que representa uma contração:

1) artigo definido
2) pronome pessoal oblíquo
3) pronome demonstrativo
4) preposição
5) contração

a) Emprestei **a** máquina **a** José, que **a** devolveu **a** empregada.
b) Emprestei-lhe **a** minha máquina, não **a** de meu irmão.

2. Faça como nos exemplos, substituindo os asteriscos:

AO (masculino) ➔ À (feminino) A (masculino) ➔ A (feminino)

a) Alice obedece **ao pai** e **à mãe**.
b) Dedicas o livro **a homem** ou **a mulher**?
c) Recorremos ao diretor e ****** .
d) Prestaram homenagem a papai e ****** .
e) Muitos ofereceram flores aos noivos e ****** .
f) São brinquedos que agradam a meninos e ****** .
g) Fui apresentado a reis e ****** , a príncipes e ****** .
h) Apresentaram-me ao rei e ****** , ao príncipe e ****** .

3. Escreva as frases, substituindo os asteriscos de acordo com os exemplos e observando as correlações:

DA ➔ À DE ➔ A

Voltei **da** cidade. ➔ Fui **à** cidade.
Vim **de** Brasília. ➔ Fui **a** Brasília.
a) Voltei **da** Bahia. ➔ Irei novamente ****** .
b) Voltei **de** Curitiba ontem. ➔ Fui ****** .
c) Vim **de** Minas hoje. ➔ Voltarei ****** .
d) Chegamos **da** Argentina. ➔ Iremos ****** .
e) João veio **da** farmácia. ➔ Vá correndo ****** .

4. Justifique o emprego ou a ausência do acento grave:

Ontem encontrei rindo **a** garota de Atibaia, que faltou **às** aulas para ir **a** Santos, para ir **à** praia. Talvez algum dia **a** encontre chorando.

5. Escreva as frases classificando-as em três grupos de acordo com a classificação da palavra **a(s)**, conforme indicação abaixo; em seguida, acentue a única contração que ocorre nos exemplos dados:

(1) **artigo definido**

Fui e voltei **a** pé.
Socorreu **a** vítima?
Vendo TV **a** cores.
Estávamos **a** sós.
Não ligue **a** boatos.

(2) **preposição**

O diretor atendeu **as** alunas.
Não atendem **a** reclamações.
O álcool é nocivo **a** saúde.
O carro era movido **a** álcool.
Eu levo o estudo **a** sério.

(3) **contração**

6. Escreva as frases nas quais não há possibilidade de crase; em seguida, coloque após cada uma delas o motivo, de acordo com a relação abaixo:

Percorri a rua de ponta **a** ponta.
Não há ninguém igual **a** ela.
Amanhã tornarás **a** sorrir.
Demos graças **a** Deus.

(1) palavra masculina
(2) verbo
(3) pronome pessoal
(4) locução formada por palavra repetida

7. Nos exemplos do exercício anterior não há crase porque ocorre apenas o artigo definido **a** ou apenas a preposição **a**?

8. Assinala-se a crase com acento grave. Copie as frases abaixo, colocando-o onde for necessário:

a) A um sinal do instrutor, todos voltaram a piscina.
b) Edi levou a criança a uma praça e ficou sentada a sombra das árvores.
c) Prefiro coca-cola a guaraná, vinho a cerveja, água da fonte a do rio.
d) Devido a ventania, nenhum homem-asa se atreveu a saltar da Pedra Bonita.
e) Fiz marcha a ré e parei em frente a uma loja que vendia a vista e a prazo.
f) A meia-noite, o retirante chegou a cidade com um saco as costas.
g) Isto não compete só as autoridades, compete a mim, a você, a todos.
h) Chamou-o a parte e disse-lhe: "Quanto a isso, pode ficar tranquilo."
i) Quanto a tia, nada a reclamar: pessoa fina, tem horror a discussões.
j) Encostou-se a janela, atento a campainha do telefone.
k) Daqui a cem anos, naves talvez levem gente a Lua, a Vênus e a outros mundos.
l) A saída do cinema, vozes de adultos misturavam-se a gritos de crianças.

9. Copie somente a frase em que o acento indicador de crase é indispensável:

A rodovia BR-101 liga Natal a Porto Alegre.
Às vezes ela vai a um cinema, outras vezes assiste a uma novela.
O marinheiro desceu a terra e fez rápida visita a sua mãe.
A exportação deve ser igual ou superior a importação.

10. Substitua * por **a**, **as**, **à** ou **às**, conforme convenha:

O Sol nasce * leste.
Chegou os lábios * taça.
Os pneus aderem * pista.
Assistiu * reuniões de ontem?
O futuro pertence * Deus.
Estou * suas ordens.

Nada pôde resistir * força das águas.
Feriram-me * costas os espinhos.
As frutas pertenciam * aves.
O rio corre paralelamente * mata.
Ele só bebe após * refeições.
Ainda não respondi * essa carta.

11. Escreva a frase abaixo, substituindo os asteriscos pela série que a completa de forma correta:

Na velha fazenda, **** que cheguei **** nove horas e que percorri **** cavalo, vi ferramentas expostas **** chuva e plantações abandonadas **** formigas.

à – às – a – a – às a – às – a – à – às
a – as – à – a – às à – às – à – a – as

12. Escreva as frases, colocando acento grave nos pronomes demonstrativos em destaque e justificando-o:

a) Nunca tinha visto um mágico igual **aquele**.
b) Costumo ir **aquela** ilha para pescar.
c) **Aquela** hora a família já devia estar dormindo.
d) Na entrevista limitamo-nos **aquilo** que mais nos interessava.
e) Pedi uma blusa igual **a** que estava à mostra na vitrine.

13. Transcreva as frases abaixo, usando o acento indicador de crase onde for necessário:

a) Sentou-se a mesa e começou a escrever a máquina.
b) Decidiu não mais voltar a Argentina, renunciando a toda a obra a que consagrara muitos anos de trabalho.
c) O Brasil foi sempre mais fiel a força da toga que a da espada.
d) Já se havia habituado aquela vida, quando o médico aventou a ideia de submetê-lo a uma intervenção cirúrgica.
e) Voltamos a casa quase a uma hora da madrugada.
f) Regressou a Belo Horizonte e dirigiu-se a casa paterna.
g) A onda da vida trouxe-nos a mesma praia.
h) Estando a porta da loja, vi assomar a distância dois cavalheiros que caminhavam lado a lado e pareciam dirigir-se aquela casa comercial.
i) Chegamos aquele sítio as 9 horas para assistir a inauguração da escola.
j) Do Rio de Janeiro a Vila Rica a viagem mais rápida era feita a cavalo, levando-se de 12 a 15 dias.
k) "Não podemos deixar de ir a igreja para agradecer a Nossa Senhora." (Josué Montelo)
l) "O ar cheira a gasolina." (Ribeiro Couto)
m) "Depois convidou-os a procederem a nomeação do secretário." (João Felício dos Santos)
n) "Nos dias festivos havia jantares suntuosos a Luculo, a tarde passeios no jardim e pescarias no tanque em escaleres dourados, a noite bailes e representações teatrais." (João Felício dos Santos)
o) "Nem nos sonhos cheguei a aspirar a tal emprego." (Ciro dos Anjos)
p) "A tarde os trabalhadores descansam a beira do caminho." (Cecília Meireles)
q) "Fechava os ouvidos aqueles tristes comentários." (João Clímaco Bezerra)
r) "As fofocas eram sussurradas a meia voz." (Carlos Marchi)

14. Copie as frases, colocando o acento indicador de crase onde for adequado:

a) "Maria José ficara imóvel, entregue a mudas cogitações." (Raquel de Queirós)
b) "Tresandava a álcool a dois passos de distância." (Fernando Namora)
c) "A carroça chegou a aldeia ainda a uma hora morta." (Fernando Namora)

d) "Uns quadros a óleo enfeitariam a minha sala." (GRACILIANO RAMOS)

e) "Caçulinha, que era tão viva e inteligente, bem poderia chegar a professora." (AMANDO FONTES)

f) "Predominava, entretanto, em meio aquele baralhar de emoções, o sentimento de perda." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

g) "Chegavam a casa quase sempre a tardinha." (HERBERTO SALES)

h) "Venho dizer a Vossa Reverendíssima que estou pronto a partir para o Xingu." (ANTONIO CALLADO)

i) "Sua inteligência excedia a das criaturas humanas." (CECÍLIA MEIRELES)

j) "Há nomes gravados a canivete, eu sei." (RUBEM BRAGA)

k) "Geminiano Ramos usava bigodões a Stalin." (ÉRICO VERÍSSIMO)

l) "Face as perspectivas que se abriam a sua frente, Henri ficou muito emocionado." (RUBEM FONSECA)

15. O acento grave, nos exemplos abaixo, altera o sentido da frase. Explique cada caso:

a) Despediu-se a francesa.
Despediu-se à francesa.

b) Sua constância tinha de ser posta a mais dura prova.
Sua constância tinha de ser posta à mais dura prova.

c) Ele matou a fome.
Ele matou à fome.

d) A noite vinha-os consolar.
À noite vinha-os consolar.

e) O dinheiro, leva-o a filha dele.
O dinheiro, leva-o à filha dele.

f) Corri a cidade.
Corri à cidade.

16. Ponha o acento da crase, se necessário:

Passaram
- a distância.
- a pouca distância de nós.
- a distância de cinco metros de nós.
- a uma e meia da tarde.
- a segunda parte do programa.
- a outros assuntos.
- uma a uma, vestidas a oriental.
- o rio a nado.
- a vista de todos.
- a nos importunar com cartas anônimas.
- a hora de sempre, em direção a escola.
- a direção da empresa a pessoas incompetentes.

17. Assinale as frases em que o acento grave é opcional:

a) Levamos encomendas **a** domicílio.
b) Não sabia **a** quem recorrer.
c) Fechou o cofre **a** chave.
d) Chovia desde **a** meia-noite.
e) Seguiram-no **a** distância.
f) Fiz isso **a** duras penas.
g) Eles não têm fogão **a** gás.
h) Começou **a** ventar forte.
i) Não dê isto **a** ninguém.
j) Fui até **a** estrada.

18. Copie, indicando a ocorrência de crase por meio de acento grave.

a) A bebida alcoólica é prejudicial a saúde.
b) É preciso que sejamos úteis a sociedade em que vivemos.
c) O cão é fiel a seu dono.
d) Diga-lhe que estou a sua espera.
e) Chovendo, não iremos a praia.

19. Faça como no exercício anterior.

a) Nada escapava a destreza de sua mãe.
b) Partiremos daqui a sete dias.
c) "Deus te leve a salvo, brioso e altivo barco." (José de Alencar)
d) Deu preferência aquele carro.
e) Os estrangeiros faziam reverências a todos os chefes das tribos.
f) A sua agressividade põe tudo a perder.
g) Os índios xavantes chegaram a era do satélite.

20. Escreva as frases abaixo, substituindo os termos destacados pelas palavras que aparecem entre parênteses. Faça as adaptações necessárias:

a) Nunca fui a **Curitiba** (Brasília), mas já fui ao **Paraguai** (Argentina).
b) Referia-se ao **médico** da família (médica).
c) Ao **passo** que estudava, aprendia (medida).
d) As chuvas causam prejuízo aos **agricultores** (lavoura).
e) Assistimos ao **filme** premiado (peça).

21. Copie as frases abaixo, completando-as com **aquele, àquele, aquela, àquela ou àquilo**:

a) Obedeceram * maluco?
b) Referia-se * que todos sabiam ser proibido.
c) Encontrei * menina de que falávamos ontem.
d) Cheguei * vila horrível embaixo de chuva.
e) Acostumei-me * vida tranquila.

22. Indique as alternativas em que o acento indicador de crase foi utilizado incorretamente. Justifique sua resposta.

a) Não temos nada à declarar, senhores.
b) Minha mãe só pinta quadros à óleo.
c) Você ainda só escreve à lápis?
d) Não damos atenção à observações destrutivas.
e) Depois do bolo, todos voltaram à piscina.
f) Você assiste à peças desse autor tão mal visto pelos críticos?
g) A secretária referia-se à pasta desaparecida.

PREPOSIÇÃO
Exercícios de exames e concursos
[Página 677]

CONJUNÇÃO

Examinemos estes exemplos:

a) Tristeza **e** alegria não moram juntas.

b) Os livros ensinam **e** divertem.

c) Saímos de casa **quando** amanhecia.

1 CONJUNÇÕES

No primeiro exemplo, a palavra **e** liga duas palavras da mesma oração: é uma *conjunção*.

No segundo e terceiro exemplos, as palavras **e** e **quando** estão ligando orações: são também *conjunções*.

Conjunção *é uma palavra invariável que liga orações ou palavras da mesma oração*.

No segundo exemplo, a conjunção liga as orações sem fazer que uma dependa da outra, sem que a segunda complete o sentido da primeira; por isso, a conjunção *e* é *coordenativa*.

No terceiro exemplo, a conjunção liga duas orações que se completam uma à outra e faz que a segunda dependa da primeira; por isso, a conjunção *quando* é *subordinativa*.

As conjunções, portanto, dividem-se em *coordenativas* e *subordinativas*.

2 CONJUNÇÕES COORDENATIVAS

As conjunções coordenativas podem ser:

- **aditivas**

Dão ideia de adição, acrescentamento: *e, nem, mas também, mas ainda, senão também, como também, bem como*.

O agricultor colheu o trigo *e* o vendeu.

Não aprovo *nem* permitirei essas coisas.

Os livros não só instruem, *mas também* divertem.

As abelhas não apenas produzem mel e cera, *mas ainda* polinizam as flores.

- **adversativas**

Exprimem oposição, contraste, ressalva, compensação: *mas, porém, todavia, contudo, entretanto, senão, ao passo que, antes* (= pelo contrário), *no entanto, não obstante, apesar disso, em todo caso.*

Querem ter dinheiro, *mas* não trabalham.

Ela não era bonita, *contudo* cativava pela simpatia.

Não vemos a planta crescer, *no entanto* ela cresce.

A culpa, não a atribuo a vós, *senão* a ele.

O professor não proíbe, *antes* estimula as perguntas em aula.

O exército do rei parecia invencível, *não obstante* foi derrotado.

Você já sabe bastante, *porém* deve estudar mais.

Eu sou pobre, *ao passo que* ele é rico.

Hoje não atendo, *em todo caso* entre.

- **alternativas**

Exprimem alternativa, alternância: *ou, ou... ou, ora... ora, já... já, quer... quer,* etc.

Os sequestradores deviam render-se *ou* seriam mortos.

Ou você estuda *ou* arruma um emprego.

Ora triste, *ora* alegre, a vida segue o seu ritmo.

Quer reagisse, *quer* se calasse, sempre acabava apanhando.

"*Já* chora, *já* se ri, *já* se enfurece." (Luís de Camões)

- **conclusivas**

Iniciam uma conclusão: *logo, portanto, por conseguinte, pois* (posposto ao verbo), *por isso.*

As árvores balançam, *logo* está ventando.

Você é o proprietário do carro, *portanto* é o responsável.

O mal é irremediável; deves, *pois*, conformar-te.

- **explicativas**

Precedem uma explicação, um motivo: *que, porque, porquanto, pois* (anteposto ao verbo).

Não solte balões, *que* (ou *porque*, ou *pois*, ou *porquanto*) podem causar incêndios.

Choveu durante a noite, *porque* as ruas estão molhadas.

Observação:

✔ A conjunção *e* pode apresentar-se com sentido adversativo:

Sofrem duras privações *e* [= mas] não se queixam.

"Quis dizer mais alguma coisa *e* não pôde." (Jorge Amado)

3 CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS

As conjunções subordinativas ligam duas orações, subordinando uma à outra. Com exceção das integrantes, essas conjunções iniciam orações que traduzem circunstâncias (causa, comparação, concessão, condição ou hipótese, conformidade, consequência, finalidade, proporção, tempo). Abrangem as seguintes classes:

▪ causais

Introduzem orações que exprimem causa: *porque, que, pois, como, porquanto, visto que, visto como, já que, uma vez que, desde que.*

O tambor soa *porque* é oco. [*porque* é oco: *causa*; o tambor soa: *efeito*]

Como estivesse de luto, não nos recebeu.

Desde que é impossível, não insistirei.

▪ comparativas

Introduzem orações que representam o segundo elemento de uma comparação: *como, (tal) qual, tal e qual, assim como, (tal) como, (tão* ou *tanto) como, (mais) que* ou *do que, (menos) que* ou *do que, (tanto) quanto, que nem, feito* (= como, do mesmo modo que), *o mesmo que* (= como).

Ele era arrastado pela vida *como* uma folha pelo vento.

O exército avançava pela planície *qual* uma serpente imensa.

"Os cães, *tal qual* os homens, podem participar das três categorias." (Paulo Mendes Campos)

"Sou *o mesmo que* um cisco em minha própria casa." (Antônio Olavo Pereira)

"E pia *tal e qual* a caça procurada." (Amadeu de Queirós)

"Por que ficou me olhando assim *feito* boba?" (Carlos Drummond de Andrade)

Os pedestres se cruzavam pelas ruas *que nem* formigas apressadas.

Nada nos anima tanto *como* (ou *quanto*) um elogio sincero.

Os governantes realizam menos *do que* prometem.

▪ concessivas

Iniciam orações que exprimem um fato que se concede, que se admite, em oposição a outro: *embora, conquanto, que, ainda que, mesmo que, ainda quando, mesmo quando, posto que, por mais que, por muito que, por menos que, se bem que, em que* (pese), *nem que, dado que, sem que* (= embora não).

Célia vestia-se bem, *embora* fosse pobre.

A vida tem um sentido, *por mais* absurda *que* possa parecer.

Beba, *nem que* seja um pouco.

Dez minutos *que* fossem, para mim, seria muito tempo.

Fez tudo direito, *sem que* eu lhe ensinasse.

Em que pese à autoridade deste cientista, não podemos aceitar suas afirmações.

Não sei dirigir, e, *dado que* soubesse, não dirigiria de noite.

"O próprio edifício, *posto que* avelhentado e fraco, também parecia animado de espírito guerreiro." (Alexandre Herculano)

- **condicionais**

Iniciam orações que exprimem condição ou hipótese: *se, caso, contanto que, desde que, salvo se, sem que* (= se não), *a não ser que, a menos que, dado que*.

Ficaremos sentidos, *se* você não vier.

Comprarei o quadro, *desde que* não seja caro.

Não sairás daqui *sem que* antes me confesses tudo.

"Eleutério decidiu logo dormir repimpadamente sobre a areia, *a menos que* os mosquitos se opusessem." (FERREIRA DE CASTRO)

- **conformativas**

Indicam conformidade de um fato com outro: *como, conforme, segundo, consoante*.

As coisas não são *como* (ou *conforme*) dizem.

"Digo essas coisas por alto, *segundo* as ouvi narrar." (MACHADO DE ASSIS)

- **consecutivas**

Iniciam orações que exprimem consequência: *que* (precedido dos termos intensivos *tal, tão, tanto, tamanho*, às vezes subentendidos), *de sorte que, de modo que, de forma que, de maneira que, sem que, que* (não).

Minha mão tremia tanto *que* mal podia escrever.

Falou com uma calma *que* todos ficaram atônitos. [uma calma tal que...]

Ontem estive doente, *de sorte que* (ou *de modo que*) não saí.

Não podem ver um cachorro na rua *sem que* o persigam.

Não podem ver um brinquedo *que* não o queiram comprar.

- **finais**

Iniciam orações que exprimem finalidade: *para que, a fim de que, que* (= para que).

Afastou-se, depressa *para que* não o víssemos.

Falei-lhe com bons termos, *a fim de que* não se ofendesse.

Fiz-lhe sinal *que* se calasse.

- **proporcionais**

Iniciam orações que exprimem proporcionalidade: *à proporção que, à medida que, ao passo que, quanto mais... (tanto mais), quanto mais... (tanto menos), quanto menos... (tanto mais), quanto mais... (mais), (tanto)... quanto.*

À medida que se vive, mais se aprende.

À proporção que subíamos, o ar ia ficando mais leve.

Quanto mais as cidades crescem, mais problemas vão tendo.

Os soldados respondiam, *à medida que* eram chamados.

Observação:

✔ São incorretas as locuções proporcionais *à medida em que, na medida que* e *na medida em que*. A forma correta é *à medida que:*

"*À medida que* os anos passam, as minhas possibilidades diminuem." (Maria José de Queirós)

Existe, sim, a expressão *na medida em que*, na qual o *que* é pronome relativo, não forma locução conjuntiva como em *à medida que*. Exemplos de uso correto da expressão *na medida em que:*

"A rigor, tal cordialidade não existe *na medida em que* é apregoada". (Viana Moog)

"A expansão da lavoura algodoeira não pôde produzir-se em São Paulo *na mesma medida em que* se produziu noutras terras." (Sérgio Buarque de Holanda)

- **temporais**

Introduzem orações que exprimem tempo: *quando, enquanto, logo que, mal* (= logo que), *sempre que, assim que, desde que, antes que, depois que, até que, agora que, ao mesmo tempo que, toda vez que*.

Venha *quando* você quiser.

Não fale *enquanto* come.

Ela me reconheceu, *mal* lhe dirigi a palavra.

Desde que o mundo existe, sempre houve guerras.

Agora que o tempo esquentou, podemos ir à praia.

Ao mesmo tempo que corriam, atiravam pedras para trás.

"Ninguém o arredava dali, *até que* eu voltasse." (Povina Cavalcânti)

- **integrantes**

Introduzem orações que funcionam como substantivos: *que, se*.

Pedi-lhe *que* me desculpasse. [= Pedi-lhe desculpas.]

Verifique *se* o muro é sólido. [= Verifique a solidez do muro.]

Observação:

✔ Em frases como "Sairás *sem que* te vejam", "Morreu *sem que* ninguém o chorasse", consideramos *sem que* conjunção subordinativa *modal*. A NGB, porém, não consigna esse tipo de conjunção.

4 LOCUÇÕES CONJUNTIVAS

No entanto, *visto que, desde que, se bem que, por mais que, ainda quando, à medida que, logo que, a fim de que, ao mesmo tempo que*, etc.

A locução correta é *ao mesmo tempo que*, e não *ao mesmo tempo em que*: "*Ao mesmo tempo que* marchavam, os soldados cantavam hinos."

5 A CONJUNÇÃO *QUE*

a) Muitas conjunções não têm classificação única, imutável, devendo, portanto, ser classificadas de acordo com o sentido que apresentam no contexto. Assim, a conjunção **que** pode ser:

- **aditiva** (= e)

  Esfrega *que* esfrega, mas a nódoa não sai.

  A nós *que* não a eles, compete fazê-lo.

- **explicativa** (= pois, porque)

  Apressemo-nos, *que* chove.

- **integrante**

  Diga-lhe *que* não irei.

- **consecutiva**

  Tanto se esforçou *que* conseguiu vencer.

  Não vão a uma festa *que* não voltem cansados.

  Onde estavas, *que* não te vi?

- **comparativa** (= do que, como)

  A luz é mais veloz *que* o som.

  Ficou vermelho *que nem* brasa.

- **concessiva** (= embora, ainda que)

  Alguns minutos *que* fossem, ainda assim seria muito tempo.

  Beba, um pouco *que* seja.

- **temporal** (= depois que, logo que)

  Chegados *que* fomos, dirigimo-nos ao hotel.

- **final** (= para que)

  Vendo-me à janela, fez sinal *que* descesse.

- **causal** (= porque, visto que)

  "Velho *que* sou, apenas conheço as flores do meu tempo." (VIVALDO COARACI)

b) A locução conjuntiva *sem que* pode ser, conforme a frase:

- **concessiva** (*sem que* = embora não)

  Nós lhe dávamos roupa e comida, *sem que* ele pedisse.

- **condicional** (*sem que* = se não, caso não)

  Ninguém será bom cientista, *sem que* estude muito.

- **consecutiva** (*sem que* = que não)

  Não vão a uma festa *sem que* voltem cansados.

- **modal** (*sem que* = de modo que não)

  Sairás *sem que* te vejam.

EXERCÍCIOS LISTA 32

1. Classifique as conjunções coordenativas:

a) "O major Camilo não ata nem desata." (Ricardo Ramos)

b) "Desta vez ou tomas juízo, ou ficas sem coisa nenhuma." (Machado de Assis)

c) "O Rubião olhou duas outras vezes e não a conhecera ou fingia não conhecê-la." (Alcindo Guanabara)

d) "Nem eu lavro a terra, nem vós também." (Carlos de Laet)

e) Leve-lhe flores, que ela aniversaria amanhã.

f) Ele sofria, mas não se queixava.

g) Não vos peço benevolência, senão justiça.

h) Não suportava mais a vista dos aviões, quer fosse na tela, quer fosse nos ares.

i) Sois jovens e tendes um ideal, podeis, portanto, ser felizes.

j) Os filhos não somente estudam, mas ainda auxiliam os pais.

k) João é bom pai, pois os filhos o amam.

l) "Queres granjear fortuna, logo deves trabalhar." (Said Ali)

m) Ela devia ter chorado muito, porque os olhos estavam roxos.

2. Transcreva as frases, classificando-as de acordo com o valor das conjunções coordenativas em destaque, conforme lista abaixo:

(1) acrescentamento
(2) contraste
(3) alternância, alternativa
(4) conclusão
(5) explicação, motivo

Emílio sofre, **contudo** não se queixa.

Ora trabalha, **ora** se diverte.

Apressa-te, **que** o tempo é pouco.

Não me escreve **nem** me visita.

Ele comprara o ingresso, **portanto** podia entrar.

3. Classifique as conjunções subordinativas em destaque:

a) "Ontem o vento andava mais devagar **do que** o rio." (Aníbal Machado)

b) "**Quando** levantou a cabeça, vi **que** chorava deveras." (Machado de Assis)

c) "Não sei **se** saiu do país, **se** se matou." (Camilo Castelo Branco)

d) **À proporção que** os dias passam, a vida vai encarecendo.

e) "A calúnia, **conquanto** escrita em palavras cultas e penteadas, é sempre calúnia." (Camilo Castelo Branco)

f) "A rapidez da marcha era tal, **que** escapava a toda compreensão." (Machado de Assis)

g) "Alguns conhecidos tinham passado, palavreando com ele, **consoante** costumavam." (Camilo Castelo Branco)

h) Pegou-me pelo braço **para que** eu apressasse o passo.

i) "Bebia **que** era uma lástima." (Ribeiro Couto)

j) "Não posso deitar-me sem tocar piano, **nem que** seja um pouco." (Aníbal Machado)

k) "Devia soar-lhe **como** um ai plangente aquele silvo agudo." (CAMILO CASTELO BRANCO)
l) Recendia **que nem** um galho de manacá florido.
m) As plantas morrerão, **se** persistir a seca.
n) Só não lincharam o assaltante **porque** a polícia impediu.

4. Escreva as duas colunas fazendo corresponder as frases às circunstâncias expressas pelas conjunções subordinativas:

Caso não os encontre, eu lhe telefono.	causa
Como estivesse ventando, fechei a janela.	comparação
Segure-o com força, **para que** não fuja.	concessão, admissão
Tamanho foi o impacto **que** o carro incendiou-se.	hipótese, condição
A volta não demorou tanto **como** a ida.	conformidade
Não falaria **nem que** o matassem.	consequência, efeito
Mal me viu, veio abraçar-me.	finalidade
Ele não é, **como** dizem, um criminoso.	proporção
Aproximei-me **sem que** ele percebesse.	tempo
Quanto mais cresce, **mais** linda fica.	modo

5. Classifique as conjunções subordinativas em destaque, como fez no exercício 3:

a) Irei contigo, **desde que** minha família não se oponha.
b) Não fez nada **desde que** chegou.
c) **Desde que** estás disposto, convém **que** inicies já o trabalho.
d) Vejo **que** sabes **tanto quanto** nós, **se bem que** tenhas estado no local dos acontecimentos.
e) Malha-se o ferro **enquanto** está quente.
f) **Como** a escola era perto, íamos a pé.
g) Eu podia assistir à pescaria, **contanto que** ficasse em silêncio.
h) **Embora** pertencêssemos a partidos rivais, nossas ideias coincidiam em muitos pontos, de modo que era possível convivermos como bons amigos.
i) **Conquanto** estivéssemos cansados, nosso pai não permitia que fôssemos dormir sem que antes tivéssemos rezado as orações.
j) **Visto como** o futuro é incerto, trabalharei agora **enquanto** as forças me permitirem.
k) "Caúla, **mesmo que** o quisesse, não saberia o que dizer." (ADONIAS FILHO)
l) "**Tanto** nos leva ao porto o navio **quanto** o mar." (ANÍBAL MACHADO)

6. Classifique as conjunções dos períodos seguintes:

a) Quando eu te trazia biscoitos, tu os guardavas, e eu te censurava, porque me parecias avara, pois nem os comias nem os repartias com outrem.
b) Como é gorda, ela cansa mais depressa, mas não se queixa nem diminui o passo.
c) Fui visitar Letícia e levei-lhe, conforme você me lembrou, um ramo de flores.
d) "Pareceu-me que a minha posição melhorava, mas enganei-me." (CAMILO CASTELO BRANCO)
e) Sou pobre, como bem sabes; contudo, tenho a certeza de que, se fosse rico, não seria mais feliz do que sou agora.
f) Por mais distraído que fosses, leitor amigo, terias notado que ele ficara sinceramente alegre, posto que contivesse a alegria, segundo convinha a um filósofo.

7. Transcreva as frases abaixo e classifique a palavra **que**, sobrepondo-lhe a letra correspondente:

(A) pronome relativo
(B) pronome indefinido
(C) pronome interrogativo
(D) advérbio de intensidade
(E) conjunção coordenativa
(F) conjunção subordinativa
(G) substantivo
(H) preposição
(I) interjeição
(J) palavra expletiva
(K) palavra denotativa de exclusão (que não = exceto)

1) Há pessoas que sofrem.
2) Que força tem o vento!
3) Que tencionas fazer agora?
4) Que bom seria viver aqui!
5) "Procura que procura." (Amadeu Amaral)
6) Apressas-te, que vem gente.
7) Criança que és, não podes compreender isto.
8) Sabemos que a Terra gira no espaço.
9) Não sai à rua, que não leve a netinha.
10) Fiz-lhe sinal que se calasse.
11) Falou de tal modo que nos empolgou.
12) "Cinco contos que fossem, era um arranjo menor..." (Machado de Assis)
13) Felicidade vale mais que riqueza.
14) "Que gentil que estava a espanhola!" (Machado de Assis)
15) "O patrão já dera ordem de ajuntar mais um peão, que os dois que havia não davam conta do serviço." (Darci Azambuja)
16) A verdade é que a mulher não soube que inventar para defender o procedimento do marido.
17) "Quê! – atalhou Vasco – pois aquele homem tão sério!... tão temente a Deus!" (Camilo Castelo Branco)
18) "Leio nos seus olhos claros um quê de profunda curiosidade." (Gasparino Damata)
19) Parece que ele se referiu a outra pessoa, que não a mim.
20) "Punham-se a procurar não se sabia quê." (Fernando Namora)
21) "Não existia mistério que resolver." (Jorge Amado)
22) "Os doze anos, ai de mim, nunca mais que chegavam." (Ciro dos Anjos)
23) "Tão gulosa que era, tinha sempre à mão alguma coisa para comer." (Antônio Olavo Pereira)
24) "Senti-me leve, transportado a outras paragens, que não as terrenas." (Otto Lara Resende)
25) Quem não tiver coragem de escalar o pico, que fique em casa.

8. Em cada grupo, copie a única conjunção subordinativa que não pertence à classe das:

1) **comparativas**: como – assim como – tal e qual – qual – (mais) que – o mesmo que – (tanto) quanto – porquanto – feito

2) **concessivas**: embora – ainda que – mesmo que – ainda quando – por mais que – nem que – se – se bem que – sem que

9. Transcreva as frases; em seguida sublinhe e classifique as conjunções:

a) "Poderás, se fugires, orientar-te pelas estrelas." (SANTOS FERNANDO)

b) "Confundia agitação com ação, tal e qual o Melquíades." (CIRO DOS ANJOS)

c) Ia escrevendo ora devagar, ora depressa, conforme o ritmo dos pensamentos.

d) "Ele, Caúla, não ficaria ancorado como uma canoa." (ADONIAS FILHO)

e) Sagaz como era, logo percebeu que havia novidades.

f) O frio excessivo, como se sabe, impede a condensação necessária à queda da neve.

g) Por mais leve que pisasse, seus passos reboavam.

h) A planície dir-se-ia que busca o fim do mundo, de tão extensa que é.

i) Segundo narram alguns historiadores, muitos escravos se precipitaram no abismo a fim de fugir às torturas.

j) "Nos canteiros empoçados as plantas sacudiam-se tal qual jaçanãs nos lagos." (STELLA LEONARDOS)

10. Escreva as frases, substituindo o * corretamente por **mal** ou **mau**, e numere-as de acordo com a classe gramatical dessas palavras:

Isto é um * sinal.

O * é infeliz.

A guerra é um *.

* me viu, veio correndo.

Você agiu * .

* ouvi o que ele disse.

(1) substantivo concreto
(2) substantivo abstrato
(3) adjetivo
(4) advérbio de modo
(5) advérbio de intensidade
(6) conjunção subordinativa temporal

11. Copie a única frase com a locução conjuntiva correta:

Os rios se avolumam, **na medida em que** avançam para o mar.

Os rios se avolumam, **à medida que** avançam para o mar.

Os rios se avolumam, **à medida em que** avançam para o mar.

Os rios se avolumam, **na medida que** avançam para o mar.

12. Use, em duas frases:

a) ao mesmo tempo que; b) à medida que.

13. Observe que tipo de relação há entre as frases. Depois una-as em um só período, usando as conjunções coordenativas mais adequadas.

a) Explicou o caminho diversas vezes. Não entendi direito o trajeto.

b) Ande logo. Chegaremos atrasados.

c) Não irei. Não mandarei representantes.

d) Não fale alto. Estamos num hospital.

e) Não veio hoje. Deve estar com algum problema sério.

14. Escreva as frases substituindo a conjunção coordenativa por uma concessiva. Faça as alterações necessárias.

Trabalhei muito, mas não estou cansada.

Embora tenha trabalhado muito, não estou cansada.

a) Você é muito inteligente, mas precisa estudar mais.

b) Querem ter sucesso, porém não se esforçam.

c) Clara ganhava pouco, mas vestia-se com cuidado.

15. Una as orações utilizando conjunções subordinativas adequadas para expressar as circunstâncias indicadas entre parênteses. Faça as alterações necessárias.

a) Não nos recebeu. Estava em reunião. (**causa**)

b) Não vou a estádios. Gosto de futebol. (**concessão**)

c) Conto esses fatos. Ouvi esses fatos assim. (**conformidade**)

d) Explicou tudo com muitos detalhes. Todos entenderam. (**consequência**)

e) Falei-lhe com carinho. Queria que ele me ouvisse. (**finalidade**)

16. Indique qual das conjunções aditivas indica ideia de oposição.

a) Meu irmão e eu fomos ao cinema do bairro.

b) Bruna não telefonou nem deu notícias.

c) Leandro apareceu com o carro e disse que o comprara há pouco.

d) Estou procurando Alice há mais de uma hora e ainda não a encontrei.

e) Não só trouxemos as prendas, mas também armamos as barracas da quermesse.

17. Complete as frases usando conjunções adequadas para explicar a relação que há entre as orações:

a) Ontem chovia * ventava assustadoramente.

b) Iria com você ao teatro * não tivesse de cuidar do bebê.

c) Fiz todas as tarefas * você recomendou.

d) As lágrimas eram tantas * ele sequer via quem estava ao seu redor.

e) A passagem do tempo o assustava * não estava satisfeito com sua própria vida.

18. Identifique o tipo de relação que a conjunção **como** estabelece entre as orações.

a) Como eu já te disse antes, aquela criança está com sérios problemas.

b) Chovia como só chove em minha terra natal!

c) Como estivesse exausto, resolveu não participar da festa.

d) A história não aconteceu como te contaram.

e) Como não tivesse mais condições de estudar, começou a procurar emprego.

CONJUNÇÃO
Exercícios de exames e concursos
[Página 679]

INTERJEIÇÃO

1 INTERJEIÇÃO

É uma palavra ou locução que exprime um estado emotivo:

"**Caramba**! Isto é que se chama talento!" (JOSUÉ MONTELO)

"**Puxa vida**! Outra vez! – exclamou Gumersindo, brecando o carro." (EDY LIMA)

Vozes ou exclamações vivas, as interjeições são um recurso da linguagem afetiva ou emocional. Podem exprimir e registrar os mais variados sentimentos e emoções:

aclamação: *viva!*
dor, arrependimento, lástima: *ai! ui! ah! oh! ai de mim! meu Deus! que pena! xi!*
advertência: *cuidado! devagar! atenção! calma! sentido! alerta! olha! olha lá! vê bem!*
dúvida, suspeita: *hum! epa!*
admiração, surpresa, espanto: *ah! oh! ih! puxa! céus! caramba! quê! ué! hem?! uai! credo! nossa! opa! xi!*
impaciência, aborrecimento, desagrado: *irra! apre! arre! vote! ora bolas! puxa vida! hum!*
animação: *eia! sus! coragem! avante! upa! força! vamos!*
aplauso, felicitação, satisfação: *bravo! apoiado! ótimo! viva! boa! bis! isso! parabéns! muito bem!*
desacordo, incredulidade: *qual! qual o quê! pois sim! que esperança!*
alegria: *ah! oh! eh! viva! eta! aleluia! oba!*
desapontamento: *ué! uai!*
alívio: *uf! ufa! arre! ah!*
apelo, pedido, chamamento: *ó! alô! socorro! psiu! eh! ei! olá! misericórdia! valha-me Deus!*
afugentamento: *sai! fora! passa! rua! chit! arreda! xô!*
desejo: *oh! oxalá! tomara! quem me dera! queira Deus!*
indignação, repulsa: *fora! morra! abaixo! não! t'esconjuro!*
assentimento, concordância: *claro! pudera! sim! pois não! ótimo! tá! hã-hã!*
reprovação: *não apoiado! fiau! francamente! ora essa! ora!*
silêncio: *psiu! pst! caluda! silêncio! bico calado!*
saudação: *ave! salve! olá! bom dia! oi! anauê!* (saudação integralista)
despedida: *adeus! até logo! tchau!*
medo, terror, horror: *ui! uh! cruzes!*
desculpa: *perdão!*
pena: *oh! coitado! que pena! pobre dele!*
agradecimento: *obrigado! muito obrigado! obrigada! graças a Deus! grato!*

Observação:

✔ A mesma interjeição pode registrar mais de um sentimento, segundo o tom de voz com que a proferimos.

Além dessas, existem ainda as interjeições imitativas, que exprimem ruídos e vozes: *pum! miau! plaft! trac! pof! zás! zás-trás! tique-taque! quá-quá-quá!*, etc.

Psssiu! – chamou alguém atrás de mim.

"*Chap, chap, chap*. Era o vascolejar da água nas garrafas! (GRACILIANO RAMOS)

2 LOCUÇÃO INTERJETIVA

É uma expressão que vale por uma interjeição:

Meu Deus! Muito bem! Alto lá! Ai de mim! Ó de casa!

As interjeições são como que frases resumidas, sintéticas:

ué! = Eu não esperava por essa!

perdão! = Peço-lhe que me desculpe.

São proferidas com entoação especial, que se representa, graficamente, com o ponto de exclamação. Este pode aparecer depois da interjeição ou no fim da frase, ou mesmo ser repetido:

"Oh! é um anjo aquela menina." (MACHADO DE ASSIS)

"Oh, trágicas novelas!" (CABRAL DO NASCIMENTO)

Arre! você é teimosa!

Não se deve confundir a interjeição de apelo *ó* com a sua homônima *oh!*, que exprime admiração, alegria, tristeza, etc. Faz-se pausa depois do *oh!* exclamativo e não a fazemos depois do *ó* vocativo. Exemplos:

"*Ó* natureza! *ó* mãe piedosa e pura!" (OLAVO BILAC)

"*Oh!* a jornada negra!" (OLAVO BILAC)

Observação:

✔ Dentre as interjeições cumpre distinguir as que são exclusivamente interjeições (*oh! arre! olá!*, etc.) e as palavras de outras classes gramaticais usadas eventualmente como interjeições (*viva! cuidado! adiante!*, etc.).

EXERCÍCIOS — LISTA 33

1. Que sentimentos, emoções, etc. exprimem as interjeições e locuções interjetivas destes exemplos?

1) "Adeus, astros da noite!" (OLAVO BILAC)

2) "Ih! mamãe, mas está todo estragado [o piano]!" (ANÍBAL MACHADO)

3) "Quê! – atalhou Vasco – pois aquele homem tão sério!... tão temente a Deus!" (CAMILO CASTELO BRANCO)

4) "Valha-me Deus! exclamou ela aflitivamente." (Camilo Castelo Branco)

5) "Rua! Isto aqui não é casa da sogra!" (Orígenes Lessa)

6) "Cuidado, Emília! disse Narizinho." (Monteiro Lobato)

7) "De repente, no melhor da festa, plaft! uma jabuticaba cai do galho..." (Monteiro Lobato)

8) "Uf! Que trabalho me deu!" (Monteiro Lobato)

9) "Vamos! Dize alguma coisa!" (Monteiro Lobato)

10) "Ah! toda alma num cárcere anda presa!" (Cruz e Sousa)

11) "Zás! um certeiro golpe de foice dá com ela [a paca] em terra." (Monteiro Lobato)

12) "Ah! É o senhor o tão falado milionário?!" (Araújo Nabuco)

13) "— Então? hoje está mais fortezinho...
— Qual! passei mal a noite." (Machado de Assis)

14) "Eh, doutorzinho! chegou tua hora!" (Aníbal Machado)

15) "Oxalá não tivesse de tingir o sangue as ruas de Córdova." (Alexandre Herculano)

16) Ora bolas! Sempre fazendo das tuas!

17) "Tu vais partir, Dom Gil! Sus! cavaleiro!" (João Ribeiro)

18) Ó almas, devagar! Não esgoteis a taça...

19) Epa! Há algo se mexendo no armário!

20) "Oi! Dr. Fernando. Vai para a cidade?" (José Fonseca Fernandes)

21) "Ei, você aí, ó sardento, esfrega aquele pedaço de tijolo nas lajes." (Josué Guimarães)

22) "Caramba! São bem uns quatro quilômetros até o Anhangabaú." (José Fonseca Fernandes)

23) "Puxa, que pontaria, hem!" (Edi Lima)

24) Sentinela, alerta!

25) "Na porta, o Santo olhou o nosso herói: 'Opa, você de novo? Ah, conseguiu o cavalo, hem! Muito bem, amarre o cavalo aí fora e pode entrar'." (Millôr Fernandes)

26) "Xi, seu Antônio, estou sem um níquel, depois eu pago." (Millôr Fernandes)

27) Calma! Não se afogue num copo d'água.

28) "Bravo! Assim é que é!" (Carlos Drummond de Andrade)

2. Escreva as frases abaixo substituindo * pelas interjeições **ó** ou **oh!**, conforme convenha:

a) * não esperava por essa!

b) "Deus! * Deus! onde estás que não respondes?" (Castro Alves)

c) * com todo o prazer, senhor Lourenço!

d) "* borboleta, pára! * Mocidade, espera!" (Raimundo Correia)

e) "E a esperança? * a esperança, essa é que não renascera!" (Alexandre Herculano)

3. Leia as frases abaixo, procurando perceber os estados, sentimentos ou emoções que expressam as interjeições:

a) Cuidado! O chão está molhado.

b) Puxa! Não pensei que este lugar fosse tão bonito!

c) Puxa vida! Você não para um segundo sequer, Chiquinho!

d) Ufa! Consegui terminar o exercício!

e) Ué! Seu irmão não veio com você?

4. Escreva orações utilizando as interjeições abaixo para exprimir as emoções ou estados indicados:

a) desejo: tomara!

b) pena: coitado!

c) espanto: credo!

d) espanto: nossa!

e) concordância: claro!

5. Faça o mesmo utilizando locuções interjetivas:

a) apoio: muito bem!

b) espanto: meu Deus!

c) pena: meu Deus!

d) aborrecimento: puxa vida!

e) desejo: queira Deus!

CONECTIVOS

Os *conectivos* ligam palavras ou orações. São elementos de ligação, na frase. Exemplos:

O prazer **e** a dor são passageiros.

A espada vence, **mas** não convence.

No primeiro exemplo, o conectivo **e** liga duas palavras; no segundo, o conectivo **mas** liga duas orações.

Os conectivos dividem-se em duas classes: *coordenativos* e *subordinativos*.

▪ Quadro sinótico dos conectivos

- ***CONECTIVOS***
  - **coordenativos** ***(Ligam orações coordenadas.)***
    - ***conjunções coordenativas***
      - ***aditivas:*** *e*
      - ***adversativas:*** *mas*
      - ***alternativas:*** *ou*
      - ***conclusivas:*** *logo*
      - ***explicativas:*** *pois*
  - **subordinativos** ***(Subordinam orações dependentes às principais.)***
    - ***conjunções subordinativas***
      - ***causais:*** *porque*
      - ***comparativas:*** *como*
      - ***concessivas:*** *embora*
      - ***condicionais:*** *se*
      - ***conformativas:*** *conforme*
      - ***consecutivas:*** *(tão) que*
      - ***finais:*** *para que*
      - ***proporcionais:*** *à medida que*
      - ***temporais:*** *quando*
      - ***Iniciam orações adverbiais.***
      - ***integrantes:*** *que, se* — ***Iniciam orações substantivas.***
    - ***pronomes relativos:*** *que, quem, cujo, cuja, o qual, a qual,* ***etc.*** — ***Iniciam orações adjetivas.***

FORMAS VARIANTES

Veja estes exemplos:

A mãe de Alfredo não gostava que ele *assobiasse*.

"Ataliba *assovia* enquanto corta a lenha." (JORGE AMADO)

Assoviar é variante de *assobiar*.

Existe na língua hodierna bom número de palavras que, ao lado da forma considerada normal, apresentam uma ou mais variantes. Em alguns casos é indiferente o emprego de uma ou de outra forma (*cousa* ou *coisa*, *assobiar* ou *assoviar*, etc.); em outros, pelo contrário, deve-se dar preferência às formas que mais se impuseram, graças ao uso constante e generalizado.

São exemplos de formas variantes:

aluguel, aluguer
assobiar, assoviar
assobio, assovio
bílis, bile
coisa, cousa
escoicear, escoucear
louro, loiro
derrubar, derribar
espargir, esparzir
marimbondo, maribondo
bêbedo, bêbado
malvadez, malvadeza
percentagem, porcentagem
pitoresco, pinturesco
lacrimejar, lagrimejar
diabete, diabetes
cacaréus, cacarecos
baralhar, embaralhar
desvario, desvairo
perspectiva, perspetiva
entretimento, entretenimento
engambelar, engabelar
quociente, cociente
rubi, rubim
remoinhar, redemoinhar
remoinho, redemoinho
endemoniado, endemoninhado
infarto, enfarte
líquido, líquido (ki)
traquina, traquinas
catorze, quatorze
cota, quota
taverna, taberna
eriçar, erriçar
espécime, espécimen
ridiculizar, ridicularizar
fleuma, flegma
coradouro, coaradouro, coarador
transpassar, traspassar, trespassar
nambu, nhambu, inambu, inhambu, inamu

EXERCÍCIO LISTA 34

1. Informe onde aparecem formas variantes e onde há erro. No caso de variantes, diga qual a forma considerada normal; no caso de erro, corrija-o:

a) O garoto *assobiava* e corria pela rua.

b) Era um rapaz *louro*, muito bonito e simpático.

c) Você já leu o livro de José Sarney chamado "*Marimbondos* de fogo"?

d) Tenho o *previlégio* de conhecê-lo há anos!

e) Você é um *bêbedo*, que não sabe o que diz.

f) Você tem *catorze* ou quinze anos?

g) Aborrecia-me a *fleuma* com que ele empilhava os tijolos.

h) Vou fazer um bazar *beneficiente* em minha casa.

i) Reveja o *cociente* dessas contas.

j) Quero *cincoenta* copos de papel.

k) Quantas *cotas* do empreendimento seu pai adquiriu?

ANÁLISE MORFOLÓGICA

Consiste a análise morfológica em dar a classe das palavras, sua classificação, fazer o levantamento dos diversos acidentes gramaticais (gênero, número, grau, pessoa, etc.) e identificar-lhes o processo de formação e os elementos mórficos que as constituem. Exemplos:

- **cafeteira**

Substantivo comum, concreto, feminino, singular; derivado, formado por sufixação.

Radical: *café*; sufixo (nominal): *eira;* desinência (nominal): *a;* consoante de ligação: *t*.

- **detivemos**

1ª pessoa do plural do pretérito perfeito simples do indicativo do verbo irregular da 2ª conjugação *deter*, voz ativa; formado por prefixação (*de* + *ter*).

Radical: *tiv;* prefixo: *de;* vogal temática: *e;* desinência número-pessoal: *mos*.

Na análise *morfossintática* de uma palavra, faz-se, juntamente, a análise morfológica e a sintática.

LEITURA

Janeiro

Janeiro desnastra os arrozais,
o fumo é desfolhado
e a larva ameaça o algodoal.
A mão do homem corrige todos os acasos.
Janeiro vê a altura viva das mudas
nos viveiros.
É tempo ainda de semear.
As frutas submetem-se aos enxertos, promissoras.
Reverdecer é simples como a luz.

(VALMIR AYALA, *Águas como Espadas*, p. 13,
LR Editores Ltda., São Paulo, 1983)

SEMÂNTICA

trata da significação das palavras

Soneto à Lua

Vens chegando de longe, tão cansada,
Tão frágil e tão pálida vens vindo,
Que pareces, ó doce Lua amiga,
Vir impelida pelo vento leve.

Pelo vento gentil que está soprando
Tu pareces tangida, como um barco
Com as suas louras velas enfunadas,
E vens a navegar nos altos mares...

Atravessando campos e cidades,
Quantas artes e sortes não fizeste,
Ó triste Lua dos enamorados!

Quantas flores e virgens distraídas
Não seduziste para a estranha viagem
Por esse mar de amor, cheio de abismos!

(AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT, *Eu Te Direi as Grandes Palavras*, 2ª ed., p. 74, Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1977)

SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS

1 SINÔNIMOS

Sinônimos são palavras de sentido igual ou aproximado. Exemplos:

alfabeto, abecedário

brado, grito, clamor

extinguir, apagar, abolir, suprimir

justo, certo, exato, reto, íntegro, imparcial

Geralmente não é indiferente usar um sinônimo pelo outro. Embora irmanados pelo sentido comum, os sinônimos diferenciam-se, entretanto, uns dos outros, por matizes de significação e certas propriedades que o escritor não pode desconhecer.

Com efeito, estes têm sentido mais amplo, aqueles, mais restrito (*animal* e *quadrúpede*); uns são próprios da fala corrente, desataviada, vulgar, outros, ao invés, pertencem à esfera da linguagem culta, literária, científica ou poética (*orador* e *tribuno, oculista* e *oftalmologista, cinzento* e *cinéreo*).

A contribuição greco-latina é responsável pela existência, em nossa língua, de numerosos pares de sinônimos. Exemplos:

adversário e *antagonista*	*moral* e *ética*
translúcido e *diáfano*	*colóquio* e *diálogo*
semicírculo e *hemiciclo*	*transformação* e *metamorfose*
contraveneno e *antídoto*	*oposição* e *antítese*

O fato linguístico de existirem sinônimos chama-se *sinonímia*, palavra que também designa o *emprego de sinônimos*.

O bom escritor deve conhecer os segredos da sinonímia. Entre dois ou mais sinônimos há sempre um que se impõe, por ser mais adequado, mais expressivo ou pitoresco.

2 ANTÔNIMOS

Antônimos são palavras de significação oposta. Exemplos:

ordem e *anarquia*	*louvar* e *censurar*
soberba e *humildade*	*mal* e *bem*

A antonímia pode originar-se de um prefixo de sentido oposto ou negativo. Exemplos:

bendizer, maldizer
simpático, antipático
progredir, regredir
concórdia, discórdia
explícito, implícito
ativo, inativo
esperar, desesperar
comunista, anticomunista
simétrico, assimétrico
pré-nupcial, pós-nupcial

3 HOMÔNIMOS

Homônimos são palavras que têm a mesma pronúncia, e às vezes a mesma grafia, mas significação diferente. Exemplos:

são (sadio), *são* (forma do verbo *ser*) e *são* (santo)

aço (substantivo) e *asso* (verbo)

Só o contexto é que determina a significação dos homônimos. A homonímia pode ser causa de ambiguidade, por isso é considerada uma deficiência dos idiomas.

O que mais nos impressiona nos homônimos é o seu aspecto fônico (som) e o gráfico (grafia). Daí serem divididos em:

- **homógrafos heterofônicos (iguais na escrita e diferentes no timbre ou na intensidade das vogais):**

rego (substantivo) e *rego* (verbo)
colher (verbo) e *colher* (substantivo)
jogo (substantivo) e *jogo* (verbo)
vede (verbo *ver*) e *vede* (verbo *vedar*)
apoio (verbo) e *apoio* (substantivo)
para (verbo *parar*) e *para* (preposição)
pelo (subst.: *cabelo*), *pelo* (forma do verbo *pelar*) e *pelo* (contração de *per* + *o*)
providência (substantivo) e *providencia* (verbo)
ás (substantivo), *às* (contração) e *as* (artigo)

Observação:

✔ Palavras como as dos dois últimos exemplos, a rigor, não são homógrafas, visto que o acento gráfico desfaz a homografia. Razões de ordem didática, porém, nos levam a incluí-las neste grupo de homônimos.

- **homófonos heterográficos (iguais na pronúncia e diferentes na escrita):**

acender (atear, pôr fogo) e *ascender* (subir)
concertar (harmonizar) e *consertar* (reparar, emendar)
concerto (harmonia, sessão musical) e *conserto* (ato de consertar)
cegar (tornar cego) e *segar* (cortar, ceifar)
apreçar (determinar o preço, avaliar) e *apressar* (acelerar)
cela (pequeno quarto), *sela* (arreio) e *sela* (verbo *selar*)
censo (recenseamento) e *senso* (juízo)

cerrar (fechar) e *serrar* (cortar)
paço (palácio) e *passo* (andar)
hera (trepadeira) e *era* (época), *era* (verbo)
caça (ato de caçar), *cassa* (tecido) e *cassa* (verbo *cassar* = *anular*)
cessão (ato de ceder), *seção* (divisão, repartição)[1] e *sessão* (tempo de uma reunião ou espetáculo)

- **homófonos homográficos (iguais na escrita e na pronúncia):**

caminha (substantivo), *caminha* (verbo)
cedo (verbo), *cedo* (advérbio)
somem (forma do verbo *somar*), *somem* (forma do verbo *sumir*)
livre (adjetivo), *livre* (forma do verbo *livrar*)
pomos (substantivo), *pomos* (forma do verbo *pôr*)
alude (avalancha), *alude* (forma do verbo *aludir*)

4 PARÔNIMOS

Parônimos são palavras parecidas na escrita e na pronúncia:

coro e *couro*
cesta e *sesta* (é)
eminente e *iminente*
tetânico e *titânico*
atoar e *atuar*
degradar e *degredar*
cético e *séptico*
prescrever e *proscrever*
descrição e *discrição*
infligir (aplicar) e *infringir* (transgredir)
osso e *ouço*
sede (vontade de beber) e *cede* (verbo *ceder*)
comprimento e *cumprimento*
deferir (conceder, dar deferimento) e *diferir* (ser diferente, *divergir*, adiar)
ratificar (confirmar) e *retificar* (tornar reto, corrigir)
vultoso (volumoso, muito grande: soma *vultosa*) e *vultuoso* (congestionado: rosto *vultuoso*)

5 POLISSEMIA

Uma palavra pode ter mais de uma significação. A esse fato linguístico dá-se o nome de *polissemia*. Exemplos:

mangueira: tubo de borracha ou de plástico para regar as plantas ou apagar incêndios; árvore frutífera; grande curral de gado.

pena: pluma; peça de metal para escrever; punição; dó.

velar: cobrir com véu; ocultar; vigiar, cuidar; relativo ao véu do palato.

Podemos citar ainda, como exemplos de palavras polissêmicas, o verbo *dar* e os substantivos *linha* e *ponto*, que têm dezenas de acepções.

---

(1) Existe ainda a variante *secção* (latim *sectio, sectionis* = *corte*), que se aplica melhor ao sentido etimológico (*corte, amputação*).

6 SENTIDO PRÓPRIO E SENTIDO FIGURADO

As palavras podem ser empregadas no sentido próprio ou no sentido figurado. Exemplos:

Construí um muro de **pedra**. (sentido próprio)

Ênio tem um coração de **pedra**. (sentido figurado)

A água **pingava** da torneira. (sentido próprio)

As horas iam **pingando** lentamente. (sentido figurado)

7 DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO

Observe a palavra em destaque destes exemplos:

Comprei uma correntinha de **ouro**.

Fulano nadava em **ouro**.

No primeiro exemplo, a palavra *ouro* denota ou designa simplesmente o conhecido metal precioso, dúctil, brilhante, de cor amarela: tem sentido próprio, real, *denotativo*. No segundo, *ouro* sugere ou evoca riquezas, opulência, poder, glória, luxo, ostentação, conforto, prazeres: tem sentido *conotativo*, possui várias *conotações* (ideias associadas, sentimentos, evocações que irradiam da palavra).

Como se vê, certas palavras têm grande poder evocativo, uma extraordinária carga semântica; são capazes de sugerir muito mais do que o objetivo designado, desencadeando, conforme a situação, ideias, sentimentos e emoções de toda ordem. Quantas coisas podem sugerir palavras conotativas como *selva, mar, praia, sol, festa*!

EXERCÍCIOS — LISTA 35

1. Dê sinônimos das palavras seguintes:

remoto	percalço	repúdio
granjear	motejo	afeito
inexorável	vicejar	fútil
malfadado	suscitar	infrene
turbamulta	repulsivo	meandro

2. Reorganize as colunas, relacionando os sinônimos de origem latina aos de origem grega:

transparente	diálogo
adversário	ética
moral	diáfano
solilóquio	monólogo
colóquio	antagonista

circunlóquio	protótipo
modelo	metamorfose
transformação	hipótese
contraveneno	perífrase
suposição	antídoto

3. Substitua as palavras destacadas por sinônimos:

a) "Os cabelos, dum **curioso** louro-esverdeado, **iam** muito bem com o tom do uniforme." (ÉRICO VERÍSSIMO)

b) "De noite a cidade **enfeitiça**, mas, de dia, também **desilude**." (GUEDES DE AMORIM)

c) O **retorno** da nave à Terra **fez-se** de modo **análogo** ao das missões Apolo.

d) A contenção dos gastos do governo **gerou** um **declínio** da inflação.

e) Sacudi o **torpor** que se **apoderou** de mim.

4. Substitua as palavras destacadas pelos seus antônimos:

a) A **polidez** vos torna **simpáticos**.

b) Considerai a vida **agitada** e **árdua** de nossos **contemporâneos**!

c) "Os **velhos impugnam** as modas recentes e **defendem** as antigas." (MARQUÊS DE MARICÁ)

d) "A **amenidade** do semblante anuncia a **bondade** do coração." (MARQUÊS DE MARICÁ)

e) Bruno era um rapaz **generoso, perdulário, extrovertido**.

5. Copie, em cada grupo, apenas a palavra que não é sinônimo:

a) presidente – ministro – chefe de Estado – primeiro mandatário

b) terremoto – tremor de terra – abalo sísmico – fissão – sismo

c) nave espacial – cosmonave – espaçonave – avião – veículo espacial

6. Reorganize as colunas de acordo com o tipo de homônimo:

cedo (verbo), cedo (advérbio)	homógrafos heterofônicos
torre (substantivo), torre (verbo)	homógrafos heterográficos
cinto (substantivo), sinto (verbo)	homógrafos homográficos

7. Organize frases com os homônimos das palavras destacadas:

a) A menina dos olhos **verdes** foi à **sessão** das 16 horas.

b) A **cruz** nos **traz** a **graça**.

c) Depois da **caça** faz-se o **conserto** das redes.

d) "A pobre senhora **concertou** o xale sobre os ombros e retomou o rumo da cidade." (AMANDO FONTES)

8. Dê a significação dos homônimos seguintes:

acender e ascender – acento e assento – censo e senso – cerrar e serrar – cerviz e servis – empoçar e empossar – incerto e inserto – incipiente e insipiente – laço e lasso – mole (adjetivo) e mole (substantivo) – coser e cozer – acerto e asserto – cessão, seção e sessão – ruço e russo

9. Informe a diferença de significação dos parônimos seguintes:

a) vultoso, vultuoso
b) auspícios, hospícios
c) acidente, incidente
d) conjetura, conjuntura
e) estofar, estufar
f) intimorato, intemerato
g) inerme, inerte
h) premissas, primícias
i) prescrever, proscrever
j) tráfego, tráfico
k) ratificar, retificar
l) flagrante, fragrante
m) indefeso, indefesso
n) ablação, ablução, oblação

10. Escreva as frases abaixo substituindo os asteriscos pelos parônimos adequados:

a) O secretário não **** o meu requerimento. (**diferiu**, **deferiu**)

b) Não hás de **** impunemente as leis. (**infringir**, **infligir**)

c) Fiz uma simples ****. (**conjuntura**, **conjetura**)

d) Há homens **** em ciência e virtude. (**iminentes**, **eminentes**)

e) Os fatos **** meus prognósticos. (**retificaram**, **ratificaram**)

f) Viu-se na **** de perder suas terras. (**iminência**, **eminência**)

11. Dê exemplos de palavras:

a) polissêmicas
b) conotativas

12. Transcreva as frases antepondo **P** ou **F**, conforme houver sentido próprio ou figurado:

Quebrei um galho de árvore.

O Presidente **quebrou** o protocolo.

Não sejas **escravo** da moda.

O **escravo** fugiu para o quilombo.

Tive uma ideia **luminosa**.

Os cometas têm uma longa cauda **luminosa**.

Joel estava **imerso** em profunda tristeza.

Doces recordações do passado e **amargas** desilusões.

13. Escreva as frases, substituindo * por uma das palavras entre parênteses. Depois, anteponha **H** ou **P**, conforme elas sejam homônimos ou parônimos.

O preso saiu da *. (**cela**, **sela**)

Vítor usa cabelo *. (**comprido**, **cumprido**)

O calor * o ferro. (**delata**, **dilata**)

O * é um sinal gráfico. (**acento**, **assento**)
O cisne * a cabeça na água. (**emergiu**, **imergiu**)
Paguei as * de luz e água. (**tachas**, **taxas**)
* os olhos e dormi. (**cerrei**, **serrei**)
João é um bom *. (**celeiro**, **seleiro**)
Agi com calma e *. (**descrição**, **discrição**)
Manuel * o fardo. (**arreou**, **arriou**)
Mandei * o cavalo. (**arrear**, **arriar**)
Ele tem uma força *. (**tetânica**, **titânica**)
O carro foi para o *. (**concerto**, **conserto**)
Estávamos * três dias das eleições. (**a**, **há**)

14. Dê antônimos das palavras relacionadas, utilizando prefixos *in-, im-, des-, i-*:
moral – parcial – reverente – satisfeito – esperar – ativo – responsável – humano – harmonia

15. Formule orações que exemplifiquem a diferença de sentido entre os pares de homônimos abaixo:
a) acento e assento
b) para e para (verbo/preposição)
c) jogo e jogo (substantivo/verbo)
d) cela e sela
e) sessão e seção

16. Faça o mesmo em relação aos parônimos:
a) descrição e discrição
b) osso e ouço
c) comprimento e cumprimento
d) infligir e infringir

17. Veja se as palavras foram utilizadas em seu sentido próprio ou em sentido figurado.
a) "O pavão é um arco-íris de plumas." (Rubem Braga)
b) Venha ver o arco-íris!
c) "Me deixe, sim, meu grão de amor." (Marisa Monte/Carlinhos Brown)
d) É necessário incluir grãos em uma alimentação balanceada.

18. Lembrando-se do que viu sobre **polissemia**, dê exemplos de frases que exemplifiquem diferentes sentidos em que podem ser utilizadas as palavras abaixo.
a) manga
b) pena
c) romper
d) grave

SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS
Exercícios de exames e concursos
[Página 681]

SINTAXE

estuda as palavras associadas na frase

Inverno

Nesses dias de inverno
em que a chuva fustiga a vidraça,
sonho desperto, as mãos
na nuca. Olho o teto, a praça,
e cavalgo uma moto possante
pelas estradas do Sul.
Treme de febre o pampa,
treme a cordilheira e o Aconcágua.
Estico minha ânsia sob sol e neve,
cuspo salitre
e vomito este Pacífico
que me persegue.

(Sérgio Caparelli, *Restos de Arco-Íris*, p. 64,
L&PM Editores, Porto Alegre, 1985)

ANÁLISE SINTÁTICA

1 NOÇÕES PRELIMINARES

A *análise sintática* examina a estrutura do período, divide e classifica as orações que o constituem e reconhece a função sintática dos termos de cada oração.

Preliminarmente, daremos uma ideia do que seja *frase, oração, período, termo, função sintática* e *núcleo de um termo da oração*.

As palavras, tanto na expressão escrita como na oral, são reunidas e ordenadas em frases. Pela frase é que se alcança o objetivo do discurso, ou seja, da atividade linguística: a comunicação com o ouvinte ou o leitor.

2 FRASE

É todo enunciado capaz de transmitir, a quem nos ouve ou lê, tudo o que pensamos, queremos ou sentimos. Pode revestir as mais variadas formas, desde a simples palavra até o período mais complexo, elaborado segundo os padrões sintáticos do idioma.

São exemplos de frases:

Socorro!

Muito obrigado!

Que horror!

Sentinela, alerta!

Cada um por si e Deus por todos.

Grande nau, grande tormenta.

Por que agridem a natureza?

"Tudo seco em redor." (Graciliano Ramos)

"Boa tarde, mãe Margarida!" (Graciliano Ramos)

"Fumaça nas chaminés, o céu tranquilo, limpo o terreiro." (Adonias Filho)

"As luzes da cidade estavam amortecidas." (Érico Veríssimo)

"Tropas do exército regular do Sul, ajudadas pelos seus aliados brancos de além-mar, tinham sido levadas em helicópteros para o lugar onde se presumia estivesse o inimigo, mas este se havia sumido por completo." (Érico Veríssimo)

Observações:

✔ As frases são proferidas com entonação e pausas especiais, indicadas na escrita pelos sinais de pontuação.

✔ Muitas frases, mormente as que se desviam do esquema sujeito + predicado, só podem ser entendidas dentro do contexto (= o escrito em que figuram) e na situação (= o ambiente, as circunstâncias) em que o falante está.

✔ Chamam-se *frases nominais* as que se apresentam sem o verbo. Exemplo: *Tudo parado e morto.*

Quanto ao sentido, as frases podem ser:

- **declarativas**

Encerram a declaração ou enunciação de um juízo acerca de alguém ou de alguma coisa:
A retificação da velha estrada é uma obra inadiável.
Neli não quis montar o cavalo velho, de pelo ruço.

- **interrogativas**

São uma pergunta, uma interrogação:
"Por que faço eu sempre o que não queria?" (Fernando Pessoa)
"Não sabe, ao menos, o nome do pequeno?" (Machado de Assis)

- **imperativas**

Contêm uma ordem, proibição, exortação ou pedido:
"Cale-se! Respeite este templo." (Érico Veríssimo)
"Vamos, meu filho, ande depressa!" (Herberto Sales)
"Segue teu rumo e canta em paz." (Cecília Meireles)
"Não me leves para o mar." (Vicente de Carvalho)

- **exclamativas**

Traduzem admiração, surpresa, arrependimento, etc.:
Como eles são audaciosos!
Não voltaram mais!
"Uma senhora instruída meter-se nestas bibocas!" (Graciliano Ramos)

- **optativas**

Exprimem um desejo:
Bons ventos o levem!
Oxalá não sejam vãos tantos sacrifícios!
"E queira Deus que te não enganes, menino!" (Carlos de Laet)
"Quem me dera ser como Casimiro Lopes!" (Graciliano Ramos)

- **imprecativas**

Encerram uma imprecação (praga, maldição):

"Esta luz me falte, se eu minto, senhor!" (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Não encontres amor nas mulheres!" (GONÇALVES DIAS)

"Maldito seja quem arme ciladas no seu caminho!" (DOMINGOS CARVALHO DA SILVA)

Como se vê dos exemplos citados, os diversos tipos de frase podem encerrar uma afirmação ou uma negação. No primeiro caso, a frase é afirmativa, no segundo, negativa.

O que caracteriza e distingue esses diferentes tipos de frase é a entonação, ora ascendente ora descendente. A mesma frase pode assumir sentidos diferentes, conforme o tom com que a proferimos. Observe:

Olavo esteve aqui.

Olavo esteve aqui?

Olavo esteve aqui?!

Olavo esteve aqui!

3 ORAÇÃO

É a frase de estrutura sintática que apresenta, normalmente, sujeito e predicado e, excepcionalmente, só o predicado. Exemplos:

A menina — **sujeito**

banhou-se na cachoeira. — **predicado**

Choveu durante a noite. — **predicado**

Observações:

✔ Em toda oração há um verbo ou locução verbal (às vezes elípticos).

✔ Não têm estrutura sintática, portanto não são orações e não podem ser analisadas sintaticamente frases como:

Socorro!

Com licença!

Que rapaz impertinente!

Muito riso, pouco siso.

"A bênção, mãe Nácia!" (RAQUEL DE QUEIRÓS)

Na oração as palavras estão relacionadas entre si, como partes de um conjunto harmônico: elas formam os *termos* ou as *unidades sintáticas* da oração. Cada termo da oração desempenha uma *função sintática*.

4 NÚCLEO DE UM TERMO

Núcleo de um termo é a palavra principal (geralmente um substantivo, pronome ou verbo), que encerra a essência de sua significação. Nos exemplos seguintes, as palavras *amigo* e *revestiu* são o núcleo do sujeito e do predicado, respectivamente:

"*O* **amigo** *retardatário do presidente* prepara-se para desembarcar." (ANÍBAL MACHADO)

A avezinha **revestiu** *o interior do ninho com macias plumas.*

Segundo sua importância, os termos da oração se dizem *essenciais, integrantes* e *acessórios*, como logo adiante se verá.

5 PERÍODO

Periodo é a frase constituída de uma ou mais orações.

O período é *simples* quando constituído de uma só oração:

"A ignorância do bem **é** a causa do mal." (DEMÓCRITO)

"Na esplanada do Museu *alongavam-se* cada vez mais sobre as lajes as sombras das estátuas de pedra de mandarins d'antanho." (ÉRICO VERÍSSIMO)

No período simples há um só verbo (ou locução verbal).

O período é *composto* quando formado por mais de uma oração:

"O gato não nos **afaga**, **afaga-se** em nós." (MACHADO DE ASSIS)

O líder Xanana Gusmão **disse** que a língua portuguesa **será adotada** oficialmente no Timor Leste.

No período composto há mais de um verbo (ou locução verbal).

Observações:

- ✔ A oração do período simples chama-se *absoluta*.
- ✔ Na língua escrita abre-se o período com letra maiúscula e fecha-se com ponto final, ponto de exclamação ou interrogação e, em certos casos, com dois-pontos ou reticências.

LEITURA

Enquanto é maio

Durante quatro ou cinco meses por ano o Rio é uma cidade desesperadamente infernal, com o seu calor. E eis que de repente os termômetros se comportam e o céu azula e o ar se limpa e purifica, o mar lava as suas ondas, as árvores pintam de luz o verde das suas folhas e tudo se adoça, dentro e fora dos seres humanos.

E me inquieto e quisera ser ubíqua e onipresente, pois não posso sair daqui, nem um minuto, e perder o Rio, nos seus dias de maio. E Petrópolis, ali, junto, está um delírio de beleza. Teresópolis, Friburgo, Penedo, Itatiaia, São Paulo, Caraguatatuba, Parati e Vila Bela hão de estar igualmente esplendorosas. E que diremos de Salvador e Recife, quem sabe se até Brasília? Pois é maio em todas elas. O que sobremaneira nos inquieta, pois já não será possível festejar o acontecimento em todas essas latitudes.

E vos escrevo, vigiando a paisagem pelas janelas abertas, pois não sei se ficará muito tempo assim à minha espera. E tenho remorsos de ir ao cinema e teatro, pois é um privilégio assistir a tais espetáculos em maio, mas uma tristeza perder um minuto que seja de maio, do lado de fora deles.

E é mister reunir os amigos e amar mais do que nunca os bem-amados e agradecer – ah, não vos esqueçais – aos vossos deuses, não importa quais sejam, o breve, o precário, o maravilhoso privilégio de estardes vivos e sãos e alegres, em maio.

(Elsie Lessa, *A Dama da Noite*, p. 164, Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1963)

EXERCÍCIOS — LISTA 36

1. Aponte os enunciados que são frases, mas não constituem orações:

a) Cuidado!
b) O Brasil exporta minério, café e soja.
c) Meus pêsames!
d) Muito riso, pouco siso.
e) As árvores pintam de luz o verde de suas folhas.

2. Diga quantas orações há em cada verso reproduzido:

a) "A razão **dá-se** a quem **tem**." (Noel Rosa)
b) "**Acabou** a hora do trabalho, **começou** o tempo do lazer." (Arnaldo Antunes)
c) "Seu pensador, **vê** se **decifras** para mim.
Eu já **passei** por tanto horror.
Por que **é** que não **morri**?" (Edvaldo Santana)
d) "O vento **verga** as árvores, o vento clamoroso da aurora." (Mário Quintana)
e) "Toda vez que **toca** o telefone, eu **penso** que **é** você." (Engenheiros do Hawai)
f) "Deus **diz**: **faze** TU, que eu te **ajudarei**. **Madruga** e **verás**, **trabalha** e **terás**." (Glauco Matoso)

3. Divida os períodos em orações, dizendo se se trata de período simples ou composto.

a) As palavras de importação **penetram** na língua graças à influência que as culturas e civilizações **exercem** umas sobre as outras.
b) No decorrer dos séculos, **criaram-se**, no seio da língua, devido ao inventivo povo luso-brasileiro, numerosas palavras que **enriqueceram** nosso vocabulário.
c) **Encontramos**, no vocabulário português, palavras oriundas do grego, do alemão, do árabe, do francês, do inglês, do italiano...

4. Dê exemplos de:

a) uma frase que não é oração;
b) uma frase imperativa que seja oração;
c) uma frase interrogativa que é também oração;
d) uma frase optativa que é também oração;
e) uma frase exclamativa que seja oração;

ANÁLISE SINTÁTICA
Exercícios de exames e concursos
[Página 682]

TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO

São dois os termos essenciais (ou fundamentais) da oração: *sujeito* e *predicado*. Exemplos:

sujeito	**predicado**
Pobreza	não é vileza.
Os sertanistas	capturavam os índios.
Um vento áspero	sacudia as árvores.

Sujeito é o ser do qual se diz alguma coisa.

Predicado é aquilo que se declara do sujeito, ou melhor, é o termo que contém a declaração, referida, em geral, ao sujeito.

1 SUJEITO

O sujeito é constituído por um substantivo ou pronome, ou por uma palavra ou expressão substantivada. Exemplos:

O sino era grande.

Ela tem uma educação fina.

Vossa Excelência agiu com imparcialidade.

Isto não me agrada.

Morrer pela pátria é glorioso.

"Ouvia-se *o matraquear de máquinas de escrever*." (ÉRICO VERÍSSIMO)

O *núcleo* (isto é, a palavra-base) do sujeito é, pois, um substantivo ou pronome. Em torno do núcleo podem aparecer palavras secundárias (artigos, adjetivos, locuções adjetivas, etc.). Exemplo:

"*Todos os ligeiros* **rumores** *da mata* tinham uma voz para a selvagem filha do sertão." (JOSÉ DE ALENCAR)

O sujeito pode ser:

- **simples** – quando tem um só núcleo:

As *rosas* têm espinhos.

"Um *bando* de galinhas-d'angola atravessa a rua em fila indiana." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

- ***composto*** – quando tem mais de um núcleo:

"O *burro* e o *cavalo* nadavam ao lado da canoa." (HERBERTO SALES)

- **expresso** – quando está explícito, enunciado:

  Eu viajarei amanhã.

- **oculto** (ou **elíptico**) – quando está implícito, isto é, quando não está expresso, mas se deduz do contexto:

  Viajarei amanhã. [sujeito: *eu*, que se deduz da desinência do verbo]

  "Um soldado saltou para a calçada e aproximou-se." (ÉRICO VERÍSSIMO)

  [O sujeito, *soldado*, está expresso na primeira oração e elíptico na segunda: e (ele) aproximou-se.]

  Crianças, guardem os brinquedos. [sujeito: *vocês*]

- **agente** – se faz a ação expressa pelo verbo da voz ativa:

  O *Nilo* fertiliza o Egito.

- **paciente** – quando sofre ou recebe os efeitos da ação expressa pelo verbo passivo:

  O *criminoso* é atormentado pelo remorso.

  Muitos *sertanistas* foram mortos pelos índios.

  Construíram-se *açudes*. [= *Açudes* foram construídos.]

- **agente e paciente** – quando o sujeito faz a ação expressa por um verbo reflexivo e ele mesmo sofre ou recebe os efeitos dessa ação:

  O *operário* feriu-se durante o trabalho.

  Regina trancou-se no quarto.

- **indeterminado** – quando não se indica o agente da ação verbal:

  Atropelaram uma senhora na esquina.

  [Quem atropelou a senhora? Não se diz, não se sabe quem a atropelou.]

  Come-se bem naquele restaurante.

  Não confundir sujeito indeterminado com sujeito oculto.

  Sujeito formado por pronome indefinido não é indeterminado, mas expresso:

  Alguém me ensinará o caminho. *Ninguém* lhe telefonou.

  Em português assinala-se a indeterminação do sujeito de três modos:

  a) usando-se o verbo na 3ª pessoa do plural, sem referência a qualquer agente já expresso nas orações anteriores. Exemplos:

     Na rua *olhavam*-no com admiração.

     "*Bateram* palmas no portãozinho da frente." (JOSUÉ GUIMARÃES)

     "De qualquer modo, foi uma judiação *matarem* a moça." (RUBEM BRAGA)

  b) com um verbo ativo na 3ª pessoa do singular, acompanhado do pronome *se*. Exemplos:

     Aqui *se vive* bem.

     Devagar *se vai* ao longe.

     Quando *se é* jovem, a memória é mais vivaz.

     Trata-se de fenômenos que nem a ciência sabe explicar.

     "E *passou-se* a falar em internacionalização da Amazônia." (TIAGO DE MELO)

"Quando *se* é menino, *tem-se* o espírito inteiramente aberto: receptivo, crédulo, esperançoso." (POVINA CAVALCÂNTI)

"*Saía-se* do coração da brenha só para *se ver* o barco." (FERREIRA DE CASTRO)

Observação:

✔ O pronome *se*, neste caso, é índice de indeterminação do sujeito. Pode ser omitido junto de infinitivos: "É difícil *subir* a corrente, mas sobe-se". (MACHADO DE ASSIS)

c) deixando-se o verbo no infinitivo impessoal. Exemplos:

Era penoso *carregar* aqueles fardos enormes.

É triste *assistir* a estas cenas repulsivas.

▪ Posição do sujeito na oração

Normalmente, o sujeito antecede o predicado; todavia, a posposição do sujeito ao verbo é fato corriqueiro em nossa língua. Exemplos:

É facílimo *este problema!*

Vão-se *os anéis*, fiquem *os dedos*.

"Breve desapareceram *os dois guerreiros* entre as árvores." (JOSÉ DE ALENCAR)

"Foi ouvida por Deus *a súplica do condenado*." (RAMALHO ORTIGÃO)

"Mas terás *tu* paciência por duas horas?" (CAMILO CASTELO BRANCO)

"No muro de tijolo vermelho passeavam *lagartixas*." (GRACILIANO RAMOS)

"Para o cargo de primeiro governador do Brasil foi escolhido *o fidalgo Tomé de Sousa*." (EDUARDO BUENO)

▪ Orações sem sujeito

Observe-se a estrutura destas orações:

sujeito	predicado
–	Havia ratos no porão
–	Choveu durante o jogo.

Constata-se que essas orações não têm sujeito. Constituem a enunciação pura e absoluta de um fato, através do predicado; o conteúdo verbal não é atribuído a nenhum ser. São construídas com os verbos impessoais, na 3ª pessoa do singular.

São verbos impessoais:

- *haver* (nos sentidos de *existir, acontecer, realizar-se, decorrer*). Exemplos:

Há plantas venenosas.

Havia quadros nas paredes.

Houve algo de anormal?

Havia três noites que não dormia.

Onde houvesse festas e danças, ali estava ele.

Fora dessas acepções, o verbo *haver* não é impessoal.

Observações:

✔ *Haver* transmite a sua impessoalidade aos verbos que com ele formam locução. Não têm sujeito, portanto, orações como estas:

"*Deve haver* outros implicados."

"Não *podia haver* leis mais sábias."

• *fazer, passar, ser* e *estar*, com referência ao tempo. Exemplos:

Faz dois anos que me formei.

"*Fazia* dias que o Balão não aparecia na porteira do curral." (José J. Veiga)

Hoje *fez* muito calor.

Fazia um frio intenso.

Era no mês de maio.

Era à hora do jantar.

Eram trinta de maio de 1980.

Abria a janela, se *estava* calor.

Olhei o relógio: *passava* das cinco horas da tarde.

Observações:

✔ Os verbos *ser* e *estar* também são impessoais em frases do tipo:

"*Era* como se me achasse num cinema." (Graciliano Ramos)

"*Está* cheio de gente aqui." (Dalton Trevisan)

Se ele não veio é porque está doente.

✔ O verbo *ser*, impessoal, concorda, excepcionalmente, na 3ª pessoa do plural, em frases como:

Eram 25 de março de 1960.

São duas horas da tarde.

Daqui à cidade *são* dez quilômetros.

• *chover, ventar, nevar, gear, relampejar, amanhecer, anoitecer* e outros que exprimem fenômenos meteorológicos. Exemplos:

Chovia torrencialmente.

Ventou muito durante a noite.

Anoiteceu rapidamente.

Nevou no Sul do país.

Usados em sentido figurado, esses verbos têm sujeito e deixam de ser impessoais. Exemplos:

O orador *trovejava* ameaças.

"*Coruscou* um relâmpago de duzentas baionetas." (EUCLIDES DA CUNHA)

"Aí lhe *amanheceram* dias de perfeita ventura." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"*Choviam* sobre a cidadela os projéteis da artilharia francesa." (EDUARDO PRADO)

"*Anoiteci*. Sou treva só." (MÁRIO DA SILVA BRITO)

2 PREDICADO

Há três tipos de predicado: *nominal, verbal* e *verbo-nominal*.

▪ Predicado nominal

Seu núcleo significativo é um nome (substantivo, adjetivo, pronome), ligado ao sujeito por um verbo de ligação. Exemplo:

As moças	*eram*	*encantadoras*
sujeito	verbo de ligação	predicativo do sujeito
	predicado nominal	

Outros exemplos de predicado nominal:

A Terra *é um planeta*. Minha mãe *ficou feliz*.

A ilha *está deserta*. Os atletas *pareciam cansados*.

O espião *é aquele*. O tempo *continua chuvoso*.

O núcleo do predicado nominal chama-se *predicativo do sujeito*, porque atribui ao sujeito uma qualidade ou característica.

Os verbos de ligação (ser, estar, parecer, etc.) funcionam como um elo entre o sujeito e o predicado.

Mais adiante, estudaremos o predicativo e os verbos de ligação com mais profundidade.

▪ Predicado verbal

Seu núcleo é um verbo, seguido, ou não, de complemento(s) ou termos acessórios. Pode ter uma das seguintes estruturas básicas:

a)

sujeito	predicado verbal
Os pessegueiros	**floresceram**.
	↑ verbo intransitivo

Verbo intransitivo é o que tem sentido completo, não precisa de complemento para formar o predicado.

b)

sujeito	predicado verbal	
A família	**chamou**	o médico.
	↑ verbo transitivo direto	↑ objeto direto

Verbo transitivo direto é o que não tem significação completa, precisa de um complemento para inteirar a informação. Esse complemento denomina-se *objeto direto*.

c) sujeito — predicado verbal

Os jovens — **gostam** — de aventuras.

↑ verbo transitivo indireto — ↑ objeto indireto

Verbo transitivo indireto é o que pede um complemento regido de preposição. Esse complemento denomina-se *objeto indireto*.

d) sujeito — predicado verbal

O pintor — **ofereceu** — o quadro — a um amigo.

↑ verbo transitivo direto e indireto — ↑ objeto direto — ↑ objeto indireto

Verbo transitivo direto e indireto é o que se constrói com dois complementos (objeto direto + objeto indireto).

▪ Predicado verbo-nominal

Tem dois núcleos significativos: um verbo e um nome. Pode ser organizado:

a) com verbo intransitivo + predicativo do sujeito:

O soldado **voltou ferido**. [O soldado *voltou* e estava *ferido*.]

b) com verbo transitivo direto + predicativo do sujeito:

O réu **deixou** a sala **abatido**. [O réu *deixou* a sala e estava *abatido*.]

c) com verbo transitivo indireto + predicativo do sujeito:

Eu **assisti** à cena **revoltado**. [Eu *assisti* à cena e estava *revoltado*.]

d) com verbo transitivo direto + predicativo do objeto:

Eu **acho** Denise **bonita**.

O termo *bonita* refere-se ao objeto direto (Denise): é *predicativo do objeto*.

Todos esses tipos de predicado podem ter suas estruturas ampliadas por termos acessórios. Exemplos:

Minha mãe ficou muito feliz com a notícia.

Os pessegueiros floresceram no mês passado.

A família chamou o médico imediatamente.

O pintor ofereceu um belo quadro a um amigo de Campinas.

O soldado voltou da guerra gravemente ferido.

Eu acho Denise, aeromoça da Varig, muito bonita.

Como vemos dos exemplos acima, o verbo é indispensável para a formação do predicado, sendo, quase sempre, o elemento essencial da declaração.

Entretanto, é muito comum a elipse (ou omissão) do verbo, quando este puder ser facilmente subentendido, em geral por estar expresso ou implícito na oração anterior. Exemplos:

"A fraqueza de Pilatos é enorme, a ferocidade dos algozes inexcedível." (MACHADO DE ASSIS) [Está subentendido o verbo *é* depois de *algozes*.]

"Mas o sal está no Norte, o peixe, no Sul." (PAULO MOREIRA DA SILVA) [Subentende-se o verbo *está* depois de *peixe*.]

"A cidade parecia mais alegre; o povo, mais contente." (POVINA CAVALCÂNTI) [Isto é: o povo *parecia* mais contente.]

"Vamos jogar, só nós dois? Você chuta para mim e eu para você." (ANTÔNIO OLINTO) [Está elíptico o verbo *chuto* depois do pronome *eu*.]

A mesa era farta e as iguarias, finas. [Está oculto o verbo *eram* depois do sujeito *iguarias*.]

"– Quando poderei voltar? perguntou Simão.

– Em poucos dias, salvo se as cousas se complicarem." (MACHADO DE ASSIS) [Isto é: *Poderá voltar* em poucos dias...]

EXERCÍCIOS LISTA 37

1. Transcreva somente as frases nominais, isto é, as que se apresentam sem o verbo.

"Ruído de chave na porta, passos leves no corredor." (JORGE AMADO)

Às margens dos rios nasceram muitas cidades brasileiras.

"Ninguém na rua, nesta noite chuvosa." (JOSÉ CONDÉ)

"Faltavam apenas onze dias para o carnaval." (JOSÉ CONDÉ)

2. Classifique as frases quanto ao sentido, conforme se fez na pág. 320:

a) "Um bonito lampião iluminava a varanda." (POVINA CAVALCÂNTI)

b) "Que gentil que estava a espanhola!" (MACHADO DE ASSIS)

c) "O marquês desobedece às ordens de el-rei?" (REBELO DA SILVA)

d) "Filho de Araquém, deita-te na porta da cabana e nunca mais te levantes da terra." (JOSÉ DE ALENCAR)

e) "Quem me dera ser como Casimiro Lopes!" (GRACILIANO RAMOS)

f) "Maldito seja quem arme ciladas no seu caminho!" (DOMINGOS CARVALHO DA SILVA)

3. Transcreva os períodos abaixo antepondo **S** ao período simples e **C** ao composto:

No calor da tarde, Sultão cerra os olhos e dorme.

Elias jamais levou a mulher a um teatro ou a uma sala de concertos.

4. Copie as frases; sublinhe os sujeitos:

a) "Nenhum governo é bom para os homens maus." (MARQUÊS DE MARICÁ)

b) "Tudo passa sobre a terra." (JOSÉ DE ALENCAR)

c) Depois da abdicação do Imperador, em 7 de abril de 1831, nosso país entrou em grande agitação.

d) "Poti e seus guerreiros o acompanharam." (JOSÉ DE ALENCAR)

e) "De repente, entre os ramos das árvores, seus olhos viram sentada, à porta da cabana, Iracema..." (JOSÉ DE ALENCAR)

f) No ano centenário da fundação de nossa cidade, realizaram-se grandes obras.

g) "Nenhum respeito lhes inspiram os cabelos brancos." (CARLOS DE LAET)

h) "Ninguém se fie da felicidade presente." (MACHADO DE ASSIS)

i) "As virtudes são econômicas, mas os vícios, dispendiosos." (MARQUÊS DE MARICÁ)

j) "O dia descobre a terra, a noite descortina os céus." (MARQUÊS DE MARICÁ)

k) "Para onde vai a minha vida, e quem a leva?" (FERNANDO PESSOA)

5. Transcreva as frases; em seguida sublinhe com um traço os núcleos dos sujeitos e com dois os dos predicados.

a) As araras de cores vistosas posavam para os turistas.

b) No inverno as noites são mais longas.

c) Ao longo da praia sucediam-se hotéis, restaurantes, casas luxuosas.

d) As geadas e as secas deixam os lavradores preocupados.

e) À noite, Anselmo voltou para casa exausto.

f) A voz do orador era bonita, mas suas palavras soavam ocas.

g) Furioso, o pasteleiro chinês correu atrás do ladrão.

6. Separe o sujeito do predicado e ponha **S** sobre o primeiro e **P** sobre o segundo:

a) "Perfilam-se corretos seus ilustres batalhadores." (CARLOS DE LAET)

b) Àquela hora ainda não tinham sido acesas as luzes da cidade.

c) Ouviu-se por toda a sala um oh! de decepção.

d) "O patear cadente dos cavalos fazia um ruído cavo na terra empapada pela chuva." (CAMILO CASTELO BRANCO)

e) "Difundia-se nos ares o coro da primeira reza." (EUCLIDES DA CUNHA)

f) Súbito ruflar de asas veio quebrar o solene silêncio da mata.

g) "Na esplanada do Museu alongavam-se cada vez mais sobre as lajes as sombras das estátuas de pedra de mandarins d'antanho." (ÉRICO VERÍSSIMO)

h) "Ouvia-se o matraquear de máquinas de escrever." (ÉRICO VERÍSSIMO)

i) "Saltaram do moderníssimo carro de corrida uma garota e um rapaz." (MARIA DE LOURDES TEIXEIRA)

j) "Por florestas, por vales, por montanhas, serpenteia espumante o Paraíba." (RAIMUNDO CORREIA)

7. Classifique o sujeito das seguintes orações:

Exemplo:

Eu fiz o teste.

Eu: simples, expresso, agente.

a) "Queres tu abandonar teu esposo?" (José de Alencar)

b) As doenças e as guerras ceifam milhares de vidas.

c) "Agora só buscas as praias ardentes." (José de Alencar)

d) Garantir-se-ão os direitos dos cidadãos. [garantir-se-ão = serão garantidos]

e) No colégio ensinaram-me o bom caminho.

f) Aprendem-se muitas coisas com a força de vontade.

g) Não se progride sem esforço.

h) O aqualouco atirou-se do trampolim.

8. Escreva as orações antepondo o predicado ao sujeito:

a) A generosidade cabe aos vitoriosos.

b) Pratos saborosos já fumegavam sobre a grande mesa.

c) O movimento de pedestres pouco a pouco vai diminuindo nas ruas.

d) As plantações, vastas e belas, ali estavam como prova do seu esforço.

e) A rapidez e a agilidade dos esgrimistas eram impressionantes.

f) O ouro negro vai jorrar das entranhas da terra até quando?

9. Escreva as orações abaixo, numerando-as de acordo com a seguinte classificação:

(1) Orações sem sujeito

(2) Orações com sujeito indeterminado

(3) Orações com sujeito oculto

Júlio, no clube falaram mal de você.

Embaixo da árvore havia pedras espalhadas.

Apertamo-nos as mãos amigavelmente.

Não faz muito tempo, houve ali um motim.

Naquela cidadezinha da Espanha, uma vez por ano, soltam um touro na rua.

Trabalha-se de dia, descansa-se à noite.

No trabalho, use equipamento de proteção.

10. Copie a frases e sublinhe os verbos impessoais, orientando-se pelo item **"Orações sem sujeito"**.

a) "Havia muitos anos que não vinha ao Rio." (Aníbal Machado)

b) Fazia frio e ventava muito.

c) Faz duas semanas que cheguei.

d) Aqui, quando chove, não se sai de casa.

e) Houve ataques em que choveram balas e granadas.

f) Era uma bela tarde de maio; as lojas da pequena cidade já haviam cerrado as portas.

g) "Ia fechar a janela próxima, se havia alguma brisa, ou abri-la, se estava calor." (MACHADO DE ASSIS)

h) "Quando os encontrava na rua, era como se não os conhecesse." (ARTUR AZEVEDO)

i) "Pois ninguém deixa de bater, se sabe que tem gente do outro lado." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

j) "Vislumbrou o despertador de mostrador cintilante: passava das quatro horas da manhã." (JOSÉ FONSECA FERNANDES)

11. Transcreva as frases abaixo; sublinhe e numere os predicados de acordo com sua classificação:

(1) **nominal** (2) **verbal** (3) **verbo-nominal**

Soa um toque áspero de trompa.

Os estudantes saem das aulas cansados.

"A distância alimenta o sonho." (ANÍBAL MACHADO)

"Eram sólidos e bons os móveis." (MACHADO DE ASSIS)

Toda aquela dedicação deixava-o insensível.

"Um oficial militar caíra ferido." (CAMILO CASTELO BRANCO)

Assistimos à cena estarrecidos.

No município paulista de Iporanga existem belíssimas grutas.

Devido às fortes chuvas, os rios estavam cheios.

12. Escreva orações que tenham as seguintes estruturas:

a) sujeito + verbo de ligação + predicativo do sujeito

b) sujeito + verbo transitivo direto + objeto direto

13. Reconheça os verbos elípticos:

a) "Os varões olhavam-no com respeito, alguns com inveja, não raros com incredulidade." (MACHADO DE ASSIS)

b) "É transparente o céu, liso o mar, calmo o espaço." (TEÓFILO DIAS)

c) Eles se orgulham de suas misérias como Antístenes de seus andrajos.

d) "O nosso amigo não pode, por enfermo, realizar sua preleção." (CARLOS DE LAET)

e) "Eu ensinarei dança, e tu piano e canto." (CAMILO CASTELO BRANCO)

f) "Três dias depois, amanhecera o piano engalanado de flores... e a casa preparada para a recepção dos pretendentes." (ANÍBAL MACHADO)

g) "Dona Eusébia vigiava-nos, mas pouco." (MACHADO DE ASSIS)

h) "Alguns colegas entenderam-me; outros não." (CARLOS DE LAET)

i) "Quando adolescente, estudante em Salvador, participei dos festejos da noite de São João." (POVINA CAVALCÂNTI)

j) "O céu, à tarde, cada vez se tornava mais vermelho, os ventos mais quentes, mais forte a claridade." (ADONIAS FILHO)

k) "Não fiz o artigo, a revista não saiu, a literatura francesa não perdeu nada com isso, a brasileira muito menos." (RUBEM BRAGA)

l) "No caminho encontrou um velho amigo e perguntou a ele aonde ia. Disse o amigo que ao céu." (MILLÔR FERNANDES)

14. Em "Ouviram do Ipiranga as margens plácidas/De um povo heroico o brado retumbante...", início do Hino Nacional brasileiro, o sujeito é:

a) oculto

b) indeterminado

c) as margens plácidas

d) um povo

15. Identifique a(s) alternativa(s) que apresenta(m) oração sem sujeito.

a) Em sua gestão, houve muitos conflitos entre índios e garimpeiros.

b) Choviam elogios de todos os lados.

c) Existem muitas pessoas feridas ainda sem socorro.

d) Nadavam lado a lado o americano e o árabe.

e) Naquela região do país, neva durante o inverno.

16. Escreva as orações transformando os predicados verbais em verbo-nominais.

Os jogadores viajaram.

Os jogadores viajaram confiantes.

a) O sol surgiu no horizonte.

b) Os professores entraram na sala.

c) Os alunos assistiram ao jogo.

d) Encontraram a filha de Adélia.

17. Se necessário, acrescente complementos aos verbos. Em seguida, classifique-os quanto à predicação.

a) As crianças já chegaram.

b) Para a festa traremos.

c) Os organizadores ofereceram.

d) Depois de uma conversa, lembrei-me.

e) Nossos antepassados sempre acreditaram.

f) As suas irmãs andam.

18. Escreva as orações de modo que passem a apresentar **sujeito paciente**.

a) O amor inundava seus corações.

b) Carlos dispensou o motorista.

c) Se não agirmos, as queimadas destruirão as florestas.

19. Lembrando-se de que as orações sem sujeito são construídas com verbos impessoais, sempre usados na terceira pessoa do singular, substitua os símbolos pelos verbos entre parênteses, nos tempos e pessoas adequados.

a) Durante os anos da guerra, ainda • quadros nas paredes da antiga mansão. (haver)

b) • algo estranho na aula passada? (haver)

c) Já • dois anos que moro nesta cidade. (fazer)

d) Onde • livros e revistas, ali poderíamos encontrar Júlio. (haver)

e) • primavera. O céu estava azul e o sol radioso. (ser)

20. Identifique a alternativa em que não aparece sujeito indeterminado.

a) Está muito frio hoje.

b) Vive-se bem nesta cidadezinha!

c) Durante as comemorações, trouxeram muitos brinquedos para os os garotos do orfanato.

d) Come-se bem neste restaurante.

e) Fala-se muito mal de estrangeiros por aqui, não?

3 PREDICAÇÃO VERBAL

Chama-se **predicação verbal** o modo pelo qual o verbo forma o predicado.

Há verbos que, por natureza, têm sentido completo, podendo, por si mesmos, constituir o predicado: são os verbos de *predicação completa*, denominados **intransitivos**. Exemplos:

As flores *murcharam*.

Os animais *correm*.

As folhas *caem*.

"Os inimigos dos Moreiras *rejubilaram*." (Graciliano Ramos)

"A mão *ardia* e o dedo *inchava*." (Luís Jardim)

"E *espocavam* gargalhadas no grupo..." (Aluísio Azevedo)

Outros verbos há, pelo contrário, que para integrar o predicado necessitam de outros termos: são os verbos de *predicação incompleta*, denominados **transitivos**. Exemplos:

João *puxou* a rede.

"Não *invejo* os ricos, nem *aspiro* à riqueza." (Otto Lara Resende)

"Não *simpatizava* com as pessoas investidas no poder." (Camilo Castelo Branco)

"*Julgava*-o um aluado." (Ciro dos Anjos)

Observe que, sem os seus complementos, os verbos *puxou, invejo, aspiro,* etc. não transmitiriam informação completa: puxou *o quê*? Não invejo *a quem*? Não aspiro *a quê*?

Os verbos de predicação completa denominam-se *intransitivos* e os de predicação incompleta, *transitivos*.

Os verbos transitivos subdividem-se em:

- transitivos diretos
- transitivos indiretos
- transitivos diretos e indiretos (bitransitivos)

Além dos verbos transitivos e intransitivos, que encerram uma noção definida, um conteúdo significativo, existem os *de ligação*, verbos que entram na formação do predicado nominal, relacionando o predicativo com seu sujeito, como adiante se verá.

4 CLASSIFICAÇÃO DOS VERBOS QUANTO À PREDICAÇÃO

Quanto à predicação, classificam-se, pois, os verbos em:

▪ Intransitivos

São os que não precisam de complemento, pois têm sentido completo. Exemplos:

"Três contos *bastavam*, insistiu ele." (MACHADO DE ASSIS)
"Os guerreiros tabajaras *dormem*." (JOSÉ DE ALENCAR)
"A pobreza e a preguiça *andam* sempre em companhia." (MARQUÊS DE MARICÁ)
"As sovas de meu pai *doíam* por muito tempo." (MACHADO DE ASSIS)
"*Fui* e *parei* diante dele." (MACHADO DE ASSIS)
"O padre *apareceu* e logo o burburinho *cessou*." (COELHO NETO)

Observações:

✔ Os verbos intransitivos podem vir acompanhados de um adjunto adverbial e mesmo de um predicativo (qualidade, característica):

Fui *cedo*.
Passeamos *pela cidade*.
Cheguei *atrasado*.
Entrei *em casa aborrecido*.

✔ As orações formadas com verbos intransitivos não podem "transitar" (= passar) para a voz passiva.

✔ Verbos intransitivos passam, ocasionalmente, a transitivos quando construídos com objeto direto ou indireto.

"Inutilmente a minha alma *o chora*!" (CABRAL DO NASCIMENTO)
"Depois me deitei e *dormi um sono pesado*." (LUÍS JARDIM)
"*Morrerás morte* vil da mão de um forte." (GONÇALVES DIAS)
"Inútil tentativa de *viajar o passado*, penetrar no mundo que já morreu..." (CIRO DOS ANJOS)
"Os olhos pestanejavam e *choravam lágrimas quentes*..." (GRACILIANO RAMOS)
"*Sorriu* para Holanda *um sorriso* ainda marcado de pavor." (VIANA MOOG)
"Tinha a testa enrugada, como quem *vivera vida* de contínuo pensar." (ALEXANDRE HERCULANO)
"Pouco dinheiro *basta ao homem* sóbrio e econômico." (AULETE)

✔ Alguns verbos essencialmente intransitivos: *anoitecer, crescer, brilhar, ir, agir, sair, nascer, latir, rir, tremer, brincar, chegar, vir, mentir, suar, adoecer*, etc.

▪ Transitivos diretos

São os que pedem um *objeto direto*, isto é, um complemento sem preposição.
Exemplos:

Comprei um terreno e *construí* a casa.

"Trabalho honesto *produz* riqueza honrada." (MARQUÊS DE MARICÁ)

"Então, solenemente Maria *acendia* a lâmpada de sábado." (GUEDES DE AMORIM)

"As poucas vezes que o *visitei* foi por motivo de doença dele." (MÁRIO DE ALENCAR)

"Simão Bacamarte não o *contrariou*." (MACHADO DE ASSIS)

Dentre os verbos transitivos diretos merecem destaque os que formam o predicado verbo-nominal e se constroem com um complemento acompanhado de predicativo, como vimos no capítulo anterior. Exemplos:

Consideramos o caso extraordinário.

Inês *trazia* as mãos sempre limpas.

Julgo Marcelo incapaz disso.

O povo *chamava*-os de anarquistas.

"Deus vos *fez* padre e bispo." (CARLOS DE LAET)

"Ele *achou* estranho o cerimonial." (ÉRICO VERÍSSIMO)

"Todos a *tratam* por madame." (VIVALDO COARACI)

"Já outro dia, *encontrei*-a muito prevenida." (CIRO DOS ANJOS)

Pertencem a esse grupo:

julgar, chamar, nomear, eleger, proclamar, designar, considerar, declarar, adotar, ter, fazer, tornar, encontrar, deixar, ver, coroar, sagrar, achar, etc.

Observações:

✔ Os verbos transitivos diretos, em geral, podem ser usados também na voz passiva.

✔ Outra característica desses verbos é a de poderem receber, como objeto direto, os pronomes **o, a, os, as**: *convido-o, encontro-os, incomodo-a, conheço-as.*

✔ Verbos transitivos diretos podem ser construídos, acidentalmente, com preposição, a qual lhes acrescenta novo matiz semântico: *arrancar da espada; puxar da faca; pegar de uma ferramenta; tomar do lápis; cumprir com o dever.*

✔ Alguns verbos transitivos diretos: *abençoar, achar, acolher, avisar, abraçar, comprar, castigar, contrariar, convidar, desculpar, dizer, estimar, elogiar, entristecer, encontrar, ferir, imitar, levar, perseguir, prejudicar, receber, saudar, socorrer, ter, unir, ver,* etc.

▪ Transitivos indiretos

São os que reclamam um complemento regido de preposição, chamado *objeto indireto*.
Exemplos:

"Ninguém *perdoa* ao quarentão que *se apaixona* por uma adolescente." (CIRO DOS ANJOS)

"Populares *assistiam* à cena aparentemente apáticos e neutros." (ÉRICO VERÍSSIMO)

"Lúcio não *atinava* com essa mudança instantânea." (JOSÉ AMÉRICO)

"Do que eu mais *gostava* era do tempo do retiro espiritual." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

"Não *sucedesse* a morte à vida!" (CABRAL DO NASCIMENTO)

"*Desinteressa-se* totalmente de você." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

"Dr. Leandro *proverá* a tudo." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

"Nem nos sonhos cheguei a *aspirar* a tal emprego." (CIRO DOS ANJOS)

"As coisas *obedeciam* ao seu tempo regular." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"Quem ouvir pensará que estou *atirando* aos nhambus, claro." (GUIMARÃES ROSA)

"*Ansiava* pelo novo dia que vinha nascendo." (FERNANDO SABINO)

"O luxo *contribuiu* para a sua ruína." (AULETE)

"O ator não teria dinheiro para lhe *pagar*." (FERNANDO NAMORA)

"*Sucedi*-lhe no cargo de diretor do Arquivo Histórico..." (CIRO DOS ANJOS)

"Aqui tem já Vossa Excelência três pessoas que lhe *querem* muito." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Não acreditava que Deus lhe *houvesse perdoado* enquanto lhe não restituísse o filho." (CAMILO CASTELO BRANCO)

Entre os verbos transitivos indiretos importa distinguir:

a) Os que se constroem com os pronomes objetivos *lhe, lhes*. Em geral, são verbos que exigem a preposição **a**: *agradar-lhe, agradeço-lhe, apraz-lhe, bate-lhe, desagrada-lhe, desobedecem-lhe, interessa-lhe, obedece-lhe, paga-lhe, perdoo-lhe, quero-lhe* (= *quero-lhe bem*), *resiste-lhe, repugna-lhe, sucede-lhe, valeu-lhe*, etc.

b) Os que não admitem para objeto indireto as formas oblíquas *lhe, lhes*, construindo-se com os pronomes retos precedidos de preposição: *aludir a ele, anuir a ele, assistir a ela, atentar nele, depender dele, investir contra ele, não ligar para ele, recorrer a ele, simpatizar com ele*, etc.

Principais verbos transitivos indiretos:

abusar (de)	cuidar (de)	obedecer (a)
aludir (a)	cogitar (em, de)	obstar (a)
assistir (a)	conspirar (contra)	pagar (a)
anuir (a)	carecer (de)	perdoar (a)
aspirar (a)	crer (em)	presidir (a)
aprazer (a)	confiar (em)	precisar (de)
ansiar (por)	contribuir (para)	querer (a)
atentar (em)	gostar (de)	recorrer (a)
agradar (a)	interessar (a)	repugnar (a)
atirar (a, em, contra)	investir (contra, com)	resistir (a)
bater (em) [= espancar]	lutar (contra)	valer (a)
contentar-se (com, de, em)	lembrar-se (de)	zombar (de)

Observações:

✔ Em princípio, verbos transitivos indiretos não comportam a forma passiva. Excetuam-se *pagar, perdoar, obedecer*, e poucos mais, usados também como transitivos diretos:

João paga (perdoa, obedece) o médico. → *O médico é pago (perdoado, obedecido) por João.*

✔ Há verbos transitivos indiretos, como *atirar, investir, contentar-se*, etc., que admitem mais de uma preposição, sem mudança de sentido. Outros mudam de sentido com a troca da preposição, como nestes exemplos:

Trate de sua vida. [*tratar* = cuidar]

É desagradável *tratar com* gente grosseira. [*tratar* = lidar]

✔ Verbos como *aspirar, assistir, dispor, servir*, etc. variam de significação conforme sejam usados como transitivos diretos ou indiretos. Exemplo: *aspirar* o perfume (absorver), *aspirar* a um cargo (desejar).

▪ Transitivos diretos e indiretos

São os que se usam com *dois objetos*: um direto, outro indireto, concomitantemente. Exemplos:

No inverno, Dona Cleia *dava* roupa aos pobres.

A empresa *fornece* comida aos trabalhadores.

Oferecemos flores à noiva.

Ceda o lugar aos mais velhos.

Perdoa-lhe tudo. [= *perdoa* tudo a ele]

"A sua intuição *preveniu*-a de uma desgraça." (Fernando Namora)

"*Causou*-me dó a morte do avô." (Luís Jardim) [*Causou* dó a mim...]

"*Ensinamos* técnicas agrícolas aos camponeses." (Érico Veríssimo)

"Era o que eu faria, se ela me *preferisse* a você." (A. Olavo Pereira)

"*Expliquei* isso a ele, disse adeus e fui andando." (José J. Veiga)

"O século XX *familiarizou* o homem com a máquina." (Aurélio)

Principais verbos transitivos diretos e indiretos (bitransitivos):

atirar, atribuir, dar, doar, ceder, apresentar, ofertar, oferecer, pedir, prometer, explicar, ensinar, proporcionar, perdoar, pagar, preferir, devolver, chamar, entregar, perguntar, informar, aconselhar, propor, prevenir, relatar, narrar.

▪ De ligação

Os que ligam ao sujeito uma palavra ou expressão chamada *predicativo*. Esses verbos, como já vimos, entram na formação do predicado nominal. Exemplos:

A Terra *é* móvel.

A água *está* fria.

O moço *anda* (= está) triste.

Mário *encontra-se* doente.

A lua *parecia* um disco.

As crianças *tornam-se* rebeldes.

A crisálida *vira* borboleta.

Pedro *fez-se* lívido.

O dia *continuava* chuvoso.

Ele *permaneceu* sentado.

João *ficou* zangado.

O fato *pareceu-lhe* estranho.

A Lua *ia* (= estava) alta.

Minha proposta *saiu* vitoriosa.

A operação *resultou* inútil.[1]

As matrículas *acham-se* abertas.

Observações:

✔ Os verbos de ligação não servem apenas de nexo, mas exprimem ainda os diversos aspectos sob os quais se considera a qualidade atribuída ao sujeito. O verbo *ser*, por exemplo, traduz aspecto permanente e o verbo *estar*, aspecto transitório:

Ele *é* doente. → aspecto permanente

Ele *está* doente. → aspecto transitório

✔ Muitos desses verbos passam à categoria dos intransitivos em frases como:

Era (= existia) uma vez uma princesa.

Eu não *estava* em casa.

Fiquei à sombra. *Anda* com dificuldades. *Parece* que vai chover.

Os verbos, relativamente à predicação, não têm classificação fixa, imutável. Conforme a regência e o sentido que apresentam na frase, podem pertencer ora a um grupo, ora a outro. Assim:

O homem *anda*. *(intransitivo)*

O homem *anda* triste. *(de ligação)*

O cego não *vê*. *(intransitivo)*

O cego não *vê* o obstáculo. *(transitivo direto)*

Deram 12 horas. *(intransitivo)*

A terra *dá* bons frutos. *(transitivo direto)*

Não *dei* com a chave do enigma. *(transitivo indireto)*

Os pais *dão* conselhos aos filhos. *(transitivo direto e indireto)*

▪ Verbos vicários

Verbos **vicários** são os que substituem outro verbo, na mesma frase, e que se empregam para evitar a repetição do que foi expresso antes. Usam-se como vicários os verbos *ser* e *fazer*. Exemplos:

Se a professora reclama *é* porque não a respeitam. [*é* = reclama]

O pouco que aprendi *foi* com meu velho pai. [*foi* = aprendi]

Visita seu mestre todos os anos e *o faz* como quem cumpre um ritual. [*o faz* = visita seu mestre]

As moças desfilavam, uma a uma, diante de nós, e *o faziam* com naturalidade e graça. [*o faziam* = desfilavam]

(1) Não faltam, em escritores modernos, exemplos do verbo *resultar* usado com predicativo: "Que importava que o convívio humano aparentemente *resultasse inútil*?" (FERNANDO NAMORA, *O Homem Disfarçado*, p. 39).

EXERCÍCIOS LISTA 38

1. Reorganize as duas colunas fazendo a correspondência correta da predicação dos verbos:

O animal **obedece** a seus instintos.	intransitivo
Os metais **são** úteis.	transitivo direto
As crianças **gritavam**.	transitivo indireto
Chamei um técnico.	transitivo direto e indireto
Daremos o prêmio ao vencedor.	de ligação

2. Escreva as orações, antepondo (**a**) ou (**b**), conforme ocorrer verbo intransitivo ou transitivo direto:

Abri a caixa com cuidado.

O egoísmo **cerra** o coração.

O paraquedas não **abriu**.

O eco **repercutiu** ao longe.

3. Copie apenas a oração cujo verbo é transitivo indireto:

Passavam mulheres e crianças em direção ao rio.

Dentro das gaiolas, macaquinhos salientes **provocavam** risos.

Poucos **resistem** à pressão da publicidade comercial.

4. Numere as orações abaixo de acordo com a tabela, atendendo à predicação dos verbos:

(1) intransitivo

(2) transitivo direto

(3) transitivo indireto

(4) transitivo direto e indireto

(5) de ligação

As orquídeas **gostam** de ambientes úmidos e quentes.

Crianças morenas de olhos sonhadores **brincavam** nas calçadas.

O desfile das escolas de samba **foi** um espetáculo deslumbrante.

A televisão **deve** às crianças programações mais ricas e educativas.

No centro da praça um fabuloso baobá **atraiu** nossa atenção.

5. No período "Ivone **andava** depressa, **parecia** preocupada e não **respondia** às minhas perguntas", os verbos são, pela ordem:

a) transitivo direto – de ligação – transitivo indireto

b) intransitivo – de ligação – transitivo indireto

c) de ligação – intransitivo – transitivo direto e indireto

6. Transcreva somente as orações em que NÃO há erro quanto à classificação do verbo:

Ela participou de uma série de festivais. (transitivo indireto)

Neide apresentou-me a seus pais. (transitivo direto e indireto)

A costureira pagou a conta? (transitivo direto)

Pagou a conta à costureira? (transitivo direto e indireto)

As feras rugiam em suas jaulas. (transitivo indireto)

Estrondavam trovões a cada instante. (intransitivo)

Meus prognósticos estariam certos? (de ligação)

O pânico apoderou-se de nós. (transitivo indireto)

7. Escreva as orações na ordem inversa (predicado antes do sujeito); em seguida, responda:

a) Os gêneros alimentícios encarecem dia a dia.

b) A produção de cana-de-açúcar cresceu muito?

c) Artistas e personalidades famosas dançaram ao som da orquestra.

d) Uma brisa suave soprava do lado do mar.

e) Todos os vossos mirabolantes planos cairão por terra como castelos de areia.

Todos os verbos deste exercício são intransitivos ou transitivos?

8. Substitua os asteriscos por complementos adequados aos verbos transitivos indiretos:

Os pais preocupam-se *****.

Assistimos, maravilhados, *****.

Em nosso encontro, Samuel aludiu *****.

Muitos trabalhadores não aderiram *****.

Emilio apaixonou-se *****.

9. Classifique os verbos quanto à predicação:

a) A secretária ficou indecisa: comunicaria, ou não, o fato ao diretor?

b) A Horácio não interessavam tais conversas, embora não fossem totalmente fúteis.

c) Dei condução à professora, com a qual, aliás, eu simpatizava muito.

d) Aspirávamos ao título de pentacampeões e julgávamos fácil a vitória.

e) "Marcela ofereceu-me polidamente o refresco." (Machado de Assis)

f) "Não estou doente, minha filha. A palidez é a minha cor natural." (Camilo Castelo Branco)

g) "Ansiava pelo novo dia que vinha nascendo." (Fernando Sabino)

h) "Abriu a porta e aspirou o ar." (Dalton Trevisan)

i) "Mencionarei também aqueles a quem Loiola chamava *cometas*." (Herman Lima)

j) "E sorriu um sorriso cheio de doçura e de satisfação." (Jorge Amado)

10. Releia o parágrafo sobre **verbos vicários** e, em seguida, invente frases com os verbos **ser** e **fazer**.

5 PREDICATIVO

Há o predicativo do sujeito e o predicativo do objeto.

▪ Predicativo do sujeito

É o termo que exprime um atributo, um estado ou modo de ser do sujeito, ao qual se prende por um verbo de ligação, no predicado nominal. Exemplos:

sujeito	**verbo de ligação**	**predicativo do sujeito**
A bandeira	é	o símbolo da Pátria.
A mesa	era	de mármore.
O mar	estava	agitado.
A ilha	parecia	um monstro.
Todos	andam [= estão]	apreensivos.
Eu	não sou	ele.
Os premiados	foram	dois.
As crianças	estavam	com fome.
A árvore	ficou	sem folhas.
A tentativa	resultou	inútil.
Eles	devem ser	irmãos.
As águas	podiam estar	poluídas.
O portão	permanecerá	fechado.
A vida	tornou-se	insuportável.

Além desse tipo de predicativo, existe outro que entra na constituição do predicado verbo-nominal. Exemplos:

O trem chegou *atrasado*. [= O trem chegou *e estava atrasado*.]

O menino abriu a porta *ansioso*.

Todos partiram *alegres*.

Marta entrou *séria*.

O professor sorriu *satisfeito*.

O prisioneiro foi encontrado *morto*.

O soldado foi julgado *incapaz*.

Ele será eleito *presidente*.

Ele é tido por *sábio*.

O cosmonauta foi aclamado como *herói*.

Lembro-me dela *com saudade*. [= Lembro-me dela *saudoso*.]

Observações:

✔ O predicativo subjetivo às vezes está preposicionado.

✔ Pode o predicativo preceder o sujeito e até mesmo o verbo:

São *horríveis* essas coisas!

Que *linda* estava Amélia!

Completamente *feliz* ninguém é.

Raros são os verdadeiros líderes.

Quem são esses homens?

Lentos e *tristes*, os retirantes iam passando.

Novo ainda, eu não entendia certas coisas.

Onde está a criança *que* fui?

▪ Predicativo do objeto

É o termo que se refere ao objeto de um verbo transitivo. Exemplos:

sujeito	verbo e objeto	predicativo do objeto
O juiz	declarou o réu	inocente.
O povo	elegeu-o	deputado.
As paixões	tornam os homens	cegos.
Nós	julgamos o fato	milagroso.
Os presos	tinham os pés	inchados.
Ela	adotou-o	por filho.
Muitos	consideram-no	(como) um sábio.
Alguns	chamam-no	(de) impostor.
Os inimigos	chamam-lhe	(de) traidor.
As batalhas	sagraram-no	herói.
A doença	deixou-me	sem apetite.
A mãe	viu-o	desanimado.
Silvinho	acha-se	um gênio.

Observações:

✔ O predicativo objetivo, como vemos dos exemplos acima, às vezes vem regido de preposição. Esta, em certos casos, é facultativa.

✔ O predicativo objetivo geralmente se refere ao objeto direto. Excepcionalmente, pode referir-se ao objeto indireto do verbo *chamar*: *Chamavam-lhe poeta*.

✔ Podemos antepor o predicativo a seu objeto:

O advogado considerava *indiscutíveis* os direitos da herdeira.

Julgo *inoportuna* essa viagem.

"E até *embriagado* o vi muitas vezes." (Camilo Castelo Branco)

"Tinha *estendida* a seus pés uma planta rústica da cidade." (Érico Veríssimo)

"Sentia ainda muito *abertos* os ferimentos que aquele choque com o mundo me causara." (Lima Barreto)

EXERCÍCIOS LISTA 39

1. Transcreva os períodos em seu caderno e sublinhe com um traço os predicativos do sujeito:

a) A noite era serena.

b) Estavam roxos os olhos da criança.

c) A atriz permaneceu sentada e parecia abatida.

d) O gato de porcelana virou um monte de cacos.

e) A chuva continuava forte e as ruas ficaram alagadas e intransitáveis.

f) Uns partem tristes, outros chegam alegres.

g) Meu tio foi nomeado embaixador.

h) Ando desconfiado, esse homem parece um espião.

i) Uns saíram prejudicados, outros acabaram pobres.

j) "Que passassem! Livre estava o trânsito para a direita." (ANÍBAL MACHADO)

k) A situação foi considerada pelo governador como gravíssima.

l) Afável e comunicativo, o técnico chegou a brincar com os repórteres que o procuraram.

2. Copie as frases; em cada uma há mais de um predicativo do sujeito. Sublinhe-os:

a) Belém hoje é um grande porto e centro comercial.

b) A terra é fértil, os rios piscosos e abundante a caça.

c) Sentada estava e sentada ficaria até que o filho retornasse.

d) A chuva refrescou o ar, a noite cai leve e serena.

e) Tudo isso que você me diz é inaudito, absurdo, insensato.

f) Sílvio levantou-se rápido, abriu a porta e estacou surpreso.

g) Devido à sua grande popularidade, a vida do artista tornou-se agitada, cansativa, insuportável.

3. Escreva as frases colocando o predicativo do sujeito em três posições diferentes, como no exemplo:

O coração de Nosso Senhor é **misericordiosíssimo**.

É **misericordiosíssimo** o coração de Nosso Senhor.

Misericordiosíssimo é o coração de Nosso Senhor.

a) Os verdadeiros líderes são **raros**.

b) O sertanejo que tangia as reses era **magro e de rosto duro**.

c) Aquela selva era **tão cerrada e hostil** que ninguém ousava penetrá-la.

4. Troque a expressão em destaque pelo predicativo do sujeito, como no exemplo:

Marta reviu **com emoção** a casa em que nascera.

Marta reviu **emocionada** a casa em que nascera.

a) Teresa me escutou **com atenção**, mas acabou rindo-se de meus conselhos.

b) Os policiais avançaram **com cautela** por entre arbustos e pedras.

c) As duas meninas bateram à porta **com impaciência**, gritando pela empregada.

d) Vilma olhou **com tristeza** para a mãe e sentiu uma vontade enorme de abraçá-la.

5. Transcreva as frases, sublinhando com um traço os predicativos do objeto:

a) "Os vencidos julgaram mais decoroso o silêncio." (MACHADO DE ASSIS)

b) "Olhou para as suas terras e viu-as incultas e maninhas." (CARLOS DE LAET)

c) O juiz deu por terminada a audiência e foi para outra sala.

d) "Meus progressos na escola faziam-me vaidoso." (POVINA CAVALCÂNTI)

e) Receava que o tomassem por malfeitor.

f) "Sempre os imaginei como ingênuas crianças." (OSMAN LINS)

g) Aquelas barbaridades punham-me fremente de cólera.

h) Acho indiscutíveis os teus direitos.

i) "Deram-me como bastante conhecedora da língua." (CAMILO CASTELO BRANCO)

j) "A Heródoto chamam o pai da História." (JOÃO RIBEIRO)

6. Copie as frases; sublinhe com um traço os predicativos do sujeito e com dois os predicativos do objeto:

a) A prosperidade fê-lo orgulhoso.

b) Passada a tempestade, o lugarejo reapareceu calmo, lavado.

c) Tenho a notícia por inverídica.

d) Tinham como inevitável a morte do refém.

e) Julgaram-no incapaz de exercer o cargo.

f) O rapaz ficou imóvel na poltrona, fingindo-se doente.

g) A rica viúva o adotou por filho.

h) O avarento tem o ouro por seu deus.

i) "Em toda parte andava acesa a guerra." (LUÍS DE CAMÕES)

j) O tempo ia sereno posto que frio." (ALEXANDRE HERCULANO)

k) "Não te vá iludir essa alegria, que é tão dos outros e tão pouco tua." (OLEGÁRIO MARIANO)

l) "A pequena cultura de chá torna alegre outra vez a terra abandonada." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

m) "Apagaremos tudo, só ficarão acesas as velas." (LÍGIA FAGUNDES TELLES)

n) "Só esperamos que eles não tenham trazido escondidos hipopótamos, gorilas, hienas, nem tigres e leões que vivem nas suas imensas florestas." (*JORNAL DO BRASIL*, 22/6/1974)

o) As adolescentes surgiram lindas, em seus vestidos vaporosos.

7. Como o exercício precedente:

a) Nunca o vi triste.

b) César foi aclamado imperador.

c) Encontrei a sala desarrumada.

d) "Esse canto é de dor ou de alegria?" (OLEGÁRIO MARIANO)

e) A imaginação torna presentes os dias passados.

f) "O que fazia engraçadíssima Carlota eram as espessas sobrancelhas." (CAMILO CASTELO BRANCO)

g) "Fiquei desconsolado com esta reflexão, chamei-me pródigo." (MACHADO DE ASSIS)

h) Fina e persistente, a chuva caía sobre a cidade triste.

i) "A terra despertava triste." (EUCLIDES DA CUNHA)

j) "Descubra as reservas de bravura que você há de ter escondidas." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

k) "Bons ou maus, esses homens são nossos aliados." (ÉRICO VERÍSSIMO)

l) "Como eram gostosas as pitombas, que eu preferia verdosas, porque eram carnudas." (POVINA CAVALCÂNTI)

m) "Enorme e brilhante, erguia-se sobre os homens a cruz de ouro." (LUÍS HENRIQUE TAVARES)

n) O homem não pode aceitar como suas as regras da máquina.

o) "As mulheres o achavam um homem fascinante." (RUBEM FONSECA)

p) O cliente acusou o advogado de omisso e incompetente.

8. Faça concordar os predicativos com os respectivos objetos diretos:

a) Vi **ancorado** na baía os navios petrolíferos.

b) A luz jorrou forte e tornou **visível** os quadros das paredes.

c) Ele manteve **estendido** sobre a mesa a planta do prédio.

d) O cineasta já tem quase **pronto** seus dois novos filmes.

e) Os invasores retiraram-se, deixando **gravado** nos muros palavras insultuosas.

TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO
Exercícios de exames e concursos
[Página 683]

TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO

Chamam-se **termos integrantes da oração** os que completam a significação transitiva dos verbos e nomes. *Integram* (inteiram, completam) o sentido da oração, sendo por isso indispensáveis à compreensão do enunciado.

São os seguintes:

a) complementos verbais: objeto direto e objeto indireto

b) complemento nominal

c) agente da passiva

1 OBJETO DIRETO

Objetivo direto é o complemento dos verbos de predicação incompleta, não regido, normalmente, de preposição. Exemplos:

As plantas purificam **o ar**.

"Nunca mais ele arpoara **um peixe-boi**." (Ferreira de Castro)

Procurei **o livro**, mas não **o** encontrei.

Ninguém **me** visitou.

Esta é a casa **que** eu vendi.

Houve **grandes festejos**.

Tia Mirtes já não sentia **dor nem cansaço**.

O povo aclamou **o imperador e a imperatriz**.

"Mendonça cumprimentou-**as** respeitosamente." (Machado de Assis)

"Tão leve estou que já nem **sombra** tenho." (Mário Quintana)

"**Lembranças** havia que eram úlceras incuráveis da memória." (Érico Veríssimo)

A) O objeto direto tem as seguintes características:

- completa a significação dos verbos transitivos diretos;
- normalmente, não vem regido de preposição;
- *traduz* o ser sobre o qual recai a ação expressa por um verbo ativo:
  Caim matou **Abel**.

- Torna-se sujeito da oração na voz passiva:
  Abel foi morto por Caim.

B) O objeto direto pode ser constituído:

- por um substantivo ou expressão substantivada:
  O lavrador cultiva a **terra**.
  Unimos o **útil** ao agradável.

- pelos pronomes oblíquos *o, as, os, as, me, te, se, nos, vos*:
  Espero-**o** na estação.
  Ela **nos** chama.
  Estimo-**os** muito.
  Avisamo-**lo** a tempo.
  Sílvia olhou-**se** ao espelho.
  Procuram-**na** em toda parte.
  Não **me** convidas?
  Meu Deus, eu **vos** amo.
  "Marchei resolutamente para a maluca e intimei-**a** a ficar quieta." (Graciliano Ramos)
  "Vós haveis de crescer, perder-**vos**-ei de vista." (Cabral do Nascimento)

- por qualquer pronome substantivo:
  Não vi **ninguém** na loja.
  A árvore **que** plantei floresceu. [*que*: objeto direto de *plantei*]
  Onde foi que você achou **isso**?
  Quando vira as folhas do livro, ela **o** faz com cuidado.
  "**Que** teria o homem percebido nos meus escritos?" (Graciliano Ramos)

C) Frequentemente transitivam-se verbos intransitivos, dando-se-lhes por objeto direto uma palavra cognata ou da mesma esfera semântica:
"**Viveu** José Joaquim Alves **vida** tranquila e patriarcal." (Vivaldo Coaraci)
"Pela primeira vez **chorou** o **choro** da tristeza." (Aníbal Machado)
"Nenhum de nós **pelejou** a **batalha** de Salamina." (Machado de Assis)
"Como andei contando um **sonho**, me lembrei de outro **que** já **sonhei** mais de uma vez." (Oto Lara Resende)

Em tais construções é de rigor que o objeto venha acompanhado de um adjunto.

2 OBJETO DIRETO PREPOSICIONADO

Há casos em que o objeto direto, isto é, o complemento de verbos transitivos diretos, vem precedido de preposição, geralmente a preposição **a**. Isto ocorre principalmente:

- quando o objeto direto é um pronome pessoal tônico:
  Deste modo, prejudicas **a ti** e **a ela**.
  "Mas dona Carolina amava mais **a ele** do que aos outros filhos." (Raquel Jardim)
  "Pareceu-me que Roberto hostilizava antes **a mim** do que à ideia." (Ciro dos Anjos)

"Ricardina lastimava o seu amigo como **a si** própria." (Camilo Castelo Branco)

"Amava-a tanto como **a nós**." (José Geraldo Vieira)

- quando o objeto é o pronome relativo *quem*:

"Pedro Severiano tinha um filho **a quem** idolatrava." (Carlos de Laet)

"Abraçou a todos; deu um beijo em Adelaide, **a quem** felicitou pelo desenvolvimento das suas graças." (Machado de Assis)

"Agora sabia que podia manobrar com ele – com aquele homem **a quem** na realidade também temia, como todos ali." (Herberto Sales)

- quando precisamos assegurar a clareza da frase, evitando que o objeto direto seja tomado como sujeito, impedindo construções ambíguas:

Convence, enfim, **ao pai** o filho amado[1].

"Vence o mal **ao remédio**." (Antônio Ferreira)

"Tratava-me sem cerimônia, como **a um irmão**." (Olavo Bilac)

A qual delas iria homenagear o cavaleiro?

"E olhava o amigo como **a um filho** mais velho." (Luís Henrique Tavares)

"Olho Gabriela como **a uma criança**, e não mulher feita." (Ciro dos Anjos)

"Foi a comadre do Rubião que o agasalhou e mais **ao cachorro**." (Machado de Assis)

"Encontrou-a e **ao marido** na fazenda das Lajes." (Ciro dos Anjos)

"**A inimigo** não se poupa." (Viana Moog)

"Também se adormece a fome, como **às crianças**, cantando." (José Américo)

"**Ao poeta Drummond**, que mora mais além, a feira deve incomodar, porque os grandes caminhões roncam sob sua janela." (Rubem Braga)

- em expressões de reciprocidade, para garantir a clareza e a eufonia da frase:

"Os tigres despedaçaram-se uns **aos outros**." (Camilo Castelo Branco)

"As companheiras convidavam-se umas **às outras**." (Helena Silveira)

"Era o abraço de duas criaturas que só tinham uma **à outra**." (Vivaldo Coaraci)

- com nomes próprios ou comuns, referentes a pessoas, principalmente na expressão dos sentimentos ou pela eufonia da frase:

Judas traiu **a Cristo**.

Amemos **a Deus** sobre todas as coisas.

"Provavelmente, enganavam é **a Pedro**." (Ciro dos Anjos)

"O estrangeiro foi quem ofendeu **a Tupã**." (José de Alencar)

"É certo que ele teme **a Deus** e crê na doutrina." (Machado de Assis)

"E dali em diante, o drama intensificava-se, fazendo sorrir, de plena satisfação, **a Caetano**." (Ferreira de Castro)

"Esse último rasgo do Costa persuadiu **a crédulos e incrédulos**." (Machado de Assis)

"Diabolicamente, o dinheiro atrai **a pequenos e grandes**." (Ciro dos Anjos)

---

(1) Sem a preposição *a* diante do objeto (o pai), a frase ficaria ambígua, obscura, pois tanto poderia ser entendida como sujeito a palavra *pai* como a palavra *filho*.

- em construções enfáticas, nas quais antecipamos o objeto direto para dar-lhe realce:

  A você é que não enganam!

  A médico, confessor e letrado nunca enganes.

  "**A este confrade** conheço desde os seus mais tenros anos." (CARLOS DE LAET)

  "**Ao Medeiros** não o amordaçavam as convenções." (FERNANDO NAMORA)

- sendo objeto direto o numeral *ambos(as)*:

  "O aguaceiro caiu, molhou **a ambos**." (ANÍBAL MACHADO)

  "Se eu previsse que os matava **a ambos**..." (CAMILO CASTELO BRANCO)

- com certos pronomes indefinidos, sobretudo referentes a pessoas:

  Se todos são teus irmãos, por que amas **a uns** e odeias **a outros**?

  Aumente sua felicidade, tornando felizes também **aos outros**.

  A quantos a vida ilude!

  "A estupefação imobilizou **a todos**." (MACHADO DE ASSIS)

  "**A tudo** e **a todos** eu culpo." (ANÍBAL MACHADO)

  "Como fosse acanhado, não interrogou **a ninguém**." (MACHADO DE ASSIS)

- em certas construções enfáticas como *puxar* (ou *arrancar*) *da espada*, *pegar da pena*, *cumprir com o dever*, *atirar com os livros sobre a mesa*, etc.:

  "Arrancam **das espadas** de aço fino..." (LUÍS DE CAMÕES)

  "Chegou a costureira, pegou **do pano**, pegou **da agulha**, pegou **da linha**, enfiou a linha na agulha e entrou a coser." (MACHADO DE ASSIS)

  "Imagina-se a consternação de Itaguaí, quando soube **do caso**". (MACHADO DE ASSIS)

Observações:

✔ Nos quatro primeiros casos estudados, a preposição é de rigor; nos cinco outros, facultativa.

✔ A substituição do objeto direto preposicionado pelo pronome oblíquo átono, quando possível, se faz com as formas *o(s)*, *a(s)* e não *lhe*, *lhes*:

amar a Deus → amá-lo; convencer ao amigo → convencê-lo.

✔ O objeto direto preposicionado, é óbvio, só ocorre com verbo transitivo direto.

Podem resumir-se em três as razões ou finalidades do emprego do objeto direto preposicionado:

- a clareza da frase;
- a harmonia da frase;
- a ênfase ou a força da expressão.

3 OBJETO DIRETO PLEONÁSTICO

Quando queremos dar destaque ou ênfase à ideia contida no objeto direto, colocamo-lo no início da frase e depois o repetimos ou reforçamos por meio do pronome oblíquo. A esse objeto repetido sob forma pronominal chama-se *pleonástico*, *enfático* ou *redundante*. Exemplos:

O dinheiro, Jaime **o** trazia escondido nas mangas da camisa.

O bem, muitos **o** louvam, mas poucos **o** seguem.

"**Seus cavalos**, ela **os** montava em pelo." (Jorge Amado)

"**Os** que lá não penetram, engole-**os** a obscuridade." (Machado de Assis)

"De mais a mais, **frutas** os passarinhos conseguem-**nas** pelo seu próprio esforço." (Vivaldo Coaraci)

"**Aquelas veemências**, quem não **as** ouviu de voz ou não **as** viu de letra? (Raquel de Queirós)

Observação:

✔ Escritores modernos omitem, frequentemente, o pronome objetivo:

"E os amigos a gente conhece na hora do aperto." (Josué Montelo)

"Esse segredo eu guardaria só para mim." (Povina Cavalcânti)

4 OBJETO INDIRETO

Objeto indireto é o complemento verbal regido de preposição necessária e sem valor circunstancial. Representa, ordinariamente, o ser a que se destina ou se refere à ação verbal:

"Nunca desobedeci **a meu pai**." (Povina Cavalcânti)

A) O objeto indireto completa a significação dos verbos:

- transitivos indiretos

Assisti **ao** jogo.
Assistimos **à missa** e **à festa**.
Aludiu **ao fato**.
Aspiro **a uma vida calma**.
Absteve-se **de vinho**.
Deparei **com um estranho**.
O pai batia-**lhe**. (*no* filho)
Anseio **pela tua volta**.
Não cedi **à tentação**.
Não consisto **nisso**.
Lembre-se **de nós**.

Atentou **contra a vida do rei**.
Gosto **de frutas** e **de doces**.
Obedeço **ao regulamento**.
Deus **lhe** perdoe. (*ao* pecador)
Paguei **ao médico** ontem.
Preciso **de ti** amanhã.
Ele zombou **de nós**.
Responderei **à carta de Lúcia**.
Resistimos **ao ataque**.
A terra pertencia **aos índios**.
Pio XII sucedeu **a Pio XI**.

"**A que influência** alude?" (Machado de Assis)

Não abuse **dos remédios**: recorra **a eles** só quando não houver outro remédio.

- transitivos diretos e indiretos (na voz ativa ou passiva)

Dou graças **a Deus**.

Ceda o lugar **aos mais velhos**.

Dedicou sua vida **aos doentes** e **aos pobres**.

Disse-**lhe** a verdade. [Disse a verdade *ao moço*.]

Peço-**lhe** desculpas. [Peço desculpas *ao professor*.]

Revoltavam o povo **contra o regime**.

Não revelarei isto **a ninguém**.

Acostumou o corpo **ao frio** e **às intempéries**.

Beijou as mãos **ao sacerdote**.

O juiz confiou-**lhe** a guarda do menino.

Perdoo-**lhe** a ofensa.

Devolva-**lhe** o dinheiro. [Devolva o dinheiro *a ele*.]

Não **lhe** foi devolvido o livro. [Não *lhe* devolveram o livro.]

Devolveu-se-**lhe** o livro. [O livro foi-*lhe* devolvido.]

Aos vencidos tomavam-se os bens à força.

A árvore foi sacrificada **à tirania do progresso**.

B) O objeto indireto pode ainda acompanhar verbos de outras categorias, os quais, no caso, são considerados acidentalmente transitivos indiretos:

A bom entendedor meia palavra basta.

Sobram-**lhe** qualidades e recursos. [*lhe* – a ele]

Isto não **lhe** convém.

A proposta pareceu-**lhe** aceitável.

Observações:

✔ Há verbos que podem construir-se com dois objetos indiretos, regidos de preposições diferentes:

Rogue a *Deus por nós*.

Ela queixou-se *de mim a seu pai*.

Pedirei *para ti a meu senhor* um rico presente.

✔ Não confundir o objeto indireto com o *complemento nominal* nem com o *adjunto adverbial*.

✔ Em frases como "*Para mim* tudo eram alegrias", "Para *ele* nada é possível", os pronomes em destaque podem ser considerados adjuntos adverbiais.

C) O objeto indireto é sempre regido de preposição, expressa ou implícita.

a) A preposição está implícita nos pronomes objetivos indiretos (átonos) *me, te, se, lhe, nos, vos, lhes*. Exemplos:

Obedecem-**me**. [= Obedecem *a mim*.]

Isto **te** pertence. [= Isto pertence *a ti*.]

Rogo-**lhe** que fique. [= Rogo *a você*...]

Peço-**vos** isto. [= Peço isto *a vós*.]

- Nos demais casos a preposição é expressa como característica do objeto indireto:

Recorro **a Deus**.
Dê isto **a** (ou para) **ele**.
Contenta-se **com pouco**.
Ele só pensa **em si**.
Esperei **por ti**.
Falou **contra nós**.
Conto **com você**.
Não preciso **disto**.
O filme **a que** assisti agradou **ao público**.
Assisti **ao desenrolar** da luta.
A coisa **de que** mais gosto é pescar.
A pessoa **a quem** me refiro você a conhece.
Os obstáculos **contra os quais** luto são muitos.
As pessoas **com quem** conto são poucas.

D) Como atestam os exemplos acima, o objeto indireto é representado pelos substantivos (ou expressões substantivas) ou pelos pronomes.

As preposições que o ligam ao verbo são: *a, com, contra, de, em, para* e *por*.

5 OBJETO INDIRETO PLEONÁSTICO

À semelhança do objeto direto, o objeto indireto pode vir repetido ou reforçado, por ênfase. Exemplos:

"**A mim** o que **me** deu foi pena." (Ribeiro Couto)

"Que **me** importa **a mim** o destino de uma mulher tísica...?" (Machado de Assis) [*tísica* = tuberculosa]

"E, **aos brigões**, incapazes de se moverem, basta-**lhes** xingarem-se à distância." (Dalton Trevisan)

"Mas que **te** importam **a ti** os assuntos que me são agradáveis?" (Graciliano Ramos)

6 COMPLEMENTO NOMINAL

Complemento nominal é o termo complementar reclamado pela significação transitiva, incompleta, de certos substantivos, adjetivos e advérbios. Vem sempre regido de preposição. Exemplos:

A defesa **da pátria**.
O respeito **às leis**.
Assistência **às aulas**.
Aliança **com o estrangeiro**.
A luta **contra o mal**.
G. Bell foi o inventor **do telefone**.
O amor **ao trabalho**.
Nossa fé **em Deus**.
Gosto **pela arte**.
Disposição **para o trabalho**.
Suas atenções **para com todos**.
Teve raiva **de si mesmo**.
Apto **para o trabalho**.
Útil **ao bem comum**.
Contente **com a sorte**.
Precavido **contra os males**.
Insaciável **de vingança**.
Confiante **na vitória**.
Tudo ficou reduzido **a cinzas**.
Responsável **pela ordem**.
Impróprio **para menores**.
Atencioso **para com todos**.
Relativamente **a alguém**.
Favoravelmente **ao réu**.

"O ódio **ao mal** é amor **do bem**, e a ira **contra o mal**, entusiasmo divino." (RUI BARBOSA)

"Ah, não fosse ele surdo **à minha voz**!" (CABRAL DO NASCIMENTO)

"A sensibilidade existe e está a serviço **da harmonia, da beleza e do equilíbrio**." (LUÍS CARLOS LISBOA)

"Pois bem, nada me abala relativamente **ao Rubião**." (MACHADO DE ASSIS)

A grande rodovia corre paralelamente **às fronteiras setentrionais do Brasil**.

Observações:

✔ O complemento nominal representa o recebedor, o paciente, o alvo da declaração expressa por um nome: amor a *Deus*, a condenação da *violência*, o medo de *assaltos*, a remessa de *cartas*, útil ao *homem*, compositor de *músicas*, etc. É regido pelas mesmas preposições usadas no objeto indireto. Difere deste apenas porque, em vez de complementar verbos, completa nomes (substantivos, adjetivos) e alguns advérbios em *-mente*.

✔ A nomes que requerem complemento nominal correspondem, geralmente, verbos de mesmo radical: *amor* ao próximo, *amar* o próximo; *perdão* das injúrias, *perdoar* as injúrias; *obediente* aos pais, *obedecer* aos pais; *regresso* à pátria, *regressar* à pátria; *remessa* de cartas, *remeter* cartas; *criação* de impostos, *criar* impostos; *queima* de fogos, *queimar* fogos; *recordação* do passado, *recordar* o passado; *resistência* ao mal, *resistir* ao mal, etc.

7 AGENTE DA PASSIVA

Agente da passiva é o complemento de um verbo na voz passiva. Representa o ser que pratica a ação expressa pelo verbo passivo. Vem regido comumente pela preposição *por* e, menos frequentemente, pela preposição *de*:

Alfredo é estimado **pelos colegas**.

A cidade estava cercada **pelo exército romano**.

"Era conhecida **de todo mundo** a fama de suas riquezas." (OLAVO BILAC)

A) O agente da passiva pode ser expresso pelos substantivos ou pelos pronomes:

As flores são umedecidas **pelo orvalho**.

A carta foi cuidadosamente corrigida **por mim**.

Muitos já estavam dominados **por ele**.

Aquele é o cachorro **pelo qual** fui mordido.

Conheço o funcionário **por quem** fui atendido.

Por quem teria ele sido denunciado?

B) Vimos que o agente da passiva corresponde ao sujeito da oração na voz ativa. Observe:

A rainha era aclamada **pela multidão**.	(voz passiva)
A multidão aclamava a rainha.	(voz ativa)
Ele será acompanhado **por ti**.	(voz passiva)
Tu o acompanharás.	(voz ativa)

Observações:

✔ Conforme frisamos anteriormente, frase de forma passiva analítica sem complemento agente expresso, ao passar para a ativa, terá sujeito indeterminado e o verbo na 3ª pessoa do plural:

Ele foi expulso da cidade. → *Expulsaram-no da cidade.*

As florestas são devastadas. → *Devastam as florestas.*

✔ Na passiva pronominal não se declara o agente:

Nas ruas assobiavam-se as canções dele pelos pedestres. (errado)

Nas ruas eram assobiadas as canções dele pelos pedestres. (certo)

Assobiavam-se as canções dele nas ruas. (certo)

EXERCÍCIOS LISTA 40

1. Transcreva as frases e sublinhe com um traço os objetos diretos:

a) Os holandeses invadiram a Bahia em 1624.

b) O trabalho produz a riqueza e a felicidade.

c) Fatos impressionantes relatou esse turista.

d) "O louvor ganha amigos, a maledicência inimigos." (Marquês de Maricá)

e) Muitos favores já temos recebido desta família.

f) No rio das Mortes houve combates sangrentos.

g) Devemos unir o útil ao agradável.

h) "Desenhou a casa do engenho, as árvores, os morros." (Garcia de Paiva)

2. Copie as orações, antepondo a elas **1** ou **2**, de acordo com a função das palavras em destaque:

(1) objeto direto (2) objeto indireto

a) No Sul do Brasil, o inverno obedece ao **ciclo** das estações.

b) Não devemos recorrer à **violência**.

c) A volta do sol trouxe de novo a **alegria** aos corações.

d) O antiquário possuía até **moedas** da Roma dos Césares.

e) Ao **Exército** compete defender a pátria.

3. Transcreva as orações e sublinhe os objetos indiretos:

a) Assisti a uma cena impressionante.

b) Obedeço a ordens superiores.

c) Não aspiro a esse título.

d) Aludiu ele à minha obra?

e) Cristo perdoou ao bom ladrão e prometeu-lhe o paraíso.

f) Emília não acredita em horóscopos.

g) A polícia interditou a área às pessoas estranhas ao trabalho.

h) Optei pela solução mais segura.

i) Por acaso necessitam de tanto espaço?
j) "Ninguém objetaria à entrada ou à saída de ninguém." (PAULO MENDES CAMPOS)
k) "Nesse ponto, desobedecera à mãe." (JOÃO CLÍMACO BEZERRA)
l) Tal atitude não convém a um juiz.
m) As crianças logo se familiarizaram com os animais.
n) Dulce ainda não respondera à carta de sua amiga.
o) "A terra não pertence ao homem; é o homem que pertence à terra." (SEATTLE, chefe índio americano)

4. Copie as frases e sublinhe com um traço os objetos diretos e com dois os indiretos:
a) O embaixador ofereceu um jantar ao líder político.
b) Agradeça a Deus o dom da vida, todos os dias.
c) Confiei a Vicente os meus planos.
d) Pagamos a cerveja ao garçom e mostramos as fotos a Denise.
e) "Ao coronel Lelê deveu mais tarde meu pai um favor inesquecível." (POVINA CAVALCÂNTI)

5. Copie as frases e informe se os pronomes oblíquos funcionam como objeto direto ou indireto:
a) Nós **o** elogiamos.
b) Eu **lhe** agradeci muito.
c) Todos **a** admiram.
d) João **me** persegue.
e) João **me** obedece.
f) Ela **te** ama.
g) Ela **te** confessará tudo.
h) Guarde-**os** na caixa.
i) Vim convidá-**los**.
j) Ele **nos** estima.
k) Isto **nos** pertence.
l) Confie em **mim**.
m) Confie menos em **si**.
n) Refiro-me a **ti** mesmo.
o) Quem **vos** chamou?
p) Quem **vos** deu a vida?
q) Beatriz **os** veste e **lhes** dá comida.
r) Sílvia olhou-**se** no espelho.

6. Copie as frases e complete os verbos transitivos diretos substituindo o * pelo pronome oblíquo **o**, e os verbos transitivos indiretos substituindo o * pelo pronome oblíquo **lhe**:
a) Estimo-* muito.
b) Avise-* depressa.
c) Não * respondas.
d) Não * invejemos.
e) Atribuo-* a culpa.
f) Espero-* em casa.
g) Conheço-* muito bem.
h) Felicito-* pela vitória.
i) Confesso-* a verdade.

7. Complete as orações substituindo os asteriscos por objetos indiretos adequados:
a) Assistirei *****.
b) Não resisti *****.
c) Ele aspira *****.
d) Elza simpatizou *****.
e) Refiro-me *****.
f) A fauna depende *****.
g) Todos se opõem *****.
h) Luís desobedeceu *****.

8. Reorganize as colunas em seu caderno, de modo a fazê-las corresponder corretamente, de acordo com a função do pronome relativo **que**:

Não me agradou o filme a **que** assisti.	sujeito
Compro os livros **que** me interessam.	objeto direto
São ótimos os livros **que** estou lendo.	objeto indireto

9. Nos exemplos seguintes os pronomes em destaque são objetos diretos ou indiretos. Copie as frases em seu caderno e aponte a distinção, sobrepondo **D** aos primeiros e **I** aos segundos:

a) Meu avô chamava-**me** e eu **o** atendia prontamente.

b) Valmor fez **o que lhe** ordenei.

c) Nas cidades **que** visitei nas férias, achei **tudo** caro.

d) Há coisas de **que** não gostamos e pessoas com **quem** não simpatizamos.

e) "A virtude **nos** diviniza, o vício **nos** embrutece." (Marquês de Maricá)

f) "Pajé, eu **te** agradeço o agasalho **que me** deste." (José de Alencar)

g) "Cada qual tem o ar **que** Deus **lhe** deu." (Machado de Assis)

h) Refiro-**lhe o que** ouvi.

i) Confesso-**vos aquilo que** nunca revelei a **ninguém**.

j) Ele arroga-**se** direitos **que** não possui.

k) "Expliquei **isso** a **ele**." (José J. Veiga)

l) Não sabemos **o que** o destino **nos** reserva.

10. Escreva as orações, iniciando-as com o objeto direto ou indireto, a fim de realçar esses termos, como no exemplo:

Exemplo: Eu não poderia ter tido **surpresa mais agradável**.
Surpresa mais agradável eu não poderia ter tido.

a) Eu catava no mato até a lenha do fogão.

b) Faltam disciplina e coragem a esses adolescentes.

c) Interessam particularmente a nós técnicas agrícolas mais avançadas.

d) Colombo chamou de índios aos nativos da América.

e) Esse meu amigo estaria planejando que estranhos negócios?

f) Najibe ofereceu a seus fregueses calendários com belas estampas.

11. Transcreva apenas a oração em que ocorre objeto direto pleonástico:

a) "As horas disponíveis eu as ocupava com a coleção de selos." (Murilo Rubião)

b) A longa estiagem preocupa agricultores e pecuaristas.

c) A presença do cachorro não agradou ao visitante.

12. Copie somente as duas frases em que ocorre objeto direto preposicionado:

a) Ainda não respondi à carta de Beatriz.

b) Muitos encontram a Deus servindo o próximo.

c) Quem resiste a seus encantos?

d) Não se prenda a minúcias.

e) Será que as barbas longas honram mais a quem as cultiva?

13. Copie os períodos e explique os seguintes casos de objeto direto preposicionado:

a) "Foi **a Tupã** que o pajé serviu." (José de Alencar)

b) "Vence o mal **ao remédio**." (Antônio Ferreira)

c) "Aquele fim imprevisto decepcionara **a todas**." (Monteiro Lobato)

d) "Somente **ao tronco** que devassa os ares o raio ofende." (Gonçalves Dias)

e) "Por fim, sustentando-me numa das mãos e **ao Fagundes** na outra, o gigante atravessou a sala..." (Aníbal Machado)

f) "Rubião... esqueceu a sala, a mulher e **a si**." (MACHADO DE ASSIS)

g) "Olhou o especialista como **a um irmão**." (JOSÉ FONSECA FERNANDES)

h) "Levarei comigo o prazer de vos ter abençoado **a ambos**." (CAMILO CASTELO BRANCO)

i) "**A ela** ninguém convidava." (HELENA SILVEIRA)

j) "Eles [os traficantes] alugavam limusines blindadas, contratavam policiais para protegê-los e **às malas** cheias de dólares." (*JORNAL DO BRASIL*)

14. Como o exercício anterior:

a) Não sei dizer **a quem** ele mais estimava.

b) "O nascimento enobrece **a alguns**, o procedimento **a muitos**." (MARQUÊS DE MARICÁ)

c) Louvemos **a Deus** na alegria e no sofrimento.

d) Nomearam procurador **a um amigo** de meu pai.

e) "Nós a enfeitamos e perfumamos como **a uma noiva**." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

f) "Então Agostinho tomou-a nos braços, **a ela** e **à gata**, e Noca sorriu." (JORGE AMADO)

g) "Os parceiros do barão acusaram-se uns **aos outros**." (MACHADO DE ASSIS)

h) "Não se deve amar **a ninguém** como **a Deus**." (MACHADO DE ASSIS)

i) "Atrai o poviléu como o pólen **às abelhas**." (CIRO DOS ANJOS)

j) "Se as pessoas não aceitam a vaca como passageira, nós não aceitamos **a elas**." (EDI LIMA)

k) **A quem** escolheria Simões para seu assessor?

l) "As roupas de embaixador não honram nem desonram mais quem as veste que o macacão **ao mecânico**." (RUBEM BRAGA)

15. Transcreva as frases em seu caderno, numerando-as de acordo com a causa determinante do objeto direto preposicionado:

a) Quem não ama **a seus pais**?	(1) clareza
b) Júlio tratava-o como **a um irmão**.	(2) harmonia, ritmo
c) A festa decepcionou **a todos**.	(3) ênfase

16. Copie os períodos abaixo; sublinhe os objetos pleonásticos, dizendo se são diretos ou indiretos:

a) "As flores leva-as a brisa." (JOSÉ DE ALENCAR)

b) "A mim me basta a celebridade que ela veio a ganhar..." (CAMILO CASTELO BRANCO)

c) Que lhe importa a ele a nossa desgraça?

d) "Se o mundo tinha razão, não o diremos nós." (CAMILO CASTELO BRANCO)

e) "A nós também nos rechearam de angústia." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

f) "Ao Medeiros não o amordaçavam as convenções." (FERNANDO NAMORA)

g) "De tarde, são outros que o admiram a ele e à obra." (MACHADO DE ASSIS)

h) "Que me importa a mim a glória?" (ALEXANDRE HERCULANO)

i) "As migalhas que lhe ficavam entre os dedos, levava-as à boca." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

j) "A lança, eles a faziam, espécie de arpão." (ADONIAS FILHO)

17. Em seu caderno, transforme as orações usando o objeto direto pleonástico:

Exemplo: O ministro do culto ensina a religião.

A religião, ensina-**a** o ministro do culto.

a) Ele reservava as glórias para si.

b) Ninguém viu os frutos de tantos esforços.

c) Deus fez as flores para a nossa alegria.

d) Todos previram o fatal desenlace.

e) Vós encontrareis a explicação neste livro.

f) Ela não tem, não teve nunca amigas.

18. Copie as frases e numere-as de acordo com a função das palavras em destaque:

(1) objeto direto preposicionado

(2) objeto indireto

(3) complemento nominal

a) Todo homem tem direito **à liberdade**.

b) Tenho pena desse jovem, **ao qual** a vida ilude com tantas seduções.

c) O povo se opunha **à instalação** da usina nuclear.

19. Copie o período e dê a função sintática das palavras em destaque:
"As **feras**, depois do aprendizado da **caça** e dos meios de defesa, dão aos **filhotes** a **liberdade**."
(Maria José de Queirós)

20. Copie as frases e sublinhe os complementos nominais:

a) Teresa tinha medo das trovoadas.

b) Ninguém está contente com a sua sorte.

c) Tem muita disposição para música.

d) Estávamos ansiosos pelos resultados.

e) Tende amor ao próximo e não vos esqueçais da assistência aos desamparados.

f) "Os moleques se atropelavam na disputa dos papéis." (Aníbal Machado)

g) "Há silêncio relativamente àquela nobre personagem." (Carlos de Laet)

h) "Os pretos sofriam como predestinados à dor." (Monteiro Lobato)

i) Piscava e mordia os beiços, num tique comum aos que bebem.

j) "Quem me pôs no coração este amor da vida, senão tu?" (Machado de Assis)

k) A ciência deve ser aplicada em benefício do homem.

21. Como o exercício anterior:

a) "A aliança com os maus é sempre funesta aos governos." (Marquês de Maricá)

b) "De Portugal passou ao Brasil a devoção à Virgem." (Carlos de Laet)

c) "Todo ser humano tem um direito natural à liberdade." (Érico Veríssimo)

d) "Podes vê-lo e falar-lhe, contanto que imediatamente à operação." (Camilo Castelo Branco)

e) "Conta ver-me outra vez dependente de seus cuidados, submisso às suas ordens." (Antônio Olavo Pereira)

f) "O sapo-boi enche a mata com mugidos semelhantes aos do touro." (Renato da Silva)

g) O telefone tornou-se indispensável ao homem da cidade.

h) Encontrei-o entregue a seu trabalho, a mesa cheia de mapas.

i) Orgulhosa do pai, Lígia não escondia sua admiração por ele.

j) "A convivência com os semelhantes é um apelo muito forte." (Luís Carlos Lessa)

22. Copie as frases substituindo * por complementos nominais adequados:

a) Sônia tem alergia *.

b) O gás é nocivo *.

c) Ele é versado *.

d) José foi afável *.

e) Estou quite *.

f) És responsável *.

23. Escreva as frases trocando o complemento nominal pelo verbal, como no exemplo:

O visitante fez elogios **à beleza da moça**.

O visitante elogiou **a beleza da moça**.

a) Tais práticas são contrárias **à boa convivência**.

b) Motorista não deve ter ódio **a pedestre**.

c) Joel demonstrou interesse **pela campanha**.

d) Não tenha demasiado apego **às riquezas**.

e) Se tens amor **à vida**, não entres nas águas deste mar.

f) Ninguém fez referência **ao namoro de Susana**.

g) Há plantas resistentes **à seca.**

24. Responda em seu caderno. No período "Jerônimo foi atencioso com os dois **turistas** e apontou-**lhes** a casa **que** procuravam", as palavras em destaque são, respectivamente:

a) objeto indireto – objeto direto – complemento nominal

b) complemento nominal – objeto indireto – sujeito

c) complemento nominal – objeto indireto – objeto direto

25. Transcreva as frases e sublinhe os agentes da passiva:

a) Os homens são atormentados pelas doenças.

b) A cidade estava sitiada pelo exército romano.

c) "O plano de assalto à casa foi traçado por mim." (Rubem Braga)

d) "Passou-lhe na mente a conjetura de que era amado daquela doce criatura." (Camilo Castelo Branco)

e) O avô, pela sua simpatia, era muito estimado por todos.

f) O Congresso Nacional é convocado por quem estiver na presidência do Senado.

g) Márcia tinha grande amor à tia, por quem fora educada.

h) "A primeira partida foi ganha por Fidélio, perdida por Seixas." (Jorge Amado) [*perdida* = foi perdida]

i) "A terra vai sendo aberta por intermináveis sulcos." (Cecília Meireles)

26. Converta, em seu caderno, as orações abaixo na voz passiva:

a) Nenhuma editora imprimirá esses manuscritos.

b) Quem a teria denunciado?

c) Todos te admiram, Luciana.

d) Quem os terá posto aqui?

e) Que tribunal nos julgará?

f) De ano a ano as nações livres vão consolidando o regime democrático.

g) Os alunos escreviam as frases no quadro.

27. Converta a voz passiva em ativa, substituindo, ao mesmo tempo, os destaques por pronomes oblíquos adequados:

a) Talvez **a caverna** tenha sido descoberta por algum pertinaz espeleólogo.

b) **A boiada** foi contida pelos vaqueiros a muito custo.

c) Tive medo de que **Teresa** fosse ouvida pelos pais.

d) **A bandeira da Ordem de Cristo** foi solenemente entregue a Cabral pelo rei Dom Manuel, em 9 de março de 1500.

28. Responda no caderno: Qual a função da palavra **desfile** no período abaixo? **Complemento nominal**, **objeto direto** ou **objeto indireto**?

"Garoto participa do **desfile** esforçando-se em tirar som da tuba." (*Jornal do Brasil*)

29. Copie o período e dê a função sintática das palavras em destaque:

"Cabiam a **Simón Bolívar tarefas** não só de comandante militar, mas também de governante e organizador." (Moacir Werneck de Castro)

30. Depois de copiar os períodos, dê a função sintática dos termos destacados:

a) Os garotos procuravam seus **amigos** havia horas.

b) Os jovens sonhavam com uma **profissão** melhor.

c) Carla contou a **história** aos **pais**.

d) "Abri **cavernas** no mar/construí **segredos**/teci com teias de luz/as mais delicadas **roupagens**." (Roseana Murray)

e) A luta contra os **poderosos** consumia todos os seus **momentos**.

31. Escreva as frases e dê a função sintática dos pronomes destacados:

a) O ator criticou-**o** pelas observações feitas.

b) Diga-**me** apenas a verdade.

c) **Eu** sempre **o** encontro perto da pracinha.

d) Obedeça-**me** sem reclamar!

e) Não **lhe** devolvi ainda o livro de inglês.

32. Escreva a oração na voz passiva, destacando o agente da passiva:

a) O orvalho umedecia as plantas.

b) A multidão aclamava o general rebelde.

c) Corrigi as provas com o maior cuidado.

33. Classifique, em seu caderno, os termos destacados em objetos indiretos ou complementos nominais:

a) Lembrem-se *de nós* ao visitarem os museus.

b) A luta *contra o câncer* tornara-o paciente e destemido.

c) Gosto muito *de pinturas* surrealistas.

d) Não tinham nenhum gosto *pela arte*.

e) Sempre tiveram necessidade *de afeto*, mas nunca o receberam.

34. Escreva as orações transformando os complementos nominais em objetos indiretos ou diretos, conforme o caso. Faça as necessárias adaptações.

a) Era famoso por seu respeito às convenções sociais.

b) Estava confiante na vitória.

c) Os moradores tinham necessidade de mais verde.

d) A condenação da violência, sem medidas eficazes, não basta.

e) O perdão das dívidas não foi sequer cogitado.

35. Transcreva os complementos verbais que utilizou nas frases do exercício anterior, informando se são objetos diretos ou indiretos.

TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO
Exercícios de exames e concursos
[Página 683]

TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO

Termos acessórios são os que desempenham na oração uma função secundária, qual seja a de caracterizar um ser, determinar os substantivos, exprimir alguma circunstância.

São três os termos acessórios da oração: *adjunto adnominal, adjunto adverbial* e *aposto*.

1 ADJUNTO ADNOMINAL

Adjunto adnominal é o termo que caracteriza ou determina os substantivos. Exemplo:

Meu irmão veste roupas **vistosas**.

- *Meu* determina o substantivo *irmão*: é um *adjunto adnominal*.
- *Vistosas* caracteriza o substantivo *roupas*: é também *adjunto adnominal*.

O adjunto adnominal pode ser expresso:

- pelos **adjetivos**: água *fresca*, terras *férteis*, animal *feroz*;
- pelos **artigos**: *o* mundo, *as* ruas, *um* rapaz;
- pelos **pronomes adjetivos**: *nosso* tio, *este* lugar, *pouco* sal, *muitas* rãs, país *cuja* história conheço, *que* rua?;
- pelos **numerais**: *dois* pés, *quinto* ano, capítulo *sexto*;
- pelas **locuções** ou **expressões adjetivas** que exprimem qualidade, posse, origem, fim ou outra especificação:

  presente *de rei* (= régio): qualidade

  livro *do mestre*, as mãos *dele*: posse, pertença

  água *da fonte*, filho *de fazendeiros*: origem

  fio *de aço*, casa *de madeira:* matéria

  casa *de ensino*, aulas *de inglês*: fim, especialidade

  homem *sem escrúpulos* (= inescrupuloso): qualidade

  histórias *de arrepiar os cabelos* (= arrepiadoras): qualidade

  criança *com febre* (= febril): característica

  aviso *do diretor*: agente

Observações:

✔ Não confundir o adjunto adnominal formado por locução adjetiva com complemento nominal. Este, como vimos, representa o alvo da ação expressa por um nome transitivo: a eleição *do presidente*, aviso *de perigo*, declaração *de guerra*, empréstimo *de dinheiro*, plantio de *árvores*, colheita *de trigo*, destruidor *de matas*, descoberta *de petróleo*, amor *ao próximo*, etc.

O adjunto adnominal formado por locução adjetiva representa o agente da ação ou a origem, pertença, qualidade de alguém ou de alguma coisa: o discurso *do presidente*, aviso *de amigo*, declaração *do ministro*, empréstimo *do banco*, a casa *do fazendeiro*, folhas *de árvores*, farinha *de trigo*, beleza *das matas*, cheiro *de petróleo*, amor *de mãe*.

✔ Pronomes oblíquos com sentido possessivo, alguns autores os consideram adjuntos adnominais, outros, objetos indiretos. Preferimos a última análise. Veja pág. 560, item final.

2 ADJUNTO ADVERBIAL

Adjunto adverbial é o termo que exprime uma circunstância (de tempo, lugar, modo, etc.) ou, em outras palavras, que modifica o sentido de um verbo, adjetivo ou advérbio. Exemplo:
"Meninas *numa tarde* brincavam *de roda na praça*". (GERALDO FRANÇA DE LIMA)

O adjunto adverbial é expresso:

- pelos **advérbios**:

Cheguei *cedo*.	Moramos *aqui*.
Ande *devagar*.	Ele fala *bem*, fala *corretamente*.
Maria é *mais* alta.	Volte *bem* depressa.
Não durma ao volante.	*Talvez* esteja enganado.

- pelas **locuções** ou **expressões adverbiais**:

Às vezes viajava *de trem*.	Júlio reside *em Niterói*.
Compreendo *sem esforço*.	Errei *por distração*.
Saí *com meu pai*.	Escureceu *de repente*.

Observações:

✔ Pode ocorrer a elipse da preposição antes de adjuntos adverbiais de tempo e modo:

Aquela noite, não dormi. [= Naquela noite...]
Domingo que vem não sairei. [= No domingo...]
Ouvidos atentos, aproximei-me da porta. [= De ouvidos atentos...]

✔ Os adjuntos adverbiais classificam-se de acordo com as circunstâncias que exprimem: adjunto adverbial de lugar, modo, tempo, intensidade, causa, companhia, meio, assunto, negação, etc. A NGB, porém, não dá nenhuma classificação dos adjuntos adverbiais.

✔ É importante saber distinguir adjunto adverbial de adjunto adnominal, de objeto indireto e de complemento nominal: sair *do mar* (adj. adv.), água *do mar* (adj. adn.), gostar *do mar* (obj. indir.), ter medo *do mar* (compl. nom.).

3 APOSTO

Aposto é uma palavra ou expressão que explica ou esclarece, desenvolve ou resume outro termo da oração. Exemplos:

D. Pedro II, **imperador do Brasil**, foi um monarca sábio.

"Nicanor, **ascensorista**, expôs-me seu caso de consciência." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

"No Brasil, *região do ouro e dos escravos*, encontramos a felicidade." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"No fundo do mato virgem nasceu Macunaíma, **herói de nossa gente**." (MÁRIO DE ANDRADE)

Casas e pastos, árvores e plantações, **tudo** foi destruído pela enchente.

"O pastor, o guarda, o médico, **todos** olham e não dizem nada." (RICARDO RAMOS)

Prezamos acima de tudo duas coisas: **a vida e a liberdade**.

"Cada casa arrumava, no terreiro em frente, a sua fogueira: **uma pirâmide de toros de madeira decepados pela manhã**." (POVINA CAVALCÂNTI)

"Ele, **Caúla**, não ficaria ancorado como uma canoa." (ADONIAS FILHO)

"E isso exigiria estratagemas, **coisas** a que era avesso." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

A) O núcleo do aposto é um substantivo ou um pronome substantivo. Exemplos de apostos expressos pelos pronomes:

Foram os dois, *ele e ela*.

Só não tenho um retrato: **o** de minha irmã.

O dia amanheceu chuvoso, **o** que me obrigou a ficar em casa.

B) O aposto não pode ser formado por adjetivos. Nas frases seguintes, por exemplo, não há aposto, mas predicativo do sujeito:

Audaciosos, os dois surfistas atiraram-se às ondas.

As borboletas, **leves** e **graciosas**, esvoaçavam num balé de cores.

C) Os apostos, em geral, destacam-se por pausas, indicadas, na escrita, por vírgulas, dois-pontos ou travessões. Não havendo pausa, não haverá vírgula, como nestes exemplos:

Minha irmã **Beatriz**; o escritor **João Ribeiro**; o romance **Toia**; o rio *Amazonas;* a Rua *Osvaldo Cruz;* o Colégio **Tiradentes**, etc.

"Onde estariam os descendentes de Amaro **vaqueiro**?" (GRACILIANO RAMOS)

D) O aposto pode preceder o termo a que se refere, o qual, às vezes, está elíptico. Exemplos:

Rapaz impulsivo, Mário não se conteve.

Mensageira da ideia, a palavra é a mais bela expressão da alma humana.

"**Irmão do mar, do espaço,**
Amei as solidões sobre os rochedos ásperos." (CABRAL DO NASCIMENTO)

O aposto em destaque, no último exemplo, refere-se ao sujeito oculto *eu*.

E) O aposto, às vezes, refere-se a toda uma oração. Exemplos:

Nuvens escuras borravam os espaços silenciosos, **sinal** de tempestade iminente.

O espaço é incomensurável, **fato** que me deixa atônito.

Simão era muito espirituoso, **o** que me levava a preferir sua companhia.

F) Um aposto pode referir-se a outro aposto:

"Serafim Gonçalves casou-se com Lígia Tavares, **filha do velho coronel Tavares, senhor de engenho**." (Lêdo Ivo)

G) O aposto pode vir precedido das expressões explicativas *isto é*, *a saber*, ou da preposição acidental *como*:

Dois países sul-americanos, **isto é, a Bolívia e o Paraguai**, não são banhados pelo mar.

Este escritor, **como romancista**, nunca foi superado.

H) O aposto que se refere a objeto indireto, complemento nominal ou adjunto adverbial vem precedido de preposição:

O rei perdoou aos dois: **ao fidalgo e ao criado**.

"Acho que adoeci disso, **de beleza, da intensidade das coisas**." (Raquel Jardim)

De cobras, morcegos, bichos, **de tudo** ela tinha medo.

4 VOCATIVO

Vocativo [do latim *vocare* = chamar] é o termo (nome, título, apelido) usado para chamar ou interpelar a pessoa, o animal ou a coisa personificada a que nos dirigimos:

"**Elesbão**? **Ó Elesbão**! Venha ajudar-nos, por favor!" (Maria de Lourdes Teixeira)

"A ordem, **meus amigos**, é a base do governo." (Machado de Assis)

"Correi, correi, **ó lágrimas saudosas**!" (Fagundes Varela)

"Ei-lo, o teu defensor, **ó Liberdade**!" (Mendes Leal)

"Vocês por aqui, **meninos**?!" (Afonso Arinos)

"**Meu nobre perdigueiro**, vem comigo!" (Castro Alves)

"Serenai, **verdes mares**!" (José de Alencar)

"Voltem para sua floresta, **seus antropófagos**!" (Rubem Braga)

Observação:

✔ Profere-se o vocativo com entoação exclamativa. Na escrita é separado por vírgula(s).

No exemplo inicial, os pontos interrogativo e exclamativo indicam um chamado alto e prolongado.

O vocativo se refere sempre à 2ª pessoa do discurso, que pode ser uma pessoa, um animal, uma coisa real ou entidade abstrata personificada. Podemos antepor-lhe uma interjeição de apelo (*ó, olá, eh!*):

"Tem compaixão de nós, **ó Cristo**!" (Alexandre Herculano)

"**Ó Dr. Nogueira**, mande-me cá o Padilha, amanhã!" (Graciliano Ramos)

"Esconde-te, **ó sol de maio, ó alegria do mundo**!" (C. Castelo Branco)

Eh! rapazes, são horas!

"**Olá compadre**, mais alto, mais alto!" (Augusto Meyer)

O vocativo é um termo à parte. Não pertence à estrutura da oração, por isso não se anexa ao sujeito nem ao predicado.

EXERCÍCIOS LISTA 41

1. Transcreva as frases e sublinhe os adjuntos adnominais:

a) Em muitas cidades do Brasil, as velhas mansões estão deixando o lugar para grandes edifícios modernos.

b) Esta viga de metal será aproveitada para a construção de minha casa.

c) Pela primeira vez, em muitos anos, a campanha conseguiu atingir seus objetivos: foram queimados em praça pública cerca de novecentos balões.

2. Depois de copiar as frases em seu caderno, sublinhe os adjuntos adverbiais e classifique-os:

a) Ontem, pela manhã, foi visto, na rua, o palhaço Gog, montado num jumento, virado para o rabo do animal.

b) À tarde, Onofre voltou depressa à oficina, onde encontrou os empregados dormindo profundamente.

c) – Guilhermino, muito bem escrita sua redação sobre o cachorro, mas está exatamente igual à de seu irmão.

– É porque o cachorro é o mesmo, professora.

3. Transcreva somente a análise correta dos termos em destaque:

Índios não vimos, durante a travessia da **mata** no interior do **Pará**, mas dormíamos **armados**, com medo de algum **ataque**.

- sujeito – complemento nominal – adjunto adnominal – predicativo do sujeito – adjunto adnominal
- objeto direto – adjunto adnominal – complemento nominal – predicativo do objeto – adjunto adnominal
- objeto direto – complemento nominal – adjunto adnominal – predicativo do sujeito – complemento nominal

4. Localize os adjuntos adverbiais e escreva as frases colocando-os em outra ordem, quando for possível:

a) Aos sábados, o movimento cresce espantosamente, por causa da feira.

b) Na toalha da mesa, Vivaldino risca vincos paralelos, com a lâmina da faca.

c) Foi inaugurada, no Parque do Flamengo, em março de 1979, a marina da Glória.

5. Transcreva as frases; sublinhe os apostos:

a) "Já brilha na cabana de Araquém o fogo, companheiro da noite." (José de Alencar)

b) "Quando mais nada devêramos aos portugueses, nós estas duas coisas lhes deveríamos, a religião e a língua..." (Carlos de Laet)

c) Médico pobre, o Dr. Bento andava sempre a cavalo.

d) "A hoteleira colocou na minha mesa uma jarra de flores, privilégio, segundo me dissera, dos hóspedes recém-chegados." (ANÍBAL MACHADO)

e) "Os pequenos são dois, um menino e uma menina." (ARTUR AZEVEDO)

f) O irmão de Álvaro, o Jaime, esse viveu pouco tempo em nossa companhia, uns dois anos.

g) "Tibiriçá, o líder da tribo, vivia na aldeia de Piratininga." (EDUARDO BUENO)

h) "Os meus cães, Rex e Rita, companheiros fiéis de todas as horas, como animais de puro-sangue, estão excluídos da competição." (VIVALDO COARACI)

i) Ente racional e livre, o homem é capaz de distinguir o bem do mal, o justo do injusto.

j) "Os livros deviam passar diretamente para as estantes, o que pouparia tempo e trabalho." (CECÍLIA MEIRELES)

6. Como o exercício precedente:

a) O recente clube do bairro dera ao jovem outra alegria: a piscina.

b) A anta, ou tapir, animal pacato, não ataca o homem.

c) "Onde estariam os descendentes de Amaro vaqueiro?" (GRACILIANO RAMOS)

d) Possuímos, no Brasil, um barco magnífico, o saveiro.

e) "Tudo acabou: as casas, os jardins, as árvores." (RUBEM BRAGA)

f) "De maio a agosto, os meses sem r, ninguém podia tomar banho no rio, dava febre". (JOSÉ J. VEIGA)

g) Só eles, os práticos, conhecem os segredos da baía e sabem orientar os comandantes dos navios.

h) "Era gordo, alto e claro – três coisas que o envaideciam." (LÊDO IVO)

i) Pobres e ricos, párias e marajás, todos se banham nas águas sagradas do Ganges.

j) "Mas onde há essas pontes, o mono não ousa passar porque ali enxameiam esses estranhos monos sem cauda, os homens, bichos cruéis que matam outros bichos só pelo prazer de matar." (RUBEM BRAGA)

7. Depois de copiar os períodos abaixo, sublinhe com um traço os apostos e com dois os vocativos:

a) "Olhe, D. Evarista, disse-lhe o padre Lopes, vigário do lugar, veja se seu marido dá um passeio ao Rio de Janeiro." (MACHADO DE ASSIS)

b) "Ó grande mar – escola de naufrágios!

Chora um adeus em cada colo de onda!" (GEIR CAMPOS)

c) "Ei, você aí, ó sardento, esfrega aquele pedaço de tijolo nas lajes." (JOSUÉ GUIMARÃES)

d) "É tão igual ao nosso o teu semblante, ó Natureza!" (CABRAL DO NASCIMENTO)

e) "Olá, meu rapaz, isto não é vida!" (MACHADO DE ASSIS)

f) "Entrou de lábios comprimidos, o que lhe afilava mais ainda o narizinho pontudo." (ANTONIO CALADO)

g) "Vai, minha alma, branco veleiro,

vai sem destino, a bússola tonta..." (MARIA FERNANDA DE CASTRO)

h) "O Redentor do homem, Jesus Cristo, é o centro do cosmo e da História." (JOÃO PAULO II)

8. Dê a função sintática das palavras destacadas:

A disposição de enfrentar **qualquer** sacrifício para garantir o **carnaval** foi levada ao extremo, **ontem**, pelas muitas **pessoas** que procuraram as agências da Caixa Econômica Federal a fim de penhorar **joias** e **outros** objetos de **valor, recurso** que **lhes** garantiu o dinheiro necessário à **compra** das **fantasias** ou ao ingresso nos **bailes**.

9. Siga o exemplo, trocando o adjunto adverbial pelo predicativo do sujeito:

Exemplo: As chamas propagaram-se **rapidamente**.

As chamas propagaram-se **rápidas**.

a) As gaivotas voavam **apressadamente** sobre as ondas.
b) Os dois homens avançaram **cautelosamente**.
c) A música difundiu-se **suavemente** e **deleitosamente** pela sala.

10. Dê a função sintática dos termos destacados:

a) O **imenso** mar **azul** deixava-o deslumbrado.
b) **Naquele instante**, o garoto começou a gritar.
c) O jeito, **companheiros**, é permanecermos unidos.
d) Ande **mais devagar**, Ana!
e) Clarice Lispector, **grande escritora moderna**, nasceu em 1925 na Ucrânia.

11. Escreva as frases substituindo os asteriscos por adjuntos adnominais:

a) * amigo sempre esteve presente nos momentos mais * de minha vida.
b) João trouxe * livros * para o trabalho.
c) * vizinho só quer mesmo sombra e água * .
d) * amigos moram em * e * cidades.

12. Identifique as circunstâncias expressas pelos adjuntos adverbiais em cada frase.

a) Só entrarão com autorização do diretor.
b) Chorei de emoção.
c) Conversávamos sobre pintura e música.
d) Saía com amigos todas as tardes.
e) Arrumou-se para a festa dos vizinhos.

13. Complete as frases utilizando adjuntos adverbiais que expressem as circunstâncias indicadas.

a) * fosse melhor você mesma conversar com Pedro. (dúvida)
b) Fez o desenho * . (conformidade)
c) Não escreva * . (modo)
d) Fez o trabalho todo * rapidamente. (intensidade)
e) * participava das reuniões que promovíamos. (tempo)

14. Nas frases seguintes, identifique o aposto e o vocativo:

a) Meu amigo, você viu Tião, o rei do acarajé?
b) O desastre deixou muitos feridos, coisa lastimável.
c) Professor, como se resolve este problema?

TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO
Exercícios de exames e concursos
[Página 684]

PERÍODO COMPOSTO

O período composto, como já dissemos, é constituído de duas ou mais orações.

1 FORMAÇÃO DO PERÍODO COMPOSTO

Para a formação do período composto, podemos usar dois processos sintáticos: a *coordenação* e/ou a *subordinação*.

- Na **coordenação**, as orações se sucedem igualitariamente, sem que umas dependam sintaticamente das outras. Exemplos:

  "Assinei as cartas / e meti-as nos envelopes." (GRACILIANO RAMOS)

  "Adaptou-se à aspereza da vida, / enfrentou a adversidade, / desafiou o destino." (VIVALDO COARACI)

- Na **subordinação**, pelo contrário, há orações que dependem sintaticamente de outras, isto é, que são termos (sujeito, objeto, complemento, etc.) de outras. O período seguinte, por exemplo, está estruturado por subordinação, porque a oração em destaque é objeto direto da precedente, ou seja, completa o sentido da outra oração:

  Sílvia esperou / **que o marido voltasse**. [= Sílvia esperou **a volta do marido**.]

- O **período composto por coordenação** é constituído de orações independentes. Estas ou vêm ligadas pelas conjunções coordenativas ou estão simplesmente justapostas, isto é, sem conectivo que as enlace. Exemplos:

  "O guerreiro cristão atravessou a cabana / **e** sumiu-se na treva." (JOSÉ DE ALENCAR)

  "Agachou-se, / apanhou uma pedra / **e** atirou-a." (FERNANDO SABINO)

  A música se aviva, / o ritmo torna-se irresistível, frenético, alucinante.

- O **período composto por subordinação** consta de uma ou mais de uma oração principal e de uma ou mais orações dependentes ou subordinadas. Exemplos:

  Malha-se o ferro / **enquanto** está quente.

  Malha-se o ferro: oração principal; *enquanto está quente*: oração subordinada.

  Peço-te / **que** procedas / **como** convém.

  Peço-te: oração principal; *que procedas*: oração subordinada; *como convém*: oração subordinada.

Combinando os dois processos, temos um **período composto por coordenação e subordinação**, simultaneamente, ou **período misto**, no qual encontramos orações coordenadas independentes, orações principais e orações subordinadas. Exemplo:

Examinei a árvore / **e** constatei / **que** nos seus galhos havia parasitas.

Examinei a árvore: oração coordenada; *e constatei*: oração coordenada e principal; *que nos seus galhos havia parasitas*: oração subordinada.

Dos exemplos citados vê-se que num período composto podem ocorrer três tipos de orações:

a) coordenadas

b) principais

c) subordinadas

EXERCÍCIOS LISTA 42

1. Utilizando o processo sintático da subordinação, reduza as frases de cada grupo a um só período, fazendo as necessárias adaptações:

a) Fui à cidade vizinha despedir-me de um irmão. Ele trabalhava num hotel.

b) Plínio recebeu a boa notícia e sentiu-se muito comovido. Chegou a chorar.

c) O grupo escolar ficava perto, mas eu ia sempre acompanhado de minha irmã Luciana. Ela me havia ensinado a ler.

d) Alberto me fez uma pergunta. Não prestei atenção. Eu estava pensando em outra coisa.

e) O proprietário voltaria mais tarde. Assim nos informou o porteiro do edifício.

f) Nem os próprios deuses podem contentar toda a gente. Muito menos nós, homens, o podemos fazer.

g) O filho andara tanto tempo afastado deles. Agora parecia-lhes um estranho.

2. Como o exercício precedente:

a) Jacinto não sabia como preencher o tempo. Aborrecia-se muito com isso.

b) Ele não era daquela terra: via-se isso pelo modo de vestir e de falar.

c) Conduziram-me à presença da diretora, numa sala severa. Das paredes desta sala pendiam quadros e um crucifixo.

d) Foi violenta a fúria da tromba-d'água. Até veículos eram arrastados para o abismo.

e) Éramos ainda crianças. Não podíamos sair sozinhos aos domingos. Isto nos deixava humilhados.

f) Entre a minha casa e a do vizinho há um muro. Vejo, às vezes, por cima dele, cabecinhas de crianças esperando o momento oportuno para furtarem mangas.

g) Esta dura sentença não me abalou. Até me envaideceu.

3. Os períodos abaixo estão mal construídos. Desdobre-os em outros mais curtos e corretos. Faça as alterações necessárias:

a) Era noite fechada e todas as luzes estavam acesas, enquanto na estação um apito estridente deu ordem de partida e a locomotiva resfolegou, silvou forte, e o trem começou a deslocar-se em marcha lenta.

b) Um, dois dias de ansiosa espera, até que, afinal, certa hora em que o sol estava a pino, escureceu de súbito e relâmpagos cortaram o espaço e, dentro de minutos, as águas desabavam fartas, lavando a terra abrasada.

4. Transforme em períodos compostos:

a) "O tempo corrige tudo. Aumenta o saber. Clareia a mente da gente." (José Fonseca Fernandes)

b) "A campainha do telefone tocou várias vezes. Imperativa, insistente, irritante. Não me mexi." (Vilma Guimarães Rosa)

c) "Trabalhava no algodão, debaixo da poeira. Por isso vivia tossindo." (João Clímaco Bezerra)

d) Em Belém, pode-se visitar o Paraíso das Tartarugas. Ali centenas desses répteis são criados em viveiros.

5. Escreva cada período, numerando-o de acordo com o respectivo processo sintático:

(1) coordenação

(2) subordinação

(3) coordenação e subordinação

O matuto respondeu que onça só ataca homem nas fitas de cinema.

Eu tinha pressa e precisava de alguém que me ajudasse.

Acolheremos essas crianças ou as deixaremos na rua.

O cão que fica acorrentado salta de alegria, quando é posto em liberdade.

O jornal é torrente que desliza e passa, o livro é lago que recolhe e guarda.

Vão-se os anéis, mas fiquem os dedos.

6. Estruture os períodos abaixo pelo processo da subordinação. Ligue as orações em destaque com os conectivos indicados entre parênteses, fazendo as necessárias alterações:

a) **Era inocente** e condenaram-no. (**embora**)

b) **Entreterás as crianças com bons divertimentos** e elas serão dóceis. (**se**)

c) **Ele interveio arbitrariamente no caso** e todos ficaram revoltados. (**como**)

d) **As terras estavam ocupadas por terceiros**, mas nunca haviam sido alienadas por seus legítimos donos. (**conquanto**)

e) As fibras do linho eram trançadas umas nas outras: **assim se obtinham fios longos**. (**para que**)

f) Os caracteres estavam desbotados; **a carta era quase ilegível**. (**tão... que**)

PERÍODO COMPOSTO
Exercícios de exames e concursos
[Página 685]

ORAÇÕES COORDENADAS INDEPENDENTES

Esquema:

Orações coordenadas
- assindéticas (= não ligadas)
- sindéticas (= ligadas)
  - aditivas
  - adversativas
  - alternativas
  - conclusivas
  - explicativas

Oração coordenada é a que está ligada a outra de mesma natureza sintática.

No período composto por coordenação, as coordenadas são independentes (isto é, não funcionam como termos de outras) e se dizem:

a) **sindéticas**, quando se prendem às outras pelas conjunções coordenativas;

b) **assindéticas**, se estiverem apenas justapostas, sem conectivo, como as duas primeiras orações deste período:

"Inclinei-me, apanhei o embrulho e segui." (Machado de Assis)

Inclinei-me: oração coordenada assindética;

apanhei o embrulho: oração coordenada assindética;

e segui: oração coordenada sindética aditiva.

Outros exemplos de orações coordenadas assindéticas:

"A noite avança, há uma paz profunda na casa deserta." (Antônio Olavo Pereira)

"O ferro mata apenas; o ouro infama, avilta, desonra." (Coelho Neto)

"Avancei lentamente até o bueiro, sentei-me." (Graciliano Ramos)

"Jonas dá o sinal de partida, as lanchas se movimentam lentamente, os saveiros acompanham." (Jorge Amado)

1 ORAÇÕES COORDENADAS SINDÉTICAS

As *orações coordenadas sindéticas* recebem o nome das conjunções coordenativas que as iniciam. Podem ser, portanto:

- **aditivas** (expressam adição, sequência de fatos ou de pensamentos):

A doença vem a cavalo *e volta a pé*.

As pessoas não se mexiam *nem falavam*.

"Não só findaram as queixas contra o alienista, *mas até nenhum ressentimento ficou dos atos* que ele praticara." (MACHADO DE ASSIS)

Os livros não somente instruem, *mas também divertem*.

Ela não somente se orgulhava de seu marido *como também o amava muito*.

Observações:

✔ Nos três últimos exemplos, as orações coordenadas aditivas aparecem correlacionadas e são enfáticas. A conexão de orações desse tipo se faz por meio do par correlato *não só... mas também*, que apresenta as variantes: *não somente... mas ainda, não somente... como também, não somente... senão também, não só... mas até*.

✔ Usa-se e antes de *nem* só em dois casos. Primeiro, se a ênfase o exigir: "Não queremos *e nem* podemos entrar no exame de tamanha complexidade." (JOÃO RIBEIRO). Segundo, nas expressões *e nem sequer, e nem por isso, e nem assim, e nem sempre:* Recebeu a esmola *e nem sequer* agradeceu. Viu seus projetos desprezados *e nem por isso* se abalou.

- **adversativas** (exprimem contraste, oposição, ressalva):

A espada vence, *mas não convence*.

"É dura a vida, *mas aceitam-na*." (CECÍLIA MEIRELES)

Tens razão, *contudo não te exaltes*.

Havia muito serviço, *entretanto ninguém trabalhava*.

O mar é generoso, *porém às vezes torna-se cruel*.

O instinto social não é privilégio do homem, *antes, se nos depara nos próprios animais*. [*antes* = pelo contrário]

"Já não era um tímido passageiro que embarcara em São Paulo *e sim um estoico aviador*." (JOSÉ FONSECA FERNANDES) [*e sim* = mas]

- **alternativas** (exprimem alternância, alternativa, exclusão):

Venha agora *ou perderá a vez*.

"Jacinta não vinha à sala, *ou retirava-se logo*." (MACHADO DE ASSIS)

"Em aviação, tudo precisa ser benfeito *ou custará preço muito caro.*" (RENATO INÁCIO DA SILVA)
"A louca ora o acariciava, ora o rasgava freneticamente." (LUÍS JARDIM)
"Ou Amaro estuda ou largo-o de mão!" (GRACILIANO RAMOS)
O misterioso disco já escurecia, já brilhava intensamente.

Observação:

✔ Nos três últimos exemplos, ambas as orações são coordenadas alternativas.

- **conclusivas** (expressam conclusão, dedução, consequência):
  Vives mentindo; *logo, não mereces fé.*
  Ele é teu pai: *respeita-lhe, pois, a vontade.*
  Raimundo é homem são, *portanto deve trabalhar.*

- **explicativas** (exprimem explicação, motivo, razão):
  Leve-lhe uma lembrança, *que ela aniversaria amanhã.*
  "A mim ninguém engana, *que não nasci ontem.*" (ÉRICO VERÍSSIMO)
  "Qualquer que seja a tua infância, conquista-a, *que te abençoo.*" (FERNANDO SABINO)
  O cavalo estava cansado, *pois arfava muito.*
  Não mintas, *porque é pior para ti.*
  Ninguém podia queixar-se, *porquanto eu estava cumprindo o meu dever.*
  Decerto alguém o agrediu, *pois* (ou *porque*) *o nariz dele sangra.*

Observação:

✔ As orações coordenadas *explicativas* não devem ser confundidas com as subordinadas adverbiais *causais:* estas exprimem a causa de um fato, aquelas dão o motivo, a explicação da declaração anterior. Exemplos:

João está triste *porque perdeu o emprego.* → oração adverbial causal
[A perda do emprego é a causa da tristeza de João.]

A criança devia estar doente, *porque chorava muito.* → oração explicativa
[O choro da criança não podia ser a causa de sua doença.]

Note-se também que há pausa (vírgula, na escrita) entre a oração explicativa e a precedente e que esta é, muitas vezes, imperativa, o que não acontece com a oração adverbial causal.

2 ORAÇÕES COORDENADAS ASSINDÉTICAS

As *orações coordenadas assindéticas* são separadas por pausas, que na escrita se marcam por vírgula, ponto e vírgula ou dois-pontos. Exemplos:

"O sol apareceu, cortou o nevoeiro." (José Fonseca Fernandes)

"Matamos o tempo; o tempo nos enterra." (Machado de Assis)

"Não dançou; viu, conversou, riu um pouco e saiu." (Machado de Assis)

"Apertei-lhe a mão: estava gelada." (Carlos de Laet)

Observação importante:

✔ As orações coordenadas são autônomas quanto à estrutura sintática, mas inter-relacionadas, interdependentes, quanto ao sentido.

EXERCÍCIOS — LISTA 43

1. Transcreva apenas o período cujas orações são todas coordenadas assindéticas:

a) Teria o avião caído na selva ou estaria pousado em local desconhecido?

b) "A mata agita-se, revoluteia, contorce-se toda e sacode-se!" (Manuel Bandeira)

c) "Elisa recomenda à pequena Araci atenção na casa, fecha a porta, dirige-se para o Correio". (Jorge Amado)

2. Classifique as orações coordenadas sindéticas em destaque, numerando-as de 1 a 5, de acordo com a tabela abaixo:

(1) aditivas
(2) adversativas
(3) alternativas
(4) conclusivas
(5) explicativas

- Ou galopa **ou sai da estrada**. (Refrão gaúcho)
- "A civilização não se mede pelo aperfeiçoamento material, **mas sim pela elevação moral**." (Eduardo Prado)
- Os operários protestam, reclamam **e exigem explicações**.
- Decerto choveu nas cabeceiras do rio, **porque o caudal avolumou-se muito, hoje**.
- Os argumentos sobre os malefícios da poluição não os abalam **nem comovem**.
- O homem depende do solo e da flora; **deve, pois, preservá-los**.
- "O navio deve estar mesmo afundando, **pois os ratos já começaram a abandoná-lo**." (Érico Veríssimo)
- Seremos vencedores **ou iremos provar o amargor da derrota**?
- O rio ora se estreitava, **ora se alargava caprichosamente**.
- Mônica não era uma beldade, **contudo impunha-se pela sua simpatia**.
- Astrônomos já tentaram estabelecer contato com seres extraterrestres; **suas tentativas, porém, resultaram infrutíferas**.

3. Escreva três vezes o período final do exercício anterior, trocando a conjunção **porém** por outras equivalentes.

4. Divida e classifique as orações coordenadas:

a) "Ele falava, contava tudo." (Olavo Bilac)

b) Ou o governo gasta menos ou acabará dando com os burros n'água.

c) "As grandes árvores nem se mexem, pois não dão confiança a essa brisa, mas as plantinhas miúdas ficam felizes." (Aníbal Machado)

d) "O major Camilo não ata nem desata." (Ricardo Ramos)

e) A punição foi justa, portanto não se queixe.

f) "Abram-me estas portas, que eu a trarei!" (Camilo Castelo Branco)

g) Não tinha experiência, mas boa vontade não lhe faltava.

h) "Um cachorro talvez rosnasse ou mordesse." (Adonias Filho)

i) A árvore provavelmente estava meio podre, pois o vento a derrubou.

5. Divida e classifique as orações coordenadas destes períodos:

a) A mulher tentou passar, porém sua passagem foi barrada.

b) A ordem era absurda, entretanto ninguém protestou.

c) As folhas, no inverno, amarelecem e caem, ou ficam inativas.

d) Netuno é deus do mar, mas Baco tem afogado mais gente. (Provérbio grego)

e) Não te queixes, que há outros mais infelizes.

f) "O dia é belo, esplende ao sol a baía, os aviões rumorejam, passam mulheres perfumadas." (Aníbal Machado)

g) Os verdadeiros mestres não só ensinam, mas também educam.

h) O acusado não é criminoso; logo, será absolvido.

i) "Ora se esconde, ora ressurge, ora se inclina." (Olegário Mariano)

j) Ela é rica, poderia exibir roupas finas, no entanto veste-se com simplicidade.

k) "A atmosfera oleosa não arejava o peito, antes sufocava." (Autran Dourado)

l) O Sol não somente ilumina a Terra, mas ainda lhe dá calor e vida.

6. Relacione as orações em destaque a seus significados:

(1) acrescentamento
(2) contraste, oposição
(3) alternância, alternativa
(4) conclusão
(5) explicação, motivo

Deus é amor, **portanto Ele nos ama**.
A água evapora-se **e forma as nuvens**.
Ela devia estar triste, **pois não sorriu uma só vez**.
Ou ele se rende **ou será morto**.
A vida o arrocha, **mas Tomé não afrouxa**.
Não reclame de seus pais, **que ninguém no mundo é perfeito**.
Alguns ora aplaudiam, **ora vaiavam os oradores**.

ORAÇÕES COORDENADAS INDEPENDENTES
Exercícios de exames e concursos

[Página 685]

ORAÇÕES PRINCIPAIS E SUBORDINADAS

1 ORAÇÃO PRINCIPAL

Analisemos este período composto por subordinação:

Pedi que tivessem calma. [= Pedi calma.]

Pedi: oração principal

que tivessem calma: oração subordinada

A primeira oração é principal porque não depende, sintaticamente, da segunda, que a completa.

A segunda oração é subordinada porque completa o sentido da primeira, da qual depende, funcionando como objeto direto.

Vejamos, agora, este período composto por coordenação e subordinação:

Acordamos quando amanhecia e partimos alegres.

[= Acordamos de manhã cedo e partimos alegres.]

Acordamos: oração principal
quando amanhecia: oração subordinada adverbial temporal
e partimos alegres: oração coordenada sindética aditiva

Observe que a segunda oração depende da primeira, funcionando como um adjunto adverbial de tempo.

Oração principal ***é a que não exerce, no período, nenhuma função sintática e vem acompanhada de oração dependente, que lhe completa ou amplia o sentido.***

Oração principal somente pode ocorrer num período composto por subordinação ou num período misto.

Orações coordenadas são ao mesmo tempo *principais* sempre que houver outras que delas dependam. Exemplo:

Eu não disse nada, **mas achei** que tinham razão.

Eu não disse nada: oração coordenada assindética
mas achei: oração coordenada sindética adversativa e principal
que tinham razão: oração subordinada à segunda oração

A segunda oração é coordenada sindética adversativa e, ao mesmo tempo, principal em relação à seguinte.

Num período misto, pode haver mais de uma oração principal. Exemplos:

Eu sei que a vida é bela, **mas também não ignoro** que ela é áspera.

"**Estimo** que sejam felizes, **e espero** que não se esqueçam de mim." (MACHADO DE ASSIS)

As orações em destaque são principais em relação às imediatas.

2 ORAÇÃO SUBORDINADA

Oração subordinada é a que depende de outra: serve-lhe de termo e completa-lhe ou amplia-lhe o sentido.

Quando se apresenta desenvolvida vem, geralmente, ligada por um conectivo subordinativo. Exemplos:

Eu não esperava **que ele concordasse**.

Tínhamos certeza **de que seríamos mal recebidos**.

O tambor soa **porque é oco**.

A cobra é um animal **que se arrasta**. [= rastejante]

A oração subordinada exerce função sintática de um termo de outra oração, sendo, por isso, necessária à perfeita realização do enunciado. Nos exemplos dados, as orações em destaque são, respectivamente, objeto direto, complemento nominal, adjunto adverbial de causa e adjunto adnominal.

Uma oração subordinada pode depender de outra subordinada e não da principal, que inicia o período. Exemplo:

Quero que saibam **quanto o sucesso me custou**.

Quero: oração principal

que saibam: oração subordinada à principal

quanto o sucesso me custou: oração subordinada à segunda oração

3 CLASSIFICAÇÃO DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS

As orações subordinadas classificam-se, de acordo com seu valor ou função, em *substantivas*, *adjetivas* e *adverbiais*.

- **substantivas** – exercem as funções próprias dos substantivos (sujeito, objeto direto, objeto indireto, predicativo, complemento nominal, aposto). Exemplos, com as orações substantivas em destaque:

  Peço **que desistas**. → oração substantiva objetiva direta
  [Peço **tua desistência**. → objeto direto]

  É necessário **que você compareça**. → oração substantiva subjetiva
  [É necessário *seu comparecimento*. → sujeito]

- **adjetivas** – exercem a função dos adjetivos (adjunto adnominal):

  Pessoa **que mente** não merece fé.
  [Pessoa *mentirosa* não merece fé.]

  Confortai os homens **que sofrem**.
  [Confortai os homens *sofredores*.]

  "Era esta a verdade **que ninguém contestou**." (CAMILO CASTELO BRANCO)
  [Era esta a verdade *incontestável*.]

- **adverbiais** – exercem a função dos advérbios (adjunto adverbial):

  Chegamos **quando anoitecia**.
  [Chegamos *pela noitinha*.]

  Quando amanhece, sopram ventos frescos.
  [*De manhã* sopram ventos frescos.]

  As pernas tremiam-lhe **porque tinha medo**.
  [As pernas tremiam-lhe *de medo*.]

Quanto à forma, as orações subordinadas podem apresentar-se *desenvolvidas* ou *reduzidas*. Exemplos:

Peço-lhes **que voltem aqui amanhã**. (desenvolvida)
Peço-lhes **voltarem aqui amanhã**. (reduzida)

Se fores por este caminho, chegarás antes. (desenvolvida)
Indo por este caminho, chegarás antes. (reduzida)

Quanto à conexão, as orações subordinadas desenvolvidas podem ser:

a) *sindéticas*, isto é, com conectivo, caso mais frequente. Exemplos:

Acredita-se **que** *o Sol tenha mais de cinco bilhões de anos*.

Os índios se revoltarão, **se** *lhes invadirmos as terras*.

b) *assindéticas* ou *justapostas*, isto é, sem conectivo, caso menos frequente. Exemplos:

Ignoro *quantas reses há nesta fazenda*.

Faziam o trabalho maquinalmente, *tão habituados estavam*.

4 ORAÇÕES SUBORDINADAS COORDENADAS

Duas ou mais orações subordinadas com a mesma função podem estar coordenadas entre si. Exemplos:

Teus pais desejam *que estudes* **e** *que te formes*.

Teus pais desejam
- que estudes → oração substantiva objetiva direta
- **e**
- que te formes → oração substantiva objetiva direta

Se trabalhares **e** *(se) fores honesto*, serás feliz.

Quando ela chegar **e** *(quando) te vir aqui*, ficará contente.

Exigiu-me *que cultivasse as terras* **ou** *as vendesse.* [ou *que* as vendesse]

"O homem brinca com as forças da natureza *que ele não conhece* **nem** *domina.*" (VIVALDO COARACI) [*nem domina* = e *que* não domina]

Tenho a sensação *de que viajo para muito longe* **e** *não voltarei nunca mais.* [*Isto é:* e de que não voltarei nunca mais.]

"A ausência diminui as paixões medíocres e aumenta as grandes, *como o vento apaga as velas* **e** *atiça as fogueiras.*" (MACHADO DE ASSIS)

"Continuou resmungando lá dentro, *enquanto arrastava malas, abria* **e** *fechava gavetas com estrondo.*" (A. OLAVO PEREIRA)

"Era estranho *que a mana se conservasse calada, não desse uma palavra, não fizesse um comentário.*" (LUÍS JARDIM)

"Arriscou algumas passadas, convencido *de que o observavam* **e** *censuravam.*" (GRACILIANO RAMOS) [**e** *de que o* censuravam]

"Por mais que eu admire o mestre do 'Grande Sertão', **e** *bastantemente o inveje,* não creio que o ande imitando." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

Observação:

✔ Só se coordenam orações subordinadas de mesma espécie e função. Observe que o conectivo subordinativo, as mais das vezes, está elíptico.

EXERCÍCIOS — LISTA 44

1. Divida as orações colocando-as entre colchetes e ponha **P** sobre as principais e **S** sobre as subordinadas:

a) O meteorologista avisou que o ano seria chuvoso.

b) Chegaram as grandes máquinas que iam aplainar o terreno.

c) Enquanto o patrão viveu, a empresa prosperou.

2. Transcreva os períodos compostos e sublinhe as orações principais:

a) "Respondi-lhe que não era poeta." (MACHADO DE ASSIS)

b) Se o Nilo secar amanhã de manhã, o Egito morrerá amanhã à noite. (Adágio)

c) "Conto com vossemecê, e creia que tem em mim um amigo." (CAMILO CASTELO BRANCO)

d) "Os olhos, que eram travessos, fizeram-se murchos." (MACHADO DE ASSIS)

e) Assegurou-me que viajaria, mas não me disse quando ia voltar.

3. Continue o exercício, colocando entre colchetes as orações subordinadas coordenadas entre si, atendendo aos conectivos ocultos:

a) Pediu-me [que esquecesse tudo] [e lhe perdoasse].

b) "Há umas plantas que nascem e crescem depressa, outras são tardias e pecas." (MACHADO DE ASSIS) [*peco (pê)* = atacado de doença]

c) "Peça-lhe que viva, que se case e que me esqueça." (CAMILO CASTELO BRANCO)

d) Quando se trabalha e se tem esperança, a felicidade mora em nós.

e) "Chovesse ou fizesse sol, o Major não faltava." (Povina Cavalcânti)

f) "Não haverá ninguém no cais, porque é tarde e faz frio lá fora." (Vilma Guimarães Rosa)

4. Copie os períodos, numerando-os de acordo com o tipo de oração subordinada:

(1) subordinada substantiva

(2) subordinada adjetiva

(3) subordinada adverbial

Reconheço **que agi mal**.

Quando me retirei, já era noite fechada.

É conveniente **que fiques aqui**.

Quero isto **porque é justo**.

Há plantas **que são venenosas**.

Pedra **que rola** não cria limo.

5. Substitua as orações subordinadas adjetivas por adjetivos e as substantivas por substantivos equivalentes, fazendo as necessárias alterações:

Exemplo: Necessito **de que me ajudes**.

Necessito **de tua ajuda**.

a) O senhor necessita **de que o ajudemos**?

b) O homem **que estuda** penetra o mistério das coisas.

c) Pratiquemos ações **que enobreçam**.

d) É indispensável **que estejam presentes e que participem nos debates**.

e) Meu pai não se opõe **a que eu viaje à Europa**.

f) Alimentas um ideal **que não se pode atingir, que é uma utopia**.

6. Substitua os termos em destaque por orações subordinadas equivalentes iniciadas por conectivos subordinativos, fazendo as adaptações necessárias:

a) Evitemos palavras **ofensivas**.

b) O professor pediu **a colaboração dos alunos**.

c) Ninguém impede **vossa permanência** aqui.

d) **Ao escurecer**, as aves buscam os ninhos.

e) **À nossa chegada**, a multidão se alvoroçou.

f) O comandante exortava os soldados **à luta** contra os invasores.

g) Em princípio, sou favorável **ao teu pedido tão insistente**.

h) **Com a minha aproximação**, eles se calaram.

i) Será necessário **nosso comparecimento** à reunião.

j) É imprescindível **a colaboração de todos** nesta campanha.

k) O médico advertiu-a **da gravidade da doença**.

l) Cerca-o uma corte **aduladora e exploradora**.

m) Admitia-se **a existência de seres vivos** na Lua.

ORAÇÕES PRINCIPAIS E SUBORDINADAS
Exercícios de exames e concursos
[Página 685]

ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS

As *orações subordinadas substantivas* são designadas de acordo com a sua função no período.

1 CLASSIFICAÇÃO DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS

Compreendem sete espécies:

- **subjetivas** – funcionam como sujeito do verbo da oração principal:
  É necessário **que você colabore**. [= *Sua colaboração* é necessária.]
  Parece **que a situação melhorou**.
  Aconteceu **que não o encontrei em casa**.
  Importa **que saibas isso bem**.
  Às vezes sucedia **que um de nós se machucava**.
  Não consta **que ele fosse antirreligioso**.
  Convém **que sigas uma profissão**.
  É bom **que você venha**.
  Não é segredo **que os dois não se entendem**.
  Ficou provado **que os documentos eram falsos**.
  Foi decidido **que não haveria convites**.
  Não se sabia **se ela vinha**.
  Sabe-se **que ele é rico**.
  Constatou-se **que os remédios eram falsos**.
  Acreditava-se **que a Terra fosse imóvel**.
  "Receava-se **tivesse havido algum desastre**." (ANÍBAL MACHADO)
  Dir-se-ia **que ele estava cego**.
  Julgar-nos-á **quem nos criou**.
  Quem avisa amigo é.
  Ignora-se **como** (ou **quando** ou **onde**) **se deu o acidente**.
  "Logo correu **que havia chegado à terra um literato**." (GRACILIANO RAMOS)
  "Nunca se sabe **quem está conosco ou contra nós**." (ÉRICO VERÍSSIMO)

Observação:

✔ As subordinadas subjetivas, como se vê nos exemplos acima, desempenham a função de sujeito de verbos usados na 3ª pessoa do singular e são iniciadas, quando se apresentam desenvolvidas, pelas conjunções integrantes *que* (às vezes elíptica) e *se*, pelos pronomes indefinidos *quem, qual, quanto, que*, e pelos advérbios *como, quando, onde, porque, quão*, nas interrogações indiretas.

- **objetivas diretas** – funcionam como objeto direto do verbo da oração principal:

O mestre exigia **que todos estivessem presentes**. [= O mestre exigia *a presença de todos*.]

Mariana esperou **que o marido voltasse**.

Ninguém pode dizer: **desta água não beberei**.

O fiscal verificou **se tudo estava em ordem**.

Perguntaram **quem era o dono da fábrica**.

Indaguei **de quem eram aqueles quadros**.

Veja **que horas são**.

Não posso dizer **qual delas é a mais feia**.

Ignoro **quantos são os desabrigados**.

O freguês perguntou **quanto custava aquele relógio**.

Ignoramos **como se salvaram**.

Perguntei-lhe **quando ia casar**.

Não sabemos **onde anda o proprietário do imóvel**.

Eu sei **por que ele não veio**.

Bem sabes **quão desagradáveis são essas coisas**.

Peço a Vossa Excelência **me escute um pouco mais**. [= *que* me escute]

Adriana me perguntou **de quem era o retrato**.

"Ignoro **a que pessoas se referia o Dr. Magalhães**." (Graciliano Ramos)

"No meu quarto, caí vencido sobre a cama, abafando soluços que não desejava **fossem ouvidos na sala ao lado**." (Gastão Cruls) [= *que* fossem ouvidos]

"Jamais pensei **fosse tão bom assim**." (Marina Colasanti)

As orações substantivas objetivas diretas desenvolvidas são iniciadas:

a) pelas conjunções integrantes *que* (às vezes elíptica) e *se*;

b) pelos pronomes indefinidos *que, quem, qual, quanto* (às vezes regidos de preposição), nas interrogações indiretas;

c) pelos advérbios *como, quando, onde, por que, quão* (às vezes regidos de preposição), nas interrogações indiretas.

- **objetivas indiretas** – funcionam como objeto indireto:

Não me oponho **a que você viaje**. [= Não me oponho *à sua viagem*.]

Aconselha-o **a que trabalhe mais**.

Daremos o prêmio **a quem o merecer**.

Lembre-se **de que a vida é breve**.

O santo exortava o povo **a que se mantivesse fiel a Deus**.

O soldado insistia **em que a prisão fosse feita**.

"O coronel Ferreira avisava-o **de que se acautelasse**." (Camilo Castelo Branco)

"Alguém me convencera **de que eu devia jejuar**." (Graciliano Ramos)

"Abriu-se o templo **a quem quer que cresse em Deus**." (Jônatas Serrano)

Observações:

✔ As orações objetivas indiretas são regidas de preposição.

✔ É frequente a elipse (omissão) da preposição:

"Não me lembrei *que estava diante de um cavalheiro...*" (Camilo Castelo Branco), isto é: Não me lembrei *de* que estava diante de um cavalheiro.

"Esqueceu-se *que tenho cinquenta anos?*" (Camilo Castelo Branco), ou seja:

Esqueceu-se *de* que tenho cinquenta anos?

"Ambos concordaram *que essas ideias não tinham senso comum*". (Machado de Assis)

- **predicativas** – exercem a função de predicativo do sujeito:

Seu receio era **que chovesse**. [Seu receio era *a chuva*.]

Minha esperança era **que ele desistisse**.

Meu maior desejo agora é **que me deixem em paz**.

Não sou **quem você pensa**.

Arnaldo foi **quem trabalhou menos**.

Para alguns a pátria é **onde se está bem**.

"O certo é **que a pacata fisionomia da cidadezinha ganhou animação**."
(Povina Cavalcânti)

Em certos casos, são realçadas com a preposição expletiva *de*:

A expectativa é **de que a safra agrícola aumente**.

"A impressão é **de que uma e outra seriam a mesma coisa**."
(Carlos Castelo Branco, *Jornal do Brasil*, 10/9/1991)

- **completivas nominais** – têm a função de complemento nominal de um substantivo ou adjetivo da oração principal:

Sou favorável **a que o prendam**. [= Sou favorável *à prisão dele*.]

Estava ansioso **por que voltasses**.

Sê grato **a quem te ensina**.

"Fabiano tinha a certeza **de que não se acabaria tão cedo**." (Graciliano Ramos)

"Deixei-me estar em casa, desde a tarde, na esperança **de que me chamasse**."
(Antônio Olavo Pereira)

"Estava convencido **de que um dia lhe dariam razão**." (Herberto Sales)

"Mariana teve a sensação **de que alguém a observava**." (Ana Miranda)

"O romano estava intimamente convencido **de que era superior a todos os outros povos**."
(Jônatas Serrano)

"É inútil uma coleção de armas **para quem já não caça mais**." (Maria de Lourdes Teixeira)

"Há necessidade **de quem é luz do mundo e sal da terra**." (Dom Eugênio Sales)

Observação:

✔ As completivas nominais são regidas de preposição, a qual em certos casos pode ser omitida, como neste exemplo: "Zé Grande tinha a impressão *que estava voltando a ser criança*." (HAROLDO BRUNO).

- **apositivas** – servem de aposto:

Só desejo uma coisa: **que vivam felizes**. [Só desejo uma coisa: *a sua felicidade*.]

Só lhe peço isto: **honre o nosso nome**.

"Talvez o que eu houvesse sentido fosse o presságio disto: **de que virias a morrer**..." (OSMAN LINS)

"Mas diga-me uma cousa, **essa proposta traz algum motivo oculto**?" (MACHADO DE ASSIS)

"A notícia veio de supetão: **iam meter-me na escola**." (GRACILIANO RAMOS)

"E confesso uma verdade: **eu era um homem puro**." (POVINA CAVALCÂNTI)

- orações com função de **agente da passiva**:

O quadro foi comprado **por quem o fez**. [= *pelo seu autor*]

A obra foi apreciada **por quantos a viram**.

Observação:

✔ A NGB não faz referência a esse tipo de oração substantiva.

Orações subordinadas substantivas podem estar coordenadas. Exemplos:

"Parece **que a paisagem tem vida e se ajoelha** a rezar." (OLEGÁRIO MARIANO)
[*e se ajoelha* = e *que* se ajoelha]
"Contei-lhe **que Timóteo vendera o forde e se mudara**." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA) [*e se mudara* = e *que* se mudara]

"Tínhamos a impressão **de que a fala ranzinza nos acariciava e repreendia**."
(GRACILIANO RAMOS) [*e repreendia* = e *de que* repreendia]

"Só aí me inteirei **de que ela havia sofrido e era boa**." (GRACILIANO RAMOS) [*e era boa* = *e de que* era boa]

EXERCÍCIOS — LISTA 45

1. Siga os exemplos, transformando os termos em destaque em orações substantivas, sem alterar o sentido básico das frases. Observe que as orações substantivas têm as mesmas funções dos substantivos:

É possível **a ida do homem a Vênus**.

É possível **que o homem vá a Vênus**.

a) Parecia impossível **o voo de máquinas tão pesadas**.

b) Interessa a todos **a baixa dos preços**.

Pedimos **seu comparecimento em nosso escritório**.
Pedimos **que compareça em nosso escritório**.

c) O porteiro impediu **a entrada dos retardatários**.
d) Constatei **a existência, em mim, de forças antagônicas**.

Alfredo precisava **da ajuda de sua irmã**.
Alfredo precisava **de que sua irmã o ajudasse**.

e) Os pais não se opunham **ao casamento da filha com o pugilista**.
f) O funcionário se queixa **da perseguição do chefe**.

Tínhamos medo **do ataque de animais ferozes**.
Tínhamos medo **de que animais ferozes nos atacassem**.

g) À noite, tive conhecimento **da chegada de meus primos**.
h) Eu estava convicto **da inocência do acusado**.

2. Transcreva apenas os períodos em que há oração substantiva subjetiva:

Aqui está o anel que achei.
Ficarei triste, se você não vier.
Aconteceu que faltou luz.
Sabe-se que o ouro é dúctil.

3. Copie somente o período em que a oração substantiva funciona como sujeito da oração principal:

- Parece que ele é surdo.
- Desejo que venham todos.

4. Ponha entre colchetes as orações substantivas e classifique-as:

(**S**) subjetivas (**OD**) objetivas diretas

a) Sabemos que o calor dilata os corpos.
b) Acreditava-se que o homem chegaria à Lua.
c) Convém que obedeças aos ditames da razão.
d) Ignoramos quando ocorreu o acidente.
e) É provável que os egípcios tenham inventado a fabricação do vidro.
f) É fato inconteste que a civilização grega influenciou a romana.
g) "Ninguém lhe perguntou donde vinha." (Vivaldo Coaraci)
h) Foi decidido que não haveria discursos durante o banquete.
i) Seja dito, a bem da verdade, que Rafael não mentia.
j) Admitamos que o mundo acabe amanhã.
k) "Creio que a grande paixão de Childe foi o Egito." (Manuel Bandeira)

5. Transcreva os períodos antepondo **OI** quando houver oração substantiva objetiva indireta, e **CN** se ocorrer oração completiva nominal:

- "Tenho a certeza de que Sérvulo irá ajudá-la muito." (Vilma Guimarães Rosa)
- "Joana agarrava-se loucamente à esperança de que Dedé haveria de voltar." (Bernardo Élis)

- Eles agora se convenceram de que o estudo é indispensável.
- Margarida lembrou-se de que o relógio estava atrasado.
- Eles agora estão convencidos de que o estudo é indispensável.

6. Copie as frases e numere os períodos, de **1** a **7**, de acordo com as orações subordinadas substantivas que neles ocorrem, obedecendo à seguinte classificação:

(1) orações subjetivas
(2) orações objetivas diretas
(3) orações objetivas indiretas
(4) orações predicativas
(5) orações completivas nominais
(6) orações apositivas
(7) orações com função de agente da passiva

a) Perguntei se ele estava satisfeito ali.
b) É justo que amparemos nossos pais.
c) A minha opinião é que você não deve ir.
d) "Nada obsta a que o joguem [o futebol] com elegantes pernadas as damas e senhoritas." (Carlos de Laet)
e) Havia suspeitas de que ele fosse o criminoso.
f) "Lá se vê quão salutar é a vara da lei." (Camilo Castelo Branco)
g) Não se esqueça de que você também é falível.
h) Seremos julgados por quem nos criou.
i) "Só ponho uma condição: vai almoçar comigo." (Carlos de Laet)
j) Estamos ansiosos por que terminem as aulas.
k) Na traseira do fordeco, lia-se o aviso: "Mantenha distância".
l) Na loteria da vida, o acertador é quem não aposta.
m) Tive o pressentimento de que os dois carros iriam chocar-se.

7. Transcreva apenas o período em que ocorre oração substantiva apositiva:

- No portão da casa havia o aviso: "Nosso cão não é seu amigo".
- No portão da casa estava escrito: "Nosso cão não é seu amigo".
- No portão da casa a placa avisava: "Nosso cão não é seu amigo".

8. Complete os períodos, substituindo os asteriscos por **orações substantivas** adequadas e classifique-as:

a) É necessário **********.
b) Perguntamos **********.
c) Comentava-se **********.
d) Informo V. Sª **********.
e) Bastaria **********.
f) A verdade é **********.

g) Ela estava ansiosa **********.

h) Na traseira do ônibus estava a advertência: **********.

9. Copie o período abaixo e em seguida aponte a análise correta das três orações em destaque:

[**Dizem**] [**que em boca fechada não entram moscas;**] [por isso, é bom] [**que não demos com a língua nos dentes.**]

- oração principal – substantiva objetiva direta – substantiva subjetiva
- oração principal – substantiva subjetiva – substantiva predicativa

10. Divida e classifique as orações deste período:

"O pescador subaquático está agora estendido na relva: ninguém sabe se ele dorme ou perdeu os sentidos." (Érico Veríssimo)

11. Sublinhe e classifique as orações subordinadas substantivas, observando que em quatro períodos há orações subordinadas coordenadas:

a) "Os brancos tinham como dogma que de outra maneira não se levavam pretos." (Monteiro Lobato)

b) Cada vez mais me convenço de que a guerra é uma estupidez.

c) "Parecia-nos que um santuário estava sendo profanado." (Vivaldo Coaraci)

d) O rei o persuadiu a que aceitasse o cargo.

e) "O público insistiu em que não se retirava." (Ramalho Ortigão)

f) "Ninguém pergunta ao retirante donde vem nem para onde vai." (José Américo)

g) "E nunca se sabia como, quando e com que armas ia atacar." (Érico Veríssimo)

h) "A notícia corria de boca em boca: íamos ter um circo na cidade." (Povina Cavalcânti)

i) "Não importa que só tenha quinze anos e se ache feia." (Vilma Guimarães Rosa)

j) Rômulo não se opôs a que o filho vendesse a casa e fosse morar no Rio.

ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS
Exercícios de exames e concursos
[Página 685]

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS

Comparemos as duas frases:

O professor gosta dos alunos **estudiosos**.
O professor gosta dos alunos **que estudam**.

estudiosos: adjunto adnominal de *alunos*
que estudam: oração subordinada adjetiva

A oração **que estudam** é chamada *adjetiva* porque tem o mesmo valor do adjetivo *estudiosos*, funciona como adjunto adnominal do substantivo *alunos*.

As orações subordinadas adjetivas são as que exercem, como os adjetivos, a função de adjunto adnominal.

São introduzidas, as mais das vezes, pelos pronomes relativos e referem-se a um termo antecedente, que pode ser um substantivo ou pronome. Outros exemplos, com os antecedentes sublinhados:

Há coisas **que nos comovem**.

O professor **a quem fui apresentado** era muito simpático.

Há palavras **cuja origem é obscura**.

Este é o motivo **pelo qual desisti do torneio**.

Os jogadores dirigiram-se ao estádio, **onde a multidão os esperava**.

É teu tudo **quanto aqui existe**.

Ele falava cantando, o **que muito nos divertia**. [*o* = coisa, fato]

Ele, **que trabalhou**, não ganhou nada.

Para uns, **que viajam**, as estrelas são guias.

Ó flor, **que me sorris**, que fim terás? [antecedente: *tu*]

"A poeira **que levantou** o fez espirrar." (NÉLIDA PIÑON)

Observe que a oração subordinada adjetiva, como nos quatro últimos exemplos, pode estar intercalada na oração principal:

Ele não ganhou nada: oração principal
que trabalhou: oração subordinada adjetiva

Observação:

✔ Convém recordar os pronomes relativos.

Não faltam exemplos de orações adjetivas iniciadas pelo pronome indefinido *quem*, sem antecedente:

Os benefícios persistem na memória **de quem os faz**.

Encarecemos as qualidades **de quem amamos**.

"Tinha a expressão obstinada **de quem tenta** desembaçar um espelho." (LÍGIA FAGUNDES TELLES)

Observação:

✔ Neste, como em outros casos, desaconselhamos o processo artificial dos desdobramentos [Encarecemos as qualidades *daqueles que* amamos], processo esse que se divorcia do moderno conceito de análise sintática. Deve-se analisar a frase como se apresenta no texto.

Registrem-se também as orações adjetivas introduzidas pelo advérbio relativo *como* (= por que, pelo qual, pela qual). Exemplos:

Admiro o modo **como ele trabalha**.

"Não reproduzo suas palavras da maneira **como as enunciou**." (MONTEIRO LOBATO)

1 CLASSIFICAÇÃO DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS

Há dois tipos de orações subordinadas adjetivas: *explicativas* e *restritivas*.

- **explicativas** – explicam ou esclarecem, à maneira de aposto, o termo antecedente, atribuindo-lhe uma qualidade que lhe é inerente ou acrescentando-lhe uma informação. Exemplos:

  Deus, **que é nosso pai**, nos salvará.

  Valério, **que nasceu rico**, acabou na miséria.

  Ele tem amor às plantas, **que cultiva com carinho**.

  Alguém, **que passe por ali à noite**, poderá ser assaltado.

  "Olhou a caatinga amarela, **que o poente avermelhava**." (GRACILIANO RAMOS)

  "Mariana sentou-se no catre, **ao lado do qual estava o baú de roupas**." (ANA MIRANDA)

As explicativas são isoladas por pausas, que na escrita se indicam por vírgulas.

- **restritivas** – restringem ou limitam a significação do termo antecedente, sendo indispensáveis ao sentido da frase. Exemplos:

  Pedra **que rola** não cria limo.

  Os animais **que se alimentam de carne** chamam-se carnívoros.

  Rubem Braga é um dos cronistas **que mais belas páginas escreveram**.

"Há saudades **que a gente nunca esquece**." (OLEGÁRIO MARIANO)
"Escolheu a rua **que o levaria ao bairro dos clubes**." (FERNANDO NAMORA)
"As pessoas **a que a gente se dirige** sorriem." (GRACILIANO RAMOS)
"A vida me ensinou a conhecer os homens **com os quais eu lido**." (JOSUÉ GUIMARÃES)
"Existem coisas **cujo alcance nos escapa**; nem por isso deixam de existir." (INÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO)

A oração adjetiva do primeiro exemplo restringe, limita, reduz a categoria das pedras: não são todas as pedras que não criam limo, mas só as que rolam.

Observação:

✔ Não se faz pausa entre a oração principal e a adjetiva restritiva; por isso, não tem cabimento a vírgula. Há, no entanto, autores que, mesmo neste caso, usam vírgula.

- As orações adjetivas vêm precedidas de preposição (ou locução prepositiva), sempre que esta for reclamada pelo verbo que as constitui. Exemplos:

Este é um título **a que toda moça bonita aspira**. [aspirar *a* algo]
A velhinha era uma dessas pessoas **às quais não se pode mentir**.
Trouxe-lhe as frutas **de que você gosta**. [gostar *de* algo]
Algumas colegas **com quem estudo** são alunas brilhantes.
Havia ali pessoas **por quem eu não queria ser visto**.
Este é um ideal **por que sempre lutei**. [lutar *por* algo]
"A casa **em que Antônia morava** foi posta abaixo." (MANUEL BANDEIRA) [morar *em* um lugar]
Não desespere, recorra a Deus, **em cujas mãos está a nossa vida**.
De repente, achei-me num mundo desconhecido, desconcertante, **com o qual eu nunca mantivera qualquer contato**. [manter contato *com* algo]
Os doentes foram instalados num galpão, **perto do qual acendemos grandes fogueiras**.
"A doença de Margarida durou dois dias, **no fim dos quais levantou-se a viúva um pouco abatida**." (MACHADO DE ASSIS)

- Orações adjetivas podem estar coordenadas. Exemplos:

"Cerca-o uma corte **que o adula e explora**." (RAMALHO ORTIGÃO)
[*e explora* = e *que* o explora]
"Não assim o panorama do mar, **que é vário e a cada instante se recria**." (CIRO DOS ANJOS)
[Isto é: e *que* a cada instante se recria.]

EXERCÍCIOS — LISTA 46

1. Ponha as orações adjetivas entre colchetes e destaque os antecedentes, como no exemplo:

a) Mal podia encobrir a **tristeza** [que o minava.]
b) Nem tudo que reluz é ouro.
c) "São amiguinhas a quem quero bem." (VIVALDO COARACI)

d) Amo a vida por tudo quanto ela me dá.
e) "O presente é a bigorna onde se forja o futuro." (VICTOR HUGO)
f) "A dor que se dissimula dói mais." (MACHADO DE ASSIS)
g) Há certas aranhas cujas teias parecem fios de prata.
h) "Não houve labor a que se eximisse." (CARLOS DE LAET)
i) "A maneira como a receberam era um aviso." (ANÍBAL MACHADO)
j) "Neste caminho encontra-se o tesouro pelo qual tantas almas estremecem." (CRUZ E SOUSA)

2. Siga o exemplo, observando que a oração adjetiva tem a função de um adjunto adnominal:
Assisti a cenas **que me comoveram**.
Assisti a cenas **comoventes**.

a) Ela tem um olhar **que me fascina**.
b) Mauro tem atitudes **que irritam**.
c) Existem gases **que causam a morte**.
d) Há insetos **que transmitem doenças**.

3. Transcreva os períodos numerando-os de forma a distinguir **que**, pronome relativo, de **que**, conjunção subordinativa integrante:
(1) pronome relativo: oração adjetiva
(2) conjunção integrante: oração substantiva

- Este é um mal que tem cura.
- Não sabem o que querem.
- Confesso que errei.
- Não é justo que o magoes.

4. Ponha as orações adjetivas entre colchetes e escreva **E** para as explicativas e **R** para as restritivas:
a) "A mãe, que era surda, estava na sala com ela." (MACHADO DE ASSIS)
b) "Ela reparou nas roupas curiosas que as crianças usavam." (VILMA GUIMARÃES ROSA)
c) "Ele próprio desculpou a irritação com que lhe falei." (MACHADO DE ASSIS)
d) Ele pôs-se a contar velhos casos, em que não achei graça.
e) "Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar." (JOSÉ DE ALENCAR)
f) "Esse professor de quem falo era um homem magro e triste." (JOSÉ J. VEIGA)
g) "O instinto moral é a razão em botão, a qual se desenvolve com o tempo, experiência e reflexão." (MARQUÊS DE MARICÁ)
h) "O velho pajé, para quem são estas dádivas, as recebe com desdém." (JOSÉ DE ALENCAR)
i) "Onde está a vela do saveiro que o mar engoliu?" (JORGE AMADO)
j) "Por que estará de implicância comigo, que nunca lhe pisei nos calos?" (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)
k) Passamos por muitos trechos onde nem estrada havia.
l) "A máquina mais complicada que ele conhecia era o monjolo." (ÉRICO VERÍSSIMO)
m) O homem pôs-se a olhar as laranjeiras, cujos galhos sem folhas pareciam arranhar o céu cinzento.

n) Estavam ainda ali no chão as cascas dos ovos pelos quais o orador fora atingido.

o) Enviamos-lhes roupas, alimentos, remédios e outras coisas de que precisavam.

p) "Apenas um homem, de quantos assistiam à cena, soltou uma risada." (ÉRICO VERÍSSIMO) [**de quantos** = de todos quantos]

q) O vulcão, que parecia extinto, voltou a dar sinal de vida.

5. Os pronomes relativos exercem na frase funções sintáticas: sujeito, objeto direto, objeto indireto, adjunto adverbial, adjunto adnominal, agente da passiva, etc. Dê a função dos que ocorrem nos períodos do exercício 4.

Exemplo: **que** (do primeiro período) → sujeito

6. Em cada um dos períodos seguintes há duas orações adjetivas. Destaque-as e classifique-as (explicativa ou restritiva):

a) Ofereceu-lhe o vestidinho que ela mesma – que costurava tão bem – fizera na máquina.

b) "Tenho visto criaturas que trabalham demais e não progridem." (GRACILIANO RAMOS)

c) "Deus, que é Pai de todos, sabia da luta que ela tivera." (ADONIAS FILHO)

7. As orações adjetivas vêm precedidas de preposição quando o verbo a exigir. Classifique as orações adjetivas dos períodos seguintes e dê a função sintática dos pronomes relativos.

a) Ele me puxou para ver um quadro [de que havia gostado muito].

b) Não era muito grande a mesa [a que nos sentamos].

c) Os moradores das palafitas vivem à beira do rio, [do qual retiram o seu sustento].

d) As pessoas [a quem Juliano recorreu] não o atenderam.

8. Orientado pelo exemplo, escreva os períodos convertendo as orações coordenadas em destaque em subordinadas adjetivas:

A máquina é uma potência infernal; **os homens não são completamente donos dela**.

A máquina é uma potência infernal, **de que os homens não são completamente donos**.

a) Ainda estavam no chão os cacos de vidro; **o garoto nos alvejara com esses cacos**.

b) Fizeram-lhe graves acusações; **ele se defendeu delas com veemência e coragem**.

c) Encontrou-se um velho colete; **no bolso dele havia moedas de ouro**.

d) Havia, no colégio, frequentes reuniões; **apenas alguns pais compareciam a elas**.

e) No jardim havia canteiros floridos; **crianças perseguiam borboletas por entre eles**.

f) Este é um problema difícil; **para a sua solução se exigem competência e recursos**.

g) O povo fez questão de empurrar a carreta; **sobre ela estava o féretro**.

h) Era um estudante que eu conheci num carnaval; **e me tornei amigo dele**.

i) Entrei numa pequena loja; **nas prateleiras dela se enfileiravam objetos de artesanato.**

9. Faça como no exercício anterior, porém intercalando a oração adjetiva na oração principal:

A oficina ficava no fim da rua; **Juvenal trabalhava nessa oficina**.

A oficina **em que Juvenal trabalhava** ficava no fim da rua.

a) A casa é modesta, mas aconchegante; **nós moramos nela**.

b) O festival conta com a participação de artistas famosos; **eu assistirei a ele hoje à noite**.

c) As tintas eram extraídas dos vegetais; **com elas se matizavam os tecidos**.

d) A montanha era alta e arborizada; **do cimo dela se descortinava o mar**.

e) O lago era grande e límpido; **eu costumava brincar às suas margens**.

f) O oficial foi transferido para Brasília; **Nair simpatizava com ele**.

g) O local era inóspito, agressivo; **tínhamos chegado a esse local**.

h) As flores eram de Barbacena; **e delas mandei tecer uma grinalda**.

i) Os animais são da ordem dos primatas; **o professor se referiu a eles**.

10. Divida e classifique as orações dos períodos seguintes:

a) "Luís Filipe começou a falar sobre alguns casos difíceis que apareceram no hospital, mas a verdade é que eu não o ouvia." (LÍGIA FAGUNDES TELLES)

b) "Não interrompemos a quem nos louva, mas aos que nos censuram, acusam ou contradizem." (MARQUÊS DE MARICÁ)

c) Você, que é íntimo dele, aconselhe-o a que desista de tão arriscado empreendimento.

11. Escreva os períodos abaixo mudando as orações coordenadas em destaque em orações adjetivas, que nos itens **a** e **f** devem ser intercaladas na oração principal:

a) Os tiranos eram soberbos e cruéis, **e o povo se submetia ao poder deles**.

b) Atravessamos o jardim e dirigimo-nos à piscina, **e sentamo-nos à beira dessa piscina**.

c) Por fim, desemboquei numa rua larga, com muitas árvores; **através dessas árvores se avistava o mar**.

d) Percebi nas suas palavras uma benevolente ironia; **no fundo dessa ironia se escondia, contudo, uma indisfarçável tristeza**.

e) O índio olhou, depois, as flechas cruzadas na parede; **perante essas flechas duas vezes baixou e ergueu a cabeça**, como para aprovar a presença delas ali.

f) A peça de teatro é da autoria de um aluno desta escola; **assisti ao ensaio dela**.

g) Volutas de fumaça subiam languidamente das mesas; **em torno dessas mesas pessoas conversavam animadamente**.

12. Escreva o seguinte período substituindo corretamente o pronome relativo **onde**, que inicia a oração adjetiva, pelo pronome **cujo**:

"Agora as ruas estreitas iam ficando para trás, a igreja, também o cemitério, onde, diante do portão, havia o umbuzeiro." (JOSÉ CONDÉ)

13. Escreva corretamente as frases substituindo * por preposição + pronome relativo:

a) Pelos equipamentos * dispõe, este hospital é considerado o melhor do país.

b) A estátua da fonte é uma criança nua, * cabeça os passarinhos pousam.

c) Os amigos de Lauro eram justamente aqueles * as mães não queriam que seus filhos brincassem.

14. Transcreva apenas a sequência correta das orações do último período do exercício anterior:

- oração principal – oração subordinada substantiva objetiva indireta – oração subordinada adjetiva explicativa
- oração principal – oração subordinada adjetiva restritiva – oração subordinada substantiva objetiva direta
- oração principal – oração subordinada adjetiva explicativa – oração subordinada adjetiva restritiva

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS
Exercícios de exames e concursos
[Página 686]

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS

Veja este exemplo:

Saímos de casa **quando amanhecia**. [= Saímos de casa **de manhã cedo**.]

A oração **quando amanhecia** exprime uma circunstância de tempo, funciona como um *adjunto adverbial*: por isso, é uma oração subordinada *adverbial*.

As orações subordinadas adverbiais têm a função dos adjuntos adverbiais, isto é, exprimem circunstâncias de tempo, modo, fim, causa, condição, hipótese, etc.

São iniciadas, quando desenvolvidas, pelas conjunções subordinativas (excluindo-se as subordinativas integrantes). É importante saber distinguir os diferentes tipos dessas conjunções.

1 CLASSIFICAÇÃO DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS

As orações subordinadas adverbiais classificam-se de acordo com as conjunções que as introduzem. Portanto, podem ser:

- **causais** – exprimem causa, motivo, razão. Exemplos:
  O tambor soa **porque é oco**.
  Como não me atendessem, repreendi-os severamente.
  Como ele estava armado, ninguém ousou reagir.
  "Faltou à reunião, **visto que esteve doente**." (ARLINDO DE SOUSA)
  Já que (ou **visto que** ou **desde que** ou **uma vez que**) **ninguém se mexe**, temos que agir nós, cidadãos.
  "Maximiano temera que o coronel o agredisse, **de tão violento que ficara**." (JORGE AMADO)
  "**Velho que sou**, apenas conheço as flores do meu tempo." (VIVALDO COARACI)
  Desprezam-me, **por isso que sou pobre**.
  Não posso ir hoje, **tanto mais que meu filho está doente**.
  Não encontrei o livro em nenhuma loja, **pela simples razão que ele não existe**.

Observação:

✔ Pode-se considerar causal justaposta (= sem conectivo) a segunda oração de construções como:
Não se ouvia nada, *tamanho era o barulho*.
É difícil distinguir um do outro, *tão parecidos são*.
Nem se podia passar, *tantas eram as formigas*.

- **comparativas** – representam o segundo termo de uma comparação.

a) orações comparativas com o verbo expresso:

"A preguiça gasta a vida **como a ferrugem consome o ferro**." (MARQUÊS DE MARICÁ)

Ela o atraía irresistivelmente, **como o ímã atrai o ferro**.

Os retirantes deixaram a cidade tão pobres **como vieram**.

Como a flor se abre ao Sol, assim minha alma se abriu à luz daquele olhar.

"Nos Estados Unidos há universidades para todas as inteligências **como há hotéis para todas as bolsas**." (EDUARDO PRADO)

O lugar é **tal qual** (ou **tal como**) **você o descreveu**.

Certos cantores gesticulam mais **do que cantam**.

Rui voltou para casa **como quem vai para a prisão**.

b) orações comparativas com o predicado ou o verbo subentendidos:

O esquilo é tão ágil **quanto o macaco**. [= quanto o macaco é ágil]

Nenhum nadador treinou tanto **como Ricardo**. [= como Ricardo treinou]

A luz é mais veloz **do que o som**. [= do que o som é veloz]

Não há tirania pior **que a dos vícios inveterados**.

O orador foi mais brilhante **do que profundo**.

Sua morada era antes um barraco escuro **que uma casa humilde**.

De modo geral, pessoas gordas vivem menos **do que as magras**.

"E dizia que os vaga-lumes bailavam gentis **quais falenas no ar**." (LUÍS HENRIQUE TAVARES)

Ela recendia perfumes **que nem um ramo de manacá florido**.

Observação:

✔ Esta é a análise tradicionalmente aceita, mas artificial. Seria preferível ver, nos exemplos citados na alínea b, não orações adverbiais comparativas, mas simples adjuntos adverbiais de comparação.

Pela mesma razão, é melhor análise a que vê adjunto adverbial de comparação em estruturas de cunho popular como:

"Luzia *que só espelho*!" (LUÍS JARDIM)

"É forte *como o diabo*." (AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA)

Ficou vermelho *que nem brasa*.

c) orações comparativas hipotéticas:

O homem parou perplexo, **como se esperasse um guia**.

Os cavalos iam à toda, **como se mil demônios os esporeassem**.

"O zunido espalhou-se na sala **como se um inseto estivesse voejando**." (VILMA GUIMARÃES ROSA)

Observação:

✔ Esse tipo de oração reúne as ideias de comparação e hipótese. Por isso, há quem subentenda verbo e analise: "O homem parou perplexo / como *pararia*, / se esperasse um guia." Tal análise, porém, é desaconselhada, por ser artificial. É preferível considerar *como se* uma locução comparativa.

- **concessivas** – exprimem um fato que se concede, que se admite, em oposição ao da oração principal. Exemplos:

Admirava-o muito, **embora** (ou **conquanto** ou **posto que** ou **se bem que**) **não o conhecesse pessoalmente**.

Embora não possuísse informações seguras, ainda assim arriscou uma opinião.

Cumpriremos nosso dever, **ainda que** (ou **mesmo quando** ou **ainda quando** ou **mesmo que**) **todos nos critiquem**.

Por mais que gritasse, não me ouviram.

Os louvores, **pequenos que sejam**, são ouvidos com agrado.

"**Nem que a gente quisesse**, conseguiria esquecer." (Otto Lara Resende)

"Os cavalos vinham quase em cima dela, **por mais que o cocheiro os sofreasse**." (Machado de Assis)

"**Por muito mau que fosse o seringal**, devia ser melhor que aquilo." (Ferreira de Castro)

"Em cada escola [filosófica], **por exagerada que seja**, há sempre uma apreciável parcela de verdade integral." (Jônatas Serrano)

"**Se o via derrubado, rosto no pó**, nem por isso o respeitava menos." (Ondina Ferreira) [*Se* o via = *embora* o visse.]

Ajudava-os em tudo, **sem que isso fosse de minha obrigação**.

Júlio César resolveu passar o Rubicão, **fossem quais fossem as consequências**.

O responsável deve ser punido, **quem quer que seja**.

Por incrível que pareça, eles não sabiam o nome de sua cidade.

"**Chovesse ou fizesse sol**, o Major não faltava." (Povina Cavalcânti)

"**Em que pese aos inimigos do paraense**, sinceramente confesso que o admiro." (Graciliano Ramos)

Observação:

✔ As orações subordinadas adverbiais concessivas, quando coordenadas alternativas, como no penúltimo exemplo, dispensam, em geral, a conjunção subordinativa (*embora*).

- **condicionais** – exprimem condição, hipótese. Exemplos:

Deus só nos perdoará **se perdoarmos aos nossos ofensores**.

Se o conhecesses, não o condenarias.

"Que diria o pai **se soubesse disso**?" (Carlos Drummond de Andrade)

A cápsula do satélite será recuperada, **caso a experiência tenha êxito**.
Você pode ir, **contanto que** (ou **desde que**) **volte cedo**.
Não sairei de meu consultório, **a menos que** (ou **a não ser que**) **haja casos urgentes**.
Poderão chegar lá ainda hoje, **salvo se acontecer algum imprevisto**.
Não poderás ser bom médico, **sem que estudes muito**.
"**Se convidada**, [a menina] senta no colo da gente, conversa um pouco e logo sai correndo." (RAQUEL DE QUEIRÓS) [*se convidada* = se for convidada]
Não fosse a perícia do guia, talvez teríamos perecido todos.
"**Escrevesse eu esses livros** e estaria rico. (AUTRAN DOURADO)
"**Houvesse chegado um minuto antes, ou um minuto depois**, e tudo teria sido diferente." (VIANA MOOG)
"A carinha [de Neuma] podia ser de chinesa, **fossem os olhos mais enviesados**." (RAQUEL DE QUEIRÓS) [*fossem os olhos* = se fossem os olhos]

Observações:

✔ Às vezes a oração condicional (como nos quatro últimos exemplos) aparece justaposta, sem o conectivo *se*.

✔ A conjunção *se* às vezes apresenta-se com o valor aproximado de *visto que*, transmitindo ideia de causa a orações que funcionam como base ou ponto de partida de um raciocínio. Exemplos:
Se a alimentação é uma necessidade básica, cumpre incentivar a agropecuária.
Se os homens são por natureza imperfeitos, as sociedades humanas não podem ser perfeitas.
Se no inverno a sala já era quente, no verão tornava-se uma fornalha.

✔ Diz-se, corretamente: *Caso* (e não *se caso*) tenha pago a conta, desconsidere este aviso.

- **conformativas** – exprimem acordo ou conformidade de um fato com outro. Exemplos:
O homem age **conforme pensa**.
Relatei os fatos **como** (ou **conforme**) **os ouvi**.
Como diz o povo, tristezas não pagam dívidas.
O jornal, **como sabemos**, é um grande veículo de informação.
Vim hoje, **conforme lhe prometi**.
"Digo essas coisas por alto, **segundo as ouvi narrar anos depois**." (MACHADO DE ASSIS)
Segundo ouvi dizer, Fleming descobriu a penicilina por acaso.
Consoante opinam alguns, a História se repete.
"**Como deveis saber**, há em todas as coisas um sentido filosófico." (MACHADO DE ASSIS)
"Um eclipse da Lua pode ser total ou parcial, **conforme a Lua fique ou não completamente mergulhada no cone de sombra da Terra**." (RONALDO DE FREITAS MOURÃO)

Observação:

✔ *Como* introduz oração conformativa quando equivale a *conforme*.

- **consecutivas** – exprimem uma consequência, um efeito ou resultado. Exemplos:

  Fazia tanto frio **que meus dedos estavam endurecidos**.

  "A fumaça era tanta **que eu mal podia abrir os olhos**." (José J. Veiga)

  De tal sorte a cidade crescera **que não a reconhecia mais**.

  As notícias de casa eram boas, **de maneira que pude prolongar minha viagem**.

  Ontem estive doente, **de sorte que** (ou **de modo que** ou **de forma que** ou **de maneira que**) **não saí de casa**.

  "Corria para a rua, para o trabalho, para o tumulto, a estontear-se, **de modo que lhe fosse difícil** encontrar-se a sós consigo." (Fernando Namora)

  "Ainda assim, não andei tão depressa **que amarrotasse as calças**." (Machado de Assis)

  "Não esperava, tanto **que me pediu um prazinho para a resposta**." (Amadeu de Queirós)

  "Deus! ó Deus! onde estás **que não respondes**?" (Castro Alves)

  "Tinha um filho, podia erguê-lo ao sol, **sem que a guerra o arrebatasse**." (José Geraldo Vieira)

  Não vão a uma festa **que não voltem bêbedos**. [*que não* = sem que]

  "Não podia fitá-lo **sem que** (ou **que não**) **risse**." (Celso Luft)

  "Não se sentava **que não enterrasse a cara nas mãos**." (José Américo)

  "Bebia **que era uma lástima**!" (Ribeiro Couto)

  Falou com uma calma e frieza **que todos ficaram atônitos**.

  "Tenho medo disso **que me pelo**!" (Coelho Neto)

  "Essa gente fazia um barulho, **que assustava os transeuntes**..." (Graciliano Ramos)

Observações:

✔ Às vezes, como nos quatro últimos exemplos citados, o termo intensivo (tão, tanto, tal, tamanho, etc.) da oração principal está oculto: Bebia *tanto* que era uma lástima. Falou com uma calma *tal* que todos ficaram atônitos.

✔ A oração adverbial do exemplo de Fernando Namora pode ser considerada também final, por traduzir, simultaneamente, consequência e finalidade.

Para expressar uma consequência impossível, emprega-se, por influência do francês, a locução *para que*, antecedida de *muito* (ou *demais*) + adjetivo. Exemplos:

O fardo era muito pesado *para que eu pudesse erguê-lo*.

O convite era demais tentador *para que João o recusasse*.

"O seu corpo era pesado demais *para que eu conseguisse arrastá-lo*." (Murilo Rubião)

"As festas estavam muito próximas *para que a morte de Totonha pudesse perturbar a alegre expectativa da cidade*." (José Condé)

- **finais** – exprimem finalidade, objetivo. Exemplos:

"O futuro se nos oculta **para que nós o imaginemos**." (MARQUÊS DE MARICÁ)

Aproximei-me dele **a fim de que me ouvisse melhor**.

"Fiz-lhe sinal **que se calasse**." (MACHADO DE ASSIS) [*que* = para que]

"Instara muito comigo **não deixasse de frequentar as recepções da mulher**." (MACHADO DE ASSIS) [*não deixasse* = para que não deixasse]

"Quando sentiu que ia chegando, cruzou os braços no peito, **não fosse o coração saltar-lhe**." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

Observação:

✔ Pode ocorrer a elipse total ou parcial da locução conjuntiva final, como atestam os três últimos exemplos.

- **proporcionais** – denotam proporcionalidade. Exemplos:

À medida que se vive, mais se aprende.

À proporção que avançávamos, as casas iam rareando.

O valor do salário, **ao passo que os preços sobem**, vai diminuindo.

Aparecem, às vezes, correlacionadas com as orações principais. Exemplos:

Quanto mais se tem, (tanto) mais se deseja.

Quanto maior for a altura, maior será o tombo.

Quanto menos te esforçares, mais te arrependerás.

Tanto gostava de um **quanto** (ou **como**) **aborrecia o outro**.

Vimos que a locução proporcional correta é *à medida que*, e não *na medida em que*. Essa última forma, considerada errada, aparece frequentemente, ora com valor causal, ora condicional, em frases como:

O aumento descontrolado dos preços é injusto e perverso, **na medida em que** atinge principalmente a classe pobre.

Um empreendimento só poderá ter êxito **na medida em que** for bem concebido e executado.

Em lugar de *na medida em que*, é melhor usar *porque* ou *visto que* na primeira frase, e *se* ou *desde que* na outra.

- **temporais** – indicam o tempo em que se realiza o fato expresso na oração principal. Exemplos:

Formiga, **quando quer se perder**, cria asas. (DITO POPULAR)

"Lá pelas sete da noite, **quando escurecia**, as casas se esvaziavam." (POVINA CAVALCÂNTI)

"**Quando os tiranos caem**, os povos se levantam." (MARQUÊS DE MARICÁ)

Enquanto foi rico, todos o procuravam.

Um dos garimpeiros falou, **enquanto os outros escutavam silenciosos**.

Sempre que vou à cidade, passo pelas livrarias.

Todas as vezes que agredimos a natureza, ela se volta contra nós.

Mal chegamos ao local, vimos toda a extensão da catástrofe.

Ela me reconheceu **apenas** (ou **mal** ou **logo que** ou **assim que**) **lhe dirigi a palavra**.

Minha mãe ficava acordada **até que eu voltasse**.

"Deolindo veio à terra **tão depressa alcançou a licença**." (MACHADO DE ASSIS)

"**Nem bem sentou-se no banco**, o moço ergueu-se rápido." (JOSÉ FONSECA FERNANDES)

Agora que estás de férias, que pretendes fazer?

"Ela acalentou o bebê, manteve-o apertado contra o peito, **ao mesmo tempo que lhe afagava os cabelos**." (HELENA JOBIM)

Por que ela ainda não apareceu **desde que estamos aqui**?

"**Desde que não confia nele** manda-o embora e chama outro." (RAMALHO ORTIGÃO)

No texto donde foi extraído o último exemplo, *desde que* tem sentido nitidamente temporal (= quando, logo que, desde o momento que).

- **modais** – exprimem modo, maneira. Exemplos:

Aqui viverás em paz, **sem que ninguém te incomode**.

Entrou na sala **sem que nos cumprimentasse**.

Essas orações não estão consignadas na NGB, o que constitui uma omissão.

2 ORAÇÕES ADVERBIAIS LOCATIVAS

Equivalem a um adjunto adverbial de lugar e são iniciadas pelo advérbio *onde* (que pode vir precedido de preposição), sem antecedente. Exemplos:

"**Onde me espetam**, fico." (MACHADO DE ASSIS)

"Não pode haver reflexão **onde tudo é distração**." (MARQUÊS DE MARICÁ)

Quero ir **aonde estás**.

Venha **por onde eu passar**.

"**Onde quer que farejem raposas**, perseguem-nas com fúria." (GUSTAVO BARROSO)

Observação:

✔ Estas orações não são mencionadas na NGB.

Existem ainda outros tipos de orações adverbiais. Veja esta:

Irei **com quem quiser me acompanhar**. → adverbial de companhia

[Neste caso, é análise desaconselhada desdobrar *quem* em *aquele que*.]

Orações adverbiais podem estar coordenadas, conforme vimos anteriormente. Exemplos:

"**Quando chamou Raquel e enfiou-lhe no braço a linda pulseira**, a filha estava com dezesseis anos." (AMADEU AMARAL)

"Andorinhas devotas, **chovesse *ou* fizesse sol**, adejavam somente na igreja de Santa Rita." (JOSÉ AMÉRICO)

EXERCÍCIOS LISTA 47

1. Prossiga de acordo com o exemplo, observando que a oração subordinada adverbial exerce a função de um adjunto adverbial:

a) Partimos da cidade **de manhã cedo**. → adjunto adverbial
Partimos da cidade **quando amanhecia.** → oração subordinada adverbial

b) Chegamos à fazenda **antes da noite**.

c) Não lhe telefonei **por esquecimento**.

d) **Na retirada**, os soldados davam tiros para o ar.

2. Ponha entre colchetes as orações subordinadas adverbiais e numere os períodos de acordo com a classificação dessas orações:

Minha mão tremia tanto que mal podia escrever.	(1) causal
Joel acompanhou a irmã, embora estivesse cansado.	(2) comparativa
Onde há fumaça, há fogo.	(3) concessiva
À medida que subimos, o ar se rarefaz.	(4) condicional
Fiz-lhe sinal para que não insistisse.	(5) conformativa
Os detentos fugiram da penitenciária porque eram maltratados.	(6) consecutiva
Ali vivíamos felizes, sem que ninguém nos perturbasse.	(7) final
"Envelheçamos como as árvores fortes envelhecem!" (Olavo Bilac)	(8) proporcional
"Por que não foi lá ontem, como me tinha dito?" (Machado de Assis)	(9) temporal
"Ia escurecendo quando entrou em casa." (Garcia de Paiva)	(10) modal
"Se Deus não guarda a cidade, em vão a sentinela vigia." (Cecília Meireles)	(11) locativa

3. Faça como no exercício anterior:

A raposa, como não pudesse alcançar as uvas, desdenhou-as.

"Não venham colheitas fartas e serei mais um vencido pela fatalidade das coisas." (Monteiro Lobato)

"As tuas saudades ficam onde deixas o coração." (C. Castelo Branco)

"Quanto mais os arredava, mais eles perseveravam." (Fernando Namora)

"Como o assunto estivesse reduzido a cinzas, calamo-nos." (Graciliano Ramos)

"Tivesse tua mãe vindo dar-te adeus e talvez tudo se arranjasse." (Antônio Olavo Pereira)

"Por mais leve que pisasse, seus passos reboavam." (José Geraldo Vieira)

Depois que veio para a cidade, a vida dele mudou.

A geada, como se sabe, é a grande inimiga da lavoura.

Chame o sacerdote, se você quiser, contanto que o doutor também venha.

O ladrão entrou no prédio sem que o porteiro percebesse.

Os políticos prometem mais do que realizam.

Nas estradas há acostamentos, a fim de que os veículos não parem na pista.

Tão violenta foi a tromba-d'água de ontem que arrastou carros e ônibus.

Inquieto estará o nosso coração enquanto não descansar em Deus.

Mal girei a chave da fechadura, senti a respiração de alguém atrás de mim.
À proporção que as plantas crescem, suas raízes se aprofundam.
Joana saiu de casa alegre como quem vai a uma festa.
"O fogo, mesmo que venha chuva grossa, queimará a noite inteira." (ADONIAS FILHO)
Conforme havíamos previsto, as safras este ano foram boas.
Empregados e patrões chegaram a um acordo, de maneira que não houve greve.
Neste rio não existem peixes, pela simples razão que a poluição os matou.
"Ainda que o corpo doa, tenho de me levantar." (BRÁULIO PEDROSO)
"Mas, se iniciou o gesto, não chegou a completá-lo." (ARIANO SUASSUNA)
"Um pouco que alguém se aproxime e já sente odores." (LÍGIA FAGUNDES TELLES)
"Havia seiva em tudo como há sangue em nosso corpo." (CLARICE LISPECTOR)

4. Varie a estrutura da oração adverbial causal, conforme o exemplo:

Os dois meninos se perderam **porque não conheciam a mata**.
Como não conhecessem a mata, os dois meninos se perderam.
Os dois meninos se perderam, **visto que não conheciam a mata**.
Os dois meninos se perderam, **por isso que não conheciam a mata**.
Os dois meninos se perderam **por não conhecerem a mata**.

Eles não poderão ser bons fotógrafos **porque não distinguem as cores**.

5. Copie o período e sublinhe a oração subordinada adverbial causal:

"Em poucos anos o consumo mundial de borracha centuplicou, e como só havia seringueiras na Amazônia, a exportação do látex trouxe a Manaus uma fortuna fabulosa."
(CARLOS DE SÁ MOREIRA)

6. Escreva as orações adverbiais em destaque e classifique-as:

(1) oração adverbial causal
(2) oração adverbial comparativa
(3) oração adverbial conformativa

O retorno da nave espacial à Terra fez-se **como fora previsto**.

Como a Lua ainda não tinha surgido, tudo estava imerso na escuridão.

Como sempre acontece, o tempo sepultou a memória do grande morto.

Suas palavras soaram no recinto **como chicotadas**.

Se você gosta mesmo dele, **como diz**, por que o ofende?

"Lá saiu o Dr. Rui, apressado **como quem vai apagar fogo**." (JOSUÉ GUIMARÃES)

O carro andava aos trancos, **como se o motorista estivesse bêbedo**.

O terremoto fora violentíssimo, **como atestavam os escombros de casas destruídas**.

7. Escreva o período três vezes, substituindo por equivalentes o conectivo que inicia a oração adverbial concessiva:

Miguel tentará consertar o carro, **conquanto** não entenda muito de mecânica.

8. Escreva os períodos e classifique as orações em destaque:

(1) oração adverbial causal (3) oração adverbial condicional

(2) oração adverbial temporal

Desde que cheguei aqui, não houve nenhum progresso.

Poderás fazer sucesso, **desde que saibas falar**.

Desde que não sabes ler, eu vou ler em teu lugar.

9. Com que oração do exercício anterior se relaciona a oração em destaque?

Os escritos ficam, as palavras voam, **contanto que não as apanhe a rede de algum gravador oculto**!

10. Escreva, em seu caderno, as orações subordinadas adverbiais destacadas e identifique-as de acordo com os números do quadro abaixo:

1) causal 2) consecutiva 3) condicional 4) concessiva

a) **Caso aconteça algum imprevisto**, avise-me imediatamente.

b) Não carregue muito dinheiro consigo, **mesmo que o tenha**.

c) Se Neusa sair à rua, paralisa o trânsito, **de tão bonita que é**.

d) Neusa é tão bonita **que**, se sair à rua, **paralisa o trânsito**.

11. Analise o segmento em destaque e, depois, escreva o período duas vezes, trocando o conectivo **que nem** por equivalentes:

Na outra pista vinha um caminhão cheio de luzes **que nem um dragão chamejante**.

12. Destacamos as orações adverbiais assindéticas (sem conectivo). Classifique-as, depois de reconhecer a conjunção subentendida:

a) Esta cidade não teria crescido tanto, **não fossem seus múltiplos atrativos**.

b) **Houvéssemos chegado um minuto depois**, e seria a catástrofe.

c) Os homens continuavam atirando nas avezinhas e, **atirassem a vida inteira**, não matariam a metade delas.

d) Esforcei-me por demonstrar coragem, **não fossem os colegas acusar-me de covarde**.

13. Escreva o período abaixo, substituindo a conjunção em destaque pelas locuções conjuntivas adequadas, sem alterar o sentido da frase. Escolha-as no quadro seguinte:

ainda que – desde que – mesmo que – nem que – sem que – logo que

Frase: Silvério aceitaria qualquer trabalho, **embora** fosse o de carregar pedras.

14. Repita a frase duas vezes, trocando a locução conjuntiva por equivalentes. Em seguida, classifique a oração adverbial:

Algum dia hei de casar com Beatriz, **salvo se** houver onça no caminho.

15. Siga o exemplo, dando ênfase à oração adverbial concessiva:

Embora a proposta fosse tentadora, não a aceitei.

Por mais tentadora que fosse a proposta, não a aceitei.

Muitas vezes, **embora nos esforcemos**, não conseguimos alcançar o nosso objetivo.

16. Reescreva e complete os períodos abaixo, substituindo convenientemente os asteriscos:

a) Mal o orador abriu a boca,***.

b) Segundo afirmam os médicos,***.

c) À medida que os dias passam,***.

d) Se não me falha a memória,***.

e) Por incrível que pareça,***.

f) ***, já que as mãos carregavam sacolas.

g) ***, se bem que lhe reconheça qualidades.

h) *** que não pude conter o riso.

17. Estruture o período de tal forma que a oração principal passe a subordinada adverbial causal:

Os meninos temiam que o santo os castigasse e iam brincar longe.

18. Transcreva o período em que NÃO há oração adverbial:

a) "Mexia-me como se andasse entre cacos de vidro." (Graciliano Ramos)

b) "Agora que Luluzinho já está vacinado, pode morder qualquer um?" (Millôr Fernandes)

c) Ali o artista poderá viver em paz, sem que os fãs o perturbem.

d) Verifiquei se havia alguma infiltração no teto da casa.

e) Para onde quer que me voltasse, eu só via paredes de edifícios.

f) Se desarmado ele já é perigoso, quanto mais se estiver armado.

g) O horizonte, ao passo que avanço, vai se afastando.

19. Proceda como no exemplo, mudando a estrutura do período sem lhe alterar substancialmente o significado:

O fardo era tão pesado **que eu não podia erguê-lo**.
O fardo era muito (ou demais) pesado **para que eu pudesse erguê-lo**.

a) A proposta era tão tentadora **que não podíamos recusá-la**.

b) Essas lembranças são tão vivas **que não as posso esquecer**.

20. Invente um período no qual, como nos exemplos dados, a oração adverbial iniciada pela conjunção **se** exprima, predominantemente, ideia de causa (se = visto que):

Se o fumo é nocivo à saúde, não aconselho ninguém a fumar.
Se não pode haver efeito sem causa, o mundo não surgiu do nada.

21. Forme períodos cujas orações adverbiais estejam coordenadas, como nestes exemplos:

Quando o filho viajava para longe e não lhe escrevia, ela ficava aflita.

Se alguém risse ou falasse alto, o chefe reclamava.

"**Quanto mais o índio envelhece e se aproxima da morte**, mais feliz fica." (Edilson Martins)

22. Escreva as frases abaixo, divida e classifique as orações:

a) Não contarei isto a ninguém para que não digam que eu invento qualidades que não tenho.

b) Ela falou de minha mãe com tanta saudade que me cativou logo, posto que me entristecesse.

c) "Observava como ele torneava ou esculpia a madeira." (Graciliano Ramos)

d) "Por duas vezes senti o cavalo tão próximo que, se estendesse a mão, tinha certeza de que poderia tocá-lo." (Lígia Fagundes Telles)

23. Escreva os períodos e informe a ideia expressa pela oração em destaque:

a) **Caso o satélite se desintegre**, seus destroços atingirão a Terra.
(causa, concessão, hipótese, consequência)
b) **Como o vento era muito forte**, caíam muitas mangas maduras.
(comparação, modo, tempo, causa)
c) Ninguém quis carregar o fardo, **se bem que não fosse pesado**.
(causa, concessão, hipótese, proporção)
d) Eu conhecia bem a cidade, **de modo que cheguei facilmente ao estádio**.
(consequência, causa, modo, proporção)

24. Leia o texto abaixo e indique o período em que ocorre oração adverbial comparativa.

LEITURA

O comércio e a civilização

O comércio foi, a princípio, o instigador, o promotor, o pai da civilização, criando-a e desenvolvendo-a, e é hoje o seu regulador máximo, como repartidor do trabalho e das riquezas, aproximando os povos, transformando os inimigos em clientes recíprocos, uniformizando os costumes e os idiomas, estabelecendo uma solidariedade real entre todos os homens.

O comércio, avassalador do mundo, concentra e reparte. Concentra os produtos e reparte-os depois pela face da terra.

Ainda haverá quem diga que o comércio enriquece à custa do produtor, como a erva parasita vive a expensas da árvore?

Grande distribuidor, ele representa no organismo social o mesmo papel do sistema de circulação sanguínea no organismo animal. O corpo morre, quando o sangue para.

A sociedade definharia e morreria, se o comércio deixasse de levar a todos os seus órgãos a nutrição. Não se pode compreender o trabalho senão dividido e repartido. A divisão do trabalho é uma lei fundamental e soberana da vida social: quanto mais dividido é o labor humano, maior e mais dominadora é a ação do homem sobre a natureza.

Como poderia haver relações entre o produtor e o consumidor, se não houvesse comércio? É ele quem abre a foz, a embocadura, o desaguadouro da indústria. É ele quem estimula a produção, quem ativa o trabalho, descobrindo as necessidades do mercado, e, mais do que isso, provocando-as e inventando-as. Assim, ele é o maior fator econômico. É ele quem promove a circulação dos capitais. Sempre alerta, previne crises, sofre os riscos da alta e da baixa dos preços, provê e providencia...

O comércio é nobre. Os agiotas, os onzeneiros, os usuários, os monopolistas, os sindicateiros, os açambarcadores do capital ou do pão, os que especulam com a miséria do povo, os que negociam em carne humana e em lágrimas, não são comerciantes: são, entre os muitos bons e os muitos puros, os poucos maus que fazem avultar a bondade e a pureza dos outros.

(Olavo Bilac, *Obra Reunida*, Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 1996)

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERSATIVAS
Exercícios de exames e concursos
[Página 685]

ORAÇÕES REDUZIDAS

Leia e compare:

a) Afirmou o sertanista [*que não há* selvagens gigantes].

b) Afirmou o sertanista [*não haver* selvagens gigantes.]

Tanto na primeira como na segunda construção, a oração entre colchetes é subordinada substantiva objetiva direta. A forma dessa oração é diferente, mas o sentido é o mesmo.

Na segunda construção, a oração subordinada se apresenta sem conectivo (elemento de ligação) e tem o verbo numa forma nominal (infinitivo): é uma oração *reduzida*.

1 ORAÇÕES REDUZIDAS

Oração reduzida *é a que se apresenta sem conectivo* e *com o verbo numa forma nominal.*

Em geral, é possível desenvolver orações reduzidas. Para isso, substitui-se a forma nominal do verbo por um tempo do indicativo ou do subjuntivo e inicia-se a oração com um conectivo adequado, de tal modo que se mude a forma da frase sem lhe alterar o sentido. Exemplos:

orações reduzidas		**orações desenvolvidas**
Penso *estar preparado.*	=	Penso *que estou preparado.*
Dizem *ter estado lá.*	=	Dizem *que estiveram lá.*
Fazendo assim, conseguirás.	=	*Se fizeres assim,* conseguirás.
Ao saber isso, entristeceu-se.	=	*Quando soube isso,* entristeceu-se.
Foi à festa *sem ser convidado.*	=	Foi à festa *sem que fosse convidado.*
Não falei *por não ter certeza.*	=	Não falei *porque não tinha certeza.*
Viam-se folhas *girando no ar.*	=	Viam-se folhas *que giravam no ar.*
Terminada a prova, fui para casa.	=	*Depois que terminei a prova,* fui para casa.
É bom *ficarmos atentos.*	=	É bom *que fiquemos atentos.*
Espero *poder chegar lá hoje.*	=	Espero *que poderei* (ou *possa*) *chegar lá hoje.*
Tenho a impressão *de o estar vendo.*	=	Tenho a impressão *de que o estou vendo.*
Disse-me *estar sendo perseguido pelo patrão.*	=	Disse-me *que está sendo perseguido pelo patrão.*

▪ reduzidas fixas

Há, no entanto, exemplos de reduzidas que não se prestam a tais desdobramentos. Haja vista:

Agrada-me *ouvir isso*.

Dispõem-se *a atacar o navio*.

Eu tinha vontade *de jogá-lo fora*.

Enriqueceu *vendendo frutas*.

"Seduz-me *auscultar os caminhos* que ainda não trilhei." (FERREIRA DE CASTRO)

2 CLASSIFICAÇÃO DAS ORAÇÕES REDUZIDAS

Há três tipos de orações reduzidas:

a) de *infinitivo*;

b) de *gerúndio*;

c) de *particípio*;

As orações reduzidas são quase sempre subordinadas e analisam-se como as desenvolvidas correspondentes, ou melhor, de acordo com a sua função no período. Exemplo:

Fui à cidade *para consultar o médico*.
para consultar o médico: subordinada adverbial final, reduzida de infinitivo

■ reduzidas de infinitivo

Podem ser:

a) Substantivas subjetivas:

Não convém *procederes assim*.

É possível *terem tão pouco interesse?!*

Não adianta nada *reclamarem da sorte*.

Vale a pena *estudar tantas matérias*?

Importa *prevenir os acidentes*.

Custou-lhe muito *concluir o curso superior*.

Tornara-se impossível *continuarem juntos*.

"É certo *ter vivido e morrido em Famalicão uma endiabrada mulher*, a quem chamaram Maria da Fonte." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Não me pesa *confessá-lo*." (CIRO DOS ANJOS)

"Até hoje, não me agrada *ver uma ave prisioneira*." (POVINA CAVALCÂNTI)

"Faz mal a Marcoré *ver mãe e avó desunidas*." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

"De nada servia *pegarem-me os dedos, tentarem dominá-los*." (GRACILIANO RAMOS)

Dói *ver essas crianças abandonadas*.

"Indispensável *os meninos entrarem no bom caminho*." (GRACILIANO RAMOS)

"Inútil *definir este animal aflito*." (ANTÔNIO GEDEÃO)

Encontrar Marcelo em casa é muito difícil.

Acabarem as flores num monte de lixo me causa tristeza.

b) Substantivas objetivas diretas:

O índio não aceita *viver sem liberdade*.

Não leve a mal *eu ter me referido a você*.

"Foi o que acreditei *ter lido nos olhos das alunas*." (CIRO DOS ANJOS)

"Achei uma injustiça *não me premiarem também*." (CIRO DOS ANJOS)

"Era esta a herança dos miseráveis, que ele sabia *não escassearem na quase solitária e meia arruinada Carteia*." (ALEXANDRE HERCULANO) [*meia* = meio]

c) Substantivas objetivas indiretas:

Nada me impede *de ir agora*.

Acusavam-no *de traficar pedras preciosas*.

"Ainda me não arrependo *de o haver restituído à liberdade*." (MACHADO DE ASSIS)

"Por que não aconselha sua sobrinha *a deixar essa profissão*, D. Glória?" (GRACILIANO RAMOS)

"Acostumei-me *a julgá-lo um bicho perigoso*." (GRACILIANO RAMOS)

O pai habituará os filhos *a respeitá-lo*.

d) Substantivas predicativas:

O essencial é *salvarmos a nossa alma*.

Sua vontade foi sempre *ser um grande jogador*.

Seu sonho era *morar no Rio*.

Recusar o computador seria *adiar a solução de muitos problemas humanos*.

O destino deles é *serem devorados pelos outros peixes*.

"O mais sensato seria *voltares para casa de teus pais*." (FERREIRA DE CASTRO)

Aparecem, em bons escritores, realçadas pela preposição expletiva *de*:

"Sabes tu, Gonçalo Nunes, que o dever de um alcaide é *de nunca entregar, por nenhum caso, o seu castelo a inimigos*...?" (ALEXANDRE HERCULANO)

e) Substantivas completivas nominais:

Tinha ânsia *de retornar à sua pátria*.

Estou disposto *a ir sozinho*.

Este piloto é capaz *de fazer incríveis acrobacias*.

O líder reafirmou seu propósito *de prosseguir nas negociações*.

"Recuou, muito pálida, receosa *de se contaminar*." (GRACILIANO RAMOS)

"Também das meninas é a obrigação *de trazer água para casa*." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

f) Substantivas apositivas:

És bonita e inteligente; só te falta uma coisa: *seres mais humilde*.

"Ele chegava aos cinquenta e cinco anos com apenas dois problemas: *não fumar e não comer em excesso*." (VIANA MOOG)

g) Adverbiais temporais:

Ao despedirem-se, choravam.

"*Ao perceber o logro*, Zezé desorientou-se." (CIRO DOS ANJOS)
Pense bem, *antes de falar*.
Não os deixei em paz, *até eles se decidirem*.

h) Adverbiais finais:
Os marinheiros deixaram os navios *a fim de conhecer a cidade*.
"O animal feroz mata *para se alimentar*." (FERNANDO NAMORA)
Para melhor fotografarem o eclipse solar, astrônomos subiram a doze mil metros, a bordo de um avião.
"Arrastei-me chorando, apalpando o chão, *a procurar qualquer coisa*." (GRACILIANO RAMOS)

i) Adverbiais concessivas:
Aprenderam a ler *sem terem frequentado escola*.
Apesar de (ou *não obstante*, ou *sem embargo de*) *ser ainda criança*, Marcelo não teve medo.

j) Adverbiais condicionais:
Você não sairá *sem antes me avisar*.
A ser eu rei, não faria outra coisa.
A prosseguirem esses crimes, ninguém mais terá sossego.
A julgar pelas aparências, Paulo e Vera são um casal feliz.

k) Adverbiais causais:
Marta não veio *por se achar doente*.
Por não gostar dos artistas, não vi o filme.
Comprarei os dois cavalos, *visto serem de boa raça*.
"Quase nos matam *de tanto nos abraçar*." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

l) Adverbiais consecutivas:
Muito distraído devia estar você *para não me ver na festa*.
Aquela cena impressionou-o muito, *a ponto de lhe tirar o sono*.
"Eu é que era jovem, *a ponto de provocar reparo*." (AMADEU DE QUEIRÓS)
Não podiam demorar-se mais, *sob pena de perderem o avião*.

m) Adverbiais modais:
Retirei-me discretamente, *sem ser percebido*.
"O funcionário da polícia tinha passado *sem fazer a saudação do costume*." (GRACILIANO RAMOS)
"Eugênia saiu *sem despedir-se do pai*." (CAMILO CASTELO BRANCO)
"Ela o encarou por algum tempo, em silêncio, *como a analisá-lo*." (ÉRICO VERÍSSIMO)

n) Adjetivas:
A morte é o último inimigo *a ser destruído por Cristo*.
O capitão não era homem *de se entregar facilmente*.
"Não sou homem [*de inventar coisas*], [*mas de contá-las*]." (RUBEM BRAGA)

Não constituem orações reduzidas os infinitivos:

- de locuções verbais:

  Deves ir já!

  Não *pode haver* dúvidas!

  Foi levar o recado.

  Viviam a elogiar os filhos.

  Provavelmente *andam* por aí *a cochichar* que...

  "Não havia por que *ficar* ali *a recriminar-se*." (ÉRICO VERÍSSIMO)

- substantivados:

  "*O comer* era quando Deus fosse servido." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

reduzidas de gerúndio

Estas orações podem ser:

a) Subordinadas adjetivas:

Passaram guardas *conduzindo presos*. [= guardas *que conduziam presos*]

Havia ali crianças *pedindo esmola*.

"Iam cinco soldados, *portando fuzis*." (LUÍS HENRIQUE TAVARES)

b) Adverbiais temporais:

Chegando lá, avise-me. [= *Quando chegar lá*, avise-me.]

"*Em aparecendo febre*, peço a qualquer tropeiro que chame o Dr. Felício dos Santos." (CARLOS DE LAET)

"Você, *varrendo o quarto*, não terá encontrado algumas?" (GRACILIANO RAMOS)

Cheguei a Belém três dias depois, *tendo rodado mais de quatro mil quilômetros*.

c) Adverbiais concessivas:

Admira-me que, *sendo tão esperto*, você tenha acreditado neles.

Mesmo correndo, não o alcançou.

"... *não sendo religioso*, mandei dizer uma missa pelo eterno descanso do coronel." [= *embora não fosse religioso*] (MACHADO DE ASSIS)

"Abomina o espírito de fantasia, *sendo dos* que mais o possuem." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE) [*sendo* = embora seja]

"Eu não podia entender a hostilidade de meu tio, *sabendo embora* que ele não era de rir à toa para mim." (JOSÉ J. VEIGA)

d) Adverbiais condicionais:

Ficando aí, nada verás. [= *Se ficares aí*, nada verás.]

Estudando, você aprenderá em pouco tempo.

"Chegarás facilmente lá, *querendo*." (SAID ALI)

"Havia uma técnica para soltar busca-pé, a fim de evitar que, *estourando* ao acendê-lo, arrebentasse na mão." (POVINA CAVALCÂNTI)

e) Adverbiais causais:

Estando adoentado, não saí de casa. [= *Como estava adoentado*]

Prevendo uma resposta indelicada, não o interroguei.

"*Julgando inúteis as cautelas*, curvei-me à fatalidade." (GRACILIANO RAMOS)

Tendo perdido o dinheiro, João viu-se obrigado a voltar a pé.

Agora veja que errei *mantendo-me calado*.

f) Adverbiais modais:

Aprendeu-se um ofício *praticando-o*.

O homem entrou na sala *dando empurrões*.

"Caminhava ao meu encontro, *sinistramente sorrindo*." (CECÍLIA MEIRELES)

As alunas espalharam-se pelo pátio, *rindo e papagueando*.

"O ladrão abriu a porta *servindo-se de gazua*." (SAID ALI)

"Tive a ideia extravagante de chegar à cidade *andando sobre as árvores*." (GRACILIANO RAMOS)

A oração adverbial modal traduz o modo como se realiza o fato expresso pela oração principal.

Observação:

✔ As orações adverbiais modais não são mencionadas na NGB.

g) Adverbiais conformativas:

Seguindo velho hábito, ele e a esposa iam juntos ao culto divino na igreja da paróquia." (ÉRICO VERÍSSIMO)

h) Coordenadas aditivas:

A mãe aconchegou a criança e a beijou, *largando-a, em seguida*.

[*largando-a, em seguida* = e a largou, em seguida]

O balão subiu rapidamente, *desaparecendo no céu*.

"Ela [a capitania de Itamaracá] se iniciava na baía da Traição, na Paraíba, *prolongando-se até a ponta sul da ilha de Itamaracá*." (EDUARDO BUENO)

As coordenadas aditivas traduzem fatos imediatos, ações subsequentes a (não consequentes de) outras. Essas orações são de difícil classificação. Optamos pela que nos parece melhor.

Não constituem orações reduzidas os gerúndios de locuções verbais como:

Foi andando devagar até a beira do abismo.

O médico *está viajando*.

Fiquei sabendo muitas coisas a respeito desse artista.

reduzidas de particípio

Apresentam-se com essa forma orações:

a) Subordinadas adjetivas:

Esta é a notícia *divulgada pela imprensa*. [= *que foi divulgada pela imprensa*]

O menino trouxe a gaiola, *feita pelo pai.*

As histórias *contadas por ele* têm muita graça.

"Era um burrinho pedrês, miúdo e resignado, *vindo de Passa-Tempo.*" (GUIMARÃES ROSA) [*vindo* = que veio]

Observação:

✔ Em muitos casos, os particípios são meros adjetivos, devendo ser analisados, conforme o caso, como adjuntos adnominais ou predicativos:

São dez os alunos *aprovados.* → adjunto adnominal

Vi *jogada* no chão a minha blusa verde. → predicativo do objeto

b) Adverbiais temporais:

Abertas as portas, entraram as visitas. [= *Depois que foram abertas as portas*]

Feito isto, podem sair.

"*Findas as lições*, espaçou as visitas, sumiu-se afinal." (GRACILIANO RAMOS)

Chegados que fomos àquela cidade, procuramos um hotel.

"*Concluída que foi a cabana*, instalaram-se contentes." (COELHO NETO)

Observação:

✔ É expletiva ou de realce a sequência *que* + verbo *ser* que ocorre em orações adverbiais temporais como as dos últimos dois exemplos.

c) Adverbiais concessivas:

Mesmo oprimidos, não cederemos. [= *Mesmo que sejamos oprimidos*]

Sitiada por um inimigo implacável, a cidade não se rendeu.

d) Adverbiais condicionais:

"*Aceita a força por fundamento jurídico*, então o mundo seria uma arena de feras." (JÔNATAS SERRANO) [*Aceita* = Se fosse aceita]

e) Adverbiais causais:

Surpreendidos por repentina chuva, pusemo-nos a correr. [*Surpreendidos* = *Como fomos surpreendidos*]

"*Muito ocupado no Asilo*, não tenho com quem deixar os órfãos." (OTTO LARA RESENDE)

Observação sobre orações reduzidas:

✔ Inúmeras orações reduzidas, mormente adverbiais, prestam-se a mais de uma interpretação. As fronteiras entre os diversos tipos nem sempre são nítidas. Nem faltam exemplos de orações reduzidas que não se enquadram nos esquemas da NGB. Haja vista:

Forçaram o preso a confessar o crime, *torturando-o.* (oração adverbial de meio ou de modo)

Em vez de (ou *longe de*, ou *em lugar de*) *se abandonar ao desânimo*, ele reagiu e venceu. (oração adverbial de exclusão ou de negação)

Não fez nada o mês inteiro, *a não ser* (ou *senão*) *passear*. (oração adverbial de exceção)

Sobre (ou *além de*) *serem rápidos*, os jogadores eram fortes. (oração coordenada aditiva)

"Recebeu a joia, *entregando-a depois à esposa*." (SAID ALI) (oração coordenada aditiva)

Tenha-se em mente, porém, que o fundamental não é saber classificar as orações, mas usá-las com acerto, na prática da comunicação oral e escrita.

O emprego criterioso das orações reduzidas assegura à linguagem concisão e elegância. Quem escreve há de saber utilizar oportunamente ora a forma plena, ora a forma reduzida.

EXERCÍCIOS LISTA 48

1. Siga o exemplo, transformando os termos destacados em orações reduzidas:

Isabel não suportava **o trato com pessoas mal-educadas**.

Isabel não suportava **tratar com pessoas mal-educadas**.

a) Seria muito ruim para nós **a divulgação de falsidades**.

b) Economizei dinheiro para **a aquisição de um gravador**.

c) A vantagem deles é **o conhecimento de todos os segredos da selva**.

2. As orações em destaque são substantivas reduzidas de infinitivo. Numere-as, de acordo com o indicado:

(1) subjetiva

(2) objetiva direta

(3) objetiva indireta

(4) completiva nominal

(5) predicativa

(6) apositiva

Aconselharam-me a **desfazer o noivado**.

Todos conheciam a mania de Laura: **empenhar joias**.

Depende de V. Sa. **libertar esses presos**.

Um de seus passatempos é **colecionar selos**.

Parti com a doce esperança **de encontrar meu amor**.

Lamento **ter perdido essa oportunidade**.

3. Em seu caderno, reorganize as duas colunas, classificando corretamente as orações adverbiais reduzidas de infinitivo:

Não podia demorar-me, **sob pena de perder o avião**.	causal
Retirei-me discretamente, **sem ser percebido**.	concessiva
É difícil curar um mal **sem lhe conhecer as causas**.	condicional
Ao clarear o dia, descemos da montanha.	consecutiva
Não pude viajar **por ter perdido o dinheiro**.	final
Tirou o cachimbo da boca **a fim de poder falar**.	modal
Apesar de ser mais fraco, Davi matou Golias.	temporal

4. Classifique as orações adverbiais reduzidas de gerúndio, numerando-as adequadamente:

(1) causal (3) modal
(2) condicional (4) temporal

Aumentando-se a produção, a exportação crescerá.
Vendo-se perdido, o toureiro gritou por socorro.
Chegando ao alto da árvore, sacudiu-a fortemente.
Matou as formigas esmagando-as com o calcanhar.

5. Classifique as orações adverbiais reduzidas de particípio, numerando-as:

(1) causal (3) condicional
(2) concessiva (4) temporal

Terminado o almoço, comentamos as notícias do dia.
Ofendido pelo empregado, o patrão descontrolou-se.
Mesmo picado por uma jararaca, o novilho não morreu.
Instituída a pena de morte, o crime diminuiria?

6. Copie a única oração reduzida que não é adjetiva:

A estrada **a ser construída pelo governo** terá 500 km de extensão.
O menino trouxe a gaiola, **feita na véspera pelo pai**.
Incumbiram-me **de apascentar um rebanho de ovelhas**.
Ouvimos a voz da araponga **cortando o silêncio da mata**.
Ernesto não era homem **de levar desaforo para casa**.

7. Desenvolva as orações reduzidas:

a) **Hasteada a bandeira por um capitão**, cantou-se o Hino Nacional.

b) Hoje cedo, **indo ao quintal**, surpreendi a pereira toda florida.

c) Iremos nós mesmos, **sendo preciso**.

d) **Prevendo uma recepção fria**, não fui visitá-lo.

e) À beira da estrada, vimos crianças **empinando papagaios**.

f) Os moradores de um edifício em chamas, **ao saltar das janelas**, deveriam cair em redes protetoras.

g) Não os deixei em paz **até eles se decidirem**.

h) Então você se apaixonou pela moça **antes de conhecê-la**?

i) Nos eclipses, a Lua escurece **por entrar no cone de sombra da Terra**.

j) Dizem os retirantes **ter passado muitas privações na cidade grande**.

8. Classifique as orações reduzidas[1]:

a) "É preciso trabalhar todos os dias pela alegria geral." (TIAGO DE MELO)

b) Garantiu-me o pescador serem baleias aquelas manchas escuras.

c) A grande pedra parecia uma sentinela vigiando a planície.

d) "Chegando a Nápoles, cresceram-lhe desejos de subir ao Vesúvio." (CARLOS DE LAET)

e) Urge erradicar da televisão brasileira todo conteúdo negativo.

f) Eles vangloriam-se de ter escalado o mais alto pico do Brasil.

g) O sapateiro tinha a pretensão de se tornar prefeito da cidade.

h) "Um sonho tinha: possuir um barco para apanhar peixe grande." (ADONIAS FILHO)

i) Não tendo interesse no caso, não intervim.

j) Apesar de possuir asas, o pinguim não voa.

k) Ela não tem culpa de ser rica, como ele de ser pobre.

9. As orações reduzidas em destaque do período abaixo são, respectivamente:

substantiva subjetiva – substantiva objetiva direta

substantiva objetiva direta – substantiva subjetiva

substantiva predicativa – substantiva subjetiva

substantiva subjetiva – substantiva apositiva

"Convém **lembrar** que os defensores dos UFOS acreditam **serem os discos naves espaciais de origem extraterrena**." (RONALDO DE FREITAS MOURÃO)

10. Classifique as orações reduzidas:

a) "Não descrevo as festas por não interessarem ao nosso propósito." (MACHADO DE ASSIS)

b) Eu achava estupidez exigirem tanto esforço de uma criança.

c) "Proibidas que foram as entradas livres, enfureceram-se os colonos e arderam em fúrias contra os jesuítas." (CARLOS DE LAET)

d) "Doeu-lhe ver espalhados sobre a sua cama os fragmentos coloridos." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

e) "A continuar assim, não vou longe." (OTTO LARA RESENDE)

f) "Estaria transformado a ponto de não ser reconhecido?" (GRACILIANO RAMOS)

g) Eles têm a preocupação de não deixar o menor vestígio por onde passam.

h) A dificuldade era discernir a amizade do interesse.

i) A selva, habitada por animais ferozes, estava à nossa espera.

---

(1) Quando se classificam orações reduzidas, não é preciso desenvolvê-las, mas pode-se fazê-lo mentalmente, o que, sem dúvida, ajudará a classificá-las com acerto.

j) "Tio Maxêncio ainda não te perdoou não teres descido para a missa de sétimo dia." (José Geraldo Vieira)

k) "Custa corrigir velhos hábitos." (Celso Luft)

l) "A rainha e a corte francesa adotaram o hábito de fumar." (Eduardo Bueno)

11. Copie os períodos numerando-os de acordo com o tipo de oração reduzida em destaque:

(1) substantiva subjetiva
(2) substantiva objetiva direta
(3) substantiva objetiva indireta
(4) substantiva completiva nominal

"Aconselhou-me **a não o ler**." (Graciliano Ramos)

"Faz mal a Marcoré **ver mãe e avó desunidas**." (A. Olavo Pereira)

"Exortou-me **a botar a mão na consciência**." (Carlos Drummond de Andrade)

"Sou avesso **a derramar sangue humano**." (Carlos de Laet)

Eu estava com sede e curioso **de experimentar aquela bebida**.

A Funai informou **ter demarcado a reserva indígena**.

"É uma obrigação **pagar a dívida ao velho**." (Adonias Filho)

Muitos preferem morrer lutando **a viver sem liberdade**.

"O treinador do clube observava o interesse do rapaz **em melhorar o nado livre**." (José Fonseca Fernandes)

12. Destaque do período seguinte as orações reduzidas, conforme se pede:

"E, aos brigões, incapazes de se moverem, basta-lhes xingarem-se à distância." (Dalton Trevisan)

a) subordinada substantiva subjetiva

b) subordinada substantiva completiva nominal

13. Converta as orações subordinadas em destaque nas reduzidas correspondentes:

a) **Se tudo correr bem**, chegaremos antes do sol posto.

b) **Assim que nos viu**, correu a nosso encontro.

c) **Como a rua fosse estreita**, os namorados falavam-se das janelas.

d) Acreditamos **que há outras soluções possíveis para o problema dos transportes**.

e) **Depois que a notícia foi divulgada pela imprensa**, houve na cidade manifestações de desagrado.

f) Tenho consciência **de que agi corretamente**.

g) Diz-se **que nos diademas dos reis há mais espinhos do que rosas**.

h) Noticia-se **que foram encontrados por um garimpeiro de Goiás dois grandes diamantes**.

i) Descobri, atônito, **que estava contribuindo para a minha própria ruína**.

j) Foste punido **porque não seguiste os conselhos de teus pais**.

14. Como o exercício anterior:

a) **Embora tenhas vivido nesta cidade desde criança**, ainda não lhe conheces os arredores?

b) **Se fosse posta em prática**, esta doutrina seria a solução de muitos problemas sociais.

c) **Quando se vence com perigo**, triunfa-se com glória.

d) Os jovens, **como não têm ainda ideias claras e definitivas**, flutuam à mercê de múltiplas correntes filosóficas.

e) É absurdo **que se deixem criminosos em paz** até que eles resolvam emendar-se sozinhos.

f) Lembro-me **de que achei estranha aquela casa**.

g) Sugeri **que comêssemos o peixe no almoço**.

h) Na ilha vi milhares de asas **que obscureciam o sol**.

i) Pelo caminho ouvi **que repetiam a música do filme**.

j) O rádio espalhou a notícia, **que foi confirmada depois pelos jornais**.

k) Às vezes acontecia **que encontravam alguma jaca madura** e então era aquela festa.

l) A vida é um palco: **depois que acabar a representação e cerrarem-se as cortinas**, só restarão dois personagens, você e Deus.

15. Copie as reduzidas fixas, isto é, que não admitem a forma desenvolvida:

"O divertimento dele era **decepar cabeça de saúva**." (MÁRIO DE ANDRADE)

Recusei-me **a assinar o papel em branco**.

Ao atravessar uma rua, ele olhava à direita e à esquerda.

"**Repetindo o gesto do capelão da frota de Colombo**, o Papa beijou a terra do Novo Mundo." (MANCHETE, 10/2/1979)

16. Orientado pelo esquema, substitua as orações desenvolvidas em destaque pelas equivalentes reduzidas de infinitivo:

1) Informaram que não **há** (ou **havia**) mais ingressos. [presente ou pretérito imperfeito]
Informaram não **haver** mais ingressos. [infinitivo presente]

2) Mauro disse que **fez** (ou **fizera**) boa prova. [pretérito perfeito ou mais-que-perfeito]
Mauro disse **ter feito** boa prova. [infinitivo pretérito]

a) Causou estranheza o fato **de que seus corpos flutuavam no espaço**.

b) Foi **porque montou cavalo xucro** que Saul quebrou a perna.

c) O rádio informa **que não há previsão para o restabelecimento do tráfego aéreo**.

d) Pescadores afirmaram **que viram um objeto voador não identificado**.

e) O menino deveria ter uns dez anos e via-se **que recebera boa educação**.

f) Helena parece **que não gostou da brincadeira de suas colegas**.

g) Chegaram dois homens dizendo **que eram os legítimos donos daquelas terras**.

h) Das vinganças de Henrique Heine disse alguém **que eram** como as de Apolo, que de um talho arrancou a pele ao sátiro Mársias.

i) Seria conveniente que não fosses à festa **sem que te vestisses de acordo com a moda**.

17. Os períodos seguintes estão mal redigidos, devido à desagradável repetição da palavra **que**. Melhore-os, substituindo as orações em destaque pelas reduzidas correspondentes:

a) Li no jornal umas notícias que depois averiguei **que não tinham fundamento**.

b) Marquei consulta com o Dr. Clemente, um médico que diziam **que era muito bom**.

c) Todos esses edifícios, enormes e assustadores, que parece **que querem esmagar-nos**, são a prova concreta de uma falsa civilização.

d) Guardarei com amor esta carta, que dizes **que escreveste num banco de jardim**.

e) Dizem as crônicas que algumas pessoas afirmavam **que tinham visto cascavéis** dançando no peito do vereador.

f) Referiu-me que uma freira, recentemente chegada, lhe disse **que há por lá sérios receios** de que se deflagre nova guerra.

g) O chefe do grupo considerou **que era demasiado perigoso que alguns dos homens se arriscassem** a entrar naquela selva dominada pelos índios.

h) A mesma pessoa que me disse **que o dito farmacêutico mudou de nome** afirmou, entretanto, **que era de ascendência italiana** e **que exercera já a profissão de escultor**.

i) Aquelas rochas atraem a atenção dos arqueólogos **porque têm marcas** que se acredita **que são vestígios de antiga civilização**.

18. Forme períodos em que figurem orações reduzidas iniciadas pelas locuções prepositivas **longe de**, **a ponto de**, **sob pena de**, **a despeito de**.

19. Escreva as orações subordinadas reduzidas, transformando-as em desenvolvidas.

a) Terminada a leitura da peça, o debate começou.

b) É importante cultivares boas amizades.

c) Percebendo minha tristeza, calou-se.

20. Transforme as orações subordinadas desenvolvidas em reduzidas:

a) Nossa intenção era que participássemos do congresso.

b) Quando a recepção terminou, todos estavam entusiasmados.

c) Penso que estou preparado para tudo.

21. Localize no exercício 19 exemplos de:

a) oração reduzida de infinitivo;

b) oração reduzida de gerúndio;

c) oração reduzida de particípio.

22. Desenvolva a oração reduzida abaixo de duas maneiras diferentes. Depois, classifique cada uma delas.

Consertando o carro, ele rodará ainda muitos quilômetros.

23. Desenvolva as orações reduzidas por meio de pronomes relativos:

a) No colégio, vi um garoto pulando o muro.

b) Você já ouviu os CDs comprados pelo Grêmio?

c) Observei durante longo tempo os médicos discutindo a situação.

d) Havia ali muitos homens procurando emprego.

ORAÇÕES REDUZIDAS
Exercícios de exames e concursos
[Página 686]

ESTUDO COMPLEMENTAR DO PERÍODO COMPOSTO

No *período composto* podem ocorrer:

a) orações subordinadas justapostas, isto é, sem conectivo:

"*Há seis meses* depusemos Sílvia na campa, ao lado de seu Camilo." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

"Conheciam-se já provavelmente, *tão familiares se mostravam*." (FERNANDO NAMORA)

"Lembra-me *quão penoso foi o encontro com o passado*." (CIRO DOS ANJOS)

"Ficou resolvido *se fizesse, em nome do povo, uma representação ao Imperador*." (VIRIATO CORREIA)

"A carinha podia ser de chinesa, *fossem os olhos mais enviesados*." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"De maio a agosto, ninguém podia tomar banho no rio, *dava febre*." (JOSÉ J. VEIGA)

b) orações cujo verbo está elíptico, isto é, subentendido:

"*Tão bom* se ela estivesse viva para me ver assim!" (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

[*Tão bom* = Seria tão bom]

"*Absurdo* alguém viver num lugar onde se apertavam tantas casas." (GRACILIANO RAMOS)
[*Absurdo* = Era absurdo]

"Carteia está deserta, *como as demais povoações vizinhas*." (ALEXANDRE HERCULANO)

"E nunca se sabia *como, quando* e com que armas ia atacar." (ÉRICO VERÍSSIMO)

"Olha-me com ar, *se não de censura*, de ressentimento." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

"*Humilde embora a choupana* a que se bata, sempre se é acolhido com afabilidade." (AFONSO CELSO)

"A coleira não aprisionava nem tigre nem leão, *mas um menino*." (HAROLDO BRUNO)

"Não sei se é lua, *se apenas um rastro de nuvem no azul triste do dia*." (CECÍLIA MEIRELES)

O candidato promete que, *se eleito*, fará amplas reformas.

c) orações interferentes, que estudaremos a seguir.

1 ORAÇÕES INTERFERENTES

Às orações que se acrescentam "à margem" da frase, como esclarecimento, observação, ressalva, etc., dá-se o nome de *interferentes* ou *intercaladas*.

- Semelhantes orações interferem na sequência lógica da frase, sendo elementos estranhos à estrutura do período. Exemplos:

  "Melhor seria eu ir para o forno (*e o de lá de casa era enorme*), para ao menos eu ir assando ao fogo lento." (LUÍS JARDIM)

  "Se não me atirasse às bananas (*devo ter comido meia dúzia*), não poderia ter feito as milhares de coisas que fiz." (LÍGIA FAGUNDES TELLES)

  "Desta vez, *disse ele*, vais para a Europa." (MACHADO DE ASSIS)

  "É muito esperto o seu menino, *exclamaram os ouvintes*." (MACHADO DE ASSIS)

  "É bem feiozinho, *benza-o Deus*, o tal teu amigo!" (ALUÍSIO AZEVEDO)

  "Rico, e muito rico – *pensava Caúla* – quem possuía um barco como aquele!" (ADONIAS FILHO)

  "Tive (*por que não direi tudo?*), tive remorsos." (MACHADO DE ASSIS)

  "Esta obra de arte popular até hoje se conservou inédita, *creio eu*." (GRACILIANO RAMOS)

  "No monte Calvário (*relembra o nosso grande Vieira*), esteve a Senhora sempre ao pé da Cruz..." (CARLOS DE LAET)

  "Notei, *é verdade*, as pedras roídas nos alicerces." (ANÍBAL MACHADO)

  "O espaço desta campanha de norte a sul (*aqui chamo, senhores, vossa atenção*) é de mais de 300 léguas por costa." (CARLOS DE LAET)

  Meus irmãos (*digo-o com tristeza*) desviaram-se do bom caminho.

  Nenhum destes historiadores, *que eu saiba*, faz referência àquele episódio.

- Às vezes, não é apenas uma oração que se insere na frase, mas um período composto, como neste exemplo:

  A cidade, caso o tempo esteja bom – *e não há quem admita o contrário* –, terá este ano um carnaval animadíssimo.

Observação:

✔ As orações interferentes são de largo uso no discurso direto. Veja pág. 643.

Divergem os autores quanto à classificação das orações interferentes. Entendemos que são orações independentes justapostas. Na análise sintática, basta dizer: oração ou período interferente.

EXERCÍCIOS — LISTA 49

1. Escreva somente os períodos em que há orações subordinadas justapostas, isto é, sem conectivo:

a) Não fossem as aves, os insetos nocivos acabariam com as plantas.

b) Qualquer que seja o resultado, permanecerei tranquilo.

c) Perguntaram a que horas o patrão tinha passado pela ponte.

d) Nada o contentará enquanto não tiver a paz interior.

e) Ela pediu às autoridades transferissem o irmão para outro presídio.

2. Transcreva os períodos e sublinhe as orações cujo verbo está subentendido e enuncie esse verbo:

a) A terra era fértil, os rios piscosos e grande o número de animais.

b) "A chuva havia parado, mas o vento não." (SÉRGIO FARACO)

c) "À tarde houve cavalhadas e à noite quermesse." (ÉRICO VERÍSSIMO)

d) "Não se sabia como, quando e com que armas ia atacar." (ÉRICO VERÍSSIMO)

e) O candidato promete que, se eleito, fará amplas reformas.

f) Ela o atraía irresistivelmente, como o ímã ao ferro.

g) Donde terá provindo a vida? Porventura do acaso?

3. Copie os períodos abaixo e sublinhe as orações ou os períodos interferentes:

a) Velhos prédios da Rua do Catete são uma ameaça para os pedestres (pedaços de fachadas tombam no passeio) e podem desabar a qualquer momento.

b) "Tudo que se pode ter de felicidade aqui debaixo deste céu (fez um gesto de declamadora de cidade pequena) a vida me deu." (ELSIE LESSA)

c) "Se eu alteasse o choro, se gritasse – a minha mãe ameaçava – a surra se duplicaria." (LUÍS JARDIM)

d) "Tenho passado por boas, observei, e não me consta que te houvesses interessado por mim." (CARLOS DE LAET)

e) Apesar da chuva e do campo enlameado – até o meio-dia o jogo correu o risco de ser transferido –, a atuação das duas equipes agradou bastante, sobretudo pelas boas jogadas dos ataques.

f) "No bolso do capote, por que não confessar, ia uma garrafinha de um horrível conhaque de contrabando que eu arranjara em Pistoia." (RUBEM BRAGA)

4. Fazendo uso da elipse, redija frases de estrutura semelhante à das seguintes:

a) Absurdo pretender melhorar o mundo sem melhorar o homem.

b) Acanhado, as orelhas ardendo, repeli o elogio: os meus escritos eram fracos, não prestavam.

c) Criatura estranha o filósofo Diógenes, que morava num tonel.

d) A voz áspera, modos sacudidos, ranzinza, impertinente, Fernando era assim.

e) "Veio sem pintura, um vestido leve, sandálias coloridas." (RUBEM BRAGA)

5. Organize períodos em que figurem orações semelhantes às em destaque:

a) Aquela dura sentença, **longe de me abalar**, até me envaideceu.

b) Não só se envergonhava do pai, **como também não o amava**.

c) **Por mais que eu tenha insistido**, não me atendeu.

d) Não se sentava **que não enterrasse a cara nas mãos**.

e) **Tivesse eu os teus recursos**, e quantas coisas haveria de realizar!

f) A planície parecia não ter fim, **de tão extensa que era**.

g) "**Nem bem a porta fechou**, Casimiro redarguiu, agressivo..." (José Fonseca Fernandes)

h) A tempestade fustigava a natureza, **a floresta e o rio como que se contorciam de dor**.

2 MODELOS DE ANÁLISE SINTÁTICA

1

"A ordem, meus amigos, é a base do governo."

(Machado de Assis)

Período simples; oração absoluta (única no período).

Sujeito: A ordem

Predicado: é a base do governo (*nominal*)

Verbo: é (*de ligação*)

Predicativo do sujeito: a base do governo

Adjuntos adnominais: a, meus, a, do governo

Vocativo: meus amigos

2

A	B
[Netuno é deus do mar,]	**[mas Baco tem afogado mais gente.]**

Período composto por coordenação.

A) oração coordenada assindética

Sujeito: Netuno

Predicado: é deus do mar (*nominal*)

Verbo: é (*de ligação*)

Predicativo do sujeito: deus do mar

Adjunto adnominal: do mar

B) oração coordenada adversativa sindética

Sujeito: Baco

Predicado: tem afogado mais gente (*verbal*)

Verbo: tem afogado (*transitivo direto*)

Objeto direto: mais gente

Adjunto adnominal: mais

Conectivo coordenativo: mas

3

A B C

[Se bem que eu não o julgue insensível à arte,] [admira-me] [vê-lo assim tão entusiasmado.]

Período composto por subordinação.

A) oração subordinada adverbial concessiva

Sujeito: eu

Predicado: não o julgue insensível à arte (*verbo-nominal*)

Verbo: julgue (*transitivo direto*)

Objeto direto: o

Predicativo do objeto: insensível

Complemento nominal: à arte

Adjunto adverbial de negação: não

Conectivo subordinativo: se bem que

B) oração principal

Sujeito: a oração *C*

Predicado: admira-me (*verbal*)

Verbo: admira (*transitivo direto*)

Objeto direto: me

C) oração sub. subst. subjetiva, reduzida de infinitivo

Sujeito: eu (*oculto*)

Predicado: vê-lo assim tão entusiasmado (*verbo-nominal*)

Verbo: ver (*transitivo direto*)

Objeto direto: o

Predicativo do objeto: entusiasmado

Adjunto adverbial de modo: assim

Adjunto adverbial de intensidade: tão

4

A B A

["Todos os médicos [a quem contei as moléstias dele] foram acordes]

C D E

[em que a morte era certa,] [e só se admiravam] [de ter resistido tanto tempo."]

(MACHADO DE ASSIS)

Período composto por subordinação e coordenação.

A) oração principal

B) oração subordinada adjetiva restritiva

C) oração subordinada substantiva completiva nominal

D) oração coordenada aditiva sindética, principal relativamente à seguinte

E) oração subordinada substantiva objetiva indireta, reduzida de infinitivo

Análise de alguns termos: *quem*, objeto indireto; *dele*, adjunto adnominal; *acordes*, predicativo do sujeito; *tanto*, adjunto adnominal.

5

A **B**

["Certamente, para o garoto o ideal seria] [que todos fossem embora]

C

[e ele tomasse posse da cápsula.]

(CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

Período composto por subordinação e coordenação.

A) oração principal

B) oração subordinada substantiva predicativa

C) oração subordinada substantiva predicativa coordenada à oração *B* (elipse da conjunção integrante *que*: e **que** ele tomasse posse da cápsula)

Análise de alguns termos: *certamente*, adjunto adverbial de afirmação; *garoto*, adjunto adverbial de interesse; *ideal*, sujeito; *tomasse posse* [= *se apossasse*], núcleo do predicado; *cápsula*, objeto indireto.

Análise também aceitável: *tomasse*, núcleo do predicado; *posse*, objeto direto; *cápsula*, complemento nominal.

Observação:

✔ **Cápsula**. Cabine de uma nave espacial.

EXERCÍCIOS — LISTA 50

1. Converta os termos destacados em orações e classifique-as:

a) Quero **sua colaboração**.

b) É necessária nossa **participação**.

c) Tenho necessidade **de sua ajuda**.

d) O mais importante é **a devolução do nosso dinheiro**.

e) Peço-te apenas uma coisa: **o reconhecimento da verdade**.

2. Transforme os períodos simples em compostos utilizando pronome relativo. Oriente-se pelo exemplo.

Estudo em uma escola religiosa. A escola tem muitos alunos.

A escola em que estudo tem muitos alunos.

a) Seu José é ótimo contador. Seu José mora em minha rua.

b) Temos novos funcionários. Esses funcionários foram aprovados em concurso.

c) Paulo é uma pessoa admirável. Podemos contar sempre com ele.

3. Escreva os períodos substituindo os adjuntos adverbiais grifados por orações subordinadas adverbiais equivalentes.

a) *À noite*, retornávamos a nossos lares.

b) Enviaremos o resultado do exame *para a realização do inquérito*.

c) *Apesar de sua agressividade*, Carlinhos é um ótimo garoto.

d) Não terminei o relatório *por falta de dados*.

e) Saíram *no término da festa*.

4. Classifique as orações adverbiais que formulou no exercício anterior.

5. Escreva os períodos acrescentando orações subordinadas adjetivas às principais.

a) O campeão * não participará da próxima competição.

b) A secretária * trabalha na sala ao lado.

c) O livro * é muito interessante.

d) A vila * não existe mais.

e) O colégio * é muito bom.

6. Explique a diferença de sentido que existe entre as frases abaixo:

a) Meu irmão, que mora em Botucatu, virá amanhã.

b) Meu irmão que mora em Botucatu virá amanhã.

ESTUDO COMPLEMENTAR DO PERÍODO COMPOSTO
Exercícios de exames e concursos
[Página 685]

SINAIS DE PONTUAÇÃO

Tríplice é a finalidade dos sinais de pontuação:

a) assinalar as pausas e as inflexões da voz (a entonação) na leitura;

b) separar palavras, expressões e orações que devem ser destacadas;

c) esclarecer o sentido da frase, afastando qualquer ambiguidade.

Não há uniformidade entre os escritores quanto ao emprego dos sinais de pontuação. Não sendo possível traçar normas rigorosas sobre a matéria, daremos aqui apenas as que o uso geral vem sancionando, na atual língua escrita.

1 EMPREGO DA VÍRGULA

A) Emprega-se a vírgula:

- para separar palavras ou orações justapostas assindéticas:

  A terra, o mar, o céu, tudo apregoa a glória de Deus.
  Os passantes chegam, olham, perguntam e prosseguem.

- para separar vocativos:

  "Olha, *Roque*, você me vai dar um remédio." (MENOTTI DEL PICCHIA)

- para separar apostos e certos predicativos:

  São Marcelino Champagnat, *fundador da Congregação dos Irmãos Maristas*, destaca-se entre os grandes educadores da juventude.

  "*Pássaro e lesma*, o homem oscila entre o desejo de voar e o desejo de arrastar." (GUSTAVO CORÇÃO)

  Lentos e tristes, os retirantes iam passando.

- para separar orações intercaladas e outras de caráter explicativo:

  A História, *diz Cícero*, é a mestra da vida.
  Segundo afirmam, há no mundo 396.000 espécies vivas de animais.

  "O jornal, *como o entendem hoje em dia*, é o mergulho absoluto na intensidade da vida." (FÉLIX PACHECO)

- para separar certas expressões explicativas ou retificativas, como *isto é, a saber, por exemplo, ou melhor, ou antes*, etc. Exemplo:

  O amor, *isto é*, o mais forte e sublime dos sentimentos humanos, tem seu princípio em Deus.

- para separar orações adjetivas explicativas:

  Pelas 11h do dia, *que foi de sol ardente*, alcançamos a margem do rio Paraná.
  "O coronel ia enchendo o tambor do revólver, *do qual nunca se apartava*." (HERBERTO SALES)

- de modo geral, para separar orações adverbiais desenvolvidas:

  Enquanto o marido pescava, Rosa ficava pintando a paisagem.

- para separar orações adverbiais reduzidas:

  "Dali eu via, *sem ser visto*, a sala de visitas." (LÚCIO DE MENDONÇA)
  "*Findas as lições*, espaçou as visitas, sumiu-se afinal." (GRACILIANO RAMOS)
  "O tiroteio inesperado, *violentando a paz da noite*, fez a cidade estremecer..." (HERBERTO SALES)

- para separar adjuntos adverbiais:

  "Eis que, *aos poucos, lá para as bandas do oriente*, clareia um cantinho do céu." (VISCONDE DE TAUNAY)
  "*Com mais de setenta anos*, andava a pé." (GRACILIANO RAMOS)
  O adjunto adverbial, quando breve, pode dispensar a vírgula:
  "*Dentro do navio* homens e mulheres conversavam." (JORGE AMADO)

- para indicar a elipse de um termo:

  Uns diziam que se matou, outros, que fora para o Acre. [= outros *diziam* que fora para o Acre.]
  "Às vezes sobe aos ramos da árvore; outras, remexe o uru de palha matizada." (JOSÉ DE ALENCAR) [= outras *vezes*]

- para separar certas conjunções pospositivas, como *porém, contudo, pois, entretanto, portanto*, etc.:

  "Vens, *pois*, anunciar-me uma desventura." (ALEXANDRE HERCULANO)
  "As pessoas delicadas, *contudo*, haviam desde a véspera abandonado a cidade." (JOÃO RIBEIRO)

- para separar os elementos paralelos de um provérbio:

  Mocidade ociosa, velhice vergonhosa.

- para separar termos que desejamos realçar:

  O dinheiro, Jaime o trazia escondido nas mangas do paletó.

- para separar, nas datas, o nome do lugar:

  Rio de Janeiro, 10 de maio de 2000.

B) Não se emprega vírgula:

- entre o sujeito e o verbo da oração, quando juntos:

  Atletas de várias nacionalidades participarão da grande maratona.

Observação:

✔ Se entre o sujeito e o verbo ocorrer adjunto ou oração, com pausas obrigatórias, terá lugar a vírgula:

Meus olhos, *devido à fumaça*, ardiam e lacrimejavam muito.

As crianças, *quando os pais as tratam mal*, tornam-se agressivas.

- entre o verbo e seus complementos, quando juntos:

  Dona Elza pediu ao diretor do colégio que colocasse o filho em outra turma.

- em geral, antes de oração adverbial consecutiva do tipo:

  O vento soprou tão forte *que arrancou mais de uma árvore*.

2 PONTO E VÍRGULA

O ponto e vírgula denota uma pausa mais sensível que a vírgula e emprega-se principalmente:

- para separar orações coordenadas de certa extensão:

  "Depois Iracema quebrou a flecha homicida; deu a haste ao desconhecido, guardando consigo a ponta farpada." (José de Alencar)

  Astrônomos já tentaram estabelecer contato com seres extraterrestres; suas tentativas, porém, foram infrutíferas.

- em enumerações do tipo:

  Destacaram-se, na Conjuração Mineira, Joaquim José da Silva Xavier, alcunhado *Tiradentes*; o poeta Cláudio Manuel da Costa, autor do poema épico *Vila Rica*; o poeta Tomás Antônio Gonzaga, autor de *Marília de Dirceu*; o desembargador Inácio Alvarenga Peixoto e o padre Luís Vieira da Silva, em cuja biblioteca se reuniam os conjurados.

- para separar os considerandos de um decreto, de uma sentença, de uma petição, etc.
- para separar os itens de um artigo de lei, de um regulamento.

3 DOIS-PONTOS

Emprega-se este sinal de pontuação:

- para anunciar a fala dos personagens nas histórias de ficção:

  "O Baixinho retomou o leme, dizendo:
  – Olha, menino, veja a Bahia." (Adonias Filho)
  "Ouvindo passos no corredor, abaixei a voz:
  – Podemos avisar sua tia, não?" (Graciliano Ramos)

- antes de uma citação:

  "Repetia as palavras do pai: O mundo, sem a selva, será triste e mau." (Adonias Filho)
  Bem diz o ditado: Vento ou ventura, pouco dura.
  "O pessoal do extremo norte tem um *slogan*: Amazônia também é Brasil!" (Raquel de Queirós)

- antes de certos apostos, principalmente nas enumerações:

  Tudo ameaça as plantações: vento, enchentes, geadas, insetos daninhos, bichos, etc.
  Duas coisas lhe davam superioridade: o saber e o prestígio.
  Existem na esgrima três modalidades de arma: florete, sabre e espada.
  "O *Titanic* nasceu de um sonho: o de que era possível construir um navio à prova de naufrágio." (Artur Dapieve)

- antes de orações apositivas:

  A verdadeira causa das guerras é esta: os homens se esquecem do Decálogo.
  "Só ponho uma condição: vai almoçar comigo." (CARLOS DE LAET)
  "É triste dizer: o velho às vezes se embriagava." (AUTRAN DOURADO)

- para indicar um esclarecimento, um resultado ou resumo do que se disse:

  "Mas padre Anselmo era assim mesmo: amigo dos pobres." (JOÃO CLÍMACO BEZERRA)
  "Guardo o mundo na mão: não sei se sou feliz." (CABRAL DO NASCIMENTO)
  "Afinal a casa não caíra do céu por descuido: fora construída pelo major." (GRACILIANO RAMOS)
  "Resultado: no fim de algum tempo tinha o que se chama 'dinheiro no Banco'."
  (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)
  "Em resumo: saí com 1.029 cruzeiros no bolso, um tanto confuso."
  (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

4 PONTO FINAL

- Emprega-se, principalmente, para fechar o período:

  "Mestre Vitorino morava no mar." (ADONIAS FILHO)

- Usa-se também nas abreviaturas:

  Sr. (senhor), *a.C.* (antes de Cristo), *pág.* (página), *P.S.* (*post scriptum*), etc.

5 PONTO DE INTERROGAÇÃO

- Usa-se no fim de uma palavra, oração ou frase, para indicar pergunta direta, que se faz com entoação ascendente:

  "– Aonde? perguntou Dona Plácida." (MACHADO DE ASSIS)
  "Não estás farto do espetáculo e da luta?" (MACHADO DE ASSIS)
  "– Que vai fazer V. Exª? tornou Calisto." (CAMILO CASTELO BRANCO)
  "– Que tem isso? perguntava-lhe eu." (MACHADO DE ASSIS)
  "Caça é coisa para homem, não é, César?" (ANTÔNIO OLINTO)

- Aparece, às vezes, no fim de uma pergunta intercalada, que pode, ao mesmo tempo, estar entre parênteses:

  "A imprensa (quem o contesta?) é o mais poderoso meio que se tem inventado para a divulgação do pensamento." (CARLOS DE LAET)
  Outras vezes combina-se com o ponto de exclamação ou as reticências:
  "– A mim?! Que ideia!" (CAMILO CASTELO BRANCO)
  "Virgília? Mas então era a mesma senhora que alguns anos depois...?" (MACHADO DE ASSIS)

Observação:

✔ Não se usa o ponto interrogativo nas perguntas indiretas: *Dize-me o que tens.*
Desejo saber quem vai. Perguntei quem era.

6 PONTO DE EXCLAMAÇÃO

- Usa-se depois das interjeições, locuções ou frases exclamativas, que se proferem com entonação descendente, exprimindo surpresa, espanto, susto, indignação, piedade, ordem, súplica, etc. Exemplos:

  "– Céus! Que injustiça!" (Camilo Castelo Branco)

  "– Nunca! gemeu o enfermo." (Machado de Assis)

  "Coitada de Dona Plácida!" (Machado de Assis)

  "Ah! mísero demente! o teu tesouro é falso!" (Olavo Bilac)

  "Suspendam o interrogatório!" (Érico Veríssimo)

  "– Um automóvel! Depressa! Depressa!" (Fernando Namora)

- Substitui a vírgula depois de um vocativo enfático:

  "*Colombo!* fecha a porta dos teus mares!" (Castro Alves)

7 RETICÊNCIAS

As reticências (...) são usadas, principalmente:

- para indicar suspensão ou interrupção do pensamento, ou ainda, corte da frase de um personagem pelo interlocutor, nos diálogos:

  "– Mas essa cruz, observei eu, não me disseste que era teu pai que..." (Machado de Assis)

  "– A instrução é indispensável, a instrução é uma chave, a senhora não concorda, dona Madalena?

  – Quem se habitua aos livros...

  – É não habituar-se, interrompi." (Graciliano Ramos)

- no meio do período, para indicar certa hesitação ou breve interrupção do pensamento:

  "– Porque... não sei, porque... porque é a minha sina..." (Machado de Assis)

  "– Ao contrário, se é amigo dele... peço-lhe que o distraia... que..." (Machado de Assis)

- no fim de um período gramaticalmente completo, para sugerir certo prolongamento da ideia:

  "Na terra os homens sonham, os homens vivem sonhando..." (Malu de Ouro Preto)

  "Ninguém... A estrada, ampla e silente,
  Sem caminhantes adormece..." (Olavo Bilac)

- para sugerir movimento ou a continuação de um fato:

  "E o pingo d'água continua..." (Olegário Mariano)

  "E a Vida passa... efêmera e vazia." (Raul de Leoni)

- para indicar chamamento ou interpelação, em lugar do ponto interrogativo:

  "– *Seu Pilar*... murmurou ele daí a alguns minutos.

  – Que é?" (Machado de Assis)

- para indicar supressão de palavra(s) numa frase transcrita, caso em que se podem usar quatro pontos, em vez de três:

  "... o chefe dos pescadores... se arroja nas ondas..." (José de Alencar)

  "Na primeira semana de agosto,.... a frota ancorou em Málaga...." (Eduardo Bueno)

Neste último caso, as reticências são mero sinal gráfico: não representam pausa nem entonação especial.

Observação:

✔ As reticências e o ponto de exclamação, sinais gráficos subjetivos de grande poder de sugestão e ricos em matizes melódicos, são ótimos auxiliares da linguagem afetiva e poética. Seu uso, porém, é antes arbitrário, pois depende do estado emotivo do escritor.

8 PARÊNTESES

- Usam-se para isolar palavras, locuções ou frases intercaladas no período, com caráter explicativo, as quais são proferidas em tom mais baixo:

  "O Cristianismo (escreveu Chateaubriand) inventou o órgão e fez suspirar o bronze." (Carlos de Laet)

  "Mas o tempo (e é outro ponto em que eu espero a indulgência dos homens pensadores!), o tempo caleja a sensibilidade..." (Machado de Assis)

- Às vezes substituem a vírgula ou o travessão:

  "Ora (direis) ouvir estrelas! Certo

  Perdeste o senso!..." (Olavo Bilac)

9 TRAVESSÃO

O travessão (–) é um traço maior que o hífen e usa-se:

- nos diálogos, para indicar mudança de interlocutor ou, simplesmente, início da fala de um personagem:

  "– Você é daqui mesmo? perguntei.

  – Sou, sim senhor, respondeu o garoto." (Aníbal Machado)

- para separar expressões ou frases explicativas, intercaladas:

  Um bom ensino básico – diga-se mais uma vez – exige a valorização do professor.

  "Quanto mais andam pelas docas, pelo porto – Amsterdam já tem uma indústria naval –, maior agitação encontram." (Assis Brasil)

  "E logo me apresentou à mulher, – uma estimável senhora – e à filha." (Machado de Assis)

- para isolar palavras ou orações que se quer realçar ou enfatizar:

  "Acresce que chovia – peneirava – uma chuvinha miúda, triste e constante..." (Machado de Assis)

  "O obelisco aponta aos mortais as coisas mais altas: o céu, a Lua, o Sol, as estrelas, – Deus." (Manuel Bandeira)

- às vezes substitui os parênteses e mesmo a vírgula e os dois-pontos:

"Uma das glórias – e tantas são elas! – da Ordem Beneditina no Brasil é D. Frei Antônio do Desterro." (CARLOS DE LAET)

"O que o colono do Maranhão pretendia era isto – fazer entradas livres." (CARLOS DE LAET)

"Mas eis – corre-se então nívea cortina." (CRUZ E SOUSA)

10 ASPAS

- Usam-se as aspas (" ") antes e depois de uma citação textual (palavra, expressão, frase ou trecho):

Disse o pintor grego Apeles ao sapateiro que o criticara: "Sapateiro, não passes além da sandália!"

"Proletário, uni-vos." Isto era escrito sem vírgula e sem traço, a piche. (GRACILIANO RAMOS)

"A bomba não tem endereço certo." (CECÍLIA MEIRELES)

- Costuma-se aspear expressões ou conceitos que se deseja pôr em evidência:

Miguel Ângelo, "o homem das três almas"... (CARLOS DE LAET)

Desde os cinco anos merecera eu a alcunha de "menino diabo". (MACHADO DE ASSIS)

País algum sobrevive sob o insensato refrão de que "é proibido proibir". (DOM EUGÊNIO SALES)

- Põem-se entre aspas ou, então, grifam-se palavras estrangeiras, termos da gíria, expressões que devem ser destacadas:

Guido vestiu um *short* branco e foi jogar bola.

O *réveillon* foi muito animado.

Assim me contou o "tira"... (ANÍBAL MACHADO)

- Títulos de livros, revistas, jornais, filmes, etc. são, de preferência, grifados:

A notícia foi dada pelo *Jornal do Brasil*.

11 COLCHETES

- Têm a mesma finalidade que os parênteses; todavia, seu uso se restringe aos escritos de cunho didático, filológico, científico:

"Luzente. [Do lat. *lucente*.] *Adj. 2 g.* Que luz ou brilha." (*Novo Dicionário Aurélio*, 3ª edição, 1999)

"Cada um colhe [conforme semeia]." (ADRIANO DA GAMA KURY)

- Na transcrição de um texto, indicam inclusão de palavra(s):

  "O [peixe] do meio trazia uma concha na boca..." (*Novo Dicionário Aurélio*, 3ª edição, verbete *lhe*)

  "Qualquer mudança deve vigir [*sic*] apenas a partir de 1995." (CARLOS CASTELO BRANCO)

12 ASTERISCO

O asterisco (*), palavra que significa *estrelinha*, é usado:

- para remeter a uma nota ou explicação ao pé da página ou no fim de um capítulo;
- nos dicionários e nas enciclopédias, para remeter a um verbete;
- no lugar de um nome próprio que não se quer mencionar: *o Dr.*, o jornal***.*

13 PARÁGRAFO

Representa-se com o sinal § e serve para indicar um parágrafo de um texto ou artigo de lei.

EXERCÍCIOS — LISTA 51

1. Em uma frase a vírgula é inadequada. Dê a razão:

a) Colhiam café bandos de moças alegres, cantadoras, muito bonitas.

b) Menino pobre, Zezinho não tinha roupa nova para ir à festa.

c) Para lá da via férrea, meninos empinavam papagaios.

d) A tartaruga, conhecido réptil aquático, vem à terra para a desova.

e) Mugidos tristes de reses famintas, cortavam o silêncio da noite.

2. Escreva o trecho abaixo, colocando as vírgulas corretamente:

"De longe por entre coqueiros surge correndo uma mulher vestida de calça e capa de borracha negra dessas de marinheiro; na mão um cajado longo. Não ouvem o que ela grita devido ao vento mas sentem no bastão erguido um gesto de ameaça. Seguem-na um padre e um tipo de barbas. Em seguida os pescadores: velhos moços e meninos." (JORGE AMADO)

3. Copie as frases, colocando convenientemente vírgula, ponto e vírgula e dois-pontos:

a) Vaqueiros saltam em cima de cavalos cavalos se lançam atrás dos bois que correm desabalados caatinga adentro.

b) Na cidade vê-se o contrário do que acontece na roça as pessoas estão sempre muito apressadas.

c) Umas excursões levam ao norte às praias de Cabo Frio onde a vida social é muito animada outras conduzem ao sul a Angra dos Reis lugar ideal para a caça submarina.

d) "Durante o ciclo da borracha fora aquela legião de rapazes para os seringais. Poucos voltaram. O Governo prometia mundos e fundos terras hospitais ordenado médicos escolas. E no fim foi o que se viu os desgraçados voltaram como antigamente. Roídos de beribéri de maleita magros famintos. Dinheiro nem um tostão. E os arrebanhadores de gente ricos com casa na cidade." (João Clímaco Bezerra, *A Vinha dos Esquecidos*, p. 97)

4. Ponha os sinais de pontuação adequados na seguinte fábula:

O acordo

Vestido como caçador o homem caçava Estava metido no mais negro da floresta e caçava Mas não procurava qualquer caça não Procurava uma caça determinada capaz de lhe dar uma pele que aquecesse suas noites hibernais

E procurava Procura que procura eis senão quando numa volta da floresta depara nada mais nada menos que com um urso Os dois se defrontam O caçador apavorado pela selvageria do animal O animal apavorado pela civilização em forma de rifle do caçador Mas foi o urso quem falou primeiro

Que é que você está procurando

Eu disse o caçador procuro uma boa pele com a qual possa abrigar-me no inverno E você

Eu disse o urso procuro algo que jantar porque há três dias que não como

E os dois se puseram a pensar E foi de novo o urso quem falou primeiro

Olha caçador vamos entrar na toca e conversar lá dentro que é melhor

Entraram E dentro de meia hora o urso tinha o seu almoço e consequentemente o caçador tinha o seu capote

Moral Falando a gente se entende

(Millôr Fernandes, *Novas Fábulas Fabulosas*, Desiderata, 2007)

5. Copie as frases colocando as vírgulas necessárias.

a) A doença a perda da esposa a viagem do filho tudo o abatia.

b) Falemos amigos de nossos sonhos e esperanças.

c) Os artistas alegres e realizados recebiam seus merecidos prêmios.

d) Dirigiam-se às crianças ou melhor aos alunos da quinta série.

e) Os alunos do ensino médio partirão hoje nós amanhã.

6. Explique por que não se podem usar as vírgulas que aparecem nas frases abaixo.

a) O grande e invencível herói americano, deixou-se cair abatido.

b) Os que zombam de ti não conhecem ainda, a força de teu caráter e de tua vontade.

c) As histórias do filme eram tão tristes e sombrias, que arrancaram lágrimas de toda a plateia.

7. Explique a diferença de sentido entre os pares de frases abaixo:

a) Carlos, o professor está doente.

Carlos, o professor, está doente.

b) As meninas andavam pelas ruas tranquilas.

As meninas andavam pelas ruas, tranquilas.

8. Escreva as frases colocando o termo destacado no ínicio do período. Veja se, então, haverá necessidade de usar vírgula.

a) Os refugiados caminhavam sem destino *após o ataque inimigo*.

b) Falava com as crianças da turma *com muita sensibilidade*.

9. Recoloque, em cada período, o ponto e vírgula omitido.

a) Muitos já tentaram descobrir a cura do câncer as diferentes pesquisas, no entanto, ainda não tiveram sucesso.

b) Os paulistas armaram-se para o ataque, supondo contar com a adesão dos outros estados após alguns combates, no entanto, foram desarmados.

SINAIS DE PONTUAÇÃO
Exercícios de exames e concursos
[Página 667]

SINTAXE DE CONCORDÂNCIA

Concordância é o princípio sintático segundo o qual as palavras dependentes se harmonizam, nas suas flexões, com as palavras de que dependem. Assim:

a) Os adjetivos, pronomes, artigos e numerais concordam em gênero e número com os substantivos a que se referem (*concordância nominal*);

b) O verbo concordará com o sujeito da oração em número e pessoa (*concordância verbal*).

CONCORDÂNCIA NOMINAL

1 CONCORDÂNCIA DO ADJETIVO ADJUNTO ADNOMINAL

A concordância do adjetivo, com a função de adjunto adnominal, efetua-se de acordo com as seguintes regras gerais:

- O adjetivo concorda em gênero e número com o substantivo a que se refere. Exemplo:

  O **alto** ipê cobre-se de flores **amarelas**.

- O adjetivo que se refere a mais de um substantivo de gênero ou número diferentes, quando posposto, poderá concordar no masculino plural (concordância mais aconselhada), ou com o substantivo mais próximo. Exemplos:

a) no masculino plural:

"Tinha as espáduas e o colo **feitos** de encomenda para os vestidos decotados." (MACHADO DE ASSIS)

"Os arreios e as bagagens **espalhados** no chão, em roda." (HERMAN LIMA)

"Ainda assim, apareci com o rosto e as mãos muito **marcados**." (POVINA CAVALCÂNTI)

"... grande número de camareiros e camareiras **nativos**." (ÉRICO VERÍSSIMO)

"... um padre-nosso e uma ave-maria **oferecidos** a Nossa Senhora." (MACHADO DE ASSIS)

"Uma solicitude e um interesse mais que **fraternos**." (MÁRIO DE ALENCAR)

"... asas e peito **matizados** de riscas brancas." (LÚCIO DE MENDONÇA)

A atriz possui muitas joias e vestidos **caros**.

"... à descoberta de rios e terras ainda **desconhecidos**." (JOSÉ DE ALENCAR)

"... esperavam-nos alguns tios e tias **maternos**, com os quais fomos viver." (HUMBERTO DE CAMPOS)

b) com o substantivo mais próximo:

A Marinha e o Exército **brasileiro** estavam alerta.

Músicos e bailarinas **ciganas** animavam a festa.

"... toda ela [a casa] cheirando ainda a cal, a tinta e a barro **fresco**." (HUMBERTO DE CAMPOS)

"Meu primo estava saudoso dos tempos da infância e falava dos irmãos e irmãs **falecidas**." (LUÍS HENRIQUE TAVARES)

- Anteposto aos substantivos, o adjetivo concorda, em geral, com o mais próximo:

"Escolhestes **mau** lugar e hora..." (ALEXANDRE HERCULANO)

"... acerca do **possível** ladrão ou ladrões." (ANTÔNIO CALLADO)

Velhas revistas e livros enchiam as prateleiras.

Velhos livros e revistas enchiam as prateleiras.

Observação:

✔ Seguem esta regra os pronomes adjetivos:

A *sua* idade, sexo e profissão. *Seus* planos e tentativas.

Aqueles vícios e ambições. Por que *tanto* ódio e perversidade?

"*Seu* Príncipe e filhos." (LUÍS DE CAMÕES, *Os Lusíadas*, III, 124)

Muitas vezes é facultativa a escolha desta ou daquela concordância, mas em todos os casos deve subordinar-se às exigências da eufonia, da clareza e do bom gosto.

Quando dois ou mais adjetivos se referem ao mesmo substantivo determinado pelo artigo, ocorrem dois tipos de construção, um e outro legítimos. Exemplos:

Estudo **as línguas** inglesa e francesa.

Estudo **a língua** inglesa e **a** francesa.

Os dedos indicador e médio estavam feridos.

O dedo indicador e **o** médio estavam feridos.

- Os adjetivos regidos da preposição *de*, que se referem a pronomes neutros indefinidos (*nada, muito, algo, tanto, que*, etc.), normalmente ficam no masculino singular:

Sua vida nada tem de **misterioso**.

Seus olhos têm algo de **sedutor**.

Todavia, por atração, podem esses adjetivos concordar com o substantivo (ou pronome) sujeito:

"Elas nada tinham de **ingênuas**." (JOSÉ GUALDA DANTAS)

"Os edifícios da cidade nada têm de **elegantes**." (MÁRIO BARRETO)

"Júlia tinha tanto de **magra** e **sardenta**, quanto de **feia**! (RIBEIRO COUTO)

"Tanto tinha minha tia de **emperiquitada** quanto minha avó de **desmazelada** consigo mesma." (PEDRO NAVA)

"... esses números nada têm de **precisos**." (JOSUÉ DE CASTRO)

2 CONCORDÂNCIA DO ADJETIVO PREDICATIVO COM O SUJEITO

A concordância do adjetivo predicativo com o sujeito realiza-se consoante as seguintes normas:

- O predicativo concorda em gênero e número com o sujeito simples:

  A ciência sem consciência é **desastrosa**.

  Os campos estavam **floridos**, as colheitas seriam **fartas**.

  É **proibida** a caça nesta reserva.

- Quando o sujeito é composto e constituído por substantivos do mesmo gênero, o predicativo deve concordar no plural e no gênero deles:

  O mar e o céu estavam **serenos**.

  A ciência e a virtude são **necessárias**.

  "**Torvos** e **ferozes** eram o gesto e os meneios destes homens sem disciplina." (ALEXANDRE HERCULANO)

- Sendo o sujeito composto e constituído por substantivos de gêneros diversos, o predicativo concordará no masculino plural:

  O vale e a montanha são **frescos**.

  "O céu e as árvores ficariam **assombrados**." (MACHADO DE ASSIS)

  Longos eram os dias e as noites para o prisioneiro.

  "O César e a irmã são **louros**." (ANTÔNIO OLINTO)

  O garoto e as meninas avançaram **cautelosos**.

- Menos comum é a concordância com o substantivo mais próximo, o que só é possível quando o predicativo se antecipa ao sujeito:

  "Era **deserta** a vila, a casa, o templo." (GONÇALVES DIAS)

  Onde andará **metido** Antônio e suas irmãs?

  Estavam **molhadas** as cortinas e os tapetes.

- Se o sujeito for representado por um pronome de tratamento, a concordância se efetua com o sexo da pessoa a quem nos referimos:

  Vossa Senhoria, ficará **satisfeito**, eu lhe garanto.

  "Vossa Excelência está **enganado**, Doutor Juiz." (ARIANO SUASSUNA)

  Vossas Excelências, senhores Ministros, são **merecedores** de nossa confiança.

  Vossa Alteza foi **bondoso**. (com referência a um príncipe)

  Vossa Alteza foi muito **severa**. (com referência a uma princesa)

  "Vossa Majestade pode partir **tranquilo** para a sua expedição." (VIVALDO COARACI)

Observação:

✔ A essa concordância do adjetivo com a ideia implícita na expressão de tratamento dá-se o nome de *silepse*, da qual trataremos adiante.

O predicativo aparece às vezes na forma do masculino singular nas estereotipadas locuções *é bom, é necessário, é preciso*, etc., embora o sujeito seja substantivo feminino ou plural:

Bebida alcoólica não é **bom** para o fígado.

"Água de melissa é muito **bom**." (MACHADO DE ASSIS)

"É **preciso** cautela com semelhantes doutrinas." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Hormônios, às refeições, não é **mau**." (ANÍBAL MACHADO)

"É **necessário** muita fé." (MÁRIO BARRETO)

"Não seria **preciso** muita finura para perceber isso." (CIRO DOS ANJOS)

Observe-se que em tais casos o sujeito não vem determinado pelo artigo e a concordância se faz não com a forma gramatical da palavra, mas com o fato que se tem em mente:

Tomar hormônios às refeições não é mau.

É necessário **ter muita fé**.

- Havendo determinação do sujeito, ou sendo preciso realçar o predicativo, efetua-se a concordância normalmente:

É necessária a tua presença aqui. [= indispensável]

"**Se eram necessárias** obras, que se fizessem e largamente." (EÇA DE QUEIRÓS)

"**Seriam precisos** outros três homens." (ANÍBAL MACHADO)

"**São precisos** também os nomes dos admiradores." (CARLOS DE LAET)

"Só para consolidar as bases do palácio real, **foram precisas** treze mil estacas." (RAMALHO ORTIGÃO)

3 CONCORDÂNCIA DO PREDICATIVO COM O OBJETO

A concordância do adjetivo predicativo com o objeto direto ou indireto subordina-se às seguintes regras gerais:

- O adjetivo concorda em gênero e número com o objeto quando este é simples:

Vi **ancorados** na baía os navios petrolíferos.

"Olhou para as suas terras e viu-as **incultas** e **maninhas**." (CARLOS DE LAET)

O tribunal qualificou de **ilegais** as nomeações do ex-prefeito.

A noite torna **visíveis** os astros no céu límpido.

- Quando o objeto é composto e constituído por elementos do mesmo gênero, o adjetivo se flexiona no plural e no gênero dos elementos:

A justiça declarou **criminosos** o empresário e seus auxiliares.

Deixe bem **fechadas** a porta e as janelas.

- Sendo o objeto composto e formado de elementos de gêneros diversos, o adjetivo predicativo concordará no masculino plural:

Tomei **emprestados** a régua e o compasso.

Achei muito **simpáticos** o príncipe e sua filha.

"Vi setas e carcás **espedaçados**." (GONÇALVES DIAS)

Encontrei **jogados** no chão o álbum e as cartas.

Encontrei pai e filha **empenhados** numa discussão.

- Se anteposto ao objeto, poderá o predicativo, neste caso, concordar com o núcleo mais próximo:

  É preciso que se mantenham **limpas** as ruas e os jardins.

- Segue as mesmas regras o predicativo expresso pelos substantivos variáveis em gênero e número:

  Temiam que as tomassem por **malfeitoras**.

  Considero **autores** do crime o comerciante e sua empregada.

4 CONCORDÂNCIA DO PARTICÍPIO PASSIVO

- Na voz passiva, o particípio concorda em gênero e número com o sujeito, como os adjetivos:

  Foi **escolhida** a rainha da festa.

  Foi **feita** a entrega dos convites.

  Os jogadores tinham sido **convocados**.

  O governo avisa que não serão **permitidas** invasões de propriedades.

  Passadas duas semanas, procurei o devedor.

  Minhas três coleções de selos são **postas** à venda.

  O que não é **admitido** é a greve abusiva.

  Foram **vistas** centenas de rapazes pedalando nas ruas.

- Quando o núcleo do sujeito é, como no último exemplo, um coletivo numérico, pode-se, em geral, efetuar a concordância com o substantivo que o acompanha:

  Centenas de rapazes foram **vistos** pedalando nas ruas.

  Dezenas de soldados foram **feridos** em combate.

- Referindo-se a dois ou mais substantivos de gêneros diferentes, o particípio concordará no masculino plural:

  Atingidos por mísseis, a corveta e o navio foram a pique.

  "Mas achei natural que o clube e suas ilusões fossem **leiloados**."
  (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

5 CONCORDÂNCIA DO PRONOME COM O NOME

- O pronome, quando se flexiona, concorda em gênero e número com o substantivo a que se refere:

  "Martim quebrou um ramo de murta, a folha da tristeza, e deitou-**o** no jazigo de sua esposa."
  (JOSÉ DE ALENCAR)

  "O velho abriu as pálpebras e cerrou-**as** logo." (JOSÉ DE ALENCAR)

- O pronome que se refere a dois ou mais substantivos de gêneros diferentes flexiona-se no masculino plural:

"Salas e coração habita-**os** a saudade!" (ALBERTO DE OLIVEIRA)

"A generosidade, o esforço e o amor, ensinaste-**os** tu em toda a sua sublimidade." (ALEXANDRE HERCULANO)

Conheci naquela escola ótimos rapazes e moças, com **os quais** fiz boas amizades.

"Referi-me à catedral de Notre-Dame e ao Vesúvio familiarmente, como se **os** *tivesse* visto." (GRACILIANO RAMOS)

Trazem presentes e flores e depositam-**nos** em torno dela.

Observação:

✔ Os substantivos sendo sinônimos, o pronome concorda com o mais próximo:

"Ó mortais, que cegueira e desatino *é o nosso!*" (MANUEL BERNARDES)

- Os pronomes *um... outro*, quando se referem a substantivos de gêneros diferentes, concordam no masculino:

  Marido e mulher viviam em boa harmonia e ajudavam-se **um ao outro**.

  "Repousavam bem perto **um do outro a matéria e o espírito**." (ALEXANDRE HERCULANO)

  Nilo e **Sônia** casaram cedo: **um** por amor, **o outro**, por interesse.

- A locução *um* e *outro*, referida a indivíduos de sexos diferentes, permanece também no masculino:

  "A **mulher** do **colchoeiro** escovou-lhe o chapéu; e, quando ele [Rubião] saiu, **um e outro** agradeceram-lhe muito o benefício da salvação do filho." (MACHADO DE ASSIS)

- O substantivo que se segue às locuções *um e outro* e *nem um nem outro* fica no singular. Exemplos:

  Um e outro **livro** me agradaram.

  Nem um nem outro **livro** me agradaram.

6 OUTROS CASOS DE CONCORDÂNCIA NOMINAL

Registramos aqui alguns casos especiais de concordância nominal:

▪ Anexo, incluso, leso

Como adjetivos, concordam com o substantivo em gênero e número:

Anexa à presente, vai a relação das mercadorias.

Vão **anexos** os pareceres das comissões técnicas.

Remeto-lhe, **anexas**, duas cópias do contrato.

Remeto-lhe, **inclusa**, uma fotocópia do recibo.

Os crimes de **lesa**-majestade eram punidos com a morte.

Ajudar esses espiões seria crime de **lesa**-pátria.

(Evite a locução espúria *em anexo*).

▪ A olhos vistos

Locução adverbial invariável. Significa *visivelmente*.

"Lúcia emagrecia **a olhos vistos**." (COELHO NETO)

"Zito envelhecia **a olhos vistos**." (AUTRAN DOURADO)

▪ Só

Como adjetivo, *só* [= sozinho, único] concorda em número com o substantivo. Como palavra denotativa de limitação, equivalente de *apenas*, *somente*, é invariável.

Eles estavam **sós**, na sala iluminada.

Esses dois livros, por si **sós**, bastariam para torná-lo célebre.

Elas **só** passeiam de carro.

Só eles estavam na sala.

Observação:

✔ Forma a locução *a sós* [= sem mais companhia, sozinho]:

Estávamos *a sós*.

Jesus despediu a multidão e subiu ao monte para orar *a sós*.

▪ Possível

- Usado em expressões superlativas, este adjetivo ora aparece invariável, ora flexionado:

"À volta, esperava-nos sempre o almoço com os pratos mais requintados **possível**." (MARIA HELENA CARDOSO)

"Estas frutas são as mais saborosas **possível**." (CARLOS GÓIS)

"A mania de Alice era colecionar os enfeites de louça mais grotescos **possíveis**." (LÊDO IVO)

"... e o resultado obtido foi uma apresentação com movimentos os mais espontâneos **possíveis**." (RONALDO MIRANDA)

"De modo geral, as características do solo são as mais variadas **possíveis**." (MURILO MELO FILHO)

As informações obtidas são as melhores (ou as piores) **possíveis**.

Ele escolhia as tarefas menos penosas **possíveis**.

- Como se vê dos exemplos citados, há nítida tendência, no português de hoje, para se usar, neste caso, o adjetivo *possível* no plural.

O singular é de rigor quando a expressão superlativa inicia com a partícula *o* (*o* mais, *o* menos, *o* maior, *o* menor, etc.):

Os prédios devem ficar **o** mais afastados **possível**.

Ele trazia sempre as unhas **o** mais bem aparadas **possível**.

O médico atendeu *o* maior número de pacientes **possível**.

▪ Adjetivos adverbiados

Certos adjetivos, como *sério*, *claro*, *caro*, *barato*, *alto*, *raro*, etc., quando usados com a função de advérbios terminados em *-mente*, ficam invariáveis:

Vamos falar **sério**. [*sério* = seriamente]

Penso que falei bem **claro**, disse a secretária.
Esses produtos passam a custar mais **caro**. [ou mais *barato*]
Estas aves voam **alto**. [ou *baixo*]
Gilberto e Regina **raro** vão ao cinema.
"Há pessoas que parecem nascer **errado**." (MACHADO DE ASSIS)

Junto e *direto* ora funcionam como adjetivos, ora como advérbios:
"Jorge e Dante saltaram **juntos** do carro." (JOSÉ LOUZEIRO)
"Era como se tivessem estado **juntos** na véspera." (AUTRAN DOURADO)
"Elas moram **junto** há algum tempo." (JOSÉ GUALDA DANTAS)
"Foram **direto** ao galpão do engenheiro-chefe." (JOSUÉ GUIMARÃES)
"As gaivotas iam **diretas** como um dardo." (JOSUÉ GUIMARÃES)
"Vamos carregar, **juntas**, nossa cruz." (MARIA JOSÉ DE QUEIRÓS)
Junto, estou lhe enviando algumas fotos.

As fotos foram enviadas **junto** com a carta.

▪ Todo

No sentido de *inteiramente, completamente*, costuma-se flexionar, embora seja advérbio:
Esses índios andam **todos** nus.
Geou durante a noite e a planície ficou **toda** (ou **todo**) branca.
As meninas iam **todas** de branco.
A casinha ficava sob duas mangueiras, que a cobriam **toda**.

Mas admite-se também a forma invariável:
Fiquei com os cabelos **todo** sujos de terra.

Suas mãos estavam **todo** ensanguentadas.

▪ Alerta

Pela sua origem, *alerta* [= atentamente, de prontidão, em estado de vigilância] é advérbio e, portanto, invariável:
Estamos **alerta**.
Os soldados ficaram **alerta**.
"Todos os sentidos **alerta** funcionam." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)
"Os brasileiros não podem deixar de estar sempre **alerta**." (MARTINS DE AGUIAR)

Contudo, esta palavra é, atualmente, sentida antes como adjetivo, sendo por isso flexionada no plural:
Nossos chefes estão **alertas**. [= vigilantes]
Papa diz aos cristãos que se mantenham **alertas**.

"Uma sentinela de guarda, olhos abertos e sentidos **alertas**, esperando pelo desconhecido..." (ASSIS BRASIL, *Os Crocodilos*, p. 25)

▪ Meio

Usada como advérbio, no sentido de *um pouco*, esta palavra é invariável. Exemplos:
A porta estava **meio** aberta.
As meninas ficaram **meio** nervosas.

Os sapatos eram **meio** velhos, mas serviam.

▪ Bastante

- Varia quando adjetivo, sinônimo de *suficiente*:
  Não havia provas **bastantes** para condenar o réu.
  Duas malas não eram **bastantes** para as roupas da atriz.
- Fica invariável quando advérbio, caso em que modifica um adjetivo:
  As cordas eram **bastante** fortes para sustentar o peso.
  Os emissários voltaram **bastante** otimistas.
  "Levi está inquieto com a economia do Brasil. Vê que se aproximam dias **bastante** escuros."
  (AUSTREGÉSILO DE ATAÍDE)

▪ Menos

É palavra invariável:
Gaste **menos** água.
À noite, há **menos** pessoas na praça.

EXERCÍCIOS LISTA 52

1. Escreva as frases substituindo o * pelas palavras propostas, fazendo-as concordar corretamente. Em certos casos, a palavra fica invariável; em outros, tanto é lícita a forma masculina como a feminina.

a) Pai e filhas mantiveram-se *. (**calado**)
b) Você escolheu * lugar e hora. (**mau**)
c) Ela revelou um interesse e uma solicitude mais que *. (**fraterno**)
d) O arbusto e as árvores haviam sido * pela queda do pinheiro. (**esmagado**)
e) Vai * a lista dos preços. (**incluso**)
f) É tempo, é paciência, é dinheiro *. (**perdido**)
g) Não custa muito a gente elogiar-se a si *. (**mesmo**)
h) Visitei os museus e as escolas *.(**recém-fundado**)
i) Não se pode negar que Petrópolis é *. (**bonito**)
j) Encontrareis a guarnição e seu comandante * a combater até a morte. (**disposto**)
k) Aquela mulher tinha tanto de * quanto de * . (**sedutor**, **pérfido**)
l) As mãos eram * pequenas. (**demasiado**)
m) As janelas * abertas deixavam ouvir o rumor das vozes. (**meio**)
n) Não admiro nem um nem outro *. (**artista**)
o) Em um ou outro * encontrei vocábulos e expressões *. (**livro**, **desconhecido**)
p) * já tantos anos de seu desaparecimento, os exemplos dele ainda vivem na memória de todos. (**passado**)
q) O frio e a chuva * prejudicaram o jogo. (**torrencial**)
r) O tráfego e as comunicações continuavam *. (**interrompido**)
s) Um e outro * são bons. (**carro**)
t) Chegam a ser * as conversas deles. (**irritante**)
u) Muitos eleitores, * à chuva, não votaram. (**devido**)
v) Descobertas novas, * a pacientes pesquisas e experiências dos cientistas, derrubaram certas teorias de Darwin. (**devido**)

2. Faça como no exercício anterior:

a) Era ela * que arrumava a casa. (mesmo)
b) Quando cheguei em casa era meio-dia e *. (meio)
c) Eu estou * com a tesouraria e vocês estão *? (quite)
d) Suas Excelências estavam * de suas esposas. (acompanhado)
e) Estas são as informações que foi * obter. (possível)
f) Alguns acham * navios de 800 mil toneladas. (possível)
g) Escolhemos as cores mais vivas *. (possível)
h) Serão mais * os homens ou as máquinas? (importante)
i) Achei o príncipe e sua filha muito *. (simpático)
j) Infelizmente, perdi a capa que lhe pedi *. (emprestado)
k) O operário teve uma das pernas *. (amputado)
l) A população respirou aliviada quando viu * o bandido e terrível assaltante. (preso)
m) Centenas de rapazes foram * pedalando nas ruas. (visto)
n) Para onde estariam sendo * a girafa e o tigre *? (levado, feroz)
o) Vai * à presente a relação dos livros solicitados. (anexo)
p) Vão * os comprovantes dos débitos quitados. (anexo)
q) Que * os discos que você comprou? (tal)
r) Emocionada, a moça agradeceu: – Muito *! (obrigado)
s) Compraram-me * óculos escuros de que não gostei. (um, artigo)
t) É * a entrada de pessoas estranhas. (proibido)

3. Escreva os períodos em que NÃO há erro de concordância:

a) As matas foram bastante danificadas pelo fogo.
b) A sala tinha bastantes carteiras, mas era meio escura.
c) As crianças já estavam bastantes crescidas.
d) Salvo algumas plantas mais resistentes, as demais a geada matou.
e) Cinquenta casas, se tantas, formavam a rua do povoado.
f) As duas ilhas ficam muito distante do litoral.
g) Convidamos o maior número de amigos possível.
h) Prestaram-lhe honras devido aos heróis.
i) Prestaram-lhe honras devidas aos heróis.

4. Substitua corretamente os asteriscos pelas palavras entre parênteses:

a) A cidade crescia a olhos ****. (**visto**)
b) Minutos depois, o avião descia em Paris, **** de escuro véu de nuvens. (**coberto**)
c) Achei muito **** a ida e a volta do barco. (**rápido**)
d) As que estavam **** ao repuxo ficaram **** molhadas. (**próximo**, **todo**)
e) Todas as guarnições militares estavam ****. (**alerta**)
f) Mãe viúva e filho moravam **** numa casa modesta. (**junto**)
g) Esses privilégios custam ****. (**caro**)
h) A casa tinha as paredes e o telhado ****. (**enegrecido**)
i) Disse-me que morava na Rua Codajás, número ****. (**tanto**)

j) A distância entre os dois portos é de cento e **** milhas. (**tanto**)

k) As crianças não andam ****, mas acompanhadas. (**só**)

l) Nem sempre vemos as coisas **** são. (**tal qual**)

m) As cópias estão **** com os originais. (**conforme**)

n) No seu gabinete, o diretor da Empresa de Chuvas Artificiais despachava de capa e guarda-chuva ****. (**aberto**)

5. Escreva as frases em seu caderno, fazendo concordar corretamente os particípios em destaque:

a) Não será **permitido** a presença de repórteres no recinto.

b) Procura-se um caderno que tem, **escrito** na capa, a palavra DIÁRIO.

c) **Removido** a pedra e o tronco da árvore tombada, o tráfego foi liberado.

d) O fazendeiro comprou vinte reses **vindo** de Goiás.

e) Se **observado** as normas de segurança, o voo livre oferece poucos riscos.

f) A coroa e o manto do imperador foram **exposto** à visitação pública no museu de Petrópolis.

g) Jipe, caminhão e máquinas descem a rua **acompanhado** por crianças.

h) Para ele, terminar a corrida já pode ser **considerado** uma vitória.

i) Rui pediu-me **emprestado** mil reais.

j) Deve ser **levado** em conta a boa vontade dele.

6. Justifique a concordância das palavras em destaque:

a) O carro tinha um dos faróis **queimado**.

b) Há muitos anos que coleciono selos e moedas **raras**.

c) **Entretidos** com seus brinquedos, Guido e suas irmãs nem olharam para mim.

d) Vento e mar **agitado** deixaram **vazias** as praias do Rio, no domingo.

e) Na árvore **próxima** à escola estavam **pousadas** duas rolinhas.

f) Vossa Senhoria, prezado chefe, tem justos motivos para estar **preocupado**.

g) Ele trazia muito bem **tratados** a barba e os cabelos.

h) Não me passou **despercebida** a ironia com que ele proferiu a última frase.

i) "Foram **direto** ao galpão do engenheiro-chefe." (JOSUÉ GUIMARÃES)

j) "Mas por via das dúvidas, melhor é passar ao largo, com os sentidos bem **alertas**." (HAROLDO BRUNO)

7. Substitua o * pelas concordâncias adequadas:

a) Para teus incômodos * água mineral. (*é bom – é boa*)

b) Muito * os seus conselhos. (*útil me foi – úteis me foram*)

c) A que * as marés? (*é devido – são devidas*)

d) Estas são as obras que me * consultar. (*foi permitido – foram permitidas*)

e) O pintor descobriu que * telas falsificadas com o seu nome. (*está sendo vendido – estão sendo vendidas*)

f) * grandes safras para o próximo ano. (*foi previsto – foram previstas*)

g) * como certa a morte do contrabandista. (*foi dado – foi dada*)

h) * bilhões de dólares para o homem ir à Lua. (*foi gasto – foram gastos*)

i) O que não * foi a fuga do preso. (*foi esclarecido – foi esclarecida*)

j) A fuga do preso é que não foi *. (*esclarecido – esclarecida*)

8. Faça concordar os predicativos em destaque:

a) O coqueiro e a palmeira são **alto** e **majestoso**.
b) Veja como são **belo** as rosas e os lírios deste canteiro!
c) Estava **deserto** a praça e o templo.
d) Mantenha o quarto e a sala bem **arejado**.
e) Vi **sentado**, na escada, Sônia e seus irmãos.
f) Estavam **desempregado** centenas de trabalhadores.
g) Nestes campos reinam **soberano** a saúva e seus aliados.
h) Eu não a suspeito **autor** do crime.
i) É preciso que se mantenham **limpo** as ruas e os jardins.
j) Em casa, encontrei meus pais e irmãs **triste** e **abatido**.
k) Suas Excelências mostraram-se muito **atencioso**.
l) Para tão grande obra é **pouco** uma vida.
m) É **proibido** a caça naquela região.
n) Os móveis e as cortinas eram o **mesmo**.
o) Não seria **preciso** muita inteligência para compreender isso.
p) O moço deixou **claro** as suas intenções.
q) Cientistas acham que estamos **só** no Universo.

9. Troque o * pelos pronomes **o**, **a**, **os**, **as**, conforme convenha:

a) As revistas e os jornais, leio- * por alto.
b) Ele podia ajudá-la, mas não * quis.
c) Vi Mário e suas irmãs, porém não * cumprimentei.
d) Aquela ilha, aquelas praias, como eu * conheço!
e) É a doença * que vos torna apáticos.
f) As paixões nos acorrentam sem que * sintamos.
g) "Salas e coração habita- * a saudade!" (ALBERTO DE OLIVEIRA)
h) "As suas horas deve- * Vossa Excelência ao bem da Pátria e indiscreta fui eu obrigando-* a estar fora do parlamento a esta hora." (CAMILO CASTELO BRANCO)
i) Passaram bandos de aves: você gostaria de * ter visto.

10. Substitua corretamente o * pelos pronomes e adjetivos entre parênteses:

a) Malograram * planos e tentativas. (**seu**)
b) Esperavam-me na estação * primos e primas, com * ia passar as férias. (**algum**, **o qual**)
c) São verdades evidentes por si *. (**mesmo**)
d) Estas e * mais foram as palavras do sacerdote. (**pouco**)
e) Aqui não faltam frutas: leve * quantas quiser. (**tanto**)
f) Seria inútil negar o que ela * confessara. (**próprio**)
g) A guerra é sempre um mal, * que sejam os motivos. (**qualquer**)
h) Nesse lago há * peixes. Há * carpas do que carás. (**bastante**, **menos**)
i) Não havia estacas * para fazer a cerca. (**bastante**)
j) As candidatas estavam * nervosas. (**bastante**)
k) Essas duas obras do prefeito, por si *, o redimem de seus erros. (**só**)

11. Transcreva as frases que têm as concordâncias corretas:

a) O governo mobilizou a polícia civil e militar.

b) O governo mobilizou a polícia civil e a militar.

c) O governo mobilizou as polícias civil e militar.

CONCORDÂNCIA VERBAL

O verbo concorda com o sujeito, em harmonia com as seguintes regras gerais:

1 O SUJEITO É SIMPLES

O sujeito sendo simples, com ele concordará o verbo em número e pessoa. Exemplos:

- verbo depois do sujeito:

  "As saúvas **eram** uma praga." (Povina Cavalcânti)

  "Tu não **és** inimiga dele, não?" (Camilo Castelo Branco)

  Vós **fostes** chamados à liberdade, irmãos." (São Paulo)

- verbo antes do sujeito:

  Acontecem tantas desgraças neste planeta!

  Não **faltarão** pessoas que nos queiram ajudar.

  A quem **pertencem** essas terras?

  "Que me **importavam** as grades negras e pegajosas?" (Graciliano Ramos)

  "**Eram** duas princesas muito lindas." (Adriano da Gama Kury)

2 O SUJEITO É COMPOSTO E DA 3ª PESSOA

- O sujeito, sendo composto e anteposto ao verbo, leva geralmente este para o plural. Exemplos:

  "A esposa e o amigo **seguem** sua marcha." (José de Alencar)

  "Poti e seus guerreiros o **acompanharam**." (José de Alencar)

  "Vida, graça, novidade, **escorriam**-lhe da alma como de uma fonte perene." (Machado de Assis)

- É lícito (mas não obrigatório) deixar o verbo no singular:

  a) quando os núcleos do sujeito são sinônimos:

  "A decência e honestidade ainda **reinava**." (Mário Barreto)

  "A coragem e afoiteza com que lhe respondi, **perturbou-o**..." (Camilo Castelo Branco)

  "Que barulho, que revolução **será** capaz de perturbar esta serenidade?"(Graciliano Ramos)

  b) quando os núcleos do sujeito formam sequência gradativa:

  Uma ânsia, uma aflição, uma angústia repentina **começou** a me apertar a alma.

- Sendo o sujeito composto e posposto ao verbo, este poderá concordar no plural ou com o substantivo mais próximo:

"Não **fossem** o rádio de pilha e as revistas, que seria de Elisa?" (JORGE AMADO)

"Enquanto ele não vinha, **apareceram** um jornal e uma vela." (RICARDO RAMOS)

"Ali **estavam** o rio e as suas lavadeiras." (POVINA CAVALCÂNTI)

"... casa abençoada onde **paravam** Deus e o primeiro dos seus ministros." (CARLOS DE LAET)

"Moço escritor, ao qual não **faltam** o talento e a graça." (Raquel de Queirós)

"Aí **vinham** a cobiça que devora, a cólera que inflama, a inveja que baba..." (MACHADO DE ASSIS)

"**Proibiu**-se o ofício e lojas de ourives." (VIRIATO CORRÊA)

"Aqui é que **reina** a paz e a alegria nas boas consciências." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"E de tudo, só **restaria** a árvore, a relva e o cestinho de morangos." (LÍGIA FAGUNDES TELES)

"**Assusta**-as, talvez, o ar tranquilo com que as recebo, e a modéstia da casa." (RUBEM BRAGA)

"**Passou**-me pela mente a face e a voz duma professora de escola primária." (ÉRICO VERÍSSIMO)

- Aconselhamos, nesse caso, usar o verbo no plural.

3 O SUJEITO É COMPOSTO E DE PESSOAS DIFERENTES

Se o sujeito composto for de pessoas diversas, o verbo se flexiona no plural e na pessoa que tiver prevalência. [A 1ª pessoa prevalece sobre a 2ª e a 3ª; a 2ª prevalece sobre a 3ª]:

"Foi o que **fizemos** Capitu e eu." (MACHADO DE ASSIS) [ela e eu = *nós*]

"Tu e ele **partireis** juntos." (MÁRIO BARRETO) [tu e ele = *vós*]

Você e meu irmão não me **compreendem**. [você e ele = *vocês*]

Muitas vezes os escritores quebram a rigidez dessa regra:

a) ora fazendo concordar o verbo com o sujeito mais próximo, quando este se pospõe ao verbo:

"O que me resta da felicidade passada **és** tu e eles." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Faze uma arca de madeira; **entra** nela tu, tua mulher e teus filhos." (MACHADO DE ASSIS)

b) ora preferindo a 3ª pessoa na concorrência tu + ele [*tu + ele = vocês* em vez de *tu + ele = vós*]:

"... Deus e tu **são** testemunhas..." (ALMEIDA GARRETT)

"O que eu continuamente peço a Deus é que ele e tu **sejam** meus amigos." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Juro que tu e tua mulher me **pagam**". (COELHO NETO)

"Nem tu nem Belkiss a **veem**." (EUGÊNIO DE CASTRO)

CASOS ESPECIAIS DE CONCORDÂNCIA VERBAL

Estudaremos aqui os mais importantes casos especiais de concordância verbal, lembrando que a matéria é complexa e controversa, sujeita a soluções divergentes. As normas que a seguir traçamos têm, muitas vezes, valor relativo, porquanto a escolha desta ou daquela concordância depende, frequentemente, do contexto, da situação e do clima emocional que envolvem o falante ou o escrevente.

1 NÚCLEOS DO SUJEITO UNIDOS POR *OU*

Há duas situações a considerar:

- Se a conjunção *ou* indicar exclusão ou retificação, o verbo concordará com o núcleo do sujeito mais próximo:

  Paulo ou Antônio **será** o presidente.

  O ladrão ou os ladrões não **deixaram** nenhum vestígio.

  Ainda não **foi encontrado** o autor ou os autores do crime.

  "O chefe ou um dos delegados, não me lembra, **era** amigo do Andrade." (MACHADO DE ASSIS)

- O verbo irá para o plural se a ideia por ele expressa se referir ou puder ser atribuída a todos os núcleos do sujeito:

  "Era tão pequena a cidade, que um grito ou gargalhada forte a **atravessavam** de ponta a ponta." (ANÍBAL MACHADO) [Tanto um grito como uma gargalhada atravessavam a cidade.]

  "Naquela crise, só Deus ou Nossa Senhora **podiam** acudir-lhe." (CAMILO CASTELO BRANCO)

- Há, no entanto, em bons autores, ocorrência de verbo no singular:

  "A glória ou a vergonha da estirpe **provinha** de atos individuais." (VIVALDO COARACI)

  "Há dessas reminiscências que não descansam antes que a pena ou a língua as **publique**." (MACHADO DE ASSIS)

  "Um príncipe ou uma princesa não **casa** sem um vultoso dote." (VIRIATO CORRÊA)

  "Nas classes burguesas é raro o rapaz ou a rapariga que não **saiba** o latim e o francês." (RAMALHO ORTIGÃO)

  "Não **faltava** argúcia ou malícia a quem era irmão de Júlia." (LUÍS JARDIM)

2 NÚCLEOS DO SUJEITO UNIDOS PELA PREPOSIÇÃO *COM*

- Usa-se mais frequentemente o verbo no plural quando se atribui a mesma importância, no processo verbal, aos elementos do sujeito unidos pela preposição *com*. Exemplos:

  Manuel com seu compadre **construíram** o barracão.

  "Eu com outros romeiros **vínhamos** de Vigo..." (CAMILO CASTELO BRANCO)

  "Ele com mais dois **acercaram**-se da porta." (CAMILO CASTELO BRANCO)

- Pode-se usar o verbo no singular quando se deseja dar relevância ao primeiro elemento do sujeito e também quando o verbo vier antes deste. Exemplos:

  O bispo, com dois sacerdotes, **iniciou** solenemente a missa.

  O presidente, com sua comitiva, **chegou** a Paris às 5 h da tarde.

  "Já num sublime e público teatro, se **assenta** o rei inglês com toda a corte." (LUÍS DE CAMÕES)

"À mesma porta por onde **saíra** a mulher com a filha, chegavam outros pretendentes." (ANÍBAL MACHADO)

3 NÚCLEOS DO SUJEITO UNIDOS POR *NEM*

- Quando o sujeito é formado por núcleos no singular unidos pela conjunção *nem*, usa-se, comumente, o verbo no plural. Exemplos:

Nem a riqueza nem o poder o **livraram** de seus inimigos.

Nem eu nem ele o **convidamos**.

"Nem o mundo nem Deus **teriam** força para me constranger a tanto." (ALEXANDRE HERCULANO)

"Nem a Bíblia nem a respeitabilidade lhe **permitem** praguejar alto." (EÇA DE QUEIRÓS)

Nem a mãe nem o pai **tinham** percebido sua ausência." (GARCIA DE PAIVA)

"Nem a mocidade, nem a fortuna **tinham** já forças para reanimar a sua vítima." (ANTÔNIO FELICIANO DE CASTILHO)

"Nem Hazerot nem Magog **foram eleitos**." (MACHADO DE ASSIS)

- É preferível a concordância no singular:

a) quando o verbo precede o sujeito:

"Não lhe **valeu** a imensidade azul, nem a alegria das flores, nem a pompa das folhas verdes..." (MACHADO DE ASSIS)

Não o **convidei** eu nem minha esposa.

"Na fazenda, atualmente, não se **recusa** trabalho, nem dinheiro, nem nada a ninguém." (GUIMARÃES ROSA)

b) quando há exclusão, isto é, quando o fato só pode ser atribuído a um dos elementos do sujeito:

Nem Berlim nem Moscou **sediará** a próxima Olimpíada.
[Só uma cidade pode sediar a Olimpíada.]

Nem Paulo nem João **será eleito** governador do Acre.
[Só um candidato pode ser eleito governador.]

4 NÚCLEOS DO SUJEITO CORRELACIONADOS

O verbo vai para o plural quando os elementos do sujeito composto estão ligados por uma das expressões correlativas *não só... mas também, não só como também, tanto... como*, etc. Exemplos:

"Não só a nação mas também o príncipe **estariam** pobres." (ALEXANDRE HERCULANO)

"Tanto a Igreja como o Estado **eram** até certo ponto inocentes." (ALEXANDRE HERCULANO)

"Tanto Noêmia como Reinaldo só **mantinham** relações de amizade com um grupo muito reduzido de pessoas." (JOSÉ CONDÉ)

"Tanto a lavoura como a indústria da criação de gado não o **demovem** do seu objetivo." (CASSIANO RICARDO)

"Tanto Lincoln quanto o Aleijadinho **parecem** deter o segredo de tudo que lhes falta." (VIANA MOOG)

5 SUJEITOS RESUMIDOS POR *TUDO, NADA, NINGUÉM*

Quando o sujeito composto vem resumido por um dos pronomes *tudo, nada, ninguém*, etc., o verbo concorda, no singular, com o pronome resumidor. Exemplos:

Jogos, espetáculos, viagens, diversões, nada *pôde* satisfazê-lo.

"O entusiasmo, alguns goles de vinho, o gênio imperioso, estouvado, tudo isso me **levou** a fazer uma coisa única." (MACHADO DE ASSIS)

Jogadores, árbitro, assistentes, ninguém **saiu** do campo.

6 NÚCLEOS DO SUJEITO DESIGNANDO A MESMA PESSOA OU COISA

O verbo concorda no singular quando os núcleos do sujeito designam a mesma pessoa ou o mesmo ser. Exemplos:

"Aleluia! O brasileiro comum, o homem do povo, o joão-ninguém, agora **é** cédula de Cr$ 500,00!" (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

"Embora sabendo que tudo vai continuar como está, **fica** o registro, o protesto, em nome dos telespectadores." (VALÉRIO ANDRADE)

Advogado e membro da instituição **afirma** que ela é corrupta.

7 NÚCLEOS DO SUJEITO SÃO INFINITIVOS

O verbo concordará no plural se os infinitivos forem determinados pelo artigo ou exprimirem ideias opostas; caso contrário, tanto é lícito usar o verbo no singular como no plural. Exemplos:

O comer e o beber **são** necessários.

Rir e chorar **fazem** parte da vida.

Montar brinquedos e desmontá-los **divertiam** muito o menino.

"Já tinha ouvido que plantar e colher feijão não **dava** trabalho." (POVINA CAVALCÂNTI) [ou *davam*]

Cantar, dançar e representar **faz** [ou *fazem*] a alegria do artista.

"Nenhum rugir ou gemer seu **anulariam** o mal que se consumara no Mirante." (EÇA DE QUEIRÓS)

8 SUJEITO ORACIONAL

Concorda no singular o verbo cujo sujeito é uma oração:

Ainda **falta** comprar os cartões.

predicado sujeito oracional

Estas são realidades que não **adianta** esconder.

[sujeito de adianta: *esconder que (as realidades)*] (Veja item 29, p. 468.)

9 SUJEITO COLETIVO

O verbo concorda no singular com o sujeito coletivo no singular. Exemplos:

A multidão **vociferava** ameaças.

O exército dos aliados **desembarcou** no sul da Itália.

Uma junta de bois **tirou** o automóvel do atoleiro.

Um bloco de foliões **animava** o centro da cidade.

"Uma porção de índios **surgiu** do meio das árvores e nos **rodeou**." (EDY LIMA)

"Surpreendemos uma vara de porcos que **atravessava** o rio a nado." (GASTÃO CRULS)

"... o bando dos guerreiros tabajara que **fugia** em nuvem negra de pó." (JOSÉ DE ALENCAR)

"Um grupo de rapazes **sentara**-se ali ao lado." (FERNANDO NAMORA)

Observação:

✔ Se o coletivo vier seguido de substantivo plural que o especifique e anteceder ao verbo, este poderá ir para o plural, quando se quer salientar não a ação do conjunto, mas a dos indivíduos, efetuando-se uma concordância não gramatical, mas ideológica:

"Uma grande multidão de crianças, de velhos, de mulheres *penetraram* na caverna..." (ALEXANDRE HERCULANO)

"Uma grande vara de porcos que *se afogaram* de escantilhão no mar..." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Reconheceu que era um par de besouros que *zumbiam* no ar." (MACHADO DE ASSIS)

"Havia na União um grupo de meninos que *praticavam* esse divertimento com uma pertinácia admirável." (POVINA CAVALCÂNTI)

10 A MAIOR PARTE DE, GRANDE NÚMERO DE, ETC.

Sendo o sujeito uma das expressões quantitativas *a maior parte de, parte de, a maioria de, grande número de*, etc., seguida de substantivo ou pronome no plural, o verbo, quando posposto ao sujeito, pode ir para o singular ou para o plural, conforme se queira efetuar uma concordância estritamente gramatical (com o coletivo singular) ou uma concordância enfática, expressiva, com a ideia de pluralidade sugerida pelo sujeito. Exemplos:

"A maior parte dos indígenas **respeitavam** os pajés." (GILBERTO FREYRE)

"A maior parte dos doidos ali metidos **estão** em seu perfeito juízo." (MACHADO DE ASSIS)

"A maior parte das pessoas **pedem** uma sopa, um prato de carne e um prato de legumes." (RAMALHO ORTIGÃO)

"A maior parte dos nomes **podem** ser empregados em sentido definido ou em sentido indefinido." (MÁRIO BARRETO)

"Grande parte dos atuais advérbios **nasceram** de substantivos." (IDEM)

"A maioria das pessoas **são** sinuosas, coleantes..." (ONDINA FERREIRA)

"A maioria dos acidentes nas estradas de acesso ao Rio **ocorrem** em dias claros." (*Jornal do Brasil*, 28/12/1972)

"Vocês já imaginaram a maravilha que seria o mundo se ao menos uma quinta parte desses gênios **se realizassem** na maioridade?" (LÍGIA FAGUNDES TELLES)

"A maioria dos presentes, formando grupos, **contavam** histórias, baixinho, **falavam** de coisas da vida." (AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA)

"A maioria dos mouros **era** escrava e pobre." (ALEXANDRE HERCULANO)

"A maioria dos trabalhadores **recebeu** essa notícia com alegria." (AMANDO FONTES)

"A maioria das palavras **continua** visível." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

"A maioria dos doentes não **podia** compreender que..." (FERNANDO NAMORA)

"Metade dos alunos **fez** [ou *fizeram*] o trabalho." (J. GUALDA DANTAS)

"Meia dúzia de garimpeiros doentes **esperava** a consulta matutina." (HERMAN LIMA)

"Visitei os presos. Boa parte deles **dormia** [ou *dormiam*] no chão."

"A quantidade de veículos que **circulam** em São Paulo me **impressionou**."

"Grande número de eleitores **votou** [ou *votaram*] em branco."

"**Morreu** de gripe a maioria dos índios que tiveram contato com os brancos."

Nos quilombos **refugiava-se** parte dos escravos fugitivos.

Observações:

1ª) Quando o verbo precede o sujeito, como nos dois últimos exemplos, a concordância se efetua no singular.

2ª) Como se vê dos exemplos supracitados, as duas concordâncias são igualmente legítimas, porque têm tradição na língua. Cabe a quem fala ou escreve escolher a que julgar mais adequada à situação. Pode-se, portanto, no caso em foco, usar o verbo no plural, efetuando a concordância não com a forma gramatical das palavras, mas com a ideia de pluralidade que elas encerram e sugerem à nossa mente. Essa *concordância ideológica* é bem mais expressiva que a gramatical, como se pode perceber relendo as frases citadas de Machado de Assis, Ramalho Ortigão, Ondina Ferreira e Aurélio Buarque de Holanda, e cotejando-as com as dos autores que usaram o verbo no singular.

11 UM E OUTRO, NEM UM NEM OUTRO

O sujeito sendo uma dessas expressões, o verbo concorda, de preferência, no plural. Exemplos:

"Um e outro gênero **se destinavam** ao conhecimento..." (HERNÂNI CIDADE)

"Um e outro **descendiam** de velhas famílias do Norte." (MACHADO DE ASSIS)

Uma e outra família **tinham** [ou *tinha*] parentes no Rio.

"Depois nem um nem outro **acharam** novo motivo para diálogo." (FERNANDO NAMORA)

"Não me **ficaria** bem nem uma nem outra coisa." (JOSÉ GUALDA DANTAS)

Nem uma nem outra foto **prestavam** [ou *prestava*].

Um e outro livro me **agradaram** [ou *agradou*] muito.

"Um e outro país **deixarão** de ver no outro o Império do Mal." (EMIR SADER)

12 UM OU OUTRO

O verbo concorda no singular com o sujeito *um ou outro*:

"Respondi-lhe que um ou outro colar lhe **ficava** bem." (MACHADO DE ASSIS)

"Uma ou outra **pode** dar lugar a dissentimentos." (MACHADO DE ASSIS)

"Sempre tem um ou outro que **vai** dando um vintém." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

13 UM DOS QUE, UMA DAS QUE

- Quando, em orações adjetivas restritivas, o pronome *que* vem antecedido de *um dos* ou expressão análoga, o verbo da oração adjetiva flexiona-se, em regra, no plural:

  "O príncipe foi um dos que **despertaram** mais cedo." (ALEXANDRE HERCULANO)

  "A baronesa era uma das pessoas que mais **desconfiavam** de nós." (MACHADO DE ASSIS)

  "Areteu da Capadócia era um dos muitos médicos gregos que **viviam** em Roma." (MOACYR SCLIAR)

  Ele é desses charlatães que **exploram** a crendice humana.

  Não sou dos que **acreditam** piamente em soluções mágicas.

- Essa é a concordância lógica, geralmente preferida pelos escritores modernos. Todavia, não é prática condenável fugir ao rigor da lógica gramatical e usar o verbo da oração adjetiva no singular (fazendo-o concordar com a palavra *um*), quando se deseja destacar o indivíduo do grupo, dando-se a entender que ele sobressaiu ou sobressai aos demais:

  Ele é um desses parasitas que **vive** à custa dos outros.

  "Foi um dos poucos do seu tempo que **reconheceu** a originalidade e importância da literatura brasileira." (JOÃO RIBEIRO)

Observação:

✔ Há gramáticos que condenam tal concordância. Por coerência, deveriam condenar também a comumente aceita em construções anormais do tipo: Quais de *vós sois* isentos de culpa? Quantos de nós *somos* completamente felizes?

- O verbo fica obrigatoriamente no singular quando se aplica apenas ao indivíduo de que se fala, como no exemplo:

  Jairo é um dos meus empregados que não **sabe** ler.
  [Jairo é o único empregado que não sabe ler.]

Ressalte-se, porém, que nesse caso é preferível construir a frase de outro modo:

Jairo é um empregado meu que não sabe ler.

Dos meus empregados, só Jairo não sabe ler.

- Na linguagem culta formal, ao empregar as expressões em foco, o mais acertado é usar no plural o verbo da oração adjetiva:

  O Japão é um dos países que mais **investem** em tecnologia.

  Gandhi foi um dos que mais **lutaram** pela paz.

  O sertão cearense é uma das áreas que mais **sofrem** com as secas.

  Heráclito foi um dos empresários que **conseguiram** superar a crise.

- Embora o caso seja diferente, é oportuno lembrar que, nas orações adjetivas explicativas, nas quais o pronome *que* é separado de seu antecedente por pausa e vírgula, a concordância é determinada pelo sentido da frase:

  Um dos meninos, que **estava** sentado à porta da casa, foi chamar o pai.
  [Só um menino estava sentado.]

  Um dos cinco homens, que **assistiam** àquela cena estupefatos, soltou um grito de protesto.
  [Todos os cinco homens assistiam à cena.]

14 MAIS DE UM

O verbo concorda, em regra, no singular. O plural será de rigor se o verbo exprimir reciprocidade, ou se o numeral for superior a um. Exemplos:

Mais de um excursionista já **perdeu** a vida nesta montanha.

Mais de um dos circunstantes **se entreolharam** com espanto.

Devem ter fugido mais de vinte presos.

15 QUAIS DE VÓS? ALGUNS DE NÓS

Sendo o sujeito um dos pronomes interrogativos *quais*? *quantos*? ou um dos indefinidos *alguns*, *muitos*, *poucos*, etc., seguidos dos pronomes *nós* ou *vós*, o verbo concordará, por atração, com estes últimos, ou, o que é mais lógico, na 3ª pessoa do plural:

"Quantos dentre nós a **conhecemos**?" (Rogério César Cerqueira)

"Quais de vós **sois**, como eu, desterrados...?" (Alexandre Herculano)

"... quantos dentre vós **estudam** conscienciosamente o passado?" (José de Alencar)

Alguns de nós **vieram** [ou *viemos*] de longe.

Poucos dentre nós **conhecem** [ou *conhecemos*] as leis.

"Quantos de nós **teríamos** experimentado essa tentação?" (Olga Savary)

"Já pensou, meu caro, quantos de nós **nos arriscamos** aqui?" (Guilherme de Figueiredo)

Observação:

✔ Estando o pronome no singular, no singular (3ª pessoa) ficará o verbo:

Qual de vós *testemunhou* o fato?

Nenhuma de nós a *conhece*.

Nenhum de vós a *viu*?

Qual de nós *falará* primeiro?

16 PRONOMES *QUEM, QUE,* COMO SUJEITOS

- O verbo concordará, em regra, na 3ª pessoa, com os pronomes *quem* e *que*, em frases como estas:

Sou eu quem **responde** pelos meus atos.

Somos nós quem **leva** o prejuízo.

Eram elas quem **fazia** a limpeza da casa.

"Eras tu quem **tinha** o dom de encantar-me." (OSMAN LINS)

"Fui eu quem o **ensinou** a desenhar." (MÁRIO BARRETO)

"Eu fui o último que **se retirou**." (MÁRIO BARRETO)

Eu sou o que **presenciou** o fato.

"Sou um homem que ainda não **renegou** nem da cruz, nem da Espanha." (ALEXANDRE HERCULANO)

"Éramos dois sócios que **entravam** no comércio da vida com diferente capital." (MACHADO DE ASSIS)

- Todavia, a linguagem enfática justifica a concordância com o sujeito da oração principal:

"Sou **eu** quem **prendo** aos céus a terra." (GONÇALVES DIAS)

"Não sou **eu** quem **faço** a perspectiva encolhida." (RICARDO RAMOS)

"És **tu** quem **dás** frescor à mansa brisa." (GONÇALVES DIAS)

"Nós somos os galegos que **levamos** a barrica." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"**Vós** sois o algoz que **recebeis** o cutelo da mão providencial." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Somos **nós** quem a **fazemos**." (RICARDO RAMOS)

"**Eu** sou a que mais **estou** torcendo para jogarmos juntas." (*Jornal do Brasil*, 21/8/1999)

- A concordância do verbo precedido do pronome relativo *que* far-se-á obrigatoriamente com o sujeito do verbo (*ser*) da oração principal, em frases do tipo:

Sou **eu** que **pago**.

És **tu** que **vens** conosco?

Somos **nós** que **cozinhamos**.

Eram **eles** que mais **reclamavam**.

Fomos **nós** que o **encontramos**.

Fostes **vós** que o **elegestes**.

Foram **os bombeiros** que a **salvaram**.

"Fui **eu** que me **pus** a rir." (MACHADO DE ASSIS)

"Fui **eu** que **imitei** o ronco do bicho." (EDI LIMA)

"Não seremos **nós** que **iremos** à maneira dos primitivistas, ficar de tanga e entrar a falar capiau." (SÍLVIO ELIA)

Observação:

✔ Em construções desse tipo, é lícito considerar o verbo *ser* e a palavra *que* como elementos expletivos ou enfatizantes, portanto não necessários ao enunciado. Assim:

Sou eu *que* pago. [= Eu pago.]

Somos nós *que* cozinhamos. [= Nós cozinhamos.]

Foram os bombeiros *que* a salvaram. [= Os bombeiros a salvaram.]

✔ Seja qual for a interpretação, o importante é saber que, neste caso, tanto o verbo *ser* como o outro devem concordar com o pronome ou substantivo que precede a palavra *que*.

17 CONCORDÂNCIA COM OS PRONOMES DE TRATAMENTO

Os pronomes de tratamento exigem o verbo na 3ª pessoa, embora se refiram à 2ª pessoa do discurso:

Vossa Excelência **agiu** com moderação.

Vossas Excelências não **ficarão** surdos à voz do povo.

"Espero que V. Sª não me **faça** mal." (Camilo Castelo Branco)

"Vossa Majestade não **pode** consentir que os touros lhe matem o tempo e os vassalos." (Rebelo da Silva)

18 CONCORDÂNCIA COM CERTOS SUBSTANTIVOS PRÓPRIOS NO PLURAL

- Certos substantivos próprios de forma plural, como *Estados Unidos*, *Andes*, *Campinas*, *Lusíadas*, etc., levam o verbo para o plural quando se usam com o artigo; caso contrário, o verbo concorda no singular.

"Os Estados Unidos **são** o país mais rico do mundo." (Eduardo Prado)

Os Andes **se estendem** da Venezuela à Terra do Fogo.

"Os Lusíadas" **imortalizaram** Luís de Camões.

Campinas **orgulha-se** de ter sido o berço de Carlos Gomes.

Minas Gerais **possui** grandes jazidas de ferro.

"Montes Claros **era** um feudo daquela família." (Raquel Jardim)

"Terras do Sem-Fim" **foi quadrinizado** para leitores jovens.

- Tratando-se de títulos de obras, é comum deixar o verbo no singular, sobretudo com o verbo *ser* seguido de predicativo no singular:

"*As Férias de El-Rei* **é** o título da novela." (Rebelo da Silva)

"*As Valkírias* **mostra** claramente o homem que existe por detrás do mago." (Paulo Coelho)

"*Os Sertões* **é** um ensaio sociológico e histórico..." (Celso Luft)

⇒ A concordância, neste caso, não é gramatical, mas *ideológica*, porque se efetua não com a palavra (Valkírias, Sertões, Férias de El-Rei), mas com a *ideia* por ela sugerida (obra ou livro). Ressalte-se, porém, que é também correto usar o verbo no plural:

As Valkírias **mostram** claramente o homem...

"*Os Sertões* **são** um livro de ciência e de paixão, de análise e de protesto." (ALFREDO BOSI)

19 CONCORDÂNCIA DO VERBO PASSIVO

- Quando apassivado pelo pronome apassivador *se*, o verbo concordará normalmente com o sujeito:

Vende-se a casa e **compram-se** dois apartamentos.

Gastaram-se milhões, sem que se **vissem** resultados concretos.

"**Correram-se** as cortinas da tribuna real." (REBELO DA SILVA)

"**Aperfeiçoavam-se** as aspas, **cravavam-se** pregos necessários à segurança dos postes..." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Agora já não **se fazem** destes aparelhos." (CARLOS DE LAET)

Ouviam-se vozes fortes de comando." (FERREIRA DE CASTRO)

Ali só se **viam** ruínas.

"A tentativa de **se aferirem** pesos e medidas." (CIRO DOS ANJOS)

"Quantas horas faltariam para **se abrirem** os cafés e as bodegas?" (GRACILIANO RAMOS)

"A salvação de Toledo foi não **se terem fechado** suas portas." (ALEXANDRE HERCULANO)

"Sua sala era absolutamente igual às que **se veem** nos livros ilustrados para o ensino do inglês." (CECÍLIA MEIRELES)

"Mais tarde se confirma isto, ao **se mandarem** chusmas de criminosos povoar os cafundós desta ou daquela capitania." (CASSIANO RICARDO)

"Daí o princípio colonial de só se **concederem** terras em sesmarias às pessoas que possuam meios para realizar a exploração delas e fundar engenhos." (OLIVEIRA VIANA)

Observação:

✔ Na literatura moderna há exemplos em contrário, mas que não devem ser seguidos:

"*Vendia-se* seiscentos convites e aquilo ficava cheio." (RICARDO RAMOS)

"Em Paris há coisas que não *se entende* bem." (RUBEM BRAGA)

- Nas locuções verbais formadas com os verbos auxiliares *poder* e *dever*, na voz passiva sintética, o verbo auxiliar concordará com o sujeito. Exemplos:

Não **se podem** cortar essas árvores.

[sujeito: *árvores*; locução verbal: *podem cortar*]

Devem-se ler bons livros. [= Devem ser lidos bons livros.]

[sujeito: *livros*; locução verbal: *devem-se ler*]

"Nem de outra forma **se poderiam** imaginar façanhas memoráveis como a do fabuloso Aleixo Garcia." (SÉRGIO BUARQUE DE HOLLANDA)

"Em Santarém há poucas casas particulares que **se possam** dizer verdadeiramente antigas." (ALMEIDA GARRETT)

- Entretanto, pode-se considerar sujeito do verbo principal a oração iniciada pelo infinitivo e, nesse caso, não há locução verbal e o verbo auxiliar concorda no singular. Assim:

  Não **se pode** cortar essas árvores.

  [sujeito: *cortar essas árvores*; predicado: *não se pode*]

  Deve-se ler bons livros.

  [sujeito: *ler bons livros*; predicado: *deve-se*]

- Em síntese: de acordo com a interpretação que se escolher, tanto é lícito usar o verbo auxiliar no singular como no plural. Portanto:

  Não **se podem** [ou *pode*] cortar essas árvores.

  Devem-se [ou *deve-se*] ler bons livros.

  "Quando se joga, **deve-se** aceitar as regras." (LEDO IVO)

  " Concluo que não **se devem** abolir as loterias." (MACHADO DE ASSIS)

  "**Pode-se** comprar livros de segunda mão baratíssimos." (JOSÉ PAULO PAES)

  "De preferência, **deve-se** ler os dois, o historiador e o novelista." (JORGE AMADO)

  "**Deviam-se** reduzir ao mínimo as relações com o poder público." (CIRO DOS ANJOS)

  "Era loura, mas **podia-se** ver massas castanhas por baixo da tintura dourada do cabelo." (VINÍCIUS DE MORAES)

20 VERBOS IMPESSOAIS

Os verbos *haver*, *fazer* (na indicação do tempo), *passar de* (na indicação das horas), *chover* e outros que exprimem fenômenos meteorológicos, quando usados como impessoais, ficam na 3ª pessoa do singular:

"Não **havia** ali vizinhos naquele deserto." (MONTEIRO LOBATO)

"**Havia** já dois anos que nos não víamos." (MACHADO DE ASSIS)

"Aqui, **faz** verões terríveis." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"**Faz** hoje ao certo dois meses que morreu na forca o tal malvado..." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Conhecera-o assim, **fazia** quase vinte anos." (JOSUÉ MONTELLO)

Quando saí de casa, **passava** das oito horas.

"**Chovera** e **nevara** depois, durante muitos dias." (CAMILO CASTELO BRANCO)

Observações:

a) Também fica invariável na 3ª pessoa do singular o verbo que forma locução com os verbos impessoais *haver* ou *fazer*:

Deverá haver cinco anos que ocorreu o incêndio.

Vai haver grandes festas.

Há de haver, sem dúvida, fortíssimas razões para ele não aceitar o cargo.

Começou a haver abusos na nova administração.

Vai fazer cem anos que nasceu o genial artista.

Não *pode* haver rasuras neste documento.

"Haverá, *deve* haver construções históricas em Nova Iorque." (VIANA MOOG)

b) O verbo *chover*, no sentido figurado [= cair ou sobrevir em grande quantidade], deixa de ser impessoal e, portanto, concordará com o sujeito:

Choviam pétalas de flores.

"Sou aquele sobre quem mais *têm chovido* elogios e diatribes." (CARLOS DE LAET)

Choveram comentários e palpites." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

"E nem lá [na Lua] *chovem* meteoritos, permanentemente." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

c) Na língua popular brasileira é generalizado o uso de *ter*, impessoal, por *haver*, *existir*. Nem faltam exemplos em escritores modernos:

"No centro do pátio *tem* uma figueira velhíssima, com um banco embaixo." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

"Soube que *tem* um cavalo morto, no quintal." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

d) Esse emprego do verbo *ter*, impessoal, não é estranho ao português europeu:

"É verdade. *Tem* dias que sai ao romper de alva e recolhe alta noite, respondeu Ângela." (CAMILO CASTELO BRANCO) [Tem = Há]

e) *Existir* não é verbo impessoal. Portanto:

Nesta cidade *existem* [e não *existe*] bons médicos.

Não *deviam* [e não *devia*] existir crianças abandonadas.

21 CONCORDÂNCIA DO VERBO SER

- O verbo de ligação *ser* concorda com o predicativo nos seguintes casos:

a) quando o sujeito é um dos pronomes *tudo*, *o*, *isto*, *isso* ou *aquilo*:

"Tudo **eram** hipóteses." (LÊDO IVO)

"Tudo isto **eram** sintomas graves." (MACHADO DE ASSIS)

Na mocidade tudo **são** esperanças.

"Não, nem tudo **são** dessemelhanças e contrastes entre Brasil e Estados Unidos." (VIANA MOOG)

"Vamos e venhamos: na floresta nem tudo **são** flores." (TIAGO DE MELO)

"Aquilo **eram** asperezas que o tempo acepilhava." (GRACILIANO RAMOS)

"Isso **são** sonhos, Mariana!" (CAMILO CASTELO BRANCO)

"O que atrapalhava **eram** as caras antipáticas dos guardas." (ANÍBAL MACHADO)

"O que atrapalha bastante **são** as discussões a meu respeito." (ANÍBAL MACHADO)

"Mas o que o amor é, principalmente, **são** duas pessoas neste mundo." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

Hoje o que não falta **são** divertimentos.

- A concordância com o sujeito, embora menos comum, é também lícita:

"Tudo **é** flores no presente." (GONÇALVES DIAS)

"O que de mim posso oferecer-lhe **é** espinhos da minha coroa." (CAMILO CASTELO BRANCO)

O verbo *ser* fica no singular quando o predicativo é formado de dois núcleos no singular:

"Tudo o mais **é** soledade e silêncio." (FERREIRA DE CASTRO)

b) quando o sujeito é um nome de coisa, no singular, e o predicativo um substantivo plural:

"A cama **são** umas palhas." (CAMILO CASTELO BRANCO)

" A causa **eram** os seus projetos." (MACHADO DE ASSIS)

"Vida de craque não **são** rosas." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

Sua salvação **foram** aquelas ervas.

"Quando D. Angélica soube que a base daqueles pratos e sobremesas **eram** flores, ficou consternada." (JOSÉ J. VEIGA)

Observação:

✔ O sujeito sendo nome de pessoa, com ele concordará o verbo *ser*:

Emília *é* os encantos de sua avó.

Abílio *era* só problemas.

Dá-se também a concordância no singular com o sujeito *que*:

"Ergo-me hoje para escrever mais uma página neste Diário *que* breve *será* cinzas como eu." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"No edifício *que era* só vidros." (RICARDO RAMOS)

c) quando o sujeito é uma palavra ou expressão de sentido coletivo ou partitivo, e o predicativo um substantivo no plural:

"A maioria **eram** rapazes." (ANÍBAL MACHADO)

A maior parte **eram** famílias pobres.

O resto [ou *o mais*] **são** trastes velhos.

"A maior parte dessa multidão **são** mendigos." (EÇA DE QUEIRÓS)

"Quase a metade dos escritores brasileiros que viveram entre 1870 e 1930 **foram** professores de escolas públicas." (JOSÉ MURILO DE CARVALHO)

d) quando o predicativo é um pronome pessoal ou um substantivo, e o sujeito não é pronome pessoal reto:

"O Brasil, senhores, **sois** vós." (RUI BARBOSA)

"Nas minhas terras o rei **sou** eu." (ALEXANDRE HERCULANO)

"O dono da fazenda **serás** tu." (SAID ALI)

"... mas a minha riqueza **eras** tu." (CAMILO CASTELO BRANCO)

Quem deu o alarme **fui** eu.

Quem plantou essas árvores **fomos** nós.

Quem não ficou nada contente **foram** os camelôs.

Mas:

Eu não **sou** ele. Vós não **sois** eles. Tu não **és** ele.

e) quando o predicativo é o pronome demonstrativo **o** ou a palavra *coisa*:

Divertimentos **é** o que não lhe falta.

"Os bastidores **é** só o que me toca." (CORREIA GARÇÃO)

"Mentiras, **era** o que me pediam, sempre mentiras." (FERNANDO NAMORA)

"Os responsórios e os sinos **é** coisa importuna em Tibães." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Histórias sobre diamantes **é** o que não falta." (MARIA JOSÉ DE QUEIRÓS)

f) nas locuções *é muito, é pouco, é suficiente, é demais, é mais que* (ou *do que*), *é menos que* (ou *do que*), etc., cujo sujeito exprime *quantidade, preço, medida*, etc.:

"Seis anos **era** muito." (CAMILO CASTELO BRANCO)

Dois mil dólares **é** pouco.

Cinco mil dólares **era** quanto bastava para a viagem.

Doze metros de fio **é** demais.

Seis quilos de carne **é** mais do que precisamos.

Para ele, mil dólares **era** menos que um real.

- Na indicação das horas, datas e distâncias, o verbo *ser* é impessoal (não tem sujeito) e concordará com a expressão designativa de hora, data ou distância:

Era uma hora da tarde.

"**Era** hora e meia, foi pôr o chapéu." (EÇA DE QUEIRÓS)

"**Seriam** seis e meia da tarde." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"**Eram** duas horas da tarde." (MACHADO DE ASSIS)

"**São** horas de fechar esta carta." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"**Eram** sete de maio da era de 1439..." (ALEXANDRE HERCULANO)

"Hoje **são** vinte e um do mês, não **são**?" (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Da estação à fazenda **são** três léguas a cavalo." (SAID ALI)

Observações:

1ª) Pode-se, entretanto, na linguagem espontânea, deixar o verbo no singular, concordando com a ideia implícita de "dia":

"Hoje é seis de março." (J. MATOSO CÂMARA JR.) [Hoje *é dia* seis de março.]

"Hoje é dez de janeiro." (CELSO LUFT)

2ª) Estando a expressão que designa horas precedida da locução *perto de*, hesitam os escritores entre o plural e o singular:

"*Eram* perto de oito horas." (MACHADO DE ASSIS)

Era perto de duas horas quando saiu da janela." (MACHADO DE ASSIS)

"...*era* perto das cinco quando saí." (EÇA DE QUEIRÓS)

3ª) O verbo *passar*, referente a horas, fica na 3ª pessoa do singular, em frases como:

Quando o trem chegou, *passava* das sete horas.

22 LOCUÇÃO DE REALCE *É QUE*

O verbo *ser* permanece invariável na expressão expletiva ou de ralce *é que*:

Eu **é que** mantenho a ordem aqui. [= *Sou* eu que mantenho a ordem aqui.]

Nós **é que** trabalhávamos. [= *Éramos* nós que trabalhávamos.]

As mães **é que** devem educá-los. [= *São* as mães que devem educá-los.]

Os astros **é que** os guiavam. [= *Eram* os astros que os guiavam.]

Divertimentos **é que** não lhe faltavam.

Da mesma forma se diz, com ênfase:

"Vocês são muito **é** atrevidos." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"Sentia **era** vontade de ir também sentar-me numa cadeira junto do palco." (GRACILIANO RAMOS)

"Por que **era que** ele usava chapéu sem aba?" (GRACILIANO RAMOS)

Observação:

✔ O verbo *ser* é impessoal e invariável em construções enfáticas como:

Era aqui onde se açoitavam os escravos. [= Aqui se açoitavam os escravos.]

Foi então que os dois se desentenderam. [= Então os dois se desentenderam.]

23 ERA UMA VEZ

Por tradição, mantém-se invariável a expressão inicial de histórias *era uma vez*, ainda quando seguida de substantivo plural:

Era uma vez dois cavaleiros andantes.

24 A NÃO SER

- É geralmente considerada locução invariável, equivalente a *exceto*, *salvo*, *senão*. Exemplos:

  Nada restou do edifício, **a não ser** escombros.

  A não ser alguns pescadores, ninguém conhecia aquela praia.

  "Nunca pensara no que podia sair do papel e do lápis, **a não ser** bonecos sem pescoço..." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

- Mas não constitui erro usar o verbo *ser* no plural, fazendo-o concordar com o substantivo seguinte, convertido em sujeito da oração infinitiva. Exemplos:

  "As dissipações não produzem nada, **a não serem** dívidas e desgostos." (MACHADO DE ASSIS)

  "**A não serem** os antigos companheiros de mocidade, ninguém o tratava pelo nome próprio." (ÁLVARO LINS)

  "**A não serem** os críticos e eruditos, pouca gente manuseia hoje... aquela obra." (LATINO COELHO, *APUD* BERGO)

25 HAJA VISTA

- A expressão correta é *haja vista*, e não *haja visto*. Pode ser construída de três modos:

a) **Hajam vista** os livros desse autor. [= tenham vista, vejam-se]

b) **Haja vista** os livros desse autor. [= por exemplo, veja] (concordância mais usual)

c) **Haja vista** aos livros desse autor. [= olhe-se para, atente-se para os livros]

A primeira construção (que é a mais lógica) analisa-se deste modo:

Sujeito: os livros; *verbo*: hajam [= tenham]; *objeto direto*: vista.

A situação é preocupante; **hajam vista** os incidentes de sábado.

- Seguida de substantivo (ou pronome) singular, a expressão, evidentemente, permanece invariável:

A situação é preocupante; **haja vista** o incidente de sábado.

26 BEM HAJA / MAL HAJA

Bem haja e *mal haja* usam-se em frases optativas e imprecativas, respectivamente. O verbo concordará normalmente com o sujeito, que vem sempre posposto:

"**Bem haja** Sua Majestade!" (Camilo Castelo Branco)

Bem hajam os promovedores dessa campanha!

"**Mal hajam** as desgraças da minha vida..." (Camilo Castelo Branco)

27 CONCORDÂNCIA DOS VERBOS *BATER, DAR* E *SOAR*

Referindo-se às horas, os três verbos acima concordam regularmente com o sujeito, que pode ser *hora*, *horas* (claro ou oculto), *badaladas* ou *relógio*:

"Nisto, **deu** três horas o relógio da botica." (Camilo Castelo Branco)

"**Bateram** quatro da manhã em três torres a um tempo..." (Mário Barreto)

"**Tinham batido** quatro horas no cartório do tabelião Vaz Nunes." (Machado de Assis)

"**Deu** uma e meia." (Said Ali)

"**Davam** nove horas na igreja do Loreto." (Rebelo da Silva)

"Não tardou muito que no sino do coro **batessem** as badaladas que anunciavam a hora de prima." (Alexandre Herculano)

"**Soaram** dez horas nos relógios das igrejas e das fábricas." (Amando Fontes)

Observação:

✔ *Passar*, com referência a horas, no sentido de *ser mais de*, é verbo impessoal, por isso fica na 3ª pessoa do singular:

Quando chegamos ao aeroporto, *passava* das 16 horas.

Vamos, já *passa* das oito horas – disse ela ao filho.

28 CONCORDÂNCIA DO VERBO *PARECER*

Em construções com o verbo *parecer* seguido de infinitivo, pode-se flexionar o verbo *parecer* ou o infinitivo que o acompanha:

a) As paredes **pareciam estremecer**. (construção corrente)

b) As paredes **parecia estremecerem**. (construção literária)

Análise da construção **b)**: parecia: *oração principal;* as paredes estremecerem: *oração subordinada substantiva subjetiva*.

Outros exemplos:

"Nervos... que **pareciam estourar** no minuto seguinte." (FERNANDO NAMORA)

"Referiu-me circunstâncias que **parece justificarem** o procedimento do soberano." (LATINO COELHO)

"As lágrimas e os soluços **parecia** não a **deixarem** prosseguir." (ALEXANDRE HERCULANO)

"... quando as estrelas, em ritmo moroso, **parecia caminharem** no céu." (GRAÇA ARANHA)

"Os moravos **parece haverem tomado** a sério, para regra da vida, a palavra irônica do mártir." (RAMALHO ORTIGÃO)

"Volvidos um para o outro, **parecia** não **terem dado** por ele." (FERREIRA DE CASTRO)

"Até **parece escolherem** o modelo." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"O amanhecer e o anoitecer **parece deixarem**-me intacta." (CECÍLIA MEIRELES)

"As corporações que deviam voltar-se para a manutenção da ordem **parece** quase **insurgirem-se** contra ela." (WALTER FONTOURA)

- Usando-se a oração desenvolvida, *parecer* concordará no singular:

"Mesmo os doentes **parece** que são mais felizes." (CECÍLIA MEIRELES)

"Outros, de aparência acabadiça, **parecia** que não podiam com a enxada." (JOSÉ AMÉRICO)

"As notícias **parece** que têm asas." (OTTO LARA RESENDE)

[Isto é: *Parece* que as notícias têm asas.]

Observação:

✔ Essa dualidade de sintaxe verifica-se também com o verbo *ver* na voz passiva: "*Viam-se entrar* mulheres e crianças" ou "*Via-se entrarem* mulheres e crianças."

29 CONCORDÂNCIA COM O SUJEITO ORACIONAL

O verbo cujo sujeito é uma oração concorda obrigatoriamente na 3ª pessoa do singular:

Parecia — verbo
que os dois homens estavam bêbedos. — sujeito (oração subjetiva)

Faltava — verbo
dar os últimos retoques. — sujeito (oração subjetiva)

Outros exemplos, com o sujeito oracional em destaque:

Não me interessa **ouvir essas parlendas**.

Anotei os livros **que** faltava **adquirir**. [*faltava* adquirir os livros]

Esses fatos, importa [ou convém] **não esquecê-los**.

São viáveis as reformas **que** se intenta **implantar**?

São problemas esses **que** compete ao governo **solucionar**.

Não se conseguiu **conter os curiosos**.

Tentou-se **aumentar as exportações**.

No momento, procura-se **diminuir as importações**.

Não se pretende **alcançar resultados imediatos**.

São problemas esses **que** não cabe a nós **resolver**.

"A casa é grande; mas tem-se visto **acabarem casas maiores**." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"O americano pede contas aos seus mandatários pela administração e destino dos bens **que** lhes incumbe **zelar**." (VIANA MOOG)

"Sobre isto dissemos cousas **que** não importa **escrever aqui**." (MACHADO DE ASSIS)

30 CONCORDÂNCIA COM SUJEITO INDETERMINADO

O pronome *se* pode funcionar como índice de indeterminação do sujeito. Nesse caso, o verbo concorda obrigatoriamente na 3ª pessoa do singular. Exemplos:

Em casa, **fica-se** mais à vontade.

Detesta-se [e não *detestam-se*] aos indivíduos falsos.

Acabe-se de vez com esses abusos!

Para ir de São Paulo a Curitiba, **levava-se** doze horas.

Trata-se de fenômenos que os cientistas não sabem explicar.

"Não **se trata** de advogados, minha senhora. **Trata-se** de provas." (GERALDO FRANÇA DE LIMA)

31 CONCORDÂNCIA COM OS NUMERAIS *MILHÃO, BILHÃO* E *TRILHÃO*

Estes substantivos numéricos, quando seguidos de substantivo no plural, levam, de preferência, o verbo ao plural. Exemplos colhidos nos melhores jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo:

"Um milhão de fiéis **agruparam-se** em procissão."

"**São gastos** ainda um milhão de dólares por ano para a manutenção de cada Ciep."

"Meio milhão de refugiados **se aproximam** da fronteira do Irã."

"Meio milhão de pessoas **foram** às ruas para reverenciar os mártires da resistência."

"Pelas contas da Petrobrás, **podem** faltar um bilhão e meio de litros de álcool."

"Todos os anos, no Brasil, **ocorre** um milhão de acidentes de trânsito."

Eça de Queirós, em *O Egito*, página 99, preferiu, como o jornalista no último exemplo supracitado, usar o verbo no singular:

"Quase um milhão de homens **se move** naquelas ruas estreitas, apertadas e confusas."

Observações:

Milhão, bilhão e *milhar* são substantivos masculinos. Por isso, devem concordar no masculino os artigos, numerais e pronomes que os precedem: *os dois milhões* de pessoas; *os três milhares* de plantas; *alguns milhares* de telhas; *esses bilhões* de criaturas, *os milhares* de meninas que estudam no Rio, etc.

Se o sujeito da oração for *milhões*, o particípio ou o adjetivo podem concordar, no masculino, com *milhões*, ou, por atração, no feminino, com o substantivo feminino plural: Dois milhões de sacas de soja estão ali *armazenados* (ou *armazenadas*). Os outros cinco milhões de moedas serão *cunhados* (ou *cunhadas*) no próximo ano. Foram *colhidos* três milhões de sacas de trigo. Os dois milhões de árvores *plantadas* estão *altas* e *bonitas*.

32 CONCORDÂNCIA COM NUMERAIS FRACIONÁRIOS

- De regra, a concordância do verbo efetua-se com o numerador. Exemplos:

  "Mais ou menos um terço dos guerrilheiros **ficou** atocaiado perto..." (AUTRAN DOURADO)

  "Um quinto dos bens **cabe** ao menino." (JOSÉ GUALDA DANTAS)

  Dois terços da população **vivem** da agricultura.

- Não nos parece, entretanto, incorreto usar o verbo no plural, quando o número fracionário, seguido de substantivo no plural, tem o numerador 1, como nos exemplos:

  "Um terço das mortes violentas no campo **acontecem** no sul do Pará." (*Jornal do Brasil*, 9/5/1991)

  Um quinto dos homens **eram** de cor escura.

33 CONCORDÂNCIA COM PERCENTUAIS

O verbo deve concordar com o número expresso na porcentagem:

Só 1% dos eleitores **se absteve** de votar.

Só 2% dos eleitores **se abstiveram** de votar.

Foram destruídos 20% da mata.

"Cerca de 40% do território **ficam** abaixo de 200 metros." (ANTÔNIO HOUAISS)

"A sondagem revelou ainda que 73% da população **acreditam** que a situação do país piorou." (*O Estado de S. Paulo*, 29/1/1992)

"Na União 90% dos homens **andavam** armados." (POVINA CAVALCÂNTI)

A pesquisa revelou que 82% (oitenta e *dois* por cento ou oitenta e *duas* por cento) das mulheres **trabalham** fora.

Observação:

✔ Em casos como o da última frase, a concordância efetua-se, pela lógica, no feminino (oitenta e *duas* entre cem mulheres), ou, seguindo o uso geral, no masculino, por se considerar a porcentagem um conjunto numérico invariável em gênero.

34 CONCORDÂNCIA COM O PRONOME *NÓS* SUBENTENDIDO

O verbo concorda com o pronome subentendido *nós* em frases do tipo:

Todos **estávamos** preocupados. [= Todos *nós estávamos* preocupados.]

Os dois **vivíamos** felizes. [= *Nós* dois *vivíamos* felizes.]

"**Ficamos** por aqui, insatisfeitos, os seus amigos." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

35 CONCORDÂNCIA DE SENÃO EM FRASES NEGATIVAS

- Em frases negativas em que *senão* equivale a *mais que*, *a não ser*, e vem seguido de substantivo no plural, costuma-se usar o verbo no plural, fazendo-o concordar com o sujeito oculto *outras coisas*. Exemplos:

  Do antigo templo grego não **restam** senão ruínas. [Isto é: não *restam outras coisas* senão ruínas.]

  Da velha casa não **sobraram** senão escombros.

  "Para os lados do sul e poente, não **se viam** senão edifícios queimados." (ALEXANDRE HERCULANO)

  "Por toda a parte não **se ouviam** senão gemidos ou clamores." (REBELO DA SILVA)

  "Para mim não **restaram** senão vagos reflexos..." (CIRO DOS ANJOS)

- Segundo alguns autores, pode-se, em tais frases, efetuar a concordância do verbo no singular com o sujeito subentendido *nada*:

  Do antigo templo grego não **resta** senão ruínas. [Ou seja: não *resta nada*, senão ruínas.]

  Ali não **se via** senão (ou *mais que*) escombros.

As duas interpretações são boas, mas só a primeira tem tradição na língua.

36 CONCORDÂNCIA COM FORMAS GRAMATICAIS

Palavras no plural com sentido gramatical e função de sujeito exigem o verbo no singular:

"Elas" **é** um pronome pessoal. [= A palavra *elas* é um pronome pessoal.]

Na placa **estava** "veiculos", sem acento.

"Contudo, mercadores não **tem** a força de vendilhões." (MACHADO DE ASSIS)

37 MAIS DE, MENOS DE

O verbo concorda com o substantivo que se segue a essas expressões:

Mais de cem pessoas **perderam** suas casas, na enchente.

Sobrou mais de uma cesta de pães.

Gastaram-se menos de dois galões de tinta.

Menos de dez homens **fariam** a colheita das uvas.

EXERCÍCIOS LISTA 53

1. Transcreva os períodos em que NÃO há erro de concordância verbal:

a) Precisava fazer uma caixa de madeira, mas **faltavam**-me ferramentas.

b) Estávamos ali parados, quando **começaram** a cair grossos pingos de chuva.

c) Raros são os dias em que não **acontecem** fatos desagradáveis.

d) **Sobra**-lhe motivos para poder considerar-se uma pessoa feliz.

e) O que me admira é ainda **existirem** peixes em rios tão poluídos.

f) Quando o médico chegou, **passava** das nove horas.

2. Transcreva as frases antepondo-lhes o número correspondente à razão pela qual o verbo concorda no singular, embora o sujeito seja composto:

(1) Os núcleos do sujeito são sinônimos.

(2) Os núcleos do sujeito formam uma sequência gradativa.

(3) Os núcleos do sujeito referem-se ao mesmo ser.

(4) Concordância com o núcleo do sujeito mais próximo (concordância atrativa).

A dona de casa e mãe de família **anda** preocupada com a alta dos preços.

A segurança e firmeza com que lhes respondi **deixou**-os perplexos.

Passou-me pela mente o rosto e a voz de minha primeira professora.

A inveja, o ódio, a maldade humana **armará** ciladas em teu caminho.

3. Transcreva os períodos em que a concordância está correta:

a) João nunca subirá, na vida: faltam-lhe coragem e idealismo.

b) O puma ou suçuarana costuma caçar de noite.

c) Partireis amanhã tu, Ramiro e as crianças.

d) Partirão amanhã tu, Ramiro e as crianças.

e) Partiremos amanhã tu, Ramiro, as crianças e eu.

f) Partirá amanhã tu, Ramiro e as crianças.

4. Justifique a concordância dos verbos nos exemplos seguintes:

a) "É mofina a condição dos povos em que **faltam** lavradores e **sobejam** legisladores." (MARQUÊS DE MARICÁ)

b) "Itaguaí e o universo **ficavam** à beira de uma revolução." (MACHADO DE ASSIS)

c) "No dia seguinte, **veio** o morgado e a filha a Lisboa." (CAMILO CASTELO BRANCO)

d) "**Seguiram**-na, a distância, o esposo e o médico." (COELHO NETO)

e) "Obelisco não é mourão em que **se amarram** cavalos." (MANUEL BANDEIRA)

f) "**Chegava** a multidão de passageiros dos subúrbios." (FELÍCIO DOS SANTOS)

g) "Eu, o Silêncio e a Solidão **éramos** quem estava aí." (ALEXANDRE HERCULANO)

h) "A maior parte das suas companheiras **eram** felizes." (CAMILO CASTELO BRANCO)

i) "A maioria dos condenados **acabou** nas plagas africanas." (CAMILO CASTELO BRANCO)

j) "Ao lado, em distância conveniente para o fogo não chamuscar a copa verde, uma palmeira ou árvore esguia **era** plantada." (POVINA CAVALCÂNTI)

k) "O falso e o verdadeiro, a verdade e a mentira, tudo **passa**." (ANTÔNIO VIEIRA)

l) "Mais de um ricaço **ficou** reduzido à miséria." (SAID ALI)

5. Justifique a concordância verbal, como fez no exercício 4:

a) "Mas **vivam** os mitos, que são o pão dos homens." (CIRO DOS ANJOS)

b) "Os amigos **nos revezávamos** à sua cabeceira." (AMADEU DE QUEIRÓS)

c) **Sobraram** cerca de sessenta ingressos.

d) "Viajando, viajando, **esquecia-se** o mal e o bem." (ADONIAS FILHO)

e) Não se **trata** de riquezas imaginárias, mas reais.

f) "Aqui **estão** a bandeira e o escudo d'armas da República." (ARIANO SUASSUNA)

g) Infelizmente só quando **acontecem** tragédias é que as autoridades tomam providências.

h) "Não **se atravessam** oceanos só para dançar valsas." (VILMA G. ROSA)

i) Nem o macaco nem a ema **conseguem** escapar à agilidade do puma.

j) "Os pardais **parece** que andam nas pontinhas dos pés, como as bailarinas." (CECÍLIA MEIRELES)

k) "Diante de uma forja, um bando hirsuto de pastores de Moab **esperavam**, enquanto dentro os ferreiros lhes batiam ferros novos para as lanças." (EÇA DE QUEIRÓS)

l) "Uma sucessão de acasos **foi** ocorrendo." (EVANDRO LINS)

6. Substitua os asteriscos pela alternativa que completa corretamente o período.

*** explosões de natureza elétrica no planeta Vênus, o que faz crer que *** de relâmpagos muito fortes, embora não *** provas que *** tal hipótese.

Registrou-se – se tratam – existam – confirmam

Registraram-se – se trata – exista – confirme

Registraram-se – se trata – existam – confirmem

7. Troque o * pelos verbos entre parênteses, flexionando-os corretamente no tempo *do indicativo* que se pede:

a) Quando a cólera ou o amor nos *, a razão se despede. (**visitar**, presente)

b) Nem os gestos nem o olhar dela * expressão. (**ter**, pretérito imperfeito)

c) A multidão de pedestres * de todos os quadrantes. (**desaguar**, presente)

d) * menos de cem combatentes. (**restar**, pretérito perfeito)

e) O louvor e a censura * com poucas palavras. (**fazer-se**, presente)

f) Às quatro horas da tarde * no cais o presidente com sua comitiva. (**desembarcar**, pretérito imperfeito)

g) Ali * uma multidão de trepadeiras que * aos troncos das árvores. (**crescer**, **enrodilhar-se**, pretérito imperfeito)

h) A empresa é grande, mas * visto acabarem empresas maiores. (**ter-se**, presente)

i) Fostes vós que o * . (**eleger**, pretérito perfeito)

j) Não seremos nós quem o *. (**condenar**, futuro do presente)

k) És tu que * naquela revista? (**escrever**, presente)

l) Eu fui um dos que mais * na viagem. (**sofrer**, pretérito perfeito)

m) Em Icaraí * e se * a sedução, o encanto, o fascínio que, por todo o resto da existência, * de exercer sobre mim o mar e os largos espaços abertos. (**nascer**, **firmar**, pretérito perfeito; **haver**, pretérito imperfeito)

n) Vivemos numa época em que as palavras * que foram feitas para esconder o pensamento. (**parecer**, presente)

o) O pessoal dos morros * para a festa. (**descer**, pretérito imperfeito)

p) Não só a escola mas também a família *. (**colaborar**, pretérito imperfeito)

8. Faça como no exercício anterior:

a) E muito * para isso as facilidades que tentam o comprador. (**contribuir**, pretérito perfeito)

b) Ali * matas de onde já * desaparecido as onças e onde * a rarear os pequenos animais. (**existir**, **haver**, **começar**, pretérito imperfeito)

c) Cada um de nós * uma coisa diferente. (**querer**, presente)

d) * notícias de todas as partes do mundo. (**chegar**, presente)

e) Na cidade bombardeada não se * senão ruínas. (**ver**, presente)

f) Os esqueletos das árvores * que se estorcem de sofrimento. (**parecer**, presente)

g) Não * a pena tantos sacrifícios feitos? (**valer**, pretérito imperfeito)

h) Agora falarei das coisas que lhe *. (**interessar**, presente)

i) Agora falarei das coisas que lhe * saber. (**interessar**, presente)

j) Um ou outro * para dizer-lhe uma palavra. (**deter-se**, pretérito imperfeito)

k) Prestígio e talento * o que não lhe *. (**ser**, **faltar**, presente)

l) Nem a mãe nem a filha * à terra natal. (**voltar**, pretérito perfeito)

m) Seu orgulho e acanhamento a * de solicitar ajuda. (**impedir**, pretérito perfeito)

n) Graças, ó Cristo, pela vossa vinda ao mundo, da qual * tantos benefícios. (**resultar**, pretérito perfeito)

o) Do trabalho humilde desses homens * muitas vidas. (**depender**, presente)

9. Faça concordar corretamente os verbos em destaque nos tempos indicados:

a) Rogo a Vossa Excelência que não **dar** atenção a esses boatos. (*subjuntivo presente*)

b) Montes Claros **ficar** no norte de Minas Gerais. (*indicativo presente*)

c) Não me **interessar** palavras, quero fatos. (*indicativo presente*)

d) O funcionamento do cérebro e não as batidas do coração é que **determinar** se uma pessoa está viva ou morta. (*indicativo presente*)

e) O cientista afirmou que **ir** se passar vários dias antes que se **receber** as primeiras fotografias do satélite. (*indicativo presente – subjuntivo presente*)

f) Sua presença era indispensável para se **organizar** os serões musicais. (*infinitivo presente pessoal*)

g) Cada ano **aumentar** o número de pessoas que visitam Parati. (*indicativo presente*)

h) Prevíamos os mínimos detalhes, para que depois não **surgir** coisas desagradáveis. (*pretérito imperfeito do subjuntivo*)

i) Durante a semana **suceder**-se as visitas ao enfermo. (*pretérito perfeito*)

j) **Tratar**-se de peças sacras de inestimável valor. (*pretérito imperfeito*)

10. Varie o verbo da frase abaixo, seguindo o exemplo:

A) No zoo da cidade **viviam** alguns animais raros.

B) No zoo da cidade **havia** alguns animais raros.

C) No zoo da cidade **existiam** alguns animais raros.

D) No zoo da cidade **encontravam-se** alguns animais raros.

Nas margens desse rio **viviam** antigamente algumas tribos selvagens.

11. Transcreva apenas os períodos em que a concordância verbal está certa:

a) Só o desenrolar dos acontecimentos é que **poderá** revelar a verdade dos fatos.

b) Só o desenrolar dos acontecimentos é que **poderão** revelar a verdade dos fatos.

c) Daqueles dias longínquos **resta**-me apenas vagas recordações.

d) Daqueles dias longínquos **restam**-me apenas vagas recordações.

e) Como lhe **parecia** altos aqueles edifícios!

f) Como lhe **pareciam** altos aqueles edifícios!

g) Se **existissem** melhores sementes poderia haver melhores colheitas.

h) Se **existisse** melhores sementes poderia haver melhores colheitas.

i) Se existissem melhores sementes **poderiam** haver melhores colheitas.

j) No encontro que tive com Jairo **impressionou**-me as revelações que ele me fez.

k) No encontro que tive com Jairo **impressionaram**-me as revelações que ele me fez.

12. Substitua os asteriscos pelos verbos no tempo indicado entre parênteses. Em seguida, anteponha **A** ou **B**, conforme seja o caso.

(A) Verbo passivo concorda com o sujeito: **Consertam-se** relógios.

(B) Verbo transitivo indireto cujo sujeito é indeterminado concorda na 3ª pessoa do singular: **Precisa-se** de bons técnicos.

*** gritos lancinantes. (**ouvir-se**, pretérito perfeito)

*** de empregadas domésticas. (**precisar-se**, presente)

*** de fenômenos desconhecidos. (**tratar-se**, presente)

*** as plantas com amor. (**tratar-se**, presente)

A cartas dessas não se ***. (**responder**, presente)

Nas doenças, *** aos médicos. (**recorrer-se**, presente)

*** as cartas na caixa. (**depositar-se**, pretérito perfeito)

Há muito não se *** a espetáculos tão belos. (**assistir**, pretérito imperfeito)

Na reunião, *** de problemas que afligem os jovens. (**tratar-se**, pretérito perfeito)

13. Transcreva as frases em que as concordâncias postas entre parênteses estão certas:

a) O que me **espantava** (ou *espantavam*) eram suas afirmações.

b) O pavão era uma das aves do zoo que mais **chamavam** (ou *chamava*) a atenção das crianças.

c) Nem eu nem meu pai os **esperávamos** (ou *esperava*).

d) Um e outro **começaram** (ou *começou*) a gritar.

e) Nem um nem outro **concluiu** (ou *concluíram*) o curso.

f) Não **fossem** (ou *fosse*) os livros, como poderíamos estudar?

g) A maior parte dos carros **tinham** (ou *tinha*) defeitos.

h) Pesquisa revela que 50% dos alunos **pretendem** (ou *pretende*) seguir Medicina.

i) Mais de um piloto **perdeu** (ou *perderam*) a vida nos autódromos.

j) Atrás da montanha **ficavam** (ou *ficava*) a praia e o mar.

k) Alguns de nós **moram** (ou *moramos*) longe.

l) Cacos de vidro não **significam** (ou *significa*) nada quando se tem dez anos.

m) Nenhum dos dois índios **sabia** (ou *sabiam*) falar português.

n) Quem não gostou **foram** (ou *foi*) os vizinhos.

o) Lá em casa todos **eram** (ou *éramos*) felizes.

p) De vez em quando, um de nós ou nós três juntos **estávamos** (ou *estava*) apanhando por causa do gravador.

q) Apenas um ou outro **tentou** (ou *tentaram*) aproximar-se.

r) **Existem** (ou *existe*) perto de três mil mendigos em nossa cidade.

s) Não foi só uma foto que tiramos, **foram** (ou *foi*) várias.

14. Faça como no exercício anterior:

a) Um gesto, um olhar, uma palavra **despertava** (ou *despertavam*) suspeitas.

b) O diretor ou seu secretário **receberá** (ou *receberão*) os visitantes.

c) A família com a enfermeira **viajaram** (ou *viajou*) para a França.

d) Era um grupo de cavaleiros que **vinham** (ou *vinha*) em sentido contrário.

e) O lugar, as companhias, as brincadeiras, tudo **deixou** (ou *deixaram*) em mim saudades.

f) O que se via **eram** (ou *era*) ratos em todos os cantos.

g) Não fui eu quem o **convidou** (ou *convidei*).

h) Nos rios e lagos não **havia** (ou *haviam*) mais peixes.

i) Não lhe **bastam** (ou *basta*) tantas riquezas?

j) Não lhe **basta** (ou *bastam*) possuir tantas riquezas?

k) Peço a Vossas Senhorias que me **enviem** (ou *envieis*) as encomendas com urgência.

l) Um e outro **tinham-se** perdido (ou *tinha-se* perdido) na rua.

m) A maioria dos trabalhadores **recebeu** (ou *receberam*) essa notícia com alegria.

n) Quando a noiva com o pai **assomaram** (ou *assomou*) à porta da igreja, um frêmito percorreu o templo.

o) Um milhão de trabalhadores **aderiram** (ou *aderiu*) à greve.

p) Um terço dos homens **era** (ou *eram*) de cor escura.

q) A não **ser** (ou *serem*) dois mendigos, ninguém estava na praça.

15. Transcreva as frases antepondo **A** ou **B** para justificar a concordância dos verbos:

(A) Concorda no singular o verbo cujo sujeito é uma oração.

(B) Concorda no plural o verbo que tem como sujeito um substantivo comum no plural.

a) Não me **importam** as opiniões desses tais futurólogos.

b) Não me **importa** que eles façam maus prognósticos.

c) **Projeta-se** remodelar as praças da cidade.

d) **Projetam-se** obras urbanísticas de grande importância.

e) Quando **deixarão** de existir guerras e violências?

f) São apenas dois os casos que **resta** solucionar.

g) Anotei os objetos que **faltavam**.

h) Anotei os objetos que **faltava** comprar.

i) Quanto não **terão** custado esses quadros de Portinari?

j) São problemas que não **adianta** adiar.

k) Abandonei as amizades que não me **convinham**.

l) Abandonei as amizades que não me **convinha** manter.

m) **Estavam** faltando apenas algumas lâmpadas.

n) **Estava** faltando apenas instalar algumas lâmpadas.

o) Resolver esses casos não **compete** a nós.

p) Esses casos não **competem** a nós.

q) As grandes realizações **custam** muitos esforços e sacrifícios.

r) **Custa**-nos muito aceitar os sofrimentos.

s) Seus passos pesados **pareciam** torturar a terra.

t) Seus passos pesados **parecia** que torturavam a terra.

u) Seus passos pesados **parecia** torturarem a terra.

v) **Parecia** que seus passos pesados torturavam a terra.

w) Não lhe **interessam** fatos passados?

x) Não lhe **interessa** conhecer fatos passados?

16. Copie as duas únicas frases que podem ter o verbo auxiliar no plural:

a) Com esses troncos pode-se fazer belos móveis.

b) Tentou-se reduzir os gastos.

c) Não pode haver rasuras neste documento.

d) Deve haver outras razões.

e) Não se deve perder tão boas oportunidades.

17. Transcreva a alternativa certa relativamente à concordância do verbo **bastar**.

"– Minha senhora, sua doença não tem nenhuma gravidade. Nem precisa tomar remédio. **Basta** uma alimentação adequada e um pouco de descanso.

– Mas, doutor, veja minha língua...

– Também precisa de descanso". (*Realidade*, junho de 1974)

- Está certa, pois se trata de um verbo impessoal.
- Está errada, porque o sujeito é composto.
- Está certa, porque o verbo, estando anteposto a um sujeito composto, pode concordar com o núcleo mais próximo.

18. Transcreva somente as frases cuja concordância está correta:

Nenhum dos presentes se atreveu a falar.
Nenhum dos presentes se atreveram a falar.
Nem eu, nem tu, nem qualquer outra pessoa poderíamos dissuadi-lo.
Jacinta era filha de um casal de velhos que a idolatrava.
Jacinta era filha de um casal de velhos que a idolatravam.
Rogo a Vossa Excelência vos digneis aceitar o meu convite.
Rogo a Vossa Excelência se digne aceitar o meu convite.
Talvez Judite, ou alguma de suas irmãs, casem com o tenente.
Nem o Nilo nem o Amazonas têm as águas claras.
Nem uma nem outra coisa o interessa.
Antigamente deviam haver ali belas matas.
Antigamente deviam existir ali belas matas.
As joias e o dinheiro ficaram na gaveta.
Ficou na gaveta o dinheiro e as joias.
Ficaram na gaveta o dinheiro e as joias.
De repente um e outro desapareceram.
De repente um e outro desapareceu.
Quantos dentre vós percorrestes aquele país?
Quantos dentre vós percorreram aquele país?
Uma grande qualidade ou talento desculpa os pequenos defeitos.
Não fosse os livros, como conheceríamos o passado?
Estas canções, fui eu que as compus.
Estas canções, fui eu que as compôs.
Estas canções, fui eu quem as compus.
Estas canções, fui eu quem as compôs.
Quando as doenças aparecem é por muito tempo.
Aquelas estátuas só faltam falar.
Aquelas estátuas só falta falarem.
Nem a pobreza nem a doença hão de se extinguir.
Um e outro insultou-se grosseiramente.
O ex-ministro e professor foi alvo de homenagens.
Contávamos os dias que ainda faltava.
Haja vista as últimas composições deste autor.
Hajam vista as últimas composições deste autor.
Bem haja os que lutam pela paz.

"Todos os brasileiros aprendemos desde meninos que Pedro Américo foi o maior pintor brasileiro." (MANUEL BANDEIRA)

Do grande castelo medieval não sobrou senão ruínas.

Do velho teatro grego não sobraram senão ruínas.

Tanto ele como eu sentem muito a falta dela.

19. Copie as frases, justificando a concordância dos verbos destacados, antepondo a elas **A** ou **B**:

(A) O verbo concorda regularmente com o sujeito.

(B) O verbo é impessoal, concorda na 3ª pessoa do singular.

"**Deram** dez horas." (EÇA DE QUEIRÓS)

"**Iam dar** seis horas." (MACHADO DE ASSIS)

"Na igreja, ao lado, **bateram** devagar dez horas." (EÇA DE QUEIRÓS)

"**Faz** hoje precisamente sete anos." (RUI BARBOSA)

"Aqui **faz** verões terríveis." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"**Vai fazer** cinco anos que ele se doutorou." (ANTÔNIO VIEIRA)

"**Havia** muitos anos que não vinha ao Rio." (ANÍBAL MACHADO)

Não **pode haver** boas leis se não **houver** bons legisladores.

"Males inevitáveis **iam chover** sobre mim." (GRACILIANO RAMOS)

"**Acabaram de dar** sete horas." (HERBERTO SALES)

Nas fazendas **haveria** alimentos frescos e baratos.

Talvez ainda **haja** vagas naquela escola.

"Por cima do fogão **devia haver** fósforos." (JOÃO CLÍMACO BEZERRA)

20. Justifique a concordância do verbo **ser** nos exemplos seguintes.

a) "Eu **é** que coso." (MACHADO DE ASSIS)

b) "O que se quer **são** homens." (TRISTÃO DA CUNHA)

c) "Um cruzado **eram** 400 réis." (VIVALDO COARACI)

d) "Quarenta contos **era** uma fortuna." (JOSÉ CONDÉ)

e) "O homem **é** cinzas." (ANTÔNIO VIEIRA)

f) "O meu mundo **eram** os meus coelhos." (MARQUES REBELO)

g) "O que eu vejo **são** sete abismos." (CAMILO CASTELO BRANCO)

h) "Nas minhas terras, o rei **sou** eu." (ALEXANDRE HERCULANO)

i) "Seis anos **era** muito." (CAMILO CASTELO BRANCO)

j) "'Cenas da Foz' **é** um livro de ouro." (CAMILO CASTELO BRANCO)

k) "No fundo, tudo **são** astúcias do raciocínio." (OTTO LARA RESENDE)

l) Em São Paulo **era** onde as massas operárias mais se mostravam insatisfeitas.

m) Daqui à cidade **são** seis quilômetros puxados.

n) **Eram** as pessoas e não as tarefas que o cansavam.

o) "Dize-me o que quiseres, mesmo que **sejam** mentiras." (FERNANDO NAMORA)

p) "**Eram** de ver os passistas infernais, e a bateria legalíssima." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

q) "Mentiras, **era** o que me pediam, sempre mentiras." (FERNANDO NAMORA)

r) "Esta família **são** dois jovens / alheios a tirar retrato." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

s) "Isso não **são** maneiras, Padilha." (GRACILIANO RAMOS)

t) "O Vasco **é** só contusões e dores musculares." (*Jornal do Brasil*, 28/10/1982)

21. Substitua o * por uma das formas do verbo **ser** propostas entre parênteses, atendendo à concordância preferida pela norma culta:

a) Nem tudo na vida * flores. (*é – são*)

b) A sua meta * os grandes centros da Europa. (*era – eram*)

c) Hildebrando * só problemas. (*era – eram*)

d) Isto * teorias que a prática desmente. (*é – são*)

f) Tudo isso * prazeres que a vida nos proporciona. (*é – são*)

g) Cem mil dólares * muito. (*é – são*)

h) Hoje * vinte e cinco do mês. (*é – são*)

i) Quando voltei da cidade, * uma hora e meia da tarde. (*era – eram*)

j) * cinco horas da manhã quando me chamaram. (*seria – seriam*)

k) Aquilo * caprichos que não durariam muito. (*era – eram*)

l) Os Estados Unidos * um país rico. (*é – são*)

m) * uma vez dois mágicos famosos. (*era – eram*)

n) O responsável * tu. (*é – és*)

o) * tesouros que eles procuram no fundo escuro do mar? (*é – são*)

p) O que mais me agradou no filme * as cenas finais. (*foi – foram*)

q) Bons divertimentos * o que não lhe falta. (*é – são*)

r) Preservemos a natureza: os beneficiados * nós. (*são – somos*)

s) Edifícios só havia dois, o resto * casas modestas. (*era – eram*)

t) "Vândalos" * mais forte que "destruidores". (*é – são*)

22. Passe as palavras destacadas para o plural e efetue a concordância:

a) Vê-se ao longe a alterosa **cordilheira**.

b) Não creio que se possa extirpar esse **abuso**, se **Vossa Excelência** não impuser sua autoridade.

c) Não se podia distinguir bem aquele **sinalzinho** cabalístico.

d) Deve-se procurar outra **solução**.

e) Construir-se-ia o **barco** onde houvesse bom **porto**.

f) O que mais me revoltava era a sua **grosseria**.

23. Corrija os erros de concordância verbal e nominal:

a) Mal se distinguia, através da cerração da manhã, as casas das ruas.

b) Não há latadas de chuchus que se forme e viceje, quando hajam sanhaços na vizinhança.

c) Construir-se-ia as casas onde houvessem operários pobres.

d) Se não haviam braços indígenas para a lavoura, que se fossem buscar outros braços onde houvesse.

e) Fazem já muitos séculos que se escreveu esses livros, mas não falta escritores que comprovem a sua autenticidade.

f) Quando se tratam de casos urgentes, não devem haver tantas exigências e formalidades.

g) Para se avaliar as excelências desta campanha, basta essas poucas considerações.

h) Anexo àquela carta remeteu-se a Vossa Senhoria as notas de crédito nºs 80 e 81, relativo à publicação de seus livros.

i) Ninguém achou que valesse a pena tantos sacrifícios.

j) Não parecia que daquelas terras houvesse saído tantas riquezas.

k) Antecipei o meu regresso por motivos que não interessam expor agora.

l) Talvez não cheguem a trinta o número de candidatos aprovados.

m) Apenas um entre dez filhos de lavradores permanecem no campo.

n) As estrelas brilham também de dia. A luz do Sol é que as tornam invisíveis.

o) O que é palafitas?

24. Faça as necessárias correções onde houver erro de concordância.

a) É necessária a tua presença na assinatura do contrato.

b) Na cidade, haviam poucas atrações turísticas.

c) Segue anexo os documentos pedidos.

d) Hoje sou eu que pago.

e) Vendem-se casas novas.

25. Prestando atenção à concordância do predicativo com o sujeito, flexione corretamente os adjetivos entre parênteses:

a) Como são * esses momentos! (difícil)

b) É * a entrada de pessoas estranhas. (proibido)

c) Os jardins estavam * e as árvores * de passarinhos. (florido, repleto)

d) Paciência e dedicação são * a quem cuida de doentes. (necessária).

e) Seguem * as contas do inquilino anterior. (anexo)

26. Corrija o único erro de concordância nominal:

a) É necessário muita paciência com ele.

b) É necessária a tua volta imediata!

c) É preciso muita sabedoria para lidar com crianças.

d) Deixe bem arrumadas a cozinha e a sala.

e) Encontrei amassados os papéis e as cartas de que me falou.

f) Tomei emprestado algumas cadeiras para a festa.

27. Corrija se houver erro de concordância verbal:

a) Livros, revistas, cadernos, tudo foi destruído pela enchente.

b) Só haviam alguns professores na reunião.

c) Vão fazer quinze dias que não vejo minha namorada.

d) Soou duas horas no relógio da igreja.

e) Fui eu que fiz todas as bandeirinhas da festa.

28. Complete corretamente as frases prestando atenção à concordância verbal:

a) Foi o que * o engenheiro e eu. (constatar)

b) Um grupo de torcedores * no ônibus. (entrar)

c) Nem um nem outro * com os presentes. (falar)
d) Uma ou outra aluna * terminar a leitura do livro. (conseguir)
e) Cláudia é uma das que mais * na repartição. (trabalha)
f) Somos nós quem * a culpa de tudo. (levar)
g) Os Estados Unidos * o país escolhido pelos premiados. (ser)

29. Responda oralmente às perguntas, baseadas no poema **Os anos são degraus**:

a) Qual é o verbo que se subentende no primeiro verso? E no primeiro verso da segunda estrofe?
b) Na segunda estrofe, está correta a concordância do verbo *ser*: tudo são degraus?
c) Explique o uso do acento grave no verso "à humana condição".
d) Na 3ª estrofe, o que significa *Estrada*? Por que inicial maiúscula?
e) Na 3ª estrofe, se estivesse escrito "as portas fechadas", como concordaria o verbo *encontrar*?

LEITURA

Os anos são degraus

Os anos são degraus; a vida, a escada.
Longa ou curta, só Deus pode medi-la.
E a Porta, a grande Porta desejada,
só Deus pode fechá-la,
pode abri-la.

São vários os degraus: alguns sombrios,
outros ao sol, na plena luz dos astros,
com asas de anjos, harpas celestiais;
alguns, quilhas e mastros
nas mãos dos vendavais.
Mas tudo são degraus; tudo é fugir
à humana condição.
Degrau após degrau,
tudo é lenta ascensão.

Senhor, como é possível a descrença,
imaginar, sequer, que ao fim da Estrada
se encontre, após esta ansiedade imensa,
uma porta fechada
– e nada mais?

(Maria Fernanda de Castro, *Asa no Espaço*, p. 73 e 74, Lisboa, 1955)

SINTAXE DE CONCORDÂNCIA
Exercícios de exames e concursos
[Página 687]

SINTAXE DE REGÊNCIA

1 REGÊNCIA

A *sintaxe de regência* ocupa-se das relações de dependência que as palavras mantêm na frase.

Regência *é o modo pelo qual um termo* rege *outro que o complementa.*

2 TIPOS DE REGÊNCIA

A regência pode ser *verbal* ou *nominal*, conforme trate do regime dos verbos ou dos nomes (substantivos e adjetivos). Exemplos:

É homem **propenso** à colera. → O termo regente é um nome (propenso): temos um caso de *regência nominal*.

Assistimos ao desfile. → O termo regente é um verbo: temos um caso de *regência verbal*.

Num período, os termos *regentes* ou subordinantes (substantivos, adjetivos, verbos) reclamam outros (termos *regidos* ou subordinados) que lhes completem ou ampliem o sentido. Exemplos:

Termos regentes	**Termos regidos**
Amor	**a** Deus. (*complemento nominal*)
Rico	**em** virtudes. (*complemento nominal*)
Comprei	joias. (*objeto direto*)
Gostam	**de** festas. (*objeto indireto*)
Resido	**em** Santos. (adjunto adverbial)
Foram vistos	**por** mim. (*agente da passiva*)
Insisto	**em** que vá. (*oração subordinada objetiva indireta*)
Peixes	**que** voam. (*oração subordinada adjetiva*)

Como se vê dos exemplos acima, os termos regidos, as mais das vezes, prendem-se aos regentes por meio das preposições. Por isso, essas palavras desempenham papel relevante no capítulo da regência.

Todavia, a dependência de um termo, ou de uma oração, é estabelecida também pelos conectivos subordinativos, como no último exemplo.

Às vezes, porém, como no caso do objeto direto, não há nenhum nexo subordinante entre o termo regente e o regido: a subordinação é indicada pela posição do termo dependente (O filho

acompanhava o *pai*), ou pela própria forma objetiva da palavra (O filho *o* acompanhava), ou, mesmo, pelo sentido lógico da frase (Dourava *o monte* o sol agonizante).

- O sujeito nunca é regido de preposição. Entretanto, por eufonia, pode-se contrair a preposição *de* com o sujeito, ou seus adjuntos, em orações reduzidas de infinitivo:

  Antes **de o** sacerdote iniciar a missa, os fiéis entoaram cantos. *Ou*:

  Antes **do** sacerdote iniciar a missa, os fiéis entoaram cantos.

  Já era tempo **de ele** entrar na escola. *Ou*:

  Já era tempo **dele** entrar na escola.

  "Sabia-o, senhor, antes **do** caso suceder." (ALEXANDRE HERCULANO)

  "Uma hora depois **do** cão do Hotel Not ter ladrado..." (FERREIRA DE CASTRO)

  "Antes **dela** ir para o colégio, eram tudo travessuras de criança." (MACHADO DE ASSIS)

  "Holanda começava a examinar a hipótese **dessa** tristeza [da raça mexicana] vir da geografia." (VIANA MOOG)

  "O fato **do** Brasil e **dos** Estados Unidos se acharem no mesmo continente é um acidente geográfico..." (EDUARDO PRADO)

  "Leonora irritou-se, além **do** abade puni-la..., pedia-lhe favores." (NÉLIDA PIÑON)

  "No momento **do** comboio partir, Carlos correria à portinhola, a balbuciar fugitivamente uma desculpa." (EÇA DE QUEIRÓS)

  "Agora chegou a vez **dos** advogados tomarem a dianteira na luta contra as prisões." (EVANDRO LINS E SILVA)

  "O modo **dele** falar soou-me agressivo." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

  "O Dr. Sampaio comprou-me uma boiada, e na hora **da** onça beber água deu-me com os cotovelos, ficou palitando os dentes." (GRACILIANO RAMOS)

  "No dia 31 de março foi a vez **do** delegado interino de Macaé responder ao juiz Lima e Castro." (CARLOS MARCHI)

  Sendo sujeito o pronome *eu*, não se faz a contração:

  "No caso **de eu** morrer, os meus herdeiros assumiriam essa obrigação." (MACHADO DE ASSIS)

Observação:

✔ A contração em foco tem tradição na língua; sempre foi e continua sendo largamente praticada por eminentes escritores brasileiros e portugueses. Tem a vantagem de evitar os artificiais e desagradáveis hiatos *de ele*, *de ela*, *antes de o*, *apesar de os*, etc. Trata-se de um fato fonético, de uma acomodação da escrita à fala, e não de uma alteração sintática, porquanto, ainda que contraída com o sujeito, a preposição *de* rege o infinitivo que se lhe segue (antes *do caso suceder* = antes *de suceder o caso*). Tanto é lícito, portanto, dizer "antes *do* sacerdote iniciar a missa", como "antes *de o* sacerdote iniciar a missa". A primeira construção é mais natural e espontânea. A segunda é um gramaticalismo um tanto afetado, em choque com a língua falada.

✔ Acrescente-se, a favor da contração, que igual fato ocorre em frases como "*Do* que o menino mais gostava era jogar futebol", "Do que ninguém desconfiava era que a moça fosse espiã", nas quais, a bem da eufonia, se contrai o *de* com o pronome demonstrativo *o*, sujeito da segunda oração.

O objeto direto prende-se ao verbo sem o auxílio da preposição. Todavia, em determinados casos, como atrás se viu, pode esse termo vir preposicionado:

"O marido era rico, e ela sem escrúpulo arruiná-lo-ia, **a ele** e **ao papá Monforte**."
(EÇA DE QUEIRÓS)

Conforme foi explanado anteriormente, o objeto indireto é sempre regido de preposição, clara ou implícita. A preposição está implícita nos pronomes objetivos indiretos *me*, *te*, *se*, *lhe*, *nos*, *vos*, *lhes*:

Ele obedece-**me**. [= Ele obedece *a mim*.]
Eu obedecia-**lhe**. [= Eu obedecia *a ele*.]

As orações objetivas indiretas normalmente são regidas pela preposição:

Gosto **de** que vivam felizes.
Lembra-te **de** que a vida é breve.
Persuadiu-os **a** que fugissem.

Todavia, frequentemente omitem os escritores o nexo prepositivo:

"Não se dignou **abrir os olhos**." (J. GERALDO VIEIRA) [= *de* abrir os olhos]

"Esqueceu-se **que tenho cinquenta anos**?" (CAMILO CASTELO BRANCO) [= *de* que tenho...]

"Ambos concordaram **que essas ideias não tinham senso comum**." (MACHADO DE ASSIS) [= *em* que essas ideias...]

"Duvido muito **que ninguém fosse mais generoso** do que eu." (MACHADO DE ASSIS) [= Duvido muito *de* que...]

"Não gostaria **que João Brandão se lembrasse** de oferecer-me o cavalo." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE) [= Não gostaria *de* que...]

Convenhamos **(em) que o preço desses remédios é exorbitante**.

Na língua culta formal, convém não omitir a preposição.

3 OS PRONOMES OBJETIVOS *O(S), A(S), LHE(S)*

- Os pronomes objetivos substituem substantivos da mesma função:

a) Os pronomes *o*, *a*, *os*, *as* usam-se como objetos diretos dos verbos transitivos diretos e dos transitivos diretos e indiretos:

Estimo **aquele colega**. _____ Estimo-**o**.
Convido **os amigos**. _____ Convido-**os**.
Deixa **o menino** brincar. _____ Deixa-**o** brincar.
Obrigou **as filhas** a trabalhar. _____ Obrigou-**as** a trabalhar.
Considero **Olívia** inteligente. _____ Considero-**a** inteligente.

b) Os pronomes *lhe*, *lhes* formam o objeto indireto dos verbos transitivos indiretos e dos transitivos diretos e indiretos:

Obedece **a teu superior**. _____ Obedece-**lhe**.
Não batas **nos animais**. _____ Não **lhes** batas.

O rei perdoou **ao servo**. _____ O rei perdoou-**lhe**.
O cliente pagou **ao médico**. _____ O cliente pagou-**lhe**.
Resistimos **aos invasores**. _____ Resistimos-**lhes**.
Recomendo prudência **aos jovens**. _____ Recomendo-**lhes** prudência.

c) Certos verbos transitivos indiretos repelem os pronomes *lhe*, *lhes*, sendo, por isso, construídos com as formas retas preposicionadas:

Aspiro **ao título**. _____ Aspiro **a ele**.
Assistimos **à festa**. _____ Assistimos **a ela**.
Refiro-me **a João**. _____ Refiro-me **a ele**.
Aludiram **a teus irmãos**. _____ Aludiram **a eles**.
Recorri **ao ministro**. _____ Recorri **a ele**.
Dependo **de Deus**. _____ Dependo **dEle**.
Prescindimos **de armas**. _____ Prescindimos **delas**.

d) Os verbos *deixar*, *fazer*, *mandar* e *ver*, na língua culta, constroem-se com os pronomes oblíquos *me*, *o*, *a*, os, *as*, e não com os retos *eu*, *ele*, *ela*, *eles*, *elas*:

Deixe-**me** ver. Faço-**os** andar.
Deixe-**o** sair. Mande-**as** entrar.
Deixe-**a** levar o cão. Vejo-**os** sair todos os dias.

- As orações adjetivas são regidas de preposição sempre que esta for reclamada pelo verbo que as constitui.

Aspiro **a** um cargo. _____ Eis o cargo **a que aspiro**.
Gosto **de** festas. _____ Eis as festas **de que mais gosto**.
Entretive-me **com** ele. _____ Este é o amigo **com quem me entretive**.
Preste atenção **a** isto. _____ Eis uma coisa **a que deve prestar atenção**.
Assisti **ao** início da festa. _____ A festa **a cujo início** assisti acabou tarde.

"Este é o mundo **a que vim**, de pedra e sonho." (Dante Milano)

"Assim imaginava Anselmo a casa de Rui Vaz, **à qual se dirigia pela primeira vez**." (Coelho Neto)

"Chegados ao quintalejo, abancavam debaixo de uma parreira, **em cujos troncos as matronas penduravam as mantilhas e eles as casacas**." (Camilo Castelo Branco)

- As orações completivas nominais são, normalmente, regidas de preposição. Em certos casos, porém, pode-se omitir o nexo prepositivo:

Tínhamos certeza **de que João era inocente**.

"Tenho medo [de] **que minha mãe me repreenda**." (Mário Barreto)

"Juca estava ansioso [por] **que ela partisse**." (Jorge Amado)

"Não há dúvida [de] **que Luís Dutra exultava de felicidade**." (Machado de Assis)

"Não estou certo **se ele poderia atinar facilmente com um trecho de Tertuliano**." (Machado de Assis)

Na língua culta formal, convém não omitir a preposição.

REGÊNCIA NOMINAL

Certos substantivos e adjetivos admitem mais de uma regência. A escolha desta ou daquela preposição deve, no entanto, obedecer às exigências da clareza e da eufonia e adequar-se aos diferentes matizes do pensamento. Exemplos:

▪ Amor

Tenha amor **a** seus livros.

Os pais incutiram-lhe o amor **do** estudo.

"Com efeito, o amor **do** próximo era um obstáculo grave à nova instituição." (MACHADO DE ASSIS)

"Meu amor **pelos** moços divinizava outrora a mocidade." (RUI BARBOSA)

"Marcela morria de amores **pelo** Xavier." (MACHADO DE ASSIS)

Observação:

✔ Modernamente preferem-se as preposições *a* e *por*: amor *ao* trabalho, amor *à* patria, amor *pelas* coisas da natureza, etc.

▪ Ansioso

"Olhos ansiosos **de** novas paisagens." (LUÍS JARDIM)
"Ansioso **de** emoções desusadas." (CAMILO CASTELO BRANCO)
"Estava ansioso **de** se libertar da presença de Amaro." (FERREIRA DE CASTRO)
"Estava ansioso **por** vê-la." (CAMILO CASTELO BRANCO)
"Estou particularmente ansioso **para** ler qualquer história..." (ÉRICO VERÍSSIMO)
"Eu estava ansioso **para** rever a Rua da Fábrica." (POVINA CAVALCÂNTI)

Apresentamos aqui uma pequena relação de substantivos e adjetivos acompanhados de suas preposições mais usuais:

acessível *a*
afável *com, para com*
afeição *a, por*
aflito *com, por*
alheio *a, de*
atentatório *a, de*
aversão *a, para, por*
avesso *a*
aliado *a, com*
análogo *a*
antipatia *a, contra, por*
apto *a, para*
atencioso *com, para com*
imune *a, de*
indulgente *com, para com*
inerente *a*

coerente *com*
compaixão *de, para com, por*
compatível *com*
conforme *a, com*
constituído *com, de, por*
contente *com, de, em, por*
contíguo *a*
cruel *com, para, para com*
curioso *de, por*
desgostoso *com, de*
desprezo *a, de, por*
devoção *a, para com, por*
devoto *a, de*
dúvida *acerca de, de, em, sobre*
empenho *de, em, por*
fácil *a, de, para*
falho *de, em*
feliz *com, de, em, por*
fértil *de, em*
hostil *a, para com*
junto *a, de*
lento *em*
pasmado *de*
passível *de*
peculiar *a*
pendente *de*
preferível *a*
propício *a*
próximo *a, de*
rente *a*
residente *em*
respeito *a, com, de, para com, por*
simpatia *a, para com, por*
situado *a, em, entre*
solidário *com*
suspeito *a, de*
último *a, de, em*
união *a, com, entre*
versado *em*
vizinho *a, com, de*

Observação:

✔ Alguns advérbios terminados em *-mente* requerem a mesma preposição dos adjetivos de que derivam.

Exemplos:

favorável *a*	favoravelmente *a*
concomitante *com*	concomitantemente *com*
independente *de*	independentemente *de*

EXERCÍCIOS LISTA 54

1. Escreva as frases substituindo o * pelas preposições adequadas, contraindo-as com o artigo quando for o caso:

a) Meus olhos estavam ansiosos * novas paisagens.
b) Estou solidário * você.
c) Exercia suas funções concomitantemente * às de cônsul.
d) Sentia-se feliz * vê-la assim.
e) O filme foi proibido: tinha cenas atentatórias * bons costumes.
f) Hélio tinha aversão * política, era coerente * seus princípios.
g) Procure divertimentos compatíveis * sua formação moral.
h) Um homem encapuzado passou rente * parede.
i) O amor do indivíduo * si mesmo não deve levar à egolatria.
j) O professor era indulgente * nossos erros.

k) Estávamos pasmados * ouvi-lo falar assim.
l) O velho Moura era pouco afeito * vida social.
m) Tinha mais afeição * uma que * outra.
n) Houve dissidência * os membros do partido.
o) Pendentes * teto, oscilavam as lâmpadas.
p) Aconselho a consulta * dicionários e * enciclopédias.

2. Transcreva as frases em que não há erro de regência nominal:

a) É preferível um inimigo declarado do que um amigo falso.
b) No mundo inteiro houve manifestações de repulsa ao bárbaro crime.
c) Eram conhecidas as pretensões estrangeiras sobre a Amazônia.
d) Havia orquídeas em profusão, algumas em vasos pendentes do teto.

3. Substitua os * como fez no exercício 1, atendendo à regência dos nomes em destaque:

a) Construiremos portos **acessíveis** * qualquer navio.
b) Ela costurava numa saleta **contígua** * cozinha.
c) Esse crime é **passível** * pena de reclusão.
d) Ele exerce atividades **incompatíveis** * o seu cargo.
e) Socorreu-me um senhor **residente** * Av. Atlântica.
f) A arquitetura desse prédio é **análoga** * do nosso.
g) O sentimento de liberdade é **inerente** * ser humano.
h) A **chegada** do cantor * Brasília passou despercebida.
i) É **preferível** sofrer injustiças * cometê-las.
j) Ele é um escritor culto, muito **versado** * Astronomia.
k) A terra e o clima eram **propícios** * cultura da soja.
l) Luís era um homem calmo, **avesso** * discussões.

4. Destaque do exercício 3 os termos regidos [= dependentes] dos nomes:

a) residente b) chegada c) avesso

5. Escreva as frases dando complementos adequados aos nomes em destaque:

a) Não temos **antipatia** * .
b) Ninguém está **imune** * .
c) Ela estava **ansiosa** * .
d) Vítor não foi julgado **apto** * .
e) Ele tinha **aversão** * .
f) O guarda era **suspeito** * .

6. Substitua os asteriscos em cada frase pelo conjunto adequado:
a quem – de que – de quem – por quem

a) Trouxe-lhe dessas flores ********* os campos estão cheios.
b) Este é um artista ********* sempre tive admiração.
c) Ela não ouvia bajuladores, ********* tinha profunda aversão.
d) Severino foi à festa de São José, ********* era grande devoto.

REGÊNCIA NOMINAL
Exercícios de exames e concursos
[Página 688]

REGÊNCIA VERBAL

1 REGÊNCIA E SIGNIFICAÇÃO DOS VERBOS

Há verbos que admitem mais de uma regência sem mudar de sentido. Exemplos:

A aurora *antecede* o dia.
A aurora *antecede ao* dia.

José não *tarda a* chegar.
José não *tarda em* chegar.

A ventania *precedeu* a chuva.
A ventania *precedeu à* chuva.

Esforcei-me por não contrariá-lo.
Esforcei-me para não contrariá-lo.

Cumpriremos o nosso dever.
Cumpriremos com o nosso dever.

Desfrutemos os bens da vida.
Desfrutemos dos bens da vida.

Outros verbos, pelo contrário, assumem outra significação, quando se lhes muda a regência:

Aspirei o aroma da flores. [= sorver, absorver]
Aspirei ao sacerdócio. [= desejar, pretender]

Bonifácio *assistiu* ao jogo. [= presenciar, ver]
O médico *assistiu* o enfermo. [= prestar assistência, ajudar]

Olhe para ele. [= fixar o olhar]
Olhe por ele. [= cuidar, interessar-se]

Ele não *precisou* a quantia. [= informar com exatidão]
Ele não *precisou* da quantia. [= necessitar]

2 REGÊNCIA DE ALGUNS VERBOS

Consignamos aqui alguns verbos com suas regências e acepções na língua atual. Antes, porém, julgamos oportuno remeter o estudante ao capítulo que trata da predicação verbal. (páginas 336-340)

▪ Abdicar

Significa *renunciar* (ao poder, a um cargo, título, dignidade), *desistir*. Pode ser intransitivo, transitivo direto ou transitivo indireto (preposição *de*):

D. Pedro I *abdicou* em 1831.

"D. Pedro *abdicou* a coroa na pessoa de sua filha D. Maria da Glória." (VIRIATO CORRÊA)

A beldade *abdicou* o seu título de rainha.

Não *abdicarei de* meus direitos.

▪ Agradar

a) No sentido de *causar agrado, contentar, satisfazer, aprazer,* usa-se, hoje, mais frequentemente, com objeto indireto, sendo o sujeito da oração nome de coisa [uma coisa *agrada* a alguém]:

A canção *agradou ao público.*
Minha proposta não *lhe agradou.*
"Vicente desviou o assunto, que não *lhe agradava.*" (RAQUEL DE QUEIRÓS)
"*À velha agradara* sobretudo a sem-cerimônia do jovem capitalista." (MONTEIRO LOBATO)

Escritores modernos usam-no também, nesta acepção, com objeto direto, quando o sujeito é nome de pessoa [*alguém* agrada *alguém*]:

"Sua intenção parecia ser a de *agradar o médico* para obter um melhor resultado favorável." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

"Procura *agradá-lo* de toda forma." (CIRO DO ANJOS)

"Tia Quiquinha continuava querendo *agradá-lo.*" (EDY LIMA)

"Anselmo era chefe do departamento pessoal e vários funcionários sentiam prazer em *agradá-lo.*" (JOSÉ FONSECA FERNANDES)

Observação:

✔ No Brasil, "agradar alguém" pode significar, conforme o contexto, "fazer carinhos ou agrados", como nesta frase de Graciliano Ramos, em que ele se refere a sua mãe: "Quando cresci e tentei *agradá-la*, recebeu-me suspeitosa e hostil".

b) Usa-se como verbo intransitivo na acepção de *causar satisfação, ser agradável* ou *atraente.*

A exibição do grupo de balé não *agradou.*

Em certas horas, nada *agrada* tanto quanto uma boa música.

Cuidam muito de sua aparência para *agradar.*

c) Apresenta-se com a forma pronominal, no sentido de *gostar*:

Leila *agradou-se* muito do rapaz.

A virtude *de* que Deus mais *se agrada* é a humildade.

▪ Ajudar

Constrói-se com objeto direto de pessoa:

Antônio *ajudava o pai* na roça.
Nós *os ajudaremos.*
Elas não queriam que *as ajudássemos.*
Eu *ajudava-o* a subir a escada.
"O professor pediu que *o ajudassem* a afastar a pedra." (JOSÉ J. VEIGA)

- **Aludir**

a) Significa *fazer alusão a, referir-se a,* e se constrói com objeto indireto:

Na conversa, *aludiu-se* brevemente *ao* seu novo projeto.

Nenhum historiador *alude a* esse triste episódio.

A que o senhor *está aludindo?*

O jornal *a* que o ministro *aludiu* lhe fazia duras críticas.

b) Não admite, como complemento, o pronome *lhe*:

Como o caso era melindroso, não *aludi a ele* [e não *lhe aludi*].

Aquela moça o destratara, mas ele nem sequer *aludiu a ela*.

- **Ansiar**

a) Na acepção de *causar mal-estar, angustiar,* é transitivo direto:

"O cansaço *ansiava-o*." (CAMILO CASTELO BRANCO)

b) Significando *desejar ardentemente*, usa-se, em geral, como transitivo indireto (preposição *por*), e às vezes como transitivo direto, com ideia intensiva:

"*Ansiava pelo* novo dia que vinha nascendo." (FERNANDO SABINO)

"*Ansiava por* me ver fora daquela casa." (MACHADO DE ASSIS)

"*Ansiou por* ir ao seu encontro." (GARCIA DE PAIVA)

"O seu coração *anseia* um confidente." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Viagem longa é para quem *anseia* voltar." (JORGE AMADO)

"Minha alma *anseia* o infinito." (AMADEU DE QUEIRÓS)

Observação:

✔ A regência correta é "ansiar *por* alguma coisa" e não "ansiar *em* alguma coisa": Ansiava *por* me ver livre daquele sofrimento.

- **Aspirar**

a) Transitivo direto na acepção de *inalar, sorver, tragar* (ar, perfume, pó, gás, etc.):

"Calixto *aspirou* o aroma das flores..." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Há máquinas que *aspiram* o pó do assoalho." (J. MESQUITA DE CARVALHO)

"Aspirou profundamente o ar cálido." (VILMA GUIMARÃES ROSA)

b) Transitivo indireto (preposição *a*), no sentido de *desejar, pretender*:

Eles *aspiravam a* altos cargos, *a* altas dignidades.

Eu *aspirava a* uma posição mais brilhante.

"O orador *aspirava à* notoriedade..." (CARLOS DE LAET)

"Nem em sonhos cheguei a *aspirar a* tal emprego." (CIRO DOS ANJOS)

Jaime *aspirava a* ser médico para atender a população pobre.

"Dizia que era a maior dignidade *a* que podia *aspirar*." (MACHADO DE ASSIS)

"A magistratura o seduzia, prometia aquilo *a* que mais *aspirava*, segurança, respeitabilidade." (ONDINA FERREIRA)

• Neste sentido, o verbo *aspirar* não se constrói com os pronomes *lhe, lhes*, mas sim com as formas retas regidas de preposição [*a ele(s), a ela(s)*]:

Não invejo essas honrarias nem *aspiro a elas*.

"Na academia teria um lugar de direito, se *aspirasse a ele*, o historiador ora desaparecido." (HÉLIO DAMANTE)

▪ Assistir

a) Transitivo direto, quando significa *prestar assistência, confortar, ajudar*, de acordo com a prática moderna:

O médico *assiste o* doente.

"O médico já não *o assistia*." (AMADEU DE QUEIRÓS)

"Quem *assistia a paciente* eram mulheres do povo." (POVINA CAVALCÂNTI)

"Ele sofreu sozinho, não *o assisti*." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

"E felizes foram, retorquiu-lhe o castelhano, porque tiveram V. Rev. para *assisti-los* nos seus últimos momentos." (ALPHONSUS DE GUIMARAENS)

"Moças de minissaia *assistiam os fregueses* numerosos." (MARIA JOSÉ DE QUEIRÓS)

Observação:

✔ Nesta acepção, pode ser usado na voz passiva: "O doente é *assistido* pelo médico."; "Os missionários *são assistidos* por Deus."; "Faleiros morria *assistido* por velhos amigos." (AMADEU DE QUEIRÓS)

b) Transitivo indireto (com a preposição *a*), no sentido de *presenciar, estar presente a*:

"Algumas famílias, de longe, na calçada, *assistiam ao* espetáculo." (ANÍBAL MACHADO)

"Populares *assistiam à* cena aparentemente apáticos e neutros." (ÉRICO VERÍSSIMO)

"Ataxerxes *assistia a* tudo." (ANÍBAL MACHADO)

"O gari *a* tudo *assistia* com os olhos esbugalhados." (ASSIS BRASIL)

"Nas missas *a* que *assisto* não há sermão." (J. MESQUITA DE CARVALHO)

"Há um comício feminino, *a* que alguns homens *assistem*." (RICARDO RAMOS)

"*A* quanto espanto *assisti* e ainda *assisto*!" (ROSAMARIA CASTELO BRANCO)

"Eu desejava *assistir à* extinção daquelas aves amaldiçoadas." (GRACILIANO RAMOS)

Por que não *assistes às* aulas?

• Se o objeto for pronome pessoal, não se usam as formas *lhe, lhes*, mas *a ele(s), a ela(s)*:

"Não é propósito nosso descrevermos uma corrida de touros. Todos *têm assistido a elas*..." (REBELO DA SILVA)

"Lá vão os frades celebrar um auto! Não serei eu que *assista a ele*." (ALEXANDRE HERCULANO)

"O vencedor nestes jogos guerreiros tinha de receber um prêmio das mãos do principal personagem que *assistia a eles*." (ALEXANDRE HERCULANO)

"Enfim, mais uma corrida de obstáculos. Vamos *assistir a ela*, curiosos e em dieta de legumes." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

Observação:

✔ Nesta acepção, o verbo *assistir* não admite a voz passiva. Em vez de: "A festa *foi assistida* por altas autoridades", prefira-se dizer: "*À festa assistiram* altas autoridades."

✔ Não obstante, são comuns, na imprensa, frases como esta: "A solenidade de posse *foi assistida* por 89 delegações estrangeiras".

✔ Os próprios escritores condescendem com essa construção: "Uma partida de futebol na Inglaterra *é assistida* por 150 mil pessoas". (PAULO MENDES CAMPOS)

c) Como transitivo indireto, usa-se também no sentido de *caber, pertencer* (direito ou razão):

Assiste ao réu o direito de se defender.

Não *lhe assiste* o direito de oprimir os outros.

Evidentemente não *lhe assistia* razão para reclamar.

d) Constrói-se, mas raramente, com a preposição *em*, no sentido de *morar, residir*:

"Sou obrigado por esta desgraçada posição de deputado a *assistir* mais algum tempo *na capital*." (CAMILO CASTELO BRANCO)

▪ Atender

a) Usa-se, modernamente, com objeto direto, no sentido de:

- acolher ou receber alguém com atenção, responder a alguém que se dirige a nós:

  O diretor *atendeu os alunos*.

  O médico sempre *os atende* bem e lhes dá remédios.

  A professora não *o atendeu*.

  A tenista não *atendeu o repórter*. Ela não quis *atendê-lo*.

  "A Dona Emília tinha de *o atender*." (FERNANDO NAMORA)

- ouvir, conceder, deferir um pedido:

  Deus *atendeu a súplica* de seu servo.

b) Constrói-se com objeto indireto, na acepção de:

- dar atenção a alguém, ouvir-lhe os conselhos, levar em consideração o que alguém nos diz:

  "Não *atendera aos* amigos, fora entregar-se a impostores." (GRACILIANO RAMOS)

- considerar, atentar, prestar atenção a, levar em consideração, satisfazer:

  Atenda bem *ao* [ou *para o*] que lhe digo.

  Atenderemos ao apelo [ou *ao* chamado, *aos* conselhos, *aos* interesses, *às* exigências, *às* reivindicações] de fulano.

  "O Corpo de Bombeiros *atendeu a* doze pedidos de socorro." (*Jornal do Brasil*, 28/9/1982)

  O novo método *atende* perfeitamente *às* exigências do moderno ensino.

  "Se tivesses *atendido ao* meu apelo, tinhas poupado este desgosto e este remorso." (MACHADO DE ASSIS)

  "Vou *atender ao* que me pede..." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

▪ Bater

a) Na acepção de *dar pancadas* (em alguém), exige objeto indireto:

Os colegas mais fortes *batiam nele* (ou *batiam-lhe*) à toa.

Por que batiam *no menino*. Por que *lhe batiam*?

b) Conforme o sentido, diz e escreve-se:

- *Bater a porta*. Fechá-la com força: Furioso, entrou no quarto e *bateu a porta*.
- *Bater à porta*. Bater junto à porta, para que abram ou atendam: "De noite *bateram à porta*, e foi dona Manuela que atendeu". (MARQUES REBELO)
- *Bater na porta*. Dar pancadas na porta ou esbarrar nela: Para acordá-lo, era preciso *bater na porta* do quarto dele.

▪ Chamar

a) Transitivo direto (construído com objeto direto):

O rei *o chamou* à sua presença.

Ninguém *o chamou* aqui, moço. (certo)

Ninguém *lhe chamou* aqui, moço. (errado)

O objeto direto pode vir regido da preposição de realce *por*:

Chamei por você com insistência, não me ouviu?

A menina teve medo e *chamou pela* mãe.

"*Chamou por* um escravo." (MACHADO DE ASSIS)

b) Construído com objeto seguido do predicativo, admite as seguintes regências:

Chamaram-no charlatão.

Chamaram-lhe charlatão.

Chamaram-no de charlatão.

Chamaram-lhe de charlatão.

"Os gregos *chamavam*, desprezivelmente, *metecos* os que não eram de Atenas." (AFRÂNIO PEIXOTO)

"Nós o *chamávamos tiozinho* e brincávamos com ele como um boneco." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"O povo *chamava-o maluco*." (José Lins do Rego)

"Os naturais do lugar *chamam taperás às avezinhas* singulares que ali vão dormir." (Salvador de Mendonça)

"*A nenhuma chamarás Aldebarã*." (Rubem Braga)

"Há umas granadas de mão, redondas e pequenas, *a que chamam laranjas*." (Antônio Gedeão)

"Justino *chamava-a de mãezinha*." (Herman Lima)

"Um sujeito barbudo, dirigindo um fusca, *chamou-o de molenga*." (Lourenço Diaféria)

"Você *chama de espevitada uma pessoa* a quem não conhece." (Carlos Drummond de Andrade)

"No norte do Brasil *chamam ao diabo de cão*, o cão do inferno." (João Ribeiro)

"*Aos nativos* Colombo *chamou de índios*." (Millôr Fernandes)

▪ Chegar

Na língua culta, o adjunto adverbial de lugar do verbo *chegar* é regido da preposição *a*:

Chegamos a [e não *em*] São Paulo pela manhã.

A noiva *chegou à* [e não *na*] igreja às 18 horas.

O lugarejo *a* que *chegamos* fica entre morros.

Vejam *a* que ponto *chegou* a audácia desses criminosos!

"Ao alvorecer devemos *chegar às* portas de Jerusalém." (Eça de Queirós)

Na linguagem coloquial, admite-se a preposição *em*:

Chegamos *em* São Paulo no dia seguinte.

Ele chegou *na* cidade ao meio-dia.

As crianças chegaram *em* casa exaustas.

Os verbos *ir* e *vir* têm a regência de *chegar*. Fomos *a* Belém. Fui *à* feira. Não sei *a* que reunião eles foram. *A* que loja o senhor foi? Vieram *à* cidade fazer compras.

É oportuno lembrar que o verbo *chegar* concorda normalmente com o sujeito:

Chegaram [e não *chegou*] visitas à casa do vizinho.

Chegam a Brasília os novos embaixadores.

Talvez *cheguem* a vinte mil reais as despesas da família.

Que mais ele quer? Não *chegam* [= bastam] os bens que possui?

▪ Contentar-se

Constrói-se com objeto indireto (ou oração objetiva indireta) regido das preposições *com*, *de* ou *em*:

"*Contentam-se com* despedi-los." (Carlos de Laet)

"*Contento-me com* os raios desse ocaso." (Visconde de Taunay)

"*Contentei-me de* responder que não era tarde." (MACHADO DE ASSIS)

"*Contentava-se em* bater palmas de longe." (ANÍBAL MACHADO)

"Não dá aula, *contenta-se em* ir de uma à outra sala." (J. GERALDO VIEIRA)

▪ Custar

a) No sentido de *ser custoso, difícil*, emprega-se na 3ª pessoa do singular, tendo como sujeito uma oração reduzida de infinitivo, a qual pode vir precedida da preposição expletiva *a*:

"*Custa-me* dizer que acendeu um cigarro." (MACHADO DE ASSIS)

"*Custa* muito corrigir um erro." (ANTÔNIO HOUAISS)

"*Custa-lhe* reconhecer um rosto que se aproxima sorrindo." (ANÍBAL MACHADO)

"*Custou-me* muito *a* brigar com Sabina." (MACHADO DE ASSIS)

"*Custa a* crer que uma centena de homens..." (RUI BARBOSA)

Observações:

✔ A construção lógica é a sem preposição. *Custa* [= é custoso] crer que...

✔ Popularmente, usa-se este verbo em todas as pessoas, com as acepções de *ter dificuldade, demorar*: *custo a crer, custas a entender, ele custou a chegar, custamos a acreditar, custais a aceitar, custam a vir, custei a entender*, etc., formas estas ainda não sancionadas pelos gramáticos, embora já apadrinhadas pelos escritores modernos:

"*Custei a* acreditar que fosse goiana." (ORÍGENES LESSA)

"A árvore *custara a* cair." (COELHO NETO)

"*Custas a* vir e, quando vens, não te demoras." (CECÍLIA MEIRELES)

"Como *custaram a* passar os últimos três meses!" (JOSUÉ MONTELO)

"A menina *custou a* aparecer." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

b) Na acepção de *acarretar trabalhos, causar incômodos, sofrimentos, prejuízos*, etc., é transitivo direto e indireto:

A conquista do pão *custa ao pobre* muitos sacrifícios.

A imprudência *custou-lhe lágrimas amargas* e três anos de prisão.

"*Custar-te-emos* contudo *dura guerra*." (LUÍS DE CAMÕES) [custar-te-emos = custaremos a *ti*]

▪ Deparar

Apresenta as seguintes regências:

a) Transitivo direto, significando *dar com, encontrar*:

Nas aflições é tão bom *deparar* alguém que nos ajude!

"Em *deparando* um colega leal, abro-me, ofereço-me até as últimas consequências." (FERNANDO NAMORA)

b) Transitivo indireto (preposição *com*), com a mesma significação:

"O marquês de Luso não *deparou* nunca *com* o inimigo." (CAMILO CASTELO BRANCO)

c) Transitivo direto e indireto, no sentido de *fazer aparecer, apresentar*:

"E pedia ao padre Santo Antônio que *lhe deparasse a cabra perdida*." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"A ciência do naturalista não *deparou a solução ao problema*." (CARLOS DE LAET)

d) Transitivo indireto (preposição *a*) e pronominal no sentido de *apresentar-se, oferecer-se, surgir*, tendo como sujeito a coisa ou a pessoa que se apresenta, que aparece.

Deparou-se enfim *ao rapaz* uma boa oportunidade.

"*Depara-se-lhe* na esquina um velho amigo." (CELSO LUFT)

"*Depararam-se-me* coisas estranhas." (VITÓRIO BERGO)

"As multiplicadas ocasiões que se *lhe deparam* de estudar." (CARLOS DE LAET)

Em resumo, pode-se dizer:

Deparei alguém ou alguma coisa.

Deparei com alguém ou com alguma coisa.

Deparou-se-me alguém ou alguma coisa.

O destino (ou a sorte, o acaso, etc.) *me deparou* alguém ou alguma coisa.

▪ Dignar-se

Seu complemento é regido da preposição *de*, a qual pode ser omitida, sem alteração do sentido da frase:

"Ele azeitava uma espingarda, sem *dignar-se de* levantar os olhos para mim." (OTO LARA RESENDE)

"Rogo a Vossa Excelência *se digne de* expedir suas respeitáveis ordens para que o cadáver seja transportado ao necrotério e se proceda ao corpo de delito." (MACHADO DE ASSIS)

"Quando o cirurgião-chefe *se dignava* terminar seu jantar..." (FERNANDO NAMORA)

"Não *se dignou* abrir os olhos." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

Digne-se Vossa Excelência ouvir as razões de minha renúncia.

▪ Ensinar

Admite, entre outras, as duas seguintes regências:

a) *Ensino* a dança *a* João. *Ensino-lhe* a dança.

"Mande *ensinar-lhe* Medicina." (MACHADO DE ASSIS)

"Vou *ensinar-lhe* o caminho." (ANTÔNIO HOUAISS)

b) *Ensino João a* dançar. *Ensino-o a* dançar.

"*Ensinou o primeiro rei português a* ser honrado." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"... para *ensiná-lo a* respeitar o 5º mandamento." (VALENTIM MAGALHÃES)

"*Ensina-o a* converter cada espinho em flor." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"*Ensinei-a a* libertar-se das amarras..." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

"Gomes Carneiro o *ensinará a* amar o índio." (EDILBERTO COUTINHO)

- **Entreter-se** (= divertir-se, ocupar-se)

Seu complemento é regido das preposições *a*, *com* ou *em*:

De noite *entretinha-se a* ouvir música.

As crianças *entretiveram-se com* seus brinquedos.

Às vezes *nos entretínhamos em* recordar o passado.

- **Esquecer** e **lembrar**

a) Estes verbos admitem as seguintes construções:

Esqueci o nome dele.	*Lembro* um caso antigo.
Esqueci-me do nome dele.	*Lembro-me de* um caso antigo.
Esqueceu-me o nome dele.	*Lembra-me* um caso antigo.

O que nas duas primeiras construções é objeto, passa a sujeito na terceira: "O nome dele esqueceu-me", isto é, "apagou-se da memória", "saiu da lembrança".

Essa última construção, corrente entre portugueses, é menos conhecida no Brasil, onde a usaram os nossos escritores clássicos:

"*Esqueceu-me* o teu nome." (CÂNDIDO DE FIGUEIREDO)

"Nunca *me esqueceu* esse fenômeno." (MACHADO DE ASSIS)

"*Lembra-me* que não chorei." (MACHADO DE ASSIS)

"Ainda *me lembram* as palavras dele." (MÁRIO BARRETO)

"*Esqueceu-me* comunicar-lhe que..." (CIRO DOS ANJOS)

"*Esqueceram-lhe* os dias felizes." (*Aurélio*)

Observação:

✔ Esse último tipo de construção ocorre com outros verbos, como *admirar*, *alegrar*, etc:

Admira-me que Aurélio não tenha vencido a luta.

"Não admira que ela me preferisse." (MACHADO DE ASSIS)

Alegra-me saber que sua empresa vai de vento em popa.

É corrente em Portugal e raro no Brasil o emprego de *esquecer* como verbo intransitivo, na acepção de "apagar-se da memória", "cair no esquecimento":

Os fatos acontecem, passam e *esquecem*.

"As particularidades da guerra *esqueceram* com o decurso dos anos." (ALEXANDRE HERCULANO)

b) Na língua culta são consideradas errôneas as construções "esquecer de alguém", "esquecer de alguma coisa", "lembrar de alguém", "lembrar de alguma coisa", com os verbos despronominados, como nas frases:

Esqueci de meu compromisso [ou do livro, ou de minha promessa].

Você *esqueceu de* nós?

Meu pai *esqueceu de* ir à reunião.

Eles *esqueceram de* que era feriado.

Ele não *lembrou de* seu amigo [ou de sua promessa].

Não *lembrei de* que era feriado [ou de pagar a conta].

Construções corretas, na língua culta:

Esqueci-me de meu compromisso [ou do livro, da promessa].

Meu pai *esqueceu-se de* ir à reunião.

Ele não *se lembrou de* seu amigo [ou do livro, da promessa].

Não *me lembrei de* que era feriado [ou de pagar a conta].

Em síntese, na língua culta, os verbos *esquecer* e *lembrar*, quando usados com a preposição *de*, são pronominais:

"*Esquecia-me*, porém, *de* que ignorava a sua real medida." (NÉLIDA PIÑON)

"*Lembra-te*, Belmiro, *de* que essas bodas são impossíveis." (CIRO DOS ANJOS)

"*Esquecia-me de* dizer que, à noite passada, ouvimos novamente esturros de onça." (GASTÃO CRULS)

c) Usados como transitivos diretos, eis como se devem construir esses verbos:

Esqueça essa mulher. *Esqueça-a*.

Não *esqueçamos que* [e não *de que*] a saúde tem seu preço.

Ele *esqueceu como* [e não *de como*] se abre o cofre.

O professor *lembrou a* [e não *da*] importância do voto.

Ele *lembrou que* [e não *de que*] é importante votar.

A casa, os móveis, o jardim, tudo *lembrava* nossa mãe.

Tudo *a lembrava*, a casa, os móveis, o jardim...

▪ Implicar

a) No sentido de *trazer como consequência, acarretar*, é verbo transitivo direto, isto é, constrói-se com objeto direto:

A assinatura de um contrato *implica* a aceitação de todas as suas cláusulas.

O desrespeito às leis *implica* sérias consequências.

O Congresso rejeitará medidas que *impliquem* aumento de impostos.

"Não há máquina que não *implique* aplicação maior ou menor de ferro." (MONTEIRO LOBATO)

Nesta acepção, é censurada a regência indireta (preposição *em*), como na frase:

A quebra de um compromisso *implica em* descrédito.

b) Constrói-se com dois complementos, no sentido de *envolver, enredar, comprometer*:

Negócios ilícitos o *implicariam em* vários crimes.

Falsos amigos *implicaram* o jornalista na conspiração.

c) Na acepção de *promover rixas, mostrar má disposição para com alguém*, é transitivo indireto:

Ele era uma criatura que *implicava com* todo o mundo.

▪ Informar

Apresenta as seguintes regências:

a) Infelizmente não posso *informá-lo* agora.

b) O ministro *informou o povo sobre* a (ou *a respeito da*) situação financeira do país.

"*Informou-me sobre* o caminho para Andorra." (Ferreira de Castro)

c) *Informei-me do* preço das mercadorias.

"Informe-se com o ascensorista." (*Dicionário Mirador*)

d) O general *informou-se* minuciosamente *sobre* a posição das tropas inimigas.

e) "Em todas as povoações *o informavam de* que o duque passara duas horas antes." (Camilo Castelo Branco)

Informamos os interessados de que as inscrições estão abertas.

f) "Apenas *lhe informaram* que os bens de Domingos Leite haviam sido confiscados." (Camilo Castelo Branco)

Não *lhe* posso *informar* se este imóvel está à venda.

"Seu emissário *lhe informara* que a busca da bomba..." (Érico Veríssimo)

g) "Este é um jornal que *informa*." (*Aurélio*)

h) O cidadão nem sempre *é informado sobre* os seus direitos.

Observação:

✔ Muitos gramáticos tacham de incorreta a construção **f** (informou-lhe que...), só admitindo a **e** (informo-o de que...). Assim também para o verbo avisar: "Aviso-o de que desisti", preferível a "Aviso-lhe que desisti".

▪ Investir

a) No sentido de *dar posse* ou *investidura, empossar*:

O governo *o investiu no* cargo de presidente da empresa.

Ele *foi investido nas* funções de ministro.

"O barbeiro declarou que *estava investido de* um mandato público." (Machado de Assis)

b) Na acepção de *fazer investimentos, empregar dinheiro*:

A empresa *investiu* ali enormes capitais.

Ele *investe* parte dos lucros *em* pesquisas científicas.

Investir em tecnologia, *na* compra de ações, *em* imóveis, etc.

c) No sentido de *atacar, acometer, arremeter,* pode ser:

- transitivo direto:

  "Quando a onda *investe* a praia." (MACHADO DE ASSIS)

- transitivo indireto (preposição *com* ou *contra*):

  "Sanción, seguido de seus nove companheiros, *investiu* com os árabes." (ALEXANDRE HERCULANO)

  "*Investia* como um cego *contra* as paredes." (CAMILO CASTELO BRANCO)

  O touro, enfurecido, *investiu contra* (ou *com*) o toureiro.

▪ Lembrar

Veja *esquecer.*

▪ Morar

a) Antes do substantivo *rua* e de outros que designam logradouros públicos, usa-se morar com a preposição *em*, devendo-se evitar a preposição *a*:

João *mora na* Rua Itu (e não *à* Rua Itu).

"Eu *morava na* Rua do Bispo, numa casa de azulejo de quatro andares." (CAMILO CASTELO BRANCO)

Morávamos na Av. Brasil.

Meus tios *moram na* Praça Tiradentes.

A rua *em* que *moramos* fica na periferia da cidade.

Em que rua você *mora*? – *Moro na* antiga Rua Montenegro, em Ipanema.

b) A preposição *a* tem cabimento em construções do tipo:

Moro a cem metros da estrada.

Morávamos a pouca distância da praia.

▪ Namorar

a) A regência correta é *namorar alguém* e não *namorar com alguém*:

Joaquim *namorava* a filha do patrão.

Ela *namora* um oficial da Marinha.

Trabalha com a atriz, mas não *a namora*.

"Nem sei mesmo explicar por que ele *namora* a filha do chefe de Seção, que é de condição modesta." (CIRO DOS ANJOS)

"Ele também *namorou-a* publicamente, defronte do palacete dos Vargas." (EÇA DE QUEIRÓS)

"O capitão Nonato *namorava* a mulher de quem queria." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"... como se quisessem *namorar* todas as moças da vizinhança." (MACHADO DE ASSIS)

Observação:

✔ Embora defendida por alguns dicionaristas, não se recomenda a regência indireta *namorar com alguém*.

b) Usa-se *namorar* também nas formas intransitiva e pronominal:

Aos doze anos ele já *namorava*.

O conde *namorou-se (ou, mais usual, enamorou-se)* da princesa.

Na festa, vimos meninas e rapazes *namorando-se*.

"*Namorei-me da* filha dele, D. Rufina, moça de dezenove anos." (MACHADO DE ASSIS)

▪ Obedecer

Constrói-se, modernamente, com objeto indireto:

Os filhos *obedecem aos* pais.

O filho *obedece-lhes* em tudo.

Os corpos *obedecem à* lei da gravidade.

"Os passeios sempre *obedeciam a* horários." (MARIA DE LOURDES TEIXEIRA)

"Os coqueiros eram senhores *a* que os trabalhadores *obedeciam*." (LÊDO IVO)

Observações:

✔ Embora transitivo indireto, admite a forma passiva:

Os pais *são obedecidos* pelos filhos.

✔ O antônimo *desobedecer* tem o mesmo regime.

✔ Autores modernos constroem o verbo *obedecer* também como objeto direto:

"Eu devia *obedecer minha mãe* em tudo." (JOSÉ J. VEIGA)

▪ Pagar

Admite as seguintes regências:

a) Pagar alguma coisa:

Ele *pagou* a conta e saiu.

Sabe que tem débitos, mas não *os paga*.

"O suborno envilece tanto a mão que o *paga* como a que recebe." (RUI BARBOSA)

b) Pagar a alguém:

Ela ainda não *pagou ao* médico. Vai *pagar-lhe* hoje.

"*Pagava* com pontualidade exemplar *ao* alfaiate e *ao* merceeiro." (ALEXANDRE HERCULANO)

"Corria o risco de se arruinar e não poder *pagar aos* credores." (CIRO DOS ANJOS)

"A mulher do seleiro *pagou-lhe* e ele arrumou-se para sair." (JOSÉ LINS DO REGO)

"Mas Rosinha não precisava saber que o jornal *lhe pagara*." (ORÍGENES LESSA)

Na linguagem informal, neste caso, usa-se geralmente objeto direto: *pagar o médico, pagar os empregados, pagar o colégio.*

c) Pagar alguma coisa a alguém:

Paguei a consulta diretamente ao médico.

Paguei-lhe a consulta com um cheque.

d) Pagar por alguma coisa:

Pagou caro pelos seus crimes.

Quanto *pagou* pela hospedagem?

e) Pagar (sem complemento):

Muitos assistem aos jogos sem *pagar*.

▪ Perdoar

Apresenta as seguintes regências:

a) Transitivo direto, com objeto direto de coisa:

Deus *perdoe* nossos pecados.

Não é fácil *perdoar* ofensas.

Nos clássicos e em escritores modernos aparece, frequentemente, com objeto direto de pessoa:

"O ilustre Persa levemente *o perdoa*." (LUÍS DE CAMÕES)

"Ajoelhou-se ao pé do oratório, os olhos na Virgem do Carmo, para pedir à santa, mais uma vez, que *a perdoasse*." (JOSUÉ MONTELLO)

"Sentia-se forçado a *perdoá-la*." (AMANDO FONTES)

"Nunca mais *a perdoaria*." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

"Queria perdoá-lo, embora com dúvidas, pois sabia que esse homem era um enigma." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

"Deus *o perdoe* e o tenha." (RICARDO RAMOS)

"Ela é Maria e Deus *a perdoe* por não odiar o mar." (ADONIAS FILHO)

"Bruna não *a perdoaria* nunca, se a visse assim." (LÍGIA FAGUNDES TELLES)

b) Transitivo indireto, com objeto indireto de pessoa:

"... *perdoava aos* meus devedores." (MACHADO DE ASSIS)

"Dizei-lhe que *lhe perdoei*." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"A potranquinha bravia ainda não *lhe perdoara*." (CIRO DOS ANJOS)

"Se quisessem, elas *lhes perdoariam*." (GERALDO FRANÇA DE LIMA)

Observação:

✔ Como o verbo *obedecer*, admite a forma passiva:

Ambos *foram perdoados* pelo rei.

Perdoai, para *serdes perdoados*.

"Muita coisa *se perdoa* aos automóveis e aos tufões." (CECÍLIA MEIRELES)

c) Transitivo direto e indireto, com objeto direto de coisa e indireto de pessoa:

Perdoei a dívida ao pobre homem.

Ela não *lhes perdoará* o desprezo com que a tratam.

"*Perdoava-lhe* a ingratidão." (MÁRIO BARRETO)

d) Intransitivo:

Quem não *perdoa* não merece perdão.

▪ Permitir

a) Exige objeto indireto de pessoa:

A empregada *permitiu ao repórter* que entrasse.

O telescópio *permite ao homem* devassar o universo.

b) Constrói-se com o pronome *lhe* e não *o*:

A empregada *permitiu-lhe* que entrasse.

c) Não se usa a preposição *de* antes de oração infinitiva:

O pai lhe *permite sair* sozinha (e não *de sair sozinha*).

Não nos *permitiram permanecer* no local.

Não posso *permitir-me*, sem justo motivo, *infringir* as leis.

▪ Precisar

a) No sentido de *ter necessidade, necessitar,* constrói-se, indiferentemente, com objeto direto ou indireto, mas a língua hodierna tem preferência por este último complemento:

O país *precisa de* agrônomos. Quem não *precisa deles*?

"*Precisava* fazenda macia, pulseiras de ouro." (GRACILIANO RAMOS)

"Mas não há órfã que tanto amparo *precise*." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Um poeta *precisa* apenas *de* lápis e uma folha de papel..." (MANUEL BANDEIRA)

Nas construções em que *precisar* vem acompanhado de infinitivo, pode-se usar a preposição (de); a língua moderna, porém, tende a dispensá-la:

"*Precisava de* amar ardentemente..." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"*Precisavam* ser duros, virar tatus." (GRACILIANO RAMOS)

"Estava esgotado, *precisava* refazer as forças." (ANÍBAL MACHADO)

"*Precisava* ter a cabeça fria." (ANÍBAL MACHADO)

"Essas terríveis pequenas não *precisam de* falar para se entenderem." (CIRO DOS ANJOS)

Eles são ricos, não *precisam* trabalhar tanto.

b) Às vezes usa-se na voz passiva, outras, com sujeito indeterminado:

Precisa-se de bons médicos. [sujeito indeterminado]

Precisa-se de muitos conhecimentos para ser bom professor.

"*Precisam-se* mais conhecimentos para o ler que para o escrever." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Hoje o que mais *se precisa* é *de* silêncios que interrompam o barulho." (MÁRIO QUINTANA)

c) Emprega-se também, na fala popular, como intransitivo, na acepção de *ser necessário*:
Não *precisa* vocês virem tão cedo.
Eram insetos nocivos. *Precisava* que alguém os exterminasse.

d) É transitivo direto no sentido de *indicar com exatidão*:
Ele diz que perdeu muito dinheiro, não sabe *precisar* a quantia.

▪ Preferir

Como transitivo direto e indireto, exige a preposição *a*:
O prisioneiro *preferiu* a morte *à* escravidão.
Prefiro um inimigo declarado *a* um falso amigo.
"*Prefere* ser escravo *a* combater." (Mário Barreto)
"É o que eu faria, se ela me *preferisse a* você." (Antônio Olavo Pereira)
"Tive uma suspeita e *preferi* dizê-la *a* guardá-la." (Machado de Assis)
"*A* se apresentar malvestida *prefere* não ir." (Ciro dos Anjos)
"*Prefere* rezar na mais humilde das igrejas *a* ir rezar na Acrópole." (Agripino Grieco)

Observação:

✔ Esse verbo não se constrói com a locução conjuntiva *do que* nem com o advérbio *mais*:

Prefiro trabalhar *a* passar fome. (certo)
Prefiro trabalhar *do que* passar fome (errado)

Não quero café, *prefiro* a limonada. (certo)
Não quero café, *prefiro mais* a limonada. (errado)

▪ Presidir

Pode ser construído, indiferentemente, com objeto direto ou objeto indireto (preposição *a*):
Presidir ao congresso (ou o congresso).
"Oh, tu, Diana, que *presides ao* destino das nuvens errantes..." (Rubem Braga)
"A bela infanta viera *presidir ao* banquete de seus ricos-homens." (Alexandre Herculano)
"... nalgum tribunal superior, *a* que *presidisse* com beca romana e frases latinas." (Aníbal Machado)
"Dir-se-ia que *presidiam a* uma inquirição." (Fernando Namora)
"O promotor Espínola *preside* a cerimônia." (Ciro dos Anjos)
"Não se sabe ainda quem *presidirá* o país." (Aurélio Buarque de Holanda)
"... os que fizeram o sacrifício de *presidi-la*." (Carlos Drummond de Andrade)
"O banquete *era presidido* pelo Simpatia..." (José J. Veiga)

Observação:

✔ São, portanto, igualmente aceitáveis as construções *presidir a sessão, presidi-la, presidir à sessão, presidir a ela, a sessão foi presidida por fulano.*

▪ Prevenir

Admite as seguintes construções:

A prudência *previne as desgraças.*

Preveni meu irmão.

Devo *preveni-lo.*

Quero *preveni-los do* perigo.

"A sua intuição *preveniu-a* de uma ameaça." (FERNANDO NAMORA)

Preveniu o dono contra o ataque dos indígenas.

Previno-a de que você encontrará dificuldades.

"Devo *prevenir-te* que não venho disposto para fazer via-sacra." (CAMILO CASTELO BRANCO)

Preveniu-se para a luta.

"Eles *se preveniram contra* o inimigo." (J. MESQUITA DE CARVALHO)

▪ Proceder

a) É intransitivo no sentido de *ter fundamento*:

O depoimento da testemunha *procedia.*

"Como a queixa não *procedia*, ela foi arquivada." (CELSO LUFT)

"Esse argumento não *procede*." (CALDAS AULETE)

Não *procedem* as acusações que lhe fazem.

Também é intransitivo na acepção de *comportar-se, agir*:

A senhora *procedeu* bem.

Procedi de acordo com a lei.

O menino *procedia* mal na escola.

Proceda de maneira que não levante suspeitas.

b) Constrói-se com preposição *de*, na acepção de *originar-se, provir, derivar, descender*:

Da ambição humana *procedem* muitos males.

"A língua portuguesa *procede do* latim." (J. MESQUITA DE CARVALHO)

"O Espírito Santo *procede do* Pai e *do* Filho." (*Dicionário Mirador*)

c) Usa-se como transitivo indireto, com a preposição *a*, no sentido de *dar início, levar a efeito, realizar*:

"Entretanto, *procedeu-se ao* inventário dos objetos." (MACHADO DE ASSIS)

Aberta a sessão pelo presidente, o secretário *procedeu à* leitura da ata.

"Depois convidou-os a *procederem à* nomeação do secretário." (J. FELÍCIO DOS SANTOS)

O inquérito *a* que se *procedeu* nada apurou.

▪ Querer

a) Significando *desejar*, pede objeto direto:

Ele não *a quis* para esposa.

"Eu *o quero* obediente e aplicado!" (J. MESQUITA DE CARVALHO)

b) Com a significação de *amar* ou *ter afeto a alguém* ou *alguma coisa*, usa-se como objeto indireto da pessoa ou coisa a que se quer bem:

Do filho que muito *lhe quer*. (nas cartas)

"Jurou que *lhe queria* muito." (MACHADO DE ASSIS)

"Os jesuítas *queriam* muito *ao* noviço." (ADOLFO CAMINHA)

▪ Residir

Como o seu sinônimo *morar*, constrói-se *residir* com a preposição *em* e não *a*, tanto no sentido próprio como no figurado:

O médico *residia na* [e não *à*] Rua Santana.

Residíamos em Copacabana, *na* Av. Atlântica.

A força de uma nação *reside na* capacidade de seus homens.

Observação:

✔ *Residente* e *residência* têm a mesma regência de *residir*:

Vítor Silva, *residente na* Rua Estrela, nº 20, não foi encontrado em casa.

O cantor fixou *residência na* Rua Castro Alves.

▪ Responder

Registramos apenas as construções que merecem atenção.

a) Responder alguma coisa a alguém:

O senador *respondeu ao* jornalista que o projeto do governo sofreria emendas.

Respondeu-lhe que o projeto sofreria emendas.

b) Responder a uma carta, a uma pergunta, a um questionário, etc.:

Ele desconversou, não *respondeu à* pergunta que lhe fiz.

Na prova, ela *respondeu a* todas as questões.

"Não *respondo a* tais cartas." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Natural é que o leitor faça tais perguntas, *às* quais temos obrigação de *responder*." (ALEXANDRE HERCULANO)

"O silêncio *respondeu* sempre *às* sátiras petulantes." (REBELO DA SILVA)

"Ao cabo de alguns meses, Capitu começara a escrever-me cartas, *a* que eu *respondi* com brevidade e sequidão." (MACHADO DE ASSIS)

"Quem *responderá a* essa póstuma chamada?" (CECÍLIA MEIRELES)

"O jornaleiro, já se vê, não é obrigado a *responder a* perguntas desta natureza." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

"Sangue e rios de tinta ainda não *responderam a* essa pergunta." (ROBERTO CAMPOS)

Observação:

✔ Não tem tradição na língua e deve ser evitada a regência direta: responder uma carta; responder uma pergunta; responder as dúvidas dos leitores, etc.

✔ Desaconselhado é também usar *responder* na voz passiva:

As cartas *eram respondidas* pela secretária.

Essas cartas ainda não *foram respondidas*?

Diga-se: Era a secretária que *respondia às* cartas.

Não *se respondeu* ainda *a* essas cartas?

c) Responder por alguma coisa:

Cada um *responde pelos* seus atos.

▪ Reverter

Eis os significados e as regências deste verbo:

a) Voltar ao primitivo estado ou ao que foi antes, regressar:

O homem *reverterá ao* pó.

João, funcionário aposentado, *reverteu à* ativa.

"... *revertendo ao* modo de viver de seus antepassados." (VIANA MOOG)

b) Voltar para a posse de alguém:

O imóvel *reverterá ao* legítimo dono.

c) Redundar em, destinar-se, converter-se:

A renda do espetáculo *reverterá em* benefício dos desabrigados.

Observação:

✔ É incorreto o uso deste verbo no sentido de *mudar*, *inverter*: *reverter* uma situação ruim; *reverter* uma expectativa má. Monteiro Lobato escreveu corretamente: "E a coisa se perpetuará assim, se o Presidente da República não *inverter* a situação". (*O Escândalo do Petróleo e do Ferro*, p. 178)

▪ Simpatizar

Pede objeto indireto regido da preposição *com*:

Não *simpatizei com* ele nem *com* as suas ideias.

Há pessoas *com* quem não *simpatizamos*.

"O país inteiro *simpatizou com* este princípio." (Rui Barbosa)

Observações:

✔ Este verbo não é pronominal. Não se dirá, portanto, simpatizei-me com ele, mas simpatizei com ele.

✔ Tem o mesmo regime o antônimo *antipatizar*: "Quando fomos apresentados, não antipatizei com ele". (Olavo Bilac)

▪ Subir

Atente-se para as seguintes construções:

Sobem ao céu rolos de fumaça.

"*Sobe* [o apóstolo] *ao* púlpito das igrejas do sertão." (Euclides da Cunha)

"Às vezes *sobe aos* ramos da árvore." (José de Alencar)

"Chegou a sua vez de *subir ao* lotação." (Raquel de Queirós)

"Chegou até *subir no* banco..." (José Condé)

"*Sobe* à pressa *nas* aspas do monte." (Gonçalves Dias)

"*Subira pela* escada de Jacó até o céu." (Machado de Assis)

"Foi *subindo a* Rua de São José." (Machado de Assis)

"Luís Garcia punha-a no chão, tornava a *subi-la aos* joelhos." (Machado de Assis)

Pode-se dizer, portanto, *subir a* ou *subir em* alguma coisa.

A preposição *a* é de rigor nas expressões "subir ao céu", "subir à cabeça", "subir ao trono", "subir ao poder", consagradas pelo uso.

▪ Suceder

No sentido de *vir depois, substituir, ser sucessor,* emprega-se, modernamente, com objeto indireto regido da preposição *a*:

"A República *sucedeu à* Monarquia." (Cândido de Figueiredo)

A noite *sucede ao* dia, o descanso *ao* trabalho.

À tempestade *sucedeu* a bonança.

Tibério *sucedeu a* César.

Morto Nero, *sucedeu-lhe* Galba, senador da velha nobreza.

"Outro alagoano, o briosíssimo marechal Floriano Peixoto, *sucedeu a* Deodoro da Fonseca." (Ledo Ivo)

"Abul-Hassan-Ali *sucedera a* seu pai no vasto império da Mauritânia." (Alexandre Herculano)

"Luís II morreu em 1949, *sucedendo-lhe* seu neto Rainier III." (Ferreira de Castro)

"*À* longa apatia de tantos meses *sucedia* uma inesperada atividade." (Almeida Garrett)

Observação:

✔ Nota-se, na língua hodierna, tendência para dar a *suceder* objeto direto: "Nem o menino nem o homem, que *o sucedeu*, nunca puderam odiar." (POVINA CAVALCÂNTI)

"O Presidente Médici anunciará, finalmente, quem é que está apontado para *sucedê-lo*..." (*Jornal do Brasil*, 18/6/1973)

✔ O antônimo *preceder* usa-se, indiferentemente, com objeto direto ou indireto: Um vento forte *precedeu o* (ou *ao*) temporal. O ministro que *o* (ou *lhe*) *precedeu* no cargo era apolítico. "Pode-se dizer que o negro *precede* ao índio no trabalho agrícola organizado pelo branco." (OLIVEIRA VIANA)

▪ Tocar

a) Na acepção de *pôr a mão em, ter contato com*, diz-se, indiferentemente, *tocar alguém* ou *tocar em alguém, tocar uma coisa* ou *tocar em uma coisa*:

A mãe não deixava a criança *tocar o* (ou *no*) gato.

Acreditavam que, se *tocassem o* (ou *no*) santo, ficariam curadas.

Acreditavam que, se *o* (ou *lhe*) *tocassem*, ficariam curadas.

Acreditavam que, se *tocassem nele*, ficariam curadas.

"Soltou um gemido agudo e pronto, com se *lhe houvessem tocado* com um ferro em brasa." (ALEXANDRE HERCULANO)

b) No sentido de *comover, sensibilizar*, usa-se com objeto direto:

A notícia da morte do amigo *o tocou* profundamente.

Meus gestos de solidariedade sempre *a tocavam* muito.

c) Constrói-se com objeto indireto nas acepções de:

- *caber por sorte* ou *partilha*:

  Não é fácil a tarefa que *lhe tocou*.

  Tocaram-lhe, de herança, um terreno e uma casa.

- *Ser da competência de, caber, competir*:

  Toca ao Presidente da República nomear os seus ministros.

  A ele é que *toca* aprovar ou vetar os projetos do Legislativo.

  Foi o jogador que causou o acidente: *toca-lhe* agora indenizar as vítimas.

▪ Visar

▪ É transitivo direto no sentido de:

a) *dirigir a pontaria, apontar arma de fogo contra*:

"Se *visaram* este alvo..." (MÁRIO BARRETO)

"Filipe dos Santos ficou imobilizado por dezenas de bacamartes que *visavam* o seu peito." (VIRIATO CORREIA)

"De dentro, alguém atirava, procurando *visar* Horácio no meio dos capangas." (JORGE AMADO)

b) *pôr o visto em*:

As autoridades *visaram* o passaporte.

O banco *visou* o cheque.

"*Visar* um passaporte para lá é difícil, numa emergência dessas." (José Geraldo Vieira)

- Na acepção de *ter em vista, ter como objetivo, pretender, objetivar,* rege objeto indireto (preposição *a*):

As medidas *visavam ao* restabelecimento da ordem pública.

A que *visariam* eles com tanto alarde?

Não devemos *visar* apenas *ao* progresso material.

"Quem sabe se aquele homem não *havia* particularmente *visado à* sua [= dela] fortuna, *aos* bens que lhe constituíam quantioso dote?" (Visconde de Taunay)

"... os conspiradores presos *visavam* provavelmente *a* estabelecer a internacional socialista." (Camilo Castelo Branco)

Entretanto, nessa última acepção, não é sintaxe condenável dar ao verbo *visar* objeto direto. Dicionaristas modernos acolhem e bons escritores abonam essa regência. Exemplos:

"Oito dias depois, *visando* o meu completo restabelecimento, decidi seguir para o extremo norte." (Gastão Cruls)

"Estas páginas *visam* mostrar os perigos que ameaçam a concepção natural e cristã da família." (Alceu Amoroso Lima)

"Muitos movimentos populares registrados em Mônaco *visavam* combater certa preferência..." (Ferreira de Castro)

"Todos os seus atos, todos, *visavam* um interesse pecuniário." (Aluísio Azevedo)

3 CASOS ESPECIAIS DE REGÊNCIA VERBAL

Complementos de termos de regências diferentes

Examinemos o seguinte exemplo:

"Não há mais que uma só verdadeira justiça, que *em* Deus reside, e *de* Deus emana." (Antônio de Castilho)

Esse período também pode ser construído assim:

Não há mais que uma só verdadeira justiça, que *em* Deus reside e *Dele* emana.

Mas não seria correto dizer:

Não há mais que uma só verdadeira justiça, que *em Deus reside e emana*.

É que o verbo *residir* pede a preposição *em*, e *emanar*, a preposição *de*.

Todavia, por concisão, pode-se, em certos casos, dar um complemento comum a verbos de regência diferente:

"Na companhia desta sua tia ficara Rosa, enquanto o cônego *ia* e *vinha de Lisboa*." (Camilo Castelo Branco)

[Em vez de: enquanto o cônego *ia a Lisboa* e *vinha de Lisboa*.]

Os devotos *entravam* e *saíam da igreja*.

[Em vez de: Os devotos *entravam na igreja* e *saíam dela*.]

"Semanalmente *entram* e *saem* navios *dos portos aliados*." (Rui Barbosa)

"Todos esses letrados não *sabiam* ou não *tinham a coragem de ser humanos*." (Fernando Namora)

"Fui o príncipe *contra o qual armaste exércitos* e *destronaste*." (Coelho Neto)

"Não *se recorda* ou não *sabe que perdeu uma carta*?" (Machado de Assis)

Semelhantemente (isto é, dando o mesmo complemento a termos de regências diferentes), podemos dizer, por concisão:

Você é *a favor* ou *contra esta lei*? [Você é a favor *desta* lei ou *contra* ela?]

Choveu *antes, durante* e *depois da festa*.

Ela fala o inglês *tão bem* ou *melhor que* o marido.

São muito inteligentes; *tanto* ou *mais do que* o pai.

▪ Deslocamento de preposições

Em vez de dizer:

O *de* que ela mais gostava era (de) passear a cavalo.

"O *de* que nós nos devemos convencer é que possuir uma língua não significa gerá-la." (Sílvio Elia)

prefere-se, em geral, construir:

Do que ela mais gostava era (de) passear a cavalo.

Do que nós nos devemos convencer...

"*Do* que ele principalmente se convencera era da inutilidade de todo o esforço." (Eça de Queirós)

Do que os países não podem prescindir é de petróleo.

"*Do* que eu tenho medo é que as hemoptises voltem." (Fernando Namora)

"*Do* que ele menos se lembrava era da perfídia que os inspirou." (Machado de Assis)

"*Do* que não desconfiavam era de sua estranha e espantosa capacidade de trabalho." (Álvaro Lins)

"Os outros sabiam muito bem *com* o que poderiam contar." (Fernando Namora)

A anteposição da preposição (que rege uma oração adjetiva) ao pronome demonstrativo *o*, de que resulta, geralmente, uma contração, tem a vantagem de tornar a frase mais leve e eufônica. É opcional repetir a preposição *de* após o verbo *ser*.

Outros exemplos:

Não sei *no* que está pensando. [Não sei o *em* que está pensando.]

Alguém o ameaçou de matá-lo, *ao* que ele calmamente respondeu que era cedo para morrer. [*ao* que = o *a* que]

"Ordena-lhes que deponham as armas, *no* que é prontamente obedecido." (J. FELÍCIO DOS SANTOS)

"Só os seus conhecidos antigos o chamavam de Olímpio, *do* que ele não gostava, me confessou Alfredo." (AUTRAN DOURADO)

▪ Dar-se ao trabalho ou dar-se o trabalho?

Ambas as construções são aceitáveis, mas a primeira é a que sempre mereceu a preferência dos bons escritores:

"Sabia-se que ele escrevia, mas pouca gente *se dava ao trabalho* de ver o que era." (JOSÉ J. VEIGA) [*dar-se a* = entregar-se a]

"Quem *se der ao trabalho* de consultar esse capítulo verá que..." (CIRO DOS ANJOS)

"Algumas dessas pessoas – todas de nível intelectual elevado – *se deram ao trabalho* de vir de Lisboa e de Ontário..." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

"O homem *dera-se ao trabalho* de contar..." (CECÍLIA MEIRELES)

"Os outros bichos não *se davam mais o trabalho* de aproximar-se da caverna." (VIVALDO COARACI) [*dar-se* o trabalho = *dar a si* o trabalho]

"Eu quis perguntar por que ele *se tinha dado o trabalho* de fazer aquilo tudo..." (RICARDO RAMOS)

Ela nem *se dá o trabalho* de responder à pergunta." (ÉRICO VERÍSSIMO)

Variantes: *dar-se ao incômodo* ou *dar-se o incômodo, poupar-se ao trabalho* (ou *ao incômodo*) ou *poupar-se o trabalho* (ou *o incômodo*). Há exemplos de ambas as construções nos escritores modernos. O mesmo ocorre com *dar-se ao luxo.*

Ela *dava-se ao luxo* (ou *o luxo*) de ter dama de companhia.

▪ Propor-se alguma coisa ou propor-se a alguma coisa?

O verbo *propor-se*, no sentido de *ter em vista, dispor-se a,* pode ser construído com ou sem a preposição *a*, indiferentemente:

Eu *me propus* livrá-lo de uma situação difícil.
Eu *me propus a* livrá-lo de uma situação difícil.

Este foi o objetivo *que* o Governo *se propôs.*
Este foi o objetivo *a que* o Governo *se propôs.*

"Não *me proponho a* ajudá-lo, porque sou seu irmão em falta de jeito." (RUBEM BRAGA)

"Tratava-se de uma indústria que *se propunha a* substituir o azeite de oliva importado." (POVINA CAVALCÂNTI)

"É esse desafio que o novo plano de saúde *se propõe* vencer." (*Manchete,* Brasil 73, pág. 208)

"... um ativista que *se propõe* lutar pelas reformas da sociedade." (MOACIR WERNECK DE CASTRO)

"O PBJ é um partido nacionalista que *se propõe* converter a Índia numa nação hindu." (OLGA SAVARY, *Vislumbres da Índia*, p. 107, trad.)

▪ Passar revista a ou passar em revista?

Ambas as construções aparecem nos escritos de bons autores, sendo que a segunda, com mais frequência:

"O certo é que ali com efeito *passara* o imperador D. Pedro *a sua última revista ao* exército liberal." (ALMEIDA GARRETT)

"*Passava revista a* tudo aquilo que havia anos sonhava possuir." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

"Para designar o seu sucessor, o leão *passou em revista* as qualidades, os requisitos, as prerrogativas de todos os animais." (VIVALDO COARACI)

O general *passou* a tropa *em revista*.

Observação:

✔ *Passar em revista* é cópia do francês *passer en revue*. Em português clássico se diz: *passar revista a* uma casa, *a* um depósito, *a* uma tropa.

▪ Em que pese a

Expressão concessiva que significa *ainda que custe a, apesar de, não obstante*:

"*Em que pese aos* inimigos do paraense, sinceramente confesso que o admiro." (GRACILIANO RAMOS)

"*Em que pese aos* seus oito batalhões, magnificamente armados, a luta era desigual." (EUCLIDES DA CUNHA)

"Parece que todos os cachorrinhos são iguais, *em que pese à* vaidade ou *à* ternura cega dos donos." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

Há quem condene converter o objeto indireto em sujeito e construir:

Todos os cachorrinhos são iguais, *em que pese a* opinião *dos donos*.

A máquina estatal mostra-se ineficiente, *em que pesem* as afirmações do governo.

Trata-se de uma locução evoluída, abonada por bons escritores, mas admissível apenas quando o sujeito é nome de coisa: em que pese sua *capacidade*, em que pesem seus *esforços*. Havendo referência a nome de pessoa, deve-se usar a construção original *em que pese a*, como no exemplo inicial de Graciliano Ramos.

EXERCÍCIOS LISTA 55

1. Escreva as frases abaixo e classifique os verbos:

(1) transitivos diretos	Assisti à luta.	Nós a prevenimos.
(2) transitivos indiretos	Assisti a vítima.	A neta lhe obedece.
(3) transitivos diretos e indiretos	Eu o convidei.	Perdoei-lhe a dívida.
	Demos pão ao pobre.	Ela os advertiu.
	Demos-lhes comida.	Todos gostam dela.

2. Escreva as frases abaixo, sublinhe os complementos dos verbos em destaque e numere-as de acordo com o tipo de complemento indicado:

(1) substantivos (2) pronomes (3) orações

Morto Nero, **sucedeu**-lhe o senador Galba.

O gerente do banco **visou** o cheque.

A que **visariam** eles com aquelas manobras?

O inquérito a que **se procedeu** nada apurou.

Não **se esqueça** de que todos somos falíveis.

Custa-lhe obedecer ao regulamento do colégio?

Na entrada, **deparei** com um homem estranho.

Ele nem **se dignou** de levantar os olhos para mim.

O patrão não gostou do atraso deles, mas não os **repreendeu**.

3. Transcreva o único período em que não há erro de regência verbal:

a) Prefiro ser prejudicado do que prejudicar os outros.
b) Prefiro a companhia de Paulo que a de Joaquim.
c) Prefiro mais viver no campo do que na cidade.
d) Prefiro uma crítica sincera a elogios exagerados.
e) A elogios exagerados prefiro antes uma crítica sincera.

4. Copie as frases em que a regência do verbo **proceder** não contraria a norma culta:

a) Ninguém ignora as causas donde procede a atual crise econômica.
b) Procedeu-se à entrega dos prêmios aos vencedores.
c) Aberta a sessão, o secretário procedeu a chamada dos condôminos.
d) Segundo a Bíblia, o homem procede de Adão e Eva.
e) Proceda de acordo com a sua consciência.

5. Escreva os períodos em que o verbo **aspirar** não apresenta erro de regência:

a) Neide inclinou-se e aspirou fundo o aroma das rosas.
b) Se aspiras ao poder, prepara-te para o pior.
c) Títulos e honrarias são coisas que não aspiro.
d) Bom seria inventar uns robôs que aspirassem o lixo e a poeira das ruas.

6. Copie as frases em que a regência do verbo **assistir** não contraria a norma culta:

a) Não saí de casa só para assistir a transmissão do jogo pela TV.
b) Aos domingos havia brigas de galos, mas eu não assistia a elas.
c) Em Nova Jerusalém, assistimos à representação da Paixão de Cristo.
d) Durante sua longa enfermidade, a esposa o assistiu dia e noite.
e) Perdeu o emprego por indisciplina, não lhe assiste o direito de reclamar.

7. Substitua os verbos destacados pelos propostos + preposição adequada, como no exemplo:

Ele **ambiciona** o título. (**aspira**) Ele **aspira ao** título.

a) Eu **desejo** a felicidade. (**aspiro**)
b) Eu **presenciei** a briga. (**assisti**)
c) **Dispenso** sua ajuda. (**prescindo**)
d) Ele **segue** as leis. (**obedece**)
e) **Visitem** a Bahia. (**vão**)
f) **Confie** nele. (**recorra**)
g) **Alcançou** a estrada. (**chegou**)

8. Transcreva os períodos nos quais não ocorrem erros de regência verbal:

a) Na mesa a que nos sentamos, só havia um talher.
b) Artur voltou para suceder ao pai na administração da empresa.
c) Papa compara cristãos de hoje aos mártires da Roma Antiga.
d) A coisa que ela mais gosta é cultivar samambaias.
e) O uso dos meios de comunicação implica uma enorme responsabilidade.
f) Chegamos a uma praia a que pouca gente vai.
g) "Era um índio; chamavam-lhe em casa José Tapuio." (Araripe Júnior)

9. Escreva os períodos em que há erros de regência, corrigindo-os:

a) Seu nome não constava da lista de passageiros a que tive acesso.
b) Seu nome não constava na lista de passageiros que tive acesso.
c) A que fim visariam esses grupos de criminosos?
d) Às chuvas copiosas do verão sucederam os belos dias de outono.
e) Se a ordem é justa, não o assiste o direito de desobedecer o pai.

10. Substitua os asteriscos pela única alternativa que preenche corretamente o período:

O médico *** informou *** o paciente não resistiu *** operação *** fora submetido.

a) a – que – à – a que
b) a – de que – à – a que
c) lhe – de que – a – que
d) lhe – que – a – que

11. Substitua * por preposições adequadas, contraindo-as com os artigos quando necessário (Consulte as preposições essenciais na pág. 269):

a) Nada obsta * que sejas objeto de tal distinção.
b) Apressei-me * antecipar-lhe a resposta.
c) Contentavam-se * bater palmas de longe.
d) Afinal eu só visava * minha felicidade.
e) Quando lhe fui apresentado, não antipatizei * ele.
f) Ninguém atinava * tão súbita mudança.
g) Hesitava * a voz da consciência e os acenos das paixões.

h) Ansiava * me ver fora daquela casa.
i) Entrei * desconfiar de que me estavam enganando.
j) Deleitamo-nos * ouvir palavras de apreço.
k) Dissuadiram-me * semelhante resolução.
l) Os cães investiam furiosos * os dois estranhos.
m) De há muito ele se desinteressou * minha companhia.
n) Procurei persuadi-lo * que aceitasse o cargo.
o) Fugia * tudo o que cheirasse * modernismo.
p) Não se referiu * cena do outro dia, quando ele os correu de casa * pontapés.
q) O homem sente-se pequenino * a imensidade do universo.
r) Insisti * querer saber a causa * que me castigavam.
s) * o gesto daquele estranho, fiquei * envaidecido e indignado.
t) Não podia atinar * o nervosismo de meu pai e fiquei ansioso * que tudo se esclarecesse.
u) * alto teto pendia uma corrente de ferro, * que estava preso um grande lampião belga.
v) Os passantes não suspeitam * perigo * que estão expostos.

12. Substitua o * por pronomes relativos adequados precedidos de preposição (Consulte os pronomes relativos na pág. 185):

a) A cerimônia da posse foi das mais pomposas * tenho assistido.
b) O respeito humano é uma fraqueza * bem poucos se eximem.
c) Dizia que era a maior dignidade * podia aspirar.
d) A felicidade * tanto anseias talvez nunca chegue.
e) Estive em Petrópolis dez dias, * passeei e me diverti.
f) Quero saber o preço * o vendeu.
g) A cartomante foi à cômoda, * estava um prato com passas.
h) A vida era um jogo de engrenagens de aço * dentes ele sentia-se esmagar.
i) A riqueza é uma árvore fatal * sombra muitos adormecem e morrem.
j) Os amigos * expôs sua situação não lhe deram ouvido.
k) A disciplina * dureza vos revoltais enrijece vosso caráter.
l) A autópsia * se precedeu revelou a natureza do crime.
m) O lugarejo * chegamos estava em festa.
n) A conclusão * cheguei é que o incêndio foi criminoso.

13. Mude a regência dos verbos em destaque sem alterar-lhes o sentido:

a) Ninguém **atira** pedras numa árvore sem frutos. (provérbio)
b) Há tempo que eu **anseio** falar com você.
c) A fera enraivecida **investiu** com a matilha.
d) Ele **contenta-se** de ser escutado por alguns discípulos.
e) O líder **subiu** na mesa para falar aos circunstantes.
f) "A incompreensão de Glicério **atingiu** a esse limite." (Ciro dos Anjos)
g) Nós a **chamávamos** de tia Leila.
h) **Deparou-se-me** ali um espetáculo bem triste.

i) "Essas terríveis pequenas não **precisam** de falar para se entenderem." (CIRO DOS ANJOS)

j) O major Vaz, à cabeceira, **presidia** a refeição do clã.

k) **Dei-me ao trabalho** de examinar livro por livro.

l) O Governo **se propõe** expandir o comércio exterior.

14. Informe as preposições elípticas:

a) "Não me lembrei que estava diante de um cavalheiro." (CAMILO CASTELO BRANCO)

b) "Concordava que a sobrinha fosse leviana." (MACHADO DE ASSIS)

c) "Não há dúvida que Luís Dutra exultava de felicidade." (MACHADO DE ASSIS)

d) "Juca estava ansioso que ela partisse." (JORGE AMADO)

e) "Nunca me esquecerei que no meio do caminho tinha uma pedra." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

f) "Não é preciso dizer que também eu ficara em brasas, ansioso que a aula acabasse." (MACHADO DE ASSIS)

g) "Desconfio que o barão não gosta que lhe fales em Antônio José." (CAMILO CASTELO BRANCO)

h) "Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim." (MACHADO DE ASSIS)

i) "Vossa Excelência dá licença que lhe faça uma pergunta?" (REBELO DA SILVA)

j) "Estou certo que ele me estima." (MÁRIO BARRETO)

k) "Teresa fez-me sinal que a seguisse." (CAMILO CASTELO BRANCO)

l) "Vossa Excelência se dignará ouvir as razões." (CAMILO CASTELO BRANCO)

m) "Tinha medo que eles se acabassem de todo." (MANUEL BANDEIRA)

n) "Por isso fizéramos questão que ela fosse conosco." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

o) Você há de convir comigo que o pintor carregou nas tintas.

p) "Serena não gostaria que ele percebesse o seu embaraço." (VILMA GUIMARÃES ROSA)

15. Escreva as frases, substituindo * pelos pronomes **o** ou **lhe**, conforme convenha:

a) Quem * convidou a ir jantar com eles?

b) Nunca * vi conversar com empregadas.

c) Eu fugi ao espetáculo, tinha-* repugnância.

d) Lembra-* ainda com que solicitude ela * atendia?

e) Encolerizava-se quando o filho * desobedecia.

f) O cunhado dissuadiu-* da viagem.

g) As dificuldades não * fizeram recuar.

h) Informo-* de que a excursão foi adiada.

i) O padrinho queria-* como a seu próprio filho.

j) Ela não * quis para esposo.

16. Troque os substantivos destacados pelos pronomes pessoais adequados, usando os oblíquos sempre que possível e colocando-os corretamente:

a) Obedeça **ao mestre**.

b) Avisei **o rapaz** de que havia perigo.

c) Não vi **a professora** entrar.
d) Foi uma grande olimpíada. Assistimos **à olimpíada** pela TV.
e) Eu informava **o chefe** acerca de tudo.
f) Aludiram **ao candidato**?
g) O filho sucedera **ao pai** no trono.
h) Quem presidirá **ao banquete**?
i) Por que não simpatizas com **o diretor**?
j) Hilário ajudava **o pai** no escritório.

17. Substitua os termos em destaque pelos pronomes pessoais oblíquos adequados:

a) Presentearam **a rainha** com um colar de pedras preciosas.
b) Deus conserve e proteja **minha mãe**!
c) Deviam ter comunicado o fato **ao diretor**.
d) Não será permitido **aos presos** sair de suas celas.
e) O juiz intimou **João** a comparecer perante o júri.
f) Cumpre cientificar **Vossa Senhoria** de que os preços dos produtos em pauta são majorados.
g) Não assiste esse direito **ao patrão**.
h) Ensina **os filhos** a serem honrados.
i) A nossa conversa parece que não está agradando **a você**.
j) Felicito **você** pela sua vitória.
k) Foi difícil convencer **meu pai** a ficar em casa.

18. Substitua o * por um dos pronomes propostos, conforme convenha:

a) Tânia voltou o rosto para ver quem * chamava. (a – lhe)
b) Estes olhos * perseguirão aonde quer que você for. (o – lhe)
c) Ela acenou-* do alto da escada. (o – lhe)
d) Riam e cantavam, como se nada * ameaçasse. (os – lhes)
e) Riam e cantavam, como se nada * ameaçasse a vida. (os – lhes)
f) Elas são gordas: alguns passos * deixam cansadas. (as – lhes)
g) Pague-* o que você lhe deve. (o – lhe)
h) O funcionário * atendeu muito mal. (o – lhe)

19. Escolha no quadro abaixo os conjuntos adequados e substitua os asteriscos das orações adjetivas:

a que – com quem – de que – em que – em cujo – por quem

a) A mesa *** nos sentamos mal comportava quatro pessoas.
b) O barco *** estávamos comportava poucas pessoas.
c) Ele ofendeu a secretária, *** não simpatizava.
d) Às vezes temos de executar tarefas *** não gostamos.
e) O grau de segurança *** chegou a navegação aérea ainda não satisfaz.
f) O preso *** intercedi junto ao ministro fora condenado injustamente.

g) São insuficientes os dados *** dispomos.

h) Não havia feira de amostras *** ele não fosse.

i) Como vocês tratam as pessoas *** lidam?

j) Percorremos o grande parque, *** centro se ergue o museu.

20. Troque o verbo em destaque pelos propostos, atendendo à regência de cada um desses verbos:

É aquela a jovem **de** quem você **falou**?

passeou – se referiu – se apaixonou – se enamorou – gosta – recorreu – simpatiza – confia – se interessou

21. Siga o exemplo, substituindo as orações coordenadas em destaque por orações subordinadas adjetivas:

Exemplo: A canoa virou **e estávamos nela**.

A canoa **em que estávamos** virou. Ou:

Virou a canoa **em que estávamos**.

a) Afundaram as tábuas **e estávamos agarrados a elas**.

b) Acabou-se a vida de conforto **e estávamos habituados a ela**.

c) As plantas sugam do solo a água **e anseiam por ela**.

d) No pátio fez-se uma pequena fogueira **e sentamo-nos em torno dela**.

e) Dirigiu-se à mesa **e sobre ela havia duas raquetes**.

f) Encontrou-se um velho colete **e no bolso dele havia moedas de ouro**.

g) Gutenberg nasceu em Mogúncia **e deve-se a ele a invenção da imprensa**.

h) A ponte era muito alta **e as embarcações passavam por baixo dela**.

i) O índio recuperou as terras, **o branco se apoderara delas**.

22. Use os verbos abaixo em orações adjetivas precedidas de preposição e intercaladas nas orações principais:

Exemplo: A profissão [a que você aspira] exige muita dedicação.

a) aspirar
b) ansiar
c) entreter-se
d) confiar
e) insurgir-se
f) assistir
g) simpatizar
h) gostar
i) aludir
j) referir-se
k) pender
l) sacrificar-se

23. Recorde o que foi exposto acerca dos verbos **esquecer-se**, **lembrar-se** e **admirar**. Em seguida, escreva corretamente as frases em que há erro de regência:

a) Os maus políticos se esquecem de suas promessas.

b) Eles esquecem facilmente de suas promessas.

c) Esqueceu-me acrescentar esse pormenor.

d) Não esqueçam de que essa doença é contagiosa.

e) Ele disse ainda muitas outras coisas que não me lembro.

f) Ele disse ainda muitas outras coisas de que não me lembro.

g) Não me lembrei de o avisar a tempo.

h) Ela não lembra de mais nada.

i) Admiro-me de o ver tão entusiasmado com a política.

j) Admira-me vê-lo tão entusiasmado com a política.

k) Admiro-me vê-lo tão entusiasmado com a política.

l) Não me admiro de que seu entusiasmo tenha esfriado.

24. A mudança de regência de um verbo altera-lhe, em geral, a significação. Registre as variações de regência e de sentido que se observam nos exemplos seguintes:

	Significação	**Regência**
Assisti o doente.	dar assistência	transitivo direto

a) Assisti ao jogo.

b) Aspiro ao cargo.

c) Aspiro o aroma.

d) Visamos o alvo.

e) Visamos ao bem comum.

f) Declinei do convite.

g) O Sol declinava.

h) O cão investiu contra mim.

i) Vão investi-lo no cargo.

j) Investi milhões nesta obra.

k) Corri a cidade.

l) Corri à cidade.

m) Não precisou a quantia.

n) Preciso de dinheiro.

25. Corrija as frases seguintes:

a) Entreteram-se no clube até altas horas, eis o motivo porque faltaram a reunião que deviam comparecer hoje.

b) A fase da vida que estão passando é a mais decisiva, pois deixa marcas que mais tarde sentireis os efeitos.

c) O tema que o conferencista discorreu despertou grande interesse.

d) As plantas que nos detemos diante delas eram caládios.

e) Um casal francês sentou-se na mesa vizinha aquela que nós estávamos.

f) No tempo que me refiro ainda não haviam ônibus.

g) Como o casarão estava deserto, ninguém ouviu ela gritar.

h) Levaram-no para um hospital que não me lembro o nome dele.

i) É lamentável o estado de abandono que se acham aquelas famílias.

j) Isso leva à situações que nos deparamos com frequência em nosso dia a dia.

26. Escreva apenas a frase correta:

a) Ainda me lembro da casa que morávamos.

b) Ainda lembro da casa em que morávamos.

c) Ainda me lembro da casa em que morávamos.

27. Substitua os asteriscos nas frases de acordo com o indicado, completando-as adequadamente com os femininos:

AO (masculino) **À (feminino)** **A (masculino)** **A (feminino)**

a) Refiro-me ao **tio** e *** de Rosângela.

b) Fizeram elogios aos **irmãos** e *** de Filipe.

c) São divertimentos que interessam tanto a **homens** como ***.

d) Ao **senhor** chamavam os escravos "sinhô" e ***, "sinhá".

28. Reveja os exercícios sobre a crase e, em seguida, coloque o acento grave nos casos em que ela ocorrer:

a) Dirce tem amor a natureza, as plantas, as aves, aos animais.

b) "Queixe-se a mim e não a ela", disse Romão, referindo-se a esposa.

c) Ainda não respondi as cartas de Mauro e Dino; não sei a qual delas deva responder primeiro.

d) As atletas entusiasmaram a torcida que assistiu a partida de voleibol.

e) Tudo pode acontecer aquele que não obedece as normas do trânsito.

f) A que terra teria a nau aportado? Talvez a uma ilhazinha perdida no mar.

g) A televisão estende a sua influência a todas as regiões, mesmo as que ficam mais distantes dos grandes centros urbanos.

h) O Zoológico está aberto a visitas de terça-feira a domingo, das 8h as 16h 30min.

i) Entreguei a lembrança a Danilo, que a mostrou a noiva e a irmã.

j) Na casa comercial a que me refiro, vende-se a vista e a crédito.

k) Em São Luís, cuja população não chegava a dez mil pessoas, a situação piorava dia a dia.

l) "Agora, se eu não voltar a casa a hora normal, haverá alarme, virá gente a minha procura." (Guimarães Rosa)

29. Escreva os períodos, colocando o acento grave onde for adequado; sublinhe os dois casos de crase opcional e explique-os:

a) Os índios chamavam a borracha de *cautchu*, isto é, "lágrimas da madeira".

b) A agitação da cidade muitos preferem a paz do campo.

c) José convida-me a acompanhá-lo na sua visita a zona rural.

d) O diretor da escola presidiu a cerimônia de encerramento as aulas.

30. Varie as frases de acordo com o exemplo:

As naves espaciais **chegam a** distâncias fantásticas.

A que distância **chegam** as naves espaciais?

As distâncias **a que chegam** as naves espaciais são fantásticas.

São fantásticas as distâncias **a que chegam** as naves espaciais.

a) As caravelas portuguesas chegaram a terras muito distantes.

b) Chegamos a uma situação crítica.

31. Damos quatro construções com o verbo **gostar**, todas corretas. Varie a frase abaixo, seguindo o exemplo:

Cinema e futebol são as diversões de que mais gosto.

As diversões de que mais gosto são cinema e futebol.

Do que mais gosto é de cinema e futebol.

Do que mais gosto é cinema e futebol.

Natação e ciclismo são os esportes de que mais gosto.

32. Transcreva a única alternativa em que não há erro de regência:

a) Em casa éramos seis. Morávamos na Praça Verde. Ainda lembro das brincadeiras que eu ali participava com extrema alegria.

b) Em casa éramos em seis. Morávamos à Praça Verde. Ainda me lembro das brincadeiras que eu ali participava com extrema alegria.

c) Em casa éramos seis. Morávamos na Praça Verde. Ainda me lembro das brincadeiras de que eu ali participava com extrema alegria.

33. Responda afirmativamente às perguntas, como nos exemplos:

São muitos os filmes **de que** o senhor **gostou**?

Sim, os filmes **de que gostei** são muitos.

a) São muitos os recursos de que o senhor dispõe?

b) São muitas as coisas de que o senhor depende?

c) São muitas as histórias de que o senhor se lembra?

São muitas as cartas **a que** o senhor **responde**?

Sim, as cartas **a que respondo** são muitas.

d) São muitas as cidades a que o senhor já foi?

e) São muitos os acidentes a que o senhor assistiu?

f) São muitas as pessoas a quem expôs seu plano?

34. Escreva a frase trocando o verbo **buscar** pelo verbo **aspirar**, atendendo à regência deste último:

É natural que toda criatura humana busque a felicidade.

35. Escreva as frases substituindo o * pelas opções corretas:

a) Estas são as conclusões * o investigador chegou. (que – a que)

b) Este é o mundo * vim sem ser consultado. (que – a que)

c) Ele afirmou aos jornalistas * não haverá demissões. (que – de que)

d) Os jornais noticiaram o escândalo * ele se envolveu. (que – em que)

e) A jovem * ele namorava era de boa família. (que – com quem)

36. Escreva a frase, substituindo o verbo **gostar** pelo verbo **preferir**, atendendo a regência adequada deste último.

Eles gostam mais de assistir a um jogo do que de visitar um museu.

37. Escreva corretamente a alternativa em que a regência do verbo **proceder** está incorreta:

a) Terminada a votação, procedeu-se a apuração dos votos.

b) Como nenhuma das acusações procedia, o juiz liberou o réu.

c) Procedi de acordo com a minha consciência.

d) Terminada a sessão, o secretário procedeu à leitura da ata.

e) O inquérito a que se procedeu nada apurou.

38. Qual o tipo de erro que a incorreta acentuação gráfica na frase "Ele está se referindo a namorada de Lúcio e não a tua." ocasiona? (concordância – regência nominal – regência verbal)

39. As afirmações abaixo são absurdas, devido à falta de acentuação gráfica adequada. Corrija-as sem alterar a ordem das palavras:

a) A adolescência precede a infância.

b) No Brasil, a República antecedeu a Monarquia.

40. Escreva apenas a frase abaixo que apresenta erro de regência, corrigindo-a:

a) Manifestações de protesto precederam a posse do governador.

b) Manifestações de protesto precederam à posse do governador.

c) Todos os moradores anuíram à proposta do síndico.

d) Assistiram a missa campal mais de cem mil pessoas.

e) Como custa aos vencidos aceitar a derrota!

f) Vi um tronco boiando e abracei-me a ele.

41. Responda às perguntas usando os verbos em destaque e obedecendo às normas da língua culta:

a) Ele já **pagou** ao médico?

b) Marta **namora** esse moço?

c) Ele **aspira** ao sacerdócio?

d) **Lembraram-se** de você?

e) Ela **assiste** a novelas?

f) De quem você **se esqueceu**?

g) Você **assistiu** os doentes?

h) Com quem **deparou** na esquina?

i) Você a **viu** no cinema?

j) **Obedeces** a teus pais?

k) **Moras** na Rua Anchieta?

l) Por que **desobedecem** aos pais?

m) O filme **agradou** ao público?

n) Em que rua você **reside**?

42. Forme frases usando corretamente as expressões:

a) **ir ao encontro de**

b) **ir de encontro a**

43. Troque o pronome **lhe** por outro, de modo que a regência fique correta:

a) Quem foi que **lhe** mandou entrar?

b) Informo-**lhe** de que seu bilhete foi premiado.

c) O pai **lhe** proibiu de soltar balões.

d) Nunca **lhe** vi tão abatido, Jacinto.

e) Ninguém **lhe** conhece melhor que eu, Rodrigo.

f) O cheiro forte da tinta **lhe** fez espirrar.

g) Encantavam-**lhe** os acrobatas do circo.

44. Orientado pelo que foi dito na página 484 sobre a contração da preposição *de* com o sujeito ou seus adjuntos, escreva as frases abaixo restabelecendo a contração da preposição **de**. Em seguida, copie apenas as afirmações verdadeiras.

a) Sabia-o, senhor, antes **de o** caso suceder.

b) O modo **de ele** falar soou-me agressivo.

c) Agora chegou a vez **de os** advogados tomarem a dianteira...

d) Apesar **de o** voto ser secreto, voto pela dissolução.

e) Leonor irritou-se, além **de o** abade puni-la, pedia-lhe favores.

As contrações que os escritores usaram nas frases acima:

- têm tradição na língua; portanto, são lícitas.
- são erros grosseiros de autores modernistas.
- são descuidos de um ou outro escritor brasileiro.
- têm a vantagem de tornar a expressão mais natural e agradável ao ouvido.
- são encontros de duas palavras que, por tradição e eufonia, se pronunciam juntamente.

45. Depois de reler a matéria sobre deslocamento de preposições, escreva as frases abaixo antepondo a preposição em destaque ao pronome demonstrativo **o**, em benefício da eufonia:

a) O **de** que ela mais gostava era visitar museus.

b) O **de** que o Brasil não pode prescindir é de uma boa rede viária.

c) O **de** que nossas crianças precisam é de um bom ensino.

d) O **com** que não posso concordar é com a subversão da ordem pública.

e) Ordenei-lhe que entregasse a arma, o **em** que fui prontamente obedecido.

f) No fim, o **de** que ele se convenceu foi da inutilidade de seus esforços.

46. Nas expressões em destaque, usou-se corretamente a preposição **em**. Escreva as frases trocando-a pela preposição **a**, acentuando-a quando for necessário:

a) **Na época** das colheitas, havia grande movimento na fazenda.

b) **Na saída**, os forasteiros agradeceram muito a hospedagem.

c) **Na falta** de professores, as crianças aprendiam a ler em casa.

d) Encostei-me **no tronco** da árvore e esperei o amigo.

e) Ela foi ao quarto e olhou-se minuciosamente **no espelho**.

f) A criança, com medo de mim, abraçou-se **na mãe**.

g) As mulheres iam buscar água **na fonte**.

h) Os bens do retirante resumiam-se **em duas cabras** e um casebre.

47. Transcreva as frases colocando o acento indicativo de crase, se necessário:

a) "A refrigeração artificial prefere a brisa da praia." (Ciro dos Anjos)

b) "Vilaça Júnior aspirava a ser vereador da câmara." (Eça de Queirós)

c) "Egas recusou-se a atender as reclamações da matrona." (Eça de Queirós)

d) "Parece-me que todos os cachorrinhos são iguais, em que pese a vaidade ou a ternura dos donos." (Carlos Drummond de Andrade)

e) "O emprego de *o que* em orações interrogativas é corretíssimo, em que pese a certos gramáticos." (Aurélio Buarque de Holanda)

f) "Ignoro a que pessoas se referia o Dr. Magalhães." (Graciliano Ramos)

g) "Contou então que na seca tinha ganho muito dinheiro a custa dos cofres públicos." (Adolfo Caminha)

h) "E assim, não se esquecesse Polidoro de que estava a engordar uma adversária incapaz de conceder-lhe a mínima trégua." (Nélida Piñon)

i) "Maria do Carmo já respondia as perguntas sem ser sacudindo apenas a cabeça." (Mário Palmério)

j) "A antiga Vila Rica começou o povo de então, por escárnio, a chamar de *Vila Pobre*." (João Ribeiro)

48. Identifique os erros de regência e, depois, faça a correção necessária:

a) Obedeça o regulamento!

b) Sempre lhe estimei muito.

c) Prefiro morrer do que trair meus ideais.

d) Não me simpatizo com sua prima.

e) Nem se dignou em levantar os olhos para mim.

49. Complete as orações com a preposição pedida pelo verbo. Combine-se com artigo, se necessário:

a) Depende apenas * ti a solução do problema.

b) Vocês gostam * que os outros os tratem mal?

c) Compete * pais a educação dos filhos.

d) Você assistiu * filme desde o início?

e) Você se contenta * tão pouco!

50. Faça o mesmo em relação às preposições pedidas pelos nomes:

a) Ele vivia alheio * tudo.

b) Tinham aversão * todas as criações de vanguarda.

c) Sou avessa * badalações.

d) Aquele homem é suspeito * um crime.

e) Paulo é atencioso * todos que o procuram.

51. Os pronomes relativos também são regidos de preposição sempre que esta for reclamada pelo verbo. Veja para quais das alternativas vale essa explicação.

a) Era a função * que eu mais aspirava!

b) A festa * que assistimos foi muito movimentada.

c) O teatro * que estávamos quase pegou fogo.

d) O rapaz * que me referia acabou de entrar.

e) As flores * que mais gosto são as orquídeas.

f) As pessoas * que visitei ontem foram muito gentis.

52. As orações completivas nominais também são, normalmente, regidas de preposição. Complete cada período com a preposição adequada:

a) Você tem medo * que eu o abandone?

b) Estamos ansiosos * que venhas logo.

c) Estava decidido * abandonar o emprego.

d) Continuou fiel * quem o amou durante a vida toda.

e) Todos tinham receio * que eles nos atacassem.

REGÊNCIA VERBAL
Exercícios de exames e concursos
[Página 689]

SINTAXE DE COLOCAÇÃO

A *sintaxe de colocação* trata da ordem ou disposição dos termos na oração e das orações no período.

Embora não seja arbitrária, a colocação das palavras na frase, em português, é muitas vezes livre, podendo variar de acordo com o tipo e o objetivo da mensagem falada ou escrita e com as circunstâncias que envolvem o ato da comunicação. No arranjo dos termos na frase intervêm poderosamente a cultura, o estilo e a sensibilidade do escritor.

Em muitos casos, o mesmo período pode ser organizado de diferentes maneiras, sem alteração do sentido. Vejam, por exemplo, a flexibilidade desta frase de José de Alencar:

"Já brilha na cabana de Araquém o fogo, companheiro da noite."

Na cabana de Araquém já brilha o fogo, companheiro da noite.
O fogo, companheiro da noite, já brilha na cabana de Araquém.
Companheiro da noite, o fogo já brilha na cabana de Araquém.
Na cabana de Araquém, o fogo, companheiro da noite, já brilha.

1 A ORDEM DIRETA E A INVERSA

Duas são as ordens que podem presidir à construção da frase: a *direta* e a *inversa*.

- Na *ordem direta*, os termos regentes precedem os termos regidos: sujeito + verbo + complementos ou adjuntos. Exemplos:

  "Uma saudade indizível atraía-me para o mar." (ALEXANDRE HERCULANO)

  "Os maus e viciosos são algozes de si próprios." (MARQUÊS DE MARICÁ)

- Na construção de *ordem inversa* alteramos a sequência normal dos termos, dispondo o verbo antes do sujeito, os complementos ou adjuntos antes do verbo, enfim, o termo regido antes do termo regente. Exemplos:

  "E que terríveis negócios planejava esse meu amigo de sempre!" (RUBEM BRAGA)

  "Belos e veneráveis eram os dois plátanos." (ALEXANDRE HERCULANO)

Observação:

✔ A ordem inversa é mais frequente na poesia e na linguagem afetiva e obedece antes ao ritmo caprichoso do sentimento e ao fluxo da emoção. Referindo-se à construção inversa, observa muito bem Said Ali:

"A deslocação é anomalia, e a anomalia aguça a atenção do ouvinte."

São as seguintes as causas que condicionam a colocação das palavras na frase, exigindo ora uma, ora outra ordem:

- a ênfase, a afetividade e a emoção;
- a clareza da expressão;
- a eufonia;
- o ritmo e o equilíbrio da frase.

Os adjetivos, normalmente, vêm pospostos aos substantivos (terras *férteis*, frutas *maduras*), mas, em atenção às exigências acima, são frequentemente antepostos. Exemplos:

"Nessas *aflitas* paragens, não mais se ouve o piar da *esquiva* perdiz, tão frequente antes do incêndio." (VISCONDE DE TAUNAY)

"Os meninos ouviam contar os casos com *frio* desinteresse." (POVINA CAVALCÂNTI)

Certos adjetivos se imobilizam ora antes, ora depois dos substantivos: *mero* acaso, a mão *direita*, a verdade *nua*, senso *comum*. Outros assumem acepções diversas, conforme a posição: homem *pobre* (sem recursos), *pobre* homem (infeliz); chefe *grande* (alto), *grande* chefe (notável); mestre *simples* (sem afetação, afável), *simples* mestre (mero, comum).

Assim também: contas *certas* (exatas), *certas* contas (algumas); *qualquer* pessoa (toda, indeterminada), uma pessoa *qualquer* (insignificante); *algum* homem (um, indeterminado), homem *algum* (nenhum).

Consoante a índole de nossa língua, antepomos ordinariamente os possessivos aos substantivos: *minha* vida, *nosso* pai, *tua* lembrança. Todavia, na linguagem afetiva ou enfática, são intencionalmente pospostos. Exemplos:

Quanto valor tem uma lembrança *tua*!

Pai *nosso*, que estais no céu... (oração dominical)

"O meu destino errante, ó vida *minha*,

é o destino dos barcos e das velas." (OLEGÁRIO MARIANO)

A conjunção *porém* usa-se, de preferência, intercalada na oração:

"A verdade, *porém*, é que Coimbra era sincero." (MACHADO DE ASSIS)

Entretanto, não é prática reprovável colocar-se essa adversativa no início ou no fim da oração a que pertence, uma vez que a isso não se oponham a harmonia e o ritmo da frase. Exemplos:

Eu chamava-te, *porém* não me ouvias.

"Não inventamos nada, *porém*." (MÁRIO BARRETO)

"As represálias não tardaram, *porém*." (CIRO DOS ANJOS)

"Tu não crês na ventura; ela existe, *porém*." (CLEÓMENES CAMPOS)

Observação:

✔ O mesmo se dá com a conjunção sinônima *entretanto*:

"A fuga repetia-se, *entretanto*." (MACHADO DE ASSIS)

2 POSPOSIÇÃO DO SUJEITO

Pospõe-se, habitualmente, o sujeito ao verbo nos seguintes casos:

- em orações adverbiais reduzidas de particípio ou de gerúndio:

"De manhã, acabado o *almoço*, a cólera estourou." (MACHADO DE ASSIS)

"Caindo o *sol*, a costureira dobrou a costura para o dia seguinte." (MACHADO DE ASSIS)

Observação:

✔ O sujeito pode anteceder o gerúndio quando este vier precedido da preposição *em*:

"Em ela sabendo que saíste de Lisboa, abençoa tua resolução." (CAMILO CASTELO BRANCO)

- nas orações interrogativas iniciadas pelos advérbios interrogativos ou por um pronome interrogativo que não seja sujeito:

"Como é *isso* possível?" (ALEXANDRE HERCULANO)

"Onde vai *o guerreiro branco*?" (JOSÉ DE ALENCAR)

"Donde vinham *aqueles cavalos*?" (GRACILIANO RAMOS)

"Por que virá *o conde* quase de luto à festa?" (REBELO DA SILVA)

"Que deixara *ele* na terra do exílio?" (JOSÉ DE ALENCAR)

"Quem sou *eu* para ser digno da vida?" (DANTE MILANO)

"Como sabem *eles* distinguir a fruta nutritiva da venenosa?" (CARLOS DE SÁ MOREIRA)

No entanto, antepõe-se o sujeito ao verbo:

a) quando se interpõe a locução enfática *é que*:

"Onde *é que este homem* vai parar?" (MACHADO DE ASSIS)

b) se iniciarmos a frase com o sujeito:

Teu irmão, por que não veio?

c) quando a palavra interrogativa encerra a frase:

Você viu isso *onde*?

Eles se retiraram *por quê*?

- nas orações optativas e imprecativas:

"E queira *Deus* que te não enganes, menino!" (CARLOS DE LAET)

"Possa *o sangue do mártir* remir o crime do presbítero!" (ALEXANDRE HERCULANO)

"Pudera *eu* dilatar-lhe a vida!" (ALEXANDRE HERCULANO)

"Morra *o alienista!* Bradavam vozes mais perto." (MACHADO DE ASSIS)

Todavia, às vezes prefere-se a anteposição:

"*Bons ventos* o levem!" (MACHADO DE ASSIS)

"*O Senhor* te ouça!" (MACHADO DE ASSIS)

"*Deus* vos leve, defenda e traga!" (D. FRANCISCO MANUEL DE MELO)

- em certas frases exclamativas:

  "Como são belas *aquelas palmeiras*!" (Visconde de Taunay)

- nas orações imperativas:

  Acompanha-o *tu*, guerreiro ilustre!

  "Ouçam *todos* o mal que toca a todos." (Luís de Camões)

- nas orações interferentes:

  "É falso, interrompeu *o presidente*." (Machado de Assis)

  "Rico, muito rico – pensava *Caúla* – quem possuía um barco como aquele!" (Adonias Filho)

- na voz passiva pronominal:

  "Contavam-se dele *coisas muito bonitas*." (Machado de Assis)

  "Nas lanchas, ouvem-se *gritos, choros, pedidos de socorro*." (Jorge Amado)

Contudo, a necessidade de pôr o sujeito em relevo leva-o, ocasionalmente, para o início da frase:

Os louvores recebem-se com agrado.

"*As consciências* esclarecem-se e não se forçam." (Alexandre Herculano)

"*Vozes* não se escutam quase, só aquele murmúrio abafado." (Raquel de Queirós)

"*Muitas coisas* se dizem, que não deviam ser ditas." (Carlos Drummond de Andrade)

- em orações como as seguintes, em que se realça a ideia expressa pelo predicativo, colocando-se este no início da frase ou depois do verbo:

  "Sábio era *ele*, mas faltava-lhe a prática do mundo." (Camilo Castelo Branco)

  "Eram sólidos e bons *os móveis*." (Machado de Assis)

Observação:

✔ A posição do sujeito pode influenciar a concordância do verbo. Assim, por exemplo, vindo o sujeito composto depois do verbo, este poderá concordar com o núcleo mais próximo:

"Acuso-vos disso *eu e todo o povo de Santarém*." (Almeida Garrett)

"De pouco lhe *valeu a astúcia e a coragem*." (Rodrigues Lapa)

3 ANTECIPAÇÃO DE TERMOS DA ORAÇÃO

Não poucas vezes antecipamos, na frase, um termo que desejamos pôr em evidência. Eis alguns casos mais frequentes:

- antecipação do sujeito na oração subordinada:

  Meu pai, sabes que não quer. [= Sabes que *meu pai* não quer.]

  O mal parece que se agravou. [= Parece que *o mal* se agravou.]

  "*O rio*, nem sei se tem nome." (Vivaldo Coaraci)

  "*Aqueles Cavaleiros* vê-se que nos esperam." (Alexandre Herculano)

  "*Os filhos* parece que envelhecem a gente." (Mário Barreto)

"Eu sei bem *o plantão dele* como é!" (MARQUES REBELO)

"*Eles* parece que são muitos." (ANÍBAL MACHADO)

"*Esses anos de Juiz de Fora* parece mesmo que foram marcados de glória, para Luisinho." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"*Os homens* é assim que fazem." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"*A mocidade*, dizem que não cria ferrugem." (MÁRIO QUINTANA)

- antecipação do objeto direto:

Verdades há que não se dizem.

"*Os exemplos* achou-os na História e em Itaguaí." (MACHADO DE ASSIS)

"*Animal mais inútil* nunca vossos olhos viram." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

- antecipação do objeto indireto:

De música todo o mundo gosta.

"*A esta pergunta* ninguém respondeu." (ALEXANDRE HERCULANO)

"*A Caribe* não faltavam astúcia e experiência." (JORGE AMADO)

"*A mim* o que me deu foi pena." (RIBEIRO COUTO)

"*Da limpeza pública* se encarregam uns elefantes artificiais, que aspiram tudo." (PAULO MENDES CAMPOS)

- antecipação do predicativo do sujeito ou do objeto:

Impossível seria permanecer parado.

"*Mal-educado* eu sou, mas ingrato não." (PAULO MENDES CAMPOS)

"*Perigoso* é se o velho deixar se influenciar pelo filho." (CIRO DOS ANJOS)

"*Bonitos* são (os quadros), mas estão manchados." (MACHADO DE ASSIS)

"*Doente*, todo mundo fica, João." (MARQUES REBELO)

"*Arquiteto do Mosteiro de Santa Maria*, já o não sou." (ALEXANDRE HERCULANO)

"Respirava com ruído e tinha *roxas* as orelhas grandes." (GRACILIANO RAMOS)

"Jorge soltou uma risada, tão *feliz* ficou." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

- antecipação do adjunto adverbial:

Naquele país, ladrão não tem vez.

- antecipação do verbo da oração subordinada:

"Lembrava-se bem das notas, *eram* parece que verdes, grandes e frescas." (MACHADO DE ASSIS) [= parece que eram verdes...]

4 COLOCAÇÃO DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS

As orações subordinadas substantivas, de acordo com a índole de nossa língua, pospõem-se, em geral, às principais.

Mas na linguagem enfática ou emotiva, é frequente antepor tais orações às principais, a fim de lhes dar realce. Exemplos:

"*De cumprir meu voto* ninguém poderá mover-me." (ALEXANDRE HERCULANO)

"*Se o mundo tinha razão*, não o diremos nós." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Vicência, *se estava comovida pelo que acabava de ouvir*, não demonstrava." (LUÍS JARDIM)

"*Por que brigavam no meu interior esses entes de sonho* não sei." (GRACILIANO RAMOS)

"*Que passavam aperturas*, via-se claramente na pobreza da casa." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

As orações adjetivas pospõem-se ao substantivo ou pronome a que se referem, podendo vir intercaladas na oração principal, como vimos no estudo destas orações.

As subordinadas adverbiais são as orações que gozam de maior mobilidade dentro do período, podendo, conforme o caso, vir antes, no meio ou depois da oração subordinante.

Exemplos:

"*Onde me espetam*, fico." (MACHADO DE ASSIS)

"Dali via, *sem ser visto*, a sala de visitas." (LÚCIO DE MENDONÇA)

"Iracema, *depois que ofereceu aos chefes o licor de Tupã*, saiu do bosque." (JOSÉ DE ALENCAR)

"Eram quatro horas da manhã, *quando emergi do meu letargo*." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"*Quando dei por mim*, já passava de uma da madrugada." (FERREIRA GULLAR)

Escrevendo, cumpre fugir à monotonia da ordem direta e assegurar à frase harmonia e variedade de ritmo, usando, com equilíbrio e bom gosto, ora uma, ora outra ordem.

Evitar-se-ão, sobretudo, construções malsoantes e cacofônicas, inversões violentas e transposições forçadas, que comprometem a clareza da expressão, dando margem a falsos sentidos.

EXERCÍCIOS LISTA 56

1. Transcreva as frases, numerando-as de acordo com os tipos de construção:

(1) **ordem direta** (2) **ordem inversa**

a) Após um mês de férias, reabre sua academia de dança a bailarina Casanova.

b) O vaga-lume voou mais alto e comparou-se às estrelas.

c) Sua fábrica de laticínios, instalada no ano passado, vai de vento em popa.

d) Na árvore próxima à casa estavam pousadas duas rolinhas.

2. Relacione as frases aos termos antecipados que nelas ocorrem:

(1) antecipação do sujeito da oração subordinada

(2) antecipação do objeto direto

(3) antecipação do objeto indireto

(4) antecipação do predicativo

(5) antecipação do adjunto adverbial

(6) antecipação do verbo da oração subordinada

(7) anteposição da oração subordinada à oração principal

- Em canoa furada eu não embarco.
- "Aos nativos Colombo chamou de índios." (MILLÔR FERNANDES)
- "O homem parece que teve pena." (RAQUEL DE QUEIRÓS)
- "Esse segredo eu guardaria só para mim." (POVINA CAVALCÂNTI)
- "Animal mais inútil nunca vossos olhos viram." (RAQUEL DE QUEIRÓS)
- "Equilibrava-me não sei como." (GRACILIANO RAMOS)
- "Bonita, atraente, isto era ela, de verdade." (POVINA CAVALCÂNTI)
- "Com as árvores e os bichos ele se entende." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)
- "Surpresa maior eu não podia ter." (RUBEM FONSECA)
- "Que passavam aperturas, via-se claramente na pobreza da casa." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

3. Leia o seguinte caso e informe se a oração subordinada adjetiva em destaque está construída na ordem direta ou inversa:

Aviso aos caçadores

Um pecuarista de Alegrete, no Rio Grande do Sul, não suportando mais os problemas **que lhe causavam os caçadores da região**, mandou colocar na porteira de sua fazenda uma placa de madeira com este aviso: "É expressamente proibido atirar em qualquer coisa que se mexa neste campo. Poderiam acertar no capataz."

(*Realidade*, junho de 1974)

4. Coloque os termos dos períodos abaixo na ordem direta:

a) "Mais depressa que seu marido perdera Rosália as esperanças." (ANÍBAL MACHADO)

b) "O rio, nem sei se tem nome." (VIVALDO COARACI)

c) Louco és tu, disse-me ele, se a tanto aspiras.

d) "Estreito era o círculo das suas ideias." (MACHADO DE ASSIS)

e) "Ótimo negócio fizera incontestavelmente o velho tio." (VISCONDE DE TAUNAY)

f) "Não tem azul nem estrelas a noite que enlutam os ventos." (JOSÉ DE ALENCAR)

g) "Por que foram os persas, logo que se deram às delícias do luxo, vencidos pelos lacedemônios?" (CAMILO CASTELO BRANCO)

5. Melhore a redação das frases, usando criteriosamente a ordem inversa:

a) Ele tentou convencer-me em vão.

b) Um pequeno incidente deu-se na família cinco meses depois.

c) Porém casa de confiança onde se ocultasse, faltava-lhe.

d) O navio sulcava garbosamente as águas da baía, dias depois, numa radiante manhã de domingo.

e) A tempestade passada, o arco-íris aparece no céu, símbolo da bonança e da união.

f) Suas palavras perturbam-me não tanto como o seu olhar e sorriso.

g) O velho caminhão estava parado, ficou parado.

h) Nunca sentira inveja de ninguém, mas ele sentia de mestre Vitorino, o dono do barco.

i) O espetáculo de um desfile de escolas de samba no Rio de Janeiro é também único no mundo.

6. Escreva as frases abaixo, colocando convenientemente os sujeitos que figuram entre parênteses:

a) Do fundo da mata subiam. (**vozes misteriosas**)

b) Quando poderemos estar livres disso tudo? (**nós**)

c) Pouco tardou a espalhar-se pelo povoado. (**a notícia fatal**)

d) Mas aos ouvidos do chefe não podia chegar. (**a voz do mensageiro**)

e) Onde pretendem encontrar os recursos necessários? (**eles**)

f) Que importa ao escravo? (**a vida**)

g) Senti quanto era justa. (**aquela queixa**)

h) Como se portaram durante a excursão? (**os alunos**)

i) Por que teria saído de casa tão cedo? (**a vizinha**)

j) Para onde se dirige a essas horas? (**você**)

k) Possam despertar as consciências adormecidas. (**tuas palavras**)

l) Feliz serás se desta te livrares. (**tu**)

m) Pelo alto dos muros estendem-se. (**as trepadeiras floridas**)

n) Não vindo, saíram a buscá-lo. (**ele**)

o) Que teria percebido nas minhas palavras? (**o homem**)

p) Pareciam de prata, assim contra a luz, pintados de branco. (**os pequenos barcos**)

7. Disponha o termo das frases abaixo de outras maneiras aceitáveis:

a) A Química presta grande auxílio à Medicina.

b) O céu se arqueia como um teto de bronze infindo e quente, sobre o deserto adormecido.

c) "Entre os troncos da brenha hirsuta, o Bandeirante jaz por terra, à feição de um tronco derribado." (Olavo Bilac)

d) "Mil coisas imprevistas nos esperam nos muitos meandros da existência." (Visconde de Taunay)

e) "À entrada do prédio reunira-se, de um minuto para outro, um mundo de gente." (Fernando Namora)

f) "Passeiam, à tarde, as belas na Avenida." (Carlos Drummond de Andrade)

g) Saltaram do moderníssimo carro esporte uma garota e um rapaz.

h) "Passava pela calçada o fotógrafo João Lopes carregando a sua máquina a tiracolo." (Josué Guimarães)

8. Ordene os termos dos períodos seguintes de tal maneira que se desfaça a ambiguidade, isto é, o duplo sentido. Use as vírgulas necessárias:

a) Os terroristas obrigaram o pessoal da redação e da oficina do jornal a retirar-se antes do empastelamento do prédio.

b) Descia um perfume do alto da montanha que embriagava os sentidos.

c) Mando-te uma cadelinha pela minha empregada que tem as orelhas cortadas.

d) A guerra nada conserta: nada mais é que uma efusão de sangue inútil.

e) Marisa retira a chave nervosa da bolsa que introduz na fechadura com medo.

9. Neste pequeno relato jornalístico nota-se um erro de colocação que ocasiona duplo sentido. Qual é o erro e como se pode corrigi-lo?

"Numa de suas viagens à Amazônia, pelo Projeto Radam, o sertanista Peret conseguiu ajudar os índios nos seus dias de caça, trazendo os animais abatidos de helicóptero para uma picada próxima das palhoças.

Agora, uma nova equipe chegou à mesma tribo. Quando planejaram a primeira caçada, ouviram de um caiapó:

– Eu mato o veado. Você arranja o cavalo voador. (Diarã katon uati. Kaí rarére birreotú.)"

(*Jornal do Brasil*, 26/4/1974)

10. Escreva os períodos, iniciando-os com os termos indicados entre parênteses e dispondo os demais de modo ideal:

a) Um homem gordo pode ser muito fino? (**verbo auxiliar**)

b) A água do coco por onde entra? (**predicado**)

c) Muito mais que um chute na canela dói um bom drible. (**sujeito**)

d) No meio da catarata ninguém pode beber água. (**objeto direto**)

e) Seu grito foi tão alto que o morcego saiu feito uma bala, pela janela. (**predicativo do sujeito**)

f) Era mais do que visível que Simplício ficara com um nó na garganta. (**oração subordinada substantiva**)

g) Foi infeliz o Virgulino, que, não tendo cavalo, deu com os burros n'água. (**predicativo do sujeito**)

h) Só o capim interessava aos animais. (**objeto indireto**)

i) Criaturas ingratas! Não têm boca para agradecer. (**adjunto adnominal**)

j) As declarações do ministro não podiam agradar ao presidente. (**objeto indireto**)

11. Dê ênfase ao predicativo colocando-o no início da frase:

O que estavam fazendo com aquela gente era sumamente injusto.

5 COLOCAÇÃO DOS PRONOMES OBLÍQUOS ÁTONOS

Neste exemplo de José Fonseca Fernandes:

"Despediu-*se* aborrecido do especialista, que, amável, estendia-*lhe* a mão com simpatia."

podemos observar que os pronomes pessoais átonos *se* e *lhe* se incorporam foneticamente ao verbo, formando com este como que uma só palavra.

Conforme sua posição junto ao verbo, os pronomes oblíquos átonos podem ser:

- **proclíticos** (antepostos ao verbo)
  Isso não **se** faz.
- **mesoclíticos** (intercalados no verbo)
  Chamar-**me**-iam de louco.
- **enclíticos** (pospostos ao verbo)
  Quero-**lhe** muito bem.

Essas três colocações dos pronomes átonos denominam-se, respectivamente, *próclise, mesóclise* e *ênclise*.

Observação:

✔ As normas que vamos dar acerca da colocação pronominal aplicam-se também ao pronome demonstrativo *o*, que pode incorporar-se ao verbo à maneira de um pronome pessoal átono, como no exemplo:

Ia dizer-lhe uma palavra áspera, mas não *o* fiz.

6 PRÓCLISE

A próclise será de rigor:

- quando antes do verbo houver, na oração, palavras que possam atrair o pronome átono[1]. Tais palavras são principalmente:

a) as de sentido negativo:

Não *o maltratei*.

Nunca *se queixa* nem *se aborrece*.

Ninguém *lhe resiste*.

Nada *a perturba*.

Nenhum lugar *nos agradou*.

Jamais *te importunei*.

Observação:

✔ Se a palavra negativa preceder um infinitivo não flexionado, é possível a ênclise: Calei-me para não *magoá-lo*.

(1) Não se trata, é claro, de uma atração de natureza física, mas sim da influência fonética que certas palavras exercem sobre as vizinhas para atender ao ritmo e à entoação da frase.

b) os pronomes relativos:

Há pessoas que *nos querem* bem. Nenhuma que *nos odeie*.

Conheces o homem por quem *te apaixonaste*?

"Só então Luísa adivinhou o que *se teria passado*." (FERNANDO NAMORA)

c) as conjunções subordinativas:

Quando *nos viu*, afastou-se.

Se *me ensinares* o caminho, chegarei lá.

Ela não quis os brincos, embora *lhe servissem*.

Ele é teu pai: é justo que *o ampares*.

Disse-me que não iria à festa, ainda que *a convidassem*.

Não sei como *se justificaram* perante a diretora.

Reagimos porque *nos agrediram*.

Observação:

✔ A elipse da conjunção não dispensa a próclise:

Peço a Vossa Excelência *me dispense* dessas formalidades.

Quando passo e *te vejo*, exulto.

d) certos advérbios:

Sempre *me lembro* dele.

Já *se abrem* as portas das lojas e dos bancos.

Bem *se vê* que não entendes do riscado.

Aqui *se trabalha*, lá *se fala* da vida alheia.

Deixe a pasta onde *a encontrou*.

Mais *se aprende* vendo do que ouvindo.

O avô talvez *o ajude* a comprar a casa.

Ainda *se lembra* de mim?

Por que o pai *lhe bate*?

Indaguei como *se chega* lá.

Observação:

✔ Se houver pausa depois do advérbio, prevalecerá a ênclise:

"Depois, encaminhei-me para ele." (SAID ALI)

"Aqui uma nuvem escura envolveu-lhe o espírito." (ANÍBAL MACHADO)

e) os pronomes indefinidos *tudo, nada, pouco, muito, quem, todos, alguém, algo, nenhum, ninguém, quanto:*

Tudo *se acaba*.

Nada *lhe agradava* ali.

Ignoro de quem *se trata*.

Pouco *se sabe* a respeito desse artista.

Algo *o incomoda*?

f) a palavra *só*, no sentido de *apenas, somente*, e as conjunções coordenativas alternativas *ou... ou, ora... ora, quer... quer*:

Só *me ofereceram* um copo d'água.

Só *se lembram* de nós quando estão doentes.

Ou ele *se corrige* ou *lhe voltarão* as costas.

O rio, ora *se estreita*, ora *se alarga* caprichosamente.

Quer *nos atacasse*, quer *se escondesse*, a onça era sempre um perigo.

- nas orações optativas cujo sujeito estiver anteposto ao verbo:

Deus *o guarde!*

Os céus *te favoreçam!*

A terra *lhe seja* leve!

- nas orações exclamativas iniciadas por palavras ou expressões exclamativas:

Como *te iludes!*

Quanto *nos custa* dizer a verdade!

"Que de coisas *me disse* a propósito da Vênus de Milo!" (MACHADO DE ASSIS)

- nas orações interrogativas iniciadas por advérbio ou pronome interrogativos:

Quando *me visitas?*

Quem *se apresenta?*

Por que *vos entristeceis?*

Acaso *lhe faltam* recursos?

Na pronúncia do Brasil, as formas pronominais oblíquas não são completamente átonas; são, antes, semitônicas. Assim se explica por que entre nós é predominante a tendência para a próclise:

Ele terá de *se explicar*.

É o que eu queria *lhe dizer*.

As pessoas foram *se retirando*.

Me empreste o livro.

"Calado, *me diga* se devo ir-me embora." (CECÍLIA MEIRELES)

"Nosso sonho vai *se realizar*." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

"*Te agarra* com aquele pretinho do céu, Amparo!" (JOSUÉ MONTELLO)

"Percebi que estavam *me chamando*." (VIVALDO COARACI)

"*Me* penteio, *me* lavo, *me* embelezo." (MARINA COLASANTI)

"Como teria *se comportado* aquela alma de passarinho...?" (RAQUEL DE QUEIRÓS)

7 MESÓCLISE

A intercalação das variações pronominais átonas ocorre somente no futuro do presente e no futuro do pretérito, desde que antes do verbo não haja palavra que exija a próclise. Exemplos:

Realizar-se-á, em maio, uma reunião de prefeitos.

Falar-lhe-ei a teu respeito, na primeira oportunidade.

Por este processo, *ter-se-iam* obtido melhores resultados.

"*Dir-me-á* o leitor que a beleza vive de si mesma." (MACHADO DE ASSIS)

"Eu derrocarei o templo de Jeová e *edificá-lo-ei* em três dias!" (EÇA DE QUEIRÓS)

"*Dar-me-iam* água para lavar as mãos?" (GRACILIANO RAMOS)

"Gildete *manter-se-ia* atenta para o que desse e viesse." (JORGE AMADO)

"Sua atitude é serena, *poder-se-ia* dizer hierática, quase ritual." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"Viesse a música de onde viesse, *conduzi-lo-ia* à terra." (JOSÉ FONSECA FERNANDES)

"*Contentar-nos-emos* agora com sambas velhos..." (GRACILIANO RAMOS)

Havendo palavra atrativa, impõe-se a próclise:

Não *lhe pedirei* nada. Ninguém *se importaria*.

Observações:

✔ Em caso algum se haverá de pospor o pronome átono ao futuro do indicativo: dir-se-ia, dir-lhe-ei, dir-lhe-ia, far-se-ia, vender-lhe-ei, chamá-lo-ia, e nunca: diria-se, direi-lhe, diria-lhe, faria-se, venderei-lhe, chamaria-o.

✔ A mesóclise é colocação exclusiva da língua culta e da modalidade literária. Na fala corrente, emprega-se a próclise: Eu *lhe* direi a verdade. Eles *se* arrependerão (ou *vão se arrepender*). Ela *o* chamaria de louco. Ao meio-dia, *nos* sentaríamos à mesa.

8 ÊNCLISE

Os pronomes átonos estarão em ênclise:

- nos períodos iniciados pelo verbo (que não seja o futuro), pois, na língua culta, não se abre frase com o pronome oblíquo:

  "*Vai-se* a primeira pomba despertada!" (RAIMUNDO CORREIA)

  "*Diga-me* isto só, murmurou ele." (MACHADO DE ASSIS)

  "*Vendo-a* entrar, Araquém partiu." (JOSÉ DE ALENCAR)

Observação:

✔ Iniciar a frase com pronome átono só é lícito na conversação familiar, despreocupada, ou na língua escrita, quando se deseja reproduzir a fala dos personagens:

Me ponho a correr na praia.

"*Me* larga! Eu quero ir embora." (FERNANDO SABINO)

"*Nos* atirarmos à água pode nos ser fatal." (MILLÔR FERNANDES)

- nas orações reduzidas de gerúndio, quando nelas não houver palavras atrativas:

  "O anão chegara-se a Inocência, *tomando-lhe* uma das mãos." (VISCONDE DE TAUNAY)

Se o gerúndio vier antecedido da preposição expletiva *em*, ou modificado por um advérbio, usar-se-á a próclise:

Em *se tratando* de um caso urgente, nada o retinha em casa.

Não *o achando* em casa, voltei desanimado.

Custódio era dado ao luxo, pouco *se importando* com despesas.

- nas orações imperativas afirmativas:

  Procure suas colegas e *convide-as*.

  "Romano, *escuta-me*!" (OLAVO BILAC)

Observação:

✔ A próclise com o imperativo afirmativo não era estranha ao português clássico:

"Agora tu, Calíope, *me ensina*..." (LUÍS DE CAMÕES)

O pão nosso de cada dia *nos dai*, hoje. (oração dominical)

- junto ao infinitivo não flexionado, precedido da preposição *a*, em se tratando dos pronomes *o, a, os, as*:

  Todos corriam *a ouvi-lo*.

  Começou *a maltratá-la*.

  "Sabe ele se tornará *a vê-los* algum dia?" (JOSÉ DE ALENCAR)

Junto a infinitivo flexionado, regido de preposição, é de rigor a próclise:

Repreendi-os por *se queixarem* sem razão.

- Vindo o infinitivo impessoal regido da preposição *para*, quase sempre é indiferente a colocação do pronome oblíquo antes ou depois do verbo, mesmo com a presença do advérbio *não*:

  Corri para *defendê-lo*.

  Corri para *o defender*.

  Calei-me para não *contrariá-lo*.

  Calei-me para não *o contrariar*.

Observação:

✔ Escritores clássicos costumavam intercalar o advérbio *não* entre o verbo e o pronome proclítico:

"E queira Deus que *te não enganes*, menino!" (CARLOS DE LAET)

"Há coisas que *se não descrevem*." (GASTÃO CRULS)

"Já *me não lembravam* os três primeiros nomes." (MACHADO DE ASSIS)

Tal colocação é obsoleta.

9 ÊNCLISE EUFÔNICA E ENFÁTICA

Em certos casos, a ênclise é justificada por exigências da eufonia ou da ênfase, embora com sacrifício das regras expostas no estudo da próclise.

"Era verdade que Dom Augustin *excedera-se* um pouco." (VIANA MOOG)

Acontecia às vezes que uma das éguas xucras *arrumava-lhe* um coice." (VIVALDO COARACI)

10 COLOCAÇÃO DOS PRONOMES ÁTONOS NOS TEMPOS COMPOSTOS

- Nos tempos compostos os pronomes átonos, na língua culta de tradição lusitana, se juntam ao verbo auxiliar e jamais ao particípio, podendo ocorrer, de acordo com as regras já estudadas, a próclise, a ênclise ou a mesóclise:

  Os amigos *o tinham prevenido*.

  Os presos *tinham-se revoltado*.

  Nunca *a tínhamos visto*.

  Haviam-no já declarado vencedor.

  Até lá muitos já *se terão arrependido*.

  "Você *tem-se governado* com virtude e fina sabedoria." (AMADEU DE QUEIRÓS)

  "Muitas infelicidades *me haviam perseguido*." (GRACILIANO RAMOS)

  "*Ter-lhe-ia sido* nociva alguma de minhas prescrições?" (GASTÃO CRULS)

  "Não devíeis *tê-los libertado*." (ANA MIRANDA)

  "Eu *tinha-me escondido* atrás de uma mangueira muito alta." (AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA)

- A colocação do pronome átono junto ao particípio, censurada pela Gramática tradicional, é peculiar à língua portuguesa do Brasil, em todos os níveis de fala, e encontra acolhida entre os melhores escritores modernos. Exemplos:

  "Tinha *se esquecido* de conferir o bilhete." (VIVALDO COARACI)

  "A conversa na mesa teria *lhe dado* suficiente prestígio para isso?" (JORGE AMADO)

  "A terra devia ter *se contorcido*, fervendo em lama." (ADONIAS FILHO)

  "Era como se tivesse ido muito longe, ou *se escondido* atrás de uma parede muito grossa." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

  "A situação agora havia *se invertido*." (JOSÉ J. VEIGA)

  "O general Bagnuoli está plantado na sua colina de espera, depois de haver *se recusado* a enfrentar Nassau..." (ASSIS BRASIL)

  "Melhor destino, nem ele próprio teria *se concedido*." (NÉLIDA PIÑON)

11 COLOCAÇÃO DOS PRONOMES ÁTONOS NAS LOCUÇÕES VERBAIS

Nas locuções verbais podem os pronomes átonos, conforme as circunstâncias, estar em próclise ou ênclise ora ao verbo auxiliar, ora à forma nominal:

- Verbo auxiliar + infinitivo:

  Devo calar-me, ou *devo-me calar*, ou *devo me calar*.

Não devo calar-me, ou *não me devo calar*, ou *não devo me calar*.

Mandei-os entrar. Não os mandei entrar.

Podes ajudá-lo. Não o podes ajudar, ou *não podes ajudá-lo*.

Queriam enganar-me, ou *queriam-me enganar*, ou *queriam me enganar*.

Não queriam enganar-me, ou *não me queriam enganar*.

"Mas agora já *sabemos nos defender*." (GUIMARÃES ROSA)

"Não *posso me confessar* autor dessas barbaridades." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

"Se Vossa Senhoria quer, *posso lhe mandar* algumas." (MARTINS PENA)

Observação:

✔ Na fala brasileira, como atestam os três últimos exemplos, os pronomes átonos acostam-se, em geral, ao infinitivo.

- Verbo auxiliar + preposição + infinitivo:

Há de acostumar-se, ou *há de se acostumar*.

Não se há de acostumar, ou *não há de acostumar-se*.

Deixou de visitá-lo, ou *deixou de o visitar*.

Não o deixou de visitar, ou *não deixou de visitá-lo*, ou *não deixou de o visitar*.

- Verbo auxiliar + gerúndio:

Vou-me arrastando, ou *vou me arrastando*, ou *vou arrastando-me*.

Não me vou arrastando, ou *não vou me arrastando*.

As sombras foram-se dissipando, ou *as sombras se foram dissipando*, ou *as sombras foram se dissipando*, ou ainda *as sombras foram dissipando-se*.

V.Sª me está insultando, ou *V.Sª está me insultando*, ou *V.Sª está insultando-me*.

Não o estou criticando, ou *não estou criticando-o*.

Eu o estava lendo há pouco, ou *estava-o lendo há pouco*, ou *estava lendo-o há pouco*.

As forças *iam-se-lhe sumindo* de dia para dia.

"Que relógio parado *me estava governando*?" (CECÍLIA MEIRELES)

"A tarde *ia-se tornando* lindíssima." (CECÍLIA MEIRELES)

"Cada vez mais ela *se ia transformando*." (JOSÉ LINS DO REGO)

"Meus olhos *iam se enchendo* de água." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"Você *está me machucando*." (FERNANDO SABINO)

"Mas aos poucos foi *se adaptando*." (VIVALDO COARACI)

"Atualmente a justiça *está se tornando* inviável até para os ricos." (EVANDRO LINS E SILVA)

Observações:

- ✔ A colocação que se vê nos quatro últimos exemplos, com o pronome átono proclítico ao verbo principal, espelha um fato inequívoco da língua falada e escrita do Brasil. A Gramática não pode senão sancioná-la.
- ✔ A maneira de colocar os pronomes átonos, no falar brasileiro, nem sempre coincide com a dos portugueses, devido à entoação diferente e ao ritmo peculiar de nossa fala.
- ✔ As normas que acabamos de traçar acerca da topologia pronominal não devem ser vistas como preceitos intocáveis, ficando, em muitos casos, subordinadas às exigências da ênfase, da harmonia e espontaneidade da expressão.

EXERCÍCIOS LISTA 57

1. Nos exemplos abaixo aparecem todos os pronomes pessoais átonos. Escreva as frases, numerando-as de acordo com a colocação dos pronomes junto ao verbo. Em seguida sublinhe os pronomes:

(1) **proclítico** (2) **mesoclítico** (3) **enclítico**

Autorizaram-me a entrar.
Não te metas nisso.
Amai-vos uns aos outros.
Organizar-se-á uma equipe.
Todos o admiram.
Sustive-a na palma da mão.
Quem os ajudara?
Trato-as com muito respeito.
Comprar-lhe-ia roupa nova.
Não lhes acho graça.
Aprontamo-nos rapidamente.
É um prazer ouvi-lo falar.

2. Justifique a próclise, escrevendo e numerando as frases adequadamente, conforme as palavras que apareçam antes do verbo:

(1) **palavras de sentido negativo**
(2) **pronomes relativos**
(3) **conjunções subordinativas**

Ninguém **lhe** resiste.
Pedi que **se** afastassem.
Quando **me** lembrei, já era tarde.
Não **se** nega um copo d'água.
Preciso de alguém que **me** oriente.
São pessoas com quem **nos** identificamos.

3. Justifique a colocação dos pronomes oblíquos nestes períodos:

Deus **o** acompanhe!
Por que **se** preocupa tanto com essas coisas?
Não **a** vejo há muito tempo.

Ficar-**lhe**-ei grato por esse favor.
Distraímo-**nos** ouvindo música.
Tornei a visitá-**los** três meses depois.
Fiquei olhando o carteiro, que **se** aproximava.
Pedi licença para **me** retirar (ou retirar-**me**).
Como a gente **se** engana!
A mãe correu para as filhas, beijando-**as** muito.
Pedi que **os** guardasse em lugar seguro.
Procure seu irmão e peça-**lhe** desculpas.
Várias pessoas já **me** disseram isso.
Rugas precoces instalaram-**se** no rosto dele.
Tudo **nos** leva a crer que João é inocente.

4. Varie os verbos em todas as pessoas, com os pronomes mesoclíticos:

a) **Estabelecer-me-ei** nesta cidade.
b) **Retirar-me-ia** da reunião.
c) **Jogá-lo-ei** ao mar.
d) **Conceder-lhe-ia** licença.

5. Escreva corretamente o único período em que há erro de colocação pronominal; justifique:

a) Enquanto se absteve de beber e fumar, sua saúde melhorou.
b) Plantações de cana-de-açúcar estendiam-se até a linha do horizonte.
c) Ele não é um bom escritor, embora reconheça-lhe algumas qualidades.
d) Quando a patroa limpa a louça, ela o faz com extremo cuidado.

6. Copie o período no qual a mesóclise é inadequada, corrigindo a má colocação:

a) Sentir-me-ia mais aliviado, se conseguisse chorar um pouco.
b) Se mergulhares um pano vermelho neste rio, retirá-lo-ás cheio de piranhas.
c) Dir-se-ia que pairava sobre nós uma divindade funesta.
d) Nada contentá-lo-á enquanto não tiver a paz interior.

7. Reescreva de maneira correta as duas frases em que a colocação pronominal não está de acordo com o padrão culto. Justifique:

a) Caberia-lhe então mostrar patriotismo e competência.
b) Será preciso refazer a estrada, modificando-lhe o traçado.
c) Me disseram que a cachoeira de Sete Quedas sumiu rio abaixo, levada pelo progresso.

8. Coloque corretamente junto aos verbos em destaque os pronomes entre parênteses:

a) **Detive** para ouvir melhor. (*me*)
b) Nenhum obstáculo **fará** recuar. (*nos*)
c) Jacinto não entendeu o que Sônia **disse**. (*lhe*)
d) Quando ele **enfurece**, não há nada que **detenha**. (*se – o*)
e) Bem **vê** que não **preocupas** com essas coisas. (*se – te*)
f) Como **custa** perdoar uma ofensa! (*nos*)

g) Viesse donde viesse, **receberíamos** com a alegria de sempre. (*o*)
h) **Lembra** de nós – disse o padrinho, **despedindo**. (*te – se*)
i) **Retirarei**, se **recusais** a ouvir-me. (*me – vos*)
j) Talvez dali por diante agisse de outro modo, **acautelasse** contra pessoas inescrupulosas. (*se*)
k) Mais depressa **apanha** um mentiroso do que um coxo. (*se*)
l) Tudo **encantava** e **dizia** que a vida é bela. (*a – lhe*)
m) **Acenderam** fogueiras, onde **assaram** batatas-doces. (*se – se*)
n) Só **direi** isto: Ivone, jamais **esquecerei** de você! (*lhe – me*)
o) A avó gosta dos netos, **trata** com carinho, **alegra** quando **vê**. (*os – se – os*)
p) **Trataria** de objetos voadores não identificados? (*se*)

9. Dê outra colocação aos pronomes átonos, mas só quando for lícita:

a) Ergueram o homem e **o** carregaram até a farmácia mais próxima.
b) Quem **a** visse ao lado dos escravos **a** julgaria também cativa.
c) A brava nação tupi **se** erguerá novamente para expulsar o invasor.
d) Nada **a** satisfaria, enquanto não **os** tivesse consigo.
e) João **se** levantou para agredir-**me**, mas Luís deteve-**o**, segurando-**lhe** o braço.
f) A agricultura não **os** havia ainda fixado à terra.

10. Incorpore corretamente os pronomes aos tempos compostos e às locuções verbais:

a) **Teriam falado** a meu respeito? (*lhe*)
b) E se eu **houvesse enganado**? (*me*)
c) Era um vidrinho de perfume cuja essência já **tinha evaporado**. (*se*)
d) **Haviam procurado** em toda parte. (*o*)
e) **Tendo** o menino **distraído** na rua, não assistiu à primeira aula. (*se*)
f) **Teria mordido** algum cachorro? (*o*)
g) Várias pessoas já **tinham ido ver**. (*o*)
h) Era como se tivesse ido muito longe, ou **escondido** atrás de uma parede muito grossa. (*se*)
i) Ela aplaudia a transformação que **ia operando** em mim. (*se*)
j) O marido **está aconselhando** a desistir da viagem. (*a*)
k) Cada vez mais eles **foram distanciando** de nós. (*se*)
l) Eu **deveria reunir** a eles para a escalada do morro. (*me*)

11. Há mais de uma alternativa lícita para a colocação dos pronomes nos tempos compostos e nas locuções verbais. Assinale, em cada grupo, a que representa uma peculiaridade da fala brasileira:

Os presos tinham-se revoltado contra os carcereiros.
Os presos tinham se revoltado contra os carcereiros.
Os presos se tinham revoltado contra os carcereiros.
Você lhe devia ter cedido o lugar.
Você devia ter-lhe cedido o lugar.
Você devia ter lhe cedido o lugar.
O navio se foi afastando lentamente.

O navio foi se afastando lentamente.

O navio foi-se afastando lentamente.

O navio foi afastando-se lentamente.

12. Assinale a única frase em que a colocação do pronome átono espelha uma característica da língua portuguesa do Brasil:

"Que relógio parado **me estava governando**?" (CECÍLIA MEIRELES)

"Don'Ana pressente que alguma coisa de muito sério **se está processando**." (JORGE AMADO)

"**Dar-me-iam** algum monte de feno onde dormir..." (RUBEM BRAGA)

"Não faz mal que a plantação **se vá estendendo** por toda a área." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

"**Poderia ter se encontrado** com a raposa..." (LÊDO IVO)

"Aquela bonequinha de muita conversa e forte maquilagem **o estava enfeitiçando**." (VILMA GUIMARÃES ROSA)

13. Nos exemplos seguintes há outras opções para a colocação dos pronomes átonos. Dê todas as colocações lícitas:

a) Soube que estavam sozinhos: vim para os ajudar.

b) Eu aproximava-me deles com certo receio.

c) Os ingressos para o jogo podem-se comprar aqui.

d) Os homens devem-se amar uns aos outros.

e) "Não pode permitir-se o fabrico ou a importação de produtos que tais, alheios à demanda nacional mais urgente." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

f) "Ainda que voltasse a vista para mim, ele não poderia me ver." (RUBEM BRAGA)

g) "A tarde ia-se tornando lindíssima." (CECÍLIA MEIRELES)

h) Depois de amarrá-lo ao pé da árvore, eu dava-lhe de comer.

i) "Não me quis dizer o que era." (MACHADO DE ASSIS)

j) "Aquele freguês estava se dirigindo ao Chefe da Nação." (ANÍBAL MACHADO)

k) "Naquele tempo a escuridão se ia dissipando, vagarosa." (GRACILIANO RAMOS)

l) "Eu quis experimentar-te." (ALEXANDRE HERCULANO)

m) "Daqui a poucas horas me hás de conhecer." (ALEXANDRE HERCULANO)

n) "A mãe contava um caso qualquer que tinha se passado em casa." (AUTRAN DOURADO)

o) Eu devia esperar no colégio até que papai viesse buscar-me de carro.

p) Viúva acusa investigador de ter se apoderado de sua fortuna.

q) "O povo se comprimia cada vez mais ao pé do altar." (BERNARDO ÉLIS)

r) "Uma saudade funda lhe aperta o coração." (JOSÉ CONDÉ)

s) "Se Viana não saísse das Minas, o guarda-mor ver-se-ia obrigado a usar suas forças militares." (ANA MIRANDA)

14. Orientando-se pelo exemplo, redija os períodos abaixo na forma B:

A) Eu reconheci **algumas delas**.
B) **Algumas delas**, eu **as** reconheci.

a) Levava à boca as migalhas que lhe ficavam entre os dedos.
b) Os passarinhos conseguem frutas e insetos pelo seu próprio esforço.
c) Tu ensinaste a caridade, o perdão e o sacrifício durante toda a tua vida.
d) Ela fez os doces e as empadas bem gostosos.
e) Quem não admira o mar e seus encantos?

15. Corrija onde houver erro de colocação pronominal:

a) Quero que encontre-o imediatamente.
b) Não quero-lhe mal por isso.
c) Há pessoas que estimam-no demais.
d) Me diga onde poderei encontrar produtos aromatizantes.
e) Nunca levei-o a sério.

16. Escreva na ordem direta:

a) Remédios, os indígenas encontravam nas plantas.
b) Os avarentos, é certo que não aproveitam a vida.
c) De médico e de louco todos temos um pouco.
d) Durante aqueles breves momentos, rememorei toda a minha vida.
e) Considero valiosíssima a colaboração dos alunos.

17. Você acha que algo se modificou na segunda redação do exercício 16? Na ordem direta algo se perdeu? Justifique.

18. Coloque o pronome oblíquo antes ou depois do verbo, obedecendo às regras que orientam a colocação pronominal na norma culta.

a) Não levarei comigo! (a)
b) Espero que tenha dito a verdade. (lhe)
c) Ninguém assusta. (os)
d) Há muitos problemas que apavoram. (nos)
e) Sempre lembro daqueles dias maravilhosos. (me)

19. Faça como no exercício anterior.

a) Embora estime, está sempre repreendendo. (me, me)
b) Todos maltrataram, segundo diz. (o)
c) Já fizeram muitas perguntas sobre esse assunto. (nos)
d) Bem vê que você não conhece. (se, as)
e) Quando entregarão os resultados dos exames? (nos)
f) Diga só uma coisa: os amigos nunca haviam avisado do perigo? (me, o)

LEITURA
O inquérito

No dia seguinte foi o inquérito.

João Miguel ainda estava atordoado, meio tonto, quando Salu o escoltou até a pequena sala caiada, onde o delegado assistia, com a ordenança guardando a porta.

O escrivão, malvestido, magro, de cara vermelha grossa de espinhas, fazia a pena zumbir, monotonamente, como um inseto que fosse deixando a marca das patas em tinta roxa sobre a alvura das páginas do grande livro preto.

E foi um longo suplício esse inquérito, em que o delegado, defendido pelas figuras imóveis dos soldados de guarda, acastelado atrás da sua mesa carregada de papéis, o crivava de mil perguntas e ditava as respostas para o escrivão, de uma em uma, lançando devagar as palavras, como se, escorropichando cada sílaba da sombria história, mais aumentasse, mais enegrecesse o gesto do criminoso.

De repente, levantou os papéis, e de sob eles tirou uma faca de grossa bainha castanha.

O preso sentiu um baque no coração. Lentamente, o homem sacou fora da bainha a lâmina, que fulgurou à luz do dia, com um relâmpago branco de espelho.

Manchas escuras se espalhavam pela folha, cortando o brilho do aço. E, junto ao cabo, sob os dedos do delegado, que o seguravam indiferentes, uma crosta de sangue se agarrava ainda, teimosa, como o selo do crime.

O preso quase cambaleou ante aquela exibição que o cegava, enquanto o delegado, furando a madeira da mesa com a ponta da faca, continuava a perguntar:

— Reconhece como sua esta arma com que foi cometido o assassinato?

Ele apenas pôde baixar a cabeça. O homem insistiu na pergunta, até que o preso, afinal, conseguiu murmurar:

— Reconheço...

O delegado virou-se para o outro, que suspendera a pena, e machucava lentamente uma espinha inchada da cara:

— Senhor escrivão, lance a confissão do acusado.

Muito tempo depois, por fim satisfeito, o delegado o despediu com um conselho:

— Isto é para vocês se acostumarem a ter medida em cachaça... Veja você, um rapaz tão quieto, que nunca tinha dado uma entrada no xadrez...

O preso viu-se, afinal, a caminho da cela.

(Raquel de Queirós, *João Miguel*, in *Três Romances*, p. 134, José Olympio, Rio de Janeiro, 1957)

SINTAXE DE COLOCAÇÃO
Exercícios de exames e concursos
[Página 689]

EMPREGO DE ALGUMAS CLASSES DE PALAVRAS

1 ARTIGO

De modo geral, o artigo definido se aplica a seres conhecidos ou já mencionados e o indefinido a seres desconhecidos, indeterminados ou de que não se fez menção. Exemplo:

"*Um* dia, olhando para *o* quintal do vizinho, vi *um* rapaz que sorria para mim." (RIBEIRO COUTO)

▪ Artigo definido

▪ Dentre os nomes próprios geográficos, a língua atual distingue:

a) os que repelem o artigo:

Portugal, Roma, Atenas, Curitiba, Minas Gerais, Copacabana, etc.

b) os que exigem o artigo:

a Bahia, o Rio de Janeiro, o Porto, o Cairo, o Havre, a Argentina, as Canárias, os Açores, a Sicília, etc.

Diz-se, de preferência, *o Recife*.

Observação:

✓ Os locativos do primeiro grupo usam-se com o artigo sempre que vierem caracterizados por adjetivo, locução adjetiva, ou oração adjetiva: *o velho Portugal, a Roma dos Césares, a Atenas de Péricles, a soberba Catargo.*

"E passou a explicar como era *a Corumbá* em que nascera." (VIANA MOOG)

▪ Nomes próprios personativos são determinados pelo artigo quando usados no plural. Exemplos:

os Homeros, os Caxias, os Maias.

Anteposto a nomes de pessoas, o artigo denota intimidade e confere-lhes uma conotação familiar:

A Helena estuda à noite.

"E *o Costa* sempre lhano, risonho." (MACHADO DE ASSIS)

- O uso do artigo antes dos pronomes possessivos é, geralmente, livre:

Foi rápida *a sua passagem* (ou *sua passagem*) pelo Rio.

Seus planos (ou *os seus planos*) foram descobertos.

- Diz-se, sem o artigo:

Foram presos *todos três*.

"Era belo de verem-se *todos cinco* em redor da criança." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"... opinião desfavorável sobre *todas três*." (LIMA BARRETO)

"*Todas duas* eram bonitas e parecidas." (ARIANO SUASSUNA)

Mas com o artigo:

Foram presos *todos os três assaltantes*.

"... ficou *todos os três dias* no jornal." (LIMA BARRETO)

- Embora censurada por alguns gramáticos, é frequente, na língua atual, a anteposição do artigo *o* (como partícula de realce) ao advérbio *quanto* e ao pronome interrogativo *que*:

"Só agora via *o quanto* se enganara." (LÍGIA FAGUNDES TELLES)

"*O que* diria Deus daquilo tudo?" (JOSÉ LINS DO REGO, *apud* LUÍS CARLOS LESSA)

- O artigo e o numeral, antes dos substantivos *milhão*, *milhar* e *bilhão*, devem concordar no masculino:

Os dois milhões [e não *as dois*, nem *as duas milhões*] de árvores plantadas cresceram bem.

Os milhares de crianças que vivem nas ruas clamam por ajuda.

Haverá emprego para *os dois bilhões* de pessoas que podem trabalhar?

Observação:

✔ São viciosas construções como "*os* 1,1 milhão de servidores da União", "*os* 1,5 milhão de vítimas da guerra", "*os* 1,2 bilhão de chineses", etc., porque o numeral *um* não admite artigo. Com efeito, não se diz que alguém recusou *o* (ou *os*) *um* milhão de dólares pela sua casa, mas sim que recusou *um milhão* de dólares.

Omissão do artigo definido

Omite-se o artigo definido:

- antes de nomes de parentesco precedidos de possessivo:

"Vendeu Mariana as terras e deixou a casa *a sua tia*, que nascera nela e onde *seu pai* casara." (CAMILO CASTELO BRANCO)

Observação:

Às vezes a ênfase justifica a presença do artigo: "Viemos ver *o meu pobre irmão*." (CAMILO CASTELO BRANCO)

- antes das formas de tratamento, antes dos títulos honoríficos *dom* e *monsenhor*, bem como antes de *frei*:

"Engana-se *Vossa Senhoria*, disse o barbeiro." (MACHADO DE ASSIS)

"Travou-se acesa polêmica entre *Dom* Antônio de Macedo Costa e o Barão de Penedo." (HÉLIO VIANA)

Após a missa, *monsenhor* Gonçalves visitou um orfanato.

Para as crianças, *frei* Lucas era um pai.

- entre o pronome *cujo* e o substantivo imediato:

Há animais *cujo pelo* é liso. [E não: *cujo o pelo* é liso]

Afinal encontrei o livro *cuja capa* me havia fascinado.

- diante dos superlativos relativos, em frases como estas:

Ouvi *os mestres mais competentes*. [E não: *os mestres os mais competentes*]

Não lhe bastavam *as glórias mais embriagadoras*.

Observações:

✔ A repetição do artigo [*os* mestres *os* mais competentes, *as* glórias *as* mais embriagadoras] constitui, neste caso, um galicismo.

✔ Todavia, são de bom cunho as seguintes construções: *mestres os mais competentes, os mais competentes mestres, os mestres ainda os mais competentes:*

"Trinta milhões vivendo em níveis históricos *os mais contrastantes*." (VIANA MOOG)

"Neste fenômeno se patenteia a nobilitação que a singela prática do trabalho mais obscuro imprime nos caracteres *ainda os mais antipáticos*." (RAMALHO ORTIGÃO)

- frequentemente nos provérbios e máximas:

Pobreza não é vileza. *Tempo é dinheiro.*

- antes de substantivos usados em sentido geral ou indeterminado:

"Pra *queda* e *susto água fria é remédio*." (LUÍS JARDIM)

"Lera numa revista que *mulher* fica mais gripada que *homem*." (RICARDO RAMOS)

- em certas expressões como: *ouvir missa, declarar guerra, dar esmola, pedir perdão, pedir esmola, fazer penitência, a meu ver*, etc.

- diante da palavra *casa*, quando designa a residência, o lar da pessoa que fala ou de quem se trata:

Voltei *a casa*. Fui *para casa*. Venho *de casa*.

Saiu *de casa*. Foi *para casa*. Ficou *em casa*.

Observação:

✔ Todavia, se a palavra *casa* vier acompanhada de adjetivo ou locução adjetiva, antepõe-se-lhe, ordinariamente, o artigo:

João deixou *a casa paterna* ainda criança.

"... a costureira chegou *à casa da baronesa*." (MACHADO DE ASSIS)

"De tarde, arrastei-me até *a casa da preta velha*." (GASTÃO CRULS)

- antes de *terra* (em oposição a *bordo, mar*):

Alguns marinheiros ainda estavam em *terra*.

"Ele será o comandante das tropas holandesas quando em *terra*." (ASSIS BRASIL)

▪ O artigo e a crase

Convém recordar que a crase, resultante da contração da preposição *a* com os artigos *a, as,* só é possível diante das palavras femininas que admitem esses artigos.

▪ Artigo indefinido

Não obstante sua imprecisão, o artigo indefinido transmite ao substantivo grande força expressiva. Exemplos:

"... (o tigre) atirou-se como *um* estilhaço de rocha cortada pelo raio." (JOSÉ DE ALENCAR)

"Foi *uma* alegria, quando viu os pais." (RODRIGUES LAPA)

"Recomeçou a falar com *uma* calma que não sabia bem de onde vinha." (ANÍBAL MACHADO)

"Estou com *uma* fome..." (FERREIRA DE CASTRO)

Antepõe-se aos numerais para exprimir cálculo aproximado:

Fiquei esperando *uma* boa meia hora.

"Eu devia ter, por esse tempo, *uns* dezesseis anos." (RIBEIRO COUTO)

2 ADJETIVO

- O adjetivo aparece na frase como:

a) adjunto adnominal:

"O pranto orvalhou seu *lindo* semblante." (JOSÉ DE ALENCAR)

b) predicativo do sujeito:

"A repulsa de Bolívar foi *enérgica*." (MOACIR WERNECK DE CASTRO)

"Eram *sólidos* e *bons* os móveis." (MACHADO DE ASSIS)

c) predicativo do objeto:

"Achou a mãe *lépida, bem-disposta*." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

- Usa-se amiúde o adjetivo com valor de substantivo (adjetivo substantivado). Neste caso, antepõe-se-lhe o artigo. Exemplos:

O grito ecoou *no profundo* da mata. [*no profundo* = na profundeza]

"Tem nas faces *o branco* das areias que bordam o mar, nos olhos *o azul* triste das águas profundas." (José de Alencar)

"A paisagem, *num roxo* doloroso, se desdobra num pálio de ametista." (Olegário Mariano)

"Camilo achou-se diante de um longo véu opaco... pensou rapidamente *no inexplicável* de tantas coisas." (Machado de Assis)

"... comia pouco, mas estimava *o fino* e *o raro*." (Machado de Assis)

"Pessegueiros em flor tingem de opala *o verde* dos laranjais." (Viana Moog)

Inversamente, substantivos são às vezes usados como adjetivos:

O satélite *espião* detectou queimadas na Amazônia.

Após a explosão da bomba atômica, Hiroxima era uma cidade *fantasma*.

"Aí está o homem *anjo*." (Camilo Castelo Branco)

"O coração aqui no peito de Irapuã ficou *tigre*." (José de Alencar)

- Magnífico recurso estilístico é referir qualidades a substantivos abstratos em vez de a concretos. Exemplos:

Era angustiante a *monotonia cinzenta* da paisagem. [= paisagem *cinzenta* e *monótona*]

"Cesário teve medo da *tranquilidade* azul daqueles olhos." [= daqueles olhos *azuis* e *tranquilos*] (José Geraldo Vieira)

"Uma comoção profunda a pungiu, ante aquela *calma sofredora, suave*..." (Raquel de Queirós)

"Eduardo olhava por cima a *curiosidade agitada* de outros meninos." (Fernando Sabino)

Observe que, desse modo, se atribuem duas características a um ser. No último exemplo, *curiosidade agitada* dos meninos [= meninos *curiosos* e *agitados*].

- Comum é também usar-se o adjetivo no masculino singular, como advérbio:

Falemos *sério*. [= seriamente]

São pessoas *demasiado* crédulas.

"Matias sorriu *manso* e *discreto*." (Machado de Assis)

"Ela fugia com os olhos, ou falava *áspero*." (Machado de Assis)

"Os animais querem andar mais *ligeiro*." (Guimarães Rosa)

"Quando estavam *próximo* a um porto..." (Jorge Amado)

"A morte de Sílvia golpeou-a *fundo*." (Antônio Olavo Pereira)

"Os negociantes aguentavam *firme* no balcão até meia-noite." (Herberto Sales)

Outros exemplos de adjetivos adverbializados:

Falavam *alto*.	A porta estava *meio* aberta.
Tossia *forte*.	Compra *barato* e vende *caro*.
Raro a vemos.	*Breve* estarei lá.

O adjetivo adverbiado, geralmente invariável, às vezes concorda, por atração, com a palavra a que se refere:

"... finalmente paguei *cara* a curiosidade." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Estes homens rudes combatiam *meios* nus." (ALEXANDRE HERCULANO)

"Dona Eusébia entrou inesperadamente, mas não tão *súbita*, que nos apanhasse ao pé um do outro." (MACHADO DE ASSIS)

"Os cavaleiros galopam *rápidos* pela trilha estreita." (ASSIS BRASIL)

- As formas sintéticas dos superlativos são mais enfáticas que as analíticas e imprimem à ideia maior intensidade. Considerem-se estes exemplos:

"Naquele muro *aspérrimo* brotou uma flor descorada e sem cheiro." (MACHADO DE ASSIS)

"Pois assim sou esbulhado de um *sacratíssimo* direito?" (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Rio Branco morreu *pobríssimo*." (CARLOS DE LAET)

As formas diminutivas de certos adjetivos têm a força intensiva dos superlativos:

"Fui andando, sorrateiramente, *encostadinho* à parede." (MACHADO DE ASSIS)

Demos, anteriormente outras opções que a língua nos oferece para superlativar a ideia expressa pelo adjetivo. Convém recordá-las.

3 NUMERAL

- Para designar os números entre cem e duzentos, emprega-se a forma *cento*: *cento* e um reais, *cento* e vinte alunos.

Cem, forma contracta de *cento*, e como esta invariável, designa o número sucessivo a 99: *cem* anos, *cem* escolas.

- *Ambos*, feminino *ambas*, é número dual e significa *os dois*, *um e outro*:

Ambas as mãos estavam feridas.

"E como em *ambos* os reinos havia pecado, castigava-os Deus a *ambos*." (ANTÔNIO VIEIRA)

- Na designação dos séculos, reis e papas, usam-se os ordinais de um a dez e os cardinais de onze em diante. Exemplos:

Século V (*quinto*)	Século XX (*vinte*)
Pedro II (*segundo*)	Luís XV (*quinze*)
Pio X (*décimo*)	Pio XII (*doze*)

- Com referência ao primeiro dia do mês, usa-se o numeral ordinal:

"Outra missa foi celebrada no dia *1º de maio*, em terra firme." (JOÃO RIBEIRO)

Na designação dos outros dias do mês, emprega-se o cardinal:

D. João VI chegou ao Brasil *a* (ou *em*) *24* de janeiro de 1808.

"*A 2* de maio aprestaram-se para a partida." (JOÃO RIBEIRO)

"*Aos 21* de abril teve indícios de terra próxima." (JOÃO RIBEIRO)

- Na referência às páginas de um livro e nos endereços de apartamentos e casas de uma vila, usam-se os numerais cardinais:

Abri o livro na página *22*. [vinte e dois]

Apartamento *504*. Casa *2*. [dois]

- Diz-se corretamente:

Era *meio-dia e meia* (isto é, 12 *horas e meia*), e não *meio-dia e meio*.

- Não se usa o numeral *um* antes de *mil*.

Mil reais (e não *um mil reais*) é pouco.

Emprestei-lhe *mil* e seiscentos reais.

- Quando o sujeito da oração é *milhões*, seguido do substantivo feminino no plural, o particípio ou o adjetivo podem concordar, no masculino, com *milhões*, ou, por atração, no feminino, com o substantivo feminino:

Dois *milhões* de sacas de cereais estão ali *armazenados*. (ou *armazenadas*)

Foram *vacinados* cinco *milhões* de pessoas.

Os dois *milhões* de moedas serão *cunhados* (ou *cunhadas*) ainda neste ano.

- Os numerais multiplicativos *quíntuplo, sêxtuplo, sétuplo e óctuplo* usam-se também como substantivos para designar os indivíduos nascidos do mesmo parto. Exemplo:

Os quíntuplos ainda estão no berçário.

- Na linguagem afetiva e hiperbólica, usam-se certos numerais esvaziados do seu sentido próprio para exprimir número indeterminado, infinidade:

Durante a visita falou-se de *mil e uma* coisas.

"Na guerra os meus dedos disparam *mil* mortes." (Junqueira Freire)

"A vida tem uma só entrada: a saída é por *cem* portas." (Marquês de Maricá)

"Vá para os *seiscentos* diabos, inglês, que em negócio de amor lógica não entra!" (Luís Jardim)

4 PRONOMES PESSOAIS

Via de regra, os pronomes pessoais retos empregam-se como sujeitos, e os oblíquos como objetos ou complementos. Exemplo:

Ele	me	defende.
sujeito	*objeto direto*	*verbo*

- Contudo, as formas retas *ele(s), ela(s), nós, vós* também se usam com função objetiva, mas regidas sempre de preposição. Exemplos:

Pagarei *a ele mesmo*.

Lutei *contra ele*.

Atiraram *contra nós*.

Confio *em vós*.

Foi uma cena inédita; os que *a ela* assistiram ficaram impressionados.

"As suas palavras perderam-se no ar, ninguém deu atenção *a elas*." (Viriato Correia)

- Na linguagem coloquial informal, podem-se usar as formas pronominais retas como objetos diretos quando precedidas de *todos* ou *todas* ou acompanhadas de numeral:

Eu trouxe *todos eles* comigo.

Vi *todas elas* entrando na água.

"Quando crescêssemos mais ele ia pôr *nós dois* para amansar burro bravo." (José J. Veiga)

Na língua culta se dirá:

Eu *os trouxe* (ou *trouxe-os*) *todos* comigo. Eu *as vi todas* entrando na água.

Ele *nos iria* pôr *aos dois* para amansar burro bravo.

- As formas *o, a, os, as* empregam-se como objetos diretos:

Ninguém *o* agrediu. As crianças *os* seguiam.

Se *a* vejo triste, consolo-*a*. Os homens *as* admiram.

Observação:

✔ Eventualmente, podem esses pronomes funcionar como sujeito de uma oração infinitiva, como no exemplo:

Mande-o entrar.

[*Mande:* oração principal; *o entrar:* subordinada objetiva direta; *o:* sujeito]

- As formas átonas *lhe, lhes* usam-se como objetos indiretos:

Cedo-*lhe* a vez. Não *lhe* pagou a dívida.

Obedece-*lhes* com alegria. Ensinei-*lhes* o caminho.

- Os pronomes *me, te, se, nos, vos* são objetos diretos ou indiretos, conforme o verbo for transitivo direto ou transitivo indireto:

Objeto direto	**Objeto indireto**
Ele *me* estima.	Ele *me* obedece.
Todos *te* esperam.	Cedo-*te* o lugar.
A criança feriu-*se*.	Dá-*se* ares de importante.
Ele *nos* convidou.	Perdoe-*nos*.
Eu *vos* louvo.	Pergunto-*vos*: o que diz a lei?

- As formas tônicas *mim, ti* e *si* são sempre regidas de preposição:

Ela sentou-se *entre mim* e Lúcio.

Ele estava *entre* Nair e *mim*.

Podes viver *sem mim*, não posso viver *sem ti*.

Ele venceu *por si* mesmo.

Eles discutiam *entre si*, mas não brigavam.

O estrondo chegou *até mim*.

"... *entre mim* e *ti* está a cruz ensanguentada do Calvário." (Alexandre Herculano)

5 EU OU MIM?

- Observe o uso correto destes pronomes:

Ele deu o livro *para mim*.

Ele dera o livro *para eu* guardar. [E não: *para mim* guardar]

Não é difícil, *para mim*, ir lá. [*Para mim*, não é difícil ir lá.]

Fizeram tudo *para eu* ir lá. [*para eu ir lá* = para que eu fosse lá]

Ela chegou até *mim*.

Não vá *sem mim*.

Não vá *sem eu* mandar. [*sem eu mandar* = sem que eu mande]

"Não vá *sem eu* lhe ensinar a minha filosofia da miséria." (MACHADO DE ASSIS)

Note bem: emprega-se o *eu* quando for sujeito de um verbo no infinitivo, e *mim* quando complemento, ou adjunto adverbial.

- Os pronomes reflexivos *si* e *consigo*, para serem usados de acordo com a norma culta da língua, devem referir-se ao sujeito da oração. Exemplos:

O *egoísta* só pensa em *si*. [*si* refere-se ao sujeito *egoísta*]

Marcos levou a filha *consigo*. [*consigo* refere-se ao sujeito *Marcos*]

Os chefes reservaram os melhores lugares para *si*.

É óbvio que o *réu* não vai depor contra *si* próprio.

Você deve é cuidar de *si* e deixar os outros em paz.

O *criminoso* prejudica os outros e a *si* próprio.

O *senhor* guarde o recibo *consigo*.

O *vento* traz *consigo* a tempestade.

Lúcia gostava de usar o vestido que a *mãe* fizera para *si* mesma.

Inácio queria aquele importuno bem longe de *si*.

Passaram os *vândalos*, deixando após *si* destruição e lágrimas.

"... quantos não vale a [casa] que *você* deseja para *si*? (MACHADO DE ASSIS)

"*Ele* tem diante de *si* um velho inimigo." (ASSIS BRASIL)

- Em frases como as citadas no parágrafo anterior, não se deve usar *ele*, *ela*, em vez de *si*:

Marcos levou a filha *com ele*. (errado)

Marcos levou a filha *consigo*. (certo)

Ele tem *diante dele* um velho inimigo. (errado)

Ele tem *diante de si* um velho inimigo. (certo)

- São consideradas incorretas frases em que *si* e *consigo* não se referem ao sujeito da oração, como estas:

Eu tenho um recado para *si*, Regina.

[*eu*: 1ª pessoa; *si*: 2ª pessoa]

Mestre, nós queremos falar *consigo*.

[*nós*: 1ª pessoa; *consigo*: 2ª pessoa]

Segundo o padrão culto, as construções corretas são:

Eu tenho um recado para *você*, Regina.

Mestre, nós queremos falar com o *senhor*.

- Todavia, não nos parece condenável, na linguagem coloquial, o emprego de *si* e *consigo* sem caráter reflexivo, desde que tais pronomes não comprometam a clareza da frase. Entre outras razões, por serem mais cômodos, e às vezes mais adequados que os tratamentos *você* e o *senhor*. Exemplos:

"Se com a roleta empenada ainda der o 17 – e o senhor bem sabe que é impossível dar –, eu concordarei *consigo*." (Jorge Amado)

"Ora, isto é que eu não esperava de *si*, senhor Eduardo." (Camilo Castelo Branco)

"O caso é mesmo delicado para *si*, dada sua situação anterior." (Amando Fontes)

- Em vez de *conosco, convosco*, diz-se *com nós, com vós*, sempre que esses pronomes vierem acompanhados de palavra determinativa, como *próprios, mesmos, outros, todos*, etc.

Com nós outros isso não acontece.

Falei *com vós mesmos*.

O barco virou *com nós três*.

- As sequências pronominais *se o, se a, se os, se as* sempre foram condenadas pelos gramáticos e repelidas pelos bons escritores. Não se deve dizer, portanto:

Teu livro é bom, mas não *se o* encontra em parte alguma.

Os erros não *se os* cometem impunemente.

Roupa fica mais limpa quando *se a lava* com sabão.

As aves são livres, não *se as deve prender*.

As construções corretas são:

Teu livro é bom, mas não *se encontra* (ou *não é encontrado*) em parte alguma.

Os erros não *se cometem* impunemente.

Roupa fica mais limpa quando *se lava* (ou *quando lavada*) com sabão.

As aves são livres, não *se deve prendê-las*.

- Os pronomes oblíquos substituem muito elegantemente os possessivos em frases como as seguintes:

O barulho perturba-*me* as ideias. [O barulho perturba *as minhas ideias*.]

Ninguém *lhe* ouvia as queixas. [Ninguém ouvia as *suas queixas*.]

O vento *nos* despenteava os cabelos. [O vento despenteava os *nossos cabelos*.]

"A borboleta pousou-*me* na testa." (Machado de Assis)

"Laura acariciou-*lhe* o queixo num gesto vacilante." (Lígia Fagundes Telles)

"O lábio crispou-se-*lhe* num riso de maldade." (Olavo Bilac)

"Senti os olhos encherem-se-*me* de lágrimas." (Herberto Sales)

"O terror *lhes* contorce subitamente as faces." (Érico Veríssimo)

6 CONTRAÇÃO DOS PRONOMES OBLÍQUOS

Os pronomes oblíquos *me, te, lhe, nos, vos, lhes* contraem-se com os pronomes átonos *o*[1], *a, os, as*, da seguinte maneira:

me	+	o: *mo*	te	+	o: *to*	lhe	+	o: *lho*
me	+	a: *ma*	te	+	a: *ta*	lhe	+	a: *lha*
me	+	os: *mos*	te	+	os: *tos*	lhe	+	os: *lhos*
me	+	as: *mas*	te	+	as: *tas*	lhe	+	as: *lhas*
nos	+	o: *no-lo*	vos	+	o: *vo-lo*	lhes	+	o: *lho*
nos	+	a: *no-la*	vos	+	a: *vo-la*	lhes	+	a: *lha*
nos	+	os: *no-los*	vos	+	os: *vo-los*	lhes	+	os: *lhos*
nos	+	as: *no-las*	vos	+	as: *vo-las*	lhes	+	as: *lhas*

Exemplos:

Recebi os livros e gratifiquei o rapaz que *mos* entregou.

Se ele pedir a moto, eu *lha* emprestarei.

"Meu pai, que *mas* impôs inexoravelmente, considerava-as maravilhas." (VIVALDO COARACI)

"Punha a cereja, e a rir *ma* ofertava sem pejo." (RAIMUNDO CORREIA)

"O coração humano tem seus abismos e às vezes *no-los* mostra com crueza." (CIRO DOS ANJOS)

"Comeríamos à mesa, se *no-lo* ordenassem as escrituras." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

O que os santos têm de mais sagrado são os pés. Por isso os antigos fiéis *lhos* beijavam." (MÁRIO QUINTANA)

Observação:

✔ O emprego desses conglomerados pronominais restringe-se à língua escrita, nas modalidades literária e científica. Em geral, os autores brasileiros de hoje os evitam, dado o artificialismo de tais contrações.

▪ Registrem-se alguns casos curiosos de emprego expressivo dos pronomes oblíquos:

Não *me* toque nessa pasta.

Leve-*me* esse homem para fora.

Não *me* venhas com desculpas.

"No dia seguinte, entra-*me* em casa o Cotrim." (MACHADO DE ASSIS)

"Como eu tivera bons começos de música, os papéis *me* eram fáceis." (RIBEIRO COUTO)

As coisas não *lhe* saíram como esperava.

Observação:

✔ Nos três primeiros exemplos, o pronome *me* denota interesse e é expletivo: portanto, sem função sintática.

(1) Pronome pessoal ou pronome demonstrativo.

7 O PRONOME *SE*

O pronome *se* aparece na frase como:

- pronome reflexivo, com a função sintática de objeto direto de verbos reflexivos:

Se você está doente, *trate-se*.

"A verdade é que o marinheiro não *se matou*." (MACHADO DE ASSIS)

"Os monges budistas *se imolam* em praça pública." (JOSÉ CARLOS OLIVEIRA)

"Tibério fez um rápido exame de consciência e *achou-se* culpado." (ÉRICO VERÍSSIMO)

- pronome reflexivo, com a função de objeto indireto de verbos reflexivos:

Ele *arroga-se* o direito de intervir. [se = *a si*]

Ela *impôs-se* uma dieta severíssima.

O rapaz *dá-se* muita importância.

Eles *atribuem-se* qualidades que não têm.

- pronome reflexivo, com a função de objeto direto de verbos reflexivos recíprocos:

Os dois *amam-se* como irmãos. [um ama *o outro*]

"Os repórteres *entreolharam-se* em silêncio." (ÉRICO VERÍSSIMO)

"Os dois homens *cumprimentaram-se* friamente." (MACHADO DE ASSIS)

"Os elegantes *acotovelam-se* nos corredores." (FRANÇA JÚNIOR)

- pronome reflexivo e objeto indireto de verbos reflexivos recíprocos:

Os dois jovens *deram-se* provas de profunda amizade.

Avó e neta *queriam-se* muito. [uma queria muito *à outra*]

Os dois escritores *se corresponderam* durante 40 anos.

- pronome reflexivo, sujeito de um infinitivo:

O cego deixa-*se* levar pelo guia." [*se*: sujeito de *levar*]

"Sofia deixou-*se* estar à janela." (MACHADO DE ASSIS)

"Deixou-*se* estar alguns meses em Curaçau, amadurecendo o projeto." (MOACIR WERNECK DE CASTRO)

- pronome apassivador. Forma a voz passiva pronominal, juntando-se a verbos transitivos:

"Ainda *se viam* ali carros carregados de madeira." (HERBERTO SALES)

"Justo é que *se deem* todas as honras a um personagem tão desprezado." (MACHADO DE ASSIS) [*se deem* = sejam dadas]

Sabe-se que as línguas evoluem.

"Jabuticaba *chupa-se* no pé." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

"Antes de *se batizarem* os gentios, *batizou-se* a terra encontrada." (MANUELA CARNEIRO DA CUNHA)

Devolveram-se as terras aos legítimos donos.

- índice de indeterminação do sujeito:

Aqui *se vive* em paz. *Pode-se* andar, sem medo, pela cidade.

Ali *trabalhava-se* com prazer.

Detesta-se aos aduladores.

Responde-se às cartas dos leitores.

Para que a obra fique pronta, é preciso que *se espere* ainda dois anos.

Trata-se de indivíduos aproveitadores.

Acabe-se com esses abusos!

Precisa-se de operários especializados.

Raro é o dia em que não *se assiste* a essas tristes cenas.

A vida é tão leve quando *se está* contente!

Nesse caso, o verbo concorda obrigatoriamente na 3ª pessoa do singular.

Na língua culta, não se usa o popular *você* em lugar de *se*, para indeterminar o sujeito. Diga-se, portanto:

Antigamente *podia-se* (e não *você podia*) andar sem medo pela cidade.

Quando *se está* (e não quando *você está*) feliz, a vida fica mais leve.

"Quando *se é* o homem mais rico das redondezas, mais vale se prevenir." (NÉLIDA PIÑON)

- Palavra expletiva ou de realce. Neste caso o pronome *se*, sem ser rigorosamente necessário, transmite à ação verbal mais vigor, ênfase, ou certa espontaneidade:

As moças *sorriam-se*, agradecidas. [As moças sorriam, agradecidas.]

"*Vai-se* a primeira pomba despertada..." (RAIMUNDO CORREIA)

"O auditório *riu-se* ao ouvir tantas afirmações tolas." (*AURÉLIO*)

No caso em apreço, o pronome *se*, não tendo valor gramatical, mas apenas estilístico, não exerce função sintática.

- Parte integrante de verbos que exprimem sentimentos, mudança de estado, movimento, etc., como *queixar-se, arrepender-se, alegrar-se, converter-se, afastar-se* e outros verbos pronominais.

O *se* que se associa a esses verbos não tem função sintática.

8 PRONOMES POSSESSIVOS

- Os possessivos *seu(s)*, *sua(s)* tanto podem referir-se à 3ª pessoa [*seu* pai = o pai *dele*], como à 2ª pessoa do discurso [*seu* pai = o pai *de você*].

Por isso, toda vez que os ditos possessivos derem margem a ambiguidade, devem ser substituídos pelas expressões *dele(s)*, *dela(s)*:

Você bem sabe que eu não sigo a opinião *dele*.

"A opinião *dela* era que Camilo devia tornar à casa *deles*." (MACHADO DE ASSIS)

"Eles batizaram com o nome *delas* as águas deste rio..." (TIAGO DE MELO)

- Os possessivos devem ser usados com critério. Substituí-los pelos pronomes oblíquos comunica à frase desenvoltura e elegância:

"Crispim Soares beijou-*lhe* as mãos agradecido." (MACHADO DE ASSIS) [Em vez de: beijou as *suas* mãos]

"Não *me* respeitava a adolescência..." (MACHADO DE ASSIS)

"A repulsa estampava-se-*lhe* nos músculos da face." (FERNANDO NAMORA)

"O vento vindo do mar acariciava-*lhe* os cabelos." (JOSÉ MAURO DE VASCONCELOS)

- Além da ideia de posse, podem ainda os possessivos exprimir:

a) cálculo aproximado, estimativa:

Ele poderá ter *seus* quarenta e cinco anos.

b) familiaridade ou ironia, aludindo-se à personagem de uma história:

O *nosso* homem não se deu por vencido.

"Chama-se Falcão o *meu* homem." (MACHADO DE ASSIS)

c) o mesmo que os indefinidos *certo, algum*:

Será ele um homem íntegro? Eu tenho cá *minhas* dúvidas.

Cornélio, como sabemos, teve *suas* horas amargas.

d) afetividade, cortesia:

Como vai, *meu* menino?

"Não os culpo, *minha* boa senhora, não os culpo." (JOÃO CARLOS MARINHO)

- No plural se usam os possessivos substantivados no sentido de *parentes, família*:

"É assim que um moço deve zelar o nome dos *seus*?" (MACHADO DE ASSIS)

- Podem os possessivos ser modificados por um advérbio de intensidade:

"Levaria a mão ao colar de pérolas, com aquele gesto *tão seu*, quando não sabia o que dizer." (LÍGIA FAGUNDES TELES)

- Quando desnecessários, omitem-se os pronomes possessivos, principalmente antes de nomes de partes do corpo:

Estendi *o braço* para apanhar a flor.

Enxugou com *a mão* uma lágrima indiscreta.

9 PRONOMES DEMONSTRATIVOS

- De modo geral, os demonstrativos *este(s), esta(s), isto* se aplicam às pessoas ou coisas que se acham perto da pessoa que fala ou lhe dizem respeito; ao passo que *esse(s), essa(s), isso* aludem a coisas que ficam próximas da pessoa com quem se fala ou a ela se referem. Exemplos:

Leve *este* livro para você.

Esta é a minha opinião.

Não sei onde andas com *essa* cabeça!

"Praxinoa, *esse* teu vestido de pregas te vai muito bem." (CECÍLIA MEIRELES)

Isto (que eu tenho) é o que há de melhor.

Isso (que dizes) não me parece certo.

"Campanhas de vacinação sempre provocaram resistência, mas *isso* era antigamente." (JOÃO UBALDO RIBEIRO)

- Usa-se *nisto* adverbialmente, como sinônimo de *nesse momento, nesse entretempo*:

"*Nisto* deu o vento e uma folha caiu." (MONTEIRO LOBATO)

- Não raro, os demonstrativos aparecem na frase, em construções redundantes, com finalidade expressiva, para salientar algum termo anterior:

"Bernardina, *essa* é que dera em cheio casando com o Manuel da Ventosa." (ALEXANDRE HERCULANO)

"A estrada do mar, larga e oscilante, *essa*, sim, o tentava." (JORGE AMADO)

"Ora o povo, *esse* o que precisa é saber que existe Deus." (CAMILO CASTELO BRANCO)

Subindo pelo vale do Itajaí, alcançamos Brusque e, depois, Blumenau, cidades *essas* que nos impressionaram pela sua avançada indústria fabril.

Ter sede e não poder beber, *isso* é que é atroz!

- O pronome demonstrativo neutro *o* pode representar um termo ou o conteúdo de uma oração inteira, caso em que aparece, geralmente, como objeto direto, predicativo ou aposto. Exemplos:

Ia dizer-lhe umas palavras duras, mas não *o* fiz.

Quiseram gratificar-me, o que me deixou constrangido.

"*Ninguém teve coragem de falar* antes que ela *o* fizesse." (JOSÉ CONDÉ)

"*Era uma bela ponte*, ele próprio *o* reconhecia." (ANÍBAL MACHADO)

"*Era meu* o universo; mas, ai triste! Não *o* era de graça." (MACHADO DE ASSIS)

"*Se lagoa existiu*, pouca coisa *o* indica." (POVINA CAVALCÂNTI)

"Dirás que sou *ambicioso*? Sou-*o* deveras, mas..." (MACHADO DE ASSIS)

"*O jantar ia ser um desastre*. Todos *o* pressentiam." (FERNANDO NAMORA)

- Para evitar a repetição de um verbo anteriormente expresso, é comum empregar-se, em tais casos, o verbo *fazer*, chamado, então, verbo *vicário* (= que substitui, que faz as vezes de). Exemplos:

Ia dizer-lhe umas palavras duras, mas não *o* fiz.

Ele ajudava os pobres e *o fazia* sem alarde.

"O jornal informa e *o faz* corretamente, afirmava, vitorioso, o editorial." (JORGE AMADO)

- Vimos que as preposições *a, de* e *em* podem contrair-se com o pronome demonstrativo *o*. Veja mais estas abonações:

"*Do* que gostamos é de vinhaça e viola." (EÇA DE QUEIRÓS)

Sabemos *no* que resultam essas campanhas.

"Cada qual nutre a esperança de trazê-lo pelo cabresto. *No* que se enganam redondamente." (CIRO DOS ANJOS)

- Diz-se corretamente:

Não sei *que* fazer. Ou: Não sei *o que* fazer.

Mas, se se empregar um dos pronomes *mais, muito, pouco, nada*, antes do *que*, não terá cabimento o pronome *o*:

Tenho *muito* (ou *mais*) *que* fazer. [E não: Tenho *muito o que* fazer.]

"Bolívar ainda tinha *muito que fazer* em terras americanas." (MOACIR WERNECK DE CASTRO)

Havia *pouco que* acrescentar.

Não havia *nada que* comer.

- Em frases como a seguinte, *este* refere-se à pessoa mencionada em último lugar, *aquele* à mencionada em primeiro lugar:

"O referido advogado e o Dr. Tancredo Lopes eram amigos íntimos: *aquele* casado, solteiro *este*." (VALENTIM MAGALHÃES) [ou então: *este* solteiro, *aquele* casado]

- O pronome demonstrativo *tal* pode ter conotação irônica:

"A senhora foi *a tal* que usou minha cozinha?" (EDY LIMA)

- *Desses* e *dessas* equivalem a *desse gênero, tais,* em frases como:

Hoje, não se fazem mais *desses* aparelhos.

"A vida opressiva do mato exige *dessas* compensações." (CASSIANO RICARDO)

10 PRONOMES RELATIVOS

- O antecedente do pronome relativo *que* pode ser nome de coisa ou de pessoa, ou o demonstrativo *o*, ou outro pronome. Exemplos:

Há *coisas que* aprendemos tarde.

"Vi-a falar com desdém, e um pouco de indignação, da *mulher* de *que* se tratava, aliás sua amiga." (MACHADO DE ASSIS)

"Bendito *o que*, na terra, o fogo fez, e o teto." (OLAVO BILAC)

O relativo *que* às vezes equivale a *o que, coisa que,* e se refere a uma oração:

"Não chegou a ser padre, mas não deixou de *ser poeta, que* era a sua vocação natural." (MACHADO DE ASSIS)

- Conforme vimos, numa série de orações objetivas coordenadas, pode ocorrer a elipse do relativo *que*:

"A sala estava cheia de gente que conversava, *ria, fumava*." (LÚCIO DE MENDONÇA)

- O relativo *quem* é sempre regido de preposição e, na língua moderna, se refere exclusivamente a pessoas ou coisas personificadas:

Não há pessoa estranha *diante de quem* ela não fique inibida.

O funcionário *por quem* fui atendido mostrou-se gentil.

"São amiguinhas *a quem* quero bem." (VIVALDO COARACI)

Ao encontro malsoante *sem quem* deve-se preferir *sem o qual*:

Estávamos esperando Otávio, *sem o qual* não podíamos sair.

- *Cujo* (e suas flexões) é pronome adjetivo e equivale a *do qual, da qual, dos quais, das quais*:

O cavalo é um animal *cujo* pelo é liso. [= o pelo *do qual* é liso]

As abelhas, *cuja* operosidade é proverbial, vivem em colmeias.

Há na selva milhares de plantas *cuja* seiva é benéfica à vida humana.

No colégio tive muitos amigos, de *cujos* nomes nem me lembro mais.

Incentivemos a agricultura, de *cujos* produtos não podemos prescindir.

Podemos conviver com pessoas de *cujas* ideias discordamos.

O substantivo determinado por este pronome não virá precedido do artigo: *cujo pelo* (e não *cujo o pelo*), *cuja operosidade* (e não *cuja a operosidade*), *cujos nomes* (e não *cujos os nomes*).

- Erro grosseiro é usar *cujo* em vez de *que* ou *o qual*, como na frase:

Saía da caverna um ruído estranho, *cujo* me assustou. (errado)

Saía da caverna um ruído estranho, *que* me assustou. (certo)

- Não menos grosseiro é o erro inverso, que consiste em substituir *cujo* por *de quem* ou *do qual*:

No colégio tive muitos amigos *de quem* nem me lembro mais dos nomes.

Incentivamos a agricultura, *da qual* não podemos prescindir dos produtos.

Podemos conviver com pessoas *de quem* discordamos das ideias.

- O relativo *o qual* (e suas flexões), principalmente quando regido da preposição, pode substituir o pronome *que*:

É um passado extinto e *de que* (ou *do qual*) ninguém se lembra.

Eis o magno problema *por que* (ou *pelo qual*) me bato.

"Fizeram-lhe graves acusações, *das quais* ele se defendeu com hombridade e energia." (Carlos de Laet)

- Por clareza usa-se *o qual* em vez de *que*, quando este vier distanciado de seu antecedente, ensejando falsos sentidos:

Regressando de Ouro Preto, visitei o sítio de minha tia, *o qual* me deixou encantado.

"Numa quinta para lá da encosta, houve uma reunião de famílias de Lisboa, *à qual* fui convidado." (Camilo Castelo Branco)

"Fora ele, enfim, que negociara a trégua dos doze anos, *a qual* deu a Holanda a época da sua maior prosperidade, da sua maior riqueza." (Ramalho Ortigão)

"À esquerda acham-se as prateleiras forradas de linho alvejante, *sobre as quais* se ostentam os queijos ainda frescos, retirados das formas." (Ramalho Ortigão)

Como se vê dos exemplos precedentes, o pronome relativo *o qual* aparece, geralmente, em orações adjetivas explicativas, e, por ser palavra tônica, é reclamado para imprimir à frase ritmo e harmonia.

- As preposições *ante, após, até, desde, durante, entre, perante, mediante, segundo* (vale dizer, preposições com duas ou mais sílabas), bem como as monossilábicas *sem* e *sob* e todas as locuções prepositivas, constroem-se com o pronome *o qual* e nunca com o pronome relativo *que*. As preposições *contra, para* e *sobre* usam-se, de preferência, com o pronome *o qual*. Exemplos:

Perguntei-lhe quantos eram os temas *sobre os quais* ele devia falar.

"Teve então início um breve cerimonial contábil, *durante o qual* só se ouvia o ruído da pena arranhando o papel." (Herberto Sales)

"E havia a grande mangueira *sob a qual* um grupo de crianças tranquilamente ouvia as histórias que uma mulher contava." (CECÍLIA MEIRELES)

"Observava a presença de pequeníssimos corpúsculos, *sem os quais* a água perdia aquelas propriedades fosforescentes." (CECÍLIA MEIRELES)

"Dizia Napoleão que sempre há algum artigo de lei *em virtude do qual* se pode mandar enforcar um cidadão, sendo necessário." (CIRO DOS ANJOS)

"Glória e Gabriela ficaram, pois, com as damas, *entre as quais* se achava uma bela e jovem senhora que se chama Berta..." (CIRO DOS ANJOS)

"Tinha a ciência da economia doméstica, *mediante a qual* sabia despender utilmente, sem faltas nem sobras." (MACHADO DE ASSIS)

"E Luísa estaria presente – a última testemunha *perante a qual* ele seria insensível ao vexame." (FERNANDO NAMORA)

"Havia também um tanque, *em torno do qual* a empregada se agitava." (LEANDRO TOCANTINS)

"Esta é uma cidade *sobre a qual* se perdeu todo o controle." (IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO)

- As preposições monossilábicas *a, com, de, em* e *por*, quando iniciam orações adjetivas restritivas, empregam-se, de preferência, com o pronome *que*:

A moça [*a que* me refiro] não é desta cidade.

Não encontrei os livros [*de que* precisava].

O atalho [*por que* passamos] atravessava a mata.

- Como já vimos anteriormente, os pronomes relativos vêm precedidos de preposição (ou locução prepositiva) quando o verbo da oração adjetiva a reclamar. Exemplos:

Ainda me lembro dos passeios *a que* ele me levava. [*levar a* um lugar]

São muitas as pessoas *de quem* dependemos. [*depender de* alguém]

O processo terapêutico caiu em desuso, motivo *por que* hoje poucos o conhecem.

"Vou hoje saber o preço *por que* o vendeu." (MACHADO DE ASSIS)

"... árvore fatal *a cuja* sombra adormecemos indolentes." (CARLOS DE LAET)

"A vista é o sentido *através do qual* mais ofendidas são as nossas ideias estéticas." (VIVALDO COARACI)

"... parecia uma múmia viva, *no fundo de cujas* órbitas se houvessem enxertado os olhos lustrosos e limpos dum homem de trinta anos." (ÉRICO VERÍSSIMO)

Observações:

✔ Como vimos, *onde*, como pronome relativo, refere-se a um antecedente, equivale a *em que, no qual*, e pode vir regido de preposição:

O rio *onde* pescam está poluído.

O caminho por *onde* passamos é muito perigoso.

✔ Distinga-se *por que* [= pelo qual] de *porque* [conjunção] e de *por que* [advérbio]:

Foi amarga a experiência *por que* passei. Não fui *porque* chovia. *Por que* chora?

11 PRONOMES INDEFINIDOS

Eis o que convém saber acerca do emprego de certos pronomes indefinidos:

- **algum**

Anteposto ao substantivo, tem significação positiva; posposto apresenta valor negativo:

Algum amigo os traiu. [= um amigo]

Amigo *algum* os traiu. [= nenhum amigo]

Em hipótese *alguma* admitirei isto. [*alguma* = nenhuma]

"Você, afinal, é que não mudou em coisa *alguma*." (FERNANDO NAMORA)

"O homem não é integralmente feliz em parte *alguma* do mundo." (FERREIRA DE CASTRO)

- **cada**

Pode apresentar-se na frase com valor:

a) distributivo:

Cada livro custou dez dólares!

Lúcia visita os pais *cada* três meses.

b) intensivo:

Lá na cidade tem *cada* moça bonita!

"Dentão grande, pezão grande, *cada* unha!" (GRACILIANO RAMOS)

De modo geral, não é necessário empregar a preposição *a* antes de *cada*, em adjuntos adverbiais de tempo. Exemplos:

É preciso adubar a terra *cada* ano. Ana compra roupas *cada* seis meses.

Os preços aumentavam *cada* dia. Esse risco nos ameaça *a cada* instante.

A forma correta é *cada um(a)*, e não simplesmente *cada*, em frases como:

Os livros custaram dez reais *cada um*.

As máquinas custaram dois mil reais *cada uma*.

- **demais**

Significa *os outros, os restantes*:

Dos quadros que fiz só tenho dois; os *demais* eu vendi.

Observação:

✔ Não confundir o pronome indefinido *demais* com o advérbio de intensidade *demais* (Comeu *demais*), nem com a locução adverbial *de mais* (Não fez nada *de mais*), ou com a palavra continuativa *demais* (além disso): João relutou em saldar o débito; *demais* (ou *demais disso*), ele pagou fora do prazo.

- **menos, mais**

a) *Menos* é invariável:

É preciso gastar *menos* água. [e não: *menas água*]

Na roseira, há menos rosas do que espinhos. [e não: *há menas rosas*]

b) *Mais* significa *muitos, uma infinidade,* em frases como:

Os índios avançavam, atirando flechas e *mais* flechas.

▪ nenhum

Posposto ao substantivo, aviva a negação:

"Seu Ivo não mora em parte *nenhuma*". (GRACILIANO RAMOS)

Cumpre distinguir *nenhum* de *nem um*:

Não recebeste *nenhum* elogio? [= elogio algum]

Não recebi *nem um* elogio. [*sequer um elogio*]

▪ certo

Antepõe-se a um substantivo, podendo, em alguns casos, vir precedido do artigo *um*:

Tinha *certo* ar de superioridade.

Chegamos ao sítio de *um certo* Eufrásio.

▪ qual

Como pronome indefinido, tem o sentido de *cada qual*:

"Em seguida desceram, e já não eram dois, mas sim dez meninos, *qual* mais fagueiro, e todos diziam que iam acabar com a ratazana." (LUÍS HENRIQUE TAVARES)

▪ qualquer

O plural deste pronome é *quaisquer*:

Executamos *quaisquer* serviços.

- Pode apresentar-se com sentido depreciativo:

"A intenção dele é mostrar que não é criado de *qualquer*." (MACHADO DE ASSIS)

▪ todo

Modernamente, costuma-se distinguir *todo* [= cada, qualquer] e *todo o* [= inteiro, completo]:

Li *todo o* livro. [= o livro *todo* ou *inteiro*]

Lia *todo* livro que encontrasse. [= *cada* ou *qualquer* livro]

- Usa-se como advérbio, no sentido de *completamente*, mas geralmente flexionando-se em gênero e número:

Os ipês estavam *todos* floridos.

A roupa estava *toda* molhada.

As alunas iam *todas* alegres.

- Todavia, também é lícita a forma invariável:

As ruas ficaram *todo* alagadas.

Os picos estavam *todo* cobertos de neve.

- **Tudo**

Pode-se dizer, indiferentemente, *tudo que* ou *tudo o que*:

Esqueça *tudo que* ficou atrás. Nem *tudo que* brilha é ouro.

Esqueça *tudo o que* ficou atrás. Nem *tudo o que* brilha é ouro.

12 ADVÉRBIO

- Os advérbios modificam o verbo, o adjetivo ou outro advérbio, conforme já vimos.

São anômalos e raríssimos os casos em que advérbios de intensidade se referem a um substantivo ou pronome, desempenhando a função de reforço enfático. Exemplos:

Aquele gesto *tão seu* encantava-me.

"Você ignora que quem os cose sou eu, e *muito eu*?" (MACHADO DE ASSIS)

"O vento era *todo malícia*." (ANÍBAL MACHADO)

- Os advérbios são, na sua generalidade, invariáveis. Alguns, porém, recebem as flexões de grau:

"Deveria ser *muitíssimo* longe." (MACHADO DE ASSIS)

"Foi vítima dum animalzinho *muitíssimo* menor." (MONTEIRO LOBATO)

Na linguagem afetiva usam-se as formas diminutivas dos advérbios com a ideia de intensidade, à maneira de superlativos:

"Amanhã espero você para brincar, *de tardinha*." (HELENA SILVEIRA)

"Há um amigo ali *pertinho*..." (ANÍBAL MACHADO)

"Tinha a impressão de que Zito estava dirigindo o país *direitinho*." (ANÍBAL MACHADO)

"Assis é *assinzinha*, do tamanho de uma concha." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

- Numa série de advérbios terminados em *-mente*, em geral só o último toma esse sufixo:

"Por que são fortes *econômica* e *militarmente*?" (ÉRICO VERÍSSIMO)

"Abalado *física, moral* e *espiritualmente*." (OTTO LARA RESENDE)

"*Velada* ou *abertamente*, falavam-me então dos tais fabulosos tratamentos." (FERNANDO NAMORA)

- Por ênfase, repete-se às vezes o sufixo:

"E [os tesouros] apareceram *fabulosamente, opulentamente, deslumbrantemente*..." (VIRIATO CORREIA)

- Comum é também usar o adjetivo em vez do advérbio terminado em *-mente*:

"Tancredo ergueu-se *rápido* do divã." (VALENTIM MAGALHÃES)

"As lanças eram *demasiado* leves." (MACHADO DE ASSIS)

"*Súbito* um sorriso iluminou-lhe a face." (JOSÉ MAURO DE VASCONCELOS)

- Os comparativos sintéticos *melhor* (mais bem) e *pior* (mais mal), *maior (mais grande)* e *menor* (mais pequeno), é óbvio, são invariáveis:

Vamos indo *melhor*.

As coisas andam *pior* do que antes.

"No próximo caderno vou escrever *menor* e mais depressa." (OTTO LARA RESENDE)

- Antes de particípio, diz-se, indiferentemente, *mais bem* ou *melhor*, *mais mal* ou *pior*:

Dali em diante, fomos *mais bem* (ou *melhor*) *tratados*.

Nunca recebi carta *mais mal* (ou *pior*) *redigida*.

Casa *mais mal* (ou *pior*) *construída* jamais vossos olhos verão.

"Tenho empregados que nunca estudaram e são *mais bem pagos*." (GRACILIANO RAMOS)

"Coisas mal ouvidas e *pior entendidas*." (ROCHA LIMA)

"E foi à estante e tirou um dos relatórios para ser *melhor visto*." (MACHADO DE ASSIS)

"Saí *melhor informado* de tudo e... mais tranquilo." (HERBERTO SALES)

"Gioconda às vezes reconhecia que Diana estava *melhor credenciada* para enfrentar a realidade." (NÉLIDA PIÑON)

"Temos terra, que pode ser mais e *melhor cultivada*, devemos cultivá-la."
(ANTÔNIO FELICIANO DE CASTILHO)

"... para que as mulheres ficassem *melhor acomodadas* no interior e os homens fora."
(CASSIANO RICARDO)

- Depois do particípio, usam-se exclusivamente as formas sintéticas:

A estátua foi *esculpida melhor* do que esperávamos.

Agora estamos sendo *atendidos pior* que antes.

- Uma coisa pode ser *melhor do que a outra*, e não *melhor a outra*. Portanto:

É *melhor* sacrificar a rês doente *do que* pôr em risco [e não *a pôr em risco*] a vida do rebanho inteiro.

Ele achou que era *melhor* morrer como herói *do que* viver como escravo.

- Não se confundam *menos mau* e *menos mal*. Recorde-se que *mau* (adjetivo) se opõe a *bom*, e *mal* (advérbio), a *bem*:

O *mau* humor de Gil me deixou *mal* impressionada.

"Creiam-me, o *menos mau* é recordar." (MACHADO DE ASSIS)

"Eu, porém, que sou médico e sei *menos mal* o meu Cláudio Bernard, encaro a questão por outra face." (VALENTIM MAGALHÃES)

- Ensinou-se, anteriormente, como se exprime o limite da possibilidade. Outros exemplos:

Cobri o rosto *o mais que pude* com o meu capuz.

"Guma fazia as viagens *o mais rápido que podia*." (JORGE AMADO)

"Conseguir uma linguagem literária que se aproxime *o mais possível* da linguagem oral."
(RAQUEL DE QUEIRÓS)

- O advérbio *aqui* assume, por vezes, nas narrativas, sentido temporal (= *neste momento, neste ponto*). Exemplo:

"*Aqui* uma nuvem escura envolveu-lhe o espírito." (ANÍBAL MACHADO)

- O advérbio *não* aparece, sobretudo em frases exclamativas, despojado de sua significação, como simples expletivo. Exemplos:

"Que doce a vida *não* era nessa risonha manhã! (CASIMIRO DE ABREU)

"Quantas angústias *não* passaram os manos...!" (RUBEM BRAGA)

- Em frases negativas o advérbio *já* indica cessação de um fato e vale o mesmo que *mais*. Exemplos:

"Agora *já* não se fazem destes aparelhos." (CARLOS DE LAET) [= Agora não se fazem *mais* destes aparelhos.]

"Arquiteto do mosteiro de Santa Maria *já* o não sou." (ALEXANDRE HERCULANO) [= não o sou *mais*]

A ênfase justifica o emprego simultâneo e redundante de *já* e *mais*:

"*Já* não há *mais* razão para a revolta." (ANÍBAL MACHADO)

"*Já* não se fazem *mais* frases como antigamente." (MOACIR WERNECK DE CASTRO)

- Na locução adverbial *a olhos vistos* (= claramente, visivelmente), o particípio permanece invariável, no masculino plural. Exemplos:

"Muitas, à força de jejuns, desmedravam *a olhos vistos*." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"O Brasil então medrava *a olhos vistos*, mantendo acima do par o valor da sua moeda." (CARLOS DE LAET)

- *Bastante*, antes de adjetivo, é advérbio, portanto, invariável:

Saíamos do encontro *bastante* satisfeitos.

As candidatas estavam *bastante* nervosas.

- É variável quando adjetivo ou pronome indefinido:

Tens recursos *bastantes* para a obra? [*bastantes* = suficientes]

Há provas *bastantes* para condenar o réu.

"Em torno de nós jaziam riquezas incontáveis, *bastantes* para pagar as dívidas de muitos Estados." (EÇA DE QUEIRÓS)

Isto aconteceu há *bastantes* anos. [*bastantes* = muitos]

Pode-se contestar o uso de *bastante(s)* no sentido de *muito(s)*, mas não faltam abonações de eminentes escritores brasileiros e portugueses.

- Normalmente, se diz:

Sabemos *quanto* custa perdoar uma injúria.

"Só então é que pude avaliar melhor *quanto* a adorava." (LUÍS JARDIM)

Todavia, é tendência generalizada antepor ao advérbio *quanto* a partícula expletiva *o*:

Eu mesmo não poderia negar *o quanto* queria a Dulce." (LUÍS JARDIM)

"Só agora via *o quanto* se enganara." (LÍGIA FAGUNDES TELLES)

- A tendência, hoje, é fazer distinção entre *onde* e *aonde*, combinação da preposição *a* com *onde*.

a) Usa-se *aonde* com verbos de movimento que se constroem com a preposição *a*, como *ir, chegar, levar*.

Não sei *aonde* foram. [*ir a* um lugar]

Aonde me levas? [*levar a* um lugar]

"Barqueiro do Douro, *aonde* chegaremos?" (CECÍLIA MEIRELES)

b) *Onde* é adequado a verbos que indicam permanência e que se constroem com a preposição *em*, como *estar, morar, ficar*.

Fique *onde* está. [*estar em* um lugar]

Onde mora a jovem? [*morar em* um lugar]

- *Onde* é de rigor quando precedido de preposição:

Até onde vou não sei. *Para onde* ir?

De onde vem essa gente? Siga *por onde* lhe indiquei.

Observações:

✔ De acordo com o *Vocabulário Ortográfico*, escreve-se o advérbio interrogativo *por que* em duas palavras: "*Por que* não vens?" "Queria saber *por que* não vens."

✔ Contudo, a grafia *porque*, numa só palavra, é mais acertada e coerente e a que melhor se harmoniza com o nosso sistema ortográfico simplificado.

EXERCÍCIOS LISTA 58

1. Anteponha o artigo definido às expressões que o admitem:

meu pai	Recife	moderna Lisboa
Vossa Excelência	minha casa	Nossa Senhora
Sua Majestade	casa paterna	Bahia
Cairo	Lisboa	Açores

2. Anteponha às palavras em destaque o artigo definido, quando necessário:

a) Como pode o pássaro voar, se tem ambas **asas** feridas?

b) Não é todo **país** que possui florestas como o nosso.

c) Percorri todo **país**, de norte a sul.

d) Afinal, dei com uma caverna, cuja **entrada** mal se percebia.

e) São artistas que provieram de classes sociais **mais** contrastantes.

f) São muito importantes esses rios, pois todos **três** são navegáveis.

g) Você bem sabe **quanto** lutei para conseguir este emprego.

h) Eles navegaram meses sem ver **terra**.

3. Numere de acordo com o valor dos adjetivos:

(1) substantivo

(2) advérbio

(3) superlativo

A morte de Sílvia golpeou-a **fundo**.

Era tão **fragilzinha** a minha amiga!

Não deixe o **certo** pelo **duvidoso**.

Breve estarei contigo.

Ele compra **barato** e vende **caro**.

Deu-se então o **inevitável**.

4. Identifique a que sentido (olfato, audição, paladar, tato, visão) se referem os adjetivos abaixo e junte-os a substantivos a que se possam aplicar:

Exemplo: fruta **doce** (paladar)

acre, ofuscante, tépido, sibilante, macio, lívido, insípido, grave, cáustico, adstringente, aromático, álgido, picante, estridente, fétido, delicioso, veludoso

5. No emprego dos adjetivos das expressões abaixo, houve transferência de sensação de um sentido para outro. Indique essa transferência, de acordo com o exemplo:

Exemplo: doce voz (paladar → audição)

tom macio	amargas palavras
olhar frio	sorriso quente
cores cruas	claras e perfumadas vozes
som áspero	

6. Siga o primeiro exemplo, trocando o adjetivo destacado pelo substantivo abstrato:

Era desoladora a paisagem cinzenta e **monótona**.

Era desoladora **a monotonia** cinzenta da paisagem.

a) Na planície verde e **monótona** só os umbus se destacavam.

b) Fiquei impressionado com aqueles homens **polidos** e frios.

7. Escreva os numerais por extenso:

o século X	o Papa Pio IX
o rei Luís XVI	o século XI

8. Substitua as palavras destacadas pelos correspondentes pronomes oblíquos, devidamente colocados:

a) Teria sido nocivo **ao doente** o medicamento?

b) Havia **cajueiros** de várias qualidades.

c) A presença do guarda fez retroceder o **larápio**.

d) Teria esquecido **o cheque** no táxi? Talvez deixara **o cheque** no escritório.

e) Direi **ao empresário** o que penso a respeito de sua determinação.

f) Libertemos do erro **as nossas consciências**.

g) Cristo perdoou **a seus algozes**. Você perdoaria **a seus algozes**?

h) Presentearam **a princesa** com um colar de águas-marinhas.

i) Defendestes **a pátria** com bravura.

j) Infligimos pesada derrota **aos invasores**.

k) Livrarei **esses rapazes** dos sentimentos que infelicitam **esses rapazes**.

l) Posso garantir **à senhora** que seu filho é inocente.

m) Quem valerá **às órfãs**?

9. *Use a passiva sintética no lugar da analítica, substituindo ao mesmo tempo os destaques pelos pronomes oblíquos:*

Exemplo: Foi notada no gesto **dele** qualquer coisa de estranho.

Notou-se-lhe no gesto qualquer coisa de estranho.

a) Era vista no rosto **dele** a palidez da morte.

b) São vistas no corpo **dele** as marcas das balas.

c) Era notada no olhar **dele** uma expressão feliz.

10. Substitua os destaques pelos pronomes átonos da mesma função, contraindo-os corretamente:

Exemplo: Quem vos garantirá **o sustento**? Quem **vo-lo** garantirá?

a) A glória é nossa e ninguém nos arrebatará **esta glória**.

b) Quem vos dará **as razões**?

c) Pedi que me devolvesse **os livros** com urgência.

d) Quem me explicava **a lição** era meu pai.

e) Alguém entregou **o cheque a Vossa Senhoria**?

f) Quem nos desvendará **tantos mistérios**?

11. Transcreva o período abaixo, sublinhando os pronomes oblíquos com valor de pronomes possessivos:

"Os sapatos enterram-se na areia; o reflexo do sol cega-lhe os olhos; agudo fio de navalha, o vento corta-lhe a pele." (JORGE AMADO)

12. Escreva os períodos abaixo substituindo os possessivos pelos pronomes oblíquos correspondentes, colocando-os corretamente:

a) Eu retive o **seu** braço fortemente.

b) Não pude ver o **seu** rosto.

c) O vento não mais fareja a **minha** face como um cão amigo.

d) Esses monstros querem esmagar os **nossos** corpos?

e) Ataram as **suas** mãos às costas e levaram-no preso.

f) Dir-se-ia que uma sombra funesta envolve a **tua** alma.

g) Uma expressão nova desenhou-se no **seu** rosto.

h) Dançavam na **minha** cabeça imagens aterradoras.

i) Era como se um grande peso oprimisse o **meu** corpo e a **minha** alma.

j) O lenhador derrubou a árvore e cortou os **seus** galhos.

13. Substitua em cada frase os asteriscos pela alternativa correta:

a) Não ***** censurando, Marlene. (*estou lhe – a estou*)

b) Ajude sua mãe, não ***** sozinha. (*deixe ela – a deixe*)

c) De todas as partes chegam casais trazendo presentes para os noivos, depositam-***** em sua volta e, dando-se as mãos, fazem uma roda alegre. (*os – nos*)

d) As feras viram o índio, seguiram-***** até a orla da mata e desapareceram. (*no – lhe*)

e) A mãe precipita-se para o menino e arrebata-***** a arma. (*o – lhe*)

14. Passe o pronome oblíquo para a terceira pessoa do singular:

a) Roque **me** abraçou emocionado, agradeceu-**me** e felicitou-**me** pelo gesto.

b) "Este lugar **me** deprime e **me** inspira pensamentos tristes." (VILMA GUIMARÃES ROSA)

15. Empregue corretamente os pronomes pessoais **eu** e **mim**, no lugar do *:

a) O professor apresentou-me uma folha para * traçar um polígono.

b) Para *, traçar um polígono era quase um divertimento.

c) O dinheiro que meu pai mandou era exclusivamente para *.

d) Esse dinheiro era para * comprar roupas e calçados.

e) Leila sentou-se entre * e Alexandre.

f) "Sem *, nada podeis fazer", disse Cristo.

g) A secretária enviou a carta sem * assinar.

h) Os gritos da criança chegaram até *.

i) Não havia motivo para * ficar triste.

j) Afastei-me rápido, para que a pedra não caísse sobre *.

16. Orientado pelo que se ensinou sobre *pronomes pessoais*, substitua o * pelos pronomes **si** ou **ele(s)**, **ela(s)**, conforme convenha:

a) Os herdeiros repartiram os bens entre *, sem desavenças.

b) Rômulo conseguiu o cargo por * mesmo, por seu mérito.

c) José foi preso injustamente e não há quem se interesse por *.

d) Artur era bom pai, vivia para * e sua família.

e) Via-se que João estava bêbedo, pois falava contra * mesmo.

f) A moça percebeu que minha pergunta se dirigia a * e a seu companheiro.

g) A guerra só deixa sangue e cinzas após *.

h) Alípio se aborreceu: pensou que eu estava me referindo a *.

17. Substitua o * da frase pela alternativa que está de acordo com a norma culta:

a) Rui perdeu a partida porque confiou demais * . (*nele – em si*)

b) Respeite o adversário, mas tenha confiança em *. (*você – si*)

c) Para impedir que Joel incomodasse a irmã, o pai mandou-o sentar longe *. (*dela – de si*)

d) O senhor Oliveira estava em paz com a vida e * mesmo. (*com ele – consigo*)

e) Júlio não quis comer, afastou * o prato vazio. (*dele – de si*)

f) Cada um reclamava para * a glória de ter prendido o famigerado terrorista. (*ele – si*)

g) Os retirantes carregaram * o que puderam levar. (*com eles – consigo*)

h) Ênio é ainda criança: não cabe a * decidir sobre o caso, mas aos pais. (*ele – si*)

i) Tuas riquezas, bem sabes, não as levarás * para a sepultura. (*com você – contigo*)

j) O patinador para no centro da pista e roda sobre *, num giro velocíssimo. (*ele – si*)

18. Substitua os asteriscos pelos pronomes **lhe**, **lhes**, ou **a**, **o**, **os**, conforme a regência dos verbos:

a) Os dois moços ajudaram-*** a sair do barco. Ela *** agradeceu.

b) Se eu não *** conhecesse, não *** deixaria entrar, tão estranho me pareceu.

c) Fortes eles eram, mas nós *** resistimos e *** vencemos.

d) André e Lúcio não *** temiam, mas *** respeitavam, quando ele falava.

e) Se *** convier, posso servir-*** de cicerone. Aceita a sugestão?

f) Convido-*** para um passeio, espero-*** ansioso, mas ela não vem.

19. Escreva as frases em seu caderno informando a função do pronome **se**, de acordo com a teoria estudada no parágrafo 7, pág. 562:

a) Os dois amigos abraçaram-se emocionados.
b) Os detentos queixavam-se de maus-tratos.
c) O Estado reservou-se o direito de desapropriar o imóvel.
d) Não há no mundo duas pessoas que se queiram tanto.
e) Os rapazes descem das árvores e também se vão. (ÉRICO VERÍSSIMO)
f) Nas noites quentes dormia-se nas redes.
g) Marciano trancou-se no quarto e descansou.
h) Trancaram-se as portas por medida de segurança.
i) Jesus deixou-se prender e levar à presença do Sumo Sacerdote.

20. Classifique o pronome **se** dos seguintes exemplos, como fez no exercício anterior.

a) Deram-se as mãos e saíram em direção à praça.
b) Sofia deixou-se estar à janela.
c) As pazes fizeram-se como a guerra, depressa.
d) "Bajula-se hoje para atacar amanhã." (CARLOS DE LAET)
e) Os galãs vestem-se com apuro.
f) Entreolharam-se com desprezo.
g) Assim se vai aos astros.
h) Certas classes sociais arrogam-se muitos privilégios.
i) Acreditava-se que a Terra fosse imóvel.
j) Vão-se os anéis e fiquem os dedos.
k) Cumprimentaram-se friamente.
l) O menino sorria-se feliz.
m) "Muito se lucra quando se é honrado." (CAMILO CASTELO BRANCO)
n) "Os cacaueiros em frente se balançavam ao sabor da brisa." (JORGE AMADO)
o) "Dizia-se do Norte, filho do Ceará." (JOSÉ LINS DO REGO)
p) "Saía-se do coração da brenha só para se ver o barco." (FERREIRA DE CASTRO)
q) Ela impôs-se uma dieta severíssima.
r) Os dois irmãos reconciliaram-se algum tempo depois.

21. Transcreva a oração em que o pronome **me** é expletivo:

Não me atendeu. Ferveu-me o sangue, de raiva.
Pediu-me desculpas. Não me ponha mais os pés nesta casa, ouviu?

22. Qual a ideia expressa pelo pronome possessivo, na frase abaixo? (posse, idade, estimativa)
Era um homem de *seus* 29 anos, forte e moreno.

23. Troque em cada frase o * por um dos pronomes demonstrativos propostos adequado ao contexto:

a) Na traseira do caminhão lia-se * frase: "Tristeza não paga dívidas". (*essa – esta*)
b) Aviso-o de que chegarei a * cidade no dia 2 de maio. (*essa – esta*)
c) O chefe da rebelião, * tratou de fugir. (*esse – este*)
d) Mas você vai ao colégio com * unhas imundas! (*essas – estas*)
e) O Brasil é rico e imenso: um país como * só pode progredir. (*esse – este*)
f) Era uma linda samambaia, * que chamam de "choronas". (*dessas – destas*)

g) Um dia * eu estava em casa sozinho. (*desses – destes*)
h) Grave * na memória: o mal se combate com o bem. (*isso – isto*)
i) Ver um amigo afogar-se e não poder salvá-lo, * é que é horrível. (*isso – isto*)
j) Cuidado, mergulhador, * animais são venenosos: a arraia-mijona, o peixe-escorpião, a medusa, o mangangá. (*esses – estes*)

24. Evite as repetições por meio do verbo vicário **fazer** precedido do pronome demonstrativo **o**:
a) Ia dizer-lhe palavras ásperas, mas não **lhe disse palavras ásperas**.
b) É certo que te ofendi, mas não **te ofendi** por maldade.
c) Não conseguiu humilhar-me, embora procurasse **humilhar-me**.
d) Telefonava-lhe quase diariamente e, quando não **lhe telefonava**, mandava-lhe recado.
e) Que diria a mulher se ele confessasse que não lhe socorreu o marido, embora pudesse ter **socorrido o marido**?
f) Procurava chamá-lo o menos possível, e se **o chamava**, era só em casos extremos e pedindo-lhe desculpas.
g) Ele resolveu publicar suas memórias, porém não pretende **publicar suas memórias** já.

25. Substitua os destaques pelos pronomes demonstrativos adequados:
a) Bem diversa é a sorte do livro e do jornal: **o jornal** é torrente que desliza e passa, **o livro** é lago que colige e guarda.
b) O perdão enobrece, a vingança rebaixa: **a vingança** é própria dos escravos, **o perdão** é a virtude dos nobres.
c) O jardim de Paulo era belo, mas **o jardim** de Mário não era menos **belo**.
d) O jogo nos rouba tempo e dinheiro: **o dinheiro**, talvez o possamos recuperar, **o tempo**, nunca.
e) O que na França é desonra, talvez não seja **desonra** na Mongólia.
f) Sou independente, e devo admitir que os outros também sejam **independentes**.

26. Escreva corretamente o período em que é considerado erro o emprego do pronome demonstrativo **o**:
a) Não sabemos o que aconteceu depois que o navio afundou.
b) A criança guarda tudo o que ouve.
c) Esse jogador tem muito o que fazer para atingir a forma ideal.
d) "Se a casa das Marcondes era alegre, a nossa não o era menos." (PEDRO NAVA)

27. Escreva os períodos utilizando a opção que substitui corretamente os asteriscos:
a) Na carta menciono o nome e o endereço do amigo **** poder se encontra a fita magnética **** me referi há pouco.
b) Estes são alguns dos acontecimentos **** Félix se envolvera e **** se vangloriava.

a) a cujo – a que – nos quais – de que
b) em cujo – à que – nos quais – de que
c) em cujo – a que – em que – dos quais

28. Em três dos seguintes períodos não é lícito empregar o pronome relativo **que** em lugar de **o qual**. Indique-os e diga a razão:
a) Sentamo-nos num lindo quiosque, perto **do qual** crianças brincavam e riam.
b) Difícil tarefa recuperar um navio **do qual** o mar se apoderou.
c) Que outro astro é tão importante como o Sol, **o qual** nos dá luz, calor e energia?

d) Esses nevoeiros no alto das serras, **os quais** são os pesadelos dos motoristas, ficam mais densos nos dias chuvosos.

e) O que a tornou famosa foi a beleza de seu rosto, **a qual** ninguém lhe disputava.

29. Siga o exemplo, trocando **do qual** ou **de que** pelo equivalente **cujo(a)**:

Ao atravessar a mata, vimos um lindo pássaro azul, **do qual** nenhum de nós sabia o nome.

Ao atravessar a mata, vimos um lindo pássaro azul, **cujo** nome nenhum de nós sabia.

a) "Balbuciou algumas palavras confusas, **de que** ele mesmo ignorava a significação." (GRACILIANO RAMOS)

b) "Dirigiram-se ao bar e sentaram-se diante da mesinha, no centro **da qual** brilhava a chama de uma vela." (VILMA GUIMARÃES ROSA)

c) "Deve ser assim o fim do mundo, o extremo de todas as coisas: um longo caminho, no topo **do qual** existe um simples portão." (SANTOS FERNANDO)

30. Crie períodos cujas orações adjetivas iniciem pelos conjuntos:

a que	a qual	durante a qual	após o qual
à que	à qual	dentro do qual	com quem
de que	sobre a qual	sem os quais	de cujo

Exemplo: "A casa é uma prisão **à qual** você se acostuma como os animais do Jardim Zoológico se acostumam com as suas jaulas." (RUBEM FONSECA)

31. Substitua nos períodos o * por pronomes relativos adequados, precedidos da preposição exigida pelo verbo:

a) Conheço a pessoa * te referes.
b) É pelo saber que conquistareis o posto * aspirais.
c) A regata internacional, * início assisti, revelou novos valores do remo.
d) A vida ensinou-me a respeitar as pessoas * eu lido.
e) Cada experiência * passamos é favor da vida.
f) O outeiro, * se ergue a igreja, fica defronte do mar.
g) Sois réus dos mesmos crimes * vos insurgis.
h) Nosso Rei, * poderio vos rendeis, saberá ser magnânimo.
i) Baltasar sofreu o castigo * o profeta Daniel o tinha ameaçado.
j) Não escolhas um ofício * não tenhas aptidão.
k) No livro * me refiro o autor fala sobre a Antártida.
l) Não foram poucos os obstáculos e perigos * nos defrontamos.
m) Se a praça * estávamos era grande, esta * chegamos é bem maior.
n) A casa era cercada por um muro alto, * fora erguida uma tela de arame grosso.
o) Brito não simpatizava com o irmão, *, aliás, pouco se parecia.

32. Escolha os conjuntos adequados e escreva os períodos, substituindo os asteriscos nas orações adjetivas:

atrás do qual – diante da qual – durante o qual – em virtude da qual – graças ao qual – sem as quais – sobre o qual

a) É importante cultivar boas amizades, ****** a vida se tornaria triste e monótona.

b) O cronista já escolhera o tema ****** devia escrever.

c) Foi muito proveitoso o encontro de jovens, ****** houve palestras e debates interessantes.

d) O país construíra uma nova capital no planalto, ****** o mundo começava a pasmar.

e) Ao homem foi concedido o dom da palavra, ****** ele pode comunicar-se com seus semelhantes.

f) Fui galgando um pequeno morro, ****** se escondia a casa do caboclo.

g) Queria saber qual é a lei ****** se pode matar uma pessoa inocente.

33. Resolva as questões seguintes:

a) Forme a voz passiva com o pronome apassivador **se**:

Esforço-me por que os erros sejam conhecidos e remediados.

b) Analise a palavra grifada: Não sei *no* que pensas.

c) Transcreva o período e sublinhe os adjetivos substantivados:

"O azul e o verde das piscinas contrastando com o negro da lava é de grande efeito." (VIANA MOOG)

d) Copie os períodos colocando o acento da crase onde necessário:

1) Fui a Copacabana para assistir a festa de fim de ano.

2) O navio chegou a Fortaleza as cinco horas da tarde.

3) Minha viagem a Bahia, devido a um temporal, teve de ser adiada.

e) Substitua corretamente o * por **bastante** e **bastantes** e numere as frases de acordo com a classe gramatical dessas palavras:

(1) **advérbio** (2) **pronome indefinido** (3) **adjetivo**

Já temos provas * para inocentar o réu.

Houve * cartões premiados.

Eles são rapazes * fortes.

Eles foram * compreensivos.

Precisamos de * alimentos.

Tens forças * para tão dura missão?

34. Substitua nas frases os asteriscos pelos adequados pronomes indefinidos constantes da relação: algumas – nenhuma – outras – outrem – outros – quaisquer – menos – poucas – tantas – uns

a) Não é lícito invadir a casa ou a propriedade de ******.

b) Para certos serviços especializados não servem ****** profissionais.

c) Vinte casas, se ******, formavam a rua principal do povoado.

d) Cada qual contava suas histórias: ****** tristes, ****** alegres e jocosas.

e) No choque entre manifestantes e policiais houve pancadaria e ferimentos, leves ******, graves ******; morte, porém, ******.

f) No canavial, homens e mulheres trabalhavam sem parar: ****** cortavam a cana com afiadas foices, ****** a despontavam e limpavam com facões, ****** ainda a carregavam para os caminhões estacionados à margem do canavial.

g) "Estas e ****** mais foram as palavras do presbítero." (CAMILO CASTELO BRANCO)

h) Na escola havia ****** meninas do que meninos.

35. Copie apenas a frase na qual o pronome **tal** tem conotação depreciativa:

a) Alguém que lesse tal notícia não a levaria a sério.

b) Tal não aconteceria, se os motoristas fossem mais prudentes.

c) Você já leu algum livro desse tal de Freud?

36. Escreva os períodos substituindo os asteriscos por **porque** ou **por que**, conforme o caso, e anteponha a cada frase a respectiva letra, de acordo com o esquema seguinte:

- Grafa-se **por que**, em duas palavras, quando:

a) significa **pelo(a) qual, pelo(s) quais, pela(s) quais**, caso em que a palavra **que** é pronome relativo: Era escuro o atalho **por que** passei;

b) significa **por qual, por quais**, sendo o **que** pronome indefinido: Ele quis saber **por que** motivo eu estava chorando;

c) é possível subentender a palavra **motivo** (ou **razão**, **causa**), sendo **por que** advérbio interrogativo: **Por que** está chorando?

d) o **que** é conjunção integrante: Anseiam **por que** isso termine logo.

- Escreve-se **porque**, em uma só palavra, quando:

e) é conjunção causal: Bebo **porque** tenho sede.

f) é conjunção explicativa: Devia estar sofrendo, **porque** tremia.

g) a pergunta propõe uma causa possível, limitando a resposta a **sim** ou **não**: Seu rosto sangra **porque** você brigou? Poucos foram à praia. Será **porque** ventava?

Ela estava triste, dominada não sei ****** recônditos pensamentos.
João devia estar com muita pressa, ****** nem se sentou.
Estavam ansiosos ****** o dia amanhecesse.
****** o arco-íris é colorido?
A criança queria saber ****** razão as estrelas cintilam.
Grandes são as transformações ****** vêm passando as cidades.
Chegou atrasado ao colégio ****** houve um engarrafamento.
****** meios os índios se comunicavam a distância?
Não revelou o motivo ****** não compareceu à reunião.
"Instou ****** a deixassem ir viver de seu trabalho." (CAMILO CASTELO BRANCO)
"******processo maléfico teria ocorrido a mudança?" (JOSÉ J. VEIGA)
O preso fugiu ****** subornou o guarda?

37. Transcreva apenas as frases corretas, que atendem à norma culta da língua:

a) Se aqui não existe árvores é porque não se as plantam.
b) Se aqui não existem árvores é porque não se plantam.
c) A vida se transfigura através do prisma da ilusão.
d) A vida se transfigura através o prisma da ilusão.
e) Gostamos que as coisas venham de encontro a nossos desejos.
f) Gostamos que as coisas venham ao encontro de nossos desejos.
g) Fiquei feliz em rever a ponte que eu presenciara a construção, em criança.
h) Fiquei feliz em rever a ponte cuja construção eu presenciara, em criança.
i) Alice definhava a olhos vistos.
j) Alice definhava a olhos vista.
k) O professor não deixa eu falar, eu não vou deixar ele em paz.
l) O professor não me deixa falar, eu não vou deixá-lo em paz.
m) Doutor Plínio, há um cliente que quer falar consigo.

n) Doutor Plínio, há um cliente que quer falar com o senhor.
o) Que tais as matas? Nelas agora há mais ou menos aves?
p) Que tal as matas? Nelas agora há mais ou menas aves?

38. Releia o estudado sobre o pronome adjetivo *cujo*, e, em seguida, transcreva a única frase correta:

a) Não tome remédio que o prazo de validade está vencido.
b) Não tome remédio cujo o prazo de validade está vencido.
c) Não tome remédio cujo prazo de validade está vencido.
d) Comprava remédios caríssimos, cujos remédios às vezes ele nem tomava.
e) Comprava remédios caríssimos, cujos às vezes ele nem tomava.

39. Forme duas frases com o pronome indefinido **menos** referente a **gente** e a **casas**.

40. Justifique o emprego da preposição **a** nos versos 7 e 12 do poema abaixo.

LEITURA

Sombra no ar

Um resto azul de sono ainda me ilude.
Mais visível se torna o meu fantasma
Turvo, entre a névoa da metamorfose.

Respiro o ar leve que sustenta o mundo.

A vida, nada mais que esse respiro.
Meu olhar, nada mais que essa procura.
Este o mundo a que vim, de pedra e sonho.

Penso: Por que me cerca este cenário?
Quem sou eu para ser digno da vida?
Que farei neste mundo, que direi?

Prefiro à minha voz o som das águas,
E a um pensamento, por maior, prefiro
Que por minha cabeça passe o vento.

Arde a nuvem na luz que além se acende.

Ao longe, o fundo da existência. Sempre
O céu presente, do alto presidindo.

(DANTE MILANO, *Poesias*, p. 107, Editora Sabiá, Rio de Janeiro, 1971)

EMPREGO DE ALGUMAS CLASSES DE PALAVRAS
Exercícios de exames e concursos
[Página 663]

EMPREGO DOS MODOS E TEMPOS

Compare os verbos destes exemplos:

João **leu** o livro.	**leu**	→	fato certo
Se João **lesse** o livro, aprenderia.	**lesse**	→	fato incerto
Leia, João, o livro.	**leia**	→	fato ordenado ou pedido

A essas diversas modalidades de um fato se realizar dá-se o nome de *modos*.

Como já vimos, os modos verbais são três: o *indicativo*, o *subjuntivo* e o *imperativo*.

Observação:

✔ Incluímos neste capítulo o estudo do particípio e do gerúndio, que são formas nominais do verbo.

1 MODO INDICATIVO

Exprime um fato certo, real, positivo. Excepcionalmente, pode traduzir incerteza, possibilidade. Aparece com mais frequência em orações independentes (absolutas, coordenadas e principais).

Vamos estudar o emprego dos tempos do indicativo:

▪ Presente

a) Indica um fato atual (simultâneo ao ato da fala), ou habitual:

Neste momento *penso* em você, leitor.

Mal clareia o dia, os homens *partem* para o trabalho.

b) Indica um fato permanente, uma verdade científica, religiosa ou filosófica:

A Terra *gira* no espaço, em torno do Sol.

O fim não *justifica* os meios.

c) Emprega-se nas narrações, em lugar do pretérito, para tornar mais viva, e como que atual, a representação de um fato. É o chamado *presente histórico*:

"Rumor suspeito *quebra* [= quebrou] a doce harmonia da sesta. *Ergue* [= ergueu] a virgem os olhos...; sua vista *perturba-se* [= perturbou-se]. Diante dela *está* [= estava] um guerreiro estranho." (José de Alencar)

d) Emprega-se pelo futuro do presente, para exprimir um fato que ocorrerá em breve:

Amanhã *vou* a Petrópolis. [*vou* = irei]

Príncipe inglês *chega* amanhã ao Rio. (estilo jornalístico)

"Amália *embarca* amanhã de volta para o Rio." (WALMIR AYALA)

e) Usa-se na linguagem viva e pitoresca, em lugar do pretérito imperfeito ou mais-que-perfeito do subjuntivo:

"Se o jumento *corre* por ali fora, contundia-me deveras." (MACHADO DE ASSIS)

[*corre* = tivesse corrido *ou* corresse]

"Se teu pai não *morre* e o seu partido *vinga*, podia acabar general." (CAMILO CASTELO BRANCO) [*morre* = tivesse morrido *ou* morresse] [*vinga* = tivesse vingado *ou* vingasse]

"Se D. Maria Cristina não *tira* [do berço] o bebê depressa, seria uma tragédia." (*JORNAL DO BRASIL*, 6/4/1973) [*tira* = tivesse tirado *ou* tirasse]

f) Pode substituir o futuro do subjuntivo, principalmente na linguagem emotiva, quando os sentimentos nos levam a romper com a disciplina gramatical:

Se te *afastas* daqui, serás punido.

g) Pode também ser usado, em lugar do imperativo, para se dar uma ordem atenuada, menos impositiva:

"Ninguém *desce* das redes, fora da hora de acampar para refeições." (EDY LIMA)

[*desce* = desça]

▪ Pretérito imperfeito

a) Enuncia um fato passado, porém não concluído, um fato que se prolongou:

Enquanto *subia* o morro, ia admirando a paisagem.

"O coronel fez um gesto que *traía* o seu agastamento." (ÉRICO VERÍSSIMO)

b) Traduz um fato habitual, durativo, no passado:

Aurélio *vivia* sempre quieto.

Adelaide *gostava* de festas.

"Madalena *possuía* um excelente coração." (GRACILIANO RAMOS)

c) Usa-se pelo presente para exprimir, com modéstia e polidez, um desejo, um pedido:

Gostava de saber se você vem.

Eu *queria* ter apenas a metade da fortuna dele.

d) Pode substituir o futuro do pretérito, principalmente na linguagem informal:

Se cultivasses estas terras, em pouco tempo *estavas* rico. [*estavas* = estarias]

"A carinha de Neuma *podia* ser de chinesa, fossem os olhos mais enviesados." (RAQUEL DE QUEIRÓS) [*podia* = poderia]

"Deixassem-no com ele e haviam de ver o bicho que dali *saía*." (COELHO NETO) [*saía* = sairia]

"Se ela me preferisse ao marido, não *fazia* mau negócio." (GRACILIANO RAMOS) [*fazia* = faria]

Observações:

✔ Na linguagem culta formal, deve-se respeitar a correspondência temporal, combinando o pretérito imperfeito do subjuntivo com o futuro do pretérito do indicativo:

Se Pedro *fosse* competente, a empresa o *contrataria*. (certo)

Se Pedro *fosse* competente, a empresa o *contratava*. (errado)

✔ Embora não faltem exemplos em contrário, até mesmo em bons escritores, deve-se usar *havia* [= fazia] e não *há*, em frases do tipo:

A quadrilha *roubava* carros *havia* muitos anos.

O casal *se mudara* para Curitiba *havia* pouco tempo.

"*Havia* perto de oito anos que ela *vivia* naquela situação." (GASTÃO CRULS)

▪ Pretérito perfeito

a) Indica um fato completamente realizado, uma ação concluída:

"A América *reagiu* e *combateu*." (LATINO COELHO)

"*Assinei* as cartas e *meti*-as nos envelopes." (GRACILIANO RAMOS)

b) O pretérito perfeito composto traduz um fato passado repetido, ou que se prolonga até o presente:

Tenho-lhe *dado* sempre bons conselhos.

"Meu trato com Marcoré *tem decorrido* sem problemas, num entendimento completo." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

"Creio que *tenho dado* provas de não ser nenhum ignorante." (ARTUR AZEVEDO)

▪ Pretérito mais-que-perfeito

a) Exprime um fato passado, anterior a outro igualmente passado:

"Paranhos seguia as mesmas ruas que anos antes, voltando do Sul, *pisara* sozinho e condenado." (MACHADO DE ASSIS)

[O fato expresso pelo verbo *pisar* foi anterior ao de *seguir* as ruas.]

"Lembrava-se da última carretinha que o pai *fizera* no Engenho e de como *se divertira* com ela dias seguidos." (GARCIA DE PAIVA)

b) Emprega-se, na linguagem literária, pelo futuro do pretérito:

Fora injustiça destituí-lo do cargo. [*fora* = seria]

"Ninguém *devera* casar sem muito ler..." [*devera* = deveria] (CAMILO CASTELO BRANCO)

c) Emprega-se, na língua culta, pelo pretérito imperfeito do subjuntivo:

"Levantou-me ao ar como se *fora* uma pluma." (ANÍBAL MACHADO) [*fora* = fosse]

"Se não *fora* a subvenção dele, eu não teria podido manter o colégio." (HERBERTO SALES)

"Teria sido uma temporada de ouro, não *fora* a intromissão de minha mãe." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

d) Traduz desejo, em frases optativas:

Prouvera a Deus que meu filho não sofresse!

Quisera eu ter a vida que levas!

"*Tomara* que assim fosse!" (CÂNDIDO DE FIGUEIREDO)

Em geral, prefere-se o pretérito mais-que-perfeito composto ao simples:

Naquela manhã eu *tinha acordado* mais cedo. [tinha acordado = *acordara*]

Quantas vezes *havíamos brincado* juntos, quando crianças!

▪ Futuro do presente

a) Enuncia um fato que se há de realizar:

Amanhã *viajarei* para a Europa.

Se cultivadas, essas terras *darão* bons frutos.

b) Pode exprimir dúvida, incerteza, possibilidade:

"*Terá* realmente *piado* a coruja? *Será* a mesma que piava há dois anos?" (GRACILIANO RAMOS)

Ele *terá*, quando muito, vinte e sete anos.

Você não *estará* equivocado?

"De sua casinha à Faculdade *serão* dois quilômetros, se tanto." (CIRO DOS ANJOS)

c) É usado com força de imperativo:

Não *furtarás*. [= Não furtes.]

Você *irá* com ele agora. [= Vá com ele agora.]

d) Pode ser substituído, sobretudo na linguagem coloquial, por locuções constituídas pelo presente do indicativo dos verbos *ir, ter* ou *haver* + *infinitivo* do verbo principal:

Olga *vai casar* no mês que vem. [*vai casar* = casará]

"Eu *vou dizer* tudo, tudo o que vi." (AUTRAN DOURADO) [*vou dizer* = direi]

Daqui por diante *hei de ter* mais cuidado. [intenção, promessa]

Tenho de atender um doente. [obrigação]

e) O futuro do presente composto usa-se para expressar:

- um fato futuro que se consumará antes de outro:

  Antes que o caçador chegue lá, a onça já *terá fugido*.

- dúvida, incerteza, relativamente à efetivação de um fato no passado:

  Terá chegado às mãos de Vera a minha carta?

▪ Futuro do pretérito

a) Exprime um fato futuro condicionado a outro:

Eu *iria* à festa, se não chovesse.

"*Faria* melhor negócio criando galinhas." (GRACILIANO RAMOS)

b) Exprime um fato futuro situado no passado:

Afirmei, naquela ocasião, que não o *apoiaria*.

Prometeste-me que não me *desobedecerias* mais.

A família decidiu: *viajariam* todos no mês seguinte.

c) Emprega-se pelo presente nas fórmulas de polidez:

Desejaria falar a Vossa Excelência. [*desejaria* = desejo]

Poderia dar-me uma informação, senhorita? [*poderia* = pode]

"*Gostaria* de saber como conseguiu retirar do hotel os dois cartões de registro." (José Fonseca Fernandes)

d) Pode exprimir dúvida, incerteza, probabilidade, ideia aproximada:

Seria verdade o que dizem dele?

Você não *estaria* exagerando?

"A minha reação era tão intensa e caótica que *poderia* supor-se que..." (Fernando Namora)

"Mas quem me *iria* emprestar vinte mil-réis, àquela hora?" (Graciliano Ramos)

Os pais *teriam* realmente *batido* na criança?

Venera-se, naquela cidade, uma imagem da Virgem que *teria pertencido* a Anchieta.

Ele *teria*, quando muito, trinta e cinco anos.

e) Pode ser substituído, sobretudo na linguagem coloquial, por locuções formadas com o pretérito imperfeito do indicativo do verbo *ir* + *infinitivo* do verbo principal:

Informaram que *ia faltar* luz. [*ia faltar* = faltaria]

"Uma conquista como a que a bandeira *ia realizar* não se faria em branca nuvem." (Cassiano Ricardo) [*ia realizar* = realizaria]

2 MODO SUBJUNTIVO

Emprega-se o modo subjuntivo para exprimir um fato possível, incerto, hipotético, irreal ou dependente de outro.

O subjuntivo aparece:

a) em orações absolutas, isto é, únicas no período:

Deus o *acompanhe*!

Eles que *se avenham*!

"Os passageiros que *chacoalhassem* lá dentro de qualquer jeito!" (Vivaldo Coaraci)

"Que *se trouxessem*, com presteza, esses braços para o Brasil! (Viriato Corrêa)

b) em orações coordenadas:

Talvez ela *compreendesse* [e lhe *perdoasse*.]

"Os vossos conselheiros julgaram-me incapaz disto: [agora eles que a *alevantem*!"] (Alexandre Herculano)

c) em orações principais:

[Que lhe *dessem* o] que ele queria, porque senão haveria briga na certa.

["Que também esses... *se ergam*] para pelejarem batalhas tremendas." (ALEXANDRE HERCULANO)

["Talvez não *mereçamos*] imaginar que haverá outros verões." (RUBEM BRAGA)

d) mais frequentemente, em orações subordinadas:

Espera-se que o aproveitamento da energia solar *aumente*.

"Quero ser o primeiro que te *chame* duquesa." (MACHADO DE ASSIS)

"Por muito que *descessem* as águas, a sonda encontrava sempre liberdade para qualquer quilha." (FERREIRA DE CASTRO)

"Ainda assim, não andei tão depressa que *amarrotasse* as calças." (MACHADO DE ASSIS)

"*Erguesse* o corpo e, pela janela aberta, veria a jindiba com o vento nas folhas." (ADONIAS FILHO)

▪ Presente

a) Exprime dúvida, hipótese, possibilidade:

Talvez *seja* esse o plano dele.

É possível que me *engane*.

Suponhamos que teu plano não *dê* certo.

"*Falte* eu a esse juramento, e deixarei de viver!" (VISCONDE DE TAUNAY)

"A senhora acredita que eles *salvem* a gente?" (GRACILIANO RAMOS)

"Não! vos digo eu: não serei quem *torne* a erguer essa derrocada abóbada!" (ALEXANDRE HERCULANO)

"*Corra*, daí a instantes, qualquer aragem, por débil que seja, e levanta-se a língua de fogo esguia e trêmula..." (VISCONDE DE TAUNAY)

b) Emprega-se em orações optativas e imprecativas:

"Oxalá *cesse* um dia a miséria do mundo!" (AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA)

"Que elas *envolvam* no seu aroma a vossa memória." (RUI BARBOSA)

"Que as luas *se sucedam* em todos os céus do mundo..." (LÊDO IVO)

"A terra lhes *seja* leve." (MACHADO DE ASSIS)

"Não *encontres* amor nas mulheres." (GONÇALVES DIAS)

"Malditas *sejam* as mãos que te profanarem, Santarém!" (ALMEIDA GARRETT)

▪ Pretérito imperfeito

a) Emprega-se em frases optativas e imprecativas:

Oxalá *fosse* eterna esta ventura!

"Assim ela *quisesse!*" (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Não *sucedesse* a morte à vida.

Parasse o tempo, que nos foge!" (CABRAL DO NASCIMENTO)

"Se *pudesse* retirar-me dali..." (GRACILIANO RAMOS)

b) Usa-se em orações adverbiais condicionais, causais e outras:

Se *soubesse*, não perguntaria.

Como *fosse* acanhado, não interrogava a ninguém.

Por mais que *insistisse*, não foi atendido.

c) Forma orações substantivas e adjetivas:

As chamas impediam que os bombeiros *se aproximassem*.

"Não fui nunca um menino que *morresse* em cima dos livros." (POVINA CAVALCÂNTI)

d) Traduz uma condição, um meio para se conseguir determinado fim ou efeito, para que algo acontecesse ou deixasse de acontecer:

Se estes eram os seus ideais, *trabalhasse* com mais constância.

"Não *fosse* tolo, e *confessasse* francamente que não sabia o que é plebiscito." (ARTUR AZEVEDO)

"Se caí aos teus olhos, não foi minha culpa: não me *elevasses* tanto." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"*Deixassem*-no com ele e haviam de ver o bicho que dali saía." (COELHO NETO)

e) Exprime um fato hipotético, irreal:

"Talvez o *poupassem* por ele ter uma irmã do Sigma." (GRACILIANO RAMOS)

"*Aparecesse* o Imperador à frente dos amotinados... e, num segundo, tudo acabaria." (VIRIATO CORREIA)

"Não seria o silêncio com o seu negror que me *viesse* assustar." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

▪ Pretérito perfeito

Enuncia um fato passado, real ou incerto, provável:

Foi bom que ele *tenha saído* daqui.

Talvez *tenham seguido* por outro caminho.

▪ Pretérito mais-que-perfeito

Traduz um fato hipotético, ou irreal, anterior a outro igualmente irreal, ou hipotético:

Se *tivessem vindo* ontem, teriam sido atendidos.

Tivessem-no *aconselhado*, e ele hoje seria outro.

Supunha que *tivesses ficado* em casa.

Antes a *houvesse esquecido*!

Se Cristo não *tivesse resgatado* a humanidade, quem se salvaria?

"Se não *tivesse tido* a ideia de beber, não lhe haveria sucedido aquele desastre." (GRACILIANO RAMOS)

▪ Futuro simples

a) Emprega-se em orações adverbiais condicionais, temporais, proporcionais e outras:

Se *transpuserem* a fronteira, serão capturados.

Caso *persistirem* as chuvas, os rios transbordarão.

Enquanto não a *vir*, não descansarei.

Quanto maior *for* a altura, maior será o tombo.

b) Aparece em orações subordinadas adjetivas:

Só poderão entrar os que *tiverem* ingresso.

- **Futuro composto**

Usa-se em orações subordinadas e enuncia um fato futuro relacionado a outro também futuro, ou um fato passado, mas hipotético:

Depois que *tiver visto* o filme, darei minha opinião.

Se *tiver acertado* na loteria, comprarei uma fazenda.

3 MODO IMPERATIVO

Emprega-se para exprimir ordem, proibição, pedido, convite, conselho, exortação, licença, que emanam da 1ª pessoa e se dirigem à 2ª pessoa do discurso:

"*Emende* a língua, ordenei." (Graciliano Ramos)

"*Lançai* os cavalos para as brenhas, *atravessemos* o Sália!" (Alexandre Herculano)

"*Descansa, dorme* em paz, Aldebarã é tua amiga." (Rubem Braga)

"Não *vá*, não *vá* mais! – pedia, insistindo." (Adonias Filho)

"*Trazei* sempre bem vivo nos vossos corações o amor ao próximo." (Latino Coelho)

"Pois *vá*, menino!" (Afonso Arinos)

Sente-se e *conversemos*.

4 PARTICÍPIO

O particípio, como o infinitivo e o gerúndio, é, por si, vago, impreciso, impessoal. Só no contexto é que se despoja de sua imprecisão, para enunciar, geralmente, fato concluído, ação relacionada com o passado.

Emprega-se o particípio:

- para formar a voz passiva e os tempos compostos da ativa:

Tínhamos ido ao cinema.

Talvez João já *tenha chegado*.

Tenho visto por ali muitas misérias.

Leila *foi avisada* pelo irmão.

Fui ouvido com simpatia.

Elas *eram aplaudidas* pelos fãs.

- para construir orações reduzidas adverbiais temporais, causais e outras, já estudadas no capítulo sobre *orações reduzidas*:

Feitos os preparativos, partiu para uma longa viagem.

O artista, *animado* pelo êxito, promete novas exibições.

Chegados que fomos ao local, levantamos um abarracamento.

- em orações reduzidas adjetivas:

"Os galhos dos oitizeiros fremiam, *tocados* pela aragem *vinda* do mar." (Lêdo Ivo)

- como simples adjetivo:

  Isto aconteceu no mês *passado*, quando elas chegaram à aula *atrasadas*.

  O moço estendeu a mão *ferida*, os dedos *ensanguentados*.

5 GERÚNDIO

Vimos que o gerúndio possui a forma simples (*amando, batendo, saindo*) e a composta (*tendo* ou *havendo amado, batido, saído*).

Emprega-se o gerúndio:

- nas conjugações perifrásticas, formando locuções verbais com os verbos *andar, estar, ficar, viver, ir, vir*, etc.:

  Andavam caçando. Está chovendo.
  Ficou chorando. Vive rindo.
  Vamos indo devagar. Vem vindo de mansinho.

  Nesse caso, pode o gerúndio ser substituído pelo infinitivo regido da preposição *a*:

  Os dois não se entendiam, andavam *a brigar*. [*a brigar* = brigando]
  "Sentava no chão e ficava *a ler* o livro que ia sempre comigo." (ELSIE LESSA)
  "Não havia por que ficar ali *a recriminar-se*." (ÉRICO VERÍSSIMO)
  "Vivia *a elogiar* incendiários e assassinos." (GRACILIANO RAMOS)
  "Quantas madrugadas fico eu *a esperar* por alguém que não chega?" (JOSUÉ GUIMARÃES)

- em orações reduzidas adverbiais, sob a forma simples ou composta:

  Cessando a chuva, todos saíram.
  Calando-me, atrairei suspeitas.
  Tendo ferido o pé durante uma caçada, o príncipe teve de cancelar a viagem.
  "A espada do cristão, *batendo* na clava do selvagem, fez-se em pedaços." (JOSÉ DE ALENCAR)
  "Passava o dia *esperando* meia-noite, e, *em chegando* esta, interrogava o futuro próximo." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)
  Nesta terra, *em se plantando*, tudo dá.

Observação:

✔ Em orações adverbiais, o gerúndio pode, em certos casos, ser reforçado pela preposição expletiva *em*, como vemos nos dois últimos exemplos citados.

- em orações reduzidas adjetivas, sob a forma simples:

  Eram as alunas *saindo* para o recreio. [*saindo* = que saíam]

  "Tomei a figura de um barbeiro chinês *escanhoando* um mandarim." (MACHADO DE ASSIS)

  "Eram quatro bandidos *disparando* por todo o lado." (SANTOS FERNANDO)

- em descrições breves, para sugerir movimentação:

  "Ao longo dos campos verdes, tropeiros *tocando* o gado... O vento e as nuvens *correndo* por cima dos montes claros." (CECÍLIA MEIRELES)

EXERCÍCIOS LISTA 59

1. Substitua adequadamente os asteriscos pelos verbos conjugados no indicativo ou no subjuntivo:

a) Essa gente quer que nos ***** à poluição! (*acostumamos – acostumemos*)
b) Eu pensava que eles ***** para casa. (*iam – fossem*)
c) Não sei se Telmo ***** de esquiar. (*gosta – goste*)
d) Talvez a ponte ***** de podre. (*caiu – tenha caído*)
e) Preferia um guia que ***** inglês. (*falava – falasse*)
f) Preferi o Vitório, que ***** inglês. (*falava – falasse*)

2. Substitua o * nas frases pelas formas corretas dos verbos entre parênteses:

a) Qualquer pessoa que * tal notícia não a levaria a sério. (**ler**)
b) Se eu * anos fora de São Paulo e voltasse agora, acho que não acertaria nem com a minha rua. (**passar**)
c) Não * aquelas garrafas de cerveja que iriam tornar-me mais feliz. (**ser**)
d) Naquele encontro, Lúcio me falou da nova casa que ele * dias antes. (**comprar**)
e) Não * testemunhas que provassem a minha inocência. (**faltar**)
f) Embora nunca * à Sibéria, sei que lá é frio. (**ir**)
g) Talvez haja até quem * esses espertalhões. (**aplaudir**)

3. Em lugar de que tempo estão usados os verbos em destaque?

a) Amanhã **vou** a Petrópolis.
b) Não **matarás**.
c) "Anchieta **parte** em um navio..." (Carlos de Laet)
d) Se tivéssemos estudado, **estávamos** aprovados.
e) Agora ninguém **fala**, ordenou o professor.
f) Se não me **avisas** a tempo, **surpreendiam**-me em casa.
g) **Honrar** pai e mãe.
h) Trataram-no como se ele **fora** o mais vil dos escravos.
i) "A única coisa que **devêramos** fazer seria bater nos peitos." (Raquel de Queirós)
j) Firmino, eu **precisava** de um favor seu.
k) "Mas se ele vivesse... não **existias** tu agora." (Almeida Garrett)

4. Transcreva as frases, numerando-as de acordo com o valor do pretérito mais-que-perfeito do indicativo:

(1) **futuro do pretérito** (2) **pretérito imperfeito do subjuntivo**

- "A pele estava tão lisa como se **fora** de louça." (Diná Silveira de Queirós)
- "Ninguém **devera** casar sem muito ler..." (Camilo Castelo Branco)
- Sem a ajuda dos sertanistas, **fora** impossível pacificar a tribo.
- "Não teria havido nada grave, não **fora** a gasolina que imediatamente se esparramou pelo asfalto." (José Fonseca Fernandes)
- Não podes entender isso. **Fora** o mesmo que falar das cores do prisma a um cego de nascença.
- "Quando mais nada **devêramos** aos portugueses, nós estas duas coisas lhes deveríamos, a religião e a língua." (Carlos de Laet)
- "Há um costume, na Índia, que eu **quisera** ver adotado no resto do mundo." (Machado de Assis)

5. Desenvolva as orações reduzidas de gerúndio.

a) "Santos apareciam no sertão, **prometendo a terra para todos**." (LÊDO IVO)

b) "A estrela-d'alva, no céu escuro, parecia uma garça **lavando-se na lagoa**." (AFONSO ARINOS)

c) "Não serão, portanto, demais algumas palavras **explicando** quem era esse teólogo." (CARLOS DE LAET)

d) **Estourando nas mãos**, a bomba poderá matá-lo.

e) "**Tornando-se tão fácil** possuir um bicho de rodas, difícil ficou sendo não possuí-lo, João que o diga." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

6. Copie os períodos, antepondo a eles as letras **I** ou **S**, conforme ocorrer imperativo ou subjuntivo:

- "Montemos nós quatro na vaca e voemos para casa." (EDY LIMA)
- "Que se rendam ao morto as mesmas homenagens." (JOSUÉ GUIMARÃES)
- Bons ventos o levem!
- Levem seus livros para casa, disse-lhes o professor.
- Deus o acompanhe!
- "Descanse, mãe, você contará depois – Iuta pedia." (ADONIAS FILHO)

7. Reorganize as colunas, relacionando-as adequadamente:

Deus o **ouça**!	(1) fato futuro
Tenho de ir hoje.	(2) dúvida, incerteza
Hei de ir hoje!	(3) ordem, mandamento
Visitá-lo-ei amanhã.	(4) promessa, intenção
O senhor **poderia** dar-me uma informação?	(5) obrigação
João **saía** sempre cedo.	(6) fato condicionado
Já **dei** o recado.	(7) pedido delicado
Tenho trabalhado muito.	(8) desejo
Não **matarás**!	(9) fato futuro situado no passado
Prometi que **iria** cedo.	(10) fato hipotético
Batem. **Será** gente?	(11) ação habitual
Iríamos, se não chovesse.	(12) fato passado repetido
Aparecesse o guarda, e tudo se acalmaria.	(13) fato completamente realizado

8. Flexione corretamente os verbos destacados num tempo adequado do indicativo ou do subjuntivo, conforme convenha:

a) Tu, talvez, **descrer** do bem e da virtude.

b) Fale sobre coisas que **entreter** o interesse dos ouvintes.

c) Conquanto todos **supor** e **afirmar** que a empresa **ser** fácil, eu não me convencia.

d) Calei-me, não porque ele **intervir**, mas simplesmente porque achei ridícula aquela discussão.

e) Nosso chefe não era homem que **se abster** completamente de beber.

f) Adelaide **tocar** piano quando Mário entrou sem que ela o **ver**.

g) Não consta que **haver** prisões.

h) **Prazer** a Deus que isto não tivesse acontecido.

i) **Prazer** a Deus que isto não aconteça.

j) Ele ainda não me **pagar** as joias que eu lhe havia vendido.

k) Se ele tivesse partido hoje, nós ainda o **alcançar**.

l) Egoístas e maus **ser** vós, se não o tivésseis amparado.

m) Eu já **reaver** o meu dinheiro quando o detetive chegou.
n) E entravas ali sem que ninguém **ousar** impedir-te?
o) Se eu **escrever** maus versos, ninguém os teria lido.
p) "Pedrinho pagava na cadeia um crime que não **cometer**." (João Clímaco Bezerra)

9. Faça como no exercício anterior:
a) Você acha que nossos antepassados **ser** melhores, se tivessem conhecido os nossos maravilhosos inventos?
b) **Faltar**-lhe os amigos quando mais precisasse deles.
c) Não havia pessoa com quem ele não **se desavir**.
d) **Procurá**-lo, e tê-lo-iam descoberto.
e) Parecia incrível que **chegar** ao termo da nossa viagem tão depressa.
f) **Dizer-se** que aquela criatura tinha vindo ao mundo para sofrer.
g) Eu corria a segurar a canoa, não **ir** as ondas levá-la para longe.
h) Não seríamos nós que **ir** arcar com as consequências!
i) Sei que ela não descansará enquanto não me **ver** trabalhando.
j) **Seguir** os meus conselhos, e hoje não seríeis o que sois.
k) Devemos tratar as crianças de tal modo que não nos **faltar** ao respeito.
l) "De nada aproveitam leis, bem se sabe, não existindo quem as **amparar** contra os abusos." (Rui Barbosa)

10. Substitua os asteriscos pelo item que completa corretamente as frases:
- ***** supercivilizações ou seres inteligentes extraterrestres?
- Não ***** os dois valentes cães, os ladrões ***** na casa.
- Descansa e ***** em paz, as estrelas velarão o teu sono.
- Se não ***** a represa, o rio agora não inundaria as minhas terras.
- Com a chuva e os ventos ***** do sul, baixou sensivelmente a temperatura.

a) existiria – fossem – entrariam – durma – tinham construído – vindos
b) existiriam – fosse – teriam entrado – durma – têm construído – vindo
c) existirá – fossem – tinham entrado – dorme – construíssem – vindo
d) existiriam – fossem – teriam entrado – dorme – tivessem construído – vindos

11. Na frase "Ficamos ali sozinhos **a esperar** nossos colegas.", o infinitivo preposicionado pode ser substituído por que tempo?
(particípio – gerúndio – pretérito imperfeito do indicativo)

12. Responda às perguntas acerca da frase:
Arnaldo vendeu a moto que comprara de um amigo.
a) Em que tempo está o verbo **comprara**?
b) Qual a forma composta correspondente a **comprara**?
c) Como se justifica o emprego desse tempo verbal?

EMPREGO DOS MODOS E TEMPOS
Exercícios de exames e concursos
[Página 674]

EMPREGO DO INFINITIVO

Veja estes exemplos:

Não é um milagre o fato de **estarmos** vivos?

[**estarmos** → infinitivo pessoal flexionado]

Não é um milagre o fato de você **estar** vivo?

[**estar** → infinitivo pessoal não flexionado]

Estar vivo é um milagre.

[**estar** → infinitivo impessoal]

Os exemplos acima evidenciam que:

- O infinitivo pode ser *pessoal* (quando tem sujeito próprio) ou *impessoal* (quando não se refere a nenhum sujeito).
- O infinitivo pessoal ora se flexiona (isso ocorre na 2ª pessoa do singular e nas três pessoas do plural), ora não se flexiona (o que se dá na 1ª e na 3ª pessoas do singular). Todavia, mesmo no primeiro caso, nem sempre tem cabimento a forma flexionada.

1 INFINITIVO NÃO FLEXIONADO

Usa-se o infinitivo não flexionado nos seguintes casos:

- Quando é impessoal, isto é, quando exprime um fato de modo geral, sem referi-lo a um sujeito:

  Morrer pela pátria é glorioso.

  Importa a todos *colaborar* pela causa do bem.

  "*Morrer*, se necessário for; *matar*, nunca." (Cândido Rondon)

- Se equivaler a um imperativo:

  "*Caminhar! caminhar!*... O deserto primeiro,

  o mar depois..." (Olavo Bilac)

- Em geral, quando o infinitivo forma oração que complementa substantivos e adjetivos:

  Temos a obrigação de *ajudar* nossos pais.

  Eles sentiam prazer em *prestar* estes serviços.

  Não fomos capazes de *erradicar* a corrupção.

Estão dispostos a *tentar* a vida em outro país.

Estão propensos a *concordar*.

"Eles estavam fartos de *ver* aviões cruzar o céu." (EDI LIMA)

"Nós estamos imundamente morrendo do mal de não *ser* portugueses." (EÇA DE QUEIRÓS)

Flexiona-se, no entanto, o infinitivo da voz reflexiva:

Jogador e técnico estão dispostos a *se reconciliarem*.

Eles são incapazes de *se ajudarem*.

As duas meninas estavam ansiosas de *se conhecerem*.

Na voz passiva, a flexão, neste caso, é opcional:

Não falam ao telefone, com medo de *ser* (ou *serem*) ouvidos.

- Quando o infinitivo forma locução verbal, ou, em regra, quando tem o mesmo sujeito que o verbo da oração principal:

Costumamos levantar cedo desde crianças.

Devemos pelas nossas obras *dar* glória a Deus.

Podemos, depois disso, *convidar* amigos e *festejar*.

Evita prometer o que não *podes cumprir*.

Não *ousaste* sequer *encarar* teu ofensor!

Tomaram a resolução de *resistir* até o fim.

Pretendemos, se tudo correr bem, *chegar* lá ainda hoje.

"*Queremos*, em nossos reveses, *passar* por infelizes e não por inábeis." (ANÍBAL MACHADO)

"Vidas que *têm* forçosamente de *se entrechocar*." (FERNANDO NAMORA)

- Quando o infinitivo, regido das preposições *a* ou *de*, forma locução com os verbos *estar, começar, entrar, continuar, acabar, tornar, ficar* e outros análogos:

Continuas *a levantar* cedo?

Elas começaram *a rir* de nós.

Eles acabam *de sair*.

Estavam *a preparar* o banquete.

Tornastes *a errar*.

Ficamos os dois *a olhar* o mar.

Observação:

✔ O infinitivo sendo reflexivo e vindo distante do verbo auxiliar, é possível a forma flexionada: "Talvez por isso *entraram* os objetos a *trocarem-se*." (MACHADO DE ASSIS)

- Se o infinitivo tiver como sujeito um pronome oblíquo com o qual constitua o objeto direto dos verbos *deixar, fazer, mandar, ver, ouvir* e *sentir*:

Não nos deixeis *cair* em tentação.

Faça-os *entrar*.
Mande-as *esperar* um pouco.
Vejo-os *sair* de casa.
Ouço-as *falar* e *discutir*.
Senti-os *aproximar-se*.

Observações:

✔ O infinitivo, sendo reflexivo, revestirá, de preferência, a forma flexionada:

"Vi-os *alongarem-se* para mim, cheios de contrição." (MACHADO DE ASSIS)

✔ O sujeito do infinitivo sendo um substantivo, é facultativa a flexão para verbos ativos e obrigatória ou pelo menos recomendável, segundo os casos, com os verbos reflexivos:

Impostos elevados fazem os preços *subirem*.

"O vento fazia *ramalhar* as árvores do jardim." (ALEXANDRE HERCULANO)

"Viu *desfilarem* uma a uma todas as mulheres fatais." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"E eu vi, assombrado, *aparecerem* soldados romanos..." (EÇA DE QUEIRÓS)

"Apetece deixar as ervas *crescerem* à nossa volta." (FERNANDO NAMORA)

"Vilares via os anos *passarem* inalteráveis." (AMADEU DE QUEIRÓS)

"As damas antigamente mandavam os cavaleiros *correr* aventuras." (REBELO DA SILVA)

"Faziam, num átimo, os grãos *saltarem* da espiga." (CIRO DOS ANJOS)

"Chuchu enterrado de manhã bem cedo faz *caírem* verrugas." (CLARICE LISPECTOR)

"Vi os bustos *inclinarem-se* ainda mais." (MACHADO DE ASSIS)

"Sentia os torrões *se esfarelarem* sob as solas dos sapatos." (GRACILIANO RAMOS)

2 INFINITIVO PESSOAL FLEXIONADO

Ocorre o **infinitivo pessoal flexionado** nos seguintes casos:

- Quando o infinitivo tem sujeito próprio, diverso do sujeito da oração principal:

Eu alugaria uma casa para eles *morarem* sozinhos.
As autoridades deram ordens para *serem* presos todos os agitadores.
Permaneci calado, ouvindo os outros *discutirem* os seus problemas.
"Não era raro *sentarem-se* à mesa dezoito ou vinte convivas." (VIVALDO COARACI)
"Às vezes acontecia *acharem-se* ali duas pessoas inimigas." (MACHADO DE ASSIS)
"Convidava eu amigos a *jantarem* comigo aos domingos." (CAMILO CASTELO BRANCO)
"O bom cavaleiro sentiu as asas da morte *roçarem*-lhe frias pela fronte." (ALEXANDRE HERCULANO)
"Aquela porta se abre para *entrarem* carros de lenha." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Afirma não *existirem* tais plantas no país." (SAID ALI)

"Achei notável *usarem* os dois uma prosa fofa." (GRACILIANO RAMOS)

"Tio Maxêncio não te perdoou não *teres descido* para a missa do sétimo dia." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

"*Serem* comidas é o destino final delas, como aliás o de todo ser vivo." (JOSÉ J. VEIGA)

- Quando vier regido de preposição, sobretudo se preceder ao verbo da oração principal:

Para não *teres* más surpresas, não votes em maus candidatos.

"Ficaram todos pasmados *ao verem*-no caminhar." (SAID ALI)

Ao saberem que o sítio estava à venda, resolveram comprá-lo.

Até o *encontrarem*, muito terão de andar.

"Alguns o tinham visto meses atrás, *sem* lhe *guardarem* bem a fisionomia." (ANÍBAL MACHADO)

"A realidade, *ao aproximarmo-nos* dela, faz diminuir o próprio interesse das coisas verdadeiramente belas." (FERREIRA DE CASTRO)

"*Ao nos sentarmos* à mesa, havia sempre a louca esperança de que algum acontecimento viesse a cancelar a malsinada leitura." (CIRO DOS ANJOS)

"As pessoas mais delicadas haviam desde a véspera abandonado a cidade *para* não *testemunharem* a execução." (JOÃO RIBEIRO)

- Sendo verbo passivo, reflexivo ou pronominal:

Viviam juntos sem *se conhecerem*.

"Despediu-se de Filipe dizendo que não convinha *serem vistos* juntos." (CLARICE LISPECTOR)

"Confesso que senti as carnes *arrepiarem-se*." (COELHO NETO)

"Bem antes de *se tingirem* de rosa e laranja as bandas do céu..." (CIRO DOS ANJOS)

"A tentativa de *se aferirem* pesos e medidas." (CIRO DOS ANJOS)

"Roderico viu *enovelarem-se* nos ares os rolos de pó." (ALEXANDRE HERCULANO)

"O pobre-diabo sentiu *enterrarem-se*-lhe no corpo os milhões de agulhas." (MACHADO DE ASSIS)

"Essas terríveis pequenas não precisam de falar para *se entenderem*." (CIRO DOS ANJOS)

- Sempre que for necessário deixar bem claro o agente ou sujeito, ou se quiser pô-lo em evidência, enfatizando-o:

"Estás louco, rapaz! Não *comeres*, tu que estalavas de fome?" (MONTEIRO LOBATO)

"Confessam *deverem*-vos a vida que vivem." (SAID ALI)

"Não era tão fácil *asseverarem* que estavam cortando mandacaru nos cestos?" (GRACILIANO RAMOS)

"E assim vão se criando, sem jamais *terem* escutado uma palavra de catecismo." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

Era melhor *teres feito* isto ontem.

Penso *seres* o mais indicado para o cargo.

Ele nos acompanhará para não *atrairmos* suspeitas.

"Não havia risco de *sermos* prejudicados." (POVINA CALVANCÂNTI)

"Em vez de *aborrecerem* o mal, aborrecem a luz." (ANTÔNIO VIEIRA)

"É preciso *aprendermos* a nos esquecer de nós mesmos." (CIRO DOS ANJOS)

- Quando vier um tanto afastado do verbo auxiliar ou do seu sujeito:

"Mas a selva já começa a rarear, e os ginetes a *resfolegarem* com mais violência." (ALEXANDRE HERCULANO)

"Quem quisesse poderia ver as filhas de Maria Amélia, com seus vestidinhos de luto, *brincarem* no jardim." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

- Como recurso de expressão, já para assegurar à frase harmonia e equilíbrio, já para transmitir à ação verbal mais vigor e dinamismo:

"Em pouco, os vi *saírem* juntos, a cavalo." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

"Eu vi as ondas *engolirem*-no." (ANÍBAL MACHADO)

"... como as cegonhas que um ilustre viajante viu *desferirem* o voo desde o Ilisso às ribas africanas." (MACHADO DE ASSIS)

"Venho com os olhos a *faiscarem* de cores." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

"Chamam-nos pelo medo de *terem* suas moradias queimadas." (CECÍLIA MEIRELES)

"Vira muitos dos seus companheiros *caírem* mortos ao seu lado." (JOÃO FELÍCIO DOS SANTOS)

"Cifras, cifras, sempre cifras a lhe *ferverem* na cabeça..." (CIRO DOS ANJOS)

"Vi vários deles *tombarem* de seus cavalos e *serem* arrastados pelo campo." (JOSÉ J. VEIGA)

"Vivemos, Dora, na certeza / de *sermos* amanhã / o que ontem não fomos." (JOSÉ PAULO PAES)

- Com os verbos *ver* e *parecer*, conforme vimos no capítulo da *Concordância verbal*, são lícitos dois tipos de construção, podendo-se flexionar no plural ora o verbo auxiliar, ora o infinitivo:

Viam-se reluzir as armas. [ou: *Via-se reluzirem* as armas.]

As montanhas *pareciam fugir* à nossa aproximação. [ou: As montanhas *parecia fugirem* à nossa aproximação.]

"*Via-se* as ervas *crescerem* nos pátios e eirados." (REBELO DA SILVA)

"Nessas tétricas paragens, os bichos do mato *pareciam confraternizar-se* com o homem." (CIRO DOS ANJOS)

"Os longínquos contornos das coisas esmaecem como num banho, e *parece diluírem-se* no éter, esbatidos na polvilhação aquosa." (RAMALHO ORTIGÃO)

O emprego do infinitivo na língua portuguesa é matéria complexa e, em alguns casos, polêmica. Por isso, nos limitamos a traçar as normas que julgamos essenciais para habilitar o estudante a usar com acerto essa forma verbal. Como vimos, há situações em que é livre a escolha da forma flexionada ou da não flexionada do infinitivo.

Nesta, como em todas as questões de linguagem, deve-se atender, antes e acima de tudo, às exigências do bom gosto literário, à harmonia da frase e à clareza da expressão.

EXERCÍCIOS LISTA 60

1. Escreva as frases, substituindo os asteriscos de forma adequada e numerando-as corretamente, conforme o indicado:

Não é maravilhoso **enxergar** as cores?

Não é maravilhoso o fato de (tu) ***** as cores?
Não é maravilhoso o fato de você ***** as cores?
Não é maravilhoso o fato de nós ***** as cores?
Não é maravilhoso o fato de vós ***** as cores?
Não é maravilhoso o fato de vocês ***** as cores?

(1) infinitivo pessoal flexionado

(2) infinitivo pessoal não flexionado

(3) infinitivo impessoal

2. Transcreva os exemplos, descrevendo as regras do emprego do infinitivo estudadas neste capítulo:

a) Os motoristas, impacientes, começaram a buzinar.

b) Adianta vocês fazerem bonitos planos, se não têm dinheiro?

c) Andar a pé é um excelente exercício físico.

d) "Andar com isso, bradou Mascarenhas." (Arnaldo Gama)

e) Vejo-os atravessar a praça todos os dias.

f) "Eles estão acostumados a se combaterem desde antes do Cabral." (Edi Lima)

g) Não podíamos, é verdade, sair de casa sem o consentimento dos pais.

h) Ao receberem a notícia, ficaram muito tristes.

i) As duas velhinhas, coitadas, pareciam cansadas de viver.

j) Acredito seres o mais indicado para essa tarefa.

k) Aqueles túmulos régios parece falarem da fragilidade do poderio humano.

l) "Continuaram a enfiar a mão na lata e, depois, a lamberem a calda dos dedos." (Edi Lima)

m) "Eu vi as ondas engolirem-no." (Aníbal Machado)

n) "O vento fazia ramalhar as árvores do Jardim." (Alexandre Herculano)

3. Justifique o emprego do infinitivo nestas frases:

a) "Ele já andava meio desconfiado vendo as fontes minguarem." (Graciliano Ramos)

b) "Podíamos ver aqueles véus finos da água oscilarem, flutuarem, esgarçarem-se, mostrando e escondendo a paisagem." (Cecília Meireles)

c) "Viu saírem e entrarem mulheres." (Machado de Assis)

d) "Vejo erguerem-se no horizonte algumas velas." (João Ribeiro)

e) "Não adianta nada estarem hospedados longe da cidade, num sanatório." (Maria de Lourdes Teixeira)

f) "Revoltava-me o recurso infantil de se xingarem, arrancarem os cabelos." (Graciliano Ramos)

g) "Via as paredes afastarem-se, as telhas subirem e descerem." (Graciliano Ramos)

h) "Eram incapazes de exercer um cargo de confiança." (Raquel de Queirós)

i) "A uma acautelada distância, viu saírem os alunos do Grupo." (Garcia de Paiva)

j) "Cansei-me de ouvir os mais velhos elogiarem a minha educação." (Povina Cavalcânti)

k) Para não teres surpresas desagradáveis, guarda minhas recomendações.

4. Copie as frases, prestando atenção ao emprego do infinitivo; em seguida, escreva a frase f), mudando a forma reduzida do verbo *discutir* na forma desenvolvida.

a) "Ensinava as índias a prepararem quitutes." (Edy Lima)

b) "Poiranga adiantou-se e fez sinal para ficarmos onde estávamos." (Edy Lima)

c) "E, aos brigões, incapazes de se moverem, basta-lhes xingarem-se à distância." (Dalton Trevisan)

d) "Alertados pela imprensa, os cautelosos preferem não se arriscar a duas eventualidades: serem furtados ou serem suspeitados como afanadores." (Carlos Drummond de Andrade)

e) "O fato de um milhão de pessoas participarem dos mesmos vícios não os transforma em virtudes." (Gustavo Corção)

f) "Um dos professores sugeriu, ao se discutirem os programas, a ideia do ensino integral da Zoologia." (Carlos Laet)

g) "Afirmam estarem impossibilitados de prosseguir viagem." (Said Ali)

h) "Outros, muito silenciosos, mordiam os lábios e dir-se-ia quererem fuzilar a brenha com os olhos sinistramente fixos." (Ferreira de Castro)

i) "Faziam, num átimo, os grãos saltarem da espiga." (Ciro dos Anjos)

j) "Vi muitos meninos grandes serem batizados." (Povina Cavalcânti)

5. Escreva os períodos, substituindo o * pela forma adequada do infinitivo dos verbos entre parênteses:

a) Era a revolução e a democracia a * em toda a parte. (**infiltrar-se**)

b) Fizeram-nas * desde a infância. (**trabalhar**)

c) Amiúde vemos pessoas * bem e * mal. (**falar**, **agir**)

d) É necessário não * tão graves erros. (**repetir-se**)

e) Não quisestes, por causa de vossa modéstia, * homenageados. (**ser**)

f) Ficava horas à janela, vendo os transeuntes *. (**passar**)

g) Não podemos * a nossos compromissos. (**faltar**)

h) Os exemplos não se fizeram senão para * citados. (**ser**)

i) Não percebes * teus planos descobertos? (**estar**)

j) O vento fazia * as hastes das antenas. (**oscilar**)

k) Viam-se já * as primeiras estrelas. (**brilhar**)

l) Via-se, no infinito espaço, * solitários astros. (**brilhar**)

6. Copie apenas os exemplos em que também seria lícita a forma flexionada do infinitivo:

a) Não devemos **preocupar-nos** exclusivamente com a vida material.

b) "Por que deixara as coisas **chegar** àquele ponto?" (CIRO DOS ANJOS)

c) "Foram feitos para **ser** vistos apenas uma vez." (CIRO DOS ANJOS)

d) "Roberval, a princípio, deixava-os **lutar**." (DINÁ SILVEIRA DE QUEIRÓS)

e) "E para **comemorar** o achado executavam no ar grandes rondas festivas." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

7. Escreva as frases substituindo o * pelo infinitivo dos verbos entre parênteses, flexionado ou não flexionado, conforme convenha:

a) Sentindo-me enregelado, com os pés a *, ergui-me para um exercício violento. (**doer**)

b) Os fazendeiros haveriam, dali por diante, de * as geadas. (**temer**)

c) Para não se * no meio da multidão, amarraram um lenço vermelho na cabeça. (**perder**)

d) Os jovens gostam muito de * com seus amigos. (**conversar**)

e) Os alunos devem, durante o ano, * ao estudo. (**aplicar-se**)

f) *, no mundo, crimes e injustiças, eis um fato entristecedor. (**existir**)

g) Todos aprenderiam, com um pouco de esforço, a * algum ofício útil. (**exercer**)

h) Ficarei aqui esperando-te, até * dar-me uma resposta definitiva. (**resolver**)

i) Chamei as duas pobrezinhas e dei-lhes um brinquedo, para não * na frente de outras mais felizes. (**chorar**)

j) Mandou-os * imediatamente. (**sair**)

k) Convidei-os a * na sala. (**entrar**)

l) Os perigos nos forçam a * unidos. (**permanecer**)

m) Difícil explicar como as duas crianças chegaram ali sem * vistas. (**ser**)

n) O fato de * a verdade não me dá o direito de vos espancar. (**negar**)

o) Ela via que era perigoso * (nós) sozinhos pelas ruas. (**andar**)

p) Sentia como que bicos de abutre a lhe * as entranhas. (**espicaçar**)

q) Os olhos de Marta! Dir-se-ia * a cor do mar. (**copiar**)

r) Depois de se * as obras, o bairro ganhará fisionomia nova. (**concluir**)

8. Faça como no exercício anterior:

a) É muito comum * detentos das penitenciárias. (**fugir**)

b) Alguns conseguiram, a muito custo, * até a praia. (**nadar**)

c) Íamos aos terreiros ver * as fogueiras. (**acender-se**)

d) Habitavam a terra muito antes de * os portugueses. (**chegar**)

e) Sem se * com a chuva, os meninos continuavam jogando. (**importar**)

f) Aos domingos, vinham muitos amigos * com ele. (**falar**)

g) O pior que pode acontecer é os pneus * na viagem. (**estourar**)

h) Assim, venho ao senhor para * a um acordo de cavalheiros. (**chegar**)

i) Os dois homenzarrões pareciam * da nossa fraqueza. (**zombar**)

j) Os dois homenzarrões parecia * da nossa fraqueza. (**zombar**)

k) Os bilhões de reais que o governo arrecada não são para se *. (**desperdiçar**)

9. Escreva de forma correta a única frase em que há erro no emprego do infinitivo:

a) Esse rio é perigoso por **existirem** piranhas em suas águas.

b) Esse rio é perigoso por **haverem** piranhas em suas águas.

c) As emissoras de rádio informavam não **haver** dados exatos sobre a catástrofe.

d) Os sacos pareciam **conter** frutas volumosas.

e) Todas as coisas em volta parecia **aplaudirem** meu nobre gesto.

10. Copie os períodos abaixo, com exceção daquele em que o infinitivo flexionado não é cabível por formar locução verbal:

a) Não concordo com os que afirmam **serem** esses índios violentos e agressivos.

b) Antes de **partirem**, a mãe lhes acenou da varanda várias vezes.

c) Os pais mandaram seus filhos **alistarem-se** como voluntários.

d) Via-se que aquelas crianças deviam **terem** recebido boa educação.

e) Acho uma temeridade **viveres** num lugar desses.

11. Corrija os infinitivos cuja forma for inadequada:

a) Depende de nós todos **aumentarmos** nossa produção agrícola.

b) É muito comum **aparecer** baleias nesta praia.

c) Não é raro **faltarem** folhas em livros novos.

d) Os bons candidatos evitam **prometerem** o que não podem cumprir.

e) Muitos países estão empenhados em **descobrir** ou **aperfeiçoar** novos processos para a produção de energia.

f) Os defensores dos ufos acreditam **serem** os discos naves espaciais de origem extraterrena.

g) Ao **cruzarmos** a rua, Armando veio ao nosso encontro.

h) Há pouca esperança de os dois países beligerantes **chegar** a um acordo.

i) O perigo era uma daquelas feras **sentirem** nossa presença e nos **atacarem**.

12. Substitua as orações destacadas por orações reduzidas de infinitivo:

a) Parecia **que tinha a alma nos olhos**, tão vivos e lindos eram.

b) A natureza parece **que concentrou toda a sua pujança na catadupa tremenda**.

c) Os inimigos parecia **que esperavam firmes o combate**.

d) Ela ainda não te perdoou **que não tenhas comparecido à festa**.

e) Noticia-se **que foram vistos discos voadores perto de Baturité**.

f) Asseguram **que encontraram uma solução para o cessar-fogo**.

g) As ilhas parece **que atraem magneticamente esses aventureiros**.

h) Espero-te aqui **até que resolvas** dar-me uma resposta definitiva.

i) Continua a difícil cruzada para convencer os índios **a que deixem de ser índios** e **adiram à sociedade de consumo**.

13. Melhore a redação dos períodos abaixo, substituindo as orações destacadas pelas reduzidas correspondentes:

a) Mas há um fato elementar que você parece **que não percebeu claramente**.

b) No Largo da Carioca acercou-se de mim um homem que, pelos modos e atitudes, se via **que era do interior** e **que precisava de ajuda**.

c) Dizes-me que não há possibilidades **de que se remedeiem os males** que nos afligem?

d) Li nos jornais umas notícias que depois averiguei **que não eram verdadeiras**.

e) Dizem as crônicas que algumas pessoas afirmavam **que tinham visto cascavéis** dançando no peito do vereador.

14. Justifique o infinitivo flexionado **despencarem** neste diálogo, à porta de uma quitanda:

— Não haverá perigo desses cachos de banana despencarem sobre nossas cabeças, Manuel?

— Tu queres dizer perigo para nós ou pros cachos?

LEITURA

Viagens

Olímpio tinha negócios em Belém. Pelo menos uma vez por semana ia a Belém. As viagens eram longas e cansativas, sobretudo para ele, que não conseguia dormir no avião. Ficava inteiramente insone, prestava atenção nos outros passageiros dormindo, e tinha inveja daquela segurança, daquele destemor que os fazia dormir. Conscientemente não sentia medo, só que não conseguia dormir. Encostava a cabeça no vidro frio da janela e olhava a escuridão da noite lá fora. O barulho dos motores varando o mundo fechado e sem fim da noite.

Às vezes havia lua e estrelas, mas a solidão pesava fundo. Ficava horas olhando a luz de navegação na asa, o fogo do motor que a luz do dia não deixa ver. Uma casquinha de noz boiando entregue a forças invisíveis. Não tinha medo, no bojo do avião ia anotando friamente as sensações. Não conseguia dormir, só isso. Porque não conseguia dormir e às vezes não suportava a solidão, quando esgotava todas as lembranças e o poço era vazio, levantava-se e ia conversar com a aeromoça. Muitas vezes a aeromoça também dormia. Foi assim que conheceu o comandante. Este, como ele, não dormia. Foi assim que conheceu o comandante, que fazia aquela linha há três anos.

(Autran Dourado, *Solidão Solitude*, Rocco, Rio de Janeiro, 2004)

EMPREGO DO INFINITIVO
Exercícios de exames e concursos
[Página 675]

EMPREGO DO VERBO HAVER

O verbo *haver* pode ser empregado como pessoal ou impessoal. Emprega-se pessoalmente:

- como verbo auxiliar de verbo pessoal:

  Os criminosos *haviam fugido* da prisão. [*haviam* = tinham]

  Isso não *há de acontecer*.

  Hei de viajar muito.

  Haveremos de ter saudades desta casa.

  "Podê-lo-ás depois quando as condições da vida *houverem mudado*." (Machado de Assis)

- no sentido de *ter*:

  "Pedia ao Senhor que lhe visse as lágrimas, e *houvesse* piedade delas." (Camilo Castelo Branco) [houvesse = *tivesse*]

- como sinônimo de *obter, conseguir, alcançar*:

  "Os sentenciados *houveram* do poder público a comutação da pena." (Carlos Góis)

  "Donde *houveste*, ó pélago revolto, esse rugido teu?" (Gonçalves Dias)

- na acepção de *pensar, julgar, entender*:

  "Muitos *hão* que é fantasia." (Bernardim Ribeiro)

  "Se *houverdes* que é fraqueza morrer em tão penoso e triste estado." (Luís de Camões)

  "Os ingleses *houveram por* mais acertado voltar com um cão de menos." (Lúcio de Mendonça)

  "*Haviam*-no *por* sábio." (Celso Luft)

  Alguns *haviam*-no *por* morto.

- como verbo pronominal, no sentido de *proceder, portar-se, lidar, desincumbir-se, sair-se:*

  Todos *se houveram* com perfeita dignidade.

  O soldado *houve-se* como herói.

  Os alunos não *se houveram* bem nas provas do mês.

  "Sei viver modestamente e sei também como *haver-me* na abundância." (São Paulo, Filipenses 4, 11)

  "Foi com esta escória da população que *se teve de haver* o frade recém-chegado." (Carlos de Laet)

  "Ele, porém, *houve-se* com a maior delicadeza e habilidade." (Machado de Assis)

  "Não sabia como *haver-se* com seus empregados." (Garcia de Paiva)

- ainda como pronominal, na acepção de *entender-se, avir-se, acertar conta, enfrentar*, caso em que se constrói com a preposição *com:*

  Agora o criminoso terá de *haver-se com* a justiça.

  Quem o maltratar *comigo se haverá.*

  "... se o estudante *se* não pudesse *haver com* o inimigo." (CAMILO CASTELO BRANCO)

  "Comportem-se como homens de bem, ou *vão se haver comigo.*" (NÉLIDA PIÑON)

O verbo *haver* é também pessoal nas seguintes locuções:

- *haver mister (de)* = precisar, necessitar:

  "Muitos dos enfermos bem *haviam mister* um hospital." (ANTÔNIO VIEIRA)

  "Mas o seu amor da ciência e da pátria não *havia mister de* outros incentivos." (RUI BARBOSA)

  (Esta locução é obsoleta.)

- *haver por bem* = dignar-se, resolver, considerar bom:

  O presidente *houve por bem* reconsiderar sua decisão.

  Os dirigentes dos sindicatos *houveram por bem* suspender a greve.

  "Mandei pedir à pessoa que requerera a minha captura, *houvesse por bem* explicá-la." (CAMILO CASTELO BRANCO)

  "O Doutor Juiz *houve por bem* decretar o fechamento do Asilo." (OTTO LARA RESENDE)

- *bem haja* = seja feliz, seja abençoado, tenha bom êxito:

  Bem hajam os que lutam pela liberdade.

  "*Bem haja* Sua Majestade!" (CAMILO CASTELO BRANCO)

  "*Bem hajas*, meu querido!" (CAMILO CASTELO BRANCO)

  • Nessas frases optativas o verbo *haver* deve concordar com o sujeito.

- *mal haja* (frase imprecativa):

  "*Mal haja* a hora em que saíste desta casa." (CAMILO CASTELO BRANCO)

  "*Mal hajam* as desgraças da minha vida..." (CAMILO CASTELO BRANCO)

  • O verbo *haver* concorda com o sujeito (*hora, desgraças*).

O verbo *haver* é impessoal — sendo, portanto, usado invariavelmente na 3ª pessoa do singular — quando significa:

- *existir:*

  Há pessoas que se dedicam a obras sociais.

  Criaturas infalíveis nunca *houve* nem *haverá.*

  Brigavam à toa, sem que *houvesse* motivos sérios.

  Se *tivesse havido* mais recursos, a obra já estaria concluída.

  Na ilha *havia* charretes puxadas a cavalos.

  Livros, *havia*-os de sobra; o que faltava eram leitores.

  • O substantivo que acompanha o verbo *haver*, neste caso, é objeto direto.

  Na primeira frase, por exemplo, *pessoas* é objeto direto de *há.*

- *acontecer, suceder:*

  Houve casos difíceis na minha profissão de médico.

  Não *haja* desavenças entre vocês.

  Naquela cidade *havia* frequentes rebeliões de presos.

- *decorrer, fazer*, com referência ao tempo passado:

  Há meses que não o vejo.

  Haverá nove dias que ele nos visitou.

  Havia já duas semanas que Marcos não trabalhava.

  O fato aconteceu *há* cerca de oito meses.

- Quando pode ser substituído por *fazia*, o verbo *haver* concorda no pretérito imperfeito, e não no presente:

  Havia (e não *há*) meses que a escola estava fechada.

  Morávamos ali *havia* (e não *há*) cinco anos.

  Ela conseguira emprego *havia* (e não *há*) pouco tempo.

  Havia (e não *há*) muito tempo que a polícia o procurava.

  "O garoto renovava, incansável em novo combate, as façanhas que, *havia* pouco, praticara no sempre memorando repique." (ALEXANDRE HERCULANO)

- *realizar-se:*

  Houve festas e jogos.

  Se não chovesse, *teria havido* outros espetáculos.

  Todas as noites *havia* ensaios das escolas de samba.

- *ser possível, existir possibilidade ou motivo* (em frases negativas e seguido de infinitivo):

  "Em pontos de ciência *não há transigir*." (CARLOS DE LAET)

  "Não *há contê-lo*, então, no ímpeto." (EUCLIDES DA CUNHA)

  "*Não havia descrer* da sinceridade de ambos." (MACHADO DE ASSIS)

  "Mas olha, Tomásia, que *não há fiar* nestas afeiçõezinhas." (CAMILO CASTELO BRANCO)

  "E *não houve convencê-lo* do contrário." (VIANA MOOG)

  "*Não havia* por que *ficar* ali a recriminar-se." (ÉRICO VERÍSSIMO)

- *ser necessário*, nas locuções *haver que* e *haver de*, seguidas de infinitivo:

  "*Há que* recuperar o tempo perdido." (ELSIE LESSA)

  "*Havia que* desmascarar o professor." (NÉLIDA PIÑON)

  "Em nosso caso, *há de* se levar em conta o baixo nível de credibilidade da classe política." (MARCO MACIEL)

Como impessoal o verbo *haver* forma ainda a locução adverbial *de há muito* [= desde muito tempo, há muito tempo]:

De há muito que esta árvore não dá frutos.

De há muito a imprensa vem alertando o País contra o desmatamento.

"*De há muito* sonho esta ilha, se é que não a sonhei sempre." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

O verbo *haver* transmite sua impessoalidade aos verbos que com ele formam locução, os quais, por isso, permanecem invariáveis na 3ª pessoa do singular:

Vai haver eleições, em novembro.

Começou a haver reclamações.

Não *pode haver* umas sem as outras.

Parecia haver mais curiosos do que interessados.

"Mas haveria outros defeitos, *devia haver* outros." (MACHADO DE ASSIS)

"*Há de haver* seis meses que ele me mandou chamar a Viseu." (CAMILO CASTELO BRANCO)

EXERCÍCIOS — LISTA 61

1. Substitua o * por formas adequadas do verbo **haver**:

a) Se * estudado, teriam sido aprovados.
b) Os sertanistas voltaram satisfeitos: * encontrado as tão cobiçadas pedras.
c) * coisas que se aprendem tarde.
d) Pessoas * que não sabem organizar sua vida.
e) No lugar onde é hoje Copacabana, *, no século XIX, apenas ranchos de pescadores.
f) Desde que o mundo é mundo, sempre * rivalidades entre os homens.
g) As casas eram novas e nas janelas * vasos com flores.
h) Se não * prêmios, ninguém se interessará pelo certame.
i) É justo que * as mesmas oportunidades para todos.
j) * três anos que não nos víamos.
k) Seria preferível que * menos exigências burocráticas.
l) Os pais, quando souberem isto, * de ficar muito contentes.
m) Se não * ódios e violências, o mundo seria mais feliz.
n) Se os ricos não fugissem da caridade, não * tantos pobres e indigentes.
o) Nesta difícil missão os dois médicos *-se com rara habilidade.
p) "E ele andava sossegado, como se ali * guardas-civis." (ÉRICO VERÍSSIMO)
q) Em que língua pensas tu * sido escritos aqueles magníficos poemas?

2. Ponha os verbos destacados no presente e no pretérito imperfeito do indicativo, sucessivamente:

a) **Fazer** dois meses que não **chover**.
b) **Ir** fazer dez dias que eu não **sair** de casa.
c) **Começar** a haver sinais de descontentamento.
d) Não **poder** haver rasuras neste documento.
e) Não **dever** haver desavenças entre vós.
f) **Haver** de haver leis justas e sábias.
g) Aqui **fazer** calores intensos.
h) Entre nós não **costumar** haver dissensões.
i) Em muitos países **precisar** haver mais estradas.
j) **Haver** crianças brincando na praça.

3. Dê os diferentes significados do verbo **haver**:

a) Falam como se **houvessem** presenciado o fato.
b) Aquele que ousar difamar-te vai **se haver** comigo.
c) Muitos **hão** que a empresa é irrealizável e temerária.
d) Os soldados **houveram-se** com bravura.
e) Rogava a seu credor que **houvesse** mais um pouco de paciência.
f) Os sentenciados **houveram** da rainha a comutação da pena.
g) "E lá se vão [os bois]: não **há** mais contê-los ou alcançá-los." (EUCLIDES DA CUNHA)
h) O prefeito **houve** por bem aceitar a minha proposta.
i) Nossos carros têm melhorado muito. **Haja** vista os últimos modelos.
j) Bem **hajam** os que lutam pela redenção dos cativos!
k) Como **se houveram** vocês na última prova?
l) "Mal **hajam** os vícios, mal **hajam** as paixões!" (CAMILO CASTELO BRANCO)
m) "Mas não **havia** negá-lo, era o próprio nome do Diogo Vilares." (MACHADO DE ASSIS)
n) "**Havia** muitos anos que não vinha ao Rio." (ANÍBAL MACHADO)
o) "É de fé que Deus **se houve** entre os dois partidos com uma honrada imparcialidade." (CAMILO CASTELO BRANCO)
p) "Sua majestade **houve** por bem admitir a Vossa Mercê à sua real presença." (CAMILO CASTELO BRANCO)
q) "Se acontecer achá-lo colérico, **haja-se** com discreta paciência." (CAMILO CASTELO BRANCO)
r) "Provavelmente ali ainda **haveria** assentos." (VIANA MOOG)
s) "Tanto um como o outro **se houveram** admiravelmente." (ALUÍSIO AZEVEDO)
t) "Quem sabe lá o que não seria se **nos** tivéssemos de **haver**, nos dias de hoje, com um *tiger-sapiens*!" (MÁRIO QUINTANA)
u) Mas como **se haviam** os países que não possuíam riquezas minerais?

4. Reescreva as frases substituindo adequadamente o * por **a**, **à** e **há**:

a) O barco saiu * pouco, em direção * ilha.
b) Daqui * pouco talvez os ônibus voltem * circular.
c) Este médico se devota * pesquisas científicas * dez anos.
d) De mais * mais, * possibilidade de o navio ir * pique.
e) Interessa * você saber quantos quilômetros * daqui * Lua?
f) * meses que estou * espera de notícias suas.
g) Estamos * vinte dias das eleições.

5. Reescreva a frase trocando **viver** pelos verbos **haver** e **existir**, sucessivamente.

No zoo da cidade **viviam** animais raros.

6. Reescreva as frases trocando o * por **há** ou **havia**, conforme for adequado:

a) * dois anos que a obra tinha sido iniciada.
b) * dois anos que a obra fora iniciada.
c) * dois anos que a obra foi iniciada.
d) O DER liberou a estrada que estava interditada * um mês.
e) A estrada está interditada * um mês.

LEITURA

Domingo na praça

Em três altas ondas a fonte desata
na negra bacia
suas longas madeixas de prata.

Entre o lago e as flores, desliza alegria
nas areias quietas:
cantos de ciranda, sapatinhos brancos,
aros velozes de bicicletas.

Depois dos canteiros, dois a dois sentados,
falando em sonho, sonhando acordados,
os namorados enamorados
dizem loucuras, pelos bancos.

Ah, Deus, – e a grande Lua antiga,
que volta de viagens, saindo do oceano,
ouve a alegria, ouve a cantiga,
ouve a linguagem de puro engano,
ouve a fonte que desata
na negra bacia
novas madeixas de prata...

As águas não eram estas,
há um ano, há um mês, há um dia...
Nem as crianças, nem as flores,
nem o rosto dos amores...

Onde estão águas e festas
anteriores?

E a imagem da praça, agora,
que será, daqui a um ano,
a um mês, a um dia, a uma hora?...

(Cecília Meireles, *Mar Absoluto*, in *Poesia Completa*, Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 1993)

EMPREGO DO VERBO HAVER
Exercícios de exames e concursos
[Página 687]

ESTILÍSTICA

trata do estilo, dos recursos expressivos da língua

Cidade sem rio

O rio Amazonas é o maior do mundo,
mas o rio do Tanque é o menor,
(Deslizava na fazenda de meu irmão)
O rio Doce banha terras amargas
de maleita, ferro e melancolia.
O córrego da Penha, esse, coitado,
mal fazia um poço raso
onde a gente, fugindo, se banhava.
Talvez porque me faltasse água corrente,
hoje a tenho represada nos olhos
e neste vago verso fluvial.

(Carlos Drummond de Andrade, *Poesia*,
Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 2002)

FIGURAS DE LINGUAGEM

Figuras de linguagem, também chamadas *figuras de estilo*, são recursos especiais de que se vale quem fala ou escreve, para comunicar à expressão mais força e colorido, intensidade e beleza.

Podemos classificá-las em três tipos:

a) Figuras de palavras (ou tropos)

b) Figuras de construção (ou de sintaxe)

c) Figuras de pensamento

O estudo das figuras de linguagem faz parte da *estilística*.

1 FIGURAS DE PALAVRAS

Compare estes exemplos:

A) O tigre é uma **fera**. [*fera* = animal feroz: sentido próprio, literal, usual]

B) Pedro era uma **fera**. [*fera* = pessoa muito brava: sentido figurado, ocasional]

No exemplo B, a palavra *fera* sofreu um desvio na sua significação própria e diz muito mais do que a expressão vulgar "pessoa brava". Semelhantes desvios de significação a que são submetidas as palavras, quando se deseja atingir um efeito expressivo, denominam-se *figuras de palavras* ou *tropos* (do grego *trópos*, desvio, giro).

São as seguintes as figuras de palavras:

- **Metáfora**: É o desvio da significação própria de uma palavra, nascido de uma comparação mental ou característica comum entre dois seres ou fatos.

  O seguinte exemplo, colhido em *Crônicas Escolhidas* de Rubem Braga, esclarece a definição:

  "O pavão é um *arco-íris* de plumas."

  Isto é, o pavão, com sua cauda armada em forma de leque multicolorido, é como um arco-íris de plumas.

  Entre os termos *pavão* e *arco-íris* existe uma relação de semelhança, uma característica comum: um semicírculo ou arco multicor.

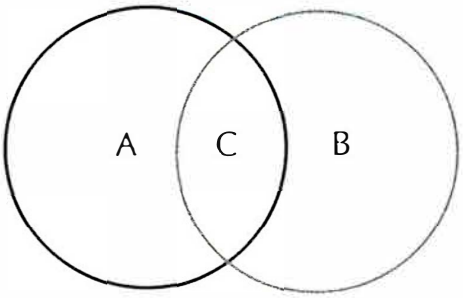

A – pavão

B – arco-íris

C – semicírculo multicor

Outros exemplos de metáforas:

Toda profissão tem seus *espinhos*.

As derrotas e as desilusões são *amargas*.

Murcharam-lhe os entusiasmos da mocidade.

"Adélia se via enclausurada numa *teia* de dúvidas." (Sérgio Gallo)

"Lá fora, a noite é um *pulmão ofegante*." (Fernando Namora)

"Mas o empregado não *se dobrou* a esses sofismas." (Carlos Drummond de Andrade)

"Cai a *tinta* da treva sobre o mundo." (Dante Milano)

"Que *negro* segredo guardava no *porão* da alma?" (Autran Dourado)

Dado o seu caráter enfático, incisivo, direto, a metáfora produz impacto em nossa sensibilidade: daí sua grande força evocativa e emotiva. É a mais importante e frequente figura de estilo e, frequentemente, encontra-se aliada a outras figuras, como a hipérbole e a personificação.

Observações:

✔ Não confundir a metáfora com a comparação. Nesta, os dois termos vêm expressos e unidos por nexos comparativos (como, tal, qual, assim como, etc.):

Nero foi cruel *como um monstro*. (comparação)

Nero foi um *monstro*. (metáfora)

✔ Por não ter colorido nem força expressiva especial, não é figura de estilo a *catacrese*, palavra ou expressão usada com seu significado original transposto ou adulterado: *embarcar* num trem, ficar *a cavalo* sobre um muro, *enterrar-se* um espinho no pé, tapar a *boca* dos poços, mesa de *pés* torneados, afiar os *dentes* da serra, etc.

- **Comparação**: Consiste em pôr em confronto pessoas ou coisas, a fim de lhes destacar semelhanças, características, traços comuns, visando a um efeito expressivo:

  Eles não têm ideal: são *como folhas* levadas pelo vento.

  A *criança é tal qual* uma *plantinha* delicada: precisa de amor e proteção.

  "*Como* uma informe *nódoa*, avulta e cresce / a *sombra* à proporção que a luz recua." (Raimundo Correia)

- **Metonímia:** Consiste em usar uma palavra por outra, com a qual se acha relacionada. Essa troca se faz não porque as palavras são sinônimas, mas porque uma evoca a outra. Há metonímia quando se emprega:

a) o *efeito* pela *causa*:

Os aviões semeavam a *morte*. [= bombas mortíferas]

[*as bombas* = a causa; *a morte* = o efeito]

b) o *autor* pela *obra*:

Nas horas de folga lia *Camões*. [*Camões* = a obra de Camões]

Traduzir *Homero* para o português não é fácil.

Um *Picasso* vale uma fortuna. [*Picasso* = o quadro de Picasso]

c) O *continente* pelo *conteúdo*:

Tomou uma *taça* de vinho. [= o vinho contido na taça]

A *terra* inteira chorou a morte do santo pontífice. [= os habitantes da terra]

d) o *instrumento* pela *pessoa* que *o* utiliza:

Ele é um bom *garfo*. [= comedor, comilão, glutão]

As *penas* mais brilhantes do país reverenciaram a memória do grande morto. [= os escritores]

e) o *sinal* pela *coisa significada*:

Que as *armas* cedam à *toga*. [isto é, *que a força militar acate o direito*]

O *trono* estava abalado. [isto é, *o império*]

Os partidários da *Coroa* eram poucos. [= governo monárquico]

f) o *lugar* pelos seus *habitantes* ou *produtos*:

"A *América* reagiu e combateu." (Latino Coelho)

Aprecio o *madeira*. [= o vinho fabricado na ilha da Madeira]

g) o *abstrato* pelo *concreto*:

A *mocidade* é entusiasta. [*mocidade* = moços]

"Difícil conduzir aquela *bondade* trôpega ao cárcere, onde curtiam pena os malfeitores." [bondade = o bom velho] (Graciliano Ramos)

h) a *parte* pelo *todo*:

Ele não tinha *teto* onde se abrigasse. [*teto* = casa]

Márcia completou ontem vinte *primaveras*. [*primaveras* = anos]

João trabalha dobrado para alimentar oito *bocas*. [*bocas* = pessoas]

i) o *singular* pelo *plural*:

O homem é mortal. [*o homem* = os homens]

"Foi onde o *paulista* fundou o país da Esperança." (Cassiano Ricardo)

j) a *espécie* ou a *classe* pelo *indivíduo*:

"Andai como filhos da luz", recomenda-nos o *Apóstolo* (para dizer *São Paulo*). [São Paulo (indivíduo) foi um dos *apóstolos* (espécie)]

k) o *indivíduo* pela *espécie* ou *classe*:

Os *mecenas* das artes (protetores)	Os *átilas* das instituições (destruidores)	O *Judas* da classe (traidor)

"Não é paternalismo de nenhum *mecenas* arquimilionário." (RAQUEL DE QUEIRÓS)
[*Mecenas:* amigo do imperador romano Augusto e incentivador das letras e das artes]

"Conseguirão os ladinos sherloques soteropolitanos desvendar a trama...?" (JORGE AMADO)
[*Sherlock Holmes:* famoso detetive, personagem dos romances policiais de Conan Doyle]

l) a *qualidade* pela *espécie*:

Os *mortais* [em vez de *os homens*] Os *irracionais* [= os animais]

m) a *matéria* pelo *objeto*:

Tanger o *bronze*. [= sino]

Ouvia-se o tinir dos *cristais*. [= copos]

Estava sem um *níquel* no bolso. [= moeda]

"O Cristianismo inventou o órgão e fez suspirar o *bronze*." (CHATEAUBRIAND) [*bronze* = sino]

"O *aço* de Zé Grande espelha reflexos dos cristais..." (HAROLDO BRUNO) [*aço* = faca]

- **Perífrase**: É uma expressão que designa os seres por meio de algum de seus atributos ou de um fato que os celebrizou:

Das entranhas da terra jorra o *ouro negro*. [= petróleo]

O *rei dos animais* foi generoso. [= leão]

O *Poeta dos Escravos* morreu moço. [= Castro Alves]

Os urbanistas tornarão ainda mais bela a *Cidade Maravilhosa*. [= o Rio de Janeiro]

"... parlamenteia-se hoje com o *monstro de mil cabeças*." (CARLOS DE LAET) [= a imprensa]

Observação:

✔ À estilística só interessam perífrases com valor expressivo.

- **Sinestesia**: É a transferência de percepções da esfera de um sentido para a de outro, do que resulta uma fusão de impressões sensoriais de grande poder sugestivo. Exemplos:

Sua *voz doce* e *aveludada* era uma *carícia* em meus ouvidos.

[*voz:* sensação auditiva; *doce:* sensação gustativa; *aveludada:* sensação tátil]

Em seu *olhar gelado* percebi uma ponta de desprezo.

"O *grito friorento* das marrecas povoava de terror o ronco medonho da cheia." (BERNARDO ÉLIS)

EXERCÍCIOS LISTA 62

1. Transcreva apenas as frases em que há metáfora:

a) Luzia olhou-se no espelho.

b) O rosto é o espelho da alma.

c) Um grito agudo cortou o silêncio.

d) "No céu desenha-se um pálido sorriso." (MÁRIO QUINTANA)

e) Muitos mancham a sua reputação e mordem na dos outros.

f) "As flores da terceira árvore eram rosadas como carne." (MARINA COLASANTI)

g) "O esquilo pincelava os troncos com a cauda." (MARINA COLASANTI)

h) "O luar amacia o mato sonolento." (RAUL BOPP)

i) "Uma nuvem de tristeza empana os olhos de amaro." (ÉRICO VERÍSSIMO)

j) Da nuvem cai a água que refresca e o raio que mata.

k) "No jardim as flores flamejam." (ÉRICO VERÍSSIMO)

l) Do alto via-se a teia imensa das ruas e avenidas cortando a floresta de edifícios.

2. Copie os períodos, numerando-os de acordo com as figuras de palavras que neles ocorrem:

(1) **metáfora** (2) **metonímia** (3) **perífrase** (4) **sinestesia**

a) Joguei duas pratas no chapéu do mendigo e fui andando.

b) O Pai da Aviação, com seu invento, encurtou as distâncias e aproximou os povos.

c) Via-me perdido num labirinto de dificuldades.

d) Ele, o Bom Pastor, deu a sua vida para nos salvar.

e) Um pássaro solitário riscou o céu, banhado em luz.

f) As planícies verdes alimentavam um rebanho de dez mil cabeças.

g) "Ó sonora audição colorida do aroma!" (ALPHONSUS DE GUIMARAENS)

h) Há muita luta e sofrimento neste vale de lágrimas.

3. Transcreva os períodos sublinhando as palavras que constituem metáfora:

a) Pesa sobre aquela nação uma sombria ameaça.

b) Ela sentou-se no banco, o olhar distante, o pensamento submerso no passado.

c) Uma a uma as badaladas se dissolvem na noite." (JOSÉ CONDÉ)

d) "Deitado na areia, meu pensamento vadio era uma borboleta serena que não pousava em nada." (BERNARDO ÉLIS)

4. Transforme as comparações em metáforas:

a) Os morcegos eram como loucos chicotes negros zurzindo as trevas.

b) A aeronave era como um grande pássaro metálico devorando a distância.

c) Faminto como ele estava, um pedaço de pão seria delicioso como um maná.

d) Cuidado com esse tal de Abelardo! Ele é astucioso como uma raposa.

5. Explique as metonímias, procedendo como no exemplo inicial:

Não podem viver debaixo do mesmo **teto**. [teto = casa: *a parte pelo todo*]

a) "Por que não te sentas? Eu vou descansar estes **ossos**." (ÉRICO VERÍSSIMO)

b) "**Nosso tempo** abomina flores, amigo." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

c) Sobre a cidade indefesa os aviões semeavam a **morte**.

d) **São Paulo** parou para receber e ovacionar os campeões.

e) "O **aço** de Zé Grande espelha reflexos dos cristais." (HAROLDO BRUNO)

f) "O garçom trouxera a bandeja com os copos festivos, perfilando num sorriso a brancura de seus dentes." (VILMA GUIMARÃES ROSA)

g) "Todos ao mar! — o Comandante ordena e é obedecido. Calções, maiôs, biquínis desfilam diante da reduzida população de Mangue Seco." (JORGE AMADO)

6. Qual é o tipo de figura de linguagem das palavras em destaque no período abaixo? (perífrase, metáfora, metonímia, comparação)

"E na curva da estrada, que era um talho sangrento no verde bruto da paisagem, sumiu-se a cavalgada." (BERNARDO ÉLIS)

7. Explique as perífrases:

a) E o **ouro** negro jorrou em vários pontos do **continente de Colombo**.

b) **Bípede implume**, não sujes o **precioso líquido** que te mata a sede e te purifica o corpo.

c) O **Poeta dos Escravos** verberou, em versos candentes, os navios negreiros.

8. Reconheça e classifique as figuras de palavras:

a) "Na guerra os meus dedos disparam mil mortes." (JUNQUEIRA FREIRE)

b) Firmou-se-lhe a reputação de mecenas das artes.

c) "O Major trazia sobre si o peso de 60 janeiros." (MONTEIRO LOBATO)

d) "Vendo em torno de mim mãos que davam esmolas." (OLEGÁRIO MARIANO)

e) "Volta aos humildes mas felizes tetos." (RONALD DE CARVALHO)

f) Os meninos ouviam contar os casos com frio desinteresse." (POVINA CAVALCÂNTI)

g) "O uniforme era lembrança viva do perigo permanente, da ceifadora implacável." (ORÍGENES LESSA)

h) "Um operário passou balançando uma lanterna vermelha, sumiu no oco da escuridão." (AUTRAN DOURADO)

i) "Os seminaristas que trocaram o turíbulo pelo rifle do guerrilheiro..." (VIANA MOOG)

j) "Altar e Trono, uni-vos!" (RAIMUNDO CORREIA)

k) Lisonjeavam-se outrora as cabeças coroadas; parlamenteia-se [= entra-se em negociação] hoje com o monstro de mil cabeças." (CARLOS DE LAET)

9. Forme frases com as palavras abaixo, usando-as no sentido metafórico.

Exemplo: Ele se libertou das **trevas** da ignorância.

sombra, tesouro, freio, manto, mar, brilhante, duro, acesso, frio, seco, sondar, alimentar, tecer, sacrificar

10. No diálogo, assinale a palavra empregada em sentido figurado:

"— Ainda bem que o inverno carioca é doce.

— É, mas aqui as folhas caem das árvores com tronco e tudo... (*Jornal do Brasil*, 21/6/1974)

11. Identifique as frases em que ocorrem *metonímias*.

a) Felizmente você tem um teto onde morar.

b) Precisamos de estradas bem construídas.

c) O ser humano é realmente insondável!

d) Ninguém segura a juventude deste país.

12. *Minha vida era um palco iluminado*

Eu vivia vestido de dourado

Palhaço das perdidas ilusões...

No trecho da música de Sílvio Caldas e Orestes Barbosa, acima reproduzido:

a) Qual a figura predominante?

b) Como ficaria esse mesmo trecho se fossem utilizadas comparações em lugar da figura que você apontou? Sugestão: Minha vida se passava como se eu, vestido de dourado, tal qual um palhaço, vivesse num palco, rindo e chorando minhas perdidas ilusões.

2 FIGURAS DE CONSTRUÇÃO

Compare as duas maneiras de construir esta frase:

Os homens pararam, o medo no coração.

Os homens pararam, com o medo no coração.

Nota-se que a primeira construção é mais concisa e elegante. Desvia-se da norma estritamente gramatical para atingir um fim expressivo ou estilístico. Foi com esse intuito que assim a redigiu Jorge Amado.

A essas construções que se afastam das estruturas regulares ou comuns e que visam transmitir à frase mais concisão, expressividade ou elegância dá-se o nome de *figuras de construção* ou *de sintaxe*.

São as mais importantes figuras de construção:

- **Elipse**: É a omissão de um termo ou oração que facilmente podemos subentender no contexto. É uma espécie de economia de palavras. Aqui só interessa a elipse como figura de estilo. Exemplos:

  As mãos eram pequenas e os dedos, finos e delicados. [elipse do verbo *eram*]

  "As quaresmas abriam a flor depois do carnaval, os ipês em junho." (RAQUEL DE QUEIRÓS) [Isto é: os ipês *abriam a flor* em junho.]

  Nossa professora estava satisfeita, como, aliás, todas as suas colegas.
  [Isto é: como, aliás, *estavam satisfeitas* todas as suas colegas.]

  "Parece que, quando menor, Sereia era bonita." (RAQUEL DE QUEIRÓS)
  [Elipse do verbo *era*: quando *era* menor]

  "Eles tremiam por si; eu pela sorte da Espanha." (ALEXANDRE HERCULANO) [isto é: *eu tremia*...]

  "Por que foi que a criatura se imolou? Um ato de protesto contra o governo?" (ÉRICO VERÍSSIMO)
  [Isto é: *Teria sido* um ato de protesto contra o governo?]

Nos exemplos supracitados, omitiram-se termos anteriormente expressos na frase. Essa modalidade de elipse tem o nome de *zeugma*.

- A elipse das conjunções e preposições assegura à frase concisão, leveza e desenvoltura:

  "E espero tenha sido a última." (VIANA MOOG) [elipse da conjunção *que*]

"Só aí que me inteirei de que ela havia sofrido e era boa." (GRACILIANO RAMOS)
[Ou seja: e *de que* era boa.]

"A carinha de Neuma podia ser de chinesa, fossem os olhos mais enviesados." (RAQUEL DE QUEIRÓS) [Isto é: *se* os olhos fossem...]

"Veio sem pintura, um vestido leve, sandálias coloridas." (RUBEM BRAGA)

"Entraram em casa, as armas na mão, os olhos atentos, procurando." (JORGE AMADO)

- Pode ocorrer a elipse total ou parcial de uma oração:

Perguntei-lhe quando voltava. Ele disse que não sabia.
[Isto é: Ele disse que não sabia *quando voltava*.]

"Os corpos se entendem, mas as almas não." (MANUEL BANDEIRA)
[Isto é: mas as almas não *se entendem*.]

- Podem ser consideradas casos de elipse as chamadas *frases nominais,* organizadas sem verbo. Exemplos:

"Bom rapaz, o verdureiro, cheio de atenções para com os fregueses." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

"Céu baixo, ondas mansas, vento leve." (ADONIAS FILHO)

"Àquela hora, quase deserta a Praia de Botafogo." (OLAVO BILAC)

"Em redor, tudo parado. Estático. No silêncio da madrugada, nem o piar de um pássaro, nem o farfalhar de uma folha." (LÍGIA FAGUNDES TELLES)

Observação:

✔ As frases nominais, de largo uso na literatura atual, são particularmente adequadas para a descrição de cenas estáticas, de ambientes de quietude, sem vida, sem movimento.

- **Pleonasmo**: É o emprego de palavras redundantes, com o fim de reforçar ou enfatizar a expressão. Exemplos:

"Foi o que *vi com os meus próprios olhos*." (ANTÔNIO CALADO)

"*Sorriu* para Holanda um *sorriso* ainda marcado de pavor." (VIANA MOOG)

"Tenha pena de sua filha, perdoe-lhe pelo *divino* amor *de Deus*." (CAMILO CASTELO BRANCO)

O seu leito era a *pedra fria*, a *pedra dura*.

"*Os impostos* é necessário pagá-*los*." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"*A mim* resta-*me* a independência para chorar." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"... *secá-las* bem *secas* no jirau." (FERREIRA DE CASTRO)

Observação:

✔ O pleonasmo, como figura de linguagem, visa a um efeito expressivo e deve obedecer ao bom gosto. São condenáveis, por viciosos, pleonasmos como: *descer para baixo, entrar para dentro, subir para cima*, a ilha *fluvial do rio* Araguaia, a *monocultura exclusiva de uma* planta, escrever a *sua autobiografia, produzir* bons produtos, etc.

- **Polissíndeto**: É a repetição intencional do conectivo coordenativo (geralmente a conjunção *e*). É particularmente eficaz para sugerir movimentos contínuos ou séries de ações que se sucedem rapidamente:

  "Trejeita, *e* canta, *e* ri nervosamente." (ANTÔNIO TOMÁS)

  "Por que é a beleza vaga *e* tênue,
  falaz *e* vã *e* incauta *e* inquieta?" (CABRAL DO NASCIMENTO)

  "Vão chegando as burguesinhas pobres,
  e as criadas das burguesinhas ricas,
  e as mulheres do povo, *e* as lavadeiras da redondeza." (MANUEL BANDEIRA)

  "Mão gentil, *mas* cruel, *mas* traiçoeira." (ALBERTO DE OLIVEIRA)

  Nossas matas têm milhares de espécies de árvores, *mas* o cedro, *mas* o mogno, *mas* o ipê quase não se encontram mais.

- **Inversão**: Consiste em alterar a ordem normal dos termos ou orações com o fim de lhes dar destaque:

  "*Passarinho*, desisti de ter." (RUBEM BRAGA)

  "*Justo* ela diz que é, mas eu não acho não." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

  "*Por que brigavam no meu interior esses entes de sonho* não sei." (GRACILIANO RAMOS)

  "*Tão leve* estou que já nem *sombra* tenho." (MÁRIO QUINTANA)

Observação:

✔ O termo que desejamos realçar é colocado, em geral, no início da frase.

- **Anacoluto**: É a quebra ou interrupção do fio da frase, ficando termos sintaticamente desligados do resto do período, sem função. O termo sem nexo sintático coloca-se, em geral, no início da frase para se lhe dar realce. Exemplos:

  Pobre, quando come frango, um dos dois está doente. (DITO POPULAR)

  "*Eu* não me importa a desonra do mundo." (CAMILO CASTELO BRANCO)

  "*Essas criadas de hoje* não se pode confiar nelas." (ANÍBAL MACHADO)

  "*Esses colonos* que se viram desalojados do Congo, não digo propriamente nada contra eles, mas não servem para nós." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

  A rua onde moras, nela é que desejo morar.

  Urubu, quando é caipora, o de baixo suja o de cima. (PROVÉRBIO)

  O anacoluto, fato bastante comum na língua oral, deve ser usado, na expressão escrita, com sobriedade e consciência.

- **Silepse**: Ocorre esta figura quando efetuamos a concordância não com os termos expressos, mas com a ideia a eles associada em nossa mente.

  A silepse, ou concordância ideológica, pode ser:

a) de **gênero**:

Vossa Majestade será *informado* acerca de tudo. [*Vossa Majestade* = o rei]

"Sobre a *triste Ouro Preto* o ouro dos astros chove." (OLAVO BILAC)

"Nuvens baixas e grossas ocultavam *Ilhéus*, *vista* dali em mar grande e livre." (ADONIAS FILHO)

"A certa altura, *a gente* tem que estar *cansado*." (FERNANDO PESSOA)

"Quando *a gente* é *novo*, gosta de fazer bonito." (GUIMARÃES ROSA)

"Se acha *Ana Maria comprido*, trate-me por Naná." (CIRO DOS ANJOS)

b) de **número**:

"Corria *gente* de todos os lados, e *gritavam*." (MÁRIO BARRETO)

"O *casal* de patos nada disse, pois a voz das ipecas é só um sopro. Mas *espadanaram, ruflaram* e *voaram* embora." (GUIMARÃES ROSA)

"Está cheio de gente aqui. Tire esse *povaréu* da minha casa. Que é que *eles querem*?" (DALTON TREVISAN)

"Minha amiga, *flor* tem vida muito curta, logo *murcham, secam, viram* húmus." (JOSÉ J. VEIGA)

c) de **pessoa**:

Ele e eu temos a mesma opinião. [*ele e eu* = nós]

"Aliás *todos os sertanejos* somos assim." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"*Os que adoramos* esse ideal, nela vamos buscar a chama incorruptível." (RUI BARBOSA)

"*Os amigos nos revezávamos* à sua cabeceira." (AMADEU DE QUEIRÓS)

"Mas haverá para qualquer de nós, *os que lutamos*, alguma alternativa?" (FERNANDO NAMORA)

"Os que a procuram são inúmeros, pois *todos sofremos* de alguma coisa; esta 'água insípida' tem uma vastíssima órbita de ação." (CECÍLIA MEIRELES)

"*Ficamos* por aqui, insatisfeitos, *os seus amigos*." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

"Dizem que *os cariocas somos* pouco dados aos jardins públicos." (MACHADO DE ASSIS) [= Dizem que *nós*, os cariocas, somos...]

- **Onomatopeia**: Consiste no aproveitamento de palavras cuja pronúncia imita o som ou a voz natural dos seres. É um recurso fonêmico ou melódico que a língua proporciona ao escritor.

"Pedrinho, sem mais palavras, deu rédea e, *lept! lept!* arrancou estrada afora." (MONTEIRO LOBATO)

"O som, mais longe, *retumba*, morre." (GONÇALVES DIAS)

"O longo vestido longo da velhíssima senhora *frufrulha* no alto da escada." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

"*Tíbios flautins finíssimos gritavam*." (OLAVO BILAC)

"*Troe* e *retroe* a *trompa*." (RAIMUNDO CORREIA)

"*Vozes veladas, veludosas vozes,*
volúpias dos violões, vozes veladas
vagam nos *velhos vórtices velozes,*
dos *ventos, vivas, vãs, vulcanizadas*." (CRUZ E SOUSA)

Observação:

✔ As onomatopeias, como nos três últimos exemplos, podem resultar da aliteração (repetição de fonemas nas palavras de uma frase ou de um verso). Pronuncia-se *onomatopéia*.

- **Repetição**: Consiste em reiterar (repetir) palavras ou orações para enfatizar a afirmação ou sugerir insistência, progressão:

  "O surdo pede *que repitam, que repitam* a última frase." (CECÍLIA MEIRELES)

  "*Tudo, tudo parado*: *parado* e morto." (MÁRIO PALMÉRIO)

  "Ia-se pelos perfumistas, *escolhia, escolhia*, saía toda perfumada." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

  "E o ronco das águas *crescia, crescia*, vinha para dentro da casona." (BERNARDO ÉLIS)

  "O mar foi ficando *escuro, escuro*, até que a última lâmpada se apagou." (INÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO)

EXERCÍCIOS — LISTA 63

1. Reconheça os termos e as orações elípticos:

a) Ela o atraía irresistivelmente, como o ímã ao ferro.

b) "Mas o sal está no Norte, o peixe, no Sul." (PAULO MOREIRA DA SILVA)

c) Eles se orgulham de suas misérias como Antístenes de seus andrajos.

d) "A cidade parecia mais alegre: o povo mais contente." (POVINA CAVALCÂNTI)

e) "Quando adolescente, estudante em Salvador, participei dos festejos da noite de São João." (POVINA CAVALCÂNTI)

f) "Ia aos poucos conquistando o seu terreno, que, por muito extenso, ele tinha medo de olhar." (AUTRAN DOURADO)

g) "Fabricava, antes, cachaça e rapadura, e agora tamancos." (GARCIA DE PAIVA)

h) "Vamos jogar, só nós dois? Você chuta para mim e eu para você." (ANTÔNIO OLINTO)

i) "Vamos ver o busto de Jorge numa pracinha sossegada, como convinha que fosse." (POVINA CAVALCÂNTI)

j) "Carteia está deserta, como as demais povoações vizinhas." (ALEXANDRE HERCULANO)

k) "Foi saqueada a vila, e assassinados os partidários dos Filipes." (CAMILO CASTELO BRANCO)

l) "Holanda afastou de si a ideia, por extravagante." (VIANA MOOG)

m) O senador propôs fossem reformulados alguns artigos da lei.

n) "O pensamento, não tenho certeza se estava no livro, se em outra parte." (MACHADO DE ASSIS)

o) Nunca fales mais do que convém.

p) Você talvez ache que a vida é uma ilusão, mas eu não acho.

2. Reconheça as preposições e conjunções elípticas:

a) "Pouco importa me batas pelo dobro." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

b) "Observava como ele torneava ou esculpia a madeira." (ÉRICO VERÍSSIMO)

c) "Marta tinha medo de que Paulo viesse destruir os seus planos, se metesse a modificar o que era seu." (JOSÉ LINS DO REGO)

d) "Veio sem pintura, um vestido leve, sandálias coloridas." (RUBEM BRAGA)

3. Transcreva as frases, colocando entre parênteses o nome das figuras de construção estudadas neste capítulo:

a) "Passeiam, à tarde, as belas na Avenida." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

b) "Agora seus olhos quase cegos viam perfeitamente vista a mata em todo o seu esplendor." (JORGE AMADO)

c) "O céu, à tarde, cada vez se tornava mais vermelho, os ventos mais quentes, mais forte a claridade." (ADONIAS FILHO)

d) "Táxi aqui não é fácil de conseguir. Passam lotados." (JOSÉ FONSECA FERNANDES)

e) "E rola e tomba e se espedaça e morre." (AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA)

f) "Você não volta nunca nunca nunca." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

g) "Essas criadas de hoje não se pode confiar nelas." (ANÍBAL MACHADO)

h) "Cricrila o grilo. Que frio!" (MÁRIO QUINTANA)

4. Classifique as figuras de construção, como fez no exercício anterior:

a) "E treme, e cresce, e brilha, e afia o ouvido, e escuta." (OLAVO BILAC)

b) "A gente, quando vai ensurdecendo, também vai ficando isolado." (GRACILIANO RAMOS)

c) "A mim é que não me enganam!" (MONTEIRO LOBATO)

d) "Não estou preparado. Quem está, para morrer?" (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

e) "Entravam matas adentro para o ventre das selvas, ou saíam mar afora para os portos do mundo." (ADONIAS FILHO)

f) "Os teus grilhões estrídulos estalam." (RAIMUNDO CORREIA)

g) "Coisa curiosa é gente velha. Como comem!" (ANÍBAL MACHADO)

h) "Sentei-me na cama, uma dor aguda no peito, o coração desordenado." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

i) "Homens e mais homens surgiram nas vertentes do Mogadouro." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

j) "Tão bom se ela estivesse viva para me ver assim!" (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

k) "Indispensável os meninos entrarem no bom caminho." (GRACILIANO RAMOS)

l) "Atrás, muito atrás, e com as gaivotas, ficaram a barra e o farol no morro do Pontal." (ADONIAS FILHO)

m) "Aliás todos os sertanejos somos assim." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

n) "A gente é obrigado a varrer até cair morto." (JOSUÉ GUIMARÃES)

o) "É tudo certo e prescrito
em nebuloso estatuto.
O homem, chamar-lhe mito
não passa de anacoluto." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

5. Transcreva as frases abaixo, antepondo a cada uma a letra correspondente à figura de construção que nela ocorre:

(a) **elipse** (b) **polissíndeto** (c) **anacoluto** (d) **silepse**

a) "Só a dor enobrece e é grande e é pura." (MANUEL BANDEIRA)

b) "O público vaiou demoradamente. E só não quebraram o circo porque o palhaço Gregório era engraçado." (JOSÉ CONDÉ)

c) "A cidade, quando davam as oito horas, todo mundo já estava de luz apagada, metido na cama." (BERNARDO ÉLIS)

d) "De que você me acusa? De não atendê-lo ao telefone?" (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

3 FIGURAS DE PENSAMENTO

Figuras de pensamento são processos estilísticos que se realizam na esfera do pensamento, no âmbito da frase. Nelas intervêm fortemente a emoção, o sentimento, a paixão.

Eis as principais figuras de pensamento:

- **Antítese**: Consiste na aproximação de palavras ou expressões de sentido oposto. É um poderoso recurso de estilo. Exemplos:

  "Última flor do Lácio, inculta e bela,

  és, a um tempo, *esplendor* e *sepultura*." (OLAVO BILAC)

  "A areia, *alva*, está agora *preta*, de pés que a pisam." (JORGE AMADO)

  "Como eram possível *beleza* e *horror*, *vida* e *morte* harmonizarem-se assim no mesmo quadro?" (ÉRICO VERÍSSIMO)

  "Quando a bola *saía*, *entravam* os comentários dos torcedores." (CARLOS EDUARDO NOVAIS)

  "As *sempre-vivas morreram*." (DORA FERREIRA DA SILVA)

- **Apóstrofe**: É a interrupção que faz o orador ou escritor para se dirigir a pessoas ou coisas presentes ou ausentes, reais ou fictícias. Exemplos:

  "Abre-se a imensidade dos mares, e a borrasca enverga, como o condor, as foscas asas sobre o abismo.

  Deus te leve a salvo, brioso e altivo barco, por entre as vagas revoltas..." (JOSÉ DE ALENCAR)

  Pode a apóstrofe ser também uma interpelação veemente, inflamada, como a destes versos de Castro Alves, que iniciam o poema *Vozes d'África*:

  "Deus! Ó Deus! Onde estás que não respondes?

  Em que mundo, em que estrela tu te escondes

  embuçado nos céus?"

- **Eufemismo**: Consiste em suavizar a expressão de uma ideia triste, molesta ou desagradável, substituindo o termo contundente por palavras ou circunlocuções amenas ou polidas. Exemplos:

  Fulano *foi desta para melhor*. [= morreu]

"A senhora é moça, é normal, e se estiver *em estado interessante*, o seu filho pode correr um perigo terrível." (LUÍS JARDIM) [= grávida]

Na cidade há escolas para crianças *excepcionais*. [= retardadas, anormais]

- **Gradação**: É uma sequência de ideias dispostas em sentido ascendente ou descendente. Exemplos:

"O primeiro milhão possuído *excita, acirra, assanha* a gula do milionário." (OLAVO BILAC)

Ele foi um *tímido*, um *frouxo*, um *covarde*.

Um ser *limitado*, uma *ínfima criatura*, um *grão de pó* perdido no cosmo, eis o que o homem é.

Uma *palavra*, um *gesto*, um *olhar* bastava para despertar suspeita.

A gradação ascendente denomina-se também *clímax*, e a descendente, *anticlímax*.

- **Hipérbole**: É uma afirmação exagerada. É uma deformação da verdade que visa a um efeito expressivo. Exemplos:

Chorou *rios* de lágrimas.

Estava *morto* de sede.

Os cavaleiros não corriam, *voavam*.

Estou um *século* à sua espera.

Tinha um *mundo* de planos na cabeça.

"A geada é um *eterno* pesadelo." (MONTEIRO LOBATO)

"Astrônomos famosos, como Pickering, *inundavam* os jornais de notícias." (RONALDO DE FREITAS MOURÃO)

- **Ironia**: É a figura pela qual dizemos o contrário do que pensamos, quase sempre com intenção sarcástica. Exemplos:

Fizeste um *excelente serviço*! [para dizer: um serviço péssimo]

Vejam os *altos feitos* destes senhores: dilapidar os bens do país e fomentar a corrupção!

"Um carro começa a buzinar... Talvez seja algum amigo que venha me desejar Feliz Natal. Levanto-me, olho a rua e sorrio: é um caminhão de lixo. *Bonito presente de Natal*!" (RUBEM BRAGA)

"Há recessão, há desemprego, há miséria, mas *tudo está sob controle de geniais economistas*." (EVANDRO LINS E SILVA)

- **Paradoxo**: Consiste esta figura, também chamada *oxímoro*, em usar, intencionalmente, um contrassenso:

"*Feliz culpa*, que nos valeu tão grande Redentor!" (SANTO AGOSTINHO)

Valentia covarde assaltar e matar pessoas indefesas!

"O doutor falava *bobagens conspícuas*." (MANOEL DE BARROS)

"*O que não tenho* e desejo é que melhor *me enriquece*." (MANUEL BANDEIRA)

- **Personificação**: É a figura pela qual fazemos os seres inanimados ou irracionais agirem e sentirem como pessoas humanas. É um precioso recurso da expressão poética. Por meio desta figura, também chamada *prosopopeia* e *animização*, empresta-se vida e ação a seres inanimados. Exemplos:

"Lá fora, no jardim que o *luar acaricia, um repuxo apunhala* a alma da solidão." (OLEGÁRIO MARIANO)

"*Os sinos chamam* para o amor." (MÁRIO QUINTANA)

"*O rio tinha entrado em agonia*, após anos de devastação em suas margens." (IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO)

Comum é a personificação de conceitos abstratos:

A Morte roubou-lhe o filho mais querido.

Vi *a Ciência desertar* do Egito..." (CASTRO ALVES)

- **Reticência**: Consiste em suspender o pensamento, deixando-o meio velado. Exemplos:

"De todas, porém, a que me cativou logo foi uma... uma... não sei se digo." (MACHADO DE ASSIS)

"Quem sabe se o gigante Piaimã, comedor de gente..." (MÁRIO DE ANDRADE)

- **Retificação**: Como a palavra diz, consiste em retificar uma afirmação anterior. Exemplos:

É uma joia, *ou melhor, uma preciosidade*, esse quadro.

O síndico, *aliás uma síndica* muito gentil, não sabia como resolver o caso.

"O país andava numa situação política tão complicada quanto a de agora. *Não, minto. Tanto não*." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"Tirou, *ou antes, foi-lhe tirado* o lenço da mão." (MACHADO DE ASSIS)

"Ronaldo tem as maiores notas da classe. *Da classe? Do ginásio*!" (GERALDO FRANÇA DE LIMA)

EXERCÍCIOS — LISTA 64

1. Escreva e classifique as frases de acordo com as figuras de pensamento estudadas neste capítulo:

a) "A excelente Dona Inácia era mestra na arte de judiar de crianças." (MONTEIRO LOBATO)

b) O infeliz poeta pôs termo à vida tragicamente.

c) "Toda vida se tece de mil mortes." (CARLOS DE LAET)

d) "Pupu está escrevendo – disse ela por fim. Não sei se ele..." (JOSÉ J. VEIGA)

e) Os tanques, abrasados, avançavam, a morte despejando dos seus bojos, mais frios do que as pedras que esmagavam.

f) "Acordei cansado, Solange. Ou melhor: não dormi." (JOSÉ FONSECA FERNANDES)

g) "No almoço e no jantar, tio Aníbal se levantava da cama para comer. Comia montanhas." (RAQUEL JARDIM)

h) "O sol belisca a pele azul do lago." (RAUL BOPP)

i) "Ande, corra, voe aonde a honra o chama." (BOILEAU)

j) " O coqueiro Ananias

está ali desde antes de nascerem os viajantes.

Estará ali depois que todos morrerem.

Salve, Ananias, os que vão findar te saúdam!" (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

2. Reconheça e classifique as figuras de pensamento, como fez no exercício anterior:

a) "Outro dia, João Brandão ia pela calçada. Minto. Evidentemente, não ia pela calçada, lugar por onde não se vai nem se vem, a menos que se possua carro." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

b) "A Rua Nova, no Recife, é velha à beça. A do Sossego é ruidosa e a Direita não pode ser mais torta." (MÁRIO SOUTO MAIOR)

c) "O povo estourava de riso." (MONTEIRO LOBATO)

d) "Onde estão os meus verdes? Os meus azuis?

O Arranha-Céu comeu!" (MÁRIO QUINTANA)

e) "O meu quarto, no primeiro andar, era um inferno de calor!" (GRACILIANO RAMOS)

f) "Quem sabe se o gigante Piaimã, comedor de gente..." (MÁRIO DE ANDRADE)

g) Que belo espetáculo cívico a pichação dos muros da cidade, em época de eleições!

h) Uma palavra, um gesto, um olhar bastava para despertar suspeitas.

i) "A luz do Sol – aliás, a luz em geral – só é vista quando se choca com a matéria." (RONALDO DE FREITAS MOURÃO)

j) O homem tem-se revelado grande amigo da natureza: onde se instala, abate as árvores, mata os animais, destrói cachoeiras, polui as águas dos rios e dos mares...

k) "Ela dará à luz um filho e tu o chamarás pelo nome de Jesus." (MATEUS 1, 21)

l) "As águas do rio gemiam alto, soluçando entre seixos." (VILMA GUIMARÃES ROSA)

m) "O ouro é tão claro! E turva tudo:

honra, amor e pensamento." (CECÍLIA MEIRELES)

n) "Bateu Amor à porta da Loucura.

'Deixa-me entrar – pediu – sou teu irmão.'" (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

o) "Na minha varanda já apareceu canário, até beija-flor, até uma deusa, oh, tu, Diana, caçadora de brisas, que presides ao destino das nuvens errantes e das espumas do mar." (RUBEM BRAGA)

3. Em cada uma das frases seguintes há duas figuras de estilo. Aponte-as:

a) "Ciprestes austeros velavam a paz dos encantados." (VILMA GUIMARÃES ROSA)

1) pleonasmo e elipse
2) personificação e eufemismo
3) antítese e hipérbole

b) Já é madrugada alta e a Lua vela o sono da cidade.

1) personificação e metonímia
2) antítese e silepse
3) metáfora e hipérbole

c) "Palavra que tem berço aqui, aqui tem sua sepultura." (JOSUÉ GUIMARÃES)

1) antítese e ironia

2) perífrase e ironia

3) antítese e metáfora

d) "Muda e sem trégua, galopa a névoa, galopa a névoa." (MANUEL GUIMARÃES)

1) repetição e personificação

2) antítese e elipse

3) pleonasmo e elipse

e) "Eu, que era branca e linda, eis-me medonha e escura." (MANUEL BANDEIRA)

1) retificação e eufemismo

2) antítese e anacoluto

3) ironia e hipérbole

f) Homens de vida amarga fazem o branco e doce açúcar.

1) metáfora e antítese

2) antítese e ironia

3) elipse e ironia

4. Assinale a figura de estilo que ocorre nos exemplos seguintes:

a) As viagens espaciais desprestigiaram o astro dos namorados.

1) metáfora

2) perífrase

3) hipérbole

4) elipse

b) Os pinheiros, de braços abertos, vigiavam a paisagem.

1) metonímia

2) apóstrofe

3) personificação

4) inversão

c) "Enfim o Rio de Janeiro pode orgulhar-se de um recorde mundial: é a cidade mais barulhenta do mundo." (*Jornal do Brasil*, 21/12/1981)

1) metáfora

2) onomatopeia

3) antítese

4) ironia

d) "Eu cá ninguém me tira da cabeça que foram os ministros militares que forçaram o homem a renunciar." (ÉRICO VERÍSSIMO)

1) anacoluto

2) elipse

3) eufemismo

4) ironia

e) Interesse ou não, seja barato ou caro, o produto tem de ser comprado.

1) polissíndeto

2) elipse

3) pleonasmo

4) silepse

5. Identifique as figuras de linguagem que ocorrem nos exemplos seguintes:

a) "Essas criadas de hoje não se pode confiar nelas." (ANÍBAL MACHADO)

b) "Vossa Reverendíssima está constipado?" (MARTINS PENA)

c) "Marcela juntava-as todas dentro de uma caixinha de ferro, cuja chave ninguém nunca jamais soube onde ficava." (MACHADO DE ASSIS)

d) "Misericórdia! – bradou toda aquela multidão, ao passar por el-rei: e caíram de bruços sobre as lájeas do pavimento." (ALEXANDRE HERCULANO)

e) "Mas estas coisas subentendem-se e não se dizem por ociosas." (MACHADO DE ASSIS)

f) "Porque afinal este mundo, tal como está, se eu gosto dele um bocadinho, é no momento mesmo em que penso em largá-lo." (ANÍBAL MACHADO)

g) "Achei a bordo do navio uma senhora que me procurava, quando os passageiros subimos ao convés." (CAMILO CASTELO BRANCO)

h) "Um velho como ele, que a qualquer momento pode juntar os pés, não tem como mentir." (ADONIAS FILHO)

i) "Vossa Excelência não tem filho que lhe vingue as cãs." (CAMILO CASTELO BRANCO)

j) "Seus muitos desertos são atravessados pelas serpentes dos oleodutos." (RENATO KLOSS)

k) "As rodas rangem na curva dos trilhos inexoravelmente." (MANUEL BANDEIRA)

l) "Um evento desse porte [a ECO-92] não poderia prescindir de cabeças coroadas." (*Jornal do Brasil*, 14/6/1992)

m) "Há recessão, há desemprego, há miséria, mas tudo está sob controle de geniais economistas." (EVANDRO LINS)

n) "Agora estão as montanhas estendidas

como cavalos azuis adormecidos." (JORGE DE LIMA)

o) "Se tu chegas, amanhece,

fica noite se te vais." (VICENTE DE CARVALHO)

p) "Leves véus velam, nuvens vãs, a Lua." (FERNANDO PESSOA)

q) "Entre Emília e a viúva Miranda há distâncias interplanetárias." (CIRO DOS ANJOS)

r) "O inclemente, o terrível, o tenebroso, o trágico mar do Norte, encapelado em ondas alterosas como montanhas, esbarrava na estreita ponta setentrional da Holanda." (RAMALHO ORTIGÃO)

6. Na 4ª e 5ª estrofes do poema "Domingo na praça", página 611, ocorrem as figuras de linguagem:

- antítese – hipérbole – ironia – metáfora
- personificação – repetição – metáfora – gradação
- metáfora – hipérbole – anacoluto – eufemismo

7. Transcreva apenas a frase em que há ironia:

- O narcotráfico é um vírus que ataca o organismo social.
- A ventania era uma loba faminta a uivar.
- "O monstro é ele (Inácio) e não o pobre que está atrás das grades." (João Clímaco Bezerra)
- "O fim justifica os meios, já ensinavam com proveito Hitler e outros pais da pátria, guias geniais dos povos." (Jorge Amado)

8. Assinale a figura de estilo que o autor usou no texto abaixo:

- antítese
- silepse
- ironia
- hipérbole

"A nossa floresta tem ao redor de um milhão de diferentes espécies de seres vivos. Da sucuriju de 15 metros à minhoquinha que serve de isca para puxar um pacu; do jacaré temível ao calango brincalhão; da sumaumeira de 60 metros de altura ao capim peremembeca rasteirinho; da vitória-régia de metro e meio de diâmetro ao protozoário invisível."

(Tiago de Melo, *Amazônia, A Menina dos Olhos do Mundo*, p. 43)

9. Nos enunciados abaixo há mais de uma figura de linguagem. Identifique-as:

a) "A imaginação açula a matilha das dúvidas." (Gastão Cruls)

b) "Essa gente já terá vindo? Parece que não. Saíram há um bom pedaço." (Machado de Assis)

c) "A inocência é transparente, a malícia opaca e tenebrosa." (Marquês de Maricá)

d) "O 13 de Maio tirou-lhe das mãos o azorrague." (Monteiro Lobato)

e) "Calisto Elói romperia no parlamento os vesúvios da sua eloquente indignação." (Camilo Castelo Branco)

f) "O Viegas – um cangalho de setenta invernos – era um hospital concentrado." (Machado de Assis)

g) "Sei que as pessoas não levam flores, mas pedras." (Rubem Braga)

h) "Dele descende Noé, e de Noé nós todos. (Mário Barreto)

i) "A nau do Estado já começou a singrar o mar traiçoeiro da inflação." (Lêdo Ivo)

j) "E o vaga-lume voava e voava e brilhava e brilhava e pensava e pensava: – Haverá, em toda mata, outro como eu?" (Millôr Fernandes)

k) "Teu pé, como o de um deus, fecundava o deserto." (Olavo Bilac)

l) "Escuta o galope certeiro dos dias
saltando as roxas barreiras da aurora." (Cecília Meireles)

m) "Que vento, que cavalo, que bravia
saudade me arrastava a esse deserto?" (Cecília Meireles)

n) "Quando a indesejada das gentes chegar
(Não sei se dura ou caroável),
talvez eu tenha medo,
talvez sorria ou diga:
– Alô, iniludível!" (Manuel Bandeira)

Observação

✔ Nesses versos MB se refere à sua morte.

10. Aponte as principais figuras de linguagem que ocorrem no texto abaixo.

LEITURA

Janelas sobre o Saara

Redemoinhos
erigem rosas
rosas fugidias
em vórtices que não se cumprem
pois tudo em ti, deserto,
é a longa espera do horizonte.
Fulva tua cor, fulvos teus camelos,
lentos barcos da longa travessia.
Nas dunas nasce o sol,
rugindo.
A sede acorda, alongam-se as caravanas.
O céu é uma pupila imensa, dilatada,
e a sombra dos corpos, o repouso adiado,
além, na imensidão.

(Dora Ferreira da Silva, *Poesia Reunida*, p. 69, Topbooks Editora, Rio de Janeiro, 1999)

11. Identifique as figuras de linguagem que aparecem nos versos transcritos a seguir:

a) "Fez-se de triste o que se fez de amante."
E de sozinho o que se fez contente
Fez-se de amigo próximo o distante" (Vinicius de Moraes)

b) "A felicidade é como a bruma que o vento vai levando pelo ar" (Vinicius de Moraes)

c) "Meu verso é sangue. Volúpia ardente." (Manuel Bandeira)

d) "O som, mais longe, retumba, morre." (GONÇALVES DIAS)

e) "Se às vezes digo que as flores sorriem
E se eu disser que os rios cantam..." (FERNANDO PESSOA)

12. Copie o verso que aparece na frase **b** do exercício anterior, de forma que passe a apresentar metáfora.

13. Identifique as frases em que haja *ironia*.

a) Que lindo esse seu chapéu verde e amarelo, repleto de rosas e de cravos vermelhos!

b) Vejam as grandes realizações daquele governo: aumento da pobreza e diminuição do número de hospitais!

c) As sementes despertam dando um abraço na mãe-terra.

d) Dois copos quebrados, o aspirador danificado e o ferro queimado... Realmente trabalhaste bem hoje!

4 VÍCIOS DE LINGUAGEM

Vícios de linguagem são incorreções e defeitos no uso da língua falada ou escrita. Originam-se do descaso ou do despreparo linguístico de quem se expressa. São os principais vícios de linguagem:

- **Ambiguidade**. Defeito da frase que apresenta duplo sentido. Exemplos:

  Vencem os romanos os cartagineses. [quem vence?]

  Convence, enfim, o pai o filho amado. [quem convence?]

  Jacinto, vi a Célia passeando com *sua* irmã. [*sua*: de quem?]

  Em cidade pequena, a qualquer hora *podem encontrar*-se pessoas conhecidas. [pessoas se encontram ou podem ser encontradas?]

- **Barbarismo**. Emprego de palavras erradas relativamente à pronúncia, forma ou significação. Exemplos:

  pégada, em vez de *pegada*; *carramanchão*, em vez de *caramanchão*; *ância*, em vez de *ânsia*; *cidadões* por *cidadãos*; *proporam*, em lugar de *propuseram*; *bizarro* no sentido de *esquisito* (galicismo).

- **Cacofonia** ou **cacófato**. Som desagradável ou palavra de sentido ridículo ou torpe, resultantes da contiguidade de certos vocábulos na frase. Exemplos:

  cinco *cada* um; a bo*ca dela*; mande-*me já* isso; *por cada* mil habitantes; nun*ca Brito* vinha aqui; não vi nun*ca Juca aqui*.

- **Estrangeirismo**. Uso de palavras, expressões ou construções próprias de línguas estrangeiras. Conforme a proveniência, o estrangeirismo se denomina: *galicismo* ou *francesismo* (do francês), *anglicismo* (do inglês), *germanismo* (do alemão), *castelhanismo* (do espanhol), *italianismo* (do italiano).

  O emprego de estrangeirismos deve-se limitar aos que são necessários, por não haver, em português, termos equivalentes. Por que usar, por exemplo, o galicismo *débâcle*, se temos *ruína, derrota, derrocada*, ou o anglicismo *performance*, se possuímos *desempenho, atuação*? O abuso de estrangeirismo torna o texto pedante e obscuro.

Eis alguns galicismos e anglicismos que devem ser evitados:

Galicismos	Formas corretas	Anglicismos	Formas corretas
através obstáculos	através de obstáculos	*apartheid*	segregação racial
molho ao tomate	molho de tomate	*corner*	escanteio
os sábios os mais renomados	os sábios mais renomados	*hall*	vestíbulo
estátua em bronze	estátua de bronze	*outdoor*	cartaz, painel
blague	pilhéria, gracejo	*performance*	desempenho
chofer	motorista	*office-boy*	contínuo, moço de recados
comandante-em-chefe	comandante-chefe	*mídia*	meios de comunicação
complô	conspiração, conluio	*grogue*	tonto
costume	traje, vestido	*blefar*	iludir, enganar
démarche	tentativa, diligência	*week-end*	fim de semana
frisson	arrepio, frêmito	*videogame*	videojogo
gauche	acanhado, inepto, desajeitado	*gentleman*	cavalheiro
menu	cardápio	*lady*	senhora
mise-en-scéne	encenação	*glamour*	fascínio, encanto
trupe	grupo teatral, elenco		

Estrangeirismos incorporados à nossa língua devem revestir, na medida do possível, a forma vernácula. Assim, por exemplo, *recorde, xorte, xampu* e *imbrólio* são grafias preferíveis a *record, short, shampoo* e *imbroglio*.

- **Hiato**. Sequência antieufônica de vogais:
  Andre*ia irá ain*da ho*je ao o*culista.

- **Colisão**. Sucessão desagradável de consoantes iguais ou idênticas:
  O *rato r*oeu a *r*oupa; o que *se sabe sob*re o *sabre*; via*ja já*; a*qui ca*em *cacos*.

- **Eco**. Concorrência de palavras que têm a mesma terminação (rima na prosa):
  A *flor* tem *odor* e *frescor*.
  Com *medo*, *Alfredo* ocultou-se no *arvoredo*.

- **Obscuridade**. Sentido obscuro ou duvidoso decorrente do emaranhado da frase, da má colocação das palavras, da impropriedade dos termos, da pontuação defeituosa ou do estilo empolado.

- **Pleonasmo**. Redundância, presença de palavras supérfluas na frase:

  Entrar para *dentro*; *sair* para *fora*; a brisa *matinal da manhã*.

Observação:

✔ Trata-se aqui, é claro, do pleonasmo vicioso, não do que se usa como recurso intencional de estilo.

- **Solecismo**. Erro de sintaxe (concordância, regência, colocação):

  Falta cinco alunos; eu *lhe* estimo; revoltarão-*se*.

- **Preciosismo, rebuscamento**. Linguagem afetada, artificial, cheia de sutilezas e vazia de ideias, fuga ao natural, maneirismo.

- **Plebeísmo**. Uso de palavras e expressões vulgares. Exemplos:

  cara (indivíduo), *troço* (objeto, coisa), *cuca* (cabeça), *coroa* (pessoa idosa), *abacaxi* (coisa difícil ou desagradável), *grana* (dinheiro), *goleirão* (bom goleiro), *mixar* (malograr, fracassar), *mixuruca* (à toa, de má qualidade), *pra burro* (muito), *entrar pelo cano* (sair-se mal), etc.

Os plebeísmos são vetados na linguagem culta, em situações formais e na conversação cerimoniosa.

EXERCÍCIOS — LISTA 65

1. Escreva as frases e coloque ao lado delas o nome dos vícios de linguagem que apresentam:

a) É verdade, poeta, só nos sonhos a gente agarra a fada pelos cabelos.

b) Muitos cidadões ou não votam ou votam mau.

c) Ah fatalidade! As rugas da idade se instalam em minha face sem piedade e apagam o frescor da mocidade.

d) Fábio quis conhecer o sítio de um tio de que o pai falava muito.

e) Embora doente, Tito teima em tomar café a todo instante.

f) O Rio está incluído na tournée organizada pela nova empresa de turismo.

g) Eu ia eufórico pela rua, ouvindo vozes que não me eram estranhas.

2. Relacione as frases aos vícios de linguagem que nelas ocorrem:

(**a**) **estrangeirismo** (**b**) **pleonasmo** (**c**) **solecismo** (**d**) **preciosismo**

Desde então ele passou a nutrir uma inexplicável xenofobia aos estrangeiros.

Evolou-se aos páramos etéreos a alma imácula da donzela.

Foi impecável a performance do piloto durante a dura competição.

Amanhã começa as aulas nas escolas e há muitas salas onde falta carteiras.

5 QUALIDADES DA BOA LINGUAGEM

- **Correção**. É a obediência à disciplina gramatical, o respeito das normas linguísticas que vigoram na língua-padrão. Linguagem correta, portanto, é a que está livre dos vícios a que atrás nos referimos.

  Todavia, a correção gramatical não deve ser considerada como um tabu. O purismo, ou a excessiva preocupação com "o que se não deve dizer", garroteia a ideia e abafa a espontaneidade.

- **Concisão**. Consiste em dizer muito em poucas palavras. A expressão concisa e sóbria se desenvolve no sentido retilíneo, evitando as digressões inúteis, as palavras supérfluas, a desmedida adjetivação e os períodos extensos e emaranhados.

  O vício contrário a essa qualidade do estilo é a prolixidade.

- **Clareza**. Juntamente com a correção, é qualidade primordial da expressão escrita ou falada. Reflete a limpidez do pensamento e facilita-lhe a pronta percepção. A clareza é coadjuvada pela concisão e a simplicidade da forma. Opõe-se-lhe a anfibologia e a obscuridade.

- **Precisão**. Resulta da escolha acertada do termo próprio, da palavra exata para a ideia que se quer exprimir. A impropriedade dos termos torna a linguagem imprecisa e obscura.

- **Naturalidade**. Sem deixar de ser correta e até mesmo original e colorida, a linguagem revestirá, no entanto, uma forma simples e espontânea, de tal maneira que não se note o esforço da arte e a preocupação do estilo.

  Ferem a naturalidade o uso sistemático dos termos difíceis, a frase rebuscada, a expressão empolada e pedante, enfim, tudo o que denota artificialismo e afetação.

- **Originalidade**. É uma qualidade inata ao falante ou escritor, um dom natural, que a arte não dá, mas pode estimular e aprimorar. Nasce de uma visão pessoal do mundo e das coisas.

  Contrapõem-se-lhe a imitação servil, o estilo postiço e a vulgaridade.

- **Harmonia**. É o elemento musical da frase. Seu segredo está na boa escolha e na correta disposição das palavras, de tal maneira que o período se imponha pelo ritmo, equilíbrio e harmonia.

- **Colorido e elegância**. São virtudes que dão à obra literária o acabamento ideal e o toque da perfeição. Decorrem do uso criterioso das figuras e dos ornatos de estilo, e exigem imaginação fértil e brilhante e o perfeito domínio da técnica literária.

LEITURA

Bendengó

Bendengó é um meteorito que foi encontrado no sertão baiano, em 1784, junto a um rio, afluente do Vaza-Barris e que passou a se chamar rio Bendengó.

O peso desse meteorito é de 5 toneladas e seu nome, de origem indígena, significa, entre os índios quiriris da Bahia, *vindo do céu*.

No local da queda do Bendengó existem até hoje escombros e estilhaços da pedra vinda do céu. E o acontecimento ficou na lembrança de todos os habitantes da região, em parte graças à literatura de cordel, que contou toda a história.

(Ronaldo de Freitas Mourão, *Astronomia e Poesia*, p. 87, Difel, Rio de Janeiro, 1977)

Nunca

Aprendi que, depois do horizonte,
há mais horizonte.
Aprendi que não existe limite,
a não ser o nosso próprio limite.
Aprendi que não existem mortes,
mas vida que sai de dentro da vida.
Apesar de todo o esforço do homem,
ele nunca encontrará a morte absoluta.

(Biafra, *Antologia da Nova Poesia Brasileira*, p. 45,
Editora Hipocampo, Rio de Janeiro, 1992)

FIGURAS DE LINGUAGEM
Exercícios de exames e concursos
[Página 690]

LÍNGUA E ARTE LITERÁRIA

1 A LÍNGUA E SUAS MODALIDADES

A língua de uma nação civilizada apresenta várias modalidades, que podem coexistir sem quebra de sua estrutura comum, de sua unidade. Assim, cumpre distinguir:

- a língua geral ou comum
- a língua popular
- a língua culta
- a língua literária
- a língua falada
- a língua escrita

A **língua geral** é a língua oficial de um país, vivificada pelo uso comum e aceita pela comunidade. Sobrepõe-se aos falares regionais, sempre existentes, sobretudo em países de grande extensão geográfica. Para nós, brasileiros, é a língua portuguesa, vista em seu conjunto.

A língua geral tende a carregar-se de tonalidades regionais, na fonética e no vocabulário, resultando dali os falares regionais, que chegam a tingir fortemente a expressão cultural e literária em certas áreas geográficas de um país. Quando características muito acentuadas vincam um falar muito regional, temos um *dialeto*. No Brasil, temos um caso típico desse fato, é o *dialeto caipira*, condenado a desaparecer ante a ação da escola e dos meios de comunicação.

Dentre os falares regionais do Brasil, destacam-se o amazônico, o nordestino, o fluminense, o carioca, o gaúcho, o mineiro e o sulista, cada qual marcado por sensíveis diferenças léxicas (vocabulário) e fonéticas (sotaque).

O linguajar de uma região, com seus modismos e peculiaridades, é frequentemente retratado pelos escritores regionalistas em suas obras literárias.

A **língua popular** é a fala espontânea e fluente do povo. Mostra-se quase sempre rebelde à disciplina gramatical e está eivada de plebeísmos, isto é, de palavras vulgares e expressões da gíria. É tanto mais incorreta quanto mais incultas as camadas sociais que a falam. Diz-se, com mais propriedade, *linguagem* popular. Nela se insere a modalidade familiar ou coloquial, em que a preocupação com a correção gramatical é mais ou menos sentida, dependendo do grau de escolaridade do falante.

A **língua culta** é usada pelas pessoas instruídas das diferentes profissões e classes sociais. Pauta-se pelos preceitos vigentes da gramática normativa e caracteriza-se pelo apuro da forma e pela riqueza lexical. Seu vocabulário é mais amplo, mais preciso, e a frase, mais elaborada que a da língua popular. É ensinada nas escolas e serve de veículo às ciências, nas quais se

apresenta com terminologias típicas. Em língua culta é que se elaboram obras científicas, obras didáticas, artigos de fundo em jornais e revistas, documentos oficiais, etc. Mais artificial do que espontânea, dela se servem os poetas e escritores em suas obras artísticas, sendo então chamada *linguagem literária*.

Uma língua pode ser **falada** ou **escrita**, conforme se utilizem signos vocais (expressão oral) ou sinais gráficos (expressão escrita). A primeira é viva e atual, ao passo que a segunda é a representação ou a imagem daquela. A língua falada é mais comunicativa e insinuante, porque as palavras são fortemente subsidiadas pela sonoridade e inflexões da voz, pelo ritmo da frase, pelo jogo fisionômico e a gesticulação (mímica), recursos estes que a língua escrita desconhece. O discurso de um orador inflamado é muito mais belo e empolgante ouvido do que lido. Por outro lado, a expressão oral é prolixa e evanescente, ao passo que a escrita é sóbria e duradoura.

A comunicação oral ou escrita se efetua em diferentes *níveis de expressão*. Dependendo das circunstâncias que envolvem o ato da comunicação, o indivíduo utiliza um tipo de linguagem adequado à situação: formal ou informal, culta ou coloquial, corrente ou científica, etc. Na conversação familiar, o modo de falar é um, em ambiente cerimonioso é outro. Ao escrever um livro, o autor diversifica a linguagem, conforme a obra se destine a adultos ou a crianças.

O grau de instrução do usuário da língua portuguesa, sua profissão, o meio em que vive e a camada social a que pertence são fatores que atuam fortemente no fenômeno da variação do idioma.

2 ELEMENTOS DA OBRA LITERÁRIA

Dois são os elementos fundamentais da obra literária: o *conteúdo* e a *forma*.

- **Conteúdo** ou **fundo**. São as ideias, os conceitos, os sentimentos, os apelos e as imagens imateriais que as palavras transmitem da mente do escritor à do leitor.
- **Forma**. É a expressão linguística, a linguagem escrita ou falada, veículo das ideias e dos sentimentos.

A forma de uma obra literária pode apresentar-se sob dois aspectos diferentes: a *prosa* e a *poesia* ou *verso*.

Prosa é a linguagem objetiva, direta, usual; é o veículo comum do pensamento. Ainda que vazada em prosa, uma obra literária pode estar permeada de pensamentos poéticos.

Poesia é a linguagem subjetiva, carregada de emoção e sentimento, com ritmo melódico constante, bela e indefinível como o mundo interior do poeta. Visa a um efeito estético.

"O objeto da poesia, como o de todas as belas-artes, é o de produzir um encanto emotivo, um puro e elevado prazer." (BUTCHER, *apud* ALCEU AMOROSO LIMA, *Estética Literária*, p. 38)

Vazada em linhas descontínuas ou *versos*, que podem ser *metrificados* ou *livres*, a linguagem poética, sob o aspecto auditivo ou melódico, se caracteriza pelo *ritmo*, bem mais acentuado que na prosa, e pela eventual utilização da *rima*.

Considera-se obra literária somente o escrito que se distingue pela beleza da forma e a excelência do conteúdo. Será tanto mais apreciada quanto maior o seu poder de sugerir, de tocar a nossa sensibilidade, de empolgar o nosso espírito. As obras literárias de alcance universal têm, geralmente, mais valor que as de caráter estritamente nacional ou regional.

3 ESTILO

Estilo é a maneira típica de cada um exprimir seus pensamentos, seus sentimentos e emoções, por meio da linguagem.

Todo escritor tem seu estilo próprio, pessoal, isto é, sua expressão reveste uma forma característica, pela qual se manifestam seus impulsos emotivos, sua sensibilidade e a feição peculiar de seu espírito. Podemos, pois, afirmar que o estilo é o espelho em que se reflete a alma do escritor, a tela em que se projeta a personalidade do artista.

Mas, além dessas características individuais que diferenciam os autores uns dos outros, o estilo revela também os traços psicológicos e culturais da raça e as tendências dominantes das diversas escolas e correntes literárias que marcaram época através dos tempos. Neste sentido é que dizemos que há um estilo clássico, um estilo barroco, um estilo romântico, um estilo modernista, etc.

É pelo seu estilo primoroso e brilhante que os grandes artistas da palavra conseguem criar obras de imarcescível beleza.

No estilo cumpre distinguir o aspecto material ou linguístico (que são as possibilidades de expressão que a língua oferece ao escritor e que este seleciona a seu gosto e até mesmo recria) e o aspecto psíquico, mental, subjetivo, ou seja, os traços que expressam a dimensão psicológica do artista, suas tendências, seu modo de ver e julgar a vida e o mundo em que vive. Da fusão desses dois elementos, um externo, outro interno, é que resulta o estilo.

4 GÊNEROS LITERÁRIOS

- **Em prosa**

a) **Gênero narrativo:**

romance histórico
romance psicológico
romance policial
romance de costumes
romance de aventuras
conto, novela, história, fábula
apólogo, crônica, memórias

b) **Gênero oratório:**

oratória acadêmica (discurso)
oratória sagrada (sermão)
oratória forense
oratória política

c) **Gênero dramático:**

drama
comédia

d) **Gênero didático:**
crítica
ensaio
tratado

e) **Gênero epistolar:**
carta

f) **Gênero polêmico:**
polêmica

- **Em verso**

a) **Gênero lírico:**
poema, soneto, canção, hino, ode, elegia, balada, bucólica

b) **Gênero épico:**
epopeia
poema

c) **Gênero dramático:**
drama
comédia
tragédia

d) **Gênero satírico:**
sátira
epigrama

e) **Gênero narrativo:**
fábula

Observação:

✔ Certos gêneros literários, como a epopeia e a tragédia, florescentes em outras épocas, são hoje obsoletos.

5 FICÇÃO

Em literatura, *ficção* (do latim *fictionem*, de *fingere* = modelar, criar, inventar, imaginar) é uma história inventada, uma criação da fantasia, uma obra do talento inventivo do escritor.

A literatura de ficção pertence ao gênero narrativo e abrange o romance, o conto, a novela, a fábula, o apólogo, a lenda e a história.

- **Novela**, como obra literária, é uma narração mais extensa do que o conto, porém menos longa que o romance. Não se confunda com novela de televisão.

Dentre essas formas de ficcionismo, destaca-se, pela sua extensão, complexidade e importância, o *romance*, gênero literário para o qual sempre se voltaram as preferências do público leitor.

Num romance cumpre distinguir:

a) o **tema** ou **assunto**: é a ideia central da história.

b) as **personagens**: são as pessoas que figuram na história e tomam parte na ação, nos acontecimentos. A figura central do romance é o *protagonista*.

c) o **narrador**: é o que narra os fatos e descreve o ambiente. O narrador é onisciente e onipresente e pode ser, ao mesmo tempo, personagem, participante da ação. Nesse caso, a narrativa é feita em 1ª pessoa, como se dá, por exemplo, no romance *São Bernardo*, de Graciliano Ramos.

d) o **enredo**: é a trama ou urdidura dos acontecimentos e das ações das personagens. Abrange as seguintes fases: *apresentação, complicação* ou *conflito, clímax* e *desenlace* ou *epílogo*. Esta é a sequência narrativa mais comum. Para que o enredo tenha unidade, os fatos devem estar inter-relacionados, de tal modo que uns sejam a consequência dos outros.

e) o **ambiente**: é o espaço físico, o lugar onde se desenrolam os acontecimentos, e também o meio social, a situação, a atmosfera mental e moral que envolve as personagens e atua sobre as suas ações.

f) o **tempo**: é o espaço de tempo mais ou menos longo, a hora do dia e a época em que transcorrem os fatos narrados. Pela movimentação das personagens e a sucessão dos eventos e incidentes, o autor faz com que sintamos a marcha do tempo e a duração dos acontecimentos.

g) o **discurso**: a transmissão ou referência que o narrador faz da fala ou do pensamento das personagens. O discurso pode ser *direto* ou *indireto*, como a seguir se verá.

▪ O discurso direto e o indireto

▪ O discurso é **direto** quando são as personagens que falam. O narrador, interrompendo a narrativa, põe-nas em cena e cede-lhes a palavra. Exemplo:

" – Por que veio tão tarde? perguntou-lhe Sofia, logo que ele apareceu à porta do jardim, em Santa Teresa.

– Depois do almoço, que acabou às duas horas, estive arranjando uns papéis. Mas não é tão tarde assim, continuou Rubião, vendo o relógio; são quatro horas e meia.

– Sempre é tarde para os amigos, replicou Sofia, em ar de censura."

(MACHADO DE ASSIS, *Quincas Borba*, cap. XXXIV)

No discurso direto, indica-se o interlocutor e caracteriza-se-lhe a fala por meio dos *verbos de elocução*, tais como: *dizer, exclamar, suspirar, segredar, explicar, perguntar, responder, replicar, protestar, pedir, prometer, prosseguir, concluir, acrescentar, propor, aconselhar, atalhar, ameaçar, gritar, vociferar, murmurar, desabafar, explodir, lamentar, gemer,* etc. Alguns desses verbos traduzem os sentimentos, as emoções e as reações psicológicas das personagens. Os autores modernos usam os verbos de elocução com muita parcimônia. Nas falas breves, convém omiti-los, bastando, para a clareza do diálogo, a abertura

de parágrafo e o uso de travessão. Veja-se, como exemplo, o capítulo CXIV do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis.

- No discurso **indireto** não há diálogo, o narrador não põe as personagens a falar diretamente, mas faz-se o intérprete delas, transmitindo ao leitor o que disseram ou pensaram. Exemplo:

"A certo ponto da conversação, Glória me disse que desejava muito conhecer Carlota e perguntou por que não a levei comigo." (CIRO DOS ANJOS, *Abdias*, 4ª ed., p. 52)

Expresso em discurso direto, o período acima apresentaria a seguinte forma:

– Desejo muito conhecer Carlota – disse-me Glória, a certo ponto da conversação. – Por que não a trouxe consigo?

Resultante da mistura dos discursos direto e indireto, existe uma terceira modalidade de técnica narrativa, o chamado **discurso indireto livre**, o processo mais difícil e menos comum, porém de grande efeito estilístico. É uma espécie de monólogo interior das personagens, mas expresso pelo narrador. Este interrompe a narrativa para registrar e inserir reflexões ou pensamentos das personagens, com as quais passa a confundir-se. Exemplos:

a) "Quando Eduardo ia para o Grupo, deixava-a debaixo da bacia. Um dia o pai lhe disse que aquilo era maldade: 'Gostaria que fizessem o mesmo com você? As galinhas também sofrem'. Um domingo, encontrou Eduarda na mesa do almoço, pernas para o ar, assada. Eduarda foi comida entre lágrimas. *É, sofrem, mas todo o mundo come e ainda acha bom.*"

(FERNANDO SABINO, *O Encontro Marcado*, 5ª ed., p. 9)

A última frase (por nós grifada), embora expressa pelo autor, representa uma reflexão do personagem, o menino Eduardo: está em discurso indireto livre.

b) "Fabiano ouviu o falatório desconexo do bêbado, caiu numa indecisão dolorosa. Ele também dizia palavras sem sentido, conversava à toa. Mas irou-se com a comparação, deu marradas na parede. Era bruto, sim senhor, nunca havia aprendido, não sabia explicar-se. Estava preso por isso? Como era? Então mete-se um homem na cadeia porque ele não sabe falar direito?"

(GRACILIANO RAMOS, *Vidas Secas*, 18ª ed., p. 40)

Os quatro períodos finais estão em discurso indireto livre: não podem ser atribuídos ao narrador, mas ao personagem Fabiano, que, preso injustamente, rumina e extravasa a própria revolta interior.

No discurso indireto puro, as orações que traduzem a fala das personagens dependem dos verbos de elocução:

Omar queixou-se ao pai, dizendo *que não era preciso tanta severidade,* e perguntou-lhe *por que não tratava os outros filhos com o mesmo rigor.*

No discurso indireto livre, não se usam verbos de elocução:

Omar queixou-se ao pai. *Não era preciso tanta severidade. Por que não tratava os outros filhos com o mesmo rigor?*

EXERCÍCIOS LISTA 66

1. Assinale as frases em que se fez o uso da linguagem popular:

a) Assisti a uma discussão do açougueiro com o vizinho.

b) Na casa não tinha fogão pra eu preparar o almoço.

c) Um e outro descendiam de velhas famílias do Norte.

d) A maioria dos escritores sobrevivia à custa de algum emprego público.

e) Quando viu que a coisa estava ficando preta, pegou o embrulho e se mandou.

f) A crise se agravou e muito empresário deu com os burros n'água.

2. Mude o discurso direto no indireto:

a) Nunca veio ao Rio? Perguntou-me o repórter.

b) Foi mesmo um descuido imperdoável, respondemos.

c) Não dê importância a essas notícias, pediu-me.

d) Eu os acompanharei até o fim, prometeu-lhes ele.

e) Minha avó conheceu-o ainda menino, lembrei-lhe.

f) Por que a minha proposta não lhe interessa? Quis saber Leandro.

g) Conta-me o que há, minha filha; não me escondas nada, pedia-lhe o pai, na carta.

h) Se eu puder, irei visitá-lo amanhã, disse-lhe.

i) Se alguma coisa lhe disse que a tenha magoado, perdoe-me, suplicou-lhe o moço, humildemente.

j) Isso não pode continuar assim, respondeu ela; é preciso que façamos as pazes definitivamente.

k) É interessante apreciar temporais, mas quando estamos abrigados, costumava dizer meu avô.

3. Mude o discurso indireto no direto:

a) Rodrigo, ao despedir-se, pediu-me que, se algum dia ainda nos víssemos, o apresentasse a minha família.

b) Dona Ema chamava o menino a si, dizendo que a única pessoa que a entendia naquela casa era seu neto.

c) Uma semana depois, Virgília perguntou ao Lobo Neves, a sorrir, quando seria ele ministro. Ele respondeu que, pela vontade dele, naquele instante mesmo; pela dos outros, dali a um ano.

d) "Daí a pouco chegou João Carlos e, após ligeiro exame, receitou alguma coisa, dizendo que nada havia de anormal; entretanto, parecia-lhe conveniente Carlota voltar ao consultório do Dr. Sinésio, que é especialista." (Ciro dos Anjos)

4. Sublinhe as frases que estão em discurso indireto livre:

a) – Como é que você trata meu filho?

– Ah, Dona Sílvia! Desculpe, mas encurtei o nome dele [Marco Aurélio]. Era muito comprido. Para mim ele se chama *Marcoré*.

Sílvia sorriu e examinou mentalmente a corruptela. *Marcoré*. Não ficava mal, soava até como um diminutivo carinhoso.

(Antônio Olavo Pereira, *Marcoré*, 4ª edição, p. 109)

b) Viam maldade numa indagação lógica e natural, e pretendiam atirar-me a culpa. Velhas idiotas, que se danassem. Tranquilizei Sílvia, que receara pelo pior com o meu protesto, e mandei Marcoré passear de velocípede na calçada.

(Idem, *ib.*, p. 124)

c) Antonieta lhe comunicou inesperadamente que iria embora:

– Papai chega amanhã. Vai com o governador a uma exposição pecuária em Uberaba, quer que eu vá com ele. De lá seguimos direto para o Rio. Logo agora que tinham tanto a conversar! No dia seguinte, de volta do quartel, era ele (Eduardo) que lhe contava pelo telefone: – A visita de seu pai é oficial. Fomos escalados para a escolta do ministro logo mais, da estação ao palácio.

(FERNANDO SABINO, *O Encontro Marcado*, 5ª ed., p. 122)

d) Ariosto Ribas já estava em Caruaru há cinco dias, não saíra de casa uma só vez. Para que sair? Para aquelas caras que odeia tanto? O importante é que saibam de uma coisa: Ariosto Ribas se acha novamente na terra. O que não lhes será nada agradável.

(JOSÉ CONDÉ, *Terra de Caruaru*, 2ª ed., p. 285)

6 VERSIFICAÇÃO

Versificação é a técnica ou arte de fazer versos.

Verso é uma linha poética, com número determinado de sílabas e agradável movimento rítmico.

No verso tradicional devemos distinguir: o *metro*, o *ritmo* e a *rima*.

▪ Metro

Metro é a medida ou extensão da linha poética.

Os poetas da língua portuguesa têm usado, dentro da poética tradicional, doze espécies de versos: de uma até doze sílabas. São relativamente raros os exemplos de versos metrificados que ultrapassam esta medida.

Segundo o número de sílabas, os verbos se dizem *monossílabos, dissílabos, trissílabos, tetrassílabos, pentassílabos, hexassílabos, heptassílabos, octossílabos, eneassílabos, decassílabos, hendecassílabos* e *dodecassílabos*.

Alguns verbos possuem ainda denominações especiais: *redondilha menor* (o de cinco sílabas), *redondilha maior* (o de sete sílabas), *heróico* (o de dez sílabas), *alexandrino* (o de doze sílabas).

As *sílabas métricas*, isto é, as sílabas dos versos, nem sempre coincidem com as sílabas gramaticais. A contagem das sílabas métricas faz-se auditivamente e subordina-se aos seguintes princípios:

a) Quando duas ou mais vogais se encontram no fim de uma palavra e começo de outra, e podem ser pronunciadas numa só emissão de voz, unem-se numa única sílaba métrica.

Exemplos:

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

"A i|da|de aus|te|ra e | no|bre a | que | che|ga|mos." (ALBERTO DE OLIVEIRA)

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

"A|cha em | lu|gar | da | gló|ria o | lo|do im|pu|ro." (OLAVO BILAC)

Observações:

- ✔ Para que tais uniões vocálicas não sejam duras e malsoantes, as vogais (pelo menos a primeira delas) devem ser átonas e não passar de três.
- ✔ Não se unem vogais tônicas: *sen* | ***ti*** | ***ó*** | *dio; es* | ***tá*** | ***ú*** | *mi* | *do,* etc. Nem é aconselhável juntar tônicas com átonas: *a* | ***li*** | ***o*** | *ve* | *jo; se* | ***rá*** | ***es*** | *po* | *sa*, etc.

b) Ditongos crescentes valem, geralmente, uma só sílaba métrica (de-lí-*cia*, *pie*-do-so, tê-*nue*, per-pé-*tuo*, sá-*bio*, *quie*-to, i-ní-*quo*):

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

"O|pe|rá|*rio* | mo|des|to, a|be|lha | po|bre." (OLAVO BILAC)

Observação:

- ✔ Às vezes, porém, poetas dissolvem ditongos crescentes em hiatos. Esta dissolução denomina-se *diérese*:

1 2 3 4 5 6 7 8

"Nem | fez | cas|te|los | gran|*di*|o|sos

1 2 3 4 5 6 7 8

so|bre as | a|rei|as | mo|ve|di|ças?" (CABRAL DO NASCIMENTO)

c) Não se conta(m) a(s) sílaba(s) que se segue(m) ao último acento tônico do verso. Exemplo:

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

"Quan|do | no | poen|te o | sol | des|do|bra as | *clâ*|mides

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

de | san|gue e | de oi|ro | que | nos | om|bros | *le*|va," (CABRAL DO NASCIMENTO)

Essa regra só atinge versos *graves* (os que terminam por palavra paroxítona) e *esdrúxulos* (os que terminam por palavra proparoxítona). Nos versos *agudos* (os que terminam por palavra oxítona), contam-se, é óbvio, todas as sílabas, como neste verso:

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

"Dei|xa | cor|rer | a | fon|te | da i|lu|são!" (CABRAL DO NASCIMENTO)

7 PROCESSOS PARA A REDUÇÃO DO NÚMERO DE SÍLABAS MÉTRICAS

Para atender às exigências da métrica, os poetas recorrem à:

a) **crase** – fusão de duas vogais iguais numa só:

a alma [*al-ma*]; o ódio [*ó-dio*]; foge e grita [*fo-ge-gri-ta*]

b) **elisão** – supressão da vogal átona final de um vocábulo, quando o seguinte começa por vogal:

Ela estava só [*e-les-ta-va-só*]; duma (por *de uma*); como um bravo [*co-mum-bra-vo*]

c) **ditongação** – fusão de uma vogal átona final com a seguinte, formando ditongo:

este amor [*es-tia-mor*], sobre o mar [*so-briu-mar*], aquela imagem [*a-que-lei-ma-gem*], moço infeliz [*mo-çuin-fe-liz*]

d) **sinérese** – transformação de um hiato em ditongo, na mesma palavra:

crueldade [*cruel-da-de*], luar, fiel, magoado [*ma-gua-do*]

e) **diérese** – o inverso da sinérese, ou seja, a dissolução de um ditongo em hiato:

saudade [*sa-u*-da-de], piedoso, [*pi-e*-do-so]

f) **ectlipse** – supressão de um fonema nasal final, para possibilitar a crase ou ditongação:

co, cos, coa, coas (por *com o, com os, com a, com as*)

g) **aférese** – supressão de sílaba ou fonema inicial:

té (por *até*), *inda* (por *ainda*), *'stamos* (por *estamos*)

8 RITMO

O *ritmo* resulta da regular sucessão de sílabas átonas ou fracas e de sílabas tônicas ou fortes. É o elemento melódico do verso, tão essencial e indispensável à poesia quanto à música. Juntamente com a rima e as imagens poéticas, transmite aos versos um misterioso poder de emoção e encantamento.

Os acentos tônicos ou as sílabas tônicas devem repetir-se com intervalos regulares, de modo a cadenciar o verso e torná-lo melodioso. Não se distribuem arbitrariamente, mas devem, segundo a espécie do verso, recair em determinadas sílabas, de acordo com os critérios seguintes:

a) Os versos **monossílabos**, muito raros, têm um só acento tônico ou predominante:

"Pingo
d'água,
pinga,
bate
tua
mágoa!"
(D. P. C.)

"Quem
não
tem
seu
bem
que
não
vem?

Ou
vem
mas
em
vão?
Quem?"

(Cassiano Ricardo)

b) Os versos **dissílabos**, pouco frequentes, têm o acento tônico na 2ª sílaba:

"Um **rai**o
Ful**gu**ra
No es**pa**ço
Es**par**so
De **luz**" (Gonçalves Dias)

"Ao **tro**te
Do **bai**o,
Que **do**ce
Lem**bran**ça
O **ros**to
Da **mo**ça
Que **mo**ra
Na **ser**ra
No **ran**cho
De **pa**lha!" (Ribeiro Couto)

c) Os versos **trissílabos** requerem o acento predominante na 3ª sílaba, podendo, no entanto, apresentar um acento secundário na 1ª sílaba:

"Vem a au**ro**ra
Pressu**ro**sa,
Cor-de-**ro**sa,
Que se **co**ra
De car**mim**." (Gonçalves Dias)

d) Os versos **tetrassílabos** têm, mais frequentemente, os acentos tônicos na 2ª e 4ª sílabas e, menos vezes, na 1ª e 4ª sílabas ou apenas na 4ª sílaba:

"O **sol** des**pon**ta
Lá no hori**zon**te,
Dou**ran**do a **fon**te,
E o **pra**do e o **mon**te,
E o **céu** e o **mar**." (Gonçalves Dias)

e) Os versos **pentassílabos** podem apresentar as seguintes cadências:

"**Já** dor**mi**ram **to**dos. (1ª, 3ª e 5ª sílabas)

Pássaros ce**les**tes (1ª e 5ª)

me vi**rão** can**tar** (3ª e 5ª)

do **la**do do **mar**. (2ª e 5ª) (CECÍLIA MEIRELES)

f) Os versos **hexassílabos** podem ter os acentos obrigatórios na 6ª sílaba juntamente com uma ou duas das quatro primeiras sílabas:

"**I**de-vos! Na ver**da**de
Não **que**ro ser as**sim**.
A **mi**nha liber**da**de
Vive **den**tro de **mim**." (CABRAL DO NASCIMENTO)

g) Os **heptassílabos** admitem as seguintes modalidades rítmicas:

"**Sur**gem **ve**las **mui**to a**lém**." (1ª, 3ª, 5ª e 7ª)

"**To**do o **tem**po me so**be**ja." (1ª, 3ª e 7ª)

"Vive**ri**a **sem**pre **lá**." (3ª, 5ª e 7ª)

"De que **tu**do aconte**ces**se." (3ª e 7ª)

"**Tu**do o que es**tá** para **trás**." (1ª, 4ª e 7ª)

"O **tem**po **tu**do me**lho**ra." (2ª, 4ª e 7ª)

"Ou **foi** ou ja**mais** co**me**ça." (2ª, 5ª e 7ª)

"Que se pro**lon**ga sem **pres**sa."[1] (4ª e 7ª) [1]

h) Os **octassílabos** admitem várias combinações rítmicas, com acentuação na 8ª sílaba e em duas ou três das seis primeiras sílabas:

"**Quan**tas gri**nal**das pelo **céu**!
Al**guém** de**cer**to **vai** ca**sar**." (ALPHONSUS DE GUIMARAENS)

"A **lua vem**, entre as ra**ma**gens
Do jar**dim** que **dor**me na **som**bra." (RIBEIRO COUTO)

i) Os **eneassílabos** podem apresentar os acentos tônicos na 3ª, 6ª e 9ª sílabas ou na 4ª e 9ª, com a possibilidade de acento secundário na 1ª sílaba.

"Falam **deu**ses nos **can**tos do **pia**ga,
Ó guer**rei**ros, meus **can**tos ou**vi**." (GONÇALVES DIAS)

"Na tênue **cas**ca de verde ar**bus**to
Gravei teu **no**me, depois par**ti**.
Foram-se os **a**nos, foram-se os **me**ses,
Foram-se os **di**as, acho-me a**qui**." (FAGUNDES VARELA)

j) Os **decassílabos** admitem duas modalidades rítmicas: 6ª e 10ª sílabas (verso heróico) e 4ª, 8ª e 10ª sílabas (verso sáfico):

"Estavas, **lin**da **Inês**, posta em sos**se**go,
de teus anos co**lhen**do o doce **fru**to." (LUÍS DE CAMÕES)

"Longe do es**té**ril turbi**lhão** da **ru**a." (OLAVO BILAC)

---

[1] Os oito versos heptassílabos acima foram colhidos no livro *Cancioneiro*, de Cabral do Nascimento, poeta português.

k) Os **hendecassílabos** têm acentuação fixa na 2ª, 5ª, 8ª e 11ª sílabas ou na 5ª e 11ª ou, ainda, na 3ª, 7ª e 11ª:

"Seus **o**lhos tão **ne**gros, tão **be**los, tão **pu**ros." (GONÇALVES DIAS)

"Nascem as es**tre**las, vivas, em car**du**me." (GUERRA JUNQUEIRO)

"Alvas **pé**talas do **lí**rio de tua **al**ma." (HERMES FONTES)

l) Os **dodecassílabos** ou **alexandrinos** admitem três ritmos diferentes:

- *alexandrino clássico*, com os acentos principais na 6ª e 12ª sílabas:

"Paira, grassa em re**dor**, toda a melanco**li**a
de uma paisagem **mor**ta, igual, deserta, i**men**sa." (VICENTE DE CARVALHO)

- *alexandrino moderno*, com duas variantes:

– ritmo quaternário (acentos na 4ª, 8ª e 12ª sílabas):

"É o choro **sur**do, entrecor**ta**do, do ba**tu**que,
no bate-**pé** que enche de as**som**bro o próprio **chão**." (CASSIANO RICARDO)

– ritmo ternário (acentos na 3ª, 6ª, 9ª e 12ª sílabas):

"Não me **dei**xas dor**mir**, não me **dei**xas so**nhar**." (CABRAL DO NASCIMENTO)

O alexandrino clássico é constituído de dois *hemistíquios* [*hemistíquio* = meio verso], ou seja, de dois versos de seis sílabas. Obedece às seguintes regras:

- A última palavra do 1º hemistíquio só pode ser oxítona ou paroxítona, nunca proparoxítona:

"E Cipango **verás**, fabulosa e opulenta." (OLAVO BILAC)

"Em tudo a fina **seta** aguda de aflições!" (CRUZ E SOUSA)

- Se a última palavra do 1º hemistíquio for paroxítona, deve terminar em vogal e embeber-se na primeira sílaba da palavra seguinte, que, para isso, começará por *vogal* ou *h*:

"Palpite a natureza **in**teira, bela e amante." (VICENTE DE CARVALHO)

"Mergulhada na som**bra**, **a** montanha mais cresce." (TASSO DA SILVEIRA)

9 ENCADEAMENTO (*ENJAMBEMENT*)

Quando a pausa final do verso não coincide com a pausa respiratória ou, por outras palavras, quando o verso não finaliza juntamente com um segmento sintático, tem-se o que se chama de **encadeamento** ou **transbordamento**, mais conhecido pelo nome francês de *enjambement*. Em geral, aconselha-se não fazer pausa no fim de tais versos. Todavia, pode-se fazer uma leve pausa, mas conservando a voz suspensa. Exemplo:

"Andam boiando, à superfície
da minha alma, restos
de coisas que eu não sei se, juntas, bastariam
para formar a vida... ou se eram só pretextos." (CABRAL DO NASCIMENTO)

10 RIMA

Rima é a identidade ou semelhança de som do fim (ou do meio) dos versos. Embora seja elemento secundário e até mesmo dispensável, a rima é aproveitada pelos poetas para comunicar aos versos mais harmonia e encantamento. É um recurso musical que agrada aos ouvidos.

Foneticamente, as rimas podem ser:

a) **perfeitas**: *sereno* e *moreno*, *neve* e *leve*, *audaz* e *paz*, *ronco* e *tronco*, *ninho* e *espinho*, etc.

b) **imperfeitas**: *Deus* e *céus*, *estrela* e *vela*, *espirais* e *Satanás*, etc.

c) **toantes** (idênticas somente na vogal tônica): *casa* e *vale*, *mudo* e *último*, *lírio* e *livro*, *época* e *pétala*, *hora* e *bola*, etc.

Conforme a posição do acento tônico das palavras que as formam, as rimas denominam-se:

a) **agudas** ou **masculinas**: feroz e atroz, amor e clamor, etc.

b) **graves** ou **femininas**: festa e manifesta, flores e cores, etc.

c) **esdrúxulas**: mágico e trágico, lírico e onírico, etc.

Segundo o seu valor, são as rimas classificadas em *pobres*, *ricas*, *raras* e *preciosas*.

a) **Pobres** – são as rimas vulgares e as formadas com palavras da mesma classe gramatical: *coração* e *oração*, *amor* e *temor*, *amado* e *desejado*, etc.

b) **Ricas** – as que são formadas com palavras de classe gramatical diferente: *prece* e *adormece*, *penas* e *apenas*, *arde* e *covarde*, etc.

c) **Raras** – as que são obtidas entre palavras de muito poucas rimas possíveis: *cisne* e *tisne*, *bosque* e *enrosque*, etc.

d) **Preciosas** – são rimas artificiais do tipo de *vê-la* e *estrela*, *tranquilo* e *ouvi-lo*, *dá-lhe* e *falhe*.

De várias maneiras podem as rimas ser dispostas nas estrofes. Conforme sua colocação, se dizem *emparelhadas* (aabb), *alternadas* (abab), *interpoladas* (abba) e *misturadas* (dispostas livremente).

As rimas, quase sempre, são *externas*. Um ou outro poeta cultivou as rimas *internas*:

"Na areia do *Douro*, orvalhada de *ouro*,
menina Ondina,
era lindo brincar." (CECÍLIA MEIRELES)

"Salve! Bandeira do Brasil **querida**!
Toda **tecida** de esperança e luz!
Pálio sagrado sob o qual **palpita**
A alma **bendita** do País da Cruz!" (DOM AQUINO CORREIA)

11 VERSOS BRANCOS

Chamam-se *brancos* ou *soltos* os versos sem rima. Entre os poemas compostos em versos brancos, citam-se o *Cântico do Calvário*, de Fagundes Varela, e *Palavras ao Mar*, de Vicente de Carvalho.

12 ESTROFE

Estrofe ou *estância* é um grupo de versos de um poema. As estrofes podem ser formadas de versos de medida igual ou diferente. Tem denominações especiais, conforme o número de versos:

dístico: estrofe de dois versos

terceto: estrofe de três versos

quadra ou *quarteto*: estrofe de quatro versos

quintilha: estrofe de cinco versos

sextilha: estrofe de seis versos

oitava: estrofe de oito versos

décima: estrofe de dez versos

Estribilho é um verso que se repete no fim das estrofes de certas poesias, como o *rondó*, a *balada*, etc. Chama-se também *refrão*.

13 SONETO

Soneto é um pequeno poema de forma fixa. Compõe-se de catorze versos, agrupados em duas quadras e dois tercetos. O decassílabo (o verso consagrado do soneto clássico) e o alexandrino são os metros preferidos dos sonetistas. Para a colocação das rimas, há diversas variantes.

"A tradição quer que o último verso do soneto seja sempre uma *chave de ouro*, encerrando a essência do pensamento geral da composição." (Olavo Bilac, *Tratado de Versificação*, p. 168)

Tem-se definido o soneto como "um pensamento de ouro num cárcere de aço".

O soneto presta-se principalmente para a expressão dos sentimentos líricos. Teve e continua tendo grande vitalidade em várias literaturas.

Eis um modelo de soneto:

Pra que partir?

Estou sentado sobre a minha mala
no velho bergantim desmantelado...
Quanto tempo, meu Deus, malbaratado
em tanto inútil, misteriosa escala!

Joguei a minha bússola quebrada
às águas fundas... E afinal, sem norte,
como o velho Simbá de alma cansada,
eu nada mais desejo, nem a morte...

Delícia de ficar deitado ao fundo
do barco, a vos olhar, velas paradas!
Se em toda parte é sempre o Fim do Mundo,

Pra que partir? Sempre se chega, enfim...
Pra que seguir empós das alvoradas,
se, por si mesmas, elas vêm a mim?

(MÁRIO QUINTANA, *A Rua dos Cata-ventos*, Editora Globo, São Paulo, 2005)

Há mais de uma opção para dispor e combinar as rimas do soneto. No soneto acima, o autor adotou o seguinte esquema: *abba* (1ª estrofe), *cdcd* (2ª estrofe), *efe* (3ª estrofe), *gfg* (4ª estrofe).

14 VERSO LIVRE

Verso livre é o que não obedece aos preceitos da versificação tradicional, mormente no que tange à métrica e ao ritmo. Não se subordina ao número fixo de sílabas nem à regular distribuição dos acentos tônicos. Seu movimento rítmico é, por isso, menos perceptível que o do verso metrificado. Em compensação, por ser mais espontâneo e livre de artifícios, o verso moderno não freia tanto a imaginação criadora do poeta.

O verso livre foi introduzido em nossa literatura pelos poetas modernistas, tendo sido cultivado mais intensamente após a Semana de Arte Moderna (1922).

O seguinte poema de Mário Quintana nos poderá dar uma ideia do que seja verso livre:

Cântico

O vento verga as árvores, o vento clamoroso da aurora...
Tu vens precedida pelos voos altos,
Pela marcha lenta das nuvens.
Tu vens do mar, comandando as frotas do Descobrimento!

Minh'alma é trêmula da revoada dos Arcanjos.
Eu escancaro amplamente as janelas.
Tu vens montada no claro touro da aurora.
Os clarins de ouro dos teus cabelos cantam na luz!

(MÁRIO QUINTANA, *Poesias*, p. 166, Editora Globo, 1972)

EXERCÍCIOS LISTA 67

1. Faça quadrinhos para escrever as sílabas métricas destes versos octossílabos, de Ribeiro Couto. Indique as junções vocálicas com o sinal (⌒) e sublinhe as sílabas tônicas:

"Vi o luar do céu deserto.

Enquanto em roda a noite avança."

2. Divida e numere as sílabas métricas dos versos:

"É uma história espantosa." (Joaquim Cardoso)

"Ao longe, a mancha esguia de um cipestre." (Rosamaria Castelo Branco)

"Teu pé, como o de um deus, fecundava o deserto." (Olavo Bilac)

"Sou apenas constante e humilhado leitor." (Carlos Drummond de Andrade)

"E os moços inquietos, que a festa enamora." (Gonçalves Dias)

"O Coronel estava ausente." (Carlos Drummond de Andrade)

"Como é triste esta sala assim vazia!" (Rosamaria Castelo Branco)

"Abri meus braços para alcançar-te." (Cecília Meireles)

3. Diga quantas sílabas métricas tem cada verso desta estrofe:

"Sofrimento ou Prazer, Tristeza ou Alegria,
ó tiranos cruéis, deuses de alto valor!
Eu vos porei em verso, dia-a-dia,
e ficarei melhor." (Cabral do Nascimento)

4. Identifique o único verso alexandrino entre os seguintes, de Cecília Meireles:

"Teu rosto passava, teu nome corria..."

"Eis o cavalo pela verde encosta."

"Sobre um passo de luz outro passo de sombra."

5. Identifique a redondilha maior:

"Ó *flor que* sorriste ao passante..." (Ribeiro Couto)

"Como um príncipe encantado." (Dante Milano)

"Um peso enorme para carregar." (Mário Quintana)

6. Relacione as palavras da direita com as da esquerda, atendendo aos processos de redução ou ampliação das sílabas métricas:

(1) aférese	ela encontra [e-len-con-tra]
(2) sinérese	piedade [pi-e-da-de]
(3) diérese	inda [por *ainda*]
(4) crase	coa [por *com a*]
(5) ditongação	magoado [ma-gua-do]
(6) ectlipse	sobre o mar [so-briu-mar]
(7) elisão	o ódio [ó-dio]

7. Reduza este verso alexandrino a decassílabo:

"Como a casa é deserta! E como a tarde é fria!" (MANUEL BANDEIRA)

8. O poema *Janelas sobre o Saara*, na página 633, está composto em versos livres ou metrificados, sem rimas e sem estrofes?

LEITURA

Amada

Céleres, as estrelas caem do céu.
Tu as recolhes, uma a uma,
– ó segadora de luzes!

Ilumina com elas a noite
de tua cabeleira longa.
E fica assim, imóvel, risonha,
diante de mim deslumbrado
– mito cintilante do amor.

(MÁRIO DA SILVA BRITO, *Jogral do Frágil e do Efêmero*, p. 31, Civilização Brasileira, 1979)

LÍNGUA E ARTE LITERÁRIA
Exercícios de exames e concursos
[Página 693]

BIBLIOGRAFIA

Adalberto Prado e Silva – *Gramática Simplificada*, Melhoramentos, s/d. *Dicionário Mirador*, Melhoramentos, 1975.

Adolfo Caminha – *A Normalista*, Ática, 1998.

Adonias Filho – *Léguas da Promissão*, Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1968. *Luanda Beira Bahia*, Bertrand Brasil, 2005. *As Velhas*, Bertrand Brasil, 2004. *Corpo Vivo*, Bertrand Brasil, 2001.

Adriano da Gama Kury – *Pequena Gramática*, 5ª ed., Rio de Janeiro, Agir, 1960. *Lições de Análise Sintática*, 1ª ed., Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1961.

Afonso Arinos de Melo Franco – *Pelo Sertão*, Villa Rica Editora, 1981.

Afrânio Coutinho – *Antologia Brasileira de Literatura*, v. 1, Rio de Janeiro, 1965.

Afrânio Peixoto – *Clima e Saúde*, Editora Nacional, 1935. *Uma Mulher como as Outras*, Editora Nacional, 1933.

Agripino Grieco – *Gralhas e Pavões*, Record, 1988.

Alexandre Herculano – *Eurico, o Presbítero*, Ática. *Lendas e Narrativas*, Pradense, 2008. *O Bobo*, Ática, 1998.

Almeida Garrett – *Viagens na Minha Terra*, Lisboa, s/d.

Alphonsus de Guimaraens – *Poesia Completa*, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 2001.

Alphonsus de Guimaraens Filho – *Água do Tempo*, 1976.

Aluísio Azevedo – *Casa de Pensão*, Ática, 1998. *O Cortiço*, Moderna, 2007.

Álvaro Lins – *Rio Branco*, 3ª ed., Alfa-Ômega, 1996.

Amadeu de Queirós – *Histórias Quase Simples*, São Paulo, Cultrix, 1963.

Ana Miranda – *O Retrato do Rei*, Cia. das Letras, São Paulo, 1991.

André Martinet – *Elementos de Linguística Geral*, Gredos, 1991.

Aníbal Machado – *Histórias Reunidas*, 1ª ed., Rio de Janeiro, J. Olympio, 1959. *Cadernos de João*, J. Olympio, 2004.

Antenor Nascentes – *Tesouro da Fraseologia Brasileira*, 2ª ed., Rio de Janeiro, 1966. *O Idioma Nacional*, 5ª ed., 1965.

Antônio Callado – *Assunção de Salviano*, Agir, 2005. *Quarup*, Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2005. *A Madona de Cedro*, Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2007.

Antônio Carlos Villaça – *Os Saltibancos da Porciúncula*, Record, 1996.

Antônio F. de Castilho – *Felicidade pela Agricultura*, Dois Mundos, Rio de Janeiro, s/d.

Antônio Gedeão – *Obra Completa*, Relógio D'água, 2004.

Antônio Houaiss – *Pequeno Dicionário Enciclopédico*, Rio de Janeiro, Larousse do Brasil, 1980.

Antônio Olavo Pereira – *Marcoré*, Rio de Janeiro, J. Olympio, 1991. *Fio de Prumo*, J. Olympio, 1965.

Ariano Suassuna – *O Rei Degolado ao Sol da Onça Caetana*, Rio de Janeiro, J. Olympio, 1977.

Artur Azevedo – *Contos Fora da Moda*, Alhambra, Rio de Janeiro, 1982.

Assis Brasil – *Nassau*, Rio Fundo Editora, 1990.

Aurélio Buarque de Holanda Ferreira – *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, 2ª ed., Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1986; 3ª ed., Nova Fronteira, 1999. *Seleta*, J. Olympio, 1979. *Dois Mundos*, Edições O Cruzeiro, 2ª ed., 1956.

Austregésilo de Ataíde – *Vana Verba*, Edições O Cruzeiro, 1971.

Autran Dourado – *O Risco do Bordado*, Rio de Janeiro, Rocco, 1999. *Solidão Solitude*, Rio de Janeiro, Rocco, 2004. *Monte da Alegria*, Rocco, 2003.

Bernardo Élis – *Caminhos dos Gerais*, Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1975.

Bernard Pottier – *Estruturas Linguísticas do Português*, 2ª ed., São Paulo, Difusão Europeia do Livro, 1973.

Cabral do Nascimento – *Cancioneiro*, Portugalia, Lisboa, 1963.

Caldas Aulete – *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*, 3ª ed., Editora Delta, 1974.

Camilo Castelo Branco – *A Queda dum Anjo*, Ática, 1997. *Coração, Cabeça, Estômago*, Martins Fontes, 2003. *Amor de Perdição*, São Paulo, FTD, 1999. *Maria da Fonte*, Porto, 1885. *Aventuras de Basílio Fernandes Enxertado*, Lisboa, 1863. *O Visconde de Ouguela*, Rio de Janeiro, Org. Simões, 1954. *Os Brilhantes do Brasileiro*, 8ª ed., Lisboa, 1965. *O Retrato de Ricardina*, 1977. *O Bem e o Mal*, Rio de Janeiro, Org. Simões, 1955. *Vulcões de Lama*, Lisboa, 1886. *A Brasileira de Prazins*, Nova Fronteira, 1995.

Carlos Augusto Corrêa – *Pontuar É Preciso*, Dissonarte, Rio de Janeiro, 2007.

Carlos de Laet – *O Frade Estrangeiro e Outros Escritos*, Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 1953.

Carlos de Sá Moreira – *Brasil*, Lés Éditions du Pacifique, 1978.

Carlos Drummond de Andrade – *Caminhos de João Brandão*, Record, 2002. *Boitempo*, Sabiá, 1968. *Menino Antigo*, Record, 2006. *Os Dias Lindos*, Record, 2003. *Esquecer para Lembrar*, Record, 2006. *A Paixão Medida*, Record, 2002. *Poesia Completa*, Nova Aguilar, 2002.

Carlos H. da Rocha Lima – *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Briguiet, 1957, J. Olympio, 2002.

Carlos Marchi – *Fera de Macabu*, Best Bolso, 2008.

Carlos Povina Cavalcânti – *Volta à Infância*, Rio de Janeiro, J. Olympio, 1972.

Cassiano Ricardo – *Marcha para Oeste*, 4ª. ed., J. Olympio, 1970.

Cecília Meireles – *Poesia Completa*, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1993. *Inéditos*, Rio de Janeiro, Bloch, 1967. *Escolha o Seu Sonho*, Record, Rio de Janeiro, 1996.

Celso Cunha – *Gramática do Português Contemporâneo*, Belo Horizonte, Bernardo Álvares, 1970. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lexikon, 2008.

Celso Pedro Luft – *Gramática Resumida*, Globo, 1960. *Novo Guia Ortográfico*, Globo, 2003. *Dicionário Prático de Regência Verbal*, Ática, 1996.

Cyro dos Anjos – *O Amanuense Belmiro*, Globo, 2006. *Explorações no Tempo*, J. Olympio, 1963. *Abdias*, Globo, 2008. *Montanha*, Rio de Janeiro, J. Olympio, 1956.

Clarice Lispector – *Felicidade Clandestina*, Rocco, Rio de Janeiro, 1998.

Dalton Trevisan – *Cemitério de Elefantes*, Rio de Janeiro, Record, 1998.

Dante Milano – *Poesias*, Sabiá, 1971.

Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, Mirador, Melhoramentos, 1975.

Dora Ferreira da Silva – *Poesia Reunida*, Topbooks, 1999.

Eça de Queirós – *A Relíquia*, Ateliê, 2004. *O Primo Basílio*, São Paulo, Saraiva, 2006. *Os Maias*, Landy, 2001.

Edy Lima – *A Vaca na Selva*, Global, 2003.

Eduardo Bueno – *Capitães do Brasil*, Objetiva, 2006.

Eduardo Prado – *A Ilusão Americana*, 3ª ed., Brasiliense, 1961.

Elsie Lessa – *A Dama da Noite*, J. Olympio, 1963. *Canta, que a Vida é um Dia*, Razão Cultural, Rio de Janeiro, 1998.

Érico Veríssimo – *O Prisioneiro*, Cia. das Letras, 2008. *Incidente em Antares*, Cia das Letras, 2006.

Evandro Lins e Silva – *Arca de Guardados*, Civ. Brasileira, Rio de Janeiro, 1995.

Evanildo Bechara – *Lições de Português pela Análise Sintática*, Lucerna, 2006. *Moderna Gramática Portuguesa*, Lucerna, 2001.

Fernando Namora – *Domingo à Tarde*, Europa-America, 1989. *O Homem Disfarçado*, Porto Alegre, Globo, 1966.

Fernando Pessoa – *Obra Poética*, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 2005.

Fernando Sabino – *O Encontro das Águas*, Rio de Janeiro, 1977. *A Falta que Ela me Faz*, Rio de Janeiro, 1980.

Ferreira de Castro – *A Selva*, Guimarães Editores, 2006. *Livros de Viagens*, Rio de Janeiro, J. Aguilar, 1961. *O Instinto Supremo*, Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1968.

Ferreira Gullar – *Rabo de Foguete*, Revan, 1998.

Gastão Cruls – *A Amazônia Misteriosa*, 6ª ed., Rio de Janeiro, Org. Simões, 1953.

Geraldo França de Lima – *Rio da Vida*, J. Olympio, 1991.

Gilberto Freyre – *Casa-Grande e Senzala*, Global, 2006.

Graça Aranha – *Canaã*, Ática, 1998.

Graciliano Ramos – *São Bernardo*, Record, 2003. *Infância*, Record, 2006. *Angústia*, Record, 2003. *Insônia*, Record, 2003. *Caetés*, Record, 2006. *Linhas Tortas*, Record, 2005. *Vidas Secas*, Record, 2006.

Guedes de Amorim – *Jesus Passou por Aqui*, Lisboa, 1967.

Guilherme de Figueiredo – *Maria da Praia*, Civ. Brasileira, 1994. *A Bala Perdida*, Rio de Janeiro, Topbooks, 1998.

Guimarães Rosa – *Sagarana*, Nova Fronteira, 2006.

Gustavo Barroso – *Terra de Sol*, 5ª ed., 1956.

Gustavo Corção – *Claro Escuro*, Agir, 1960.

Haroldo Bruno – *O Misterioso Rapto de Flor-do-Sereno*, Rio de Janeiro, 1979.

Helena Jobim – *Trilogia do Assombro*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1998.

Herberto Sales – *Cascalho*, Livros do Brasil,1966. *Dados Biográficos do Finado Marcelino*, 1965. *Além dos Marimbus*, 2ª ed., Rio de Janeiro, 1965. *Rio dos Morcegos*, Civilização Brasileira, 1993.

Herman Lima – *Garimpos*, Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1967.

Hildebrando A. de André – *Gramática Ilustrada*, São Paulo, Moderna, 1997.

Ignácio de Loyola Brandão – *Não Verás País Nenhum*, Global, 2008.

Ismael de Lima Coutinho – *Gramática Histórica*, Ao Livro Técnico, 1976. *Pontos de Gramática Histórica*, Ao Livro Técnico, 1976.

Jean Dubois – *Dicionário de Linguística*, São Paulo, Cultrix, 1997.

J. Mattoso Câmara Jr. – *Dicionário de Fatos Gramaticais*, Rio de Janeiro, MEC, Casa de Rui Barbosa, 1956. *Manual de Expressão Oral e Escrita*, Vozes, 2001.

João Clímaco Bezerra – *A Vinha dos Esquecidos*, J. Olympio, 1980.

João Domingues Maia – *Gramática*, São Paulo, Ática, 1982.

João Ribeiro – *Gramática Portuguesa*, c/s, 11ª ed., Francisco Alves, 1904. *História do Brasil*, Itatiaia Editora, 2001. *Autores Contemporâneos*, Francisco Alves, 1937.

Joaquim Felício dos Santos – *Memórias do Distrito Diamantino*, Itatiaia Editora.

Jônatas Serrano – *Filosofia do Direito*, 3ª ed., Briguiet.

Jorge Amado – *Seara Vermelha*, Record, 1999. *Mar Morto*, Cia das Letras, 2008. *Terras do Sem-Fim*, Cia das Letras, 2008. *Tieta do Agreste*, Rio de Janeiro, Record, 1997.

José Américo – *A Bagaceira*, 9ª ed., J. Olympio, 2008.

José de Alencar – *Iracema*, Ateliê, 2007.

José Fonseca Fernandes – *Um por Semana*, J. Olympio, 1972.

José Geraldo Vieira – *A Mulher que Fugiu de Sodoma*, Leitura, 2008. *A Ladeira da Memória*, Planeta, 2003. *A Quadragésima Porta*, 3ª ed., 1968.

José Gualda Dantas – *Testes de Português para Vestibular*, 3ª ed., Rio de Janeiro, 1970.

José J. Veiga – *Os Cavalinhos de Platiplanto*, Bertrand Brasil. *Aquele Mundo de Vasabarros*, Bertrand Brasil, 1997.

José Lins do Rego – *Fogo Morto*, J. Olympio, 1996.

José Louzeiro – *Aracelli, Meu Amor*, 5ª ed., Record, 1981.

José Luís de Oliveira – *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, Rio de Janeiro, 1965.

José Murilo de Carvalho – *A Construção da Ordem*, Relume-Dumará, 1996.

Josué de Castro – *Geografia da fome*, Civilização Brasileira, 2005.

Josué Guimarães – *Os Ladrões*, Rio de Janeiro, Fórum, 1966. *Os Tambores Silenciosos*, L&PM, 1997. *É Tarde para Saber*, L&PM, 1997.

Josué Montello – *Os Degraus do Paraíso*, Nova Fronteira, 1986.

Lêdo Ivo – *Ninho de Cobras*, Topbooks, 1997. *O Caminho sem Aventura*, Rio de Janeiro, Record, 1983.

Lygia Fagundes Telles – *Histórias Escolhidas*, 1961. *Ciranda de Pedra*, Rocco, 1998. *As Meninas*, Livros do Brasil, 1983. *Filhos Pródigos*, 1978.

Lourenço Diaféria – *Um Gato na Terra do Tamborim*, Ática, São Paulo, 1982.

Luís Carlos Lessa – *O Modernismo Brasileiro e a Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, FGV, 1966.

Luís Carlos Lisboa – *Olhos de Ver, Ouvidos de Ouvir*, Difel, 1977.

Luís Henrique Tavares – *Homem Deitado na Rede*, Rio de Janeiro, Org. Simões, 1969.

Luís Jardim – *As Confissões do Meu Tio Gonzaga*, 2ª ed., Rio de Janeiro, J. Olympio, 1966.

Machado de Assis – *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, Ática, 2006. *Machado de Assis, Seus 30 Melhores Contos*, Rio de Janeiro, J. Aguilar, 1961. *Dom Casmurro*, Ateliê, 2008. *Obra Completa*, Nova Aguilar, 2008.

Manuela Carneiro da Cunha – *História dos Índios no Brasil*, Cia. das Letras, 1992.

Manuel Bandeira – *Poesia Completa e Prosa*, 2ª ed., Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1967.

Maria de Lourdes Teixeira – *O Pátio das Donzelas*, Martins, 1969.

Maria José de Queirós – *Invenção a Duas Vozes*, Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1978. *A Literatura e o Gozo Impuro da Comida*, Topbooks, 1997.

Marina Colasanti – *Nada na Manga*, Nova Fronteira, 1973.

Mário Barreto – *Novíssimos Estudos da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1914. *Novos Estudos da Língua Portuguesa*, Francisco Alves, 1921. *Fatos da Língua Portuguesa*, Francisco Alves, 1916. *Através do Dicionário e da Gramática*, Rio de Janeiro, Quaresma, 1927. *De Gramática e de Linguagem*, 2ª ed., Rio de Janeiro, Org. Simões, 1955.

Mário Palmério – *O Chapadão do Bugre*, José Olympio, 2003.

Mário da Silva Brito – *Jogral do Frágil e do Efêmero*, Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1979.

Mário Quintana – *Antologia Poética*, Rio de Janeiro, Ed. do Autor, 1966. *A Vaca e o Hipogrifo*, Global, 2006. *Poesias*, Globo, 1972.

Marquês de Maricá – *Máximas, Pensamentos e Reflexões*, Rio de Janeiro, MEC, Casa de Rui Barbosa, 1958.

Manuel Rodrigues Lapa – *Estilística da Língua Portuguesa*, Martins Fontes, 1998.

Martins de Aguiar – *Notas e Estudos de Português*, FGV, Rio de Janeiro, 1971.

M. Said Ali – *Gramática Secundária da Língua Portuguesa*, São Paulo, Melhoramentos, s/d. *Dificuldades da Língua Portuguesa*, 5ª ed., Rio de Janeiro, Acadêmica, 1957.

Millôr Fernandes – *Novas Fábulas Fabulosas*, Desiderata, 2007.

Moacir Werneck de Castro – *O Libertador*, Rocco, Rio de Janeiro, 1989. *A Máscara do Tempo*, Civ. Brasileira, 1996.

Moacyr Scliar – *A Paixão Transformada*, Cia. das Letras, 2008.

Monteiro Lobato – *Urupês*, Globo, 2007. *O Escândalo do Petróleo e do Ferro*. Editora Brasiliense, 1956.

Murilo Melo Filho – *O Milagre Brasileiro*, Bloch, 1972.

Murilo Rubião – *O Pirotécnico Zacarias e Outros Contos*, Cia das Letras, 2006.

Nélida Piñon – *A Força do Destino*, Record, 1998. *A Doce Voz de Caetana*, Record, 1987.

Novir Sebastião dos Santos Barbosa – *Interpretação da N.G.B.*, Rio de Janeiro, 1962.

Olavo Bilac – *Poesias*, 25ª ed., Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1954.

Olegário Mariano – *Toda uma Vida de Poesia*, 2v., Rio de Janeiro, J. Olympio, 1957.

Oliveira Viana – *Evolução do Povo Brasileiro*, 4ª ed., J. Olympio, 1956.

Ondina Ferreira – *Inquietação*, São Paulo, Saraiva, 1958. *Acordar, Renascer, Soma*, São Paulo, 1983.

Orígenes Lessa – *O Feijão e o Sonho*, Ática, 1998.

Othon M. Garcia – *Comunicação em Prosa Moderna*, Rio de Janeiro, FGV, 2006.

Otto Lara Resende – *O Braço Direito*, Cia. das Letras, 1993.

Paulo Mendes Campos – *Os Bares Morrem numa Quarta-Feira*, Ática, 1980.

Pedro Nava – *Chão de Ferro*, Ateliê, 2001.

Ramalho Ortigão – *A Holanda*, 2ª ed., Lisboa, 1894.

Rachel de Queiroz – *O Caçador de Tatu*, Siciliano, 1994. *Quatro Romances*, Rio de Janeiro, J. Olympio, 1960. *O Menino Mágico*, Caramelo, 2004.

Raquel Jardim – *Os anos 40*, Caramelo, 2004.

Rebelo da Silva – *Contos e Lendas*, Lisboa, 1873.

Renato Inácio da Silva – *Amazônia, Paraíso e Inferno*, São Paulo, 1970.

Ribeiro Couto – *Poesias Reunidas*, J. Olympio, 1960.

Ricardo Ramos – *Memória de Setembro*, J. Olympio, 1968.

Ronald Langacher – *A Linguagem e Sua Estrutura*, Vozes, 1972.

Ronaldo R. de Freitas Mourão – *Alô, Galáxia*, Rio de Janeiro, Imago, 1978. *Astronomia e Poesias*, Difel, 1977.

Rosamaria Verney Castelo Branco – *Canção do Cotidiano*, Rio de Janeiro, 1973.

Rubem Braga – *A Traição das Elegantes*, Record, 1998. *Duzentas Crônicas Escolhidas*, Record, 2002.

Rubem Fonseca – *Os Prisioneiros*, Cia. das Letras, 1989.

Rui Barbosa – *Escritos e Discursos Seletos*, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1997. *Cartas de Inglaterra*, São Paulo, Iracema, 1968.

Sérgio Buarque de Hollanda – *Caminhos e Fronteiras*, Cia. das Letras, 2001.

Sérgio Faraco – *Hombre*, Civ. Brasileira, 1978.

Sérgio Gallo – *Ironias da Existência Humana*, Relume-Dumará, 1999.

Silvio Elia – *O Problema da Língua Brasileira*, INL, 1961.

Sousa da Silveira – *Lições de Português*, 5ª ed., Coimbra, 1952.

Stella Leonardos – *Estátua de Sal*, Rio de Janeiro, Agir, 1961.

Tiago de Melo – *Amazônia, a Menina dos Olhos do Mundo*, Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1991.

Vianna Moog – *Toia*, Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1963. *Bandeirantes e Pioneiros*, Graphia, 2006.

Vicente de Carvalho – *Poemas e Canções*, 16ª ed., São Paulo, Saraiva, 1962.

Vilma Guimarães Rosa – *Carisma*, J. Olympio, 1978.

Vinicius de Moraes – *Poesia Completa e Prosa*, Nova Aguilar, 2004. *Para uma Menina com uma Flor*, Cia. das Letras, 1992.

Vivaldo Coaraci – *Todos Contam sua Vida*, J. Olympio, 1959. *Cata-vento*, J. Olympio, 1956.

Walmir Ayala – *A Selva Escura*, Rio de Janeiro, Atheneu Cultura, 1990.

Yone Rodrigues – *A Razão do Pássaro*, Melhoramentos, 1984.

EXERCÍCIOS DE EXAMES E CONCURSOS

FONÉTICA

FONEMAS

1. (CPCAR) A medicina agora está ***estudando*** a importância do bom ***humor*** e dos ***sentimentos*** positivos na ***prevenção*** e no tratamento de moléstias.

Nas palavras destacadas, constata-se, respectivamente, a seguinte sequência de letras e fonemas:
a) 9 – 9 / 5 – 3 / 11 – 10 / 9 – 9
b) 9 – 7 / 5 – 5 / 10 – 9 / 8 – 8
c) 9 – 9 / 4 – 4 / 10 – 10 / 8 – 7
d) 9 – 8 / 5 – 4 / 11 – 9 / 9 – 8

2. (Unifesp) Na língua portuguesa escrita, quando duas letras são empregadas para representar um único fonema (ou som, na fala), tem-se um **dígrafo**. O dígrafo só está presente em todos os vocábulos de:
a) pai, minha, tua, esse, tragar.
b) afasta, vinho, dessa, dor, seria.
c) queres, vinho, sangue, dessa, filho.
d) esse, amarga, silêncio, escuta, filho.
e) queres, feita, tinto, melhor, bruta.

3. (UFSM-RS) Assinale a alternativa em que apenas uma das palavras apresenta dígrafo.
a) Alexandra – lhe
b) Esquecia – mesinha
c) Guardava – enterro
d) Assistir – que
e) Senhora – então

4. (Ufal) As palavras bloco, vidro e refrão têm em comum a presença de um:
a) ditongo crescente
b) encontro consonantal
c) ditongo crescente
d) dígrafo
e) hiato

5. (PUC-PR) Observe as palavras que seguem:

1. Choque	4. Desce
2. Hotel	5. Passa
3. Varre	6. Molha

Das palavras acima, são pronunciadas com 4 fonemas:
a) todas elas.
b) todas, menos a primeira.
c) todas, menos a segunda.
d) a segunda, a quarta e a quinta.
e) somente a quarta e a quinta.

6. (PUC-RJ) Um mesmo fonema pode ser grafado de diferentes maneiras. Qual a lista de palavras que exemplifica essa afirmação?
a) Paciente, centro, existência
b) existência, meses, batizaram
c) projeto, prejudicando, propõe
d) quem, quando, psiquiatra
e) coisa, incomoda, continuidade

SÍLABA

1. (BNB) Assinale a opção que apresenta ERRO quanto à **divisão silábica**:
a) ins-ti-tu-i-ção, co-me-ça-ram, pres-tí-gio
b) res-sur-gi-men-to, pres-ti-gi-o, ad-mi-rar
c) su-pers-ti-ção, ex-pe-ri-en-te, pers-pec-ti-va
d) ex-e-cu-ti-vo, a-brup-to, re-i-vin-di-car
e) ca-a-tin-ga, rit-mo, réus

2. (CPCAR) Observe a **divisão silábica** dos vocábulos abaixo.

I - ar-te-ri-al, ex-ces-so, su-bs-tân-cia

II - guer-ras, di-lú-vio, pi-a-da

III - res-pal-do, ob-je-to, pres-são

Está(ão) correta(s) apenas:
a) I e II.
b) I e III.
c) I, II, III.
d) II e III.

3. (UFCE) Assinale as alternativas em que a separação silábica está correta:

a) go-ia-na	e) con-ti-nu-a
b) cor-ru-pção	f) ir-mãos
c) sor-ri-so	g) De-us
d) ma-is	

4. (Unip-SP) Assinale o grupo de palavras em que não há erro na separação de sílabas:
a) in-a-pto, tran-se-pto, des-or-dem
b) né-ctar, fi-a-do, crian-ça

c) des-u-nhar, ad-je-ti-va, ve-e-mên-cia
d) gi-ras-sóis, mag-nó-lia, a-dá-lia
e) ins-cien-te, ân-si-a, né-sci-o

5. (Acafe-SC) Assinale a alternativa em que há erro na partição de sílabas:
a) en-trar, es-con-der, bis-a-vô, bis-ne-to
b) i-da-de, co-o-pe-rar, es-tô-ma-go
c) des-cen-der, car-ra-da, pos-so, a-tra-vés
d) des-to-ar, tran-sa-ma-zô-ni-co, ra-pé, on-tem
e) pre-des-ti-nar, ex-tra, e-xer-cí-cio, dan-çar

ORTOGRAFIA

1. (Cesgranrio) Assinale o item em que ocorre erro ortográfico:
a) ele mantém / eles mantêm
b) ele dê / eles deem
c) ele contém / eles contêm
d) ele vê / eles veem
e) ele contém / eles conteem

2. (PUC-Camp) Assinale a alternativa correta:
a) Não se deve infligir as leis.
b) Não se devem infringir as leis.
c) Não se devem infligir as leis.
d) Não se devem inflingir as leis.

3. (UPF-RS) A palavra "porque" deveria ter sido grafada separadamente na alternativa:
a) Não se preocupe com o futuro, porque os jovens têm energia para resolver problemas.
b) O Brasil será enriquecido no próximo século, porque terá o maior contingente de jovens de sua história.
c) Alguns questionam porque o futuro é encarado com pessimismo por muitos.
d) Acredite nos jovens, porque eles contribuirão para o progresso do Brasil.
e) Muitos problemas serão resolvidos, porque os jovens estarão preparados para isso.

4. (CPCAR) Assinale a alternativa em que **NÃO** há erro de grafia.
a) Poucos sabem por que você está pensativo.
b) Assinar o documento não trás dificuldade nenhuma ao povo.
c) Não sei porque tanto riso.
d) A atitude púdica de certas mulheres me surpreende.

5. Assinale a alternativa em que **não** haja nenhum erro de ortografia.
a) A ascenção do candidato nas pesquizas suprendeu a todos.
b) A ascenção do candidato nas pesquisas surpreendeu a todos.
c) A ascensão do candidato nas pesquisas surpreendeu a todos.
d) A ascenção do candidato nas pesquisas surprendeu a todos.
e) A assenção do candidato nas pesquizas surprendeu a todos.

6. Faça o mesmo:
a) A morte do paciente nada tem a ver com a paralisia dos órgãos.
b) A morte do paciente nada tem a haver com a paralizia dos órgãos.
c) A morte do pasciente nada tem haver com a paralizia dos órgãos.
d) A morte do pasciente nada tem a haver com a paralisia dos órgãos.
e) A morte do paciente nada tem a ver com a paralizia dos órgãos.

7. (BNB) Assinale a alternativa em que todas as palavras estão escritas de forma **ERRADA**:
a) ojeriza, riqueza, pegajento
b) veneziana, coalizão, assaz
c) asfixia, repuxo, coxia
d) flecha, broche, cocheira
e) despeza, degladiar, distemção

8. (BNB) Marque a alternativa em que todas as palavras são escritas, CORRETAMENTE, com a letra indicada entre parêntese:
a) a___ensorista, ca__ar , cre ___cer (s)
b) tra__e, rabu__ice, re__eição (j)
c) au__liar, asfi__ia, aflu__o (x)
d) deten__ão, conten__ão, preten___ão (ç)
e) nobre__a, avi___ar, coloni___ar (z)

9. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que **não** haja erro de grafia.
a) Não tinha feito a prova no dia regular nem tão pouco a substitutiva.
b) Afim de que as soluções pudessem ser adotadas por todos, José de Arimateia havia distribuído cópias do relatório no dia anterior.
c) Porventura, meu Deus, estarei louco?

d) Assinalou com um asterístico a necessidade de notas informativas adicionais.
e) Com frequência, os médicos falam de AVC, Acidente Vascular Celebral. Porisso, os próprios pacientes já estão familiarizados com esse termo.

10. (FGV) Assinale a alternativa em que a grafia de todas as palavras seja prestigiada pela norma culta.
a) Auto-falante, bandeija, degladiar, eletrecista.
b) Advogado, frustado, estrupo, desinteria.
c) Embigo, mendingo, meretíssimo, salchicha.
d) Estouro, cataclismo, prazeiroso, privilégio.
e) Aterrissagem, babadouro, lagarto, manteigueira.

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

1. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa em que todas as palavras estejam corretamente acentuadas.
a) caíra, enjoo, bárbaro, velóz.
b) jurití, automóvel, samambáia, jiló.
c) algoz, cauím, lençol, fácil.
d) pernalta, Tatuí, armazém, geleia.
e) conténs, heroico, chapéuzinho, Tietê.

2. (Ufla-MG)

"Meu lenço, meu **relógio**, meu chaveiro..."

A regra que justifica o acento na palavra acima destacada é a mesma que justifica o acento em:
a) tênis
b) hábito
c) glória
d) convém
e) invencível

3. (Mackenzie-SP) As palavras *aí, Ceará* e *vá* são acentuadas por serem, respectivamente:
a) monossílabo, trissílabo e monossílabo.
b) ditongo tônico, trissílabo tônico e monossílabo tônico.
c) ditongo tônico, oxítona terminada em *a* e monossílabo tônico terminado em *a*.
d) hiato, oxítona terminada em *a* e monossílabo tônico terminado em *a*.
e) oxítona terminada em *i*, oxítona terminada em *a* e monossílabo tônico terminado em *a*.

4. (UCDB-MT) São acentuadas pela mesma razão as palavras da alternativa:
a) ciúme – egoísta – saída
b) hífen – armazém – herói
c) dominó – avô – tênis

5. (CPCAR) Assinale a alternativa cujas palavras devem ser graficamente acentuadas, respectivamente, pelas mesmas normas de **glória**, **fácil**, **está**, **imunológico**.
a) Ruídos, límpida, verás, ínterim.
b) Incêndio, caráter, refém, protótipo.
c) Juízes, revólver, têm, temática.

6. (FGV-SP) Assinale a palavra que está graficamente acentuada pela mesma regra que determina o acento em **inadimplência**.
a) Mágoa.
b) Há.
c) Sabiá.
d) Heróico.
e) Baú.

7. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que as palavras sejam, respectivamente: oxítona, oxítona, paroxítona, proparoxítona, proparoxítona e oxítona.
a) Papel, sagu, andrajo, xenófobo, redondo, saci.
b) Sabia, interessar, anjo, borrego, íntimo, saúde.
c) Canavial, superar, novel, cádmio, contíguo, interesseiro.
d) Saci, sagu, indelevelmente, pródigo, bígamo, sinal.
e) Tizio, anéis, móvel, esperançoso, código, colher.

8. (PUC-RJ) Indique a opção que apresenta palavras acentuadas segundo as mesmas regras das palavras abaixo, respeitada a sua ordem de aparecimento:

há – incrédulo – história – frágil – bebê – alguém
a) já – Júpiter – telescópio – fácil – até – parabéns
b) pôr – óbvio – herói – até – parabéns – está
c) já – plateia – óbvio – fácil – fazê-la – além

9. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que a palavra deveria ter recebido **acento gráfico**:
a) Paiçandu. b) Taxi. c) Gratuito.
d) Rubrica. e) Entorno.

10. (PUC-Camp) A frase em que as palavras estão acentuadas corretamente é:
a) A providencia que foi tomada tem relação com o grupo de que ele é partidário.
b) A saúde pública deve ser um dos assuntos centrais dessa reunião.
c) Há muita polemica em relação a esse assunto, por isso devemos ter cautela.
d) Pouco tempo atrás, todos diziam que eles estavam em situação bastante confortavel.
e) Há quem avalie que aquela foi a solução mais inocua de todas as apresentadas.

SINAIS DE PONTUAÇÃO

1. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que a **pontuação** da frase seja a mais adequada.
a) Longe, além da função adverbial de lugar tem a de adjetivo com significação de distante, afastado: é então geralmente usado no plural.
b) Longe além da função adverbial de lugar, tem a de adjetivo com significação de distante afastado, é então geralmente usado no plural.
c) Longe, além da função adverbial de lugar, tem a de adjetivo, com significação de distante, afastado; é então, geralmente, usado no plural.
d) Longe, além da função adverbial de lugar tem a de adjetivo, com significação de distante, afastado: é então geralmente usado no plural.
e) Longe além da função adverbial de lugar tem, a de adjetivo, com significação de distante, afastado; é então geralmente usado no plural.

2. (MPO) Assinale a opção em que o texto apresenta **pontuação** correta.
a) Há no mundo regiões que agora enfrentam problemas generalizados, infinitamente mais graves que, aqueles com que nos confrontamos em nossos piores momentos do passado.
b) Mas parece reinar, em toda parte a certeza de que hoje faz sentido lançar ideias à mesa e trabalhar sobre elas.
c) Tantas passagens – remotas ou recentes – da história, foram marcadas pela esterilidade, pela convicção coletiva de que nada do que se pensasse, dissesse, fizesse, tentasse, ousasse adiantaria alguma coisa, tão bloqueadas eram as perspectivas.
d) Hoje vivemos o contrário disso. Sabemos que ideias, palavras e gestos têm o poder de fecundar o terreno do século que termina, do século que começa e que, vale a pena, por isso viver esse momento.
e) Se aproveitamos com integridade, inteligência, trabalho e sentido de criação, não há limite para o que nos pode vir em troca. Se perdermos essa oportunidade, se nos perdermos em banalidades neste ponto da história que reclama grandeza, sobrará depois um profundo remorso.

(Trechos adaptados de Francisco Rezek)

3. (FGV-SP) Observe a seguinte frase:

– Quem quer ir, perguntou o chefe.

A respeito dela, pode-se dizer que:
a) Deveria ter sido colocado um ponto de interrogação após a palavra ir.
b) Deveria ter sido colocado um ponto de interrogação após a palavra chefe.
c) Deveria ter sido colocado um ponto de exclamação após a palavra chefe.
d) Bastaria colocar entre aspas a oração "– Quem quer ir".
e) A frase está correta.

4. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a vírgula está empregada para separar dois termos que possuem a mesma função na frase:
a) "Minhas senhoras, seu Mendonça pintou o diabo enquanto viveu."
b) "Respeitei o engenho do Dr. Magalhães, juiz."
c) "E fui mostrar ao ilustre hóspede a serraria, o descaroçador e o estábulo."
d) "Depois da morte do Mendonça, derrubei a cerca..."
e) "Não obstante essa propaganda, as dificuldades surgiram."

5. (Mackenzie-SP) Assinale o par de frases em que as vírgulas foram empregadas de acordo com a mesma regra.
   a) E se baratas, ratos, moscas e mosquitos fossem exterminados?
   Por mais estranha que a ideia possa parecer, sua vida depende dos pernilongos.
   b) Baratas, ratos, moscas e mosquitos são elos fundamentais da cadeia alimentar...
   Sem essas larvas, muita matéria orgânica se acumularia nos rios.
   c) Por mais estranha que a ideia possa parecer, sua vida depende dos pernilongos.
   Sem essas larvas, muita matéria orgânica se acumularia nos rios.
   d) Baratas, ratos, moscas e mosquitos são elos fundamentais da cadeia alimentar...
   Por mais estranha que a ideia possa parecer, sua vida depende dos pernilongos.
   e) E se baratas, ratos, moscas e mosquitos fossem exterminados?
   Sem essas larvas, muita matéria orgânica se acumularia nos rios.

6. (PUC-SP) Assinale a alternativa que justifica corretamente o emprego da **vírgula**.
   a) Usa-se a vírgula entre o sujeito e o predicado como em: "Os escravos, em sua maioria de origem indígena, reforçavam o uso da 'língua geral' no âmbito do privado."
   b) Usa-se a vírgula em casos de inversão e intercalação como em: "Por isso, foram recorrentes, até os inícios dos Setecentos, os pedidos das autoridades para que se enviassem à capitania somente vigários versados na língua dos índios."
   c) Usa-se a vírgula em casos de intercalação como em: "... precisava-se falar em tupi, sem o que parte da população nada compreendia."
   d) Usa-se a vírgula entre o verbo e seu complemento como em: "Havia mulheres, ademais, que com certeza só sabiam a 'língua geral'..."
   e) Usa-se a vírgula entre o nome e seu complemento como em: "No domínio público, contudo, precisava-se falar em tupi..."

7. (PUC-PR) Observe o seguinte enunciado:

   Velhas casas abandonadas ( ) todas em ruínas ( ) apodreciam ao tempo sem atrair a atenção de ninguém ( ) a não ser de gatos arredios, que ( ) ao ver alguém ( ) desapareciam embrenhando-se nas macegas que tomavam conta dos jardins ( ) outrora orgulho de seus donos e motivo de admiração dos moradores da região.

   Os parênteses presentes no enunciado acima ficam corretamente preenchidos pelos seguintes **sinais de pontuação**:
   a) dois-pontos, ponto e vígula, ponto, vírgula, vírgula, ponto.
   b) vírgula, ponto e vírgula, ponto e vírgula, vírgula, ponto e vírgula, vírgula.
   c) vírgula, vírgula, vírgula, vírgula, vírgula, vírgula.
   d) dois-pontos, vírgula, ponto e vírgula, vírgula, ponto e vírgula, ponto e vírgula.
   e) vírgula, vírgula, dois-pontos, dois-pontos, ponto e vírgula, dois-pontos.

8. (PUC-PR) Observe o enunciado e preencha os parênteses com os **sinais de pontuação adequados**: "A partir daquele dia ( ) o filho assumia várias responsabilidades familiares ( ) a de levar o irmão à escola ( ) a de buscar a mãe na loja ( ) a de fazer todas as compras do dia."

   O espaços foram preenchidos, na sequência, com:
   a) ponto e vírgula / vírgula / vírgula / vírgula
   b) vírgula / dois-pontos / dois-pontos / vírgula
   c) ponto e vírgula / ponto e vírgula / ponto e vírgula / ponto e vírgula
   d) vírgula / dois-pontos / ponto e vírgula / ponto e vírgula
   e) dois-pontos / ponto e vírgula / vírgula / vírgula

9. (CEETPS-SP) Assinale a alternativa válida relativamente ao uso dos sinais de **pontuação**.
   a) O fracasso social brasileiro, não difere do restante dos países emergentes, sobretudo na educação.
   b) O IDH – Índice de Desenvolvimento Humano retrata que o país apresenta alguns avanços em relação às últimas décadas.
   c) Além de políticas educacionais de incentivo à permanência de brasileiros na escola, é preciso melhorar a qualidade da educação.

d) Pode-se defender que, é possível se desenvolver sem crescer economicamente.
e) O Brasil melhorou, mas ainda se registram práticas, insuportáveis de trabalho, escravo, trabalho, infantil e de salários, desiguais para homens, e mulheres que ocupam funções similares.

MORFOLOGIA

ESTRUTURA DAS PALAVRAS

1. (Unirio) Identifique a série em que os prefixos têm o mesmo significado:
a) contradizer, antídoto
b) desfolhar, epiderme
c) decapitar, hemiciclo
d) supercílio, acéfalo
e) semimorto, perianto

2. (PUC-SP) Das afirmações abaixo:
I – as palavras *deselegância*, *realidade* e *baianos* são formadas pelo processo de derivação;
II – as palavras *afasto*, *chamei* e *surgir* estão flexionadas, respectivamente, pelas desinências **-o**, **-ei**, **-ir**;
III – as palavras *és* e *baianos* apresentam a desinência **-s**, que indica plural.
Apenas:
a) I está correta.
b) III está correta.
c) I e III estão corretas.
d) I e II estão corretas.
e) II está correta.

3. (UFSM-RS) Assinale a única alternativa em que a primeira palavra apresenta prefixo e a segunda, sufixo.
a) desgraças – pimenta
b) incômoda – realmente
c) tristeza – realmente
d) refresco – ninguém
e) ridículo – carnaval

4. (UniFEI-SP) Assinale a alternativa em que o significado do radical esteja errado:
a) hidro: água (exemplo: hidráulico)
b) pisci: peixe (exemplo: piscicultura)
c) bio: vida (exemplo biologia)
d) agri: campo (exemplo: agricultura)
e) antropo: antigo (exemplo: antropologia)

5. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que sejam usados radicais ou prefixos – gregos ou latinos – correspondentes, respectivamente, aos seguintes sentidos:

dentro, duplicidade, em torno de, contra, metade, movimento para dentro, livro, vida.
a) Endoscópio, anfíbio, circunlóquio, antibiótico, hemiciclo, introspecção, bibliografia, biografia.
b) Intramuscular, anfibologia, circum-navegação, contraprova, semicírculo, internato, biblioteca, biosfera.
c) Endoscópio, cosmopolita, circundar, antihigiênico, semidespido, introspecção, bibliografia, biografia.
d) Interface, ambidestro, circundar, antônimo, semiólogo, biblioteca, biografia.
e) Endoscópio, ambivalente, circum-navegar, antepasto, seminal, introspecção, bibliografia, biografia.

FORMAÇÃO DAS PALAVRAS

1. (UniFEI-SP) Assinale a alternativa em que as palavras não sejam cognatas:
a) tristeza – entristecido
b) previsão – imprevisto
c) maresia – maremoto
d) internacional – intercâmbio
e) ilusionista – desilusão

2. (FGV-SP) Modelo: nobre – enobrecer

Observe que o termo *enobrecer* formou-se a partir de *nobre* com o auxílio de um prefixo e de um sufixo.

Abaixo, apresentamos pares de palavras. Em apenas um caso não se seguiu o modelo apresentado. Assinale a alternativa correspondente.
a) triste – entristecer
b) escuro – escurecer

c) gordo – engordar
d) duro – endurecer
e) rico – enriquecer

3. (CPCAR-MG) Leia atentamente as afirmativas abaixo.
I – No vocábulo **surradíssimo**, observa-se a derivação sufixal.
II – Os vocábulos **sorriso**, **arterial** e **ironizar** são formados por sufixos nominais.
III – **Patologia** é formado por hibridismo.
Está(ão) correta(s) apenas a(s) afirmativa(s):
a) I e II.
b) II.
c) I.
d) I, II e III.

4. (CPCAR-MG) Assinale a alternativa cujos vocábulos são, respectivamente, formados pelo mesmo processo: **vitimadas**, **amoral**, **arterial**.
a) Patologista, diariamente, televisiva.
b) Grandeza, imortal, positividade.
c) *Stress*, imunológico, risonho.
d) Prevenção, interferência, recorrência.

5. (Fuvest-SP) O prefixo assinalado em "desvario" expressa:
a) negação.
b) cessação.
c) ação contrária.
d) separação.
e) intensificação.

6. (Mackenzie-SP) A palavra **economiopia** segue o mesmo modelo de formação lexical presente em:
a) "aguardente".
b) "pé de moleque".
c) "passatempo".
d) "minissaia".
e) "antidemocrático".

7. (Unifesp) *Pneumotórax*, palavra que dá título ao famoso poema de Manuel Bandeira, é vocábulo constituído de dois radicais gregos (pneum[o]- + -tórax). Significa o procedimento médico que consiste na introdução de ar na cavidade pleural, como forma de tratamento de moléstias pulmonares, particularmente a tuberculose. Tal enfermidade é referida no diálogo entre médico e paciente, quando o primeiro explica a seu cliente que ele tem "uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito infiltrado". Esta última palavra é formada com base em um radical: filtro. Quanto à formação vocabular, o título do poema e o vocábulo *infiltrado* são constituídos, respectivamente, por:
a) composição, e derivação prefixal e sufixal.
b) derivação prefixal e sufixal, e composição.
c) composição por hibridismo, e composição prefixal e sufixal.
d) simples flexão, e derivação prefixal e sufixal.
e) simples derivação, e composição sufixal e prefixal.

8. (Unifesp) Tomando como referência **os processos de formação de palavras**, dada a relação com o som produzido pelos equinos quando em movimento, a palavra *Pocotó* é formada a partir de uma:
a) prefixação.
b) sufixação.
c) onomatopeia.
d) justaposição.
e) aglutinação.

SUBSTANTIVO

1. (Vunesp) O gênero dos substantivos está correto em:
a) É comum que as eclipses da lua coincidam com as piores tormentas e cataclismos.
b) A guia dos turistas não falava japonês e teve de usar uma estratagema para comunicar-se com eles.
c) Vamos dar um ênfase todo especial ao trabalho de prevenção do diabetes.
d) Não obteve, até agora, a alvará de funcionamento e deve enviar à prefeitura uma xerox da inscrição da firma.
e) A personagem vivida por ele tem um comportamento que é um verdadeiro modelo da moral vitoriana.

2. (Fuvest-SP) A enumeração de **substantivos** expressa gradação ascendente em:
a) "menino mais gracioso, inventivo e travesso".
b) "trazia-o amimado, asseado, enfeitado".
c) "gazear a escola, ir caçar ninhos de pássaros, ou perseguir lagartixas".
d) "papel de rei, ministro, general".
e) "tinha garbo (...), e gravidade, certa magnificência".

3. (UFSM-RS) Passando para o plural os substantivos compostos "mesinha-de-cabeceira" e "quarta-feira", a alternativa correta é a seguinte:
a) mesinhas-de-cabeceira, quartas-feiras.
b) mesinha-de-cabeceiras, quarta-feiras.
c) mesinha-de-cabeceira , quartas-feira.
d) mesinhas-de-cabeceiras, quartas-feiras.
e) mesinha-de-cabeceiras, quartas-feira.

4. (Unifor-CE) Assinale a alternativa correspondente a um **substantivo feminino**:
a) telefonema
b) eclipse
c) cal
d) clã
e) grama (unidade de medida)

5. (FGV-SP) Das alternativas abaixo, assinale aquela em que ao menos um plural NÃO está correto:
a) Mão, mãos; demão, demãos.
b) Capitão, capitães; ladrão, ladrões.
c) Pistão, pistões; encontrão, encontrões.
d) Portão, portões; cidadão, cidadães.
e) Capelão, capelães; escrivão, escrivães.

6. (BNB) Relacione os substantivos comuns ao seu substantivo coletivo e marque a alternativa que apresente a sequência CORRETA:

A. ( ) correição	1 - formiga
B. ( ) cordilheira	2 - alho
C. ( ) réstia	3 - montes
D. ( ) turba	4 - heróis
E. ( ) claque	5 - espectadores
F. ( ) falange	6 - ladrões

a) 6, 5, 4, 3, 2, 1
b) 1, 3, 2, 6, 5, 4
c) 2, 3, 4, 5, 1, 6
d) 4, 1, 6, 3, 2, 5
e) 5, 1, 3, 6, 4, 2

ARTIGO

1. (UFU-MG) Em uma das frases o artigo definido está empregado erradamente. Em qual?
a) A velha Roma está sendo modernizada.
b) A "Paraíba" é uma bela fragata.
c) Não reconheço agora a Lisboa do meu tempo.
d) O gato escaldado tem medo de água fria.
e) O Havre é um porto de muito movimento.

2. (Fatec-SP) Identifique em qual alternativa é errado colocar, após a palavra destacada, o artigo definido:
a) Afundou na lama **ambos** os pés.
b) **Todos** os dias passava por lá sem vê-la.
c) A **todo** passante perguntei, nenhum me informou.
d) **Toda** noite gotejou a torneira, não pude dormir.
e) N.d.a.

3. (UFSM-RS) Em "Vencer esse suposto paradoxo alfabetizando a população e incentivando-a a ler cada vez mais", as palavras sublinhadas classificam-se, respectivamente, como:
a) preposição, pronome oblíquo, artigo
b) pronome oblíquo, preposição, artigo
c) artigo, pronome oblíquo, preposição
d) preposição, artigo, pronome oblíquo
e) artigo, artigo, preposição

4. (USU-RJ) Assinale a opção em que a palavra **a** tem valor gramatical diferente de todas as outras:
a) Eu sou **a** indiferença.
b) Sou eu quem te sepulta **a** ideia imensa.
c) Marquei-te **a** fronte, mísero profeta!
d) Hoje veio **a** falar comigo.
e) Beijara **a** fronte sonhadora do poeta.

ADJETIVO

1. (UFV-MG) Assinale a alternativa em que não aparece adjetivo substantivado funcionando como sujeito:
a) Chorarão os religiosos.
b) Chorarão os velhos.
c) Chorarão os nobres.
d) Chorarão as mulheres.
e) Chorarão os inocentes.

2. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que a palavra sublinhada NÃO tem valor de **adjetivo**.
a) A malha <u>azul</u> estava molhada.
b) O sol desbotou o <u>verde</u> da bandeira.
c) Tinha os cabelos <u>branco-amarelados.</u>
d) As nuvens tornavam-se <u>cinzentas.</u>
e) O mendigo carregava um fardo <u>amarelado.</u>

3. (ITA-SP) Durante a Copa do Mundo deste ano, foi veiculada, em programa esportivo de uma emissora de TV, a notícia de que

um apostador inglês acertou o resultado de uma partida, porque seguiu os prognósticos de seu burro de estimação. Um dos comentaristas fez, então, a seguinte observação: "Já vi muito comentarista burro, mas burro comentarista é a primeira vez." Percebe-se que a classe gramatical das palavras se altera em função da ordem que elas assumem na expressão.

Assinale a alternativa em que isso **NÃO** ocorre:
a) obra grandiosa
b) jovem estudante
c) brasileiro trabalhador
d) velho chinês
e) fanático religioso

4. (FGV-SP) Observe a seguinte frase: Recorrendo a elas, arrisco-me a usar expressões técnicas, desconhecidas do público, e a ser tido por **pedante**. Das alternativas abaixo, assinale aquela em que a palavra sublinhada exerça a mesma função sintática de pedante, dessa frase.
a) As estações tinham passado **rápido**, sem que tivesse sido possível vê-las direito.
b) Fui julgado **culpado**, embora não houvesse provas decisivas a respeito do crime.
c) Ele era difícil de convencer, mas concordou quando a quantia foi **oferecida**.
d) Caminhou **depressa** por entre os coqueiros.
e) Ele passeou **demasiado** ontem; hoje, doem-lhe as pernas. Vai ser obrigado a deitar-se mais cedo.

5. (CPCAR-MG) Assinale a alternativa **incorreta** quanto à **morfologia**.
a) Em "Eu canto porque o instante existe / E a minha vida está completa", há conjunção coordenativa.
b) Os versos "Pensava em ti nas horas de tristeza, / Quando estes versos pálidos compus" apresentam interjeição, adjetivo e substantivo.
c) Nos versos "Embora o sopro ardente da calúnia crestasse os sonhos meus, / Nunca descri do bem da justiça, nunca descri de Deus", há três verbos.
d) O verso "Eras na vida a pomba predileta" apresenta verbo de ligação e substantivo.

6. (CPCAR-MG) A expressão assinalada tem valor adjetivo em todas as alternativas abaixo, **exceto** em:
a) espaço de tempo
b) missa das oito
c) toque de sineta
d) um dia de sol
e) não deverão de modo algum

NUMERAL

1. (FMU/FIAM/FAAM-SP) Gastei *trinta dias*...

A palavra em destaque é um numeral:
a) cardinal
b) ordinal
c) multiplicativo
d) fracionário
e) indefinido

2. (Unitau-SP) Observe:

I – "Essa atitude de certo modo religiosa de 'um' homem engajado no trabalho..."

II – "Pedro comprou 'um' jornal."

III – "Maria mora no apartamento 'um'."

IV – "Quantos namorados você tem? 'Um'."

A palavra "um" nas frases acima é, no plano morfológico, respectivamente:
a) artigo indefinido em I e numeral em II, III e IV.
b) artigo indefinido em I e II e numeral em III e IV.
c) artigo indefinido em I e III, e numeral em II e IV.
d) artigo indefinido em I, II, III e IV.
e) artigo indefinido em III e IV e numeral em I e II.

3. (Puc-Camp) Os ordinais referentes aos números 80, 300, 700 e 90 são, respectivamente:
a) octagésimo – trecentésimo – septigentésimo – nongentésimo
b) octogésimo – trecentésimo – septigentésimo – nonagésimo
c) octingentésimo – tricentésimo – septuagésimo – nonagésimo
d) octogésimo – tricentésimo – septuagésimo – nongentésimo
e) nenhuma das respostas anteriores.

4. (UFJF-MG) Marque o emprego incorreto do numeral:
a) século III (três)
b) página 102 (cento e dois)
c) 80º (octogésimo)
d) capítulo XI (onze)
e) X torno (décimo)

PRONOME

1. (ITA-SP) Assinale a incorreta:
a) Não se vá sem eu.
b) Ele é contra eu estar aqui.
c) Ele é contra mim, estar aqui é crime.
d) Como eu estava doente, não houve palestra.
e) Não haveria entre mim e ti entendimento possível.

2. (BNB) Na oração "Banco *algum* estava preocupado em agradar clientes.", a palavra em itálico corresponde a:
a) um entre dois
b) qualquer
c) um certo
d) determinado
e) nenhum

3. (BNB) Assinale a opção em que existe erro, quanto à classificação morfológica das palavras em itálico:
a) grandes instituições *estrangeiras* – adjetivo
b) tentando tomá-*las* – pronome pessoal do caso reto
c) *Otávio Castello Branco* – substantivo próprio
d) *uma* nova geração – artigo indefinido
e) Formar *pessoal* – substantivo coletivo

4. (FGV-SP) Observe: "O diretor perguntou: – Onde estão os estagiários? Mandaram-nos sair? Estão no andar de cima?". O **pronome** sublinhado pertence:
a) À terceira pessoa do plural.
b) À segunda pessoa do singular.
c) À terceira pessoa do singular.
d) À primeira pessoa do plural.
e) À segunda pessoa do plural.

5. (Mackenzie-SP) Assinale a alternativa correta.
a) De acordo com a gramática normativa, as palavras **espécie** e **três** são acentuadas por apresentarem vogal "e" na sílaba tônica.
b) O uso do pronome **ela** em *achou mais saboroso comer* ela *limpa*, embora comum na linguagem coloquial, não é apropriado a textos formais.
c) Em *Há quase 50 anos, na pequena ilha de Koshima, no Japão*, as vírgulas separam aposto explicativo.
d) Em *...o hábito se espalhou* pelos irmãos mais velhos..., a sequência em itálico tem função de agente da passiva.
e) No trecho *Ninguém sabe ao certo* se *ele percebeu...*, a conjunção em negrito introduz ideia de condição.

6. (ITA-SP) Assinale a opção em que o uso do pronome **NÃO** está de acordo com a norma padrão escrita. (Excertos extraídos e adaptados de *Folha de S.Paulo*, 1/11/1993.)
a) [O cineasta sofreu] um derrame, do qual não iria se recuperar mais.
b) [O rosto e a voz do cineasta] são aqueles os quais estamos acostumados, talvez um pouco mais cansados.
c) [Estar doente era] uma realidade sobre a qual [o cineasta] não sabia nada, sobre a qual jamais havia pensado.
d) [Com ele, o cinema] não é mais um meio; torna-se um fim, no qual o autor é a principal referência.
e) Depois de três cirurgias às quais se submetera, teve um ataque cardíaco.

7. (CPCAR) Assinale a alternativa onde o *pronome relativo*, em destaque, está corretamente interpretado e classificado quanto à sua função sintática.
a) "A equipe do doutor Berk acompanhou durante um ano 100 homens ***que*** já haviam enfartado (...)"
[que = 100 homens/objeto direto]
b) "Eles foram divididos em dois grupos, ***dos quais*** um era obrigado a assistir meia hora por dia a uma comédia televisiva."
[dos quais = dos dois grupos/adjunto adverbial]
c) "(...) são medidas ***que*** fazem viver mais e melhor."
[que = medidas/sujeito]

d) "O resultado foi surpreendente: os ***que*** foram submetidos às sessões de risadas (...)" [que = os/aposto]

8. (Mackenzie-SP) Mosquitos são elos fundamentais da cadeia alimentar **da qual você também faz parte**.

O trecho destacado pode ser corretamente substituído por:
a) na qual você também faz parte.
b) a qual você também faz parte.
c) onde você também faz parte.
d) que você também faz parte.
e) de que você também faz parte.

9. (TCU) Assinale a alternativa em que **o pronome oblíquo** foi empregado segundo o que recomenda a norma culta. Observe também a **flexão** dos verbos.
a) Quando nos vermos de novo, eu te cumprimentarei.
b) Quando nos vermos de novo, eu cumprimentar-te-ei.
c) Quando virmo-nos de novo, eu te comprimentarei.
d) Quando nos virmos de novo, eu te cumprimentarei.
e) Eu te cumprimentarei quando nos vermos de novo.

10. (TCU) Assinale a forma mais adequada, levando em consideração a flexão verbal e o emprego do **pronome de tratamento** e do sinal indicador de crase.
a) Vossa Excelência, o Presidente, vem com os ministros a reunião?
b) Sua Excelência, o Presidente, vem com os ministros à reunião?
c) Vossa Excelência, o Presidente, vêm com os ministros para a reunião?
d) Vossa Excelência, o Presidente, vem com os ministros na reunião?
e) Sua Excelência, o Presidente, vêm com os ministros para a reunião?

VERBO

1. (CPCAR) Assinale a alternativa em que os **verbos** foram empregados de acordo com a norma culta.
a) Ele havia entreaberto a porta e viu sua prima chegando.
b) Vós odiaste a candidata eleita?
c) Ele jamais foi aceitado pelos colegas de turma.
d) Todo recurso disponível já foi gastado pelo governo.

2. (CPCAR) Escreva **(V)** para as afirmativas verdadeiras e **(F)** para as falsas e, em seguida, assinale a alternativa com a sequência correta.

( ) No modo indicativo, o pretérito imperfeito expressa ação passada que se prolonga, o pretérito mais-que-perfeito expressa fato passado anterior a outro que também já é passado, e o pretérito perfeito expressa ação já concluída em época passada.

( ) No período: "Não deixeis para amanhã o que podeis fazer hoje.", os verbos estão, respectivamente, nos modos imperativo e indicativo.

( ) Na frase: "O diretor aborrecia-se sem razão.", o verbo está na voz passiva.

( ) Em "Precisa-se de candidatos aplicados.", tem-se voz ativa.

( ) Em "Não te destruas com álcool, fumo e demais drogas.", constata-se voz reflexiva.
a) V – F – F – V – V
b) V – V – F – V – V
c) F – V – V – F – F
d) F – F – V – F – F

3. (BNB) Em "E há sempre a possibilidade real de crescer no banco e vir a se tornar um sócio.", existe a presença do verbo **vir.**

Assinale a alternativa em que este verbo se encontra no futuro do pretérito.
a) O jovem talentoso vem chegando.
b) O lucro virá no fim do ano.
c) O investimento viera mas perdera-se na burocracia.
d) O cliente será bem atendido se vier negociar com o banco.
e) O sucesso viria se ele se esforçasse um pouco mais.

4. (FGV-SP) Assinale a alternativa que completa corretamente a frase:

_____os documentos que encaminharemos à Prefeitura.

a) Terá de serem formalizados.
b) Terão de ser formalizado.
c) Terá de ser formalizado.
d) Terão de serem formalizados.
e) Terão de ser formalizados.

5. (Fuvest-SP) Dos **verbos** assinalados, só está corretamente empregado o que aparece na frase:

a) A atual administração quer **crescer** a arrecadação do IPTU em 40%.
b) A economia latino-americana se modernizou sem que a estrutura de renda da região **acompanhou** as transformações.
c) Se **fazer** previsões sobre a situação econômica já era difícil antes das eleições, agora ficou ainda mais complicado.
d) A indústria ficará satisfeita só quando vender metade do estoque e **transpor** o obstáculo dos juros.
e) Por mais que os leitores se **apropriam** de um livro, no final, livro e leitor tornam-se uma só coisa.

6. (FGV-SP) Assinale a alternativa que contenha, corretamente, os verbos das orações abaixo no futuro do subjuntivo.

a) Se o menino se entretiver com o cão que passear na rua...
Se não couber na bolsa o frasco que você me emprestar...
b) Se o menino se entreter com o cão que passear na rua...
Se não caber na bolsa o frasco que você me emprestar...
c) Se o menino se entretiver com o cão que passear na rua...
Se não caber na bolsa o frasco que você me emprestar...
d) Se o menino se entreter com o cão que passear na rua...
Se não couber na bolsa o frasco que você me emprestar...
e) Se o menino se entretesse com o cão que passeava na rua...
Se não cabesse na bolsa o frasco que você me emprestasse...

7. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que o particípio sublinhado está corretamente utilizado.

a) O diretor tinha <u>suspenso</u> a edição do jornal antes da publicação da notícia.
b) Lourival tinha <u>chego</u> ao mercado. Marli o esperava próxima da barraca de frutas.
c) O coroinha havia já <u>disperso</u> a multidão que estava em volta da Matriz.
d) A correspondência não foi <u>entregue</u> no escritório.
e) Diogo tinha <u>expulso</u> os índios que cercavam o povoado.

8. (FGV-SP) Na língua portuguesa, às vezes, verbos diferentes assumem a mesma forma verbal. Isso NÃO OCORRE em:

a) Fui, pretérito perfeito do indicativo de ir e de ser.
b) Viemos, pretérito perfeito do indicativo de vir e presente do indicativo de ver.
c) Vimos, pretérito perfeito do indicativo de ver e presente do indicativo de vir.
d) For, futuro do subjuntivo de ir e de ser.
e) Fora, pretérito mais-que-perfeito do indicativo de ir e de ser.

9. (FGV-SP) Examine o termo sublinhado nos períodos abaixo.

• O frasco maior *contém* mais líquido, é evidente.

• O relato da testemunha não *condiz* com os fatos apontados pelos peritos.

• Ele não *intervirá* na questão entre o árbitro e o atleta.

Assinale a alternativa correta a respeito desses verbos, colocados no pretérito perfeito, mas mantida a pessoa gramatical.

a) Conteve, condiria, interveio.
b) Conteu, condizia, interveio.
c) Conteve, condisse, interveio.
d) Conteu, condisse, interviu.
e) Continha, condizeu, interviu.

10. (FGV-SP) Em uma das alternativas abaixo, o verbo está em **desacordo** com a norma culta. Assinale-a.

a) Lastimo que você seja parente dele: não há como evitar a pena e, pior, ela deve ser longa.

b) Caso ele for fazer o trabalho escolar na minha casa, vamos precisar encomendar algo para comer.
c) De qualquer jeito, o professor quer que eu vá à reunião. Diz que minha presença é necessária, não sei por quê.
d) Se ele supuser que os frades estejam na Capela de Santa Filomena, vai perder um tempo imenso.
e) Como Juca permaneceu muito tempo em cada time em que jogou, fazia meses que ele não estreava.

11. (FGV-SP) Em qual das alternativas não há a necessária correlação temporal das formas verbais?
a) A festa aconteceu no mesmo edifício em que transcorrera o passamento de José Mateus, vinte anos antes.
b) Quando Estela descer da carruagem, poderia acontecer-lhe uma desgraça se o cocheiro não dispuser adequadamente o estribo.
c) Tendo visto o pasto verde, o cavalo pôs-se a correr sem que alguém pudesse controlá-lo.
d) Pelo porte, pelo garbo, todos perceberam que Antônio Sé fora militar de alta patente.
e) Se o policial não tivesse intervindo a tempo, teria ocorrido a queda do canhão.

12. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que todos os verbos estejam empregados de acordo com a norma culta.
a) Você quer, depois de tudo o que me fez, que eu vou ao jantar com sua amiga?
b) Não faz isso, que os meninos estão para chegar e eu ainda não preparei o almoço.
c) Tende dó, meus filhos! Todos nós, pecadores, estamos sujeitos a essas tentações. Tende dó!
d) Quem haveria de dizer que ele pode vim fazer esse conserto sem nenhuma dificuldade?
e) Sai, que esse dinheiro é meu. Não me venha dizer que o viu primeiro.

13. (Fuvest-SP) Entre as mensagens abaixo, a única que está de acordo com a norma escrita culta é:
a) Confira as receitas incríveis preparadas para você. Clica aqui!
b) Mostra que você tem bom coração. Contri*bua* para a campanha do agasalho!
c) Cura-te a ti mesmo e seja feliz!
d) Não subestime o consumidor. Venda produtos de boa procedência.
e) Em caso de acidente, não siga viagem. Pede o apoio de um policial.

14. (Unifesp) Há certos verbos cujas flexões se desviam do paradigma de sua conjugação. São considerados, por isso, irregulares. Alguns deles são: dar, estar, fazer, ser e ir. Na estrofe de "O menino da porteira", ocorrem verbos dessa natureza. A alternativa que os contém é:
a) "Toda vez que eu viajava" e "De longe eu avistava".
b) "De longe eu avistava" e "Que corria abri[r] a porteira".
c) "Que corria abri[r] a porteira" e "— Toque o berrante, seu moço,".
d) "Que corria abri[r] a porteira" e "Que é p'ra mim ficá[r] ouvindo".
e) "Depois vinha me pedindo:" e "Que é p'ra mim ficá[r] ouvindo".

15. (Fuvest-SP) Transpondo-se corretamente para a voz **ativa** a oração "para serem instruídos por um astrônomo (...)", obtém-se:
a) para que sejam instruídos por um astrônomo (...).
b) para um astrônomo os instruírem (...).
c) para que um astrônomo lhes instruíssem (...).
d) para um astrônomo instruí-los (...).
e) para que fossem instruídos por um astrônomo (...).

ADVÉRBIO

1. (Fuvest-SP) Na frase "O Sol ainda produzirá energia (...)", o advérbio ainda tem o mesmo sentido que em:
a) Ainda lutando, nada conseguirá.
b) Há ainda outras pessoas envolvidas no caso.
c) Ainda há cinco minutos ela estava aqui.
d) Um dia ele voltará, e ela estará ainda à sua espera.
e) Sei que ainda serás rico.

2. (ITA-SP - adaptado) Geralmente a negação é expressa por meio de advérbios ou locuções adverbiais (não, tampouco, absolutamente, de modo algum, de jeito nenhum). Porém, existem

outras maneiras de negar. Aponte a opção em que, no enunciado, **NÃO** há ideia de negação.

a) Em 76 dos 96 distritos da cidade [de São Paulo], a falta de planejamento adequado aprofundou as desigualdades que eram enormes. (Pesquisa Fapesp, janeiro/2003, n. 83, p. 7.)

b) Metade das pacientes consome o Evista e a outra metade, um placebo. Nenhum dos dois grupos abandonou seus medicamentos habituais para doenças cardiovasculares. (Idem, p. 22.)

c) O que nós temos recomendado, agora, é que o pesquisador não só participe da execução da pesquisa, mas também da sua concepção. (Idem, p. 24.)

d) Esses dados preliminares mostram que dificilmente será possível aumentar de forma significativa – e não predatória – a quantidade de pescado marinho capturado pelo Brasil em sua Zona Econômica Exclusiva (ZEE). (Idem, p. 34)

e) Pesquisadores da Universidade de Oxford, no Reino Unido, constataram que roedores contaminados com o parasita (...) deixam de exibir a aversão natural aos gatos e, em alguns casos, passam a se sentir atraídos pelo odor dos bichanos.

3. (FAAP-SP) Em "... o queixo fugia-lhe pelo rosto, **infinitamente**, ...", o advérbio revela uma figura de linguagem:

a) polissíndeto
b) hipérbole
c) anacoluto
d) prosopopeia
e) silepse

4. (UFCE) Empregando o sufixo ***-mente***, substitua as expressões grifadas por um advérbio, cujo sentido seja equivalente ao da expressão substituída.

a) Pouco a pouco, o poeta aprenderia a partir sem medo.

b) Sem dúvida alguma, a lua nova é mais alegre que a cheia.

c) Ele ganhou um novo quarto e a aurora, ao mesmo tempo.

d) Passou dez anos, sem interrupção, com a janela virada para o pátio.

e) O poeta, por exceção, prefere a lua nova.

5. (PUC-Camp) A alternativa em que o advérbio exprime ideia de intensidade é:

a) A sociedade parece ser pouco sensível.

b) Usuários fazem sempre um pequeno comércio.

c) ... atitude essa centrada, evidentemente, em aspectos repressivos.

d) ... somente penalizando traficantes e usuários.

e) ... duplamente penalizados.

PREPOSIÇÃO

1. (UCDB-MT) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.

Um dos candidatos ___ prefeito de São Paulo informou ___ assessores ___ não receberá os jornalistas.

a) à – os – de que

b) à – os – que

c) a – aos – de que

d) à – os – que

e) a – aos – que

2. (FGV-SP) Observe os termos sublinhados nas seguintes frases:

• Chegou a hora do público se manifestar contra a publicação desse impostor.

• As palmas do público ecoavam pelo teatro, em apoio à proposta de Nabuco.

• Vista do público, a cantora parecia bonita; da coxia, percebia-se que era feia.

Sobre eles, é correto afirmar:

a) Para o segundo exemplo, vários gramáticos recomendam a forma **de o** em lugar de **do**, porque a preposição está regendo o sujeito.

b) Para o terceiro exemplo, vários gramáticos recomendam a forma **de o** em lugar de **do**, porque a preposição está regendo o sujeito.

c) Nos três exemplos, os termos sublinhados exercem a mesma função sintática de adjunto adverbial.

d) No primeiro e no segundo exemplos, os termos sublinhados exercem a mesma função sintática de adjunto adnominal.

e) Para o primeiro exemplo, vários gramáticos recomendam a forma **de o** em lugar de **do**, porque *o público* é sujeito, que não deve ser iniciado por preposição.

3. (Mackenzie-SP) Poder pagar faz parte do projeto, **ao devolver a auto-estima e a dignidade**.

Respeitado o sentido original, assinale a construção que poderia substituir o trecho em destaque.

a) por devolver a auto-estima e a dignidade.
b) se devolver a auto-estima e a dignidade.
c) assim que devolve a auto-estima e a dignidade.
d) apenas se devolver a auto-estima e a dignidade.
e) quando devolvidas a auto-estima e a dignidade.

4. (CEETPS)

"Apesar das conjunturas negativas, superamos obstáculos."

Analise as afirmações a seguir sobre o enunciado em destaque:

I. A expressão "apesar de" presta-se a fazer uma comparação de igualdade, em que os elementos comparados têm igual relevância.
II. A expressão "apesar de" estabelece uma relação de importância relativa do elemento *conjunturas negativas*, em relação a outro, mais importante, *superamos obstáculos*.
III. O texto em destaque poderia ser assim enunciado: Mesmo considerando conjunturas negativas, superamos obstáculos.

A alternativa com todas as afirmações válidas é:

a) apenas I
b) apenas II
c) apenas III
d) apenas I e II
e) apenas II e III

5. (Unifesp) A alternativa em que o uso da preposição em destaque tem função mais estilística do que gramatical é:

a) ... quando estava com ela...
b) Do fruto das árvores do jardim podemos comer.
c) ... e fizeram para si coberturas para os lombos.
d) ... ela começou dizer à mulher...
e) Depois deu também dele a seu esposo...

CRASE

1. (FGV-SP) Assinale a alternativa correta quanto à ocorrência ou não da **crase**.

a) Juliana enviou os papéis **à** Secretaria, que os encaminhou **à** Gerência.
b) Devido **a** morte do pai, deixou de comparecer **à** solenidade.
c) Passaram-se três meses até que Lucas atendesse **à** qualquer cliente.
d) O médico costumava atender de segunda **à** sexta-feira, das 14 **as** 18h.
e) Trouxera **a** mão várias armas, que lançou **as** costas dos inimigos.

2. (PUC-PR) Assinale a alternativa em que o elemento colocado entre parênteses **não** preenche corretamente os pontilhados.

a) Por favor, entrem e fiquem ..... vontade. (à)
b) Ele voltará daqui ..... meia hora. (a)
c) Sentou-se ..... mesa, mas não comeu nada. (à)
d) Dirigiu-se ao quadro-negro e começou ..... escrever. (a)
e) O velho matou o gato ..... pauladas. (à)

3. (UCDB-MT) Assinale a alternativa em que o a deve obrigatoriamente receber o acento grave, indicador de crase.

a) O progresso finalmente chegou **a** essa cidade.
b) A menina perguntou **a** sua mãe se ela gosta de viajar.
c) Pediram **a** Maria que ficasse calma.
d) O professor referia-se **a** aluna que estava ausente.
e) A renda destinava-se **a** associações de caridade.

4. (UCDB-MT) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.

Como ___ anos, sentaram-se todos __ mesa e começaram __ conversar animadamente.

a) a – a – à
b) à – à – a
c) à – à – à
d) há – a – a
e) há – à – a

5. (UCDB-MT) Assinale a alternativa em que o uso da crase é facultativo.

a) A vontade dele era ir à Itália.
b) Comprou móveis à Luís XV.
c) Dei um presente à minha irmã.
d) Assistiram àquela sessão de cinema.
e) Fumar é prejudicial à saúde.

6. (MPO) Indique o item em que, de acordo com as regras gramaticais, o **a** deve receber o acento indicativo de crase.

A visão destes anos 80 mostra uma sociedade cindida de ponta **a** (A) ponta e em cada detalhe da vida social por conflitos heterogêneos, fragmentados, violentos, mobilizantes. Cada movimento destes se faz por conflitos distintos e reconhece **a** (B) si mesmo em espaço político próprio. E o Estado, em cujo espaço institucional se traduzem os efeitos de uma sociedade plural e desigual, formaliza suas reações **a** (C) mobilização social. Nestes tempos turbulentos os governantes imaginaram uma forma de exercício de poder que conciliasse **a** (D) emergência dos novos direitos com os limites autoritários de sua gerência. O Executivo se lança, então, **a** (E) experiências várias de contenção social.

a) A b) B c) C d) D e) E

7. (TTN) Indique a letra em que os termos preenchem corretamente, pela ordem, as lacunas do trecho dado.

Assustada _____ família com os versos em que o via sempre ocupado, foi reclamar ao grande mestre que não o via estudar em casa, ao que lhe foi respondido que _____ sua assiduidade e aplicação ___ aulas nada deixavam ___ desejar. Era o que bastava e daí por diante continuou tranquilo a ler e fazer versos. (*Francisco Venâncio Filho*).

a) a – à – às – a
b) a – a – às – a
c) à – a – as – à
d) à – à – às – a
e) à – a – as – à

CONJUNÇÃO

1. (UFCE) Observe a forma grifada nos períodos abaixo:

I. Havia bichos domésticos, como o Padilha.
II. Como lhes disse, fui guia de cego.

A relação de sentido estabelecida por esta forma é de:

a) comparação nas duas frases.
b) conformidade nas duas frases.
c) comparação apenas em II.
d) conformidade apenas em II.
e) exemplificação nas duas frases.

2. (PUC-PR) Assinale a alternativa em que o termo colocado entre parênteses não substitui com o mesmo sentido o termo sublinhado da frase.

a) Não merecemos nenhum castigo, dado que nada fizemos. (pois que)
b) Ele chegará cedo ao trabalho, salvo se o trânsito o impedir. (a não ser que)
c) Eu não quis ofendê-lo; depois, nem o conhecia direito. (ademais)
d) Resolvemos partir, conquanto tivesse chovido muito à noite. (embora)
e) Você participou da festa; diga-me, pois, o que aconteceu. (contudo)

3. (Puc-Camp) "Talvez o dinheiro pago hoje aos fotógrafos leve-os a cometerem excessos", sugeriu o fotógrafo que inspirou o personagem do filme de Fellini. "Mas não existem justificativas para culpá-los." Fotos de Diana valiam muito porque ela era sucesso de público, e suas aparições eram virtuosas performances para que se tirassem fotos e se tivesse uma história.

As conjunções grifadas expressam ideia, respectivamente, de:

a) conclusão e explicação
b) adição e causa
c) alternância e tempo
d) concessão e consequência
e) contraste e finalidade

4. (AFR-Vunesp) *Os provedores argumentam que não têm de pagar o imposto porque não são, por lei, considerados empresas de telecomunicação,* mas *apenas prestadores de serviço.* (*Veja*, 08/01/97, p. 17)

A conjunção **mas** destacada no texto estabelece entre as orações uma relação de:

a) tempo
b) adição
c) consequência
d) causa
e) oposição

5. (AFR-Vunesp) A alternativa que substitui, correta e respectivamente, as conjunções ou locuções grifadas nos períodos abaixo é:
I. Visto que pretende deixar-nos, preparamos uma festa de despedida.
II. Terá sucesso, contanto que tenha amigos influentes.
III. Casaram-se e viveram felizes, tudo como estava escrito nas estrelas.
IV. Foi transferido, portanto não nos veremos com muita frequência.

a) porque ainda que	mesmo que	segundo
b) como logo	desde que	conforme
c) quando tão logo	caso	segundo
d) salvo se pois	a menos que	conforme
e) pois entretanto	mesmo que	segundo

6. (CPCAR) Assinale a alternativa correta do ponto de vista **morfológico**.
a) Em "Vê-se que o mundo agora é outro", há conjunção subordinativa causal.
b) Em "Este é o poema de que lhe falei outro dia", há conjunção integrante com valor de pronome relativo.
c) Em "João viu-se em perigo", o "se" é partícula de realce.
d) Em "Penso que a paz deve reger a humanidade", há conjunção integrante.

7. (TCU) Escreva, diante de cada texto, o número do item que preenche corretamente a lacuna:
( ) Deve-se entender como 'prestação de serviço', _____ definição insculpida no texto da Lei de Licitações e Contratos (art. 6º, II), a atividade contratada pela Administração com a finalidade de alcançar determinada utilidade de seu interesse.
( ) O dimensionamento da duração dos contratos, previsto no inciso II, do art. 57, da Lei nº 8.666/93, pode e deve ser feito pela Administração sempre com a finalidade de obter maior economicidade, respeitado, _____, o limite máximo de duração em lei fixado (60 meses).
( ) Não possuindo o contrato de transporte aéreo, exigência eventual para a Administração, deve ele observar a regra de duração dos prazos prevista no art. 57, inciso II, da Lei 8.666/93, não estando, _____, a sua duração adstrita à vigência dos respectivos créditos orçamentários.
( ) A contratação de transporte aéreo e a prestação de fornecimento de passagens não possuem a condição de fornecimento, _____ não se pode, nesse negócio, visualizar, como elemento de identificação, o simples ato de emissão do bilhete de passagem, que constitui mera autorização para o uso do meio de transporte.
( ) Para que dúvidas não viessem a subsistir, a título de exemplo, pode-se afirmar que, _____ regido por normas do extinto Decreto-lei nº 2.300/86, o contrato poderia ter a sua duração dimensionada com vistas à obtenção de preços e condições mais vantajosos para a Administração.
( ) Inadimplindo o contratado suas obrigações, a sanção administrativa pertinente lhe deverá ser aplicada, apenas necessitando a Administração _____ disponha o instrumento contratual de previsão do percentual relativo à multa aplicável no caso concreto.
( ) A Lei nº 8.666/93, ao dispor sobre a duração dos contratos, o fez de tal modo que, _____ não haja específica previsão, se o prazo máximo não foi alcançado, terá a Administração a possibilidade legal de realizar o dimensionamento dessa duração, até o limite estabelecido.

(Leon Frejda Szlarowsky, com adaptações)

(1) que	(5) ainda que
(2) já que	(6) embora
(3) consoante	(7) portanto
(4) no entanto	

A sequência numérica correta é:
a) 4, 1, 3, 6, 7, 2, 5
b) 3, 4, 7, 2, 6, 1, 5
c) 5, 3, 1, 6, 7, 2, 4
d) 3, 1, 5, 7, 2, 4, 6
e) 5, 6, 1, 3, 2, 7, 4

8. (Fuvest-SP) Em "Era a flor, e não já da escola, senão de toda a cidade.", a palavra assinalada

pode ser substituída, sem que haja alteração de sentido, por:

a) mas sim.
b) de outro modo.
c) exceto.
d) portanto.
e) ou.

9. (Mackenzie-SP) Assinale a alternativa em que a palavra "como" assume a mesma função que exerce em como fosse trazido à sua presença um pirata.

a) Como você conseguiu chegar até aqui?
b) Como todos podem ver, a situação não é das melhores.
c) Não só leu os livros indicados, como também outros de interesse pessoal.
d) Como não telefonou, resolvi procurá-lo pessoalmente.
e) O arquiteto projetou o jardim exatamente como lhe pediram.

SEMÂNTICA

SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS

1. (CEETPS) "Um dos motivos pelos quais a teoria da sustentabilidade não chega, muitas vezes, à prática é que as atitudes predatórias são muito **arraigadas** nas elites política e empresarial."

Assinale a alternativa que contém **sinônimo** para a palavra destacada no texto:

a) essas atitudes estão **fixadas** nas elites
b) essas atitudes são **deixadas de lado** pelas elites
c) essas atitudes são **rejeitadas** pelas elites
d) essas atitudes são **desaprovadas** pelas elites
e) essas atitudes são **repelidas** pelas elites

2. (AFR-Vunesp) Assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, as lacunas nos enunciados abaixo.

Aguarda-se a _____ do terreno para a construção do prédio.
Para dar conta da tarefa, a equipe precisou _____ a camisa.
Trata-se de quantia _____, que poderá levá-lo à falência.

a) cessão	suar	vultosa
b) sessão	soar	vultuosa
c) seção	suar	vultuosa
d) cessão	soar	vultosa
e) secção	soar	vultuosa

3. (BNB) Assinale a alternativa que apresenta pares de palavras homófonas, homógrafas e parônimas de acordo com a sequência:

a) sela/cela, sede (ê)/sede, lustro/lustre
b) acidente/incidente, conserto/concerto, olho (ô)/olho
c) manga/manga, inapto/inepto, russo/ruço
d) paço/passo, lactante/lactente, caçar/cassar
e) diferir/deferir, cheque/xeque, canto/canto

4. (IME-RJ) Indique a alternativa que completa corretamente a frase abaixo:

"Foram _____ as quantias _____ para a realização da festa, a que compareceram personalidades _____ da cidade."

a) vultosas – dispendidas – iminentes.
b) vultosas – despendidas – eminentes.
c) vultuosas – dispendidas – eminentes.
d) vultuosas – despendidas – iminentes.
e) vultuosas – dispendidas – iminentes.

5. (UCDB-MT) Assinale a alternativa incorreta.

a) absolver = perdoar / absorver = sorver
b) coser = costurar / cozer = cozinhar
c) cerrar = fechar / serrar = cortar
d) cela = arreio / sela = pequeno quarto
e) comprimento = extensão / cumprimento = saudação

6. (BNB) Assinale a alternativa que apresenta o sinônimo da palavra em itálico na oração: "A mudança de diretrizes dos bancos de investimento é digna de *encômios*".

a) alegrias
b) elogios
c) tristezas
d) cuidados
e) críticas

7. (FGV-SP) Assinale a alternativa correta quanto à relação grafia/significado.
a) Para sonhar, basta serrar os olhos.
b) Receba meus comprimentos por seu aniversário.
c) A secretária agiu com muita discrição.
d) Seus gastos foram vultuosos.
e) Tinha ainda conhecimentos insipientes de Matemática.

8. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que, pelo sentido, o vocábulo sublinhado esteja mal utilizado:
a) A classificação era sempre dicotômica: homens e mulheres, adultos e crianças, vertebrados e invertebrados.
b) Uma parcela da população – o seguimento das pessoas idosas – será explorada nos próximos anos.
c) A inflação continuava, mas seu incremento era cada vez menor.
d) Na orla marítima, as residências de verão seguiam cada vez mais caras.
e) O termo refere-se à relação entre um estado subjacente de uma pessoa e seu comportamento manifesto.

9. (Fuvest-SP)

CONTRA A MARÉ

A tribo dos que preferem ficar à margem da corrida dos bits e bytes não é minguada. Mas são os renitentes que fazem a tecnologia ficar mais fácil.

Nesta nota jornalística, a expressão "contra a maré" liga-se, quanto ao sentido que ela aí assume, à palavra:
a) tribo.
b) minguada.
c) renitentes.
d) tecnologia.
e) fácil.

10. (CPCAR) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas abaixo.

O motorista_____ ultrapassou o sinal vermelho, atrapalhando o _____ da avenida. O guarda de trânsito lhe _____ uma rigorosa multa.
a) despercebido – tráfico – infringiu
b) desapercebido – tráfico – infligiu
c) desapercebido – tráfego – infringiu
d) despercebido – tráfego – infligiu

SINTAXE

PREDICAÇÃO VERBAL

1. (CPCAR) Leia as frases abaixo
I – "O ser que é ser transforma tudo em flores."
II – "Fica sereno, num sorriso justo."
III – "Enquanto tudo em derredor oscila."
IV – "Quando rimos, rimos com o corpo todo."
Quanto à regência dos verbos acima, pode-se dizer que
a) ***transformar*** e ***ficar*** são transitivos.
b) ***ser***, ***ficar*** e ***rir*** são de ligação.
c) ***oscilar*** e ***rir*** são intransitivos.
d) ***transformar*** e ***rir*** são transitivos diretos e indiretos.

2. (PUC-SP) Na relação entre termos regentes e termos regidos, há verbos transitivos que necessitam de uma preposição para estabelecer um nexo de dependência sintético-semântica entre as palavras. Assinale a alternativa que apresenta verbo transitivo indireto.
a) "... difundindo-se por todas as camadas sociais e irradiando-se do privado para o público."
b) "... voltada para o mercado interno..."
c) "Apenas no domínio público encontrava alguma rivalidade do português."
d) "São Paulo colonial esteve, até certo ponto, à margem da economia de exportação."
e) "... como Luíza Esteves, que em 1636 precisou de um intérprete para dialogar com o juiz de órfãos..."

3. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que, pelo menos, um verbo esteja sendo usado como transitivo direto.
a) Dependeu o coveiro de alguém que rezasse.

b) Oremos, irmãos!
c) Chega o primeiro raio da manhã.
d) Loureiro escolheu-nos como padrinhos.
e) Contava com o auxílio de Marina para cuidar do evento.

4. (UFPI) Em qual das alternativas **não** há verbo de ligação?
a) "O que está em jogo..."
b) "... mas os resultados não foram equivalentes."
c) "... o ministro está convicto..."
d) "... o líder tucano estava mal-informado"
e) "As declarações parecem viáveis."

5. (UFRJ) A alternativa em que está correta a classificação do verbo ***dar*** quanto à predicação é:
a) Dei com os dois velhos sentados. (transitivo direto)
b) Os jornais não deram a notícia. (transitivo indireto)
c) O relógio deu onze horas. (transitivo direto e indireto)
d) Quem dá aos pobres empresta a Deus. (intransitivo)
e) Esse dinheiro não dá. (intransitivo.)

TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO

1. (UFU-MG) Assinale a única alternativa em que a palavra em destaque não está determinando o **sujeito**.
a) "Achei-o um pouco **abatido**. Mais magro". (G. Rosa)
b) "E a enchente crescia. O caudal, **barrento**, oscilava aos golpes..." (G. Rosa)
c) "João do Quintiliano saiu **furioso**." (G. Rosa)
d) "... fitou-me com um olhar novo, quase prometedor. Fiquei **sério**." (G. Rosa)
e) "O caixeiro-viajante sairá **assombrado**. (J. Amado)

2. (UCDB-MT) "A frequência com que se desmontam boas comissões técnicas em função das meras preferências pessoais do treinador é assustadora." (Juca Kfouri)
O sujeito do verbo **desmontar** é:
a) boas comissões técnicas
b) a frequência
c) preferências profissionais
d) indeterminado
e) inexistente

3. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que o pronome você exerça a função de sujeito do verbo sublinhado.
a) Cabe a você alcançar aquela peça do maleiro.
b) Não enchas o balão de ar, pois ele pode ser levado pelo vento.
c) Ao chegar, vi você perambulando pelo shopping center da Mooca.
d) Ei, você, posso entrar por esta rua?
e) Na Estação Trianon-Masp desceu a Angelina; na Consolação, desceu você.

4. (UFRN) Considerando a oração *que se destaquem também as desigualdades étnicas*, marque a opção correta:
a) O verbo está no plural para concordar com a expressão *as desigualdades étnicas*.
b) O verbo encontra-se na 3ª pessoa do plural porque o sujeito é indeterminado.
c) A expressão *as desigualdades étnicas* exerce função sintática de objeto direto.
d) O vocábulo *étnicas* exerce função sintática de complemento nominal.

TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO

1. (UCDB-MT) Assinale a alternativa em que o pronome nos tem a função de objeto direto.
a) Os diretores escutaram-nos atentamente.
b) Custou-nos aceitar a proposta.
c) Escreveram-nos uma longa carta.
d) O estagiário obedeceu-nos sem reclamar.
e) Deram-nos uma boa notícia.

2. (UEPA) Assinale a alternativa em que o pronome **lhe** não foi empregado na função de objeto indireto.
a) "Trago-lhe o grande homem que há de ser, disse ele ao reitor."
b) "Ela manda chamar meu padrinho, diz-lhe que quer que eu saia do seminário..."
c) "Já lhe digo, não pratiquei nenhum crime, isso juro."
d) "Afinal Damião contou tudo, o desgosto que lhe dava o seminário."
e) "Damião viu-se perdido... beijou-lhe as mãos, desesperado."

3. (CPCAR) Analisando o período "O senhor já pensou em usar lentes de contato, senhor Van Gogh?", é correto afirmar que

a) a oração "***em usar lentes de contato***" funciona como objeto indireto do verbo ***pensar***.
b) ele é constituído de uma oração absoluta, portanto, pode ser considerado uma frase.
c) o núcleo do objeto direto do verbo ***usar*** é o vocábulo ***lentes***, cujo complemento nominal é a expressão ***de contato***.
d) a expressão ***senhor Van Gogh*** tem função de aposto; pode, por isso, ser eliminada da frase sem prejuízo ao sentido.

4. (UFRN) Assinale a opção na qual a parte destacada equivale, sintaticamente, ao pronome LHE:
a) O analfabetismo entre os brancos desceu à taxa bastante acentuada, segundo dados do IBGE.
b) O censo forneceu à pesquisadora do IBGE subsídios para desmistificar a democracia racial.
c) O convívio pouco hostil entre brancos e negros mascara a discrepância socioeconômica entre os dois grupos.
d) O cruzamento dos dados do último censo do IBGE mostra a suposta divisão igualitária entre brancos e negros.

5. (FGV-SP) Em cada uma das alternativas abaixo, está sublinhado um termo iniciado por preposição. Assinale a alternativa em que esse termo **não é objeto indireto**.
a) O rapaz aludiu *às histórias passadas*, quando nossa bela Eugênia ainda era praticamente uma criança.
b) Quando voltei da Romênia, o Brasil todo assistia *à novela* da Globo, todos os dias.
c) Quem disse *a Joaquina* que as batatas deveriam cozer-se devagar?
d) Com a aterrissagem, o aviador logo transmitiu *ao público* a melhor das impressões.
e) Foi fiel *à lei* durante todos os anos que passou nos Açores.

6. (PUC-PR) Observe a frase que segue:

"Não posso lhe garantir que todos estarão presentes à sua festa de formatura."

Do enunciado acima, pode-se afirmar que a parte sublinhada desempenha a função de:
a) sujeito de **posso**
b) objeto direto de **posso**
c) objeto indireto de **posso**
d) objeto direto de **garantir**
e) objeto indireto de **garantir**

7. (BNB) Em "A dedicação ao trabalho ***te*** enche de glória e ***te*** faz ***vencedor***", as palavras em itálico são respectivamente:
a) objeto direto, objeto indireto, objeto direto
b) objeto indireto, objeto indireto, predicativo do sujeito
c) adjunto adnominal, adjunto adnominal, objeto direto
d) objeto direto, objeto direto, predicativo do objeto
e) predicativo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto

TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO

1. (Unirio-RJ) Em "Passamos então nós dois, privilegiadas criaturas, a regalar-nos com a mesa...", a função sintática do termo sublinhado é:
a) sujeito
b) objeto direto
c) aposto
d) adjunto adverbial
e) vocativo

2. (Unifor-CE) Ela fugiu durante a invasão das tropas alemãs.

A função sintática do termo sublinhado na frase acima é a mesma do que vem sublinhado em:
a) A menina voltou feliz do internato.
b) Um galo sozinho não tece uma manhã.
c) Fiquei contrariada com a sua resposta.
d) Sua mãe não me parece bem.
e) Os ingleses desocuparam a vila.

3. (CETEF-MG) Em: "Em pequena, Virgínia vira uma sala repleta de móveis onde havia uma estante com livros encadernados de dourado e preto.", os termos destacados têm a função sintática de:
a) complemento nominal e objeto indireto
b) adjunto adverbial e adjunto adnominal
c) adjunto adverbial e complemento nominal

d) adjunto adnominal e complemento nominal

e) complemento nominal e adjunto adnominal

4. (UniFEI-SP) Resolva as questões a seguir conforme o código que segue:

a) adjunto adverbial de lugar

b) adjunto adverbial de tempo

c) adjunto adverbial de modo

d) adjunto adverbial de causa

I – **Segunda-feira** haverá um jogo importante.

II – **Com o mau tempo** não podemos trabalhar ao relento.

III – O livro foi acolhido **com entusiasmo** pelos leitores.

IV – O automóvel parou **perto do rio**.

5. (UECE) Ocorre vocativo em:

a) "Então, senhora linha, ainda teima..."

b) "Entre os dedos dele, unidinha a eles, furando abaixo e acima..."

c) "A senhora não é alfinete, é agulha."

d) "Mas você é orgulhosa."

PERÍODO COMPOSTO

1. (FGV-SP) Observe os períodos abaixo, diferentes quanto **à pontuação**.

- Adoeci logo; não me tratei.
- Adoeci; logo não me tratei.

A observação atenta desses períodos permite dizer que:

a) No primeiro, **logo** é um advérbio de tempo; no segundo, uma conjunção causal.

b) No primeiro, **logo** é uma palavra invariável; no segundo, uma palavra variável.

c) No primeiro, as orações estão coordenadas sem a presença de conjunção; na segunda, com a presença de uma conjunção conclusiva.

d) No primeiro, as orações estão coordenadas com a presença de conjunção; na segunda, sem conjunção alguma.

e) No primeiro, a segunda oração indica alternância; no segundo, a segunda oração indica a consequência.

2. (Unifesp) A frase "Contudo, não a minha vontade, mas a tua seja feita!" contém dois conectivos adversativos. O conectivo mas estabelece coesão entre a oração "a tua [vontade] seja feita" e a oração "não [seja feita] a minha vontade." O conectivo contudo estabelece coesão entre:

a) a oração implícita *[se não queres]* e a oração *não [seja feita] a minha vontade*.

b) a oração *se queres* e a oração *não [seja feita] a minha vontade*.

c) a oração *afasta de mim este cálice!* e a oração *a tua [vontade] seja feita*.

d) a oração implícita *[se não queres]* e a oração *a tua [vontade] seja feita*.

e) a oração *a tua [vontade] seja feita* e a oração *não [seja feita] a minha vontade*.

3. (AFR-VUNESP) Assinale a alternativa em que as orações grifadas nos períodos I e II desempenham a mesma função sintática. (Trechos de *A hora da estrela*, de Clarice Lispector.)

a) I - Não sei se estava tuberculosa, acho que não.

II - Se é pobre, não estará me lendo porque ler-me é supérfluo...

b) I - A moça um dia viu num botequim um homem tão, tão, tão bonito que – que queria tê-lo em casa.

II - Encontra-se comigo próprio era um bem que ela até então não conhecia.

c) I - E minha vida (...) responde que devo lutar com quem se agora, mesmo que eu morra depois.

II - Cristo tinha sido além de santo um homem como ele, embora sem dente de ouro.

d) I - Nunca se perguntara por que colocava a barra embaixo.

II - Eu só não digo palavrões grossos porque você é moça donzela.

e) I - Sei que há moças que vendem o corpo, única posse real, em troca de um bom jantar em vez de um sanduíche de mortadela.

II - Depois que Olímpico a despediu, já que ela não era uma pessoa triste, procurou continuar.

4. (CPCAR) As orações destacadas dos versos de Bocage podem ter a função de substantivo (**1**) ou adjetivo (**2**). Assinale a alternativa que apresenta a correlação **incorreta**.

a) "Envergonha-te ao menos
De seres só feliz quando o permite **(1)**
O teu rival soberbo "Que doçura! Que encanto!
Este som faz ***que em êxtase me sinta***!... **(1)**
É verdade, é verdade: os anjos ouço..."

b) "À cândida Filena estar unido
Julgastes ***que um pastor não merecia***: **(2)**
A mais doce prisão de Amor partistes."

c) "Na mente vos observo: ei-lo a teu lado
implorando ao Senhor, ***que os maus flagela***, **(2)**
Perdão para o seu povo alucinado"

5. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que a oração sublinhada funciona como sujeito do verbo da oração principal.
a) Não queria que José fizesse nenhum mal ao garoto.
b) Não interessa se o trem solta fumaça ou não.
c) As principais ações dependiam de que os componentes do grupo tomassem a iniciativa.
d) Era uma vez um sapo que não comia moscas.
e) Nossas esperanças eram que a viatura pudesse voltar a tempo de sair atrás do bandido.

6. (UCDB-MT) Em "Eu esperava que me apoiasses", a oração em destaque pode ser substituída por:
a) o seu apoio
b) apoio deles
c) o vosso apoio
d) o apoio de vocês
e) o teu apoio

7. (PUC-PR) Observe a parte em destaque de cada período:
1- Bem marcado, Ronaldinho não tem uma boa atuação.
2- Como chegou atrasado, não conseguiu acompanhar a discussão.
3- Tem um domínio de bola como ninguém.
4- Se bem que quisesse a verdade, ninguém acreditou.
5- Choveu tanto, que não foi possível realizar o jogo.

A parte em destaque de cada período mantém com a outra parte, na ordem, uma relação significativa de:
a) Condição, causa, comparação, concessão, consequência.
b) Causa, causa, comparação, causa, consequência.
c) Causa, causa, comparação, causa, consequência.
d) Causa, causa, conformação, concessão, consequência.
e) Causa, causa, causa, causa, causa.

8. (UCDB-MT) No período "Embora fosse bom jogador, não ganharia o prêmio.", a conjunção destacada dá ideia de:
a) temporalidade
b) proporção
c) concessão
d) fim
e) causa

9. (PUC-Camp) Há uma oração subordinada adverbial causal em:
a) Mas não existem justificativas para culpá-los.
b) Fotos de Diana valiam muito porque ela era sucesso de público, e suas aparições eram virtuosas performances para que se tirassem fotos e se tivesse uma história.
c) Há poucos meses, alguns paparazzi se tornaram objeto das lentes dos colegas, quando o foco das investigações sobre a causa do acidente que matou a princesa de Gales virou contra eles.
d) Se o motorista tivesse respeitado o limite de velocidade, a tragédia teria sido evitada.
e) Mas não serve para fazer justiça quando se sabe que ao volante havia um motorista embriagado e irresponsável.

ORAÇÕES REDUZIDAS

1. (UCDB-MT) "Não se trata aqui de imputar tais práticas a este ou àquele treinador." A oração em destaque é classificada como:
a) subordinada substantiva objetiva indireta reduzida de particípio
b) subordinada substantiva completiva nominal reduzida de infinitivo

c) subordinada substantiva objetiva indireta reduzida de infinitivo

d) subordinada adverbial concessiva reduzida de infinitivo

e) subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio

2. (Unifor-CE) Se fizermos uma comparação com os índios, poderemos dizer que os civilizados são uma sociedade sofrida.

Assinale a alternativa em que as orações do texto, grifadas na frase acima, estão corretamente transformadas em orações reduzidas.

a) Caso fizermos uma comparação ... serem os civilizados...

b) Quando se faz uma comparação ... sejam os civilizados...

c) Feita uma comparação ... sejam os civilizados...

d) Fazendo uma comparação ... sejam os civilizados...

e) Fazendo uma comparação ... serem os civilizados...

3. (FGV-SP) Observe, nos seguintes períodos, as orações que contêm verbo no gerúndio:

• Estando as meninas em Araxá, foi Ronaldo ter com elas.

• Sendo o aluno um jovem estudioso, deverá facilmente obter aprovação.

• Sendo brasileiro o advogado, poderei atendê-lo; caso contrário, não.

Essas orações são subordinadas adverbiais. Assinale a alternativa que indique respectivamente a circunstância de cada uma.

Leve em conta que a oração pode indicar mais de uma circunstância.

a) Causa, causa, consequência.

b) Tempo, causa, finalidade.

c) Consequência, concessão, finalidade.

d) Tempo, causa, condição.

e) Condição, finalidade, tempo.

4. (Fatec) Há orações reduzidas que podem ser desenvolvidas em oração adjetiva. Aponte a alternativa em que isto ocorre.

a) Eram cadáveres a se erguerem nos túmulos.

b) Volte aqui, chegando a hora.

c) A solução era esperarmos.

d) Estaríamos prontos, chegada a hora.

e) n.d.a.

SINTAXE DE CONCORDÂNCIA

1. (UCDB-MT) Das frases abaixo, a única inteiramente de acordo com as normas gramaticais é:

a) Devem haver outra razões para ele ter desistido.

b) A apuração dos votos vai continuar até a madrugada.

c) Pode existir muitos problemas na diretoria da empresa.

d) Vão fazer três meses que ela não o procura.

e) Houveram surpresas na reunião de ontem.

2. (Carlos Chagas-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente os espaços:

Talvez _____ ainda peças sem lubrificação, mas não _____ existir mais defeitos mecânicos, pois o carro está rodando sem problemas já _____ três dias.

a) hajam – devem – fazem

b) hajam – devem – faz

c) haja – deve – faz

d) haja – deve – fazem

e) haja – devem – faz

3. (IME-RJ) Aponte a alternativa correta:

a) É preciso coragem.

b) Antônio ou João será o presidente.

c) E isso eram trevas da noite.

d) Hoje são trinta de julho.

e) Todas estão corretas.

4. (IME-RJ) Complete os espaços em branco com a opção correta:

Ainda _____ furiosa, mas com _____ violência, proferia injúrias _____ para escandalizar os mais arrojados.

a) meia – menas – bastantes

b) meia – menos – bastante

c) meio – menos – bastante

d) meio – menos – bastantes

e) meio – menas – bastantes

5. (CPCAR) Quanto à **concordância verbal**, analise as frases:

I – A maioria dos doentes melhoram quando riem.

II – Devem haver boas comédias.

III – Fazem algumas semanas, *Veja* presenciou o trabalho de dois médicos.

IV – Afasta-se doenças com humor.

V – Apenas 8% dos risonhos tiveram recorrência de infarto.

Estão corretas somente:

a) I e V.

b) I e II.

c) II e III.

d) III, IV e V.

6. (PUC-SP) O trecho "... os dois permanecemos trancados durante toda a viagem que realizamos juntos,..." apresenta, quanto à concordância verbal:

a) respectivamente, silepse ou concordância ideológica e indicação do sujeito pela flexão verbal.

b) em ambos os casos, indicação do sujeito apenas pela flexão verbal.

c) em ambos os casos, concordância ideológica ou silepse.

d) respectivamente, concordância ideológica e silepse.

e) respectivamente, indicação do sujeito pela flexão verbal e silepse ou concordância ideológica.

SINTAXE DE REGÊNCIA

1. (IME-RJ) Assinale a frase correta:

a) Nem todas visavam aquele diploma.

b) Não lhe julgava capaz de tal coisa.

c) Beberás de nosso leite, comerás de nosso pão e partirás quando te aprouver.

d) Quando lhe ver, peça-lhe dinheiro.

e) Não nos foi possível assistir o desfile militar.

2. (IME-RJ) Marque com um X a opção cuja regência verbal está incorreta:

a) No século XVI, muitos negros preferiram mais a morte do que a escravidão.

b) Informem-no de que não venha.

c) A garotada prefere à ginástica o jogo livre.

d) Informe-lhe de que não venha.

e) O jogador visou o ângulo esquerdo da meta.

3. (UCDB-MT) Desobedeceu ao pai e assistiu ao filme. Substituindo os termos em negrito por pronomes, tem-se:

a) Desobedeceu-lhe e assistiu a ele.

b) Desobedeceu-lhe e assistiu-lhe.

c) Desobedeceu-o e assistiu-o.

d) Desobedeceu-o e assistiu-lhe.

e) Desobedeceu-o e assistiu a ele.

4. (CPCAR) Assinale a alternativa em que a oração foi redigida de acordo com a norma culta.

a) A abstinência é um sacrifício a que não dou a menor importância.

b) Sofreu um incidente numa de suas viagens diárias à Petrópolis e correu sério risco de morte. Quando entrou no hospital, seu estado de saúde era mal.

c) Eu sou de menor, respondeu a menina assustada ao policial.

d) Ontem à noite, fui ao teatro.

e) Esse é o programa que eu mais gosto.

5. (CPCAR) Leia com atenção esta frase: "Eles foram divididos em dois grupos, dos quais um era obrigado a assistir meia hora por dia a uma comédia televisiva..."

Assinale a alternativa em que o verbo ***assistir*** foi empregado com a mesma relação semântica do trecho acima.

a) Assisti o aluno atentamente.

b) Não lhe assiste esse direito.

c) Quem assistirá o presidente?

d) Assistimos ao jogo impacientemente.

6. (CPCAR) Complete as lacunas de acordo com as normas de **regência.**

"Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai, _____ porta do Ateneu. Coragem para a luta.

O menino, inocente, acostumado _____ _____ afagos domésticos, vai a partir daí conviver com uma realidade incompatível _____ _____ sua."

A sequência correta é
a) à – aos – com a
b) a – com os – da
c) na – nos – à
d) diante da – dos – a

7. (UCDB-MT) Assinale a alternativa gramaticalmente correta.
a) Ele chegou atrasado na reunião.
b) Ele entrou e saiu da sala em segundos.
c) Ele mandou eu ir embora de casa.
d) Ele prefere mais cinema do que teatro.
e) Ele visou o alvo e atirou.

8. (FGV-SP) Assinale a alternativa que NÃO OBEDECE à norma culta em relação à REGÊNCIA.
a) Constava que o maestro, nos momentos em que mais dependia dos violinos, tinha um tique nervoso que denunciava sua preocupação.
b) As normas a que todos obedeciam chamavam-se Gerais. As Especiais eram aquelas a que poucos obedeciam.
c) Na história da cantora, desde criança, várias vezes apareciam referências a ela ser a menina que ninguém na escola gostava.
d) O salário que eles recebiam num mês mal dava para cobrir as despesas básicas da família. Costumava-se dizer que sobrava mês no final do salário.
e) Tinha esperanças de que o mensageiro trouxesse brevemente as notícias de que mais precisava.

SINTAXE DE COLOCAÇÃO

1. (PUC-MG) De acordo com o padrão culto escrito, assinale a opção em que o pronome destacado pode colocar-se depois do verbo grifado:
a) "(...) e, bem ordinária, **me** traz um estremecimento de colegial."
b) "Nessa altura, as minhas pernas tinham **me** levado pro mundo da lua."
c) "(...) aposentado é quem **se** recolhe aos aposentos."
d) "Há de ver que ali estavam lado a lado duas almas que **se** procuram."
e) "(...) e, distraídas, disso não **se** deram conta."

2. (PUC-MG) Assinale a opção em que, segundo as regras da norma culta escrita, é possível outra colocação para o pronome em destaque.
a) "Qualquer carta de amor, não importa o que **se** encontre nela escrito, só fala (...)".
b) "Se há outras pessoas na casa, ela **as** deixou."
c) "Falta-**lhe** o ingrediente essencial da palavra que é dita sem esperar resposta."
d) "Que **lhe** importa a cadeira?"
e) "Num telefonema a gente nunca diz aquilo que **se** diria numa carta."

3. (UCDB-MT) Assinale a alternativa em que os pronomes oblíquos átonos estão colocados na oração de acordo com a norma culta.
a) Disseram-me para que chegasse na hora marcada.
b) Me empresta um pouco o seu livro?
c) Tinha iniciado-se a apuração dos fatos.
d) A reunião que realizar-se-á amanhã será muito importante.
e) Não diga-lhes nada por enquanto.

4. (Puc-Camp) A frase em que a colocação pronominal está adequada à norma culta é:
a) Guardarei-lhe o lugar até que ele chegue.
b) Tentei o avisar do perigo, mas ele nem considerou-me as palavras.
c) Me empresta o seu lápis?
d) Seu livro está aqui, eu não coloquei-o na estante porque não sei seu lugar.
e) Eu lhe recomendaria esse livro se você gostasse de contos fantásticos.

5. (FGV-SP) Observe a ocorrência da mesóclise nos seguintes exemplos:

– veremos + o = vê-lo-emos;

– faríamos + os = fá-los-íamos;

– veríamos + a = vê-la-íamos.

Assinale abaixo a alternativa em que a mesóclise ocorre de acordo com a norma culta.
a) Fa-los-ei.
b) Entende-los-ás.
c) Partí-las-ás.
d) Integrá-las-eis.
e) Intui-las-emos.

6. (UFPI) Assinale a alternativa que avalia corretamente a regra "Nunca inicie frase com o pronome oblíquo".
a) Está correta, mas os escritores não a obedecem nunca.
b) É uma regra ultrapassada, que ninguém mais adota.
c) É uma regra que só se aplica à linguagem escrita.
d) No uso coloquial, é comum dispensar-se essa regra.
e) Aplica-se somente em situações da fala muito informais.

ESTILÍSTICA

FIGURAS DE LINGUAGEM

1. (CPCAR) Assinale a alternativa em que predomina a **linguagem metafórica**.
a) "Fica sereno, num sorriso justo,
Enquanto tudo em derredor oscila."
b) "A medicina agora está estudando a importância do bom humor e dos sentimentos positivos na prevenção e no tratamento de moléstias."
c) "O resultado foi surpreendente: os que foram submetidos às sessões de risadas sofreram menos episódios de arritmia..."
d) "A equipe do doutor Berk acompanhou durante um ano 100 homens que já haviam enfartado..."

2. (UFPA) O trecho em que a decadência do jogo do bicho está expressa por metáfora é:
a) "Corria o carnaval de 1993, o último ano de ouro vivido por esse bicheiro elegante."
b) "Passados dois meses de sua morte, o jogo do bicho enfrenta uma crise sem precedentes."
c) "Seus líderes perdem dinheiro sem parar."
d) "Os sorrisos fenecem nos lábios dos contraventores. Eles sabem, mais do que ninguém, que o bicho está anêmico."
e) "Já vai longe o tempo em que a contravenção empregava tanta gente quanto a indústria naval no Rio de Janeiro."

3. (UCDB-MT) Em "Minha vida era um palco iluminado", encontra-se a seguinte figura de linguagem:
a) polissíndeto
b) metonímia
c) catacrese
d) metáfora
e) antonomásia

4. (UCDB-MT) Em *"Esperando, parada, pregada na pedra do porto"*, nota-se a repetição dos mesmos sons consonantais. Essa figura de construção é conhecida como:
a) aliteração
b) polissíndeto
c) metonímia
d) onomatopeia
e) eufemismo

5. (UFV-MG) *Viae Sion lugent, eo quod non sint venant ad solemnitatem*, isto é, "os caminhos de Sião choram porque não há quem venha às suas festas". Existe aí uma figura de linguagem que consiste em atribuir a um ser inanimado característica de ser humano, chamada *personificação*. Assinale a opção em que ocorre o uso dessa figura.
a) "... despojados assim os templos, derrubados os altares, acabar-se-á no Brasil a cristandade católica..."
b) "... acabar-se-á o culto divino..."
c) "Chorarão as pedras das ruas, como diz Jeremias que choravam as de Jerusalém destruída."
d) "... passará a Quaresma e a Semana Santa, e não se celebrarão os mistérios da vossa Paixão."
e) "Passará um dia de Natal, e não haverá memória do vosso nascimento..."

6. (Fuvest-SP) Na frase "(...) data da nossa independência política, e do meu primeiro cativeiro pessoal", ocorre o mesmo recurso expressivo de natureza semântica que em:

a) Meu coração/ Não sei por que/ Bate feliz, quando te vê.
b) Há tanta vida lá fora,/ Aqui dentro, sempre,/ Como uma onda no mar.
c) Brasil, meu Brasil brasileiro,/ Meu mulato inzoneiro,/ Vou cantar-te nos meus versos.
d) Se lembra da fogueira,/ Se lembra dos balões,/ Se lembra dos luares, dos sertões?
e) Meu bem querer/ É segredo, é sagrado,/ Está sacramentado/ Em meu coração.

7. (Unifesp) Entre as figuras de sintaxe, como recursos que um autor emprega para obter maior expressividade, existe a zeugma. Uma das formas de elipse, a zeugma consiste na supressão de um vocábulo, já enunciado em frase anterior, por estar subentendido.

No poema de Gonçalves Dias, ocorre zeugma apenas em:
a) Sem qu'inda aviste as palmeiras.
b) Em cismar, sozinho, à noite.
c) As aves, que aqui gorjeiam.
d) Nossa vida mais amores.
e) Nosso céu tem mais estrelas.

8. (ITA-SP) Relacione as colunas e, a seguir, assinale a opção correspondente.

(1) Aliteração	(5) Hipérbato
(2) Anacoluto	(6) Metáfora
(3) Sinestesia	(7) Hipérbole
(4) Metonímia	(8) Prosopopeia

I. Esses políticos de hoje a gente não deve confiar na maioria deles.
II. Ao longe, avistava-se o grito ruidoso dos retirantes.
III. "E flui, fluente, frouxa claridade/ flutua como as brumas de um letargo..."
a) I- 5, II- 4, III- 2
b) I- 7, II- 6, III- 5
c) I- 7, II- 8, III- 3
d) I- 2, II- 3, III- 1
e) I- 5, II- 2, III- 4

9. (Casper Líbero-SP) Leia o fragmento de texto abaixo:

"O livro, localizei-o pela internet num antiquário orientalístico de Leyden, na Holanda. Uma demonstração assim de que as lições do império mongol acerca da centralidade das redes de comunicação foram, se bem que com atraso, devidamente assimiladas". (Nelson Ascher, *Folha de S.Paulo*, 23/11/2002)
Assinale a alternativa que corresponda à figura de construção (ou de sintaxe) empregada na frase "O livro, localizei-o pela internet":
a) silepse.
b) anáfora.
c) elipse.
d) polissíndeto.
e) anacoluto.

10. (Ufal) Está incorreta a classificação de figura de linguagem da frase:
a) Choravam as águas do rio, a caminho do mar. PERSONIFICAÇÃO
b) Ele entregou a alma ao Criador. EUFEMISMO
c) Já li esse poema inteirinho. METÁFORA
d) Suas lágrimas inundaram o quarto. HIPÉRBOLE
e) – Venho pedir-lhe a mão de sua filha. METONÍMIA.

VÍCIOS DE LINGUAGEM

1. (Fuvest-SP) Assinale a correta:
a) "Este é o problema para mim resolver."
b) "Vou por ele ao par dos problemas que me referi em nossa conversa de ontem."
c) "O aluno convenceu-se de que as questões do exame estavam no nível dos seus conhecimentos."
d) "Todos aguardavam anciosamente o resultado."
e) "Certo de que nada de grave ouve entre eu e ele, resolvi telefonar-lhe hoje."

2. (ITA-2004) Assinale a opção em que a ambiguidade ou o efeito cômico **NÃO** decorre da ordem dos termos.
a) O estudo analisou, por 16 anos, hábitos como caminhar e subir escadas de homens com idade média de 58 anos. (Equilíbrio. *Folha de S.Paulo*, 19/10/2000)
b) Andando pela zona rural do litoral norte, facilmente se encontram casas de veraneio e moradores de alto padrão. (*Folha de S. Paulo*, 26/01/2003)
c) Atendimento preferencial para: idosos, gestantes, deficientes, crianças de colo (Placa sobre um dos caixas de um banco.)

d) Temos vaga para rapaz com refeição (Placa em frente a uma casa em Campinas, SP.)
e) Detido acusado de furtos de processos (*Folha de S. Paulo*, 8/7/2000).

3. (UFSC) Assinale a(s) proposição(ões) em que a frase "B" elimina os desvios da norma culta apresentados pela frase "A":
01. a) *Durmas* bem com os anjos, mas sonhe comigo.
b) *Durma* bem com os anjos, mas sonhe comigo.
02. a) Minha querida, estava mesmo precisando falar *consigo*.
b) Minha querida, estava mesmo precisando falar *com você*.
03. a) Em setembro houve a primeira chuva do ano *onde* pudemos iniciar o plantio de feijão.
b) Em setembro houve a primeira chuva do ano *na qual* pudemos iniciar o plantio de feijão.
04. a) Convém dormir *afim* de recuperar energias.
b) Convém dormir bem *a fim* de recuperar as energias.
05. a) Ficou irritado porque *lhe* impediram de entrar na secretaria.
b) Ficou irritado porque *o* impediram de entrar na secretaria.

4. (UFSC) Assinale a(s) frase(s) ambígua(s), isto é, as que têm duplo sentido.
01. Num tribunal, a testemunha afirmou: "Eu vi o desmoronamento do barracão."
02. Veja seu filho na televisão revelando fotos na BellaFoto.
04. Peguei o ônibus correndo.
08. O policial deteve o ladrão em sua casa.
16. Os políticos falam da reunião no Canal 2.
32. Aconteceu o que parecia improvável há três anos.

5. (AFR-Vunesp) Não há impropriedade vocabular ou erro de grafia apenas na alternativa:
a) O equipamento que por ventura não estiver condicionado em embalagens resistentes deverá ser reembalado.
b) Há um subitem da norma que não está sendo considerado, e tampouco é conhecido.
c) Um bom profissional não deve exitar em usar seus conhecimentos para solucionar os problemas de sessão em que trabalha na empresa.
d) Ninguém está autorizado a distratar um colega ou cliente; deve-se grangrear-lhes a confiança.
e) Os casos de usocapião estão sendo tratados diretamente pelo sub-diretor da assessoria jurídica, que é um proeminente jurista.

6. (AFR-Vunesp) Em cada um dos enunciados abaixo transcritos há uma impropriedade linguística, que vem nomeada ao final deles, em negrito.
I. *A Sopave está oferecendo mais de setenta ofertas de veículos.* (Comercial veiculado por rádio.) **Redundância.**
II. *Sócrates é invendável e imprestável.* (Frase atribuída a Vicente Mateus.) **Inadequação vocabular.**
III. *Aconteceu então, há três anos atrás, de falecer um vizinho nosso, o sr. Vitalin.* **Redundância.**
IV. *Tendo em vista que nosso trabalho foi muito bem recebido, precisamos, no entanto, aprimorar mais ainda nossas técnicas.* **Incoerência sintática.**

Estão corretamente nomeadas as impropriedades dos enunciados.
a) I e II apenas.
b) III e IV apenas.
c) I, II e III apenas.
d) I, II, III e IV.
e) II, III e IV apenas.

VERSIFICAÇÃO

1. (Unifesp) Os versos da "Canção do exílio" são construídos nos moldes da redondilha maior, com predominância dos acentos de intensidade nas terceiras e sétimas sílabas métricas. Um verso que não segue esse padrão de tonicidade é:
a) Minha terra tem palmeiras
b) As aves, que aqui gorjeiam
c) Nosso céu tem mais estrelas
d) Em cismar, sozinho, à noite
e) Onde canta o Sabiá

2. (Mack-SP) *Sempre que me vou embora*
é com silêncio maior.
As solidões deste mundo
Conheço-as todas de cor.

(Cecília Meireles, *Vaga Música*)

Assinale a alternativa incorreta sobre a estrofe acima.

a) Toda a estrofe está centrada no *eu* que fala, o que ratifica o lirismo.

b) Em redondilha menor, marca-se o ritmo regular, pelo qual a solidão é expressa.

c) Partidas e ausências constroem a coerência semântica.

d) O pronome *me*, do verso 1, tem emprego enfático.

3. (Unifor-CE) *A maior pena que eu tenho,*
punhal de prata,
não é de me ver morrendo,
mas de saber quem me mata.

Na quadra acima, de Cecília Meireles,

a) os versos ímpares rimam entre si e têm diferentes número de sílabas.

b) os versos pares rimam entre si e têm o mesmo número de sílabas.

c) predominam os versos de sete sílabas.

d) predominam os versos de cinco sílabas.

e) alternam-se versos de cinco e de sete sílabas.

RESPOSTAS DOS EXERCÍCIOS DE EXAMES E CONCURSOS

Fonética

Fonemas
1. d
2. c
3. c
4. b
5. a
6. b

Sílaba
1. d
2. d
3. c, e, f
4. d
5. a

Ortografia
1. e
2. b
3. c
4. a
5. c
6. a
7. e
8. c
9. c
10. e

Acentuação gráfica
1. d
2. c
3. d
4. a
5. b
6. a
7. d
8. a
9. b
10. b

Sinais de pontuação
1. c
2. e
3. a
4. c
5. c
6. b
7. c
8. d
9. c

Morfologia

Estrutura das palavras
1. a
2. a
3. b
4. e
5. a

Formação de palavras
1. d
2. b
3. c
4. b
5. e
6. a
7. a
8. c

Substantivo
1. e
2. b
3. a
4. c
5. d
6. b

Artigo
1. d
2. c
3. c
4. d

Adjetivo
1. d
2. b
3. a
4. b
5. b
6. e

Numeral
1. a
2. b
3. b
4. a

Pronome
1. a
2. e
3. b
4. a
5. b
6. b
7. c
8. e
9. d
10. b

Verbo
1. a
2. b
3. e
4. e
5. c
6. a
7. d
8. b
9. c
10. b
11. b
12. c
13. d
14. e
15. d

Advérbio
1. d
2. c
3. b
4. a. paulatinamente
b. indubitavelmente
c. simultaneamente
d. ininterruptamente
e. excepcionalmente
5. a

Preposição
1. e
2. e
3. a
4. e
5. b

Crase
1. a
2. e
3. d
4. e
5. c
6. c
7. b

Conjunção
1. d
2. e
3. e
4. e
5. b
6. d
7. b
8. a
9. d

Semântica

Significação das palavras
1. a
2. a
3. a
4. b
5. d
6. b
7. c
8. b
9. c
10. d

Sintaxe

Predicação verbal
1. c
2. e
3. d
4. a
5. e

Termos essenciais da oração
1. a
2. a
3. e
4. a

Termos integrantes da oração
1. a
2. e
3. a
4. b
5. e
6. d
7. d

Termos acessórios da oração
1. c
2. b
3. b
4. I – b; II – d; III – c; IV – a
5. a

Período composto
1. c
2. a
3. c
4. b
5. b
6. e
7. a
8. c
9. b

Orações reduzidas
1. c
2. e
3. d
4. a

Sintaxe de concordância
1. b
2. e
3. e
4. d
5. a
6. a

Sintaxe de regência
1. c
2. a
3. a
4. a
5. d
6. a
7. e
8. c

Sintaxe de colocação
1. a
2. b
3. a
4. e
5. d
6. d

Estilística

Figuras de linguagem
1. a
2. d
3. d
4. a
5. c
6. b
7. d
8. d
9. e
10. c

Vícios de linguagem
1. c
2. c
3. 01, 02, 04, 05
4. 02, 04, 08, 16, 32
5. b
6. d

Versificação
1. b
2. b
3. c

NOVÍSSIMA GRAMÁTICA DA LÍNGUA PORTUGUESA

Domingos Paschoal

CEGALLA

COM A NOVA ORTOGRAFIA DA LÍNGUA PORTUGUESA

Companhia Editora Nacional

APRESENTAÇÃO

Esta nova edição da **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa** apresenta como principal novidade sua adaptação ao novo sistema ortográfico de 1990, decorrente de um acordo assinado naquele ano, em Lisboa, pelos representantes dos sete países lusófonos.

Não esperem os professores e estudantes encontrar nesta edição grandes alterações no modo de escrever as palavras, porquanto, o chamado **Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa**, o terceiro desde 1931, não visou à simplificação, mas à unificação ortográfica do idioma falado na comunidade lusófona. O que o leitor vai encontrar são pequenas modificações no uso das notações léxicas (acentos gráficos, hífen, apóstrofo) e a ausência do trema no **u** átono dos grupos **gue**, **gui**, **que**, **qui**. Em decorrência dessas alterações, tivemos de adaptar às novas regras o capítulo sobre ortografia e remanejar os correspondentes exercícios.

Se nos permitem, tomamos a liberdade de lembrar aos abnegados colegas de ensino que o estudo da gramática, por parte dos discípulos, deve andar lado a lado com a redação de textos, a interpretação de poemas e excertos literários e a leitura de livros e revistas de boa qualidade. Só com essa didática plurivalente é que o ensino do português atingirá seu objetivo precípuo, que é levar o estudante a assenhorear-se gradativamente das normas e dos recursos do idioma, nas modalidades oral e escrita.

A todos os que derem preferência a esta obra, professores, alunos e estudiosos da nossa língua, os nossos profundos agradecimentos.

Domingos Paschoal Cegalla

À
Dalva,
minha esposa dileta
e incansável colaboradora

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 16
A LÍNGUA PORTUGUESA NO MUNDO 18

I – FONÉTICA

FONEMAS 21

1. CONCEITO DE FONEMA 21
2. REPRESENTAÇÃO DOS FONEMAS 21
3. APARELHO FONADOR 22
4. CLASSIFICAÇÃO DE FONEMAS 24
5. CLASSIFICAÇÃO DAS VOGAIS 24
6. ENCONTROS VOCÁLICOS 25
   - Ditongo 25
   - Tritongo 27
   - Hiato 27
7. CLASSIFICAÇÃO DAS CONSOANTES 28
8. ENCONTROS CONSONANTAIS 30
9. DÍGRAFOS 30
10. NOTAÇÕES LÉXICAS 31

EXERCÍCIOS – LISTA 1 32

SÍLABA – TONICIDADE 36

1. CLASSIFICAÇÃO DAS PALAVRAS QUANTO AO NÚMERO DE SÍLABAS 36
2. DIVISÃO SILÁBICA 36
3. PARTIÇÃO DAS PALAVRAS EM FIM DE LINHA 37
4. ACENTO TÔNICO 38
5. CLASSIFICAÇÃO DAS PALAVRAS QUANTO AO ACENTO TÔNICO 38
6. VOCÁBULOS ÁTONOS E VOCÁBULOS TÔNICOS 39
7. VOCÁBULOS RIZOTÔNICOS E ARRIZOTÔNICOS 40
8. ACENTO DE INSISTÊNCIA 40
9. ANÁLISE FONÉTICA 40

EXERCÍCIOS – LISTA 2 41

ORTOÉPIA – PROSÓDIA 44

1. ORTOÉPIA 44
2. PROSÓDIA 46

EXERCÍCIOS – LISTA 3 48

ORTOGRAFIA 52

1. ALFABETO PORTUGUÊS 52
2. EMPREGO DAS LETRAS *K*, *W* E *Y* 53
3. EMPREGO DA LETRA *H* 53
4. EMPREGO DAS LETRAS *E*, *I*, *O* E *U* 55
5. EMPREGO DAS LETRAS *G* E *J* 57

6. REPRESENTAÇÃO DO FONEMA /S/ 58
7. EMPREGO DE LETRA S COM VALOR DE Z 60
8. EMPREGO DA LETRA Z 61
9. S OU Z? 61
10. EMPREGO DO X 63
11. EMPREGO DO DÍGRAFO CH 63
12. CONSOANTES DOBRADAS 64
13. EMPREGO DAS INICIAIS MAIÚSCULAS E MINÚSCULAS 64
EXERCÍCIOS – LISTA 4 66

ACENTUAÇÃO GRÁFICA 71

1. PRINCIPAIS REGRAS DE ACENTUAÇÃO GRÁFICA 71
- Acentuação dos vocábulos proparoxítonos 71
- Acentuação dos vocábulos paroxítonos 71
- Acentuação dos vocábulos oxítonos 72
- Acentuação dos monossílabos 72
- Acentuação dos ditongos 73
- Acentuação dos hiatos 73
- Os grupos *gue, gui, que, qui* 74
- Acento diferencial 74
- Acento grave 75

EXERCÍCIOS – LISTA 5 76

NOTAÇÕES LÉXICAS 80

1. EMPREGO DO TIL 80
2. EMPREGO DO TREMA 80
3. EMPREGO DO APÓSTROFO 80
4. EMPREGO DO HÍFEN 81
5. DIVISÃO SILÁBICA E PARTIÇÃO DE PALAVRAS 84
EXERCÍCIOS – LISTA 6 84

ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS 86

EXERCÍCIOS – LISTA 7 89

II – MORFOLOGIA

ESTRUTURA DAS PALAVRAS 91

1. RAIZ 91
2. RADICAL 91
3. TEMA 92
4. AFIXOS 92
5. DESINÊNCIAS 92
6. VOGAL TEMÁTICA 93
7. VOGAIS E CONSOANTES DE LIGAÇÃO 93
8. COGNATOS 93
9. PALAVRAS PRIMITIVAS E DERIVADAS 94
10. PALAVRAS SIMPLES E COMPOSTAS 94
EXERCÍCIOS – LISTA 8 94

FORMAÇÃO DAS PALAVRAS 96

1. DERIVAÇÃO 96
2. COMPOSIÇÃO 98
3. REDUÇÃO 98
4. HIBRIDISMOS 99
5. ONOMATOPEIAS 99

EXERCÍCIOS – LISTA 9 100

SUFIXOS 102

1. PRINCIPAIS SUFIXOS NOMINAIS 102
2. SUFIXOS VERBAIS 106
3. SUFIXO ADVERBIAL 108

EXERCÍCIOS – LISTA 10 108

PREFIXOS 110

1. PREFIXOS LATINOS 110
2. PREFIXOS GREGOS 113
3. CORRESPONDÊNCIA ENTRE PREFIXOS LATINOS E GREGOS 114

EXERCÍCIOS – LISTA 11 115

RADICAIS GREGOS 117

EXERCÍCIOS – LISTA 12 121

RADICAIS LATINOS 123

EXERCÍCIOS – LISTA 13 124

ORIGEM DAS PALAVRAS DA LÍNGUA PORTUGUESA 126

EXERCÍCIOS – LISTA 14 128

CLASSIFICAÇÃO E FLEXÃO DAS PALAVRAS 129

SUBSTANTIVO 130

1. SUBSTANTIVOS 130
2. SUBSTANTIVOS COLETIVOS 131
3. PALAVRAS SUBSTANTIVADAS 134

EXERCÍCIOS – LISTA 15 134

4. FLEXÃO DOS SUBSTANTIVOS: *GÊNERO* 135
5. FORMAÇÃO DO FEMININO 136
6. SUBSTANTIVOS UNIFORMES EM GÊNERO 138
7. SUBSTANTIVOS DE GÊNERO INCERTO 139
8. GÊNERO DOS NOMES DE CIDADES 141
9. GÊNERO E SIGNIFICAÇÃO 141

EXERCÍCIOS – LISTA 16 141

10. FLEXÃO DOS SUBSTANTIVOS: *NÚMERO* 143
11. PLURAL DOS SUBSTANTIVOS COMPOSTOS 146
12. PLURAL DAS PALAVRAS SUBSTANTIVADAS 148
13. PLURAL DOS DIMINUTIVOS 148
14. PLURAL DOS NOMES PRÓPRIOS PERSONATIVOS 149

15. PLURAL DOS SUBSTANTIVOS ESTRANGEIROS 149
16. PLURAL DAS SIGLAS 149
17. PLURAL COM MUDANÇA DE TIMBRE 149
18. PARTICULARIDADES SOBRE O NÚMERO DOS SUBSTANTIVOS 150
EXERCÍCIOS - LISTA 17 150
19. FLEXÃO DOS SUBSTANTIVOS: *GRAU* 152
- Grau aumentativo 152
- Grau diminutivo 153

20. ADJETIVOS COM AS FLEXÕES DE AUMENTATIVO E DIMINUTIVO 154
21. PLURAL DOS DIMINUTIVOS EM *–ZINHO* E *–ZITO* 154
EXERCÍCIOS – LISTA 18 155

ARTIGO 157

1. DEFINIDO 157
2. INDEFINIDO 157
EXERCÍCIOS – LISTA 19 158

ADJETIVO 159

1. ADJETIVOS 159
2. ADJETIVOS PÁTRIOS 159
3. FORMAÇÃO DO ADJETIVO 160
4. LOCUÇÃO ADJETIVA 161
5. ADJETIVOS ERUDITOS 161
6. FLEXÃO DO ADJETIVO 163
7. FLEXÃO DO ADJETIVO: *GÊNERO* 163
8. REGRAS PARA A FORMAÇÃO DO FEMININO 164
9. PLURAL DOS ADJETIVOS SIMPLES 164
10. PLURAL DOS ADJETIVOS COMPOSTOS 164
EXERCÍCIOS – LISTA 20 165
11. GRAU DO ADJETIVO 169
12. FLEXÃO DO ADJETIVO: *GRAU COMPARATIVO* 169
13. FLEXÃO DO ADJETIVO: *GRAU SUPERLATIVO* 169
14. SUPERLATIVOS ABSOLUTOS SINTÉTICOS ERUDITOS 170
15. OUTRAS FORMAS DE SUPERLATIVO ABSOLUTO 171
EXERCÍCIOS – LISTA 21 172

NUMERAL 174

1. NUMERAL 174
2. FLEXÃO DOS NUMERAIS 175
3. LEITURA E ESCRITA DOS NÚMEROS 175
4. QUADRO DOS PRINCIPAIS NUMERAIS 175
5. FORMAS DUPLAS 176
EXERCÍCIOS – LISTA 22 177

PRONOME 179

1. PRONOMES 179
2. CLASSIFICAÇÃO DOS PRONOMES 179
3. PRONOMES SUBSTANTIVOS E PRONOMES ADJETIVOS 179

4. PRONOMES PESSOAIS 179
5. PRONOMES DE TRATAMENTO 181
6. PRONOMES POSSESSIVOS 182
7. PRONOMES DEMONSTRATIVOS 183
8. PRONOMES RELATIVOS 184
9. PRONOMES INDEFINIDOS 186
10. PRONOMES INTERROGATIVOS 188
EXERCÍCIOS – LISTA 23 188

VERBO 194

1. VERBO 194
2. PESSOA E NÚMERO 194
3. TEMPOS VERBAIS 194
4. MODOS DO VERBO 195
5. FORMAS NOMINAIS 195
6. VOZ 196
7. VERBOS AUXILIARES 196
8. CONJUGAÇÕES 197
9. ELEMENTOS ESTRUTURAIS DOS VERBOS 197
10. TEMPOS PRIMITIVOS E DERIVADOS 198
11. MODO IMPERATIVO 199
12. FORMAÇÃO DO IMPERATIVO 199
13. FORMAÇÃO DOS TEMPOS COMPOSTOS 200
14. VERBOS REGULARES, IRREGULARES E DEFECTIVOS 200
EXERCÍCIOS – LISTA 24 201
- Conjugação dos verbos auxiliares *ser, estar, ter,* e *haver* 203

EXERCÍCIOS – LISTA 25 208
- Verbos regulares: 1ª conjugação 209
- Verbos regulares: 2ª conjugação 211
- Verbos regulares: 3ª conjugação 214

EXERCÍCIOS – LISTA 26 216
15. VOZES DO VERBO 219
16. VOZ ATIVA 219
17. VOZ PASSIVA 219
18. FORMAÇÃO DA VOZ PASSIVA 220
19. VOZ REFLEXIVA 220
20. CONVERSÃO DA VOZ ATIVA NA PASSIVA 222
- Conjugação de um verbo na voz passiva analítica 223

21. CONJUGAÇÃO DOS VERBOS PRONOMINAIS 225
EXERCÍCIOS – LISTA 27 227
22. VERBOS IRREGULARES 229
- Verbos irregulares: 1ª conjugação 230
- Verbos irregulares: 2ª conjugação 234
- Verbos irregulares: 3ª conjugação 242

23. VERBOS DEFECTIVOS 247
24. VERBOS ABUNDANTES 249
- Conjugação de um verbo com os pronomes oblíquos *o, a, os, as* 252

25. PRONÚNCIA CORRETA DE ALGUNS VERBOS 253
EXERCÍCIOS – LISTA 28 254

ADVÉRBIO **259**

1. ADVÉRBIO 259
2. ADVÉRBIOS INTERROGATIVOS 260
3. LOCUÇÕES ADVERBIAIS 261
4. GRAUS DOS ADVÉRBIOS 261
5. PALAVRAS E LOCUÇÕES DENOTATIVAS 262

EXERCÍCIOS – LISTA 29 264

PREPOSIÇÃO **268**

1. PREPOSIÇÃO 268
   - Preposições essenciais 269
   - Preposições acidentais 269
2. LOCUÇÕES PREPOSITIVAS 270
3. COMBINAÇÕES E CONTRAÇÕES 271

EXERCÍCIOS – LISTA 30 271

4. CRASE 275
5. CRASE DA PREPOSIÇÃO *A* COM OS ARTIGOS *A, AS* 276
6. CASOS EM QUE NÃO HÁ CRASE 277
7. CASOS ESPECIAIS 281
8. CRASE DA PREPOSIÇÃO *A* COM OS PRONOMES DEMONSTRATIVOS 283

EXERCÍCIOS – LISTA 31 284

CONJUNÇÃO **289**

1. CONJUNÇÕES 289
2. CONJUNÇÕES COORDENATIVAS 289
3. CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS 291
4. LOCUÇÕES CONJUNTIVAS 293
5. A CONJUNÇÃO *QUE* 294

EXERCÍCIOS – LISTA 32 295

INTERJEIÇÃO **300**

1. INTERJEIÇÃO 300
2. LOCUÇÃO INTERJETIVA 301

EXERCÍCIOS – LISTA 33 301

CONECTIVOS **304**

FORMAS VARIANTES **305**

EXERCÍCIOS – LISTA 34 306

ANÁLISE MORFOLÓGICA **307**

III – SEMÂNTICA

SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS **310**

1. SINÔNIMOS 310
2. ANTÔNIMOS 310

3. HOMÔNIMOS 311
4. PARÔNIMOS 312
5. POLISSEMIA 312
6. SENTIDO PRÓPRIO E SENTIDO FIGURADO 313
7. DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO 313
EXERCÍCIOS – LISTA 35 313

IV – SINTAXE

ANÁLISE SINTÁTICA 319

1. NOÇÕES PRELIMINARES 319
2. FRASE 319
3. ORAÇÃO 321
4. NÚCLEO DE UM TERMO 322
5. PERÍODO 322
EXERCÍCIOS – LISTA 36 323

TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO 324

1. SUJEITO 324
2. PREDICADO 328
EXERCÍCIOS – LISTA 37 330
3. PREDICAÇÃO VERBAL 335
4. CLASSIFICAÇÃO DOS VERBOS QUANTO À PREDICAÇÃO 336
   - Intransitivos 336
   - Transitivos diretos 337
   - Transitivos indiretos 337
   - Transitivos diretos e indiretos 339
   - De ligação 339
   - Verbos vicários 340
EXERCÍCIOS – LISTA 38 341
5. PREDICATIVO 343
   - Predicativo do sujeito 343
   - Predicativo do objeto 344
EXERCÍCIOS – LISTA 39 345

TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO 348

1. OBJETO DIRETO 348
2. OBJETO DIRETO PREPOSICIONADO 349
3. OBJETO DIRETO PLEONÁSTICO 352
4. OBJETO INDIRETO 352
5. OBJETO INDIRETO PLEONÁSTICO 354
6. COMPLEMENTO NOMINAL 354
7. AGENTE DA PASSIVA 355
EXERCÍCIOS – LISTA 40 356

TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO 363

1. ADJUNTO ADNOMINAL 363
2. ADJUNTO ADVERBIAL 364
3. APOSTO 365

4. VOCATIVO 366
EXERCÍCIOS – LISTA 41 367

PERÍODO COMPOSTO 370

1. PERÍODO COMPOSTO 370
EXERCÍCIOS – LISTA 42 371

ORAÇÕES COORDENADAS INDEPENDENTES 373

1. ORAÇÕES COORDENADAS SINDÉTICAS 374
2. ORAÇÕES COORDENADAS ASSINDÉTICAS 376
EXERCÍCIOS – LISTA 43 376

ORAÇÕES PRINCIPAIS E SUBORDINADAS 378

1. ORAÇÃO PRINCIPAL 378
2. ORAÇÃO SUBORDINADA 379
3. CLASSIFICAÇÃO DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS 379
4. ORAÇÕES SUBORDINADAS COORDENADAS 380
EXERCÍCIOS – LISTA 44 381

ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS 383

1. ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS 383
EXERCÍCIOS – LISTA 45 386

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS 390

1. ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS 391
EXERCÍCIOS – LISTA 46 392

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS 396

1. ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS 396
2. ORAÇÕES ADVERBIAIS LOCATIVAS 402
EXERCÍCIOS – LISTA 47 403

ORAÇÕES REDUZIDAS 408

1. ORAÇÕES REDUZIDAS 408
2. CLASSIFICAÇÃO DAS ORAÇÕES REDUZIDAS 409
- Reduzidas de infinitivo 409
- Reduzidas de gerúndio 412
- Reduzidas de particípio 413
EXERCÍCIOS – LISTA 48 415

ESTUDO COMPLEMENTAR DO PERÍODO COMPOSTO 421

1. ORAÇÕES INTERFERENTES 421
EXERCÍCIOS – LISTA 49 422
2. MODELOS DE ANÁLISE SINTÁTICA 424
EXERCÍCIOS – LISTA 50 426

SINAIS DE PONTUAÇÃO 428

1. EMPREGO DA VÍRGULA 428
2. PONTO E VÍRGULA 430
3. DOIS-PONTOS 430
4. PONTO FINAL 431
5. PONTO DE INTERROGAÇÃO 431
6. PONTO DE EXCLAMAÇÃO 432
7. RETICÊNCIAS 432
8. PARÊNTESES 433
9. TRAVESSÃO 433
10. ASPAS 434
11. COLCHETES 434
12. ASTERISCO 435
13. PARÁGRAFO 435

EXERCÍCIOS – LISTA 51 435

SINTAXE DE CONCORDÂNCIA 438

CONCORDÂNCIA NOMINAL 438
EXERCÍCIOS – LISTA 52 446
CONCORDÂNCIA VERBAL 450
CASOS ESPECIAIS DE CONCORDÂNCIA VERBAL 451
EXERCÍCIOS – LISTA 53 472

SINTAXE DE REGÊNCIA 483

1. REGÊNCIA 483
2. OS PRONOMES OBJETIVOS *O(S), A(S), LHE(S)* 485

REGÊNCIA NOMINAL 487

EXERCÍCIOS – LISTA 54 488

REGÊNCIA VERBAL 490

1. REGÊNCIA E SIGNIFICAÇÃO DOS VERBOS 490
2. REGÊNCIA DE ALGUNS VERBOS 490
3. CASOS ESPECIAIS DE REGÊNCIA VERBAL 512

EXERCÍCIOS – LISTA 55 515

SINTAXE DE COLOCAÇÃO 529

1. POSPOSIÇÃO DO SUJEITO 531
2. ANTECIPAÇÃO DE TERMOS DA ORAÇÃO 532
3. COLOCAÇÃO DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS 533

EXERCÍCIOS – LISTA 56 534

4. COLOCAÇÃO DOS PRONOMES OBLÍQUOS ÁTONOS 538
5. PRÓCLISE 538
6. MESÓCLISE 541
7. ÊNCLISE 541
8. ÊNCLISE EUFÔNICA E ENFÁTIVA 543
9. COLOCAÇÃO DOS PRONOMES ÁTONOS NOS TEMPOS COMPOSTOS 543

10. COLOCAÇÃO DOS PRONOMES ÁTONOS NAS LOCUÇÕES VERBAIS 543
EXERCÍCIOS – LISTA 57 545

EMPREGO DE ALGUMAS CLASSES DE PALAVRAS 551

1. ARTIGO 551
2. ADJETIVO 554
3. NUMERAL 556
4. PRONOMES PESSOAIS 557
5. EU OU MIM? 559
6. CONTRAÇÃO DOS PRONOMES OBLÍQUOS 561
7. O PRONOME *SE* 562
8. PRONOMES POSSESSIVOS 563
9. PRONOMES DEMONSTRATIVOS 564
10. PRONOMES RELATIVOS 566
11. PRONOMES INDEFINIDOS 569
12. ADVÉRBIO 571

EXERCÍCIOS – LISTA 58 574

EMPREGO DOS MODOS E TEMPOS 584

1. MODO INDICATIVO 584
2. MODO SUBJUNTIVO 588
3. MODO IMPERATIVO 591
4. PARTICÍPIO 591
5. GERÚNDIO 592

EXERCÍCIOS – LISTA 59 593

EMPREGO DO INFINITIVO 596

1. INFINITIVO NÃO-FLEXIONADO 596
2. INFINITIVO PESSOAL FLEXIONADO 598

EXERCÍCIOS – LISTA 60 601

EMPREGO DO VERBO HAVER 606

EXERCÍCIOS – LISTA 61 609

V – ESTILÍSTICA

FIGURAS DE LINGUAGEM 614

1. FIGURAS DE PALAVRAS 614
   - Metáfora 614
   - Comparação 615
   - Metonímia 615
   - Perífrase 617
   - Sinestesia 617

EXERCÍCIOS – LISTA 62 617

2. FIGURAS DE CONSTRUÇÃO 620
   - Elipse 620
   - Pleonasmo 621

- Polissíndeto 622
- Inversão 622
- Anacoluto 622
- Silepse 622
- Onomatopeia 623
- Repetição 624

EXERCÍCIOS – LISTA 63 624

3. FIGURAS DE PENSAMENTO 626
- Antítese 626
- Apóstrofe 626
- Eufemismo 626
- Gradação 627
- Hipérbole 627
- Ironia 627
- Paradoxo 627
- Personificação 627
- Reticência 628
- Retificação 628

EXERCÍCIOS – LISTA 64 628

VÍCIOS DE LINGUAGEM 634

EXERCÍCIOS – LISTA 65 636

QUALIDADES DA BOA LINGUAGEM 637

LÍNGUA E ARTE LITERÁRIA 639

1. A LÍNGUA E SUAS MODALIDADES 639
2. ELEMENTOS DA OBRA LITERÁRIA 640
3. ESTILO 641
4. GÊNEROS LITERÁRIOS 641
5. FICÇÃO 642

EXERCÍCIOS – LISTA 66 645

6. VERSIFICAÇÃO 646
7. PROCESSOS PARA A REDUÇÃO DO NÚMERO DE SÍLABAS MÉTRICAS 648
8. RITMO 648
9. ENCADEAMENTO *(ENJAMBEMENT)* 651
10. RIMA 652
11. VERSOS BRANCOS 653
12. ESTROFE 653
13. SONETO 653
14. VERSO LIVRE 654

EXERCÍCIOS – LISTA 67 655

BIBLIOGRAFIA 657

EXERCÍCIOS DE EXAMES E CONCURSOS 663

RESPOSTAS DOS EXERCÍCIOS DE EXAMES E CONCURSOS 694

INTRODUÇÃO

Linguagem é a faculdade que o homem tem de se exprimir e comunicar por meio da fala.

Cada povo exerce essa capacidade por meio de um determinado código linguístico, ou seja, utilizando um sistema de signos vocais distintos e significativos, a que se dá o nome de *língua* ou *idioma*.

Criação social da mais alta importância, a língua é por excelência o veículo do conhecimento humano e a base do patrimônio cultural de um povo.

A utilização da língua pelo indivíduo denomina-se *fala*. A fala nasce da inelutável necessidade humana de comunicação.

A comunicação linguística se realiza por meio da expressão oral ou escrita.

A língua não é um sistema intangível, imutável; como toda criação humana, está sujeita à ação do tempo e do espaço geográfico, sofre constantes alterações e reflete forçosamente as diferenças individuais dos falantes. Daí a existência de falares regionais e de vários *níveis de fala*: culta, popular, coloquial, etc.

A história, o registro e a sistematização dos fatos de uma língua constituem matéria da *Gramática*.

A *Gramática Histórica* estuda a origem e a evolução de uma língua, acompanhando-lhe os passos desde o seu alvorecer até a época atual.

A *Gramática Normativa* enfoca a língua como é falada em determinada fase de sua evolução: faz o registro sistemático dos fatos linguísticos e dos meios de expressão, aponta normas para a correta utilização oral e escrita do idioma, em suma, ensina a falar e escrever a língua-padrão corretamente.

Este livro pretende ser uma Gramática Normativa da Língua Portuguesa do Brasil, conforme a falam e escrevem as pessoas cultas na época atual.

De acordo com os diferentes aspectos sob os quais se podem encarar os fatos linguísticos, divide-se a Gramática em cinco partes distintas:

- **Fonética**
- **Morfologia**
- **Sintaxe**
- **Semântica**
- **Estilística**

1. A *fonética* é o estudo dos sons da fala. Considera a palavra sob o aspecto sonoro e trata:
   - dos fonemas: como se produzem, classificam e agrupam;
   - da pronúncia correta das palavras, ou seja, da correta emissão e articulação dos fonemas (ortoépia);
   - da exata acentuação tônica das palavras (prosódia);
   - da figuração gráfica dos fonemas ou a escrita correta das palavras (ortografia).

   Observação:

   ✔ A linguística moderna distingue *fonética* de *fonologia*. Ambas as disciplinas tratam dos sons da fala, porém de modo diverso: a fonética se ocupa dos sons da língua sob o aspecto material, físico, acústico, ao passo que a fonologia os estuda do ponto de vista prático, funcional, no contexto fônico da comunicação humana. Nesta obra, não fazemos tal distinção. Seguindo a Nomenclatura Gramatical Brasileira, empregamos o termo *fonética* no seu sentido amplo, tradicional.

2. A *morfologia* ocupa-se das diversas classes de palavras, isoladamente, analisando-lhes a estrutura, a formação, as flexões e propriedades.

3. É objeto da *sintaxe* o estudo das palavras associadas na frase. Examina:
   - a função das palavras e das orações no período (análise sintática);
   - as relações de dependência das palavras na oração, sob o aspecto da subordinação (sintaxe de regência);
   - as relações de dependência das palavras consideradas do ponto de vista da flexão (sintaxe de concordância);
   - a disposição ou ordem das palavras e das orações no período (sintaxe de colocação).

4. A *semântica* tem como objetivo o estudo da significação das palavras. Pode ser *descritiva* ou *histórica*.

   A semântica descritiva estuda a significação atual das palavras; a histórica se ocupa da evolução do sentido das palavras através do tempo.

   À Gramática Normativa só interessa a semântica descritiva.

5. A *estilística* trata, essencialmente, do *estilo*, ou seja, dos diversos processos expressivos próprios para sugestionar, despertar o sentimento estético e a emoção. Esses processos resumem-se no que chamamos de *figuras de linguagem*. A estilística, em outras palavras, visa ao lado estético e emocional da atividade linguística, em oposição ao aspecto intelectivo, científico.

A LÍNGUA PORTUGUESA NO MUNDO

1. A língua portuguesa é falada em todos os continentes por cerca de duzentos milhões de pessoas. Poucos idiomas desfrutam de tão privilegiada posição.

   Das línguas neolatinas foi a primeira a expandir-se fora do continente europeu. Acompanhando as caravelas dos conquistadores lusitanos dos séculos XV e XVI, ela implantou-se em todas as partes do mundo. Entretanto, levada para terras tão distantes, a língua portuguesa, em contato com a cultura dos povos aborígines, sofreu inevitáveis alterações, de que resultaram falares regionais ou dialetos.

2. Atualmente, o português é a língua oficial de oito países, ditos lusófonos: Portugal (incluídos os Açores e a Ilha da Madeira), Brasil, Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e o Timor Leste, que conquistou sua independência em 1999, tornando-se o oitavo país lusófono.

3. Dialetos com raízes no português são falados em ex-colônias e possessões lusitanas da Ásia, como Diu, Damão, Goa, todas três na Índia, Macau, na China, e Timor Leste, na Oceania.

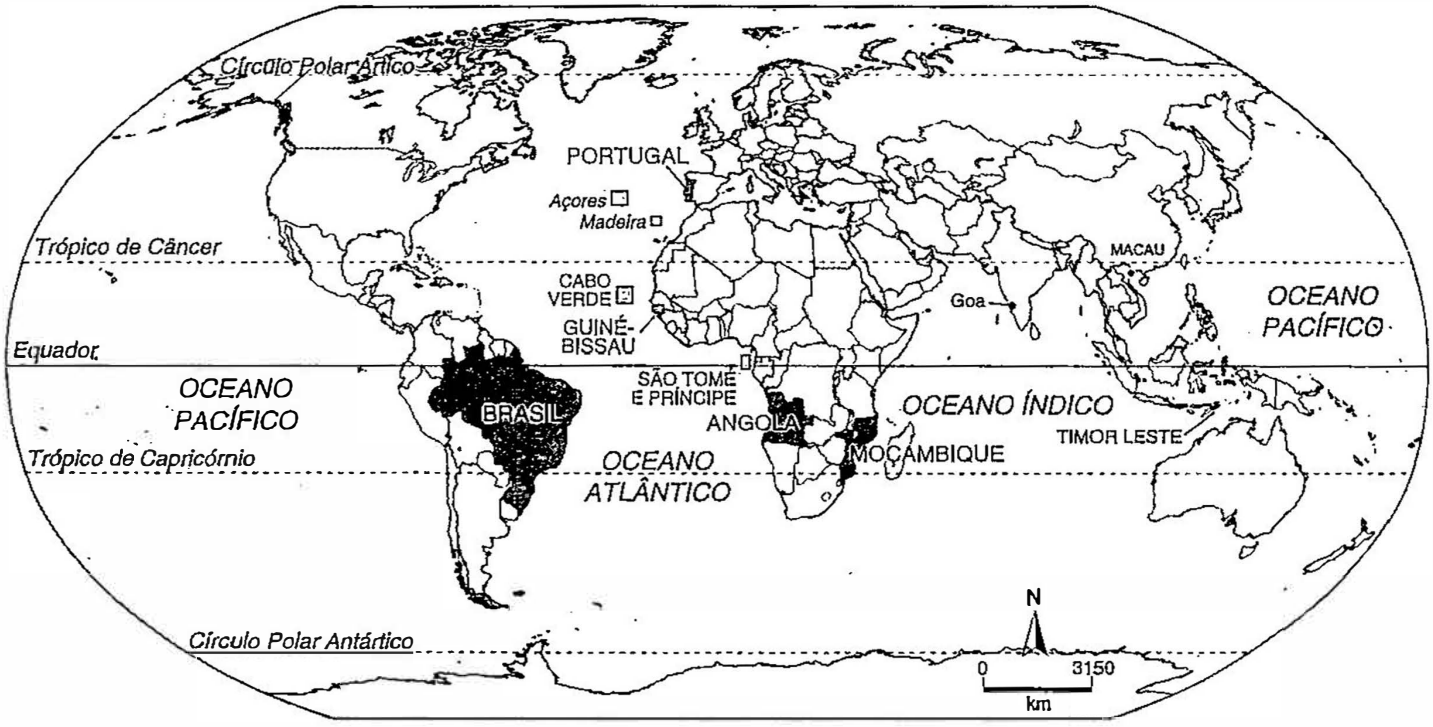

A língua portuguesa no mundo

FONÉTICA

estuda os sons da fala

A água

Flui a água, flébil, flexuosa,
em seu eterno fluxo,
aflita por chegar
ao final de seu curso.

A água flui, a água lava,
a leve água leva
para longe as impurezas
de nossa vida breve.

Fluida flecha frágil,
avança, entanto, impávida;
lépida, atinge o alvo,
expande-se toda em dádivas...

Tange a água, tange o tempo
a aguilhada da pressa.
O tempo nunca retorna,
a água sempre regressa...

Domingos Paschoal Cegalla

FONEMAS

1 CONCEITO DE FONEMA

Fonemas *são as menores unidades sonoras da fala*.

São os sons elementares e distintivos que, articulados e combinados, formam as sílabas, os vocábulos e a teia da frase, na comunicação oral.

Funcionam como elementos distintivos ou diferenciadores das palavras, porque são capazes de diferenciar umas de outras, conforme se observa, por exemplo, nas sequências:

m*a*la	*g*ato	ma*l*
m*o*la	*m*ato	ma*r*
m*u*la	*p*ato	ma*s*

Quando proferimos a palavra *aflito*, por exemplo, emitimos três sílabas e seis fonemas: *a - fli - to*. Percebemos que numa sílaba pode haver um ou mais fonemas.

No sistema fonético do português do Brasil há, aproximadamente, 33 fonemas, que adiante estudaremos.

2 REPRESENTAÇÃO DOS FONEMAS

Na língua escrita, os fonemas são representados por signos ou sinais gráficos chamados *letras*. O conjunto das letras denomina-se *alfabeto* ou *abecedário*, ou ainda, *abecê*, também escrito *abc*.

Observação:

✔ A palavra *alfabeto* origina-se do nome das duas primeiras letras do alfabeto grego: *alfa* (a) + *beta* (b).

É importante não confundir letra com fonema. Fonema é som, letra é o sinal gráfico que representa o som. Para falar, usamos fonemas; para escrever, usamos letras.

O ideal seria que a cada fonema correspondesse uma só letra, e vice-versa, mas *infelizmente* isso não acontece. É que o nosso sistema ortográfico não é rigorosamente fonético, mas ainda está preso à origem das palavras. Escreve-se, por exemplo, *exame*, em vez de *ezame*, porque este substantivo vem da palavra latina *examen*. Assim, por força da tradição etimológica, podemos observar, na representação dos fonemas portugueses, as seguintes imperfeições:

- A mesma letra pode representar fonemas diferentes:
  eXame, Xale, próXimo, seXo; Cola, Cera.
- O mesmo fonema pode ser figurado por letras diferentes:
  caSa, eXílio, coZinha; tiGela, laJe.
- Um fonema pode ser representado por um grupo de duas letras (dígrafo):
  maCHado, muLHer, uNHa, miSSa, caRRo.
- A letra *X* pode representar, simultaneamente, dois fonemas diferentes:
  táXi (tácsi), *fiXo* (ficso), *tóraX* (tóracs).
- Há letras que, às vezes, não representam fonemas; funcionam apenas como notações léxicas:
  caMpo (cãpo), *reNda* (rẽda), *regUe* (U insonoro, para não se proferir *reje*).
- Usam-se letras simplesmente decorativas: não representam fonemas nem funcionam como notações léxicas. Mantiveram-se em razão da etimologia:
  hotel (otel), *diScípulo* (dicípulo), *eXceção* (eceção), *qUina* (qina).
- Há fonemas que, em certos casos, não se representam graficamente:
  bem (bẽi), *batem* (bátẽi), *falam* (fálãU).

3 APARELHO FONADOR

Os sons da fala são produzidos pelo concurso dos órgãos da fonação, ou seja, pelo aparelho fonador. Fazem parte do aparelho fonador:

- **Pulmões**

  Funcionam como dois foles, produzindo a corrente de ar.

- **Brônquios e traqueia**

  São os canais que conduzem a corrente de ar à laringe.

- **Laringe**

  Situada na parte superior da traqueia, é o mais importante órgão da fonação. Nela se localizam a *glote*, a *epiglote* (válvula elástica que tapa a glote durante a deglutição) e as *cordas vocais*.

- **Glote**

  Pequena abertura de forma triangular situada na laringe, na altura do *pomo de adão*. À chegada do fluxo de ar vindo dos pulmões, a glote pode abrir-se ou fechar-se, bastando que os bordos das cordas vocais se afastem ou se aproximem. Se a glote se abrir, o ar passa livremente, sem fazer vibrar as cordas vocais: nesse caso, o fonema produzido é *surdo*. Se a glote se fechar, o fluxo de ar força a passagem, fazendo vibrar as cordas vocais, e o fonema produzido é então *sonoro*.

APARELHO FONADOR

1. Fossas nasais
2. Palato duro
3. Véu palatino
4. Lábios
5. Dentes
6. Língua
7. Faringe
8. Epiglote
9. Cordas vocais
10. Laringe
11. Traqueia
12. Esôfago
13. Alvéolo
14. Úvula
15. Glote

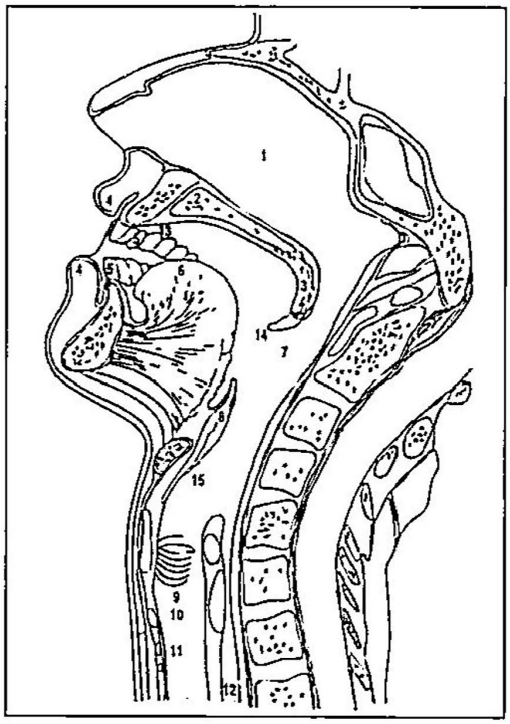

- **Cordas vocais**

  São duas pregas musculares, elásticas, distendidas horizontalmente diante da glote. Quando vibradas, produzem fonemas sonoros.

- **Faringe**

  Cavidade ligeiramente afunilada, entre a boca e a parte superior do esôfago. Conduz o ar para a boca e as fossas nasais.

- **Úvula**

  Vulgarmente chamada *campainha*, a úvula é um apêndice flexível do véu palatino. Tem a função de fiscalizar a passagem do ar; levantando-se contra a parede posterior da faringe, intercepta a passagem do ar para as fossas nasais: o ar escoa-se pela boca e o fonema se diz *oral*; abaixando-se a úvula, permite que a corrente de ar se escape em parte pelas fossas nasais, produzindo-se então um fonema *nasal*.

- **Boca e órgãos anexos**

  Podemos dizer que os fonemas nascem na laringe e se completam na boca. E isso acontece graças ao concurso das arcadas dentárias, dos alvéolos, do palato duro (ou céu da boca) e do palato mole (ou véu palatino) e, sobretudo, à atividade da língua, dos lábios e das bochechas, os quais se movimentam para modificar a corrente sonora e moldar os fonemas. A cavidade bucal atua também como caixa de ressonância dos fonemas sonoros.

- **Fossas nasais**

  Cavidades situadas acima do maxilar superior, funcionam como caixa de ressonância dos fonemas nasais.

4 CLASSIFICAÇÃO DOS FONEMAS

Os **fonemas** da língua portuguesa classificam-se em *vogais, semivogais* e *consoantes*.

- **Vogais**

São fonemas sonoros, ou sons laríngeos, que, passando pela boca entreaberta, chegam livremente ao exterior sem fazer ruído: **a, é, ê, i, ó, ô, u.**

- **Semivogais**

São os fonemas /i/ e /u/ átonos que se unem a uma vogal, formando com esta uma só sílaba: va*i*, and*ei*, o*u*ro, á*gu*a.

- **Consoantes**

São ruídos provenientes da resistência que os órgãos bucais opõem à corrente de ar: bola, copo, depósito.

Na língua portuguesa, a vogal é o elemento básico, suficiente e indispensável para a formação da sílaba. As consoantes e as semivogais são fonemas dependentes: só podem formar sílaba com o auxílio das vogais.

5 CLASSIFICAÇÃO DAS VOGAIS

De acordo com a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), classificam-se as vogais conforme:

- **a zona de articulação**

a) média: *a* (*a*ve)

b) anteriores: *é, ê, i* (*fé*, *vê*, r*i*)

c) posteriores: *ó, ô, u* (n*ó*, av*ô*, tat*u*)

- **o papel das cavidades bucal e nasal**

a) orais: *a, é, ê, i, ó, ô, u* (*a*to, *sé*, *vê*, *vi*, *só*, *fo*go, *u*va)

b) nasais: *ã, ẽ, ĩ, õ, ũ* (l*ã*, vento, *si*m, *som*, m*u*ndo)

c) tônicas: p*á*, at*é*, gelo, tup*i*, d*ó*, gl*o*bo, l*u*z

- **a intensidade**

a) subtônicas: *a*rvorezinha, cafezinho, esplendidamente, *so*mente, *co*modamente

b) átonas: el*a*, m*o*le, l*i*ção, lad*o*, l*u*gar, ó*r*fã, lençol

- **o timbre**

a) abertas: *a, é, ó* (l*á*, p*é*, cip*ó*)

b) fechadas: *ê, ô, i, u* e todas as nasais (v*ê*, am*o*r, v*i*, cr*u*, s*ã*, lenda)

c) reduzidas: as vogais átonas orais ou nasais (vel*a*, val*e*, v*i*tal, sap*o*, *u*nido, *a*ndei, *e*ntão)

Explicação do esquema anterior

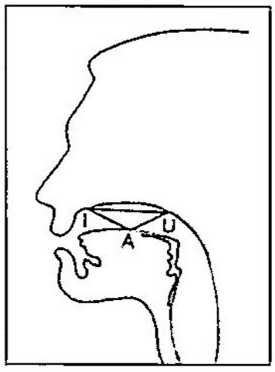

- A zona de articulação é o ponto ou a parte em que se dá o contato ou a aproximação dos órgãos que cooperam para a produção dos fonemas, no caso das vogais, a língua e o palato. Produzimos a vogal média *a* mantendo a língua baixa, quase em posição de descanso, e a boca entreaberta. Para passar da vogal *a* para as anteriores (*é, ê, i*), levantamos gradualmente a parte anterior da língua em direção ao palato duro, ao mesmo tempo que diminuímos a abertura da boca. Para emitir as vogais posteriores (*ó, ô, u*), elevamos mais e mais a parte posterior da língua em direção ao véu palatino, arredondando progressivamente os lábios.
- Na emissão das vogais orais, a corrente sonora, impedida, pela úvula levantada, de chegar às cavidades nasais, ressoa apenas na boca. Na produção das vogais nasais, dá-se o abaixamento da úvula, e a corrente sonora chega, em parte, às fossas nasais e nelas ressoa.
- As vogais tônicas são as que proferimos com maior intensidade: constituem a base das sílabas tônicas. As subtônicas proferem-se com intensidade secundária, sendo a base das sílabas subtônicas. As vogais átonas, de intensidade mínima, são a base das sílabas átonas.
- O timbre das vogais resulta da maior ou menor abertura da boca. Essa abertura é máxima na produção das vogais abertas (*a, é, ó*), mínima na emissão das vogais fechadas (*ê, ô, i, u*) e média na formação das reduzidas.

Observações:

✔ A distinção entre abertas e fechadas só é perceptível nas vogais tônicas e subtônicas. As vogais reduzidas praticamente confundem-se com as átonas.

✔ No fim das palavras, as vogais átonas *e* e *o* são, em geral, proferidas como *i* e *u*, respectivamente: *noite* (nôitchi), *tribo* (tríbu).

✔ As vogais nasais são grafadas de três maneiras: a) sobrepondo-lhes til (irmã); b) pospondo-lhes *m* (tampa); c) pospondo-lhes *n* (ganso).

6 ENCONTROS VOCÁLICOS

Os encontros vocálicos são três: *ditongo, tritongo* e *hiato.*

- **Ditongo**

É a combinação de uma *vogal* + uma *semivogal*, ou vice-versa, na mesma sílaba. Exemplos: pa*i*, re*i*, so*u*, pã*o*, fu*i*, her*ói*, sér*io*, qu*a*ndo.

Dividem-se os ditongos em:

a) **orais:** pa*i*, pou*co*, jei*to*, fu*i*, etc.

b) **nasais:** mã*e*, pã*o*, põ*e*, mu*i*to (mũ*i*to), be*m* (bẽ*i*), etc.

c) **decrescentes:** (vogal + semivogal): pa*u*ta, me*u*, ri*u*, constit*ui*, d*ói*, ou*ro*, jei*to*, etc.

d) **crescentes:** (semivogal + vogal): gê*nio*, pá*tria*, sé*rie*, qu*a*tro, ag*u*entar, qu*a*ntia, tê*nue*, vá*cuo*, etc.

Observação:

✔ Note-se que, tanto nos ditongos decrescentes como nos crescentes, a vogal é, por via de regra, o fonema de maior abertura.

Existem 17 ditongos decrescentes e 13 crescentes, considerados sob o aspecto da escrita:

▪ **Ditongos decrescentes**

ãe: mãe, pães
ai: pai, vaidade
ãi: cãibra, paina
ão: pão, mãos, falam (fálão)
au: mau, degrau
éi: fiéis, papéis
ei: rei, leite, rejeito
ẽi: hem!, vivem, têm (tẽi)
éu: véu, céu
eu: meu, bebeu
iu: viu, partiu
õe: põe, limões, ações
ói: dói, herói, constrói
oi: coitado, foi
ou: dou, louco, estoura
ui: fui, ruivo, gratuito
ũi: muito (mũito), muita

▪ **Ditongos crescentes**

ea: área, orquídea
eo: róseo, níveo
ia: várias, sábia, infância
ie: série, espécie, quieto
io: lírio, curioso, ópio
oa: nódoa, mágoa
ua: água, quadra
uã: quando, araquã
ue: tênue, equestre
uẽ: aguento, frequente
ui: sanguinário, tranquilo
uĩ: quinquagésimo, pinguim
uo: aquoso, vácuo

Observações:

✔ Os ditongos crescentes aparecem, mais frequentemente, em sílabas átonas.

✔ Por terem o valor fonético aproximado de */i/* e */u/*, respectivamente, */e/* e */o/* átonos são, em certos casos, semivogais, originando, portanto, ditongos: *mãe*, capitães, *põe*, perdoe, limões, Caetano, *ao*, etc.

✔ Não aparece escrita a semivogal nos ditongos nasais *em* (ẽi) e *am* (ão): *bem* (bẽi), *contém* (contẽi), *vivem* (vívẽi), *eram* (érão), *falam* (fálão), *lutaram* (lutárão), etc.

✔ "Os encontros *ia, ie, io, ua, ue, uo* finais átonos, seguidos ou não de *s*, classificam-se quer como ditongos, quer como hiatos, uma vez que ambas as emissões existem no domínio da Língua Portuguesa: *his-tó-ri-a* e *his-tó-ria*; *sé-ri-e* e *sé-rie*; *pá-ti-o* e *pá-tio*; *ár-du-a*; *tê-nue*; *vá-cu-o* e *vá-cuo*" (NGB). Todavia, é preferível considerar tais grupos ditongos crescentes e, consequentemente, paroxítonos os vocábulos em que ocorrem. Na escrita, em final de linha, esses encontros vocálicos não devem ser partidos.

✔ Em palavras como *área, róseo, mágoa* e outras com iguais terminações, é discutível a existência de ditongo crescente, porque na pronúncia brasileira o primeiro fonema do encontro vocálico de tais vocábulos é proferido com intensidade bastante sensível, aproximando-se mais de vogal do que de semivogal.

✔ Certos encontros vocálicos, por alguns considerados ditongos crescentes, verdadeiramente não passam de hiatos: p*ia*da, qu*ia*bo, cord*ia*l, m*io*lo, p*o*eta, v*ia*ndante, p*o*ente, coelho, m*oi*nho, l*ua*r, m*iu*deza, etc.

✔ Palavras como *saia, raio, tuxaua, teia, correio, gaiola, goiaba, imbuia*, etc. encerram, na realidade, dois ditongos juntos, pois é assim que as emitimos: *sai-ia, rai-io,* tux*au-ua, tei-ia,* corr*ei-io, gai-io*la, g*oi-ia*ba, imb*ui-ia*.

▪ Tritongo

É o conjunto *semivogal + vogal + semivogal*, formando uma só sílaba.

O tritongo pode ser:

a) **oral:** ig*uais*, averig*uei*, averig*uou*, delinq*uiu*, seq*uoi*a, Urug*uai*.

b) **nasal:** q*uão*, sag*uão*, sag*uões*, míng*uam* (míng*uão*), enxág*uem* (enxág*uẽi*), deság*uam* (deság*uão*), deság*uem* (deság*uẽi*).

Observações:

✔ Nos tritongos nasais *uam, uem*, não se registra graficamente a segunda semivogal, conforme atestam os quatro últimos exemplos.

✔ Em palavras como *uruguaio, Uruguaiana, sequoia*, etc., temos o conjunto vocálico *tritongo + ditongo*: uruguai-**io**, Uruguai-iana, sequoi-**ia**.

▪ Hiato

É o encontro de duas vogais pronunciadas em dois impulsos distintos, formando sílabas diferentes:

S*aa*ra (S*a*-*a*-ra)	*ao*rta (*a*-*o*r-ta)
fa*í*sca (fa-*í*s-ca)	d*oe*r (d*o*-er)
pod*ia* (po-d*i*-*a*)	v*oo* (v*o*-*o*)
sa*ú*de (sa-*ú*-de)	cr*ee*m (cr*e*-em), passeemos (pas-se-*e*-mos)
ci*ú*me (ci-*ú*-me)	p*oe*ira (p*o*-ei-ra)
preencher (pre-en-cher)	m*ee*iro (m*e*-ei-ro)
cr*u*el (cr*u*-el)	f*ui*nha (f*u*-*i*-nha)
fr*ea*r (fr*e*-*a*r)	lag*oa* (la-g*o*-*a*)
j*uí*zo (j*u*-*í*-zo)	fr*ii*ssimo (fr*i*-*í*s-si-mo)

Observações:

✔ Em palavras como *veia, saia, gaiola, maiúscula*, etc., pode-se ver hiato (*vei-a, sai-a, gai-o-la, mai-ús-cu-la*), ou, mais acertadamente, dois ditongos (*vei-ia, sai-ia, gai-io-la, mai-iús-cu-la*), conforme explicamos acima.

✔ Na poesia, exigências de ordem fonética ou estilística podem converter hiatos em ditongos (*sinérese*) ou dissolver ditongos em hiatos (*diérese*).

7 CLASSIFICAÇÃO DAS CONSOANTES

As consoantes são classificadas de acordo com quatro critérios:

- modo de articulação
- ponto de articulação
- função das cordas vocais
- função das cavidades bucal e nasal

FUNÇÃO DAS CAVIDADES BUCAL E NASAL		ORAIS						NASAIS
MODO DE ARTICULAÇÃO		OCLUSIVAS		CONSTRITIVAS				
				fricativas		vibrantes	laterais	
FUNÇÃO DAS CORDAS VOCAIS		surdas	sonoras	surdas	sonoras	sonoras	sonoras	sonoras
Ponto de articulação	bilabiais	*p*	*b*					*m*
	labiodentais			*f*	*v*			
	linguodentais	*t*	*d*					
	alveolares			*s* *c* *ç*	*s* *z*	*r* *rr*	*l*	*n*
	palatais			*x* *ch*	*g* *j*		*lh*	*nh*
	velares	*c q* *(k)*	*g* *(guê)*					

- **Modo de articulação**

É a maneira pela qual os fonemas consonantais são articulados.

Vindo da laringe, a corrente de ar chega à boca, na qual encontra obstáculo total ou parcial da parte dos órgãos bucais. Se o fechamento dos lábios ou a interrupção da corrente de ar é total, dá-se a oclusão; se parcial, a constrição: daí a divisão das consoantes em *oclusivas* e *constritivas*.

No segundo caso, conforme o modo pelo qual a corrente expiratória escapa, as consoantes podem ser:

a) **fricativas** – quando o ar sai roçando ruidosamente as paredes da boca estreitada: *f, v, ç, s, z, x, j;*

b) ***vibrantes*** – quando o ar produz um movimento vibratório áspero: *r* brando e *r* forte ou múltiplo;

c) **laterais** – quando o ar, encontrando a língua apoiada no palato, é forçado a sair pelas fendas laterais da boca: *l, lh*.

Observação:

✔ As consoantes nasais, que alguns autores incluem entre as oclusivas e outros entre as constritivas, merecem, quanto ao modo de se articularem, classificação à parte, pois, quando as proferimos, há oclusão apenas bucal, chegando o ar às fossas nasais, nas quais ressoa.

▪ Ponto de articulação

É o lugar em que os órgãos entram em contato para a emissão do som.

Quando entram em ação ou contato:

- os lábios, as consoantes são *bilabiais*: **p, b, m**;
- os lábios e os dentes, as consoantes são *labiodentais*: **f, v**;
- a língua e os dentes, as consoantes são *linguodentais*: **t, d**.
- a língua e os alvéolos, temos consoantes *alveolares*: **s, c** (= ç), **z, l, r** (brando), **r** (forte ou múltiplo), **n**;
- o dorso da língua e o palato duro (céu da boca), as consoantes se chamam *palatais*: **j, g** (= j), **x, lh, nh**;
- a parte posterior da língua e o véu palatino (palato mole), as consoantes denominam-se *velares*: **c** (k), **q, g** (guê).

As consoantes produzidas pelo concurso dos mesmos órgãos denominam-se *homorgânicas*. Exemplos:

t / d **s / z** **p / b** **c** (k) / **g** (guê)

▪ Função das cordas vocais

Se a corrente de ar puser as cordas vocais em vibração, teremos uma consoante *sonora*; caso contrário, a consoante será *surda*.

▪ Função das cavidades bucal e nasal

Quando o ar sai exclusivamente pela boca, as consoantes são *orais*; se, pelo abaixamento da úvula, o ar penetra nas fossas nasais, as consoantes são *nasais*: **m, n, nh**.

Observações:

✔ Os signos *m* e *n* são consoantes apenas em início de sílaba: *mato, remo, nado, sino*, etc.; em final de sílaba, como nas palavras *campo, tempo, conde, fundo, anta, lindo*, são simples sinais de nasalização da vogal ou do ditongo anterior.

✔ Na pronúncia normal brasileira, o *l*, em final de sílaba, tem realização antes de *velar* do que *alveolar*, vocalizando-se aproximadamente como um *u*: *alto* (aultu), *mal* (mául), *anel* (aneul), *filme* (fiulme), etc. Ao escrever tais palavras, não se pode trocar o *l* por *u*.

- ✔ O *r* forte, em final de sílaba, como em *porta, carne, levar*, é proferido como velar no Rio de Janeiro e em outras áreas do Brasil. Tanto a pronúncia velar como a alveolar são boas. O mesmo não se pode dizer da realização linguopalatal (*r* caipira), desagradável ao ouvido, dominante em certas áreas dos estados de São Paulo, Minas Gerais e Mato Grosso do Sul.
- ✔ No português do Brasil, as consoantes *d* e *t*, quando seguidas da vogal ou da semivogal *i*, geralmente se palatalizam: *dinheiro* (djinhêiru), *diabo* (djiábu), *tia* (tchia), *mate* (mátchi).
- ✔ Na pronúncia normal brasileira, o *s* final de sílaba soa aproximadamente como *z*: *ondas, peles, lesma*, etc. A melhor produção do *s*, neste caso, é a alveolar e não a palatal (como *x*). Soam desagradáveis os *ss* exageradamente "puxados", à carioca.
- ✔ Para representar os fonemas palatais *lh* e *nh*, não há signos próprios em nosso alfabeto. É que tais fonemas inexistem no grego e no latim.

8 ENCONTROS CONSONANTAIS

Encontro consonantal é a sequência de dois ou mais fonemas consonânticos numa palavra. Exemplos:

brado, **cr**eme, **pl**ano, re**gr**a, **cl**o, a**tl**eta, a**tr**ás, **tr**anstorno, **ps**íquico, **pn**eumático, obtu**r**, di**g**no, e**n**igma, obs**tr**uir, sub**d**elegado, infecção, **st**mo, fórceps, **Pt**olomeu, **tch**eco, tsé-tsé, lam**bd**a, lam**bd**acismo, etc.

O encontro consonantal pode ocorrer:

a) na mesma sílaba:

cli-ma, **fl**o-res, du-**pl**o, **br**a-do, re-**pr**e-sa, le-**tr**a, **cz**ar, **ps**eu-dô-ni-mo, **mn**e-mô-ni-co, **ps**i-co-se, etc.

São encontros consonantais inseparáveis, mais frequentemente formados de *consoante* + *l* ou *r*.

b) em sílabas diferentes:

ad-ven-to, **ob**-tu-so, **ap**-to, fú**c**-sia, pa**c**-to, su**c**-ção, na**f**-ta, **sub**-lo-car, **sub**-lin-gual, in-cóg-ni-ta, ét-ni-co, **cons**-tar, cor-**rup**-ção, **obs**-tá-cu-lo, etc.

São encontros consonantais *separáveis*. Ocorrem sempre no interior das palavras e geralmente são formados de duas consoantes.

Observações:

- ✔ Pronunciam-se separadamente o *b* e o *l* das palavras *sublinhar, sublegenda, sublacustre, sublingual, sublocar, sublocação* e *sublunar*, formadas com o prefixo *sub*.
- ✔ Em palavras como *samba, renda, lindo*, não há encontro consonantal, porque, como já vimos, *m* e *n*, em final de sílaba, não representam fonemas, são letras nasalizadoras, têm a função do til: *sãba, rẽda, lĩdo*.
- ✔ Não se deve confundir encontro consonantal com dígrafo, que a seguir estudaremos.

9 DÍGRAFOS

Dígrafo é o grupo de duas letras representando um só fonema. Na palavra **ch**ave, por exemplo, que se pronuncia **x**ávi, ocorre o dígrafo **ch**.

a) Dígrafos que representam consoantes:

ch: chapéu, cheio
lh: pilha, galho
nh: banho, ganhar
rr: barro, erro
ss: asseio, passo
gu: (antes de *e* ou *i*): guerra, seguinte
qu: (antes de *e* ou *i*): leque, aquilo
sc: (antes de *e* ou *i*): descer, piscina
sç: (antes de *a* ou *o*): desça, cresço
xc: (antes de *e* ou *i*): exceção, excitar

Observações:

✔ Em palavras em que as duas letras se pronunciam, os grupos *gu, qu, sc* e *xc* não são dígrafos, como nos exemplos: *agudo, aguentar, aquático, frequente, escada, exclamar.*

✔ Na divisão gráfica das sílabas, cinco desses dígrafos (*ch, lh, nh, gu, qu*) são inseparáveis, e os cinco outros (*rr, ss, sc, sç, xc*), separáveis: *ter-ra, os-so, pis-ci-na, cres-ça, ex-ce-to.*

✔ Dígrafo não é encontro consonantal, pois representa um só fonema.

b) Dígrafos que representam vogais nasais:

am: tampa (tãpa)
em: tempo (tẽpu)
im: limpo (lĩpu)
om: ombro (õbru)
um: jejum (jejũ)
an: santa (sãta)
en: venda (vẽda)
in: linda (lĩda)
on: sonda (sõda)
un: mundo (mũdu)

No fim das palavras, como *falam* (fálãu), *batem* (bátẽi), *alguém* (alguẽi), *am* e *em* não são dígrafos, porque representam um ditongo nasal, portanto, dois fonemas.

10 NOTAÇÕES LÉXICAS

Notações léxicas são certos sinais gráficos que se juntam às letras, geralmente para lhes dar um valor fonético especial e permitir a correta pronúncia das palavras.

São as seguintes:

- o **acento agudo** – indica vogal tônica aberta: *pé, avó, lágrima;*
- o **acento circunflexo** – indica vogal tônica fechada: *avô, mês, âncora;*
- o **acento grave** – sinal indicador de crase: ir à cidade;
- o **til** – indica vogal nasal: *lã, põe, ímã, romãzeira;*
- a **cedilha** – dá ao *c* o som de *ss*: *moça, laço, açude;*
- o **apóstrofo** – indica supressão de vogal: *mãe-d'água, pau-d'alho;*
- o **hífen** – une palavras, prefixos, etc.: *arco-íris, peço-lhe, ex-aluno.*

O emprego das notações léxicas, também denominadas **sinais diacríticos**, será estudado em **Ortografia**, páginas 80 a 85.

EXERCÍCIOS

LISTA 01

1. Explique para cada uma das listas de palavras abaixo o tipo de imperfeição que ocorre na representação dos fonemas:

a) maCHado – miLHo – uNHa – caRRo – oSSo – seGUir

b) eXame – Xale – teXto – próXimo – táXi – heXacampeão

c) taMbor – diamaNte – doeNte – nogUeira

d) seXo – tóXico – oXigênio – aXila – fluXo – tóraX

e) eXilar – coZido – corteSia

f) bEM – armazÉM – ajudEM – lutAM – escutarAM

g) Hospital – piScina – eXceção – reqUisito

2. Copie apenas as afirmações verdadeiras:

a) Na língua portuguesa, a vogal é o elemento básico, suficiente e indispensável para a formação de sílabas.

b) Todas as vogais nasais são fechadas.

c) Na palavra **cafezinho**, E é vogal tônica.

d) Na produção das vogais orais, a úvula se levanta, impedindo que a corrente de ar chegue às fossas nasais.

e) A única maneira de representar uma vogal nasal é sobrepor um til à letra que a simboliza.

3. Em português há sete vogais orais e cinco vogais nasais. Copie-as em seu caderno, substituindo o triângulo pelas que faltam e os seus respectivos exemplos:

Orais		**Nasais**	
1 - *i* (vi)	5 - *u* (tu)	1 - *ĩ* (sim)	4 - *ũ* (um)
2 - *ê* (lê)	6 - *ô* (dor)	2 - *ã* (lã)	5 - Δ
3 - *é* (pé)	7 - Δ	3 - *õ* (onda)	
4 - *a* (pá)			

4. Classifique no seu caderno as vogais em destaque dos vocábulos seguintes, de acordo com o exemplo:

cafÉ: anterior, aberta, oral, tônica

a) sofÁ

b) cÂntico

c) pOços

d) Unicamente

e) cEdo

5. Responda:

Na palavra **ódio**, o ditongo é crescente porque a semivogal vem antes da vogal base.

Por que na palavra **boi** o ditongo é decrescente?

6. Reescreva as palavras abaixo, colocando na frente de cada uma os números correspondentes ao tipo de ditongo:

(1) ditongo oral decrescente

(2) ditongo oral crescente

(3) ditongo nasal decrescente

(4) ditongo nasal crescente

ouro	cãibra	doido
pão	mau	araquã
frequente	tênue	múmia
muito	refém	quando
viu	estavam	exíguo

7. Separe as palavras abaixo em três colunas: ditongos, tritongos e hiatos:

equestre – ciúme – radiouvinte – mínguam – fortuito – poético – quaisquer – aquático – reagir – pessoa – guaicuru – averiguou

8. Classifique os encontros vocálicos abaixo, indicando se são orais ou nasais, crescentes ou decrescentes:

Paraguai – aguentar – saguão – reeleito – circuito – caótico – artéria – apaziguei – quieto – triunfo – saguões – gratuito – iguaizinhos – propõe – orquídea – uruguaianense – pinguim – sequoia

9. Copie a única palavra em que há ditongo nasal:

viajante – nogueira – mágoa – cantavam – hortênsia

10. Substitua o * nas palavras, usando adequadamente o ditongo nasal **ão** ou **am**:

estav * est * s * seri * der *

11. Copie em seu caderno apenas as palavras em que ocorre hiato:

viúva – viu – coeso – sueco – ruivo – ruína – ruíra – caí – cai – lagoa – beato – sai – saíra – preencher – água – pajeú – rua – ruim – pais – país

12. Nas palavras **ninguém**, **lagoa**, **queijo**, **lírio** e **Uruguai**, há, respectivamente:

a) hiato – ditongo decrescente – hiato – hiato – tritongo

b) ditongo decrescente – hiato – tritongo – hiato – tritongo

c) ditongo decrescente – hiato – ditongo decrescente – ditongo crescente – tritongo

13. Copie as palavras abaixo, modificando a intensidade da penúltima vogal, de tal modo que de tônica se torne átona:

alivio – desanimo – magoas – habito – auxilio – secretaria – penitencia – fotografo – pronuncia – renuncia – obvia – autentica – seria – negocio – calculo – animo – incomodo

14. Quais, das alternativas abaixo, são as duas melhores pronúncias do **R** forte, em final de sílaba, como nas palavras **doutor** e **carne**:

- realização linguopalatal, frouxa?
- realização alveolar, nítida?
- realização velar, nítida?

15. Classifique as consoantes da palavra **caderno**:

Exemplos: C – consoante oral, oclusiva surda, velar.

16. Copie os vocábulos abaixo e em seguida assinale aqueles em que **M** e **N** não são fonemas, porém sinais de nasalização de vogais:

remo – campo – lembrança – maduro – ontem – honesto – lindo – hífen – algum – amor – cólon – simples – camada – hino – fundo

17. Escreva as palavras abaixo, sublinhando os encontros consonantais e passando um traço em volta dos dígrafos:

equestre – pneumático – guitarra – occipital – digno – obter – nascer – recepção – repleto – psicologia – cacique – telha – facho – exceder – sessão – sonho – czar – mnemônico – admitir – tambor – canto – apto – nafta – gente – fúcsia – bilíngue – sucção

18. Escreva os vocábulos listados, circulando a única palavra:

a) em que o encontro consonantal pertence a sílabas diferentes:
sublime – sublocar – abrolhar – psicólogo – aglutinar

b) em que o fonema consonântico está representado incorretamente:
malvado – alto – natureza – freguesa – coucha – granjear – maldade

19. Por que em **samba** e **lenda** não há encontro consonantal?

20. Copie as palavras, identificando em seguida, entre parênteses, o valor fonético da letra **x**.

Exemplos: **eixo** (ch) – **sexto** (s) – **fixo** (cs) – **auxílio** (ss) – **hexaedro** (cz) – **exame** (z) – **exceto** (-)

elixir	sintaxe	maxilar
exalar	vexame	prolixo
fluxo	exorbitar	axila
texto	clímax	excêntrico
coxa	exímio	máximo
êxodo	léxico	cóccix
tóxico	nexo	exíguo
exonerar	trouxe	profilaxia
exceção	excitar	oxítono
ortodoxo	hexágono	hexacampeão

21. No texto "A água" (página 20), ocorrem palavras com sons expressivos. Informe quais são e o que sugerem.

22. Os textos abaixo são fragmentos de poemas. Aponte os versos com sons expressivos e informe o que sugerem:

texto A

O sino bate,
o condutor apita o apito,
solta o trem de ferro um grito,
põe-se logo a caminhar...

– Vou danado pra Catende,
vou danado pra Catende,
vou danado pra Catende
com vontade de chegar...

Mergulham mocambos
nos mangues molhados,
moleques, mulatos
vêm vê-lo passar.

(Ascenso Ferreira, *Poemas*, p. 137, Recife, 1959)

texto B

Sino de Belém,
Sino da Paixão...

Sino de Belém,
Sino da Paixão...

Sino do Bonfim...
Sino do Bonfim...

Sino de Belém, pelos que inda vêm!
Sino de Belém bate bem-bem-bem.

Sino da Paixão, pelos que lá vão!
Sino da Paixão, bate bão-bão-bão.

(Manuel Bandeira, *Poesia Completa e Prosa*, p. 225, Aguilar, 1967)

23. Diga quantos fonemas e quantas letras há em cada palavra destacada:
"Não serei o poeta de um **mundo caduco**.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou **preso** à vida e **olho** meus **companheiros**." (Carlos Drummond de Andrade)

24. Procure no fragmento de Drummond transcrito acima:
a) dois exemplos de dígrafos.
b) dois exemplos de dígrafos que representam vogais nasais.
c) um exemplo de encontro consonantal.
d) um exemplo em que *em* apareça representando ditongo nasal na fala.

25. Quatro das palavras abaixo possuem o mesmo número de fonemas. Identifique-as:
horrível – sílaba – coqueiro – ferreiro – piscina – planalto – palavra – chuvinha – projeto

26. Identifique o(s) fonema(s) que corresponde(m) à letra **x** de cada palavra:
a) fixo b) próximo c) caixa d) exato e) fênix

27. Nas palavras abaixo, aponte as que contêm dígrafo (D), encontro consonantal (EC), ditongo (DI), hiato (H) ou tritongo (T):

queijo	frequência	linguiça	quilômetro
blocos	conflito	quais	aguente
mágoa	magoa	guitarra	traído

FONEMAS
Exercícios de exames e concursos
[Página 664]

SÍLABA
TONICIDADE

Sílaba é um fonema ou grupo de fonemas emitidos num só impulso da voz (impulso expiratório).

Na palavra *azeite*, por exemplo, há três sílabas: *a-zei-te*.

Na língua portuguesa, a sílaba se forma necessariamente com uma vogal, a que se agregam, ou não, semivogais ou consoantes.

1 CLASSIFICAÇÃO DAS PALAVRAS QUANTO AO NÚMERO DE SÍLABAS

Quanto ao número de sílabas, classificam-se as palavras em:

- **monossílabas** – as que têm uma só sílaba:
  pó, luz, é, pão, pães, mau, reis, boi, véus, etc.
- **dissílabas** – as que têm duas sílabas:
  café, livro, leite, caixas, noites, caí, roer, etc.
- **trissílabas** – as constituídas de três sílabas:
  jogador, cabeça, ouvido, saúde, circuito, etc.
- **polissílabas** – as que têm mais de três sílabas:
  casamento, americano, responsabilidade, jesuíta, etc.

2 DIVISÃO SILÁBICA

A divisão silábica faz-se pela silabação, isto é, pronunciando as palavras por sílabas. Na escrita, separam-se as sílabas por meio do hífen:

te-sou-ro, di-nhei-ro, con-te-ú-do, ad-mi-tir, guai-ta-cá, sub-le-var.

Regra geral:

✔ Na escrita, não se separam letras representativas da mesma sílaba.

Regras práticas:

✔ Não se separam letras que representam:

a) ditongos: c**au**-le, tr**ei**-no, ân-s**ia**, ré-g**ua**s, so-c**ie**-da-de, g**ai**-o-la, ba-l**ei**-a, des-m**ai**-a-do, im-b**ui**-a, etc.

b) tritongos: Pa-ra-guai, quais-quer, sa-guão, sa-guões, a-ve-ri-guou, de-lin-quiu, ra-diou-vin-te, U-ru-guai-a-na, etc.

c) os dígrafos *ch, lh, nh, gu* e *qu*: fa-cha-da, co-lhei-ta, fro-nha, pe-guei, quei-jo, etc.

d) encontros consonantais inseparáveis: re-cla-mar, re-ple-to, pa-trão, gno-mo, mne-mô-ni-co, pneu-mo-ni-a, pseu-dô-ni-mo, psi-có-lo-go, bí-ceps, etc.

✔ Separam-se as letras que representam os hiatos:

sa-ú-de, Sa-a-ra, sa-í-da, ca-o-lho, fe-é-ri-co, pre-en-cher, te-a-tro, co-e-lho, zo-o-ló-gi-co, du-e-lo, ví-a-mos, etc.

✔ Contrariamente à regra geral, separam-se, por tradição, na escrita, as letras dos dígrafos *rr, ss, sc, sç* e *xc*:

guer-ra, sos-se-go, pis-ci-na, des-çam, cres-ço, ex-ce-ção, etc.

✔ Separam-se, obviamente, os encontros consonantais separáveis, obedecendo-se ao princípio da silabação:

ab-do-me	ad-je-ti-vo	de-cep-ção	ls-ra-el
sub-ma-ri-no	ad-mi-rar	ap-ti-dão	felds-pa-to
sub-lin-gual	af-ta	e-clip-se	trans-tor-no
sub-lo-car	of-tal-mo-lo-gis-ta	rap-to	sols-tí-cio
ab-so-lu-to	e-nig-ma	rép-til	rit-mo
fric-ção	ma-lig-no	pers-pi-caz	ist-mo
in-fec-ção	dig-no	subs-tân-cia	ex-cur-são
téc-ni-co	mag-nó-lia	abs-tra-to	ex-clu-ir

Observação:

✔ Os grupos consonânticos separáveis são sempre internos. Os encontros *gn, ps, pt* e *tm*, quando internos, podem ser pronunciados juntos, na mesma sílaba: di-gno, eli-pse, ra-pto, ri-tmo, etc.

✔ O *x* com valor fonético de */cs/* junta-se à vogal seguinte (quando houver):

fi-xar, com-ple-xo, tó-xi-co, re-fle-xão, o-xi-gê-nio, etc.

✔ Na divisão silábica, não se levam em conta os elementos mórficos das palavras (prefixos, radicais, sufixos):

de-sa-ten-to, di-sen-te-ri-a, tran-sa-tlân-ti-co, su-ben-ten-di-do, su-bes-ti-mar, in-te-rur-ba-no, su-bur-ba-no, bi-sa-vó, hi-dre-lé-tri-ca, etc.

3 PARTIÇÃO DAS PALAVRAS EM FIM DE LINHA

Na translineação, isto é, ao passar de uma linha para a seguinte, além das *normas estabelecidas* para a divisão silábica, seguir-se-ão os seguintes critérios:

- Dissílabos como aí, saí, ato, rua, ódio, joia, unha, etc. não devem ser partidos, para que uma letra não fique isolada no fim ou no início da linha.

- Na partição de palavras de mais de duas sílabas, não se isola sílaba formada por uma vogal:

  agos-to (e não *a-gosto*), **la-goa** (e não *lago-a*), **ida-de** (e não *i-dade*).

- Na partição de compostos hifenizados, ao translinear, repetir-se-á o hífen quando a secção da palavra coincidir com o final de um dos elementos do vocábulo composto:

saca-	cana-	bem-me-
-rolhas	-de-açúcar	-quer

4 ACENTO TÔNICO

Num vocábulo de duas ou mais sílabas, há, em geral, uma que se destaca por ser proferida com mais intensidade que as outras: é a *sílaba tônica*. Nela recai o *acento tônico*, também chamado *acento de intensidade* ou *prosódico*. Nos exemplos seguintes, as sílabas tônicas estão em destaque:

café – janela – **médico** – estômago – colecionador

Observações:

✔ O acento tônico é um fato fonético e não deve ser confundido com o acento gráfico (agudo ou circunflexo) que às vezes o assinala.

✔ A sílaba tônica nem sempre é acentuada graficamente. Exemplos: cedo, *flores*, *bote*, pessoa, *senhor*, *caju*, *tatus*, *siri*, abaca*xis*.

Certos vocábulos derivados, geralmente polissílabos, além da sílaba tônica (em que recai o acento principal ou tônico), possuem uma *sílaba subtônica*, com acento secundário. Nos exemplos seguintes, as sílabas subtônicas aparecem em destaque:

caFEzinho – INdiazinha – RApidamente – COmodamente

As sílabas que não são tônicas nem subtônicas chamam-se *átonas* (= fracas), e podem ser *pretônicas* ou *postônicas*, conforme estejam antes ou depois da sílaba tônica. Exemplos:

MON → átona	FA → subtônica	HE → pretônica
TA → tônica	CIL → pretônica	ROI → subtônica
NHA → átona	MEN → tônica	ZI → tônica
	TE → postônica	NHO → postônica

5 CLASSIFICAÇÃO DAS PALAVRAS QUANTO AO ACENTO TÔNICO

De acordo com a posição da sílaba tônica, as palavras com mais de uma sílaba classificam-se em:

- **oxítonas** – quando a sílaba tônica é a última:

  caFÉ – raPAZ – escriTOR – maracuJÁ – má-criaÇÃO

- **paroxítonas** – quando a sílaba tônica é a penúltima:

  MEsa – LÁpis – monTAnha – imensiDAde – erva-MAte

- **proparoxítonas** – quando a sílaba tônica é a antepenúltima:
  ÁRvore – quiLÔmetro – MÉxico – pré-hisTÓrico

Observação:

✔ Para a classificação de palavras compostas, considere-se a posição da sílaba tônica do último elemento.

As palavras monossílabas, conforme a intensidade com que se proferem, podem ser *tônicas* ou *átonas*:

- **tônicas** – as que têm autonomia fonética, sendo proferidas fortemente na frase em que aparecem, como as destacadas no exemplo:

  "Pálido, o **Sol** do **céu** se despedia." (Olavo Bilac)

  São monossílabos tônicos:

  é, má, si, dó, nó, eu, tu, nós, ré, pôr, etc.

- **átonas** – as que não têm autonomia fonética, sendo proferidas fracamente, como se fossem sílabas átonas do vocábulo a que se apoiam. Nos exemplos seguintes, os monossílabos destacados são átonos:

  O menino divertia-**se** olhando **os** peixinhos **do** aquário.

  (**O** menino divertia-**se** olhand' **os**peixinhos **do**aquário.)

  "Este céu **que me** leva **ao** fim **de** tudo..." (Dante Milano)

  Os monossílabos átonos são palavras vazias de sentido: artigos, pronomes oblíquos, elementos de ligação (preposições, conjunções). Exemplos:

  o, a, os, as, um, uns, me, te, se, lhe, nos, de, em, e, que.

Os monossílabos átonos apoiam-se, foneticamente, ou na palavra seguinte ou na anterior. No primeiro caso, temos uma *próclise*, e os monossílabos se dizem *proclíticos*:

João *se* arrependeu do que fez.

No segundo caso, há uma *ênclise*, e os monossílabos são *enclíticos*:

João arrependeu-*se* do que fez.

Há monossílabos que são tônicos numa frase e átonos em outras. Exemplos:

Você me chamou para **quê**? (tônico) _____ **Que** tem você? (átono)

Assim **não**! (tônico) _____ **Não** posso ir. (átono)

Há sempre um **mas** para atrapalhar. (tônico) _____ Eu sei, **mas** não digo. (átono)

6 VOCÁBULOS ÁTONOS E VOCÁBULOS TÔNICOS

A maioria dos vocábulos átonos são monossílabos. Alguns, porém, são dissílabos: o artigo *uma*, as preposições *para* e *pera* (arcaica), as contrações *pelo* e *pela* e as conjunções *como* e *porque*.

Só quando proferidas na frase é que podemos perceber se as palavras são átonas ou tônicas.

Quando dois vocábulos paroxítonos são homógrafos, um átono e outro tônico, na escrita o tônico, de acordo com o novo sistema ortográfico, não se acentua mais. Exemplos:

A vida não *para*. (tônico) O *pelo* do gato é macio. (tônico)

Isto é *para* você. (átono) Segui *pelo* atalho. (átono)

7 VOCÁBULOS RIZOTÔNICOS E ARRIZOTÔNICOS

Rizotônicos (do grego *riza,* raiz) são os vocábulos cujo acento tônico incide no radical. Aqueles que têm o acento tônico depois do radical se dizem *arrizotônicos*.

Essa classificação diz respeito particularmente às formas verbais. Considerem-se, por exemplo, as seguintes formas do verbo **escrever**, cujo radical é **escrev**:

escrevo
escreves — formas rizotônicas
escreva

escrevi
escreverá — formas arrizotônicas
escrevendo

8 ACENTO DE INSISTÊNCIA

Sentimentos fortes (emoção, alegria, raiva, medo) ou a simples necessidade de enfatizar uma ideia podem levar o falante a emitir a sílaba tônica ou a primeira sílaba de certas palavras com uma intensidade e duração além do normal. Exemplos:

"Cada qual havia pescado um peixe **deeeeeeeeste** tamanho!" (PEDRO BLOCH)

"Me **saaalva**! – implorou a baratinha." (MILLÔR FERNANDES)

Estúuupido! – gritou a menina, revoltada.

Foi uma noite **maaaravilhosa**!

Deve haver equilíbrio entre exportação e importação.

João não distinguia eminente de iminente.

A esse realce sonoro de uma sílaba dá-se o nome de *acento de insistência* ou *acento enfático*.

Note-se que o acento de insistência nem sempre coincide com a sílaba tônica da palavra, conforme se vê nos três últimos exemplos.

9 ANÁLISE FONÉTICA

Fazer a análise fonética de um vocábulo é classificá-lo quanto ao número de sílabas e o acento tônico, decompor-lhe as sílabas e classificar os fonemas que as constituem. Exemplo:

BAILE: palavra dissílaba paroxítona, rizotônica.

1ª sílaba: **bai**, tônica, constituída pela consoante bilabial oclusiva sonora **b** e pelo ditongo oral decrescente **ai** (**a** vogal + **i** semivogal).

2ª sílaba: **le**, átona postônica, formada pela consoante constritiva lateral alveolar sonora **l** e a vogal anterior reduzida oral átona **e**.

EXERCÍCIOS

LISTA 02

1. Qual é o fonema que, necessariamente, aparece na formação das sílabas em português?

2. Separe as sílabas das palavras de cada grupo, de acordo com a respectiva norma:

   a) Não se separam as vogais dos ditongos – decrescentes e crescentes – nem as dos tritongos:

   louvor – precaução – rádio – história – tênue – paiaguá – aguardente – quaisquer – desiguais – averiguou

   b) Separam-se as vogais dos hiatos:

   saúva – saindo – boato – reedição – coorte – caatinga – freada – jesuíta – poeira – saíamos – triunfo

   c) Separam-se os encontros consonantais internos separáveis:

   absoluto – advogado – dracma – nafta – ritmo – ignorar – decepção – hipnose – apto – técnica – ético – perspectiva

   d) Na divisão silábica não se consideram os elementos mórficos das palavras:

   desatencioso – disenteria – bisavô – transamazônica – interurbano – subestimar – hidrelétrica – exorbitar

3. Divida as sílabas destas palavras, não esquecendo que há dígrafos que se bipartem e outros não:

   cachoeira – consciência – excessivo – descendência – correria – coalhada – ressurreição – distinguiu – desencalhei – quermesse

4. Separe corretamente as sílabas destes vocábulos:

   feiíssimo – substância – perspicácia – iguaizinhos – delinquência – feérico – descêsseis – impregnariam – circunspecto – fricção – leais – despautério – tiziu – obstáculo – clepsidra – abstêmio – substituir – admissão – egípcio – quinquênio

5. Faça como no exercício anterior:

   dispepsia – subsistência – sublocar – paradoxais – interruptor – gnaisse – gipsita – esfíncter – zeugma – quartzo – tungstênio – abstrair – feldspato – paizinho – paisinho – aracnídeo – designar – abdicar – paraibano – núpcias – Quéops

6. Parta de todos os modos admissíveis as seguintes palavras em fim de linha, deixando de lado as que não devem ser partidas:

   olaria – ódio – inexcedível – baú – ilha – ilusório – água – sussurro – ignomínia – oxigênio – auxílio – voo – saí – sabiá

7. Copie, em cada grupo, as palavras partidas corretamente:

   a) dece-pção, ex-ceção, ascen-são, varie-dade
   b) discus-são, fer-reiro, de-sonesto, memóri-a
   c) caço-ada, inter-estadual, pé-rola, coc-ção
   d) o-pinar, ad-quirir, sequên-cia, obs-truir
   e) psico-logia, goi-abeira, enxa-guei, exce-sso

8. Classifique os vocábulos quanto ao número de sílabas:

leiteiro – véus – zombaria – cauim

9. Escreva e sublinhe a sílaba tônica de cada palavra:

sôfrego – sofregamente – cafezinho – paraense – ruim – ruidoso

10. Separe as sílabas das palavras **caótico**, **desobstruiu** e **perspectiva** de modo que as sílabas tônicas coincidam com os asteriscos:

			*				*			*		

11. Organize os vocábulos em três colunas, de acordo com a acentuação tônica: oxítonos, paroxítonos e proparoxítonos:

obstáculo – horizontal – rapidamente – timidez – esperávamos – lavrador – precioso – epidemia – atlético – madrepérola – enlouqueceu – taubateense – vice-diretor – neocomungante – fenômenos

12. Copie as palavras em seu caderno e passe um traço em volta das sílabas subtônicas:

dificilmente – instantaneamente – cristãmente – otimamente – tunelzinho – chapeuzinho – mãozinhas – papelzinho

13. Copie o trecho abaixo, sublinhando os monossílabos átonos com um traço e os tônicos com dois:

Por certo que foi esse céu luminoso

o brilho primeiro do "– Faça-se a luz!"

(ROSAMARIA CASTELO BRANCO)

14. Copie os pares de frases abaixo, acentuando corretamente o homógrafo monossílabo tônico para distingui-lo do homógrafo átono:

a) Senna foi um **as** do automobilismo.
Lave **as** mãos antes das refeições.

b) Cão **que** ladra não morde.
Você quer o carro para **que**?

c) Errei **por** distração.
Começou a **por** defeitos em mim.

d) **Da** o que podes.
Preciso **da** chave.

e) Chegou **de** noite.
Não **de** gritos.

f) Que pessoas **mas**!
Sofre, **mas** não chora.

15. Registre em seu caderno a frase em que o acento de insistência não coincide com a sílaba tônica da palavra:

À nossa frente erguia-se uma montanha enooorme!

A viagem foi maaaravilhosa!

16. Escreva os grupos de palavras e sublinhe em cada um a que não é proparoxítona:

a) êxodo – apóstata – rubrica – anátema – óbolo
b) aríete – incólume – munícipe – trôpego – ibero
c) zênite – década – abóbada – avaro – silvícola

17. Informe no seu caderno a série em que há palavras cuja divisão silábica é incorreta:

a) tó-xi-co, ru-im, gra-tui-to, ex-ce-ção
b) sub-li-nhar, e-clip-se, in-fec-ção, de-son-ra
c) te-a-tro, des-ones-to, ap-ti-dão, sub-es-ti-mar

18. Divida as palavras abaixo em sílabas e localize a sílaba tônica de cada uma:

quaisquer – enfronhado – psicólogo – advogado – fôssemos – exceção – coordenadora – piscina

19. Classifique as palavras do exercício anterior quanto à posição da sílaba tônica.

20. Leia o trecho abaixo, separe as sílabas das palavras destacadas e, depois, classifique-as de acordo com a posição da sílaba tônica:

Nos mundos imaginados por esse **escritor**, nascido no **México**, o futuro é sempre **pior** que o presente. O que já é **ruim** hoje tende a piorar. Como **morreu** há vinte anos, não seria de **admirar** que o **chamassem** de visionário.

21. Crie novas palavras apenas substituindo a sílaba tônica por uma átona. Depois construa uma frase com cada nova palavra, deixando clara a diferença de sentido entre elas:

Tônico – análise – sabiá – fotógrafo – número

22. Destaque, no fragmento abaixo, os monossílabos que encontrar, dizendo se são átonos ou tônicos:

O movimento do trem lhe dá a incrível sensação de irrealidade e leva-o a concordar com aqueles que afirmam ser a realidade apenas um de nossos sonhos. Põe, então, os óculos de grau e, ignorando a insuficiência de luz, retoma a leitura, pensando que aquelas afirmações sem pé nem cabeça apenas podem provocar dó em quem as ouvir.

23. Releia os monossílabos que localizou no exercício anterior, observando a ocorrência de acentuação gráfica. O que é possível concluir quanto à acentuação dos monossílabos?

SÍLABA TONICIDADE
Exercícios de exames e concursos
[Página 664]

ORTOÉPIA
PROSÓDIA

1 ORTOÉPIA

A *ortoépia* (do grego *orthós*, correto + *hepós*, fala) ocupa-se da boa pronunciação das palavras, no ato da fala. É fonética prática, dinâmica, e merece especial atenção no estudo da língua.

A ortoépia preceitua:

- a perfeita emissão das vogais e dos grupos vocálicos, enunciando-os com nitidez, sem acrescentar nem omitir ou alterar fonemas, respeitando o timbre (aberto ou fechado) das vogais tônicas, tudo de acordo com as normas da fala culta. Exemplos:

  m**o**leque, ch**o**ver, c**o**légio, búss**o**la, e não: m**u**leque, ch**u**ver, c**u**légio, búss**u**la

  f**ei**xe, qu**ei**jo, qu**ei**xa, **ou**ro, e não: f**ê**xe, qu**ê**jo, qu**ê**xa, **ô**ro

  r**ou**bo, r**ou**ba, afr**ou**xo, afr**ou**xa, e não: r**ó**bo, r**ó**ba, afr**ó**xo, afr**ó**xa

  fizest**e**s, quisest**e**s, e não: fizést**e**is, quisést**e**is

  caranguejo, band**e**ja, e não: carangueijo, band**ei**ja

  f**o**rnos (ó), p**o**stos (ó), e não: f**ô**rnos, p**ô**stos

  infl**i**gir, mend**i**go, e não: infl**in**gir, mend**in**go

  meteorologia, e não: **meter**ologia ou **metere**ologia

- a articulação correta e nítida dos fonemas consonantais. Exemplos:

  mulhe**r**, que**r**, come**r**, fala**r**, e não: mulhé, qué, comê, falá

  pasto**r**, ca**r**ne, po**r**ta, etc., dando-se ao ***r*** final de sílaba som velar ou alveolar

  ma**l**, e não: ma**u** nem ma**r**; m**al**-humorado, e não m**au**-humorado

  vigé**s**imo (zi), compa**nh**ia, e não: vigé**ss**imo, compa**n**ia

  ma**s** (maz), me**s**mo (mezmo), ci**s**ne (cizne) e não: ma**ç**, me**ç**mo, ci**ç**ne

  o**b**ter, a**dm**irar, di**g**no, dece**pç**ão, ri**tm**o, e não: o**bi**ter, a**di**mirar, dí**gui**no, dece**pi**ção, rí**ti**mo

- a correta e adequada ligação das palavras na frase. Exemplo:

  No início da escalada, encontramos um túnel escuro, que atravessamos correndo.

Registramos aqui alguns casos mais frequentes de pronúncias errôneas e, ao lado, as pronúncias corretas:

Pronúncias errôneas	Pronúncias corretas
abissoluto, adevogado	absoluto, advogado
abóboda	abóbada
advinhar, advinho	adivinhar, adivinho
abstênio	abstêmio
afroxa (ó)	afrouxa
aleja (é)	aleija
almejo (é), almeja (é), caleja (é)	almejo (ê), almeja (ê), caleja (ê)
asterístico	asterisco
arrúina	arruína
aterrisagem (zá)	aterrissagem
beneficiente	beneficente
bilingue	bilíngüe
buginganga	bugiganga
carramanchão	caramanchão
cataclisma	cataclismo
colmeia (éi)	colmeia (êi)
cônjugue	cônjuge
degladiar	digladiar
douze	doze (ô)
dignatário	dignitário
desiguinar, desiguina	designar, designa
distingüir, distingüiu	distinguir, distinguiu (gui)
encapuçar, encapuçado	encapuzar, encapuzado
espelha (pé)	espelha (pê)
entitular	intitular
estora (tó)	estoura
extingüir, extingüiu	extinguir, extinguiu (gui)
Efigênia	Ifigênia
faixada	fachada
fascismo (xis), fascista (xis)	fascismo (cis), fascista (cis)
fleugma	fleuma
fluído (substantivo)	fluido (flúi)
freiada, freiar, freiou	freada, frear, freou
frustado, frustar, frustação	frustrado, frustrar, frustração
garage	garagem
gratuíto	gratuito (túi)
hilariedade	hilaridade

impecilho	empecilho
júniores (jú)	juniores (ô)
mãs, mais (conjunção)	mas
mendingo	mendigo
metereologia, meterologia	meteorologia
naiscer	nascer
óbulo	óbolo
opitar, ópito, ópita	optar (op-tar), opto, opta
pégadas (pé)	pegadas (gá)
pósa (verbo *pousar*)	pousa
prazeirosamente	prazerosamente
previlégio	privilégio
própio, apropiado	próprio, apropriado
pissicologia, pissicólogo	psicologia, psicólogo (psi)
qüestão, questã	questão
récorde (ré)	recorde (cór)
róbo, róbas, róba, róbam	roubo, roubas, rouba, roubam
rúbrica (rú)	rubrica (brí)
salchiça, salchicha	salsicha
soar, soo, soa (verbo *suar*)	suar, suo, sua
supertição, superticioso	superstição, supersticioso
tiroide	tireoide (ói)
tóxico (chi), intoxicar (chi)	tóxico (cs), intoxicar (cs)

Em muitas palavras há incerteza, divergência quanto ao timbre das vogais tônicas */e/* e */o/*. Recomenda-se proferir:

a) com timbre aberto: acerbo, badejo, coeso, coevo, grelha, groselha, ileso, obsoleto, coldre, dolo, inodoro, molho (feixe, conjunto), piloro, suor.

b) com timbre fechado: acervo, cerda, escaravelho, interesse (substantivo), reses, algoz, algozes, crosta, bodas, molho (caldo), poça, torpe.

O ditongo *ai* das palavras **Roraima**, **Jaime** e **andaime** pode ser proferido com som nasal, como em **mãe**, ou com som oral, como em **pai**. Já nas palavras terminadas em *-aina* e *-aino*, esse ditongo deve ser emitido com som nasal. Exemplos:

paina (ãi), faina (ãi), plaino (ãi), aplaino (ãi), aplaina (ãi)

2 PROSÓDIA

Prosódia é a parte da fonética que tem por objeto a exata acentuação tônica das palavras.

Há um sem-número de vocábulos que pessoas menos familiarizadas com a norma linguística proferem mal, deslocando-lhes o acento prosódico, cometendo *silabadas*.

Consignamos aqui algumas dessas palavras, com a respectiva classificação tônica, ou seja, como devem ser pronunciadas.

- São **oxítonas:**

cateter	masseter	novéis	reféns
Cister	mister	obus	ruim (í)
condor	negus	oximel (cs)	sutil
Gibraltar	Nobel	recém	sutis
hangar	novel	refém	ureter

- São **paroxítonas:**

alcácer	erudito	opimo
ambrosia (manjar delicioso)	filantropo	pegadas
assecla	fortuito (túi)	penedia
austero	gratuito (túi)	poliglota
avaro	homizio (zí)	primata
avito	ibero	pudico (dí)
aziago	imbele	recorde
batavo	impudico	refrega
Bolívar	inaudito	rocio (cí)
caracteres	látex	rubrica (brí)
celtiberos	libido	Sardanapalo
ciclope	luzidio (dí)	Sólon
cupido (substantivo)	Madagáscar	subido (elevado:
decano	maquinaria (rí)	esmeraldas do mais
díspar	misantropo	*subido* quilate;
edito (lei, decreto)	necromancia	a *subida* (honra)
Epicuro	nenúfar	têxtil
efebo	ônix	tulipa

Observação:

✔ No português do Brasil é corrente a pronúncia *boemia*: Ele vive na *boemia*. *Boêmia* emprega-se como adjetivo, feminino de *boêmio*: Leva uma vida *boêmia*.

Indústria *boêmia* (da Boêmia, região da República Tcheca).

- São **proparoxítonas:**

ádvena	década	lêvedo
aeródromo	édito (ordem judicial)	leucócito
aerólito	égide	munícipe
álacre	elétrodo	Niágara

alcíone
alcoólatra
anátema
apóstata
antídoto
areópago
arquétipo
aríete
azáfama
bígamo
bímano
brâmane
Cérbero
cotilédone
crisântemo
Espártaco
espécime
êxodo
fagócito
férula
gárrulo
hégira
Hélade
hieróglifo
ímprobo
ínclito
ínterim
invólucro
írrito (nulo)
janízaro
notívago (ou noctívago)
Pégaso
périplo
plêiade
pólipo
protótipo
quadrúmano
revérbero
sátrapa
Semíramis
Tâmisa
trânsfuga
végeto (adjetivo)
vermífugo
zênite

Existem não poucas palavras cujo acento prosódico é incerto, oscilante, mesmo na língua culta. Registramos, entre outras, as seguintes, dando, em primeiro lugar, a pronúncia que se vai impondo na língua atual:

acrobata e acróbata – autópsia e autopsia – Bálcãs e Balcãs – hieroglifo e hieróglifo – necrópsia e necropsia – Oceania e Oceânia – ortoépia e ortoepia – projétil e projetil – réptil e reptil – safári e safari – sóror e soror – xerox e xérox

Há palavras que assumem significados diversos, conforme forem paroxítonas ou proparoxítonas:

Cupido: deus do amor, o amor personificado
cúpido: ávido, ambicioso, cobiçoso

fervido: particípio de *ferver*
férvido: quente, apaixonado, ardoroso

provido: particípio de *prover*
próvido: providente, que provê

valido: particípio de *valer*; protegido (valido da rainha)
válido: que tem valor, lícito; que tem saúde, são, vigoroso

vivido: particípio de *viver*; experiente, que viveu, esperto
vívido: vivaz, que tem vivacidade, ardente, brilhante, expressivo

EXERCÍCIOS

LISTA 03

1. Quem pronuncia **inflingir** em vez de **infligir**, que tipo de erro comete?

2. Ao dizer **ariete** em vez de **aríete**, está se incorrendo em que tipo de erro?

3. Pronuncie corretamente, em voz alta, as palavras:

fornos – designar – psicólogo – ele rouba – a bomba estoura – eu adivinho – empecilho – cear – meado – freada – distinguir – gratuito – rubrica – refém – ibero – abóbada – tireoide

4. Pronuncie estas palavras em voz alta, atendendo à correta emissão das vogais e dos grupos vocálicos:

moleque – feixe – feira – aleija – caranguejo – caleja – planejo – touro – rouba – estoura – afrouxa – pousa – fogos – portos – brotos – adivinhar – frear – freada – mágoa – arrepiar – sequer – jabuti – engolir – chover – tábua – tabuada – inigualável – disenteria – cumeeira – invólucro – espocar – mutuca – intitular – silvícola – infligir – mendigo – peneiro – peneira – espelha – espelhe

5. Organize as palavras abaixo em duas colunas, conforme o timbre das vogais tônicas for **aberto** ou **fechado**:

poço – poços – fornos – almoços – reforços – destroços – algoz – algozes – bandeja – badejo – pelejo – planeja – espelha – assemelha – dolo – bodas

6. Faça a correta distinção de pronúncias e de significados das palavras:

pouso e **poso**

pousa e **posa**

pouse, pose (ô) e **pose** (ó)

couro, coro (ô) e **coro** (ó)

7. Escreva as palavras abaixo em seu caderno, substituindo o asterisco, convenientemente, pelas vogais **e** ou **i**, **o** ou **u**:

pr*vilégio – *mpecilho – d*sperdiçar – d*sperdício – front*spício – escárn*o – acr*ano – laj*ano – d*stilar – s*a (transpira) – pir*lito – búss*la – ch*ver – eng*lir – m*cambo – f*cinho – c*tia (animal) – jab*ti – g*ela – táb*a

8. Responda às frases em seu caderno, seguindo o modelo; depois, leia-as em voz alta, observando que os verbos em destaque têm a vogal tônica fechada:

a) Quem **peneira** o arroz? Eu **peneiro** o arroz.

b) Quem **inteira** a quantia?

c) Quem se **espelha** no escuro?

d) Quem se **assemelha** a Sólon?

e) Quem **almeja** a paz?

f) Quem **caleja** as mãos?

g) Quem **despeja** a água?

h) Quem **estoura** a bomba?

9. Em cada grupo há uma palavra errada. Escreva-a e pronuncie-a corretamente.

a) suo – mendigo – supertição – dignitário – próprio

b) previlégio – belchior – fleuma – extinguir – afrouxa

c) doze – caramanchão – infligir – salchicha – vigésimo

d) colmeia – frustado – prazerosamente – bilíngue – óbvio

e) chuvisco – adivinho – compania – supersticioso – Ifigênia

10. Pronuncie as palavras em voz alta, tendo o cuidado de não intercalar vogal nos grupos consonânticos:

absoluto – advertir – obséquio – obstáculo – submisso – obstrução – septo – decepção – facção – sucção – captar – significa – enigma – ritmo – psicologia – psíquico – apto – optar – opção

11. Escreva os vocábulos, colocando o acento gráfico nos que o exigem e escrevendo depois de cada um o tipo de acento prosódico (**oxítono, paroxítono** ou **proparoxítono**):

austero	ciclope	condor	alcoolatra
azafama	gratuito	mister	maquinaria
avaro	ibero	pudico	recem
refem	ariete	inaudito	vermifugo
refens	pleiade	involucro	exodo
bimano	obus	rubrica	sutil

12. Elabore dez frases com palavras extraídas da relação de oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas (páginas 47 e 48); em seguida, leia-as em voz alta:

13. Escreva as sequências em que todas as sílabas tônicas estão bem indicadas:

a) gratuito – recorde – rubrica – Cérbero
b) ruim – interim – bígamo – bímano
c) leucócito – circuito – juniores – inaudito
d) férula – estalido – celtiberos – Nobel
e) erudito – tulipa – sênior – seniores

14. Escolha, em cada item, a palavra adequada para substituir o asterisco na frase:

a) No coração nascem * desejos. (*vividos – vívidos*)
b) A * formiga abasteceu o seu celeiro. (*provida – próvida*)
c) O café foi * sem açúcar. (*fervido – férvido*)
d) João era um * partidário do governo. (*fervido – férvido*)
e) O duque, * do rei, vivia na corte. (*valido – válido*)
f) O juiz considerou * o gol. (*valido – válido*)
g) A menina, * e vivaz, era só alegria. (*gárrula – garrula*)
h) E a menina * e salta e ri. (*gárrula – garrula*)

15. Escreva as palavras, sublinhando aquelas em que o **X** tem valor fonético de **CS**:

fluxo – exortar – tóxico – intoxicar – máximo – extirpar – paradoxo – léxico – exótico – profilaxia – malgaxe – maxila – maxilar

LEITURA

Retreta do Vinte

O cabo mulato balança a batuta,
meneia a cabeça, acorda com a vista
os bombos, as caixas, os baixos e as trompas.

(No centro da praça o busto de D. Pedro escuta.)
Batuta pra esquerda: relincham clarins,
requintas, tintins e as vozes meninas da banda do Vinte.

Batuta à direita: de novo os trombones
e as trompas soluçam. E os bombos e as caixas: ban-ban!

Vêm logo operários, meninas, cafuzas,
mulatos, portugas, vem tudo pra ali.
Vem tudo, parecem formigas de asas
rodando, rodando em torno da luz.

Nos bancos da praça conversas acesas,
apertos, beijocas, talvezes.
D. Pedro II espia do alto.
(As barbas tão alvas,
tão alvas nem sei!)

E os pares passeiam,
parece que dançam,
que dançam ciranda
em torno do rei.

(Jorge de Lima, *Obra Poética*, p. 226, Editora Getúlio Costa, Rio de Janeiro, 1949)

16. Diga se são falsas ou verdadeiras as afirmações abaixo, que se referem à pronúncia das palavras.

a) Não se recomenda pronunciar o u na palavra questão.

b) Escreve-se catorze ou quatorze, mas a pronúncia é sempre catorze.

c) Pronuncia-se a vogal o aberta nos plurais: ossos, tijolos, olhos, tortos, porcos, poços.

d) O som do x soa como KS nas palavras: táxi, crucifixo, fixar, tóxico, intoxicação.

e) São paroxítonas todas as palavras seguintes: gratuito, sótão, ruim, pegada.

f) O d é mudo, não devendo ser pronunciado nas palavras: advogado, admite, ádvena, adjetivo.

g) No poema acima predominam as palavras paroxítonas.

ORTOGRAFIA

Ortografia (do grego *orthographia*, escrita correta) é a parte da Gramática que trata do emprego correto das letras e dos sinais gráficos na língua escrita.

Em português utilizam-se, na expressão escrita, letras, sinais diacríticos e sinais de pontuação.

O sistema ortográfico atualmente em vigor é o de 1990, decorrente do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa assinado em Lisboa, em 16 de dezembro daquele ano, pelos representantes dos sete países lusófonos e aprovado pelo Congresso Nacional em 1994.

O objetivo principal desse novo Acordo Ortográfico não foi, como era de se esperar, a simplificação, mas a unificação ortográfica da língua portuguesa falada na comunidade lusófona.

Razões de ordem fonética, ou seja, a diversidade de pronúncia entre portugueses e brasileiros, não permitiram alcançar uma padronização ortográfica perfeita; mesmo assim, o novo Acordo representa uma louvável iniciativa na busca da tão almejada unidade ortográfica de um dos idiomas mais falados no mundo.

Para nós, brasileiros, as alterações ortográficas introduzidas na língua pelo novo sistema são, lamentavelmente, superficiais, visto que se restringem ao uso dos sinais diacríticos (acentos gráficos, trema, hífen, apóstrofo). São mais sensíveis para os portugueses e os lusofalantes africanos, que passarão a grafar sem as consoantes mudas *c* e *p* palavras como *actor*, *director*, *lectivo*, *óptimo*, etc.

Observações:

- ✔ Continuarão, porém, os portugueses a escrever *facto*, *projecto*, *indemne*, *indemnizar* e outras palavras. Grafarão também, de modo diverso do nosso, vocábulos em que as vogais *e* e *o*, em final de sílaba e seguidas de *m* ou *n*, eles pronunciam com timbre aberto, como *génio*, *efémero*, *cómodo*, *fenómeno*, *tónico*, *fémur*, *ténis*, *ónus*, etc., contrariamente aos falantes brasileiros, que proferem tais palavras com timbre nasal fechado: *gênio*, *fenômeno*, *tônico*, *fêmur*, *cômodo*, etc.
- ✔ Apresentamos neste capítulo e no seguinte, sob forma acessível, as regras básicas essenciais para a escrita correta das palavras de nossa língua e a adequada utilização dos sinais gráficos, em consonância com as normas traçadas pelo Acordo Ortográfico de 1990.

1 ALFABETO PORTUGUÊS

O alfabeto da Língua Portuguesa compõe-se de 26 letras:

a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v, w, x, y, z

Ora sozinhos, ora combinados com outras letras ou auxiliados por certos sinais gráficos (acentos, til, cedilha, etc.), estes signos representam os mais de trinta fonemas de nossa fala.

Quanto à forma, as letras podem ser maiúsculas ou minúsculas, de imprensa (ou de fôrma) ou manuscritas.

Como vimos nas páginas anteriores, nosso sistema ortográfico não é totalmente fonético, pois nem sempre a grafia corresponde à pronúncia das palavras. Tem deficiências e imperfeições, responsáveis pela maioria das dificuldades com que nos defrontamos no emprego de certas letras, sobretudo as que representam fonemas consonânticos alveolares e palatais fricativos: *g* ou *j*? *s* ou *z*? *ch* ou *x*?, etc.

2 EMPREGO DAS LETRAS *K*, *W* E *Y*

Usam-se apenas:

- em abreviaturas e como símbolos de termos científicos de uso internacional:
  km (quilômetro), *kg* (quilograma), *K* (potássio), *w* (watt), *W* (oeste), *Y* (ítrio), *yd* (jarda), etc.
- na transcrição de palavras estrangeiras não aportuguesadas:
  kart, kibutz, smoking, show, watt, playground, playboy, hobby, etc.
- em nomes próprios estrangeiros não aportuguesados e seus derivados:
  Kant, Franklin, Shakespeare, Wagner, Kennedy, Mickey, Newton, Darwin, Hollywood, Washington, Kremlin, Byron, Walt Disney, kantismo, byroniano, shakespeariano, kartista, parkinsonismo, parkinsoniano, Disneylândia, etc.

Observações:

✔ Em palavras estrangeiras aportuguesadas, bem como nos demais casos não previstos acima, o *k* foi substituído por *c* ou *qu*, conforme o caso, o *w* por *v* ou *u*, conforme o valor fonético, e o *y* por *i*: *uísque, lorque, Bálcãs, bloco, sandufche, vermute, Válter, Osvaldo, jóquei, iate, ianque, Niterói, Rui, guarani, heureca, viquingue* (menos usado que *viking*), etc.

✔ Na transcrição de etnônimos brasílicos, os etnólogos utilizam essas letras exóticas: *Kamayurá, Kayabi, Kaingang, Waiká, Suyá*, etc. É preferível, porém, grafar-se *camaiurá, caiabi, caingangue, uaicá, suiá*, etc., como fazem os dicionaristas modernos.

3 EMPREGO DA LETRA H

Esta letra, em início ou fim de palavras, não tem valor fonético; conservou-se apenas como símbolo, por força da etimologia e da tradição escrita. Grafa-se, por exemplo, *hoje*, porque esta palavra vem do latim *hodie*.

Emprega-se o H:

a) inicial, quando etimológico:

hábito, hélice, herói, hérnia, hesitar, haurir, hilaridade, homologar, Horácio, haxixe, hortênsia, hulha, etc.

b) medial, como integrante dos dígrafos *ch, lh, nh*:

chave, boliche, broche, cachimbo, capucho, chimarrão, cochilar, fachada, flecha, machucar, mochila, telha, companhia, etc.

c) final e inicial em certas interjeições:

ah!, ih!, eh!, oh!, hem?, hum!, etc.

d) em compostos unidos por hífen, no início do segundo elemento, se etimológico:

sobre-humano, anti-higiênico, pré-histórico, super-homem, etc.

e) no substantivo próprio *Bahia* (estado do Brasil), por secular tradição.

Observações:

✔ Sem *h*, porém, os derivados *baiano, baianinha, baião, baianada, baianismo, baianidade, laranja-da-baía* e o antropônimo *Baía* (José Baía).

✔ A bem da simplificação ortográfica, o *h* deveria ser eliminado nos casos *a* e *d* acima.

Não se usa H:

a) no início ou no fim de certos vocábulos, no passado escritos com essa letra, embora sem fundamento etimológico. Exemplos:

ontem, úmido, ume, iate, ombro, rajá, Jeová, Iná, etc.

b) no início de alguns vocábulos em que o *h*, embora etimológico, foi eliminado por se tratar de palavras que entraram na língua por via popular, como é o caso de *erva, inverno* e *Espanha*, respectivamente do latim *herba, hibernus* e *Hispania*.

Observação:

✔ Os derivados eruditos de *erva, Espanha* e *inverno*, entretanto, grafam-se com *h: herbívoro, herbicida, herbáceo, hispânico, hispano, hibernal, hibernar, hibernação.*

c) em palavras derivadas e em compostos sem hífen:

reaver (*re* + *haver*), reabilitar, inábil, desonesto, desonra, desumano, exaurir, lobisomem, turboélice, etc.

4 EMPREGO DAS LETRAS *E, I, O* E *U*

Na língua falada, a distinção entre as vogais átonas /e/ e /i/, /o/ e /u/ nem sempre é nítida. É principalmente desse fato que nascem as dúvidas quando se escrevem palavras como *quase, intitular, mágoa, bulir*, etc., em que ocorrem aquelas vogais.

- **Escrevem-se com a letra *e*:**

a) a sílaba final de formas dos verbos terminados em *-uar*:
continue, continues, habitue, habitues, pontue, pontues, etc.

b) a sílaba final de formas dos verbos terminados em *-oar*:
abençoe, abençoes, magoe, magoes, perdoe, perdoes, etc.

c) as palavras formadas com o prefixo *ante-* (antes, anterior):
antebraço, antecipar, antedatar, antediluviano, antevéspera, etc.

d) Os seguintes vocábulos:

arrepiar	creolina	empecilho	mexerico	senão
cadeado	cumeeira	encarnar	mimeógrafo	sequer
candeeiro	desperdiçar	encarnação	orquídea	seriema
cemitério	desperdício	indígena	peru	seringa
Cireneu	destilar	irrequieto	quase	umedecer
confete	disenteria	lacrimogêneo	quepe	Zeferino

- **Emprega-se a letra *i*:**

a) na sílaba final de formas dos verbos terminados em *-uir*:
diminui, diminuis, influi, influis, possui, possuis, etc.

b) em palavras formadas com o prefixo *anti-* (contra):
antiaéreo, Anticristo, antitetânico, antiestético, etc.

c) nos seguintes vocábulos:

aborígine	crânio	erisipela	incinerar	privilégio
açoriano	criar	escárnio	inigualável	requisito
artifício	criador	feminino	invólucro	Sicília (ilha)
artimanha	criação	Filipe	lajiano	silvícola
camoniano	crioulo	frontispício	lampião	siri
Casimiro	digladiar	Ifigênia	pátio	terebintina
chefiar	displicência	inclinar	penicilina	Tibiriçá
cimento	displicente	inclinação	pontiagudo	Virgílio

- **Grafam-se com a letra *o*:**

abolir	chover	mágoa	nódoa
banto	cobiça	magoar	óbolo
boate	cobiçar	mocambo	ocorrência
bolacha	concorrência	moela	rebotalho
boletim	costume	moleque	Romênia
botequim	engolir	mosquito	romeno
bússola	goela	névoa	tribo

- **Grafam-se com a letra *u*:**

bulício	chuvisco	íngua	rebuliço
buliçoso	cumbuca	jabuti	tábua
bulir	cúpula	jabuticaba	tabuada
burburinho	curtume	lóbulo	tonitruante
camundongo	cutucar	Manuel	trégua
chuviscar	entupir	mutuca	urtiga

- **Parônimos**

Registramos alguns parônimos (palavras parecidas na pronúncia e na escrita) que se diferenciam pela oposição das vogais */e/* e */i/*, */o/* e */u/*. Fixemos a grafia e o significado dos seguintes:

área = superfície
ária = melodia, cantiga

arrear = pôr arreios, enfeitar
arriar = abaixar, pôr no chão, cair

comprido = longo
cumprido = particípio de *cumprir*

comprimento = extensão
cumprimento = saudação, ato de cumprir

costear = navegar ou passar junto à costa
custear = pagar as custas, financiar

deferir = conceder, atender
diferir = ser diferente, divergir

delatar = denunciar
dilatar = distender, aumentar

descrição = ato de descrever

discrição = qualidade de quem é discreto

emergir = vir à tona
imergir = mergulhar

emigrar = sair do país
imigrar = entrar num país estranho

emigrante = que ou quem emigra
imigrante = que ou quem imigra

eminente = elevado, ilustre
iminente = que ameaça acontecer

recrear = divertir
recriar = criar novamente

soar = emitir som, ecoar, repercutir
suar = expelir suor pelos poros, transpirar

sortir = abastecer
surtir = produzir (efeito ou resultado)

sortido = abastecido, bem provido, variado
surtido = produzido, causado

vadear = atravessar (rio) por onde dá pé, passar a vau

vadiar = viver na vadiagem, vagabundear, levar vida de vadio

- **Ditongos e hiatos**

a) A semivogal dos ditongos decrescentes orais representa-se com as letras *i* e *u*:

cai, sobressai, dói, herói(s), chapéu(s), Montevidéu, Eliseu, atribui, constitui, possui, possuis, retribui, retribuis, conclui, inclui, etc.

Exceções: ao, aos, Caetano, Caetanópolis, Baependi.

b) Escreve-se e pronuncia-se *ou* e não *o* aberto nos verbos *afrouxar, cavoucar, estourar, pousar* (descer), *repousar, roubar* e suas flexões:

afrouxo, cavouca, estoura, pousa, pousas, pousam, roubo, rouba, roubam, etc.

c) Em alguns vocábulos, o ditongo *ou* alterna com *oi*:

balouçar e baloiçar – dourar e doirar – louro e loiro – mourão e moirão – touça e toiça – toucinho e toicinho, etc.

d) Como já vimos, os verbos terminados em *-oar*, no presente do subjuntivo e no imperativo, escrevem-se com *-oe* e não com *-oi*:

abençoe, abençoes, perdoe, perdoes, amaldiçoe, caçoe, caçoes, abotoe, etc.

e) No presente do subjuntivo e no imperativo, conforme dissemos, os verbos terminados em *-uar* grafam-se com *-ue* e não *-ui*:

cultue, cultues, continue, continues, flutue, preceitue, sue, etc.

5 EMPREGO DAS LETRAS *G* E *J*

Para representar o fonema */j/* existem duas letras: *g* e *j*. Grafa-se este ou aquele signo não de modo arbitrário, mas de acordo com a origem da palavra. Exemplos:

gesso (do grego *gypsos*) – **jeito** (do latim *jactu*) – **jipe** (do inglês *jeep*)

- **Escrevem-se com *g*:**

a) os substantivos terminados em *-agem, -igem, -ugem*:
garagem, massagem, viagem, origem, vertigem, ferrugem, lanugem, etc.

Exceção: pajem.

b) as palavras terminadas em *-ágio, -égio, -ígio, -ógio, -úgio*:
contágio, estágio, egrégio, prodígio, relógio, refúgio, etc.

c) as palavras derivadas de outras que se grafam com *g*:

massagista (de *massagem*) – vertiginoso (de *vertigem*) – ferruginoso (de *ferrugem*) – engessar (de *gesso*) – faringite (de *faringe*) – selvageria (de *selvagem*), etc.

d) os seguintes vocábulos:

algema	gengiva	ginete	herege	rabugice
angico	gesto	gíria	megera	sugestão
apogeu	gibi	giz	monge	tangerina
auge	gilete	hegemonia	rabugento	tigela
estrangeiro				

- **Escrevem-se com *j*:**

a) palavras derivadas de outras terminadas em *-ja*:
laranja: laranjeira, laranjinha
loja: lojinha, lojeca, lojista
granja: granjeiro, granjense, granjear (e suas flexões)

gorja: (garganta): gorjeta, gorjeio, gorjear (e flexões)
lisonja: lisonjeiro, lisonjeador, lisonjear (e flexões)
sarja: sarjeta, sarjar (e flexões)
cereja: cerejeira

b) todas as formas da conjugação dos verbos terminados em *-jar* ou *-jear*:
arranjar: arranje, arranjemos, arranjem, arranjei, etc.
viajar: viajei, viaje, viajemos, viajem (*viagem* é substantivo)
despejar: despejei, despeje, despejem, despejemos, etc.
gorjear: gorjeia, gorjeiam, gorjeavam, gorjeie, gorjeando, etc.

c) vocábulos cognatos ou derivados de outros que têm *j*:
laje: lajedo, Lajes, lajiano, lajense
nojo: nojeira, nojento
jeito: jeitoso, ajeitar, desajeitado, enjeitar, conjetura, conjeturar, dejetar, dejeção, dejeto(s), ejetar, ejeção, ejetor, injetar, injeção, interjeição, objetar, objeção, objeto, objetivo, projetar, projeção, projeto, projétil, rejeitar, rejeição, sujeitar, sujeição, sujeito, subjetivo, trajeto, trajetória, trejeitar, trejeito

d) palavras de origem ameríndia (principalmente tupi-guarani) ou africana:
canjerê, canjica, jenipapo, jequitibá, jerimum, jia, jiboia, jiló, jirau, Moji, mojiano, pajé, pajeú, tijipió, etc.

e) as seguintes palavras:

alfanje	intrujice	Jerônimo	manjedoura	sabujice
alforje	jeca	jérsei	manjericão	sujeira
berinjela	jegue	jiu-jítsu	ojeriza	traje
cafajeste	Jeremias	majestade	pegajento	ultraje
cerejeira	jerico	majestoso	rijeza	varejista

6 REPRESENTAÇÃO DO FONEMA /S/

- **O fonema /s/, conforme o caso, representa-se por:**

a) C, Ç:

acetinado	cimento	exceção	maço	pança
açafrão	dança	Iguaçu	miçanga	pinça
almaço	dançar	maçarico	muçulmano	Suíça
anoitecer	contorção	maçaroca	muçurana	suíço
censura	endereço	maciço	paçoca	vicissitude

b) S:

ânsia	cansar	diversão	hortênsia	remorso
ansiar	cansado	excursão	pretensão	sebo
ansioso	descansar	farsa	pretensioso	tenso
ansiedade	descanso	ganso	propensão	utensílio

c) SS:

acesso	concessão	massa	profissional
acessório	discussão	massagista	ressurreição
acessível	escassez	missão	sessenta
assar	escasso	necessário	sossegar
asseio	essencial	obsessão	sossego
assinar	expressão	opressão	submissão
carrossel	fracasso	pêssego	sucessivo
cassino	impressão	procissão	

d) SC, SÇ:

acréscimo	cresço	discípulo	imprescindível	seiscentos
adolescente	cresça	discernir	néscio	suscetível
ascensão	descer	fascinar	oscilar	suscetibilidade
consciência	desço	fascinante	piscina	suscitar
consciente	desça	florescer	ressuscitar	víscera
crescer	disciplina			

Observação:

✔ A simplificação ortográfica está a exigir a eliminação do *s* dos dígrafos *sc* e *sç*, bem como do *x* do dígrafo *xc*. Veja item f, abaixo.

e) X:

aproximar	máximo	trouxe
auxiliar	próximo	trouxer
auxílio	proximidade	trouxeram

f) XC:

exceção	excelência	excêntrico	excessivo
excedente	excelente	excepcional	exceto
exceder	excelso	excesso	excitar

- **Homônimos**

Eis alguns homônimos, palavras que têm a mesma pronúncia, mas significação e escrita diferentes:

acento = inflexão da voz, sinal gráfico
assento = lugar para sentar-se

acético = referente ao ácido acético (vinagre)
ascético = referente ao ascetismo, místico

cesta = utensílio de vime ou outro material
sexta = ordinal referente a *seis*

cismo = penso
sismo = terremoto

empoçar = formar poça
empossar = dar posse a

incipiente = principiante
insipiente = ignorante

círio = grande vela de cera
sírio = natural da Síria

ruço = pardacento
russo = natural da Rússia

intercessão = ato de interceder
interseção = ponto em que duas linhas se cruzam

7 EMPREGO DO *S* COM VALOR DE *Z*

Escrevem-se com *s* com som de *z*:

- adjetivos com os sufixos *-oso, -osa*:
  gostoso, gostosa – gracioso, graciosa – teimoso, teimosa, etc.
- adjetivos pátrios com os sufixos *-ês, -esa*:
  português, portuguesa – inglês, inglesa – milanês, milanesa, etc.
- substantivos e adjetivos terminados em *-ês*, feminino *-esa*:
  burguês, burguesa, burgueses – camponês, camponesa, camponeses – freguês, freguesa, fregueses – marquês, marquesa, marqueses, etc.
- substantivos com os sufixos gregos *-ese, -isa, -ose*:
  catequese, diocese, diurese – pitonisa, poetisa, sacerdotisa – glicose, metamorfose, virose, etc.
- verbos derivados de palavras cujo radical termina em *-s*:
  analisar (de *análise*) – apresar (de *presa*) – atrasar (de *atrás*) – abrasar (de *brasa*) – extasiar (de *êxtase*) – enviesar (de *viés*) – afrancesar (de *francês*) – extravasar (de *vaso*) – alisar (de *liso*), etc.
- formas dos verbos *pôr* e *querer* e de seus derivados:
  pus, pôs, pusemos, puseram, puser, compôs, compusesse, impuser, etc.
  quis, quisemos, quiseram, quiser, quisera, quiséssemos, etc.
- os seguintes nomes próprios de pessoas:
  Avis, Baltasar, Brás, Eliseu, Garcês, Heloísa, Inês, Isabel, Isaura, Luís, Luísa, Queirós, Resende, Sousa, Teresa, Teresinha, Tomás, Valdês, etc.
- os seguintes vocábulos e seus cognatos:

aliás	descortesia	hesitar	raposa
análise	despesa	manganês	represa
anis	empresa	mês	requisito
arnês	esplêndido	mesada	rês, reses
ás, ases	esplendor	obséquio	retrós
atrás	espontâneo	obus	revés, reveses
através	evasiva	paisagem	surpresa
avisar	fase	país	tesoura
aviso	frase	paraíso	tesouro
besouro	freguesia	pêsames	três
colisão	fusível	pesquisa	usina
convés	gás	presa	vasilha

cortês	Goiás	presépio	vaselina
cortesia	groselha	presídio	vigésimo
defesa	heresia	querosene	visita

8 EMPREGO DA LETRA *Z*

Grafam-se com *z*:

- os derivados em *-zal, -zeiro, -zinho, -zinha, -zito, -zita*:
  cafezal, cafezeiro, cafezinho, avezinha, cãozito, avezita, etc.
- os derivados de palavras cujo radical termina em *-z*:
  cruzeiro (de *cruz*), enraizar (de *raiz*), esvaziar, vazar, vazão (de *vazio*), etc.
- os verbos formados com o sufixo *-izar* e palavras cognatas:
  fertilizar, fertilizante; civilizar, civilização, etc.
- substantivos abstratos em *-eza*, derivados de adjetivos e denotando qualidade física ou moral:
  pobreza (de *pobre*), limpeza (de *limpo*), frieza (de *frio*), etc.
- as seguintes palavras:

azar	aprazível	chafariz	proeza	vazante
azeite	baliza	cicatriz	vazar	vaza-barris
azáfama	buzina	ojeriza	vazamento	vizinho
azedo	buzinar	prezar	vazão	xadrez
amizade	bazar	prezado		

9 *S* OU *Z*?

- **Sufixos *-ês* e *-ez*:**

a) O sufixo *-ês* (latim *-ense*) forma adjetivos (às vezes substantivos) derivados de substantivos concretos:

montês (de *monte*)	montanhês (de *montanha*)
cortês (de *corte*)	francês (de *França*)
burguês (de *burgo*)	chinês (de *China*)

b) O sufixo *-ez* forma substantivos abstratos femininos derivados de adjetivos:

aridez (de *árido*)	cupidez (de *cúpido*)	avidez (de *ávido*)
acidez (de *ácido*)	estupidez (de *estúpido*)	palidez (de *pálido*)
rapidez (de *rápido*)	mudez (de *mudo*)	lucidez (de *lúcido*)

- **Sufixos *-esa* e *-eza*:**

Escreve-se *-esa* (com s):

a) nos seguintes substantivos cognatos de verbos terminados em *-ender*:

defesa (*defender*), presa (*prender*), despesa (*despender*), represa (*prender*), empresa (*empreender*), surpresa (*surpreender*).

b) nos substantivos femininos designativos de títulos nobiliárquicos:
baronesa, duquesa, marquesa, princesa, consulesa, prioresa.

c) nas formas femininas dos adjetivos terminados em *-ês*:
burguesa (de *burguês*), francesa (de *francês*), camponesa (de *camponês*), milanesa (de *milanês*), holandesa (de *holandês*), etc.

d) nas seguintes palavras femininas:
framboesa, indefesa, lesa, mesa, sobremesa, obesa, Teresa, tesa, toesa, turquesa.

Escreve-se *-eza*:

Usa-se *-eza* (com *z*) nos substantivos femininos abstratos derivados de adjetivos e denotando qualidades, estado, condição. Exemplos:

beleza (de *belo*), franqueza (de *franco*), pobreza (de *pobre*), leveza (de *leve*).

Observação:

✔ Inclua-se o topônimo *Veneza*, cidade da Itália.

▪ **Verbos terminados em *-isar* e *-izar*:**

Escreve-se *-isar* (com *s*) quando o radical dos nomes correspondentes termina em *-s*. Se o radical não terminar em *-s*, grafa-se *-izar* (com *z*):

avisar (aviso + -ar)	*anarquizar* (anarquia + -izar)
analisar (análise + -ar)	*civilizar* (civil + -izar)
alisar (a + liso + -ar)	*canalizar* (canal + -izar)
bisar (bis + -ar)	*amenizar* (ameno + -izar)
catalisar (catálise + -ar)	*colonizar* (colono + -izar)
improvisar (improviso + -ar)	*vulgarizar* (vulgar + -izar)
paralisar (paralisia + -ar)	*motorizar* (motor + -izar)
pesquisar (pesquisa + -ar)	*escravizar* (escravo + -izar)
pisar, repisar (piso + -ar)	*cicatrizar* (cicatriz + -ar)
frisar (friso + -ar)	*deslizar* (deslize + -ar)
grisar (gris + -ar)	*matizar* (matiz + -ar)

Observações:

✔ As letras *s* ou *z* aparecerão, é claro, em todas as formas da conjugação desses verbos.

✔ Nos verbos derivados de nomes cujo radical termina em *s* ou *z*, o sufixo é *-ar*; se o radical termina por outra consoante, o sufixo é *-izar*.

✔ Dos verbos em *-izar*, uns, como *oficializar, monopolizar, sintonizar*, etc., foram formados em nossa língua; outros, como *batizar, catequizar, dramatizar, traumatizar*, etc., derivam do grego e entraram no vernáculo já formados. No grego, escrevem-se como *dzeta*, letra que corresponde ao nosso *z*.

10 EMPREGO DO *X*

- Esta letra representa os seguintes fonemas:

  /ch/: xarope, enxofre, vexame, etc.

  /cs/: sexo, látex, léxico, tóxico, etc.

  /z/: exame, exílio, êxodo, etc.

  /ss/: auxílio, máximo, próximo, etc.

  /s/: sexto, texto, expectativa, extensão, etc.

- Não soa nos grupos internos *-xce-* e *-xci-*:

  exceção, exceder, excelente, excelso, excêntrico, excessivo, excitar, inexcedível, etc.

Observação:

✔ Nas palavras do segundo item, o *x* é parte do prefixo latino *ex-*, mas deveria ser abolido, simplesmente por ser desnecessário. Bastaria a variante *e-* (em vez de *ex-*), tal como ocorre em *efusão, emigrar, evasão, emanar*, etc.

- Grafam-se com *x* e não com *s*:

  expectativa, experiente, expiar (remir, pagar), expirar (morrer), expoente, êxtase, extasiado, extrair, fênix, têxtil, texto, etc.

- Escreve-se *x* e não *ch*:

  a) em geral, depois de ditongo:
  caixa, baixo, faixa, feixe, frouxo, ameixa, rouxinol, seixo, etc.

Excetuam-se *caucho* e os derivados *cauchal, recauchutar* e *recauchutagem*.

  b) geralmente, depois da sílaba inicial *en-*:
  enxada, enxame, enxamear, enxaguar, enxaqueca, enxárcia, enxerga, enxergar, enxerido, enxerto, enxertar, enxó, enxofre, enxotar, enxoval, enxovalhar, enxovia, enxugar, enxúndia, enxurrada, enxuto, etc.

Excepcionalmente, grafam-se com *ch*: *encharcar* (de *charco*), *encher* e seus derivados (*enchente, enchimento, preencher*, etc.), *enchova, enchumaçar* (de *chumaço*), enfim, toda vez que se trata do prefixo *en-* + palavra iniciada por *ch*.

  c) em vocábulos de origem indígena ou africana:
  abacaxi, xavante, caxambu (dança negra), caxinguelê, mixira, orixá, xará, maxixe, etc.

  d) nas seguintes palavras:
  anexim, bexiga, bruxa, coaxar, faxina, graxa, lagartixa, lixa, lixo, mexer, mexerico, puxar, rixa, oxalá, praxe, vexame, xadrez, xarope, xaxim, xícara, xale, xingar, xampu.

11 EMPREGO DO DÍGRAFO *CH*

Escrevem-se com *ch*, entre outros, os seguintes vocábulos:

bucha, charque, charrua, chávena, chimarrão, chuchu, cochilo, cochilar, fachada, ficha, flecha, mecha, mochila, pechincha, tocha.

- **Homônimos**

bucho = estômago
buxo = espécie de arbusto

cocho = recipiente de madeira
coxo = capenga, manco

tacha = mancha, defeito; pequeno prego de cabeça larga e chata; caldeira
taxa = imposto, preço de um serviço público, conta, tarifa

chá = planta da família das Teáceas; infusão de folhas do chá ou de outras plantas
xá = título do soberano da Pérsia (atual Irã)

cheque = ordem de pagamento
xeque = no jogo de xadrez, lance em que o rei é atacado por uma peça adversária

12 CONSOANTES DOBRADAS

- Nas palavras portuguesas só se duplicam as consoantes *c, r, s*.
- Escreve-se *cc* ou *cç* quando as duas consoantes soam distintamente:
  convicção, occipital, cocção, fricção, friccionar, facção, sucção, etc.
- Duplicam-se o *r* e o *s* em dois casos:
  a) quando, intervocálicos, representam os fonemas */r/* forte e */s/* sibilante, respectivamente:
     carro, ferro, pêssego, missão, etc.
  b) quando a um elemento de composição terminado em vogal seguir, sem interposição do hífen, palavra começada por *r* ou *s*:
     arroxeado, correlação, pressupor, bissemanal, girassol, minissaia, etc.

Observação:

✔ Em palavras estrangeiras e derivadas conservam-se as consoantes dobradas: *Garrett, garrettiano, Hoffmann, hoffmânnico*, etc.

13 EMPREGO DAS INICIAIS MAIÚSCULAS E MINÚSCULAS

- **Escrevem-se com letra inicial maiúscula:**

a) a primeira palavra de período ou citação:
Nossa língua é falada em todos os continentes.
Diz um provérbio árabe: "A agulha veste os outros e vive nua".

Observação:

✔ No início dos versos que não abrem período é facultativo o uso da letra maiúscula.

b) substantivos próprios (antropônimos, alcunhas, topônimos, nomes sagrados, mitológicos, astronômicos, nomes de regiões):

José, Tiradentes, Brasil, Amazônia, Campinas, Deus, Jesus Cristo, Maria Santíssima, Tupã, Minerva, Via Láctea, Marte, Cruzeiro do Sul, Região Sul, Baixada Fluminense, Triângulo Mineiro, etc.

Observação:

✔ Grafa-se com inicial minúscula: o *deus* pagão, os *deuses* pagãos, a *deusa* Juno.

c) nomes de épocas históricas, datas e fatos importantes, festas religiosas:

Idade Média, Renascença, Centenário da Independência do Brasil, a Páscoa, o Natal, o Dia das Mães, Plano Real, Semana Santa, etc.

d) nomes de altos cargos e dignidades: Papa, Presidente da República, etc.

e) nomes de altos conceitos religiosos ou políticos: Igreja, Nação, Estado, Pátria, União, República, Império, etc.

f) nomes de estabelecimentos, agremiações, corporações, órgãos públicos, etc.: Academia Brasileira de Letras, Banco do Brasil, Teatro Municipal, Colégio Santista, Secretaria de Saúde, Guarda Municipal, Ministério da Fazenda, etc.

g) títulos de jornais e revistas: *O Globo*, *Jornal do Brasil*, *Veja*, etc.

h) expressões de tratamento:

Vossa Excelência, Sr. Presidente, Excelentíssimo Senhor Ministro, Senhor Diretor, etc.

i) nomes dos pontos cardeais, quando designam regiões:

Os povos do Oriente, o falar do Norte.

Mas: Corri o país de *norte* a *sul*. O sol nasce a *leste*.

j) nomes comuns, quando personificados ou individualizados:

o Amor, o Ódio, a Morte, o Jabuti (nas fábulas), etc.

Observação:

✔ No interior dos títulos, as palavras átonas, como *o, a, com, de, em, sem, um,* etc., grafam-se com inicial minúscula.

- **Escrevem-se com letra inicial minúscula:**

a) nomes de meses, de festas pagãs ou populares, nomes gentílicos, nomes próprios tornados comuns:
maio, bacanais, carnaval, ingleses, ave-maria, um havana, pau-brasil, etc.

b) nomes a que se referem os itens **d** e **e** da página anterior, quando empregados em sentido geral:
São Pedro foi o primeiro *papa*.
Candidatou-se a *presidente* da República.
Todos amam sua *pátria*.
As *igrejas* evangélicas.

c) palavras, depois de dois-pontos, não se tratando de citação direta:
"Chegam os magos do Oriente, com suas dádivas: ouro, incenso, mirra." (MANUEL BANDEIRA)
"A sobremesa era no pomar: chupar laranjas debaixo das árvores." (ELSIE LESSA)
O filósofo grego disse: "Nada se cria, nada se perde, tudo se transforma."

- **Casos opcionais**

Grafam-se, opcionalmente, com letra inicial maiúscula ou minúscula:

a) nomes designativos de logradouros públicos, edifícios, templos: Rua (ou rua) São José, Praça (ou praça) da Paz, Edifício (ou edifício) Jabuti, Igreja (ou igreja) do Bonfim, etc.

b) nomes designativos de santos, de profissionais: Santo Antônio ou santo Antônio, Doutor Paulo ou doutor Paulo, Professor Renato ou professor Renato, etc.

c) nomes de disciplinas: Matemática ou matemática, etc.

d) nomes comuns antepostos a nomes próprios de acidentes geográficos: Baía (ou baía) de Guanabara. Lagoa (ou lagoa) de Araruama, Rio (ou rio) Amazonas, Ilha (ou ilha) de Marajó, Serra (ou serra) do Mar. Pico (ou pico) da Neblina, etc.

e) nomes de livros (menos o inicial e substantivos próprios, que são sempre com maiúscula): *A Menina do Sobrado* ou *A menina do sobrado*, *O Primo Basílio* ou *O primo Basílio*, *Histórias sem Data* ou *Histórias sem data*, *A Retirada de Laguna* ou *A retirada de Laguna*, etc.
→ Os títulos de livros devem ser grifados, com tipo itálico claro.

EXERCÍCIOS

LISTA 04

1. Escreva as palavras, completando com **h** inicial quando for o caso:

ontem – esitar – ulha – úmido – iate – erbívoro

2. Escreva corretamente os verbos, substituindo o * pelas letras **e** ou **i**:

contribu* – perdo* – habitu* – continu* – pontu* – tumultu* – influ* – constitu* – abenço* – atribu*

3. Escreva as palavras, substituindo o * por **e** ou **i**, conforme convenha:

quas* – pát*o – *mpecilho – pr*vilégio – arr*piado – ant*cipar – front*spício – ant*ontem – ant*térmico – d*sperdiçar – s*lvícola – re*u*sito – s*não – cr*ar – recr*ativo – lacrimogên*o

4. Escreva as palavras substituindo convenientemente o * pelas letras **o** ou **u**:

bússola – eng*lir – b*lir – ch*ver – ch*visco – jab*ti – mág*a – conc*rrência – cam*ndongo – ób*lo – c*biçar – c*rtume – g*ela

5. Copie cada frase, substituindo os asteriscos pelo parônimo adequado:
   1) O calor *** o ferro. *(delata – dilata)*
   2) Falava-se num ataque *** do inimigo. *(eminente – iminente)*
   3) Pessoa prudente fala com *** . *(descrição – discrição)*
   4) A sucuri tinha oito metros de *** . *(comprimento – cumprimento)*

6. Escreva as palavras, substituindo * por **g** ou **j**, conforme o caso:
   pa*em – lo*ista – mon*e – ti*ela – gor*eio – *iboia – tra*eto – ma*estoso – su*eira – *inete – pa*é – *iló – *eito – here*e – pro*eção – su*estão – tra*e – o*eriza – sar*eta – re*eitar – gara*em – farin*ite – ferru*em – selva*eria – rabu*ento – ultra*e – via*em (substantivo) – via*em (verbo)

7. Escreva as palavras trocando o * por **c**, **ç**, **s** ou **ss**, conforme convenha:
   dan*a – ân*ia – ma*iço – discu*ão – diver*ão – ma*arico – preten*ioso – *ebo – carro*el – ascen*ão – pê*ego – descan*ar – suí*o – pa*oca – hortên*ia – so*ego – remor*o – mi*angas – esca*o – far*a – mu*ulmano – Igua*u – obse*ão

8. Escreva as palavras em seu caderno, completando adequadamente com **ç** ou **ss** no lugar do asterisco:
   ma*agista – pan*a – profi*ão – ace*o – re*urreição – fraca*o – a*afrão – exce*ão – mu*urana – Suí*a – alma*o – proci*ão – ma*aroca – ave*o – nece*ário – a*olar

9. Observe os exemplos e faça o mesmo em seu caderno:

a) ater	**atenção**	e) admitir	**admissão**
abster		demitir	
conter		emitir	
deter		omitir	
obter		permitir	
reter		remitir	
b) converter	**conversão**	f) comprimir	**compressão**
inverter		deprimir	
reverter		exprimir	
subverter		imprimir	
		oprimir	
c) ceder	**cessão**	reprimir	
conceder		suprimir	
interceder			
d) agredir	**agressão**	g) expelir	**expulsão**
progredir		impelir	
regredir		repelir	

10. Substitua o * por **sc**, **ss**, **x** ou **xc**:
    a*ensão – e*eção – o*ilar – au*ílio – con*iência – di*iplina – e*ência – e*esso – fa*inante – sei*entos – trou*er – e*êntrico – suce*ivo – su*itar – flore*er

11. Escreva as listas de palavras, classificando-as de acordo com o emprego do **s**, conforme a numeração abaixo (pág. 68):
    a) catequese, poetisa, metamorfose

b) quis, pôs, quiser, puser, puseram
c) generoso, generosa, jeitoso, jeitosa
d) analisar, extasiar, atrasar, apresar
e) genovês, genovesa, português, portuguesa
(1) sufixos **-oso, -osa**
(2) adjetivos pátrios terminados em **ês, esa**
(3) sufixos gregos **-ese, -isa, -ose**
(4) derivados de radicais finalizados em **-s**
(5) formas dos verbos **pôr** e **querer**

12. Troque o * por **s** ou **z**, conforme convenha:

l*abel – atravé* – bu*inar – coli*ão – civili*ação – corte*ia – ba*ar – fregue*ia – ga*ômetro – fu*ível – me*es – ob*équio – pai*agem – pre*ado – paraí*o – vene*iana – proe*a – quero*ene – te*ouro – u*ina – vi*ita – va*io – va*amento – do*e (porção) – do*e (numeral)

13. Faça como no exercício anterior:

atra*ar – freguê* – rapide* – fertili*ante – ga*es – camponê* – qui*er – improvi*ar – co*inha – burguê* – compô* – esva*iar – paí*es – fregue*es – ave*inha – requi*ito – vi*inho – campone*es – Tere*inha – teimo*ia

14. Reveja os parágrafos sobre o emprego das letras **s** e **z**; em seguida, copie os nomes abaixo, completando com os sufixos **-esa** ou **-eza** no lugar dos asteriscos, conforme o caso:

clar*** – redond*** – portugu*** – milan***

surpr*** – repr*** – delicad*** – empr***

firm*** – baron*** – campon*** – limp***

japon*** – franc*** – frambo*** – marqu***

duqu*** – fregu*** – espert*** – princ***

pobr*** – gentil*** – turqu*** – def***

chin*** – Ter*** – desp*** – magr***

15. Utilizando corretamente os sufixos **-ês** e **-ez**, derive:

1) substantivo de **ácido** e **árido.**

2) adjetivos de **China** e **corte** (ô).

16. Dos nomes abaixo derive corretamente verbos terminados em **-isar** ou **-izar:**

pesquisa	ameno
canal	civil
símbolo	paralisia
escravo	simpatia
análise	cicatriz
deslize	improviso

17. Justifique cada afirmativa com três exemplos adequados:

Escreve-se **x** e não **ch**:

a) geralmente depois de ditongo:

b) geralmente depois da sílaba inicial **en-**:

c) em palavras de origem indígena ou africana:

18. Dê exemplos de palavras em que a letra **x** soa como:

ch – cs – z – ss

19. Escreva as palavras, substituindo o * convenientemente por **x** ou **ch**:

fai*a – fa*ada – en*ame – en*ofre – pu*ar – *u*u – en*ugar – en*arcar – *arque – li*a – fle*a – coa*ar – me*er – ri*a – co*a – trou*a – bu*a – bru*a – fa*ina – be*iga – *arope

20. Substitua o * por **s** ou **x**, conforme o caso:

e*pontâneo – e*tender – e*tensão – e*plendor – e*plêndido – e*gotar – e*pansão

21. Escreva cada expressão abaixo, trocando os asteriscos pelo homônimo adequado:

apreçar – apressar – cessão – seção – sessão – cela – sela – cheque – xeque – espiar – expiar – intercessão – interseção – tacha – taxa

*** o passo	assinar o ***
*** o imóvel	evitar o ***
*** de um bem	*** um crime
*** noturna	*** a moça
*** de esportes	*** de Maria
*** a carta	*** de 2 linhas
*** de preso	*** de luz elétrica
*** de couro	*** de metal

22. Identifique as alternativas em que todas as palavras estão escritas corretamente:

a) honrado, desumano, horizonte, hontem

b) horário, desonrado, hábil, hospedaria

c) humanidade, humildade, honesto, humano

d) harém, hora, hostil, hovíparo

23. Escolha, em cada um dos pares abaixo, qual a palavra corretamente grafada:

a) continue/continui

b) cemitério/cimitério

c) quase/quasi

d) possue/possui

e) indígena/indígina

24. Faça o mesmo, escolhendo a forma grafada corretamente com **o** ou **u**:

a) tribo/tribu No Brasil vivem muitas *tribos* indígenas.

b) engolir/engulir

c) jaboticaba/jabuticaba

d) tabuada/taboada

e) costume/custume

25. Leia as frases abaixo e corrija onde houver erro:

a) Meu braço é muito cumprido.

b) Ele fez às moças um cerimonioso comprimento.

c) Faça uma discrição dessa figura para seus colegas.

d) Meus bisavós vieram da Itália para cá no início do século passado. Como imigrantes, tinham poucos direitos assegurados.

e) Ele soava por todos os poros.

f) Imigrantes africanos morrem nas águas do Mediterrâneo antes de chegar à Espanha.

26. Derive adjetivos dos substantivos usando o sufixo *-oso*:

gosto, gula, medo, teima, nervo, esperança, choro, calor, amor, dor, carinho

27. Complete usando formas adequadas dos verbos entre parênteses:

a) Ontem meu pai * algum dinheiro em sua conta. (pôr)

b) Os soldados ajoelharam-se e * flores sobre a laje. (pôr)

c) Eles * entrar, mas eu não permiti. (querer)

d) Se eu * que você entrasse, teria pedido. (querer)

e) Quem * ser aprovado deve estudar bastante. (querer)

f) Quem * alguma coisa em minha carteira vai se arrepender! (pôr)

28. Responda utilizando adjetivos pátrios formados por meio do sufixo *-ês/-esa*:

a) Aquele que nasce na França é *, na Inglaterra é *, na Escócia é * e em Portugal é *.

b) Uma pintura originária do Japão é *, da China é * e de Portugal é *.

29. Forme substantivos derivados dos adjetivos abaixo, usando o sufixo *-ez/-eza*:

belo – mole – franco – fraco – macio – leve – nobre – esperto – honrado – limpo – rápido – estúpido

ORTOGRAFIA

Exercícios de exames e concursos

[Página 665]

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

1 PRINCIPAIS REGRAS DE ACENTUAÇÃO GRÁFICA

- **Acentuação dos vocábulos proparoxítonos**

Todos os vocábulos proparoxítonos são acentuados na vogal tônica:

a) com acento agudo se a vogal tônica for *i, u* ou *a, e, o* abertos:
xícara, úmido, queríamos, lágrima, término, déssemos, lógico, binóculo, colocássemos, inúmeros, polígono, etc.

b) com acento circunflexo se a vogal tônica for fechada ou nasal:
lâmpada, pêssego, esplêndido, pêndulo, lêssemos, estômago, sôfrego, fôssemos, quilômetro, sonâmbulo, etc.

Observação:

✔ Acentuam-se também os vocábulos que terminam por encontro vocálico e que podem ser pronunciados como proparoxítonos: *área, conterrâneo, errôneo, enxáguam,* etc.

- **Acentuação dos vocábulos paroxítonos**

Acentuam-se com o acento adequado os vocábulos paroxítonos terminados em:

a) *ditongo crescente*, seguido, ou não, de *s*:
sábio, róseo, Gávea, planície, nódoa, régua, árdua, espontâneo, ânsia, decência, cerimônia, tênues, ingênuo, etc.

b) *-i, -is, -us, -um, -uns*:
táxi, júri, biquíni, lápis, bônus, vírus, Vênus, álbum, álbuns, médium, médiuns, fórum, etc.

c) *-l, -n, -r, -x, -ons, -ps*:
fácil, móvel, cônsul, hífen, pólen, cânon, elétron, dólar, revólver, vômer, mártir, látex, fênix, Félix, elétrons, bíceps, fórceps, etc.

d) *-ei, -eis*:
jóquei, vôlei, fósseis, úteis, fizésseis, lêsseis, fáceis, túneis, etc.

e) *-ã, -ãs, -ão, -ãos, -guam, -guem*:
ímã, ímãs, órgão, órgãos, bênção, bênçãos, enxáguam, enxáguem, etc.

Observações:

✔ Não se acentuam os vocábulos paroxítonos terminados em *-ens*: *imagens, edens, itens, jovens, nuvens,* etc.

✔ Não se acentuam os prefixos *anti, semi* e *super*, por serem considerados elementos átonos: *semi-interno, super-homem, anti-inflamatório.*

✔ Não se acentua um paroxítono só porque sua vogal tônica é aberta ou fechada. Descabido seria o acento gráfico, por exemplo, em *cedo, este, espelho, aparelho, cela, janela, socorro, pessoa, dores, flores, solo, esforços.*

✔ As terminações dos itens *b, c, d* e *e* são, por natureza, tônicas. Daí a necessidade do acento gráfico nas palavras com essas terminações.

✔ Não se acentuam os ditongos abertos *ei, eu, oi* de palavras paroxítonas: *assembleia, geleia, jiboia, ovoide*, etc.

▪ Acentuação dos vocábulos oxítonos

a) Acentuam-se com o acento adequado os vocábulos oxítonos terminados em:

- *-a, -e, -o*, seguidos ou não de *s*:

  xará, xarás, gambá, será, serás, pajé, pajés, Tietê, você, freguês, vovô, avós, vovó, etc.

  Seguem esta regra os infinitivos seguidos de pronome:

  cortá-los, vendê-lo, conhecê-la, compô-lo, etc.

- *-em, -ens* (em palavras de duas ou mais sílabas):

  ninguém, armazém, armazéns, ele contém, tu conténs, ele convém, ele mantém, eles mantêm, ele intervém, eles intervêm, etc.

Observação:

✔ A 3ª pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos derivados de *ter* e *vir* leva acento circunflexo:

Eles *contêm, detêm, obtêm, retêm*, etc.

Eles *convêm, intervêm, provêm, sobrevêm*, etc.

- *-éis, -éu(s), -ói(s):*

  fiéis, chapéu, chapéus, herói, heróis, etc.

b) Não devem ser acentuados os oxítonos terminados em *-i(s), -u(s)*:

aqui, juriti, juritis, saci, bambu, bambus, zebu, puni-los, reduzi-los, etc.

Exceção: o *i* e o *u* são acentuados quando precedidos de vogal átona com a qual formem hiato:

saí, Piraí, Jacareí, Jaú, Camboriú, sucuriú, baú, baús, saís, Luís, instruí-los, etc.

▪ Acentuação dos monossílabos

a) Acentuam-se os monossílabos tônicos:

- terminados em *-a, -e, -o*, seguidos ou não de *s*:

  há, pá, pás, má, más, pé, pés, dê, dês, mês, nó, nós, pôs (colocou), etc.

- que encerram os ditongos abertos *éi, éu, ói:*
  véu, véus, réis, dói, sóis, etc.

b) Não se acentuam os monossílabos tônicos com outras terminações:
ri, bis, ver, vez, sol, pus, mau, maus, Zeus, dor, flor, etc.

Exceções: acentuam-se os verbos *pôr, têm* (plural) e *vêm* (plural) porque existem os homógrafos *por* (preposição átona), *tem* (singular) e *vem* (singular):

Eles *têm* autoridade: *vêm pôr* ordem na cidade.

- **Acentuação dos ditongos**

a) Acentua-se a base (isto é, a vogal) dos ditongos abertos *éi, éu, ói,* quando tônicos e em palavras oxítonas: papéis, chapéu, herói, Niterói, anzóis, destrói, etc.
Em palavras paroxítonas esses ditongos não se acentuam: *ideia, estreia, joia, heroico,* etc.

b) Esses ditongos não se acentuam:
- quando fechados:
  areia, ateu, joio, tamoio, apoio, etc.
- quando subtônicos:
  ideiazinha, chapeuzinho, heroizinho, tireoidite, heroicamente, etc.

c) Não se acentua a vogal tônica dos ditongos *-iu* e *-ui,* quando precedida de vogal:
saiu, atraiu, contraiu, contribuiu, distribuiu, pauis, etc.

- **Acentuação dos hiatos**

a) Acentuam-se, em regra, o *i* e o *u* tônicos em hiato com vogal ou ditongo anterior, formando sílaba sozinhos ou com *s*:
saída (*sa-í-da*), saúde (*sa-ú-de*), faísca (*fa-ís-ca*), caía, saíra, egoísta, heroína, caí, Xuí, Luís, uísque, balaústre, juízo, país, cafeína, baú, baús, Grajaú, saímos, eletroímã, reúne, construía, proíbem, influí, destruí-lo, instruí-la, etc.

Razão do acento gráfico: indicar hiato, impedir a ditongação.
Compare: *caí* e *cai*, *doído* e *doido*, *fluído* e *fluido*.

b) No caso acima, não se acentuam o *i* e o *u*:
- quando seguidos de *nh*:
  rainha, fuinha, moinho, lagoinha, etc.
- quando formam sílaba com letra que não seja *s*:
  cair (*ca-ir*), sairmos, saindo, juiz, ainda, diurno, Raul, ruim, cauim, amendoim, saiu (*sa-iu*), contribuiu, instruiu, etc.

Razão da ausência do acento gráfico: não é possível a ditongação, nesses casos.

c) Não se coloca acento circunflexo na primeira vogal dos hiatos *oo* e *ee*:
voo, voos, enjoo, abençoo, abotoo, creem, deem, leem, veem, descreem, releem, preveem, proveem, etc.

Observação:

✔ O acento circunflexo, nesse caso, é desnecessário; por isso, o novo *Acordo Ortográfico* de 1990 o aboliu.

d) Fora o caso previsto no item *a*, não se acentuam os hiatos. Assim, escreveremos sem acento:

Saara, caolho, aorta, semeemos, semeeis, mandriice, vadiice, lagoa, pessoa, boa, abotoa, Mooca, coorte, moeda, poeta, meeiro, paracuuba, voe, perdoe, abençoe, etc.

Observação:

✔ Cabe esclarecer que existem hiatos acentuados não por serem hiatos, mas por outras razões.

Acentuam-se, por exemplo:

poético, por ser vocábulo proparoxítono;

beócio e *boêmio*, porque terminam em ditongo crescente;

jaó, por ser vocábulo oxítono terminado em *-o*.

- **Os grupos *gue, gui, que, qui***

a) Não se coloca acento agudo sobre o *u* desses grupos, quando é proferido e tônico:

averigue, averigues, averiguem, apazigue, apazigues, apaziguem, oblique, obliques, obliquem, arguis, argui, arguem, etc. → O acento gráfico deveria ser mantido para evitar falsas pronúncias.

b) Quando átono, o referido *u* não recebe trema, sinal abolido no sistema ortográfico de 1990:

aguentar, arguir, arguimos, arguia, argui, arguiu, frequente, delinquência, delinquir, tranquilo, cinquenta, enxaguei, pinguim, sequestro, etc.

- **Acento diferencial**

Acento diferencial é o que se usa para diferenciar homógrafos (palavras que se escrevem com as mesmas letras, mas que têm significados diferentes). O sistema ortográfico de 1990 aboliu o acento diferencial em alguns homógrafos. É preciso destinguir:

a) Acentos diferenciais obrigatórios:

Como no sistema ortográfico de 1943, acentuam-se obrigatoriamente:

pôr (verbo) para diferenciar de *por* (preposição): *pôr* sal no café *por* distração.

pôde (pretérito perfeito do verbo *poder*) para distinguir de *pode* (presente do indicativo): Ontem o médico não *pôde* atender; hoje ele *pode*.

b) Acentos diferenciais facultativos:

Podem-se acentuar, opcionalmente:

fôrma (molde) para distinguir de *forma* (feitio, modo): O bolo toma a *forma* da *fôrma*.

andámos, cantámos, louvámos, etc. (formas verbais do pretérito perfeito do indicativo) para as diferenciar das correspondentes formas do presente do indicativo (andamos, cantamos, louvamos, etc., por ser aberto o timbre do *a* tônico no pretérito em certas variantes do português. No Brasil, não se pronuncia nem se escreve *andámos*, mas *andamos*, tanto no presente como no pretérito perfeito, neste e em todos os verbos da 1ª conjugação.

c) Acentos diferenciais abolidos:

Aboliram-se os acentos gráficos nos vocábulos tônicos abaixo, que se usavam para diferenciá-los dos respectivos homógrafos átonos:

Vocábulos tônicos	Vocábulos átonos
pera (fruta)	*pera* (para, preposição arcaica)
polo (ó) (extremidade, jogo)	*polo* (contração arcaica de *por o* = pelo)
polo (ô) (falcão novo)	*polo* (contração arcaica de *por o* = pelo)
coa, coas (formas do verbo coar)	*coa, coas* (contrações de *com a, com as*)

Observação:

✔ Nos demais casos, como antes do Acordo Ortográfico de 1990, não se usa acento diferencial. Grafam-se, por exemplo, *erro, colher, sede, governo, torre, olho, almoço*, e não: êrro, colhêr, sêde, govêrno, tôrre, ôlho, almôço.

▪ Acento grave

O acento grave usa-se exclusivamente para indicar a crase da preposição *a* com os artigos *a, as* e com os pronomes demonstrativos *a, as, aquele(s), aquela(s), aquilo*. Exemplos:

Fui *à* feira. Assisti *às* aulas. Não liguei *àquilo*. Dirija-se *àquele* moço.

Observação:

✔ Não se grafa acento grave em sílaba subtônica:

somente, rapidamente, comodamente, heroicamente; cafezal, avozinha, cafezinho, papeizinhos, chapeuzinho, pezinhos, etc.

EXERCÍCIOS

LISTA 05

1. Em seu caderno, escreva os grupos de palavras, numerando cada grupo de acordo com a razão do acento gráfico:

papéis – mundéu – herói

público – astrônomo – déssemos

pôr – pôde – fôrma

cajá – cipó – pajé – você

heroína – saúde – atribuía – baía

dólar – túnel – bênção – táxi

(1) hiato

(2) ditongos **éi, éu, ói,** em palavras oxítonas

(3) vocábulos oxítonos terminados em **a, e** e **o**

(4) vocábulos paroxítonos com terminação tônica

(5) vocábulos proparoxítonos

(6) homógrafos tônicos com acento diferencial

2. Copie apenas os vocábulos que se acentuam em virtude do hiato:

úteis – médium – saúva – anzóis – país – sanduíche – heroína

3. Em seu caderno, escreva as palavras abaixo, acentuando-as corretamente. Em seguida, numere os grupos de acordo com sua classificação:

sofas – jao – vintem – parabens

uisque – Piaui – saude – bau

onibus – tatica – otico – umido

mes – mas – ha – nos – pos (verbo)

orfã – orgãos – vomer – uteis

tabua – genio – tenue – oleo

heroi – trofeu – coroneis

(1) vocábulos proparoxítonos

(2) paroxítonos com terminação tônica

(3) vocábulos oxítonos

(4) ditongos abertos e tônicos de palavras oxítonas

(5) monossílabos tônicos

(6) *hiatos*

(7) paroxítonos terminados em ditongo crescente

4. Justifique o acento gráfico nas palavras:

saúva – atribuí – país – proíbe – miúdo – raízes

5. Escreva as palavras, colocando o acento gráfico adequado:

moido – ruido – ciume – esplendido – bussola – exito – orfãos – magoa – hernia – cranio – miriade – lotus – fusivel – textil – atraves – fregues – aguarras – suiço – paraiso – mundeu – alcoolatra – res (quadrúpede) – repteis – eletrons – albuns – onix – imãs – concluia – cutis

6. Escreva as palavras, acentuando-as quando necessário:

especime – cedo – refem – apazigue – pessoa – maquinaria – espelho – sairam – almoço – fenix – ansia – benção – urutu – austero – rubrica – juriti – ariete – obus – desaguam – flores – dispor

7. Copie as seguintes palavras em seu caderno, colocando o acento gráfico quando for adequado:

zenite – lagoa – perdoa – erudito – desdem – refens – espeto – comboio (subst.) – gaucho – influiu – argui – apoio (subst.) – desapoio (verbo) – inaudito – girassois – bebiamos – aparelho – polen – circuito – tramoia – exodo – abençoe – sossego – vende-lo – aleija – peneiro – impar – urubu – corressemos – moinho – cairam – juizes – Grajau – torax – ruim – Mooca – chapeuzinho – comodamente – pegadas – alcool – Criciuma – repor

8. Justifique os acentos gráficos nestes vocábulos, acentuados pela mesma razão:

ciência – vários – zínia – efígie – vácuo – pátio – fêmea

9. Por meio de acento gráfico adequado, converta os verbos em substantivos:

habito – transito – desanimo – veiculo – naufrago – telegrafo – datilografa – anuncio – providencia – alivio – calunia – vangloria

10. Escreva, em seu caderno, os verbos no plural, seguindo os modelos:

a) ele tem	b) ele contém	c) ele vê
eles **têm**	eles **contêm**	eles **veem**
ele vem	ele detém	ele prevê
eles	eles	eles
	ele mantém	ele crê
	eles	eles
	ele obtém	ele lê
	eles	eles
	ele retém	ele relê
	eles	eles

11. Copie a série de palavras que contém erros de acentuação gráfica, acentuando-as corretamente:

garoa – êxtase – deem – frêmito – conserto – saúdam
cerca – estreio – planejo – Quéops – atraiu – odisseia
corôa – caique – destroi – tamôio – refem – egoismo
boiem – heroína – tainha – más – meses – hábil – ciclope

12. Copie as frases abaixo, acentuando as palavras quando necessário:

a) Quando voltava a colmeia, a abelha não pode colher o nectar das flores.
b) Referindo-se as viagens de seu avo Cristovão, Emilia dizia que ele era um nomade.
c) Eloi não para de por objetos a venda: ninguem sabe por que.

13. Por que se acentua o verbo **pôr** e não se acentua **compor**?

14. Retiramos os acentos utilizados por Millôr Fernandes no texto abaixo. Veja se você consegue recolocar todos eles:

"Ministerio das perguntas cretinas
– Se o diabo se portar bem vai para o ceu?
– O curso do rio da diploma?
– O Pão de Açucar se lambe?
– Um critico vive numa situação critica?
– Na cadeia dos Diarios Associados tem alguem preso?"

15. Leia a estrofe de "Construção", de Chico Buarque, procurando descobrir a regra que orientou a acentuação das palavras destacadas:

"Subiu a construção como se fosse **máquina**
Ergueu no patamar quatro paredes **sólidas**
Tijolo por tijolo num desenho **mágico**
Seus olhos embotados de cimento e **lágrima**"

16. Em qual das alternativas abaixo todas as palavras foram acentuadas de acordo com a mesma regra:

a) aquático, gráfico, conteúdo, átona
b) pêssego, análise, gramática, prática
c) caráter, sílaba, cômodo, veículo

17. Destaque dos versos de Vinícius de Moraes abaixo transcritos palavras paroxítonas que devem ser acentuadas:

a) "Eu fiquei imovel e no escuro tu vieste"
b) "E seus braços, como imãs, atraem o firmamento"
c) "Irremediavel, muito irremediavel
Tanto quanto esta torre medieval
Cruel, pura, insensivel, inefavel"
d) "Esse imenso, atroz, silencio..."
e) "Escorreu da noite nos labios da aurora..."

18. Faça o mesmo em relação às oxítonas:

a) "Às vezes dos igapos/subia o berro animal/de algum jacare feroz"

b) "Diz que ninguem esqueceu/a gargalhada de louca/que a pobre Lunalva deu"

c) "Tem os olhos cansados de olhar para o alem"

d) "Eu sem voce/Não tenho porque/Porque sem voce/Não sei nem chorar"

19. Escreva as frases no plural, prestando atenção às formas verbais:

a) Ele sempre vem à minha casa aos sábados.

b) Você vê maldade em tudo!

c) Meu irmão não crê em nada que você lhe diz.

d) Espero que o garoto dê o recado ao professor.

e) O governador não tem mais nenhuma credibilidade.

20. Copie os monossílabos tônicos, acentuando-os quando necessário:

a) Levantou o veu e sorriu docemente.

b) Quanta pobreza ha por la!

c) Ana e Lourdes analisarão cuidadosamente os pros e os contras de nossa proposta.

d) Os homens de bem não devem se calar diante da injustiça.

e) De seus irmãos, so Luís tinha os pes pequenos.

21. Use o acento diferencial quando necessário:

a) Cássio agora pode sair mais cedo; ontem, porém, não pode: tinha muitos contratos para analisar.

b) Taís: não vá por aí!

c) Marina não pretende por os pés em minha casa novamente.

d) José só irá para casa nas próximas férias.

e) Para! Nosso inimigo se aproxima silenciosamente.

22. Veja quais das palavras destacadas devem receber acento gráfico:

a) Os *juizes*, certamente, estão equivocados.

b) O *juiz* encarregado do caso adoeceu.

c) A *saida* fica do lado oposto, Ana Paula.

d) Osmar, não seja tão *egoista*!

ORTOGRAFIA – ACENTUAÇÃO GRÁFICA
Exercícios de exames e concursos
[Página 666]

NOTAÇÕES LÉXICAS

No capítulo anterior estudamos o emprego dos acentos gráficos. Neste capítulo estudaremos o til, o trema, o apóstrofo e o hífen.

1 EMPREGO DO TIL

O til sobrepõe-se às letras *a* e *o* para indicar vogal nasal.

Pode figurar em sílaba:

– tônica: maçã, *cãi*bra, perdão, barões, põe, etc.

– pretônica: ro*mã*zeira, ba*lõ*ezinhos, *grã*-fino, cristãmente, aquida*bã*ense, etc.

– átona: ór*fãs*, ór*gãos*, bên*çãos*, etc.

Observe: cristão, cristandade; Satã, satânico; Islã, islamismo.

2 EMPREGO DO TREMA

- O trema foi abolido na escrita de palavras portuguesas. Não se coloca mais, portanto, trema sobre o *u* dos grupos *gue, gui, que, qui*, quando proferido e átono:

  aguentar, sagui, argui (pretérito), frequente, cinquenta, equino, tranquilo, ensanguentar, etc.

- Usa-se apenas em nomes estrangeiros e palavras deles derivadas. Exemplos: *Dürer, Staël, Müller, mülleriano*.

Observações:

✔ Em algumas palavras de dupla pronunciação, o emprego do trema era opcional: *líqüido* ou *líquido, sangüinário* ou *sanguinário, sangüíneo* ou *sanguíneo, séqüito* ou *séquito*, etc.

✔ Embora bem-vinda, sua ausência pode gerar dúvidas acerca da pronúncia correta de palavras como *redarguir, quinquênio, equídeo, equidistante, ubiquidade, equilátero, aquicultura*, etc.

3 EMPREGO DO APÓSTROFO

- **Emprega-se este sinal gráfico:**

  a) para indicar a supressão de uma vogal nos versos, por exigências métricas, como ocorre, mais frequentemente, entre poetas portugueses:

  esp'rança, c'roa, minh'alma, 'stamos, por esperança, coroa, minha alma, estamos.

b) para reproduzir certas pronúncias populares:

"**Olh'ele** aí..." (GUIMARÃES ROSA)

"Não **s'enxerga**, enxerido!" (PEREGRINO JR.)

c) para indicar a supressão da vogal da preposição *de* em certas palavras compostas: galinha-d'angola, pau-d'arco, estrela-d'alva, caixa-d'água, etc.

- **Não se usa apóstrofo:**

a) na palavra *pra*, forma reduzida da preposição *para*:

"Puxa! Você não presta nem **pra** tirar gelo, Simão." (ORÍGENES LESSA)

b) nas contrações das preposições com artigos, pronomes e advérbios:

dum, num, dalém, doutro, doutrora, noutro, nalgum, naquele, nele, dele, daquilo, dacolá, doravante, co, cos, coa, coas (com o, com os, com a, com as), pro, pra, pros, pras (para o, para a, para os, para as).

Exemplos: escritores **dalém-mar**; costumes **doutrora**; ir **pra** beira do rio.

c) nas combinações dos pronomes pessoais: mo, mos, ma, mas, to, lho, lhos, etc.

d) nas expressões cujos elementos se aglutinaram numa unidade fonética e semântica: dessarte, destarte, homessa, tarrenego, tesconjuro, vivalma.

- **Casos opcionais:**

a) Nos títulos de livros, jornais, etc., pode-se usar o apóstrofo e grafar:

a leitura d'*O Guarani*; a campanha d'*O Globo*; a notícia está *n'O Globo*, ou, a leitura de *O Guarani*; a campanha de *O Globo*; a notícia está em *O Globo*.

b) Com referência a Deus, Jesus, a Virgem Maria, também se pode escrever: o poder d'Ele; confiar n' Ele; confiar n'Ela; o poder de Aquele, a intercessão de Aquela, etc.

4 EMPREGO DO HÍFEN

O emprego do hífen é matéria extremamente complexa e continua mal disciplinada pelo novo sistema ortográfico, sobretudo no que diz respeito ao uso desse sinal em palavras formadas por prefixação, nas quais mais palpáveis são as falhas e incoerências. Para quem escreve, o emprego do hífen é um autêntico quebra-cabeça.

Eis, em resumo, o que se preceitua acerca do emprego desse embaraçoso traço unitivo:

- **Emprega-se o hífen:**

- em palavras compostas cujos elementos conservam sua autonomia fonética e acentuação própria, mas perderam sua significação individual para constituir uma unidade semântica, um conceito único:

  amor-perfeito, água-marinha, beija-flor, quinta-feira, corre-corre, sempre-viva, bem-te-vi, vitória-régia, ano-luz, decreto-lei, tio-avô, guarda-chuva, arco-íris, tenente-coronel, médico-cirurgião, primeiro-ministro, conta-gotas, etc.

Observação:

✔ Note a diferença de significação: *meio dia* (= metade do dia), ao *meio-dia* (= às 12 horas); *pão duro* (= pão endurecido), *pão-duro* (= sovina); *cara suja* (= rosto sujo), *cara-suja* (= espécie de periquito); *copo de leite* (= copo com leite), *copo-de-leite* (= nome de uma flor).

- para ligar pronomes átonos a verbos e à palavra *eis*:

  deixa-o, obedecer-lhe, chamar-se-á, dir-se-ia, ei-lo, etc.

- em adjetivos compostos:

  mato-grossense, rio-grandense, latino-americano, greco-latino, verde-amarelo, azul-turquesa, cor-de-rosa, à-toa, sem-vergonha, sem-par, etc.

- em vocábulos formados pelos adjetivos de origem tupi *açu, guaçu* e *mirim*, se o elemento anterior acaba em vogal acentuada ou nasal:

  andá-açu, sabiá-guaçu, capim-açu, socó-mirim, etc.

Portanto, sem hífen: *jiboiaçu, cajumirim, Mojimirim*, etc.

- em vocábulos formados por elementos e prefixos que têm acentuação própria (tônicos):

  além-: além-túmulo, além-mar

  aquém-: aquém-mar

  pós-: pós-escolar, pós-operatório

  pré-: pré-nupcial

  pró-: pró-alfabetização

  recém-: recém-nascido

- depois de *circum-*, *mal-* e *pan-*, antes de *vogal, m, n* ou *h*:

  pan-americano, pan-helênico, mal-educado, mal-humorado, circum-anal, circum-navegar, circum-navegação, etc.

  Antes de outras letras, sem hífen:

  malcriado, malfeito, panteísmo, circumpolar, etc.

- depois de *bem-* (como prefixo e não como advérbio), antes de palavras que têm vida autônoma e quando a pronúncia o exigir:

  bem-amado, bem-aventurado (para não se ler *bem-maventurado*), bem-aventuranças, bem-estar, bem-me-quer, bem-nascido, bem-vindo, etc.

- nos encadeamentos de palavras: ponte Rio-Niterói, linha aérea Rio-Paris.

- na partição de palavras no fim da linha. Veja pág. 38.

- fora do âmbito da ortografia imposta, como recurso de estilo e com valor expressivo:

  "Começou daí um Brasil-sem-história-certa." (RAUL BOPP)

  "Foi o boi-grande-que-berra-feio-e-carrega-uma-cabeça-na-cacunda." (GUIMARÃES ROSA)

"– Não vou daqui sem uma resposta definitiva, disse meu pai. De-fi-ni-ti-va! repetiu, batendo as sílabas com o dedo." (MACHADO DE ASSIS)

- **Não se usará hífen:**
  - sempre que se obliterou a consciência da composição da palavra, o que acontece quando um elemento se adaptou foneticamente ao vizinho ou perdeu sua autonomia semântica:

    aguardente, girassol, madrepérola, malmequer, passatempo, pontapé, rodapé, sobremesa, vaivém, benquisto, etc.
  - quando o prefixo (ou o elemento de composição) pode ser unido ou aglutinado sem prejuízo da clareza ou sem promover pronúncias errôneas:

    aeroporto, aeromoça, audiovisual, bioquímico, eletroímã, fotoelétrico, fotocópia, ferrovia, geofísica, gastroenterologia, multissecular, neuromuscular, pretônica, radioatividade, radiouvinte, retropropulsão, semibárbaro, socioeconômico, supersônico, termoelétrico, vasossecção, etc.

Observação:

✔ Ao se unirem os elementos desses vocábulos compostos, pode ocorrer: a) a geminação do *r* e do *s*: *microrregião, fotossíntese*; b) a queda do *h* inicial do segundo elemento: *turboélice*; c) a elisão (facultativa) da vogal final do primeiro elemento: *radiativo* ou *radioativo, hidrelétrica* ou *hidroelétrica*.

  - nas locuções:

    da gema (= *legítimo*), um a um, de vez em quando, à toa (locução adverbial), a fim de, ora bolas!, de repente, por isso, etc.

    Mas, por serem consideradas palavras compostas e não locuções, escrever-se-ão:

    de mão-cheia, vice-versa, de meia-tigela, sem-par, sem-sal, tão-somente, à-toa (adjetivo), sem-cerimônia, etc.
  - em expressões do tipo:

    estrada de ferro, doce de leite, cor de café, anjo da guarda, relógio de bolso, dona de casa, farinha de trigo.

EMPREGO DO HÍFEN NAS FORMAÇÕES POR PREFIXAÇÃO

- Emprega-se o hífen nas palavras formadas com os prefixos gregos e latinos aero-, agro-, ante-, anti-, arqui-, auto-, bio-, co-, contra-, eletro-, entre-, eco-, extra-, ex-, geo-, hidro-, hiper-, inter-, infra-, macro-, maxi-, micro-, mini-, multi-, neo-, proto-, pan-, pseudo-, pluri-, retro-, semi-, super-, sub-, supra-, tele-, ultra-, vice-, etc.

  a) quando o segundo elemento começa por *h*: *anti-higiênico, co-herdeiro, super-homem, pré-história, pan-helenismo, neo-helênico, sub-humano*, etc.

  Exceções: *desumano, inábil*.

  b) quando o prefixo termina com a mesma vogal com que começa o segundo elemento: *anti-ibérico, supra-auricular, micro-onda, semi-interno, auto-observação*, etc.

  Exceção. Excetua-se o prefixo *co-*, que se une, sem hífen, ao segundo elemento iniciado por *o*: *coordenar, cooperar, coordenação, coobrigado*, etc.

c) nas formações com os prefixos *circum-* e *pan-*, antes de *vogal, h, m* e *n*: *circum-navegar, circum-navegação, pan-americano, circum-anal, circum-murado*, etc.

d) nas formações com os prefixos *hiper-, inter-*, e *super-*, quando o segundo elemento começa por *r*: *hiper-realismo, inter-racial, inter-relacionar, super-requintado*, etc.

e) nas formações com os prefixos *ex-* (com o sentido de estado anterior ou cessamento), *sota-, soto-* e *vice-*: *ex-diretor, ex-aluno, sota-piloto, soto-mestre, vice-presidente, vice-rei*.

f) nas formações com os prefixos tônicos, acentuados, *pós-, pré-, pró-*, como já vimos. Nas formas átonas, se justapõem ao elemento seguinte, sem hífen: *pospor, prever, promover*, etc.

g) com o prefixo sub- antes de *b, h* e *r*: *sub-humano, sub-raça, sub-bibliotecário*.

- **Não se usará hífen:**

a) quando o prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa por r ou s, caso em que as consoantes se duplicam: antirreligioso, antissemita, minissaia, infrassom, contrarregra, microrregião, cosseno, ultrassonografia, etc.

b) quando o prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa com vogal diferente: antiaéreo, autoestrada, autoaprendizagem, etc.

Observação:

✔ O emprego do hífen é um ponto de nossa ortografia que deveria ser urgentemente revisto, restringindo-se o uso desse sinal auxiliar da escrita aos casos de absoluta necessidade. Não seria preferível escrever, por exemplo, *vagalume, benvindo, seminterno, extraoficial, excombatente*, em vez de *vaga-lume, bem-vindo, semi-interno, extra-oficial, ex-combatente?*

EXERCÍCIOS LISTA 06

1. Escreva em seu caderno algumas linhas sobre o trema.

2. Em seu caderno, escreva as palavras, unindo corretamente os elementos e empregando o hífen quando necessário:

vitória + régia	busca + pé	sem + vergonha	homem + rã
azul + marinho	além + túmulo	jiboia + açu	semi + morto
auto + escola	recém + nascido	grã + fino	neo + latina
proto + mártir	extra + terreno	ex + ministro	pós + guerra

3. Faça como no exercício anterior:

ultra + rápido	quebra + cabeça	ante + véspera	sub + solo
contra + senso	anti + rábico	super + homem	anti + tóxico
contra + peso	anti + aéreo	sub + chefe	circum + polar
mal + educado	para + quedas	co + existência	micro + empresa
eletro + ímã	gastro + intestinal	tetra + campeão	tele + objetiva
termo + elétrica	bem + vindo	sócio + econômico	bem + estar
multi + secular	gira + sol	bio + química	roda + pé

4. Copie em seu caderno somente as palavras em que se usa o hífen para evitar pronúncia errônea:

bem-amado	pan-americano	mal-educado	não-agressão
bem-estar	pré-vestibular	obra-prima	sub-raça

5. Que nova significação as expressões destacadas assumem, se ligarmos, em outras frases, os seus componentes com hífen?

a) Trabalhei só **meio dia.**
b) Tinha a **pele vermelha.**
c) Bebi um **copo de leite.**
d) Fale **sem vergonha.**

6. Explique o emprego do hífen nas frases seguintes:

a) "Um tapa do Sílvio arrebentava porta de apartamento-de-sala-e-quarto-conjugados." (RUBEM FONSECA, *Os Prisioneiros*, p. 11)

b) "No fim da festa, um funcionário do Itamarati declarou: Estamos e-xaus-tos." (DANUZA LEÃO, *Jornal do Brasil*, 30/6/1999)

7. Consulte o dicionário e verifique se as palavras abaixo devem ser unidas por hífen ou formar um único vocábulo:

mal criado, mal educado, mal feito, mal humorado, mal estar, bem amado, bem aventurado, bem educado, bem estar, bem visto, bem dizer.

8. Escreva frases que deixem bem evidente a diferença de sentido entre os pares de palavra abaixo:

a) pão duro, pão-duro. (pão endurecido, avarento)
b) copo de leite, copo-de-leite. (copo com leite, flor)

9. Alguns dos substantivos compostos abaixo relacionados deveriam ter sido escritos com hífen. Localize-os e reescreva-os corretamente. Em caso de dúvida, recorra às explicações apresentadas neste livro ou consulte o dicionário.

Maleducado, girassol, autobiografia, benvindo, subsolo, subchefe, vicediretor, fotocópia, extraordinário, pontapé, semcerimônia, bentevi, sempreviva, sobremesa, autoretrato, aeroporto.

ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS

1 ABREVIATURA

Abreviatura é a representação escrita abreviada de uma palavra ou expressão. Exemplos:

R. (Rua), *Av.* (Avenida), *ed.* (edição), *loc. adv.* (locução adverbial).

Em geral, a abreviatura termina por consoante seguida de ponto final. Os símbolos científicos, porém, se grafam sem ponto e, no plural, sem *s*: *m* (metro ou metros), *h* (hora ou horas), *10h30min* (dez horas e trinta minutos).

Há palavras que são abreviadas de modo diverso:

C.ia ou *Cia.* (Companhia), *Sr.a* ou *Sra.* (Senhora), *p.* ou *pág.* (página), etc.

Mantêm-se os acentos nas abreviaturas. Exemplos:

gên. (gênero), *séc.* (século).

Em textos literários e jornalísticos, em geral, evitam-se as abreviaturas de medida:

O jogo começou às *16 horas*. Andou *5 quilômetros* a pé.

Os designativos de nomes geográficos devem ser escritos por extenso:

São Paulo (e não *S. Paulo*), *Santo Amaro* (e não *S. Amaro*), *Dom Joaquim* (e não *D. Joaquim*), etc.

2 SIGLA

Sigla é a abreviatura formada com as letras iniciais de nomes de entidades, associações, organismos administrativos, empresas, partidos políticos, etc.:

QG (Quartel-General), FAB (Força Aérea Brasileira), ONU (Organização das Nações Unidas).

Na prática, eliminam-se, modernamente, os pontos abreviativos nas siglas, cuja finalidade, aliás, é poupar tempo e espaço. Por serem práticas e cômodas, as siglas vão se multiplicando cada vez mais na língua de hoje e até passam a funcionar como substantivos: o Senai, o CEP, a Funai, a TV, a Petrobras, etc.

As palavras *aides* (recomendamos esta grafia, em vez de *Aids*), *radar* e *sonar*, formadas com as letras ou sílabas iniciais de expressões inglesas, são outros exemplos de siglas convertidas em substantivos.

Há siglas que deram origem a outras palavras:

DDT → dedetizar; CLT → celetista.

Eis algumas abreviaturas, siglas e símbolos de uso mais frequente:

A

a = are(s)
ABI = Associação Brasileira de Imprensa
a.C. = antes de Cristo
AC = Acre (Estado do)
A/C = ao(s) cuidado(s)
AL = Alagoas (Estado de)
AM = Amazonas (Estado do)
apart. ou ap. = apartamento
AP = Amapá (Estado do)
Au = ouro (lat. *aurum*)
Av. = Avenida

B

BA = Bahia (Estado da)
BCG = Bacilo de Calmette e Guérin (vacinação contra a tuberculose)
BR = Brasil

C

CAN = Correio Aéreo Nacional
CE = Ceará (Estado do)
CBF = Confederação Brasileira de Futebol
CEP = Código de Endereçamento Postal
cf. = confira ou confronte
Cia. = companhia
CLT = Consolidação das Leis Trabalhistas
cm = centímetro(s)
CPF = Cadastro de Pessoa Física
Cx. = caixa

D

D. = Dom, Dona
Dª = Dona
DDD = Discagem Direta a Distância
DD. = digníssimo
DF = Distrito Federal
dm = decímetro(s)
DNA = *desoxyribonucleic acid* (= ácido desoxirribonucleico)
DNER = Departamento Nacional de Estradas de Rodagem
Dr. = Doutor
Drª ou Dra. = Doutora

E

ed. = edição
Embraer = Empresa Brasileira de Aeronáutica
ECT = Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos
ES = Espírito Santo (Estado do)
etc. = *et cetera* (e as outras coisas)
EUA = Estados Unidos da América
Ex.mo = Excelentíssimo

F

FAB = Força Aérea Brasileira
FGTS = Fundo de Garantia do Tempo de Serviço
FIFA = Federação Internacional das Associações de Futebol
fl. = folha; fls. = folhas
FN = Fernando de Noronha
Funai = Fundação Nacional do Índio

G

g = grama(s)
GO = Goiás (Estado de)

H

h = hora(s)
ha = hectare(s)
HP = *horse power* (cavalo-vapor)

I

ib. = *ibidem* (no mesmo lugar)
IBGE = Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
id. = idem (o mesmo)
Il.ma = Ilustríssima
Il.mo = Ilustríssimo
I.N.R.I. = *Iesus Nazarenus Rex Iudaeorum* (Jesus Nazareno, Rei dos Judeus)
INSS = Instituto Nacional de Seguro Social
Ir. = irmão, irmã

K

K = *kalium* (potássio)
kg = quilograma(s)
km = quilômetro(s)
km² = quilômetro(s) quadrado(s)
kw = quilowatt(s)

L

l = litro(s)
L. = Leste (ponto cardeal)
lat. = latitude, latim
lb. = libra(s)
long. = longitude
Lt.da ou Ltda. = limitada

M

m = metro(s)
m^2 = metro(s) quadrado(s)
m^3 = metro(s) cúbico(s)
MA = Maranhão (Estado do)
MG = Minas Gerais (Estado de)
mg = miligrama(s)
min = minuto(s)
ml = mililitro(s)
mm = milímetro(s)
MS = Mato Grosso do Sul (Estado de)
MT = Mato Grosso (Estado de)
MW = megawatt(s)

N

N. = Norte
N. E. = Nordeste (ponto entre o Norte e o Leste)
nº = número
N. O. = Noroeste
N. Sª = Nossa Senhora

O

O. = Oeste
OEA = Organização dos Estados Americanos
O. K. ou OK = *all correct* (tudo bem)
ONU = Organização das Nações Unidas
op. cit. = *opus citatum* (obra citada)
OTAN ou Otan = Organização do Tratado do Atlântico Norte

P

pág. ou p. = página; págs. = páginas
PA = Pará (Estado do)
PB = Paraíba (Estado da)
PE = Pernambuco (Estado de)
Pe. = padre
PI = Piauí (Estado do)
PIS = Programa de Integração Social
PR = Paraná (Estado do)
Prof. = professor
Profª ou Profa. = professora
P. S. = *post scriptum* (depois do escrito)

Q

QG = Quartel-General
ql = quilate(s)

R

R. = rua
Remte ou Remte. = remetente
Rev.mo ou Revmo. = Reverendíssimo
RJ = Rio de Janeiro (Estado do)
RN = Rio Grande do Norte (Estado do)
RO = Rondônia (Estado de)
RR = Roraima (Estado de)
RS = Rio Grande do Sul (Estado do)

S

s = segundo(s)
S. = São, Santo(a), Sul
S. A. = Sociedade Anônima
SC = Santa Catarina (Estado de)
SE = Sergipe (Estado de)
séc. = século
Senac = Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
Senai = Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
S. O. = Sudoeste
S.O.S. = *save our souls* (salvai nossas almas: pedido de socorro enviado por navios e aviões)
SP = São Paulo (Estado de)
Sr. = Senhor; Srs. = Senhores
Srª ou Sra. = Senhora; Srªs = Senhoras
Srta ou Srta. = Senhorita

T

t = tonelada(s)
tel. = telefone, telegrama
TO = Tocantins (Estado do)
TV = televisão

U

Unesco = *United Nations Educational Scientific and Cultural Organization* (= Organização Educacional, Científica e Cultural das Nações Unidas)

V

v = volt(s)
V. Sª = Vossa Senhoria
V.Sªs = Vossa Senhorias
V. Exª = Vossa Excelência
v. g. = *verbi gratia* (por exemplo)

W

w = watt(s)
W.C. = *water-closet* (banheiro, sanitário)

1. Leia o texto abaixo e, em seguida, localize na primeira estrofe as siglas correspondentes aos significados listados:

A revoada das siglas

PIB OTAN CACEX CONTRAN
FAB CUT MAM FIESP OPEP
USP IBOPE GATT DETRAN
PROCON BANERJ et caterva.

Salve, filhas espúrias dos idiomas
das gentes deste século fremente,
salvação da lavoura jornalística!
Os que fazem das letras sua mística
a vossos pés se prostram reverentes.

Dia e noite, em ruidosas revoadas,
pelos céus do Brasil torvelinhais
e o céu da boca me feris, malvadas,
e a meus cansados tímpanos soais
como o ranger de ásperos metais.

D.P.C.

a) Museu de Arte Moderna
b) Banco do Estado do Rio de Janeiro
c) Produto Interno Bruto
d) Universidade de São Paulo
e) Central Única dos Trabalhadores

2. Escreva os símbolos científicos de:
metro – metro quadrado – metro cúbico – centímetro – milímetro – quilômetro – litro – quilo – grama

3. Escreva o significado das siglas: RO – Senai

4. Escreva as abreviaturas de:
antes de Cristo – professor – século – Companhia – professora – telefone – doutor – página – edição

5. Escreva abreviadamente, usando símbolos:
a) dezesseis horas e trinta minutos; b) nove horas dez minutos e vinte segundos.

6. Reescreva a única abreviatura correta de **oito horas**: 8hs 8:00h 8:00hs 8,00h 8h

7. Escreva a expressão destacada, usando símbolos:
Neil Armstrong foi o primeiro homem
a pisar na Lua.
Esse fato histórico aconteceu no dia
20 de julho de 1969,
às **vinte e três horas e cinquenta e seis minutos**, horário de Brasília.

MORFOLOGIA

ocupa-se da estrutura e da classificação das palavras.

ESTRUTURA DAS PALAVRAS

Observe a estrutura das palavras:
sol, dent-ista, in-quiet-o, cant-a-mos, cha-l-eira

A análise destes exemplos mostra-nos que as palavras são formadas de unidades ou elementos mórficos.

São os seguintes os elementos mórficos ou estruturais das palavras:

- **raiz**, **radical**, **tema**: elementos básicos e significativos;
- **afixos** (prefixos, sufixos), **desinência**, **vogal temática**: elementos modificadores da significação do radical;

  Os elementos mórficos dos grupos acima denominam-se *morfemas*.
- **vogal de ligação**, **consoante de ligação**: elementos de ligação ou eufônicos.

1 RAIZ

Raiz é o elemento originário e irredutível em que se concentra a significação das palavras, consideradas do ângulo histórico. Geralmente monossilábica, a raiz encerra sentido lato e geral, comum às palavras da mesma família etimológica.

Assim, a raiz *noc* (do latim *nocere* = prejudicar) tem a significação geral de *causar dano*, e a ela se prendem, pela origem comum, as palavras *nocivo, nocividade, inocente, inocentar, inócuo*, etc.

Uma raiz pode apresentar-se alterada: *ag*-ir, *ag*-ente, re-*ag*-ir, ex-*ig*-ir, ex-*ig*-ência, *at*-o, *at*-or, *at*-ivo, *aç*-ão, *ac*-ionar, etc.

Observação:

✔ O estudo das raízes foge à finalidade da gramática normativa, só interessa à gramática histórica ou, mais precisamente, à etimologia. Numa análise morfológica elementar das palavras portuguesas, deve-se preterir a raiz e partir do radical.

2 RADICAL

O *radical* é o elemento básico e significativo das palavras, consideradas sob o aspecto gramatical e prático, dentro da língua portuguesa atual.

Acha-se o radical despojando-se a palavra de seus elementos secundários (quando houver):

CERT-*o*, CERT-*eza*, *in*-CERT-*eza*, CAFE-*teira*, *a*-JEIT-*ar*, RECEB-*er*, EDUC-*ar*, ILUS-*ório*, PERFUM-*e*, EXEMPL-*ar*, PERMIT-*ir*, *ex*-PORT-*ação*, *in*-OBSERV-*ância*, *des*-CONHEC-*ido*, *a*-PEDR-*ejar*, etc.

Observações:

- ✔ Destacam-se os prefixos quando a língua atual os sente como tais: *in-feliz, a-mans-ar, ex-orbit-ar, re-conquist-ar,* etc. Não persistindo o sentimento dessas partículas, não se destacam: *exam-e* (latim *ex-amen*), *excel-ência* (latim *ex-cellentia*), *óbit-o* (latim *ob-itum*), *pérfid-o* (latim *per-fidum*), etc.
- ✔ Em certas palavras só existe o radical: *fé, mar, sol, traz*, etc.; em outras, o radical coincide com a raiz: CAMP-*o*, NOC-*ivo*, *re*-NOV-*ar*, *in*-ÚT-*il*, etc.

3 TEMA

Tema é o radical acrescido de uma vogal (chamada *vogal temática*).

Nos verbos o tema se obtém destacando-se o *-r* do infinitivo:

CANTA-*r*, BATE-*r*, PARTI-*r*, etc.

Nos nomes o tema é mais evidente em derivados de verbos:

CAÇA-*dor*, DEVE-*dor*, FINGI-*mento*, PERDOÁ-*vel*, FERVE-*nte*, etc.

4 AFIXOS

Afixos são elementos secundários (geralmente sem vida autônoma) que se agregam a um radical ou tema para formar palavras derivadas. Chamam-se *prefixos*, quando antepostos ao radical ou tema, e *sufixos*, quando pospostos. Assim, nas palavras *inativo, empobrecer, internacional, desanimador, imperdoável* e *predominante*, temos:

prefixo	radical	sufixo	prefixo	tema	sufixo
in	**at**	**ivo**	**des**	**anima**	**dor**
em	**pobr**	**ecer**	**im**	**perdoá**	**vel**
inter	**nacion**	**al**	**pre**	**domina**	**nte**

5 DESINÊNCIAS

Desinências são os elementos terminais indicativos das flexões das palavras.

As desinências *nominais* indicam as flexões de gênero (masculino e feminino) e de número (singular e plural) dos nomes. Exemplo:

menin-*o* menino-*s*
menin-*a* menina-*s*

As desinências *verbais* indicam as flexões de número e pessoa e de modo e tempo dos verbos. Exemplos:

am-*o*, ama-*s*, ama-*mos*, ama-*is*, ama-*m*
ama-*va*, ama-*va*-s, ama-*va*, etc.

A desinência -*o* de *am-o* é uma desinência *número-pessoal*, porque indica que o verbo está na 1ª pessoa do singular; -*va*, de *ama-va*, é desinência *modo-temporal*: caracteriza uma forma verbal do pretérito imperfeito do indicativo, na 1ª conjugação.

6 VOGAL TEMÁTICA

Vogal temática é o elemento que, acrescido ao radical, forma o tema de nomes e verbos.

Nos verbos distinguem-se três vogais temáticas:

a que caracteriza os verbos da 1ª conjugação: and*a*r, and*a*vas, etc.

e que caracteriza os verbos da 2ª conjugação: bat*e*r, bat*e*mos, etc.

i que caracteriza os verbos da 3ª conjugação: part*i*r, part*i*rá, etc.

Chama-se *terminação* à parte da palavra subsequente ao radical. Às vezes confunde-se com o sufixo: pass-*ear*, vend-*erão*, glori-*oso*, grit-*ando*.

7 VOGAIS E CONSOANTES DE LIGAÇÃO

São fonemas que, em certas palavras derivadas ou compostas, se inserem entre os elementos mórficos, em geral por motivos de eufonia, isto é, para facilitar a pronúncia de tais palavras. Exemplos:

silv-*í*-cola, cafe-*t*-eira, pe-*z*-inho, cha-*l*-eira, cafe-*i*-cultura, gas-*ô*-metro, gas-*ei*-ficar, cacau-*i*-cultor, rod-*o*-via, pobre-*t*-ão, pau-*l*-ada, capin-*z*-al, inset-*i*-cida, rat-*i*-cida, gas-*o*-duto, etc.

Observação:

✔ A esses elementos de ligação alguns gramáticos chamam *infixos*.

8 COGNATOS

Cognatos são vocábulos que procedem de uma raiz comum. Tais palavras constituem uma *família etimológica*.

À raiz da palavra latina *anima* (= espírito), por exemplo, prendem-se os seguintes cognatos: alma, animal, alimária, animar, animador, desanimar, animação, almejar, ânimo, desalmado, etc.

Às vezes torna-se difícil discernir a raiz primitiva, em virtude das alterações sofridas. Exemplo: FACção, FACcioso, FACínora, FAÇanha, FÁCil, FACilitar, FATor, FATurar, FATo, inFECção, diFÍCil, beneFÍCio, artíFICe, conFECção, eFETuar, FEITo, ouriVES (cognatos do verbo latino *facio*, fazer).

9 PALAVRAS PRIMITIVAS E DERIVADAS

Quanto à formação, as palavras podem ser *primitivas* ou *derivadas*.

- **Palavras *primitivas* são as que não derivam de outras, dentro da língua portuguesa.**

  Exemplos:
  pedra, terra, dente, pobre, etc.

- **Palavras *derivadas* são as que provêm de outras.**

  Exemplos:
  pedreiro, enterrar, dentista, pobrezinho, etc.

10 PALAVRAS SIMPLES E COMPOSTAS

Com relação ao radical, dividem-se as palavras em *simples* e *compostas*.

- **Palavras *simples* são as que têm um só radical.**

  Exemplos:
  livre, beleza, recomeçar, maquinismo, desmatamento.

- **Palavras *compostas* são as que apresentam mais de um radical.**

  Seus elementos, em muitos casos, unem-se sem hífen. Exemplos:
  passatempo, automóvel, ferrovia, peixe-elétrico, melão-de-são-caetano.

EXERCÍCIOS LISTA 08

1. Destaque e classifique os elementos mórficos das palavras seguintes:

insanável – deslealdade – operoso – louvavas – antimilitarismo – cafeteira – cacauicultor

2. Forme cognatos que tenham por base as seguintes palavras:

cruz – jeito – maduro – amigo – corpo – pedra – comum

3. Escreva somente as afirmativas corretas com relação à análise morfológica da palavra **desonrosa**:

O radical é *onr*.
O prefixo é *des-*.
O sufixo é *-rosa*.
O *a* final é desinência de gênero.

4. Escreva em seu caderno de forma a combinar corretamente as duas colunas:

raiz, radical, tema	elementos modificadores
prefixo, sufixo, desinência	elementos de ligação
vogal e consoante de ligação	elementos básicos e significativos

5. Copie as palavras e, em seguida, assinale com um traço o radical delas:

desanimador – realizar – anoitecer – exportação – inativo – analisar

6. Escreva em seu caderno as seguintes palavras, indicando, a seguir, se são **primitivas** ou **derivadas**:

arte – artista – pesquisador – pesquisa – atleta – atletismo – concretizar – concreto

7. Qual é o tipo de desinência do elemento em destaque do verbo esperáva**mos**?

8. Distinga as palavras simples das compostas, classificando-as em duas colunas:

terremoto – erva-doce – desemprego – carro-pipa – modernismo – laranjal – pontiagudo – engarrafamento

9. Identifique os radicais das palavras abaixo:

a) terra – terrinha – térreo – terreiro

b) descampado – campestre – campesino – acampar

c) cardiologia – cardíaco – cardiologista – taquicardia

d) envelhecimento – velhice – envelhecer – velharia

10. Copie as palavras, desmembrando-as como no exemplo:

martelada

radical: martel- **sufixo nominal:** -ada

a) tristonho b) certeza c) receber d) gostoso

11. Todos os vocábulos derivados de um radical comum são considerados **cognatos**. Dê exemplos de palavras cognatas de:

a) poeira b) cinzento c) impressão d) puro e) doer

12. Aponte a alternativa em que há uma palavra que não é cognata das demais:

a) regular, desregulado, regulador, regularidade, regularizar

b) religião, religioso, religiosidade, relíquia, religiosamente

c) nebuloso, nebulosidade, nebulizador, nebulosa

13. Forme palavras cognatas das que aparecem em cada alternativa, utilizando os sufixos entre parênteses:

a) biblioteca (-ário) imundo (-ice ou -ície) órfão (-ato)

b) obedecer (-ência) paraíso (-aco) ler (-ível)

ESTRUTURA DAS PALAVRAS
Exercícios de exames e concursos
[Página 669]

FORMAÇÃO DAS PALAVRAS

Veja este exemplo do escritor Murilo Melo Filho:

"O *computador* poderá ser, no futuro, um instrumento tão vulgarizado quanto o *rádio*, o *telefone*, a *geladeira* e o *televisor*."

As palavras destacadas foram criadas para denominar modernos inventos da ciência e da tecnologia. É assim que nascem os **neologismos** (palavras novas), que são uma decorrência do progresso e do desenvolvimento da cultura humana. Novas ideias e invenções criam novas necessidades de expressão.

Se existe uma técnica para construir um televisor, há também outra para formar palavras novas.

Em nossa língua há dois processos gerais para a formação de palavras: a *derivação* e a *composição*.

1 DERIVAÇÃO

A derivação consiste em formar uma palavra nova (derivada), a partir de outra já existente (primitiva). Realiza-se de quatro maneiras:

- **por sufixação – acrescentando-se um sufixo a um radical:**
  den*tista*, jog*ador*, boi*ada*, sapat*aria*, real*izar*, feliz*mente*

- **por prefixação – antepondo-se um prefixo a um radical:**
  *in*capaz, *des*ligar, *re*fresco, *super*sônico, *pré*-história

- **por derivação parassintética (ou parassíntese) – anexando-se, ao mesmo tempo, um prefixo e um sufixo a um radical:**

  alistar (a + lista + ar), *envergonhar* (en + vergonha + ar), *emudecer* (e + mudo + ecer), *esfarelar* (es + farelo + ar), *desalmado* (des + alma + ado), *enfileirar* (en + fileira + ar), *empapelar* (em + papel + ar), *empalidecer* (em + pálido + ecer), *enegrecer* (e + negro + ecer)

  Os vocábulos parassintéticos são quase sempre verbos e têm como base um substantivo ou um adjetivo:

  empalhar, despedaçar, amanhecer, anoitecer, etc. (base substantiva);
  amolecer, esfriar, endoidecer, etc. (base adjetiva).

  É importante fazer distinção:

  descarregar (*des* + carregar) → prefixação
  achatamento (achatar + *mento*) → sufixação
  amaciar (*a* + macio + *ar*) → parassíntese

  (Não existe o verbo *maciar* nem o substantivo ou adjetivo *amacio*.)

Observação:

✔ A NGB não adotou a denominação *parassíntese* nem alude explicitamente a esse processo.

- **por derivação regressiva – substituindo-se a terminação de um verbo pelas desinências** *-a, -o* **ou** *-e*:

mudar	→	muda	pescar	→	pesca
ajudar	→	ajuda	combater	→	combate
atacar	→	ataque	rematar	→	remate
chorar	→	choro	castigar	→	castigo
abalar	→	abalo	falar	→	fala

Observação:

✔ Os substantivos que derivam dos verbos chamam-se *pós-verbais* ou *deverbais*.

✔ O processo normal é criar o verbo partindo de um substantivo. Na derivação regressiva, a língua procede em sentido inverso: forma o substantivo partindo do verbo.

- **Além desses processos de derivação propriamente dita, existe ainda o da** *derivação imprópria*, **que consiste em mudar a classe de uma palavra, estendendo-lhe a significação.**

Por este processo (que não deixa de ser um recurso de enriquecimento dos meios de expressão):

a) os adjetivos passam a substantivos: os *bons*, os *maus*, o *verde*, etc.

b) os particípios passam a substantivos ou adjetivos: um *feito* heróico, o *passado*, ente *querido*, filho *amado*, etc.

c) os infinitivos passam a substantivos: o *viver*, o *andar*, o *sorrir*, o *bater* da porta, o *espocar* dos foguetes, etc.

"O *badalar* dos sinos animou-a debilmente." (Graciliano Ramos)

d) os substantivos passam a adjetivos: comício *monstro*, menino *prodígio*, traje *esporte*, funcionário *fantasma*, homens-*rãs*, etc.

e) os adjetivos passam a advérbios: falar *alto*, vender *caro*, tossir *forte*, falar *baixo*, etc.

f) palavras invariáveis passam a substantivos: o *sim*, os *prós* e os *contras*, um *quê* de mistério, o *porquê* da existência, etc.

g) substantivos próprios tornam-se comuns: os *mecenas* das artes, um *caxias* (= chefe severo e exigente), um *havana*, etc.

"os braços de pano de um *judas*" (Raquel de Queirós)

Observação:

✔ O processo da derivação imprópria não interessa à morfologia, mas à semântica e à estilística.

2 COMPOSIÇÃO

Pelo processo da *composição* associam-se duas ou mais palavras ou dois ou mais radicais para formar uma palavra nova.

A composição pode efetuar-se:

- **por justaposição, unindo-se duas ou mais palavras (ou radicais), sem lhes alterar a estrutura.**

  Exemplos: passatempo, vaivém, cantochão, girassol, biólogo, televisão, rodovia, mata-borrão, sempre-viva, greco-latino, cor-de-rosa, etc.

Na justaposição, os elementos ora se unem com hífen, ora sem hífen. Expressões como *fogão a gás, estrada de ferro, doce de leite, fim de semana, anjo da guarda, dona de casa* não se hifenizam porque não são vocábulos compostos, não constituem uma perfeita unidade semântica. Veja *Emprego do hífen*, página, 81 § 4.

- **por aglutinação, unindo-se dois ou mais vocábulos ou radicais, com supressão de um ou mais de um de seus elementos fonéticos.**

  Exemplos: *aguardente* (água ardente) – *embora* (em boa hora) – *fidalgo* (filho de algo, isto é, filho de família nobre) – *pernalta* (perna alta) – *planalto* (plano alto) – *pernilongo* (perna longo) – *quintessência* (quinta essência) – *hidrelétrico* (hidro elétrico) – *santelmo* (Santo Elmo), *santantônio* (Santo Antônio), *viandante* (via andante), *boquiaberto* (boca aberto), etc.

Observação:

✔ Ao aglutinarem-se, os componentes subordinam-se a um só acento tônico, o do último componente.

3 REDUÇÃO

Algumas palavras apresentam, ao lado de sua forma plena, uma forma reduzida. Exemplos:

auto (por *automóvel*)
cinema (por *cinematografia*)
cine (por *cinema*)
foto (por *fotografia*)
moto (por *motocicleta*)
Guará (por *Guaratinguetá*)
extra (*por extraordinário* ou *extrafino*)
quilo (por *quilograma*)
ônibus (por *auto-ônibus*)
seu (por *senhor*)
pornô (por *pornografia*)
curta (por *curta-metragem*)
pólio (por *poliomielite*)
pneu (por *pneumático*)
micro (por *microcomputador*)
Quim (por *Joaquim*)
Zé (por *José*)

Essa espécie de economia linguística, comum a todos os idiomas, é responsável por simplificações mais arrojadas. Haja vista:

zoo (por *jardim zoológico*)

metrô (do francês *métro*, redução de *chemin de fer métropolitain*, isto é, *estrada de ferro metropolitana*)

Como exemplo de redução ou simplificação das palavras, podem ser citadas também as siglas, tão frequentes na comunicação de hoje.

4 HIBRIDISMOS

Hibridismos são palavras em cuja formação entram elementos de línguas diferentes. São exemplos de palavras híbridas:

monocultura (*mono* + *cultura*, grego e latim)
alcoômetro (*álcool* + *metro*, árabe e grego)
lactômetro (*lact* + *metro*, latim e grego)
televisão (*tele* + *visão*, grego e latim)
automóvel (*auto* + *móvel*, grego e latim)
abreugrafia (*Abreu* + *grafia*, português e grego)

5 ONOMATOPEIAS

Numerosas palavras devem sua origem a uma tendência constante da fala humana para imitar as vozes e os ruídos da natureza. Semelhantes vocábulos, chamados *onomatopeias*, reproduzem aproximadamente os sons e as vozes dos seres.

Eis as principais vozes imitativas:

arrulhar – pombo, rola
badalar, **bimbalhar**, **repicar**, **repenicar** – sino
balir – ovelha, cordeiro
blaterar – camelo
bramar, **bramir**, **rugir** – feras, mar
cascalhar – risadas
coaxar – rã
cocoricar, **cucuricar**, **cucuritar** – galo
chiar – carro de bois, insetos
chilrar, **chilrear** – aves
chirriar – coruja
chocalhar – chocalho, cascavel
ciciar – brisa, vozes
espocar, **pipocar** – foguetes
estralejar – chicote, raio
estridular – cigarra
farfalhar – folhas, árvores, etc.
fonfom, **fonfonar** – buzina de automóveis
fremir – urso, vestes, ondas, mar
frufru, **frufrutar** – rumor de folhas, de vestidos
gloterar – cegonha
gorgolejar – água
gralhar, **gralhear** – gaio, gralha
grasnar, **grulhar**, **crocitar** – pato, grou, corvo
grugulejar, **grugulhar** – peru
grunhir, **cuinchar** – porco
guinchar – macaco, rato, carro
ladrar, latir, ganir, uivar, rosnar, cainhar – cão
miar, miau, rosnar, ronronar, bufar – gato
mugir – boi, vaca
palrar, chalrar – papagaio
piar, pipilar – aves
pissitar – estorninho
rataplã – tambor
rechiar, rechinar – carne na brasa
regougar – raposa
relinchar, rinchar, nitrir – cavalo
retinir – araponga
ribombar, retumbar, atroar, reboar, tonitroar – trovão, canhão, eco, estampido, etc.
rufar – tambor, caixa
ruflar – asas, saias, etc.
rugir, urrar – leão, onça, etc.
sibilar – balas, serpente
tamborilar – dedos, gotas de água
tartamudear – gago
tilintar – moedas, campainha
tinir – copos, cristais, metais
tique-taque, tiquetaquear – relógio, pêndulo
trilar – apito, inhambu
trissar – andorinha, calhandra
uivar, ulular – cão, lobo
urrar, rugir, bramir – touros, feras
zumbir, zunir, zinir, ziziar, zoar, chiar – insetos
zunzum, zunzunar – motor
zurrar, ornejar – burro

EXERCÍCIOS

LISTA 09

1. Copie as palavras abaixo, classificando-as, em seguida, de acordo com o processo de formação:

vaivém – pernalta – leiteiro – repatriar – infeliz

(1) sufixação ou derivação sufixal

(2) prefixação ou derivação prefixal

(3) justaposição

(4) aglutinação

(5) parassíntese

2. Reconheça os processos de formação das palavras seguintes:

motorista – aeroplano – internacional – embora – água-de-colônia – envernizar – canalizar – aguardente – girassol – comumente – quinta-feira – enlutar – malmequer – vivalma

3. Forme parassintéticos verbais que tenham por base os nomes seguintes:

Exemplo: vergonha – *envergonhar*

terra – caixa – sócio – pedaço – coice – podre – pedra – grande – tímido – velho – pálido – parede – papel

4. Escreva apenas as afirmativas corretas relativamente à palavra **televisão**:

É vocábulo simples.
É composta por justaposição.
É formada por prefixação.
É formada por sufixação.
É formada por aglutinação.
É um hibridismo.
O verbo derivado é *televisionar*.
Abrevia-se: TV.

5. Escreva os nomes dos seres a que se referem as seguintes vozes:

regougar – tinir – grunhir – bimbalhar – blaterar – crocitar – chirriar – ulular

6. Escreva as palavras e classifique-as de acordo com a coluna numerada:

moto – envergonhar – monocultura – ciciar – Funai

(1) parassíntese

(2) hibridismo

(3) redução

(4) sigla

(5) onomatopeia

7. Copie a frase, reduzindo a palavra destacada:

O primeiro trecho do **metropolitano** carioca foi inaugurado no dia 5 de março de 1979.

8. Escreva a oração, substituindo os asteriscos corretamente por verbos derivados parassintéticos dos substantivos **carne** e **papel**:

"Diferença entre o açougueiro e o ator: o ator ********** os papéis, o açougueiro ********** as carnes." (MILLÔR FERNANDES)

9. Informe o processo de derivação das palavras abaixo:

inconsciente	amadurecer	surfista
interesseiro	desonesto	emplacar
enfileirar	gorduroso	redondeza
anoitecer	reaver	bimensal

10. Releia o item que trata de *derivação imprópria* e explique as palavras destacadas:

a) A estrada rasgava o **verde** bruto da paisagem.

b) Num **estrondar** de rodas, de súbito freadas, o trem se imobiliza.

c) No seu traje moderninho havia um **quê** de ridículo.

11. Copie somente o vocábulo formado por derivação sufixal:

bem-te-vi	guloso
retrocesso	esfriar

12. Copie apenas a palavra cujo radical é diferente do radical das outras:

dor – dolorido – doloroso – indolor – dormente

13. Pelo processo da **sufixação**, derive **adjetivos** das palavras abaixo. Destaque os sufixos que utilizou:

a) verdade

b) árvore

c) força

d) riso

e) sede

14. Forme verbos pelo processo de **parassíntese** a partir dos substantivos e adjetivos abaixo:

a) vergonha

b) tarde

c) raiz

d) farelo

e) magro

15. As palavras em destaque sofreram mudança de categoria gramatical. Dizemos, então, que houve **derivação imprópria**. Aponte essas alterações:

a) O **andar** de meu pai é compassado.

b) Havia nas suas maneiras um **quê** de encantador.

c) Um **não** dito com delicadeza fere menos que um **sim** com aspereza.

d) Procure sempre unir o **útil** ao **agradável**.

FORMAÇÃO DAS PALAVRAS
Exercícios de exames e concursos
[Página 669]

SUFIXOS

Sufixos são elementos (isoladamente, insignificativos) que, acrescentados a um radical, formam nova palavra. Ao mesmo tempo que alteram a significação do vocábulo originário (*dente* → *dent**ista***), podem ainda mudar-lhe a classe gramatical (*ponta* → *pont**udo***), o gênero (*boi* → *boi**ada***) ou o grau (*gato* → *gat**inho**, frio* → *fri**íssimo***).

A maioria dos sufixos provêm do latim e do grego. Classificam-se em:

- **nominais**: os que formam substantivos e adjetivos: dent*ista*, gost*oso;*
- **verbais**: os que formam verbos: gote*jar*, cabece*ar;*
- **adverbial**: o sufixo *-mente*, formador de advérbios: rapida*mente*.

1 PRINCIPAIS SUFIXOS NOMINAIS

Eis os mais importantes sufixos nominais, com algumas de suas múltiplas significações:

- **-ada, -agem, -al, -alha, -ama, -ame, -edo, -io**

Formam substantivos com ideia de coleção, agrupamento:

boiada, ramagem, laranjal, algodoal, cordoalha, dinheirama, courama, vasilhame, arvoredo, mulherio, gentio, etc.

Os sufixos **-al** e **-io** também formam adjetivos. Exemplos:

especial, colonial, fugidio, arredio, etc.

- **-aço, -aça, -arra, -orra, -aréu, -ázio, -ão (este com numerosas variantes)**

São sufixos aumentativos:

balaço, ricaço, barcaça, bocarra, cabeçorra, povaréu, copázio, portão, vagalhão, espertalhão, casarão, narigão, comilão, espadagão, gatarrão, beberrão, homenzarrão, vozeirão.

Observação:

✔ Neles a ideia aumentativa concorre, em geral, com a depreciativa ou pejorativa.

- **-acho, -ejo, -ela, -eta, -ete, -eto, -ico, -iço, -isco, -(z)inho, -(z)ito, -im, -ola, -ota, -ote, -(c)ulo, -(c)ula, -ucho**

São sufixos diminutivos:

riacho, lugarejo, ruela, saleta, artiguete, poemeto, burrico, aranhiço, chuvisco, dedinho, animalzinho, pequenito, pezito, espadim, fazendola, casota, velhote, glóbulo, montículo, governículo, flâmula, gotícula, papelucho.

Observação:

✔ Juntamente com a ideia diminutiva, alguns desses vocábulos têm acentuada tonalidade depreciativa: *hotelejo, fidalgote, artiguete, saberete, gentinha, povinho, papelucho, governicho*[1]; outros exprimem afetividade: *filhinho, paizinho, pezito, pequenito*.

- **-ada, -dade, -dão, -ança, -ância, -ção, ença, ência, -ez, -eza, -ice, -ície, -mento, -(t)ude, -ume, -ura**

Formam substantivos significando ação, resultado de ação, qualidade, estado:

paulada, maldade, escuridão, esperança, oração, traição, relutância, detença, imponência, altivez, surdez, beleza, velhice, calvície, ferimento, quietude, atitude, negritude, negrume, brancura, pintura, formatura.

- **-aria, -eria**

Exprimem coleção, estabelecimento comercial ou industrial, repartição, ação:

maquinaria, vozeria, gritaria, sapataria, leiteria, loteria, secretaria, pirataria, zombaria, galanteria, bruxaria.

Observação:

✔ Evite-se a pronúncia *maquinária*, em vez de *maquinaria*. Diz-se *imobiliária*, por ser adjetivo feminino substantivado: (*empresa*) *imobiliária*.

- **-ário, -eiro, -dor, -sor, -tor, -nte**

Denotam profissão, ofício, agente:

bibliotecário, pedreiro, vendedor, agrimensor, professor, inspetor, ajudante, escrevente, ouvinte, pedinte.

Formam também adjetivos. Exemplos:

contrário, rodoviário, previdenciário, lisonjeiro, consolador, produtor, confiante, recente, seguinte.

---

(1) "*Governichos* burocráticos, desfibrados, a administrarem um organismo corroído." (Ciro dos Anjos, *Montanha*, p. 276, 2ª ed.)

- **-douro, -tório**

Formam substantivos que exprimem lugar:

ancoradouro, bebedouro, dormitório, laboratório, purgatório.

(O sufixo **-ório** acrescenta, às vezes, a ideia de quantidade com sentido depreciativo: *papelório, palavrório, farelório*.)

Formam também adjetivos. Exemplos:

duradouro, vindouro, finório, provisório, meritório, satisfatório, notório.

- **-cida, -cídio**

Formam substantivos, aos quais transmitem as ideias de "que mata" e "crime de matar", respectivamente:

homicida, homicídio, suicida, suicídio.

- **-al, -ar, -eo, -ea**

Formam adjetivos que denotam referência, relação:

imperial, escolar, vítreo, férreo, corpóreo, lacrimogêneo, instantânea.

- **-ano, -ão, -eiro, -ense, -eu, -ino, -ês, -esa**

Formam adjetivos que exprimem naturalidade, origem:
curitibano, alemão, brasileiro, paraense, europeu, florentino, chinês, montanhês, chinesa, montanhesa.
O sufixo **-ino** indica também referência. Exemplos:

bovino, ovino, caprino, leonino, taurino, suíno.

- **-oso, -udo**

Formam adjetivos denotadores de abundância, qualificação acentuada:

gorduroso, arenoso, corajoso, barrigudo, beiçudo, cabeludo, pontudo, bicudo.

- **-imo, -érrimo, -íssimo**

Exprimem o grau superlativo dos adjetivos:
facílimo, paupérrimo, belíssimo.

Observação:

✔ Os sufixos anteriores são de origem latina, com exceção de **-arra**, **-orra**, **-aréu**. Os sufixos seguintes são de proveniência grega.

- **-ia, -ismo**

Formam substantivos que traduzem ciência, escola, sistema político ou religioso:

astronomia, romantismo, modernismo, socialismo, catolicismo.

Observação:

✔ O sufixo **-ia** exprime ainda outros conceitos, como qualidade (*valentia*, *ufania*, *melancolia*), lugar (*sacristia*), cargo (*chefia*), etc.

- **-ista**

Traduz naturalidade, particularismo, profissão:
paulista, comunista, maquinista.

- **-ite**

Exprime a ideia de inflamação:
apendicite, bronquite, nefrite, gastrite.

- **-esa, -essa, -isa**

Traduzem título ou dignidade de pessoa do sexo feminino:
baronesa, marquesa, condessa, abadessa, sacerdotisa, profetisa, poetisa, pitonisa.

- **-ico**

Forma adjetivos denotando referência, relação:
físico, helênico, histórico, olímpico, histérico, mecânico, esplênico, cíclico, sulfúrico, telúrico, bíblico, faraônico.

- **-ose**

Denota estado mórbido, doença:
neurose, psicose, tuberculose, esclerose.

- **-oide (ói)**

Forma adjetivos denotadores de semelhança:
antropoide, esferoide, metaloide, negroide, ovoide.

(Esse último sufixo às vezes confere aos adjetivos significado depreciativo: *politicoide*, *moloide*, etc.)

- **-tério**

Forma substantivos denotadores de lugar:
batistério, cemitério, necrotério.

- **Outros sufixos nominais**

-ado: bispado, consulado, desalmado, barbado
-aico: judaico, arcaico, prosaico
-ando: doutorando, bacharelando, examinando
-âneo: instantâneo, conterrâneo

-ardo: felizardo, galhardo
-ático: lunático, aromático, aquático, asiático
-ato: sindicato, cardinalato, timorato
-engo: realengo, mulherengo, verdolengo
-ento: sedento, poeirento, cruento, areento
-esco: dantesco, gigantesco, grotesco
-ício: desperdício, alimentício, patrício
-iço: movediço, enfermiço
-il: gentil, febril, varonil, Brasil
-ivo: corrosivo, impulsivo, explosivo
-onho: medonho, tristonho, enfadonho
-rana: (= semelhança): canarana, cajarana
-ugem: penugem, lanugem, ferrugem
-usco: velhusco, patusco, chamusco, pardusco
-vel: inflamável, adorável, indelével, audível, solúvel, miscível, imóvel

▪ Alguns sufixos da terminologia científica

-ato, **-eno**, **-eto**, **-ina**, **-ol** (em Química): *sulfato*, *carbonato*, *acetileno*, *cloreto*, *anilina*, *cocaína*, *fenol*.

-áceo, **-ácea** (em Botânica): *rubiáceo*, *rubiácea*, *liliáceo*, *liliácea*, *rosáceo*, *rosácea*, *musáceo*, *musácea*, *violáceo*, *violácea*. Têm outras aplicações: *cetáceo*, *coriáceo*, *galináceo*, *farináceo*.

-ite, -ose (em Medicina): *apendicite*, *neurose*.

-oide (em várias ciências): *antropoide*, *geoide*, *metaloide*, *alcaloide*, *mongoloide*, *debiloide*, *epilepticoide*.

Observações:

✔ Os sufixos nominais prestam-se, quase sempre, à expressão de mais de uma ideia. O sufixo *-eiro*, por exemplo, pode acrescentar ao radical a noção de árvore (*coqueiro*), profissão (*sapateiro*), coleção (*braseiro*), lugar (*banheiro*), recipiente (*açucareiro*), naturalidade (*brasileiro*). Existem até sufixos de significações opostas: *beiçola* (= beiço grande), *bandeirola* (= pequena bandeira), *povaréu* (= grande multidão), *mastaréu* (= pequeno mastro).

✔ Observe, nos exemplos dados, as diferentes maneiras pelas quais os sufixos se anexam e se acomodam aos radicais.

2 SUFIXOS VERBAIS

Os sufixos verbais agregam-se, em regra, ao radical de substantivos e adjetivos para formar novos verbos. Eis os sufixos que maior vitalidade tiveram na formação de verbos portugueses:

- **Formam verbos que exprimem, entre outras ideias, prática de ação:**

-ar: cruzar, fonfonar, analisar, limpar, telefonar

-ear: pratear, guerrear, golear, cabecear

-entar: afugentar, amamentar, amolentar

-ficar: dignificar, gaseificar, liquidificar, petrificar, ossificar

-izar: civilizar, finalizar, organizar, comercializar

Observação:

✔ A terminação **-ar**, na prática, funciona como sufixo.

- **Forma verbos *incoativos*, isto é, que exprimem início de ação, fenômeno progressivo, passagem a novo estado:**

-ecer: amadurecer, amanhecer, empobrecer, endurecer, enriquecer, enlouquecer, endoidecer, envelhecer, entristecer, escurecer, fortalecer, reverdecer, alvorecer, apodrecer, umedecer, favorecer, enaltecer, etc.

A variante **-escer** aparece em formas eruditas, provenientes diretamente do latim literário. Exemplos:

convalescer, florescer, incandescer, intumescer, recrudescer, rejuvenescer, etc.

- **Formam verbos *frequentativos*, isto é, que traduzem ação repetida muitas vezes:**

-açar: esvoaçar, espicaçar

-ear: espernear, escoicear, chicotear, balancear

-ejar: gotejar, bracejar, grugulejar, doidejar, voejar, lacrimejar

-ilhar: fervilhar, dedilhar, pontilhar, saltarilhar

-inhar: chapinhar, escoucinhar, escrevinhar, estracinhar, cuspinhar

-itar: saltitar, cucuritar, volitar

Observações:

✔ À ideia de ação repetida os três últimos sufixos frequentativos podem acrescentar a de diminuição (*saltitar*, *pontilhar*, *cuspinhar*) ou a de depreciação (*escrevinhar*).

✔ O sufixo **-ejar** forma também verbos que exprimem outras ideias: *almejar*, *calejar*, *velejar*, *verdejar*, etc.

- **Formam verbos *diminutivos*, isto é, que exprimem ação pouco intensa (*dormitar* = dormir levemente):**

-icar: adocicar, bebericar, depenicar, namoricar, saltaricar

-inhar: cuspinhar, escrevinhar

-iscar: lambiscar, mordiscar, namoriscar, petiscar

-itar dormitar, saltitar

Observação:

✔ Dos sufixos verbais, **-ar**, **-ear**, **-ejar**, **-izar**, **-ecer** foram, e continuam sendo, os mais produtivos dentro do idioma.

3 SUFIXO ADVERBIAL

O único sufixo adverbial, em português, é **-mente** (da palavra latina *mentem* = mente, espírito, ânimo, intenção), que se acrescenta aos adjetivos, na flexão feminina (quando houver), para exprimir circunstâncias de modo, quantidade, tempo:

comodamente, bondosamente, copiosamente, atualmente, anteriormente.

Observação:

✔ Os adjetivos em *-ês*, no caso, mantêm-se, tradicionalmente, no masculino, porque no português antigo eram invariáveis em gênero: *portuguesmente*, *francesmente*, *burguesmente*, etc. Veja exemplos na p. 261, § 2.

EXERCÍCIOS — LISTA 10

1. Escreva as palavras seguintes e destaque os seus sufixos:

barbearia, sobranceria, bronquite, ciclista, escorregadio, opúsculo, civilizar, paralisar, férreo, vidraceiro, comodamente, marquesa, mesinha, pazinha, mataréu

2. Com o auxílio de sufixos adequados derive adjetivos de:

anel, círculo, cone, esfera, ovo, face, ciclo, montanha, barba, guerra, cólera, ferrugem, riso, primavera, repulsa, Gênova, Dante, burgo

3. Por meio de sufixos adequados derive verbos das palavras:

central, forte, análise, prega, braço, flor, ameno, salto, voo, irmão, fértil, mão, pesquisa, amarelo

4. Escreva as palavras no seu caderno e classifique-as, numerando-as de acordo com a significação do sufixo:

frond**oso**	(1)	naturalidade
homi**cídio**	(2)	abundância
apendic**ite**	(3)	diminuição
social**ismo**	(4)	crime
peru**ano**	(5)	inflamação
flaut**im**	(6)	sistema

5. Dê os adjetivos terminados em **-eo** relativos aos substantivos abaixo, utilizando os radicais latinos do quadro:

Exemplo: enxofre, *sulfúreo*

corpo, ouro, mármore, sangue, osso, neve, enxofre, chumbo, prata, fogo, rosa, cinza, leite

corpor(i)- – aur(i)- – marmor(i)- – sanguin(i)- – oss(i)- – niv-
– sulfur- – plumb(i)- – argent(i)- – ign(i)- – ros- – ciner(i)- – lact(i)-

6. Substitua os asteriscos pelos adjetivos correspondentes às expressões entre parênteses, nas frases abaixo:

a) Galinhas catavam farelo no chão ***. (cheio de **areia**)

b) Era uma múmia da época ***. (dos **faraós**)

c) A polícia dispersou a multidão com gás ***. (que provoca **lágrimas**)

7. Forme palavras derivadas com os sufixos: **-ar**, **-ense**, **-iço**, **-eza**, **-ite**, **-ose**, **-oide**, **-ula**, **-vel**.

8. Com os sufixos **-ês**, **-ez**, **-esa**, **-eza**, forme, corretamente, cognatos de:

China – escasso – duque – limpo – surdo – monte – altivo – empreender – defender – corte (ô)

9. Copie somente o grupo de sufixos que formam nomes que indicam naturalidade:

-edo	-ês	-vel
-ado	-ez	-ano
-ense	-oso	-dor
-al	-ino	-iço
-esco	-ento	-ista

10. Substitua convenientemente o * nas palavras pelos sufixos **-esa** ou **-eza**.
Releia antes o que foi estudado sobre o assunto:

portugu*	frambo*
firm*	delicad*
avar*	holand*
repr*	espert*
cert*	surpr*
fregu*	profund*

11. Dê exemplos de verbos incoativos formados com os sufixos **-ecer** e **-escer**:

12. Dê exemplos de palavras em que apareçam os sufixos propostos com o sentido indicado nos parênteses:

a) -al (coleção, agrupamento)
b) -ejo (diminutivo)
c) -eiro (profissão)
d) -tório (lugar)
e) -ense (origem)
f) -ose (doença)

SUFIXOS
Exercícios de exames e concursos
[Página 664]

PREFIXOS

Os prefixos ocorrentes em palavras portuguesas provieram do latim e do grego, línguas em que funcionavam como preposições ou advérbios, portanto como vocábulos autônomos. Por isso, têm significação bem mais precisa que os sufixos e exprimem, geralmente, circunstâncias (lugar, modo, tempo, etc.).

Muitos prefixos latinos podem apresentar-se ora com a forma primitiva, principalmente em palavras eruditas (***ab**dicar*, ***abs**têmio*, ***ad**junto*, ***ex**clamar*, ***in**corporar*, ***inter**urbano*, ***sub**terrâneo*, ***super**sônico*, etc.), ora com a forma evoluída ou vernácula (***a**versão*, ***a**juntar*, ***es**gotar*, ***en**sacar*, ***entre**vista*, ***so**braçar*, ***sobre**por*, etc.).

Alguns prefixos foram pouco ou nada produtivos, em português; outros, pelo contrário, tiveram grande vitalidade na formação de novas palavras. Figuram entre esses últimos *a-*, *contra-*, *des-*, *em-* ou *en-*, *es-*, *entre-*, *re-*, *sub-* e *super-* (latinos) e *anti-* (grego).

Em numerosas palavras que entraram para a nossa língua já formadas obliterou-se o sentimento do prefixo. É o caso, por exemplo, de *adunco*, *observar*, *objeto*, *exceção*, *proceder*, *relatar*, cujos prefixos são, aparentemente, vazios de sentido.

Não são raros os exemplos de vocábulos em que ocorrem juntos dois prefixos: ***rea**proximar*, ***desen**terrar*, ***desem**barcar*, ***indis**por*, etc.

1 PREFIXOS LATINOS

Eis os principais prefixos de origem latina que figuram em palavras portuguesas:

- **ab-**, **abs-**, **a-** – indicam afastamento, separação, privação:
  abjurar, abnegado, abdicar, abster-se, abstêmio, aversão, afastar.
- **a-**, **ad-** – indicam aproximação, passagem a um estado, tendência:
  ajuntar, avizinhar, apodrecer, admirar, adjacência.
- **ambi-** – exprime duplicidade, dubiedade:
  ambíguo, ambiguidade, ambivalente.
- **ante-** – antes, anterioridade, antecedência:
  antepor, antevéspera, antebraço, antedatar.
- **bene-**, **bem-**, **ben-** – bem, excelência:
  beneficente, benevolência, bem-falante, bem-amada, benfazejo, benquerença.

- **circum-**, **circun-**, **circu-** – em redor, em torno:

  circumpolar, circunlóquio, circungirar, circunavegação.

- **cis-** – do lado de cá, aquém:

  cisandino, cisatlântico, cisplatino.

- **com-**, **con-**, **co-** – companhia, concomitância:

  compadre, concidadão, condomínio, confraternizar, colaborar, cooperar, coestaduano, co-herdeiro, co-redentora, coautor.

- **contra-** – direção contrária, oposição:

contra-indicado, contraprovar, contravenção, contraveneno, contramarcha, contraofensiva, contramuro.

- **de-** – para baixo, separação:

  declínio, deposição, decrescer, demover, decompor.

- **des-**, **dis-** – negação, ação contrária, separação, afastamento:

desarmonia, desonesto, descascar, desfazer, deslembrar, desterrar, dissentir, dissociar.

- **ex-**, **es-**, **e-** – movimento para fora, função ou estado anteriores, separação, conversão em:

expulsar, expatriar, ex-ministro, esmigalhar, esgotar, esfolar, emigrar, evaporar, ejetor, ejetável.

- **extra-** – fora de:

  extraordinário, extraviar, extraoficial.

(*Extra* é adjetivo quando representa a redução de *extraordinário*: voos *extras*.)

- **in-**[1], **i-**, **en-**, **em-**, **e-** – para dentro, conversão em, tornar:

  ingerir, imerso, entesourar, engarrafar, engordar, entristecer, empalidecer, engolir, embarcar, emudecer.

- **in-**[2], **im-**, **i-** – negação, carência:

  indelével, infelicidade, impune, imberbe, ilegível, ilegal, irreal, irracional, irredutível, irresoluto.

(O prefixo *in-* reduz-se a *i-* antes de *l*, *m*, *n* e *r*: *ilegível, imóvel, inocente, irresponsável*. Antes de *b* e *p* assume a forma *im-*: *imberbe, improdutivo*.)

- **infra-** – abaixo, na parte inferior:

  infravermelho, infraestrutura, infra-renal, infrassom.

- **inter-**, **entre-** – posição ou ação intermediária, ação recíproca ou incompleta:

  interstício, intercomunicação, entreter, entrelinha, entreamar-se, entreabrir.

- **intra-**, **intro-** – dentro, movimento para dentro:

  intramuscular, introspectivo, introduzir, introvertido.

- **justa-** – proximidade, posição ao lado:

  justafluvial, justapor, justalinear.

- **male-**, **mal-** – opõem-se a *bene*:

  malevolência, mal-educado, mal-estar, maldizer.

- **multi-** – ideia de "muitos":
  multinacional, multissecular.
- **ob-, o-** – posição fronteira, oposição:
  objetivo, objeção, obstáculo, obstar, opor.
- **pene-** – quase:
  penumbra, penúltimo, península.
- **per-** – através de, ação completa:
  percorrer, pervagar, perfazer, perfeito.
- **pluri-** – ideia de multiplicidade, como *multi*:
  pluricelular, pluripartidário.
- **post-, pos-, pós-** – atrás, depois:
  póstumo, posteridade, postergar, pospor, pós-guerra, pós-escrito, postônica, pós-operatório.
- **pre-, pré-** – antes, acima:
  prefixo, predizer, pressupor, pretônica, predominar, pré-escolar, pré-estreia, pré-moldado.
- **preter-** – que vai além de:
  preternatural, preterir, preterintencional.
- **pro-, pró-** – para a frente, diante, em lugar de, em favor de:
  progresso, prosseguir, propor, pronome, propugnar, pró-paz.
- **re-** – para trás, repetição, intensidade:
  regresso, regressar, retornar, regredir, reaver, remarcação, recomeçar, revigorar, redobrar.
- **retro-** – para trás:
  retrocesso, retroativo, retropropulsão.
- **semi-** – metade, meio:
  semimorto, semicírculo, se(mi)mínima, semicerrar.
- **sesqui-** – um e meio:
  sesquicentenário (= 150 anos, um século e meio).
- **sub-, sob-, so-** – posição inferior, debaixo, deficiência, ação incompleta:
  subdelegado, subaquático, subscrição, subestimar, subalimentado, sobpor, sobraçar, soterrar, sopé, soerguer.
- **super-, sobre-** – posição superior, em cima, depois, excesso:
  superpor, supercílio, super-homem, superlotado, sobrecarga, sobreloja, sobrevir, sobreviver.
- **supra-** – acima:
  supradito, supracitado, suprapartidário, suprarrenal.
- **trans-, tras-, tra-, tres-** – além, através de:
  transoceânico, transatlântico, transandino, trasladar (ou *transladar*), *tradição*, tresnoitar.

- **tri-**, **tris-** – *três:*
  triciclo, trigêmeo, tricampeão, trisavô.
- **ultra-** – além de:
  ultramarino, ultrapassar.
- **uni-** – um:
  unicelular, unifamiliar, unificar, uníssono.
- **vice-**, **vis-** – substituição, no lugar de, imediatamente inferior a:
  vice-versa, vice-presidente, visconde, vice-almirante.

2 PREFIXOS GREGOS

Os prefixos de origem grega aparecem, geralmente, anexados a radicais gregos. Eis os mais comuns:

- **a-**, **an-** – negação, carência:
  ateu, abulia, afônico, acéfalo, anemia, anonimato, anarquia, analgésico, anestesia.
- **ana-** – inversão, afastamento, decomposição:
  anagrama, anacronismo, anacoluto, analisar, anatomia.
- **anfi-** – em torno de, duplicidade:
  anfiteatro, anfíbio, anfibologia.
- **anti-** – oposição, contra:
  antibiótico, anticristo, antididático, antítese, antipatia, antiaéreo.
- **apo-** – separação, afastamento:
  apócrifo, apostasia, apofonia, apogeu.
- **arqui-**, **arque-**, **arce-** – superioridade, primazia:
  arquipélago, arquidiocese, arquibancada, arquimilionário, arquétipo, arcebispo.
- **cata-** – movimento de cima para baixo:
  catadupa, catarata, catarro, catástrofe, cataclismo.
- **di-** – dois:
  dípode, díptero, dissílabo.
- **dia-** – através, por meio de:
  diâmetro, diálogo, diagnóstico, diáfano.
- **dis-** – dificuldade, afecção:
  disenteria, dispneia, dispepsia, disfagia.
- **en-**, **em-** – dentro, posição interna:
  encéfalo, empíreo.

- **endo-** – dentro, para dentro:
  endocarpo, endovenoso, endosmose.
- **epi-** – sobre, posição superior:
  epígrafe, epigrafia, epiderme, epitáfio.
- **eu-**, **ev-** – bem, bondade, excelência:
  eugenia, euforia, eufemismo, eucaristia, evangelho, evangélico.
- **ex-**, **exo-**, **ec-** – fora, movimento para fora:
  exorcismo, exosmose, êxodo, eclipse, eclético, ecletismo, exosqueleto, exogamia.
- **hemi-** – meio, metade:
  hemiciclo, hemisfério, hemiplegia.
- **hiper-** – sobre, superioridade, demais, excesso:
  hipérbole, hipertensão, hipertrofia.
- **hipo-** – sob, posição inferior, deficiência:
  hipogeu, hipoglosso, hipocrisia, hipótese, hipotenusa, hipotensão.
- **meta-** – mudança, atrás, além, depois de, no meio:
  metamorfose, metáfora, metafísica, metonímia, metacarpo, metatarso.
- **para-** – junto de, proximidade, semelhança:
  parasita, paradigma, parônimo, parábola, parapsicologia.
- **peri-** – em torno de:
  periferia, perímetro, perífrase, periscópio.
- **pro-** – antes, anterioridade:
  programa, prólogo, prognosticar, prognóstico, próclise, profilaxia.
- **sin-**, **sim-**, **si-** – reunião, conjunto, simultaneidade:
  sintonizar, sintaxe, síntese, sinfonia, simpatia, sistema, simetria.

3 CORRESPONDÊNCIA ENTRE PREFIXOS LATINOS E GREGOS

Latinos	Gregos
ab-: abjurar	**apo-**: apostasia
ad-: adjunto	**para-**: parasita
ambi-: ambidestro	**anfi-**: anfíbio
bene-: benevolente	**eu-**: euforia
bi-, **bis-**: bípede, bisavô	**di-**: dípode
circum-: circumpolar	**peri-**: perímetro
contra-: contraveneno	**anti-**: antídoto
com-, **con-**: compartilhar, concordar	**sin-**: sincronizar
ex-: exportar	**ex-**: êxodo

i-, **in-**, **des-**: ilegal, infeliz, desonesto
in-: ingerir
intra-: intramuscular
semi-: semicírculo
sub-: subterrâneo
super-, **supra-**: superlotar, supracitado
trans-: transparente
a-, **an-**: ateu, anônimo
en-: encéfalo
endo-: endocarpo
hemi-: hemiciclo
hipo-: hipogeu
epi-, **hiper-**: epitáfio, hipertrofia
dia-: diáfano

EXERCÍCIOS LISTA 11

1. Escreva as palavras em seu caderno, dê a significação ao lado de cada uma e separe os prefixos latinos por um traço vertical:

antedatar	imergir	circumpolar
cisplatino	emergir	ejetável
cooperar	inalar	retrógrado
dissociar	dissabor	semicírculo
imberbe	entrever	ilegal

2. Em seu caderno, dê a significação das seguintes palavras de origem grega e separe-lhes os prefixos:

abulia	diáfano	epílogo
anônimo	dispepsia	antipatia
antípoda	êxodo	metáfora
atrofia	epitáfio	simpatia
hipertrofia	paradigma	exorcismo
catadupa	eufemismo	dípode
perímetro	síntese	diagnóstico

3. Em seu caderno, associe as palavras da coluna da esquerda ao sentido correto do prefixo que consta na coluna da direita:

prólogo	excesso
dispneia	duplicidade
diagonal	oposição
anfíbio	superioridade
hipérbole	através
antípoda	dificuldade
arquipélago	privação
afonia	mudança
sincronizar	em torno de, ao redor de
metempsicose	anterioridade
cisplatino	simultaneidade
perífrase	conjunto
vice-presidente	aquém
sintaxe	substituição

4. Reorganize as três colunas, colocando na mesma linha o **prefixo latino**, seu correspondente **prefixo grego** e a **significação** de ambos:

ab-	peri-	bondade
ambi-	anti-	em redor de
bene-	apo-	dualidade, duas vezes
bi-	eu-	negação
circum-	hipo-	através de
contra-	a-	excesso
in-	dia-	afastamento
semi-	hiper-	debaixo de
sub-	anfi-	metade
super-	hemi-	oposição
trans-	di-	duplicidade, dos dois lados

5. Com prefixos adequados, forme as palavras equivalentes às expressões destacadas:

a) Realizamos uma viagem **em torno do polo**.

b) Houve manifestações **contra o racismo**.

c) Aquele avião tem assento **que pode ser lançado para fora**.

d) Na época **anterior a Cristóvão Colombo**, havia no Novo Mundo duas brilhantes civilizações: a dos incas e a dos astecas.

e) O doente sofre de **dificuldade para digerir**.

f) O crime não pode ficar **sem punição**.

g) Que é **propulsão para trás**?

h) A **ciência que estuda as inscrições sobre pedras e metais** é valiosa para a História.

6. Forme novas palavras com os prefixos **ante-** e **anti-**, usando-os adequadamente:

térmico	cristo	véspera
ontem	tóxico	aéreo
míssil	braço	democrata

7. Dê exemplos de outros vocábulos que contenham os mesmos prefixos destacados:

a) **ante**ssala
b) **bis**neto
c) **des**feito
d) **in**feliz
e) **super**lotado

8. Identifique o sentido em que foram empregados os prefixos nas palavras abaixo:

a) contraveneno	d) infeliz	g) ultrapassar
b) descascar	e) introvertido	h) pós-guerra
c) ingerir	f) prefixo	i) retroceder

PREFIXOS
Exercícios de exames e concursos
[Página 664]

RADICAIS GREGOS

O conhecimento dos radicais gregos é de indiscutível importância para a exata compreensão e fácil memorização de inúmeras palavras criadas e vulgarizadas pela linguagem científica. Consignaremos aqui apenas os de uso mais frequente.

Observe-se que esses radicais se unem, por via de regra, a outros elementos de origem grega e que, para formarem palavras compostas, sofrem, geralmente, adaptações ou acomodações fonéticas e gráficas.[1]

ácros, alto:	acrópole, acrobacia, acrofobia
adén, **adénos**, glândula:	adenite, adenoide
aér, **aéros**, ar:	aeródromo, aeronáutica, aéreo
agogós, o que conduz:	demagogo, pedagogo, galactagogo
agón, luta:	agonia, antagonista, protagonista
akrís, **akrídos**, gafanhoto:	acrídio, acridófago
álgos, dor:	algofilia, analgésico, nevralgia
álos, outro:	alopatia, alopata, alogamia
ánemos, vento:	anemômetro, anemografia
anér, **andrós**, homem, macho:	androfobia, androceu
ánthos, flor:	antografia, antologia, crisântemo
ánthropos, homem:	antropologia, antropófago, filantropo
archáios, antigo:	arcaico, arqueologia, arcaísmo
arché, comando, governo:	anarquia, monarca, monarquia
áristos, o melhor:	aristocracia, aristocrata
árthron, articulação:	artrose, artrite, artrópode
astér, **astéros**, estrela:	asteroide, asterisco
ástron, astro:	astronomia, astronauta
atmós, gás, vapor:	atmosfera
autós, próprio, mesmo:	automóvel, autonomia, autônomo
bápto, **baptízo**, eu mergulho:	batista, batismo, batistério
báros, peso, pressão:	barômetro, barostato
barýs, pesado, grave:	barimetria, barítono, barrio
bathýs, profundo:	batímetro, batiscafo, batisfera
biblíon, livro:	biblioteca, bibliografia, bibliófilo

(1) Quanto à pronúncia das palavras gregas, tenham-se em mente as normas seguintes: **ou** = ***u***: odóus (odús); **ch** = ***k***: arché (arké), brachys (brakís); **ph** = ***f***: phílos (filos); **ge** = ***gue***: gê (guê); **gi** ou **gy** = ***gui***: gyné (guiné); **x** = ***ks***: dóxa (dóksa).

bíos, vida:	biologia, biografia, anfíbio
brachýs, curto, breve:	braquicéfalo, braquidátilo
bróma, **brómatos**, alimento:	bromatologia, teobroma
cir-, **quiro-** (de **chéir**, **cheirós**, mão):	cirurgia, cirurgião, quiromante
chlorós, verde:	cloro, clorofila, clorídrico
chróma, **chrómatos**, cor:	cromático, policromia
chrónos, tempo:	cronômetro, anacrônico, anacronismo
chrýsos, ouro:	crisólito, crisóstomo, crisântemo
dáktylos, dedo:	datilografia, datilografar
déka, dez:	decálogo, decâmetro, decassílabo
démos, povo:	democracia, demográfico, demografia
dérma, **dérmatos**, pele:	dermatologia, epiderme, dermatose
dóxa, opinião, doutrina:	ortodoxo, paradoxo
drómos, corrida:	autódromo, hipódromo, dromoterapia
dýnamis, força, potência:	dínamo, dinamite, dinamômetro
eco- (de **oikos**, casa, hábitat):	economia, ecologia
élektron, âmbar, eletricidade:	elétrico, eletrônica, elétron
eno- (de **oinos**, vinho):	enologia, enólogo
énteron, intestino:	enterite, enterologia, disenteria
éthnos, povo, raça:	étnico, etnografia, etnia
étymos, verdadeiro:	etimologia, etimológico, étimo
gámos, casamento:	poligamia, polígamo, monogamia
gastér, **gastrós**, estômago:	gastrite, gastrônomo, gástrico
géo- (de **gê**, terra):	geografia, geologia, geoide
glótta, **glóssa**, língua:	poliglota, epiglote, glossário
gonía, ângulo:	goniômetro, polígono, diagonal
grámma, letra, escrito:	gramática, anagrama, telegrama
grápho, escrevo:	grafia, ortografia, caligrafia
gymnós, nu:	ginásio, ginástica, gimnofobia
gyné, **gynaikós**, mulher:	gineceu, ginecologia, ginecológico
hédra, base, face, lado:	poliedro, hexaedro, pentaedro
hélios, Sol:	heliocêntrico, heliotropismo, afélio
hema-, **hemo-** (de **háima**, **háimatos**, sangue):	hematófago, anemia, hemorragia
heméra, dia:	hemeroteca, hemerologia, efêmero
hépar, **hépatos**, fígado:	hepático, hepatite, hepatologia
héteros, outro, diferente:	heterogêneo, heterônimo, heteróclito
héxa- (de **hex**, seis):	hexacampeão, hexaedro, hexágono
hierós, sagrado:	hierarquia, hierático, hieróglifo
hippos, cavalo:	hipódromo, hipismo, hipopótamo
hodós, caminho:	hodômetro, êxodo, método
hómoios, semelhante, igual:	homeopatia, homeopático, homeopata
homós, semelhante, igual:	homônimo, homógrafo, homogêneo
hýdro- (de **hýdor**, **hýdatos**, água):	hidratar, hidrografia, hidrômetro
hygrós, úmido:	higrômetro, higrófito
hýpnos, sono:	hipnose, hipnotizar, hipnotismo
iatréia, tratamento médico:	pediatria, psiquiatria

ichthýs (ictís), **ichthyos**, peixe:	ictiófago, ictiografia
icon- (de **eikón**, **eikónos**, imagem):	iconoclasta, iconografia
ídios, próprio:	idioma, idiotismo
ísos, semelhante, igual:	isósceles, isotérmico, isonomia
kakós, mau:	cacofonia, cacoete, cacografia
kali- (de **kalós**, belo):	caligrafia, calidoscópio
kardía, coração:	cardíaco, cardiologia, taquicardia
karpós, fruto:	endocarpo, mesocarpo
kephalé, cabeça:	cefalalgia, acéfalo, cefálico
kínema, **kinématos**, movimento:	cinema, cinematográfico
kósmos, mundo, adorno:	cosmografia, cosmopolita, cosmético
krátos, poder, força, domínio:	aristocracia, democracia, escravocrata
kýklos, círculo:	ciclovia, triciclo
kýon, **kynós**, cão:	cínico, cinismo, cinegética
kýstis, bexiga:	cistite, cistoscopia
kýtos, célula:	citologia, leucócito
latréia, culto, adoração:	idolatria, heliolatria, idólatra
leukós, branco:	leucócito, leucemia
líthos, pedra:	aerólito, litografia
lógos, palavra, colóquio, estudo:	diálogo, biologia, decálogo, logotipo
lýsis, dissolução, ato de desatar:	análise, eletrólise
makrós, longo, grande:	macróbio, macrobiótica
mancia- (de **mantéia**, adivinhação):	cartomancia, quiromancia
manía, loucura, inclinação:	cleptomania, manicômio, maníaco
mégas, **megálo-**, grande:	megalomania, megaton, megatério
mésos, meio, do meio:	mesocarpo, mesóclise, mesopotâmia
méter, **metrós**, mãe:	metrópole, metropolitano
métron, medida:	métrico, quilômetro, termômetro
mikrós, pequeno:	micróbio, microscópio, micro-onda
mísos, ódio, aversão:	misógamo, misógino, misoneísmo
mnemo- (de **mnéme**, memória, lembrança):	mnemônico, amnésia, mnemoteste
mónos, um só, sozinho:	monólogo, monocultura, monoteísta
morphé, forma:	morfologia, amorfo, metamorfose
nekrós, morto, cadáver:	necrotério, necropsia, necrológio
néos, novo:	neologismo, neófito, neolatino
néuron, nervo:	neurologia, neurose, nevralgia
nómos, lei, norma:	autônomo, anomalia, anômalo
nósos, doença, moléstia:	nosocômio, nosofobia, zoonose
odóus, **odóntos**, dente:	odontologia, odontologista, mastodonte
olígos, pouco:	oligarquia, oligofrenia, oliguria
óneiros, sonho:	oniromancia, onirologia, onírico
ónoma, **ónyma**, nome:	onomástica, pseudônimo, antônimo
óphis, **ophídion**, cobra:	ofídio, ofídico, ofidismo
ophthalmós, olho:	oftalmologia, oftalmologista, oftálmico
óps, **opós**, vista:	óptica (ou ótica), miopia, míope, ciclope
órnis, **órnithos**, ave:	ornitologia, ornitólogo

orthós, reto, correto:	ortografia, ortopedia, ortopedista
ous (us), **otós**, ouvido:	otite, otorrino, otologia, otalgia
páis, **paidós**, criança:	pedagogia, pediatria, pediatra
pan, **pantós**, tudo, todo:	panorama, panteísmo, pantógrafo, panaceia
pathos, doença, afecção, sentimento:	patologia, simpatia
pedo- (de **paidéia**, educação, correção):	ortopedia, ortopedista, enciclopédia
penta- (de **pente**, cinco):	pentacampeão, pentágono, pentatlo
phagô, eu como:	fagocitose, antropófago, ictiófago
phílos, amigo:	filosofia, filantropia, anglófilo
phóbos, medo, aversão:	hidrofobia, xenofobia, xenófobo, claustrofobia, fotofobia
phoné, voz, som:	telefone, cacofonia, afônico, fonógrafo
phós, **photós**, luz:	fotografia, fotógrafo, fósforo, fotonovela
phýsis, **phýseos**, natureza:	fisiologia, físico, fisioterapia
phytón, vegetal:	fitotecnia, fitogeografia, fitoteca, xerófito
plóutos, riqueza:	plutocracia, plutocrata
pnéuma, **pnéumatos**, respiração, ar, sopro:	pneumática, pneumático (pneu)
pnéumon, pulmão:	pneumonia, pneumologia
pólis, cidade:	política, acrópole, Petrópolis, metrópole
polýs, muito, numeroso:	policlínica, poliglota, polígono
pótamos, rio:	potamografia, hipopótamo, Mesopotâmia
pséudos, mentira, falsidade:	pseudônimo, pseudotopázio
psittakós, papagaio:	psitacismo, psitacídeos
psyché, alma:	psicologia, psicose, psíquico
pterón, asa:	pteroide, coleóptero, helicóptero
pyr, **pyrós**, fogo:	pirosfera, pirotécnico, antipirético
rhéo, fluir, correr, **reuma**, fluxo:	reumatismo, catarro, diarreia
rino- (de **rhis**, **rhinós**, nariz):	rinite, rinofonia, otorrino
riza, raiz:	rizófago, rizotônico
seismós, abalo, tremor:	sismógrafo, sísmico
seléne, Lua:	selenita, selenomancia
síderos, ferro, aço:	siderose, siderurgia
skopéo, ver, olhar:	telescópio, microscópio, radioscopia
sóma, **sómatos**, corpo:	somatologia, somático, cromossomo
sophós, sábio:	filósofo, filosofia
stoma, **stómatos**, boca:	estomatite, estomático
taqui- (de **tachús**, rápido, breve):	taquicardia, taquígrafo
táxis, arranjo, classificação:	sintaxe, taxidermista
téchne, arte, ofício:	tecnologia, politécnica, tecnocrata
téle, longe:	televisão, telefone, teleguiar
théke, caixa:	biblioteca, discoteca, hemeroteca
theós, deus:	teologia, teólogo, apoteose
therapéia, tratamento:	hidroterapia, fisioterapia
thérmos, quente:	topônimo, topografia, tópico
tráuma, ***tráumatos***, ferimento:	trauma, traumático, traumatismo
trophé, nutrição, alimentação:	atrofia, hipertrofia

týpos, marca, modelo, tipo:	tipografia, protótipo, logotipo
-urgia, operação, trabalho:	cirurgia, siderurgia
xénos, estrangeiro:	xenofobia, xenófobo
xerós, seco:	xerófito, xerófilo
xýlon, madeira:	xilogravura, xiloteca, xilófago
zóon, animal:	zoologia, zoológico, zoonose

EXERCÍCIOS LISTA 12

1. Dê a etimologia e o significado dos seguintes compostos gregos:

Exemplo: *cefalalgia* vem de *kephalé*, cabeça, e *álgos*, dor: **dor de cabeça**.

cefalalgia	autônomo	gastrônomo	decálogo
antropófago	bibliófilo	hematófago	cosmopolita
anarquia	democracia	hipnotismo	ornitologia

2. Faça como no exercício anterior:

monólogo	filantropia	macróbio	pentágono
periscópio	psicologia	epígrafe	datiloscopia
odontologia	megalomania	poliglota	telegrama
arqueologia	helioscópio	hemeroteca	zoonose

3. Reorganize as colunas abaixo de maneira a corresponder os elementos de composição a seus significados. Em seguida, dê exemplos de palavras compostas por estes radicais:

-algia	adoração	-mancia	tratamento
-fobia	adivinhação	-patia	medo, aversão
-latria	doença	-terapia	ciência
-logia	dor		

4. O sufixo **-ite** exprime inflamação. Escreva, pela ordem, os nomes dos órgãos afetados, nas moléstias seguintes:

Exemplo: cistite, **bexiga**.

enterite – estomatite – gastrite – hepatite – nefrite – rinite

5. Estes instrumentos servem para medir o quê?

anemômetro – barômetro – batímetro – hidrômetro – higrômetro – dinamômetro – hodômetro – pluviômetro

6. Reorganize as colunas de forma que a cada palavra corresponda seu antônimo:

alopatia	cacofonia	arcaísmo	xenofilia
homogêneo	homeopatia	macrocéfalo	policultura
eufonia	xerófito	monocultura	neologismo
higrófito	heterogêneo	xenofobia	microcéfalo

7. Escreva os grupos de palavras e em seguida escolha qual das ideias listadas abaixo é aquela expressa por todas as palavras de cada grupo:

a) telescópio – microscópio – endoscopia – radioscopia – autópsia

tocar ler olhar, examinar ouvir

b) antropônimo – homônimo – pseudônimo – topônimo – heterônimo
homem estudo lei nome

c) aristocrata – escravocrata – plutocrata – tecnocrata – autocrata
domínio dinheiro arte glória

8. Escreva a única palavra em que o radical grego tenha o mesmo significado do radical latino *voro* (carn*ívoro*, frug*ívoro*, on*ívoro*, etc.):
neófito cacófato ictiófago xenófobo

9. Qual é o campo de estudos da **bromatologia** e da **farmacologia**?

10. Procure, na relação dos radicais gregos, as palavras que se ajustem às definições seguintes:
a) a parte alta das cidades gregas
b) remédio que suprime a dor
c) fora do tempo, contrário aos usos da época
d) destruidor de imagens ou ídolos
e) pessoa que fala várias línguas
f) provocar o sono artificialmente
g) palavra ou expressão própria de um idioma
h) pessoa que adora um só Deus
i) palavra ou expressão nova
j) aversão aos estrangeiros
k) nome próprio de lugar

11. Copie apenas o significado correto de **psitacismo**:
psicose, doença mental
crença na imortalidade da alma
repetição mecânica de palavras ou frases, sem lhes entender o sentido

12. Em seu caderno, substitua as expressões destacadas por um dos adjetivos equivalentes do quadro:
a) abalo *produzido por terremoto*
b) sentido *verdadeiro (original)* de uma palavra
c) povo *que se governa por suas próprias leis*
d) nação *sem cabeça (sem chefe)*
e) dor *dos nervos*
f) soro *contra veneno de cobra*
g) reação *da alma*
h) frase *que soa mal*
i) nervo *do olho*
j) imagem *do sonho*
k) grupo de pessoas *da mesma raça*
l) estar *sem voz*
m) artifício *para ajudar a memória*

acéfala – cacofônica – etimológico – autônomo – nevrálgica – antiofídico – psíquica – sísmico – afônico – mnemônico – óptico – étnico – onírica

RADICAIS GREGOS
Exercícios de exames e concursos
[Página 664]

RADICAIS LATINOS

Damos aqui uma pequena lista de radicais latinos com as respectivas formações vernáculas, de cunho erudito, isto é, palavras que entraram na língua portuguesa por via literária e científica, a maioria delas entre os séculos XVIII e XX.

ager, **agri**, campo:	agrícola, agricultura
ambi- (de **ambo**, ambos):	ambidestro, ambíguo
ambulo, **ambulare**, andar:	ambulatório, sonâmbulo, perambular
apis, abelha:	apicultura, apicultor
arbor, **arboris**, árvore:	arboricultura, arborizar, arborícola
argentum, **argenti**, prata:	argênteo, argentífero, argentino
bellum, **belli**, guerra:	bélico, belicoso, beligerante
capillus, **capilli**, cabelo:	capilar, capiliforme, capilaridade
caput, **capitis**, cabeça:	capital, decapitar, capitoso
cinis, **cineris**, cinza:	cinéreo, incinerar, incineração
cola-, (de **colo**, **colere**, habitar, cultivar):	arborícola, vitícola
cor, **cordis**, coração:	cordiforme, cordial, Cordisburgo
cuprum, **cupri**, cobre:	cúpreo, cúprico, cuprífero
digitus, **digiti**, dedo:	digital, digitar, digitação
ego, eu:	egocêntrico, egoísmo, ególatra
equi-, (de **aequus**, igual):	equivalente, equinócio, equiângulo
-evo (de **aevum**, tempo, idade):	longevo, longevidade, medievo
-fero (de **fero**, **ferre**, levar, conter):	aurífero, lactífero, carbonífero
fluvius, rio:	fluvial, fluviômetro
frater, **fratris**, irmão:	fraterno, confraternizar, fratricida
frigus, **frigoris**, frio:	frigorífico, frigomóvel
fulmen, **fulminis**, raio:	fulminante, fulminar
genu, joelho:	genuflexão, genuflexório
gero, **gerere**, produzir, ter:	lanígero, alígero
herba, erva:	herbáceo, herbívoro, herbicida
ignis, fogo:	ígneo, ignição, ignífero
lac, **lactis**, leite:	lactífero, lactação, laticínio
lapis, **lapidis**, pedra:	lápide, lapidificar, lapidar
lex, **legis**, lei:	legislativo, legislar, legista
loquor, **loqui**, falar:	locutor, loquaz, ventríloquo
noceo, **nocere**, prejudicar, causar mal:	nocivo, inocente, inócuo
omnis, todo:	onipresente, onisciente, ônibus
oryza, arroz:	orizicultura (ou rizicultura)

os, **oris**, boca:	ósculo, oral, orar, oráculo
pauper, **pauperis**, pobre:	pauperismo, depauperar
pecus, rebanho:	pecuária, pecuarista, pecúnia
petra, pedra:	pétreo, petrificar, petróleo
piscis, peixe:	piscicultura, piscina, piscívoro
pluvia, chuva:	pluvial, pluviômetro
pulvis, **pulveris**, pó:	pulverizar, pulverizador, pulverulento
radix, **radicis**, raiz:	radical, radicar, erradicar
sidus, **sideris**, astro:	sideral, sidéreo, siderar
silva, selva:	silvícola, silvicultura
stella, estrela:	estelar, constelação
sudor, **sudoris**, suor:	sudorífero, sudorese
tellus, **telluris**, terra, solo:	telúrico, telurismo
triticum, **tritici**, trigo:	triticultura, triticultor, tritícola
vinum, **vini**, vinho:	vinicultura, vinícola
vitis, videira:	viticultura, viticultor, vitícola
volo, **velle**, querer, desejar:	benévolo, malévolo
volo, **volare**, voar:	volátil, noctívolo
vox, **vocis**, voz:	vocal, vociferar

EXERCÍCIOS LISTA 13

1. Dê exemplos de palavras que tenham os seguintes radicais latinos:

argentum, prata	**genu**, joelho
capillus, cabelo	**arbor**, **arboris**, árvore
ignis, fogo	**fulmen**, **fulminis**, raio
lac, **lactis**, leite	**capra**, cabra
herba, erva	**os**, **oris**, boca
pecus, gado	**cinis**, **cineris**, cinza
pluvia, chuva	**pauper**, pobre
fluvius, rio	**pulvis**, **pulveris**, pó
stella, estrela	**volare**, voar
silva, selva	**nocere**, fazer mal, prejudicar

2. Copie somente a definição correta de animal **arborícola**:

é o animal que come ervas

é o animal que vive sobre árvores

é o animal que habita a mata

3. Em seu caderno, reorganize as duas colunas, associando as palavras aos respectivos radicais latinos:

caput, **capitis**, cabeça	piscicultura, pisciforme
lex, **legis**, lei	bélico, beligerante, belicoso

bellum, **belli**, guerra	capital, capitoso
piscis, peixe	lápide, lapidação
lapis, **lapidis**, pedra	legislador, legislar

4. Substitua os asteriscos nas frases, seguindo o exemplo:

Agricultura é o cultivo dos campos, da terra.

a) **** é a cultura do trigo.
b) **** é a cultura do arroz.
c) **** é a criação de abelhas.
d) **** é a criação de peixes.
e) **** é a cultura de videiras.

5. Escreva as expressões, substituindo os asteriscos adequadamente por verbos derivados dos radicais entre parênteses:

a) **** o lixo (**cinis**, **cineris**)
b) **** um mal (**radix**, **radicis**)
c) **** os grãos de café (**pulvis**, **pulveris**)
d) **** ameaças (**vox**, **vocis**, voz)

6. Escreva as frases, substituindo os asteriscos adequadamente pelos adjetivos do quadro abaixo:

egocêntrico – onisciente – lanígero – fluvial – capilares – cordiforme

a) A seiva das plantas chega às folhas pelos vasos ****.
b) Só Deus é todo-poderoso e ****.
c) Presenteou a noiva com uma medalha de ouro ****.
d) O gado ****, além da carne, nos dá a lã.
e) Ele se considera o centro do universo: é um ****.
f) É preciso incentivar a navegação ****.

7. Escreva as sequências, sublinhando as duas ideias básicas expressas pelos radicais dos vocábulos:

a) **lacticínio** ou **laticínio** (leite/comércio – látex/colheita – leite/indústria)
b) **sonâmbulo** (sono/andar – som/correr – som/gravar)
c) **longevidade** (longe/lugar – longe/vida – longa/idade)
d) **aurífero** (ouro/ferro – ouro/conter – ouro/valor)

RADICAIS LATINOS
Exercícios de exames e concursos
[Página 664]

ORIGEM DAS PALAVRAS DA LÍNGUA PORTUGUESA

As palavras que constituem o nosso patrimônio léxico podem ser:

1. de origem latina
2. de formação vernácula
3. de importação estrangeira

A maioria das palavras da língua portuguesa são provenientes do latim vulgar, isto é, o latim falado pelo povo, que os romanos introduziram na Lusitânia, duzentos anos antes de Cristo.

Entre as palavras de origem latina, umas datam do período de formação do idioma, entre os séculos VI e XI, aproximadamente; outras foram introduzidas mais tarde pelos escritores e letrados, sobretudo no período áureo da literatura portuguesa, o século XVI, e mais abundantemente ainda nos séculos seguintes, por via literária e científica. As primeiras, as *formas populares*, foram profundamente alteradas na boca do povo iletrado e rude, ao passo que as outras, as *formas cultas*, ou *eruditas*, incorporaram-se à língua com leves alterações.

Comparem-se, como exemplo, as formas populares e as correspondentes eruditas abaixo, procedentes da mesma palavra latina:

Formas populares: *cuidar, chave, chama, leal, siso, sarar, teia*

Formas cultas: *cogitar, clave, flama, legal, senso, sanar, tela*

No decorrer dos séculos, vieram sendo criadas no seio da língua, pelo gênio inventivo do povo luso-brasileiro, numerosas palavras que enriqueceram sobremodo o nosso vocabulário. São as chamadas *criações vernáculas*, de que são exemplos os termos seguintes:

coitado, fofoca, jeca, xereta, quicar, fofo, ranzinza, zunzum, zumbir, beija-flor, malmequer, careca, você, girassol, xodó, etc.

As palavras de outros idiomas penetram na língua através das relações entre os povos e graças às influências que as culturas e civilizações exercem umas sobre as outras. Desde os primórdios da língua portuguesa, e mais intensamente na fase da sua expansão pelos continentes e, depois, nos séculos das grandes invenções, numerosos termos estrangeiros, importados e aprovados pelo uso, vieram enriquecer-lhe o patrimônio léxico.

Assim é que encontramos, no vocabulário português, palavras oriundas:

- **do grego:**

umas por influência do cristianismo e do latim literário, como *anjo, apóstolo, bíblia, teatro, clímax*; outras, criadas pelos sábios e cientistas, como *nostalgia, telefone, microscópio*, etc.

- **do hebraico**:

  veiculadas pela Sagrada Escritura: aleluia, Páscoa, sábado, Jesus, Maria, etc.

- **do alemão**:

  guerra, norte, sul, realengo, Ricardo, interlândia, etc.

- **do árabe**:

  algodão, alfaiate, azeite, algema, oxalá, Alá, nácar, muçulmano, etc.

- **do francês**:

  elite, greve, avenida, detalhe, pose, toalete, tricô, guichê, etc.

- **do inglês**:

  bife, clube, esporte, futebol, jóquei, náilon, tênis, vagão, xampu, etc.

- **do italiano**:

  maestro, piano, soneto, pastel, lasanha, salsicha, etc.

- **do espanhol**:

  castanhola, cavalheiro, caudilho, ninharia, maçanilha, ojeriza, etc.

- **do russo**:

  rublo, mujique, esputinique, vodca, soviete, etc.

- **do chinês**:

  chá, chávena, nanquim, pequinês, etc.

- **do japonês**:

  biombo, judô, micado, quimono, nissei, samurai, gueixa, etc.

- **do turco**:

  algoz, horda, iatagã, lacaio, etc.

- **do tupi**:

  tatu, araponga, saci, pitanga, Iracema, Itu, Iguaçu, jiboia, pajé, etc.

- **de línguas africanas**:

  macumba, vatapá, maxixe, quilombo, marimbondo, etc.

O inglês e o francês são os idiomas que maior influência exercem, hoje, sobre o português. Pelas páginas dos jornais e das revistas desliza um caudal de anglicismos e galicismos, muitos dos quais desnecessários.

EXERCÍCIOS LISTA 14

1. Copie as palavras abaixo, colocando a letra **P** à frente das formas populares e a letra **E** à frente das eruditas ou cultas:

areia	íntegro
arena	inteiro
auscultar	lacuna
escutar	laguna
coalhar	macho
coagular	másculo
chama	mancha
flama	mácula
cálido	sigilo
caldo	selo

2. Escreva as sequências de palavras, numerando-as de acordo com a língua de proveniência:

futebol – clube – jipe – uísque
algodão – alfaiate – algema – oxalá
via – peixe – chave – lágrima – ônibus
detalhe – buquê – abajur – crochê
tatu – jiboia – Iguaçu – graúna
bíblia – anjo – trauma – teatro

(1) latim
(2) grego
(3) inglês
(4) árabe
(5) francês
(6) tupi

CLASSIFICAÇÃO E FLEXÃO DAS PALAVRAS

Na língua portuguesa há dez classes de palavras ou **classes gramaticais**:

1. Substantivo
2. Artigo
3. Adjetivo
4. Numeral
5. Pronome
6. Verbo
7. Advérbio
8. Preposição
9. Conjunção
10. Interjeição

As seis primeiras classes são *variáveis*, isto é, flexionam-se, sofrem alterações na forma. As quatro outras são *invariáveis*.

Observações:

- ✔ A mesma palavra pode pertencer a mais de uma classe. Exemplos:
  O céu é *azul* (*azul*, adjetivo). O *azul* triste de seus olhos fascinava-me (*azul*, substantivo). Abel era um *caipira* corajoso (*caipira*, substantivo). Assisti a uma festa *caipira* (*caipira*, adjetivo).
- ✔ Alguns advérbios admitem, na linguagem afetiva, as flexões de grau: cedo, *cedinho*; agora, *agorinha*; muito, *muitíssimo*.
- ✔ Não poucos substantivos e pronomes e a maioria dos numerais são invariáveis: *pires*, *isto*, *alguém*, *dez*, etc.

O substantivo e o verbo destacam-se como as duas mais importantes classes de palavras, porque constituem a base das frases, ou seja, da comunicação. Isso pode ser facilmente percebido no exemplo:

O *capitão*, sorridente e garboso, *montou* no seu *cavalo* branco.

As palavras da mesma classe têm características comuns e, quando ordenadas em frases, cabe, a cada uma, determinada função sintática. Assim, no exemplo acima, o substantivo *capitão* designa um ser, uma pessoa, admite flexões de gênero (*capitã*) e número (*capitães*) e funciona como *sujeito* da oração.

A seguir, estudaremos cada uma das classes gramaticais sob o aspecto morfológico.

SUBSTANTIVO

Consideremos estes exemplos:

Aquele **homem** comprou um **livro** e ganhou uma **flor**.

Na **praia**, a **alegria** era geral.

As palavras destacadas são *substantivos*.

1 SUBSTANTIVOS

Substantivos são palavras que designam os seres.

Os substantivos exercem na frase diversas funções sintáticas: sujeito, objeto direto, objeto indireto, etc.

Dividem-se os substantivos em:

- **Comuns**

Os que designam seres da mesma espécie:

menino, galo, palmeira (há muitos meninos, muitos galos, muitas palmeiras).

- **Próprios**

Os que se aplicam a um ser em particular:

Deus, Brasil, Roma, São Paulo, Gonçalves Dias, Tiradentes, Minerva.

Observação:

✔ Certos substantivos próprios podem tornar-se comuns: um *judas* (traidor), um *esculápio* (médico), um *ícaro* (aviador), um *havana* (charuto), um *panamá* (chapéu), etc.

- **Concretos**

Os que designam seres de existência real ou que a imaginação apresenta como tais:

avô, mulher, pedra, leão, alma, fada, lobisomem.

- **Abstratos**

Os que designam qualidades, sentimentos, ações ou estados dos seres, dos quais se podem abstrair (= separar) e sem os quais não podem existir:

beleza, coragem, brancura, rapidez (*qualidades*);
amor, saudade, alegria, dor, fome, frio (*sentimentos, sensações*);
viagem, estudo, doação, esforço, fuga, afronta (*ações*);
vida, morte, cegueira, doença (*estados*);

Observação:

✔ Substantivos abstratos podem ser concretizados. Assim: a *caça* (= ato de caçar): **abstrato**; a *caça* (= animal caçado): **concreto**. Ó *mocidade* (= moços), a *Pátria* (= o país) vos concita ao trabalho.

- **Simples**

Os que são formados de um só radical:
chuva, pão, lobo.

- **Compostos**

Os que são formados por mais de um radical:
guarda-chuva, passatempo, beija-flor.

- **Primitivos**

Os que não derivam de outra palavra da língua portuguesa:
pedra, ferro, dente, trovão.

- **Derivados**

Os que derivam de outra palavra:
pedreira, ferreiro, dentista, trovoada.

- **Coletivos**

Os que exprimem um conjunto de seres da mesma espécie:
exército, rebanho, constelação.

2 SUBSTANTIVOS COLETIVOS

Eis os principais substantivos coletivos:

acervo – de coisas amontoadas, bens patrimoniais, obras de arte
álbum – de fotografias, selos
alcateia – de lobos, feras
antologia – de textos seletos
arboreto – de árvores cultivadas
armada – de navios de guerra
arquipélago – de ilhas
assembleia – de parlamentares, membros de associações

atilho – de espigas
atlas – de mapas reunidos em livro
bagagem – objetos de viagem
baixela – utensílios de mesa
banca – de examinadores
bando – de aves, crianças, etc.
batalhão – de soldados
biblioteca – de livros
boiada – de bois
cacho – de uvas, bananas, cabelos
cáfila – de camelos, de patifes
cainçalha – de cães
cambada – de vadios, malvados, objetos enfiados, chaves
cancioneiro – de canções
canzoada – de cães
caravana – de viajantes, peregrinos, excursionistas
cardume – de peixes, piranhas
cartuchame – de cartuchos
casaria, **casario** – de casas
caterva – de animais, desordeiros, vadios
choldra – de malfeitores, canalhas, pessoas ordinárias
chorrilho – de coisas ou pessoas semelhantes, de asneiras
chusma – de criados, populares
clientela – de clientes de advogados, médicos, etc.
código – de leis
colmeia – de cortiços de abelhas
conciliábulo – de conspiradores em assembleia secreta
concílio – de bispos em assembleia
conclave – de cardeais, de cientistas em assembleia
confraria – de pessoas religiosas
congregação – de religiosos, de professores
constelação – de estrelas
cordoalha, **cordame** – de cordas, de cabos de um navio
corja – de velhacos, vadios, canalhas, malfeitores
década – período de dez anos
discoteca – de discos
elenco – de atores, artistas
enxame – de abelhas, insetos
enxoval – de roupas e adornos
fato – de cabras
fauna – os animais de uma região
feixe – de espigas, varas, canas, etc.
filmoteca – de filmes
flora – as plantas de uma região
fornada – de pães, tijolos, etc.
frota – de navios, ônibus

galeria – de quadros, estátuas
girândola – de foguetes, fogos de artifício
grei – de gado miúdo, paroquianos, políticos
hemeroteca – de jornais, revistas
horda – de invasores, salteadores
hoste – de inimigos, soldados
irmandade – de membros de associações religiosas e beneficentes
junta – de dois bois, de médicos (junta médica)
júri – de jurados (membros do tribunal do júri)
legião – de soldados, anjos, demônios
leva – de recrutas, prisioneiros
malta – de ladrões, desordeiros, bandidos, capoeiras
mapoteca – de mapas
milênio – período de mil anos
manada – de bois, porcos, etc.
maquinaria – de máquinas
matilha – de cães de caça
molho (ó) – de chaves, capim, etc.
miríade – infinidade de estrelas, insetos, etc.
nuvem – de gafanhotos, mosquitos, etc.
panapaná – de borboletas em bando migratório
penca – de frutos
pente – de balas de armas automáticas
pinacoteca – de quadros, telas
piquete – de soldados montados, grevistas
plateia – de espectadores, de ouvintes
plêiade – de pessoas notáveis, de sábios
pomar – de árvores frutíferas
prole – os filhos de um casal
quadrilha – de ladrões, assaltantes
raizame – conjunto de raízes de uma árvore
ramalhete – de flores
rancho – de pessoas em passeio ou jornada, de romeiros
rebanho – de bois, ovelhas, carneiros, cabras, gado, reses
récua – de cavalgaduras
renque – de árvores, pessoas ou coisas enfileiradas
repertório – de peças teatrais ou músicas interpretadas por artistas
resma – quinhentas folhas de papel
réstia – de alhos, cebolas
revoada – de aves voando
ronda – de sentinelas, de guardas
ror – grande quantidade de coisas
século – período de cem anos
súcia – de velhacos, patifes, malandros
tertúlia – de amigos, intelectuais, em reunião
tríade – conjunto de três pessoas ou de três coisas

tríduo – período de três dias
triênio – período de três anos
tropilha – de cavalos
turma – de trabalhadores, alunos
vara – de porcos
videoteca – de videocassetes
xiloteca – de amostras de espécies de madeiras (para estudos e pesquisas florestais)

Aos coletivos indeterminados acrescenta-se, em regra, o nome dos seres a que se referem. Assim, dizemos:

Um ***bando*** *de crianças.* Um ***bando*** *de aves.*

Um ***renque*** *de palmeiras.* Um ***renque*** *de colunas.*

"Ei-lo a passar como triunfador do futuro entre ***renques*** *de caras boçais.*" (ANÍBAL MACHADO)

3 PALAVRAS SUBSTANTIVADAS

Palavras de outras classes gramaticais podem ser substantivadas. Para isso, antepõe-se-lhes o artigo:

"*O morrer* pertence a Deus." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

Até hoje a polícia não sabe *o porquê* do sequestro – se vingança ou extorsão.

"Não deixo *o certo* pelo *duvidoso.*" (GRACILIANO RAMOS)

EXERCÍCIOS LISTA 15

1. Copie o trecho abaixo em seu caderno e passe um traço sob os substantivos concretos e dois sob os abstratos:

"Os índios foram muitas vezes considerados cruéis guerreiros, e as suas atitudes não raro causam pânico e revolta. O seu conhecimento mais profundo, entretanto, revela o heroísmo de um povo que, de arcos e flechas, se opõe tenazmente às máquinas que invadem seu território." (Apoena Meireles, *apud* Edilson Martins, *Nossos Índios, Nossos Mortos,* p. 14)

2. Dê os substantivos abstratos correspondentes:

Exemplo: garimpeiro – **garimpagem**

tirano – rei – mendigo – catequista – viúvo – infrator – sacerdote – herege

3. Escreva as frases, sublinhando as palavras que funcionam acidentalmente como substantivos:

a) A estrada rasgava o verde bruto da paisagem.

b) Nas *palavras* amáveis de Venâncio percebi um quê de falsidade.

c) Súbito, ouvimos um leve ruflar de asas.

4. Forme substantivos compostos com as palavras seguintes, combinando-as corretamente:

água – vira – papel – ardente – rã – prima – volta – pé – alta – moeda – obra – relevo – busca – baixo – perna – homem

5. Substitua os asteriscos pelos coletivos do quadro nas frases seguintes:

miríade – matilha – hordas – século – tropilha – alcateia – caravana – baixela – tríade
renques – legião – elenco

a) A *** foi atacada por uma *** de lobos famintos.
b) No *** V, a Europa foi invadida por *** de bárbaros.
c) Entre os *** de árvores floridas revoavam *** de insetos zumbidores.
d) A égua-madrinha guia a *** pelos descampados.
e) A *** era de fino lavor.
f) Na *** do Egito, Osíris é o pai, Ísis é a mãe e Hórus, o filho.
g) Os caçadores açulavam a *** contra a onça.
h) O filme promete ser bom: no *** só há artistas famosos.
i) "A noite no espaço vinha a negra *** das sombras espargindo." (OLAVO BILAC)

6. Com o auxílio de sufixos adequados, derive coletivos dos substantivos seguintes:

Exemplo: árvores – **arvoredo**

árvore – canas – bois – vinhas – cafeeiros – cabelos – cães – coqueiros – ramos – teclas – hinos – tripulantes – parentes – cordas – vasilhas – criados – mulheres – jabuticabeiras – carnaúbas

7. Escreva frases empregando substantivos abstratos que correspondam às palavras destacadas. Oriente-se pelo exemplo:

O menino, **feliz**, corria pelos campos.
A **felicidade** do menino contagiava a todos.

a) O **pobre** homem emocionou a todos.
b) **Recordar** a cena me trazia lágrimas aos olhos.
c) **Atualizar** os conhecimentos é uma exigência dos dias de hoje.
d) **Conceder** privilégios parece ser uma característica desse governo.
e) **Matar** os pobres filhotes é crime que não tem perdão.

4 FLEXÃO DOS SUBSTANTIVOS: GÊNERO

Os substantivos flexionam-se para indicar o gênero, o número e o grau.

Gênero é a propriedade que as palavras têm de indicar o sexo real ou fictício dos seres.

Na língua portuguesa são dois os gêneros: o *masculino* e o *feminino*. Certas línguas, como o latim, o grego, o inglês, possuem um terceiro gênero: o *neutro*.

Para os nomes dos seres vivos, o gênero, em geral, corresponde ao sexo do indivíduo. O mesmo, porém, não acontece com os nomes dos seres inanimados, em que o gênero é puramente convencional.

São masculinos os substantivos a que antepomos os artigos *o*, *os*, e femininos aqueles a que antepomos os artigos *a*, *as*.

5 FORMAÇÃO DO FEMININO

Diversos são os processos de formação do feminino. Sem levar em conta alguns casos especiais, podemos afirmar que o feminino se realiza, mais frequentemente, de três modos diferentes:

- flexionando-se o substantivo masculino:
  filho, *filha* – mestre, *mestra* – leão, *leoa* – folião, *foliona*, etc.
- acrescentando-se ao masculino a desinência -*a* ou um sufixo feminino:
  autor, *autora* – deus, *deusa* – cônsul, *consulesa*, etc.
- utilizando-se uma palavra feminina com radical diferente:
  pai, *mãe* – homem, *mulher* – boi, *vaca*, etc.

Observe como se formam os femininos da relação seguinte:

Masculino	Feminino
menino	*menina*
elefante	*elefanta*
parente	*parenta, parente*
presidente	*presidenta, presidente*
mestre	*mestra*
gigante	*giganta*
oficial	*oficiala*
aviador	*aviadora*
senhor	*senhora*
cantor	*cantora*
senador	*senadora*
prior	*priora, prioresa*
doutor	*doutora*
peru	*perua*
avô	*avó*
irmão	*irmã*
cidadão	*cidadã*
aldeão	*aldeã*
anão	*anã*
ancião	*anciã*
guardião	*guardiã*
pagão	*pagã*
charlatão	*charlatã*

Masculino	Feminino
hóspede	*hóspeda, hóspede*
infante	*infanta*
monge	*monja*
comilão	*comilona*
valentão	*valentona*
solteirão	*solteirona*
sultão	*sultana*
galo	*galinha*
arrumador	*arrumadeira*
ator	*atriz*
imperador	*imperatriz*
embaixador	*embaixatriz, embaixadora*
vindicador	*vindicatriz*
juiz	*juíza*
deus	*deusa, deia*
poeta	*poetisa*
sacerdote	*sacerdotisa*
profeta	*profetisa*
papa	*papisa*
píton	*pitonisa*
príncipe	*princesa*
barão	*baronesa*
duque	*duquesa*

Masculino	Feminino
escrivão	*escrivã*
alemão	*alemã*
campeão	*campeã*
capitão	*capitã*
anfitrião	*anfitriã, anfitrioa*
tecelão	*tecelã, teceloa*
ermitão	*ermitã, ermitoa*
leão	*leoa*
patrão	*patroa*
leitão	*leitoa*
faisão	*faisoa*
pavão	*pavoa*
hortelão	*horteloa*
beirão	*beiroa*
tabaréu	*tabaroa*
ilhéu	*ilhoa*
melro	*mélroa*
parvo	*párvoa, parva*
sabichão	*sabichona*
mocetão	*mocetona*
beberrão	*beberrona*
glutão	*glutona*
folião	*foliona*
frei	*sóror, soror*
raja	*rani*
padre	*madre*
compadre	*comadre*
padrasto	*madrasta*
macho	*fêmea*
patriarca	*matriarca*
pai	*mãe*
marido	*mulher*
padrinho	*madrinha*

Masculino	Feminino
cônsul	*consulesa*
freguês	*freguesa*
camponês	*camponesa*
marquês	*marquesa*
abade	*abadessa*
conde	*condessa*
czar	*czarina*
felá	*felaína*
rei	*rainha*
mu, mulo	*mula*
ladrão	*ladra*
perdigão	*perdiz*
cão	*cadela*
ateu	*ateia*
pigmeu	*pigmeia*
plebeu	*plebeia*
hebreu	*hebreia*
réu	*ré*
judeu	*judia*
sandeu	*sandia*
tigre	*tigresa*
cerzidor	*cerzideira*
frade	*freira*
genro	*nora*
dom	*dona*
cavaleiro	*amazona*
cavalheiro	*dama*
varão[1]	*matrona*
zangão	*abelha*
bode	*cabra*
cavalo	*égua*
carneiro	*ovelha*
touro, boi	*vaca*

(1) "O venerável padre Anchieta era *varão* santo." (CARLOS DE LAET)

Observação:

✔ Nos casos como *pai/mãe, boi/vaca, bode/cabra*, etc., o feminino se realiza não pela flexão do masculino, mas por heteronímia, isto é, por meio de outra palavra, de radical diferente.

6 SUBSTANTIVOS UNIFORMES EM GÊNERO

Há um tipo de substantivos – denominativos de pessoas e animais – refratários à flexão de gênero. Uns (os *epicenos* e *sobrecomuns*) só têm um gênero; outros, pelo contrário, têm os dois gêneros e chamam-se, por isso, *comuns de dois gêneros*.

▪ epicenos

Designam certos animais e têm um só gênero, quer se refiram ao macho ou à fêmea. Exemplos:

o *jacaré* (macho ou fêmea)

a *cobra* (macho ou fêmea)

Quando se quer indicar precisamente o sexo, usam-se as palavras *macho* ou *fêmea*. Exemplos:

a onça *macho* (ou *macha*)	o *macho* da cobra	o peixe *macho*
a onça *fêmea*	a *fêmea* da cobra	o peixe *fêmea*

"Capivara *macha* tem um calo no nariz." (GODOFREDO RANGEL)

"A cascavel *macho* é de corpo mais grosso que a fêmea." (RENATO INÁCIO DA SILVA)

▪ sobrecomuns

Designam pessoas e têm um só gênero, quer se refiram a homem ou a mulher. Exemplos:

a *criança* (menino ou menina)

a *testemunha* (homem ou mulher)

o *neném* ou *nenen* (menino ou menina)

o *cônjuge* (marido ou mulher)

o *guia* (homem ou mulher)

um *monstro* (sentido figurado: homem ou mulher)

▪ Comuns de dois gêneros

Sob uma só forma, designam os indivíduos dos dois sexos. São masculinos ou femininos.

São masculinos quando referentes a homens, e femininos se designam mulheres. Distinguimos-lhes o gênero pelo artigo ou adjetivo que os acompanham. Exemplos:

o colega	→	*a colega*	o consorte	→	*a consorte*
o intérprete	→	*a intérprete*	o médium	→	*a médium*
o mártir	→	*a mártir*	o motorista	→	*a motorista*
o cliente	→	*a cliente*	um estudante	→	*uma estudante*
o fã	→	*a fã*	artista famoso	→	*artista famosa*
o soprano	→	*a soprano*	repórter francês	→	*repórter francesa*

O substantivo *poeta* só se aplica a homem. Não é comum de dois gêneros.

No feminino se diz *poetisa* e não *poeta*: "A *poetisa* traz-nos o seu primeiro livro, porém não o entrega logo." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE).

7 SUBSTANTIVOS DE GÊNERO INCERTO

Há numerosos substantivos de gênero incerto e flutuante, sendo usados pelos escritores, com a mesma significação, ora como masculinos, ora como femininos.

Consignamos aqui alguns deles com o gênero que nos parece preferível:

a abusão – erro comum, superstição, crendice
a acne – doença da pele, espinha
a *aluvião* – sedimentos deixados pelas águas, inundação; grande número:
"... uma *aluvião* torrentuosa de hérulos." (CAMILO CASTELO BRANCO)
a cólera ou *a cólera-morbo* – doença infecciosa
a personagem – pessoa importante, pessoa que figura numa história
a trama – intriga, conluio, maquinação, cilada
a íbis – ave pernalta
a laringe – conduto musculocartilaginoso em que estão as cordas vocais
a xerox (ou xérox) – cópia xerográfica, xerocópia
o ágape – refeição que os primitivos cristãos faziam em comum; banquete de confraternização
o caudal – torrente, rio
o diabetes ou *diabete* – doença (*diabetes sacarino*: acúmulo de açúcares no sangue)
o jângal – floresta do sul da Ásia, mata virgem (a lei do *jângal*)
o lhama – mamífero ruminante da família dos Camelídeos
o ordenança – soldado às ordens de um oficial
o praça – soldado raso
o preá – pequeno roedor
o sabiá – ave da família dos Turdídeos

Observações:

✔ A palavra *personagem* é usada indistintamente nos dois gêneros. Entre os escritores modernos nota-se acentuada preferência pelo masculino. Exemplos:

"... *um personagem* trágico..." (ARIANO SUASSUNA)

"O menino descobria nas nuvens *os personagens* dos contos da carochinha." (VIVALDO COARACI)

"Não sabia que viajava como *algum personagem* importante." (ANÍBAL MACHADO)

Com referência a mulheres, deve-se preferir o feminino:

Iracema é *a personagem* principal de um dos romances de José de Alencar.

"O problema está nas mulheres de mais idade, que não aceitam *a personagem*." (RICARDO RAMOS)

"Não cheguei assim, nem era minha intenção, a criar *uma personagem*." (RUBEM BRAGA)

✔ *Ordenança*, *praça* (soldado) e *sentinela* (soldado, atalaia) são sentidos e usados, na língua atual, como masculinos, por se referirem, ordinariamente, a homens. Cp. *O guarda, o vigia*.

"Onde está Franz Post? – grita Nassau para *o seu ordenança*." (ASSIS BRASIL)

✔ Diz-se: *o* (ou *a*) *manequim* Simone; *o* (ou *a*) modelo fotográfico Rosângela Belmonte.

✔ Pela sua origem, *sósia* é substantivo masculino. Alguns dicionaristas modernos, porém, o incluem entre os comuns de dois gêneros. Segundo eles, portanto, é correto dizer: Essa atriz tem *uma* sósia que a representa muito bem. A televisão mostrou *a sósia* de Marilyn Monroe.

✔ *Cólera* ou *cólera-morbo*, pela sua origem, é substantivo feminino, e é nesse gênero que deve ser usado em português. Exemplos: "*A cólera-morbo* dizimava a população". (MÁRIO BARRETO) "Vibrião *da cólera* chega à Zona Sul." (*JORNAL DO BRASIL*, 1º/4/1993)

"No longo cerco do Porto, entre os flagelos *da cólera* e da fome,... essa querida imagem não o abandonara nunca." (ALMEIDA GARRETT)

"Com a rapidez *da cólera* ou da peste corre por todos os ângulos de Portugal uma coisa hedionda e torpe." (ALEXANDRE HERCULANO)

Note-se o gênero dos substantivos seguintes:

Masculinos

o tapa	o clã
o eclipse	o hosana
o lança-perfume	o herpes
o dó (*pena*)	o espécime
o sanduíche	o suéter
o clarinete	o guaraná
o champanha	o alude (*avalancha*)
o mármore	o pernoite
o maracajá	o púbis
o tegme (ou *tégmen*)	o gengibre
o formicida	o magazine

Femininos

a dinamite	a pane
a áspide	a mascote
a derme	a gênese
a hélice	a entorse
a alcíone	a libido
a filoxera	a cal
a clâmide	a faringe
a omoplata	a cólera (*doença*)
a cataplasma	a ubá (*canoa*)

São geralmente masculinos os substantivos de origem grega terminados em *-ma*:

o grama (*peso*)	o epigrama	o apotegma	o anátema
o quilograma	o telefonema	o trema	o estigma
o plasma	o estratagema	o eczema	o axioma
o apostema	o dilema	o edema	o tracoma
o diagrama	o teorema	o magma	o hematoma
o aneurisma	o emblema	o fonema	o glaucoma

"Mas atenção, mulheres, a este aviso: a moda exige *um grama* de juízo." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE, *Jornal do Brasil*, 28/10/1972)

Exceções: a cataplasma, a celeuma, a fleuma, etc.

8 GÊNERO DOS NOMES DE CIDADES

Salvo raras exceções, nomes de cidades são femininos:

a histórica *Ouro Preto*; a dinâmica *São Paulo*; a acolhedora *Porto Alegre*; uma *Londres* imensa e triste.

"Estes crepúsculos sublimes criam *outra Belo Horizonte*." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

Exceções: o Rio de Janeiro, o Cairo, o Porto, o Havre (França).

9 GÊNERO E SIGNIFICAÇÃO

Muitos substantivos têm uma significação no masculino e outra no feminino. Exemplos:

o cabeça: chefe, líder	→ *a cabeça*: parte do corpo
o cisma: separação religiosa, dissidência, cisão	→ *a cisma*: ato de cismar
o cinza: a cor cinzenta	→ *a cinza*: resíduos de combustão
o capital: dinheiro	→ *a capital*: cidade sede do governo
o coma: perda dos sentidos	→ *a coma*: cabeleira
o coral: pólipo; canto em coro	→ *a coral*: cobra venenosa
o crisma: óleo sagrado	→ *a crisma*: sacramento da confirmação
o cura: pároco, vigário	→ *a cura*: ato de curar
o estepe: pneu sobressalente	→ *a estepe*: vasta planície de vegetação herbácea
o guia: pessoa que guia outros	→ *a guia*: documento para efetuar pagamentos
o grama: unidade de peso	→ *a grama*: relva
o caixa: funcionário da caixa	→ *a caixa*: recipiente; setor de pagamentos
o lente: professor universitário	→ *a lente*: vidro de aumento
o moral: ânimo [1]	→ *a moral*: honestidade, bons costumes
o nascente: lado onde nasce o Sol	→ *a nascente*: fonte
o rádio: aparelho receptor de sinais de radiofonia	→ *a rádio*: estação emissora de radiofonia

EXERCÍCIOS — LISTA 16

1. Dê o feminino dos substantivos seguintes:

campeão – profeta – guardião – ator – marquês – freguês – juiz – anfitrião – visconde – varão – espião – ladrão – hebreu – barão – réu

(1) "Autorizados filósofos e cristãos disseram que o vestido atua imperiosamente sobre o *moral* do indivíduo." (CAMILO CASTELO BRANCO)

2. Em seu caderno, reorganize as duas colunas, associando-as de acordo com o processo de formação do feminino:

flexão do substantivo masculino	cônsul, consulesa
acréscimo da desinência **-a** ao masculino	gato, gata
acréscimo de um sufixo feminino ao masculino	cavalo, égua
heteronímia	cantor, cantora

3. Determine o gênero dos substantivos seguintes, antepondo-lhes os artigos **o** ou **a**:

ágape – fleuma – cal – champanha(e) – derme – dó – eclipse – dinamite – fênix – filoxera – aneurisma – herpes – grama (peso) – axioma – guaraná – fel – coral (cobra) – clã – tapa – espécime – telefonema – trama – estigma – primata

4. Substitua os asteriscos pelo feminino dos substantivos entre parênteses:

a) O príncipe casou com uma ***. (plebeu)

b) A *** visitou as escolas. (conde)

c) Ela foi uma *** incorrupta. (cidadão)

d) A *** tinha amigos na corte. (duque)

e) A mãe de João viajou com a ***. (genro)

f) Nos campos, as *** colhiam cereais. (felá)

g) A *** Cecília Meireles nasceu no Rio. (poeta)

5. Classifique os substantivos abaixo de acordo com a classificação genérica constante do quadro:

epicenos – sobrecomuns – comuns de dois gêneros – biformes (variáveis)

ciclista – cidadão – cônjuge – peru – vítima – fã – capivara – cúmplice – pavão

6. Copie somente a série em que todas as palavras são femininas:

foliona – deusa – ilha – trema – hematoma – dó

heroína – alemã – cataplasma – edema – gengibre – orbe

gênese – sóror – omoplata – bílis – cútis – rês

7. Os substantivos abaixo têm no masculino significação diferente da do feminino. Dê a significação de cada um deles nos dois gêneros:

nascente – grama – cura – coral – cisma – cinza – cabeça – lente – moral – rádio

8. Substitua o * com o artigo adequado, de acordo com o gênero dos substantivos destacados:

a) Trazia ainda no corpo * **estigma** infamante do escravo.

b) * **pampas** são a arena verde e imensa do cavaleiro gaúcho.

c) * **lança-perfumes** são proibidos nos festejos carnavalescos.

d) O grande líder político presidia * **ágape**.

e) Um broche de ouro segurava ao pescoço * **clâmide** do general ateniense.

f) As dissidências religiosas geram * **cismas**.

g) As chuvas avolumaram rapidamente * enorme **caudal**.

h) A luz da ciência dissipa os erros e * **abusões**.

i) * **aluvião** de populares irrompeu pelo parque adentro.

j) A notícia da derrota abateu * **moral** da população.

k) * **mascote** dos Fuzileiros Navais é um carneiro.

l) * colossal **alude**, despenhando-se da cordilheira andina, arrasou a aldeia.

m) Aumentava cada vez mais * **celeuma** da multidão revoltada.

n) É * **íris** que regula a entrada da luz no olho.

o) "Deus é * **alfa** e o ômega de todas as coisas." (ANTÔNIO HOUAISS)

p) * **cólera** é uma doença infecto-contagiosa.

q) * grande **Porto Alegre** adormecia junto ao Guaíba.

9. Dê o significado do substantivo conforme o gênero. Em seguida, escreva orações que deixem clara a diferença de sentido entre o substantivo masculino e o feminino:

a) a cabeça, o cabeça

b) o rádio, a rádio

c) o grama, a grama

d) o cinza, a cinza

10 FLEXÃO DOS SUBSTANTIVOS: NÚMERO

Em português há dois números gramaticais:

- **Singular**

Indica um ser ou um grupo de seres: *ave, bando*.

- **Plural**

Indica mais de um ser ou grupo de seres: *aves, bandos*.

A característica do plural, em português, é o *s* final.

Os substantivos flexionam-se no plural de diferentes maneiras, conforme a terminação do singular.

- **Substantivos terminados em vogal ou em ditongo oral**

Flexionam-se no plural acrescentando-se *-s* ao singular:

asa, *asas* – regime, *regimes* – táxi, *táxis* – tribo, *tribos* – pá, *pás* – irmã, *irmãs* – pé, *pés* – sapoti, *sapotis* – nó, *nós* – robô, *robôs* – caju, *cajus* – baú, *baús* – pai, *pais* – herói, *heróis* – véu, *véus* – parêntese, *parênteses*

Observações:

✔ Seguem esta regra a palavra *mãe* (plural *mães*) e os substantivos em *-n*: pólen, *polens*, éden, *edens*, íon, *ions*, próton, *protons*, nêutron, *neutrons*, elétron, *eletrons*, líquen, *liquens*, hífen, *hifens*, abdômen, *abdomens* (formas menos usadas que *abdome*, *abdomes*). *Cânon*, porém, faz *cânones*.

✔ O substantivo *avô* tem dois plurais: *avôs* (o avô paterno e o materno) e *avós* (o avô e a avó, ou *os antepassados*).

✔ Pluralizam-se por essa regra os nomes das letras: os *ás*, os *bês*, os *és*, os *agás*, os *is*, os *ós*, os *erres*, os *esses*, etc.: Colocar os pingos nos *is*. "A juriti, pombinha eternamente magoada, é toda *us*." (Monteiro Lobato)

Contudo, também se pode grafar: os *ii*, os *ff*, os *ss*, etc.: "As folhas enchem de *ff* as vogais do vento." (Mário Quintana)

- **Substantivos terminados em *-r* ou *-z***

Forma-se o plural acrescentando-se *-es* ao singular:

colher, *colheres* – cateter, *cateteres* – masseter, *masseteres* – clister, *clisteres* – ureter, *ureteres* – bôer, *bôeres* – dólar, *dólares* – faquir, *faquires* – abajur, *abajures* – clamor, *clamores* – esfíncter, *esfíncteres* – prócer, *próceres* – hambúrguer, *hambúrgueres* – frízer, *frízeres* – cruz, *cruzes* – raiz, *raízes* – noz, *nozes*

Caráter faz *caracteres*; júnior, *juniores*; sênior, *seniores*; sóror, *sorores*, com deslocamento do acento tônico.

- **Substantivos terminados em *-al, -el, -ol, -ul***

Pluralizam-se trocando o *-l* final por *-is*:

pombal, *pombais* – papel, *papéis* – mel, *méis* (ou *meles*) – túnel, *túneis* – anzol, *anzóis* – sol, *sóis* – paul, *pauis* – álcool, *álcoois*

Exceções: mal / *males*, cônsul / *cônsules*, real (antiga moeda portuguesa) / *réis*.

- **Substantivos terminados em *-il***

Flexionam-se no plural de duas maneiras:
a) os oxítonos mudam *-il* em *-is*: funil, *funis*; fuzil, *fuzis*
b) os paroxítonos mudam *-il* em *-eis*: fóssil, *fósseis*; réptil, *répteis*; projétil, *projéteis*.

Observação:

✔ As formas oxítonas *reptil*, *reptis* e *projetil*, *projetis*, embora corretas, são pouco usadas. *Til* tem o plural regular: o *til*, os *tis*.

- **Substantivos terminados em *-m***

Trocam esta letra por *-ns*:

nuvem, *nuvens* – fim, *fins* – som, *sons* – refém, *reféns* – pajem, *pajens* – álbum, *álbuns* – atum, *atuns* – ultimátum, *ultimátuns* – totem, *totens* – item, *itens* – fórum, *fóruns*

▪ Substantivos terminados em *-s*

• Os monossílabos e os oxítonos formam o plural mediante o acréscimo da desinência *-es*:

gás, *gases* – mês, *meses* – rês, *reses* – país, *países* – deus, *deuses* – ás, *ases* – adeus, *adeuses* – obus, *obuses* – português, *portugueses* – freguês, *fregueses* – lilás, *lilases* – avelós, *aveloses* – revés, *reveses*

Exceções:

Cais e *xis* são invariáveis: *os cais, os xis.*

Cós faz *cós* ou *coses.*

• Os paroxítonos e proparoxítonos são invariáveis:

o pires, *os pires* – o atlas, *os atlas* – o oásis, *os oásis* – o ourives, *os ourives* – o alferes, *os alferes* – o bíceps, os *bíceps* – o busílis, *os busílis* – o *miosótis, os miosótis* – a íris, *as íris* – o lótus, *os lótus* – o ônus, *os ônus* – o vírus, *os vírus* – o ônibus, *os ônibus* – o herpes, *os herpes*

▪ Substantivos terminados em *-x*

• Uns são invariáveis (vai entre parênteses o valor fonético do *x*):

o tórax (cs), os *tórax* – o pneumotórax (cs), os *pneumotórax* – o ônix (cs), os *ônix* – a fênix (s), as *fênix* – uma xerox (cs), duas *xerox* – um fax (cs), dois *fax*

• Outros (fora de uso) têm o mesmo plural que suas variantes em *-ice* (atualmente as únicas em vigor):

apêndix (cs)	ou	apêndice, apêndices
cálix (cs)	ou	cálice, *cálices*
códex (ccs)	ou	códice, *códices*
córtex (s)	ou	córtice, *córtices*
índex (cs)	ou	índice, *índices*

▪ Substantivos terminados em *-ão*

• Uns formam o plural com o acréscimo de *-s*:

mão, *mãos* – irmão, *irmãos* – cidadão, *cidadãos* – cortesão, *cortesãos* – ancião, *anciãos* – grão, *grãos* – pagão, *pagãos* – desvão, *desvãos* – corrimão, *corrimãos* – temporão, *temporãos* – afegão, *afegãos*, e todos os paroxítonos: órgão, *órgãos* – bênção, *bênçãos* – órfão, *órfãos* – sótão, *sótãos* – gólfão, *gólfãos* – acórdão, *acórdãos*

• Outros, mais numerosos, mudam *-ão* em *-ões*:

limão, *limões* – botão, *botões* – anão, *anões* – vulcão, *vulcões* – espião, *espiões* – aldeão, *aldeões* – balão, *balões* – mamão, *mamões* – melão, *melões* – caixão, *caixões* – tecelão, *tecelões* – falcão, *falcões* – cirurgião, *cirurgiões* – zangão, *zangões* [1]

• Outros, enfim, trocam *-ão* por *-ães:*

pão, *pães* – cão, *cães* – capitão, *capitães* – charlatão, *charlatães* – escrivão, *escrivães* – alemão, *alemães* – sacristão, *sacristães* – tabelião, *tabeliães* – guardião, *guardiães* – capelão, *capelães*

---

(1) "Os povos, como as abelhas, trabalham para si e para os seus zangões." (MARQUÊS DE MARICÁ)

Observação:

✔ *Artesão* (artífice) ➔ artesãos; *artesão* (adorno arquitetônico) ➔ *artesões*.

Vários substantivos em *-ão* ainda não encontraram uma forma definitiva para o plural, se bem que a flexão *-ões*, por ser mais eufônica, se venha impondo vitoriosamente. Eis alguns exemplos:

aldeão	aldeões	aldeãos	–
castelão	castelões	castelãos	–
deão	deões	deãos	–
ermitão	ermitões	ermitãos	ermitães
faisão	faisões	–	faisães
hortelão	hortelões	hortelãos	–
sultão	sultões	sultãos	sultães
verão	verões	verãos	–
vilão	vilões	vilãos	–
refrão	–	refrãos	refrães

11 PLURAL DOS SUBSTANTIVOS COMPOSTOS

Formam o plural de acordo com as seguintes normas:

- Pluralizam-se os dois elementos, unidos por hífen, quando ocorre:

a) substantivo + substantivo:

cirurgião-dentista, *cirurgiões-dentistas*
abelha-mestra, *abelhas-mestras*
tenente-coronel, *tenentes-coronéis*
tia-avó, *tias-avós*
redator-chefe, *redatores-chefes*
decreto-lei, *decretos-leis*

Obs.: Ressalve-se o caso de substantivos compostos intercalados por preposição, como será exposto a seguir.

b) substantivo + adjetivo:

amor-perfeito, *amores-perfeitos*
capitão-mor, *capitães-mores*
cajá-mirim, *cajás-mirins*
carro-forte, *carros-fortes*
cachorro-quente, *cachorros-quentes*
guarda-civil, *guardas-civis*
guarda-noturno, *guardas-noturnos*
obra-prima, *obras-primas*
sabiá-piranga, *sabiás-pirangas*

c) adjetivo + substantivo:

boa-vida, *boas-vidas*

curta-metragem, *curtas-metragens*

curto-circuito, *curtos-circuitos*

má-língua, *más-línguas*

livre-pensador, *livres-pensadores*

d) numeral + substantivo:

segunda-feira, *segundas-feiras* quinta-feira, *quintas-feiras*

terça-feira, *terças-feiras* sexta-feira, *sextas-feiras*

Exceções: os *grão-mestres*, as *grã-cruzes*, os *grã-finos*, os *terra-novas*, os *claro-escuros* (ou *claros-escuros*), os *nova-iorquinos*, os *nova-trentinos*, os *são-bernardos*, os *são-paulinos*, os *são-joanenses*, os *cavalos-vapor*.

- Varia apenas o segundo (ou o último) elemento, quando houver:

a) elementos unidos sem hífen:

os *pontapés*, os *girassóis*, os *vaivéns*, as *autopeças*, os *malmequeres*.

b) verbo + substantivo:

os guarda-*roupas*, os guarda-*louças*, os beija-*flores*.

c) elemento invariável + palavra variável:

as sempre-*vivas*, as ave-*marias*, os vice-*reis*, os alto-*falantes*,

os abaixo-*assinados*, os recém-*nascidos*.

d) palavras repetidas:

os quero-*queros*, os tico-*ticos*, os reco-*recos*, os ruge-*ruges*, os quebra-*quebras*,

os corre-*corres*.

Observação:

✔ Contrariamente ao que ensinam as gramáticas, preferimos os plurais *ruge-ruges*, *treme-tremes*, *corre-corres*, etc., por serem mais eufônicos. É por eufonia que se explicam os plurais anômalos *padre-nossos*, *terra-novas*, *arco-íris*, *são-joanenses* e outros.

- Varia apenas o primeiro elemento:

a) quando ocorre substantivo + preposição + substantivo:
os *pés* de moleque, os *pães* de ló, as *quedas*-d'água, os *paus*-d'arco,
as *mãos* de obra, os *sinais* da cruz, os *autos* de fé, as *câmaras* de ar,
as *orelhas*-de-pau, as *mulas* sem cabeça.

b) quando o segundo elemento limita ou determina o primeiro, indicando finalidade, tipo, semelhança, funcionando como se fosse um adjetivo:

os *pombos*-correio, as *canetas*-tinteiro, os *navios*-escola, os *peixes*-boi, as *frutas*-pão, os *paus*-brasil, as *cidades*-satélite, os *guardas*-marinha, as *fazendas*-modelo, etc.

Observação:

✔ Não é errado, porém, pluralizar, no caso **b**, os dois elementos e dizer:

pombos-correios, peixes-bois, frutas-pães, homens-rãs, porcos-espinhos, navios-tanques, bananas-maçãs, mangas-rosas, balões-sondas, couves-flores, países-membros, etc.

"*Homens-rãs* buscam corpos no rio Iguaçu." (*Jornal do Brasil*, 22/9/73)

"... ambos já *guardas-marinhas*." (Vivaldo Coaraci)

✔ Os melhores dicionários brasileiros registram as duas formas.

- Os dois elementos ficam invariáveis quando houver:
  a) verbo + advérbio:
  os *bota-fora*, os *pisa-mansinho*.
  b) verbo + substantivo plural:
  os *troca-tintas*, os *saca-rolhas*, os *guarda-vidas*.
- Casos especiais:

o louva-a-deus, os *louva-a-deus* – o diz que diz, os *diz que diz* – o bem-te-vi, os *bem-te-vis* – o bem-me-quer, os *bem-me-queres* – o joão-ninguém, os *joões-ninguém* – o fora da lei, os *fora da lei* – o ponto e vírgula, os *ponto e vírgulas* – o sem-terra, os *sem-terra* – o mico-leão-dourado, os *micos-leões-dourados* – o bumba meu boi, os *bumba meu boi* – *o arco-íris, os arco-íris*.

12 PLURAL DAS PALAVRAS SUBSTANTIVADAS

As palavras substantivadas, isto é, palavras de outras classes gramaticais usadas como substantivos, apresentam, no plural, as flexões próprias destes últimos:

Ouviam-se *vivas* e *morras*.

Pese bem os *prós* e os *contras*.

O aluno errou na prova dos *noves*.

Ouça com a mesma serenidade os *sins* e os *nãos*.

Observação:

✔ Numerais substantivados terminados em *-s* ou *-z* não variam no plural.

Exemplo: Nos testes mensais consegui muitos *seis* e alguns *dez*.

13 PLURAL DOS DIMINUTIVOS

Para a formação do plural dos substantivos diminutivos, veja item 21, no final deste capítulo.

14 PLURAL DOS NOMES PRÓPRIOS PERSONATIVOS

Devem-se pluralizar os nomes próprios de pessoa sempre que a terminação se preste à flexão. Exemplos:

"A poesia vulgar, mormente na pátria dos *Junqueiras*, dos *Álvares de Azevedo*, dos *Casimiros de Abreu* e dos *Gonçalves Dias*, é um pecado publicá-la." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"As *Raquéis* e *Esteres*." (MÁRIO BARRETO)

Os *Napoleões* também são derrotados.

"É impossível que os *Monizes* não fugissem de casa assim que principiou o fogo." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Os *Ataídes de Azevedo* são, na verdade, encantadores." (CIRO DOS ANJOS)

Aos nomes estrangeiros acrescenta-se *s*: os *Kennedys*, os *Stalins*, os *Mozarts*, etc.

15 PLURAL DOS SUBSTANTIVOS ESTRANGEIROS

Substantivos ainda não aportuguesados devem ser escritos como na língua original, acrescentando-se-lhes um *s* (exceto quando terminam em *s* ou *z*). Exemplos:

os *shorts*, os *dancings*, os *shows*, os *déficits*, os *superávits*, os *habitats*, os *ex-libris*, os *jazz*, os *pit-bulls*, os *watts*, os *icebergs*, as *pizzas*.

• É usual acentuar os latinismos *deficit*, *superavit* e *habitat*, embora ainda não aportuguesados.

Substantivos já aportuguesados flexionam-se de acordo com as regras de nossa língua:

os *clubes* – os *chopes* – os *jipes* – os *times* – os *esportes* – as *toaletes* – os *bibelôs* – os *garçons* – os *cicerones* – o réquiem, os *réquiens* – o te-déum, os *te-déuns* – o álibi, os *álibis*, etc.

No entanto, *gol* [do inglês *goal*] faz *gols*, forma estranha à fonética portuguesa, um barbarismo impingido pelo uso. O plural correto seria *gois* (ô) ou *goles* [cp. *goleada*], mas não se usa. Em Portugal se diz *golo* (ô), *golos* (ô).

16 PLURAL DAS SIGLAS

Pluralizam-se as siglas acrescentando-lhes um *s* minúsculo:

os *CDs*, os *HPs*, os *PMs*, as *ONGs*, as *Ufirs*.

17 PLURAL COM MUDANÇA DE TIMBRE

Certos substantivos formam o plural com mudança de timbre da vogal tônica (*o* fechado ⇒ *o* aberto). É um fato fonético chamado *metafonia*.

Eis alguns exemplos:

corpo (ô)	*corpos* (ó)	osso (ô)	*ossos* (ó)
esforço	*esforços*	ovo	*ovos*

fogo	*fogos*	poço	*poços*
forno	*fornos*	porto	*portos*
fosso	*fossos*	posto	*postos*
imposto	*impostos*	rogo	*rogos*
olho	*olhos*	tijolo	*tijolos*

- Têm a vogal tônica fechada (ô): *adornos*, *almoços*, *bolsos*, *esposos*, *estojos*, *globos*, *gostos*, *polvos*, *rolos*, *soros*, etc.

Observação:

✔ Distinga-se *molho* (ô), caldo (*molho de carne*), de *molho* (ó), feixe (*molho de lenha*). No plural: *molhos(ô)*, caldos; *molhos(ó)*, feixes.

18 PARTICULARIDADES SOBRE O NÚMERO DOS SUBSTANTIVOS

Há substantivos que só se usam no singular: o *sul*, o *norte*, a *fé*, etc.; outros só no plural: os *idos*, as *cãs*, as *núpcias*, os *víveres*, os *pêsames*, etc.; outros, enfim, têm, no plural, sentido diferente do singular: *bem*, virtude, *bens*, riquezas; *honra*, probidade, bom nome, *honras*, homenagens, títulos. Exemplo:

"A *honra* anuncia virtudes, as *honras* nem sempre as supõem." (MARQUÊS DE MARICÁ)

- Deve-se dizer: *Os óculos* (e não o *óculos*) corrigem defeitos da vista. Perdi *meus óculos* (e não *meu óculos*).

Usamos, às vezes, os substantivos no singular, mas com sentido de plural:

"Aqui morreu muito *negro*." (COELHO NETO)
"Celebraram o sacrifício divino muita *vez* em capelas improvisadas." (AFONSO CELSO)
"Juntou-se ali uma população de retirantes que, entre *homem*, *mulher* e *menino*, ia a bem cinquenta mil." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

EXERCÍCIOS — LISTA 17

1. Flexione no plural:

mês – rês – réptil – projétil – túnel – canil – espécime – sol – sal – mal – caráter – hífen – álbum – ás – procônsul – prócer – nenúfar – fã – obus – líquen – ímã – totem – cânon – refém – parêntese – revés – galã – fóssil – fuzil – fusível – ureter – hambúrguer

2. Escreva apenas os substantivos invariáveis em número:

mó – cais – ourives – mel – tórax – íbis – fênix – obus – ônus – nó – dom – bíceps – íris – xerox

3. Escreva no plural:

cidadão – charlatão – tabelião – tecelão – ancião – folião – capelão – aldeão – anão – guardião – corrimão – bênção – órfão – órgão – capitão – escrivão – cirurgião – pagão – anão – afegão

4. Flexione no feminino plural:

cidadão, ator, cônsul, marquês, réu, cortesão, grão-duque

5. Escreva no plural os seguintes substantivos compostos:

a) vanglória, bombom, lobisomem, autolotação, malmequer, vaivém

b) guarda-civil, cartão-postal, terça-feira, tenente-coronel, capitão-mor, má-língua, baixo-relevo, cirurgião-dentista, criado-mudo, capitão-aviador, redator-chefe, vera-efígie, meio-termo, pão-duro, táxi-aéreo, ferro-velho, curta-metragem, alto-relevo, boia-fria, carro-forte

c) guarda-chuva, pai-nosso, terra-nova, alto-falante, abaixo-assinado, papa-mel, salvo-conduto, grão-vizir, busca-pé, tico-tico, bem-te-vi, pisca-pisca, vice-rei

d) pombo-correio, mapa-múndi, manga-espada, joão-ninguém, guarda-marinha, porco-espinho, banana-maçã, caminhão-pipa, navio-escola, ano-luz, carro-bomba

e) flor-de-maio, água-de-colônia, pão de ló, orelha-de-pau, ama de leite, limão-de-cheiro, pau-d'água, estrela-do-mar, joão-de-barro

6. Cite dois substantivos que só se usam no plural e quatro substantivos compostos que não variam no plural.

7. Passe as frases seguintes para o plural:

a) Fez belas evoluções a porta-estandarte da escola de samba.

b) Não se via peixe-voador fora da água.

c) O terra-nova mostrou-se eficiente no patrulhamento das cidades.

d) O beija-flor é uma pequena obra-prima da natureza.

e) O projétil do folião atingiu o guarda-marinha.

f) O homem-rã estava junto ao navio-tanque.

g) O artesão fez a mesinha de cabeceira.

h) O homem-mosca encontrou-se na rua com o homem-sanduíche.

i) Ele fabrica salsicha e detesta cachorro-quente.

j) O olho-de-boi é selo raríssimo.

k) O hambúrguer me tentava, mas o real faltava.

8. Escreva o único plural cuja vogal tônica é fechada:

fornos – rogos – bolsos – poços – miolos

9. O plural **gols** é um barbarismo. Por quê?

10. Construa uma frase com o substantivo **óculos**.

11. Escreva as frases no plural:

a) Quero um cachorro-quente.

b) Sempre faço pão de ló e pé de moleque para festas.

c) Rasgarei qualquer abaixo-assinado que receber.

d) Você, como Van Gogh, aprecia girassol?

e) O beija-flor está novamente no quintal.

12. Alguns substantivos têm sentidos diferentes no singular e no plural. Descubra o sentido de cada palavra dos pares abaixo e, depois, elabore frases que deixem bem evidente a diferença entre elas.

a) ouro/ouros
b) vencimento/vencimentos
c) copa/copas
d) féria/férias

19 FLEXÃO DOS SUBSTANTIVOS: GRAU

Grau dos substantivos é a propriedade que essas palavras têm de exprimir as variações de tamanho dos seres.

São dois os graus dos substantivos: o aumentativo e o diminutivo.

forma normal	**aumentativo**	**diminutivo**
⇓	⇓	⇓
gato	gatão	gatinho
casa	casarão	casinha

▪ Grau aumentativo

Veja este exemplo, em que a autora se refere à onça:

"A flecha acertara em cheio na *bocarra* da *bichona*." (Edi Lima)

As palavras destacadas estão no grau aumentativo.

O grau aumentativo exprime um aumento do ser relativamente ao seu tamanho normal. Pode ser formado sintética ou analiticamente.

a) *Aumentativo sintético*: forma-se com sufixos aumentativos, sendo os mais comuns:

-aça: barcaça, barbaça, populaça, caraça

-aço: balaço, calhamaço, volumaço

-alha: muralha, gentalha, fornalha

-ão (com as variantes **-alhão**, **-arão**, **-zarrão**, **-arrão**, **-eirão**, **-zão**): cavalão, garrafão, vagalhão, casarão, homenzarrão, gatarrão, vozeirão, pezão

-arra: bocarra, naviarra

-ázio: copázio, balázio

-ona: mulherona, vacona, pernona, vozona

-orra: cabeçorra, beiçorra, patorra, manzorra

-uça: dentuça

-aréu: povaréu, fogaréu, folharéu

b) *Aumentativo analítico*: forma-se com o auxílio do adjetivo *grande*, ou outros de mesmo sentido:

letra grande, pedra enorme, estátuta colossal, obra gigantesca, planície imensa.

- Na linguagem publicitária se diz: *liquidação monstro, megaevento*.

▪ Grau diminutivo

Na seguinte frase, a palavra destacada está no grau diminutivo:

"Que brancos são seus *pezinhos*!" (MÁRIO QUINTANA)

O grau diminutivo exprime um ser com seu tamanho normal diminuído. Pode ser formado sintética ou analiticamente.

a) *Diminutivo sintético*: forma-se com sufixos diminutivos. Eis os mais comuns:

-acho: riacho, fogacho
-ebre: casebre
-eco: livreco, jornaleco, boieco
-ejo: lugarejo, animalejo, vilarejo
-elho: rapazelho, artiguelho, grupelho
-eto, -eta: poemeto, saleta, maleta
-ete: filete, diabrete
-ico: burrico, namorico
-im: espadim, flautim, selim, camarim
-inho: livrinho, dedinho
-inha: casinha, janelinha
-zinho, -zinha: irmãozinho, irmãzinha
-isco: chuvisco, pedrisco
-ito, **-ita**: mosquito, cabrito, senhorita
-oca: sitioca, engenhoca
-ola: sacola, bandeirola, rapazola, casinhola, arteríola
-ote: velhote, serrote, caixote, morrote
-ucho: papelucho
-(c)ulo, -(c)ula: glóbulo, homúnculo, radícula

b) *Diminutivo analítico*: forma-se com o adjetivo *pequeno*, ou outros de igual sentido. Exemplos: chave pequena, casa pequenina, semente minúscula.

Observações:

✔ Em geral, os aumentativos e diminutivos, juntamente com a ideia de grandeza ou pequenez, exprimem também deformidade, desprezo ou troça. Dizemos, por isso, que têm *sentido pejorativo* ou *depreciativo*. Exemplos: *gentalha, narigão, beiçorra, livreco, musiqueta, papelucho, gentinha, povinho*.

"O *homenzinho* estava lívido." (AFONSO SCHMIDT)

"Não suporto *mulheraças*." (MONTEIRO LOBATO)

"Grita o *povinho* furioso impropérios aos condenados." (JOSÉ SARAMAGO)

"Decidira não dar trela à *gentinha* da vila." (JORGE AMADO)

- ✔ As formas diminutivas exprimem, frequentemente, carinho, ternura, afetividade: *filhinho, avozinha, mãezinha, Carlito, Antoninho.*
- ✔ Existem aumentativos que são fictícios, isto é, têm a forma aumentativa, mas sem o sentido de aumento: *cartão, caldeirão, colchão, calção*, etc.
- ✔ A escolha entre os prefixos *-inho(a)* e *-zinho(a)* é condicionada pela acentuação tônica e a terminação dos vocábulos. Os proparoxítonos, por exemplo, e os terminados em sílaba nasal, ditongo, hiato ou vogal tônica recebem o sufixo *-zinho(a)*: *lampadazinha, irmãozinho, heroizinho, bauzinho, ruazinha, cafezinho.* Recebem o sufixo *-inho(a)* as palavras terminadas em *-s* ou *-z*, ou em uma dessas consoantes seguida de vogal: *paisinho* (pequeno *país*), *rapazinho, princesinha, rosinha, belezinha*, etc.

  Em alguns casos coexistem as duas formas: *colherzinha* ou *colherinha, florzinha* ou *florinha, pastorzinho* ou *pastorinho*.
- ✔ Observe as formas diminutivas *prainha, radinho, Emilinha, sandalinha, xicrinha*, correntes na linguagem popular.

  "*Radinho* de pilha ridiculariza a paz da roça." (PAULO MENDES CAMPOS)

  "... *prainha* perdida na curva alta do rio." (JOSUÉ GUIMARÃES)
- ✔ Registram-se aumentativos e diminutivos formados por prefixação:

  maxissaia, supermercado, minissaia, minifúndio, minicalculadora, etc.

20 ADJETIVOS COM AS FLEXÕES DE AUMENTATIVO E DIMINUTIVO

Na linguagem emotiva e coloquial, é comum o emprego de adjetivos com as flexões próprias do aumentativo e diminutivo. Exemplos:

menino *bonzinho*, garota *bonitinha*, garoto *espertinho*, areia *branquinha*, café *quentinho*, moço *bonitão*, homem *espertalhão*, criança *gorducha* e *moleirona*, avô *bonachão*.

Note-se que essas formas aumentativas e diminutivas dos adjetivos equivalem, geralmente, a superlativos:

areia *branquinha* = areia *muito branca*

moço *bonitão* = moço *muito bonito*

Outros exemplos:

"Era tão *fragilzinha* minha amiga!" (GODOFREDO RANGEL)

"Que boi *grandão* é esse, minha gente, que eu nunca vi?" (LUÍS JARDIM)

21 PLURAL DOS DIMINUTIVOS EM *-ZINHO* E *-ZITO*

Observe bem os exemplos seguintes:

pãe(s)	+ zinhos	→	*pãezinhos*	mão(s)	+ zinhas	→	*mãozinhas*
animai(s)	+ zinhos	→	*animaizinhos*	papéi(s)	+ zinhos	→	*papeizinhos*
botõe(s)	+ zinhos	→	*botõezinhos*	nuven(s)	+ zinhas	→	*nuvenzinhas*
chapéu(s)	+ zinhos	→	*chapeuzinhos*	funi(s)	+ zinhos	→	*funizinhos*

farói(s)	+	zinhos	➔	*faroizinhos*	túnei(s)	+	zinhos	➔	*tuneizinhos*
tren(s)	+	zinhos	➔	*trenzinhos*	pai(s)	+	zinhos	➔	*paizinhos*
colhere(s)	+	zinhas	➔	*colherezinhas*	pé(s)	+	zinhos	➔	*pezinhos*
flore(s)	+	zinhas	➔	*florezinhas*	pé(s)	+	zitos	➔	*pezitos*

Regra:

Flexiona-se o substantivo no plural, retira-se o *s* final e acrescenta-se o sufixo diminutivo.

Observação:

✔ São anômalos os plurais *pastorinhos(as)*, *papelinhos*, *florzinhas*, *florinhas*, *colherzinhas* e *mulherzinhas*, correntes na linguagem popular e usados até por escritores de renome.

EXERCÍCIOS — LISTA 18

1. Forme o aumentativo sintético dos substantivos seguintes:

boca – chapéu – espada – festa – bala – homem – nariz – rapaz – mão – moço – pé – vaga – cara – voz

2. Com o auxílio dos sufixos dados no quadro, forme o diminutivo dos substantivos abaixo:

Sufixos: **-acho**, **-ebre**, **-eco**, **-elho**, **-ejo**, **-ela**, **-eta**, **-ete**, **-éu**, **-ico**, **-inhola**, **-isco**, **-im**, **-iço**, **-inho**, **-oca**, **-ote**, **-ulo**

lugar – porta – globo – rio – casa – rua – serra – engenho – espada – jornal – beiço – sala – papel – chuva – grupo – namoro – aranha – ilha

3. Forme o diminutivo dos substantivos abaixo, utilizando os sufixos: **-ulo** e **-ula** ou **-culo** e **-cula**:

corpo – animal – grão – gota – nota – ovo – obra – feixe – homem – raiz – questão – monte – verso – flor – pele – campa – flama – pé – casa – cela – rei – lobo (ó) – nó

4. Flexione os substantivos seguintes no diminutivo plural, utilizando os sufixos **-inho(a)** ou **-zinho(a)**, conforme convenha:

nuvem – cão – canal – papel – chapéu – túnel – país – pai – automóvel – funil – flor – café – irmão – princesa – leitão – ideia – baú – animal – pastor – colher – mulher – praia – rádio

5. Dê a forma normal, isto é, não flexionada, dos substantivos seguintes:

ruela – pobretão – pratarraz – vilanaz – viela – casulo – radícula – alegrão – chapelão – sitioca – manzorra – povaréu – pecadilho – nódulo – cançoneta – sineta – galeota – veranico – camarim – bastonete – terriola – vareta – patorra – hotelejo – febrícula – ossículo – festança – rapazola – selim – ricaço – carroção – rapagão

6. Escreva cada frase e coloque entre parênteses o grau do substantivo destacado:

Coloquei os **peixinhos** no aquário.	aumentativo sintético
Vagalhões batiam no cais deserto.	aumentativo analítico
Seus **olhos** miúdos fitavam-me surpresos.	diminutivo sintético
Vi desabar a **estátua** colossal.	diminutivo analítico

7. Substitua os diminutivos pelas respectivas formas normais:

a) O fortim da ilhota não resistiu ao ataque do inimigo.
b) O régulo chegou àquela aldeola à boquinha da noite.
c) O fidalgote aborreceu-se por uma questiúncula.
d) "Eu teria que voltar ao homúnculo de metro e quarenta e cinco." (ANÍBAL MACHADO)
e) "Homens sujos de pó empurravam vagonetes de lenha." (AMANDO FONTES)

8. Copie as frases abaixo, sublinhando com um traço as formas sintéticas dos aumentativos e com dois as analíticas:

a) "Examinei os olhões amarelos, os dentes enormes e as patorras do bicho." (EDI LIMA)
b) "O dono da fazenda virou-se para ver que barulhão era aquele. Vendo o boi que não tinha mais tamanho, ele gritou: 'Que boi grandão é esse, minha gente, que eu nunca vi?'" (LUÍS JARDIM)

9. Escreva a frase abaixo e copie do quadro a conotação correta da palavra "empreguinho":

João arrumou um **empreguinho** no escritório de uma fábrica.

diminuição – carinho – desprezo – zombaria

10. Dê o diminutivo plural dos substantivos:

a) pão	d) pá
b) chapéu	e) cartão
c) pastel	f) mão

11. Identifique nas frases o que os aumentativos e diminutivos exprimem (desprezo, troça, carinho ou afetividade):

a) Meu filho, não brinque com essa **gentalha**!
b) Você quer trinta reais por esse **livreco**?
c) **Filhinho**, você não está com frio?
d) Você o acha bonito? Com aquele **narigão** achatado?

SUBSTANTIVO
Exercícios de exames e concursos
[Página 670]

ARTIGO

Consideremos o exemplo seguinte:

Certa vez, passando por **uma** praça, encontrei **um** menino chorando. **A** praça estava deserta e **o** menino, sozinho, **as** mãos e **os** cabelos sujos de terra.

As palavras destacadas são *artigos*.

Artigo ***é uma palavra que antepomos aos substantivos para dar aos seres um sentido determinado ou indeterminado.***

Indica, ao mesmo tempo, o gênero e o número dos substantivos.

Dividem-se os artigos em *definidos* e *indefinidos*.

1 DEFINIDOS

o, a, os, as (*o* filho, *a* filha, *os* filhos, *as* filhas)

2 INDEFINIDOS

um, uma, uns, umas (*um* filho, *uma* filha, *uns* filhos, *umas* filhas)

Os artigos definidos se antepõem a substantivos que designam seres definidos, determinados:

Viajei com **o** médico (um médico referido, conhecido, determinado).

Os artigos indefinidos se antepõem a substantivos que designam seres indefinidos, indeterminados:

Viajei com **um** médico (um médico não referido, desconhecido, indeterminado).

Os artigos podem unir-se às preposições *a, de, em* e *por*, formando combinações e contrações antes de substantivos:

- **masculinos**

ao, aos, do, dos, no, nos, pelo, pelos, num, nuns

Exemplos: ir **ao** colégio; precisar **do** carro; correr **pelos** campos.

- **femininos**

  à, às, da, das, na, nas, pela, pelas, numa, numas

  Exemplos: ir **à** escola; sair **da** sala; lutar **pela** paz.

EXERCÍCIOS

LISTA 19

1. Anote em seu caderno a alternativa que não apresenta erro no emprego do artigo.

a) Sempre me deu uma dó dela!
b) Você não trouxe o óculos hoje?
c) Ainda não dei a telefonema que você me pediu.
d) Não falarei com as pessoas cujo o nome não conste dessa lista.
e) A personagem Capitu é uma das mais conhecidas da literatura brasileira.

2. Explique, em seu caderno, a diferença de sentido que existe entre os pares de frases abaixo:

a) Conversei com o médico.
Conversei com um médico.

b) O ônibus passou lotado.
Passou um ônibus lotado.

c) Esse lápis não é meu.
Esse lápis não é o meu.

3. Substitua em seu caderno o símbolo por um artigo feminino ou masculino. Se tiver dúvida a respeito do gênero do substantivo, consulte um dicionário.

a) Você não imagina ◆ dó que o garoto me dá!
b) Estou diante de ◆ grande dilema. Não sei como agir!
c) ◆ apendicite do paciente recebeu tratamento adequado?
d) Não se usa mais ◆ trema em palavras portuguesas.
e) É muito grave ◆ pane que seu carro sofreu?

4. Palavras de outras classes gramaticais podem ser usadas como substantivo quando precedidas por um *artigo*. Escreva em seu caderno frases em que os adjetivos e verbos abaixo sejam usados como substantivos.

a) verde
b) cantar
c) saber
d) absurdo
e) amanhecer

5. Lembrando-se de que o artigo sempre vem anteposto ao substantivo, indicando-lhe o gênero e o número, mencione as passagens onde **a/o** *não foram empregados como artigos*.

"A partir deste ano, a arrecadação será menor. Além disso, o aumento do salário mínimo obrigará o governo a arcar com mais despesas... Os cortes, embora difíceis para os autores e penosos para os que serão privados dos serviços estatais, têm um aspecto positivo por mostrar que o compromisso do Brasil com a transparência é inarredável. A estabilidade é a garantia de que o Brasil permanecerá no mapa da economia mundial..." (Revista *Veja*)

ARTIGO
Exercícios de exames e concursos
[Página 671]

ADJETIVO

Considere estes exemplos:

"O **velho** touro da fazenda saiu, **arrogante**." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"Na ponta do chalé brilhava um **grande** ovo de louça **azul**." (CECÍLIA MEIRELES)

As palavras destacadas atribuem qualidades aos substantivos (touro, ovo, louça): são, por isso, *adjetivos*.

1 ADJETIVOS

Adjetivos são palavras que expressam as qualidades ou características dos seres.

Na frase, os adjetivos exercem as funções sintáticas de *predicativo* e *adjunto adnominal*. (Veja páginas 343 e 363.)

2 ADJETIVOS PÁTRIOS

Entre os adjetivos, existem os que designam a nacionalidade, o lugar de origem de alguém ou de alguma coisa: são os *adjetivos pátrios*. Citemos alguns:

Angola	*angolano*	Egito	*egípcio*
Argélia	*argelino*	El Salvador	*salvadorenho*
Áustria	*austríaco*	Equador	*equatoriano*
Bagdá	*bagdali*	Estados Unidos	*norte-americano, ianque*
Bizâncio	*bizantino*	Etiópia	*etíope*
Brasília	*brasiliense*	Florença	*florentino*
Buenos Aires	*portenho*	Goiás	*goiano*
Cairo	*cairota*	Grécia	*grego, helênico*
Calábria	*calabrês*	Guatemala	*guatemalteco*
Campinas	*campineiro*	Índia	*indiano*
Campos	*campista*	Japão	*japonês, nipônico*
Cartago	*cartaginês*	Lácio	*latino*
Chipre	*cipriota*	Lacônia	*lacônico*
Lapônia	*lapão*	Nova Zelândia	*neozelandês*

Lima	*limenho*	Panamá	*panamenho*
Lisboa	*lisboeta, lisbonense*	Pequim	*pequinês*
Londres	*londrino*	Rio de Janeiro (estado)	*fluminense*
Madri	*madrileno, madrilense*	Rio de Janeiro (cidade)	*carioca*
Marajó	*marajoara*	São Paulo (estado)	*paulista*
Marrocos	*marroquino*	São Paulo (cidade)	*paulistano*
Mato Grosso	*mato-grossense*	Túnis	*tunisiano*
Moscou	*moscovita*	Veneza	*veneziano*
Nápoles	*napolitano*		

3 FORMAÇÃO DO ADJETIVO

Quanto à formação, o adjetivo pode ser:

- **primitivo**

  O que não deriva de outra palavra:

  bom, forte, feliz, etc.

- **derivado**

  O que deriva de substantivos ou verbos:

  famoso, carnavalesco, amado, etc.

- **simples**

  O que é formado de um só elemento:

  brasileiro, escuro, etc.

- **composto**

  O que é formado de mais de um elemento:

  luso-brasileiro, castanho-escuro, etc.

Alguns adjetivos pátrios compostos apresentam o primeiro elemento reduzido e invariável. Eis os principais:

afro (= africano)	cultura *afro-brasileira*
anglo (= inglês)	comércio *anglo-americano*
austro (= austríaco)	império *austro-húngaro*
euro (= europeu)	tratado *euro-americano*
franco (= francês)	amizade *franco-brasileira*
greco (= grego)	civilização *greco-romana*
hispano (= espanhol)	literatura *hispano-americana*
ibero (= ibérico)	civilização *ibero-americana*

ítalo (= italiano)	acordo comercial *ítalo-francês*
luso (= lusitano)	literatura *luso-brasileira*
nipo (= nipônico)	jovem *nipo-argentina*
sino (= chinês)	guerra *sino-japonesa*
teuto (= alemão)	descendentes *teuto-argentinos*

4 LOCUÇÃO ADJETIVA

Locução adjetiva é uma expressão que equivale a um adjetivo. Exemplos:

presente *de rei* = presente *régio*
amor *de filho* = amor *filial*
paixões *sem freio* = paixões *desenfreadas* ou *infrenes*
confiança *sem limites* = confiança *ilimitada*
pescoço *de touro* = pescoço *taurino*
as margens *do Nilo* = as margens *nilóticas*
aves *da noite* = aves *noturnas*
alimento *sem sabor* = alimento *insípido*

Outros exemplos de locuções adjetivas:

o andar *de cima*; as patas *de trás*; gente *de fora*; floresta *a perder de vista*; rapaz *sem-vergonha*; produtos *de primeira*; olhar *de espanto*; homem *à toa*; estar *com fome*; desculpa *sem pés nem cabeça*.

Observe as diversas maneiras de caracterizar os substantivos:

homem *corajoso*	=	homem *de coragem*	=	homem *que tem coragem*
gente *serrana*	=	gente *da serra*	=	gente *que mora na serra*

5 ADJETIVOS ERUDITOS

Numerosos adjetivos eruditos, que significam "relativo a", "próprio de", "semelhante a", "da cor de", equivalem a locuções adjetivas: *torácico* = do tórax, relativo ao tórax; *sulfurino* = da cor do enxofre; *férreo* = de ferro, como ferro.

Eis os mais frequentes desses adjetivos, ao lado dos nomes dos seres a que se referem:

açúcar: *sacarino*	astro: *sideral*	bode: *hircino*
água: *hídrico*	audição: *auditivo*	boi: *bovino*
águia: *aquilino*	baço: *esplênico*	braço: *braquial*
aluno: *discente*	bálsamo: *balsâmico*	brejo: *palustre*
anel: *anular*	bexiga: *vesical*	cabeça: *cefálico*
aranha: *aracnídeo*	bílis ou bile: *biliar*	cabelo: *capilar*
arcebispo: *arquiepiscopal*	bispo: *episcopal*	cabra: *caprino*
asno: *asinino*	boca: *bucal, oral*	caça: *venatório, cinegético*
campo: *rural, campestre*	garganta: *gutural*	óleo: *oleaginoso*

caos: *caótico*
cavalo: *equídeo, equino, hípico*
cela, célula: *celular*
chumbo: *plúmbeo*
chuva: *pluvial*
cinza: *cinéreo*
circo: *circense*
cobra: *colubrino, ofídico*
cobre: *cúprico*
coelho: *cunicular*
coração: *cardíaco*
correio: *postal*
costas: *dorsal*
criança: *pueril, infantil*
dança: *coreográfico*
daltonismo: *daltônico*
dano: *daninho*
dedo: *digital*
diamante: *adamantino*
dieta: *dietético*
dinheiro: *pecuniário*
direito: *jurídico*
domingo: *dominical*
éden: *edênico*
eixo: *axial*
embriaguez: *ébrio*
enxofre: *sulfúrico, sulfúreo, sulfuroso*
erva: *herbáceo*
espelho: *especular*
estômago: *gástrico*
estrela: *estelar*
éter: *etéreo*
fábrica: *fabril*
faraó: *faraônico*
fêmur: *femoral*
fera: *beluíno, feroz, ferino*
ferro: *férreo*
fígado: *hepático*
fogo: *ígneo*
fleuma: *fleumático*
formiga: *formicular*
gado: *pecuário*
gafanhoto: *acrídio*
gato: *felino, felídeo*
gelo: *glacial*
glúten: *glutinoso*
guerra: *bélico*
homem: *viril*
Igreja: *eclesiástico*
ilha: *insular*
inverno: *hibernal*
irmão: *fraternal*
jovem: *juvenil*
junho: *junino*
Lacônia: *lacônico*
lago: *lacustre*
lágrima: *lacrimal*
leão: *leonino*
lebre: *leporino*
leite: *lácteo, láctico*
limão: *cítrico*
laranja: *cítrico*
linha: *linear*
lobo: *lupino*
Lua: *lunar*
macaco, símio: *simiesco*
madeira, lenho: *lígneo*
maçãs do rosto: *malar*
mar: *marinho, marítimo, equóreo*
manhã: *matutino, matinal*
marfim: *ebúrneo, ebóreo*
margem: *marginal*
margem de rio: *ribeirinho, justafluvial*
memória: *mnemônico*
mestre: *magistral*
moeda: *monetário, numismático*
Moisés: *mosaico*
monge: *monástico*
morte: *letal, mortífero*
nádegas: *glúteo*
nariz: *nasal*
navio, navegação: *naval*
Nilo (rio): *nilótico*
neve: *níveo*
norte: *setentrional, boreal*
olhos: *ocular, óptico, oftálmico*
Olimpo, olimpíadas: *olímpico*
opala: *opalino, opalescente*
outono: *outonal*
ouvido: *auricular, ótico*
ovelha: *ovino*
paixão: *passional*
pâncreas: *pancreático*
paraíso: *paradisíaco*
pedra: *pétreo*
peixe: *ictíico, ictiológico, písceo*
pele: *cutâneo, epidérmico*
pelve: *pélvico*
pesca: *pesqueiro, piscatório*
pescoço: *cervical*
Platão: *platônico*
plebe: *plebeu*
pombo: *columbino*
porco: *suíno, porcino*
prata: *argênteo, argentino, argírico*
primavera: *primaveril*
professor: *docente*
prosa: *prosaico*
pulmão: *pulmonar*
pus: *purulento*
raposa: *vulpino*
rato: *murino*
rim: *renal*
rio: *fluvial, potâmico*
rocha: *rupestre*
romance: *romanesco*
sabão: *saponáceo*
selos: *filatélico*
seda: *sérico, seríceo*
sonho: *onírico*
sul: *meridional, austral*
tarde: *vespertino*
tecido: *têxtil*
Terra: *terrestre, terreno, telúrico*
terremoto: *sísmico*
tórax: *torácico*
touro: *taurino*
túmulo: *tumular*
umbigo: *umbilical*

universo habitado: *ecumênico*
útero: *uterino*
vasos sanguíneos: *vascular*
veia: *venoso*
velho, velhice: *senil*
vento: *eólio, eólico*
Vênus: *venusiano*
verão, estio: *estival*
verme: *vermicular*
víbora: *viperino*
vidro: *vítreo, hialino*
vinho: *vínico, vinário, vinoso*
vinagre: *acético*
violeta: *violáceo*
virilha: *inguinal*
voz: *fônico, vocal*
vulcão: *vulcânico*

6 FLEXÃO DO ADJETIVO

O adjetivo varia em gênero, número e grau.

Flexiona-se para concordar em gênero e número com o substantivo caracterizado. Exemplos: moço *bonito*, moça *bonita*, moços *bonitos*, moças *bonitas*.

7 FLEXÃO DO ADJETIVO: GÊNERO

Quanto ao gênero, dividem-se os adjetivos em:

▪ Uniformes

Os que têm a mesma forma em ambos os gêneros:

leal – azul – cruel – gentil – grácil – vil – regular – superior – inferior – incolor – anterior – ulterior – esmoler – ruim – comum – jovem – feliz – audaz – loquaz – veloz – soez – cortês – pedrês – reles – simples – nômade – fluminense – paulista – otimista – carijó – só – tupi – lilás, etc.

Com referência à irmã diretora de um convento, dizemos, porém: a madre *superiora* ou, simplesmente, a *superiora*.

▪ Biformes

Os que possuem duas formas, uma para o masculino e outra para o feminino:

ativo, *ativa*
cru, *crua*
mau, *má*
ateu, *ateia*
hebreu, *hebreia*
europeu, *europeia*
alemão, *alemã*
chão (plano, simples), *chã*
cristão, *cristã*
são, *sã*
vão, *vã*
temporão, *temporã*
plebeu, *plebeia*
judeu, *judia*
sandeu, *sandia*
vilão, *vilã*, *viloa*
burguês, *burguesa*
inglês, *inglesa*
siamês, *siamesa*
roedor, *roedora*
trabalhador, *trabalhadora*
tabaréu, *tabaroa*
andaluz, *andaluza*
espanhol, *espanhola*

folgazão, *folgazã*, *folgazona* bom, *boa*
chorão, *chorona* parvo, *parva*, *párvoa*

"São tantas as formiguinhas *trabalhadeiras*!" (GODOFREDO RANGEL)
"Minha *párvoa* franqueza." (CAMILO CASTELO BRANCO)

8 REGRAS PARA A FORMAÇÃO DO FEMININO

- Os adjetivos biformes simples flexionam-se em gênero pelas mesmas regras de flexão dos substantivos:
  lindo, *linda*; japonês, *japonesa*; sonhador, *sonhadora*.
- Os adjetivos compostos recebem a flexão feminina apenas no segundo elemento:
  sociedade *luso-brasileira*, festa *cívico-religiosa*, saia *verde-escura*.
- Nos adjetivos terminados em *-oso* muda-se a vogal tônica fechada em vogal aberta:
  bondoso (ô), bondosa (ó); gostoso (ô), gostosa (ó).

9 PLURAL DOS ADJETIVOS SIMPLES

Os adjetivos simples seguem as mesmas regras da flexão numérica dos substantivos:

gostoso	*gostosos*	azul	*azuis*	amável	*amáveis*
cru	*crus*	fiel	*fiéis*	útil	*úteis*
gentil	*gentis*	audaz	*audazes*	são	*sãos*
igual	*iguais*	feroz	*ferozes*	vã	*vãs*

Nos adjetivos terminados em *-oso*, muda-se a vogal tônica fechada em vogal aberta:
glorioso (ô), gloriosos (ó); famoso (ô), famosos (ó).

10 PLURAL DOS ADJETIVOS COMPOSTOS

Para formar o plural dos adjetivos compostos, observem-se os seguintes princípios:

- Os componentes sendo adjetivos, somente o último toma a flexão do plural:
  cabelos *castanho-escuros*[1], saudades *doce-amargas*, ciências *político-sociais*, conflitos *russo-americanos*, lenços *verde-claros*, folhas *verde-escuras*, penas *amarelo-gualdas*, poemas *herói-cômicos*, hábitos *grã-finos*, clínicas *médico-cirúrgicas*, jogos *infanto-juvenis*.

Observações:

✔ Escritores modernos contrariam esta regra, usando os dois elementos no plural, sem os hifenizar: "Tinha os olhos de vovó, *verdes claros*." (RAQUEL JARDIM, *Os Anos 40*, p. 17)

---

(1) " Cabelos *castanho-claros*" (CIRO DOS ANJOS, *Explorações*, p. 30).
"Cabelos *castanho-louros*" (AMANDO FONTES, *Os Corumbas*, p. 88).

Exceções:

- Flexionam-se os dois componentes de *surdo-mudo*: meninos *surdos-mudos*, crianças *surdas-mudas*.
- *Azul-marinho*, *azul-celeste* e *azul-ferrete* são invariáveis: ternos *azul-marinho*, mantos *azul-celeste*, gravatas *azul-ferrete*.
- Os componentes sendo *palavra* (ou *elemento*) *invariável* + *adjetivo*, somente esse último se flexionará:

  meninos *mal-educados*, povos *semi-selvagens*, esforços *sobre-humanos*, crianças *recém-nascidas*.

Segue essa regra o adjetivo *sem-vergonha*, que alguns gramáticos consideram invariável:

Eles são muito *sem-vergonhas*.

- Os compostos de *adjetivo* + *substantivo* são invariáveis:

  tapetes *verde-esmeralda*, blusas *amarelo-laranja*, chapéus *escuro-cinza*, gravatas *verde-malva*, ternos *verde-oliva*, saias *azul-pavão*, olhos *verde-mar*, calções *azul-ferrete*, vestidos *azul-turquesa*.

Nos adjetivos compostos desse tipo, subentende-se a expressão *da cor de*:

tapetes *verde-esmeralda* = tapetes *da cor verde da esmeralda*

- Invariáveis ficam também as locuções adjetivas formadas de *cor* + *de* + *substantivo*:

  vestidos *cor-de-rosa*, olhos da *cor do mar*, cabelos *cor de palha*, olhos da *cor da safira*, estofos da *cor do abacate*, suéteres *cor de café*, etc.

Observações:

✔ Por concisão, frequentemente dizemos apenas: fitas *violeta*, ternos *cinza*, luvas *creme*, sapatos *gelo*, botões *rosa*, gravatas *grená*, etc.

✔ São também invariáveis os adjetivos *ultravioleta*, *sem-par* e *sem-sal*: raios *ultravioleta*, alegrias *sem-par*, anedotas *sem-sal*.

EXERCÍCIOS — LISTA 20

1. Copie as frases abaixo e, em seguida, passe um traço sob os adjetivos:

a) No salão, jovens dançavam ao ritmo alucinante de músicas modernas.

b) Os jovens artesãos trabalhavam numa oficina pequena e escura.

c) Pessoas supersticiosas viram no estranho fenômeno um sinal de desgraça iminente.

d) "Não há um lugar calmo nas cidades do homem branco", disse o chefe indígena.

2. Substitua os asteriscos pelos adjetivos derivados dos substantivos entre parênteses:

a) Atravessamos as ruas *** da grande cidade. (**caos**)
b) Seus bilhetes eram vazados em linguagem ***. (**Lacônia**)
c) Todos temiam seus ditos ***. (**fera**)
d) O diretor era um homem *** e metódico. (**fleuma**)
e) Arrancamos o joio e outras ervas ***.(**dano**)
f) Para pagar dívidas, empenhei objetos ***. (**valia**)
g) Nosso professor citou uma frase muito ***. (**expressão**)

3. Substitua as locuções adjetivas pelos adjetivos equivalentes:

a) beleza **de anjo**
b) força **de leão**
c) lábio **de lebre**
d) orelhas **de asno**
e) pescoço **de touro**
f) engenho **de guerra**
g) aventura **de romance**
h) funcionário **sem aptidão**
i) vegetação **dos brejos**
j) cidades **dos lagos**
k) exposição **de selos**
l) alimento **sem sabor**
m) líquido **sem cheiro**
n) paixões **sem freio**
o) populações **das margens dos rios**
p) proeminências **das maçãs do rosto**

4. Reorganize as colunas, relacionando corretamente os adjetivos aos substantivos:

aquilino	fogo	inguinal	pele
letal	direito	magistral	umbigo
ígneo	ilha	cutâneo	sonho
jurídico	pescoço	têxtil	vinagre
hepático	águia	umbilical	vento
insular	fígado	onírico	mestre
capilar	morte	senil	tecido
cefálico	braço	eólico, eólio	virilha
cervical	cabelo	ictiológico	velho
braquial	cabeça	acético	peixe

5. Dê os adjetivos pátrios referentes aos seguintes nomes de lugar:

Marajó – Recife – Belo Horizonte – Buenos Aires – Madri – Nápoles – Cairo – Etiópia – Índia – Panamá – Bizâncio – Túnis – Lapônia – Chipre – Argélia – Equador – Líbano – Veneza – Cartago – Lácio – Pequim

6. Substitua as orações e expressões destacadas por adjetivos de igual significação:

a) Pássaro **que come insetos**
b) Ave **que come peixe**
c) Cirurgia **que não causa dor**
d) Árvores **que têm um século**
e) Animal **que rasteja e que tem peçonha**
f) Comida **sem sal**

g) Água **boa para beber**
h) Coisa **em que há prazer**
i) Obelisco **feito de um só bloco de pedra**

7. Passe para o feminino:

a) Infante português
b) Cidadão cortês
c) Espião andaluz
d) Estudante plebeu
e) Moço folgazão, mas trabalhador
f) Príncipe cristão

8. Substitua * pela forma feminina dos adjetivos:

Moço hebreu	Moça *
Idioma inglês	Língua *
Pastor judeu	Pastora *
Tenista alemão	Tenista *
Nervo motor	Força *
Motivo superior	Razão *

9. Troque o * pela forma feminina dos adjetivos entre parênteses:

a) Menina * (surdo-mudo)
b) Aliança * (luso-brasileiro)
c) Academia * (recém-fundado)
d) Tranças * (castanho-escuro)
e) Línguas * (indo-europeu)
f) Mantas * (azul-turquesa)

10. Flexione no plural:

a) Pé grácil
b) Feijão cru
c) Ação má
d) Raiz útil
e) Caráter inflexível
f) Cãozinho feroz
g) Túnica inconsútil
h) Gesto hostil
i) Rapagão loquaz
j) Venerável ancião
k) Gás letal
l) Raio ultravioleta
m) Cão fiel
n) Mau cidadão
o) Raio infravermelho
p) Placa cinza

11. Escreva no plural:

a) Cerimônia cívico-religiosa
b) Saia azul-pavão
c) Terno azul-marinho
d) Conflito sino-russo-japonês
e) Vestido cor-de-rosa
f) Tecido malva
g) Rapazinho mal-educado
h) Rei todo-poderoso
i) Olho verde-claro
j) Anedota sem-sal
k) Pessoa mal-agradecida
l) "Onde andará o sem-vergonha desse papagaio?" (Graciliano Ramos)

12. Siga o exemplo, empregando os adjetivos pátrios compostos:

Exemplo: rivalidades (China – Japão) **rivalidades sino-japonesas**

acordos (Japão – Brasil)
indivíduos (Alemanha – Argentina)
empresas (França – Itália)
costumes (África – Brasil)

povos (Espanha – América)
comemorações (Ibéria – América)
convenções (Portugal – Brasil)
tropas (Inglaterra – França)

13. Reescreva o grupo em que a relação **adjetivo/substantivo** está correta:

a) linear/linha – bélico/guerra – ígneo/fogo – renal/rim
b) proteico/proteína – hídrico/água – glúteo/glúten – cítrico/limão

14. Substitua as expressões destacadas por adjetivos correspondentes. Faça as modificações necessárias:

a) Meu pai sofre de uma doença **do coração**.
b) Tinham confiança **sem limites** nos filhos.
c) Sua atitude **não tem defesa**.
d) Apresentou argumentos **sem consistência**.
e) Era uma pessoa totalmente **sem habilidade.**
f) A história se passa numa mansão **não habitada**.

15. Indique as frases em que houver erro na flexão dos adjetivos compostos:

a) A garota tinha lindos cabelos castanhos-escuros e olhos verde-esmeraldas.
b) Todas as suas calças eram azul-marinhas e suas gravatas, azuis-celestes.
c) Seus uniformes verde-oliva destacavam-se no branco da neve.
d) A boneca veio com sapatinhos cores-de-rosa e luvas verde-malva.
e) Naquela década tão conturbada, o que mais preocupava a humanidade eram os conflitos russo-americanos.

16. Forme adjetivos com o auxílio do sufixo **-vel**. Oriente-se pelo exemplo:

lavar – lavável

a) confiar
b) discutir
c) desejar
d) admitir
e) substituir

17. Muitas vezes, encontramos, em rótulos de remédios, adjetivos eruditos que equivalem a locuções adjetivas, como loção **capilar**, que se destina aos cabelos. Vejamos se consegue identificar os substantivos a que se referem:

a) auricular
b) herbáceo
c) hepático
d) gástrico
e) lacrimal
f) oftálmico

18. Substitua por superlativo os adjetivos que aparecem entre parênteses. Oriente-se pelo exemplo:

A jovem pensou encontrar uma criatura (feroz) à sua espera.
A jovem pensou encontrar um criatura *ferocíssima* à sua espera.

a) Achei o problema (**difícil**).
b) Soraia é (**amiga**) de minha madrinha.
c) Mário fez um (**bom**) negócio quando vendeu seu carro.
d) Giovana acha (**fácil**) todos os exercícios do livro de Matemática.
e) Os amigos de meu irmão são todos (**simpáticos**).

11 GRAU DO ADJETIVO

O grau do adjetivo exprime a intensidade das qualidades dos seres. São dois os graus do adjetivo: o *comparativo* e o *superlativo*.

12 FLEXÃO DO ADJETIVO: GRAU COMPARATIVO

Usa-se o grau comparativo para comparar qualidades dos seres.

O grau comparativo pode ser:

- **de igualdade**

Sou *tão alto* como (ou quanto) você.

- **de superioridade**
  - *analítico*: Sou *mais alto* (do) que você.
  - *sintético*: O Sol é *maior* (do) que a Terra.

- **de inferioridade**

Sou *menos alto* (do) que você.

Pode-se dizer: Sou mais alto **que** (ou **do que**) você.

Note bem:

a) No comparativo de igualdade, o segundo termo da comparação é introduzido pelas palavras *como*, *quanto*, ou *quão*:

Rui é tão belo *quanto* (ou *quão*) inteligente.

"Lançou um último olhar às duas casas, tão próximas *quanto* parecidas." (LÍGIA FAGUNDES TELES)

b) Alguns adjetivos possuem, para o comparativo de superioridade, formas sintéticas, herdadas do latim. São eles:

bom	*melhor*	pequeno	*menor*
mau	*pior*	alto	*superior*
grande	*maior*	baixo	*inferior*

c) Excepcionalmente, usam-se as formas analíticas desses adjetivos quando se comparam duas qualidades do mesmo ser:

Aquele menino é *mais bom* do que inteligente.

13 FLEXÃO DO ADJETIVO: GRAU SUPERLATIVO

O superlativo expressa qualidades num grau muito elevado ou em grau máximo.

O grau superlativo pode ser absoluto ou relativo e apresenta as seguintes modalidades:

- **absoluto**
  - *analítico*: A torre é *muito alta*.
  - *sintético:* A torre é *altíssima*.

- **relativo**
  - *de superioridade*:
    - *analítico*: João é o *mais alto* de todos.
    - *sintético*: Este monte é *o maior* de todos.
  - *de inferioridade*: Pedro é *o menos alto* de todos nós.

Note bem:

a) O superlativo absoluto analítico é expresso por meio dos advérbios *muito*, *extremamente*, *excepcionalmente*, etc., antepostos ao adjetivo. Exemplo:

Procusto era um assaltante *muito* (ou *extremamente*) mau.

b) O superlativo absoluto sintético apresenta-se sob duas formas em bom número de adjetivos: uma *erudita*, de origem latina, outra *popular*, de origem vernácula. A forma erudita é constituída pelo radical do adjetivo latino + um dos sufixos *-íssimo*, *-imo* ou *-érrimo*:

fidelíssimo, facílimo, paupérrimo, minutíssimo (muito miúdo).

O sufixo *-érrimo* é restrito aos adjetivos terminados em *r* no latim. Exemplos:

pauper (pobre) originou *pauperrimus*, em latim, e *paupérrimo*, em português.

macer (magro) deu *macerrimus*, em latim, e *macérrimo*, em português.

A forma popular é constituída do radical do adjetivo português + o sufixo *-íssimo*:

altíssimo, pobríssimo, agilíssimo, amarguíssimo, friíssimo, etc.

c) Em vez dos superlativos normais *seriíssimo*, *sumariíssimo*, *ordinariíssimo*, *precariíssimo*, *primariíssimo*, *necessariíssimo*, preferem-se, na língua atual, as formas *seríssimo*, *sumaríssimo*, *ordinaríssimo*, *precaríssimo*, *primaríssimo*, *necessaríssimo*, sem o desagradável hiato *i-í*. Exemplos:

"Ali, estavam simplesmente uns restos, os despojos *precaríssimos*." (ANTÔNIO CARLOS VILAÇA)

"... apresentara-se em trajes *sumaríssimos*, atentando contra o decoro." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE, *Os Dias Lindos*, p. 80)

Cheio e *feio* fazem, respectivamente: *cheíssimo* ou *cheiíssimo*, *feíssimo* ou *feiíssimo*.

14 SUPERLATIVOS ABSOLUTOS SINTÉTICOS ERUDITOS

Eis os principais superlativos absolutos, quase todos exclusivos da língua culta:

acre, *acérrimo*	fácil, *facílimo*	nobre, *nobilíssimo*
alto, *supremo*, *sumo*	feliz, *felicíssimo*	parco, *parcíssimo*
ágil, *agílimo*	feroz, *ferocíssimo*	pequeno, *mínimo*
amargo, *amaríssimo*	fiel, *fidelíssimo*	pessoal, *personalíssimo*
amável, *amabilíssimo*	frágil, *fragílimo*	pio, *piíssimo*

amigo, *amicíssimo*
antigo, *antiquíssimo*
áspero, *aspérrimo*
atroz, *atrocíssimo*
baixo, *ínfimo*
benéfico, *beneficentíssimo*
benévolo, *benevolentíssimo*
bom, *ótimo*
célebre, *celebérrimo*
comum, *comuníssimo*
cristão, *cristianíssimo*
cruel, *crudelíssimo*
difícil, *dificílimo*
doce, *dulcíssimo*
dócil, *docílimo*
frio, *frigidíssimo*
geral, *generalíssimo*
grácil, *gracílimo*
grande, *máximo*
humilde, *humílimo*
incrível, *incredibilíssimo*
inimigo, *inimicíssimo*
íntegro, *integérrimo*
livre, *libérrimo*
magnífico, *magnificentíssimo*
magro, *macérrimo*
mau, *péssimo*
mísero, *misérrimo*
negro, *nigérrimo*
notável, *notabilíssimo*
pobre, *paupérrimo*
pródigo, *prodigalíssimo*
provável, *probabilíssimo*
pudico, *pudicíssimo*
respeitável, *respeitabilíssimo*
sábio, *sapientíssimo*
sagrado, *sacratíssimo*
salubre, *salubérrimo*
são, *saníssimo*
simpático, *simpaticíssimo*
simples, *simplicíssimo*
soberbo, *superbíssimo*
terrível, *terribilíssimo*
veloz, *velocíssimo*
voraz, *voracíssimo*

15 OUTRAS FORMAS DE SUPERLATIVO ABSOLUTO

Pode-se também superlativar a ideia contida no adjetivo:

- por meio de certos prefixos:

  garota *supersimpática*, nave *ultrarrápida*, produto *extrafino*, criança *superalimentada*, temperamento *hipersensível*.

- com a repetição do adjetivo:

  Ela era *linda, linda*! (= Ela era *lindíssima!*)

- por meio de uma comparação:

  feio *como o diabo*, doce *como mel*, valente *como quê*, etc.

- por meio de certas expressões da língua coloquial:

  podre de rico, *linda de morrer*, *magro de dar pena*, etc.

- com a flexão diminutiva do adjetivo:

  A igreja ficou *cheinha*.
  A semente do fumo é *pequenininha*.

- com a flexão aumentativa do adjetivo:

  boi *grandão*, homem *grandalhão*, sinhá *gordalhona*, moço *bonitão*

Observações:

- ✔ O superlativo *meritíssimo* (= de grande mérito, muito digno), tratamento dado, ordinariamente, a juízes de direito, não possui a forma normal correspondente, que seria *mérito* (do lat. *meritus*, merecedor), mas este, em português, se tornou substantivo, sinônimo de *merecimento*.
- ✔ Na linguagem enfática, ocorre *grandessíssimo*, por *grandíssimo*, em expressões depreciativas ou insultuosas: *grandessíssimo* tolo, *grandessíssimo* canalha.
- ✔ Ao lado de *macérrimo*, ocorre frequentemente a forma anormal *magérrimo*, usada por escritores modernistas. Deve ser evitada; não tem tradição na língua.
- ✔ Na linguagem informal, frequente é também o hábito de enfatizar qualidades por meio do sufixo *-érrimo*, em vez de *-íssimo*: *elegantérrimo*, *chiquérrimo*, *chatérrimo*, etc. Veja na página anterior o que se disse acerca do sufixo *-érrimo*, que, em bom português, ocorre em pouco mais de dez superlativos, todos de base latina.
- ✔ Certos adjetivos não comportam as variações de grau. Exemplos: *seguinte*, *mortal*, *eterno*, *onipotente*, *celeste*, *mensal*, *anual*, etc.

EXERCÍCIOS — LISTA 21

1. Dê o grau dos adjetivos:

a) A intemperança não é menos funesta que a preguiça.
b) As abelhas são tão operosas quanto as formigas.
c) "O homem é o pequeníssimo bicho da terra, de que fala o Camões." (Camilo Castelo Branco)
d) "Os mais arrojados em falar são ordinariamente os menos profundos em saber." (Marquês de Maricá)
e) Mercúrio é o menor dos planetas, e Júpiter, o maior deles.
f) Os santos eram extremamente puros, mas não se julgavam melhores que os outros homens.

2. Substitua o ∩ pelo superlativo absoluto sintético erudito dos adjetivos entre parênteses:

a) A ninguém negues o ∩ direito à vida. (**sagrado**)
b) ∩ aeronaves, levais a vida ou a morte? (**velozes**)
c) A chegada do noivo deixou Marta ∩. (**feliz**)
d) Lúcia era uma colega ∩. (**simpática**)
e) É gente ∩, porém de ∩ sentimentos. (**pobre – nobre**)
f) Para o tédio o trabalho é ∩ remédio. (**eficaz**)
g) ∩ sábios iniciaram a vida como ∩ serventes. (**notáveis – humildes**)

3. Escreva as frases, flexionando os adjetivos no grau superlativo absoluto sintético erudito:

a) **Frágeis** criaturas, aceitai o **doce** jugo das leis **sábias** do Criador.
b) Jandira deve ter **sérios** motivos para adiar seu casamento.
c) A mesma iguaria pode ser **boa** para uns e **má** para outros.

4. Escreva corretamente o único superlativo errôneo:
acérrimo – aspérrimo – celebérrimo – elegantérrimo – misérrimo

5. Qual é o grau do adjetivo em destaque na frase?
O jaguar é o mais **perigoso** dos carnívoros de nossas florestas.

6. Releia o item relativo a outras formas de superlativo absoluto. Em seguida, registre superlativos por meio de:
a) um prefixo:
b) repetição do adjetivo:
c) uma comparação:
d) um sufixo diminutivo:

7. Comente os superlativos em destaque:
"Enquanto a **chiquérrima** namorada não vem, ele observa a vizinhança com binóculos." (SUSANA SCHULD, *Jornal do Brasil*, 6/7/91)
"Você é chato, Tomás, **chatérrimo**." (JOSÉ CARDOSO PIRES)
"Os modelos sociais são magros, às vezes **magérrimos**." (MARINA COLASANTI)
"Sabe o que fez, **grandessíssimo** tratante?" (ALEXANDRE HERCULANO)

8. Em seu caderno, escreva os superlativos do texto abaixo, dando-lhes a significação.

Portão

O portão fica bocejando, aberto
para os alunos retardatários.
Não há pressa em viver
nem nas ladeiras duras de subir,
quanto mais para estudar a insípida cartilha.
Mas se o pai do menino é da oposição
à ilustríssima autoridade municipal,
prima da eminentíssima autoridade provincial,
prima por sua vez da sacratíssima
autoridade nacional,
ah, isso não: o vagabundo
ficará mofando lá fora
e leva no boletim uma galáxia de zeros.
A gente aprende muito no portão
fechado.

(CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE, Boitempo – *Menino Antigo*, Record, Rio de Janeiro, 2006)

ADJETIVO
Exercícios de exames e concursos
[Página 671]

NUMERAL

Nos exemplos seguintes, as palavras destacadas são numerais:

Comprei **cinco** livros.	**cinco**	→	número, quantidade
Moro no **segundo** andar.	**segundo**	→	ordem numérica
Comemos um **terço** do bolo.	**terço**	→	parte, fração
Trinta é o **triplo** de dez.	**triplo**	→	múltiplo

1 NUMERAL

Numeral é uma palavra que exprime número, ordem numérica, múltiplo ou fração.

O numeral pode ser *cardinal*, *ordinal*, *multiplicativo* e *fracionário*. Exemplos:

dez litros; *sexta* série; um *terço* do bolo; o *triplo* de vinte.

Incluem-se entre os numerais as seguintes palavras:

- **zero**

  grau *zero*, *zero* hora, *zero* quilômetro.

- **ambos** (= os dois, um e outro), **ambas** (= as duas, uma e outra)

  São substantivos coletivos numéricos:

  a) *par*, *dezena*, *década*, *dúzia*, *vintena*, *centena*, *centúria*, *grosa*, *milheiro*, *milhar* e outros coletivos que indicam um agrupamento numericamente exato;

  b) *biênio*, *triênio*, *quadriênio*, *lustro* ou *quinquênio*, *década* ou *decênio*, *milênio*, *centenário* e *sesquicentenário* (150 anos), referentes a anos;

  c) *tríduo* e *novena*, referentes a dias, e *bimestre*, *trimestre*, *semestre*, relativos a meses.

Observação:

✔ As palavras *último*, *penúltimo* e *antepenúltimo* são adjetivos. *Metade* é substantivo.

2 FLEXÃO DOS NUMERAIS

Alguns numerais se flexionam, outros não.

- Os **cardinais**, com exceção de *um* (fem. *uma)*, *dois* (fem. *duas*) e daqueles terminados em *-entos* e *-ão* (duzentas, trezentas, milhões, etc.), são invariáveis.
- Os **ordinais** variam em gênero e número: *primeira* volta, *primeiros* resultados, as *segundas* eleições, etc.
- No plural flexionam-se os numerais cardinais substantivados que terminam por fonema vocálico: dois *cinquentas*, dois *setes*, três *oitos*, dois *cens*, quatro *uns*, etc. Permanecem invariáveis os que finalizam por fonema consonantal: Pedro tirou quatro *seis* e dois *dez*, nos testes mensais.

3 LEITURA E ESCRITA DOS NÚMEROS

Intercala-se a conjunção **e** entre as centenas e as dezenas e entre estas e as unidades. Exemplo:

3.655.264 = três milhões seiscentos **e** cinquenta **e** cinco mil duzentos **e** sessenta **e** quatro

Observações:

✔ Na escrita dos números por extenso não se põe vírgula entre uma classe e outra.

✔ Não se usa ponto na escrita dos anos: 1998, 2000, 2005, etc.

4 QUADRO DOS PRINCIPAIS NUMERAIS

Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
um	primeiro	—	—
dois	segundo	dobro, duplo	meio
três	terceiro	triplo (tríplice)	terço
quatro	quarto	quádruplo	quarto
cinco	quinto	quíntuplo	quinto
seis	sexto	sêxtuplo	sexto
sete	sétimo	sétuplo	sétimo
oito	oitavo	óctuplo	oitavo
nove	nono	nônuplo	nono
dez	décimo	décuplo	décimo
onze	décimo primeiro	—	onze avos
doze	décimo segundo	—	doze avos
treze	décimo terceiro	—	treze avos

Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
catorze	décimo quarto	—	catorze avos
quinze	décimo quinto	—	quinze avos
dezesseis	décimo sexto	—	dezesseis avos
dezessete	décimo sétimo	—	dezessete avos
dezoito	décimo oitavo	—	dezoito avos
dezenove	décimo nono	—	dezenove avos
vinte	vigésimo	—	vinte avos
trinta	trigésimo	—	trinta avos
quarenta	quadragésimo	—	quarenta avos
cinquenta	quinquagésimo	—	cinquenta avos
sessenta	sexagésimo	—	sessenta avos
setenta	septuagésimo	—	setenta avos
oitenta	octogésimo	—	oitenta avos
noventa	nonagésimo	—	noventa avos
cem, cento	centésimo	cêntuplo	centésimo
duzentos	ducentésimo	—	ducentésimo
trezentos	trecentésimo	—	trecentésimo
quatrocentos	quadringentésimo	—	quadringentésimo
quinhentos	quingentésimo	—	quingentésimo
seiscentos	sexcentésimo	—	sexcentésimo
setecentos	setingentésimo	—	setingentésimo
oitocentos	octingentésimo	—	octingentésimo
novecentos	nongentésimo	—	nongentésimo
mil	milésimo	—	milésimo
milhão	milionésimo	—	milionésimo
bilhão	bilionésimo	—	bilionésimo

5 FORMAS DUPLAS

Os seguintes numerais apresentam mais de uma forma:

undécimo *ou* décimo primeiro
duodécimo *ou* décimo segundo
catorze *ou* quatorze
septuagésimo *ou* setuagésimo
sexcentésimo *ou* seiscentésimo
septingentésimo *ou* setingentésimo
noningentésimo *ou* nongentésimo

A partir de *dois mil* é melhor usar *segundo milésimo, terceiro milésimo*, etc., do que *dois milésimos, três milésimos*, etc. Assim:

No segundo milésimo quingentésimo aniversário da fundação da cidade...
Na terceira milésima ducentésima vigésima quinta página da enciclopédia...

EXERCÍCIOS LISTA 22

1. Escreva por extenso os números seguintes:

112 – 660 – 7.663.251 – 3.012.005 – 14.612.063 – 216.153.374.001

2. Escreva por extenso os ordinais correspondentes aos seguintes cardinais:

12, 20, 50, 60, 70, 80, 90, 200, 300, 400, 500, 600, 700, 800, 900, 258, 10.000, 100.000, 1.000.000

3. Escreva os números por extenso e pluralize os substantivos:

3 (pãozinho)	1.222 (laranja)
12 (leitãozinho)	660 (grama)
14 (papelzinho)	1.001 (razão)

4. Informe quantos anos representam estes substantivos coletivos numéricos:

década
lustro
milênio
quadriênio
século
quinquênio
bicentenário
sesquicentenário

5. Escreva os numerais por extenso:

século V
século XIX
capítulo III
capítulo XI
Paulo VI
Leão XIII
D. Pedro II
Luís XV

6. Informe se **um** e **uma** são artigos ou numerais:

Eis **uma** afirmação primária: se de **um** número positivo eu tiro **um**, diminuo-o de **uma** unidade.

7. Escreva as frases, substituindo os asteriscos pelas formas corretas dos numerais indicados entre parênteses:

a) Pelo serviço, deram-lhe *** reais. (*mil – um mil*)

b) Era o *** carro sorteado. (*octagésimo – octogésimo*)

c) Elói mora na Rua *** de Setembro. (*VII – Sete*)

d) Havia mais de *** de desempregados. (*1,5 milhões – 1,5 milhão*)

e) Abri o livro na página ***. (*décima quinta – 15*)

f) Nasceu no dia *** de maio de 1990. (*1º – 1*)

8. Como se leem os numerais em destaque?

a) São Paulo comemorou seu **450º** aniversário com dezenas de atrações.

b) Durante a vacinação em massa, **1.255.352** pessoas foram imunizadas.

c) Esse foi seu **45º** gol no Flamengo.

d) Você sabe se esse conflito ocorreu no século **IX** ou no **XI**?

e) Amanhã comemoramos o **80º** aniversário da empresa.

9. Escreva por extenso os numerais representados por algarismos nas frases abaixo. Faça a concordância necessária:

a) O artigo (9º) do Regimento Interno fala da constituição da mesa diretora, porém a cláusula (1ª) não menciona a presença de representantes.

b) A professora atribuiu três (8), dois (9) e quatro (7) ao grupo.

c) O livro tem (240) páginas.

d) Vamos imediatamente tirar a prova dos (9).

10. Veja se é possível passar os numerais para o feminino plural. Se for, copie a frase fazendo as alterações necessárias:

a) O segundo colocado também será premiado.

b) O primeiro a entrar deu um grito e saiu correndo.

11. Diga se os algarismos que aparecem nas frases abaixo devem ser lidos como ordinais ou cardinais.

a) Você conhece a vida de D. Pedro II?

b) O papa que escreveu essa encíclica mencionada no texto foi João XXIII.

c) Foi D. João VI que determinou a abertura dos portos?

d) Leiam para a próxima aula do capítulo III ao capítulo VIII. E, para a semana seguinte, do capítulo IX ao XV. Depois discutiremos o capítulo XXII em classe.

e) O rei Henrique VIII também participou desses acontecimentos?

12. Suponha que você ganhou na loteria e recebeu um prêmio de R$ 21.216.817,00. Como estaria preenchida a linha que, no cheque, indica por extenso a quantia a ser paga ao portador?

NUMERAL
Exercícios de exames e concursos
[Página 672]

PRONOME

Na frase:

Prendi *teu* cachorro, mas não *o* maltratei.

a palavra **o** substitui e representa o substantivo **cachorro** e a palavra **teu** o determina, isto é, indica que o animal pertence à 2ª pessoa do discurso (a pessoa com quem se fala).

As palavras **o** e **teu**, nessa frase, são *pronomes*.

1 PRONOMES

Pronomes são palavras que substituem os substantivos ou os determinam, indicando a pessoa do discurso.

Pessoa do discurso é a que participa ou é objeto do ato da comunicação.

2 CLASSIFICAÇÃO DOS PRONOMES

Há seis espécies de pronomes:

- pessoais
- possessivos
- demonstrativos
- indefinidos
- relativos
- interrogativos

3 PRONOMES SUBSTANTIVOS E PRONOMES ADJETIVOS

No exemplo citado acima, a palavra **o** é *pronome substantivo*, porque substitui o substantivo *cachorro*, ao passo que **teu** é *pronome adjetivo*, porque determina o substantivo junto do qual se encontra.

4 PRONOMES PESSOAIS

Observe as palavras destacadas deste exemplo:

Mauro havia deitado tarde. *Ele* ainda dormia quando a mãe *o* chamou.

As palavras **ele** e **o** substituem o nome *Mauro*, que é a 3ª pessoa do discurso, ou seja, a pessoa de quem se fala. Por isso, **ele** e **o**, nessa frase, são *pronomes pessoais*.

Pronomes pessoais são palavras que substituem os substantivos e representam as pessoas do discurso.

As pessoas do discurso (ou pessoas gramaticais) são três:

- **1ª pessoa**
  a que fala: *eu, nós*
- **2ª pessoa**
  a com quem se fala: *tu, vós*
- **3ª pessoa**
  a pessoa ou coisa de que se fala: *ele, ela, eles, elas*

Os pronomes pessoais dividem-se em *retos* e *oblíquos*:

- **pronomes retos**
  Funcionam, em regra, como sujeito da oração.
- **oblíquos**
  Funcionam como objetos ou complementos.

Exemplos:

Sujeito	**Objeto**	**Verbo**
Eu	te	convido.
Nós	o	ajudamos.
Ela	me	chamou.
Eles	lhe	bateram.

Quadro dos Pronomes Pessoais

Pessoas do discurso	**Pronomes retos**	**Pronomes oblíquos**
	Função subjetiva	**Função objetiva**
1ª pessoa do singular	eu	me, mim, comigo
2ª pessoa do singular	tu	te, ti, contigo
3ª pessoa do singular	ele, ela	se, si, consigo, lhe, o, a
1ª pessoa do plural	nós	nos, conosco
2ª pessoa do plural	vós	vos, convosco
3ª pessoa do plural	eles, elas	se, si, consigo, lhes, os, as

Quanto à acentuação, os pronomes oblíquos monossilábicos dividem-se em:

- **tônicos**

mim, ti, si

- **átonos**

me, te, se, lhe, lhes, o, a, os, as, nos, vos

Associados a verbos terminados em *-r*, *-s* ou *-z*, e à palavra *eis*, os pronomes **o**, **a**, **os**, **as** assumem as antigas formas **lo**, **la**, **los**, **las**, caindo aquelas consoantes. Exemplos:

Mandaram prendê-**lo**. Ajudemo-**la**. Fê-**los** entrar. Ei-**lo** aqui!

Associados a verbos terminados em ditongo nasal (*-am*, *-em*, *-ão*, *-õe*), os ditos pronomes tomam as formas **no**, **na**, **nos**, **nas**:

Trazem-**no**. Ajudavam-**na**. Dão-**nos** de graça. Põe-**no** aqui.

- **Pronomes oblíquos reflexivos**

São os que se referem ao sujeito da oração, sendo da mesma pessoa que este. Exemplos:

Alexandre só pensa em **si**.

O operário feriu-**se** ao subir no muro.

Tu não **te** enxergas?

Eu **me** machuquei na escada.

Nós **nos** perfilamos corretamente.

A mãe trouxe as crianças **consigo**.

Com exceção de **o**, **a**, **os**, **as**, **lhe**, **lhes**, os demais pronomes oblíquos podem ser reflexivos.

Os pronomes *migo*, *tigo*, *sigo*, *nosco*, *vosco*, do português antigo, se combinaram com a preposição *com*, dando as formas atuais: **comigo**, **contigo**, **consigo**, **conosco**, **convosco**.

5 PRONOMES DE TRATAMENTO

Entre os pronomes pessoais incluem-se os *pronomes de tratamento*, também chamados *formas de tratamento*, que se usam no trato com as pessoas. Dependendo da pessoa a quem nos dirigimos, do seu cargo, título, idade, dignidade, o tratamento será familiar ou cerimonioso.

Eis os principais pronomes de tratamento, seguidos de suas abreviaturas, que, de modo geral, devem ser evitadas:

você (v.): no tratamento familiar, informal

o senhor (Sr.), *a senhora* (Sr.ª): no tratamento de respeito

a senhorita (Sr.ª): a moças solteiras

Vossa Senhoria (V. S.ª): para pessoas de cerimônia, principalmente na correspondência comercial; para funcionários graduados

Vossa Excelência (V. Ex.ª): para altas autoridades

Vossa Reverendíssima (V. Rev.ma): para sacerdotes

Vossa Eminência (V. Em.ª): para cardeais

Vossa Santidade (V. S.): para o Papa

Vossa Majestade (V. M.): para reis e rainhas

Vossa Majestade Imperial (V. M. I.): para imperadores

Vossa Alteza (V. A.): para príncipes, princesas e duques

Esses pronomes são da 2ª pessoa, mas se usam com as formas verbais e os pronomes possessivos da 3ª pessoa. Exemplo:

"Vossa Majestade **pode** partir tranquilo para a *sua* expedição." (VIVALDO COARACI)

Referindo-se à 3ª pessoa, apresentam-se com o possessivo *sua*: *Sua Senhoria*, *Sua Excelência*, *Sua Majestade*, etc. Exemplos:

Sua Excelência volta hoje para Brasília.

"Certa manhã, *Sua Majestade* o rei Marcos I acordou ao som de tiros."

(OFÉLIA E NARBAL FONTES)

Observações:

✔ *Você* (plural *vocês*), usado no trato familiar e íntimo, é a contração de *vosmecê*, que, por sua vez, deriva de *Vossa Mercê*.

✔ Na linguagem popular, é de uso generalizado o tratamento *seu*, forma reduzida de *senhor*: Como vai, *seu* Pedro?

6 PRONOMES POSSESSIVOS

Os *pronomes possessivos* referem-se às pessoas do discurso, atribuindo-lhes a posse de alguma coisa. Por exemplo, na frase:

Meu relógio estava atrasado.

a palavra **meu** informa que o relógio pertence à 1ª pessoa (*eu*). **Meu**, portanto, é um pronome possessivo.

Eis as formas dos pronomes possessivos:

- **1ª pessoa do singular**

  meu, minha, meus, minhas

- **2ª pessoa do singular**

  teu, tua, teus, tuas

- **3ª pessoa do singular**

  seu, sua, seus, suas

- **1ª pessoa do plural**

  nosso, nossa, nossos, nossas

- **2ª pessoa do plural**

  vosso, vossa, vossos, vossas

- **3ª pessoa do plural**

  seu, sua, seus, suas

7 PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Pronomes demonstrativos são os que indicam o lugar, a posição ou a identidade dos seres, relativamente às pessoas do discurso. Exemplos:

Compro **este** carro (aqui).

(O pronome **este** indica que o carro está perto da pessoa que fala.)

Compro **esse** carro (aí).

(O pronome **esse** indica que o carro está perto da pessoa com quem falo ou afastado da pessoa que fala.)

Compro **aquele** carro (lá).

(O pronome **aquele** diz que o carro está afastado da pessoa que fala e daquela com quem falo.)

Aos pronomes *este, esse, aquele* correspondem *isto, isso, aquilo*, que são invariáveis e se empregam exclusivamente como substitutos dos substantivos. Exemplos:

Isto é meu.
Isso que você está levando é seu?
Aquilo que Dario está levando não é dele.

São os seguintes os pronomes demonstrativos:

- *este(s), esta(s), esse(s), essa(s), aquele(s), aquela(s), aqueloutro(s), aqueloutra(s), mesmo(s), mesma(s), próprio(s), própria(s), tal, tais, semelhante(s)*

As contrações *aqueloutro, aqueloutra* são raramente usadas em lugar de *aquele outro, aquela outra*.

- *isto, isso, aquilo, o, a, os, as*

  Exemplos:

  Estes rapazes são os mesmos que vieram ontem.

  Os **próprios** sábios podem enganar-se.

  Não digas **tal**.

  Tais crimes não podem ficar impunes.

  Não faças **semelhantes** coisas.

  Ninguém sabe **o** que ele resolveu. [*o* = aquilo]

  Ela casou ontem. Não **o** sabias? [*o* = isso]

"Teus dentes não são tão brancos quanto eu **o** desejaria." (LÊDO IVO)

São poucos **os** que sabem **isto**. [*os* = aqueles]

Sabeis ser gentis quando **isso** vos convém.

"Eu sou **a** que no mundo anda perdida." (FLORBELA ESPANCA) [*a* = aquela]

"Nunca tive um jardim que se parecesse com **aqueloutro** que ficou lá longe."

(VIVALDO COARACI)

Observações:

✔ *O, a, os, as* – que também podem ser artigos e pronomes pessoais – são pronomes demonstrativos quando equivalem a *isto, aquilo, aquele, aquela, aqueles, aquelas*: Leve *o* (= aquilo) que lhe pertence. É esta *a* (= aquela) que você quer?

✔ A locução *o quê*, salvo melhor interpretação, é pronome demonstrativo em frases como: O médico examinou minuciosamente o enfermo; após *o quê*, prescreveu-lhe repouso absoluto. [*o quê* = isso]

✔ Pode ocorrer a contração das preposições *a, de, em* com pronome demonstrativo: *àquele, àquela, deste, desta, disso, nisso, no*, etc. Exemplos:

Cheguei *àquele* sítio às 10 horas. [*àquele* = a aquele]

Não acreditei *no* que estava vendo. [*no* = naquilo]

6 PRONOMES RELATIVOS

Veja este exemplo:

Armando comprou a casa **que** lhe convinha.

A palavra **que** representa o substantivo *casa*, relaciona-se com o termo *casa*: é um *pronome relativo*.

Pronomes relativos *são palavras que representam substantivos já referidos, com os quais estão relacionadas. Daí denominarem-se* relativos.

A palavra que o pronome relativo representa chama-se *antecedente*. No exemplo dado, o antecedente de **que** é **casa**.

Outros exemplos de pronomes relativos:

Sejamos gratos a Deus, a **quem** tudo devemos.

O lugar **onde** paramos era deserto.

Traga tudo **quanto** lhe pertence.

Leve tantos ingressos **quantos** quiser.

Posso saber o motivo por **que** (ou pelo **qual**) desistiu do concurso?

Levarei alguns livros na viagem, com **os quais** pretendo encher o tempo.

"Por fim, entrou numa rua larga, com muitas árvores, através **das quais** se avistava o rio."

(ÉRICO VERÍSSIMO)

"Depois, seu olhar se fixou no corrimão da escada, **cujos** degraus não voltaria a pisar."

(LÊDO IVO)

"... uma catedral imensa, **cujas** torres tocassem o céu." (CIRO DOS ANJOS)

"Tirei um colete velho, em **cujo** bolso trazia cinco moedas de ouro." (MACHADO DE ASSIS)

"Afinal deram com uma caverna, **cuja** entrada transpuseram com agilidade."

(MARIA DE LOURDES TEIXEIRA)

Eis o quadro dos pronomes relativos:

VARIÁVEIS				INVARIÁVEIS
masculino		feminino		
o qual	os quais	a qual	as quais	quem
cujo	cujos	cuja	cujas	que
quanto	quantos	quanta	quantas	onde

Observações:

- ✔ O pronome relativo *quem* só se aplica a pessoas, tem antecedente, vem sempre precedido de preposição e equivale a *o qual*: O médico de *quem* falo é meu conterrâneo.
- ✔ Os pronomes *cujo, cuja* significam *do qual, da qual* e precedem sempre um substantivo sem artigo: Qual será o animal *cujo nome* a autora não quis revelar? [*cujo nome* = o nome do qual]
- ✔ *Quanto(s)* e *quanta(s)* são pronomes relativos quando precedidos de um dos pronomes indefinidos *tudo, tanto(s), tanta(s), todos, todas*: Tenho tudo *quanto* quero. Leve tantos *quantos* precisar. Nenhum ovo, de todos *quantos* levei, se quebrou.
- ✔ *Onde*, como pronome relativo, tem sempre antecedente e equivale a *em que*: A casa *onde* moro foi de meu avô. [*onde* = em que]

Os pronomes relativos nos permitem reunir duas orações numa só frase. Exemplos:

Das árvores caíam folhas.
O vento levava essas folhas. } Das árvores caíam folhas, **que** o vento levava.

Os planetas são súditos.
O rei deles é o Sol. } Os planetas são súditos **cujo** rei é o Sol.

O futebol é um esporte.
O povo gosta muito deste esporte. } O futebol é um esporte **de que** o povo gosta muito.

Visitei a cidade.
Você nasceu nessa cidade. } Visitei a cidade **onde** você nasceu.

O local é perigoso.
Você se dirige ao local. } É perigoso o local **a que** você se dirige.

Tenho uma coleção de quadros.
Já me ofereceram milhões por ela. } Tenho uma coleção de quadros **pela qual** já me ofereceram milhões.

9 PRONOMES INDEFINIDOS

Estes pronomes se referem à 3ª pessoa do discurso, designando-a de modo vago, impreciso, indeterminado.

▪ Pronomes indefinidos substantivos

Funcionam como substantivo.

algo, alguém, fulano, sicrano, beltrano, nada, ninguém, outrem, quem, tudo

Exemplos:

Algo o incomoda?
Acreditam em **tudo** o que **fulano** diz ou **sicrano** escreve.
Não faça a **outrem** o que não queres que te façam.
Quem avisa amigo é.
Encontrei **quem** me pode ajudar.
Ele gosta de **quem** o elogia.

Observação:

✔ *Quem*, pronome indefinido, ao invés do pronome relativo *quem*, não tem antecedente.

▪ Pronomes indefinidos adjetivos

Funcionam como adjetivo.

cada, certo, certos, certa, certas

Exemplos:

Cada povo tem seus costumes.

Certas pessoas exercem várias profissões.

Certo dia apareceu em casa um repórter famoso.

- **Ora são pronomes adjetivos, ora pronomes substantivos**

algum, alguns, alguma(s), bastante(s) (= muito, muitos), demais, mais, menos, muito(s), muita(s), nenhum, nenhuns, nenhuma(s), outro(s), outra(s), pouco(s), pouca(s), qualquer, quaisquer, qual, que, quanto(s), quanta(s), tal, tais, tanto(s), tanta(s), todo(s), toda(s), um, uns, uma(s), vários, várias

Exemplos:

Alguns contentam-se com **pouco**.

Nesses rios havia **muito** ouro.

Fiquei **bastante** tempo à sua espera.

Nenhum dia se passe, sem que **algum** bem se faça.

"**Menos** palavras e **mais** ações", disse ele, encerrando o discurso.

Dois tripulantes se salvaram; os **demais** pereceram.

"Seu Ivo não mora em parte **nenhuma**." (Graciliano Ramos)

Quantos há ali a quem a fome obriga a aceitar **quaisquer** tarefas!

João tinha **vários** planos, **qual** (= cada qual) mais arrojado e difícil.

Não sabíamos **que** fazer; no entanto, havia **muito** que fazer.

Eu estava invadida não sei por **que** estranhos sentimentos.

Que loucura cometeste!

O médico atendia a **quantos** o procurassem.

"Olhos de **tanta** suavidade **quanta** penetração." (Camilo Castelo Branco)

Diz as coisas com **tal** jeito que **todos** o aprovam.

"Mas, apesar disso, **um** que facilitou, como eu, está sempre com a pulga atrás da orelha."
(Monteiro Lobato)

Uns partem, **outros** ficam.

Observações:

✔ Os pronomes deste grupo que exprimem quantidade, como *mais, menos, muito, pouco*, etc., funcionam como advérbios de intensidade, quando modificam adjetivos, verbos ou advérbios. *Quanto*, além de pronome indefinido (*Quanto* dinheiro gastou!), pode ser pronome relativo (Devolva tudo *quanto* lhe dei.) e advérbio de intensidade (Você sabe *quanto* a estimo.).

✔ *Bastante*, na acepção de *suficiente*, é adjetivo: Há comida *bastante*? Não houve provas *bastantes* para condenar o réu.

✔ Quando são pronomes adjetivos, *um, uns, uma(s)* confundem-se, na maioria dos casos, com os artigos indefinidos.

- **Locuções pronominais indefinidas**

cada qual, cada um, qualquer um, quantos quer (que), quem quer (que), seja quem for, seja qual for, todo aquele (que), tal qual (= certo), tal e qual, tal ou qual, um ou outro, uma ou outra, etc.

Exemplos:

"**Cada qual** tem o ar que Deus lhe deu." (MACHADO DE ASSIS)

"No tronco havia **tal qual** inclinação." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"... com **tais e tais** enfeites." (MACHADO DE ASSIS)

"Sentia umas **tais ou quais** cócegas de curiosidade." (MACHADO DE ASSIS)

Apenas **uma ou outra** pessoa entrava naquela loja.

10 PRONOMES INTERROGATIVOS

Os pronomes interrogativos se usam em frases interrogativas. Como os indefinidos, referem-se de modo impreciso à 3ª pessoa do discurso. Exemplos:

Que há?	**Que** dia é hoje?
Reagir contra **quê**?	Por **que** motivo não veio?
Quem foi?	**Qual** será?
Quantos vêm?	**Quantas** pessoas moram aqui?

EXERCÍCIOS — LISTA 23

1. A que pessoa do discurso se referem os pronomes desta frase?

Você deve ir **comigo** para **os** receber.

2. Escreva as frases, colocando na frente **A** ou **S,** conforme houver **pronome adjetivo** ou **pronome substantivo**:

Aquilo não era bom sinal.

O mascate conhecia bem aquelas paragens.

Havia muita gente.

Quem avisa amigo é.

3. Reorganize as colunas, realizando a correspondência correta entre as frases, de acordo com os pronomes em destaque:

Isto é muito importante.	(1) pessoal
Todos **a** olhavam curiosos.	(2) possessivo
Veja **quem** é.	(3) demonstrativo
São amiguinhas a **quem** quero muito bem.	(4) indefinido

Que lhe diria você? (5) relativo

Guardei o que é **vosso**. (6) interrogativo

4. Substitua o * pelos pronomes pessoais adequados, na pessoa indicada entre parênteses:

a) Que * teria acontecido? (3ª pessoa do plural)

b) Aqui ninguém * incomodará. (3ª pessoa do plural)

c) Ele falava alto para * ouvi-lo. (1ª pessoa do singular)

d) Após ligeiro desmaio, ela voltou a * . (3ª pessoa do singular)

e) Meus amigos imploravam para * atravessar o rio. (1ª pessoa do singular)

f) O que resta agora entre mim e * ? (2ª pessoa do singular)

g) Os gritos dele chegaram até *. (1ª pessoa do singular)

5. Anexe corretamente os pronomes oblíquos aos verbos:

a) chamar + o =

b) conhecer + a =

c) levem + o =

d) indispõe + a =

e) convidam + o =

f) seguimos + os =

g) vimos + as =

h) fez + os =

6. Escreva as frases, colocando em seguida a elas **A** ou **T**, conforme o pronome em destaque seja átono ou tônico:

Não **nos** apressemos.

Elói era um rapaz cheio de **si**.

Não vá sem **mim**.

Ele atirou-**se** ao mar.

7. Copie somente a frase em que ocorre pronome reflexivo:

Pendura-**se** a roupa num galho de árvore.

O macaco pendura-**se** num galho de árvore.

8. Copie apenas o pronome de tratamento referente a príncipes:

Vossa Excelência – Vossa Eminência – Vossa Alteza

9. Substitua corretamente * por **Vossa** ou **Sua**, conforme a pessoa do discurso:

a) * Excelência estava bem-humorado. (3ª pessoa)

b) * Excelência pretende viajar para a Europa? (2ª pessoa)

10. Reconheça e classifique os pronomes:

a) "Qualquer pessoa que lesse tal coisa não a levaria a sério." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

b) "Ninguém teve coragem de falar antes que ela o fizesse." (JOSÉ CONDÉ)

c) "Tudo isso são prazeres que um intelectual modesto pode usufruir." (RUBEM BRAGA)

d) "Olhe, se esta [casa] vale os cinquenta contos, quantos não vale a que você deseja para si, a do Campos?" (MACHADO DE ASSIS)

e) "O alumínio era algo que as fascinava." (EDY LIMA)

f) "Quem pode adivinhar o que se passa na mente de outrem?" (JOSÉ FONSECA FERNANDES)

g) "E depois todos entravam numa jaula cuja chave se perdia." (LÊDO IVO)

h) "Iam pela ilharga da montanha, sobre lajes que tornavam cavos quaisquer ruídos." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

11. Identifique os pronomes relativos e indique seus antecedentes:

a) O artista vendeu todos os quadros que pintou.

b) Já houve muitas espécies de elefantes, das quais só restam duas.

c) Queria ir para uma cidade onde houvesse mais conforto.

d) O diretor recebeu os ex-alunos, com quem manteve longa conversa.

e) Abri um grande álbum, cujas páginas estavam amarelecidas.

12. Por meio de pronomes relativos adequados, junte cada par de frases numa só, fazendo as modificações necessárias.

a) Tio Onofre contava histórias. As histórias dele me apavoravam.

b) Junto à fonte vi uma jovem. Pedi a ela um pouco d'água.

c) Os planetas são súditos. O rei deles é o Sol.

d) Veja o perigo. Você se expõe a esse perigo.

e) Antes do jogo houve uma cerimônia cívica. Durante essa cerimônia o povo se manteve em silêncio.

13. Classifique a palavra **um** de acordo com a classe gramatical a que pertence.

O que **um** faz todos aprovam.	(1) artigo indefinido
Não lhe sobrou **um** só real.	(2) pronome indefinido
Lutou como **um** herói.	(3) numeral cardinal

14. Classifique o pronome **quem** destacado nas frases abaixo, de acordo com a coluna numerada:

Quem procura acha.

Quem é perfeito?

Conhece a pessoa a **quem** me refiro?

(1) **relativo**

(2) **indefinido**

(3) **interrogativo**

15. Copie as frases abaixo, antepondo as letras **R**, **D** ou **T**, conforme o pronome **que** for **relativo**, **indefinido** ou **interrogativo**.

As aulas a **que** assisti foram proveitosas.

"**Que** incógnitos veios de ouro exploram?" (Camilo Castelo Branco)

Não sabia **que** responder.

Você o chamou para **quê**?

"Cada experiência por **que** passamos é favor da vida." (Vivaldo Coaraci)

"Desanimaram não sei por **quê**." (Aníbal Machado)

16. Copie as frases e ao lado de cada uma escreva **A**, **D**, **O** ou **P**, conforme as palavras **o**, **a**, **os**, **as** forem **artigo**, **pronome demonstrativo**, **pronome pessoal oblíquo** ou **preposição**.

a) Corro até **a** janela e abro-**a**.

b) Abri **a** do meio e daí **a** pouco **a** fechei.

c) Amparei **os** que precisavam de amparo.

d) **As** que eu tenho não **as** dou **a** ninguém.

e) Não **o** aconselho **a** ficar aqui.

f) "Era uma bela ponte, ele próprio **o** reconhecia." (Aníbal Machado)

g) "**A** modéstia doura **os** talentos, **a** vaidade **os** deslustra." (Marquês de Maricá)

h) Eu não **a** ajudo por interesse: faço-**o** por pura amizade.

17. Substitua o * nas frases pelos pronomes pessoais oblíquos adequados:

a) Quando * pedem algum favor, Nélson * faz com prazer.

b) Eles tentam fugir, mas não conseguem: uma estranha força * mantém imóveis.

c) Quando a atriz aparecia, saudavam * aos gritos, atiravam * flores.

d) A esbelta ginasta rodopiou sobre * mesma, leve, graciosa.

18. Troque o * por pronomes relativos adequados ao contexto:

a) Ele não respondeu à pergunta * lhe fiz.

b) Aproximei-me da mesa de pingue-pongue, sobre * havia duas raquetes.

c) São perigosos os rios em * águas vivem sucuris.

d) O moço a * me dirigi parecia ser o gerente da loja.

e) Elza chamou o filho da vizinha, * veio correndo.

19. Reorganize as colunas, de maneira a corresponderem à classe gramatical de **quanto**:

Quanto ouro existe ali!	(1) pronome relativo
Tenho tudo **quanto** quero.	(2) pronome indefinido
Sabes **quanto** te amo.	(3) advérbio de intensidade

20. Forme uma frase com o pronome **menos** seguido de substantivo feminino.

21. Substitua os asteriscos nas frases pelos pronomes adequados:

a) Percorri ***** país, de norte a sul. (*todo – todo o*)

b) Nem ***** país é banhado pelo mar. (*todo – todo o*)

c) Peço a Vossa Senhoria me envie o ***** currículo. (*seu – vosso*)

d) Lembra a água corrente ***** tua voz. (*esta – essa*)

e) Grave bem *****: É melhor prevenir o mal do que remediá-lo. (*isto – isso*)

22. Aponte os substantivos a que se referem os pronomes oblíquos usados nas frases abaixo:

a) Sérgio trouxe uma camisa e, com repugnância, **a** entregou ao irmão.

b) "Escrevo perfeitamente ouvindo os grilos. Havia uma orquestra deles, mas eu nem **os** notava." (Graciliano Ramos)

c) "[...]e a velha tinha um ar sabido, nem sequer escondia o sorriso. O melhor seria não deixá-**la** sozinha na saleta, com o armário de louça nova." (Clarice Lispector)

d) "Com tanto choro, o pai acordou lá dentro, e veio, estremunhado, ver de que se tratava. O menino mostrou-**lhe** a tartaruga morta." (Millôr Fernandes)

23. Complete usando o pronome demonstrativo adequado para indicar a posição dos objetos em relação às pessoas do discurso:

a) Traga-me * revista. (*A revista está longe do falante e do ouvinte.*)

b) Onde você comprou * revista? (*A revista está nas mãos do ouvinte.*)

c) * camisa é um presente para você. (*O objeto está nas mãos do falante.*)

24. Complete as frases usando corretamente as formas pronominais **eu** ou **mim**:

a) O cãozinho deitou-se entre * e meu namorado.

b) Eu sempre socorri os que precisavam de *.

c) Este exercício é para * fazer em casa?

d) Você está certo de que as rosas são para * ?

e) Essas rosas são para * entregar à Marta?

f) Não faça nada sem * mandar!

25. Reescreva as frases substituindo o termo destacado por um pronome oblíquo:

a) Entreguei *seu material* ao diretor.

b) Entreguei seu material *ao diretor*.

c) Levei *os alunos da creche* ao parque de diversões.

d) Pretendo consultar *o advogado* imediatamente.

e) Fizeram *o funcionário* desistir da promoção!

26. Aponte e corrija erros na utilização dos pronomes pessoais; apenas em uma frase não há erro:

a) Renato estava entre eu e Leandro.

b) Professor, queremos conversar consigo.

c) O médico trouxe consigo os remédios que utilizaria durante a consulta.

d) Receberam nós com carinho e atenção.

e) Infelizmente, não deu para mim sair mais cedo hoje.

f) Liana, tenho uma encomenda para si.

27. Faça o mesmo em relação aos pronomes demonstrativos e relativos. Apenas em uma frase não há erro:

a) Chorar e lamentar-se, isto não resolverá seus problemas.

b) Pense nisso: amanhã estaremos em nossa velha casa.

c) Até este chapéu que tens na cabeça me pertence!

d) Os pais cujos os filhos se comportaram mal deverão permanecer na sala.

e) Pretendíamos falar duramente com ele, mas não o fizemos.

f) Taís e Renato tinham temperamentos diferentes: esta era calma e alegre; aquele, agitado e loquaz.

28. O pronome pessoal utilizado *consigo*, no item *c)* do exercício 26, foi utilizado corretamente. Use-o em outra frase.

29. O pronome demonstrativo *o*, no item *e)* do exercício 27, foi usado corretramente. Use-o numa frase semelhante.

PRONOME
Exercícios de exames e concursos
[Página 673]

VERBO

Considere estes exemplos:

O criado **abriu** o portão.	[**abriu** exprime uma ação]
Fernando **estava** doente.	[**estava** exprime um estado, uma situação]
Nevou em São Joaquim.	[**nevou** exprime um fato, um fenômeno]

As palavras *abriu*, *estava* e *nevou* são verbos.

1 VERBO

Verbo é uma palavra que exprime ação, estado, fato ou fenômeno.

O verbo é palavra indispensável na organização do período.

Dentre as classes de palavras, o verbo é a mais rica em flexões. Com efeito, o verbo reveste diferentes formas para indicar a pessoa do discurso, o número, o tempo, o modo e a voz. Ao conjunto ordenado das flexões ou formas de um verbo dá-se o nome de *conjugação*.

2 PESSOA E NÚMERO

O verbo varia para indicar o número e a pessoa. Exemplo:

	singular	**plural**
1ª pessoa	eu *penso*	nós *pensamos*
2ª pessoa	tu *pensas*	vós *pensais*
3ª pessoa	ele *pensa*	eles *pensam*

3 TEMPOS VERBAIS

Os **tempos** situam o fato ou a ação verbal dentro de determinado momento (*durante* o ato da comunicação, *antes* ou *depois* dele). São três os tempos verbais:

- ***presente***

Agora eu *leio*.

- **pretérito (= passado)**

  a) imperfeito: Depois de entrar, ele *trancava* a porta.
  b) perfeito: Ele *trancou* a porta.
  c) mais-que-perfeito: Quando cheguei, ele já *trancara* a porta.

- **futuro**

  a) do presente: Beatriz *ganhará* o prêmio.
  b) do pretérito: Beatriz *ganharia* o prêmio.

  Não nos parece adequada a denominação *futuro do presente*. Bastaria chamar esse tempo simplesmente de *futuro*.

  Quanto à forma, os tempos podem ser *simples* ou *compostos*.

  Na conjugação ativa, os tempos simples apresentam-se sob formas simples (*leio*, *andava*, *corremos*, etc.) e os compostos, sob formas compostas (*tenho lido*, *tinham andado*, *havia corrido*, etc.).

  Na voz passiva, tanto os tempos simples como os compostos apresentam formas compostas: *sou premiado*, *fomos chamados*, *tens sido visto*, etc.

4 MODOS DO VERBO

Os **modos** indicam as diferentes maneiras de um fato se realizar. São três:

- **indicativo**

  Exprime um fato certo, positivo:
  Vou hoje. *Saíram* cedo.

- **imperativo**

  Exprime ordem, proibição, conselho, pedido:
  Volte logo. Não *fiquem* aqui. *Sejam* prudentes.

- **subjuntivo**

  Enuncia um fato possível, duvidoso, hipotético:
  É possível que *chova*. Se você *trabalhasse*, não passaria fome.

5 FORMAS NOMINAIS

Além desses três modos, existem as **formas nominais** do verbo, que enunciam simplesmente um fato, de maneira vaga, imprecisa, impessoal. São formas nominais do verbo:

- **o infinitivo**

  plantar, vender, ferir

- **o gerúndio**

  plantando, vendendo, ferindo

- **o particípio**

  plantado, vendido, ferido

Observação:

✔ Chamam-se *formas nominais* porque, sem embargo de sua significação verbal, podem desempenhar as funções próprias dos nomes, substantivos e adjetivos: o *andar*, água *fervendo*, tempo *perdido*.

O infinitivo pode ser *pessoal* ou *impessoal*. Denomina-se:

a) **pessoal**, quando tem sujeito:

Para *sermos* vencedores, é preciso lutar. [sujeito: *nós*]

b) **impessoal**, quando não tem sujeito:

"*Ser* ou *não ser*, eis a questão." (SHAKESPEARE)

O infinitivo pessoal ora se apresenta *flexionado*, ora *não flexionado*:

a) **flexionado**: andares tu, andarmos nós, andardes vós, andarem eles
b) **não flexionado**: andar eu, andar ele

6 VOZ

Quanto à **voz**, os verbos se classificam em:

- **ativos**

O patrão *chamou* o empregado.

- **passivos**

O empregado *foi chamado* pelo patrão.

- **reflexivos**

A criança *feriu-se* na gangorra.

7 VERBOS AUXILIARES

Verbos auxiliares são os que se juntam a uma forma nominal de outro verbo para constituir a voz passiva, os tempos compostos e as locuções verbais:

Somos castigados pelos nossos erros.

Tenho estudado muito esta semana.

Jacinto *havia* chegado naquele momento.

O mecânico *estava* consertando o carro.

O secretário *vai* anunciar os resultados.

Começava a escurecer na cidade de Itu.

Principais verbos auxiliares:
ter, haver, ser, estar.
Veja na pág. 200 (locuções verbais) outros exemplos de verbos auxiliares.

8 CONJUGAÇÕES

Os verbos da língua portuguesa se agrupam em três conjugações, de conformidade com a terminação do infinitivo:

- Os da 1ª conjugação terminam em **-ar**: *cantar*, *falar*, *amar*, etc.
- Os da 2ª conjugação terminam em **-er**: *bater*, *comer*, *ver*, etc.
- Os da 3ª conjugação terminam em **-ir**: *partir*, *abrir*, *rir*, etc.

Cada conjugação se caracteriza por uma vogal temática:

A → 1ª conjugação: lev**ar**
E → 2ª conjugação: bat**er**
I → 3ª conjugação: un**ir**

Ao radical acrescido de vogal temática chama-se *tema*. Nos verbos supracitados os temas são *leva-*, *bate-* e *uni-*, respectivamente.

Observações:

✔ O verbo *pôr*, antigo *poer* (do latim *ponere*), perdeu a vogal temática do infinitivo. É um verbo anômalo da 2ª conjugação.

✔ A nossa língua possui aproximadamente onze mil verbos, dos quais mais de dez mil são da 1ª conjugação. Hoje, esta é a única conjugação prolífica. Exemplos: *televisionar*, *teleguiar*, *agilizar*, *globalizar*, etc.

9 ELEMENTOS ESTRUTURAIS DOS VERBOS

Num verbo devemos distinguir o *radical*, que é o elemento básico, normalmente invariável, e a *terminação*, que varia para indicar o tempo e o modo, a pessoa e o número. Exemplos:

radical	terminação	radical	terminação
cant-	ar	cant-	avas
vend-	er	vend-	ia
part-	ir	part-	imos
traz-	er	troux-	eram

Na terminação, ou seja, na parte flexiva do verbo, encontramos pelo menos um destes elementos:

- **vogal temática**

  Caracteriza a conjugação.

- **desinência modo-temporal**

  Indica o modo e o tempo do verbo: na forma *andá**SSE**mos*, por exemplo, o elemento destacado denota o pretérito imperfeito do subjuntivo.

- **desinência número-pessoal**

  A flexão *-mos* de *partimos*, por exemplo, configura a primeira pessoa do plural.

10 TEMPOS PRIMITIVOS E DERIVADOS

Quanto à formação, dividem-se os tempos em *primitivos* e *derivados*. São tempos primitivos:

- o **presente do infinitivo impessoal**: amar, caber, etc.;
- o **presente do indicativo** (1ª e 2ª pessoas do singular e 2ª pessoa do plural): digo, dizes, dizeis;
- o **pretérito perfeito do indicativo** (3ª pessoa do plural): disseram.

Os tempos derivados formam-se com o radical dos primitivos.

Vamos esquematizar a formação dos tempos simples da voz ativa:

- O **presente do infinitivo**

Exemplo: **caber**

forma:

a) o pretérito imperfeito do indicativo: *cabia, cabias, cabia*, etc.

b) o futuro do presente: *caberei, caberás, caberá*, etc.

c) o futuro do pretérito: *caberia, caberias, caberia*, etc.

d) o infinitivo pessoal: *caber, caberes, caber*, etc.

e) o gerúndio: *cabendo*

f) o particípio: *cabido*

- O **presente do indicativo**

Exemplo: **digo, dizes, dizeis**

forma:

a) o presente do subjuntivo: *digo* → *diga, digas, diga, digamos, digais, digam*

b) o imperativo afirmativo: *dizes* → *dize; dizeis* → *dizei*

▪ Do pretérito perfeito do indicativo

Exemplo: **disseram**

derivam:

a) o pretérito mais-que-perfeito do indicativo: *dissera*, *disseras*, *dissera*, etc.

b) o pretérito imperfeito do subjuntivo: *dissesse*, *dissesses*, *dissesse*, etc.

c) o futuro do subjuntivo: *disser*, *disseres*, *disser*, etc.

11 MODO IMPERATIVO

Considerem-se estes exemplos de Machado de Assis:

"*Anda, aprende*, tola!" → imperativo afirmativo

"*Não te assustes*, disse ela." → imperativo negativo

▪ imperativo afirmativo

Forma-se assim: a 2ª pessoa do singular (tu) e a 2ª do plural (vós) derivam das pessoas correspondentes do presente do indicativo, suprimindo-se o **s** final; as demais pessoas (você, nós, vocês) são tomadas do presente do subjuntivo, sem qualquer alteração.

▪ imperativo negativo

Não possui, em português, formas especiais: suas pessoas são iguais às correspondentes do presente do subjuntivo.

Atente-se para o seguinte quadro:

12 FORMAÇÃO DO IMPERATIVO

Pessoas	Presente do indicativo	Imperativo afirmativo	Presente do subjuntivo	Imperativo negativo
tu	dizes →	dize	digas →	não digas
você		diga	← diga →	não diga
nós		digamos	← digamos →	não digamos
vós	dizeis →	dizei	digais →	não digais
vocês		digam	← digam →	não digam

Observações:

✔ O verbo *ser* no imperativo afirmativo faz, excepcionalmente: *sê* (tu), *sede* (vós).

✔ O imperativo não possui a 1ª pessoa do singular nem as 3as pessoas. As formas verbais correspondentes aos pronomes de tratamento (você, vocês, o senhor, os senhores, etc.), embora revistam aspecto de 3ª pessoa, verdadeiramente referem-se à 2ª pessoa do discurso (a pessoa com quem se fala).

13 FORMAÇÃO DOS TEMPOS COMPOSTOS

Eis como se formam os tempos compostos:

▪ tempos compostos da voz ativa

São formados pelos verbos auxiliares *ter* ou *haver*, seguidos do particípio do verbo principal:

Tenho trabalhado muito.
Havíamos saído cedo.
Tinham posto a mesa no salão.

▪ tempos compostos da voz passiva

Formam-se com o concurso simultâneo dos auxiliares *ter* (ou *haver*) e *ser*, seguidos do particípio do verbo principal:

Tenho sido maltratado por ele.
Os dois *tinham* (ou *haviam*) *sido vistos* no cinema.

▪ locuções verbais

Outro tipo de conjugação composta – também chamada *conjugação perifrástica* – são as **locuções verbais**, constituídas de um verbo auxiliar seguido de gerúndio ou infinitivo do verbo principal:

Tenho de ir hoje. *Hei de ir* amanhã.
Estava lendo o jornal. Não *podia atender*.
Que *vais fazer*? *Ficas esperando* o quê?
Ela *começou a rir*, não *queria comprometer-se*.
Não *devem hesitar*. *Podemos precisar* dele.
Deveis ir prestar-lhe vossas homenagens.
Clóvis *anda viajando*. Ele *vive fazendo* projetos.
Sandra *veio correndo*: o noivo *acabara de chegar*.
João *entrou a falar alto*. [*entrou* = começou]
O jornal *voltou a circular*.

(No último exemplo, *voltou* é verbo auxiliar e *circular*, verbo principal.)

14 VERBOS REGULARES, IRREGULARES E DEFECTIVOS

Quanto à conjugação, dividem-se os verbos em:

▪ regulares

Os que seguem um paradigma ou modelo comum de conjugação, mantendo o radical invariável: *cantar*, *bater*, *partir*, etc.

▪ irregulares

Os que sofrem alterações no radical e/ou nas terminações, afastando-se do paradigma: *dar*, *trazer*, *dizer*, *ir*, *ouvir*, etc.

Observação:

✔ Entre os irregulares destacam-se os *anômalos*, como os verbos *pôr* (sem vogal temática no infinitivo), *ser* e *ir* (que apresentam radicais diferentes: *sou, era, fui*; *vou, ia, fui*).

▪ defectivos

Os que não possuem a conjugação completa, não sendo usados em certos modos, tempos ou pessoas: *abolir*, *demolir*, *reaver*, *precaver*, *soer*, etc.

EXERCÍCIOS LISTA 24

1. Reorganize as colunas de acordo com o que os verbos exprimem nas frases:

Quando **venta**, o tempo esfria.	ação
Atravessei o rio a nado.	estado
Sarita **era** alegre, expansiva.	fenômeno

2. Destaque os elementos estruturais da forma verbal **cortássemos:**
radical / desinência modo-temporal / tema / desinência número-pessoal

3. Dê o que se pede acerca de cada um dos verbos em destaque:

— Homens armados **invadirão** a casa em que **moras** e matarão tua mulher e filhos – **disse**-me o vidente.

— Não **creio** que isso **aconteça** — contestei com ironia —, não tenho mulher nem filhos e moro sob uma ponte.

a) conjugação;
b) pessoa;
c) número;
d) tempo;
e) modo.

4. Reorganize as três colunas correlacionando-as corretamente:

Vá agora, Luís.	indicativo	fato incerto
O náufrago **salvou**-se.	subjuntivo	ordem
Talvez Elói não **venha**.	imperativo	fato certo

5. Reorganize corretamente as duas colunas e identifique, oralmente, os tempos verbais:

O vento **soprava** forte.	fato atual
Fiz o que lhe **prometera**.	fato passado não concluído
Assistirei às Olimpíadas.	fato passado concluído
Preciso de um dicionário.	fato passado anterior a outro também passado

Prometi que o **ajudaria**.	fato a ser realizado
Elas **colheram** a uva.	fato futuro situado no passado

6. Copie o quadro abaixo, substituindo os asteriscos pelas formas do imperativo do verbo **falar**:

Pessoas	Presente do indicativo	Imperativo afirmativo	Presente do subjuntivo	Imperativo negativo
Tu	falas (-s) →	****	fales →	Não ****
Você	–	****	← fale →	Não ****
Nós	–	****	← falemos →	Não ****
Vós	falais (-s) →	****	faleis →	Não ****
Vocês	–	****	← falem →	Não ****

7. Escreva as frases e sublinhe as locuções verbais:

a) Quando Joel chegou, eu estava abrindo as garrafas.

b) Clóvis terá de trabalhar dobrado e sua vida vai ficar mais dura.

8. Indique a voz dos verbos:

a) A carta **foi lida** por todas.

b) João **feriu-se** na obra.

c) **Acendemos** a fogueira.

d) O mel **é produzido** pelas abelhas.

9. Complete as frases substituindo o * pelo presente do indicativo ou pelo presente do subjuntivo, conforme convenha:

a) Quero que ele * em casa hoje. (ficar)

b) É possível que eu não * para o hotel. (voltar)

c) Não creio que ele * o serviço hoje. (terminar)

d) Sempre que eu lhe *, ela * por monossílabos. (telefonar/responder)

e) Eu * que você não * feliz. (pensar/ser)

10. Complete usando o pretérito perfeito, o pretérito imperfeito ou o mais-que-perfeito do indicativo dos verbos entre parênteses:

a) Eu * a carteira que * no dia anterior. (encontrar/perder)

b) Eles sempre me * que * futebol quando jovens. (dizer/jogar)

c) Minha mãe * a carne, quando o gás *. (cozinhar/acabar)

11. Complete usando o futuro do presente ou o futuro do pretérito do indicativo:

a) Se forem bem tratados, esses canteiros * repletos de flores. (ficar)

b) Prometi a seu pai que não o * sozinho. (deixar)

c) Eu * com meu chefe se as circunstâncias o exigirem. (falar)
d) O pai decidiu que todos se * para a capital. (mudar)

12. Escreva frases com os verbos abaixo, começando a frase com as palavras "Quando eu..." ou "Se eu".
a) fazer
b) trazer
c) ir
d) vir
e) pôr

13. Escreva as frases abaixo utilizando os verbos na voz passiva (veja p. 220, nº 18):
a) Um estrangeiro comprou todas as peças de cerâmica.
b) A nova bibliotecária comprou vários livros de História.
c) Os jogadores fizeram muitas promessas aos torcedores do clube.
d) A polícia cercará a praça Manuel Bandeira.
e) Os críticos sempre elogiam obras de vanguarda.

14. Complete as frases, flexionando corretamente os verbos irregulares entre parênteses:
a) Se * mais alguma coisa no carro, me avise. (caber)
b) Se você * o que lhe pedi, eu * o dinheiro. (fazer/trazer)
c) Se Júlio * as malas no carro e Ivan * conosco, partiremos. (pôr/ir)
d) Sempre * os conselhos que me dão e * explicações sobre aquilo que não entendo. (ouvir/pedir)
e) Quando seus primos * vir, * lhes que * seus agasalhos. (querer/dizer/pôr)

VERBOS AUXILIARES

ser, estar, ter, haver

INDICATIVO

1. **presente**

sou	estou	tenho	hei
és	estás	tens	hás
é	está	tem	há
somos	estamos	temos	havemos
sois	estais	tendes	haveis
são	estão	têm	hão

2. **pretérito imperfeito**

era	estava	tinha	havia
eras	estavas	tinhas	havias
era	estava	tinha	havia
éramos	estávamos	tínhamos	havíamos
éreis	estáveis	tínheis	havíeis
eram	estavam	tinham	haviam

3. **pretérito perfeito simples**

fui	estive	tive	houve
foste	estiveste	tiveste	houveste
foi	esteve	teve	houve
fomos	estivemos	tivemos	houvemos
fostes	estivestes	tivestes	houvestes
foram	estiveram	tiveram	houveram

4. **pretérito perfeito composto**

tenho sido	tenho estado	tenho tido	tenho havido
tens sido	tens estado	tens tido	tens havido
tem sido	tem estado	tem tido	tem havido
temos sido	temos estado	temos tido	temos havido
tendes sido	tendes estado	tendes tido	tendes havido
têm sido	têm estado	têm tido	têm havido

5. **pretérito mais-que-perfeito simples**

fora	estivera	tivera	houvera
foras	estiveras	tiveras	houveras
fora	estivera	tivera	houvera
fôramos	estivéramos	tivéramos	houvéramos
fôreis	estivéreis	tivéreis	houvéreis
foram	estiveram	tiveram	houveram

6. **pretérito mais-que-perfeito composto**

tinha sido	tinha estado	tinha tido	tinha havido
tinhas sido	tinhas estado	tinhas tido	tinhas havido
tinha sido	tinha estado	tinha tido	tinha havido
tínhamos sido	tínhamos estado	tínhamos tido	tínhamos havido
tínheis sido	tínheis estado	tínheis tido	tínheis havido
tinham sido	tinham estado	tinham tido	tinham havido

7. **futuro do presente simples**

serei	estarei	terei	haverei
serás	estarás	terás	haverás
será	estará	terá	haverá
seremos	estaremos	teremos	haveremos
sereis	estareis	tereis	havereis
serão	estarão	terão	haverão

8. **futuro do presente composto**

terei sido	terei estado	terei tido	terei havido
terás sido	terás estado	terás tido	terás havido
terá sido	terá estado	terá tido	terá havido
teremos sido	teremos estado	teremos tido	teremos havido
tereis sido	tereis estado	tereis tido	tereis havido
terão sido	terão estado	terão tido	terão havido

9. **futuro do pretérito simples**

seria	estaria	teria	haveria
serias	estarias	terias	haverias
seria	estaria	teria	haveria
seríamos	estaríamos	teríamos	haveríamos
seríeis	estaríeis	teríeis	haveríeis
seriam	estariam	teriam	haveriam

10. **futuro do pretérito composto**

teria sido	teria estado	teria tido	teria havido
terias sido	terias estado	terias tido	terias havido
teria sido	teria estado	teria tido	teria havido
teríamos sido	teríamos estado	teríamos tido	teríamos havido
teríeis sido	teríeis estado	teríeis tido	teríeis havido
teriam sido	teriam estado	teriam tido	teriam havido

SUBJUNTIVO

1. **presente**

seja	esteja	tenha	haja
sejas	estejas	tenhas	hajas
seja	esteja	tenha	haja
sejamos	estejamos	tenhamos	hajamos
sejais	estejais	tenhais	hajais
sejam	estejam	tenham	hajam

2. **pretérito imperfeito**

fosse	estivesse	tivesse	houvesse
fosses	estivesses	tivesses	houvesses
fosse	estivesse	tivesse	houvesse
fôssemos	estivéssemos	tivéssemos	houvéssemos
fôsseis	estivésseis	tivésseis	houvésseis
fossem	estivessem	tivessem	houvessem

3. **pretérito perfeito composto**

tenha sido	tenha estado	tenha tido	tenha havido
tenhas sido	tenhas estado	tenhas tido	tenhas havido
tenha sido	tenha estado	tenha tido	tenha havido
tenhamos sido	tenhamos estado	tenhamos tido	tenhamos havido
tenhais sido	tenhais estado	tenhais tido	tenhais havido
tenham sido	tenham estado	tenham tido	tenham havido

4. **pretérito mais-que-perfeito composto**

tivesse sido	tivesse estado	tivesse tido	tivesse havido
tivesses sido	tivesses estado	tivesses tido	tivesses havido
tivesse sido	tivesse estado	tivesse tido	tivesse havido
tivéssemos sido	tivéssemos estado	tivéssemos tido	tivéssemos havido
tivésseis sido	tivésseis estado	tivésseis tido	tivésseis havido
tivessem sido	tivessem estado	tivessem tido	tivessem havido

5. **futuro simples**

se eu for	se eu estiver	se eu tiver	se eu houver
se tu fores	se tu estiveres	se tu tiveres	se tu houveres
se ele for	se ele estiver	se ele tiver	se ele houver
se nós formos	se nós estivermos	se nós tivermos	se nós houvermos
se vós fordes	se vós estiverdes	se vós tiverdes	se vós houverdes
se eles forem	se eles estiverem	se eles tiverem	se eles houverem

6. **futuro composto**

tiver sido	tiver estado	tiver tido	tiver havido
tiveres sido	tiveres estado	tiveres tido	tiveres havido
tiver sido	tiver estado	tiver tido	tiver havido
tivermos sido	tivermos estado	tivermos tido	tivermos havido
tiverdes sido	tiverdes estado	tiverdes tido	tiverdes havido
tiverem sido	tiverem estado	tiverem tido	tiverem havido

IMPERATIVO

1. **afirmativo**

sê tu	está tu	tem tu	há tu
seja você	esteja você	tenha você	haja você
sejamos nós	estejamos nós	tenhamos nós	hajamos nós
sede vós	estai vós	tende vós	havei vós
sejam vocês	estejam vocês	tenham vocês	hajam vocês

2. **negativo**

não sejas tu	não estejas tu	não tenhas tu	não hajas tu
não seja você	não esteja você	não tenha você	não haja você
não sejamos nós	não estejamos nós	não tenhamos nós	não hajamos nós
não sejais vós	não estejais vós	não tenhais vós	não hajais vós
não sejam vocês	não estejam vocês	não tenham vocês	não hajam vocês

INFINITIVO

1. **impessoal**

presente:	ser	estar	ter	haver
pretérito:	ter sido	ter estado	ter tido	ter havido

2. **pessoal**

presente:	ser	estar	ter	haver
	seres	estares	teres	haveres
	ser	estar	ter	haver
	sermos	estarmos	termos	havermos
	serdes	estardes	terdes	haverdes
	serem	estarem	terem	haverem
pretérito:	ter sido	ter estado	ter tido	ter havido
	teres sido	teres estado	teres tido	teres havido
	ter sido	ter estado	ter tido	ter havido
	termos sido	termos estado	termos tido	termos havido
	terdes sido	terdes estado	terdes tido	terdes havido
	terem sido	terem estado	terem tido	terem havido

GERÚNDIO

presente:	sendo	estando	tendo	havendo
pretérito:	tendo sido	tendo estado	tendo tido	tendo havido

PARTICÍPIO

sido	estado	tido	havido

Observação:

✔ Como *ter* conjugam-se todos os seus derivados: *abster-se, ater-se, conter, deter, entreter, manter, obter, reter, suster*. Basta antepor-lhes o prefixo. Exemplos: *contenho, contive, detiveram, entretínhamos, mantivesse, retiver*, etc. Observe a acentuação: tu *manténs, mantém* tu; ele *mantém*, eles *mantêm*.

EXERCÍCIOS

LISTA 25

1. Dê a pessoa, o número, o tempo e o modo dos verbos da frase:

Onde **estarias** agora, se eu não **contivesse** o agressor?

2. Escreva as frases, flexionando corretamente os verbos destacados, de acordo com o contexto:

a) Quando **ser** crianças, não tínheis essas preocupações.

b) É possível que elas **estar** viajando. **Haver** tempo que não são vistas em casa.

c) Talvez **haver** desabado algumas barreiras.

d) Como não **obter** resposta, esmurrou a porta com violência.

e) Praticai o bem, **ser** atenciosos, convivei pacificamente com todos.

f) Até ali ele se **manter** calado. (pretérito mais-que-perfeito)

g) Veja como as crianças se **entreter** a observar os peixes no aquário!

h) Se nos **ater** ao parecer de um só homem, sem dúvida haveremos de errar.

i) Até agora eles **ter** sido muito bons para mim.

j) O doceiro parava em todas as casas onde **haver** crianças.

k) Se não **ser** os bombeiros, todos teriam perecido.

l) Eles são **ter** e **haver** como pessoas de bem. (particípio)

m) Se você tem algo a dizer, fale, mas **ser** breve.

n) Fábio avançou contra mim, João o **deter**: eu não **conter** o riso.

o) **Haver** países que **manter** no espaço satélites espiões.

p) Enquanto bebíamos, Félix nos **entreter** com suas brincadeiras.

3. Nas frases do exercício anterior, sublinhe os verbos **ser, ter, haver** e **estar** quando são auxiliares.

4. Conjugue o verbo **entreter** nos tempos derivados do pretérito.

5. Dê as formas pedidas dos verbos seguintes:

manter – 2ª pessoa do plural do imperativo afirmativo

obter – 1ª pessoa do plural do pretérito mais-que-perfeito do indicativo

deter – 3ª pessoa do singular do pretérito imperfeito do subjuntivo

haver – 3ª pessoa do singular do presente do subjuntivo

VERBOS REGULARES

paradigmas

Primeira conjugação *CANTAR*

	INDICATIVO		SUBJUNTIVO	
	tempos simples	**tempos compostos**	**tempos simples**	**tempos compostos**
PRESENTE	canto cantas canta cantamos cantais cantam		cante cantes cante cantemos canteis cantem	
PRETÉRITO IMPERFEITO	cantava cantavas cantava cantávamos cantáveis cantavam		cantasse cantasses cantasse cantássemos cantásseis cantassem	
PRETÉRITO PERFEITO	cantei cantaste cantou cantamos cantastes cantaram	tenho cantado tens cantado tem cantado temos cantado tendes cantado têm cantado		tenha cantado tenhas cantado tenha cantado tenhamos cantado tenhais cantado tenham cantado
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO	cantara cantaras cantara cantáramos cantáreis cantaram	tinha cantado tinhas cantado tinha cantado tínhamos cantado tínheis cantado tinham cantado		tivesse cantado tivesses cantado tivesse cantado tivéssemos cantado tivésseis cantado tivessem cantado
FUTURO DO PRESENTE	cantarei cantarás cantará cantaremos cantareis cantarão	terei cantado terás cantado terá cantado teremos cantado tereis cantado terão cantado	cantar cantares cantar cantarmos cantardes cantarem	tiver cantado tiveres cantado tiver cantado tivermos cantado tiverdes cantado tiverem cantado
FUTURO DO PRETÉRITO	cantaria cantarias cantaria cantaríamos cantaríeis cantariam	teria cantado terias cantado teria cantado teríamos cantado teríeis cantado teriam cantado		

IMPERATIVO	FORMAS NOMINAIS
afirmativo	INFINITIVO
canta (tu)	**presente impessoal**
cante (você)	cantar
cantemos (nós)	
cantai (vós)	
cantem (vocês)	
	presente pessoal
	cantar
negativo	cantares
não cantes (tu)	cantar
não cante (você)	cantarmos
não cantemos (nós)	cantardes
não canteis (vós)	cantarem
não cantem (vocês)	
	pretérito impessoal
	ter cantado
	pretérito pessoal
	ter cantado
	teres cantado
	ter cantado
	termos cantado
	terdes cantado
	terem cantado
	GERÚNDIO
	presente **pretérito**
	cantando tendo cantado
	PARTICÍPIO
	cantado

Observações:

✔ Por este modelo se conjugam todos os verbos regulares da 1ª conjugação: *andar, lavar, saltar, saudar, caçar, suar*, etc.

✔ Para a formação dos tempos compostos pode-se usar também o verbo *haver*: *hei cantado, havia cantado, haverei cantado*, etc.

✔ Há verbos que merecem reparos, no tocante à grafia e à ortoépia. Assim:

a) Os verbos em *-car*, como *ficar, secar*, etc., trocam o *c* por *qu* antes de e: *fique, fiquei, fiquemos; seque, sequei*, etc.

b) Os terminados em *-çar*, como *caçar, abraçar*, perdem a *cedilha* antes do e: *cace, cacemos*, etc.

c) Os verbos em *-gar*, como *jogar, negar*, mudam o *g* em *gu* antes do e: *jogue, joguei, joguemos*, etc.

d) O verbo *roubar* escreve-se e pronuncia-se com o ditongo *ou: roubo, roubas, rouba*, etc., e não "róbo", "róbas", "róba". Assim também *estoura*, e não "estóra", *afrouxa*, e não "afróxa".

e) Nos verbos em *-oar* não se acentua o grupo *oo: voo, entoo, magoo; magoas, magoe*; coo, coas, coa.

f) O verbo *saudar* tem o *u* acentuado nas formas rizotônicas: *saúdo, saúdas, saúdam, saúde*, etc.

g) Nos verbos *obstar, optar, captar, interceptar, pugnar, impugnar, repugnar, designar, eclipsar*, etc., cujo radical termina por duas ou mais consoantes, evite-se intercalar, tanto na pronúncia como na escrita, um *i* entre essas consoantes: *opto, optas, opta*, etc., e não: "ópito", "ópitas", "ópita", nem "opito", "opitas", "opita", etc.; *pugno, pugnas, pugna*, etc., e não: "púguino", "púguinas", "púguina", etc.

h) Os verbos em *-jar* conservam o *j* em todos os tempos: *viajo, viajes, viaje, viajemos, viajeis, viajem*.

i) Os verbos em *-oiar*, como *apoiar, boiar*, etc., têm o **o** tônico aberto nas formas rizotônicas: *apoio, apoias, apoia, apoiam; apoie, apoies, apoie, apoiem*.

j) Nos verbos em *-eijar, -ejar, -eirar, -eixar, -elhar*, a vogal **e** dessas terminações é fechada (ê e não é): *aleijo, aleija, aleijem, despejo, despeja, despejam, inteiro, inteiram, enfeixo, enfeixa, espelho, espelha, espelham*, etc.

VERBOS REGULARES

Segunda conjugação ***BATER***

	INDICATIVO		SUBJUNTIVO	
	tempos simples	**tempos compostos**	**tempos simples**	**tempos compostos**
PRESENTE	bato bates bate batemos bateis batem		bata batas bata batamos batais batam	
PRETÉRITO IMPERFEITO	batia batias batia batíamos batíeis batiam		batesse batesses batesse batêssemos batêsseis batessem	
PRETÉRITO PERFEITO	bati bateste bateu batemos batestes bateram	tenho batido tens batido tem batido temos batido tendes batido têm batido		tenha batido tenhas batido tenha batido tenhamos batido tenhais batido tenham batido
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO	batera bateras batera batêramos batêreis bateram	tinha batido tinhas batido tinha batido tínhamos batido tínheis batido tinham batido		tivesse batido tivesses batido tivesse batido tivéssemos batido tivésseis batido tivessem batido
FUTURO DO PRESENTE	baterei baterás baterá bateremos batereis baterão	terei batido terás batido terá batido teremos batido tereis batido terão batido	bater bateres bater batermos baterdes baterem	tiver batido tiveres batido tiver batido tivermos batido tiverdes batido tiverem batido
FUTURO DO PRETÉRITO	bateria baterias bateria bateríamos bateríeis bateriam	teria batido terias batido teria batido teríamos batido teríeis batido teriam batido		

IMPERATIVO	FORMAS NOMINAIS
afirmativo	INFINITIVO
bat**e** (tu)	**presente impessoal**
bat**a** (você)	bater
bat**amos** (nós)	
bat**ei** (vós)	**presente pessoal**
bat**am** (vocês)	bater batermos
	bateres baterdes
	bater baterem
negativo	**pretérito impessoal**
não bat**as** (tu)	ter batido
não bat**a** (você)	
não bat**amos** (nós)	**pretérito pessoal**
não bat**ais** (vós)	ter batido termos batido
não bat**am** (vocês)	teres batido terdes batido
	ter batido terem batido
	GERÚNDIO
	presente **pretérito**
	batendo tendo batido
	PARTICÍPIO
	batido

Observações:

- ✔ Seguem este paradigma todos os verbos regulares da 2ª conjugação: *comer, temer, beber, descer, crescer, repreender, conhecer*, etc.
- ✔ Os tempos compostos são formados também com o verbo *haver: havia batido, haja batido, houvesse batido*, etc.
- ✔ Os verbos em *-cer*, como *descer, vencer*, etc., terão ç antes de *o* e *a*: *desço, desça, desçamos, desçam*, etc.
- ✔ Os verbos em *-ger*, como *proteger*, mudam o *g* em *j* antes de *o* e *a*: *protejo, protejas, proteja, protejamos, protejais, protejam*.
- ✔ Os verbos em *-guer*, como *erguer*, perdem o *u* antes de *o* e *a*: *ergo, erga, ergamos*.
- ✔ Muitos verbos da 2ª conjugação têm, no presente do indicativo, o *e* ou o *o* tônicos do radical fechados na 1ª pessoal do singular e abertos nas 2ª e 3ª pessoas do singular e na 3ª do plural. Exemplos:
  ergo (ér), ergues (ér), ergue (ér), erguem (ér); corro (ô), corres (ó), corre (ó), correm (ó). Essa alteração no timbre da vogal chama-se *metafonia*.

  Assim também: *escrever, dever, morder, coser* (costurar), *cozer* (cozinhar), etc.

VERBOS REGULARES

Terceira conjugação ***PARTIR***

	INDICATIVO		SUBJUNTIVO	
	tempos simples	**tempos compostos**	**tempos simples**	**tempos compostos**
PRESENTE	parto partes parte partimos partis partem		parta partas parta partamos partais partam	
PRETÉRITO IMPERFEITO	partia partias partia partíamos partíeis partiam		partisse partisses partisse partíssemos partísseis partissem	
PRETÉRITO PERFEITO	parti partiste partiu partimos partistes partiram	tenho partido tens partido tem partido temos partido tendes partido têm partido		tenha partido tenhas partido tenha partido tenhamos partido tenhais partido tenham partido
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO	partira partiras partira partíramos partíreis partiram	tinha partido tinhas partido tinha partido tínhamos partido tínheis partido tinham partido		tivesse partido tivesses partido tivesse partido tivéssemos partido tivésseis partido tivessem partido
FUTURO DO PRESENTE	partirei partirás partirá partiremos partireis partirão	terei partido terás partido terá partido teremos partido tereis partido terão partido	partir partires partir partirmos partirdes partirem	tiver partido tiveres partido tiver partido tivermos partido tiverdes partido tiverem partido
FUTURO DO PRETÉRITO	partiria partirias partiria partiríamos partiríeis partiriam	teria partido terias partido teria partido teríamos partido teríeis partido teriam partido		

IMPERATIVO	FORMAS NOMINAIS
afirmativo parte (tu) parta (você) partamos (nós) parti (vós) partam (vocês) **negativo** não partas (tu) não parta (você) não partamos (nós) não partais (vós) não partam (vocês)	INFINITIVO **presente impessoal** partir **presente pessoal** partir partirmos partires partirdes partir partirem **pretérito impessoal** ter partido **pretérito pessoal** ter partido termos partido teres partido terdes partido ter partido terem partido
	GERÚNDIO **presente** **pretérito** partindo tendo partido
	PARTICÍPIO partido

Observações:

- ✔ Como *partir* se conjugam: *repartir, dirigir, exigir, dividir*, etc.
- ✔ Para os tempos compostos, usa-se também o verbo *haver*: *haver partido, havia partido, houvesse partido*, etc.
- ✔ Os verbos terminados em *-gir* mudam o *g* em *j* antes de *o* e *a*: *dirigir, dirijo, dirija, dirijamos*, etc.
- ✔ Os terminados em *-guir* (nos quais o *u* não é proferido) perdem o *u* antes de *o* e *a*: *distinguir, distingo, distinga*, etc.
- ✔ Na 2ª e 3ª pessoas do singular do presente do indicativo dos verbos regulares em *-uir*, grafa-se *ui* e não *ue*, por se tratar de ditongo decrescente: *concluis, conclui, influis, influi*, etc.

EXERCÍCIOS

LISTA 26

1. Prossiga dando a pessoa, o número, o tempo e o modo das formas verbais:

Exemplo: cansam – **3ª pessoa do plural do presente do indicativo**

deixávamos –
cessariam –
dançarão –
dançaram –
achastes –
assaste –
considerem –
atáramos –
deixei –
deixasse –

2. Conjugue por escrito o verbo **descansar** nos tempos simples do indicativo.

3. Conjugue por escrito o verbo **alcançar** nos tempos do subjuntivo.

4. Flexione por escrito o verbo **despejar** no imperativo afirmativo e no negativo.

5. Conjugue por escrito o verbo **suar** no infinitivo presente pessoal.

6. Escreva as formas nominais (infinitivo, gerúndio e particípio) do verbo em destaque:
Não **deixes** o certo pelo duvidoso.

7. Relacione as frases aos respectivos tempos dos verbos que estão em destaque:

É melhor que a **conservemos** na água.	pretérito perfeito do indicativo
Por que **desanimastes**?	pretérito mais-que-perfeito do indicativo
Pedi que **examinassem** as contas.	futuro do pretérito
Alcançariam o fugitivo?	presente do subjuntivo
Ninguém os **autorizara** a entrar.	pretérito imperfeito do subjuntivo

8. Substitua o * pelos verbos nos tempos do subjuntivo, nas formas adequadas ao contexto:

a) Pedi às crianças que *. (**sossegar**)
b) Peço ao moço que * as cartas na caixa. (**depositar**)
c) É preciso que nós mesmas * a roupa. (**consertar**)
d) Pior para eles, se * minhas recomendações. (**desprezar**)
e) Proponho-vos que * para vossas casas. (**voltar**)
f) Espero que Luís já * os colegas. (**avisar**)
g) Não o verás, por mais que * longe. (**enxergar**)
h) Pode acontecer que o avião * ou * em outra cidade. (**atrasar – descer**)

9. Forme frases com os verbos abaixo na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo:
roubar – saudar – almejar – espelhar – magoar – optar – vistoriar

10. Reescreva as frases, flexionando corretamente os verbos em destaque, no presente do indicativo ou do subjuntivo, de acordo com o contexto sintático:

a) A História **restaurar** o passado.

b) Farei tudo para que os dois se **reconciliar**.

c) Alguns se **gloriar** do que não fizeram.

d) **Estourar** morteiros e **espocar** foguetes.

e) Peço-te que não **afrouxar** a marcha.

f) Aconselho-os a que **viajar** amiúde e **ampliar** seus conhecimentos.

g) Ele **gesticular** e **vociferar** contra os que lhe **impugnar** as opiniões.

h) Pobre homem! Uns o **caluniar**, outros lhe **roubar** o sossego.

i) A polícia **interceptar** o veículo e **apreender** o contrabando.

j) É de esperar que **nascer** novos gênios da música.

k) É possível que **ocorrer** outros terremotos na região.

l) Conversando, talvez nos **entender** e nos **tornar** bons amigos.

11. Conjugue o verbo **crescer** nos tempos simples do indicativo.
Conjugue o verbo **mexer** nos tempos do subjuntivo.

12. Flexione o verbo **descer** no imperativo afirmativo e no negativo.

13. Escreva as frases, colocando entre parênteses os respectivos tempos e modos dos verbos em destaque. Veja os tempos e modos abaixo:

Cássio **desaparecera** no mar.

Existiriam discos voadores?

Talvez **existam**.

Dividi para vencerdes.

Eu **dividi** os lucros.

Se me **morderes**, prendo-te.

Cuidado para não **morderes** a língua!

a) pretérito perfeito do indicativo

b) futuro do subjuntivo

c) pretérito mais-que-perfeito do indicativo

d) infinitivo presente pessoal

e) imperativo afirmativo

f) presente do subjuntivo

g) futuro do pretérito do indicativo

14. Dê as formas verbais pedidas:

apoiar – 1ª pes. sing. pres. indic.

telegrafar – 3ª pes. sing. pres. indic.

deliciar – 3ª pes. sing. pres. indic.
eclipsar – 3ª pes. sing. pret. perf. indic.
exercer – 3ª pes. pl. pres. subj.
designar – 2ª pes. sing. pres. subj.
conceder – 1ª pes. pl. pret. imperf. subj.
florescer – 3ª pes. pl. fut. do pres.
proteger – 1ª pes. pl. pres. subj.
dirigir – 2ª pes. sing. imper. neg.
extinguir – 3ª pes. sing. pret. perf. indic.
distinguir – 3ª pes. sing. pret. imperf. indic.
proibir – 3ª pes. pl. pres. subj.
exigir – 1ª pes. pl. imper. afirm.

15. Escreva as frases, substituindo as expressões em destaque pelos verbos equivalentes, fazendo as necessárias adaptações:

a) As jovens contavam casos, **diziam gracejos** e riam alto.
b) A banda **deu início** à retreta com o hino *Cidade Maravilhosa*.
c) Noêmia não **causara boa impressão** ao povo da cidade.
d) É preciso que alguma força **dê impulso** ao veículo.
e) Falta de dinheiro **torna impossível** a muitos **fazer excursões** durante as férias.
f) **Demos graças** a Deus por termos escapado ilesos.

16. Passe para a 2ª pessoa do singular ou plural, conforme o caso:

a) Divide e sê vencedor.
b) Não esqueçais o passado nem vos afeiçoeis demais ao presente.
c) Recebe com alegria os amigos que te visitam.
d) Abri as portas à esperança; não deixeis entrar o desânimo.
e) Não magoes nunca nem entristeças tua mãe.
f) Queremos que participeis de nossa alegria: entrai e comei!
g) Frequenta os bons e serás bom; convive com os maus, serás como eles.

17. Use o tratamento **vocês** em lugar do tratamento **vós**:

a) Não vendais a honra nem atraiçoeis os amigos.
b) Permiti, prezados ouvintes, que vos faça uma pergunta.
c) Não vos mexais, belas jovens, senão o retrato sai borrado.

18. Mude os tempos simples em destaque nos correspondentes compostos:

a) Até então a vida para mim **fora** suave.
b) Onde, na infância, **brincáramos** alegres, ali agora só se viam edifícios tristes.

c) Não a **deixarás** entregue à própria sorte?

d) Confesso que não me **esforcei** tanto quanto poderia.

e) Quem lhe **ensinaria** o caminho? Quem a **protegeria**?

f) Voltarás para casa assim que **concluíres** a tarefa.

19. Substitua os tempos em destaque pelos indicados entre parênteses:

a) Espero que você **inclua** meu nome na lista. (pretérito perfeito)

b) Se me **ouvissem**, agora não estariam se lamentando. (pretérito mais-que-perfeito)

c) **É** bom **voltares** para a tua terra natal. (pretérito)

d) **É** uma injustiça não o **atenderem**. (pretérito)

15 VOZES DO VERBO

Voz do verbo é a forma que este assume para indicar que a ação verbal é praticada ou sofrida pelo sujeito.

Três são as vozes dos verbos: a *ativa*, a *passiva* e a *reflexiva*.

16 VOZ ATIVA

Um verbo está na *voz ativa* quando o sujeito é agente, isto é, faz a ação expressa pelo verbo. Exemplos:

O caçador **abateu** a ave.

O vento **agitava** as águas.

Os pais **educam** os filhos.

17 VOZ PASSIVA

Um verbo está na *voz passiva* quando o sujeito é paciente, isto é, sofre, recebe ou desfruta a ação expressa pelo verbo. Exemplos:

A ave foi **abatida** pelo caçador.

As águas **eram agitadas** pelo vento.

Os filhos **são educados** pelos pais.

Observação:

✔ Só verbos transitivos podem ser usados na voz passiva.

18 FORMAÇÃO DA VOZ PASSIVA

A voz passiva, mais frequentemente, é formada:

- pelo verbo auxiliar *ser* seguido do particípio do verbo principal. Nesse caso, a voz é *passiva analítica*. Exemplos:

  O homem **é afligido** pelas doenças.

  A criança **era conduzida** pelo pai.

  As ruas **serão enfeitadas**.

  Seriam abertas novas escolas.

  "Dos conveses dos navios **seriam vistas** torres de petróleo em todo o litoral." (LEDO IVO)

Na voz passiva analítica, o verbo pode vir acompanhado de um agente, como nos dois primeiros exemplos deste parágrafo.

Menos frequentemente, pode-se exprimir a passiva analítica com outros verbos auxiliares. Exemplos:

A aldeia **estava isolada** pelas águas.

A presa **estava sendo devorada** pelo leão.

O cachorro **ficou esmagado** pela roda do ônibus.

A noiva **vinha acompanhada** pelo pai.

O preso **ia escoltado** pelos guardas.

"Eu **ia perseguido** por criaturas inexistentes." (GRACILIANO RAMOS)

- com o pronome apassivador *se* associado a um verbo ativo da 3ª pessoa. Nesse caso, temos *voz passiva pronominal*. Exemplos:

  Regam-se as plantas de manhã cedo.

  Organizou-se o campeonato.

  Abrir-se-ão novas escolas de artes e ofícios.

  Ainda não **se lançaram** as redes.

  Já **se têm feito** muitas experiências.

  Entregaram-se os troféus aos vencedores da corrida.

  "Não indagava o motivo de **se encherem** os cestos, perguntava se eles realmente **se enchiam**." (GRACILIANO RAMOS)

Por clareza, preferir-se-á a passiva analítica toda vez que o sujeito for uma pessoa ou animal que possa ser o agente da ação verbal. Exemplo:

Foi retirada a guarda.

["**Retirou-se** a guarda" tanto pode ser voz passiva como reflexiva.]

19 VOZ REFLEXIVA

Na *voz reflexiva* o sujeito é ao mesmo tempo agente e paciente: faz uma ação cujos efeitos ele mesmo sofre ou recebe. Exemplos:

O caçador **feriu-se**.

A menina **penteou-se** e saiu com as colegas.

Sacrifiquei-me por ele.

Os pais **contemplam-se** nos filhos.

O preso **suicidou-se**.

Vistamo-nos e **enfeitemo-nos** para a festa!

O verbo reflexivo é conjugado com os pronomes reflexivos *me, te, se, nos, vos, se*. Esses pronomes são reflexivos quando se lhes pode acrescentar *a mim mesmo, a ti mesmo, a si mesmo, a nós mesmos, a vós mesmos, a si mesmos*, respectivamente. Exemplos:

Consideras-te aprovado? (**a ti mesmo**)

Classes sociais **arrogam-se** (**a si mesmas**) direitos que a lei lhes nega.

Às vezes **nos intoxicamos** com alimentos deteriorados.

Errando, **prejudicamo-nos** a nós mesmos.

Aquele escritor **fez-se** por si mesmo.

Por que **vos atribuís** tanta importância?

Observações:

- ✔ Não se deve atribuir sentido reflexivo a verbos que designam sentimentos, como *queixar-se, alegrar-se, arrepender-se, zangar-se, indignar-se* e outros meramente pronominais. O pronome átono como que se dilui nesses verbos, dos quais é parte integrante. A prova de que não são reflexivos é que não se pode dizer, por exemplo, *zango-me a mim mesmo*.
- ✔ Observe-se também que em frases como "João fala de si" há *reflexividade*, mas não há *voz reflexiva*, porque o verbo não é reflexivo.

Uma variante da voz reflexiva é a que denota reciprocidade, ação mútua ou correspondida. Os verbos dessa voz, por alguns chamados *recíprocos*, usam-se, geralmente, no plural e podem ser reforçados pelas expressões *um ao outro, reciprocamente, mutuamente*. Exemplos:

Amam-se como irmãos. (Amam um ao outro.)

Os dois pretendentes *insultaram-se*.

Ó povos, por que *vos guerreais* tão barbaramente?

Os dois escritores *carteavam-se* assiduamente.

Muitas vezes, *atrapalhamo-nos* uns aos outros.

Cumprimentaram-se e *abraçaram-se* com alegria e emoção.

"A gente *se correspondia* por meio de sinais e gestos, de janela a janela." (Rubem Braga)

"Fazia meses que não *se viam*." (Autran Dourado)

"As companheiras *convidavam-se* umas às outras." (Helena Silveira)

"Os dois irmãos *entreolharam-se* em silêncio." (Camilo Castelo Branco)

"Tacapes e tangapemas *entrechocam-se* no ar." (Gastão Cruls)

"O Presidente esperará que vocês *se entredevorem*, para ver o que sobra." (Ciro dos Anjos)

Observação:

✔ Em muitos verbos reflexivos a ideia de reciprocidade é reforçada pelo prefixo *entre: entremear-se, entrechocar-se, entrebater-se, entredevorar-se, entrecruzar-se, entredilacerar-se, entrematar-se, entremorder-se, entreolhar-se, entrequerer-se, entrevistar-se.*

20 CONVERSÃO DA VOZ ATIVA NA PASSIVA

Pode-se mudar a voz ativa na passiva sem alterar substancialmente o sentido da frase. Exemplo:
Gutenberg **inventou** a imprensa. – voz ativa
A imprensa **foi inventada** por Gutenberg. – voz passiva

Observe que o objeto direto será o sujeito da passiva, o sujeito da ativa passará a agente da passiva e o verbo ativo assumirá a forma passiva, conservando o mesmo tempo. Outros exemplos:

Os calores intensos **provocam** as chuvas.
As chuvas **são provocadas** pelos calores intensos.
Os mestres **têm** constantemente **aconselhado** os alunos.
Os alunos **têm sido** constantemente **aconselhados** pelos mestres.
Eu o **acompanharei**.
Ele **será acompanhado** por mim.
Todos te **louvariam**.
Serias louvado por todos.
Receberam-me com festa.
Fui recebido com festa.
Condenar-te-iam, se cometesses tais desatinos.
Serias condenado, se cometesses tais desatinos.

(Quando o sujeito da voz ativa for indeterminado, como nos dois últimos exemplos, não haverá complemento agente da passiva.)

Observações finais:

✔ Aos verbos que não são ativos nem passivos ou reflexivos, alguns gramáticos chamam *neutros*:
O vinho *é* bom. Aqui *chove* muito.

✔ Há formas passivas com sentido ativo:
É chegada a hora. (= *Chegou* a hora.)
Eu ainda não *era nascido*. (= Eu ainda não *tinha nascido*.)
"*São decorridos* três meses do crime, e o edifício ainda continua na berlinda." (ANÍBAL MACHADO) (são decorridos = *decorreram*)
"Imaginei que ela saíra do mato *almoçada* e feliz." (MACHADO DE ASSIS)
"Nós estávamos *brigados*." (MACHADO DE ASSIS)
Ferreira de Castro era um homem *lido* e *viajado*. (= que leu e viajou)

✔ Os verbos *chamar-se, batizar-se, operar-se* (no sentido cirúrgico) e *vacinar-se* são considerados passivos por alguns autores, por isso que o sujeito é paciente:
Chamo-me Luís. *Batizei-me* na igreja do Carmo.
Operou-se de hérnia. *Vacinaram-se* contra o tifo.

CONJUGAÇÃO DE UM VERBO NA VOZ PASSIVA ANALÍTICA

GUIAR

INDICATIVO

presente
sou guiado
és guiado
é guiado
somos guiados
sois guiados
são guiados

pretérito imperfeito
era guiado
eras guiado
era guiado
éramos guiados
éreis guiados
eram guiados

pretérito perfeito simples
fui guiado
foste guiado
foi guiado
fomos guiados
fostes guiados
foram guiados

pretérito perfeito composto
tenho sido guiado
tens sido guiado
tem sido guiado
temos sido guiados
tendes sido guiados
têm sido guiados

pretérito mais-que-perfeito simples
fora guiado
foras guiado
fora guiado
fôramos guiados
fôreis guiados
foram guiados

pretérito mais-que-perfeito composto
tinha sido guiado
tinhas sido guiado
tinha sido guiado
tínhamos sido guiados
tínheis sido guiados
tinham sido guiados

futuro do presente simples
serei guiado
serás guiado
será guiado
seremos guiados
sereis guiados
serão guiados

futuro do presente composto
terei sido guiado
terás sido guiado
terá sido guiado
teremos sido guiados
tereis sido guiados
terão sido guiados

futuro do pretérito simples
seria guiado
serias guiado
seria guiado
seríamos guiados
seríeis guiados
seriam guiados

futuro do pretérito composto
teria sido guiado
terias sido guiado
teria sido guiado
teríamos sido guiados
teríeis sido guiados
teriam sido guiados

IMPERATIVO

afirmativo
sê guiado
seja guiado
sejamos guiados
sede guiados
sejam guiados

negativo
não sejas guiado
não seja guiado
não sejamos guiados
não sejais guiados
não sejam guiados

SUBJUNTIVO

presente
seja guiado
sejas guiado
seja guiado
sejamos guiados
sejais guiados
sejam guiados

pretérito imperfeito
fosse guiado
fosses guiado
fosse guiado
fôssemos guiados
fôsseis guiados
fossem guiados

pretérito perfeito composto
tenha sido guiado
tenhas sido guiado
tenha sido guiado
tenhamos sido guiados
tenhais sido guiados
tenham sido guiados

pretérito mais-que-perfeito composto
tivesse sido guiado
tivesses sido guiado
tivesse sido guiado
tivéssemos sido guiados
tivésseis sido guiados
tivessem sido guiados

futuro simples
for guiado
fores guiado
for guiado
formos guiados
fordes guiados
forem guiados

futuro composto
tiver sido guiado
tiveres sido guiado
tiver sido guiado
tivermos sido guiados
tiverdes sido guiados
tiverem sido guiados

FORMAS NOMINAIS

infinitivo presente impessoal
ser guiado

infinitivo pretérito impessoal
ter sido guiado

infinitivo presente pessoal	**infinitivo pretérito pessoal**
ser guiado	ter sido guiado
seres guiado	teres sido guiado
ser guiado	ter sido guiado
sermos guiados	termos sido guiados
serdes guiados	terdes sido guiados
serem guiados	terem sido guiados

gerúndio presente	**gerúndio pretérito**	**particípio**
sendo guiado	tendo sido guiado	guiado

Observações:

- ✔ Sendo o sujeito um ser do gênero feminino, o particípio terá as desinências *-a, -as*: sou *guiada*, ela é *guiada*, somos *guiadas*, etc.
- ✔ Nos tempos compostos, pode-se usar o auxiliar *haver* em lugar de *ter*: *haverei sido guiado, havia sido guiado, se houver sido guiada, havendo sido guiadas*, etc.
- ✔ Entendem alguns autores que na voz passiva não há imperativo.

21 CONJUGAÇÃO DOS VERBOS PRONOMINAIS

Há os verbos essencialmente pronominais, que só se usam com os pronomes átonos (*queixar-se, arrepender-se, dignar-se*, etc.), e os acidentalmente pronominais (*pentear-se, matar-se, atribuir-se*, etc.), que nem sempre se usam com os ditos pronomes.

Os verbos pronominais abrangem, portanto, os reflexivos e são conjugados como na voz ativa, mas associando-se-lhes os pronomes *me, te, se, nos, vos, se*.

As formas da 1ª pessoa do plural perdem o *s* final antes de receber o pronome enclítico. Exemplo:

"Desconcertados com essa reação que não esperávamos, *afastamo-nos* em pequenos grupos." (José J. Veiga)

Eis um exemplo de conjugação pronominal:

LEMBRAR-SE

INDICATIVO

Presente: lembro-me, lembras-te, lembra-se, lembramo-nos, lembrais-vos, lembram-se.

Pretérito imperfeito: lembrava-me, lembravas-te, lembrava-se, lembrávamo-nos, lembráveis-vos, lembravam-se.

Pretérito perfeito simples: lembrei-me, lembraste-te, lembrou-se, lembramo-nos, lembrastes-vos, lembraram-se.

Pretérito perfeito composto: tenho-me lembrado, tens-te lembrado, tem-se lembrado, temo-nos lembrado, tendes-vos lembrado, têm-se lembrado.

Pretérito mais-que-perfeito simples: lembrara-me, lembraras-te, lembrara-se, lembráramo-nos, lembráreis-vos, lembraram-se.

Pretérito mais-que-perfeito composto: tinha-me lembrado, tinhas-te lembrado, tinha-se lembrado, tínhamo-nos lembrado, tínheis-vos lembrado, tinham-se lembrado.

Futuro do presente simples: lembrar-me-ei, lembrar-te-ás, lembrar-se-á, lembrar-nos-emos, lembrar-vos-eis, lembrar-se-ão.

Futuro do presente composto: ter-me-ei lembrado, ter-te-ás lembrado, ter-se-á lembrado, ter-nos-emos lembrado, ter-vos-eis lembrado, ter-se-ão lembrado.

Futuro do pretérito simples: lembrar-me-ia, lembrar-te-ias, lembrar-se-ia, lembrar-nos-íamos, lembrar-vos-íeis, lembrar-se-iam.

Futuro do pretérito composto: ter-me-ia lembrado, ter-te-ias lembrado, ter-se-ia lembrado, ter-nos-íamos lembrado, ter-vos-íeis lembrado, ter-se-iam lembrado.

SUBJUNTIVO

Presente: lembre-me, lembres-te, lembre-se, lembremo-nos, lembrai-vos, lembrem-se.

Pretérito imperfeito: lembrasse-me, lembrasses-te, lembrasse-se, lembrássemo-nos, lembrásseis-vos, lembrassem-se.

Pretérito perfeito composto. Neste tempo não se usam pronomes oblíquos pospostos, mas antepostos ao verbo: que me tenha lembrado, que te tenhas lembrado, que se tenha lembrado, etc.

Pretérito mais-que-perfeito composto: tivesse-me lembrado, tivesses-te lembrado, tivesse-se lembrado, tivéssemo-nos lembrado, tivésseis-vos lembrado, tivessem-se lembrado.

Futuro simples. Neste tempo os pronomes oblíquos são antepostos ao verbo: se me lembrar, se te lembrares, se se lembrar, etc.

Futuro composto. Neste tempo os pronomes oblíquos são antepostos ao verbo: se me tiver lembrado, se te tiveres lembrado, se se tiver lembrado, etc.

IMPERATIVO

Afirmativo: lembra-te, lembre-se, lembremo-nos, lembrai-vos, lembrem-se.

Negativo (sempre com os pronomes antepostos): não te lembres, não se lembre, não nos lembremos, não vos lembreis, não se lembrem.

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo presente impessoal: lembrar-se.

Infinitivo presente pessoal: lembrar-me, lembrares-te, lembrar-se, lembrarmo-nos, lembrardes--vos, lembrarem-se.

Infinitivo pretérito impessoal: ter-se lembrado.

Infinitivo pretérito pessoal: ter-me lembrado, teres-te lembrado, ter-se lembrado, termo-nos lembrado, terdes-vos lembrado, terem-se lembrado.

Gerúndio presente: lembrando-se.

Gerúndio pretérito: tendo-se lembrado.

Particípio. Não admite a forma pronominal.

Observações:

- ✔ Por este modelo conjugam-se: *queixar-se, esquecer-se, arrepender-se, iludir-se, vestir-se,* etc.
- ✔ Um verbo pronominal pode também ser conjugado com os pronomes antepostos (proclíticos): *eu me lembro, tu te lembras, ele se lembra, nós nos lembramos, vós vos lembrais, eles se lembram,* etc. Veja páginas 538, parágrafo 6, e 543, parágrafo 9.

EXERCÍCIOS — LISTA 27

1. Reorganize as colunas, fazendo as frases corresponderem à voz adequada dos verbos:

Demoliram-se as casas.	(1) ativa
As abelhas **colhem** o néctar.	(2) passiva analítica
Cumprimentamo-nos cordialmente.	(3) passiva pronominal
A casa **foi reformada**.	(4) reflexiva
Rita **olhou-se** no espelho.	(5) reflexiva recíproca

2. Informe a voz dos verbos:

a) Laranjas eram vendidas por atacado e a varejo.

b) "As mortalhas das lagartas vestem os homens de gala." (Marquês de Maricá)

c) "Os abusos, como os dentes, nunca se arrancam sem dores." (Marquês de Maricá)

d) Os moradores entreolharam-se decepcionados.

e) Quem nunca comeu melado, quando come, se lambuza.

f) "Um dos professores sugeriu, ao se discutirem os programas, a ideia do ensino integral da Zoologia." (Carlos de Laet)

g) "Nunca nos falamos, apenas nos cumprimentávamos." (Autran Dourado)

h) A cidade estava sitiada pelo exército romano.

i) "Por que foram os persas, logo que se deram às delícias do luxo, vencidos pelos lacedemônios?" (Camilo Castelo Branco)

j) "As reses famintas comem-no [o tingui] e se envenenam." (Gustavo Barroso)

3. Converta a voz ativa na passiva analítica:

a) A luz circular do refletor envolve o pianista e o piano.

b) A civilização invadiu e conquistou o morro.

c) Nas escolas, os alunos recitavam belas poesias, no Dia da Bandeira.
d) Soldados, vossos chefes vos elogiaram?
e) Entreguei-lhe a carta ontem.
f) Meu bisavô fundara a cidade.
g) As tuas mãos não mais acenderiam o nosso fogo.
h) Atendeu-nos prontamente o diretor.
i) A moça entregara dois anéis para consertar.
j) As caixas de doces abria-as eu.
k) Quem o chamou aqui, menino?
l) A esta hora a diretora talvez já esteja publicando os resultados dos exames.
m) Os chefes do partido o teriam ameaçado de morte.
n) Censuram-te por causa dos teus desatinos.
o) Concederam-lhe a licença.

4. Mude a voz passiva na ativa:

Exemplo: O trabalho é abençoado por Deus – Deus **abençoa** o trabalho.

a) O Egito, país fabuloso, é fertilizado pelas enchentes do Nilo.
b) O terreno tinha sido invadido pelo mato.
c) A estrada era percorrida por linhas de ônibus.
d) Muitas dessas árvores foram por mim mesmo plantadas.
e) Elas teriam sido elogiadas pelo diretor.
f) Eles têm sido frequentemente criticados pela imprensa.
g) O povo fora mantido a distância pelos guardas.
h) Ele sempre era acolhido por ti com carinho.
i) Foi ele visto por ti quando era detido pelos guardas?
j) Teria eu sido aceito por vós?
k) Teria ele sido readmitido pelo senhor?
l) Se ela estivesse sendo incomodada por nós...
m) Sem dúvida, ele iria ser perseguido pelos adversários políticos.
n) A Terra poderá ser atingida por destroços de satélites artificiais.
o) "O céu é árido, sem manchas, como se fora varrido por um vento de maldição." (Gustavo Barroso)

5. Troque a voz passiva analítica pela pronominal:

Exemplo: As roseiras **são podadas**. – **Podam-se** as roseiras.

a) Os galhos são cortados e os troncos serrados.
b) Foram retidos os cães e outros animais perigosos.
c) Nem sempre são obtidos bons resultados.
d) Tinham sido abertos vários concursos naquele ano.
e) Nos cantos do salão eram vistos grupos de convidados.
f) Foi-lhe cassada a licença, devido a irregularidades.

g) Eis as prerrogativas que são concedidas.

h) Nas tardes frescas a mesa era armada no caramanchão do jardim.

i) Afinal, a obra fora inaugurada dentro do prazo.

j) Era a primeira cerimônia pública que ia ser realizada ali.

k) Caso sejam mantidas as comportas fechadas...

l) Serão escritos os títulos com tinta vermelha.

m) Sejam mobilizadas todas as forças imediatamente.

n) Seriam concedidos os recursos necessários.

o) "Em Grécia e Roma as festas anuais eram solenizadas com espetáculos." (Camilo Castelo Branco)

6. Copie a única frase em que há voz reflexiva recíproca:

Deram-se os prêmios aos vencedores.

Pedro e João deram-se provas de estima.

Gabriel e seu irmão deram-se ao trabalho de despachar a minha bagagem.

7. Conjugue os verbos **zangar-se** e **arrepender-se** no presente do indicativo, com os pronomes pospostos aos verbos.

8. Dos verbos abaixo dê as pessoas pedidas, na voz passiva:

avisar – 3ª pes. pl. do pret. perf. composto do indic.

atender – 1ª pes. pl. do pret. imperf. do subj.

iludir – 2ª pes. sing. do pret. mais-que-perf. composto do indic.

9. Dê as pessoas pedidas dos seguintes verbos pronominais:

calar-se – 2ª pes. pl. do imperativo afirmativo

esquecer-te – 2ª pes. sing. do imperativo negativo

arrepender-se – 3ª pes. sing. do futuro do presente (pronome intercalado)

divertir-se – 1ª pes. pl. do pret. perf. simples do indicativo

vestir-se – 1ª pes. sing. do pret. mais-que-perfeito composto do indic. (pronome posposto ao verbo auxiliar)

10. Siga o exemplo, modificando a frase, sem lhe alterar o sentido:

a) Ainda não **houve apuração** dos fatos.

Ainda não **foram apurados** os fatos.

Ainda não **se apuraram** os fatos.

b) Ainda não **houve confirmação** dos jogos de domingo.

22 VERBOS IRREGULARES

Para mais facilmente compreender e assimilar o processo da conjugação irregular, é importante saber distinguir:

a) **tempos primitivos** e **tempos derivados**;

b) **formas rizotônicas** (as que têm o acento tônico no radical, como: *sirv-o*) e **arrizotônicas** (as que têm o acento tônico na terminação, como: *serv-imos*).

No presente do indicativo dos verbos cujo infinitivo tem mais de uma sílaba, são rizotônicas a 1ª, a 2ª e a 3ª pessoas do singular e a 3ª pessoa do plural, e arrizotônicas a 1ª e a 2ª pessoas do plural. Exemplos:

agrid-o, agrid-es, agrid-e, agrid-em → formas rizotônicas
agred-imos, agred-is → formas arrizotônicas

Se um tempo primitivo for irregular, seus derivados também o serão. Isto se verifica, por exemplo, no verbo *caber*:

tempos primitivos		**tempos derivados**
caibo (presente do indicativo)	→	**caiba** (presente do subjuntivo)
couberam (pretérito perfeito do indicativo)	→	**coubera** (pretérito mais-que-perfeito do indicativo) **couber** (futuro do subjuntivo) **coubesse** (pretérito imperfeito do subjuntivo)

Quando se diz que um verbo é irregular, não se deve entender que ele o seja em todo o quadro de suas flexões. O verbo *perder*, para citar um exemplo, apresenta formas irregulares, como *perco, perca, percam*, etc., e outras regulares, como *perde, perdia, perdi*, etc.

Estudaremos, a seguir, os verbos irregulares das três conjugações. Não incluímos os auxiliares *ser, estar, ter* e *haver*, já conjugados anteriormente, mas registramos alguns verbos regulares dignos de atenção. Não damos os tempos compostos nem as formas regulares que não apresentam dificuldades.

1ª CONJUGAÇÃO

DAR

Indicativo *presente*: dou, dás, dá, damos, dais, dão.
Pretérito imperfeito: dava, davas, dava, dávamos, dáveis, davam.
Pretérito perfeito: dei, deste, deu, demos, destes, deram.
Pretérito mais-que-perfeito: dera, deras, dera, déramos, déreis, deram.
Futuro do presente: darei, darás, dará, daremos, dareis, darão.
Futuro do pretérito: daria, darias, daria, daríamos, daríeis, dariam.
Imperativo *afirmativo*: dá, dê, demos, dai, deem.
Imperativo negativo: não dês, não dê, não demos, não deis, não deem.
Subjuntivo *presente*: dê, dês, dê, demos, deis, deem.
Pretérito imperfeito: desse, desses, desse, déssemos, désseis, dessem.
Futuro: der, deres, der, dermos, derdes, derem.
Infinitivo *presente impessoal*: dar.

Infinitivo presente pessoal: dar, dares, dar, darmos, dardes, darem.

Gerúndio: dando.

Particípio: dado.

Assim se conjuga o derivado *desdar*. *Circundar* é regular.

APROPINQUAR-SE (= aproximar-se)

Indicativo *presente*: apro*pín*quo-me, apro*pín*quas-te, apro*pín*qua-se, apropin*qua*mo-nos, apropin*quais*-vos, apro*pín*quam-se.

Imperativo afirmativo: apro*pín*qua-te, apro*pín*que-se, apropin*que*mo-nos, apropin*quai*-vos, apro*pín*quem-se.

Subjuntivo *presente*: que eu me apro*pín*que, que tu te apro*pín*ques, etc.

Este verbo, de pouco uso, é regular. Os destaques indicam as sílabas tônicas.

MOBILIAR

Indicativo *presente*: mob*í*lio, mob*í*lias, mob*í*lia, mobiliamos, mobiliais, mob*í*liam.

Subjuntivo *presente*: mob*í*lie, mob*í*lies, mob*í*lie, mobiliemos, mobilieis, mob*í*liem.

Verbo regular na escrita e irregular na pronúncia (o *i* destacado é tônico), pois dos verbos em *-iliar* é o único que assim se pronuncia. Os outros têm a sílaba tônica *-li*: auxi*li*o, conci*li*o, reconci*li*o, fi*li*o, reta*li*o. Há ainda as variantes *mobilhar* e *mobilar* (esta última, forma lusitana), que fazem, respectivamente, *mobilho, mobilhas* e *mobilo, mobilas*, etc.

AGUAR

Indicativo *presente*: águo, águas, água, aguamos, aguais, águam.

Pretérito perfeito: aguei, aguaste, aguou, etc.

Subjuntivo *presente*: águe, águes, águe, aguemos, agueis, águem.

Verbo regular. Assim se conjugam *desaguar, enxaguar* e *minguar* [1].

Nas formas desses verbos terminadas em *-gue, -gues, -guem*, o acento agudo, com a abolição do trema pelo novo Acordo Ortográfico de 1990, tornou-se necessário.

Gramáticos e escritores há que preferem *aguo, aguas, desagua, enxagua, mingua,* com acento tônico no *u*, mas tal pronúncia divorcia-se do uso comum.

AVERIGUAR (= verificar)

Indicativo *presente*: averig*u*o, averig*u*as, averig*u*a, averiguamos, averiguais, averig*u*am.

Pretérito perfeito: averiguei, averiguaste, averiguou, etc.

Imperativo afirmativo: averig*u*a, averig*ú*e, averiguemos, averiguai, averig*ú*em.

Subjuntivo *presente*: averig*ú*e, averig*ú*es, averig*ú*e, averiguemos, averigueis, averig*ú*em.

---

[1] "Os nobres impulsos não esmorecem, quando lhes míngua ressonância." (Ciro dos Anjos, *Explorações no Tempo*, p. 146)

Verbo regular. Vai grifado o *u* tônico, o qual, no grupo *gue*, deve ser acentuado para evitar falsas pronúncias. Equivocadamente, o novo Acordo Ortográfico aboliu o acento gráfico neste caso. Ora, não se pode grafar *averigue, averigues, averiguem* e *obrigue, obrigues, obriguem* da mesma forma! Assim serão conjugados *apaniguar* (= proteger) e *apaziguar* (= pacificar).

OBLIQUAR (= caminhar ou seguir obliquamente; agir com dissimulação)

Indicativo *presente*: obli*qu*o, obli*qu*as, obli*qu*a, obliquamos, obliquais, obli*qu*am.

Imperativo afirmativo: obli*qu*a, obli*qú*e, obliquemos, obliquai, obli*qú*em.

Imperativo negativo: não obli*qú*es, não obli*qú*e, não obliquemos, não obliqueis, não obli*qú*em.

Verbo regular de emprego raro. Os destaques indicam as sílabas tônicas. Contrariamente ao que preceitua o novo sistema ortográfico, achamos que o *u* tônico do grupo *que* deve ser acentuado.

Segue este modelo o verbo defectivo *adequar*, que só possui as formas arrizotônicas: *adequamos, adequais, adequava, adequei, adequado*, etc.

MAGOAR

Indicativo *presente*: magoo, magoas, magoa, magoamos, magoais, magoam.

Subjuntivo *presente*: magoe, magoes, magoe, magoemos, magoeis, magoem.

Verbo regular. Assim se conjugam os verbos em *-oar: abençoar, doar, abotoar, soar, voar*, etc. Não se acentuam os grupos *-oa* e *-oe*.

APIEDAR-SE (= ter piedade, compadecer-se)

Indicativo *presente*: apiedo-me, apiedas-te, apieda-se, apiedamo-nos, apiedais-vos, apiedam-se.

Subjuntivo *presente*: que eu me apiede, que tu te apiedes, que ele se apiede, etc.

Imperativo *afirmativo*: apieda-te, apiede-se, apiedemo-nos, apiedai-vos, apiedem-se.

Seu antônimo é *desapiedar-se*. É tendência geral conjugar *apiedar-se* regularmente:

"Trigo, que eu semeei, *apieda-te* de mim!" (Raimundo Correia)

"*Apiedo-me* dos amigos." (Gastão Cruls)

"... quando *se apieda*." (Hermes Fontes)

"... quem não *se apieda* dos outros." (Gustavo Corção)

"Que Deus *se apiede* dos pecadores que assim procedem!" (Peregrino Júnior)

As formas irregulares *apiado-me, apiadas-te, apiada-se, apiadam-se, apiada-te*, etc. (calcadas no antigo verbo *apiadar-se*) não são recomendáveis.

RESFOLEGAR

Indicativo *presente:* resfolgo, resfolgas, resfolga, resfolegamos, resfolegais, resfolgam.

Imperfeito: resfolegava, etc.

Pretérito perfeito: resfoleguei, etc.

Subjuntivo *presente*: resfolgue, resfolgues, resfolgue, resfoleguemos, resfolegueis, resfolguem.

Este verbo perde o e da penúltima sílaba nas formas rizotônicas. As formas usuais são as arrizotônicas: *resfolegar, resfolegava, resfolegavam*, etc.

É menos recomendável a conjugação regular (*resfólego, resfólegas*, etc.) que alguns gramáticos adotam. Há a variante *resfolgar*, inteiramente regular.

SOBRESTAR (= parar, deter-se; suspender)

Conjuga-se como *estar*, de que é derivado: sobrestou, sobrestava, sobrestive, sobrestarei, sobresteja, etc.

"*Sobresteve* o tupi." (GONÇALVES DIAS)

"Pacatuba aperrou a arma, mas eu *sobrestive-lhe* o gesto." (GASTÃO CRULS)

VERBOS TERMINADOS EM *-EAR*

Os verbos terminados em *-ear* intercalam um *i* eufônico nas formas rizotônicas. Pode servir de modelo o verbo seguinte:

NOMEAR

Indicativo *presente*: nomeio, nomeias, nomeia, nomeamos, nomeais, nomeiam.

Pretérito imperfeito: nomeava, nomeavas, nomeava, nomeávamos, nomeáveis, nomeavam.

Pretérito perfeito: nomeei, nomeaste, nomeou, nomeamos, nomeastes, nomearam.

Subjuntivo *presente*: nomeie, nomeies, nomeie, nomeemos, nomeeis, nomeiem.

Imperativo afirmativo: nomeia, nomeie, nomeemos, nomeai, nomeiem.

Imperativo negativo: não nomeies, não nomeie, não nomeemos, não nomeeis, não nomeiem. É regular o resto da conjugação.

Assim se conjugam: *apear, atear, cear, recear, folhear, frear, passear, gear, enlear, bloquear, afear, granjear, hastear, lisonjear, semear, titubear, arrear, recrear, idear* e *estrear*. Esses dois últimos são os únicos que têm o *e* aberto nas formas rizotônicas, porém, sem acento gráfico: *ideio, ideias, ideia, ideie, ideies, estreio, estreias, estreia, estreie*, etc.

VERBOS TERMINADOS EM *-IAR*

Os verbos terminados em *-iar* podem ser distribuídos em dois grupos:

1º) Os que se conjugam regularmente, que são a maioria: *abreviar, agraciar, aliar, alumiar, angariar, caluniar, obviar, gloriar-se, historiar, injuriar, vangloriar-se, criar, presenciar, premiar, arriar, copiar*, etc. Seguem o modelo *copiar:*

COPIAR

Indicativo *presente*: copio, copias, copia, copiamos, copiais, copiam.

Pretérito perfeito: copiei, copiaste, copiou, etc.

Pretérito mais-que-perfeito: copiara, copiaras, etc.

Subjuntivo *presente*: copie, copies, copie, copiemos, copieis, copiem.

Imperativo afirmativo: copia, copie, copiemos, copiai, copiem.

Imperativo negativo: não copies, não copie, não copiemos, não copieis, não copiem.

2º) Os que mudam o *i* da penúltima sílaba em *ei*, nas formas rizotônicas. São os seis seguintes: *mediar, intermediar, ansiar, remediar* [2], *incendiar, odiar*. Conjugaremos esse último, que servirá de modelo para os outros cinco.

---

[2] "Uns homens ocasionam os males e exigem que outros os remedeiem." (MARQUÊS DE MARICÁ)

ODIAR

Indicativo *presente*: odeio, odeias, odeia, odiamos, odiais, odeiam.

Pretérito imperfeito: odiava, odiavas, odiava, etc.

Pretérito perfeito: odiei, odiaste, odiou, etc.

Pretérito mais-que-perfeito: odiara, odiaras, odiara, odiáramos, odiáreis, odiaram.

Subjuntivo *presente*: odeie, odeies, odeie, odiemos, odieis, odeiem.

Imperativo afirmativo: odeia, odeie, odiemos, odiai, odeiem.

Imperativo negativo: não odeies, não odeie, não odiemos, não odieis, não odeiem. E assim por diante.

2ª CONJUGAÇÃO

ABSTER-SE

Indicativo *presente*: abstenho-me, absténs-te, abstém-se, abstemo-nos, abstende-vos, abstêm-se.

Pretérito imperfeito: abstinha-me, abstinhas-te, abstinha-se, abstínhamo-nos, etc.

Pretérito perfeito: abstive-me, abstiveste-te, absteve-se, abstivemo-nos, etc.

Pretérito mais-que-perfeito: abstivera-me, abstiveras-te, abstivera-se, etc.

Futuro do presente: abster-me-ei, abster-te-ás, abster-se-á, abster-nos-emos, etc.

Futuro do pretérito: abster-me-ia, abster-te-ias, abster-se-ia, abster-nos-íamos, etc.

Imperativo afirmativo: abstém-te, abstenha-se, abstenhamo-nos, abstende-vos, abstenham-se.

Subjuntivo *presente*: que me abstenha, que te abstenhas, que se abstenha, etc.

Pretérito imperfeito: se me abstivesse, se te abstivesses, se se abstivesse, etc.

Futuro: se me abstiver, se te abstiveres, se se abstiver, etc.

Gerúndio: abstendo-se.

Particípio: abstido.

Conjuga-se como *ter*.

COMPRAZER-SE (= sentir prazer, gostar)

Tem a conjugação completa e figura no rol dos verbos abundantes. Segue o modelo *jazer* (com irregularidade apenas na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo), sendo que nos tempos do pretérito apresenta formas irregulares ao lado das regulares:

comprazo-me, comprazes-te, compraz-se, comprazemo-nos, etc.; *comprazia-me*, etc.; *comprazer-me-ei*, etc.; *comprazer-me-ia*, etc.; *compraza-me*, etc.; *comprazi-me* ou *comprouve-me; comprazera-me* ou *comprouvera-me; comprazesse-me* ou *comprouvesse-me*; *se me comprazer* ou *se me comprouver*, etc.[3]

---

[3] "Embora o conselheiro às vezes se *comprouvesse* em seguir as suas aventuras policiais modernas." (João Alphonsus, *Contos e Novelas*, p. 137, Rio de Janeiro, 1965)

"Sentiu-se que o gênio da noite se *comprazera* em criar gruta ímpar e assombrosa." (Ferreira de Castro, *A Selva*, Guimarães Editores, 2006)

"Não mais *me comprazi* na sua palavra." (Carlos de Laet)

CABER

Indicativo *presente*: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem.
Pretérito perfeito: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam.
Pretérito mais-que-perfeito: coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam.
Subjuntivo *presente*: caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam.
Pretérito imperfeito: coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem.
Futuro: couber, couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem.
Gerúndio: cabendo.
Particípio: cabido.
Imperativo: não existe.

CRER

Indicativo *presente*: creio, crês, crê, cremos, credes, creem.
Pretérito imperfeito: cria, crias, cria, críamos, críeis, criam.
Pretérito perfeito: cri, creste, creu, cremos, crestes, creram.
Imperativo afirmativo: crê, creia, creiamos, crede, creiam.
Subjuntivo *presente*: creia, creias, creia, creiamos, creiais, creiam.
Pretérito imperfeito: cresse, cresses, cresse, crêssemos, crêsseis, cressem.
Futuro: crer, creres, crer, crermos, crerdes, crerem.
Gerúndio: crendo.
Particípio: crido.

Assim se conjugam *descrer* e *ler*.

DIZER

Indicativo *presente*: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem.
Pretérito imperfeito: dizia, dizias, dizia, dizíamos, dizíeis, diziam.
Pretérito perfeito: disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram.
Pretérito mais-que-perfeito: dissera, disseras, dissera, etc.
Futuro do presente: direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão.
Futuro do pretérito: diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam.
Imperativo afirmativo: dize, diga, digamos, dizei, digam.
Subjuntivo *presente*: diga, digas, diga, digamos, digais, digam.
Pretérito imperfeito: dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem.
Futuro: disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem.
Infinitivo *impessoal*: dizer.
Infinitivo pessoal: dizer, dizeres, dizer, dizermos, dizerdes, dizerem.
Gerúndio: dizendo.
Particípio: dito.

Seguem este paradigma os derivados *bendizer, condizer, contradizer, desdizer, entredizer, maldizer, predizer* e *redizer*.

ESCREVER

Escrever e seus derivados *descrever, inscrever, prescrever, proscrever, reescrever, sobrescrever, subscrever* são irregulares apenas no particípio: *escrito, descrito, inscrito, prescrito, proscrito, reescrito, sobrescrito, subscrito.*

FAZER

Indicativo *presente*: faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem.
Pretérito perfeito: fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram.
Pretérito mais-que-perfeito: fizera, fizeras, fizera, fizéramos, fizéreis, fizeram.
Futuro do presente: farei, farás, fará, faremos, fareis, farão.
Futuro do pretérito: faria, farias, faria, faríamos, faríeis, fariam.
Imperativo afirmativo: faze, faça, façamos, fazei, façam.
Subjuntivo *presente*: faça, faças, faça, façamos, façais, façam.
Pretérito imperfeito: fizesse, fizesses, fizesse, fizéssemos, fizésseis, fizessem.
Futuro: fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem.
Infinitivo *impessoal*: fazer.
Infinitivo pessoal: fazer, fazeres, fazer, fazermos, fazerdes, fazerem.
Gerúndio: fazendo.
Particípio: feito.

Como *fazer* se conjugam os seus derivados: *afazer-se, desfazer, refazer, perfazer, satisfazer*, etc.

JAZER

Indicativo *presente*: jazo, jazes, *jaz*, jazemos, jazeis, jazem.
Pretérito perfeito: jazi, jazeste, jazeu, jazemos, jazestes, jazeram.
Futuro do presente: jazerei, jazerás, jazerá, etc.
Futuro do pretérito: jazeria, jazerias, jazeria, etc.
Imperativo afirmativo: jaze, jaza, jazamos, jazei, jazam.
Subjuntivo *presente*: jaza, jazas, jaza, jazamos, jazais, jazam.
Pretérito imperfeito: jazesse, jazesses, jazesse, etc.
Futuro: jazer, jazeres, jazer, jazermos, jazerdes, jazerem.
Gerúndio: jazendo.
Particípio: jazido.

Esse verbo, que significa "estar deitado", "estar no chão", é irregular só na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo.

Segue esse modelo o verbo *comprazer-se*, conjugado anteriormente.

LER

Indicativo *presente*: leio, lês, lê, lemos, ledes, leem.
Pretérito imperfeito: lia, lias, lia, etc.

Pretérito perfeito: li, leste, leu, lemos, lestes, leram.
Pretérito mais-que-perfeito: lera, leras, lera, lêramos, lêreis, leram.
Imperativo afirmativo: lê, leia, leiamos, lede, leiam.
Subjuntivo *presente*: leia, leias, leia, leiamos, leiais, leiam.
Pretérito imperfeito: lesse, lesses, lesse, lêssemos, lêsseis, lessem.
Futuro: ler, leres, ler, lermos, lerdes, lerem.
Gerúndio: lendo.
Particípio: lido.

Ler e seus derivados *reler* e *tresler* conjugam-se como *crer*.

MOER

Indicativo *presente*: moo, *móis, mói,* moemos, moeis, moem.
Pretérito imperfeito: moía, moías, moía, moíamos, moíeis, moíam.
Pretérito perfeito: moí, moeste, moeu, etc.
Imperativo *afirmativo*: *mói,* moa, moamos, moei, moam.
Subjuntivo *presente*: moa, moas, moa, moamos, moais, moam.
Pretérito imperfeito: moesse, moesses, moesse, etc.
Gerúndio: moendo.
Particípio: moído.

Irregular apenas na 2ª e 3ª pessoas do singular do presente do indicativo e na 2ª pessoa do singular do imperativo. Assim se conjugam *esmoer, remoer, roer, corroer, doer-se, condoer-se* e *doer*.

PERDER

Indicativo *presente*: perco, perdes, perde, perdemos, perdeis, perdem.
Subjuntivo *presente*: perca, percas, perca, percamos, percais, percam.
Imperativo afirmativo: perde, perca, percamos, perdei, percam.

Regular no resto. As formas com a consoante *c* têm o *e* fechado: perco (ê), percas (ê), perca (ê), percam (ê).

PODER

Indicativo *presente*: posso, podes, pode, podemos, podeis, podem.
Pretérito imperfeito: podia, podias, podia, etc.
Pretérito perfeito: pude, pudeste, pôde, pudemos, pudestes, puderam.
Pretérito mais-que-perfeito: pudera, puderas, pudera, pudéramos, pudéreis, puderam.
Imperativo: não existe.
Subjuntivo *presente*: possa, possas, possa, possamos, possais, possam.
Pretérito imperfeito: pudesse, pudesses, pudesse, pudéssemos, pudésseis, pudessem.
Futuro: puder, puderes, puder, pudermos, puderdes, puderem.

***Infinitivo** pessoal*: poder, poderes, poder, podermos, poderdes, poderem.
Gerúndio: podendo.
Particípio: podido.

PÔR

***Indicativo** presente*: ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem.
Pretérito imperfeito: punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham.
Pretérito perfeito: pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram.
Pretérito mais-que-perfeito: pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram.
Futuro do presente: porei, porás, porá, poremos, poreis, porão.
Futuro do pretérito: poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poriam.
Imperativo afirmativo: põe, ponha, ponhamos, ponde, ponham.
Imperativo negativo: não ponhas, não ponha, não ponhamos, não ponhais, não ponham.
***Subjuntivo** presente*: ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham.
Pretérito imperfeito: pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, puséssseis, pusessem.
Futuro: puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem.
***Infinitivo** impessoal*: pôr.
Infinitivo pessoal: pôr, pores, pôr, pormos, pordes, porem.
Gerúndio: pondo.
Particípio: posto.

Pôr é o antigo verbo *poer*, motivo pelo qual é incluído entre os irregulares da 2ª conjugação.

Como *pôr* conjugam-se todos os seus derivados: *antepor, apor, compor, contrapor, decompor, depor, descompor, dispor, entrepor, expor, impor, indispor, interpor, justapor, maldispor, opor, pospor, predispor, prepor, pressupor, propor, recompor, repor, sobrepor, sotopor, superpor, supor, transpor.*

PRAZER (= causar prazer, agradar)

Só se usa na 3ª pessoa do singular.

***Indicativo** presente*: praz.
Pretérito imperfeito: prazia.
Pretérito perfeito: prouve.
Pretérito mais-que-perfeito: prouvera.
Futuro do presente: prazerá.
Futuro do pretérito: prazeria.
***Subjuntivo** presente*: praza.
Pretérito imperfeito: prouvesse.
Futuro: prouver.
Gerúndio: prazendo.
Particípio: prazido.

Assim se conjugam *aprazer* e *desaprazer*: "Pois que *aprouve* ao dia findar, aceito a noite." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

PRECAVER

Indicativo *presente*: precavemos, precaveis (defectivo nas outras pessoas).

Pretérito imperfeito: precavia, precavias, precavia, etc.

Pretérito perfeito: precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram.

Imperativo: precavei.

Subjuntivo *presente*: não há.

Pretérito imperfeito: precavesse, precavesses, precavesse, etc.

Futuro: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.

Gerúndio: precavendo.

Particípio: precavido.

Este verbo é defectivo. Não se usa nas formas rizotônicas. Não é formado de *ver* nem de *vir*, sendo, portanto, errôneas as formas *precavejo, precavês, precavenho, precavéns, precavém, precavêm, precavenha, precavenham*. Nas formas em que é defectivo, empregaremos os verbos *precatar, acautelar, cuidar* ou *prevenir*. Usa-se mais frequentemente como verbo reflexivo: *precavemo-nos, precavia-me, precavei-vos*, etc.

Em vez de "ele que *se precavenha*", diga "que ele *se previna*" ou "que ele *se acautele*" ou ainda "que ele *se cuide*".

PROVER

Indicativo *presente*: provejo, provês, provê, provemos, provedes, proveem.

Pretérito imperfeito: provia, provias, provia, etc.

Pretérito perfeito: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram.

Pretérito mais-que-perfeito: provera, proveras, provera, etc.

Futuro do presente: proverei, proverás, proverá, etc.

Futuro do pretérito: proveria, proverias, proveria, etc.

Imperativo afirmativo: provê, proveja, provejamos, provede, provejam.

Subjuntivo *presente*: proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam.

Pretérito imperfeito: provesse, provesses, provesse, etc.

Futuro: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.

Gerúndio: provendo.

Particípio: provido.

Este verbo, que significa *abastecer, providenciar,* conjuga-se como *ver*, exceto no pretérito perfeito e seus derivados e no particípio, em que é regular.

Seu antônimo *desprover* é usado quase exclusivamente no particípio: *desprovido*.

QUERER

Indicativo *presente*: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem.

Pretérito imperfeito: queria, querias, queria, etc.

Pretérito perfeito: quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram.

Pretérito mais-que-perfeito: quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram.

Futuro do presente: quererei, quererás, quererá, etc.

Futuro do pretérito: quereria, quererias, quereria, etc.

Imperativo afirmativo: queira você, queiram vocês, querei vós[4].

Imperativo negativo: não queiras, não queira, não queiramos, não queirais, não queiram.

***Subjuntivo** presente*: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram.

Pretérito imperfeito: quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem.

Futuro: quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem.

***Infinitivo** pessoal*: querer, quereres, querer, querermos, quererdes, quererem.

Gerúndio: querendo.

Particípio: querido.

Os derivados *benquerer* e *malquerer*, além do particípio regular *benquerido, malquerido*, têm outro, irregular: *benquisto, malquisto*, usados como adjetivos.

REQUERER

***Indicativo** presente*: requeiro, requeres, requer, requeremos, requereis, requerem.

Pretérito perfeito: requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram.

Pretérito mais-que-perfeito: requerera, requereras, requerera, etc.

Futuro do presente: requererei, requererás, requererá, etc.

Futuro do pretérito: requereria, requererias, requereria, etc.

Imperativo afirmativo: requere, requeira, requeiramos, requerei, requeiram.

***Subjuntivo** presente*: requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram.

Pretérito imperfeito: requeresse, requeresses, requeresse, etc.

Futuro: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.

Gerúndio: requerendo.

Particípio: requerido.

Este verbo não segue a conjugação de *querer*. É irregular apenas na 1ª e na 3ª pessoa do singular do indicativo presente e, portanto, no presente do subjuntivo, no imperativo negativo e no imperativo afirmativo (requeira você, requeiram vocês).

REAVER

Conjuga-se como *haver*, mas só possui as formas que têm a letra *v*.

***Indicativo** presente*: reavemos, reaveis. (Não existem: *reei, reás, reá, reão*.)

Pretérito imperfeito: reavia, reavias, reavia, etc.

Pretérito perfeito: reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram.

Pretérito mais-que-perfeito: reouvera, reouveras, reouvera, etc.

Futuro do presente: reaverei, reaverás, etc.

Futuro do pretérito: reaveria, reaverias, etc.

Imperativo afirmativo: reavei.

***Subjuntivo** pretérito imperfeito*: reouvesse, reouvesses, reouvesse, reouvéssemos, reouvésseis, reouvessem.

---

[4] "*Querei* só o que podeis e seres onipotentes." (Antônio Vieira)

Futuro: reouver, reouveres, reouver, reouvermos, reouverdes, reouverem.
Gerúndio: reavendo.
Particípio: reavido.

Reaveja, reavejam são formas errôneas, inadmissíveis. O presente do subjuntivo não existe, nem, portanto, o imperativo negativo. Supre-se com as formas do sinônimo *recuperar*: *recupere, recuperes, recupere*, etc.

SABER
Indicativo *presente*: sei, sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem.
Pretérito perfeito: soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, souberam.
Pretérito mais-que-perfeito: soubera, souberas, soubera, soubéramos, soubéreis, souberam.
Subjuntivo *presente*: saiba, saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam.
Pretérito imperfeito: soubesse, soubesses, soubesse, soubéssemos, soubésseis, soubessem.
Futuro: souber, souberes, souber, soubermos, souberdes, souberem.
Imperativo afirmativo: sabe, saiba, saibamos, sabei[5], saibam.

É regular nos outros tempos.

SOER (= costumar)
Indicativo *presente*: sóis, sói, soemos, soeis, soem. (Pronuncie *sóem*.)
Pretérito imperfeito: soía, soías, soía, soíamos, soíeis, soíam.

Verbo defectivo, inusitado nas demais formas. Nas formas vigentes segue o verbo *moer*.

TRAZER
Indicativo *presente*: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem.
Pretérito imperfeito: trazia, trazias, trazia, etc.
Pretérito perfeito: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram.
Pretérito mais-que-perfeito: trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram.
Futuro do presente: trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão.
Futuro do pretérito: traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam.
Imperativo afirmativo: traze, traga, tragamos, trazei, tragam.
Subjuntivo *presente*: traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam.
Pretérito imperfeito: trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem.
Futuro: trouxer, trouxeres, trouxer, trouxermos, trouxerdes, trouxerem.
Infinitivo *pessoal*: trazer, trazeres, trazer, trazermos, trazerdes, trazerem.
Gerúndio: trazendo.
Particípio: trazido.

---

[5] "Sabei sofrer, merecereis gozar." (Marquês de Maricá)
"Pois sabei que, naquele tempo, estava eu na quarta edição." (Machado de Assis)
"Sabei, moços, que há inferno, e não fica longe; é aqui." (Rubem Braga)

VALER

Indicativo *presente*: valho, vales, vale, valemos, valeis, valem.

Subjuntivo *presente*: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham.

Imperativo afirmativo: vale, valha, valhamos, valei, valham.

Nos outros tempos é regular.

Assim se conjugam *equivaler* e *desvaler*.

VER

Indicativo *presente*: vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem.

Pretérito perfeito: vi, viste, viu, vimos, vistes, viram.

Pretérito mais-que-perfeito: vira, viras, vira, víramos, víreis, viram.

Imperativo afirmativo: vê, veja, vejamos, vede, vejam.

Subjuntivo *presente*: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam.

Pretérito imperfeito: visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem.

Futuro: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.

Gerúndio: vendo.

Particípio: visto.

Como *ver* se conjugam: *antever, entrever, prever, rever*. Observe que no futuro do subjuntivo se diz "se você *vir*", "se eu *vir*", e não "se você *ver*", "se eu *ver*".

3ª CONJUGAÇÃO

ABOLIR

Indicativo *presente*: aboles, abole, abolimos, abolis, abolem.

Imperativo afirmativo: abole, aboli.

Subjuntivo *presente*: não existe.

Defectivo nas formas em que ao *l* do radical se seguiria *a* ou *o*, o que ocorre apenas no presente do indicativo e seus derivados.

Por este verbo se conjugam: *banir, brandir, carpir, colorir, comedir-se, delir, demolir, extorquir, esculpir, haurir, delinquir*, etc.

AGREDIR

Indicativo *presente*: agrido, agrides, agride, agredimos, agredis, agridem.

Subjuntivo *presente*: agrida, agridas, agrida, agridamos, agridais, agridam.

Imperativo afirmativo: agride, agrida, agridamos, agredi, agridam.

Regular nos demais tempos.

Este verbo muda a vogal *e* em *i* nas formas rizotônicas do presente do indicativo e em todas as formas dos seus dois derivados, excetuando-se a 2ª pessoa do plural do imperativo afirmativo (agredi).

São conjugados assim: *progredir, regredir, transgredir, denegrir, prevenir, cerzir*.

CAIR

Indicativo *presente*: caio, cais, cai, caímos, caís, caem.

Subjuntivo *presente*: caia, caias, caia, caiamos, caiais, caiam.

Imperativo afirmativo: cai, caia, caiamos, caí, caiam.

Regular no resto.

Seguem este modelo os verbos terminados em *-air: decair, recair, sair, sobressair, trair, distrair, abstrair, detrair, subtrair*, etc.

COBRIR

Indicativo *presente*: cubro, cobres, cobre, cobrimos, cobris, cobrem.

Subjuntivo *presente*: cubra, cubras, cubra, cubramos, cubrais, cubram.

Imperativo afirmativo: cobre, cubra, cubramos, cobri, cubram.

Particípio: coberto.

Observe: *o* → *u* na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e em todas as pessoas do presente do subjuntivo.

Assim se conjugam: *dormir, engolir, tossir, encobrir, descobrir*. Os três primeiros, porém, têm o particípio regular. *Abrir, entreabrir* e *reabrir* seguem *cobrir*, no particípio: *aberto, entreaberto, reaberto*.

CONDUZIR

Este verbo e todos os terminados em *-uzir* perdem o *e* final na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo: *conduz, induz, reduz, seduz, luz, reluz*, etc.

CONSTRUIR

Indicativo *presente*: construo, constróis, constrói, construímos, construís, constroem.

Imperativo afirmativo: constrói, construa, construamos, construí, construam.

Regular no resto. Não se usam as formas regulares *construi(s), construem*.

Assim se conjugam *destruir, reconstruir* e *estruir* (destruir, desperdiçar).

FALIR

Indicativo *presente*: falimos, falis.

Pretérito imperfeito: falia, falias, falia, falíamos, falíeis, faliam.

Pretérito perfeito: fali, faliste, faliu, etc.

Pretérito mais-que-perfeito: falira, faliras, falira, etc.

Particípio: falido.

Verbo regular defectivo. Usa-se apenas nas formas em que ao *l* se segue *i*.

Modelam-se por *falir*: *aguerrir, empedernir, espavorir, remir*, etc.

FERIR

Indicativo *presente*: firo, feres, fere, ferimos, feris, ferem.

Subjuntivo *presente*: fira, firas, fira, firamos, firais, firam.

Imperativo afirmativo: fere, fira, firamos, feri, firam.

Regular no resto. Note: *e* → *i* na 1ª pessoa do singular do indicativo presente e em todo o presente do subjuntivo.

Seguem a conjugação de *ferir: aderir, advertir, aferir, auferir, compelir, competir, concernir, convergir, deferir, despir, diferir, divergir, discernir, divertir, gerir, digerir, ingerir, sugerir, refletir, vestir, servir, desservir, seguir, repelir, conseguir, perseguir, prosseguir, preterir, inserir, revestir.*

FRIGIR

Indicativo *presente*: frijo, freges, frege, frigimos, frigis, fregem.

Subjuntivo *presente*: frija, frijas, frija, frijamos, frijais, frijam.

Imperativo afirmativo: frege, frija, frijamos, frigi, frijam.

Particípio: frito ou frigido. *Frito* funciona também como adjetivo: peixe *frito*.

Regular no resto. Verbo de pouco uso. Emprega-se, de preferência, o sinônimo *fritar*. Aparece na expressão "no frigir dos ovos" = no fim de tudo.

FUGIR

Indicativo *presente*: fujo, foges, foge, fugimos, fugis, fogem.

Imperativo afirmativo: foge, fuja, fujamos, fugi, fujam.

Subjuntivo *presente*: fuja, fujas, fuja, fujamos, fujais, fujam.

Regular nas demais formas.

Seguem este modelo: *acudir, bulir, cuspir, entupir, escapulir, sacudir, subir*. Não se usam as formas regulares *entupes, entupe, entupem,* do verbo *entupir*, suplantadas pelas irregulares *entopes, entope, entopem*.

IR

Indicativo *presente*: vou, vais, vai, vamos, ides, vão.

Pretérito imperfeito: ia, ias, ia, íamos, íeis, iam.

Pretérito perfeito: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.

Pretérito mais-que-perfeito: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.

Futuro do presente: irei, irás, irá, iremos, ireis, irão.

Futuro do pretérito: iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam.

Imperativo afirmativo: vai, vá, vamos, ide, vão.

Imperativo negativo: não vás, não vá, não vamos, não vades, não vão.

Subjuntivo *presente*: vá, vás, vá, vamos, vades, vão.

Pretérito imperfeito: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.

Futuro: for, fores, for, formos, fordes, forem.

Infinitivo *pessoal*: ir, ires, ir, irmos, irdes, irem.

Gerúndio: indo.
Particípio: ido.

MENTIR

Indicativo *presente*: minto, mentes, mente, mentimos, mentis, mentem.
Subjuntivo *presente*: minta, mintas, minta, mintamos, mintais, mintam.
Imperativo afirmativo: mente, minta, mintamos, menti, mintam.

Regular no resto da conjugação. Como no verbo *ferir*, a vogal *e* muda em *i* na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e em todas as do presente do subjuntivo, mas, por ser nasal, conserva o timbre fechado na 2ª e 3ª pessoas do singular e 3ª do plural do presente do indicativo.

Seguem este modelo: *desmentir, sentir, consentir, ressentir, pressentir.*

OUVIR

Indicativo *presente*: ouço, ouves, ouve, ouvimos, ouvis, ouvem.
Imperativo afirmativo: ouve, ouça, ouçamos, ouvi, ouçam.
Subjuntivo *presente*: ouça, ouças, ouça, ouçamos, ouçais, ouçam.
Imperativo negativo: não ouças, não ouça, não ouçamos, não ouçais, não ouçam.
Gerúndio: ouvindo.
Particípio: ouvido.

Regular nos demais tempos.

PEDIR

Indicativo *presente*: peço, pedes, pede, pedimos, pedis, pedem.
Subjuntivo *presente*: peça, peças, peça, peçamos, peçais, peçam.
Imperativo afirmativo: pede, peça, peçamos, pedi, peçam.
Imperativo negativo: não peças, não peça, não peçamos, não peçais, não peçam.

Regular nas outras formas.

Conjugam-se assim: *despedir, expedir, impedir, desimpedir* e *medir.*

POLIR

Indicativo *presente*: pulo, pules, pule, polimos, polis, pulem.
Subjuntivo *presente*: pula, pulas, pula, pulamos, pulais, pulam.
Imperativo afirmativo: pule, pula, pulamos, poli, pulam.

Irregular nas formas rizotônicas, nas quais o *o* do radical muda em *u*. Segue a conjugação do verbo *sortir*.

REMIR

Verbo regular, mas só tem as formas em que ao *m* segue a vogal *i*.

As formas que lhe faltam são supridas com as do verbo sinônimo *redimir*, que é regular e tem a conjugação completa: ***redimo, redimes, redime***, *remimos, remis,* ***redimem***.

Conjugam-se como *falir*.

POSSUIR

Indicativo *presente*: possuo, possuis, possui, possuímos, possuís, possuem.

Pretérito imperfeito: possuía, possuías, possuía, etc.

Pretérito perfeito: possuí, possuíste, possuiu, possuímos, possuístes, possuíram.

Pretérito mais-que-perfeito: possuíra, possuíras, possuíra, etc.

Subjuntivo *presente*: possua, possuas, possua, possuamos, possuais, possuam.

Imperativo afirmativo: possui, possua, possuamos, possuí, possuam.

Verbo regular, apresentando a particularidade gráfica *-ui*, e não *-ue*, na 2ª e 3ª pessoas do singular do presente do indicativo, por haver ditongo decrescente.

Por este se conjugam todos os verbos em *-uir* (*destituir, concluir, influir, anuir, arguir, fruir, obstruir, instruir, restituir*, etc.), exceto *construir, reconstruir* e *destruir*, irregulares no indicativo presente. Alguns, como *puir, ruir*, etc., são defectivos nas pessoas em que o *u* é seguido de *o* ou *a*.

Quanto ao verbo *arguir*, o *u* recebe acento gráfico quando tônico e seguido de *i* ou *e*: arguo, *argúis, argúi, arguímos, arguís, argúem*; arg*uí*, arg*uí*ste, arg*uí*u, arg*uí*mos, ag*uí*stes, arg*uí*ram, etc. Contrariamente ao que preceitua o novo sistema ortográfico, entendemos que se devem acentuar os grupos *gui, gue* desse verbo quando as vogais *i* e *u* são tônicas, a fim de afastar pronúncias errôneas. *Argui*, sem acento, por exemplo, pode ser pronunciado como *segui*.

RIR

Indicativo *presente*: rio, ris, ri, rimos, rides, riem.

Pretérito imperfeito: ria, rias, ria, ríamos, ríeis, riam.

Pretérito perfeito: ri, riste, riu, rimos, ristes, riram.

Imperativo afirmativo: ri, ria, riamos, ride, riam.

Subjuntivo *presente*: ria, rias, ria, riamos, riais, riam.

Imperfeito: risse, risses, risse, ríssemos, rísseis, rissem.

Particípio: rido.

Como *rir* se conjuga o derivado *sorrir*.

SORTIR

Indicativo *presente*: surto, surtes, surte, sortimos, sortis, surtem.

Subjuntivo *presente*: surta, surtas, surta, surtamos, surtais, surtam.

Imperativo afirmativo: surte, surta, surtamos, sorti, surtam.

Irregular nas formas rizotônicas, nas quais a vogal *o* muda em *u*.

Segue esta conjugação o verbo *polir*.

Sortir significa *abastecer, fazer sortimento, combinar*. Não confundir com *surtir* (= ter como resultado, alcançar efeito, originar), que só tem as terceiras pessoas: o plano *surtiu* efeito; as negociações não *surtiram* efeito.

SUMIR

Indicativo *presente*: sumo, somes, some, sumimos, sumis, somem.

Subjuntivo *presente*: suma, sumas, suma, sumamos, sumais, sumam.

Imperativo afirmativo: some, suma, sumamos, sumi, sumam.

Regular no resto da conjugação.

Assim também *consumir*: *consumo, consomes, consome, consumimos, consumis, consomem. Assumir, reassumir, resumir* e *presumir* são regulares: *assumo, assumes, assume, assumimos, assumis, assumem*, etc.

SUBMERGIR

Indicativo *presente*: submerjo (ê), submerges, submerge, submergimos, submergis, submergem.

Subjuntivo *presente*: submerja (ê), submerjas, submerja, etc.

Particípio: submergido e submerso (mais usado como adjetivo: *corpo submerso*).

Seguem esse modelo *emergir, imergir* e *aspergir*. Este último, porém, pode ser conjugado como *ferir* (*aspirjo, asperges, asperge*, etc.; *aspirja, aspirjas, aspirja*, etc.), observando-se que as formas com *i* tônico praticamente não se usam.

VIR

Indicativo *presente*: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm.

Pretérito imperfeito: vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham.

Pretérito perfeito: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.

Pretérito mais-que-perfeito: viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram.

Futuro do presente: virei, virás, virá, viremos, vireis, virão.

Futuro do pretérito: viria, virias, viria, viríamos, viríeis, viriam.

Imperativo afirmativo: vem, venha, venhamos, vinde, venham.

Subjuntivo *presente*: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham.

Pretérito imperfeito: viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem.

Futuro: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.

Infinitivo *pessoal*: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.

Gerúndio: vindo.

Particípio: vindo.

Por este se conjugam *advir, convir, intervir, provir, sobrevir, avir-se, desavir-se* (= desentender-se).

Desavindo, além de particípio, é adjetivo: Eram casais *desavindos*. Os vereadores estavam *desavindos* com o prefeito.

23 VERBOS DEFECTIVOS

Verbos defectivos são os que não possuem a conjugação completa, por não serem usados em certos modos, tempos ou pessoas.

A defectividade verbal verifica-se principalmente em formas que, por serem antieufônicas (exemplo: *abolir*, 1ª pessoa do singular do indicativo presente) ou homofônicas (exemplos: *soer*

e *falir*, 1ª pessoa do singular do indicativo presente), não foram vivificadas pelo uso. Há, porém, casos de verbos defectivos que não se explicam por nenhuma razão de ordem fonética, mas pelo simples desuso.

Ocorre maior incidência de defectividade verbal na 3ª conjugação e em formas rizotônicas.

Os verbos defectivos podem ser distribuídos em quatro grupos:

1º) Os que não têm as formas em que ao radical se seguem *a* ou *o*, o que ocorre apenas no presente do indicativo e do subjuntivo e no imperativo. O verbo *abolir* serve de exemplo.

INDICATIVO PRESENTE	SUBJUNTIVO PRESENTE	IMPERATIVO	
		AFIRMATIVO	NEGATIVO
—	—		
aboles	—	abole	—
abole	—	—	—
abolimos	—	—	—
abolis	—	aboli	—
abolem	—	—	—

Pertencem a este grupo, entre outros: *aturdir, brandir, carpir, colorir, delir, demolir, exaurir, explodir, fremir, haurir, delinquir, extorquir, puir, ruir, retorquir, latir, urgir, tinir, pascer.*

Observação:

✔ Em escritores modernos aparecem, no entanto, alguns desses verbos na 1ª pessoa do presente do indicativo, como *explodo, lato*, etc.: "Daqui vocês não me tiram – respondeu-lhes a bomba. O primeiro que me tocar, eu *explodo*." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

2º) Os que só se usam nas formas em que ao radical segue *i*, ou seja, nas formas arrizotônicas. A defectividade destes verbos, como nos do primeiro grupo, só se verifica no presente do indicativo e do subjuntivo e no imperativo.

Sirva de exemplo o verbo *falir*:

INDICATIVO PRESENTE	SUBJUNTIVO PRESENTE	IMPERATIVO	
		AFIRMATIVO	NEGATIVO
—	—		
—	—	—	—
—	—	—	—
falimos	—	—	—
falis	—	fali	—
—	—	—	—

Seguem este paradigma: *aguerrir, embair, empedernir, remir, transir*, etc. Pertencem também a este grupo os verbos *adequar* e *precaver-se*, pois só possuem as formas arrizotônicas.

3º) Verbos que, pela sua significação, não podem ter imperativo (*acontecer, poder* e *caber*) ou que, por exprimirem ação recíproca (*entrechocar-se, entreolhar-se*), se usam exclusivamente nas três pessoas do plural.

4º) Os três seguintes, já estudados, que apresentam particularidades especiais: *reaver, prazer* e *soer*.

Observação:

✔ Verbos que exprimem fenômenos meteorológicos, como *chover, ventar, trovejar*, etc., a rigor não são defectivos, uma vez que, em sentido figurado, podem ser usados em todas as pessoas.

As formas inexistentes dos verbos defectivos suprem-se:

a) com as de um verbo sinônimo: eu *recupero*, tu *recuperas*, etc. (para *reaver*); eu *redimo*, tu *redimes*, ele *redime*, eles *redimem* (para *remir*); eu *me previno* ou *me acautelo*, etc. (*para precaver*);

b) com construções perifrásticas: *estou demolindo, estou colorindo, vou à falência*; embora o cachorro *comece a latir*, etc.

24 VERBOS ABUNDANTES

Verbos abundantes são os que apresentam duas ou mais formas em certos tempos, modos ou pessoas: *comprazi-me* e *comprouve-me, apiedo-me* e *apiado-me* (forma arcaica), *elegido* e *eleito*.

Essas variantes verbais são mais frequentes no particípio, havendo numerosos verbos, geralmente transitivos, que, ao lado do particípio regular em *-ado*, ou *-ido*, possuem outro, irregular, as mais das vezes proveniente do particípio latino.

Eis alguns desses verbos seguidos de seus particípios:

absolver _____	*absolvido, absolto*	imprimir_____	*imprimido, impresso*
aceitar _____	*aceitado, aceito*	incorrer _____	*incorrido, incurso*
acender _____	*acendido, aceso*	incluir _____	*incluído, incluso*
anexar _____	*anexado, anexo*	inserir _____	*inserido, inserto*
assentar _____	*assentado, assente*	isentar _____	*isentado, isento*
benzer _____	*benzido, bento*	limpar _____	*limpado, limpo*
contundir _____	*contundido, contuso*	matar _____	*matado, morto*
despertar _____	*despertado, desperto*	morrer _____	*morrido, morto*
dispersar _____	*dispersado, disperso*	nascer _____	*nascido, nato*
entregar _____	*entregado, entregue*	pagar _____	*pagado, pago*
eleger _____	*elegido, eleito*	pegar _____	*pegado, pego* (ê)
erigir _____	*erigido, ereto*	prender _____	*prendido, preso*
expelir _____	*expelido, expulso*	romper _____	*rompido, roto*

expulsar _____	*expulsado, expulso*	sepultar _____	*sepultado, sepulto*
expressar _____	*expressado, expresso*	submergir _____	*submergido, submerso*
exprimir _____	*exprimido, expresso*	suprimir _____	*suprimido, supresso*
extinguir _____	*extinguido, extinto*	surpreender _____	*surpreendido, surpreso*
frigir _____	*frigido, frito*	soltar _____	*soltado, solto*
ganhar _____	*ganhado, ganho*	suspender _____	*suspendido, suspenso*
gastar _____	*gastado, gasto*	tingir _____	*tingido, tinto*

As formas participiais regulares usam-se, em regra, com os auxiliares *ter* e *haver*, na voz ativa, e as irregulares com os auxiliares *ser* e *estar*, na voz passiva:

"Foi temeridade *haver aceitado* o convite." (CIRO DOS ANJOS)
O convite *foi aceito* pelo professor.
O caçador *tinha soltado* os cães.
Os cães não *seriam soltos* pelo caçador.
O pescador *teria salvado* o náufrago.
O náufrago *estaria* (ou *seria*) *salvo*.
"Por que *tinha* ele *suspendido* a leitura?" (GRACILIANO RAMOS)
A leitura *estava* (ou *fora*) *suspensa*.

Essa regra, no entanto, não é seguida rigorosamente, havendo numerosas formas irregulares que se usam tanto na voz ativa como na passiva, e algumas formas regulares também empregadas na voz passiva. Exemplos:

voz ativa	**voz passiva**
Tinha *aceitado* ou *aceito* o convite.	O convite foi *aceito*.
Tinha *acendido* ou *aceso* as velas.	As velas eram *acesas* ou *acendidas*.
Tinha *elegido* ou *eleito* os candidatos.	Os candidatos são ou estão *eleitos*.
A nuvem tinha-os *envolvido* ou *envolto*.	Foram *envoltos* ou *envolvidos* pela nuvem.
Tinha *entregado* ou *entregue* a carta.	As cartas eram *entregues*.
Tinha-os *expulsado* ou *expulso*.	Foram *expulsos* da sala.
Tinha *ganho* ou *ganhado* o prêmio.	O prêmio foi ou estava *ganho*.
Tinha *gastado* ou *gasto* o dinheiro.	Foi *gasto* muito dinheiro.
Tinha *imprimido* ou *impresso* a obra.	Foi *impressa* a obra. Foi *imprimida* grande velocidade ao carro[6].
Tinha *inserido* ou *inserto* dois artigos no projeto de lei.	Foram *inseridos* ou *insertos* dois artigos no projeto de lei.
Teria *matado* ou *morto* o agressor.	O agressor teria sido *morto*.
Tê-lo-iam *pegado* ou *pego* de surpresa.	O ladrão foi *pego* pela polícia.
Terá *pago* a dívida?	A dívida foi *paga*?
Tinha *salvado* ou *salvo* muitas vidas.	A vida foi ou estava *salva*.
Tinham *extinguido* ou *extinto* o incêndio.	O incêndio foi *extinto*.

[6] "... orientação imprimida por ele." (J. GERALDO VIEIRA, *A 40ª Porta*, p. 56)

As formas irregulares, sem dúvida por serem mais breves, gozam de franca preferência, na língua atual, e algumas tanto se impuseram que acabaram por suplantar as concorrentes. É o caso de *ganho* e *pago*, que vêm tornando obsoletos os particípios regulares *ganhado* e *pagado*. Assim também se explica a forma *pasmo* (particípio irregular de *pasmar*), empregado como adjetivo, em vez de *pasmado*, e de largo uso na língua falada e escrita.

Os exemplos seguintes comprovam a preferência dos autores pelos particípios irregulares:

"Podia ter *salvo* a rapariga." (ÉRICO VERÍSSIMO)

"Anda, abraça Brígida. É quem tem *salvo* teu pai." (J. GERALDO VIEIRA)

"Um dos rapazes que o havia *salvo* era um latagão simpático." (ANTÔNIO CALLADO)

"Meu pai ganhou uma medalha de ouro por haver *salvo* duas criancinhas num incêndio de um mocambo no Recife." (AUSTREGÉSILO DE ATAÍDE)

"Tudo que é meu eu lhe dei sem você haver *aceito*." (STELLA LEONARDOS)

"Bastava levar água *benta* por ele e o efeito seria o mesmo." (OTTO LARA RESENDE)

"Proibiu-se que estes metais fossem *limpos*." (RAMALHO ORTIGÃO)

"... tinha-a *limpo* com uma lixa." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"Dias depois, vi chegar um rapazinho *seguro* por dois homens." (GRACILIANO RAMOS)

"Tinha trabalhado como um mouro, e tinha *ganho* dinheiro!" (EÇA DE QUEIRÓS)

"Mas o que é que eu tenho *ganho* com isso?" (HERBERTO SALES)

"Pelo caminho haviam *gasto* mais do que imaginavam." (JORGE AMADO)

"Tinham-lhe *gasto* o fio em pedra de amolar." (GRACILIANO RAMOS)

"... como se a indiferença os houvesse *gasto*." (FERNANDO NAMORA)

"Os que não houvessem *pago* imposto lá mesmo, teriam que o fazer em Santos, e em dobro." (CASSIANO RICARDO)

"Ele ficou *pasmo*, sem palavra." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

"Podíamos ter *morto* os que vieram hoje." (FERREIRA DE CASTRO)

Com os verbos *estar, ficar* e *andar*, usam-se quase sempre as formas irregulares, com feição de adjetivos e função de predicativos:

Os brinquedos estavam *dispersos* pelo chão.

A raia ficou *presa* à rede elétrica.

Os animais andavam *soltos* pela estrada.

"Só essas árvores estavam *despertas*." (JOSÉ AMÉRICO)

"Estará *sepulto* Churchill." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"O passado amargo há muito estava *sepulto*." (MÍRIA BOTELHO)

Finalmente, advirta-se que vários particípios irregulares, perdida a força verbal, passaram para a categoria de meros adjetivos. Citemos, entre outros: *confuso* (de *confundir*), *correto* (de *corrigir*), *exausto* (de *exaurir*), *insurreto* (de *insurgir-se*), *omisso* (de *omitir*), *submisso* (de *submeter*), *corrupto* (de *corromper*). Exemplos:

homem *corrupto*; frase *correta*; grupos *insurretos*

CONJUGAÇÃO DE UM VERBO COM OS PRONOMES OBLÍQUOS O, A, OS, AS

Indicativo *presente*: faço-o, faze-lo, fá-lo, fazemo-lo, fazei-lo, fazem-no.

Pretérito imperfeito: fazia-o, fazia-lo, fazia-o, fazíamo-lo, fazíei-lo, faziam-no.

Pretérito perfeito: fi-lo, fizeste-o, fê-lo, fizemo-lo, fizeste-lo, fizeram-no.

Pretérito mais-que-perfeito: fizera-o, fizera-lo, fizera-o, fizéramo-lo, fizérei-lo, fizeram-no.

Futuro do presente: fá-lo-ei, fá-lo-ás, fá-lo-á, fá-lo-emos, fá-lo-eis, fá-lo-ão.

Futuro do pretérito: fá-lo-ia, fá-lo-ias, fá-lo-ia, fá-lo-íamos, fá-lo-íeis, fá-lo-iam.

Imperativo afirmativo: faze-o, faça-o, façamo-lo, fazei-o, façam-no.

Imperativo negativo: não o faças, não o faça, não o façamos, não o façais, não o façam.

Subjuntivo *presente*: que o faça, que o faças, que o faça, que o façamos, que o façais, que o façam.

Pretérito imperfeito: se o fizesse, se o fizesses, se o fizesse, se o fizéssemos, se o fizésseis, se o fizessem.

Futuro: se o fizer, se o fizeres, se o fizer, se o fizermos, se o fizerdes, se o fizerem.

Infinitivo *impessoal*: fazê-lo.

Infinitivo pessoal: fazê-lo, fazere-lo, fazê-lo, fazermo-lo, fazerde-lo, fazerem-no.

Gerúndio: fazendo-o.

Tempos compostos: tenho-o feito, tinha-o feito, tê-lo-ei feito, tê-lo-ia feito, que o tenha feito, se o tivesse feito, se o tiver feito, tê-lo feito, tendo-o feito.

Note bem:

a) Quando o verbo termina em vogal oral, ou em ditongo ou tritongo orais, associam-se-lhe os pronomes enclíticos *o, a, os, as*, sem nenhuma alteração:
faço-o, defendei-a, vende-os, deu-as

b) Quando a forma verbal termina em *-r, -s* ou *-z*, desaparecem estas consoantes e os pronomes assumem as formas *lo, la, los, las:*
dar + o --> *dá-lo* fizestes + a --> *fizeste-la* fez + os --> *fê-los*

c) Se o verbo termina por um ditongo nasal (*-am, -em, -ão, -õe*), os pronomes tomam as formas *no, na, nos, nas*:
trazem-no, dão-na, faziam-nos, põe-nas

d) No futuro do indicativo os pronomes não podem ser pospostos ao verbo:
vendê-lo-ei (ou *eu o venderei*) e nunca: *venderei-o*
vendê-la-ia (ou *eu a venderia*) e nunca: *venderia-a*

e) Nos tempos do subjuntivo os pronomes átonos são, em geral, antepostos.

f) Ao particípio não se associam os pronomes átonos.

Observação:

✔ Na prática, associações como *fi-lo, qui-lo, fá-lo-ão*, etc. devem ser evitadas, por serem malsoantes e de mau gosto. Nesses casos, deve-se antepor o pronome oblíquo ao verbo: eu *o fiz* calar; ele *os quis* enganar; eles *a farão* feliz; nós *as fazíamos* rir; etc.

25 PRONÚNCIA CORRETA DE ALGUNS VERBOS

- Nos verbos cujo radical termina em *-ei, -eu, -oi, -ou*, seguidos de consoante, é fechada a vogal-base desses ditongos:

  a) Pronuncie *ei* (como na palavra *lei*):
  al**ei**jo, al**ei**jas, al**ei**ja, al**ei**jam, al**ei**je, al**ei**jem;
  ab**ei**ro-me, ab**ei**ra-se, ab**ei**ram-se, ab**ei**re-se, ab**ei**ra-te;
  enf**ei**xo, enf**ei**xas, enf**ei**xa, enf**ei**xe, enf**ei**xam, enf**ei**xem, enf**ei**xes;
  int**ei**ro, int**ei**ras, int**ei**ra, int**ei**ram, int**ei**re, int**ei**res, int**ei**rem.

  b) Pronuncie *eu* (como na palavra *deu*):
  end**eu**so, end**eu**sas, end**eu**sa, end**eu**sam, end**eu**se, end**eu**ses, end**eu**sem.

  c) Pronuncie *oi* (como na palavra *boi*):
  aç**oi**to, aç**oi**tas, aç**oi**ta, aç**oi**tam, aç**oi**te, aç**oi**tes, aç**oi**tem;
  f**oi**ço, f**oi**ças, f**oi**ça, f**oi**çam, f**oi**ce, f**oi**ces, f**oi**cem;
  desm**oi**to, desm**oi**tas, desm**oi**ta, desm**oi**tam, desm**oi**te, desm**oi**tes, desm**oi**tem;
  n**oi**vo, n**oi**vas, n**oi**va, n**oi**vam, n**oi**ve, n**oi**ves, n**oi**vem.

  d) Pronuncie *ou* (como na palavra *ouro*):
  afr**ou**xo, afr**ou**xas, afr**ou**xa, afr**ou**xam, afr**ou**xe, afr**ou**xes, afr**ou**xem;
  r**ou**bo, r**ou**bas, r**ou**ba, r**ou**bam, r**ou**be, r**ou**bes, r**ou**bem;
  est**ou**ro, est**ou**ras, est**ou**ra, est**ou**ram, est**ou**re, est**ou**res, est**ou**rem.

- Nos verbos terminados em *-ejar* e *-elhar*, como *despejar, almejar, arejar, velejar, pelejar, planejar, espelhar, aparelhar, semelhar, avermelhar*, etc., o *e* tônico profere-se fechado:
  desp**e**jo, desp**e**jas, desp**e**ja, desp**e**jam, desp**e**je, desp**e**jes, desp**e**jem
  esp**e**lho, esp**e**lhas, esp**e**lha, esp**e**lham, esp**e**lhe, esp**e**lhes, esp**e**lhem.

- Verbos como *englobar, desposar, forçar, rogar, mofar, ensopar, escovar, estorvar, enroscar, rosnar, lograr*, etc. têm o *o* aberto nas formas rizotônicas:
  esc**o**vo, esc**o**va, esc**o**ve, desp**o**sa, ens**o**pa, ens**o**pam, etc.

- Na terminação *-oem*, a vogal *o* é fechada nos verbos finalizados em *-oar: voem, magoem, coem, doem* (doar), *soem* (soar), *abençoem, coroem, abotoem*, etc., e aberta nos verbos terminados em *-oer: doem* (doer), *soem* (soer), *moem, roem, corroem*, etc.

- Nas três pessoas do singular e na 3ª do plural do presente do indicativo e do subjuntivo do verbo *saudar*, a vogal *u* forma hiato e não ditongo:
  sa**ú**do (sa-**ú**-do), sa**ú**das, sa**ú**da, sa**ú**dam;
  sa**ú**de (sa-**ú**-de), sa**ú**des, sa**ú**de, sa**ú**dem.

- O *u* do dígrafo *gu* dos verbos *distinguir* e *extinguir* não soa. Pronuncie *gue, gui*, como no verbo *seguir*:
  distin**gue**, distin**guem**, distin**gui**u, extin**gui**u, etc.
  (se**gue**) (se**guem**) (se**guiu**) (se**guiu**)

EXERCÍCIOS

LISTA 28

1. Escreva as frases, substituindo o * pelas formas adequadas do verbo **dar**:

a) As plantas * às aves alimento e abrigo.

b) Quando cheguei, Adriano já * a notícia a meus pais.

c) Precisamos de um livro que nos * a explicação do fenômeno.

d) Deus quis que a roseira * rosas e espinhos.

e) Vós, porém, não * espinhos, dai somente rosas!

f) Vocês, porém, não deem espinhos, * somente rosas.

g) Tu, porém, não * espinhos, dá somente rosas!

2. Nos verbos terminados em *-ear*, intercala-se um *i* nas formas rizotônicas. Copie as sequências que comprovam a regra:

ateamos – passeais – ceávamos

geia – granjeia – hasteiam

recreemos – nomeeis – freei

nomeio – passeias – semeie

3. Dos verbos terminados em *-iar*, somente seis trocam o *i* da terminação por *ei*, nas formas rizotônicas. Suas iniciais, se excluirmos *intermediar*, formam a palavra MÁRIO. Copie somente a sequência que comprova a afirmação.

alia – copia – calunias – presencio – premia – injurie – obviam

odeio – remedeiam – medeia – anseiam – incendeiem

4. Troque as pessoas do plural pelas correspondentes do singular:

Abstivemo-nos de bebida.

Saudai os atletas.

Couberam no porta-malas?

Credes em mim?

Talvez **caibam** aqui.

Quiseram humilhar-me.

Trouxemos comida.

Não **ateeis** fogo ao capinzal.

Não **puderam** vir.

Por mais que **escutemos**, não **ouvimos** nada.

Ceamos com tio Luís.

Quantos alunos os senhores **argúem** na aula de hoje?

Não **obtivemos** resposta.

Pusemos água na fervura.

5. Flexione os verbos nas pessoas pedidas:

nomear – 1ª pessoa pl. pret. perf. indic.

folhear – 3ª pessoa sing. pres. indic.

odiar – 2ª pessoa sing. pres. subj.

ansiar – 3ª pessoa pl. pres. subj.

passear – 1ª pessoa pl. pres. subj.

ver – 1ª pessoa sing. futuro subj.

deter – 3ª pessoa pl. pret. perf. indic.

obter – 1ª pessoa sing. futuro. subj.

caber – 1ª pessoa sing. pres. indic.

crer – 2ª pessoa sing. pret. imperf. subj.

reaver – 1ª pessoa sing. pret. perf. indic.

prever – 3ª pessoa pl. futuro subj.

6. Reproduza o quadro em seu caderno, substituindo os asteriscos pelas formas do imperativo afirmativo e do negativo do verbo **fazer**:

pessoas	**presente do indicativo**	**imperativo afirmativo**	**presente do subjuntivo**	**imperativo negativo**
Tu	fazes (-s) →	****	faças →	não ****
Você	–	****	← faça →	não ****
Nós	–	****	← façamos →	não ****
Vós	fazeis (-s) →	****	façais →	não ****
Vocês	–	****	← façam →	não ****

7. Passe os verbos para o presente do indicativo ou do subjuntivo, conforme a frase, conservando a mesma pessoa:

a) Na haste flexível desabotoou a primeira rosa.
b) Os vícios consumiram-lhe em pouco tempo a saúde e o patrimônio.
c) O coronel reassumiu o comando das tropas.
d) "Requeri minha aposentadoria, não podia mais trabalhar", disse o velho.
e) Que lucros auferiste de tantos esforços?
f) Os comissários proveram ao abastecimento dos navios.
g) O manuscrito jazeu esquecido no fundo de um armário.
h) Quando nos lembrávamos do passado, receávamos o futuro.
i) Muitos se abstiveram de bebidas alcoólicas.
j) Eu cobria o doente para que ele não tossisse.
k) A memória cerziu e reconstituiu os fatos que se distanciaram no passado.
l) A minha proposta não lhe aprouve.
m) Convinha que a viúva mobiliasse logo a casa.
n) Talvez houvesse outro livro que valesse menos e fosse melhor.
o) Talvez houvesse alguma coisa que o impedisse de voltar.
p) Vós sorríeis incrédulos, dizíeis que não proviemos de Deus, mas do macaco.

8. Substitua o * em cada frase pela forma verbal correta:

a) É bom que você se * contra assaltos. (**precavenha – previna**)
b) É bom que eu me *. Essa gente é falsa. (**acautele – precava**)
c) Pedi-lhe que se * contra o perigo dos tóxicos. (**precavisse – precavesse**)
d) Abra os olhos! Acautele-se, * ! (**precavenha-se – cuide-se**)
e) Felizmente, eu * tudo o que perdi. (**reavi – reouve**)
f) Não creio que eles * o prestígio perdido. (**reajam – recuperem**)

9. Substitua o * pelas formas adequadas do imperativo afirmativo do verbo *servir*:

Governante, * o povo e não a ti mesmo.

Governante, * o povo e não a si mesmo.

Governantes, * o povo e não a nós mesmos.

Governantes, * o povo e não a vós mesmos.

Governantes, * o povo e não a si mesmos.

10. Escreva a frase utilizando a sequência que a completa corretamente:

Se o senhor a *** na fábrica, ***-lhe que *** com prudência.

ver – dizei – aja vir – dize – haja

ver – diga – aja vir – diga – aja

11. Conjugue os verbos abaixo no pretérito perfeito do indicativo:

entreter – querer – pôr – transpor – ver – prever – vir – convir

12. Escreva as sentenças, flexionando os verbos em destaque nas formas que o contexto exige:

a) As formigas não desanimam e **reconstruir** o ninho.

b) Os males não se **remediar** lastimando-os.

c) Feliz serás tu se **reaver** o que perdeste.

d) Nenhum descanso teríamos enquanto não **reaver** o talismã.

e) O adulador **soer** ser maldizente.

f) **Prazer** a Deus que tal não aconteça!

g) O inverno, dentro de poucos dias, afastará o sol e **trazer** o frio.

h) Nada o **satisfazer**, enquanto não tivesse certeza do amor de Cláudia.

i) Ela **suster** o bule no ar e perguntou se eu queria café.

j) Se **sobrevir** contratempos, não desanimes.

k) O guarda persegue e **balear** o assaltante.

l) Cultivai as boas maneiras, que elas vos **fazer** simpáticos.

m) Não é justo que (nós) **diminuir** o número de convivas no banquete da vida.

n) Terroristas atacam embaixada e **incendiar** carros de diplomatas.

o) Se você **compor** a melodia, eu farei a letra da canção.

p) Os revolucionários tomaram a cidade e **depor** o presidente.

13. Substitua os asteriscos nas frases pelos verbos em destaque, nas formas indicadas:

a) Nós *** que o rio fosse fundo. (**supor**, pretérito imperf. do indic.)

b) Eu não *** na discussão. (**intervir**, pretérito perf. do indic.)

c) O motorista parou o carro, *** com violência. (**frear**, gerúndio)

d) Sete países do Pacífico *** aos testes nucleares. (**opor-se**, pretérito perf. do indic.)

e) Ele parecia receoso de que alguém o ***. (**contradizer**, pretérito imperf. do subj.)

f) Os dois *** e um *** o outro. (**desavir-se**, pret. perf. do indic. – **descompor**, pret. imperf. do indic.)

g) Até então eu não tinha *** nos debates. (**intervir**, particípio)

h) Cristo *** a destruição de Jerusalém. (**predizer**, pret. mais-que-perf. do indic.)

i) Comprarei as roupas que me ***. (**convir**, futuro subj.)

j) As pesquisas de opinião pública fazem com que certos candidatos *** a sua derrota. (**pressentir**, presente subj.)

k) O Brasil *** o litígio entre os dois países. (**intermediar**, pres. do indic.)

l) Se o senhor se *** desses bens, terá vida mais tranquila. (**desfazer**, futuro do subj.)

14. Troque as formas simples pelas compostas dos mesmos tempos:

a) **Granjeei** a simpatia de todos.

b) **Escrevi** muitas cartas a Jane.

c) Ele me **descrevera** o local.

d) Quem o **descobrira**?

e) Donde **proviera** aquele monstro?

f) João **proveu** ao sustento da família.

15. Escreva no caderno os verbos defectivos:

ler – reaver – soer – precaver – rir – abolir – falir – transir – ouvir

16. Troque as formas destacadas pelas equivalentes dos verbos indicados:

Verifique as causas. (averiguar)

Realizai a obra. (fazer)

Arriscavas a vida? (expor)

Não **aconteceu** nada. (haver)

Olhai as aves do céu. (ver)

Eu **conduzirei** o animal. (trazer)

Pensamos bem nisso. (refletir)

Ele não **interferiu**. (intervir)

Se **interferíssemos**... (intervir)

Eles **providenciam** tudo. (prover)

Donde **originou-se** a vida? (provir)

17. Siga o exemplo, dando as categorias das formas verbais:

valho – 1ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo **valer**

estreie – abster-me-ei – compraz-se – pudemos – predisséseis – podermos – creiamos – bendize – remoo – supúnhamos – suponhamos – dispuser – veem – propus – proponde – prouve – requeira – traríeis – víramos – cirze – induz – dispa – conduze – divirjas – sobressaia – bulas – ide – impeço – rides – ris – sorride – virdes – provim – sobresteve

18. Escreva as frases, substituindo os asteriscos pelas formas adequadas:

infligem – infringem – deferem – diferem – surtiram – sortiram – provêm – proveem

a) As nações frequentemente * os convênios (acordos).

b) Os chefes *-lhes castigos cruéis.

c) Os ministros * nossos requerimentos.

d) As opiniões * .

e) Os comerciantes * seus estabelecimentos.

f) As tentativas não * o efeito almejado.

g) Os frutos * da terra.

h) Os pais * às necessidades da prole.

19. Passe para a 2ª pessoa do plural:

a) Não emprestes o teu nem o alheio, não terás cuidados nem receio.

b) Não lisonjeies nem maldigas, faze o bem, foge do mal e não te arrependerás.

c) Se aspiras à paz definitiva, sorri ao destino que te fere.

d) Ouve, vê e cala, viverás vida folgada.

e) Bane do espírito o fantasma da dúvida e põe tua confiança em Deus.

f) Não desprezes o pobre, vai antes ao seu encontro e alivia-lhe o sofrimento.

g) Não reclames da visita inesperada: recebe-a sempre bem.

20. Conjugue o verbo **precaver-se** no presente do indicativo e no imperativo afirmativo, suprindo com sinônimos as pessoas em que é defectivo.

21. Flexione os verbos abaixo nas pessoas pedidas:

a) **dar**, **doar**, **soar**: 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo

b) **crer**, **ler**, **vir**, **doer**, **soer**, **ter**: 3ª pessoa do plural do presente do indicativo

c) **ver**, **prever**, **vir**, **convir**: 3ª pessoa do singular do futuro do subjuntivo

22. Conjugue os verbos abaixo nos tempos pedidos, com os pronomes átonos pospostos ou intercalados, conforme for o caso:

a) **dizê-lo** – presente do indicativo

b) **conduzi-la** – futuro do presente

c) **enviá-los** – futuro do pretérito

d) **adverti-las** – imperativo afirmativo

23. Escreva as frases seguintes, substituindo os tempos simples pelos compostos correspondentes, colocando corretamente os pronomes oblíquos:

a) O diretor suspendera-os por três dias.

b) Esse dinheiro, ganhá-lo-ias sem trabalho e sacrifício?

c) Se eles o entregassem, nós o aceitaríamos.

d) Esses fugazes prazeres, vós os pagastes bem caro.

e) Os revoltosos imprimi-lo-iam em oficinas gráficas clandestinas. [lo = jornal]

f) O diretor imprimira nova orientação ao jornal.

g) Nunca as acendêramos.

24. Use as formas adequadas do particípio dos verbos indicados:

a) A polícia havia *** o grupo de manifestantes. **(dispersar)**

b) As folhas estavam *** no chão. **(dispersar)**

c) A multidão seria *** a gás lacrimogêneo. **(dispersar)**

d) As chuvas tinham *** o fogo. **(extinguir)**

e) Estava enfim *** o infame cativeiro! **(extinguir)**

f) A raça humana seria *** pelas explosões nucleares. **(extinguir)**

VERBO
Exercícios de exames e concursos
[Página 674]

ADVÉRBIO

1 ADVÉRBIO

Comparemos estes exemplos:

O navio chegou. O navio chegou **ontem**.

A palavra *ontem* acrescentou ao verbo *chegou* uma circunstância de tempo: *ontem* é um advérbio.

Paulo jogou. Paulo jogou **bem**.

A palavra *bem* modificou a ação de Paulo, expressa pelo verbo *jogou: bem*, aqui, é um advérbio.

Paulo jogou bem. Paulo jogou **muito** bem.

A palavra *muito* intensificou o sentido do advérbio *bem*: *muito*, aqui, é um advérbio.

A moça é linda. A moça é **muito** linda.

A palavra *muito* intensificou a qualidade contida no adjetivo *linda: muito*, nesta frase, é um advérbio.

Advérbio *é uma palavra que modifica o sentido do verbo, do adjetivo* e *do próprio advérbio.*

Na oração, o advérbio exerce a função sintática de adjunto adverbial.

A maioria dos advérbios modifica o verbo, ao qual acrescentam uma circunstância. Só os de intensidade é que podem também modificar adjetivos e advérbios.

2 CLASSIFICAÇÃO DOS ADVÉRBIOS

De acordo com as circunstâncias ou a ideia acessória que exprimem, os advérbios se dizem:

- **de afirmação**

  sim, certamente, deveras, incontestavelmente, realmente, efetivamente.

- **de dúvida**

  talvez, quiçá, acaso, porventura, certamente, provavelmente, decerto, certo. Exemplo:

  "**Certo** perdeste o senso!" (Olavo Bilac)

- **de intensidade**

muito, mui, pouco, assaz, bastante, mais, menos, tão, demasiado, meio, todo, completamente, profundamente, demasiadamente, excessivamente, demais, nada, ligeiramente, levemente, que, quão, quanto, bem, mal, quase, apenas, como. Exemplos:

A prova foi **muito** fácil
Isto não é **nada** fácil.
Que bom!
Quanto insisti!
O desenho estava **apenas** esboçado.
Como comem!

- **de lugar**

abaixo, acima, acolá, cá, lá, aqui, ali, aí, além, aquém, algures (= em algum lugar), alhures (= em outro lugar), nenhures (= em nenhum lugar), atrás, fora, afora, dentro, perto, longe, adiante, diante, onde, avante, através, defronte, aonde, donde, detrás.

- **de modo**

bem, mal, assim, depressa, devagar, como, adrede, debalde, alerta, melhor (= mais bem), pior (= mais mal), aliás (de outro modo), calmamente, livremente, propositadamente, selvagemente, e quase todos os advérbios terminados em *-mente*.

- **de negação**

não, tampouco (= também não).

- **de tempo**

agora, hoje, amanhã, depois, ontem, anteontem, já, sempre, amiúde, nunca, jamais, ainda, logo, antes, cedo, tarde, ora, afinal, outrora, então, breve, aqui (= neste momento), nisto, aí (= então, nesse momento), entrementes, brevemente, imediatamente, raramente, finalmente, comumente, presentemente, diariamente, concomitantemente, simultaneamente, etc.

3 ADVÉRBIOS INTERROGATIVOS

São as palavras *onde, aonde, donde, quando, como, por que,* nas interrogações diretas ou indiretas, referentes às circunstâncias de lugar, tempo, modo e causa. Exemplos:

Interrogação direta	Interrogação indireta
Como aprendeu?	Perguntei *como* aprendeu.
Onde mora?	Indaguei *onde* morava.
Por que choras?	Não sei *por que* choras.
Aonde vai?	Perguntei *aonde* ia.
Donde vens?	Pergunto *donde* vens.
Quando voltas?	Pergunto *quando* voltas.

Observação:

✔ Seria mais acertado grafar o advérbio interrogativo *por que* numa só palavra: *Porque* fez isso? Perguntaram *porque* me atrasei.

Os advérbios em *-mente* derivam-se dos adjetivos: à forma feminina (quando houver) dos adjetivos acrescenta-se o sufixo *-mente*. Exemplos:

friamente, esplendidamente, comodamente, ferozmente, etc.

Excetuam-se alguns advérbios derivados de adjetivos em *-ês*, como *portuguesmente, francesmente*, etc. Exemplos:

"Cuido que escrevi clara e *portuguesmente* a minha ideia." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Manuel soa honesto, *portuguesmente* honesto." (MANUEL BANDEIRA)

"O chapéu-coco equilibra-se *inglesmente* na cabeça de cabelos louros e compridos." (LUÍS HENRIQUE TAVARES)

"... uma governanta almoçava *burguesmente*." (ELSIE LESSA)

4 LOCUÇÕES ADVERBIAIS

São expressões que têm a função dos advérbios. Iniciam-se ordinariamente por uma preposição:

às cegas, às claras, à toa, a medo, à pressa, às pressas, a pé, a pique, a fundo, a jusante, a montante, à uma, às escondidas, às tontas, à noite, às vezes, ao acaso, de repente, de chofre, de forma alguma, de cor, de improviso, de propósito, de viva voz, de súbito, de uma assentada, de soslaio, de quando em quando, de vez em quando, em breve, em vão, por miúdo, por atacado, em cima, por fora, por ora, por trás, para trás (olhar *para trás*), de perto, sem dúvida, com certeza, por certo, por um triz, mal e mal, o mais das vezes (ou as mais das vezes), passo a passo, lado a lado, vez por outra, de fome, de medo, de manhãzinha, de alto a baixo, etc.

Exemplos:

O capitão me olhou **de alto a baixo**.

"Chegou **de manhãzinha** a Florianópolis." (*JORNAL DO BRASIL*, 19/10/1991)

Observação:

✔ As locuções adverbiais classificam-se como os advérbios, ou melhor, de acordo com a circunstância que exprimem: de modo, de lugar, de tempo, de causa, etc.

5 GRAUS DOS ADVÉRBIOS

Certos advérbios de modo, tempo, lugar e intensidade são, à semelhança dos adjetivos, suscetíveis de grau, conforme se vê do seguinte esquema:

comparativo de
- **igualdade:** tão longe, tão rapidamente como
- **superioridade**
  - **analítico:** mais longe que, mais rapidamente que...
  - **sintético:** melhor que, pior que...
- **inferioridade:** menos longe que, menos rapidamente que...

superlativo absoluto
- **analítico:** muito longe, muito rapidamente
- **sintético:** longíssimo, rapidissimamente, otimamente

Observação:

✔ Para indicar o limite da possibilidade, dizemos: "o mais cedo possível", "o mais longe que puder", "o mais depressa possível", "o máximo de vezes", etc. Exemplos:

"Jorge despediu-se do médico levando a promessa de que este iria à casa de D. Antônia *o mais cedo que pudesse*." (MACHADO DE ASSIS)

"... dar-me o seu estrídulo tlintlim *o máximo de vezes*." (CIRO DOS ANJOS)

Na linguagem familiar, certos advérbios assumem forma diminutiva, mas com ideia de intensidade, a modo de superlativos: *agorinha, cedinho, pertinho, rentinho, juntinho, devagarinho* (= muito devagar), *depressinha* (= bem depressa), *rapidinho* (= bem rápido).

Frequentemente, empregamos adjetivos com valor de advérbios:

Ele falou **claro** (= claramente).

Ana tinha ido ao cinema, o que **raro** acontecia (= raramente).

Bem **caros** pagarás os teus deleites. [ou: **Bem caro** pagarás os teus deleites.]

"Amadeu não conseguiu dormir **direito**." (AUTRAN DOURADO)

"Foram **direto** ao galpão do engenheiro-chefe." (JOSUÉ GUIMARÃES)

Quando ocorrem dois ou mais advérbios em *-mente*, em geral sufixamos apenas o último:

O aluno respondeu **calma** e **respeitosamente**.

Veja emprego dos advérbios, págs. 571 a 574.

6 PALAVRAS E LOCUÇÕES DENOTATIVAS

De acordo com a Nomenclatura Gramatical Brasileira, serão classificadas à parte certas palavras e locuções – outrora consideradas advérbios – que não se enquadram em nenhuma das dez classes conhecidas. Tais palavras e locuções, chamadas "denotativas", exprimem:

▪ afetividade

felizmente, infelizmente, ainda bem:

Felizmente não me machuquei.

Ainda bem que o orador foi breve!

- **designação ou indicação**

  eis:

  Eis o anel que perdi. *Ei*-lo!

- **exclusão**

  exclusive, menos, exceto, fora, salvo, tirante, senão, sequer:

  Voltaram todos, **menos** (ou *exceto, salvo, fora*) André.

  Não me descontou **sequer** um real.

  Ninguém, **senão** Deus, poderia salvá-lo.

- **inclusão**

  inclusive, também, mesmo, ainda, até, ademais, além disso, de mais a mais:

  Eu **também** vou.

  Levou-me para sua casa e **ainda** me deu roupa e dinheiro.

  Aqui falta tudo, **até** água.

- **limitação**

  só, apenas, somente, unicamente:

  Só Deus é perfeito.

  Apenas um aluno teve nota boa.

- **realce**

  cá, lá, só, é que, sobretudo, mesmo, embora:

  Eu **cá** me arranjo!

  Você **é que** não se mexe!

  É isso **mesmo**!

  Veja **só**!

  Vá **embora**!

  Eu sei **lá** o que ele pretende?

- **retificação**

  aliás, ou melhor, isto é, ou antes:

  Venha ao meio-dia, **ou melhor**, venha já.

  Aquele casal era japonês, **aliás**, descendente de japoneses.

  "Finda a saudação cortês, o cavalo calou-se, **isto é**, recolheu o movimento do rabo."
  (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

- **explanação**

  isto é, a saber, por exemplo:

  Os elementos do mundo físico são quatro, **a saber**: terra, fogo, água e ar.

- **situação**

afinal, agora, então, mas:

Afinal, quem tem razão?

Posso mostrar-lhes o sítio; **agora**, vender eu não vendo.

Então, que achou do filme?

Mas você fez isso, meu filho?

Observação:

✔ Na análise dir-se-á: palavra ou locução denotativa de exclusão, de inclusão, de realce, etc.

EXERCÍCIOS LISTA 29

1. Copie as frases. Em seguida, sublinhe e classifique os advérbios:

a) Fiz tudo muito calmamente: devagar se chega mais depressa.

b) As ilusões andam sempre na frente e as desilusões atrás.

c) Teu irmão partiu ontem, meio triste. Talvez não o vejas aqui tão cedo.

d) Uns comem pouco, outros comem demais.

e) Amiúde vemos pessoas que falam bem e agem mal.

f) A casa era muito velha, o telhado já meio torto, o assoalho todo esburacado.

g) Como se faz para obter água bem limpa?

h) "O homem pasmava dos nomes daqueles objetos, nenhum dos quais soava portuguesmente." (Camilo Castelo Branco)

i) "Sentiu-se extraordinariamente forte." (Lígia Fagundes Telles)

j) A cidade hoje é bem diferente do que foi outrora.

2. Localize e classifique os advérbios e as locuções verbais das frases abaixo:

a) Sino que assim badalas, não falas à toa!

b) É o que se murmura por aí, à boca pequena.

c) "O Brasil então medrava a olhos vistos. (Carlos de Laet)

d) Realmente, há pessoas que são como os vitrais de igrejas: feias por fora, bonitas por dentro.

e) De vez em quando falavam baixo, trocando segredos à socapa.

f) "Fugiam em carreira pelo vale afora." (Aníbal Machado)

g) Onde ele se demorava mais era na agência do correio, com certeza, para vigiar a abertura das malas.

h) A linha reta nem sempre é o caminho mais curto entre dois pontos.

i) Num átimo, cessou de todo o ruído das vozes e ele entrou a falar à vontade, calma e decididamente.

j) À noite, as águas arrombam a represa: a jusante, o povo foge em massa, mal agasalhado.

3. Substitua as locuções destacadas pelos advérbios correspondentes:

a) A máquina trabalha **sem interrupção**.

b) A patroa repreendeu **com aspereza** a empregada.

c) Agistes **sem flexão** e **com precipitação**.

d) O crime foi praticado **com frieza** e **premeditação**.

e) Depois que liquidou as dívidas, foi consolidando **pouco a pouco** sua situação econômica.

f) O artista toca e canta **ao mesmo tempo**.

g) Percebia-se no olhar vago e distante do proscrito que sua alma estava **em outro lugar**.

h) Não sei onde, mas já sucedeu **em algum lugar** um caso assim.

i) É preciso que o homem e a natureza convivam **em paz**.

j) Joel abriu **com displicência** o livro e leu um trecho.

4. Informe se as palavras **melhor** e **pior** são comparativos de **bem** e **mal** ou de **bom** e **mau**:

a) Se bem o disse, melhor o fez.

b) O vício é pior que a pobreza.

c) O sábio nem sempre é melhor que o iletrado.

d) Estes agiram pior do que aqueles.

e) Uns melhor, outros pior, todos desempenharam satisfatoriamente os seus papéis.

5. Informe o grau dos advérbios destacados:

a) Ri **melhor** quem ri por último, disse-lhe **muito calmamente**.

b) Ele agiu **corretissimamente**.

c) Hei de chegar **mais longe** do que ele.

d) Vive-se **tão bem** aqui como lá.

e) "Deveria ser **muitíssimo longe**." (Machado de Assis)

f) Você saiu-se **menos mal** do que esperávamos.

g) "...pugnando **nobilissimamente** pela liberdade dos índios." (Carlos de Laet)

h) Levanto-me **cedinho** e apronto-me **bem depressa**.

i) "Tinha impressão de que Zito estava dirigindo o país **direitinho**." (Aníbal Machado)

6. Escreva as frases abaixo trocando os asteriscos por advérbios derivados das palavras entre parênteses:

a) Fomos recebidos *** .(**calor**)

b) O prédio desabou *** . (**fragor**)

c) O juiz o condenou *** . (**inexorável**)

d) Você respondeu *** . (**acerto**)

e) Alguns erravam *** . (**propósito**)

f) Ele a humilhou *** . (**acinte**)

g) Certos remédios agem ***, mas *** . (**lento – eficaz**)

7. Dê a classe gramatical das palavras destacadas:

a) **Mais** vale **muito** saber que **muito** ouro.

b) "Creiam-me, o **menos mau** é recordar." (MACHADO DE ASSIS)

c) Há coisas **muito** caras e **pouco** úteis.

d) Arranjou um **meio** de vida que lhe garantisse **mais** conforto.

e) Ficou **meio** tonto com o **meio** copo de vinho: não bebeu **demais**.

f) É **mau** costume andar **mal** vestido.

8. Copie somente a frase em que há uma expressão denotativa de retificação:

a) Os mais espertos **é que** saíram lucrando.

b) Lerei o livro todo, **ou melhor**, as passagens que me agradarem.

c) O Sol, **isto é**, a mais próxima das estrelas, comanda a vida terrestre.

d) Na sala não havia **sequer** uma cadeira.

9. Escreva as frases substituindo *** por **mal** ou **mau**. Em seguida, classifique essas duas palavras em **substantivo**, **adjetivo** ou **advérbio**:

a) Esta frase soa *** .

b) Esse *** tem cura?

c) Fiz um *** negócio.

d) Fui *** informado.

e) Ele agiu *** .

f) Teve um *** sonho.

10. Leia o texto abaixo observando os advérbios e as locuções adverbiais.

LEITURA

Eclipse lunar

Pois ali está, no meio da noite, a Lua. É mesmo um lago de prata, com vagas sombras cinzentas – sombras de árvores, de barcos, de aves aquáticas... O céu está muito límpido, e é puro o brilho das estrelas. Mas em breve se produzirá o eclipse.

E, então, pouco a pouco, o luminoso contorno vai sendo perturbado pela escuridão. A Terra, esta nossa misteriosa morada, vai projetando sua forma naquele redondo espelho. Muito lentamente sobe a mancha negra sobre aquela cintilante claridade. É mesmo um dragão de trevas que vai calmamente bebendo aquela água tão clara; devorando, pétala por pétala, aquela flor tranquila.

E o globo da Lua, num dado momento, parece roxo, sanguíneo, como um vaso de sangue. Que singular metamorfose, e que triste símbolo! Ali vemos a Terra, melancolicamente reproduzida na apagada limpidez da Lua. Ali estamos, com estas lutas, estes males, ambições, cóleras, sangue. Ali estamos projetados! E poderíamos pensar, um momento, na sombra amarga que somos. Sombra imensa. Mancha sanguínea. (Por que insistimos em ser assim?)

Ah! – mas o eclipse passa. Recupera-se a Lua, mais brilhante do que nunca. Parece até purificada.

(Brilharemos um dia também com o maior brilho? Perderemos para sempre este peso de treva?)

(CECÍLIA MEIRELES, *Escolha o Seu Sonho*, Record, Rio de Janeiro, 1996)

11. Acrescente advérbios ou expressões adverbiais às frases, de acordo com as circunstâncias indicadas:

a) Os estudantes encontraram forte resistência. (**negação**, **lugar**)

b) O secretário entrou no plenário. (**tempo**, **modo**)

c) Você foi indelicado. (**tempo**, **intensidade**)

d) A festa acabava. (**lugar**, **tempo**, **modo**)

e) As crianças estarão sonolentas depois do jantar. (**afirmação**, **intensidade**, **tempo**)

12. Escreva as frases fazendo as correções necessárias:

a) Sentia-me cansado fisicamente e moralmente.

b) Chegou tarde porque mora longíssimo.

c) As garotas estão menas agitadas agora.

d) Minha mãe está meia cansada de tanto trabalhar.

13. "Sua filha está muito bem agasalhada."

Se na frase acima você retirar o advérbio **bem**, o sentido continua o mesmo? Explique.

14. Escreva as frases abaixo, substituindo o termo destacado pelo que está entre parênteses. Faça as adaptações necessárias.

a) Esperei muito *tempo* por você. (**horas**)

b) *Ele* falava muito alto. (**todas**)

c) *Ivan* estava muito triste. (**Alguns**)

d) *Cássio* estava muito cansado. (**Os turistas**)

e) Quando menor, *eu* brinquei muito com seu irmão. (**nós**)

f) O amigo já lhe deu muito *conselho* sensato. (**conselhos**)

15. Em quais das frases do exercício anterior a palavra **muito** não é advérbio? Justifique a sua resposta.

16. Transforme os adjetivos em advérbios, utilizando o sufixo **-mente**. Depois, anote a que conclusão chegou sobre a maneira de obter essa transformação.

fácil, caridoso, firme, leve, esperançoso, calmo, inteiro, grave, ágil, penoso, claro, manso.

ADVÉRBIO
Exercícios de exames e concursos
[Página 676]

PREPOSIÇÃO

Veja estes exemplos:

A motocicleta **de** Cláudio era nova.

Trabalhemos **com** alegria.

Isabel mora **em** Niterói.

1 PREPOSIÇÃO

As palavras **de**, **com** e **em** estão ligando termos dependentes (Cláudio, alegria e Niterói) a termos principais (motocicleta, trabalhemos e mora): são *preposições*.

A preposição liga um termo dependente a um termo principal ou subordinante, estabelecendo entre ambos relações de posse, modo, lugar, causa, fim, etc.

Nos exemplos acima, as preposições *de, com* e *em* estabelecem relações de posse, modo e lugar, respectivamente.

Preposição *é uma palavra invariável que liga um termo dependente a um termo principal, estabelecendo uma relação entre ambos.*

Observe mais estes exemplos:

termo subordinante	preposição	termo dependente
Recorremos	a	Jerônimo.
Choravam	de	alegria.
Olhei	para	ele.
Esperamos	por	você.
A luta	contra	o mal.

O termo dependente pode ser uma oração:

"Aconselhou-me *a não o ler*." (Graciliano Ramos)

"Estava convencido *de que um dia lhe dariam razão*." (Herberto Sales)

Em síntese:

a) As preposições são conectivos subordinativos.

b) Antepõem-se a termos dependentes (objetos indiretos, complementos nominais, adjuntos, etc.) e a orações subordinadas.

c) Estabelecem entre os termos as mais diversas relações.

Dividem-se as preposições em *essenciais* (as que sempre foram preposições) e *acidentais* (palavras de outras classes gramaticais que acidentalmente funcionam como preposições).

▪ Preposições essenciais

a, ante, após, até, com, contra, de, desde (dês), em, entre, para, perante, por (per), sem, sob, sobre, trás.

"Ela ainda se agarrava **a** fantasias." (GRACILIANO RAMOS)

"Prostradas **ante** o meu retrato, minhas irmãs rezavam." (ANÍBAL MACHADO)

"Fumava cigarro **após** cigarro." (JOSÉ FONSECA FERNANDES)

"**Dês** pequeno que sou ativo e ladino." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

"E calculas tu quanto seria cômico estar **entre** ti e ela..." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Fora intimado **a** comparecer **perante** o juiz, **para** ser interrogado." (ANÍBAL MACHADO)

Os carros passavam **sob** um arco **de** triunfo erguido **sobre** a ponte.

Chegamos **até** um porto, remando **contra** a maré.

Observações:

✔ A preposição *após*, acidentalmente, pode ser advérbio, com a significação de *atrás*, *depois*: Terminou a festa à meia-noite e as visitas saíram logo *após*.

✔ *Dês* é o mesmo que *desde* e ocorre com pouca frequência em autores modernos:

"... *dês* que surgiste em minha estrada, abandonei formas banais." (RONALD DE CARVALHO)

"... *dês* que ele era menino." (JOSÉ CONDÉ)

✔ *Per* usa-se na locução adverbial *de per si* (= isoladamente, por sua vez): "No último instante, cada um, *de per si*, conseguiria libertar-se". (FERNANDO NAMORA)

✔ *Trás*, modernamente, só se usa em locuções adverbiais e prepositivas: *por trás*, *para trás*, *por trás de*. Como preposição, aparece, por exemplo, no antigo ditado: *Trás* mim virá quem bom me fará.

✔ *Para*, na fala popular, apresenta a forma sincopada *pra*: "Traz aqui um cafezinho *pra* gente!" (LUÍS JARDIM)

✔ *Até*, como vimos, pode ser palavra denotativa de inclusão: Os ladrões roubaram-lhe *até* a roupa do corpo.

✔ As preposições essenciais exigem as formas oblíquas *mim*, *ti* e *si* dos pronomes pessoais: Recorreu *a mim*. Preciso *de ti*. Só pensam *em si*.

▪ Preposições acidentais

conforme (= de acordo com), *consoante*, *segundo*, *durante*, *mediante*, *visto* (= devido a, por causa de), *como*, etc. Exemplos:

Vestimo-nos **conforme** a moda e o tempo.

Os heróis tiveram **como** prêmio uma coroa de louros.

"A prudência o mandava viver em Lisboa **consoante** os costumes de Lisboa, e na província, *segundo* o seu gênio e hábitos aldeãos." (CAMILO CASTELO BRANCO)

Mediante manobras mesquinhas, o escrivão conseguira prestígio.

Vovô dormiu **durante** a viagem.

A vida hoje torna-se difícil, **visto** a sua estonteante complexidade.

2 LOCUÇÕES PREPOSITIVAS

São expressões com a função das preposições. Em geral são formadas de *advérbio* (ou locução adverbial) + *preposição:* abaixo de, acima de, a fim de, além de, a par de, apesar de, atrás de, através de, antes de, junto de, junto a, ao encontro de, de encontro a, embaixo de, em frente de (ou *a*), em cima de, em face de, longe de, defronte de, a instâncias de, de acordo com, por causa de, por trás de, não obstante (= apesar de), para com (o respeito *para com* os mais velhos), a despeito de (= apesar de), devido a, em virtude de, em atenção a, em obediência a, em via de, a favor de, ao invés de, à (ou *na*) proporção de, até a (foi *até à* porta), à custa de, a expensas de, sob pena de, etc.

Exemplos:

Passamos **através de** mata cerrada.

Não nos atendeu, **não obstante** nossa insistência.

Em atenção à sua idade, não lhe batemos.

A instâncias dos amigos, ele concordou em cantar sua última canção.

Observação:

✔ Numerosos autores não veem locução prepositiva nas sequências *de até* (crianças *de até* sete anos), *de sobre, de sob, por entre* (passar *por entre* a multidão), *por sob, por sobre, para sobre* (atirar os livros *para sobre* o armário), por entenderem que, em tais conjuntos, cada preposição conserva o seu sentido próprio. De acordo com essa análise, ver-se-á o conjunto *preposição + locução prepositiva* em frases como:

Sai *de diante de* mim!

A Lua nasce *por detrás do* morro.

Venha *para perto de* nós.

Chegou *por trás de* nós.

3 RELAÇÕES EXPRESSAS PELAS PREPOSIÇÕES

Isoladamente, as preposições são palavras vazias de sentido, se bem que algumas delas contenham uma vaga noção de tempo e lugar. Na frase, porém, exprimem relações as mais diversas, tais como:

- **assunto:** Falou *sobre* política.
- **causa:** Morreu *de* fome.
- **companhia:** Jantei *com* ele.

- **especialidade:** Formou-se *em* Medicina.
- **direção:** Olhe *para* frente.
- **fim** ou **finalidade:** Trabalha *para* viver.
- **falta:** Estou *sem* recursos.
- **instrumento:** Feriu-se *com* a própria espada.
- **lugar:** Moro *em* São Paulo.
- **meio:** Viajei *de* avião.
- **modo, conformidade:** Trajava *à* moderna.
- **oposição:** João falou *contra* nós.
- **posse, pertença, propriedade:** Vi o carro *de* Mário.
- **matéria:** Era uma casa *de* tijolos.
- **origem:** Descendia *de* família ilustre.
- **tempo:** Viajei *durante* as férias.

4 COMBINAÇÕES E CONTRAÇÕES

As preposições *a, de, em* e *per* unem-se com outras palavras, formando um só vocábulo. Há *combinação* quando a preposição se une sem perda de fonema; se a preposição sofre queda de fonema, haverá *contração*.

- A preposição *a* combina-se com os artigos e pronomes demonstrativos *o, os* e com o advérbio *onde*, dando: *ao, aos, aonde*.
- As preposições *a, de, em, per* contraem-se com os artigos e, algumas delas, com certos pronomes e advérbios. Eis alguns exemplos:

a + a = à	de + o = do	em + esse = nesse
a + as = *às*	de + ele = dele	em + o = no
a + aquele = àquele	de + este = deste	em + um = num
a + aquela = àquela	de + isto = disto	em + aquele = naquele
a + aquilo = àquilo	de + aqui = daqui	per + o = pelo

- Registrem-se ainda as contrações *coa* (com + a), *coas* (com + as), *pro* (para + o), *pros* (para + os), *pra* (para + a), *pras* (para + as), mais frequentes na fala popular, e *dentre* (de + entre).

EXERCÍCIOS — LISTA 30

1. Classifique as frases de acordo com o tipo de relação expresso pelas preposições.

Inclinei-me **para** beber.
A menina chorava **de** dor.
Ele dança **conforme** a música.
Cortou-se **com** a gilete.
Não fales **de** guerra.
Viajou **sem** passaporte.
A janela dava **para** o telhado.
É um direito **dos** cidadãos.

Saí **de** madrugada.
Viajei **de** ônibus.
A pena era **de** ouro.
Nuno formou-se **em** Direito.
Passeei **com** os colegas.
Sofia descende **de** nobres.
Eles opõem-se **a** tudo.
Moro **em** Campinas.

2. Escreva as frases abaixo e em seguida passe um traço sob as preposições e dois sob as combinações e contrações:

a) Ao chegar à Amazônia, senti que estava ante um mundo diferente.

b) Desde a nascente até o poço, o córrego murmurejava entre pedras roliças.

c) Após o jantar, Heitor dava um giro pela praça ou sentava-se num banco do jardim, sob um toldo de lona.

d) Tive de voltar para casa a pé, devido à falta de condução.

e) Naquele galpão, construído por meu avô, só se viam caixas de vinho sobre mesas toscas.

3. Copie as frases colocando um traço em volta das preposições e sublinhando as locuções prepositivas:

a) Ítalo buzinou em frente à janela, a fim de me acordar.

b) Antes de o sol raiar, estávamos junto ao rio, que atravessaríamos a nado.

c) Filipe, a despeito de seu gênio concentrado, era extremamente simpático.

d) Através de meu primo, firmei laços de amizade com muitas pessoas da localidade.

e) O réu foi intimado a comparecer perante o juiz para ser interrogado.

f) Atrás de mim, dois homens discutiam a propósito de futebol.

g) O gavião pousou sobre o ramo, que vergou sob o peso da ave.

4. Reorganize as três colunas de forma a relacionar as locuções prepositivas sinônimas:

devido a	acerca de	a despeito de
a respeito de	não obstante	em virtude de
apesar de	por causa de	a propósito de

5. Substitua o * pelas preposições adequadas, contraídas com o artigo quando necessário:

a) O soalho rangia * meus pés.

b) " * o silêncio sombrio do visitante, a professora teve medo." (Aníbal Machado)

c) " * manobras mesquinhas o esperto escrivão conseguiu prestígio." (Aníbal Machado)

d) "E caminhou sozinho * passos vacilantes." (Camilo Castelo Branco)

e) Saíam de casa uma vez por ano, * velho costume.

f) "Resta ainda uma dúvida * desfazer." (Said Ali)

g) Era preciso romper * velhos hábitos.

h) "Todos são iguais * a lei." (C. DRUMMOND DE ANDRADE)

i) "Quem me pôs no coração este amor * vida, senão tu?" (M. DE ASSIS)

j) "Era a maior dignidade * que podia aspirar." (M. DE ASSIS)

k) Estava ansioso * me ver livre daquilo tudo.

l) "Investia como cego * as paredes." (C. CASTELO BRANCO)

m) Dei-me pressa * regressar * casa.

n) Não se atiram pedras * árvores sem fruto.

o) Mostrava-se insensível * admoestações do irmão, * cuja companhia se desinteressara.

p) "Lavínia lançou ao enfermo um olhar * zombeteiro e inquieto." (LÍGIA FAGUNDES TELES)

q) As estrelas empalidecem * o esplendor do Sol.

r) Chamava-se Virginiano: nascera * o signo de Virgem.

s) Ariosto, * arquiteto, considerava-se um homem realizado.

t) Na noite * que chegamos, tudo parecia tão triste!

6. Classifique as frases de acordo com o valor da locução prepositiva em destaque, especificando se é de **distância** ou de **negação intensiva**:

Longe de o castigar, ainda o abençoou.

A escola não ficava **longe de** minha casa.

O resultado está **longe de** ser o que eu esperava.

Longe dos olhos, **longe do** coração.

Não lhe quero mal, **longe disso**!

7. Escreva as frases e ponha entre parênteses a classificação correta da palavra **até**, **preposição** ou **palavra denotativa de inclusão**.

Os ladrões levaram-lhe **até** a roupa do corpo.

O cafezal estendia-se **até** a linha do horizonte.

Esse camelô consegue vender **até** pentes a carecas.

8. Substitua adequadamente os asteriscos por **afim** e **a fim**, **ao encontro de** e **de encontro a:**

a) Fui à mata próxima **** de catar lenha.

b) O português é um idioma **** do espanhol.

c) O ônibus desgovernou-se e foi **** um muro.

d) A criança, toda feliz, correu **** seu pai.

e) Que dia aziago! Tudo foi **** meus desejos.

f) O ano é bom. Tudo vai **** nossas expectativas.

9. Classifique a palavra **a**, que pode ser artigo, pronome pessoal, pronome demonstrativo e preposição:

a) A menina saiu de casa sem que a mãe a visse e foi juntar-se a suas amigas.

b) Devolva a fita a seu pai: não é a que eu queria.

10. Troque corretamente o * por **entre** e **dentre**:

a) Ela sentou-se * mim e Pedro.

b) Retirou uma carta * velhos papéis.

c) Eis que * os arbustos sai um caçador.

11. Forme frases com as preposições **sob** e **sobre**.

12. Una os termos dependentes aos verbos substituindo * por preposições adequadas:

a) Assisti * cenas tristes.

b) Não vá * mim.

c) Prostrou-se * o altar e orou.

d) Lute * nobres ideais.

e) Abriguei-me * uma tenda.

f) O tigre arrojou-se * a presa.

13. Identifique as relações que as preposições exprimem em cada frase.

a) Dizem que o rapaz morreu de pneumonia.

b) Carlos, preste atenção! Não olhe para trás!

c) Você escreve para expressar seus sentimentos?

d) Ana feriu-se com aquela faca afiada.

e) Na história, o porquinho construiu uma casa de palha e seu irmão uma de tábuas.

f) Pedi arroz à grega. E você?

g) Viajamos de trem durante vários dias.

14. Indique os casos em que a preposição aparece ligada a outras palavras, combinando-se ou formando contrações:

a) Meu irmão sempre envia bilhetes à namorada.

b) Nunca consigo perceber aonde você quer chegar.

c) Suas fotos estão naquela caixa amarela.

d) Você sempre vai ao cinema de seu bairro?

e) Nós também vamos participar desta manifestação de protesto.

15. Indique se, nas frases abaixo, aparecem preposições ou locuções prepositivas:

a) Faremos um estudo a fim de determinar a extensão do problema.

b) Longe dos pais, as crianças eram mais cordatas.

c) Meu irmão dormiu durante todo o percurso.

d) As cartas registradas estão embaixo da pasta amarela.

e) Chegamos até aqui lutando contra tudo e contra todos.

16. Formule frases em que a preposição aparece empregada expressando a relação indicada entre parênteses. Oriente-se pelo exemplo.

de (procedência): Chegou há pouco do Acre.

a) **de** (causa)

b) **para** (finalidade)

c) **de** (qualidade)

d) **de** (matéria)

e) **contra** (oposição)

f) **de** (posse)

17. Qual o significado da preposição *sobre* na estrofe de Manuel Bandeira transcrita a seguir?

"Da terceira vez não vi mais nada
Os céus se misturaram com a terra
E o espírito de Deus voltou a se mover sobre a face das águas."

a) a respeito de

b) além de

c) na superfície de

d) a fim de

e) diante de

4 CRASE

A palavra crase (do grego *krásis* = mistura, fusão) designa, em gramática normativa, a contração da preposição *a* com:

- **o artigo feminino *a* ou *as***

  Fomos *à* cidade e assistimos *às* festas.

- **o pronome demonstrativo *a* ou *as***

  Chamou as filhas e entregou a chave *à* mais velha.

- **o *a* inicial dos pronomes *aquele(s), aquela(s), aquilo***

  Refiro-me *àquele* fato. Poucos vão *àquela* ilha.

Observação:

✔ Na escrita, assinala-se a crase com o acento grave. A contração à, que representa a fusão da preposição a com o artigo a, não é tônica, mas pode ser proferida um tanto mais fortemente que o *a* átono.

5 CRASE DA PREPOSIÇÃO *A* COM OS ARTIGOS *A, AS*

Considerem-se estes exemplos:

Irei *à* cidade. [Irei *a a* cidade.]

Apresentei-me *à* diretora. [Apresentei-me *a a* diretora.]

Dedico-me *às* artes. [Dedico-me *a as* artes.]

Obedeço *às* leis de Deus. [Obedeço *a as* leis de Deus.]

A crase, como se vê dos exemplos citados, resulta da contração da preposição *a* (exigida por um termo subordinante) com o artigo feminino *a* ou *as* (reclamado por um termo dependente).

Outros exemplos:

	preposição ↓	**artigo** ↓			
Fomos	**a**	**a**	praia.	→	Fomos **à** praia.
Estavam junto	**a**	**a**	porta.	→	Estavam junto **à** porta.
Compareci	**a**	**as**	reuniões.	→	Compareci **às** reuniões.

Se não houver a presença da preposição ou do artigo, não haverá crase e, consequentemente, não se acentuará o **a** ou **as**:

	preposição ↓	**artigo** ↓	
Os turistas visitaram		**a**	cidade.
A concórdia une		**as**	nações.
Não digas isto	**a**		ninguém.
Ele parecia entregue	**a**		tristes cogitações.
Lançaram-se	**a**		nova ofensiva.

Regra geral. O acento indicador de crase só tem cabimento diante de palavras femininas determinadas pelo artigo definido *a* ou *as* e subordinadas a termos que exigem a preposição *a*.

Veja mais estes exemplos:

As crianças voltaram *à* piscina. [Voltar *a* (preposição) *a* (artigo) piscina.]

Ninguém é insensível *à* dor.

Exige-se a assistência *às* aulas.

Atribuiu o insucesso *à* má sorte.

Procedeu-se *à* apuração dos votos.

Devemos aliar a teoria *à* prática.

Avançamos rente *à* parede.

O trem chegou *à* estação *às* 18 horas.

Os garimpeiros assistiam *à* cena em silêncio, entreolhando-se *à* luz das candeias.

"Fez uma excursão *à* cidade de Santos." (CAMILO CASTELO BRANCO)

Refiro-me *às* duas (ou *às* tais) meninas de nariz arrebitado.

A desnutrição abre caminho *às* doenças.

Plantou videiras no pomar, *às* quais dedica muito carinho.

Observação:

✔ Os termos diante dos quais ocorre a crase exercem as funções sintáticas de complementos (objeto direto, objeto indireto, complemento nominal) ou de adjuntos adverbiais.

6 CASOS EM QUE NÃO HÁ CRASE

Não havendo o artigo *a(s)* antes do termo dependente, é evidente que não pode ocorrer a crase. Por isso não se acentua o *a*:

▪ diante de palavras masculinas

Não assisto *a* filmes de guerra ou de violência.

Isto cheira *a* vinho.

Casarão do império cede lugar *a* edifício.

"Bicho se caça *a* pau e pedra." (RICARDO RAMOS)

Admirei os quadros *a* óleo.

Escreveu um bilhetinho *a* lápis.

Fomos *a* São Lourenço, onde passeamos *a* pé, *a* cavalo, de charrete.

"Juntos íamos *a* bailes e teatros." (CAMILO CASTELO BRANCO)

Fiz ver *a* Roberto que era irracional seu ódio *a* estrangeiros.

Venho *a* mando de meu patrão.

Não gaste a vista: óculos *a* prazo. (DE UM ANÚNCIO COMERCIAL.)

Observação:

✔ Ocorrendo a elipse da palavra *moda* ou *maneira*, das expressões *à moda de*, *à maneira de*, haverá crase diante de nomes masculinos:

Calçados *à* Luís XV (*à moda de* Luís XV).

Cabelos *à* Sansão.

Estilo *à* Coelho Neto.

"Era um senhor atarracado, de grossos bigodes *à* Kaiser." (JOSÉ MARIA BELO)

"Aliás magníficas perucas *à* Luís XIV." (MÁRIO QUINTANA)

▪ diante de substantivos femininos usados em sentido geral e indeterminado:

Não vai *a* festas nem *a* reuniões.

Dedicas o trabalho *a* homem ou *a* mulher?

A Funai decidiu fechar o parque indígena *a* visitas.

Não dê atenção *a* pessoas suspeitas.

"Nunca supus poder resistir *a* marchas tão longas." (GASTÃO CRULS)

"Depois comprara um cone de papel com pipocas recendentes *a* gordura vegetal." (ÉRICO VERÍSSIMO)

"O tormento maior era não poder confiar *a* pessoa alguma os seus cuidados." (HERMAN LIMA)

"O exército dos invasores, semelhante *a* serpe monstruosa..." (ALEXANDRE HERCULANO)

"Kravchenko apresentar-me-á *a* princesas eslavas." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

Dirigi-me *a* duas (ou *a* diversas) pessoas vizinhas.

Contei o caso *a* uma (ou *a* certa) senhora supersticiosa.

- **diante de nomes de parentesco, precedidos de pronome possessivo**

Recorri *a minha mãe*.

Peça desculpas *a sua irmã*.

Faremos uma visita *a nossa(s) tia(s)*.

"A quem puxaste? *A teu pai* ou *a tua mãe?*" (VIANA MOOG)

"Arrependi-me de ter falado *a minha prima*." (GRACILIANO RAMOS)

"Nunca saio satisfeito das visitas que faço *a minha mãe*." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

- **diante de nomes próprios que não admitem o artigo**

Rezamos *a Nossa Senhora* todos os dias.

Dedicaram templos *a Minerva* e *a Júpiter*.

O guerreiro branco falou *a Iracema*.

O historiador referiu-se *a Joana d'Arc*.

Fiz uma promessa *a Santa Teresinha*.

Iremos *a Curitiba* e depois *a Londrina*.

Chegamos *a Paquetá* ao meio-dia.

[Cp. A imagem *de* Nossa Senhora. História *de* Joana d'Arc. Vim *de* Curitiba. Cheguei *de* Londrina. Moro *em* Paquetá.]

Observação:

✔ Haverá crase quando o nome próprio admitir o artigo ou vier acompanhado de adjetivo ou locução adjetiva:

A jovem tinha devoção *à Virgem Maria*.

Entreguei a carta *à Julia* (no trato familiar e íntimo).

Fomos *à Bahia* por ocasião dos 500 anos do Brasil.

Chegamos *à Argentina* ao raiar do dia.

Referiu-se *à Roma dos Césares*.

Assim foi que cheguei *à histórica Ouro Preto* numa tarde de maio.

[Cp. Viemos *da* Bahia. Cheguei *da* Argentina. Voltei *da* histórica Ouro Preto. Estou sob a proteção *da* Virgem Maria.]

- **diante da palavra *casa*, no sentido de *lar, domicílio*, quando não acompanhada de adjetivo ou locução adjetiva:**

Voltamos *a* casa tristes. [Cp. Vou *para* casa; vim *de* casa.]

"Chegou Basílio *a* casa, e atirou-se a chorar sobre a cama." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Chegavam *a* casa quase sempre à tardinha." (HERBERTO SALES)

"A chuva reteve-o no Clube Campestre e só pela madrugada regressou *a* casa." (GERALDO FRANÇA LIMA)

Observação:

✔ Se a palavra *casa* vier acompanhada de adjetivo ou locução adjetiva, terá lugar o acento da crase:

O filho pródigo voltou *à casa paterna*.

Fiz uma visita *à velha casa de meus avós*.

Fui *à casa de meu colega*.

"Estavam nisto quando a costureira chegou *à casa da baronesa*." (MACHADO DE ASSIS)

A crase é de rigor com a dita palavra no sentido de *estabelecimento comercial* ou *hospitalar, residência oficial de chefe de Estado, dinastia*, enfim, quando *casa* não significa *lar, domicílio:*

Fui *à* Casa Açucena comprar um presente.

O presidente americano regressou *à* Casa Branca.

Poucos têm acesso *à* Casa da Moeda.

"O príncipe pertencia *à* casa de Bragança." (VITÓRIO BERGO)

- **nas locuções formadas com a repetição da mesma palavra**

Tomou o remédio *gota a gota*.

Estavam *frente a frente*.

Foi de *cidade a cidade*.

Entraram *uma a uma*.

Dia a dia, a empresa foi crescendo.

"Gramados e pastos eram, de *ponta a ponta*, um só atoalhado branco." (MONTEIRO LOBATO)

- **diante do substantivo *terra*, em oposição a *bordo*, a *mar***

Os marinheiros tinham descido *a terra* para visitar a cidade.

Vendo o tubarão, o nadador voltou logo *a terra*.

"Eu aposto em como ele não vai *a terra*." (FERREIRA DE CASTRO)

Fora desse caso, escreve-se *à*:

Aves voavam rente *à terra*.

Gulliver chegou, primeiramente, *à terra* dos liliputianos.

Os astronautas voltaram *à Terra*.

- **diante de artigos indefinidos e de pronomes pessoais (inclusive de tratamento, com exceção de *senhora* e *senhorita*) e interrogativos**

Chegamos à cidade *a uma* hora morta.

Recorreram *a mim* (*a nós, a ela, a você, a dona Marta*, etc.).

Solicito *a Vossa Senhoria* o obséquio de anotar nosso endereço.

Não me referi *a Vossa Excelência*.

"Hei de pedir licença *a Sua Majestade*, e espero alcançá-la." (CAMILO CASTELO BRANCO)

Falaste *a que* pessoa? *A quem* falaste?

A qual delas se refere você?

Escreve-se, porém, com o acento indicador de crase:

Peço *à senhora* que tenha paciência.

É um favor que peço *à senhorita*.

- **antes de outros pronomes que rejeitam o artigo, o que ocorre com a maioria dos indefinidos e relativos e boa parte dos demonstrativos**

Escrevi *a todas* as (ou *a algumas, a várias, a muitas*) colegas.

Não ligo *a essas* (ou *a tais*) coisas.

Foi o vício que o levou *a tamanha* degradação.

O letreiro pode despencar *a qualquer* hora.

Esta é a vida *a que* aspiramos.

A tia gostava de Jacinta, *a quem* sempre ajudava.

As cartas *a que* ela não respondeu estão guardadas.

Ali havia uma árvore, *a cuja* sombra descansamos.

Diariamente chegam turistas *a esta* cidade.

"A penedia, *a essa* hora, faiscava." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

Estamos *a pouca* (ou *a certa*) distância da fronteira.

Observação:

✔ Há, no entanto, pronomes que admitem o artigo, dando ensejo à crase:

Não fale nada *às outras* colegas.

Assistimos sempre *às mesmas* cenas.

Diga *à tal* senhora que sua reclamação não procede.

Não temo as acusações de X, *às quais* responderei oportunamente.

Estavam atentas umas *às outras*.

- **diante de numerais cardinais referentes a substantivos não determinados pelo artigo, usados em sentido genérico**

Chanceler inicia visita *a oito* países africanos.

[Chanceler visita *oito* países africanos.]

Assisti *a duas* sessões (ou *a* uma só sessão).

A fazenda ficava *a três* léguas da cidade.

Daqui *a quatro* semanas muita coisa terá mudado.

O número de candidatas aprovadas não chega *a vinte*.

Foi isto *a* 16 de agosto de 1959.

"Então aquilo tinha acontecido de meia-noite *a três* horas!" (GRACILIANO RAMOS)

Usa-se, porém, a crase nas locuções adverbiais que exprimem hora determinada e nos casos em que o numeral estiver precedido de artigo:

Chegamos *às oito* horas da noite.

Assisti *às duas* sessões de ontem.

Entregaram-se os prêmios *às três* alunas vencedoras.

▪ diante de verbos

Estamos dispostos *a trabalhar* pela paz no mundo.

Quando me dispunha *a sair*, começou *a chover*.

Puseram-se *a discutir* em voz alta.

7 CASOS ESPECIAIS

O uso do artigo antes dos pronomes possessivos, salvo em alguns casos, fica ao arbítrio de quem escreve. Daí a possibilidade de haver, ou não, a crase antes desses pronomes:

A minha viagem é certa. → Referiu-se *à* minha viagem.

Minha viagem é certa. → Referiu-se *a* minha viagem.

As minhas colegas vêm. → Fiz um apelo *às* minhas colegas.

Minhas colegas vêm. → Fiz um apelo *a* minhas colegas.

Observações:

✔ Seguindo-se a atual tendência, é preferível usar o artigo, e, portanto, a crase, diante dos possessivos que não se referem a nomes de parentesco.

✔ Ocorrendo a elipse do substantivo, o *a* será acentuado:

Ele referia-se *à* desgraça do amigo e não *à* sua. [*à* sua *desgraça*]

Eu fui *à* formatura dele, mas ele não compareceu *à* minha.

Opcional é também, na linguagem familiar, o uso do artigo diante de nomes próprios personativos. A crase, portanto, dependerá da preferência do escritor. Exemplos:

Mandamos um convite *à* (ou *a*) Maurília.

Escrevi *à* (ou *a*) Lúcia.

Na língua formal, sobretudo quando se faz referência a mulheres célebres, não se usa artigo e, portanto, não se acentua o *a*:

A polícia dará proteção *a* Márcia Nogueira, testemunha do crime.

Por que os ingleses tinham ódio *a* Joana d'Arc?

[*Joana d'Arc* foi uma heroína francesa.]

Em um e outro caso, o acento indicativo de crase será de rigor, se o nome vier acompanhado de um adjunto:

Quem negará elogios *à* corajosa Maria Quitéria de Medeiros?

Refiro-me *à* Beatriz do Dr. Vieira.

À querida Estela (nas dedicatórias).

O professor referiu-se *à* intrépida Joana d'Arc.

Coloca-se acento grave sobre *a* da expressão *à distância de*, seja a distância determinada, precisa ou não:

Achava-me *à distância de* cem (ou de alguns) metros da fronteira.

Paramos *à distância de* alguns metros do riacho.

Se antes de *distância* ocorrer adjetivo ou palavra que não admite o artigo definido, não se acentuará o *a*:

O trem passava *a pouca distância da* casa.

"Só o João conservava-se *a respeitável distância da* água." (COELHO NETO)

Quando se trata da locução adverbial *a distância*, é opcional o uso do acento grave sobre o *a*. Renomados escritores modernos ora acentuam, ora não acentuam. Exemplos:

"É necessário vê-los *a distância*." (GRACILIANO RAMOS)

"Pedras de gamão estalavam *à distância*." (GRACILIANO RAMOS)

"Os merceeiros ignaros, os negociantes sovinas, eram, porém, mantidos *a distância*." (CIRO DOS ANJOS)

"Além disso, convinha que as alunas fossem mantidas *à distância*." (CIRO DOS ANJOS)

"Seguiu-a *a distância*, discretamente." (FERNANDO NAMORA)

"Observava *à distância* os convidados do cirurgião." (FERNANDO NAMORA)

"O vento soprava, sacudindo faíscas *a distância*." (JOSÉ LINS DO REGO)

"Os canhões punham *à distância* os franceses cobiçosos." (JOSÉ LINS DO REGO)

Para dizer *a grande distância, ao longe,* pode-se usar também *na distância*:

"O mar se fundia *na distância*, brilhante e azul." (ELSIE LESSA)

▪ A crase nas locuções

Acentua-se, geralmente, o *a* ou *as* de locuções formadas de substantivos femininos:

a) locuções adverbiais

à direita, à esquerda, à força, à farta, à milanesa (= à moda milanesa), à oriental (= à moda oriental), à mesa (estar à mesa), à noite (= de noite), à risca, à solta, à vontade, à saída (= na saída), à uma hora, às sete horas, à zero hora, às vezes, à toa, às claras, às pressas (ou à pressa), etc.

b) locuções prepositivas

à custa de, à espera de, à força de, à procura de, à vista de, etc.

c) locuções *conjuntivas*

à medida que, à proporção que:

O uso do acento grave é opcional nas locuções adverbiais que indicam meio ou instrumento:

barco a (ou à) vela; escrever a (ou à) máquina; escrever a (ou à) mão; fechar o cofre a (ou à) chave; repelir o invasor a (ou à) bala, etc.

Observação:

✔ Não há consenso, entre os gramáticos, quanto ao emprego do acento grave nesse último caso. Uns invocam, em favor dele, a tradição da língua, ou melhor, o uso tradicional entre os portugueses, que pronunciam o *à* (contração) um pouco mais fortemente do que o *a* simples. Outros entendem ser descabido o acento, porquanto nas ditas locuções não ocorre crase, o *a* é simples preposição, como em *a lápis, a giz, a óleo, a facão,* etc. Além disso, argumentam, os brasileiros pronunciam *a* e *à* de igual modo. São válidas e boas ambas as opiniões. Quem escreve escolherá a que achar melhor e mais adequada.

Não se acentua locução constituída de *a + substantivo plural:*

a expensas de, a duras penas, a marteladas, a desoras, a duas mãos, etc.

É descabido e vetado o acento grave em locução formada com substantivo masculino. Grafa-se, portanto:

a cavalo, a pé, a gás, a nado, a mando de, a pedido de, etc.

É desnecessário o acento grave no *a* ou *as*, depois de *até*, a não ser que sua falta possa gerar ambiguidade (duplo sentido):

Chegou *até a* praia. Andei *até a* igreja. Fomos *até as* dunas.

Os garimpeiros danificaram todo o rio *até à* nascente. [Sem o acento grave, poder-se-ia entender que os garimpeiros danificaram inclusive a nascente do rio.]

Há, portanto, casos em que o acento grave, nas locuções, não assinala crase; emprega-se, simplesmente, para deixar bem claro que se trata de um adjunto adverbial. Comparem-se, por exemplo, as expressões seguintes, em que a ausência do acento grave torna o sentido dúbio:

ver a distância e *ver à distância*
matar a fome e *matar à fome*
cheirar a gasolina e *cheirar à gasolina*
enfrentar-se a espada e *enfrentar-se à espada*
receber a bala e *receber à bala*

8 CRASE DA PREPOSIÇÃO *A* COM OS PRONOMES DEMONSTRATIVOS

A crase pode também resultar da contração da preposição *a* com os pronomes demonstrativos *aquele, aquela, aqueles, aquelas, aquilo, a, as:*

Não irás *àquela* festa. [*a aquela*]

Vou *àquele* cinema. [*a aquele*]

Não dei importância *àquilo*. [*a aquilo*]
Não estou falando de todas as jovens; refiro-me *à* que você namora. [*a a*]
Àquela ordem estranha, o soldado estremeceu.
Recomeçamos a caminhada, rumo *àquele* pico.
A capitania de Minas Gerais estava unida *à* de São Paulo.
As alunas vinham correndo, e a professora entregava a bola *à* que chegasse primeiro.
Falarei *às* que quiserem me ouvir.
Essa anedota é semelhante *à* que meu professor contou.
"... suas forças são inferiores *às* de Nassau." (Assis Brasil)

EXERCÍCIOS — LISTA 31

1. Escreva as duas frases, colocando, ao lado de cada palavra **a**, sua classificação de acordo com a lista abaixo e acentuando a que representa uma contração:

1) artigo definido
2) pronome pessoal oblíquo
3) pronome demonstrativo
4) preposição
5) contração

a) Emprestei **a** máquina **a** José, que **a** devolveu **a** empregada.
b) Emprestei-lhe **a** minha máquina, não **a** de meu irmão.

2. Faça como nos exemplos, substituindo os asteriscos:

AO (masculino) ➔ À (feminino) A (masculino) ➔ A (feminino)

a) Alice obedece **ao pai** e **à mãe**.
b) Dedicas o livro **a homem** ou **a mulher**?
c) Recorremos ao diretor e ****** .
d) Prestaram homenagem a papai e ****** .
e) Muitos ofereceram flores aos noivos e ****** .
f) São brinquedos que agradam a meninos e ****** .
g) Fui apresentado a reis e ****** , a príncipes e ****** .
h) Apresentaram-me ao rei e ****** , ao príncipe e ****** .

3. Escreva as frases, substituindo os asteriscos de acordo com os exemplos e observando as correlações:

DA ➔ À DE ➔ A

Voltei **da** cidade. ➔ Fui **à** cidade.
Vim **de** Brasília. ➔ Fui **a** Brasília.
a) Voltei **da** Bahia. ➔ Irei novamente ****** .
b) Voltei **de** Curitiba ontem. ➔ Fui ****** .
c) Vim **de** Minas hoje. ➔ Voltarei ****** .
d) Chegamos **da** Argentina. ➔ Iremos ****** .
e) João veio **da** farmácia. ➔ Vá correndo ****** .

4. Justifique o emprego ou a ausência do acento grave:

Ontem encontrei rindo **a** garota de Atibaia, que faltou **às** aulas para ir **a** Santos, para ir **à** praia. Talvez algum dia **a** encontre chorando.

5. Escreva as frases classificando-as em três grupos de acordo com a classificação da palavra **a(s)**, conforme indicação abaixo; em seguida, acentue a única contração que ocorre nos exemplos dados:

(1) **artigo definido**

Fui e voltei **a** pé.
Socorreu **a** vítima?
Vendo TV **a** cores.
Estávamos **a** sós.
Não ligue **a** boatos.

(2) **preposição**

O diretor atendeu **as** alunas.
Não atendem **a** reclamações.
O álcool é nocivo **a** saúde.
O carro era movido **a** álcool.
Eu levo o estudo **a** sério.

(3) **contração**

6. Escreva as frases nas quais não há possibilidade de crase; em seguida, coloque após cada uma delas o motivo, de acordo com a relação abaixo:

Percorri a rua de ponta **a** ponta.
Não há ninguém igual **a** ela.
Amanhã tornarás **a** sorrir.
Demos graças **a** Deus.

(1) palavra masculina
(2) verbo
(3) pronome pessoal
(4) locução formada por palavra repetida

7. Nos exemplos do exercício anterior não há crase porque ocorre apenas o artigo definido **a** ou apenas a preposição **a**?

8. Assinala-se a crase com acento grave. Copie as frases abaixo, colocando-o onde for necessário:

a) A um sinal do instrutor, todos voltaram a piscina.
b) Edi levou a criança a uma praça e ficou sentada a sombra das árvores.
c) Prefiro coca-cola a guaraná, vinho a cerveja, água da fonte a do rio.
d) Devido a ventania, nenhum homem-asa se atreveu a saltar da Pedra Bonita.
e) Fiz marcha a ré e parei em frente a uma loja que vendia a vista e a prazo.
f) A meia-noite, o retirante chegou a cidade com um saco as costas.
g) Isto não compete só as autoridades, compete a mim, a você, a todos.
h) Chamou-o a parte e disse-lhe: "Quanto a isso, pode ficar tranquilo."
i) Quanto a tia, nada a reclamar: pessoa fina, tem horror a discussões.
j) Encostou-se a janela, atento a campainha do telefone.
k) Daqui a cem anos, naves talvez levem gente a Lua, a Vênus e a outros mundos.
l) A saída do cinema, vozes de adultos misturavam-se a gritos de crianças.

9. Copie somente a frase em que o acento indicador de crase é indispensável:

A rodovia BR-101 liga Natal a Porto Alegre.
Às vezes ela vai a um cinema, outras vezes assiste a uma novela.
O marinheiro desceu a terra e fez rápida visita a sua mãe.
A exportação deve ser igual ou superior a importação.

10. Substitua * por **a**, **as**, **à** ou **às**, conforme convenha:

O Sol nasce * leste.
Chegou os lábios * taça.
Os pneus aderem * pista.
Assistiu * reuniões de ontem?
O futuro pertence * Deus.
Estou * suas ordens.

Nada pôde resistir * força das águas.
Feriram-me * costas os espinhos.
As frutas pertenciam * aves.
O rio corre paralelamente * mata.
Ele só bebe após * refeições.
Ainda não respondi * essa carta.

11. Escreva a frase abaixo, substituindo os asteriscos pela série que a completa de forma correta:

Na velha fazenda, **** que cheguei **** nove horas e que percorri **** cavalo, vi ferramentas expostas **** chuva e plantações abandonadas **** formigas.

à – às – a – a – às a – às – a – à – às
a – as – à – a – às à – às – à – a – as

12. Escreva as frases, colocando acento grave nos pronomes demonstrativos em destaque e justificando-o:

a) Nunca tinha visto um mágico igual **aquele**.
b) Costumo ir **aquela** ilha para pescar.
c) **Aquela** hora a família já devia estar dormindo.
d) Na entrevista limitamo-nos **aquilo** que mais nos interessava.
e) Pedi uma blusa igual **a** que estava à mostra na vitrine.

13. Transcreva as frases abaixo, usando o acento indicador de crase onde for necessário:

a) Sentou-se a mesa e começou a escrever a máquina.
b) Decidiu não mais voltar a Argentina, renunciando a toda a obra a que consagrara muitos anos de trabalho.
c) O Brasil foi sempre mais fiel a força da toga que a da espada.
d) Já se havia habituado aquela vida, quando o médico aventou a ideia de submetê-lo a uma intervenção cirúrgica.
e) Voltamos a casa quase a uma hora da madrugada.
f) Regressou a Belo Horizonte e dirigiu-se a casa paterna.
g) A onda da vida trouxe-nos a mesma praia.
h) Estando a porta da loja, vi assomar a distância dois cavalheiros que caminhavam lado a lado e pareciam dirigir-se aquela casa comercial.
i) Chegamos aquele sítio as 9 horas para assistir a inauguração da escola.
j) Do Rio de Janeiro a Vila Rica a viagem mais rápida era feita a cavalo, levando-se de 12 a 15 dias.
k) "Não podemos deixar de ir a igreja para agradecer a Nossa Senhora." (Josué Montelo)
l) "O ar cheira a gasolina." (Ribeiro Couto)
m) "Depois convidou-os a procederem a nomeação do secretário." (João Felício dos Santos)
n) "Nos dias festivos havia jantares suntuosos a Luculo, a tarde passeios no jardim e pescarias no tanque em escaleres dourados, a noite bailes e representações teatrais." (João Felício dos Santos)
o) "Nem nos sonhos cheguei a aspirar a tal emprego." (Ciro dos Anjos)
p) "A tarde os trabalhadores descansam a beira do caminho." (Cecília Meireles)
q) "Fechava os ouvidos aqueles tristes comentários." (João Clímaco Bezerra)
r) "As fofocas eram sussurradas a meia voz." (Carlos Marchi)

14. Copie as frases, colocando o acento indicador de crase onde for adequado:

a) "Maria José ficara imóvel, entregue a mudas cogitações." (Raquel de Queirós)
b) "Tresandava a álcool a dois passos de distância." (Fernando Namora)
c) "A carroça chegou a aldeia ainda a uma hora morta." (Fernando Namora)

d) "Uns quadros a óleo enfeitariam a minha sala." (GRACILIANO RAMOS)

e) "Caçulinha, que era tão viva e inteligente, bem poderia chegar a professora." (AMANDO FONTES)

f) "Predominava, entretanto, em meio aquele baralhar de emoções, o sentimento de perda." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

g) "Chegavam a casa quase sempre a tardinha." (HERBERTO SALES)

h) "Venho dizer a Vossa Reverendíssima que estou pronto a partir para o Xingu." (ANTONIO CALLADO)

i) "Sua inteligência excedia a das criaturas humanas." (CECÍLIA MEIRELES)

j) "Há nomes gravados a canivete, eu sei." (RUBEM BRAGA)

k) "Geminiano Ramos usava bigodões a Stalin." (ÉRICO VERÍSSIMO)

l) "Face as perspectivas que se abriam a sua frente, Henri ficou muito emocionado." (RUBEM FONSECA)

15. O acento grave, nos exemplos abaixo, altera o sentido da frase. Explique cada caso:

a) Despediu-se a francesa.
Despediu-se à francesa.

b) Sua constância tinha de ser posta a mais dura prova.
Sua constância tinha de ser posta à mais dura prova.

c) Ele matou a fome.
Ele matou à fome.

d) A noite vinha-os consolar.
À noite vinha-os consolar.

e) O dinheiro, leva-o a filha dele.
O dinheiro, leva-o à filha dele.

f) Corri a cidade.
Corri à cidade.

16. Ponha o acento da crase, se necessário:

Passaram
- a distância.
- a pouca distância de nós.
- a distância de cinco metros de nós.
- a uma e meia da tarde.
- a segunda parte do programa.
- a outros assuntos.
- uma a uma, vestidas a oriental.
- o rio a nado.
- a vista de todos.
- a nos importunar com cartas anônimas.
- a hora de sempre, em direção a escola.
- a direção da empresa a pessoas incompetentes.

17. Assinale as frases em que o acento grave é opcional:

a) Levamos encomendas **a** domicílio.
b) Não sabia **a** quem recorrer.
c) Fechou o cofre **a** chave.
d) Chovia desde **a** meia-noite.
e) Seguiram-no **a** distância.
f) Fiz isso **a** duras penas.
g) Eles não têm fogão **a** gás.
h) Começou **a** ventar forte.
i) Não dê isto **a** ninguém.
j) Fui até **a** estrada.

18. Copie, indicando a ocorrência de crase por meio de acento grave.

a) A bebida alcoólica é prejudicial a saúde.
b) É preciso que sejamos úteis a sociedade em que vivemos.
c) O cão é fiel a seu dono.
d) Diga-lhe que estou a sua espera.
e) Chovendo, não iremos a praia.

19. Faça como no exercício anterior.

a) Nada escapava a destreza de sua mãe.
b) Partiremos daqui a sete dias.
c) "Deus te leve a salvo, brioso e altivo barco." (José de Alencar)
d) Deu preferência aquele carro.
e) Os estrangeiros faziam reverências a todos os chefes das tribos.
f) A sua agressividade põe tudo a perder.
g) Os índios xavantes chegaram a era do satélite.

20. Escreva as frases abaixo, substituindo os termos destacados pelas palavras que aparecem entre parênteses. Faça as adaptações necessárias:

a) Nunca fui a **Curitiba** (Brasília), mas já fui ao **Paraguai** (Argentina).
b) Referia-se ao **médico** da família (médica).
c) Ao **passo** que estudava, aprendia (medida).
d) As chuvas causam prejuízo aos **agricultores** (lavoura).
e) Assistimos ao **filme** premiado (peça).

21. Copie as frases abaixo, completando-as com **aquele, àquele, aquela, àquela ou àquilo**:

a) Obedeceram * maluco?
b) Referia-se * que todos sabiam ser proibido.
c) Encontrei * menina de que falávamos ontem.
d) Cheguei * vila horrível embaixo de chuva.
e) Acostumei-me * vida tranquila.

22. Indique as alternativas em que o acento indicador de crase foi utilizado incorretamente. Justifique sua resposta.

a) Não temos nada à declarar, senhores.
b) Minha mãe só pinta quadros à óleo.
c) Você ainda só escreve à lápis?
d) Não damos atenção à observações destrutivas.
e) Depois do bolo, todos voltaram à piscina.
f) Você assiste à peças desse autor tão mal visto pelos críticos?
g) A secretária referia-se à pasta desaparecida.

PREPOSIÇÃO
Exercícios de exames e concursos
[Página 677]

CONJUNÇÃO

Examinemos estes exemplos:

a) Tristeza **e** alegria não moram juntas.

b) Os livros ensinam **e** divertem.

c) Saímos de casa **quando** amanhecia.

1 CONJUNÇÕES

No primeiro exemplo, a palavra **e** liga duas palavras da mesma oração: é uma *conjunção*.

No segundo e terceiro exemplos, as palavras **e** e **quando** estão ligando orações: são também *conjunções*.

Conjunção *é uma palavra invariável que liga orações ou palavras da mesma oração*.

No segundo exemplo, a conjunção liga as orações sem fazer que uma dependa da outra, sem que a segunda complete o sentido da primeira; por isso, a conjunção *e* é *coordenativa*.

No terceiro exemplo, a conjunção liga duas orações que se completam uma à outra e faz que a segunda dependa da primeira; por isso, a conjunção *quando* é *subordinativa*.

As conjunções, portanto, dividem-se em *coordenativas* e *subordinativas*.

2 CONJUNÇÕES COORDENATIVAS

As conjunções coordenativas podem ser:

- **aditivas**

Dão ideia de adição, acrescentamento: *e, nem, mas também, mas ainda, senão também, como também, bem como*.

O agricultor colheu o trigo *e* o vendeu.

Não aprovo *nem* permitirei essas coisas.

Os livros não só instruem, *mas também* divertem.

As abelhas não apenas produzem mel e cera, *mas ainda* polinizam as flores.

- **adversativas**

Exprimem oposição, contraste, ressalva, compensação: *mas, porém, todavia, contudo, entretanto, senão, ao passo que, antes* (= pelo contrário), *no entanto, não obstante, apesar disso, em todo caso.*

Querem ter dinheiro, *mas* não trabalham.

Ela não era bonita, *contudo* cativava pela simpatia.

Não vemos a planta crescer, *no entanto* ela cresce.

A culpa, não a atribuo a vós, *senão* a ele.

O professor não proíbe, *antes* estimula as perguntas em aula.

O exército do rei parecia invencível, *não obstante* foi derrotado.

Você já sabe bastante, *porém* deve estudar mais.

Eu sou pobre, *ao passo que* ele é rico.

Hoje não atendo, *em todo caso* entre.

- **alternativas**

Exprimem alternativa, alternância: *ou, ou... ou, ora... ora, já... já, quer... quer,* etc.

Os sequestradores deviam render-se *ou* seriam mortos.

Ou você estuda *ou* arruma um emprego.

Ora triste, *ora* alegre, a vida segue o seu ritmo.

Quer reagisse, *quer* se calasse, sempre acabava apanhando.

"*Já* chora, *já* se ri, *já* se enfurece." (Luís de Camões)

- **conclusivas**

Iniciam uma conclusão: *logo, portanto, por conseguinte, pois* (posposto ao verbo), *por isso.*

As árvores balançam, *logo* está ventando.

Você é o proprietário do carro, *portanto* é o responsável.

O mal é irremediável; deves, *pois*, conformar-te.

- **explicativas**

Precedem uma explicação, um motivo: *que, porque, porquanto, pois* (anteposto ao verbo).

Não solte balões, *que* (ou *porque*, ou *pois*, ou *porquanto*) podem causar incêndios.

Choveu durante a noite, *porque* as ruas estão molhadas.

Observação:

✔ A conjunção *e* pode apresentar-se com sentido adversativo:

Sofrem duras privações *e* [= mas] não se queixam.

"Quis dizer mais alguma coisa *e* não pôde." (Jorge Amado)

3 CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS

As conjunções subordinativas ligam duas orações, subordinando uma à outra. Com exceção das integrantes, essas conjunções iniciam orações que traduzem circunstâncias (causa, comparação, concessão, condição ou hipótese, conformidade, consequência, finalidade, proporção, tempo). Abrangem as seguintes classes:

▪ causais

Introduzem orações que exprimem causa: *porque, que, pois, como, porquanto, visto que, visto como, já que, uma vez que, desde que.*

O tambor soa *porque* é oco. [*porque* é oco: *causa*; o tambor soa: *efeito*]

Como estivesse de luto, não nos recebeu.

Desde que é impossível, não insistirei.

▪ comparativas

Introduzem orações que representam o segundo elemento de uma comparação: *como, (tal) qual, tal e qual, assim como, (tal) como, (tão* ou *tanto) como, (mais) que* ou *do que, (menos) que* ou *do que, (tanto) quanto, que nem, feito* (= como, do mesmo modo que), *o mesmo que* (= como).

Ele era arrastado pela vida *como* uma folha pelo vento.

O exército avançava pela planície *qual* uma serpente imensa.

"Os cães, *tal qual* os homens, podem participar das três categorias." (Paulo Mendes Campos)

"Sou *o mesmo que* um cisco em minha própria casa." (Antônio Olavo Pereira)

"E pia *tal e qual* a caça procurada." (Amadeu de Queirós)

"Por que ficou me olhando assim *feito* boba?" (Carlos Drummond de Andrade)

Os pedestres se cruzavam pelas ruas *que nem* formigas apressadas.

Nada nos anima tanto *como* (ou *quanto*) um elogio sincero.

Os governantes realizam menos *do que* prometem.

▪ concessivas

Iniciam orações que exprimem um fato que se concede, que se admite, em oposição a outro: *embora, conquanto, que, ainda que, mesmo que, ainda quando, mesmo quando, posto que, por mais que, por muito que, por menos que, se bem que, em que* (pese), *nem que, dado que, sem que* (= embora não).

Célia vestia-se bem, *embora* fosse pobre.

A vida tem um sentido, *por mais* absurda *que* possa parecer.

Beba, *nem que* seja um pouco.

Dez minutos *que* fossem, para mim, seria muito tempo.

Fez tudo direito, *sem que* eu lhe ensinasse.

Em que pese à autoridade deste cientista, não podemos aceitar suas afirmações.

Não sei dirigir, e, *dado que* soubesse, não dirigiria de noite.

"O próprio edifício, *posto que* avelhentado e fraco, também parecia animado de espírito guerreiro." (Alexandre Herculano)

- **condicionais**

Iniciam orações que exprimem condição ou hipótese: *se, caso, contanto que, desde que, salvo se, sem que* (= se não), *a não ser que, a menos que, dado que*.

Ficaremos sentidos, *se* você não vier.

Comprarei o quadro, *desde que* não seja caro.

Não sairás daqui *sem que* antes me confesses tudo.

"Eleutério decidiu logo dormir repimpadamente sobre a areia, *a menos que* os mosquitos se opusessem." (FERREIRA DE CASTRO)

- **conformativas**

Indicam conformidade de um fato com outro: *como, conforme, segundo, consoante*.

As coisas não são *como* (ou *conforme*) dizem.

"Digo essas coisas por alto, *segundo* as ouvi narrar." (MACHADO DE ASSIS)

- **consecutivas**

Iniciam orações que exprimem consequência: *que* (precedido dos termos intensivos *tal, tão, tanto, tamanho*, às vezes subentendidos), *de sorte que, de modo que, de forma que, de maneira que, sem que, que* (não).

Minha mão tremia tanto *que* mal podia escrever.

Falou com uma calma *que* todos ficaram atônitos. [uma calma tal que...]

Ontem estive doente, *de sorte que* (ou *de modo que*) não saí.

Não podem ver um cachorro na rua *sem que* o persigam.

Não podem ver um brinquedo *que* não o queiram comprar.

- **finais**

Iniciam orações que exprimem finalidade: *para que, a fim de que, que* (= para que).

Afastou-se, depressa *para que* não o víssemos.

Falei-lhe com bons termos, *a fim de que* não se ofendesse.

Fiz-lhe sinal *que* se calasse.

- **proporcionais**

Iniciam orações que exprimem proporcionalidade: *à proporção que, à medida que, ao passo que, quanto mais... (tanto mais), quanto mais... (tanto menos), quanto menos... (tanto mais), quanto mais... (mais), (tanto)... quanto.*

À medida que se vive, mais se aprende.

À proporção que subíamos, o ar ia ficando mais leve.

Quanto mais as cidades crescem, mais problemas vão tendo.

Os soldados respondiam, *à medida que* eram chamados.

Observação:

✔ São incorretas as locuções proporcionais *à medida em que, na medida que* e *na medida em que*. A forma correta é *à medida que:*

"*À medida que* os anos passam, as minhas possibilidades diminuem." (Maria José de Queirós)

Existe, sim, a expressão *na medida em que*, na qual o *que* é pronome relativo, não forma locução conjuntiva como em *à medida que*. Exemplos de uso correto da expressão *na medida em que:*

"A rigor, tal cordialidade não existe *na medida em que* é apregoada". (Viana Moog)

"A expansão da lavoura algodoeira não pôde produzir-se em São Paulo *na mesma medida em que* se produziu noutras terras." (Sérgio Buarque de Holanda)

- **temporais**

Introduzem orações que exprimem tempo: *quando, enquanto, logo que, mal* (= logo que), *sempre que, assim que, desde que, antes que, depois que, até que, agora que, ao mesmo tempo que, toda vez que*.

Venha *quando* você quiser.

Não fale *enquanto* come.

Ela me reconheceu, *mal* lhe dirigi a palavra.

Desde que o mundo existe, sempre houve guerras.

Agora que o tempo esquentou, podemos ir à praia.

Ao mesmo tempo que corriam, atiravam pedras para trás.

"Ninguém o arredava dali, *até que* eu voltasse." (Povina Cavalcânti)

- **integrantes**

Introduzem orações que funcionam como substantivos: *que, se*.

Pedi-lhe *que* me desculpasse. [= Pedi-lhe desculpas.]

Verifique *se* o muro é sólido. [= Verifique a solidez do muro.]

Observação:

✔ Em frases como "Sairás *sem que* te vejam", "Morreu *sem que* ninguém o chorasse", consideramos *sem que* conjunção subordinativa *modal*. A NGB, porém, não consigna esse tipo de conjunção.

4 LOCUÇÕES CONJUNTIVAS

No entanto, *visto que, desde que, se bem que, por mais que, ainda quando, à medida que, logo que, a fim de que, ao mesmo tempo que*, etc.

A locução correta é *ao mesmo tempo que*, e não *ao mesmo tempo em que*: "*Ao mesmo tempo que* marchavam, os soldados cantavam hinos."

5 A CONJUNÇÃO *QUE*

a) Muitas conjunções não têm classificação única, imutável, devendo, portanto, ser classificadas de acordo com o sentido que apresentam no contexto. Assim, a conjunção **que** pode ser:

- **aditiva** (= e)

  Esfrega *que* esfrega, mas a nódoa não sai.

  A nós *que* não a eles, compete fazê-lo.

- **explicativa** (= pois, porque)

  Apressemo-nos, *que* chove.

- **integrante**

  Diga-lhe *que* não irei.

- **consecutiva**

  Tanto se esforçou *que* conseguiu vencer.

  Não vão a uma festa *que* não voltem cansados.

  Onde estavas, *que* não te vi?

- **comparativa** (= do que, como)

  A luz é mais veloz *que* o som.

  Ficou vermelho *que nem* brasa.

- **concessiva** (= embora, ainda que)

  Alguns minutos *que* fossem, ainda assim seria muito tempo.

  Beba, um pouco *que* seja.

- **temporal** (= depois que, logo que)

  Chegados *que* fomos, dirigimo-nos ao hotel.

- **final** (= para que)

  Vendo-me à janela, fez sinal *que* descesse.

- **causal** (= porque, visto que)

  "Velho *que* sou, apenas conheço as flores do meu tempo." (VIVALDO COARACI)

b) A locução conjuntiva *sem que* pode ser, conforme a frase:

- **concessiva** (*sem que* = embora não)

  Nós lhe dávamos roupa e comida, *sem que* ele pedisse.

- **condicional** (*sem que* = se não, caso não)

  Ninguém será bom cientista, *sem que* estude muito.

- **consecutiva** (*sem que* = que não)

  Não vão a uma festa *sem que* voltem cansados.

- **modal** (*sem que* = de modo que não)

  Sairás *sem que* te vejam.

EXERCÍCIOS LISTA 32

1. Classifique as conjunções coordenativas:

a) "O major Camilo não ata nem desata." (Ricardo Ramos)

b) "Desta vez ou tomas juízo, ou ficas sem coisa nenhuma." (Machado de Assis)

c) "O Rubião olhou duas outras vezes e não a conhecera ou fingia não conhecê-la." (Alcindo Guanabara)

d) "Nem eu lavro a terra, nem vós também." (Carlos de Laet)

e) Leve-lhe flores, que ela aniversaria amanhã.

f) Ele sofria, mas não se queixava.

g) Não vos peço benevolência, senão justiça.

h) Não suportava mais a vista dos aviões, quer fosse na tela, quer fosse nos ares.

i) Sois jovens e tendes um ideal, podeis, portanto, ser felizes.

j) Os filhos não somente estudam, mas ainda auxiliam os pais.

k) João é bom pai, pois os filhos o amam.

l) "Queres granjear fortuna, logo deves trabalhar." (Said Ali)

m) Ela devia ter chorado muito, porque os olhos estavam roxos.

2. Transcreva as frases, classificando-as de acordo com o valor das conjunções coordenativas em destaque, conforme lista abaixo:

(1) acrescentamento
(2) contraste
(3) alternância, alternativa
(4) conclusão
(5) explicação, motivo

Emílio sofre, **contudo** não se queixa.

Ora trabalha, **ora** se diverte.

Apressa-te, **que** o tempo é pouco.

Não me escreve **nem** me visita.

Ele comprara o ingresso, **portanto** podia entrar.

3. Classifique as conjunções subordinativas em destaque:

a) "Ontem o vento andava mais devagar **do que** o rio." (Aníbal Machado)

b) "**Quando** levantou a cabeça, vi **que** chorava deveras." (Machado de Assis)

c) "Não sei **se** saiu do país, **se** se matou." (Camilo Castelo Branco)

d) **À proporção que** os dias passam, a vida vai encarecendo.

e) "A calúnia, **conquanto** escrita em palavras cultas e penteadas, é sempre calúnia." (Camilo Castelo Branco)

f) "A rapidez da marcha era tal, **que** escapava a toda compreensão." (Machado de Assis)

g) "Alguns conhecidos tinham passado, palavreando com ele, **consoante** costumavam." (Camilo Castelo Branco)

h) Pegou-me pelo braço **para que** eu apressasse o passo.

i) "Bebia **que** era uma lástima." (Ribeiro Couto)

j) "Não posso deitar-me sem tocar piano, **nem que** seja um pouco." (Aníbal Machado)

k) "Devia soar-lhe **como** um ai plangente aquele silvo agudo." (CAMILO CASTELO BRANCO)
l) Recendia **que nem** um galho de manacá florido.
m) As plantas morrerão, **se** persistir a seca.
n) Só não lincharam o assaltante **porque** a polícia impediu.

4. Escreva as duas colunas fazendo corresponder as frases às circunstâncias expressas pelas conjunções subordinativas:

Caso não os encontre, eu lhe telefono.	causa
Como estivesse ventando, fechei a janela.	comparação
Segure-o com força, **para que** não fuja.	concessão, admissão
Tamanho foi o impacto **que** o carro incendiou-se.	hipótese, condição
A volta não demorou tanto **como** a ida.	conformidade
Não falaria **nem que** o matassem.	consequência, efeito
Mal me viu, veio abraçar-me.	finalidade
Ele não é, **como** dizem, um criminoso.	proporção
Aproximei-me **sem que** ele percebesse.	tempo
Quanto mais cresce, **mais** linda fica.	modo

5. Classifique as conjunções subordinativas em destaque, como fez no exercício 3:

a) Irei contigo, **desde que** minha família não se oponha.
b) Não fez nada **desde que** chegou.
c) **Desde que** estás disposto, convém **que** inicies já o trabalho.
d) Vejo **que** sabes **tanto quanto** nós, **se bem que** tenhas estado no local dos acontecimentos.
e) Malha-se o ferro **enquanto** está quente.
f) **Como** a escola era perto, íamos a pé.
g) Eu podia assistir à pescaria, **contanto que** ficasse em silêncio.
h) **Embora** pertencêssemos a partidos rivais, nossas ideias coincidiam em muitos pontos, de modo que era possível convivermos como bons amigos.
i) **Conquanto** estivéssemos cansados, nosso pai não permitia que fôssemos dormir sem que antes tivéssemos rezado as orações.
j) **Visto como** o futuro é incerto, trabalharei agora **enquanto** as forças me permitirem.
k) "Caúla, **mesmo que** o quisesse, não saberia o que dizer." (ADONIAS FILHO)
l) "**Tanto** nos leva ao porto o navio **quanto** o mar." (ANÍBAL MACHADO)

6. Classifique as conjunções dos períodos seguintes:

a) Quando eu te trazia biscoitos, tu os guardavas, e eu te censurava, porque me parecias avara, pois nem os comias nem os repartias com outrem.
b) Como é gorda, ela cansa mais depressa, mas não se queixa nem diminui o passo.
c) Fui visitar Letícia e levei-lhe, conforme você me lembrou, um ramo de flores.
d) "Pareceu-me que a minha posição melhorava, mas enganei-me." (CAMILO CASTELO BRANCO)
e) Sou pobre, como bem sabes; contudo, tenho a certeza de que, se fosse rico, não seria mais feliz do que sou agora.
f) Por mais distraído que fosses, leitor amigo, terias notado que ele ficara sinceramente alegre, posto que contivesse a alegria, segundo convinha a um filósofo.

7. Transcreva as frases abaixo e classifique a palavra **que**, sobrepondo-lhe a letra correspondente:

(A) pronome relativo
(B) pronome indefinido
(C) pronome interrogativo
(D) advérbio de intensidade
(E) conjunção coordenativa
(F) conjunção subordinativa
(G) substantivo
(H) preposição
(I) interjeição
(J) palavra expletiva
(K) palavra denotativa de exclusão (que não = exceto)

1) Há pessoas que sofrem.
2) Que força tem o vento!
3) Que tencionas fazer agora?
4) Que bom seria viver aqui!
5) "Procura que procura." (Amadeu Amaral)
6) Apressas-te, que vem gente.
7) Criança que és, não podes compreender isto.
8) Sabemos que a Terra gira no espaço.
9) Não sai à rua, que não leve a netinha.
10) Fiz-lhe sinal que se calasse.
11) Falou de tal modo que nos empolgou.
12) "Cinco contos que fossem, era um arranjo menor..." (Machado de Assis)
13) Felicidade vale mais que riqueza.
14) "Que gentil que estava a espanhola!" (Machado de Assis)
15) "O patrão já dera ordem de ajuntar mais um peão, que os dois que havia não davam conta do serviço." (Darci Azambuja)
16) A verdade é que a mulher não soube que inventar para defender o procedimento do marido.
17) "Quê! – atalhou Vasco – pois aquele homem tão sério!... tão temente a Deus!" (Camilo Castelo Branco)
18) "Leio nos seus olhos claros um quê de profunda curiosidade." (Gasparino Damata)
19) Parece que ele se referiu a outra pessoa, que não a mim.
20) "Punham-se a procurar não se sabia quê." (Fernando Namora)
21) "Não existia mistério que resolver." (Jorge Amado)
22) "Os doze anos, ai de mim, nunca mais que chegavam." (Ciro dos Anjos)
23) "Tão gulosa que era, tinha sempre à mão alguma coisa para comer." (Antônio Olavo Pereira)
24) "Senti-me leve, transportado a outras paragens, que não as terrenas." (Otto Lara Resende)
25) Quem não tiver coragem de escalar o pico, que fique em casa.

8. Em cada grupo, copie a única conjunção subordinativa que não pertence à classe das:

1) **comparativas**: como – assim como – tal e qual – qual – (mais) que – o mesmo que – (tanto) quanto – porquanto – feito

2) **concessivas**: embora – ainda que – mesmo que – ainda quando – por mais que – nem que – se – se bem que – sem que

9. Transcreva as frases; em seguida sublinhe e classifique as conjunções:

a) "Poderás, se fugires, orientar-te pelas estrelas." (SANTOS FERNANDO)

b) "Confundia agitação com ação, tal e qual o Melquíades." (CIRO DOS ANJOS)

c) Ia escrevendo ora devagar, ora depressa, conforme o ritmo dos pensamentos.

d) "Ele, Caúla, não ficaria ancorado como uma canoa." (ADONIAS FILHO)

e) Sagaz como era, logo percebeu que havia novidades.

f) O frio excessivo, como se sabe, impede a condensação necessária à queda da neve.

g) Por mais leve que pisasse, seus passos reboavam.

h) A planície dir-se-ia que busca o fim do mundo, de tão extensa que é.

i) Segundo narram alguns historiadores, muitos escravos se precipitaram no abismo a fim de fugir às torturas.

j) "Nos canteiros empoçados as plantas sacudiam-se tal qual jaçanãs nos lagos." (STELLA LEONARDOS)

10. Escreva as frases, substituindo o * corretamente por **mal** ou **mau**, e numere-as de acordo com a classe gramatical dessas palavras:

Isto é um * sinal.

O * é infeliz.

A guerra é um *.

* me viu, veio correndo.

Você agiu * .

* ouvi o que ele disse.

(1) substantivo concreto
(2) substantivo abstrato
(3) adjetivo
(4) advérbio de modo
(5) advérbio de intensidade
(6) conjunção subordinativa temporal

11. Copie a única frase com a locução conjuntiva correta:

Os rios se avolumam, **na medida em que** avançam para o mar.

Os rios se avolumam, **à medida que** avançam para o mar.

Os rios se avolumam, **à medida em que** avançam para o mar.

Os rios se avolumam, **na medida que** avançam para o mar.

12. Use, em duas frases:

a) ao mesmo tempo que; b) à medida que.

13. Observe que tipo de relação há entre as frases. Depois una-as em um só período, usando as conjunções coordenativas mais adequadas.

a) Explicou o caminho diversas vezes. Não entendi direito o trajeto.

b) Ande logo. Chegaremos atrasados.

c) Não irei. Não mandarei representantes.

d) Não fale alto. Estamos num hospital.

e) Não veio hoje. Deve estar com algum problema sério.

14. Escreva as frases substituindo a conjunção coordenativa por uma concessiva. Faça as alterações necessárias.

Trabalhei muito, mas não estou cansada.

Embora tenha trabalhado muito, não estou cansada.

a) Você é muito inteligente, mas precisa estudar mais.

b) Querem ter sucesso, porém não se esforçam.

c) Clara ganhava pouco, mas vestia-se com cuidado.

15. Una as orações utilizando conjunções subordinativas adequadas para expressar as circunstâncias indicadas entre parênteses. Faça as alterações necessárias.

a) Não nos recebeu. Estava em reunião. (**causa**)

b) Não vou a estádios. Gosto de futebol. (**concessão**)

c) Conto esses fatos. Ouvi esses fatos assim. (**conformidade**)

d) Explicou tudo com muitos detalhes. Todos entenderam. (**consequência**)

e) Falei-lhe com carinho. Queria que ele me ouvisse. (**finalidade**)

16. Indique qual das conjunções aditivas indica ideia de oposição.

a) Meu irmão e eu fomos ao cinema do bairro.

b) Bruna não telefonou nem deu notícias.

c) Leandro apareceu com o carro e disse que o comprara há pouco.

d) Estou procurando Alice há mais de uma hora e ainda não a encontrei.

e) Não só trouxemos as prendas, mas também armamos as barracas da quermesse.

17. Complete as frases usando conjunções adequadas para explicar a relação que há entre as orações:

a) Ontem chovia * ventava assustadoramente.

b) Iria com você ao teatro * não tivesse de cuidar do bebê.

c) Fiz todas as tarefas * você recomendou.

d) As lágrimas eram tantas * ele sequer via quem estava ao seu redor.

e) A passagem do tempo o assustava * não estava satisfeito com sua própria vida.

18. Identifique o tipo de relação que a conjunção **como** estabelece entre as orações.

a) Como eu já te disse antes, aquela criança está com sérios problemas.

b) Chovia como só chove em minha terra natal!

c) Como estivesse exausto, resolveu não participar da festa.

d) A história não aconteceu como te contaram.

e) Como não tivesse mais condições de estudar, começou a procurar emprego.

CONJUNÇÃO
Exercícios de exames e concursos
[Página 679]

INTERJEIÇÃO

1 INTERJEIÇÃO

É uma palavra ou locução que exprime um estado emotivo:

"**Caramba**! Isto é que se chama talento!" (JOSUÉ MONTELO)

"**Puxa vida**! Outra vez! – exclamou Gumersindo, brecando o carro." (EDY LIMA)

Vozes ou exclamações vivas, as interjeições são um recurso da linguagem afetiva ou emocional. Podem exprimir e registrar os mais variados sentimentos e emoções:

aclamação: *viva!*
dor, arrependimento, lástima: *ai! ui! ah! oh! ai de mim! meu Deus! que pena! xi!*
advertência: *cuidado! devagar! atenção! calma! sentido! alerta! olha! olha lá! vê bem!*
dúvida, suspeita: *hum! epa!*
admiração, surpresa, espanto: *ah! oh! ih! puxa! céus! caramba! quê! ué! hem?! uai! credo! nossa! opa! xi!*
impaciência, aborrecimento, desagrado: *irra! apre! arre! vote! ora bolas! puxa vida! hum!*
animação: *eia! sus! coragem! avante! upa! força! vamos!*
aplauso, felicitação, satisfação: *bravo! apoiado! ótimo! viva! boa! bis! isso! parabéns! muito bem!*
desacordo, incredulidade: *qual! qual o quê! pois sim! que esperança!*
alegria: *ah! oh! eh! viva! eta! aleluia! oba!*
desapontamento: *ué! uai!*
alívio: *uf! ufa! arre! ah!*
apelo, pedido, chamamento: *ó! alô! socorro! psiu! eh! ei! olá! misericórdia! valha-me Deus!*
afugentamento: *sai! fora! passa! rua! chit! arreda! xô!*
desejo: *oh! oxalá! tomara! quem me dera! queira Deus!*
indignação, repulsa: *fora! morra! abaixo! não! t'esconjuro!*
assentimento, concordância: *claro! pudera! sim! pois não! ótimo! tá! hã-hã!*
reprovação: *não apoiado! fiau! francamente! ora essa! ora!*
silêncio: *psiu! pst! caluda! silêncio! bico calado!*
saudação: *ave! salve! olá! bom dia! oi! anauê!* (saudação integralista)
despedida: *adeus! até logo! tchau!*
medo, terror, horror: *ui! uh! cruzes!*
desculpa: *perdão!*
pena: *oh! coitado! que pena! pobre dele!*
agradecimento: *obrigado! muito obrigado! obrigada! graças a Deus! grato!*

Observação:

✔ A mesma interjeição pode registrar mais de um sentimento, segundo o tom de voz com que a proferimos.

Além dessas, existem ainda as interjeições imitativas, que exprimem ruídos e vozes: *pum! miau! plaft! trac! pof! zás! zás-trás! tique-taque! quá-quá-quá!*, etc.

Psssiu! – chamou alguém atrás de mim.

"*Chap, chap, chap*. Era o vascolejar da água nas garrafas! (GRACILIANO RAMOS)

2 LOCUÇÃO INTERJETIVA

É uma expressão que vale por uma interjeição:

Meu Deus! Muito bem! Alto lá! Ai de mim! Ó de casa!

As interjeições são como que frases resumidas, sintéticas:

ué! = Eu não esperava por essa!

perdão! = Peço-lhe que me desculpe.

São proferidas com entoação especial, que se representa, graficamente, com o ponto de exclamação. Este pode aparecer depois da interjeição ou no fim da frase, ou mesmo ser repetido:

"Oh! é um anjo aquela menina." (MACHADO DE ASSIS)

"Oh, trágicas novelas!" (CABRAL DO NASCIMENTO)

Arre! você é teimosa!

Não se deve confundir a interjeição de apelo *ó* com a sua homônima *oh!*, que exprime admiração, alegria, tristeza, etc. Faz-se pausa depois do *oh!* exclamativo e não a fazemos depois do *ó* vocativo. Exemplos:

"*Ó* natureza! *ó* mãe piedosa e pura!" (OLAVO BILAC)

"*Oh!* a jornada negra!" (OLAVO BILAC)

Observação:

✔ Dentre as interjeições cumpre distinguir as que são exclusivamente interjeições (*oh! arre! olá!*, etc.) e as palavras de outras classes gramaticais usadas eventualmente como interjeições (*viva! cuidado! adiante!*, etc.).

EXERCÍCIOS — LISTA 33

1. Que sentimentos, emoções, etc. exprimem as interjeições e locuções interjetivas destes exemplos?

1) "Adeus, astros da noite!" (OLAVO BILAC)

2) "Ih! mamãe, mas está todo estragado [o piano]!" (ANÍBAL MACHADO)

3) "Quê! – atalhou Vasco – pois aquele homem tão sério!... tão temente a Deus!" (CAMILO CASTELO BRANCO)

4) "Valha-me Deus! exclamou ela aflitivamente." (Camilo Castelo Branco)

5) "Rua! Isto aqui não é casa da sogra!" (Orígenes Lessa)

6) "Cuidado, Emília! disse Narizinho." (Monteiro Lobato)

7) "De repente, no melhor da festa, plaft! uma jabuticaba cai do galho..." (Monteiro Lobato)

8) "Uf! Que trabalho me deu!" (Monteiro Lobato)

9) "Vamos! Dize alguma coisa!" (Monteiro Lobato)

10) "Ah! toda alma num cárcere anda presa!" (Cruz e Sousa)

11) "Zás! um certeiro golpe de foice dá com ela [a paca] em terra." (Monteiro Lobato)

12) "Ah! É o senhor o tão falado milionário?!" (Araújo Nabuco)

13) "— Então? hoje está mais fortezinho...
— Qual! passei mal a noite." (Machado de Assis)

14) "Eh, doutorzinho! chegou tua hora!" (Aníbal Machado)

15) "Oxalá não tivesse de tingir o sangue as ruas de Córdova." (Alexandre Herculano)

16) Ora bolas! Sempre fazendo das tuas!

17) "Tu vais partir, Dom Gil! Sus! cavaleiro!" (João Ribeiro)

18) Ó almas, devagar! Não esgoteis a taça...

19) Epa! Há algo se mexendo no armário!

20) "Oi! Dr. Fernando. Vai para a cidade?" (José Fonseca Fernandes)

21) "Ei, você aí, ó sardento, esfrega aquele pedaço de tijolo nas lajes." (Josué Guimarães)

22) "Caramba! São bem uns quatro quilômetros até o Anhangabaú." (José Fonseca Fernandes)

23) "Puxa, que pontaria, hem!" (Edi Lima)

24) Sentinela, alerta!

25) "Na porta, o Santo olhou o nosso herói: 'Opa, você de novo? Ah, conseguiu o cavalo, hem! Muito bem, amarre o cavalo aí fora e pode entrar'." (Millôr Fernandes)

26) "Xi, seu Antônio, estou sem um níquel, depois eu pago." (Millôr Fernandes)

27) Calma! Não se afogue num copo d'água.

28) "Bravo! Assim é que é!" (Carlos Drummond de Andrade)

2. Escreva as frases abaixo substituindo * pelas interjeições **ó** ou **oh!**, conforme convenha:

a) * não esperava por essa!

b) "Deus! * Deus! onde estás que não respondes?" (Castro Alves)

c) * com todo o prazer, senhor Lourenço!

d) "* borboleta, pára! * Mocidade, espera!" (Raimundo Correia)

e) "E a esperança? * a esperança, essa é que não renascera!" (Alexandre Herculano)

3. Leia as frases abaixo, procurando perceber os estados, sentimentos ou emoções que expressam as interjeições:

a) Cuidado! O chão está molhado.

b) Puxa! Não pensei que este lugar fosse tão bonito!

c) Puxa vida! Você não para um segundo sequer, Chiquinho!

d) Ufa! Consegui terminar o exercício!

e) Ué! Seu irmão não veio com você?

4. Escreva orações utilizando as interjeições abaixo para exprimir as emoções ou estados indicados:

a) desejo: tomara!

b) pena: coitado!

c) espanto: credo!

d) espanto: nossa!

e) concordância: claro!

5. Faça o mesmo utilizando locuções interjetivas:

a) apoio: muito bem!

b) espanto: meu Deus!

c) pena: meu Deus!

d) aborrecimento: puxa vida!

e) desejo: queira Deus!

CONECTIVOS

Os *conectivos* ligam palavras ou orações. São elementos de ligação, na frase. Exemplos:

O prazer **e** a dor são passageiros.

A espada vence, **mas** não convence.

No primeiro exemplo, o conectivo **e** liga duas palavras; no segundo, o conectivo **mas** liga duas orações.

Os conectivos dividem-se em duas classes: *coordenativos* e *subordinativos*.

▪ Quadro sinótico dos conectivos

- ***CONECTIVOS***
  - **coordenativos** ***(Ligam orações coordenadas.)***
    - ***conjunções coordenativas***
      - ***aditivas:*** *e*
      - ***adversativas:*** *mas*
      - ***alternativas:*** *ou*
      - ***conclusivas:*** *logo*
      - ***explicativas:*** *pois*
  - **subordinativos** ***(Subordinam orações dependentes às principais.)***
    - ***conjunções subordinativas***
      - ***causais:*** *porque*
      - ***comparativas:*** *como*
      - ***concessivas:*** *embora*
      - ***condicionais:*** *se*
      - ***conformativas:*** *conforme*
      - ***consecutivas:*** *(tão) que*
      - ***finais:*** *para que*
      - ***proporcionais:*** *à medida que*
      - ***temporais:*** *quando*
      - ***Iniciam orações adverbiais.***
      - ***integrantes:*** *que, se* — ***Iniciam orações substantivas.***
    - ***pronomes relativos:*** *que, quem, cujo, cuja, o qual, a qual,* ***etc.*** — ***Iniciam orações adjetivas.***

FORMAS VARIANTES

Veja estes exemplos:

A mãe de Alfredo não gostava que ele *assobiasse*.

"Ataliba *assovia* enquanto corta a lenha." (JORGE AMADO)

Assoviar é variante de *assobiar*.

Existe na língua hodierna bom número de palavras que, ao lado da forma considerada normal, apresentam uma ou mais variantes. Em alguns casos é indiferente o emprego de uma ou de outra forma (*cousa* ou *coisa*, *assobiar* ou *assoviar*, etc.); em outros, pelo contrário, deve-se dar preferência às formas que mais se impuseram, graças ao uso constante e generalizado.

São exemplos de formas variantes:

aluguel, aluguer
assobiar, assoviar
assobio, assovio
bílis, bile
coisa, cousa
escoicear, escoucear
louro, loiro
derrubar, derribar
espargir, esparzir
marimbondo, maribondo
bêbedo, bêbado
malvadez, malvadeza
percentagem, porcentagem
pitoresco, pinturesco
lacrimejar, lagrimejar
diabete, diabetes
cacaréus, cacarecos
baralhar, embaralhar
desvario, desvairo
perspectiva, perspetiva
entretimento, entretenimento
engambelar, engabelar
quociente, cociente
rubi, rubim
remoinhar, redemoinhar
remoinho, redemoinho
endemoniado, endemoninhado
infarto, enfarte
líquido, líquido (ki)
traquina, traquinas
catorze, quatorze
cota, quota
taverna, taberna
eriçar, erriçar
espécime, espécimen
ridiculizar, ridicularizar
fleuma, flegma
coradouro, coaradouro, coarador
transpassar, traspassar, trespassar
nambu, nhambu, inambu, inhambu, inamu

EXERCÍCIO LISTA 34

1. Informe onde aparecem formas variantes e onde há erro. No caso de variantes, diga qual a forma considerada normal; no caso de erro, corrija-o:

a) O garoto *assobiava* e corria pela rua.

b) Era um rapaz *louro*, muito bonito e simpático.

c) Você já leu o livro de José Sarney chamado "*Marimbondos* de fogo"?

d) Tenho o *previlégio* de conhecê-lo há anos!

e) Você é um *bêbedo*, que não sabe o que diz.

f) Você tem *catorze* ou quinze anos?

g) Aborrecia-me a *fleuma* com que ele empilhava os tijolos.

h) Vou fazer um bazar *beneficiente* em minha casa.

i) Reveja o *cociente* dessas contas.

j) Quero *cincoenta* copos de papel.

k) Quantas *cotas* do empreendimento seu pai adquiriu?

ANÁLISE MORFOLÓGICA

Consiste a análise morfológica em dar a classe das palavras, sua classificação, fazer o levantamento dos diversos acidentes gramaticais (gênero, número, grau, pessoa, etc.) e identificar-lhes o processo de formação e os elementos mórficos que as constituem. Exemplos:

- **cafeteira**

Substantivo comum, concreto, feminino, singular; derivado, formado por sufixação.

Radical: *café*; sufixo (nominal): *eira;* desinência (nominal): *a;* consoante de ligação: *t*.

- **detivemos**

1ª pessoa do plural do pretérito perfeito simples do indicativo do verbo irregular da 2ª conjugação *deter*, voz ativa; formado por prefixação (*de* + *ter*).

Radical: *tiv;* prefixo: *de;* vogal temática: *e;* desinência número-pessoal: *mos*.

Na análise *morfossintática* de uma palavra, faz-se, juntamente, a análise morfológica e a sintática.

LEITURA

Janeiro

Janeiro desnastra os arrozais,
o fumo é desfolhado
e a larva ameaça o algodoal.
A mão do homem corrige todos os acasos.
Janeiro vê a altura viva das mudas
nos viveiros.
É tempo ainda de semear.
As frutas submetem-se aos enxertos, promissoras.
Reverdecer é simples como a luz.

(VALMIR AYALA, *Águas como Espadas*, p. 13,
LR Editores Ltda., São Paulo, 1983)

SEMÂNTICA

trata da significação das palavras

Soneto à Lua

Vens chegando de longe, tão cansada,
Tão frágil e tão pálida vens vindo,
Que pareces, ó doce Lua amiga,
Vir impelida pelo vento leve.

Pelo vento gentil que está soprando
Tu pareces tangida, como um barco
Com as suas louras velas enfunadas,
E vens a navegar nos altos mares...

Atravessando campos e cidades,
Quantas artes e sortes não fizeste,
Ó triste Lua dos enamorados!

Quantas flores e virgens distraídas
Não seduziste para a estranha viagem
Por esse mar de amor, cheio de abismos!

(AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT, *Eu Te Direi as Grandes Palavras*, 2ª ed., p. 74, Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1977)

SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS

1 SINÔNIMOS

Sinônimos são palavras de sentido igual ou aproximado. Exemplos:

alfabeto, abecedário

brado, grito, clamor

extinguir, apagar, abolir, suprimir

justo, certo, exato, reto, íntegro, imparcial

Geralmente não é indiferente usar um sinônimo pelo outro. Embora irmanados pelo sentido comum, os sinônimos diferenciam-se, entretanto, uns dos outros, por matizes de significação e certas propriedades que o escritor não pode desconhecer.

Com efeito, estes têm sentido mais amplo, aqueles, mais restrito (*animal* e *quadrúpede*); uns são próprios da fala corrente, desataviada, vulgar, outros, ao invés, pertencem à esfera da linguagem culta, literária, científica ou poética (*orador* e *tribuno, oculista* e *oftalmologista, cinzento* e *cinéreo*).

A contribuição greco-latina é responsável pela existência, em nossa língua, de numerosos pares de sinônimos. Exemplos:

adversário e *antagonista*	*moral* e *ética*
translúcido e *diáfano*	*colóquio* e *diálogo*
semicírculo e *hemiciclo*	*transformação* e *metamorfose*
contraveneno e *antídoto*	*oposição* e *antítese*

O fato linguístico de existirem sinônimos chama-se *sinonímia*, palavra que também designa o *emprego de sinônimos*.

O bom escritor deve conhecer os segredos da sinonímia. Entre dois ou mais sinônimos há sempre um que se impõe, por ser mais adequado, mais expressivo ou pitoresco.

2 ANTÔNIMOS

Antônimos são palavras de significação oposta. Exemplos:

ordem e *anarquia*	*louvar* e *censurar*
soberba e *humildade*	*mal* e *bem*

A antonímia pode originar-se de um prefixo de sentido oposto ou negativo. Exemplos:

bendizer, maldizer
simpático, antipático
progredir, regredir
concórdia, discórdia
explícito, implícito
ativo, inativo
esperar, desesperar
comunista, anticomunista
simétrico, assimétrico
pré-nupcial, pós-nupcial

3 HOMÔNIMOS

Homônimos são palavras que têm a mesma pronúncia, e às vezes a mesma grafia, mas significação diferente. Exemplos:

são (sadio), *são* (forma do verbo *ser*) e *são* (santo)

aço (substantivo) e *asso* (verbo)

Só o contexto é que determina a significação dos homônimos. A homonímia pode ser causa de ambiguidade, por isso é considerada uma deficiência dos idiomas.

O que mais nos impressiona nos homônimos é o seu aspecto fônico (som) e o gráfico (grafia). Daí serem divididos em:

- **homógrafos heterofônicos (iguais na escrita e diferentes no timbre ou na intensidade das vogais):**

rego (substantivo) e *rego* (verbo)
colher (verbo) e *colher* (substantivo)
jogo (substantivo) e *jogo* (verbo)
vede (verbo *ver*) e *vede* (verbo *vedar*)
apoio (verbo) e *apoio* (substantivo)
para (verbo *parar*) e *para* (preposição)
pelo (subst.: *cabelo*), *pelo* (forma do verbo *pelar*) e *pelo* (contração de *per* + *o*)
providência (substantivo) e *providencia* (verbo)
ás (substantivo), *às* (contração) e *as* (artigo)

Observação:

✔ Palavras como as dos dois últimos exemplos, a rigor, não são homógrafas, visto que o acento gráfico desfaz a homografia. Razões de ordem didática, porém, nos levam a incluí-las neste grupo de homônimos.

- **homófonos heterográficos (iguais na pronúncia e diferentes na escrita):**

acender (atear, pôr fogo) e *ascender* (subir)
concertar (harmonizar) e *consertar* (reparar, emendar)
concerto (harmonia, sessão musical) e *conserto* (ato de consertar)
cegar (tornar cego) e *segar* (cortar, ceifar)
apreçar (determinar o preço, avaliar) e *apressar* (acelerar)
cela (pequeno quarto), *sela* (arreio) e *sela* (verbo *selar*)
censo (recenseamento) e *senso* (juízo)

cerrar (fechar) e *serrar* (cortar)
paço (palácio) e *passo* (andar)
hera (trepadeira) e *era* (época), *era* (verbo)
caça (ato de caçar), *cassa* (tecido) e *cassa* (verbo *cassar* = *anular*)
cessão (ato de ceder), *seção* (divisão, repartição)[1] e *sessão* (tempo de uma reunião ou espetáculo)

- **homófonos homográficos (iguais na escrita e na pronúncia):**

caminha (substantivo), *caminha* (verbo)
cedo (verbo), *cedo* (advérbio)
somem (forma do verbo *somar*), *somem* (forma do verbo *sumir*)
livre (adjetivo), *livre* (forma do verbo *livrar*)
pomos (substantivo), *pomos* (forma do verbo *pôr*)
alude (avalancha), *alude* (forma do verbo *aludir*)

4 PARÔNIMOS

Parônimos são palavras parecidas na escrita e na pronúncia:

coro e *couro*
cesta e *sesta* (é)
eminente e *iminente*
tetânico e *titânico*
atoar e *atuar*
degradar e *degredar*
cético e *séptico*
prescrever e *proscrever*
descrição e *discrição*
infligir (aplicar) e *infringir* (transgredir)
osso e *ouço*
sede (vontade de beber) e *cede* (verbo *ceder*)
comprimento e *cumprimento*
deferir (conceder, dar deferimento) e *diferir* (ser diferente, *divergir*, adiar)
ratificar (confirmar) e *retificar* (tornar reto, corrigir)
vultoso (volumoso, muito grande: soma *vultosa*) e *vultuoso* (congestionado: rosto *vultuoso*)

5 POLISSEMIA

Uma palavra pode ter mais de uma significação. A esse fato linguístico dá-se o nome de *polissemia*. Exemplos:

mangueira: tubo de borracha ou de plástico para regar as plantas ou apagar incêndios; árvore frutífera; grande curral de gado.

pena: pluma; peça de metal para escrever; punição; dó.

velar: cobrir com véu; ocultar; vigiar, cuidar; relativo ao véu do palato.

Podemos citar ainda, como exemplos de palavras polissêmicas, o verbo *dar* e os substantivos *linha* e *ponto*, que têm dezenas de acepções.

---

(1) Existe ainda a variante *secção* (latim *sectio, sectionis* = *corte*), que se aplica melhor ao sentido etimológico (*corte, amputação*).

6 SENTIDO PRÓPRIO E SENTIDO FIGURADO

As palavras podem ser empregadas no sentido próprio ou no sentido figurado. Exemplos:

Construí um muro de **pedra**. (sentido próprio)

Ênio tem um coração de **pedra**. (sentido figurado)

A água **pingava** da torneira. (sentido próprio)

As horas iam **pingando** lentamente. (sentido figurado)

7 DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO

Observe a palavra em destaque destes exemplos:

Comprei uma correntinha de **ouro**.

Fulano nadava em **ouro**.

No primeiro exemplo, a palavra *ouro* denota ou designa simplesmente o conhecido metal precioso, dúctil, brilhante, de cor amarela: tem sentido próprio, real, *denotativo*. No segundo, *ouro* sugere ou evoca riquezas, opulência, poder, glória, luxo, ostentação, conforto, prazeres: tem sentido *conotativo*, possui várias *conotações* (ideias associadas, sentimentos, evocações que irradiam da palavra).

Como se vê, certas palavras têm grande poder evocativo, uma extraordinária carga semântica; são capazes de sugerir muito mais do que o objetivo designado, desencadeando, conforme a situação, ideias, sentimentos e emoções de toda ordem. Quantas coisas podem sugerir palavras conotativas como *selva, mar, praia, sol, festa*!

EXERCÍCIOS — LISTA 35

1. Dê sinônimos das palavras seguintes:

remoto	percalço	repúdio
granjear	motejo	afeito
inexorável	vicejar	fútil
malfadado	suscitar	infrene
turbamulta	repulsivo	meandro

2. Reorganize as colunas, relacionando os sinônimos de origem latina aos de origem grega:

transparente	diálogo
adversário	ética
moral	diáfano
solilóquio	monólogo
colóquio	antagonista

circunlóquio	protótipo
modelo	metamorfose
transformação	hipótese
contraveneno	perífrase
suposição	antídoto

3. Substitua as palavras destacadas por sinônimos:

a) "Os cabelos, dum **curioso** louro-esverdeado, **iam** muito bem com o tom do uniforme." (ÉRICO VERÍSSIMO)

b) "De noite a cidade **enfeitiça**, mas, de dia, também **desilude**." (GUEDES DE AMORIM)

c) O **retorno** da nave à Terra **fez-se** de modo **análogo** ao das missões Apolo.

d) A contenção dos gastos do governo **gerou** um **declínio** da inflação.

e) Sacudi o **torpor** que se **apoderou** de mim.

4. Substitua as palavras destacadas pelos seus antônimos:

a) A **polidez** vos torna **simpáticos**.

b) Considerai a vida **agitada** e **árdua** de nossos **contemporâneos**!

c) "Os **velhos impugnam** as modas recentes e **defendem** as antigas." (MARQUÊS DE MARICÁ)

d) "A **amenidade** do semblante anuncia a **bondade** do coração." (MARQUÊS DE MARICÁ)

e) Bruno era um rapaz **generoso, perdulário, extrovertido**.

5. Copie, em cada grupo, apenas a palavra que não é sinônimo:

a) presidente – ministro – chefe de Estado – primeiro mandatário

b) terremoto – tremor de terra – abalo sísmico – fissão – sismo

c) nave espacial – cosmonave – espaçonave – avião – veículo espacial

6. Reorganize as colunas de acordo com o tipo de homônimo:

cedo (verbo), cedo (advérbio)	homógrafos heterofônicos
torre (substantivo), torre (verbo)	homógrafos heterográficos
cinto (substantivo), sinto (verbo)	homógrafos homográficos

7. Organize frases com os homônimos das palavras destacadas:

a) A menina dos olhos **verdes** foi à **sessão** das 16 horas.

b) A **cruz** nos **traz** a **graça**.

c) Depois da **caça** faz-se o **conserto** das redes.

d) "A pobre senhora **concertou** o xale sobre os ombros e retomou o rumo da cidade." (AMANDO FONTES)

8. Dê a significação dos homônimos seguintes:

acender e ascender – acento e assento – censo e senso – cerrar e serrar – cerviz e servis – empoçar e empossar – incerto e inserto – incipiente e insipiente – laço e lasso – mole (adjetivo) e mole (substantivo) – coser e cozer – acerto e asserto – cessão, seção e sessão – ruço e russo

9. Informe a diferença de significação dos parônimos seguintes:

a) vultoso, vultuoso
b) auspícios, hospícios
c) acidente, incidente
d) conjetura, conjuntura
e) estofar, estufar
f) intimorato, intemerato
g) inerme, inerte
h) premissas, primícias
i) prescrever, proscrever
j) tráfego, tráfico
k) ratificar, retificar
l) flagrante, fragrante
m) indefeso, indefesso
n) ablação, ablução, oblação

10. Escreva as frases abaixo substituindo os asteriscos pelos parônimos adequados:

a) O secretário não **** o meu requerimento. (**diferiu**, **deferiu**)

b) Não hás de **** impunemente as leis. (**infringir**, **infligir**)

c) Fiz uma simples ****. (**conjuntura**, **conjetura**)

d) Há homens **** em ciência e virtude. (**iminentes**, **eminentes**)

e) Os fatos **** meus prognósticos. (**retificaram**, **ratificaram**)

f) Viu-se na **** de perder suas terras. (**iminência**, **eminência**)

11. Dê exemplos de palavras:

a) polissêmicas
b) conotativas

12. Transcreva as frases antepondo **P** ou **F**, conforme houver sentido próprio ou figurado:

Quebrei um galho de árvore.

O Presidente **quebrou** o protocolo.

Não sejas **escravo** da moda.

O **escravo** fugiu para o quilombo.

Tive uma ideia **luminosa**.

Os cometas têm uma longa cauda **luminosa**.

Joel estava **imerso** em profunda tristeza.

Doces recordações do passado e **amargas** desilusões.

13. Escreva as frases, substituindo * por uma das palavras entre parênteses. Depois, anteponha **H** ou **P**, conforme elas sejam homônimos ou parônimos.

O preso saiu da *. (**cela**, **sela**)

Vítor usa cabelo *. (**comprido**, **cumprido**)

O calor * o ferro. (**delata**, **dilata**)

O * é um sinal gráfico. (**acento**, **assento**)
O cisne * a cabeça na água. (**emergiu**, **imergiu**)
Paguei as * de luz e água. (**tachas**, **taxas**)
* os olhos e dormi. (**cerrei**, **serrei**)
João é um bom *. (**celeiro**, **seleiro**)
Agi com calma e *. (**descrição**, **discrição**)
Manuel * o fardo. (**arreou**, **arriou**)
Mandei * o cavalo. (**arrear**, **arriar**)
Ele tem uma força *. (**tetânica**, **titânica**)
O carro foi para o *. (**concerto**, **conserto**)
Estávamos * três dias das eleições. (**a**, **há**)

14. Dê antônimos das palavras relacionadas, utilizando prefixos *in-, im-, des-, i-*:
moral – parcial – reverente – satisfeito – esperar – ativo – responsável – humano – harmonia

15. Formule orações que exemplifiquem a diferença de sentido entre os pares de homônimos abaixo:
a) acento e assento
b) para e para (verbo/preposição)
c) jogo e jogo (substantivo/verbo)
d) cela e sela
e) sessão e seção

16. Faça o mesmo em relação aos parônimos:
a) descrição e discrição
b) osso e ouço
c) comprimento e cumprimento
d) infligir e infringir

17. Veja se as palavras foram utilizadas em seu sentido próprio ou em sentido figurado.
a) "O pavão é um arco-íris de plumas." (Rubem Braga)
b) Venha ver o arco-íris!
c) "Me deixe, sim, meu grão de amor." (Marisa Monte/Carlinhos Brown)
d) É necessário incluir grãos em uma alimentação balanceada.

18. Lembrando-se do que viu sobre **polissemia**, dê exemplos de frases que exemplifiquem diferentes sentidos em que podem ser utilizadas as palavras abaixo.
a) manga
b) pena
c) romper
d) grave

SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS
Exercícios de exames e concursos
[Página 681]

SINTAXE

estuda as palavras associadas na frase

Inverno

Nesses dias de inverno
em que a chuva fustiga a vidraça,
sonho desperto, as mãos
na nuca. Olho o teto, a praça,
e cavalgo uma moto possante
pelas estradas do Sul.
Treme de febre o pampa,
treme a cordilheira e o Aconcágua.
Estico minha ânsia sob sol e neve,
cuspo salitre
e vomito este Pacífico
que me persegue.

(Sérgio Caparelli, *Restos de Arco-Íris*, p. 64,
L&PM Editores, Porto Alegre, 1985)

ANÁLISE SINTÁTICA

1 NOÇÕES PRELIMINARES

A *análise sintática* examina a estrutura do período, divide e classifica as orações que o constituem e reconhece a função sintática dos termos de cada oração.

Preliminarmente, daremos uma ideia do que seja *frase, oração, período, termo, função sintática* e *núcleo de um termo da oração*.

As palavras, tanto na expressão escrita como na oral, são reunidas e ordenadas em frases. Pela frase é que se alcança o objetivo do discurso, ou seja, da atividade linguística: a comunicação com o ouvinte ou o leitor.

2 FRASE

É todo enunciado capaz de transmitir, a quem nos ouve ou lê, tudo o que pensamos, queremos ou sentimos. Pode revestir as mais variadas formas, desde a simples palavra até o período mais complexo, elaborado segundo os padrões sintáticos do idioma.

São exemplos de frases:

Socorro!

Muito obrigado!

Que horror!

Sentinela, alerta!

Cada um por si e Deus por todos.

Grande nau, grande tormenta.

Por que agridem a natureza?

"Tudo seco em redor." (Graciliano Ramos)

"Boa tarde, mãe Margarida!" (Graciliano Ramos)

"Fumaça nas chaminés, o céu tranquilo, limpo o terreiro." (Adonias Filho)

"As luzes da cidade estavam amortecidas." (Érico Veríssimo)

"Tropas do exército regular do Sul, ajudadas pelos seus aliados brancos de além-mar, tinham sido levadas em helicópteros para o lugar onde se presumia estivesse o inimigo, mas este se havia sumido por completo." (Érico Veríssimo)

Observações:

✔ As frases são proferidas com entonação e pausas especiais, indicadas na escrita pelos sinais de pontuação.

✔ Muitas frases, mormente as que se desviam do esquema sujeito + predicado, só podem ser entendidas dentro do contexto (= o escrito em que figuram) e na situação (= o ambiente, as circunstâncias) em que o falante está.

✔ Chamam-se *frases nominais* as que se apresentam sem o verbo. Exemplo: *Tudo parado e morto.*

Quanto ao sentido, as frases podem ser:

- **declarativas**

Encerram a declaração ou enunciação de um juízo acerca de alguém ou de alguma coisa:
A retificação da velha estrada é uma obra inadiável.
Neli não quis montar o cavalo velho, de pelo ruço.

- **interrogativas**

São uma pergunta, uma interrogação:
"Por que faço eu sempre o que não queria?" (Fernando Pessoa)
"Não sabe, ao menos, o nome do pequeno?" (Machado de Assis)

- **imperativas**

Contêm uma ordem, proibição, exortação ou pedido:
"Cale-se! Respeite este templo." (Érico Veríssimo)
"Vamos, meu filho, ande depressa!" (Herberto Sales)
"Segue teu rumo e canta em paz." (Cecília Meireles)
"Não me leves para o mar." (Vicente de Carvalho)

- **exclamativas**

Traduzem admiração, surpresa, arrependimento, etc.:
Como eles são audaciosos!
Não voltaram mais!
"Uma senhora instruída meter-se nestas bibocas!" (Graciliano Ramos)

- **optativas**

Exprimem um desejo:
Bons ventos o levem!
Oxalá não sejam vãos tantos sacrifícios!
"E queira Deus que te não enganes, menino!" (Carlos de Laet)
"Quem me dera ser como Casimiro Lopes!" (Graciliano Ramos)

- **imprecativas**

Encerram uma imprecação (praga, maldição):

"Esta luz me falte, se eu minto, senhor!" (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Não encontres amor nas mulheres!" (GONÇALVES DIAS)

"Maldito seja quem arme ciladas no seu caminho!" (DOMINGOS CARVALHO DA SILVA)

Como se vê dos exemplos citados, os diversos tipos de frase podem encerrar uma afirmação ou uma negação. No primeiro caso, a frase é afirmativa, no segundo, negativa.

O que caracteriza e distingue esses diferentes tipos de frase é a entonação, ora ascendente ora descendente. A mesma frase pode assumir sentidos diferentes, conforme o tom com que a proferimos. Observe:

Olavo esteve aqui.

Olavo esteve aqui?

Olavo esteve aqui?!

Olavo esteve aqui!

3 ORAÇÃO

É a frase de estrutura sintática que apresenta, normalmente, sujeito e predicado e, excepcionalmente, só o predicado. Exemplos:

A menina — **sujeito**

banhou-se na cachoeira. — **predicado**

Choveu durante a noite. — **predicado**

Observações:

✔ Em toda oração há um verbo ou locução verbal (às vezes elípticos).

✔ Não têm estrutura sintática, portanto não são orações e não podem ser analisadas sintaticamente frases como:

Socorro!

Com licença!

Que rapaz impertinente!

Muito riso, pouco siso.

"A bênção, mãe Nácia!" (RAQUEL DE QUEIRÓS)

Na oração as palavras estão relacionadas entre si, como partes de um conjunto harmônico: elas formam os *termos* ou as *unidades sintáticas* da oração. Cada termo da oração desempenha uma *função sintática*.

4 NÚCLEO DE UM TERMO

Núcleo de um termo é a palavra principal (geralmente um substantivo, pronome ou verbo), que encerra a essência de sua significação. Nos exemplos seguintes, as palavras *amigo* e *revestiu* são o núcleo do sujeito e do predicado, respectivamente:

"*O* **amigo** *retardatário do presidente* prepara-se para desembarcar." (ANÍBAL MACHADO)

A avezinha **revestiu** *o interior do ninho com macias plumas.*

Segundo sua importância, os termos da oração se dizem *essenciais, integrantes* e *acessórios*, como logo adiante se verá.

5 PERÍODO

Periodo é a frase constituída de uma ou mais orações.

O período é *simples* quando constituído de uma só oração:

"A ignorância do bem **é** a causa do mal." (DEMÓCRITO)

"Na esplanada do Museu *alongavam-se* cada vez mais sobre as lajes as sombras das estátuas de pedra de mandarins d'antanho." (ÉRICO VERÍSSIMO)

No período simples há um só verbo (ou locução verbal).

O período é *composto* quando formado por mais de uma oração:

"O gato não nos **afaga**, **afaga-se** em nós." (MACHADO DE ASSIS)

O líder Xanana Gusmão **disse** que a língua portuguesa **será adotada** oficialmente no Timor Leste.

No período composto há mais de um verbo (ou locução verbal).

Observações:

- ✔ A oração do período simples chama-se *absoluta*.
- ✔ Na língua escrita abre-se o período com letra maiúscula e fecha-se com ponto final, ponto de exclamação ou interrogação e, em certos casos, com dois-pontos ou reticências.

LEITURA

Enquanto é maio

Durante quatro ou cinco meses por ano o Rio é uma cidade desesperadamente infernal, com o seu calor. E eis que de repente os termômetros se comportam e o céu azula e o ar se limpa e purifica, o mar lava as suas ondas, as árvores pintam de luz o verde das suas folhas e tudo se adoça, dentro e fora dos seres humanos.

E me inquieto e quisera ser ubíqua e onipresente, pois não posso sair daqui, nem um minuto, e perder o Rio, nos seus dias de maio. E Petrópolis, ali, junto, está um delírio de beleza. Teresópolis, Friburgo, Penedo, Itatiaia, São Paulo, Caraguatatuba, Parati e Vila Bela hão de estar igualmente esplendorosas. E que diremos de Salvador e Recife, quem sabe se até Brasília? Pois é maio em todas elas. O que sobremaneira nos inquieta, pois já não será possível festejar o acontecimento em todas essas latitudes.

E vos escrevo, vigiando a paisagem pelas janelas abertas, pois não sei se ficará muito tempo assim à minha espera. E tenho remorsos de ir ao cinema e teatro, pois é um privilégio assistir a tais espetáculos em maio, mas uma tristeza perder um minuto que seja de maio, do lado de fora deles.

E é mister reunir os amigos e amar mais do que nunca os bem-amados e agradecer – ah, não vos esqueçais – aos vossos deuses, não importa quais sejam, o breve, o precário, o maravilhoso privilégio de estardes vivos e sãos e alegres, em maio.

(Elsie Lessa, *A Dama da Noite*, p. 164, Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1963)

EXERCÍCIOS — LISTA 36

1. Aponte os enunciados que são frases, mas não constituem orações:

a) Cuidado!
b) O Brasil exporta minério, café e soja.
c) Meus pêsames!
d) Muito riso, pouco siso.
e) As árvores pintam de luz o verde de suas folhas.

2. Diga quantas orações há em cada verso reproduzido:

a) "A razão **dá-se** a quem **tem**." (Noel Rosa)
b) "**Acabou** a hora do trabalho, **começou** o tempo do lazer." (Arnaldo Antunes)
c) "Seu pensador, **vê** se **decifras** para mim.
Eu já **passei** por tanto horror.
Por que **é** que não **morri**?" (Edvaldo Santana)
d) "O vento **verga** as árvores, o vento clamoroso da aurora." (Mário Quintana)
e) "Toda vez que **toca** o telefone, eu **penso** que **é** você." (Engenheiros do Hawai)
f) "Deus **diz**: **faze** TU, que eu te **ajudarei**. **Madruga** e **verás**, **trabalha** e **terás**." (Glauco Matoso)

3. Divida os períodos em orações, dizendo se se trata de período simples ou composto.

a) As palavras de importação **penetram** na língua graças à influência que as culturas e civilizações **exercem** umas sobre as outras.
b) No decorrer dos séculos, **criaram-se**, no seio da língua, devido ao inventivo povo luso-brasileiro, numerosas palavras que **enriqueceram** nosso vocabulário.
c) **Encontramos**, no vocabulário português, palavras oriundas do grego, do alemão, do árabe, do francês, do inglês, do italiano...

4. Dê exemplos de:

a) uma frase que não é oração;
b) uma frase imperativa que seja oração;
c) uma frase interrogativa que é também oração;
d) uma frase optativa que é também oração;
e) uma frase exclamativa que seja oração;

ANÁLISE SINTÁTICA
Exercícios de exames e concursos
[Página 682]

TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO

São dois os termos essenciais (ou fundamentais) da oração: *sujeito* e *predicado*. Exemplos:

sujeito	**predicado**
Pobreza	não é vileza.
Os sertanistas	capturavam os índios.
Um vento áspero	sacudia as árvores.

Sujeito é o ser do qual se diz alguma coisa.

Predicado é aquilo que se declara do sujeito, ou melhor, é o termo que contém a declaração, referida, em geral, ao sujeito.

1 SUJEITO

O sujeito é constituído por um substantivo ou pronome, ou por uma palavra ou expressão substantivada. Exemplos:

O sino era grande.

Ela tem uma educação fina.

Vossa Excelência agiu com imparcialidade.

Isto não me agrada.

Morrer pela pátria é glorioso.

"Ouvia-se *o matraquear de máquinas de escrever*." (ÉRICO VERÍSSIMO)

O *núcleo* (isto é, a palavra-base) do sujeito é, pois, um substantivo ou pronome. Em torno do núcleo podem aparecer palavras secundárias (artigos, adjetivos, locuções adjetivas, etc.). Exemplo:

"*Todos os ligeiros* **rumores** *da mata* tinham uma voz para a selvagem filha do sertão." (JOSÉ DE ALENCAR)

O sujeito pode ser:

- **simples** – quando tem um só núcleo:

As *rosas* têm espinhos.

"Um *bando* de galinhas-d'angola atravessa a rua em fila indiana." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

- ***composto*** – quando tem mais de um núcleo:

"O *burro* e o *cavalo* nadavam ao lado da canoa." (HERBERTO SALES)

- **expresso** – quando está explícito, enunciado:

  Eu viajarei amanhã.

- **oculto** (ou **elíptico**) – quando está implícito, isto é, quando não está expresso, mas se deduz do contexto:

  Viajarei amanhã. [sujeito: *eu*, que se deduz da desinência do verbo]

  "Um soldado saltou para a calçada e aproximou-se." (ÉRICO VERÍSSIMO)

  [O sujeito, *soldado*, está expresso na primeira oração e elíptico na segunda: e (ele) aproximou-se.]

  Crianças, guardem os brinquedos. [sujeito: *vocês*]

- **agente** – se faz a ação expressa pelo verbo da voz ativa:

  O *Nilo* fertiliza o Egito.

- **paciente** – quando sofre ou recebe os efeitos da ação expressa pelo verbo passivo:

  O *criminoso* é atormentado pelo remorso.

  Muitos *sertanistas* foram mortos pelos índios.

  Construíram-se *açudes*. [= *Açudes* foram construídos.]

- **agente e paciente** – quando o sujeito faz a ação expressa por um verbo reflexivo e ele mesmo sofre ou recebe os efeitos dessa ação:

  O *operário* feriu-se durante o trabalho.

  Regina trancou-se no quarto.

- **indeterminado** – quando não se indica o agente da ação verbal:

  Atropelaram uma senhora na esquina.

  [Quem atropelou a senhora? Não se diz, não se sabe quem a atropelou.]

  Come-se bem naquele restaurante.

  Não confundir sujeito indeterminado com sujeito oculto.

  Sujeito formado por pronome indefinido não é indeterminado, mas expresso:

  Alguém me ensinará o caminho. *Ninguém* lhe telefonou.

  Em português assinala-se a indeterminação do sujeito de três modos:

  a) usando-se o verbo na 3ª pessoa do plural, sem referência a qualquer agente já expresso nas orações anteriores. Exemplos:

     Na rua *olhavam*-no com admiração.

     "*Bateram* palmas no portãozinho da frente." (JOSUÉ GUIMARÃES)

     "De qualquer modo, foi uma judiação *matarem* a moça." (RUBEM BRAGA)

  b) com um verbo ativo na 3ª pessoa do singular, acompanhado do pronome *se*. Exemplos:

     Aqui *se vive* bem.

     Devagar *se vai* ao longe.

     Quando *se é* jovem, a memória é mais vivaz.

     Trata-se de fenômenos que nem a ciência sabe explicar.

     "E *passou-se* a falar em internacionalização da Amazônia." (TIAGO DE MELO)

"Quando *se* é menino, *tem-se* o espírito inteiramente aberto: receptivo, crédulo, esperançoso." (POVINA CAVALCÂNTI)

"*Saía-se* do coração da brenha só para *se ver* o barco." (FERREIRA DE CASTRO)

Observação:

✔ O pronome *se*, neste caso, é índice de indeterminação do sujeito. Pode ser omitido junto de infinitivos: "É difícil *subir* a corrente, mas sobe-se". (MACHADO DE ASSIS)

c) deixando-se o verbo no infinitivo impessoal. Exemplos:

Era penoso *carregar* aqueles fardos enormes.

É triste *assistir* a estas cenas repulsivas.

▪ Posição do sujeito na oração

Normalmente, o sujeito antecede o predicado; todavia, a posposição do sujeito ao verbo é fato corriqueiro em nossa língua. Exemplos:

É facílimo *este problema!*

Vão-se *os anéis*, fiquem *os dedos*.

"Breve desapareceram *os dois guerreiros* entre as árvores." (JOSÉ DE ALENCAR)

"Foi ouvida por Deus *a súplica do condenado*." (RAMALHO ORTIGÃO)

"Mas terás *tu* paciência por duas horas?" (CAMILO CASTELO BRANCO)

"No muro de tijolo vermelho passeavam *lagartixas*." (GRACILIANO RAMOS)

"Para o cargo de primeiro governador do Brasil foi escolhido *o fidalgo Tomé de Sousa*." (EDUARDO BUENO)

▪ Orações sem sujeito

Observe-se a estrutura destas orações:

sujeito	predicado
–	Havia ratos no porão
–	Choveu durante o jogo.

Constata-se que essas orações não têm sujeito. Constituem a enunciação pura e absoluta de um fato, através do predicado; o conteúdo verbal não é atribuído a nenhum ser. São construídas com os verbos impessoais, na 3ª pessoa do singular.

São verbos impessoais:

- *haver* (nos sentidos de *existir, acontecer, realizar-se, decorrer*). Exemplos:

Há plantas venenosas.

Havia quadros nas paredes.

Houve algo de anormal?

Havia três noites que não dormia.

Onde houvesse festas e danças, ali estava ele.

Fora dessas acepções, o verbo *haver* não é impessoal.

Observações:

✔ *Haver* transmite a sua impessoalidade aos verbos que com ele formam locução. Não têm sujeito, portanto, orações como estas:

"*Deve haver* outros implicados."

"Não *podia haver* leis mais sábias."

• *fazer, passar, ser* e *estar*, com referência ao tempo. Exemplos:

Faz dois anos que me formei.

"*Fazia* dias que o Balão não aparecia na porteira do curral." (José J. Veiga)

Hoje *fez* muito calor.

Fazia um frio intenso.

Era no mês de maio.

Era à hora do jantar.

Eram trinta de maio de 1980.

Abria a janela, se *estava* calor.

Olhei o relógio: *passava* das cinco horas da tarde.

Observações:

✔ Os verbos *ser* e *estar* também são impessoais em frases do tipo:

"*Era* como se me achasse num cinema." (Graciliano Ramos)

"*Está* cheio de gente aqui." (Dalton Trevisan)

Se ele não veio é porque está doente.

✔ O verbo *ser*, impessoal, concorda, excepcionalmente, na 3ª pessoa do plural, em frases como:

Eram 25 de março de 1960.

São duas horas da tarde.

Daqui à cidade *são* dez quilômetros.

• *chover, ventar, nevar, gear, relampejar, amanhecer, anoitecer* e outros que exprimem fenômenos meteorológicos. Exemplos:

Chovia torrencialmente.

Ventou muito durante a noite.

Anoiteceu rapidamente.

Nevou no Sul do país.

Usados em sentido figurado, esses verbos têm sujeito e deixam de ser impessoais. Exemplos:

O orador *trovejava* ameaças.

"*Coruscou* um relâmpago de duzentas baionetas." (EUCLIDES DA CUNHA)

"Aí lhe *amanheceram* dias de perfeita ventura." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"*Choviam* sobre a cidadela os projéteis da artilharia francesa." (EDUARDO PRADO)

"*Anoiteci*. Sou treva só." (MÁRIO DA SILVA BRITO)

2 PREDICADO

Há três tipos de predicado: *nominal, verbal* e *verbo-nominal*.

▪ Predicado nominal

Seu núcleo significativo é um nome (substantivo, adjetivo, pronome), ligado ao sujeito por um verbo de ligação. Exemplo:

As moças	*eram*	*encantadoras*
sujeito	verbo de ligação	predicativo do sujeito
	predicado nominal	

Outros exemplos de predicado nominal:

A Terra *é um planeta*. Minha mãe *ficou feliz*.

A ilha *está deserta*. Os atletas *pareciam cansados*.

O espião *é aquele*. O tempo *continua chuvoso*.

O núcleo do predicado nominal chama-se *predicativo do sujeito*, porque atribui ao sujeito uma qualidade ou característica.

Os verbos de ligação (ser, estar, parecer, etc.) funcionam como um elo entre o sujeito e o predicado.

Mais adiante, estudaremos o predicativo e os verbos de ligação com mais profundidade.

▪ Predicado verbal

Seu núcleo é um verbo, seguido, ou não, de complemento(s) ou termos acessórios. Pode ter uma das seguintes estruturas básicas:

a)

sujeito	predicado verbal
Os pessegueiros	**floresceram**.
	↑ verbo intransitivo

Verbo intransitivo é o que tem sentido completo, não precisa de complemento para formar o predicado.

b)

sujeito	predicado verbal	
A família	**chamou**	o médico.
	↑ verbo transitivo direto	↑ objeto direto

Verbo transitivo direto é o que não tem significação completa, precisa de um complemento para inteirar a informação. Esse complemento denomina-se *objeto direto*.

c) sujeito — predicado verbal

Os jovens — **gostam** — de aventuras.

↑ verbo transitivo indireto — ↑ objeto indireto

Verbo transitivo indireto é o que pede um complemento regido de preposição. Esse complemento denomina-se *objeto indireto*.

d) sujeito — predicado verbal

O pintor — **ofereceu** — o quadro — a um amigo.

↑ verbo transitivo direto e indireto — ↑ objeto direto — ↑ objeto indireto

Verbo transitivo direto e indireto é o que se constrói com dois complementos (objeto direto + objeto indireto).

▪ Predicado verbo-nominal

Tem dois núcleos significativos: um verbo e um nome. Pode ser organizado:

a) com verbo intransitivo + predicativo do sujeito:

O soldado **voltou ferido**. [O soldado *voltou* e estava *ferido*.]

b) com verbo transitivo direto + predicativo do sujeito:

O réu **deixou** a sala **abatido**. [O réu *deixou* a sala e estava *abatido*.]

c) com verbo transitivo indireto + predicativo do sujeito:

Eu **assisti** à cena **revoltado**. [Eu *assisti* à cena e estava *revoltado*.]

d) com verbo transitivo direto + predicativo do objeto:

Eu **acho** Denise **bonita**.

O termo *bonita* refere-se ao objeto direto (Denise): é *predicativo do objeto*.

Todos esses tipos de predicado podem ter suas estruturas ampliadas por termos acessórios. Exemplos:

Minha mãe ficou muito feliz com a notícia.

Os pessegueiros floresceram no mês passado.

A família chamou o médico imediatamente.

O pintor ofereceu um belo quadro a um amigo de Campinas.

O soldado voltou da guerra gravemente ferido.

Eu acho Denise, aeromoça da Varig, muito bonita.

Como vemos dos exemplos acima, o verbo é indispensável para a formação do predicado, sendo, quase sempre, o elemento essencial da declaração.

Entretanto, é muito comum a elipse (ou omissão) do verbo, quando este puder ser facilmente subentendido, em geral por estar expresso ou implícito na oração anterior. Exemplos:

"A fraqueza de Pilatos é enorme, a ferocidade dos algozes inexcedível." (MACHADO DE ASSIS) [Está subentendido o verbo *é* depois de *algozes*.]

"Mas o sal está no Norte, o peixe, no Sul." (PAULO MOREIRA DA SILVA) [Subentende-se o verbo *está* depois de *peixe*.]

"A cidade parecia mais alegre; o povo, mais contente." (POVINA CAVALCÂNTI) [Isto é: o povo *parecia* mais contente.]

"Vamos jogar, só nós dois? Você chuta para mim e eu para você." (ANTÔNIO OLINTO) [Está elíptico o verbo *chuto* depois do pronome *eu*.]

A mesa era farta e as iguarias, finas. [Está oculto o verbo *eram* depois do sujeito *iguarias*.]

"– Quando poderei voltar? perguntou Simão.

– Em poucos dias, salvo se as cousas se complicarem." (MACHADO DE ASSIS) [Isto é: *Poderá voltar* em poucos dias...]

EXERCÍCIOS LISTA 37

1. Transcreva somente as frases nominais, isto é, as que se apresentam sem o verbo.

"Ruído de chave na porta, passos leves no corredor." (JORGE AMADO)

Às margens dos rios nasceram muitas cidades brasileiras.

"Ninguém na rua, nesta noite chuvosa." (JOSÉ CONDÉ)

"Faltavam apenas onze dias para o carnaval." (JOSÉ CONDÉ)

2. Classifique as frases quanto ao sentido, conforme se fez na pág. 320:

a) "Um bonito lampião iluminava a varanda." (POVINA CAVALCÂNTI)

b) "Que gentil que estava a espanhola!" (MACHADO DE ASSIS)

c) "O marquês desobedece às ordens de el-rei?" (REBELO DA SILVA)

d) "Filho de Araquém, deita-te na porta da cabana e nunca mais te levantes da terra." (JOSÉ DE ALENCAR)

e) "Quem me dera ser como Casimiro Lopes!" (GRACILIANO RAMOS)

f) "Maldito seja quem arme ciladas no seu caminho!" (DOMINGOS CARVALHO DA SILVA)

3. Transcreva os períodos abaixo antepondo **S** ao período simples e **C** ao composto:

No calor da tarde, Sultão cerra os olhos e dorme.

Elias jamais levou a mulher a um teatro ou a uma sala de concertos.

4. Copie as frases; sublinhe os sujeitos:

a) "Nenhum governo é bom para os homens maus." (MARQUÊS DE MARICÁ)

b) "Tudo passa sobre a terra." (JOSÉ DE ALENCAR)

c) Depois da abdicação do Imperador, em 7 de abril de 1831, nosso país entrou em grande agitação.

d) "Poti e seus guerreiros o acompanharam." (JOSÉ DE ALENCAR)

e) "De repente, entre os ramos das árvores, seus olhos viram sentada, à porta da cabana, Iracema..." (JOSÉ DE ALENCAR)

f) No ano centenário da fundação de nossa cidade, realizaram-se grandes obras.

g) "Nenhum respeito lhes inspiram os cabelos brancos." (CARLOS DE LAET)

h) "Ninguém se fie da felicidade presente." (MACHADO DE ASSIS)

i) "As virtudes são econômicas, mas os vícios, dispendiosos." (MARQUÊS DE MARICÁ)

j) "O dia descobre a terra, a noite descortina os céus." (MARQUÊS DE MARICÁ)

k) "Para onde vai a minha vida, e quem a leva?" (FERNANDO PESSOA)

5. Transcreva as frases; em seguida sublinhe com um traço os núcleos dos sujeitos e com dois os dos predicados.

a) As araras de cores vistosas posavam para os turistas.

b) No inverno as noites são mais longas.

c) Ao longo da praia sucediam-se hotéis, restaurantes, casas luxuosas.

d) As geadas e as secas deixam os lavradores preocupados.

e) À noite, Anselmo voltou para casa exausto.

f) A voz do orador era bonita, mas suas palavras soavam ocas.

g) Furioso, o pasteleiro chinês correu atrás do ladrão.

6. Separe o sujeito do predicado e ponha **S** sobre o primeiro e **P** sobre o segundo:

a) "Perfilam-se corretos seus ilustres batalhadores." (CARLOS DE LAET)

b) Àquela hora ainda não tinham sido acesas as luzes da cidade.

c) Ouviu-se por toda a sala um oh! de decepção.

d) "O patear cadente dos cavalos fazia um ruído cavo na terra empapada pela chuva." (CAMILO CASTELO BRANCO)

e) "Difundia-se nos ares o coro da primeira reza." (EUCLIDES DA CUNHA)

f) Súbito ruflar de asas veio quebrar o solene silêncio da mata.

g) "Na esplanada do Museu alongavam-se cada vez mais sobre as lajes as sombras das estátuas de pedra de mandarins d'antanho." (ÉRICO VERÍSSIMO)

h) "Ouvia-se o matraquear de máquinas de escrever." (ÉRICO VERÍSSIMO)

i) "Saltaram do moderníssimo carro de corrida uma garota e um rapaz." (MARIA DE LOURDES TEIXEIRA)

j) "Por florestas, por vales, por montanhas, serpenteia espumante o Paraíba." (RAIMUNDO CORREIA)

7. Classifique o sujeito das seguintes orações:

Exemplo:

Eu fiz o teste.

Eu: simples, expresso, agente.

a) "Queres tu abandonar teu esposo?" (José de Alencar)

b) As doenças e as guerras ceifam milhares de vidas.

c) "Agora só buscas as praias ardentes." (José de Alencar)

d) Garantir-se-ão os direitos dos cidadãos. [garantir-se-ão = serão garantidos]

e) No colégio ensinaram-me o bom caminho.

f) Aprendem-se muitas coisas com a força de vontade.

g) Não se progride sem esforço.

h) O aqualouco atirou-se do trampolim.

8. Escreva as orações antepondo o predicado ao sujeito:

a) A generosidade cabe aos vitoriosos.

b) Pratos saborosos já fumegavam sobre a grande mesa.

c) O movimento de pedestres pouco a pouco vai diminuindo nas ruas.

d) As plantações, vastas e belas, ali estavam como prova do seu esforço.

e) A rapidez e a agilidade dos esgrimistas eram impressionantes.

f) O ouro negro vai jorrar das entranhas da terra até quando?

9. Escreva as orações abaixo, numerando-as de acordo com a seguinte classificação:

(1) Orações sem sujeito

(2) Orações com sujeito indeterminado

(3) Orações com sujeito oculto

Júlio, no clube falaram mal de você.

Embaixo da árvore havia pedras espalhadas.

Apertamo-nos as mãos amigavelmente.

Não faz muito tempo, houve ali um motim.

Naquela cidadezinha da Espanha, uma vez por ano, soltam um touro na rua.

Trabalha-se de dia, descansa-se à noite.

No trabalho, use equipamento de proteção.

10. Copie a frases e sublinhe os verbos impessoais, orientando-se pelo item **"Orações sem sujeito"**.

a) "Havia muitos anos que não vinha ao Rio." (Aníbal Machado)

b) Fazia frio e ventava muito.

c) Faz duas semanas que cheguei.

d) Aqui, quando chove, não se sai de casa.

e) Houve ataques em que choveram balas e granadas.

f) Era uma bela tarde de maio; as lojas da pequena cidade já haviam cerrado as portas.

g) "Ia fechar a janela próxima, se havia alguma brisa, ou abri-la, se estava calor." (MACHADO DE ASSIS)

h) "Quando os encontrava na rua, era como se não os conhecesse." (ARTUR AZEVEDO)

i) "Pois ninguém deixa de bater, se sabe que tem gente do outro lado." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

j) "Vislumbrou o despertador de mostrador cintilante: passava das quatro horas da manhã." (JOSÉ FONSECA FERNANDES)

11. Transcreva as frases abaixo; sublinhe e numere os predicados de acordo com sua classificação:

(1) **nominal** (2) **verbal** (3) **verbo-nominal**

Soa um toque áspero de trompa.

Os estudantes saem das aulas cansados.

"A distância alimenta o sonho." (ANÍBAL MACHADO)

"Eram sólidos e bons os móveis." (MACHADO DE ASSIS)

Toda aquela dedicação deixava-o insensível.

"Um oficial militar caíra ferido." (CAMILO CASTELO BRANCO)

Assistimos à cena estarrecidos.

No município paulista de Iporanga existem belíssimas grutas.

Devido às fortes chuvas, os rios estavam cheios.

12. Escreva orações que tenham as seguintes estruturas:

a) sujeito + verbo de ligação + predicativo do sujeito

b) sujeito + verbo transitivo direto + objeto direto

13. Reconheça os verbos elípticos:

a) "Os varões olhavam-no com respeito, alguns com inveja, não raros com incredulidade." (MACHADO DE ASSIS)

b) "É transparente o céu, liso o mar, calmo o espaço." (TEÓFILO DIAS)

c) Eles se orgulham de suas misérias como Antístenes de seus andrajos.

d) "O nosso amigo não pode, por enfermo, realizar sua preleção." (CARLOS DE LAET)

e) "Eu ensinarei dança, e tu piano e canto." (CAMILO CASTELO BRANCO)

f) "Três dias depois, amanhecera o piano engalanado de flores... e a casa preparada para a recepção dos pretendentes." (ANÍBAL MACHADO)

g) "Dona Eusébia vigiava-nos, mas pouco." (MACHADO DE ASSIS)

h) "Alguns colegas entenderam-me; outros não." (CARLOS DE LAET)

i) "Quando adolescente, estudante em Salvador, participei dos festejos da noite de São João." (POVINA CAVALCÂNTI)

j) "O céu, à tarde, cada vez se tornava mais vermelho, os ventos mais quentes, mais forte a claridade." (ADONIAS FILHO)

k) "Não fiz o artigo, a revista não saiu, a literatura francesa não perdeu nada com isso, a brasileira muito menos." (RUBEM BRAGA)

l) "No caminho encontrou um velho amigo e perguntou a ele aonde ia. Disse o amigo que ao céu." (MILLÔR FERNANDES)

14. Em "Ouviram do Ipiranga as margens plácidas/De um povo heroico o brado retumbante...", início do Hino Nacional brasileiro, o sujeito é:

a) oculto

b) indeterminado

c) as margens plácidas

d) um povo

15. Identifique a(s) alternativa(s) que apresenta(m) oração sem sujeito.

a) Em sua gestão, houve muitos conflitos entre índios e garimpeiros.

b) Choviam elogios de todos os lados.

c) Existem muitas pessoas feridas ainda sem socorro.

d) Nadavam lado a lado o americano e o árabe.

e) Naquela região do país, neva durante o inverno.

16. Escreva as orações transformando os predicados verbais em verbo-nominais.

Os jogadores viajaram.

Os jogadores viajaram confiantes.

a) O sol surgiu no horizonte.

b) Os professores entraram na sala.

c) Os alunos assistiram ao jogo.

d) Encontraram a filha de Adélia.

17. Se necessário, acrescente complementos aos verbos. Em seguida, classifique-os quanto à predicação.

a) As crianças já chegaram.

b) Para a festa traremos.

c) Os organizadores ofereceram.

d) Depois de uma conversa, lembrei-me.

e) Nossos antepassados sempre acreditaram.

f) As suas irmãs andam.

18. Escreva as orações de modo que passem a apresentar **sujeito paciente**.

a) O amor inundava seus corações.

b) Carlos dispensou o motorista.

c) Se não agirmos, as queimadas destruirão as florestas.

19. Lembrando-se de que as orações sem sujeito são construídas com verbos impessoais, sempre usados na terceira pessoa do singular, substitua os símbolos pelos verbos entre parênteses, nos tempos e pessoas adequados.

a) Durante os anos da guerra, ainda • quadros nas paredes da antiga mansão. (haver)

b) • algo estranho na aula passada? (haver)

c) Já • dois anos que moro nesta cidade. (fazer)

d) Onde • livros e revistas, ali poderíamos encontrar Júlio. (haver)

e) • primavera. O céu estava azul e o sol radioso. (ser)

20. Identifique a alternativa em que não aparece sujeito indeterminado.

a) Está muito frio hoje.

b) Vive-se bem nesta cidadezinha!

c) Durante as comemorações, trouxeram muitos brinquedos para os os garotos do orfanato.

d) Come-se bem neste restaurante.

e) Fala-se muito mal de estrangeiros por aqui, não?

3 PREDICAÇÃO VERBAL

Chama-se **predicação verbal** o modo pelo qual o verbo forma o predicado.

Há verbos que, por natureza, têm sentido completo, podendo, por si mesmos, constituir o predicado: são os verbos de *predicação completa*, denominados **intransitivos**. Exemplos:

As flores *murcharam*.

Os animais *correm*.

As folhas *caem*.

"Os inimigos dos Moreiras *rejubilaram*." (Graciliano Ramos)

"A mão *ardia* e o dedo *inchava*." (Luís Jardim)

"E *espocavam* gargalhadas no grupo..." (Aluísio Azevedo)

Outros verbos há, pelo contrário, que para integrar o predicado necessitam de outros termos: são os verbos de *predicação incompleta*, denominados **transitivos**. Exemplos:

João *puxou* a rede.

"Não *invejo* os ricos, nem *aspiro* à riqueza." (Otto Lara Resende)

"Não *simpatizava* com as pessoas investidas no poder." (Camilo Castelo Branco)

"*Julgava*-o um aluado." (Ciro dos Anjos)

Observe que, sem os seus complementos, os verbos *puxou, invejo, aspiro,* etc. não transmitiriam informação completa: puxou *o quê*? Não invejo *a quem*? Não aspiro *a quê*?

Os verbos de predicação completa denominam-se *intransitivos* e os de predicação incompleta, *transitivos*.

Os verbos transitivos subdividem-se em:

- transitivos diretos
- transitivos indiretos
- transitivos diretos e indiretos (bitransitivos)

Além dos verbos transitivos e intransitivos, que encerram uma noção definida, um conteúdo significativo, existem os *de ligação*, verbos que entram na formação do predicado nominal, relacionando o predicativo com seu sujeito, como adiante se verá.

4 CLASSIFICAÇÃO DOS VERBOS QUANTO À PREDICAÇÃO

Quanto à predicação, classificam-se, pois, os verbos em:

▪ Intransitivos

São os que não precisam de complemento, pois têm sentido completo. Exemplos:

"Três contos *bastavam*, insistiu ele." (MACHADO DE ASSIS)
"Os guerreiros tabajaras *dormem*." (JOSÉ DE ALENCAR)
"A pobreza e a preguiça *andam* sempre em companhia." (MARQUÊS DE MARICÁ)
"As sovas de meu pai *doíam* por muito tempo." (MACHADO DE ASSIS)
"*Fui* e *parei* diante dele." (MACHADO DE ASSIS)
"O padre *apareceu* e logo o burburinho *cessou*." (COELHO NETO)

Observações:

✔ Os verbos intransitivos podem vir acompanhados de um adjunto adverbial e mesmo de um predicativo (qualidade, característica):

Fui *cedo*.
Passeamos *pela cidade*.
Cheguei *atrasado*.
Entrei *em casa aborrecido*.

✔ As orações formadas com verbos intransitivos não podem "transitar" (= passar) para a voz passiva.

✔ Verbos intransitivos passam, ocasionalmente, a transitivos quando construídos com objeto direto ou indireto.

"Inutilmente a minha alma *o chora*!" (CABRAL DO NASCIMENTO)
"Depois me deitei e *dormi um sono pesado*." (LUÍS JARDIM)
"*Morrerás morte* vil da mão de um forte." (GONÇALVES DIAS)
"Inútil tentativa de *viajar o passado*, penetrar no mundo que já morreu..." (CIRO DOS ANJOS)
"Os olhos pestanejavam e *choravam lágrimas quentes*..." (GRACILIANO RAMOS)
"*Sorriu* para Holanda *um sorriso* ainda marcado de pavor." (VIANA MOOG)
"Tinha a testa enrugada, como quem *vivera vida* de contínuo pensar." (ALEXANDRE HERCULANO)
"Pouco dinheiro *basta ao homem* sóbrio e econômico." (AULETE)

✔ Alguns verbos essencialmente intransitivos: *anoitecer, crescer, brilhar, ir, agir, sair, nascer, latir, rir, tremer, brincar, chegar, vir, mentir, suar, adoecer*, etc.

▪ Transitivos diretos

São os que pedem um *objeto direto*, isto é, um complemento sem preposição.
Exemplos:

Comprei um terreno e *construí* a casa.

"Trabalho honesto *produz* riqueza honrada." (MARQUÊS DE MARICÁ)

"Então, solenemente Maria *acendia* a lâmpada de sábado." (GUEDES DE AMORIM)

"As poucas vezes que o *visitei* foi por motivo de doença dele." (MÁRIO DE ALENCAR)

"Simão Bacamarte não o *contrariou*." (MACHADO DE ASSIS)

Dentre os verbos transitivos diretos merecem destaque os que formam o predicado verbo-nominal e se constroem com um complemento acompanhado de predicativo, como vimos no capítulo anterior. Exemplos:

Consideramos o caso extraordinário.

Inês *trazia* as mãos sempre limpas.

Julgo Marcelo incapaz disso.

O povo *chamava*-os de anarquistas.

"Deus vos *fez* padre e bispo." (CARLOS DE LAET)

"Ele *achou* estranho o cerimonial." (ÉRICO VERÍSSIMO)

"Todos a *tratam* por madame." (VIVALDO COARACI)

"Já outro dia, *encontrei*-a muito prevenida." (CIRO DOS ANJOS)

Pertencem a esse grupo:

julgar, chamar, nomear, eleger, proclamar, designar, considerar, declarar, adotar, ter, fazer, tornar, encontrar, deixar, ver, coroar, sagrar, achar, etc.

Observações:

✔ Os verbos transitivos diretos, em geral, podem ser usados também na voz passiva.

✔ Outra característica desses verbos é a de poderem receber, como objeto direto, os pronomes **o, a, os, as**: *convido-o, encontro-os, incomodo-a, conheço-as.*

✔ Verbos transitivos diretos podem ser construídos, acidentalmente, com preposição, a qual lhes acrescenta novo matiz semântico: *arrancar da espada; puxar da faca; pegar de uma ferramenta; tomar do lápis; cumprir com o dever.*

✔ Alguns verbos transitivos diretos: *abençoar, achar, acolher, avisar, abraçar, comprar, castigar, contrariar, convidar, desculpar, dizer, estimar, elogiar, entristecer, encontrar, ferir, imitar, levar, perseguir, prejudicar, receber, saudar, socorrer, ter, unir, ver,* etc.

▪ Transitivos indiretos

São os que reclamam um complemento regido de preposição, chamado *objeto indireto*.
Exemplos:

"Ninguém *perdoa* ao quarentão que *se apaixona* por uma adolescente." (CIRO DOS ANJOS)

"Populares *assistiam* à cena aparentemente apáticos e neutros." (ÉRICO VERÍSSIMO)

"Lúcio não *atinava* com essa mudança instantânea." (JOSÉ AMÉRICO)

"Do que eu mais *gostava* era do tempo do retiro espiritual." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

"Não *sucedesse* a morte à vida!" (CABRAL DO NASCIMENTO)

"*Desinteressa-se* totalmente de você." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

"Dr. Leandro *proverá* a tudo." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

"Nem nos sonhos cheguei a *aspirar* a tal emprego." (CIRO DOS ANJOS)

"As coisas *obedeciam* ao seu tempo regular." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"Quem ouvir pensará que estou *atirando* aos nhambus, claro." (GUIMARÃES ROSA)

"*Ansiava* pelo novo dia que vinha nascendo." (FERNANDO SABINO)

"O luxo *contribuiu* para a sua ruína." (AULETE)

"O ator não teria dinheiro para lhe *pagar*." (FERNANDO NAMORA)

"*Sucedi*-lhe no cargo de diretor do Arquivo Histórico..." (CIRO DOS ANJOS)

"Aqui tem já Vossa Excelência três pessoas que lhe *querem* muito." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Não acreditava que Deus lhe *houvesse perdoado* enquanto lhe não restituísse o filho." (CAMILO CASTELO BRANCO)

Entre os verbos transitivos indiretos importa distinguir:

a) Os que se constroem com os pronomes objetivos *lhe, lhes*. Em geral, são verbos que exigem a preposição **a**: *agradar-lhe, agradeço-lhe, apraz-lhe, bate-lhe, desagrada-lhe, desobedecem-lhe, interessa-lhe, obedece-lhe, paga-lhe, perdoo-lhe, quero-lhe* (= *quero-lhe bem*), *resiste-lhe, repugna-lhe, sucede-lhe, valeu-lhe*, etc.

b) Os que não admitem para objeto indireto as formas oblíquas *lhe, lhes*, construindo-se com os pronomes retos precedidos de preposição: *aludir a ele, anuir a ele, assistir a ela, atentar nele, depender dele, investir contra ele, não ligar para ele, recorrer a ele, simpatizar com ele*, etc.

Principais verbos transitivos indiretos:

abusar (de)	cuidar (de)	obedecer (a)
aludir (a)	cogitar (em, de)	obstar (a)
assistir (a)	conspirar (contra)	pagar (a)
anuir (a)	carecer (de)	perdoar (a)
aspirar (a)	crer (em)	presidir (a)
aprazer (a)	confiar (em)	precisar (de)
ansiar (por)	contribuir (para)	querer (a)
atentar (em)	gostar (de)	recorrer (a)
agradar (a)	interessar (a)	repugnar (a)
atirar (a, em, contra)	investir (contra, com)	resistir (a)
bater (em) [= espancar]	lutar (contra)	valer (a)
contentar-se (com, de, em)	lembrar-se (de)	zombar (de)

Observações:

✔ Em princípio, verbos transitivos indiretos não comportam a forma passiva. Excetuam-se *pagar, perdoar, obedecer*, e poucos mais, usados também como transitivos diretos:

João paga (perdoa, obedece) o médico. → *O médico é pago (perdoado, obedecido) por João.*

✔ Há verbos transitivos indiretos, como *atirar, investir, contentar-se*, etc., que admitem mais de uma preposição, sem mudança de sentido. Outros mudam de sentido com a troca da preposição, como nestes exemplos:

Trate de sua vida. [*tratar* = cuidar]

É desagradável *tratar com* gente grosseira. [*tratar* = lidar]

✔ Verbos como *aspirar, assistir, dispor, servir*, etc. variam de significação conforme sejam usados como transitivos diretos ou indiretos. Exemplo: *aspirar* o perfume (absorver), *aspirar* a um cargo (desejar).

▪ Transitivos diretos e indiretos

São os que se usam com *dois objetos*: um direto, outro indireto, concomitantemente. Exemplos:

No inverno, Dona Cleia *dava* roupa aos pobres.

A empresa *fornece* comida aos trabalhadores.

Oferecemos flores à noiva.

Ceda o lugar aos mais velhos.

Perdoa-lhe tudo. [= *perdoa* tudo a ele]

"A sua intuição *preveniu*-a de uma desgraça." (Fernando Namora)

"*Causou*-me dó a morte do avô." (Luís Jardim) [*Causou* dó a mim...]

"*Ensinamos* técnicas agrícolas aos camponeses." (Érico Veríssimo)

"Era o que eu faria, se ela me *preferisse* a você." (A. Olavo Pereira)

"*Expliquei* isso a ele, disse adeus e fui andando." (José J. Veiga)

"O século XX *familiarizou* o homem com a máquina." (Aurélio)

Principais verbos transitivos diretos e indiretos (bitransitivos):

atirar, atribuir, dar, doar, ceder, apresentar, ofertar, oferecer, pedir, prometer, explicar, ensinar, proporcionar, perdoar, pagar, preferir, devolver, chamar, entregar, perguntar, informar, aconselhar, propor, prevenir, relatar, narrar.

▪ De ligação

Os que ligam ao sujeito uma palavra ou expressão chamada *predicativo*. Esses verbos, como já vimos, entram na formação do predicado nominal. Exemplos:

A Terra *é* móvel.

A água *está* fria.

O moço *anda* (= está) triste.

Mário *encontra-se* doente.

A lua *parecia* um disco.

As crianças *tornam-se* rebeldes.

A crisálida *vira* borboleta.

Pedro *fez-se* lívido.

O dia *continuava* chuvoso.

Ele *permaneceu* sentado.

João *ficou* zangado.

O fato *pareceu-lhe* estranho.

A Lua *ia* (= estava) alta.

Minha proposta *saiu* vitoriosa.

A operação *resultou* inútil.[1]

As matrículas *acham-se* abertas.

Observações:

✔ Os verbos de ligação não servem apenas de nexo, mas exprimem ainda os diversos aspectos sob os quais se considera a qualidade atribuída ao sujeito. O verbo *ser*, por exemplo, traduz aspecto permanente e o verbo *estar*, aspecto transitório:

Ele *é* doente. → aspecto permanente

Ele *está* doente. → aspecto transitório

✔ Muitos desses verbos passam à categoria dos intransitivos em frases como:

Era (= existia) uma vez uma princesa.

Eu não *estava* em casa.

Fiquei à sombra. *Anda* com dificuldades. *Parece* que vai chover.

Os verbos, relativamente à predicação, não têm classificação fixa, imutável. Conforme a regência e o sentido que apresentam na frase, podem pertencer ora a um grupo, ora a outro. Assim:

O homem *anda*. *(intransitivo)*

O homem *anda* triste. *(de ligação)*

O cego não *vê*. *(intransitivo)*

O cego não *vê* o obstáculo. *(transitivo direto)*

Deram 12 horas. *(intransitivo)*

A terra *dá* bons frutos. *(transitivo direto)*

Não *dei* com a chave do enigma. *(transitivo indireto)*

Os pais *dão* conselhos aos filhos. *(transitivo direto e indireto)*

▪ Verbos vicários

Verbos **vicários** são os que substituem outro verbo, na mesma frase, e que se empregam para evitar a repetição do que foi expresso antes. Usam-se como vicários os verbos *ser* e *fazer*. Exemplos:

Se a professora reclama *é* porque não a respeitam. [*é* = reclama]

O pouco que aprendi *foi* com meu velho pai. [*foi* = aprendi]

Visita seu mestre todos os anos e *o faz* como quem cumpre um ritual. [*o faz* = visita seu mestre]

As moças desfilavam, uma a uma, diante de nós, e *o faziam* com naturalidade e graça. [*o faziam* = desfilavam]

(1) Não faltam, em escritores modernos, exemplos do verbo *resultar* usado com predicativo: "Que importava que o convívio humano aparentemente *resultasse inútil*?" (FERNANDO NAMORA, *O Homem Disfarçado*, p. 39).

EXERCÍCIOS LISTA 38

1. Reorganize as duas colunas fazendo a correspondência correta da predicação dos verbos:

O animal **obedece** a seus instintos.	intransitivo
Os metais **são** úteis.	transitivo direto
As crianças **gritavam**.	transitivo indireto
Chamei um técnico.	transitivo direto e indireto
Daremos o prêmio ao vencedor.	de ligação

2. Escreva as orações, antepondo (**a**) ou (**b**), conforme ocorrer verbo intransitivo ou transitivo direto:

Abri a caixa com cuidado.

O egoísmo **cerra** o coração.

O paraquedas não **abriu**.

O eco **repercutiu** ao longe.

3. Copie apenas a oração cujo verbo é transitivo indireto:

Passavam mulheres e crianças em direção ao rio.

Dentro das gaiolas, macaquinhos salientes **provocavam** risos.

Poucos **resistem** à pressão da publicidade comercial.

4. Numere as orações abaixo de acordo com a tabela, atendendo à predicação dos verbos:

(1) intransitivo

(2) transitivo direto

(3) transitivo indireto

(4) transitivo direto e indireto

(5) de ligação

As orquídeas **gostam** de ambientes úmidos e quentes.

Crianças morenas de olhos sonhadores **brincavam** nas calçadas.

O desfile das escolas de samba **foi** um espetáculo deslumbrante.

A televisão **deve** às crianças programações mais ricas e educativas.

No centro da praça um fabuloso baobá **atraiu** nossa atenção.

5. No período "Ivone **andava** depressa, **parecia** preocupada e não **respondia** às minhas perguntas", os verbos são, pela ordem:

a) transitivo direto – de ligação – transitivo indireto

b) intransitivo – de ligação – transitivo indireto

c) de ligação – intransitivo – transitivo direto e indireto

6. Transcreva somente as orações em que NÃO há erro quanto à classificação do verbo:

Ela participou de uma série de festivais. (transitivo indireto)

Neide apresentou-me a seus pais. (transitivo direto e indireto)

A costureira pagou a conta? (transitivo direto)

Pagou a conta à costureira? (transitivo direto e indireto)

As feras rugiam em suas jaulas. (transitivo indireto)

Estrondavam trovões a cada instante. (intransitivo)

Meus prognósticos estariam certos? (de ligação)

O pânico apoderou-se de nós. (transitivo indireto)

7. Escreva as orações na ordem inversa (predicado antes do sujeito); em seguida, responda:

a) Os gêneros alimentícios encarecem dia a dia.

b) A produção de cana-de-açúcar cresceu muito?

c) Artistas e personalidades famosas dançaram ao som da orquestra.

d) Uma brisa suave soprava do lado do mar.

e) Todos os vossos mirabolantes planos cairão por terra como castelos de areia.

Todos os verbos deste exercício são intransitivos ou transitivos?

8. Substitua os asteriscos por complementos adequados aos verbos transitivos indiretos:

Os pais preocupam-se *****.

Assistimos, maravilhados, *****.

Em nosso encontro, Samuel aludiu *****.

Muitos trabalhadores não aderiram *****.

Emilio apaixonou-se *****.

9. Classifique os verbos quanto à predicação:

a) A secretária ficou indecisa: comunicaria, ou não, o fato ao diretor?

b) A Horácio não interessavam tais conversas, embora não fossem totalmente fúteis.

c) Dei condução à professora, com a qual, aliás, eu simpatizava muito.

d) Aspirávamos ao título de pentacampeões e julgávamos fácil a vitória.

e) "Marcela ofereceu-me polidamente o refresco." (Machado de Assis)

f) "Não estou doente, minha filha. A palidez é a minha cor natural." (Camilo Castelo Branco)

g) "Ansiava pelo novo dia que vinha nascendo." (Fernando Sabino)

h) "Abriu a porta e aspirou o ar." (Dalton Trevisan)

i) "Mencionarei também aqueles a quem Loiola chamava *cometas*." (Herman Lima)

j) "E sorriu um sorriso cheio de doçura e de satisfação." (Jorge Amado)

10. Releia o parágrafo sobre **verbos vicários** e, em seguida, invente frases com os verbos **ser** e **fazer**.

5 PREDICATIVO

Há o predicativo do sujeito e o predicativo do objeto.

▪ Predicativo do sujeito

É o termo que exprime um atributo, um estado ou modo de ser do sujeito, ao qual se prende por um verbo de ligação, no predicado nominal. Exemplos:

sujeito	**verbo de ligação**	**predicativo do sujeito**
A bandeira	é	o símbolo da Pátria.
A mesa	era	de mármore.
O mar	estava	agitado.
A ilha	parecia	um monstro.
Todos	andam [= estão]	apreensivos.
Eu	não sou	ele.
Os premiados	foram	dois.
As crianças	estavam	com fome.
A árvore	ficou	sem folhas.
A tentativa	resultou	inútil.
Eles	devem ser	irmãos.
As águas	podiam estar	poluídas.
O portão	permanecerá	fechado.
A vida	tornou-se	insuportável.

Além desse tipo de predicativo, existe outro que entra na constituição do predicado verbo-nominal. Exemplos:

O trem chegou *atrasado*. [= O trem chegou *e estava atrasado*.]

O menino abriu a porta *ansioso*.

Todos partiram *alegres*.

Marta entrou *séria*.

O professor sorriu *satisfeito*.

O prisioneiro foi encontrado *morto*.

O soldado foi julgado *incapaz*.

Ele será eleito *presidente*.

Ele é tido por *sábio*.

O cosmonauta foi aclamado como *herói*.

Lembro-me dela *com saudade*. [= Lembro-me dela *saudoso*.]

Observações:

✔ O predicativo subjetivo às vezes está preposicionado.

✔ Pode o predicativo preceder o sujeito e até mesmo o verbo:

São *horríveis* essas coisas!

Que *linda* estava Amélia!

Completamente *feliz* ninguém é.

Raros são os verdadeiros líderes.

Quem são esses homens?

Lentos e *tristes*, os retirantes iam passando.

Novo ainda, eu não entendia certas coisas.

Onde está a criança *que* fui?

▪ Predicativo do objeto

É o termo que se refere ao objeto de um verbo transitivo. Exemplos:

sujeito	verbo e objeto	predicativo do objeto
O juiz	declarou o réu	inocente.
O povo	elegeu-o	deputado.
As paixões	tornam os homens	cegos.
Nós	julgamos o fato	milagroso.
Os presos	tinham os pés	inchados.
Ela	adotou-o	por filho.
Muitos	consideram-no	(como) um sábio.
Alguns	chamam-no	(de) impostor.
Os inimigos	chamam-lhe	(de) traidor.
As batalhas	sagraram-no	herói.
A doença	deixou-me	sem apetite.
A mãe	viu-o	desanimado.
Silvinho	acha-se	um gênio.

Observações:

✔ O predicativo objetivo, como vemos dos exemplos acima, às vezes vem regido de preposição. Esta, em certos casos, é facultativa.

✔ O predicativo objetivo geralmente se refere ao objeto direto. Excepcionalmente, pode referir-se ao objeto indireto do verbo *chamar*: *Chamavam-lhe poeta*.

✔ Podemos antepor o predicativo a seu objeto:

O advogado considerava *indiscutíveis* os direitos da herdeira.

Julgo *inoportuna* essa viagem.

"E até *embriagado* o vi muitas vezes." (Camilo Castelo Branco)

"Tinha *estendida* a seus pés uma planta rústica da cidade." (Érico Veríssimo)

"Sentia ainda muito *abertos* os ferimentos que aquele choque com o mundo me causara." (Lima Barreto)

EXERCÍCIOS LISTA 39

1. Transcreva os períodos em seu caderno e sublinhe com um traço os predicativos do sujeito:

a) A noite era serena.

b) Estavam roxos os olhos da criança.

c) A atriz permaneceu sentada e parecia abatida.

d) O gato de porcelana virou um monte de cacos.

e) A chuva continuava forte e as ruas ficaram alagadas e intransitáveis.

f) Uns partem tristes, outros chegam alegres.

g) Meu tio foi nomeado embaixador.

h) Ando desconfiado, esse homem parece um espião.

i) Uns saíram prejudicados, outros acabaram pobres.

j) "Que passassem! Livre estava o trânsito para a direita." (ANÍBAL MACHADO)

k) A situação foi considerada pelo governador como gravíssima.

l) Afável e comunicativo, o técnico chegou a brincar com os repórteres que o procuraram.

2. Copie as frases; em cada uma há mais de um predicativo do sujeito. Sublinhe-os:

a) Belém hoje é um grande porto e centro comercial.

b) A terra é fértil, os rios piscosos e abundante a caça.

c) Sentada estava e sentada ficaria até que o filho retornasse.

d) A chuva refrescou o ar, a noite cai leve e serena.

e) Tudo isso que você me diz é inaudito, absurdo, insensato.

f) Sílvio levantou-se rápido, abriu a porta e estacou surpreso.

g) Devido à sua grande popularidade, a vida do artista tornou-se agitada, cansativa, insuportável.

3. Escreva as frases colocando o predicativo do sujeito em três posições diferentes, como no exemplo:

O coração de Nosso Senhor é **misericordiosíssimo**.

É **misericordiosíssimo** o coração de Nosso Senhor.

Misericordiosíssimo é o coração de Nosso Senhor.

a) Os verdadeiros líderes são **raros**.

b) O sertanejo que tangia as reses era **magro e de rosto duro**.

c) Aquela selva era **tão cerrada e hostil** que ninguém ousava penetrá-la.

4. Troque a expressão em destaque pelo predicativo do sujeito, como no exemplo:

Marta reviu **com emoção** a casa em que nascera.

Marta reviu **emocionada** a casa em que nascera.

a) Teresa me escutou **com atenção**, mas acabou rindo-se de meus conselhos.

b) Os policiais avançaram **com cautela** por entre arbustos e pedras.

c) As duas meninas bateram à porta **com impaciência**, gritando pela empregada.

d) Vilma olhou **com tristeza** para a mãe e sentiu uma vontade enorme de abraçá-la.

5. Transcreva as frases, sublinhando com um traço os predicativos do objeto:

a) "Os vencidos julgaram mais decoroso o silêncio." (MACHADO DE ASSIS)

b) "Olhou para as suas terras e viu-as incultas e maninhas." (CARLOS DE LAET)

c) O juiz deu por terminada a audiência e foi para outra sala.

d) "Meus progressos na escola faziam-me vaidoso." (POVINA CAVALCÂNTI)

e) Receava que o tomassem por malfeitor.

f) "Sempre os imaginei como ingênuas crianças." (OSMAN LINS)

g) Aquelas barbaridades punham-me fremente de cólera.

h) Acho indiscutíveis os teus direitos.

i) "Deram-me como bastante conhecedora da língua." (CAMILO CASTELO BRANCO)

j) "A Heródoto chamam o pai da História." (JOÃO RIBEIRO)

6. Copie as frases; sublinhe com um traço os predicativos do sujeito e com dois os predicativos do objeto:

a) A prosperidade fê-lo orgulhoso.

b) Passada a tempestade, o lugarejo reapareceu calmo, lavado.

c) Tenho a notícia por inverídica.

d) Tinham como inevitável a morte do refém.

e) Julgaram-no incapaz de exercer o cargo.

f) O rapaz ficou imóvel na poltrona, fingindo-se doente.

g) A rica viúva o adotou por filho.

h) O avarento tem o ouro por seu deus.

i) "Em toda parte andava acesa a guerra." (LUÍS DE CAMÕES)

j) O tempo ia sereno posto que frio." (ALEXANDRE HERCULANO)

k) "Não te vá iludir essa alegria, que é tão dos outros e tão pouco tua." (OLEGÁRIO MARIANO)

l) "A pequena cultura de chá torna alegre outra vez a terra abandonada." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

m) "Apagaremos tudo, só ficarão acesas as velas." (LÍGIA FAGUNDES TELLES)

n) "Só esperamos que eles não tenham trazido escondidos hipopótamos, gorilas, hienas, nem tigres e leões que vivem nas suas imensas florestas." (*JORNAL DO BRASIL*, 22/6/1974)

o) As adolescentes surgiram lindas, em seus vestidos vaporosos.

7. Como o exercício precedente:

a) Nunca o vi triste.

b) César foi aclamado imperador.

c) Encontrei a sala desarrumada.

d) "Esse canto é de dor ou de alegria?" (OLEGÁRIO MARIANO)

e) A imaginação torna presentes os dias passados.

f) "O que fazia engraçadíssima Carlota eram as espessas sobrancelhas." (CAMILO CASTELO BRANCO)

g) "Fiquei desconsolado com esta reflexão, chamei-me pródigo." (MACHADO DE ASSIS)

h) Fina e persistente, a chuva caía sobre a cidade triste.

i) "A terra despertava triste." (EUCLIDES DA CUNHA)

j) "Descubra as reservas de bravura que você há de ter escondidas." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

k) "Bons ou maus, esses homens são nossos aliados." (ÉRICO VERÍSSIMO)

l) "Como eram gostosas as pitombas, que eu preferia verdosas, porque eram carnudas." (POVINA CAVALCÂNTI)

m) "Enorme e brilhante, erguia-se sobre os homens a cruz de ouro." (LUÍS HENRIQUE TAVARES)

n) O homem não pode aceitar como suas as regras da máquina.

o) "As mulheres o achavam um homem fascinante." (RUBEM FONSECA)

p) O cliente acusou o advogado de omisso e incompetente.

8. Faça concordar os predicativos com os respectivos objetos diretos:

a) Vi **ancorado** na baía os navios petrolíferos.

b) A luz jorrou forte e tornou **visível** os quadros das paredes.

c) Ele manteve **estendido** sobre a mesa a planta do prédio.

d) O cineasta já tem quase **pronto** seus dois novos filmes.

e) Os invasores retiraram-se, deixando **gravado** nos muros palavras insultuosas.

TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO
Exercícios de exames e concursos
[Página 683]

TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO

Chamam-se **termos integrantes da oração** os que completam a significação transitiva dos verbos e nomes. *Integram* (inteiram, completam) o sentido da oração, sendo por isso indispensáveis à compreensão do enunciado.

São os seguintes:

a) complementos verbais: objeto direto e objeto indireto

b) complemento nominal

c) agente da passiva

1 OBJETO DIRETO

Objetivo direto é o complemento dos verbos de predicação incompleta, não regido, normalmente, de preposição. Exemplos:

As plantas purificam **o ar**.

"Nunca mais ele arpoara **um peixe-boi**." (Ferreira de Castro)

Procurei **o livro**, mas não **o** encontrei.

Ninguém **me** visitou.

Esta é a casa **que** eu vendi.

Houve **grandes festejos**.

Tia Mirtes já não sentia **dor nem cansaço**.

O povo aclamou **o imperador e a imperatriz**.

"Mendonça cumprimentou-**as** respeitosamente." (Machado de Assis)

"Tão leve estou que já nem **sombra** tenho." (Mário Quintana)

"**Lembranças** havia que eram úlceras incuráveis da memória." (Érico Veríssimo)

A) O objeto direto tem as seguintes características:

- completa a significação dos verbos transitivos diretos;
- normalmente, não vem regido de preposição;
- *traduz* o ser sobre o qual recai a ação expressa por um verbo ativo:
  Caim matou **Abel**.

- Torna-se sujeito da oração na voz passiva:
  Abel foi morto por Caim.

B) O objeto direto pode ser constituído:

- por um substantivo ou expressão substantivada:
  O lavrador cultiva a **terra**.
  Unimos o **útil** ao agradável.

- pelos pronomes oblíquos *o, as, os, as, me, te, se, nos, vos*:
  Espero-**o** na estação.
  Ela **nos** chama.
  Estimo-**os** muito.
  Avisamo-**lo** a tempo.
  Sílvia olhou-**se** ao espelho.
  Procuram-**na** em toda parte.
  Não **me** convidas?
  Meu Deus, eu **vos** amo.
  "Marchei resolutamente para a maluca e intimei-**a** a ficar quieta." (Graciliano Ramos)
  "Vós haveis de crescer, perder-**vos**-ei de vista." (Cabral do Nascimento)

- por qualquer pronome substantivo:
  Não vi **ninguém** na loja.
  A árvore **que** plantei floresceu. [*que*: objeto direto de *plantei*]
  Onde foi que você achou **isso**?
  Quando vira as folhas do livro, ela **o** faz com cuidado.
  "**Que** teria o homem percebido nos meus escritos?" (Graciliano Ramos)

C) Frequentemente transitivam-se verbos intransitivos, dando-se-lhes por objeto direto uma palavra cognata ou da mesma esfera semântica:
"**Viveu** José Joaquim Alves **vida** tranquila e patriarcal." (Vivaldo Coaraci)
"Pela primeira vez **chorou** o **choro** da tristeza." (Aníbal Machado)
"Nenhum de nós **pelejou** a **batalha** de Salamina." (Machado de Assis)
"Como andei contando um **sonho**, me lembrei de outro **que** já **sonhei** mais de uma vez." (Oto Lara Resende)

Em tais construções é de rigor que o objeto venha acompanhado de um adjunto.

2 OBJETO DIRETO PREPOSICIONADO

Há casos em que o objeto direto, isto é, o complemento de verbos transitivos diretos, vem precedido de preposição, geralmente a preposição **a**. Isto ocorre principalmente:

- quando o objeto direto é um pronome pessoal tônico:
  Deste modo, prejudicas **a ti** e **a ela**.
  "Mas dona Carolina amava mais **a ele** do que aos outros filhos." (Raquel Jardim)
  "Pareceu-me que Roberto hostilizava antes **a mim** do que à ideia." (Ciro dos Anjos)

"Ricardina lastimava o seu amigo como **a si** própria." (Camilo Castelo Branco)

"Amava-a tanto como **a nós**." (José Geraldo Vieira)

- quando o objeto é o pronome relativo *quem*:

"Pedro Severiano tinha um filho **a quem** idolatrava." (Carlos de Laet)

"Abraçou a todos; deu um beijo em Adelaide, **a quem** felicitou pelo desenvolvimento das suas graças." (Machado de Assis)

"Agora sabia que podia manobrar com ele – com aquele homem **a quem** na realidade também temia, como todos ali." (Herberto Sales)

- quando precisamos assegurar a clareza da frase, evitando que o objeto direto seja tomado como sujeito, impedindo construções ambíguas:

Convence, enfim, **ao pai** o filho amado[1].

"Vence o mal **ao remédio**." (Antônio Ferreira)

"Tratava-me sem cerimônia, como **a um irmão**." (Olavo Bilac)

A qual delas iria homenagear o cavaleiro?

"E olhava o amigo como **a um filho** mais velho." (Luís Henrique Tavares)

"Olho Gabriela como **a uma criança**, e não mulher feita." (Ciro dos Anjos)

"Foi a comadre do Rubião que o agasalhou e mais **ao cachorro**." (Machado de Assis)

"Encontrou-a e **ao marido** na fazenda das Lajes." (Ciro dos Anjos)

"**A inimigo** não se poupa." (Viana Moog)

"Também se adormece a fome, como **às crianças**, cantando." (José Américo)

"**Ao poeta Drummond**, que mora mais além, a feira deve incomodar, porque os grandes caminhões roncam sob sua janela." (Rubem Braga)

- em expressões de reciprocidade, para garantir a clareza e a eufonia da frase:

"Os tigres despedaçaram-se uns **aos outros**." (Camilo Castelo Branco)

"As companheiras convidavam-se umas **às outras**." (Helena Silveira)

"Era o abraço de duas criaturas que só tinham uma **à outra**." (Vivaldo Coaraci)

- com nomes próprios ou comuns, referentes a pessoas, principalmente na expressão dos sentimentos ou pela eufonia da frase:

Judas traiu **a Cristo**.

Amemos **a Deus** sobre todas as coisas.

"Provavelmente, enganavam é **a Pedro**." (Ciro dos Anjos)

"O estrangeiro foi quem ofendeu **a Tupã**." (José de Alencar)

"É certo que ele teme **a Deus** e crê na doutrina." (Machado de Assis)

"E dali em diante, o drama intensificava-se, fazendo sorrir, de plena satisfação, **a Caetano**." (Ferreira de Castro)

"Esse último rasgo do Costa persuadiu **a crédulos e incrédulos**." (Machado de Assis)

"Diabolicamente, o dinheiro atrai **a pequenos e grandes**." (Ciro dos Anjos)

---

(1) Sem a preposição *a* diante do objeto (o pai), a frase ficaria ambígua, obscura, pois tanto poderia ser entendida como sujeito a palavra *pai* como a palavra *filho*.

- em construções enfáticas, nas quais antecipamos o objeto direto para dar-lhe realce:

  A você é que não enganam!

  A médico, confessor e letrado nunca enganes.

  "**A este confrade** conheço desde os seus mais tenros anos." (CARLOS DE LAET)

  "**Ao Medeiros** não o amordaçavam as convenções." (FERNANDO NAMORA)

- sendo objeto direto o numeral *ambos(as)*:

  "O aguaceiro caiu, molhou **a ambos**." (ANÍBAL MACHADO)

  "Se eu previsse que os matava **a ambos**..." (CAMILO CASTELO BRANCO)

- com certos pronomes indefinidos, sobretudo referentes a pessoas:

  Se todos são teus irmãos, por que amas **a uns** e odeias **a outros**?

  Aumente sua felicidade, tornando felizes também **aos outros**.

  A quantos a vida ilude!

  "A estupefação imobilizou **a todos**." (MACHADO DE ASSIS)

  "**A tudo** e **a todos** eu culpo." (ANÍBAL MACHADO)

  "Como fosse acanhado, não interrogou **a ninguém**." (MACHADO DE ASSIS)

- em certas construções enfáticas como *puxar* (ou *arrancar*) *da espada*, *pegar da pena*, *cumprir com o dever*, *atirar com os livros sobre a mesa*, etc.:

  "Arrancam **das espadas** de aço fino..." (LUÍS DE CAMÕES)

  "Chegou a costureira, pegou **do pano**, pegou **da agulha**, pegou **da linha**, enfiou a linha na agulha e entrou a coser." (MACHADO DE ASSIS)

  "Imagina-se a consternação de Itaguaí, quando soube **do caso**". (MACHADO DE ASSIS)

Observações:

✔ Nos quatro primeiros casos estudados, a preposição é de rigor; nos cinco outros, facultativa.

✔ A substituição do objeto direto preposicionado pelo pronome oblíquo átono, quando possível, se faz com as formas *o(s)*, *a(s)* e não *lhe*, *lhes*:

amar a Deus → amá-lo; convencer ao amigo → convencê-lo.

✔ O objeto direto preposicionado, é óbvio, só ocorre com verbo transitivo direto.

Podem resumir-se em três as razões ou finalidades do emprego do objeto direto preposicionado:

- a clareza da frase;
- a harmonia da frase;
- a ênfase ou a força da expressão.

3 OBJETO DIRETO PLEONÁSTICO

Quando queremos dar destaque ou ênfase à ideia contida no objeto direto, colocamo-lo no início da frase e depois o repetimos ou reforçamos por meio do pronome oblíquo. A esse objeto repetido sob forma pronominal chama-se *pleonástico*, *enfático* ou *redundante*. Exemplos:

O dinheiro, Jaime **o** trazia escondido nas mangas da camisa.

O bem, muitos **o** louvam, mas poucos **o** seguem.

"**Seus cavalos**, ela **os** montava em pelo." (Jorge Amado)

"**Os** que lá não penetram, engole-**os** a obscuridade." (Machado de Assis)

"De mais a mais, **frutas** os passarinhos conseguem-**nas** pelo seu próprio esforço." (Vivaldo Coaraci)

"**Aquelas veemências**, quem não **as** ouviu de voz ou não **as** viu de letra? (Raquel de Queirós)

Observação:

✔ Escritores modernos omitem, frequentemente, o pronome objetivo:

"E os amigos a gente conhece na hora do aperto." (Josué Montelo)

"Esse segredo eu guardaria só para mim." (Povina Cavalcânti)

4 OBJETO INDIRETO

Objeto indireto é o complemento verbal regido de preposição necessária e sem valor circunstancial. Representa, ordinariamente, o ser a que se destina ou se refere à ação verbal:

"Nunca desobedeci **a meu pai**." (Povina Cavalcânti)

A) O objeto indireto completa a significação dos verbos:

- transitivos indiretos

Assisti **ao** jogo.
Assistimos **à missa** e **à festa**.
Aludiu **ao fato**.
Aspiro **a uma vida calma**.
Absteve-se **de vinho**.
Deparei **com um estranho**.
O pai batia-**lhe**. (*no* filho)
Anseio **pela tua volta**.
Não cedi **à tentação**.
Não consisto **nisso**.
Lembre-se **de nós**.

Atentou **contra a vida do rei**.
Gosto **de frutas** e **de doces**.
Obedeço **ao regulamento**.
Deus **lhe** perdoe. (*ao* pecador)
Paguei **ao médico** ontem.
Preciso **de ti** amanhã.
Ele zombou **de nós**.
Responderei **à carta de Lúcia**.
Resistimos **ao ataque**.
A terra pertencia **aos índios**.
Pio XII sucedeu **a Pio XI**.

"**A que influência** alude?" (Machado de Assis)

Não abuse **dos remédios**: recorra **a eles** só quando não houver outro remédio.

- transitivos diretos e indiretos (na voz ativa ou passiva)

Dou graças **a Deus**.

Ceda o lugar **aos mais velhos**.

Dedicou sua vida **aos doentes** e **aos pobres**.

Disse-**lhe** a verdade. [Disse a verdade *ao moço*.]

Peço-**lhe** desculpas. [Peço desculpas *ao professor*.]

Revoltavam o povo **contra o regime**.

Não revelarei isto **a ninguém**.

Acostumou o corpo **ao frio** e **às intempéries**.

Beijou as mãos **ao sacerdote**.

O juiz confiou-**lhe** a guarda do menino.

Perdoo-**lhe** a ofensa.

Devolva-**lhe** o dinheiro. [Devolva o dinheiro *a ele*.]

Não **lhe** foi devolvido o livro. [Não *lhe* devolveram o livro.]

Devolveu-se-**lhe** o livro. [O livro foi-*lhe* devolvido.]

Aos vencidos tomavam-se os bens à força.

A árvore foi sacrificada **à tirania do progresso**.

B) O objeto indireto pode ainda acompanhar verbos de outras categorias, os quais, no caso, são considerados acidentalmente transitivos indiretos:

A bom entendedor meia palavra basta.

Sobram-**lhe** qualidades e recursos. [*lhe* – a ele]

Isto não **lhe** convém.

A proposta pareceu-**lhe** aceitável.

Observações:

✔ Há verbos que podem construir-se com dois objetos indiretos, regidos de preposições diferentes:

Rogue a *Deus por nós*.

Ela queixou-se *de mim a seu pai*.

Pedirei *para ti a meu senhor* um rico presente.

✔ Não confundir o objeto indireto com o *complemento nominal* nem com o *adjunto adverbial*.

✔ Em frases como "*Para mim* tudo eram alegrias", "Para *ele* nada é possível", os pronomes em destaque podem ser considerados adjuntos adverbiais.

C) O objeto indireto é sempre regido de preposição, expressa ou implícita.

a) A preposição está implícita nos pronomes objetivos indiretos (átonos) *me, te, se, lhe, nos, vos, lhes*. Exemplos:

Obedecem-**me**. [= Obedecem *a mim*.]

Isto **te** pertence. [= Isto pertence *a ti*.]

Rogo-**lhe** que fique. [= Rogo *a você*...]

Peço-**vos** isto. [= Peço isto *a vós*.]

- Nos demais casos a preposição é expressa como característica do objeto indireto:

Recorro **a Deus**.
Dê isto **a** (ou para) **ele**.
Contenta-se **com pouco**.
Ele só pensa **em si**.
Esperei **por ti**.
Falou **contra nós**.
Conto **com você**.
Não preciso **disto**.
O filme **a que** assisti agradou **ao público**.
Assisti **ao desenrolar** da luta.
A coisa **de que** mais gosto é pescar.
A pessoa **a quem** me refiro você a conhece.
Os obstáculos **contra os quais** luto são muitos.
As pessoas **com quem** conto são poucas.

D) Como atestam os exemplos acima, o objeto indireto é representado pelos substantivos (ou expressões substantivas) ou pelos pronomes.

As preposições que o ligam ao verbo são: *a, com, contra, de, em, para* e *por*.

5 OBJETO INDIRETO PLEONÁSTICO

À semelhança do objeto direto, o objeto indireto pode vir repetido ou reforçado, por ênfase. Exemplos:

"**A mim** o que **me** deu foi pena." (Ribeiro Couto)

"Que **me** importa **a mim** o destino de uma mulher tísica...?" (Machado de Assis) [*tísica* = tuberculosa]

"E, **aos brigões**, incapazes de se moverem, basta-**lhes** xingarem-se à distância." (Dalton Trevisan)

"Mas que **te** importam **a ti** os assuntos que me são agradáveis?" (Graciliano Ramos)

6 COMPLEMENTO NOMINAL

Complemento nominal é o termo complementar reclamado pela significação transitiva, incompleta, de certos substantivos, adjetivos e advérbios. Vem sempre regido de preposição. Exemplos:

A defesa **da pátria**.
O respeito **às leis**.
Assistência **às aulas**.
Aliança **com o estrangeiro**.
A luta **contra o mal**.
G. Bell foi o inventor **do telefone**.
O amor **ao trabalho**.
Nossa fé **em Deus**.
Gosto **pela arte**.
Disposição **para o trabalho**.
Suas atenções **para com todos**.
Teve raiva **de si mesmo**.
Apto **para o trabalho**.
Útil **ao bem comum**.
Contente **com a sorte**.
Precavido **contra os males**.
Insaciável **de vingança**.
Confiante **na vitória**.
Tudo ficou reduzido **a cinzas**.
Responsável **pela ordem**.
Impróprio **para menores**.
Atencioso **para com todos**.
Relativamente **a alguém**.
Favoravelmente **ao réu**.

"O ódio **ao mal** é amor **do bem**, e a ira **contra o mal**, entusiasmo divino." (RUI BARBOSA)

"Ah, não fosse ele surdo **à minha voz**!" (CABRAL DO NASCIMENTO)

"A sensibilidade existe e está a serviço **da harmonia, da beleza e do equilíbrio**." (LUÍS CARLOS LISBOA)

"Pois bem, nada me abala relativamente **ao Rubião**." (MACHADO DE ASSIS)

A grande rodovia corre paralelamente **às fronteiras setentrionais do Brasil**.

Observações:

✔ O complemento nominal representa o recebedor, o paciente, o alvo da declaração expressa por um nome: amor a *Deus*, a condenação da *violência*, o medo de *assaltos*, a remessa de *cartas*, útil ao *homem*, compositor de *músicas*, etc. É regido pelas mesmas preposições usadas no objeto indireto. Difere deste apenas porque, em vez de complementar verbos, completa nomes (substantivos, adjetivos) e alguns advérbios em *-mente*.

✔ A nomes que requerem complemento nominal correspondem, geralmente, verbos de mesmo radical: *amor* ao próximo, *amar* o próximo; *perdão* das injúrias, *perdoar* as injúrias; *obediente* aos pais, *obedecer* aos pais; *regresso* à pátria, *regressar* à pátria; *remessa* de cartas, *remeter* cartas; *criação* de impostos, *criar* impostos; *queima* de fogos, *queimar* fogos; *recordação* do passado, *recordar* o passado; *resistência* ao mal, *resistir* ao mal, etc.

7 AGENTE DA PASSIVA

Agente da passiva é o complemento de um verbo na voz passiva. Representa o ser que pratica a ação expressa pelo verbo passivo. Vem regido comumente pela preposição *por* e, menos frequentemente, pela preposição *de*:

Alfredo é estimado **pelos colegas**.

A cidade estava cercada **pelo exército romano**.

"Era conhecida **de todo mundo** a fama de suas riquezas." (OLAVO BILAC)

A) O agente da passiva pode ser expresso pelos substantivos ou pelos pronomes:

As flores são umedecidas **pelo orvalho**.

A carta foi cuidadosamente corrigida **por mim**.

Muitos já estavam dominados **por ele**.

Aquele é o cachorro **pelo qual** fui mordido.

Conheço o funcionário **por quem** fui atendido.

Por quem teria ele sido denunciado?

B) Vimos que o agente da passiva corresponde ao sujeito da oração na voz ativa. Observe:

A rainha era aclamada **pela multidão**.	(voz passiva)
A multidão aclamava a rainha.	(voz ativa)
Ele será acompanhado **por ti**.	(voz passiva)
Tu o acompanharás.	(voz ativa)

Observações:

✔ Conforme frisamos anteriormente, frase de forma passiva analítica sem complemento agente expresso, ao passar para a ativa, terá sujeito indeterminado e o verbo na 3ª pessoa do plural:

Ele foi expulso da cidade. → *Expulsaram-no da cidade.*

As florestas são devastadas. → *Devastam as florestas.*

✔ Na passiva pronominal não se declara o agente:

Nas ruas assobiavam-se as canções dele pelos pedestres. (errado)

Nas ruas eram assobiadas as canções dele pelos pedestres. (certo)

Assobiavam-se as canções dele nas ruas. (certo)

EXERCÍCIOS LISTA 40

1. Transcreva as frases e sublinhe com um traço os objetos diretos:

a) Os holandeses invadiram a Bahia em 1624.

b) O trabalho produz a riqueza e a felicidade.

c) Fatos impressionantes relatou esse turista.

d) "O louvor ganha amigos, a maledicência inimigos." (Marquês de Maricá)

e) Muitos favores já temos recebido desta família.

f) No rio das Mortes houve combates sangrentos.

g) Devemos unir o útil ao agradável.

h) "Desenhou a casa do engenho, as árvores, os morros." (Garcia de Paiva)

2. Copie as orações, antepondo a elas **1** ou **2**, de acordo com a função das palavras em destaque:

(1) objeto direto (2) objeto indireto

a) No Sul do Brasil, o inverno obedece ao **ciclo** das estações.

b) Não devemos recorrer à **violência**.

c) A volta do sol trouxe de novo a **alegria** aos corações.

d) O antiquário possuía até **moedas** da Roma dos Césares.

e) Ao **Exército** compete defender a pátria.

3. Transcreva as orações e sublinhe os objetos indiretos:

a) Assisti a uma cena impressionante.

b) Obedeço a ordens superiores.

c) Não aspiro a esse título.

d) Aludiu ele à minha obra?

e) Cristo perdoou ao bom ladrão e prometeu-lhe o paraíso.

f) Emília não acredita em horóscopos.

g) A polícia interditou a área às pessoas estranhas ao trabalho.

h) Optei pela solução mais segura.

i) Por acaso necessitam de tanto espaço?
j) "Ninguém objetaria à entrada ou à saída de ninguém." (PAULO MENDES CAMPOS)
k) "Nesse ponto, desobedecera à mãe." (JOÃO CLÍMACO BEZERRA)
l) Tal atitude não convém a um juiz.
m) As crianças logo se familiarizaram com os animais.
n) Dulce ainda não respondera à carta de sua amiga.
o) "A terra não pertence ao homem; é o homem que pertence à terra." (SEATTLE, chefe índio americano)

4. Copie as frases e sublinhe com um traço os objetos diretos e com dois os indiretos:
a) O embaixador ofereceu um jantar ao líder político.
b) Agradeça a Deus o dom da vida, todos os dias.
c) Confiei a Vicente os meus planos.
d) Pagamos a cerveja ao garçom e mostramos as fotos a Denise.
e) "Ao coronel Lelê deveu mais tarde meu pai um favor inesquecível." (POVINA CAVALCÂNTI)

5. Copie as frases e informe se os pronomes oblíquos funcionam como objeto direto ou indireto:
a) Nós **o** elogiamos.
b) Eu **lhe** agradeci muito.
c) Todos **a** admiram.
d) João **me** persegue.
e) João **me** obedece.
f) Ela **te** ama.
g) Ela **te** confessará tudo.
h) Guarde-**os** na caixa.
i) Vim convidá-**los**.
j) Ele **nos** estima.
k) Isto **nos** pertence.
l) Confie em **mim**.
m) Confie menos em **si**.
n) Refiro-me a **ti** mesmo.
o) Quem **vos** chamou?
p) Quem **vos** deu a vida?
q) Beatriz **os** veste e **lhes** dá comida.
r) Sílvia olhou-**se** no espelho.

6. Copie as frases e complete os verbos transitivos diretos substituindo o * pelo pronome oblíquo **o**, e os verbos transitivos indiretos substituindo o * pelo pronome oblíquo **lhe**:
a) Estimo-* muito.
b) Avise-* depressa.
c) Não * respondas.
d) Não * invejemos.
e) Atribuo-* a culpa.
f) Espero-* em casa.
g) Conheço-* muito bem.
h) Felicito-* pela vitória.
i) Confesso-* a verdade.

7. Complete as orações substituindo os asteriscos por objetos indiretos adequados:
a) Assistirei *****.
b) Não resisti *****.
c) Ele aspira *****.
d) Elza simpatizou *****.
e) Refiro-me *****.
f) A fauna depende *****.
g) Todos se opõem *****.
h) Luís desobedeceu *****.

8. Reorganize as colunas em seu caderno, de modo a fazê-las corresponder corretamente, de acordo com a função do pronome relativo **que**:

Não me agradou o filme a **que** assisti.	sujeito
Compro os livros **que** me interessam.	objeto direto
São ótimos os livros **que** estou lendo.	objeto indireto

9. Nos exemplos seguintes os pronomes em destaque são objetos diretos ou indiretos. Copie as frases em seu caderno e aponte a distinção, sobrepondo **D** aos primeiros e **I** aos segundos:

a) Meu avô chamava-**me** e eu **o** atendia prontamente.

b) Valmor fez **o que lhe** ordenei.

c) Nas cidades **que** visitei nas férias, achei **tudo** caro.

d) Há coisas de **que** não gostamos e pessoas com **quem** não simpatizamos.

e) "A virtude **nos** diviniza, o vício **nos** embrutece." (Marquês de Maricá)

f) "Pajé, eu **te** agradeço o agasalho **que me** deste." (José de Alencar)

g) "Cada qual tem o ar **que** Deus **lhe** deu." (Machado de Assis)

h) Refiro-**lhe o que** ouvi.

i) Confesso-**vos aquilo que** nunca revelei a **ninguém**.

j) Ele arroga-**se** direitos **que** não possui.

k) "Expliquei **isso** a **ele**." (José J. Veiga)

l) Não sabemos **o que** o destino **nos** reserva.

10. Escreva as orações, iniciando-as com o objeto direto ou indireto, a fim de realçar esses termos, como no exemplo:

Exemplo: Eu não poderia ter tido **surpresa mais agradável**.
Surpresa mais agradável eu não poderia ter tido.

a) Eu catava no mato até a lenha do fogão.

b) Faltam disciplina e coragem a esses adolescentes.

c) Interessam particularmente a nós técnicas agrícolas mais avançadas.

d) Colombo chamou de índios aos nativos da América.

e) Esse meu amigo estaria planejando que estranhos negócios?

f) Najibe ofereceu a seus fregueses calendários com belas estampas.

11. Transcreva apenas a oração em que ocorre objeto direto pleonástico:

a) "As horas disponíveis eu as ocupava com a coleção de selos." (Murilo Rubião)

b) A longa estiagem preocupa agricultores e pecuaristas.

c) A presença do cachorro não agradou ao visitante.

12. Copie somente as duas frases em que ocorre objeto direto preposicionado:

a) Ainda não respondi à carta de Beatriz.

b) Muitos encontram a Deus servindo o próximo.

c) Quem resiste a seus encantos?

d) Não se prenda a minúcias.

e) Será que as barbas longas honram mais a quem as cultiva?

13. Copie os períodos e explique os seguintes casos de objeto direto preposicionado:

a) "Foi **a Tupã** que o pajé serviu." (José de Alencar)

b) "Vence o mal **ao remédio**." (Antônio Ferreira)

c) "Aquele fim imprevisto decepcionara **a todas**." (Monteiro Lobato)

d) "Somente **ao tronco** que devassa os ares o raio ofende." (Gonçalves Dias)

e) "Por fim, sustentando-me numa das mãos e **ao Fagundes** na outra, o gigante atravessou a sala..." (Aníbal Machado)

f) "Rubião... esqueceu a sala, a mulher e **a si**." (MACHADO DE ASSIS)

g) "Olhou o especialista como **a um irmão**." (JOSÉ FONSECA FERNANDES)

h) "Levarei comigo o prazer de vos ter abençoado **a ambos**." (CAMILO CASTELO BRANCO)

i) "**A ela** ninguém convidava." (HELENA SILVEIRA)

j) "Eles [os traficantes] alugavam limusines blindadas, contratavam policiais para protegê-los e **às malas** cheias de dólares." (*JORNAL DO BRASIL*)

14. Como o exercício anterior:

a) Não sei dizer **a quem** ele mais estimava.

b) "O nascimento enobrece **a alguns**, o procedimento **a muitos**." (MARQUÊS DE MARICÁ)

c) Louvemos **a Deus** na alegria e no sofrimento.

d) Nomearam procurador **a um amigo** de meu pai.

e) "Nós a enfeitamos e perfumamos como **a uma noiva**." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

f) "Então Agostinho tomou-a nos braços, **a ela** e **à gata**, e Noca sorriu." (JORGE AMADO)

g) "Os parceiros do barão acusaram-se uns **aos outros**." (MACHADO DE ASSIS)

h) "Não se deve amar **a ninguém** como **a Deus**." (MACHADO DE ASSIS)

i) "Atrai o poviléu como o pólen **às abelhas**." (CIRO DOS ANJOS)

j) "Se as pessoas não aceitam a vaca como passageira, nós não aceitamos **a elas**." (EDI LIMA)

k) **A quem** escolheria Simões para seu assessor?

l) "As roupas de embaixador não honram nem desonram mais quem as veste que o macacão **ao mecânico**." (RUBEM BRAGA)

15. Transcreva as frases em seu caderno, numerando-as de acordo com a causa determinante do objeto direto preposicionado:

a) Quem não ama **a seus pais**?	(1) clareza
b) Júlio tratava-o como **a um irmão**.	(2) harmonia, ritmo
c) A festa decepcionou **a todos**.	(3) ênfase

16. Copie os períodos abaixo; sublinhe os objetos pleonásticos, dizendo se são diretos ou indiretos:

a) "As flores leva-as a brisa." (JOSÉ DE ALENCAR)

b) "A mim me basta a celebridade que ela veio a ganhar..." (CAMILO CASTELO BRANCO)

c) Que lhe importa a ele a nossa desgraça?

d) "Se o mundo tinha razão, não o diremos nós." (CAMILO CASTELO BRANCO)

e) "A nós também nos rechearam de angústia." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

f) "Ao Medeiros não o amordaçavam as convenções." (FERNANDO NAMORA)

g) "De tarde, são outros que o admiram a ele e à obra." (MACHADO DE ASSIS)

h) "Que me importa a mim a glória?" (ALEXANDRE HERCULANO)

i) "As migalhas que lhe ficavam entre os dedos, levava-as à boca." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

j) "A lança, eles a faziam, espécie de arpão." (ADONIAS FILHO)

17. Em seu caderno, transforme as orações usando o objeto direto pleonástico:

Exemplo: O ministro do culto ensina a religião.

A religião, ensina-**a** o ministro do culto.

a) Ele reservava as glórias para si.

b) Ninguém viu os frutos de tantos esforços.

c) Deus fez as flores para a nossa alegria.

d) Todos previram o fatal desenlace.

e) Vós encontrareis a explicação neste livro.

f) Ela não tem, não teve nunca amigas.

18. Copie as frases e numere-as de acordo com a função das palavras em destaque:

(1) objeto direto preposicionado

(2) objeto indireto

(3) complemento nominal

a) Todo homem tem direito **à liberdade**.

b) Tenho pena desse jovem, **ao qual** a vida ilude com tantas seduções.

c) O povo se opunha **à instalação** da usina nuclear.

19. Copie o período e dê a função sintática das palavras em destaque:
"As **feras**, depois do aprendizado da **caça** e dos meios de defesa, dão aos **filhotes** a **liberdade**."
(Maria José de Queirós)

20. Copie as frases e sublinhe os complementos nominais:

a) Teresa tinha medo das trovoadas.

b) Ninguém está contente com a sua sorte.

c) Tem muita disposição para música.

d) Estávamos ansiosos pelos resultados.

e) Tende amor ao próximo e não vos esqueçais da assistência aos desamparados.

f) "Os moleques se atropelavam na disputa dos papéis." (Aníbal Machado)

g) "Há silêncio relativamente àquela nobre personagem." (Carlos de Laet)

h) "Os pretos sofriam como predestinados à dor." (Monteiro Lobato)

i) Piscava e mordia os beiços, num tique comum aos que bebem.

j) "Quem me pôs no coração este amor da vida, senão tu?" (Machado de Assis)

k) A ciência deve ser aplicada em benefício do homem.

21. Como o exercício anterior:

a) "A aliança com os maus é sempre funesta aos governos." (Marquês de Maricá)

b) "De Portugal passou ao Brasil a devoção à Virgem." (Carlos de Laet)

c) "Todo ser humano tem um direito natural à liberdade." (Érico Veríssimo)

d) "Podes vê-lo e falar-lhe, contanto que imediatamente à operação." (Camilo Castelo Branco)

e) "Conta ver-me outra vez dependente de seus cuidados, submisso às suas ordens." (Antônio Olavo Pereira)

f) "O sapo-boi enche a mata com mugidos semelhantes aos do touro." (Renato da Silva)

g) O telefone tornou-se indispensável ao homem da cidade.

h) Encontrei-o entregue a seu trabalho, a mesa cheia de mapas.

i) Orgulhosa do pai, Lígia não escondia sua admiração por ele.

j) "A convivência com os semelhantes é um apelo muito forte." (Luís Carlos Lessa)

22. Copie as frases substituindo * por complementos nominais adequados:

a) Sônia tem alergia *.

b) O gás é nocivo *.

c) Ele é versado *.

d) José foi afável *.

e) Estou quite *.

f) És responsável *.

23. Escreva as frases trocando o complemento nominal pelo verbal, como no exemplo:

O visitante fez elogios **à beleza da moça**.

O visitante elogiou **a beleza da moça**.

a) Tais práticas são contrárias **à boa convivência**.

b) Motorista não deve ter ódio **a pedestre**.

c) Joel demonstrou interesse **pela campanha**.

d) Não tenha demasiado apego **às riquezas**.

e) Se tens amor **à vida**, não entres nas águas deste mar.

f) Ninguém fez referência **ao namoro de Susana**.

g) Há plantas resistentes **à seca.**

24. Responda em seu caderno. No período "Jerônimo foi atencioso com os dois **turistas** e apontou-**lhes** a casa **que** procuravam", as palavras em destaque são, respectivamente:

a) objeto indireto – objeto direto – complemento nominal

b) complemento nominal – objeto indireto – sujeito

c) complemento nominal – objeto indireto – objeto direto

25. Transcreva as frases e sublinhe os agentes da passiva:

a) Os homens são atormentados pelas doenças.

b) A cidade estava sitiada pelo exército romano.

c) "O plano de assalto à casa foi traçado por mim." (Rubem Braga)

d) "Passou-lhe na mente a conjetura de que era amado daquela doce criatura." (Camilo Castelo Branco)

e) O avô, pela sua simpatia, era muito estimado por todos.

f) O Congresso Nacional é convocado por quem estiver na presidência do Senado.

g) Márcia tinha grande amor à tia, por quem fora educada.

h) "A primeira partida foi ganha por Fidélio, perdida por Seixas." (Jorge Amado) [*perdida* = foi perdida]

i) "A terra vai sendo aberta por intermináveis sulcos." (Cecília Meireles)

26. Converta, em seu caderno, as orações abaixo na voz passiva:

a) Nenhuma editora imprimirá esses manuscritos.

b) Quem a teria denunciado?

c) Todos te admiram, Luciana.

d) Quem os terá posto aqui?

e) Que tribunal nos julgará?

f) De ano a ano as nações livres vão consolidando o regime democrático.

g) Os alunos escreviam as frases no quadro.

27. Converta a voz passiva em ativa, substituindo, ao mesmo tempo, os destaques por pronomes oblíquos adequados:

a) Talvez **a caverna** tenha sido descoberta por algum pertinaz espeleólogo.

b) **A boiada** foi contida pelos vaqueiros a muito custo.

c) Tive medo de que **Teresa** fosse ouvida pelos pais.

d) **A bandeira da Ordem de Cristo** foi solenemente entregue a Cabral pelo rei Dom Manuel, em 9 de março de 1500.

28. Responda no caderno: Qual a função da palavra **desfile** no período abaixo? **Complemento nominal**, **objeto direto** ou **objeto indireto**?

"Garoto participa do **desfile** esforçando-se em tirar som da tuba." (*Jornal do Brasil*)

29. Copie o período e dê a função sintática das palavras em destaque:

"Cabiam a **Simón Bolívar tarefas** não só de comandante militar, mas também de governante e organizador." (Moacir Werneck de Castro)

30. Depois de copiar os períodos, dê a função sintática dos termos destacados:

a) Os garotos procuravam seus **amigos** havia horas.

b) Os jovens sonhavam com uma **profissão** melhor.

c) Carla contou a **história** aos **pais**.

d) "Abri **cavernas** no mar/construí **segredos**/teci com teias de luz/as mais delicadas **roupagens**." (Roseana Murray)

e) A luta contra os **poderosos** consumia todos os seus **momentos**.

31. Escreva as frases e dê a função sintática dos pronomes destacados:

a) O ator criticou-**o** pelas observações feitas.

b) Diga-**me** apenas a verdade.

c) **Eu** sempre **o** encontro perto da pracinha.

d) Obedeça-**me** sem reclamar!

e) Não **lhe** devolvi ainda o livro de inglês.

32. Escreva a oração na voz passiva, destacando o agente da passiva:

a) O orvalho umedecia as plantas.

b) A multidão aclamava o general rebelde.

c) Corrigi as provas com o maior cuidado.

33. Classifique, em seu caderno, os termos destacados em objetos indiretos ou complementos nominais:

a) Lembrem-se *de nós* ao visitarem os museus.

b) A luta *contra o câncer* tornara-o paciente e destemido.

c) Gosto muito *de pinturas* surrealistas.

d) Não tinham nenhum gosto *pela arte*.

e) Sempre tiveram necessidade *de afeto*, mas nunca o receberam.

34. Escreva as orações transformando os complementos nominais em objetos indiretos ou diretos, conforme o caso. Faça as necessárias adaptações.

a) Era famoso por seu respeito às convenções sociais.

b) Estava confiante na vitória.

c) Os moradores tinham necessidade de mais verde.

d) A condenação da violência, sem medidas eficazes, não basta.

e) O perdão das dívidas não foi sequer cogitado.

35. Transcreva os complementos verbais que utilizou nas frases do exercício anterior, informando se são objetos diretos ou indiretos.

TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO
Exercícios de exames e concursos
[Página 683]

TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO

Termos acessórios são os que desempenham na oração uma função secundária, qual seja a de caracterizar um ser, determinar os substantivos, exprimir alguma circunstância.

São três os termos acessórios da oração: *adjunto adnominal, adjunto adverbial* e *aposto*.

1 ADJUNTO ADNOMINAL

Adjunto adnominal é o termo que caracteriza ou determina os substantivos. Exemplo:

Meu irmão veste roupas **vistosas**.

- *Meu* determina o substantivo *irmão*: é um *adjunto adnominal*.
- *Vistosas* caracteriza o substantivo *roupas*: é também *adjunto adnominal*.

O adjunto adnominal pode ser expresso:

- pelos **adjetivos**: água *fresca*, terras *férteis*, animal *feroz*;
- pelos **artigos**: *o* mundo, *as* ruas, *um* rapaz;
- pelos **pronomes adjetivos**: *nosso* tio, *este* lugar, *pouco* sal, *muitas* rãs, país *cuja* história conheço, *que* rua?;
- pelos **numerais**: *dois* pés, *quinto* ano, capítulo *sexto*;
- pelas **locuções** ou **expressões adjetivas** que exprimem qualidade, posse, origem, fim ou outra especificação:

  presente *de rei* (= régio): qualidade

  livro *do mestre*, as mãos *dele*: posse, pertença

  água *da fonte*, filho *de fazendeiros*: origem

  fio *de aço*, casa *de madeira:* matéria

  casa *de ensino*, aulas *de inglês*: fim, especialidade

  homem *sem escrúpulos* (= inescrupuloso): qualidade

  histórias *de arrepiar os cabelos* (= arrepiadoras): qualidade

  criança *com febre* (= febril): característica

  aviso *do diretor*: agente

Observações:

✔ Não confundir o adjunto adnominal formado por locução adjetiva com complemento nominal. Este, como vimos, representa o alvo da ação expressa por um nome transitivo: a eleição *do presidente*, aviso *de perigo*, declaração *de guerra*, empréstimo *de dinheiro*, plantio de *árvores*, colheita *de trigo*, destruidor *de matas*, descoberta *de petróleo*, amor *ao próximo*, etc.

O adjunto adnominal formado por locução adjetiva representa o agente da ação ou a origem, pertença, qualidade de alguém ou de alguma coisa: o discurso *do presidente*, aviso *de amigo*, declaração *do ministro*, empréstimo *do banco*, a casa *do fazendeiro*, folhas *de árvores*, farinha *de trigo*, beleza *das matas*, cheiro *de petróleo*, amor *de mãe*.

✔ Pronomes oblíquos com sentido possessivo, alguns autores os consideram adjuntos adnominais, outros, objetos indiretos. Preferimos a última análise. Veja pág. 560, item final.

2 ADJUNTO ADVERBIAL

Adjunto adverbial é o termo que exprime uma circunstância (de tempo, lugar, modo, etc.) ou, em outras palavras, que modifica o sentido de um verbo, adjetivo ou advérbio. Exemplo:
"Meninas *numa tarde* brincavam *de roda na praça*". (GERALDO FRANÇA DE LIMA)

O adjunto adverbial é expresso:

- pelos **advérbios**:

Cheguei *cedo*.	Moramos *aqui*.
Ande *devagar*.	Ele fala *bem*, fala *corretamente*.
Maria é *mais* alta.	Volte *bem* depressa.
Não durma ao volante.	*Talvez* esteja enganado.

- pelas **locuções** ou **expressões adverbiais**:

Às vezes viajava *de trem*.	Júlio reside *em Niterói*.
Compreendo *sem esforço*.	Errei *por distração*.
Saí *com meu pai*.	Escureceu *de repente*.

Observações:

✔ Pode ocorrer a elipse da preposição antes de adjuntos adverbiais de tempo e modo:

Aquela noite, não dormi. [= Naquela noite...]
Domingo que vem não sairei. [= No domingo...]
Ouvidos atentos, aproximei-me da porta. [= De ouvidos atentos...]

✔ Os adjuntos adverbiais classificam-se de acordo com as circunstâncias que exprimem: adjunto adverbial de lugar, modo, tempo, intensidade, causa, companhia, meio, assunto, negação, etc. A NGB, porém, não dá nenhuma classificação dos adjuntos adverbiais.

✔ É importante saber distinguir adjunto adverbial de adjunto adnominal, de objeto indireto e de complemento nominal: sair *do mar* (adj. adv.), água *do mar* (adj. adn.), gostar *do mar* (obj. indir.), ter medo *do mar* (compl. nom.).

3 APOSTO

Aposto é uma palavra ou expressão que explica ou esclarece, desenvolve ou resume outro termo da oração. Exemplos:

D. Pedro II, **imperador do Brasil**, foi um monarca sábio.

"Nicanor, **ascensorista**, expôs-me seu caso de consciência." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

"No Brasil, *região do ouro e dos escravos*, encontramos a felicidade." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"No fundo do mato virgem nasceu Macunaíma, **herói de nossa gente**." (MÁRIO DE ANDRADE)

Casas e pastos, árvores e plantações, **tudo** foi destruído pela enchente.

"O pastor, o guarda, o médico, **todos** olham e não dizem nada." (RICARDO RAMOS)

Prezamos acima de tudo duas coisas: **a vida e a liberdade**.

"Cada casa arrumava, no terreiro em frente, a sua fogueira: **uma pirâmide de toros de madeira decepados pela manhã**." (POVINA CAVALCÂNTI)

"Ele, **Caúla**, não ficaria ancorado como uma canoa." (ADONIAS FILHO)

"E isso exigiria estratagemas, **coisas** a que era avesso." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

A) O núcleo do aposto é um substantivo ou um pronome substantivo. Exemplos de apostos expressos pelos pronomes:

Foram os dois, *ele e ela*.

Só não tenho um retrato: **o** de minha irmã.

O dia amanheceu chuvoso, **o** que me obrigou a ficar em casa.

B) O aposto não pode ser formado por adjetivos. Nas frases seguintes, por exemplo, não há aposto, mas predicativo do sujeito:

Audaciosos, os dois surfistas atiraram-se às ondas.

As borboletas, **leves** e **graciosas**, esvoaçavam num balé de cores.

C) Os apostos, em geral, destacam-se por pausas, indicadas, na escrita, por vírgulas, dois-pontos ou travessões. Não havendo pausa, não haverá vírgula, como nestes exemplos:

Minha irmã **Beatriz**; o escritor **João Ribeiro**; o romance **Toia**; o rio *Amazonas;* a Rua *Osvaldo Cruz;* o Colégio **Tiradentes**, etc.

"Onde estariam os descendentes de Amaro **vaqueiro**?" (GRACILIANO RAMOS)

D) O aposto pode preceder o termo a que se refere, o qual, às vezes, está elíptico. Exemplos:

Rapaz impulsivo, Mário não se conteve.

Mensageira da ideia, a palavra é a mais bela expressão da alma humana.

"**Irmão do mar, do espaço,**
Amei as solidões sobre os rochedos ásperos." (CABRAL DO NASCIMENTO)

O aposto em destaque, no último exemplo, refere-se ao sujeito oculto *eu*.

E) O aposto, às vezes, refere-se a toda uma oração. Exemplos:

Nuvens escuras borravam os espaços silenciosos, **sinal** de tempestade iminente.

O espaço é incomensurável, **fato** que me deixa atônito.

Simão era muito espirituoso, **o** que me levava a preferir sua companhia.

F) Um aposto pode referir-se a outro aposto:

"Serafim Gonçalves casou-se com Lígia Tavares, **filha do velho coronel Tavares, senhor de engenho**." (Lêdo Ivo)

G) O aposto pode vir precedido das expressões explicativas *isto é*, *a saber*, ou da preposição acidental *como*:

Dois países sul-americanos, **isto é, a Bolívia e o Paraguai**, não são banhados pelo mar.

Este escritor, **como romancista**, nunca foi superado.

H) O aposto que se refere a objeto indireto, complemento nominal ou adjunto adverbial vem precedido de preposição:

O rei perdoou aos dois: **ao fidalgo e ao criado**.

"Acho que adoeci disso, **de beleza, da intensidade das coisas**." (Raquel Jardim)

De cobras, morcegos, bichos, **de tudo** ela tinha medo.

4 VOCATIVO

Vocativo [do latim *vocare* = chamar] é o termo (nome, título, apelido) usado para chamar ou interpelar a pessoa, o animal ou a coisa personificada a que nos dirigimos:

"**Elesbão**? **Ó Elesbão**! Venha ajudar-nos, por favor!" (Maria de Lourdes Teixeira)

"A ordem, **meus amigos**, é a base do governo." (Machado de Assis)

"Correi, correi, **ó lágrimas saudosas**!" (Fagundes Varela)

"Ei-lo, o teu defensor, **ó Liberdade**!" (Mendes Leal)

"Vocês por aqui, **meninos**?!" (Afonso Arinos)

"**Meu nobre perdigueiro**, vem comigo!" (Castro Alves)

"Serenai, **verdes mares**!" (José de Alencar)

"Voltem para sua floresta, **seus antropófagos**!" (Rubem Braga)

Observação:

✔ Profere-se o vocativo com entoação exclamativa. Na escrita é separado por vírgula(s).

No exemplo inicial, os pontos interrogativo e exclamativo indicam um chamado alto e prolongado.

O vocativo se refere sempre à 2ª pessoa do discurso, que pode ser uma pessoa, um animal, uma coisa real ou entidade abstrata personificada. Podemos antepor-lhe uma interjeição de apelo (*ó, olá, eh!*):

"Tem compaixão de nós, **ó Cristo**!" (Alexandre Herculano)

"**Ó Dr. Nogueira**, mande-me cá o Padilha, amanhã!" (Graciliano Ramos)

"Esconde-te, **ó sol de maio, ó alegria do mundo**!" (C. Castelo Branco)

Eh! rapazes, são horas!

"**Olá compadre**, mais alto, mais alto!" (Augusto Meyer)

O vocativo é um termo à parte. Não pertence à estrutura da oração, por isso não se anexa ao sujeito nem ao predicado.

EXERCÍCIOS LISTA 41

1. Transcreva as frases e sublinhe os adjuntos adnominais:

a) Em muitas cidades do Brasil, as velhas mansões estão deixando o lugar para grandes edifícios modernos.

b) Esta viga de metal será aproveitada para a construção de minha casa.

c) Pela primeira vez, em muitos anos, a campanha conseguiu atingir seus objetivos: foram queimados em praça pública cerca de novecentos balões.

2. Depois de copiar as frases em seu caderno, sublinhe os adjuntos adverbiais e classifique-os:

a) Ontem, pela manhã, foi visto, na rua, o palhaço Gog, montado num jumento, virado para o rabo do animal.

b) À tarde, Onofre voltou depressa à oficina, onde encontrou os empregados dormindo profundamente.

c) – Guilhermino, muito bem escrita sua redação sobre o cachorro, mas está exatamente igual à de seu irmão.

– É porque o cachorro é o mesmo, professora.

3. Transcreva somente a análise correta dos termos em destaque:

Índios não vimos, durante a travessia da **mata** no interior do **Pará**, mas dormíamos **armados**, com medo de algum **ataque**.

- sujeito – complemento nominal – adjunto adnominal – predicativo do sujeito – adjunto adnominal
- objeto direto – adjunto adnominal – complemento nominal – predicativo do objeto – adjunto adnominal
- objeto direto – complemento nominal – adjunto adnominal – predicativo do sujeito – complemento nominal

4. Localize os adjuntos adverbiais e escreva as frases colocando-os em outra ordem, quando for possível:

a) Aos sábados, o movimento cresce espantosamente, por causa da feira.

b) Na toalha da mesa, Vivaldino risca vincos paralelos, com a lâmina da faca.

c) Foi inaugurada, no Parque do Flamengo, em março de 1979, a marina da Glória.

5. Transcreva as frases; sublinhe os apostos:

a) "Já brilha na cabana de Araquém o fogo, companheiro da noite." (José de Alencar)

b) "Quando mais nada devêramos aos portugueses, nós estas duas coisas lhes deveríamos, a religião e a língua..." (Carlos de Laet)

c) Médico pobre, o Dr. Bento andava sempre a cavalo.

d) "A hoteleira colocou na minha mesa uma jarra de flores, privilégio, segundo me dissera, dos hóspedes recém-chegados." (ANÍBAL MACHADO)

e) "Os pequenos são dois, um menino e uma menina." (ARTUR AZEVEDO)

f) O irmão de Álvaro, o Jaime, esse viveu pouco tempo em nossa companhia, uns dois anos.

g) "Tibiriçá, o líder da tribo, vivia na aldeia de Piratininga." (EDUARDO BUENO)

h) "Os meus cães, Rex e Rita, companheiros fiéis de todas as horas, como animais de puro-sangue, estão excluídos da competição." (VIVALDO COARACI)

i) Ente racional e livre, o homem é capaz de distinguir o bem do mal, o justo do injusto.

j) "Os livros deviam passar diretamente para as estantes, o que pouparia tempo e trabalho." (CECÍLIA MEIRELES)

6. Como o exercício precedente:

a) O recente clube do bairro dera ao jovem outra alegria: a piscina.

b) A anta, ou tapir, animal pacato, não ataca o homem.

c) "Onde estariam os descendentes de Amaro vaqueiro?" (GRACILIANO RAMOS)

d) Possuímos, no Brasil, um barco magnífico, o saveiro.

e) "Tudo acabou: as casas, os jardins, as árvores." (RUBEM BRAGA)

f) "De maio a agosto, os meses sem r, ninguém podia tomar banho no rio, dava febre". (JOSÉ J. VEIGA)

g) Só eles, os práticos, conhecem os segredos da baía e sabem orientar os comandantes dos navios.

h) "Era gordo, alto e claro – três coisas que o envaideciam." (LÊDO IVO)

i) Pobres e ricos, párias e marajás, todos se banham nas águas sagradas do Ganges.

j) "Mas onde há essas pontes, o mono não ousa passar porque ali enxameiam esses estranhos monos sem cauda, os homens, bichos cruéis que matam outros bichos só pelo prazer de matar." (RUBEM BRAGA)

7. Depois de copiar os períodos abaixo, sublinhe com um traço os apostos e com dois os vocativos:

a) "Olhe, D. Evarista, disse-lhe o padre Lopes, vigário do lugar, veja se seu marido dá um passeio ao Rio de Janeiro." (MACHADO DE ASSIS)

b) "Ó grande mar – escola de naufrágios!

Chora um adeus em cada colo de onda!" (GEIR CAMPOS)

c) "Ei, você aí, ó sardento, esfrega aquele pedaço de tijolo nas lajes." (JOSUÉ GUIMARÃES)

d) "É tão igual ao nosso o teu semblante, ó Natureza!" (CABRAL DO NASCIMENTO)

e) "Olá, meu rapaz, isto não é vida!" (MACHADO DE ASSIS)

f) "Entrou de lábios comprimidos, o que lhe afilava mais ainda o narizinho pontudo." (ANTONIO CALADO)

g) "Vai, minha alma, branco veleiro,

vai sem destino, a bússola tonta..." (MARIA FERNANDA DE CASTRO)

h) "O Redentor do homem, Jesus Cristo, é o centro do cosmo e da História." (JOÃO PAULO II)

8. Dê a função sintática das palavras destacadas:

A disposição de enfrentar **qualquer** sacrifício para garantir o **carnaval** foi levada ao extremo, **ontem**, pelas muitas **pessoas** que procuraram as agências da Caixa Econômica Federal a fim de penhorar **joias** e **outros** objetos de **valor, recurso** que **lhes** garantiu o dinheiro necessário à **compra** das **fantasias** ou ao ingresso nos **bailes**.

9. Siga o exemplo, trocando o adjunto adverbial pelo predicativo do sujeito:

Exemplo: As chamas propagaram-se **rapidamente**.

As chamas propagaram-se **rápidas**.

a) As gaivotas voavam **apressadamente** sobre as ondas.
b) Os dois homens avançaram **cautelosamente**.
c) A música difundiu-se **suavemente** e **deleitosamente** pela sala.

10. Dê a função sintática dos termos destacados:

a) O **imenso** mar **azul** deixava-o deslumbrado.
b) **Naquele instante**, o garoto começou a gritar.
c) O jeito, **companheiros**, é permanecermos unidos.
d) Ande **mais devagar**, Ana!
e) Clarice Lispector, **grande escritora moderna**, nasceu em 1925 na Ucrânia.

11. Escreva as frases substituindo os asteriscos por adjuntos adnominais:

a) * amigo sempre esteve presente nos momentos mais * de minha vida.
b) João trouxe * livros * para o trabalho.
c) * vizinho só quer mesmo sombra e água * .
d) * amigos moram em * e * cidades.

12. Identifique as circunstâncias expressas pelos adjuntos adverbiais em cada frase.

a) Só entrarão com autorização do diretor.
b) Chorei de emoção.
c) Conversávamos sobre pintura e música.
d) Saía com amigos todas as tardes.
e) Arrumou-se para a festa dos vizinhos.

13. Complete as frases utilizando adjuntos adverbiais que expressem as circunstâncias indicadas.

a) * fosse melhor você mesma conversar com Pedro. (dúvida)
b) Fez o desenho * . (conformidade)
c) Não escreva * . (modo)
d) Fez o trabalho todo * rapidamente. (intensidade)
e) * participava das reuniões que promovíamos. (tempo)

14. Nas frases seguintes, identifique o aposto e o vocativo:

a) Meu amigo, você viu Tião, o rei do acarajé?
b) O desastre deixou muitos feridos, coisa lastimável.
c) Professor, como se resolve este problema?

TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO
Exercícios de exames e concursos
[Página 684]

PERÍODO COMPOSTO

O período composto, como já dissemos, é constituído de duas ou mais orações.

1 FORMAÇÃO DO PERÍODO COMPOSTO

Para a formação do período composto, podemos usar dois processos sintáticos: a *coordenação* e/ou a *subordinação*.

- Na **coordenação**, as orações se sucedem igualitariamente, sem que umas dependam sintaticamente das outras. Exemplos:

  "Assinei as cartas / e meti-as nos envelopes." (GRACILIANO RAMOS)

  "Adaptou-se à aspereza da vida, / enfrentou a adversidade, / desafiou o destino." (VIVALDO COARACI)

- Na **subordinação**, pelo contrário, há orações que dependem sintaticamente de outras, isto é, que são termos (sujeito, objeto, complemento, etc.) de outras. O período seguinte, por exemplo, está estruturado por subordinação, porque a oração em destaque é objeto direto da precedente, ou seja, completa o sentido da outra oração:

  Sílvia esperou / **que o marido voltasse**. [= Sílvia esperou **a volta do marido**.]

- O **período composto por coordenação** é constituído de orações independentes. Estas ou vêm ligadas pelas conjunções coordenativas ou estão simplesmente justapostas, isto é, sem conectivo que as enlace. Exemplos:

  "O guerreiro cristão atravessou a cabana / **e** sumiu-se na treva." (JOSÉ DE ALENCAR)

  "Agachou-se, / apanhou uma pedra / **e** atirou-a." (FERNANDO SABINO)

  A música se aviva, / o ritmo torna-se irresistível, frenético, alucinante.

- O **período composto por subordinação** consta de uma ou mais de uma oração principal e de uma ou mais orações dependentes ou subordinadas. Exemplos:

  Malha-se o ferro / **enquanto** está quente.

  Malha-se o ferro: oração principal; *enquanto está quente*: oração subordinada.

  Peço-te / **que** procedas / **como** convém.

  Peço-te: oração principal; *que procedas*: oração subordinada; *como convém*: oração subordinada.

Combinando os dois processos, temos um **período composto por coordenação e subordinação**, simultaneamente, ou **período misto**, no qual encontramos orações coordenadas independentes, orações principais e orações subordinadas. Exemplo:

Examinei a árvore / **e** constatei / **que** nos seus galhos havia parasitas.

Examinei a árvore: oração coordenada; *e constatei*: oração coordenada e principal; *que nos seus galhos havia parasitas*: oração subordinada.

Dos exemplos citados vê-se que num período composto podem ocorrer três tipos de orações:

a) coordenadas

b) principais

c) subordinadas

EXERCÍCIOS LISTA 42

1. Utilizando o processo sintático da subordinação, reduza as frases de cada grupo a um só período, fazendo as necessárias adaptações:

a) Fui à cidade vizinha despedir-me de um irmão. Ele trabalhava num hotel.

b) Plínio recebeu a boa notícia e sentiu-se muito comovido. Chegou a chorar.

c) O grupo escolar ficava perto, mas eu ia sempre acompanhado de minha irmã Luciana. Ela me havia ensinado a ler.

d) Alberto me fez uma pergunta. Não prestei atenção. Eu estava pensando em outra coisa.

e) O proprietário voltaria mais tarde. Assim nos informou o porteiro do edifício.

f) Nem os próprios deuses podem contentar toda a gente. Muito menos nós, homens, o podemos fazer.

g) O filho andara tanto tempo afastado deles. Agora parecia-lhes um estranho.

2. Como o exercício precedente:

a) Jacinto não sabia como preencher o tempo. Aborrecia-se muito com isso.

b) Ele não era daquela terra: via-se isso pelo modo de vestir e de falar.

c) Conduziram-me à presença da diretora, numa sala severa. Das paredes desta sala pendiam quadros e um crucifixo.

d) Foi violenta a fúria da tromba-d'água. Até veículos eram arrastados para o abismo.

e) Éramos ainda crianças. Não podíamos sair sozinhos aos domingos. Isto nos deixava humilhados.

f) Entre a minha casa e a do vizinho há um muro. Vejo, às vezes, por cima dele, cabecinhas de crianças esperando o momento oportuno para furtarem mangas.

g) Esta dura sentença não me abalou. Até me envaideceu.

3. Os períodos abaixo estão mal construídos. Desdobre-os em outros mais curtos e corretos. Faça as alterações necessárias:

a) Era noite fechada e todas as luzes estavam acesas, enquanto na estação um apito estridente deu ordem de partida e a locomotiva resfolegou, silvou forte, e o trem começou a deslocar-se em marcha lenta.

b) Um, dois dias de ansiosa espera, até que, afinal, certa hora em que o sol estava a pino, escureceu de súbito e relâmpagos cortaram o espaço e, dentro de minutos, as águas desabavam fartas, lavando a terra abrasada.

4. Transforme em períodos compostos:

a) "O tempo corrige tudo. Aumenta o saber. Clareia a mente da gente." (José Fonseca Fernandes)

b) "A campainha do telefone tocou várias vezes. Imperativa, insistente, irritante. Não me mexi." (Vilma Guimarães Rosa)

c) "Trabalhava no algodão, debaixo da poeira. Por isso vivia tossindo." (João Clímaco Bezerra)

d) Em Belém, pode-se visitar o Paraíso das Tartarugas. Ali centenas desses répteis são criados em viveiros.

5. Escreva cada período, numerando-o de acordo com o respectivo processo sintático:

(1) coordenação

(2) subordinação

(3) coordenação e subordinação

O matuto respondeu que onça só ataca homem nas fitas de cinema.

Eu tinha pressa e precisava de alguém que me ajudasse.

Acolheremos essas crianças ou as deixaremos na rua.

O cão que fica acorrentado salta de alegria, quando é posto em liberdade.

O jornal é torrente que desliza e passa, o livro é lago que recolhe e guarda.

Vão-se os anéis, mas fiquem os dedos.

6. Estruture os períodos abaixo pelo processo da subordinação. Ligue as orações em destaque com os conectivos indicados entre parênteses, fazendo as necessárias alterações:

a) **Era inocente** e condenaram-no. (**embora**)

b) **Entreterás as crianças com bons divertimentos** e elas serão dóceis. (**se**)

c) **Ele interveio arbitrariamente no caso** e todos ficaram revoltados. (**como**)

d) **As terras estavam ocupadas por terceiros**, mas nunca haviam sido alienadas por seus legítimos donos. (**conquanto**)

e) As fibras do linho eram trançadas umas nas outras: **assim se obtinham fios longos**. (**para que**)

f) Os caracteres estavam desbotados; **a carta era quase ilegível**. (**tão... que**)

PERÍODO COMPOSTO
Exercícios de exames e concursos
[Página 685]

ORAÇÕES COORDENADAS INDEPENDENTES

Esquema:

Orações coordenadas
- assindéticas (= não ligadas)
- sindéticas (= ligadas)
  - aditivas
  - adversativas
  - alternativas
  - conclusivas
  - explicativas

Oração coordenada é a que está ligada a outra de mesma natureza sintática.

No período composto por coordenação, as coordenadas são independentes (isto é, não funcionam como termos de outras) e se dizem:

a) **sindéticas**, quando se prendem às outras pelas conjunções coordenativas;

b) **assindéticas**, se estiverem apenas justapostas, sem conectivo, como as duas primeiras orações deste período:

"Inclinei-me, apanhei o embrulho e segui." (Machado de Assis)

Inclinei-me: oração coordenada assindética;

apanhei o embrulho: oração coordenada assindética;

e segui: oração coordenada sindética aditiva.

Outros exemplos de orações coordenadas assindéticas:

"A noite avança, há uma paz profunda na casa deserta." (Antônio Olavo Pereira)

"O ferro mata apenas; o ouro infama, avilta, desonra." (Coelho Neto)

"Avancei lentamente até o bueiro, sentei-me." (Graciliano Ramos)

"Jonas dá o sinal de partida, as lanchas se movimentam lentamente, os saveiros acompanham." (Jorge Amado)

1 ORAÇÕES COORDENADAS SINDÉTICAS

As *orações coordenadas sindéticas* recebem o nome das conjunções coordenativas que as iniciam. Podem ser, portanto:

- **aditivas** (expressam adição, sequência de fatos ou de pensamentos):

A doença vem a cavalo *e volta a pé*.

As pessoas não se mexiam *nem falavam*.

"Não só findaram as queixas contra o alienista, *mas até nenhum ressentimento ficou dos atos* que ele praticara." (MACHADO DE ASSIS)

Os livros não somente instruem, *mas também divertem*.

Ela não somente se orgulhava de seu marido *como também o amava muito*.

Observações:

✔ Nos três últimos exemplos, as orações coordenadas aditivas aparecem correlacionadas e são enfáticas. A conexão de orações desse tipo se faz por meio do par correlato *não só... mas também*, que apresenta as variantes: *não somente... mas ainda, não somente... como também, não somente... senão também, não só... mas até*.

✔ Usa-se e antes de *nem* só em dois casos. Primeiro, se a ênfase o exigir: "Não queremos *e nem* podemos entrar no exame de tamanha complexidade." (JOÃO RIBEIRO). Segundo, nas expressões *e nem sequer, e nem por isso, e nem assim, e nem sempre:* Recebeu a esmola *e nem sequer* agradeceu. Viu seus projetos desprezados *e nem por isso* se abalou.

- **adversativas** (exprimem contraste, oposição, ressalva):

A espada vence, *mas não convence*.

"É dura a vida, *mas aceitam-na*." (CECÍLIA MEIRELES)

Tens razão, *contudo não te exaltes*.

Havia muito serviço, *entretanto ninguém trabalhava*.

O mar é generoso, *porém às vezes torna-se cruel*.

O instinto social não é privilégio do homem, *antes, se nos depara nos próprios animais*. [*antes* = pelo contrário]

"Já não era um tímido passageiro que embarcara em São Paulo *e sim um estoico aviador*." (JOSÉ FONSECA FERNANDES) [*e sim* = mas]

- **alternativas** (exprimem alternância, alternativa, exclusão):

Venha agora *ou perderá a vez*.

"Jacinta não vinha à sala, *ou retirava-se logo*." (MACHADO DE ASSIS)

"Em aviação, tudo precisa ser benfeito *ou custará preço muito caro.*" (RENATO INÁCIO DA SILVA)
"A louca ora o acariciava, ora o rasgava freneticamente." (LUÍS JARDIM)
"Ou Amaro estuda ou largo-o de mão!" (GRACILIANO RAMOS)
O misterioso disco já escurecia, já brilhava intensamente.

Observação:

✔ Nos três últimos exemplos, ambas as orações são coordenadas alternativas.

- **conclusivas** (expressam conclusão, dedução, consequência):
  Vives mentindo; *logo, não mereces fé.*
  Ele é teu pai: *respeita-lhe, pois, a vontade.*
  Raimundo é homem são, *portanto deve trabalhar.*

- **explicativas** (exprimem explicação, motivo, razão):
  Leve-lhe uma lembrança, *que ela aniversaria amanhã.*
  "A mim ninguém engana, *que não nasci ontem.*" (ÉRICO VERÍSSIMO)
  "Qualquer que seja a tua infância, conquista-a, *que te abençoo.*" (FERNANDO SABINO)
  O cavalo estava cansado, *pois arfava muito.*
  Não mintas, *porque é pior para ti.*
  Ninguém podia queixar-se, *porquanto eu estava cumprindo o meu dever.*
  Decerto alguém o agrediu, *pois* (ou *porque*) *o nariz dele sangra.*

Observação:

✔ As orações coordenadas *explicativas* não devem ser confundidas com as subordinadas adverbiais *causais:* estas exprimem a causa de um fato, aquelas dão o motivo, a explicação da declaração anterior. Exemplos:

João está triste *porque perdeu o emprego.* → oração adverbial causal
[A perda do emprego é a causa da tristeza de João.]

A criança devia estar doente, *porque chorava muito.* → oração explicativa
[O choro da criança não podia ser a causa de sua doença.]

Note-se também que há pausa (vírgula, na escrita) entre a oração explicativa e a precedente e que esta é, muitas vezes, imperativa, o que não acontece com a oração adverbial causal.

2 ORAÇÕES COORDENADAS ASSINDÉTICAS

As *orações coordenadas assindéticas* são separadas por pausas, que na escrita se marcam por vírgula, ponto e vírgula ou dois-pontos. Exemplos:

"O sol apareceu, cortou o nevoeiro." (José Fonseca Fernandes)

"Matamos o tempo; o tempo nos enterra." (Machado de Assis)

"Não dançou; viu, conversou, riu um pouco e saiu." (Machado de Assis)

"Apertei-lhe a mão: estava gelada." (Carlos de Laet)

Observação importante:

✔ As orações coordenadas são autônomas quanto à estrutura sintática, mas inter-relacionadas, interdependentes, quanto ao sentido.

EXERCÍCIOS — LISTA 43

1. Transcreva apenas o período cujas orações são todas coordenadas assindéticas:

a) Teria o avião caído na selva ou estaria pousado em local desconhecido?

b) "A mata agita-se, revoluteia, contorce-se toda e sacode-se!" (Manuel Bandeira)

c) "Elisa recomenda à pequena Araci atenção na casa, fecha a porta, dirige-se para o Correio". (Jorge Amado)

2. Classifique as orações coordenadas sindéticas em destaque, numerando-as de 1 a 5, de acordo com a tabela abaixo:

(1) aditivas
(2) adversativas
(3) alternativas
(4) conclusivas
(5) explicativas

- Ou galopa **ou sai da estrada**. (Refrão gaúcho)
- "A civilização não se mede pelo aperfeiçoamento material, **mas sim pela elevação moral**." (Eduardo Prado)
- Os operários protestam, reclamam **e exigem explicações**.
- Decerto choveu nas cabeceiras do rio, **porque o caudal avolumou-se muito, hoje**.
- Os argumentos sobre os malefícios da poluição não os abalam **nem comovem**.
- O homem depende do solo e da flora; **deve, pois, preservá-los**.
- "O navio deve estar mesmo afundando, **pois os ratos já começaram a abandoná-lo**." (Érico Veríssimo)
- Seremos vencedores **ou iremos provar o amargor da derrota**?
- O rio ora se estreitava, **ora se alargava caprichosamente**.
- Mônica não era uma beldade, **contudo impunha-se pela sua simpatia**.
- Astrônomos já tentaram estabelecer contato com seres extraterrestres; **suas tentativas, porém, resultaram infrutíferas**.

3. Escreva três vezes o período final do exercício anterior, trocando a conjunção **porém** por outras equivalentes.

4. Divida e classifique as orações coordenadas:

a) "Ele falava, contava tudo." (Olavo Bilac)

b) Ou o governo gasta menos ou acabará dando com os burros n'água.

c) "As grandes árvores nem se mexem, pois não dão confiança a essa brisa, mas as plantinhas miúdas ficam felizes." (Aníbal Machado)

d) "O major Camilo não ata nem desata." (Ricardo Ramos)

e) A punição foi justa, portanto não se queixe.

f) "Abram-me estas portas, que eu a trarei!" (Camilo Castelo Branco)

g) Não tinha experiência, mas boa vontade não lhe faltava.

h) "Um cachorro talvez rosnasse ou mordesse." (Adonias Filho)

i) A árvore provavelmente estava meio podre, pois o vento a derrubou.

5. Divida e classifique as orações coordenadas destes períodos:

a) A mulher tentou passar, porém sua passagem foi barrada.

b) A ordem era absurda, entretanto ninguém protestou.

c) As folhas, no inverno, amarelecem e caem, ou ficam inativas.

d) Netuno é deus do mar, mas Baco tem afogado mais gente. (Provérbio grego)

e) Não te queixes, que há outros mais infelizes.

f) "O dia é belo, esplende ao sol a baía, os aviões rumorejam, passam mulheres perfumadas." (Aníbal Machado)

g) Os verdadeiros mestres não só ensinam, mas também educam.

h) O acusado não é criminoso; logo, será absolvido.

i) "Ora se esconde, ora ressurge, ora se inclina." (Olegário Mariano)

j) Ela é rica, poderia exibir roupas finas, no entanto veste-se com simplicidade.

k) "A atmosfera oleosa não arejava o peito, antes sufocava." (Autran Dourado)

l) O Sol não somente ilumina a Terra, mas ainda lhe dá calor e vida.

6. Relacione as orações em destaque a seus significados:

(1) acrescentamento
(2) contraste, oposição
(3) alternância, alternativa
(4) conclusão
(5) explicação, motivo

Deus é amor, **portanto Ele nos ama**.
A água evapora-se **e forma as nuvens**.
Ela devia estar triste, **pois não sorriu uma só vez**.
Ou ele se rende **ou será morto**.
A vida o arrocha, **mas Tomé não afrouxa**.
Não reclame de seus pais, **que ninguém no mundo é perfeito**.
Alguns ora aplaudiam, **ora vaiavam os oradores**.

ORAÇÕES COORDENADAS INDEPENDENTES
Exercícios de exames e concursos

[Página 685]

ORAÇÕES PRINCIPAIS E SUBORDINADAS

1 ORAÇÃO PRINCIPAL

Analisemos este período composto por subordinação:

Pedi que tivessem calma. [= Pedi calma.]

Pedi: oração principal

que tivessem calma: oração subordinada

A primeira oração é principal porque não depende, sintaticamente, da segunda, que a completa.

A segunda oração é subordinada porque completa o sentido da primeira, da qual depende, funcionando como objeto direto.

Vejamos, agora, este período composto por coordenação e subordinação:

Acordamos quando amanhecia e partimos alegres.

[= Acordamos de manhã cedo e partimos alegres.]

Acordamos: oração principal
quando amanhecia: oração subordinada adverbial temporal
e partimos alegres: oração coordenada sindética aditiva

Observe que a segunda oração depende da primeira, funcionando como um adjunto adverbial de tempo.

Oração principal ***é a que não exerce, no período, nenhuma função sintática e vem acompanhada de oração dependente, que lhe completa ou amplia o sentido.***

Oração principal somente pode ocorrer num período composto por subordinação ou num período misto.

Orações coordenadas são ao mesmo tempo *principais* sempre que houver outras que delas dependam. Exemplo:

Eu não disse nada, **mas achei** que tinham razão.

Eu não disse nada: oração coordenada assindética
mas achei: oração coordenada sindética adversativa e principal
que tinham razão: oração subordinada à segunda oração

A segunda oração é coordenada sindética adversativa e, ao mesmo tempo, principal em relação à seguinte.

Num período misto, pode haver mais de uma oração principal. Exemplos:

Eu sei que a vida é bela, **mas também não ignoro** que ela é áspera.

"**Estimo** que sejam felizes, **e espero** que não se esqueçam de mim." (MACHADO DE ASSIS)

As orações em destaque são principais em relação às imediatas.

2 ORAÇÃO SUBORDINADA

Oração subordinada é a que depende de outra: serve-lhe de termo e completa-lhe ou amplia-lhe o sentido.

Quando se apresenta desenvolvida vem, geralmente, ligada por um conectivo subordinativo. Exemplos:

Eu não esperava **que ele concordasse**.

Tínhamos certeza **de que seríamos mal recebidos**.

O tambor soa **porque é oco**.

A cobra é um animal **que se arrasta**. [= rastejante]

A oração subordinada exerce função sintática de um termo de outra oração, sendo, por isso, necessária à perfeita realização do enunciado. Nos exemplos dados, as orações em destaque são, respectivamente, objeto direto, complemento nominal, adjunto adverbial de causa e adjunto adnominal.

Uma oração subordinada pode depender de outra subordinada e não da principal, que inicia o período. Exemplo:

Quero que saibam **quanto o sucesso me custou**.

Quero: oração principal

que saibam: oração subordinada à principal

quanto o sucesso me custou: oração subordinada à segunda oração

3 CLASSIFICAÇÃO DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS

As orações subordinadas classificam-se, de acordo com seu valor ou função, em *substantivas*, *adjetivas* e *adverbiais*.

- **substantivas** – exercem as funções próprias dos substantivos (sujeito, objeto direto, objeto indireto, predicativo, complemento nominal, aposto). Exemplos, com as orações substantivas em destaque:

  Peço **que desistas**. → oração substantiva objetiva direta
  [Peço **tua desistência**. → objeto direto]

  É necessário **que você compareça**. → oração substantiva subjetiva
  [É necessário *seu comparecimento*. → sujeito]

- **adjetivas** – exercem a função dos adjetivos (adjunto adnominal):

  Pessoa **que mente** não merece fé.
  [Pessoa *mentirosa* não merece fé.]

  Confortai os homens **que sofrem**.
  [Confortai os homens *sofredores*.]

  "Era esta a verdade **que ninguém contestou**." (CAMILO CASTELO BRANCO)
  [Era esta a verdade *incontestável*.]

- **adverbiais** – exercem a função dos advérbios (adjunto adverbial):

  Chegamos **quando anoitecia**.
  [Chegamos *pela noitinha*.]

  Quando amanhece, sopram ventos frescos.
  [*De manhã* sopram ventos frescos.]

  As pernas tremiam-lhe **porque tinha medo**.
  [As pernas tremiam-lhe *de medo*.]

Quanto à forma, as orações subordinadas podem apresentar-se *desenvolvidas* ou *reduzidas*. Exemplos:

Peço-lhes **que voltem aqui amanhã**. (desenvolvida)
Peço-lhes **voltarem aqui amanhã**. (reduzida)

Se fores por este caminho, chegarás antes. (desenvolvida)
Indo por este caminho, chegarás antes. (reduzida)

Quanto à conexão, as orações subordinadas desenvolvidas podem ser:

a) *sindéticas*, isto é, com conectivo, caso mais frequente. Exemplos:

Acredita-se **que** *o Sol tenha mais de cinco bilhões de anos*.

Os índios se revoltarão, **se** *lhes invadirmos as terras*.

b) *assindéticas* ou *justapostas*, isto é, sem conectivo, caso menos frequente. Exemplos:

Ignoro *quantas reses há nesta fazenda*.

Faziam o trabalho maquinalmente, *tão habituados estavam*.

4 ORAÇÕES SUBORDINADAS COORDENADAS

Duas ou mais orações subordinadas com a mesma função podem estar coordenadas entre si. Exemplos:

Teus pais desejam *que estudes* **e** *que te formes*.

Teus pais desejam
- que estudes → oração substantiva objetiva direta
- **e**
- que te formes → oração substantiva objetiva direta

Se trabalhares **e** *(se) fores honesto*, serás feliz.

Quando ela chegar **e** *(quando) te vir aqui*, ficará contente.

Exigiu-me *que cultivasse as terras* **ou** *as vendesse.* [ou *que* as vendesse]

"O homem brinca com as forças da natureza *que ele não conhece* **nem** *domina.*" (VIVALDO COARACI) [*nem domina* = e *que* não domina]

Tenho a sensação *de que viajo para muito longe* **e** *não voltarei nunca mais.* [*Isto é:* e de que não voltarei nunca mais.]

"A ausência diminui as paixões medíocres e aumenta as grandes, *como o vento apaga as velas* **e** *atiça as fogueiras.*" (MACHADO DE ASSIS)

"Continuou resmungando lá dentro, *enquanto arrastava malas, abria* **e** *fechava gavetas com estrondo.*" (A. OLAVO PEREIRA)

"Era estranho *que a mana se conservasse calada, não desse uma palavra, não fizesse um comentário.*" (LUÍS JARDIM)

"Arriscou algumas passadas, convencido *de que o observavam* **e** *censuravam.*" (GRACILIANO RAMOS) [**e** *de que o* censuravam]

"Por mais que eu admire o mestre do 'Grande Sertão', **e** *bastantemente o inveje,* não creio que o ande imitando." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

Observação:

✔ Só se coordenam orações subordinadas de mesma espécie e função. Observe que o conectivo subordinativo, as mais das vezes, está elíptico.

EXERCÍCIOS — LISTA 44

1. Divida as orações colocando-as entre colchetes e ponha **P** sobre as principais e **S** sobre as subordinadas:

a) O meteorologista avisou que o ano seria chuvoso.

b) Chegaram as grandes máquinas que iam aplainar o terreno.

c) Enquanto o patrão viveu, a empresa prosperou.

2. Transcreva os períodos compostos e sublinhe as orações principais:

a) "Respondi-lhe que não era poeta." (MACHADO DE ASSIS)

b) Se o Nilo secar amanhã de manhã, o Egito morrerá amanhã à noite. (Adágio)

c) "Conto com vossemecê, e creia que tem em mim um amigo." (CAMILO CASTELO BRANCO)

d) "Os olhos, que eram travessos, fizeram-se murchos." (MACHADO DE ASSIS)

e) Assegurou-me que viajaria, mas não me disse quando ia voltar.

3. Continue o exercício, colocando entre colchetes as orações subordinadas coordenadas entre si, atendendo aos conectivos ocultos:

a) Pediu-me [que esquecesse tudo] [e lhe perdoasse].

b) "Há umas plantas que nascem e crescem depressa, outras são tardias e pecas." (MACHADO DE ASSIS) [*peco (pê)* = atacado de doença]

c) "Peça-lhe que viva, que se case e que me esqueça." (CAMILO CASTELO BRANCO)

d) Quando se trabalha e se tem esperança, a felicidade mora em nós.

e) "Chovesse ou fizesse sol, o Major não faltava." (Povina Cavalcânti)

f) "Não haverá ninguém no cais, porque é tarde e faz frio lá fora." (Vilma Guimarães Rosa)

4. Copie os períodos, numerando-os de acordo com o tipo de oração subordinada:

(1) subordinada substantiva

(2) subordinada adjetiva

(3) subordinada adverbial

Reconheço **que agi mal**.

Quando me retirei, já era noite fechada.

É conveniente **que fiques aqui**.

Quero isto **porque é justo**.

Há plantas **que são venenosas**.

Pedra **que rola** não cria limo.

5. Substitua as orações subordinadas adjetivas por adjetivos e as substantivas por substantivos equivalentes, fazendo as necessárias alterações:

Exemplo: Necessito **de que me ajudes**.

Necessito **de tua ajuda**.

a) O senhor necessita **de que o ajudemos**?

b) O homem **que estuda** penetra o mistério das coisas.

c) Pratiquemos ações **que enobreçam**.

d) É indispensável **que estejam presentes e que participem nos debates**.

e) Meu pai não se opõe **a que eu viaje à Europa**.

f) Alimentas um ideal **que não se pode atingir, que é uma utopia**.

6. Substitua os termos em destaque por orações subordinadas equivalentes iniciadas por conectivos subordinativos, fazendo as adaptações necessárias:

a) Evitemos palavras **ofensivas**.

b) O professor pediu **a colaboração dos alunos**.

c) Ninguém impede **vossa permanência** aqui.

d) **Ao escurecer**, as aves buscam os ninhos.

e) **À nossa chegada**, a multidão se alvoroçou.

f) O comandante exortava os soldados **à luta** contra os invasores.

g) Em princípio, sou favorável **ao teu pedido tão insistente**.

h) **Com a minha aproximação**, eles se calaram.

i) Será necessário **nosso comparecimento** à reunião.

j) É imprescindível **a colaboração de todos** nesta campanha.

k) O médico advertiu-a **da gravidade da doença**.

l) Cerca-o uma corte **aduladora e exploradora**.

m) Admitia-se **a existência de seres vivos** na Lua.

ORAÇÕES PRINCIPAIS E SUBORDINADAS
Exercícios de exames e concursos
[Página 685]

ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS

As *orações subordinadas substantivas* são designadas de acordo com a sua função no período.

1 CLASSIFICAÇÃO DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS

Compreendem sete espécies:

- **subjetivas** – funcionam como sujeito do verbo da oração principal:
  É necessário **que você colabore**. [= *Sua colaboração* é necessária.]
  Parece **que a situação melhorou**.
  Aconteceu **que não o encontrei em casa**.
  Importa **que saibas isso bem**.
  Às vezes sucedia **que um de nós se machucava**.
  Não consta **que ele fosse antirreligioso**.
  Convém **que sigas uma profissão**.
  É bom **que você venha**.
  Não é segredo **que os dois não se entendem**.
  Ficou provado **que os documentos eram falsos**.
  Foi decidido **que não haveria convites**.
  Não se sabia **se ela vinha**.
  Sabe-se **que ele é rico**.
  Constatou-se **que os remédios eram falsos**.
  Acreditava-se **que a Terra fosse imóvel**.
  "Receava-se **tivesse havido algum desastre**." (ANÍBAL MACHADO)
  Dir-se-ia **que ele estava cego**.
  Julgar-nos-á **quem nos criou**.
  Quem avisa amigo é.
  Ignora-se **como** (ou **quando** ou **onde**) **se deu o acidente**.
  "Logo correu **que havia chegado à terra um literato**." (GRACILIANO RAMOS)
  "Nunca se sabe **quem está conosco ou contra nós**." (ÉRICO VERÍSSIMO)

Observação:

✔ As subordinadas subjetivas, como se vê nos exemplos acima, desempenham a função de sujeito de verbos usados na 3ª pessoa do singular e são iniciadas, quando se apresentam desenvolvidas, pelas conjunções integrantes *que* (às vezes elíptica) e *se*, pelos pronomes indefinidos *quem, qual, quanto, que*, e pelos advérbios *como, quando, onde, porque, quão*, nas interrogações indiretas.

- **objetivas diretas** – funcionam como objeto direto do verbo da oração principal:

O mestre exigia **que todos estivessem presentes**. [= O mestre exigia *a presença de todos*.]

Mariana esperou **que o marido voltasse**.

Ninguém pode dizer: **desta água não beberei**.

O fiscal verificou **se tudo estava em ordem**.

Perguntaram **quem era o dono da fábrica**.

Indaguei **de quem eram aqueles quadros**.

Veja **que horas são**.

Não posso dizer **qual delas é a mais feia**.

Ignoro **quantos são os desabrigados**.

O freguês perguntou **quanto custava aquele relógio**.

Ignoramos **como se salvaram**.

Perguntei-lhe **quando ia casar**.

Não sabemos **onde anda o proprietário do imóvel**.

Eu sei **por que ele não veio**.

Bem sabes **quão desagradáveis são essas coisas**.

Peço a Vossa Excelência **me escute um pouco mais**. [= *que* me escute]

Adriana me perguntou **de quem era o retrato**.

"Ignoro **a que pessoas se referia o Dr. Magalhães**." (Graciliano Ramos)

"No meu quarto, caí vencido sobre a cama, abafando soluços que não desejava **fossem ouvidos na sala ao lado**." (Gastão Cruls) [= *que* fossem ouvidos]

"Jamais pensei **fosse tão bom assim**." (Marina Colasanti)

As orações substantivas objetivas diretas desenvolvidas são iniciadas:

a) pelas conjunções integrantes *que* (às vezes elíptica) e *se*;

b) pelos pronomes indefinidos *que, quem, qual, quanto* (às vezes regidos de preposição), nas interrogações indiretas;

c) pelos advérbios *como, quando, onde, por que, quão* (às vezes regidos de preposição), nas interrogações indiretas.

- **objetivas indiretas** – funcionam como objeto indireto:

Não me oponho **a que você viaje**. [= Não me oponho *à sua viagem*.]

Aconselha-o **a que trabalhe mais**.

Daremos o prêmio **a quem o merecer**.

Lembre-se **de que a vida é breve**.

O santo exortava o povo **a que se mantivesse fiel a Deus**.

O soldado insistia **em que a prisão fosse feita**.

"O coronel Ferreira avisava-o **de que se acautelasse**." (Camilo Castelo Branco)

"Alguém me convencera **de que eu devia jejuar**." (Graciliano Ramos)

"Abriu-se o templo **a quem quer que cresse em Deus**." (Jônatas Serrano)

Observações:

✔ As orações objetivas indiretas são regidas de preposição.

✔ É frequente a elipse (omissão) da preposição:

"Não me lembrei *que estava diante de um cavalheiro...*" (Camilo Castelo Branco), isto é: Não me lembrei *de* que estava diante de um cavalheiro.

"Esqueceu-se *que tenho cinquenta anos?*" (Camilo Castelo Branco), ou seja:

Esqueceu-se *de* que tenho cinquenta anos?

"Ambos concordaram *que essas ideias não tinham senso comum*". (Machado de Assis)

- **predicativas** – exercem a função de predicativo do sujeito:

Seu receio era **que chovesse**. [Seu receio era *a chuva*.]

Minha esperança era **que ele desistisse**.

Meu maior desejo agora é **que me deixem em paz**.

Não sou **quem você pensa**.

Arnaldo foi **quem trabalhou menos**.

Para alguns a pátria é **onde se está bem**.

"O certo é **que a pacata fisionomia da cidadezinha ganhou animação**."
(Povina Cavalcânti)

Em certos casos, são realçadas com a preposição expletiva *de*:

A expectativa é **de que a safra agrícola aumente**.

"A impressão é **de que uma e outra seriam a mesma coisa**."
(Carlos Castelo Branco, *Jornal do Brasil*, 10/9/1991)

- **completivas nominais** – têm a função de complemento nominal de um substantivo ou adjetivo da oração principal:

Sou favorável **a que o prendam**. [= Sou favorável *à prisão dele*.]

Estava ansioso **por que voltasses**.

Sê grato **a quem te ensina**.

"Fabiano tinha a certeza **de que não se acabaria tão cedo**." (Graciliano Ramos)

"Deixei-me estar em casa, desde a tarde, na esperança **de que me chamasse**."
(Antônio Olavo Pereira)

"Estava convencido **de que um dia lhe dariam razão**." (Herberto Sales)

"Mariana teve a sensação **de que alguém a observava**." (Ana Miranda)

"O romano estava intimamente convencido **de que era superior a todos os outros povos**."
(Jônatas Serrano)

"É inútil uma coleção de armas **para quem já não caça mais**." (Maria de Lourdes Teixeira)

"Há necessidade **de quem é luz do mundo e sal da terra**." (Dom Eugênio Sales)

Observação:

✔ As completivas nominais são regidas de preposição, a qual em certos casos pode ser omitida, como neste exemplo: "Zé Grande tinha a impressão *que estava voltando a ser criança*." (HAROLDO BRUNO).

- **apositivas** – servem de aposto:

Só desejo uma coisa: **que vivam felizes**. [Só desejo uma coisa: *a sua felicidade*.]

Só lhe peço isto: **honre o nosso nome**.

"Talvez o que eu houvesse sentido fosse o presságio disto: **de que virias a morrer**..." (OSMAN LINS)

"Mas diga-me uma cousa, **essa proposta traz algum motivo oculto**?" (MACHADO DE ASSIS)

"A notícia veio de supetão: **iam meter-me na escola**." (GRACILIANO RAMOS)

"E confesso uma verdade: **eu era um homem puro**." (POVINA CAVALCÂNTI)

- orações com função de **agente da passiva**:

O quadro foi comprado **por quem o fez**. [= *pelo seu autor*]

A obra foi apreciada **por quantos a viram**.

Observação:

✔ A NGB não faz referência a esse tipo de oração substantiva.

Orações subordinadas substantivas podem estar coordenadas. Exemplos:

"Parece **que a paisagem tem vida e se ajoelha** a rezar." (OLEGÁRIO MARIANO)
[*e se ajoelha* = e *que* se ajoelha]
"Contei-lhe **que Timóteo vendera o forde e se mudara**." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA) [*e se mudara* = e *que* se mudara]

"Tínhamos a impressão **de que a fala ranzinza nos acariciava e repreendia**."
(GRACILIANO RAMOS) [*e repreendia* = e *de que* repreendia]

"Só aí me inteirei **de que ela havia sofrido e era boa**." (GRACILIANO RAMOS) [*e era boa* = *e de que* era boa]

EXERCÍCIOS — LISTA 45

1. Siga os exemplos, transformando os termos em destaque em orações substantivas, sem alterar o sentido básico das frases. Observe que as orações substantivas têm as mesmas funções dos substantivos:

É possível **a ida do homem a Vênus**.

É possível **que o homem vá a Vênus**.

a) Parecia impossível **o voo de máquinas tão pesadas**.

b) Interessa a todos **a baixa dos preços**.

Pedimos **seu comparecimento em nosso escritório**.
Pedimos **que compareça em nosso escritório**.

c) O porteiro impediu **a entrada dos retardatários**.
d) Constatei **a existência, em mim, de forças antagônicas**.

Alfredo precisava **da ajuda de sua irmã**.
Alfredo precisava **de que sua irmã o ajudasse**.

e) Os pais não se opunham **ao casamento da filha com o pugilista**.
f) O funcionário se queixa **da perseguição do chefe**.

Tínhamos medo **do ataque de animais ferozes**.
Tínhamos medo **de que animais ferozes nos atacassem**.

g) À noite, tive conhecimento **da chegada de meus primos**.
h) Eu estava convicto **da inocência do acusado**.

2. Transcreva apenas os períodos em que há oração substantiva subjetiva:

Aqui está o anel que achei.
Ficarei triste, se você não vier.
Aconteceu que faltou luz.
Sabe-se que o ouro é dúctil.

3. Copie somente o período em que a oração substantiva funciona como sujeito da oração principal:

- Parece que ele é surdo.
- Desejo que venham todos.

4. Ponha entre colchetes as orações substantivas e classifique-as:

(**S**) subjetivas (**OD**) objetivas diretas

a) Sabemos que o calor dilata os corpos.
b) Acreditava-se que o homem chegaria à Lua.
c) Convém que obedeças aos ditames da razão.
d) Ignoramos quando ocorreu o acidente.
e) É provável que os egípcios tenham inventado a fabricação do vidro.
f) É fato inconteste que a civilização grega influenciou a romana.
g) "Ninguém lhe perguntou donde vinha." (Vivaldo Coaraci)
h) Foi decidido que não haveria discursos durante o banquete.
i) Seja dito, a bem da verdade, que Rafael não mentia.
j) Admitamos que o mundo acabe amanhã.
k) "Creio que a grande paixão de Childe foi o Egito." (Manuel Bandeira)

5. Transcreva os períodos antepondo **OI** quando houver oração substantiva objetiva indireta, e **CN** se ocorrer oração completiva nominal:

- "Tenho a certeza de que Sérvulo irá ajudá-la muito." (Vilma Guimarães Rosa)
- "Joana agarrava-se loucamente à esperança de que Dedé haveria de voltar." (Bernardo Élis)

- Eles agora se convenceram de que o estudo é indispensável.
- Margarida lembrou-se de que o relógio estava atrasado.
- Eles agora estão convencidos de que o estudo é indispensável.

6. Copie as frases e numere os períodos, de **1** a **7**, de acordo com as orações subordinadas substantivas que neles ocorrem, obedecendo à seguinte classificação:

(1) orações subjetivas
(2) orações objetivas diretas
(3) orações objetivas indiretas
(4) orações predicativas
(5) orações completivas nominais
(6) orações apositivas
(7) orações com função de agente da passiva

a) Perguntei se ele estava satisfeito ali.
b) É justo que amparemos nossos pais.
c) A minha opinião é que você não deve ir.
d) "Nada obsta a que o joguem [o futebol] com elegantes pernadas as damas e senhoritas." (Carlos de Laet)
e) Havia suspeitas de que ele fosse o criminoso.
f) "Lá se vê quão salutar é a vara da lei." (Camilo Castelo Branco)
g) Não se esqueça de que você também é falível.
h) Seremos julgados por quem nos criou.
i) "Só ponho uma condição: vai almoçar comigo." (Carlos de Laet)
j) Estamos ansiosos por que terminem as aulas.
k) Na traseira do fordeco, lia-se o aviso: "Mantenha distância".
l) Na loteria da vida, o acertador é quem não aposta.
m) Tive o pressentimento de que os dois carros iriam chocar-se.

7. Transcreva apenas o período em que ocorre oração substantiva apositiva:

- No portão da casa havia o aviso: "Nosso cão não é seu amigo".
- No portão da casa estava escrito: "Nosso cão não é seu amigo".
- No portão da casa a placa avisava: "Nosso cão não é seu amigo".

8. Complete os períodos, substituindo os asteriscos por **orações substantivas** adequadas e classifique-as:

a) É necessário **********.
b) Perguntamos **********.
c) Comentava-se **********.
d) Informo V. Sª **********.
e) Bastaria **********.
f) A verdade é **********.

g) Ela estava ansiosa **********.

h) Na traseira do ônibus estava a advertência: **********.

9. Copie o período abaixo e em seguida aponte a análise correta das três orações em destaque:

[**Dizem**] [**que em boca fechada não entram moscas;**] [por isso, é bom] [**que não demos com a língua nos dentes.**]

- oração principal – substantiva objetiva direta – substantiva subjetiva
- oração principal – substantiva subjetiva – substantiva predicativa

10. Divida e classifique as orações deste período:

"O pescador subaquático está agora estendido na relva: ninguém sabe se ele dorme ou perdeu os sentidos." (Érico Veríssimo)

11. Sublinhe e classifique as orações subordinadas substantivas, observando que em quatro períodos há orações subordinadas coordenadas:

a) "Os brancos tinham como dogma que de outra maneira não se levavam pretos." (Monteiro Lobato)

b) Cada vez mais me convenço de que a guerra é uma estupidez.

c) "Parecia-nos que um santuário estava sendo profanado." (Vivaldo Coaraci)

d) O rei o persuadiu a que aceitasse o cargo.

e) "O público insistiu em que não se retirava." (Ramalho Ortigão)

f) "Ninguém pergunta ao retirante donde vem nem para onde vai." (José Américo)

g) "E nunca se sabia como, quando e com que armas ia atacar." (Érico Veríssimo)

h) "A notícia corria de boca em boca: íamos ter um circo na cidade." (Povina Cavalcânti)

i) "Não importa que só tenha quinze anos e se ache feia." (Vilma Guimarães Rosa)

j) Rômulo não se opôs a que o filho vendesse a casa e fosse morar no Rio.

ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS
Exercícios de exames e concursos
[Página 685]

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS

Comparemos as duas frases:

O professor gosta dos alunos **estudiosos**.
O professor gosta dos alunos **que estudam**.

estudiosos: adjunto adnominal de *alunos*
que estudam: oração subordinada adjetiva

A oração **que estudam** é chamada *adjetiva* porque tem o mesmo valor do adjetivo *estudiosos*, funciona como adjunto adnominal do substantivo *alunos*.

As orações subordinadas adjetivas são as que exercem, como os adjetivos, a função de adjunto adnominal.

São introduzidas, as mais das vezes, pelos pronomes relativos e referem-se a um termo antecedente, que pode ser um substantivo ou pronome. Outros exemplos, com os antecedentes sublinhados:

Há coisas **que nos comovem**.

O professor **a quem fui apresentado** era muito simpático.

Há palavras **cuja origem é obscura**.

Este é o motivo **pelo qual desisti do torneio**.

Os jogadores dirigiram-se ao estádio, **onde a multidão os esperava**.

É teu tudo **quanto aqui existe**.

Ele falava cantando, o **que muito nos divertia**. [*o* = coisa, fato]

Ele, **que trabalhou**, não ganhou nada.

Para uns, **que viajam**, as estrelas são guias.

Ó flor, **que me sorris**, que fim terás? [antecedente: *tu*]

"A poeira **que levantou** o fez espirrar." (NÉLIDA PIÑON)

Observe que a oração subordinada adjetiva, como nos quatro últimos exemplos, pode estar intercalada na oração principal:

Ele não ganhou nada: oração principal
que trabalhou: oração subordinada adjetiva

Observação:

✔ Convém recordar os pronomes relativos.

Não faltam exemplos de orações adjetivas iniciadas pelo pronome indefinido *quem*, sem antecedente:

Os benefícios persistem na memória **de quem os faz**.

Encarecemos as qualidades **de quem amamos**.

"Tinha a expressão obstinada **de quem tenta** desembaçar um espelho." (LÍGIA FAGUNDES TELLES)

Observação:

✔ Neste, como em outros casos, desaconselhamos o processo artificial dos desdobramentos [Encarecemos as qualidades *daqueles que* amamos], processo esse que se divorcia do moderno conceito de análise sintática. Deve-se analisar a frase como se apresenta no texto.

Registrem-se também as orações adjetivas introduzidas pelo advérbio relativo *como* (= por que, pelo qual, pela qual). Exemplos:

Admiro o modo **como ele trabalha**.

"Não reproduzo suas palavras da maneira **como as enunciou**." (MONTEIRO LOBATO)

1 CLASSIFICAÇÃO DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS

Há dois tipos de orações subordinadas adjetivas: *explicativas* e *restritivas*.

- **explicativas** – explicam ou esclarecem, à maneira de aposto, o termo antecedente, atribuindo-lhe uma qualidade que lhe é inerente ou acrescentando-lhe uma informação. Exemplos:

  Deus, **que é nosso pai**, nos salvará.

  Valério, **que nasceu rico**, acabou na miséria.

  Ele tem amor às plantas, **que cultiva com carinho**.

  Alguém, **que passe por ali à noite**, poderá ser assaltado.

  "Olhou a caatinga amarela, **que o poente avermelhava**." (GRACILIANO RAMOS)

  "Mariana sentou-se no catre, **ao lado do qual estava o baú de roupas**." (ANA MIRANDA)

As explicativas são isoladas por pausas, que na escrita se indicam por vírgulas.

- **restritivas** – restringem ou limitam a significação do termo antecedente, sendo indispensáveis ao sentido da frase. Exemplos:

  Pedra **que rola** não cria limo.

  Os animais **que se alimentam de carne** chamam-se carnívoros.

  Rubem Braga é um dos cronistas **que mais belas páginas escreveram**.

"Há saudades **que a gente nunca esquece**." (OLEGÁRIO MARIANO)
"Escolheu a rua **que o levaria ao bairro dos clubes**." (FERNANDO NAMORA)
"As pessoas **a que a gente se dirige** sorriem." (GRACILIANO RAMOS)
"A vida me ensinou a conhecer os homens **com os quais eu lido**." (JOSUÉ GUIMARÃES)
"Existem coisas **cujo alcance nos escapa**; nem por isso deixam de existir." (INÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO)

A oração adjetiva do primeiro exemplo restringe, limita, reduz a categoria das pedras: não são todas as pedras que não criam limo, mas só as que rolam.

Observação:

✔ Não se faz pausa entre a oração principal e a adjetiva restritiva; por isso, não tem cabimento a vírgula. Há, no entanto, autores que, mesmo neste caso, usam vírgula.

- As orações adjetivas vêm precedidas de preposição (ou locução prepositiva), sempre que esta for reclamada pelo verbo que as constitui. Exemplos:

Este é um título **a que toda moça bonita aspira**. [aspirar *a* algo]
A velhinha era uma dessas pessoas **às quais não se pode mentir**.
Trouxe-lhe as frutas **de que você gosta**. [gostar *de* algo]
Algumas colegas **com quem estudo** são alunas brilhantes.
Havia ali pessoas **por quem eu não queria ser visto**.
Este é um ideal **por que sempre lutei**. [lutar *por* algo]
"A casa **em que Antônia morava** foi posta abaixo." (MANUEL BANDEIRA) [morar *em* um lugar]
Não desespere, recorra a Deus, **em cujas mãos está a nossa vida**.
De repente, achei-me num mundo desconhecido, desconcertante, **com o qual eu nunca mantivera qualquer contato**. [manter contato *com* algo]
Os doentes foram instalados num galpão, **perto do qual acendemos grandes fogueiras**.
"A doença de Margarida durou dois dias, **no fim dos quais levantou-se a viúva um pouco abatida**." (MACHADO DE ASSIS)

- Orações adjetivas podem estar coordenadas. Exemplos:

"Cerca-o uma corte **que o adula e explora**." (RAMALHO ORTIGÃO)
[*e explora* = e *que* o explora]
"Não assim o panorama do mar, **que é vário e a cada instante se recria**." (CIRO DOS ANJOS)
[Isto é: e *que* a cada instante se recria.]

EXERCÍCIOS — LISTA 46

1. Ponha as orações adjetivas entre colchetes e destaque os antecedentes, como no exemplo:

a) Mal podia encobrir a **tristeza** [que o minava.]
b) Nem tudo que reluz é ouro.
c) "São amiguinhas a quem quero bem." (VIVALDO COARACI)

d) Amo a vida por tudo quanto ela me dá.
e) "O presente é a bigorna onde se forja o futuro." (VICTOR HUGO)
f) "A dor que se dissimula dói mais." (MACHADO DE ASSIS)
g) Há certas aranhas cujas teias parecem fios de prata.
h) "Não houve labor a que se eximisse." (CARLOS DE LAET)
i) "A maneira como a receberam era um aviso." (ANÍBAL MACHADO)
j) "Neste caminho encontra-se o tesouro pelo qual tantas almas estremecem." (CRUZ E SOUSA)

2. Siga o exemplo, observando que a oração adjetiva tem a função de um adjunto adnominal:
Assisti a cenas **que me comoveram**.
Assisti a cenas **comoventes**.

a) Ela tem um olhar **que me fascina**.
b) Mauro tem atitudes **que irritam**.
c) Existem gases **que causam a morte**.
d) Há insetos **que transmitem doenças**.

3. Transcreva os períodos numerando-os de forma a distinguir **que**, pronome relativo, de **que**, conjunção subordinativa integrante:
(1) pronome relativo: oração adjetiva
(2) conjunção integrante: oração substantiva

- Este é um mal que tem cura.
- Não sabem o que querem.
- Confesso que errei.
- Não é justo que o magoes.

4. Ponha as orações adjetivas entre colchetes e escreva **E** para as explicativas e **R** para as restritivas:
a) "A mãe, que era surda, estava na sala com ela." (MACHADO DE ASSIS)
b) "Ela reparou nas roupas curiosas que as crianças usavam." (VILMA GUIMARÃES ROSA)
c) "Ele próprio desculpou a irritação com que lhe falei." (MACHADO DE ASSIS)
d) Ele pôs-se a contar velhos casos, em que não achei graça.
e) "Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar." (JOSÉ DE ALENCAR)
f) "Esse professor de quem falo era um homem magro e triste." (JOSÉ J. VEIGA)
g) "O instinto moral é a razão em botão, a qual se desenvolve com o tempo, experiência e reflexão." (MARQUÊS DE MARICÁ)
h) "O velho pajé, para quem são estas dádivas, as recebe com desdém." (JOSÉ DE ALENCAR)
i) "Onde está a vela do saveiro que o mar engoliu?" (JORGE AMADO)
j) "Por que estará de implicância comigo, que nunca lhe pisei nos calos?" (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)
k) Passamos por muitos trechos onde nem estrada havia.
l) "A máquina mais complicada que ele conhecia era o monjolo." (ÉRICO VERÍSSIMO)
m) O homem pôs-se a olhar as laranjeiras, cujos galhos sem folhas pareciam arranhar o céu cinzento.

n) Estavam ainda ali no chão as cascas dos ovos pelos quais o orador fora atingido.

o) Enviamos-lhes roupas, alimentos, remédios e outras coisas de que precisavam.

p) "Apenas um homem, de quantos assistiam à cena, soltou uma risada." (ÉRICO VERÍSSIMO) [**de quantos** = de todos quantos]

q) O vulcão, que parecia extinto, voltou a dar sinal de vida.

5. Os pronomes relativos exercem na frase funções sintáticas: sujeito, objeto direto, objeto indireto, adjunto adverbial, adjunto adnominal, agente da passiva, etc. Dê a função dos que ocorrem nos períodos do exercício 4.

Exemplo: **que** (do primeiro período) → sujeito

6. Em cada um dos períodos seguintes há duas orações adjetivas. Destaque-as e classifique-as (explicativa ou restritiva):

a) Ofereceu-lhe o vestidinho que ela mesma – que costurava tão bem – fizera na máquina.

b) "Tenho visto criaturas que trabalham demais e não progridem." (GRACILIANO RAMOS)

c) "Deus, que é Pai de todos, sabia da luta que ela tivera." (ADONIAS FILHO)

7. As orações adjetivas vêm precedidas de preposição quando o verbo a exigir. Classifique as orações adjetivas dos períodos seguintes e dê a função sintática dos pronomes relativos.

a) Ele me puxou para ver um quadro [de que havia gostado muito].

b) Não era muito grande a mesa [a que nos sentamos].

c) Os moradores das palafitas vivem à beira do rio, [do qual retiram o seu sustento].

d) As pessoas [a quem Juliano recorreu] não o atenderam.

8. Orientado pelo exemplo, escreva os períodos convertendo as orações coordenadas em destaque em subordinadas adjetivas:

A máquina é uma potência infernal; **os homens não são completamente donos dela**.

A máquina é uma potência infernal, **de que os homens não são completamente donos**.

a) Ainda estavam no chão os cacos de vidro; **o garoto nos alvejara com esses cacos**.

b) Fizeram-lhe graves acusações; **ele se defendeu delas com veemência e coragem**.

c) Encontrou-se um velho colete; **no bolso dele havia moedas de ouro**.

d) Havia, no colégio, frequentes reuniões; **apenas alguns pais compareciam a elas**.

e) No jardim havia canteiros floridos; **crianças perseguiam borboletas por entre eles**.

f) Este é um problema difícil; **para a sua solução se exigem competência e recursos**.

g) O povo fez questão de empurrar a carreta; **sobre ela estava o féretro**.

h) Era um estudante que eu conheci num carnaval; **e me tornei amigo dele**.

i) Entrei numa pequena loja; **nas prateleiras dela se enfileiravam objetos de artesanato.**

9. Faça como no exercício anterior, porém intercalando a oração adjetiva na oração principal:

A oficina ficava no fim da rua; **Juvenal trabalhava nessa oficina**.

A oficina **em que Juvenal trabalhava** ficava no fim da rua.

a) A casa é modesta, mas aconchegante; **nós moramos nela**.

b) O festival conta com a participação de artistas famosos; **eu assistirei a ele hoje à noite**.

c) As tintas eram extraídas dos vegetais; **com elas se matizavam os tecidos**.

d) A montanha era alta e arborizada; **do cimo dela se descortinava o mar**.

e) O lago era grande e límpido; **eu costumava brincar às suas margens**.

f) O oficial foi transferido para Brasília; **Nair simpatizava com ele**.

g) O local era inóspito, agressivo; **tínhamos chegado a esse local**.

h) As flores eram de Barbacena; **e delas mandei tecer uma grinalda**.

i) Os animais são da ordem dos primatas; **o professor se referiu a eles**.

10. Divida e classifique as orações dos períodos seguintes:

a) "Luís Filipe começou a falar sobre alguns casos difíceis que apareceram no hospital, mas a verdade é que eu não o ouvia." (LÍGIA FAGUNDES TELLES)

b) "Não interrompemos a quem nos louva, mas aos que nos censuram, acusam ou contradizem." (MARQUÊS DE MARICÁ)

c) Você, que é íntimo dele, aconselhe-o a que desista de tão arriscado empreendimento.

11. Escreva os períodos abaixo mudando as orações coordenadas em destaque em orações adjetivas, que nos itens **a** e **f** devem ser intercaladas na oração principal:

a) Os tiranos eram soberbos e cruéis, **e o povo se submetia ao poder deles**.

b) Atravessamos o jardim e dirigimo-nos à piscina, **e sentamo-nos à beira dessa piscina**.

c) Por fim, desemboquei numa rua larga, com muitas árvores; **através dessas árvores se avistava o mar**.

d) Percebi nas suas palavras uma benevolente ironia; **no fundo dessa ironia se escondia, contudo, uma indisfarçável tristeza**.

e) O índio olhou, depois, as flechas cruzadas na parede; **perante essas flechas duas vezes baixou e ergueu a cabeça**, como para aprovar a presença delas ali.

f) A peça de teatro é da autoria de um aluno desta escola; **assisti ao ensaio dela**.

g) Volutas de fumaça subiam languidamente das mesas; **em torno dessas mesas pessoas conversavam animadamente**.

12. Escreva o seguinte período substituindo corretamente o pronome relativo **onde**, que inicia a oração adjetiva, pelo pronome **cujo**:

"Agora as ruas estreitas iam ficando para trás, a igreja, também o cemitério, onde, diante do portão, havia o umbuzeiro." (JOSÉ CONDÉ)

13. Escreva corretamente as frases substituindo * por preposição + pronome relativo:

a) Pelos equipamentos * dispõe, este hospital é considerado o melhor do país.

b) A estátua da fonte é uma criança nua, * cabeça os passarinhos pousam.

c) Os amigos de Lauro eram justamente aqueles * as mães não queriam que seus filhos brincassem.

14. Transcreva apenas a sequência correta das orações do último período do exercício anterior:

- oração principal – oração subordinada substantiva objetiva indireta – oração subordinada adjetiva explicativa
- oração principal – oração subordinada adjetiva restritiva – oração subordinada substantiva objetiva direta
- oração principal – oração subordinada adjetiva explicativa – oração subordinada adjetiva restritiva

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS
Exercícios de exames e concursos
[Página 686]

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS

Veja este exemplo:

Saímos de casa **quando amanhecia**. [= Saímos de casa **de manhã cedo**.]

A oração **quando amanhecia** exprime uma circunstância de tempo, funciona como um *adjunto adverbial*: por isso, é uma oração subordinada *adverbial*.

As orações subordinadas adverbiais têm a função dos adjuntos adverbiais, isto é, exprimem circunstâncias de tempo, modo, fim, causa, condição, hipótese, etc.

São iniciadas, quando desenvolvidas, pelas conjunções subordinativas (excluindo-se as subordinativas integrantes). É importante saber distinguir os diferentes tipos dessas conjunções.

1 CLASSIFICAÇÃO DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS

As orações subordinadas adverbiais classificam-se de acordo com as conjunções que as introduzem. Portanto, podem ser:

- **causais** – exprimem causa, motivo, razão. Exemplos:
  O tambor soa **porque é oco**.
  Como não me atendessem, repreendi-os severamente.
  Como ele estava armado, ninguém ousou reagir.
  "Faltou à reunião, **visto que esteve doente**." (ARLINDO DE SOUSA)
  Já que (ou **visto que** ou **desde que** ou **uma vez que**) **ninguém se mexe**, temos que agir nós, cidadãos.
  "Maximiano temera que o coronel o agredisse, **de tão violento que ficara**." (JORGE AMADO)
  "**Velho que sou**, apenas conheço as flores do meu tempo." (VIVALDO COARACI)
  Desprezam-me, **por isso que sou pobre**.
  Não posso ir hoje, **tanto mais que meu filho está doente**.
  Não encontrei o livro em nenhuma loja, **pela simples razão que ele não existe**.

Observação:

✔ Pode-se considerar causal justaposta (= sem conectivo) a segunda oração de construções como:
Não se ouvia nada, *tamanho era o barulho*.
É difícil distinguir um do outro, *tão parecidos são*.
Nem se podia passar, *tantas eram as formigas*.

- **comparativas** – representam o segundo termo de uma comparação.

a) orações comparativas com o verbo expresso:

"A preguiça gasta a vida **como a ferrugem consome o ferro**." (MARQUÊS DE MARICÁ)

Ela o atraía irresistivelmente, **como o ímã atrai o ferro**.

Os retirantes deixaram a cidade tão pobres **como vieram**.

Como a flor se abre ao Sol, assim minha alma se abriu à luz daquele olhar.

"Nos Estados Unidos há universidades para todas as inteligências **como há hotéis para todas as bolsas**." (EDUARDO PRADO)

O lugar é **tal qual** (ou **tal como**) **você o descreveu**.

Certos cantores gesticulam mais **do que cantam**.

Rui voltou para casa **como quem vai para a prisão**.

b) orações comparativas com o predicado ou o verbo subentendidos:

O esquilo é tão ágil **quanto o macaco**. [= quanto o macaco é ágil]

Nenhum nadador treinou tanto **como Ricardo**. [= como Ricardo treinou]

A luz é mais veloz **do que o som**. [= do que o som é veloz]

Não há tirania pior **que a dos vícios inveterados**.

O orador foi mais brilhante **do que profundo**.

Sua morada era antes um barraco escuro **que uma casa humilde**.

De modo geral, pessoas gordas vivem menos **do que as magras**.

"E dizia que os vaga-lumes bailavam gentis **quais falenas no ar**." (LUÍS HENRIQUE TAVARES)

Ela recendia perfumes **que nem um ramo de manacá florido**.

Observação:

✔ Esta é a análise tradicionalmente aceita, mas artificial. Seria preferível ver, nos exemplos citados na alínea b, não orações adverbiais comparativas, mas simples adjuntos adverbiais de comparação.

Pela mesma razão, é melhor análise a que vê adjunto adverbial de comparação em estruturas de cunho popular como:

"Luzia *que só espelho*!" (LUÍS JARDIM)

"É forte *como o diabo*." (AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA)

Ficou vermelho *que nem brasa*.

c) orações comparativas hipotéticas:

O homem parou perplexo, **como se esperasse um guia**.

Os cavalos iam à toda, **como se mil demônios os esporeassem**.

"O zunido espalhou-se na sala **como se um inseto estivesse voejando**." (VILMA GUIMARÃES ROSA)

Observação:

✔ Esse tipo de oração reúne as ideias de comparação e hipótese. Por isso, há quem subentenda verbo e analise: "O homem parou perplexo / como *pararia*, / se esperasse um guia." Tal análise, porém, é desaconselhada, por ser artificial. É preferível considerar *como se* uma locução comparativa.

- **concessivas** – exprimem um fato que se concede, que se admite, em oposição ao da oração principal. Exemplos:

Admirava-o muito, **embora** (ou **conquanto** ou **posto que** ou **se bem que**) **não o conhecesse pessoalmente**.

Embora não possuísse informações seguras, ainda assim arriscou uma opinião.

Cumpriremos nosso dever, **ainda que** (ou **mesmo quando** ou **ainda quando** ou **mesmo que**) **todos nos critiquem**.

Por mais que gritasse, não me ouviram.

Os louvores, **pequenos que sejam**, são ouvidos com agrado.

"**Nem que a gente quisesse**, conseguiria esquecer." (Otto Lara Resende)

"Os cavalos vinham quase em cima dela, **por mais que o cocheiro os sofreasse**." (Machado de Assis)

"**Por muito mau que fosse o seringal**, devia ser melhor que aquilo." (Ferreira de Castro)

"Em cada escola [filosófica], **por exagerada que seja**, há sempre uma apreciável parcela de verdade integral." (Jônatas Serrano)

"**Se o via derrubado, rosto no pó**, nem por isso o respeitava menos." (Ondina Ferreira) [*Se* o via = *embora* o visse.]

Ajudava-os em tudo, **sem que isso fosse de minha obrigação**.

Júlio César resolveu passar o Rubicão, **fossem quais fossem as consequências**.

O responsável deve ser punido, **quem quer que seja**.

Por incrível que pareça, eles não sabiam o nome de sua cidade.

"**Chovesse ou fizesse sol**, o Major não faltava." (Povina Cavalcânti)

"**Em que pese aos inimigos do paraense**, sinceramente confesso que o admiro." (Graciliano Ramos)

Observação:

✔ As orações subordinadas adverbiais concessivas, quando coordenadas alternativas, como no penúltimo exemplo, dispensam, em geral, a conjunção subordinativa (*embora*).

- **condicionais** – exprimem condição, hipótese. Exemplos:

Deus só nos perdoará **se perdoarmos aos nossos ofensores**.

Se o conhecesses, não o condenarias.

"Que diria o pai **se soubesse disso**?" (Carlos Drummond de Andrade)

A cápsula do satélite será recuperada, **caso a experiência tenha êxito**.
Você pode ir, **contanto que** (ou **desde que**) **volte cedo**.
Não sairei de meu consultório, **a menos que** (ou **a não ser que**) **haja casos urgentes**.
Poderão chegar lá ainda hoje, **salvo se acontecer algum imprevisto**.
Não poderás ser bom médico, **sem que estudes muito**.
"**Se convidada**, [a menina] senta no colo da gente, conversa um pouco e logo sai correndo." (RAQUEL DE QUEIRÓS) [*se convidada* = se for convidada]
Não fosse a perícia do guia, talvez teríamos perecido todos.
"**Escrevesse eu esses livros** e estaria rico. (AUTRAN DOURADO)
"**Houvesse chegado um minuto antes, ou um minuto depois**, e tudo teria sido diferente." (VIANA MOOG)
"A carinha [de Neuma] podia ser de chinesa, **fossem os olhos mais enviesados**." (RAQUEL DE QUEIRÓS) [*fossem os olhos* = se fossem os olhos]

Observações:

✔ Às vezes a oração condicional (como nos quatro últimos exemplos) aparece justaposta, sem o conectivo *se*.

✔ A conjunção *se* às vezes apresenta-se com o valor aproximado de *visto que*, transmitindo ideia de causa a orações que funcionam como base ou ponto de partida de um raciocínio. Exemplos:
Se a alimentação é uma necessidade básica, cumpre incentivar a agropecuária.
Se os homens são por natureza imperfeitos, as sociedades humanas não podem ser perfeitas.
Se no inverno a sala já era quente, no verão tornava-se uma fornalha.

✔ Diz-se, corretamente: *Caso* (e não *se caso*) tenha pago a conta, desconsidere este aviso.

- **conformativas** – exprimem acordo ou conformidade de um fato com outro. Exemplos:
O homem age **conforme pensa**.
Relatei os fatos **como** (ou **conforme**) **os ouvi**.
Como diz o povo, tristezas não pagam dívidas.
O jornal, **como sabemos**, é um grande veículo de informação.
Vim hoje, **conforme lhe prometi**.
"Digo essas coisas por alto, **segundo as ouvi narrar anos depois**." (MACHADO DE ASSIS)
Segundo ouvi dizer, Fleming descobriu a penicilina por acaso.
Consoante opinam alguns, a História se repete.
"**Como deveis saber**, há em todas as coisas um sentido filosófico." (MACHADO DE ASSIS)
"Um eclipse da Lua pode ser total ou parcial, **conforme a Lua fique ou não completamente mergulhada no cone de sombra da Terra**." (RONALDO DE FREITAS MOURÃO)

Observação:

✔ *Como* introduz oração conformativa quando equivale a *conforme*.

- **consecutivas** – exprimem uma consequência, um efeito ou resultado. Exemplos:

  Fazia tanto frio **que meus dedos estavam endurecidos**.

  "A fumaça era tanta **que eu mal podia abrir os olhos**." (José J. Veiga)

  De tal sorte a cidade crescera **que não a reconhecia mais**.

  As notícias de casa eram boas, **de maneira que pude prolongar minha viagem**.

  Ontem estive doente, **de sorte que** (ou **de modo que** ou **de forma que** ou **de maneira que**) **não saí de casa**.

  "Corria para a rua, para o trabalho, para o tumulto, a estontear-se, **de modo que lhe fosse difícil** encontrar-se a sós consigo." (Fernando Namora)

  "Ainda assim, não andei tão depressa **que amarrotasse as calças**." (Machado de Assis)

  "Não esperava, tanto **que me pediu um prazinho para a resposta**." (Amadeu de Queirós)

  "Deus! ó Deus! onde estás **que não respondes**?" (Castro Alves)

  "Tinha um filho, podia erguê-lo ao sol, **sem que a guerra o arrebatasse**." (José Geraldo Vieira)

  Não vão a uma festa **que não voltem bêbedos**. [*que não* = sem que]

  "Não podia fitá-lo **sem que** (ou **que não**) **risse**." (Celso Luft)

  "Não se sentava **que não enterrasse a cara nas mãos**." (José Américo)

  "Bebia **que era uma lástima**!" (Ribeiro Couto)

  Falou com uma calma e frieza **que todos ficaram atônitos**.

  "Tenho medo disso **que me pelo**!" (Coelho Neto)

  "Essa gente fazia um barulho, **que assustava os transeuntes**..." (Graciliano Ramos)

Observações:

✔ Às vezes, como nos quatro últimos exemplos citados, o termo intensivo (tão, tanto, tal, tamanho, etc.) da oração principal está oculto: Bebia *tanto* que era uma lástima. Falou com uma calma *tal* que todos ficaram atônitos.

✔ A oração adverbial do exemplo de Fernando Namora pode ser considerada também final, por traduzir, simultaneamente, consequência e finalidade.

Para expressar uma consequência impossível, emprega-se, por influência do francês, a locução *para que*, antecedida de *muito* (ou *demais*) + adjetivo. Exemplos:

O fardo era muito pesado *para que eu pudesse erguê-lo*.

O convite era demais tentador *para que João o recusasse*.

"O seu corpo era pesado demais *para que eu conseguisse arrastá-lo*." (Murilo Rubião)

"As festas estavam muito próximas *para que a morte de Totonha pudesse perturbar a alegre expectativa da cidade*." (José Condé)

- **finais** – exprimem finalidade, objetivo. Exemplos:

"O futuro se nos oculta **para que nós o imaginemos**." (MARQUÊS DE MARICÁ)

Aproximei-me dele **a fim de que me ouvisse melhor**.

"Fiz-lhe sinal **que se calasse**." (MACHADO DE ASSIS) [*que* = para que]

"Instara muito comigo **não deixasse de frequentar as recepções da mulher**." (MACHADO DE ASSIS) [*não deixasse* = para que não deixasse]

"Quando sentiu que ia chegando, cruzou os braços no peito, **não fosse o coração saltar-lhe**." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

Observação:

✔ Pode ocorrer a elipse total ou parcial da locução conjuntiva final, como atestam os três últimos exemplos.

- **proporcionais** – denotam proporcionalidade. Exemplos:

À medida que se vive, mais se aprende.

À proporção que avançávamos, as casas iam rareando.

O valor do salário, **ao passo que os preços sobem**, vai diminuindo.

Aparecem, às vezes, correlacionadas com as orações principais. Exemplos:

Quanto mais se tem, (tanto) mais se deseja.

Quanto maior for a altura, maior será o tombo.

Quanto menos te esforçares, mais te arrependerás.

Tanto gostava de um **quanto** (ou **como**) **aborrecia o outro**.

Vimos que a locução proporcional correta é *à medida que*, e não *na medida em que*. Essa última forma, considerada errada, aparece frequentemente, ora com valor causal, ora condicional, em frases como:

O aumento descontrolado dos preços é injusto e perverso, **na medida em que** atinge principalmente a classe pobre.

Um empreendimento só poderá ter êxito **na medida em que** for bem concebido e executado.

Em lugar de *na medida em que*, é melhor usar *porque* ou *visto que* na primeira frase, e *se* ou *desde que* na outra.

- **temporais** – indicam o tempo em que se realiza o fato expresso na oração principal. Exemplos:

Formiga, **quando quer se perder**, cria asas. (DITO POPULAR)

"Lá pelas sete da noite, **quando escurecia**, as casas se esvaziavam." (POVINA CAVALCÂNTI)

"**Quando os tiranos caem**, os povos se levantam." (MARQUÊS DE MARICÁ)

Enquanto foi rico, todos o procuravam.

Um dos garimpeiros falou, **enquanto os outros escutavam silenciosos**.

Sempre que vou à cidade, passo pelas livrarias.

Todas as vezes que agredimos a natureza, ela se volta contra nós.

Mal chegamos ao local, vimos toda a extensão da catástrofe.

Ela me reconheceu **apenas** (ou **mal** ou **logo que** ou **assim que**) **lhe dirigi a palavra**.

Minha mãe ficava acordada **até que eu voltasse**.

"Deolindo veio à terra **tão depressa alcançou a licença**." (MACHADO DE ASSIS)

"**Nem bem sentou-se no banco**, o moço ergueu-se rápido." (JOSÉ FONSECA FERNANDES)

Agora que estás de férias, que pretendes fazer?

"Ela acalentou o bebê, manteve-o apertado contra o peito, **ao mesmo tempo que lhe afagava os cabelos**." (HELENA JOBIM)

Por que ela ainda não apareceu **desde que estamos aqui**?

"**Desde que não confia nele** manda-o embora e chama outro." (RAMALHO ORTIGÃO)

No texto donde foi extraído o último exemplo, *desde que* tem sentido nitidamente temporal (= quando, logo que, desde o momento que).

- **modais** – exprimem modo, maneira. Exemplos:

Aqui viverás em paz, **sem que ninguém te incomode**.

Entrou na sala **sem que nos cumprimentasse**.

Essas orações não estão consignadas na NGB, o que constitui uma omissão.

2 ORAÇÕES ADVERBIAIS LOCATIVAS

Equivalem a um adjunto adverbial de lugar e são iniciadas pelo advérbio *onde* (que pode vir precedido de preposição), sem antecedente. Exemplos:

"**Onde me espetam**, fico." (MACHADO DE ASSIS)

"Não pode haver reflexão **onde tudo é distração**." (MARQUÊS DE MARICÁ)

Quero ir **aonde estás**.

Venha **por onde eu passar**.

"**Onde quer que farejem raposas**, perseguem-nas com fúria." (GUSTAVO BARROSO)

Observação:

✔ Estas orações não são mencionadas na NGB.

Existem ainda outros tipos de orações adverbiais. Veja esta:

Irei **com quem quiser me acompanhar**. → adverbial de companhia

[Neste caso, é análise desaconselhada desdobrar *quem* em *aquele que*.]

Orações adverbiais podem estar coordenadas, conforme vimos anteriormente. Exemplos:

"**Quando chamou Raquel e enfiou-lhe no braço a linda pulseira**, a filha estava com dezesseis anos." (AMADEU AMARAL)

"Andorinhas devotas, **chovesse *ou* fizesse sol**, adejavam somente na igreja de Santa Rita." (JOSÉ AMÉRICO)

EXERCÍCIOS LISTA 47

1. Prossiga de acordo com o exemplo, observando que a oração subordinada adverbial exerce a função de um adjunto adverbial:

a) Partimos da cidade **de manhã cedo**. → adjunto adverbial
Partimos da cidade **quando amanhecia.** → oração subordinada adverbial

b) Chegamos à fazenda **antes da noite**.

c) Não lhe telefonei **por esquecimento**.

d) **Na retirada**, os soldados davam tiros para o ar.

2. Ponha entre colchetes as orações subordinadas adverbiais e numere os períodos de acordo com a classificação dessas orações:

Minha mão tremia tanto que mal podia escrever.	(1) causal
Joel acompanhou a irmã, embora estivesse cansado.	(2) comparativa
Onde há fumaça, há fogo.	(3) concessiva
À medida que subimos, o ar se rarefaz.	(4) condicional
Fiz-lhe sinal para que não insistisse.	(5) conformativa
Os detentos fugiram da penitenciária porque eram maltratados.	(6) consecutiva
Ali vivíamos felizes, sem que ninguém nos perturbasse.	(7) final
"Envelheçamos como as árvores fortes envelhecem!" (Olavo Bilac)	(8) proporcional
"Por que não foi lá ontem, como me tinha dito?" (Machado de Assis)	(9) temporal
"Ia escurecendo quando entrou em casa." (Garcia de Paiva)	(10) modal
"Se Deus não guarda a cidade, em vão a sentinela vigia." (Cecília Meireles)	(11) locativa

3. Faça como no exercício anterior:

A raposa, como não pudesse alcançar as uvas, desdenhou-as.

"Não venham colheitas fartas e serei mais um vencido pela fatalidade das coisas." (Monteiro Lobato)

"As tuas saudades ficam onde deixas o coração." (C. Castelo Branco)

"Quanto mais os arredava, mais eles perseveravam." (Fernando Namora)

"Como o assunto estivesse reduzido a cinzas, calamo-nos." (Graciliano Ramos)

"Tivesse tua mãe vindo dar-te adeus e talvez tudo se arranjasse." (Antônio Olavo Pereira)

"Por mais leve que pisasse, seus passos reboavam." (José Geraldo Vieira)

Depois que veio para a cidade, a vida dele mudou.

A geada, como se sabe, é a grande inimiga da lavoura.

Chame o sacerdote, se você quiser, contanto que o doutor também venha.

O ladrão entrou no prédio sem que o porteiro percebesse.

Os políticos prometem mais do que realizam.

Nas estradas há acostamentos, a fim de que os veículos não parem na pista.

Tão violenta foi a tromba-d'água de ontem que arrastou carros e ônibus.

Inquieto estará o nosso coração enquanto não descansar em Deus.

Mal girei a chave da fechadura, senti a respiração de alguém atrás de mim.
À proporção que as plantas crescem, suas raízes se aprofundam.
Joana saiu de casa alegre como quem vai a uma festa.
"O fogo, mesmo que venha chuva grossa, queimará a noite inteira." (ADONIAS FILHO)
Conforme havíamos previsto, as safras este ano foram boas.
Empregados e patrões chegaram a um acordo, de maneira que não houve greve.
Neste rio não existem peixes, pela simples razão que a poluição os matou.
"Ainda que o corpo doa, tenho de me levantar." (BRÁULIO PEDROSO)
"Mas, se iniciou o gesto, não chegou a completá-lo." (ARIANO SUASSUNA)
"Um pouco que alguém se aproxime e já sente odores." (LÍGIA FAGUNDES TELLES)
"Havia seiva em tudo como há sangue em nosso corpo." (CLARICE LISPECTOR)

4. Varie a estrutura da oração adverbial causal, conforme o exemplo:

Os dois meninos se perderam **porque não conheciam a mata**.
Como não conhecessem a mata, os dois meninos se perderam.
Os dois meninos se perderam, **visto que não conheciam a mata**.
Os dois meninos se perderam, **por isso que não conheciam a mata**.
Os dois meninos se perderam **por não conhecerem a mata**.

Eles não poderão ser bons fotógrafos **porque não distinguem as cores**.

5. Copie o período e sublinhe a oração subordinada adverbial causal:

"Em poucos anos o consumo mundial de borracha centuplicou, e como só havia seringueiras na Amazônia, a exportação do látex trouxe a Manaus uma fortuna fabulosa."
(CARLOS DE SÁ MOREIRA)

6. Escreva as orações adverbiais em destaque e classifique-as:

(1) oração adverbial causal
(2) oração adverbial comparativa
(3) oração adverbial conformativa

O retorno da nave espacial à Terra fez-se **como fora previsto**.

Como a Lua ainda não tinha surgido, tudo estava imerso na escuridão.

Como sempre acontece, o tempo sepultou a memória do grande morto.

Suas palavras soaram no recinto **como chicotadas**.

Se você gosta mesmo dele, **como diz**, por que o ofende?

"Lá saiu o Dr. Rui, apressado **como quem vai apagar fogo**." (JOSUÉ GUIMARÃES)

O carro andava aos trancos, **como se o motorista estivesse bêbedo**.

O terremoto fora violentíssimo, **como atestavam os escombros de casas destruídas**.

7. Escreva o período três vezes, substituindo por equivalentes o conectivo que inicia a oração adverbial concessiva:

Miguel tentará consertar o carro, **conquanto** não entenda muito de mecânica.

8. Escreva os períodos e classifique as orações em destaque:

(1) oração adverbial causal (3) oração adverbial condicional

(2) oração adverbial temporal

Desde que cheguei aqui, não houve nenhum progresso.

Poderás fazer sucesso, **desde que saibas falar**.

Desde que não sabes ler, eu vou ler em teu lugar.

9. Com que oração do exercício anterior se relaciona a oração em destaque?

Os escritos ficam, as palavras voam, **contanto que não as apanhe a rede de algum gravador oculto**!

10. Escreva, em seu caderno, as orações subordinadas adverbiais destacadas e identifique-as de acordo com os números do quadro abaixo:

1) causal 2) consecutiva 3) condicional 4) concessiva

a) **Caso aconteça algum imprevisto**, avise-me imediatamente.

b) Não carregue muito dinheiro consigo, **mesmo que o tenha**.

c) Se Neusa sair à rua, paralisa o trânsito, **de tão bonita que é**.

d) Neusa é tão bonita **que**, se sair à rua, **paralisa o trânsito**.

11. Analise o segmento em destaque e, depois, escreva o período duas vezes, trocando o conectivo **que nem** por equivalentes:

Na outra pista vinha um caminhão cheio de luzes **que nem um dragão chamejante**.

12. Destacamos as orações adverbiais assindéticas (sem conectivo). Classifique-as, depois de reconhecer a conjunção subentendida:

a) Esta cidade não teria crescido tanto, **não fossem seus múltiplos atrativos**.

b) **Houvéssemos chegado um minuto depois**, e seria a catástrofe.

c) Os homens continuavam atirando nas avezinhas e, **atirassem a vida inteira**, não matariam a metade delas.

d) Esforcei-me por demonstrar coragem, **não fossem os colegas acusar-me de covarde**.

13. Escreva o período abaixo, substituindo a conjunção em destaque pelas locuções conjuntivas adequadas, sem alterar o sentido da frase. Escolha-as no quadro seguinte:

ainda que – desde que – mesmo que – nem que – sem que – logo que

Frase: Silvério aceitaria qualquer trabalho, **embora** fosse o de carregar pedras.

14. Repita a frase duas vezes, trocando a locução conjuntiva por equivalentes. Em seguida, classifique a oração adverbial:

Algum dia hei de casar com Beatriz, **salvo se** houver onça no caminho.

15. Siga o exemplo, dando ênfase à oração adverbial concessiva:

Embora a proposta fosse tentadora, não a aceitei.

Por mais tentadora que fosse a proposta, não a aceitei.

Muitas vezes, **embora nos esforcemos**, não conseguimos alcançar o nosso objetivo.

16. Reescreva e complete os períodos abaixo, substituindo convenientemente os asteriscos:

a) Mal o orador abriu a boca,***.

b) Segundo afirmam os médicos,***.

c) À medida que os dias passam,***.

d) Se não me falha a memória,***.

e) Por incrível que pareça,***.

f) ***, já que as mãos carregavam sacolas.

g) ***, se bem que lhe reconheça qualidades.

h) *** que não pude conter o riso.

17. Estruture o período de tal forma que a oração principal passe a subordinada adverbial causal:

Os meninos temiam que o santo os castigasse e iam brincar longe.

18. Transcreva o período em que NÃO há oração adverbial:

a) "Mexia-me como se andasse entre cacos de vidro." (Graciliano Ramos)

b) "Agora que Luluzinho já está vacinado, pode morder qualquer um?" (Millôr Fernandes)

c) Ali o artista poderá viver em paz, sem que os fãs o perturbem.

d) Verifiquei se havia alguma infiltração no teto da casa.

e) Para onde quer que me voltasse, eu só via paredes de edifícios.

f) Se desarmado ele já é perigoso, quanto mais se estiver armado.

g) O horizonte, ao passo que avanço, vai se afastando.

19. Proceda como no exemplo, mudando a estrutura do período sem lhe alterar substancialmente o significado:

O fardo era tão pesado **que eu não podia erguê-lo**.
O fardo era muito (ou demais) pesado **para que eu pudesse erguê-lo**.

a) A proposta era tão tentadora **que não podíamos recusá-la**.

b) Essas lembranças são tão vivas **que não as posso esquecer**.

20. Invente um período no qual, como nos exemplos dados, a oração adverbial iniciada pela conjunção **se** exprima, predominantemente, ideia de causa (se = visto que):

Se o fumo é nocivo à saúde, não aconselho ninguém a fumar.
Se não pode haver efeito sem causa, o mundo não surgiu do nada.

21. Forme períodos cujas orações adverbiais estejam coordenadas, como nestes exemplos:

Quando o filho viajava para longe e não lhe escrevia, ela ficava aflita.

Se alguém risse ou falasse alto, o chefe reclamava.

"**Quanto mais o índio envelhece e se aproxima da morte**, mais feliz fica." (Edilson Martins)

22. Escreva as frases abaixo, divida e classifique as orações:

a) Não contarei isto a ninguém para que não digam que eu invento qualidades que não tenho.

b) Ela falou de minha mãe com tanta saudade que me cativou logo, posto que me entristecesse.

c) "Observava como ele torneava ou esculpia a madeira." (Graciliano Ramos)

d) "Por duas vezes senti o cavalo tão próximo que, se estendesse a mão, tinha certeza de que poderia tocá-lo." (Lígia Fagundes Telles)

23. Escreva os períodos e informe a ideia expressa pela oração em destaque:

a) **Caso o satélite se desintegre**, seus destroços atingirão a Terra.
(causa, concessão, hipótese, consequência)
b) **Como o vento era muito forte**, caíam muitas mangas maduras.
(comparação, modo, tempo, causa)
c) Ninguém quis carregar o fardo, **se bem que não fosse pesado**.
(causa, concessão, hipótese, proporção)
d) Eu conhecia bem a cidade, **de modo que cheguei facilmente ao estádio**.
(consequência, causa, modo, proporção)

24. Leia o texto abaixo e indique o período em que ocorre oração adverbial comparativa.

LEITURA

O comércio e a civilização

O comércio foi, a princípio, o instigador, o promotor, o pai da civilização, criando-a e desenvolvendo-a, e é hoje o seu regulador máximo, como repartidor do trabalho e das riquezas, aproximando os povos, transformando os inimigos em clientes recíprocos, uniformizando os costumes e os idiomas, estabelecendo uma solidariedade real entre todos os homens.

O comércio, avassalador do mundo, concentra e reparte. Concentra os produtos e reparte-os depois pela face da terra.

Ainda haverá quem diga que o comércio enriquece à custa do produtor, como a erva parasita vive a expensas da árvore?

Grande distribuidor, ele representa no organismo social o mesmo papel do sistema de circulação sanguínea no organismo animal. O corpo morre, quando o sangue para.

A sociedade definharia e morreria, se o comércio deixasse de levar a todos os seus órgãos a nutrição. Não se pode compreender o trabalho senão dividido e repartido. A divisão do trabalho é uma lei fundamental e soberana da vida social: quanto mais dividido é o labor humano, maior e mais dominadora é a ação do homem sobre a natureza.

Como poderia haver relações entre o produtor e o consumidor, se não houvesse comércio? É ele quem abre a foz, a embocadura, o desaguadouro da indústria. É ele quem estimula a produção, quem ativa o trabalho, descobrindo as necessidades do mercado, e, mais do que isso, provocando-as e inventando-as. Assim, ele é o maior fator econômico. É ele quem promove a circulação dos capitais. Sempre alerta, previne crises, sofre os riscos da alta e da baixa dos preços, provê e providencia...

O comércio é nobre. Os agiotas, os onzeneiros, os usuários, os monopolistas, os sindicateiros, os açambarcadores do capital ou do pão, os que especulam com a miséria do povo, os que negociam em carne humana e em lágrimas, não são comerciantes: são, entre os muitos bons e os muitos puros, os poucos maus que fazem avultar a bondade e a pureza dos outros.

(Olavo Bilac, *Obra Reunida*, Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 1996)

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERSATIVAS
Exercícios de exames e concursos
[Página 685]

ORAÇÕES REDUZIDAS

Leia e compare:

a) Afirmou o sertanista [*que não há* selvagens gigantes].

b) Afirmou o sertanista [*não haver* selvagens gigantes.]

Tanto na primeira como na segunda construção, a oração entre colchetes é subordinada substantiva objetiva direta. A forma dessa oração é diferente, mas o sentido é o mesmo.

Na segunda construção, a oração subordinada se apresenta sem conectivo (elemento de ligação) e tem o verbo numa forma nominal (infinitivo): é uma oração *reduzida*.

1 ORAÇÕES REDUZIDAS

Oração reduzida *é a que se apresenta sem conectivo* e *com o verbo numa forma nominal.*

Em geral, é possível desenvolver orações reduzidas. Para isso, substitui-se a forma nominal do verbo por um tempo do indicativo ou do subjuntivo e inicia-se a oração com um conectivo adequado, de tal modo que se mude a forma da frase sem lhe alterar o sentido. Exemplos:

orações reduzidas		**orações desenvolvidas**
Penso *estar preparado.*	=	Penso *que estou preparado.*
Dizem *ter estado lá.*	=	Dizem *que estiveram lá.*
Fazendo assim, conseguirás.	=	*Se fizeres assim,* conseguirás.
Ao saber isso, entristeceu-se.	=	*Quando soube isso,* entristeceu-se.
Foi à festa *sem ser convidado.*	=	Foi à festa *sem que fosse convidado.*
Não falei *por não ter certeza.*	=	Não falei *porque não tinha certeza.*
Viam-se folhas *girando no ar.*	=	Viam-se folhas *que giravam no ar.*
Terminada a prova, fui para casa.	=	*Depois que terminei a prova,* fui para casa.
É bom *ficarmos atentos.*	=	É bom *que fiquemos atentos.*
Espero *poder chegar lá hoje.*	=	Espero *que poderei* (ou *possa*) *chegar lá hoje.*
Tenho a impressão *de o estar vendo.*	=	Tenho a impressão *de que o estou vendo.*
Disse-me *estar sendo perseguido pelo patrão.*	=	Disse-me *que está sendo perseguido pelo patrão.*

▪ reduzidas fixas

Há, no entanto, exemplos de reduzidas que não se prestam a tais desdobramentos. Haja vista:

Agrada-me *ouvir isso*.

Dispõem-se *a atacar o navio*.

Eu tinha vontade *de jogá-lo fora*.

Enriqueceu *vendendo frutas*.

"Seduz-me *auscultar os caminhos* que ainda não trilhei." (FERREIRA DE CASTRO)

2 CLASSIFICAÇÃO DAS ORAÇÕES REDUZIDAS

Há três tipos de orações reduzidas:

a) de *infinitivo*;

b) de *gerúndio*;

c) de *particípio*;

As orações reduzidas são quase sempre subordinadas e analisam-se como as desenvolvidas correspondentes, ou melhor, de acordo com a sua função no período. Exemplo:

Fui à cidade *para consultar o médico*.
para consultar o médico: subordinada adverbial final, reduzida de infinitivo

■ reduzidas de infinitivo

Podem ser:

a) Substantivas subjetivas:

Não convém *procederes assim*.

É possível *terem tão pouco interesse?!*

Não adianta nada *reclamarem da sorte*.

Vale a pena *estudar tantas matérias*?

Importa *prevenir os acidentes*.

Custou-lhe muito *concluir o curso superior*.

Tornara-se impossível *continuarem juntos*.

"É certo *ter vivido e morrido em Famalicão uma endiabrada mulher*, a quem chamaram Maria da Fonte." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Não me pesa *confessá-lo*." (CIRO DOS ANJOS)

"Até hoje, não me agrada *ver uma ave prisioneira*." (POVINA CAVALCÂNTI)

"Faz mal a Marcoré *ver mãe e avó desunidas*." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

"De nada servia *pegarem-me os dedos, tentarem dominá-los*." (GRACILIANO RAMOS)

Dói *ver essas crianças abandonadas*.

"Indispensável *os meninos entrarem no bom caminho*." (GRACILIANO RAMOS)

"Inútil *definir este animal aflito*." (ANTÔNIO GEDEÃO)

Encontrar Marcelo em casa é muito difícil.

Acabarem as flores num monte de lixo me causa tristeza.

b) Substantivas objetivas diretas:

O índio não aceita *viver sem liberdade*.

Não leve a mal *eu ter me referido a você*.

"Foi o que acreditei *ter lido nos olhos das alunas*." (CIRO DOS ANJOS)

"Achei uma injustiça *não me premiarem também*." (CIRO DOS ANJOS)

"Era esta a herança dos miseráveis, que ele sabia *não escassearem na quase solitária e meia arruinada Carteia*." (ALEXANDRE HERCULANO) [*meia* = meio]

c) Substantivas objetivas indiretas:

Nada me impede *de ir agora*.

Acusavam-no *de traficar pedras preciosas*.

"Ainda me não arrependo *de o haver restituído à liberdade*." (MACHADO DE ASSIS)

"Por que não aconselha sua sobrinha *a deixar essa profissão*, D. Glória?" (GRACILIANO RAMOS)

"Acostumei-me *a julgá-lo um bicho perigoso*." (GRACILIANO RAMOS)

O pai habituará os filhos *a respeitá-lo*.

d) Substantivas predicativas:

O essencial é *salvarmos a nossa alma*.

Sua vontade foi sempre *ser um grande jogador*.

Seu sonho era *morar no Rio*.

Recusar o computador seria *adiar a solução de muitos problemas humanos*.

O destino deles é *serem devorados pelos outros peixes*.

"O mais sensato seria *voltares para casa de teus pais*." (FERREIRA DE CASTRO)

Aparecem, em bons escritores, realçadas pela preposição expletiva *de*:

"Sabes tu, Gonçalo Nunes, que o dever de um alcaide é *de nunca entregar, por nenhum caso, o seu castelo a inimigos*...?" (ALEXANDRE HERCULANO)

e) Substantivas completivas nominais:

Tinha ânsia *de retornar à sua pátria*.

Estou disposto *a ir sozinho*.

Este piloto é capaz *de fazer incríveis acrobacias*.

O líder reafirmou seu propósito *de prosseguir nas negociações*.

"Recuou, muito pálida, receosa *de se contaminar*." (GRACILIANO RAMOS)

"Também das meninas é a obrigação *de trazer água para casa*." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

f) Substantivas apositivas:

És bonita e inteligente; só te falta uma coisa: *seres mais humilde*.

"Ele chegava aos cinquenta e cinco anos com apenas dois problemas: *não fumar e não comer em excesso*." (VIANA MOOG)

g) Adverbiais temporais:

Ao despedirem-se, choravam.

"*Ao perceber o logro*, Zezé desorientou-se." (CIRO DOS ANJOS)
Pense bem, *antes de falar*.
Não os deixei em paz, *até eles se decidirem*.

h) Adverbiais finais:
Os marinheiros deixaram os navios *a fim de conhecer a cidade*.
"O animal feroz mata *para se alimentar*." (FERNANDO NAMORA)
Para melhor fotografarem o eclipse solar, astrônomos subiram a doze mil metros, a bordo de um avião.
"Arrastei-me chorando, apalpando o chão, *a procurar qualquer coisa*." (GRACILIANO RAMOS)

i) Adverbiais concessivas:
Aprenderam a ler *sem terem frequentado escola*.
Apesar de (ou *não obstante*, ou *sem embargo de*) *ser ainda criança*, Marcelo não teve medo.

j) Adverbiais condicionais:
Você não sairá *sem antes me avisar*.
A ser eu rei, não faria outra coisa.
A prosseguirem esses crimes, ninguém mais terá sossego.
A julgar pelas aparências, Paulo e Vera são um casal feliz.

k) Adverbiais causais:
Marta não veio *por se achar doente*.
Por não gostar dos artistas, não vi o filme.
Comprarei os dois cavalos, *visto serem de boa raça*.
"Quase nos matam *de tanto nos abraçar*." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

l) Adverbiais consecutivas:
Muito distraído devia estar você *para não me ver na festa*.
Aquela cena impressionou-o muito, *a ponto de lhe tirar o sono*.
"Eu é que era jovem, *a ponto de provocar reparo*." (AMADEU DE QUEIRÓS)
Não podiam demorar-se mais, *sob pena de perderem o avião*.

m) Adverbiais modais:
Retirei-me discretamente, *sem ser percebido*.
"O funcionário da polícia tinha passado *sem fazer a saudação do costume*." (GRACILIANO RAMOS)
"Eugênia saiu *sem despedir-se do pai*." (CAMILO CASTELO BRANCO)
"Ela o encarou por algum tempo, em silêncio, *como a analisá-lo*." (ÉRICO VERÍSSIMO)

n) Adjetivas:
A morte é o último inimigo *a ser destruído por Cristo*.
O capitão não era homem *de se entregar facilmente*.
"Não sou homem [*de inventar coisas*], [*mas de contá-las*]." (RUBEM BRAGA)

Não constituem orações reduzidas os infinitivos:

- de locuções verbais:

  Deves ir já!

  Não *pode haver* dúvidas!

  Foi levar o recado.

  Viviam a elogiar os filhos.

  Provavelmente *andam* por aí *a cochichar* que...

  "Não havia por que *ficar* ali *a recriminar-se*." (ÉRICO VERÍSSIMO)

- substantivados:

  "*O comer* era quando Deus fosse servido." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

reduzidas de gerúndio

Estas orações podem ser:

a) Subordinadas adjetivas:

Passaram guardas *conduzindo presos*. [= guardas *que conduziam presos*]

Havia ali crianças *pedindo esmola*.

"Iam cinco soldados, *portando fuzis*." (LUÍS HENRIQUE TAVARES)

b) Adverbiais temporais:

Chegando lá, avise-me. [= *Quando chegar lá*, avise-me.]

"*Em aparecendo febre*, peço a qualquer tropeiro que chame o Dr. Felício dos Santos." (CARLOS DE LAET)

"Você, *varrendo o quarto*, não terá encontrado algumas?" (GRACILIANO RAMOS)

Cheguei a Belém três dias depois, *tendo rodado mais de quatro mil quilômetros*.

c) Adverbiais concessivas:

Admira-me que, *sendo tão esperto*, você tenha acreditado neles.

Mesmo correndo, não o alcançou.

"... *não sendo religioso*, mandei dizer uma missa pelo eterno descanso do coronel." [= *embora não fosse religioso*] (MACHADO DE ASSIS)

"Abomina o espírito de fantasia, *sendo dos* que mais o possuem." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE) [*sendo* = embora seja]

"Eu não podia entender a hostilidade de meu tio, *sabendo embora* que ele não era de rir à toa para mim." (JOSÉ J. VEIGA)

d) Adverbiais condicionais:

Ficando aí, nada verás. [= *Se ficares aí*, nada verás.]

Estudando, você aprenderá em pouco tempo.

"Chegarás facilmente lá, *querendo*." (SAID ALI)

"Havia uma técnica para soltar busca-pé, a fim de evitar que, *estourando* ao acendê-lo, arrebentasse na mão." (POVINA CAVALCÂNTI)

e) Adverbiais causais:

Estando adoentado, não saí de casa. [= *Como estava adoentado*]

Prevendo uma resposta indelicada, não o interroguei.

"*Julgando inúteis as cautelas*, curvei-me à fatalidade." (GRACILIANO RAMOS)

Tendo perdido o dinheiro, João viu-se obrigado a voltar a pé.

Agora veja que errei *mantendo-me calado*.

f) Adverbiais modais:

Aprendeu-se um ofício *praticando-o*.

O homem entrou na sala *dando empurrões*.

"Caminhava ao meu encontro, *sinistramente sorrindo*." (CECÍLIA MEIRELES)

As alunas espalharam-se pelo pátio, *rindo e papagueando*.

"O ladrão abriu a porta *servindo-se de gazua*." (SAID ALI)

"Tive a ideia extravagante de chegar à cidade *andando sobre as árvores*." (GRACILIANO RAMOS)

A oração adverbial modal traduz o modo como se realiza o fato expresso pela oração principal.

Observação:

✔ As orações adverbiais modais não são mencionadas na NGB.

g) Adverbiais conformativas:

Seguindo velho hábito, ele e a esposa iam juntos ao culto divino na igreja da paróquia." (ÉRICO VERÍSSIMO)

h) Coordenadas aditivas:

A mãe aconchegou a criança e a beijou, *largando-a, em seguida*.

[*largando-a, em seguida* = e a largou, em seguida]

O balão subiu rapidamente, *desaparecendo no céu*.

"Ela [a capitania de Itamaracá] se iniciava na baía da Traição, na Paraíba, *prolongando-se até a ponta sul da ilha de Itamaracá*." (EDUARDO BUENO)

As coordenadas aditivas traduzem fatos imediatos, ações subsequentes a (não consequentes de) outras. Essas orações são de difícil classificação. Optamos pela que nos parece melhor.

Não constituem orações reduzidas os gerúndios de locuções verbais como:

Foi andando devagar até a beira do abismo.

O médico *está viajando*.

Fiquei sabendo muitas coisas a respeito desse artista.

reduzidas de particípio

Apresentam-se com essa forma orações:

a) Subordinadas adjetivas:

Esta é a notícia *divulgada pela imprensa*. [= *que foi divulgada pela imprensa*]

O menino trouxe a gaiola, *feita pelo pai.*

As histórias *contadas por ele* têm muita graça.

"Era um burrinho pedrês, miúdo e resignado, *vindo de Passa-Tempo.*" (GUIMARÃES ROSA) [*vindo* = que veio]

Observação:

✔ Em muitos casos, os particípios são meros adjetivos, devendo ser analisados, conforme o caso, como adjuntos adnominais ou predicativos:

São dez os alunos *aprovados.* → adjunto adnominal

Vi *jogada* no chão a minha blusa verde. → predicativo do objeto

b) Adverbiais temporais:

Abertas as portas, entraram as visitas. [= *Depois que foram abertas as portas*]

Feito isto, podem sair.

"*Findas as lições*, espaçou as visitas, sumiu-se afinal." (GRACILIANO RAMOS)

Chegados que fomos àquela cidade, procuramos um hotel.

"*Concluída que foi a cabana*, instalaram-se contentes." (COELHO NETO)

Observação:

✔ É expletiva ou de realce a sequência *que* + verbo *ser* que ocorre em orações adverbiais temporais como as dos últimos dois exemplos.

c) Adverbiais concessivas:

Mesmo oprimidos, não cederemos. [= *Mesmo que sejamos oprimidos*]

Sitiada por um inimigo implacável, a cidade não se rendeu.

d) Adverbiais condicionais:

"*Aceita a força por fundamento jurídico*, então o mundo seria uma arena de feras." (JÔNATAS SERRANO) [*Aceita* = Se fosse aceita]

e) Adverbiais causais:

Surpreendidos por repentina chuva, pusemo-nos a correr. [*Surpreendidos* = *Como fomos surpreendidos*]

"*Muito ocupado no Asilo*, não tenho com quem deixar os órfãos." (OTTO LARA RESENDE)

Observação sobre orações reduzidas:

✔ Inúmeras orações reduzidas, mormente adverbiais, prestam-se a mais de uma interpretação. As fronteiras entre os diversos tipos nem sempre são nítidas. Nem faltam exemplos de orações reduzidas que não se enquadram nos esquemas da NGB. Haja vista:

Forçaram o preso a confessar o crime, *torturando-o.* (oração adverbial de meio ou de modo)

Em vez de (ou *longe de*, ou *em lugar de*) *se abandonar ao desânimo*, ele reagiu e venceu. (oração adverbial de exclusão ou de negação)

Não fez nada o mês inteiro, *a não ser* (ou *senão*) *passear*. (oração adverbial de exceção)

Sobre (ou *além de*) *serem rápidos*, os jogadores eram fortes. (oração coordenada aditiva)

"Recebeu a joia, *entregando-a depois à esposa*." (SAID ALI) (oração coordenada aditiva)

Tenha-se em mente, porém, que o fundamental não é saber classificar as orações, mas usá-las com acerto, na prática da comunicação oral e escrita.

O emprego criterioso das orações reduzidas assegura à linguagem concisão e elegância. Quem escreve há de saber utilizar oportunamente ora a forma plena, ora a forma reduzida.

EXERCÍCIOS LISTA 48

1. Siga o exemplo, transformando os termos destacados em orações reduzidas:

Isabel não suportava **o trato com pessoas mal-educadas**.

Isabel não suportava **tratar com pessoas mal-educadas**.

a) Seria muito ruim para nós **a divulgação de falsidades**.

b) Economizei dinheiro para **a aquisição de um gravador**.

c) A vantagem deles é **o conhecimento de todos os segredos da selva**.

2. As orações em destaque são substantivas reduzidas de infinitivo. Numere-as, de acordo com o indicado:

(1) subjetiva

(2) objetiva direta

(3) objetiva indireta

(4) completiva nominal

(5) predicativa

(6) apositiva

Aconselharam-me a **desfazer o noivado**.

Todos conheciam a mania de Laura: **empenhar joias**.

Depende de V. Sa. **libertar esses presos**.

Um de seus passatempos é **colecionar selos**.

Parti com a doce esperança **de encontrar meu amor**.

Lamento **ter perdido essa oportunidade**.

3. Em seu caderno, reorganize as duas colunas, classificando corretamente as orações adverbiais reduzidas de infinitivo:

Não podia demorar-me, **sob pena de perder o avião**.	causal
Retirei-me discretamente, **sem ser percebido**.	concessiva
É difícil curar um mal **sem lhe conhecer as causas**.	condicional
Ao clarear o dia, descemos da montanha.	consecutiva
Não pude viajar **por ter perdido o dinheiro**.	final
Tirou o cachimbo da boca **a fim de poder falar**.	modal
Apesar de ser mais fraco, Davi matou Golias.	temporal

4. Classifique as orações adverbiais reduzidas de gerúndio, numerando-as adequadamente:

(1) causal (3) modal
(2) condicional (4) temporal

Aumentando-se a produção, a exportação crescerá.
Vendo-se perdido, o toureiro gritou por socorro.
Chegando ao alto da árvore, sacudiu-a fortemente.
Matou as formigas esmagando-as com o calcanhar.

5. Classifique as orações adverbiais reduzidas de particípio, numerando-as:

(1) causal (3) condicional
(2) concessiva (4) temporal

Terminado o almoço, comentamos as notícias do dia.
Ofendido pelo empregado, o patrão descontrolou-se.
Mesmo picado por uma jararaca, o novilho não morreu.
Instituída a pena de morte, o crime diminuiria?

6. Copie a única oração reduzida que não é adjetiva:

A estrada **a ser construída pelo governo** terá 500 km de extensão.
O menino trouxe a gaiola, **feita na véspera pelo pai**.
Incumbiram-me **de apascentar um rebanho de ovelhas**.
Ouvimos a voz da araponga **cortando o silêncio da mata**.
Ernesto não era homem **de levar desaforo para casa**.

7. Desenvolva as orações reduzidas:

a) **Hasteada a bandeira por um capitão**, cantou-se o Hino Nacional.

b) Hoje cedo, **indo ao quintal**, surpreendi a pereira toda florida.

c) Iremos nós mesmos, **sendo preciso**.

d) **Prevendo uma recepção fria**, não fui visitá-lo.

e) À beira da estrada, vimos crianças **empinando papagaios**.

f) Os moradores de um edifício em chamas, **ao saltar das janelas**, deveriam cair em redes protetoras.

g) Não os deixei em paz **até eles se decidirem**.

h) Então você se apaixonou pela moça **antes de conhecê-la**?

i) Nos eclipses, a Lua escurece **por entrar no cone de sombra da Terra**.

j) Dizem os retirantes **ter passado muitas privações na cidade grande**.

8. Classifique as orações reduzidas[1]:

a) "É preciso trabalhar todos os dias pela alegria geral." (TIAGO DE MELO)

b) Garantiu-me o pescador serem baleias aquelas manchas escuras.

c) A grande pedra parecia uma sentinela vigiando a planície.

d) "Chegando a Nápoles, cresceram-lhe desejos de subir ao Vesúvio." (CARLOS DE LAET)

e) Urge erradicar da televisão brasileira todo conteúdo negativo.

f) Eles vangloriam-se de ter escalado o mais alto pico do Brasil.

g) O sapateiro tinha a pretensão de se tornar prefeito da cidade.

h) "Um sonho tinha: possuir um barco para apanhar peixe grande." (ADONIAS FILHO)

i) Não tendo interesse no caso, não intervim.

j) Apesar de possuir asas, o pinguim não voa.

k) Ela não tem culpa de ser rica, como ele de ser pobre.

9. As orações reduzidas em destaque do período abaixo são, respectivamente:

substantiva subjetiva – substantiva objetiva direta

substantiva objetiva direta – substantiva subjetiva

substantiva predicativa – substantiva subjetiva

substantiva subjetiva – substantiva apositiva

"Convém **lembrar** que os defensores dos UFOS acreditam **serem os discos naves espaciais de origem extraterrena**." (RONALDO DE FREITAS MOURÃO)

10. Classifique as orações reduzidas:

a) "Não descrevo as festas por não interessarem ao nosso propósito." (MACHADO DE ASSIS)

b) Eu achava estupidez exigirem tanto esforço de uma criança.

c) "Proibidas que foram as entradas livres, enfureceram-se os colonos e arderam em fúrias contra os jesuítas." (CARLOS DE LAET)

d) "Doeu-lhe ver espalhados sobre a sua cama os fragmentos coloridos." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

e) "A continuar assim, não vou longe." (OTTO LARA RESENDE)

f) "Estaria transformado a ponto de não ser reconhecido?" (GRACILIANO RAMOS)

g) Eles têm a preocupação de não deixar o menor vestígio por onde passam.

h) A dificuldade era discernir a amizade do interesse.

i) A selva, habitada por animais ferozes, estava à nossa espera.

---

(1) Quando se classificam orações reduzidas, não é preciso desenvolvê-las, mas pode-se fazê-lo mentalmente, o que, sem dúvida, ajudará a classificá-las com acerto.

j) "Tio Maxêncio ainda não te perdoou não teres descido para a missa de sétimo dia." (José Geraldo Vieira)

k) "Custa corrigir velhos hábitos." (Celso Luft)

l) "A rainha e a corte francesa adotaram o hábito de fumar." (Eduardo Bueno)

11. Copie os períodos numerando-os de acordo com o tipo de oração reduzida em destaque:

(1) substantiva subjetiva
(2) substantiva objetiva direta
(3) substantiva objetiva indireta
(4) substantiva completiva nominal

"Aconselhou-me **a não o ler**." (Graciliano Ramos)

"Faz mal a Marcoré **ver mãe e avó desunidas**." (A. Olavo Pereira)

"Exortou-me **a botar a mão na consciência**." (Carlos Drummond de Andrade)

"Sou avesso **a derramar sangue humano**." (Carlos de Laet)

Eu estava com sede e curioso **de experimentar aquela bebida**.

A Funai informou **ter demarcado a reserva indígena**.

"É uma obrigação **pagar a dívida ao velho**." (Adonias Filho)

Muitos preferem morrer lutando **a viver sem liberdade**.

"O treinador do clube observava o interesse do rapaz **em melhorar o nado livre**." (José Fonseca Fernandes)

12. Destaque do período seguinte as orações reduzidas, conforme se pede:

"E, aos brigões, incapazes de se moverem, basta-lhes xingarem-se à distância." (Dalton Trevisan)

a) subordinada substantiva subjetiva

b) subordinada substantiva completiva nominal

13. Converta as orações subordinadas em destaque nas reduzidas correspondentes:

a) **Se tudo correr bem**, chegaremos antes do sol posto.

b) **Assim que nos viu**, correu a nosso encontro.

c) **Como a rua fosse estreita**, os namorados falavam-se das janelas.

d) Acreditamos **que há outras soluções possíveis para o problema dos transportes**.

e) **Depois que a notícia foi divulgada pela imprensa**, houve na cidade manifestações de desagrado.

f) Tenho consciência **de que agi corretamente**.

g) Diz-se **que nos diademas dos reis há mais espinhos do que rosas**.

h) Noticia-se **que foram encontrados por um garimpeiro de Goiás dois grandes diamantes**.

i) Descobri, atônito, **que estava contribuindo para a minha própria ruína**.

j) Foste punido **porque não seguiste os conselhos de teus pais**.

14. Como o exercício anterior:

a) **Embora tenhas vivido nesta cidade desde criança**, ainda não lhe conheces os arredores?

b) **Se fosse posta em prática**, esta doutrina seria a solução de muitos problemas sociais.

c) **Quando se vence com perigo**, triunfa-se com glória.

d) Os jovens, **como não têm ainda ideias claras e definitivas**, flutuam à mercê de múltiplas correntes filosóficas.

e) É absurdo **que se deixem criminosos em paz** até que eles resolvam emendar-se sozinhos.

f) Lembro-me **de que achei estranha aquela casa**.

g) Sugeri **que comêssemos o peixe no almoço**.

h) Na ilha vi milhares de asas **que obscureciam o sol**.

i) Pelo caminho ouvi **que repetiam a música do filme**.

j) O rádio espalhou a notícia, **que foi confirmada depois pelos jornais**.

k) Às vezes acontecia **que encontravam alguma jaca madura** e então era aquela festa.

l) A vida é um palco: **depois que acabar a representação e cerrarem-se as cortinas**, só restarão dois personagens, você e Deus.

15. Copie as reduzidas fixas, isto é, que não admitem a forma desenvolvida:

"O divertimento dele era **decepar cabeça de saúva**." (MÁRIO DE ANDRADE)

Recusei-me **a assinar o papel em branco**.

Ao atravessar uma rua, ele olhava à direita e à esquerda.

"**Repetindo o gesto do capelão da frota de Colombo**, o Papa beijou a terra do Novo Mundo." (MANCHETE, 10/2/1979)

16. Orientado pelo esquema, substitua as orações desenvolvidas em destaque pelas equivalentes reduzidas de infinitivo:

1) Informaram que não **há** (ou **havia**) mais ingressos. [presente ou pretérito imperfeito]
Informaram não **haver** mais ingressos. [infinitivo presente]

2) Mauro disse que **fez** (ou **fizera**) boa prova. [pretérito perfeito ou mais-que-perfeito]
Mauro disse **ter feito** boa prova. [infinitivo pretérito]

a) Causou estranheza o fato **de que seus corpos flutuavam no espaço**.

b) Foi **porque montou cavalo xucro** que Saul quebrou a perna.

c) O rádio informa **que não há previsão para o restabelecimento do tráfego aéreo**.

d) Pescadores afirmaram **que viram um objeto voador não identificado**.

e) O menino deveria ter uns dez anos e via-se **que recebera boa educação**.

f) Helena parece **que não gostou da brincadeira de suas colegas**.

g) Chegaram dois homens dizendo **que eram os legítimos donos daquelas terras**.

h) Das vinganças de Henrique Heine disse alguém **que eram** como as de Apolo, que de um talho arrancou a pele ao sátiro Mársias.

i) Seria conveniente que não fosses à festa **sem que te vestisses de acordo com a moda**.

17. Os períodos seguintes estão mal redigidos, devido à desagradável repetição da palavra **que**. Melhore-os, substituindo as orações em destaque pelas reduzidas correspondentes:

a) Li no jornal umas notícias que depois averiguei **que não tinham fundamento**.

b) Marquei consulta com o Dr. Clemente, um médico que diziam **que era muito bom**.

c) Todos esses edifícios, enormes e assustadores, que parece **que querem esmagar-nos**, são a prova concreta de uma falsa civilização.

d) Guardarei com amor esta carta, que dizes **que escreveste num banco de jardim**.

e) Dizem as crônicas que algumas pessoas afirmavam **que tinham visto cascavéis** dançando no peito do vereador.

f) Referiu-me que uma freira, recentemente chegada, lhe disse **que há por lá sérios receios** de que se deflagre nova guerra.

g) O chefe do grupo considerou **que era demasiado perigoso que alguns dos homens se arriscassem** a entrar naquela selva dominada pelos índios.

h) A mesma pessoa que me disse **que o dito farmacêutico mudou de nome** afirmou, entretanto, **que era de ascendência italiana** e **que exercera já a profissão de escultor**.

i) Aquelas rochas atraem a atenção dos arqueólogos **porque têm marcas** que se acredita **que são vestígios de antiga civilização**.

18. Forme períodos em que figurem orações reduzidas iniciadas pelas locuções prepositivas **longe de**, **a ponto de**, **sob pena de**, **a despeito de**.

19. Escreva as orações subordinadas reduzidas, transformando-as em desenvolvidas.

a) Terminada a leitura da peça, o debate começou.

b) É importante cultivares boas amizades.

c) Percebendo minha tristeza, calou-se.

20. Transforme as orações subordinadas desenvolvidas em reduzidas:

a) Nossa intenção era que participássemos do congresso.

b) Quando a recepção terminou, todos estavam entusiasmados.

c) Penso que estou preparado para tudo.

21. Localize no exercício 19 exemplos de:

a) oração reduzida de infinitivo;

b) oração reduzida de gerúndio;

c) oração reduzida de particípio.

22. Desenvolva a oração reduzida abaixo de duas maneiras diferentes. Depois, classifique cada uma delas.

Consertando o carro, ele rodará ainda muitos quilômetros.

23. Desenvolva as orações reduzidas por meio de pronomes relativos:

a) No colégio, vi um garoto pulando o muro.

b) Você já ouviu os CDs comprados pelo Grêmio?

c) Observei durante longo tempo os médicos discutindo a situação.

d) Havia ali muitos homens procurando emprego.

ORAÇÕES REDUZIDAS
Exercícios de exames e concursos
[Página 686]

ESTUDO COMPLEMENTAR DO PERÍODO COMPOSTO

No *período composto* podem ocorrer:

a) orações subordinadas justapostas, isto é, sem conectivo:

"*Há seis meses* depusemos Sílvia na campa, ao lado de seu Camilo." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

"Conheciam-se já provavelmente, *tão familiares se mostravam*." (FERNANDO NAMORA)

"Lembra-me *quão penoso foi o encontro com o passado*." (CIRO DOS ANJOS)

"Ficou resolvido *se fizesse, em nome do povo, uma representação ao Imperador*." (VIRIATO CORREIA)

"A carinha podia ser de chinesa, *fossem os olhos mais enviesados*." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"De maio a agosto, ninguém podia tomar banho no rio, *dava febre*." (JOSÉ J. VEIGA)

b) orações cujo verbo está elíptico, isto é, subentendido:

"*Tão bom* se ela estivesse viva para me ver assim!" (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

[*Tão bom* = Seria tão bom]

"*Absurdo* alguém viver num lugar onde se apertavam tantas casas." (GRACILIANO RAMOS)
[*Absurdo* = Era absurdo]

"Carteia está deserta, *como as demais povoações vizinhas*." (ALEXANDRE HERCULANO)

"E nunca se sabia *como, quando* e com que armas ia atacar." (ÉRICO VERÍSSIMO)

"Olha-me com ar, *se não de censura*, de ressentimento." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

"*Humilde embora a choupana* a que se bata, sempre se é acolhido com afabilidade." (AFONSO CELSO)

"A coleira não aprisionava nem tigre nem leão, *mas um menino*." (HAROLDO BRUNO)

"Não sei se é lua, *se apenas um rastro de nuvem no azul triste do dia*." (CECÍLIA MEIRELES)

O candidato promete que, *se eleito*, fará amplas reformas.

c) orações interferentes, que estudaremos a seguir.

1 ORAÇÕES INTERFERENTES

Às orações que se acrescentam "à margem" da frase, como esclarecimento, observação, ressalva, etc., dá-se o nome de *interferentes* ou *intercaladas*.

- Semelhantes orações interferem na sequência lógica da frase, sendo elementos estranhos à estrutura do período. Exemplos:

  "Melhor seria eu ir para o forno (*e o de lá de casa era enorme*), para ao menos eu ir assando ao fogo lento." (LUÍS JARDIM)

  "Se não me atirasse às bananas (*devo ter comido meia dúzia*), não poderia ter feito as milhares de coisas que fiz." (LÍGIA FAGUNDES TELLES)

  "Desta vez, *disse ele*, vais para a Europa." (MACHADO DE ASSIS)

  "É muito esperto o seu menino, *exclamaram os ouvintes*." (MACHADO DE ASSIS)

  "É bem feiozinho, *benza-o Deus*, o tal teu amigo!" (ALUÍSIO AZEVEDO)

  "Rico, e muito rico – *pensava Caúla* – quem possuía um barco como aquele!" (ADONIAS FILHO)

  "Tive (*por que não direi tudo?*), tive remorsos." (MACHADO DE ASSIS)

  "Esta obra de arte popular até hoje se conservou inédita, *creio eu*." (GRACILIANO RAMOS)

  "No monte Calvário (*relembra o nosso grande Vieira*), esteve a Senhora sempre ao pé da Cruz..." (CARLOS DE LAET)

  "Notei, *é verdade*, as pedras roídas nos alicerces." (ANÍBAL MACHADO)

  "O espaço desta campanha de norte a sul (*aqui chamo, senhores, vossa atenção*) é de mais de 300 léguas por costa." (CARLOS DE LAET)

  Meus irmãos (*digo-o com tristeza*) desviaram-se do bom caminho.

  Nenhum destes historiadores, *que eu saiba*, faz referência àquele episódio.

- Às vezes, não é apenas uma oração que se insere na frase, mas um período composto, como neste exemplo:

  A cidade, caso o tempo esteja bom – *e não há quem admita o contrário* –, terá este ano um carnaval animadíssimo.

Observação:

✔ As orações interferentes são de largo uso no discurso direto. Veja pág. 643.

Divergem os autores quanto à classificação das orações interferentes. Entendemos que são orações independentes justapostas. Na análise sintática, basta dizer: oração ou período interferente.

EXERCÍCIOS — LISTA 49

1. Escreva somente os períodos em que há orações subordinadas justapostas, isto é, sem conectivo:

a) Não fossem as aves, os insetos nocivos acabariam com as plantas.

b) Qualquer que seja o resultado, permanecerei tranquilo.

c) Perguntaram a que horas o patrão tinha passado pela ponte.

d) Nada o contentará enquanto não tiver a paz interior.

e) Ela pediu às autoridades transferissem o irmão para outro presídio.

2. Transcreva os períodos e sublinhe as orações cujo verbo está subentendido e enuncie esse verbo:

a) A terra era fértil, os rios piscosos e grande o número de animais.

b) "A chuva havia parado, mas o vento não." (SÉRGIO FARACO)

c) "À tarde houve cavalhadas e à noite quermesse." (ÉRICO VERÍSSIMO)

d) "Não se sabia como, quando e com que armas ia atacar." (ÉRICO VERÍSSIMO)

e) O candidato promete que, se eleito, fará amplas reformas.

f) Ela o atraía irresistivelmente, como o ímã ao ferro.

g) Donde terá provindo a vida? Porventura do acaso?

3. Copie os períodos abaixo e sublinhe as orações ou os períodos interferentes:

a) Velhos prédios da Rua do Catete são uma ameaça para os pedestres (pedaços de fachadas tombam no passeio) e podem desabar a qualquer momento.

b) "Tudo que se pode ter de felicidade aqui debaixo deste céu (fez um gesto de declamadora de cidade pequena) a vida me deu." (ELSIE LESSA)

c) "Se eu alteasse o choro, se gritasse – a minha mãe ameaçava – a surra se duplicaria." (LUÍS JARDIM)

d) "Tenho passado por boas, observei, e não me consta que te houvesses interessado por mim." (CARLOS DE LAET)

e) Apesar da chuva e do campo enlameado – até o meio-dia o jogo correu o risco de ser transferido –, a atuação das duas equipes agradou bastante, sobretudo pelas boas jogadas dos ataques.

f) "No bolso do capote, por que não confessar, ia uma garrafinha de um horrível conhaque de contrabando que eu arranjara em Pistoia." (RUBEM BRAGA)

4. Fazendo uso da elipse, redija frases de estrutura semelhante à das seguintes:

a) Absurdo pretender melhorar o mundo sem melhorar o homem.

b) Acanhado, as orelhas ardendo, repeli o elogio: os meus escritos eram fracos, não prestavam.

c) Criatura estranha o filósofo Diógenes, que morava num tonel.

d) A voz áspera, modos sacudidos, ranzinza, impertinente, Fernando era assim.

e) "Veio sem pintura, um vestido leve, sandálias coloridas." (RUBEM BRAGA)

5. Organize períodos em que figurem orações semelhantes às em destaque:

a) Aquela dura sentença, **longe de me abalar**, até me envaideceu.

b) Não só se envergonhava do pai, **como também não o amava**.

c) **Por mais que eu tenha insistido**, não me atendeu.

d) Não se sentava **que não enterrasse a cara nas mãos**.

e) **Tivesse eu os teus recursos**, e quantas coisas haveria de realizar!

f) A planície parecia não ter fim, **de tão extensa que era**.

g) "**Nem bem a porta fechou**, Casimiro redarguiu, agressivo..." (José Fonseca Fernandes)

h) A tempestade fustigava a natureza, **a floresta e o rio como que se contorciam de dor**.

2 MODELOS DE ANÁLISE SINTÁTICA

1

"A ordem, meus amigos, é a base do governo."

(Machado de Assis)

Período simples; oração absoluta (única no período).

Sujeito: A ordem

Predicado: é a base do governo (*nominal*)

Verbo: é (*de ligação*)

Predicativo do sujeito: a base do governo

Adjuntos adnominais: a, meus, a, do governo

Vocativo: meus amigos

2

A	B
[Netuno é deus do mar,]	**[mas Baco tem afogado mais gente.]**

Período composto por coordenação.

A) oração coordenada assindética

Sujeito: Netuno

Predicado: é deus do mar (*nominal*)

Verbo: é (*de ligação*)

Predicativo do sujeito: deus do mar

Adjunto adnominal: do mar

B) oração coordenada adversativa sindética

Sujeito: Baco

Predicado: tem afogado mais gente (*verbal*)

Verbo: tem afogado (*transitivo direto*)

Objeto direto: mais gente

Adjunto adnominal: mais

Conectivo coordenativo: mas

3

A B C

[Se bem que eu não o julgue insensível à arte,] [admira-me] [vê-lo assim tão entusiasmado.]

Período composto por subordinação.

A) oração subordinada adverbial concessiva

Sujeito: eu

Predicado: não o julgue insensível à arte (*verbo-nominal*)

Verbo: julgue (*transitivo direto*)

Objeto direto: o

Predicativo do objeto: insensível

Complemento nominal: à arte

Adjunto adverbial de negação: não

Conectivo subordinativo: se bem que

B) oração principal

Sujeito: a oração *C*

Predicado: admira-me (*verbal*)

Verbo: admira (*transitivo direto*)

Objeto direto: me

C) oração sub. subst. subjetiva, reduzida de infinitivo

Sujeito: eu (*oculto*)

Predicado: vê-lo assim tão entusiasmado (*verbo-nominal*)

Verbo: ver (*transitivo direto*)

Objeto direto: o

Predicativo do objeto: entusiasmado

Adjunto adverbial de modo: assim

Adjunto adverbial de intensidade: tão

4

A B A

["Todos os médicos [a quem contei as moléstias dele] foram acordes]

C D E

[em que a morte era certa,] [e só se admiravam] [de ter resistido tanto tempo."]

(MACHADO DE ASSIS)

Período composto por subordinação e coordenação.

A) oração principal

B) oração subordinada adjetiva restritiva

C) oração subordinada substantiva completiva nominal

D) oração coordenada aditiva sindética, principal relativamente à seguinte

E) oração subordinada substantiva objetiva indireta, reduzida de infinitivo

Análise de alguns termos: *quem*, objeto indireto; *dele*, adjunto adnominal; *acordes*, predicativo do sujeito; *tanto*, adjunto adnominal.

5

A **B**

["Certamente, para o garoto o ideal seria] [que todos fossem embora]

C

[e ele tomasse posse da cápsula.]

(CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

Período composto por subordinação e coordenação.

A) oração principal

B) oração subordinada substantiva predicativa

C) oração subordinada substantiva predicativa coordenada à oração *B* (elipse da conjunção integrante *que*: e **que** ele tomasse posse da cápsula)

Análise de alguns termos: *certamente*, adjunto adverbial de afirmação; *garoto*, adjunto adverbial de interesse; *ideal*, sujeito; *tomasse posse* [= *se apossasse*], núcleo do predicado; *cápsula*, objeto indireto.

Análise também aceitável: *tomasse*, núcleo do predicado; *posse*, objeto direto; *cápsula*, complemento nominal.

Observação:

✔ **Cápsula**. Cabine de uma nave espacial.

EXERCÍCIOS — LISTA 50

1. Converta os termos destacados em orações e classifique-as:

a) Quero **sua colaboração**.

b) É necessária nossa **participação**.

c) Tenho necessidade **de sua ajuda**.

d) O mais importante é **a devolução do nosso dinheiro**.

e) Peço-te apenas uma coisa: **o reconhecimento da verdade**.

2. Transforme os períodos simples em compostos utilizando pronome relativo. Oriente-se pelo exemplo.

Estudo em uma escola religiosa. A escola tem muitos alunos.

A escola em que estudo tem muitos alunos.

a) Seu José é ótimo contador. Seu José mora em minha rua.

b) Temos novos funcionários. Esses funcionários foram aprovados em concurso.

c) Paulo é uma pessoa admirável. Podemos contar sempre com ele.

3. Escreva os períodos substituindo os adjuntos adverbiais grifados por orações subordinadas adverbiais equivalentes.

a) *À noite*, retornávamos a nossos lares.

b) Enviaremos o resultado do exame *para a realização do inquérito*.

c) *Apesar de sua agressividade*, Carlinhos é um ótimo garoto.

d) Não terminei o relatório *por falta de dados*.

e) Saíram *no término da festa*.

4. Classifique as orações adverbiais que formulou no exercício anterior.

5. Escreva os períodos acrescentando orações subordinadas adjetivas às principais.

a) O campeão * não participará da próxima competição.

b) A secretária * trabalha na sala ao lado.

c) O livro * é muito interessante.

d) A vila * não existe mais.

e) O colégio * é muito bom.

6. Explique a diferença de sentido que existe entre as frases abaixo:

a) Meu irmão, que mora em Botucatu, virá amanhã.

b) Meu irmão que mora em Botucatu virá amanhã.

ESTUDO COMPLEMENTAR DO PERÍODO COMPOSTO
Exercícios de exames e concursos
[Página 685]

SINAIS DE PONTUAÇÃO

Tríplice é a finalidade dos sinais de pontuação:

a) assinalar as pausas e as inflexões da voz (a entonação) na leitura;

b) separar palavras, expressões e orações que devem ser destacadas;

c) esclarecer o sentido da frase, afastando qualquer ambiguidade.

Não há uniformidade entre os escritores quanto ao emprego dos sinais de pontuação. Não sendo possível traçar normas rigorosas sobre a matéria, daremos aqui apenas as que o uso geral vem sancionando, na atual língua escrita.

1 EMPREGO DA VÍRGULA

A) Emprega-se a vírgula:

- para separar palavras ou orações justapostas assindéticas:

  A terra, o mar, o céu, tudo apregoa a glória de Deus.
  Os passantes chegam, olham, perguntam e prosseguem.

- para separar vocativos:

  "Olha, *Roque*, você me vai dar um remédio." (MENOTTI DEL PICCHIA)

- para separar apostos e certos predicativos:

  São Marcelino Champagnat, *fundador da Congregação dos Irmãos Maristas*, destaca-se entre os grandes educadores da juventude.

  "*Pássaro e lesma*, o homem oscila entre o desejo de voar e o desejo de arrastar." (GUSTAVO CORÇÃO)

  Lentos e tristes, os retirantes iam passando.

- para separar orações intercaladas e outras de caráter explicativo:

  A História, *diz Cícero*, é a mestra da vida.
  Segundo afirmam, há no mundo 396.000 espécies vivas de animais.

  "O jornal, *como o entendem hoje em dia*, é o mergulho absoluto na intensidade da vida." (FÉLIX PACHECO)

- para separar certas expressões explicativas ou retificativas, como *isto é, a saber, por exemplo, ou melhor, ou antes*, etc. Exemplo:

  O amor, *isto é*, o mais forte e sublime dos sentimentos humanos, tem seu princípio em Deus.

- para separar orações adjetivas explicativas:

  Pelas 11h do dia, *que foi de sol ardente*, alcançamos a margem do rio Paraná.
  "O coronel ia enchendo o tambor do revólver, *do qual nunca se apartava*." (HERBERTO SALES)

- de modo geral, para separar orações adverbiais desenvolvidas:

  Enquanto o marido pescava, Rosa ficava pintando a paisagem.

- para separar orações adverbiais reduzidas:

  "Dali eu via, *sem ser visto*, a sala de visitas." (LÚCIO DE MENDONÇA)
  "*Findas as lições*, espaçou as visitas, sumiu-se afinal." (GRACILIANO RAMOS)
  "O tiroteio inesperado, *violentando a paz da noite*, fez a cidade estremecer..." (HERBERTO SALES)

- para separar adjuntos adverbiais:

  "Eis que, *aos poucos, lá para as bandas do oriente*, clareia um cantinho do céu." (VISCONDE DE TAUNAY)
  "*Com mais de setenta anos*, andava a pé." (GRACILIANO RAMOS)
  O adjunto adverbial, quando breve, pode dispensar a vírgula:
  "*Dentro do navio* homens e mulheres conversavam." (JORGE AMADO)

- para indicar a elipse de um termo:

  Uns diziam que se matou, outros, que fora para o Acre. [= outros *diziam* que fora para o Acre.]
  "Às vezes sobe aos ramos da árvore; outras, remexe o uru de palha matizada." (JOSÉ DE ALENCAR) [= outras *vezes*]

- para separar certas conjunções pospositivas, como *porém, contudo, pois, entretanto, portanto*, etc.:

  "Vens, *pois*, anunciar-me uma desventura." (ALEXANDRE HERCULANO)
  "As pessoas delicadas, *contudo*, haviam desde a véspera abandonado a cidade." (JOÃO RIBEIRO)

- para separar os elementos paralelos de um provérbio:

  Mocidade ociosa, velhice vergonhosa.

- para separar termos que desejamos realçar:

  O dinheiro, Jaime o trazia escondido nas mangas do paletó.

- para separar, nas datas, o nome do lugar:

  Rio de Janeiro, 10 de maio de 2000.

B) Não se emprega vírgula:

- entre o sujeito e o verbo da oração, quando juntos:

  Atletas de várias nacionalidades participarão da grande maratona.

Observação:

✔ Se entre o sujeito e o verbo ocorrer adjunto ou oração, com pausas obrigatórias, terá lugar a vírgula:

Meus olhos, *devido à fumaça*, ardiam e lacrimejavam muito.

As crianças, *quando os pais as tratam mal*, tornam-se agressivas.

- entre o verbo e seus complementos, quando juntos:

  Dona Elza pediu ao diretor do colégio que colocasse o filho em outra turma.

- em geral, antes de oração adverbial consecutiva do tipo:

  O vento soprou tão forte *que arrancou mais de uma árvore*.

2 PONTO E VÍRGULA

O ponto e vírgula denota uma pausa mais sensível que a vírgula e emprega-se principalmente:

- para separar orações coordenadas de certa extensão:

  "Depois Iracema quebrou a flecha homicida; deu a haste ao desconhecido, guardando consigo a ponta farpada." (José de Alencar)

  Astrônomos já tentaram estabelecer contato com seres extraterrestres; suas tentativas, porém, foram infrutíferas.

- em enumerações do tipo:

  Destacaram-se, na Conjuração Mineira, Joaquim José da Silva Xavier, alcunhado *Tiradentes*; o poeta Cláudio Manuel da Costa, autor do poema épico *Vila Rica*; o poeta Tomás Antônio Gonzaga, autor de *Marília de Dirceu*; o desembargador Inácio Alvarenga Peixoto e o padre Luís Vieira da Silva, em cuja biblioteca se reuniam os conjurados.

- para separar os considerandos de um decreto, de uma sentença, de uma petição, etc.
- para separar os itens de um artigo de lei, de um regulamento.

3 DOIS-PONTOS

Emprega-se este sinal de pontuação:

- para anunciar a fala dos personagens nas histórias de ficção:

  "O Baixinho retomou o leme, dizendo:
  – Olha, menino, veja a Bahia." (Adonias Filho)
  "Ouvindo passos no corredor, abaixei a voz:
  – Podemos avisar sua tia, não?" (Graciliano Ramos)

- antes de uma citação:

  "Repetia as palavras do pai: O mundo, sem a selva, será triste e mau." (Adonias Filho)
  Bem diz o ditado: Vento ou ventura, pouco dura.
  "O pessoal do extremo norte tem um *slogan*: Amazônia também é Brasil!" (Raquel de Queirós)

- antes de certos apostos, principalmente nas enumerações:

  Tudo ameaça as plantações: vento, enchentes, geadas, insetos daninhos, bichos, etc.
  Duas coisas lhe davam superioridade: o saber e o prestígio.
  Existem na esgrima três modalidades de arma: florete, sabre e espada.
  "O *Titanic* nasceu de um sonho: o de que era possível construir um navio à prova de naufrágio." (Artur Dapieve)

- antes de orações apositivas:

  A verdadeira causa das guerras é esta: os homens se esquecem do Decálogo.
  "Só ponho uma condição: vai almoçar comigo." (CARLOS DE LAET)
  "É triste dizer: o velho às vezes se embriagava." (AUTRAN DOURADO)

- para indicar um esclarecimento, um resultado ou resumo do que se disse:

  "Mas padre Anselmo era assim mesmo: amigo dos pobres." (JOÃO CLÍMACO BEZERRA)
  "Guardo o mundo na mão: não sei se sou feliz." (CABRAL DO NASCIMENTO)
  "Afinal a casa não caíra do céu por descuido: fora construída pelo major." (GRACILIANO RAMOS)
  "Resultado: no fim de algum tempo tinha o que se chama 'dinheiro no Banco'."
  (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)
  "Em resumo: saí com 1.029 cruzeiros no bolso, um tanto confuso."
  (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

4 PONTO FINAL

- Emprega-se, principalmente, para fechar o período:

  "Mestre Vitorino morava no mar." (ADONIAS FILHO)

- Usa-se também nas abreviaturas:

  Sr. (senhor), *a.C.* (antes de Cristo), *pág.* (página), *P.S.* (*post scriptum*), etc.

5 PONTO DE INTERROGAÇÃO

- Usa-se no fim de uma palavra, oração ou frase, para indicar pergunta direta, que se faz com entoação ascendente:

  "– Aonde? perguntou Dona Plácida." (MACHADO DE ASSIS)
  "Não estás farto do espetáculo e da luta?" (MACHADO DE ASSIS)
  "– Que vai fazer V. Exª? tornou Calisto." (CAMILO CASTELO BRANCO)
  "– Que tem isso? perguntava-lhe eu." (MACHADO DE ASSIS)
  "Caça é coisa para homem, não é, César?" (ANTÔNIO OLINTO)

- Aparece, às vezes, no fim de uma pergunta intercalada, que pode, ao mesmo tempo, estar entre parênteses:

  "A imprensa (quem o contesta?) é o mais poderoso meio que se tem inventado para a divulgação do pensamento." (CARLOS DE LAET)
  Outras vezes combina-se com o ponto de exclamação ou as reticências:
  "– A mim?! Que ideia!" (CAMILO CASTELO BRANCO)
  "Virgília? Mas então era a mesma senhora que alguns anos depois...?" (MACHADO DE ASSIS)

Observação:

✔ Não se usa o ponto interrogativo nas perguntas indiretas: *Dize-me o que tens.*
Desejo saber quem vai. Perguntei quem era.

6 PONTO DE EXCLAMAÇÃO

- Usa-se depois das interjeições, locuções ou frases exclamativas, que se proferem com entonação descendente, exprimindo surpresa, espanto, susto, indignação, piedade, ordem, súplica, etc. Exemplos:

  "– Céus! Que injustiça!" (Camilo Castelo Branco)

  "– Nunca! gemeu o enfermo." (Machado de Assis)

  "Coitada de Dona Plácida!" (Machado de Assis)

  "Ah! mísero demente! o teu tesouro é falso!" (Olavo Bilac)

  "Suspendam o interrogatório!" (Érico Veríssimo)

  "– Um automóvel! Depressa! Depressa!" (Fernando Namora)

- Substitui a vírgula depois de um vocativo enfático:

  "*Colombo!* fecha a porta dos teus mares!" (Castro Alves)

7 RETICÊNCIAS

As reticências (...) são usadas, principalmente:

- para indicar suspensão ou interrupção do pensamento, ou ainda, corte da frase de um personagem pelo interlocutor, nos diálogos:

  "– Mas essa cruz, observei eu, não me disseste que era teu pai que..." (Machado de Assis)

  "– A instrução é indispensável, a instrução é uma chave, a senhora não concorda, dona Madalena?

  – Quem se habitua aos livros...

  – É não habituar-se, interrompi." (Graciliano Ramos)

- no meio do período, para indicar certa hesitação ou breve interrupção do pensamento:

  "– Porque... não sei, porque... porque é a minha sina..." (Machado de Assis)

  "– Ao contrário, se é amigo dele... peço-lhe que o distraia... que..." (Machado de Assis)

- no fim de um período gramaticalmente completo, para sugerir certo prolongamento da ideia:

  "Na terra os homens sonham, os homens vivem sonhando..." (Malu de Ouro Preto)

  "Ninguém... A estrada, ampla e silente,
  Sem caminhantes adormece..." (Olavo Bilac)

- para sugerir movimento ou a continuação de um fato:

  "E o pingo d'água continua..." (Olegário Mariano)

  "E a Vida passa... efêmera e vazia." (Raul de Leoni)

- para indicar chamamento ou interpelação, em lugar do ponto interrogativo:

  "– *Seu Pilar*... murmurou ele daí a alguns minutos.

  – Que é?" (Machado de Assis)

- para indicar supressão de palavra(s) numa frase transcrita, caso em que se podem usar quatro pontos, em vez de três:

  "... o chefe dos pescadores... se arroja nas ondas..." (José de Alencar)

  "Na primeira semana de agosto,.... a frota ancorou em Málaga...." (Eduardo Bueno)

Neste último caso, as reticências são mero sinal gráfico: não representam pausa nem entonação especial.

Observação:

✔ As reticências e o ponto de exclamação, sinais gráficos subjetivos de grande poder de sugestão e ricos em matizes melódicos, são ótimos auxiliares da linguagem afetiva e poética. Seu uso, porém, é antes arbitrário, pois depende do estado emotivo do escritor.

8 PARÊNTESES

- Usam-se para isolar palavras, locuções ou frases intercaladas no período, com caráter explicativo, as quais são proferidas em tom mais baixo:

  "O Cristianismo (escreveu Chateaubriand) inventou o órgão e fez suspirar o bronze." (Carlos de Laet)

  "Mas o tempo (e é outro ponto em que eu espero a indulgência dos homens pensadores!), o tempo caleja a sensibilidade..." (Machado de Assis)

- Às vezes substituem a vírgula ou o travessão:

  "Ora (direis) ouvir estrelas! Certo

  Perdeste o senso!..." (Olavo Bilac)

9 TRAVESSÃO

O travessão (–) é um traço maior que o hífen e usa-se:

- nos diálogos, para indicar mudança de interlocutor ou, simplesmente, início da fala de um personagem:

  "– Você é daqui mesmo? perguntei.

  – Sou, sim senhor, respondeu o garoto." (Aníbal Machado)

- para separar expressões ou frases explicativas, intercaladas:

  Um bom ensino básico – diga-se mais uma vez – exige a valorização do professor.

  "Quanto mais andam pelas docas, pelo porto – Amsterdam já tem uma indústria naval –, maior agitação encontram." (Assis Brasil)

  "E logo me apresentou à mulher, – uma estimável senhora – e à filha." (Machado de Assis)

- para isolar palavras ou orações que se quer realçar ou enfatizar:

  "Acresce que chovia – peneirava – uma chuvinha miúda, triste e constante..." (Machado de Assis)

  "O obelisco aponta aos mortais as coisas mais altas: o céu, a Lua, o Sol, as estrelas, – Deus." (Manuel Bandeira)

- às vezes substitui os parênteses e mesmo a vírgula e os dois-pontos:

"Uma das glórias – e tantas são elas! – da Ordem Beneditina no Brasil é D. Frei Antônio do Desterro." (CARLOS DE LAET)

"O que o colono do Maranhão pretendia era isto – fazer entradas livres." (CARLOS DE LAET)

"Mas eis – corre-se então nívea cortina." (CRUZ E SOUSA)

10 ASPAS

- Usam-se as aspas (" ") antes e depois de uma citação textual (palavra, expressão, frase ou trecho):

Disse o pintor grego Apeles ao sapateiro que o criticara: "Sapateiro, não passes além da sandália!"

"Proletário, uni-vos." Isto era escrito sem vírgula e sem traço, a piche. (GRACILIANO RAMOS)

"A bomba não tem endereço certo." (CECÍLIA MEIRELES)

- Costuma-se aspear expressões ou conceitos que se deseja pôr em evidência:

Miguel Ângelo, "o homem das três almas"... (CARLOS DE LAET)

Desde os cinco anos merecera eu a alcunha de "menino diabo". (MACHADO DE ASSIS)

País algum sobrevive sob o insensato refrão de que "é proibido proibir". (DOM EUGÊNIO SALES)

- Põem-se entre aspas ou, então, grifam-se palavras estrangeiras, termos da gíria, expressões que devem ser destacadas:

Guido vestiu um *short* branco e foi jogar bola.

O *réveillon* foi muito animado.

Assim me contou o "tira"... (ANÍBAL MACHADO)

- Títulos de livros, revistas, jornais, filmes, etc. são, de preferência, grifados:

A notícia foi dada pelo *Jornal do Brasil*.

11 COLCHETES

- Têm a mesma finalidade que os parênteses; todavia, seu uso se restringe aos escritos de cunho didático, filológico, científico:

"Luzente. [Do lat. *lucente*.] *Adj. 2 g.* Que luz ou brilha." (*Novo Dicionário Aurélio*, 3ª edição, 1999)

"Cada um colhe [conforme semeia]." (ADRIANO DA GAMA KURY)

- Na transcrição de um texto, indicam inclusão de palavra(s):

  "O [peixe] do meio trazia uma concha na boca..." (*Novo Dicionário Aurélio*, 3ª edição, verbete *lhe*)

  "Qualquer mudança deve vigir [*sic*] apenas a partir de 1995." (CARLOS CASTELO BRANCO)

12 ASTERISCO

O asterisco (*), palavra que significa *estrelinha*, é usado:

- para remeter a uma nota ou explicação ao pé da página ou no fim de um capítulo;
- nos dicionários e nas enciclopédias, para remeter a um verbete;
- no lugar de um nome próprio que não se quer mencionar: *o Dr.*, o jornal***.*

13 PARÁGRAFO

Representa-se com o sinal § e serve para indicar um parágrafo de um texto ou artigo de lei.

EXERCÍCIOS — LISTA 51

1. Em uma frase a vírgula é inadequada. Dê a razão:

a) Colhiam café bandos de moças alegres, cantadoras, muito bonitas.

b) Menino pobre, Zezinho não tinha roupa nova para ir à festa.

c) Para lá da via férrea, meninos empinavam papagaios.

d) A tartaruga, conhecido réptil aquático, vem à terra para a desova.

e) Mugidos tristes de reses famintas, cortavam o silêncio da noite.

2. Escreva o trecho abaixo, colocando as vírgulas corretamente:

"De longe por entre coqueiros surge correndo uma mulher vestida de calça e capa de borracha negra dessas de marinheiro; na mão um cajado longo. Não ouvem o que ela grita devido ao vento mas sentem no bastão erguido um gesto de ameaça. Seguem-na um padre e um tipo de barbas. Em seguida os pescadores: velhos moços e meninos." (JORGE AMADO)

3. Copie as frases, colocando convenientemente vírgula, ponto e vírgula e dois-pontos:

a) Vaqueiros saltam em cima de cavalos cavalos se lançam atrás dos bois que correm desabalados caatinga adentro.

b) Na cidade vê-se o contrário do que acontece na roça as pessoas estão sempre muito apressadas.

c) Umas excursões levam ao norte às praias de Cabo Frio onde a vida social é muito animada outras conduzem ao sul a Angra dos Reis lugar ideal para a caça submarina.

d) "Durante o ciclo da borracha fora aquela legião de rapazes para os seringais. Poucos voltaram. O Governo prometia mundos e fundos terras hospitais ordenado médicos escolas. E no fim foi o que se viu os desgraçados voltaram como antigamente. Roídos de beribéri de maleita magros famintos. Dinheiro nem um tostão. E os arrebanhadores de gente ricos com casa na cidade." (João Clímaco Bezerra, *A Vinha dos Esquecidos*, p. 97)

4. Ponha os sinais de pontuação adequados na seguinte fábula:

O acordo

Vestido como caçador o homem caçava Estava metido no mais negro da floresta e caçava Mas não procurava qualquer caça não Procurava uma caça determinada capaz de lhe dar uma pele que aquecesse suas noites hibernais

E procurava Procura que procura eis senão quando numa volta da floresta depara nada mais nada menos que com um urso Os dois se defrontam O caçador apavorado pela selvageria do animal O animal apavorado pela civilização em forma de rifle do caçador Mas foi o urso quem falou primeiro

Que é que você está procurando

Eu disse o caçador procuro uma boa pele com a qual possa abrigar-me no inverno E você

Eu disse o urso procuro algo que jantar porque há três dias que não como

E os dois se puseram a pensar E foi de novo o urso quem falou primeiro

Olha caçador vamos entrar na toca e conversar lá dentro que é melhor

Entraram E dentro de meia hora o urso tinha o seu almoço e consequentemente o caçador tinha o seu capote

Moral Falando a gente se entende

(Millôr Fernandes, *Novas Fábulas Fabulosas*, Desiderata, 2007)

5. Copie as frases colocando as vírgulas necessárias.

a) A doença a perda da esposa a viagem do filho tudo o abatia.

b) Falemos amigos de nossos sonhos e esperanças.

c) Os artistas alegres e realizados recebiam seus merecidos prêmios.

d) Dirigiam-se às crianças ou melhor aos alunos da quinta série.

e) Os alunos do ensino médio partirão hoje nós amanhã.

6. Explique por que não se podem usar as vírgulas que aparecem nas frases abaixo.

a) O grande e invencível herói americano, deixou-se cair abatido.

b) Os que zombam de ti não conhecem ainda, a força de teu caráter e de tua vontade.

c) As histórias do filme eram tão tristes e sombrias, que arrancaram lágrimas de toda a plateia.

7. Explique a diferença de sentido entre os pares de frases abaixo:

a) Carlos, o professor está doente.

Carlos, o professor, está doente.

b) As meninas andavam pelas ruas tranquilas.

As meninas andavam pelas ruas, tranquilas.

8. Escreva as frases colocando o termo destacado no ínicio do período. Veja se, então, haverá necessidade de usar vírgula.

a) Os refugiados caminhavam sem destino *após o ataque inimigo*.

b) Falava com as crianças da turma *com muita sensibilidade*.

9. Recoloque, em cada período, o ponto e vírgula omitido.

a) Muitos já tentaram descobrir a cura do câncer as diferentes pesquisas, no entanto, ainda não tiveram sucesso.

b) Os paulistas armaram-se para o ataque, supondo contar com a adesão dos outros estados após alguns combates, no entanto, foram desarmados.

SINAIS DE PONTUAÇÃO
Exercícios de exames e concursos
[Página 667]

SINTAXE DE CONCORDÂNCIA

Concordância é o princípio sintático segundo o qual as palavras dependentes se harmonizam, nas suas flexões, com as palavras de que dependem. Assim:

a) Os adjetivos, pronomes, artigos e numerais concordam em gênero e número com os substantivos a que se referem (*concordância nominal*);

b) O verbo concordará com o sujeito da oração em número e pessoa (*concordância verbal*).

CONCORDÂNCIA NOMINAL

1 CONCORDÂNCIA DO ADJETIVO ADJUNTO ADNOMINAL

A concordância do adjetivo, com a função de adjunto adnominal, efetua-se de acordo com as seguintes regras gerais:

- O adjetivo concorda em gênero e número com o substantivo a que se refere. Exemplo:

  O **alto** ipê cobre-se de flores **amarelas**.

- O adjetivo que se refere a mais de um substantivo de gênero ou número diferentes, quando posposto, poderá concordar no masculino plural (concordância mais aconselhada), ou com o substantivo mais próximo. Exemplos:

a) no masculino plural:

"Tinha as espáduas e o colo **feitos** de encomenda para os vestidos decotados." (MACHADO DE ASSIS)

"Os arreios e as bagagens **espalhados** no chão, em roda." (HERMAN LIMA)

"Ainda assim, apareci com o rosto e as mãos muito **marcados**." (POVINA CAVALCÂNTI)

"... grande número de camareiros e camareiras **nativos**." (ÉRICO VERÍSSIMO)

"... um padre-nosso e uma ave-maria **oferecidos** a Nossa Senhora." (MACHADO DE ASSIS)

"Uma solicitude e um interesse mais que **fraternos**." (MÁRIO DE ALENCAR)

"... asas e peito **matizados** de riscas brancas." (LÚCIO DE MENDONÇA)

A atriz possui muitas joias e vestidos **caros**.

"... à descoberta de rios e terras ainda **desconhecidos**." (JOSÉ DE ALENCAR)

"... esperavam-nos alguns tios e tias **maternos**, com os quais fomos viver." (HUMBERTO DE CAMPOS)

b) com o substantivo mais próximo:

A Marinha e o Exército **brasileiro** estavam alerta.

Músicos e bailarinas **ciganas** animavam a festa.

"... toda ela [a casa] cheirando ainda a cal, a tinta e a barro **fresco**." (HUMBERTO DE CAMPOS)

"Meu primo estava saudoso dos tempos da infância e falava dos irmãos e irmãs **falecidas**." (LUÍS HENRIQUE TAVARES)

- Anteposto aos substantivos, o adjetivo concorda, em geral, com o mais próximo:

"Escolhestes **mau** lugar e hora..." (ALEXANDRE HERCULANO)

"... acerca do **possível** ladrão ou ladrões." (ANTÔNIO CALLADO)

Velhas revistas e livros enchiam as prateleiras.

Velhos livros e revistas enchiam as prateleiras.

Observação:

✔ Seguem esta regra os pronomes adjetivos:

A *sua* idade, sexo e profissão. *Seus* planos e tentativas.

Aqueles vícios e ambições. Por que *tanto* ódio e perversidade?

"*Seu* Príncipe e filhos." (LUÍS DE CAMÕES, *Os Lusíadas*, III, 124)

Muitas vezes é facultativa a escolha desta ou daquela concordância, mas em todos os casos deve subordinar-se às exigências da eufonia, da clareza e do bom gosto.

Quando dois ou mais adjetivos se referem ao mesmo substantivo determinado pelo artigo, ocorrem dois tipos de construção, um e outro legítimos. Exemplos:

Estudo **as línguas** inglesa e francesa.

Estudo **a língua** inglesa e **a** francesa.

Os dedos indicador e médio estavam feridos.

O dedo indicador e **o** médio estavam feridos.

- Os adjetivos regidos da preposição *de*, que se referem a pronomes neutros indefinidos (*nada, muito, algo, tanto, que*, etc.), normalmente ficam no masculino singular:

Sua vida nada tem de **misterioso**.

Seus olhos têm algo de **sedutor**.

Todavia, por atração, podem esses adjetivos concordar com o substantivo (ou pronome) sujeito:

"Elas nada tinham de **ingênuas**." (JOSÉ GUALDA DANTAS)

"Os edifícios da cidade nada têm de **elegantes**." (MÁRIO BARRETO)

"Júlia tinha tanto de **magra** e **sardenta**, quanto de **feia**! (RIBEIRO COUTO)

"Tanto tinha minha tia de **emperiquitada** quanto minha avó de **desmazelada** consigo mesma." (PEDRO NAVA)

"... esses números nada têm de **precisos**." (JOSUÉ DE CASTRO)

2 CONCORDÂNCIA DO ADJETIVO PREDICATIVO COM O SUJEITO

A concordância do adjetivo predicativo com o sujeito realiza-se consoante as seguintes normas:

- O predicativo concorda em gênero e número com o sujeito simples:

  A ciência sem consciência é **desastrosa**.

  Os campos estavam **floridos**, as colheitas seriam **fartas**.

  É **proibida** a caça nesta reserva.

- Quando o sujeito é composto e constituído por substantivos do mesmo gênero, o predicativo deve concordar no plural e no gênero deles:

  O mar e o céu estavam **serenos**.

  A ciência e a virtude são **necessárias**.

  "**Torvos** e **ferozes** eram o gesto e os meneios destes homens sem disciplina." (ALEXANDRE HERCULANO)

- Sendo o sujeito composto e constituído por substantivos de gêneros diversos, o predicativo concordará no masculino plural:

  O vale e a montanha são **frescos**.

  "O céu e as árvores ficariam **assombrados**." (MACHADO DE ASSIS)

  Longos eram os dias e as noites para o prisioneiro.

  "O César e a irmã são **louros**." (ANTÔNIO OLINTO)

  O garoto e as meninas avançaram **cautelosos**.

- Menos comum é a concordância com o substantivo mais próximo, o que só é possível quando o predicativo se antecipa ao sujeito:

  "Era **deserta** a vila, a casa, o templo." (GONÇALVES DIAS)

  Onde andará **metido** Antônio e suas irmãs?

  Estavam **molhadas** as cortinas e os tapetes.

- Se o sujeito for representado por um pronome de tratamento, a concordância se efetua com o sexo da pessoa a quem nos referimos:

  Vossa Senhoria, ficará **satisfeito**, eu lhe garanto.

  "Vossa Excelência está **enganado**, Doutor Juiz." (ARIANO SUASSUNA)

  Vossas Excelências, senhores Ministros, são **merecedores** de nossa confiança.

  Vossa Alteza foi **bondoso**. (com referência a um príncipe)

  Vossa Alteza foi muito **severa**. (com referência a uma princesa)

  "Vossa Majestade pode partir **tranquilo** para a sua expedição." (VIVALDO COARACI)

Observação:

✔ A essa concordância do adjetivo com a ideia implícita na expressão de tratamento dá-se o nome de *silepse*, da qual trataremos adiante.

O predicativo aparece às vezes na forma do masculino singular nas estereotipadas locuções *é bom, é necessário, é preciso*, etc., embora o sujeito seja substantivo feminino ou plural:

Bebida alcoólica não é **bom** para o fígado.

"Água de melissa é muito **bom**." (MACHADO DE ASSIS)

"É **preciso** cautela com semelhantes doutrinas." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Hormônios, às refeições, não é **mau**." (ANÍBAL MACHADO)

"É **necessário** muita fé." (MÁRIO BARRETO)

"Não seria **preciso** muita finura para perceber isso." (CIRO DOS ANJOS)

Observe-se que em tais casos o sujeito não vem determinado pelo artigo e a concordância se faz não com a forma gramatical da palavra, mas com o fato que se tem em mente:

Tomar hormônios às refeições não é mau.

É necessário **ter muita fé**.

- Havendo determinação do sujeito, ou sendo preciso realçar o predicativo, efetua-se a concordância normalmente:

É necessária a tua presença aqui. [= indispensável]

"**Se eram necessárias** obras, que se fizessem e largamente." (EÇA DE QUEIRÓS)

"**Seriam precisos** outros três homens." (ANÍBAL MACHADO)

"**São precisos** também os nomes dos admiradores." (CARLOS DE LAET)

"Só para consolidar as bases do palácio real, **foram precisas** treze mil estacas." (RAMALHO ORTIGÃO)

3 CONCORDÂNCIA DO PREDICATIVO COM O OBJETO

A concordância do adjetivo predicativo com o objeto direto ou indireto subordina-se às seguintes regras gerais:

- O adjetivo concorda em gênero e número com o objeto quando este é simples:

Vi **ancorados** na baía os navios petrolíferos.

"Olhou para as suas terras e viu-as **incultas** e **maninhas**." (CARLOS DE LAET)

O tribunal qualificou de **ilegais** as nomeações do ex-prefeito.

A noite torna **visíveis** os astros no céu límpido.

- Quando o objeto é composto e constituído por elementos do mesmo gênero, o adjetivo se flexiona no plural e no gênero dos elementos:

A justiça declarou **criminosos** o empresário e seus auxiliares.

Deixe bem **fechadas** a porta e as janelas.

- Sendo o objeto composto e formado de elementos de gêneros diversos, o adjetivo predicativo concordará no masculino plural:

Tomei **emprestados** a régua e o compasso.

Achei muito **simpáticos** o príncipe e sua filha.

"Vi setas e carcás **espedaçados**." (GONÇALVES DIAS)

Encontrei **jogados** no chão o álbum e as cartas.

Encontrei pai e filha **empenhados** numa discussão.

- Se anteposto ao objeto, poderá o predicativo, neste caso, concordar com o núcleo mais próximo:

  É preciso que se mantenham **limpas** as ruas e os jardins.

- Segue as mesmas regras o predicativo expresso pelos substantivos variáveis em gênero e número:

  Temiam que as tomassem por **malfeitoras**.

  Considero **autores** do crime o comerciante e sua empregada.

4 CONCORDÂNCIA DO PARTICÍPIO PASSIVO

- Na voz passiva, o particípio concorda em gênero e número com o sujeito, como os adjetivos:

  Foi **escolhida** a rainha da festa.

  Foi **feita** a entrega dos convites.

  Os jogadores tinham sido **convocados**.

  O governo avisa que não serão **permitidas** invasões de propriedades.

  Passadas duas semanas, procurei o devedor.

  Minhas três coleções de selos são **postas** à venda.

  O que não é **admitido** é a greve abusiva.

  Foram **vistas** centenas de rapazes pedalando nas ruas.

- Quando o núcleo do sujeito é, como no último exemplo, um coletivo numérico, pode-se, em geral, efetuar a concordância com o substantivo que o acompanha:

  Centenas de rapazes foram **vistos** pedalando nas ruas.

  Dezenas de soldados foram **feridos** em combate.

- Referindo-se a dois ou mais substantivos de gêneros diferentes, o particípio concordará no masculino plural:

  Atingidos por mísseis, a corveta e o navio foram a pique.

  "Mas achei natural que o clube e suas ilusões fossem **leiloados**."
  (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

5 CONCORDÂNCIA DO PRONOME COM O NOME

- O pronome, quando se flexiona, concorda em gênero e número com o substantivo a que se refere:

  "Martim quebrou um ramo de murta, a folha da tristeza, e deitou-**o** no jazigo de sua esposa."
  (JOSÉ DE ALENCAR)

  "O velho abriu as pálpebras e cerrou-**as** logo." (JOSÉ DE ALENCAR)

- O pronome que se refere a dois ou mais substantivos de gêneros diferentes flexiona-se no masculino plural:

"Salas e coração habita-**os** a saudade!" (ALBERTO DE OLIVEIRA)

"A generosidade, o esforço e o amor, ensinaste-**os** tu em toda a sua sublimidade." (ALEXANDRE HERCULANO)

Conheci naquela escola ótimos rapazes e moças, com **os quais** fiz boas amizades.

"Referi-me à catedral de Notre-Dame e ao Vesúvio familiarmente, como se **os** *tivesse* visto." (GRACILIANO RAMOS)

Trazem presentes e flores e depositam-**nos** em torno dela.

Observação:

✔ Os substantivos sendo sinônimos, o pronome concorda com o mais próximo:

"Ó mortais, que cegueira e desatino *é o nosso!*" (MANUEL BERNARDES)

- Os pronomes *um... outro*, quando se referem a substantivos de gêneros diferentes, concordam no masculino:

  Marido e mulher viviam em boa harmonia e ajudavam-se **um ao outro**.

  "Repousavam bem perto **um do outro a matéria e o espírito**." (ALEXANDRE HERCULANO)

  Nilo e **Sônia** casaram cedo: **um** por amor, **o outro**, por interesse.

- A locução *um* e *outro*, referida a indivíduos de sexos diferentes, permanece também no masculino:

  "A **mulher** do **colchoeiro** escovou-lhe o chapéu; e, quando ele [Rubião] saiu, **um e outro** agradeceram-lhe muito o benefício da salvação do filho." (MACHADO DE ASSIS)

- O substantivo que se segue às locuções *um e outro* e *nem um nem outro* fica no singular. Exemplos:

  Um e outro **livro** me agradaram.

  Nem um nem outro **livro** me agradaram.

6 OUTROS CASOS DE CONCORDÂNCIA NOMINAL

Registramos aqui alguns casos especiais de concordância nominal:

▪ Anexo, incluso, leso

Como adjetivos, concordam com o substantivo em gênero e número:

Anexa à presente, vai a relação das mercadorias.

Vão **anexos** os pareceres das comissões técnicas.

Remeto-lhe, **anexas**, duas cópias do contrato.

Remeto-lhe, **inclusa**, uma fotocópia do recibo.

Os crimes de **lesa**-majestade eram punidos com a morte.

Ajudar esses espiões seria crime de **lesa**-pátria.

(Evite a locução espúria *em anexo*).

▪ A olhos vistos

Locução adverbial invariável. Significa *visivelmente*.

"Lúcia emagrecia **a olhos vistos**." (COELHO NETO)

"Zito envelhecia **a olhos vistos**." (AUTRAN DOURADO)

▪ Só

Como adjetivo, *só* [= sozinho, único] concorda em número com o substantivo. Como palavra denotativa de limitação, equivalente de *apenas*, *somente*, é invariável.

Eles estavam **sós**, na sala iluminada.

Esses dois livros, por si **sós**, bastariam para torná-lo célebre.

Elas **só** passeiam de carro.

Só eles estavam na sala.

Observação:

✔ Forma a locução *a sós* [= sem mais companhia, sozinho]:

Estávamos *a sós*.

Jesus despediu a multidão e subiu ao monte para orar *a sós*.

▪ Possível

- Usado em expressões superlativas, este adjetivo ora aparece invariável, ora flexionado:

"À volta, esperava-nos sempre o almoço com os pratos mais requintados **possível**." (MARIA HELENA CARDOSO)

"Estas frutas são as mais saborosas **possível**." (CARLOS GÓIS)

"A mania de Alice era colecionar os enfeites de louça mais grotescos **possíveis**." (LÊDO IVO)

"... e o resultado obtido foi uma apresentação com movimentos os mais espontâneos **possíveis**." (RONALDO MIRANDA)

"De modo geral, as características do solo são as mais variadas **possíveis**." (MURILO MELO FILHO)

As informações obtidas são as melhores (ou as piores) **possíveis**.

Ele escolhia as tarefas menos penosas **possíveis**.

- Como se vê dos exemplos citados, há nítida tendência, no português de hoje, para se usar, neste caso, o adjetivo *possível* no plural.

O singular é de rigor quando a expressão superlativa inicia com a partícula *o* (*o* mais, *o* menos, *o* maior, *o* menor, etc.):

Os prédios devem ficar **o** mais afastados **possível**.

Ele trazia sempre as unhas **o** mais bem aparadas **possível**.

O médico atendeu *o* maior número de pacientes **possível**.

▪ Adjetivos adverbiados

Certos adjetivos, como *sério*, *claro*, *caro*, *barato*, *alto*, *raro*, etc., quando usados com a função de advérbios terminados em *-mente*, ficam invariáveis:

Vamos falar **sério**. [*sério* = seriamente]

Penso que falei bem **claro**, disse a secretária.
Esses produtos passam a custar mais **caro**. [ou mais *barato*]
Estas aves voam **alto**. [ou *baixo*]
Gilberto e Regina **raro** vão ao cinema.
"Há pessoas que parecem nascer **errado**." (MACHADO DE ASSIS)

Junto e *direto* ora funcionam como adjetivos, ora como advérbios:
"Jorge e Dante saltaram **juntos** do carro." (JOSÉ LOUZEIRO)
"Era como se tivessem estado **juntos** na véspera." (AUTRAN DOURADO)
"Elas moram **junto** há algum tempo." (JOSÉ GUALDA DANTAS)
"Foram **direto** ao galpão do engenheiro-chefe." (JOSUÉ GUIMARÃES)
"As gaivotas iam **diretas** como um dardo." (JOSUÉ GUIMARÃES)
"Vamos carregar, **juntas**, nossa cruz." (MARIA JOSÉ DE QUEIRÓS)
Junto, estou lhe enviando algumas fotos.

As fotos foram enviadas **junto** com a carta.

▪ Todo

No sentido de *inteiramente, completamente*, costuma-se flexionar, embora seja advérbio:
Esses índios andam **todos** nus.
Geou durante a noite e a planície ficou **toda** (ou **todo**) branca.
As meninas iam **todas** de branco.
A casinha ficava sob duas mangueiras, que a cobriam **toda**.

Mas admite-se também a forma invariável:
Fiquei com os cabelos **todo** sujos de terra.

Suas mãos estavam **todo** ensanguentadas.

▪ Alerta

Pela sua origem, *alerta* [= atentamente, de prontidão, em estado de vigilância] é advérbio e, portanto, invariável:
Estamos **alerta**.
Os soldados ficaram **alerta**.
"Todos os sentidos **alerta** funcionam." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)
"Os brasileiros não podem deixar de estar sempre **alerta**." (MARTINS DE AGUIAR)

Contudo, esta palavra é, atualmente, sentida antes como adjetivo, sendo por isso flexionada no plural:
Nossos chefes estão **alertas**. [= vigilantes]
Papa diz aos cristãos que se mantenham **alertas**.

"Uma sentinela de guarda, olhos abertos e sentidos **alertas**, esperando pelo desconhecido..." (ASSIS BRASIL, *Os Crocodilos*, p. 25)

▪ Meio

Usada como advérbio, no sentido de *um pouco*, esta palavra é invariável. Exemplos:
A porta estava **meio** aberta.
As meninas ficaram **meio** nervosas.

Os sapatos eram **meio** velhos, mas serviam.

▪ Bastante

- Varia quando adjetivo, sinônimo de *suficiente*:
  Não havia provas **bastantes** para condenar o réu.
  Duas malas não eram **bastantes** para as roupas da atriz.
- Fica invariável quando advérbio, caso em que modifica um adjetivo:
  As cordas eram **bastante** fortes para sustentar o peso.
  Os emissários voltaram **bastante** otimistas.
  "Levi está inquieto com a economia do Brasil. Vê que se aproximam dias **bastante** escuros."
  (AUSTREGÉSILO DE ATAÍDE)

▪ Menos

É palavra invariável:
Gaste **menos** água.
À noite, há **menos** pessoas na praça.

EXERCÍCIOS LISTA 52

1. Escreva as frases substituindo o * pelas palavras propostas, fazendo-as concordar corretamente. Em certos casos, a palavra fica invariável; em outros, tanto é lícita a forma masculina como a feminina.

a) Pai e filhas mantiveram-se *. (**calado**)
b) Você escolheu * lugar e hora. (**mau**)
c) Ela revelou um interesse e uma solicitude mais que *. (**fraterno**)
d) O arbusto e as árvores haviam sido * pela queda do pinheiro. (**esmagado**)
e) Vai * a lista dos preços. (**incluso**)
f) É tempo, é paciência, é dinheiro *. (**perdido**)
g) Não custa muito a gente elogiar-se a si *. (**mesmo**)
h) Visitei os museus e as escolas *.(**recém-fundado**)
i) Não se pode negar que Petrópolis é *. (**bonito**)
j) Encontrareis a guarnição e seu comandante * a combater até a morte. (**disposto**)
k) Aquela mulher tinha tanto de * quanto de * . (**sedutor**, **pérfido**)
l) As mãos eram * pequenas. (**demasiado**)
m) As janelas * abertas deixavam ouvir o rumor das vozes. (**meio**)
n) Não admiro nem um nem outro *. (**artista**)
o) Em um ou outro * encontrei vocábulos e expressões *. (**livro**, **desconhecido**)
p) * já tantos anos de seu desaparecimento, os exemplos dele ainda vivem na memória de todos. (**passado**)
q) O frio e a chuva * prejudicaram o jogo. (**torrencial**)
r) O tráfego e as comunicações continuavam *. (**interrompido**)
s) Um e outro * são bons. (**carro**)
t) Chegam a ser * as conversas deles. (**irritante**)
u) Muitos eleitores, * à chuva, não votaram. (**devido**)
v) Descobertas novas, * a pacientes pesquisas e experiências dos cientistas, derrubaram certas teorias de Darwin. (**devido**)

2. Faça como no exercício anterior:

a) Era ela * que arrumava a casa. (mesmo)
b) Quando cheguei em casa era meio-dia e *. (meio)
c) Eu estou * com a tesouraria e vocês estão *? (quite)
d) Suas Excelências estavam * de suas esposas. (acompanhado)
e) Estas são as informações que foi * obter. (possível)
f) Alguns acham * navios de 800 mil toneladas. (possível)
g) Escolhemos as cores mais vivas *. (possível)
h) Serão mais * os homens ou as máquinas? (importante)
i) Achei o príncipe e sua filha muito *. (simpático)
j) Infelizmente, perdi a capa que lhe pedi *. (emprestado)
k) O operário teve uma das pernas *. (amputado)
l) A população respirou aliviada quando viu * o bandido e terrível assaltante. (preso)
m) Centenas de rapazes foram * pedalando nas ruas. (visto)
n) Para onde estariam sendo * a girafa e o tigre *? (levado, feroz)
o) Vai * à presente a relação dos livros solicitados. (anexo)
p) Vão * os comprovantes dos débitos quitados. (anexo)
q) Que * os discos que você comprou? (tal)
r) Emocionada, a moça agradeceu: – Muito *! (obrigado)
s) Compraram-me * óculos escuros de que não gostei. (um, artigo)
t) É * a entrada de pessoas estranhas. (proibido)

3. Escreva os períodos em que NÃO há erro de concordância:

a) As matas foram bastante danificadas pelo fogo.
b) A sala tinha bastantes carteiras, mas era meio escura.
c) As crianças já estavam bastantes crescidas.
d) Salvo algumas plantas mais resistentes, as demais a geada matou.
e) Cinquenta casas, se tantas, formavam a rua do povoado.
f) As duas ilhas ficam muito distante do litoral.
g) Convidamos o maior número de amigos possível.
h) Prestaram-lhe honras devido aos heróis.
i) Prestaram-lhe honras devidas aos heróis.

4. Substitua corretamente os asteriscos pelas palavras entre parênteses:

a) A cidade crescia a olhos ****. (**visto**)
b) Minutos depois, o avião descia em Paris, **** de escuro véu de nuvens. (**coberto**)
c) Achei muito **** a ida e a volta do barco. (**rápido**)
d) As que estavam **** ao repuxo ficaram **** molhadas. (**próximo**, **todo**)
e) Todas as guarnições militares estavam ****. (**alerta**)
f) Mãe viúva e filho moravam **** numa casa modesta. (**junto**)
g) Esses privilégios custam ****. (**caro**)
h) A casa tinha as paredes e o telhado ****. (**enegrecido**)
i) Disse-me que morava na Rua Codajás, número ****. (**tanto**)

j) A distância entre os dois portos é de cento e **** milhas. (**tanto**)

k) As crianças não andam ****, mas acompanhadas. (**só**)

l) Nem sempre vemos as coisas **** são. (**tal qual**)

m) As cópias estão **** com os originais. (**conforme**)

n) No seu gabinete, o diretor da Empresa de Chuvas Artificiais despachava de capa e guarda-chuva ****. (**aberto**)

5. Escreva as frases em seu caderno, fazendo concordar corretamente os particípios em destaque:

a) Não será **permitido** a presença de repórteres no recinto.

b) Procura-se um caderno que tem, **escrito** na capa, a palavra DIÁRIO.

c) **Removido** a pedra e o tronco da árvore tombada, o tráfego foi liberado.

d) O fazendeiro comprou vinte reses **vindo** de Goiás.

e) Se **observado** as normas de segurança, o voo livre oferece poucos riscos.

f) A coroa e o manto do imperador foram **exposto** à visitação pública no museu de Petrópolis.

g) Jipe, caminhão e máquinas descem a rua **acompanhado** por crianças.

h) Para ele, terminar a corrida já pode ser **considerado** uma vitória.

i) Rui pediu-me **emprestado** mil reais.

j) Deve ser **levado** em conta a boa vontade dele.

6. Justifique a concordância das palavras em destaque:

a) O carro tinha um dos faróis **queimado**.

b) Há muitos anos que coleciono selos e moedas **raras**.

c) **Entretidos** com seus brinquedos, Guido e suas irmãs nem olharam para mim.

d) Vento e mar **agitado** deixaram **vazias** as praias do Rio, no domingo.

e) Na árvore **próxima** à escola estavam **pousadas** duas rolinhas.

f) Vossa Senhoria, prezado chefe, tem justos motivos para estar **preocupado**.

g) Ele trazia muito bem **tratados** a barba e os cabelos.

h) Não me passou **despercebida** a ironia com que ele proferiu a última frase.

i) "Foram **direto** ao galpão do engenheiro-chefe." (JOSUÉ GUIMARÃES)

j) "Mas por via das dúvidas, melhor é passar ao largo, com os sentidos bem **alertas**." (HAROLDO BRUNO)

7. Substitua o * pelas concordâncias adequadas:

a) Para teus incômodos * água mineral. (*é bom – é boa*)

b) Muito * os seus conselhos. (*útil me foi – úteis me foram*)

c) A que * as marés? (*é devido – são devidas*)

d) Estas são as obras que me * consultar. (*foi permitido – foram permitidas*)

e) O pintor descobriu que * telas falsificadas com o seu nome. (*está sendo vendido – estão sendo vendidas*)

f) * grandes safras para o próximo ano. (*foi previsto – foram previstas*)

g) * como certa a morte do contrabandista. (*foi dado – foi dada*)

h) * bilhões de dólares para o homem ir à Lua. (*foi gasto – foram gastos*)

i) O que não * foi a fuga do preso. (*foi esclarecido – foi esclarecida*)

j) A fuga do preso é que não foi *. (*esclarecido – esclarecida*)

8. Faça concordar os predicativos em destaque:

a) O coqueiro e a palmeira são **alto** e **majestoso**.
b) Veja como são **belo** as rosas e os lírios deste canteiro!
c) Estava **deserto** a praça e o templo.
d) Mantenha o quarto e a sala bem **arejado**.
e) Vi **sentado**, na escada, Sônia e seus irmãos.
f) Estavam **desempregado** centenas de trabalhadores.
g) Nestes campos reinam **soberano** a saúva e seus aliados.
h) Eu não a suspeito **autor** do crime.
i) É preciso que se mantenham **limpo** as ruas e os jardins.
j) Em casa, encontrei meus pais e irmãs **triste** e **abatido**.
k) Suas Excelências mostraram-se muito **atencioso**.
l) Para tão grande obra é **pouco** uma vida.
m) É **proibido** a caça naquela região.
n) Os móveis e as cortinas eram o **mesmo**.
o) Não seria **preciso** muita inteligência para compreender isso.
p) O moço deixou **claro** as suas intenções.
q) Cientistas acham que estamos **só** no Universo.

9. Troque o * pelos pronomes **o**, **a**, **os**, **as**, conforme convenha:

a) As revistas e os jornais, leio- * por alto.
b) Ele podia ajudá-la, mas não * quis.
c) Vi Mário e suas irmãs, porém não * cumprimentei.
d) Aquela ilha, aquelas praias, como eu * conheço!
e) É a doença * que vos torna apáticos.
f) As paixões nos acorrentam sem que * sintamos.
g) "Salas e coração habita- * a saudade!" (ALBERTO DE OLIVEIRA)
h) "As suas horas deve- * Vossa Excelência ao bem da Pátria e indiscreta fui eu obrigando-* a estar fora do parlamento a esta hora." (CAMILO CASTELO BRANCO)
i) Passaram bandos de aves: você gostaria de * ter visto.

10. Substitua corretamente o * pelos pronomes e adjetivos entre parênteses:

a) Malograram * planos e tentativas. (**seu**)
b) Esperavam-me na estação * primos e primas, com * ia passar as férias. (**algum**, **o qual**)
c) São verdades evidentes por si *. (**mesmo**)
d) Estas e * mais foram as palavras do sacerdote. (**pouco**)
e) Aqui não faltam frutas: leve * quantas quiser. (**tanto**)
f) Seria inútil negar o que ela * confessara. (**próprio**)
g) A guerra é sempre um mal, * que sejam os motivos. (**qualquer**)
h) Nesse lago há * peixes. Há * carpas do que carás. (**bastante**, **menos**)
i) Não havia estacas * para fazer a cerca. (**bastante**)
j) As candidatas estavam * nervosas. (**bastante**)
k) Essas duas obras do prefeito, por si *, o redimem de seus erros. (**só**)

11. Transcreva as frases que têm as concordâncias corretas:

a) O governo mobilizou a polícia civil e militar.

b) O governo mobilizou a polícia civil e a militar.

c) O governo mobilizou as polícias civil e militar.

CONCORDÂNCIA VERBAL

O verbo concorda com o sujeito, em harmonia com as seguintes regras gerais:

1 O SUJEITO É SIMPLES

O sujeito sendo simples, com ele concordará o verbo em número e pessoa. Exemplos:

- verbo depois do sujeito:

  "As saúvas **eram** uma praga." (Povina Cavalcânti)

  "Tu não **és** inimiga dele, não?" (Camilo Castelo Branco)

  Vós **fostes** chamados à liberdade, irmãos." (São Paulo)

- verbo antes do sujeito:

  Acontecem tantas desgraças neste planeta!

  Não **faltarão** pessoas que nos queiram ajudar.

  A quem **pertencem** essas terras?

  "Que me **importavam** as grades negras e pegajosas?" (Graciliano Ramos)

  "**Eram** duas princesas muito lindas." (Adriano da Gama Kury)

2 O SUJEITO É COMPOSTO E DA 3ª PESSOA

- O sujeito, sendo composto e anteposto ao verbo, leva geralmente este para o plural. Exemplos:

  "A esposa e o amigo **seguem** sua marcha." (José de Alencar)

  "Poti e seus guerreiros o **acompanharam**." (José de Alencar)

  "Vida, graça, novidade, **escorriam**-lhe da alma como de uma fonte perene." (Machado de Assis)

- É lícito (mas não obrigatório) deixar o verbo no singular:

  a) quando os núcleos do sujeito são sinônimos:

  "A decência e honestidade ainda **reinava**." (Mário Barreto)

  "A coragem e afoiteza com que lhe respondi, **perturbou-o**..." (Camilo Castelo Branco)

  "Que barulho, que revolução **será** capaz de perturbar esta serenidade?"(Graciliano Ramos)

  b) quando os núcleos do sujeito formam sequência gradativa:

  Uma ânsia, uma aflição, uma angústia repentina **começou** a me apertar a alma.

- Sendo o sujeito composto e posposto ao verbo, este poderá concordar no plural ou com o substantivo mais próximo:

"Não **fossem** o rádio de pilha e as revistas, que seria de Elisa?" (JORGE AMADO)

"Enquanto ele não vinha, **apareceram** um jornal e uma vela." (RICARDO RAMOS)

"Ali **estavam** o rio e as suas lavadeiras." (POVINA CAVALCÂNTI)

"... casa abençoada onde **paravam** Deus e o primeiro dos seus ministros." (CARLOS DE LAET)

"Moço escritor, ao qual não **faltam** o talento e a graça." (Raquel de Queirós)

"Aí **vinham** a cobiça que devora, a cólera que inflama, a inveja que baba..." (MACHADO DE ASSIS)

"**Proibiu**-se o ofício e lojas de ourives." (VIRIATO CORRÊA)

"Aqui é que **reina** a paz e a alegria nas boas consciências." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"E de tudo, só **restaria** a árvore, a relva e o cestinho de morangos." (LÍGIA FAGUNDES TELES)

"**Assusta**-as, talvez, o ar tranquilo com que as recebo, e a modéstia da casa." (RUBEM BRAGA)

"**Passou**-me pela mente a face e a voz duma professora de escola primária." (ÉRICO VERÍSSIMO)

- Aconselhamos, nesse caso, usar o verbo no plural.

3 O SUJEITO É COMPOSTO E DE PESSOAS DIFERENTES

Se o sujeito composto for de pessoas diversas, o verbo se flexiona no plural e na pessoa que tiver prevalência. [A 1ª pessoa prevalece sobre a 2ª e a 3ª; a 2ª prevalece sobre a 3ª]:

"Foi o que **fizemos** Capitu e eu." (MACHADO DE ASSIS) [ela e eu = *nós*]

"Tu e ele **partireis** juntos." (MÁRIO BARRETO) [tu e ele = *vós*]

Você e meu irmão não me **compreendem**. [você e ele = *vocês*]

Muitas vezes os escritores quebram a rigidez dessa regra:

a) ora fazendo concordar o verbo com o sujeito mais próximo, quando este se pospõe ao verbo:

"O que me resta da felicidade passada **és** tu e eles." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Faze uma arca de madeira; **entra** nela tu, tua mulher e teus filhos." (MACHADO DE ASSIS)

b) ora preferindo a 3ª pessoa na concorrência tu + ele [*tu + ele = vocês* em vez de *tu + ele = vós*]:

"... Deus e tu **são** testemunhas..." (ALMEIDA GARRETT)

"O que eu continuamente peço a Deus é que ele e tu **sejam** meus amigos." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Juro que tu e tua mulher me **pagam**". (COELHO NETO)

"Nem tu nem Belkiss a **veem**." (EUGÊNIO DE CASTRO)

CASOS ESPECIAIS DE CONCORDÂNCIA VERBAL

Estudaremos aqui os mais importantes casos especiais de concordância verbal, lembrando que a matéria é complexa e controversa, sujeita a soluções divergentes. As normas que a seguir traçamos têm, muitas vezes, valor relativo, porquanto a escolha desta ou daquela concordância depende, frequentemente, do contexto, da situação e do clima emocional que envolvem o falante ou o escrevente.

1 NÚCLEOS DO SUJEITO UNIDOS POR *OU*

Há duas situações a considerar:

- Se a conjunção *ou* indicar exclusão ou retificação, o verbo concordará com o núcleo do sujeito mais próximo:

  Paulo ou Antônio **será** o presidente.

  O ladrão ou os ladrões não **deixaram** nenhum vestígio.

  Ainda não **foi encontrado** o autor ou os autores do crime.

  "O chefe ou um dos delegados, não me lembra, **era** amigo do Andrade." (MACHADO DE ASSIS)

- O verbo irá para o plural se a ideia por ele expressa se referir ou puder ser atribuída a todos os núcleos do sujeito:

  "Era tão pequena a cidade, que um grito ou gargalhada forte a **atravessavam** de ponta a ponta." (ANÍBAL MACHADO) [Tanto um grito como uma gargalhada atravessavam a cidade.]

  "Naquela crise, só Deus ou Nossa Senhora **podiam** acudir-lhe." (CAMILO CASTELO BRANCO)

- Há, no entanto, em bons autores, ocorrência de verbo no singular:

  "A glória ou a vergonha da estirpe **provinha** de atos individuais." (VIVALDO COARACI)

  "Há dessas reminiscências que não descansam antes que a pena ou a língua as **publique**." (MACHADO DE ASSIS)

  "Um príncipe ou uma princesa não **casa** sem um vultoso dote." (VIRIATO CORRÊA)

  "Nas classes burguesas é raro o rapaz ou a rapariga que não **saiba** o latim e o francês." (RAMALHO ORTIGÃO)

  "Não **faltava** argúcia ou malícia a quem era irmão de Júlia." (LUÍS JARDIM)

2 NÚCLEOS DO SUJEITO UNIDOS PELA PREPOSIÇÃO *COM*

- Usa-se mais frequentemente o verbo no plural quando se atribui a mesma importância, no processo verbal, aos elementos do sujeito unidos pela preposição *com*. Exemplos:

  Manuel com seu compadre **construíram** o barracão.

  "Eu com outros romeiros **vínhamos** de Vigo..." (CAMILO CASTELO BRANCO)

  "Ele com mais dois **acercaram**-se da porta." (CAMILO CASTELO BRANCO)

- Pode-se usar o verbo no singular quando se deseja dar relevância ao primeiro elemento do sujeito e também quando o verbo vier antes deste. Exemplos:

  O bispo, com dois sacerdotes, **iniciou** solenemente a missa.

  O presidente, com sua comitiva, **chegou** a Paris às 5 h da tarde.

  "Já num sublime e público teatro, se **assenta** o rei inglês com toda a corte." (LUÍS DE CAMÕES)

"À mesma porta por onde **saíra** a mulher com a filha, chegavam outros pretendentes." (ANÍBAL MACHADO)

3 NÚCLEOS DO SUJEITO UNIDOS POR *NEM*

- Quando o sujeito é formado por núcleos no singular unidos pela conjunção *nem*, usa-se, comumente, o verbo no plural. Exemplos:

Nem a riqueza nem o poder o **livraram** de seus inimigos.

Nem eu nem ele o **convidamos**.

"Nem o mundo nem Deus **teriam** força para me constranger a tanto." (ALEXANDRE HERCULANO)

"Nem a Bíblia nem a respeitabilidade lhe **permitem** praguejar alto." (EÇA DE QUEIRÓS)

Nem a mãe nem o pai **tinham** percebido sua ausência." (GARCIA DE PAIVA)

"Nem a mocidade, nem a fortuna **tinham** já forças para reanimar a sua vítima." (ANTÔNIO FELICIANO DE CASTILHO)

"Nem Hazerot nem Magog **foram eleitos**." (MACHADO DE ASSIS)

- É preferível a concordância no singular:

a) quando o verbo precede o sujeito:

"Não lhe **valeu** a imensidade azul, nem a alegria das flores, nem a pompa das folhas verdes..." (MACHADO DE ASSIS)

Não o **convidei** eu nem minha esposa.

"Na fazenda, atualmente, não se **recusa** trabalho, nem dinheiro, nem nada a ninguém." (GUIMARÃES ROSA)

b) quando há exclusão, isto é, quando o fato só pode ser atribuído a um dos elementos do sujeito:

Nem Berlim nem Moscou **sediará** a próxima Olimpíada.
[Só uma cidade pode sediar a Olimpíada.]

Nem Paulo nem João **será eleito** governador do Acre.
[Só um candidato pode ser eleito governador.]

4 NÚCLEOS DO SUJEITO CORRELACIONADOS

O verbo vai para o plural quando os elementos do sujeito composto estão ligados por uma das expressões correlativas *não só... mas também, não só como também, tanto... como*, etc. Exemplos:

"Não só a nação mas também o príncipe **estariam** pobres." (ALEXANDRE HERCULANO)

"Tanto a Igreja como o Estado **eram** até certo ponto inocentes." (ALEXANDRE HERCULANO)

"Tanto Noêmia como Reinaldo só **mantinham** relações de amizade com um grupo muito reduzido de pessoas." (JOSÉ CONDÉ)

"Tanto a lavoura como a indústria da criação de gado não o **demovem** do seu objetivo." (CASSIANO RICARDO)

"Tanto Lincoln quanto o Aleijadinho **parecem** deter o segredo de tudo que lhes falta." (VIANA MOOG)

5 SUJEITOS RESUMIDOS POR *TUDO, NADA, NINGUÉM*

Quando o sujeito composto vem resumido por um dos pronomes *tudo, nada, ninguém*, etc., o verbo concorda, no singular, com o pronome resumidor. Exemplos:

Jogos, espetáculos, viagens, diversões, nada *pôde* satisfazê-lo.

"O entusiasmo, alguns goles de vinho, o gênio imperioso, estouvado, tudo isso me **levou** a fazer uma coisa única." (MACHADO DE ASSIS)

Jogadores, árbitro, assistentes, ninguém **saiu** do campo.

6 NÚCLEOS DO SUJEITO DESIGNANDO A MESMA PESSOA OU COISA

O verbo concorda no singular quando os núcleos do sujeito designam a mesma pessoa ou o mesmo ser. Exemplos:

"Aleluia! O brasileiro comum, o homem do povo, o joão-ninguém, agora **é** cédula de Cr$ 500,00!" (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

"Embora sabendo que tudo vai continuar como está, **fica** o registro, o protesto, em nome dos telespectadores." (VALÉRIO ANDRADE)

Advogado e membro da instituição **afirma** que ela é corrupta.

7 NÚCLEOS DO SUJEITO SÃO INFINITIVOS

O verbo concordará no plural se os infinitivos forem determinados pelo artigo ou exprimirem ideias opostas; caso contrário, tanto é lícito usar o verbo no singular como no plural. Exemplos:

O comer e o beber **são** necessários.

Rir e chorar **fazem** parte da vida.

Montar brinquedos e desmontá-los **divertiam** muito o menino.

"Já tinha ouvido que plantar e colher feijão não **dava** trabalho." (POVINA CAVALCÂNTI) [ou *davam*]

Cantar, dançar e representar **faz** [ou *fazem*] a alegria do artista.

"Nenhum rugir ou gemer seu **anulariam** o mal que se consumara no Mirante." (EÇA DE QUEIRÓS)

8 SUJEITO ORACIONAL

Concorda no singular o verbo cujo sujeito é uma oração:

Ainda **falta** comprar os cartões.

predicado sujeito oracional

Estas são realidades que não **adianta** esconder.

[sujeito de adianta: *esconder que (as realidades)*] (Veja item 29, p. 468.)

9 SUJEITO COLETIVO

O verbo concorda no singular com o sujeito coletivo no singular. Exemplos:

A multidão **vociferava** ameaças.

O exército dos aliados **desembarcou** no sul da Itália.

Uma junta de bois **tirou** o automóvel do atoleiro.

Um bloco de foliões **animava** o centro da cidade.

"Uma porção de índios **surgiu** do meio das árvores e nos **rodeou**." (EDY LIMA)

"Surpreendemos uma vara de porcos que **atravessava** o rio a nado." (GASTÃO CRULS)

"... o bando dos guerreiros tabajara que **fugia** em nuvem negra de pó." (JOSÉ DE ALENCAR)

"Um grupo de rapazes **sentara**-se ali ao lado." (FERNANDO NAMORA)

Observação:

✔ Se o coletivo vier seguido de substantivo plural que o especifique e anteceder ao verbo, este poderá ir para o plural, quando se quer salientar não a ação do conjunto, mas a dos indivíduos, efetuando-se uma concordância não gramatical, mas ideológica:

"Uma grande multidão de crianças, de velhos, de mulheres *penetraram* na caverna..." (ALEXANDRE HERCULANO)

"Uma grande vara de porcos que *se afogaram* de escantilhão no mar..." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Reconheceu que era um par de besouros que *zumbiam* no ar." (MACHADO DE ASSIS)

"Havia na União um grupo de meninos que *praticavam* esse divertimento com uma pertinácia admirável." (POVINA CAVALCÂNTI)

10 A MAIOR PARTE DE, GRANDE NÚMERO DE, ETC.

Sendo o sujeito uma das expressões quantitativas *a maior parte de, parte de, a maioria de, grande número de*, etc., seguida de substantivo ou pronome no plural, o verbo, quando posposto ao sujeito, pode ir para o singular ou para o plural, conforme se queira efetuar uma concordância estritamente gramatical (com o coletivo singular) ou uma concordância enfática, expressiva, com a ideia de pluralidade sugerida pelo sujeito. Exemplos:

"A maior parte dos indígenas **respeitavam** os pajés." (GILBERTO FREYRE)

"A maior parte dos doidos ali metidos **estão** em seu perfeito juízo." (MACHADO DE ASSIS)

"A maior parte das pessoas **pedem** uma sopa, um prato de carne e um prato de legumes." (RAMALHO ORTIGÃO)

"A maior parte dos nomes **podem** ser empregados em sentido definido ou em sentido indefinido." (MÁRIO BARRETO)

"Grande parte dos atuais advérbios **nasceram** de substantivos." (IDEM)

"A maioria das pessoas **são** sinuosas, coleantes..." (ONDINA FERREIRA)

"A maioria dos acidentes nas estradas de acesso ao Rio **ocorrem** em dias claros." (*Jornal do Brasil*, 28/12/1972)

"Vocês já imaginaram a maravilha que seria o mundo se ao menos uma quinta parte desses gênios **se realizassem** na maioridade?" (LÍGIA FAGUNDES TELLES)

"A maioria dos presentes, formando grupos, **contavam** histórias, baixinho, **falavam** de coisas da vida." (AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA)

"A maioria dos mouros **era** escrava e pobre." (ALEXANDRE HERCULANO)

"A maioria dos trabalhadores **recebeu** essa notícia com alegria." (AMANDO FONTES)

"A maioria das palavras **continua** visível." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

"A maioria dos doentes não **podia** compreender que..." (FERNANDO NAMORA)

"Metade dos alunos **fez** [ou *fizeram*] o trabalho." (J. GUALDA DANTAS)

"Meia dúzia de garimpeiros doentes **esperava** a consulta matutina." (HERMAN LIMA)

"Visitei os presos. Boa parte deles **dormia** [ou *dormiam*] no chão."

"A quantidade de veículos que **circulam** em São Paulo me **impressionou**."

"Grande número de eleitores **votou** [ou *votaram*] em branco."

"**Morreu** de gripe a maioria dos índios que tiveram contato com os brancos."

Nos quilombos **refugiava-se** parte dos escravos fugitivos.

Observações:

1ª) Quando o verbo precede o sujeito, como nos dois últimos exemplos, a concordância se efetua no singular.

2ª) Como se vê dos exemplos supracitados, as duas concordâncias são igualmente legítimas, porque têm tradição na língua. Cabe a quem fala ou escreve escolher a que julgar mais adequada à situação. Pode-se, portanto, no caso em foco, usar o verbo no plural, efetuando a concordância não com a forma gramatical das palavras, mas com a ideia de pluralidade que elas encerram e sugerem à nossa mente. Essa *concordância ideológica* é bem mais expressiva que a gramatical, como se pode perceber relendo as frases citadas de Machado de Assis, Ramalho Ortigão, Ondina Ferreira e Aurélio Buarque de Holanda, e cotejando-as com as dos autores que usaram o verbo no singular.

11 UM E OUTRO, NEM UM NEM OUTRO

O sujeito sendo uma dessas expressões, o verbo concorda, de preferência, no plural. Exemplos:

"Um e outro gênero **se destinavam** ao conhecimento..." (HERNÂNI CIDADE)

"Um e outro **descendiam** de velhas famílias do Norte." (MACHADO DE ASSIS)

Uma e outra família **tinham** [ou *tinha*] parentes no Rio.

"Depois nem um nem outro **acharam** novo motivo para diálogo." (FERNANDO NAMORA)

"Não me **ficaria** bem nem uma nem outra coisa." (JOSÉ GUALDA DANTAS)

Nem uma nem outra foto **prestavam** [ou *prestava*].

Um e outro livro me **agradaram** [ou *agradou*] muito.

"Um e outro país **deixarão** de ver no outro o Império do Mal." (EMIR SADER)

12 UM OU OUTRO

O verbo concorda no singular com o sujeito *um ou outro*:

"Respondi-lhe que um ou outro colar lhe **ficava** bem." (MACHADO DE ASSIS)

"Uma ou outra **pode** dar lugar a dissentimentos." (MACHADO DE ASSIS)

"Sempre tem um ou outro que **vai** dando um vintém." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

13 UM DOS QUE, UMA DAS QUE

- Quando, em orações adjetivas restritivas, o pronome *que* vem antecedido de *um dos* ou expressão análoga, o verbo da oração adjetiva flexiona-se, em regra, no plural:

  "O príncipe foi um dos que **despertaram** mais cedo." (ALEXANDRE HERCULANO)

  "A baronesa era uma das pessoas que mais **desconfiavam** de nós." (MACHADO DE ASSIS)

  "Areteu da Capadócia era um dos muitos médicos gregos que **viviam** em Roma." (MOACYR SCLIAR)

  Ele é desses charlatães que **exploram** a crendice humana.

  Não sou dos que **acreditam** piamente em soluções mágicas.

- Essa é a concordância lógica, geralmente preferida pelos escritores modernos. Todavia, não é prática condenável fugir ao rigor da lógica gramatical e usar o verbo da oração adjetiva no singular (fazendo-o concordar com a palavra *um*), quando se deseja destacar o indivíduo do grupo, dando-se a entender que ele sobressaiu ou sobressai aos demais:

  Ele é um desses parasitas que **vive** à custa dos outros.

  "Foi um dos poucos do seu tempo que **reconheceu** a originalidade e importância da literatura brasileira." (JOÃO RIBEIRO)

Observação:

✔ Há gramáticos que condenam tal concordância. Por coerência, deveriam condenar também a comumente aceita em construções anormais do tipo: Quais de *vós sois* isentos de culpa? Quantos de nós *somos* completamente felizes?

- O verbo fica obrigatoriamente no singular quando se aplica apenas ao indivíduo de que se fala, como no exemplo:

  Jairo é um dos meus empregados que não **sabe** ler.
  [Jairo é o único empregado que não sabe ler.]

Ressalte-se, porém, que nesse caso é preferível construir a frase de outro modo:

Jairo é um empregado meu que não sabe ler.

Dos meus empregados, só Jairo não sabe ler.

- Na linguagem culta formal, ao empregar as expressões em foco, o mais acertado é usar no plural o verbo da oração adjetiva:

  O Japão é um dos países que mais **investem** em tecnologia.

  Gandhi foi um dos que mais **lutaram** pela paz.

  O sertão cearense é uma das áreas que mais **sofrem** com as secas.

  Heráclito foi um dos empresários que **conseguiram** superar a crise.

- Embora o caso seja diferente, é oportuno lembrar que, nas orações adjetivas explicativas, nas quais o pronome *que* é separado de seu antecedente por pausa e vírgula, a concordância é determinada pelo sentido da frase:

  Um dos meninos, que **estava** sentado à porta da casa, foi chamar o pai.
  [Só um menino estava sentado.]

  Um dos cinco homens, que **assistiam** àquela cena estupefatos, soltou um grito de protesto.
  [Todos os cinco homens assistiam à cena.]

14 MAIS DE UM

O verbo concorda, em regra, no singular. O plural será de rigor se o verbo exprimir reciprocidade, ou se o numeral for superior a um. Exemplos:

Mais de um excursionista já **perdeu** a vida nesta montanha.

Mais de um dos circunstantes **se entreolharam** com espanto.

Devem ter fugido mais de vinte presos.

15 QUAIS DE VÓS? ALGUNS DE NÓS

Sendo o sujeito um dos pronomes interrogativos *quais*? *quantos*? ou um dos indefinidos *alguns*, *muitos*, *poucos*, etc., seguidos dos pronomes *nós* ou *vós*, o verbo concordará, por atração, com estes últimos, ou, o que é mais lógico, na 3ª pessoa do plural:

"Quantos dentre nós a **conhecemos**?" (Rogério César Cerqueira)

"Quais de vós **sois**, como eu, desterrados...?" (Alexandre Herculano)

"... quantos dentre vós **estudam** conscienciosamente o passado?" (José de Alencar)

Alguns de nós **vieram** [ou *viemos*] de longe.

Poucos dentre nós **conhecem** [ou *conhecemos*] as leis.

"Quantos de nós **teríamos** experimentado essa tentação?" (Olga Savary)

"Já pensou, meu caro, quantos de nós **nos arriscamos** aqui?" (Guilherme de Figueiredo)

Observação:

✔ Estando o pronome no singular, no singular (3ª pessoa) ficará o verbo:

Qual de vós *testemunhou* o fato?

Nenhuma de nós a *conhece*.

Nenhum de vós a *viu*?

Qual de nós *falará* primeiro?

16 PRONOMES *QUEM, QUE,* COMO SUJEITOS

- O verbo concordará, em regra, na 3ª pessoa, com os pronomes *quem* e *que*, em frases como estas:

Sou eu quem **responde** pelos meus atos.

Somos nós quem **leva** o prejuízo.

Eram elas quem **fazia** a limpeza da casa.

"Eras tu quem **tinha** o dom de encantar-me." (OSMAN LINS)

"Fui eu quem o **ensinou** a desenhar." (MÁRIO BARRETO)

"Eu fui o último que **se retirou**." (MÁRIO BARRETO)

Eu sou o que **presenciou** o fato.

"Sou um homem que ainda não **renegou** nem da cruz, nem da Espanha." (ALEXANDRE HERCULANO)

"Éramos dois sócios que **entravam** no comércio da vida com diferente capital." (MACHADO DE ASSIS)

- Todavia, a linguagem enfática justifica a concordância com o sujeito da oração principal:

"Sou **eu** quem **prendo** aos céus a terra." (GONÇALVES DIAS)

"Não sou **eu** quem **faço** a perspectiva encolhida." (RICARDO RAMOS)

"És **tu** quem **dás** frescor à mansa brisa." (GONÇALVES DIAS)

"Nós somos os galegos que **levamos** a barrica." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"**Vós** sois o algoz que **recebeis** o cutelo da mão providencial." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Somos **nós** quem a **fazemos**." (RICARDO RAMOS)

"**Eu** sou a que mais **estou** torcendo para jogarmos juntas." (*Jornal do Brasil*, 21/8/1999)

- A concordância do verbo precedido do pronome relativo *que* far-se-á obrigatoriamente com o sujeito do verbo (*ser*) da oração principal, em frases do tipo:

Sou **eu** que **pago**.

És **tu** que **vens** conosco?

Somos **nós** que **cozinhamos**.

Eram **eles** que mais **reclamavam**.

Fomos **nós** que o **encontramos**.

Fostes **vós** que o **elegestes**.

Foram **os bombeiros** que a **salvaram**.

"Fui **eu** que me **pus** a rir." (MACHADO DE ASSIS)

"Fui **eu** que **imitei** o ronco do bicho." (EDI LIMA)

"Não seremos **nós** que **iremos** à maneira dos primitivistas, ficar de tanga e entrar a falar capiau." (SÍLVIO ELIA)

Observação:

✔ Em construções desse tipo, é lícito considerar o verbo *ser* e a palavra *que* como elementos expletivos ou enfatizantes, portanto não necessários ao enunciado. Assim:

Sou eu *que* pago. [= Eu pago.]

Somos nós *que* cozinhamos. [= Nós cozinhamos.]

Foram os bombeiros *que* a salvaram. [= Os bombeiros a salvaram.]

✔ Seja qual for a interpretação, o importante é saber que, neste caso, tanto o verbo *ser* como o outro devem concordar com o pronome ou substantivo que precede a palavra *que*.

17 CONCORDÂNCIA COM OS PRONOMES DE TRATAMENTO

Os pronomes de tratamento exigem o verbo na 3ª pessoa, embora se refiram à 2ª pessoa do discurso:

Vossa Excelência **agiu** com moderação.

Vossas Excelências não **ficarão** surdos à voz do povo.

"Espero que V. Sª não me **faça** mal." (Camilo Castelo Branco)

"Vossa Majestade não **pode** consentir que os touros lhe matem o tempo e os vassalos." (Rebelo da Silva)

18 CONCORDÂNCIA COM CERTOS SUBSTANTIVOS PRÓPRIOS NO PLURAL

- Certos substantivos próprios de forma plural, como *Estados Unidos*, *Andes*, *Campinas*, *Lusíadas*, etc., levam o verbo para o plural quando se usam com o artigo; caso contrário, o verbo concorda no singular.

"Os Estados Unidos **são** o país mais rico do mundo." (Eduardo Prado)

Os Andes **se estendem** da Venezuela à Terra do Fogo.

"Os Lusíadas" **imortalizaram** Luís de Camões.

Campinas **orgulha-se** de ter sido o berço de Carlos Gomes.

Minas Gerais **possui** grandes jazidas de ferro.

"Montes Claros **era** um feudo daquela família." (Raquel Jardim)

"Terras do Sem-Fim" **foi quadrinizado** para leitores jovens.

- Tratando-se de títulos de obras, é comum deixar o verbo no singular, sobretudo com o verbo *ser* seguido de predicativo no singular:

"*As Férias de El-Rei* **é** o título da novela." (Rebelo da Silva)

"*As Valkírias* **mostra** claramente o homem que existe por detrás do mago." (Paulo Coelho)

"*Os Sertões* **é** um ensaio sociológico e histórico..." (Celso Luft)

⇒ A concordância, neste caso, não é gramatical, mas *ideológica*, porque se efetua não com a palavra (Valkírias, Sertões, Férias de El-Rei), mas com a *ideia* por ela sugerida (obra ou livro). Ressalte-se, porém, que é também correto usar o verbo no plural:

As Valkírias **mostram** claramente o homem...

"*Os Sertões* **são** um livro de ciência e de paixão, de análise e de protesto." (ALFREDO BOSI)

19 CONCORDÂNCIA DO VERBO PASSIVO

- Quando apassivado pelo pronome apassivador *se*, o verbo concordará normalmente com o sujeito:

Vende-se a casa e **compram-se** dois apartamentos.

Gastaram-se milhões, sem que se **vissem** resultados concretos.

"**Correram-se** as cortinas da tribuna real." (REBELO DA SILVA)

"**Aperfeiçoavam-se** as aspas, **cravavam-se** pregos necessários à segurança dos postes..." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Agora já não **se fazem** destes aparelhos." (CARLOS DE LAET)

Ouviam-se vozes fortes de comando." (FERREIRA DE CASTRO)

Ali só se **viam** ruínas.

"A tentativa de **se aferirem** pesos e medidas." (CIRO DOS ANJOS)

"Quantas horas faltariam para **se abrirem** os cafés e as bodegas?" (GRACILIANO RAMOS)

"A salvação de Toledo foi não **se terem fechado** suas portas." (ALEXANDRE HERCULANO)

"Sua sala era absolutamente igual às que **se veem** nos livros ilustrados para o ensino do inglês." (CECÍLIA MEIRELES)

"Mais tarde se confirma isto, ao **se mandarem** chusmas de criminosos povoar os cafundós desta ou daquela capitania." (CASSIANO RICARDO)

"Daí o princípio colonial de só se **concederem** terras em sesmarias às pessoas que possuam meios para realizar a exploração delas e fundar engenhos." (OLIVEIRA VIANA)

Observação:

✔ Na literatura moderna há exemplos em contrário, mas que não devem ser seguidos:

"*Vendia-se* seiscentos convites e aquilo ficava cheio." (RICARDO RAMOS)

"Em Paris há coisas que não *se entende* bem." (RUBEM BRAGA)

- Nas locuções verbais formadas com os verbos auxiliares *poder* e *dever*, na voz passiva sintética, o verbo auxiliar concordará com o sujeito. Exemplos:

Não **se podem** cortar essas árvores.

[sujeito: *árvores*; locução verbal: *podem cortar*]

Devem-se ler bons livros. [= Devem ser lidos bons livros.]

[sujeito: *livros*; locução verbal: *devem-se ler*]

"Nem de outra forma **se poderiam** imaginar façanhas memoráveis como a do fabuloso Aleixo Garcia." (SÉRGIO BUARQUE DE HOLLANDA)

"Em Santarém há poucas casas particulares que **se possam** dizer verdadeiramente antigas." (ALMEIDA GARRETT)

- Entretanto, pode-se considerar sujeito do verbo principal a oração iniciada pelo infinitivo e, nesse caso, não há locução verbal e o verbo auxiliar concorda no singular. Assim:

  Não **se pode** cortar essas árvores.

  [sujeito: *cortar essas árvores*; predicado: *não se pode*]

  Deve-se ler bons livros.

  [sujeito: *ler bons livros*; predicado: *deve-se*]

- Em síntese: de acordo com a interpretação que se escolher, tanto é lícito usar o verbo auxiliar no singular como no plural. Portanto:

  Não **se podem** [ou *pode*] cortar essas árvores.

  Devem-se [ou *deve-se*] ler bons livros.

  "Quando se joga, **deve-se** aceitar as regras." (LEDO IVO)

  " Concluo que não **se devem** abolir as loterias." (MACHADO DE ASSIS)

  "**Pode-se** comprar livros de segunda mão baratíssimos." (JOSÉ PAULO PAES)

  "De preferência, **deve-se** ler os dois, o historiador e o novelista." (JORGE AMADO)

  "**Deviam-se** reduzir ao mínimo as relações com o poder público." (CIRO DOS ANJOS)

  "Era loura, mas **podia-se** ver massas castanhas por baixo da tintura dourada do cabelo." (VINÍCIUS DE MORAES)

20 VERBOS IMPESSOAIS

Os verbos *haver*, *fazer* (na indicação do tempo), *passar de* (na indicação das horas), *chover* e outros que exprimem fenômenos meteorológicos, quando usados como impessoais, ficam na 3ª pessoa do singular:

"Não **havia** ali vizinhos naquele deserto." (MONTEIRO LOBATO)

"**Havia** já dois anos que nos não víamos." (MACHADO DE ASSIS)

"Aqui, **faz** verões terríveis." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"**Faz** hoje ao certo dois meses que morreu na forca o tal malvado..." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Conhecera-o assim, **fazia** quase vinte anos." (JOSUÉ MONTELLO)

Quando saí de casa, **passava** das oito horas.

"**Chovera** e **nevara** depois, durante muitos dias." (CAMILO CASTELO BRANCO)

Observações:

a) Também fica invariável na 3ª pessoa do singular o verbo que forma locução com os verbos impessoais *haver* ou *fazer*:

Deverá haver cinco anos que ocorreu o incêndio.

Vai haver grandes festas.

Há de haver, sem dúvida, fortíssimas razões para ele não aceitar o cargo.

Começou a haver abusos na nova administração.

Vai fazer cem anos que nasceu o genial artista.

Não *pode* haver rasuras neste documento.

"Haverá, *deve* haver construções históricas em Nova Iorque." (VIANA MOOG)

b) O verbo *chover*, no sentido figurado [= cair ou sobrevir em grande quantidade], deixa de ser impessoal e, portanto, concordará com o sujeito:

Choviam pétalas de flores.

"Sou aquele sobre quem mais *têm chovido* elogios e diatribes." (CARLOS DE LAET)

Choveram comentários e palpites." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

"E nem lá [na Lua] *chovem* meteoritos, permanentemente." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

c) Na língua popular brasileira é generalizado o uso de *ter*, impessoal, por *haver*, *existir*. Nem faltam exemplos em escritores modernos:

"No centro do pátio *tem* uma figueira velhíssima, com um banco embaixo." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

"Soube que *tem* um cavalo morto, no quintal." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

d) Esse emprego do verbo *ter*, impessoal, não é estranho ao português europeu:

"É verdade. *Tem* dias que sai ao romper de alva e recolhe alta noite, respondeu Ângela." (CAMILO CASTELO BRANCO) [Tem = Há]

e) *Existir* não é verbo impessoal. Portanto:

Nesta cidade *existem* [e não *existe*] bons médicos.

Não *deviam* [e não *devia*] existir crianças abandonadas.

21 CONCORDÂNCIA DO VERBO SER

- O verbo de ligação *ser* concorda com o predicativo nos seguintes casos:

a) quando o sujeito é um dos pronomes *tudo*, *o*, *isto*, *isso* ou *aquilo*:

"Tudo **eram** hipóteses." (LÊDO IVO)

"Tudo isto **eram** sintomas graves." (MACHADO DE ASSIS)

Na mocidade tudo **são** esperanças.

"Não, nem tudo **são** dessemelhanças e contrastes entre Brasil e Estados Unidos." (VIANA MOOG)

"Vamos e venhamos: na floresta nem tudo **são** flores." (TIAGO DE MELO)

"Aquilo **eram** asperezas que o tempo acepilhava." (GRACILIANO RAMOS)

"Isso **são** sonhos, Mariana!" (CAMILO CASTELO BRANCO)

"O que atrapalhava **eram** as caras antipáticas dos guardas." (ANÍBAL MACHADO)

"O que atrapalha bastante **são** as discussões a meu respeito." (ANÍBAL MACHADO)

"Mas o que o amor é, principalmente, **são** duas pessoas neste mundo." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

Hoje o que não falta **são** divertimentos.

- A concordância com o sujeito, embora menos comum, é também lícita:

"Tudo **é** flores no presente." (GONÇALVES DIAS)

"O que de mim posso oferecer-lhe **é** espinhos da minha coroa." (CAMILO CASTELO BRANCO)

O verbo *ser* fica no singular quando o predicativo é formado de dois núcleos no singular:

"Tudo o mais **é** soledade e silêncio." (FERREIRA DE CASTRO)

b) quando o sujeito é um nome de coisa, no singular, e o predicativo um substantivo plural:

"A cama **são** umas palhas." (CAMILO CASTELO BRANCO)

" A causa **eram** os seus projetos." (MACHADO DE ASSIS)

"Vida de craque não **são** rosas." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

Sua salvação **foram** aquelas ervas.

"Quando D. Angélica soube que a base daqueles pratos e sobremesas **eram** flores, ficou consternada." (JOSÉ J. VEIGA)

Observação:

✔ O sujeito sendo nome de pessoa, com ele concordará o verbo *ser*:

Emília *é* os encantos de sua avó.

Abílio *era* só problemas.

Dá-se também a concordância no singular com o sujeito *que*:

"Ergo-me hoje para escrever mais uma página neste Diário *que* breve *será* cinzas como eu." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"No edifício *que era* só vidros." (RICARDO RAMOS)

c) quando o sujeito é uma palavra ou expressão de sentido coletivo ou partitivo, e o predicativo um substantivo no plural:

"A maioria **eram** rapazes." (ANÍBAL MACHADO)

A maior parte **eram** famílias pobres.

O resto [ou *o mais*] **são** trastes velhos.

"A maior parte dessa multidão **são** mendigos." (EÇA DE QUEIRÓS)

"Quase a metade dos escritores brasileiros que viveram entre 1870 e 1930 **foram** professores de escolas públicas." (JOSÉ MURILO DE CARVALHO)

d) quando o predicativo é um pronome pessoal ou um substantivo, e o sujeito não é pronome pessoal reto:

"O Brasil, senhores, **sois** vós." (RUI BARBOSA)

"Nas minhas terras o rei **sou** eu." (ALEXANDRE HERCULANO)

"O dono da fazenda **serás** tu." (SAID ALI)

"... mas a minha riqueza **eras** tu." (CAMILO CASTELO BRANCO)

Quem deu o alarme **fui** eu.

Quem plantou essas árvores **fomos** nós.

Quem não ficou nada contente **foram** os camelôs.

Mas:

Eu não **sou** ele. Vós não **sois** eles. Tu não **és** ele.

e) quando o predicativo é o pronome demonstrativo **o** ou a palavra *coisa*:

Divertimentos **é** o que não lhe falta.

"Os bastidores **é** só o que me toca." (CORREIA GARÇÃO)

"Mentiras, **era** o que me pediam, sempre mentiras." (FERNANDO NAMORA)

"Os responsórios e os sinos **é** coisa importuna em Tibães." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Histórias sobre diamantes **é** o que não falta." (MARIA JOSÉ DE QUEIRÓS)

f) nas locuções *é muito, é pouco, é suficiente, é demais, é mais que* (ou *do que*), *é menos que* (ou *do que*), etc., cujo sujeito exprime *quantidade, preço, medida*, etc.:

"Seis anos **era** muito." (CAMILO CASTELO BRANCO)

Dois mil dólares **é** pouco.

Cinco mil dólares **era** quanto bastava para a viagem.

Doze metros de fio **é** demais.

Seis quilos de carne **é** mais do que precisamos.

Para ele, mil dólares **era** menos que um real.

- Na indicação das horas, datas e distâncias, o verbo *ser* é impessoal (não tem sujeito) e concordará com a expressão designativa de hora, data ou distância:

Era uma hora da tarde.

"**Era** hora e meia, foi pôr o chapéu." (EÇA DE QUEIRÓS)

"**Seriam** seis e meia da tarde." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"**Eram** duas horas da tarde." (MACHADO DE ASSIS)

"**São** horas de fechar esta carta." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"**Eram** sete de maio da era de 1439..." (ALEXANDRE HERCULANO)

"Hoje **são** vinte e um do mês, não **são**?" (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Da estação à fazenda **são** três léguas a cavalo." (SAID ALI)

Observações:

1ª) Pode-se, entretanto, na linguagem espontânea, deixar o verbo no singular, concordando com a ideia implícita de "dia":

"Hoje é seis de março." (J. MATOSO CÂMARA JR.) [Hoje *é dia* seis de março.]

"Hoje é dez de janeiro." (CELSO LUFT)

2ª) Estando a expressão que designa horas precedida da locução *perto de*, hesitam os escritores entre o plural e o singular:

"*Eram* perto de oito horas." (MACHADO DE ASSIS)

Era perto de duas horas quando saiu da janela." (MACHADO DE ASSIS)

"...*era* perto das cinco quando saí." (EÇA DE QUEIRÓS)

3ª) O verbo *passar*, referente a horas, fica na 3ª pessoa do singular, em frases como:

Quando o trem chegou, *passava* das sete horas.

22 LOCUÇÃO DE REALCE *É QUE*

O verbo *ser* permanece invariável na expressão expletiva ou de ralce *é que*:

Eu **é que** mantenho a ordem aqui. [= *Sou* eu que mantenho a ordem aqui.]

Nós **é que** trabalhávamos. [= *Éramos* nós que trabalhávamos.]

As mães **é que** devem educá-los. [= *São* as mães que devem educá-los.]

Os astros **é que** os guiavam. [= *Eram* os astros que os guiavam.]

Divertimentos **é que** não lhe faltavam.

Da mesma forma se diz, com ênfase:

"Vocês são muito **é** atrevidos." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"Sentia **era** vontade de ir também sentar-me numa cadeira junto do palco." (GRACILIANO RAMOS)

"Por que **era que** ele usava chapéu sem aba?" (GRACILIANO RAMOS)

Observação:

✔ O verbo *ser* é impessoal e invariável em construções enfáticas como:

Era aqui onde se açoitavam os escravos. [= Aqui se açoitavam os escravos.]

Foi então que os dois se desentenderam. [= Então os dois se desentenderam.]

23 ERA UMA VEZ

Por tradição, mantém-se invariável a expressão inicial de histórias *era uma vez*, ainda quando seguida de substantivo plural:

Era uma vez dois cavaleiros andantes.

24 A NÃO SER

- É geralmente considerada locução invariável, equivalente a *exceto*, *salvo*, *senão*. Exemplos:

  Nada restou do edifício, **a não ser** escombros.

  A não ser alguns pescadores, ninguém conhecia aquela praia.

  "Nunca pensara no que podia sair do papel e do lápis, **a não ser** bonecos sem pescoço..." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

- Mas não constitui erro usar o verbo *ser* no plural, fazendo-o concordar com o substantivo seguinte, convertido em sujeito da oração infinitiva. Exemplos:

  "As dissipações não produzem nada, **a não serem** dívidas e desgostos." (MACHADO DE ASSIS)

  "**A não serem** os antigos companheiros de mocidade, ninguém o tratava pelo nome próprio." (ÁLVARO LINS)

  "**A não serem** os críticos e eruditos, pouca gente manuseia hoje... aquela obra." (LATINO COELHO, *APUD* BERGO)

25 HAJA VISTA

- A expressão correta é *haja vista*, e não *haja visto*. Pode ser construída de três modos:

a) **Hajam vista** os livros desse autor. [= tenham vista, vejam-se]

b) **Haja vista** os livros desse autor. [= por exemplo, veja] (concordância mais usual)

c) **Haja vista** aos livros desse autor. [= olhe-se para, atente-se para os livros]

A primeira construção (que é a mais lógica) analisa-se deste modo:

Sujeito: os livros; *verbo*: hajam [= tenham]; *objeto direto*: vista.

A situação é preocupante; **hajam vista** os incidentes de sábado.

- Seguida de substantivo (ou pronome) singular, a expressão, evidentemente, permanece invariável:

A situação é preocupante; **haja vista** o incidente de sábado.

26 BEM HAJA / MAL HAJA

Bem haja e *mal haja* usam-se em frases optativas e imprecativas, respectivamente. O verbo concordará normalmente com o sujeito, que vem sempre posposto:

"**Bem haja** Sua Majestade!" (Camilo Castelo Branco)

Bem hajam os promovedores dessa campanha!

"**Mal hajam** as desgraças da minha vida..." (Camilo Castelo Branco)

27 CONCORDÂNCIA DOS VERBOS *BATER, DAR* E *SOAR*

Referindo-se às horas, os três verbos acima concordam regularmente com o sujeito, que pode ser *hora*, *horas* (claro ou oculto), *badaladas* ou *relógio*:

"Nisto, **deu** três horas o relógio da botica." (Camilo Castelo Branco)

"**Bateram** quatro da manhã em três torres a um tempo..." (Mário Barreto)

"**Tinham batido** quatro horas no cartório do tabelião Vaz Nunes." (Machado de Assis)

"**Deu** uma e meia." (Said Ali)

"**Davam** nove horas na igreja do Loreto." (Rebelo da Silva)

"Não tardou muito que no sino do coro **batessem** as badaladas que anunciavam a hora de prima." (Alexandre Herculano)

"**Soaram** dez horas nos relógios das igrejas e das fábricas." (Amando Fontes)

Observação:

✔ *Passar*, com referência a horas, no sentido de *ser mais de*, é verbo impessoal, por isso fica na 3ª pessoa do singular:

Quando chegamos ao aeroporto, *passava* das 16 horas.

Vamos, já *passa* das oito horas – disse ela ao filho.

28 CONCORDÂNCIA DO VERBO *PARECER*

Em construções com o verbo *parecer* seguido de infinitivo, pode-se flexionar o verbo *parecer* ou o infinitivo que o acompanha:

a) As paredes **pareciam estremecer**. (construção corrente)

b) As paredes **parecia estremecerem**. (construção literária)

Análise da construção **b)**: parecia: *oração principal;* as paredes estremecerem: *oração subordinada substantiva subjetiva*.

Outros exemplos:

"Nervos... que **pareciam estourar** no minuto seguinte." (FERNANDO NAMORA)

"Referiu-me circunstâncias que **parece justificarem** o procedimento do soberano." (LATINO COELHO)

"As lágrimas e os soluços **parecia** não a **deixarem** prosseguir." (ALEXANDRE HERCULANO)

"... quando as estrelas, em ritmo moroso, **parecia caminharem** no céu." (GRAÇA ARANHA)

"Os moravos **parece haverem tomado** a sério, para regra da vida, a palavra irônica do mártir." (RAMALHO ORTIGÃO)

"Volvidos um para o outro, **parecia** não **terem dado** por ele." (FERREIRA DE CASTRO)

"Até **parece escolherem** o modelo." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"O amanhecer e o anoitecer **parece deixarem**-me intacta." (CECÍLIA MEIRELES)

"As corporações que deviam voltar-se para a manutenção da ordem **parece** quase **insurgirem-se** contra ela." (WALTER FONTOURA)

- Usando-se a oração desenvolvida, *parecer* concordará no singular:

"Mesmo os doentes **parece** que são mais felizes." (CECÍLIA MEIRELES)

"Outros, de aparência acabadiça, **parecia** que não podiam com a enxada." (JOSÉ AMÉRICO)

"As notícias **parece** que têm asas." (OTTO LARA RESENDE)

[Isto é: *Parece* que as notícias têm asas.]

Observação:

✔ Essa dualidade de sintaxe verifica-se também com o verbo *ver* na voz passiva: "*Viam-se entrar* mulheres e crianças" ou "*Via-se entrarem* mulheres e crianças."

29 CONCORDÂNCIA COM O SUJEITO ORACIONAL

O verbo cujo sujeito é uma oração concorda obrigatoriamente na 3ª pessoa do singular:

Parecia — verbo
que os dois homens estavam bêbedos. — sujeito (oração subjetiva)

Faltava — verbo
dar os últimos retoques. — sujeito (oração subjetiva)

Outros exemplos, com o sujeito oracional em destaque:

Não me interessa **ouvir essas parlendas**.

Anotei os livros **que** faltava **adquirir**. [*faltava* adquirir os livros]

Esses fatos, importa [ou convém] **não esquecê-los**.

São viáveis as reformas **que** se intenta **implantar**?

São problemas esses **que** compete ao governo **solucionar**.

Não se conseguiu **conter os curiosos**.

Tentou-se **aumentar as exportações**.

No momento, procura-se **diminuir as importações**.

Não se pretende **alcançar resultados imediatos**.

São problemas esses **que** não cabe a nós **resolver**.

"A casa é grande; mas tem-se visto **acabarem casas maiores**." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"O americano pede contas aos seus mandatários pela administração e destino dos bens **que** lhes incumbe **zelar**." (VIANA MOOG)

"Sobre isto dissemos cousas **que** não importa **escrever aqui**." (MACHADO DE ASSIS)

30 CONCORDÂNCIA COM SUJEITO INDETERMINADO

O pronome *se* pode funcionar como índice de indeterminação do sujeito. Nesse caso, o verbo concorda obrigatoriamente na 3ª pessoa do singular. Exemplos:

Em casa, **fica-se** mais à vontade.

Detesta-se [e não *detestam-se*] aos indivíduos falsos.

Acabe-se de vez com esses abusos!

Para ir de São Paulo a Curitiba, **levava-se** doze horas.

Trata-se de fenômenos que os cientistas não sabem explicar.

"Não **se trata** de advogados, minha senhora. **Trata-se** de provas." (GERALDO FRANÇA DE LIMA)

31 CONCORDÂNCIA COM OS NUMERAIS *MILHÃO, BILHÃO* E *TRILHÃO*

Estes substantivos numéricos, quando seguidos de substantivo no plural, levam, de preferência, o verbo ao plural. Exemplos colhidos nos melhores jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo:

"Um milhão de fiéis **agruparam-se** em procissão."

"**São gastos** ainda um milhão de dólares por ano para a manutenção de cada Ciep."

"Meio milhão de refugiados **se aproximam** da fronteira do Irã."

"Meio milhão de pessoas **foram** às ruas para reverenciar os mártires da resistência."

"Pelas contas da Petrobrás, **podem** faltar um bilhão e meio de litros de álcool."

"Todos os anos, no Brasil, **ocorre** um milhão de acidentes de trânsito."

Eça de Queirós, em *O Egito*, página 99, preferiu, como o jornalista no último exemplo supracitado, usar o verbo no singular:

"Quase um milhão de homens **se move** naquelas ruas estreitas, apertadas e confusas."

Observações:

Milhão, bilhão e *milhar* são substantivos masculinos. Por isso, devem concordar no masculino os artigos, numerais e pronomes que os precedem: *os dois milhões* de pessoas; *os três milhares* de plantas; *alguns milhares* de telhas; *esses bilhões* de criaturas, *os milhares* de meninas que estudam no Rio, etc.

Se o sujeito da oração for *milhões*, o particípio ou o adjetivo podem concordar, no masculino, com *milhões*, ou, por atração, no feminino, com o substantivo feminino plural: Dois milhões de sacas de soja estão ali *armazenados* (ou *armazenadas*). Os outros cinco milhões de moedas serão *cunhados* (ou *cunhadas*) no próximo ano. Foram *colhidos* três milhões de sacas de trigo. Os dois milhões de árvores *plantadas* estão *altas* e *bonitas*.

32 CONCORDÂNCIA COM NUMERAIS FRACIONÁRIOS

- De regra, a concordância do verbo efetua-se com o numerador. Exemplos:

  "Mais ou menos um terço dos guerrilheiros **ficou** atocaiado perto..." (AUTRAN DOURADO)

  "Um quinto dos bens **cabe** ao menino." (JOSÉ GUALDA DANTAS)

  Dois terços da população **vivem** da agricultura.

- Não nos parece, entretanto, incorreto usar o verbo no plural, quando o número fracionário, seguido de substantivo no plural, tem o numerador 1, como nos exemplos:

  "Um terço das mortes violentas no campo **acontecem** no sul do Pará." (*Jornal do Brasil*, 9/5/1991)

  Um quinto dos homens **eram** de cor escura.

33 CONCORDÂNCIA COM PERCENTUAIS

O verbo deve concordar com o número expresso na porcentagem:

Só 1% dos eleitores **se absteve** de votar.

Só 2% dos eleitores **se abstiveram** de votar.

Foram destruídos 20% da mata.

"Cerca de 40% do território **ficam** abaixo de 200 metros." (ANTÔNIO HOUAISS)

"A sondagem revelou ainda que 73% da população **acreditam** que a situação do país piorou." (*O Estado de S. Paulo*, 29/1/1992)

"Na União 90% dos homens **andavam** armados." (POVINA CAVALCÂNTI)

A pesquisa revelou que 82% (oitenta e *dois* por cento ou oitenta e *duas* por cento) das mulheres **trabalham** fora.

Observação:

✔ Em casos como o da última frase, a concordância efetua-se, pela lógica, no feminino (oitenta e *duas* entre cem mulheres), ou, seguindo o uso geral, no masculino, por se considerar a porcentagem um conjunto numérico invariável em gênero.

34 CONCORDÂNCIA COM O PRONOME *NÓS* SUBENTENDIDO

O verbo concorda com o pronome subentendido *nós* em frases do tipo:

Todos **estávamos** preocupados. [= Todos *nós estávamos* preocupados.]

Os dois **vivíamos** felizes. [= *Nós* dois *vivíamos* felizes.]

"**Ficamos** por aqui, insatisfeitos, os seus amigos." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

35 CONCORDÂNCIA DE SENÃO EM FRASES NEGATIVAS

- Em frases negativas em que *senão* equivale a *mais que*, *a não ser*, e vem seguido de substantivo no plural, costuma-se usar o verbo no plural, fazendo-o concordar com o sujeito oculto *outras coisas*. Exemplos:

  Do antigo templo grego não **restam** senão ruínas. [Isto é: não *restam outras coisas* senão ruínas.]

  Da velha casa não **sobraram** senão escombros.

  "Para os lados do sul e poente, não **se viam** senão edifícios queimados." (ALEXANDRE HERCULANO)

  "Por toda a parte não **se ouviam** senão gemidos ou clamores." (REBELO DA SILVA)

  "Para mim não **restaram** senão vagos reflexos..." (CIRO DOS ANJOS)

- Segundo alguns autores, pode-se, em tais frases, efetuar a concordância do verbo no singular com o sujeito subentendido *nada*:

  Do antigo templo grego não **resta** senão ruínas. [Ou seja: não *resta nada*, senão ruínas.]

  Ali não **se via** senão (ou *mais que*) escombros.

As duas interpretações são boas, mas só a primeira tem tradição na língua.

36 CONCORDÂNCIA COM FORMAS GRAMATICAIS

Palavras no plural com sentido gramatical e função de sujeito exigem o verbo no singular:

"Elas" **é** um pronome pessoal. [= A palavra *elas* é um pronome pessoal.]

Na placa **estava** "veiculos", sem acento.

"Contudo, mercadores não **tem** a força de vendilhões." (MACHADO DE ASSIS)

37 MAIS DE, MENOS DE

O verbo concorda com o substantivo que se segue a essas expressões:

Mais de cem pessoas **perderam** suas casas, na enchente.

Sobrou mais de uma cesta de pães.

Gastaram-se menos de dois galões de tinta.

Menos de dez homens **fariam** a colheita das uvas.

EXERCÍCIOS LISTA 53

1. Transcreva os períodos em que NÃO há erro de concordância verbal:

a) Precisava fazer uma caixa de madeira, mas **faltavam**-me ferramentas.

b) Estávamos ali parados, quando **começaram** a cair grossos pingos de chuva.

c) Raros são os dias em que não **acontecem** fatos desagradáveis.

d) **Sobra**-lhe motivos para poder considerar-se uma pessoa feliz.

e) O que me admira é ainda **existirem** peixes em rios tão poluídos.

f) Quando o médico chegou, **passava** das nove horas.

2. Transcreva as frases antepondo-lhes o número correspondente à razão pela qual o verbo concorda no singular, embora o sujeito seja composto:

(1) Os núcleos do sujeito são sinônimos.

(2) Os núcleos do sujeito formam uma sequência gradativa.

(3) Os núcleos do sujeito referem-se ao mesmo ser.

(4) Concordância com o núcleo do sujeito mais próximo (concordância atrativa).

A dona de casa e mãe de família **anda** preocupada com a alta dos preços.

A segurança e firmeza com que lhes respondi **deixou**-os perplexos.

Passou-me pela mente o rosto e a voz de minha primeira professora.

A inveja, o ódio, a maldade humana **armará** ciladas em teu caminho.

3. Transcreva os períodos em que a concordância está correta:

a) João nunca subirá, na vida: faltam-lhe coragem e idealismo.

b) O puma ou suçuarana costuma caçar de noite.

c) Partireis amanhã tu, Ramiro e as crianças.

d) Partirão amanhã tu, Ramiro e as crianças.

e) Partiremos amanhã tu, Ramiro, as crianças e eu.

f) Partirá amanhã tu, Ramiro e as crianças.

4. Justifique a concordância dos verbos nos exemplos seguintes:

a) "É mofina a condição dos povos em que **faltam** lavradores e **sobejam** legisladores." (MARQUÊS DE MARICÁ)

b) "Itaguaí e o universo **ficavam** à beira de uma revolução." (MACHADO DE ASSIS)

c) "No dia seguinte, **veio** o morgado e a filha a Lisboa." (CAMILO CASTELO BRANCO)

d) "**Seguiram**-na, a distância, o esposo e o médico." (COELHO NETO)

e) "Obelisco não é mourão em que **se amarram** cavalos." (MANUEL BANDEIRA)

f) "**Chegava** a multidão de passageiros dos subúrbios." (FELÍCIO DOS SANTOS)

g) "Eu, o Silêncio e a Solidão **éramos** quem estava aí." (ALEXANDRE HERCULANO)

h) "A maior parte das suas companheiras **eram** felizes." (CAMILO CASTELO BRANCO)

i) "A maioria dos condenados **acabou** nas plagas africanas." (CAMILO CASTELO BRANCO)

j) "Ao lado, em distância conveniente para o fogo não chamuscar a copa verde, uma palmeira ou árvore esguia **era** plantada." (POVINA CAVALCÂNTI)

k) "O falso e o verdadeiro, a verdade e a mentira, tudo **passa**." (ANTÔNIO VIEIRA)

l) "Mais de um ricaço **ficou** reduzido à miséria." (SAID ALI)

5. Justifique a concordância verbal, como fez no exercício 4:

a) "Mas **vivam** os mitos, que são o pão dos homens." (CIRO DOS ANJOS)

b) "Os amigos **nos revezávamos** à sua cabeceira." (AMADEU DE QUEIRÓS)

c) **Sobraram** cerca de sessenta ingressos.

d) "Viajando, viajando, **esquecia-se** o mal e o bem." (ADONIAS FILHO)

e) Não se **trata** de riquezas imaginárias, mas reais.

f) "Aqui **estão** a bandeira e o escudo d'armas da República." (ARIANO SUASSUNA)

g) Infelizmente só quando **acontecem** tragédias é que as autoridades tomam providências.

h) "Não **se atravessam** oceanos só para dançar valsas." (VILMA G. ROSA)

i) Nem o macaco nem a ema **conseguem** escapar à agilidade do puma.

j) "Os pardais **parece** que andam nas pontinhas dos pés, como as bailarinas." (CECÍLIA MEIRELES)

k) "Diante de uma forja, um bando hirsuto de pastores de Moab **esperavam**, enquanto dentro os ferreiros lhes batiam ferros novos para as lanças." (EÇA DE QUEIRÓS)

l) "Uma sucessão de acasos **foi** ocorrendo." (EVANDRO LINS)

6. Substitua os asteriscos pela alternativa que completa corretamente o período.

*** explosões de natureza elétrica no planeta Vênus, o que faz crer que *** de relâmpagos muito fortes, embora não *** provas que *** tal hipótese.

Registrou-se – se tratam – existam – confirmam

Registraram-se – se trata – exista – confirme

Registraram-se – se trata – existam – confirmem

7. Troque o * pelos verbos entre parênteses, flexionando-os corretamente no tempo *do indicativo* que se pede:

a) Quando a cólera ou o amor nos *, a razão se despede. (**visitar**, presente)

b) Nem os gestos nem o olhar dela * expressão. (**ter**, pretérito imperfeito)

c) A multidão de pedestres * de todos os quadrantes. (**desaguar**, presente)

d) * menos de cem combatentes. (**restar**, pretérito perfeito)

e) O louvor e a censura * com poucas palavras. (**fazer-se**, presente)

f) Às quatro horas da tarde * no cais o presidente com sua comitiva. (**desembarcar**, pretérito imperfeito)

g) Ali * uma multidão de trepadeiras que * aos troncos das árvores. (**crescer**, **enrodilhar-se**, pretérito imperfeito)

h) A empresa é grande, mas * visto acabarem empresas maiores. (**ter-se**, presente)

i) Fostes vós que o * . (**eleger**, pretérito perfeito)

j) Não seremos nós quem o *. (**condenar**, futuro do presente)

k) És tu que * naquela revista? (**escrever**, presente)

l) Eu fui um dos que mais * na viagem. (**sofrer**, pretérito perfeito)

m) Em Icaraí * e se * a sedução, o encanto, o fascínio que, por todo o resto da existência, * de exercer sobre mim o mar e os largos espaços abertos. (**nascer**, **firmar**, pretérito perfeito; **haver**, pretérito imperfeito)

n) Vivemos numa época em que as palavras * que foram feitas para esconder o pensamento. (**parecer**, presente)

o) O pessoal dos morros * para a festa. (**descer**, pretérito imperfeito)

p) Não só a escola mas também a família *. (**colaborar**, pretérito imperfeito)

8. Faça como no exercício anterior:

a) E muito * para isso as facilidades que tentam o comprador. (**contribuir**, pretérito perfeito)

b) Ali * matas de onde já * desaparecido as onças e onde * a rarear os pequenos animais. (**existir**, **haver**, **começar**, pretérito imperfeito)

c) Cada um de nós * uma coisa diferente. (**querer**, presente)

d) * notícias de todas as partes do mundo. (**chegar**, presente)

e) Na cidade bombardeada não se * senão ruínas. (**ver**, presente)

f) Os esqueletos das árvores * que se estorcem de sofrimento. (**parecer**, presente)

g) Não * a pena tantos sacrifícios feitos? (**valer**, pretérito imperfeito)

h) Agora falarei das coisas que lhe *. (**interessar**, presente)

i) Agora falarei das coisas que lhe * saber. (**interessar**, presente)

j) Um ou outro * para dizer-lhe uma palavra. (**deter-se**, pretérito imperfeito)

k) Prestígio e talento * o que não lhe *. (**ser**, **faltar**, presente)

l) Nem a mãe nem a filha * à terra natal. (**voltar**, pretérito perfeito)

m) Seu orgulho e acanhamento a * de solicitar ajuda. (**impedir**, pretérito perfeito)

n) Graças, ó Cristo, pela vossa vinda ao mundo, da qual * tantos benefícios. (**resultar**, pretérito perfeito)

o) Do trabalho humilde desses homens * muitas vidas. (**depender**, presente)

9. Faça concordar corretamente os verbos em destaque nos tempos indicados:

a) Rogo a Vossa Excelência que não **dar** atenção a esses boatos. (*subjuntivo presente*)

b) Montes Claros **ficar** no norte de Minas Gerais. (*indicativo presente*)

c) Não me **interessar** palavras, quero fatos. (*indicativo presente*)

d) O funcionamento do cérebro e não as batidas do coração é que **determinar** se uma pessoa está viva ou morta. (*indicativo presente*)

e) O cientista afirmou que **ir** se passar vários dias antes que se **receber** as primeiras fotografias do satélite. (*indicativo presente – subjuntivo presente*)

f) Sua presença era indispensável para se **organizar** os serões musicais. (*infinitivo presente pessoal*)

g) Cada ano **aumentar** o número de pessoas que visitam Parati. (*indicativo presente*)

h) Prevíamos os mínimos detalhes, para que depois não **surgir** coisas desagradáveis. (*pretérito imperfeito do subjuntivo*)

i) Durante a semana **suceder**-se as visitas ao enfermo. (*pretérito perfeito*)

j) **Tratar**-se de peças sacras de inestimável valor. (*pretérito imperfeito*)

10. Varie o verbo da frase abaixo, seguindo o exemplo:

A) No zoo da cidade **viviam** alguns animais raros.

B) No zoo da cidade **havia** alguns animais raros.

C) No zoo da cidade **existiam** alguns animais raros.

D) No zoo da cidade **encontravam-se** alguns animais raros.

Nas margens desse rio **viviam** antigamente algumas tribos selvagens.

11. Transcreva apenas os períodos em que a concordância verbal está certa:

a) Só o desenrolar dos acontecimentos é que **poderá** revelar a verdade dos fatos.

b) Só o desenrolar dos acontecimentos é que **poderão** revelar a verdade dos fatos.

c) Daqueles dias longínquos **resta**-me apenas vagas recordações.

d) Daqueles dias longínquos **restam**-me apenas vagas recordações.

e) Como lhe **parecia** altos aqueles edifícios!

f) Como lhe **pareciam** altos aqueles edifícios!

g) Se **existissem** melhores sementes poderia haver melhores colheitas.

h) Se **existisse** melhores sementes poderia haver melhores colheitas.

i) Se existissem melhores sementes **poderiam** haver melhores colheitas.

j) No encontro que tive com Jairo **impressionou**-me as revelações que ele me fez.

k) No encontro que tive com Jairo **impressionaram**-me as revelações que ele me fez.

12. Substitua os asteriscos pelos verbos no tempo indicado entre parênteses. Em seguida, anteponha **A** ou **B**, conforme seja o caso.

(A) Verbo passivo concorda com o sujeito: **Consertam-se** relógios.

(B) Verbo transitivo indireto cujo sujeito é indeterminado concorda na 3ª pessoa do singular: **Precisa-se** de bons técnicos.

*** gritos lancinantes. (**ouvir-se**, pretérito perfeito)

*** de empregadas domésticas. (**precisar-se**, presente)

*** de fenômenos desconhecidos. (**tratar-se**, presente)

*** as plantas com amor. (**tratar-se**, presente)

A cartas dessas não se ***. (**responder**, presente)

Nas doenças, *** aos médicos. (**recorrer-se**, presente)

*** as cartas na caixa. (**depositar-se**, pretérito perfeito)

Há muito não se *** a espetáculos tão belos. (**assistir**, pretérito imperfeito)

Na reunião, *** de problemas que afligem os jovens. (**tratar-se**, pretérito perfeito)

13. Transcreva as frases em que as concordâncias postas entre parênteses estão certas:

a) O que me **espantava** (ou *espantavam*) eram suas afirmações.

b) O pavão era uma das aves do zoo que mais **chamavam** (ou *chamava*) a atenção das crianças.

c) Nem eu nem meu pai os **esperávamos** (ou *esperava*).

d) Um e outro **começaram** (ou *começou*) a gritar.

e) Nem um nem outro **concluiu** (ou *concluíram*) o curso.

f) Não **fossem** (ou *fosse*) os livros, como poderíamos estudar?

g) A maior parte dos carros **tinham** (ou *tinha*) defeitos.

h) Pesquisa revela que 50% dos alunos **pretendem** (ou *pretende*) seguir Medicina.

i) Mais de um piloto **perdeu** (ou *perderam*) a vida nos autódromos.

j) Atrás da montanha **ficavam** (ou *ficava*) a praia e o mar.

k) Alguns de nós **moram** (ou *moramos*) longe.

l) Cacos de vidro não **significam** (ou *significa*) nada quando se tem dez anos.

m) Nenhum dos dois índios **sabia** (ou *sabiam*) falar português.

n) Quem não gostou **foram** (ou *foi*) os vizinhos.

o) Lá em casa todos **eram** (ou *éramos*) felizes.

p) De vez em quando, um de nós ou nós três juntos **estávamos** (ou *estava*) apanhando por causa do gravador.

q) Apenas um ou outro **tentou** (ou *tentaram*) aproximar-se.

r) **Existem** (ou *existe*) perto de três mil mendigos em nossa cidade.

s) Não foi só uma foto que tiramos, **foram** (ou *foi*) várias.

14. Faça como no exercício anterior:

a) Um gesto, um olhar, uma palavra **despertava** (ou *despertavam*) suspeitas.

b) O diretor ou seu secretário **receberá** (ou *receberão*) os visitantes.

c) A família com a enfermeira **viajaram** (ou *viajou*) para a França.

d) Era um grupo de cavaleiros que **vinham** (ou *vinha*) em sentido contrário.

e) O lugar, as companhias, as brincadeiras, tudo **deixou** (ou *deixaram*) em mim saudades.

f) O que se via **eram** (ou *era*) ratos em todos os cantos.

g) Não fui eu quem o **convidou** (ou *convidei*).

h) Nos rios e lagos não **havia** (ou *haviam*) mais peixes.

i) Não lhe **bastam** (ou *basta*) tantas riquezas?

j) Não lhe **basta** (ou *bastam*) possuir tantas riquezas?

k) Peço a Vossas Senhorias que me **enviem** (ou *envieis*) as encomendas com urgência.

l) Um e outro **tinham-se** perdido (ou *tinha-se* perdido) na rua.

m) A maioria dos trabalhadores **recebeu** (ou *receberam*) essa notícia com alegria.

n) Quando a noiva com o pai **assomaram** (ou *assomou*) à porta da igreja, um frêmito percorreu o templo.

o) Um milhão de trabalhadores **aderiram** (ou *aderiu*) à greve.

p) Um terço dos homens **era** (ou *eram*) de cor escura.

q) A não **ser** (ou *serem*) dois mendigos, ninguém estava na praça.

15. Transcreva as frases antepondo **A** ou **B** para justificar a concordância dos verbos:

(A) Concorda no singular o verbo cujo sujeito é uma oração.

(B) Concorda no plural o verbo que tem como sujeito um substantivo comum no plural.

a) Não me **importam** as opiniões desses tais futurólogos.

b) Não me **importa** que eles façam maus prognósticos.

c) **Projeta-se** remodelar as praças da cidade.

d) **Projetam-se** obras urbanísticas de grande importância.

e) Quando **deixarão** de existir guerras e violências?

f) São apenas dois os casos que **resta** solucionar.

g) Anotei os objetos que **faltavam**.

h) Anotei os objetos que **faltava** comprar.

i) Quanto não **terão** custado esses quadros de Portinari?

j) São problemas que não **adianta** adiar.

k) Abandonei as amizades que não me **convinham**.

l) Abandonei as amizades que não me **convinha** manter.

m) **Estavam** faltando apenas algumas lâmpadas.

n) **Estava** faltando apenas instalar algumas lâmpadas.

o) Resolver esses casos não **compete** a nós.

p) Esses casos não **competem** a nós.

q) As grandes realizações **custam** muitos esforços e sacrifícios.

r) **Custa**-nos muito aceitar os sofrimentos.

s) Seus passos pesados **pareciam** torturar a terra.

t) Seus passos pesados **parecia** que torturavam a terra.

u) Seus passos pesados **parecia** torturarem a terra.

v) **Parecia** que seus passos pesados torturavam a terra.

w) Não lhe **interessam** fatos passados?

x) Não lhe **interessa** conhecer fatos passados?

16. Copie as duas únicas frases que podem ter o verbo auxiliar no plural:

a) Com esses troncos pode-se fazer belos móveis.

b) Tentou-se reduzir os gastos.

c) Não pode haver rasuras neste documento.

d) Deve haver outras razões.

e) Não se deve perder tão boas oportunidades.

17. Transcreva a alternativa certa relativamente à concordância do verbo **bastar**.

"– Minha senhora, sua doença não tem nenhuma gravidade. Nem precisa tomar remédio. **Basta** uma alimentação adequada e um pouco de descanso.

– Mas, doutor, veja minha língua...

– Também precisa de descanso". (*Realidade*, junho de 1974)

- Está certa, pois se trata de um verbo impessoal.
- Está errada, porque o sujeito é composto.
- Está certa, porque o verbo, estando anteposto a um sujeito composto, pode concordar com o núcleo mais próximo.

18. Transcreva somente as frases cuja concordância está correta:

Nenhum dos presentes se atreveu a falar.
Nenhum dos presentes se atreveram a falar.
Nem eu, nem tu, nem qualquer outra pessoa poderíamos dissuadi-lo.
Jacinta era filha de um casal de velhos que a idolatrava.
Jacinta era filha de um casal de velhos que a idolatravam.
Rogo a Vossa Excelência vos digneis aceitar o meu convite.
Rogo a Vossa Excelência se digne aceitar o meu convite.
Talvez Judite, ou alguma de suas irmãs, casem com o tenente.
Nem o Nilo nem o Amazonas têm as águas claras.
Nem uma nem outra coisa o interessa.
Antigamente deviam haver ali belas matas.
Antigamente deviam existir ali belas matas.
As joias e o dinheiro ficaram na gaveta.
Ficou na gaveta o dinheiro e as joias.
Ficaram na gaveta o dinheiro e as joias.
De repente um e outro desapareceram.
De repente um e outro desapareceu.
Quantos dentre vós percorrestes aquele país?
Quantos dentre vós percorreram aquele país?
Uma grande qualidade ou talento desculpa os pequenos defeitos.
Não fosse os livros, como conheceríamos o passado?
Estas canções, fui eu que as compus.
Estas canções, fui eu que as compôs.
Estas canções, fui eu quem as compus.
Estas canções, fui eu quem as compôs.
Quando as doenças aparecem é por muito tempo.
Aquelas estátuas só faltam falar.
Aquelas estátuas só falta falarem.
Nem a pobreza nem a doença hão de se extinguir.
Um e outro insultou-se grosseiramente.
O ex-ministro e professor foi alvo de homenagens.
Contávamos os dias que ainda faltava.
Haja vista as últimas composições deste autor.
Hajam vista as últimas composições deste autor.
Bem haja os que lutam pela paz.

"Todos os brasileiros aprendemos desde meninos que Pedro Américo foi o maior pintor brasileiro." (MANUEL BANDEIRA)

Do grande castelo medieval não sobrou senão ruínas.

Do velho teatro grego não sobraram senão ruínas.

Tanto ele como eu sentem muito a falta dela.

19. Copie as frases, justificando a concordância dos verbos destacados, antepondo a elas **A** ou **B**:

(A) O verbo concorda regularmente com o sujeito.

(B) O verbo é impessoal, concorda na 3ª pessoa do singular.

"**Deram** dez horas." (EÇA DE QUEIRÓS)

"**Iam dar** seis horas." (MACHADO DE ASSIS)

"Na igreja, ao lado, **bateram** devagar dez horas." (EÇA DE QUEIRÓS)

"**Faz** hoje precisamente sete anos." (RUI BARBOSA)

"Aqui **faz** verões terríveis." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"**Vai fazer** cinco anos que ele se doutorou." (ANTÔNIO VIEIRA)

"**Havia** muitos anos que não vinha ao Rio." (ANÍBAL MACHADO)

Não **pode haver** boas leis se não **houver** bons legisladores.

"Males inevitáveis **iam chover** sobre mim." (GRACILIANO RAMOS)

"**Acabaram de dar** sete horas." (HERBERTO SALES)

Nas fazendas **haveria** alimentos frescos e baratos.

Talvez ainda **haja** vagas naquela escola.

"Por cima do fogão **devia haver** fósforos." (JOÃO CLÍMACO BEZERRA)

20. Justifique a concordância do verbo **ser** nos exemplos seguintes.

a) "Eu **é** que coso." (MACHADO DE ASSIS)

b) "O que se quer **são** homens." (TRISTÃO DA CUNHA)

c) "Um cruzado **eram** 400 réis." (VIVALDO COARACI)

d) "Quarenta contos **era** uma fortuna." (JOSÉ CONDÉ)

e) "O homem **é** cinzas." (ANTÔNIO VIEIRA)

f) "O meu mundo **eram** os meus coelhos." (MARQUES REBELO)

g) "O que eu vejo **são** sete abismos." (CAMILO CASTELO BRANCO)

h) "Nas minhas terras, o rei **sou** eu." (ALEXANDRE HERCULANO)

i) "Seis anos **era** muito." (CAMILO CASTELO BRANCO)

j) "'Cenas da Foz' **é** um livro de ouro." (CAMILO CASTELO BRANCO)

k) "No fundo, tudo **são** astúcias do raciocínio." (OTTO LARA RESENDE)

l) Em São Paulo **era** onde as massas operárias mais se mostravam insatisfeitas.

m) Daqui à cidade **são** seis quilômetros puxados.

n) **Eram** as pessoas e não as tarefas que o cansavam.

o) "Dize-me o que quiseres, mesmo que **sejam** mentiras." (FERNANDO NAMORA)

p) "**Eram** de ver os passistas infernais, e a bateria legalíssima." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

q) "Mentiras, **era** o que me pediam, sempre mentiras." (FERNANDO NAMORA)

r) "Esta família **são** dois jovens / alheios a tirar retrato." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

s) "Isso não **são** maneiras, Padilha." (GRACILIANO RAMOS)

t) "O Vasco **é** só contusões e dores musculares." (*Jornal do Brasil*, 28/10/1982)

21. Substitua o * por uma das formas do verbo **ser** propostas entre parênteses, atendendo à concordância preferida pela norma culta:

a) Nem tudo na vida * flores. (*é – são*)

b) A sua meta * os grandes centros da Europa. (*era – eram*)

c) Hildebrando * só problemas. (*era – eram*)

d) Isto * teorias que a prática desmente. (*é – são*)

f) Tudo isso * prazeres que a vida nos proporciona. (*é – são*)

g) Cem mil dólares * muito. (*é – são*)

h) Hoje * vinte e cinco do mês. (*é – são*)

i) Quando voltei da cidade, * uma hora e meia da tarde. (*era – eram*)

j) * cinco horas da manhã quando me chamaram. (*seria – seriam*)

k) Aquilo * caprichos que não durariam muito. (*era – eram*)

l) Os Estados Unidos * um país rico. (*é – são*)

m) * uma vez dois mágicos famosos. (*era – eram*)

n) O responsável * tu. (*é – és*)

o) * tesouros que eles procuram no fundo escuro do mar? (*é – são*)

p) O que mais me agradou no filme * as cenas finais. (*foi – foram*)

q) Bons divertimentos * o que não lhe falta. (*é – são*)

r) Preservemos a natureza: os beneficiados * nós. (*são – somos*)

s) Edifícios só havia dois, o resto * casas modestas. (*era – eram*)

t) "Vândalos" * mais forte que "destruidores". (*é – são*)

22. Passe as palavras destacadas para o plural e efetue a concordância:

a) Vê-se ao longe a alterosa **cordilheira**.

b) Não creio que se possa extirpar esse **abuso**, se **Vossa Excelência** não impuser sua autoridade.

c) Não se podia distinguir bem aquele **sinalzinho** cabalístico.

d) Deve-se procurar outra **solução**.

e) Construir-se-ia o **barco** onde houvesse bom **porto**.

f) O que mais me revoltava era a sua **grosseria**.

23. Corrija os erros de concordância verbal e nominal:

a) Mal se distinguia, através da cerração da manhã, as casas das ruas.

b) Não há latadas de chuchus que se forme e viceje, quando hajam sanhaços na vizinhança.

c) Construir-se-ia as casas onde houvessem operários pobres.

d) Se não haviam braços indígenas para a lavoura, que se fossem buscar outros braços onde houvesse.

e) Fazem já muitos séculos que se escreveu esses livros, mas não falta escritores que comprovem a sua autenticidade.

f) Quando se tratam de casos urgentes, não devem haver tantas exigências e formalidades.

g) Para se avaliar as excelências desta campanha, basta essas poucas considerações.

h) Anexo àquela carta remeteu-se a Vossa Senhoria as notas de crédito nºs 80 e 81, relativo à publicação de seus livros.

i) Ninguém achou que valesse a pena tantos sacrifícios.

j) Não parecia que daquelas terras houvesse saído tantas riquezas.

k) Antecipei o meu regresso por motivos que não interessam expor agora.

l) Talvez não cheguem a trinta o número de candidatos aprovados.

m) Apenas um entre dez filhos de lavradores permanecem no campo.

n) As estrelas brilham também de dia. A luz do Sol é que as tornam invisíveis.

o) O que é palafitas?

24. Faça as necessárias correções onde houver erro de concordância.

a) É necessária a tua presença na assinatura do contrato.

b) Na cidade, haviam poucas atrações turísticas.

c) Segue anexo os documentos pedidos.

d) Hoje sou eu que pago.

e) Vendem-se casas novas.

25. Prestando atenção à concordância do predicativo com o sujeito, flexione corretamente os adjetivos entre parênteses:

a) Como são * esses momentos! (difícil)

b) É * a entrada de pessoas estranhas. (proibido)

c) Os jardins estavam * e as árvores * de passarinhos. (florido, repleto)

d) Paciência e dedicação são * a quem cuida de doentes. (necessária).

e) Seguem * as contas do inquilino anterior. (anexo)

26. Corrija o único erro de concordância nominal:

a) É necessário muita paciência com ele.

b) É necessária a tua volta imediata!

c) É preciso muita sabedoria para lidar com crianças.

d) Deixe bem arrumadas a cozinha e a sala.

e) Encontrei amassados os papéis e as cartas de que me falou.

f) Tomei emprestado algumas cadeiras para a festa.

27. Corrija se houver erro de concordância verbal:

a) Livros, revistas, cadernos, tudo foi destruído pela enchente.

b) Só haviam alguns professores na reunião.

c) Vão fazer quinze dias que não vejo minha namorada.

d) Soou duas horas no relógio da igreja.

e) Fui eu que fiz todas as bandeirinhas da festa.

28. Complete corretamente as frases prestando atenção à concordância verbal:

a) Foi o que * o engenheiro e eu. (constatar)

b) Um grupo de torcedores * no ônibus. (entrar)

c) Nem um nem outro * com os presentes. (falar)
d) Uma ou outra aluna * terminar a leitura do livro. (conseguir)
e) Cláudia é uma das que mais * na repartição. (trabalha)
f) Somos nós quem * a culpa de tudo. (levar)
g) Os Estados Unidos * o país escolhido pelos premiados. (ser)

29. Responda oralmente às perguntas, baseadas no poema **Os anos são degraus**:

a) Qual é o verbo que se subentende no primeiro verso? E no primeiro verso da segunda estrofe?
b) Na segunda estrofe, está correta a concordância do verbo *ser*: tudo são degraus?
c) Explique o uso do acento grave no verso "à humana condição".
d) Na 3ª estrofe, o que significa *Estrada*? Por que inicial maiúscula?
e) Na 3ª estrofe, se estivesse escrito "as portas fechadas", como concordaria o verbo *encontrar*?

LEITURA

Os anos são degraus

Os anos são degraus; a vida, a escada.
Longa ou curta, só Deus pode medi-la.
E a Porta, a grande Porta desejada,
só Deus pode fechá-la,
pode abri-la.

São vários os degraus: alguns sombrios,
outros ao sol, na plena luz dos astros,
com asas de anjos, harpas celestiais;
alguns, quilhas e mastros
nas mãos dos vendavais.
Mas tudo são degraus; tudo é fugir
à humana condição.
Degrau após degrau,
tudo é lenta ascensão.

Senhor, como é possível a descrença,
imaginar, sequer, que ao fim da Estrada
se encontre, após esta ansiedade imensa,
uma porta fechada
– e nada mais?

(Maria Fernanda de Castro, *Asa no Espaço*, p. 73 e 74, Lisboa, 1955)

SINTAXE DE CONCORDÂNCIA
Exercícios de exames e concursos
[Página 687]

SINTAXE DE REGÊNCIA

1 REGÊNCIA

A *sintaxe de regência* ocupa-se das relações de dependência que as palavras mantêm na frase.

Regência *é o modo pelo qual um termo* rege *outro que o complementa.*

2 TIPOS DE REGÊNCIA

A regência pode ser *verbal* ou *nominal*, conforme trate do regime dos verbos ou dos nomes (substantivos e adjetivos). Exemplos:

É homem **propenso** à colera. → O termo regente é um nome (propenso): temos um caso de *regência nominal*.

Assistimos ao desfile. → O termo regente é um verbo: temos um caso de *regência verbal*.

Num período, os termos *regentes* ou subordinantes (substantivos, adjetivos, verbos) reclamam outros (termos *regidos* ou subordinados) que lhes completem ou ampliem o sentido. Exemplos:

Termos regentes	**Termos regidos**
Amor	**a** Deus. (*complemento nominal*)
Rico	**em** virtudes. (*complemento nominal*)
Comprei	joias. (*objeto direto*)
Gostam	**de** festas. (*objeto indireto*)
Resido	**em** Santos. (adjunto adverbial)
Foram vistos	**por** mim. (*agente da passiva*)
Insisto	**em** que vá. (*oração subordinada objetiva indireta*)
Peixes	**que** voam. (*oração subordinada adjetiva*)

Como se vê dos exemplos acima, os termos regidos, as mais das vezes, prendem-se aos regentes por meio das preposições. Por isso, essas palavras desempenham papel relevante no capítulo da regência.

Todavia, a dependência de um termo, ou de uma oração, é estabelecida também pelos conectivos subordinativos, como no último exemplo.

Às vezes, porém, como no caso do objeto direto, não há nenhum nexo subordinante entre o termo regente e o regido: a subordinação é indicada pela posição do termo dependente (O filho

acompanhava o *pai*), ou pela própria forma objetiva da palavra (O filho *o* acompanhava), ou, mesmo, pelo sentido lógico da frase (Dourava *o monte* o sol agonizante).

- O sujeito nunca é regido de preposição. Entretanto, por eufonia, pode-se contrair a preposição *de* com o sujeito, ou seus adjuntos, em orações reduzidas de infinitivo:

  Antes **de o** sacerdote iniciar a missa, os fiéis entoaram cantos. *Ou*:

  Antes **do** sacerdote iniciar a missa, os fiéis entoaram cantos.

  Já era tempo **de ele** entrar na escola. *Ou*:

  Já era tempo **dele** entrar na escola.

  "Sabia-o, senhor, antes **do** caso suceder." (ALEXANDRE HERCULANO)

  "Uma hora depois **do** cão do Hotel Not ter ladrado..." (FERREIRA DE CASTRO)

  "Antes **dela** ir para o colégio, eram tudo travessuras de criança." (MACHADO DE ASSIS)

  "Holanda começava a examinar a hipótese **dessa** tristeza [da raça mexicana] vir da geografia." (VIANA MOOG)

  "O fato **do** Brasil e **dos** Estados Unidos se acharem no mesmo continente é um acidente geográfico..." (EDUARDO PRADO)

  "Leonora irritou-se, além **do** abade puni-la..., pedia-lhe favores." (NÉLIDA PIÑON)

  "No momento **do** comboio partir, Carlos correria à portinhola, a balbuciar fugitivamente uma desculpa." (EÇA DE QUEIRÓS)

  "Agora chegou a vez **dos** advogados tomarem a dianteira na luta contra as prisões." (EVANDRO LINS E SILVA)

  "O modo **dele** falar soou-me agressivo." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

  "O Dr. Sampaio comprou-me uma boiada, e na hora **da** onça beber água deu-me com os cotovelos, ficou palitando os dentes." (GRACILIANO RAMOS)

  "No dia 31 de março foi a vez **do** delegado interino de Macaé responder ao juiz Lima e Castro." (CARLOS MARCHI)

  Sendo sujeito o pronome *eu*, não se faz a contração:

  "No caso **de eu** morrer, os meus herdeiros assumiriam essa obrigação." (MACHADO DE ASSIS)

Observação:

✔ A contração em foco tem tradição na língua; sempre foi e continua sendo largamente praticada por eminentes escritores brasileiros e portugueses. Tem a vantagem de evitar os artificiais e desagradáveis hiatos *de ele*, *de ela*, *antes de o*, *apesar de os*, etc. Trata-se de um fato fonético, de uma acomodação da escrita à fala, e não de uma alteração sintática, porquanto, ainda que contraída com o sujeito, a preposição *de* rege o infinitivo que se lhe segue (antes *do caso suceder* = antes *de suceder o caso*). Tanto é lícito, portanto, dizer "antes *do* sacerdote iniciar a missa", como "antes *de o* sacerdote iniciar a missa". A primeira construção é mais natural e espontânea. A segunda é um gramaticalismo um tanto afetado, em choque com a língua falada.

✔ Acrescente-se, a favor da contração, que igual fato ocorre em frases como "*Do* que o menino mais gostava era jogar futebol", "Do que ninguém desconfiava era que a moça fosse espiã", nas quais, a bem da eufonia, se contrai o *de* com o pronome demonstrativo *o*, sujeito da segunda oração.

O objeto direto prende-se ao verbo sem o auxílio da preposição. Todavia, em determinados casos, como atrás se viu, pode esse termo vir preposicionado:

"O marido era rico, e ela sem escrúpulo arruiná-lo-ia, **a ele** e **ao papá Monforte**."
(EÇA DE QUEIRÓS)

Conforme foi explanado anteriormente, o objeto indireto é sempre regido de preposição, clara ou implícita. A preposição está implícita nos pronomes objetivos indiretos *me*, *te*, *se*, *lhe*, *nos*, *vos*, *lhes*:

Ele obedece-**me**. [= Ele obedece *a mim*.]
Eu obedecia-**lhe**. [= Eu obedecia *a ele*.]

As orações objetivas indiretas normalmente são regidas pela preposição:

Gosto **de** que vivam felizes.
Lembra-te **de** que a vida é breve.
Persuadiu-os **a** que fugissem.

Todavia, frequentemente omitem os escritores o nexo prepositivo:

"Não se dignou **abrir os olhos**." (J. GERALDO VIEIRA) [= *de* abrir os olhos]

"Esqueceu-se **que tenho cinquenta anos**?" (CAMILO CASTELO BRANCO) [= *de* que tenho...]

"Ambos concordaram **que essas ideias não tinham senso comum**." (MACHADO DE ASSIS) [= *em* que essas ideias...]

"Duvido muito **que ninguém fosse mais generoso** do que eu." (MACHADO DE ASSIS) [= Duvido muito *de* que...]

"Não gostaria **que João Brandão se lembrasse** de oferecer-me o cavalo." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE) [= Não gostaria *de* que...]

Convenhamos **(em) que o preço desses remédios é exorbitante**.

Na língua culta formal, convém não omitir a preposição.

3 OS PRONOMES OBJETIVOS *O(S), A(S), LHE(S)*

- Os pronomes objetivos substituem substantivos da mesma função:

a) Os pronomes *o*, *a*, *os*, *as* usam-se como objetos diretos dos verbos transitivos diretos e dos transitivos diretos e indiretos:

Estimo **aquele colega**. _____ Estimo-**o**.
Convido **os amigos**. _____ Convido-**os**.
Deixa **o menino** brincar. _____ Deixa-**o** brincar.
Obrigou **as filhas** a trabalhar. _____ Obrigou-**as** a trabalhar.
Considero **Olívia** inteligente. _____ Considero-**a** inteligente.

b) Os pronomes *lhe*, *lhes* formam o objeto indireto dos verbos transitivos indiretos e dos transitivos diretos e indiretos:

Obedece **a teu superior**. _____ Obedece-**lhe**.
Não batas **nos animais**. _____ Não **lhes** batas.

O rei perdoou **ao servo**. _____ O rei perdoou-**lhe**.
O cliente pagou **ao médico**. _____ O cliente pagou-**lhe**.
Resistimos **aos invasores**. _____ Resistimos-**lhes**.
Recomendo prudência **aos jovens**. _____ Recomendo-**lhes** prudência.

c) Certos verbos transitivos indiretos repelem os pronomes *lhe*, *lhes*, sendo, por isso, construídos com as formas retas preposicionadas:

Aspiro **ao título**. _____ Aspiro **a ele**.
Assistimos **à festa**. _____ Assistimos **a ela**.
Refiro-me **a João**. _____ Refiro-me **a ele**.
Aludiram **a teus irmãos**. _____ Aludiram **a eles**.
Recorri **ao ministro**. _____ Recorri **a ele**.
Dependo **de Deus**. _____ Dependo **dEle**.
Prescindimos **de armas**. _____ Prescindimos **delas**.

d) Os verbos *deixar*, *fazer*, *mandar* e *ver*, na língua culta, constroem-se com os pronomes oblíquos *me*, *o*, *a*, os, *as*, e não com os retos *eu*, *ele*, *ela*, *eles*, *elas*:

Deixe-**me** ver. Faço-**os** andar.
Deixe-**o** sair. Mande-**as** entrar.
Deixe-**a** levar o cão. Vejo-**os** sair todos os dias.

- As orações adjetivas são regidas de preposição sempre que esta for reclamada pelo verbo que as constitui.

Aspiro **a** um cargo. _____ Eis o cargo **a que aspiro**.
Gosto **de** festas. _____ Eis as festas **de que mais gosto**.
Entretive-me **com** ele. _____ Este é o amigo **com quem me entretive**.
Preste atenção **a** isto. _____ Eis uma coisa **a que deve prestar atenção**.
Assisti **ao** início da festa. _____ A festa **a cujo início** assisti acabou tarde.

"Este é o mundo **a que vim**, de pedra e sonho." (Dante Milano)

"Assim imaginava Anselmo a casa de Rui Vaz, **à qual se dirigia pela primeira vez**." (Coelho Neto)

"Chegados ao quintalejo, abancavam debaixo de uma parreira, **em cujos troncos as matronas penduravam as mantilhas e eles as casacas**." (Camilo Castelo Branco)

- As orações completivas nominais são, normalmente, regidas de preposição. Em certos casos, porém, pode-se omitir o nexo prepositivo:

Tínhamos certeza **de que João era inocente**.

"Tenho medo [de] **que minha mãe me repreenda**." (Mário Barreto)

"Juca estava ansioso [por] **que ela partisse**." (Jorge Amado)

"Não há dúvida [de] **que Luís Dutra exultava de felicidade**." (Machado de Assis)

"Não estou certo **se ele poderia atinar facilmente com um trecho de Tertuliano**." (Machado de Assis)

Na língua culta formal, convém não omitir a preposição.

REGÊNCIA NOMINAL

Certos substantivos e adjetivos admitem mais de uma regência. A escolha desta ou daquela preposição deve, no entanto, obedecer às exigências da clareza e da eufonia e adequar-se aos diferentes matizes do pensamento. Exemplos:

▪ Amor

Tenha amor **a** seus livros.

Os pais incutiram-lhe o amor **do** estudo.

"Com efeito, o amor **do** próximo era um obstáculo grave à nova instituição." (MACHADO DE ASSIS)

"Meu amor **pelos** moços divinizava outrora a mocidade." (RUI BARBOSA)

"Marcela morria de amores **pelo** Xavier." (MACHADO DE ASSIS)

Observação:

✔ Modernamente preferem-se as preposições *a* e *por*: amor *ao* trabalho, amor *à* patria, amor *pelas* coisas da natureza, etc.

▪ Ansioso

"Olhos ansiosos **de** novas paisagens." (LUÍS JARDIM)
"Ansioso **de** emoções desusadas." (CAMILO CASTELO BRANCO)
"Estava ansioso **de** se libertar da presença de Amaro." (FERREIRA DE CASTRO)
"Estava ansioso **por** vê-la." (CAMILO CASTELO BRANCO)
"Estou particularmente ansioso **para** ler qualquer história..." (ÉRICO VERÍSSIMO)
"Eu estava ansioso **para** rever a Rua da Fábrica." (POVINA CAVALCÂNTI)

Apresentamos aqui uma pequena relação de substantivos e adjetivos acompanhados de suas preposições mais usuais:

acessível *a*
afável *com, para com*
afeição *a, por*
aflito *com, por*
alheio *a, de*
atentatório *a, de*
aversão *a, para, por*
avesso *a*
aliado *a, com*
análogo *a*
antipatia *a, contra, por*
apto *a, para*
atencioso *com, para com*
imune *a, de*
indulgente *com, para com*
inerente *a*

coerente *com*
compaixão *de, para com, por*
compatível *com*
conforme *a, com*
constituído *com, de, por*
contente *com, de, em, por*
contíguo *a*
cruel *com, para, para com*
curioso *de, por*
desgostoso *com, de*
desprezo *a, de, por*
devoção *a, para com, por*
devoto *a, de*
dúvida *acerca de, de, em, sobre*
empenho *de, em, por*
fácil *a, de, para*
falho *de, em*
feliz *com, de, em, por*
fértil *de, em*
hostil *a, para com*
junto *a, de*
lento *em*
pasmado *de*
passível *de*
peculiar *a*
pendente *de*
preferível *a*
propício *a*
próximo *a, de*
rente *a*
residente *em*
respeito *a, com, de, para com, por*
simpatia *a, para com, por*
situado *a, em, entre*
solidário *com*
suspeito *a, de*
último *a, de, em*
união *a, com, entre*
versado *em*
vizinho *a, com, de*

Observação:

✔ Alguns advérbios terminados em *-mente* requerem a mesma preposição dos adjetivos de que derivam.

Exemplos:

favorável *a*	favoravelmente *a*
concomitante *com*	concomitantemente *com*
independente *de*	independentemente *de*

EXERCÍCIOS LISTA 54

1. Escreva as frases substituindo o * pelas preposições adequadas, contraindo-as com o artigo quando for o caso:

a) Meus olhos estavam ansiosos * novas paisagens.
b) Estou solidário * você.
c) Exercia suas funções concomitantemente * às de cônsul.
d) Sentia-se feliz * vê-la assim.
e) O filme foi proibido: tinha cenas atentatórias * bons costumes.
f) Hélio tinha aversão * política, era coerente * seus princípios.
g) Procure divertimentos compatíveis * sua formação moral.
h) Um homem encapuzado passou rente * parede.
i) O amor do indivíduo * si mesmo não deve levar à egolatria.
j) O professor era indulgente * nossos erros.

k) Estávamos pasmados * ouvi-lo falar assim.
l) O velho Moura era pouco afeito * vida social.
m) Tinha mais afeição * uma que * outra.
n) Houve dissidência * os membros do partido.
o) Pendentes * teto, oscilavam as lâmpadas.
p) Aconselho a consulta * dicionários e * enciclopédias.

2. Transcreva as frases em que não há erro de regência nominal:

a) É preferível um inimigo declarado do que um amigo falso.
b) No mundo inteiro houve manifestações de repulsa ao bárbaro crime.
c) Eram conhecidas as pretensões estrangeiras sobre a Amazônia.
d) Havia orquídeas em profusão, algumas em vasos pendentes do teto.

3. Substitua os * como fez no exercício 1, atendendo à regência dos nomes em destaque:

a) Construiremos portos **acessíveis** * qualquer navio.
b) Ela costurava numa saleta **contígua** * cozinha.
c) Esse crime é **passível** * pena de reclusão.
d) Ele exerce atividades **incompatíveis** * o seu cargo.
e) Socorreu-me um senhor **residente** * Av. Atlântica.
f) A arquitetura desse prédio é **análoga** * do nosso.
g) O sentimento de liberdade é **inerente** * ser humano.
h) A **chegada** do cantor * Brasília passou despercebida.
i) É **preferível** sofrer injustiças * cometê-las.
j) Ele é um escritor culto, muito **versado** * Astronomia.
k) A terra e o clima eram **propícios** * cultura da soja.
l) Luís era um homem calmo, **avesso** * discussões.

4. Destaque do exercício 3 os termos regidos [= dependentes] dos nomes:

a) residente b) chegada c) avesso

5. Escreva as frases dando complementos adequados aos nomes em destaque:

a) Não temos **antipatia** * .
b) Ninguém está **imune** * .
c) Ela estava **ansiosa** * .
d) Vítor não foi julgado **apto** * .
e) Ele tinha **aversão** * .
f) O guarda era **suspeito** * .

6. Substitua os asteriscos em cada frase pelo conjunto adequado:
a quem – de que – de quem – por quem

a) Trouxe-lhe dessas flores ********* os campos estão cheios.
b) Este é um artista ********* sempre tive admiração.
c) Ela não ouvia bajuladores, ********* tinha profunda aversão.
d) Severino foi à festa de São José, ********* era grande devoto.

REGÊNCIA NOMINAL
Exercícios de exames e concursos
[Página 688]

REGÊNCIA VERBAL

1 REGÊNCIA E SIGNIFICAÇÃO DOS VERBOS

Há verbos que admitem mais de uma regência sem mudar de sentido. Exemplos:

A aurora *antecede* o dia.
A aurora *antecede ao* dia.

José não *tarda a* chegar.
José não *tarda em* chegar.

A ventania *precedeu* a chuva.
A ventania *precedeu à* chuva.

Esforcei-me por não contrariá-lo.
Esforcei-me para não contrariá-lo.

Cumpriremos o nosso dever.
Cumpriremos com o nosso dever.

Desfrutemos os bens da vida.
Desfrutemos dos bens da vida.

Outros verbos, pelo contrário, assumem outra significação, quando se lhes muda a regência:

Aspirei o aroma da flores. [= sorver, absorver]
Aspirei ao sacerdócio. [= desejar, pretender]

Bonifácio *assistiu* ao jogo. [= presenciar, ver]
O médico *assistiu* o enfermo. [= prestar assistência, ajudar]

Olhe para ele. [= fixar o olhar]
Olhe por ele. [= cuidar, interessar-se]

Ele não *precisou* a quantia. [= informar com exatidão]
Ele não *precisou* da quantia. [= necessitar]

2 REGÊNCIA DE ALGUNS VERBOS

Consignamos aqui alguns verbos com suas regências e acepções na língua atual. Antes, porém, julgamos oportuno remeter o estudante ao capítulo que trata da predicação verbal. (páginas 336-340)

▪ Abdicar

Significa *renunciar* (ao poder, a um cargo, título, dignidade), *desistir*. Pode ser intransitivo, transitivo direto ou transitivo indireto (preposição *de*):

D. Pedro I *abdicou* em 1831.

"D. Pedro *abdicou* a coroa na pessoa de sua filha D. Maria da Glória." (VIRIATO CORRÊA)

A beldade *abdicou* o seu título de rainha.

Não *abdicarei de* meus direitos.

▪ Agradar

a) No sentido de *causar agrado, contentar, satisfazer, aprazer,* usa-se, hoje, mais frequentemente, com objeto indireto, sendo o sujeito da oração nome de coisa [uma coisa *agrada* a alguém]:

A canção *agradou ao público.*
Minha proposta não *lhe agradou.*
"Vicente desviou o assunto, que não *lhe agradava.*" (RAQUEL DE QUEIRÓS)
"*À velha agradara* sobretudo a sem-cerimônia do jovem capitalista." (MONTEIRO LOBATO)

Escritores modernos usam-no também, nesta acepção, com objeto direto, quando o sujeito é nome de pessoa [*alguém* agrada *alguém*]:

"Sua intenção parecia ser a de *agradar o médico* para obter um melhor resultado favorável." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

"Procura *agradá-lo* de toda forma." (CIRO DO ANJOS)

"Tia Quiquinha continuava querendo *agradá-lo.*" (EDY LIMA)

"Anselmo era chefe do departamento pessoal e vários funcionários sentiam prazer em *agradá-lo.*" (JOSÉ FONSECA FERNANDES)

Observação:

✔ No Brasil, "agradar alguém" pode significar, conforme o contexto, "fazer carinhos ou agrados", como nesta frase de Graciliano Ramos, em que ele se refere a sua mãe: "Quando cresci e tentei *agradá-la*, recebeu-me suspeitosa e hostil".

b) Usa-se como verbo intransitivo na acepção de *causar satisfação, ser agradável* ou *atraente.*

A exibição do grupo de balé não *agradou.*

Em certas horas, nada *agrada* tanto quanto uma boa música.

Cuidam muito de sua aparência para *agradar.*

c) Apresenta-se com a forma pronominal, no sentido de *gostar*:

Leila *agradou-se* muito do rapaz.

A virtude *de* que Deus mais *se agrada* é a humildade.

▪ Ajudar

Constrói-se com objeto direto de pessoa:

Antônio *ajudava o pai* na roça.
Nós *os ajudaremos.*
Elas não queriam que *as ajudássemos.*
Eu *ajudava-o* a subir a escada.
"O professor pediu que *o ajudassem* a afastar a pedra." (JOSÉ J. VEIGA)

- **Aludir**

a) Significa *fazer alusão a, referir-se a,* e se constrói com objeto indireto:

Na conversa, *aludiu-se* brevemente *ao* seu novo projeto.

Nenhum historiador *alude a* esse triste episódio.

A que o senhor *está aludindo?*

O jornal *a* que o ministro *aludiu* lhe fazia duras críticas.

b) Não admite, como complemento, o pronome *lhe*:

Como o caso era melindroso, não *aludi a ele* [e não *lhe aludi*].

Aquela moça o destratara, mas ele nem sequer *aludiu a ela*.

- **Ansiar**

a) Na acepção de *causar mal-estar, angustiar,* é transitivo direto:

"O cansaço *ansiava-o*." (CAMILO CASTELO BRANCO)

b) Significando *desejar ardentemente*, usa-se, em geral, como transitivo indireto (preposição *por*), e às vezes como transitivo direto, com ideia intensiva:

"*Ansiava pelo* novo dia que vinha nascendo." (FERNANDO SABINO)

"*Ansiava por* me ver fora daquela casa." (MACHADO DE ASSIS)

"*Ansiou por* ir ao seu encontro." (GARCIA DE PAIVA)

"O seu coração *anseia* um confidente." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Viagem longa é para quem *anseia* voltar." (JORGE AMADO)

"Minha alma *anseia* o infinito." (AMADEU DE QUEIRÓS)

Observação:

✔ A regência correta é "ansiar *por* alguma coisa" e não "ansiar *em* alguma coisa": Ansiava *por* me ver livre daquele sofrimento.

- **Aspirar**

a) Transitivo direto na acepção de *inalar, sorver, tragar* (ar, perfume, pó, gás, etc.):

"Calixto *aspirou* o aroma das flores..." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Há máquinas que *aspiram* o pó do assoalho." (J. MESQUITA DE CARVALHO)

"Aspirou profundamente o ar cálido." (VILMA GUIMARÃES ROSA)

b) Transitivo indireto (preposição *a*), no sentido de *desejar, pretender*:

Eles *aspiravam a* altos cargos, *a* altas dignidades.

Eu *aspirava a* uma posição mais brilhante.

"O orador *aspirava à* notoriedade..." (CARLOS DE LAET)

"Nem em sonhos cheguei a *aspirar a* tal emprego." (CIRO DOS ANJOS)

Jaime *aspirava a* ser médico para atender a população pobre.

"Dizia que era a maior dignidade *a* que podia *aspirar*." (MACHADO DE ASSIS)

"A magistratura o seduzia, prometia aquilo *a* que mais *aspirava*, segurança, respeitabilidade." (ONDINA FERREIRA)

• Neste sentido, o verbo *aspirar* não se constrói com os pronomes *lhe, lhes*, mas sim com as formas retas regidas de preposição [*a ele(s), a ela(s)*]:

Não invejo essas honrarias nem *aspiro a elas*.

"Na academia teria um lugar de direito, se *aspirasse a ele*, o historiador ora desaparecido." (HÉLIO DAMANTE)

▪ Assistir

a) Transitivo direto, quando significa *prestar assistência, confortar, ajudar*, de acordo com a prática moderna:

O médico *assiste o* doente.

"O médico já não *o assistia*." (AMADEU DE QUEIRÓS)

"Quem *assistia a paciente* eram mulheres do povo." (POVINA CAVALCÂNTI)

"Ele sofreu sozinho, não *o assisti*." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

"E felizes foram, retorquiu-lhe o castelhano, porque tiveram V. Rev. para *assisti-los* nos seus últimos momentos." (ALPHONSUS DE GUIMARAENS)

"Moças de minissaia *assistiam os fregueses* numerosos." (MARIA JOSÉ DE QUEIRÓS)

Observação:

✔ Nesta acepção, pode ser usado na voz passiva: "O doente é *assistido* pelo médico."; "Os missionários *são assistidos* por Deus."; "Faleiros morria *assistido* por velhos amigos." (AMADEU DE QUEIRÓS)

b) Transitivo indireto (com a preposição *a*), no sentido de *presenciar, estar presente a*:

"Algumas famílias, de longe, na calçada, *assistiam ao* espetáculo." (ANÍBAL MACHADO)

"Populares *assistiam à* cena aparentemente apáticos e neutros." (ÉRICO VERÍSSIMO)

"Ataxerxes *assistia a* tudo." (ANÍBAL MACHADO)

"O gari *a* tudo *assistia* com os olhos esbugalhados." (ASSIS BRASIL)

"Nas missas *a* que *assisto* não há sermão." (J. MESQUITA DE CARVALHO)

"Há um comício feminino, *a* que alguns homens *assistem*." (RICARDO RAMOS)

"*A* quanto espanto *assisti* e ainda *assisto*!" (ROSAMARIA CASTELO BRANCO)

"Eu desejava *assistir à* extinção daquelas aves amaldiçoadas." (GRACILIANO RAMOS)

Por que não *assistes às* aulas?

• Se o objeto for pronome pessoal, não se usam as formas *lhe, lhes*, mas *a ele(s), a ela(s)*:

"Não é propósito nosso descrevermos uma corrida de touros. Todos *têm assistido a elas*..." (REBELO DA SILVA)

"Lá vão os frades celebrar um auto! Não serei eu que *assista a ele*." (ALEXANDRE HERCULANO)

"O vencedor nestes jogos guerreiros tinha de receber um prêmio das mãos do principal personagem que *assistia a eles*." (ALEXANDRE HERCULANO)

"Enfim, mais uma corrida de obstáculos. Vamos *assistir a ela*, curiosos e em dieta de legumes." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

Observação:

✔ Nesta acepção, o verbo *assistir* não admite a voz passiva. Em vez de: "A festa *foi assistida* por altas autoridades", prefira-se dizer: "*À festa assistiram* altas autoridades."

✔ Não obstante, são comuns, na imprensa, frases como esta: "A solenidade de posse *foi assistida* por 89 delegações estrangeiras".

✔ Os próprios escritores condescendem com essa construção: "Uma partida de futebol na Inglaterra *é assistida* por 150 mil pessoas". (PAULO MENDES CAMPOS)

c) Como transitivo indireto, usa-se também no sentido de *caber, pertencer* (direito ou razão):

Assiste ao réu o direito de se defender.

Não *lhe assiste* o direito de oprimir os outros.

Evidentemente não *lhe assistia* razão para reclamar.

d) Constrói-se, mas raramente, com a preposição *em*, no sentido de *morar, residir*:

"Sou obrigado por esta desgraçada posição de deputado a *assistir* mais algum tempo *na capital*." (CAMILO CASTELO BRANCO)

▪ Atender

a) Usa-se, modernamente, com objeto direto, no sentido de:

- acolher ou receber alguém com atenção, responder a alguém que se dirige a nós:

  O diretor *atendeu os alunos*.

  O médico sempre *os atende* bem e lhes dá remédios.

  A professora não *o atendeu*.

  A tenista não *atendeu o repórter*. Ela não quis *atendê-lo*.

  "A Dona Emília tinha de *o atender*." (FERNANDO NAMORA)

- ouvir, conceder, deferir um pedido:

  Deus *atendeu a súplica* de seu servo.

b) Constrói-se com objeto indireto, na acepção de:

- dar atenção a alguém, ouvir-lhe os conselhos, levar em consideração o que alguém nos diz:

  "Não *atendera aos* amigos, fora entregar-se a impostores." (GRACILIANO RAMOS)

- considerar, atentar, prestar atenção a, levar em consideração, satisfazer:

  Atenda bem *ao* [ou *para o*] que lhe digo.

  Atenderemos ao apelo [ou *ao* chamado, *aos* conselhos, *aos* interesses, *às* exigências, *às* reivindicações] de fulano.

  "O Corpo de Bombeiros *atendeu a* doze pedidos de socorro." (*Jornal do Brasil*, 28/9/1982)

  O novo método *atende* perfeitamente *às* exigências do moderno ensino.

  "Se tivesses *atendido ao* meu apelo, tinhas poupado este desgosto e este remorso." (MACHADO DE ASSIS)

  "Vou *atender ao* que me pede..." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

▪ Bater

a) Na acepção de *dar pancadas* (em alguém), exige objeto indireto:

Os colegas mais fortes *batiam nele* (ou *batiam-lhe*) à toa.

Por que batiam *no menino*. Por que *lhe batiam*?

b) Conforme o sentido, diz e escreve-se:

- *Bater a porta*. Fechá-la com força: Furioso, entrou no quarto e *bateu a porta*.
- *Bater à porta*. Bater junto à porta, para que abram ou atendam: "De noite *bateram à porta*, e foi dona Manuela que atendeu". (MARQUES REBELO)
- *Bater na porta*. Dar pancadas na porta ou esbarrar nela: Para acordá-lo, era preciso *bater na porta* do quarto dele.

▪ Chamar

a) Transitivo direto (construído com objeto direto):

O rei *o chamou* à sua presença.

Ninguém *o chamou* aqui, moço. (certo)

Ninguém *lhe chamou* aqui, moço. (errado)

O objeto direto pode vir regido da preposição de realce *por*:

Chamei por você com insistência, não me ouviu?

A menina teve medo e *chamou pela* mãe.

"*Chamou por* um escravo." (MACHADO DE ASSIS)

b) Construído com objeto seguido do predicativo, admite as seguintes regências:

Chamaram-no charlatão.

Chamaram-lhe charlatão.

Chamaram-no de charlatão.

Chamaram-lhe de charlatão.

"Os gregos *chamavam*, desprezivelmente, *metecos* os que não eram de Atenas." (AFRÂNIO PEIXOTO)

"Nós o *chamávamos tiozinho* e brincávamos com ele como um boneco." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"O povo *chamava-o maluco*." (José Lins do Rego)

"Os naturais do lugar *chamam taperás às avezinhas* singulares que ali vão dormir." (Salvador de Mendonça)

"*A nenhuma chamarás Aldebarã*." (Rubem Braga)

"Há umas granadas de mão, redondas e pequenas, *a que chamam laranjas*." (Antônio Gedeão)

"Justino *chamava-a de mãezinha*." (Herman Lima)

"Um sujeito barbudo, dirigindo um fusca, *chamou-o de molenga*." (Lourenço Diaféria)

"Você *chama de espevitada uma pessoa* a quem não conhece." (Carlos Drummond de Andrade)

"No norte do Brasil *chamam ao diabo de cão*, o cão do inferno." (João Ribeiro)

"*Aos nativos* Colombo *chamou de índios*." (Millôr Fernandes)

▪ Chegar

Na língua culta, o adjunto adverbial de lugar do verbo *chegar* é regido da preposição *a*:

Chegamos a [e não *em*] São Paulo pela manhã.

A noiva *chegou à* [e não *na*] igreja às 18 horas.

O lugarejo *a* que *chegamos* fica entre morros.

Vejam *a* que ponto *chegou* a audácia desses criminosos!

"Ao alvorecer devemos *chegar às* portas de Jerusalém." (Eça de Queirós)

Na linguagem coloquial, admite-se a preposição *em*:

Chegamos *em* São Paulo no dia seguinte.

Ele chegou *na* cidade ao meio-dia.

As crianças chegaram *em* casa exaustas.

Os verbos *ir* e *vir* têm a regência de *chegar*. Fomos *a* Belém. Fui *à* feira. Não sei *a* que reunião eles foram. *A* que loja o senhor foi? Vieram *à* cidade fazer compras.

É oportuno lembrar que o verbo *chegar* concorda normalmente com o sujeito:

Chegaram [e não *chegou*] visitas à casa do vizinho.

Chegam a Brasília os novos embaixadores.

Talvez *cheguem* a vinte mil reais as despesas da família.

Que mais ele quer? Não *chegam* [= bastam] os bens que possui?

▪ Contentar-se

Constrói-se com objeto indireto (ou oração objetiva indireta) regido das preposições *com*, *de* ou *em*:

"*Contentam-se com* despedi-los." (Carlos de Laet)

"*Contento-me com* os raios desse ocaso." (Visconde de Taunay)

"*Contentei-me de* responder que não era tarde." (MACHADO DE ASSIS)

"*Contentava-se em* bater palmas de longe." (ANÍBAL MACHADO)

"Não dá aula, *contenta-se em* ir de uma à outra sala." (J. GERALDO VIEIRA)

▪ Custar

a) No sentido de *ser custoso, difícil*, emprega-se na 3ª pessoa do singular, tendo como sujeito uma oração reduzida de infinitivo, a qual pode vir precedida da preposição expletiva *a*:

"*Custa-me* dizer que acendeu um cigarro." (MACHADO DE ASSIS)

"*Custa* muito corrigir um erro." (ANTÔNIO HOUAISS)

"*Custa-lhe* reconhecer um rosto que se aproxima sorrindo." (ANÍBAL MACHADO)

"*Custou-me* muito *a* brigar com Sabina." (MACHADO DE ASSIS)

"*Custa a* crer que uma centena de homens..." (RUI BARBOSA)

Observações:

✔ A construção lógica é a sem preposição. *Custa* [= é custoso] crer que...

✔ Popularmente, usa-se este verbo em todas as pessoas, com as acepções de *ter dificuldade, demorar*: *custo a crer, custas a entender, ele custou a chegar, custamos a acreditar, custais a aceitar, custam a vir, custei a entender*, etc., formas estas ainda não sancionadas pelos gramáticos, embora já apadrinhadas pelos escritores modernos:

"*Custei a* acreditar que fosse goiana." (ORÍGENES LESSA)

"A árvore *custara a* cair." (COELHO NETO)

"*Custas a* vir e, quando vens, não te demoras." (CECÍLIA MEIRELES)

"Como *custaram a* passar os últimos três meses!" (JOSUÉ MONTELO)

"A menina *custou a* aparecer." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

b) Na acepção de *acarretar trabalhos, causar incômodos, sofrimentos, prejuízos*, etc., é transitivo direto e indireto:

A conquista do pão *custa ao pobre* muitos sacrifícios.

A imprudência *custou-lhe lágrimas amargas* e três anos de prisão.

"*Custar-te-emos* contudo *dura guerra*." (LUÍS DE CAMÕES) [custar-te-emos = custaremos a *ti*]

▪ Deparar

Apresenta as seguintes regências:

a) Transitivo direto, significando *dar com, encontrar*:

Nas aflições é tão bom *deparar* alguém que nos ajude!

"Em *deparando* um colega leal, abro-me, ofereço-me até as últimas consequências." (FERNANDO NAMORA)

b) Transitivo indireto (preposição *com*), com a mesma significação:

"O marquês de Luso não *deparou* nunca *com* o inimigo." (CAMILO CASTELO BRANCO)

c) Transitivo direto e indireto, no sentido de *fazer aparecer, apresentar*:

"E pedia ao padre Santo Antônio que *lhe deparasse a cabra perdida*." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"A ciência do naturalista não *deparou a solução ao problema*." (CARLOS DE LAET)

d) Transitivo indireto (preposição *a*) e pronominal no sentido de *apresentar-se, oferecer-se, surgir*, tendo como sujeito a coisa ou a pessoa que se apresenta, que aparece.

Deparou-se enfim *ao rapaz* uma boa oportunidade.

"*Depara-se-lhe* na esquina um velho amigo." (CELSO LUFT)

"*Depararam-se-me* coisas estranhas." (VITÓRIO BERGO)

"As multiplicadas ocasiões que se *lhe deparam* de estudar." (CARLOS DE LAET)

Em resumo, pode-se dizer:

Deparei alguém ou alguma coisa.

Deparei com alguém ou com alguma coisa.

Deparou-se-me alguém ou alguma coisa.

O destino (ou a sorte, o acaso, etc.) *me deparou* alguém ou alguma coisa.

▪ Dignar-se

Seu complemento é regido da preposição *de*, a qual pode ser omitida, sem alteração do sentido da frase:

"Ele azeitava uma espingarda, sem *dignar-se de* levantar os olhos para mim." (OTO LARA RESENDE)

"Rogo a Vossa Excelência *se digne de* expedir suas respeitáveis ordens para que o cadáver seja transportado ao necrotério e se proceda ao corpo de delito." (MACHADO DE ASSIS)

"Quando o cirurgião-chefe *se dignava* terminar seu jantar..." (FERNANDO NAMORA)

"Não *se dignou* abrir os olhos." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

Digne-se Vossa Excelência ouvir as razões de minha renúncia.

▪ Ensinar

Admite, entre outras, as duas seguintes regências:

a) *Ensino* a dança *a* João. *Ensino-lhe* a dança.

"Mande *ensinar-lhe* Medicina." (MACHADO DE ASSIS)

"Vou *ensinar-lhe* o caminho." (ANTÔNIO HOUAISS)

b) *Ensino João a* dançar. *Ensino-o a* dançar.

"*Ensinou o primeiro rei português a* ser honrado." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"... para *ensiná-lo a* respeitar o 5º mandamento." (VALENTIM MAGALHÃES)

"*Ensina-o a* converter cada espinho em flor." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"*Ensinei-a a* libertar-se das amarras..." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

"Gomes Carneiro o *ensinará a* amar o índio." (EDILBERTO COUTINHO)

- **Entreter-se** (= divertir-se, ocupar-se)

Seu complemento é regido das preposições *a*, *com* ou *em*:

De noite *entretinha-se a* ouvir música.

As crianças *entretiveram-se com* seus brinquedos.

Às vezes *nos entretínhamos em* recordar o passado.

- **Esquecer** e **lembrar**

a) Estes verbos admitem as seguintes construções:

Esqueci o nome dele.	*Lembro* um caso antigo.
Esqueci-me do nome dele.	*Lembro-me de* um caso antigo.
Esqueceu-me o nome dele.	*Lembra-me* um caso antigo.

O que nas duas primeiras construções é objeto, passa a sujeito na terceira: "O nome dele esqueceu-me", isto é, "apagou-se da memória", "saiu da lembrança".

Essa última construção, corrente entre portugueses, é menos conhecida no Brasil, onde a usaram os nossos escritores clássicos:

"*Esqueceu-me* o teu nome." (CÂNDIDO DE FIGUEIREDO)

"Nunca *me esqueceu* esse fenômeno." (MACHADO DE ASSIS)

"*Lembra-me* que não chorei." (MACHADO DE ASSIS)

"Ainda *me lembram* as palavras dele." (MÁRIO BARRETO)

"*Esqueceu-me* comunicar-lhe que..." (CIRO DOS ANJOS)

"*Esqueceram-lhe* os dias felizes." (*Aurélio*)

Observação:

✔ Esse último tipo de construção ocorre com outros verbos, como *admirar*, *alegrar*, etc:

Admira-me que Aurélio não tenha vencido a luta.

"Não admira que ela me preferisse." (MACHADO DE ASSIS)

Alegra-me saber que sua empresa vai de vento em popa.

É corrente em Portugal e raro no Brasil o emprego de *esquecer* como verbo intransitivo, na acepção de "apagar-se da memória", "cair no esquecimento":

Os fatos acontecem, passam e *esquecem*.

"As particularidades da guerra *esqueceram* com o decurso dos anos." (ALEXANDRE HERCULANO)

b) Na língua culta são consideradas errôneas as construções "esquecer de alguém", "esquecer de alguma coisa", "lembrar de alguém", "lembrar de alguma coisa", com os verbos despronominados, como nas frases:

Esqueci de meu compromisso [ou do livro, ou de minha promessa].

Você *esqueceu de* nós?

Meu pai *esqueceu de* ir à reunião.

Eles *esqueceram de* que era feriado.

Ele não *lembrou de* seu amigo [ou de sua promessa].

Não *lembrei de* que era feriado [ou de pagar a conta].

Construções corretas, na língua culta:

Esqueci-me de meu compromisso [ou do livro, da promessa].

Meu pai *esqueceu-se de* ir à reunião.

Ele não *se lembrou de* seu amigo [ou do livro, da promessa].

Não *me lembrei de* que era feriado [ou de pagar a conta].

Em síntese, na língua culta, os verbos *esquecer* e *lembrar*, quando usados com a preposição *de*, são pronominais:

"*Esquecia-me*, porém, *de* que ignorava a sua real medida." (NÉLIDA PIÑON)

"*Lembra-te*, Belmiro, *de* que essas bodas são impossíveis." (CIRO DOS ANJOS)

"*Esquecia-me de* dizer que, à noite passada, ouvimos novamente esturros de onça." (GASTÃO CRULS)

c) Usados como transitivos diretos, eis como se devem construir esses verbos:

Esqueça essa mulher. *Esqueça-a*.

Não *esqueçamos que* [e não *de que*] a saúde tem seu preço.

Ele *esqueceu como* [e não *de como*] se abre o cofre.

O professor *lembrou a* [e não *da*] importância do voto.

Ele *lembrou que* [e não *de que*] é importante votar.

A casa, os móveis, o jardim, tudo *lembrava* nossa mãe.

Tudo *a lembrava*, a casa, os móveis, o jardim...

▪ Implicar

a) No sentido de *trazer como consequência, acarretar*, é verbo transitivo direto, isto é, constrói-se com objeto direto:

A assinatura de um contrato *implica* a aceitação de todas as suas cláusulas.

O desrespeito às leis *implica* sérias consequências.

O Congresso rejeitará medidas que *impliquem* aumento de impostos.

"Não há máquina que não *implique* aplicação maior ou menor de ferro." (MONTEIRO LOBATO)

Nesta acepção, é censurada a regência indireta (preposição *em*), como na frase:

A quebra de um compromisso *implica em* descrédito.

b) Constrói-se com dois complementos, no sentido de *envolver, enredar, comprometer*:

Negócios ilícitos o *implicariam em* vários crimes.

Falsos amigos *implicaram* o jornalista na conspiração.

c) Na acepção de *promover rixas, mostrar má disposição para com alguém*, é transitivo indireto:

Ele era uma criatura que *implicava com* todo o mundo.

▪ Informar

Apresenta as seguintes regências:

a) Infelizmente não posso *informá-lo* agora.

b) O ministro *informou o povo sobre* a (ou *a respeito da*) situação financeira do país.

"*Informou-me sobre* o caminho para Andorra." (Ferreira de Castro)

c) *Informei-me do* preço das mercadorias.

"Informe-se com o ascensorista." (*Dicionário Mirador*)

d) O general *informou-se* minuciosamente *sobre* a posição das tropas inimigas.

e) "Em todas as povoações *o informavam de* que o duque passara duas horas antes." (Camilo Castelo Branco)

Informamos os interessados de que as inscrições estão abertas.

f) "Apenas *lhe informaram* que os bens de Domingos Leite haviam sido confiscados." (Camilo Castelo Branco)

Não *lhe* posso *informar* se este imóvel está à venda.

"Seu emissário *lhe informara* que a busca da bomba..." (Érico Veríssimo)

g) "Este é um jornal que *informa*." (*Aurélio*)

h) O cidadão nem sempre *é informado sobre* os seus direitos.

Observação:

✔ Muitos gramáticos tacham de incorreta a construção **f** (informou-lhe que...), só admitindo a **e** (informo-o de que...). Assim também para o verbo avisar: "Aviso-o de que desisti", preferível a "Aviso-lhe que desisti".

▪ Investir

a) No sentido de *dar posse* ou *investidura, empossar*:

O governo *o investiu no* cargo de presidente da empresa.

Ele *foi investido nas* funções de ministro.

"O barbeiro declarou que *estava investido de* um mandato público." (Machado de Assis)

b) Na acepção de *fazer investimentos, empregar dinheiro*:

A empresa *investiu* ali enormes capitais.

Ele *investe* parte dos lucros *em* pesquisas científicas.

Investir em tecnologia, *na* compra de ações, *em* imóveis, etc.

c) No sentido de *atacar, acometer, arremeter,* pode ser:

- transitivo direto:

  "Quando a onda *investe* a praia." (MACHADO DE ASSIS)

- transitivo indireto (preposição *com* ou *contra*):

  "Sanción, seguido de seus nove companheiros, *investiu* com os árabes." (ALEXANDRE HERCULANO)

  "*Investia* como um cego *contra* as paredes." (CAMILO CASTELO BRANCO)

  O touro, enfurecido, *investiu contra* (ou *com*) o toureiro.

▪ Lembrar

Veja *esquecer.*

▪ Morar

a) Antes do substantivo *rua* e de outros que designam logradouros públicos, usa-se morar com a preposição *em*, devendo-se evitar a preposição *a*:

João *mora na* Rua Itu (e não *à* Rua Itu).

"Eu *morava na* Rua do Bispo, numa casa de azulejo de quatro andares." (CAMILO CASTELO BRANCO)

Morávamos na Av. Brasil.

Meus tios *moram na* Praça Tiradentes.

A rua *em* que *moramos* fica na periferia da cidade.

Em que rua você *mora*? – *Moro na* antiga Rua Montenegro, em Ipanema.

b) A preposição *a* tem cabimento em construções do tipo:

Moro a cem metros da estrada.

Morávamos a pouca distância da praia.

▪ Namorar

a) A regência correta é *namorar alguém* e não *namorar com alguém*:

Joaquim *namorava* a filha do patrão.

Ela *namora* um oficial da Marinha.

Trabalha com a atriz, mas não *a namora*.

"Nem sei mesmo explicar por que ele *namora* a filha do chefe de Seção, que é de condição modesta." (CIRO DOS ANJOS)

"Ele também *namorou-a* publicamente, defronte do palacete dos Vargas." (EÇA DE QUEIRÓS)

"O capitão Nonato *namorava* a mulher de quem queria." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"... como se quisessem *namorar* todas as moças da vizinhança." (MACHADO DE ASSIS)

Observação:

✔ Embora defendida por alguns dicionaristas, não se recomenda a regência indireta *namorar com alguém*.

b) Usa-se *namorar* também nas formas intransitiva e pronominal:

Aos doze anos ele já *namorava*.

O conde *namorou-se (ou, mais usual, enamorou-se)* da princesa.

Na festa, vimos meninas e rapazes *namorando-se*.

"*Namorei-me da* filha dele, D. Rufina, moça de dezenove anos." (MACHADO DE ASSIS)

▪ Obedecer

Constrói-se, modernamente, com objeto indireto:

Os filhos *obedecem aos* pais.

O filho *obedece-lhes* em tudo.

Os corpos *obedecem à* lei da gravidade.

"Os passeios sempre *obedeciam a* horários." (MARIA DE LOURDES TEIXEIRA)

"Os coqueiros eram senhores *a* que os trabalhadores *obedeciam*." (LÊDO IVO)

Observações:

✔ Embora transitivo indireto, admite a forma passiva:

Os pais *são obedecidos* pelos filhos.

✔ O antônimo *desobedecer* tem o mesmo regime.

✔ Autores modernos constroem o verbo *obedecer* também como objeto direto:

"Eu devia *obedecer minha mãe* em tudo." (JOSÉ J. VEIGA)

▪ Pagar

Admite as seguintes regências:

a) Pagar alguma coisa:

Ele *pagou* a conta e saiu.

Sabe que tem débitos, mas não *os paga*.

"O suborno envilece tanto a mão que o *paga* como a que recebe." (RUI BARBOSA)

b) Pagar a alguém:

Ela ainda não *pagou ao* médico. Vai *pagar-lhe* hoje.

"*Pagava* com pontualidade exemplar *ao* alfaiate e *ao* merceeiro." (ALEXANDRE HERCULANO)

"Corria o risco de se arruinar e não poder *pagar aos* credores." (CIRO DOS ANJOS)

"A mulher do seleiro *pagou-lhe* e ele arrumou-se para sair." (JOSÉ LINS DO REGO)

"Mas Rosinha não precisava saber que o jornal *lhe pagara*." (ORÍGENES LESSA)

Na linguagem informal, neste caso, usa-se geralmente objeto direto: *pagar o médico, pagar os empregados, pagar o colégio.*

c) Pagar alguma coisa a alguém:

Paguei a consulta diretamente ao médico.

Paguei-lhe a consulta com um cheque.

d) Pagar por alguma coisa:

Pagou caro pelos seus crimes.

Quanto *pagou* pela hospedagem?

e) Pagar (sem complemento):

Muitos assistem aos jogos sem *pagar*.

▪ Perdoar

Apresenta as seguintes regências:

a) Transitivo direto, com objeto direto de coisa:

Deus *perdoe* nossos pecados.

Não é fácil *perdoar* ofensas.

Nos clássicos e em escritores modernos aparece, frequentemente, com objeto direto de pessoa:

"O ilustre Persa levemente *o perdoa*." (LUÍS DE CAMÕES)

"Ajoelhou-se ao pé do oratório, os olhos na Virgem do Carmo, para pedir à santa, mais uma vez, que *a perdoasse*." (JOSUÉ MONTELLO)

"Sentia-se forçado a *perdoá-la*." (AMANDO FONTES)

"Nunca mais *a perdoaria*." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

"Queria perdoá-lo, embora com dúvidas, pois sabia que esse homem era um enigma." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

"Deus *o perdoe* e o tenha." (RICARDO RAMOS)

"Ela é Maria e Deus *a perdoe* por não odiar o mar." (ADONIAS FILHO)

"Bruna não *a perdoaria* nunca, se a visse assim." (LÍGIA FAGUNDES TELLES)

b) Transitivo indireto, com objeto indireto de pessoa:

"... *perdoava aos* meus devedores." (MACHADO DE ASSIS)

"Dizei-lhe que *lhe perdoei*." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"A potranquinha bravia ainda não *lhe perdoara*." (CIRO DOS ANJOS)

"Se quisessem, elas *lhes perdoariam*." (GERALDO FRANÇA DE LIMA)

Observação:

✔ Como o verbo *obedecer*, admite a forma passiva:

Ambos *foram perdoados* pelo rei.

Perdoai, para *serdes perdoados*.

"Muita coisa *se perdoa* aos automóveis e aos tufões." (CECÍLIA MEIRELES)

c) Transitivo direto e indireto, com objeto direto de coisa e indireto de pessoa:

Perdoei a dívida ao pobre homem.

Ela não *lhes perdoará* o desprezo com que a tratam.

"*Perdoava-lhe* a ingratidão." (MÁRIO BARRETO)

d) Intransitivo:

Quem não *perdoa* não merece perdão.

▪ Permitir

a) Exige objeto indireto de pessoa:

A empregada *permitiu ao repórter* que entrasse.

O telescópio *permite ao homem* devassar o universo.

b) Constrói-se com o pronome *lhe* e não *o*:

A empregada *permitiu-lhe* que entrasse.

c) Não se usa a preposição *de* antes de oração infinitiva:

O pai lhe *permite sair* sozinha (e não *de sair sozinha*).

Não nos *permitiram permanecer* no local.

Não posso *permitir-me*, sem justo motivo, *infringir* as leis.

▪ Precisar

a) No sentido de *ter necessidade, necessitar,* constrói-se, indiferentemente, com objeto direto ou indireto, mas a língua hodierna tem preferência por este último complemento:

O país *precisa de* agrônomos. Quem não *precisa deles*?

"*Precisava* fazenda macia, pulseiras de ouro." (GRACILIANO RAMOS)

"Mas não há órfã que tanto amparo *precise*." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Um poeta *precisa* apenas *de* lápis e uma folha de papel..." (MANUEL BANDEIRA)

Nas construções em que *precisar* vem acompanhado de infinitivo, pode-se usar a preposição (de); a língua moderna, porém, tende a dispensá-la:

"*Precisava de* amar ardentemente..." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"*Precisavam* ser duros, virar tatus." (GRACILIANO RAMOS)

"Estava esgotado, *precisava* refazer as forças." (ANÍBAL MACHADO)

"*Precisava* ter a cabeça fria." (ANÍBAL MACHADO)

"Essas terríveis pequenas não *precisam de* falar para se entenderem." (CIRO DOS ANJOS)

Eles são ricos, não *precisam* trabalhar tanto.

b) Às vezes usa-se na voz passiva, outras, com sujeito indeterminado:

Precisa-se de bons médicos. [sujeito indeterminado]

Precisa-se de muitos conhecimentos para ser bom professor.

"*Precisam-se* mais conhecimentos para o ler que para o escrever." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Hoje o que mais *se precisa* é *de* silêncios que interrompam o barulho." (MÁRIO QUINTANA)

c) Emprega-se também, na fala popular, como intransitivo, na acepção de *ser necessário*:
Não *precisa* vocês virem tão cedo.
Eram insetos nocivos. *Precisava* que alguém os exterminasse.

d) É transitivo direto no sentido de *indicar com exatidão*:
Ele diz que perdeu muito dinheiro, não sabe *precisar* a quantia.

▪ Preferir

Como transitivo direto e indireto, exige a preposição *a*:
O prisioneiro *preferiu* a morte *à* escravidão.
Prefiro um inimigo declarado *a* um falso amigo.
"*Prefere* ser escravo *a* combater." (Mário Barreto)
"É o que eu faria, se ela me *preferisse a* você." (Antônio Olavo Pereira)
"Tive uma suspeita e *preferi* dizê-la *a* guardá-la." (Machado de Assis)
"*A* se apresentar malvestida *prefere* não ir." (Ciro dos Anjos)
"*Prefere* rezar na mais humilde das igrejas *a* ir rezar na Acrópole." (Agripino Grieco)

Observação:

✔ Esse verbo não se constrói com a locução conjuntiva *do que* nem com o advérbio *mais*:

Prefiro trabalhar *a* passar fome. (certo)
Prefiro trabalhar *do que* passar fome (errado)

Não quero café, *prefiro* a limonada. (certo)
Não quero café, *prefiro mais* a limonada. (errado)

▪ Presidir

Pode ser construído, indiferentemente, com objeto direto ou objeto indireto (preposição *a*):
Presidir ao congresso (ou o congresso).
"Oh, tu, Diana, que *presides ao* destino das nuvens errantes..." (Rubem Braga)
"A bela infanta viera *presidir ao* banquete de seus ricos-homens." (Alexandre Herculano)
"... nalgum tribunal superior, *a* que *presidisse* com beca romana e frases latinas." (Aníbal Machado)
"Dir-se-ia que *presidiam a* uma inquirição." (Fernando Namora)
"O promotor Espínola *preside* a cerimônia." (Ciro dos Anjos)
"Não se sabe ainda quem *presidirá* o país." (Aurélio Buarque de Holanda)
"... os que fizeram o sacrifício de *presidi-la*." (Carlos Drummond de Andrade)
"O banquete *era presidido* pelo Simpatia..." (José J. Veiga)

Observação:

✔ São, portanto, igualmente aceitáveis as construções *presidir a sessão, presidi-la, presidir à sessão, presidir a ela, a sessão foi presidida por fulano.*

▪ Prevenir

Admite as seguintes construções:

A prudência *previne as desgraças.*

Preveni meu irmão.

Devo *preveni-lo.*

Quero *preveni-los do* perigo.

"A sua intuição *preveniu-a* de uma ameaça." (FERNANDO NAMORA)

Preveniu o dono contra o ataque dos indígenas.

Previno-a de que você encontrará dificuldades.

"Devo *prevenir-te* que não venho disposto para fazer via-sacra." (CAMILO CASTELO BRANCO)

Preveniu-se para a luta.

"Eles *se preveniram contra* o inimigo." (J. MESQUITA DE CARVALHO)

▪ Proceder

a) É intransitivo no sentido de *ter fundamento*:

O depoimento da testemunha *procedia.*

"Como a queixa não *procedia*, ela foi arquivada." (CELSO LUFT)

"Esse argumento não *procede*." (CALDAS AULETE)

Não *procedem* as acusações que lhe fazem.

Também é intransitivo na acepção de *comportar-se, agir*:

A senhora *procedeu* bem.

Procedi de acordo com a lei.

O menino *procedia* mal na escola.

Proceda de maneira que não levante suspeitas.

b) Constrói-se com preposição *de*, na acepção de *originar-se, provir, derivar, descender*:

Da ambição humana *procedem* muitos males.

"A língua portuguesa *procede do* latim." (J. MESQUITA DE CARVALHO)

"O Espírito Santo *procede do* Pai e *do* Filho." (*Dicionário Mirador*)

c) Usa-se como transitivo indireto, com a preposição *a*, no sentido de *dar início, levar a efeito, realizar*:

"Entretanto, *procedeu-se ao* inventário dos objetos." (MACHADO DE ASSIS)

Aberta a sessão pelo presidente, o secretário *procedeu à* leitura da ata.

"Depois convidou-os a *procederem à* nomeação do secretário." (J. FELÍCIO DOS SANTOS)

O inquérito *a* que se *procedeu* nada apurou.

▪ Querer

a) Significando *desejar*, pede objeto direto:

Ele não *a quis* para esposa.

"Eu *o quero* obediente e aplicado!" (J. MESQUITA DE CARVALHO)

b) Com a significação de *amar* ou *ter afeto a alguém* ou *alguma coisa*, usa-se como objeto indireto da pessoa ou coisa a que se quer bem:

Do filho que muito *lhe quer*. (nas cartas)

"Jurou que *lhe queria* muito." (MACHADO DE ASSIS)

"Os jesuítas *queriam* muito *ao* noviço." (ADOLFO CAMINHA)

▪ Residir

Como o seu sinônimo *morar*, constrói-se *residir* com a preposição *em* e não *a*, tanto no sentido próprio como no figurado:

O médico *residia na* [e não *à*] Rua Santana.

Residíamos em Copacabana, *na* Av. Atlântica.

A força de uma nação *reside na* capacidade de seus homens.

Observação:

✔ *Residente* e *residência* têm a mesma regência de *residir*:

Vítor Silva, *residente na* Rua Estrela, nº 20, não foi encontrado em casa.

O cantor fixou *residência na* Rua Castro Alves.

▪ Responder

Registramos apenas as construções que merecem atenção.

a) Responder alguma coisa a alguém:

O senador *respondeu ao* jornalista que o projeto do governo sofreria emendas.

Respondeu-lhe que o projeto sofreria emendas.

b) Responder a uma carta, a uma pergunta, a um questionário, etc.:

Ele desconversou, não *respondeu à* pergunta que lhe fiz.

Na prova, ela *respondeu a* todas as questões.

"Não *respondo a* tais cartas." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Natural é que o leitor faça tais perguntas, *às* quais temos obrigação de *responder*." (ALEXANDRE HERCULANO)

"O silêncio *respondeu* sempre *às* sátiras petulantes." (REBELO DA SILVA)

"Ao cabo de alguns meses, Capitu começara a escrever-me cartas, *a* que eu *respondi* com brevidade e sequidão." (MACHADO DE ASSIS)

"Quem *responderá a* essa póstuma chamada?" (CECÍLIA MEIRELES)

"O jornaleiro, já se vê, não é obrigado a *responder a* perguntas desta natureza." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

"Sangue e rios de tinta ainda não *responderam a* essa pergunta." (ROBERTO CAMPOS)

Observação:

✔ Não tem tradição na língua e deve ser evitada a regência direta: responder uma carta; responder uma pergunta; responder as dúvidas dos leitores, etc.

✔ Desaconselhado é também usar *responder* na voz passiva:

As cartas *eram respondidas* pela secretária.

Essas cartas ainda não *foram respondidas*?

Diga-se: Era a secretária que *respondia às* cartas.

Não *se respondeu* ainda *a* essas cartas?

c) Responder por alguma coisa:

Cada um *responde pelos* seus atos.

▪ Reverter

Eis os significados e as regências deste verbo:

a) Voltar ao primitivo estado ou ao que foi antes, regressar:

O homem *reverterá ao* pó.

João, funcionário aposentado, *reverteu à* ativa.

"... *revertendo ao* modo de viver de seus antepassados." (VIANA MOOG)

b) Voltar para a posse de alguém:

O imóvel *reverterá ao* legítimo dono.

c) Redundar em, destinar-se, converter-se:

A renda do espetáculo *reverterá em* benefício dos desabrigados.

Observação:

✔ É incorreto o uso deste verbo no sentido de *mudar*, *inverter*: *reverter* uma situação ruim; *reverter* uma expectativa má. Monteiro Lobato escreveu corretamente: "E a coisa se perpetuará assim, se o Presidente da República não *inverter* a situação". (*O Escândalo do Petróleo e do Ferro*, p. 178)

▪ Simpatizar

Pede objeto indireto regido da preposição *com*:

Não *simpatizei com* ele nem *com* as suas ideias.

Há pessoas *com* quem não *simpatizamos*.

"O país inteiro *simpatizou com* este princípio." (Rui Barbosa)

Observações:

✔ Este verbo não é pronominal. Não se dirá, portanto, simpatizei-me com ele, mas simpatizei com ele.

✔ Tem o mesmo regime o antônimo *antipatizar*: "Quando fomos apresentados, não antipatizei com ele". (Olavo Bilac)

▪ Subir

Atente-se para as seguintes construções:

Sobem ao céu rolos de fumaça.

"*Sobe* [o apóstolo] *ao* púlpito das igrejas do sertão." (Euclides da Cunha)

"Às vezes *sobe aos* ramos da árvore." (José de Alencar)

"Chegou a sua vez de *subir ao* lotação." (Raquel de Queirós)

"Chegou até *subir no* banco..." (José Condé)

"*Sobe* à pressa *nas* aspas do monte." (Gonçalves Dias)

"*Subira pela* escada de Jacó até o céu." (Machado de Assis)

"Foi *subindo a* Rua de São José." (Machado de Assis)

"Luís Garcia punha-a no chão, tornava a *subi-la aos* joelhos." (Machado de Assis)

Pode-se dizer, portanto, *subir a* ou *subir em* alguma coisa.

A preposição *a* é de rigor nas expressões "subir ao céu", "subir à cabeça", "subir ao trono", "subir ao poder", consagradas pelo uso.

▪ Suceder

No sentido de *vir depois, substituir, ser sucessor,* emprega-se, modernamente, com objeto indireto regido da preposição *a*:

"A República *sucedeu à* Monarquia." (Cândido de Figueiredo)

A noite *sucede ao* dia, o descanso *ao* trabalho.

À tempestade *sucedeu* a bonança.

Tibério *sucedeu a* César.

Morto Nero, *sucedeu-lhe* Galba, senador da velha nobreza.

"Outro alagoano, o briosíssimo marechal Floriano Peixoto, *sucedeu a* Deodoro da Fonseca." (Ledo Ivo)

"Abul-Hassan-Ali *sucedera a* seu pai no vasto império da Mauritânia." (Alexandre Herculano)

"Luís II morreu em 1949, *sucedendo-lhe* seu neto Rainier III." (Ferreira de Castro)

"*À* longa apatia de tantos meses *sucedia* uma inesperada atividade." (Almeida Garrett)

Observação:

✔ Nota-se, na língua hodierna, tendência para dar a *suceder* objeto direto: "Nem o menino nem o homem, que *o sucedeu*, nunca puderam odiar." (POVINA CAVALCÂNTI)

"O Presidente Médici anunciará, finalmente, quem é que está apontado para *sucedê-lo*..." (*Jornal do Brasil*, 18/6/1973)

✔ O antônimo *preceder* usa-se, indiferentemente, com objeto direto ou indireto: Um vento forte *precedeu o* (ou *ao*) temporal. O ministro que *o* (ou *lhe*) *precedeu* no cargo era apolítico. "Pode-se dizer que o negro *precede* ao índio no trabalho agrícola organizado pelo branco." (OLIVEIRA VIANA)

▪ Tocar

a) Na acepção de *pôr a mão em, ter contato com*, diz-se, indiferentemente, *tocar alguém* ou *tocar em alguém, tocar uma coisa* ou *tocar em uma coisa*:

A mãe não deixava a criança *tocar o* (ou *no*) gato.

Acreditavam que, se *tocassem o* (ou *no*) santo, ficariam curadas.

Acreditavam que, se *o* (ou *lhe*) *tocassem*, ficariam curadas.

Acreditavam que, se *tocassem nele*, ficariam curadas.

"Soltou um gemido agudo e pronto, com se *lhe houvessem tocado* com um ferro em brasa." (ALEXANDRE HERCULANO)

b) No sentido de *comover, sensibilizar*, usa-se com objeto direto:

A notícia da morte do amigo *o tocou* profundamente.

Meus gestos de solidariedade sempre *a tocavam* muito.

c) Constrói-se com objeto indireto nas acepções de:

- *caber por sorte* ou *partilha*:

  Não é fácil a tarefa que *lhe tocou*.

  Tocaram-lhe, de herança, um terreno e uma casa.

- *Ser da competência de, caber, competir*:

  Toca ao Presidente da República nomear os seus ministros.

  A ele é que *toca* aprovar ou vetar os projetos do Legislativo.

  Foi o jogador que causou o acidente: *toca-lhe* agora indenizar as vítimas.

▪ Visar

▪ É transitivo direto no sentido de:

a) *dirigir a pontaria, apontar arma de fogo contra*:

"Se *visaram* este alvo..." (MÁRIO BARRETO)

"Filipe dos Santos ficou imobilizado por dezenas de bacamartes que *visavam* o seu peito." (VIRIATO CORREIA)

"De dentro, alguém atirava, procurando *visar* Horácio no meio dos capangas." (JORGE AMADO)

b) *pôr o visto em*:

As autoridades *visaram* o passaporte.

O banco *visou* o cheque.

"*Visar* um passaporte para lá é difícil, numa emergência dessas." (José Geraldo Vieira)

- Na acepção de *ter em vista, ter como objetivo, pretender, objetivar,* rege objeto indireto (preposição *a*):

As medidas *visavam ao* restabelecimento da ordem pública.

A que *visariam* eles com tanto alarde?

Não devemos *visar* apenas *ao* progresso material.

"Quem sabe se aquele homem não *havia* particularmente *visado à* sua [= dela] fortuna, *aos* bens que lhe constituíam quantioso dote?" (Visconde de Taunay)

"... os conspiradores presos *visavam* provavelmente *a* estabelecer a internacional socialista." (Camilo Castelo Branco)

Entretanto, nessa última acepção, não é sintaxe condenável dar ao verbo *visar* objeto direto. Dicionaristas modernos acolhem e bons escritores abonam essa regência. Exemplos:

"Oito dias depois, *visando* o meu completo restabelecimento, decidi seguir para o extremo norte." (Gastão Cruls)

"Estas páginas *visam* mostrar os perigos que ameaçam a concepção natural e cristã da família." (Alceu Amoroso Lima)

"Muitos movimentos populares registrados em Mônaco *visavam* combater certa preferência..." (Ferreira de Castro)

"Todos os seus atos, todos, *visavam* um interesse pecuniário." (Aluísio Azevedo)

3 CASOS ESPECIAIS DE REGÊNCIA VERBAL

Complementos de termos de regências diferentes

Examinemos o seguinte exemplo:

"Não há mais que uma só verdadeira justiça, que *em* Deus reside, e *de* Deus emana." (Antônio de Castilho)

Esse período também pode ser construído assim:

Não há mais que uma só verdadeira justiça, que *em* Deus reside e *Dele* emana.

Mas não seria correto dizer:

Não há mais que uma só verdadeira justiça, que *em Deus reside e emana*.

É que o verbo *residir* pede a preposição *em*, e *emanar*, a preposição *de*.

Todavia, por concisão, pode-se, em certos casos, dar um complemento comum a verbos de regência diferente:

"Na companhia desta sua tia ficara Rosa, enquanto o cônego *ia* e *vinha de Lisboa*." (Camilo Castelo Branco)

[Em vez de: enquanto o cônego *ia a Lisboa* e *vinha de Lisboa*.]

Os devotos *entravam* e *saíam da igreja*.

[Em vez de: Os devotos *entravam na igreja* e *saíam dela*.]

"Semanalmente *entram* e *saem* navios *dos portos aliados*." (Rui Barbosa)

"Todos esses letrados não *sabiam* ou não *tinham a coragem de ser humanos*." (Fernando Namora)

"Fui o príncipe *contra o qual armaste exércitos* e *destronaste*." (Coelho Neto)

"Não *se recorda* ou não *sabe que perdeu uma carta*?" (Machado de Assis)

Semelhantemente (isto é, dando o mesmo complemento a termos de regências diferentes), podemos dizer, por concisão:

Você é *a favor* ou *contra esta lei*? [Você é a favor *desta* lei ou *contra* ela?]

Choveu *antes, durante* e *depois da festa*.

Ela fala o inglês *tão bem* ou *melhor que* o marido.

São muito inteligentes; *tanto* ou *mais do que* o pai.

▪ Deslocamento de preposições

Em vez de dizer:

O *de* que ela mais gostava era (de) passear a cavalo.

"O *de* que nós nos devemos convencer é que possuir uma língua não significa gerá-la." (Sílvio Elia)

prefere-se, em geral, construir:

Do que ela mais gostava era (de) passear a cavalo.

Do que nós nos devemos convencer...

"*Do* que ele principalmente se convencera era da inutilidade de todo o esforço." (Eça de Queirós)

Do que os países não podem prescindir é de petróleo.

"*Do* que eu tenho medo é que as hemoptises voltem." (Fernando Namora)

"*Do* que ele menos se lembrava era da perfídia que os inspirou." (Machado de Assis)

"*Do* que não desconfiavam era de sua estranha e espantosa capacidade de trabalho." (Álvaro Lins)

"Os outros sabiam muito bem *com* o que poderiam contar." (Fernando Namora)

A anteposição da preposição (que rege uma oração adjetiva) ao pronome demonstrativo *o*, de que resulta, geralmente, uma contração, tem a vantagem de tornar a frase mais leve e eufônica. É opcional repetir a preposição *de* após o verbo *ser*.

Outros exemplos:

Não sei *no* que está pensando. [Não sei o *em* que está pensando.]

Alguém o ameaçou de matá-lo, *ao* que ele calmamente respondeu que era cedo para morrer. [*ao* que = o *a* que]

"Ordena-lhes que deponham as armas, *no* que é prontamente obedecido." (J. FELÍCIO DOS SANTOS)

"Só os seus conhecidos antigos o chamavam de Olímpio, *do* que ele não gostava, me confessou Alfredo." (AUTRAN DOURADO)

▪ Dar-se ao trabalho ou dar-se o trabalho?

Ambas as construções são aceitáveis, mas a primeira é a que sempre mereceu a preferência dos bons escritores:

"Sabia-se que ele escrevia, mas pouca gente *se dava ao trabalho* de ver o que era." (JOSÉ J. VEIGA) [*dar-se a* = entregar-se a]

"Quem *se der ao trabalho* de consultar esse capítulo verá que..." (CIRO DOS ANJOS)

"Algumas dessas pessoas – todas de nível intelectual elevado – *se deram ao trabalho* de vir de Lisboa e de Ontário..." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

"O homem *dera-se ao trabalho* de contar..." (CECÍLIA MEIRELES)

"Os outros bichos não *se davam mais o trabalho* de aproximar-se da caverna." (VIVALDO COARACI) [*dar-se* o trabalho = *dar a si* o trabalho]

"Eu quis perguntar por que ele *se tinha dado o trabalho* de fazer aquilo tudo..." (RICARDO RAMOS)

Ela nem *se dá o trabalho* de responder à pergunta." (ÉRICO VERÍSSIMO)

Variantes: *dar-se ao incômodo* ou *dar-se o incômodo, poupar-se ao trabalho* (ou *ao incômodo*) ou *poupar-se o trabalho* (ou *o incômodo*). Há exemplos de ambas as construções nos escritores modernos. O mesmo ocorre com *dar-se ao luxo.*

Ela *dava-se ao luxo* (ou *o luxo*) de ter dama de companhia.

▪ Propor-se alguma coisa ou propor-se a alguma coisa?

O verbo *propor-se*, no sentido de *ter em vista, dispor-se a,* pode ser construído com ou sem a preposição *a*, indiferentemente:

Eu *me propus* livrá-lo de uma situação difícil.
Eu *me propus a* livrá-lo de uma situação difícil.

Este foi o objetivo *que* o Governo *se propôs.*
Este foi o objetivo *a que* o Governo *se propôs.*

"Não *me proponho a* ajudá-lo, porque sou seu irmão em falta de jeito." (RUBEM BRAGA)

"Tratava-se de uma indústria que *se propunha a* substituir o azeite de oliva importado." (POVINA CAVALCÂNTI)

"É esse desafio que o novo plano de saúde *se propõe* vencer." (*Manchete,* Brasil 73, pág. 208)

"... um ativista que *se propõe* lutar pelas reformas da sociedade." (MOACIR WERNECK DE CASTRO)

"O PBJ é um partido nacionalista que *se propõe* converter a Índia numa nação hindu." (OLGA SAVARY, *Vislumbres da Índia*, p. 107, trad.)

▪ Passar revista a ou passar em revista?

Ambas as construções aparecem nos escritos de bons autores, sendo que a segunda, com mais frequência:

"O certo é que ali com efeito *passara* o imperador D. Pedro *a sua última revista ao* exército liberal." (ALMEIDA GARRETT)

"*Passava revista a* tudo aquilo que havia anos sonhava possuir." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

"Para designar o seu sucessor, o leão *passou em revista* as qualidades, os requisitos, as prerrogativas de todos os animais." (VIVALDO COARACI)

O general *passou* a tropa *em revista*.

Observação:

✔ *Passar em revista* é cópia do francês *passer en revue*. Em português clássico se diz: *passar revista a* uma casa, *a* um depósito, *a* uma tropa.

▪ Em que pese a

Expressão concessiva que significa *ainda que custe a, apesar de, não obstante*:

"*Em que pese aos* inimigos do paraense, sinceramente confesso que o admiro." (GRACILIANO RAMOS)

"*Em que pese aos* seus oito batalhões, magnificamente armados, a luta era desigual." (EUCLIDES DA CUNHA)

"Parece que todos os cachorrinhos são iguais, *em que pese à* vaidade ou *à* ternura cega dos donos." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

Há quem condene converter o objeto indireto em sujeito e construir:

Todos os cachorrinhos são iguais, *em que pese a* opinião *dos donos*.

A máquina estatal mostra-se ineficiente, *em que pesem* as afirmações do governo.

Trata-se de uma locução evoluída, abonada por bons escritores, mas admissível apenas quando o sujeito é nome de coisa: em que pese sua *capacidade*, em que pesem seus *esforços*. Havendo referência a nome de pessoa, deve-se usar a construção original *em que pese a*, como no exemplo inicial de Graciliano Ramos.

EXERCÍCIOS LISTA 55

1. Escreva as frases abaixo e classifique os verbos:

(1) transitivos diretos	Assisti à luta.	Nós a prevenimos.
(2) transitivos indiretos	Assisti a vítima.	A neta lhe obedece.
(3) transitivos diretos e indiretos	Eu o convidei.	Perdoei-lhe a dívida.
	Demos pão ao pobre.	Ela os advertiu.
	Demos-lhes comida.	Todos gostam dela.

2. Escreva as frases abaixo, sublinhe os complementos dos verbos em destaque e numere-as de acordo com o tipo de complemento indicado:

(1) substantivos (2) pronomes (3) orações

Morto Nero, **sucedeu**-lhe o senador Galba.

O gerente do banco **visou** o cheque.

A que **visariam** eles com aquelas manobras?

O inquérito a que **se procedeu** nada apurou.

Não **se esqueça** de que todos somos falíveis.

Custa-lhe obedecer ao regulamento do colégio?

Na entrada, **deparei** com um homem estranho.

Ele nem **se dignou** de levantar os olhos para mim.

O patrão não gostou do atraso deles, mas não os **repreendeu**.

3. Transcreva o único período em que não há erro de regência verbal:

a) Prefiro ser prejudicado do que prejudicar os outros.
b) Prefiro a companhia de Paulo que a de Joaquim.
c) Prefiro mais viver no campo do que na cidade.
d) Prefiro uma crítica sincera a elogios exagerados.
e) A elogios exagerados prefiro antes uma crítica sincera.

4. Copie as frases em que a regência do verbo **proceder** não contraria a norma culta:

a) Ninguém ignora as causas donde procede a atual crise econômica.
b) Procedeu-se à entrega dos prêmios aos vencedores.
c) Aberta a sessão, o secretário procedeu a chamada dos condôminos.
d) Segundo a Bíblia, o homem procede de Adão e Eva.
e) Proceda de acordo com a sua consciência.

5. Escreva os períodos em que o verbo **aspirar** não apresenta erro de regência:

a) Neide inclinou-se e aspirou fundo o aroma das rosas.
b) Se aspiras ao poder, prepara-te para o pior.
c) Títulos e honrarias são coisas que não aspiro.
d) Bom seria inventar uns robôs que aspirassem o lixo e a poeira das ruas.

6. Copie as frases em que a regência do verbo **assistir** não contraria a norma culta:

a) Não saí de casa só para assistir a transmissão do jogo pela TV.
b) Aos domingos havia brigas de galos, mas eu não assistia a elas.
c) Em Nova Jerusalém, assistimos à representação da Paixão de Cristo.
d) Durante sua longa enfermidade, a esposa o assistiu dia e noite.
e) Perdeu o emprego por indisciplina, não lhe assiste o direito de reclamar.

7. Substitua os verbos destacados pelos propostos + preposição adequada, como no exemplo:

Ele **ambiciona** o título. (**aspira**) Ele **aspira ao** título.

a) Eu **desejo** a felicidade. (**aspiro**)
b) Eu **presenciei** a briga. (**assisti**)
c) **Dispenso** sua ajuda. (**prescindo**)
d) Ele **segue** as leis. (**obedece**)
e) **Visitem** a Bahia. (**vão**)
f) **Confie** nele. (**recorra**)
g) **Alcançou** a estrada. (**chegou**)

8. Transcreva os períodos nos quais não ocorrem erros de regência verbal:

a) Na mesa a que nos sentamos, só havia um talher.
b) Artur voltou para suceder ao pai na administração da empresa.
c) Papa compara cristãos de hoje aos mártires da Roma Antiga.
d) A coisa que ela mais gosta é cultivar samambaias.
e) O uso dos meios de comunicação implica uma enorme responsabilidade.
f) Chegamos a uma praia a que pouca gente vai.
g) "Era um índio; chamavam-lhe em casa José Tapuio." (Araripe Júnior)

9. Escreva os períodos em que há erros de regência, corrigindo-os:

a) Seu nome não constava da lista de passageiros a que tive acesso.
b) Seu nome não constava na lista de passageiros que tive acesso.
c) A que fim visariam esses grupos de criminosos?
d) Às chuvas copiosas do verão sucederam os belos dias de outono.
e) Se a ordem é justa, não o assiste o direito de desobedecer o pai.

10. Substitua os asteriscos pela única alternativa que preenche corretamente o período:

O médico *** informou *** o paciente não resistiu *** operação *** fora submetido.

a) a – que – à – a que
b) a – de que – à – a que
c) lhe – de que – a – que
d) lhe – que – a – que

11. Substitua * por preposições adequadas, contraindo-as com os artigos quando necessário (Consulte as preposições essenciais na pág. 269):

a) Nada obsta * que sejas objeto de tal distinção.
b) Apressei-me * antecipar-lhe a resposta.
c) Contentavam-se * bater palmas de longe.
d) Afinal eu só visava * minha felicidade.
e) Quando lhe fui apresentado, não antipatizei * ele.
f) Ninguém atinava * tão súbita mudança.
g) Hesitava * a voz da consciência e os acenos das paixões.

h) Ansiava * me ver fora daquela casa.
i) Entrei * desconfiar de que me estavam enganando.
j) Deleitamo-nos * ouvir palavras de apreço.
k) Dissuadiram-me * semelhante resolução.
l) Os cães investiam furiosos * os dois estranhos.
m) De há muito ele se desinteressou * minha companhia.
n) Procurei persuadi-lo * que aceitasse o cargo.
o) Fugia * tudo o que cheirasse * modernismo.
p) Não se referiu * cena do outro dia, quando ele os correu de casa * pontapés.
q) O homem sente-se pequenino * a imensidade do universo.
r) Insisti * querer saber a causa * que me castigavam.
s) * o gesto daquele estranho, fiquei * envaidecido e indignado.
t) Não podia atinar * o nervosismo de meu pai e fiquei ansioso * que tudo se esclarecesse.
u) * alto teto pendia uma corrente de ferro, * que estava preso um grande lampião belga.
v) Os passantes não suspeitam * perigo * que estão expostos.

12. Substitua o * por pronomes relativos adequados precedidos de preposição (Consulte os pronomes relativos na pág. 185):

a) A cerimônia da posse foi das mais pomposas * tenho assistido.
b) O respeito humano é uma fraqueza * bem poucos se eximem.
c) Dizia que era a maior dignidade * podia aspirar.
d) A felicidade * tanto anseias talvez nunca chegue.
e) Estive em Petrópolis dez dias, * passeei e me diverti.
f) Quero saber o preço * o vendeu.
g) A cartomante foi à cômoda, * estava um prato com passas.
h) A vida era um jogo de engrenagens de aço * dentes ele sentia-se esmagar.
i) A riqueza é uma árvore fatal * sombra muitos adormecem e morrem.
j) Os amigos * expôs sua situação não lhe deram ouvido.
k) A disciplina * dureza vos revoltais enrijece vosso caráter.
l) A autópsia * se precedeu revelou a natureza do crime.
m) O lugarejo * chegamos estava em festa.
n) A conclusão * cheguei é que o incêndio foi criminoso.

13. Mude a regência dos verbos em destaque sem alterar-lhes o sentido:

a) Ninguém **atira** pedras numa árvore sem frutos. (provérbio)
b) Há tempo que eu **anseio** falar com você.
c) A fera enraivecida **investiu** com a matilha.
d) Ele **contenta-se** de ser escutado por alguns discípulos.
e) O líder **subiu** na mesa para falar aos circunstantes.
f) "A incompreensão de Glicério **atingiu** a esse limite." (Ciro dos Anjos)
g) Nós a **chamávamos** de tia Leila.
h) **Deparou-se-me** ali um espetáculo bem triste.

i) "Essas terríveis pequenas não **precisam** de falar para se entenderem." (CIRO DOS ANJOS)

j) O major Vaz, à cabeceira, **presidia** a refeição do clã.

k) **Dei-me ao trabalho** de examinar livro por livro.

l) O Governo **se propõe** expandir o comércio exterior.

14. Informe as preposições elípticas:

a) "Não me lembrei que estava diante de um cavalheiro." (CAMILO CASTELO BRANCO)

b) "Concordava que a sobrinha fosse leviana." (MACHADO DE ASSIS)

c) "Não há dúvida que Luís Dutra exultava de felicidade." (MACHADO DE ASSIS)

d) "Juca estava ansioso que ela partisse." (JORGE AMADO)

e) "Nunca me esquecerei que no meio do caminho tinha uma pedra." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

f) "Não é preciso dizer que também eu ficara em brasas, ansioso que a aula acabasse." (MACHADO DE ASSIS)

g) "Desconfio que o barão não gosta que lhe fales em Antônio José." (CAMILO CASTELO BRANCO)

h) "Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim." (MACHADO DE ASSIS)

i) "Vossa Excelência dá licença que lhe faça uma pergunta?" (REBELO DA SILVA)

j) "Estou certo que ele me estima." (MÁRIO BARRETO)

k) "Teresa fez-me sinal que a seguisse." (CAMILO CASTELO BRANCO)

l) "Vossa Excelência se dignará ouvir as razões." (CAMILO CASTELO BRANCO)

m) "Tinha medo que eles se acabassem de todo." (MANUEL BANDEIRA)

n) "Por isso fizéramos questão que ela fosse conosco." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

o) Você há de convir comigo que o pintor carregou nas tintas.

p) "Serena não gostaria que ele percebesse o seu embaraço." (VILMA GUIMARÃES ROSA)

15. Escreva as frases, substituindo * pelos pronomes **o** ou **lhe**, conforme convenha:

a) Quem * convidou a ir jantar com eles?

b) Nunca * vi conversar com empregadas.

c) Eu fugi ao espetáculo, tinha-* repugnância.

d) Lembra-* ainda com que solicitude ela * atendia?

e) Encolerizava-se quando o filho * desobedecia.

f) O cunhado dissuadiu-* da viagem.

g) As dificuldades não * fizeram recuar.

h) Informo-* de que a excursão foi adiada.

i) O padrinho queria-* como a seu próprio filho.

j) Ela não * quis para esposo.

16. Troque os substantivos destacados pelos pronomes pessoais adequados, usando os oblíquos sempre que possível e colocando-os corretamente:

a) Obedeça **ao mestre**.

b) Avisei **o rapaz** de que havia perigo.

c) Não vi **a professora** entrar.
d) Foi uma grande olimpíada. Assistimos **à olimpíada** pela TV.
e) Eu informava **o chefe** acerca de tudo.
f) Aludiram **ao candidato**?
g) O filho sucedera **ao pai** no trono.
h) Quem presidirá **ao banquete**?
i) Por que não simpatizas com **o diretor**?
j) Hilário ajudava **o pai** no escritório.

17. Substitua os termos em destaque pelos pronomes pessoais oblíquos adequados:

a) Presentearam **a rainha** com um colar de pedras preciosas.
b) Deus conserve e proteja **minha mãe**!
c) Deviam ter comunicado o fato **ao diretor**.
d) Não será permitido **aos presos** sair de suas celas.
e) O juiz intimou **João** a comparecer perante o júri.
f) Cumpre cientificar **Vossa Senhoria** de que os preços dos produtos em pauta são majorados.
g) Não assiste esse direito **ao patrão**.
h) Ensina **os filhos** a serem honrados.
i) A nossa conversa parece que não está agradando **a você**.
j) Felicito **você** pela sua vitória.
k) Foi difícil convencer **meu pai** a ficar em casa.

18. Substitua o * por um dos pronomes propostos, conforme convenha:

a) Tânia voltou o rosto para ver quem * chamava. (a – lhe)
b) Estes olhos * perseguirão aonde quer que você for. (o – lhe)
c) Ela acenou-* do alto da escada. (o – lhe)
d) Riam e cantavam, como se nada * ameaçasse. (os – lhes)
e) Riam e cantavam, como se nada * ameaçasse a vida. (os – lhes)
f) Elas são gordas: alguns passos * deixam cansadas. (as – lhes)
g) Pague-* o que você lhe deve. (o – lhe)
h) O funcionário * atendeu muito mal. (o – lhe)

19. Escolha no quadro abaixo os conjuntos adequados e substitua os asteriscos das orações adjetivas:

a que – com quem – de que – em que – em cujo – por quem

a) A mesa *** nos sentamos mal comportava quatro pessoas.
b) O barco *** estávamos comportava poucas pessoas.
c) Ele ofendeu a secretária, *** não simpatizava.
d) Às vezes temos de executar tarefas *** não gostamos.
e) O grau de segurança *** chegou a navegação aérea ainda não satisfaz.
f) O preso *** intercedi junto ao ministro fora condenado injustamente.

g) São insuficientes os dados *** dispomos.

h) Não havia feira de amostras *** ele não fosse.

i) Como vocês tratam as pessoas *** lidam?

j) Percorremos o grande parque, *** centro se ergue o museu.

20. Troque o verbo em destaque pelos propostos, atendendo à regência de cada um desses verbos:

É aquela a jovem **de** quem você **falou**?

passeou – se referiu – se apaixonou – se enamorou – gosta – recorreu – simpatiza – confia – se interessou

21. Siga o exemplo, substituindo as orações coordenadas em destaque por orações subordinadas adjetivas:

Exemplo: A canoa virou **e estávamos nela**.

A canoa **em que estávamos** virou. Ou:

Virou a canoa **em que estávamos**.

a) Afundaram as tábuas **e estávamos agarrados a elas**.

b) Acabou-se a vida de conforto **e estávamos habituados a ela**.

c) As plantas sugam do solo a água **e anseiam por ela**.

d) No pátio fez-se uma pequena fogueira **e sentamo-nos em torno dela**.

e) Dirigiu-se à mesa **e sobre ela havia duas raquetes**.

f) Encontrou-se um velho colete **e no bolso dele havia moedas de ouro**.

g) Gutenberg nasceu em Mogúncia **e deve-se a ele a invenção da imprensa**.

h) A ponte era muito alta **e as embarcações passavam por baixo dela**.

i) O índio recuperou as terras, **o branco se apoderara delas**.

22. Use os verbos abaixo em orações adjetivas precedidas de preposição e intercaladas nas orações principais:

Exemplo: A profissão [a que você aspira] exige muita dedicação.

a) aspirar
b) ansiar
c) entreter-se
d) confiar
e) insurgir-se
f) assistir
g) simpatizar
h) gostar
i) aludir
j) referir-se
k) pender
l) sacrificar-se

23. Recorde o que foi exposto acerca dos verbos **esquecer-se**, **lembrar-se** e **admirar**. Em seguida, escreva corretamente as frases em que há erro de regência:

a) Os maus políticos se esquecem de suas promessas.

b) Eles esquecem facilmente de suas promessas.

c) Esqueceu-me acrescentar esse pormenor.

d) Não esqueçam de que essa doença é contagiosa.

e) Ele disse ainda muitas outras coisas que não me lembro.

f) Ele disse ainda muitas outras coisas de que não me lembro.

g) Não me lembrei de o avisar a tempo.

h) Ela não lembra de mais nada.

i) Admiro-me de o ver tão entusiasmado com a política.

j) Admira-me vê-lo tão entusiasmado com a política.

k) Admiro-me vê-lo tão entusiasmado com a política.

l) Não me admiro de que seu entusiasmo tenha esfriado.

24. A mudança de regência de um verbo altera-lhe, em geral, a significação. Registre as variações de regência e de sentido que se observam nos exemplos seguintes:

	Significação	**Regência**
Assisti o doente.	dar assistência	transitivo direto

a) Assisti ao jogo.

b) Aspiro ao cargo.

c) Aspiro o aroma.

d) Visamos o alvo.

e) Visamos ao bem comum.

f) Declinei do convite.

g) O Sol declinava.

h) O cão investiu contra mim.

i) Vão investi-lo no cargo.

j) Investi milhões nesta obra.

k) Corri a cidade.

l) Corri à cidade.

m) Não precisou a quantia.

n) Preciso de dinheiro.

25. Corrija as frases seguintes:

a) Entreteram-se no clube até altas horas, eis o motivo porque faltaram a reunião que deviam comparecer hoje.

b) A fase da vida que estão passando é a mais decisiva, pois deixa marcas que mais tarde sentireis os efeitos.

c) O tema que o conferencista discorreu despertou grande interesse.

d) As plantas que nos detemos diante delas eram caládios.

e) Um casal francês sentou-se na mesa vizinha aquela que nós estávamos.

f) No tempo que me refiro ainda não haviam ônibus.

g) Como o casarão estava deserto, ninguém ouviu ela gritar.

h) Levaram-no para um hospital que não me lembro o nome dele.

i) É lamentável o estado de abandono que se acham aquelas famílias.

j) Isso leva à situações que nos deparamos com frequência em nosso dia a dia.

26. Escreva apenas a frase correta:

a) Ainda me lembro da casa que morávamos.

b) Ainda lembro da casa em que morávamos.

c) Ainda me lembro da casa em que morávamos.

27. Substitua os asteriscos nas frases de acordo com o indicado, completando-as adequadamente com os femininos:

AO (masculino) **À (feminino)** **A (masculino)** **A (feminino)**

a) Refiro-me ao **tio** e *** de Rosângela.

b) Fizeram elogios aos **irmãos** e *** de Filipe.

c) São divertimentos que interessam tanto a **homens** como ***.

d) Ao **senhor** chamavam os escravos "sinhô" e ***, "sinhá".

28. Reveja os exercícios sobre a crase e, em seguida, coloque o acento grave nos casos em que ela ocorrer:

a) Dirce tem amor a natureza, as plantas, as aves, aos animais.

b) "Queixe-se a mim e não a ela", disse Romão, referindo-se a esposa.

c) Ainda não respondi as cartas de Mauro e Dino; não sei a qual delas deva responder primeiro.

d) As atletas entusiasmaram a torcida que assistiu a partida de voleibol.

e) Tudo pode acontecer aquele que não obedece as normas do trânsito.

f) A que terra teria a nau aportado? Talvez a uma ilhazinha perdida no mar.

g) A televisão estende a sua influência a todas as regiões, mesmo as que ficam mais distantes dos grandes centros urbanos.

h) O Zoológico está aberto a visitas de terça-feira a domingo, das 8h as 16h 30min.

i) Entreguei a lembrança a Danilo, que a mostrou a noiva e a irmã.

j) Na casa comercial a que me refiro, vende-se a vista e a crédito.

k) Em São Luís, cuja população não chegava a dez mil pessoas, a situação piorava dia a dia.

l) "Agora, se eu não voltar a casa a hora normal, haverá alarme, virá gente a minha procura." (Guimarães Rosa)

29. Escreva os períodos, colocando o acento grave onde for adequado; sublinhe os dois casos de crase opcional e explique-os:

a) Os índios chamavam a borracha de *cautchu*, isto é, "lágrimas da madeira".

b) A agitação da cidade muitos preferem a paz do campo.

c) José convida-me a acompanhá-lo na sua visita a zona rural.

d) O diretor da escola presidiu a cerimônia de encerramento as aulas.

30. Varie as frases de acordo com o exemplo:

As naves espaciais **chegam a** distâncias fantásticas.

A que distância **chegam** as naves espaciais?

As distâncias **a que chegam** as naves espaciais são fantásticas.

São fantásticas as distâncias **a que chegam** as naves espaciais.

a) As caravelas portuguesas chegaram a terras muito distantes.

b) Chegamos a uma situação crítica.

31. Damos quatro construções com o verbo **gostar**, todas corretas. Varie a frase abaixo, seguindo o exemplo:

Cinema e futebol são as diversões de que mais gosto.

As diversões de que mais gosto são cinema e futebol.

Do que mais gosto é de cinema e futebol.

Do que mais gosto é cinema e futebol.

Natação e ciclismo são os esportes de que mais gosto.

32. Transcreva a única alternativa em que não há erro de regência:

a) Em casa éramos seis. Morávamos na Praça Verde. Ainda lembro das brincadeiras que eu ali participava com extrema alegria.

b) Em casa éramos em seis. Morávamos à Praça Verde. Ainda me lembro das brincadeiras que eu ali participava com extrema alegria.

c) Em casa éramos seis. Morávamos na Praça Verde. Ainda me lembro das brincadeiras de que eu ali participava com extrema alegria.

33. Responda afirmativamente às perguntas, como nos exemplos:

São muitos os filmes **de que** o senhor **gostou**?

Sim, os filmes **de que gostei** são muitos.

a) São muitos os recursos de que o senhor dispõe?

b) São muitas as coisas de que o senhor depende?

c) São muitas as histórias de que o senhor se lembra?

São muitas as cartas **a que** o senhor **responde**?

Sim, as cartas **a que respondo** são muitas.

d) São muitas as cidades a que o senhor já foi?

e) São muitos os acidentes a que o senhor assistiu?

f) São muitas as pessoas a quem expôs seu plano?

34. Escreva a frase trocando o verbo **buscar** pelo verbo **aspirar**, atendendo à regência deste último:

É natural que toda criatura humana busque a felicidade.

35. Escreva as frases substituindo o * pelas opções corretas:

a) Estas são as conclusões * o investigador chegou. (que – a que)

b) Este é o mundo * vim sem ser consultado. (que – a que)

c) Ele afirmou aos jornalistas * não haverá demissões. (que – de que)

d) Os jornais noticiaram o escândalo * ele se envolveu. (que – em que)

e) A jovem * ele namorava era de boa família. (que – com quem)

36. Escreva a frase, substituindo o verbo **gostar** pelo verbo **preferir**, atendendo a regência adequada deste último.

Eles gostam mais de assistir a um jogo do que de visitar um museu.

37. Escreva corretamente a alternativa em que a regência do verbo **proceder** está incorreta:

a) Terminada a votação, procedeu-se a apuração dos votos.

b) Como nenhuma das acusações procedia, o juiz liberou o réu.

c) Procedi de acordo com a minha consciência.

d) Terminada a sessão, o secretário procedeu à leitura da ata.

e) O inquérito a que se procedeu nada apurou.

38. Qual o tipo de erro que a incorreta acentuação gráfica na frase "Ele está se referindo a namorada de Lúcio e não a tua." ocasiona? (concordância – regência nominal – regência verbal)

39. As afirmações abaixo são absurdas, devido à falta de acentuação gráfica adequada. Corrija-as sem alterar a ordem das palavras:

a) A adolescência precede a infância.

b) No Brasil, a República antecedeu a Monarquia.

40. Escreva apenas a frase abaixo que apresenta erro de regência, corrigindo-a:

a) Manifestações de protesto precederam a posse do governador.

b) Manifestações de protesto precederam à posse do governador.

c) Todos os moradores anuíram à proposta do síndico.

d) Assistiram a missa campal mais de cem mil pessoas.

e) Como custa aos vencidos aceitar a derrota!

f) Vi um tronco boiando e abracei-me a ele.

41. Responda às perguntas usando os verbos em destaque e obedecendo às normas da língua culta:

a) Ele já **pagou** ao médico?

b) Marta **namora** esse moço?

c) Ele **aspira** ao sacerdócio?

d) **Lembraram-se** de você?

e) Ela **assiste** a novelas?

f) De quem você **se esqueceu**?

g) Você **assistiu** os doentes?

h) Com quem **deparou** na esquina?

i) Você a **viu** no cinema?

j) **Obedeces** a teus pais?

k) **Moras** na Rua Anchieta?

l) Por que **desobedecem** aos pais?

m) O filme **agradou** ao público?

n) Em que rua você **reside**?

42. Forme frases usando corretamente as expressões:

a) **ir ao encontro de**

b) **ir de encontro a**

43. Troque o pronome **lhe** por outro, de modo que a regência fique correta:

a) Quem foi que **lhe** mandou entrar?

b) Informo-**lhe** de que seu bilhete foi premiado.

c) O pai **lhe** proibiu de soltar balões.

d) Nunca **lhe** vi tão abatido, Jacinto.

e) Ninguém **lhe** conhece melhor que eu, Rodrigo.

f) O cheiro forte da tinta **lhe** fez espirrar.

g) Encantavam-**lhe** os acrobatas do circo.

44. Orientado pelo que foi dito na página 484 sobre a contração da preposição *de* com o sujeito ou seus adjuntos, escreva as frases abaixo restabelecendo a contração da preposição **de**. Em seguida, copie apenas as afirmações verdadeiras.

a) Sabia-o, senhor, antes **de o** caso suceder.

b) O modo **de ele** falar soou-me agressivo.

c) Agora chegou a vez **de os** advogados tomarem a dianteira...

d) Apesar **de o** voto ser secreto, voto pela dissolução.

e) Leonor irritou-se, além **de o** abade puni-la, pedia-lhe favores.

As contrações que os escritores usaram nas frases acima:

- têm tradição na língua; portanto, são lícitas.
- são erros grosseiros de autores modernistas.
- são descuidos de um ou outro escritor brasileiro.
- têm a vantagem de tornar a expressão mais natural e agradável ao ouvido.
- são encontros de duas palavras que, por tradição e eufonia, se pronunciam juntamente.

45. Depois de reler a matéria sobre deslocamento de preposições, escreva as frases abaixo antepondo a preposição em destaque ao pronome demonstrativo **o**, em benefício da eufonia:

a) O **de** que ela mais gostava era visitar museus.

b) O **de** que o Brasil não pode prescindir é de uma boa rede viária.

c) O **de** que nossas crianças precisam é de um bom ensino.

d) O **com** que não posso concordar é com a subversão da ordem pública.

e) Ordenei-lhe que entregasse a arma, o **em** que fui prontamente obedecido.

f) No fim, o **de** que ele se convenceu foi da inutilidade de seus esforços.

46. Nas expressões em destaque, usou-se corretamente a preposição **em**. Escreva as frases trocando-a pela preposição **a**, acentuando-a quando for necessário:

a) **Na época** das colheitas, havia grande movimento na fazenda.

b) **Na saída**, os forasteiros agradeceram muito a hospedagem.

c) **Na falta** de professores, as crianças aprendiam a ler em casa.

d) Encostei-me **no tronco** da árvore e esperei o amigo.

e) Ela foi ao quarto e olhou-se minuciosamente **no espelho**.

f) A criança, com medo de mim, abraçou-se **na mãe**.

g) As mulheres iam buscar água **na fonte**.

h) Os bens do retirante resumiam-se **em duas cabras** e um casebre.

47. Transcreva as frases colocando o acento indicativo de crase, se necessário:

a) "A refrigeração artificial prefere a brisa da praia." (Ciro dos Anjos)

b) "Vilaça Júnior aspirava a ser vereador da câmara." (Eça de Queirós)

c) "Egas recusou-se a atender as reclamações da matrona." (Eça de Queirós)

d) "Parece-me que todos os cachorrinhos são iguais, em que pese a vaidade ou a ternura dos donos." (Carlos Drummond de Andrade)

e) "O emprego de *o que* em orações interrogativas é corretíssimo, em que pese a certos gramáticos." (Aurélio Buarque de Holanda)

f) "Ignoro a que pessoas se referia o Dr. Magalhães." (Graciliano Ramos)

g) "Contou então que na seca tinha ganho muito dinheiro a custa dos cofres públicos." (Adolfo Caminha)

h) "E assim, não se esquecesse Polidoro de que estava a engordar uma adversária incapaz de conceder-lhe a mínima trégua." (Nélida Piñon)

i) "Maria do Carmo já respondia as perguntas sem ser sacudindo apenas a cabeça." (Mário Palmério)

j) "A antiga Vila Rica começou o povo de então, por escárnio, a chamar de *Vila Pobre*." (João Ribeiro)

48. Identifique os erros de regência e, depois, faça a correção necessária:

a) Obedeça o regulamento!

b) Sempre lhe estimei muito.

c) Prefiro morrer do que trair meus ideais.

d) Não me simpatizo com sua prima.

e) Nem se dignou em levantar os olhos para mim.

49. Complete as orações com a preposição pedida pelo verbo. Combine-se com artigo, se necessário:

a) Depende apenas * ti a solução do problema.

b) Vocês gostam * que os outros os tratem mal?

c) Compete * pais a educação dos filhos.

d) Você assistiu * filme desde o início?

e) Você se contenta * tão pouco!

50. Faça o mesmo em relação às preposições pedidas pelos nomes:

a) Ele vivia alheio * tudo.

b) Tinham aversão * todas as criações de vanguarda.

c) Sou avessa * badalações.

d) Aquele homem é suspeito * um crime.

e) Paulo é atencioso * todos que o procuram.

51. Os pronomes relativos também são regidos de preposição sempre que esta for reclamada pelo verbo. Veja para quais das alternativas vale essa explicação.

a) Era a função * que eu mais aspirava!

b) A festa * que assistimos foi muito movimentada.

c) O teatro * que estávamos quase pegou fogo.

d) O rapaz * que me referia acabou de entrar.

e) As flores * que mais gosto são as orquídeas.

f) As pessoas * que visitei ontem foram muito gentis.

52. As orações completivas nominais também são, normalmente, regidas de preposição. Complete cada período com a preposição adequada:

a) Você tem medo * que eu o abandone?

b) Estamos ansiosos * que venhas logo.

c) Estava decidido * abandonar o emprego.

d) Continuou fiel * quem o amou durante a vida toda.

e) Todos tinham receio * que eles nos atacassem.

REGÊNCIA VERBAL
Exercícios de exames e concursos
[Página 689]

SINTAXE DE COLOCAÇÃO

A *sintaxe de colocação* trata da ordem ou disposição dos termos na oração e das orações no período.

Embora não seja arbitrária, a colocação das palavras na frase, em português, é muitas vezes livre, podendo variar de acordo com o tipo e o objetivo da mensagem falada ou escrita e com as circunstâncias que envolvem o ato da comunicação. No arranjo dos termos na frase intervêm poderosamente a cultura, o estilo e a sensibilidade do escritor.

Em muitos casos, o mesmo período pode ser organizado de diferentes maneiras, sem alteração do sentido. Vejam, por exemplo, a flexibilidade desta frase de José de Alencar:

"Já brilha na cabana de Araquém o fogo, companheiro da noite."

Na cabana de Araquém já brilha o fogo, companheiro da noite.
O fogo, companheiro da noite, já brilha na cabana de Araquém.
Companheiro da noite, o fogo já brilha na cabana de Araquém.
Na cabana de Araquém, o fogo, companheiro da noite, já brilha.

1 A ORDEM DIRETA E A INVERSA

Duas são as ordens que podem presidir à construção da frase: a *direta* e a *inversa*.

- Na *ordem direta*, os termos regentes precedem os termos regidos: sujeito + verbo + complementos ou adjuntos. Exemplos:

  "Uma saudade indizível atraía-me para o mar." (ALEXANDRE HERCULANO)

  "Os maus e viciosos são algozes de si próprios." (MARQUÊS DE MARICÁ)

- Na construção de *ordem inversa* alteramos a sequência normal dos termos, dispondo o verbo antes do sujeito, os complementos ou adjuntos antes do verbo, enfim, o termo regido antes do termo regente. Exemplos:

  "E que terríveis negócios planejava esse meu amigo de sempre!" (RUBEM BRAGA)

  "Belos e veneráveis eram os dois plátanos." (ALEXANDRE HERCULANO)

Observação:

✔ A ordem inversa é mais frequente na poesia e na linguagem afetiva e obedece antes ao ritmo caprichoso do sentimento e ao fluxo da emoção. Referindo-se à construção inversa, observa muito bem Said Ali:

"A deslocação é anomalia, e a anomalia aguça a atenção do ouvinte."

São as seguintes as causas que condicionam a colocação das palavras na frase, exigindo ora uma, ora outra ordem:

- a ênfase, a afetividade e a emoção;
- a clareza da expressão;
- a eufonia;
- o ritmo e o equilíbrio da frase.

Os adjetivos, normalmente, vêm pospostos aos substantivos (terras *férteis*, frutas *maduras*), mas, em atenção às exigências acima, são frequentemente antepostos. Exemplos:

"Nessas *aflitas* paragens, não mais se ouve o piar da *esquiva* perdiz, tão frequente antes do incêndio." (VISCONDE DE TAUNAY)

"Os meninos ouviam contar os casos com *frio* desinteresse." (POVINA CAVALCÂNTI)

Certos adjetivos se imobilizam ora antes, ora depois dos substantivos: *mero* acaso, a mão *direita*, a verdade *nua*, senso *comum*. Outros assumem acepções diversas, conforme a posição: homem *pobre* (sem recursos), *pobre* homem (infeliz); chefe *grande* (alto), *grande* chefe (notável); mestre *simples* (sem afetação, afável), *simples* mestre (mero, comum).

Assim também: contas *certas* (exatas), *certas* contas (algumas); *qualquer* pessoa (toda, indeterminada), uma pessoa *qualquer* (insignificante); *algum* homem (um, indeterminado), homem *algum* (nenhum).

Consoante a índole de nossa língua, antepomos ordinariamente os possessivos aos substantivos: *minha* vida, *nosso* pai, *tua* lembrança. Todavia, na linguagem afetiva ou enfática, são intencionalmente pospostos. Exemplos:

Quanto valor tem uma lembrança *tua*!

Pai *nosso*, que estais no céu... (oração dominical)

"O meu destino errante, ó vida *minha*,

é o destino dos barcos e das velas." (OLEGÁRIO MARIANO)

A conjunção *porém* usa-se, de preferência, intercalada na oração:

"A verdade, *porém*, é que Coimbra era sincero." (MACHADO DE ASSIS)

Entretanto, não é prática reprovável colocar-se essa adversativa no início ou no fim da oração a que pertence, uma vez que a isso não se oponham a harmonia e o ritmo da frase. Exemplos:

Eu chamava-te, *porém* não me ouvias.

"Não inventamos nada, *porém*." (MÁRIO BARRETO)

"As represálias não tardaram, *porém*." (CIRO DOS ANJOS)

"Tu não crês na ventura; ela existe, *porém*." (CLEÓMENES CAMPOS)

Observação:

✔ O mesmo se dá com a conjunção sinônima *entretanto*:

"A fuga repetia-se, *entretanto*." (MACHADO DE ASSIS)

2 POSPOSIÇÃO DO SUJEITO

Pospõe-se, habitualmente, o sujeito ao verbo nos seguintes casos:

- em orações adverbiais reduzidas de particípio ou de gerúndio:

"De manhã, acabado o *almoço*, a cólera estourou." (MACHADO DE ASSIS)

"Caindo o *sol*, a costureira dobrou a costura para o dia seguinte." (MACHADO DE ASSIS)

Observação:

✔ O sujeito pode anteceder o gerúndio quando este vier precedido da preposição *em*:

"Em ela sabendo que saíste de Lisboa, abençoa tua resolução." (CAMILO CASTELO BRANCO)

- nas orações interrogativas iniciadas pelos advérbios interrogativos ou por um pronome interrogativo que não seja sujeito:

"Como é *isso* possível?" (ALEXANDRE HERCULANO)

"Onde vai *o guerreiro branco*?" (JOSÉ DE ALENCAR)

"Donde vinham *aqueles cavalos*?" (GRACILIANO RAMOS)

"Por que virá *o conde* quase de luto à festa?" (REBELO DA SILVA)

"Que deixara *ele* na terra do exílio?" (JOSÉ DE ALENCAR)

"Quem sou *eu* para ser digno da vida?" (DANTE MILANO)

"Como sabem *eles* distinguir a fruta nutritiva da venenosa?" (CARLOS DE SÁ MOREIRA)

No entanto, antepõe-se o sujeito ao verbo:

a) quando se interpõe a locução enfática *é que*:

"Onde *é que este homem* vai parar?" (MACHADO DE ASSIS)

b) se iniciarmos a frase com o sujeito:

Teu irmão, por que não veio?

c) quando a palavra interrogativa encerra a frase:

Você viu isso *onde*?

Eles se retiraram *por quê*?

- nas orações optativas e imprecativas:

"E queira *Deus* que te não enganes, menino!" (CARLOS DE LAET)

"Possa *o sangue do mártir* remir o crime do presbítero!" (ALEXANDRE HERCULANO)

"Pudera *eu* dilatar-lhe a vida!" (ALEXANDRE HERCULANO)

"Morra *o alienista!* Bradavam vozes mais perto." (MACHADO DE ASSIS)

Todavia, às vezes prefere-se a anteposição:

"*Bons ventos* o levem!" (MACHADO DE ASSIS)

"*O Senhor* te ouça!" (MACHADO DE ASSIS)

"*Deus* vos leve, defenda e traga!" (D. FRANCISCO MANUEL DE MELO)

- em certas frases exclamativas:

  "Como são belas *aquelas palmeiras*!" (Visconde de Taunay)

- nas orações imperativas:

  Acompanha-o *tu*, guerreiro ilustre!

  "Ouçam *todos* o mal que toca a todos." (Luís de Camões)

- nas orações interferentes:

  "É falso, interrompeu *o presidente*." (Machado de Assis)

  "Rico, muito rico – pensava *Caúla* – quem possuía um barco como aquele!" (Adonias Filho)

- na voz passiva pronominal:

  "Contavam-se dele *coisas muito bonitas*." (Machado de Assis)

  "Nas lanchas, ouvem-se *gritos, choros, pedidos de socorro*." (Jorge Amado)

Contudo, a necessidade de pôr o sujeito em relevo leva-o, ocasionalmente, para o início da frase:

Os louvores recebem-se com agrado.

"*As consciências* esclarecem-se e não se forçam." (Alexandre Herculano)

"*Vozes* não se escutam quase, só aquele murmúrio abafado." (Raquel de Queirós)

"*Muitas coisas* se dizem, que não deviam ser ditas." (Carlos Drummond de Andrade)

- em orações como as seguintes, em que se realça a ideia expressa pelo predicativo, colocando-se este no início da frase ou depois do verbo:

  "Sábio era *ele*, mas faltava-lhe a prática do mundo." (Camilo Castelo Branco)

  "Eram sólidos e bons *os móveis*." (Machado de Assis)

Observação:

✔ A posição do sujeito pode influenciar a concordância do verbo. Assim, por exemplo, vindo o sujeito composto depois do verbo, este poderá concordar com o núcleo mais próximo:

"Acuso-vos disso *eu e todo o povo de Santarém*." (Almeida Garrett)

"De pouco lhe *valeu a astúcia e a coragem*." (Rodrigues Lapa)

3 ANTECIPAÇÃO DE TERMOS DA ORAÇÃO

Não poucas vezes antecipamos, na frase, um termo que desejamos pôr em evidência. Eis alguns casos mais frequentes:

- antecipação do sujeito na oração subordinada:

  Meu pai, sabes que não quer. [= Sabes que *meu pai* não quer.]

  O mal parece que se agravou. [= Parece que *o mal* se agravou.]

  "*O rio*, nem sei se tem nome." (Vivaldo Coaraci)

  "*Aqueles Cavaleiros* vê-se que nos esperam." (Alexandre Herculano)

  "*Os filhos* parece que envelhecem a gente." (Mário Barreto)

"Eu sei bem *o plantão dele* como é!" (MARQUES REBELO)

"*Eles* parece que são muitos." (ANÍBAL MACHADO)

"*Esses anos de Juiz de Fora* parece mesmo que foram marcados de glória, para Luisinho." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"*Os homens* é assim que fazem." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"*A mocidade*, dizem que não cria ferrugem." (MÁRIO QUINTANA)

- antecipação do objeto direto:

Verdades há que não se dizem.

"*Os exemplos* achou-os na História e em Itaguaí." (MACHADO DE ASSIS)

"*Animal mais inútil* nunca vossos olhos viram." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

- antecipação do objeto indireto:

De música todo o mundo gosta.

"*A esta pergunta* ninguém respondeu." (ALEXANDRE HERCULANO)

"*A Caribe* não faltavam astúcia e experiência." (JORGE AMADO)

"*A mim* o que me deu foi pena." (RIBEIRO COUTO)

"*Da limpeza pública* se encarregam uns elefantes artificiais, que aspiram tudo." (PAULO MENDES CAMPOS)

- antecipação do predicativo do sujeito ou do objeto:

Impossível seria permanecer parado.

"*Mal-educado* eu sou, mas ingrato não." (PAULO MENDES CAMPOS)

"*Perigoso* é se o velho deixar se influenciar pelo filho." (CIRO DOS ANJOS)

"*Bonitos* são (os quadros), mas estão manchados." (MACHADO DE ASSIS)

"*Doente*, todo mundo fica, João." (MARQUES REBELO)

"*Arquiteto do Mosteiro de Santa Maria*, já o não sou." (ALEXANDRE HERCULANO)

"Respirava com ruído e tinha *roxas* as orelhas grandes." (GRACILIANO RAMOS)

"Jorge soltou uma risada, tão *feliz* ficou." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

- antecipação do adjunto adverbial:

Naquele país, ladrão não tem vez.

- antecipação do verbo da oração subordinada:

"Lembrava-se bem das notas, *eram* parece que verdes, grandes e frescas." (MACHADO DE ASSIS) [= parece que eram verdes...]

4 COLOCAÇÃO DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS

As orações subordinadas substantivas, de acordo com a índole de nossa língua, pospõem-se, em geral, às principais.

Mas na linguagem enfática ou emotiva, é frequente antepor tais orações às principais, a fim de lhes dar realce. Exemplos:

"*De cumprir meu voto* ninguém poderá mover-me." (ALEXANDRE HERCULANO)

"*Se o mundo tinha razão*, não o diremos nós." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Vicência, *se estava comovida pelo que acabava de ouvir*, não demonstrava." (LUÍS JARDIM)

"*Por que brigavam no meu interior esses entes de sonho* não sei." (GRACILIANO RAMOS)

"*Que passavam aperturas*, via-se claramente na pobreza da casa." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

As orações adjetivas pospõem-se ao substantivo ou pronome a que se referem, podendo vir intercaladas na oração principal, como vimos no estudo destas orações.

As subordinadas adverbiais são as orações que gozam de maior mobilidade dentro do período, podendo, conforme o caso, vir antes, no meio ou depois da oração subordinante.

Exemplos:

"*Onde me espetam*, fico." (MACHADO DE ASSIS)

"Dali via, *sem ser visto*, a sala de visitas." (LÚCIO DE MENDONÇA)

"Iracema, *depois que ofereceu aos chefes o licor de Tupã*, saiu do bosque." (JOSÉ DE ALENCAR)

"Eram quatro horas da manhã, *quando emergi do meu letargo*." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"*Quando dei por mim*, já passava de uma da madrugada." (FERREIRA GULLAR)

Escrevendo, cumpre fugir à monotonia da ordem direta e assegurar à frase harmonia e variedade de ritmo, usando, com equilíbrio e bom gosto, ora uma, ora outra ordem.

Evitar-se-ão, sobretudo, construções malsoantes e cacofônicas, inversões violentas e transposições forçadas, que comprometem a clareza da expressão, dando margem a falsos sentidos.

EXERCÍCIOS LISTA 56

1. Transcreva as frases, numerando-as de acordo com os tipos de construção:

(1) **ordem direta** (2) **ordem inversa**

a) Após um mês de férias, reabre sua academia de dança a bailarina Casanova.

b) O vaga-lume voou mais alto e comparou-se às estrelas.

c) Sua fábrica de laticínios, instalada no ano passado, vai de vento em popa.

d) Na árvore próxima à casa estavam pousadas duas rolinhas.

2. Relacione as frases aos termos antecipados que nelas ocorrem:

(1) antecipação do sujeito da oração subordinada

(2) antecipação do objeto direto

(3) antecipação do objeto indireto

(4) antecipação do predicativo

(5) antecipação do adjunto adverbial

(6) antecipação do verbo da oração subordinada

(7) anteposição da oração subordinada à oração principal

- Em canoa furada eu não embarco.
- "Aos nativos Colombo chamou de índios." (MILLÔR FERNANDES)
- "O homem parece que teve pena." (RAQUEL DE QUEIRÓS)
- "Esse segredo eu guardaria só para mim." (POVINA CAVALCÂNTI)
- "Animal mais inútil nunca vossos olhos viram." (RAQUEL DE QUEIRÓS)
- "Equilibrava-me não sei como." (GRACILIANO RAMOS)
- "Bonita, atraente, isto era ela, de verdade." (POVINA CAVALCÂNTI)
- "Com as árvores e os bichos ele se entende." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)
- "Surpresa maior eu não podia ter." (RUBEM FONSECA)
- "Que passavam aperturas, via-se claramente na pobreza da casa." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

3. Leia o seguinte caso e informe se a oração subordinada adjetiva em destaque está construída na ordem direta ou inversa:

Aviso aos caçadores

Um pecuarista de Alegrete, no Rio Grande do Sul, não suportando mais os problemas **que lhe causavam os caçadores da região**, mandou colocar na porteira de sua fazenda uma placa de madeira com este aviso: "É expressamente proibido atirar em qualquer coisa que se mexa neste campo. Poderiam acertar no capataz."

(*Realidade*, junho de 1974)

4. Coloque os termos dos períodos abaixo na ordem direta:

a) "Mais depressa que seu marido perdera Rosália as esperanças." (ANÍBAL MACHADO)

b) "O rio, nem sei se tem nome." (VIVALDO COARACI)

c) Louco és tu, disse-me ele, se a tanto aspiras.

d) "Estreito era o círculo das suas ideias." (MACHADO DE ASSIS)

e) "Ótimo negócio fizera incontestavelmente o velho tio." (VISCONDE DE TAUNAY)

f) "Não tem azul nem estrelas a noite que enlutam os ventos." (JOSÉ DE ALENCAR)

g) "Por que foram os persas, logo que se deram às delícias do luxo, vencidos pelos lacedemônios?" (CAMILO CASTELO BRANCO)

5. Melhore a redação das frases, usando criteriosamente a ordem inversa:

a) Ele tentou convencer-me em vão.

b) Um pequeno incidente deu-se na família cinco meses depois.

c) Porém casa de confiança onde se ocultasse, faltava-lhe.

d) O navio sulcava garbosamente as águas da baía, dias depois, numa radiante manhã de domingo.

e) A tempestade passada, o arco-íris aparece no céu, símbolo da bonança e da união.

f) Suas palavras perturbam-me não tanto como o seu olhar e sorriso.

g) O velho caminhão estava parado, ficou parado.

h) Nunca sentira inveja de ninguém, mas ele sentia de mestre Vitorino, o dono do barco.

i) O espetáculo de um desfile de escolas de samba no Rio de Janeiro é também único no mundo.

6. Escreva as frases abaixo, colocando convenientemente os sujeitos que figuram entre parênteses:

a) Do fundo da mata subiam. (**vozes misteriosas**)

b) Quando poderemos estar livres disso tudo? (**nós**)

c) Pouco tardou a espalhar-se pelo povoado. (**a notícia fatal**)

d) Mas aos ouvidos do chefe não podia chegar. (**a voz do mensageiro**)

e) Onde pretendem encontrar os recursos necessários? (**eles**)

f) Que importa ao escravo? (**a vida**)

g) Senti quanto era justa. (**aquela queixa**)

h) Como se portaram durante a excursão? (**os alunos**)

i) Por que teria saído de casa tão cedo? (**a vizinha**)

j) Para onde se dirige a essas horas? (**você**)

k) Possam despertar as consciências adormecidas. (**tuas palavras**)

l) Feliz serás se desta te livrares. (**tu**)

m) Pelo alto dos muros estendem-se. (**as trepadeiras floridas**)

n) Não vindo, saíram a buscá-lo. (**ele**)

o) Que teria percebido nas minhas palavras? (**o homem**)

p) Pareciam de prata, assim contra a luz, pintados de branco. (**os pequenos barcos**)

7. Disponha o termo das frases abaixo de outras maneiras aceitáveis:

a) A Química presta grande auxílio à Medicina.

b) O céu se arqueia como um teto de bronze infindo e quente, sobre o deserto adormecido.

c) "Entre os troncos da brenha hirsuta, o Bandeirante jaz por terra, à feição de um tronco derribado." (Olavo Bilac)

d) "Mil coisas imprevistas nos esperam nos muitos meandros da existência." (Visconde de Taunay)

e) "À entrada do prédio reunira-se, de um minuto para outro, um mundo de gente." (Fernando Namora)

f) "Passeiam, à tarde, as belas na Avenida." (Carlos Drummond de Andrade)

g) Saltaram do moderníssimo carro esporte uma garota e um rapaz.

h) "Passava pela calçada o fotógrafo João Lopes carregando a sua máquina a tiracolo." (Josué Guimarães)

8. Ordene os termos dos períodos seguintes de tal maneira que se desfaça a ambiguidade, isto é, o duplo sentido. Use as vírgulas necessárias:

a) Os terroristas obrigaram o pessoal da redação e da oficina do jornal a retirar-se antes do empastelamento do prédio.

b) Descia um perfume do alto da montanha que embriagava os sentidos.

c) Mando-te uma cadelinha pela minha empregada que tem as orelhas cortadas.

d) A guerra nada conserta: nada mais é que uma efusão de sangue inútil.

e) Marisa retira a chave nervosa da bolsa que introduz na fechadura com medo.

9. Neste pequeno relato jornalístico nota-se um erro de colocação que ocasiona duplo sentido. Qual é o erro e como se pode corrigi-lo?

"Numa de suas viagens à Amazônia, pelo Projeto Radam, o sertanista Peret conseguiu ajudar os índios nos seus dias de caça, trazendo os animais abatidos de helicóptero para uma picada próxima das palhoças.

Agora, uma nova equipe chegou à mesma tribo. Quando planejaram a primeira caçada, ouviram de um caiapó:

– Eu mato o veado. Você arranja o cavalo voador. (Diarã katon uati. Kaí rarére birreotú.)"

(*Jornal do Brasil*, 26/4/1974)

10. Escreva os períodos, iniciando-os com os termos indicados entre parênteses e dispondo os demais de modo ideal:

a) Um homem gordo pode ser muito fino? (**verbo auxiliar**)

b) A água do coco por onde entra? (**predicado**)

c) Muito mais que um chute na canela dói um bom drible. (**sujeito**)

d) No meio da catarata ninguém pode beber água. (**objeto direto**)

e) Seu grito foi tão alto que o morcego saiu feito uma bala, pela janela. (**predicativo do sujeito**)

f) Era mais do que visível que Simplício ficara com um nó na garganta. (**oração subordinada substantiva**)

g) Foi infeliz o Virgulino, que, não tendo cavalo, deu com os burros n'água. (**predicativo do sujeito**)

h) Só o capim interessava aos animais. (**objeto indireto**)

i) Criaturas ingratas! Não têm boca para agradecer. (**adjunto adnominal**)

j) As declarações do ministro não podiam agradar ao presidente. (**objeto indireto**)

11. Dê ênfase ao predicativo colocando-o no início da frase:

O que estavam fazendo com aquela gente era sumamente injusto.

5 COLOCAÇÃO DOS PRONOMES OBLÍQUOS ÁTONOS

Neste exemplo de José Fonseca Fernandes:

"Despediu-*se* aborrecido do especialista, que, amável, estendia-*lhe* a mão com simpatia."

podemos observar que os pronomes pessoais átonos *se* e *lhe* se incorporam foneticamente ao verbo, formando com este como que uma só palavra.

Conforme sua posição junto ao verbo, os pronomes oblíquos átonos podem ser:

- **proclíticos** (antepostos ao verbo)
  Isso não **se** faz.
- **mesoclíticos** (intercalados no verbo)
  Chamar-**me**-iam de louco.
- **enclíticos** (pospostos ao verbo)
  Quero-**lhe** muito bem.

Essas três colocações dos pronomes átonos denominam-se, respectivamente, *próclise, mesóclise* e *ênclise*.

Observação:

✔ As normas que vamos dar acerca da colocação pronominal aplicam-se também ao pronome demonstrativo *o*, que pode incorporar-se ao verbo à maneira de um pronome pessoal átono, como no exemplo:

Ia dizer-lhe uma palavra áspera, mas não *o* fiz.

6 PRÓCLISE

A próclise será de rigor:

- quando antes do verbo houver, na oração, palavras que possam atrair o pronome átono[1]. Tais palavras são principalmente:

a) as de sentido negativo:

Não *o maltratei*.

Nunca *se queixa* nem *se aborrece*.

Ninguém *lhe resiste*.

Nada *a perturba*.

Nenhum lugar *nos agradou*.

Jamais *te importunei*.

Observação:

✔ Se a palavra negativa preceder um infinitivo não flexionado, é possível a ênclise: Calei-me para não *magoá-lo*.

(1) Não se trata, é claro, de uma atração de natureza física, mas sim da influência fonética que certas palavras exercem sobre as vizinhas para atender ao ritmo e à entoação da frase.

b) os pronomes relativos:

Há pessoas que *nos querem* bem. Nenhuma que *nos odeie*.

Conheces o homem por quem *te apaixonaste*?

"Só então Luísa adivinhou o que *se teria passado*." (FERNANDO NAMORA)

c) as conjunções subordinativas:

Quando *nos viu*, afastou-se.

Se *me ensinares* o caminho, chegarei lá.

Ela não quis os brincos, embora *lhe servissem*.

Ele é teu pai: é justo que *o ampares*.

Disse-me que não iria à festa, ainda que *a convidassem*.

Não sei como *se justificaram* perante a diretora.

Reagimos porque *nos agrediram*.

Observação:

✔ A elipse da conjunção não dispensa a próclise:

Peço a Vossa Excelência *me dispense* dessas formalidades.

Quando passo e *te vejo*, exulto.

d) certos advérbios:

Sempre *me lembro* dele.

Já *se abrem* as portas das lojas e dos bancos.

Bem *se vê* que não entendes do riscado.

Aqui *se trabalha*, lá *se fala* da vida alheia.

Deixe a pasta onde *a encontrou*.

Mais *se aprende* vendo do que ouvindo.

O avô talvez *o ajude* a comprar a casa.

Ainda *se lembra* de mim?

Por que o pai *lhe bate*?

Indaguei como *se chega* lá.

Observação:

✔ Se houver pausa depois do advérbio, prevalecerá a ênclise:

"Depois, encaminhei-me para ele." (SAID ALI)

"Aqui uma nuvem escura envolveu-lhe o espírito." (ANÍBAL MACHADO)

e) os pronomes indefinidos *tudo, nada, pouco, muito, quem, todos, alguém, algo, nenhum, ninguém, quanto:*

Tudo *se acaba*.

Nada *lhe agradava* ali.

Ignoro de quem *se trata*.

Pouco *se sabe* a respeito desse artista.

Algo *o incomoda*?

f) a palavra *só*, no sentido de *apenas, somente*, e as conjunções coordenativas alternativas *ou... ou, ora... ora, quer... quer*:

Só *me ofereceram* um copo d'água.

Só *se lembram* de nós quando estão doentes.

Ou ele *se corrige* ou *lhe voltarão* as costas.

O rio, ora *se estreita*, ora *se alarga* caprichosamente.

Quer *nos atacasse*, quer *se escondesse*, a onça era sempre um perigo.

- nas orações optativas cujo sujeito estiver anteposto ao verbo:

Deus *o guarde!*

Os céus *te favoreçam!*

A terra *lhe seja* leve!

- nas orações exclamativas iniciadas por palavras ou expressões exclamativas:

Como *te iludes!*

Quanto *nos custa* dizer a verdade!

"Que de coisas *me disse* a propósito da Vênus de Milo!" (MACHADO DE ASSIS)

- nas orações interrogativas iniciadas por advérbio ou pronome interrogativos:

Quando *me visitas?*

Quem *se apresenta?*

Por que *vos entristeceis?*

Acaso *lhe faltam* recursos?

Na pronúncia do Brasil, as formas pronominais oblíquas não são completamente átonas; são, antes, semitônicas. Assim se explica por que entre nós é predominante a tendência para a próclise:

Ele terá de *se explicar*.

É o que eu queria *lhe dizer*.

As pessoas foram *se retirando*.

Me empreste o livro.

"Calado, *me diga* se devo ir-me embora." (CECÍLIA MEIRELES)

"Nosso sonho vai *se realizar*." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

"*Te agarra* com aquele pretinho do céu, Amparo!" (JOSUÉ MONTELLO)

"Percebi que estavam *me chamando*." (VIVALDO COARACI)

"*Me* penteio, *me* lavo, *me* embelezo." (MARINA COLASANTI)

"Como teria *se comportado* aquela alma de passarinho...?" (RAQUEL DE QUEIRÓS)

7 MESÓCLISE

A intercalação das variações pronominais átonas ocorre somente no futuro do presente e no futuro do pretérito, desde que antes do verbo não haja palavra que exija a próclise. Exemplos:

Realizar-se-á, em maio, uma reunião de prefeitos.

Falar-lhe-ei a teu respeito, na primeira oportunidade.

Por este processo, *ter-se-iam* obtido melhores resultados.

"*Dir-me-á* o leitor que a beleza vive de si mesma." (MACHADO DE ASSIS)

"Eu derrocarei o templo de Jeová e *edificá-lo-ei* em três dias!" (EÇA DE QUEIRÓS)

"*Dar-me-iam* água para lavar as mãos?" (GRACILIANO RAMOS)

"Gildete *manter-se-ia* atenta para o que desse e viesse." (JORGE AMADO)

"Sua atitude é serena, *poder-se-ia* dizer hierática, quase ritual." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"Viesse a música de onde viesse, *conduzi-lo-ia* à terra." (JOSÉ FONSECA FERNANDES)

"*Contentar-nos-emos* agora com sambas velhos..." (GRACILIANO RAMOS)

Havendo palavra atrativa, impõe-se a próclise:

Não *lhe pedirei* nada. Ninguém *se importaria*.

Observações:

✔ Em caso algum se haverá de pospor o pronome átono ao futuro do indicativo: dir-se-ia, dir-lhe-ei, dir-lhe-ia, far-se-ia, vender-lhe-ei, chamá-lo-ia, e nunca: diria-se, direi-lhe, diria-lhe, faria-se, venderei-lhe, chamaria-o.

✔ A mesóclise é colocação exclusiva da língua culta e da modalidade literária. Na fala corrente, emprega-se a próclise: Eu *lhe* direi a verdade. Eles *se* arrependerão (ou *vão se arrepender*). Ela *o* chamaria de louco. Ao meio-dia, *nos* sentaríamos à mesa.

8 ÊNCLISE

Os pronomes átonos estarão em ênclise:

- nos períodos iniciados pelo verbo (que não seja o futuro), pois, na língua culta, não se abre frase com o pronome oblíquo:

  "*Vai-se* a primeira pomba despertada!" (RAIMUNDO CORREIA)

  "*Diga-me* isto só, murmurou ele." (MACHADO DE ASSIS)

  "*Vendo-a* entrar, Araquém partiu." (JOSÉ DE ALENCAR)

Observação:

✔ Iniciar a frase com pronome átono só é lícito na conversação familiar, despreocupada, ou na língua escrita, quando se deseja reproduzir a fala dos personagens:

Me ponho a correr na praia.

"*Me* larga! Eu quero ir embora." (FERNANDO SABINO)

"*Nos* atirarmos à água pode nos ser fatal." (MILLÔR FERNANDES)

- nas orações reduzidas de gerúndio, quando nelas não houver palavras atrativas:

  "O anão chegara-se a Inocência, *tomando-lhe* uma das mãos." (VISCONDE DE TAUNAY)

Se o gerúndio vier antecedido da preposição expletiva *em*, ou modificado por um advérbio, usar-se-á a próclise:

Em *se tratando* de um caso urgente, nada o retinha em casa.

Não *o achando* em casa, voltei desanimado.

Custódio era dado ao luxo, pouco *se importando* com despesas.

- nas orações imperativas afirmativas:

  Procure suas colegas e *convide-as*.

  "Romano, *escuta-me*!" (OLAVO BILAC)

Observação:

✔ A próclise com o imperativo afirmativo não era estranha ao português clássico:

"Agora tu, Calíope, *me ensina*..." (LUÍS DE CAMÕES)

O pão nosso de cada dia *nos dai*, hoje. (oração dominical)

- junto ao infinitivo não flexionado, precedido da preposição *a*, em se tratando dos pronomes *o, a, os, as*:

  Todos corriam *a ouvi-lo*.

  Começou *a maltratá-la*.

  "Sabe ele se tornará *a vê-los* algum dia?" (JOSÉ DE ALENCAR)

Junto a infinitivo flexionado, regido de preposição, é de rigor a próclise:

Repreendi-os por *se queixarem* sem razão.

- Vindo o infinitivo impessoal regido da preposição *para*, quase sempre é indiferente a colocação do pronome oblíquo antes ou depois do verbo, mesmo com a presença do advérbio *não*:

  Corri para *defendê-lo*.

  Corri para *o defender*.

  Calei-me para não *contrariá-lo*.

  Calei-me para não *o contrariar*.

Observação:

✔ Escritores clássicos costumavam intercalar o advérbio *não* entre o verbo e o pronome proclítico:

"E queira Deus que *te não enganes*, menino!" (CARLOS DE LAET)

"Há coisas que *se não descrevem*." (GASTÃO CRULS)

"Já *me não lembravam* os três primeiros nomes." (MACHADO DE ASSIS)

Tal colocação é obsoleta.

9 ÊNCLISE EUFÔNICA E ENFÁTICA

Em certos casos, a ênclise é justificada por exigências da eufonia ou da ênfase, embora com sacrifício das regras expostas no estudo da próclise.

"Era verdade que Dom Augustin *excedera-se* um pouco." (VIANA MOOG)

Acontecia às vezes que uma das éguas xucras *arrumava-lhe* um coice." (VIVALDO COARACI)

10 COLOCAÇÃO DOS PRONOMES ÁTONOS NOS TEMPOS COMPOSTOS

- Nos tempos compostos os pronomes átonos, na língua culta de tradição lusitana, se juntam ao verbo auxiliar e jamais ao particípio, podendo ocorrer, de acordo com as regras já estudadas, a próclise, a ênclise ou a mesóclise:

  Os amigos *o tinham prevenido*.

  Os presos *tinham-se revoltado*.

  Nunca *a tínhamos visto*.

  Haviam-no já declarado vencedor.

  Até lá muitos já *se terão arrependido*.

  "Você *tem-se governado* com virtude e fina sabedoria." (AMADEU DE QUEIRÓS)

  "Muitas infelicidades *me haviam perseguido*." (GRACILIANO RAMOS)

  "*Ter-lhe-ia sido* nociva alguma de minhas prescrições?" (GASTÃO CRULS)

  "Não devíeis *tê-los libertado*." (ANA MIRANDA)

  "Eu *tinha-me escondido* atrás de uma mangueira muito alta." (AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA)

- A colocação do pronome átono junto ao particípio, censurada pela Gramática tradicional, é peculiar à língua portuguesa do Brasil, em todos os níveis de fala, e encontra acolhida entre os melhores escritores modernos. Exemplos:

  "Tinha *se esquecido* de conferir o bilhete." (VIVALDO COARACI)

  "A conversa na mesa teria *lhe dado* suficiente prestígio para isso?" (JORGE AMADO)

  "A terra devia ter *se contorcido*, fervendo em lama." (ADONIAS FILHO)

  "Era como se tivesse ido muito longe, ou *se escondido* atrás de uma parede muito grossa." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

  "A situação agora havia *se invertido*." (JOSÉ J. VEIGA)

  "O general Bagnuoli está plantado na sua colina de espera, depois de haver *se recusado* a enfrentar Nassau..." (ASSIS BRASIL)

  "Melhor destino, nem ele próprio teria *se concedido*." (NÉLIDA PIÑON)

11 COLOCAÇÃO DOS PRONOMES ÁTONOS NAS LOCUÇÕES VERBAIS

Nas locuções verbais podem os pronomes átonos, conforme as circunstâncias, estar em próclise ou ênclise ora ao verbo auxiliar, ora à forma nominal:

- Verbo auxiliar + infinitivo:

  Devo calar-me, ou *devo-me calar*, ou *devo me calar*.

Não devo calar-me, ou *não me devo calar*, ou *não devo me calar*.

Mandei-os entrar. Não os mandei entrar.

Podes ajudá-lo. Não o podes ajudar, ou *não podes ajudá-lo*.

Queriam enganar-me, ou *queriam-me enganar*, ou *queriam me enganar*.

Não queriam enganar-me, ou *não me queriam enganar*.

"Mas agora já *sabemos nos defender*." (GUIMARÃES ROSA)

"Não *posso me confessar* autor dessas barbaridades." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

"Se Vossa Senhoria quer, *posso lhe mandar* algumas." (MARTINS PENA)

Observação:

✔ Na fala brasileira, como atestam os três últimos exemplos, os pronomes átonos acostam-se, em geral, ao infinitivo.

- Verbo auxiliar + preposição + infinitivo:

Há de acostumar-se, ou *há de se acostumar*.

Não se há de acostumar, ou *não há de acostumar-se*.

Deixou de visitá-lo, ou *deixou de o visitar*.

Não o deixou de visitar, ou *não deixou de visitá-lo*, ou *não deixou de o visitar*.

- Verbo auxiliar + gerúndio:

Vou-me arrastando, ou *vou me arrastando*, ou *vou arrastando-me*.

Não me vou arrastando, ou *não vou me arrastando*.

As sombras foram-se dissipando, ou *as sombras se foram dissipando*, ou *as sombras foram se dissipando*, ou ainda *as sombras foram dissipando-se*.

V.Sª me está insultando, ou *V.Sª está me insultando*, ou *V.Sª está insultando-me*.

Não o estou criticando, ou *não estou criticando-o*.

Eu o estava lendo há pouco, ou *estava-o lendo há pouco*, ou *estava lendo-o há pouco*.

As forças *iam-se-lhe sumindo* de dia para dia.

"Que relógio parado *me estava governando*?" (CECÍLIA MEIRELES)

"A tarde *ia-se tornando* lindíssima." (CECÍLIA MEIRELES)

"Cada vez mais ela *se ia transformando*." (JOSÉ LINS DO REGO)

"Meus olhos *iam se enchendo* de água." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"Você *está me machucando*." (FERNANDO SABINO)

"Mas aos poucos foi *se adaptando*." (VIVALDO COARACI)

"Atualmente a justiça *está se tornando* inviável até para os ricos." (EVANDRO LINS E SILVA)

Observações:

- ✔ A colocação que se vê nos quatro últimos exemplos, com o pronome átono proclítico ao verbo principal, espelha um fato inequívoco da língua falada e escrita do Brasil. A Gramática não pode senão sancioná-la.
- ✔ A maneira de colocar os pronomes átonos, no falar brasileiro, nem sempre coincide com a dos portugueses, devido à entoação diferente e ao ritmo peculiar de nossa fala.
- ✔ As normas que acabamos de traçar acerca da topologia pronominal não devem ser vistas como preceitos intocáveis, ficando, em muitos casos, subordinadas às exigências da ênfase, da harmonia e espontaneidade da expressão.

EXERCÍCIOS LISTA 57

1. Nos exemplos abaixo aparecem todos os pronomes pessoais átonos. Escreva as frases, numerando-as de acordo com a colocação dos pronomes junto ao verbo. Em seguida sublinhe os pronomes:

(1) **proclítico** (2) **mesoclítico** (3) **enclítico**

Autorizaram-me a entrar.
Não te metas nisso.
Amai-vos uns aos outros.
Organizar-se-á uma equipe.
Todos o admiram.
Sustive-a na palma da mão.
Quem os ajudara?
Trato-as com muito respeito.
Comprar-lhe-ia roupa nova.
Não lhes acho graça.
Aprontamo-nos rapidamente.
É um prazer ouvi-lo falar.

2. Justifique a próclise, escrevendo e numerando as frases adequadamente, conforme as palavras que apareçam antes do verbo:

(1) **palavras de sentido negativo**
(2) **pronomes relativos**
(3) **conjunções subordinativas**

Ninguém **lhe** resiste.
Pedi que **se** afastassem.
Quando **me** lembrei, já era tarde.
Não **se** nega um copo d'água.
Preciso de alguém que **me** oriente.
São pessoas com quem **nos** identificamos.

3. Justifique a colocação dos pronomes oblíquos nestes períodos:

Deus **o** acompanhe!
Por que **se** preocupa tanto com essas coisas?
Não **a** vejo há muito tempo.

Ficar-**lhe**-ei grato por esse favor.
Distraímo-**nos** ouvindo música.
Tornei a visitá-**los** três meses depois.
Fiquei olhando o carteiro, que **se** aproximava.
Pedi licença para **me** retirar (ou retirar-**me**).
Como a gente **se** engana!
A mãe correu para as filhas, beijando-**as** muito.
Pedi que **os** guardasse em lugar seguro.
Procure seu irmão e peça-**lhe** desculpas.
Várias pessoas já **me** disseram isso.
Rugas precoces instalaram-**se** no rosto dele.
Tudo **nos** leva a crer que João é inocente.

4. Varie os verbos em todas as pessoas, com os pronomes mesoclíticos:

a) **Estabelecer-me-ei** nesta cidade.
b) **Retirar-me-ia** da reunião.
c) **Jogá-lo-ei** ao mar.
d) **Conceder-lhe-ia** licença.

5. Escreva corretamente o único período em que há erro de colocação pronominal; justifique:

a) Enquanto se absteve de beber e fumar, sua saúde melhorou.
b) Plantações de cana-de-açúcar estendiam-se até a linha do horizonte.
c) Ele não é um bom escritor, embora reconheça-lhe algumas qualidades.
d) Quando a patroa limpa a louça, ela o faz com extremo cuidado.

6. Copie o período no qual a mesóclise é inadequada, corrigindo a má colocação:

a) Sentir-me-ia mais aliviado, se conseguisse chorar um pouco.
b) Se mergulhares um pano vermelho neste rio, retirá-lo-ás cheio de piranhas.
c) Dir-se-ia que pairava sobre nós uma divindade funesta.
d) Nada contentá-lo-á enquanto não tiver a paz interior.

7. Reescreva de maneira correta as duas frases em que a colocação pronominal não está de acordo com o padrão culto. Justifique:

a) Caberia-lhe então mostrar patriotismo e competência.
b) Será preciso refazer a estrada, modificando-lhe o traçado.
c) Me disseram que a cachoeira de Sete Quedas sumiu rio abaixo, levada pelo progresso.

8. Coloque corretamente junto aos verbos em destaque os pronomes entre parênteses:

a) **Detive** para ouvir melhor. (*me*)
b) Nenhum obstáculo **fará** recuar. (*nos*)
c) Jacinto não entendeu o que Sônia **disse**. (*lhe*)
d) Quando ele **enfurece**, não há nada que **detenha**. (*se – o*)
e) Bem **vê** que não **preocupas** com essas coisas. (*se – te*)
f) Como **custa** perdoar uma ofensa! (*nos*)

g) Viesse donde viesse, **receberíamos** com a alegria de sempre. (*o*)
h) **Lembra** de nós – disse o padrinho, **despedindo**. (*te – se*)
i) **Retirarei**, se **recusais** a ouvir-me. (*me – vos*)
j) Talvez dali por diante agisse de outro modo, **acautelasse** contra pessoas inescrupulosas. (*se*)
k) Mais depressa **apanha** um mentiroso do que um coxo. (*se*)
l) Tudo **encantava** e **dizia** que a vida é bela. (*a – lhe*)
m) **Acenderam** fogueiras, onde **assaram** batatas-doces. (*se – se*)
n) Só **direi** isto: Ivone, jamais **esquecerei** de você! (*lhe – me*)
o) A avó gosta dos netos, **trata** com carinho, **alegra** quando **vê**. (*os – se – os*)
p) **Trataria** de objetos voadores não identificados? (*se*)

9. Dê outra colocação aos pronomes átonos, mas só quando for lícita:

a) Ergueram o homem e **o** carregaram até a farmácia mais próxima.
b) Quem **a** visse ao lado dos escravos **a** julgaria também cativa.
c) A brava nação tupi **se** erguerá novamente para expulsar o invasor.
d) Nada **a** satisfaria, enquanto não **os** tivesse consigo.
e) João **se** levantou para agredir-**me**, mas Luís deteve-**o**, segurando-**lhe** o braço.
f) A agricultura não **os** havia ainda fixado à terra.

10. Incorpore corretamente os pronomes aos tempos compostos e às locuções verbais:

a) **Teriam falado** a meu respeito? (*lhe*)
b) E se eu **houvesse enganado**? (*me*)
c) Era um vidrinho de perfume cuja essência já **tinha evaporado**. (*se*)
d) **Haviam procurado** em toda parte. (*o*)
e) **Tendo** o menino **distraído** na rua, não assistiu à primeira aula. (*se*)
f) **Teria mordido** algum cachorro? (*o*)
g) Várias pessoas já **tinham ido ver**. (*o*)
h) Era como se tivesse ido muito longe, ou **escondido** atrás de uma parede muito grossa. (*se*)
i) Ela aplaudia a transformação que **ia operando** em mim. (*se*)
j) O marido **está aconselhando** a desistir da viagem. (*a*)
k) Cada vez mais eles **foram distanciando** de nós. (*se*)
l) Eu **deveria reunir** a eles para a escalada do morro. (*me*)

11. Há mais de uma alternativa lícita para a colocação dos pronomes nos tempos compostos e nas locuções verbais. Assinale, em cada grupo, a que representa uma peculiaridade da fala brasileira:

Os presos tinham-se revoltado contra os carcereiros.
Os presos tinham se revoltado contra os carcereiros.
Os presos se tinham revoltado contra os carcereiros.
Você lhe devia ter cedido o lugar.
Você devia ter-lhe cedido o lugar.
Você devia ter lhe cedido o lugar.
O navio se foi afastando lentamente.

O navio foi se afastando lentamente.

O navio foi-se afastando lentamente.

O navio foi afastando-se lentamente.

12. Assinale a única frase em que a colocação do pronome átono espelha uma característica da língua portuguesa do Brasil:

"Que relógio parado **me estava governando**?" (CECÍLIA MEIRELES)

"Don'Ana pressente que alguma coisa de muito sério **se está processando**." (JORGE AMADO)

"**Dar-me-iam** algum monte de feno onde dormir..." (RUBEM BRAGA)

"Não faz mal que a plantação **se vá estendendo** por toda a área." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

"**Poderia ter se encontrado** com a raposa..." (LÊDO IVO)

"Aquela bonequinha de muita conversa e forte maquilagem **o estava enfeitiçando**." (VILMA GUIMARÃES ROSA)

13. Nos exemplos seguintes há outras opções para a colocação dos pronomes átonos. Dê todas as colocações lícitas:

a) Soube que estavam sozinhos: vim para os ajudar.

b) Eu aproximava-me deles com certo receio.

c) Os ingressos para o jogo podem-se comprar aqui.

d) Os homens devem-se amar uns aos outros.

e) "Não pode permitir-se o fabrico ou a importação de produtos que tais, alheios à demanda nacional mais urgente." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

f) "Ainda que voltasse a vista para mim, ele não poderia me ver." (RUBEM BRAGA)

g) "A tarde ia-se tornando lindíssima." (CECÍLIA MEIRELES)

h) Depois de amarrá-lo ao pé da árvore, eu dava-lhe de comer.

i) "Não me quis dizer o que era." (MACHADO DE ASSIS)

j) "Aquele freguês estava se dirigindo ao Chefe da Nação." (ANÍBAL MACHADO)

k) "Naquele tempo a escuridão se ia dissipando, vagarosa." (GRACILIANO RAMOS)

l) "Eu quis experimentar-te." (ALEXANDRE HERCULANO)

m) "Daqui a poucas horas me hás de conhecer." (ALEXANDRE HERCULANO)

n) "A mãe contava um caso qualquer que tinha se passado em casa." (AUTRAN DOURADO)

o) Eu devia esperar no colégio até que papai viesse buscar-me de carro.

p) Viúva acusa investigador de ter se apoderado de sua fortuna.

q) "O povo se comprimia cada vez mais ao pé do altar." (BERNARDO ÉLIS)

r) "Uma saudade funda lhe aperta o coração." (JOSÉ CONDÉ)

s) "Se Viana não saísse das Minas, o guarda-mor ver-se-ia obrigado a usar suas forças militares." (ANA MIRANDA)

14. Orientando-se pelo exemplo, redija os períodos abaixo na forma B:

A) Eu reconheci **algumas delas**.
B) **Algumas delas**, eu **as** reconheci.

a) Levava à boca as migalhas que lhe ficavam entre os dedos.
b) Os passarinhos conseguem frutas e insetos pelo seu próprio esforço.
c) Tu ensinaste a caridade, o perdão e o sacrifício durante toda a tua vida.
d) Ela fez os doces e as empadas bem gostosos.
e) Quem não admira o mar e seus encantos?

15. Corrija onde houver erro de colocação pronominal:

a) Quero que encontre-o imediatamente.
b) Não quero-lhe mal por isso.
c) Há pessoas que estimam-no demais.
d) Me diga onde poderei encontrar produtos aromatizantes.
e) Nunca levei-o a sério.

16. Escreva na ordem direta:

a) Remédios, os indígenas encontravam nas plantas.
b) Os avarentos, é certo que não aproveitam a vida.
c) De médico e de louco todos temos um pouco.
d) Durante aqueles breves momentos, rememorei toda a minha vida.
e) Considero valiosíssima a colaboração dos alunos.

17. Você acha que algo se modificou na segunda redação do exercício 16? Na ordem direta algo se perdeu? Justifique.

18. Coloque o pronome oblíquo antes ou depois do verbo, obedecendo às regras que orientam a colocação pronominal na norma culta.

a) Não levarei comigo! (a)
b) Espero que tenha dito a verdade. (lhe)
c) Ninguém assusta. (os)
d) Há muitos problemas que apavoram. (nos)
e) Sempre lembro daqueles dias maravilhosos. (me)

19. Faça como no exercício anterior.

a) Embora estime, está sempre repreendendo. (me, me)
b) Todos maltrataram, segundo diz. (o)
c) Já fizeram muitas perguntas sobre esse assunto. (nos)
d) Bem vê que você não conhece. (se, as)
e) Quando entregarão os resultados dos exames? (nos)
f) Diga só uma coisa: os amigos nunca haviam avisado do perigo? (me, o)

LEITURA
O inquérito

No dia seguinte foi o inquérito.

João Miguel ainda estava atordoado, meio tonto, quando Salu o escoltou até a pequena sala caiada, onde o delegado assistia, com a ordenança guardando a porta.

O escrivão, malvestido, magro, de cara vermelha grossa de espinhas, fazia a pena zumbir, monotonamente, como um inseto que fosse deixando a marca das patas em tinta roxa sobre a alvura das páginas do grande livro preto.

E foi um longo suplício esse inquérito, em que o delegado, defendido pelas figuras imóveis dos soldados de guarda, acastelado atrás da sua mesa carregada de papéis, o crivava de mil perguntas e ditava as respostas para o escrivão, de uma em uma, lançando devagar as palavras, como se, escorropichando cada sílaba da sombria história, mais aumentasse, mais enegrecesse o gesto do criminoso.

De repente, levantou os papéis, e de sob eles tirou uma faca de grossa bainha castanha.

O preso sentiu um baque no coração. Lentamente, o homem sacou fora da bainha a lâmina, que fulgurou à luz do dia, com um relâmpago branco de espelho.

Manchas escuras se espalhavam pela folha, cortando o brilho do aço. E, junto ao cabo, sob os dedos do delegado, que o seguravam indiferentes, uma crosta de sangue se agarrava ainda, teimosa, como o selo do crime.

O preso quase cambaleou ante aquela exibição que o cegava, enquanto o delegado, furando a madeira da mesa com a ponta da faca, continuava a perguntar:

— Reconhece como sua esta arma com que foi cometido o assassinato?

Ele apenas pôde baixar a cabeça. O homem insistiu na pergunta, até que o preso, afinal, conseguiu murmurar:

— Reconheço...

O delegado virou-se para o outro, que suspendera a pena, e machucava lentamente uma espinha inchada da cara:

— Senhor escrivão, lance a confissão do acusado.

Muito tempo depois, por fim satisfeito, o delegado o despediu com um conselho:

— Isto é para vocês se acostumarem a ter medida em cachaça... Veja você, um rapaz tão quieto, que nunca tinha dado uma entrada no xadrez...

O preso viu-se, afinal, a caminho da cela.

(Raquel de Queirós, *João Miguel*, in *Três Romances*, p. 134, José Olympio, Rio de Janeiro, 1957)

SINTAXE DE COLOCAÇÃO
Exercícios de exames e concursos
[Página 689]

EMPREGO DE ALGUMAS CLASSES DE PALAVRAS

1 ARTIGO

De modo geral, o artigo definido se aplica a seres conhecidos ou já mencionados e o indefinido a seres desconhecidos, indeterminados ou de que não se fez menção. Exemplo:

"*Um* dia, olhando para *o* quintal do vizinho, vi *um* rapaz que sorria para mim." (RIBEIRO COUTO)

▪ Artigo definido

▪ Dentre os nomes próprios geográficos, a língua atual distingue:

a) os que repelem o artigo:

Portugal, Roma, Atenas, Curitiba, Minas Gerais, Copacabana, etc.

b) os que exigem o artigo:

a Bahia, o Rio de Janeiro, o Porto, o Cairo, o Havre, a Argentina, as Canárias, os Açores, a Sicília, etc.

Diz-se, de preferência, *o Recife*.

Observação:

✓ Os locativos do primeiro grupo usam-se com o artigo sempre que vierem caracterizados por adjetivo, locução adjetiva, ou oração adjetiva: *o velho Portugal, a Roma dos Césares, a Atenas de Péricles, a soberba Catargo.*

"E passou a explicar como era *a Corumbá* em que nascera." (VIANA MOOG)

▪ Nomes próprios personativos são determinados pelo artigo quando usados no plural. Exemplos:

os Homeros, os Caxias, os Maias.

Anteposto a nomes de pessoas, o artigo denota intimidade e confere-lhes uma conotação familiar:

A Helena estuda à noite.

"E *o Costa* sempre lhano, risonho." (MACHADO DE ASSIS)

- O uso do artigo antes dos pronomes possessivos é, geralmente, livre:

Foi rápida *a sua passagem* (ou *sua passagem*) pelo Rio.

Seus planos (ou *os seus planos*) foram descobertos.

- Diz-se, sem o artigo:

Foram presos *todos três*.

"Era belo de verem-se *todos cinco* em redor da criança." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"... opinião desfavorável sobre *todas três*." (LIMA BARRETO)

"*Todas duas* eram bonitas e parecidas." (ARIANO SUASSUNA)

Mas com o artigo:

Foram presos *todos os três assaltantes*.

"... ficou *todos os três dias* no jornal." (LIMA BARRETO)

- Embora censurada por alguns gramáticos, é frequente, na língua atual, a anteposição do artigo *o* (como partícula de realce) ao advérbio *quanto* e ao pronome interrogativo *que*:

"Só agora via *o quanto* se enganara." (LÍGIA FAGUNDES TELLES)

"*O que* diria Deus daquilo tudo?" (JOSÉ LINS DO REGO, *apud* LUÍS CARLOS LESSA)

- O artigo e o numeral, antes dos substantivos *milhão*, *milhar* e *bilhão*, devem concordar no masculino:

Os dois milhões [e não *as dois*, nem *as duas milhões*] de árvores plantadas cresceram bem.

Os milhares de crianças que vivem nas ruas clamam por ajuda.

Haverá emprego para *os dois bilhões* de pessoas que podem trabalhar?

Observação:

✔ São viciosas construções como "*os* 1,1 milhão de servidores da União", "*os* 1,5 milhão de vítimas da guerra", "*os* 1,2 bilhão de chineses", etc., porque o numeral *um* não admite artigo. Com efeito, não se diz que alguém recusou *o* (ou *os*) *um* milhão de dólares pela sua casa, mas sim que recusou *um milhão* de dólares.

Omissão do artigo definido

Omite-se o artigo definido:

- antes de nomes de parentesco precedidos de possessivo:

"Vendeu Mariana as terras e deixou a casa *a sua tia*, que nascera nela e onde *seu pai* casara." (CAMILO CASTELO BRANCO)

Observação:

Às vezes a ênfase justifica a presença do artigo: "Viemos ver *o meu pobre irmão*." (CAMILO CASTELO BRANCO)

- antes das formas de tratamento, antes dos títulos honoríficos *dom* e *monsenhor*, bem como antes de *frei*:

"Engana-se *Vossa Senhoria*, disse o barbeiro." (MACHADO DE ASSIS)

"Travou-se acesa polêmica entre *Dom* Antônio de Macedo Costa e o Barão de Penedo." (HÉLIO VIANA)

Após a missa, *monsenhor* Gonçalves visitou um orfanato.

Para as crianças, *frei* Lucas era um pai.

- entre o pronome *cujo* e o substantivo imediato:

Há animais *cujo pelo* é liso. [E não: *cujo o pelo* é liso]

Afinal encontrei o livro *cuja capa* me havia fascinado.

- diante dos superlativos relativos, em frases como estas:

Ouvi *os mestres mais competentes*. [E não: *os mestres os mais competentes*]

Não lhe bastavam *as glórias mais embriagadoras*.

Observações:

✔ A repetição do artigo [*os* mestres *os* mais competentes, *as* glórias *as* mais embriagadoras] constitui, neste caso, um galicismo.

✔ Todavia, são de bom cunho as seguintes construções: *mestres os mais competentes, os mais competentes mestres, os mestres ainda os mais competentes:*

"Trinta milhões vivendo em níveis históricos *os mais contrastantes*." (VIANA MOOG)

"Neste fenômeno se patenteia a nobilitação que a singela prática do trabalho mais obscuro imprime nos caracteres *ainda os mais antipáticos*." (RAMALHO ORTIGÃO)

- frequentemente nos provérbios e máximas:

Pobreza não é vileza. *Tempo é dinheiro.*

- antes de substantivos usados em sentido geral ou indeterminado:

"Pra *queda* e *susto água fria é remédio*." (LUÍS JARDIM)

"Lera numa revista que *mulher* fica mais gripada que *homem*." (RICARDO RAMOS)

- em certas expressões como: *ouvir missa, declarar guerra, dar esmola, pedir perdão, pedir esmola, fazer penitência, a meu ver*, etc.

- diante da palavra *casa*, quando designa a residência, o lar da pessoa que fala ou de quem se trata:

Voltei *a casa*. Fui *para casa*. Venho *de casa*.

Saiu *de casa*. Foi *para casa*. Ficou *em casa*.

Observação:

✔ Todavia, se a palavra *casa* vier acompanhada de adjetivo ou locução adjetiva, antepõe-se-lhe, ordinariamente, o artigo:

João deixou *a casa paterna* ainda criança.

"... a costureira chegou *à casa da baronesa*." (MACHADO DE ASSIS)

"De tarde, arrastei-me até *a casa da preta velha*." (GASTÃO CRULS)

- antes de *terra* (em oposição a *bordo, mar*):

Alguns marinheiros ainda estavam em *terra*.

"Ele será o comandante das tropas holandesas quando em *terra*." (ASSIS BRASIL)

▪ O artigo e a crase

Convém recordar que a crase, resultante da contração da preposição *a* com os artigos *a, as,* só é possível diante das palavras femininas que admitem esses artigos.

▪ Artigo indefinido

Não obstante sua imprecisão, o artigo indefinido transmite ao substantivo grande força expressiva. Exemplos:

"... (o tigre) atirou-se como *um* estilhaço de rocha cortada pelo raio." (JOSÉ DE ALENCAR)

"Foi *uma* alegria, quando viu os pais." (RODRIGUES LAPA)

"Recomeçou a falar com *uma* calma que não sabia bem de onde vinha." (ANÍBAL MACHADO)

"Estou com *uma* fome..." (FERREIRA DE CASTRO)

Antepõe-se aos numerais para exprimir cálculo aproximado:

Fiquei esperando *uma* boa meia hora.

"Eu devia ter, por esse tempo, *uns* dezesseis anos." (RIBEIRO COUTO)

2 ADJETIVO

- O adjetivo aparece na frase como:

a) adjunto adnominal:

"O pranto orvalhou seu *lindo* semblante." (JOSÉ DE ALENCAR)

b) predicativo do sujeito:

"A repulsa de Bolívar foi *enérgica*." (MOACIR WERNECK DE CASTRO)

"Eram *sólidos* e *bons* os móveis." (MACHADO DE ASSIS)

c) predicativo do objeto:

"Achou a mãe *lépida, bem-disposta*." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

- Usa-se amiúde o adjetivo com valor de substantivo (adjetivo substantivado). Neste caso, antepõe-se-lhe o artigo. Exemplos:

O grito ecoou *no profundo* da mata. [*no profundo* = na profundeza]

"Tem nas faces *o branco* das areias que bordam o mar, nos olhos *o azul* triste das águas profundas." (José de Alencar)

"A paisagem, *num roxo* doloroso, se desdobra num pálio de ametista." (Olegário Mariano)

"Camilo achou-se diante de um longo véu opaco... pensou rapidamente *no inexplicável* de tantas coisas." (Machado de Assis)

"... comia pouco, mas estimava *o fino* e *o raro*." (Machado de Assis)

"Pessegueiros em flor tingem de opala *o verde* dos laranjais." (Viana Moog)

Inversamente, substantivos são às vezes usados como adjetivos:

O satélite *espião* detectou queimadas na Amazônia.

Após a explosão da bomba atômica, Hiroxima era uma cidade *fantasma*.

"Aí está o homem *anjo*." (Camilo Castelo Branco)

"O coração aqui no peito de Irapuã ficou *tigre*." (José de Alencar)

- Magnífico recurso estilístico é referir qualidades a substantivos abstratos em vez de a concretos. Exemplos:

Era angustiante a *monotonia cinzenta* da paisagem. [= paisagem *cinzenta* e *monótona*]

"Cesário teve medo da *tranquilidade* azul daqueles olhos." [= daqueles olhos *azuis* e *tranquilos*] (José Geraldo Vieira)

"Uma comoção profunda a pungiu, ante aquela *calma sofredora, suave*..." (Raquel de Queirós)

"Eduardo olhava por cima a *curiosidade agitada* de outros meninos." (Fernando Sabino)

Observe que, desse modo, se atribuem duas características a um ser. No último exemplo, *curiosidade agitada* dos meninos [= meninos *curiosos* e *agitados*].

- Comum é também usar-se o adjetivo no masculino singular, como advérbio:

Falemos *sério*. [= seriamente]

São pessoas *demasiado* crédulas.

"Matias sorriu *manso* e *discreto*." (Machado de Assis)

"Ela fugia com os olhos, ou falava *áspero*." (Machado de Assis)

"Os animais querem andar mais *ligeiro*." (Guimarães Rosa)

"Quando estavam *próximo* a um porto..." (Jorge Amado)

"A morte de Sílvia golpeou-a *fundo*." (Antônio Olavo Pereira)

"Os negociantes aguentavam *firme* no balcão até meia-noite." (Herberto Sales)

Outros exemplos de adjetivos adverbializados:

Falavam *alto*.	A porta estava *meio* aberta.
Tossia *forte*.	Compra *barato* e vende *caro*.
Raro a vemos.	*Breve* estarei lá.

O adjetivo adverbiado, geralmente invariável, às vezes concorda, por atração, com a palavra a que se refere:

"... finalmente paguei *cara* a curiosidade." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Estes homens rudes combatiam *meios* nus." (ALEXANDRE HERCULANO)

"Dona Eusébia entrou inesperadamente, mas não tão *súbita*, que nos apanhasse ao pé um do outro." (MACHADO DE ASSIS)

"Os cavaleiros galopam *rápidos* pela trilha estreita." (ASSIS BRASIL)

- As formas sintéticas dos superlativos são mais enfáticas que as analíticas e imprimem à ideia maior intensidade. Considerem-se estes exemplos:

"Naquele muro *aspérrimo* brotou uma flor descorada e sem cheiro." (MACHADO DE ASSIS)

"Pois assim sou esbulhado de um *sacratíssimo* direito?" (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Rio Branco morreu *pobríssimo*." (CARLOS DE LAET)

As formas diminutivas de certos adjetivos têm a força intensiva dos superlativos:

"Fui andando, sorrateiramente, *encostadinho* à parede." (MACHADO DE ASSIS)

Demos, anteriormente outras opções que a língua nos oferece para superlativar a ideia expressa pelo adjetivo. Convém recordá-las.

3 NUMERAL

- Para designar os números entre cem e duzentos, emprega-se a forma *cento*: *cento* e um reais, *cento* e vinte alunos.

Cem, forma contracta de *cento*, e como esta invariável, designa o número sucessivo a 99: *cem* anos, *cem* escolas.

- *Ambos*, feminino *ambas*, é número dual e significa *os dois*, *um e outro*:

Ambas as mãos estavam feridas.

"E como em *ambos* os reinos havia pecado, castigava-os Deus a *ambos*." (ANTÔNIO VIEIRA)

- Na designação dos séculos, reis e papas, usam-se os ordinais de um a dez e os cardinais de onze em diante. Exemplos:

Século V (*quinto*)	Século XX (*vinte*)
Pedro II (*segundo*)	Luís XV (*quinze*)
Pio X (*décimo*)	Pio XII (*doze*)

- Com referência ao primeiro dia do mês, usa-se o numeral ordinal:

"Outra missa foi celebrada no dia *1º de maio*, em terra firme." (JOÃO RIBEIRO)

Na designação dos outros dias do mês, emprega-se o cardinal:

D. João VI chegou ao Brasil *a* (ou *em*) *24* de janeiro de 1808.

"*A 2* de maio aprestaram-se para a partida." (JOÃO RIBEIRO)

"*Aos 21* de abril teve indícios de terra próxima." (JOÃO RIBEIRO)

- Na referência às páginas de um livro e nos endereços de apartamentos e casas de uma vila, usam-se os numerais cardinais:

Abri o livro na página *22*. [vinte e dois]

Apartamento *504*. Casa *2*. [dois]

- Diz-se corretamente:

Era *meio-dia e meia* (isto é, 12 *horas e meia*), e não *meio-dia e meio*.

- Não se usa o numeral *um* antes de *mil*.

Mil reais (e não *um mil reais*) é pouco.

Emprestei-lhe *mil* e seiscentos reais.

- Quando o sujeito da oração é *milhões*, seguido do substantivo feminino no plural, o particípio ou o adjetivo podem concordar, no masculino, com *milhões*, ou, por atração, no feminino, com o substantivo feminino:

Dois *milhões* de sacas de cereais estão ali *armazenados*. (ou *armazenadas*)

Foram *vacinados* cinco *milhões* de pessoas.

Os dois *milhões* de moedas serão *cunhados* (ou *cunhadas*) ainda neste ano.

- Os numerais multiplicativos *quíntuplo, sêxtuplo, sétuplo e óctuplo* usam-se também como substantivos para designar os indivíduos nascidos do mesmo parto. Exemplo:

Os quíntuplos ainda estão no berçário.

- Na linguagem afetiva e hiperbólica, usam-se certos numerais esvaziados do seu sentido próprio para exprimir número indeterminado, infinidade:

Durante a visita falou-se de *mil e uma* coisas.

"Na guerra os meus dedos disparam *mil* mortes." (Junqueira Freire)

"A vida tem uma só entrada: a saída é por *cem* portas." (Marquês de Maricá)

"Vá para os *seiscentos* diabos, inglês, que em negócio de amor lógica não entra!" (Luís Jardim)

4 PRONOMES PESSOAIS

Via de regra, os pronomes pessoais retos empregam-se como sujeitos, e os oblíquos como objetos ou complementos. Exemplo:

Ele	me	defende.
sujeito	*objeto direto*	*verbo*

- Contudo, as formas retas *ele(s), ela(s), nós, vós* também se usam com função objetiva, mas regidas sempre de preposição. Exemplos:

Pagarei *a ele mesmo*.

Lutei *contra ele*.

Atiraram *contra nós*.

Confio *em vós*.

Foi uma cena inédita; os que *a ela* assistiram ficaram impressionados.

"As suas palavras perderam-se no ar, ninguém deu atenção *a elas*." (Viriato Correia)

- Na linguagem coloquial informal, podem-se usar as formas pronominais retas como objetos diretos quando precedidas de *todos* ou *todas* ou acompanhadas de numeral:

Eu trouxe *todos eles* comigo.

Vi *todas elas* entrando na água.

"Quando crescêssemos mais ele ia pôr *nós dois* para amansar burro bravo." (José J. Veiga)

Na língua culta se dirá:

Eu *os trouxe* (ou *trouxe-os*) *todos* comigo. Eu *as vi todas* entrando na água.

Ele *nos iria* pôr *aos dois* para amansar burro bravo.

- As formas *o, a, os, as* empregam-se como objetos diretos:

Ninguém *o* agrediu. As crianças *os* seguiam.

Se *a* vejo triste, consolo-*a*. Os homens *as* admiram.

Observação:

✔ Eventualmente, podem esses pronomes funcionar como sujeito de uma oração infinitiva, como no exemplo:

Mande-o entrar.

[*Mande:* oração principal; *o entrar:* subordinada objetiva direta; *o:* sujeito]

- As formas átonas *lhe, lhes* usam-se como objetos indiretos:

Cedo-*lhe* a vez. Não *lhe* pagou a dívida.

Obedece-*lhes* com alegria. Ensinei-*lhes* o caminho.

- Os pronomes *me, te, se, nos, vos* são objetos diretos ou indiretos, conforme o verbo for transitivo direto ou transitivo indireto:

Objeto direto	**Objeto indireto**
Ele *me* estima.	Ele *me* obedece.
Todos *te* esperam.	Cedo-*te* o lugar.
A criança feriu-*se*.	Dá-*se* ares de importante.
Ele *nos* convidou.	Perdoe-*nos*.
Eu *vos* louvo.	Pergunto-*vos*: o que diz a lei?

- As formas tônicas *mim, ti* e *si* são sempre regidas de preposição:

Ela sentou-se *entre mim* e Lúcio.

Ele estava *entre* Nair e *mim*.

Podes viver *sem mim*, não posso viver *sem ti*.

Ele venceu *por si* mesmo.

Eles discutiam *entre si*, mas não brigavam.

O estrondo chegou *até mim*.

"... *entre mim* e *ti* está a cruz ensanguentada do Calvário." (Alexandre Herculano)

5 EU OU MIM?

- Observe o uso correto destes pronomes:

Ele deu o livro *para mim*.

Ele dera o livro *para eu* guardar. [E não: *para mim* guardar]

Não é difícil, *para mim*, ir lá. [*Para mim*, não é difícil ir lá.]

Fizeram tudo *para eu* ir lá. [*para eu ir lá* = para que eu fosse lá]

Ela chegou até *mim*.

Não vá *sem mim*.

Não vá *sem eu* mandar. [*sem eu mandar* = sem que eu mande]

"Não vá *sem eu* lhe ensinar a minha filosofia da miséria." (MACHADO DE ASSIS)

Note bem: emprega-se o *eu* quando for sujeito de um verbo no infinitivo, e *mim* quando complemento, ou adjunto adverbial.

- Os pronomes reflexivos *si* e *consigo*, para serem usados de acordo com a norma culta da língua, devem referir-se ao sujeito da oração. Exemplos:

O *egoísta* só pensa em *si*. [*si* refere-se ao sujeito *egoísta*]

Marcos levou a filha *consigo*. [*consigo* refere-se ao sujeito *Marcos*]

Os chefes reservaram os melhores lugares para *si*.

É óbvio que o *réu* não vai depor contra *si* próprio.

Você deve é cuidar de *si* e deixar os outros em paz.

O *criminoso* prejudica os outros e a *si* próprio.

O *senhor* guarde o recibo *consigo*.

O *vento* traz *consigo* a tempestade.

Lúcia gostava de usar o vestido que a *mãe* fizera para *si* mesma.

Inácio queria aquele importuno bem longe de *si*.

Passaram os *vândalos*, deixando após *si* destruição e lágrimas.

"... quantos não vale a [casa] que *você* deseja para *si*? (MACHADO DE ASSIS)

"*Ele* tem diante de *si* um velho inimigo." (ASSIS BRASIL)

- Em frases como as citadas no parágrafo anterior, não se deve usar *ele*, *ela*, em vez de *si*:

Marcos levou a filha *com ele*. (errado)

Marcos levou a filha *consigo*. (certo)

Ele tem *diante dele* um velho inimigo. (errado)

Ele tem *diante de si* um velho inimigo. (certo)

- São consideradas incorretas frases em que *si* e *consigo* não se referem ao sujeito da oração, como estas:

Eu tenho um recado para *si*, Regina.

[*eu*: 1ª pessoa; *si*: 2ª pessoa]

Mestre, nós queremos falar *consigo*.

[*nós*: 1ª pessoa; *consigo*: 2ª pessoa]

Segundo o padrão culto, as construções corretas são:

Eu tenho um recado para *você*, Regina.

Mestre, nós queremos falar com o *senhor*.

- Todavia, não nos parece condenável, na linguagem coloquial, o emprego de *si* e *consigo* sem caráter reflexivo, desde que tais pronomes não comprometam a clareza da frase. Entre outras razões, por serem mais cômodos, e às vezes mais adequados que os tratamentos *você* e o *senhor*. Exemplos:

"Se com a roleta empenada ainda der o 17 – e o senhor bem sabe que é impossível dar –, eu concordarei *consigo*." (Jorge Amado)

"Ora, isto é que eu não esperava de *si*, senhor Eduardo." (Camilo Castelo Branco)

"O caso é mesmo delicado para *si*, dada sua situação anterior." (Amando Fontes)

- Em vez de *conosco, convosco*, diz-se *com nós, com vós*, sempre que esses pronomes vierem acompanhados de palavra determinativa, como *próprios, mesmos, outros, todos*, etc.

Com nós outros isso não acontece.

Falei *com vós mesmos*.

O barco virou *com nós três*.

- As sequências pronominais *se o, se a, se os, se as* sempre foram condenadas pelos gramáticos e repelidas pelos bons escritores. Não se deve dizer, portanto:

Teu livro é bom, mas não *se o* encontra em parte alguma.

Os erros não *se os* cometem impunemente.

Roupa fica mais limpa quando *se a lava* com sabão.

As aves são livres, não *se as deve prender*.

As construções corretas são:

Teu livro é bom, mas não *se encontra* (ou *não é encontrado*) em parte alguma.

Os erros não *se cometem* impunemente.

Roupa fica mais limpa quando *se lava* (ou *quando lavada*) com sabão.

As aves são livres, não *se deve prendê-las*.

- Os pronomes oblíquos substituem muito elegantemente os possessivos em frases como as seguintes:

O barulho perturba-*me* as ideias. [O barulho perturba *as minhas ideias*.]

Ninguém *lhe* ouvia as queixas. [Ninguém ouvia as *suas queixas*.]

O vento *nos* despenteava os cabelos. [O vento despenteava os *nossos cabelos*.]

"A borboleta pousou-*me* na testa." (Machado de Assis)

"Laura acariciou-*lhe* o queixo num gesto vacilante." (Lígia Fagundes Telles)

"O lábio crispou-se-*lhe* num riso de maldade." (Olavo Bilac)

"Senti os olhos encherem-se-*me* de lágrimas." (Herberto Sales)

"O terror *lhes* contorce subitamente as faces." (Érico Veríssimo)

6 CONTRAÇÃO DOS PRONOMES OBLÍQUOS

Os pronomes oblíquos *me, te, lhe, nos, vos, lhes* contraem-se com os pronomes átonos *o*[1], *a, os, as*, da seguinte maneira:

me	+	o: *mo*	te	+	o: *to*	lhe	+	o: *lho*
me	+	a: *ma*	te	+	a: *ta*	lhe	+	a: *lha*
me	+	os: *mos*	te	+	os: *tos*	lhe	+	os: *lhos*
me	+	as: *mas*	te	+	as: *tas*	lhe	+	as: *lhas*
nos	+	o: *no-lo*	vos	+	o: *vo-lo*	lhes	+	o: *lho*
nos	+	a: *no-la*	vos	+	a: *vo-la*	lhes	+	a: *lha*
nos	+	os: *no-los*	vos	+	os: *vo-los*	lhes	+	os: *lhos*
nos	+	as: *no-las*	vos	+	as: *vo-las*	lhes	+	as: *lhas*

Exemplos:

Recebi os livros e gratifiquei o rapaz que *mos* entregou.

Se ele pedir a moto, eu *lha* emprestarei.

"Meu pai, que *mas* impôs inexoravelmente, considerava-as maravilhas." (VIVALDO COARACI)

"Punha a cereja, e a rir *ma* ofertava sem pejo." (RAIMUNDO CORREIA)

"O coração humano tem seus abismos e às vezes *no-los* mostra com crueza." (CIRO DOS ANJOS)

"Comeríamos à mesa, se *no-lo* ordenassem as escrituras." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

O que os santos têm de mais sagrado são os pés. Por isso os antigos fiéis *lhos* beijavam." (MÁRIO QUINTANA)

Observação:

✔ O emprego desses conglomerados pronominais restringe-se à língua escrita, nas modalidades literária e científica. Em geral, os autores brasileiros de hoje os evitam, dado o artificialismo de tais contrações.

▪ Registrem-se alguns casos curiosos de emprego expressivo dos pronomes oblíquos:

Não *me* toque nessa pasta.

Leve-*me* esse homem para fora.

Não *me* venhas com desculpas.

"No dia seguinte, entra-*me* em casa o Cotrim." (MACHADO DE ASSIS)

"Como eu tivera bons começos de música, os papéis *me* eram fáceis." (RIBEIRO COUTO)

As coisas não *lhe* saíram como esperava.

Observação:

✔ Nos três primeiros exemplos, o pronome *me* denota interesse e é expletivo: portanto, sem função sintática.

(1) Pronome pessoal ou pronome demonstrativo.

7 O PRONOME *SE*

O pronome *se* aparece na frase como:

- pronome reflexivo, com a função sintática de objeto direto de verbos reflexivos:

Se você está doente, *trate-se*.

"A verdade é que o marinheiro não *se matou*." (MACHADO DE ASSIS)

"Os monges budistas *se imolam* em praça pública." (JOSÉ CARLOS OLIVEIRA)

"Tibério fez um rápido exame de consciência e *achou-se* culpado." (ÉRICO VERÍSSIMO)

- pronome reflexivo, com a função de objeto indireto de verbos reflexivos:

Ele *arroga-se* o direito de intervir. [se = *a si*]

Ela *impôs-se* uma dieta severíssima.

O rapaz *dá-se* muita importância.

Eles *atribuem-se* qualidades que não têm.

- pronome reflexivo, com a função de objeto direto de verbos reflexivos recíprocos:

Os dois *amam-se* como irmãos. [um ama *o outro*]

"Os repórteres *entreolharam-se* em silêncio." (ÉRICO VERÍSSIMO)

"Os dois homens *cumprimentaram-se* friamente." (MACHADO DE ASSIS)

"Os elegantes *acotovelam-se* nos corredores." (FRANÇA JÚNIOR)

- pronome reflexivo e objeto indireto de verbos reflexivos recíprocos:

Os dois jovens *deram-se* provas de profunda amizade.

Avó e neta *queriam-se* muito. [uma queria muito *à outra*]

Os dois escritores *se corresponderam* durante 40 anos.

- pronome reflexivo, sujeito de um infinitivo:

O cego deixa-*se* levar pelo guia." [*se*: sujeito de *levar*]

"Sofia deixou-*se* estar à janela." (MACHADO DE ASSIS)

"Deixou-*se* estar alguns meses em Curaçau, amadurecendo o projeto." (MOACIR WERNECK DE CASTRO)

- pronome apassivador. Forma a voz passiva pronominal, juntando-se a verbos transitivos:

"Ainda *se viam* ali carros carregados de madeira." (HERBERTO SALES)

"Justo é que *se deem* todas as honras a um personagem tão desprezado." (MACHADO DE ASSIS) [*se deem* = sejam dadas]

Sabe-se que as línguas evoluem.

"Jabuticaba *chupa-se* no pé." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

"Antes de *se batizarem* os gentios, *batizou-se* a terra encontrada." (MANUELA CARNEIRO DA CUNHA)

Devolveram-se as terras aos legítimos donos.

- índice de indeterminação do sujeito:

Aqui *se vive* em paz. *Pode-se* andar, sem medo, pela cidade.

Ali *trabalhava-se* com prazer.

Detesta-se aos aduladores.

Responde-se às cartas dos leitores.

Para que a obra fique pronta, é preciso que *se espere* ainda dois anos.

Trata-se de indivíduos aproveitadores.

Acabe-se com esses abusos!

Precisa-se de operários especializados.

Raro é o dia em que não *se assiste* a essas tristes cenas.

A vida é tão leve quando *se está* contente!

Nesse caso, o verbo concorda obrigatoriamente na 3ª pessoa do singular.

Na língua culta, não se usa o popular *você* em lugar de *se*, para indeterminar o sujeito. Diga-se, portanto:

Antigamente *podia-se* (e não *você podia*) andar sem medo pela cidade.

Quando *se está* (e não quando *você está*) feliz, a vida fica mais leve.

"Quando *se é* o homem mais rico das redondezas, mais vale se prevenir." (NÉLIDA PIÑON)

- Palavra expletiva ou de realce. Neste caso o pronome *se*, sem ser rigorosamente necessário, transmite à ação verbal mais vigor, ênfase, ou certa espontaneidade:

As moças *sorriam-se*, agradecidas. [As moças sorriam, agradecidas.]

"*Vai-se* a primeira pomba despertada..." (RAIMUNDO CORREIA)

"O auditório *riu-se* ao ouvir tantas afirmações tolas." (*AURÉLIO*)

No caso em apreço, o pronome *se*, não tendo valor gramatical, mas apenas estilístico, não exerce função sintática.

- Parte integrante de verbos que exprimem sentimentos, mudança de estado, movimento, etc., como *queixar-se, arrepender-se, alegrar-se, converter-se, afastar-se* e outros verbos pronominais.

O *se* que se associa a esses verbos não tem função sintática.

8 PRONOMES POSSESSIVOS

- Os possessivos *seu(s)*, *sua(s)* tanto podem referir-se à 3ª pessoa [*seu* pai = o pai *dele*], como à 2ª pessoa do discurso [*seu* pai = o pai *de você*].

Por isso, toda vez que os ditos possessivos derem margem a ambiguidade, devem ser substituídos pelas expressões *dele(s)*, *dela(s)*:

Você bem sabe que eu não sigo a opinião *dele*.

"A opinião *dela* era que Camilo devia tornar à casa *deles*." (MACHADO DE ASSIS)

"Eles batizaram com o nome *delas* as águas deste rio..." (TIAGO DE MELO)

- Os possessivos devem ser usados com critério. Substituí-los pelos pronomes oblíquos comunica à frase desenvoltura e elegância:

"Crispim Soares beijou-*lhe* as mãos agradecido." (MACHADO DE ASSIS) [Em vez de: beijou as *suas* mãos]

"Não *me* respeitava a adolescência..." (MACHADO DE ASSIS)

"A repulsa estampava-se-*lhe* nos músculos da face." (FERNANDO NAMORA)

"O vento vindo do mar acariciava-*lhe* os cabelos." (JOSÉ MAURO DE VASCONCELOS)

- Além da ideia de posse, podem ainda os possessivos exprimir:

a) cálculo aproximado, estimativa:

Ele poderá ter *seus* quarenta e cinco anos.

b) familiaridade ou ironia, aludindo-se à personagem de uma história:

O *nosso* homem não se deu por vencido.

"Chama-se Falcão o *meu* homem." (MACHADO DE ASSIS)

c) o mesmo que os indefinidos *certo, algum*:

Será ele um homem íntegro? Eu tenho cá *minhas* dúvidas.

Cornélio, como sabemos, teve *suas* horas amargas.

d) afetividade, cortesia:

Como vai, *meu* menino?

"Não os culpo, *minha* boa senhora, não os culpo." (JOÃO CARLOS MARINHO)

- No plural se usam os possessivos substantivados no sentido de *parentes, família*:

"É assim que um moço deve zelar o nome dos *seus*?" (MACHADO DE ASSIS)

- Podem os possessivos ser modificados por um advérbio de intensidade:

"Levaria a mão ao colar de pérolas, com aquele gesto *tão seu*, quando não sabia o que dizer." (LÍGIA FAGUNDES TELES)

- Quando desnecessários, omitem-se os pronomes possessivos, principalmente antes de nomes de partes do corpo:

Estendi *o braço* para apanhar a flor.

Enxugou com *a mão* uma lágrima indiscreta.

9 PRONOMES DEMONSTRATIVOS

- De modo geral, os demonstrativos *este(s), esta(s), isto* se aplicam às pessoas ou coisas que se acham perto da pessoa que fala ou lhe dizem respeito; ao passo que *esse(s), essa(s), isso* aludem a coisas que ficam próximas da pessoa com quem se fala ou a ela se referem. Exemplos:

Leve *este* livro para você.

Esta é a minha opinião.

Não sei onde andas com *essa* cabeça!

"Praxinoa, *esse* teu vestido de pregas te vai muito bem." (CECÍLIA MEIRELES)

Isto (que eu tenho) é o que há de melhor.

Isso (que dizes) não me parece certo.

"Campanhas de vacinação sempre provocaram resistência, mas *isso* era antigamente." (JOÃO UBALDO RIBEIRO)

- Usa-se *nisto* adverbialmente, como sinônimo de *nesse momento, nesse entretempo*:

"*Nisto* deu o vento e uma folha caiu." (MONTEIRO LOBATO)

- Não raro, os demonstrativos aparecem na frase, em construções redundantes, com finalidade expressiva, para salientar algum termo anterior:

"Bernardina, *essa* é que dera em cheio casando com o Manuel da Ventosa." (ALEXANDRE HERCULANO)

"A estrada do mar, larga e oscilante, *essa*, sim, o tentava." (JORGE AMADO)

"Ora o povo, *esse* o que precisa é saber que existe Deus." (CAMILO CASTELO BRANCO)

Subindo pelo vale do Itajaí, alcançamos Brusque e, depois, Blumenau, cidades *essas* que nos impressionaram pela sua avançada indústria fabril.

Ter sede e não poder beber, *isso* é que é atroz!

- O pronome demonstrativo neutro *o* pode representar um termo ou o conteúdo de uma oração inteira, caso em que aparece, geralmente, como objeto direto, predicativo ou aposto. Exemplos:

Ia dizer-lhe umas palavras duras, mas não *o* fiz.

Quiseram gratificar-me, o que me deixou constrangido.

"*Ninguém teve coragem de falar* antes que ela *o* fizesse." (JOSÉ CONDÉ)

"*Era uma bela ponte*, ele próprio *o* reconhecia." (ANÍBAL MACHADO)

"*Era meu* o universo; mas, ai triste! Não *o* era de graça." (MACHADO DE ASSIS)

"*Se lagoa existiu*, pouca coisa *o* indica." (POVINA CAVALCÂNTI)

"Dirás que sou *ambicioso*? Sou-*o* deveras, mas..." (MACHADO DE ASSIS)

"*O jantar ia ser um desastre*. Todos *o* pressentiam." (FERNANDO NAMORA)

- Para evitar a repetição de um verbo anteriormente expresso, é comum empregar-se, em tais casos, o verbo *fazer*, chamado, então, verbo *vicário* (= que substitui, que faz as vezes de). Exemplos:

Ia dizer-lhe umas palavras duras, mas não *o* fiz.

Ele ajudava os pobres e *o fazia* sem alarde.

"O jornal informa e *o faz* corretamente, afirmava, vitorioso, o editorial." (JORGE AMADO)

- Vimos que as preposições *a, de* e *em* podem contrair-se com o pronome demonstrativo *o*. Veja mais estas abonações:

"*Do* que gostamos é de vinhaça e viola." (EÇA DE QUEIRÓS)

Sabemos *no* que resultam essas campanhas.

"Cada qual nutre a esperança de trazê-lo pelo cabresto. *No* que se enganam redondamente." (CIRO DOS ANJOS)

- Diz-se corretamente:

Não sei *que* fazer. Ou: Não sei *o que* fazer.

Mas, se se empregar um dos pronomes *mais, muito, pouco, nada*, antes do *que*, não terá cabimento o pronome *o*:

Tenho *muito* (ou *mais*) *que* fazer. [E não: Tenho *muito o que* fazer.]

"Bolívar ainda tinha *muito que fazer* em terras americanas." (MOACIR WERNECK DE CASTRO)

Havia *pouco que* acrescentar.

Não havia *nada que* comer.

- Em frases como a seguinte, *este* refere-se à pessoa mencionada em último lugar, *aquele* à mencionada em primeiro lugar:

"O referido advogado e o Dr. Tancredo Lopes eram amigos íntimos: *aquele* casado, solteiro *este*." (VALENTIM MAGALHÃES) [ou então: *este* solteiro, *aquele* casado]

- O pronome demonstrativo *tal* pode ter conotação irônica:

"A senhora foi *a tal* que usou minha cozinha?" (EDY LIMA)

- *Desses* e *dessas* equivalem a *desse gênero, tais,* em frases como:

Hoje, não se fazem mais *desses* aparelhos.

"A vida opressiva do mato exige *dessas* compensações." (CASSIANO RICARDO)

10 PRONOMES RELATIVOS

- O antecedente do pronome relativo *que* pode ser nome de coisa ou de pessoa, ou o demonstrativo *o*, ou outro pronome. Exemplos:

Há *coisas que* aprendemos tarde.

"Vi-a falar com desdém, e um pouco de indignação, da *mulher* de *que* se tratava, aliás sua amiga." (MACHADO DE ASSIS)

"Bendito *o que*, na terra, o fogo fez, e o teto." (OLAVO BILAC)

O relativo *que* às vezes equivale a *o que, coisa que,* e se refere a uma oração:

"Não chegou a ser padre, mas não deixou de *ser poeta, que* era a sua vocação natural." (MACHADO DE ASSIS)

- Conforme vimos, numa série de orações objetivas coordenadas, pode ocorrer a elipse do relativo *que*:

"A sala estava cheia de gente que conversava, *ria, fumava*." (LÚCIO DE MENDONÇA)

- O relativo *quem* é sempre regido de preposição e, na língua moderna, se refere exclusivamente a pessoas ou coisas personificadas:

Não há pessoa estranha *diante de quem* ela não fique inibida.

O funcionário *por quem* fui atendido mostrou-se gentil.

"São amiguinhas *a quem* quero bem." (VIVALDO COARACI)

Ao encontro malsoante *sem quem* deve-se preferir *sem o qual*:

Estávamos esperando Otávio, *sem o qual* não podíamos sair.

- *Cujo* (e suas flexões) é pronome adjetivo e equivale a *do qual, da qual, dos quais, das quais*:

O cavalo é um animal *cujo* pelo é liso. [= o pelo *do qual* é liso]

As abelhas, *cuja* operosidade é proverbial, vivem em colmeias.

Há na selva milhares de plantas *cuja* seiva é benéfica à vida humana.

No colégio tive muitos amigos, de *cujos* nomes nem me lembro mais.

Incentivemos a agricultura, de *cujos* produtos não podemos prescindir.

Podemos conviver com pessoas de *cujas* ideias discordamos.

O substantivo determinado por este pronome não virá precedido do artigo: *cujo pelo* (e não *cujo o pelo*), *cuja operosidade* (e não *cuja a operosidade*), *cujos nomes* (e não *cujos os nomes*).

- Erro grosseiro é usar *cujo* em vez de *que* ou *o qual*, como na frase:

Saía da caverna um ruído estranho, *cujo* me assustou. (errado)

Saía da caverna um ruído estranho, *que* me assustou. (certo)

- Não menos grosseiro é o erro inverso, que consiste em substituir *cujo* por *de quem* ou *do qual*:

No colégio tive muitos amigos *de quem* nem me lembro mais dos nomes.

Incentivamos a agricultura, *da qual* não podemos prescindir dos produtos.

Podemos conviver com pessoas *de quem* discordamos das ideias.

- O relativo *o qual* (e suas flexões), principalmente quando regido da preposição, pode substituir o pronome *que*:

É um passado extinto e *de que* (ou *do qual*) ninguém se lembra.

Eis o magno problema *por que* (ou *pelo qual*) me bato.

"Fizeram-lhe graves acusações, *das quais* ele se defendeu com hombridade e energia." (Carlos de Laet)

- Por clareza usa-se *o qual* em vez de *que*, quando este vier distanciado de seu antecedente, ensejando falsos sentidos:

Regressando de Ouro Preto, visitei o sítio de minha tia, *o qual* me deixou encantado.

"Numa quinta para lá da encosta, houve uma reunião de famílias de Lisboa, *à qual* fui convidado." (Camilo Castelo Branco)

"Fora ele, enfim, que negociara a trégua dos doze anos, *a qual* deu a Holanda a época da sua maior prosperidade, da sua maior riqueza." (Ramalho Ortigão)

"À esquerda acham-se as prateleiras forradas de linho alvejante, *sobre as quais* se ostentam os queijos ainda frescos, retirados das formas." (Ramalho Ortigão)

Como se vê dos exemplos precedentes, o pronome relativo *o qual* aparece, geralmente, em orações adjetivas explicativas, e, por ser palavra tônica, é reclamado para imprimir à frase ritmo e harmonia.

- As preposições *ante, após, até, desde, durante, entre, perante, mediante, segundo* (vale dizer, preposições com duas ou mais sílabas), bem como as monossilábicas *sem* e *sob* e todas as locuções prepositivas, constroem-se com o pronome *o qual* e nunca com o pronome relativo *que*. As preposições *contra, para* e *sobre* usam-se, de preferência, com o pronome *o qual*. Exemplos:

Perguntei-lhe quantos eram os temas *sobre os quais* ele devia falar.

"Teve então início um breve cerimonial contábil, *durante o qual* só se ouvia o ruído da pena arranhando o papel." (Herberto Sales)

"E havia a grande mangueira *sob a qual* um grupo de crianças tranquilamente ouvia as histórias que uma mulher contava." (CECÍLIA MEIRELES)

"Observava a presença de pequeníssimos corpúsculos, *sem os quais* a água perdia aquelas propriedades fosforescentes." (CECÍLIA MEIRELES)

"Dizia Napoleão que sempre há algum artigo de lei *em virtude do qual* se pode mandar enforcar um cidadão, sendo necessário." (CIRO DOS ANJOS)

"Glória e Gabriela ficaram, pois, com as damas, *entre as quais* se achava uma bela e jovem senhora que se chama Berta..." (CIRO DOS ANJOS)

"Tinha a ciência da economia doméstica, *mediante a qual* sabia despender utilmente, sem faltas nem sobras." (MACHADO DE ASSIS)

"E Luísa estaria presente – a última testemunha *perante a qual* ele seria insensível ao vexame." (FERNANDO NAMORA)

"Havia também um tanque, *em torno do qual* a empregada se agitava." (LEANDRO TOCANTINS)

"Esta é uma cidade *sobre a qual* se perdeu todo o controle." (IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO)

- As preposições monossilábicas *a, com, de, em* e *por*, quando iniciam orações adjetivas restritivas, empregam-se, de preferência, com o pronome *que*:

A moça [*a que* me refiro] não é desta cidade.

Não encontrei os livros [*de que* precisava].

O atalho [*por que* passamos] atravessava a mata.

- Como já vimos anteriormente, os pronomes relativos vêm precedidos de preposição (ou locução prepositiva) quando o verbo da oração adjetiva a reclamar. Exemplos:

Ainda me lembro dos passeios *a que* ele me levava. [*levar a* um lugar]

São muitas as pessoas *de quem* dependemos. [*depender de* alguém]

O processo terapêutico caiu em desuso, motivo *por que* hoje poucos o conhecem.

"Vou hoje saber o preço *por que* o vendeu." (MACHADO DE ASSIS)

"... árvore fatal *a cuja* sombra adormecemos indolentes." (CARLOS DE LAET)

"A vista é o sentido *através do qual* mais ofendidas são as nossas ideias estéticas." (VIVALDO COARACI)

"... parecia uma múmia viva, *no fundo de cujas* órbitas se houvessem enxertado os olhos lustrosos e limpos dum homem de trinta anos." (ÉRICO VERÍSSIMO)

Observações:

✔ Como vimos, *onde*, como pronome relativo, refere-se a um antecedente, equivale a *em que, no qual*, e pode vir regido de preposição:

O rio *onde* pescam está poluído.

O caminho por *onde* passamos é muito perigoso.

✔ Distinga-se *por que* [= pelo qual] de *porque* [conjunção] e de *por que* [advérbio]:

Foi amarga a experiência *por que* passei. Não fui *porque* chovia. *Por que* chora?

11 PRONOMES INDEFINIDOS

Eis o que convém saber acerca do emprego de certos pronomes indefinidos:

- **algum**

Anteposto ao substantivo, tem significação positiva; posposto apresenta valor negativo:

Algum amigo os traiu. [= um amigo]

Amigo *algum* os traiu. [= nenhum amigo]

Em hipótese *alguma* admitirei isto. [*alguma* = nenhuma]

"Você, afinal, é que não mudou em coisa *alguma*." (FERNANDO NAMORA)

"O homem não é integralmente feliz em parte *alguma* do mundo." (FERREIRA DE CASTRO)

- **cada**

Pode apresentar-se na frase com valor:

a) distributivo:

Cada livro custou dez dólares!

Lúcia visita os pais *cada* três meses.

b) intensivo:

Lá na cidade tem *cada* moça bonita!

"Dentão grande, pezão grande, *cada* unha!" (GRACILIANO RAMOS)

De modo geral, não é necessário empregar a preposição *a* antes de *cada*, em adjuntos adverbiais de tempo. Exemplos:

É preciso adubar a terra *cada* ano. Ana compra roupas *cada* seis meses.

Os preços aumentavam *cada* dia. Esse risco nos ameaça *a cada* instante.

A forma correta é *cada um(a)*, e não simplesmente *cada*, em frases como:

Os livros custaram dez reais *cada um*.

As máquinas custaram dois mil reais *cada uma*.

- **demais**

Significa *os outros, os restantes*:

Dos quadros que fiz só tenho dois; os *demais* eu vendi.

Observação:

✔ Não confundir o pronome indefinido *demais* com o advérbio de intensidade *demais* (Comeu *demais*), nem com a locução adverbial *de mais* (Não fez nada *de mais*), ou com a palavra continuativa *demais* (além disso): João relutou em saldar o débito; *demais* (ou *demais disso*), ele pagou fora do prazo.

- **menos, mais**

a) *Menos* é invariável:

É preciso gastar *menos* água. [e não: *menas água*]

Na roseira, há menos rosas do que espinhos. [e não: *há menas rosas*]

b) *Mais* significa *muitos, uma infinidade,* em frases como:

Os índios avançavam, atirando flechas e *mais* flechas.

▪ nenhum

Posposto ao substantivo, aviva a negação:

"Seu Ivo não mora em parte *nenhuma*". (GRACILIANO RAMOS)

Cumpre distinguir *nenhum* de *nem um*:

Não recebeste *nenhum* elogio? [= elogio algum]

Não recebi *nem um* elogio. [*sequer um elogio*]

▪ certo

Antepõe-se a um substantivo, podendo, em alguns casos, vir precedido do artigo *um*:

Tinha *certo* ar de superioridade.

Chegamos ao sítio de *um certo* Eufrásio.

▪ qual

Como pronome indefinido, tem o sentido de *cada qual*:

"Em seguida desceram, e já não eram dois, mas sim dez meninos, *qual* mais fagueiro, e todos diziam que iam acabar com a ratazana." (LUÍS HENRIQUE TAVARES)

▪ qualquer

O plural deste pronome é *quaisquer*:

Executamos *quaisquer* serviços.

- Pode apresentar-se com sentido depreciativo:

"A intenção dele é mostrar que não é criado de *qualquer*." (MACHADO DE ASSIS)

▪ todo

Modernamente, costuma-se distinguir *todo* [= cada, qualquer] e *todo o* [= inteiro, completo]:

Li *todo o* livro. [= o livro *todo* ou *inteiro*]

Lia *todo* livro que encontrasse. [= *cada* ou *qualquer* livro]

- Usa-se como advérbio, no sentido de *completamente*, mas geralmente flexionando-se em gênero e número:

Os ipês estavam *todos* floridos.

A roupa estava *toda* molhada.

As alunas iam *todas* alegres.

- Todavia, também é lícita a forma invariável:

As ruas ficaram *todo* alagadas.

Os picos estavam *todo* cobertos de neve.

- **Tudo**

Pode-se dizer, indiferentemente, *tudo que* ou *tudo o que*:

Esqueça *tudo que* ficou atrás. Nem *tudo que* brilha é ouro.

Esqueça *tudo o que* ficou atrás. Nem *tudo o que* brilha é ouro.

12 ADVÉRBIO

- Os advérbios modificam o verbo, o adjetivo ou outro advérbio, conforme já vimos.

São anômalos e raríssimos os casos em que advérbios de intensidade se referem a um substantivo ou pronome, desempenhando a função de reforço enfático. Exemplos:

Aquele gesto *tão seu* encantava-me.

"Você ignora que quem os cose sou eu, e *muito eu*?" (MACHADO DE ASSIS)

"O vento era *todo malícia*." (ANÍBAL MACHADO)

- Os advérbios são, na sua generalidade, invariáveis. Alguns, porém, recebem as flexões de grau:

"Deveria ser *muitíssimo* longe." (MACHADO DE ASSIS)

"Foi vítima dum animalzinho *muitíssimo* menor." (MONTEIRO LOBATO)

Na linguagem afetiva usam-se as formas diminutivas dos advérbios com a ideia de intensidade, à maneira de superlativos:

"Amanhã espero você para brincar, *de tardinha*." (HELENA SILVEIRA)

"Há um amigo ali *pertinho*..." (ANÍBAL MACHADO)

"Tinha a impressão de que Zito estava dirigindo o país *direitinho*." (ANÍBAL MACHADO)

"Assis é *assinzinha*, do tamanho de uma concha." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

- Numa série de advérbios terminados em *-mente*, em geral só o último toma esse sufixo:

"Por que são fortes *econômica* e *militarmente*?" (ÉRICO VERÍSSIMO)

"Abalado *física, moral* e *espiritualmente*." (OTTO LARA RESENDE)

"*Velada* ou *abertamente*, falavam-me então dos tais fabulosos tratamentos." (FERNANDO NAMORA)

- Por ênfase, repete-se às vezes o sufixo:

"E [os tesouros] apareceram *fabulosamente, opulentamente, deslumbrantemente*..." (VIRIATO CORREIA)

- Comum é também usar o adjetivo em vez do advérbio terminado em *-mente*:

"Tancredo ergueu-se *rápido* do divã." (VALENTIM MAGALHÃES)

"As lanças eram *demasiado* leves." (MACHADO DE ASSIS)

"*Súbito* um sorriso iluminou-lhe a face." (JOSÉ MAURO DE VASCONCELOS)

- Os comparativos sintéticos *melhor* (mais bem) e *pior* (mais mal), *maior (mais grande)* e *menor* (mais pequeno), é óbvio, são invariáveis:

Vamos indo *melhor*.

As coisas andam *pior* do que antes.

"No próximo caderno vou escrever *menor* e mais depressa." (OTTO LARA RESENDE)

- Antes de particípio, diz-se, indiferentemente, *mais bem* ou *melhor*, *mais mal* ou *pior*:

Dali em diante, fomos *mais bem* (ou *melhor*) *tratados*.

Nunca recebi carta *mais mal* (ou *pior*) *redigida*.

Casa *mais mal* (ou *pior*) *construída* jamais vossos olhos verão.

"Tenho empregados que nunca estudaram e são *mais bem pagos*." (GRACILIANO RAMOS)

"Coisas mal ouvidas e *pior entendidas*." (ROCHA LIMA)

"E foi à estante e tirou um dos relatórios para ser *melhor visto*." (MACHADO DE ASSIS)

"Saí *melhor informado* de tudo e... mais tranquilo." (HERBERTO SALES)

"Gioconda às vezes reconhecia que Diana estava *melhor credenciada* para enfrentar a realidade." (NÉLIDA PIÑON)

"Temos terra, que pode ser mais e *melhor cultivada*, devemos cultivá-la."
(ANTÔNIO FELICIANO DE CASTILHO)

"... para que as mulheres ficassem *melhor acomodadas* no interior e os homens fora."
(CASSIANO RICARDO)

- Depois do particípio, usam-se exclusivamente as formas sintéticas:

A estátua foi *esculpida melhor* do que esperávamos.

Agora estamos sendo *atendidos pior* que antes.

- Uma coisa pode ser *melhor do que a outra*, e não *melhor a outra*. Portanto:

É *melhor* sacrificar a rês doente *do que* pôr em risco [e não *a pôr em risco*] a vida do rebanho inteiro.

Ele achou que era *melhor* morrer como herói *do que* viver como escravo.

- Não se confundam *menos mau* e *menos mal*. Recorde-se que *mau* (adjetivo) se opõe a *bom*, e *mal* (advérbio), a *bem*:

O *mau* humor de Gil me deixou *mal* impressionada.

"Creiam-me, o *menos mau* é recordar." (MACHADO DE ASSIS)

"Eu, porém, que sou médico e sei *menos mal* o meu Cláudio Bernard, encaro a questão por outra face." (VALENTIM MAGALHÃES)

- Ensinou-se, anteriormente, como se exprime o limite da possibilidade. Outros exemplos:

Cobri o rosto *o mais que pude* com o meu capuz.

"Guma fazia as viagens *o mais rápido que podia*." (JORGE AMADO)

"Conseguir uma linguagem literária que se aproxime *o mais possível* da linguagem oral."
(RAQUEL DE QUEIRÓS)

- O advérbio *aqui* assume, por vezes, nas narrativas, sentido temporal (= *neste momento, neste ponto*). Exemplo:

"*Aqui* uma nuvem escura envolveu-lhe o espírito." (ANÍBAL MACHADO)

- O advérbio *não* aparece, sobretudo em frases exclamativas, despojado de sua significação, como simples expletivo. Exemplos:

"Que doce a vida *não* era nessa risonha manhã! (CASIMIRO DE ABREU)

"Quantas angústias *não* passaram os manos...!" (RUBEM BRAGA)

- Em frases negativas o advérbio *já* indica cessação de um fato e vale o mesmo que *mais*. Exemplos:

"Agora *já* não se fazem destes aparelhos." (CARLOS DE LAET) [= Agora não se fazem *mais* destes aparelhos.]

"Arquiteto do mosteiro de Santa Maria *já* o não sou." (ALEXANDRE HERCULANO) [= não o sou *mais*]

A ênfase justifica o emprego simultâneo e redundante de *já* e *mais*:

"*Já* não há *mais* razão para a revolta." (ANÍBAL MACHADO)

"*Já* não se fazem *mais* frases como antigamente." (MOACIR WERNECK DE CASTRO)

- Na locução adverbial *a olhos vistos* (= claramente, visivelmente), o particípio permanece invariável, no masculino plural. Exemplos:

"Muitas, à força de jejuns, desmedravam *a olhos vistos*." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"O Brasil então medrava *a olhos vistos*, mantendo acima do par o valor da sua moeda." (CARLOS DE LAET)

- *Bastante*, antes de adjetivo, é advérbio, portanto, invariável:

Saíamos do encontro *bastante* satisfeitos.

As candidatas estavam *bastante* nervosas.

- É variável quando adjetivo ou pronome indefinido:

Tens recursos *bastantes* para a obra? [*bastantes* = suficientes]

Há provas *bastantes* para condenar o réu.

"Em torno de nós jaziam riquezas incontáveis, *bastantes* para pagar as dívidas de muitos Estados." (EÇA DE QUEIRÓS)

Isto aconteceu há *bastantes* anos. [*bastantes* = muitos]

Pode-se contestar o uso de *bastante(s)* no sentido de *muito(s)*, mas não faltam abonações de eminentes escritores brasileiros e portugueses.

- Normalmente, se diz:

Sabemos *quanto* custa perdoar uma injúria.

"Só então é que pude avaliar melhor *quanto* a adorava." (LUÍS JARDIM)

Todavia, é tendência generalizada antepor ao advérbio *quanto* a partícula expletiva *o*:

Eu mesmo não poderia negar *o quanto* queria a Dulce." (LUÍS JARDIM)

"Só agora via *o quanto* se enganara." (LÍGIA FAGUNDES TELLES)

- A tendência, hoje, é fazer distinção entre *onde* e *aonde*, combinação da preposição *a* com *onde*.

a) Usa-se *aonde* com verbos de movimento que se constroem com a preposição *a*, como *ir, chegar, levar*.

Não sei *aonde* foram. [*ir a* um lugar]

Aonde me levas? [*levar a* um lugar]

"Barqueiro do Douro, *aonde* chegaremos?" (CECÍLIA MEIRELES)

b) *Onde* é adequado a verbos que indicam permanência e que se constroem com a preposição *em*, como *estar, morar, ficar*.

Fique *onde* está. [*estar em* um lugar]

Onde mora a jovem? [*morar em* um lugar]

- *Onde* é de rigor quando precedido de preposição:

Até onde vou não sei. *Para onde* ir?

De onde vem essa gente? Siga *por onde* lhe indiquei.

Observações:

✔ De acordo com o *Vocabulário Ortográfico*, escreve-se o advérbio interrogativo *por que* em duas palavras: "*Por que* não vens?" "Queria saber *por que* não vens."

✔ Contudo, a grafia *porque*, numa só palavra, é mais acertada e coerente e a que melhor se harmoniza com o nosso sistema ortográfico simplificado.

EXERCÍCIOS LISTA 58

1. Anteponha o artigo definido às expressões que o admitem:

meu pai	Recife	moderna Lisboa
Vossa Excelência	minha casa	Nossa Senhora
Sua Majestade	casa paterna	Bahia
Cairo	Lisboa	Açores

2. Anteponha às palavras em destaque o artigo definido, quando necessário:

a) Como pode o pássaro voar, se tem ambas **asas** feridas?

b) Não é todo **país** que possui florestas como o nosso.

c) Percorri todo **país**, de norte a sul.

d) Afinal, dei com uma caverna, cuja **entrada** mal se percebia.

e) São artistas que provieram de classes sociais **mais** contrastantes.

f) São muito importantes esses rios, pois todos **três** são navegáveis.

g) Você bem sabe **quanto** lutei para conseguir este emprego.

h) Eles navegaram meses sem ver **terra**.

3. Numere de acordo com o valor dos adjetivos:

(1) substantivo

(2) advérbio

(3) superlativo

A morte de Sílvia golpeou-a **fundo**.

Era tão **fragilzinha** a minha amiga!

Não deixe o **certo** pelo **duvidoso**.

Breve estarei contigo.

Ele compra **barato** e vende **caro**.

Deu-se então o **inevitável**.

4. Identifique a que sentido (olfato, audição, paladar, tato, visão) se referem os adjetivos abaixo e junte-os a substantivos a que se possam aplicar:

Exemplo: fruta **doce** (paladar)

acre, ofuscante, tépido, sibilante, macio, lívido, insípido, grave, cáustico, adstringente, aromático, álgido, picante, estridente, fétido, delicioso, veludoso

5. No emprego dos adjetivos das expressões abaixo, houve transferência de sensação de um sentido para outro. Indique essa transferência, de acordo com o exemplo:

Exemplo: doce voz (paladar → audição)

tom macio	amargas palavras
olhar frio	sorriso quente
cores cruas	claras e perfumadas vozes
som áspero	

6. Siga o primeiro exemplo, trocando o adjetivo destacado pelo substantivo abstrato:

Era desoladora a paisagem cinzenta e **monótona**.

Era desoladora **a monotonia** cinzenta da paisagem.

a) Na planície verde e **monótona** só os umbus se destacavam.

b) Fiquei impressionado com aqueles homens **polidos** e frios.

7. Escreva os numerais por extenso:

o século X	o Papa Pio IX
o rei Luís XVI	o século XI

8. Substitua as palavras destacadas pelos correspondentes pronomes oblíquos, devidamente colocados:

a) Teria sido nocivo **ao doente** o medicamento?

b) Havia **cajueiros** de várias qualidades.

c) A presença do guarda fez retroceder o **larápio**.

d) Teria esquecido **o cheque** no táxi? Talvez deixara **o cheque** no escritório.

e) Direi **ao empresário** o que penso a respeito de sua determinação.

f) Libertemos do erro **as nossas consciências**.

g) Cristo perdoou **a seus algozes**. Você perdoaria **a seus algozes**?

h) Presentearam **a princesa** com um colar de águas-marinhas.

i) Defendestes **a pátria** com bravura.

j) Infligimos pesada derrota **aos invasores**.

k) Livrarei **esses rapazes** dos sentimentos que infelicitam **esses rapazes**.

l) Posso garantir **à senhora** que seu filho é inocente.

m) Quem valerá **às órfãs**?

9. *Use a passiva sintética no lugar da analítica, substituindo ao mesmo tempo os destaques pelos pronomes oblíquos:*

Exemplo: Foi notada no gesto **dele** qualquer coisa de estranho.

Notou-se-lhe no gesto qualquer coisa de estranho.

a) Era vista no rosto **dele** a palidez da morte.

b) São vistas no corpo **dele** as marcas das balas.

c) Era notada no olhar **dele** uma expressão feliz.

10. Substitua os destaques pelos pronomes átonos da mesma função, contraindo-os corretamente:

Exemplo: Quem vos garantirá **o sustento**? Quem **vo-lo** garantirá?

a) A glória é nossa e ninguém nos arrebatará **esta glória**.

b) Quem vos dará **as razões**?

c) Pedi que me devolvesse **os livros** com urgência.

d) Quem me explicava **a lição** era meu pai.

e) Alguém entregou **o cheque a Vossa Senhoria**?

f) Quem nos desvendará **tantos mistérios**?

11. Transcreva o período abaixo, sublinhando os pronomes oblíquos com valor de pronomes possessivos:

"Os sapatos enterram-se na areia; o reflexo do sol cega-lhe os olhos; agudo fio de navalha, o vento corta-lhe a pele." (JORGE AMADO)

12. Escreva os períodos abaixo substituindo os possessivos pelos pronomes oblíquos correspondentes, colocando-os corretamente:

a) Eu retive o **seu** braço fortemente.

b) Não pude ver o **seu** rosto.

c) O vento não mais fareja a **minha** face como um cão amigo.

d) Esses monstros querem esmagar os **nossos** corpos?

e) Ataram as **suas** mãos às costas e levaram-no preso.

f) Dir-se-ia que uma sombra funesta envolve a **tua** alma.

g) Uma expressão nova desenhou-se no **seu** rosto.

h) Dançavam na **minha** cabeça imagens aterradoras.

i) Era como se um grande peso oprimisse o **meu** corpo e a **minha** alma.

j) O lenhador derrubou a árvore e cortou os **seus** galhos.

13. Substitua em cada frase os asteriscos pela alternativa correta:

a) Não ***** censurando, Marlene. (*estou lhe – a estou*)

b) Ajude sua mãe, não ***** sozinha. (*deixe ela – a deixe*)

c) De todas as partes chegam casais trazendo presentes para os noivos, depositam-***** em sua volta e, dando-se as mãos, fazem uma roda alegre. (*os – nos*)

d) As feras viram o índio, seguiram-***** até a orla da mata e desapareceram. (*no – lhe*)

e) A mãe precipita-se para o menino e arrebata-***** a arma. (*o – lhe*)

14. Passe o pronome oblíquo para a terceira pessoa do singular:

a) Roque **me** abraçou emocionado, agradeceu-**me** e felicitou-**me** pelo gesto.

b) "Este lugar **me** deprime e **me** inspira pensamentos tristes." (VILMA GUIMARÃES ROSA)

15. Empregue corretamente os pronomes pessoais **eu** e **mim**, no lugar do *:

a) O professor apresentou-me uma folha para * traçar um polígono.

b) Para *, traçar um polígono era quase um divertimento.

c) O dinheiro que meu pai mandou era exclusivamente para *.

d) Esse dinheiro era para * comprar roupas e calçados.

e) Leila sentou-se entre * e Alexandre.

f) "Sem *, nada podeis fazer", disse Cristo.

g) A secretária enviou a carta sem * assinar.

h) Os gritos da criança chegaram até *.

i) Não havia motivo para * ficar triste.

j) Afastei-me rápido, para que a pedra não caísse sobre *.

16. Orientado pelo que se ensinou sobre *pronomes pessoais*, substitua o * pelos pronomes **si** ou **ele(s)**, **ela(s)**, conforme convenha:

a) Os herdeiros repartiram os bens entre *, sem desavenças.

b) Rômulo conseguiu o cargo por * mesmo, por seu mérito.

c) José foi preso injustamente e não há quem se interesse por *.

d) Artur era bom pai, vivia para * e sua família.

e) Via-se que João estava bêbedo, pois falava contra * mesmo.

f) A moça percebeu que minha pergunta se dirigia a * e a seu companheiro.

g) A guerra só deixa sangue e cinzas após *.

h) Alípio se aborreceu: pensou que eu estava me referindo a *.

17. Substitua o * da frase pela alternativa que está de acordo com a norma culta:

a) Rui perdeu a partida porque confiou demais * . (*nele – em si*)

b) Respeite o adversário, mas tenha confiança em *. (*você – si*)

c) Para impedir que Joel incomodasse a irmã, o pai mandou-o sentar longe *. (*dela – de si*)

d) O senhor Oliveira estava em paz com a vida e * mesmo. (*com ele – consigo*)

e) Júlio não quis comer, afastou * o prato vazio. (*dele – de si*)

f) Cada um reclamava para * a glória de ter prendido o famigerado terrorista. (*ele – si*)

g) Os retirantes carregaram * o que puderam levar. (*com eles – consigo*)

h) Ênio é ainda criança: não cabe a * decidir sobre o caso, mas aos pais. (*ele – si*)

i) Tuas riquezas, bem sabes, não as levarás * para a sepultura. (*com você – contigo*)

j) O patinador para no centro da pista e roda sobre *, num giro velocíssimo. (*ele – si*)

18. Substitua os asteriscos pelos pronomes **lhe**, **lhes**, ou **a**, **o**, **os**, conforme a regência dos verbos:

a) Os dois moços ajudaram-*** a sair do barco. Ela *** agradeceu.

b) Se eu não *** conhecesse, não *** deixaria entrar, tão estranho me pareceu.

c) Fortes eles eram, mas nós *** resistimos e *** vencemos.

d) André e Lúcio não *** temiam, mas *** respeitavam, quando ele falava.

e) Se *** convier, posso servir-*** de cicerone. Aceita a sugestão?

f) Convido-*** para um passeio, espero-*** ansioso, mas ela não vem.

19. Escreva as frases em seu caderno informando a função do pronome **se**, de acordo com a teoria estudada no parágrafo 7, pág. 562:

a) Os dois amigos abraçaram-se emocionados.
b) Os detentos queixavam-se de maus-tratos.
c) O Estado reservou-se o direito de desapropriar o imóvel.
d) Não há no mundo duas pessoas que se queiram tanto.
e) Os rapazes descem das árvores e também se vão. (ÉRICO VERÍSSIMO)
f) Nas noites quentes dormia-se nas redes.
g) Marciano trancou-se no quarto e descansou.
h) Trancaram-se as portas por medida de segurança.
i) Jesus deixou-se prender e levar à presença do Sumo Sacerdote.

20. Classifique o pronome **se** dos seguintes exemplos, como fez no exercício anterior.

a) Deram-se as mãos e saíram em direção à praça.
b) Sofia deixou-se estar à janela.
c) As pazes fizeram-se como a guerra, depressa.
d) "Bajula-se hoje para atacar amanhã." (CARLOS DE LAET)
e) Os galãs vestem-se com apuro.
f) Entreolharam-se com desprezo.
g) Assim se vai aos astros.
h) Certas classes sociais arrogam-se muitos privilégios.
i) Acreditava-se que a Terra fosse imóvel.
j) Vão-se os anéis e fiquem os dedos.
k) Cumprimentaram-se friamente.
l) O menino sorria-se feliz.
m) "Muito se lucra quando se é honrado." (CAMILO CASTELO BRANCO)
n) "Os cacaueiros em frente se balançavam ao sabor da brisa." (JORGE AMADO)
o) "Dizia-se do Norte, filho do Ceará." (JOSÉ LINS DO REGO)
p) "Saía-se do coração da brenha só para se ver o barco." (FERREIRA DE CASTRO)
q) Ela impôs-se uma dieta severíssima.
r) Os dois irmãos reconciliaram-se algum tempo depois.

21. Transcreva a oração em que o pronome **me** é expletivo:

Não me atendeu. Ferveu-me o sangue, de raiva.
Pediu-me desculpas. Não me ponha mais os pés nesta casa, ouviu?

22. Qual a ideia expressa pelo pronome possessivo, na frase abaixo? (posse, idade, estimativa)
Era um homem de *seus* 29 anos, forte e moreno.

23. Troque em cada frase o * por um dos pronomes demonstrativos propostos adequado ao contexto:

a) Na traseira do caminhão lia-se * frase: "Tristeza não paga dívidas". (*essa – esta*)
b) Aviso-o de que chegarei a * cidade no dia 2 de maio. (*essa – esta*)
c) O chefe da rebelião, * tratou de fugir. (*esse – este*)
d) Mas você vai ao colégio com * unhas imundas! (*essas – estas*)
e) O Brasil é rico e imenso: um país como * só pode progredir. (*esse – este*)
f) Era uma linda samambaia, * que chamam de "choronas". (*dessas – destas*)

g) Um dia * eu estava em casa sozinho. (*desses – destes*)
h) Grave * na memória: o mal se combate com o bem. (*isso – isto*)
i) Ver um amigo afogar-se e não poder salvá-lo, * é que é horrível. (*isso – isto*)
j) Cuidado, mergulhador, * animais são venenosos: a arraia-mijona, o peixe-escorpião, a medusa, o mangangá. (*esses – estes*)

24. Evite as repetições por meio do verbo vicário **fazer** precedido do pronome demonstrativo **o**:
a) Ia dizer-lhe palavras ásperas, mas não **lhe disse palavras ásperas**.
b) É certo que te ofendi, mas não **te ofendi** por maldade.
c) Não conseguiu humilhar-me, embora procurasse **humilhar-me**.
d) Telefonava-lhe quase diariamente e, quando não **lhe telefonava**, mandava-lhe recado.
e) Que diria a mulher se ele confessasse que não lhe socorreu o marido, embora pudesse ter **socorrido o marido**?
f) Procurava chamá-lo o menos possível, e se **o chamava**, era só em casos extremos e pedindo-lhe desculpas.
g) Ele resolveu publicar suas memórias, porém não pretende **publicar suas memórias** já.

25. Substitua os destaques pelos pronomes demonstrativos adequados:
a) Bem diversa é a sorte do livro e do jornal: **o jornal** é torrente que desliza e passa, **o livro** é lago que colige e guarda.
b) O perdão enobrece, a vingança rebaixa: **a vingança** é própria dos escravos, **o perdão** é a virtude dos nobres.
c) O jardim de Paulo era belo, mas **o jardim** de Mário não era menos **belo**.
d) O jogo nos rouba tempo e dinheiro: **o dinheiro**, talvez o possamos recuperar, **o tempo**, nunca.
e) O que na França é desonra, talvez não seja **desonra** na Mongólia.
f) Sou independente, e devo admitir que os outros também sejam **independentes**.

26. Escreva corretamente o período em que é considerado erro o emprego do pronome demonstrativo **o**:
a) Não sabemos o que aconteceu depois que o navio afundou.
b) A criança guarda tudo o que ouve.
c) Esse jogador tem muito o que fazer para atingir a forma ideal.
d) "Se a casa das Marcondes era alegre, a nossa não o era menos." (PEDRO NAVA)

27. Escreva os períodos utilizando a opção que substitui corretamente os asteriscos:
a) Na carta menciono o nome e o endereço do amigo **** poder se encontra a fita magnética **** me referi há pouco.
b) Estes são alguns dos acontecimentos **** Félix se envolvera e **** se vangloriava.

a) a cujo – a que – nos quais – de que
b) em cujo – à que – nos quais – de que
c) em cujo – a que – em que – dos quais

28. Em três dos seguintes períodos não é lícito empregar o pronome relativo **que** em lugar de **o qual**. Indique-os e diga a razão:
a) Sentamo-nos num lindo quiosque, perto **do qual** crianças brincavam e riam.
b) Difícil tarefa recuperar um navio **do qual** o mar se apoderou.
c) Que outro astro é tão importante como o Sol, **o qual** nos dá luz, calor e energia?

d) Esses nevoeiros no alto das serras, **os quais** são os pesadelos dos motoristas, ficam mais densos nos dias chuvosos.

e) O que a tornou famosa foi a beleza de seu rosto, **a qual** ninguém lhe disputava.

29. Siga o exemplo, trocando **do qual** ou **de que** pelo equivalente **cujo(a)**:

Ao atravessar a mata, vimos um lindo pássaro azul, **do qual** nenhum de nós sabia o nome.

Ao atravessar a mata, vimos um lindo pássaro azul, **cujo** nome nenhum de nós sabia.

a) "Balbuciou algumas palavras confusas, **de que** ele mesmo ignorava a significação." (GRACILIANO RAMOS)

b) "Dirigiram-se ao bar e sentaram-se diante da mesinha, no centro **da qual** brilhava a chama de uma vela." (VILMA GUIMARÃES ROSA)

c) "Deve ser assim o fim do mundo, o extremo de todas as coisas: um longo caminho, no topo **do qual** existe um simples portão." (SANTOS FERNANDO)

30. Crie períodos cujas orações adjetivas iniciem pelos conjuntos:

a que	a qual	durante a qual	após o qual
à que	à qual	dentro do qual	com quem
de que	sobre a qual	sem os quais	de cujo

Exemplo: "A casa é uma prisão **à qual** você se acostuma como os animais do Jardim Zoológico se acostumam com as suas jaulas." (RUBEM FONSECA)

31. Substitua nos períodos o * por pronomes relativos adequados, precedidos da preposição exigida pelo verbo:

a) Conheço a pessoa * te referes.
b) É pelo saber que conquistareis o posto * aspirais.
c) A regata internacional, * início assisti, revelou novos valores do remo.
d) A vida ensinou-me a respeitar as pessoas * eu lido.
e) Cada experiência * passamos é favor da vida.
f) O outeiro, * se ergue a igreja, fica defronte do mar.
g) Sois réus dos mesmos crimes * vos insurgis.
h) Nosso Rei, * poderio vos rendeis, saberá ser magnânimo.
i) Baltasar sofreu o castigo * o profeta Daniel o tinha ameaçado.
j) Não escolhas um ofício * não tenhas aptidão.
k) No livro * me refiro o autor fala sobre a Antártida.
l) Não foram poucos os obstáculos e perigos * nos defrontamos.
m) Se a praça * estávamos era grande, esta * chegamos é bem maior.
n) A casa era cercada por um muro alto, * fora erguida uma tela de arame grosso.
o) Brito não simpatizava com o irmão, *, aliás, pouco se parecia.

32. Escolha os conjuntos adequados e escreva os períodos, substituindo os asteriscos nas orações adjetivas:

atrás do qual – diante da qual – durante o qual – em virtude da qual – graças ao qual – sem as quais – sobre o qual

a) É importante cultivar boas amizades, ****** a vida se tornaria triste e monótona.

b) O cronista já escolhera o tema ****** devia escrever.

c) Foi muito proveitoso o encontro de jovens, ****** houve palestras e debates interessantes.

d) O país construíra uma nova capital no planalto, ****** o mundo começava a pasmar.

e) Ao homem foi concedido o dom da palavra, ****** ele pode comunicar-se com seus semelhantes.

f) Fui galgando um pequeno morro, ****** se escondia a casa do caboclo.

g) Queria saber qual é a lei ****** se pode matar uma pessoa inocente.

33. Resolva as questões seguintes:

a) Forme a voz passiva com o pronome apassivador **se**:

Esforço-me por que os erros sejam conhecidos e remediados.

b) Analise a palavra grifada: Não sei *no* que pensas.

c) Transcreva o período e sublinhe os adjetivos substantivados:

"O azul e o verde das piscinas contrastando com o negro da lava é de grande efeito." (VIANA MOOG)

d) Copie os períodos colocando o acento da crase onde necessário:

1) Fui a Copacabana para assistir a festa de fim de ano.

2) O navio chegou a Fortaleza as cinco horas da tarde.

3) Minha viagem a Bahia, devido a um temporal, teve de ser adiada.

e) Substitua corretamente o * por **bastante** e **bastantes** e numere as frases de acordo com a classe gramatical dessas palavras:

(1) **advérbio** (2) **pronome indefinido** (3) **adjetivo**

Já temos provas * para inocentar o réu.

Houve * cartões premiados.

Eles são rapazes * fortes.

Eles foram * compreensivos.

Precisamos de * alimentos.

Tens forças * para tão dura missão?

34. Substitua nas frases os asteriscos pelos adequados pronomes indefinidos constantes da relação: algumas – nenhuma – outras – outrem – outros – quaisquer – menos – poucas – tantas – uns

a) Não é lícito invadir a casa ou a propriedade de ******.

b) Para certos serviços especializados não servem ****** profissionais.

c) Vinte casas, se ******, formavam a rua principal do povoado.

d) Cada qual contava suas histórias: ****** tristes, ****** alegres e jocosas.

e) No choque entre manifestantes e policiais houve pancadaria e ferimentos, leves ******, graves ******; morte, porém, ******.

f) No canavial, homens e mulheres trabalhavam sem parar: ****** cortavam a cana com afiadas foices, ****** a despontavam e limpavam com facões, ****** ainda a carregavam para os caminhões estacionados à margem do canavial.

g) "Estas e ****** mais foram as palavras do presbítero." (CAMILO CASTELO BRANCO)

h) Na escola havia ****** meninas do que meninos.

35. Copie apenas a frase na qual o pronome **tal** tem conotação depreciativa:

a) Alguém que lesse tal notícia não a levaria a sério.

b) Tal não aconteceria, se os motoristas fossem mais prudentes.

c) Você já leu algum livro desse tal de Freud?

36. Escreva os períodos substituindo os asteriscos por **porque** ou **por que**, conforme o caso, e anteponha a cada frase a respectiva letra, de acordo com o esquema seguinte:

- Grafa-se **por que**, em duas palavras, quando:

a) significa **pelo(a) qual, pelo(s) quais, pela(s) quais**, caso em que a palavra **que** é pronome relativo: Era escuro o atalho **por que** passei;

b) significa **por qual, por quais**, sendo o **que** pronome indefinido: Ele quis saber **por que** motivo eu estava chorando;

c) é possível subentender a palavra **motivo** (ou **razão**, **causa**), sendo **por que** advérbio interrogativo: **Por que** está chorando?

d) o **que** é conjunção integrante: Anseiam **por que** isso termine logo.

- Escreve-se **porque**, em uma só palavra, quando:

e) é conjunção causal: Bebo **porque** tenho sede.

f) é conjunção explicativa: Devia estar sofrendo, **porque** tremia.

g) a pergunta propõe uma causa possível, limitando a resposta a **sim** ou **não**: Seu rosto sangra **porque** você brigou? Poucos foram à praia. Será **porque** ventava?

Ela estava triste, dominada não sei ****** recônditos pensamentos.
João devia estar com muita pressa, ****** nem se sentou.
Estavam ansiosos ****** o dia amanhecesse.
****** o arco-íris é colorido?
A criança queria saber ****** razão as estrelas cintilam.
Grandes são as transformações ****** vêm passando as cidades.
Chegou atrasado ao colégio ****** houve um engarrafamento.
****** meios os índios se comunicavam a distância?
Não revelou o motivo ****** não compareceu à reunião.
"Instou ****** a deixassem ir viver de seu trabalho." (CAMILO CASTELO BRANCO)
"******processo maléfico teria ocorrido a mudança?" (JOSÉ J. VEIGA)
O preso fugiu ****** subornou o guarda?

37. Transcreva apenas as frases corretas, que atendem à norma culta da língua:

a) Se aqui não existe árvores é porque não se as plantam.
b) Se aqui não existem árvores é porque não se plantam.
c) A vida se transfigura através do prisma da ilusão.
d) A vida se transfigura através o prisma da ilusão.
e) Gostamos que as coisas venham de encontro a nossos desejos.
f) Gostamos que as coisas venham ao encontro de nossos desejos.
g) Fiquei feliz em rever a ponte que eu presenciara a construção, em criança.
h) Fiquei feliz em rever a ponte cuja construção eu presenciara, em criança.
i) Alice definhava a olhos vistos.
j) Alice definhava a olhos vista.
k) O professor não deixa eu falar, eu não vou deixar ele em paz.
l) O professor não me deixa falar, eu não vou deixá-lo em paz.
m) Doutor Plínio, há um cliente que quer falar consigo.

n) Doutor Plínio, há um cliente que quer falar com o senhor.
o) Que tais as matas? Nelas agora há mais ou menos aves?
p) Que tal as matas? Nelas agora há mais ou menas aves?

38. Releia o estudado sobre o pronome adjetivo *cujo*, e, em seguida, transcreva a única frase correta:

a) Não tome remédio que o prazo de validade está vencido.
b) Não tome remédio cujo o prazo de validade está vencido.
c) Não tome remédio cujo prazo de validade está vencido.
d) Comprava remédios caríssimos, cujos remédios às vezes ele nem tomava.
e) Comprava remédios caríssimos, cujos às vezes ele nem tomava.

39. Forme duas frases com o pronome indefinido **menos** referente a **gente** e a **casas**.

40. Justifique o emprego da preposição **a** nos versos 7 e 12 do poema abaixo.

LEITURA

Sombra no ar

Um resto azul de sono ainda me ilude.
Mais visível se torna o meu fantasma
Turvo, entre a névoa da metamorfose.

Respiro o ar leve que sustenta o mundo.

A vida, nada mais que esse respiro.
Meu olhar, nada mais que essa procura.
Este o mundo a que vim, de pedra e sonho.

Penso: Por que me cerca este cenário?
Quem sou eu para ser digno da vida?
Que farei neste mundo, que direi?

Prefiro à minha voz o som das águas,
E a um pensamento, por maior, prefiro
Que por minha cabeça passe o vento.

Arde a nuvem na luz que além se acende.

Ao longe, o fundo da existência. Sempre
O céu presente, do alto presidindo.

(DANTE MILANO, *Poesias*, p. 107, Editora Sabiá, Rio de Janeiro, 1971)

EMPREGO DE ALGUMAS CLASSES DE PALAVRAS
Exercícios de exames e concursos
[Página 663]

EMPREGO DOS MODOS E TEMPOS

Compare os verbos destes exemplos:

João **leu** o livro.	**leu**	→	fato certo
Se João **lesse** o livro, aprenderia.	**lesse**	→	fato incerto
Leia, João, o livro.	**leia**	→	fato ordenado ou pedido

A essas diversas modalidades de um fato se realizar dá-se o nome de *modos*.

Como já vimos, os modos verbais são três: o *indicativo*, o *subjuntivo* e o *imperativo*.

Observação:

✔ Incluímos neste capítulo o estudo do particípio e do gerúndio, que são formas nominais do verbo.

1 MODO INDICATIVO

Exprime um fato certo, real, positivo. Excepcionalmente, pode traduzir incerteza, possibilidade. Aparece com mais frequência em orações independentes (absolutas, coordenadas e principais).

Vamos estudar o emprego dos tempos do indicativo:

▪ Presente

a) Indica um fato atual (simultâneo ao ato da fala), ou habitual:

Neste momento *penso* em você, leitor.

Mal clareia o dia, os homens *partem* para o trabalho.

b) Indica um fato permanente, uma verdade científica, religiosa ou filosófica:

A Terra *gira* no espaço, em torno do Sol.

O fim não *justifica* os meios.

c) Emprega-se nas narrações, em lugar do pretérito, para tornar mais viva, e como que atual, a representação de um fato. É o chamado *presente histórico*:

"Rumor suspeito *quebra* [= quebrou] a doce harmonia da sesta. *Ergue* [= ergueu] a virgem os olhos...; sua vista *perturba-se* [= perturbou-se]. Diante dela *está* [= estava] um guerreiro estranho." (José de Alencar)

d) Emprega-se pelo futuro do presente, para exprimir um fato que ocorrerá em breve:

Amanhã *vou* a Petrópolis. [*vou* = irei]

Príncipe inglês *chega* amanhã ao Rio. (estilo jornalístico)

"Amália *embarca* amanhã de volta para o Rio." (WALMIR AYALA)

e) Usa-se na linguagem viva e pitoresca, em lugar do pretérito imperfeito ou mais-que-perfeito do subjuntivo:

"Se o jumento *corre* por ali fora, contundia-me deveras." (MACHADO DE ASSIS)

[*corre* = tivesse corrido *ou* corresse]

"Se teu pai não *morre* e o seu partido *vinga*, podia acabar general." (CAMILO CASTELO BRANCO) [*morre* = tivesse morrido *ou* morresse] [*vinga* = tivesse vingado *ou* vingasse]

"Se D. Maria Cristina não *tira* [do berço] o bebê depressa, seria uma tragédia." (*JORNAL DO BRASIL*, 6/4/1973) [*tira* = tivesse tirado *ou* tirasse]

f) Pode substituir o futuro do subjuntivo, principalmente na linguagem emotiva, quando os sentimentos nos levam a romper com a disciplina gramatical:

Se te *afastas* daqui, serás punido.

g) Pode também ser usado, em lugar do imperativo, para se dar uma ordem atenuada, menos impositiva:

"Ninguém *desce* das redes, fora da hora de acampar para refeições." (EDY LIMA)

[*desce* = desça]

▪ Pretérito imperfeito

a) Enuncia um fato passado, porém não concluído, um fato que se prolongou:

Enquanto *subia* o morro, ia admirando a paisagem.

"O coronel fez um gesto que *traía* o seu agastamento." (ÉRICO VERÍSSIMO)

b) Traduz um fato habitual, durativo, no passado:

Aurélio *vivia* sempre quieto.

Adelaide *gostava* de festas.

"Madalena *possuía* um excelente coração." (GRACILIANO RAMOS)

c) Usa-se pelo presente para exprimir, com modéstia e polidez, um desejo, um pedido:

Gostava de saber se você vem.

Eu *queria* ter apenas a metade da fortuna dele.

d) Pode substituir o futuro do pretérito, principalmente na linguagem informal:

Se cultivasses estas terras, em pouco tempo *estavas* rico. [*estavas* = estarias]

"A carinha de Neuma *podia* ser de chinesa, fossem os olhos mais enviesados." (RAQUEL DE QUEIRÓS) [*podia* = poderia]

"Deixassem-no com ele e haviam de ver o bicho que dali *saía*." (COELHO NETO) [*saía* = sairia]

"Se ela me preferisse ao marido, não *fazia* mau negócio." (GRACILIANO RAMOS) [*fazia* = faria]

Observações:

✔ Na linguagem culta formal, deve-se respeitar a correspondência temporal, combinando o pretérito imperfeito do subjuntivo com o futuro do pretérito do indicativo:

Se Pedro *fosse* competente, a empresa o *contrataria*. (certo)

Se Pedro *fosse* competente, a empresa o *contratava*. (errado)

✔ Embora não faltem exemplos em contrário, até mesmo em bons escritores, deve-se usar *havia* [= fazia] e não *há*, em frases do tipo:

A quadrilha *roubava* carros *havia* muitos anos.

O casal *se mudara* para Curitiba *havia* pouco tempo.

"*Havia* perto de oito anos que ela *vivia* naquela situação." (GASTÃO CRULS)

▪ Pretérito perfeito

a) Indica um fato completamente realizado, uma ação concluída:

"A América *reagiu* e *combateu*." (LATINO COELHO)

"*Assinei* as cartas e *meti*-as nos envelopes." (GRACILIANO RAMOS)

b) O pretérito perfeito composto traduz um fato passado repetido, ou que se prolonga até o presente:

Tenho-lhe *dado* sempre bons conselhos.

"Meu trato com Marcoré *tem decorrido* sem problemas, num entendimento completo." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

"Creio que *tenho dado* provas de não ser nenhum ignorante." (ARTUR AZEVEDO)

▪ Pretérito mais-que-perfeito

a) Exprime um fato passado, anterior a outro igualmente passado:

"Paranhos seguia as mesmas ruas que anos antes, voltando do Sul, *pisara* sozinho e condenado." (MACHADO DE ASSIS)

[O fato expresso pelo verbo *pisar* foi anterior ao de *seguir* as ruas.]

"Lembrava-se da última carretinha que o pai *fizera* no Engenho e de como *se divertira* com ela dias seguidos." (GARCIA DE PAIVA)

b) Emprega-se, na linguagem literária, pelo futuro do pretérito:

Fora injustiça destituí-lo do cargo. [*fora* = seria]

"Ninguém *devera* casar sem muito ler..." [*devera* = deveria] (CAMILO CASTELO BRANCO)

c) Emprega-se, na língua culta, pelo pretérito imperfeito do subjuntivo:

"Levantou-me ao ar como se *fora* uma pluma." (ANÍBAL MACHADO) [*fora* = fosse]

"Se não *fora* a subvenção dele, eu não teria podido manter o colégio." (HERBERTO SALES)

"Teria sido uma temporada de ouro, não *fora* a intromissão de minha mãe." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

d) Traduz desejo, em frases optativas:

Prouvera a Deus que meu filho não sofresse!

Quisera eu ter a vida que levas!

"*Tomara* que assim fosse!" (CÂNDIDO DE FIGUEIREDO)

Em geral, prefere-se o pretérito mais-que-perfeito composto ao simples:

Naquela manhã eu *tinha acordado* mais cedo. [tinha acordado = *acordara*]

Quantas vezes *havíamos brincado* juntos, quando crianças!

▪ Futuro do presente

a) Enuncia um fato que se há de realizar:

Amanhã *viajarei* para a Europa.

Se cultivadas, essas terras *darão* bons frutos.

b) Pode exprimir dúvida, incerteza, possibilidade:

"*Terá* realmente *piado* a coruja? *Será* a mesma que piava há dois anos?" (GRACILIANO RAMOS)

Ele *terá*, quando muito, vinte e sete anos.

Você não *estará* equivocado?

"De sua casinha à Faculdade *serão* dois quilômetros, se tanto." (CIRO DOS ANJOS)

c) É usado com força de imperativo:

Não *furtarás*. [= Não furtes.]

Você *irá* com ele agora. [= Vá com ele agora.]

d) Pode ser substituído, sobretudo na linguagem coloquial, por locuções constituídas pelo presente do indicativo dos verbos *ir, ter* ou *haver* + *infinitivo* do verbo principal:

Olga *vai casar* no mês que vem. [*vai casar* = casará]

"Eu *vou dizer* tudo, tudo o que vi." (AUTRAN DOURADO) [*vou dizer* = direi]

Daqui por diante *hei de ter* mais cuidado. [intenção, promessa]

Tenho de atender um doente. [obrigação]

e) O futuro do presente composto usa-se para expressar:

- um fato futuro que se consumará antes de outro:

  Antes que o caçador chegue lá, a onça já *terá fugido*.

- dúvida, incerteza, relativamente à efetivação de um fato no passado:

  Terá chegado às mãos de Vera a minha carta?

▪ Futuro do pretérito

a) Exprime um fato futuro condicionado a outro:

Eu *iria* à festa, se não chovesse.

"*Faria* melhor negócio criando galinhas." (GRACILIANO RAMOS)

b) Exprime um fato futuro situado no passado:

Afirmei, naquela ocasião, que não o *apoiaria*.

Prometeste-me que não me *desobedecerias* mais.

A família decidiu: *viajariam* todos no mês seguinte.

c) Emprega-se pelo presente nas fórmulas de polidez:

Desejaria falar a Vossa Excelência. [*desejaria* = desejo]

Poderia dar-me uma informação, senhorita? [*poderia* = pode]

"*Gostaria* de saber como conseguiu retirar do hotel os dois cartões de registro." (José Fonseca Fernandes)

d) Pode exprimir dúvida, incerteza, probabilidade, ideia aproximada:

Seria verdade o que dizem dele?

Você não *estaria* exagerando?

"A minha reação era tão intensa e caótica que *poderia* supor-se que..." (Fernando Namora)

"Mas quem me *iria* emprestar vinte mil-réis, àquela hora?" (Graciliano Ramos)

Os pais *teriam* realmente *batido* na criança?

Venera-se, naquela cidade, uma imagem da Virgem que *teria pertencido* a Anchieta.

Ele *teria*, quando muito, trinta e cinco anos.

e) Pode ser substituído, sobretudo na linguagem coloquial, por locuções formadas com o pretérito imperfeito do indicativo do verbo *ir* + *infinitivo* do verbo principal:

Informaram que *ia faltar* luz. [*ia faltar* = faltaria]

"Uma conquista como a que a bandeira *ia realizar* não se faria em branca nuvem." (Cassiano Ricardo) [*ia realizar* = realizaria]

2 MODO SUBJUNTIVO

Emprega-se o modo subjuntivo para exprimir um fato possível, incerto, hipotético, irreal ou dependente de outro.

O subjuntivo aparece:

a) em orações absolutas, isto é, únicas no período:

Deus o *acompanhe*!

Eles que *se avenham*!

"Os passageiros que *chacoalhassem* lá dentro de qualquer jeito!" (Vivaldo Coaraci)

"Que *se trouxessem*, com presteza, esses braços para o Brasil! (Viriato Corrêa)

b) em orações coordenadas:

Talvez ela *compreendesse* [e lhe *perdoasse*.]

"Os vossos conselheiros julgaram-me incapaz disto: [agora eles que a *alevantem*!"] (Alexandre Herculano)

c) em orações principais:

[Que lhe *dessem* o] que ele queria, porque senão haveria briga na certa.

["Que também esses... *se ergam*] para pelejarem batalhas tremendas." (ALEXANDRE HERCULANO)

["Talvez não *mereçamos*] imaginar que haverá outros verões." (RUBEM BRAGA)

d) mais frequentemente, em orações subordinadas:

Espera-se que o aproveitamento da energia solar *aumente*.

"Quero ser o primeiro que te *chame* duquesa." (MACHADO DE ASSIS)

"Por muito que *descessem* as águas, a sonda encontrava sempre liberdade para qualquer quilha." (FERREIRA DE CASTRO)

"Ainda assim, não andei tão depressa que *amarrotasse* as calças." (MACHADO DE ASSIS)

"*Erguesse* o corpo e, pela janela aberta, veria a jindiba com o vento nas folhas." (ADONIAS FILHO)

▪ Presente

a) Exprime dúvida, hipótese, possibilidade:

Talvez *seja* esse o plano dele.

É possível que me *engane*.

Suponhamos que teu plano não *dê* certo.

"*Falte* eu a esse juramento, e deixarei de viver!" (VISCONDE DE TAUNAY)

"A senhora acredita que eles *salvem* a gente?" (GRACILIANO RAMOS)

"Não! vos digo eu: não serei quem *torne* a erguer essa derrocada abóbada!" (ALEXANDRE HERCULANO)

"*Corra*, daí a instantes, qualquer aragem, por débil que seja, e levanta-se a língua de fogo esguia e trêmula..." (VISCONDE DE TAUNAY)

b) Emprega-se em orações optativas e imprecativas:

"Oxalá *cesse* um dia a miséria do mundo!" (AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA)

"Que elas *envolvam* no seu aroma a vossa memória." (RUI BARBOSA)

"Que as luas *se sucedam* em todos os céus do mundo..." (LÊDO IVO)

"A terra lhes *seja* leve." (MACHADO DE ASSIS)

"Não *encontres* amor nas mulheres." (GONÇALVES DIAS)

"Malditas *sejam* as mãos que te profanarem, Santarém!" (ALMEIDA GARRETT)

▪ Pretérito imperfeito

a) Emprega-se em frases optativas e imprecativas:

Oxalá *fosse* eterna esta ventura!

"Assim ela *quisesse!*" (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Não *sucedesse* a morte à vida.

Parasse o tempo, que nos foge!" (CABRAL DO NASCIMENTO)

"Se *pudesse* retirar-me dali..." (GRACILIANO RAMOS)

b) Usa-se em orações adverbiais condicionais, causais e outras:

Se *soubesse*, não perguntaria.

Como *fosse* acanhado, não interrogava a ninguém.

Por mais que *insistisse*, não foi atendido.

c) Forma orações substantivas e adjetivas:

As chamas impediam que os bombeiros *se aproximassem*.

"Não fui nunca um menino que *morresse* em cima dos livros." (POVINA CAVALCÂNTI)

d) Traduz uma condição, um meio para se conseguir determinado fim ou efeito, para que algo acontecesse ou deixasse de acontecer:

Se estes eram os seus ideais, *trabalhasse* com mais constância.

"Não *fosse* tolo, e *confessasse* francamente que não sabia o que é plebiscito." (ARTUR AZEVEDO)

"Se caí aos teus olhos, não foi minha culpa: não me *elevasses* tanto." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"*Deixassem*-no com ele e haviam de ver o bicho que dali saía." (COELHO NETO)

e) Exprime um fato hipotético, irreal:

"Talvez o *poupassem* por ele ter uma irmã do Sigma." (GRACILIANO RAMOS)

"*Aparecesse* o Imperador à frente dos amotinados... e, num segundo, tudo acabaria." (VIRIATO CORREIA)

"Não seria o silêncio com o seu negror que me *viesse* assustar." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

▪ Pretérito perfeito

Enuncia um fato passado, real ou incerto, provável:

Foi bom que ele *tenha saído* daqui.

Talvez *tenham seguido* por outro caminho.

▪ Pretérito mais-que-perfeito

Traduz um fato hipotético, ou irreal, anterior a outro igualmente irreal, ou hipotético:

Se *tivessem vindo* ontem, teriam sido atendidos.

Tivessem-no *aconselhado*, e ele hoje seria outro.

Supunha que *tivesses ficado* em casa.

Antes a *houvesse esquecido*!

Se Cristo não *tivesse resgatado* a humanidade, quem se salvaria?

"Se não *tivesse tido* a ideia de beber, não lhe haveria sucedido aquele desastre." (GRACILIANO RAMOS)

▪ Futuro simples

a) Emprega-se em orações adverbiais condicionais, temporais, proporcionais e outras:

Se *transpuserem* a fronteira, serão capturados.

Caso *persistirem* as chuvas, os rios transbordarão.

Enquanto não a *vir*, não descansarei.

Quanto maior *for* a altura, maior será o tombo.

b) Aparece em orações subordinadas adjetivas:

Só poderão entrar os que *tiverem* ingresso.

- **Futuro composto**

Usa-se em orações subordinadas e enuncia um fato futuro relacionado a outro também futuro, ou um fato passado, mas hipotético:

Depois que *tiver visto* o filme, darei minha opinião.

Se *tiver acertado* na loteria, comprarei uma fazenda.

3 MODO IMPERATIVO

Emprega-se para exprimir ordem, proibição, pedido, convite, conselho, exortação, licença, que emanam da 1ª pessoa e se dirigem à 2ª pessoa do discurso:

"*Emende* a língua, ordenei." (Graciliano Ramos)

"*Lançai* os cavalos para as brenhas, *atravessemos* o Sália!" (Alexandre Herculano)

"*Descansa, dorme* em paz, Aldebarã é tua amiga." (Rubem Braga)

"Não *vá*, não *vá* mais! – pedia, insistindo." (Adonias Filho)

"*Trazei* sempre bem vivo nos vossos corações o amor ao próximo." (Latino Coelho)

"Pois *vá*, menino!" (Afonso Arinos)

Sente-se e *conversemos*.

4 PARTICÍPIO

O particípio, como o infinitivo e o gerúndio, é, por si, vago, impreciso, impessoal. Só no contexto é que se despoja de sua imprecisão, para enunciar, geralmente, fato concluído, ação relacionada com o passado.

Emprega-se o particípio:

- para formar a voz passiva e os tempos compostos da ativa:

Tínhamos ido ao cinema.

Talvez João já *tenha chegado*.

Tenho visto por ali muitas misérias.

Leila *foi avisada* pelo irmão.

Fui ouvido com simpatia.

Elas *eram aplaudidas* pelos fãs.

- para construir orações reduzidas adverbiais temporais, causais e outras, já estudadas no capítulo sobre *orações reduzidas*:

Feitos os preparativos, partiu para uma longa viagem.

O artista, *animado* pelo êxito, promete novas exibições.

Chegados que fomos ao local, levantamos um abarracamento.

- em orações reduzidas adjetivas:

"Os galhos dos oitizeiros fremiam, *tocados* pela aragem *vinda* do mar." (Lêdo Ivo)

- como simples adjetivo:

  Isto aconteceu no mês *passado*, quando elas chegaram à aula *atrasadas*.

  O moço estendeu a mão *ferida*, os dedos *ensanguentados*.

5 GERÚNDIO

Vimos que o gerúndio possui a forma simples (*amando, batendo, saindo*) e a composta (*tendo* ou *havendo amado, batido, saído*).

Emprega-se o gerúndio:

- nas conjugações perifrásticas, formando locuções verbais com os verbos *andar, estar, ficar, viver, ir, vir*, etc.:

  Andavam caçando. Está chovendo.
  Ficou chorando. Vive rindo.
  Vamos indo devagar. Vem vindo de mansinho.

  Nesse caso, pode o gerúndio ser substituído pelo infinitivo regido da preposição *a*:

  Os dois não se entendiam, andavam *a brigar*. [*a brigar* = brigando]
  "Sentava no chão e ficava *a ler* o livro que ia sempre comigo." (ELSIE LESSA)
  "Não havia por que ficar ali *a recriminar-se*." (ÉRICO VERÍSSIMO)
  "Vivia *a elogiar* incendiários e assassinos." (GRACILIANO RAMOS)
  "Quantas madrugadas fico eu *a esperar* por alguém que não chega?" (JOSUÉ GUIMARÃES)

- em orações reduzidas adverbiais, sob a forma simples ou composta:

  Cessando a chuva, todos saíram.
  Calando-me, atrairei suspeitas.
  Tendo ferido o pé durante uma caçada, o príncipe teve de cancelar a viagem.
  "A espada do cristão, *batendo* na clava do selvagem, fez-se em pedaços." (JOSÉ DE ALENCAR)
  "Passava o dia *esperando* meia-noite, e, *em chegando* esta, interrogava o futuro próximo." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)
  Nesta terra, *em se plantando*, tudo dá.

Observação:

✔ Em orações adverbiais, o gerúndio pode, em certos casos, ser reforçado pela preposição expletiva *em*, como vemos nos dois últimos exemplos citados.

- em orações reduzidas adjetivas, sob a forma simples:

  Eram as alunas *saindo* para o recreio. [*saindo* = que saíam]

  "Tomei a figura de um barbeiro chinês *escanhoando* um mandarim." (MACHADO DE ASSIS)

  "Eram quatro bandidos *disparando* por todo o lado." (SANTOS FERNANDO)

- em descrições breves, para sugerir movimentação:

  "Ao longo dos campos verdes, tropeiros *tocando* o gado... O vento e as nuvens *correndo* por cima dos montes claros." (CECÍLIA MEIRELES)

EXERCÍCIOS LISTA 59

1. Substitua adequadamente os asteriscos pelos verbos conjugados no indicativo ou no subjuntivo:

a) Essa gente quer que nos ***** à poluição! (*acostumamos – acostumemos*)
b) Eu pensava que eles ***** para casa. (*iam – fossem*)
c) Não sei se Telmo ***** de esquiar. (*gosta – goste*)
d) Talvez a ponte ***** de podre. (*caiu – tenha caído*)
e) Preferia um guia que ***** inglês. (*falava – falasse*)
f) Preferi o Vitório, que ***** inglês. (*falava – falasse*)

2. Substitua o * nas frases pelas formas corretas dos verbos entre parênteses:

a) Qualquer pessoa que * tal notícia não a levaria a sério. (**ler**)
b) Se eu * anos fora de São Paulo e voltasse agora, acho que não acertaria nem com a minha rua. (**passar**)
c) Não * aquelas garrafas de cerveja que iriam tornar-me mais feliz. (**ser**)
d) Naquele encontro, Lúcio me falou da nova casa que ele * dias antes. (**comprar**)
e) Não * testemunhas que provassem a minha inocência. (**faltar**)
f) Embora nunca * à Sibéria, sei que lá é frio. (**ir**)
g) Talvez haja até quem * esses espertalhões. (**aplaudir**)

3. Em lugar de que tempo estão usados os verbos em destaque?

a) Amanhã **vou** a Petrópolis.
b) Não **matarás**.
c) "Anchieta **parte** em um navio..." (Carlos de Laet)
d) Se tivéssemos estudado, **estávamos** aprovados.
e) Agora ninguém **fala**, ordenou o professor.
f) Se não me **avisas** a tempo, **surpreendiam**-me em casa.
g) **Honrar** pai e mãe.
h) Trataram-no como se ele **fora** o mais vil dos escravos.
i) "A única coisa que **devêramos** fazer seria bater nos peitos." (Raquel de Queirós)
j) Firmino, eu **precisava** de um favor seu.
k) "Mas se ele vivesse... não **existias** tu agora." (Almeida Garrett)

4. Transcreva as frases, numerando-as de acordo com o valor do pretérito mais-que-perfeito do indicativo:

(1) **futuro do pretérito** (2) **pretérito imperfeito do subjuntivo**

- "A pele estava tão lisa como se **fora** de louça." (Diná Silveira de Queirós)
- "Ninguém **devera** casar sem muito ler..." (Camilo Castelo Branco)
- Sem a ajuda dos sertanistas, **fora** impossível pacificar a tribo.
- "Não teria havido nada grave, não **fora** a gasolina que imediatamente se esparramou pelo asfalto." (José Fonseca Fernandes)
- Não podes entender isso. **Fora** o mesmo que falar das cores do prisma a um cego de nascença.
- "Quando mais nada **devêramos** aos portugueses, nós estas duas coisas lhes deveríamos, a religião e a língua." (Carlos de Laet)
- "Há um costume, na Índia, que eu **quisera** ver adotado no resto do mundo." (Machado de Assis)

5. Desenvolva as orações reduzidas de gerúndio.

a) "Santos apareciam no sertão, **prometendo a terra para todos**." (LÊDO IVO)

b) "A estrela-d'alva, no céu escuro, parecia uma garça **lavando-se na lagoa**." (AFONSO ARINOS)

c) "Não serão, portanto, demais algumas palavras **explicando** quem era esse teólogo." (CARLOS DE LAET)

d) **Estourando nas mãos**, a bomba poderá matá-lo.

e) "**Tornando-se tão fácil** possuir um bicho de rodas, difícil ficou sendo não possuí-lo, João que o diga." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

6. Copie os períodos, antepondo a eles as letras **I** ou **S**, conforme ocorrer imperativo ou subjuntivo:

- "Montemos nós quatro na vaca e voemos para casa." (EDY LIMA)
- "Que se rendam ao morto as mesmas homenagens." (JOSUÉ GUIMARÃES)
- Bons ventos o levem!
- Levem seus livros para casa, disse-lhes o professor.
- Deus o acompanhe!
- "Descanse, mãe, você contará depois – Iuta pedia." (ADONIAS FILHO)

7. Reorganize as colunas, relacionando-as adequadamente:

Deus o **ouça**!	(1) fato futuro
Tenho de ir hoje.	(2) dúvida, incerteza
Hei de ir hoje!	(3) ordem, mandamento
Visitá-lo-ei amanhã.	(4) promessa, intenção
O senhor **poderia** dar-me uma informação?	(5) obrigação
João **saía** sempre cedo.	(6) fato condicionado
Já **dei** o recado.	(7) pedido delicado
Tenho trabalhado muito.	(8) desejo
Não **matarás**!	(9) fato futuro situado no passado
Prometi que **iria** cedo.	(10) fato hipotético
Batem. **Será** gente?	(11) ação habitual
Iríamos, se não chovesse.	(12) fato passado repetido
Aparecesse o guarda, e tudo se acalmaria.	(13) fato completamente realizado

8. Flexione corretamente os verbos destacados num tempo adequado do indicativo ou do subjuntivo, conforme convenha:

a) Tu, talvez, **descrer** do bem e da virtude.

b) Fale sobre coisas que **entreter** o interesse dos ouvintes.

c) Conquanto todos **supor** e **afirmar** que a empresa **ser** fácil, eu não me convencia.

d) Calei-me, não porque ele **intervir**, mas simplesmente porque achei ridícula aquela discussão.

e) Nosso chefe não era homem que **se abster** completamente de beber.

f) Adelaide **tocar** piano quando Mário entrou sem que ela o **ver**.

g) Não consta que **haver** prisões.

h) **Prazer** a Deus que isto não tivesse acontecido.

i) **Prazer** a Deus que isto não aconteça.

j) Ele ainda não me **pagar** as joias que eu lhe havia vendido.

k) Se ele tivesse partido hoje, nós ainda o **alcançar**.

l) Egoístas e maus **ser** vós, se não o tivésseis amparado.

m) Eu já **reaver** o meu dinheiro quando o detetive chegou.
n) E entravas ali sem que ninguém **ousar** impedir-te?
o) Se eu **escrever** maus versos, ninguém os teria lido.
p) "Pedrinho pagava na cadeia um crime que não **cometer**." (João Clímaco Bezerra)

9. Faça como no exercício anterior:
a) Você acha que nossos antepassados **ser** melhores, se tivessem conhecido os nossos maravilhosos inventos?
b) **Faltar**-lhe os amigos quando mais precisasse deles.
c) Não havia pessoa com quem ele não **se desavir**.
d) **Procurá**-lo, e tê-lo-iam descoberto.
e) Parecia incrível que **chegar** ao termo da nossa viagem tão depressa.
f) **Dizer-se** que aquela criatura tinha vindo ao mundo para sofrer.
g) Eu corria a segurar a canoa, não **ir** as ondas levá-la para longe.
h) Não seríamos nós que **ir** arcar com as consequências!
i) Sei que ela não descansará enquanto não me **ver** trabalhando.
j) **Seguir** os meus conselhos, e hoje não seríeis o que sois.
k) Devemos tratar as crianças de tal modo que não nos **faltar** ao respeito.
l) "De nada aproveitam leis, bem se sabe, não existindo quem as **amparar** contra os abusos." (Rui Barbosa)

10. Substitua os asteriscos pelo item que completa corretamente as frases:
- ***** supercivilizações ou seres inteligentes extraterrestres?
- Não ***** os dois valentes cães, os ladrões ***** na casa.
- Descansa e ***** em paz, as estrelas velarão o teu sono.
- Se não ***** a represa, o rio agora não inundaria as minhas terras.
- Com a chuva e os ventos ***** do sul, baixou sensivelmente a temperatura.

a) existiria – fossem – entrariam – durma – tinham construído – vindos
b) existiriam – fosse – teriam entrado – durma – têm construído – vindo
c) existirá – fossem – tinham entrado – dorme – construíssem – vindo
d) existiriam – fossem – teriam entrado – dorme – tivessem construído – vindos

11. Na frase "Ficamos ali sozinhos **a esperar** nossos colegas.", o infinitivo preposicionado pode ser substituído por que tempo?
(particípio – gerúndio – pretérito imperfeito do indicativo)

12. Responda às perguntas acerca da frase:
Arnaldo vendeu a moto que comprara de um amigo.
a) Em que tempo está o verbo **comprara**?
b) Qual a forma composta correspondente a **comprara**?
c) Como se justifica o emprego desse tempo verbal?

EMPREGO DOS MODOS E TEMPOS
Exercícios de exames e concursos
[Página 674]

EMPREGO DO INFINITIVO

Veja estes exemplos:

Não é um milagre o fato de **estarmos** vivos?

[**estarmos** → infinitivo pessoal flexionado]

Não é um milagre o fato de você **estar** vivo?

[**estar** → infinitivo pessoal não flexionado]

Estar vivo é um milagre.

[**estar** → infinitivo impessoal]

Os exemplos acima evidenciam que:

- O infinitivo pode ser *pessoal* (quando tem sujeito próprio) ou *impessoal* (quando não se refere a nenhum sujeito).
- O infinitivo pessoal ora se flexiona (isso ocorre na 2ª pessoa do singular e nas três pessoas do plural), ora não se flexiona (o que se dá na 1ª e na 3ª pessoas do singular). Todavia, mesmo no primeiro caso, nem sempre tem cabimento a forma flexionada.

1 INFINITIVO NÃO FLEXIONADO

Usa-se o infinitivo não flexionado nos seguintes casos:

- Quando é impessoal, isto é, quando exprime um fato de modo geral, sem referi-lo a um sujeito:

  Morrer pela pátria é glorioso.

  Importa a todos *colaborar* pela causa do bem.

  "*Morrer*, se necessário for; *matar*, nunca." (Cândido Rondon)

- Se equivaler a um imperativo:

  "*Caminhar! caminhar!*... O deserto primeiro,

  o mar depois..." (Olavo Bilac)

- Em geral, quando o infinitivo forma oração que complementa substantivos e adjetivos:

  Temos a obrigação de *ajudar* nossos pais.

  Eles sentiam prazer em *prestar* estes serviços.

  Não fomos capazes de *erradicar* a corrupção.

Estão dispostos a *tentar* a vida em outro país.

Estão propensos a *concordar*.

"Eles estavam fartos de *ver* aviões cruzar o céu." (EDI LIMA)

"Nós estamos imundamente morrendo do mal de não *ser* portugueses." (EÇA DE QUEIRÓS)

Flexiona-se, no entanto, o infinitivo da voz reflexiva:

Jogador e técnico estão dispostos a *se reconciliarem*.

Eles são incapazes de *se ajudarem*.

As duas meninas estavam ansiosas de *se conhecerem*.

Na voz passiva, a flexão, neste caso, é opcional:

Não falam ao telefone, com medo de *ser* (ou *serem*) ouvidos.

- Quando o infinitivo forma locução verbal, ou, em regra, quando tem o mesmo sujeito que o verbo da oração principal:

Costumamos levantar cedo desde crianças.

Devemos pelas nossas obras *dar* glória a Deus.

Podemos, depois disso, *convidar* amigos e *festejar*.

Evita prometer o que não *podes cumprir*.

Não *ousaste* sequer *encarar* teu ofensor!

Tomaram a resolução de *resistir* até o fim.

Pretendemos, se tudo correr bem, *chegar* lá ainda hoje.

"*Queremos*, em nossos reveses, *passar* por infelizes e não por inábeis." (ANÍBAL MACHADO)

"Vidas que *têm* forçosamente de *se entrechocar*." (FERNANDO NAMORA)

- Quando o infinitivo, regido das preposições *a* ou *de*, forma locução com os verbos *estar, começar, entrar, continuar, acabar, tornar, ficar* e outros análogos:

Continuas *a levantar* cedo?

Elas começaram *a rir* de nós.

Eles acabam *de sair*.

Estavam *a preparar* o banquete.

Tornastes *a errar*.

Ficamos os dois *a olhar* o mar.

Observação:

✔ O infinitivo sendo reflexivo e vindo distante do verbo auxiliar, é possível a forma flexionada: "Talvez por isso *entraram* os objetos a *trocarem-se*." (MACHADO DE ASSIS)

- Se o infinitivo tiver como sujeito um pronome oblíquo com o qual constitua o objeto direto dos verbos *deixar, fazer, mandar, ver, ouvir* e *sentir*:

Não nos deixeis *cair* em tentação.

Faça-os *entrar*.
Mande-as *esperar* um pouco.
Vejo-os *sair* de casa.
Ouço-as *falar* e *discutir*.
Senti-os *aproximar-se*.

Observações:

✔ O infinitivo, sendo reflexivo, revestirá, de preferência, a forma flexionada:

"Vi-os *alongarem-se* para mim, cheios de contrição." (MACHADO DE ASSIS)

✔ O sujeito do infinitivo sendo um substantivo, é facultativa a flexão para verbos ativos e obrigatória ou pelo menos recomendável, segundo os casos, com os verbos reflexivos:

Impostos elevados fazem os preços *subirem*.

"O vento fazia *ramalhar* as árvores do jardim." (ALEXANDRE HERCULANO)

"Viu *desfilarem* uma a uma todas as mulheres fatais." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"E eu vi, assombrado, *aparecerem* soldados romanos..." (EÇA DE QUEIRÓS)

"Apetece deixar as ervas *crescerem* à nossa volta." (FERNANDO NAMORA)

"Vilares via os anos *passarem* inalteráveis." (AMADEU DE QUEIRÓS)

"As damas antigamente mandavam os cavaleiros *correr* aventuras." (REBELO DA SILVA)

"Faziam, num átimo, os grãos *saltarem* da espiga." (CIRO DOS ANJOS)

"Chuchu enterrado de manhã bem cedo faz *caírem* verrugas." (CLARICE LISPECTOR)

"Vi os bustos *inclinarem-se* ainda mais." (MACHADO DE ASSIS)

"Sentia os torrões *se esfarelarem* sob as solas dos sapatos." (GRACILIANO RAMOS)

2 INFINITIVO PESSOAL FLEXIONADO

Ocorre o **infinitivo pessoal flexionado** nos seguintes casos:

- Quando o infinitivo tem sujeito próprio, diverso do sujeito da oração principal:

Eu alugaria uma casa para eles *morarem* sozinhos.
As autoridades deram ordens para *serem* presos todos os agitadores.
Permaneci calado, ouvindo os outros *discutirem* os seus problemas.
"Não era raro *sentarem-se* à mesa dezoito ou vinte convivas." (VIVALDO COARACI)
"Às vezes acontecia *acharem-se* ali duas pessoas inimigas." (MACHADO DE ASSIS)
"Convidava eu amigos a *jantarem* comigo aos domingos." (CAMILO CASTELO BRANCO)
"O bom cavaleiro sentiu as asas da morte *roçarem*-lhe frias pela fronte." (ALEXANDRE HERCULANO)
"Aquela porta se abre para *entrarem* carros de lenha." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Afirma não *existirem* tais plantas no país." (SAID ALI)

"Achei notável *usarem* os dois uma prosa fofa." (GRACILIANO RAMOS)

"Tio Maxêncio não te perdoou não *teres descido* para a missa do sétimo dia." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

"*Serem* comidas é o destino final delas, como aliás o de todo ser vivo." (JOSÉ J. VEIGA)

- Quando vier regido de preposição, sobretudo se preceder ao verbo da oração principal:

Para não *teres* más surpresas, não votes em maus candidatos.

"Ficaram todos pasmados *ao verem*-no caminhar." (SAID ALI)

Ao saberem que o sítio estava à venda, resolveram comprá-lo.

Até o *encontrarem*, muito terão de andar.

"Alguns o tinham visto meses atrás, *sem* lhe *guardarem* bem a fisionomia." (ANÍBAL MACHADO)

"A realidade, *ao aproximarmo-nos* dela, faz diminuir o próprio interesse das coisas verdadeiramente belas." (FERREIRA DE CASTRO)

"*Ao nos sentarmos* à mesa, havia sempre a louca esperança de que algum acontecimento viesse a cancelar a malsinada leitura." (CIRO DOS ANJOS)

"As pessoas mais delicadas haviam desde a véspera abandonado a cidade *para* não *testemunharem* a execução." (JOÃO RIBEIRO)

- Sendo verbo passivo, reflexivo ou pronominal:

Viviam juntos sem *se conhecerem*.

"Despediu-se de Filipe dizendo que não convinha *serem vistos* juntos." (CLARICE LISPECTOR)

"Confesso que senti as carnes *arrepiarem-se*." (COELHO NETO)

"Bem antes de *se tingirem* de rosa e laranja as bandas do céu..." (CIRO DOS ANJOS)

"A tentativa de *se aferirem* pesos e medidas." (CIRO DOS ANJOS)

"Roderico viu *enovelarem-se* nos ares os rolos de pó." (ALEXANDRE HERCULANO)

"O pobre-diabo sentiu *enterrarem-se*-lhe no corpo os milhões de agulhas." (MACHADO DE ASSIS)

"Essas terríveis pequenas não precisam de falar para *se entenderem*." (CIRO DOS ANJOS)

- Sempre que for necessário deixar bem claro o agente ou sujeito, ou se quiser pô-lo em evidência, enfatizando-o:

"Estás louco, rapaz! Não *comeres*, tu que estalavas de fome?" (MONTEIRO LOBATO)

"Confessam *deverem*-vos a vida que vivem." (SAID ALI)

"Não era tão fácil *asseverarem* que estavam cortando mandacaru nos cestos?" (GRACILIANO RAMOS)

"E assim vão se criando, sem jamais *terem* escutado uma palavra de catecismo." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

Era melhor *teres feito* isto ontem.

Penso *seres* o mais indicado para o cargo.

Ele nos acompanhará para não *atrairmos* suspeitas.

"Não havia risco de *sermos* prejudicados." (POVINA CALVANCÂNTI)

"Em vez de *aborrecerem* o mal, aborrecem a luz." (ANTÔNIO VIEIRA)

"É preciso *aprendermos* a nos esquecer de nós mesmos." (CIRO DOS ANJOS)

- Quando vier um tanto afastado do verbo auxiliar ou do seu sujeito:

"Mas a selva já começa a rarear, e os ginetes a *resfolegarem* com mais violência." (ALEXANDRE HERCULANO)

"Quem quisesse poderia ver as filhas de Maria Amélia, com seus vestidinhos de luto, *brincarem* no jardim." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

- Como recurso de expressão, já para assegurar à frase harmonia e equilíbrio, já para transmitir à ação verbal mais vigor e dinamismo:

"Em pouco, os vi *saírem* juntos, a cavalo." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

"Eu vi as ondas *engolirem*-no." (ANÍBAL MACHADO)

"... como as cegonhas que um ilustre viajante viu *desferirem* o voo desde o Ilisso às ribas africanas." (MACHADO DE ASSIS)

"Venho com os olhos a *faiscarem* de cores." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

"Chamam-nos pelo medo de *terem* suas moradias queimadas." (CECÍLIA MEIRELES)

"Vira muitos dos seus companheiros *caírem* mortos ao seu lado." (JOÃO FELÍCIO DOS SANTOS)

"Cifras, cifras, sempre cifras a lhe *ferverem* na cabeça..." (CIRO DOS ANJOS)

"Vi vários deles *tombarem* de seus cavalos e *serem* arrastados pelo campo." (JOSÉ J. VEIGA)

"Vivemos, Dora, na certeza / de *sermos* amanhã / o que ontem não fomos." (JOSÉ PAULO PAES)

- Com os verbos *ver* e *parecer*, conforme vimos no capítulo da *Concordância verbal*, são lícitos dois tipos de construção, podendo-se flexionar no plural ora o verbo auxiliar, ora o infinitivo:

Viam-se reluzir as armas. [ou: *Via-se reluzirem* as armas.]

As montanhas *pareciam fugir* à nossa aproximação. [ou: As montanhas *parecia fugirem* à nossa aproximação.]

"*Via-se* as ervas *crescerem* nos pátios e eirados." (REBELO DA SILVA)

"Nessas tétricas paragens, os bichos do mato *pareciam confraternizar-se* com o homem." (CIRO DOS ANJOS)

"Os longínquos contornos das coisas esmaecem como num banho, e *parece diluírem-se* no éter, esbatidos na polvilhação aquosa." (RAMALHO ORTIGÃO)

O emprego do infinitivo na língua portuguesa é matéria complexa e, em alguns casos, polêmica. Por isso, nos limitamos a traçar as normas que julgamos essenciais para habilitar o estudante a usar com acerto essa forma verbal. Como vimos, há situações em que é livre a escolha da forma flexionada ou da não flexionada do infinitivo.

Nesta, como em todas as questões de linguagem, deve-se atender, antes e acima de tudo, às exigências do bom gosto literário, à harmonia da frase e à clareza da expressão.

EXERCÍCIOS LISTA 60

1. Escreva as frases, substituindo os asteriscos de forma adequada e numerando-as corretamente, conforme o indicado:

Não é maravilhoso **enxergar** as cores?

Não é maravilhoso o fato de (tu) ***** as cores?
Não é maravilhoso o fato de você ***** as cores?
Não é maravilhoso o fato de nós ***** as cores?
Não é maravilhoso o fato de vós ***** as cores?
Não é maravilhoso o fato de vocês ***** as cores?

(1) infinitivo pessoal flexionado

(2) infinitivo pessoal não flexionado

(3) infinitivo impessoal

2. Transcreva os exemplos, descrevendo as regras do emprego do infinitivo estudadas neste capítulo:

a) Os motoristas, impacientes, começaram a buzinar.

b) Adianta vocês fazerem bonitos planos, se não têm dinheiro?

c) Andar a pé é um excelente exercício físico.

d) "Andar com isso, bradou Mascarenhas." (Arnaldo Gama)

e) Vejo-os atravessar a praça todos os dias.

f) "Eles estão acostumados a se combaterem desde antes do Cabral." (Edi Lima)

g) Não podíamos, é verdade, sair de casa sem o consentimento dos pais.

h) Ao receberem a notícia, ficaram muito tristes.

i) As duas velhinhas, coitadas, pareciam cansadas de viver.

j) Acredito seres o mais indicado para essa tarefa.

k) Aqueles túmulos régios parece falarem da fragilidade do poderio humano.

l) "Continuaram a enfiar a mão na lata e, depois, a lamberem a calda dos dedos." (Edi Lima)

m) "Eu vi as ondas engolirem-no." (Aníbal Machado)

n) "O vento fazia ramalhar as árvores do Jardim." (Alexandre Herculano)

3. Justifique o emprego do infinitivo nestas frases:

a) "Ele já andava meio desconfiado vendo as fontes minguarem." (Graciliano Ramos)

b) "Podíamos ver aqueles véus finos da água oscilarem, flutuarem, esgarçarem-se, mostrando e escondendo a paisagem." (Cecília Meireles)

c) "Viu saírem e entrarem mulheres." (Machado de Assis)

d) "Vejo erguerem-se no horizonte algumas velas." (João Ribeiro)

e) "Não adianta nada estarem hospedados longe da cidade, num sanatório." (Maria de Lourdes Teixeira)

f) "Revoltava-me o recurso infantil de se xingarem, arrancarem os cabelos." (Graciliano Ramos)

g) "Via as paredes afastarem-se, as telhas subirem e descerem." (Graciliano Ramos)

h) "Eram incapazes de exercer um cargo de confiança." (Raquel de Queirós)

i) "A uma acautelada distância, viu saírem os alunos do Grupo." (Garcia de Paiva)

j) "Cansei-me de ouvir os mais velhos elogiarem a minha educação." (Povina Cavalcânti)

k) Para não teres surpresas desagradáveis, guarda minhas recomendações.

4. Copie as frases, prestando atenção ao emprego do infinitivo; em seguida, escreva a frase f), mudando a forma reduzida do verbo *discutir* na forma desenvolvida.

a) "Ensinava as índias a prepararem quitutes." (Edy Lima)

b) "Poiranga adiantou-se e fez sinal para ficarmos onde estávamos." (Edy Lima)

c) "E, aos brigões, incapazes de se moverem, basta-lhes xingarem-se à distância." (Dalton Trevisan)

d) "Alertados pela imprensa, os cautelosos preferem não se arriscar a duas eventualidades: serem furtados ou serem suspeitados como afanadores." (Carlos Drummond de Andrade)

e) "O fato de um milhão de pessoas participarem dos mesmos vícios não os transforma em virtudes." (Gustavo Corção)

f) "Um dos professores sugeriu, ao se discutirem os programas, a ideia do ensino integral da Zoologia." (Carlos Laet)

g) "Afirmam estarem impossibilitados de prosseguir viagem." (Said Ali)

h) "Outros, muito silenciosos, mordiam os lábios e dir-se-ia quererem fuzilar a brenha com os olhos sinistramente fixos." (Ferreira de Castro)

i) "Faziam, num átimo, os grãos saltarem da espiga." (Ciro dos Anjos)

j) "Vi muitos meninos grandes serem batizados." (Povina Cavalcânti)

5. Escreva os períodos, substituindo o * pela forma adequada do infinitivo dos verbos entre parênteses:

a) Era a revolução e a democracia a * em toda a parte. (**infiltrar-se**)

b) Fizeram-nas * desde a infância. (**trabalhar**)

c) Amiúde vemos pessoas * bem e * mal. (**falar**, **agir**)

d) É necessário não * tão graves erros. (**repetir-se**)

e) Não quisestes, por causa de vossa modéstia, * homenageados. (**ser**)

f) Ficava horas à janela, vendo os transeuntes *. (**passar**)

g) Não podemos * a nossos compromissos. (**faltar**)

h) Os exemplos não se fizeram senão para * citados. (**ser**)

i) Não percebes * teus planos descobertos? (**estar**)

j) O vento fazia * as hastes das antenas. (**oscilar**)

k) Viam-se já * as primeiras estrelas. (**brilhar**)

l) Via-se, no infinito espaço, * solitários astros. (**brilhar**)

6. Copie apenas os exemplos em que também seria lícita a forma flexionada do infinitivo:

a) Não devemos **preocupar-nos** exclusivamente com a vida material.

b) "Por que deixara as coisas **chegar** àquele ponto?" (CIRO DOS ANJOS)

c) "Foram feitos para **ser** vistos apenas uma vez." (CIRO DOS ANJOS)

d) "Roberval, a princípio, deixava-os **lutar**." (DINÁ SILVEIRA DE QUEIRÓS)

e) "E para **comemorar** o achado executavam no ar grandes rondas festivas." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

7. Escreva as frases substituindo o * pelo infinitivo dos verbos entre parênteses, flexionado ou não flexionado, conforme convenha:

a) Sentindo-me enregelado, com os pés a *, ergui-me para um exercício violento. (**doer**)

b) Os fazendeiros haveriam, dali por diante, de * as geadas. (**temer**)

c) Para não se * no meio da multidão, amarraram um lenço vermelho na cabeça. (**perder**)

d) Os jovens gostam muito de * com seus amigos. (**conversar**)

e) Os alunos devem, durante o ano, * ao estudo. (**aplicar-se**)

f) *, no mundo, crimes e injustiças, eis um fato entristecedor. (**existir**)

g) Todos aprenderiam, com um pouco de esforço, a * algum ofício útil. (**exercer**)

h) Ficarei aqui esperando-te, até * dar-me uma resposta definitiva. (**resolver**)

i) Chamei as duas pobrezinhas e dei-lhes um brinquedo, para não * na frente de outras mais felizes. (**chorar**)

j) Mandou-os * imediatamente. (**sair**)

k) Convidei-os a * na sala. (**entrar**)

l) Os perigos nos forçam a * unidos. (**permanecer**)

m) Difícil explicar como as duas crianças chegaram ali sem * vistas. (**ser**)

n) O fato de * a verdade não me dá o direito de vos espancar. (**negar**)

o) Ela via que era perigoso * (nós) sozinhos pelas ruas. (**andar**)

p) Sentia como que bicos de abutre a lhe * as entranhas. (**espicaçar**)

q) Os olhos de Marta! Dir-se-ia * a cor do mar. (**copiar**)

r) Depois de se * as obras, o bairro ganhará fisionomia nova. (**concluir**)

8. Faça como no exercício anterior:

a) É muito comum * detentos das penitenciárias. (**fugir**)

b) Alguns conseguiram, a muito custo, * até a praia. (**nadar**)

c) Íamos aos terreiros ver * as fogueiras. (**acender-se**)

d) Habitavam a terra muito antes de * os portugueses. (**chegar**)

e) Sem se * com a chuva, os meninos continuavam jogando. (**importar**)

f) Aos domingos, vinham muitos amigos * com ele. (**falar**)

g) O pior que pode acontecer é os pneus * na viagem. (**estourar**)

h) Assim, venho ao senhor para * a um acordo de cavalheiros. (**chegar**)

i) Os dois homenzarrões pareciam * da nossa fraqueza. (**zombar**)

j) Os dois homenzarrões parecia * da nossa fraqueza. (**zombar**)

k) Os bilhões de reais que o governo arrecada não são para se *. (**desperdiçar**)

9. Escreva de forma correta a única frase em que há erro no emprego do infinitivo:

a) Esse rio é perigoso por **existirem** piranhas em suas águas.

b) Esse rio é perigoso por **haverem** piranhas em suas águas.

c) As emissoras de rádio informavam não **haver** dados exatos sobre a catástrofe.

d) Os sacos pareciam **conter** frutas volumosas.

e) Todas as coisas em volta parecia **aplaudirem** meu nobre gesto.

10. Copie os períodos abaixo, com exceção daquele em que o infinitivo flexionado não é cabível por formar locução verbal:

a) Não concordo com os que afirmam **serem** esses índios violentos e agressivos.

b) Antes de **partirem**, a mãe lhes acenou da varanda várias vezes.

c) Os pais mandaram seus filhos **alistarem-se** como voluntários.

d) Via-se que aquelas crianças deviam **terem** recebido boa educação.

e) Acho uma temeridade **viveres** num lugar desses.

11. Corrija os infinitivos cuja forma for inadequada:

a) Depende de nós todos **aumentarmos** nossa produção agrícola.

b) É muito comum **aparecer** baleias nesta praia.

c) Não é raro **faltarem** folhas em livros novos.

d) Os bons candidatos evitam **prometerem** o que não podem cumprir.

e) Muitos países estão empenhados em **descobrir** ou **aperfeiçoar** novos processos para a produção de energia.

f) Os defensores dos ufos acreditam **serem** os discos naves espaciais de origem extraterrena.

g) Ao **cruzarmos** a rua, Armando veio ao nosso encontro.

h) Há pouca esperança de os dois países beligerantes **chegar** a um acordo.

i) O perigo era uma daquelas feras **sentirem** nossa presença e nos **atacarem**.

12. Substitua as orações destacadas por orações reduzidas de infinitivo:

a) Parecia **que tinha a alma nos olhos**, tão vivos e lindos eram.

b) A natureza parece **que concentrou toda a sua pujança na catadupa tremenda**.

c) Os inimigos parecia **que esperavam firmes o combate**.

d) Ela ainda não te perdoou **que não tenhas comparecido à festa**.

e) Noticia-se **que foram vistos discos voadores perto de Baturité**.

f) Asseguram **que encontraram uma solução para o cessar-fogo**.

g) As ilhas parece **que atraem magneticamente esses aventureiros**.

h) Espero-te aqui **até que resolvas** dar-me uma resposta definitiva.

i) Continua a difícil cruzada para convencer os índios **a que deixem de ser índios** e **adiram à sociedade de consumo**.

13. Melhore a redação dos períodos abaixo, substituindo as orações destacadas pelas reduzidas correspondentes:

a) Mas há um fato elementar que você parece **que não percebeu claramente**.

b) No Largo da Carioca acercou-se de mim um homem que, pelos modos e atitudes, se via **que era do interior** e **que precisava de ajuda**.

c) Dizes-me que não há possibilidades **de que se remedeiem os males** que nos afligem?

d) Li nos jornais umas notícias que depois averiguei **que não eram verdadeiras**.

e) Dizem as crônicas que algumas pessoas afirmavam **que tinham visto cascavéis** dançando no peito do vereador.

14. Justifique o infinitivo flexionado **despencarem** neste diálogo, à porta de uma quitanda:

— Não haverá perigo desses cachos de banana despencarem sobre nossas cabeças, Manuel?

— Tu queres dizer perigo para nós ou pros cachos?

LEITURA

Viagens

Olímpio tinha negócios em Belém. Pelo menos uma vez por semana ia a Belém. As viagens eram longas e cansativas, sobretudo para ele, que não conseguia dormir no avião. Ficava inteiramente insone, prestava atenção nos outros passageiros dormindo, e tinha inveja daquela segurança, daquele destemor que os fazia dormir. Conscientemente não sentia medo, só que não conseguia dormir. Encostava a cabeça no vidro frio da janela e olhava a escuridão da noite lá fora. O barulho dos motores varando o mundo fechado e sem fim da noite.

Às vezes havia lua e estrelas, mas a solidão pesava fundo. Ficava horas olhando a luz de navegação na asa, o fogo do motor que a luz do dia não deixa ver. Uma casquinha de noz boiando entregue a forças invisíveis. Não tinha medo, no bojo do avião ia anotando friamente as sensações. Não conseguia dormir, só isso. Porque não conseguia dormir e às vezes não suportava a solidão, quando esgotava todas as lembranças e o poço era vazio, levantava-se e ia conversar com a aeromoça. Muitas vezes a aeromoça também dormia. Foi assim que conheceu o comandante. Este, como ele, não dormia. Foi assim que conheceu o comandante, que fazia aquela linha há três anos.

(Autran Dourado, *Solidão Solitude*, Rocco, Rio de Janeiro, 2004)

EMPREGO DO INFINITIVO
Exercícios de exames e concursos
[Página 675]

EMPREGO DO VERBO HAVER

O verbo *haver* pode ser empregado como pessoal ou impessoal. Emprega-se pessoalmente:

- como verbo auxiliar de verbo pessoal:

  Os criminosos *haviam fugido* da prisão. [*haviam* = tinham]

  Isso não *há de acontecer*.

  Hei de viajar muito.

  Haveremos de ter saudades desta casa.

  "Podê-lo-ás depois quando as condições da vida *houverem mudado*." (Machado de Assis)

- no sentido de *ter*:

  "Pedia ao Senhor que lhe visse as lágrimas, e *houvesse* piedade delas." (Camilo Castelo Branco) [houvesse = *tivesse*]

- como sinônimo de *obter, conseguir, alcançar*:

  "Os sentenciados *houveram* do poder público a comutação da pena." (Carlos Góis)

  "Donde *houveste*, ó pélago revolto, esse rugido teu?" (Gonçalves Dias)

- na acepção de *pensar, julgar, entender*:

  "Muitos *hão* que é fantasia." (Bernardim Ribeiro)

  "Se *houverdes* que é fraqueza morrer em tão penoso e triste estado." (Luís de Camões)

  "Os ingleses *houveram por* mais acertado voltar com um cão de menos." (Lúcio de Mendonça)

  "*Haviam*-no *por* sábio." (Celso Luft)

  Alguns *haviam*-no *por* morto.

- como verbo pronominal, no sentido de *proceder, portar-se, lidar, desincumbir-se, sair-se:*

  Todos *se houveram* com perfeita dignidade.

  O soldado *houve-se* como herói.

  Os alunos não *se houveram* bem nas provas do mês.

  "Sei viver modestamente e sei também como *haver-me* na abundância." (São Paulo, Filipenses 4, 11)

  "Foi com esta escória da população que *se teve de haver* o frade recém-chegado." (Carlos de Laet)

  "Ele, porém, *houve-se* com a maior delicadeza e habilidade." (Machado de Assis)

  "Não sabia como *haver-se* com seus empregados." (Garcia de Paiva)

- ainda como pronominal, na acepção de *entender-se, avir-se, acertar conta, enfrentar*, caso em que se constrói com a preposição *com:*

  Agora o criminoso terá de *haver-se com* a justiça.

  Quem o maltratar *comigo se haverá.*

  "... se o estudante *se* não pudesse *haver com* o inimigo." (CAMILO CASTELO BRANCO)

  "Comportem-se como homens de bem, ou *vão se haver comigo.*" (NÉLIDA PIÑON)

O verbo *haver* é também pessoal nas seguintes locuções:

- *haver mister (de)* = precisar, necessitar:

  "Muitos dos enfermos bem *haviam mister* um hospital." (ANTÔNIO VIEIRA)

  "Mas o seu amor da ciência e da pátria não *havia mister de* outros incentivos." (RUI BARBOSA)

  (Esta locução é obsoleta.)

- *haver por bem* = dignar-se, resolver, considerar bom:

  O presidente *houve por bem* reconsiderar sua decisão.

  Os dirigentes dos sindicatos *houveram por bem* suspender a greve.

  "Mandei pedir à pessoa que requerera a minha captura, *houvesse por bem* explicá-la." (CAMILO CASTELO BRANCO)

  "O Doutor Juiz *houve por bem* decretar o fechamento do Asilo." (OTTO LARA RESENDE)

- *bem haja* = seja feliz, seja abençoado, tenha bom êxito:

  Bem hajam os que lutam pela liberdade.

  "*Bem haja* Sua Majestade!" (CAMILO CASTELO BRANCO)

  "*Bem hajas*, meu querido!" (CAMILO CASTELO BRANCO)

  • Nessas frases optativas o verbo *haver* deve concordar com o sujeito.

- *mal haja* (frase imprecativa):

  "*Mal haja* a hora em que saíste desta casa." (CAMILO CASTELO BRANCO)

  "*Mal hajam* as desgraças da minha vida..." (CAMILO CASTELO BRANCO)

  • O verbo *haver* concorda com o sujeito (*hora, desgraças*).

O verbo *haver* é impessoal — sendo, portanto, usado invariavelmente na 3ª pessoa do singular — quando significa:

- *existir:*

  Há pessoas que se dedicam a obras sociais.

  Criaturas infalíveis nunca *houve* nem *haverá.*

  Brigavam à toa, sem que *houvesse* motivos sérios.

  Se *tivesse havido* mais recursos, a obra já estaria concluída.

  Na ilha *havia* charretes puxadas a cavalos.

  Livros, *havia*-os de sobra; o que faltava eram leitores.

  • O substantivo que acompanha o verbo *haver*, neste caso, é objeto direto.

  Na primeira frase, por exemplo, *pessoas* é objeto direto de *há.*

- *acontecer, suceder:*

  Houve casos difíceis na minha profissão de médico.

  Não *haja* desavenças entre vocês.

  Naquela cidade *havia* frequentes rebeliões de presos.

- *decorrer, fazer*, com referência ao tempo passado:

  Há meses que não o vejo.

  Haverá nove dias que ele nos visitou.

  Havia já duas semanas que Marcos não trabalhava.

  O fato aconteceu *há* cerca de oito meses.

- Quando pode ser substituído por *fazia*, o verbo *haver* concorda no pretérito imperfeito, e não no presente:

  Havia (e não *há*) meses que a escola estava fechada.

  Morávamos ali *havia* (e não *há*) cinco anos.

  Ela conseguira emprego *havia* (e não *há*) pouco tempo.

  Havia (e não *há*) muito tempo que a polícia o procurava.

  "O garoto renovava, incansável em novo combate, as façanhas que, *havia* pouco, praticara no sempre memorando repique." (ALEXANDRE HERCULANO)

- *realizar-se:*

  Houve festas e jogos.

  Se não chovesse, *teria havido* outros espetáculos.

  Todas as noites *havia* ensaios das escolas de samba.

- *ser possível, existir possibilidade ou motivo* (em frases negativas e seguido de infinitivo):

  "Em pontos de ciência *não há transigir*." (CARLOS DE LAET)

  "Não *há contê-lo*, então, no ímpeto." (EUCLIDES DA CUNHA)

  "*Não havia descrer* da sinceridade de ambos." (MACHADO DE ASSIS)

  "Mas olha, Tomásia, que *não há fiar* nestas afeiçõezinhas." (CAMILO CASTELO BRANCO)

  "E *não houve convencê-lo* do contrário." (VIANA MOOG)

  "*Não havia* por que *ficar* ali a recriminar-se." (ÉRICO VERÍSSIMO)

- *ser necessário*, nas locuções *haver que* e *haver de*, seguidas de infinitivo:

  "*Há que* recuperar o tempo perdido." (ELSIE LESSA)

  "*Havia que* desmascarar o professor." (NÉLIDA PIÑON)

  "Em nosso caso, *há de* se levar em conta o baixo nível de credibilidade da classe política." (MARCO MACIEL)

Como impessoal o verbo *haver* forma ainda a locução adverbial *de há muito* [= desde muito tempo, há muito tempo]:

De há muito que esta árvore não dá frutos.

De há muito a imprensa vem alertando o País contra o desmatamento.

"*De há muito* sonho esta ilha, se é que não a sonhei sempre." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

O verbo *haver* transmite sua impessoalidade aos verbos que com ele formam locução, os quais, por isso, permanecem invariáveis na 3ª pessoa do singular:

Vai haver eleições, em novembro.

Começou a haver reclamações.

Não *pode haver* umas sem as outras.

Parecia haver mais curiosos do que interessados.

"Mas haveria outros defeitos, *devia haver* outros." (MACHADO DE ASSIS)

"*Há de haver* seis meses que ele me mandou chamar a Viseu." (CAMILO CASTELO BRANCO)

EXERCÍCIOS — LISTA 61

1. Substitua o * por formas adequadas do verbo **haver**:

a) Se * estudado, teriam sido aprovados.
b) Os sertanistas voltaram satisfeitos: * encontrado as tão cobiçadas pedras.
c) * coisas que se aprendem tarde.
d) Pessoas * que não sabem organizar sua vida.
e) No lugar onde é hoje Copacabana, *, no século XIX, apenas ranchos de pescadores.
f) Desde que o mundo é mundo, sempre * rivalidades entre os homens.
g) As casas eram novas e nas janelas * vasos com flores.
h) Se não * prêmios, ninguém se interessará pelo certame.
i) É justo que * as mesmas oportunidades para todos.
j) * três anos que não nos víamos.
k) Seria preferível que * menos exigências burocráticas.
l) Os pais, quando souberem isto, * de ficar muito contentes.
m) Se não * ódios e violências, o mundo seria mais feliz.
n) Se os ricos não fugissem da caridade, não * tantos pobres e indigentes.
o) Nesta difícil missão os dois médicos *-se com rara habilidade.
p) "E ele andava sossegado, como se ali * guardas-civis." (ÉRICO VERÍSSIMO)
q) Em que língua pensas tu * sido escritos aqueles magníficos poemas?

2. Ponha os verbos destacados no presente e no pretérito imperfeito do indicativo, sucessivamente:

a) **Fazer** dois meses que não **chover**.
b) **Ir** fazer dez dias que eu não **sair** de casa.
c) **Começar** a haver sinais de descontentamento.
d) Não **poder** haver rasuras neste documento.
e) Não **dever** haver desavenças entre vós.
f) **Haver** de haver leis justas e sábias.
g) Aqui **fazer** calores intensos.
h) Entre nós não **costumar** haver dissensões.
i) Em muitos países **precisar** haver mais estradas.
j) **Haver** crianças brincando na praça.

3. Dê os diferentes significados do verbo **haver**:

a) Falam como se **houvessem** presenciado o fato.
b) Aquele que ousar difamar-te vai **se haver** comigo.
c) Muitos **hão** que a empresa é irrealizável e temerária.
d) Os soldados **houveram-se** com bravura.
e) Rogava a seu credor que **houvesse** mais um pouco de paciência.
f) Os sentenciados **houveram** da rainha a comutação da pena.
g) "E lá se vão [os bois]: não **há** mais contê-los ou alcançá-los." (EUCLIDES DA CUNHA)
h) O prefeito **houve** por bem aceitar a minha proposta.
i) Nossos carros têm melhorado muito. **Haja** vista os últimos modelos.
j) Bem **hajam** os que lutam pela redenção dos cativos!
k) Como **se houveram** vocês na última prova?
l) "Mal **hajam** os vícios, mal **hajam** as paixões!" (CAMILO CASTELO BRANCO)
m) "Mas não **havia** negá-lo, era o próprio nome do Diogo Vilares." (MACHADO DE ASSIS)
n) "**Havia** muitos anos que não vinha ao Rio." (ANÍBAL MACHADO)
o) "É de fé que Deus **se houve** entre os dois partidos com uma honrada imparcialidade." (CAMILO CASTELO BRANCO)
p) "Sua majestade **houve** por bem admitir a Vossa Mercê à sua real presença." (CAMILO CASTELO BRANCO)
q) "Se acontecer achá-lo colérico, **haja-se** com discreta paciência." (CAMILO CASTELO BRANCO)
r) "Provavelmente ali ainda **haveria** assentos." (VIANA MOOG)
s) "Tanto um como o outro **se houveram** admiravelmente." (ALUÍSIO AZEVEDO)
t) "Quem sabe lá o que não seria se **nos** tivéssemos de **haver**, nos dias de hoje, com um *tiger-sapiens*!" (MÁRIO QUINTANA)
u) Mas como **se haviam** os países que não possuíam riquezas minerais?

4. Reescreva as frases substituindo adequadamente o * por **a**, **à** e **há**:

a) O barco saiu * pouco, em direção * ilha.
b) Daqui * pouco talvez os ônibus voltem * circular.
c) Este médico se devota * pesquisas científicas * dez anos.
d) De mais * mais, * possibilidade de o navio ir * pique.
e) Interessa * você saber quantos quilômetros * daqui * Lua?
f) * meses que estou * espera de notícias suas.
g) Estamos * vinte dias das eleições.

5. Reescreva a frase trocando **viver** pelos verbos **haver** e **existir**, sucessivamente.

No zoo da cidade **viviam** animais raros.

6. Reescreva as frases trocando o * por **há** ou **havia**, conforme for adequado:

a) * dois anos que a obra tinha sido iniciada.
b) * dois anos que a obra fora iniciada.
c) * dois anos que a obra foi iniciada.
d) O DER liberou a estrada que estava interditada * um mês.
e) A estrada está interditada * um mês.

LEITURA

Domingo na praça

Em três altas ondas a fonte desata
na negra bacia
suas longas madeixas de prata.

Entre o lago e as flores, desliza alegria
nas areias quietas:
cantos de ciranda, sapatinhos brancos,
aros velozes de bicicletas.

Depois dos canteiros, dois a dois sentados,
falando em sonho, sonhando acordados,
os namorados enamorados
dizem loucuras, pelos bancos.

Ah, Deus, – e a grande Lua antiga,
que volta de viagens, saindo do oceano,
ouve a alegria, ouve a cantiga,
ouve a linguagem de puro engano,
ouve a fonte que desata
na negra bacia
novas madeixas de prata...

As águas não eram estas,
há um ano, há um mês, há um dia...
Nem as crianças, nem as flores,
nem o rosto dos amores...

Onde estão águas e festas
anteriores?

E a imagem da praça, agora,
que será, daqui a um ano,
a um mês, a um dia, a uma hora?...

(Cecília Meireles, *Mar Absoluto*, in *Poesia Completa*, Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 1993)

EMPREGO DO VERBO HAVER
Exercícios de exames e concursos
[Página 687]

ESTILÍSTICA

trata do estilo, dos recursos expressivos da língua

Cidade sem rio

O rio Amazonas é o maior do mundo,
mas o rio do Tanque é o menor,
(Deslizava na fazenda de meu irmão)
O rio Doce banha terras amargas
de maleita, ferro e melancolia.
O córrego da Penha, esse, coitado,
mal fazia um poço raso
onde a gente, fugindo, se banhava.
Talvez porque me faltasse água corrente,
hoje a tenho represada nos olhos
e neste vago verso fluvial.

(Carlos Drummond de Andrade, *Poesia*,
Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 2002)

FIGURAS DE LINGUAGEM

Figuras de linguagem, também chamadas *figuras de estilo*, são recursos especiais de que se vale quem fala ou escreve, para comunicar à expressão mais força e colorido, intensidade e beleza.

Podemos classificá-las em três tipos:

a) Figuras de palavras (ou tropos)

b) Figuras de construção (ou de sintaxe)

c) Figuras de pensamento

O estudo das figuras de linguagem faz parte da *estilística*.

1 FIGURAS DE PALAVRAS

Compare estes exemplos:

A) O tigre é uma **fera**. [*fera* = animal feroz: sentido próprio, literal, usual]

B) Pedro era uma **fera**. [*fera* = pessoa muito brava: sentido figurado, ocasional]

No exemplo B, a palavra *fera* sofreu um desvio na sua significação própria e diz muito mais do que a expressão vulgar "pessoa brava". Semelhantes desvios de significação a que são submetidas as palavras, quando se deseja atingir um efeito expressivo, denominam-se *figuras de palavras* ou *tropos* (do grego *trópos*, desvio, giro).

São as seguintes as figuras de palavras:

- **Metáfora**: É o desvio da significação própria de uma palavra, nascido de uma comparação mental ou característica comum entre dois seres ou fatos.

  O seguinte exemplo, colhido em *Crônicas Escolhidas* de Rubem Braga, esclarece a definição:

  "O pavão é um *arco-íris* de plumas."

  Isto é, o pavão, com sua cauda armada em forma de leque multicolorido, é como um arco-íris de plumas.

  Entre os termos *pavão* e *arco-íris* existe uma relação de semelhança, uma característica comum: um semicírculo ou arco multicor.

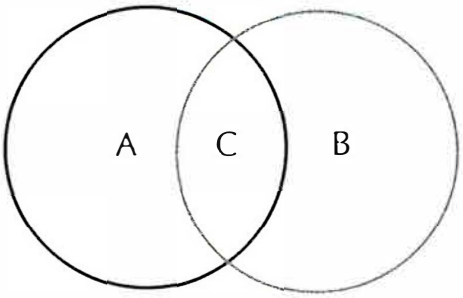

A – pavão

B – arco-íris

C – semicírculo multicor

Outros exemplos de metáforas:

Toda profissão tem seus *espinhos*.

As derrotas e as desilusões são *amargas*.

Murcharam-lhe os entusiasmos da mocidade.

"Adélia se via enclausurada numa *teia* de dúvidas." (Sérgio Gallo)

"Lá fora, a noite é um *pulmão ofegante*." (Fernando Namora)

"Mas o empregado não *se dobrou* a esses sofismas." (Carlos Drummond de Andrade)

"Cai a *tinta* da treva sobre o mundo." (Dante Milano)

"Que *negro* segredo guardava no *porão* da alma?" (Autran Dourado)

Dado o seu caráter enfático, incisivo, direto, a metáfora produz impacto em nossa sensibilidade: daí sua grande força evocativa e emotiva. É a mais importante e frequente figura de estilo e, frequentemente, encontra-se aliada a outras figuras, como a hipérbole e a personificação.

Observações:

✔ Não confundir a metáfora com a comparação. Nesta, os dois termos vêm expressos e unidos por nexos comparativos (como, tal, qual, assim como, etc.):

Nero foi cruel *como um monstro*. (comparação)

Nero foi um *monstro*. (metáfora)

✔ Por não ter colorido nem força expressiva especial, não é figura de estilo a *catacrese*, palavra ou expressão usada com seu significado original transposto ou adulterado: *embarcar* num trem, ficar *a cavalo* sobre um muro, *enterrar-se* um espinho no pé, tapar a *boca* dos poços, mesa de *pés* torneados, afiar os *dentes* da serra, etc.

- **Comparação**: Consiste em pôr em confronto pessoas ou coisas, a fim de lhes destacar semelhanças, características, traços comuns, visando a um efeito expressivo:

  Eles não têm ideal: são *como folhas* levadas pelo vento.

  A *criança é tal qual* uma *plantinha* delicada: precisa de amor e proteção.

  "*Como* uma informe *nódoa*, avulta e cresce / a *sombra* à proporção que a luz recua." (Raimundo Correia)

- **Metonímia:** Consiste em usar uma palavra por outra, com a qual se acha relacionada. Essa troca se faz não porque as palavras são sinônimas, mas porque uma evoca a outra. Há metonímia quando se emprega:

a) o *efeito* pela *causa*:

Os aviões semeavam a *morte*. [= bombas mortíferas]

[*as bombas* = a causa; *a morte* = o efeito]

b) o *autor* pela *obra*:

Nas horas de folga lia *Camões*. [*Camões* = a obra de Camões]

Traduzir *Homero* para o português não é fácil.

Um *Picasso* vale uma fortuna. [*Picasso* = o quadro de Picasso]

c) O *continente* pelo *conteúdo*:

Tomou uma *taça* de vinho. [= o vinho contido na taça]

A *terra* inteira chorou a morte do santo pontífice. [= os habitantes da terra]

d) o *instrumento* pela *pessoa* que *o* utiliza:

Ele é um bom *garfo*. [= comedor, comilão, glutão]

As *penas* mais brilhantes do país reverenciaram a memória do grande morto. [= os escritores]

e) o *sinal* pela *coisa significada*:

Que as *armas* cedam à *toga*. [isto é, *que a força militar acate o direito*]

O *trono* estava abalado. [isto é, *o império*]

Os partidários da *Coroa* eram poucos. [= governo monárquico]

f) o *lugar* pelos seus *habitantes* ou *produtos*:

"A *América* reagiu e combateu." (Latino Coelho)

Aprecio o *madeira*. [= o vinho fabricado na ilha da Madeira]

g) o *abstrato* pelo *concreto*:

A *mocidade* é entusiasta. [*mocidade* = moços]

"Difícil conduzir aquela *bondade* trôpega ao cárcere, onde curtiam pena os malfeitores." [bondade = o bom velho] (Graciliano Ramos)

h) a *parte* pelo *todo*:

Ele não tinha *teto* onde se abrigasse. [*teto* = casa]

Márcia completou ontem vinte *primaveras*. [*primaveras* = anos]

João trabalha dobrado para alimentar oito *bocas*. [*bocas* = pessoas]

i) o *singular* pelo *plural*:

O homem é mortal. [*o homem* = os homens]

"Foi onde o *paulista* fundou o país da Esperança." (Cassiano Ricardo)

j) a *espécie* ou a *classe* pelo *indivíduo*:

"Andai como filhos da luz", recomenda-nos o *Apóstolo* (para dizer *São Paulo*). [São Paulo (indivíduo) foi um dos *apóstolos* (espécie)]

k) o *indivíduo* pela *espécie* ou *classe*:

Os *mecenas* das artes (protetores)	Os *átilas* das instituições (destruidores)	O *Judas* da classe (traidor)

"Não é paternalismo de nenhum *mecenas* arquimilionário." (RAQUEL DE QUEIRÓS)
[*Mecenas:* amigo do imperador romano Augusto e incentivador das letras e das artes]

"Conseguirão os ladinos sherloques soteropolitanos desvendar a trama...?" (JORGE AMADO)
[*Sherlock Holmes:* famoso detetive, personagem dos romances policiais de Conan Doyle]

l) a *qualidade* pela *espécie*:

Os *mortais* [em vez de *os homens*] Os *irracionais* [= os animais]

m) a *matéria* pelo *objeto*:

Tanger o *bronze*. [= sino]

Ouvia-se o tinir dos *cristais*. [= copos]

Estava sem um *níquel* no bolso. [= moeda]

"O Cristianismo inventou o órgão e fez suspirar o *bronze*." (CHATEAUBRIAND) [*bronze* = sino]

"O *aço* de Zé Grande espelha reflexos dos cristais..." (HAROLDO BRUNO) [*aço* = faca]

- **Perífrase**: É uma expressão que designa os seres por meio de algum de seus atributos ou de um fato que os celebrizou:

Das entranhas da terra jorra o *ouro negro*. [= petróleo]

O *rei dos animais* foi generoso. [= leão]

O *Poeta dos Escravos* morreu moço. [= Castro Alves]

Os urbanistas tornarão ainda mais bela a *Cidade Maravilhosa*. [= o Rio de Janeiro]

"... parlamenteia-se hoje com o *monstro de mil cabeças*." (CARLOS DE LAET) [= a imprensa]

Observação:

✔ À estilística só interessam perífrases com valor expressivo.

- **Sinestesia**: É a transferência de percepções da esfera de um sentido para a de outro, do que resulta uma fusão de impressões sensoriais de grande poder sugestivo. Exemplos:

Sua *voz doce* e *aveludada* era uma *carícia* em meus ouvidos.

[*voz:* sensação auditiva; *doce:* sensação gustativa; *aveludada:* sensação tátil]

Em seu *olhar gelado* percebi uma ponta de desprezo.

"O *grito friorento* das marrecas povoava de terror o ronco medonho da cheia." (BERNARDO ÉLIS)

EXERCÍCIOS LISTA 62

1. Transcreva apenas as frases em que há metáfora:

a) Luzia olhou-se no espelho.

b) O rosto é o espelho da alma.

c) Um grito agudo cortou o silêncio.

d) "No céu desenha-se um pálido sorriso." (MÁRIO QUINTANA)

e) Muitos mancham a sua reputação e mordem na dos outros.

f) "As flores da terceira árvore eram rosadas como carne." (MARINA COLASANTI)

g) "O esquilo pincelava os troncos com a cauda." (MARINA COLASANTI)

h) "O luar amacia o mato sonolento." (RAUL BOPP)

i) "Uma nuvem de tristeza empana os olhos de amaro." (ÉRICO VERÍSSIMO)

j) Da nuvem cai a água que refresca e o raio que mata.

k) "No jardim as flores flamejam." (ÉRICO VERÍSSIMO)

l) Do alto via-se a teia imensa das ruas e avenidas cortando a floresta de edifícios.

2. Copie os períodos, numerando-os de acordo com as figuras de palavras que neles ocorrem:

(1) **metáfora** (2) **metonímia** (3) **perífrase** (4) **sinestesia**

a) Joguei duas pratas no chapéu do mendigo e fui andando.

b) O Pai da Aviação, com seu invento, encurtou as distâncias e aproximou os povos.

c) Via-me perdido num labirinto de dificuldades.

d) Ele, o Bom Pastor, deu a sua vida para nos salvar.

e) Um pássaro solitário riscou o céu, banhado em luz.

f) As planícies verdes alimentavam um rebanho de dez mil cabeças.

g) "Ó sonora audição colorida do aroma!" (ALPHONSUS DE GUIMARAENS)

h) Há muita luta e sofrimento neste vale de lágrimas.

3. Transcreva os períodos sublinhando as palavras que constituem metáfora:

a) Pesa sobre aquela nação uma sombria ameaça.

b) Ela sentou-se no banco, o olhar distante, o pensamento submerso no passado.

c) Uma a uma as badaladas se dissolvem na noite." (JOSÉ CONDÉ)

d) "Deitado na areia, meu pensamento vadio era uma borboleta serena que não pousava em nada." (BERNARDO ÉLIS)

4. Transforme as comparações em metáforas:

a) Os morcegos eram como loucos chicotes negros zurzindo as trevas.

b) A aeronave era como um grande pássaro metálico devorando a distância.

c) Faminto como ele estava, um pedaço de pão seria delicioso como um maná.

d) Cuidado com esse tal de Abelardo! Ele é astucioso como uma raposa.

5. Explique as metonímias, procedendo como no exemplo inicial:

Não podem viver debaixo do mesmo **teto**. [teto = casa: *a parte pelo todo*]

a) "Por que não te sentas? Eu vou descansar estes **ossos**." (ÉRICO VERÍSSIMO)

b) "**Nosso tempo** abomina flores, amigo." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

c) Sobre a cidade indefesa os aviões semeavam a **morte**.

d) **São Paulo** parou para receber e ovacionar os campeões.

e) "O **aço** de Zé Grande espelha reflexos dos cristais." (HAROLDO BRUNO)

f) "O garçom trouxera a bandeja com os copos festivos, perfilando num sorriso a brancura de seus dentes." (VILMA GUIMARÃES ROSA)

g) "Todos ao mar! — o Comandante ordena e é obedecido. Calções, maiôs, biquínis desfilam diante da reduzida população de Mangue Seco." (JORGE AMADO)

6. Qual é o tipo de figura de linguagem das palavras em destaque no período abaixo? (perífrase, metáfora, metonímia, comparação)

"E na curva da estrada, que era um talho sangrento no verde bruto da paisagem, sumiu-se a cavalgada." (BERNARDO ÉLIS)

7. Explique as perífrases:

a) E o **ouro** negro jorrou em vários pontos do **continente de Colombo**.

b) **Bípede implume**, não sujes o **precioso líquido** que te mata a sede e te purifica o corpo.

c) O **Poeta dos Escravos** verberou, em versos candentes, os navios negreiros.

8. Reconheça e classifique as figuras de palavras:

a) "Na guerra os meus dedos disparam mil mortes." (JUNQUEIRA FREIRE)

b) Firmou-se-lhe a reputação de mecenas das artes.

c) "O Major trazia sobre si o peso de 60 janeiros." (MONTEIRO LOBATO)

d) "Vendo em torno de mim mãos que davam esmolas." (OLEGÁRIO MARIANO)

e) "Volta aos humildes mas felizes tetos." (RONALD DE CARVALHO)

f) Os meninos ouviam contar os casos com frio desinteresse." (POVINA CAVALCÂNTI)

g) "O uniforme era lembrança viva do perigo permanente, da ceifadora implacável." (ORÍGENES LESSA)

h) "Um operário passou balançando uma lanterna vermelha, sumiu no oco da escuridão." (AUTRAN DOURADO)

i) "Os seminaristas que trocaram o turíbulo pelo rifle do guerrilheiro..." (VIANA MOOG)

j) "Altar e Trono, uni-vos!" (RAIMUNDO CORREIA)

k) Lisonjeavam-se outrora as cabeças coroadas; parlamenteia-se [= entra-se em negociação] hoje com o monstro de mil cabeças." (CARLOS DE LAET)

9. Forme frases com as palavras abaixo, usando-as no sentido metafórico.

Exemplo: Ele se libertou das **trevas** da ignorância.

sombra, tesouro, freio, manto, mar, brilhante, duro, acesso, frio, seco, sondar, alimentar, tecer, sacrificar

10. No diálogo, assinale a palavra empregada em sentido figurado:

"— Ainda bem que o inverno carioca é doce.

— É, mas aqui as folhas caem das árvores com tronco e tudo... (*Jornal do Brasil*, 21/6/1974)

11. Identifique as frases em que ocorrem *metonímias*.

a) Felizmente você tem um teto onde morar.

b) Precisamos de estradas bem construídas.

c) O ser humano é realmente insondável!

d) Ninguém segura a juventude deste país.

12. *Minha vida era um palco iluminado*

Eu vivia vestido de dourado

Palhaço das perdidas ilusões...

No trecho da música de Sílvio Caldas e Orestes Barbosa, acima reproduzido:

a) Qual a figura predominante?

b) Como ficaria esse mesmo trecho se fossem utilizadas comparações em lugar da figura que você apontou? Sugestão: Minha vida se passava como se eu, vestido de dourado, tal qual um palhaço, vivesse num palco, rindo e chorando minhas perdidas ilusões.

2 FIGURAS DE CONSTRUÇÃO

Compare as duas maneiras de construir esta frase:

Os homens pararam, o medo no coração.

Os homens pararam, com o medo no coração.

Nota-se que a primeira construção é mais concisa e elegante. Desvia-se da norma estritamente gramatical para atingir um fim expressivo ou estilístico. Foi com esse intuito que assim a redigiu Jorge Amado.

A essas construções que se afastam das estruturas regulares ou comuns e que visam transmitir à frase mais concisão, expressividade ou elegância dá-se o nome de *figuras de construção* ou *de sintaxe*.

São as mais importantes figuras de construção:

- **Elipse**: É a omissão de um termo ou oração que facilmente podemos subentender no contexto. É uma espécie de economia de palavras. Aqui só interessa a elipse como figura de estilo. Exemplos:

  As mãos eram pequenas e os dedos, finos e delicados. [elipse do verbo *eram*]

  "As quaresmas abriam a flor depois do carnaval, os ipês em junho." (RAQUEL DE QUEIRÓS) [Isto é: os ipês *abriam a flor* em junho.]

  Nossa professora estava satisfeita, como, aliás, todas as suas colegas.
  [Isto é: como, aliás, *estavam satisfeitas* todas as suas colegas.]

  "Parece que, quando menor, Sereia era bonita." (RAQUEL DE QUEIRÓS)
  [Elipse do verbo *era*: quando *era* menor]

  "Eles tremiam por si; eu pela sorte da Espanha." (ALEXANDRE HERCULANO) [isto é: *eu tremia*...]

  "Por que foi que a criatura se imolou? Um ato de protesto contra o governo?" (ÉRICO VERÍSSIMO)
  [Isto é: *Teria sido* um ato de protesto contra o governo?]

Nos exemplos supracitados, omitiram-se termos anteriormente expressos na frase. Essa modalidade de elipse tem o nome de *zeugma*.

- A elipse das conjunções e preposições assegura à frase concisão, leveza e desenvoltura:

  "E espero tenha sido a última." (VIANA MOOG) [elipse da conjunção *que*]

"Só aí que me inteirei de que ela havia sofrido e era boa." (GRACILIANO RAMOS)
[Ou seja: e *de que* era boa.]

"A carinha de Neuma podia ser de chinesa, fossem os olhos mais enviesados." (RAQUEL DE QUEIRÓS) [Isto é: *se* os olhos fossem...]

"Veio sem pintura, um vestido leve, sandálias coloridas." (RUBEM BRAGA)

"Entraram em casa, as armas na mão, os olhos atentos, procurando." (JORGE AMADO)

- Pode ocorrer a elipse total ou parcial de uma oração:

Perguntei-lhe quando voltava. Ele disse que não sabia.
[Isto é: Ele disse que não sabia *quando voltava*.]

"Os corpos se entendem, mas as almas não." (MANUEL BANDEIRA)
[Isto é: mas as almas não *se entendem*.]

- Podem ser consideradas casos de elipse as chamadas *frases nominais,* organizadas sem verbo. Exemplos:

"Bom rapaz, o verdureiro, cheio de atenções para com os fregueses." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

"Céu baixo, ondas mansas, vento leve." (ADONIAS FILHO)

"Àquela hora, quase deserta a Praia de Botafogo." (OLAVO BILAC)

"Em redor, tudo parado. Estático. No silêncio da madrugada, nem o piar de um pássaro, nem o farfalhar de uma folha." (LÍGIA FAGUNDES TELLES)

Observação:

✔ As frases nominais, de largo uso na literatura atual, são particularmente adequadas para a descrição de cenas estáticas, de ambientes de quietude, sem vida, sem movimento.

- **Pleonasmo**: É o emprego de palavras redundantes, com o fim de reforçar ou enfatizar a expressão. Exemplos:

"Foi o que *vi com os meus próprios olhos*." (ANTÔNIO CALADO)

"*Sorriu* para Holanda um *sorriso* ainda marcado de pavor." (VIANA MOOG)

"Tenha pena de sua filha, perdoe-lhe pelo *divino* amor *de Deus*." (CAMILO CASTELO BRANCO)

O seu leito era a *pedra fria*, a *pedra dura*.

"*Os impostos* é necessário pagá-*los*." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"*A mim* resta-*me* a independência para chorar." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"... *secá-las* bem *secas* no jirau." (FERREIRA DE CASTRO)

Observação:

✔ O pleonasmo, como figura de linguagem, visa a um efeito expressivo e deve obedecer ao bom gosto. São condenáveis, por viciosos, pleonasmos como: *descer para baixo, entrar para dentro, subir para cima*, a ilha *fluvial do rio* Araguaia, a *monocultura exclusiva de uma* planta, escrever a *sua autobiografia, produzir* bons produtos, etc.

- **Polissíndeto**: É a repetição intencional do conectivo coordenativo (geralmente a conjunção *e*). É particularmente eficaz para sugerir movimentos contínuos ou séries de ações que se sucedem rapidamente:

  "Trejeita, *e* canta, *e* ri nervosamente." (ANTÔNIO TOMÁS)

  "Por que é a beleza vaga *e* tênue,
  falaz *e* vã *e* incauta *e* inquieta?" (CABRAL DO NASCIMENTO)

  "Vão chegando as burguesinhas pobres,
  e as criadas das burguesinhas ricas,
  e as mulheres do povo, *e* as lavadeiras da redondeza." (MANUEL BANDEIRA)

  "Mão gentil, *mas* cruel, *mas* traiçoeira." (ALBERTO DE OLIVEIRA)

  Nossas matas têm milhares de espécies de árvores, *mas* o cedro, *mas* o mogno, *mas* o ipê quase não se encontram mais.

- **Inversão**: Consiste em alterar a ordem normal dos termos ou orações com o fim de lhes dar destaque:

  "*Passarinho*, desisti de ter." (RUBEM BRAGA)

  "*Justo* ela diz que é, mas eu não acho não." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

  "*Por que brigavam no meu interior esses entes de sonho* não sei." (GRACILIANO RAMOS)

  "*Tão leve* estou que já nem *sombra* tenho." (MÁRIO QUINTANA)

Observação:

✔ O termo que desejamos realçar é colocado, em geral, no início da frase.

- **Anacoluto**: É a quebra ou interrupção do fio da frase, ficando termos sintaticamente desligados do resto do período, sem função. O termo sem nexo sintático coloca-se, em geral, no início da frase para se lhe dar realce. Exemplos:

  Pobre, quando come frango, um dos dois está doente. (DITO POPULAR)

  "*Eu* não me importa a desonra do mundo." (CAMILO CASTELO BRANCO)

  "*Essas criadas de hoje* não se pode confiar nelas." (ANÍBAL MACHADO)

  "*Esses colonos* que se viram desalojados do Congo, não digo propriamente nada contra eles, mas não servem para nós." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

  A rua onde moras, nela é que desejo morar.

  Urubu, quando é caipora, o de baixo suja o de cima. (PROVÉRBIO)

  O anacoluto, fato bastante comum na língua oral, deve ser usado, na expressão escrita, com sobriedade e consciência.

- **Silepse**: Ocorre esta figura quando efetuamos a concordância não com os termos expressos, mas com a ideia a eles associada em nossa mente.

  A silepse, ou concordância ideológica, pode ser:

a) de **gênero**:

Vossa Majestade será *informado* acerca de tudo. [*Vossa Majestade* = o rei]

"Sobre a *triste Ouro Preto* o ouro dos astros chove." (OLAVO BILAC)

"Nuvens baixas e grossas ocultavam *Ilhéus*, *vista* dali em mar grande e livre." (ADONIAS FILHO)

"A certa altura, *a gente* tem que estar *cansado*." (FERNANDO PESSOA)

"Quando *a gente* é *novo*, gosta de fazer bonito." (GUIMARÃES ROSA)

"Se acha *Ana Maria comprido*, trate-me por Naná." (CIRO DOS ANJOS)

b) de **número**:

"Corria *gente* de todos os lados, e *gritavam*." (MÁRIO BARRETO)

"O *casal* de patos nada disse, pois a voz das ipecas é só um sopro. Mas *espadanaram, ruflaram* e *voaram* embora." (GUIMARÃES ROSA)

"Está cheio de gente aqui. Tire esse *povaréu* da minha casa. Que é que *eles querem*?" (DALTON TREVISAN)

"Minha amiga, *flor* tem vida muito curta, logo *murcham, secam, viram* húmus." (JOSÉ J. VEIGA)

c) de **pessoa**:

Ele e eu temos a mesma opinião. [*ele e eu* = nós]

"Aliás *todos os sertanejos* somos assim." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"*Os que adoramos* esse ideal, nela vamos buscar a chama incorruptível." (RUI BARBOSA)

"*Os amigos nos revezávamos* à sua cabeceira." (AMADEU DE QUEIRÓS)

"Mas haverá para qualquer de nós, *os que lutamos*, alguma alternativa?" (FERNANDO NAMORA)

"Os que a procuram são inúmeros, pois *todos sofremos* de alguma coisa; esta 'água insípida' tem uma vastíssima órbita de ação." (CECÍLIA MEIRELES)

"*Ficamos* por aqui, insatisfeitos, *os seus amigos*." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

"Dizem que *os cariocas somos* pouco dados aos jardins públicos." (MACHADO DE ASSIS) [= Dizem que *nós*, os cariocas, somos...]

- **Onomatopeia**: Consiste no aproveitamento de palavras cuja pronúncia imita o som ou a voz natural dos seres. É um recurso fonêmico ou melódico que a língua proporciona ao escritor.

"Pedrinho, sem mais palavras, deu rédea e, *lept! lept!* arrancou estrada afora." (MONTEIRO LOBATO)

"O som, mais longe, *retumba*, morre." (GONÇALVES DIAS)

"O longo vestido longo da velhíssima senhora *frufrulha* no alto da escada." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

"*Tíbios flautins finíssimos gritavam*." (OLAVO BILAC)

"*Troe* e *retroe* a *trompa*." (RAIMUNDO CORREIA)

"*Vozes veladas, veludosas vozes,*
volúpias dos violões, vozes veladas
vagam nos *velhos vórtices velozes,*
dos *ventos, vivas, vãs, vulcanizadas*." (CRUZ E SOUSA)

Observação:

✔ As onomatopeias, como nos três últimos exemplos, podem resultar da aliteração (repetição de fonemas nas palavras de uma frase ou de um verso). Pronuncia-se *onomatopéia*.

- **Repetição**: Consiste em reiterar (repetir) palavras ou orações para enfatizar a afirmação ou sugerir insistência, progressão:

  "O surdo pede *que repitam, que repitam* a última frase." (CECÍLIA MEIRELES)

  "*Tudo, tudo parado*: *parado* e morto." (MÁRIO PALMÉRIO)

  "Ia-se pelos perfumistas, *escolhia, escolhia*, saía toda perfumada." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

  "E o ronco das águas *crescia, crescia*, vinha para dentro da casona." (BERNARDO ÉLIS)

  "O mar foi ficando *escuro, escuro*, até que a última lâmpada se apagou." (INÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO)

EXERCÍCIOS — LISTA 63

1. Reconheça os termos e as orações elípticos:

a) Ela o atraía irresistivelmente, como o ímã ao ferro.

b) "Mas o sal está no Norte, o peixe, no Sul." (PAULO MOREIRA DA SILVA)

c) Eles se orgulham de suas misérias como Antístenes de seus andrajos.

d) "A cidade parecia mais alegre: o povo mais contente." (POVINA CAVALCÂNTI)

e) "Quando adolescente, estudante em Salvador, participei dos festejos da noite de São João." (POVINA CAVALCÂNTI)

f) "Ia aos poucos conquistando o seu terreno, que, por muito extenso, ele tinha medo de olhar." (AUTRAN DOURADO)

g) "Fabricava, antes, cachaça e rapadura, e agora tamancos." (GARCIA DE PAIVA)

h) "Vamos jogar, só nós dois? Você chuta para mim e eu para você." (ANTÔNIO OLINTO)

i) "Vamos ver o busto de Jorge numa pracinha sossegada, como convinha que fosse." (POVINA CAVALCÂNTI)

j) "Carteia está deserta, como as demais povoações vizinhas." (ALEXANDRE HERCULANO)

k) "Foi saqueada a vila, e assassinados os partidários dos Filipes." (CAMILO CASTELO BRANCO)

l) "Holanda afastou de si a ideia, por extravagante." (VIANA MOOG)

m) O senador propôs fossem reformulados alguns artigos da lei.

n) "O pensamento, não tenho certeza se estava no livro, se em outra parte." (MACHADO DE ASSIS)

o) Nunca fales mais do que convém.

p) Você talvez ache que a vida é uma ilusão, mas eu não acho.

2. Reconheça as preposições e conjunções elípticas:

a) "Pouco importa me batas pelo dobro." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

b) "Observava como ele torneava ou esculpia a madeira." (ÉRICO VERÍSSIMO)

c) "Marta tinha medo de que Paulo viesse destruir os seus planos, se metesse a modificar o que era seu." (JOSÉ LINS DO REGO)

d) "Veio sem pintura, um vestido leve, sandálias coloridas." (RUBEM BRAGA)

3. Transcreva as frases, colocando entre parênteses o nome das figuras de construção estudadas neste capítulo:

a) "Passeiam, à tarde, as belas na Avenida." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

b) "Agora seus olhos quase cegos viam perfeitamente vista a mata em todo o seu esplendor." (JORGE AMADO)

c) "O céu, à tarde, cada vez se tornava mais vermelho, os ventos mais quentes, mais forte a claridade." (ADONIAS FILHO)

d) "Táxi aqui não é fácil de conseguir. Passam lotados." (JOSÉ FONSECA FERNANDES)

e) "E rola e tomba e se espedaça e morre." (AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA)

f) "Você não volta nunca nunca nunca." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

g) "Essas criadas de hoje não se pode confiar nelas." (ANÍBAL MACHADO)

h) "Cricrila o grilo. Que frio!" (MÁRIO QUINTANA)

4. Classifique as figuras de construção, como fez no exercício anterior:

a) "E treme, e cresce, e brilha, e afia o ouvido, e escuta." (OLAVO BILAC)

b) "A gente, quando vai ensurdecendo, também vai ficando isolado." (GRACILIANO RAMOS)

c) "A mim é que não me enganam!" (MONTEIRO LOBATO)

d) "Não estou preparado. Quem está, para morrer?" (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

e) "Entravam matas adentro para o ventre das selvas, ou saíam mar afora para os portos do mundo." (ADONIAS FILHO)

f) "Os teus grilhões estrídulos estalam." (RAIMUNDO CORREIA)

g) "Coisa curiosa é gente velha. Como comem!" (ANÍBAL MACHADO)

h) "Sentei-me na cama, uma dor aguda no peito, o coração desordenado." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

i) "Homens e mais homens surgiram nas vertentes do Mogadouro." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

j) "Tão bom se ela estivesse viva para me ver assim!" (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

k) "Indispensável os meninos entrarem no bom caminho." (GRACILIANO RAMOS)

l) "Atrás, muito atrás, e com as gaivotas, ficaram a barra e o farol no morro do Pontal." (ADONIAS FILHO)

m) "Aliás todos os sertanejos somos assim." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

n) "A gente é obrigado a varrer até cair morto." (JOSUÉ GUIMARÃES)

o) "É tudo certo e prescrito
em nebuloso estatuto.
O homem, chamar-lhe mito
não passa de anacoluto." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

5. Transcreva as frases abaixo, antepondo a cada uma a letra correspondente à figura de construção que nela ocorre:

(a) **elipse** (b) **polissíndeto** (c) **anacoluto** (d) **silepse**

a) "Só a dor enobrece e é grande e é pura." (MANUEL BANDEIRA)

b) "O público vaiou demoradamente. E só não quebraram o circo porque o palhaço Gregório era engraçado." (JOSÉ CONDÉ)

c) "A cidade, quando davam as oito horas, todo mundo já estava de luz apagada, metido na cama." (BERNARDO ÉLIS)

d) "De que você me acusa? De não atendê-lo ao telefone?" (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

3 FIGURAS DE PENSAMENTO

Figuras de pensamento são processos estilísticos que se realizam na esfera do pensamento, no âmbito da frase. Nelas intervêm fortemente a emoção, o sentimento, a paixão.

Eis as principais figuras de pensamento:

- **Antítese**: Consiste na aproximação de palavras ou expressões de sentido oposto. É um poderoso recurso de estilo. Exemplos:

  "Última flor do Lácio, inculta e bela,

  és, a um tempo, *esplendor* e *sepultura*." (OLAVO BILAC)

  "A areia, *alva*, está agora *preta*, de pés que a pisam." (JORGE AMADO)

  "Como eram possível *beleza* e *horror*, *vida* e *morte* harmonizarem-se assim no mesmo quadro?" (ÉRICO VERÍSSIMO)

  "Quando a bola *saía*, *entravam* os comentários dos torcedores." (CARLOS EDUARDO NOVAIS)

  "As *sempre-vivas morreram*." (DORA FERREIRA DA SILVA)

- **Apóstrofe**: É a interrupção que faz o orador ou escritor para se dirigir a pessoas ou coisas presentes ou ausentes, reais ou fictícias. Exemplos:

  "Abre-se a imensidade dos mares, e a borrasca enverga, como o condor, as foscas asas sobre o abismo.

  Deus te leve a salvo, brioso e altivo barco, por entre as vagas revoltas..." (JOSÉ DE ALENCAR)

  Pode a apóstrofe ser também uma interpelação veemente, inflamada, como a destes versos de Castro Alves, que iniciam o poema *Vozes d'África*:

  "Deus! Ó Deus! Onde estás que não respondes?

  Em que mundo, em que estrela tu te escondes

  embuçado nos céus?"

- **Eufemismo**: Consiste em suavizar a expressão de uma ideia triste, molesta ou desagradável, substituindo o termo contundente por palavras ou circunlocuções amenas ou polidas. Exemplos:

  Fulano *foi desta para melhor*. [= morreu]

"A senhora é moça, é normal, e se estiver *em estado interessante*, o seu filho pode correr um perigo terrível." (LUÍS JARDIM) [= grávida]

Na cidade há escolas para crianças *excepcionais*. [= retardadas, anormais]

- **Gradação**: É uma sequência de ideias dispostas em sentido ascendente ou descendente. Exemplos:

"O primeiro milhão possuído *excita, acirra, assanha* a gula do milionário." (OLAVO BILAC)

Ele foi um *tímido*, um *frouxo*, um *covarde*.

Um ser *limitado*, uma *ínfima criatura*, um *grão de pó* perdido no cosmo, eis o que o homem é.

Uma *palavra*, um *gesto*, um *olhar* bastava para despertar suspeita.

A gradação ascendente denomina-se também *clímax*, e a descendente, *anticlímax*.

- **Hipérbole**: É uma afirmação exagerada. É uma deformação da verdade que visa a um efeito expressivo. Exemplos:

Chorou *rios* de lágrimas.

Estava *morto* de sede.

Os cavaleiros não corriam, *voavam*.

Estou um *século* à sua espera.

Tinha um *mundo* de planos na cabeça.

"A geada é um *eterno* pesadelo." (MONTEIRO LOBATO)

"Astrônomos famosos, como Pickering, *inundavam* os jornais de notícias." (RONALDO DE FREITAS MOURÃO)

- **Ironia**: É a figura pela qual dizemos o contrário do que pensamos, quase sempre com intenção sarcástica. Exemplos:

Fizeste um *excelente serviço*! [para dizer: um serviço péssimo]

Vejam os *altos feitos* destes senhores: dilapidar os bens do país e fomentar a corrupção!

"Um carro começa a buzinar... Talvez seja algum amigo que venha me desejar Feliz Natal. Levanto-me, olho a rua e sorrio: é um caminhão de lixo. *Bonito presente de Natal*!" (RUBEM BRAGA)

"Há recessão, há desemprego, há miséria, mas *tudo está sob controle de geniais economistas*." (EVANDRO LINS E SILVA)

- **Paradoxo**: Consiste esta figura, também chamada *oxímoro*, em usar, intencionalmente, um contrassenso:

"*Feliz culpa*, que nos valeu tão grande Redentor!" (SANTO AGOSTINHO)

Valentia covarde assaltar e matar pessoas indefesas!

"O doutor falava *bobagens conspícuas*." (MANOEL DE BARROS)

"*O que não tenho* e desejo é que melhor *me enriquece*." (MANUEL BANDEIRA)

- **Personificação**: É a figura pela qual fazemos os seres inanimados ou irracionais agirem e sentirem como pessoas humanas. É um precioso recurso da expressão poética. Por meio desta figura, também chamada *prosopopeia* e *animização*, empresta-se vida e ação a seres inanimados. Exemplos:

"Lá fora, no jardim que o *luar acaricia, um repuxo apunhala* a alma da solidão." (OLEGÁRIO MARIANO)

"*Os sinos chamam* para o amor." (MÁRIO QUINTANA)

"*O rio tinha entrado em agonia*, após anos de devastação em suas margens." (IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO)

Comum é a personificação de conceitos abstratos:

A Morte roubou-lhe o filho mais querido.

Vi *a Ciência desertar* do Egito..." (CASTRO ALVES)

- **Reticência**: Consiste em suspender o pensamento, deixando-o meio velado. Exemplos:

"De todas, porém, a que me cativou logo foi uma... uma... não sei se digo." (MACHADO DE ASSIS)

"Quem sabe se o gigante Piaimã, comedor de gente..." (MÁRIO DE ANDRADE)

- **Retificação**: Como a palavra diz, consiste em retificar uma afirmação anterior. Exemplos:

É uma joia, *ou melhor, uma preciosidade*, esse quadro.

O síndico, *aliás uma síndica* muito gentil, não sabia como resolver o caso.

"O país andava numa situação política tão complicada quanto a de agora. *Não, minto. Tanto não*." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"Tirou, *ou antes, foi-lhe tirado* o lenço da mão." (MACHADO DE ASSIS)

"Ronaldo tem as maiores notas da classe. *Da classe? Do ginásio*!" (GERALDO FRANÇA DE LIMA)

EXERCÍCIOS — LISTA 64

1. Escreva e classifique as frases de acordo com as figuras de pensamento estudadas neste capítulo:

a) "A excelente Dona Inácia era mestra na arte de judiar de crianças." (MONTEIRO LOBATO)

b) O infeliz poeta pôs termo à vida tragicamente.

c) "Toda vida se tece de mil mortes." (CARLOS DE LAET)

d) "Pupu está escrevendo – disse ela por fim. Não sei se ele..." (JOSÉ J. VEIGA)

e) Os tanques, abrasados, avançavam, a morte despejando dos seus bojos, mais frios do que as pedras que esmagavam.

f) "Acordei cansado, Solange. Ou melhor: não dormi." (JOSÉ FONSECA FERNANDES)

g) "No almoço e no jantar, tio Aníbal se levantava da cama para comer. Comia montanhas." (RAQUEL JARDIM)

h) "O sol belisca a pele azul do lago." (RAUL BOPP)

i) "Ande, corra, voe aonde a honra o chama." (BOILEAU)

j) " O coqueiro Ananias

está ali desde antes de nascerem os viajantes.

Estará ali depois que todos morrerem.

Salve, Ananias, os que vão findar te saúdam!" (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

2. Reconheça e classifique as figuras de pensamento, como fez no exercício anterior:

a) "Outro dia, João Brandão ia pela calçada. Minto. Evidentemente, não ia pela calçada, lugar por onde não se vai nem se vem, a menos que se possua carro." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

b) "A Rua Nova, no Recife, é velha à beça. A do Sossego é ruidosa e a Direita não pode ser mais torta." (MÁRIO SOUTO MAIOR)

c) "O povo estourava de riso." (MONTEIRO LOBATO)

d) "Onde estão os meus verdes? Os meus azuis?

O Arranha-Céu comeu!" (MÁRIO QUINTANA)

e) "O meu quarto, no primeiro andar, era um inferno de calor!" (GRACILIANO RAMOS)

f) "Quem sabe se o gigante Piaimã, comedor de gente..." (MÁRIO DE ANDRADE)

g) Que belo espetáculo cívico a pichação dos muros da cidade, em época de eleições!

h) Uma palavra, um gesto, um olhar bastava para despertar suspeitas.

i) "A luz do Sol – aliás, a luz em geral – só é vista quando se choca com a matéria." (RONALDO DE FREITAS MOURÃO)

j) O homem tem-se revelado grande amigo da natureza: onde se instala, abate as árvores, mata os animais, destrói cachoeiras, polui as águas dos rios e dos mares...

k) "Ela dará à luz um filho e tu o chamarás pelo nome de Jesus." (MATEUS 1, 21)

l) "As águas do rio gemiam alto, soluçando entre seixos." (VILMA GUIMARÃES ROSA)

m) "O ouro é tão claro! E turva tudo:

honra, amor e pensamento." (CECÍLIA MEIRELES)

n) "Bateu Amor à porta da Loucura.

'Deixa-me entrar – pediu – sou teu irmão.'" (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

o) "Na minha varanda já apareceu canário, até beija-flor, até uma deusa, oh, tu, Diana, caçadora de brisas, que presides ao destino das nuvens errantes e das espumas do mar." (RUBEM BRAGA)

3. Em cada uma das frases seguintes há duas figuras de estilo. Aponte-as:

a) "Ciprestes austeros velavam a paz dos encantados." (VILMA GUIMARÃES ROSA)

1) pleonasmo e elipse
2) personificação e eufemismo
3) antítese e hipérbole

b) Já é madrugada alta e a Lua vela o sono da cidade.

1) personificação e metonímia
2) antítese e silepse
3) metáfora e hipérbole

c) "Palavra que tem berço aqui, aqui tem sua sepultura." (JOSUÉ GUIMARÃES)

1) antítese e ironia

2) perífrase e ironia

3) antítese e metáfora

d) "Muda e sem trégua, galopa a névoa, galopa a névoa." (MANUEL GUIMARÃES)

1) repetição e personificação

2) antítese e elipse

3) pleonasmo e elipse

e) "Eu, que era branca e linda, eis-me medonha e escura." (MANUEL BANDEIRA)

1) retificação e eufemismo

2) antítese e anacoluto

3) ironia e hipérbole

f) Homens de vida amarga fazem o branco e doce açúcar.

1) metáfora e antítese

2) antítese e ironia

3) elipse e ironia

4. Assinale a figura de estilo que ocorre nos exemplos seguintes:

a) As viagens espaciais desprestigiaram o astro dos namorados.

1) metáfora

2) perífrase

3) hipérbole

4) elipse

b) Os pinheiros, de braços abertos, vigiavam a paisagem.

1) metonímia

2) apóstrofe

3) personificação

4) inversão

c) "Enfim o Rio de Janeiro pode orgulhar-se de um recorde mundial: é a cidade mais barulhenta do mundo." (*Jornal do Brasil*, 21/12/1981)

1) metáfora

2) onomatopeia

3) antítese

4) ironia

d) "Eu cá ninguém me tira da cabeça que foram os ministros militares que forçaram o homem a renunciar." (ÉRICO VERÍSSIMO)

1) anacoluto

2) elipse

3) eufemismo

4) ironia

e) Interesse ou não, seja barato ou caro, o produto tem de ser comprado.

1) polissíndeto

2) elipse

3) pleonasmo

4) silepse

5. Identifique as figuras de linguagem que ocorrem nos exemplos seguintes:

a) "Essas criadas de hoje não se pode confiar nelas." (ANÍBAL MACHADO)

b) "Vossa Reverendíssima está constipado?" (MARTINS PENA)

c) "Marcela juntava-as todas dentro de uma caixinha de ferro, cuja chave ninguém nunca jamais soube onde ficava." (MACHADO DE ASSIS)

d) "Misericórdia! – bradou toda aquela multidão, ao passar por el-rei: e caíram de bruços sobre as lájeas do pavimento." (ALEXANDRE HERCULANO)

e) "Mas estas coisas subentendem-se e não se dizem por ociosas." (MACHADO DE ASSIS)

f) "Porque afinal este mundo, tal como está, se eu gosto dele um bocadinho, é no momento mesmo em que penso em largá-lo." (ANÍBAL MACHADO)

g) "Achei a bordo do navio uma senhora que me procurava, quando os passageiros subimos ao convés." (CAMILO CASTELO BRANCO)

h) "Um velho como ele, que a qualquer momento pode juntar os pés, não tem como mentir." (ADONIAS FILHO)

i) "Vossa Excelência não tem filho que lhe vingue as cãs." (CAMILO CASTELO BRANCO)

j) "Seus muitos desertos são atravessados pelas serpentes dos oleodutos." (RENATO KLOSS)

k) "As rodas rangem na curva dos trilhos inexoravelmente." (MANUEL BANDEIRA)

l) "Um evento desse porte [a ECO-92] não poderia prescindir de cabeças coroadas." (*Jornal do Brasil*, 14/6/1992)

m) "Há recessão, há desemprego, há miséria, mas tudo está sob controle de geniais economistas." (EVANDRO LINS)

n) "Agora estão as montanhas estendidas

como cavalos azuis adormecidos." (JORGE DE LIMA)

o) "Se tu chegas, amanhece,

fica noite se te vais." (VICENTE DE CARVALHO)

p) "Leves véus velam, nuvens vãs, a Lua." (FERNANDO PESSOA)

q) "Entre Emília e a viúva Miranda há distâncias interplanetárias." (CIRO DOS ANJOS)

r) "O inclemente, o terrível, o tenebroso, o trágico mar do Norte, encapelado em ondas alterosas como montanhas, esbarrava na estreita ponta setentrional da Holanda." (RAMALHO ORTIGÃO)

6. Na 4ª e 5ª estrofes do poema "Domingo na praça", página 611, ocorrem as figuras de linguagem:

- antítese – hipérbole – ironia – metáfora
- personificação – repetição – metáfora – gradação
- metáfora – hipérbole – anacoluto – eufemismo

7. Transcreva apenas a frase em que há ironia:

- O narcotráfico é um vírus que ataca o organismo social.
- A ventania era uma loba faminta a uivar.
- "O monstro é ele (Inácio) e não o pobre que está atrás das grades." (João Clímaco Bezerra)
- "O fim justifica os meios, já ensinavam com proveito Hitler e outros pais da pátria, guias geniais dos povos." (Jorge Amado)

8. Assinale a figura de estilo que o autor usou no texto abaixo:

- antítese
- silepse
- ironia
- hipérbole

"A nossa floresta tem ao redor de um milhão de diferentes espécies de seres vivos. Da sucuriju de 15 metros à minhoquinha que serve de isca para puxar um pacu; do jacaré temível ao calango brincalhão; da sumaumeira de 60 metros de altura ao capim peremembeca rasteirinho; da vitória-régia de metro e meio de diâmetro ao protozoário invisível."

(Tiago de Melo, *Amazônia, A Menina dos Olhos do Mundo*, p. 43)

9. Nos enunciados abaixo há mais de uma figura de linguagem. Identifique-as:

a) "A imaginação açula a matilha das dúvidas." (Gastão Cruls)

b) "Essa gente já terá vindo? Parece que não. Saíram há um bom pedaço." (Machado de Assis)

c) "A inocência é transparente, a malícia opaca e tenebrosa." (Marquês de Maricá)

d) "O 13 de Maio tirou-lhe das mãos o azorrague." (Monteiro Lobato)

e) "Calisto Elói romperia no parlamento os vesúvios da sua eloquente indignação." (Camilo Castelo Branco)

f) "O Viegas – um cangalho de setenta invernos – era um hospital concentrado." (Machado de Assis)

g) "Sei que as pessoas não levam flores, mas pedras." (Rubem Braga)

h) "Dele descende Noé, e de Noé nós todos. (Mário Barreto)

i) "A nau do Estado já começou a singrar o mar traiçoeiro da inflação." (Lêdo Ivo)

j) "E o vaga-lume voava e voava e brilhava e brilhava e pensava e pensava: – Haverá, em toda mata, outro como eu?" (Millôr Fernandes)

k) "Teu pé, como o de um deus, fecundava o deserto." (Olavo Bilac)

l) "Escuta o galope certeiro dos dias
saltando as roxas barreiras da aurora." (Cecília Meireles)

m) "Que vento, que cavalo, que bravia
saudade me arrastava a esse deserto?" (Cecília Meireles)

n) "Quando a indesejada das gentes chegar
(Não sei se dura ou caroável),
talvez eu tenha medo,
talvez sorria ou diga:
– Alô, iniludível!" (Manuel Bandeira)

Observação

✔ Nesses versos MB se refere à sua morte.

10. Aponte as principais figuras de linguagem que ocorrem no texto abaixo.

LEITURA

Janelas sobre o Saara

Redemoinhos
erigem rosas
rosas fugidias
em vórtices que não se cumprem
pois tudo em ti, deserto,
é a longa espera do horizonte.
Fulva tua cor, fulvos teus camelos,
lentos barcos da longa travessia.
Nas dunas nasce o sol,
rugindo.
A sede acorda, alongam-se as caravanas.
O céu é uma pupila imensa, dilatada,
e a sombra dos corpos, o repouso adiado,
além, na imensidão.

(Dora Ferreira da Silva, *Poesia Reunida*, p. 69, Topbooks Editora, Rio de Janeiro, 1999)

11. Identifique as figuras de linguagem que aparecem nos versos transcritos a seguir:

a) "Fez-se de triste o que se fez de amante."
E de sozinho o que se fez contente
Fez-se de amigo próximo o distante" (Vinicius de Moraes)

b) "A felicidade é como a bruma que o vento vai levando pelo ar" (Vinicius de Moraes)

c) "Meu verso é sangue. Volúpia ardente." (Manuel Bandeira)

d) "O som, mais longe, retumba, morre." (GONÇALVES DIAS)

e) "Se às vezes digo que as flores sorriem
E se eu disser que os rios cantam..." (FERNANDO PESSOA)

12. Copie o verso que aparece na frase **b** do exercício anterior, de forma que passe a apresentar metáfora.

13. Identifique as frases em que haja *ironia*.

a) Que lindo esse seu chapéu verde e amarelo, repleto de rosas e de cravos vermelhos!

b) Vejam as grandes realizações daquele governo: aumento da pobreza e diminuição do número de hospitais!

c) As sementes despertam dando um abraço na mãe-terra.

d) Dois copos quebrados, o aspirador danificado e o ferro queimado... Realmente trabalhaste bem hoje!

4 VÍCIOS DE LINGUAGEM

Vícios de linguagem são incorreções e defeitos no uso da língua falada ou escrita. Originam-se do descaso ou do despreparo linguístico de quem se expressa. São os principais vícios de linguagem:

- **Ambiguidade**. Defeito da frase que apresenta duplo sentido. Exemplos:

  Vencem os romanos os cartagineses. [quem vence?]

  Convence, enfim, o pai o filho amado. [quem convence?]

  Jacinto, vi a Célia passeando com *sua* irmã. [*sua*: de quem?]

  Em cidade pequena, a qualquer hora *podem encontrar*-se pessoas conhecidas. [pessoas se encontram ou podem ser encontradas?]

- **Barbarismo**. Emprego de palavras erradas relativamente à pronúncia, forma ou significação. Exemplos:

  pégada, em vez de *pegada*; *carramanchão*, em vez de *caramanchão*; *ância*, em vez de *ânsia*; *cidadões* por *cidadãos*; *proporam*, em lugar de *propuseram*; *bizarro* no sentido de *esquisito* (galicismo).

- **Cacofonia** ou **cacófato**. Som desagradável ou palavra de sentido ridículo ou torpe, resultantes da contiguidade de certos vocábulos na frase. Exemplos:

  cinco *cada* um; a bo*ca dela*; mande-*me já* isso; *por cada* mil habitantes; nun*ca Brito* vinha aqui; não vi nun*ca Juca aqui*.

- **Estrangeirismo**. Uso de palavras, expressões ou construções próprias de línguas estrangeiras. Conforme a proveniência, o estrangeirismo se denomina: *galicismo* ou *francesismo* (do francês), *anglicismo* (do inglês), *germanismo* (do alemão), *castelhanismo* (do espanhol), *italianismo* (do italiano).

  O emprego de estrangeirismos deve-se limitar aos que são necessários, por não haver, em português, termos equivalentes. Por que usar, por exemplo, o galicismo *débâcle*, se temos *ruína, derrota, derrocada*, ou o anglicismo *performance*, se possuímos *desempenho, atuação*? O abuso de estrangeirismo torna o texto pedante e obscuro.

Eis alguns galicismos e anglicismos que devem ser evitados:

Galicismos	Formas corretas	Anglicismos	Formas corretas
através obstáculos	através de obstáculos	*apartheid*	segregação racial
molho ao tomate	molho de tomate	*corner*	escanteio
os sábios os mais renomados	os sábios mais renomados	*hall*	vestíbulo
estátua em bronze	estátua de bronze	*outdoor*	cartaz, painel
blague	pilhéria, gracejo	*performance*	desempenho
chofer	motorista	*office-boy*	contínuo, moço de recados
comandante-em-chefe	comandante-chefe	*mídia*	meios de comunicação
complô	conspiração, conluio	*grogue*	tonto
costume	traje, vestido	*blefar*	iludir, enganar
démarche	tentativa, diligência	*week-end*	fim de semana
frisson	arrepio, frêmito	*videogame*	videojogo
gauche	acanhado, inepto, desajeitado	*gentleman*	cavalheiro
menu	cardápio	*lady*	senhora
mise-en-scéne	encenação	*glamour*	fascínio, encanto
trupe	grupo teatral, elenco		

Estrangeirismos incorporados à nossa língua devem revestir, na medida do possível, a forma vernácula. Assim, por exemplo, *recorde, xorte, xampu* e *imbrólio* são grafias preferíveis a *record, short, shampoo* e *imbroglio*.

- **Hiato**. Sequência antieufônica de vogais:
  Andre*ia irá ain*da ho*je ao o*culista.

- **Colisão**. Sucessão desagradável de consoantes iguais ou idênticas:
  O *rato r*oeu a *r*oupa; o que *se sabe sob*re o *sabre*; via*ja já*; a*qui ca*em *cacos*.

- **Eco**. Concorrência de palavras que têm a mesma terminação (rima na prosa):
  A *flor* tem *odor* e *frescor*.
  Com *medo*, *Alfredo* ocultou-se no *arvoredo*.

- **Obscuridade**. Sentido obscuro ou duvidoso decorrente do emaranhado da frase, da má colocação das palavras, da impropriedade dos termos, da pontuação defeituosa ou do estilo empolado.

- **Pleonasmo**. Redundância, presença de palavras supérfluas na frase:

  Entrar para *dentro*; *sair* para *fora*; a brisa *matinal da manhã*.

Observação:

✔ Trata-se aqui, é claro, do pleonasmo vicioso, não do que se usa como recurso intencional de estilo.

- **Solecismo**. Erro de sintaxe (concordância, regência, colocação):

  Falta cinco alunos; eu *lhe* estimo; revoltarão-*se*.

- **Preciosismo, rebuscamento**. Linguagem afetada, artificial, cheia de sutilezas e vazia de ideias, fuga ao natural, maneirismo.

- **Plebeísmo**. Uso de palavras e expressões vulgares. Exemplos:

  cara (indivíduo), *troço* (objeto, coisa), *cuca* (cabeça), *coroa* (pessoa idosa), *abacaxi* (coisa difícil ou desagradável), *grana* (dinheiro), *goleirão* (bom goleiro), *mixar* (malograr, fracassar), *mixuruca* (à toa, de má qualidade), *pra burro* (muito), *entrar pelo cano* (sair-se mal), etc.

Os plebeísmos são vetados na linguagem culta, em situações formais e na conversação cerimoniosa.

EXERCÍCIOS — LISTA 65

1. Escreva as frases e coloque ao lado delas o nome dos vícios de linguagem que apresentam:

a) É verdade, poeta, só nos sonhos a gente agarra a fada pelos cabelos.

b) Muitos cidadões ou não votam ou votam mau.

c) Ah fatalidade! As rugas da idade se instalam em minha face sem piedade e apagam o frescor da mocidade.

d) Fábio quis conhecer o sítio de um tio de que o pai falava muito.

e) Embora doente, Tito teima em tomar café a todo instante.

f) O Rio está incluído na tournée organizada pela nova empresa de turismo.

g) Eu ia eufórico pela rua, ouvindo vozes que não me eram estranhas.

2. Relacione as frases aos vícios de linguagem que nelas ocorrem:

(**a**) **estrangeirismo** (**b**) **pleonasmo** (**c**) **solecismo** (**d**) **preciosismo**

Desde então ele passou a nutrir uma inexplicável xenofobia aos estrangeiros.

Evolou-se aos páramos etéreos a alma imácula da donzela.

Foi impecável a performance do piloto durante a dura competição.

Amanhã começa as aulas nas escolas e há muitas salas onde falta carteiras.

5 QUALIDADES DA BOA LINGUAGEM

- **Correção**. É a obediência à disciplina gramatical, o respeito das normas linguísticas que vigoram na língua-padrão. Linguagem correta, portanto, é a que está livre dos vícios a que atrás nos referimos.

  Todavia, a correção gramatical não deve ser considerada como um tabu. O purismo, ou a excessiva preocupação com "o que se não deve dizer", garroteia a ideia e abafa a espontaneidade.

- **Concisão**. Consiste em dizer muito em poucas palavras. A expressão concisa e sóbria se desenvolve no sentido retilíneo, evitando as digressões inúteis, as palavras supérfluas, a desmedida adjetivação e os períodos extensos e emaranhados.

  O vício contrário a essa qualidade do estilo é a prolixidade.

- **Clareza**. Juntamente com a correção, é qualidade primordial da expressão escrita ou falada. Reflete a limpidez do pensamento e facilita-lhe a pronta percepção. A clareza é coadjuvada pela concisão e a simplicidade da forma. Opõe-se-lhe a anfibologia e a obscuridade.

- **Precisão**. Resulta da escolha acertada do termo próprio, da palavra exata para a ideia que se quer exprimir. A impropriedade dos termos torna a linguagem imprecisa e obscura.

- **Naturalidade**. Sem deixar de ser correta e até mesmo original e colorida, a linguagem revestirá, no entanto, uma forma simples e espontânea, de tal maneira que não se note o esforço da arte e a preocupação do estilo.

  Ferem a naturalidade o uso sistemático dos termos difíceis, a frase rebuscada, a expressão empolada e pedante, enfim, tudo o que denota artificialismo e afetação.

- **Originalidade**. É uma qualidade inata ao falante ou escritor, um dom natural, que a arte não dá, mas pode estimular e aprimorar. Nasce de uma visão pessoal do mundo e das coisas.

  Contrapõem-se-lhe a imitação servil, o estilo postiço e a vulgaridade.

- **Harmonia**. É o elemento musical da frase. Seu segredo está na boa escolha e na correta disposição das palavras, de tal maneira que o período se imponha pelo ritmo, equilíbrio e harmonia.

- **Colorido e elegância**. São virtudes que dão à obra literária o acabamento ideal e o toque da perfeição. Decorrem do uso criterioso das figuras e dos ornatos de estilo, e exigem imaginação fértil e brilhante e o perfeito domínio da técnica literária.

LEITURA

Bendengó

Bendengó é um meteorito que foi encontrado no sertão baiano, em 1784, junto a um rio, afluente do Vaza-Barris e que passou a se chamar rio Bendengó.

O peso desse meteorito é de 5 toneladas e seu nome, de origem indígena, significa, entre os índios quiriris da Bahia, *vindo do céu*.

No local da queda do Bendengó existem até hoje escombros e estilhaços da pedra vinda do céu. E o acontecimento ficou na lembrança de todos os habitantes da região, em parte graças à literatura de cordel, que contou toda a história.

(Ronaldo de Freitas Mourão, *Astronomia e Poesia*, p. 87, Difel, Rio de Janeiro, 1977)

Nunca

Aprendi que, depois do horizonte,
há mais horizonte.
Aprendi que não existe limite,
a não ser o nosso próprio limite.
Aprendi que não existem mortes,
mas vida que sai de dentro da vida.
Apesar de todo o esforço do homem,
ele nunca encontrará a morte absoluta.

(Biafra, *Antologia da Nova Poesia Brasileira*, p. 45,
Editora Hipocampo, Rio de Janeiro, 1992)

FIGURAS DE LINGUAGEM
Exercícios de exames e concursos
[Página 690]

LÍNGUA E ARTE LITERÁRIA

1 A LÍNGUA E SUAS MODALIDADES

A língua de uma nação civilizada apresenta várias modalidades, que podem coexistir sem quebra de sua estrutura comum, de sua unidade. Assim, cumpre distinguir:

- a língua geral ou comum
- a língua popular
- a língua culta
- a língua literária
- a língua falada
- a língua escrita

A **língua geral** é a língua oficial de um país, vivificada pelo uso comum e aceita pela comunidade. Sobrepõe-se aos falares regionais, sempre existentes, sobretudo em países de grande extensão geográfica. Para nós, brasileiros, é a língua portuguesa, vista em seu conjunto.

A língua geral tende a carregar-se de tonalidades regionais, na fonética e no vocabulário, resultando dali os falares regionais, que chegam a tingir fortemente a expressão cultural e literária em certas áreas geográficas de um país. Quando características muito acentuadas vincam um falar muito regional, temos um *dialeto*. No Brasil, temos um caso típico desse fato, é o *dialeto caipira*, condenado a desaparecer ante a ação da escola e dos meios de comunicação.

Dentre os falares regionais do Brasil, destacam-se o amazônico, o nordestino, o fluminense, o carioca, o gaúcho, o mineiro e o sulista, cada qual marcado por sensíveis diferenças léxicas (vocabulário) e fonéticas (sotaque).

O linguajar de uma região, com seus modismos e peculiaridades, é frequentemente retratado pelos escritores regionalistas em suas obras literárias.

A **língua popular** é a fala espontânea e fluente do povo. Mostra-se quase sempre rebelde à disciplina gramatical e está eivada de plebeísmos, isto é, de palavras vulgares e expressões da gíria. É tanto mais incorreta quanto mais incultas as camadas sociais que a falam. Diz-se, com mais propriedade, *linguagem* popular. Nela se insere a modalidade familiar ou coloquial, em que a preocupação com a correção gramatical é mais ou menos sentida, dependendo do grau de escolaridade do falante.

A **língua culta** é usada pelas pessoas instruídas das diferentes profissões e classes sociais. Pauta-se pelos preceitos vigentes da gramática normativa e caracteriza-se pelo apuro da forma e pela riqueza lexical. Seu vocabulário é mais amplo, mais preciso, e a frase, mais elaborada que a da língua popular. É ensinada nas escolas e serve de veículo às ciências, nas quais se

apresenta com terminologias típicas. Em língua culta é que se elaboram obras científicas, obras didáticas, artigos de fundo em jornais e revistas, documentos oficiais, etc. Mais artificial do que espontânea, dela se servem os poetas e escritores em suas obras artísticas, sendo então chamada *linguagem literária*.

Uma língua pode ser **falada** ou **escrita**, conforme se utilizem signos vocais (expressão oral) ou sinais gráficos (expressão escrita). A primeira é viva e atual, ao passo que a segunda é a representação ou a imagem daquela. A língua falada é mais comunicativa e insinuante, porque as palavras são fortemente subsidiadas pela sonoridade e inflexões da voz, pelo ritmo da frase, pelo jogo fisionômico e a gesticulação (mímica), recursos estes que a língua escrita desconhece. O discurso de um orador inflamado é muito mais belo e empolgante ouvido do que lido. Por outro lado, a expressão oral é prolixa e evanescente, ao passo que a escrita é sóbria e duradoura.

A comunicação oral ou escrita se efetua em diferentes *níveis de expressão*. Dependendo das circunstâncias que envolvem o ato da comunicação, o indivíduo utiliza um tipo de linguagem adequado à situação: formal ou informal, culta ou coloquial, corrente ou científica, etc. Na conversação familiar, o modo de falar é um, em ambiente cerimonioso é outro. Ao escrever um livro, o autor diversifica a linguagem, conforme a obra se destine a adultos ou a crianças.

O grau de instrução do usuário da língua portuguesa, sua profissão, o meio em que vive e a camada social a que pertence são fatores que atuam fortemente no fenômeno da variação do idioma.

2 ELEMENTOS DA OBRA LITERÁRIA

Dois são os elementos fundamentais da obra literária: o *conteúdo* e a *forma*.

- **Conteúdo** ou **fundo**. São as ideias, os conceitos, os sentimentos, os apelos e as imagens imateriais que as palavras transmitem da mente do escritor à do leitor.
- **Forma**. É a expressão linguística, a linguagem escrita ou falada, veículo das ideias e dos sentimentos.

A forma de uma obra literária pode apresentar-se sob dois aspectos diferentes: a *prosa* e a *poesia* ou *verso*.

Prosa é a linguagem objetiva, direta, usual; é o veículo comum do pensamento. Ainda que vazada em prosa, uma obra literária pode estar permeada de pensamentos poéticos.

Poesia é a linguagem subjetiva, carregada de emoção e sentimento, com ritmo melódico constante, bela e indefinível como o mundo interior do poeta. Visa a um efeito estético.

"O objeto da poesia, como o de todas as belas-artes, é o de produzir um encanto emotivo, um puro e elevado prazer." (BUTCHER, *apud* ALCEU AMOROSO LIMA, *Estética Literária*, p. 38)

Vazada em linhas descontínuas ou *versos*, que podem ser *metrificados* ou *livres*, a linguagem poética, sob o aspecto auditivo ou melódico, se caracteriza pelo *ritmo*, bem mais acentuado que na prosa, e pela eventual utilização da *rima*.

Considera-se obra literária somente o escrito que se distingue pela beleza da forma e a excelência do conteúdo. Será tanto mais apreciada quanto maior o seu poder de sugerir, de tocar a nossa sensibilidade, de empolgar o nosso espírito. As obras literárias de alcance universal têm, geralmente, mais valor que as de caráter estritamente nacional ou regional.

3 ESTILO

Estilo é a maneira típica de cada um exprimir seus pensamentos, seus sentimentos e emoções, por meio da linguagem.

Todo escritor tem seu estilo próprio, pessoal, isto é, sua expressão reveste uma forma característica, pela qual se manifestam seus impulsos emotivos, sua sensibilidade e a feição peculiar de seu espírito. Podemos, pois, afirmar que o estilo é o espelho em que se reflete a alma do escritor, a tela em que se projeta a personalidade do artista.

Mas, além dessas características individuais que diferenciam os autores uns dos outros, o estilo revela também os traços psicológicos e culturais da raça e as tendências dominantes das diversas escolas e correntes literárias que marcaram época através dos tempos. Neste sentido é que dizemos que há um estilo clássico, um estilo barroco, um estilo romântico, um estilo modernista, etc.

É pelo seu estilo primoroso e brilhante que os grandes artistas da palavra conseguem criar obras de imarcescível beleza.

No estilo cumpre distinguir o aspecto material ou linguístico (que são as possibilidades de expressão que a língua oferece ao escritor e que este seleciona a seu gosto e até mesmo recria) e o aspecto psíquico, mental, subjetivo, ou seja, os traços que expressam a dimensão psicológica do artista, suas tendências, seu modo de ver e julgar a vida e o mundo em que vive. Da fusão desses dois elementos, um externo, outro interno, é que resulta o estilo.

4 GÊNEROS LITERÁRIOS

- **Em prosa**

a) **Gênero narrativo:**

romance histórico
romance psicológico
romance policial
romance de costumes
romance de aventuras
conto, novela, história, fábula
apólogo, crônica, memórias

b) **Gênero oratório:**

oratória acadêmica (discurso)
oratória sagrada (sermão)
oratória forense
oratória política

c) **Gênero dramático:**

drama
comédia

d) **Gênero didático:**
crítica
ensaio
tratado

e) **Gênero epistolar:**
carta

f) **Gênero polêmico:**
polêmica

- **Em verso**

a) **Gênero lírico:**
poema, soneto, canção, hino, ode, elegia, balada, bucólica

b) **Gênero épico:**
epopeia
poema

c) **Gênero dramático:**
drama
comédia
tragédia

d) **Gênero satírico:**
sátira
epigrama

e) **Gênero narrativo:**
fábula

Observação:

✔ Certos gêneros literários, como a epopeia e a tragédia, florescentes em outras épocas, são hoje obsoletos.

5 FICÇÃO

Em literatura, *ficção* (do latim *fictionem*, de *fingere* = modelar, criar, inventar, imaginar) é uma história inventada, uma criação da fantasia, uma obra do talento inventivo do escritor.

A literatura de ficção pertence ao gênero narrativo e abrange o romance, o conto, a novela, a fábula, o apólogo, a lenda e a história.

- **Novela**, como obra literária, é uma narração mais extensa do que o conto, porém menos longa que o romance. Não se confunda com novela de televisão.

Dentre essas formas de ficcionismo, destaca-se, pela sua extensão, complexidade e importância, o *romance*, gênero literário para o qual sempre se voltaram as preferências do público leitor.

Num romance cumpre distinguir:

a) o **tema** ou **assunto**: é a ideia central da história.

b) as **personagens**: são as pessoas que figuram na história e tomam parte na ação, nos acontecimentos. A figura central do romance é o *protagonista*.

c) o **narrador**: é o que narra os fatos e descreve o ambiente. O narrador é onisciente e onipresente e pode ser, ao mesmo tempo, personagem, participante da ação. Nesse caso, a narrativa é feita em 1ª pessoa, como se dá, por exemplo, no romance *São Bernardo*, de Graciliano Ramos.

d) o **enredo**: é a trama ou urdidura dos acontecimentos e das ações das personagens. Abrange as seguintes fases: *apresentação, complicação* ou *conflito, clímax* e *desenlace* ou *epílogo*. Esta é a sequência narrativa mais comum. Para que o enredo tenha unidade, os fatos devem estar inter-relacionados, de tal modo que uns sejam a consequência dos outros.

e) o **ambiente**: é o espaço físico, o lugar onde se desenrolam os acontecimentos, e também o meio social, a situação, a atmosfera mental e moral que envolve as personagens e atua sobre as suas ações.

f) o **tempo**: é o espaço de tempo mais ou menos longo, a hora do dia e a época em que transcorrem os fatos narrados. Pela movimentação das personagens e a sucessão dos eventos e incidentes, o autor faz com que sintamos a marcha do tempo e a duração dos acontecimentos.

g) o **discurso**: a transmissão ou referência que o narrador faz da fala ou do pensamento das personagens. O discurso pode ser *direto* ou *indireto*, como a seguir se verá.

▪ O discurso direto e o indireto

▪ O discurso é **direto** quando são as personagens que falam. O narrador, interrompendo a narrativa, põe-nas em cena e cede-lhes a palavra. Exemplo:

" – Por que veio tão tarde? perguntou-lhe Sofia, logo que ele apareceu à porta do jardim, em Santa Teresa.

– Depois do almoço, que acabou às duas horas, estive arranjando uns papéis. Mas não é tão tarde assim, continuou Rubião, vendo o relógio; são quatro horas e meia.

– Sempre é tarde para os amigos, replicou Sofia, em ar de censura."

(MACHADO DE ASSIS, *Quincas Borba*, cap. XXXIV)

No discurso direto, indica-se o interlocutor e caracteriza-se-lhe a fala por meio dos *verbos de elocução*, tais como: *dizer, exclamar, suspirar, segredar, explicar, perguntar, responder, replicar, protestar, pedir, prometer, prosseguir, concluir, acrescentar, propor, aconselhar, atalhar, ameaçar, gritar, vociferar, murmurar, desabafar, explodir, lamentar, gemer,* etc. Alguns desses verbos traduzem os sentimentos, as emoções e as reações psicológicas das personagens. Os autores modernos usam os verbos de elocução com muita parcimônia. Nas falas breves, convém omiti-los, bastando, para a clareza do diálogo, a abertura

de parágrafo e o uso de travessão. Veja-se, como exemplo, o capítulo CXIV do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis.

- No discurso **indireto** não há diálogo, o narrador não põe as personagens a falar diretamente, mas faz-se o intérprete delas, transmitindo ao leitor o que disseram ou pensaram. Exemplo:

"A certo ponto da conversação, Glória me disse que desejava muito conhecer Carlota e perguntou por que não a levei comigo." (CIRO DOS ANJOS, *Abdias*, 4ª ed., p. 52)

Expresso em discurso direto, o período acima apresentaria a seguinte forma:

– Desejo muito conhecer Carlota – disse-me Glória, a certo ponto da conversação. – Por que não a trouxe consigo?

Resultante da mistura dos discursos direto e indireto, existe uma terceira modalidade de técnica narrativa, o chamado **discurso indireto livre**, o processo mais difícil e menos comum, porém de grande efeito estilístico. É uma espécie de monólogo interior das personagens, mas expresso pelo narrador. Este interrompe a narrativa para registrar e inserir reflexões ou pensamentos das personagens, com as quais passa a confundir-se. Exemplos:

a) "Quando Eduardo ia para o Grupo, deixava-a debaixo da bacia. Um dia o pai lhe disse que aquilo era maldade: 'Gostaria que fizessem o mesmo com você? As galinhas também sofrem'. Um domingo, encontrou Eduarda na mesa do almoço, pernas para o ar, assada. Eduarda foi comida entre lágrimas. *É, sofrem, mas todo o mundo come e ainda acha bom.*"

(FERNANDO SABINO, *O Encontro Marcado*, 5ª ed., p. 9)

A última frase (por nós grifada), embora expressa pelo autor, representa uma reflexão do personagem, o menino Eduardo: está em discurso indireto livre.

b) "Fabiano ouviu o falatório desconexo do bêbado, caiu numa indecisão dolorosa. Ele também dizia palavras sem sentido, conversava à toa. Mas irou-se com a comparação, deu marradas na parede. Era bruto, sim senhor, nunca havia aprendido, não sabia explicar-se. Estava preso por isso? Como era? Então mete-se um homem na cadeia porque ele não sabe falar direito?"

(GRACILIANO RAMOS, *Vidas Secas*, 18ª ed., p. 40)

Os quatro períodos finais estão em discurso indireto livre: não podem ser atribuídos ao narrador, mas ao personagem Fabiano, que, preso injustamente, rumina e extravasa a própria revolta interior.

No discurso indireto puro, as orações que traduzem a fala das personagens dependem dos verbos de elocução:

Omar queixou-se ao pai, dizendo *que não era preciso tanta severidade,* e perguntou-lhe *por que não tratava os outros filhos com o mesmo rigor.*

No discurso indireto livre, não se usam verbos de elocução:

Omar queixou-se ao pai. *Não era preciso tanta severidade. Por que não tratava os outros filhos com o mesmo rigor?*

EXERCÍCIOS LISTA 66

1. Assinale as frases em que se fez o uso da linguagem popular:

a) Assisti a uma discussão do açougueiro com o vizinho.

b) Na casa não tinha fogão pra eu preparar o almoço.

c) Um e outro descendiam de velhas famílias do Norte.

d) A maioria dos escritores sobrevivia à custa de algum emprego público.

e) Quando viu que a coisa estava ficando preta, pegou o embrulho e se mandou.

f) A crise se agravou e muito empresário deu com os burros n'água.

2. Mude o discurso direto no indireto:

a) Nunca veio ao Rio? Perguntou-me o repórter.

b) Foi mesmo um descuido imperdoável, respondemos.

c) Não dê importância a essas notícias, pediu-me.

d) Eu os acompanharei até o fim, prometeu-lhes ele.

e) Minha avó conheceu-o ainda menino, lembrei-lhe.

f) Por que a minha proposta não lhe interessa? Quis saber Leandro.

g) Conta-me o que há, minha filha; não me escondas nada, pedia-lhe o pai, na carta.

h) Se eu puder, irei visitá-lo amanhã, disse-lhe.

i) Se alguma coisa lhe disse que a tenha magoado, perdoe-me, suplicou-lhe o moço, humildemente.

j) Isso não pode continuar assim, respondeu ela; é preciso que façamos as pazes definitivamente.

k) É interessante apreciar temporais, mas quando estamos abrigados, costumava dizer meu avô.

3. Mude o discurso indireto no direto:

a) Rodrigo, ao despedir-se, pediu-me que, se algum dia ainda nos víssemos, o apresentasse a minha família.

b) Dona Ema chamava o menino a si, dizendo que a única pessoa que a entendia naquela casa era seu neto.

c) Uma semana depois, Virgília perguntou ao Lobo Neves, a sorrir, quando seria ele ministro. Ele respondeu que, pela vontade dele, naquele instante mesmo; pela dos outros, dali a um ano.

d) "Daí a pouco chegou João Carlos e, após ligeiro exame, receitou alguma coisa, dizendo que nada havia de anormal; entretanto, parecia-lhe conveniente Carlota voltar ao consultório do Dr. Sinésio, que é especialista." (Ciro dos Anjos)

4. Sublinhe as frases que estão em discurso indireto livre:

a) – Como é que você trata meu filho?

– Ah, Dona Sílvia! Desculpe, mas encurtei o nome dele [Marco Aurélio]. Era muito comprido. Para mim ele se chama *Marcoré*.

Sílvia sorriu e examinou mentalmente a corruptela. *Marcoré*. Não ficava mal, soava até como um diminutivo carinhoso.

(Antônio Olavo Pereira, *Marcoré*, 4ª edição, p. 109)

b) Viam maldade numa indagação lógica e natural, e pretendiam atirar-me a culpa. Velhas idiotas, que se danassem. Tranquilizei Sílvia, que receara pelo pior com o meu protesto, e mandei Marcoré passear de velocípede na calçada.

(Idem, *ib.*, p. 124)

c) Antonieta lhe comunicou inesperadamente que iria embora:

– Papai chega amanhã. Vai com o governador a uma exposição pecuária em Uberaba, quer que eu vá com ele. De lá seguimos direto para o Rio. Logo agora que tinham tanto a conversar! No dia seguinte, de volta do quartel, era ele (Eduardo) que lhe contava pelo telefone: – A visita de seu pai é oficial. Fomos escalados para a escolta do ministro logo mais, da estação ao palácio.

(FERNANDO SABINO, *O Encontro Marcado*, 5ª ed., p. 122)

d) Ariosto Ribas já estava em Caruaru há cinco dias, não saíra de casa uma só vez. Para que sair? Para aquelas caras que odeia tanto? O importante é que saibam de uma coisa: Ariosto Ribas se acha novamente na terra. O que não lhes será nada agradável.

(JOSÉ CONDÉ, *Terra de Caruaru*, 2ª ed., p. 285)

6 VERSIFICAÇÃO

Versificação é a técnica ou arte de fazer versos.

Verso é uma linha poética, com número determinado de sílabas e agradável movimento rítmico.

No verso tradicional devemos distinguir: o *metro*, o *ritmo* e a *rima*.

▪ Metro

Metro é a medida ou extensão da linha poética.

Os poetas da língua portuguesa têm usado, dentro da poética tradicional, doze espécies de versos: de uma até doze sílabas. São relativamente raros os exemplos de versos metrificados que ultrapassam esta medida.

Segundo o número de sílabas, os verbos se dizem *monossílabos, dissílabos, trissílabos, tetrassílabos, pentassílabos, hexassílabos, heptassílabos, octossílabos, eneassílabos, decassílabos, hendecassílabos* e *dodecassílabos*.

Alguns verbos possuem ainda denominações especiais: *redondilha menor* (o de cinco sílabas), *redondilha maior* (o de sete sílabas), *heróico* (o de dez sílabas), *alexandrino* (o de doze sílabas).

As *sílabas métricas*, isto é, as sílabas dos versos, nem sempre coincidem com as sílabas gramaticais. A contagem das sílabas métricas faz-se auditivamente e subordina-se aos seguintes princípios:

a) Quando duas ou mais vogais se encontram no fim de uma palavra e começo de outra, e podem ser pronunciadas numa só emissão de voz, unem-se numa única sílaba métrica.

Exemplos:

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

"A i|da|de aus|te|ra e | no|bre a | que | che|ga|mos." (ALBERTO DE OLIVEIRA)

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

"A|cha em | lu|gar | da | gló|ria o | lo|do im|pu|ro." (OLAVO BILAC)

Observações:

- ✔ Para que tais uniões vocálicas não sejam duras e malsoantes, as vogais (pelo menos a primeira delas) devem ser átonas e não passar de três.
- ✔ Não se unem vogais tônicas: *sen* | ***ti*** | ***ó*** | *dio; es* | ***tá*** | ***ú*** | *mi* | *do,* etc. Nem é aconselhável juntar tônicas com átonas: *a* | ***li*** | ***o*** | *ve* | *jo; se* | ***rá*** | ***es*** | *po* | *sa*, etc.

b) Ditongos crescentes valem, geralmente, uma só sílaba métrica (de-lí-*cia*, *pie*-do-so, tê-*nue*, per-pé-*tuo*, sá-*bio*, *quie*-to, i-ní-*quo*):

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

"O|pe|rá|*rio* | mo|des|to, a|be|lha | po|bre." (OLAVO BILAC)

Observação:

- ✔ Às vezes, porém, poetas dissolvem ditongos crescentes em hiatos. Esta dissolução denomina-se *diérese*:

1 2 3 4 5 6 7 8

"Nem | fez | cas|te|los | gran|*di*|o|sos

1 2 3 4 5 6 7 8

so|bre as | a|rei|as | mo|ve|di|ças?" (CABRAL DO NASCIMENTO)

c) Não se conta(m) a(s) sílaba(s) que se segue(m) ao último acento tônico do verso. Exemplo:

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

"Quan|do | no | poen|te o | sol | des|do|bra as | *clâ*|mides

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

de | san|gue e | de oi|ro | que | nos | om|bros | *le*|va," (CABRAL DO NASCIMENTO)

Essa regra só atinge versos *graves* (os que terminam por palavra paroxítona) e *esdrúxulos* (os que terminam por palavra proparoxítona). Nos versos *agudos* (os que terminam por palavra oxítona), contam-se, é óbvio, todas as sílabas, como neste verso:

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

"Dei|xa | cor|rer | a | fon|te | da i|lu|são!" (CABRAL DO NASCIMENTO)

7 PROCESSOS PARA A REDUÇÃO DO NÚMERO DE SÍLABAS MÉTRICAS

Para atender às exigências da métrica, os poetas recorrem à:

a) **crase** – fusão de duas vogais iguais numa só:

a alma [*al-ma*]; o ódio [*ó-dio*]; foge e grita [*fo-ge-gri-ta*]

b) **elisão** – supressão da vogal átona final de um vocábulo, quando o seguinte começa por vogal:

Ela estava só [*e-les-ta-va-só*]; duma (por *de uma*); como um bravo [*co-mum-bra-vo*]

c) **ditongação** – fusão de uma vogal átona final com a seguinte, formando ditongo:

este amor [*es-tia-mor*], sobre o mar [*so-briu-mar*], aquela imagem [*a-que-lei-ma-gem*], moço infeliz [*mo-çuin-fe-liz*]

d) **sinérese** – transformação de um hiato em ditongo, na mesma palavra:

crueldade [*cruel-da-de*], luar, fiel, magoado [*ma-gua-do*]

e) **diérese** – o inverso da sinérese, ou seja, a dissolução de um ditongo em hiato:

saudade [*sa-u*-da-de], piedoso, [*pi-e*-do-so]

f) **ectlipse** – supressão de um fonema nasal final, para possibilitar a crase ou ditongação:

co, cos, coa, coas (por *com o, com os, com a, com as*)

g) **aférese** – supressão de sílaba ou fonema inicial:

té (por *até*), *inda* (por *ainda*), *'stamos* (por *estamos*)

8 RITMO

O *ritmo* resulta da regular sucessão de sílabas átonas ou fracas e de sílabas tônicas ou fortes. É o elemento melódico do verso, tão essencial e indispensável à poesia quanto à música. Juntamente com a rima e as imagens poéticas, transmite aos versos um misterioso poder de emoção e encantamento.

Os acentos tônicos ou as sílabas tônicas devem repetir-se com intervalos regulares, de modo a cadenciar o verso e torná-lo melodioso. Não se distribuem arbitrariamente, mas devem, segundo a espécie do verso, recair em determinadas sílabas, de acordo com os critérios seguintes:

a) Os versos **monossílabos**, muito raros, têm um só acento tônico ou predominante:

"Pingo
d'água,
pinga,
bate
tua
mágoa!"
(D. P. C.)

"Quem
não
tem
seu
bem
que
não
vem?

Ou
vem
mas
em
vão?
Quem?"

(Cassiano Ricardo)

b) Os versos **dissílabos**, pouco frequentes, têm o acento tônico na 2ª sílaba:

"Um **rai**o
Ful**gu**ra
No es**pa**ço
Es**par**so
De **luz**" (Gonçalves Dias)

"Ao **tro**te
Do **bai**o,
Que **do**ce
Lem**bran**ça
O **ros**to
Da **mo**ça
Que **mo**ra
Na **ser**ra
No **ran**cho
De **pa**lha!" (Ribeiro Couto)

c) Os versos **trissílabos** requerem o acento predominante na 3ª sílaba, podendo, no entanto, apresentar um acento secundário na 1ª sílaba:

"Vem a au**ro**ra
Pressu**ro**sa,
Cor-de-**ro**sa,
Que se **co**ra
De car**mim**." (Gonçalves Dias)

d) Os versos **tetrassílabos** têm, mais frequentemente, os acentos tônicos na 2ª e 4ª sílabas e, menos vezes, na 1ª e 4ª sílabas ou apenas na 4ª sílaba:

"O **sol** des**pon**ta
Lá no hori**zon**te,
Dou**ran**do a **fon**te,
E o **pra**do e o **mon**te,
E o **céu** e o **mar**." (Gonçalves Dias)

e) Os versos **pentassílabos** podem apresentar as seguintes cadências:

"**Já** dor**mi**ram **to**dos. (1ª, 3ª e 5ª sílabas)

Pássaros ce**les**tes (1ª e 5ª)

me vi**rão** can**tar** (3ª e 5ª)

do **la**do do **mar**. (2ª e 5ª) (CECÍLIA MEIRELES)

f) Os versos **hexassílabos** podem ter os acentos obrigatórios na 6ª sílaba juntamente com uma ou duas das quatro primeiras sílabas:

"**I**de-vos! Na ver**da**de
Não **que**ro ser as**sim**.
A **mi**nha liber**da**de
Vive **den**tro de **mim**." (CABRAL DO NASCIMENTO)

g) Os **heptassílabos** admitem as seguintes modalidades rítmicas:

"**Sur**gem **ve**las **mui**to a**lém**." (1ª, 3ª, 5ª e 7ª)

"**To**do o **tem**po me so**be**ja." (1ª, 3ª e 7ª)

"Vive**ri**a **sem**pre **lá**." (3ª, 5ª e 7ª)

"De que **tu**do aconte**ces**se." (3ª e 7ª)

"**Tu**do o que es**tá** para **trás**." (1ª, 4ª e 7ª)

"O **tem**po **tu**do me**lho**ra." (2ª, 4ª e 7ª)

"Ou **foi** ou ja**mais** co**me**ça." (2ª, 5ª e 7ª)

"Que se pro**lon**ga sem **pres**sa."[1] (4ª e 7ª) [1]

h) Os **octassílabos** admitem várias combinações rítmicas, com acentuação na 8ª sílaba e em duas ou três das seis primeiras sílabas:

"**Quan**tas gri**nal**das pelo **céu**!
Al**guém** de**cer**to **vai** ca**sar**." (ALPHONSUS DE GUIMARAENS)

"A **lua vem**, entre as ra**ma**gens
Do jar**dim** que **dor**me na **som**bra." (RIBEIRO COUTO)

i) Os **eneassílabos** podem apresentar os acentos tônicos na 3ª, 6ª e 9ª sílabas ou na 4ª e 9ª, com a possibilidade de acento secundário na 1ª sílaba.

"Falam **deu**ses nos **can**tos do **pia**ga,
Ó guer**rei**ros, meus **can**tos ou**vi**." (GONÇALVES DIAS)

"Na tênue **cas**ca de verde ar**bus**to
Gravei teu **no**me, depois par**ti**.
Foram-se os **a**nos, foram-se os **me**ses,
Foram-se os **di**as, acho-me a**qui**." (FAGUNDES VARELA)

j) Os **decassílabos** admitem duas modalidades rítmicas: 6ª e 10ª sílabas (verso heróico) e 4ª, 8ª e 10ª sílabas (verso sáfico):

"Estavas, **lin**da **Inês**, posta em sos**se**go,
de teus anos co**lhen**do o doce **fru**to." (LUÍS DE CAMÕES)

"Longe do es**té**ril turbi**lhão** da **ru**a." (OLAVO BILAC)

---

[1] Os oito versos heptassílabos acima foram colhidos no livro *Cancioneiro*, de Cabral do Nascimento, poeta português.

k) Os **hendecassílabos** têm acentuação fixa na 2ª, 5ª, 8ª e 11ª sílabas ou na 5ª e 11ª ou, ainda, na 3ª, 7ª e 11ª:

"Seus **o**lhos tão **ne**gros, tão **be**los, tão **pu**ros." (GONÇALVES DIAS)

"Nascem as es**tre**las, vivas, em car**du**me." (GUERRA JUNQUEIRO)

"Alvas **pé**talas do **lí**rio de tua **al**ma." (HERMES FONTES)

l) Os **dodecassílabos** ou **alexandrinos** admitem três ritmos diferentes:

- *alexandrino clássico*, com os acentos principais na 6ª e 12ª sílabas:

"Paira, grassa em re**dor**, toda a melanco**li**a
de uma paisagem **mor**ta, igual, deserta, i**men**sa." (VICENTE DE CARVALHO)

- *alexandrino moderno*, com duas variantes:

– ritmo quaternário (acentos na 4ª, 8ª e 12ª sílabas):

"É o choro **sur**do, entrecor**ta**do, do ba**tu**que,
no bate-**pé** que enche de as**som**bro o próprio **chão**." (CASSIANO RICARDO)

– ritmo ternário (acentos na 3ª, 6ª, 9ª e 12ª sílabas):

"Não me **dei**xas dor**mir**, não me **dei**xas so**nhar**." (CABRAL DO NASCIMENTO)

O alexandrino clássico é constituído de dois *hemistíquios* [*hemistíquio* = meio verso], ou seja, de dois versos de seis sílabas. Obedece às seguintes regras:

- A última palavra do 1º hemistíquio só pode ser oxítona ou paroxítona, nunca proparoxítona:

"E Cipango **verás**, fabulosa e opulenta." (OLAVO BILAC)

"Em tudo a fina **seta** aguda de aflições!" (CRUZ E SOUSA)

- Se a última palavra do 1º hemistíquio for paroxítona, deve terminar em vogal e embeber-se na primeira sílaba da palavra seguinte, que, para isso, começará por *vogal* ou *h*:

"Palpite a natureza **in**teira, bela e amante." (VICENTE DE CARVALHO)

"Mergulhada na som**bra**, **a** montanha mais cresce." (TASSO DA SILVEIRA)

9 ENCADEAMENTO (*ENJAMBEMENT*)

Quando a pausa final do verso não coincide com a pausa respiratória ou, por outras palavras, quando o verso não finaliza juntamente com um segmento sintático, tem-se o que se chama de **encadeamento** ou **transbordamento**, mais conhecido pelo nome francês de *enjambement*. Em geral, aconselha-se não fazer pausa no fim de tais versos. Todavia, pode-se fazer uma leve pausa, mas conservando a voz suspensa. Exemplo:

"Andam boiando, à superfície
da minha alma, restos
de coisas que eu não sei se, juntas, bastariam
para formar a vida... ou se eram só pretextos." (CABRAL DO NASCIMENTO)

10 RIMA

Rima é a identidade ou semelhança de som do fim (ou do meio) dos versos. Embora seja elemento secundário e até mesmo dispensável, a rima é aproveitada pelos poetas para comunicar aos versos mais harmonia e encantamento. É um recurso musical que agrada aos ouvidos.

Foneticamente, as rimas podem ser:

a) **perfeitas**: *sereno* e *moreno*, *neve* e *leve*, *audaz* e *paz*, *ronco* e *tronco*, *ninho* e *espinho*, etc.

b) **imperfeitas**: *Deus* e *céus*, *estrela* e *vela*, *espirais* e *Satanás*, etc.

c) **toantes** (idênticas somente na vogal tônica): *casa* e *vale*, *mudo* e *último*, *lírio* e *livro*, *época* e *pétala*, *hora* e *bola*, etc.

Conforme a posição do acento tônico das palavras que as formam, as rimas denominam-se:

a) **agudas** ou **masculinas**: feroz e atroz, amor e clamor, etc.

b) **graves** ou **femininas**: festa e manifesta, flores e cores, etc.

c) **esdrúxulas**: mágico e trágico, lírico e onírico, etc.

Segundo o seu valor, são as rimas classificadas em *pobres*, *ricas*, *raras* e *preciosas*.

a) **Pobres** – são as rimas vulgares e as formadas com palavras da mesma classe gramatical: *coração* e *oração*, *amor* e *temor*, *amado* e *desejado*, etc.

b) **Ricas** – as que são formadas com palavras de classe gramatical diferente: *prece* e *adormece*, *penas* e *apenas*, *arde* e *covarde*, etc.

c) **Raras** – as que são obtidas entre palavras de muito poucas rimas possíveis: *cisne* e *tisne*, *bosque* e *enrosque*, etc.

d) **Preciosas** – são rimas artificiais do tipo de *vê-la* e *estrela*, *tranquilo* e *ouvi-lo*, *dá-lhe* e *falhe*.

De várias maneiras podem as rimas ser dispostas nas estrofes. Conforme sua colocação, se dizem *emparelhadas* (aabb), *alternadas* (abab), *interpoladas* (abba) e *misturadas* (dispostas livremente).

As rimas, quase sempre, são *externas*. Um ou outro poeta cultivou as rimas *internas*:

"Na areia do *Douro*, orvalhada de *ouro*,
menina Ondina,
era lindo brincar." (CECÍLIA MEIRELES)

"Salve! Bandeira do Brasil **querida**!
Toda **tecida** de esperança e luz!
Pálio sagrado sob o qual **palpita**
A alma **bendita** do País da Cruz!" (DOM AQUINO CORREIA)

11 VERSOS BRANCOS

Chamam-se *brancos* ou *soltos* os versos sem rima. Entre os poemas compostos em versos brancos, citam-se o *Cântico do Calvário*, de Fagundes Varela, e *Palavras ao Mar*, de Vicente de Carvalho.

12 ESTROFE

Estrofe ou *estância* é um grupo de versos de um poema. As estrofes podem ser formadas de versos de medida igual ou diferente. Tem denominações especiais, conforme o número de versos:

dístico: estrofe de dois versos

terceto: estrofe de três versos

quadra ou *quarteto*: estrofe de quatro versos

quintilha: estrofe de cinco versos

sextilha: estrofe de seis versos

oitava: estrofe de oito versos

décima: estrofe de dez versos

Estribilho é um verso que se repete no fim das estrofes de certas poesias, como o *rondó*, a *balada*, etc. Chama-se também *refrão*.

13 SONETO

Soneto é um pequeno poema de forma fixa. Compõe-se de catorze versos, agrupados em duas quadras e dois tercetos. O decassílabo (o verso consagrado do soneto clássico) e o alexandrino são os metros preferidos dos sonetistas. Para a colocação das rimas, há diversas variantes.

"A tradição quer que o último verso do soneto seja sempre uma *chave de ouro*, encerrando a essência do pensamento geral da composição." (Olavo Bilac, *Tratado de Versificação*, p. 168)

Tem-se definido o soneto como "um pensamento de ouro num cárcere de aço".

O soneto presta-se principalmente para a expressão dos sentimentos líricos. Teve e continua tendo grande vitalidade em várias literaturas.

Eis um modelo de soneto:

Pra que partir?

Estou sentado sobre a minha mala
no velho bergantim desmantelado...
Quanto tempo, meu Deus, malbaratado
em tanto inútil, misteriosa escala!

Joguei a minha bússola quebrada
às águas fundas... E afinal, sem norte,
como o velho Simbá de alma cansada,
eu nada mais desejo, nem a morte...

Delícia de ficar deitado ao fundo
do barco, a vos olhar, velas paradas!
Se em toda parte é sempre o Fim do Mundo,

Pra que partir? Sempre se chega, enfim...
Pra que seguir empós das alvoradas,
se, por si mesmas, elas vêm a mim?

(MÁRIO QUINTANA, *A Rua dos Cata-ventos*, Editora Globo, São Paulo, 2005)

Há mais de uma opção para dispor e combinar as rimas do soneto. No soneto acima, o autor adotou o seguinte esquema: *abba* (1ª estrofe), *cdcd* (2ª estrofe), *efe* (3ª estrofe), *gfg* (4ª estrofe).

14 VERSO LIVRE

Verso livre é o que não obedece aos preceitos da versificação tradicional, mormente no que tange à métrica e ao ritmo. Não se subordina ao número fixo de sílabas nem à regular distribuição dos acentos tônicos. Seu movimento rítmico é, por isso, menos perceptível que o do verso metrificado. Em compensação, por ser mais espontâneo e livre de artifícios, o verso moderno não freia tanto a imaginação criadora do poeta.

O verso livre foi introduzido em nossa literatura pelos poetas modernistas, tendo sido cultivado mais intensamente após a Semana de Arte Moderna (1922).

O seguinte poema de Mário Quintana nos poderá dar uma ideia do que seja verso livre:

Cântico

O vento verga as árvores, o vento clamoroso da aurora...
Tu vens precedida pelos voos altos,
Pela marcha lenta das nuvens.
Tu vens do mar, comandando as frotas do Descobrimento!

Minh'alma é trêmula da revoada dos Arcanjos.
Eu escancaro amplamente as janelas.
Tu vens montada no claro touro da aurora.
Os clarins de ouro dos teus cabelos cantam na luz!

(MÁRIO QUINTANA, *Poesias*, p. 166, Editora Globo, 1972)

EXERCÍCIOS LISTA 67

1. Faça quadrinhos para escrever as sílabas métricas destes versos octossílabos, de Ribeiro Couto. Indique as junções vocálicas com o sinal (⌒) e sublinhe as sílabas tônicas:

"Vi o luar do céu deserto.

Enquanto em roda a noite avança."

2. Divida e numere as sílabas métricas dos versos:

"É uma história espantosa." (Joaquim Cardoso)

"Ao longe, a mancha esguia de um cipestre." (Rosamaria Castelo Branco)

"Teu pé, como o de um deus, fecundava o deserto." (Olavo Bilac)

"Sou apenas constante e humilhado leitor." (Carlos Drummond de Andrade)

"E os moços inquietos, que a festa enamora." (Gonçalves Dias)

"O Coronel estava ausente." (Carlos Drummond de Andrade)

"Como é triste esta sala assim vazia!" (Rosamaria Castelo Branco)

"Abri meus braços para alcançar-te." (Cecília Meireles)

3. Diga quantas sílabas métricas tem cada verso desta estrofe:

"Sofrimento ou Prazer, Tristeza ou Alegria,
ó tiranos cruéis, deuses de alto valor!
Eu vos porei em verso, dia-a-dia,
e ficarei melhor." (Cabral do Nascimento)

4. Identifique o único verso alexandrino entre os seguintes, de Cecília Meireles:

"Teu rosto passava, teu nome corria..."

"Eis o cavalo pela verde encosta."

"Sobre um passo de luz outro passo de sombra."

5. Identifique a redondilha maior:

"Ó *flor que* sorriste ao passante..." (Ribeiro Couto)

"Como um príncipe encantado." (Dante Milano)

"Um peso enorme para carregar." (Mário Quintana)

6. Relacione as palavras da direita com as da esquerda, atendendo aos processos de redução ou ampliação das sílabas métricas:

(1) aférese	ela encontra [e-len-con-tra]
(2) sinérese	piedade [pi-e-da-de]
(3) diérese	inda [por *ainda*]
(4) crase	coa [por *com a*]
(5) ditongação	magoado [ma-gua-do]
(6) ectlipse	sobre o mar [so-briu-mar]
(7) elisão	o ódio [ó-dio]

7. Reduza este verso alexandrino a decassílabo:

"Como a casa é deserta! E como a tarde é fria!" (MANUEL BANDEIRA)

8. O poema *Janelas sobre o Saara*, na página 633, está composto em versos livres ou metrificados, sem rimas e sem estrofes?

LEITURA

Amada

Céleres, as estrelas caem do céu.
Tu as recolhes, uma a uma,
– ó segadora de luzes!

Ilumina com elas a noite
de tua cabeleira longa.
E fica assim, imóvel, risonha,
diante de mim deslumbrado
– mito cintilante do amor.

(MÁRIO DA SILVA BRITO, *Jogral do Frágil e do Efêmero*, p. 31, Civilização Brasileira, 1979)

LÍNGUA E ARTE LITERÁRIA
Exercícios de exames e concursos
[Página 693]

BIBLIOGRAFIA

Adalberto Prado e Silva – *Gramática Simplificada*, Melhoramentos, s/d. *Dicionário Mirador*, Melhoramentos, 1975.

Adolfo Caminha – *A Normalista*, Ática, 1998.

Adonias Filho – *Léguas da Promissão*, Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1968. *Luanda Beira Bahia*, Bertrand Brasil, 2005. *As Velhas*, Bertrand Brasil, 2004. *Corpo Vivo*, Bertrand Brasil, 2001.

Adriano da Gama Kury – *Pequena Gramática*, 5ª ed., Rio de Janeiro, Agir, 1960. *Lições de Análise Sintática*, 1ª ed., Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1961.

Afonso Arinos de Melo Franco – *Pelo Sertão*, Villa Rica Editora, 1981.

Afrânio Coutinho – *Antologia Brasileira de Literatura*, v. 1, Rio de Janeiro, 1965.

Afrânio Peixoto – *Clima e Saúde*, Editora Nacional, 1935. *Uma Mulher como as Outras*, Editora Nacional, 1933.

Agripino Grieco – *Gralhas e Pavões*, Record, 1988.

Alexandre Herculano – *Eurico, o Presbítero*, Ática. *Lendas e Narrativas*, Pradense, 2008. *O Bobo*, Ática, 1998.

Almeida Garrett – *Viagens na Minha Terra*, Lisboa, s/d.

Alphonsus de Guimaraens – *Poesia Completa*, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 2001.

Alphonsus de Guimaraens Filho – *Água do Tempo*, 1976.

Aluísio Azevedo – *Casa de Pensão*, Ática, 1998. *O Cortiço*, Moderna, 2007.

Álvaro Lins – *Rio Branco*, 3ª ed., Alfa-Ômega, 1996.

Amadeu de Queirós – *Histórias Quase Simples*, São Paulo, Cultrix, 1963.

Ana Miranda – *O Retrato do Rei*, Cia. das Letras, São Paulo, 1991.

André Martinet – *Elementos de Linguística Geral*, Gredos, 1991.

Aníbal Machado – *Histórias Reunidas*, 1ª ed., Rio de Janeiro, J. Olympio, 1959. *Cadernos de João*, J. Olympio, 2004.

Antenor Nascentes – *Tesouro da Fraseologia Brasileira*, 2ª ed., Rio de Janeiro, 1966. *O Idioma Nacional*, 5ª ed., 1965.

Antônio Callado – *Assunção de Salviano*, Agir, 2005. *Quarup*, Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2005. *A Madona de Cedro*, Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2007.

Antônio Carlos Villaça – *Os Saltibancos da Porciúncula*, Record, 1996.

Antônio F. de Castilho – *Felicidade pela Agricultura*, Dois Mundos, Rio de Janeiro, s/d.

Antônio Gedeão – *Obra Completa*, Relógio D'água, 2004.

Antônio Houaiss – *Pequeno Dicionário Enciclopédico*, Rio de Janeiro, Larousse do Brasil, 1980.

Antônio Olavo Pereira – *Marcoré*, Rio de Janeiro, J. Olympio, 1991. *Fio de Prumo*, J. Olympio, 1965.

Ariano Suassuna – *O Rei Degolado ao Sol da Onça Caetana*, Rio de Janeiro, J. Olympio, 1977.

Artur Azevedo – *Contos Fora da Moda*, Alhambra, Rio de Janeiro, 1982.

Assis Brasil – *Nassau*, Rio Fundo Editora, 1990.

Aurélio Buarque de Holanda Ferreira – *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, 2ª ed., Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1986; 3ª ed., Nova Fronteira, 1999. *Seleta*, J. Olympio, 1979. *Dois Mundos*, Edições O Cruzeiro, 2ª ed., 1956.

Austregésilo de Ataíde – *Vana Verba*, Edições O Cruzeiro, 1971.

Autran Dourado – *O Risco do Bordado*, Rio de Janeiro, Rocco, 1999. *Solidão Solitude*, Rio de Janeiro, Rocco, 2004. *Monte da Alegria*, Rocco, 2003.

Bernardo Élis – *Caminhos dos Gerais*, Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1975.

Bernard Pottier – *Estruturas Linguísticas do Português*, 2ª ed., São Paulo, Difusão Europeia do Livro, 1973.

Cabral do Nascimento – *Cancioneiro*, Portugalia, Lisboa, 1963.

Caldas Aulete – *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*, 3ª ed., Editora Delta, 1974.

Camilo Castelo Branco – *A Queda dum Anjo*, Ática, 1997. *Coração, Cabeça, Estômago*, Martins Fontes, 2003. *Amor de Perdição*, São Paulo, FTD, 1999. *Maria da Fonte*, Porto, 1885. *Aventuras de Basílio Fernandes Enxertado*, Lisboa, 1863. *O Visconde de Ouguela*, Rio de Janeiro, Org. Simões, 1954. *Os Brilhantes do Brasileiro*, 8ª ed., Lisboa, 1965. *O Retrato de Ricardina*, 1977. *O Bem e o Mal*, Rio de Janeiro, Org. Simões, 1955. *Vulcões de Lama*, Lisboa, 1886. *A Brasileira de Prazins*, Nova Fronteira, 1995.

Carlos Augusto Corrêa – *Pontuar É Preciso*, Dissonarte, Rio de Janeiro, 2007.

Carlos de Laet – *O Frade Estrangeiro e Outros Escritos*, Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 1953.

Carlos de Sá Moreira – *Brasil*, Lés Éditions du Pacifique, 1978.

Carlos Drummond de Andrade – *Caminhos de João Brandão*, Record, 2002. *Boitempo*, Sabiá, 1968. *Menino Antigo*, Record, 2006. *Os Dias Lindos*, Record, 2003. *Esquecer para Lembrar*, Record, 2006. *A Paixão Medida*, Record, 2002. *Poesia Completa*, Nova Aguilar, 2002.

Carlos H. da Rocha Lima – *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Briguiet, 1957, J. Olympio, 2002.

Carlos Marchi – *Fera de Macabu*, Best Bolso, 2008.

Carlos Povina Cavalcânti – *Volta à Infância*, Rio de Janeiro, J. Olympio, 1972.

Cassiano Ricardo – *Marcha para Oeste*, 4ª. ed., J. Olympio, 1970.

Cecília Meireles – *Poesia Completa*, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1993. *Inéditos*, Rio de Janeiro, Bloch, 1967. *Escolha o Seu Sonho*, Record, Rio de Janeiro, 1996.

Celso Cunha – *Gramática do Português Contemporâneo*, Belo Horizonte, Bernardo Álvares, 1970. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lexikon, 2008.

Celso Pedro Luft – *Gramática Resumida*, Globo, 1960. *Novo Guia Ortográfico*, Globo, 2003. *Dicionário Prático de Regência Verbal*, Ática, 1996.

Cyro dos Anjos – *O Amanuense Belmiro*, Globo, 2006. *Explorações no Tempo*, J. Olympio, 1963. *Abdias*, Globo, 2008. *Montanha*, Rio de Janeiro, J. Olympio, 1956.

Clarice Lispector – *Felicidade Clandestina*, Rocco, Rio de Janeiro, 1998.

Dalton Trevisan – *Cemitério de Elefantes*, Rio de Janeiro, Record, 1998.

Dante Milano – *Poesias*, Sabiá, 1971.

Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, Mirador, Melhoramentos, 1975.

Dora Ferreira da Silva – *Poesia Reunida*, Topbooks, 1999.

Eça de Queirós – *A Relíquia*, Ateliê, 2004. *O Primo Basílio*, São Paulo, Saraiva, 2006. *Os Maias*, Landy, 2001.

Edy Lima – *A Vaca na Selva*, Global, 2003.

Eduardo Bueno – *Capitães do Brasil*, Objetiva, 2006.

Eduardo Prado – *A Ilusão Americana*, 3ª ed., Brasiliense, 1961.

Elsie Lessa – *A Dama da Noite*, J. Olympio, 1963. *Canta, que a Vida é um Dia*, Razão Cultural, Rio de Janeiro, 1998.

Érico Veríssimo – *O Prisioneiro*, Cia. das Letras, 2008. *Incidente em Antares*, Cia das Letras, 2006.

Evandro Lins e Silva – *Arca de Guardados*, Civ. Brasileira, Rio de Janeiro, 1995.

Evanildo Bechara – *Lições de Português pela Análise Sintática*, Lucerna, 2006. *Moderna Gramática Portuguesa*, Lucerna, 2001.

Fernando Namora – *Domingo à Tarde*, Europa-America, 1989. *O Homem Disfarçado*, Porto Alegre, Globo, 1966.

Fernando Pessoa – *Obra Poética*, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 2005.

Fernando Sabino – *O Encontro das Águas*, Rio de Janeiro, 1977. *A Falta que Ela me Faz*, Rio de Janeiro, 1980.

Ferreira de Castro – *A Selva*, Guimarães Editores, 2006. *Livros de Viagens*, Rio de Janeiro, J. Aguilar, 1961. *O Instinto Supremo*, Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1968.

Ferreira Gullar – *Rabo de Foguete*, Revan, 1998.

Gastão Cruls – *A Amazônia Misteriosa*, 6ª ed., Rio de Janeiro, Org. Simões, 1953.

Geraldo França de Lima – *Rio da Vida*, J. Olympio, 1991.

Gilberto Freyre – *Casa-Grande e Senzala*, Global, 2006.

Graça Aranha – *Canaã*, Ática, 1998.

Graciliano Ramos – *São Bernardo*, Record, 2003. *Infância*, Record, 2006. *Angústia*, Record, 2003. *Insônia*, Record, 2003. *Caetés*, Record, 2006. *Linhas Tortas*, Record, 2005. *Vidas Secas*, Record, 2006.

Guedes de Amorim – *Jesus Passou por Aqui*, Lisboa, 1967.

Guilherme de Figueiredo – *Maria da Praia*, Civ. Brasileira, 1994. *A Bala Perdida*, Rio de Janeiro, Topbooks, 1998.

Guimarães Rosa – *Sagarana*, Nova Fronteira, 2006.

Gustavo Barroso – *Terra de Sol*, 5ª ed., 1956.

Gustavo Corção – *Claro Escuro*, Agir, 1960.

Haroldo Bruno – *O Misterioso Rapto de Flor-do-Sereno*, Rio de Janeiro, 1979.

Helena Jobim – *Trilogia do Assombro*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1998.

Herberto Sales – *Cascalho*, Livros do Brasil,1966. *Dados Biográficos do Finado Marcelino*, 1965. *Além dos Marimbus*, 2ª ed., Rio de Janeiro, 1965. *Rio dos Morcegos*, Civilização Brasileira, 1993.

Herman Lima – *Garimpos*, Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1967.

Hildebrando A. de André – *Gramática Ilustrada*, São Paulo, Moderna, 1997.

Ignácio de Loyola Brandão – *Não Verás País Nenhum*, Global, 2008.

Ismael de Lima Coutinho – *Gramática Histórica*, Ao Livro Técnico, 1976. *Pontos de Gramática Histórica*, Ao Livro Técnico, 1976.

Jean Dubois – *Dicionário de Linguística*, São Paulo, Cultrix, 1997.

J. Mattoso Câmara Jr. – *Dicionário de Fatos Gramaticais*, Rio de Janeiro, MEC, Casa de Rui Barbosa, 1956. *Manual de Expressão Oral e Escrita*, Vozes, 2001.

João Clímaco Bezerra – *A Vinha dos Esquecidos*, J. Olympio, 1980.

João Domingues Maia – *Gramática*, São Paulo, Ática, 1982.

João Ribeiro – *Gramática Portuguesa*, c/s, 11ª ed., Francisco Alves, 1904. *História do Brasil*, Itatiaia Editora, 2001. *Autores Contemporâneos*, Francisco Alves, 1937.

Joaquim Felício dos Santos – *Memórias do Distrito Diamantino*, Itatiaia Editora.

Jônatas Serrano – *Filosofia do Direito*, 3ª ed., Briguiet.

Jorge Amado – *Seara Vermelha*, Record, 1999. *Mar Morto*, Cia das Letras, 2008. *Terras do Sem-Fim*, Cia das Letras, 2008. *Tieta do Agreste*, Rio de Janeiro, Record, 1997.

José Américo – *A Bagaceira*, 9ª ed., J. Olympio, 2008.

José de Alencar – *Iracema*, Ateliê, 2007.

José Fonseca Fernandes – *Um por Semana*, J. Olympio, 1972.

José Geraldo Vieira – *A Mulher que Fugiu de Sodoma*, Leitura, 2008. *A Ladeira da Memória*, Planeta, 2003. *A Quadragésima Porta*, 3ª ed., 1968.

José Gualda Dantas – *Testes de Português para Vestibular*, 3ª ed., Rio de Janeiro, 1970.

José J. Veiga – *Os Cavalinhos de Platiplanto*, Bertrand Brasil. *Aquele Mundo de Vasabarros*, Bertrand Brasil, 1997.

José Lins do Rego – *Fogo Morto*, J. Olympio, 1996.

José Louzeiro – *Aracelli, Meu Amor*, 5ª ed., Record, 1981.

José Luís de Oliveira – *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, Rio de Janeiro, 1965.

José Murilo de Carvalho – *A Construção da Ordem*, Relume-Dumará, 1996.

Josué de Castro – *Geografia da fome*, Civilização Brasileira, 2005.

Josué Guimarães – *Os Ladrões*, Rio de Janeiro, Fórum, 1966. *Os Tambores Silenciosos*, L&PM, 1997. *É Tarde para Saber*, L&PM, 1997.

Josué Montello – *Os Degraus do Paraíso*, Nova Fronteira, 1986.

Lêdo Ivo – *Ninho de Cobras*, Topbooks, 1997. *O Caminho sem Aventura*, Rio de Janeiro, Record, 1983.

Lygia Fagundes Telles – *Histórias Escolhidas*, 1961. *Ciranda de Pedra*, Rocco, 1998. *As Meninas*, Livros do Brasil, 1983. *Filhos Pródigos*, 1978.

Lourenço Diaféria – *Um Gato na Terra do Tamborim*, Ática, São Paulo, 1982.

Luís Carlos Lessa – *O Modernismo Brasileiro e a Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, FGV, 1966.

Luís Carlos Lisboa – *Olhos de Ver, Ouvidos de Ouvir*, Difel, 1977.

Luís Henrique Tavares – *Homem Deitado na Rede*, Rio de Janeiro, Org. Simões, 1969.

Luís Jardim – *As Confissões do Meu Tio Gonzaga*, 2ª ed., Rio de Janeiro, J. Olympio, 1966.

Machado de Assis – *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, Ática, 2006. *Machado de Assis, Seus 30 Melhores Contos*, Rio de Janeiro, J. Aguilar, 1961. *Dom Casmurro*, Ateliê, 2008. *Obra Completa*, Nova Aguilar, 2008.

Manuela Carneiro da Cunha – *História dos Índios no Brasil*, Cia. das Letras, 1992.

Manuel Bandeira – *Poesia Completa e Prosa*, 2ª ed., Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1967.

Maria de Lourdes Teixeira – *O Pátio das Donzelas*, Martins, 1969.

Maria José de Queirós – *Invenção a Duas Vozes*, Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1978. *A Literatura e o Gozo Impuro da Comida*, Topbooks, 1997.

Marina Colasanti – *Nada na Manga*, Nova Fronteira, 1973.

Mário Barreto – *Novíssimos Estudos da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1914. *Novos Estudos da Língua Portuguesa*, Francisco Alves, 1921. *Fatos da Língua Portuguesa*, Francisco Alves, 1916. *Através do Dicionário e da Gramática*, Rio de Janeiro, Quaresma, 1927. *De Gramática e de Linguagem*, 2ª ed., Rio de Janeiro, Org. Simões, 1955.

Mário Palmério – *O Chapadão do Bugre*, José Olympio, 2003.

Mário da Silva Brito – *Jogral do Frágil e do Efêmero*, Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1979.

Mário Quintana – *Antologia Poética*, Rio de Janeiro, Ed. do Autor, 1966. *A Vaca e o Hipogrifo*, Global, 2006. *Poesias*, Globo, 1972.

Marquês de Maricá – *Máximas, Pensamentos e Reflexões*, Rio de Janeiro, MEC, Casa de Rui Barbosa, 1958.

Manuel Rodrigues Lapa – *Estilística da Língua Portuguesa*, Martins Fontes, 1998.

Martins de Aguiar – *Notas e Estudos de Português*, FGV, Rio de Janeiro, 1971.

M. Said Ali – *Gramática Secundária da Língua Portuguesa*, São Paulo, Melhoramentos, s/d. *Dificuldades da Língua Portuguesa*, 5ª ed., Rio de Janeiro, Acadêmica, 1957.

Millôr Fernandes – *Novas Fábulas Fabulosas*, Desiderata, 2007.

Moacir Werneck de Castro – *O Libertador*, Rocco, Rio de Janeiro, 1989. *A Máscara do Tempo*, Civ. Brasileira, 1996.

Moacyr Scliar – *A Paixão Transformada*, Cia. das Letras, 2008.

Monteiro Lobato – *Urupês*, Globo, 2007. *O Escândalo do Petróleo e do Ferro*. Editora Brasiliense, 1956.

Murilo Melo Filho – *O Milagre Brasileiro*, Bloch, 1972.

Murilo Rubião – *O Pirotécnico Zacarias e Outros Contos*, Cia das Letras, 2006.

Nélida Piñon – *A Força do Destino*, Record, 1998. *A Doce Voz de Caetana*, Record, 1987.

Novir Sebastião dos Santos Barbosa – *Interpretação da N.G.B.*, Rio de Janeiro, 1962.

Olavo Bilac – *Poesias*, 25ª ed., Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1954.

Olegário Mariano – *Toda uma Vida de Poesia*, 2v., Rio de Janeiro, J. Olympio, 1957.

Oliveira Viana – *Evolução do Povo Brasileiro*, 4ª ed., J. Olympio, 1956.

Ondina Ferreira – *Inquietação*, São Paulo, Saraiva, 1958. *Acordar, Renascer, Soma*, São Paulo, 1983.

Orígenes Lessa – *O Feijão e o Sonho*, Ática, 1998.

Othon M. Garcia – *Comunicação em Prosa Moderna*, Rio de Janeiro, FGV, 2006.

Otto Lara Resende – *O Braço Direito*, Cia. das Letras, 1993.

Paulo Mendes Campos – *Os Bares Morrem numa Quarta-Feira*, Ática, 1980.

Pedro Nava – *Chão de Ferro*, Ateliê, 2001.

Ramalho Ortigão – *A Holanda*, 2ª ed., Lisboa, 1894.

Rachel de Queiroz – *O Caçador de Tatu*, Siciliano, 1994. *Quatro Romances*, Rio de Janeiro, J. Olympio, 1960. *O Menino Mágico*, Caramelo, 2004.

Raquel Jardim – *Os anos 40*, Caramelo, 2004.

Rebelo da Silva – *Contos e Lendas*, Lisboa, 1873.

Renato Inácio da Silva – *Amazônia, Paraíso e Inferno*, São Paulo, 1970.

Ribeiro Couto – *Poesias Reunidas*, J. Olympio, 1960.

Ricardo Ramos – *Memória de Setembro*, J. Olympio, 1968.

Ronald Langacher – *A Linguagem e Sua Estrutura*, Vozes, 1972.

Ronaldo R. de Freitas Mourão – *Alô, Galáxia*, Rio de Janeiro, Imago, 1978. *Astronomia e Poesias*, Difel, 1977.

Rosamaria Verney Castelo Branco – *Canção do Cotidiano*, Rio de Janeiro, 1973.

Rubem Braga – *A Traição das Elegantes*, Record, 1998. *Duzentas Crônicas Escolhidas*, Record, 2002.

Rubem Fonseca – *Os Prisioneiros*, Cia. das Letras, 1989.

Rui Barbosa – *Escritos e Discursos Seletos*, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1997. *Cartas de Inglaterra*, São Paulo, Iracema, 1968.

Sérgio Buarque de Hollanda – *Caminhos e Fronteiras*, Cia. das Letras, 2001.

Sérgio Faraco – *Hombre*, Civ. Brasileira, 1978.

Sérgio Gallo – *Ironias da Existência Humana*, Relume-Dumará, 1999.

Silvio Elia – *O Problema da Língua Brasileira*, INL, 1961.

Sousa da Silveira – *Lições de Português*, 5ª ed., Coimbra, 1952.

Stella Leonardos – *Estátua de Sal*, Rio de Janeiro, Agir, 1961.

Tiago de Melo – *Amazônia, a Menina dos Olhos do Mundo*, Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1991.

Vianna Moog – *Toia*, Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1963. *Bandeirantes e Pioneiros*, Graphia, 2006.

Vicente de Carvalho – *Poemas e Canções*, 16ª ed., São Paulo, Saraiva, 1962.

Vilma Guimarães Rosa – *Carisma*, J. Olympio, 1978.

Vinicius de Moraes – *Poesia Completa e Prosa*, Nova Aguilar, 2004. *Para uma Menina com uma Flor*, Cia. das Letras, 1992.

Vivaldo Coaraci – *Todos Contam sua Vida*, J. Olympio, 1959. *Cata-vento*, J. Olympio, 1956.

Walmir Ayala – *A Selva Escura*, Rio de Janeiro, Atheneu Cultura, 1990.

Yone Rodrigues – *A Razão do Pássaro*, Melhoramentos, 1984.

EXERCÍCIOS DE EXAMES E CONCURSOS

FONÉTICA

FONEMAS

1. (CPCAR) A medicina agora está ***estudando*** a importância do bom ***humor*** e dos ***sentimentos*** positivos na ***prevenção*** e no tratamento de moléstias.

Nas palavras destacadas, constata-se, respectivamente, a seguinte sequência de letras e fonemas:
a) 9 – 9 / 5 – 3 / 11 – 10 / 9 – 9
b) 9 – 7 / 5 – 5 / 10 – 9 / 8 – 8
c) 9 – 9 / 4 – 4 / 10 – 10 / 8 – 7
d) 9 – 8 / 5 – 4 / 11 – 9 / 9 – 8

2. (Unifesp) Na língua portuguesa escrita, quando duas letras são empregadas para representar um único fonema (ou som, na fala), tem-se um **dígrafo**. O dígrafo só está presente em todos os vocábulos de:
a) pai, minha, tua, esse, tragar.
b) afasta, vinho, dessa, dor, seria.
c) queres, vinho, sangue, dessa, filho.
d) esse, amarga, silêncio, escuta, filho.
e) queres, feita, tinto, melhor, bruta.

3. (UFSM-RS) Assinale a alternativa em que apenas uma das palavras apresenta dígrafo.
a) Alexandra – lhe
b) Esquecia – mesinha
c) Guardava – enterro
d) Assistir – que
e) Senhora – então

4. (Ufal) As palavras bloco, vidro e refrão têm em comum a presença de um:
a) ditongo crescente
b) encontro consonantal
c) ditongo crescente
d) dígrafo
e) hiato

5. (PUC-PR) Observe as palavras que seguem:

1. Choque	4. Desce
2. Hotel	5. Passa
3. Varre	6. Molha

Das palavras acima, são pronunciadas com 4 fonemas:
a) todas elas.
b) todas, menos a primeira.
c) todas, menos a segunda.
d) a segunda, a quarta e a quinta.
e) somente a quarta e a quinta.

6. (PUC-RJ) Um mesmo fonema pode ser grafado de diferentes maneiras. Qual a lista de palavras que exemplifica essa afirmação?
a) Paciente, centro, existência
b) existência, meses, batizaram
c) projeto, prejudicando, propõe
d) quem, quando, psiquiatra
e) coisa, incomoda, continuidade

SÍLABA

1. (BNB) Assinale a opção que apresenta ERRO quanto à **divisão silábica**:
a) ins-ti-tu-i-ção, co-me-ça-ram, pres-tí-gio
b) res-sur-gi-men-to, pres-ti-gi-o, ad-mi-rar
c) su-pers-ti-ção, ex-pe-ri-en-te, pers-pec-ti-va
d) ex-e-cu-ti-vo, a-brup-to, re-i-vin-di-car
e) ca-a-tin-ga, rit-mo, réus

2. (CPCAR) Observe a **divisão silábica** dos vocábulos abaixo.

I - ar-te-ri-al, ex-ces-so, su-bs-tân-cia

II - guer-ras, di-lú-vio, pi-a-da

III - res-pal-do, ob-je-to, pres-são

Está(ão) correta(s) apenas:
a) I e II.
b) I e III.
c) I, II, III.
d) II e III.

3. (UFCE) Assinale as alternativas em que a separação silábica está correta:

a) go-ia-na	e) con-ti-nu-a
b) cor-ru-pção	f) ir-mãos
c) sor-ri-so	g) De-us
d) ma-is	

4. (Unip-SP) Assinale o grupo de palavras em que não há erro na separação de sílabas:
a) in-a-pto, tran-se-pto, des-or-dem
b) né-ctar, fi-a-do, crian-ça

c) des-u-nhar, ad-je-ti-va, ve-e-mên-cia
d) gi-ras-sóis, mag-nó-lia, a-dá-lia
e) ins-cien-te, ân-si-a, né-sci-o

5. (Acafe-SC) Assinale a alternativa em que há erro na partição de sílabas:
a) en-trar, es-con-der, bis-a-vô, bis-ne-to
b) i-da-de, co-o-pe-rar, es-tô-ma-go
c) des-cen-der, car-ra-da, pos-so, a-tra-vés
d) des-to-ar, tran-sa-ma-zô-ni-co, ra-pé, on-tem
e) pre-des-ti-nar, ex-tra, e-xer-cí-cio, dan-çar

ORTOGRAFIA

1. (Cesgranrio) Assinale o item em que ocorre erro ortográfico:
a) ele mantém / eles mantêm
b) ele dê / eles deem
c) ele contém / eles contêm
d) ele vê / eles veem
e) ele contém / eles conteem

2. (PUC-Camp) Assinale a alternativa correta:
a) Não se deve infligir as leis.
b) Não se devem infringir as leis.
c) Não se devem infligir as leis.
d) Não se devem inflingir as leis.

3. (UPF-RS) A palavra "porque" deveria ter sido grafada separadamente na alternativa:
a) Não se preocupe com o futuro, porque os jovens têm energia para resolver problemas.
b) O Brasil será enriquecido no próximo século, porque terá o maior contingente de jovens de sua história.
c) Alguns questionam porque o futuro é encarado com pessimismo por muitos.
d) Acredite nos jovens, porque eles contribuirão para o progresso do Brasil.
e) Muitos problemas serão resolvidos, porque os jovens estarão preparados para isso.

4. (CPCAR) Assinale a alternativa em que **NÃO** há erro de grafia.
a) Poucos sabem por que você está pensativo.
b) Assinar o documento não trás dificuldade nenhuma ao povo.
c) Não sei porque tanto riso.
d) A atitude púdica de certas mulheres me surpreende.

5. Assinale a alternativa em que **não** haja nenhum erro de ortografia.
a) A ascenção do candidato nas pesquizas suprendeu a todos.
b) A ascenção do candidato nas pesquisas surpreendeu a todos.
c) A ascensão do candidato nas pesquisas surpreendeu a todos.
d) A ascenção do candidato nas pesquisas surprendeu a todos.
e) A assenção do candidato nas pesquizas surprendeu a todos.

6. Faça o mesmo:
a) A morte do paciente nada tem a ver com a paralisia dos órgãos.
b) A morte do paciente nada tem a haver com a paralizia dos órgãos.
c) A morte do pasciente nada tem haver com a paralizia dos órgãos.
d) A morte do pasciente nada tem a haver com a paralisia dos órgãos.
e) A morte do paciente nada tem a ver com a paralizia dos órgãos.

7. (BNB) Assinale a alternativa em que todas as palavras estão escritas de forma **ERRADA**:
a) ojeriza, riqueza, pegajento
b) veneziana, coalizão, assaz
c) asfixia, repuxo, coxia
d) flecha, broche, cocheira
e) despeza, degladiar, distemção

8. (BNB) Marque a alternativa em que todas as palavras são escritas, CORRETAMENTE, com a letra indicada entre parêntese:
a) a___ensorista, ca__ar , cre ___cer (s)
b) tra__e, rabu__ice, re__eição (j)
c) au__liar, asfi__ia, aflu__o (x)
d) deten__ão, conten__ão, preten___ão (ç)
e) nobre__a, avi___ar, coloni___ar (z)

9. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que **não** haja erro de grafia.
a) Não tinha feito a prova no dia regular nem tão pouco a substitutiva.
b) Afim de que as soluções pudessem ser adotadas por todos, José de Arimateia havia distribuído cópias do relatório no dia anterior.
c) Porventura, meu Deus, estarei louco?

d) Assinalou com um asterístico a necessidade de notas informativas adicionais.
e) Com frequência, os médicos falam de AVC, Acidente Vascular Celebral. Porisso, os próprios pacientes já estão familiarizados com esse termo.

10. (FGV) Assinale a alternativa em que a grafia de todas as palavras seja prestigiada pela norma culta.
a) Auto-falante, bandeija, degladiar, eletrecista.
b) Advogado, frustado, estrupo, desinteria.
c) Embigo, mendingo, meretíssimo, salchicha.
d) Estouro, cataclismo, prazeiroso, privilégio.
e) Aterrissagem, babadouro, lagarto, manteigueira.

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

1. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa em que todas as palavras estejam corretamente acentuadas.
a) caíra, enjoo, bárbaro, velóz.
b) jurití, automóvel, samambáia, jiló.
c) algoz, cauím, lençol, fácil.
d) pernalta, Tatuí, armazém, geleia.
e) conténs, heroico, chapéuzinho, Tietê.

2. (Ufla-MG)

"Meu lenço, meu **relógio**, meu chaveiro..."

A regra que justifica o acento na palavra acima destacada é a mesma que justifica o acento em:
a) tênis
b) hábito
c) glória
d) convém
e) invencível

3. (Mackenzie-SP) As palavras *aí, Ceará* e *vá* são acentuadas por serem, respectivamente:
a) monossílabo, trissílabo e monossílabo.
b) ditongo tônico, trissílabo tônico e monossílabo tônico.
c) ditongo tônico, oxítona terminada em *a* e monossílabo tônico terminado em *a*.
d) hiato, oxítona terminada em *a* e monossílabo tônico terminado em *a*.
e) oxítona terminada em *i*, oxítona terminada em *a* e monossílabo tônico terminado em *a*.

4. (UCDB-MT) São acentuadas pela mesma razão as palavras da alternativa:
a) ciúme – egoísta – saída
b) hífen – armazém – herói
c) dominó – avô – tênis

5. (CPCAR) Assinale a alternativa cujas palavras devem ser graficamente acentuadas, respectivamente, pelas mesmas normas de **glória**, **fácil**, **está**, **imunológico**.
a) Ruídos, límpida, verás, ínterim.
b) Incêndio, caráter, refém, protótipo.
c) Juízes, revólver, têm, temática.

6. (FGV-SP) Assinale a palavra que está graficamente acentuada pela mesma regra que determina o acento em **inadimplência**.
a) Mágoa.
b) Há.
c) Sabiá.
d) Heróico.
e) Baú.

7. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que as palavras sejam, respectivamente: oxítona, oxítona, paroxítona, proparoxítona, proparoxítona e oxítona.
a) Papel, sagu, andrajo, xenófobo, redondo, saci.
b) Sabia, interessar, anjo, borrego, íntimo, saúde.
c) Canavial, superar, novel, cádmio, contíguo, interesseiro.
d) Saci, sagu, indelevelmente, pródigo, bígamo, sinal.
e) Tizio, anéis, móvel, esperançoso, código, colher.

8. (PUC-RJ) Indique a opção que apresenta palavras acentuadas segundo as mesmas regras das palavras abaixo, respeitada a sua ordem de aparecimento:

há – incrédulo – história – frágil – bebê – alguém
a) já – Júpiter – telescópio – fácil – até – parabéns
b) pôr – óbvio – herói – até – parabéns – está
c) já – plateia – óbvio – fácil – fazê-la – além

9. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que a palavra deveria ter recebido **acento gráfico**:
a) Paiçandu. b) Taxi. c) Gratuito.
d) Rubrica. e) Entorno.

10. (PUC-Camp) A frase em que as palavras estão acentuadas corretamente é:
a) A providencia que foi tomada tem relação com o grupo de que ele é partidário.
b) A saúde pública deve ser um dos assuntos centrais dessa reunião.
c) Há muita polemica em relação a esse assunto, por isso devemos ter cautela.
d) Pouco tempo atrás, todos diziam que eles estavam em situação bastante confortavel.
e) Há quem avalie que aquela foi a solução mais inocua de todas as apresentadas.

SINAIS DE PONTUAÇÃO

1. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que a **pontuação** da frase seja a mais adequada.
a) Longe, além da função adverbial de lugar tem a de adjetivo com significação de distante, afastado: é então geralmente usado no plural.
b) Longe além da função adverbial de lugar, tem a de adjetivo com significação de distante afastado, é então geralmente usado no plural.
c) Longe, além da função adverbial de lugar, tem a de adjetivo, com significação de distante, afastado; é então, geralmente, usado no plural.
d) Longe, além da função adverbial de lugar tem a de adjetivo, com significação de distante, afastado: é então geralmente usado no plural.
e) Longe além da função adverbial de lugar tem, a de adjetivo, com significação de distante, afastado; é então geralmente usado no plural.

2. (MPO) Assinale a opção em que o texto apresenta **pontuação** correta.
a) Há no mundo regiões que agora enfrentam problemas generalizados, infinitamente mais graves que, aqueles com que nos confrontamos em nossos piores momentos do passado.
b) Mas parece reinar, em toda parte a certeza de que hoje faz sentido lançar ideias à mesa e trabalhar sobre elas.
c) Tantas passagens – remotas ou recentes – da história, foram marcadas pela esterilidade, pela convicção coletiva de que nada do que se pensasse, dissesse, fizesse, tentasse, ousasse adiantaria alguma coisa, tão bloqueadas eram as perspectivas.
d) Hoje vivemos o contrário disso. Sabemos que ideias, palavras e gestos têm o poder de fecundar o terreno do século que termina, do século que começa e que, vale a pena, por isso viver esse momento.
e) Se aproveitamos com integridade, inteligência, trabalho e sentido de criação, não há limite para o que nos pode vir em troca. Se perdermos essa oportunidade, se nos perdermos em banalidades neste ponto da história que reclama grandeza, sobrará depois um profundo remorso.

(Trechos adaptados de Francisco Rezek)

3. (FGV-SP) Observe a seguinte frase:

– Quem quer ir, perguntou o chefe.

A respeito dela, pode-se dizer que:
a) Deveria ter sido colocado um ponto de interrogação após a palavra ir.
b) Deveria ter sido colocado um ponto de interrogação após a palavra chefe.
c) Deveria ter sido colocado um ponto de exclamação após a palavra chefe.
d) Bastaria colocar entre aspas a oração "– Quem quer ir".
e) A frase está correta.

4. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a vírgula está empregada para separar dois termos que possuem a mesma função na frase:
a) "Minhas senhoras, seu Mendonça pintou o diabo enquanto viveu."
b) "Respeitei o engenho do Dr. Magalhães, juiz."
c) "E fui mostrar ao ilustre hóspede a serraria, o descaroçador e o estábulo."
d) "Depois da morte do Mendonça, derrubei a cerca..."
e) "Não obstante essa propaganda, as dificuldades surgiram."

5. (Mackenzie-SP) Assinale o par de frases em que as vírgulas foram empregadas de acordo com a mesma regra.
   a) E se baratas, ratos, moscas e mosquitos fossem exterminados?
   Por mais estranha que a ideia possa parecer, sua vida depende dos pernilongos.
   b) Baratas, ratos, moscas e mosquitos são elos fundamentais da cadeia alimentar...
   Sem essas larvas, muita matéria orgânica se acumularia nos rios.
   c) Por mais estranha que a ideia possa parecer, sua vida depende dos pernilongos.
   Sem essas larvas, muita matéria orgânica se acumularia nos rios.
   d) Baratas, ratos, moscas e mosquitos são elos fundamentais da cadeia alimentar...
   Por mais estranha que a ideia possa parecer, sua vida depende dos pernilongos.
   e) E se baratas, ratos, moscas e mosquitos fossem exterminados?
   Sem essas larvas, muita matéria orgânica se acumularia nos rios.

6. (PUC-SP) Assinale a alternativa que justifica corretamente o emprego da **vírgula**.
   a) Usa-se a vírgula entre o sujeito e o predicado como em: "Os escravos, em sua maioria de origem indígena, reforçavam o uso da 'língua geral' no âmbito do privado."
   b) Usa-se a vírgula em casos de inversão e intercalação como em: "Por isso, foram recorrentes, até os inícios dos Setecentos, os pedidos das autoridades para que se enviassem à capitania somente vigários versados na língua dos índios."
   c) Usa-se a vírgula em casos de intercalação como em: "... precisava-se falar em tupi, sem o que parte da população nada compreendia."
   d) Usa-se a vírgula entre o verbo e seu complemento como em: "Havia mulheres, ademais, que com certeza só sabiam a 'língua geral'..."
   e) Usa-se a vírgula entre o nome e seu complemento como em: "No domínio público, contudo, precisava-se falar em tupi..."

7. (PUC-PR) Observe o seguinte enunciado:

   Velhas casas abandonadas ( ) todas em ruínas ( ) apodreciam ao tempo sem atrair a atenção de ninguém ( ) a não ser de gatos arredios, que ( ) ao ver alguém ( ) desapareciam embrenhando-se nas macegas que tomavam conta dos jardins ( ) outrora orgulho de seus donos e motivo de admiração dos moradores da região.

   Os parênteses presentes no enunciado acima ficam corretamente preenchidos pelos seguintes **sinais de pontuação**:
   a) dois-pontos, ponto e vígula, ponto, vírgula, vírgula, ponto.
   b) vírgula, ponto e vírgula, ponto e vírgula, vírgula, ponto e vírgula, vírgula.
   c) vírgula, vírgula, vírgula, vírgula, vírgula, vírgula.
   d) dois-pontos, vírgula, ponto e vírgula, vírgula, ponto e vírgula, ponto e vírgula.
   e) vírgula, vírgula, dois-pontos, dois-pontos, ponto e vírgula, dois-pontos.

8. (PUC-PR) Observe o enunciado e preencha os parênteses com os **sinais de pontuação adequados**: "A partir daquele dia ( ) o filho assumia várias responsabilidades familiares ( ) a de levar o irmão à escola ( ) a de buscar a mãe na loja ( ) a de fazer todas as compras do dia."

   O espaços foram preenchidos, na sequência, com:
   a) ponto e vírgula / vírgula / vírgula / vírgula
   b) vírgula / dois-pontos / dois-pontos / vírgula
   c) ponto e vírgula / ponto e vírgula / ponto e vírgula / ponto e vírgula
   d) vírgula / dois-pontos / ponto e vírgula / ponto e vírgula
   e) dois-pontos / ponto e vírgula / vírgula / vírgula

9. (CEETPS-SP) Assinale a alternativa válida relativamente ao uso dos sinais de **pontuação**.
   a) O fracasso social brasileiro, não difere do restante dos países emergentes, sobretudo na educação.
   b) O IDH – Índice de Desenvolvimento Humano retrata que o país apresenta alguns avanços em relação às últimas décadas.
   c) Além de políticas educacionais de incentivo à permanência de brasileiros na escola, é preciso melhorar a qualidade da educação.

d) Pode-se defender que, é possível se desenvolver sem crescer economicamente.
e) O Brasil melhorou, mas ainda se registram práticas, insuportáveis de trabalho, escravo, trabalho, infantil e de salários, desiguais para homens, e mulheres que ocupam funções similares.

MORFOLOGIA

ESTRUTURA DAS PALAVRAS

1. (Unirio) Identifique a série em que os prefixos têm o mesmo significado:
a) contradizer, antídoto
b) desfolhar, epiderme
c) decapitar, hemiciclo
d) supercílio, acéfalo
e) semimorto, perianto

2. (PUC-SP) Das afirmações abaixo:
I – as palavras *deselegância*, *realidade* e *baianos* são formadas pelo processo de derivação;
II – as palavras *afasto*, *chamei* e *surgir* estão flexionadas, respectivamente, pelas desinências **-o**, **-ei**, **-ir**;
III – as palavras *és* e *baianos* apresentam a desinência **-s**, que indica plural.
Apenas:
a) I está correta.
b) III está correta.
c) I e III estão corretas.
d) I e II estão corretas.
e) II está correta.

3. (UFSM-RS) Assinale a única alternativa em que a primeira palavra apresenta prefixo e a segunda, sufixo.
a) desgraças – pimenta
b) incômoda – realmente
c) tristeza – realmente
d) refresco – ninguém
e) ridículo – carnaval

4. (UniFEI-SP) Assinale a alternativa em que o significado do radical esteja errado:
a) hidro: água (exemplo: hidráulico)
b) pisci: peixe (exemplo: piscicultura)
c) bio: vida (exemplo biologia)
d) agri: campo (exemplo: agricultura)
e) antropo: antigo (exemplo: antropologia)

5. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que sejam usados radicais ou prefixos – gregos ou latinos – correspondentes, respectivamente, aos seguintes sentidos:

dentro, duplicidade, em torno de, contra, metade, movimento para dentro, livro, vida.
a) Endoscópio, anfíbio, circunlóquio, antibiótico, hemiciclo, introspecção, bibliografia, biografia.
b) Intramuscular, anfibologia, circum-navegação, contraprova, semicírculo, internato, biblioteca, biosfera.
c) Endoscópio, cosmopolita, circundar, antihigiênico, semidespido, introspecção, bibliografia, biografia.
d) Interface, ambidestro, circundar, antônimo, semiólogo, biblioteca, biografia.
e) Endoscópio, ambivalente, circum-navegar, antepasto, seminal, introspecção, bibliografia, biografia.

FORMAÇÃO DAS PALAVRAS

1. (UniFEI-SP) Assinale a alternativa em que as palavras não sejam cognatas:
a) tristeza – entristecido
b) previsão – imprevisto
c) maresia – maremoto
d) internacional – intercâmbio
e) ilusionista – desilusão

2. (FGV-SP) Modelo: nobre – enobrecer

Observe que o termo *enobrecer* formou-se a partir de *nobre* com o auxílio de um prefixo e de um sufixo.

Abaixo, apresentamos pares de palavras. Em apenas um caso não se seguiu o modelo apresentado. Assinale a alternativa correspondente.
a) triste – entristecer
b) escuro – escurecer

c) gordo – engordar
d) duro – endurecer
e) rico – enriquecer

3. (CPCAR-MG) Leia atentamente as afirmativas abaixo.
I – No vocábulo **surradíssimo**, observa-se a derivação sufixal.
II – Os vocábulos **sorriso**, **arterial** e **ironizar** são formados por sufixos nominais.
III – **Patologia** é formado por hibridismo.
Está(ão) correta(s) apenas a(s) afirmativa(s):
a) I e II.
b) II.
c) I.
d) I, II e III.

4. (CPCAR-MG) Assinale a alternativa cujos vocábulos são, respectivamente, formados pelo mesmo processo: **vitimadas**, **amoral**, **arterial**.
a) Patologista, diariamente, televisiva.
b) Grandeza, imortal, positividade.
c) *Stress*, imunológico, risonho.
d) Prevenção, interferência, recorrência.

5. (Fuvest-SP) O prefixo assinalado em "desvario" expressa:
a) negação.
b) cessação.
c) ação contrária.
d) separação.
e) intensificação.

6. (Mackenzie-SP) A palavra **economiopia** segue o mesmo modelo de formação lexical presente em:
a) "aguardente".
b) "pé de moleque".
c) "passatempo".
d) "minissaia".
e) "antidemocrático".

7. (Unifesp) *Pneumotórax*, palavra que dá título ao famoso poema de Manuel Bandeira, é vocábulo constituído de dois radicais gregos (pneum[o]- + -tórax). Significa o procedimento médico que consiste na introdução de ar na cavidade pleural, como forma de tratamento de moléstias pulmonares, particularmente a tuberculose. Tal enfermidade é referida no diálogo entre médico e paciente, quando o primeiro explica a seu cliente que ele tem "uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito infiltrado". Esta última palavra é formada com base em um radical: filtro. Quanto à formação vocabular, o título do poema e o vocábulo *infiltrado* são constituídos, respectivamente, por:
a) composição, e derivação prefixal e sufixal.
b) derivação prefixal e sufixal, e composição.
c) composição por hibridismo, e composição prefixal e sufixal.
d) simples flexão, e derivação prefixal e sufixal.
e) simples derivação, e composição sufixal e prefixal.

8. (Unifesp) Tomando como referência **os processos de formação de palavras**, dada a relação com o som produzido pelos equinos quando em movimento, a palavra *Pocotó* é formada a partir de uma:
a) prefixação.
b) sufixação.
c) onomatopeia.
d) justaposição.
e) aglutinação.

SUBSTANTIVO

1. (Vunesp) O gênero dos substantivos está correto em:
a) É comum que as eclipses da lua coincidam com as piores tormentas e cataclismos.
b) A guia dos turistas não falava japonês e teve de usar uma estratagema para comunicar-se com eles.
c) Vamos dar um ênfase todo especial ao trabalho de prevenção do diabetes.
d) Não obteve, até agora, a alvará de funcionamento e deve enviar à prefeitura uma xerox da inscrição da firma.
e) A personagem vivida por ele tem um comportamento que é um verdadeiro modelo da moral vitoriana.

2. (Fuvest-SP) A enumeração de **substantivos** expressa gradação ascendente em:
a) "menino mais gracioso, inventivo e travesso".
b) "trazia-o amimado, asseado, enfeitado".
c) "gazear a escola, ir caçar ninhos de pássaros, ou perseguir lagartixas".
d) "papel de rei, ministro, general".
e) "tinha garbo (...), e gravidade, certa magnificência".

3. (UFSM-RS) Passando para o plural os substantivos compostos "mesinha-de-cabeceira" e "quarta-feira", a alternativa correta é a seguinte:
a) mesinhas-de-cabeceira, quartas-feiras.
b) mesinha-de-cabeceiras, quarta-feiras.
c) mesinha-de-cabeceira , quartas-feira.
d) mesinhas-de-cabeceiras, quartas-feiras.
e) mesinha-de-cabeceiras, quartas-feira.

4. (Unifor-CE) Assinale a alternativa correspondente a um **substantivo feminino**:
a) telefonema
b) eclipse
c) cal
d) clã
e) grama (unidade de medida)

5. (FGV-SP) Das alternativas abaixo, assinale aquela em que ao menos um plural NÃO está correto:
a) Mão, mãos; demão, demãos.
b) Capitão, capitães; ladrão, ladrões.
c) Pistão, pistões; encontrão, encontrões.
d) Portão, portões; cidadão, cidadães.
e) Capelão, capelães; escrivão, escrivães.

6. (BNB) Relacione os substantivos comuns ao seu substantivo coletivo e marque a alternativa que apresente a sequência CORRETA:

A. ( ) correição	1 - formiga
B. ( ) cordilheira	2 - alho
C. ( ) réstia	3 - montes
D. ( ) turba	4 - heróis
E. ( ) claque	5 - espectadores
F. ( ) falange	6 - ladrões

a) 6, 5, 4, 3, 2, 1
b) 1, 3, 2, 6, 5, 4
c) 2, 3, 4, 5, 1, 6
d) 4, 1, 6, 3, 2, 5
e) 5, 1, 3, 6, 4, 2

ARTIGO

1. (UFU-MG) Em uma das frases o artigo definido está empregado erradamente. Em qual?
a) A velha Roma está sendo modernizada.
b) A "Paraíba" é uma bela fragata.
c) Não reconheço agora a Lisboa do meu tempo.
d) O gato escaldado tem medo de água fria.
e) O Havre é um porto de muito movimento.

2. (Fatec-SP) Identifique em qual alternativa é errado colocar, após a palavra destacada, o artigo definido:
a) Afundou na lama **ambos** os pés.
b) **Todos** os dias passava por lá sem vê-la.
c) A **todo** passante perguntei, nenhum me informou.
d) **Toda** noite gotejou a torneira, não pude dormir.
e) N.d.a.

3. (UFSM-RS) Em "Vencer esse suposto paradoxo alfabetizando a população e incentivando-a a ler cada vez mais", as palavras sublinhadas classificam-se, respectivamente, como:
a) preposição, pronome oblíquo, artigo
b) pronome oblíquo, preposição, artigo
c) artigo, pronome oblíquo, preposição
d) preposição, artigo, pronome oblíquo
e) artigo, artigo, preposição

4. (USU-RJ) Assinale a opção em que a palavra **a** tem valor gramatical diferente de todas as outras:
a) Eu sou **a** indiferença.
b) Sou eu quem te sepulta **a** ideia imensa.
c) Marquei-te **a** fronte, mísero profeta!
d) Hoje veio **a** falar comigo.
e) Beijara **a** fronte sonhadora do poeta.

ADJETIVO

1. (UFV-MG) Assinale a alternativa em que não aparece adjetivo substantivado funcionando como sujeito:
a) Chorarão os religiosos.
b) Chorarão os velhos.
c) Chorarão os nobres.
d) Chorarão as mulheres.
e) Chorarão os inocentes.

2. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que a palavra sublinhada NÃO tem valor de **adjetivo**.
a) A malha <u>azul</u> estava molhada.
b) O sol desbotou o <u>verde</u> da bandeira.
c) Tinha os cabelos <u>branco-amarelados.</u>
d) As nuvens tornavam-se <u>cinzentas.</u>
e) O mendigo carregava um fardo <u>amarelado.</u>

3. (ITA-SP) Durante a Copa do Mundo deste ano, foi veiculada, em programa esportivo de uma emissora de TV, a notícia de que

um apostador inglês acertou o resultado de uma partida, porque seguiu os prognósticos de seu burro de estimação. Um dos comentaristas fez, então, a seguinte observação: "Já vi muito comentarista burro, mas burro comentarista é a primeira vez." Percebe-se que a classe gramatical das palavras se altera em função da ordem que elas assumem na expressão.

Assinale a alternativa em que isso **NÃO** ocorre:
a) obra grandiosa
b) jovem estudante
c) brasileiro trabalhador
d) velho chinês
e) fanático religioso

4. (FGV-SP) Observe a seguinte frase: Recorrendo a elas, arrisco-me a usar expressões técnicas, desconhecidas do público, e a ser tido por **pedante**. Das alternativas abaixo, assinale aquela em que a palavra sublinhada exerça a mesma função sintática de pedante, dessa frase.
a) As estações tinham passado **rápido**, sem que tivesse sido possível vê-las direito.
b) Fui julgado **culpado**, embora não houvesse provas decisivas a respeito do crime.
c) Ele era difícil de convencer, mas concordou quando a quantia foi **oferecida**.
d) Caminhou **depressa** por entre os coqueiros.
e) Ele passeou **demasiado** ontem; hoje, doem-lhe as pernas. Vai ser obrigado a deitar-se mais cedo.

5. (CPCAR-MG) Assinale a alternativa **incorreta** quanto à **morfologia**.
a) Em "Eu canto porque o instante existe / E a minha vida está completa", há conjunção coordenativa.
b) Os versos "Pensava em ti nas horas de tristeza, / Quando estes versos pálidos compus" apresentam interjeição, adjetivo e substantivo.
c) Nos versos "Embora o sopro ardente da calúnia crestasse os sonhos meus, / Nunca descri do bem da justiça, nunca descri de Deus", há três verbos.
d) O verso "Eras na vida a pomba predileta" apresenta verbo de ligação e substantivo.

6. (CPCAR-MG) A expressão assinalada tem valor adjetivo em todas as alternativas abaixo, **exceto** em:
a) espaço de tempo
b) missa das oito
c) toque de sineta
d) um dia de sol
e) não deverão de modo algum

NUMERAL

1. (FMU/FIAM/FAAM-SP) Gastei *trinta dias*...

A palavra em destaque é um numeral:
a) cardinal
b) ordinal
c) multiplicativo
d) fracionário
e) indefinido

2. (Unitau-SP) Observe:

I – "Essa atitude de certo modo religiosa de 'um' homem engajado no trabalho..."

II – "Pedro comprou 'um' jornal."

III – "Maria mora no apartamento 'um'."

IV – "Quantos namorados você tem? 'Um'."

A palavra "um" nas frases acima é, no plano morfológico, respectivamente:
a) artigo indefinido em I e numeral em II, III e IV.
b) artigo indefinido em I e II e numeral em III e IV.
c) artigo indefinido em I e III, e numeral em II e IV.
d) artigo indefinido em I, II, III e IV.
e) artigo indefinido em III e IV e numeral em I e II.

3. (Puc-Camp) Os ordinais referentes aos números 80, 300, 700 e 90 são, respectivamente:
a) octagésimo – trecentésimo – septigentésimo – nongentésimo
b) octogésimo – trecentésimo – septigentésimo – nonagésimo
c) octingentésimo – tricentésimo – septuagésimo – nonagésimo
d) octogésimo – tricentésimo – septuagésimo – nongentésimo
e) nenhuma das respostas anteriores.

4. (UFJF-MG) Marque o emprego incorreto do numeral:
a) século III (três)
b) página 102 (cento e dois)
c) 80º (octogésimo)
d) capítulo XI (onze)
e) X torno (décimo)

PRONOME

1. (ITA-SP) Assinale a incorreta:
a) Não se vá sem eu.
b) Ele é contra eu estar aqui.
c) Ele é contra mim, estar aqui é crime.
d) Como eu estava doente, não houve palestra.
e) Não haveria entre mim e ti entendimento possível.

2. (BNB) Na oração "Banco *algum* estava preocupado em agradar clientes.", a palavra em itálico corresponde a:
a) um entre dois
b) qualquer
c) um certo
d) determinado
e) nenhum

3. (BNB) Assinale a opção em que existe erro, quanto à classificação morfológica das palavras em itálico:
a) grandes instituições *estrangeiras* – adjetivo
b) tentando tomá-*las* – pronome pessoal do caso reto
c) *Otávio Castello Branco* – substantivo próprio
d) *uma* nova geração – artigo indefinido
e) Formar *pessoal* – substantivo coletivo

4. (FGV-SP) Observe: "O diretor perguntou: – Onde estão os estagiários? Mandaram-nos sair? Estão no andar de cima?". O **pronome** sublinhado pertence:
a) À terceira pessoa do plural.
b) À segunda pessoa do singular.
c) À terceira pessoa do singular.
d) À primeira pessoa do plural.
e) À segunda pessoa do plural.

5. (Mackenzie-SP) Assinale a alternativa correta.
a) De acordo com a gramática normativa, as palavras **espécie** e **três** são acentuadas por apresentarem vogal "e" na sílaba tônica.
b) O uso do pronome **ela** em *achou mais saboroso comer* ela *limpa*, embora comum na linguagem coloquial, não é apropriado a textos formais.
c) Em *Há quase 50 anos, na pequena ilha de Koshima, no Japão*, as vírgulas separam aposto explicativo.
d) Em *...o hábito se espalhou* pelos irmãos mais velhos..., a sequência em itálico tem função de agente da passiva.
e) No trecho *Ninguém sabe ao certo* se *ele percebeu...*, a conjunção em negrito introduz ideia de condição.

6. (ITA-SP) Assinale a opção em que o uso do pronome **NÃO** está de acordo com a norma padrão escrita. (Excertos extraídos e adaptados de *Folha de S.Paulo*, 1/11/1993.)
a) [O cineasta sofreu] um derrame, do qual não iria se recuperar mais.
b) [O rosto e a voz do cineasta] são aqueles os quais estamos acostumados, talvez um pouco mais cansados.
c) [Estar doente era] uma realidade sobre a qual [o cineasta] não sabia nada, sobre a qual jamais havia pensado.
d) [Com ele, o cinema] não é mais um meio; torna-se um fim, no qual o autor é a principal referência.
e) Depois de três cirurgias às quais se submetera, teve um ataque cardíaco.

7. (CPCAR) Assinale a alternativa onde o *pronome relativo*, em destaque, está corretamente interpretado e classificado quanto à sua função sintática.
a) "A equipe do doutor Berk acompanhou durante um ano 100 homens ***que*** já haviam enfartado (...)"
[que = 100 homens/objeto direto]
b) "Eles foram divididos em dois grupos, ***dos quais*** um era obrigado a assistir meia hora por dia a uma comédia televisiva."
[dos quais = dos dois grupos/adjunto adverbial]
c) "(...) são medidas ***que*** fazem viver mais e melhor."
[que = medidas/sujeito]

d) "O resultado foi surpreendente: os ***que*** foram submetidos às sessões de risadas (...)" [que = os/aposto]

8. (Mackenzie-SP) Mosquitos são elos fundamentais da cadeia alimentar **da qual você também faz parte**.

O trecho destacado pode ser corretamente substituído por:
a) na qual você também faz parte.
b) a qual você também faz parte.
c) onde você também faz parte.
d) que você também faz parte.
e) de que você também faz parte.

9. (TCU) Assinale a alternativa em que **o pronome oblíquo** foi empregado segundo o que recomenda a norma culta. Observe também a **flexão** dos verbos.
a) Quando nos vermos de novo, eu te cumprimentarei.
b) Quando nos vermos de novo, eu cumprimentar-te-ei.
c) Quando virmo-nos de novo, eu te comprimentarei.
d) Quando nos virmos de novo, eu te cumprimentarei.
e) Eu te cumprimentarei quando nos vermos de novo.

10. (TCU) Assinale a forma mais adequada, levando em consideração a flexão verbal e o emprego do **pronome de tratamento** e do sinal indicador de crase.
a) Vossa Excelência, o Presidente, vem com os ministros a reunião?
b) Sua Excelência, o Presidente, vem com os ministros à reunião?
c) Vossa Excelência, o Presidente, vêm com os ministros para a reunião?
d) Vossa Excelência, o Presidente, vem com os ministros na reunião?
e) Sua Excelência, o Presidente, vêm com os ministros para a reunião?

VERBO

1. (CPCAR) Assinale a alternativa em que os **verbos** foram empregados de acordo com a norma culta.
a) Ele havia entreaberto a porta e viu sua prima chegando.
b) Vós odiaste a candidata eleita?
c) Ele jamais foi aceitado pelos colegas de turma.
d) Todo recurso disponível já foi gastado pelo governo.

2. (CPCAR) Escreva **(V)** para as afirmativas verdadeiras e **(F)** para as falsas e, em seguida, assinale a alternativa com a sequência correta.

( ) No modo indicativo, o pretérito imperfeito expressa ação passada que se prolonga, o pretérito mais-que-perfeito expressa fato passado anterior a outro que também já é passado, e o pretérito perfeito expressa ação já concluída em época passada.

( ) No período: "Não deixeis para amanhã o que podeis fazer hoje.", os verbos estão, respectivamente, nos modos imperativo e indicativo.

( ) Na frase: "O diretor aborrecia-se sem razão.", o verbo está na voz passiva.

( ) Em "Precisa-se de candidatos aplicados.", tem-se voz ativa.

( ) Em "Não te destruas com álcool, fumo e demais drogas.", constata-se voz reflexiva.
a) V – F – F – V – V
b) V – V – F – V – V
c) F – V – V – F – F
d) F – F – V – F – F

3. (BNB) Em "E há sempre a possibilidade real de crescer no banco e vir a se tornar um sócio.", existe a presença do verbo **vir.**

Assinale a alternativa em que este verbo se encontra no futuro do pretérito.
a) O jovem talentoso vem chegando.
b) O lucro virá no fim do ano.
c) O investimento viera mas perdera-se na burocracia.
d) O cliente será bem atendido se vier negociar com o banco.
e) O sucesso viria se ele se esforçasse um pouco mais.

4. (FGV-SP) Assinale a alternativa que completa corretamente a frase:

_____os documentos que encaminharemos à Prefeitura.

a) Terá de serem formalizados.
b) Terão de ser formalizado.
c) Terá de ser formalizado.
d) Terão de serem formalizados.
e) Terão de ser formalizados.

5. (Fuvest-SP) Dos **verbos** assinalados, só está corretamente empregado o que aparece na frase:

a) A atual administração quer **crescer** a arrecadação do IPTU em 40%.
b) A economia latino-americana se modernizou sem que a estrutura de renda da região **acompanhou** as transformações.
c) Se **fazer** previsões sobre a situação econômica já era difícil antes das eleições, agora ficou ainda mais complicado.
d) A indústria ficará satisfeita só quando vender metade do estoque e **transpor** o obstáculo dos juros.
e) Por mais que os leitores se **apropriam** de um livro, no final, livro e leitor tornam-se uma só coisa.

6. (FGV-SP) Assinale a alternativa que contenha, corretamente, os verbos das orações abaixo no futuro do subjuntivo.

a) Se o menino se entretiver com o cão que passear na rua...
Se não couber na bolsa o frasco que você me emprestar...
b) Se o menino se entreter com o cão que passear na rua...
Se não caber na bolsa o frasco que você me emprestar...
c) Se o menino se entretiver com o cão que passear na rua...
Se não caber na bolsa o frasco que você me emprestar...
d) Se o menino se entreter com o cão que passear na rua...
Se não couber na bolsa o frasco que você me emprestar...
e) Se o menino se entretesse com o cão que passeava na rua...
Se não cabesse na bolsa o frasco que você me emprestasse...

7. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que o particípio sublinhado está corretamente utilizado.

a) O diretor tinha <u>suspenso</u> a edição do jornal antes da publicação da notícia.
b) Lourival tinha <u>chego</u> ao mercado. Marli o esperava próxima da barraca de frutas.
c) O coroinha havia já <u>disperso</u> a multidão que estava em volta da Matriz.
d) A correspondência não foi <u>entregue</u> no escritório.
e) Diogo tinha <u>expulso</u> os índios que cercavam o povoado.

8. (FGV-SP) Na língua portuguesa, às vezes, verbos diferentes assumem a mesma forma verbal. Isso NÃO OCORRE em:

a) Fui, pretérito perfeito do indicativo de ir e de ser.
b) Viemos, pretérito perfeito do indicativo de vir e presente do indicativo de ver.
c) Vimos, pretérito perfeito do indicativo de ver e presente do indicativo de vir.
d) For, futuro do subjuntivo de ir e de ser.
e) Fora, pretérito mais-que-perfeito do indicativo de ir e de ser.

9. (FGV-SP) Examine o termo sublinhado nos períodos abaixo.

• O frasco maior *contém* mais líquido, é evidente.

• O relato da testemunha não *condiz* com os fatos apontados pelos peritos.

• Ele não *intervirá* na questão entre o árbitro e o atleta.

Assinale a alternativa correta a respeito desses verbos, colocados no pretérito perfeito, mas mantida a pessoa gramatical.

a) Conteve, condiria, interveio.
b) Conteu, condizia, interveio.
c) Conteve, condisse, interveio.
d) Conteu, condisse, interviu.
e) Continha, condizeu, interviu.

10. (FGV-SP) Em uma das alternativas abaixo, o verbo está em **desacordo** com a norma culta. Assinale-a.

a) Lastimo que você seja parente dele: não há como evitar a pena e, pior, ela deve ser longa.

b) Caso ele for fazer o trabalho escolar na minha casa, vamos precisar encomendar algo para comer.
c) De qualquer jeito, o professor quer que eu vá à reunião. Diz que minha presença é necessária, não sei por quê.
d) Se ele supuser que os frades estejam na Capela de Santa Filomena, vai perder um tempo imenso.
e) Como Juca permaneceu muito tempo em cada time em que jogou, fazia meses que ele não estreava.

11. (FGV-SP) Em qual das alternativas não há a necessária correlação temporal das formas verbais?
a) A festa aconteceu no mesmo edifício em que transcorrera o passamento de José Mateus, vinte anos antes.
b) Quando Estela descer da carruagem, poderia acontecer-lhe uma desgraça se o cocheiro não dispuser adequadamente o estribo.
c) Tendo visto o pasto verde, o cavalo pôs-se a correr sem que alguém pudesse controlá-lo.
d) Pelo porte, pelo garbo, todos perceberam que Antônio Sé fora militar de alta patente.
e) Se o policial não tivesse intervindo a tempo, teria ocorrido a queda do canhão.

12. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que todos os verbos estejam empregados de acordo com a norma culta.
a) Você quer, depois de tudo o que me fez, que eu vou ao jantar com sua amiga?
b) Não faz isso, que os meninos estão para chegar e eu ainda não preparei o almoço.
c) Tende dó, meus filhos! Todos nós, pecadores, estamos sujeitos a essas tentações. Tende dó!
d) Quem haveria de dizer que ele pode vim fazer esse conserto sem nenhuma dificuldade?
e) Sai, que esse dinheiro é meu. Não me venha dizer que o viu primeiro.

13. (Fuvest-SP) Entre as mensagens abaixo, a única que está de acordo com a norma escrita culta é:
a) Confira as receitas incríveis preparadas para você. Clica aqui!
b) Mostra que você tem bom coração. Contri*bua* para a campanha do agasalho!
c) Cura-te a ti mesmo e seja feliz!
d) Não subestime o consumidor. Venda produtos de boa procedência.
e) Em caso de acidente, não siga viagem. Pede o apoio de um policial.

14. (Unifesp) Há certos verbos cujas flexões se desviam do paradigma de sua conjugação. São considerados, por isso, irregulares. Alguns deles são: dar, estar, fazer, ser e ir. Na estrofe de "O menino da porteira", ocorrem verbos dessa natureza. A alternativa que os contém é:
a) "Toda vez que eu viajava" e "De longe eu avistava".
b) "De longe eu avistava" e "Que corria abri[r] a porteira".
c) "Que corria abri[r] a porteira" e "— Toque o berrante, seu moço,".
d) "Que corria abri[r] a porteira" e "Que é p'ra mim ficá[r] ouvindo".
e) "Depois vinha me pedindo:" e "Que é p'ra mim ficá[r] ouvindo".

15. (Fuvest-SP) Transpondo-se corretamente para a voz **ativa** a oração "para serem instruídos por um astrônomo (...)", obtém-se:
a) para que sejam instruídos por um astrônomo (...).
b) para um astrônomo os instruírem (...).
c) para que um astrônomo lhes instruíssem (...).
d) para um astrônomo instruí-los (...).
e) para que fossem instruídos por um astrônomo (...).

ADVÉRBIO

1. (Fuvest-SP) Na frase "O Sol ainda produzirá energia (...)", o advérbio ainda tem o mesmo sentido que em:
a) Ainda lutando, nada conseguirá.
b) Há ainda outras pessoas envolvidas no caso.
c) Ainda há cinco minutos ela estava aqui.
d) Um dia ele voltará, e ela estará ainda à sua espera.
e) Sei que ainda serás rico.

2. (ITA-SP - adaptado) Geralmente a negação é expressa por meio de advérbios ou locuções adverbiais (não, tampouco, absolutamente, de modo algum, de jeito nenhum). Porém, existem

outras maneiras de negar. Aponte a opção em que, no enunciado, **NÃO** há ideia de negação.

a) Em 76 dos 96 distritos da cidade [de São Paulo], a falta de planejamento adequado aprofundou as desigualdades que eram enormes. (Pesquisa Fapesp, janeiro/2003, n. 83, p. 7.)

b) Metade das pacientes consome o Evista e a outra metade, um placebo. Nenhum dos dois grupos abandonou seus medicamentos habituais para doenças cardiovasculares. (Idem, p. 22.)

c) O que nós temos recomendado, agora, é que o pesquisador não só participe da execução da pesquisa, mas também da sua concepção. (Idem, p. 24.)

d) Esses dados preliminares mostram que dificilmente será possível aumentar de forma significativa – e não predatória – a quantidade de pescado marinho capturado pelo Brasil em sua Zona Econômica Exclusiva (ZEE). (Idem, p. 34)

e) Pesquisadores da Universidade de Oxford, no Reino Unido, constataram que roedores contaminados com o parasita (...) deixam de exibir a aversão natural aos gatos e, em alguns casos, passam a se sentir atraídos pelo odor dos bichanos.

3. (FAAP-SP) Em "... o queixo fugia-lhe pelo rosto, **infinitamente**, ...", o advérbio revela uma figura de linguagem:

a) polissíndeto
b) hipérbole
c) anacoluto
d) prosopopeia
e) silepse

4. (UFCE) Empregando o sufixo ***-mente***, substitua as expressões grifadas por um advérbio, cujo sentido seja equivalente ao da expressão substituída.

a) Pouco a pouco, o poeta aprenderia a partir sem medo.

b) Sem dúvida alguma, a lua nova é mais alegre que a cheia.

c) Ele ganhou um novo quarto e a aurora, ao mesmo tempo.

d) Passou dez anos, sem interrupção, com a janela virada para o pátio.

e) O poeta, por exceção, prefere a lua nova.

5. (PUC-Camp) A alternativa em que o advérbio exprime ideia de intensidade é:

a) A sociedade parece ser pouco sensível.

b) Usuários fazem sempre um pequeno comércio.

c) ... atitude essa centrada, evidentemente, em aspectos repressivos.

d) ... somente penalizando traficantes e usuários.

e) ... duplamente penalizados.

PREPOSIÇÃO

1. (UCDB-MT) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.

Um dos candidatos ___ prefeito de São Paulo informou ___ assessores ___ não receberá os jornalistas.

a) à – os – de que

b) à – os – que

c) a – aos – de que

d) à – os – que

e) a – aos – que

2. (FGV-SP) Observe os termos sublinhados nas seguintes frases:

• Chegou a hora do público se manifestar contra a publicação desse impostor.

• As palmas do público ecoavam pelo teatro, em apoio à proposta de Nabuco.

• Vista do público, a cantora parecia bonita; da coxia, percebia-se que era feia.

Sobre eles, é correto afirmar:

a) Para o segundo exemplo, vários gramáticos recomendam a forma **de o** em lugar de **do**, porque a preposição está regendo o sujeito.

b) Para o terceiro exemplo, vários gramáticos recomendam a forma **de o** em lugar de **do**, porque a preposição está regendo o sujeito.

c) Nos três exemplos, os termos sublinhados exercem a mesma função sintática de adjunto adverbial.

d) No primeiro e no segundo exemplos, os termos sublinhados exercem a mesma função sintática de adjunto adnominal.

e) Para o primeiro exemplo, vários gramáticos recomendam a forma **de o** em lugar de **do**, porque *o público* é sujeito, que não deve ser iniciado por preposição.

3. (Mackenzie-SP) Poder pagar faz parte do projeto, **ao devolver a auto-estima e a dignidade**.

Respeitado o sentido original, assinale a construção que poderia substituir o trecho em destaque.

a) por devolver a auto-estima e a dignidade.
b) se devolver a auto-estima e a dignidade.
c) assim que devolve a auto-estima e a dignidade.
d) apenas se devolver a auto-estima e a dignidade.
e) quando devolvidas a auto-estima e a dignidade.

4. (CEETPS)

"Apesar das conjunturas negativas, superamos obstáculos."

Analise as afirmações a seguir sobre o enunciado em destaque:

I. A expressão "apesar de" presta-se a fazer uma comparação de igualdade, em que os elementos comparados têm igual relevância.
II. A expressão "apesar de" estabelece uma relação de importância relativa do elemento *conjunturas negativas*, em relação a outro, mais importante, *superamos obstáculos*.
III. O texto em destaque poderia ser assim enunciado: Mesmo considerando conjunturas negativas, superamos obstáculos.

A alternativa com todas as afirmações válidas é:

a) apenas I
b) apenas II
c) apenas III
d) apenas I e II
e) apenas II e III

5. (Unifesp) A alternativa em que o uso da preposição em destaque tem função mais estilística do que gramatical é:

a) ... quando estava com ela...
b) Do fruto das árvores do jardim podemos comer.
c) ... e fizeram para si coberturas para os lombos.
d) ... ela começou dizer à mulher...
e) Depois deu também dele a seu esposo...

CRASE

1. (FGV-SP) Assinale a alternativa correta quanto à ocorrência ou não da **crase**.

a) Juliana enviou os papéis **à** Secretaria, que os encaminhou **à** Gerência.
b) Devido **a** morte do pai, deixou de comparecer **à** solenidade.
c) Passaram-se três meses até que Lucas atendesse **à** qualquer cliente.
d) O médico costumava atender de segunda **à** sexta-feira, das 14 **as** 18h.
e) Trouxera **a** mão várias armas, que lançou **as** costas dos inimigos.

2. (PUC-PR) Assinale a alternativa em que o elemento colocado entre parênteses **não** preenche corretamente os pontilhados.

a) Por favor, entrem e fiquem ..... vontade. (à)
b) Ele voltará daqui ..... meia hora. (a)
c) Sentou-se ..... mesa, mas não comeu nada. (à)
d) Dirigiu-se ao quadro-negro e começou ..... escrever. (a)
e) O velho matou o gato ..... pauladas. (à)

3. (UCDB-MT) Assinale a alternativa em que o a deve obrigatoriamente receber o acento grave, indicador de crase.

a) O progresso finalmente chegou **a** essa cidade.
b) A menina perguntou **a** sua mãe se ela gosta de viajar.
c) Pediram **a** Maria que ficasse calma.
d) O professor referia-se **a** aluna que estava ausente.
e) A renda destinava-se **a** associações de caridade.

4. (UCDB-MT) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.

Como ___ anos, sentaram-se todos __ mesa e começaram __ conversar animadamente.

a) a – a – à
b) à – à – a
c) à – à – à
d) há – a – a
e) há – à – a

5. (UCDB-MT) Assinale a alternativa em que o uso da crase é facultativo.

a) A vontade dele era ir à Itália.
b) Comprou móveis à Luís XV.
c) Dei um presente à minha irmã.
d) Assistiram àquela sessão de cinema.
e) Fumar é prejudicial à saúde.

6. (MPO) Indique o item em que, de acordo com as regras gramaticais, o **a** deve receber o acento indicativo de crase.

A visão destes anos 80 mostra uma sociedade cindida de ponta **a** (A) ponta e em cada detalhe da vida social por conflitos heterogêneos, fragmentados, violentos, mobilizantes. Cada movimento destes se faz por conflitos distintos e reconhece **a** (B) si mesmo em espaço político próprio. E o Estado, em cujo espaço institucional se traduzem os efeitos de uma sociedade plural e desigual, formaliza suas reações **a** (C) mobilização social. Nestes tempos turbulentos os governantes imaginaram uma forma de exercício de poder que conciliasse **a** (D) emergência dos novos direitos com os limites autoritários de sua gerência. O Executivo se lança, então, **a** (E) experiências várias de contenção social.

a) A b) B c) C d) D e) E

7. (TTN) Indique a letra em que os termos preenchem corretamente, pela ordem, as lacunas do trecho dado.

Assustada _____ família com os versos em que o via sempre ocupado, foi reclamar ao grande mestre que não o via estudar em casa, ao que lhe foi respondido que _____ sua assiduidade e aplicação ___ aulas nada deixavam ___ desejar. Era o que bastava e daí por diante continuou tranquilo a ler e fazer versos. (*Francisco Venâncio Filho*).

a) a – à – às – a
b) a – a – às – a
c) à – a – as – à
d) à – à – às – a
e) à – a – as – à

CONJUNÇÃO

1. (UFCE) Observe a forma grifada nos períodos abaixo:

I. Havia bichos domésticos, como o Padilha.
II. Como lhes disse, fui guia de cego.

A relação de sentido estabelecida por esta forma é de:

a) comparação nas duas frases.
b) conformidade nas duas frases.
c) comparação apenas em II.
d) conformidade apenas em II.
e) exemplificação nas duas frases.

2. (PUC-PR) Assinale a alternativa em que o termo colocado entre parênteses não substitui com o mesmo sentido o termo sublinhado da frase.

a) Não merecemos nenhum castigo, dado que nada fizemos. (pois que)
b) Ele chegará cedo ao trabalho, salvo se o trânsito o impedir. (a não ser que)
c) Eu não quis ofendê-lo; depois, nem o conhecia direito. (ademais)
d) Resolvemos partir, conquanto tivesse chovido muito à noite. (embora)
e) Você participou da festa; diga-me, pois, o que aconteceu. (contudo)

3. (Puc-Camp) "Talvez o dinheiro pago hoje aos fotógrafos leve-os a cometerem excessos", sugeriu o fotógrafo que inspirou o personagem do filme de Fellini. "Mas não existem justificativas para culpá-los." Fotos de Diana valiam muito porque ela era sucesso de público, e suas aparições eram virtuosas performances para que se tirassem fotos e se tivesse uma história.

As conjunções grifadas expressam ideia, respectivamente, de:

a) conclusão e explicação
b) adição e causa
c) alternância e tempo
d) concessão e consequência
e) contraste e finalidade

4. (AFR-Vunesp) *Os provedores argumentam que não têm de pagar o imposto porque não são, por lei, considerados empresas de telecomunicação,* mas *apenas prestadores de serviço.* (*Veja*, 08/01/97, p. 17)

A conjunção **mas** destacada no texto estabelece entre as orações uma relação de:

a) tempo
b) adição
c) consequência
d) causa
e) oposição

5. (AFR-Vunesp) A alternativa que substitui, correta e respectivamente, as conjunções ou locuções grifadas nos períodos abaixo é:
I. Visto que pretende deixar-nos, preparamos uma festa de despedida.
II. Terá sucesso, contanto que tenha amigos influentes.
III. Casaram-se e viveram felizes, tudo como estava escrito nas estrelas.
IV. Foi transferido, portanto não nos veremos com muita frequência.

a) porque ainda que	mesmo que	segundo
b) como logo	desde que	conforme
c) quando tão logo	caso	segundo
d) salvo se pois	a menos que	conforme
e) pois entretanto	mesmo que	segundo

6. (CPCAR) Assinale a alternativa correta do ponto de vista **morfológico**.
a) Em "Vê-se que o mundo agora é outro", há conjunção subordinativa causal.
b) Em "Este é o poema de que lhe falei outro dia", há conjunção integrante com valor de pronome relativo.
c) Em "João viu-se em perigo", o "se" é partícula de realce.
d) Em "Penso que a paz deve reger a humanidade", há conjunção integrante.

7. (TCU) Escreva, diante de cada texto, o número do item que preenche corretamente a lacuna:
( ) Deve-se entender como 'prestação de serviço', _____ definição insculpida no texto da Lei de Licitações e Contratos (art. 6º, II), a atividade contratada pela Administração com a finalidade de alcançar determinada utilidade de seu interesse.
( ) O dimensionamento da duração dos contratos, previsto no inciso II, do art. 57, da Lei nº 8.666/93, pode e deve ser feito pela Administração sempre com a finalidade de obter maior economicidade, respeitado, _____, o limite máximo de duração em lei fixado (60 meses).
( ) Não possuindo o contrato de transporte aéreo, exigência eventual para a Administração, deve ele observar a regra de duração dos prazos prevista no art. 57, inciso II, da Lei 8.666/93, não estando, _____, a sua duração adstrita à vigência dos respectivos créditos orçamentários.
( ) A contratação de transporte aéreo e a prestação de fornecimento de passagens não possuem a condição de fornecimento, _____ não se pode, nesse negócio, visualizar, como elemento de identificação, o simples ato de emissão do bilhete de passagem, que constitui mera autorização para o uso do meio de transporte.
( ) Para que dúvidas não viessem a subsistir, a título de exemplo, pode-se afirmar que, _____ regido por normas do extinto Decreto-lei nº 2.300/86, o contrato poderia ter a sua duração dimensionada com vistas à obtenção de preços e condições mais vantajosos para a Administração.
( ) Inadimplindo o contratado suas obrigações, a sanção administrativa pertinente lhe deverá ser aplicada, apenas necessitando a Administração _____ disponha o instrumento contratual de previsão do percentual relativo à multa aplicável no caso concreto.
( ) A Lei nº 8.666/93, ao dispor sobre a duração dos contratos, o fez de tal modo que, _____ não haja específica previsão, se o prazo máximo não foi alcançado, terá a Administração a possibilidade legal de realizar o dimensionamento dessa duração, até o limite estabelecido.

(Leon Frejda Szlarowsky, com adaptações)

(1) que	(5) ainda que
(2) já que	(6) embora
(3) consoante	(7) portanto
(4) no entanto	

A sequência numérica correta é:
a) 4, 1, 3, 6, 7, 2, 5
b) 3, 4, 7, 2, 6, 1, 5
c) 5, 3, 1, 6, 7, 2, 4
d) 3, 1, 5, 7, 2, 4, 6
e) 5, 6, 1, 3, 2, 7, 4

8. (Fuvest-SP) Em "Era a flor, e não já da escola, senão de toda a cidade.", a palavra assinalada

pode ser substituída, sem que haja alteração de sentido, por:

a) mas sim.
b) de outro modo.
c) exceto.
d) portanto.
e) ou.

9. (Mackenzie-SP) Assinale a alternativa em que a palavra "como" assume a mesma função que exerce em como fosse trazido à sua presença um pirata.

a) Como você conseguiu chegar até aqui?
b) Como todos podem ver, a situação não é das melhores.
c) Não só leu os livros indicados, como também outros de interesse pessoal.
d) Como não telefonou, resolvi procurá-lo pessoalmente.
e) O arquiteto projetou o jardim exatamente como lhe pediram.

SEMÂNTICA

SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS

1. (CEETPS) "Um dos motivos pelos quais a teoria da sustentabilidade não chega, muitas vezes, à prática é que as atitudes predatórias são muito **arraigadas** nas elites política e empresarial."

Assinale a alternativa que contém **sinônimo** para a palavra destacada no texto:

a) essas atitudes estão **fixadas** nas elites
b) essas atitudes são **deixadas de lado** pelas elites
c) essas atitudes são **rejeitadas** pelas elites
d) essas atitudes são **desaprovadas** pelas elites
e) essas atitudes são **repelidas** pelas elites

2. (AFR-Vunesp) Assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, as lacunas nos enunciados abaixo.

Aguarda-se a _____ do terreno para a construção do prédio.
Para dar conta da tarefa, a equipe precisou _____ a camisa.
Trata-se de quantia _____, que poderá levá-lo à falência.

a) cessão	suar	vultosa
b) sessão	soar	vultuosa
c) seção	suar	vultuosa
d) cessão	soar	vultosa
e) secção	soar	vultuosa

3. (BNB) Assinale a alternativa que apresenta pares de palavras homófonas, homógrafas e parônimas de acordo com a sequência:

a) sela/cela, sede (ê)/sede, lustro/lustre
b) acidente/incidente, conserto/concerto, olho (ô)/olho
c) manga/manga, inapto/inepto, russo/ruço
d) paço/passo, lactante/lactente, caçar/cassar
e) diferir/deferir, cheque/xeque, canto/canto

4. (IME-RJ) Indique a alternativa que completa corretamente a frase abaixo:

"Foram _____ as quantias _____ para a realização da festa, a que compareceram personalidades _____ da cidade."

a) vultosas – dispendidas – iminentes.
b) vultosas – despendidas – eminentes.
c) vultuosas – dispendidas – eminentes.
d) vultuosas – despendidas – iminentes.
e) vultuosas – dispendidas – iminentes.

5. (UCDB-MT) Assinale a alternativa incorreta.

a) absolver = perdoar / absorver = sorver
b) coser = costurar / cozer = cozinhar
c) cerrar = fechar / serrar = cortar
d) cela = arreio / sela = pequeno quarto
e) comprimento = extensão / cumprimento = saudação

6. (BNB) Assinale a alternativa que apresenta o sinônimo da palavra em itálico na oração: "A mudança de diretrizes dos bancos de investimento é digna de *encômios*".

a) alegrias
b) elogios
c) tristezas
d) cuidados
e) críticas

7. (FGV-SP) Assinale a alternativa correta quanto à relação grafia/significado.
a) Para sonhar, basta serrar os olhos.
b) Receba meus comprimentos por seu aniversário.
c) A secretária agiu com muita discrição.
d) Seus gastos foram vultuosos.
e) Tinha ainda conhecimentos insipientes de Matemática.

8. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que, pelo sentido, o vocábulo sublinhado esteja mal utilizado:
a) A classificação era sempre dicotômica: homens e mulheres, adultos e crianças, vertebrados e invertebrados.
b) Uma parcela da população – o seguimento das pessoas idosas – será explorada nos próximos anos.
c) A inflação continuava, mas seu incremento era cada vez menor.
d) Na orla marítima, as residências de verão seguiam cada vez mais caras.
e) O termo refere-se à relação entre um estado subjacente de uma pessoa e seu comportamento manifesto.

9. (Fuvest-SP)

CONTRA A MARÉ

A tribo dos que preferem ficar à margem da corrida dos bits e bytes não é minguada. Mas são os renitentes que fazem a tecnologia ficar mais fácil.

Nesta nota jornalística, a expressão "contra a maré" liga-se, quanto ao sentido que ela aí assume, à palavra:
a) tribo.
b) minguada.
c) renitentes.
d) tecnologia.
e) fácil.

10. (CPCAR) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas abaixo.

O motorista_____ ultrapassou o sinal vermelho, atrapalhando o _____ da avenida. O guarda de trânsito lhe _____ uma rigorosa multa.
a) despercebido – tráfico – infringiu
b) desapercebido – tráfico – infligiu
c) desapercebido – tráfego – infringiu
d) despercebido – tráfego – infligiu

SINTAXE

PREDICAÇÃO VERBAL

1. (CPCAR) Leia as frases abaixo
I – "O ser que é ser transforma tudo em flores."
II – "Fica sereno, num sorriso justo."
III – "Enquanto tudo em derredor oscila."
IV – "Quando rimos, rimos com o corpo todo."
Quanto à regência dos verbos acima, pode-se dizer que
a) ***transformar*** e ***ficar*** são transitivos.
b) ***ser***, ***ficar*** e ***rir*** são de ligação.
c) ***oscilar*** e ***rir*** são intransitivos.
d) ***transformar*** e ***rir*** são transitivos diretos e indiretos.

2. (PUC-SP) Na relação entre termos regentes e termos regidos, há verbos transitivos que necessitam de uma preposição para estabelecer um nexo de dependência sintético-semântica entre as palavras. Assinale a alternativa que apresenta verbo transitivo indireto.
a) "... difundindo-se por todas as camadas sociais e irradiando-se do privado para o público."
b) "... voltada para o mercado interno..."
c) "Apenas no domínio público encontrava alguma rivalidade do português."
d) "São Paulo colonial esteve, até certo ponto, à margem da economia de exportação."
e) "... como Luíza Esteves, que em 1636 precisou de um intérprete para dialogar com o juiz de órfãos..."

3. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que, pelo menos, um verbo esteja sendo usado como transitivo direto.
a) Dependeu o coveiro de alguém que rezasse.

b) Oremos, irmãos!
c) Chega o primeiro raio da manhã.
d) Loureiro escolheu-nos como padrinhos.
e) Contava com o auxílio de Marina para cuidar do evento.

4. (UFPI) Em qual das alternativas **não** há verbo de ligação?
a) "O que está em jogo..."
b) "... mas os resultados não foram equivalentes."
c) "... o ministro está convicto..."
d) "... o líder tucano estava mal-informado"
e) "As declarações parecem viáveis."

5. (UFRJ) A alternativa em que está correta a classificação do verbo ***dar*** quanto à predicação é:
a) Dei com os dois velhos sentados. (transitivo direto)
b) Os jornais não deram a notícia. (transitivo indireto)
c) O relógio deu onze horas. (transitivo direto e indireto)
d) Quem dá aos pobres empresta a Deus. (intransitivo)
e) Esse dinheiro não dá. (intransitivo.)

TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO

1. (UFU-MG) Assinale a única alternativa em que a palavra em destaque não está determinando o **sujeito**.
a) "Achei-o um pouco **abatido**. Mais magro". (G. Rosa)
b) "E a enchente crescia. O caudal, **barrento**, oscilava aos golpes..." (G. Rosa)
c) "João do Quintiliano saiu **furioso**." (G. Rosa)
d) "... fitou-me com um olhar novo, quase prometedor. Fiquei **sério**." (G. Rosa)
e) "O caixeiro-viajante sairá **assombrado**. (J. Amado)

2. (UCDB-MT) "A frequência com que se desmontam boas comissões técnicas em função das meras preferências pessoais do treinador é assustadora." (Juca Kfouri)
O sujeito do verbo **desmontar** é:
a) boas comissões técnicas
b) a frequência
c) preferências profissionais
d) indeterminado
e) inexistente

3. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que o pronome você exerça a função de sujeito do verbo sublinhado.
a) Cabe a você alcançar aquela peça do maleiro.
b) Não enchas o balão de ar, pois ele pode ser levado pelo vento.
c) Ao chegar, vi você perambulando pelo shopping center da Mooca.
d) Ei, você, posso entrar por esta rua?
e) Na Estação Trianon-Masp desceu a Angelina; na Consolação, desceu você.

4. (UFRN) Considerando a oração *que se destaquem também as desigualdades étnicas*, marque a opção correta:
a) O verbo está no plural para concordar com a expressão *as desigualdades étnicas*.
b) O verbo encontra-se na 3ª pessoa do plural porque o sujeito é indeterminado.
c) A expressão *as desigualdades étnicas* exerce função sintática de objeto direto.
d) O vocábulo *étnicas* exerce função sintática de complemento nominal.

TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO

1. (UCDB-MT) Assinale a alternativa em que o pronome nos tem a função de objeto direto.
a) Os diretores escutaram-nos atentamente.
b) Custou-nos aceitar a proposta.
c) Escreveram-nos uma longa carta.
d) O estagiário obedeceu-nos sem reclamar.
e) Deram-nos uma boa notícia.

2. (UEPA) Assinale a alternativa em que o pronome **lhe** não foi empregado na função de objeto indireto.
a) "Trago-lhe o grande homem que há de ser, disse ele ao reitor."
b) "Ela manda chamar meu padrinho, diz-lhe que quer que eu saia do seminário..."
c) "Já lhe digo, não pratiquei nenhum crime, isso juro."
d) "Afinal Damião contou tudo, o desgosto que lhe dava o seminário."
e) "Damião viu-se perdido... beijou-lhe as mãos, desesperado."

3. (CPCAR) Analisando o período "O senhor já pensou em usar lentes de contato, senhor Van Gogh?", é correto afirmar que

a) a oração "***em usar lentes de contato***" funciona como objeto indireto do verbo ***pensar***.
b) ele é constituído de uma oração absoluta, portanto, pode ser considerado uma frase.
c) o núcleo do objeto direto do verbo ***usar*** é o vocábulo ***lentes***, cujo complemento nominal é a expressão ***de contato***.
d) a expressão ***senhor Van Gogh*** tem função de aposto; pode, por isso, ser eliminada da frase sem prejuízo ao sentido.

4. (UFRN) Assinale a opção na qual a parte destacada equivale, sintaticamente, ao pronome LHE:
a) O analfabetismo entre os brancos desceu à taxa bastante acentuada, segundo dados do IBGE.
b) O censo forneceu à pesquisadora do IBGE subsídios para desmistificar a democracia racial.
c) O convívio pouco hostil entre brancos e negros mascara a discrepância socioeconômica entre os dois grupos.
d) O cruzamento dos dados do último censo do IBGE mostra a suposta divisão igualitária entre brancos e negros.

5. (FGV-SP) Em cada uma das alternativas abaixo, está sublinhado um termo iniciado por preposição. Assinale a alternativa em que esse termo **não é objeto indireto**.
a) O rapaz aludiu *às histórias passadas*, quando nossa bela Eugênia ainda era praticamente uma criança.
b) Quando voltei da Romênia, o Brasil todo assistia *à novela* da Globo, todos os dias.
c) Quem disse *a Joaquina* que as batatas deveriam cozer-se devagar?
d) Com a aterrissagem, o aviador logo transmitiu *ao público* a melhor das impressões.
e) Foi fiel *à lei* durante todos os anos que passou nos Açores.

6. (PUC-PR) Observe a frase que segue:

"Não posso lhe garantir que todos estarão presentes à sua festa de formatura."

Do enunciado acima, pode-se afirmar que a parte sublinhada desempenha a função de:
a) sujeito de **posso**
b) objeto direto de **posso**
c) objeto indireto de **posso**
d) objeto direto de **garantir**
e) objeto indireto de **garantir**

7. (BNB) Em "A dedicação ao trabalho ***te*** enche de glória e ***te*** faz ***vencedor***", as palavras em itálico são respectivamente:
a) objeto direto, objeto indireto, objeto direto
b) objeto indireto, objeto indireto, predicativo do sujeito
c) adjunto adnominal, adjunto adnominal, objeto direto
d) objeto direto, objeto direto, predicativo do objeto
e) predicativo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto

TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO

1. (Unirio-RJ) Em "Passamos então nós dois, privilegiadas criaturas, a regalar-nos com a mesa...", a função sintática do termo sublinhado é:
a) sujeito
b) objeto direto
c) aposto
d) adjunto adverbial
e) vocativo

2. (Unifor-CE) Ela fugiu durante a invasão das tropas alemãs.

A função sintática do termo sublinhado na frase acima é a mesma do que vem sublinhado em:
a) A menina voltou feliz do internato.
b) Um galo sozinho não tece uma manhã.
c) Fiquei contrariada com a sua resposta.
d) Sua mãe não me parece bem.
e) Os ingleses desocuparam a vila.

3. (CETEF-MG) Em: "Em pequena, Virgínia vira uma sala repleta de móveis onde havia uma estante com livros encadernados de dourado e preto.", os termos destacados têm a função sintática de:
a) complemento nominal e objeto indireto
b) adjunto adverbial e adjunto adnominal
c) adjunto adverbial e complemento nominal

d) adjunto adnominal e complemento nominal

e) complemento nominal e adjunto adnominal

4. (UniFEI-SP) Resolva as questões a seguir conforme o código que segue:

a) adjunto adverbial de lugar

b) adjunto adverbial de tempo

c) adjunto adverbial de modo

d) adjunto adverbial de causa

I – **Segunda-feira** haverá um jogo importante.

II – **Com o mau tempo** não podemos trabalhar ao relento.

III – O livro foi acolhido **com entusiasmo** pelos leitores.

IV – O automóvel parou **perto do rio**.

5. (UECE) Ocorre vocativo em:

a) "Então, senhora linha, ainda teima..."

b) "Entre os dedos dele, unidinha a eles, furando abaixo e acima..."

c) "A senhora não é alfinete, é agulha."

d) "Mas você é orgulhosa."

PERÍODO COMPOSTO

1. (FGV-SP) Observe os períodos abaixo, diferentes quanto **à pontuação**.

- Adoeci logo; não me tratei.
- Adoeci; logo não me tratei.

A observação atenta desses períodos permite dizer que:

a) No primeiro, **logo** é um advérbio de tempo; no segundo, uma conjunção causal.

b) No primeiro, **logo** é uma palavra invariável; no segundo, uma palavra variável.

c) No primeiro, as orações estão coordenadas sem a presença de conjunção; na segunda, com a presença de uma conjunção conclusiva.

d) No primeiro, as orações estão coordenadas com a presença de conjunção; na segunda, sem conjunção alguma.

e) No primeiro, a segunda oração indica alternância; no segundo, a segunda oração indica a consequência.

2. (Unifesp) A frase "Contudo, não a minha vontade, mas a tua seja feita!" contém dois conectivos adversativos. O conectivo mas estabelece coesão entre a oração "a tua [vontade] seja feita" e a oração "não [seja feita] a minha vontade." O conectivo contudo estabelece coesão entre:

a) a oração implícita *[se não queres]* e a oração *não [seja feita] a minha vontade*.

b) a oração *se queres* e a oração *não [seja feita] a minha vontade*.

c) a oração *afasta de mim este cálice!* e a oração *a tua [vontade] seja feita*.

d) a oração implícita *[se não queres]* e a oração *a tua [vontade] seja feita*.

e) a oração *a tua [vontade] seja feita* e a oração *não [seja feita] a minha vontade*.

3. (AFR-VUNESP) Assinale a alternativa em que as orações grifadas nos períodos I e II desempenham a mesma função sintática. (Trechos de *A hora da estrela*, de Clarice Lispector.)

a) I - Não sei se estava tuberculosa, acho que não.

II - Se é pobre, não estará me lendo porque ler-me é supérfluo...

b) I - A moça um dia viu num botequim um homem tão, tão, tão bonito que – que queria tê-lo em casa.

II - Encontra-se comigo próprio era um bem que ela até então não conhecia.

c) I - E minha vida (...) responde que devo lutar com quem se agora, mesmo que eu morra depois.

II - Cristo tinha sido além de santo um homem como ele, embora sem dente de ouro.

d) I - Nunca se perguntara por que colocava a barra embaixo.

II - Eu só não digo palavrões grossos porque você é moça donzela.

e) I - Sei que há moças que vendem o corpo, única posse real, em troca de um bom jantar em vez de um sanduíche de mortadela.

II - Depois que Olímpico a despediu, já que ela não era uma pessoa triste, procurou continuar.

4. (CPCAR) As orações destacadas dos versos de Bocage podem ter a função de substantivo (**1**) ou adjetivo (**2**). Assinale a alternativa que apresenta a correlação **incorreta**.

a) "Envergonha-te ao menos
De seres só feliz quando o permite **(1)**
O teu rival soberbo "Que doçura! Que encanto!
Este som faz ***que em êxtase me sinta***!... **(1)**
É verdade, é verdade: os anjos ouço..."

b) "À cândida Filena estar unido
Julgastes ***que um pastor não merecia***: **(2)**
A mais doce prisão de Amor partistes."

c) "Na mente vos observo: ei-lo a teu lado
implorando ao Senhor, ***que os maus flagela***, **(2)**
Perdão para o seu povo alucinado"

5. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que a oração sublinhada funciona como sujeito do verbo da oração principal.
a) Não queria que José fizesse nenhum mal ao garoto.
b) Não interessa se o trem solta fumaça ou não.
c) As principais ações dependiam de que os componentes do grupo tomassem a iniciativa.
d) Era uma vez um sapo que não comia moscas.
e) Nossas esperanças eram que a viatura pudesse voltar a tempo de sair atrás do bandido.

6. (UCDB-MT) Em "Eu esperava que me apoiasses", a oração em destaque pode ser substituída por:
a) o seu apoio
b) apoio deles
c) o vosso apoio
d) o apoio de vocês
e) o teu apoio

7. (PUC-PR) Observe a parte em destaque de cada período:
1- Bem marcado, Ronaldinho não tem uma boa atuação.
2- Como chegou atrasado, não conseguiu acompanhar a discussão.
3- Tem um domínio de bola como ninguém.
4- Se bem que quisesse a verdade, ninguém acreditou.
5- Choveu tanto, que não foi possível realizar o jogo.

A parte em destaque de cada período mantém com a outra parte, na ordem, uma relação significativa de:
a) Condição, causa, comparação, concessão, consequência.
b) Causa, causa, comparação, causa, consequência.
c) Causa, causa, comparação, causa, consequência.
d) Causa, causa, conformação, concessão, consequência.
e) Causa, causa, causa, causa, causa.

8. (UCDB-MT) No período "Embora fosse bom jogador, não ganharia o prêmio.", a conjunção destacada dá ideia de:
a) temporalidade
b) proporção
c) concessão
d) fim
e) causa

9. (PUC-Camp) Há uma oração subordinada adverbial causal em:
a) Mas não existem justificativas para culpá-los.
b) Fotos de Diana valiam muito porque ela era sucesso de público, e suas aparições eram virtuosas performances para que se tirassem fotos e se tivesse uma história.
c) Há poucos meses, alguns paparazzi se tornaram objeto das lentes dos colegas, quando o foco das investigações sobre a causa do acidente que matou a princesa de Gales virou contra eles.
d) Se o motorista tivesse respeitado o limite de velocidade, a tragédia teria sido evitada.
e) Mas não serve para fazer justiça quando se sabe que ao volante havia um motorista embriagado e irresponsável.

ORAÇÕES REDUZIDAS

1. (UCDB-MT) "Não se trata aqui de imputar tais práticas a este ou àquele treinador." A oração em destaque é classificada como:
a) subordinada substantiva objetiva indireta reduzida de particípio
b) subordinada substantiva completiva nominal reduzida de infinitivo

c) subordinada substantiva objetiva indireta reduzida de infinitivo

d) subordinada adverbial concessiva reduzida de infinitivo

e) subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio

2. (Unifor-CE) Se fizermos uma comparação com os índios, poderemos dizer que os civilizados são uma sociedade sofrida.

Assinale a alternativa em que as orações do texto, grifadas na frase acima, estão corretamente transformadas em orações reduzidas.

a) Caso fizermos uma comparação ... serem os civilizados...

b) Quando se faz uma comparação ... sejam os civilizados...

c) Feita uma comparação ... sejam os civilizados...

d) Fazendo uma comparação ... sejam os civilizados...

e) Fazendo uma comparação ... serem os civilizados...

3. (FGV-SP) Observe, nos seguintes períodos, as orações que contêm verbo no gerúndio:

• Estando as meninas em Araxá, foi Ronaldo ter com elas.

• Sendo o aluno um jovem estudioso, deverá facilmente obter aprovação.

• Sendo brasileiro o advogado, poderei atendê-lo; caso contrário, não.

Essas orações são subordinadas adverbiais. Assinale a alternativa que indique respectivamente a circunstância de cada uma.

Leve em conta que a oração pode indicar mais de uma circunstância.

a) Causa, causa, consequência.

b) Tempo, causa, finalidade.

c) Consequência, concessão, finalidade.

d) Tempo, causa, condição.

e) Condição, finalidade, tempo.

4. (Fatec) Há orações reduzidas que podem ser desenvolvidas em oração adjetiva. Aponte a alternativa em que isto ocorre.

a) Eram cadáveres a se erguerem nos túmulos.

b) Volte aqui, chegando a hora.

c) A solução era esperarmos.

d) Estaríamos prontos, chegada a hora.

e) n.d.a.

SINTAXE DE CONCORDÂNCIA

1. (UCDB-MT) Das frases abaixo, a única inteiramente de acordo com as normas gramaticais é:

a) Devem haver outra razões para ele ter desistido.

b) A apuração dos votos vai continuar até a madrugada.

c) Pode existir muitos problemas na diretoria da empresa.

d) Vão fazer três meses que ela não o procura.

e) Houveram surpresas na reunião de ontem.

2. (Carlos Chagas-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente os espaços:

Talvez _____ ainda peças sem lubrificação, mas não _____ existir mais defeitos mecânicos, pois o carro está rodando sem problemas já _____ três dias.

a) hajam – devem – fazem

b) hajam – devem – faz

c) haja – deve – faz

d) haja – deve – fazem

e) haja – devem – faz

3. (IME-RJ) Aponte a alternativa correta:

a) É preciso coragem.

b) Antônio ou João será o presidente.

c) E isso eram trevas da noite.

d) Hoje são trinta de julho.

e) Todas estão corretas.

4. (IME-RJ) Complete os espaços em branco com a opção correta:

Ainda _____ furiosa, mas com _____ violência, proferia injúrias _____ para escandalizar os mais arrojados.

a) meia – menas – bastantes

b) meia – menos – bastante

c) meio – menos – bastante

d) meio – menos – bastantes

e) meio – menas – bastantes

5. (CPCAR) Quanto à **concordância verbal**, analise as frases:

I – A maioria dos doentes melhoram quando riem.

II – Devem haver boas comédias.

III – Fazem algumas semanas, *Veja* presenciou o trabalho de dois médicos.

IV – Afasta-se doenças com humor.

V – Apenas 8% dos risonhos tiveram recorrência de infarto.

Estão corretas somente:

a) I e V.

b) I e II.

c) II e III.

d) III, IV e V.

6. (PUC-SP) O trecho "... os dois permanecemos trancados durante toda a viagem que realizamos juntos,..." apresenta, quanto à concordância verbal:

a) respectivamente, silepse ou concordância ideológica e indicação do sujeito pela flexão verbal.

b) em ambos os casos, indicação do sujeito apenas pela flexão verbal.

c) em ambos os casos, concordância ideológica ou silepse.

d) respectivamente, concordância ideológica e silepse.

e) respectivamente, indicação do sujeito pela flexão verbal e silepse ou concordância ideológica.

SINTAXE DE REGÊNCIA

1. (IME-RJ) Assinale a frase correta:

a) Nem todas visavam aquele diploma.

b) Não lhe julgava capaz de tal coisa.

c) Beberás de nosso leite, comerás de nosso pão e partirás quando te aprouver.

d) Quando lhe ver, peça-lhe dinheiro.

e) Não nos foi possível assistir o desfile militar.

2. (IME-RJ) Marque com um X a opção cuja regência verbal está incorreta:

a) No século XVI, muitos negros preferiram mais a morte do que a escravidão.

b) Informem-no de que não venha.

c) A garotada prefere à ginástica o jogo livre.

d) Informe-lhe de que não venha.

e) O jogador visou o ângulo esquerdo da meta.

3. (UCDB-MT) Desobedeceu ao pai e assistiu ao filme. Substituindo os termos em negrito por pronomes, tem-se:

a) Desobedeceu-lhe e assistiu a ele.

b) Desobedeceu-lhe e assistiu-lhe.

c) Desobedeceu-o e assistiu-o.

d) Desobedeceu-o e assistiu-lhe.

e) Desobedeceu-o e assistiu a ele.

4. (CPCAR) Assinale a alternativa em que a oração foi redigida de acordo com a norma culta.

a) A abstinência é um sacrifício a que não dou a menor importância.

b) Sofreu um incidente numa de suas viagens diárias à Petrópolis e correu sério risco de morte. Quando entrou no hospital, seu estado de saúde era mal.

c) Eu sou de menor, respondeu a menina assustada ao policial.

d) Ontem à noite, fui ao teatro.

e) Esse é o programa que eu mais gosto.

5. (CPCAR) Leia com atenção esta frase: "Eles foram divididos em dois grupos, dos quais um era obrigado a assistir meia hora por dia a uma comédia televisiva..."

Assinale a alternativa em que o verbo ***assistir*** foi empregado com a mesma relação semântica do trecho acima.

a) Assisti o aluno atentamente.

b) Não lhe assiste esse direito.

c) Quem assistirá o presidente?

d) Assistimos ao jogo impacientemente.

6. (CPCAR) Complete as lacunas de acordo com as normas de **regência.**

"Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai, _____ porta do Ateneu. Coragem para a luta.

O menino, inocente, acostumado _____ _____ afagos domésticos, vai a partir daí conviver com uma realidade incompatível _____ _____ sua."

A sequência correta é
a) à – aos – com a
b) a – com os – da
c) na – nos – à
d) diante da – dos – a

7. (UCDB-MT) Assinale a alternativa gramaticalmente correta.
a) Ele chegou atrasado na reunião.
b) Ele entrou e saiu da sala em segundos.
c) Ele mandou eu ir embora de casa.
d) Ele prefere mais cinema do que teatro.
e) Ele visou o alvo e atirou.

8. (FGV-SP) Assinale a alternativa que NÃO OBEDECE à norma culta em relação à REGÊNCIA.
a) Constava que o maestro, nos momentos em que mais dependia dos violinos, tinha um tique nervoso que denunciava sua preocupação.
b) As normas a que todos obedeciam chamavam-se Gerais. As Especiais eram aquelas a que poucos obedeciam.
c) Na história da cantora, desde criança, várias vezes apareciam referências a ela ser a menina que ninguém na escola gostava.
d) O salário que eles recebiam num mês mal dava para cobrir as despesas básicas da família. Costumava-se dizer que sobrava mês no final do salário.
e) Tinha esperanças de que o mensageiro trouxesse brevemente as notícias de que mais precisava.

SINTAXE DE COLOCAÇÃO

1. (PUC-MG) De acordo com o padrão culto escrito, assinale a opção em que o pronome destacado pode colocar-se depois do verbo grifado:
a) "(...) e, bem ordinária, **me** traz um estremecimento de colegial."
b) "Nessa altura, as minhas pernas tinham **me** levado pro mundo da lua."
c) "(...) aposentado é quem **se** recolhe aos aposentos."
d) "Há de ver que ali estavam lado a lado duas almas que **se** procuram."
e) "(...) e, distraídas, disso não **se** deram conta."

2. (PUC-MG) Assinale a opção em que, segundo as regras da norma culta escrita, é possível outra colocação para o pronome em destaque.
a) "Qualquer carta de amor, não importa o que **se** encontre nela escrito, só fala (...)".
b) "Se há outras pessoas na casa, ela **as** deixou."
c) "Falta-**lhe** o ingrediente essencial da palavra que é dita sem esperar resposta."
d) "Que **lhe** importa a cadeira?"
e) "Num telefonema a gente nunca diz aquilo que **se** diria numa carta."

3. (UCDB-MT) Assinale a alternativa em que os pronomes oblíquos átonos estão colocados na oração de acordo com a norma culta.
a) Disseram-me para que chegasse na hora marcada.
b) Me empresta um pouco o seu livro?
c) Tinha iniciado-se a apuração dos fatos.
d) A reunião que realizar-se-á amanhã será muito importante.
e) Não diga-lhes nada por enquanto.

4. (Puc-Camp) A frase em que a colocação pronominal está adequada à norma culta é:
a) Guardarei-lhe o lugar até que ele chegue.
b) Tentei o avisar do perigo, mas ele nem considerou-me as palavras.
c) Me empresta o seu lápis?
d) Seu livro está aqui, eu não coloquei-o na estante porque não sei seu lugar.
e) Eu lhe recomendaria esse livro se você gostasse de contos fantásticos.

5. (FGV-SP) Observe a ocorrência da mesóclise nos seguintes exemplos:

– veremos + o = vê-lo-emos;

– faríamos + os = fá-los-íamos;

– veríamos + a = vê-la-íamos.

Assinale abaixo a alternativa em que a mesóclise ocorre de acordo com a norma culta.
a) Fa-los-ei.
b) Entende-los-ás.
c) Partí-las-ás.
d) Integrá-las-eis.
e) Intui-las-emos.

6. (UFPI) Assinale a alternativa que avalia corretamente a regra "Nunca inicie frase com o pronome oblíquo".
a) Está correta, mas os escritores não a obedecem nunca.
b) É uma regra ultrapassada, que ninguém mais adota.
c) É uma regra que só se aplica à linguagem escrita.
d) No uso coloquial, é comum dispensar-se essa regra.
e) Aplica-se somente em situações da fala muito informais.

ESTILÍSTICA

FIGURAS DE LINGUAGEM

1. (CPCAR) Assinale a alternativa em que predomina a **linguagem metafórica**.
a) "Fica sereno, num sorriso justo,
Enquanto tudo em derredor oscila."
b) "A medicina agora está estudando a importância do bom humor e dos sentimentos positivos na prevenção e no tratamento de moléstias."
c) "O resultado foi surpreendente: os que foram submetidos às sessões de risadas sofreram menos episódios de arritmia..."
d) "A equipe do doutor Berk acompanhou durante um ano 100 homens que já haviam enfartado..."

2. (UFPA) O trecho em que a decadência do jogo do bicho está expressa por metáfora é:
a) "Corria o carnaval de 1993, o último ano de ouro vivido por esse bicheiro elegante."
b) "Passados dois meses de sua morte, o jogo do bicho enfrenta uma crise sem precedentes."
c) "Seus líderes perdem dinheiro sem parar."
d) "Os sorrisos fenecem nos lábios dos contraventores. Eles sabem, mais do que ninguém, que o bicho está anêmico."
e) "Já vai longe o tempo em que a contravenção empregava tanta gente quanto a indústria naval no Rio de Janeiro."

3. (UCDB-MT) Em "Minha vida era um palco iluminado", encontra-se a seguinte figura de linguagem:
a) polissíndeto
b) metonímia
c) catacrese
d) metáfora
e) antonomásia

4. (UCDB-MT) Em *"Esperando, parada, pregada na pedra do porto"*, nota-se a repetição dos mesmos sons consonantais. Essa figura de construção é conhecida como:
a) aliteração
b) polissíndeto
c) metonímia
d) onomatopeia
e) eufemismo

5. (UFV-MG) *Viae Sion lugent, eo quod non sint venant ad solemnitatem*, isto é, "os caminhos de Sião choram porque não há quem venha às suas festas". Existe aí uma figura de linguagem que consiste em atribuir a um ser inanimado característica de ser humano, chamada *personificação*. Assinale a opção em que ocorre o uso dessa figura.
a) "... despojados assim os templos, derrubados os altares, acabar-se-á no Brasil a cristandade católica..."
b) "... acabar-se-á o culto divino..."
c) "Chorarão as pedras das ruas, como diz Jeremias que choravam as de Jerusalém destruída."
d) "... passará a Quaresma e a Semana Santa, e não se celebrarão os mistérios da vossa Paixão."
e) "Passará um dia de Natal, e não haverá memória do vosso nascimento..."

6. (Fuvest-SP) Na frase "(...) data da nossa independência política, e do meu primeiro cativeiro pessoal", ocorre o mesmo recurso expressivo de natureza semântica que em:

a) Meu coração/ Não sei por que/ Bate feliz, quando te vê.
b) Há tanta vida lá fora,/ Aqui dentro, sempre,/ Como uma onda no mar.
c) Brasil, meu Brasil brasileiro,/ Meu mulato inzoneiro,/ Vou cantar-te nos meus versos.
d) Se lembra da fogueira,/ Se lembra dos balões,/ Se lembra dos luares, dos sertões?
e) Meu bem querer/ É segredo, é sagrado,/ Está sacramentado/ Em meu coração.

7. (Unifesp) Entre as figuras de sintaxe, como recursos que um autor emprega para obter maior expressividade, existe a zeugma. Uma das formas de elipse, a zeugma consiste na supressão de um vocábulo, já enunciado em frase anterior, por estar subentendido.

No poema de Gonçalves Dias, ocorre zeugma apenas em:
a) Sem qu'inda aviste as palmeiras.
b) Em cismar, sozinho, à noite.
c) As aves, que aqui gorjeiam.
d) Nossa vida mais amores.
e) Nosso céu tem mais estrelas.

8. (ITA-SP) Relacione as colunas e, a seguir, assinale a opção correspondente.

(1) Aliteração	(5) Hipérbato
(2) Anacoluto	(6) Metáfora
(3) Sinestesia	(7) Hipérbole
(4) Metonímia	(8) Prosopopeia

I. Esses políticos de hoje a gente não deve confiar na maioria deles.
II. Ao longe, avistava-se o grito ruidoso dos retirantes.
III. "E flui, fluente, frouxa claridade/ flutua como as brumas de um letargo..."
a) I- 5, II- 4, III- 2
b) I- 7, II- 6, III- 5
c) I- 7, II- 8, III- 3
d) I- 2, II- 3, III- 1
e) I- 5, II- 2, III- 4

9. (Casper Líbero-SP) Leia o fragmento de texto abaixo:

"O livro, localizei-o pela internet num antiquário orientalístico de Leyden, na Holanda. Uma demonstração assim de que as lições do império mongol acerca da centralidade das redes de comunicação foram, se bem que com atraso, devidamente assimiladas". (Nelson Ascher, *Folha de S.Paulo*, 23/11/2002)
Assinale a alternativa que corresponda à figura de construção (ou de sintaxe) empregada na frase "O livro, localizei-o pela internet":
a) silepse.
b) anáfora.
c) elipse.
d) polissíndeto.
e) anacoluto.

10. (Ufal) Está incorreta a classificação de figura de linguagem da frase:
a) Choravam as águas do rio, a caminho do mar. PERSONIFICAÇÃO
b) Ele entregou a alma ao Criador. EUFEMISMO
c) Já li esse poema inteirinho. METÁFORA
d) Suas lágrimas inundaram o quarto. HIPÉRBOLE
e) – Venho pedir-lhe a mão de sua filha. METONÍMIA.

VÍCIOS DE LINGUAGEM

1. (Fuvest-SP) Assinale a correta:
a) "Este é o problema para mim resolver."
b) "Vou por ele ao par dos problemas que me referi em nossa conversa de ontem."
c) "O aluno convenceu-se de que as questões do exame estavam no nível dos seus conhecimentos."
d) "Todos aguardavam anciosamente o resultado."
e) "Certo de que nada de grave ouve entre eu e ele, resolvi telefonar-lhe hoje."

2. (ITA-2004) Assinale a opção em que a ambiguidade ou o efeito cômico **NÃO** decorre da ordem dos termos.
a) O estudo analisou, por 16 anos, hábitos como caminhar e subir escadas de homens com idade média de 58 anos. (Equilíbrio. *Folha de S.Paulo*, 19/10/2000)
b) Andando pela zona rural do litoral norte, facilmente se encontram casas de veraneio e moradores de alto padrão. (*Folha de S. Paulo*, 26/01/2003)
c) Atendimento preferencial para: idosos, gestantes, deficientes, crianças de colo (Placa sobre um dos caixas de um banco.)

d) Temos vaga para rapaz com refeição (Placa em frente a uma casa em Campinas, SP.)
e) Detido acusado de furtos de processos (*Folha de S. Paulo*, 8/7/2000).

3. (UFSC) Assinale a(s) proposição(ões) em que a frase "B" elimina os desvios da norma culta apresentados pela frase "A":
01. a) *Durmas* bem com os anjos, mas sonhe comigo.
b) *Durma* bem com os anjos, mas sonhe comigo.
02. a) Minha querida, estava mesmo precisando falar *consigo*.
b) Minha querida, estava mesmo precisando falar *com você*.
03. a) Em setembro houve a primeira chuva do ano *onde* pudemos iniciar o plantio de feijão.
b) Em setembro houve a primeira chuva do ano *na qual* pudemos iniciar o plantio de feijão.
04. a) Convém dormir *afim* de recuperar energias.
b) Convém dormir bem *a fim* de recuperar as energias.
05. a) Ficou irritado porque *lhe* impediram de entrar na secretaria.
b) Ficou irritado porque *o* impediram de entrar na secretaria.

4. (UFSC) Assinale a(s) frase(s) ambígua(s), isto é, as que têm duplo sentido.
01. Num tribunal, a testemunha afirmou: "Eu vi o desmoronamento do barracão."
02. Veja seu filho na televisão revelando fotos na BellaFoto.
04. Peguei o ônibus correndo.
08. O policial deteve o ladrão em sua casa.
16. Os políticos falam da reunião no Canal 2.
32. Aconteceu o que parecia improvável há três anos.

5. (AFR-Vunesp) Não há impropriedade vocabular ou erro de grafia apenas na alternativa:
a) O equipamento que por ventura não estiver condicionado em embalagens resistentes deverá ser reembalado.
b) Há um subitem da norma que não está sendo considerado, e tampouco é conhecido.
c) Um bom profissional não deve exitar em usar seus conhecimentos para solucionar os problemas de sessão em que trabalha na empresa.
d) Ninguém está autorizado a distratar um colega ou cliente; deve-se grangrear-lhes a confiança.
e) Os casos de usocapião estão sendo tratados diretamente pelo sub-diretor da assessoria jurídica, que é um proeminente jurista.

6. (AFR-Vunesp) Em cada um dos enunciados abaixo transcritos há uma impropriedade linguística, que vem nomeada ao final deles, em negrito.
I. *A Sopave está oferecendo mais de setenta ofertas de veículos.* (Comercial veiculado por rádio.) **Redundância.**
II. *Sócrates é invendável e imprestável.* (Frase atribuída a Vicente Mateus.) **Inadequação vocabular.**
III. *Aconteceu então, há três anos atrás, de falecer um vizinho nosso, o sr. Vitalin.* **Redundância.**
IV. *Tendo em vista que nosso trabalho foi muito bem recebido, precisamos, no entanto, aprimorar mais ainda nossas técnicas.* **Incoerência sintática.**

Estão corretamente nomeadas as impropriedades dos enunciados.
a) I e II apenas.
b) III e IV apenas.
c) I, II e III apenas.
d) I, II, III e IV.
e) II, III e IV apenas.

VERSIFICAÇÃO

1. (Unifesp) Os versos da "Canção do exílio" são construídos nos moldes da redondilha maior, com predominância dos acentos de intensidade nas terceiras e sétimas sílabas métricas. Um verso que não segue esse padrão de tonicidade é:
a) Minha terra tem palmeiras
b) As aves, que aqui gorjeiam
c) Nosso céu tem mais estrelas
d) Em cismar, sozinho, à noite
e) Onde canta o Sabiá

2. (Mack-SP) *Sempre que me vou embora*
é com silêncio maior.
As solidões deste mundo
Conheço-as todas de cor.

(Cecília Meireles, *Vaga Música*)

Assinale a alternativa incorreta sobre a estrofe acima.

a) Toda a estrofe está centrada no *eu* que fala, o que ratifica o lirismo.

b) Em redondilha menor, marca-se o ritmo regular, pelo qual a solidão é expressa.

c) Partidas e ausências constroem a coerência semântica.

d) O pronome *me*, do verso 1, tem emprego enfático.

3. (Unifor-CE) *A maior pena que eu tenho,*
punhal de prata,
não é de me ver morrendo,
mas de saber quem me mata.

Na quadra acima, de Cecília Meireles,

a) os versos ímpares rimam entre si e têm diferentes número de sílabas.

b) os versos pares rimam entre si e têm o mesmo número de sílabas.

c) predominam os versos de sete sílabas.

d) predominam os versos de cinco sílabas.

e) alternam-se versos de cinco e de sete sílabas.

RESPOSTAS DOS EXERCÍCIOS DE EXAMES E CONCURSOS

Fonética

Fonemas
1. d
2. c
3. c
4. b
5. a
6. b

Sílaba
1. d
2. d
3. c, e, f
4. d
5. a

Ortografia
1. e
2. b
3. c
4. a
5. c
6. a
7. e
8. c
9. c
10. e

Acentuação gráfica
1. d
2. c
3. d
4. a
5. b
6. a
7. d
8. a
9. b
10. b

Sinais de pontuação
1. c
2. e
3. a
4. c
5. c
6. b
7. c
8. d
9. c

Morfologia

Estrutura das palavras
1. a
2. a
3. b
4. e
5. a

Formação de palavras
1. d
2. b
3. c
4. b
5. e
6. a
7. a
8. c

Substantivo
1. e
2. b
3. a
4. c
5. d
6. b

Artigo
1. d
2. c
3. c
4. d

Adjetivo
1. d
2. b
3. a
4. b
5. b
6. e

Numeral
1. a
2. b
3. b
4. a

Pronome
1. a
2. e
3. b
4. a
5. b
6. b
7. c
8. e
9. d
10. b

Verbo
1. a
2. b
3. e
4. e
5. c
6. a
7. d
8. b
9. c
10. b
11. b
12. c
13. d
14. e
15. d

Advérbio
1. d
2. c
3. b
4. a. paulatinamente
b. indubitavelmente
c. simultaneamente
d. ininterruptamente
e. excepcionalmente
5. a

Preposição
1. e
2. e
3. a
4. e
5. b

Crase
1. a
2. e
3. d
4. e
5. c
6. c
7. b

Conjunção
1. d
2. e
3. e
4. e
5. b
6. d
7. b
8. a
9. d

Semântica

Significação das palavras
1. a
2. a
3. a
4. b
5. d
6. b
7. c
8. b
9. c
10. d

Sintaxe

Predicação verbal
1. c
2. e
3. d
4. a
5. e

Termos essenciais da oração
1. a
2. a
3. e
4. a

Termos integrantes da oração
1. a
2. e
3. a
4. b
5. e
6. d
7. d

Termos acessórios da oração
1. c
2. b
3. b
4. I – b; II – d; III – c; IV – a
5. a

Período composto
1. c
2. a
3. c
4. b
5. b
6. e
7. a
8. c
9. b

Orações reduzidas
1. c
2. e
3. d
4. a

Sintaxe de concordância
1. b
2. e
3. e
4. d
5. a
6. a

Sintaxe de regência
1. c
2. a
3. a
4. a
5. d
6. a
7. e
8. c

Sintaxe de colocação
1. a
2. b
3. a
4. e
5. d
6. d

Estilística

Figuras de linguagem
1. a
2. d
3. d
4. a
5. c
6. b
7. d
8. d
9. e
10. c

Vícios de linguagem
1. c
2. c
3. 01, 02, 04, 05
4. 02, 04, 08, 16, 32
5. b
6. d

Versificação
1. b
2. b
3. c

NOVÍSSIMA GRAMÁTICA DA LÍNGUA PORTUGUESA

Domingos Paschoal

CEGALLA

COM A NOVA ORTOGRAFIA DA LÍNGUA PORTUGUESA

Companhia Editora Nacional

APRESENTAÇÃO

Esta nova edição da **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa** apresenta como principal novidade sua adaptação ao novo sistema ortográfico de 1990, decorrente de um acordo assinado naquele ano, em Lisboa, pelos representantes dos sete países lusófonos.

Não esperem os professores e estudantes encontrar nesta edição grandes alterações no modo de escrever as palavras, porquanto, o chamado **Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa**, o terceiro desde 1931, não visou à simplificação, mas à unificação ortográfica do idioma falado na comunidade lusófona. O que o leitor vai encontrar são pequenas modificações no uso das notações léxicas (acentos gráficos, hífen, apóstrofo) e a ausência do trema no **u** átono dos grupos **gue**, **gui**, **que**, **qui**. Em decorrência dessas alterações, tivemos de adaptar às novas regras o capítulo sobre ortografia e remanejar os correspondentes exercícios.

Se nos permitem, tomamos a liberdade de lembrar aos abnegados colegas de ensino que o estudo da gramática, por parte dos discípulos, deve andar lado a lado com a redação de textos, a interpretação de poemas e excertos literários e a leitura de livros e revistas de boa qualidade. Só com essa didática plurivalente é que o ensino do português atingirá seu objetivo precípuo, que é levar o estudante a assenhorear-se gradativamente das normas e dos recursos do idioma, nas modalidades oral e escrita.

A todos os que derem preferência a esta obra, professores, alunos e estudiosos da nossa língua, os nossos profundos agradecimentos.

Domingos Paschoal Cegalla

À
Dalva,
minha esposa dileta
e incansável colaboradora

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 16
A LÍNGUA PORTUGUESA NO MUNDO 18

I – FONÉTICA

FONEMAS 21

1. CONCEITO DE FONEMA 21
2. REPRESENTAÇÃO DOS FONEMAS 21
3. APARELHO FONADOR 22
4. CLASSIFICAÇÃO DE FONEMAS 24
5. CLASSIFICAÇÃO DAS VOGAIS 24
6. ENCONTROS VOCÁLICOS 25
   - Ditongo 25
   - Tritongo 27
   - Hiato 27
7. CLASSIFICAÇÃO DAS CONSOANTES 28
8. ENCONTROS CONSONANTAIS 30
9. DÍGRAFOS 30
10. NOTAÇÕES LÉXICAS 31

EXERCÍCIOS – LISTA 1 32

SÍLABA – TONICIDADE 36

1. CLASSIFICAÇÃO DAS PALAVRAS QUANTO AO NÚMERO DE SÍLABAS 36
2. DIVISÃO SILÁBICA 36
3. PARTIÇÃO DAS PALAVRAS EM FIM DE LINHA 37
4. ACENTO TÔNICO 38
5. CLASSIFICAÇÃO DAS PALAVRAS QUANTO AO ACENTO TÔNICO 38
6. VOCÁBULOS ÁTONOS E VOCÁBULOS TÔNICOS 39
7. VOCÁBULOS RIZOTÔNICOS E ARRIZOTÔNICOS 40
8. ACENTO DE INSISTÊNCIA 40
9. ANÁLISE FONÉTICA 40

EXERCÍCIOS – LISTA 2 41

ORTOÉPIA – PROSÓDIA 44

1. ORTOÉPIA 44
2. PROSÓDIA 46

EXERCÍCIOS – LISTA 3 48

ORTOGRAFIA 52

1. ALFABETO PORTUGUÊS 52
2. EMPREGO DAS LETRAS *K*, *W* E *Y* 53
3. EMPREGO DA LETRA *H* 53
4. EMPREGO DAS LETRAS *E*, *I*, *O* E *U* 55
5. EMPREGO DAS LETRAS *G* E *J* 57

6. REPRESENTAÇÃO DO FONEMA /S/ 58
7. EMPREGO DE LETRA S COM VALOR DE Z 60
8. EMPREGO DA LETRA Z 61
9. S OU Z? 61
10. EMPREGO DO X 63
11. EMPREGO DO DÍGRAFO CH 63
12. CONSOANTES DOBRADAS 64
13. EMPREGO DAS INICIAIS MAIÚSCULAS E MINÚSCULAS 64
EXERCÍCIOS – LISTA 4 66

ACENTUAÇÃO GRÁFICA 71

1. PRINCIPAIS REGRAS DE ACENTUAÇÃO GRÁFICA 71
- Acentuação dos vocábulos proparoxítonos 71
- Acentuação dos vocábulos paroxítonos 71
- Acentuação dos vocábulos oxítonos 72
- Acentuação dos monossílabos 72
- Acentuação dos ditongos 73
- Acentuação dos hiatos 73
- Os grupos *gue, gui, que, qui* 74
- Acento diferencial 74
- Acento grave 75

EXERCÍCIOS – LISTA 5 76

NOTAÇÕES LÉXICAS 80

1. EMPREGO DO TIL 80
2. EMPREGO DO TREMA 80
3. EMPREGO DO APÓSTROFO 80
4. EMPREGO DO HÍFEN 81
5. DIVISÃO SILÁBICA E PARTIÇÃO DE PALAVRAS 84
EXERCÍCIOS – LISTA 6 84

ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS 86

EXERCÍCIOS – LISTA 7 89

II – MORFOLOGIA

ESTRUTURA DAS PALAVRAS 91

1. RAIZ 91
2. RADICAL 91
3. TEMA 92
4. AFIXOS 92
5. DESINÊNCIAS 92
6. VOGAL TEMÁTICA 93
7. VOGAIS E CONSOANTES DE LIGAÇÃO 93
8. COGNATOS 93
9. PALAVRAS PRIMITIVAS E DERIVADAS 94
10. PALAVRAS SIMPLES E COMPOSTAS 94
EXERCÍCIOS – LISTA 8 94

FORMAÇÃO DAS PALAVRAS 96

1. DERIVAÇÃO 96
2. COMPOSIÇÃO 98
3. REDUÇÃO 98
4. HIBRIDISMOS 99
5. ONOMATOPEIAS 99

EXERCÍCIOS – LISTA 9 100

SUFIXOS 102

1. PRINCIPAIS SUFIXOS NOMINAIS 102
2. SUFIXOS VERBAIS 106
3. SUFIXO ADVERBIAL 108

EXERCÍCIOS – LISTA 10 108

PREFIXOS 110

1. PREFIXOS LATINOS 110
2. PREFIXOS GREGOS 113
3. CORRESPONDÊNCIA ENTRE PREFIXOS LATINOS E GREGOS 114

EXERCÍCIOS – LISTA 11 115

RADICAIS GREGOS 117

EXERCÍCIOS – LISTA 12 121

RADICAIS LATINOS 123

EXERCÍCIOS – LISTA 13 124

ORIGEM DAS PALAVRAS DA LÍNGUA PORTUGUESA 126

EXERCÍCIOS – LISTA 14 128

CLASSIFICAÇÃO E FLEXÃO DAS PALAVRAS 129

SUBSTANTIVO 130

1. SUBSTANTIVOS 130
2. SUBSTANTIVOS COLETIVOS 131
3. PALAVRAS SUBSTANTIVADAS 134

EXERCÍCIOS – LISTA 15 134

4. FLEXÃO DOS SUBSTANTIVOS: *GÊNERO* 135
5. FORMAÇÃO DO FEMININO 136
6. SUBSTANTIVOS UNIFORMES EM GÊNERO 138
7. SUBSTANTIVOS DE GÊNERO INCERTO 139
8. GÊNERO DOS NOMES DE CIDADES 141
9. GÊNERO E SIGNIFICAÇÃO 141

EXERCÍCIOS – LISTA 16 141

10. FLEXÃO DOS SUBSTANTIVOS: *NÚMERO* 143
11. PLURAL DOS SUBSTANTIVOS COMPOSTOS 146
12. PLURAL DAS PALAVRAS SUBSTANTIVADAS 148
13. PLURAL DOS DIMINUTIVOS 148
14. PLURAL DOS NOMES PRÓPRIOS PERSONATIVOS 149

15. PLURAL DOS SUBSTANTIVOS ESTRANGEIROS 149
16. PLURAL DAS SIGLAS 149
17. PLURAL COM MUDANÇA DE TIMBRE 149
18. PARTICULARIDADES SOBRE O NÚMERO DOS SUBSTANTIVOS 150
EXERCÍCIOS - LISTA 17 150
19. FLEXÃO DOS SUBSTANTIVOS: *GRAU* 152
- Grau aumentativo 152
- Grau diminutivo 153

20. ADJETIVOS COM AS FLEXÕES DE AUMENTATIVO E DIMINUTIVO 154
21. PLURAL DOS DIMINUTIVOS EM *–ZINHO* E *–ZITO* 154
EXERCÍCIOS – LISTA 18 155

ARTIGO 157

1. DEFINIDO 157
2. INDEFINIDO 157
EXERCÍCIOS – LISTA 19 158

ADJETIVO 159

1. ADJETIVOS 159
2. ADJETIVOS PÁTRIOS 159
3. FORMAÇÃO DO ADJETIVO 160
4. LOCUÇÃO ADJETIVA 161
5. ADJETIVOS ERUDITOS 161
6. FLEXÃO DO ADJETIVO 163
7. FLEXÃO DO ADJETIVO: *GÊNERO* 163
8. REGRAS PARA A FORMAÇÃO DO FEMININO 164
9. PLURAL DOS ADJETIVOS SIMPLES 164
10. PLURAL DOS ADJETIVOS COMPOSTOS 164
EXERCÍCIOS – LISTA 20 165
11. GRAU DO ADJETIVO 169
12. FLEXÃO DO ADJETIVO: *GRAU COMPARATIVO* 169
13. FLEXÃO DO ADJETIVO: *GRAU SUPERLATIVO* 169
14. SUPERLATIVOS ABSOLUTOS SINTÉTICOS ERUDITOS 170
15. OUTRAS FORMAS DE SUPERLATIVO ABSOLUTO 171
EXERCÍCIOS – LISTA 21 172

NUMERAL 174

1. NUMERAL 174
2. FLEXÃO DOS NUMERAIS 175
3. LEITURA E ESCRITA DOS NÚMEROS 175
4. QUADRO DOS PRINCIPAIS NUMERAIS 175
5. FORMAS DUPLAS 176
EXERCÍCIOS – LISTA 22 177

PRONOME 179

1. PRONOMES 179
2. CLASSIFICAÇÃO DOS PRONOMES 179
3. PRONOMES SUBSTANTIVOS E PRONOMES ADJETIVOS 179

4. PRONOMES PESSOAIS 179
5. PRONOMES DE TRATAMENTO 181
6. PRONOMES POSSESSIVOS 182
7. PRONOMES DEMONSTRATIVOS 183
8. PRONOMES RELATIVOS 184
9. PRONOMES INDEFINIDOS 186
10. PRONOMES INTERROGATIVOS 188
EXERCÍCIOS – LISTA 23 188

VERBO 194

1. VERBO 194
2. PESSOA E NÚMERO 194
3. TEMPOS VERBAIS 194
4. MODOS DO VERBO 195
5. FORMAS NOMINAIS 195
6. VOZ 196
7. VERBOS AUXILIARES 196
8. CONJUGAÇÕES 197
9. ELEMENTOS ESTRUTURAIS DOS VERBOS 197
10. TEMPOS PRIMITIVOS E DERIVADOS 198
11. MODO IMPERATIVO 199
12. FORMAÇÃO DO IMPERATIVO 199
13. FORMAÇÃO DOS TEMPOS COMPOSTOS 200
14. VERBOS REGULARES, IRREGULARES E DEFECTIVOS 200
EXERCÍCIOS – LISTA 24 201
- Conjugação dos verbos auxiliares *ser, estar, ter,* e *haver* 203

EXERCÍCIOS – LISTA 25 208
- Verbos regulares: 1ª conjugação 209
- Verbos regulares: 2ª conjugação 211
- Verbos regulares: 3ª conjugação 214

EXERCÍCIOS – LISTA 26 216
15. VOZES DO VERBO 219
16. VOZ ATIVA 219
17. VOZ PASSIVA 219
18. FORMAÇÃO DA VOZ PASSIVA 220
19. VOZ REFLEXIVA 220
20. CONVERSÃO DA VOZ ATIVA NA PASSIVA 222
- Conjugação de um verbo na voz passiva analítica 223

21. CONJUGAÇÃO DOS VERBOS PRONOMINAIS 225
EXERCÍCIOS – LISTA 27 227
22. VERBOS IRREGULARES 229
- Verbos irregulares: 1ª conjugação 230
- Verbos irregulares: 2ª conjugação 234
- Verbos irregulares: 3ª conjugação 242

23. VERBOS DEFECTIVOS 247
24. VERBOS ABUNDANTES 249
- Conjugação de um verbo com os pronomes oblíquos *o, a, os, as* 252

25. PRONÚNCIA CORRETA DE ALGUNS VERBOS 253
EXERCÍCIOS – LISTA 28 254

ADVÉRBIO **259**

1. ADVÉRBIO 259
2. ADVÉRBIOS INTERROGATIVOS 260
3. LOCUÇÕES ADVERBIAIS 261
4. GRAUS DOS ADVÉRBIOS 261
5. PALAVRAS E LOCUÇÕES DENOTATIVAS 262

EXERCÍCIOS – LISTA 29 264

PREPOSIÇÃO **268**

1. PREPOSIÇÃO 268
   - Preposições essenciais 269
   - Preposições acidentais 269
2. LOCUÇÕES PREPOSITIVAS 270
3. COMBINAÇÕES E CONTRAÇÕES 271

EXERCÍCIOS – LISTA 30 271

4. CRASE 275
5. CRASE DA PREPOSIÇÃO *A* COM OS ARTIGOS *A, AS* 276
6. CASOS EM QUE NÃO HÁ CRASE 277
7. CASOS ESPECIAIS 281
8. CRASE DA PREPOSIÇÃO *A* COM OS PRONOMES DEMONSTRATIVOS 283

EXERCÍCIOS – LISTA 31 284

CONJUNÇÃO **289**

1. CONJUNÇÕES 289
2. CONJUNÇÕES COORDENATIVAS 289
3. CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS 291
4. LOCUÇÕES CONJUNTIVAS 293
5. A CONJUNÇÃO *QUE* 294

EXERCÍCIOS – LISTA 32 295

INTERJEIÇÃO **300**

1. INTERJEIÇÃO 300
2. LOCUÇÃO INTERJETIVA 301

EXERCÍCIOS – LISTA 33 301

CONECTIVOS **304**

FORMAS VARIANTES **305**

EXERCÍCIOS – LISTA 34 306

ANÁLISE MORFOLÓGICA **307**

III – SEMÂNTICA

SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS **310**

1. SINÔNIMOS 310
2. ANTÔNIMOS 310

3. HOMÔNIMOS 311
4. PARÔNIMOS 312
5. POLISSEMIA 312
6. SENTIDO PRÓPRIO E SENTIDO FIGURADO 313
7. DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO 313
EXERCÍCIOS – LISTA 35 313

IV – SINTAXE

ANÁLISE SINTÁTICA 319

1. NOÇÕES PRELIMINARES 319
2. FRASE 319
3. ORAÇÃO 321
4. NÚCLEO DE UM TERMO 322
5. PERÍODO 322
EXERCÍCIOS – LISTA 36 323

TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO 324

1. SUJEITO 324
2. PREDICADO 328
EXERCÍCIOS – LISTA 37 330
3. PREDICAÇÃO VERBAL 335
4. CLASSIFICAÇÃO DOS VERBOS QUANTO À PREDICAÇÃO 336
   - Intransitivos 336
   - Transitivos diretos 337
   - Transitivos indiretos 337
   - Transitivos diretos e indiretos 339
   - De ligação 339
   - Verbos vicários 340
EXERCÍCIOS – LISTA 38 341
5. PREDICATIVO 343
   - Predicativo do sujeito 343
   - Predicativo do objeto 344
EXERCÍCIOS – LISTA 39 345

TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO 348

1. OBJETO DIRETO 348
2. OBJETO DIRETO PREPOSICIONADO 349
3. OBJETO DIRETO PLEONÁSTICO 352
4. OBJETO INDIRETO 352
5. OBJETO INDIRETO PLEONÁSTICO 354
6. COMPLEMENTO NOMINAL 354
7. AGENTE DA PASSIVA 355
EXERCÍCIOS – LISTA 40 356

TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO 363

1. ADJUNTO ADNOMINAL 363
2. ADJUNTO ADVERBIAL 364
3. APOSTO 365

4. VOCATIVO 366
EXERCÍCIOS – LISTA 41 367

PERÍODO COMPOSTO 370

1. PERÍODO COMPOSTO 370
EXERCÍCIOS – LISTA 42 371

ORAÇÕES COORDENADAS INDEPENDENTES 373

1. ORAÇÕES COORDENADAS SINDÉTICAS 374
2. ORAÇÕES COORDENADAS ASSINDÉTICAS 376
EXERCÍCIOS – LISTA 43 376

ORAÇÕES PRINCIPAIS E SUBORDINADAS 378

1. ORAÇÃO PRINCIPAL 378
2. ORAÇÃO SUBORDINADA 379
3. CLASSIFICAÇÃO DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS 379
4. ORAÇÕES SUBORDINADAS COORDENADAS 380
EXERCÍCIOS – LISTA 44 381

ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS 383

1. ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS 383
EXERCÍCIOS – LISTA 45 386

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS 390

1. ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS 391
EXERCÍCIOS – LISTA 46 392

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS 396

1. ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS 396
2. ORAÇÕES ADVERBIAIS LOCATIVAS 402
EXERCÍCIOS – LISTA 47 403

ORAÇÕES REDUZIDAS 408

1. ORAÇÕES REDUZIDAS 408
2. CLASSIFICAÇÃO DAS ORAÇÕES REDUZIDAS 409
- Reduzidas de infinitivo 409
- Reduzidas de gerúndio 412
- Reduzidas de particípio 413
EXERCÍCIOS – LISTA 48 415

ESTUDO COMPLEMENTAR DO PERÍODO COMPOSTO 421

1. ORAÇÕES INTERFERENTES 421
EXERCÍCIOS – LISTA 49 422
2. MODELOS DE ANÁLISE SINTÁTICA 424
EXERCÍCIOS – LISTA 50 426

SINAIS DE PONTUAÇÃO 428

1. EMPREGO DA VÍRGULA 428
2. PONTO E VÍRGULA 430
3. DOIS-PONTOS 430
4. PONTO FINAL 431
5. PONTO DE INTERROGAÇÃO 431
6. PONTO DE EXCLAMAÇÃO 432
7. RETICÊNCIAS 432
8. PARÊNTESES 433
9. TRAVESSÃO 433
10. ASPAS 434
11. COLCHETES 434
12. ASTERISCO 435
13. PARÁGRAFO 435

EXERCÍCIOS – LISTA 51 435

SINTAXE DE CONCORDÂNCIA 438

CONCORDÂNCIA NOMINAL 438
EXERCÍCIOS – LISTA 52 446
CONCORDÂNCIA VERBAL 450
CASOS ESPECIAIS DE CONCORDÂNCIA VERBAL 451
EXERCÍCIOS – LISTA 53 472

SINTAXE DE REGÊNCIA 483

1. REGÊNCIA 483
2. OS PRONOMES OBJETIVOS *O(S), A(S), LHE(S)* 485

REGÊNCIA NOMINAL 487

EXERCÍCIOS – LISTA 54 488

REGÊNCIA VERBAL 490

1. REGÊNCIA E SIGNIFICAÇÃO DOS VERBOS 490
2. REGÊNCIA DE ALGUNS VERBOS 490
3. CASOS ESPECIAIS DE REGÊNCIA VERBAL 512

EXERCÍCIOS – LISTA 55 515

SINTAXE DE COLOCAÇÃO 529

1. POSPOSIÇÃO DO SUJEITO 531
2. ANTECIPAÇÃO DE TERMOS DA ORAÇÃO 532
3. COLOCAÇÃO DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS 533

EXERCÍCIOS – LISTA 56 534

4. COLOCAÇÃO DOS PRONOMES OBLÍQUOS ÁTONOS 538
5. PRÓCLISE 538
6. MESÓCLISE 541
7. ÊNCLISE 541
8. ÊNCLISE EUFÔNICA E ENFÁTIVA 543
9. COLOCAÇÃO DOS PRONOMES ÁTONOS NOS TEMPOS COMPOSTOS 543

10. COLOCAÇÃO DOS PRONOMES ÁTONOS NAS LOCUÇÕES VERBAIS 543
EXERCÍCIOS – LISTA 57 545

EMPREGO DE ALGUMAS CLASSES DE PALAVRAS 551

1. ARTIGO 551
2. ADJETIVO 554
3. NUMERAL 556
4. PRONOMES PESSOAIS 557
5. EU OU MIM? 559
6. CONTRAÇÃO DOS PRONOMES OBLÍQUOS 561
7. O PRONOME *SE* 562
8. PRONOMES POSSESSIVOS 563
9. PRONOMES DEMONSTRATIVOS 564
10. PRONOMES RELATIVOS 566
11. PRONOMES INDEFINIDOS 569
12. ADVÉRBIO 571

EXERCÍCIOS – LISTA 58 574

EMPREGO DOS MODOS E TEMPOS 584

1. MODO INDICATIVO 584
2. MODO SUBJUNTIVO 588
3. MODO IMPERATIVO 591
4. PARTICÍPIO 591
5. GERÚNDIO 592

EXERCÍCIOS – LISTA 59 593

EMPREGO DO INFINITIVO 596

1. INFINITIVO NÃO-FLEXIONADO 596
2. INFINITIVO PESSOAL FLEXIONADO 598

EXERCÍCIOS – LISTA 60 601

EMPREGO DO VERBO HAVER 606

EXERCÍCIOS – LISTA 61 609

V – ESTILÍSTICA

FIGURAS DE LINGUAGEM 614

1. FIGURAS DE PALAVRAS 614
   - Metáfora 614
   - Comparação 615
   - Metonímia 615
   - Perífrase 617
   - Sinestesia 617

EXERCÍCIOS – LISTA 62 617

2. FIGURAS DE CONSTRUÇÃO 620
   - Elipse 620
   - Pleonasmo 621

- Polissíndeto 622
- Inversão 622
- Anacoluto 622
- Silepse 622
- Onomatopeia 623
- Repetição 624

EXERCÍCIOS – LISTA 63 624

3. FIGURAS DE PENSAMENTO 626
- Antítese 626
- Apóstrofe 626
- Eufemismo 626
- Gradação 627
- Hipérbole 627
- Ironia 627
- Paradoxo 627
- Personificação 627
- Reticência 628
- Retificação 628

EXERCÍCIOS – LISTA 64 628

VÍCIOS DE LINGUAGEM 634

EXERCÍCIOS – LISTA 65 636

QUALIDADES DA BOA LINGUAGEM 637

LÍNGUA E ARTE LITERÁRIA 639

1. A LÍNGUA E SUAS MODALIDADES 639
2. ELEMENTOS DA OBRA LITERÁRIA 640
3. ESTILO 641
4. GÊNEROS LITERÁRIOS 641
5. FICÇÃO 642

EXERCÍCIOS – LISTA 66 645

6. VERSIFICAÇÃO 646
7. PROCESSOS PARA A REDUÇÃO DO NÚMERO DE SÍLABAS MÉTRICAS 648
8. RITMO 648
9. ENCADEAMENTO *(ENJAMBEMENT)* 651
10. RIMA 652
11. VERSOS BRANCOS 653
12. ESTROFE 653
13. SONETO 653
14. VERSO LIVRE 654

EXERCÍCIOS – LISTA 67 655

BIBLIOGRAFIA 657

EXERCÍCIOS DE EXAMES E CONCURSOS 663

RESPOSTAS DOS EXERCÍCIOS DE EXAMES E CONCURSOS 694

INTRODUÇÃO

Linguagem é a faculdade que o homem tem de se exprimir e comunicar por meio da fala.

Cada povo exerce essa capacidade por meio de um determinado código linguístico, ou seja, utilizando um sistema de signos vocais distintos e significativos, a que se dá o nome de *língua* ou *idioma*.

Criação social da mais alta importância, a língua é por excelência o veículo do conhecimento humano e a base do patrimônio cultural de um povo.

A utilização da língua pelo indivíduo denomina-se *fala*. A fala nasce da inelutável necessidade humana de comunicação.

A comunicação linguística se realiza por meio da expressão oral ou escrita.

A língua não é um sistema intangível, imutável; como toda criação humana, está sujeita à ação do tempo e do espaço geográfico, sofre constantes alterações e reflete forçosamente as diferenças individuais dos falantes. Daí a existência de falares regionais e de vários *níveis de fala*: culta, popular, coloquial, etc.

A história, o registro e a sistematização dos fatos de uma língua constituem matéria da *Gramática*.

A *Gramática Histórica* estuda a origem e a evolução de uma língua, acompanhando-lhe os passos desde o seu alvorecer até a época atual.

A *Gramática Normativa* enfoca a língua como é falada em determinada fase de sua evolução: faz o registro sistemático dos fatos linguísticos e dos meios de expressão, aponta normas para a correta utilização oral e escrita do idioma, em suma, ensina a falar e escrever a língua-padrão corretamente.

Este livro pretende ser uma Gramática Normativa da Língua Portuguesa do Brasil, conforme a falam e escrevem as pessoas cultas na época atual.

De acordo com os diferentes aspectos sob os quais se podem encarar os fatos linguísticos, divide-se a Gramática em cinco partes distintas:

- **Fonética**
- **Morfologia**
- **Sintaxe**
- **Semântica**
- **Estilística**

1. A *fonética* é o estudo dos sons da fala. Considera a palavra sob o aspecto sonoro e trata:
   - dos fonemas: como se produzem, classificam e agrupam;
   - da pronúncia correta das palavras, ou seja, da correta emissão e articulação dos fonemas (ortoépia);
   - da exata acentuação tônica das palavras (prosódia);
   - da figuração gráfica dos fonemas ou a escrita correta das palavras (ortografia).

   Observação:

   ✔ A linguística moderna distingue *fonética* de *fonologia*. Ambas as disciplinas tratam dos sons da fala, porém de modo diverso: a fonética se ocupa dos sons da língua sob o aspecto material, físico, acústico, ao passo que a fonologia os estuda do ponto de vista prático, funcional, no contexto fônico da comunicação humana. Nesta obra, não fazemos tal distinção. Seguindo a Nomenclatura Gramatical Brasileira, empregamos o termo *fonética* no seu sentido amplo, tradicional.

2. A *morfologia* ocupa-se das diversas classes de palavras, isoladamente, analisando-lhes a estrutura, a formação, as flexões e propriedades.

3. É objeto da *sintaxe* o estudo das palavras associadas na frase. Examina:
   - a função das palavras e das orações no período (análise sintática);
   - as relações de dependência das palavras na oração, sob o aspecto da subordinação (sintaxe de regência);
   - as relações de dependência das palavras consideradas do ponto de vista da flexão (sintaxe de concordância);
   - a disposição ou ordem das palavras e das orações no período (sintaxe de colocação).

4. A *semântica* tem como objetivo o estudo da significação das palavras. Pode ser *descritiva* ou *histórica*.

   A semântica descritiva estuda a significação atual das palavras; a histórica se ocupa da evolução do sentido das palavras através do tempo.

   À Gramática Normativa só interessa a semântica descritiva.

5. A *estilística* trata, essencialmente, do *estilo*, ou seja, dos diversos processos expressivos próprios para sugestionar, despertar o sentimento estético e a emoção. Esses processos resumem-se no que chamamos de *figuras de linguagem*. A estilística, em outras palavras, visa ao lado estético e emocional da atividade linguística, em oposição ao aspecto intelectivo, científico.

A LÍNGUA PORTUGUESA NO MUNDO

1. A língua portuguesa é falada em todos os continentes por cerca de duzentos milhões de pessoas. Poucos idiomas desfrutam de tão privilegiada posição.

   Das línguas neolatinas foi a primeira a expandir-se fora do continente europeu. Acompanhando as caravelas dos conquistadores lusitanos dos séculos XV e XVI, ela implantou-se em todas as partes do mundo. Entretanto, levada para terras tão distantes, a língua portuguesa, em contato com a cultura dos povos aborígines, sofreu inevitáveis alterações, de que resultaram falares regionais ou dialetos.

2. Atualmente, o português é a língua oficial de oito países, ditos lusófonos: Portugal (incluídos os Açores e a Ilha da Madeira), Brasil, Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e o Timor Leste, que conquistou sua independência em 1999, tornando-se o oitavo país lusófono.

3. Dialetos com raízes no português são falados em ex-colônias e possessões lusitanas da Ásia, como Diu, Damão, Goa, todas três na Índia, Macau, na China, e Timor Leste, na Oceania.

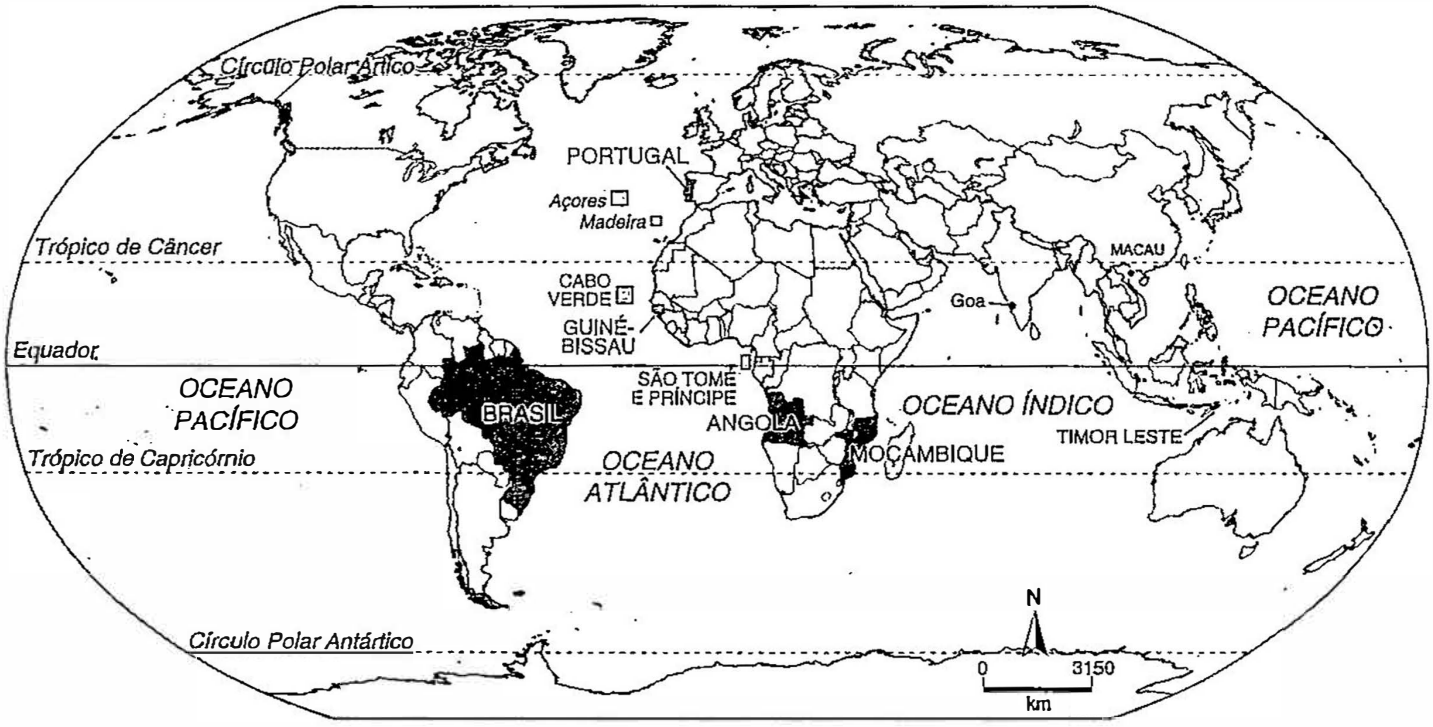

A língua portuguesa no mundo

FONÉTICA

estuda os sons da fala

A água

Flui a água, flébil, flexuosa,
em seu eterno fluxo,
aflita por chegar
ao final de seu curso.

A água flui, a água lava,
a leve água leva
para longe as impurezas
de nossa vida breve.

Fluida flecha frágil,
avança, entanto, impávida;
lépida, atinge o alvo,
expande-se toda em dádivas...

Tange a água, tange o tempo
a aguilhada da pressa.
O tempo nunca retorna,
a água sempre regressa...

Domingos Paschoal Cegalla

FONEMAS

1 CONCEITO DE FONEMA

Fonemas *são as menores unidades sonoras da fala*.

São os sons elementares e distintivos que, articulados e combinados, formam as sílabas, os vocábulos e a teia da frase, na comunicação oral.

Funcionam como elementos distintivos ou diferenciadores das palavras, porque são capazes de diferenciar umas de outras, conforme se observa, por exemplo, nas sequências:

m*a*la	*g*ato	ma*l*
m*o*la	*m*ato	ma*r*
m*u*la	*p*ato	ma*s*

Quando proferimos a palavra *aflito*, por exemplo, emitimos três sílabas e seis fonemas: *a - fli - to*. Percebemos que numa sílaba pode haver um ou mais fonemas.

No sistema fonético do português do Brasil há, aproximadamente, 33 fonemas, que adiante estudaremos.

2 REPRESENTAÇÃO DOS FONEMAS

Na língua escrita, os fonemas são representados por signos ou sinais gráficos chamados *letras*. O conjunto das letras denomina-se *alfabeto* ou *abecedário*, ou ainda, *abecê*, também escrito *abc*.

Observação:

✔ A palavra *alfabeto* origina-se do nome das duas primeiras letras do alfabeto grego: *alfa* (a) + *beta* (b).

É importante não confundir letra com fonema. Fonema é som, letra é o sinal gráfico que representa o som. Para falar, usamos fonemas; para escrever, usamos letras.

O ideal seria que a cada fonema correspondesse uma só letra, e vice-versa, mas *infelizmente* isso não acontece. É que o nosso sistema ortográfico não é rigorosamente fonético, mas ainda está preso à origem das palavras. Escreve-se, por exemplo, *exame*, em vez de *ezame*, porque este substantivo vem da palavra latina *examen*. Assim, por força da tradição etimológica, podemos observar, na representação dos fonemas portugueses, as seguintes imperfeições:

- A mesma letra pode representar fonemas diferentes:
  eXame, Xale, próXimo, seXo; Cola, Cera.
- O mesmo fonema pode ser figurado por letras diferentes:
  caSa, eXílio, coZinha; tiGela, laJe.
- Um fonema pode ser representado por um grupo de duas letras (dígrafo):
  maCHado, muLHer, uNHa, miSSa, caRRo.
- A letra *X* pode representar, simultaneamente, dois fonemas diferentes:
  táXi (tácsi), *fiXo* (ficso), *tóraX* (tóracs).
- Há letras que, às vezes, não representam fonemas; funcionam apenas como notações léxicas:
  caMpo (cãpo), *reNda* (rẽda), *regUe* (U insonoro, para não se proferir *reje*).
- Usam-se letras simplesmente decorativas: não representam fonemas nem funcionam como notações léxicas. Mantiveram-se em razão da etimologia:
  hotel (otel), *diScípulo* (dicípulo), *eXceção* (eceção), *qUina* (qina).
- Há fonemas que, em certos casos, não se representam graficamente:
  bem (bẽi), *batem* (bátẽi), *falam* (fálãU).

3 APARELHO FONADOR

Os sons da fala são produzidos pelo concurso dos órgãos da fonação, ou seja, pelo aparelho fonador. Fazem parte do aparelho fonador:

- **Pulmões**

  Funcionam como dois foles, produzindo a corrente de ar.

- **Brônquios e traqueia**

  São os canais que conduzem a corrente de ar à laringe.

- **Laringe**

  Situada na parte superior da traqueia, é o mais importante órgão da fonação. Nela se localizam a *glote*, a *epiglote* (válvula elástica que tapa a glote durante a deglutição) e as *cordas vocais*.

- **Glote**

  Pequena abertura de forma triangular situada na laringe, na altura do *pomo de adão*. À chegada do fluxo de ar vindo dos pulmões, a glote pode abrir-se ou fechar-se, bastando que os bordos das cordas vocais se afastem ou se aproximem. Se a glote se abrir, o ar passa livremente, sem fazer vibrar as cordas vocais: nesse caso, o fonema produzido é *surdo*. Se a glote se fechar, o fluxo de ar força a passagem, fazendo vibrar as cordas vocais, e o fonema produzido é então *sonoro*.

APARELHO FONADOR

1. Fossas nasais
2. Palato duro
3. Véu palatino
4. Lábios
5. Dentes
6. Língua
7. Faringe
8. Epiglote
9. Cordas vocais
10. Laringe
11. Traqueia
12. Esôfago
13. Alvéolo
14. Úvula
15. Glote

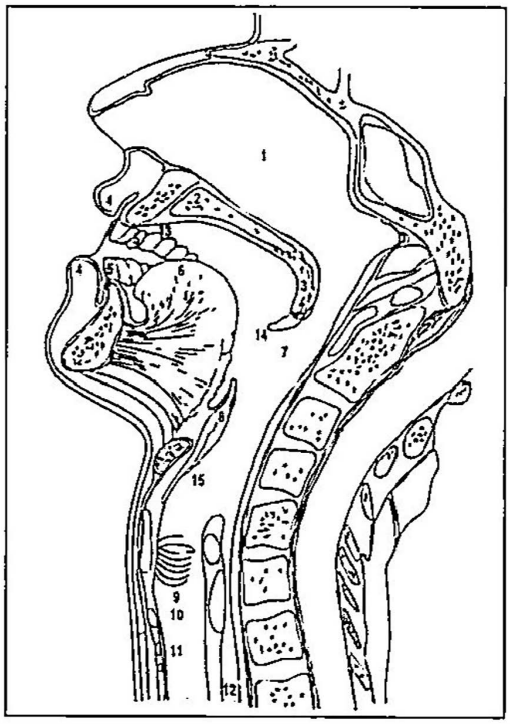

- **Cordas vocais**

  São duas pregas musculares, elásticas, distendidas horizontalmente diante da glote. Quando vibradas, produzem fonemas sonoros.

- **Faringe**

  Cavidade ligeiramente afunilada, entre a boca e a parte superior do esôfago. Conduz o ar para a boca e as fossas nasais.

- **Úvula**

  Vulgarmente chamada *campainha*, a úvula é um apêndice flexível do véu palatino. Tem a função de fiscalizar a passagem do ar; levantando-se contra a parede posterior da faringe, intercepta a passagem do ar para as fossas nasais: o ar escoa-se pela boca e o fonema se diz *oral*; abaixando-se a úvula, permite que a corrente de ar se escape em parte pelas fossas nasais, produzindo-se então um fonema *nasal*.

- **Boca e órgãos anexos**

  Podemos dizer que os fonemas nascem na laringe e se completam na boca. E isso acontece graças ao concurso das arcadas dentárias, dos alvéolos, do palato duro (ou céu da boca) e do palato mole (ou véu palatino) e, sobretudo, à atividade da língua, dos lábios e das bochechas, os quais se movimentam para modificar a corrente sonora e moldar os fonemas. A cavidade bucal atua também como caixa de ressonância dos fonemas sonoros.

- **Fossas nasais**

  Cavidades situadas acima do maxilar superior, funcionam como caixa de ressonância dos fonemas nasais.

4 CLASSIFICAÇÃO DOS FONEMAS

Os **fonemas** da língua portuguesa classificam-se em *vogais, semivogais* e *consoantes*.

- **Vogais**

São fonemas sonoros, ou sons laríngeos, que, passando pela boca entreaberta, chegam livremente ao exterior sem fazer ruído: **a, é, ê, i, ó, ô, u.**

- **Semivogais**

São os fonemas /i/ e /u/ átonos que se unem a uma vogal, formando com esta uma só sílaba: va*i*, and*ei*, o*u*ro, á*gu*a.

- **Consoantes**

São ruídos provenientes da resistência que os órgãos bucais opõem à corrente de ar: bola, copo, depósito.

Na língua portuguesa, a vogal é o elemento básico, suficiente e indispensável para a formação da sílaba. As consoantes e as semivogais são fonemas dependentes: só podem formar sílaba com o auxílio das vogais.

5 CLASSIFICAÇÃO DAS VOGAIS

De acordo com a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), classificam-se as vogais conforme:

- **a zona de articulação**

a) média: *a* (*a*ve)

b) anteriores: *é, ê, i* (*fé*, *vê*, r*i*)

c) posteriores: *ó, ô, u* (n*ó*, av*ô*, tat*u*)

- **o papel das cavidades bucal e nasal**

a) orais: *a, é, ê, i, ó, ô, u* (*a*to, *sé*, *vê*, *vi*, *só*, *fo*go, *u*va)

b) nasais: *ã, ẽ, ĩ, õ, ũ* (l*ã*, vento, *si*m, *som*, m*u*ndo)

c) tônicas: p*á*, at*é*, gelo, tup*i*, d*ó*, gl*o*bo, l*u*z

- **a intensidade**

a) subtônicas: *a*rvorezinha, cafezinho, esplendidamente, *so*mente, *co*modamente

b) átonas: el*a*, m*o*le, l*i*ção, lad*o*, l*u*gar, ó*r*fã, lençol

- **o timbre**

a) abertas: *a, é, ó* (l*á*, p*é*, cip*ó*)

b) fechadas: *ê, ô, i, u* e todas as nasais (v*ê*, am*o*r, v*i*, cr*u*, s*ã*, lenda)

c) reduzidas: as vogais átonas orais ou nasais (vel*a*, val*e*, v*i*tal, sap*o*, *u*nido, *a*ndei, *e*ntão)

Explicação do esquema anterior

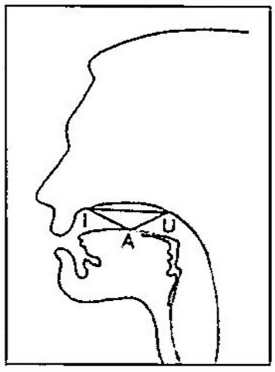

- A zona de articulação é o ponto ou a parte em que se dá o contato ou a aproximação dos órgãos que cooperam para a produção dos fonemas, no caso das vogais, a língua e o palato. Produzimos a vogal média *a* mantendo a língua baixa, quase em posição de descanso, e a boca entreaberta. Para passar da vogal *a* para as anteriores (*é, ê, i*), levantamos gradualmente a parte anterior da língua em direção ao palato duro, ao mesmo tempo que diminuímos a abertura da boca. Para emitir as vogais posteriores (*ó, ô, u*), elevamos mais e mais a parte posterior da língua em direção ao véu palatino, arredondando progressivamente os lábios.
- Na emissão das vogais orais, a corrente sonora, impedida, pela úvula levantada, de chegar às cavidades nasais, ressoa apenas na boca. Na produção das vogais nasais, dá-se o abaixamento da úvula, e a corrente sonora chega, em parte, às fossas nasais e nelas ressoa.
- As vogais tônicas são as que proferimos com maior intensidade: constituem a base das sílabas tônicas. As subtônicas proferem-se com intensidade secundária, sendo a base das sílabas subtônicas. As vogais átonas, de intensidade mínima, são a base das sílabas átonas.
- O timbre das vogais resulta da maior ou menor abertura da boca. Essa abertura é máxima na produção das vogais abertas (*a, é, ó*), mínima na emissão das vogais fechadas (*ê, ô, i, u*) e média na formação das reduzidas.

Observações:

✔ A distinção entre abertas e fechadas só é perceptível nas vogais tônicas e subtônicas. As vogais reduzidas praticamente confundem-se com as átonas.

✔ No fim das palavras, as vogais átonas *e* e *o* são, em geral, proferidas como *i* e *u*, respectivamente: *noite* (nôitchi), *tribo* (tríbu).

✔ As vogais nasais são grafadas de três maneiras: a) sobrepondo-lhes til (irmã); b) pospondo-lhes *m* (tampa); c) pospondo-lhes *n* (ganso).

6 ENCONTROS VOCÁLICOS

Os encontros vocálicos são três: *ditongo, tritongo* e *hiato.*

- **Ditongo**

É a combinação de uma *vogal* + uma *semivogal*, ou vice-versa, na mesma sílaba. Exemplos: pa*i*, re*i*, so*u*, pã*o*, fu*i*, her*ói*, sér*io*, qu*a*ndo.

Dividem-se os ditongos em:

a) **orais:** pa*i*, pou*co*, jei*to*, fu*i*, etc.

b) **nasais:** mã*e*, pã*o*, põ*e*, mu*i*to (mũ*i*to), be*m* (bẽ*i*), etc.

c) **decrescentes:** (vogal + semivogal): pa*u*ta, me*u*, ri*u*, constit*ui*, d*ói*, ou*ro*, jei*to*, etc.

d) **crescentes:** (semivogal + vogal): gê*nio*, pá*tria*, sé*rie*, qu*a*tro, ag*u*entar, qu*a*ntia, tê*nue*, vá*cuo*, etc.

Observação:

✔ Note-se que, tanto nos ditongos decrescentes como nos crescentes, a vogal é, por via de regra, o fonema de maior abertura.

Existem 17 ditongos decrescentes e 13 crescentes, considerados sob o aspecto da escrita:

▪ **Ditongos decrescentes**

ãe: mãe, pães
ai: pai, vaidade
ãi: cãibra, paina
ão: pão, mãos, falam (fálão)
au: mau, degrau
éi: fiéis, papéis
ei: rei, leite, rejeito
ẽi: hem!, vivem, têm (tẽi)
éu: véu, céu
eu: meu, bebeu
iu: viu, partiu
õe: põe, limões, ações
ói: dói, herói, constrói
oi: coitado, foi
ou: dou, louco, estoura
ui: fui, ruivo, gratuito
ũi: muito (mũito), muita

▪ **Ditongos crescentes**

ea: área, orquídea
eo: róseo, níveo
ia: várias, sábia, infância
ie: série, espécie, quieto
io: lírio, curioso, ópio
oa: nódoa, mágoa
ua: água, quadra
uã: quando, araquã
ue: tênue, equestre
uẽ: aguento, frequente
ui: sanguinário, tranquilo
uĩ: quinquagésimo, pinguim
uo: aquoso, vácuo

Observações:

✔ Os ditongos crescentes aparecem, mais frequentemente, em sílabas átonas.

✔ Por terem o valor fonético aproximado de */i/* e */u/*, respectivamente, */e/* e */o/* átonos são, em certos casos, semivogais, originando, portanto, ditongos: *mãe*, capitães, *põe*, perdoe, limões, Caetano, *ao*, etc.

✔ Não aparece escrita a semivogal nos ditongos nasais *em* (ẽi) e *am* (ão): *bem* (bẽi), *contém* (contẽi), *vivem* (vívẽi), *eram* (érão), *falam* (fálão), *lutaram* (lutárão), etc.

✔ "Os encontros *ia, ie, io, ua, ue, uo* finais átonos, seguidos ou não de *s*, classificam-se quer como ditongos, quer como hiatos, uma vez que ambas as emissões existem no domínio da Língua Portuguesa: *his-tó-ri-a* e *his-tó-ria*; *sé-ri-e* e *sé-rie*; *pá-ti-o* e *pá-tio*; *ár-du-a*; *tê-nue*; *vá-cu-o* e *vá-cuo*" (NGB). Todavia, é preferível considerar tais grupos ditongos crescentes e, consequentemente, paroxítonos os vocábulos em que ocorrem. Na escrita, em final de linha, esses encontros vocálicos não devem ser partidos.

✔ Em palavras como *área, róseo, mágoa* e outras com iguais terminações, é discutível a existência de ditongo crescente, porque na pronúncia brasileira o primeiro fonema do encontro vocálico de tais vocábulos é proferido com intensidade bastante sensível, aproximando-se mais de vogal do que de semivogal.

✔ Certos encontros vocálicos, por alguns considerados ditongos crescentes, verdadeiramente não passam de hiatos: p*ia*da, qu*ia*bo, cord*ia*l, m*io*lo, p*o*eta, v*ia*ndante, p*o*ente, coelho, m*oi*nho, l*ua*r, m*iu*deza, etc.

✔ Palavras como *saia, raio, tuxaua, teia, correio, gaiola, goiaba, imbuia*, etc. encerram, na realidade, dois ditongos juntos, pois é assim que as emitimos: *sai-ia, rai-io,* tux*au-ua, tei-ia,* corr*ei-io, gai-io*la, g*oi-ia*ba, imb*ui-ia*.

▪ Tritongo

É o conjunto *semivogal + vogal + semivogal*, formando uma só sílaba.

O tritongo pode ser:

a) **oral:** ig*uais*, averig*uei*, averig*uou*, delinq*uiu*, seq*uoi*a, Urug*uai*.

b) **nasal:** q*uão*, sag*uão*, sag*uões*, míng*uam* (míng*uão*), enxág*uem* (enxág*uẽi*), deság*uam* (deság*uão*), deság*uem* (deság*uẽi*).

Observações:

✔ Nos tritongos nasais *uam, uem*, não se registra graficamente a segunda semivogal, conforme atestam os quatro últimos exemplos.

✔ Em palavras como *uruguaio, Uruguaiana, sequoia*, etc., temos o conjunto vocálico *tritongo + ditongo*: uruguai-**io**, Uruguai-iana, sequoi-**ia**.

▪ Hiato

É o encontro de duas vogais pronunciadas em dois impulsos distintos, formando sílabas diferentes:

S*aa*ra (S*a*-*a*-ra)	*ao*rta (*a*-*o*r-ta)
fa*í*sca (fa-*í*s-ca)	d*oe*r (d*o*-er)
pod*ia* (po-d*i*-*a*)	v*oo* (v*o*-*o*)
sa*ú*de (sa-*ú*-de)	cr*ee*m (cr*e*-em), passeemos (pas-se-*e*-mos)
ci*ú*me (ci-*ú*-me)	p*oe*ira (p*o*-ei-ra)
preencher (pre-en-cher)	m*ee*iro (m*e*-ei-ro)
cr*u*el (cr*u*-el)	f*ui*nha (f*u*-*i*-nha)
fr*ea*r (fr*e*-*a*r)	lag*oa* (la-g*o*-*a*)
j*uí*zo (j*u*-*í*-zo)	fr*ii*ssimo (fr*i*-*í*s-si-mo)

Observações:

✔ Em palavras como *veia, saia, gaiola, maiúscula*, etc., pode-se ver hiato (*vei-a, sai-a, gai-o-la, mai-ús-cu-la*), ou, mais acertadamente, dois ditongos (*vei-ia, sai-ia, gai-io-la, mai-iús-cu-la*), conforme explicamos acima.

✔ Na poesia, exigências de ordem fonética ou estilística podem converter hiatos em ditongos (*sinérese*) ou dissolver ditongos em hiatos (*diérese*).

7 CLASSIFICAÇÃO DAS CONSOANTES

As consoantes são classificadas de acordo com quatro critérios:

- modo de articulação
- ponto de articulação
- função das cordas vocais
- função das cavidades bucal e nasal

FUNÇÃO DAS CAVIDADES BUCAL E NASAL		ORAIS						NASAIS
MODO DE ARTICULAÇÃO		OCLUSIVAS		CONSTRITIVAS				
				fricativas		vibrantes	laterais	
FUNÇÃO DAS CORDAS VOCAIS		surdas	sonoras	surdas	sonoras	sonoras	sonoras	sonoras
Ponto de articulação	bilabiais	*p*	*b*					*m*
	labiodentais			*f*	*v*			
	linguodentais	*t*	*d*					
	alveolares			*s* *c* *ç*	*s* *z*	*r* *rr*	*l*	*n*
	palatais			*x* *ch*	*g* *j*		*lh*	*nh*
	velares	*c q* *(k)*	*g* *(guê)*					

- **Modo de articulação**

É a maneira pela qual os fonemas consonantais são articulados.

Vindo da laringe, a corrente de ar chega à boca, na qual encontra obstáculo total ou parcial da parte dos órgãos bucais. Se o fechamento dos lábios ou a interrupção da corrente de ar é total, dá-se a oclusão; se parcial, a constrição: daí a divisão das consoantes em *oclusivas* e *constritivas*.

No segundo caso, conforme o modo pelo qual a corrente expiratória escapa, as consoantes podem ser:

a) **fricativas** – quando o ar sai roçando ruidosamente as paredes da boca estreitada: *f, v, ç, s, z, x, j;*

b) ***vibrantes*** – quando o ar produz um movimento vibratório áspero: *r* brando e *r* forte ou múltiplo;

c) **laterais** – quando o ar, encontrando a língua apoiada no palato, é forçado a sair pelas fendas laterais da boca: *l, lh*.

Observação:

✔ As consoantes nasais, que alguns autores incluem entre as oclusivas e outros entre as constritivas, merecem, quanto ao modo de se articularem, classificação à parte, pois, quando as proferimos, há oclusão apenas bucal, chegando o ar às fossas nasais, nas quais ressoa.

▪ Ponto de articulação

É o lugar em que os órgãos entram em contato para a emissão do som.

Quando entram em ação ou contato:

- os lábios, as consoantes são *bilabiais*: **p, b, m**;
- os lábios e os dentes, as consoantes são *labiodentais*: **f, v**;
- a língua e os dentes, as consoantes são *linguodentais*: **t, d**.
- a língua e os alvéolos, temos consoantes *alveolares*: **s, c** (= ç), **z, l, r** (brando), **r** (forte ou múltiplo), **n**;
- o dorso da língua e o palato duro (céu da boca), as consoantes se chamam *palatais*: **j, g** (= j), **x, lh, nh**;
- a parte posterior da língua e o véu palatino (palato mole), as consoantes denominam-se *velares*: **c** (k), **q, g** (guê).

As consoantes produzidas pelo concurso dos mesmos órgãos denominam-se *homorgânicas*. Exemplos:

t / d **s / z** **p / b** **c** (k) / **g** (guê)

▪ Função das cordas vocais

Se a corrente de ar puser as cordas vocais em vibração, teremos uma consoante *sonora*; caso contrário, a consoante será *surda*.

▪ Função das cavidades bucal e nasal

Quando o ar sai exclusivamente pela boca, as consoantes são *orais*; se, pelo abaixamento da úvula, o ar penetra nas fossas nasais, as consoantes são *nasais*: **m, n, nh**.

Observações:

✔ Os signos *m* e *n* são consoantes apenas em início de sílaba: *mato, remo, nado, sino*, etc.; em final de sílaba, como nas palavras *campo, tempo, conde, fundo, anta, lindo*, são simples sinais de nasalização da vogal ou do ditongo anterior.

✔ Na pronúncia normal brasileira, o *l*, em final de sílaba, tem realização antes de *velar* do que *alveolar*, vocalizando-se aproximadamente como um *u*: *alto* (aultu), *mal* (mául), *anel* (aneul), *filme* (fiulme), etc. Ao escrever tais palavras, não se pode trocar o *l* por *u*.

- ✔ O *r* forte, em final de sílaba, como em *porta, carne, levar*, é proferido como velar no Rio de Janeiro e em outras áreas do Brasil. Tanto a pronúncia velar como a alveolar são boas. O mesmo não se pode dizer da realização linguopalatal (*r* caipira), desagradável ao ouvido, dominante em certas áreas dos estados de São Paulo, Minas Gerais e Mato Grosso do Sul.
- ✔ No português do Brasil, as consoantes *d* e *t*, quando seguidas da vogal ou da semivogal *i*, geralmente se palatalizam: *dinheiro* (djinhêiru), *diabo* (djiábu), *tia* (tchia), *mate* (mátchi).
- ✔ Na pronúncia normal brasileira, o *s* final de sílaba soa aproximadamente como *z*: *ondas, peles, lesma*, etc. A melhor produção do *s*, neste caso, é a alveolar e não a palatal (como *x*). Soam desagradáveis os *ss* exageradamente "puxados", à carioca.
- ✔ Para representar os fonemas palatais *lh* e *nh*, não há signos próprios em nosso alfabeto. É que tais fonemas inexistem no grego e no latim.

8 ENCONTROS CONSONANTAIS

Encontro consonantal é a sequência de dois ou mais fonemas consonânticos numa palavra. Exemplos:

brado, **cr**eme, **pl**ano, re**gr**a, **cl**o, a**tl**eta, a**tr**ás, **tr**anstorno, **ps**íquico, **pn**eumático, obtu**r**, di**g**no, e**n**igma, obs**tr**uir, sub**d**elegado, infecção, **st**mo, fórceps, **Pt**olomeu, **tch**eco, tsé-tsé, lam**bd**a, lam**bd**acismo, etc.

O encontro consonantal pode ocorrer:

a) na mesma sílaba:

cli-ma, **fl**o-res, du-**pl**o, **br**a-do, re-**pr**e-sa, le-**tr**a, **cz**ar, **ps**eu-dô-ni-mo, **mn**e-mô-ni-co, **ps**i-co-se, etc.

São encontros consonantais inseparáveis, mais frequentemente formados de *consoante* + *l* ou *r*.

b) em sílabas diferentes:

ad-ven-to, **ob**-tu-so, **ap**-to, fú**c**-sia, pa**c**-to, su**c**-ção, na**f**-ta, **sub**-lo-car, **sub**-lin-gual, in-cóg-ni-ta, ét-ni-co, **cons**-tar, cor-**rup**-ção, **obs**-tá-cu-lo, etc.

São encontros consonantais *separáveis*. Ocorrem sempre no interior das palavras e geralmente são formados de duas consoantes.

Observações:

- ✔ Pronunciam-se separadamente o *b* e o *l* das palavras *sublinhar, sublegenda, sublacustre, sublingual, sublocar, sublocação* e *sublunar*, formadas com o prefixo *sub*.
- ✔ Em palavras como *samba, renda, lindo*, não há encontro consonantal, porque, como já vimos, *m* e *n*, em final de sílaba, não representam fonemas, são letras nasalizadoras, têm a função do til: *sãba, rẽda, lĩdo*.
- ✔ Não se deve confundir encontro consonantal com dígrafo, que a seguir estudaremos.

9 DÍGRAFOS

Dígrafo é o grupo de duas letras representando um só fonema. Na palavra **ch**ave, por exemplo, que se pronuncia **x**ávi, ocorre o dígrafo **ch**.

a) Dígrafos que representam consoantes:

ch: chapéu, cheio
lh: pilha, galho
nh: banho, ganhar
rr: barro, erro
ss: asseio, passo
gu: (antes de *e* ou *i*): guerra, seguinte
qu: (antes de *e* ou *i*): leque, aquilo
sc: (antes de *e* ou *i*): descer, piscina
sç: (antes de *a* ou *o*): desça, cresço
xc: (antes de *e* ou *i*): exceção, excitar

Observações:

✔ Em palavras em que as duas letras se pronunciam, os grupos *gu, qu, sc* e *xc* não são dígrafos, como nos exemplos: *agudo, aguentar, aquático, frequente, escada, exclamar.*

✔ Na divisão gráfica das sílabas, cinco desses dígrafos (*ch, lh, nh, gu, qu*) são inseparáveis, e os cinco outros (*rr, ss, sc, sç, xc*), separáveis: *ter-ra, os-so, pis-ci-na, cres-ça, ex-ce-to.*

✔ Dígrafo não é encontro consonantal, pois representa um só fonema.

b) Dígrafos que representam vogais nasais:

am: tampa (tãpa)
em: tempo (tẽpu)
im: limpo (lĩpu)
om: ombro (õbru)
um: jejum (jejũ)
an: santa (sãta)
en: venda (vẽda)
in: linda (lĩda)
on: sonda (sõda)
un: mundo (mũdu)

No fim das palavras, como *falam* (fálãu), *batem* (bátẽi), *alguém* (alguẽi), *am* e *em* não são dígrafos, porque representam um ditongo nasal, portanto, dois fonemas.

10 NOTAÇÕES LÉXICAS

Notações léxicas são certos sinais gráficos que se juntam às letras, geralmente para lhes dar um valor fonético especial e permitir a correta pronúncia das palavras.

São as seguintes:

- o **acento agudo** – indica vogal tônica aberta: *pé, avó, lágrima;*
- o **acento circunflexo** – indica vogal tônica fechada: *avô, mês, âncora;*
- o **acento grave** – sinal indicador de crase: ir à cidade;
- o **til** – indica vogal nasal: *lã, põe, ímã, romãzeira;*
- a **cedilha** – dá ao *c* o som de *ss*: *moça, laço, açude;*
- o **apóstrofo** – indica supressão de vogal: *mãe-d'água, pau-d'alho;*
- o **hífen** – une palavras, prefixos, etc.: *arco-íris, peço-lhe, ex-aluno.*

O emprego das notações léxicas, também denominadas **sinais diacríticos**, será estudado em **Ortografia**, páginas 80 a 85.

EXERCÍCIOS

LISTA 01

1. Explique para cada uma das listas de palavras abaixo o tipo de imperfeição que ocorre na representação dos fonemas:

a) maCHado – miLHo – uNHa – caRRo – oSSo – seGUir

b) eXame – Xale – teXto – próXimo – táXi – heXacampeão

c) taMbor – diamaNte – doeNte – nogUeira

d) seXo – tóXico – oXigênio – aXila – fluXo – tóraX

e) eXilar – coZido – corteSia

f) bEM – armazÉM – ajudEM – lutAM – escutarAM

g) Hospital – piScina – eXceção – reqUisito

2. Copie apenas as afirmações verdadeiras:

a) Na língua portuguesa, a vogal é o elemento básico, suficiente e indispensável para a formação de sílabas.

b) Todas as vogais nasais são fechadas.

c) Na palavra **cafezinho**, E é vogal tônica.

d) Na produção das vogais orais, a úvula se levanta, impedindo que a corrente de ar chegue às fossas nasais.

e) A única maneira de representar uma vogal nasal é sobrepor um til à letra que a simboliza.

3. Em português há sete vogais orais e cinco vogais nasais. Copie-as em seu caderno, substituindo o triângulo pelas que faltam e os seus respectivos exemplos:

Orais		**Nasais**	
1 - *i* (vi)	5 - *u* (tu)	1 - *ĩ* (sim)	4 - *ũ* (um)
2 - *ê* (lê)	6 - *ô* (dor)	2 - *ã* (lã)	5 - Δ
3 - *é* (pé)	7 - Δ	3 - *õ* (onda)	
4 - *a* (pá)			

4. Classifique no seu caderno as vogais em destaque dos vocábulos seguintes, de acordo com o exemplo:

cafÉ: anterior, aberta, oral, tônica

a) sofÁ

b) cÂntico

c) pOços

d) Unicamente

e) cEdo

5. Responda:

Na palavra **ódio**, o ditongo é crescente porque a semivogal vem antes da vogal base.

Por que na palavra **boi** o ditongo é decrescente?

6. Reescreva as palavras abaixo, colocando na frente de cada uma os números correspondentes ao tipo de ditongo:

(1) ditongo oral decrescente

(2) ditongo oral crescente

(3) ditongo nasal decrescente

(4) ditongo nasal crescente

ouro	cãibra	doido
pão	mau	araquã
frequente	tênue	múmia
muito	refém	quando
viu	estavam	exíguo

7. Separe as palavras abaixo em três colunas: ditongos, tritongos e hiatos:

equestre – ciúme – radiouvinte – mínguam – fortuito – poético – quaisquer – aquático – reagir – pessoa – guaicuru – averiguou

8. Classifique os encontros vocálicos abaixo, indicando se são orais ou nasais, crescentes ou decrescentes:

Paraguai – aguentar – saguão – reeleito – circuito – caótico – artéria – apaziguei – quieto – triunfo – saguões – gratuito – iguaizinhos – propõe – orquídea – uruguaianense – pinguim – sequoia

9. Copie a única palavra em que há ditongo nasal:

viajante – nogueira – mágoa – cantavam – hortênsia

10. Substitua o * nas palavras, usando adequadamente o ditongo nasal **ão** ou **am**:

estav * est * s * seri * der *

11. Copie em seu caderno apenas as palavras em que ocorre hiato:

viúva – viu – coeso – sueco – ruivo – ruína – ruíra – caí – cai – lagoa – beato – sai – saíra – preencher – água – pajeú – rua – ruim – pais – país

12. Nas palavras **ninguém**, **lagoa**, **queijo**, **lírio** e **Uruguai**, há, respectivamente:

a) hiato – ditongo decrescente – hiato – hiato – tritongo

b) ditongo decrescente – hiato – tritongo – hiato – tritongo

c) ditongo decrescente – hiato – ditongo decrescente – ditongo crescente – tritongo

13. Copie as palavras abaixo, modificando a intensidade da penúltima vogal, de tal modo que de tônica se torne átona:

alivio – desanimo – magoas – habito – auxilio – secretaria – penitencia – fotografo – pronuncia – renuncia – obvia – autentica – seria – negocio – calculo – animo – incomodo

14. Quais, das alternativas abaixo, são as duas melhores pronúncias do **R** forte, em final de sílaba, como nas palavras **doutor** e **carne**:

- realização linguopalatal, frouxa?
- realização alveolar, nítida?
- realização velar, nítida?

15. Classifique as consoantes da palavra **caderno**:

Exemplos: C – consoante oral, oclusiva surda, velar.

16. Copie os vocábulos abaixo e em seguida assinale aqueles em que **M** e **N** não são fonemas, porém sinais de nasalização de vogais:

remo – campo – lembrança – maduro – ontem – honesto – lindo – hífen – algum – amor – cólon – simples – camada – hino – fundo

17. Escreva as palavras abaixo, sublinhando os encontros consonantais e passando um traço em volta dos dígrafos:

equestre – pneumático – guitarra – occipital – digno – obter – nascer – recepção – repleto – psicologia – cacique – telha – facho – exceder – sessão – sonho – czar – mnemônico – admitir – tambor – canto – apto – nafta – gente – fúcsia – bilíngue – sucção

18. Escreva os vocábulos listados, circulando a única palavra:

a) em que o encontro consonantal pertence a sílabas diferentes:
sublime – sublocar – abrolhar – psicólogo – aglutinar

b) em que o fonema consonântico está representado incorretamente:
malvado – alto – natureza – freguesa – coucha – granjear – maldade

19. Por que em **samba** e **lenda** não há encontro consonantal?

20. Copie as palavras, identificando em seguida, entre parênteses, o valor fonético da letra **x**.

Exemplos: **eixo** (ch) – **sexto** (s) – **fixo** (cs) – **auxílio** (ss) – **hexaedro** (cz) – **exame** (z) – **exceto** (-)

elixir	sintaxe	maxilar
exalar	vexame	prolixo
fluxo	exorbitar	axila
texto	clímax	excêntrico
coxa	exímio	máximo
êxodo	léxico	cóccix
tóxico	nexo	exíguo
exonerar	trouxe	profilaxia
exceção	excitar	oxítono
ortodoxo	hexágono	hexacampeão

21. No texto "A água" (página 20), ocorrem palavras com sons expressivos. Informe quais são e o que sugerem.

22. Os textos abaixo são fragmentos de poemas. Aponte os versos com sons expressivos e informe o que sugerem:

texto A

O sino bate,
o condutor apita o apito,
solta o trem de ferro um grito,
põe-se logo a caminhar...

– Vou danado pra Catende,
vou danado pra Catende,
vou danado pra Catende
com vontade de chegar...

Mergulham mocambos
nos mangues molhados,
moleques, mulatos
vêm vê-lo passar.

(Ascenso Ferreira, *Poemas*, p. 137, Recife, 1959)

texto B

Sino de Belém,
Sino da Paixão...

Sino de Belém,
Sino da Paixão...

Sino do Bonfim...
Sino do Bonfim...

Sino de Belém, pelos que inda vêm!
Sino de Belém bate bem-bem-bem.

Sino da Paixão, pelos que lá vão!
Sino da Paixão, bate bão-bão-bão.

(Manuel Bandeira, *Poesia Completa e Prosa*, p. 225, Aguilar, 1967)

23. Diga quantos fonemas e quantas letras há em cada palavra destacada:
"Não serei o poeta de um **mundo caduco**.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou **preso** à vida e **olho** meus **companheiros**." (Carlos Drummond de Andrade)

24. Procure no fragmento de Drummond transcrito acima:
a) dois exemplos de dígrafos.
b) dois exemplos de dígrafos que representam vogais nasais.
c) um exemplo de encontro consonantal.
d) um exemplo em que *em* apareça representando ditongo nasal na fala.

25. Quatro das palavras abaixo possuem o mesmo número de fonemas. Identifique-as:
horrível – sílaba – coqueiro – ferreiro – piscina – planalto – palavra – chuvinha – projeto

26. Identifique o(s) fonema(s) que corresponde(m) à letra **x** de cada palavra:
a) fixo b) próximo c) caixa d) exato e) fênix

27. Nas palavras abaixo, aponte as que contêm dígrafo (D), encontro consonantal (EC), ditongo (DI), hiato (H) ou tritongo (T):

queijo	frequência	linguiça	quilômetro
blocos	conflito	quais	aguente
mágoa	magoa	guitarra	traído

FONEMAS
Exercícios de exames e concursos
[Página 664]

SÍLABA
TONICIDADE

Sílaba é um fonema ou grupo de fonemas emitidos num só impulso da voz (impulso expiratório).

Na palavra *azeite*, por exemplo, há três sílabas: *a-zei-te*.

Na língua portuguesa, a sílaba se forma necessariamente com uma vogal, a que se agregam, ou não, semivogais ou consoantes.

1 CLASSIFICAÇÃO DAS PALAVRAS QUANTO AO NÚMERO DE SÍLABAS

Quanto ao número de sílabas, classificam-se as palavras em:

- **monossílabas** – as que têm uma só sílaba:
  pó, luz, é, pão, pães, mau, reis, boi, véus, etc.
- **dissílabas** – as que têm duas sílabas:
  café, livro, leite, caixas, noites, caí, roer, etc.
- **trissílabas** – as constituídas de três sílabas:
  jogador, cabeça, ouvido, saúde, circuito, etc.
- **polissílabas** – as que têm mais de três sílabas:
  casamento, americano, responsabilidade, jesuíta, etc.

2 DIVISÃO SILÁBICA

A divisão silábica faz-se pela silabação, isto é, pronunciando as palavras por sílabas. Na escrita, separam-se as sílabas por meio do hífen:

te-sou-ro, di-nhei-ro, con-te-ú-do, ad-mi-tir, guai-ta-cá, sub-le-var.

Regra geral:

✔ Na escrita, não se separam letras representativas da mesma sílaba.

Regras práticas:

✔ Não se separam letras que representam:

a) ditongos: c**au**-le, tr**ei**-no, ân-s**ia**, ré-g**ua**s, so-c**ie**-da-de, g**ai**-o-la, ba-l**ei**-a, des-m**ai**-a-do, im-b**ui**-a, etc.

b) tritongos: Pa-ra-guai, quais-quer, sa-guão, sa-guões, a-ve-ri-guou, de-lin-quiu, ra-diou-vin-te, U-ru-guai-a-na, etc.

c) os dígrafos *ch, lh, nh, gu* e *qu*: fa-cha-da, co-lhei-ta, fro-nha, pe-guei, quei-jo, etc.

d) encontros consonantais inseparáveis: re-cla-mar, re-ple-to, pa-trão, gno-mo, mne-mô-ni-co, pneu-mo-ni-a, pseu-dô-ni-mo, psi-có-lo-go, bí-ceps, etc.

✔ Separam-se as letras que representam os hiatos:

sa-ú-de, Sa-a-ra, sa-í-da, ca-o-lho, fe-é-ri-co, pre-en-cher, te-a-tro, co-e-lho, zo-o-ló-gi-co, du-e-lo, ví-a-mos, etc.

✔ Contrariamente à regra geral, separam-se, por tradição, na escrita, as letras dos dígrafos *rr, ss, sc, sç* e *xc*:

guer-ra, sos-se-go, pis-ci-na, des-çam, cres-ço, ex-ce-ção, etc.

✔ Separam-se, obviamente, os encontros consonantais separáveis, obedecendo-se ao princípio da silabação:

ab-do-me	ad-je-ti-vo	de-cep-ção	ls-ra-el
sub-ma-ri-no	ad-mi-rar	ap-ti-dão	felds-pa-to
sub-lin-gual	af-ta	e-clip-se	trans-tor-no
sub-lo-car	of-tal-mo-lo-gis-ta	rap-to	sols-tí-cio
ab-so-lu-to	e-nig-ma	rép-til	rit-mo
fric-ção	ma-lig-no	pers-pi-caz	ist-mo
in-fec-ção	dig-no	subs-tân-cia	ex-cur-são
téc-ni-co	mag-nó-lia	abs-tra-to	ex-clu-ir

Observação:

✔ Os grupos consonânticos separáveis são sempre internos. Os encontros *gn, ps, pt* e *tm*, quando internos, podem ser pronunciados juntos, na mesma sílaba: di-gno, eli-pse, ra-pto, ri-tmo, etc.

✔ O *x* com valor fonético de */cs/* junta-se à vogal seguinte (quando houver):

fi-xar, com-ple-xo, tó-xi-co, re-fle-xão, o-xi-gê-nio, etc.

✔ Na divisão silábica, não se levam em conta os elementos mórficos das palavras (prefixos, radicais, sufixos):

de-sa-ten-to, di-sen-te-ri-a, tran-sa-tlân-ti-co, su-ben-ten-di-do, su-bes-ti-mar, in-te-rur-ba-no, su-bur-ba-no, bi-sa-vó, hi-dre-lé-tri-ca, etc.

3 PARTIÇÃO DAS PALAVRAS EM FIM DE LINHA

Na translineação, isto é, ao passar de uma linha para a seguinte, além das *normas estabelecidas* para a divisão silábica, seguir-se-ão os seguintes critérios:

- Dissílabos como aí, saí, ato, rua, ódio, joia, unha, etc. não devem ser partidos, para que uma letra não fique isolada no fim ou no início da linha.

- Na partição de palavras de mais de duas sílabas, não se isola sílaba formada por uma vogal:

  agos-to (e não *a-gosto*), **la-goa** (e não *lago-a*), **ida-de** (e não *i-dade*).

- Na partição de compostos hifenizados, ao translinear, repetir-se-á o hífen quando a secção da palavra coincidir com o final de um dos elementos do vocábulo composto:

saca-	cana-	bem-me-
-rolhas	-de-açúcar	-quer

4 ACENTO TÔNICO

Num vocábulo de duas ou mais sílabas, há, em geral, uma que se destaca por ser proferida com mais intensidade que as outras: é a *sílaba tônica*. Nela recai o *acento tônico*, também chamado *acento de intensidade* ou *prosódico*. Nos exemplos seguintes, as sílabas tônicas estão em destaque:

café – janela – **médico** – estômago – colecionador

Observações:

✔ O acento tônico é um fato fonético e não deve ser confundido com o acento gráfico (agudo ou circunflexo) que às vezes o assinala.

✔ A sílaba tônica nem sempre é acentuada graficamente. Exemplos: cedo, *flores*, *bote*, pessoa, *senhor*, *caju*, *tatus*, *siri*, abaca*xis*.

Certos vocábulos derivados, geralmente polissílabos, além da sílaba tônica (em que recai o acento principal ou tônico), possuem uma *sílaba subtônica*, com acento secundário. Nos exemplos seguintes, as sílabas subtônicas aparecem em destaque:

caFEzinho – INdiazinha – RApidamente – COmodamente

As sílabas que não são tônicas nem subtônicas chamam-se *átonas* (= fracas), e podem ser *pretônicas* ou *postônicas*, conforme estejam antes ou depois da sílaba tônica. Exemplos:

MON → átona	FA → subtônica	HE → pretônica
TA → tônica	CIL → pretônica	ROI → subtônica
NHA → átona	MEN → tônica	ZI → tônica
	TE → postônica	NHO → postônica

5 CLASSIFICAÇÃO DAS PALAVRAS QUANTO AO ACENTO TÔNICO

De acordo com a posição da sílaba tônica, as palavras com mais de uma sílaba classificam-se em:

- **oxítonas** – quando a sílaba tônica é a última:

  caFÉ – raPAZ – escriTOR – maracuJÁ – má-criaÇÃO

- **paroxítonas** – quando a sílaba tônica é a penúltima:

  MEsa – LÁpis – monTAnha – imensiDAde – erva-MAte

- **proparoxítonas** – quando a sílaba tônica é a antepenúltima:
  ÁRvore – quiLÔmetro – MÉxico – pré-hisTÓrico

Observação:

✔ Para a classificação de palavras compostas, considere-se a posição da sílaba tônica do último elemento.

As palavras monossílabas, conforme a intensidade com que se proferem, podem ser *tônicas* ou *átonas*:

- **tônicas** – as que têm autonomia fonética, sendo proferidas fortemente na frase em que aparecem, como as destacadas no exemplo:

  "Pálido, o **Sol** do **céu** se despedia." (Olavo Bilac)

  São monossílabos tônicos:

  é, má, si, dó, nó, eu, tu, nós, ré, pôr, etc.

- **átonas** – as que não têm autonomia fonética, sendo proferidas fracamente, como se fossem sílabas átonas do vocábulo a que se apoiam. Nos exemplos seguintes, os monossílabos destacados são átonos:

  O menino divertia-**se** olhando **os** peixinhos **do** aquário.

  (**O** menino divertia-**se** olhand' **os**peixinhos **do**aquário.)

  "Este céu **que me** leva **ao** fim **de** tudo..." (Dante Milano)

  Os monossílabos átonos são palavras vazias de sentido: artigos, pronomes oblíquos, elementos de ligação (preposições, conjunções). Exemplos:

  o, a, os, as, um, uns, me, te, se, lhe, nos, de, em, e, que.

Os monossílabos átonos apoiam-se, foneticamente, ou na palavra seguinte ou na anterior. No primeiro caso, temos uma *próclise*, e os monossílabos se dizem *proclíticos*:

João *se* arrependeu do que fez.

No segundo caso, há uma *ênclise*, e os monossílabos são *enclíticos*:

João arrependeu-*se* do que fez.

Há monossílabos que são tônicos numa frase e átonos em outras. Exemplos:

Você me chamou para **quê**? (tônico) _____ **Que** tem você? (átono)

Assim **não**! (tônico) _____ **Não** posso ir. (átono)

Há sempre um **mas** para atrapalhar. (tônico) _____ Eu sei, **mas** não digo. (átono)

6 VOCÁBULOS ÁTONOS E VOCÁBULOS TÔNICOS

A maioria dos vocábulos átonos são monossílabos. Alguns, porém, são dissílabos: o artigo *uma*, as preposições *para* e *pera* (arcaica), as contrações *pelo* e *pela* e as conjunções *como* e *porque*.

Só quando proferidas na frase é que podemos perceber se as palavras são átonas ou tônicas.

Quando dois vocábulos paroxítonos são homógrafos, um átono e outro tônico, na escrita o tônico, de acordo com o novo sistema ortográfico, não se acentua mais. Exemplos:

A vida não *para*. (tônico) O *pelo* do gato é macio. (tônico)

Isto é *para* você. (átono) Segui *pelo* atalho. (átono)

7 VOCÁBULOS RIZOTÔNICOS E ARRIZOTÔNICOS

Rizotônicos (do grego *riza,* raiz) são os vocábulos cujo acento tônico incide no radical. Aqueles que têm o acento tônico depois do radical se dizem *arrizotônicos*.

Essa classificação diz respeito particularmente às formas verbais. Considerem-se, por exemplo, as seguintes formas do verbo **escrever**, cujo radical é **escrev**:

escrevo
escreves — formas rizotônicas
escreva

escrevi
escreverá — formas arrizotônicas
escrevendo

8 ACENTO DE INSISTÊNCIA

Sentimentos fortes (emoção, alegria, raiva, medo) ou a simples necessidade de enfatizar uma ideia podem levar o falante a emitir a sílaba tônica ou a primeira sílaba de certas palavras com uma intensidade e duração além do normal. Exemplos:

"Cada qual havia pescado um peixe **deeeeeeeeste** tamanho!" (PEDRO BLOCH)

"Me **saaalva**! – implorou a baratinha." (MILLÔR FERNANDES)

Estúuupido! – gritou a menina, revoltada.

Foi uma noite **maaaravilhosa**!

Deve haver equilíbrio entre exportação e importação.

João não distinguia eminente de iminente.

A esse realce sonoro de uma sílaba dá-se o nome de *acento de insistência* ou *acento enfático*.

Note-se que o acento de insistência nem sempre coincide com a sílaba tônica da palavra, conforme se vê nos três últimos exemplos.

9 ANÁLISE FONÉTICA

Fazer a análise fonética de um vocábulo é classificá-lo quanto ao número de sílabas e o acento tônico, decompor-lhe as sílabas e classificar os fonemas que as constituem. Exemplo:

BAILE: palavra dissílaba paroxítona, rizotônica.

1ª sílaba: **bai**, tônica, constituída pela consoante bilabial oclusiva sonora **b** e pelo ditongo oral decrescente **ai** (**a** vogal + **i** semivogal).

2ª sílaba: **le**, átona postônica, formada pela consoante constritiva lateral alveolar sonora **l** e a vogal anterior reduzida oral átona **e**.

EXERCÍCIOS

LISTA 02

1. Qual é o fonema que, necessariamente, aparece na formação das sílabas em português?

2. Separe as sílabas das palavras de cada grupo, de acordo com a respectiva norma:

   a) Não se separam as vogais dos ditongos – decrescentes e crescentes – nem as dos tritongos:

   louvor – precaução – rádio – história – tênue – paiaguá – aguardente – quaisquer – desiguais – averiguou

   b) Separam-se as vogais dos hiatos:

   saúva – saindo – boato – reedição – coorte – caatinga – freada – jesuíta – poeira – saíamos – triunfo

   c) Separam-se os encontros consonantais internos separáveis:

   absoluto – advogado – dracma – nafta – ritmo – ignorar – decepção – hipnose – apto – técnica – ético – perspectiva

   d) Na divisão silábica não se consideram os elementos mórficos das palavras:

   desatencioso – disenteria – bisavô – transamazônica – interurbano – subestimar – hidrelétrica – exorbitar

3. Divida as sílabas destas palavras, não esquecendo que há dígrafos que se bipartem e outros não:

   cachoeira – consciência – excessivo – descendência – correria – coalhada – ressurreição – distinguiu – desencalhei – quermesse

4. Separe corretamente as sílabas destes vocábulos:

   feiíssimo – substância – perspicácia – iguaizinhos – delinquência – feérico – descêsseis – impregnariam – circunspecto – fricção – leais – despautério – tiziu – obstáculo – clepsidra – abstêmio – substituir – admissão – egípcio – quinquênio

5. Faça como no exercício anterior:

   dispepsia – subsistência – sublocar – paradoxais – interruptor – gnaisse – gipsita – esfíncter – zeugma – quartzo – tungstênio – abstrair – feldspato – paizinho – paisinho – aracnídeo – designar – abdicar – paraibano – núpcias – Quéops

6. Parta de todos os modos admissíveis as seguintes palavras em fim de linha, deixando de lado as que não devem ser partidas:

   olaria – ódio – inexcedível – baú – ilha – ilusório – água – sussurro – ignomínia – oxigênio – auxílio – voo – saí – sabiá

7. Copie, em cada grupo, as palavras partidas corretamente:

   a) dece-pção, ex-ceção, ascen-são, varie-dade
   b) discus-são, fer-reiro, de-sonesto, memóri-a
   c) caço-ada, inter-estadual, pé-rola, coc-ção
   d) o-pinar, ad-quirir, sequên-cia, obs-truir
   e) psico-logia, goi-abeira, enxa-guei, exce-sso

8. Classifique os vocábulos quanto ao número de sílabas:

leiteiro – véus – zombaria – cauim

9. Escreva e sublinhe a sílaba tônica de cada palavra:

sôfrego – sofregamente – cafezinho – paraense – ruim – ruidoso

10. Separe as sílabas das palavras **caótico**, **desobstruiu** e **perspectiva** de modo que as sílabas tônicas coincidam com os asteriscos:

			*				*			*		

11. Organize os vocábulos em três colunas, de acordo com a acentuação tônica: oxítonos, paroxítonos e proparoxítonos:

obstáculo – horizontal – rapidamente – timidez – esperávamos – lavrador – precioso – epidemia – atlético – madrepérola – enlouqueceu – taubateense – vice-diretor – neocomungante – fenômenos

12. Copie as palavras em seu caderno e passe um traço em volta das sílabas subtônicas:

dificilmente – instantaneamente – cristãmente – otimamente – tunelzinho – chapeuzinho – mãozinhas – papelzinho

13. Copie o trecho abaixo, sublinhando os monossílabos átonos com um traço e os tônicos com dois:

Por certo que foi esse céu luminoso

o brilho primeiro do "– Faça-se a luz!"

(ROSAMARIA CASTELO BRANCO)

14. Copie os pares de frases abaixo, acentuando corretamente o homógrafo monossílabo tônico para distingui-lo do homógrafo átono:

a) Senna foi um **as** do automobilismo.
Lave **as** mãos antes das refeições.

b) Cão **que** ladra não morde.
Você quer o carro para **que**?

c) Errei **por** distração.
Começou a **por** defeitos em mim.

d) **Da** o que podes.
Preciso **da** chave.

e) Chegou **de** noite.
Não **de** gritos.

f) Que pessoas **mas**!
Sofre, **mas** não chora.

15. Registre em seu caderno a frase em que o acento de insistência não coincide com a sílaba tônica da palavra:

À nossa frente erguia-se uma montanha enooorme!

A viagem foi maaaravilhosa!

16. Escreva os grupos de palavras e sublinhe em cada um a que não é proparoxítona:

a) êxodo – apóstata – rubrica – anátema – óbolo
b) aríete – incólume – munícipe – trôpego – ibero
c) zênite – década – abóbada – avaro – silvícola

17. Informe no seu caderno a série em que há palavras cuja divisão silábica é incorreta:

a) tó-xi-co, ru-im, gra-tui-to, ex-ce-ção
b) sub-li-nhar, e-clip-se, in-fec-ção, de-son-ra
c) te-a-tro, des-ones-to, ap-ti-dão, sub-es-ti-mar

18. Divida as palavras abaixo em sílabas e localize a sílaba tônica de cada uma:

quaisquer – enfronhado – psicólogo – advogado – fôssemos – exceção – coordenadora – piscina

19. Classifique as palavras do exercício anterior quanto à posição da sílaba tônica.

20. Leia o trecho abaixo, separe as sílabas das palavras destacadas e, depois, classifique-as de acordo com a posição da sílaba tônica:

Nos mundos imaginados por esse **escritor**, nascido no **México**, o futuro é sempre **pior** que o presente. O que já é **ruim** hoje tende a piorar. Como **morreu** há vinte anos, não seria de **admirar** que o **chamassem** de visionário.

21. Crie novas palavras apenas substituindo a sílaba tônica por uma átona. Depois construa uma frase com cada nova palavra, deixando clara a diferença de sentido entre elas:

Tônico – análise – sabiá – fotógrafo – número

22. Destaque, no fragmento abaixo, os monossílabos que encontrar, dizendo se são átonos ou tônicos:

O movimento do trem lhe dá a incrível sensação de irrealidade e leva-o a concordar com aqueles que afirmam ser a realidade apenas um de nossos sonhos. Põe, então, os óculos de grau e, ignorando a insuficiência de luz, retoma a leitura, pensando que aquelas afirmações sem pé nem cabeça apenas podem provocar dó em quem as ouvir.

23. Releia os monossílabos que localizou no exercício anterior, observando a ocorrência de acentuação gráfica. O que é possível concluir quanto à acentuação dos monossílabos?

SÍLABA TONICIDADE
Exercícios de exames e concursos
[Página 664]

ORTOÉPIA
PROSÓDIA

1 ORTOÉPIA

A *ortoépia* (do grego *orthós*, correto + *hepós*, fala) ocupa-se da boa pronunciação das palavras, no ato da fala. É fonética prática, dinâmica, e merece especial atenção no estudo da língua.

A ortoépia preceitua:

- a perfeita emissão das vogais e dos grupos vocálicos, enunciando-os com nitidez, sem acrescentar nem omitir ou alterar fonemas, respeitando o timbre (aberto ou fechado) das vogais tônicas, tudo de acordo com as normas da fala culta. Exemplos:

  m**o**leque, ch**o**ver, c**o**légio, búss**o**la, e não: m**u**leque, ch**u**ver, c**u**légio, búss**u**la

  f**ei**xe, qu**ei**jo, qu**ei**xa, **ou**ro, e não: f**ê**xe, qu**ê**jo, qu**ê**xa, **ô**ro

  r**ou**bo, r**ou**ba, afr**ou**xo, afr**ou**xa, e não: r**ó**bo, r**ó**ba, afr**ó**xo, afr**ó**xa

  fizest**e**s, quisest**e**s, e não: fizést**e**is, quisést**e**is

  caranguejo, band**e**ja, e não: carangueijo, band**ei**ja

  f**o**rnos (ó), p**o**stos (ó), e não: f**ô**rnos, p**ô**stos

  infl**i**gir, mend**i**go, e não: infl**in**gir, mend**in**go

  meteorologia, e não: **meter**ologia ou **metere**ologia

- a articulação correta e nítida dos fonemas consonantais. Exemplos:

  mulhe**r**, que**r**, come**r**, fala**r**, e não: mulhé, qué, comê, falá

  pasto**r**, ca**r**ne, po**r**ta, etc., dando-se ao ***r*** final de sílaba som velar ou alveolar

  ma**l**, e não: ma**u** nem ma**r**; m**al**-humorado, e não m**au**-humorado

  vigé**s**imo (zi), compa**nh**ia, e não: vigé**ss**imo, compa**n**ia

  ma**s** (maz), me**s**mo (mezmo), ci**s**ne (cizne) e não: ma**ç**, me**ç**mo, ci**ç**ne

  o**b**ter, a**dm**irar, di**g**no, dece**pç**ão, ri**tm**o, e não: o**bi**ter, a**di**mirar, dí**gui**no, dece**pi**ção, rí**ti**mo

- a correta e adequada ligação das palavras na frase. Exemplo:

  No início da escalada, encontramos um túnel escuro, que atravessamos correndo.

Registramos aqui alguns casos mais frequentes de pronúncias errôneas e, ao lado, as pronúncias corretas:

Pronúncias errôneas	Pronúncias corretas
abissoluto, adevogado	absoluto, advogado
abóboda	abóbada
advinhar, advinho	adivinhar, adivinho
abstênio	abstêmio
afroxa (ó)	afrouxa
aleja (é)	aleija
almejo (é), almeja (é), caleja (é)	almejo (ê), almeja (ê), caleja (ê)
asterístico	asterisco
arrúina	arruína
aterrisagem (zá)	aterrissagem
beneficiente	beneficente
bilingue	bilíngüe
buginganga	bugiganga
carramanchão	caramanchão
cataclisma	cataclismo
colmeia (éi)	colmeia (êi)
cônjugue	cônjuge
degladiar	digladiar
douze	doze (ô)
dignatário	dignitário
desiguinar, desiguina	designar, designa
distingüir, distingüiu	distinguir, distinguiu (gui)
encapuçar, encapuçado	encapuzar, encapuzado
espelha (pé)	espelha (pê)
entitular	intitular
estora (tó)	estoura
extingüir, extingüiu	extinguir, extinguiu (gui)
Efigênia	Ifigênia
faixada	fachada
fascismo (xis), fascista (xis)	fascismo (cis), fascista (cis)
fleugma	fleuma
fluído (substantivo)	fluido (flúi)
freiada, freiar, freiou	freada, frear, freou
frustado, frustar, frustação	frustrado, frustrar, frustração
garage	garagem
gratuíto	gratuito (túi)
hilariedade	hilaridade

impecilho	empecilho
júniores (jú)	juniores (ô)
mãs, mais (conjunção)	mas
mendingo	mendigo
metereologia, meterologia	meteorologia
naiscer	nascer
óbulo	óbolo
opitar, ópito, ópita	optar (op-tar), opto, opta
pégadas (pé)	pegadas (gá)
pósa (verbo *pousar*)	pousa
prazeirosamente	prazerosamente
previlégio	privilégio
própio, apropiado	próprio, apropriado
pissicologia, pissicólogo	psicologia, psicólogo (psi)
qüestão, questã	questão
récorde (ré)	recorde (cór)
róbo, róbas, róba, róbam	roubo, roubas, rouba, roubam
rúbrica (rú)	rubrica (brí)
salchiça, salchicha	salsicha
soar, soo, soa (verbo *suar*)	suar, suo, sua
supertição, superticioso	superstição, supersticioso
tiroide	tireoide (ói)
tóxico (chi), intoxicar (chi)	tóxico (cs), intoxicar (cs)

Em muitas palavras há incerteza, divergência quanto ao timbre das vogais tônicas */e/* e */o/*. Recomenda-se proferir:

a) com timbre aberto: acerbo, badejo, coeso, coevo, grelha, groselha, ileso, obsoleto, coldre, dolo, inodoro, molho (feixe, conjunto), piloro, suor.

b) com timbre fechado: acervo, cerda, escaravelho, interesse (substantivo), reses, algoz, algozes, crosta, bodas, molho (caldo), poça, torpe.

O ditongo *ai* das palavras **Roraima**, **Jaime** e **andaime** pode ser proferido com som nasal, como em **mãe**, ou com som oral, como em **pai**. Já nas palavras terminadas em *-aina* e *-aino*, esse ditongo deve ser emitido com som nasal. Exemplos:

paina (ãi), faina (ãi), plaino (ãi), aplaino (ãi), aplaina (ãi)

2 PROSÓDIA

Prosódia é a parte da fonética que tem por objeto a exata acentuação tônica das palavras.

Há um sem-número de vocábulos que pessoas menos familiarizadas com a norma linguística proferem mal, deslocando-lhes o acento prosódico, cometendo *silabadas*.

Consignamos aqui algumas dessas palavras, com a respectiva classificação tônica, ou seja, como devem ser pronunciadas.

- São **oxítonas:**

cateter	masseter	novéis	reféns
Cister	mister	obus	ruim (í)
condor	negus	oximel (cs)	sutil
Gibraltar	Nobel	recém	sutis
hangar	novel	refém	ureter

- São **paroxítonas:**

alcácer	erudito	opimo
ambrosia (manjar delicioso)	filantropo	pegadas
assecla	fortuito (túi)	penedia
austero	gratuito (túi)	poliglota
avaro	homizio (zí)	primata
avito	ibero	pudico (dí)
aziago	imbele	recorde
batavo	impudico	refrega
Bolívar	inaudito	rocio (cí)
caracteres	látex	rubrica (brí)
celtiberos	libido	Sardanapalo
ciclope	luzidio (dí)	Sólon
cupido (substantivo)	Madagáscar	subido (elevado:
decano	maquinaria (rí)	esmeraldas do mais
díspar	misantropo	*subido* quilate;
edito (lei, decreto)	necromancia	a *subida* (honra)
Epicuro	nenúfar	têxtil
efebo	ônix	tulipa

Observação:

✔ No português do Brasil é corrente a pronúncia *boemia*: Ele vive na *boemia*. *Boêmia* emprega-se como adjetivo, feminino de *boêmio*: Leva uma vida *boêmia*.

Indústria *boêmia* (da Boêmia, região da República Tcheca).

- São **proparoxítonas:**

ádvena	década	lêvedo
aeródromo	édito (ordem judicial)	leucócito
aerólito	égide	munícipe
álacre	elétrodo	Niágara

alcíone
alcoólatra
anátema
apóstata
antídoto
areópago
arquétipo
aríete
azáfama
bígamo
bímano
brâmane
Cérbero
cotilédone
crisântemo
Espártaco
espécime
êxodo
fagócito
férula
gárrulo
hégira
Hélade
hieróglifo
ímprobo
ínclito
ínterim
invólucro
írrito (nulo)
janízaro
notívago (ou noctívago)
Pégaso
périplo
plêiade
pólipo
protótipo
quadrúmano
revérbero
sátrapa
Semíramis
Tâmisa
trânsfuga
végeto (adjetivo)
vermífugo
zênite

Existem não poucas palavras cujo acento prosódico é incerto, oscilante, mesmo na língua culta. Registramos, entre outras, as seguintes, dando, em primeiro lugar, a pronúncia que se vai impondo na língua atual:

acrobata e acróbata – autópsia e autopsia – Bálcãs e Balcãs – hieroglifo e hieróglifo – necrópsia e necropsia – Oceania e Oceânia – ortoépia e ortoepia – projétil e projetil – réptil e reptil – safári e safari – sóror e soror – xerox e xérox

Há palavras que assumem significados diversos, conforme forem paroxítonas ou proparoxítonas:

Cupido: deus do amor, o amor personificado
cúpido: ávido, ambicioso, cobiçoso

fervido: particípio de *ferver*
férvido: quente, apaixonado, ardoroso

provido: particípio de *prover*
próvido: providente, que provê

valido: particípio de *valer*; protegido (valido da rainha)
válido: que tem valor, lícito; que tem saúde, são, vigoroso

vivido: particípio de *viver*; experiente, que viveu, esperto
vívido: vivaz, que tem vivacidade, ardente, brilhante, expressivo

EXERCÍCIOS

LISTA 03

1. Quem pronuncia **inflingir** em vez de **infligir**, que tipo de erro comete?

2. Ao dizer **ariete** em vez de **aríete**, está se incorrendo em que tipo de erro?

3. Pronuncie corretamente, em voz alta, as palavras:

fornos – designar – psicólogo – ele rouba – a bomba estoura – eu adivinho – empecilho – cear – meado – freada – distinguir – gratuito – rubrica – refém – ibero – abóbada – tireoide

4. Pronuncie estas palavras em voz alta, atendendo à correta emissão das vogais e dos grupos vocálicos:

moleque – feixe – feira – aleija – caranguejo – caleja – planejo – touro – rouba – estoura – afrouxa – pousa – fogos – portos – brotos – adivinhar – frear – freada – mágoa – arrepiar – sequer – jabuti – engolir – chover – tábua – tabuada – inigualável – disenteria – cumeeira – invólucro – espocar – mutuca – intitular – silvícola – infligir – mendigo – peneiro – peneira – espelha – espelhe

5. Organize as palavras abaixo em duas colunas, conforme o timbre das vogais tônicas for **aberto** ou **fechado**:

poço – poços – fornos – almoços – reforços – destroços – algoz – algozes – bandeja – badejo – pelejo – planeja – espelha – assemelha – dolo – bodas

6. Faça a correta distinção de pronúncias e de significados das palavras:

pouso e **poso**

pousa e **posa**

pouse, pose (ô) e **pose** (ó)

couro, coro (ô) e **coro** (ó)

7. Escreva as palavras abaixo em seu caderno, substituindo o asterisco, convenientemente, pelas vogais **e** ou **i**, **o** ou **u**:

pr*vilégio – *mpecilho – d*sperdiçar – d*sperdício – front*spício – escárn*o – acr*ano – laj*ano – d*stilar – s*a (transpira) – pir*lito – búss*la – ch*ver – eng*lir – m*cambo – f*cinho – c*tia (animal) – jab*ti – g*ela – táb*a

8. Responda às frases em seu caderno, seguindo o modelo; depois, leia-as em voz alta, observando que os verbos em destaque têm a vogal tônica fechada:

a) Quem **peneira** o arroz? Eu **peneiro** o arroz.

b) Quem **inteira** a quantia?

c) Quem se **espelha** no escuro?

d) Quem se **assemelha** a Sólon?

e) Quem **almeja** a paz?

f) Quem **caleja** as mãos?

g) Quem **despeja** a água?

h) Quem **estoura** a bomba?

9. Em cada grupo há uma palavra errada. Escreva-a e pronuncie-a corretamente.

a) suo – mendigo – supertição – dignitário – próprio

b) previlégio – belchior – fleuma – extinguir – afrouxa

c) doze – caramanchão – infligir – salchicha – vigésimo

d) colmeia – frustado – prazerosamente – bilíngue – óbvio

e) chuvisco – adivinho – compania – supersticioso – Ifigênia

10. Pronuncie as palavras em voz alta, tendo o cuidado de não intercalar vogal nos grupos consonânticos:

absoluto – advertir – obséquio – obstáculo – submisso – obstrução – septo – decepção – facção – sucção – captar – significa – enigma – ritmo – psicologia – psíquico – apto – optar – opção

11. Escreva os vocábulos, colocando o acento gráfico nos que o exigem e escrevendo depois de cada um o tipo de acento prosódico (**oxítono, paroxítono** ou **proparoxítono**):

austero	ciclope	condor	alcoolatra
azafama	gratuito	mister	maquinaria
avaro	ibero	pudico	recem
refem	ariete	inaudito	vermifugo
refens	pleiade	involucro	exodo
bimano	obus	rubrica	sutil

12. Elabore dez frases com palavras extraídas da relação de oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas (páginas 47 e 48); em seguida, leia-as em voz alta:

13. Escreva as sequências em que todas as sílabas tônicas estão bem indicadas:

a) gratuito – recorde – rubrica – Cérbero
b) ruim – interim – bígamo – bímano
c) leucócito – circuito – juniores – inaudito
d) férula – estalido – celtiberos – Nobel
e) erudito – tulipa – sênior – seniores

14. Escolha, em cada item, a palavra adequada para substituir o asterisco na frase:

a) No coração nascem * desejos. (*vividos – vívidos*)
b) A * formiga abasteceu o seu celeiro. (*provida – próvida*)
c) O café foi * sem açúcar. (*fervido – férvido*)
d) João era um * partidário do governo. (*fervido – férvido*)
e) O duque, * do rei, vivia na corte. (*valido – válido*)
f) O juiz considerou * o gol. (*valido – válido*)
g) A menina, * e vivaz, era só alegria. (*gárrula – garrula*)
h) E a menina * e salta e ri. (*gárrula – garrula*)

15. Escreva as palavras, sublinhando aquelas em que o **X** tem valor fonético de **CS**:

fluxo – exortar – tóxico – intoxicar – máximo – extirpar – paradoxo – léxico – exótico – profilaxia – malgaxe – maxila – maxilar

LEITURA

Retreta do Vinte

O cabo mulato balança a batuta,
meneia a cabeça, acorda com a vista
os bombos, as caixas, os baixos e as trompas.

(No centro da praça o busto de D. Pedro escuta.)
Batuta pra esquerda: relincham clarins,
requintas, tintins e as vozes meninas da banda do Vinte.

Batuta à direita: de novo os trombones
e as trompas soluçam. E os bombos e as caixas: ban-ban!

Vêm logo operários, meninas, cafuzas,
mulatos, portugas, vem tudo pra ali.
Vem tudo, parecem formigas de asas
rodando, rodando em torno da luz.

Nos bancos da praça conversas acesas,
apertos, beijocas, talvezes.
D. Pedro II espia do alto.
(As barbas tão alvas,
tão alvas nem sei!)

E os pares passeiam,
parece que dançam,
que dançam ciranda
em torno do rei.

(Jorge de Lima, *Obra Poética*, p. 226, Editora Getúlio Costa, Rio de Janeiro, 1949)

16. Diga se são falsas ou verdadeiras as afirmações abaixo, que se referem à pronúncia das palavras.

a) Não se recomenda pronunciar o u na palavra questão.

b) Escreve-se catorze ou quatorze, mas a pronúncia é sempre catorze.

c) Pronuncia-se a vogal o aberta nos plurais: ossos, tijolos, olhos, tortos, porcos, poços.

d) O som do x soa como KS nas palavras: táxi, crucifixo, fixar, tóxico, intoxicação.

e) São paroxítonas todas as palavras seguintes: gratuito, sótão, ruim, pegada.

f) O d é mudo, não devendo ser pronunciado nas palavras: advogado, admite, ádvena, adjetivo.

g) No poema acima predominam as palavras paroxítonas.

ORTOGRAFIA

Ortografia (do grego *orthographia*, escrita correta) é a parte da Gramática que trata do emprego correto das letras e dos sinais gráficos na língua escrita.

Em português utilizam-se, na expressão escrita, letras, sinais diacríticos e sinais de pontuação.

O sistema ortográfico atualmente em vigor é o de 1990, decorrente do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa assinado em Lisboa, em 16 de dezembro daquele ano, pelos representantes dos sete países lusófonos e aprovado pelo Congresso Nacional em 1994.

O objetivo principal desse novo Acordo Ortográfico não foi, como era de se esperar, a simplificação, mas a unificação ortográfica da língua portuguesa falada na comunidade lusófona.

Razões de ordem fonética, ou seja, a diversidade de pronúncia entre portugueses e brasileiros, não permitiram alcançar uma padronização ortográfica perfeita; mesmo assim, o novo Acordo representa uma louvável iniciativa na busca da tão almejada unidade ortográfica de um dos idiomas mais falados no mundo.

Para nós, brasileiros, as alterações ortográficas introduzidas na língua pelo novo sistema são, lamentavelmente, superficiais, visto que se restringem ao uso dos sinais diacríticos (acentos gráficos, trema, hífen, apóstrofo). São mais sensíveis para os portugueses e os lusofalantes africanos, que passarão a grafar sem as consoantes mudas *c* e *p* palavras como *actor*, *director*, *lectivo*, *óptimo*, etc.

Observações:

- ✔ Continuarão, porém, os portugueses a escrever *facto*, *projecto*, *indemne*, *indemnizar* e outras palavras. Grafarão também, de modo diverso do nosso, vocábulos em que as vogais *e* e *o*, em final de sílaba e seguidas de *m* ou *n*, eles pronunciam com timbre aberto, como *génio*, *efémero*, *cómodo*, *fenómeno*, *tónico*, *fémur*, *ténis*, *ónus*, etc., contrariamente aos falantes brasileiros, que proferem tais palavras com timbre nasal fechado: *gênio*, *fenômeno*, *tônico*, *fêmur*, *cômodo*, etc.
- ✔ Apresentamos neste capítulo e no seguinte, sob forma acessível, as regras básicas essenciais para a escrita correta das palavras de nossa língua e a adequada utilização dos sinais gráficos, em consonância com as normas traçadas pelo Acordo Ortográfico de 1990.

1 ALFABETO PORTUGUÊS

O alfabeto da Língua Portuguesa compõe-se de 26 letras:

a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v, w, x, y, z

Ora sozinhos, ora combinados com outras letras ou auxiliados por certos sinais gráficos (acentos, til, cedilha, etc.), estes signos representam os mais de trinta fonemas de nossa fala.

Quanto à forma, as letras podem ser maiúsculas ou minúsculas, de imprensa (ou de fôrma) ou manuscritas.

Como vimos nas páginas anteriores, nosso sistema ortográfico não é totalmente fonético, pois nem sempre a grafia corresponde à pronúncia das palavras. Tem deficiências e imperfeições, responsáveis pela maioria das dificuldades com que nos defrontamos no emprego de certas letras, sobretudo as que representam fonemas consonânticos alveolares e palatais fricativos: *g* ou *j*? *s* ou *z*? *ch* ou *x*?, etc.

2 EMPREGO DAS LETRAS *K*, *W* E *Y*

Usam-se apenas:

- em abreviaturas e como símbolos de termos científicos de uso internacional:
  km (quilômetro), *kg* (quilograma), *K* (potássio), *w* (watt), *W* (oeste), *Y* (ítrio), *yd* (jarda), etc.
- na transcrição de palavras estrangeiras não aportuguesadas:
  kart, kibutz, smoking, show, watt, playground, playboy, hobby, etc.
- em nomes próprios estrangeiros não aportuguesados e seus derivados:
  Kant, Franklin, Shakespeare, Wagner, Kennedy, Mickey, Newton, Darwin, Hollywood, Washington, Kremlin, Byron, Walt Disney, kantismo, byroniano, shakespeariano, kartista, parkinsonismo, parkinsoniano, Disneylândia, etc.

Observações:

✔ Em palavras estrangeiras aportuguesadas, bem como nos demais casos não previstos acima, o *k* foi substituído por *c* ou *qu*, conforme o caso, o *w* por *v* ou *u*, conforme o valor fonético, e o *y* por *i*: *uísque, lorque, Bálcãs, bloco, sandufche, vermute, Válter, Osvaldo, jóquei, iate, ianque, Niterói, Rui, guarani, heureca, viquingue* (menos usado que *viking*), etc.

✔ Na transcrição de etnônimos brasílicos, os etnólogos utilizam essas letras exóticas: *Kamayurá, Kayabi, Kaingang, Waiká, Suyá*, etc. É preferível, porém, grafar-se *camaiurá, caiabi, caingangue, uaicá, suiá*, etc., como fazem os dicionaristas modernos.

3 EMPREGO DA LETRA H

Esta letra, em início ou fim de palavras, não tem valor fonético; conservou-se apenas como símbolo, por força da etimologia e da tradição escrita. Grafa-se, por exemplo, *hoje*, porque esta palavra vem do latim *hodie*.

Emprega-se o H:

a) inicial, quando etimológico:

hábito, hélice, herói, hérnia, hesitar, haurir, hilaridade, homologar, Horácio, haxixe, hortênsia, hulha, etc.

b) medial, como integrante dos dígrafos *ch, lh, nh*:

chave, boliche, broche, cachimbo, capucho, chimarrão, cochilar, fachada, flecha, machucar, mochila, telha, companhia, etc.

c) final e inicial em certas interjeições:

ah!, ih!, eh!, oh!, hem?, hum!, etc.

d) em compostos unidos por hífen, no início do segundo elemento, se etimológico:

sobre-humano, anti-higiênico, pré-histórico, super-homem, etc.

e) no substantivo próprio *Bahia* (estado do Brasil), por secular tradição.

Observações:

✔ Sem *h*, porém, os derivados *baiano, baianinha, baião, baianada, baianismo, baianidade, laranja-da-baía* e o antropônimo *Baía* (José Baía).

✔ A bem da simplificação ortográfica, o *h* deveria ser eliminado nos casos *a* e *d* acima.

Não se usa H:

a) no início ou no fim de certos vocábulos, no passado escritos com essa letra, embora sem fundamento etimológico. Exemplos:

ontem, úmido, ume, iate, ombro, rajá, Jeová, Iná, etc.

b) no início de alguns vocábulos em que o *h*, embora etimológico, foi eliminado por se tratar de palavras que entraram na língua por via popular, como é o caso de *erva, inverno* e *Espanha*, respectivamente do latim *herba, hibernus* e *Hispania*.

Observação:

✔ Os derivados eruditos de *erva, Espanha* e *inverno*, entretanto, grafam-se com *h: herbívoro, herbicida, herbáceo, hispânico, hispano, hibernal, hibernar, hibernação.*

c) em palavras derivadas e em compostos sem hífen:

reaver (*re* + *haver*), reabilitar, inábil, desonesto, desonra, desumano, exaurir, lobisomem, turboélice, etc.

4 EMPREGO DAS LETRAS *E, I, O* E *U*

Na língua falada, a distinção entre as vogais átonas /e/ e /i/, /o/ e /u/ nem sempre é nítida. É principalmente desse fato que nascem as dúvidas quando se escrevem palavras como *quase, intitular, mágoa, bulir*, etc., em que ocorrem aquelas vogais.

- **Escrevem-se com a letra *e*:**

a) a sílaba final de formas dos verbos terminados em *-uar*:
continue, continues, habitue, habitues, pontue, pontues, etc.

b) a sílaba final de formas dos verbos terminados em *-oar*:
abençoe, abençoes, magoe, magoes, perdoe, perdoes, etc.

c) as palavras formadas com o prefixo *ante-* (antes, anterior):
antebraço, antecipar, antedatar, antediluviano, antevéspera, etc.

d) Os seguintes vocábulos:

arrepiar	creolina	empecilho	mexerico	senão
cadeado	cumeeira	encarnar	mimeógrafo	sequer
candeeiro	desperdiçar	encarnação	orquídea	seriema
cemitério	desperdício	indígena	peru	seringa
Cireneu	destilar	irrequieto	quase	umedecer
confete	disenteria	lacrimogêneo	quepe	Zeferino

- **Emprega-se a letra *i*:**

a) na sílaba final de formas dos verbos terminados em *-uir*:
diminui, diminuis, influi, influis, possui, possuis, etc.

b) em palavras formadas com o prefixo *anti-* (contra):
antiaéreo, Anticristo, antitetânico, antiestético, etc.

c) nos seguintes vocábulos:

aborígine	crânio	erisipela	incinerar	privilégio
açoriano	criar	escárnio	inigualável	requisito
artifício	criador	feminino	invólucro	Sicília (ilha)
artimanha	criação	Filipe	lajiano	silvícola
camoniano	crioulo	frontispício	lampião	siri
Casimiro	digladiar	Ifigênia	pátio	terebintina
chefiar	displicência	inclinar	penicilina	Tibiriçá
cimento	displicente	inclinação	pontiagudo	Virgílio

- **Grafam-se com a letra *o*:**

abolir	chover	mágoa	nódoa
banto	cobiça	magoar	óbolo
boate	cobiçar	mocambo	ocorrência
bolacha	concorrência	moela	rebotalho
boletim	costume	moleque	Romênia
botequim	engolir	mosquito	romeno
bússola	goela	névoa	tribo

- **Grafam-se com a letra *u*:**

bulício	chuvisco	íngua	rebuliço
buliçoso	cumbuca	jabuti	tábua
bulir	cúpula	jabuticaba	tabuada
burburinho	curtume	lóbulo	tonitruante
camundongo	cutucar	Manuel	trégua
chuviscar	entupir	mutuca	urtiga

- **Parônimos**

Registramos alguns parônimos (palavras parecidas na pronúncia e na escrita) que se diferenciam pela oposição das vogais */e/* e */i/*, */o/* e */u/*. Fixemos a grafia e o significado dos seguintes:

área = superfície
ária = melodia, cantiga

arrear = pôr arreios, enfeitar
arriar = abaixar, pôr no chão, cair

comprido = longo
cumprido = particípio de *cumprir*

comprimento = extensão
cumprimento = saudação, ato de cumprir

costear = navegar ou passar junto à costa
custear = pagar as custas, financiar

deferir = conceder, atender
diferir = ser diferente, divergir

delatar = denunciar
dilatar = distender, aumentar

descrição = ato de descrever

discrição = qualidade de quem é discreto

emergir = vir à tona
imergir = mergulhar

emigrar = sair do país
imigrar = entrar num país estranho

emigrante = que ou quem emigra
imigrante = que ou quem imigra

eminente = elevado, ilustre
iminente = que ameaça acontecer

recrear = divertir
recriar = criar novamente

soar = emitir som, ecoar, repercutir
suar = expelir suor pelos poros, transpirar

sortir = abastecer
surtir = produzir (efeito ou resultado)

sortido = abastecido, bem provido, variado
surtido = produzido, causado

vadear = atravessar (rio) por onde dá pé, passar a vau

vadiar = viver na vadiagem, vagabundear, levar vida de vadio

- **Ditongos e hiatos**

a) A semivogal dos ditongos decrescentes orais representa-se com as letras *i* e *u*:

cai, sobressai, dói, herói(s), chapéu(s), Montevidéu, Eliseu, atribui, constitui, possui, possuis, retribui, retribuis, conclui, inclui, etc.

Exceções: ao, aos, Caetano, Caetanópolis, Baependi.

b) Escreve-se e pronuncia-se *ou* e não *o* aberto nos verbos *afrouxar, cavoucar, estourar, pousar* (descer), *repousar, roubar* e suas flexões:

afrouxo, cavouca, estoura, pousa, pousas, pousam, roubo, rouba, roubam, etc.

c) Em alguns vocábulos, o ditongo *ou* alterna com *oi*:

balouçar e baloiçar – dourar e doirar – louro e loiro – mourão e moirão – touça e toiça – toucinho e toicinho, etc.

d) Como já vimos, os verbos terminados em *-oar*, no presente do subjuntivo e no imperativo, escrevem-se com *-oe* e não com *-oi*:

abençoe, abençoes, perdoe, perdoes, amaldiçoe, caçoe, caçoes, abotoe, etc.

e) No presente do subjuntivo e no imperativo, conforme dissemos, os verbos terminados em *-uar* grafam-se com *-ue* e não *-ui*:

cultue, cultues, continue, continues, flutue, preceitue, sue, etc.

5 EMPREGO DAS LETRAS *G* E *J*

Para representar o fonema */j/* existem duas letras: *g* e *j*. Grafa-se este ou aquele signo não de modo arbitrário, mas de acordo com a origem da palavra. Exemplos:

gesso (do grego *gypsos*) – **jeito** (do latim *jactu*) – **jipe** (do inglês *jeep*)

- **Escrevem-se com *g*:**

a) os substantivos terminados em *-agem, -igem, -ugem*:
garagem, massagem, viagem, origem, vertigem, ferrugem, lanugem, etc.

Exceção: pajem.

b) as palavras terminadas em *-ágio, -égio, -ígio, -ógio, -úgio*:
contágio, estágio, egrégio, prodígio, relógio, refúgio, etc.

c) as palavras derivadas de outras que se grafam com *g*:

massagista (de *massagem*) – vertiginoso (de *vertigem*) – ferruginoso (de *ferrugem*) – engessar (de *gesso*) – faringite (de *faringe*) – selvageria (de *selvagem*), etc.

d) os seguintes vocábulos:

algema	gengiva	ginete	herege	rabugice
angico	gesto	gíria	megera	sugestão
apogeu	gibi	giz	monge	tangerina
auge	gilete	hegemonia	rabugento	tigela
estrangeiro				

- **Escrevem-se com *j*:**

a) palavras derivadas de outras terminadas em *-ja*:
laranja: laranjeira, laranjinha
loja: lojinha, lojeca, lojista
granja: granjeiro, granjense, granjear (e suas flexões)

gorja: (garganta): gorjeta, gorjeio, gorjear (e flexões)
lisonja: lisonjeiro, lisonjeador, lisonjear (e flexões)
sarja: sarjeta, sarjar (e flexões)
cereja: cerejeira

b) todas as formas da conjugação dos verbos terminados em *-jar* ou *-jear*:
arranjar: arranje, arranjemos, arranjem, arranjei, etc.
viajar: viajei, viaje, viajemos, viajem (*viagem* é substantivo)
despejar: despejei, despeje, despejem, despejemos, etc.
gorjear: gorjeia, gorjeiam, gorjeavam, gorjeie, gorjeando, etc.

c) vocábulos cognatos ou derivados de outros que têm *j*:
laje: lajedo, Lajes, lajiano, lajense
nojo: nojeira, nojento
jeito: jeitoso, ajeitar, desajeitado, enjeitar, conjetura, conjeturar, dejetar, dejeção, dejeto(s), ejetar, ejeção, ejetor, injetar, injeção, interjeição, objetar, objeção, objeto, objetivo, projetar, projeção, projeto, projétil, rejeitar, rejeição, sujeitar, sujeição, sujeito, subjetivo, trajeto, trajetória, trejeitar, trejeito

d) palavras de origem ameríndia (principalmente tupi-guarani) ou africana:
canjerê, canjica, jenipapo, jequitibá, jerimum, jia, jiboia, jiló, jirau, Moji, mojiano, pajé, pajeú, tijipió, etc.

e) as seguintes palavras:

alfanje	intrujice	Jerônimo	manjedoura	sabujice
alforje	jeca	jérsei	manjericão	sujeira
berinjela	jegue	jiu-jítsu	ojeriza	traje
cafajeste	Jeremias	majestade	pegajento	ultraje
cerejeira	jerico	majestoso	rijeza	varejista

6 REPRESENTAÇÃO DO FONEMA /S/

- **O fonema /s/, conforme o caso, representa-se por:**

a) C, Ç:

acetinado	cimento	exceção	maço	pança
açafrão	dança	Iguaçu	miçanga	pinça
almaço	dançar	maçarico	muçulmano	Suíça
anoitecer	contorção	maçaroca	muçurana	suíço
censura	endereço	maciço	paçoca	vicissitude

b) S:

ânsia	cansar	diversão	hortênsia	remorso
ansiar	cansado	excursão	pretensão	sebo
ansioso	descansar	farsa	pretensioso	tenso
ansiedade	descanso	ganso	propensão	utensílio

c) SS:

acesso	concessão	massa	profissional
acessório	discussão	massagista	ressurreição
acessível	escassez	missão	sessenta
assar	escasso	necessário	sossegar
asseio	essencial	obsessão	sossego
assinar	expressão	opressão	submissão
carrossel	fracasso	pêssego	sucessivo
cassino	impressão	procissão	

d) SC, SÇ:

acréscimo	cresço	discípulo	imprescindível	seiscentos
adolescente	cresça	discernir	néscio	suscetível
ascensão	descer	fascinar	oscilar	suscetibilidade
consciência	desço	fascinante	piscina	suscitar
consciente	desça	florescer	ressuscitar	víscera
crescer	disciplina			

Observação:

✔ A simplificação ortográfica está a exigir a eliminação do *s* dos dígrafos *sc* e *sç*, bem como do *x* do dígrafo *xc*. Veja item f, abaixo.

e) X:

aproximar	máximo	trouxe
auxiliar	próximo	trouxer
auxílio	proximidade	trouxeram

f) XC:

exceção	excelência	excêntrico	excessivo
excedente	excelente	excepcional	exceto
exceder	excelso	excesso	excitar

- **Homônimos**

Eis alguns homônimos, palavras que têm a mesma pronúncia, mas significação e escrita diferentes:

acento = inflexão da voz, sinal gráfico
assento = lugar para sentar-se

acético = referente ao ácido acético (vinagre)
ascético = referente ao ascetismo, místico

cesta = utensílio de vime ou outro material
sexta = ordinal referente a *seis*

cismo = penso
sismo = terremoto

empoçar = formar poça
empossar = dar posse a

incipiente = principiante
insipiente = ignorante

círio = grande vela de cera
sírio = natural da Síria

ruço = pardacento
russo = natural da Rússia

intercessão = ato de interceder
interseção = ponto em que duas linhas se cruzam

7 EMPREGO DO *S* COM VALOR DE *Z*

Escrevem-se com *s* com som de *z*:

- adjetivos com os sufixos *-oso, -osa*:
  gostoso, gostosa – gracioso, graciosa – teimoso, teimosa, etc.
- adjetivos pátrios com os sufixos *-ês, -esa*:
  português, portuguesa – inglês, inglesa – milanês, milanesa, etc.
- substantivos e adjetivos terminados em *-ês*, feminino *-esa*:
  burguês, burguesa, burgueses – camponês, camponesa, camponeses – freguês, freguesa, fregueses – marquês, marquesa, marqueses, etc.
- substantivos com os sufixos gregos *-ese, -isa, -ose*:
  catequese, diocese, diurese – pitonisa, poetisa, sacerdotisa – glicose, metamorfose, virose, etc.
- verbos derivados de palavras cujo radical termina em *-s*:
  analisar (de *análise*) – apresar (de *presa*) – atrasar (de *atrás*) – abrasar (de *brasa*) – extasiar (de *êxtase*) – enviesar (de *viés*) – afrancesar (de *francês*) – extravasar (de *vaso*) – alisar (de *liso*), etc.
- formas dos verbos *pôr* e *querer* e de seus derivados:
  pus, pôs, pusemos, puseram, puser, compôs, compusesse, impuser, etc.
  quis, quisemos, quiseram, quiser, quisera, quiséssemos, etc.
- os seguintes nomes próprios de pessoas:
  Avis, Baltasar, Brás, Eliseu, Garcês, Heloísa, Inês, Isabel, Isaura, Luís, Luísa, Queirós, Resende, Sousa, Teresa, Teresinha, Tomás, Valdês, etc.
- os seguintes vocábulos e seus cognatos:

aliás	descortesia	hesitar	raposa
análise	despesa	manganês	represa
anis	empresa	mês	requisito
arnês	esplêndido	mesada	rês, reses
ás, ases	esplendor	obséquio	retrós
atrás	espontâneo	obus	revés, reveses
através	evasiva	paisagem	surpresa
avisar	fase	país	tesoura
aviso	frase	paraíso	tesouro
besouro	freguesia	pêsames	três
colisão	fusível	pesquisa	usina
convés	gás	presa	vasilha

cortês	Goiás	presépio	vaselina
cortesia	groselha	presídio	vigésimo
defesa	heresia	querosene	visita

8 EMPREGO DA LETRA *Z*

Grafam-se com *z*:

- os derivados em *-zal, -zeiro, -zinho, -zinha, -zito, -zita*:
  cafezal, cafezeiro, cafezinho, avezinha, cãozito, avezita, etc.
- os derivados de palavras cujo radical termina em *-z*:
  cruzeiro (de *cruz*), enraizar (de *raiz*), esvaziar, vazar, vazão (de *vazio*), etc.
- os verbos formados com o sufixo *-izar* e palavras cognatas:
  fertilizar, fertilizante; civilizar, civilização, etc.
- substantivos abstratos em *-eza*, derivados de adjetivos e denotando qualidade física ou moral:
  pobreza (de *pobre*), limpeza (de *limpo*), frieza (de *frio*), etc.
- as seguintes palavras:

azar	aprazível	chafariz	proeza	vazante
azeite	baliza	cicatriz	vazar	vaza-barris
azáfama	buzina	ojeriza	vazamento	vizinho
azedo	buzinar	prezar	vazão	xadrez
amizade	bazar	prezado		

9 *S* OU *Z*?

- **Sufixos *-ês* e *-ez*:**

a) O sufixo *-ês* (latim *-ense*) forma adjetivos (às vezes substantivos) derivados de substantivos concretos:

montês (de *monte*)	montanhês (de *montanha*)
cortês (de *corte*)	francês (de *França*)
burguês (de *burgo*)	chinês (de *China*)

b) O sufixo *-ez* forma substantivos abstratos femininos derivados de adjetivos:

aridez (de *árido*)	cupidez (de *cúpido*)	avidez (de *ávido*)
acidez (de *ácido*)	estupidez (de *estúpido*)	palidez (de *pálido*)
rapidez (de *rápido*)	mudez (de *mudo*)	lucidez (de *lúcido*)

- **Sufixos *-esa* e *-eza*:**

Escreve-se *-esa* (com s):

a) nos seguintes substantivos cognatos de verbos terminados em *-ender*:

defesa (*defender*), presa (*prender*), despesa (*despender*), represa (*prender*), empresa (*empreender*), surpresa (*surpreender*).

b) nos substantivos femininos designativos de títulos nobiliárquicos:
baronesa, duquesa, marquesa, princesa, consulesa, prioresa.

c) nas formas femininas dos adjetivos terminados em *-ês*:
burguesa (de *burguês*), francesa (de *francês*), camponesa (de *camponês*), milanesa (de *milanês*), holandesa (de *holandês*), etc.

d) nas seguintes palavras femininas:
framboesa, indefesa, lesa, mesa, sobremesa, obesa, Teresa, tesa, toesa, turquesa.

Escreve-se *-eza*:

Usa-se *-eza* (com *z*) nos substantivos femininos abstratos derivados de adjetivos e denotando qualidades, estado, condição. Exemplos:

beleza (de *belo*), franqueza (de *franco*), pobreza (de *pobre*), leveza (de *leve*).

Observação:

✔ Inclua-se o topônimo *Veneza*, cidade da Itália.

▪ **Verbos terminados em *-isar* e *-izar*:**

Escreve-se *-isar* (com *s*) quando o radical dos nomes correspondentes termina em *-s*. Se o radical não terminar em *-s*, grafa-se *-izar* (com *z*):

avisar (aviso + -ar)	*anarquizar* (anarquia + -izar)
analisar (análise + -ar)	*civilizar* (civil + -izar)
alisar (a + liso + -ar)	*canalizar* (canal + -izar)
bisar (bis + -ar)	*amenizar* (ameno + -izar)
catalisar (catálise + -ar)	*colonizar* (colono + -izar)
improvisar (improviso + -ar)	*vulgarizar* (vulgar + -izar)
paralisar (paralisia + -ar)	*motorizar* (motor + -izar)
pesquisar (pesquisa + -ar)	*escravizar* (escravo + -izar)
pisar, repisar (piso + -ar)	*cicatrizar* (cicatriz + -ar)
frisar (friso + -ar)	*deslizar* (deslize + -ar)
grisar (gris + -ar)	*matizar* (matiz + -ar)

Observações:

✔ As letras *s* ou *z* aparecerão, é claro, em todas as formas da conjugação desses verbos.

✔ Nos verbos derivados de nomes cujo radical termina em *s* ou *z*, o sufixo é *-ar*; se o radical termina por outra consoante, o sufixo é *-izar*.

✔ Dos verbos em *-izar*, uns, como *oficializar, monopolizar, sintonizar*, etc., foram formados em nossa língua; outros, como *batizar, catequizar, dramatizar, traumatizar*, etc., derivam do grego e entraram no vernáculo já formados. No grego, escrevem-se como *dzeta*, letra que corresponde ao nosso *z*.

10 EMPREGO DO *X*

- Esta letra representa os seguintes fonemas:

  /ch/: xarope, enxofre, vexame, etc.

  /cs/: sexo, látex, léxico, tóxico, etc.

  /z/: exame, exílio, êxodo, etc.

  /ss/: auxílio, máximo, próximo, etc.

  /s/: sexto, texto, expectativa, extensão, etc.

- Não soa nos grupos internos *-xce-* e *-xci-*:

  exceção, exceder, excelente, excelso, excêntrico, excessivo, excitar, inexcedível, etc.

Observação:

✔ Nas palavras do segundo item, o *x* é parte do prefixo latino *ex-*, mas deveria ser abolido, simplesmente por ser desnecessário. Bastaria a variante *e-* (em vez de *ex-*), tal como ocorre em *efusão, emigrar, evasão, emanar*, etc.

- Grafam-se com *x* e não com *s*:

  expectativa, experiente, expiar (remir, pagar), expirar (morrer), expoente, êxtase, extasiado, extrair, fênix, têxtil, texto, etc.

- Escreve-se *x* e não *ch*:

  a) em geral, depois de ditongo:
  caixa, baixo, faixa, feixe, frouxo, ameixa, rouxinol, seixo, etc.

Excetuam-se *caucho* e os derivados *cauchal, recauchutar* e *recauchutagem*.

  b) geralmente, depois da sílaba inicial *en-*:
  enxada, enxame, enxamear, enxaguar, enxaqueca, enxárcia, enxerga, enxergar, enxerido, enxerto, enxertar, enxó, enxofre, enxotar, enxoval, enxovalhar, enxovia, enxugar, enxúndia, enxurrada, enxuto, etc.

Excepcionalmente, grafam-se com *ch*: *encharcar* (de *charco*), *encher* e seus derivados (*enchente, enchimento, preencher*, etc.), *enchova, enchumaçar* (de *chumaço*), enfim, toda vez que se trata do prefixo *en-* + palavra iniciada por *ch*.

  c) em vocábulos de origem indígena ou africana:
  abacaxi, xavante, caxambu (dança negra), caxinguelê, mixira, orixá, xará, maxixe, etc.

  d) nas seguintes palavras:
  anexim, bexiga, bruxa, coaxar, faxina, graxa, lagartixa, lixa, lixo, mexer, mexerico, puxar, rixa, oxalá, praxe, vexame, xadrez, xarope, xaxim, xícara, xale, xingar, xampu.

11 EMPREGO DO DÍGRAFO *CH*

Escrevem-se com *ch*, entre outros, os seguintes vocábulos:

bucha, charque, charrua, chávena, chimarrão, chuchu, cochilo, cochilar, fachada, ficha, flecha, mecha, mochila, pechincha, tocha.

- **Homônimos**

bucho = estômago
buxo = espécie de arbusto

cocho = recipiente de madeira
coxo = capenga, manco

tacha = mancha, defeito; pequeno prego de cabeça larga e chata; caldeira
taxa = imposto, preço de um serviço público, conta, tarifa

chá = planta da família das Teáceas; infusão de folhas do chá ou de outras plantas
xá = título do soberano da Pérsia (atual Irã)

cheque = ordem de pagamento
xeque = no jogo de xadrez, lance em que o rei é atacado por uma peça adversária

12 CONSOANTES DOBRADAS

- Nas palavras portuguesas só se duplicam as consoantes *c, r, s*.
- Escreve-se *cc* ou *cç* quando as duas consoantes soam distintamente:
  convicção, occipital, cocção, fricção, friccionar, facção, sucção, etc.
- Duplicam-se o *r* e o *s* em dois casos:
  a) quando, intervocálicos, representam os fonemas */r/* forte e */s/* sibilante, respectivamente:
     carro, ferro, pêssego, missão, etc.
  b) quando a um elemento de composição terminado em vogal seguir, sem interposição do hífen, palavra começada por *r* ou *s*:
     arroxeado, correlação, pressupor, bissemanal, girassol, minissaia, etc.

Observação:

✔ Em palavras estrangeiras e derivadas conservam-se as consoantes dobradas: *Garrett, garrettiano, Hoffmann, hoffmânnico*, etc.

13 EMPREGO DAS INICIAIS MAIÚSCULAS E MINÚSCULAS

- **Escrevem-se com letra inicial maiúscula:**

a) a primeira palavra de período ou citação:
Nossa língua é falada em todos os continentes.
Diz um provérbio árabe: "A agulha veste os outros e vive nua".

Observação:

✔ No início dos versos que não abrem período é facultativo o uso da letra maiúscula.

b) substantivos próprios (antropônimos, alcunhas, topônimos, nomes sagrados, mitológicos, astronômicos, nomes de regiões):

José, Tiradentes, Brasil, Amazônia, Campinas, Deus, Jesus Cristo, Maria Santíssima, Tupã, Minerva, Via Láctea, Marte, Cruzeiro do Sul, Região Sul, Baixada Fluminense, Triângulo Mineiro, etc.

Observação:

✔ Grafa-se com inicial minúscula: o *deus* pagão, os *deuses* pagãos, a *deusa* Juno.

c) nomes de épocas históricas, datas e fatos importantes, festas religiosas:

Idade Média, Renascença, Centenário da Independência do Brasil, a Páscoa, o Natal, o Dia das Mães, Plano Real, Semana Santa, etc.

d) nomes de altos cargos e dignidades: Papa, Presidente da República, etc.

e) nomes de altos conceitos religiosos ou políticos: Igreja, Nação, Estado, Pátria, União, República, Império, etc.

f) nomes de estabelecimentos, agremiações, corporações, órgãos públicos, etc.: Academia Brasileira de Letras, Banco do Brasil, Teatro Municipal, Colégio Santista, Secretaria de Saúde, Guarda Municipal, Ministério da Fazenda, etc.

g) títulos de jornais e revistas: *O Globo*, *Jornal do Brasil*, *Veja*, etc.

h) expressões de tratamento:

Vossa Excelência, Sr. Presidente, Excelentíssimo Senhor Ministro, Senhor Diretor, etc.

i) nomes dos pontos cardeais, quando designam regiões:

Os povos do Oriente, o falar do Norte.

Mas: Corri o país de *norte* a *sul*. O sol nasce a *leste*.

j) nomes comuns, quando personificados ou individualizados:

o Amor, o Ódio, a Morte, o Jabuti (nas fábulas), etc.

Observação:

✔ No interior dos títulos, as palavras átonas, como *o, a, com, de, em, sem, um,* etc., grafam-se com inicial minúscula.

- **Escrevem-se com letra inicial minúscula:**

a) nomes de meses, de festas pagãs ou populares, nomes gentílicos, nomes próprios tornados comuns:
maio, bacanais, carnaval, ingleses, ave-maria, um havana, pau-brasil, etc.

b) nomes a que se referem os itens **d** e **e** da página anterior, quando empregados em sentido geral:
São Pedro foi o primeiro *papa*.
Candidatou-se a *presidente* da República.
Todos amam sua *pátria*.
As *igrejas* evangélicas.

c) palavras, depois de dois-pontos, não se tratando de citação direta:
"Chegam os magos do Oriente, com suas dádivas: ouro, incenso, mirra." (MANUEL BANDEIRA)
"A sobremesa era no pomar: chupar laranjas debaixo das árvores." (ELSIE LESSA)
O filósofo grego disse: "Nada se cria, nada se perde, tudo se transforma."

- **Casos opcionais**

Grafam-se, opcionalmente, com letra inicial maiúscula ou minúscula:

a) nomes designativos de logradouros públicos, edifícios, templos: Rua (ou rua) São José, Praça (ou praça) da Paz, Edifício (ou edifício) Jabuti, Igreja (ou igreja) do Bonfim, etc.

b) nomes designativos de santos, de profissionais: Santo Antônio ou santo Antônio, Doutor Paulo ou doutor Paulo, Professor Renato ou professor Renato, etc.

c) nomes de disciplinas: Matemática ou matemática, etc.

d) nomes comuns antepostos a nomes próprios de acidentes geográficos: Baía (ou baía) de Guanabara. Lagoa (ou lagoa) de Araruama, Rio (ou rio) Amazonas, Ilha (ou ilha) de Marajó, Serra (ou serra) do Mar. Pico (ou pico) da Neblina, etc.

e) nomes de livros (menos o inicial e substantivos próprios, que são sempre com maiúscula): *A Menina do Sobrado* ou *A menina do sobrado*, *O Primo Basílio* ou *O primo Basílio*, *Histórias sem Data* ou *Histórias sem data*, *A Retirada de Laguna* ou *A retirada de Laguna*, etc.
→ Os títulos de livros devem ser grifados, com tipo itálico claro.

EXERCÍCIOS

LISTA 04

1. Escreva as palavras, completando com **h** inicial quando for o caso:

ontem – esitar – ulha – úmido – iate – erbívoro

2. Escreva corretamente os verbos, substituindo o * pelas letras **e** ou **i**:

contribu* – perdo* – habitu* – continu* – pontu* – tumultu* – influ* – constitu* – abenço* – atribu*

3. Escreva as palavras, substituindo o * por **e** ou **i**, conforme convenha:

quas* – pát*o – *mpecilho – pr*vilégio – arr*piado – ant*cipar – front*spício – ant*ontem – ant*térmico – d*sperdiçar – s*lvícola – re*u*sito – s*não – cr*ar – recr*ativo – lacrimogên*o

4. Escreva as palavras substituindo convenientemente o * pelas letras **o** ou **u**:

bússola – eng*lir – b*lir – ch*ver – ch*visco – jab*ti – mág*a – conc*rrência – cam*ndongo – ób*lo – c*biçar – c*rtume – g*ela

5. Copie cada frase, substituindo os asteriscos pelo parônimo adequado:
   1) O calor *** o ferro. *(delata – dilata)*
   2) Falava-se num ataque *** do inimigo. *(eminente – iminente)*
   3) Pessoa prudente fala com *** . *(descrição – discrição)*
   4) A sucuri tinha oito metros de *** . *(comprimento – cumprimento)*

6. Escreva as palavras, substituindo * por **g** ou **j**, conforme o caso:
   pa*em – lo*ista – mon*e – ti*ela – gor*eio – *iboia – tra*eto – ma*estoso – su*eira – *inete – pa*é – *iló – *eito – here*e – pro*eção – su*estão – tra*e – o*eriza – sar*eta – re*eitar – gara*em – farin*ite – ferru*em – selva*eria – rabu*ento – ultra*e – via*em (substantivo) – via*em (verbo)

7. Escreva as palavras trocando o * por **c**, **ç**, **s** ou **ss**, conforme convenha:
   dan*a – ân*ia – ma*iço – discu*ão – diver*ão – ma*arico – preten*ioso – *ebo – carro*el – ascen*ão – pê*ego – descan*ar – suí*o – pa*oca – hortên*ia – so*ego – remor*o – mi*angas – esca*o – far*a – mu*ulmano – Igua*u – obse*ão

8. Escreva as palavras em seu caderno, completando adequadamente com **ç** ou **ss** no lugar do asterisco:
   ma*agista – pan*a – profi*ão – ace*o – re*urreição – fraca*o – a*afrão – exce*ão – mu*urana – Suí*a – alma*o – proci*ão – ma*aroca – ave*o – nece*ário – a*olar

9. Observe os exemplos e faça o mesmo em seu caderno:

a) ater	**atenção**	e) admitir	**admissão**
abster		demitir	
conter		emitir	
deter		omitir	
obter		permitir	
reter		remitir	
b) converter	**conversão**	f) comprimir	**compressão**
inverter		deprimir	
reverter		exprimir	
subverter		imprimir	
		oprimir	
c) ceder	**cessão**	reprimir	
conceder		suprimir	
interceder			
d) agredir	**agressão**	g) expelir	**expulsão**
progredir		impelir	
regredir		repelir	

10. Substitua o * por **sc**, **ss**, **x** ou **xc**:
    a*ensão – e*eção – o*ilar – au*ílio – con*iência – di*iplina – e*ência – e*esso – fa*inante – sei*entos – trou*er – e*êntrico – suce*ivo – su*itar – flore*er

11. Escreva as listas de palavras, classificando-as de acordo com o emprego do **s**, conforme a numeração abaixo (pág. 68):
    a) catequese, poetisa, metamorfose

b) quis, pôs, quiser, puser, puseram
c) generoso, generosa, jeitoso, jeitosa
d) analisar, extasiar, atrasar, apresar
e) genovês, genovesa, português, portuguesa
(1) sufixos **-oso, -osa**
(2) adjetivos pátrios terminados em **ês, esa**
(3) sufixos gregos **-ese, -isa, -ose**
(4) derivados de radicais finalizados em **-s**
(5) formas dos verbos **pôr** e **querer**

12. Troque o * por **s** ou **z**, conforme convenha:

l*abel – atravé* – bu*inar – coli*ão – civili*ação – corte*ia – ba*ar – fregue*ia – ga*ômetro – fu*ível – me*es – ob*équio – pai*agem – pre*ado – paraí*o – vene*iana – proe*a – quero*ene – te*ouro – u*ina – vi*ita – va*io – va*amento – do*e (porção) – do*e (numeral)

13. Faça como no exercício anterior:

atra*ar – freguê* – rapide* – fertili*ante – ga*es – camponê* – qui*er – improvi*ar – co*inha – burguê* – compô* – esva*iar – paí*es – fregue*es – ave*inha – requi*ito – vi*inho – campone*es – Tere*inha – teimo*ia

14. Reveja os parágrafos sobre o emprego das letras **s** e **z**; em seguida, copie os nomes abaixo, completando com os sufixos **-esa** ou **-eza** no lugar dos asteriscos, conforme o caso:

clar*** – redond*** – portugu*** – milan***

surpr*** – repr*** – delicad*** – empr***

firm*** – baron*** – campon*** – limp***

japon*** – franc*** – frambo*** – marqu***

duqu*** – fregu*** – espert*** – princ***

pobr*** – gentil*** – turqu*** – def***

chin*** – Ter*** – desp*** – magr***

15. Utilizando corretamente os sufixos **-ês** e **-ez**, derive:

1) substantivo de **ácido** e **árido.**

2) adjetivos de **China** e **corte** (ô).

16. Dos nomes abaixo derive corretamente verbos terminados em **-isar** ou **-izar:**

pesquisa	ameno
canal	civil
símbolo	paralisia
escravo	simpatia
análise	cicatriz
deslize	improviso

17. Justifique cada afirmativa com três exemplos adequados:

Escreve-se **x** e não **ch**:

a) geralmente depois de ditongo:

b) geralmente depois da sílaba inicial **en-**:

c) em palavras de origem indígena ou africana:

18. Dê exemplos de palavras em que a letra **x** soa como:

ch – cs – z – ss

19. Escreva as palavras, substituindo o * convenientemente por **x** ou **ch**:

fai*a – fa*ada – en*ame – en*ofre – pu*ar – *u*u – en*ugar – en*arcar – *arque – li*a – fle*a – coa*ar – me*er – ri*a – co*a – trou*a – bu*a – bru*a – fa*ina – be*iga – *arope

20. Substitua o * por **s** ou **x**, conforme o caso:

e*pontâneo – e*tender – e*tensão – e*plendor – e*plêndido – e*gotar – e*pansão

21. Escreva cada expressão abaixo, trocando os asteriscos pelo homônimo adequado:

apreçar – apressar – cessão – seção – sessão – cela – sela – cheque – xeque – espiar – expiar – intercessão – interseção – tacha – taxa

*** o passo	assinar o ***
*** o imóvel	evitar o ***
*** de um bem	*** um crime
*** noturna	*** a moça
*** de esportes	*** de Maria
*** a carta	*** de 2 linhas
*** de preso	*** de luz elétrica
*** de couro	*** de metal

22. Identifique as alternativas em que todas as palavras estão escritas corretamente:

a) honrado, desumano, horizonte, hontem

b) horário, desonrado, hábil, hospedaria

c) humanidade, humildade, honesto, humano

d) harém, hora, hostil, hovíparo

23. Escolha, em cada um dos pares abaixo, qual a palavra corretamente grafada:

a) continue/continui

b) cemitério/cimitério

c) quase/quasi

d) possue/possui

e) indígena/indígina

24. Faça o mesmo, escolhendo a forma grafada corretamente com **o** ou **u**:

a) tribo/tribu No Brasil vivem muitas *tribos* indígenas.

b) engolir/engulir

c) jaboticaba/jabuticaba

d) tabuada/taboada

e) costume/custume

25. Leia as frases abaixo e corrija onde houver erro:

a) Meu braço é muito cumprido.

b) Ele fez às moças um cerimonioso comprimento.

c) Faça uma discrição dessa figura para seus colegas.

d) Meus bisavós vieram da Itália para cá no início do século passado. Como imigrantes, tinham poucos direitos assegurados.

e) Ele soava por todos os poros.

f) Imigrantes africanos morrem nas águas do Mediterrâneo antes de chegar à Espanha.

26. Derive adjetivos dos substantivos usando o sufixo *-oso*:

gosto, gula, medo, teima, nervo, esperança, choro, calor, amor, dor, carinho

27. Complete usando formas adequadas dos verbos entre parênteses:

a) Ontem meu pai * algum dinheiro em sua conta. (pôr)

b) Os soldados ajoelharam-se e * flores sobre a laje. (pôr)

c) Eles * entrar, mas eu não permiti. (querer)

d) Se eu * que você entrasse, teria pedido. (querer)

e) Quem * ser aprovado deve estudar bastante. (querer)

f) Quem * alguma coisa em minha carteira vai se arrepender! (pôr)

28. Responda utilizando adjetivos pátrios formados por meio do sufixo *-ês/-esa*:

a) Aquele que nasce na França é *, na Inglaterra é *, na Escócia é * e em Portugal é *.

b) Uma pintura originária do Japão é *, da China é * e de Portugal é *.

29. Forme substantivos derivados dos adjetivos abaixo, usando o sufixo *-ez/-eza*:

belo – mole – franco – fraco – macio – leve – nobre – esperto – honrado – limpo – rápido – estúpido

ORTOGRAFIA

Exercícios de exames e concursos

[Página 665]

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

1 PRINCIPAIS REGRAS DE ACENTUAÇÃO GRÁFICA

- **Acentuação dos vocábulos proparoxítonos**

Todos os vocábulos proparoxítonos são acentuados na vogal tônica:

a) com acento agudo se a vogal tônica for *i, u* ou *a, e, o* abertos:
xícara, úmido, queríamos, lágrima, término, déssemos, lógico, binóculo, colocássemos, inúmeros, polígono, etc.

b) com acento circunflexo se a vogal tônica for fechada ou nasal:
lâmpada, pêssego, esplêndido, pêndulo, lêssemos, estômago, sôfrego, fôssemos, quilômetro, sonâmbulo, etc.

Observação:

✔ Acentuam-se também os vocábulos que terminam por encontro vocálico e que podem ser pronunciados como proparoxítonos: *área, conterrâneo, errôneo, enxáguam,* etc.

- **Acentuação dos vocábulos paroxítonos**

Acentuam-se com o acento adequado os vocábulos paroxítonos terminados em:

a) *ditongo crescente*, seguido, ou não, de *s*:
sábio, róseo, Gávea, planície, nódoa, régua, árdua, espontâneo, ânsia, decência, cerimônia, tênues, ingênuo, etc.

b) *-i, -is, -us, -um, -uns*:
táxi, júri, biquíni, lápis, bônus, vírus, Vênus, álbum, álbuns, médium, médiuns, fórum, etc.

c) *-l, -n, -r, -x, -ons, -ps*:
fácil, móvel, cônsul, hífen, pólen, cânon, elétron, dólar, revólver, vômer, mártir, látex, fênix, Félix, elétrons, bíceps, fórceps, etc.

d) *-ei, -eis*:
jóquei, vôlei, fósseis, úteis, fizésseis, lêsseis, fáceis, túneis, etc.

e) *-ã, -ãs, -ão, -ãos, -guam, -guem*:
ímã, ímãs, órgão, órgãos, bênção, bênçãos, enxáguam, enxáguem, etc.

Observações:

✔ Não se acentuam os vocábulos paroxítonos terminados em *-ens*: *imagens, edens, itens, jovens, nuvens,* etc.

✔ Não se acentuam os prefixos *anti, semi* e *super*, por serem considerados elementos átonos: *semi-interno, super-homem, anti-inflamatório.*

✔ Não se acentua um paroxítono só porque sua vogal tônica é aberta ou fechada. Descabido seria o acento gráfico, por exemplo, em *cedo, este, espelho, aparelho, cela, janela, socorro, pessoa, dores, flores, solo, esforços.*

✔ As terminações dos itens *b, c, d* e *e* são, por natureza, tônicas. Daí a necessidade do acento gráfico nas palavras com essas terminações.

✔ Não se acentuam os ditongos abertos *ei, eu, oi* de palavras paroxítonas: *assembleia, geleia, jiboia, ovoide*, etc.

▪ Acentuação dos vocábulos oxítonos

a) Acentuam-se com o acento adequado os vocábulos oxítonos terminados em:

- *-a, -e, -o*, seguidos ou não de *s*:

  xará, xarás, gambá, será, serás, pajé, pajés, Tietê, você, freguês, vovô, avós, vovó, etc.

  Seguem esta regra os infinitivos seguidos de pronome:

  cortá-los, vendê-lo, conhecê-la, compô-lo, etc.

- *-em, -ens* (em palavras de duas ou mais sílabas):

  ninguém, armazém, armazéns, ele contém, tu conténs, ele convém, ele mantém, eles mantêm, ele intervém, eles intervêm, etc.

Observação:

✔ A 3ª pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos derivados de *ter* e *vir* leva acento circunflexo:

Eles *contêm, detêm, obtêm, retêm*, etc.

Eles *convêm, intervêm, provêm, sobrevêm*, etc.

- *-éis, -éu(s), -ói(s):*

  fiéis, chapéu, chapéus, herói, heróis, etc.

b) Não devem ser acentuados os oxítonos terminados em *-i(s), -u(s)*:

aqui, juriti, juritis, saci, bambu, bambus, zebu, puni-los, reduzi-los, etc.

Exceção: o *i* e o *u* são acentuados quando precedidos de vogal átona com a qual formem hiato:

saí, Piraí, Jacareí, Jaú, Camboriú, sucuriú, baú, baús, saís, Luís, instruí-los, etc.

▪ Acentuação dos monossílabos

a) Acentuam-se os monossílabos tônicos:

- terminados em *-a, -e, -o*, seguidos ou não de *s*:

  há, pá, pás, má, más, pé, pés, dê, dês, mês, nó, nós, pôs (colocou), etc.

- que encerram os ditongos abertos *éi, éu, ói:*
  véu, véus, réis, dói, sóis, etc.

b) Não se acentuam os monossílabos tônicos com outras terminações:
ri, bis, ver, vez, sol, pus, mau, maus, Zeus, dor, flor, etc.

Exceções: acentuam-se os verbos *pôr, têm* (plural) e *vêm* (plural) porque existem os homógrafos *por* (preposição átona), *tem* (singular) e *vem* (singular):

Eles *têm* autoridade: *vêm pôr* ordem na cidade.

- **Acentuação dos ditongos**

a) Acentua-se a base (isto é, a vogal) dos ditongos abertos *éi, éu, ói,* quando tônicos e em palavras oxítonas: papéis, chapéu, herói, Niterói, anzóis, destrói, etc.
Em palavras paroxítonas esses ditongos não se acentuam: *ideia, estreia, joia, heroico,* etc.

b) Esses ditongos não se acentuam:
- quando fechados:
  areia, ateu, joio, tamoio, apoio, etc.
- quando subtônicos:
  ideiazinha, chapeuzinho, heroizinho, tireoidite, heroicamente, etc.

c) Não se acentua a vogal tônica dos ditongos *-iu* e *-ui,* quando precedida de vogal:
saiu, atraiu, contraiu, contribuiu, distribuiu, pauis, etc.

- **Acentuação dos hiatos**

a) Acentuam-se, em regra, o *i* e o *u* tônicos em hiato com vogal ou ditongo anterior, formando sílaba sozinhos ou com *s*:
saída (*sa-í-da*), saúde (*sa-ú-de*), faísca (*fa-ís-ca*), caía, saíra, egoísta, heroína, caí, Xuí, Luís, uísque, balaústre, juízo, país, cafeína, baú, baús, Grajaú, saímos, eletroímã, reúne, construía, proíbem, influí, destruí-lo, instruí-la, etc.

Razão do acento gráfico: indicar hiato, impedir a ditongação.
Compare: *caí* e *cai*, *doído* e *doido*, *fluído* e *fluido*.

b) No caso acima, não se acentuam o *i* e o *u*:
- quando seguidos de *nh*:
  rainha, fuinha, moinho, lagoinha, etc.
- quando formam sílaba com letra que não seja *s*:
  cair (*ca-ir*), sairmos, saindo, juiz, ainda, diurno, Raul, ruim, cauim, amendoim, saiu (*sa-iu*), contribuiu, instruiu, etc.

Razão da ausência do acento gráfico: não é possível a ditongação, nesses casos.

c) Não se coloca acento circunflexo na primeira vogal dos hiatos *oo* e *ee*:
voo, voos, enjoo, abençoo, abotoo, creem, deem, leem, veem, descreem, releem, preveem, proveem, etc.

Observação:

✔ O acento circunflexo, nesse caso, é desnecessário; por isso, o novo *Acordo Ortográfico* de 1990 o aboliu.

d) Fora o caso previsto no item *a*, não se acentuam os hiatos. Assim, escreveremos sem acento:

Saara, caolho, aorta, semeemos, semeeis, mandriice, vadiice, lagoa, pessoa, boa, abotoa, Mooca, coorte, moeda, poeta, meeiro, paracuuba, voe, perdoe, abençoe, etc.

Observação:

✔ Cabe esclarecer que existem hiatos acentuados não por serem hiatos, mas por outras razões.

Acentuam-se, por exemplo:

poético, por ser vocábulo proparoxítono;

beócio e *boêmio*, porque terminam em ditongo crescente;

jaó, por ser vocábulo oxítono terminado em *-o*.

- **Os grupos *gue, gui, que, qui***

a) Não se coloca acento agudo sobre o *u* desses grupos, quando é proferido e tônico:

averigue, averigues, averiguem, apazigue, apazigues, apaziguem, oblique, obliques, obliquem, arguis, argui, arguem, etc. → O acento gráfico deveria ser mantido para evitar falsas pronúncias.

b) Quando átono, o referido *u* não recebe trema, sinal abolido no sistema ortográfico de 1990:

aguentar, arguir, arguimos, arguia, argui, arguiu, frequente, delinquência, delinquir, tranquilo, cinquenta, enxaguei, pinguim, sequestro, etc.

- **Acento diferencial**

Acento diferencial é o que se usa para diferenciar homógrafos (palavras que se escrevem com as mesmas letras, mas que têm significados diferentes). O sistema ortográfico de 1990 aboliu o acento diferencial em alguns homógrafos. É preciso destinguir:

a) Acentos diferenciais obrigatórios:

Como no sistema ortográfico de 1943, acentuam-se obrigatoriamente:

pôr (verbo) para diferenciar de *por* (preposição): *pôr* sal no café *por* distração.

pôde (pretérito perfeito do verbo *poder*) para distinguir de *pode* (presente do indicativo): Ontem o médico não *pôde* atender; hoje ele *pode*.

b) Acentos diferenciais facultativos:

Podem-se acentuar, opcionalmente:

fôrma (molde) para distinguir de *forma* (feitio, modo): O bolo toma a *forma* da *fôrma*.

andámos, cantámos, louvámos, etc. (formas verbais do pretérito perfeito do indicativo) para as diferenciar das correspondentes formas do presente do indicativo (andamos, cantamos, louvamos, etc., por ser aberto o timbre do *a* tônico no pretérito em certas variantes do português. No Brasil, não se pronuncia nem se escreve *andámos*, mas *andamos*, tanto no presente como no pretérito perfeito, neste e em todos os verbos da 1ª conjugação.

c) Acentos diferenciais abolidos:

Aboliram-se os acentos gráficos nos vocábulos tônicos abaixo, que se usavam para diferenciá-los dos respectivos homógrafos átonos:

Vocábulos tônicos	Vocábulos átonos
pera (fruta)	*pera* (para, preposição arcaica)
polo (ó) (extremidade, jogo)	*polo* (contração arcaica de *por o* = pelo)
polo (ô) (falcão novo)	*polo* (contração arcaica de *por o* = pelo)
coa, coas (formas do verbo coar)	*coa, coas* (contrações de *com a, com as*)

Observação:

✔ Nos demais casos, como antes do Acordo Ortográfico de 1990, não se usa acento diferencial. Grafam-se, por exemplo, *erro, colher, sede, governo, torre, olho, almoço*, e não: êrro, colhêr, sêde, govêrno, tôrre, ôlho, almôço.

▪ Acento grave

O acento grave usa-se exclusivamente para indicar a crase da preposição *a* com os artigos *a, as* e com os pronomes demonstrativos *a, as, aquele(s), aquela(s), aquilo*. Exemplos:

Fui *à* feira. Assisti *às* aulas. Não liguei *àquilo*. Dirija-se *àquele* moço.

Observação:

✔ Não se grafa acento grave em sílaba subtônica:

somente, rapidamente, comodamente, heroicamente; cafezal, avozinha, cafezinho, papeizinhos, chapeuzinho, pezinhos, etc.

EXERCÍCIOS

LISTA 05

1. Em seu caderno, escreva os grupos de palavras, numerando cada grupo de acordo com a razão do acento gráfico:

papéis – mundéu – herói

público – astrônomo – déssemos

pôr – pôde – fôrma

cajá – cipó – pajé – você

heroína – saúde – atribuía – baía

dólar – túnel – bênção – táxi

(1) hiato

(2) ditongos **éi, éu, ói,** em palavras oxítonas

(3) vocábulos oxítonos terminados em **a, e** e **o**

(4) vocábulos paroxítonos com terminação tônica

(5) vocábulos proparoxítonos

(6) homógrafos tônicos com acento diferencial

2. Copie apenas os vocábulos que se acentuam em virtude do hiato:

úteis – médium – saúva – anzóis – país – sanduíche – heroína

3. Em seu caderno, escreva as palavras abaixo, acentuando-as corretamente. Em seguida, numere os grupos de acordo com sua classificação:

sofas – jao – vintem – parabens

uisque – Piaui – saude – bau

onibus – tatica – otico – umido

mes – mas – ha – nos – pos (verbo)

orfã – orgãos – vomer – uteis

tabua – genio – tenue – oleo

heroi – trofeu – coroneis

(1) vocábulos proparoxítonos

(2) paroxítonos com terminação tônica

(3) vocábulos oxítonos

(4) ditongos abertos e tônicos de palavras oxítonas

(5) monossílabos tônicos

(6) *hiatos*

(7) paroxítonos terminados em ditongo crescente

4. Justifique o acento gráfico nas palavras:

saúva – atribuí – país – proíbe – miúdo – raízes

5. Escreva as palavras, colocando o acento gráfico adequado:

moido – ruido – ciume – esplendido – bussola – exito – orfãos – magoa – hernia – cranio – miriade – lotus – fusivel – textil – atraves – fregues – aguarras – suiço – paraiso – mundeu – alcoolatra – res (quadrúpede) – repteis – eletrons – albuns – onix – imãs – concluia – cutis

6. Escreva as palavras, acentuando-as quando necessário:

especime – cedo – refem – apazigue – pessoa – maquinaria – espelho – sairam – almoço – fenix – ansia – benção – urutu – austero – rubrica – juriti – ariete – obus – desaguam – flores – dispor

7. Copie as seguintes palavras em seu caderno, colocando o acento gráfico quando for adequado:

zenite – lagoa – perdoa – erudito – desdem – refens – espeto – comboio (subst.) – gaucho – influiu – argui – apoio (subst.) – desapoio (verbo) – inaudito – girassois – bebiamos – aparelho – polen – circuito – tramoia – exodo – abençoe – sossego – vende-lo – aleija – peneiro – impar – urubu – corressemos – moinho – cairam – juizes – Grajau – torax – ruim – Mooca – chapeuzinho – comodamente – pegadas – alcool – Criciuma – repor

8. Justifique os acentos gráficos nestes vocábulos, acentuados pela mesma razão:

ciência – vários – zínia – efígie – vácuo – pátio – fêmea

9. Por meio de acento gráfico adequado, converta os verbos em substantivos:

habito – transito – desanimo – veiculo – naufrago – telegrafo – datilografa – anuncio – providencia – alivio – calunia – vangloria

10. Escreva, em seu caderno, os verbos no plural, seguindo os modelos:

a) ele tem	b) ele contém	c) ele vê
eles **têm**	eles **contêm**	eles **veem**
ele vem	ele detém	ele prevê
eles	eles	eles
	ele mantém	ele crê
	eles	eles
	ele obtém	ele lê
	eles	eles
	ele retém	ele relê
	eles	eles

11. Copie a série de palavras que contém erros de acentuação gráfica, acentuando-as corretamente:

garoa – êxtase – deem – frêmito – conserto – saúdam
cerca – estreio – planejo – Quéops – atraiu – odisseia
corôa – caique – destroi – tamôio – refem – egoismo
boiem – heroína – tainha – más – meses – hábil – ciclope

12. Copie as frases abaixo, acentuando as palavras quando necessário:

a) Quando voltava a colmeia, a abelha não pode colher o nectar das flores.
b) Referindo-se as viagens de seu avo Cristovão, Emilia dizia que ele era um nomade.
c) Eloi não para de por objetos a venda: ninguem sabe por que.

13. Por que se acentua o verbo **pôr** e não se acentua **compor**?

14. Retiramos os acentos utilizados por Millôr Fernandes no texto abaixo. Veja se você consegue recolocar todos eles:

"Ministerio das perguntas cretinas
– Se o diabo se portar bem vai para o ceu?
– O curso do rio da diploma?
– O Pão de Açucar se lambe?
– Um critico vive numa situação critica?
– Na cadeia dos Diarios Associados tem alguem preso?"

15. Leia a estrofe de "Construção", de Chico Buarque, procurando descobrir a regra que orientou a acentuação das palavras destacadas:

"Subiu a construção como se fosse **máquina**
Ergueu no patamar quatro paredes **sólidas**
Tijolo por tijolo num desenho **mágico**
Seus olhos embotados de cimento e **lágrima**"

16. Em qual das alternativas abaixo todas as palavras foram acentuadas de acordo com a mesma regra:

a) aquático, gráfico, conteúdo, átona
b) pêssego, análise, gramática, prática
c) caráter, sílaba, cômodo, veículo

17. Destaque dos versos de Vinícius de Moraes abaixo transcritos palavras paroxítonas que devem ser acentuadas:

a) "Eu fiquei imovel e no escuro tu vieste"
b) "E seus braços, como imãs, atraem o firmamento"
c) "Irremediavel, muito irremediavel
Tanto quanto esta torre medieval
Cruel, pura, insensivel, inefavel"
d) "Esse imenso, atroz, silencio..."
e) "Escorreu da noite nos labios da aurora..."

18. Faça o mesmo em relação às oxítonas:

a) "Às vezes dos igapos/subia o berro animal/de algum jacare feroz"

b) "Diz que ninguem esqueceu/a gargalhada de louca/que a pobre Lunalva deu"

c) "Tem os olhos cansados de olhar para o alem"

d) "Eu sem voce/Não tenho porque/Porque sem voce/Não sei nem chorar"

19. Escreva as frases no plural, prestando atenção às formas verbais:

a) Ele sempre vem à minha casa aos sábados.

b) Você vê maldade em tudo!

c) Meu irmão não crê em nada que você lhe diz.

d) Espero que o garoto dê o recado ao professor.

e) O governador não tem mais nenhuma credibilidade.

20. Copie os monossílabos tônicos, acentuando-os quando necessário:

a) Levantou o veu e sorriu docemente.

b) Quanta pobreza ha por la!

c) Ana e Lourdes analisarão cuidadosamente os pros e os contras de nossa proposta.

d) Os homens de bem não devem se calar diante da injustiça.

e) De seus irmãos, so Luís tinha os pes pequenos.

21. Use o acento diferencial quando necessário:

a) Cássio agora pode sair mais cedo; ontem, porém, não pode: tinha muitos contratos para analisar.

b) Taís: não vá por aí!

c) Marina não pretende por os pés em minha casa novamente.

d) José só irá para casa nas próximas férias.

e) Para! Nosso inimigo se aproxima silenciosamente.

22. Veja quais das palavras destacadas devem receber acento gráfico:

a) Os *juizes*, certamente, estão equivocados.

b) O *juiz* encarregado do caso adoeceu.

c) A *saida* fica do lado oposto, Ana Paula.

d) Osmar, não seja tão *egoista*!

ORTOGRAFIA – ACENTUAÇÃO GRÁFICA
Exercícios de exames e concursos
[Página 666]

NOTAÇÕES LÉXICAS

No capítulo anterior estudamos o emprego dos acentos gráficos. Neste capítulo estudaremos o til, o trema, o apóstrofo e o hífen.

1 EMPREGO DO TIL

O til sobrepõe-se às letras *a* e *o* para indicar vogal nasal.

Pode figurar em sílaba:

– tônica: maçã, *cãi*bra, perdão, barões, põe, etc.

– pretônica: ro*mã*zeira, ba*lõ*ezinhos, *grã*-fino, cristãmente, aquida*bã*ense, etc.

– átona: ór*fãs*, ór*gãos*, bên*çãos*, etc.

Observe: cristão, cristandade; Satã, satânico; Islã, islamismo.

2 EMPREGO DO TREMA

- O trema foi abolido na escrita de palavras portuguesas. Não se coloca mais, portanto, trema sobre o *u* dos grupos *gue, gui, que, qui*, quando proferido e átono:

  aguentar, sagui, argui (pretérito), frequente, cinquenta, equino, tranquilo, ensanguentar, etc.

- Usa-se apenas em nomes estrangeiros e palavras deles derivadas. Exemplos: *Dürer, Staël, Müller, mülleriano*.

Observações:

✔ Em algumas palavras de dupla pronunciação, o emprego do trema era opcional: *líqüido* ou *líquido, sangüinário* ou *sanguinário, sangüíneo* ou *sanguíneo, séqüito* ou *séquito*, etc.

✔ Embora bem-vinda, sua ausência pode gerar dúvidas acerca da pronúncia correta de palavras como *redarguir, quinquênio, equídeo, equidistante, ubiquidade, equilátero, aquicultura*, etc.

3 EMPREGO DO APÓSTROFO

- **Emprega-se este sinal gráfico:**

  a) para indicar a supressão de uma vogal nos versos, por exigências métricas, como ocorre, mais frequentemente, entre poetas portugueses:

  esp'rança, c'roa, minh'alma, 'stamos, por esperança, coroa, minha alma, estamos.

b) para reproduzir certas pronúncias populares:

"**Olh'ele** aí..." (GUIMARÃES ROSA)

"Não **s'enxerga**, enxerido!" (PEREGRINO JR.)

c) para indicar a supressão da vogal da preposição *de* em certas palavras compostas: galinha-d'angola, pau-d'arco, estrela-d'alva, caixa-d'água, etc.

- **Não se usa apóstrofo:**

a) na palavra *pra*, forma reduzida da preposição *para*:

"Puxa! Você não presta nem **pra** tirar gelo, Simão." (ORÍGENES LESSA)

b) nas contrações das preposições com artigos, pronomes e advérbios:

dum, num, dalém, doutro, doutrora, noutro, nalgum, naquele, nele, dele, daquilo, dacolá, doravante, co, cos, coa, coas (com o, com os, com a, com as), pro, pra, pros, pras (para o, para a, para os, para as).

Exemplos: escritores **dalém-mar**; costumes **doutrora**; ir **pra** beira do rio.

c) nas combinações dos pronomes pessoais: mo, mos, ma, mas, to, lho, lhos, etc.

d) nas expressões cujos elementos se aglutinaram numa unidade fonética e semântica: dessarte, destarte, homessa, tarrenego, tesconjuro, vivalma.

- **Casos opcionais:**

a) Nos títulos de livros, jornais, etc., pode-se usar o apóstrofo e grafar:

a leitura d'*O Guarani*; a campanha d'*O Globo*; a notícia está *n'O Globo*, ou, a leitura de *O Guarani*; a campanha de *O Globo*; a notícia está em *O Globo*.

b) Com referência a Deus, Jesus, a Virgem Maria, também se pode escrever: o poder d'Ele; confiar n' Ele; confiar n'Ela; o poder de Aquele, a intercessão de Aquela, etc.

4 EMPREGO DO HÍFEN

O emprego do hífen é matéria extremamente complexa e continua mal disciplinada pelo novo sistema ortográfico, sobretudo no que diz respeito ao uso desse sinal em palavras formadas por prefixação, nas quais mais palpáveis são as falhas e incoerências. Para quem escreve, o emprego do hífen é um autêntico quebra-cabeça.

Eis, em resumo, o que se preceitua acerca do emprego desse embaraçoso traço unitivo:

- **Emprega-se o hífen:**

- em palavras compostas cujos elementos conservam sua autonomia fonética e acentuação própria, mas perderam sua significação individual para constituir uma unidade semântica, um conceito único:

  amor-perfeito, água-marinha, beija-flor, quinta-feira, corre-corre, sempre-viva, bem-te-vi, vitória-régia, ano-luz, decreto-lei, tio-avô, guarda-chuva, arco-íris, tenente-coronel, médico-cirurgião, primeiro-ministro, conta-gotas, etc.

Observação:

✔ Note a diferença de significação: *meio dia* (= metade do dia), ao *meio-dia* (= às 12 horas); *pão duro* (= pão endurecido), *pão-duro* (= sovina); *cara suja* (= rosto sujo), *cara-suja* (= espécie de periquito); *copo de leite* (= copo com leite), *copo-de-leite* (= nome de uma flor).

- para ligar pronomes átonos a verbos e à palavra *eis*:

  deixa-o, obedecer-lhe, chamar-se-á, dir-se-ia, ei-lo, etc.

- em adjetivos compostos:

  mato-grossense, rio-grandense, latino-americano, greco-latino, verde-amarelo, azul-turquesa, cor-de-rosa, à-toa, sem-vergonha, sem-par, etc.

- em vocábulos formados pelos adjetivos de origem tupi *açu, guaçu* e *mirim*, se o elemento anterior acaba em vogal acentuada ou nasal:

  andá-açu, sabiá-guaçu, capim-açu, socó-mirim, etc.

Portanto, sem hífen: *jiboiaçu, cajumirim, Mojimirim*, etc.

- em vocábulos formados por elementos e prefixos que têm acentuação própria (tônicos):

  além-: além-túmulo, além-mar

  aquém-: aquém-mar

  pós-: pós-escolar, pós-operatório

  pré-: pré-nupcial

  pró-: pró-alfabetização

  recém-: recém-nascido

- depois de *circum-*, *mal-* e *pan-*, antes de *vogal, m, n* ou *h*:

  pan-americano, pan-helênico, mal-educado, mal-humorado, circum-anal, circum-navegar, circum-navegação, etc.

  Antes de outras letras, sem hífen:

  malcriado, malfeito, panteísmo, circumpolar, etc.

- depois de *bem-* (como prefixo e não como advérbio), antes de palavras que têm vida autônoma e quando a pronúncia o exigir:

  bem-amado, bem-aventurado (para não se ler *bem-maventurado*), bem-aventuranças, bem-estar, bem-me-quer, bem-nascido, bem-vindo, etc.

- nos encadeamentos de palavras: ponte Rio-Niterói, linha aérea Rio-Paris.

- na partição de palavras no fim da linha. Veja pág. 38.

- fora do âmbito da ortografia imposta, como recurso de estilo e com valor expressivo:

  "Começou daí um Brasil-sem-história-certa." (RAUL BOPP)

  "Foi o boi-grande-que-berra-feio-e-carrega-uma-cabeça-na-cacunda." (GUIMARÃES ROSA)

"– Não vou daqui sem uma resposta definitiva, disse meu pai. De-fi-ni-ti-va! repetiu, batendo as sílabas com o dedo." (MACHADO DE ASSIS)

- **Não se usará hífen:**
  - sempre que se obliterou a consciência da composição da palavra, o que acontece quando um elemento se adaptou foneticamente ao vizinho ou perdeu sua autonomia semântica:

    aguardente, girassol, madrepérola, malmequer, passatempo, pontapé, rodapé, sobremesa, vaivém, benquisto, etc.
  - quando o prefixo (ou o elemento de composição) pode ser unido ou aglutinado sem prejuízo da clareza ou sem promover pronúncias errôneas:

    aeroporto, aeromoça, audiovisual, bioquímico, eletroímã, fotoelétrico, fotocópia, ferrovia, geofísica, gastroenterologia, multissecular, neuromuscular, pretônica, radioatividade, radiouvinte, retropropulsão, semibárbaro, socioeconômico, supersônico, termoelétrico, vasossecção, etc.

Observação:

✔ Ao se unirem os elementos desses vocábulos compostos, pode ocorrer: a) a geminação do *r* e do *s*: *microrregião, fotossíntese*; b) a queda do *h* inicial do segundo elemento: *turboélice*; c) a elisão (facultativa) da vogal final do primeiro elemento: *radiativo* ou *radioativo, hidrelétrica* ou *hidroelétrica*.

  - nas locuções:

    da gema (= *legítimo*), um a um, de vez em quando, à toa (locução adverbial), a fim de, ora bolas!, de repente, por isso, etc.

    Mas, por serem consideradas palavras compostas e não locuções, escrever-se-ão:

    de mão-cheia, vice-versa, de meia-tigela, sem-par, sem-sal, tão-somente, à-toa (adjetivo), sem-cerimônia, etc.
  - em expressões do tipo:

    estrada de ferro, doce de leite, cor de café, anjo da guarda, relógio de bolso, dona de casa, farinha de trigo.

EMPREGO DO HÍFEN NAS FORMAÇÕES POR PREFIXAÇÃO

- Emprega-se o hífen nas palavras formadas com os prefixos gregos e latinos aero-, agro-, ante-, anti-, arqui-, auto-, bio-, co-, contra-, eletro-, entre-, eco-, extra-, ex-, geo-, hidro-, hiper-, inter-, infra-, macro-, maxi-, micro-, mini-, multi-, neo-, proto-, pan-, pseudo-, pluri-, retro-, semi-, super-, sub-, supra-, tele-, ultra-, vice-, etc.

  a) quando o segundo elemento começa por *h*: *anti-higiênico, co-herdeiro, super-homem, pré-história, pan-helenismo, neo-helênico, sub-humano*, etc.

  Exceções: *desumano, inábil*.

  b) quando o prefixo termina com a mesma vogal com que começa o segundo elemento: *anti-ibérico, supra-auricular, micro-onda, semi-interno, auto-observação*, etc.

  Exceção. Excetua-se o prefixo *co-*, que se une, sem hífen, ao segundo elemento iniciado por *o*: *coordenar, cooperar, coordenação, coobrigado*, etc.

c) nas formações com os prefixos *circum-* e *pan-*, antes de *vogal, h, m* e *n*: *circum-navegar, circum-navegação, pan-americano, circum-anal, circum-murado*, etc.

d) nas formações com os prefixos *hiper-, inter-*, e *super-*, quando o segundo elemento começa por *r*: *hiper-realismo, inter-racial, inter-relacionar, super-requintado*, etc.

e) nas formações com os prefixos *ex-* (com o sentido de estado anterior ou cessamento), *sota-, soto-* e *vice-*: *ex-diretor, ex-aluno, sota-piloto, soto-mestre, vice-presidente, vice-rei*.

f) nas formações com os prefixos tônicos, acentuados, *pós-, pré-, pró-*, como já vimos. Nas formas átonas, se justapõem ao elemento seguinte, sem hífen: *pospor, prever, promover*, etc.

g) com o prefixo sub- antes de *b, h* e *r*: *sub-humano, sub-raça, sub-bibliotecário*.

- **Não se usará hífen:**

a) quando o prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa por r ou s, caso em que as consoantes se duplicam: antirreligioso, antissemita, minissaia, infrassom, contrarregra, microrregião, cosseno, ultrassonografia, etc.

b) quando o prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa com vogal diferente: antiaéreo, autoestrada, autoaprendizagem, etc.

Observação:

✔ O emprego do hífen é um ponto de nossa ortografia que deveria ser urgentemente revisto, restringindo-se o uso desse sinal auxiliar da escrita aos casos de absoluta necessidade. Não seria preferível escrever, por exemplo, *vagalume, benvindo, seminterno, extraoficial, excombatente*, em vez de *vaga-lume, bem-vindo, semi-interno, extra-oficial, ex-combatente?*

EXERCÍCIOS LISTA 06

1. Escreva em seu caderno algumas linhas sobre o trema.

2. Em seu caderno, escreva as palavras, unindo corretamente os elementos e empregando o hífen quando necessário:

vitória + régia	busca + pé	sem + vergonha	homem + rã
azul + marinho	além + túmulo	jiboia + açu	semi + morto
auto + escola	recém + nascido	grã + fino	neo + latina
proto + mártir	extra + terreno	ex + ministro	pós + guerra

3. Faça como no exercício anterior:

ultra + rápido	quebra + cabeça	ante + véspera	sub + solo
contra + senso	anti + rábico	super + homem	anti + tóxico
contra + peso	anti + aéreo	sub + chefe	circum + polar
mal + educado	para + quedas	co + existência	micro + empresa
eletro + ímã	gastro + intestinal	tetra + campeão	tele + objetiva
termo + elétrica	bem + vindo	sócio + econômico	bem + estar
multi + secular	gira + sol	bio + química	roda + pé

4. Copie em seu caderno somente as palavras em que se usa o hífen para evitar pronúncia errônea:

bem-amado	pan-americano	mal-educado	não-agressão
bem-estar	pré-vestibular	obra-prima	sub-raça

5. Que nova significação as expressões destacadas assumem, se ligarmos, em outras frases, os seus componentes com hífen?

a) Trabalhei só **meio dia.**
b) Tinha a **pele vermelha.**
c) Bebi um **copo de leite.**
d) Fale **sem vergonha.**

6. Explique o emprego do hífen nas frases seguintes:

a) "Um tapa do Sílvio arrebentava porta de apartamento-de-sala-e-quarto-conjugados." (RUBEM FONSECA, *Os Prisioneiros*, p. 11)

b) "No fim da festa, um funcionário do Itamarati declarou: Estamos e-xaus-tos." (DANUZA LEÃO, *Jornal do Brasil*, 30/6/1999)

7. Consulte o dicionário e verifique se as palavras abaixo devem ser unidas por hífen ou formar um único vocábulo:

mal criado, mal educado, mal feito, mal humorado, mal estar, bem amado, bem aventurado, bem educado, bem estar, bem visto, bem dizer.

8. Escreva frases que deixem bem evidente a diferença de sentido entre os pares de palavra abaixo:

a) pão duro, pão-duro. (pão endurecido, avarento)
b) copo de leite, copo-de-leite. (copo com leite, flor)

9. Alguns dos substantivos compostos abaixo relacionados deveriam ter sido escritos com hífen. Localize-os e reescreva-os corretamente. Em caso de dúvida, recorra às explicações apresentadas neste livro ou consulte o dicionário.

Maleducado, girassol, autobiografia, benvindo, subsolo, subchefe, vicediretor, fotocópia, extraordinário, pontapé, semcerimônia, bentevi, sempreviva, sobremesa, autoretrato, aeroporto.

ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS

1 ABREVIATURA

Abreviatura é a representação escrita abreviada de uma palavra ou expressão. Exemplos:

R. (Rua), *Av.* (Avenida), *ed.* (edição), *loc. adv.* (locução adverbial).

Em geral, a abreviatura termina por consoante seguida de ponto final. Os símbolos científicos, porém, se grafam sem ponto e, no plural, sem *s*: *m* (metro ou metros), *h* (hora ou horas), *10h30min* (dez horas e trinta minutos).

Há palavras que são abreviadas de modo diverso:

C.ia ou *Cia.* (Companhia), *Sr.a* ou *Sra.* (Senhora), *p.* ou *pág.* (página), etc.

Mantêm-se os acentos nas abreviaturas. Exemplos:

gên. (gênero), *séc.* (século).

Em textos literários e jornalísticos, em geral, evitam-se as abreviaturas de medida:

O jogo começou às *16 horas*. Andou *5 quilômetros* a pé.

Os designativos de nomes geográficos devem ser escritos por extenso:

São Paulo (e não *S. Paulo*), *Santo Amaro* (e não *S. Amaro*), *Dom Joaquim* (e não *D. Joaquim*), etc.

2 SIGLA

Sigla é a abreviatura formada com as letras iniciais de nomes de entidades, associações, organismos administrativos, empresas, partidos políticos, etc.:

QG (Quartel-General), FAB (Força Aérea Brasileira), ONU (Organização das Nações Unidas).

Na prática, eliminam-se, modernamente, os pontos abreviativos nas siglas, cuja finalidade, aliás, é poupar tempo e espaço. Por serem práticas e cômodas, as siglas vão se multiplicando cada vez mais na língua de hoje e até passam a funcionar como substantivos: o Senai, o CEP, a Funai, a TV, a Petrobras, etc.

As palavras *aides* (recomendamos esta grafia, em vez de *Aids*), *radar* e *sonar*, formadas com as letras ou sílabas iniciais de expressões inglesas, são outros exemplos de siglas convertidas em substantivos.

Há siglas que deram origem a outras palavras:

DDT → dedetizar; CLT → celetista.

Eis algumas abreviaturas, siglas e símbolos de uso mais frequente:

A

a = are(s)
ABI = Associação Brasileira de Imprensa
a.C. = antes de Cristo
AC = Acre (Estado do)
A/C = ao(s) cuidado(s)
AL = Alagoas (Estado de)
AM = Amazonas (Estado do)
apart. ou ap. = apartamento
AP = Amapá (Estado do)
Au = ouro (lat. *aurum*)
Av. = Avenida

B

BA = Bahia (Estado da)
BCG = Bacilo de Calmette e Guérin (vacinação contra a tuberculose)
BR = Brasil

C

CAN = Correio Aéreo Nacional
CE = Ceará (Estado do)
CBF = Confederação Brasileira de Futebol
CEP = Código de Endereçamento Postal
cf. = confira ou confronte
Cia. = companhia
CLT = Consolidação das Leis Trabalhistas
cm = centímetro(s)
CPF = Cadastro de Pessoa Física
Cx. = caixa

D

D. = Dom, Dona
Dª = Dona
DDD = Discagem Direta a Distância
DD. = digníssimo
DF = Distrito Federal
dm = decímetro(s)
DNA = *desoxyribonucleic acid* (= ácido desoxirribonucleico)
DNER = Departamento Nacional de Estradas de Rodagem
Dr. = Doutor
Drª ou Dra. = Doutora

E

ed. = edição
Embraer = Empresa Brasileira de Aeronáutica
ECT = Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos
ES = Espírito Santo (Estado do)
etc. = *et cetera* (e as outras coisas)
EUA = Estados Unidos da América
Ex.mo = Excelentíssimo

F

FAB = Força Aérea Brasileira
FGTS = Fundo de Garantia do Tempo de Serviço
FIFA = Federação Internacional das Associações de Futebol
fl. = folha; fls. = folhas
FN = Fernando de Noronha
Funai = Fundação Nacional do Índio

G

g = grama(s)
GO = Goiás (Estado de)

H

h = hora(s)
ha = hectare(s)
HP = *horse power* (cavalo-vapor)

I

ib. = *ibidem* (no mesmo lugar)
IBGE = Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
id. = idem (o mesmo)
Il.ma = Ilustríssima
Il.mo = Ilustríssimo
I.N.R.I. = *Iesus Nazarenus Rex Iudaeorum* (Jesus Nazareno, Rei dos Judeus)
INSS = Instituto Nacional de Seguro Social
Ir. = irmão, irmã

K

K = *kalium* (potássio)
kg = quilograma(s)
km = quilômetro(s)
km² = quilômetro(s) quadrado(s)
kw = quilowatt(s)

L

l = litro(s)
L. = Leste (ponto cardeal)
lat. = latitude, latim
lb. = libra(s)
long. = longitude
Lt.da ou Ltda. = limitada

M

m = metro(s)
m^2 = metro(s) quadrado(s)
m^3 = metro(s) cúbico(s)
MA = Maranhão (Estado do)
MG = Minas Gerais (Estado de)
mg = miligrama(s)
min = minuto(s)
ml = mililitro(s)
mm = milímetro(s)
MS = Mato Grosso do Sul (Estado de)
MT = Mato Grosso (Estado de)
MW = megawatt(s)

N

N. = Norte
N. E. = Nordeste (ponto entre o Norte e o Leste)
nº = número
N. O. = Noroeste
N. Sª = Nossa Senhora

O

O. = Oeste
OEA = Organização dos Estados Americanos
O. K. ou OK = *all correct* (tudo bem)
ONU = Organização das Nações Unidas
op. cit. = *opus citatum* (obra citada)
OTAN ou Otan = Organização do Tratado do Atlântico Norte

P

pág. ou p. = página; págs. = páginas
PA = Pará (Estado do)
PB = Paraíba (Estado da)
PE = Pernambuco (Estado de)
Pe. = padre
PI = Piauí (Estado do)
PIS = Programa de Integração Social
PR = Paraná (Estado do)
Prof. = professor
Profª ou Profa. = professora
P. S. = *post scriptum* (depois do escrito)

Q

QG = Quartel-General
ql = quilate(s)

R

R. = rua
Remte ou Remte. = remetente
Rev.mo ou Revmo. = Reverendíssimo
RJ = Rio de Janeiro (Estado do)
RN = Rio Grande do Norte (Estado do)
RO = Rondônia (Estado de)
RR = Roraima (Estado de)
RS = Rio Grande do Sul (Estado do)

S

s = segundo(s)
S. = São, Santo(a), Sul
S. A. = Sociedade Anônima
SC = Santa Catarina (Estado de)
SE = Sergipe (Estado de)
séc. = século
Senac = Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
Senai = Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
S. O. = Sudoeste
S.O.S. = *save our souls* (salvai nossas almas: pedido de socorro enviado por navios e aviões)
SP = São Paulo (Estado de)
Sr. = Senhor; Srs. = Senhores
Srª ou Sra. = Senhora; Srªs = Senhoras
Srta ou Srta. = Senhorita

T

t = tonelada(s)
tel. = telefone, telegrama
TO = Tocantins (Estado do)
TV = televisão

U

Unesco = *United Nations Educational Scientific and Cultural Organization* (= Organização Educacional, Científica e Cultural das Nações Unidas)

V

v = volt(s)
V. Sª = Vossa Senhoria
V.Sªs = Vossa Senhorias
V. Exª = Vossa Excelência
v. g. = *verbi gratia* (por exemplo)

W

w = watt(s)
W.C. = *water-closet* (banheiro, sanitário)

1. Leia o texto abaixo e, em seguida, localize na primeira estrofe as siglas correspondentes aos significados listados:

A revoada das siglas

PIB OTAN CACEX CONTRAN
FAB CUT MAM FIESP OPEP
USP IBOPE GATT DETRAN
PROCON BANERJ et caterva.

Salve, filhas espúrias dos idiomas
das gentes deste século fremente,
salvação da lavoura jornalística!
Os que fazem das letras sua mística
a vossos pés se prostram reverentes.

Dia e noite, em ruidosas revoadas,
pelos céus do Brasil torvelinhais
e o céu da boca me feris, malvadas,
e a meus cansados tímpanos soais
como o ranger de ásperos metais.

D.P.C.

a) Museu de Arte Moderna
b) Banco do Estado do Rio de Janeiro
c) Produto Interno Bruto
d) Universidade de São Paulo
e) Central Única dos Trabalhadores

2. Escreva os símbolos científicos de:
metro – metro quadrado – metro cúbico – centímetro – milímetro – quilômetro – litro – quilo – grama

3. Escreva o significado das siglas: RO – Senai

4. Escreva as abreviaturas de:
antes de Cristo – professor – século – Companhia – professora – telefone – doutor – página – edição

5. Escreva abreviadamente, usando símbolos:
a) dezesseis horas e trinta minutos; b) nove horas dez minutos e vinte segundos.

6. Reescreva a única abreviatura correta de **oito horas**: 8hs 8:00h 8:00hs 8,00h 8h

7. Escreva a expressão destacada, usando símbolos:
Neil Armstrong foi o primeiro homem
a pisar na Lua.
Esse fato histórico aconteceu no dia
20 de julho de 1969,
às **vinte e três horas e cinquenta e seis minutos**, horário de Brasília.

MORFOLOGIA

ocupa-se da estrutura e da classificação das palavras.

ESTRUTURA DAS PALAVRAS

Observe a estrutura das palavras:
sol, dent-ista, in-quiet-o, cant-a-mos, cha-l-eira

A análise destes exemplos mostra-nos que as palavras são formadas de unidades ou elementos mórficos.

São os seguintes os elementos mórficos ou estruturais das palavras:

- **raiz**, **radical**, **tema**: elementos básicos e significativos;
- **afixos** (prefixos, sufixos), **desinência**, **vogal temática**: elementos modificadores da significação do radical;

  Os elementos mórficos dos grupos acima denominam-se *morfemas*.
- **vogal de ligação**, **consoante de ligação**: elementos de ligação ou eufônicos.

1 RAIZ

Raiz é o elemento originário e irredutível em que se concentra a significação das palavras, consideradas do ângulo histórico. Geralmente monossilábica, a raiz encerra sentido lato e geral, comum às palavras da mesma família etimológica.

Assim, a raiz *noc* (do latim *nocere* = prejudicar) tem a significação geral de *causar dano*, e a ela se prendem, pela origem comum, as palavras *nocivo, nocividade, inocente, inocentar, inócuo*, etc.

Uma raiz pode apresentar-se alterada: *ag*-ir, *ag*-ente, re-*ag*-ir, ex-*ig*-ir, ex-*ig*-ência, *at*-o, *at*-or, *at*-ivo, *aç*-ão, *ac*-ionar, etc.

Observação:

✔ O estudo das raízes foge à finalidade da gramática normativa, só interessa à gramática histórica ou, mais precisamente, à etimologia. Numa análise morfológica elementar das palavras portuguesas, deve-se preterir a raiz e partir do radical.

2 RADICAL

O *radical* é o elemento básico e significativo das palavras, consideradas sob o aspecto gramatical e prático, dentro da língua portuguesa atual.

Acha-se o radical despojando-se a palavra de seus elementos secundários (quando houver):

CERT-*o*, CERT-*eza*, *in*-CERT-*eza*, CAFE-*teira*, *a*-JEIT-*ar*, RECEB-*er*, EDUC-*ar*, ILUS-*ório*, PERFUM-*e*, EXEMPL-*ar*, PERMIT-*ir*, *ex*-PORT-*ação*, *in*-OBSERV-*ância*, *des*-CONHEC-*ido*, *a*-PEDR-*ejar*, etc.

Observações:

- ✔ Destacam-se os prefixos quando a língua atual os sente como tais: *in-feliz, a-mans-ar, ex-orbit-ar, re-conquist-ar,* etc. Não persistindo o sentimento dessas partículas, não se destacam: *exam-e* (latim *ex-amen*), *excel-ência* (latim *ex-cellentia*), *óbit-o* (latim *ob-itum*), *pérfid-o* (latim *per-fidum*), etc.
- ✔ Em certas palavras só existe o radical: *fé, mar, sol, traz*, etc.; em outras, o radical coincide com a raiz: CAMP-*o*, NOC-*ivo*, *re*-NOV-*ar*, *in*-ÚT-*il*, etc.

3 TEMA

Tema é o radical acrescido de uma vogal (chamada *vogal temática*).

Nos verbos o tema se obtém destacando-se o *-r* do infinitivo:

CANTA-*r*, BATE-*r*, PARTI-*r*, etc.

Nos nomes o tema é mais evidente em derivados de verbos:

CAÇA-*dor*, DEVE-*dor*, FINGI-*mento*, PERDOÁ-*vel*, FERVE-*nte*, etc.

4 AFIXOS

Afixos são elementos secundários (geralmente sem vida autônoma) que se agregam a um radical ou tema para formar palavras derivadas. Chamam-se *prefixos*, quando antepostos ao radical ou tema, e *sufixos*, quando pospostos. Assim, nas palavras *inativo, empobrecer, internacional, desanimador, imperdoável* e *predominante*, temos:

prefixo	radical	sufixo	prefixo	tema	sufixo
in	**at**	**ivo**	**des**	**anima**	**dor**
em	**pobr**	**ecer**	**im**	**perdoá**	**vel**
inter	**nacion**	**al**	**pre**	**domina**	**nte**

5 DESINÊNCIAS

Desinências são os elementos terminais indicativos das flexões das palavras.

As desinências *nominais* indicam as flexões de gênero (masculino e feminino) e de número (singular e plural) dos nomes. Exemplo:

menin-*o* menino-*s*
menin-*a* menina-*s*

As desinências *verbais* indicam as flexões de número e pessoa e de modo e tempo dos verbos. Exemplos:

am-*o*, ama-*s*, ama-*mos*, ama-*is*, ama-*m*
ama-*va*, ama-*va*-s, ama-*va*, etc.

A desinência -*o* de *am-o* é uma desinência *número-pessoal*, porque indica que o verbo está na 1ª pessoa do singular; -*va*, de *ama-va*, é desinência *modo-temporal*: caracteriza uma forma verbal do pretérito imperfeito do indicativo, na 1ª conjugação.

6 VOGAL TEMÁTICA

Vogal temática é o elemento que, acrescido ao radical, forma o tema de nomes e verbos.

Nos verbos distinguem-se três vogais temáticas:

a que caracteriza os verbos da 1ª conjugação: and*a*r, and*a*vas, etc.

e que caracteriza os verbos da 2ª conjugação: bat*e*r, bat*e*mos, etc.

i que caracteriza os verbos da 3ª conjugação: part*i*r, part*i*rá, etc.

Chama-se *terminação* à parte da palavra subsequente ao radical. Às vezes confunde-se com o sufixo: pass-*ear*, vend-*erão*, glori-*oso*, grit-*ando*.

7 VOGAIS E CONSOANTES DE LIGAÇÃO

São fonemas que, em certas palavras derivadas ou compostas, se inserem entre os elementos mórficos, em geral por motivos de eufonia, isto é, para facilitar a pronúncia de tais palavras. Exemplos:

silv-*í*-cola, cafe-*t*-eira, pe-*z*-inho, cha-*l*-eira, cafe-*i*-cultura, gas-*ô*-metro, gas-*ei*-ficar, cacau-*i*-cultor, rod-*o*-via, pobre-*t*-ão, pau-*l*-ada, capin-*z*-al, inset-*i*-cida, rat-*i*-cida, gas-*o*-duto, etc.

Observação:

✔ A esses elementos de ligação alguns gramáticos chamam *infixos*.

8 COGNATOS

Cognatos são vocábulos que procedem de uma raiz comum. Tais palavras constituem uma *família etimológica*.

À raiz da palavra latina *anima* (= espírito), por exemplo, prendem-se os seguintes cognatos: alma, animal, alimária, animar, animador, desanimar, animação, almejar, ânimo, desalmado, etc.

Às vezes torna-se difícil discernir a raiz primitiva, em virtude das alterações sofridas. Exemplo: FACção, FACcioso, FACínora, FAÇanha, FÁCil, FACilitar, FATor, FATurar, FATo, inFECção, diFÍCil, beneFÍCio, artíFICe, conFECção, eFETuar, FEITo, ouriVES (cognatos do verbo latino *facio*, fazer).

9 PALAVRAS PRIMITIVAS E DERIVADAS

Quanto à formação, as palavras podem ser *primitivas* ou *derivadas*.

- **Palavras *primitivas* são as que não derivam de outras, dentro da língua portuguesa.**

  Exemplos:
  pedra, terra, dente, pobre, etc.

- **Palavras *derivadas* são as que provêm de outras.**

  Exemplos:
  pedreiro, enterrar, dentista, pobrezinho, etc.

10 PALAVRAS SIMPLES E COMPOSTAS

Com relação ao radical, dividem-se as palavras em *simples* e *compostas*.

- **Palavras *simples* são as que têm um só radical.**

  Exemplos:
  livre, beleza, recomeçar, maquinismo, desmatamento.

- **Palavras *compostas* são as que apresentam mais de um radical.**

  Seus elementos, em muitos casos, unem-se sem hífen. Exemplos:
  passatempo, automóvel, ferrovia, peixe-elétrico, melão-de-são-caetano.

EXERCÍCIOS LISTA 08

1. Destaque e classifique os elementos mórficos das palavras seguintes:

insanável – deslealdade – operoso – louvavas – antimilitarismo – cafeteira – cacauicultor

2. Forme cognatos que tenham por base as seguintes palavras:

cruz – jeito – maduro – amigo – corpo – pedra – comum

3. Escreva somente as afirmativas corretas com relação à análise morfológica da palavra **desonrosa**:

O radical é *onr*.
O prefixo é *des-*.
O sufixo é *-rosa*.
O *a* final é desinência de gênero.

4. Escreva em seu caderno de forma a combinar corretamente as duas colunas:

raiz, radical, tema	elementos modificadores
prefixo, sufixo, desinência	elementos de ligação
vogal e consoante de ligação	elementos básicos e significativos

5. Copie as palavras e, em seguida, assinale com um traço o radical delas:

desanimador – realizar – anoitecer – exportação – inativo – analisar

6. Escreva em seu caderno as seguintes palavras, indicando, a seguir, se são **primitivas** ou **derivadas**:

arte – artista – pesquisador – pesquisa – atleta – atletismo – concretizar – concreto

7. Qual é o tipo de desinência do elemento em destaque do verbo esperáva**mos**?

8. Distinga as palavras simples das compostas, classificando-as em duas colunas:

terremoto – erva-doce – desemprego – carro-pipa – modernismo – laranjal – pontiagudo – engarrafamento

9. Identifique os radicais das palavras abaixo:

a) terra – terrinha – térreo – terreiro

b) descampado – campestre – campesino – acampar

c) cardiologia – cardíaco – cardiologista – taquicardia

d) envelhecimento – velhice – envelhecer – velharia

10. Copie as palavras, desmembrando-as como no exemplo:

martelada

radical: martel- **sufixo nominal:** -ada

a) tristonho b) certeza c) receber d) gostoso

11. Todos os vocábulos derivados de um radical comum são considerados **cognatos**. Dê exemplos de palavras cognatas de:

a) poeira b) cinzento c) impressão d) puro e) doer

12. Aponte a alternativa em que há uma palavra que não é cognata das demais:

a) regular, desregulado, regulador, regularidade, regularizar

b) religião, religioso, religiosidade, relíquia, religiosamente

c) nebuloso, nebulosidade, nebulizador, nebulosa

13. Forme palavras cognatas das que aparecem em cada alternativa, utilizando os sufixos entre parênteses:

a) biblioteca (-ário) imundo (-ice ou -ície) órfão (-ato)

b) obedecer (-ência) paraíso (-aco) ler (-ível)

ESTRUTURA DAS PALAVRAS
Exercícios de exames e concursos
[Página 669]

FORMAÇÃO DAS PALAVRAS

Veja este exemplo do escritor Murilo Melo Filho:

"O *computador* poderá ser, no futuro, um instrumento tão vulgarizado quanto o *rádio*, o *telefone*, a *geladeira* e o *televisor*."

As palavras destacadas foram criadas para denominar modernos inventos da ciência e da tecnologia. É assim que nascem os **neologismos** (palavras novas), que são uma decorrência do progresso e do desenvolvimento da cultura humana. Novas ideias e invenções criam novas necessidades de expressão.

Se existe uma técnica para construir um televisor, há também outra para formar palavras novas.

Em nossa língua há dois processos gerais para a formação de palavras: a *derivação* e a *composição*.

1 DERIVAÇÃO

A derivação consiste em formar uma palavra nova (derivada), a partir de outra já existente (primitiva). Realiza-se de quatro maneiras:

- **por sufixação – acrescentando-se um sufixo a um radical:**
  den*tista*, jog*ador*, boi*ada*, sapat*aria*, real*izar*, feliz*mente*

- **por prefixação – antepondo-se um prefixo a um radical:**
  *in*capaz, *des*ligar, *re*fresco, *super*sônico, *pré*-história

- **por derivação parassintética (ou parassíntese) – anexando-se, ao mesmo tempo, um prefixo e um sufixo a um radical:**

  alistar (a + lista + ar), *envergonhar* (en + vergonha + ar), *emudecer* (e + mudo + ecer), *esfarelar* (es + farelo + ar), *desalmado* (des + alma + ado), *enfileirar* (en + fileira + ar), *empapelar* (em + papel + ar), *empalidecer* (em + pálido + ecer), *enegrecer* (e + negro + ecer)

  Os vocábulos parassintéticos são quase sempre verbos e têm como base um substantivo ou um adjetivo:

  empalhar, despedaçar, amanhecer, anoitecer, etc. (base substantiva);
  amolecer, esfriar, endoidecer, etc. (base adjetiva).

  É importante fazer distinção:

  descarregar (*des* + carregar) → prefixação
  achatamento (achatar + *mento*) → sufixação
  amaciar (*a* + macio + *ar*) → parassíntese

  (Não existe o verbo *maciar* nem o substantivo ou adjetivo *amacio*.)

Observação:

✔ A NGB não adotou a denominação *parassíntese* nem alude explicitamente a esse processo.

- **por derivação regressiva – substituindo-se a terminação de um verbo pelas desinências** *-a, -o* **ou** *-e*:

mudar	→	muda	pescar	→	pesca
ajudar	→	ajuda	combater	→	combate
atacar	→	ataque	rematar	→	remate
chorar	→	choro	castigar	→	castigo
abalar	→	abalo	falar	→	fala

Observação:

✔ Os substantivos que derivam dos verbos chamam-se *pós-verbais* ou *deverbais*.

✔ O processo normal é criar o verbo partindo de um substantivo. Na derivação regressiva, a língua procede em sentido inverso: forma o substantivo partindo do verbo.

- **Além desses processos de derivação propriamente dita, existe ainda o da** *derivação imprópria*, **que consiste em mudar a classe de uma palavra, estendendo-lhe a significação.**

Por este processo (que não deixa de ser um recurso de enriquecimento dos meios de expressão):

a) os adjetivos passam a substantivos: os *bons*, os *maus*, o *verde*, etc.

b) os particípios passam a substantivos ou adjetivos: um *feito* heróico, o *passado*, ente *querido*, filho *amado*, etc.

c) os infinitivos passam a substantivos: o *viver*, o *andar*, o *sorrir*, o *bater* da porta, o *espocar* dos foguetes, etc.

"O *badalar* dos sinos animou-a debilmente." (Graciliano Ramos)

d) os substantivos passam a adjetivos: comício *monstro*, menino *prodígio*, traje *esporte*, funcionário *fantasma*, homens-*rãs*, etc.

e) os adjetivos passam a advérbios: falar *alto*, vender *caro*, tossir *forte*, falar *baixo*, etc.

f) palavras invariáveis passam a substantivos: o *sim*, os *prós* e os *contras*, um *quê* de mistério, o *porquê* da existência, etc.

g) substantivos próprios tornam-se comuns: os *mecenas* das artes, um *caxias* (= chefe severo e exigente), um *havana*, etc.

"os braços de pano de um *judas*" (Raquel de Queirós)

Observação:

✔ O processo da derivação imprópria não interessa à morfologia, mas à semântica e à estilística.

2 COMPOSIÇÃO

Pelo processo da *composição* associam-se duas ou mais palavras ou dois ou mais radicais para formar uma palavra nova.

A composição pode efetuar-se:

- **por justaposição, unindo-se duas ou mais palavras (ou radicais), sem lhes alterar a estrutura.**

  Exemplos: passatempo, vaivém, cantochão, girassol, biólogo, televisão, rodovia, mata-borrão, sempre-viva, greco-latino, cor-de-rosa, etc.

Na justaposição, os elementos ora se unem com hífen, ora sem hífen. Expressões como *fogão a gás, estrada de ferro, doce de leite, fim de semana, anjo da guarda, dona de casa* não se hifenizam porque não são vocábulos compostos, não constituem uma perfeita unidade semântica. Veja *Emprego do hífen*, página, 81 § 4.

- **por aglutinação, unindo-se dois ou mais vocábulos ou radicais, com supressão de um ou mais de um de seus elementos fonéticos.**

  Exemplos: *aguardente* (água ardente) – *embora* (em boa hora) – *fidalgo* (filho de algo, isto é, filho de família nobre) – *pernalta* (perna alta) – *planalto* (plano alto) – *pernilongo* (perna longo) – *quintessência* (quinta essência) – *hidrelétrico* (hidro elétrico) – *santelmo* (Santo Elmo), *santantônio* (Santo Antônio), *viandante* (via andante), *boquiaberto* (boca aberto), etc.

Observação:

✔ Ao aglutinarem-se, os componentes subordinam-se a um só acento tônico, o do último componente.

3 REDUÇÃO

Algumas palavras apresentam, ao lado de sua forma plena, uma forma reduzida. Exemplos:

auto (por *automóvel*)
cinema (por *cinematografia*)
cine (por *cinema*)
foto (por *fotografia*)
moto (por *motocicleta*)
Guará (por *Guaratinguetá*)
extra (*por extraordinário* ou *extrafino*)
quilo (por *quilograma*)
ônibus (por *auto-ônibus*)
seu (por *senhor*)
pornô (por *pornografia*)
curta (por *curta-metragem*)
pólio (por *poliomielite*)
pneu (por *pneumático*)
micro (por *microcomputador*)
Quim (por *Joaquim*)
Zé (por *José*)

Essa espécie de economia linguística, comum a todos os idiomas, é responsável por simplificações mais arrojadas. Haja vista:

zoo (por *jardim zoológico*)

metrô (do francês *métro*, redução de *chemin de fer métropolitain*, isto é, *estrada de ferro metropolitana*)

Como exemplo de redução ou simplificação das palavras, podem ser citadas também as siglas, tão frequentes na comunicação de hoje.

4 HIBRIDISMOS

Hibridismos são palavras em cuja formação entram elementos de línguas diferentes. São exemplos de palavras híbridas:

monocultura (*mono* + *cultura*, grego e latim)
alcoômetro (*álcool* + *metro*, árabe e grego)
lactômetro (*lact* + *metro*, latim e grego)
televisão (*tele* + *visão*, grego e latim)
automóvel (*auto* + *móvel*, grego e latim)
abreugrafia (*Abreu* + *grafia*, português e grego)

5 ONOMATOPEIAS

Numerosas palavras devem sua origem a uma tendência constante da fala humana para imitar as vozes e os ruídos da natureza. Semelhantes vocábulos, chamados *onomatopeias*, reproduzem aproximadamente os sons e as vozes dos seres.

Eis as principais vozes imitativas:

arrulhar – pombo, rola
badalar, **bimbalhar**, **repicar**, **repenicar** – sino
balir – ovelha, cordeiro
blaterar – camelo
bramar, **bramir**, **rugir** – feras, mar
cascalhar – risadas
coaxar – rã
cocoricar, **cucuricar**, **cucuritar** – galo
chiar – carro de bois, insetos
chilrar, **chilrear** – aves
chirriar – coruja
chocalhar – chocalho, cascavel
ciciar – brisa, vozes
espocar, **pipocar** – foguetes
estralejar – chicote, raio
estridular – cigarra
farfalhar – folhas, árvores, etc.
fonfom, **fonfonar** – buzina de automóveis
fremir – urso, vestes, ondas, mar
frufru, **frufrutar** – rumor de folhas, de vestidos
gloterar – cegonha
gorgolejar – água
gralhar, **gralhear** – gaio, gralha
grasnar, **grulhar**, **crocitar** – pato, grou, corvo
grugulejar, **grugulhar** – peru
grunhir, **cuinchar** – porco
guinchar – macaco, rato, carro
ladrar, latir, ganir, uivar, rosnar, cainhar – cão
miar, miau, rosnar, ronronar, bufar – gato
mugir – boi, vaca
palrar, chalrar – papagaio
piar, pipilar – aves
pissitar – estorninho
rataplã – tambor
rechiar, rechinar – carne na brasa
regougar – raposa
relinchar, rinchar, nitrir – cavalo
retinir – araponga
ribombar, retumbar, atroar, reboar, tonitroar – trovão, canhão, eco, estampido, etc.
rufar – tambor, caixa
ruflar – asas, saias, etc.
rugir, urrar – leão, onça, etc.
sibilar – balas, serpente
tamborilar – dedos, gotas de água
tartamudear – gago
tilintar – moedas, campainha
tinir – copos, cristais, metais
tique-taque, tiquetaquear – relógio, pêndulo
trilar – apito, inhambu
trissar – andorinha, calhandra
uivar, ulular – cão, lobo
urrar, rugir, bramir – touros, feras
zumbir, zunir, zinir, ziziar, zoar, chiar – insetos
zunzum, zunzunar – motor
zurrar, ornejar – burro

EXERCÍCIOS

LISTA 09

1. Copie as palavras abaixo, classificando-as, em seguida, de acordo com o processo de formação:

vaivém – pernalta – leiteiro – repatriar – infeliz

(1) sufixação ou derivação sufixal

(2) prefixação ou derivação prefixal

(3) justaposição

(4) aglutinação

(5) parassíntese

2. Reconheça os processos de formação das palavras seguintes:

motorista – aeroplano – internacional – embora – água-de-colônia – envernizar – canalizar – aguardente – girassol – comumente – quinta-feira – enlutar – malmequer – vivalma

3. Forme parassintéticos verbais que tenham por base os nomes seguintes:

Exemplo: vergonha – *envergonhar*

terra – caixa – sócio – pedaço – coice – podre – pedra – grande – tímido – velho – pálido – parede – papel

4. Escreva apenas as afirmativas corretas relativamente à palavra **televisão**:

É vocábulo simples.
É composta por justaposição.
É formada por prefixação.
É formada por sufixação.
É formada por aglutinação.
É um hibridismo.
O verbo derivado é *televisionar*.
Abrevia-se: TV.

5. Escreva os nomes dos seres a que se referem as seguintes vozes:

regougar – tinir – grunhir – bimbalhar – blaterar – crocitar – chirriar – ulular

6. Escreva as palavras e classifique-as de acordo com a coluna numerada:

moto – envergonhar – monocultura – ciciar – Funai

(1) parassíntese

(2) hibridismo

(3) redução

(4) sigla

(5) onomatopeia

7. Copie a frase, reduzindo a palavra destacada:

O primeiro trecho do **metropolitano** carioca foi inaugurado no dia 5 de março de 1979.

8. Escreva a oração, substituindo os asteriscos corretamente por verbos derivados parassintéticos dos substantivos **carne** e **papel**:

"Diferença entre o açougueiro e o ator: o ator ********** os papéis, o açougueiro ********** as carnes." (MILLÔR FERNANDES)

9. Informe o processo de derivação das palavras abaixo:

inconsciente	amadurecer	surfista
interesseiro	desonesto	emplacar
enfileirar	gorduroso	redondeza
anoitecer	reaver	bimensal

10. Releia o item que trata de *derivação imprópria* e explique as palavras destacadas:

a) A estrada rasgava o **verde** bruto da paisagem.

b) Num **estrondar** de rodas, de súbito freadas, o trem se imobiliza.

c) No seu traje moderninho havia um **quê** de ridículo.

11. Copie somente o vocábulo formado por derivação sufixal:

bem-te-vi	guloso
retrocesso	esfriar

12. Copie apenas a palavra cujo radical é diferente do radical das outras:

dor – dolorido – doloroso – indolor – dormente

13. Pelo processo da **sufixação**, derive **adjetivos** das palavras abaixo. Destaque os sufixos que utilizou:

a) verdade

b) árvore

c) força

d) riso

e) sede

14. Forme verbos pelo processo de **parassíntese** a partir dos substantivos e adjetivos abaixo:

a) vergonha

b) tarde

c) raiz

d) farelo

e) magro

15. As palavras em destaque sofreram mudança de categoria gramatical. Dizemos, então, que houve **derivação imprópria**. Aponte essas alterações:

a) O **andar** de meu pai é compassado.

b) Havia nas suas maneiras um **quê** de encantador.

c) Um **não** dito com delicadeza fere menos que um **sim** com aspereza.

d) Procure sempre unir o **útil** ao **agradável**.

FORMAÇÃO DAS PALAVRAS
Exercícios de exames e concursos
[Página 669]

SUFIXOS

Sufixos são elementos (isoladamente, insignificativos) que, acrescentados a um radical, formam nova palavra. Ao mesmo tempo que alteram a significação do vocábulo originário (*dente* → *dent**ista***), podem ainda mudar-lhe a classe gramatical (*ponta* → *pont**udo***), o gênero (*boi* → *boi**ada***) ou o grau (*gato* → *gat**inho**, frio* → *fri**íssimo***).

A maioria dos sufixos provêm do latim e do grego. Classificam-se em:

- **nominais**: os que formam substantivos e adjetivos: dent*ista*, gost*oso;*
- **verbais**: os que formam verbos: gote*jar*, cabece*ar;*
- **adverbial**: o sufixo *-mente*, formador de advérbios: rapida*mente*.

1 PRINCIPAIS SUFIXOS NOMINAIS

Eis os mais importantes sufixos nominais, com algumas de suas múltiplas significações:

- **-ada, -agem, -al, -alha, -ama, -ame, -edo, -io**

Formam substantivos com ideia de coleção, agrupamento:

boiada, ramagem, laranjal, algodoal, cordoalha, dinheirama, courama, vasilhame, arvoredo, mulherio, gentio, etc.

Os sufixos **-al** e **-io** também formam adjetivos. Exemplos:

especial, colonial, fugidio, arredio, etc.

- **-aço, -aça, -arra, -orra, -aréu, -ázio, -ão (este com numerosas variantes)**

São sufixos aumentativos:

balaço, ricaço, barcaça, bocarra, cabeçorra, povaréu, copázio, portão, vagalhão, espertalhão, casarão, narigão, comilão, espadagão, gatarrão, beberrão, homenzarrão, vozeirão.

Observação:

✔ Neles a ideia aumentativa concorre, em geral, com a depreciativa ou pejorativa.

- **-acho, -ejo, -ela, -eta, -ete, -eto, -ico, -iço, -isco, -(z)inho, -(z)ito, -im, -ola, -ota, -ote, -(c)ulo, -(c)ula, -ucho**

São sufixos diminutivos:

riacho, lugarejo, ruela, saleta, artiguete, poemeto, burrico, aranhiço, chuvisco, dedinho, animalzinho, pequenito, pezito, espadim, fazendola, casota, velhote, glóbulo, montículo, governículo, flâmula, gotícula, papelucho.

Observação:

✔ Juntamente com a ideia diminutiva, alguns desses vocábulos têm acentuada tonalidade depreciativa: *hotelejo, fidalgote, artiguete, saberete, gentinha, povinho, papelucho, governicho*[1]; outros exprimem afetividade: *filhinho, paizinho, pezito, pequenito*.

- **-ada, -dade, -dão, -ança, -ância, -ção, ença, ência, -ez, -eza, -ice, -ície, -mento, -(t)ude, -ume, -ura**

Formam substantivos significando ação, resultado de ação, qualidade, estado:

paulada, maldade, escuridão, esperança, oração, traição, relutância, detença, imponência, altivez, surdez, beleza, velhice, calvície, ferimento, quietude, atitude, negritude, negrume, brancura, pintura, formatura.

- **-aria, -eria**

Exprimem coleção, estabelecimento comercial ou industrial, repartição, ação:

maquinaria, vozeria, gritaria, sapataria, leiteria, loteria, secretaria, pirataria, zombaria, galanteria, bruxaria.

Observação:

✔ Evite-se a pronúncia *maquinária*, em vez de *maquinaria*. Diz-se *imobiliária*, por ser adjetivo feminino substantivado: (*empresa*) *imobiliária*.

- **-ário, -eiro, -dor, -sor, -tor, -nte**

Denotam profissão, ofício, agente:

bibliotecário, pedreiro, vendedor, agrimensor, professor, inspetor, ajudante, escrevente, ouvinte, pedinte.

Formam também adjetivos. Exemplos:

contrário, rodoviário, previdenciário, lisonjeiro, consolador, produtor, confiante, recente, seguinte.

---

(1) "*Governichos* burocráticos, desfibrados, a administrarem um organismo corroído." (Ciro dos Anjos, *Montanha*, p. 276, 2ª ed.)

- **-douro, -tório**

Formam substantivos que exprimem lugar:

ancoradouro, bebedouro, dormitório, laboratório, purgatório.

(O sufixo **-ório** acrescenta, às vezes, a ideia de quantidade com sentido depreciativo: *papelório, palavrório, farelório*.)

Formam também adjetivos. Exemplos:

duradouro, vindouro, finório, provisório, meritório, satisfatório, notório.

- **-cida, -cídio**

Formam substantivos, aos quais transmitem as ideias de "que mata" e "crime de matar", respectivamente:

homicida, homicídio, suicida, suicídio.

- **-al, -ar, -eo, -ea**

Formam adjetivos que denotam referência, relação:

imperial, escolar, vítreo, férreo, corpóreo, lacrimogêneo, instantânea.

- **-ano, -ão, -eiro, -ense, -eu, -ino, -ês, -esa**

Formam adjetivos que exprimem naturalidade, origem:
curitibano, alemão, brasileiro, paraense, europeu, florentino, chinês, montanhês, chinesa, montanhesa.
O sufixo **-ino** indica também referência. Exemplos:

bovino, ovino, caprino, leonino, taurino, suíno.

- **-oso, -udo**

Formam adjetivos denotadores de abundância, qualificação acentuada:

gorduroso, arenoso, corajoso, barrigudo, beiçudo, cabeludo, pontudo, bicudo.

- **-imo, -érrimo, -íssimo**

Exprimem o grau superlativo dos adjetivos:
facílimo, paupérrimo, belíssimo.

Observação:

✔ Os sufixos anteriores são de origem latina, com exceção de **-arra**, **-orra**, **-aréu**. Os sufixos seguintes são de proveniência grega.

- **-ia, -ismo**

Formam substantivos que traduzem ciência, escola, sistema político ou religioso:

astronomia, romantismo, modernismo, socialismo, catolicismo.

Observação:

✔ O sufixo **-ia** exprime ainda outros conceitos, como qualidade (*valentia*, *ufania*, *melancolia*), lugar (*sacristia*), cargo (*chefia*), etc.

- **-ista**

Traduz naturalidade, particularismo, profissão:
paulista, comunista, maquinista.

- **-ite**

Exprime a ideia de inflamação:
apendicite, bronquite, nefrite, gastrite.

- **-esa, -essa, -isa**

Traduzem título ou dignidade de pessoa do sexo feminino:
baronesa, marquesa, condessa, abadessa, sacerdotisa, profetisa, poetisa, pitonisa.

- **-ico**

Forma adjetivos denotando referência, relação:
físico, helênico, histórico, olímpico, histérico, mecânico, esplênico, cíclico, sulfúrico, telúrico, bíblico, faraônico.

- **-ose**

Denota estado mórbido, doença:
neurose, psicose, tuberculose, esclerose.

- **-oide (ói)**

Forma adjetivos denotadores de semelhança:
antropoide, esferoide, metaloide, negroide, ovoide.

(Esse último sufixo às vezes confere aos adjetivos significado depreciativo: *politicoide*, *moloide*, etc.)

- **-tério**

Forma substantivos denotadores de lugar:
batistério, cemitério, necrotério.

- **Outros sufixos nominais**

-ado: bispado, consulado, desalmado, barbado
-aico: judaico, arcaico, prosaico
-ando: doutorando, bacharelando, examinando
-âneo: instantâneo, conterrâneo

-ardo: felizardo, galhardo
-ático: lunático, aromático, aquático, asiático
-ato: sindicato, cardinalato, timorato
-engo: realengo, mulherengo, verdolengo
-ento: sedento, poeirento, cruento, areento
-esco: dantesco, gigantesco, grotesco
-ício: desperdício, alimentício, patrício
-iço: movediço, enfermiço
-il: gentil, febril, varonil, Brasil
-ivo: corrosivo, impulsivo, explosivo
-onho: medonho, tristonho, enfadonho
-rana: (= semelhança): canarana, cajarana
-ugem: penugem, lanugem, ferrugem
-usco: velhusco, patusco, chamusco, pardusco
-vel: inflamável, adorável, indelével, audível, solúvel, miscível, imóvel

▪ Alguns sufixos da terminologia científica

-ato, **-eno**, **-eto**, **-ina**, **-ol** (em Química): *sulfato*, *carbonato*, *acetileno*, *cloreto*, *anilina*, *cocaína*, *fenol*.

-áceo, **-ácea** (em Botânica): *rubiáceo*, *rubiácea*, *liliáceo*, *liliácea*, *rosáceo*, *rosácea*, *musáceo*, *musácea*, *violáceo*, *violácea*. Têm outras aplicações: *cetáceo*, *coriáceo*, *galináceo*, *farináceo*.

-ite, -ose (em Medicina): *apendicite*, *neurose*.

-oide (em várias ciências): *antropoide*, *geoide*, *metaloide*, *alcaloide*, *mongoloide*, *debiloide*, *epilepticoide*.

Observações:

✔ Os sufixos nominais prestam-se, quase sempre, à expressão de mais de uma ideia. O sufixo *-eiro*, por exemplo, pode acrescentar ao radical a noção de árvore (*coqueiro*), profissão (*sapateiro*), coleção (*braseiro*), lugar (*banheiro*), recipiente (*açucareiro*), naturalidade (*brasileiro*). Existem até sufixos de significações opostas: *beiçola* (= beiço grande), *bandeirola* (= pequena bandeira), *povaréu* (= grande multidão), *mastaréu* (= pequeno mastro).

✔ Observe, nos exemplos dados, as diferentes maneiras pelas quais os sufixos se anexam e se acomodam aos radicais.

2 SUFIXOS VERBAIS

Os sufixos verbais agregam-se, em regra, ao radical de substantivos e adjetivos para formar novos verbos. Eis os sufixos que maior vitalidade tiveram na formação de verbos portugueses:

- **Formam verbos que exprimem, entre outras ideias, prática de ação:**

-ar: cruzar, fonfonar, analisar, limpar, telefonar

-ear: pratear, guerrear, golear, cabecear

-entar: afugentar, amamentar, amolentar

-ficar: dignificar, gaseificar, liquidificar, petrificar, ossificar

-izar: civilizar, finalizar, organizar, comercializar

Observação:

✔ A terminação **-ar**, na prática, funciona como sufixo.

- **Forma verbos *incoativos*, isto é, que exprimem início de ação, fenômeno progressivo, passagem a novo estado:**

-ecer: amadurecer, amanhecer, empobrecer, endurecer, enriquecer, enlouquecer, endoidecer, envelhecer, entristecer, escurecer, fortalecer, reverdecer, alvorecer, apodrecer, umedecer, favorecer, enaltecer, etc.

A variante **-escer** aparece em formas eruditas, provenientes diretamente do latim literário. Exemplos:

convalescer, florescer, incandescer, intumescer, recrudescer, rejuvenescer, etc.

- **Formam verbos *frequentativos*, isto é, que traduzem ação repetida muitas vezes:**

-açar: esvoaçar, espicaçar

-ear: espernear, escoicear, chicotear, balancear

-ejar: gotejar, bracejar, grugulejar, doidejar, voejar, lacrimejar

-ilhar: fervilhar, dedilhar, pontilhar, saltarilhar

-inhar: chapinhar, escoucinhar, escrevinhar, estracinhar, cuspinhar

-itar: saltitar, cucuritar, volitar

Observações:

✔ À ideia de ação repetida os três últimos sufixos frequentativos podem acrescentar a de diminuição (*saltitar*, *pontilhar*, *cuspinhar*) ou a de depreciação (*escrevinhar*).

✔ O sufixo **-ejar** forma também verbos que exprimem outras ideias: *almejar*, *calejar*, *velejar*, *verdejar*, etc.

- **Formam verbos *diminutivos*, isto é, que exprimem ação pouco intensa (*dormitar* = dormir levemente):**

-icar: adocicar, bebericar, depenicar, namoricar, saltaricar

-inhar: cuspinhar, escrevinhar

-iscar: lambiscar, mordiscar, namoriscar, petiscar

-itar dormitar, saltitar

Observação:

✔ Dos sufixos verbais, **-ar**, **-ear**, **-ejar**, **-izar**, **-ecer** foram, e continuam sendo, os mais produtivos dentro do idioma.

3 SUFIXO ADVERBIAL

O único sufixo adverbial, em português, é **-mente** (da palavra latina *mentem* = mente, espírito, ânimo, intenção), que se acrescenta aos adjetivos, na flexão feminina (quando houver), para exprimir circunstâncias de modo, quantidade, tempo:

comodamente, bondosamente, copiosamente, atualmente, anteriormente.

Observação:

✔ Os adjetivos em *-ês*, no caso, mantêm-se, tradicionalmente, no masculino, porque no português antigo eram invariáveis em gênero: *portuguesmente*, *francesmente*, *burguesmente*, etc. Veja exemplos na p. 261, § 2.

EXERCÍCIOS — LISTA 10

1. Escreva as palavras seguintes e destaque os seus sufixos:

barbearia, sobranceria, bronquite, ciclista, escorregadio, opúsculo, civilizar, paralisar, férreo, vidraceiro, comodamente, marquesa, mesinha, pazinha, mataréu

2. Com o auxílio de sufixos adequados derive adjetivos de:

anel, círculo, cone, esfera, ovo, face, ciclo, montanha, barba, guerra, cólera, ferrugem, riso, primavera, repulsa, Gênova, Dante, burgo

3. Por meio de sufixos adequados derive verbos das palavras:

central, forte, análise, prega, braço, flor, ameno, salto, voo, irmão, fértil, mão, pesquisa, amarelo

4. Escreva as palavras no seu caderno e classifique-as, numerando-as de acordo com a significação do sufixo:

frond**oso**	(1)	naturalidade
homi**cídio**	(2)	abundância
apendic**ite**	(3)	diminuição
social**ismo**	(4)	crime
peru**ano**	(5)	inflamação
flaut**im**	(6)	sistema

5. Dê os adjetivos terminados em **-eo** relativos aos substantivos abaixo, utilizando os radicais latinos do quadro:

Exemplo: enxofre, *sulfúreo*

corpo, ouro, mármore, sangue, osso, neve, enxofre, chumbo, prata, fogo, rosa, cinza, leite

corpor(i)- – aur(i)- – marmor(i)- – sanguin(i)- – oss(i)- – niv-
– sulfur- – plumb(i)- – argent(i)- – ign(i)- – ros- – ciner(i)- – lact(i)-

6. Substitua os asteriscos pelos adjetivos correspondentes às expressões entre parênteses, nas frases abaixo:

a) Galinhas catavam farelo no chão ***. (cheio de **areia**)

b) Era uma múmia da época ***. (dos **faraós**)

c) A polícia dispersou a multidão com gás ***. (que provoca **lágrimas**)

7. Forme palavras derivadas com os sufixos: **-ar**, **-ense**, **-iço**, **-eza**, **-ite**, **-ose**, **-oide**, **-ula**, **-vel**.

8. Com os sufixos **-ês**, **-ez**, **-esa**, **-eza**, forme, corretamente, cognatos de:

China – escasso – duque – limpo – surdo – monte – altivo – empreender – defender – corte (ô)

9. Copie somente o grupo de sufixos que formam nomes que indicam naturalidade:

-edo	-ês	-vel
-ado	-ez	-ano
-ense	-oso	-dor
-al	-ino	-iço
-esco	-ento	-ista

10. Substitua convenientemente o * nas palavras pelos sufixos **-esa** ou **-eza**.
Releia antes o que foi estudado sobre o assunto:

portugu*	frambo*
firm*	delicad*
avar*	holand*
repr*	espert*
cert*	surpr*
fregu*	profund*

11. Dê exemplos de verbos incoativos formados com os sufixos **-ecer** e **-escer**:

12. Dê exemplos de palavras em que apareçam os sufixos propostos com o sentido indicado nos parênteses:

a) -al (coleção, agrupamento)
b) -ejo (diminutivo)
c) -eiro (profissão)
d) -tório (lugar)
e) -ense (origem)
f) -ose (doença)

SUFIXOS
Exercícios de exames e concursos
[Página 664]

PREFIXOS

Os prefixos ocorrentes em palavras portuguesas provieram do latim e do grego, línguas em que funcionavam como preposições ou advérbios, portanto como vocábulos autônomos. Por isso, têm significação bem mais precisa que os sufixos e exprimem, geralmente, circunstâncias (lugar, modo, tempo, etc.).

Muitos prefixos latinos podem apresentar-se ora com a forma primitiva, principalmente em palavras eruditas (***ab**dicar*, ***abs**têmio*, ***ad**junto*, ***ex**clamar*, ***in**corporar*, ***inter**urbano*, ***sub**terrâneo*, ***super**sônico*, etc.), ora com a forma evoluída ou vernácula (***a**versão*, ***a**juntar*, ***es**gotar*, ***en**sacar*, ***entre**vista*, ***so**braçar*, ***sobre**por*, etc.).

Alguns prefixos foram pouco ou nada produtivos, em português; outros, pelo contrário, tiveram grande vitalidade na formação de novas palavras. Figuram entre esses últimos *a-*, *contra-*, *des-*, *em-* ou *en-*, *es-*, *entre-*, *re-*, *sub-* e *super-* (latinos) e *anti-* (grego).

Em numerosas palavras que entraram para a nossa língua já formadas obliterou-se o sentimento do prefixo. É o caso, por exemplo, de *adunco*, *observar*, *objeto*, *exceção*, *proceder*, *relatar*, cujos prefixos são, aparentemente, vazios de sentido.

Não são raros os exemplos de vocábulos em que ocorrem juntos dois prefixos: ***rea**proximar*, ***desen**terrar*, ***desem**barcar*, ***indis**por*, etc.

1 PREFIXOS LATINOS

Eis os principais prefixos de origem latina que figuram em palavras portuguesas:

- **ab-**, **abs-**, **a-** – indicam afastamento, separação, privação:
  abjurar, abnegado, abdicar, abster-se, abstêmio, aversão, afastar.
- **a-**, **ad-** – indicam aproximação, passagem a um estado, tendência:
  ajuntar, avizinhar, apodrecer, admirar, adjacência.
- **ambi-** – exprime duplicidade, dubiedade:
  ambíguo, ambiguidade, ambivalente.
- **ante-** – antes, anterioridade, antecedência:
  antepor, antevéspera, antebraço, antedatar.
- **bene-**, **bem-**, **ben-** – bem, excelência:
  beneficente, benevolência, bem-falante, bem-amada, benfazejo, benquerença.

- **circum-**, **circun-**, **circu-** – em redor, em torno:

  circumpolar, circunlóquio, circungirar, circunavegação.

- **cis-** – do lado de cá, aquém:

  cisandino, cisatlântico, cisplatino.

- **com-**, **con-**, **co-** – companhia, concomitância:

  compadre, concidadão, condomínio, confraternizar, colaborar, cooperar, coestaduano, co-herdeiro, co-redentora, coautor.

- **contra-** – direção contrária, oposição:

contra-indicado, contraprovar, contravenção, contraveneno, contramarcha, contraofensiva, contramuro.

- **de-** – para baixo, separação:

  declínio, deposição, decrescer, demover, decompor.

- **des-**, **dis-** – negação, ação contrária, separação, afastamento:

desarmonia, desonesto, descascar, desfazer, deslembrar, desterrar, dissentir, dissociar.

- **ex-**, **es-**, **e-** – movimento para fora, função ou estado anteriores, separação, conversão em:

expulsar, expatriar, ex-ministro, esmigalhar, esgotar, esfolar, emigrar, evaporar, ejetor, ejetável.

- **extra-** – fora de:

  extraordinário, extraviar, extraoficial.

(*Extra* é adjetivo quando representa a redução de *extraordinário*: voos *extras*.)

- **in-**[1], **i-**, **en-**, **em-**, **e-** – para dentro, conversão em, tornar:

  ingerir, imerso, entesourar, engarrafar, engordar, entristecer, empalidecer, engolir, embarcar, emudecer.

- **in-**[2], **im-**, **i-** – negação, carência:

  indelével, infelicidade, impune, imberbe, ilegível, ilegal, irreal, irracional, irredutível, irresoluto.

(O prefixo *in-* reduz-se a *i-* antes de *l*, *m*, *n* e *r*: *ilegível, imóvel, inocente, irresponsável*. Antes de *b* e *p* assume a forma *im-*: *imberbe, improdutivo*.)

- **infra-** – abaixo, na parte inferior:

  infravermelho, infraestrutura, infra-renal, infrassom.

- **inter-**, **entre-** – posição ou ação intermediária, ação recíproca ou incompleta:

  interstício, intercomunicação, entreter, entrelinha, entreamar-se, entreabrir.

- **intra-**, **intro-** – dentro, movimento para dentro:

  intramuscular, introspectivo, introduzir, introvertido.

- **justa-** – proximidade, posição ao lado:

  justafluvial, justapor, justalinear.

- **male-**, **mal-** – opõem-se a *bene*:

  malevolência, mal-educado, mal-estar, maldizer.

- **multi-** – ideia de "muitos":
  multinacional, multissecular.
- **ob-, o-** – posição fronteira, oposição:
  objetivo, objeção, obstáculo, obstar, opor.
- **pene-** – quase:
  penumbra, penúltimo, península.
- **per-** – através de, ação completa:
  percorrer, pervagar, perfazer, perfeito.
- **pluri-** – ideia de multiplicidade, como *multi*:
  pluricelular, pluripartidário.
- **post-, pos-, pós-** – atrás, depois:
  póstumo, posteridade, postergar, pospor, pós-guerra, pós-escrito, postônica, pós-operatório.
- **pre-, pré-** – antes, acima:
  prefixo, predizer, pressupor, pretônica, predominar, pré-escolar, pré-estreia, pré-moldado.
- **preter-** – que vai além de:
  preternatural, preterir, preterintencional.
- **pro-, pró-** – para a frente, diante, em lugar de, em favor de:
  progresso, prosseguir, propor, pronome, propugnar, pró-paz.
- **re-** – para trás, repetição, intensidade:
  regresso, regressar, retornar, regredir, reaver, remarcação, recomeçar, revigorar, redobrar.
- **retro-** – para trás:
  retrocesso, retroativo, retropropulsão.
- **semi-** – metade, meio:
  semimorto, semicírculo, se(mi)mínima, semicerrar.
- **sesqui-** – um e meio:
  sesquicentenário (= 150 anos, um século e meio).
- **sub-, sob-, so-** – posição inferior, debaixo, deficiência, ação incompleta:
  subdelegado, subaquático, subscrição, subestimar, subalimentado, sobpor, sobraçar, soterrar, sopé, soerguer.
- **super-, sobre-** – posição superior, em cima, depois, excesso:
  superpor, supercílio, super-homem, superlotado, sobrecarga, sobreloja, sobrevir, sobreviver.
- **supra-** – acima:
  supradito, supracitado, suprapartidário, suprarrenal.
- **trans-, tras-, tra-, tres-** – além, através de:
  transoceânico, transatlântico, transandino, trasladar (ou *transladar*), *tradição*, tresnoitar.

- **tri-**, **tris-** – *três:*
  triciclo, trigêmeo, tricampeão, trisavô.
- **ultra-** – além de:
  ultramarino, ultrapassar.
- **uni-** – um:
  unicelular, unifamiliar, unificar, uníssono.
- **vice-**, **vis-** – substituição, no lugar de, imediatamente inferior a:
  vice-versa, vice-presidente, visconde, vice-almirante.

2 PREFIXOS GREGOS

Os prefixos de origem grega aparecem, geralmente, anexados a radicais gregos. Eis os mais comuns:

- **a-**, **an-** – negação, carência:
  ateu, abulia, afônico, acéfalo, anemia, anonimato, anarquia, analgésico, anestesia.
- **ana-** – inversão, afastamento, decomposição:
  anagrama, anacronismo, anacoluto, analisar, anatomia.
- **anfi-** – em torno de, duplicidade:
  anfiteatro, anfíbio, anfibologia.
- **anti-** – oposição, contra:
  antibiótico, anticristo, antididático, antítese, antipatia, antiaéreo.
- **apo-** – separação, afastamento:
  apócrifo, apostasia, apofonia, apogeu.
- **arqui-**, **arque-**, **arce-** – superioridade, primazia:
  arquipélago, arquidiocese, arquibancada, arquimilionário, arquétipo, arcebispo.
- **cata-** – movimento de cima para baixo:
  catadupa, catarata, catarro, catástrofe, cataclismo.
- **di-** – dois:
  dípode, díptero, dissílabo.
- **dia-** – através, por meio de:
  diâmetro, diálogo, diagnóstico, diáfano.
- **dis-** – dificuldade, afecção:
  disenteria, dispneia, dispepsia, disfagia.
- **en-**, **em-** – dentro, posição interna:
  encéfalo, empíreo.

- **endo-** – dentro, para dentro:
  endocarpo, endovenoso, endosmose.
- **epi-** – sobre, posição superior:
  epígrafe, epigrafia, epiderme, epitáfio.
- **eu-**, **ev-** – bem, bondade, excelência:
  eugenia, euforia, eufemismo, eucaristia, evangelho, evangélico.
- **ex-**, **exo-**, **ec-** – fora, movimento para fora:
  exorcismo, exosmose, êxodo, eclipse, eclético, ecletismo, exosqueleto, exogamia.
- **hemi-** – meio, metade:
  hemiciclo, hemisfério, hemiplegia.
- **hiper-** – sobre, superioridade, demais, excesso:
  hipérbole, hipertensão, hipertrofia.
- **hipo-** – sob, posição inferior, deficiência:
  hipogeu, hipoglosso, hipocrisia, hipótese, hipotenusa, hipotensão.
- **meta-** – mudança, atrás, além, depois de, no meio:
  metamorfose, metáfora, metafísica, metonímia, metacarpo, metatarso.
- **para-** – junto de, proximidade, semelhança:
  parasita, paradigma, parônimo, parábola, parapsicologia.
- **peri-** – em torno de:
  periferia, perímetro, perífrase, periscópio.
- **pro-** – antes, anterioridade:
  programa, prólogo, prognosticar, prognóstico, próclise, profilaxia.
- **sin-**, **sim-**, **si-** – reunião, conjunto, simultaneidade:
  sintonizar, sintaxe, síntese, sinfonia, simpatia, sistema, simetria.

3 CORRESPONDÊNCIA ENTRE PREFIXOS LATINOS E GREGOS

Latinos	Gregos
ab-: abjurar	**apo-**: apostasia
ad-: adjunto	**para-**: parasita
ambi-: ambidestro	**anfi-**: anfíbio
bene-: benevolente	**eu-**: euforia
bi-, **bis-**: bípede, bisavô	**di-**: dípode
circum-: circumpolar	**peri-**: perímetro
contra-: contraveneno	**anti-**: antídoto
com-, **con-**: compartilhar, concordar	**sin-**: sincronizar
ex-: exportar	**ex-**: êxodo

i-, **in-**, **des-**: ilegal, infeliz, desonesto
in-: ingerir
intra-: intramuscular
semi-: semicírculo
sub-: subterrâneo
super-, **supra-**: superlotar, supracitado
trans-: transparente
a-, **an-**: ateu, anônimo
en-: encéfalo
endo-: endocarpo
hemi-: hemiciclo
hipo-: hipogeu
epi-, **hiper-**: epitáfio, hipertrofia
dia-: diáfano

EXERCÍCIOS LISTA 11

1. Escreva as palavras em seu caderno, dê a significação ao lado de cada uma e separe os prefixos latinos por um traço vertical:

antedatar	imergir	circumpolar
cisplatino	emergir	ejetável
cooperar	inalar	retrógrado
dissociar	dissabor	semicírculo
imberbe	entrever	ilegal

2. Em seu caderno, dê a significação das seguintes palavras de origem grega e separe-lhes os prefixos:

abulia	diáfano	epílogo
anônimo	dispepsia	antipatia
antípoda	êxodo	metáfora
atrofia	epitáfio	simpatia
hipertrofia	paradigma	exorcismo
catadupa	eufemismo	dípode
perímetro	síntese	diagnóstico

3. Em seu caderno, associe as palavras da coluna da esquerda ao sentido correto do prefixo que consta na coluna da direita:

prólogo	excesso
dispneia	duplicidade
diagonal	oposição
anfíbio	superioridade
hipérbole	através
antípoda	dificuldade
arquipélago	privação
afonia	mudança
sincronizar	em torno de, ao redor de
metempsicose	anterioridade
cisplatino	simultaneidade
perífrase	conjunto
vice-presidente	aquém
sintaxe	substituição

4. Reorganize as três colunas, colocando na mesma linha o **prefixo latino**, seu correspondente **prefixo grego** e a **significação** de ambos:

ab-	peri-	bondade
ambi-	anti-	em redor de
bene-	apo-	dualidade, duas vezes
bi-	eu-	negação
circum-	hipo-	através de
contra-	a-	excesso
in-	dia-	afastamento
semi-	hiper-	debaixo de
sub-	anfi-	metade
super-	hemi-	oposição
trans-	di-	duplicidade, dos dois lados

5. Com prefixos adequados, forme as palavras equivalentes às expressões destacadas:

a) Realizamos uma viagem **em torno do polo**.

b) Houve manifestações **contra o racismo**.

c) Aquele avião tem assento **que pode ser lançado para fora**.

d) Na época **anterior a Cristóvão Colombo**, havia no Novo Mundo duas brilhantes civilizações: a dos incas e a dos astecas.

e) O doente sofre de **dificuldade para digerir**.

f) O crime não pode ficar **sem punição**.

g) Que é **propulsão para trás**?

h) A **ciência que estuda as inscrições sobre pedras e metais** é valiosa para a História.

6. Forme novas palavras com os prefixos **ante-** e **anti-**, usando-os adequadamente:

térmico	cristo	véspera
ontem	tóxico	aéreo
míssil	braço	democrata

7. Dê exemplos de outros vocábulos que contenham os mesmos prefixos destacados:

a) **ante**ssala
b) **bis**neto
c) **des**feito
d) **in**feliz
e) **super**lotado

8. Identifique o sentido em que foram empregados os prefixos nas palavras abaixo:

a) contraveneno	d) infeliz	g) ultrapassar
b) descascar	e) introvertido	h) pós-guerra
c) ingerir	f) prefixo	i) retroceder

PREFIXOS
Exercícios de exames e concursos
[Página 664]

RADICAIS GREGOS

O conhecimento dos radicais gregos é de indiscutível importância para a exata compreensão e fácil memorização de inúmeras palavras criadas e vulgarizadas pela linguagem científica. Consignaremos aqui apenas os de uso mais frequente.

Observe-se que esses radicais se unem, por via de regra, a outros elementos de origem grega e que, para formarem palavras compostas, sofrem, geralmente, adaptações ou acomodações fonéticas e gráficas.[1]

ácros, alto:	acrópole, acrobacia, acrofobia
adén, **adénos**, glândula:	adenite, adenoide
aér, **aéros**, ar:	aeródromo, aeronáutica, aéreo
agogós, o que conduz:	demagogo, pedagogo, galactagogo
agón, luta:	agonia, antagonista, protagonista
akrís, **akrídos**, gafanhoto:	acrídio, acridófago
álgos, dor:	algofilia, analgésico, nevralgia
álos, outro:	alopatia, alopata, alogamia
ánemos, vento:	anemômetro, anemografia
anér, **andrós**, homem, macho:	androfobia, androceu
ánthos, flor:	antografia, antologia, crisântemo
ánthropos, homem:	antropologia, antropófago, filantropo
archáios, antigo:	arcaico, arqueologia, arcaísmo
arché, comando, governo:	anarquia, monarca, monarquia
áristos, o melhor:	aristocracia, aristocrata
árthron, articulação:	artrose, artrite, artrópode
astér, **astéros**, estrela:	asteroide, asterisco
ástron, astro:	astronomia, astronauta
atmós, gás, vapor:	atmosfera
autós, próprio, mesmo:	automóvel, autonomia, autônomo
bápto, **baptízo**, eu mergulho:	batista, batismo, batistério
báros, peso, pressão:	barômetro, barostato
barýs, pesado, grave:	barimetria, barítono, barrio
bathýs, profundo:	batímetro, batiscafo, batisfera
biblíon, livro:	biblioteca, bibliografia, bibliófilo

(1) Quanto à pronúncia das palavras gregas, tenham-se em mente as normas seguintes: **ou** = ***u***: odóus (odús); **ch** = ***k***: arché (arké), brachys (brakís); **ph** = ***f***: phílos (filos); **ge** = ***gue***: gê (guê); **gi** ou **gy** = ***gui***: gyné (guiné); **x** = ***ks***: dóxa (dóksa).

bíos, vida:	biologia, biografia, anfíbio
brachýs, curto, breve:	braquicéfalo, braquidátilo
bróma, **brómatos**, alimento:	bromatologia, teobroma
cir-, **quiro-** (de **chéir**, **cheirós**, mão):	cirurgia, cirurgião, quiromante
chlorós, verde:	cloro, clorofila, clorídrico
chróma, **chrómatos**, cor:	cromático, policromia
chrónos, tempo:	cronômetro, anacrônico, anacronismo
chrýsos, ouro:	crisólito, crisóstomo, crisântemo
dáktylos, dedo:	datilografia, datilografar
déka, dez:	decálogo, decâmetro, decassílabo
démos, povo:	democracia, demográfico, demografia
dérma, **dérmatos**, pele:	dermatologia, epiderme, dermatose
dóxa, opinião, doutrina:	ortodoxo, paradoxo
drómos, corrida:	autódromo, hipódromo, dromoterapia
dýnamis, força, potência:	dínamo, dinamite, dinamômetro
eco- (de **oikos**, casa, hábitat):	economia, ecologia
élektron, âmbar, eletricidade:	elétrico, eletrônica, elétron
eno- (de **oinos**, vinho):	enologia, enólogo
énteron, intestino:	enterite, enterologia, disenteria
éthnos, povo, raça:	étnico, etnografia, etnia
étymos, verdadeiro:	etimologia, etimológico, étimo
gámos, casamento:	poligamia, polígamo, monogamia
gastér, **gastrós**, estômago:	gastrite, gastrônomo, gástrico
géo- (de **gê**, terra):	geografia, geologia, geoide
glótta, **glóssa**, língua:	poliglota, epiglote, glossário
gonía, ângulo:	goniômetro, polígono, diagonal
grámma, letra, escrito:	gramática, anagrama, telegrama
grápho, escrevo:	grafia, ortografia, caligrafia
gymnós, nu:	ginásio, ginástica, gimnofobia
gyné, **gynaikós**, mulher:	gineceu, ginecologia, ginecológico
hédra, base, face, lado:	poliedro, hexaedro, pentaedro
hélios, Sol:	heliocêntrico, heliotropismo, afélio
hema-, **hemo-** (de **háima**, **háimatos**, sangue):	hematófago, anemia, hemorragia
heméra, dia:	hemeroteca, hemerologia, efêmero
hépar, **hépatos**, fígado:	hepático, hepatite, hepatologia
héteros, outro, diferente:	heterogêneo, heterônimo, heteróclito
héxa- (de **hex**, seis):	hexacampeão, hexaedro, hexágono
hierós, sagrado:	hierarquia, hierático, hieróglifo
hippos, cavalo:	hipódromo, hipismo, hipopótamo
hodós, caminho:	hodômetro, êxodo, método
hómoios, semelhante, igual:	homeopatia, homeopático, homeopata
homós, semelhante, igual:	homônimo, homógrafo, homogêneo
hýdro- (de **hýdor**, **hýdatos**, água):	hidratar, hidrografia, hidrômetro
hygrós, úmido:	higrômetro, higrófito
hýpnos, sono:	hipnose, hipnotizar, hipnotismo
iatréia, tratamento médico:	pediatria, psiquiatria

ichthýs (ictís), **ichthyos**, peixe:	ictiófago, ictiografia
icon- (de **eikón**, **eikónos**, imagem):	iconoclasta, iconografia
ídios, próprio:	idioma, idiotismo
ísos, semelhante, igual:	isósceles, isotérmico, isonomia
kakós, mau:	cacofonia, cacoete, cacografia
kali- (de **kalós**, belo):	caligrafia, calidoscópio
kardía, coração:	cardíaco, cardiologia, taquicardia
karpós, fruto:	endocarpo, mesocarpo
kephalé, cabeça:	cefalalgia, acéfalo, cefálico
kínema, **kinématos**, movimento:	cinema, cinematográfico
kósmos, mundo, adorno:	cosmografia, cosmopolita, cosmético
krátos, poder, força, domínio:	aristocracia, democracia, escravocrata
kýklos, círculo:	ciclovia, triciclo
kýon, **kynós**, cão:	cínico, cinismo, cinegética
kýstis, bexiga:	cistite, cistoscopia
kýtos, célula:	citologia, leucócito
latréia, culto, adoração:	idolatria, heliolatria, idólatra
leukós, branco:	leucócito, leucemia
líthos, pedra:	aerólito, litografia
lógos, palavra, colóquio, estudo:	diálogo, biologia, decálogo, logotipo
lýsis, dissolução, ato de desatar:	análise, eletrólise
makrós, longo, grande:	macróbio, macrobiótica
mancia- (de **mantéia**, adivinhação):	cartomancia, quiromancia
manía, loucura, inclinação:	cleptomania, manicômio, maníaco
mégas, **megálo-**, grande:	megalomania, megaton, megatério
mésos, meio, do meio:	mesocarpo, mesóclise, mesopotâmia
méter, **metrós**, mãe:	metrópole, metropolitano
métron, medida:	métrico, quilômetro, termômetro
mikrós, pequeno:	micróbio, microscópio, micro-onda
mísos, ódio, aversão:	misógamo, misógino, misoneísmo
mnemo- (de **mnéme**, memória, lembrança):	mnemônico, amnésia, mnemoteste
mónos, um só, sozinho:	monólogo, monocultura, monoteísta
morphé, forma:	morfologia, amorfo, metamorfose
nekrós, morto, cadáver:	necrotério, necropsia, necrológio
néos, novo:	neologismo, neófito, neolatino
néuron, nervo:	neurologia, neurose, nevralgia
nómos, lei, norma:	autônomo, anomalia, anômalo
nósos, doença, moléstia:	nosocômio, nosofobia, zoonose
odóus, **odóntos**, dente:	odontologia, odontologista, mastodonte
olígos, pouco:	oligarquia, oligofrenia, oliguria
óneiros, sonho:	oniromancia, onirologia, onírico
ónoma, **ónyma**, nome:	onomástica, pseudônimo, antônimo
óphis, **ophídion**, cobra:	ofídio, ofídico, ofidismo
ophthalmós, olho:	oftalmologia, oftalmologista, oftálmico
óps, **opós**, vista:	óptica (ou ótica), miopia, míope, ciclope
órnis, **órnithos**, ave:	ornitologia, ornitólogo

orthós, reto, correto:	ortografia, ortopedia, ortopedista
ous (us), **otós**, ouvido:	otite, otorrino, otologia, otalgia
páis, **paidós**, criança:	pedagogia, pediatria, pediatra
pan, **pantós**, tudo, todo:	panorama, panteísmo, pantógrafo, panaceia
pathos, doença, afecção, sentimento:	patologia, simpatia
pedo- (de **paidéia**, educação, correção):	ortopedia, ortopedista, enciclopédia
penta- (de **pente**, cinco):	pentacampeão, pentágono, pentatlo
phagô, eu como:	fagocitose, antropófago, ictiófago
phílos, amigo:	filosofia, filantropia, anglófilo
phóbos, medo, aversão:	hidrofobia, xenofobia, xenófobo, claustrofobia, fotofobia
phoné, voz, som:	telefone, cacofonia, afônico, fonógrafo
phós, **photós**, luz:	fotografia, fotógrafo, fósforo, fotonovela
phýsis, **phýseos**, natureza:	fisiologia, físico, fisioterapia
phytón, vegetal:	fitotecnia, fitogeografia, fitoteca, xerófito
plóutos, riqueza:	plutocracia, plutocrata
pnéuma, **pnéumatos**, respiração, ar, sopro:	pneumática, pneumático (pneu)
pnéumon, pulmão:	pneumonia, pneumologia
pólis, cidade:	política, acrópole, Petrópolis, metrópole
polýs, muito, numeroso:	policlínica, poliglota, polígono
pótamos, rio:	potamografia, hipopótamo, Mesopotâmia
pséudos, mentira, falsidade:	pseudônimo, pseudotopázio
psittakós, papagaio:	psitacismo, psitacídeos
psyché, alma:	psicologia, psicose, psíquico
pterón, asa:	pteroide, coleóptero, helicóptero
pyr, **pyrós**, fogo:	pirosfera, pirotécnico, antipirético
rhéo, fluir, correr, **reuma**, fluxo:	reumatismo, catarro, diarreia
rino- (de **rhis**, **rhinós**, nariz):	rinite, rinofonia, otorrino
riza, raiz:	rizófago, rizotônico
seismós, abalo, tremor:	sismógrafo, sísmico
seléne, Lua:	selenita, selenomancia
síderos, ferro, aço:	siderose, siderurgia
skopéo, ver, olhar:	telescópio, microscópio, radioscopia
sóma, **sómatos**, corpo:	somatologia, somático, cromossomo
sophós, sábio:	filósofo, filosofia
stoma, **stómatos**, boca:	estomatite, estomático
taqui- (de **tachús**, rápido, breve):	taquicardia, taquígrafo
táxis, arranjo, classificação:	sintaxe, taxidermista
téchne, arte, ofício:	tecnologia, politécnica, tecnocrata
téle, longe:	televisão, telefone, teleguiar
théke, caixa:	biblioteca, discoteca, hemeroteca
theós, deus:	teologia, teólogo, apoteose
therapéia, tratamento:	hidroterapia, fisioterapia
thérmos, quente:	topônimo, topografia, tópico
tráuma, ***tráumatos***, ferimento:	trauma, traumático, traumatismo
trophé, nutrição, alimentação:	atrofia, hipertrofia

týpos, marca, modelo, tipo:	tipografia, protótipo, logotipo
-urgia, operação, trabalho:	cirurgia, siderurgia
xénos, estrangeiro:	xenofobia, xenófobo
xerós, seco:	xerófito, xerófilo
xýlon, madeira:	xilogravura, xiloteca, xilófago
zóon, animal:	zoologia, zoológico, zoonose

EXERCÍCIOS LISTA 12

1. Dê a etimologia e o significado dos seguintes compostos gregos:

Exemplo: *cefalalgia* vem de *kephalé*, cabeça, e *álgos*, dor: **dor de cabeça**.

cefalalgia	autônomo	gastrônomo	decálogo
antropófago	bibliófilo	hematófago	cosmopolita
anarquia	democracia	hipnotismo	ornitologia

2. Faça como no exercício anterior:

monólogo	filantropia	macróbio	pentágono
periscópio	psicologia	epígrafe	datiloscopia
odontologia	megalomania	poliglota	telegrama
arqueologia	helioscópio	hemeroteca	zoonose

3. Reorganize as colunas abaixo de maneira a corresponder os elementos de composição a seus significados. Em seguida, dê exemplos de palavras compostas por estes radicais:

-algia	adoração	-mancia	tratamento
-fobia	adivinhação	-patia	medo, aversão
-latria	doença	-terapia	ciência
-logia	dor		

4. O sufixo **-ite** exprime inflamação. Escreva, pela ordem, os nomes dos órgãos afetados, nas moléstias seguintes:

Exemplo: cistite, **bexiga**.

enterite – estomatite – gastrite – hepatite – nefrite – rinite

5. Estes instrumentos servem para medir o quê?

anemômetro – barômetro – batímetro – hidrômetro – higrômetro – dinamômetro – hodômetro – pluviômetro

6. Reorganize as colunas de forma que a cada palavra corresponda seu antônimo:

alopatia	cacofonia	arcaísmo	xenofilia
homogêneo	homeopatia	macrocéfalo	policultura
eufonia	xerófito	monocultura	neologismo
higrófito	heterogêneo	xenofobia	microcéfalo

7. Escreva os grupos de palavras e em seguida escolha qual das ideias listadas abaixo é aquela expressa por todas as palavras de cada grupo:

a) telescópio – microscópio – endoscopia – radioscopia – autópsia

tocar ler olhar, examinar ouvir

b) antropônimo – homônimo – pseudônimo – topônimo – heterônimo
homem estudo lei nome

c) aristocrata – escravocrata – plutocrata – tecnocrata – autocrata
domínio dinheiro arte glória

8. Escreva a única palavra em que o radical grego tenha o mesmo significado do radical latino *voro* (carn*ívoro*, frug*ívoro*, on*ívoro*, etc.):
neófito cacófato ictiófago xenófobo

9. Qual é o campo de estudos da **bromatologia** e da **farmacologia**?

10. Procure, na relação dos radicais gregos, as palavras que se ajustem às definições seguintes:
a) a parte alta das cidades gregas
b) remédio que suprime a dor
c) fora do tempo, contrário aos usos da época
d) destruidor de imagens ou ídolos
e) pessoa que fala várias línguas
f) provocar o sono artificialmente
g) palavra ou expressão própria de um idioma
h) pessoa que adora um só Deus
i) palavra ou expressão nova
j) aversão aos estrangeiros
k) nome próprio de lugar

11. Copie apenas o significado correto de **psitacismo**:
psicose, doença mental
crença na imortalidade da alma
repetição mecânica de palavras ou frases, sem lhes entender o sentido

12. Em seu caderno, substitua as expressões destacadas por um dos adjetivos equivalentes do quadro:
a) abalo *produzido por terremoto*
b) sentido *verdadeiro (original)* de uma palavra
c) povo *que se governa por suas próprias leis*
d) nação *sem cabeça (sem chefe)*
e) dor *dos nervos*
f) soro *contra veneno de cobra*
g) reação *da alma*
h) frase *que soa mal*
i) nervo *do olho*
j) imagem *do sonho*
k) grupo de pessoas *da mesma raça*
l) estar *sem voz*
m) artifício *para ajudar a memória*

acéfala – cacofônica – etimológico – autônomo – nevrálgica – antiofídico – psíquica – sísmico – afônico – mnemônico – óptico – étnico – onírica

RADICAIS GREGOS
Exercícios de exames e concursos
[Página 664]

RADICAIS LATINOS

Damos aqui uma pequena lista de radicais latinos com as respectivas formações vernáculas, de cunho erudito, isto é, palavras que entraram na língua portuguesa por via literária e científica, a maioria delas entre os séculos XVIII e XX.

ager, **agri**, campo:	agrícola, agricultura
ambi- (de **ambo**, ambos):	ambidestro, ambíguo
ambulo, **ambulare**, andar:	ambulatório, sonâmbulo, perambular
apis, abelha:	apicultura, apicultor
arbor, **arboris**, árvore:	arboricultura, arborizar, arborícola
argentum, **argenti**, prata:	argênteo, argentífero, argentino
bellum, **belli**, guerra:	bélico, belicoso, beligerante
capillus, **capilli**, cabelo:	capilar, capiliforme, capilaridade
caput, **capitis**, cabeça:	capital, decapitar, capitoso
cinis, **cineris**, cinza:	cinéreo, incinerar, incineração
cola-, (de **colo**, **colere**, habitar, cultivar):	arborícola, vitícola
cor, **cordis**, coração:	cordiforme, cordial, Cordisburgo
cuprum, **cupri**, cobre:	cúpreo, cúprico, cuprífero
digitus, **digiti**, dedo:	digital, digitar, digitação
ego, eu:	egocêntrico, egoísmo, ególatra
equi-, (de **aequus**, igual):	equivalente, equinócio, equiângulo
-evo (de **aevum**, tempo, idade):	longevo, longevidade, medievo
-fero (de **fero**, **ferre**, levar, conter):	aurífero, lactífero, carbonífero
fluvius, rio:	fluvial, fluviômetro
frater, **fratris**, irmão:	fraterno, confraternizar, fratricida
frigus, **frigoris**, frio:	frigorífico, frigomóvel
fulmen, **fulminis**, raio:	fulminante, fulminar
genu, joelho:	genuflexão, genuflexório
gero, **gerere**, produzir, ter:	lanígero, alígero
herba, erva:	herbáceo, herbívoro, herbicida
ignis, fogo:	ígneo, ignição, ignífero
lac, **lactis**, leite:	lactífero, lactação, laticínio
lapis, **lapidis**, pedra:	lápide, lapidificar, lapidar
lex, **legis**, lei:	legislativo, legislar, legista
loquor, **loqui**, falar:	locutor, loquaz, ventríloquo
noceo, **nocere**, prejudicar, causar mal:	nocivo, inocente, inócuo
omnis, todo:	onipresente, onisciente, ônibus
oryza, arroz:	orizicultura (ou rizicultura)

os, **oris**, boca:	ósculo, oral, orar, oráculo
pauper, **pauperis**, pobre:	pauperismo, depauperar
pecus, rebanho:	pecuária, pecuarista, pecúnia
petra, pedra:	pétreo, petrificar, petróleo
piscis, peixe:	piscicultura, piscina, piscívoro
pluvia, chuva:	pluvial, pluviômetro
pulvis, **pulveris**, pó:	pulverizar, pulverizador, pulverulento
radix, **radicis**, raiz:	radical, radicar, erradicar
sidus, **sideris**, astro:	sideral, sidéreo, siderar
silva, selva:	silvícola, silvicultura
stella, estrela:	estelar, constelação
sudor, **sudoris**, suor:	sudorífero, sudorese
tellus, **telluris**, terra, solo:	telúrico, telurismo
triticum, **tritici**, trigo:	triticultura, triticultor, tritícola
vinum, **vini**, vinho:	vinicultura, vinícola
vitis, videira:	viticultura, viticultor, vitícola
volo, **velle**, querer, desejar:	benévolo, malévolo
volo, **volare**, voar:	volátil, noctívolo
vox, **vocis**, voz:	vocal, vociferar

EXERCÍCIOS LISTA 13

1. Dê exemplos de palavras que tenham os seguintes radicais latinos:

argentum, prata	**genu**, joelho
capillus, cabelo	**arbor**, **arboris**, árvore
ignis, fogo	**fulmen**, **fulminis**, raio
lac, **lactis**, leite	**capra**, cabra
herba, erva	**os**, **oris**, boca
pecus, gado	**cinis**, **cineris**, cinza
pluvia, chuva	**pauper**, pobre
fluvius, rio	**pulvis**, **pulveris**, pó
stella, estrela	**volare**, voar
silva, selva	**nocere**, fazer mal, prejudicar

2. Copie somente a definição correta de animal **arborícola**:

é o animal que come ervas

é o animal que vive sobre árvores

é o animal que habita a mata

3. Em seu caderno, reorganize as duas colunas, associando as palavras aos respectivos radicais latinos:

caput, **capitis**, cabeça	piscicultura, pisciforme
lex, **legis**, lei	bélico, beligerante, belicoso

bellum, **belli**, guerra	capital, capitoso
piscis, peixe	lápide, lapidação
lapis, **lapidis**, pedra	legislador, legislar

4. Substitua os asteriscos nas frases, seguindo o exemplo:

Agricultura é o cultivo dos campos, da terra.

a) **** é a cultura do trigo.
b) **** é a cultura do arroz.
c) **** é a criação de abelhas.
d) **** é a criação de peixes.
e) **** é a cultura de videiras.

5. Escreva as expressões, substituindo os asteriscos adequadamente por verbos derivados dos radicais entre parênteses:

a) **** o lixo (**cinis**, **cineris**)
b) **** um mal (**radix**, **radicis**)
c) **** os grãos de café (**pulvis**, **pulveris**)
d) **** ameaças (**vox**, **vocis**, voz)

6. Escreva as frases, substituindo os asteriscos adequadamente pelos adjetivos do quadro abaixo:

egocêntrico – onisciente – lanígero – fluvial – capilares – cordiforme

a) A seiva das plantas chega às folhas pelos vasos ****.
b) Só Deus é todo-poderoso e ****.
c) Presenteou a noiva com uma medalha de ouro ****.
d) O gado ****, além da carne, nos dá a lã.
e) Ele se considera o centro do universo: é um ****.
f) É preciso incentivar a navegação ****.

7. Escreva as sequências, sublinhando as duas ideias básicas expressas pelos radicais dos vocábulos:

a) **lacticínio** ou **laticínio** (leite/comércio – látex/colheita – leite/indústria)
b) **sonâmbulo** (sono/andar – som/correr – som/gravar)
c) **longevidade** (longe/lugar – longe/vida – longa/idade)
d) **aurífero** (ouro/ferro – ouro/conter – ouro/valor)

RADICAIS LATINOS
Exercícios de exames e concursos
[Página 664]

ORIGEM DAS PALAVRAS DA LÍNGUA PORTUGUESA

As palavras que constituem o nosso patrimônio léxico podem ser:

1. de origem latina
2. de formação vernácula
3. de importação estrangeira

A maioria das palavras da língua portuguesa são provenientes do latim vulgar, isto é, o latim falado pelo povo, que os romanos introduziram na Lusitânia, duzentos anos antes de Cristo.

Entre as palavras de origem latina, umas datam do período de formação do idioma, entre os séculos VI e XI, aproximadamente; outras foram introduzidas mais tarde pelos escritores e letrados, sobretudo no período áureo da literatura portuguesa, o século XVI, e mais abundantemente ainda nos séculos seguintes, por via literária e científica. As primeiras, as *formas populares*, foram profundamente alteradas na boca do povo iletrado e rude, ao passo que as outras, as *formas cultas*, ou *eruditas*, incorporaram-se à língua com leves alterações.

Comparem-se, como exemplo, as formas populares e as correspondentes eruditas abaixo, procedentes da mesma palavra latina:

Formas populares: *cuidar, chave, chama, leal, siso, sarar, teia*

Formas cultas: *cogitar, clave, flama, legal, senso, sanar, tela*

No decorrer dos séculos, vieram sendo criadas no seio da língua, pelo gênio inventivo do povo luso-brasileiro, numerosas palavras que enriqueceram sobremodo o nosso vocabulário. São as chamadas *criações vernáculas*, de que são exemplos os termos seguintes:

coitado, fofoca, jeca, xereta, quicar, fofo, ranzinza, zunzum, zumbir, beija-flor, malmequer, careca, você, girassol, xodó, etc.

As palavras de outros idiomas penetram na língua através das relações entre os povos e graças às influências que as culturas e civilizações exercem umas sobre as outras. Desde os primórdios da língua portuguesa, e mais intensamente na fase da sua expansão pelos continentes e, depois, nos séculos das grandes invenções, numerosos termos estrangeiros, importados e aprovados pelo uso, vieram enriquecer-lhe o patrimônio léxico.

Assim é que encontramos, no vocabulário português, palavras oriundas:

- **do grego:**

umas por influência do cristianismo e do latim literário, como *anjo, apóstolo, bíblia, teatro, clímax*; outras, criadas pelos sábios e cientistas, como *nostalgia, telefone, microscópio*, etc.

- **do hebraico**:

  veiculadas pela Sagrada Escritura: aleluia, Páscoa, sábado, Jesus, Maria, etc.

- **do alemão**:

  guerra, norte, sul, realengo, Ricardo, interlândia, etc.

- **do árabe**:

  algodão, alfaiate, azeite, algema, oxalá, Alá, nácar, muçulmano, etc.

- **do francês**:

  elite, greve, avenida, detalhe, pose, toalete, tricô, guichê, etc.

- **do inglês**:

  bife, clube, esporte, futebol, jóquei, náilon, tênis, vagão, xampu, etc.

- **do italiano**:

  maestro, piano, soneto, pastel, lasanha, salsicha, etc.

- **do espanhol**:

  castanhola, cavalheiro, caudilho, ninharia, maçanilha, ojeriza, etc.

- **do russo**:

  rublo, mujique, esputinique, vodca, soviete, etc.

- **do chinês**:

  chá, chávena, nanquim, pequinês, etc.

- **do japonês**:

  biombo, judô, micado, quimono, nissei, samurai, gueixa, etc.

- **do turco**:

  algoz, horda, iatagã, lacaio, etc.

- **do tupi**:

  tatu, araponga, saci, pitanga, Iracema, Itu, Iguaçu, jiboia, pajé, etc.

- **de línguas africanas**:

  macumba, vatapá, maxixe, quilombo, marimbondo, etc.

O inglês e o francês são os idiomas que maior influência exercem, hoje, sobre o português. Pelas páginas dos jornais e das revistas desliza um caudal de anglicismos e galicismos, muitos dos quais desnecessários.

EXERCÍCIOS LISTA 14

1. Copie as palavras abaixo, colocando a letra **P** à frente das formas populares e a letra **E** à frente das eruditas ou cultas:

areia	íntegro
arena	inteiro
auscultar	lacuna
escutar	laguna
coalhar	macho
coagular	másculo
chama	mancha
flama	mácula
cálido	sigilo
caldo	selo

2. Escreva as sequências de palavras, numerando-as de acordo com a língua de proveniência:

futebol – clube – jipe – uísque
algodão – alfaiate – algema – oxalá
via – peixe – chave – lágrima – ônibus
detalhe – buquê – abajur – crochê
tatu – jiboia – Iguaçu – graúna
bíblia – anjo – trauma – teatro

(1) latim
(2) grego
(3) inglês
(4) árabe
(5) francês
(6) tupi

CLASSIFICAÇÃO E FLEXÃO DAS PALAVRAS

Na língua portuguesa há dez classes de palavras ou **classes gramaticais**:

1. Substantivo
2. Artigo
3. Adjetivo
4. Numeral
5. Pronome
6. Verbo
7. Advérbio
8. Preposição
9. Conjunção
10. Interjeição

As seis primeiras classes são *variáveis*, isto é, flexionam-se, sofrem alterações na forma. As quatro outras são *invariáveis*.

Observações:

- ✔ A mesma palavra pode pertencer a mais de uma classe. Exemplos:
  O céu é *azul* (*azul*, adjetivo). O *azul* triste de seus olhos fascinava-me (*azul*, substantivo). Abel era um *caipira* corajoso (*caipira*, substantivo). Assisti a uma festa *caipira* (*caipira*, adjetivo).
- ✔ Alguns advérbios admitem, na linguagem afetiva, as flexões de grau: cedo, *cedinho*; agora, *agorinha*; muito, *muitíssimo*.
- ✔ Não poucos substantivos e pronomes e a maioria dos numerais são invariáveis: *pires*, *isto*, *alguém*, *dez*, etc.

O substantivo e o verbo destacam-se como as duas mais importantes classes de palavras, porque constituem a base das frases, ou seja, da comunicação. Isso pode ser facilmente percebido no exemplo:

O *capitão*, sorridente e garboso, *montou* no seu *cavalo* branco.

As palavras da mesma classe têm características comuns e, quando ordenadas em frases, cabe, a cada uma, determinada função sintática. Assim, no exemplo acima, o substantivo *capitão* designa um ser, uma pessoa, admite flexões de gênero (*capitã*) e número (*capitães*) e funciona como *sujeito* da oração.

A seguir, estudaremos cada uma das classes gramaticais sob o aspecto morfológico.

SUBSTANTIVO

Consideremos estes exemplos:

Aquele **homem** comprou um **livro** e ganhou uma **flor**.

Na **praia**, a **alegria** era geral.

As palavras destacadas são *substantivos*.

1 SUBSTANTIVOS

Substantivos são palavras que designam os seres.

Os substantivos exercem na frase diversas funções sintáticas: sujeito, objeto direto, objeto indireto, etc.

Dividem-se os substantivos em:

- **Comuns**

Os que designam seres da mesma espécie:

menino, galo, palmeira (há muitos meninos, muitos galos, muitas palmeiras).

- **Próprios**

Os que se aplicam a um ser em particular:

Deus, Brasil, Roma, São Paulo, Gonçalves Dias, Tiradentes, Minerva.

Observação:

✔ Certos substantivos próprios podem tornar-se comuns: um *judas* (traidor), um *esculápio* (médico), um *ícaro* (aviador), um *havana* (charuto), um *panamá* (chapéu), etc.

- **Concretos**

Os que designam seres de existência real ou que a imaginação apresenta como tais:

avô, mulher, pedra, leão, alma, fada, lobisomem.

- **Abstratos**

Os que designam qualidades, sentimentos, ações ou estados dos seres, dos quais se podem abstrair (= separar) e sem os quais não podem existir:

beleza, coragem, brancura, rapidez (*qualidades*);
amor, saudade, alegria, dor, fome, frio (*sentimentos, sensações*);
viagem, estudo, doação, esforço, fuga, afronta (*ações*);
vida, morte, cegueira, doença (*estados*);

Observação:

✔ Substantivos abstratos podem ser concretizados. Assim: a *caça* (= ato de caçar): **abstrato**; a *caça* (= animal caçado): **concreto**. Ó *mocidade* (= moços), a *Pátria* (= o país) vos concita ao trabalho.

- **Simples**

Os que são formados de um só radical:
chuva, pão, lobo.

- **Compostos**

Os que são formados por mais de um radical:
guarda-chuva, passatempo, beija-flor.

- **Primitivos**

Os que não derivam de outra palavra da língua portuguesa:
pedra, ferro, dente, trovão.

- **Derivados**

Os que derivam de outra palavra:
pedreira, ferreiro, dentista, trovoada.

- **Coletivos**

Os que exprimem um conjunto de seres da mesma espécie:
exército, rebanho, constelação.

2 SUBSTANTIVOS COLETIVOS

Eis os principais substantivos coletivos:

acervo – de coisas amontoadas, bens patrimoniais, obras de arte
álbum – de fotografias, selos
alcateia – de lobos, feras
antologia – de textos seletos
arboreto – de árvores cultivadas
armada – de navios de guerra
arquipélago – de ilhas
assembleia – de parlamentares, membros de associações

atilho – de espigas
atlas – de mapas reunidos em livro
bagagem – objetos de viagem
baixela – utensílios de mesa
banca – de examinadores
bando – de aves, crianças, etc.
batalhão – de soldados
biblioteca – de livros
boiada – de bois
cacho – de uvas, bananas, cabelos
cáfila – de camelos, de patifes
cainçalha – de cães
cambada – de vadios, malvados, objetos enfiados, chaves
cancioneiro – de canções
canzoada – de cães
caravana – de viajantes, peregrinos, excursionistas
cardume – de peixes, piranhas
cartuchame – de cartuchos
casaria, **casario** – de casas
caterva – de animais, desordeiros, vadios
choldra – de malfeitores, canalhas, pessoas ordinárias
chorrilho – de coisas ou pessoas semelhantes, de asneiras
chusma – de criados, populares
clientela – de clientes de advogados, médicos, etc.
código – de leis
colmeia – de cortiços de abelhas
conciliábulo – de conspiradores em assembleia secreta
concílio – de bispos em assembleia
conclave – de cardeais, de cientistas em assembleia
confraria – de pessoas religiosas
congregação – de religiosos, de professores
constelação – de estrelas
cordoalha, **cordame** – de cordas, de cabos de um navio
corja – de velhacos, vadios, canalhas, malfeitores
década – período de dez anos
discoteca – de discos
elenco – de atores, artistas
enxame – de abelhas, insetos
enxoval – de roupas e adornos
fato – de cabras
fauna – os animais de uma região
feixe – de espigas, varas, canas, etc.
filmoteca – de filmes
flora – as plantas de uma região
fornada – de pães, tijolos, etc.
frota – de navios, ônibus

galeria – de quadros, estátuas
girândola – de foguetes, fogos de artifício
grei – de gado miúdo, paroquianos, políticos
hemeroteca – de jornais, revistas
horda – de invasores, salteadores
hoste – de inimigos, soldados
irmandade – de membros de associações religiosas e beneficentes
junta – de dois bois, de médicos (junta médica)
júri – de jurados (membros do tribunal do júri)
legião – de soldados, anjos, demônios
leva – de recrutas, prisioneiros
malta – de ladrões, desordeiros, bandidos, capoeiras
mapoteca – de mapas
milênio – período de mil anos
manada – de bois, porcos, etc.
maquinaria – de máquinas
matilha – de cães de caça
molho (ó) – de chaves, capim, etc.
miríade – infinidade de estrelas, insetos, etc.
nuvem – de gafanhotos, mosquitos, etc.
panapaná – de borboletas em bando migratório
penca – de frutos
pente – de balas de armas automáticas
pinacoteca – de quadros, telas
piquete – de soldados montados, grevistas
plateia – de espectadores, de ouvintes
plêiade – de pessoas notáveis, de sábios
pomar – de árvores frutíferas
prole – os filhos de um casal
quadrilha – de ladrões, assaltantes
raizame – conjunto de raízes de uma árvore
ramalhete – de flores
rancho – de pessoas em passeio ou jornada, de romeiros
rebanho – de bois, ovelhas, carneiros, cabras, gado, reses
récua – de cavalgaduras
renque – de árvores, pessoas ou coisas enfileiradas
repertório – de peças teatrais ou músicas interpretadas por artistas
resma – quinhentas folhas de papel
réstia – de alhos, cebolas
revoada – de aves voando
ronda – de sentinelas, de guardas
ror – grande quantidade de coisas
século – período de cem anos
súcia – de velhacos, patifes, malandros
tertúlia – de amigos, intelectuais, em reunião
tríade – conjunto de três pessoas ou de três coisas

tríduo – período de três dias
triênio – período de três anos
tropilha – de cavalos
turma – de trabalhadores, alunos
vara – de porcos
videoteca – de videocassetes
xiloteca – de amostras de espécies de madeiras (para estudos e pesquisas florestais)

Aos coletivos indeterminados acrescenta-se, em regra, o nome dos seres a que se referem. Assim, dizemos:

Um ***bando*** *de crianças.* Um ***bando*** *de aves.*

Um ***renque*** *de palmeiras.* Um ***renque*** *de colunas.*

"Ei-lo a passar como triunfador do futuro entre ***renques*** *de caras boçais.*" (ANÍBAL MACHADO)

3 PALAVRAS SUBSTANTIVADAS

Palavras de outras classes gramaticais podem ser substantivadas. Para isso, antepõe-se-lhes o artigo:

"*O morrer* pertence a Deus." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

Até hoje a polícia não sabe *o porquê* do sequestro – se vingança ou extorsão.

"Não deixo *o certo* pelo *duvidoso.*" (GRACILIANO RAMOS)

EXERCÍCIOS LISTA 15

1. Copie o trecho abaixo em seu caderno e passe um traço sob os substantivos concretos e dois sob os abstratos:

"Os índios foram muitas vezes considerados cruéis guerreiros, e as suas atitudes não raro causam pânico e revolta. O seu conhecimento mais profundo, entretanto, revela o heroísmo de um povo que, de arcos e flechas, se opõe tenazmente às máquinas que invadem seu território." (Apoena Meireles, *apud* Edilson Martins, *Nossos Índios, Nossos Mortos,* p. 14)

2. Dê os substantivos abstratos correspondentes:

Exemplo: garimpeiro – **garimpagem**

tirano – rei – mendigo – catequista – viúvo – infrator – sacerdote – herege

3. Escreva as frases, sublinhando as palavras que funcionam acidentalmente como substantivos:

a) A estrada rasgava o verde bruto da paisagem.

b) Nas *palavras* amáveis de Venâncio percebi um quê de falsidade.

c) Súbito, ouvimos um leve ruflar de asas.

4. Forme substantivos compostos com as palavras seguintes, combinando-as corretamente:

água – vira – papel – ardente – rã – prima – volta – pé – alta – moeda – obra – relevo – busca – baixo – perna – homem

5. Substitua os asteriscos pelos coletivos do quadro nas frases seguintes:

miríade – matilha – hordas – século – tropilha – alcateia – caravana – baixela – tríade
renques – legião – elenco

a) A *** foi atacada por uma *** de lobos famintos.
b) No *** V, a Europa foi invadida por *** de bárbaros.
c) Entre os *** de árvores floridas revoavam *** de insetos zumbidores.
d) A égua-madrinha guia a *** pelos descampados.
e) A *** era de fino lavor.
f) Na *** do Egito, Osíris é o pai, Ísis é a mãe e Hórus, o filho.
g) Os caçadores açulavam a *** contra a onça.
h) O filme promete ser bom: no *** só há artistas famosos.
i) "A noite no espaço vinha a negra *** das sombras espargindo." (OLAVO BILAC)

6. Com o auxílio de sufixos adequados, derive coletivos dos substantivos seguintes:

Exemplo: árvores – **arvoredo**

árvore – canas – bois – vinhas – cafeeiros – cabelos – cães – coqueiros – ramos – teclas – hinos – tripulantes – parentes – cordas – vasilhas – criados – mulheres – jabuticabeiras – carnaúbas

7. Escreva frases empregando substantivos abstratos que correspondam às palavras destacadas. Oriente-se pelo exemplo:

O menino, **feliz**, corria pelos campos.
A **felicidade** do menino contagiava a todos.

a) O **pobre** homem emocionou a todos.
b) **Recordar** a cena me trazia lágrimas aos olhos.
c) **Atualizar** os conhecimentos é uma exigência dos dias de hoje.
d) **Conceder** privilégios parece ser uma característica desse governo.
e) **Matar** os pobres filhotes é crime que não tem perdão.

4 FLEXÃO DOS SUBSTANTIVOS: GÊNERO

Os substantivos flexionam-se para indicar o gênero, o número e o grau.

Gênero é a propriedade que as palavras têm de indicar o sexo real ou fictício dos seres.

Na língua portuguesa são dois os gêneros: o *masculino* e o *feminino*. Certas línguas, como o latim, o grego, o inglês, possuem um terceiro gênero: o *neutro*.

Para os nomes dos seres vivos, o gênero, em geral, corresponde ao sexo do indivíduo. O mesmo, porém, não acontece com os nomes dos seres inanimados, em que o gênero é puramente convencional.

São masculinos os substantivos a que antepomos os artigos *o*, *os*, e femininos aqueles a que antepomos os artigos *a*, *as*.

5 FORMAÇÃO DO FEMININO

Diversos são os processos de formação do feminino. Sem levar em conta alguns casos especiais, podemos afirmar que o feminino se realiza, mais frequentemente, de três modos diferentes:

- flexionando-se o substantivo masculino:
  filho, *filha* – mestre, *mestra* – leão, *leoa* – folião, *foliona*, etc.
- acrescentando-se ao masculino a desinência -*a* ou um sufixo feminino:
  autor, *autora* – deus, *deusa* – cônsul, *consulesa*, etc.
- utilizando-se uma palavra feminina com radical diferente:
  pai, *mãe* – homem, *mulher* – boi, *vaca*, etc.

Observe como se formam os femininos da relação seguinte:

Masculino	Feminino
menino	*menina*
elefante	*elefanta*
parente	*parenta, parente*
presidente	*presidenta, presidente*
mestre	*mestra*
gigante	*giganta*
oficial	*oficiala*
aviador	*aviadora*
senhor	*senhora*
cantor	*cantora*
senador	*senadora*
prior	*priora, prioresa*
doutor	*doutora*
peru	*perua*
avô	*avó*
irmão	*irmã*
cidadão	*cidadã*
aldeão	*aldeã*
anão	*anã*
ancião	*anciã*
guardião	*guardiã*
pagão	*pagã*
charlatão	*charlatã*

Masculino	Feminino
hóspede	*hóspeda, hóspede*
infante	*infanta*
monge	*monja*
comilão	*comilona*
valentão	*valentona*
solteirão	*solteirona*
sultão	*sultana*
galo	*galinha*
arrumador	*arrumadeira*
ator	*atriz*
imperador	*imperatriz*
embaixador	*embaixatriz, embaixadora*
vindicador	*vindicatriz*
juiz	*juíza*
deus	*deusa, deia*
poeta	*poetisa*
sacerdote	*sacerdotisa*
profeta	*profetisa*
papa	*papisa*
píton	*pitonisa*
príncipe	*princesa*
barão	*baronesa*
duque	*duquesa*

Masculino	Feminino
escrivão	*escrivã*
alemão	*alemã*
campeão	*campeã*
capitão	*capitã*
anfitrião	*anfitriã, anfitrioa*
tecelão	*tecelã, teceloa*
ermitão	*ermitã, ermitoa*
leão	*leoa*
patrão	*patroa*
leitão	*leitoa*
faisão	*faisoa*
pavão	*pavoa*
hortelão	*horteloa*
beirão	*beiroa*
tabaréu	*tabaroa*
ilhéu	*ilhoa*
melro	*mélroa*
parvo	*párvoa, parva*
sabichão	*sabichona*
mocetão	*mocetona*
beberrão	*beberrona*
glutão	*glutona*
folião	*foliona*
frei	*sóror, soror*
raja	*rani*
padre	*madre*
compadre	*comadre*
padrasto	*madrasta*
macho	*fêmea*
patriarca	*matriarca*
pai	*mãe*
marido	*mulher*
padrinho	*madrinha*

Masculino	Feminino
cônsul	*consulesa*
freguês	*freguesa*
camponês	*camponesa*
marquês	*marquesa*
abade	*abadessa*
conde	*condessa*
czar	*czarina*
felá	*felaína*
rei	*rainha*
mu, mulo	*mula*
ladrão	*ladra*
perdigão	*perdiz*
cão	*cadela*
ateu	*ateia*
pigmeu	*pigmeia*
plebeu	*plebeia*
hebreu	*hebreia*
réu	*ré*
judeu	*judia*
sandeu	*sandia*
tigre	*tigresa*
cerzidor	*cerzideira*
frade	*freira*
genro	*nora*
dom	*dona*
cavaleiro	*amazona*
cavalheiro	*dama*
varão[1]	*matrona*
zangão	*abelha*
bode	*cabra*
cavalo	*égua*
carneiro	*ovelha*
touro, boi	*vaca*

(1) "O venerável padre Anchieta era *varão* santo." (CARLOS DE LAET)

Observação:

✔ Nos casos como *pai/mãe, boi/vaca, bode/cabra*, etc., o feminino se realiza não pela flexão do masculino, mas por heteronímia, isto é, por meio de outra palavra, de radical diferente.

6 SUBSTANTIVOS UNIFORMES EM GÊNERO

Há um tipo de substantivos – denominativos de pessoas e animais – refratários à flexão de gênero. Uns (os *epicenos* e *sobrecomuns*) só têm um gênero; outros, pelo contrário, têm os dois gêneros e chamam-se, por isso, *comuns de dois gêneros*.

▪ epicenos

Designam certos animais e têm um só gênero, quer se refiram ao macho ou à fêmea. Exemplos:

o *jacaré* (macho ou fêmea)

a *cobra* (macho ou fêmea)

Quando se quer indicar precisamente o sexo, usam-se as palavras *macho* ou *fêmea*. Exemplos:

a onça *macho* (ou *macha*)	o *macho* da cobra	o peixe *macho*
a onça *fêmea*	a *fêmea* da cobra	o peixe *fêmea*

"Capivara *macha* tem um calo no nariz." (GODOFREDO RANGEL)

"A cascavel *macho* é de corpo mais grosso que a fêmea." (RENATO INÁCIO DA SILVA)

▪ sobrecomuns

Designam pessoas e têm um só gênero, quer se refiram a homem ou a mulher. Exemplos:

a *criança* (menino ou menina)

a *testemunha* (homem ou mulher)

o *neném* ou *nenen* (menino ou menina)

o *cônjuge* (marido ou mulher)

o *guia* (homem ou mulher)

um *monstro* (sentido figurado: homem ou mulher)

▪ Comuns de dois gêneros

Sob uma só forma, designam os indivíduos dos dois sexos. São masculinos ou femininos.

São masculinos quando referentes a homens, e femininos se designam mulheres. Distinguimos-lhes o gênero pelo artigo ou adjetivo que os acompanham. Exemplos:

o colega	→	*a colega*	o consorte	→	*a consorte*
o intérprete	→	*a intérprete*	o médium	→	*a médium*
o mártir	→	*a mártir*	o motorista	→	*a motorista*
o cliente	→	*a cliente*	um estudante	→	*uma estudante*
o fã	→	*a fã*	artista famoso	→	*artista famosa*
o soprano	→	*a soprano*	repórter francês	→	*repórter francesa*

O substantivo *poeta* só se aplica a homem. Não é comum de dois gêneros.

No feminino se diz *poetisa* e não *poeta*: "A *poetisa* traz-nos o seu primeiro livro, porém não o entrega logo." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE).

7 SUBSTANTIVOS DE GÊNERO INCERTO

Há numerosos substantivos de gênero incerto e flutuante, sendo usados pelos escritores, com a mesma significação, ora como masculinos, ora como femininos.

Consignamos aqui alguns deles com o gênero que nos parece preferível:

a abusão – erro comum, superstição, crendice
a acne – doença da pele, espinha
a *aluvião* – sedimentos deixados pelas águas, inundação; grande número:
"... uma *aluvião* torrentuosa de hérulos." (CAMILO CASTELO BRANCO)
a cólera ou *a cólera-morbo* – doença infecciosa
a personagem – pessoa importante, pessoa que figura numa história
a trama – intriga, conluio, maquinação, cilada
a íbis – ave pernalta
a laringe – conduto musculocartilaginoso em que estão as cordas vocais
a xerox (ou xérox) – cópia xerográfica, xerocópia
o ágape – refeição que os primitivos cristãos faziam em comum; banquete de confraternização
o caudal – torrente, rio
o diabetes ou *diabete* – doença (*diabetes sacarino*: acúmulo de açúcares no sangue)
o jângal – floresta do sul da Ásia, mata virgem (a lei do *jângal*)
o lhama – mamífero ruminante da família dos Camelídeos
o ordenança – soldado às ordens de um oficial
o praça – soldado raso
o preá – pequeno roedor
o sabiá – ave da família dos Turdídeos

Observações:

✔ A palavra *personagem* é usada indistintamente nos dois gêneros. Entre os escritores modernos nota-se acentuada preferência pelo masculino. Exemplos:

"... *um personagem* trágico..." (ARIANO SUASSUNA)

"O menino descobria nas nuvens *os personagens* dos contos da carochinha." (VIVALDO COARACI)

"Não sabia que viajava como *algum personagem* importante." (ANÍBAL MACHADO)

Com referência a mulheres, deve-se preferir o feminino:

Iracema é *a personagem* principal de um dos romances de José de Alencar.

"O problema está nas mulheres de mais idade, que não aceitam *a personagem*." (RICARDO RAMOS)

"Não cheguei assim, nem era minha intenção, a criar *uma personagem*." (RUBEM BRAGA)

✔ *Ordenança*, *praça* (soldado) e *sentinela* (soldado, atalaia) são sentidos e usados, na língua atual, como masculinos, por se referirem, ordinariamente, a homens. Cp. *O guarda, o vigia*.

"Onde está Franz Post? – grita Nassau para *o seu ordenança*." (ASSIS BRASIL)

✔ Diz-se: *o* (ou *a*) *manequim* Simone; *o* (ou *a*) modelo fotográfico Rosângela Belmonte.

✔ Pela sua origem, *sósia* é substantivo masculino. Alguns dicionaristas modernos, porém, o incluem entre os comuns de dois gêneros. Segundo eles, portanto, é correto dizer: Essa atriz tem *uma* sósia que a representa muito bem. A televisão mostrou *a sósia* de Marilyn Monroe.

✔ *Cólera* ou *cólera-morbo*, pela sua origem, é substantivo feminino, e é nesse gênero que deve ser usado em português. Exemplos: "*A cólera-morbo* dizimava a população". (MÁRIO BARRETO) "Vibrião *da cólera* chega à Zona Sul." (*JORNAL DO BRASIL*, 1º/4/1993)

"No longo cerco do Porto, entre os flagelos *da cólera* e da fome,... essa querida imagem não o abandonara nunca." (ALMEIDA GARRETT)

"Com a rapidez *da cólera* ou da peste corre por todos os ângulos de Portugal uma coisa hedionda e torpe." (ALEXANDRE HERCULANO)

Note-se o gênero dos substantivos seguintes:

Masculinos

o tapa	o clã
o eclipse	o hosana
o lança-perfume	o herpes
o dó (*pena*)	o espécime
o sanduíche	o suéter
o clarinete	o guaraná
o champanha	o alude (*avalancha*)
o mármore	o pernoite
o maracajá	o púbis
o tegme (ou *tégmen*)	o gengibre
o formicida	o magazine

Femininos

a dinamite	a pane
a áspide	a mascote
a derme	a gênese
a hélice	a entorse
a alcíone	a libido
a filoxera	a cal
a clâmide	a faringe
a omoplata	a cólera (*doença*)
a cataplasma	a ubá (*canoa*)

São geralmente masculinos os substantivos de origem grega terminados em *-ma*:

o grama (*peso*)	o epigrama	o apotegma	o anátema
o quilograma	o telefonema	o trema	o estigma
o plasma	o estratagema	o eczema	o axioma
o apostema	o dilema	o edema	o tracoma
o diagrama	o teorema	o magma	o hematoma
o aneurisma	o emblema	o fonema	o glaucoma

"Mas atenção, mulheres, a este aviso: a moda exige *um grama* de juízo." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE, *Jornal do Brasil*, 28/10/1972)

Exceções: a cataplasma, a celeuma, a fleuma, etc.

8 GÊNERO DOS NOMES DE CIDADES

Salvo raras exceções, nomes de cidades são femininos:

a histórica *Ouro Preto*; a dinâmica *São Paulo*; a acolhedora *Porto Alegre*; uma *Londres* imensa e triste.

"Estes crepúsculos sublimes criam *outra Belo Horizonte*." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

Exceções: o Rio de Janeiro, o Cairo, o Porto, o Havre (França).

9 GÊNERO E SIGNIFICAÇÃO

Muitos substantivos têm uma significação no masculino e outra no feminino. Exemplos:

o cabeça: chefe, líder	→ *a cabeça*: parte do corpo
o cisma: separação religiosa, dissidência, cisão	→ *a cisma*: ato de cismar
o cinza: a cor cinzenta	→ *a cinza*: resíduos de combustão
o capital: dinheiro	→ *a capital*: cidade sede do governo
o coma: perda dos sentidos	→ *a coma*: cabeleira
o coral: pólipo; canto em coro	→ *a coral*: cobra venenosa
o crisma: óleo sagrado	→ *a crisma*: sacramento da confirmação
o cura: pároco, vigário	→ *a cura*: ato de curar
o estepe: pneu sobressalente	→ *a estepe*: vasta planície de vegetação herbácea
o guia: pessoa que guia outros	→ *a guia*: documento para efetuar pagamentos
o grama: unidade de peso	→ *a grama*: relva
o caixa: funcionário da caixa	→ *a caixa*: recipiente; setor de pagamentos
o lente: professor universitário	→ *a lente*: vidro de aumento
o moral: ânimo [1]	→ *a moral*: honestidade, bons costumes
o nascente: lado onde nasce o Sol	→ *a nascente*: fonte
o rádio: aparelho receptor de sinais de radiofonia	→ *a rádio*: estação emissora de radiofonia

EXERCÍCIOS — LISTA 16

1. Dê o feminino dos substantivos seguintes:

campeão – profeta – guardião – ator – marquês – freguês – juiz – anfitrião – visconde – varão – espião – ladrão – hebreu – barão – réu

(1) "Autorizados filósofos e cristãos disseram que o vestido atua imperiosamente sobre o *moral* do indivíduo." (CAMILO CASTELO BRANCO)

2. Em seu caderno, reorganize as duas colunas, associando-as de acordo com o processo de formação do feminino:

flexão do substantivo masculino	cônsul, consulesa
acréscimo da desinência **-a** ao masculino	gato, gata
acréscimo de um sufixo feminino ao masculino	cavalo, égua
heteronímia	cantor, cantora

3. Determine o gênero dos substantivos seguintes, antepondo-lhes os artigos **o** ou **a**:

ágape – fleuma – cal – champanha(e) – derme – dó – eclipse – dinamite – fênix – filoxera – aneurisma – herpes – grama (peso) – axioma – guaraná – fel – coral (cobra) – clã – tapa – espécime – telefonema – trama – estigma – primata

4. Substitua os asteriscos pelo feminino dos substantivos entre parênteses:

a) O príncipe casou com uma ***. (plebeu)

b) A *** visitou as escolas. (conde)

c) Ela foi uma *** incorrupta. (cidadão)

d) A *** tinha amigos na corte. (duque)

e) A mãe de João viajou com a ***. (genro)

f) Nos campos, as *** colhiam cereais. (felá)

g) A *** Cecília Meireles nasceu no Rio. (poeta)

5. Classifique os substantivos abaixo de acordo com a classificação genérica constante do quadro:

epicenos – sobrecomuns – comuns de dois gêneros – biformes (variáveis)

ciclista – cidadão – cônjuge – peru – vítima – fã – capivara – cúmplice – pavão

6. Copie somente a série em que todas as palavras são femininas:

foliona – deusa – ilha – trema – hematoma – dó

heroína – alemã – cataplasma – edema – gengibre – orbe

gênese – sóror – omoplata – bílis – cútis – rês

7. Os substantivos abaixo têm no masculino significação diferente da do feminino. Dê a significação de cada um deles nos dois gêneros:

nascente – grama – cura – coral – cisma – cinza – cabeça – lente – moral – rádio

8. Substitua o * com o artigo adequado, de acordo com o gênero dos substantivos destacados:

a) Trazia ainda no corpo * **estigma** infamante do escravo.

b) * **pampas** são a arena verde e imensa do cavaleiro gaúcho.

c) * **lança-perfumes** são proibidos nos festejos carnavalescos.

d) O grande líder político presidia * **ágape**.

e) Um broche de ouro segurava ao pescoço * **clâmide** do general ateniense.

f) As dissidências religiosas geram * **cismas**.

g) As chuvas avolumaram rapidamente * enorme **caudal**.

h) A luz da ciência dissipa os erros e * **abusões**.

i) * **aluvião** de populares irrompeu pelo parque adentro.

j) A notícia da derrota abateu * **moral** da população.

k) * **mascote** dos Fuzileiros Navais é um carneiro.

l) * colossal **alude**, despenhando-se da cordilheira andina, arrasou a aldeia.

m) Aumentava cada vez mais * **celeuma** da multidão revoltada.

n) É * **íris** que regula a entrada da luz no olho.

o) "Deus é * **alfa** e o ômega de todas as coisas." (ANTÔNIO HOUAISS)

p) * **cólera** é uma doença infecto-contagiosa.

q) * grande **Porto Alegre** adormecia junto ao Guaíba.

9. Dê o significado do substantivo conforme o gênero. Em seguida, escreva orações que deixem clara a diferença de sentido entre o substantivo masculino e o feminino:

a) a cabeça, o cabeça

b) o rádio, a rádio

c) o grama, a grama

d) o cinza, a cinza

10 FLEXÃO DOS SUBSTANTIVOS: NÚMERO

Em português há dois números gramaticais:

- **Singular**

Indica um ser ou um grupo de seres: *ave, bando*.

- **Plural**

Indica mais de um ser ou grupo de seres: *aves, bandos*.

A característica do plural, em português, é o *s* final.

Os substantivos flexionam-se no plural de diferentes maneiras, conforme a terminação do singular.

- **Substantivos terminados em vogal ou em ditongo oral**

Flexionam-se no plural acrescentando-se *-s* ao singular:

asa, *asas* – regime, *regimes* – táxi, *táxis* – tribo, *tribos* – pá, *pás* – irmã, *irmãs* – pé, *pés* – sapoti, *sapotis* – nó, *nós* – robô, *robôs* – caju, *cajus* – baú, *baús* – pai, *pais* – herói, *heróis* – véu, *véus* – parêntese, *parênteses*

Observações:

✔ Seguem esta regra a palavra *mãe* (plural *mães*) e os substantivos em *-n*: pólen, *polens*, éden, *edens*, íon, *ions*, próton, *protons*, nêutron, *neutrons*, elétron, *eletrons*, líquen, *liquens*, hífen, *hifens*, abdômen, *abdomens* (formas menos usadas que *abdome*, *abdomes*). *Cânon*, porém, faz *cânones*.

✔ O substantivo *avô* tem dois plurais: *avôs* (o avô paterno e o materno) e *avós* (o avô e a avó, ou *os antepassados*).

✔ Pluralizam-se por essa regra os nomes das letras: os *ás*, os *bês*, os *és*, os *agás*, os *is*, os *ós*, os *erres*, os *esses*, etc.: Colocar os pingos nos *is*. "A juriti, pombinha eternamente magoada, é toda *us*." (Monteiro Lobato)

Contudo, também se pode grafar: os *ii*, os *ff*, os *ss*, etc.: "As folhas enchem de *ff* as vogais do vento." (Mário Quintana)

- **Substantivos terminados em *-r* ou *-z***

Forma-se o plural acrescentando-se *-es* ao singular:

colher, *colheres* – cateter, *cateteres* – masseter, *masseteres* – clister, *clisteres* – ureter, *ureteres* – bôer, *bôeres* – dólar, *dólares* – faquir, *faquires* – abajur, *abajures* – clamor, *clamores* – esfíncter, *esfíncteres* – prócer, *próceres* – hambúrguer, *hambúrgueres* – frízer, *frízeres* – cruz, *cruzes* – raiz, *raízes* – noz, *nozes*

Caráter faz *caracteres*; júnior, *juniores*; sênior, *seniores*; sóror, *sorores*, com deslocamento do acento tônico.

- **Substantivos terminados em *-al, -el, -ol, -ul***

Pluralizam-se trocando o *-l* final por *-is*:

pombal, *pombais* – papel, *papéis* – mel, *méis* (ou *meles*) – túnel, *túneis* – anzol, *anzóis* – sol, *sóis* – paul, *pauis* – álcool, *álcoois*

Exceções: mal / *males*, cônsul / *cônsules*, real (antiga moeda portuguesa) / *réis*.

- **Substantivos terminados em *-il***

Flexionam-se no plural de duas maneiras:
a) os oxítonos mudam *-il* em *-is*: funil, *funis*; fuzil, *fuzis*
b) os paroxítonos mudam *-il* em *-eis*: fóssil, *fósseis*; réptil, *répteis*; projétil, *projéteis*.

Observação:

✔ As formas oxítonas *reptil*, *reptis* e *projetil*, *projetis*, embora corretas, são pouco usadas. *Til* tem o plural regular: o *til*, os *tis*.

- **Substantivos terminados em *-m***

Trocam esta letra por *-ns*:

nuvem, *nuvens* – fim, *fins* – som, *sons* – refém, *reféns* – pajem, *pajens* – álbum, *álbuns* – atum, *atuns* – ultimátum, *ultimátuns* – totem, *totens* – item, *itens* – fórum, *fóruns*

▪ Substantivos terminados em *-s*

• Os monossílabos e os oxítonos formam o plural mediante o acréscimo da desinência *-es*:

gás, *gases* – mês, *meses* – rês, *reses* – país, *países* – deus, *deuses* – ás, *ases* – adeus, *adeuses* – obus, *obuses* – português, *portugueses* – freguês, *fregueses* – lilás, *lilases* – avelós, *aveloses* – revés, *reveses*

Exceções:

Cais e *xis* são invariáveis: *os cais, os xis.*

Cós faz *cós* ou *coses.*

• Os paroxítonos e proparoxítonos são invariáveis:

o pires, *os pires* – o atlas, *os atlas* – o oásis, *os oásis* – o ourives, *os ourives* – o alferes, *os alferes* – o bíceps, os *bíceps* – o busílis, *os busílis* – o *miosótis, os miosótis* – a íris, *as íris* – o lótus, *os lótus* – o ônus, *os ônus* – o vírus, *os vírus* – o ônibus, *os ônibus* – o herpes, *os herpes*

▪ Substantivos terminados em *-x*

• Uns são invariáveis (vai entre parênteses o valor fonético do *x*):

o tórax (cs), os *tórax* – o pneumotórax (cs), os *pneumotórax* – o ônix (cs), os *ônix* – a fênix (s), as *fênix* – uma xerox (cs), duas *xerox* – um fax (cs), dois *fax*

• Outros (fora de uso) têm o mesmo plural que suas variantes em *-ice* (atualmente as únicas em vigor):

apêndix (cs)	ou	apêndice, apêndices
cálix (cs)	ou	cálice, *cálices*
códex (ccs)	ou	códice, *códices*
córtex (s)	ou	córtice, *córtices*
índex (cs)	ou	índice, *índices*

▪ Substantivos terminados em *-ão*

• Uns formam o plural com o acréscimo de *-s*:

mão, *mãos* – irmão, *irmãos* – cidadão, *cidadãos* – cortesão, *cortesãos* – ancião, *anciãos* – grão, *grãos* – pagão, *pagãos* – desvão, *desvãos* – corrimão, *corrimãos* – temporão, *temporãos* – afegão, *afegãos*, e todos os paroxítonos: órgão, *órgãos* – bênção, *bênçãos* – órfão, *órfãos* – sótão, *sótãos* – gólfão, *gólfãos* – acórdão, *acórdãos*

• Outros, mais numerosos, mudam *-ão* em *-ões*:

limão, *limões* – botão, *botões* – anão, *anões* – vulcão, *vulcões* – espião, *espiões* – aldeão, *aldeões* – balão, *balões* – mamão, *mamões* – melão, *melões* – caixão, *caixões* – tecelão, *tecelões* – falcão, *falcões* – cirurgião, *cirurgiões* – zangão, *zangões* [1]

• Outros, enfim, trocam *-ão* por *-ães:*

pão, *pães* – cão, *cães* – capitão, *capitães* – charlatão, *charlatães* – escrivão, *escrivães* – alemão, *alemães* – sacristão, *sacristães* – tabelião, *tabeliães* – guardião, *guardiães* – capelão, *capelães*

---

(1) "Os povos, como as abelhas, trabalham para si e para os seus zangões." (MARQUÊS DE MARICÁ)

Observação:

✔ *Artesão* (artífice) ➔ artesãos; *artesão* (adorno arquitetônico) ➔ *artesões*.

Vários substantivos em *-ão* ainda não encontraram uma forma definitiva para o plural, se bem que a flexão *-ões*, por ser mais eufônica, se venha impondo vitoriosamente. Eis alguns exemplos:

aldeão	aldeões	aldeãos	–
castelão	castelões	castelãos	–
deão	deões	deãos	–
ermitão	ermitões	ermitãos	ermitães
faisão	faisões	–	faisães
hortelão	hortelões	hortelãos	–
sultão	sultões	sultãos	sultães
verão	verões	verãos	–
vilão	vilões	vilãos	–
refrão	–	refrãos	refrães

11 PLURAL DOS SUBSTANTIVOS COMPOSTOS

Formam o plural de acordo com as seguintes normas:

- Pluralizam-se os dois elementos, unidos por hífen, quando ocorre:

a) substantivo + substantivo:

cirurgião-dentista, *cirurgiões-dentistas*
abelha-mestra, *abelhas-mestras*
tenente-coronel, *tenentes-coronéis*
tia-avó, *tias-avós*
redator-chefe, *redatores-chefes*
decreto-lei, *decretos-leis*

Obs.: Ressalve-se o caso de substantivos compostos intercalados por preposição, como será exposto a seguir.

b) substantivo + adjetivo:

amor-perfeito, *amores-perfeitos*
capitão-mor, *capitães-mores*
cajá-mirim, *cajás-mirins*
carro-forte, *carros-fortes*
cachorro-quente, *cachorros-quentes*
guarda-civil, *guardas-civis*
guarda-noturno, *guardas-noturnos*
obra-prima, *obras-primas*
sabiá-piranga, *sabiás-pirangas*

c) adjetivo + substantivo:

boa-vida, *boas-vidas*

curta-metragem, *curtas-metragens*

curto-circuito, *curtos-circuitos*

má-língua, *más-línguas*

livre-pensador, *livres-pensadores*

d) numeral + substantivo:

segunda-feira, *segundas-feiras* quinta-feira, *quintas-feiras*

terça-feira, *terças-feiras* sexta-feira, *sextas-feiras*

Exceções: os *grão-mestres*, as *grã-cruzes*, os *grã-finos*, os *terra-novas*, os *claro-escuros* (ou *claros-escuros*), os *nova-iorquinos*, os *nova-trentinos*, os *são-bernardos*, os *são-paulinos*, os *são-joanenses*, os *cavalos-vapor*.

- Varia apenas o segundo (ou o último) elemento, quando houver:

a) elementos unidos sem hífen:

os *pontapés*, os *girassóis*, os *vaivéns*, as *autopeças*, os *malmequeres*.

b) verbo + substantivo:

os guarda-*roupas*, os guarda-*louças*, os beija-*flores*.

c) elemento invariável + palavra variável:

as sempre-*vivas*, as ave-*marias*, os vice-*reis*, os alto-*falantes*,

os abaixo-*assinados*, os recém-*nascidos*.

d) palavras repetidas:

os quero-*queros*, os tico-*ticos*, os reco-*recos*, os ruge-*ruges*, os quebra-*quebras*,

os corre-*corres*.

Observação:

✔ Contrariamente ao que ensinam as gramáticas, preferimos os plurais *ruge-ruges*, *treme-tremes*, *corre-corres*, etc., por serem mais eufônicos. É por eufonia que se explicam os plurais anômalos *padre-nossos*, *terra-novas*, *arco-íris*, *são-joanenses* e outros.

- Varia apenas o primeiro elemento:

a) quando ocorre substantivo + preposição + substantivo:
os *pés* de moleque, os *pães* de ló, as *quedas*-d'água, os *paus*-d'arco,
as *mãos* de obra, os *sinais* da cruz, os *autos* de fé, as *câmaras* de ar,
as *orelhas*-de-pau, as *mulas* sem cabeça.

b) quando o segundo elemento limita ou determina o primeiro, indicando finalidade, tipo, semelhança, funcionando como se fosse um adjetivo:

os *pombos*-correio, as *canetas*-tinteiro, os *navios*-escola, os *peixes*-boi, as *frutas*-pão, os *paus*-brasil, as *cidades*-satélite, os *guardas*-marinha, as *fazendas*-modelo, etc.

Observação:

✔ Não é errado, porém, pluralizar, no caso **b**, os dois elementos e dizer:

pombos-correios, peixes-bois, frutas-pães, homens-rãs, porcos-espinhos, navios-tanques, bananas-maçãs, mangas-rosas, balões-sondas, couves-flores, países-membros, etc.

"*Homens-rãs* buscam corpos no rio Iguaçu." (*Jornal do Brasil*, 22/9/73)

"... ambos já *guardas-marinhas*." (Vivaldo Coaraci)

✔ Os melhores dicionários brasileiros registram as duas formas.

- Os dois elementos ficam invariáveis quando houver:
  a) verbo + advérbio:
  os *bota-fora*, os *pisa-mansinho*.
  b) verbo + substantivo plural:
  os *troca-tintas*, os *saca-rolhas*, os *guarda-vidas*.
- Casos especiais:

o louva-a-deus, os *louva-a-deus* – o diz que diz, os *diz que diz* – o bem-te-vi, os *bem-te-vis* – o bem-me-quer, os *bem-me-queres* – o joão-ninguém, os *joões-ninguém* – o fora da lei, os *fora da lei* – o ponto e vírgula, os *ponto e vírgulas* – o sem-terra, os *sem-terra* – o mico-leão-dourado, os *micos-leões-dourados* – o bumba meu boi, os *bumba meu boi* – *o arco-íris, os arco-íris*.

12 PLURAL DAS PALAVRAS SUBSTANTIVADAS

As palavras substantivadas, isto é, palavras de outras classes gramaticais usadas como substantivos, apresentam, no plural, as flexões próprias destes últimos:

Ouviam-se *vivas* e *morras*.

Pese bem os *prós* e os *contras*.

O aluno errou na prova dos *noves*.

Ouça com a mesma serenidade os *sins* e os *nãos*.

Observação:

✔ Numerais substantivados terminados em *-s* ou *-z* não variam no plural.

Exemplo: Nos testes mensais consegui muitos *seis* e alguns *dez*.

13 PLURAL DOS DIMINUTIVOS

Para a formação do plural dos substantivos diminutivos, veja item 21, no final deste capítulo.

14 PLURAL DOS NOMES PRÓPRIOS PERSONATIVOS

Devem-se pluralizar os nomes próprios de pessoa sempre que a terminação se preste à flexão. Exemplos:

"A poesia vulgar, mormente na pátria dos *Junqueiras*, dos *Álvares de Azevedo*, dos *Casimiros de Abreu* e dos *Gonçalves Dias*, é um pecado publicá-la." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"As *Raquéis* e *Esteres*." (MÁRIO BARRETO)

Os *Napoleões* também são derrotados.

"É impossível que os *Monizes* não fugissem de casa assim que principiou o fogo." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Os *Ataídes de Azevedo* são, na verdade, encantadores." (CIRO DOS ANJOS)

Aos nomes estrangeiros acrescenta-se *s*: os *Kennedys*, os *Stalins*, os *Mozarts*, etc.

15 PLURAL DOS SUBSTANTIVOS ESTRANGEIROS

Substantivos ainda não aportuguesados devem ser escritos como na língua original, acrescentando-se-lhes um *s* (exceto quando terminam em *s* ou *z*). Exemplos:

os *shorts*, os *dancings*, os *shows*, os *déficits*, os *superávits*, os *habitats*, os *ex-libris*, os *jazz*, os *pit-bulls*, os *watts*, os *icebergs*, as *pizzas*.

• É usual acentuar os latinismos *deficit*, *superavit* e *habitat*, embora ainda não aportuguesados.

Substantivos já aportuguesados flexionam-se de acordo com as regras de nossa língua:

os *clubes* – os *chopes* – os *jipes* – os *times* – os *esportes* – as *toaletes* – os *bibelôs* – os *garçons* – os *cicerones* – o réquiem, os *réquiens* – o te-déum, os *te-déuns* – o álibi, os *álibis*, etc.

No entanto, *gol* [do inglês *goal*] faz *gols*, forma estranha à fonética portuguesa, um barbarismo impingido pelo uso. O plural correto seria *gois* (ô) ou *goles* [cp. *goleada*], mas não se usa. Em Portugal se diz *golo* (ô), *golos* (ô).

16 PLURAL DAS SIGLAS

Pluralizam-se as siglas acrescentando-lhes um *s* minúsculo:

os *CDs*, os *HPs*, os *PMs*, as *ONGs*, as *Ufirs*.

17 PLURAL COM MUDANÇA DE TIMBRE

Certos substantivos formam o plural com mudança de timbre da vogal tônica (*o* fechado ⇒ *o* aberto). É um fato fonético chamado *metafonia*.

Eis alguns exemplos:

corpo (ô)	*corpos* (ó)	osso (ô)	*ossos* (ó)
esforço	*esforços*	ovo	*ovos*

fogo	*fogos*	poço	*poços*
forno	*fornos*	porto	*portos*
fosso	*fossos*	posto	*postos*
imposto	*impostos*	rogo	*rogos*
olho	*olhos*	tijolo	*tijolos*

- Têm a vogal tônica fechada (ô): *adornos*, *almoços*, *bolsos*, *esposos*, *estojos*, *globos*, *gostos*, *polvos*, *rolos*, *soros*, etc.

Observação:

✔ Distinga-se *molho* (ô), caldo (*molho de carne*), de *molho* (ó), feixe (*molho de lenha*). No plural: *molhos(ô)*, caldos; *molhos(ó)*, feixes.

18 PARTICULARIDADES SOBRE O NÚMERO DOS SUBSTANTIVOS

Há substantivos que só se usam no singular: o *sul*, o *norte*, a *fé*, etc.; outros só no plural: os *idos*, as *cãs*, as *núpcias*, os *víveres*, os *pêsames*, etc.; outros, enfim, têm, no plural, sentido diferente do singular: *bem*, virtude, *bens*, riquezas; *honra*, probidade, bom nome, *honras*, homenagens, títulos. Exemplo:

"A *honra* anuncia virtudes, as *honras* nem sempre as supõem." (MARQUÊS DE MARICÁ)

- Deve-se dizer: *Os óculos* (e não o *óculos*) corrigem defeitos da vista. Perdi *meus óculos* (e não *meu óculos*).

Usamos, às vezes, os substantivos no singular, mas com sentido de plural:

"Aqui morreu muito *negro*." (COELHO NETO)
"Celebraram o sacrifício divino muita *vez* em capelas improvisadas." (AFONSO CELSO)
"Juntou-se ali uma população de retirantes que, entre *homem*, *mulher* e *menino*, ia a bem cinquenta mil." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

EXERCÍCIOS — LISTA 17

1. Flexione no plural:

mês – rês – réptil – projétil – túnel – canil – espécime – sol – sal – mal – caráter – hífen – álbum – ás – procônsul – prócer – nenúfar – fã – obus – líquen – ímã – totem – cânon – refém – parêntese – revés – galã – fóssil – fuzil – fusível – ureter – hambúrguer

2. Escreva apenas os substantivos invariáveis em número:

mó – cais – ourives – mel – tórax – íbis – fênix – obus – ônus – nó – dom – bíceps – íris – xerox

3. Escreva no plural:

cidadão – charlatão – tabelião – tecelão – ancião – folião – capelão – aldeão – anão – guardião – corrimão – bênção – órfão – órgão – capitão – escrivão – cirurgião – pagão – anão – afegão

4. Flexione no feminino plural:

cidadão, ator, cônsul, marquês, réu, cortesão, grão-duque

5. Escreva no plural os seguintes substantivos compostos:

a) vanglória, bombom, lobisomem, autolotação, malmequer, vaivém

b) guarda-civil, cartão-postal, terça-feira, tenente-coronel, capitão-mor, má-língua, baixo-relevo, cirurgião-dentista, criado-mudo, capitão-aviador, redator-chefe, vera-efígie, meio-termo, pão-duro, táxi-aéreo, ferro-velho, curta-metragem, alto-relevo, boia-fria, carro-forte

c) guarda-chuva, pai-nosso, terra-nova, alto-falante, abaixo-assinado, papa-mel, salvo-conduto, grão-vizir, busca-pé, tico-tico, bem-te-vi, pisca-pisca, vice-rei

d) pombo-correio, mapa-múndi, manga-espada, joão-ninguém, guarda-marinha, porco-espinho, banana-maçã, caminhão-pipa, navio-escola, ano-luz, carro-bomba

e) flor-de-maio, água-de-colônia, pão de ló, orelha-de-pau, ama de leite, limão-de-cheiro, pau-d'água, estrela-do-mar, joão-de-barro

6. Cite dois substantivos que só se usam no plural e quatro substantivos compostos que não variam no plural.

7. Passe as frases seguintes para o plural:

a) Fez belas evoluções a porta-estandarte da escola de samba.

b) Não se via peixe-voador fora da água.

c) O terra-nova mostrou-se eficiente no patrulhamento das cidades.

d) O beija-flor é uma pequena obra-prima da natureza.

e) O projétil do folião atingiu o guarda-marinha.

f) O homem-rã estava junto ao navio-tanque.

g) O artesão fez a mesinha de cabeceira.

h) O homem-mosca encontrou-se na rua com o homem-sanduíche.

i) Ele fabrica salsicha e detesta cachorro-quente.

j) O olho-de-boi é selo raríssimo.

k) O hambúrguer me tentava, mas o real faltava.

8. Escreva o único plural cuja vogal tônica é fechada:

fornos – rogos – bolsos – poços – miolos

9. O plural **gols** é um barbarismo. Por quê?

10. Construa uma frase com o substantivo **óculos**.

11. Escreva as frases no plural:

a) Quero um cachorro-quente.

b) Sempre faço pão de ló e pé de moleque para festas.

c) Rasgarei qualquer abaixo-assinado que receber.

d) Você, como Van Gogh, aprecia girassol?

e) O beija-flor está novamente no quintal.

12. Alguns substantivos têm sentidos diferentes no singular e no plural. Descubra o sentido de cada palavra dos pares abaixo e, depois, elabore frases que deixem bem evidente a diferença entre elas.

a) ouro/ouros
b) vencimento/vencimentos
c) copa/copas
d) féria/férias

19 FLEXÃO DOS SUBSTANTIVOS: GRAU

Grau dos substantivos é a propriedade que essas palavras têm de exprimir as variações de tamanho dos seres.

São dois os graus dos substantivos: o aumentativo e o diminutivo.

forma normal	**aumentativo**	**diminutivo**
⇓	⇓	⇓
gato	gatão	gatinho
casa	casarão	casinha

▪ Grau aumentativo

Veja este exemplo, em que a autora se refere à onça:

"A flecha acertara em cheio na *bocarra* da *bichona*." (Edi Lima)

As palavras destacadas estão no grau aumentativo.

O grau aumentativo exprime um aumento do ser relativamente ao seu tamanho normal. Pode ser formado sintética ou analiticamente.

a) *Aumentativo sintético*: forma-se com sufixos aumentativos, sendo os mais comuns:

-aça: barcaça, barbaça, populaça, caraça

-aço: balaço, calhamaço, volumaço

-alha: muralha, gentalha, fornalha

-ão (com as variantes **-alhão**, **-arão**, **-zarrão**, **-arrão**, **-eirão**, **-zão**): cavalão, garrafão, vagalhão, casarão, homenzarrão, gatarrão, vozeirão, pezão

-arra: bocarra, naviarra

-ázio: copázio, balázio

-ona: mulherona, vacona, pernona, vozona

-orra: cabeçorra, beiçorra, patorra, manzorra

-uça: dentuça

-aréu: povaréu, fogaréu, folharéu

b) *Aumentativo analítico*: forma-se com o auxílio do adjetivo *grande*, ou outros de mesmo sentido:

letra grande, pedra enorme, estátuta colossal, obra gigantesca, planície imensa.

- Na linguagem publicitária se diz: *liquidação monstro, megaevento*.

▪ Grau diminutivo

Na seguinte frase, a palavra destacada está no grau diminutivo:

"Que brancos são seus *pezinhos*!" (MÁRIO QUINTANA)

O grau diminutivo exprime um ser com seu tamanho normal diminuído. Pode ser formado sintética ou analiticamente.

a) *Diminutivo sintético*: forma-se com sufixos diminutivos. Eis os mais comuns:

-acho: riacho, fogacho
-ebre: casebre
-eco: livreco, jornaleco, boieco
-ejo: lugarejo, animalejo, vilarejo
-elho: rapazelho, artiguelho, grupelho
-eto, -eta: poemeto, saleta, maleta
-ete: filete, diabrete
-ico: burrico, namorico
-im: espadim, flautim, selim, camarim
-inho: livrinho, dedinho
-inha: casinha, janelinha
-zinho, -zinha: irmãozinho, irmãzinha
-isco: chuvisco, pedrisco
-ito, **-ita**: mosquito, cabrito, senhorita
-oca: sitioca, engenhoca
-ola: sacola, bandeirola, rapazola, casinhola, arteríola
-ote: velhote, serrote, caixote, morrote
-ucho: papelucho
-(c)ulo, -(c)ula: glóbulo, homúnculo, radícula

b) *Diminutivo analítico*: forma-se com o adjetivo *pequeno*, ou outros de igual sentido. Exemplos: chave pequena, casa pequenina, semente minúscula.

Observações:

✔ Em geral, os aumentativos e diminutivos, juntamente com a ideia de grandeza ou pequenez, exprimem também deformidade, desprezo ou troça. Dizemos, por isso, que têm *sentido pejorativo* ou *depreciativo*. Exemplos: *gentalha, narigão, beiçorra, livreco, musiqueta, papelucho, gentinha, povinho*.

"O *homenzinho* estava lívido." (AFONSO SCHMIDT)

"Não suporto *mulheraças*." (MONTEIRO LOBATO)

"Grita o *povinho* furioso impropérios aos condenados." (JOSÉ SARAMAGO)

"Decidira não dar trela à *gentinha* da vila." (JORGE AMADO)

- ✔ As formas diminutivas exprimem, frequentemente, carinho, ternura, afetividade: *filhinho, avozinha, mãezinha, Carlito, Antoninho.*
- ✔ Existem aumentativos que são fictícios, isto é, têm a forma aumentativa, mas sem o sentido de aumento: *cartão, caldeirão, colchão, calção*, etc.
- ✔ A escolha entre os prefixos *-inho(a)* e *-zinho(a)* é condicionada pela acentuação tônica e a terminação dos vocábulos. Os proparoxítonos, por exemplo, e os terminados em sílaba nasal, ditongo, hiato ou vogal tônica recebem o sufixo *-zinho(a)*: *lampadazinha, irmãozinho, heroizinho, bauzinho, ruazinha, cafezinho.* Recebem o sufixo *-inho(a)* as palavras terminadas em *-s* ou *-z*, ou em uma dessas consoantes seguida de vogal: *paisinho* (pequeno *país*), *rapazinho, princesinha, rosinha, belezinha*, etc.

  Em alguns casos coexistem as duas formas: *colherzinha* ou *colherinha, florzinha* ou *florinha, pastorzinho* ou *pastorinho*.
- ✔ Observe as formas diminutivas *prainha, radinho, Emilinha, sandalinha, xicrinha*, correntes na linguagem popular.

  "*Radinho* de pilha ridiculariza a paz da roça." (PAULO MENDES CAMPOS)

  "... *prainha* perdida na curva alta do rio." (JOSUÉ GUIMARÃES)
- ✔ Registram-se aumentativos e diminutivos formados por prefixação:

  maxissaia, supermercado, minissaia, minifúndio, minicalculadora, etc.

20 ADJETIVOS COM AS FLEXÕES DE AUMENTATIVO E DIMINUTIVO

Na linguagem emotiva e coloquial, é comum o emprego de adjetivos com as flexões próprias do aumentativo e diminutivo. Exemplos:

menino *bonzinho*, garota *bonitinha*, garoto *espertinho*, areia *branquinha*, café *quentinho*, moço *bonitão*, homem *espertalhão*, criança *gorducha* e *moleirona*, avô *bonachão*.

Note-se que essas formas aumentativas e diminutivas dos adjetivos equivalem, geralmente, a superlativos:

areia *branquinha* = areia *muito branca*

moço *bonitão* = moço *muito bonito*

Outros exemplos:

"Era tão *fragilzinha* minha amiga!" (GODOFREDO RANGEL)

"Que boi *grandão* é esse, minha gente, que eu nunca vi?" (LUÍS JARDIM)

21 PLURAL DOS DIMINUTIVOS EM *-ZINHO* E *-ZITO*

Observe bem os exemplos seguintes:

pãe(s)	+ zinhos	→	*pãezinhos*	mão(s)	+ zinhas	→	*mãozinhas*
animai(s)	+ zinhos	→	*animaizinhos*	papéi(s)	+ zinhos	→	*papeizinhos*
botõe(s)	+ zinhos	→	*botõezinhos*	nuven(s)	+ zinhas	→	*nuvenzinhas*
chapéu(s)	+ zinhos	→	*chapeuzinhos*	funi(s)	+ zinhos	→	*funizinhos*

farói(s)	+	zinhos	➔	*faroizinhos*	túnei(s)	+	zinhos	➔	*tuneizinhos*
tren(s)	+	zinhos	➔	*trenzinhos*	pai(s)	+	zinhos	➔	*paizinhos*
colhere(s)	+	zinhas	➔	*colherezinhas*	pé(s)	+	zinhos	➔	*pezinhos*
flore(s)	+	zinhas	➔	*florezinhas*	pé(s)	+	zitos	➔	*pezitos*

Regra:

Flexiona-se o substantivo no plural, retira-se o *s* final e acrescenta-se o sufixo diminutivo.

Observação:

✔ São anômalos os plurais *pastorinhos(as)*, *papelinhos*, *florzinhas*, *florinhas*, *colherzinhas* e *mulherzinhas*, correntes na linguagem popular e usados até por escritores de renome.

EXERCÍCIOS — LISTA 18

1. Forme o aumentativo sintético dos substantivos seguintes:

boca – chapéu – espada – festa – bala – homem – nariz – rapaz – mão – moço – pé – vaga – cara – voz

2. Com o auxílio dos sufixos dados no quadro, forme o diminutivo dos substantivos abaixo:

Sufixos: **-acho**, **-ebre**, **-eco**, **-elho**, **-ejo**, **-ela**, **-eta**, **-ete**, **-éu**, **-ico**, **-inhola**, **-isco**, **-im**, **-iço**, **-inho**, **-oca**, **-ote**, **-ulo**

lugar – porta – globo – rio – casa – rua – serra – engenho – espada – jornal – beiço – sala – papel – chuva – grupo – namoro – aranha – ilha

3. Forme o diminutivo dos substantivos abaixo, utilizando os sufixos: **-ulo** e **-ula** ou **-culo** e **-cula**:

corpo – animal – grão – gota – nota – ovo – obra – feixe – homem – raiz – questão – monte – verso – flor – pele – campa – flama – pé – casa – cela – rei – lobo (ó) – nó

4. Flexione os substantivos seguintes no diminutivo plural, utilizando os sufixos **-inho(a)** ou **-zinho(a)**, conforme convenha:

nuvem – cão – canal – papel – chapéu – túnel – país – pai – automóvel – funil – flor – café – irmão – princesa – leitão – ideia – baú – animal – pastor – colher – mulher – praia – rádio

5. Dê a forma normal, isto é, não flexionada, dos substantivos seguintes:

ruela – pobretão – pratarraz – vilanaz – viela – casulo – radícula – alegrão – chapelão – sitioca – manzorra – povaréu – pecadilho – nódulo – cançoneta – sineta – galeota – veranico – camarim – bastonete – terriola – vareta – patorra – hotelejo – febrícula – ossículo – festança – rapazola – selim – ricaço – carroção – rapagão

6. Escreva cada frase e coloque entre parênteses o grau do substantivo destacado:

Coloquei os **peixinhos** no aquário.	aumentativo sintético
Vagalhões batiam no cais deserto.	aumentativo analítico
Seus **olhos** miúdos fitavam-me surpresos.	diminutivo sintético
Vi desabar a **estátua** colossal.	diminutivo analítico

7. Substitua os diminutivos pelas respectivas formas normais:

a) O fortim da ilhota não resistiu ao ataque do inimigo.
b) O régulo chegou àquela aldeola à boquinha da noite.
c) O fidalgote aborreceu-se por uma questiúncula.
d) "Eu teria que voltar ao homúnculo de metro e quarenta e cinco." (ANÍBAL MACHADO)
e) "Homens sujos de pó empurravam vagonetes de lenha." (AMANDO FONTES)

8. Copie as frases abaixo, sublinhando com um traço as formas sintéticas dos aumentativos e com dois as analíticas:

a) "Examinei os olhões amarelos, os dentes enormes e as patorras do bicho." (EDI LIMA)
b) "O dono da fazenda virou-se para ver que barulhão era aquele. Vendo o boi que não tinha mais tamanho, ele gritou: 'Que boi grandão é esse, minha gente, que eu nunca vi?'" (LUÍS JARDIM)

9. Escreva a frase abaixo e copie do quadro a conotação correta da palavra "empreguinho":

João arrumou um **empreguinho** no escritório de uma fábrica.

diminuição – carinho – desprezo – zombaria

10. Dê o diminutivo plural dos substantivos:

a) pão	d) pá
b) chapéu	e) cartão
c) pastel	f) mão

11. Identifique nas frases o que os aumentativos e diminutivos exprimem (desprezo, troça, carinho ou afetividade):

a) Meu filho, não brinque com essa **gentalha**!
b) Você quer trinta reais por esse **livreco**?
c) **Filhinho**, você não está com frio?
d) Você o acha bonito? Com aquele **narigão** achatado?

SUBSTANTIVO
Exercícios de exames e concursos
[Página 670]

ARTIGO

Consideremos o exemplo seguinte:

Certa vez, passando por **uma** praça, encontrei **um** menino chorando. **A** praça estava deserta e **o** menino, sozinho, **as** mãos e **os** cabelos sujos de terra.

As palavras destacadas são *artigos*.

Artigo ***é uma palavra que antepomos aos substantivos para dar aos seres um sentido determinado ou indeterminado.***

Indica, ao mesmo tempo, o gênero e o número dos substantivos.

Dividem-se os artigos em *definidos* e *indefinidos*.

1 DEFINIDOS

o, a, os, as (*o* filho, *a* filha, *os* filhos, *as* filhas)

2 INDEFINIDOS

um, uma, uns, umas (*um* filho, *uma* filha, *uns* filhos, *umas* filhas)

Os artigos definidos se antepõem a substantivos que designam seres definidos, determinados:

Viajei com **o** médico (um médico referido, conhecido, determinado).

Os artigos indefinidos se antepõem a substantivos que designam seres indefinidos, indeterminados:

Viajei com **um** médico (um médico não referido, desconhecido, indeterminado).

Os artigos podem unir-se às preposições *a, de, em* e *por*, formando combinações e contrações antes de substantivos:

- **masculinos**

ao, aos, do, dos, no, nos, pelo, pelos, num, nuns

Exemplos: ir **ao** colégio; precisar **do** carro; correr **pelos** campos.

- **femininos**

  à, às, da, das, na, nas, pela, pelas, numa, numas

  Exemplos: ir **à** escola; sair **da** sala; lutar **pela** paz.

EXERCÍCIOS

LISTA 19

1. Anote em seu caderno a alternativa que não apresenta erro no emprego do artigo.

a) Sempre me deu uma dó dela!
b) Você não trouxe o óculos hoje?
c) Ainda não dei a telefonema que você me pediu.
d) Não falarei com as pessoas cujo o nome não conste dessa lista.
e) A personagem Capitu é uma das mais conhecidas da literatura brasileira.

2. Explique, em seu caderno, a diferença de sentido que existe entre os pares de frases abaixo:

a) Conversei com o médico.
Conversei com um médico.

b) O ônibus passou lotado.
Passou um ônibus lotado.

c) Esse lápis não é meu.
Esse lápis não é o meu.

3. Substitua em seu caderno o símbolo por um artigo feminino ou masculino. Se tiver dúvida a respeito do gênero do substantivo, consulte um dicionário.

a) Você não imagina ◆ dó que o garoto me dá!
b) Estou diante de ◆ grande dilema. Não sei como agir!
c) ◆ apendicite do paciente recebeu tratamento adequado?
d) Não se usa mais ◆ trema em palavras portuguesas.
e) É muito grave ◆ pane que seu carro sofreu?

4. Palavras de outras classes gramaticais podem ser usadas como substantivo quando precedidas por um *artigo*. Escreva em seu caderno frases em que os adjetivos e verbos abaixo sejam usados como substantivos.

a) verde
b) cantar
c) saber
d) absurdo
e) amanhecer

5. Lembrando-se de que o artigo sempre vem anteposto ao substantivo, indicando-lhe o gênero e o número, mencione as passagens onde **a/o** *não foram empregados como artigos*.

"A partir deste ano, a arrecadação será menor. Além disso, o aumento do salário mínimo obrigará o governo a arcar com mais despesas... Os cortes, embora difíceis para os autores e penosos para os que serão privados dos serviços estatais, têm um aspecto positivo por mostrar que o compromisso do Brasil com a transparência é inarredável. A estabilidade é a garantia de que o Brasil permanecerá no mapa da economia mundial..." (Revista *Veja*)

ARTIGO
Exercícios de exames e concursos
[Página 671]

ADJETIVO

Considere estes exemplos:

"O **velho** touro da fazenda saiu, **arrogante**." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"Na ponta do chalé brilhava um **grande** ovo de louça **azul**." (CECÍLIA MEIRELES)

As palavras destacadas atribuem qualidades aos substantivos (touro, ovo, louça): são, por isso, *adjetivos*.

1 ADJETIVOS

Adjetivos são palavras que expressam as qualidades ou características dos seres.

Na frase, os adjetivos exercem as funções sintáticas de *predicativo* e *adjunto adnominal*. (Veja páginas 343 e 363.)

2 ADJETIVOS PÁTRIOS

Entre os adjetivos, existem os que designam a nacionalidade, o lugar de origem de alguém ou de alguma coisa: são os *adjetivos pátrios*. Citemos alguns:

Angola	*angolano*	Egito	*egípcio*
Argélia	*argelino*	El Salvador	*salvadorenho*
Áustria	*austríaco*	Equador	*equatoriano*
Bagdá	*bagdali*	Estados Unidos	*norte-americano, ianque*
Bizâncio	*bizantino*	Etiópia	*etíope*
Brasília	*brasiliense*	Florença	*florentino*
Buenos Aires	*portenho*	Goiás	*goiano*
Cairo	*cairota*	Grécia	*grego, helênico*
Calábria	*calabrês*	Guatemala	*guatemalteco*
Campinas	*campineiro*	Índia	*indiano*
Campos	*campista*	Japão	*japonês, nipônico*
Cartago	*cartaginês*	Lácio	*latino*
Chipre	*cipriota*	Lacônia	*lacônico*
Lapônia	*lapão*	Nova Zelândia	*neozelandês*

Lima	*limenho*	Panamá	*panamenho*
Lisboa	*lisboeta, lisbonense*	Pequim	*pequinês*
Londres	*londrino*	Rio de Janeiro (estado)	*fluminense*
Madri	*madrileno, madrilense*	Rio de Janeiro (cidade)	*carioca*
Marajó	*marajoara*	São Paulo (estado)	*paulista*
Marrocos	*marroquino*	São Paulo (cidade)	*paulistano*
Mato Grosso	*mato-grossense*	Túnis	*tunisiano*
Moscou	*moscovita*	Veneza	*veneziano*
Nápoles	*napolitano*		

3 FORMAÇÃO DO ADJETIVO

Quanto à formação, o adjetivo pode ser:

- **primitivo**

  O que não deriva de outra palavra:

  bom, forte, feliz, etc.

- **derivado**

  O que deriva de substantivos ou verbos:

  famoso, carnavalesco, amado, etc.

- **simples**

  O que é formado de um só elemento:

  brasileiro, escuro, etc.

- **composto**

  O que é formado de mais de um elemento:

  luso-brasileiro, castanho-escuro, etc.

Alguns adjetivos pátrios compostos apresentam o primeiro elemento reduzido e invariável. Eis os principais:

afro (= africano)	cultura *afro-brasileira*
anglo (= inglês)	comércio *anglo-americano*
austro (= austríaco)	império *austro-húngaro*
euro (= europeu)	tratado *euro-americano*
franco (= francês)	amizade *franco-brasileira*
greco (= grego)	civilização *greco-romana*
hispano (= espanhol)	literatura *hispano-americana*
ibero (= ibérico)	civilização *ibero-americana*

ítalo (= italiano)	acordo comercial *ítalo-francês*
luso (= lusitano)	literatura *luso-brasileira*
nipo (= nipônico)	jovem *nipo-argentina*
sino (= chinês)	guerra *sino-japonesa*
teuto (= alemão)	descendentes *teuto-argentinos*

4 LOCUÇÃO ADJETIVA

Locução adjetiva é uma expressão que equivale a um adjetivo. Exemplos:

presente *de rei* = presente *régio*
amor *de filho* = amor *filial*
paixões *sem freio* = paixões *desenfreadas* ou *infrenes*
confiança *sem limites* = confiança *ilimitada*
pescoço *de touro* = pescoço *taurino*
as margens *do Nilo* = as margens *nilóticas*
aves *da noite* = aves *noturnas*
alimento *sem sabor* = alimento *insípido*

Outros exemplos de locuções adjetivas:

o andar *de cima*; as patas *de trás*; gente *de fora*; floresta *a perder de vista*; rapaz *sem-vergonha*; produtos *de primeira*; olhar *de espanto*; homem *à toa*; estar *com fome*; desculpa *sem pés nem cabeça*.

Observe as diversas maneiras de caracterizar os substantivos:

homem *corajoso*	=	homem *de coragem*	=	homem *que tem coragem*
gente *serrana*	=	gente *da serra*	=	gente *que mora na serra*

5 ADJETIVOS ERUDITOS

Numerosos adjetivos eruditos, que significam "relativo a", "próprio de", "semelhante a", "da cor de", equivalem a locuções adjetivas: *torácico* = do tórax, relativo ao tórax; *sulfurino* = da cor do enxofre; *férreo* = de ferro, como ferro.

Eis os mais frequentes desses adjetivos, ao lado dos nomes dos seres a que se referem:

açúcar: *sacarino*	astro: *sideral*	bode: *hircino*
água: *hídrico*	audição: *auditivo*	boi: *bovino*
águia: *aquilino*	baço: *esplênico*	braço: *braquial*
aluno: *discente*	bálsamo: *balsâmico*	brejo: *palustre*
anel: *anular*	bexiga: *vesical*	cabeça: *cefálico*
aranha: *aracnídeo*	bílis ou bile: *biliar*	cabelo: *capilar*
arcebispo: *arquiepiscopal*	bispo: *episcopal*	cabra: *caprino*
asno: *asinino*	boca: *bucal, oral*	caça: *venatório, cinegético*
campo: *rural, campestre*	garganta: *gutural*	óleo: *oleaginoso*

caos: *caótico*
cavalo: *equídeo, equino, hípico*
cela, célula: *celular*
chumbo: *plúmbeo*
chuva: *pluvial*
cinza: *cinéreo*
circo: *circense*
cobra: *colubrino, ofídico*
cobre: *cúprico*
coelho: *cunicular*
coração: *cardíaco*
correio: *postal*
costas: *dorsal*
criança: *pueril, infantil*
dança: *coreográfico*
daltonismo: *daltônico*
dano: *daninho*
dedo: *digital*
diamante: *adamantino*
dieta: *dietético*
dinheiro: *pecuniário*
direito: *jurídico*
domingo: *dominical*
éden: *edênico*
eixo: *axial*
embriaguez: *ébrio*
enxofre: *sulfúrico, sulfúreo, sulfuroso*
erva: *herbáceo*
espelho: *especular*
estômago: *gástrico*
estrela: *estelar*
éter: *etéreo*
fábrica: *fabril*
faraó: *faraônico*
fêmur: *femoral*
fera: *beluíno, feroz, ferino*
ferro: *férreo*
fígado: *hepático*
fogo: *ígneo*
fleuma: *fleumático*
formiga: *formicular*
gado: *pecuário*
gafanhoto: *acrídio*
gato: *felino, felídeo*
gelo: *glacial*
glúten: *glutinoso*
guerra: *bélico*
homem: *viril*
Igreja: *eclesiástico*
ilha: *insular*
inverno: *hibernal*
irmão: *fraternal*
jovem: *juvenil*
junho: *junino*
Lacônia: *lacônico*
lago: *lacustre*
lágrima: *lacrimal*
leão: *leonino*
lebre: *leporino*
leite: *lácteo, láctico*
limão: *cítrico*
laranja: *cítrico*
linha: *linear*
lobo: *lupino*
Lua: *lunar*
macaco, símio: *simiesco*
madeira, lenho: *lígneo*
maçãs do rosto: *malar*
mar: *marinho, marítimo, equóreo*
manhã: *matutino, matinal*
marfim: *ebúrneo, ebóreo*
margem: *marginal*
margem de rio: *ribeirinho, justafluvial*
memória: *mnemônico*
mestre: *magistral*
moeda: *monetário, numismático*
Moisés: *mosaico*
monge: *monástico*
morte: *letal, mortífero*
nádegas: *glúteo*
nariz: *nasal*
navio, navegação: *naval*
Nilo (rio): *nilótico*
neve: *níveo*
norte: *setentrional, boreal*
olhos: *ocular, óptico, oftálmico*
Olimpo, olimpíadas: *olímpico*
opala: *opalino, opalescente*
outono: *outonal*
ouvido: *auricular, ótico*
ovelha: *ovino*
paixão: *passional*
pâncreas: *pancreático*
paraíso: *paradisíaco*
pedra: *pétreo*
peixe: *ictíico, ictiológico, písceo*
pele: *cutâneo, epidérmico*
pelve: *pélvico*
pesca: *pesqueiro, piscatório*
pescoço: *cervical*
Platão: *platônico*
plebe: *plebeu*
pombo: *columbino*
porco: *suíno, porcino*
prata: *argênteo, argentino, argírico*
primavera: *primaveril*
professor: *docente*
prosa: *prosaico*
pulmão: *pulmonar*
pus: *purulento*
raposa: *vulpino*
rato: *murino*
rim: *renal*
rio: *fluvial, potâmico*
rocha: *rupestre*
romance: *romanesco*
sabão: *saponáceo*
selos: *filatélico*
seda: *sérico, seríceo*
sonho: *onírico*
sul: *meridional, austral*
tarde: *vespertino*
tecido: *têxtil*
Terra: *terrestre, terreno, telúrico*
terremoto: *sísmico*
tórax: *torácico*
touro: *taurino*
túmulo: *tumular*
umbigo: *umbilical*

universo habitado: *ecumênico*
útero: *uterino*
vasos sanguíneos: *vascular*
veia: *venoso*
velho, velhice: *senil*
vento: *eólio, eólico*
Vênus: *venusiano*
verão, estio: *estival*
verme: *vermicular*
víbora: *viperino*
vidro: *vítreo, hialino*
vinho: *vínico, vinário, vinoso*
vinagre: *acético*
violeta: *violáceo*
virilha: *inguinal*
voz: *fônico, vocal*
vulcão: *vulcânico*

6 FLEXÃO DO ADJETIVO

O adjetivo varia em gênero, número e grau.

Flexiona-se para concordar em gênero e número com o substantivo caracterizado. Exemplos: moço *bonito*, moça *bonita*, moços *bonitos*, moças *bonitas*.

7 FLEXÃO DO ADJETIVO: GÊNERO

Quanto ao gênero, dividem-se os adjetivos em:

▪ Uniformes

Os que têm a mesma forma em ambos os gêneros:

leal – azul – cruel – gentil – grácil – vil – regular – superior – inferior – incolor – anterior – ulterior – esmoler – ruim – comum – jovem – feliz – audaz – loquaz – veloz – soez – cortês – pedrês – reles – simples – nômade – fluminense – paulista – otimista – carijó – só – tupi – lilás, etc.

Com referência à irmã diretora de um convento, dizemos, porém: a madre *superiora* ou, simplesmente, a *superiora*.

▪ Biformes

Os que possuem duas formas, uma para o masculino e outra para o feminino:

ativo, *ativa*
cru, *crua*
mau, *má*
ateu, *ateia*
hebreu, *hebreia*
europeu, *europeia*
alemão, *alemã*
chão (plano, simples), *chã*
cristão, *cristã*
são, *sã*
vão, *vã*
temporão, *temporã*
plebeu, *plebeia*
judeu, *judia*
sandeu, *sandia*
vilão, *vilã*, *viloa*
burguês, *burguesa*
inglês, *inglesa*
siamês, *siamesa*
roedor, *roedora*
trabalhador, *trabalhadora*
tabaréu, *tabaroa*
andaluz, *andaluza*
espanhol, *espanhola*

folgazão, *folgazã*, *folgazona* bom, *boa*
chorão, *chorona* parvo, *parva*, *párvoa*

"São tantas as formiguinhas *trabalhadeiras*!" (GODOFREDO RANGEL)
"Minha *párvoa* franqueza." (CAMILO CASTELO BRANCO)

8 REGRAS PARA A FORMAÇÃO DO FEMININO

- Os adjetivos biformes simples flexionam-se em gênero pelas mesmas regras de flexão dos substantivos:
  lindo, *linda*; japonês, *japonesa*; sonhador, *sonhadora*.
- Os adjetivos compostos recebem a flexão feminina apenas no segundo elemento:
  sociedade *luso-brasileira*, festa *cívico-religiosa*, saia *verde-escura*.
- Nos adjetivos terminados em *-oso* muda-se a vogal tônica fechada em vogal aberta:
  bondoso (ô), bondosa (ó); gostoso (ô), gostosa (ó).

9 PLURAL DOS ADJETIVOS SIMPLES

Os adjetivos simples seguem as mesmas regras da flexão numérica dos substantivos:

gostoso	*gostosos*	azul	*azuis*	amável	*amáveis*
cru	*crus*	fiel	*fiéis*	útil	*úteis*
gentil	*gentis*	audaz	*audazes*	são	*sãos*
igual	*iguais*	feroz	*ferozes*	vã	*vãs*

Nos adjetivos terminados em *-oso*, muda-se a vogal tônica fechada em vogal aberta:
glorioso (ô), gloriosos (ó); famoso (ô), famosos (ó).

10 PLURAL DOS ADJETIVOS COMPOSTOS

Para formar o plural dos adjetivos compostos, observem-se os seguintes princípios:

- Os componentes sendo adjetivos, somente o último toma a flexão do plural:
  cabelos *castanho-escuros*[1], saudades *doce-amargas*, ciências *político-sociais*, conflitos *russo-americanos*, lenços *verde-claros*, folhas *verde-escuras*, penas *amarelo-gualdas*, poemas *herói-cômicos*, hábitos *grã-finos*, clínicas *médico-cirúrgicas*, jogos *infanto-juvenis*.

Observações:

✔ Escritores modernos contrariam esta regra, usando os dois elementos no plural, sem os hifenizar: "Tinha os olhos de vovó, *verdes claros*." (RAQUEL JARDIM, *Os Anos 40*, p. 17)

---

(1) " Cabelos *castanho-claros*" (CIRO DOS ANJOS, *Explorações*, p. 30).
"Cabelos *castanho-louros*" (AMANDO FONTES, *Os Corumbas*, p. 88).

Exceções:

- Flexionam-se os dois componentes de *surdo-mudo*: meninos *surdos-mudos*, crianças *surdas-mudas*.
- *Azul-marinho*, *azul-celeste* e *azul-ferrete* são invariáveis: ternos *azul-marinho*, mantos *azul-celeste*, gravatas *azul-ferrete*.
- Os componentes sendo *palavra* (ou *elemento*) *invariável* + *adjetivo*, somente esse último se flexionará:

  meninos *mal-educados*, povos *semi-selvagens*, esforços *sobre-humanos*, crianças *recém-nascidas*.

Segue essa regra o adjetivo *sem-vergonha*, que alguns gramáticos consideram invariável:

Eles são muito *sem-vergonhas*.

- Os compostos de *adjetivo* + *substantivo* são invariáveis:

  tapetes *verde-esmeralda*, blusas *amarelo-laranja*, chapéus *escuro-cinza*, gravatas *verde-malva*, ternos *verde-oliva*, saias *azul-pavão*, olhos *verde-mar*, calções *azul-ferrete*, vestidos *azul-turquesa*.

Nos adjetivos compostos desse tipo, subentende-se a expressão *da cor de*:

tapetes *verde-esmeralda* = tapetes *da cor verde da esmeralda*

- Invariáveis ficam também as locuções adjetivas formadas de *cor* + *de* + *substantivo*:

  vestidos *cor-de-rosa*, olhos da *cor do mar*, cabelos *cor de palha*, olhos da *cor da safira*, estofos da *cor do abacate*, suéteres *cor de café*, etc.

Observações:

✔ Por concisão, frequentemente dizemos apenas: fitas *violeta*, ternos *cinza*, luvas *creme*, sapatos *gelo*, botões *rosa*, gravatas *grená*, etc.

✔ São também invariáveis os adjetivos *ultravioleta*, *sem-par* e *sem-sal*: raios *ultravioleta*, alegrias *sem-par*, anedotas *sem-sal*.

EXERCÍCIOS — LISTA 20

1. Copie as frases abaixo e, em seguida, passe um traço sob os adjetivos:

a) No salão, jovens dançavam ao ritmo alucinante de músicas modernas.

b) Os jovens artesãos trabalhavam numa oficina pequena e escura.

c) Pessoas supersticiosas viram no estranho fenômeno um sinal de desgraça iminente.

d) "Não há um lugar calmo nas cidades do homem branco", disse o chefe indígena.

2. Substitua os asteriscos pelos adjetivos derivados dos substantivos entre parênteses:

a) Atravessamos as ruas *** da grande cidade. (**caos**)
b) Seus bilhetes eram vazados em linguagem ***. (**Lacônia**)
c) Todos temiam seus ditos ***. (**fera**)
d) O diretor era um homem *** e metódico. (**fleuma**)
e) Arrancamos o joio e outras ervas ***.(**dano**)
f) Para pagar dívidas, empenhei objetos ***. (**valia**)
g) Nosso professor citou uma frase muito ***. (**expressão**)

3. Substitua as locuções adjetivas pelos adjetivos equivalentes:

a) beleza **de anjo**
b) força **de leão**
c) lábio **de lebre**
d) orelhas **de asno**
e) pescoço **de touro**
f) engenho **de guerra**
g) aventura **de romance**
h) funcionário **sem aptidão**
i) vegetação **dos brejos**
j) cidades **dos lagos**
k) exposição **de selos**
l) alimento **sem sabor**
m) líquido **sem cheiro**
n) paixões **sem freio**
o) populações **das margens dos rios**
p) proeminências **das maçãs do rosto**

4. Reorganize as colunas, relacionando corretamente os adjetivos aos substantivos:

aquilino	fogo	inguinal	pele
letal	direito	magistral	umbigo
ígneo	ilha	cutâneo	sonho
jurídico	pescoço	têxtil	vinagre
hepático	águia	umbilical	vento
insular	fígado	onírico	mestre
capilar	morte	senil	tecido
cefálico	braço	eólico, eólio	virilha
cervical	cabelo	ictiológico	velho
braquial	cabeça	acético	peixe

5. Dê os adjetivos pátrios referentes aos seguintes nomes de lugar:

Marajó – Recife – Belo Horizonte – Buenos Aires – Madri – Nápoles – Cairo – Etiópia – Índia – Panamá – Bizâncio – Túnis – Lapônia – Chipre – Argélia – Equador – Líbano – Veneza – Cartago – Lácio – Pequim

6. Substitua as orações e expressões destacadas por adjetivos de igual significação:

a) Pássaro **que come insetos**
b) Ave **que come peixe**
c) Cirurgia **que não causa dor**
d) Árvores **que têm um século**
e) Animal **que rasteja e que tem peçonha**
f) Comida **sem sal**

g) Água **boa para beber**
h) Coisa **em que há prazer**
i) Obelisco **feito de um só bloco de pedra**

7. Passe para o feminino:

a) Infante português
b) Cidadão cortês
c) Espião andaluz
d) Estudante plebeu
e) Moço folgazão, mas trabalhador
f) Príncipe cristão

8. Substitua * pela forma feminina dos adjetivos:

Moço hebreu	Moça *
Idioma inglês	Língua *
Pastor judeu	Pastora *
Tenista alemão	Tenista *
Nervo motor	Força *
Motivo superior	Razão *

9. Troque o * pela forma feminina dos adjetivos entre parênteses:

a) Menina * (surdo-mudo)
b) Aliança * (luso-brasileiro)
c) Academia * (recém-fundado)
d) Tranças * (castanho-escuro)
e) Línguas * (indo-europeu)
f) Mantas * (azul-turquesa)

10. Flexione no plural:

a) Pé grácil
b) Feijão cru
c) Ação má
d) Raiz útil
e) Caráter inflexível
f) Cãozinho feroz
g) Túnica inconsútil
h) Gesto hostil
i) Rapagão loquaz
j) Venerável ancião
k) Gás letal
l) Raio ultravioleta
m) Cão fiel
n) Mau cidadão
o) Raio infravermelho
p) Placa cinza

11. Escreva no plural:

a) Cerimônia cívico-religiosa
b) Saia azul-pavão
c) Terno azul-marinho
d) Conflito sino-russo-japonês
e) Vestido cor-de-rosa
f) Tecido malva
g) Rapazinho mal-educado
h) Rei todo-poderoso
i) Olho verde-claro
j) Anedota sem-sal
k) Pessoa mal-agradecida
l) "Onde andará o sem-vergonha desse papagaio?" (Graciliano Ramos)

12. Siga o exemplo, empregando os adjetivos pátrios compostos:

Exemplo: rivalidades (China – Japão) **rivalidades sino-japonesas**

acordos (Japão – Brasil)
indivíduos (Alemanha – Argentina)
empresas (França – Itália)
costumes (África – Brasil)

povos (Espanha – América)
comemorações (Ibéria – América)
convenções (Portugal – Brasil)
tropas (Inglaterra – França)

13. Reescreva o grupo em que a relação **adjetivo/substantivo** está correta:

a) linear/linha – bélico/guerra – ígneo/fogo – renal/rim
b) proteico/proteína – hídrico/água – glúteo/glúten – cítrico/limão

14. Substitua as expressões destacadas por adjetivos correspondentes. Faça as modificações necessárias:

a) Meu pai sofre de uma doença **do coração**.
b) Tinham confiança **sem limites** nos filhos.
c) Sua atitude **não tem defesa**.
d) Apresentou argumentos **sem consistência**.
e) Era uma pessoa totalmente **sem habilidade.**
f) A história se passa numa mansão **não habitada**.

15. Indique as frases em que houver erro na flexão dos adjetivos compostos:

a) A garota tinha lindos cabelos castanhos-escuros e olhos verde-esmeraldas.
b) Todas as suas calças eram azul-marinhas e suas gravatas, azuis-celestes.
c) Seus uniformes verde-oliva destacavam-se no branco da neve.
d) A boneca veio com sapatinhos cores-de-rosa e luvas verde-malva.
e) Naquela década tão conturbada, o que mais preocupava a humanidade eram os conflitos russo-americanos.

16. Forme adjetivos com o auxílio do sufixo **-vel**. Oriente-se pelo exemplo:

lavar – lavável

a) confiar
b) discutir
c) desejar
d) admitir
e) substituir

17. Muitas vezes, encontramos, em rótulos de remédios, adjetivos eruditos que equivalem a locuções adjetivas, como loção **capilar**, que se destina aos cabelos. Vejamos se consegue identificar os substantivos a que se referem:

a) auricular
b) herbáceo
c) hepático
d) gástrico
e) lacrimal
f) oftálmico

18. Substitua por superlativo os adjetivos que aparecem entre parênteses. Oriente-se pelo exemplo:

A jovem pensou encontrar uma criatura (feroz) à sua espera.
A jovem pensou encontrar um criatura *ferocíssima* à sua espera.

a) Achei o problema (**difícil**).
b) Soraia é (**amiga**) de minha madrinha.
c) Mário fez um (**bom**) negócio quando vendeu seu carro.
d) Giovana acha (**fácil**) todos os exercícios do livro de Matemática.
e) Os amigos de meu irmão são todos (**simpáticos**).

11 GRAU DO ADJETIVO

O grau do adjetivo exprime a intensidade das qualidades dos seres. São dois os graus do adjetivo: o *comparativo* e o *superlativo*.

12 FLEXÃO DO ADJETIVO: GRAU COMPARATIVO

Usa-se o grau comparativo para comparar qualidades dos seres.

O grau comparativo pode ser:

- **de igualdade**

Sou *tão alto* como (ou quanto) você.

- **de superioridade**
  - *analítico*: Sou *mais alto* (do) que você.
  - *sintético*: O Sol é *maior* (do) que a Terra.

- **de inferioridade**

Sou *menos alto* (do) que você.

Pode-se dizer: Sou mais alto **que** (ou **do que**) você.

Note bem:

a) No comparativo de igualdade, o segundo termo da comparação é introduzido pelas palavras *como*, *quanto*, ou *quão*:

Rui é tão belo *quanto* (ou *quão*) inteligente.

"Lançou um último olhar às duas casas, tão próximas *quanto* parecidas." (LÍGIA FAGUNDES TELES)

b) Alguns adjetivos possuem, para o comparativo de superioridade, formas sintéticas, herdadas do latim. São eles:

bom	*melhor*	pequeno	*menor*
mau	*pior*	alto	*superior*
grande	*maior*	baixo	*inferior*

c) Excepcionalmente, usam-se as formas analíticas desses adjetivos quando se comparam duas qualidades do mesmo ser:

Aquele menino é *mais bom* do que inteligente.

13 FLEXÃO DO ADJETIVO: GRAU SUPERLATIVO

O superlativo expressa qualidades num grau muito elevado ou em grau máximo.

O grau superlativo pode ser absoluto ou relativo e apresenta as seguintes modalidades:

- **absoluto**
  - *analítico*: A torre é *muito alta*.
  - *sintético:* A torre é *altíssima*.

- **relativo**
  - *de superioridade*:
    - *analítico*: João é o *mais alto* de todos.
    - *sintético*: Este monte é *o maior* de todos.
  - *de inferioridade*: Pedro é *o menos alto* de todos nós.

Note bem:

a) O superlativo absoluto analítico é expresso por meio dos advérbios *muito*, *extremamente*, *excepcionalmente*, etc., antepostos ao adjetivo. Exemplo:

Procusto era um assaltante *muito* (ou *extremamente*) mau.

b) O superlativo absoluto sintético apresenta-se sob duas formas em bom número de adjetivos: uma *erudita*, de origem latina, outra *popular*, de origem vernácula. A forma erudita é constituída pelo radical do adjetivo latino + um dos sufixos *-íssimo*, *-imo* ou *-érrimo*:

fidelíssimo, facílimo, paupérrimo, minutíssimo (muito miúdo).

O sufixo *-érrimo* é restrito aos adjetivos terminados em *r* no latim. Exemplos:

pauper (pobre) originou *pauperrimus*, em latim, e *paupérrimo*, em português.

macer (magro) deu *macerrimus*, em latim, e *macérrimo*, em português.

A forma popular é constituída do radical do adjetivo português + o sufixo *-íssimo*:

altíssimo, pobríssimo, agilíssimo, amarguíssimo, friíssimo, etc.

c) Em vez dos superlativos normais *seriíssimo*, *sumariíssimo*, *ordinariíssimo*, *precariíssimo*, *primariíssimo*, *necessariíssimo*, preferem-se, na língua atual, as formas *seríssimo*, *sumaríssimo*, *ordinaríssimo*, *precaríssimo*, *primaríssimo*, *necessaríssimo*, sem o desagradável hiato *i-í*. Exemplos:

"Ali, estavam simplesmente uns restos, os despojos *precaríssimos*." (ANTÔNIO CARLOS VILAÇA)

"... apresentara-se em trajes *sumaríssimos*, atentando contra o decoro." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE, *Os Dias Lindos*, p. 80)

Cheio e *feio* fazem, respectivamente: *cheíssimo* ou *cheiíssimo*, *feíssimo* ou *feiíssimo*.

14 SUPERLATIVOS ABSOLUTOS SINTÉTICOS ERUDITOS

Eis os principais superlativos absolutos, quase todos exclusivos da língua culta:

acre, *acérrimo*	fácil, *facílimo*	nobre, *nobilíssimo*
alto, *supremo*, *sumo*	feliz, *felicíssimo*	parco, *parcíssimo*
ágil, *agílimo*	feroz, *ferocíssimo*	pequeno, *mínimo*
amargo, *amaríssimo*	fiel, *fidelíssimo*	pessoal, *personalíssimo*
amável, *amabilíssimo*	frágil, *fragílimo*	pio, *piíssimo*

amigo, *amicíssimo*
antigo, *antiquíssimo*
áspero, *aspérrimo*
atroz, *atrocíssimo*
baixo, *ínfimo*
benéfico, *beneficentíssimo*
benévolo, *benevolentíssimo*
bom, *ótimo*
célebre, *celebérrimo*
comum, *comuníssimo*
cristão, *cristianíssimo*
cruel, *crudelíssimo*
difícil, *dificílimo*
doce, *dulcíssimo*
dócil, *docílimo*
frio, *frigidíssimo*
geral, *generalíssimo*
grácil, *gracílimo*
grande, *máximo*
humilde, *humílimo*
incrível, *incredibilíssimo*
inimigo, *inimicíssimo*
íntegro, *integérrimo*
livre, *libérrimo*
magnífico, *magnificentíssimo*
magro, *macérrimo*
mau, *péssimo*
mísero, *misérrimo*
negro, *nigérrimo*
notável, *notabilíssimo*
pobre, *paupérrimo*
pródigo, *prodigalíssimo*
provável, *probabilíssimo*
pudico, *pudicíssimo*
respeitável, *respeitabilíssimo*
sábio, *sapientíssimo*
sagrado, *sacratíssimo*
salubre, *salubérrimo*
são, *saníssimo*
simpático, *simpaticíssimo*
simples, *simplicíssimo*
soberbo, *superbíssimo*
terrível, *terribilíssimo*
veloz, *velocíssimo*
voraz, *voracíssimo*

15 OUTRAS FORMAS DE SUPERLATIVO ABSOLUTO

Pode-se também superlativar a ideia contida no adjetivo:

- por meio de certos prefixos:

  garota *supersimpática*, nave *ultrarrápida*, produto *extrafino*, criança *superalimentada*, temperamento *hipersensível*.

- com a repetição do adjetivo:

  Ela era *linda, linda*! (= Ela era *lindíssima!*)

- por meio de uma comparação:

  feio *como o diabo*, doce *como mel*, valente *como quê*, etc.

- por meio de certas expressões da língua coloquial:

  podre de rico, *linda de morrer*, *magro de dar pena*, etc.

- com a flexão diminutiva do adjetivo:

  A igreja ficou *cheinha*.
  A semente do fumo é *pequenininha*.

- com a flexão aumentativa do adjetivo:

  boi *grandão*, homem *grandalhão*, sinhá *gordalhona*, moço *bonitão*

Observações:

- ✔ O superlativo *meritíssimo* (= de grande mérito, muito digno), tratamento dado, ordinariamente, a juízes de direito, não possui a forma normal correspondente, que seria *mérito* (do lat. *meritus*, merecedor), mas este, em português, se tornou substantivo, sinônimo de *merecimento*.
- ✔ Na linguagem enfática, ocorre *grandessíssimo*, por *grandíssimo*, em expressões depreciativas ou insultuosas: *grandessíssimo* tolo, *grandessíssimo* canalha.
- ✔ Ao lado de *macérrimo*, ocorre frequentemente a forma anormal *magérrimo*, usada por escritores modernistas. Deve ser evitada; não tem tradição na língua.
- ✔ Na linguagem informal, frequente é também o hábito de enfatizar qualidades por meio do sufixo *-érrimo*, em vez de *-íssimo*: *elegantérrimo*, *chiquérrimo*, *chatérrimo*, etc. Veja na página anterior o que se disse acerca do sufixo *-érrimo*, que, em bom português, ocorre em pouco mais de dez superlativos, todos de base latina.
- ✔ Certos adjetivos não comportam as variações de grau. Exemplos: *seguinte*, *mortal*, *eterno*, *onipotente*, *celeste*, *mensal*, *anual*, etc.

EXERCÍCIOS — LISTA 21

1. Dê o grau dos adjetivos:

a) A intemperança não é menos funesta que a preguiça.
b) As abelhas são tão operosas quanto as formigas.
c) "O homem é o pequeníssimo bicho da terra, de que fala o Camões." (Camilo Castelo Branco)
d) "Os mais arrojados em falar são ordinariamente os menos profundos em saber." (Marquês de Maricá)
e) Mercúrio é o menor dos planetas, e Júpiter, o maior deles.
f) Os santos eram extremamente puros, mas não se julgavam melhores que os outros homens.

2. Substitua o ∩ pelo superlativo absoluto sintético erudito dos adjetivos entre parênteses:

a) A ninguém negues o ∩ direito à vida. (**sagrado**)
b) ∩ aeronaves, levais a vida ou a morte? (**velozes**)
c) A chegada do noivo deixou Marta ∩. (**feliz**)
d) Lúcia era uma colega ∩. (**simpática**)
e) É gente ∩, porém de ∩ sentimentos. (**pobre – nobre**)
f) Para o tédio o trabalho é ∩ remédio. (**eficaz**)
g) ∩ sábios iniciaram a vida como ∩ serventes. (**notáveis – humildes**)

3. Escreva as frases, flexionando os adjetivos no grau superlativo absoluto sintético erudito:

a) **Frágeis** criaturas, aceitai o **doce** jugo das leis **sábias** do Criador.
b) Jandira deve ter **sérios** motivos para adiar seu casamento.
c) A mesma iguaria pode ser **boa** para uns e **má** para outros.

4. Escreva corretamente o único superlativo errôneo:
acérrimo – aspérrimo – celebérrimo – elegantérrimo – misérrimo

5. Qual é o grau do adjetivo em destaque na frase?
O jaguar é o mais **perigoso** dos carnívoros de nossas florestas.

6. Releia o item relativo a outras formas de superlativo absoluto. Em seguida, registre superlativos por meio de:
a) um prefixo:
b) repetição do adjetivo:
c) uma comparação:
d) um sufixo diminutivo:

7. Comente os superlativos em destaque:
"Enquanto a **chiquérrima** namorada não vem, ele observa a vizinhança com binóculos." (SUSANA SCHULD, *Jornal do Brasil*, 6/7/91)
"Você é chato, Tomás, **chatérrimo**." (JOSÉ CARDOSO PIRES)
"Os modelos sociais são magros, às vezes **magérrimos**." (MARINA COLASANTI)
"Sabe o que fez, **grandessíssimo** tratante?" (ALEXANDRE HERCULANO)

8. Em seu caderno, escreva os superlativos do texto abaixo, dando-lhes a significação.

Portão

O portão fica bocejando, aberto
para os alunos retardatários.
Não há pressa em viver
nem nas ladeiras duras de subir,
quanto mais para estudar a insípida cartilha.
Mas se o pai do menino é da oposição
à ilustríssima autoridade municipal,
prima da eminentíssima autoridade provincial,
prima por sua vez da sacratíssima
autoridade nacional,
ah, isso não: o vagabundo
ficará mofando lá fora
e leva no boletim uma galáxia de zeros.
A gente aprende muito no portão
fechado.

(CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE, Boitempo – *Menino Antigo*, Record, Rio de Janeiro, 2006)

ADJETIVO
Exercícios de exames e concursos
[Página 671]

NUMERAL

Nos exemplos seguintes, as palavras destacadas são numerais:

Comprei **cinco** livros.	**cinco**	→	número, quantidade
Moro no **segundo** andar.	**segundo**	→	ordem numérica
Comemos um **terço** do bolo.	**terço**	→	parte, fração
Trinta é o **triplo** de dez.	**triplo**	→	múltiplo

1 NUMERAL

Numeral é uma palavra que exprime número, ordem numérica, múltiplo ou fração.

O numeral pode ser *cardinal*, *ordinal*, *multiplicativo* e *fracionário*. Exemplos:

dez litros; *sexta* série; um *terço* do bolo; o *triplo* de vinte.

Incluem-se entre os numerais as seguintes palavras:

- **zero**

  grau *zero*, *zero* hora, *zero* quilômetro.

- **ambos** (= os dois, um e outro), **ambas** (= as duas, uma e outra)

  São substantivos coletivos numéricos:

  a) *par*, *dezena*, *década*, *dúzia*, *vintena*, *centena*, *centúria*, *grosa*, *milheiro*, *milhar* e outros coletivos que indicam um agrupamento numericamente exato;

  b) *biênio*, *triênio*, *quadriênio*, *lustro* ou *quinquênio*, *década* ou *decênio*, *milênio*, *centenário* e *sesquicentenário* (150 anos), referentes a anos;

  c) *tríduo* e *novena*, referentes a dias, e *bimestre*, *trimestre*, *semestre*, relativos a meses.

Observação:

✔ As palavras *último*, *penúltimo* e *antepenúltimo* são adjetivos. *Metade* é substantivo.

2 FLEXÃO DOS NUMERAIS

Alguns numerais se flexionam, outros não.

- Os **cardinais**, com exceção de *um* (fem. *uma)*, *dois* (fem. *duas*) e daqueles terminados em *-entos* e *-ão* (duzentas, trezentas, milhões, etc.), são invariáveis.
- Os **ordinais** variam em gênero e número: *primeira* volta, *primeiros* resultados, as *segundas* eleições, etc.
- No plural flexionam-se os numerais cardinais substantivados que terminam por fonema vocálico: dois *cinquentas*, dois *setes*, três *oitos*, dois *cens*, quatro *uns*, etc. Permanecem invariáveis os que finalizam por fonema consonantal: Pedro tirou quatro *seis* e dois *dez*, nos testes mensais.

3 LEITURA E ESCRITA DOS NÚMEROS

Intercala-se a conjunção **e** entre as centenas e as dezenas e entre estas e as unidades. Exemplo:

3.655.264 = três milhões seiscentos **e** cinquenta **e** cinco mil duzentos **e** sessenta **e** quatro

Observações:

✔ Na escrita dos números por extenso não se põe vírgula entre uma classe e outra.

✔ Não se usa ponto na escrita dos anos: 1998, 2000, 2005, etc.

4 QUADRO DOS PRINCIPAIS NUMERAIS

Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
um	primeiro	—	—
dois	segundo	dobro, duplo	meio
três	terceiro	triplo (tríplice)	terço
quatro	quarto	quádruplo	quarto
cinco	quinto	quíntuplo	quinto
seis	sexto	sêxtuplo	sexto
sete	sétimo	sétuplo	sétimo
oito	oitavo	óctuplo	oitavo
nove	nono	nônuplo	nono
dez	décimo	décuplo	décimo
onze	décimo primeiro	—	onze avos
doze	décimo segundo	—	doze avos
treze	décimo terceiro	—	treze avos

Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
catorze	décimo quarto	—	catorze avos
quinze	décimo quinto	—	quinze avos
dezesseis	décimo sexto	—	dezesseis avos
dezessete	décimo sétimo	—	dezessete avos
dezoito	décimo oitavo	—	dezoito avos
dezenove	décimo nono	—	dezenove avos
vinte	vigésimo	—	vinte avos
trinta	trigésimo	—	trinta avos
quarenta	quadragésimo	—	quarenta avos
cinquenta	quinquagésimo	—	cinquenta avos
sessenta	sexagésimo	—	sessenta avos
setenta	septuagésimo	—	setenta avos
oitenta	octogésimo	—	oitenta avos
noventa	nonagésimo	—	noventa avos
cem, cento	centésimo	cêntuplo	centésimo
duzentos	ducentésimo	—	ducentésimo
trezentos	trecentésimo	—	trecentésimo
quatrocentos	quadringentésimo	—	quadringentésimo
quinhentos	quingentésimo	—	quingentésimo
seiscentos	sexcentésimo	—	sexcentésimo
setecentos	setingentésimo	—	setingentésimo
oitocentos	octingentésimo	—	octingentésimo
novecentos	nongentésimo	—	nongentésimo
mil	milésimo	—	milésimo
milhão	milionésimo	—	milionésimo
bilhão	bilionésimo	—	bilionésimo

5 FORMAS DUPLAS

Os seguintes numerais apresentam mais de uma forma:

undécimo *ou* décimo primeiro
duodécimo *ou* décimo segundo
catorze *ou* quatorze
septuagésimo *ou* setuagésimo
sexcentésimo *ou* seiscentésimo
septingentésimo *ou* setingentésimo
noningentésimo *ou* nongentésimo

A partir de *dois mil* é melhor usar *segundo milésimo, terceiro milésimo*, etc., do que *dois milésimos, três milésimos*, etc. Assim:

No segundo milésimo quingentésimo aniversário da fundação da cidade...
Na terceira milésima ducentésima vigésima quinta página da enciclopédia...

EXERCÍCIOS LISTA 22

1. Escreva por extenso os números seguintes:

112 – 660 – 7.663.251 – 3.012.005 – 14.612.063 – 216.153.374.001

2. Escreva por extenso os ordinais correspondentes aos seguintes cardinais:

12, 20, 50, 60, 70, 80, 90, 200, 300, 400, 500, 600, 700, 800, 900, 258, 10.000, 100.000, 1.000.000

3. Escreva os números por extenso e pluralize os substantivos:

3 (pãozinho)	1.222 (laranja)
12 (leitãozinho)	660 (grama)
14 (papelzinho)	1.001 (razão)

4. Informe quantos anos representam estes substantivos coletivos numéricos:

década
lustro
milênio
quadriênio
século
quinquênio
bicentenário
sesquicentenário

5. Escreva os numerais por extenso:

século V
século XIX
capítulo III
capítulo XI
Paulo VI
Leão XIII
D. Pedro II
Luís XV

6. Informe se **um** e **uma** são artigos ou numerais:

Eis **uma** afirmação primária: se de **um** número positivo eu tiro **um**, diminuo-o de **uma** unidade.

7. Escreva as frases, substituindo os asteriscos pelas formas corretas dos numerais indicados entre parênteses:

a) Pelo serviço, deram-lhe *** reais. (*mil – um mil*)

b) Era o *** carro sorteado. (*octagésimo – octogésimo*)

c) Elói mora na Rua *** de Setembro. (*VII – Sete*)

d) Havia mais de *** de desempregados. (*1,5 milhões – 1,5 milhão*)

e) Abri o livro na página ***. (*décima quinta – 15*)

f) Nasceu no dia *** de maio de 1990. (*1º – 1*)

8. Como se leem os numerais em destaque?

a) São Paulo comemorou seu **450º** aniversário com dezenas de atrações.

b) Durante a vacinação em massa, **1.255.352** pessoas foram imunizadas.

c) Esse foi seu **45º** gol no Flamengo.

d) Você sabe se esse conflito ocorreu no século **IX** ou no **XI**?

e) Amanhã comemoramos o **80º** aniversário da empresa.

9. Escreva por extenso os numerais representados por algarismos nas frases abaixo. Faça a concordância necessária:

a) O artigo (9º) do Regimento Interno fala da constituição da mesa diretora, porém a cláusula (1ª) não menciona a presença de representantes.

b) A professora atribuiu três (8), dois (9) e quatro (7) ao grupo.

c) O livro tem (240) páginas.

d) Vamos imediatamente tirar a prova dos (9).

10. Veja se é possível passar os numerais para o feminino plural. Se for, copie a frase fazendo as alterações necessárias:

a) O segundo colocado também será premiado.

b) O primeiro a entrar deu um grito e saiu correndo.

11. Diga se os algarismos que aparecem nas frases abaixo devem ser lidos como ordinais ou cardinais.

a) Você conhece a vida de D. Pedro II?

b) O papa que escreveu essa encíclica mencionada no texto foi João XXIII.

c) Foi D. João VI que determinou a abertura dos portos?

d) Leiam para a próxima aula do capítulo III ao capítulo VIII. E, para a semana seguinte, do capítulo IX ao XV. Depois discutiremos o capítulo XXII em classe.

e) O rei Henrique VIII também participou desses acontecimentos?

12. Suponha que você ganhou na loteria e recebeu um prêmio de R$ 21.216.817,00. Como estaria preenchida a linha que, no cheque, indica por extenso a quantia a ser paga ao portador?

NUMERAL
Exercícios de exames e concursos
[Página 672]

PRONOME

Na frase:

Prendi *teu* cachorro, mas não *o* maltratei.

a palavra **o** substitui e representa o substantivo **cachorro** e a palavra **teu** o determina, isto é, indica que o animal pertence à 2ª pessoa do discurso (a pessoa com quem se fala).

As palavras **o** e **teu**, nessa frase, são *pronomes*.

1 PRONOMES

Pronomes são palavras que substituem os substantivos ou os determinam, indicando a pessoa do discurso.

Pessoa do discurso é a que participa ou é objeto do ato da comunicação.

2 CLASSIFICAÇÃO DOS PRONOMES

Há seis espécies de pronomes:

- pessoais
- possessivos
- demonstrativos
- indefinidos
- relativos
- interrogativos

3 PRONOMES SUBSTANTIVOS E PRONOMES ADJETIVOS

No exemplo citado acima, a palavra **o** é *pronome substantivo*, porque substitui o substantivo *cachorro*, ao passo que **teu** é *pronome adjetivo*, porque determina o substantivo junto do qual se encontra.

4 PRONOMES PESSOAIS

Observe as palavras destacadas deste exemplo:

Mauro havia deitado tarde. *Ele* ainda dormia quando a mãe *o* chamou.

As palavras **ele** e **o** substituem o nome *Mauro*, que é a 3ª pessoa do discurso, ou seja, a pessoa de quem se fala. Por isso, **ele** e **o**, nessa frase, são *pronomes pessoais*.

Pronomes pessoais são palavras que substituem os substantivos e representam as pessoas do discurso.

As pessoas do discurso (ou pessoas gramaticais) são três:

- **1ª pessoa**
  a que fala: *eu, nós*
- **2ª pessoa**
  a com quem se fala: *tu, vós*
- **3ª pessoa**
  a pessoa ou coisa de que se fala: *ele, ela, eles, elas*

Os pronomes pessoais dividem-se em *retos* e *oblíquos*:

- **pronomes retos**
  Funcionam, em regra, como sujeito da oração.
- **oblíquos**
  Funcionam como objetos ou complementos.

Exemplos:

Sujeito	**Objeto**	**Verbo**
Eu	te	convido.
Nós	o	ajudamos.
Ela	me	chamou.
Eles	lhe	bateram.

Quadro dos Pronomes Pessoais

Pessoas do discurso	**Pronomes retos**	**Pronomes oblíquos**
	Função subjetiva	**Função objetiva**
1ª pessoa do singular	eu	me, mim, comigo
2ª pessoa do singular	tu	te, ti, contigo
3ª pessoa do singular	ele, ela	se, si, consigo, lhe, o, a
1ª pessoa do plural	nós	nos, conosco
2ª pessoa do plural	vós	vos, convosco
3ª pessoa do plural	eles, elas	se, si, consigo, lhes, os, as

Quanto à acentuação, os pronomes oblíquos monossilábicos dividem-se em:

- **tônicos**

mim, ti, si

- **átonos**

me, te, se, lhe, lhes, o, a, os, as, nos, vos

Associados a verbos terminados em *-r*, *-s* ou *-z*, e à palavra *eis*, os pronomes **o**, **a**, **os**, **as** assumem as antigas formas **lo**, **la**, **los**, **las**, caindo aquelas consoantes. Exemplos:

Mandaram prendê-**lo**. Ajudemo-**la**. Fê-**los** entrar. Ei-**lo** aqui!

Associados a verbos terminados em ditongo nasal (*-am*, *-em*, *-ão*, *-õe*), os ditos pronomes tomam as formas **no**, **na**, **nos**, **nas**:

Trazem-**no**. Ajudavam-**na**. Dão-**nos** de graça. Põe-**no** aqui.

- **Pronomes oblíquos reflexivos**

São os que se referem ao sujeito da oração, sendo da mesma pessoa que este. Exemplos:

Alexandre só pensa em **si**.

O operário feriu-**se** ao subir no muro.

Tu não **te** enxergas?

Eu **me** machuquei na escada.

Nós **nos** perfilamos corretamente.

A mãe trouxe as crianças **consigo**.

Com exceção de **o**, **a**, **os**, **as**, **lhe**, **lhes**, os demais pronomes oblíquos podem ser reflexivos.

Os pronomes *migo*, *tigo*, *sigo*, *nosco*, *vosco*, do português antigo, se combinaram com a preposição *com*, dando as formas atuais: **comigo**, **contigo**, **consigo**, **conosco**, **convosco**.

5 PRONOMES DE TRATAMENTO

Entre os pronomes pessoais incluem-se os *pronomes de tratamento*, também chamados *formas de tratamento*, que se usam no trato com as pessoas. Dependendo da pessoa a quem nos dirigimos, do seu cargo, título, idade, dignidade, o tratamento será familiar ou cerimonioso.

Eis os principais pronomes de tratamento, seguidos de suas abreviaturas, que, de modo geral, devem ser evitadas:

você (v.): no tratamento familiar, informal

o senhor (Sr.), *a senhora* (Sr.ª): no tratamento de respeito

a senhorita (Sr.ª): a moças solteiras

Vossa Senhoria (V. S.ª): para pessoas de cerimônia, principalmente na correspondência comercial; para funcionários graduados

Vossa Excelência (V. Ex.ª): para altas autoridades

Vossa Reverendíssima (V. Rev.ma): para sacerdotes

Vossa Eminência (V. Em.ª): para cardeais

Vossa Santidade (V. S.): para o Papa

Vossa Majestade (V. M.): para reis e rainhas

Vossa Majestade Imperial (V. M. I.): para imperadores

Vossa Alteza (V. A.): para príncipes, princesas e duques

Esses pronomes são da 2ª pessoa, mas se usam com as formas verbais e os pronomes possessivos da 3ª pessoa. Exemplo:

"Vossa Majestade **pode** partir tranquilo para a *sua* expedição." (VIVALDO COARACI)

Referindo-se à 3ª pessoa, apresentam-se com o possessivo *sua*: *Sua Senhoria*, *Sua Excelência*, *Sua Majestade*, etc. Exemplos:

Sua Excelência volta hoje para Brasília.

"Certa manhã, *Sua Majestade* o rei Marcos I acordou ao som de tiros."

(OFÉLIA E NARBAL FONTES)

Observações:

✔ *Você* (plural *vocês*), usado no trato familiar e íntimo, é a contração de *vosmecê*, que, por sua vez, deriva de *Vossa Mercê*.

✔ Na linguagem popular, é de uso generalizado o tratamento *seu*, forma reduzida de *senhor*: Como vai, *seu* Pedro?

6 PRONOMES POSSESSIVOS

Os *pronomes possessivos* referem-se às pessoas do discurso, atribuindo-lhes a posse de alguma coisa. Por exemplo, na frase:

Meu relógio estava atrasado.

a palavra **meu** informa que o relógio pertence à 1ª pessoa (*eu*). **Meu**, portanto, é um pronome possessivo.

Eis as formas dos pronomes possessivos:

- **1ª pessoa do singular**

  meu, minha, meus, minhas

- **2ª pessoa do singular**

  teu, tua, teus, tuas

- **3ª pessoa do singular**

  seu, sua, seus, suas

- **1ª pessoa do plural**

  nosso, nossa, nossos, nossas

- **2ª pessoa do plural**

  vosso, vossa, vossos, vossas

- **3ª pessoa do plural**

  seu, sua, seus, suas

7 PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Pronomes demonstrativos são os que indicam o lugar, a posição ou a identidade dos seres, relativamente às pessoas do discurso. Exemplos:

Compro **este** carro (aqui).

(O pronome **este** indica que o carro está perto da pessoa que fala.)

Compro **esse** carro (aí).

(O pronome **esse** indica que o carro está perto da pessoa com quem falo ou afastado da pessoa que fala.)

Compro **aquele** carro (lá).

(O pronome **aquele** diz que o carro está afastado da pessoa que fala e daquela com quem falo.)

Aos pronomes *este, esse, aquele* correspondem *isto, isso, aquilo*, que são invariáveis e se empregam exclusivamente como substitutos dos substantivos. Exemplos:

Isto é meu.
Isso que você está levando é seu?
Aquilo que Dario está levando não é dele.

São os seguintes os pronomes demonstrativos:

- *este(s), esta(s), esse(s), essa(s), aquele(s), aquela(s), aqueloutro(s), aqueloutra(s), mesmo(s), mesma(s), próprio(s), própria(s), tal, tais, semelhante(s)*

As contrações *aqueloutro, aqueloutra* são raramente usadas em lugar de *aquele outro, aquela outra*.

- *isto, isso, aquilo, o, a, os, as*

  Exemplos:

  Estes rapazes são os mesmos que vieram ontem.

  Os **próprios** sábios podem enganar-se.

  Não digas **tal**.

  Tais crimes não podem ficar impunes.

  Não faças **semelhantes** coisas.

  Ninguém sabe **o** que ele resolveu. [*o* = aquilo]

  Ela casou ontem. Não **o** sabias? [*o* = isso]

"Teus dentes não são tão brancos quanto eu **o** desejaria." (LÊDO IVO)

São poucos **os** que sabem **isto**. [*os* = aqueles]

Sabeis ser gentis quando **isso** vos convém.

"Eu sou **a** que no mundo anda perdida." (FLORBELA ESPANCA) [*a* = aquela]

"Nunca tive um jardim que se parecesse com **aqueloutro** que ficou lá longe."

(VIVALDO COARACI)

Observações:

✔ *O, a, os, as* – que também podem ser artigos e pronomes pessoais – são pronomes demonstrativos quando equivalem a *isto, aquilo, aquele, aquela, aqueles, aquelas*: Leve *o* (= aquilo) que lhe pertence. É esta *a* (= aquela) que você quer?

✔ A locução *o quê*, salvo melhor interpretação, é pronome demonstrativo em frases como: O médico examinou minuciosamente o enfermo; após *o quê*, prescreveu-lhe repouso absoluto. [*o quê* = isso]

✔ Pode ocorrer a contração das preposições *a, de, em* com pronome demonstrativo: *àquele, àquela, deste, desta, disso, nisso, no*, etc. Exemplos:

Cheguei *àquele* sítio às 10 horas. [*àquele* = a aquele]

Não acreditei *no* que estava vendo. [*no* = naquilo]

6 PRONOMES RELATIVOS

Veja este exemplo:

Armando comprou a casa **que** lhe convinha.

A palavra **que** representa o substantivo *casa*, relaciona-se com o termo *casa*: é um *pronome relativo*.

Pronomes relativos *são palavras que representam substantivos já referidos, com os quais estão relacionadas. Daí denominarem-se* relativos.

A palavra que o pronome relativo representa chama-se *antecedente*. No exemplo dado, o antecedente de **que** é **casa**.

Outros exemplos de pronomes relativos:

Sejamos gratos a Deus, a **quem** tudo devemos.

O lugar **onde** paramos era deserto.

Traga tudo **quanto** lhe pertence.

Leve tantos ingressos **quantos** quiser.

Posso saber o motivo por **que** (ou pelo **qual**) desistiu do concurso?

Levarei alguns livros na viagem, com **os quais** pretendo encher o tempo.

"Por fim, entrou numa rua larga, com muitas árvores, através **das quais** se avistava o rio."

(ÉRICO VERÍSSIMO)

"Depois, seu olhar se fixou no corrimão da escada, **cujos** degraus não voltaria a pisar."

(LÊDO IVO)

"... uma catedral imensa, **cujas** torres tocassem o céu." (CIRO DOS ANJOS)

"Tirei um colete velho, em **cujo** bolso trazia cinco moedas de ouro." (MACHADO DE ASSIS)

"Afinal deram com uma caverna, **cuja** entrada transpuseram com agilidade."

(MARIA DE LOURDES TEIXEIRA)

Eis o quadro dos pronomes relativos:

VARIÁVEIS				INVARIÁVEIS
masculino		feminino		
o qual	os quais	a qual	as quais	quem
cujo	cujos	cuja	cujas	que
quanto	quantos	quanta	quantas	onde

Observações:

- ✔ O pronome relativo *quem* só se aplica a pessoas, tem antecedente, vem sempre precedido de preposição e equivale a *o qual*: O médico de *quem* falo é meu conterrâneo.
- ✔ Os pronomes *cujo, cuja* significam *do qual, da qual* e precedem sempre um substantivo sem artigo: Qual será o animal *cujo nome* a autora não quis revelar? [*cujo nome* = o nome do qual]
- ✔ *Quanto(s)* e *quanta(s)* são pronomes relativos quando precedidos de um dos pronomes indefinidos *tudo, tanto(s), tanta(s), todos, todas*: Tenho tudo *quanto* quero. Leve tantos *quantos* precisar. Nenhum ovo, de todos *quantos* levei, se quebrou.
- ✔ *Onde*, como pronome relativo, tem sempre antecedente e equivale a *em que*: A casa *onde* moro foi de meu avô. [*onde* = em que]

Os pronomes relativos nos permitem reunir duas orações numa só frase. Exemplos:

Das árvores caíam folhas.
O vento levava essas folhas. } Das árvores caíam folhas, **que** o vento levava.

Os planetas são súditos.
O rei deles é o Sol. } Os planetas são súditos **cujo** rei é o Sol.

O futebol é um esporte.
O povo gosta muito deste esporte. } O futebol é um esporte **de que** o povo gosta muito.

Visitei a cidade.
Você nasceu nessa cidade. } Visitei a cidade **onde** você nasceu.

O local é perigoso.
Você se dirige ao local. } É perigoso o local **a que** você se dirige.

Tenho uma coleção de quadros.
Já me ofereceram milhões por ela. } Tenho uma coleção de quadros **pela qual** já me ofereceram milhões.

9 PRONOMES INDEFINIDOS

Estes pronomes se referem à 3ª pessoa do discurso, designando-a de modo vago, impreciso, indeterminado.

▪ Pronomes indefinidos substantivos

Funcionam como substantivo.

algo, alguém, fulano, sicrano, beltrano, nada, ninguém, outrem, quem, tudo

Exemplos:

Algo o incomoda?
Acreditam em **tudo** o que **fulano** diz ou **sicrano** escreve.
Não faça a **outrem** o que não queres que te façam.
Quem avisa amigo é.
Encontrei **quem** me pode ajudar.
Ele gosta de **quem** o elogia.

Observação:

✔ *Quem*, pronome indefinido, ao invés do pronome relativo *quem*, não tem antecedente.

▪ Pronomes indefinidos adjetivos

Funcionam como adjetivo.

cada, certo, certos, certa, certas

Exemplos:

Cada povo tem seus costumes.

Certas pessoas exercem várias profissões.

Certo dia apareceu em casa um repórter famoso.

- **Ora são pronomes adjetivos, ora pronomes substantivos**

algum, alguns, alguma(s), bastante(s) (= muito, muitos), demais, mais, menos, muito(s), muita(s), nenhum, nenhuns, nenhuma(s), outro(s), outra(s), pouco(s), pouca(s), qualquer, quaisquer, qual, que, quanto(s), quanta(s), tal, tais, tanto(s), tanta(s), todo(s), toda(s), um, uns, uma(s), vários, várias

Exemplos:

Alguns contentam-se com **pouco**.

Nesses rios havia **muito** ouro.

Fiquei **bastante** tempo à sua espera.

Nenhum dia se passe, sem que **algum** bem se faça.

"**Menos** palavras e **mais** ações", disse ele, encerrando o discurso.

Dois tripulantes se salvaram; os **demais** pereceram.

"Seu Ivo não mora em parte **nenhuma**." (Graciliano Ramos)

Quantos há ali a quem a fome obriga a aceitar **quaisquer** tarefas!

João tinha **vários** planos, **qual** (= cada qual) mais arrojado e difícil.

Não sabíamos **que** fazer; no entanto, havia **muito** que fazer.

Eu estava invadida não sei por **que** estranhos sentimentos.

Que loucura cometeste!

O médico atendia a **quantos** o procurassem.

"Olhos de **tanta** suavidade **quanta** penetração." (Camilo Castelo Branco)

Diz as coisas com **tal** jeito que **todos** o aprovam.

"Mas, apesar disso, **um** que facilitou, como eu, está sempre com a pulga atrás da orelha."
(Monteiro Lobato)

Uns partem, **outros** ficam.

Observações:

✔ Os pronomes deste grupo que exprimem quantidade, como *mais, menos, muito, pouco*, etc., funcionam como advérbios de intensidade, quando modificam adjetivos, verbos ou advérbios. *Quanto*, além de pronome indefinido (*Quanto* dinheiro gastou!), pode ser pronome relativo (Devolva tudo *quanto* lhe dei.) e advérbio de intensidade (Você sabe *quanto* a estimo.).

✔ *Bastante*, na acepção de *suficiente*, é adjetivo: Há comida *bastante*? Não houve provas *bastantes* para condenar o réu.

✔ Quando são pronomes adjetivos, *um, uns, uma(s)* confundem-se, na maioria dos casos, com os artigos indefinidos.

- **Locuções pronominais indefinidas**

cada qual, cada um, qualquer um, quantos quer (que), quem quer (que), seja quem for, seja qual for, todo aquele (que), tal qual (= certo), tal e qual, tal ou qual, um ou outro, uma ou outra, etc.

Exemplos:

"**Cada qual** tem o ar que Deus lhe deu." (MACHADO DE ASSIS)

"No tronco havia **tal qual** inclinação." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"... com **tais e tais** enfeites." (MACHADO DE ASSIS)

"Sentia umas **tais ou quais** cócegas de curiosidade." (MACHADO DE ASSIS)

Apenas **uma ou outra** pessoa entrava naquela loja.

10 PRONOMES INTERROGATIVOS

Os pronomes interrogativos se usam em frases interrogativas. Como os indefinidos, referem-se de modo impreciso à 3ª pessoa do discurso. Exemplos:

Que há?	**Que** dia é hoje?
Reagir contra **quê**?	Por **que** motivo não veio?
Quem foi?	**Qual** será?
Quantos vêm?	**Quantas** pessoas moram aqui?

EXERCÍCIOS — LISTA 23

1. A que pessoa do discurso se referem os pronomes desta frase?

Você deve ir **comigo** para **os** receber.

2. Escreva as frases, colocando na frente **A** ou **S,** conforme houver **pronome adjetivo** ou **pronome substantivo**:

Aquilo não era bom sinal.

O mascate conhecia bem aquelas paragens.

Havia muita gente.

Quem avisa amigo é.

3. Reorganize as colunas, realizando a correspondência correta entre as frases, de acordo com os pronomes em destaque:

Isto é muito importante.	(1) pessoal
Todos **a** olhavam curiosos.	(2) possessivo
Veja **quem** é.	(3) demonstrativo
São amiguinhas a **quem** quero muito bem.	(4) indefinido

Que lhe diria você? (5) relativo

Guardei o que é **vosso**. (6) interrogativo

4. Substitua o * pelos pronomes pessoais adequados, na pessoa indicada entre parênteses:

a) Que * teria acontecido? (3ª pessoa do plural)

b) Aqui ninguém * incomodará. (3ª pessoa do plural)

c) Ele falava alto para * ouvi-lo. (1ª pessoa do singular)

d) Após ligeiro desmaio, ela voltou a * . (3ª pessoa do singular)

e) Meus amigos imploravam para * atravessar o rio. (1ª pessoa do singular)

f) O que resta agora entre mim e * ? (2ª pessoa do singular)

g) Os gritos dele chegaram até *. (1ª pessoa do singular)

5. Anexe corretamente os pronomes oblíquos aos verbos:

a) chamar + o =

b) conhecer + a =

c) levem + o =

d) indispõe + a =

e) convidam + o =

f) seguimos + os =

g) vimos + as =

h) fez + os =

6. Escreva as frases, colocando em seguida a elas **A** ou **T**, conforme o pronome em destaque seja átono ou tônico:

Não **nos** apressemos.

Elói era um rapaz cheio de **si**.

Não vá sem **mim**.

Ele atirou-**se** ao mar.

7. Copie somente a frase em que ocorre pronome reflexivo:

Pendura-**se** a roupa num galho de árvore.

O macaco pendura-**se** num galho de árvore.

8. Copie apenas o pronome de tratamento referente a príncipes:

Vossa Excelência – Vossa Eminência – Vossa Alteza

9. Substitua corretamente * por **Vossa** ou **Sua**, conforme a pessoa do discurso:

a) * Excelência estava bem-humorado. (3ª pessoa)

b) * Excelência pretende viajar para a Europa? (2ª pessoa)

10. Reconheça e classifique os pronomes:

a) "Qualquer pessoa que lesse tal coisa não a levaria a sério." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

b) "Ninguém teve coragem de falar antes que ela o fizesse." (JOSÉ CONDÉ)

c) "Tudo isso são prazeres que um intelectual modesto pode usufruir." (RUBEM BRAGA)

d) "Olhe, se esta [casa] vale os cinquenta contos, quantos não vale a que você deseja para si, a do Campos?" (MACHADO DE ASSIS)

e) "O alumínio era algo que as fascinava." (EDY LIMA)

f) "Quem pode adivinhar o que se passa na mente de outrem?" (JOSÉ FONSECA FERNANDES)

g) "E depois todos entravam numa jaula cuja chave se perdia." (LÊDO IVO)

h) "Iam pela ilharga da montanha, sobre lajes que tornavam cavos quaisquer ruídos." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

11. Identifique os pronomes relativos e indique seus antecedentes:

a) O artista vendeu todos os quadros que pintou.

b) Já houve muitas espécies de elefantes, das quais só restam duas.

c) Queria ir para uma cidade onde houvesse mais conforto.

d) O diretor recebeu os ex-alunos, com quem manteve longa conversa.

e) Abri um grande álbum, cujas páginas estavam amarelecidas.

12. Por meio de pronomes relativos adequados, junte cada par de frases numa só, fazendo as modificações necessárias.

a) Tio Onofre contava histórias. As histórias dele me apavoravam.

b) Junto à fonte vi uma jovem. Pedi a ela um pouco d'água.

c) Os planetas são súditos. O rei deles é o Sol.

d) Veja o perigo. Você se expõe a esse perigo.

e) Antes do jogo houve uma cerimônia cívica. Durante essa cerimônia o povo se manteve em silêncio.

13. Classifique a palavra **um** de acordo com a classe gramatical a que pertence.

O que **um** faz todos aprovam.	(1) artigo indefinido
Não lhe sobrou **um** só real.	(2) pronome indefinido
Lutou como **um** herói.	(3) numeral cardinal

14. Classifique o pronome **quem** destacado nas frases abaixo, de acordo com a coluna numerada:

Quem procura acha.

Quem é perfeito?

Conhece a pessoa a **quem** me refiro?

(1) **relativo**

(2) **indefinido**

(3) **interrogativo**

15. Copie as frases abaixo, antepondo as letras **R**, **D** ou **T**, conforme o pronome **que** for **relativo**, **indefinido** ou **interrogativo**.

As aulas a **que** assisti foram proveitosas.

"**Que** incógnitos veios de ouro exploram?" (Camilo Castelo Branco)

Não sabia **que** responder.

Você o chamou para **quê**?

"Cada experiência por **que** passamos é favor da vida." (Vivaldo Coaraci)

"Desanimaram não sei por **quê**." (Aníbal Machado)

16. Copie as frases e ao lado de cada uma escreva **A**, **D**, **O** ou **P**, conforme as palavras **o**, **a**, **os**, **as** forem **artigo**, **pronome demonstrativo**, **pronome pessoal oblíquo** ou **preposição**.

a) Corro até **a** janela e abro-**a**.

b) Abri **a** do meio e daí **a** pouco **a** fechei.

c) Amparei **os** que precisavam de amparo.

d) **As** que eu tenho não **as** dou **a** ninguém.

e) Não **o** aconselho **a** ficar aqui.

f) "Era uma bela ponte, ele próprio **o** reconhecia." (Aníbal Machado)

g) "**A** modéstia doura **os** talentos, **a** vaidade **os** deslustra." (Marquês de Maricá)

h) Eu não **a** ajudo por interesse: faço-**o** por pura amizade.

17. Substitua o * nas frases pelos pronomes pessoais oblíquos adequados:

a) Quando * pedem algum favor, Nélson * faz com prazer.

b) Eles tentam fugir, mas não conseguem: uma estranha força * mantém imóveis.

c) Quando a atriz aparecia, saudavam * aos gritos, atiravam * flores.

d) A esbelta ginasta rodopiou sobre * mesma, leve, graciosa.

18. Troque o * por pronomes relativos adequados ao contexto:

a) Ele não respondeu à pergunta * lhe fiz.

b) Aproximei-me da mesa de pingue-pongue, sobre * havia duas raquetes.

c) São perigosos os rios em * águas vivem sucuris.

d) O moço a * me dirigi parecia ser o gerente da loja.

e) Elza chamou o filho da vizinha, * veio correndo.

19. Reorganize as colunas, de maneira a corresponderem à classe gramatical de **quanto**:

Quanto ouro existe ali!	(1) pronome relativo
Tenho tudo **quanto** quero.	(2) pronome indefinido
Sabes **quanto** te amo.	(3) advérbio de intensidade

20. Forme uma frase com o pronome **menos** seguido de substantivo feminino.

21. Substitua os asteriscos nas frases pelos pronomes adequados:

a) Percorri ***** país, de norte a sul. (*todo – todo o*)

b) Nem ***** país é banhado pelo mar. (*todo – todo o*)

c) Peço a Vossa Senhoria me envie o ***** currículo. (*seu – vosso*)

d) Lembra a água corrente ***** tua voz. (*esta – essa*)

e) Grave bem *****: É melhor prevenir o mal do que remediá-lo. (*isto – isso*)

22. Aponte os substantivos a que se referem os pronomes oblíquos usados nas frases abaixo:

a) Sérgio trouxe uma camisa e, com repugnância, **a** entregou ao irmão.

b) "Escrevo perfeitamente ouvindo os grilos. Havia uma orquestra deles, mas eu nem **os** notava." (Graciliano Ramos)

c) "[...]e a velha tinha um ar sabido, nem sequer escondia o sorriso. O melhor seria não deixá-**la** sozinha na saleta, com o armário de louça nova." (Clarice Lispector)

d) "Com tanto choro, o pai acordou lá dentro, e veio, estremunhado, ver de que se tratava. O menino mostrou-**lhe** a tartaruga morta." (Millôr Fernandes)

23. Complete usando o pronome demonstrativo adequado para indicar a posição dos objetos em relação às pessoas do discurso:

a) Traga-me * revista. (*A revista está longe do falante e do ouvinte.*)

b) Onde você comprou * revista? (*A revista está nas mãos do ouvinte.*)

c) * camisa é um presente para você. (*O objeto está nas mãos do falante.*)

24. Complete as frases usando corretamente as formas pronominais **eu** ou **mim**:

a) O cãozinho deitou-se entre * e meu namorado.

b) Eu sempre socorri os que precisavam de *.

c) Este exercício é para * fazer em casa?

d) Você está certo de que as rosas são para * ?

e) Essas rosas são para * entregar à Marta?

f) Não faça nada sem * mandar!

25. Reescreva as frases substituindo o termo destacado por um pronome oblíquo:

a) Entreguei *seu material* ao diretor.

b) Entreguei seu material *ao diretor*.

c) Levei *os alunos da creche* ao parque de diversões.

d) Pretendo consultar *o advogado* imediatamente.

e) Fizeram *o funcionário* desistir da promoção!

26. Aponte e corrija erros na utilização dos pronomes pessoais; apenas em uma frase não há erro:

a) Renato estava entre eu e Leandro.

b) Professor, queremos conversar consigo.

c) O médico trouxe consigo os remédios que utilizaria durante a consulta.

d) Receberam nós com carinho e atenção.

e) Infelizmente, não deu para mim sair mais cedo hoje.

f) Liana, tenho uma encomenda para si.

27. Faça o mesmo em relação aos pronomes demonstrativos e relativos. Apenas em uma frase não há erro:

a) Chorar e lamentar-se, isto não resolverá seus problemas.

b) Pense nisso: amanhã estaremos em nossa velha casa.

c) Até este chapéu que tens na cabeça me pertence!

d) Os pais cujos os filhos se comportaram mal deverão permanecer na sala.

e) Pretendíamos falar duramente com ele, mas não o fizemos.

f) Taís e Renato tinham temperamentos diferentes: esta era calma e alegre; aquele, agitado e loquaz.

28. O pronome pessoal utilizado *consigo*, no item *c)* do exercício 26, foi utilizado corretamente. Use-o em outra frase.

29. O pronome demonstrativo *o*, no item *e)* do exercício 27, foi usado corretramente. Use-o numa frase semelhante.

PRONOME
Exercícios de exames e concursos
[Página 673]

VERBO

Considere estes exemplos:

O criado **abriu** o portão.	[**abriu** exprime uma ação]
Fernando **estava** doente.	[**estava** exprime um estado, uma situação]
Nevou em São Joaquim.	[**nevou** exprime um fato, um fenômeno]

As palavras *abriu*, *estava* e *nevou* são verbos.

1 VERBO

Verbo é uma palavra que exprime ação, estado, fato ou fenômeno.

O verbo é palavra indispensável na organização do período.

Dentre as classes de palavras, o verbo é a mais rica em flexões. Com efeito, o verbo reveste diferentes formas para indicar a pessoa do discurso, o número, o tempo, o modo e a voz. Ao conjunto ordenado das flexões ou formas de um verbo dá-se o nome de *conjugação*.

2 PESSOA E NÚMERO

O verbo varia para indicar o número e a pessoa. Exemplo:

	singular	**plural**
1ª pessoa	eu *penso*	nós *pensamos*
2ª pessoa	tu *pensas*	vós *pensais*
3ª pessoa	ele *pensa*	eles *pensam*

3 TEMPOS VERBAIS

Os **tempos** situam o fato ou a ação verbal dentro de determinado momento (*durante* o ato da comunicação, *antes* ou *depois* dele). São três os tempos verbais:

- ***presente***

Agora eu *leio*.

- **pretérito (= passado)**

  a) imperfeito: Depois de entrar, ele *trancava* a porta.
  b) perfeito: Ele *trancou* a porta.
  c) mais-que-perfeito: Quando cheguei, ele já *trancara* a porta.

- **futuro**

  a) do presente: Beatriz *ganhará* o prêmio.
  b) do pretérito: Beatriz *ganharia* o prêmio.

  Não nos parece adequada a denominação *futuro do presente*. Bastaria chamar esse tempo simplesmente de *futuro*.

  Quanto à forma, os tempos podem ser *simples* ou *compostos*.

  Na conjugação ativa, os tempos simples apresentam-se sob formas simples (*leio*, *andava*, *corremos*, etc.) e os compostos, sob formas compostas (*tenho lido*, *tinham andado*, *havia corrido*, etc.).

  Na voz passiva, tanto os tempos simples como os compostos apresentam formas compostas: *sou premiado*, *fomos chamados*, *tens sido visto*, etc.

4 MODOS DO VERBO

Os **modos** indicam as diferentes maneiras de um fato se realizar. São três:

- **indicativo**

  Exprime um fato certo, positivo:
  Vou hoje. *Saíram* cedo.

- **imperativo**

  Exprime ordem, proibição, conselho, pedido:
  Volte logo. Não *fiquem* aqui. *Sejam* prudentes.

- **subjuntivo**

  Enuncia um fato possível, duvidoso, hipotético:
  É possível que *chova*. Se você *trabalhasse*, não passaria fome.

5 FORMAS NOMINAIS

Além desses três modos, existem as **formas nominais** do verbo, que enunciam simplesmente um fato, de maneira vaga, imprecisa, impessoal. São formas nominais do verbo:

- **o infinitivo**

  plantar, vender, ferir

- **o gerúndio**

  plantando, vendendo, ferindo

- **o particípio**

  plantado, vendido, ferido

Observação:

✔ Chamam-se *formas nominais* porque, sem embargo de sua significação verbal, podem desempenhar as funções próprias dos nomes, substantivos e adjetivos: o *andar*, água *fervendo*, tempo *perdido*.

O infinitivo pode ser *pessoal* ou *impessoal*. Denomina-se:

a) **pessoal**, quando tem sujeito:

Para *sermos* vencedores, é preciso lutar. [sujeito: *nós*]

b) **impessoal**, quando não tem sujeito:

"*Ser* ou *não ser*, eis a questão." (SHAKESPEARE)

O infinitivo pessoal ora se apresenta *flexionado*, ora *não flexionado*:

a) **flexionado**: andares tu, andarmos nós, andardes vós, andarem eles
b) **não flexionado**: andar eu, andar ele

6 VOZ

Quanto à **voz**, os verbos se classificam em:

- **ativos**

O patrão *chamou* o empregado.

- **passivos**

O empregado *foi chamado* pelo patrão.

- **reflexivos**

A criança *feriu-se* na gangorra.

7 VERBOS AUXILIARES

Verbos auxiliares são os que se juntam a uma forma nominal de outro verbo para constituir a voz passiva, os tempos compostos e as locuções verbais:

Somos castigados pelos nossos erros.

Tenho estudado muito esta semana.

Jacinto *havia* chegado naquele momento.

O mecânico *estava* consertando o carro.

O secretário *vai* anunciar os resultados.

Começava a escurecer na cidade de Itu.

Principais verbos auxiliares:
ter, haver, ser, estar.
Veja na pág. 200 (locuções verbais) outros exemplos de verbos auxiliares.

8 CONJUGAÇÕES

Os verbos da língua portuguesa se agrupam em três conjugações, de conformidade com a terminação do infinitivo:

- Os da 1ª conjugação terminam em **-ar**: *cantar*, *falar*, *amar*, etc.
- Os da 2ª conjugação terminam em **-er**: *bater*, *comer*, *ver*, etc.
- Os da 3ª conjugação terminam em **-ir**: *partir*, *abrir*, *rir*, etc.

Cada conjugação se caracteriza por uma vogal temática:

A → 1ª conjugação: lev**ar**
E → 2ª conjugação: bat**er**
I → 3ª conjugação: un**ir**

Ao radical acrescido de vogal temática chama-se *tema*. Nos verbos supracitados os temas são *leva-*, *bate-* e *uni-*, respectivamente.

Observações:

✔ O verbo *pôr*, antigo *poer* (do latim *ponere*), perdeu a vogal temática do infinitivo. É um verbo anômalo da 2ª conjugação.

✔ A nossa língua possui aproximadamente onze mil verbos, dos quais mais de dez mil são da 1ª conjugação. Hoje, esta é a única conjugação prolífica. Exemplos: *televisionar*, *teleguiar*, *agilizar*, *globalizar*, etc.

9 ELEMENTOS ESTRUTURAIS DOS VERBOS

Num verbo devemos distinguir o *radical*, que é o elemento básico, normalmente invariável, e a *terminação*, que varia para indicar o tempo e o modo, a pessoa e o número. Exemplos:

radical	terminação	radical	terminação
cant-	ar	cant-	avas
vend-	er	vend-	ia
part-	ir	part-	imos
traz-	er	troux-	eram

Na terminação, ou seja, na parte flexiva do verbo, encontramos pelo menos um destes elementos:

- **vogal temática**

  Caracteriza a conjugação.

- **desinência modo-temporal**

  Indica o modo e o tempo do verbo: na forma *andá**SSE**mos*, por exemplo, o elemento destacado denota o pretérito imperfeito do subjuntivo.

- **desinência número-pessoal**

  A flexão *-mos* de *partimos*, por exemplo, configura a primeira pessoa do plural.

10 TEMPOS PRIMITIVOS E DERIVADOS

Quanto à formação, dividem-se os tempos em *primitivos* e *derivados*. São tempos primitivos:

- o **presente do infinitivo impessoal**: amar, caber, etc.;
- o **presente do indicativo** (1ª e 2ª pessoas do singular e 2ª pessoa do plural): digo, dizes, dizeis;
- o **pretérito perfeito do indicativo** (3ª pessoa do plural): disseram.

Os tempos derivados formam-se com o radical dos primitivos.

Vamos esquematizar a formação dos tempos simples da voz ativa:

- O **presente do infinitivo**

Exemplo: **caber**

forma:

a) o pretérito imperfeito do indicativo: *cabia, cabias, cabia*, etc.

b) o futuro do presente: *caberei, caberás, caberá*, etc.

c) o futuro do pretérito: *caberia, caberias, caberia*, etc.

d) o infinitivo pessoal: *caber, caberes, caber*, etc.

e) o gerúndio: *cabendo*

f) o particípio: *cabido*

- O **presente do indicativo**

Exemplo: **digo, dizes, dizeis**

forma:

a) o presente do subjuntivo: *digo* → *diga, digas, diga, digamos, digais, digam*

b) o imperativo afirmativo: *dizes* → *dize; dizeis* → *dizei*

▪ Do pretérito perfeito do indicativo

Exemplo: **disseram**

derivam:

a) o pretérito mais-que-perfeito do indicativo: *dissera*, *disseras*, *dissera*, etc.

b) o pretérito imperfeito do subjuntivo: *dissesse*, *dissesses*, *dissesse*, etc.

c) o futuro do subjuntivo: *disser*, *disseres*, *disser*, etc.

11 MODO IMPERATIVO

Considerem-se estes exemplos de Machado de Assis:

"*Anda, aprende*, tola!" → imperativo afirmativo

"*Não te assustes*, disse ela." → imperativo negativo

▪ imperativo afirmativo

Forma-se assim: a 2ª pessoa do singular (tu) e a 2ª do plural (vós) derivam das pessoas correspondentes do presente do indicativo, suprimindo-se o **s** final; as demais pessoas (você, nós, vocês) são tomadas do presente do subjuntivo, sem qualquer alteração.

▪ imperativo negativo

Não possui, em português, formas especiais: suas pessoas são iguais às correspondentes do presente do subjuntivo.

Atente-se para o seguinte quadro:

12 FORMAÇÃO DO IMPERATIVO

Pessoas	Presente do indicativo	Imperativo afirmativo	Presente do subjuntivo	Imperativo negativo
tu	dizes →	dize	digas →	não digas
você		diga	← diga →	não diga
nós		digamos	← digamos →	não digamos
vós	dizeis →	dizei	digais →	não digais
vocês		digam	← digam →	não digam

Observações:

✔ O verbo *ser* no imperativo afirmativo faz, excepcionalmente: *sê* (tu), *sede* (vós).

✔ O imperativo não possui a 1ª pessoa do singular nem as 3as pessoas. As formas verbais correspondentes aos pronomes de tratamento (você, vocês, o senhor, os senhores, etc.), embora revistam aspecto de 3ª pessoa, verdadeiramente referem-se à 2ª pessoa do discurso (a pessoa com quem se fala).

13 FORMAÇÃO DOS TEMPOS COMPOSTOS

Eis como se formam os tempos compostos:

▪ tempos compostos da voz ativa

São formados pelos verbos auxiliares *ter* ou *haver*, seguidos do particípio do verbo principal:

Tenho trabalhado muito.
Havíamos saído cedo.
Tinham posto a mesa no salão.

▪ tempos compostos da voz passiva

Formam-se com o concurso simultâneo dos auxiliares *ter* (ou *haver*) e *ser*, seguidos do particípio do verbo principal:

Tenho sido maltratado por ele.
Os dois *tinham* (ou *haviam*) *sido vistos* no cinema.

▪ locuções verbais

Outro tipo de conjugação composta – também chamada *conjugação perifrástica* – são as **locuções verbais**, constituídas de um verbo auxiliar seguido de gerúndio ou infinitivo do verbo principal:

Tenho de ir hoje. *Hei de ir* amanhã.
Estava lendo o jornal. Não *podia atender*.
Que *vais fazer*? *Ficas esperando* o quê?
Ela *começou a rir*, não *queria comprometer-se*.
Não *devem hesitar*. *Podemos precisar* dele.
Deveis ir prestar-lhe vossas homenagens.
Clóvis *anda viajando*. Ele *vive fazendo* projetos.
Sandra *veio correndo*: o noivo *acabara de chegar*.
João *entrou a falar alto*. [*entrou* = começou]
O jornal *voltou a circular*.

(No último exemplo, *voltou* é verbo auxiliar e *circular*, verbo principal.)

14 VERBOS REGULARES, IRREGULARES E DEFECTIVOS

Quanto à conjugação, dividem-se os verbos em:

▪ regulares

Os que seguem um paradigma ou modelo comum de conjugação, mantendo o radical invariável: *cantar*, *bater*, *partir*, etc.

▪ irregulares

Os que sofrem alterações no radical e/ou nas terminações, afastando-se do paradigma: *dar*, *trazer*, *dizer*, *ir*, *ouvir*, etc.

Observação:

✔ Entre os irregulares destacam-se os *anômalos*, como os verbos *pôr* (sem vogal temática no infinitivo), *ser* e *ir* (que apresentam radicais diferentes: *sou, era, fui*; *vou, ia, fui*).

▪ defectivos

Os que não possuem a conjugação completa, não sendo usados em certos modos, tempos ou pessoas: *abolir*, *demolir*, *reaver*, *precaver*, *soer*, etc.

EXERCÍCIOS LISTA 24

1. Reorganize as colunas de acordo com o que os verbos exprimem nas frases:

Quando **venta**, o tempo esfria.	ação
Atravessei o rio a nado.	estado
Sarita **era** alegre, expansiva.	fenômeno

2. Destaque os elementos estruturais da forma verbal **cortássemos:**
radical / desinência modo-temporal / tema / desinência número-pessoal

3. Dê o que se pede acerca de cada um dos verbos em destaque:

— Homens armados **invadirão** a casa em que **moras** e matarão tua mulher e filhos – **disse**-me o vidente.

— Não **creio** que isso **aconteça** — contestei com ironia —, não tenho mulher nem filhos e moro sob uma ponte.

a) conjugação;
b) pessoa;
c) número;
d) tempo;
e) modo.

4. Reorganize as três colunas correlacionando-as corretamente:

Vá agora, Luís.	indicativo	fato incerto
O náufrago **salvou**-se.	subjuntivo	ordem
Talvez Elói não **venha**.	imperativo	fato certo

5. Reorganize corretamente as duas colunas e identifique, oralmente, os tempos verbais:

O vento **soprava** forte.	fato atual
Fiz o que lhe **prometera**.	fato passado não concluído
Assistirei às Olimpíadas.	fato passado concluído
Preciso de um dicionário.	fato passado anterior a outro também passado

Prometi que o **ajudaria**.	fato a ser realizado
Elas **colheram** a uva.	fato futuro situado no passado

6. Copie o quadro abaixo, substituindo os asteriscos pelas formas do imperativo do verbo **falar**:

Pessoas	Presente do indicativo	Imperativo afirmativo	Presente do subjuntivo	Imperativo negativo
Tu	falas (-s) →	****	fales →	Não ****
Você	–	****	← fale →	Não ****
Nós	–	****	← falemos →	Não ****
Vós	falais (-s) →	****	faleis →	Não ****
Vocês	–	****	← falem →	Não ****

7. Escreva as frases e sublinhe as locuções verbais:

a) Quando Joel chegou, eu estava abrindo as garrafas.

b) Clóvis terá de trabalhar dobrado e sua vida vai ficar mais dura.

8. Indique a voz dos verbos:

a) A carta **foi lida** por todas.

b) João **feriu-se** na obra.

c) **Acendemos** a fogueira.

d) O mel **é produzido** pelas abelhas.

9. Complete as frases substituindo o * pelo presente do indicativo ou pelo presente do subjuntivo, conforme convenha:

a) Quero que ele * em casa hoje. (ficar)

b) É possível que eu não * para o hotel. (voltar)

c) Não creio que ele * o serviço hoje. (terminar)

d) Sempre que eu lhe *, ela * por monossílabos. (telefonar/responder)

e) Eu * que você não * feliz. (pensar/ser)

10. Complete usando o pretérito perfeito, o pretérito imperfeito ou o mais-que-perfeito do indicativo dos verbos entre parênteses:

a) Eu * a carteira que * no dia anterior. (encontrar/perder)

b) Eles sempre me * que * futebol quando jovens. (dizer/jogar)

c) Minha mãe * a carne, quando o gás *. (cozinhar/acabar)

11. Complete usando o futuro do presente ou o futuro do pretérito do indicativo:

a) Se forem bem tratados, esses canteiros * repletos de flores. (ficar)

b) Prometi a seu pai que não o * sozinho. (deixar)

c) Eu * com meu chefe se as circunstâncias o exigirem. (falar)
d) O pai decidiu que todos se * para a capital. (mudar)

12. Escreva frases com os verbos abaixo, começando a frase com as palavras "Quando eu..." ou "Se eu".
a) fazer
b) trazer
c) ir
d) vir
e) pôr

13. Escreva as frases abaixo utilizando os verbos na voz passiva (veja p. 220, nº 18):
a) Um estrangeiro comprou todas as peças de cerâmica.
b) A nova bibliotecária comprou vários livros de História.
c) Os jogadores fizeram muitas promessas aos torcedores do clube.
d) A polícia cercará a praça Manuel Bandeira.
e) Os críticos sempre elogiam obras de vanguarda.

14. Complete as frases, flexionando corretamente os verbos irregulares entre parênteses:
a) Se * mais alguma coisa no carro, me avise. (caber)
b) Se você * o que lhe pedi, eu * o dinheiro. (fazer/trazer)
c) Se Júlio * as malas no carro e Ivan * conosco, partiremos. (pôr/ir)
d) Sempre * os conselhos que me dão e * explicações sobre aquilo que não entendo. (ouvir/pedir)
e) Quando seus primos * vir, * lhes que * seus agasalhos. (querer/dizer/pôr)

VERBOS AUXILIARES

ser, estar, ter, haver

INDICATIVO

1. **presente**

sou	estou	tenho	hei
és	estás	tens	hás
é	está	tem	há
somos	estamos	temos	havemos
sois	estais	tendes	haveis
são	estão	têm	hão

2. **pretérito imperfeito**

era	estava	tinha	havia
eras	estavas	tinhas	havias
era	estava	tinha	havia
éramos	estávamos	tínhamos	havíamos
éreis	estáveis	tínheis	havíeis
eram	estavam	tinham	haviam

3. **pretérito perfeito simples**

fui	estive	tive	houve
foste	estiveste	tiveste	houveste
foi	esteve	teve	houve
fomos	estivemos	tivemos	houvemos
fostes	estivestes	tivestes	houvestes
foram	estiveram	tiveram	houveram

4. **pretérito perfeito composto**

tenho sido	tenho estado	tenho tido	tenho havido
tens sido	tens estado	tens tido	tens havido
tem sido	tem estado	tem tido	tem havido
temos sido	temos estado	temos tido	temos havido
tendes sido	tendes estado	tendes tido	tendes havido
têm sido	têm estado	têm tido	têm havido

5. **pretérito mais-que-perfeito simples**

fora	estivera	tivera	houvera
foras	estiveras	tiveras	houveras
fora	estivera	tivera	houvera
fôramos	estivéramos	tivéramos	houvéramos
fôreis	estivéreis	tivéreis	houvéreis
foram	estiveram	tiveram	houveram

6. **pretérito mais-que-perfeito composto**

tinha sido	tinha estado	tinha tido	tinha havido
tinhas sido	tinhas estado	tinhas tido	tinhas havido
tinha sido	tinha estado	tinha tido	tinha havido
tínhamos sido	tínhamos estado	tínhamos tido	tínhamos havido
tínheis sido	tínheis estado	tínheis tido	tínheis havido
tinham sido	tinham estado	tinham tido	tinham havido

7. **futuro do presente simples**

serei	estarei	terei	haverei
serás	estarás	terás	haverás
será	estará	terá	haverá
seremos	estaremos	teremos	haveremos
sereis	estareis	tereis	havereis
serão	estarão	terão	haverão

8. **futuro do presente composto**

terei sido	terei estado	terei tido	terei havido
terás sido	terás estado	terás tido	terás havido
terá sido	terá estado	terá tido	terá havido
teremos sido	teremos estado	teremos tido	teremos havido
tereis sido	tereis estado	tereis tido	tereis havido
terão sido	terão estado	terão tido	terão havido

9. **futuro do pretérito simples**

seria	estaria	teria	haveria
serias	estarias	terias	haverias
seria	estaria	teria	haveria
seríamos	estaríamos	teríamos	haveríamos
seríeis	estaríeis	teríeis	haveríeis
seriam	estariam	teriam	haveriam

10. **futuro do pretérito composto**

teria sido	teria estado	teria tido	teria havido
terias sido	terias estado	terias tido	terias havido
teria sido	teria estado	teria tido	teria havido
teríamos sido	teríamos estado	teríamos tido	teríamos havido
teríeis sido	teríeis estado	teríeis tido	teríeis havido
teriam sido	teriam estado	teriam tido	teriam havido

SUBJUNTIVO

1. **presente**

seja	esteja	tenha	haja
sejas	estejas	tenhas	hajas
seja	esteja	tenha	haja
sejamos	estejamos	tenhamos	hajamos
sejais	estejais	tenhais	hajais
sejam	estejam	tenham	hajam

2. **pretérito imperfeito**

fosse	estivesse	tivesse	houvesse
fosses	estivesses	tivesses	houvesses
fosse	estivesse	tivesse	houvesse
fôssemos	estivéssemos	tivéssemos	houvéssemos
fôsseis	estivésseis	tivésseis	houvésseis
fossem	estivessem	tivessem	houvessem

3. **pretérito perfeito composto**

tenha sido	tenha estado	tenha tido	tenha havido
tenhas sido	tenhas estado	tenhas tido	tenhas havido
tenha sido	tenha estado	tenha tido	tenha havido
tenhamos sido	tenhamos estado	tenhamos tido	tenhamos havido
tenhais sido	tenhais estado	tenhais tido	tenhais havido
tenham sido	tenham estado	tenham tido	tenham havido

4. **pretérito mais-que-perfeito composto**

tivesse sido	tivesse estado	tivesse tido	tivesse havido
tivesses sido	tivesses estado	tivesses tido	tivesses havido
tivesse sido	tivesse estado	tivesse tido	tivesse havido
tivéssemos sido	tivéssemos estado	tivéssemos tido	tivéssemos havido
tivésseis sido	tivésseis estado	tivésseis tido	tivésseis havido
tivessem sido	tivessem estado	tivessem tido	tivessem havido

5. **futuro simples**

se eu for	se eu estiver	se eu tiver	se eu houver
se tu fores	se tu estiveres	se tu tiveres	se tu houveres
se ele for	se ele estiver	se ele tiver	se ele houver
se nós formos	se nós estivermos	se nós tivermos	se nós houvermos
se vós fordes	se vós estiverdes	se vós tiverdes	se vós houverdes
se eles forem	se eles estiverem	se eles tiverem	se eles houverem

6. **futuro composto**

tiver sido	tiver estado	tiver tido	tiver havido
tiveres sido	tiveres estado	tiveres tido	tiveres havido
tiver sido	tiver estado	tiver tido	tiver havido
tivermos sido	tivermos estado	tivermos tido	tivermos havido
tiverdes sido	tiverdes estado	tiverdes tido	tiverdes havido
tiverem sido	tiverem estado	tiverem tido	tiverem havido

IMPERATIVO

1. **afirmativo**

sê tu	está tu	tem tu	há tu
seja você	esteja você	tenha você	haja você
sejamos nós	estejamos nós	tenhamos nós	hajamos nós
sede vós	estai vós	tende vós	havei vós
sejam vocês	estejam vocês	tenham vocês	hajam vocês

2. **negativo**

não sejas tu	não estejas tu	não tenhas tu	não hajas tu
não seja você	não esteja você	não tenha você	não haja você
não sejamos nós	não estejamos nós	não tenhamos nós	não hajamos nós
não sejais vós	não estejais vós	não tenhais vós	não hajais vós
não sejam vocês	não estejam vocês	não tenham vocês	não hajam vocês

INFINITIVO

1. **impessoal**

presente:	ser	estar	ter	haver
pretérito:	ter sido	ter estado	ter tido	ter havido

2. **pessoal**

presente:	ser	estar	ter	haver
	seres	estares	teres	haveres
	ser	estar	ter	haver
	sermos	estarmos	termos	havermos
	serdes	estardes	terdes	haverdes
	serem	estarem	terem	haverem
pretérito:	ter sido	ter estado	ter tido	ter havido
	teres sido	teres estado	teres tido	teres havido
	ter sido	ter estado	ter tido	ter havido
	termos sido	termos estado	termos tido	termos havido
	terdes sido	terdes estado	terdes tido	terdes havido
	terem sido	terem estado	terem tido	terem havido

GERÚNDIO

presente:	sendo	estando	tendo	havendo
pretérito:	tendo sido	tendo estado	tendo tido	tendo havido

PARTICÍPIO

sido	estado	tido	havido

Observação:

✔ Como *ter* conjugam-se todos os seus derivados: *abster-se, ater-se, conter, deter, entreter, manter, obter, reter, suster*. Basta antepor-lhes o prefixo. Exemplos: *contenho, contive, detiveram, entretínhamos, mantivesse, retiver*, etc. Observe a acentuação: tu *manténs, mantém* tu; ele *mantém*, eles *mantêm*.

EXERCÍCIOS

LISTA 25

1. Dê a pessoa, o número, o tempo e o modo dos verbos da frase:

Onde **estarias** agora, se eu não **contivesse** o agressor?

2. Escreva as frases, flexionando corretamente os verbos destacados, de acordo com o contexto:

a) Quando **ser** crianças, não tínheis essas preocupações.

b) É possível que elas **estar** viajando. **Haver** tempo que não são vistas em casa.

c) Talvez **haver** desabado algumas barreiras.

d) Como não **obter** resposta, esmurrou a porta com violência.

e) Praticai o bem, **ser** atenciosos, convivei pacificamente com todos.

f) Até ali ele se **manter** calado. (pretérito mais-que-perfeito)

g) Veja como as crianças se **entreter** a observar os peixes no aquário!

h) Se nos **ater** ao parecer de um só homem, sem dúvida haveremos de errar.

i) Até agora eles **ter** sido muito bons para mim.

j) O doceiro parava em todas as casas onde **haver** crianças.

k) Se não **ser** os bombeiros, todos teriam perecido.

l) Eles são **ter** e **haver** como pessoas de bem. (particípio)

m) Se você tem algo a dizer, fale, mas **ser** breve.

n) Fábio avançou contra mim, João o **deter**: eu não **conter** o riso.

o) **Haver** países que **manter** no espaço satélites espiões.

p) Enquanto bebíamos, Félix nos **entreter** com suas brincadeiras.

3. Nas frases do exercício anterior, sublinhe os verbos **ser, ter, haver** e **estar** quando são auxiliares.

4. Conjugue o verbo **entreter** nos tempos derivados do pretérito.

5. Dê as formas pedidas dos verbos seguintes:

manter – 2ª pessoa do plural do imperativo afirmativo

obter – 1ª pessoa do plural do pretérito mais-que-perfeito do indicativo

deter – 3ª pessoa do singular do pretérito imperfeito do subjuntivo

haver – 3ª pessoa do singular do presente do subjuntivo

VERBOS REGULARES

paradigmas

Primeira conjugação *CANTAR*

	INDICATIVO		SUBJUNTIVO	
	tempos simples	**tempos compostos**	**tempos simples**	**tempos compostos**
PRESENTE	canto cantas canta cantamos cantais cantam		cante cantes cante cantemos canteis cantem	
PRETÉRITO IMPERFEITO	cantava cantavas cantava cantávamos cantáveis cantavam		cantasse cantasses cantasse cantássemos cantásseis cantassem	
PRETÉRITO PERFEITO	cantei cantaste cantou cantamos cantastes cantaram	tenho cantado tens cantado tem cantado temos cantado tendes cantado têm cantado		tenha cantado tenhas cantado tenha cantado tenhamos cantado tenhais cantado tenham cantado
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO	cantara cantaras cantara cantáramos cantáreis cantaram	tinha cantado tinhas cantado tinha cantado tínhamos cantado tínheis cantado tinham cantado		tivesse cantado tivesses cantado tivesse cantado tivéssemos cantado tivésseis cantado tivessem cantado
FUTURO DO PRESENTE	cantarei cantarás cantará cantaremos cantareis cantarão	terei cantado terás cantado terá cantado teremos cantado tereis cantado terão cantado	cantar cantares cantar cantarmos cantardes cantarem	tiver cantado tiveres cantado tiver cantado tivermos cantado tiverdes cantado tiverem cantado
FUTURO DO PRETÉRITO	cantaria cantarias cantaria cantaríamos cantaríeis cantariam	teria cantado terias cantado teria cantado teríamos cantado teríeis cantado teriam cantado		

IMPERATIVO	FORMAS NOMINAIS
afirmativo	INFINITIVO
canta (tu)	**presente impessoal**
cante (você)	cantar
cantemos (nós)	
cantai (vós)	
cantem (vocês)	
	presente pessoal
	cantar
negativo	cantares
não cantes (tu)	cantar
não cante (você)	cantarmos
não cantemos (nós)	cantardes
não canteis (vós)	cantarem
não cantem (vocês)	
	pretérito impessoal
	ter cantado
	pretérito pessoal
	ter cantado
	teres cantado
	ter cantado
	termos cantado
	terdes cantado
	terem cantado
	GERÚNDIO
	presente **pretérito**
	cantando tendo cantado
	PARTICÍPIO
	cantado

Observações:

✔ Por este modelo se conjugam todos os verbos regulares da 1ª conjugação: *andar, lavar, saltar, saudar, caçar, suar*, etc.

✔ Para a formação dos tempos compostos pode-se usar também o verbo *haver*: *hei cantado, havia cantado, haverei cantado*, etc.

✔ Há verbos que merecem reparos, no tocante à grafia e à ortoépia. Assim:

a) Os verbos em *-car*, como *ficar, secar*, etc., trocam o *c* por *qu* antes de e: *fique, fiquei, fiquemos; seque, sequei*, etc.

b) Os terminados em *-çar*, como *caçar, abraçar*, perdem a *cedilha* antes do e: *cace, cacemos*, etc.

c) Os verbos em *-gar*, como *jogar, negar*, mudam o *g* em *gu* antes do e: *jogue, joguei, joguemos*, etc.

d) O verbo *roubar* escreve-se e pronuncia-se com o ditongo *ou: roubo, roubas, rouba*, etc., e não "róbo", "róbas", "róba". Assim também *estoura*, e não "estóra", *afrouxa*, e não "afróxa".

e) Nos verbos em *-oar* não se acentua o grupo *oo: voo, entoo, magoo; magoas, magoe*; coo, coas, coa.

f) O verbo *saudar* tem o *u* acentuado nas formas rizotônicas: *saúdo, saúdas, saúdam, saúde*, etc.

g) Nos verbos *obstar, optar, captar, interceptar, pugnar, impugnar, repugnar, designar, eclipsar*, etc., cujo radical termina por duas ou mais consoantes, evite-se intercalar, tanto na pronúncia como na escrita, um *i* entre essas consoantes: *opto, optas, opta*, etc., e não: "ópito", "ópitas", "ópita", nem "opito", "opitas", "opita", etc.; *pugno, pugnas, pugna*, etc., e não: "púguino", "púguinas", "púguina", etc.

h) Os verbos em *-jar* conservam o *j* em todos os tempos: *viajo, viajes, viaje, viajemos, viajeis, viajem*.

i) Os verbos em *-oiar*, como *apoiar, boiar*, etc., têm o **o** tônico aberto nas formas rizotônicas: *apoio, apoias, apoia, apoiam; apoie, apoies, apoie, apoiem*.

j) Nos verbos em *-eijar, -ejar, -eirar, -eixar, -elhar*, a vogal **e** dessas terminações é fechada (ê e não é): *aleijo, aleija, aleijem, despejo, despeja, despejam, inteiro, inteiram, enfeixo, enfeixa, espelho, espelha, espelham*, etc.

VERBOS REGULARES

Segunda conjugação ***BATER***

	INDICATIVO		SUBJUNTIVO	
	tempos simples	**tempos compostos**	**tempos simples**	**tempos compostos**
PRESENTE	bato bates bate batemos bateis batem		bata batas bata batamos batais batam	
PRETÉRITO IMPERFEITO	batia batias batia batíamos batíeis batiam		batesse batesses batesse batêssemos batêsseis batessem	
PRETÉRITO PERFEITO	bati bateste bateu batemos batestes bateram	tenho batido tens batido tem batido temos batido tendes batido têm batido		tenha batido tenhas batido tenha batido tenhamos batido tenhais batido tenham batido
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO	batera bateras batera batêramos batêreis bateram	tinha batido tinhas batido tinha batido tínhamos batido tínheis batido tinham batido		tivesse batido tivesses batido tivesse batido tivéssemos batido tivésseis batido tivessem batido
FUTURO DO PRESENTE	baterei baterás baterá bateremos batereis baterão	terei batido terás batido terá batido teremos batido tereis batido terão batido	bater bateres bater batermos baterdes baterem	tiver batido tiveres batido tiver batido tivermos batido tiverdes batido tiverem batido
FUTURO DO PRETÉRITO	bateria baterias bateria bateríamos bateríeis bateriam	teria batido terias batido teria batido teríamos batido teríeis batido teriam batido		

IMPERATIVO	FORMAS NOMINAIS
afirmativo	INFINITIVO
bat**e** (tu)	**presente impessoal**
bat**a** (você)	bater
bat**amos** (nós)	
bat**ei** (vós)	**presente pessoal**
bat**am** (vocês)	bater batermos
	bateres baterdes
	bater baterem
negativo	**pretérito impessoal**
não bat**as** (tu)	ter batido
não bat**a** (você)	
não bat**amos** (nós)	**pretérito pessoal**
não bat**ais** (vós)	ter batido termos batido
não bat**am** (vocês)	teres batido terdes batido
	ter batido terem batido
	GERÚNDIO
	presente **pretérito**
	batendo tendo batido
	PARTICÍPIO
	batido

Observações:

- ✔ Seguem este paradigma todos os verbos regulares da 2ª conjugação: *comer, temer, beber, descer, crescer, repreender, conhecer*, etc.
- ✔ Os tempos compostos são formados também com o verbo *haver: havia batido, haja batido, houvesse batido*, etc.
- ✔ Os verbos em *-cer*, como *descer, vencer*, etc., terão ç antes de *o* e *a*: *desço, desça, desçamos, desçam*, etc.
- ✔ Os verbos em *-ger*, como *proteger*, mudam o *g* em *j* antes de *o* e *a*: *protejo, protejas, proteja, protejamos, protejais, protejam*.
- ✔ Os verbos em *-guer*, como *erguer*, perdem o *u* antes de *o* e *a*: *ergo, erga, ergamos*.
- ✔ Muitos verbos da 2ª conjugação têm, no presente do indicativo, o *e* ou o *o* tônicos do radical fechados na 1ª pessoal do singular e abertos nas 2ª e 3ª pessoas do singular e na 3ª do plural. Exemplos:
  ergo (ér), ergues (ér), ergue (ér), erguem (ér); corro (ô), corres (ó), corre (ó), correm (ó). Essa alteração no timbre da vogal chama-se *metafonia*.

  Assim também: *escrever, dever, morder, coser* (costurar), *cozer* (cozinhar), etc.

VERBOS REGULARES

Terceira conjugação ***PARTIR***

	INDICATIVO		SUBJUNTIVO	
	tempos simples	**tempos compostos**	**tempos simples**	**tempos compostos**
PRESENTE	parto partes parte partimos partis partem		parta partas parta partamos partais partam	
PRETÉRITO IMPERFEITO	partia partias partia partíamos partíeis partiam		partisse partisses partisse partíssemos partísseis partissem	
PRETÉRITO PERFEITO	parti partiste partiu partimos partistes partiram	tenho partido tens partido tem partido temos partido tendes partido têm partido		tenha partido tenhas partido tenha partido tenhamos partido tenhais partido tenham partido
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO	partira partiras partira partíramos partíreis partiram	tinha partido tinhas partido tinha partido tínhamos partido tínheis partido tinham partido		tivesse partido tivesses partido tivesse partido tivéssemos partido tivésseis partido tivessem partido
FUTURO DO PRESENTE	partirei partirás partirá partiremos partireis partirão	terei partido terás partido terá partido teremos partido tereis partido terão partido	partir partires partir partirmos partirdes partirem	tiver partido tiveres partido tiver partido tivermos partido tiverdes partido tiverem partido
FUTURO DO PRETÉRITO	partiria partirias partiria partiríamos partiríeis partiriam	teria partido terias partido teria partido teríamos partido teríeis partido teriam partido		

IMPERATIVO	FORMAS NOMINAIS
afirmativo parte (tu) parta (você) partamos (nós) parti (vós) partam (vocês) **negativo** não partas (tu) não parta (você) não partamos (nós) não partais (vós) não partam (vocês)	INFINITIVO **presente impessoal** partir **presente pessoal** partir partirmos partires partirdes partir partirem **pretérito impessoal** ter partido **pretérito pessoal** ter partido termos partido teres partido terdes partido ter partido terem partido
	GERÚNDIO **presente** **pretérito** partindo tendo partido
	PARTICÍPIO partido

Observações:

- ✔ Como *partir* se conjugam: *repartir, dirigir, exigir, dividir*, etc.
- ✔ Para os tempos compostos, usa-se também o verbo *haver*: *haver partido, havia partido, houvesse partido*, etc.
- ✔ Os verbos terminados em *-gir* mudam o *g* em *j* antes de *o* e *a*: *dirigir, dirijo, dirija, dirijamos*, etc.
- ✔ Os terminados em *-guir* (nos quais o *u* não é proferido) perdem o *u* antes de *o* e *a*: *distinguir, distingo, distinga*, etc.
- ✔ Na 2ª e 3ª pessoas do singular do presente do indicativo dos verbos regulares em *-uir*, grafa-se *ui* e não *ue*, por se tratar de ditongo decrescente: *concluis, conclui, influis, influi*, etc.

EXERCÍCIOS

LISTA 26

1. Prossiga dando a pessoa, o número, o tempo e o modo das formas verbais:

Exemplo: cansam – **3ª pessoa do plural do presente do indicativo**

deixávamos –
cessariam –
dançarão –
dançaram –
achastes –
assaste –
considerem –
atáramos –
deixei –
deixasse –

2. Conjugue por escrito o verbo **descansar** nos tempos simples do indicativo.

3. Conjugue por escrito o verbo **alcançar** nos tempos do subjuntivo.

4. Flexione por escrito o verbo **despejar** no imperativo afirmativo e no negativo.

5. Conjugue por escrito o verbo **suar** no infinitivo presente pessoal.

6. Escreva as formas nominais (infinitivo, gerúndio e particípio) do verbo em destaque:
Não **deixes** o certo pelo duvidoso.

7. Relacione as frases aos respectivos tempos dos verbos que estão em destaque:

É melhor que a **conservemos** na água.	pretérito perfeito do indicativo
Por que **desanimastes**?	pretérito mais-que-perfeito do indicativo
Pedi que **examinassem** as contas.	futuro do pretérito
Alcançariam o fugitivo?	presente do subjuntivo
Ninguém os **autorizara** a entrar.	pretérito imperfeito do subjuntivo

8. Substitua o * pelos verbos nos tempos do subjuntivo, nas formas adequadas ao contexto:

a) Pedi às crianças que *. (**sossegar**)
b) Peço ao moço que * as cartas na caixa. (**depositar**)
c) É preciso que nós mesmas * a roupa. (**consertar**)
d) Pior para eles, se * minhas recomendações. (**desprezar**)
e) Proponho-vos que * para vossas casas. (**voltar**)
f) Espero que Luís já * os colegas. (**avisar**)
g) Não o verás, por mais que * longe. (**enxergar**)
h) Pode acontecer que o avião * ou * em outra cidade. (**atrasar – descer**)

9. Forme frases com os verbos abaixo na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo:
roubar – saudar – almejar – espelhar – magoar – optar – vistoriar

10. Reescreva as frases, flexionando corretamente os verbos em destaque, no presente do indicativo ou do subjuntivo, de acordo com o contexto sintático:

a) A História **restaurar** o passado.

b) Farei tudo para que os dois se **reconciliar**.

c) Alguns se **gloriar** do que não fizeram.

d) **Estourar** morteiros e **espocar** foguetes.

e) Peço-te que não **afrouxar** a marcha.

f) Aconselho-os a que **viajar** amiúde e **ampliar** seus conhecimentos.

g) Ele **gesticular** e **vociferar** contra os que lhe **impugnar** as opiniões.

h) Pobre homem! Uns o **caluniar**, outros lhe **roubar** o sossego.

i) A polícia **interceptar** o veículo e **apreender** o contrabando.

j) É de esperar que **nascer** novos gênios da música.

k) É possível que **ocorrer** outros terremotos na região.

l) Conversando, talvez nos **entender** e nos **tornar** bons amigos.

11. Conjugue o verbo **crescer** nos tempos simples do indicativo.
Conjugue o verbo **mexer** nos tempos do subjuntivo.

12. Flexione o verbo **descer** no imperativo afirmativo e no negativo.

13. Escreva as frases, colocando entre parênteses os respectivos tempos e modos dos verbos em destaque. Veja os tempos e modos abaixo:

Cássio **desaparecera** no mar.

Existiriam discos voadores?

Talvez **existam**.

Dividi para vencerdes.

Eu **dividi** os lucros.

Se me **morderes**, prendo-te.

Cuidado para não **morderes** a língua!

a) pretérito perfeito do indicativo

b) futuro do subjuntivo

c) pretérito mais-que-perfeito do indicativo

d) infinitivo presente pessoal

e) imperativo afirmativo

f) presente do subjuntivo

g) futuro do pretérito do indicativo

14. Dê as formas verbais pedidas:

apoiar – 1ª pes. sing. pres. indic.

telegrafar – 3ª pes. sing. pres. indic.

deliciar – 3ª pes. sing. pres. indic.
eclipsar – 3ª pes. sing. pret. perf. indic.
exercer – 3ª pes. pl. pres. subj.
designar – 2ª pes. sing. pres. subj.
conceder – 1ª pes. pl. pret. imperf. subj.
florescer – 3ª pes. pl. fut. do pres.
proteger – 1ª pes. pl. pres. subj.
dirigir – 2ª pes. sing. imper. neg.
extinguir – 3ª pes. sing. pret. perf. indic.
distinguir – 3ª pes. sing. pret. imperf. indic.
proibir – 3ª pes. pl. pres. subj.
exigir – 1ª pes. pl. imper. afirm.

15. Escreva as frases, substituindo as expressões em destaque pelos verbos equivalentes, fazendo as necessárias adaptações:

a) As jovens contavam casos, **diziam gracejos** e riam alto.
b) A banda **deu início** à retreta com o hino *Cidade Maravilhosa*.
c) Noêmia não **causara boa impressão** ao povo da cidade.
d) É preciso que alguma força **dê impulso** ao veículo.
e) Falta de dinheiro **torna impossível** a muitos **fazer excursões** durante as férias.
f) **Demos graças** a Deus por termos escapado ilesos.

16. Passe para a 2ª pessoa do singular ou plural, conforme o caso:

a) Divide e sê vencedor.
b) Não esqueçais o passado nem vos afeiçoeis demais ao presente.
c) Recebe com alegria os amigos que te visitam.
d) Abri as portas à esperança; não deixeis entrar o desânimo.
e) Não magoes nunca nem entristeças tua mãe.
f) Queremos que participeis de nossa alegria: entrai e comei!
g) Frequenta os bons e serás bom; convive com os maus, serás como eles.

17. Use o tratamento **vocês** em lugar do tratamento **vós**:

a) Não vendais a honra nem atraiçoeis os amigos.
b) Permiti, prezados ouvintes, que vos faça uma pergunta.
c) Não vos mexais, belas jovens, senão o retrato sai borrado.

18. Mude os tempos simples em destaque nos correspondentes compostos:

a) Até então a vida para mim **fora** suave.
b) Onde, na infância, **brincáramos** alegres, ali agora só se viam edifícios tristes.

c) Não a **deixarás** entregue à própria sorte?

d) Confesso que não me **esforcei** tanto quanto poderia.

e) Quem lhe **ensinaria** o caminho? Quem a **protegeria**?

f) Voltarás para casa assim que **concluíres** a tarefa.

19. Substitua os tempos em destaque pelos indicados entre parênteses:

a) Espero que você **inclua** meu nome na lista. (pretérito perfeito)

b) Se me **ouvissem**, agora não estariam se lamentando. (pretérito mais-que-perfeito)

c) **É** bom **voltares** para a tua terra natal. (pretérito)

d) **É** uma injustiça não o **atenderem**. (pretérito)

15 VOZES DO VERBO

Voz do verbo é a forma que este assume para indicar que a ação verbal é praticada ou sofrida pelo sujeito.

Três são as vozes dos verbos: a *ativa*, a *passiva* e a *reflexiva*.

16 VOZ ATIVA

Um verbo está na *voz ativa* quando o sujeito é agente, isto é, faz a ação expressa pelo verbo. Exemplos:

O caçador **abateu** a ave.

O vento **agitava** as águas.

Os pais **educam** os filhos.

17 VOZ PASSIVA

Um verbo está na *voz passiva* quando o sujeito é paciente, isto é, sofre, recebe ou desfruta a ação expressa pelo verbo. Exemplos:

A ave foi **abatida** pelo caçador.

As águas **eram agitadas** pelo vento.

Os filhos **são educados** pelos pais.

Observação:

✔ Só verbos transitivos podem ser usados na voz passiva.

18 FORMAÇÃO DA VOZ PASSIVA

A voz passiva, mais frequentemente, é formada:

- pelo verbo auxiliar *ser* seguido do particípio do verbo principal. Nesse caso, a voz é *passiva analítica*. Exemplos:

  O homem **é afligido** pelas doenças.

  A criança **era conduzida** pelo pai.

  As ruas **serão enfeitadas**.

  Seriam abertas novas escolas.

  "Dos conveses dos navios **seriam vistas** torres de petróleo em todo o litoral." (LEDO IVO)

Na voz passiva analítica, o verbo pode vir acompanhado de um agente, como nos dois primeiros exemplos deste parágrafo.

Menos frequentemente, pode-se exprimir a passiva analítica com outros verbos auxiliares. Exemplos:

A aldeia **estava isolada** pelas águas.

A presa **estava sendo devorada** pelo leão.

O cachorro **ficou esmagado** pela roda do ônibus.

A noiva **vinha acompanhada** pelo pai.

O preso **ia escoltado** pelos guardas.

"Eu **ia perseguido** por criaturas inexistentes." (GRACILIANO RAMOS)

- com o pronome apassivador *se* associado a um verbo ativo da 3ª pessoa. Nesse caso, temos *voz passiva pronominal*. Exemplos:

  Regam-se as plantas de manhã cedo.

  Organizou-se o campeonato.

  Abrir-se-ão novas escolas de artes e ofícios.

  Ainda não **se lançaram** as redes.

  Já **se têm feito** muitas experiências.

  Entregaram-se os troféus aos vencedores da corrida.

  "Não indagava o motivo de **se encherem** os cestos, perguntava se eles realmente **se enchiam**." (GRACILIANO RAMOS)

Por clareza, preferir-se-á a passiva analítica toda vez que o sujeito for uma pessoa ou animal que possa ser o agente da ação verbal. Exemplo:

Foi retirada a guarda.

["**Retirou-se** a guarda" tanto pode ser voz passiva como reflexiva.]

19 VOZ REFLEXIVA

Na *voz reflexiva* o sujeito é ao mesmo tempo agente e paciente: faz uma ação cujos efeitos ele mesmo sofre ou recebe. Exemplos:

O caçador **feriu-se**.

A menina **penteou-se** e saiu com as colegas.

Sacrifiquei-me por ele.

Os pais **contemplam-se** nos filhos.

O preso **suicidou-se**.

Vistamo-nos e **enfeitemo-nos** para a festa!

O verbo reflexivo é conjugado com os pronomes reflexivos *me, te, se, nos, vos, se*. Esses pronomes são reflexivos quando se lhes pode acrescentar *a mim mesmo, a ti mesmo, a si mesmo, a nós mesmos, a vós mesmos, a si mesmos*, respectivamente. Exemplos:

Consideras-te aprovado? (**a ti mesmo**)

Classes sociais **arrogam-se** (**a si mesmas**) direitos que a lei lhes nega.

Às vezes **nos intoxicamos** com alimentos deteriorados.

Errando, **prejudicamo-nos** a nós mesmos.

Aquele escritor **fez-se** por si mesmo.

Por que **vos atribuís** tanta importância?

Observações:

- ✔ Não se deve atribuir sentido reflexivo a verbos que designam sentimentos, como *queixar-se, alegrar-se, arrepender-se, zangar-se, indignar-se* e outros meramente pronominais. O pronome átono como que se dilui nesses verbos, dos quais é parte integrante. A prova de que não são reflexivos é que não se pode dizer, por exemplo, *zango-me a mim mesmo*.
- ✔ Observe-se também que em frases como "João fala de si" há *reflexividade*, mas não há *voz reflexiva*, porque o verbo não é reflexivo.

Uma variante da voz reflexiva é a que denota reciprocidade, ação mútua ou correspondida. Os verbos dessa voz, por alguns chamados *recíprocos*, usam-se, geralmente, no plural e podem ser reforçados pelas expressões *um ao outro, reciprocamente, mutuamente*. Exemplos:

Amam-se como irmãos. (Amam um ao outro.)

Os dois pretendentes *insultaram-se*.

Ó povos, por que *vos guerreais* tão barbaramente?

Os dois escritores *carteavam-se* assiduamente.

Muitas vezes, *atrapalhamo-nos* uns aos outros.

Cumprimentaram-se e *abraçaram-se* com alegria e emoção.

"A gente *se correspondia* por meio de sinais e gestos, de janela a janela." (Rubem Braga)

"Fazia meses que não *se viam*." (Autran Dourado)

"As companheiras *convidavam-se* umas às outras." (Helena Silveira)

"Os dois irmãos *entreolharam-se* em silêncio." (Camilo Castelo Branco)

"Tacapes e tangapemas *entrechocam-se* no ar." (Gastão Cruls)

"O Presidente esperará que vocês *se entredevorem*, para ver o que sobra." (Ciro dos Anjos)

Observação:

✔ Em muitos verbos reflexivos a ideia de reciprocidade é reforçada pelo prefixo *entre: entremear-se, entrechocar-se, entrebater-se, entredevorar-se, entrecruzar-se, entredilacerar-se, entrematar-se, entremorder-se, entreolhar-se, entrequerer-se, entrevistar-se.*

20 CONVERSÃO DA VOZ ATIVA NA PASSIVA

Pode-se mudar a voz ativa na passiva sem alterar substancialmente o sentido da frase. Exemplo:
Gutenberg **inventou** a imprensa. – voz ativa
A imprensa **foi inventada** por Gutenberg. – voz passiva

Observe que o objeto direto será o sujeito da passiva, o sujeito da ativa passará a agente da passiva e o verbo ativo assumirá a forma passiva, conservando o mesmo tempo. Outros exemplos:

Os calores intensos **provocam** as chuvas.
As chuvas **são provocadas** pelos calores intensos.
Os mestres **têm** constantemente **aconselhado** os alunos.
Os alunos **têm sido** constantemente **aconselhados** pelos mestres.
Eu o **acompanharei**.
Ele **será acompanhado** por mim.
Todos te **louvariam**.
Serias louvado por todos.
Receberam-me com festa.
Fui recebido com festa.
Condenar-te-iam, se cometesses tais desatinos.
Serias condenado, se cometesses tais desatinos.

(Quando o sujeito da voz ativa for indeterminado, como nos dois últimos exemplos, não haverá complemento agente da passiva.)

Observações finais:

✔ Aos verbos que não são ativos nem passivos ou reflexivos, alguns gramáticos chamam *neutros*:
O vinho *é* bom. Aqui *chove* muito.

✔ Há formas passivas com sentido ativo:
É chegada a hora. (= *Chegou* a hora.)
Eu ainda não *era nascido*. (= Eu ainda não *tinha nascido*.)
"*São decorridos* três meses do crime, e o edifício ainda continua na berlinda." (ANÍBAL MACHADO) (são decorridos = *decorreram*)
"Imaginei que ela saíra do mato *almoçada* e feliz." (MACHADO DE ASSIS)
"Nós estávamos *brigados*." (MACHADO DE ASSIS)
Ferreira de Castro era um homem *lido* e *viajado*. (= que leu e viajou)

✔ Os verbos *chamar-se, batizar-se, operar-se* (no sentido cirúrgico) e *vacinar-se* são considerados passivos por alguns autores, por isso que o sujeito é paciente:
Chamo-me Luís. *Batizei-me* na igreja do Carmo.
Operou-se de hérnia. *Vacinaram-se* contra o tifo.

CONJUGAÇÃO DE UM VERBO NA VOZ PASSIVA ANALÍTICA

GUIAR

INDICATIVO

presente
sou guiado
és guiado
é guiado
somos guiados
sois guiados
são guiados

pretérito imperfeito
era guiado
eras guiado
era guiado
éramos guiados
éreis guiados
eram guiados

pretérito perfeito simples
fui guiado
foste guiado
foi guiado
fomos guiados
fostes guiados
foram guiados

pretérito perfeito composto
tenho sido guiado
tens sido guiado
tem sido guiado
temos sido guiados
tendes sido guiados
têm sido guiados

pretérito mais-que-perfeito simples
fora guiado
foras guiado
fora guiado
fôramos guiados
fôreis guiados
foram guiados

pretérito mais-que-perfeito composto
tinha sido guiado
tinhas sido guiado
tinha sido guiado
tínhamos sido guiados
tínheis sido guiados
tinham sido guiados

futuro do presente simples
serei guiado
serás guiado
será guiado
seremos guiados
sereis guiados
serão guiados

futuro do presente composto
terei sido guiado
terás sido guiado
terá sido guiado
teremos sido guiados
tereis sido guiados
terão sido guiados

futuro do pretérito simples
seria guiado
serias guiado
seria guiado
seríamos guiados
seríeis guiados
seriam guiados

futuro do pretérito composto
teria sido guiado
terias sido guiado
teria sido guiado
teríamos sido guiados
teríeis sido guiados
teriam sido guiados

IMPERATIVO

afirmativo
sê guiado
seja guiado
sejamos guiados
sede guiados
sejam guiados

negativo
não sejas guiado
não seja guiado
não sejamos guiados
não sejais guiados
não sejam guiados

SUBJUNTIVO

presente
seja guiado
sejas guiado
seja guiado
sejamos guiados
sejais guiados
sejam guiados

pretérito imperfeito
fosse guiado
fosses guiado
fosse guiado
fôssemos guiados
fôsseis guiados
fossem guiados

pretérito perfeito composto
tenha sido guiado
tenhas sido guiado
tenha sido guiado
tenhamos sido guiados
tenhais sido guiados
tenham sido guiados

pretérito mais-que-perfeito composto
tivesse sido guiado
tivesses sido guiado
tivesse sido guiado
tivéssemos sido guiados
tivésseis sido guiados
tivessem sido guiados

futuro simples
for guiado
fores guiado
for guiado
formos guiados
fordes guiados
forem guiados

futuro composto
tiver sido guiado
tiveres sido guiado
tiver sido guiado
tivermos sido guiados
tiverdes sido guiados
tiverem sido guiados

FORMAS NOMINAIS

infinitivo presente impessoal
ser guiado

infinitivo pretérito impessoal
ter sido guiado

infinitivo presente pessoal	**infinitivo pretérito pessoal**
ser guiado	ter sido guiado
seres guiado	teres sido guiado
ser guiado	ter sido guiado
sermos guiados	termos sido guiados
serdes guiados	terdes sido guiados
serem guiados	terem sido guiados

gerúndio presente	**gerúndio pretérito**	**particípio**
sendo guiado	tendo sido guiado	guiado

Observações:

- ✔ Sendo o sujeito um ser do gênero feminino, o particípio terá as desinências *-a, -as*: sou *guiada*, ela é *guiada*, somos *guiadas*, etc.
- ✔ Nos tempos compostos, pode-se usar o auxiliar *haver* em lugar de *ter*: *haverei sido guiado, havia sido guiado, se houver sido guiada, havendo sido guiadas*, etc.
- ✔ Entendem alguns autores que na voz passiva não há imperativo.

21 CONJUGAÇÃO DOS VERBOS PRONOMINAIS

Há os verbos essencialmente pronominais, que só se usam com os pronomes átonos (*queixar-se, arrepender-se, dignar-se*, etc.), e os acidentalmente pronominais (*pentear-se, matar-se, atribuir-se*, etc.), que nem sempre se usam com os ditos pronomes.

Os verbos pronominais abrangem, portanto, os reflexivos e são conjugados como na voz ativa, mas associando-se-lhes os pronomes *me, te, se, nos, vos, se*.

As formas da 1ª pessoa do plural perdem o *s* final antes de receber o pronome enclítico. Exemplo:

"Desconcertados com essa reação que não esperávamos, *afastamo-nos* em pequenos grupos." (José J. Veiga)

Eis um exemplo de conjugação pronominal:

LEMBRAR-SE

INDICATIVO

Presente: lembro-me, lembras-te, lembra-se, lembramo-nos, lembrais-vos, lembram-se.

Pretérito imperfeito: lembrava-me, lembravas-te, lembrava-se, lembrávamo-nos, lembráveis-vos, lembravam-se.

Pretérito perfeito simples: lembrei-me, lembraste-te, lembrou-se, lembramo-nos, lembrastes-vos, lembraram-se.

Pretérito perfeito composto: tenho-me lembrado, tens-te lembrado, tem-se lembrado, temo-nos lembrado, tendes-vos lembrado, têm-se lembrado.

Pretérito mais-que-perfeito simples: lembrara-me, lembraras-te, lembrara-se, lembráramo-nos, lembráreis-vos, lembraram-se.

Pretérito mais-que-perfeito composto: tinha-me lembrado, tinhas-te lembrado, tinha-se lembrado, tínhamo-nos lembrado, tínheis-vos lembrado, tinham-se lembrado.

Futuro do presente simples: lembrar-me-ei, lembrar-te-ás, lembrar-se-á, lembrar-nos-emos, lembrar-vos-eis, lembrar-se-ão.

Futuro do presente composto: ter-me-ei lembrado, ter-te-ás lembrado, ter-se-á lembrado, ter-nos-emos lembrado, ter-vos-eis lembrado, ter-se-ão lembrado.

Futuro do pretérito simples: lembrar-me-ia, lembrar-te-ias, lembrar-se-ia, lembrar-nos-íamos, lembrar-vos-íeis, lembrar-se-iam.

Futuro do pretérito composto: ter-me-ia lembrado, ter-te-ias lembrado, ter-se-ia lembrado, ter-nos-íamos lembrado, ter-vos-íeis lembrado, ter-se-iam lembrado.

SUBJUNTIVO

Presente: lembre-me, lembres-te, lembre-se, lembremo-nos, lembrai-vos, lembrem-se.

Pretérito imperfeito: lembrasse-me, lembrasses-te, lembrasse-se, lembrássemo-nos, lembrásseis-vos, lembrassem-se.

Pretérito perfeito composto. Neste tempo não se usam pronomes oblíquos pospostos, mas antepostos ao verbo: que me tenha lembrado, que te tenhas lembrado, que se tenha lembrado, etc.

Pretérito mais-que-perfeito composto: tivesse-me lembrado, tivesses-te lembrado, tivesse-se lembrado, tivéssemo-nos lembrado, tivésseis-vos lembrado, tivessem-se lembrado.

Futuro simples. Neste tempo os pronomes oblíquos são antepostos ao verbo: se me lembrar, se te lembrares, se se lembrar, etc.

Futuro composto. Neste tempo os pronomes oblíquos são antepostos ao verbo: se me tiver lembrado, se te tiveres lembrado, se se tiver lembrado, etc.

IMPERATIVO

Afirmativo: lembra-te, lembre-se, lembremo-nos, lembrai-vos, lembrem-se.

Negativo (sempre com os pronomes antepostos): não te lembres, não se lembre, não nos lembremos, não vos lembreis, não se lembrem.

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo presente impessoal: lembrar-se.

Infinitivo presente pessoal: lembrar-me, lembrares-te, lembrar-se, lembrarmo-nos, lembrardes--vos, lembrarem-se.

Infinitivo pretérito impessoal: ter-se lembrado.

Infinitivo pretérito pessoal: ter-me lembrado, teres-te lembrado, ter-se lembrado, termo-nos lembrado, terdes-vos lembrado, terem-se lembrado.

Gerúndio presente: lembrando-se.

Gerúndio pretérito: tendo-se lembrado.

Particípio. Não admite a forma pronominal.

Observações:

- ✔ Por este modelo conjugam-se: *queixar-se, esquecer-se, arrepender-se, iludir-se, vestir-se,* etc.
- ✔ Um verbo pronominal pode também ser conjugado com os pronomes antepostos (proclíticos): *eu me lembro, tu te lembras, ele se lembra, nós nos lembramos, vós vos lembrais, eles se lembram,* etc. Veja páginas 538, parágrafo 6, e 543, parágrafo 9.

EXERCÍCIOS — LISTA 27

1. Reorganize as colunas, fazendo as frases corresponderem à voz adequada dos verbos:

Demoliram-se as casas.	(1) ativa
As abelhas **colhem** o néctar.	(2) passiva analítica
Cumprimentamo-nos cordialmente.	(3) passiva pronominal
A casa **foi reformada**.	(4) reflexiva
Rita **olhou-se** no espelho.	(5) reflexiva recíproca

2. Informe a voz dos verbos:

a) Laranjas eram vendidas por atacado e a varejo.

b) "As mortalhas das lagartas vestem os homens de gala." (Marquês de Maricá)

c) "Os abusos, como os dentes, nunca se arrancam sem dores." (Marquês de Maricá)

d) Os moradores entreolharam-se decepcionados.

e) Quem nunca comeu melado, quando come, se lambuza.

f) "Um dos professores sugeriu, ao se discutirem os programas, a ideia do ensino integral da Zoologia." (Carlos de Laet)

g) "Nunca nos falamos, apenas nos cumprimentávamos." (Autran Dourado)

h) A cidade estava sitiada pelo exército romano.

i) "Por que foram os persas, logo que se deram às delícias do luxo, vencidos pelos lacedemônios?" (Camilo Castelo Branco)

j) "As reses famintas comem-no [o tingui] e se envenenam." (Gustavo Barroso)

3. Converta a voz ativa na passiva analítica:

a) A luz circular do refletor envolve o pianista e o piano.

b) A civilização invadiu e conquistou o morro.

c) Nas escolas, os alunos recitavam belas poesias, no Dia da Bandeira.
d) Soldados, vossos chefes vos elogiaram?
e) Entreguei-lhe a carta ontem.
f) Meu bisavô fundara a cidade.
g) As tuas mãos não mais acenderiam o nosso fogo.
h) Atendeu-nos prontamente o diretor.
i) A moça entregara dois anéis para consertar.
j) As caixas de doces abria-as eu.
k) Quem o chamou aqui, menino?
l) A esta hora a diretora talvez já esteja publicando os resultados dos exames.
m) Os chefes do partido o teriam ameaçado de morte.
n) Censuram-te por causa dos teus desatinos.
o) Concederam-lhe a licença.

4. Mude a voz passiva na ativa:

Exemplo: O trabalho é abençoado por Deus – Deus **abençoa** o trabalho.

a) O Egito, país fabuloso, é fertilizado pelas enchentes do Nilo.
b) O terreno tinha sido invadido pelo mato.
c) A estrada era percorrida por linhas de ônibus.
d) Muitas dessas árvores foram por mim mesmo plantadas.
e) Elas teriam sido elogiadas pelo diretor.
f) Eles têm sido frequentemente criticados pela imprensa.
g) O povo fora mantido a distância pelos guardas.
h) Ele sempre era acolhido por ti com carinho.
i) Foi ele visto por ti quando era detido pelos guardas?
j) Teria eu sido aceito por vós?
k) Teria ele sido readmitido pelo senhor?
l) Se ela estivesse sendo incomodada por nós...
m) Sem dúvida, ele iria ser perseguido pelos adversários políticos.
n) A Terra poderá ser atingida por destroços de satélites artificiais.
o) "O céu é árido, sem manchas, como se fora varrido por um vento de maldição." (Gustavo Barroso)

5. Troque a voz passiva analítica pela pronominal:

Exemplo: As roseiras **são podadas**. – **Podam-se** as roseiras.

a) Os galhos são cortados e os troncos serrados.
b) Foram retidos os cães e outros animais perigosos.
c) Nem sempre são obtidos bons resultados.
d) Tinham sido abertos vários concursos naquele ano.
e) Nos cantos do salão eram vistos grupos de convidados.
f) Foi-lhe cassada a licença, devido a irregularidades.

g) Eis as prerrogativas que são concedidas.

h) Nas tardes frescas a mesa era armada no caramanchão do jardim.

i) Afinal, a obra fora inaugurada dentro do prazo.

j) Era a primeira cerimônia pública que ia ser realizada ali.

k) Caso sejam mantidas as comportas fechadas...

l) Serão escritos os títulos com tinta vermelha.

m) Sejam mobilizadas todas as forças imediatamente.

n) Seriam concedidos os recursos necessários.

o) "Em Grécia e Roma as festas anuais eram solenizadas com espetáculos." (Camilo Castelo Branco)

6. Copie a única frase em que há voz reflexiva recíproca:

Deram-se os prêmios aos vencedores.

Pedro e João deram-se provas de estima.

Gabriel e seu irmão deram-se ao trabalho de despachar a minha bagagem.

7. Conjugue os verbos **zangar-se** e **arrepender-se** no presente do indicativo, com os pronomes pospostos aos verbos.

8. Dos verbos abaixo dê as pessoas pedidas, na voz passiva:

avisar – 3ª pes. pl. do pret. perf. composto do indic.

atender – 1ª pes. pl. do pret. imperf. do subj.

iludir – 2ª pes. sing. do pret. mais-que-perf. composto do indic.

9. Dê as pessoas pedidas dos seguintes verbos pronominais:

calar-se – 2ª pes. pl. do imperativo afirmativo

esquecer-te – 2ª pes. sing. do imperativo negativo

arrepender-se – 3ª pes. sing. do futuro do presente (pronome intercalado)

divertir-se – 1ª pes. pl. do pret. perf. simples do indicativo

vestir-se – 1ª pes. sing. do pret. mais-que-perfeito composto do indic. (pronome posposto ao verbo auxiliar)

10. Siga o exemplo, modificando a frase, sem lhe alterar o sentido:

a) Ainda não **houve apuração** dos fatos.

Ainda não **foram apurados** os fatos.

Ainda não **se apuraram** os fatos.

b) Ainda não **houve confirmação** dos jogos de domingo.

22 VERBOS IRREGULARES

Para mais facilmente compreender e assimilar o processo da conjugação irregular, é importante saber distinguir:

a) **tempos primitivos** e **tempos derivados**;

b) **formas rizotônicas** (as que têm o acento tônico no radical, como: *sirv-o*) e **arrizotônicas** (as que têm o acento tônico na terminação, como: *serv-imos*).

No presente do indicativo dos verbos cujo infinitivo tem mais de uma sílaba, são rizotônicas a 1ª, a 2ª e a 3ª pessoas do singular e a 3ª pessoa do plural, e arrizotônicas a 1ª e a 2ª pessoas do plural. Exemplos:

agrid-o, agrid-es, agrid-e, agrid-em → formas rizotônicas
agred-imos, agred-is → formas arrizotônicas

Se um tempo primitivo for irregular, seus derivados também o serão. Isto se verifica, por exemplo, no verbo *caber*:

tempos primitivos		**tempos derivados**
caibo (presente do indicativo)	→	**caiba** (presente do subjuntivo)
couberam (pretérito perfeito do indicativo)	→	**coubera** (pretérito mais-que-perfeito do indicativo) **couber** (futuro do subjuntivo) **coubesse** (pretérito imperfeito do subjuntivo)

Quando se diz que um verbo é irregular, não se deve entender que ele o seja em todo o quadro de suas flexões. O verbo *perder*, para citar um exemplo, apresenta formas irregulares, como *perco, perca, percam*, etc., e outras regulares, como *perde, perdia, perdi*, etc.

Estudaremos, a seguir, os verbos irregulares das três conjugações. Não incluímos os auxiliares *ser, estar, ter* e *haver*, já conjugados anteriormente, mas registramos alguns verbos regulares dignos de atenção. Não damos os tempos compostos nem as formas regulares que não apresentam dificuldades.

1ª CONJUGAÇÃO

DAR

Indicativo *presente*: dou, dás, dá, damos, dais, dão.
Pretérito imperfeito: dava, davas, dava, dávamos, dáveis, davam.
Pretérito perfeito: dei, deste, deu, demos, destes, deram.
Pretérito mais-que-perfeito: dera, deras, dera, déramos, déreis, deram.
Futuro do presente: darei, darás, dará, daremos, dareis, darão.
Futuro do pretérito: daria, darias, daria, daríamos, daríeis, dariam.
Imperativo *afirmativo*: dá, dê, demos, dai, deem.
Imperativo negativo: não dês, não dê, não demos, não deis, não deem.
Subjuntivo *presente*: dê, dês, dê, demos, deis, deem.
Pretérito imperfeito: desse, desses, desse, déssemos, désseis, dessem.
Futuro: der, deres, der, dermos, derdes, derem.
Infinitivo *presente impessoal*: dar.

Infinitivo presente pessoal: dar, dares, dar, darmos, dardes, darem.

Gerúndio: dando.

Particípio: dado.

Assim se conjuga o derivado *desdar*. *Circundar* é regular.

APROPINQUAR-SE (= aproximar-se)

Indicativo *presente*: apro*pín*quo-me, apro*pín*quas-te, apro*pín*qua-se, apropin*qua*mo-nos, apropin*quais*-vos, apro*pín*quam-se.

Imperativo afirmativo: apro*pín*qua-te, apro*pín*que-se, apropin*que*mo-nos, apropin*quai*-vos, apro*pín*quem-se.

Subjuntivo *presente*: que eu me apro*pín*que, que tu te apro*pín*ques, etc.

Este verbo, de pouco uso, é regular. Os destaques indicam as sílabas tônicas.

MOBILIAR

Indicativo *presente*: mob*í*lio, mob*í*lias, mob*í*lia, mobiliamos, mobiliais, mob*í*liam.

Subjuntivo *presente*: mob*í*lie, mob*í*lies, mob*í*lie, mobiliemos, mobilieis, mob*í*liem.

Verbo regular na escrita e irregular na pronúncia (o *i* destacado é tônico), pois dos verbos em *-iliar* é o único que assim se pronuncia. Os outros têm a sílaba tônica *-li*: auxi*li*o, conci*li*o, reconci*li*o, fi*li*o, reta*li*o. Há ainda as variantes *mobilhar* e *mobilar* (esta última, forma lusitana), que fazem, respectivamente, *mobilho, mobilhas* e *mobilo, mobilas*, etc.

AGUAR

Indicativo *presente*: águo, águas, água, aguamos, aguais, águam.

Pretérito perfeito: aguei, aguaste, aguou, etc.

Subjuntivo *presente*: águe, águes, águe, aguemos, agueis, águem.

Verbo regular. Assim se conjugam *desaguar, enxaguar* e *minguar* [1].

Nas formas desses verbos terminadas em *-gue, -gues, -guem*, o acento agudo, com a abolição do trema pelo novo Acordo Ortográfico de 1990, tornou-se necessário.

Gramáticos e escritores há que preferem *aguo, aguas, desagua, enxagua, mingua,* com acento tônico no *u*, mas tal pronúncia divorcia-se do uso comum.

AVERIGUAR (= verificar)

Indicativo *presente*: averig*u*o, averig*u*as, averig*u*a, averiguamos, averiguais, averig*u*am.

Pretérito perfeito: averiguei, averiguaste, averiguou, etc.

Imperativo afirmativo: averig*u*a, averig*ú*e, averiguemos, averiguai, averig*ú*em.

Subjuntivo *presente*: averig*ú*e, averig*ú*es, averig*ú*e, averiguemos, averigueis, averig*ú*em.

---

[1] "Os nobres impulsos não esmorecem, quando lhes míngua ressonância." (Ciro dos Anjos, *Explorações no Tempo*, p. 146)

Verbo regular. Vai grifado o *u* tônico, o qual, no grupo *gue*, deve ser acentuado para evitar falsas pronúncias. Equivocadamente, o novo Acordo Ortográfico aboliu o acento gráfico neste caso. Ora, não se pode grafar *averigue, averigues, averiguem* e *obrigue, obrigues, obriguem* da mesma forma! Assim serão conjugados *apaniguar* (= proteger) e *apaziguar* (= pacificar).

OBLIQUAR (= caminhar ou seguir obliquamente; agir com dissimulação)

Indicativo *presente*: obli*qu*o, obli*qu*as, obli*qu*a, obliquamos, obliquais, obli*qu*am.

Imperativo afirmativo: obli*qu*a, obli*qú*e, obliquemos, obliquai, obli*qú*em.

Imperativo negativo: não obli*qú*es, não obli*qú*e, não obliquemos, não obliqueis, não obli*qú*em.

Verbo regular de emprego raro. Os destaques indicam as sílabas tônicas. Contrariamente ao que preceitua o novo sistema ortográfico, achamos que o *u* tônico do grupo *que* deve ser acentuado.

Segue este modelo o verbo defectivo *adequar*, que só possui as formas arrizotônicas: *adequamos, adequais, adequava, adequei, adequado*, etc.

MAGOAR

Indicativo *presente*: magoo, magoas, magoa, magoamos, magoais, magoam.

Subjuntivo *presente*: magoe, magoes, magoe, magoemos, magoeis, magoem.

Verbo regular. Assim se conjugam os verbos em *-oar: abençoar, doar, abotoar, soar, voar*, etc. Não se acentuam os grupos *-oa* e *-oe*.

APIEDAR-SE (= ter piedade, compadecer-se)

Indicativo *presente*: apiedo-me, apiedas-te, apieda-se, apiedamo-nos, apiedais-vos, apiedam-se.

Subjuntivo *presente*: que eu me apiede, que tu te apiedes, que ele se apiede, etc.

Imperativo *afirmativo*: apieda-te, apiede-se, apiedemo-nos, apiedai-vos, apiedem-se.

Seu antônimo é *desapiedar-se*. É tendência geral conjugar *apiedar-se* regularmente:

"Trigo, que eu semeei, *apieda-te* de mim!" (Raimundo Correia)

"*Apiedo-me* dos amigos." (Gastão Cruls)

"... quando *se apieda*." (Hermes Fontes)

"... quem não *se apieda* dos outros." (Gustavo Corção)

"Que Deus *se apiede* dos pecadores que assim procedem!" (Peregrino Júnior)

As formas irregulares *apiado-me, apiadas-te, apiada-se, apiadam-se, apiada-te*, etc. (calcadas no antigo verbo *apiadar-se*) não são recomendáveis.

RESFOLEGAR

Indicativo *presente:* resfolgo, resfolgas, resfolga, resfolegamos, resfolegais, resfolgam.

Imperfeito: resfolegava, etc.

Pretérito perfeito: resfoleguei, etc.

Subjuntivo *presente*: resfolgue, resfolgues, resfolgue, resfoleguemos, resfolegueis, resfolguem.

Este verbo perde o e da penúltima sílaba nas formas rizotônicas. As formas usuais são as arrizotônicas: *resfolegar, resfolegava, resfolegavam*, etc.

É menos recomendável a conjugação regular (*resfólego, resfólegas*, etc.) que alguns gramáticos adotam. Há a variante *resfolgar*, inteiramente regular.

SOBRESTAR (= parar, deter-se; suspender)

Conjuga-se como *estar*, de que é derivado: sobrestou, sobrestava, sobrestive, sobrestarei, sobresteja, etc.

"*Sobresteve* o tupi." (GONÇALVES DIAS)

"Pacatuba aperrou a arma, mas eu *sobrestive-lhe* o gesto." (GASTÃO CRULS)

VERBOS TERMINADOS EM *-EAR*

Os verbos terminados em *-ear* intercalam um *i* eufônico nas formas rizotônicas. Pode servir de modelo o verbo seguinte:

NOMEAR

Indicativo *presente*: nomeio, nomeias, nomeia, nomeamos, nomeais, nomeiam.

Pretérito imperfeito: nomeava, nomeavas, nomeava, nomeávamos, nomeáveis, nomeavam.

Pretérito perfeito: nomeei, nomeaste, nomeou, nomeamos, nomeastes, nomearam.

Subjuntivo *presente*: nomeie, nomeies, nomeie, nomeemos, nomeeis, nomeiem.

Imperativo afirmativo: nomeia, nomeie, nomeemos, nomeai, nomeiem.

Imperativo negativo: não nomeies, não nomeie, não nomeemos, não nomeeis, não nomeiem. É regular o resto da conjugação.

Assim se conjugam: *apear, atear, cear, recear, folhear, frear, passear, gear, enlear, bloquear, afear, granjear, hastear, lisonjear, semear, titubear, arrear, recrear, idear* e *estrear*. Esses dois últimos são os únicos que têm o *e* aberto nas formas rizotônicas, porém, sem acento gráfico: *ideio, ideias, ideia, ideie, ideies, estreio, estreias, estreia, estreie*, etc.

VERBOS TERMINADOS EM *-IAR*

Os verbos terminados em *-iar* podem ser distribuídos em dois grupos:

1º) Os que se conjugam regularmente, que são a maioria: *abreviar, agraciar, aliar, alumiar, angariar, caluniar, obviar, gloriar-se, historiar, injuriar, vangloriar-se, criar, presenciar, premiar, arriar, copiar*, etc. Seguem o modelo *copiar:*

COPIAR

Indicativo *presente*: copio, copias, copia, copiamos, copiais, copiam.

Pretérito perfeito: copiei, copiaste, copiou, etc.

Pretérito mais-que-perfeito: copiara, copiaras, etc.

Subjuntivo *presente*: copie, copies, copie, copiemos, copieis, copiem.

Imperativo afirmativo: copia, copie, copiemos, copiai, copiem.

Imperativo negativo: não copies, não copie, não copiemos, não copieis, não copiem.

2º) Os que mudam o *i* da penúltima sílaba em *ei*, nas formas rizotônicas. São os seis seguintes: *mediar, intermediar, ansiar, remediar* [2], *incendiar, odiar*. Conjugaremos esse último, que servirá de modelo para os outros cinco.

---

[2] "Uns homens ocasionam os males e exigem que outros os remedeiem." (MARQUÊS DE MARICÁ)

ODIAR

Indicativo *presente*: odeio, odeias, odeia, odiamos, odiais, odeiam.

Pretérito imperfeito: odiava, odiavas, odiava, etc.

Pretérito perfeito: odiei, odiaste, odiou, etc.

Pretérito mais-que-perfeito: odiara, odiaras, odiara, odiáramos, odiáreis, odiaram.

Subjuntivo *presente*: odeie, odeies, odeie, odiemos, odieis, odeiem.

Imperativo afirmativo: odeia, odeie, odiemos, odiai, odeiem.

Imperativo negativo: não odeies, não odeie, não odiemos, não odieis, não odeiem. E assim por diante.

2ª CONJUGAÇÃO

ABSTER-SE

Indicativo *presente*: abstenho-me, absténs-te, abstém-se, abstemo-nos, abstende-vos, abstêm-se.

Pretérito imperfeito: abstinha-me, abstinhas-te, abstinha-se, abstínhamo-nos, etc.

Pretérito perfeito: abstive-me, abstiveste-te, absteve-se, abstivemo-nos, etc.

Pretérito mais-que-perfeito: abstivera-me, abstiveras-te, abstivera-se, etc.

Futuro do presente: abster-me-ei, abster-te-ás, abster-se-á, abster-nos-emos, etc.

Futuro do pretérito: abster-me-ia, abster-te-ias, abster-se-ia, abster-nos-íamos, etc.

Imperativo afirmativo: abstém-te, abstenha-se, abstenhamo-nos, abstende-vos, abstenham-se.

Subjuntivo *presente*: que me abstenha, que te abstenhas, que se abstenha, etc.

Pretérito imperfeito: se me abstivesse, se te abstivesses, se se abstivesse, etc.

Futuro: se me abstiver, se te abstiveres, se se abstiver, etc.

Gerúndio: abstendo-se.

Particípio: abstido.

Conjuga-se como *ter*.

COMPRAZER-SE (= sentir prazer, gostar)

Tem a conjugação completa e figura no rol dos verbos abundantes. Segue o modelo *jazer* (com irregularidade apenas na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo), sendo que nos tempos do pretérito apresenta formas irregulares ao lado das regulares:

comprazo-me, comprazes-te, compraz-se, comprazemo-nos, etc.; *comprazia-me*, etc.; *comprazer-me-ei*, etc.; *comprazer-me-ia*, etc.; *compraza-me*, etc.; *comprazi-me* ou *comprouve-me; comprazera-me* ou *comprouvera-me; comprazesse-me* ou *comprouvesse-me*; *se me comprazer* ou *se me comprouver*, etc.[3]

---

[3] "Embora o conselheiro às vezes se *comprouvesse* em seguir as suas aventuras policiais modernas." (João Alphonsus, *Contos e Novelas*, p. 137, Rio de Janeiro, 1965)

"Sentiu-se que o gênio da noite se *comprazera* em criar gruta ímpar e assombrosa." (Ferreira de Castro, *A Selva*, Guimarães Editores, 2006)

"Não mais *me comprazi* na sua palavra." (Carlos de Laet)

CABER

Indicativo *presente*: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem.
Pretérito perfeito: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam.
Pretérito mais-que-perfeito: coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam.
Subjuntivo *presente*: caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam.
Pretérito imperfeito: coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem.
Futuro: couber, couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem.
Gerúndio: cabendo.
Particípio: cabido.
Imperativo: não existe.

CRER

Indicativo *presente*: creio, crês, crê, cremos, credes, creem.
Pretérito imperfeito: cria, crias, cria, críamos, críeis, criam.
Pretérito perfeito: cri, creste, creu, cremos, crestes, creram.
Imperativo afirmativo: crê, creia, creiamos, crede, creiam.
Subjuntivo *presente*: creia, creias, creia, creiamos, creiais, creiam.
Pretérito imperfeito: cresse, cresses, cresse, crêssemos, crêsseis, cressem.
Futuro: crer, creres, crer, crermos, crerdes, crerem.
Gerúndio: crendo.
Particípio: crido.

Assim se conjugam *descrer* e *ler*.

DIZER

Indicativo *presente*: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem.
Pretérito imperfeito: dizia, dizias, dizia, dizíamos, dizíeis, diziam.
Pretérito perfeito: disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram.
Pretérito mais-que-perfeito: dissera, disseras, dissera, etc.
Futuro do presente: direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão.
Futuro do pretérito: diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam.
Imperativo afirmativo: dize, diga, digamos, dizei, digam.
Subjuntivo *presente*: diga, digas, diga, digamos, digais, digam.
Pretérito imperfeito: dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem.
Futuro: disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem.
Infinitivo *impessoal*: dizer.
Infinitivo pessoal: dizer, dizeres, dizer, dizermos, dizerdes, dizerem.
Gerúndio: dizendo.
Particípio: dito.

Seguem este paradigma os derivados *bendizer, condizer, contradizer, desdizer, entredizer, maldizer, predizer* e *redizer*.

ESCREVER

Escrever e seus derivados *descrever, inscrever, prescrever, proscrever, reescrever, sobrescrever, subscrever* são irregulares apenas no particípio: *escrito, descrito, inscrito, prescrito, proscrito, reescrito, sobrescrito, subscrito.*

FAZER

Indicativo *presente*: faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem.
Pretérito perfeito: fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram.
Pretérito mais-que-perfeito: fizera, fizeras, fizera, fizéramos, fizéreis, fizeram.
Futuro do presente: farei, farás, fará, faremos, fareis, farão.
Futuro do pretérito: faria, farias, faria, faríamos, faríeis, fariam.
Imperativo afirmativo: faze, faça, façamos, fazei, façam.
Subjuntivo *presente*: faça, faças, faça, façamos, façais, façam.
Pretérito imperfeito: fizesse, fizesses, fizesse, fizéssemos, fizésseis, fizessem.
Futuro: fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem.
Infinitivo *impessoal*: fazer.
Infinitivo pessoal: fazer, fazeres, fazer, fazermos, fazerdes, fazerem.
Gerúndio: fazendo.
Particípio: feito.

Como *fazer* se conjugam os seus derivados: *afazer-se, desfazer, refazer, perfazer, satisfazer*, etc.

JAZER

Indicativo *presente*: jazo, jazes, *jaz*, jazemos, jazeis, jazem.
Pretérito perfeito: jazi, jazeste, jazeu, jazemos, jazestes, jazeram.
Futuro do presente: jazerei, jazerás, jazerá, etc.
Futuro do pretérito: jazeria, jazerias, jazeria, etc.
Imperativo afirmativo: jaze, jaza, jazamos, jazei, jazam.
Subjuntivo *presente*: jaza, jazas, jaza, jazamos, jazais, jazam.
Pretérito imperfeito: jazesse, jazesses, jazesse, etc.
Futuro: jazer, jazeres, jazer, jazermos, jazerdes, jazerem.
Gerúndio: jazendo.
Particípio: jazido.

Esse verbo, que significa "estar deitado", "estar no chão", é irregular só na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo.

Segue esse modelo o verbo *comprazer-se*, conjugado anteriormente.

LER

Indicativo *presente*: leio, lês, lê, lemos, ledes, leem.
Pretérito imperfeito: lia, lias, lia, etc.

Pretérito perfeito: li, leste, leu, lemos, lestes, leram.
Pretérito mais-que-perfeito: lera, leras, lera, lêramos, lêreis, leram.
Imperativo afirmativo: lê, leia, leiamos, lede, leiam.
Subjuntivo *presente*: leia, leias, leia, leiamos, leiais, leiam.
Pretérito imperfeito: lesse, lesses, lesse, lêssemos, lêsseis, lessem.
Futuro: ler, leres, ler, lermos, lerdes, lerem.
Gerúndio: lendo.
Particípio: lido.

Ler e seus derivados *reler* e *tresler* conjugam-se como *crer*.

MOER

Indicativo *presente*: moo, *móis, mói,* moemos, moeis, moem.
Pretérito imperfeito: moía, moías, moía, moíamos, moíeis, moíam.
Pretérito perfeito: moí, moeste, moeu, etc.
Imperativo *afirmativo*: *mói,* moa, moamos, moei, moam.
Subjuntivo *presente*: moa, moas, moa, moamos, moais, moam.
Pretérito imperfeito: moesse, moesses, moesse, etc.
Gerúndio: moendo.
Particípio: moído.

Irregular apenas na 2ª e 3ª pessoas do singular do presente do indicativo e na 2ª pessoa do singular do imperativo. Assim se conjugam *esmoer, remoer, roer, corroer, doer-se, condoer-se* e *doer*.

PERDER

Indicativo *presente*: perco, perdes, perde, perdemos, perdeis, perdem.
Subjuntivo *presente*: perca, percas, perca, percamos, percais, percam.
Imperativo afirmativo: perde, perca, percamos, perdei, percam.

Regular no resto. As formas com a consoante *c* têm o *e* fechado: perco (ê), percas (ê), perca (ê), percam (ê).

PODER

Indicativo *presente*: posso, podes, pode, podemos, podeis, podem.
Pretérito imperfeito: podia, podias, podia, etc.
Pretérito perfeito: pude, pudeste, pôde, pudemos, pudestes, puderam.
Pretérito mais-que-perfeito: pudera, puderas, pudera, pudéramos, pudéreis, puderam.
Imperativo: não existe.
Subjuntivo *presente*: possa, possas, possa, possamos, possais, possam.
Pretérito imperfeito: pudesse, pudesses, pudesse, pudéssemos, pudésseis, pudessem.
Futuro: puder, puderes, puder, pudermos, puderdes, puderem.

***Infinitivo** pessoal*: poder, poderes, poder, podermos, poderdes, poderem.
Gerúndio: podendo.
Particípio: podido.

PÔR

***Indicativo** presente*: ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem.
Pretérito imperfeito: punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham.
Pretérito perfeito: pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram.
Pretérito mais-que-perfeito: pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram.
Futuro do presente: porei, porás, porá, poremos, poreis, porão.
Futuro do pretérito: poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poriam.
Imperativo afirmativo: põe, ponha, ponhamos, ponde, ponham.
Imperativo negativo: não ponhas, não ponha, não ponhamos, não ponhais, não ponham.
***Subjuntivo** presente*: ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham.
Pretérito imperfeito: pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, puséssseis, pusessem.
Futuro: puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem.
***Infinitivo** impessoal*: pôr.
Infinitivo pessoal: pôr, pores, pôr, pormos, pordes, porem.
Gerúndio: pondo.
Particípio: posto.

Pôr é o antigo verbo *poer*, motivo pelo qual é incluído entre os irregulares da 2ª conjugação.

Como *pôr* conjugam-se todos os seus derivados: *antepor, apor, compor, contrapor, decompor, depor, descompor, dispor, entrepor, expor, impor, indispor, interpor, justapor, maldispor, opor, pospor, predispor, prepor, pressupor, propor, recompor, repor, sobrepor, sotopor, superpor, supor, transpor.*

PRAZER (= causar prazer, agradar)

Só se usa na 3ª pessoa do singular.

***Indicativo** presente*: praz.
Pretérito imperfeito: prazia.
Pretérito perfeito: prouve.
Pretérito mais-que-perfeito: prouvera.
Futuro do presente: prazerá.
Futuro do pretérito: prazeria.
***Subjuntivo** presente*: praza.
Pretérito imperfeito: prouvesse.
Futuro: prouver.
Gerúndio: prazendo.
Particípio: prazido.

Assim se conjugam *aprazer* e *desaprazer*: "Pois que *aprouve* ao dia findar, aceito a noite." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

PRECAVER

Indicativo *presente*: precavemos, precaveis (defectivo nas outras pessoas).

Pretérito imperfeito: precavia, precavias, precavia, etc.

Pretérito perfeito: precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram.

Imperativo: precavei.

Subjuntivo *presente*: não há.

Pretérito imperfeito: precavesse, precavesses, precavesse, etc.

Futuro: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.

Gerúndio: precavendo.

Particípio: precavido.

Este verbo é defectivo. Não se usa nas formas rizotônicas. Não é formado de *ver* nem de *vir*, sendo, portanto, errôneas as formas *precavejo, precavês, precavenho, precavéns, precavém, precavêm, precavenha, precavenham*. Nas formas em que é defectivo, empregaremos os verbos *precatar, acautelar, cuidar* ou *prevenir*. Usa-se mais frequentemente como verbo reflexivo: *precavemo-nos, precavia-me, precavei-vos*, etc.

Em vez de "ele que *se precavenha*", diga "que ele *se previna*" ou "que ele *se acautele*" ou ainda "que ele *se cuide*".

PROVER

Indicativo *presente*: provejo, provês, provê, provemos, provedes, proveem.

Pretérito imperfeito: provia, provias, provia, etc.

Pretérito perfeito: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram.

Pretérito mais-que-perfeito: provera, proveras, provera, etc.

Futuro do presente: proverei, proverás, proverá, etc.

Futuro do pretérito: proveria, proverias, proveria, etc.

Imperativo afirmativo: provê, proveja, provejamos, provede, provejam.

Subjuntivo *presente*: proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam.

Pretérito imperfeito: provesse, provesses, provesse, etc.

Futuro: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.

Gerúndio: provendo.

Particípio: provido.

Este verbo, que significa *abastecer, providenciar,* conjuga-se como *ver*, exceto no pretérito perfeito e seus derivados e no particípio, em que é regular.

Seu antônimo *desprover* é usado quase exclusivamente no particípio: *desprovido*.

QUERER

Indicativo *presente*: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem.

Pretérito imperfeito: queria, querias, queria, etc.

Pretérito perfeito: quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram.

Pretérito mais-que-perfeito: quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram.

Futuro do presente: quererei, quererás, quererá, etc.

Futuro do pretérito: quereria, quererias, quereria, etc.

Imperativo afirmativo: queira você, queiram vocês, querei vós[4].

Imperativo negativo: não queiras, não queira, não queiramos, não queirais, não queiram.

***Subjuntivo** presente*: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram.

Pretérito imperfeito: quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem.

Futuro: quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem.

***Infinitivo** pessoal*: querer, quereres, querer, querermos, quererdes, quererem.

Gerúndio: querendo.

Particípio: querido.

Os derivados *benquerer* e *malquerer*, além do particípio regular *benquerido, malquerido*, têm outro, irregular: *benquisto, malquisto*, usados como adjetivos.

REQUERER

***Indicativo** presente*: requeiro, requeres, requer, requeremos, requereis, requerem.

Pretérito perfeito: requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram.

Pretérito mais-que-perfeito: requerera, requereras, requerera, etc.

Futuro do presente: requererei, requererás, requererá, etc.

Futuro do pretérito: requereria, requererias, requereria, etc.

Imperativo afirmativo: requere, requeira, requeiramos, requerei, requeiram.

***Subjuntivo** presente*: requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram.

Pretérito imperfeito: requeresse, requeresses, requeresse, etc.

Futuro: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.

Gerúndio: requerendo.

Particípio: requerido.

Este verbo não segue a conjugação de *querer*. É irregular apenas na 1ª e na 3ª pessoa do singular do indicativo presente e, portanto, no presente do subjuntivo, no imperativo negativo e no imperativo afirmativo (requeira você, requeiram vocês).

REAVER

Conjuga-se como *haver*, mas só possui as formas que têm a letra *v*.

***Indicativo** presente*: reavemos, reaveis. (Não existem: *reei, reás, reá, reão*.)

Pretérito imperfeito: reavia, reavias, reavia, etc.

Pretérito perfeito: reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram.

Pretérito mais-que-perfeito: reouvera, reouveras, reouvera, etc.

Futuro do presente: reaverei, reaverás, etc.

Futuro do pretérito: reaveria, reaverias, etc.

Imperativo afirmativo: reavei.

***Subjuntivo** pretérito imperfeito*: reouvesse, reouvesses, reouvesse, reouvéssemos, reouvésseis, reouvessem.

---

[4] "*Querei* só o que podeis e seres onipotentes." (Antônio Vieira)

Futuro: reouver, reouveres, reouver, reouvermos, reouverdes, reouverem.
Gerúndio: reavendo.
Particípio: reavido.

Reaveja, reavejam são formas errôneas, inadmissíveis. O presente do subjuntivo não existe, nem, portanto, o imperativo negativo. Supre-se com as formas do sinônimo *recuperar*: *recupere, recuperes, recupere*, etc.

SABER
Indicativo *presente*: sei, sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem.
Pretérito perfeito: soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, souberam.
Pretérito mais-que-perfeito: soubera, souberas, soubera, soubéramos, soubéreis, souberam.
Subjuntivo *presente*: saiba, saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam.
Pretérito imperfeito: soubesse, soubesses, soubesse, soubéssemos, soubésseis, soubessem.
Futuro: souber, souberes, souber, soubermos, souberdes, souberem.
Imperativo afirmativo: sabe, saiba, saibamos, sabei[5], saibam.

É regular nos outros tempos.

SOER (= costumar)
Indicativo *presente*: sóis, sói, soemos, soeis, soem. (Pronuncie *sóem*.)
Pretérito imperfeito: soía, soías, soía, soíamos, soíeis, soíam.

Verbo defectivo, inusitado nas demais formas. Nas formas vigentes segue o verbo *moer*.

TRAZER
Indicativo *presente*: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem.
Pretérito imperfeito: trazia, trazias, trazia, etc.
Pretérito perfeito: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram.
Pretérito mais-que-perfeito: trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram.
Futuro do presente: trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão.
Futuro do pretérito: traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam.
Imperativo afirmativo: traze, traga, tragamos, trazei, tragam.
Subjuntivo *presente*: traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam.
Pretérito imperfeito: trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem.
Futuro: trouxer, trouxeres, trouxer, trouxermos, trouxerdes, trouxerem.
Infinitivo *pessoal*: trazer, trazeres, trazer, trazermos, trazerdes, trazerem.
Gerúndio: trazendo.
Particípio: trazido.

---

[5] "Sabei sofrer, merecereis gozar." (Marquês de Maricá)
"Pois sabei que, naquele tempo, estava eu na quarta edição." (Machado de Assis)
"Sabei, moços, que há inferno, e não fica longe; é aqui." (Rubem Braga)

VALER

Indicativo *presente*: valho, vales, vale, valemos, valeis, valem.

Subjuntivo *presente*: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham.

Imperativo afirmativo: vale, valha, valhamos, valei, valham.

Nos outros tempos é regular.

Assim se conjugam *equivaler* e *desvaler*.

VER

Indicativo *presente*: vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem.

Pretérito perfeito: vi, viste, viu, vimos, vistes, viram.

Pretérito mais-que-perfeito: vira, viras, vira, víramos, víreis, viram.

Imperativo afirmativo: vê, veja, vejamos, vede, vejam.

Subjuntivo *presente*: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam.

Pretérito imperfeito: visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem.

Futuro: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.

Gerúndio: vendo.

Particípio: visto.

Como *ver* se conjugam: *antever, entrever, prever, rever*. Observe que no futuro do subjuntivo se diz "se você *vir*", "se eu *vir*", e não "se você *ver*", "se eu *ver*".

3ª CONJUGAÇÃO

ABOLIR

Indicativo *presente*: aboles, abole, abolimos, abolis, abolem.

Imperativo afirmativo: abole, aboli.

Subjuntivo *presente*: não existe.

Defectivo nas formas em que ao *l* do radical se seguiria *a* ou *o*, o que ocorre apenas no presente do indicativo e seus derivados.

Por este verbo se conjugam: *banir, brandir, carpir, colorir, comedir-se, delir, demolir, extorquir, esculpir, haurir, delinquir*, etc.

AGREDIR

Indicativo *presente*: agrido, agrides, agride, agredimos, agredis, agridem.

Subjuntivo *presente*: agrida, agridas, agrida, agridamos, agridais, agridam.

Imperativo afirmativo: agride, agrida, agridamos, agredi, agridam.

Regular nos demais tempos.

Este verbo muda a vogal *e* em *i* nas formas rizotônicas do presente do indicativo e em todas as formas dos seus dois derivados, excetuando-se a 2ª pessoa do plural do imperativo afirmativo (agredi).

São conjugados assim: *progredir, regredir, transgredir, denegrir, prevenir, cerzir*.

CAIR

Indicativo *presente*: caio, cais, cai, caímos, caís, caem.

Subjuntivo *presente*: caia, caias, caia, caiamos, caiais, caiam.

Imperativo afirmativo: cai, caia, caiamos, caí, caiam.

Regular no resto.

Seguem este modelo os verbos terminados em *-air: decair, recair, sair, sobressair, trair, distrair, abstrair, detrair, subtrair*, etc.

COBRIR

Indicativo *presente*: cubro, cobres, cobre, cobrimos, cobris, cobrem.

Subjuntivo *presente*: cubra, cubras, cubra, cubramos, cubrais, cubram.

Imperativo afirmativo: cobre, cubra, cubramos, cobri, cubram.

Particípio: coberto.

Observe: *o* → *u* na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e em todas as pessoas do presente do subjuntivo.

Assim se conjugam: *dormir, engolir, tossir, encobrir, descobrir*. Os três primeiros, porém, têm o particípio regular. *Abrir, entreabrir* e *reabrir* seguem *cobrir*, no particípio: *aberto, entreaberto, reaberto*.

CONDUZIR

Este verbo e todos os terminados em *-uzir* perdem o *e* final na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo: *conduz, induz, reduz, seduz, luz, reluz*, etc.

CONSTRUIR

Indicativo *presente*: construo, constróis, constrói, construímos, construís, constroem.

Imperativo afirmativo: constrói, construa, construamos, construí, construam.

Regular no resto. Não se usam as formas regulares *construi(s), construem*.

Assim se conjugam *destruir, reconstruir* e *estruir* (destruir, desperdiçar).

FALIR

Indicativo *presente*: falimos, falis.

Pretérito imperfeito: falia, falias, falia, falíamos, falíeis, faliam.

Pretérito perfeito: fali, faliste, faliu, etc.

Pretérito mais-que-perfeito: falira, faliras, falira, etc.

Particípio: falido.

Verbo regular defectivo. Usa-se apenas nas formas em que ao *l* se segue *i*.

Modelam-se por *falir*: *aguerrir, empedernir, espavorir, remir*, etc.

FERIR

Indicativo *presente*: firo, feres, fere, ferimos, feris, ferem.

Subjuntivo *presente*: fira, firas, fira, firamos, firais, firam.

Imperativo afirmativo: fere, fira, firamos, feri, firam.

Regular no resto. Note: *e* → *i* na 1ª pessoa do singular do indicativo presente e em todo o presente do subjuntivo.

Seguem a conjugação de *ferir: aderir, advertir, aferir, auferir, compelir, competir, concernir, convergir, deferir, despir, diferir, divergir, discernir, divertir, gerir, digerir, ingerir, sugerir, refletir, vestir, servir, desservir, seguir, repelir, conseguir, perseguir, prosseguir, preterir, inserir, revestir.*

FRIGIR

Indicativo *presente*: frijo, freges, frege, frigimos, frigis, fregem.

Subjuntivo *presente*: frija, frijas, frija, frijamos, frijais, frijam.

Imperativo afirmativo: frege, frija, frijamos, frigi, frijam.

Particípio: frito ou frigido. *Frito* funciona também como adjetivo: peixe *frito*.

Regular no resto. Verbo de pouco uso. Emprega-se, de preferência, o sinônimo *fritar*. Aparece na expressão "no frigir dos ovos" = no fim de tudo.

FUGIR

Indicativo *presente*: fujo, foges, foge, fugimos, fugis, fogem.

Imperativo afirmativo: foge, fuja, fujamos, fugi, fujam.

Subjuntivo *presente*: fuja, fujas, fuja, fujamos, fujais, fujam.

Regular nas demais formas.

Seguem este modelo: *acudir, bulir, cuspir, entupir, escapulir, sacudir, subir*. Não se usam as formas regulares *entupes, entupe, entupem,* do verbo *entupir*, suplantadas pelas irregulares *entopes, entope, entopem*.

IR

Indicativo *presente*: vou, vais, vai, vamos, ides, vão.

Pretérito imperfeito: ia, ias, ia, íamos, íeis, iam.

Pretérito perfeito: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.

Pretérito mais-que-perfeito: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.

Futuro do presente: irei, irás, irá, iremos, ireis, irão.

Futuro do pretérito: iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam.

Imperativo afirmativo: vai, vá, vamos, ide, vão.

Imperativo negativo: não vás, não vá, não vamos, não vades, não vão.

Subjuntivo *presente*: vá, vás, vá, vamos, vades, vão.

Pretérito imperfeito: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.

Futuro: for, fores, for, formos, fordes, forem.

Infinitivo *pessoal*: ir, ires, ir, irmos, irdes, irem.

Gerúndio: indo.
Particípio: ido.

MENTIR

Indicativo *presente*: minto, mentes, mente, mentimos, mentis, mentem.
Subjuntivo *presente*: minta, mintas, minta, mintamos, mintais, mintam.
Imperativo afirmativo: mente, minta, mintamos, menti, mintam.

Regular no resto da conjugação. Como no verbo *ferir*, a vogal *e* muda em *i* na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e em todas as do presente do subjuntivo, mas, por ser nasal, conserva o timbre fechado na 2ª e 3ª pessoas do singular e 3ª do plural do presente do indicativo.

Seguem este modelo: *desmentir, sentir, consentir, ressentir, pressentir.*

OUVIR

Indicativo *presente*: ouço, ouves, ouve, ouvimos, ouvis, ouvem.
Imperativo afirmativo: ouve, ouça, ouçamos, ouvi, ouçam.
Subjuntivo *presente*: ouça, ouças, ouça, ouçamos, ouçais, ouçam.
Imperativo negativo: não ouças, não ouça, não ouçamos, não ouçais, não ouçam.
Gerúndio: ouvindo.
Particípio: ouvido.

Regular nos demais tempos.

PEDIR

Indicativo *presente*: peço, pedes, pede, pedimos, pedis, pedem.
Subjuntivo *presente*: peça, peças, peça, peçamos, peçais, peçam.
Imperativo afirmativo: pede, peça, peçamos, pedi, peçam.
Imperativo negativo: não peças, não peça, não peçamos, não peçais, não peçam.

Regular nas outras formas.

Conjugam-se assim: *despedir, expedir, impedir, desimpedir* e *medir.*

POLIR

Indicativo *presente*: pulo, pules, pule, polimos, polis, pulem.
Subjuntivo *presente*: pula, pulas, pula, pulamos, pulais, pulam.
Imperativo afirmativo: pule, pula, pulamos, poli, pulam.

Irregular nas formas rizotônicas, nas quais o *o* do radical muda em *u*. Segue a conjugação do verbo *sortir*.

REMIR

Verbo regular, mas só tem as formas em que ao *m* segue a vogal *i*.

As formas que lhe faltam são supridas com as do verbo sinônimo *redimir*, que é regular e tem a conjugação completa: ***redimo, redimes, redime***, *remimos, remis,* ***redimem***.

Conjugam-se como *falir*.

POSSUIR

Indicativo *presente*: possuo, possuis, possui, possuímos, possuís, possuem.

Pretérito imperfeito: possuía, possuías, possuía, etc.

Pretérito perfeito: possuí, possuíste, possuiu, possuímos, possuístes, possuíram.

Pretérito mais-que-perfeito: possuíra, possuíras, possuíra, etc.

Subjuntivo *presente*: possua, possuas, possua, possuamos, possuais, possuam.

Imperativo afirmativo: possui, possua, possuamos, possuí, possuam.

Verbo regular, apresentando a particularidade gráfica *-ui*, e não *-ue*, na 2ª e 3ª pessoas do singular do presente do indicativo, por haver ditongo decrescente.

Por este se conjugam todos os verbos em *-uir* (*destituir, concluir, influir, anuir, arguir, fruir, obstruir, instruir, restituir*, etc.), exceto *construir, reconstruir* e *destruir*, irregulares no indicativo presente. Alguns, como *puir, ruir*, etc., são defectivos nas pessoas em que o *u* é seguido de *o* ou *a*.

Quanto ao verbo *arguir*, o *u* recebe acento gráfico quando tônico e seguido de *i* ou *e*: arguo, *argúis, argúi, arguímos, arguís, argúem*; arg*uí*, arg*uí*ste, arg*uí*u, arg*uí*mos, ag*uí*stes, arg*uí*ram, etc. Contrariamente ao que preceitua o novo sistema ortográfico, entendemos que se devem acentuar os grupos *gui, gue* desse verbo quando as vogais *i* e *u* são tônicas, a fim de afastar pronúncias errôneas. *Argui*, sem acento, por exemplo, pode ser pronunciado como *segui*.

RIR

Indicativo *presente*: rio, ris, ri, rimos, rides, riem.

Pretérito imperfeito: ria, rias, ria, ríamos, ríeis, riam.

Pretérito perfeito: ri, riste, riu, rimos, ristes, riram.

Imperativo afirmativo: ri, ria, riamos, ride, riam.

Subjuntivo *presente*: ria, rias, ria, riamos, riais, riam.

Imperfeito: risse, risses, risse, ríssemos, rísseis, rissem.

Particípio: rido.

Como *rir* se conjuga o derivado *sorrir*.

SORTIR

Indicativo *presente*: surto, surtes, surte, sortimos, sortis, surtem.

Subjuntivo *presente*: surta, surtas, surta, surtamos, surtais, surtam.

Imperativo afirmativo: surte, surta, surtamos, sorti, surtam.

Irregular nas formas rizotônicas, nas quais a vogal *o* muda em *u*.

Segue esta conjugação o verbo *polir*.

Sortir significa *abastecer, fazer sortimento, combinar*. Não confundir com *surtir* (= ter como resultado, alcançar efeito, originar), que só tem as terceiras pessoas: o plano *surtiu* efeito; as negociações não *surtiram* efeito.

SUMIR

Indicativo *presente*: sumo, somes, some, sumimos, sumis, somem.

Subjuntivo *presente*: suma, sumas, suma, sumamos, sumais, sumam.

Imperativo afirmativo: some, suma, sumamos, sumi, sumam.

Regular no resto da conjugação.

Assim também *consumir*: *consumo, consomes, consome, consumimos, consumis, consomem. Assumir, reassumir, resumir* e *presumir* são regulares: *assumo, assumes, assume, assumimos, assumis, assumem*, etc.

SUBMERGIR

Indicativo *presente*: submerjo (ê), submerges, submerge, submergimos, submergis, submergem.

Subjuntivo *presente*: submerja (ê), submerjas, submerja, etc.

Particípio: submergido e submerso (mais usado como adjetivo: *corpo submerso*).

Seguem esse modelo *emergir, imergir* e *aspergir*. Este último, porém, pode ser conjugado como *ferir* (*aspirjo, asperges, asperge*, etc.; *aspirja, aspirjas, aspirja*, etc.), observando-se que as formas com *i* tônico praticamente não se usam.

VIR

Indicativo *presente*: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm.

Pretérito imperfeito: vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham.

Pretérito perfeito: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.

Pretérito mais-que-perfeito: viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram.

Futuro do presente: virei, virás, virá, viremos, vireis, virão.

Futuro do pretérito: viria, virias, viria, viríamos, viríeis, viriam.

Imperativo afirmativo: vem, venha, venhamos, vinde, venham.

Subjuntivo *presente*: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham.

Pretérito imperfeito: viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem.

Futuro: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.

Infinitivo *pessoal*: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.

Gerúndio: vindo.

Particípio: vindo.

Por este se conjugam *advir, convir, intervir, provir, sobrevir, avir-se, desavir-se* (= desentender-se).

Desavindo, além de particípio, é adjetivo: Eram casais *desavindos*. Os vereadores estavam *desavindos* com o prefeito.

23 VERBOS DEFECTIVOS

Verbos defectivos são os que não possuem a conjugação completa, por não serem usados em certos modos, tempos ou pessoas.

A defectividade verbal verifica-se principalmente em formas que, por serem antieufônicas (exemplo: *abolir*, 1ª pessoa do singular do indicativo presente) ou homofônicas (exemplos: *soer*

e *falir*, 1ª pessoa do singular do indicativo presente), não foram vivificadas pelo uso. Há, porém, casos de verbos defectivos que não se explicam por nenhuma razão de ordem fonética, mas pelo simples desuso.

Ocorre maior incidência de defectividade verbal na 3ª conjugação e em formas rizotônicas.

Os verbos defectivos podem ser distribuídos em quatro grupos:

1º) Os que não têm as formas em que ao radical se seguem *a* ou *o*, o que ocorre apenas no presente do indicativo e do subjuntivo e no imperativo. O verbo *abolir* serve de exemplo.

INDICATIVO PRESENTE	SUBJUNTIVO PRESENTE	IMPERATIVO	
		AFIRMATIVO	NEGATIVO
—	—		
aboles	—	abole	—
abole	—	—	—
abolimos	—	—	—
abolis	—	aboli	—
abolem	—	—	—

Pertencem a este grupo, entre outros: *aturdir, brandir, carpir, colorir, delir, demolir, exaurir, explodir, fremir, haurir, delinquir, extorquir, puir, ruir, retorquir, latir, urgir, tinir, pascer.*

Observação:

✔ Em escritores modernos aparecem, no entanto, alguns desses verbos na 1ª pessoa do presente do indicativo, como *explodo, lato*, etc.: "Daqui vocês não me tiram – respondeu-lhes a bomba. O primeiro que me tocar, eu *explodo*." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

2º) Os que só se usam nas formas em que ao radical segue *i*, ou seja, nas formas arrizotônicas. A defectividade destes verbos, como nos do primeiro grupo, só se verifica no presente do indicativo e do subjuntivo e no imperativo.

Sirva de exemplo o verbo *falir*:

INDICATIVO PRESENTE	SUBJUNTIVO PRESENTE	IMPERATIVO	
		AFIRMATIVO	NEGATIVO
—	—		
—	—	—	—
—	—	—	—
falimos	—	—	—
falis	—	fali	—
—	—	—	—

Seguem este paradigma: *aguerrir, embair, empedernir, remir, transir*, etc. Pertencem também a este grupo os verbos *adequar* e *precaver-se*, pois só possuem as formas arrizotônicas.

3º) Verbos que, pela sua significação, não podem ter imperativo (*acontecer, poder* e *caber*) ou que, por exprimirem ação recíproca (*entrechocar-se, entreolhar-se*), se usam exclusivamente nas três pessoas do plural.

4º) Os três seguintes, já estudados, que apresentam particularidades especiais: *reaver, prazer* e *soer*.

Observação:

✔ Verbos que exprimem fenômenos meteorológicos, como *chover, ventar, trovejar*, etc., a rigor não são defectivos, uma vez que, em sentido figurado, podem ser usados em todas as pessoas.

As formas inexistentes dos verbos defectivos suprem-se:

a) com as de um verbo sinônimo: eu *recupero*, tu *recuperas*, etc. (para *reaver*); eu *redimo*, tu *redimes*, ele *redime*, eles *redimem* (para *remir*); eu *me previno* ou *me acautelo*, etc. (*para precaver*);

b) com construções perifrásticas: *estou demolindo, estou colorindo, vou à falência*; embora o cachorro *comece a latir*, etc.

24 VERBOS ABUNDANTES

Verbos abundantes são os que apresentam duas ou mais formas em certos tempos, modos ou pessoas: *comprazi-me* e *comprouve-me, apiedo-me* e *apiado-me* (forma arcaica), *elegido* e *eleito*.

Essas variantes verbais são mais frequentes no particípio, havendo numerosos verbos, geralmente transitivos, que, ao lado do particípio regular em *-ado*, ou *-ido*, possuem outro, irregular, as mais das vezes proveniente do particípio latino.

Eis alguns desses verbos seguidos de seus particípios:

absolver _____	*absolvido, absolto*	imprimir_____	*imprimido, impresso*
aceitar _____	*aceitado, aceito*	incorrer _____	*incorrido, incurso*
acender _____	*acendido, aceso*	incluir _____	*incluído, incluso*
anexar _____	*anexado, anexo*	inserir _____	*inserido, inserto*
assentar _____	*assentado, assente*	isentar _____	*isentado, isento*
benzer _____	*benzido, bento*	limpar _____	*limpado, limpo*
contundir _____	*contundido, contuso*	matar _____	*matado, morto*
despertar _____	*despertado, desperto*	morrer _____	*morrido, morto*
dispersar _____	*dispersado, disperso*	nascer _____	*nascido, nato*
entregar _____	*entregado, entregue*	pagar _____	*pagado, pago*
eleger _____	*elegido, eleito*	pegar _____	*pegado, pego* (ê)
erigir _____	*erigido, ereto*	prender _____	*prendido, preso*
expelir _____	*expelido, expulso*	romper _____	*rompido, roto*

expulsar _____	*expulsado, expulso*	sepultar _____	*sepultado, sepulto*
expressar _____	*expressado, expresso*	submergir _____	*submergido, submerso*
exprimir _____	*exprimido, expresso*	suprimir _____	*suprimido, supresso*
extinguir _____	*extinguido, extinto*	surpreender _____	*surpreendido, surpreso*
frigir _____	*frigido, frito*	soltar _____	*soltado, solto*
ganhar _____	*ganhado, ganho*	suspender _____	*suspendido, suspenso*
gastar _____	*gastado, gasto*	tingir _____	*tingido, tinto*

As formas participiais regulares usam-se, em regra, com os auxiliares *ter* e *haver*, na voz ativa, e as irregulares com os auxiliares *ser* e *estar*, na voz passiva:

"Foi temeridade *haver aceitado* o convite." (CIRO DOS ANJOS)
O convite *foi aceito* pelo professor.
O caçador *tinha soltado* os cães.
Os cães não *seriam soltos* pelo caçador.
O pescador *teria salvado* o náufrago.
O náufrago *estaria* (ou *seria*) *salvo*.
"Por que *tinha* ele *suspendido* a leitura?" (GRACILIANO RAMOS)
A leitura *estava* (ou *fora*) *suspensa*.

Essa regra, no entanto, não é seguida rigorosamente, havendo numerosas formas irregulares que se usam tanto na voz ativa como na passiva, e algumas formas regulares também empregadas na voz passiva. Exemplos:

voz ativa	**voz passiva**
Tinha *aceitado* ou *aceito* o convite.	O convite foi *aceito*.
Tinha *acendido* ou *aceso* as velas.	As velas eram *acesas* ou *acendidas*.
Tinha *elegido* ou *eleito* os candidatos.	Os candidatos são ou estão *eleitos*.
A nuvem tinha-os *envolvido* ou *envolto*.	Foram *envoltos* ou *envolvidos* pela nuvem.
Tinha *entregado* ou *entregue* a carta.	As cartas eram *entregues*.
Tinha-os *expulsado* ou *expulso*.	Foram *expulsos* da sala.
Tinha *ganho* ou *ganhado* o prêmio.	O prêmio foi ou estava *ganho*.
Tinha *gastado* ou *gasto* o dinheiro.	Foi *gasto* muito dinheiro.
Tinha *imprimido* ou *impresso* a obra.	Foi *impressa* a obra. Foi *imprimida* grande velocidade ao carro[6].
Tinha *inserido* ou *inserto* dois artigos no projeto de lei.	Foram *inseridos* ou *insertos* dois artigos no projeto de lei.
Teria *matado* ou *morto* o agressor.	O agressor teria sido *morto*.
Tê-lo-iam *pegado* ou *pego* de surpresa.	O ladrão foi *pego* pela polícia.
Terá *pago* a dívida?	A dívida foi *paga*?
Tinha *salvado* ou *salvo* muitas vidas.	A vida foi ou estava *salva*.
Tinham *extinguido* ou *extinto* o incêndio.	O incêndio foi *extinto*.

[6] "... orientação imprimida por ele." (J. GERALDO VIEIRA, *A 40ª Porta*, p. 56)

As formas irregulares, sem dúvida por serem mais breves, gozam de franca preferência, na língua atual, e algumas tanto se impuseram que acabaram por suplantar as concorrentes. É o caso de *ganho* e *pago*, que vêm tornando obsoletos os particípios regulares *ganhado* e *pagado*. Assim também se explica a forma *pasmo* (particípio irregular de *pasmar*), empregado como adjetivo, em vez de *pasmado*, e de largo uso na língua falada e escrita.

Os exemplos seguintes comprovam a preferência dos autores pelos particípios irregulares:

"Podia ter *salvo* a rapariga." (ÉRICO VERÍSSIMO)

"Anda, abraça Brígida. É quem tem *salvo* teu pai." (J. GERALDO VIEIRA)

"Um dos rapazes que o havia *salvo* era um latagão simpático." (ANTÔNIO CALLADO)

"Meu pai ganhou uma medalha de ouro por haver *salvo* duas criancinhas num incêndio de um mocambo no Recife." (AUSTREGÉSILO DE ATAÍDE)

"Tudo que é meu eu lhe dei sem você haver *aceito*." (STELLA LEONARDOS)

"Bastava levar água *benta* por ele e o efeito seria o mesmo." (OTTO LARA RESENDE)

"Proibiu-se que estes metais fossem *limpos*." (RAMALHO ORTIGÃO)

"... tinha-a *limpo* com uma lixa." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"Dias depois, vi chegar um rapazinho *seguro* por dois homens." (GRACILIANO RAMOS)

"Tinha trabalhado como um mouro, e tinha *ganho* dinheiro!" (EÇA DE QUEIRÓS)

"Mas o que é que eu tenho *ganho* com isso?" (HERBERTO SALES)

"Pelo caminho haviam *gasto* mais do que imaginavam." (JORGE AMADO)

"Tinham-lhe *gasto* o fio em pedra de amolar." (GRACILIANO RAMOS)

"... como se a indiferença os houvesse *gasto*." (FERNANDO NAMORA)

"Os que não houvessem *pago* imposto lá mesmo, teriam que o fazer em Santos, e em dobro." (CASSIANO RICARDO)

"Ele ficou *pasmo*, sem palavra." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

"Podíamos ter *morto* os que vieram hoje." (FERREIRA DE CASTRO)

Com os verbos *estar, ficar* e *andar*, usam-se quase sempre as formas irregulares, com feição de adjetivos e função de predicativos:

Os brinquedos estavam *dispersos* pelo chão.

A raia ficou *presa* à rede elétrica.

Os animais andavam *soltos* pela estrada.

"Só essas árvores estavam *despertas*." (JOSÉ AMÉRICO)

"Estará *sepulto* Churchill." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"O passado amargo há muito estava *sepulto*." (MÍRIA BOTELHO)

Finalmente, advirta-se que vários particípios irregulares, perdida a força verbal, passaram para a categoria de meros adjetivos. Citemos, entre outros: *confuso* (de *confundir*), *correto* (de *corrigir*), *exausto* (de *exaurir*), *insurreto* (de *insurgir-se*), *omisso* (de *omitir*), *submisso* (de *submeter*), *corrupto* (de *corromper*). Exemplos:

homem *corrupto*; frase *correta*; grupos *insurretos*

CONJUGAÇÃO DE UM VERBO COM OS PRONOMES OBLÍQUOS O, A, OS, AS

Indicativo *presente*: faço-o, faze-lo, fá-lo, fazemo-lo, fazei-lo, fazem-no.

Pretérito imperfeito: fazia-o, fazia-lo, fazia-o, fazíamo-lo, fazíei-lo, faziam-no.

Pretérito perfeito: fi-lo, fizeste-o, fê-lo, fizemo-lo, fizeste-lo, fizeram-no.

Pretérito mais-que-perfeito: fizera-o, fizera-lo, fizera-o, fizéramo-lo, fizérei-lo, fizeram-no.

Futuro do presente: fá-lo-ei, fá-lo-ás, fá-lo-á, fá-lo-emos, fá-lo-eis, fá-lo-ão.

Futuro do pretérito: fá-lo-ia, fá-lo-ias, fá-lo-ia, fá-lo-íamos, fá-lo-íeis, fá-lo-iam.

Imperativo afirmativo: faze-o, faça-o, façamo-lo, fazei-o, façam-no.

Imperativo negativo: não o faças, não o faça, não o façamos, não o façais, não o façam.

Subjuntivo *presente*: que o faça, que o faças, que o faça, que o façamos, que o façais, que o façam.

Pretérito imperfeito: se o fizesse, se o fizesses, se o fizesse, se o fizéssemos, se o fizésseis, se o fizessem.

Futuro: se o fizer, se o fizeres, se o fizer, se o fizermos, se o fizerdes, se o fizerem.

Infinitivo *impessoal*: fazê-lo.

Infinitivo pessoal: fazê-lo, fazere-lo, fazê-lo, fazermo-lo, fazerde-lo, fazerem-no.

Gerúndio: fazendo-o.

Tempos compostos: tenho-o feito, tinha-o feito, tê-lo-ei feito, tê-lo-ia feito, que o tenha feito, se o tivesse feito, se o tiver feito, tê-lo feito, tendo-o feito.

Note bem:

a) Quando o verbo termina em vogal oral, ou em ditongo ou tritongo orais, associam-se-lhe os pronomes enclíticos *o, a, os, as*, sem nenhuma alteração:
faço-o, defendei-a, vende-os, deu-as

b) Quando a forma verbal termina em *-r, -s* ou *-z*, desaparecem estas consoantes e os pronomes assumem as formas *lo, la, los, las:*
dar + o --> *dá-lo* fizestes + a --> *fizeste-la* fez + os --> *fê-los*

c) Se o verbo termina por um ditongo nasal (*-am, -em, -ão, -õe*), os pronomes tomam as formas *no, na, nos, nas*:
trazem-no, dão-na, faziam-nos, põe-nas

d) No futuro do indicativo os pronomes não podem ser pospostos ao verbo:
vendê-lo-ei (ou *eu o venderei*) e nunca: *venderei-o*
vendê-la-ia (ou *eu a venderia*) e nunca: *venderia-a*

e) Nos tempos do subjuntivo os pronomes átonos são, em geral, antepostos.

f) Ao particípio não se associam os pronomes átonos.

Observação:

✔ Na prática, associações como *fi-lo, qui-lo, fá-lo-ão*, etc. devem ser evitadas, por serem malsoantes e de mau gosto. Nesses casos, deve-se antepor o pronome oblíquo ao verbo: eu *o fiz* calar; ele *os quis* enganar; eles *a farão* feliz; nós *as fazíamos* rir; etc.

25 PRONÚNCIA CORRETA DE ALGUNS VERBOS

- Nos verbos cujo radical termina em *-ei, -eu, -oi, -ou*, seguidos de consoante, é fechada a vogal-base desses ditongos:

  a) Pronuncie *ei* (como na palavra *lei*):
  al**ei**jo, al**ei**jas, al**ei**ja, al**ei**jam, al**ei**je, al**ei**jem;
  ab**ei**ro-me, ab**ei**ra-se, ab**ei**ram-se, ab**ei**re-se, ab**ei**ra-te;
  enf**ei**xo, enf**ei**xas, enf**ei**xa, enf**ei**xe, enf**ei**xam, enf**ei**xem, enf**ei**xes;
  int**ei**ro, int**ei**ras, int**ei**ra, int**ei**ram, int**ei**re, int**ei**res, int**ei**rem.

  b) Pronuncie *eu* (como na palavra *deu*):
  end**eu**so, end**eu**sas, end**eu**sa, end**eu**sam, end**eu**se, end**eu**ses, end**eu**sem.

  c) Pronuncie *oi* (como na palavra *boi*):
  aç**oi**to, aç**oi**tas, aç**oi**ta, aç**oi**tam, aç**oi**te, aç**oi**tes, aç**oi**tem;
  f**oi**ço, f**oi**ças, f**oi**ça, f**oi**çam, f**oi**ce, f**oi**ces, f**oi**cem;
  desm**oi**to, desm**oi**tas, desm**oi**ta, desm**oi**tam, desm**oi**te, desm**oi**tes, desm**oi**tem;
  n**oi**vo, n**oi**vas, n**oi**va, n**oi**vam, n**oi**ve, n**oi**ves, n**oi**vem.

  d) Pronuncie *ou* (como na palavra *ouro*):
  afr**ou**xo, afr**ou**xas, afr**ou**xa, afr**ou**xam, afr**ou**xe, afr**ou**xes, afr**ou**xem;
  r**ou**bo, r**ou**bas, r**ou**ba, r**ou**bam, r**ou**be, r**ou**bes, r**ou**bem;
  est**ou**ro, est**ou**ras, est**ou**ra, est**ou**ram, est**ou**re, est**ou**res, est**ou**rem.

- Nos verbos terminados em *-ejar* e *-elhar*, como *despejar, almejar, arejar, velejar, pelejar, planejar, espelhar, aparelhar, semelhar, avermelhar*, etc., o *e* tônico profere-se fechado:
  desp**e**jo, desp**e**jas, desp**e**ja, desp**e**jam, desp**e**je, desp**e**jes, desp**e**jem
  esp**e**lho, esp**e**lhas, esp**e**lha, esp**e**lham, esp**e**lhe, esp**e**lhes, esp**e**lhem.

- Verbos como *englobar, desposar, forçar, rogar, mofar, ensopar, escovar, estorvar, enroscar, rosnar, lograr*, etc. têm o *o* aberto nas formas rizotônicas:
  esc**o**vo, esc**o**va, esc**o**ve, desp**o**sa, ens**o**pa, ens**o**pam, etc.

- Na terminação *-oem*, a vogal *o* é fechada nos verbos finalizados em *-oar: voem, magoem, coem, doem* (doar), *soem* (soar), *abençoem, coroem, abotoem*, etc., e aberta nos verbos terminados em *-oer: doem* (doer), *soem* (soer), *moem, roem, corroem*, etc.

- Nas três pessoas do singular e na 3ª do plural do presente do indicativo e do subjuntivo do verbo *saudar*, a vogal *u* forma hiato e não ditongo:
  sa**ú**do (sa-**ú**-do), sa**ú**das, sa**ú**da, sa**ú**dam;
  sa**ú**de (sa-**ú**-de), sa**ú**des, sa**ú**de, sa**ú**dem.

- O *u* do dígrafo *gu* dos verbos *distinguir* e *extinguir* não soa. Pronuncie *gue, gui*, como no verbo *seguir*:
  distin**gue**, distin**guem**, distin**gui**u, extin**gui**u, etc.
  (se**gue**) (se**guem**) (se**guiu**) (se**guiu**)

EXERCÍCIOS

LISTA 28

1. Escreva as frases, substituindo o * pelas formas adequadas do verbo **dar**:

a) As plantas * às aves alimento e abrigo.

b) Quando cheguei, Adriano já * a notícia a meus pais.

c) Precisamos de um livro que nos * a explicação do fenômeno.

d) Deus quis que a roseira * rosas e espinhos.

e) Vós, porém, não * espinhos, dai somente rosas!

f) Vocês, porém, não deem espinhos, * somente rosas.

g) Tu, porém, não * espinhos, dá somente rosas!

2. Nos verbos terminados em *-ear*, intercala-se um *i* nas formas rizotônicas. Copie as sequências que comprovam a regra:

ateamos – passeais – ceávamos

geia – granjeia – hasteiam

recreemos – nomeeis – freei

nomeio – passeias – semeie

3. Dos verbos terminados em *-iar*, somente seis trocam o *i* da terminação por *ei*, nas formas rizotônicas. Suas iniciais, se excluirmos *intermediar*, formam a palavra MÁRIO. Copie somente a sequência que comprova a afirmação.

alia – copia – calunias – presencio – premia – injurie – obviam

odeio – remedeiam – medeia – anseiam – incendeiem

4. Troque as pessoas do plural pelas correspondentes do singular:

Abstivemo-nos de bebida.

Saudai os atletas.

Couberam no porta-malas?

Credes em mim?

Talvez **caibam** aqui.

Quiseram humilhar-me.

Trouxemos comida.

Não **ateeis** fogo ao capinzal.

Não **puderam** vir.

Por mais que **escutemos**, não **ouvimos** nada.

Ceamos com tio Luís.

Quantos alunos os senhores **argúem** na aula de hoje?

Não **obtivemos** resposta.

Pusemos água na fervura.

5. Flexione os verbos nas pessoas pedidas:

nomear – 1ª pessoa pl. pret. perf. indic.

folhear – 3ª pessoa sing. pres. indic.

odiar – 2ª pessoa sing. pres. subj.

ansiar – 3ª pessoa pl. pres. subj.

passear – 1ª pessoa pl. pres. subj.

ver – 1ª pessoa sing. futuro subj.

deter – 3ª pessoa pl. pret. perf. indic.

obter – 1ª pessoa sing. futuro. subj.

caber – 1ª pessoa sing. pres. indic.

crer – 2ª pessoa sing. pret. imperf. subj.

reaver – 1ª pessoa sing. pret. perf. indic.

prever – 3ª pessoa pl. futuro subj.

6. Reproduza o quadro em seu caderno, substituindo os asteriscos pelas formas do imperativo afirmativo e do negativo do verbo **fazer**:

pessoas	**presente do indicativo**	**imperativo afirmativo**	**presente do subjuntivo**	**imperativo negativo**
Tu	fazes (-s) →	****	faças →	não ****
Você	–	****	← faça →	não ****
Nós	–	****	← façamos →	não ****
Vós	fazeis (-s) →	****	façais →	não ****
Vocês	–	****	← façam →	não ****

7. Passe os verbos para o presente do indicativo ou do subjuntivo, conforme a frase, conservando a mesma pessoa:

a) Na haste flexível desabotoou a primeira rosa.
b) Os vícios consumiram-lhe em pouco tempo a saúde e o patrimônio.
c) O coronel reassumiu o comando das tropas.
d) "Requeri minha aposentadoria, não podia mais trabalhar", disse o velho.
e) Que lucros auferiste de tantos esforços?
f) Os comissários proveram ao abastecimento dos navios.
g) O manuscrito jazeu esquecido no fundo de um armário.
h) Quando nos lembrávamos do passado, receávamos o futuro.
i) Muitos se abstiveram de bebidas alcoólicas.
j) Eu cobria o doente para que ele não tossisse.
k) A memória cerziu e reconstituiu os fatos que se distanciaram no passado.
l) A minha proposta não lhe aprouve.
m) Convinha que a viúva mobiliasse logo a casa.
n) Talvez houvesse outro livro que valesse menos e fosse melhor.
o) Talvez houvesse alguma coisa que o impedisse de voltar.
p) Vós sorríeis incrédulos, dizíeis que não proviemos de Deus, mas do macaco.

8. Substitua o * em cada frase pela forma verbal correta:

a) É bom que você se * contra assaltos. (**precavenha – previna**)
b) É bom que eu me *. Essa gente é falsa. (**acautele – precava**)
c) Pedi-lhe que se * contra o perigo dos tóxicos. (**precavisse – precavesse**)
d) Abra os olhos! Acautele-se, * ! (**precavenha-se – cuide-se**)
e) Felizmente, eu * tudo o que perdi. (**reavi – reouve**)
f) Não creio que eles * o prestígio perdido. (**reajam – recuperem**)

9. Substitua o * pelas formas adequadas do imperativo afirmativo do verbo *servir*:

Governante, * o povo e não a ti mesmo.

Governante, * o povo e não a si mesmo.

Governantes, * o povo e não a nós mesmos.

Governantes, * o povo e não a vós mesmos.

Governantes, * o povo e não a si mesmos.

10. Escreva a frase utilizando a sequência que a completa corretamente:

Se o senhor a *** na fábrica, ***-lhe que *** com prudência.

ver – dizei – aja vir – dize – haja

ver – diga – aja vir – diga – aja

11. Conjugue os verbos abaixo no pretérito perfeito do indicativo:

entreter – querer – pôr – transpor – ver – prever – vir – convir

12. Escreva as sentenças, flexionando os verbos em destaque nas formas que o contexto exige:

a) As formigas não desanimam e **reconstruir** o ninho.

b) Os males não se **remediar** lastimando-os.

c) Feliz serás tu se **reaver** o que perdeste.

d) Nenhum descanso teríamos enquanto não **reaver** o talismã.

e) O adulador **soer** ser maldizente.

f) **Prazer** a Deus que tal não aconteça!

g) O inverno, dentro de poucos dias, afastará o sol e **trazer** o frio.

h) Nada o **satisfazer**, enquanto não tivesse certeza do amor de Cláudia.

i) Ela **suster** o bule no ar e perguntou se eu queria café.

j) Se **sobrevir** contratempos, não desanimes.

k) O guarda persegue e **balear** o assaltante.

l) Cultivai as boas maneiras, que elas vos **fazer** simpáticos.

m) Não é justo que (nós) **diminuir** o número de convivas no banquete da vida.

n) Terroristas atacam embaixada e **incendiar** carros de diplomatas.

o) Se você **compor** a melodia, eu farei a letra da canção.

p) Os revolucionários tomaram a cidade e **depor** o presidente.

13. Substitua os asteriscos nas frases pelos verbos em destaque, nas formas indicadas:

a) Nós *** que o rio fosse fundo. (**supor**, pretérito imperf. do indic.)

b) Eu não *** na discussão. (**intervir**, pretérito perf. do indic.)

c) O motorista parou o carro, *** com violência. (**frear**, gerúndio)

d) Sete países do Pacífico *** aos testes nucleares. (**opor-se**, pretérito perf. do indic.)

e) Ele parecia receoso de que alguém o ***. (**contradizer**, pretérito imperf. do subj.)

f) Os dois *** e um *** o outro. (**desavir-se**, pret. perf. do indic. – **descompor**, pret. imperf. do indic.)

g) Até então eu não tinha *** nos debates. (**intervir**, particípio)

h) Cristo *** a destruição de Jerusalém. (**predizer**, pret. mais-que-perf. do indic.)

i) Comprarei as roupas que me ***. (**convir**, futuro subj.)

j) As pesquisas de opinião pública fazem com que certos candidatos *** a sua derrota. (**pressentir**, presente subj.)

k) O Brasil *** o litígio entre os dois países. (**intermediar**, pres. do indic.)

l) Se o senhor se *** desses bens, terá vida mais tranquila. (**desfazer**, futuro do subj.)

14. Troque as formas simples pelas compostas dos mesmos tempos:

a) **Granjeei** a simpatia de todos.

b) **Escrevi** muitas cartas a Jane.

c) Ele me **descrevera** o local.

d) Quem o **descobrira**?

e) Donde **proviera** aquele monstro?

f) João **proveu** ao sustento da família.

15. Escreva no caderno os verbos defectivos:

ler – reaver – soer – precaver – rir – abolir – falir – transir – ouvir

16. Troque as formas destacadas pelas equivalentes dos verbos indicados:

Verifique as causas. (averiguar)

Realizai a obra. (fazer)

Arriscavas a vida? (expor)

Não **aconteceu** nada. (haver)

Olhai as aves do céu. (ver)

Eu **conduzirei** o animal. (trazer)

Pensamos bem nisso. (refletir)

Ele não **interferiu**. (intervir)

Se **interferíssemos**... (intervir)

Eles **providenciam** tudo. (prover)

Donde **originou-se** a vida? (provir)

17. Siga o exemplo, dando as categorias das formas verbais:

valho – 1ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo **valer**

estreie – abster-me-ei – compraz-se – pudemos – predisséseis – podermos – creiamos – bendize – remoo – supúnhamos – suponhamos – dispuser – veem – propus – proponde – prouve – requeira – traríeis – víramos – cirze – induz – dispa – conduze – divirjas – sobressaia – bulas – ide – impeço – rides – ris – sorride – virdes – provim – sobresteve

18. Escreva as frases, substituindo os asteriscos pelas formas adequadas:

infligem – infringem – deferem – diferem – surtiram – sortiram – provêm – proveem

a) As nações frequentemente * os convênios (acordos).

b) Os chefes *-lhes castigos cruéis.

c) Os ministros * nossos requerimentos.

d) As opiniões * .

e) Os comerciantes * seus estabelecimentos.

f) As tentativas não * o efeito almejado.

g) Os frutos * da terra.

h) Os pais * às necessidades da prole.

19. Passe para a 2ª pessoa do plural:

a) Não emprestes o teu nem o alheio, não terás cuidados nem receio.

b) Não lisonjeies nem maldigas, faze o bem, foge do mal e não te arrependerás.

c) Se aspiras à paz definitiva, sorri ao destino que te fere.

d) Ouve, vê e cala, viverás vida folgada.

e) Bane do espírito o fantasma da dúvida e põe tua confiança em Deus.

f) Não desprezes o pobre, vai antes ao seu encontro e alivia-lhe o sofrimento.

g) Não reclames da visita inesperada: recebe-a sempre bem.

20. Conjugue o verbo **precaver-se** no presente do indicativo e no imperativo afirmativo, suprindo com sinônimos as pessoas em que é defectivo.

21. Flexione os verbos abaixo nas pessoas pedidas:

a) **dar**, **doar**, **soar**: 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo

b) **crer**, **ler**, **vir**, **doer**, **soer**, **ter**: 3ª pessoa do plural do presente do indicativo

c) **ver**, **prever**, **vir**, **convir**: 3ª pessoa do singular do futuro do subjuntivo

22. Conjugue os verbos abaixo nos tempos pedidos, com os pronomes átonos pospostos ou intercalados, conforme for o caso:

a) **dizê-lo** – presente do indicativo

b) **conduzi-la** – futuro do presente

c) **enviá-los** – futuro do pretérito

d) **adverti-las** – imperativo afirmativo

23. Escreva as frases seguintes, substituindo os tempos simples pelos compostos correspondentes, colocando corretamente os pronomes oblíquos:

a) O diretor suspendera-os por três dias.

b) Esse dinheiro, ganhá-lo-ias sem trabalho e sacrifício?

c) Se eles o entregassem, nós o aceitaríamos.

d) Esses fugazes prazeres, vós os pagastes bem caro.

e) Os revoltosos imprimi-lo-iam em oficinas gráficas clandestinas. [lo = jornal]

f) O diretor imprimira nova orientação ao jornal.

g) Nunca as acendêramos.

24. Use as formas adequadas do particípio dos verbos indicados:

a) A polícia havia *** o grupo de manifestantes. **(dispersar)**

b) As folhas estavam *** no chão. **(dispersar)**

c) A multidão seria *** a gás lacrimogêneo. **(dispersar)**

d) As chuvas tinham *** o fogo. **(extinguir)**

e) Estava enfim *** o infame cativeiro! **(extinguir)**

f) A raça humana seria *** pelas explosões nucleares. **(extinguir)**

VERBO
Exercícios de exames e concursos
[Página 674]

ADVÉRBIO

1 ADVÉRBIO

Comparemos estes exemplos:

O navio chegou. O navio chegou **ontem**.

A palavra *ontem* acrescentou ao verbo *chegou* uma circunstância de tempo: *ontem* é um advérbio.

Paulo jogou. Paulo jogou **bem**.

A palavra *bem* modificou a ação de Paulo, expressa pelo verbo *jogou: bem*, aqui, é um advérbio.

Paulo jogou bem. Paulo jogou **muito** bem.

A palavra *muito* intensificou o sentido do advérbio *bem*: *muito*, aqui, é um advérbio.

A moça é linda. A moça é **muito** linda.

A palavra *muito* intensificou a qualidade contida no adjetivo *linda: muito*, nesta frase, é um advérbio.

Advérbio *é uma palavra que modifica o sentido do verbo, do adjetivo* e *do próprio advérbio.*

Na oração, o advérbio exerce a função sintática de adjunto adverbial.

A maioria dos advérbios modifica o verbo, ao qual acrescentam uma circunstância. Só os de intensidade é que podem também modificar adjetivos e advérbios.

2 CLASSIFICAÇÃO DOS ADVÉRBIOS

De acordo com as circunstâncias ou a ideia acessória que exprimem, os advérbios se dizem:

- **de afirmação**

  sim, certamente, deveras, incontestavelmente, realmente, efetivamente.

- **de dúvida**

  talvez, quiçá, acaso, porventura, certamente, provavelmente, decerto, certo. Exemplo:

  "**Certo** perdeste o senso!" (Olavo Bilac)

- **de intensidade**

muito, mui, pouco, assaz, bastante, mais, menos, tão, demasiado, meio, todo, completamente, profundamente, demasiadamente, excessivamente, demais, nada, ligeiramente, levemente, que, quão, quanto, bem, mal, quase, apenas, como. Exemplos:

A prova foi **muito** fácil
Isto não é **nada** fácil.
Que bom!
Quanto insisti!
O desenho estava **apenas** esboçado.
Como comem!

- **de lugar**

abaixo, acima, acolá, cá, lá, aqui, ali, aí, além, aquém, algures (= em algum lugar), alhures (= em outro lugar), nenhures (= em nenhum lugar), atrás, fora, afora, dentro, perto, longe, adiante, diante, onde, avante, através, defronte, aonde, donde, detrás.

- **de modo**

bem, mal, assim, depressa, devagar, como, adrede, debalde, alerta, melhor (= mais bem), pior (= mais mal), aliás (de outro modo), calmamente, livremente, propositadamente, selvagemente, e quase todos os advérbios terminados em *-mente*.

- **de negação**

não, tampouco (= também não).

- **de tempo**

agora, hoje, amanhã, depois, ontem, anteontem, já, sempre, amiúde, nunca, jamais, ainda, logo, antes, cedo, tarde, ora, afinal, outrora, então, breve, aqui (= neste momento), nisto, aí (= então, nesse momento), entrementes, brevemente, imediatamente, raramente, finalmente, comumente, presentemente, diariamente, concomitantemente, simultaneamente, etc.

3 ADVÉRBIOS INTERROGATIVOS

São as palavras *onde, aonde, donde, quando, como, por que,* nas interrogações diretas ou indiretas, referentes às circunstâncias de lugar, tempo, modo e causa. Exemplos:

Interrogação direta	Interrogação indireta
Como aprendeu?	Perguntei *como* aprendeu.
Onde mora?	Indaguei *onde* morava.
Por que choras?	Não sei *por que* choras.
Aonde vai?	Perguntei *aonde* ia.
Donde vens?	Pergunto *donde* vens.
Quando voltas?	Pergunto *quando* voltas.

Observação:

✔ Seria mais acertado grafar o advérbio interrogativo *por que* numa só palavra: *Porque* fez isso? Perguntaram *porque* me atrasei.

Os advérbios em *-mente* derivam-se dos adjetivos: à forma feminina (quando houver) dos adjetivos acrescenta-se o sufixo *-mente*. Exemplos:

friamente, esplendidamente, comodamente, ferozmente, etc.

Excetuam-se alguns advérbios derivados de adjetivos em *-ês*, como *portuguesmente, francesmente*, etc. Exemplos:

"Cuido que escrevi clara e *portuguesmente* a minha ideia." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Manuel soa honesto, *portuguesmente* honesto." (MANUEL BANDEIRA)

"O chapéu-coco equilibra-se *inglesmente* na cabeça de cabelos louros e compridos." (LUÍS HENRIQUE TAVARES)

"... uma governanta almoçava *burguesmente*." (ELSIE LESSA)

4 LOCUÇÕES ADVERBIAIS

São expressões que têm a função dos advérbios. Iniciam-se ordinariamente por uma preposição:

às cegas, às claras, à toa, a medo, à pressa, às pressas, a pé, a pique, a fundo, a jusante, a montante, à uma, às escondidas, às tontas, à noite, às vezes, ao acaso, de repente, de chofre, de forma alguma, de cor, de improviso, de propósito, de viva voz, de súbito, de uma assentada, de soslaio, de quando em quando, de vez em quando, em breve, em vão, por miúdo, por atacado, em cima, por fora, por ora, por trás, para trás (olhar *para trás*), de perto, sem dúvida, com certeza, por certo, por um triz, mal e mal, o mais das vezes (ou as mais das vezes), passo a passo, lado a lado, vez por outra, de fome, de medo, de manhãzinha, de alto a baixo, etc.

Exemplos:

O capitão me olhou **de alto a baixo**.

"Chegou **de manhãzinha** a Florianópolis." (*JORNAL DO BRASIL*, 19/10/1991)

Observação:

✔ As locuções adverbiais classificam-se como os advérbios, ou melhor, de acordo com a circunstância que exprimem: de modo, de lugar, de tempo, de causa, etc.

5 GRAUS DOS ADVÉRBIOS

Certos advérbios de modo, tempo, lugar e intensidade são, à semelhança dos adjetivos, suscetíveis de grau, conforme se vê do seguinte esquema:

comparativo de
- **igualdade:** tão longe, tão rapidamente como
- **superioridade**
  - **analítico:** mais longe que, mais rapidamente que...
  - **sintético:** melhor que, pior que...
- **inferioridade:** menos longe que, menos rapidamente que...

superlativo absoluto
- **analítico:** muito longe, muito rapidamente
- **sintético:** longíssimo, rapidissimamente, otimamente

Observação:

✔ Para indicar o limite da possibilidade, dizemos: "o mais cedo possível", "o mais longe que puder", "o mais depressa possível", "o máximo de vezes", etc. Exemplos:

"Jorge despediu-se do médico levando a promessa de que este iria à casa de D. Antônia *o mais cedo que pudesse*." (MACHADO DE ASSIS)

"... dar-me o seu estrídulo tlintlim *o máximo de vezes*." (CIRO DOS ANJOS)

Na linguagem familiar, certos advérbios assumem forma diminutiva, mas com ideia de intensidade, a modo de superlativos: *agorinha, cedinho, pertinho, rentinho, juntinho, devagarinho* (= muito devagar), *depressinha* (= bem depressa), *rapidinho* (= bem rápido).

Frequentemente, empregamos adjetivos com valor de advérbios:

Ele falou **claro** (= claramente).

Ana tinha ido ao cinema, o que **raro** acontecia (= raramente).

Bem **caros** pagarás os teus deleites. [ou: **Bem caro** pagarás os teus deleites.]

"Amadeu não conseguiu dormir **direito**." (AUTRAN DOURADO)

"Foram **direto** ao galpão do engenheiro-chefe." (JOSUÉ GUIMARÃES)

Quando ocorrem dois ou mais advérbios em *-mente*, em geral sufixamos apenas o último:

O aluno respondeu **calma** e **respeitosamente**.

Veja emprego dos advérbios, págs. 571 a 574.

6 PALAVRAS E LOCUÇÕES DENOTATIVAS

De acordo com a Nomenclatura Gramatical Brasileira, serão classificadas à parte certas palavras e locuções – outrora consideradas advérbios – que não se enquadram em nenhuma das dez classes conhecidas. Tais palavras e locuções, chamadas "denotativas", exprimem:

▪ afetividade

felizmente, infelizmente, ainda bem:

Felizmente não me machuquei.

Ainda bem que o orador foi breve!

- **designação ou indicação**

  eis:

  Eis o anel que perdi. *Ei*-lo!

- **exclusão**

  exclusive, menos, exceto, fora, salvo, tirante, senão, sequer:

  Voltaram todos, **menos** (ou *exceto, salvo, fora*) André.

  Não me descontou **sequer** um real.

  Ninguém, **senão** Deus, poderia salvá-lo.

- **inclusão**

  inclusive, também, mesmo, ainda, até, ademais, além disso, de mais a mais:

  Eu **também** vou.

  Levou-me para sua casa e **ainda** me deu roupa e dinheiro.

  Aqui falta tudo, **até** água.

- **limitação**

  só, apenas, somente, unicamente:

  Só Deus é perfeito.

  Apenas um aluno teve nota boa.

- **realce**

  cá, lá, só, é que, sobretudo, mesmo, embora:

  Eu **cá** me arranjo!

  Você **é que** não se mexe!

  É isso **mesmo**!

  Veja **só**!

  Vá **embora**!

  Eu sei **lá** o que ele pretende?

- **retificação**

  aliás, ou melhor, isto é, ou antes:

  Venha ao meio-dia, **ou melhor**, venha já.

  Aquele casal era japonês, **aliás**, descendente de japoneses.

  "Finda a saudação cortês, o cavalo calou-se, **isto é**, recolheu o movimento do rabo."
  (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

- **explanação**

  isto é, a saber, por exemplo:

  Os elementos do mundo físico são quatro, **a saber**: terra, fogo, água e ar.

- **situação**

afinal, agora, então, mas:

Afinal, quem tem razão?

Posso mostrar-lhes o sítio; **agora**, vender eu não vendo.

Então, que achou do filme?

Mas você fez isso, meu filho?

Observação:

✔ Na análise dir-se-á: palavra ou locução denotativa de exclusão, de inclusão, de realce, etc.

EXERCÍCIOS LISTA 29

1. Copie as frases. Em seguida, sublinhe e classifique os advérbios:

a) Fiz tudo muito calmamente: devagar se chega mais depressa.

b) As ilusões andam sempre na frente e as desilusões atrás.

c) Teu irmão partiu ontem, meio triste. Talvez não o vejas aqui tão cedo.

d) Uns comem pouco, outros comem demais.

e) Amiúde vemos pessoas que falam bem e agem mal.

f) A casa era muito velha, o telhado já meio torto, o assoalho todo esburacado.

g) Como se faz para obter água bem limpa?

h) "O homem pasmava dos nomes daqueles objetos, nenhum dos quais soava portuguesmente." (Camilo Castelo Branco)

i) "Sentiu-se extraordinariamente forte." (Lígia Fagundes Telles)

j) A cidade hoje é bem diferente do que foi outrora.

2. Localize e classifique os advérbios e as locuções verbais das frases abaixo:

a) Sino que assim badalas, não falas à toa!

b) É o que se murmura por aí, à boca pequena.

c) "O Brasil então medrava a olhos vistos. (Carlos de Laet)

d) Realmente, há pessoas que são como os vitrais de igrejas: feias por fora, bonitas por dentro.

e) De vez em quando falavam baixo, trocando segredos à socapa.

f) "Fugiam em carreira pelo vale afora." (Aníbal Machado)

g) Onde ele se demorava mais era na agência do correio, com certeza, para vigiar a abertura das malas.

h) A linha reta nem sempre é o caminho mais curto entre dois pontos.

i) Num átimo, cessou de todo o ruído das vozes e ele entrou a falar à vontade, calma e decididamente.

j) À noite, as águas arrombam a represa: a jusante, o povo foge em massa, mal agasalhado.

3. Substitua as locuções destacadas pelos advérbios correspondentes:

a) A máquina trabalha **sem interrupção**.

b) A patroa repreendeu **com aspereza** a empregada.

c) Agistes **sem flexão** e **com precipitação**.

d) O crime foi praticado **com frieza** e **premeditação**.

e) Depois que liquidou as dívidas, foi consolidando **pouco a pouco** sua situação econômica.

f) O artista toca e canta **ao mesmo tempo**.

g) Percebia-se no olhar vago e distante do proscrito que sua alma estava **em outro lugar**.

h) Não sei onde, mas já sucedeu **em algum lugar** um caso assim.

i) É preciso que o homem e a natureza convivam **em paz**.

j) Joel abriu **com displicência** o livro e leu um trecho.

4. Informe se as palavras **melhor** e **pior** são comparativos de **bem** e **mal** ou de **bom** e **mau**:

a) Se bem o disse, melhor o fez.

b) O vício é pior que a pobreza.

c) O sábio nem sempre é melhor que o iletrado.

d) Estes agiram pior do que aqueles.

e) Uns melhor, outros pior, todos desempenharam satisfatoriamente os seus papéis.

5. Informe o grau dos advérbios destacados:

a) Ri **melhor** quem ri por último, disse-lhe **muito calmamente**.

b) Ele agiu **corretissimamente**.

c) Hei de chegar **mais longe** do que ele.

d) Vive-se **tão bem** aqui como lá.

e) "Deveria ser **muitíssimo longe**." (Machado de Assis)

f) Você saiu-se **menos mal** do que esperávamos.

g) "...pugnando **nobilissimamente** pela liberdade dos índios." (Carlos de Laet)

h) Levanto-me **cedinho** e apronto-me **bem depressa**.

i) "Tinha impressão de que Zito estava dirigindo o país **direitinho**." (Aníbal Machado)

6. Escreva as frases abaixo trocando os asteriscos por advérbios derivados das palavras entre parênteses:

a) Fomos recebidos *** .(**calor**)

b) O prédio desabou *** . (**fragor**)

c) O juiz o condenou *** . (**inexorável**)

d) Você respondeu *** . (**acerto**)

e) Alguns erravam *** . (**propósito**)

f) Ele a humilhou *** . (**acinte**)

g) Certos remédios agem ***, mas *** . (**lento – eficaz**)

7. Dê a classe gramatical das palavras destacadas:

a) **Mais** vale **muito** saber que **muito** ouro.

b) "Creiam-me, o **menos mau** é recordar." (MACHADO DE ASSIS)

c) Há coisas **muito** caras e **pouco** úteis.

d) Arranjou um **meio** de vida que lhe garantisse **mais** conforto.

e) Ficou **meio** tonto com o **meio** copo de vinho: não bebeu **demais**.

f) É **mau** costume andar **mal** vestido.

8. Copie somente a frase em que há uma expressão denotativa de retificação:

a) Os mais espertos **é que** saíram lucrando.

b) Lerei o livro todo, **ou melhor**, as passagens que me agradarem.

c) O Sol, **isto é**, a mais próxima das estrelas, comanda a vida terrestre.

d) Na sala não havia **sequer** uma cadeira.

9. Escreva as frases substituindo *** por **mal** ou **mau**. Em seguida, classifique essas duas palavras em **substantivo**, **adjetivo** ou **advérbio**:

a) Esta frase soa *** .

b) Esse *** tem cura?

c) Fiz um *** negócio.

d) Fui *** informado.

e) Ele agiu *** .

f) Teve um *** sonho.

10. Leia o texto abaixo observando os advérbios e as locuções adverbiais.

LEITURA

Eclipse lunar

Pois ali está, no meio da noite, a Lua. É mesmo um lago de prata, com vagas sombras cinzentas – sombras de árvores, de barcos, de aves aquáticas... O céu está muito límpido, e é puro o brilho das estrelas. Mas em breve se produzirá o eclipse.

E, então, pouco a pouco, o luminoso contorno vai sendo perturbado pela escuridão. A Terra, esta nossa misteriosa morada, vai projetando sua forma naquele redondo espelho. Muito lentamente sobe a mancha negra sobre aquela cintilante claridade. É mesmo um dragão de trevas que vai calmamente bebendo aquela água tão clara; devorando, pétala por pétala, aquela flor tranquila.

E o globo da Lua, num dado momento, parece roxo, sanguíneo, como um vaso de sangue. Que singular metamorfose, e que triste símbolo! Ali vemos a Terra, melancolicamente reproduzida na apagada limpidez da Lua. Ali estamos, com estas lutas, estes males, ambições, cóleras, sangue. Ali estamos projetados! E poderíamos pensar, um momento, na sombra amarga que somos. Sombra imensa. Mancha sanguínea. (Por que insistimos em ser assim?)

Ah! – mas o eclipse passa. Recupera-se a Lua, mais brilhante do que nunca. Parece até purificada.

(Brilharemos um dia também com o maior brilho? Perderemos para sempre este peso de treva?)

(CECÍLIA MEIRELES, *Escolha o Seu Sonho*, Record, Rio de Janeiro, 1996)

11. Acrescente advérbios ou expressões adverbiais às frases, de acordo com as circunstâncias indicadas:

a) Os estudantes encontraram forte resistência. (**negação**, **lugar**)

b) O secretário entrou no plenário. (**tempo**, **modo**)

c) Você foi indelicado. (**tempo**, **intensidade**)

d) A festa acabava. (**lugar**, **tempo**, **modo**)

e) As crianças estarão sonolentas depois do jantar. (**afirmação**, **intensidade**, **tempo**)

12. Escreva as frases fazendo as correções necessárias:

a) Sentia-me cansado fisicamente e moralmente.

b) Chegou tarde porque mora longíssimo.

c) As garotas estão menas agitadas agora.

d) Minha mãe está meia cansada de tanto trabalhar.

13. "Sua filha está muito bem agasalhada."

Se na frase acima você retirar o advérbio **bem**, o sentido continua o mesmo? Explique.

14. Escreva as frases abaixo, substituindo o termo destacado pelo que está entre parênteses. Faça as adaptações necessárias.

a) Esperei muito *tempo* por você. (**horas**)

b) *Ele* falava muito alto. (**todas**)

c) *Ivan* estava muito triste. (**Alguns**)

d) *Cássio* estava muito cansado. (**Os turistas**)

e) Quando menor, *eu* brinquei muito com seu irmão. (**nós**)

f) O amigo já lhe deu muito *conselho* sensato. (**conselhos**)

15. Em quais das frases do exercício anterior a palavra **muito** não é advérbio? Justifique a sua resposta.

16. Transforme os adjetivos em advérbios, utilizando o sufixo **-mente**. Depois, anote a que conclusão chegou sobre a maneira de obter essa transformação.

fácil, caridoso, firme, leve, esperançoso, calmo, inteiro, grave, ágil, penoso, claro, manso.

ADVÉRBIO
Exercícios de exames e concursos
[Página 676]

PREPOSIÇÃO

Veja estes exemplos:

A motocicleta **de** Cláudio era nova.

Trabalhemos **com** alegria.

Isabel mora **em** Niterói.

1 PREPOSIÇÃO

As palavras **de**, **com** e **em** estão ligando termos dependentes (Cláudio, alegria e Niterói) a termos principais (motocicleta, trabalhemos e mora): são *preposições*.

A preposição liga um termo dependente a um termo principal ou subordinante, estabelecendo entre ambos relações de posse, modo, lugar, causa, fim, etc.

Nos exemplos acima, as preposições *de, com* e *em* estabelecem relações de posse, modo e lugar, respectivamente.

Preposição *é uma palavra invariável que liga um termo dependente a um termo principal, estabelecendo uma relação entre ambos.*

Observe mais estes exemplos:

termo subordinante	preposição	termo dependente
Recorremos	a	Jerônimo.
Choravam	de	alegria.
Olhei	para	ele.
Esperamos	por	você.
A luta	contra	o mal.

O termo dependente pode ser uma oração:

"Aconselhou-me *a não o ler*." (Graciliano Ramos)

"Estava convencido *de que um dia lhe dariam razão*." (Herberto Sales)

Em síntese:

a) As preposições são conectivos subordinativos.

b) Antepõem-se a termos dependentes (objetos indiretos, complementos nominais, adjuntos, etc.) e a orações subordinadas.

c) Estabelecem entre os termos as mais diversas relações.

Dividem-se as preposições em *essenciais* (as que sempre foram preposições) e *acidentais* (palavras de outras classes gramaticais que acidentalmente funcionam como preposições).

▪ Preposições essenciais

a, ante, após, até, com, contra, de, desde (dês), em, entre, para, perante, por (per), sem, sob, sobre, trás.

"Ela ainda se agarrava **a** fantasias." (GRACILIANO RAMOS)

"Prostradas **ante** o meu retrato, minhas irmãs rezavam." (ANÍBAL MACHADO)

"Fumava cigarro **após** cigarro." (JOSÉ FONSECA FERNANDES)

"**Dês** pequeno que sou ativo e ladino." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

"E calculas tu quanto seria cômico estar **entre** ti e ela..." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Fora intimado **a** comparecer **perante** o juiz, **para** ser interrogado." (ANÍBAL MACHADO)

Os carros passavam **sob** um arco **de** triunfo erguido **sobre** a ponte.

Chegamos **até** um porto, remando **contra** a maré.

Observações:

✔ A preposição *após*, acidentalmente, pode ser advérbio, com a significação de *atrás*, *depois*: Terminou a festa à meia-noite e as visitas saíram logo *após*.

✔ *Dês* é o mesmo que *desde* e ocorre com pouca frequência em autores modernos:

"... *dês* que surgiste em minha estrada, abandonei formas banais." (RONALD DE CARVALHO)

"... *dês* que ele era menino." (JOSÉ CONDÉ)

✔ *Per* usa-se na locução adverbial *de per si* (= isoladamente, por sua vez): "No último instante, cada um, *de per si*, conseguiria libertar-se". (FERNANDO NAMORA)

✔ *Trás*, modernamente, só se usa em locuções adverbiais e prepositivas: *por trás*, *para trás*, *por trás de*. Como preposição, aparece, por exemplo, no antigo ditado: *Trás* mim virá quem bom me fará.

✔ *Para*, na fala popular, apresenta a forma sincopada *pra*: "Traz aqui um cafezinho *pra* gente!" (LUÍS JARDIM)

✔ *Até*, como vimos, pode ser palavra denotativa de inclusão: Os ladrões roubaram-lhe *até* a roupa do corpo.

✔ As preposições essenciais exigem as formas oblíquas *mim*, *ti* e *si* dos pronomes pessoais: Recorreu *a mim*. Preciso *de ti*. Só pensam *em si*.

▪ Preposições acidentais

conforme (= de acordo com), *consoante*, *segundo*, *durante*, *mediante*, *visto* (= devido a, por causa de), *como*, etc. Exemplos:

Vestimo-nos **conforme** a moda e o tempo.

Os heróis tiveram **como** prêmio uma coroa de louros.

"A prudência o mandava viver em Lisboa **consoante** os costumes de Lisboa, e na província, *segundo* o seu gênio e hábitos aldeãos." (CAMILO CASTELO BRANCO)

Mediante manobras mesquinhas, o escrivão conseguira prestígio.

Vovô dormiu **durante** a viagem.

A vida hoje torna-se difícil, **visto** a sua estonteante complexidade.

2 LOCUÇÕES PREPOSITIVAS

São expressões com a função das preposições. Em geral são formadas de *advérbio* (ou locução adverbial) + *preposição:* abaixo de, acima de, a fim de, além de, a par de, apesar de, atrás de, através de, antes de, junto de, junto a, ao encontro de, de encontro a, embaixo de, em frente de (ou *a*), em cima de, em face de, longe de, defronte de, a instâncias de, de acordo com, por causa de, por trás de, não obstante (= apesar de), para com (o respeito *para com* os mais velhos), a despeito de (= apesar de), devido a, em virtude de, em atenção a, em obediência a, em via de, a favor de, ao invés de, à (ou *na*) proporção de, até a (foi *até à* porta), à custa de, a expensas de, sob pena de, etc.

Exemplos:

Passamos **através de** mata cerrada.

Não nos atendeu, **não obstante** nossa insistência.

Em atenção à sua idade, não lhe batemos.

A instâncias dos amigos, ele concordou em cantar sua última canção.

Observação:

✔ Numerosos autores não veem locução prepositiva nas sequências *de até* (crianças *de até* sete anos), *de sobre, de sob, por entre* (passar *por entre* a multidão), *por sob, por sobre, para sobre* (atirar os livros *para sobre* o armário), por entenderem que, em tais conjuntos, cada preposição conserva o seu sentido próprio. De acordo com essa análise, ver-se-á o conjunto *preposição + locução prepositiva* em frases como:

Sai *de diante de* mim!

A Lua nasce *por detrás do* morro.

Venha *para perto de* nós.

Chegou *por trás de* nós.

3 RELAÇÕES EXPRESSAS PELAS PREPOSIÇÕES

Isoladamente, as preposições são palavras vazias de sentido, se bem que algumas delas contenham uma vaga noção de tempo e lugar. Na frase, porém, exprimem relações as mais diversas, tais como:

- **assunto:** Falou *sobre* política.
- **causa:** Morreu *de* fome.
- **companhia:** Jantei *com* ele.

- **especialidade:** Formou-se *em* Medicina.
- **direção:** Olhe *para* frente.
- **fim** ou **finalidade:** Trabalha *para* viver.
- **falta:** Estou *sem* recursos.
- **instrumento:** Feriu-se *com* a própria espada.
- **lugar:** Moro *em* São Paulo.
- **meio:** Viajei *de* avião.
- **modo, conformidade:** Trajava *à* moderna.
- **oposição:** João falou *contra* nós.
- **posse, pertença, propriedade:** Vi o carro *de* Mário.
- **matéria:** Era uma casa *de* tijolos.
- **origem:** Descendia *de* família ilustre.
- **tempo:** Viajei *durante* as férias.

4 COMBINAÇÕES E CONTRAÇÕES

As preposições *a, de, em* e *per* unem-se com outras palavras, formando um só vocábulo. Há *combinação* quando a preposição se une sem perda de fonema; se a preposição sofre queda de fonema, haverá *contração*.

- A preposição *a* combina-se com os artigos e pronomes demonstrativos *o, os* e com o advérbio *onde*, dando: *ao, aos, aonde*.
- As preposições *a, de, em, per* contraem-se com os artigos e, algumas delas, com certos pronomes e advérbios. Eis alguns exemplos:

a + a = à	de + o = do	em + esse = nesse
a + as = *às*	de + ele = dele	em + o = no
a + aquele = àquele	de + este = deste	em + um = num
a + aquela = àquela	de + isto = disto	em + aquele = naquele
a + aquilo = àquilo	de + aqui = daqui	per + o = pelo

- Registrem-se ainda as contrações *coa* (com + a), *coas* (com + as), *pro* (para + o), *pros* (para + os), *pra* (para + a), *pras* (para + as), mais frequentes na fala popular, e *dentre* (de + entre).

EXERCÍCIOS — LISTA 30

1. Classifique as frases de acordo com o tipo de relação expresso pelas preposições.

Inclinei-me **para** beber.
A menina chorava **de** dor.
Ele dança **conforme** a música.
Cortou-se **com** a gilete.
Não fales **de** guerra.
Viajou **sem** passaporte.
A janela dava **para** o telhado.
É um direito **dos** cidadãos.

Saí **de** madrugada.
Viajei **de** ônibus.
A pena era **de** ouro.
Nuno formou-se **em** Direito.
Passeei **com** os colegas.
Sofia descende **de** nobres.
Eles opõem-se **a** tudo.
Moro **em** Campinas.

2. Escreva as frases abaixo e em seguida passe um traço sob as preposições e dois sob as combinações e contrações:

a) Ao chegar à Amazônia, senti que estava ante um mundo diferente.

b) Desde a nascente até o poço, o córrego murmurejava entre pedras roliças.

c) Após o jantar, Heitor dava um giro pela praça ou sentava-se num banco do jardim, sob um toldo de lona.

d) Tive de voltar para casa a pé, devido à falta de condução.

e) Naquele galpão, construído por meu avô, só se viam caixas de vinho sobre mesas toscas.

3. Copie as frases colocando um traço em volta das preposições e sublinhando as locuções prepositivas:

a) Ítalo buzinou em frente à janela, a fim de me acordar.

b) Antes de o sol raiar, estávamos junto ao rio, que atravessaríamos a nado.

c) Filipe, a despeito de seu gênio concentrado, era extremamente simpático.

d) Através de meu primo, firmei laços de amizade com muitas pessoas da localidade.

e) O réu foi intimado a comparecer perante o juiz para ser interrogado.

f) Atrás de mim, dois homens discutiam a propósito de futebol.

g) O gavião pousou sobre o ramo, que vergou sob o peso da ave.

4. Reorganize as três colunas de forma a relacionar as locuções prepositivas sinônimas:

devido a	acerca de	a despeito de
a respeito de	não obstante	em virtude de
apesar de	por causa de	a propósito de

5. Substitua o * pelas preposições adequadas, contraídas com o artigo quando necessário:

a) O soalho rangia * meus pés.

b) " * o silêncio sombrio do visitante, a professora teve medo." (Aníbal Machado)

c) " * manobras mesquinhas o esperto escrivão conseguiu prestígio." (Aníbal Machado)

d) "E caminhou sozinho * passos vacilantes." (Camilo Castelo Branco)

e) Saíam de casa uma vez por ano, * velho costume.

f) "Resta ainda uma dúvida * desfazer." (Said Ali)

g) Era preciso romper * velhos hábitos.

h) "Todos são iguais * a lei." (C. DRUMMOND DE ANDRADE)

i) "Quem me pôs no coração este amor * vida, senão tu?" (M. DE ASSIS)

j) "Era a maior dignidade * que podia aspirar." (M. DE ASSIS)

k) Estava ansioso * me ver livre daquilo tudo.

l) "Investia como cego * as paredes." (C. CASTELO BRANCO)

m) Dei-me pressa * regressar * casa.

n) Não se atiram pedras * árvores sem fruto.

o) Mostrava-se insensível * admoestações do irmão, * cuja companhia se desinteressara.

p) "Lavínia lançou ao enfermo um olhar * zombeteiro e inquieto." (LÍGIA FAGUNDES TELES)

q) As estrelas empalidecem * o esplendor do Sol.

r) Chamava-se Virginiano: nascera * o signo de Virgem.

s) Ariosto, * arquiteto, considerava-se um homem realizado.

t) Na noite * que chegamos, tudo parecia tão triste!

6. Classifique as frases de acordo com o valor da locução prepositiva em destaque, especificando se é de **distância** ou de **negação intensiva**:

Longe de o castigar, ainda o abençoou.

A escola não ficava **longe de** minha casa.

O resultado está **longe de** ser o que eu esperava.

Longe dos olhos, **longe do** coração.

Não lhe quero mal, **longe disso**!

7. Escreva as frases e ponha entre parênteses a classificação correta da palavra **até**, **preposição** ou **palavra denotativa de inclusão**.

Os ladrões levaram-lhe **até** a roupa do corpo.

O cafezal estendia-se **até** a linha do horizonte.

Esse camelô consegue vender **até** pentes a carecas.

8. Substitua adequadamente os asteriscos por **afim** e **a fim**, **ao encontro de** e **de encontro a:**

a) Fui à mata próxima **** de catar lenha.

b) O português é um idioma **** do espanhol.

c) O ônibus desgovernou-se e foi **** um muro.

d) A criança, toda feliz, correu **** seu pai.

e) Que dia aziago! Tudo foi **** meus desejos.

f) O ano é bom. Tudo vai **** nossas expectativas.

9. Classifique a palavra **a**, que pode ser artigo, pronome pessoal, pronome demonstrativo e preposição:

a) A menina saiu de casa sem que a mãe a visse e foi juntar-se a suas amigas.

b) Devolva a fita a seu pai: não é a que eu queria.

10. Troque corretamente o * por **entre** e **dentre**:

a) Ela sentou-se * mim e Pedro.

b) Retirou uma carta * velhos papéis.

c) Eis que * os arbustos sai um caçador.

11. Forme frases com as preposições **sob** e **sobre**.

12. Una os termos dependentes aos verbos substituindo * por preposições adequadas:

a) Assisti * cenas tristes.

b) Não vá * mim.

c) Prostrou-se * o altar e orou.

d) Lute * nobres ideais.

e) Abriguei-me * uma tenda.

f) O tigre arrojou-se * a presa.

13. Identifique as relações que as preposições exprimem em cada frase.

a) Dizem que o rapaz morreu de pneumonia.

b) Carlos, preste atenção! Não olhe para trás!

c) Você escreve para expressar seus sentimentos?

d) Ana feriu-se com aquela faca afiada.

e) Na história, o porquinho construiu uma casa de palha e seu irmão uma de tábuas.

f) Pedi arroz à grega. E você?

g) Viajamos de trem durante vários dias.

14. Indique os casos em que a preposição aparece ligada a outras palavras, combinando-se ou formando contrações:

a) Meu irmão sempre envia bilhetes à namorada.

b) Nunca consigo perceber aonde você quer chegar.

c) Suas fotos estão naquela caixa amarela.

d) Você sempre vai ao cinema de seu bairro?

e) Nós também vamos participar desta manifestação de protesto.

15. Indique se, nas frases abaixo, aparecem preposições ou locuções prepositivas:

a) Faremos um estudo a fim de determinar a extensão do problema.

b) Longe dos pais, as crianças eram mais cordatas.

c) Meu irmão dormiu durante todo o percurso.

d) As cartas registradas estão embaixo da pasta amarela.

e) Chegamos até aqui lutando contra tudo e contra todos.

16. Formule frases em que a preposição aparece empregada expressando a relação indicada entre parênteses. Oriente-se pelo exemplo.

de (procedência): Chegou há pouco do Acre.

a) **de** (causa)

b) **para** (finalidade)

c) **de** (qualidade)

d) **de** (matéria)

e) **contra** (oposição)

f) **de** (posse)

17. Qual o significado da preposição *sobre* na estrofe de Manuel Bandeira transcrita a seguir?

"Da terceira vez não vi mais nada
Os céus se misturaram com a terra
E o espírito de Deus voltou a se mover sobre a face das águas."

a) a respeito de

b) além de

c) na superfície de

d) a fim de

e) diante de

4 CRASE

A palavra crase (do grego *krásis* = mistura, fusão) designa, em gramática normativa, a contração da preposição *a* com:

- **o artigo feminino *a* ou *as***

  Fomos *à* cidade e assistimos *às* festas.

- **o pronome demonstrativo *a* ou *as***

  Chamou as filhas e entregou a chave *à* mais velha.

- **o *a* inicial dos pronomes *aquele(s), aquela(s), aquilo***

  Refiro-me *àquele* fato. Poucos vão *àquela* ilha.

Observação:

✔ Na escrita, assinala-se a crase com o acento grave. A contração à, que representa a fusão da preposição a com o artigo a, não é tônica, mas pode ser proferida um tanto mais fortemente que o *a* átono.

5 CRASE DA PREPOSIÇÃO *A* COM OS ARTIGOS *A, AS*

Considerem-se estes exemplos:

Irei *à* cidade. [Irei *a a* cidade.]

Apresentei-me *à* diretora. [Apresentei-me *a a* diretora.]

Dedico-me *às* artes. [Dedico-me *a as* artes.]

Obedeço *às* leis de Deus. [Obedeço *a as* leis de Deus.]

A crase, como se vê dos exemplos citados, resulta da contração da preposição *a* (exigida por um termo subordinante) com o artigo feminino *a* ou *as* (reclamado por um termo dependente).

Outros exemplos:

	preposição ↓	**artigo** ↓			
Fomos	**a**	**a**	praia.	→	Fomos **à** praia.
Estavam junto	**a**	**a**	porta.	→	Estavam junto **à** porta.
Compareci	**a**	**as**	reuniões.	→	Compareci **às** reuniões.

Se não houver a presença da preposição ou do artigo, não haverá crase e, consequentemente, não se acentuará o **a** ou **as**:

	preposição ↓	**artigo** ↓	
Os turistas visitaram		**a**	cidade.
A concórdia une		**as**	nações.
Não digas isto	**a**		ninguém.
Ele parecia entregue	**a**		tristes cogitações.
Lançaram-se	**a**		nova ofensiva.

Regra geral. O acento indicador de crase só tem cabimento diante de palavras femininas determinadas pelo artigo definido *a* ou *as* e subordinadas a termos que exigem a preposição *a*.

Veja mais estes exemplos:

As crianças voltaram *à* piscina. [Voltar *a* (preposição) *a* (artigo) piscina.]

Ninguém é insensível *à* dor.

Exige-se a assistência *às* aulas.

Atribuiu o insucesso *à* má sorte.

Procedeu-se *à* apuração dos votos.

Devemos aliar a teoria *à* prática.

Avançamos rente *à* parede.

O trem chegou *à* estação *às* 18 horas.

Os garimpeiros assistiam *à* cena em silêncio, entreolhando-se *à* luz das candeias.

"Fez uma excursão *à* cidade de Santos." (CAMILO CASTELO BRANCO)

Refiro-me *às* duas (ou *às* tais) meninas de nariz arrebitado.

A desnutrição abre caminho *às* doenças.

Plantou videiras no pomar, *às* quais dedica muito carinho.

Observação:

✔ Os termos diante dos quais ocorre a crase exercem as funções sintáticas de complementos (objeto direto, objeto indireto, complemento nominal) ou de adjuntos adverbiais.

6 CASOS EM QUE NÃO HÁ CRASE

Não havendo o artigo *a(s)* antes do termo dependente, é evidente que não pode ocorrer a crase. Por isso não se acentua o *a*:

▪ diante de palavras masculinas

Não assisto *a* filmes de guerra ou de violência.

Isto cheira *a* vinho.

Casarão do império cede lugar *a* edifício.

"Bicho se caça *a* pau e pedra." (RICARDO RAMOS)

Admirei os quadros *a* óleo.

Escreveu um bilhetinho *a* lápis.

Fomos *a* São Lourenço, onde passeamos *a* pé, *a* cavalo, de charrete.

"Juntos íamos *a* bailes e teatros." (CAMILO CASTELO BRANCO)

Fiz ver *a* Roberto que era irracional seu ódio *a* estrangeiros.

Venho *a* mando de meu patrão.

Não gaste a vista: óculos *a* prazo. (DE UM ANÚNCIO COMERCIAL.)

Observação:

✔ Ocorrendo a elipse da palavra *moda* ou *maneira*, das expressões *à moda de*, *à maneira de*, haverá crase diante de nomes masculinos:

Calçados *à* Luís XV (*à moda de* Luís XV).

Cabelos *à* Sansão.

Estilo *à* Coelho Neto.

"Era um senhor atarracado, de grossos bigodes *à* Kaiser." (JOSÉ MARIA BELO)

"Aliás magníficas perucas *à* Luís XIV." (MÁRIO QUINTANA)

▪ diante de substantivos femininos usados em sentido geral e indeterminado:

Não vai *a* festas nem *a* reuniões.

Dedicas o trabalho *a* homem ou *a* mulher?

A Funai decidiu fechar o parque indígena *a* visitas.

Não dê atenção *a* pessoas suspeitas.

"Nunca supus poder resistir *a* marchas tão longas." (GASTÃO CRULS)

"Depois comprara um cone de papel com pipocas recendentes *a* gordura vegetal." (ÉRICO VERÍSSIMO)

"O tormento maior era não poder confiar *a* pessoa alguma os seus cuidados." (HERMAN LIMA)

"O exército dos invasores, semelhante *a* serpe monstruosa..." (ALEXANDRE HERCULANO)

"Kravchenko apresentar-me-á *a* princesas eslavas." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

Dirigi-me *a* duas (ou *a* diversas) pessoas vizinhas.

Contei o caso *a* uma (ou *a* certa) senhora supersticiosa.

- **diante de nomes de parentesco, precedidos de pronome possessivo**

Recorri *a minha mãe*.

Peça desculpas *a sua irmã*.

Faremos uma visita *a nossa(s) tia(s)*.

"A quem puxaste? *A teu pai* ou *a tua mãe?*" (VIANA MOOG)

"Arrependi-me de ter falado *a minha prima*." (GRACILIANO RAMOS)

"Nunca saio satisfeito das visitas que faço *a minha mãe*." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

- **diante de nomes próprios que não admitem o artigo**

Rezamos *a Nossa Senhora* todos os dias.

Dedicaram templos *a Minerva* e *a Júpiter*.

O guerreiro branco falou *a Iracema*.

O historiador referiu-se *a Joana d'Arc*.

Fiz uma promessa *a Santa Teresinha*.

Iremos *a Curitiba* e depois *a Londrina*.

Chegamos *a Paquetá* ao meio-dia.

[Cp. A imagem *de* Nossa Senhora. História *de* Joana d'Arc. Vim *de* Curitiba. Cheguei *de* Londrina. Moro *em* Paquetá.]

Observação:

✔ Haverá crase quando o nome próprio admitir o artigo ou vier acompanhado de adjetivo ou locução adjetiva:

A jovem tinha devoção *à Virgem Maria*.

Entreguei a carta *à Julia* (no trato familiar e íntimo).

Fomos *à Bahia* por ocasião dos 500 anos do Brasil.

Chegamos *à Argentina* ao raiar do dia.

Referiu-se *à Roma dos Césares*.

Assim foi que cheguei *à histórica Ouro Preto* numa tarde de maio.

[Cp. Viemos *da* Bahia. Cheguei *da* Argentina. Voltei *da* histórica Ouro Preto. Estou sob a proteção *da* Virgem Maria.]

- **diante da palavra *casa*, no sentido de *lar, domicílio*, quando não acompanhada de adjetivo ou locução adjetiva:**

Voltamos *a* casa tristes. [Cp. Vou *para* casa; vim *de* casa.]

"Chegou Basílio *a* casa, e atirou-se a chorar sobre a cama." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Chegavam *a* casa quase sempre à tardinha." (HERBERTO SALES)

"A chuva reteve-o no Clube Campestre e só pela madrugada regressou *a* casa." (GERALDO FRANÇA LIMA)

Observação:

✔ Se a palavra *casa* vier acompanhada de adjetivo ou locução adjetiva, terá lugar o acento da crase:

O filho pródigo voltou *à casa paterna*.

Fiz uma visita *à velha casa de meus avós*.

Fui *à casa de meu colega*.

"Estavam nisto quando a costureira chegou *à casa da baronesa*." (MACHADO DE ASSIS)

A crase é de rigor com a dita palavra no sentido de *estabelecimento comercial* ou *hospitalar, residência oficial de chefe de Estado, dinastia*, enfim, quando *casa* não significa *lar, domicílio:*

Fui *à* Casa Açucena comprar um presente.

O presidente americano regressou *à* Casa Branca.

Poucos têm acesso *à* Casa da Moeda.

"O príncipe pertencia *à* casa de Bragança." (VITÓRIO BERGO)

- **nas locuções formadas com a repetição da mesma palavra**

Tomou o remédio *gota a gota*.

Estavam *frente a frente*.

Foi de *cidade a cidade*.

Entraram *uma a uma*.

Dia a dia, a empresa foi crescendo.

"Gramados e pastos eram, de *ponta a ponta*, um só atoalhado branco." (MONTEIRO LOBATO)

- **diante do substantivo *terra*, em oposição a *bordo*, a *mar***

Os marinheiros tinham descido *a terra* para visitar a cidade.

Vendo o tubarão, o nadador voltou logo *a terra*.

"Eu aposto em como ele não vai *a terra*." (FERREIRA DE CASTRO)

Fora desse caso, escreve-se *à*:

Aves voavam rente *à terra*.

Gulliver chegou, primeiramente, *à terra* dos liliputianos.

Os astronautas voltaram *à Terra*.

- **diante de artigos indefinidos e de pronomes pessoais (inclusive de tratamento, com exceção de *senhora* e *senhorita*) e interrogativos**

Chegamos à cidade *a uma* hora morta.

Recorreram *a mim* (*a nós, a ela, a você, a dona Marta*, etc.).

Solicito *a Vossa Senhoria* o obséquio de anotar nosso endereço.

Não me referi *a Vossa Excelência*.

"Hei de pedir licença *a Sua Majestade*, e espero alcançá-la." (CAMILO CASTELO BRANCO)

Falaste *a que* pessoa? *A quem* falaste?

A qual delas se refere você?

Escreve-se, porém, com o acento indicador de crase:

Peço *à senhora* que tenha paciência.

É um favor que peço *à senhorita*.

- **antes de outros pronomes que rejeitam o artigo, o que ocorre com a maioria dos indefinidos e relativos e boa parte dos demonstrativos**

Escrevi *a todas* as (ou *a algumas, a várias, a muitas*) colegas.

Não ligo *a essas* (ou *a tais*) coisas.

Foi o vício que o levou *a tamanha* degradação.

O letreiro pode despencar *a qualquer* hora.

Esta é a vida *a que* aspiramos.

A tia gostava de Jacinta, *a quem* sempre ajudava.

As cartas *a que* ela não respondeu estão guardadas.

Ali havia uma árvore, *a cuja* sombra descansamos.

Diariamente chegam turistas *a esta* cidade.

"A penedia, *a essa* hora, faiscava." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

Estamos *a pouca* (ou *a certa*) distância da fronteira.

Observação:

✔ Há, no entanto, pronomes que admitem o artigo, dando ensejo à crase:

Não fale nada *às outras* colegas.

Assistimos sempre *às mesmas* cenas.

Diga *à tal* senhora que sua reclamação não procede.

Não temo as acusações de X, *às quais* responderei oportunamente.

Estavam atentas umas *às outras*.

- **diante de numerais cardinais referentes a substantivos não determinados pelo artigo, usados em sentido genérico**

Chanceler inicia visita *a oito* países africanos.

[Chanceler visita *oito* países africanos.]

Assisti *a duas* sessões (ou *a* uma só sessão).

A fazenda ficava *a três* léguas da cidade.

Daqui *a quatro* semanas muita coisa terá mudado.

O número de candidatas aprovadas não chega *a vinte*.

Foi isto *a* 16 de agosto de 1959.

"Então aquilo tinha acontecido de meia-noite *a três* horas!" (GRACILIANO RAMOS)

Usa-se, porém, a crase nas locuções adverbiais que exprimem hora determinada e nos casos em que o numeral estiver precedido de artigo:

Chegamos *às oito* horas da noite.

Assisti *às duas* sessões de ontem.

Entregaram-se os prêmios *às três* alunas vencedoras.

▪ diante de verbos

Estamos dispostos *a trabalhar* pela paz no mundo.

Quando me dispunha *a sair*, começou *a chover*.

Puseram-se *a discutir* em voz alta.

7 CASOS ESPECIAIS

O uso do artigo antes dos pronomes possessivos, salvo em alguns casos, fica ao arbítrio de quem escreve. Daí a possibilidade de haver, ou não, a crase antes desses pronomes:

A minha viagem é certa. → Referiu-se *à* minha viagem.

Minha viagem é certa. → Referiu-se *a* minha viagem.

As minhas colegas vêm. → Fiz um apelo *às* minhas colegas.

Minhas colegas vêm. → Fiz um apelo *a* minhas colegas.

Observações:

✔ Seguindo-se a atual tendência, é preferível usar o artigo, e, portanto, a crase, diante dos possessivos que não se referem a nomes de parentesco.

✔ Ocorrendo a elipse do substantivo, o *a* será acentuado:

Ele referia-se *à* desgraça do amigo e não *à* sua. [*à* sua *desgraça*]

Eu fui *à* formatura dele, mas ele não compareceu *à* minha.

Opcional é também, na linguagem familiar, o uso do artigo diante de nomes próprios personativos. A crase, portanto, dependerá da preferência do escritor. Exemplos:

Mandamos um convite *à* (ou *a*) Maurília.

Escrevi *à* (ou *a*) Lúcia.

Na língua formal, sobretudo quando se faz referência a mulheres célebres, não se usa artigo e, portanto, não se acentua o *a*:

A polícia dará proteção *a* Márcia Nogueira, testemunha do crime.

Por que os ingleses tinham ódio *a* Joana d'Arc?

[*Joana d'Arc* foi uma heroína francesa.]

Em um e outro caso, o acento indicativo de crase será de rigor, se o nome vier acompanhado de um adjunto:

Quem negará elogios *à* corajosa Maria Quitéria de Medeiros?

Refiro-me *à* Beatriz do Dr. Vieira.

À querida Estela (nas dedicatórias).

O professor referiu-se *à* intrépida Joana d'Arc.

Coloca-se acento grave sobre *a* da expressão *à distância de*, seja a distância determinada, precisa ou não:

Achava-me *à distância de* cem (ou de alguns) metros da fronteira.

Paramos *à distância de* alguns metros do riacho.

Se antes de *distância* ocorrer adjetivo ou palavra que não admite o artigo definido, não se acentuará o *a*:

O trem passava *a pouca distância da* casa.

"Só o João conservava-se *a respeitável distância da* água." (COELHO NETO)

Quando se trata da locução adverbial *a distância*, é opcional o uso do acento grave sobre o *a*. Renomados escritores modernos ora acentuam, ora não acentuam. Exemplos:

"É necessário vê-los *a distância*." (GRACILIANO RAMOS)

"Pedras de gamão estalavam *à distância*." (GRACILIANO RAMOS)

"Os merceeiros ignaros, os negociantes sovinas, eram, porém, mantidos *a distância*." (CIRO DOS ANJOS)

"Além disso, convinha que as alunas fossem mantidas *à distância*." (CIRO DOS ANJOS)

"Seguiu-a *a distância*, discretamente." (FERNANDO NAMORA)

"Observava *à distância* os convidados do cirurgião." (FERNANDO NAMORA)

"O vento soprava, sacudindo faíscas *a distância*." (JOSÉ LINS DO REGO)

"Os canhões punham *à distância* os franceses cobiçosos." (JOSÉ LINS DO REGO)

Para dizer *a grande distância, ao longe,* pode-se usar também *na distância*:

"O mar se fundia *na distância*, brilhante e azul." (ELSIE LESSA)

▪ A crase nas locuções

Acentua-se, geralmente, o *a* ou *as* de locuções formadas de substantivos femininos:

a) locuções adverbiais

à direita, à esquerda, à força, à farta, à milanesa (= à moda milanesa), à oriental (= à moda oriental), à mesa (estar à mesa), à noite (= de noite), à risca, à solta, à vontade, à saída (= na saída), à uma hora, às sete horas, à zero hora, às vezes, à toa, às claras, às pressas (ou à pressa), etc.

b) locuções prepositivas

à custa de, à espera de, à força de, à procura de, à vista de, etc.

c) locuções *conjuntivas*

à medida que, à proporção que:

O uso do acento grave é opcional nas locuções adverbiais que indicam meio ou instrumento:

barco a (ou à) vela; escrever a (ou à) máquina; escrever a (ou à) mão; fechar o cofre a (ou à) chave; repelir o invasor a (ou à) bala, etc.

Observação:

✔ Não há consenso, entre os gramáticos, quanto ao emprego do acento grave nesse último caso. Uns invocam, em favor dele, a tradição da língua, ou melhor, o uso tradicional entre os portugueses, que pronunciam o *à* (contração) um pouco mais fortemente do que o *a* simples. Outros entendem ser descabido o acento, porquanto nas ditas locuções não ocorre crase, o *a* é simples preposição, como em *a lápis, a giz, a óleo, a facão,* etc. Além disso, argumentam, os brasileiros pronunciam *a* e *à* de igual modo. São válidas e boas ambas as opiniões. Quem escreve escolherá a que achar melhor e mais adequada.

Não se acentua locução constituída de *a + substantivo plural:*

a expensas de, a duras penas, a marteladas, a desoras, a duas mãos, etc.

É descabido e vetado o acento grave em locução formada com substantivo masculino. Grafa-se, portanto:

a cavalo, a pé, a gás, a nado, a mando de, a pedido de, etc.

É desnecessário o acento grave no *a* ou *as*, depois de *até*, a não ser que sua falta possa gerar ambiguidade (duplo sentido):

Chegou *até a* praia. Andei *até a* igreja. Fomos *até as* dunas.

Os garimpeiros danificaram todo o rio *até à* nascente. [Sem o acento grave, poder-se-ia entender que os garimpeiros danificaram inclusive a nascente do rio.]

Há, portanto, casos em que o acento grave, nas locuções, não assinala crase; emprega-se, simplesmente, para deixar bem claro que se trata de um adjunto adverbial. Comparem-se, por exemplo, as expressões seguintes, em que a ausência do acento grave torna o sentido dúbio:

ver a distância e *ver à distância*
matar a fome e *matar à fome*
cheirar a gasolina e *cheirar à gasolina*
enfrentar-se a espada e *enfrentar-se à espada*
receber a bala e *receber à bala*

8 CRASE DA PREPOSIÇÃO *A* COM OS PRONOMES DEMONSTRATIVOS

A crase pode também resultar da contração da preposição *a* com os pronomes demonstrativos *aquele, aquela, aqueles, aquelas, aquilo, a, as:*

Não irás *àquela* festa. [*a aquela*]

Vou *àquele* cinema. [*a aquele*]

Não dei importância *àquilo*. [*a aquilo*]
Não estou falando de todas as jovens; refiro-me *à* que você namora. [*a a*]
Àquela ordem estranha, o soldado estremeceu.
Recomeçamos a caminhada, rumo *àquele* pico.
A capitania de Minas Gerais estava unida *à* de São Paulo.
As alunas vinham correndo, e a professora entregava a bola *à* que chegasse primeiro.
Falarei *às* que quiserem me ouvir.
Essa anedota é semelhante *à* que meu professor contou.
"... suas forças são inferiores *às* de Nassau." (Assis Brasil)

EXERCÍCIOS — LISTA 31

1. Escreva as duas frases, colocando, ao lado de cada palavra **a**, sua classificação de acordo com a lista abaixo e acentuando a que representa uma contração:

1) artigo definido
2) pronome pessoal oblíquo
3) pronome demonstrativo
4) preposição
5) contração

a) Emprestei **a** máquina **a** José, que **a** devolveu **a** empregada.
b) Emprestei-lhe **a** minha máquina, não **a** de meu irmão.

2. Faça como nos exemplos, substituindo os asteriscos:

AO (masculino) ➔ À (feminino) A (masculino) ➔ A (feminino)

a) Alice obedece **ao pai** e **à mãe**.
b) Dedicas o livro **a homem** ou **a mulher**?
c) Recorremos ao diretor e ****** .
d) Prestaram homenagem a papai e ****** .
e) Muitos ofereceram flores aos noivos e ****** .
f) São brinquedos que agradam a meninos e ****** .
g) Fui apresentado a reis e ****** , a príncipes e ****** .
h) Apresentaram-me ao rei e ****** , ao príncipe e ****** .

3. Escreva as frases, substituindo os asteriscos de acordo com os exemplos e observando as correlações:

DA ➔ À DE ➔ A

Voltei **da** cidade. ➔ Fui **à** cidade.
Vim **de** Brasília. ➔ Fui **a** Brasília.
a) Voltei **da** Bahia. ➔ Irei novamente ****** .
b) Voltei **de** Curitiba ontem. ➔ Fui ****** .
c) Vim **de** Minas hoje. ➔ Voltarei ****** .
d) Chegamos **da** Argentina. ➔ Iremos ****** .
e) João veio **da** farmácia. ➔ Vá correndo ****** .

4. Justifique o emprego ou a ausência do acento grave:

Ontem encontrei rindo **a** garota de Atibaia, que faltou **às** aulas para ir **a** Santos, para ir **à** praia. Talvez algum dia **a** encontre chorando.

5. Escreva as frases classificando-as em três grupos de acordo com a classificação da palavra **a(s)**, conforme indicação abaixo; em seguida, acentue a única contração que ocorre nos exemplos dados:

(1) **artigo definido**

Fui e voltei **a** pé.
Socorreu **a** vítima?
Vendo TV **a** cores.
Estávamos **a** sós.
Não ligue **a** boatos.

(2) **preposição**

O diretor atendeu **as** alunas.
Não atendem **a** reclamações.
O álcool é nocivo **a** saúde.
O carro era movido **a** álcool.
Eu levo o estudo **a** sério.

(3) **contração**

6. Escreva as frases nas quais não há possibilidade de crase; em seguida, coloque após cada uma delas o motivo, de acordo com a relação abaixo:

Percorri a rua de ponta **a** ponta.
Não há ninguém igual **a** ela.
Amanhã tornarás **a** sorrir.
Demos graças **a** Deus.

(1) palavra masculina
(2) verbo
(3) pronome pessoal
(4) locução formada por palavra repetida

7. Nos exemplos do exercício anterior não há crase porque ocorre apenas o artigo definido **a** ou apenas a preposição **a**?

8. Assinala-se a crase com acento grave. Copie as frases abaixo, colocando-o onde for necessário:

a) A um sinal do instrutor, todos voltaram a piscina.
b) Edi levou a criança a uma praça e ficou sentada a sombra das árvores.
c) Prefiro coca-cola a guaraná, vinho a cerveja, água da fonte a do rio.
d) Devido a ventania, nenhum homem-asa se atreveu a saltar da Pedra Bonita.
e) Fiz marcha a ré e parei em frente a uma loja que vendia a vista e a prazo.
f) A meia-noite, o retirante chegou a cidade com um saco as costas.
g) Isto não compete só as autoridades, compete a mim, a você, a todos.
h) Chamou-o a parte e disse-lhe: "Quanto a isso, pode ficar tranquilo."
i) Quanto a tia, nada a reclamar: pessoa fina, tem horror a discussões.
j) Encostou-se a janela, atento a campainha do telefone.
k) Daqui a cem anos, naves talvez levem gente a Lua, a Vênus e a outros mundos.
l) A saída do cinema, vozes de adultos misturavam-se a gritos de crianças.

9. Copie somente a frase em que o acento indicador de crase é indispensável:

A rodovia BR-101 liga Natal a Porto Alegre.
Às vezes ela vai a um cinema, outras vezes assiste a uma novela.
O marinheiro desceu a terra e fez rápida visita a sua mãe.
A exportação deve ser igual ou superior a importação.

10. Substitua * por **a**, **as**, **à** ou **às**, conforme convenha:

O Sol nasce * leste.
Chegou os lábios * taça.
Os pneus aderem * pista.
Assistiu * reuniões de ontem?
O futuro pertence * Deus.
Estou * suas ordens.

Nada pôde resistir * força das águas.
Feriram-me * costas os espinhos.
As frutas pertenciam * aves.
O rio corre paralelamente * mata.
Ele só bebe após * refeições.
Ainda não respondi * essa carta.

11. Escreva a frase abaixo, substituindo os asteriscos pela série que a completa de forma correta:

Na velha fazenda, **** que cheguei **** nove horas e que percorri **** cavalo, vi ferramentas expostas **** chuva e plantações abandonadas **** formigas.

à – às – a – a – às a – às – a – à – às
a – as – à – a – às à – às – à – a – as

12. Escreva as frases, colocando acento grave nos pronomes demonstrativos em destaque e justificando-o:

a) Nunca tinha visto um mágico igual **aquele**.
b) Costumo ir **aquela** ilha para pescar.
c) **Aquela** hora a família já devia estar dormindo.
d) Na entrevista limitamo-nos **aquilo** que mais nos interessava.
e) Pedi uma blusa igual **a** que estava à mostra na vitrine.

13. Transcreva as frases abaixo, usando o acento indicador de crase onde for necessário:

a) Sentou-se a mesa e começou a escrever a máquina.
b) Decidiu não mais voltar a Argentina, renunciando a toda a obra a que consagrara muitos anos de trabalho.
c) O Brasil foi sempre mais fiel a força da toga que a da espada.
d) Já se havia habituado aquela vida, quando o médico aventou a ideia de submetê-lo a uma intervenção cirúrgica.
e) Voltamos a casa quase a uma hora da madrugada.
f) Regressou a Belo Horizonte e dirigiu-se a casa paterna.
g) A onda da vida trouxe-nos a mesma praia.
h) Estando a porta da loja, vi assomar a distância dois cavalheiros que caminhavam lado a lado e pareciam dirigir-se aquela casa comercial.
i) Chegamos aquele sítio as 9 horas para assistir a inauguração da escola.
j) Do Rio de Janeiro a Vila Rica a viagem mais rápida era feita a cavalo, levando-se de 12 a 15 dias.
k) "Não podemos deixar de ir a igreja para agradecer a Nossa Senhora." (Josué Montelo)
l) "O ar cheira a gasolina." (Ribeiro Couto)
m) "Depois convidou-os a procederem a nomeação do secretário." (João Felício dos Santos)
n) "Nos dias festivos havia jantares suntuosos a Luculo, a tarde passeios no jardim e pescarias no tanque em escaleres dourados, a noite bailes e representações teatrais." (João Felício dos Santos)
o) "Nem nos sonhos cheguei a aspirar a tal emprego." (Ciro dos Anjos)
p) "A tarde os trabalhadores descansam a beira do caminho." (Cecília Meireles)
q) "Fechava os ouvidos aqueles tristes comentários." (João Clímaco Bezerra)
r) "As fofocas eram sussurradas a meia voz." (Carlos Marchi)

14. Copie as frases, colocando o acento indicador de crase onde for adequado:

a) "Maria José ficara imóvel, entregue a mudas cogitações." (Raquel de Queirós)
b) "Tresandava a álcool a dois passos de distância." (Fernando Namora)
c) "A carroça chegou a aldeia ainda a uma hora morta." (Fernando Namora)

d) "Uns quadros a óleo enfeitariam a minha sala." (GRACILIANO RAMOS)

e) "Caçulinha, que era tão viva e inteligente, bem poderia chegar a professora." (AMANDO FONTES)

f) "Predominava, entretanto, em meio aquele baralhar de emoções, o sentimento de perda." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

g) "Chegavam a casa quase sempre a tardinha." (HERBERTO SALES)

h) "Venho dizer a Vossa Reverendíssima que estou pronto a partir para o Xingu." (ANTONIO CALLADO)

i) "Sua inteligência excedia a das criaturas humanas." (CECÍLIA MEIRELES)

j) "Há nomes gravados a canivete, eu sei." (RUBEM BRAGA)

k) "Geminiano Ramos usava bigodões a Stalin." (ÉRICO VERÍSSIMO)

l) "Face as perspectivas que se abriam a sua frente, Henri ficou muito emocionado." (RUBEM FONSECA)

15. O acento grave, nos exemplos abaixo, altera o sentido da frase. Explique cada caso:

a) Despediu-se a francesa.
Despediu-se à francesa.

b) Sua constância tinha de ser posta a mais dura prova.
Sua constância tinha de ser posta à mais dura prova.

c) Ele matou a fome.
Ele matou à fome.

d) A noite vinha-os consolar.
À noite vinha-os consolar.

e) O dinheiro, leva-o a filha dele.
O dinheiro, leva-o à filha dele.

f) Corri a cidade.
Corri à cidade.

16. Ponha o acento da crase, se necessário:

Passaram
- a distância.
- a pouca distância de nós.
- a distância de cinco metros de nós.
- a uma e meia da tarde.
- a segunda parte do programa.
- a outros assuntos.
- uma a uma, vestidas a oriental.
- o rio a nado.
- a vista de todos.
- a nos importunar com cartas anônimas.
- a hora de sempre, em direção a escola.
- a direção da empresa a pessoas incompetentes.

17. Assinale as frases em que o acento grave é opcional:

a) Levamos encomendas **a** domicílio.
b) Não sabia **a** quem recorrer.
c) Fechou o cofre **a** chave.
d) Chovia desde **a** meia-noite.
e) Seguiram-no **a** distância.
f) Fiz isso **a** duras penas.
g) Eles não têm fogão **a** gás.
h) Começou **a** ventar forte.
i) Não dê isto **a** ninguém.
j) Fui até **a** estrada.

18. Copie, indicando a ocorrência de crase por meio de acento grave.

a) A bebida alcoólica é prejudicial a saúde.
b) É preciso que sejamos úteis a sociedade em que vivemos.
c) O cão é fiel a seu dono.
d) Diga-lhe que estou a sua espera.
e) Chovendo, não iremos a praia.

19. Faça como no exercício anterior.

a) Nada escapava a destreza de sua mãe.
b) Partiremos daqui a sete dias.
c) "Deus te leve a salvo, brioso e altivo barco." (José de Alencar)
d) Deu preferência aquele carro.
e) Os estrangeiros faziam reverências a todos os chefes das tribos.
f) A sua agressividade põe tudo a perder.
g) Os índios xavantes chegaram a era do satélite.

20. Escreva as frases abaixo, substituindo os termos destacados pelas palavras que aparecem entre parênteses. Faça as adaptações necessárias:

a) Nunca fui a **Curitiba** (Brasília), mas já fui ao **Paraguai** (Argentina).
b) Referia-se ao **médico** da família (médica).
c) Ao **passo** que estudava, aprendia (medida).
d) As chuvas causam prejuízo aos **agricultores** (lavoura).
e) Assistimos ao **filme** premiado (peça).

21. Copie as frases abaixo, completando-as com **aquele, àquele, aquela, àquela ou àquilo**:

a) Obedeceram * maluco?
b) Referia-se * que todos sabiam ser proibido.
c) Encontrei * menina de que falávamos ontem.
d) Cheguei * vila horrível embaixo de chuva.
e) Acostumei-me * vida tranquila.

22. Indique as alternativas em que o acento indicador de crase foi utilizado incorretamente. Justifique sua resposta.

a) Não temos nada à declarar, senhores.
b) Minha mãe só pinta quadros à óleo.
c) Você ainda só escreve à lápis?
d) Não damos atenção à observações destrutivas.
e) Depois do bolo, todos voltaram à piscina.
f) Você assiste à peças desse autor tão mal visto pelos críticos?
g) A secretária referia-se à pasta desaparecida.

PREPOSIÇÃO
Exercícios de exames e concursos
[Página 677]

CONJUNÇÃO

Examinemos estes exemplos:

a) Tristeza **e** alegria não moram juntas.

b) Os livros ensinam **e** divertem.

c) Saímos de casa **quando** amanhecia.

1 CONJUNÇÕES

No primeiro exemplo, a palavra **e** liga duas palavras da mesma oração: é uma *conjunção*.

No segundo e terceiro exemplos, as palavras **e** e **quando** estão ligando orações: são também *conjunções*.

Conjunção *é uma palavra invariável que liga orações ou palavras da mesma oração*.

No segundo exemplo, a conjunção liga as orações sem fazer que uma dependa da outra, sem que a segunda complete o sentido da primeira; por isso, a conjunção *e* é *coordenativa*.

No terceiro exemplo, a conjunção liga duas orações que se completam uma à outra e faz que a segunda dependa da primeira; por isso, a conjunção *quando* é *subordinativa*.

As conjunções, portanto, dividem-se em *coordenativas* e *subordinativas*.

2 CONJUNÇÕES COORDENATIVAS

As conjunções coordenativas podem ser:

- **aditivas**

Dão ideia de adição, acrescentamento: *e, nem, mas também, mas ainda, senão também, como também, bem como*.

O agricultor colheu o trigo *e* o vendeu.

Não aprovo *nem* permitirei essas coisas.

Os livros não só instruem, *mas também* divertem.

As abelhas não apenas produzem mel e cera, *mas ainda* polinizam as flores.

- **adversativas**

Exprimem oposição, contraste, ressalva, compensação: *mas, porém, todavia, contudo, entretanto, senão, ao passo que, antes* (= pelo contrário), *no entanto, não obstante, apesar disso, em todo caso.*

Querem ter dinheiro, *mas* não trabalham.

Ela não era bonita, *contudo* cativava pela simpatia.

Não vemos a planta crescer, *no entanto* ela cresce.

A culpa, não a atribuo a vós, *senão* a ele.

O professor não proíbe, *antes* estimula as perguntas em aula.

O exército do rei parecia invencível, *não obstante* foi derrotado.

Você já sabe bastante, *porém* deve estudar mais.

Eu sou pobre, *ao passo que* ele é rico.

Hoje não atendo, *em todo caso* entre.

- **alternativas**

Exprimem alternativa, alternância: *ou, ou... ou, ora... ora, já... já, quer... quer,* etc.

Os sequestradores deviam render-se *ou* seriam mortos.

Ou você estuda *ou* arruma um emprego.

Ora triste, *ora* alegre, a vida segue o seu ritmo.

Quer reagisse, *quer* se calasse, sempre acabava apanhando.

"*Já* chora, *já* se ri, *já* se enfurece." (Luís de Camões)

- **conclusivas**

Iniciam uma conclusão: *logo, portanto, por conseguinte, pois* (posposto ao verbo), *por isso.*

As árvores balançam, *logo* está ventando.

Você é o proprietário do carro, *portanto* é o responsável.

O mal é irremediável; deves, *pois*, conformar-te.

- **explicativas**

Precedem uma explicação, um motivo: *que, porque, porquanto, pois* (anteposto ao verbo).

Não solte balões, *que* (ou *porque*, ou *pois*, ou *porquanto*) podem causar incêndios.

Choveu durante a noite, *porque* as ruas estão molhadas.

Observação:

✔ A conjunção *e* pode apresentar-se com sentido adversativo:

Sofrem duras privações *e* [= mas] não se queixam.

"Quis dizer mais alguma coisa *e* não pôde." (Jorge Amado)

3 CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS

As conjunções subordinativas ligam duas orações, subordinando uma à outra. Com exceção das integrantes, essas conjunções iniciam orações que traduzem circunstâncias (causa, comparação, concessão, condição ou hipótese, conformidade, consequência, finalidade, proporção, tempo). Abrangem as seguintes classes:

▪ causais

Introduzem orações que exprimem causa: *porque, que, pois, como, porquanto, visto que, visto como, já que, uma vez que, desde que.*

O tambor soa *porque* é oco. [*porque* é oco: *causa*; o tambor soa: *efeito*]

Como estivesse de luto, não nos recebeu.

Desde que é impossível, não insistirei.

▪ comparativas

Introduzem orações que representam o segundo elemento de uma comparação: *como, (tal) qual, tal e qual, assim como, (tal) como, (tão* ou *tanto) como, (mais) que* ou *do que, (menos) que* ou *do que, (tanto) quanto, que nem, feito* (= como, do mesmo modo que), *o mesmo que* (= como).

Ele era arrastado pela vida *como* uma folha pelo vento.

O exército avançava pela planície *qual* uma serpente imensa.

"Os cães, *tal qual* os homens, podem participar das três categorias." (Paulo Mendes Campos)

"Sou *o mesmo que* um cisco em minha própria casa." (Antônio Olavo Pereira)

"E pia *tal e qual* a caça procurada." (Amadeu de Queirós)

"Por que ficou me olhando assim *feito* boba?" (Carlos Drummond de Andrade)

Os pedestres se cruzavam pelas ruas *que nem* formigas apressadas.

Nada nos anima tanto *como* (ou *quanto*) um elogio sincero.

Os governantes realizam menos *do que* prometem.

▪ concessivas

Iniciam orações que exprimem um fato que se concede, que se admite, em oposição a outro: *embora, conquanto, que, ainda que, mesmo que, ainda quando, mesmo quando, posto que, por mais que, por muito que, por menos que, se bem que, em que* (pese), *nem que, dado que, sem que* (= embora não).

Célia vestia-se bem, *embora* fosse pobre.

A vida tem um sentido, *por mais* absurda *que* possa parecer.

Beba, *nem que* seja um pouco.

Dez minutos *que* fossem, para mim, seria muito tempo.

Fez tudo direito, *sem que* eu lhe ensinasse.

Em que pese à autoridade deste cientista, não podemos aceitar suas afirmações.

Não sei dirigir, e, *dado que* soubesse, não dirigiria de noite.

"O próprio edifício, *posto que* avelhentado e fraco, também parecia animado de espírito guerreiro." (Alexandre Herculano)

- **condicionais**

Iniciam orações que exprimem condição ou hipótese: *se, caso, contanto que, desde que, salvo se, sem que* (= se não), *a não ser que, a menos que, dado que*.

Ficaremos sentidos, *se* você não vier.

Comprarei o quadro, *desde que* não seja caro.

Não sairás daqui *sem que* antes me confesses tudo.

"Eleutério decidiu logo dormir repimpadamente sobre a areia, *a menos que* os mosquitos se opusessem." (FERREIRA DE CASTRO)

- **conformativas**

Indicam conformidade de um fato com outro: *como, conforme, segundo, consoante*.

As coisas não são *como* (ou *conforme*) dizem.

"Digo essas coisas por alto, *segundo* as ouvi narrar." (MACHADO DE ASSIS)

- **consecutivas**

Iniciam orações que exprimem consequência: *que* (precedido dos termos intensivos *tal, tão, tanto, tamanho*, às vezes subentendidos), *de sorte que, de modo que, de forma que, de maneira que, sem que, que* (não).

Minha mão tremia tanto *que* mal podia escrever.

Falou com uma calma *que* todos ficaram atônitos. [uma calma tal que...]

Ontem estive doente, *de sorte que* (ou *de modo que*) não saí.

Não podem ver um cachorro na rua *sem que* o persigam.

Não podem ver um brinquedo *que* não o queiram comprar.

- **finais**

Iniciam orações que exprimem finalidade: *para que, a fim de que, que* (= para que).

Afastou-se, depressa *para que* não o víssemos.

Falei-lhe com bons termos, *a fim de que* não se ofendesse.

Fiz-lhe sinal *que* se calasse.

- **proporcionais**

Iniciam orações que exprimem proporcionalidade: *à proporção que, à medida que, ao passo que, quanto mais... (tanto mais), quanto mais... (tanto menos), quanto menos... (tanto mais), quanto mais... (mais), (tanto)... quanto.*

À medida que se vive, mais se aprende.

À proporção que subíamos, o ar ia ficando mais leve.

Quanto mais as cidades crescem, mais problemas vão tendo.

Os soldados respondiam, *à medida que* eram chamados.

Observação:

✔ São incorretas as locuções proporcionais *à medida em que, na medida que* e *na medida em que*. A forma correta é *à medida que:*

"*À medida que* os anos passam, as minhas possibilidades diminuem." (Maria José de Queirós)

Existe, sim, a expressão *na medida em que*, na qual o *que* é pronome relativo, não forma locução conjuntiva como em *à medida que*. Exemplos de uso correto da expressão *na medida em que:*

"A rigor, tal cordialidade não existe *na medida em que* é apregoada". (Viana Moog)

"A expansão da lavoura algodoeira não pôde produzir-se em São Paulo *na mesma medida em que* se produziu noutras terras." (Sérgio Buarque de Holanda)

- **temporais**

Introduzem orações que exprimem tempo: *quando, enquanto, logo que, mal* (= logo que), *sempre que, assim que, desde que, antes que, depois que, até que, agora que, ao mesmo tempo que, toda vez que*.

Venha *quando* você quiser.

Não fale *enquanto* come.

Ela me reconheceu, *mal* lhe dirigi a palavra.

Desde que o mundo existe, sempre houve guerras.

Agora que o tempo esquentou, podemos ir à praia.

Ao mesmo tempo que corriam, atiravam pedras para trás.

"Ninguém o arredava dali, *até que* eu voltasse." (Povina Cavalcânti)

- **integrantes**

Introduzem orações que funcionam como substantivos: *que, se*.

Pedi-lhe *que* me desculpasse. [= Pedi-lhe desculpas.]

Verifique *se* o muro é sólido. [= Verifique a solidez do muro.]

Observação:

✔ Em frases como "Sairás *sem que* te vejam", "Morreu *sem que* ninguém o chorasse", consideramos *sem que* conjunção subordinativa *modal*. A NGB, porém, não consigna esse tipo de conjunção.

4 LOCUÇÕES CONJUNTIVAS

No entanto, *visto que, desde que, se bem que, por mais que, ainda quando, à medida que, logo que, a fim de que, ao mesmo tempo que*, etc.

A locução correta é *ao mesmo tempo que*, e não *ao mesmo tempo em que*: "*Ao mesmo tempo que* marchavam, os soldados cantavam hinos."

5 A CONJUNÇÃO *QUE*

a) Muitas conjunções não têm classificação única, imutável, devendo, portanto, ser classificadas de acordo com o sentido que apresentam no contexto. Assim, a conjunção **que** pode ser:

- **aditiva** (= e)

  Esfrega *que* esfrega, mas a nódoa não sai.

  A nós *que* não a eles, compete fazê-lo.

- **explicativa** (= pois, porque)

  Apressemo-nos, *que* chove.

- **integrante**

  Diga-lhe *que* não irei.

- **consecutiva**

  Tanto se esforçou *que* conseguiu vencer.

  Não vão a uma festa *que* não voltem cansados.

  Onde estavas, *que* não te vi?

- **comparativa** (= do que, como)

  A luz é mais veloz *que* o som.

  Ficou vermelho *que nem* brasa.

- **concessiva** (= embora, ainda que)

  Alguns minutos *que* fossem, ainda assim seria muito tempo.

  Beba, um pouco *que* seja.

- **temporal** (= depois que, logo que)

  Chegados *que* fomos, dirigimo-nos ao hotel.

- **final** (= para que)

  Vendo-me à janela, fez sinal *que* descesse.

- **causal** (= porque, visto que)

  "Velho *que* sou, apenas conheço as flores do meu tempo." (VIVALDO COARACI)

b) A locução conjuntiva *sem que* pode ser, conforme a frase:

- **concessiva** (*sem que* = embora não)

  Nós lhe dávamos roupa e comida, *sem que* ele pedisse.

- **condicional** (*sem que* = se não, caso não)

  Ninguém será bom cientista, *sem que* estude muito.

- **consecutiva** (*sem que* = que não)

  Não vão a uma festa *sem que* voltem cansados.

- **modal** (*sem que* = de modo que não)

  Sairás *sem que* te vejam.

EXERCÍCIOS LISTA 32

1. Classifique as conjunções coordenativas:

a) "O major Camilo não ata nem desata." (Ricardo Ramos)

b) "Desta vez ou tomas juízo, ou ficas sem coisa nenhuma." (Machado de Assis)

c) "O Rubião olhou duas outras vezes e não a conhecera ou fingia não conhecê-la." (Alcindo Guanabara)

d) "Nem eu lavro a terra, nem vós também." (Carlos de Laet)

e) Leve-lhe flores, que ela aniversaria amanhã.

f) Ele sofria, mas não se queixava.

g) Não vos peço benevolência, senão justiça.

h) Não suportava mais a vista dos aviões, quer fosse na tela, quer fosse nos ares.

i) Sois jovens e tendes um ideal, podeis, portanto, ser felizes.

j) Os filhos não somente estudam, mas ainda auxiliam os pais.

k) João é bom pai, pois os filhos o amam.

l) "Queres granjear fortuna, logo deves trabalhar." (Said Ali)

m) Ela devia ter chorado muito, porque os olhos estavam roxos.

2. Transcreva as frases, classificando-as de acordo com o valor das conjunções coordenativas em destaque, conforme lista abaixo:

(1) acrescentamento
(2) contraste
(3) alternância, alternativa
(4) conclusão
(5) explicação, motivo

Emílio sofre, **contudo** não se queixa.

Ora trabalha, **ora** se diverte.

Apressa-te, **que** o tempo é pouco.

Não me escreve **nem** me visita.

Ele comprara o ingresso, **portanto** podia entrar.

3. Classifique as conjunções subordinativas em destaque:

a) "Ontem o vento andava mais devagar **do que** o rio." (Aníbal Machado)

b) "**Quando** levantou a cabeça, vi **que** chorava deveras." (Machado de Assis)

c) "Não sei **se** saiu do país, **se** se matou." (Camilo Castelo Branco)

d) **À proporção que** os dias passam, a vida vai encarecendo.

e) "A calúnia, **conquanto** escrita em palavras cultas e penteadas, é sempre calúnia." (Camilo Castelo Branco)

f) "A rapidez da marcha era tal, **que** escapava a toda compreensão." (Machado de Assis)

g) "Alguns conhecidos tinham passado, palavreando com ele, **consoante** costumavam." (Camilo Castelo Branco)

h) Pegou-me pelo braço **para que** eu apressasse o passo.

i) "Bebia **que** era uma lástima." (Ribeiro Couto)

j) "Não posso deitar-me sem tocar piano, **nem que** seja um pouco." (Aníbal Machado)

k) "Devia soar-lhe **como** um ai plangente aquele silvo agudo." (CAMILO CASTELO BRANCO)
l) Recendia **que nem** um galho de manacá florido.
m) As plantas morrerão, **se** persistir a seca.
n) Só não lincharam o assaltante **porque** a polícia impediu.

4. Escreva as duas colunas fazendo corresponder as frases às circunstâncias expressas pelas conjunções subordinativas:

Caso não os encontre, eu lhe telefono.	causa
Como estivesse ventando, fechei a janela.	comparação
Segure-o com força, **para que** não fuja.	concessão, admissão
Tamanho foi o impacto **que** o carro incendiou-se.	hipótese, condição
A volta não demorou tanto **como** a ida.	conformidade
Não falaria **nem que** o matassem.	consequência, efeito
Mal me viu, veio abraçar-me.	finalidade
Ele não é, **como** dizem, um criminoso.	proporção
Aproximei-me **sem que** ele percebesse.	tempo
Quanto mais cresce, **mais** linda fica.	modo

5. Classifique as conjunções subordinativas em destaque, como fez no exercício 3:

a) Irei contigo, **desde que** minha família não se oponha.
b) Não fez nada **desde que** chegou.
c) **Desde que** estás disposto, convém **que** inicies já o trabalho.
d) Vejo **que** sabes **tanto quanto** nós, **se bem que** tenhas estado no local dos acontecimentos.
e) Malha-se o ferro **enquanto** está quente.
f) **Como** a escola era perto, íamos a pé.
g) Eu podia assistir à pescaria, **contanto que** ficasse em silêncio.
h) **Embora** pertencêssemos a partidos rivais, nossas ideias coincidiam em muitos pontos, de modo que era possível convivermos como bons amigos.
i) **Conquanto** estivéssemos cansados, nosso pai não permitia que fôssemos dormir sem que antes tivéssemos rezado as orações.
j) **Visto como** o futuro é incerto, trabalharei agora **enquanto** as forças me permitirem.
k) "Caúla, **mesmo que** o quisesse, não saberia o que dizer." (ADONIAS FILHO)
l) "**Tanto** nos leva ao porto o navio **quanto** o mar." (ANÍBAL MACHADO)

6. Classifique as conjunções dos períodos seguintes:

a) Quando eu te trazia biscoitos, tu os guardavas, e eu te censurava, porque me parecias avara, pois nem os comias nem os repartias com outrem.
b) Como é gorda, ela cansa mais depressa, mas não se queixa nem diminui o passo.
c) Fui visitar Letícia e levei-lhe, conforme você me lembrou, um ramo de flores.
d) "Pareceu-me que a minha posição melhorava, mas enganei-me." (CAMILO CASTELO BRANCO)
e) Sou pobre, como bem sabes; contudo, tenho a certeza de que, se fosse rico, não seria mais feliz do que sou agora.
f) Por mais distraído que fosses, leitor amigo, terias notado que ele ficara sinceramente alegre, posto que contivesse a alegria, segundo convinha a um filósofo.

7. Transcreva as frases abaixo e classifique a palavra **que**, sobrepondo-lhe a letra correspondente:

(A) pronome relativo
(B) pronome indefinido
(C) pronome interrogativo
(D) advérbio de intensidade
(E) conjunção coordenativa
(F) conjunção subordinativa
(G) substantivo
(H) preposição
(I) interjeição
(J) palavra expletiva
(K) palavra denotativa de exclusão (que não = exceto)

1) Há pessoas que sofrem.
2) Que força tem o vento!
3) Que tencionas fazer agora?
4) Que bom seria viver aqui!
5) "Procura que procura." (Amadeu Amaral)
6) Apressas-te, que vem gente.
7) Criança que és, não podes compreender isto.
8) Sabemos que a Terra gira no espaço.
9) Não sai à rua, que não leve a netinha.
10) Fiz-lhe sinal que se calasse.
11) Falou de tal modo que nos empolgou.
12) "Cinco contos que fossem, era um arranjo menor..." (Machado de Assis)
13) Felicidade vale mais que riqueza.
14) "Que gentil que estava a espanhola!" (Machado de Assis)
15) "O patrão já dera ordem de ajuntar mais um peão, que os dois que havia não davam conta do serviço." (Darci Azambuja)
16) A verdade é que a mulher não soube que inventar para defender o procedimento do marido.
17) "Quê! – atalhou Vasco – pois aquele homem tão sério!... tão temente a Deus!" (Camilo Castelo Branco)
18) "Leio nos seus olhos claros um quê de profunda curiosidade." (Gasparino Damata)
19) Parece que ele se referiu a outra pessoa, que não a mim.
20) "Punham-se a procurar não se sabia quê." (Fernando Namora)
21) "Não existia mistério que resolver." (Jorge Amado)
22) "Os doze anos, ai de mim, nunca mais que chegavam." (Ciro dos Anjos)
23) "Tão gulosa que era, tinha sempre à mão alguma coisa para comer." (Antônio Olavo Pereira)
24) "Senti-me leve, transportado a outras paragens, que não as terrenas." (Otto Lara Resende)
25) Quem não tiver coragem de escalar o pico, que fique em casa.

8. Em cada grupo, copie a única conjunção subordinativa que não pertence à classe das:

1) **comparativas**: como – assim como – tal e qual – qual – (mais) que – o mesmo que – (tanto) quanto – porquanto – feito

2) **concessivas**: embora – ainda que – mesmo que – ainda quando – por mais que – nem que – se – se bem que – sem que

9. Transcreva as frases; em seguida sublinhe e classifique as conjunções:

a) "Poderás, se fugires, orientar-te pelas estrelas." (SANTOS FERNANDO)

b) "Confundia agitação com ação, tal e qual o Melquíades." (CIRO DOS ANJOS)

c) Ia escrevendo ora devagar, ora depressa, conforme o ritmo dos pensamentos.

d) "Ele, Caúla, não ficaria ancorado como uma canoa." (ADONIAS FILHO)

e) Sagaz como era, logo percebeu que havia novidades.

f) O frio excessivo, como se sabe, impede a condensação necessária à queda da neve.

g) Por mais leve que pisasse, seus passos reboavam.

h) A planície dir-se-ia que busca o fim do mundo, de tão extensa que é.

i) Segundo narram alguns historiadores, muitos escravos se precipitaram no abismo a fim de fugir às torturas.

j) "Nos canteiros empoçados as plantas sacudiam-se tal qual jaçanãs nos lagos." (STELLA LEONARDOS)

10. Escreva as frases, substituindo o * corretamente por **mal** ou **mau**, e numere-as de acordo com a classe gramatical dessas palavras:

Isto é um * sinal.

O * é infeliz.

A guerra é um *.

* me viu, veio correndo.

Você agiu * .

* ouvi o que ele disse.

(1) substantivo concreto
(2) substantivo abstrato
(3) adjetivo
(4) advérbio de modo
(5) advérbio de intensidade
(6) conjunção subordinativa temporal

11. Copie a única frase com a locução conjuntiva correta:

Os rios se avolumam, **na medida em que** avançam para o mar.

Os rios se avolumam, **à medida que** avançam para o mar.

Os rios se avolumam, **à medida em que** avançam para o mar.

Os rios se avolumam, **na medida que** avançam para o mar.

12. Use, em duas frases:

a) ao mesmo tempo que; b) à medida que.

13. Observe que tipo de relação há entre as frases. Depois una-as em um só período, usando as conjunções coordenativas mais adequadas.

a) Explicou o caminho diversas vezes. Não entendi direito o trajeto.

b) Ande logo. Chegaremos atrasados.

c) Não irei. Não mandarei representantes.

d) Não fale alto. Estamos num hospital.

e) Não veio hoje. Deve estar com algum problema sério.

14. Escreva as frases substituindo a conjunção coordenativa por uma concessiva. Faça as alterações necessárias.

Trabalhei muito, mas não estou cansada.

Embora tenha trabalhado muito, não estou cansada.

a) Você é muito inteligente, mas precisa estudar mais.

b) Querem ter sucesso, porém não se esforçam.

c) Clara ganhava pouco, mas vestia-se com cuidado.

15. Una as orações utilizando conjunções subordinativas adequadas para expressar as circunstâncias indicadas entre parênteses. Faça as alterações necessárias.

a) Não nos recebeu. Estava em reunião. (**causa**)

b) Não vou a estádios. Gosto de futebol. (**concessão**)

c) Conto esses fatos. Ouvi esses fatos assim. (**conformidade**)

d) Explicou tudo com muitos detalhes. Todos entenderam. (**consequência**)

e) Falei-lhe com carinho. Queria que ele me ouvisse. (**finalidade**)

16. Indique qual das conjunções aditivas indica ideia de oposição.

a) Meu irmão e eu fomos ao cinema do bairro.

b) Bruna não telefonou nem deu notícias.

c) Leandro apareceu com o carro e disse que o comprara há pouco.

d) Estou procurando Alice há mais de uma hora e ainda não a encontrei.

e) Não só trouxemos as prendas, mas também armamos as barracas da quermesse.

17. Complete as frases usando conjunções adequadas para explicar a relação que há entre as orações:

a) Ontem chovia * ventava assustadoramente.

b) Iria com você ao teatro * não tivesse de cuidar do bebê.

c) Fiz todas as tarefas * você recomendou.

d) As lágrimas eram tantas * ele sequer via quem estava ao seu redor.

e) A passagem do tempo o assustava * não estava satisfeito com sua própria vida.

18. Identifique o tipo de relação que a conjunção **como** estabelece entre as orações.

a) Como eu já te disse antes, aquela criança está com sérios problemas.

b) Chovia como só chove em minha terra natal!

c) Como estivesse exausto, resolveu não participar da festa.

d) A história não aconteceu como te contaram.

e) Como não tivesse mais condições de estudar, começou a procurar emprego.

CONJUNÇÃO
Exercícios de exames e concursos
[Página 679]

INTERJEIÇÃO

1 INTERJEIÇÃO

É uma palavra ou locução que exprime um estado emotivo:

"**Caramba**! Isto é que se chama talento!" (JOSUÉ MONTELO)

"**Puxa vida**! Outra vez! – exclamou Gumersindo, brecando o carro." (EDY LIMA)

Vozes ou exclamações vivas, as interjeições são um recurso da linguagem afetiva ou emocional. Podem exprimir e registrar os mais variados sentimentos e emoções:

aclamação: *viva!*
dor, arrependimento, lástima: *ai! ui! ah! oh! ai de mim! meu Deus! que pena! xi!*
advertência: *cuidado! devagar! atenção! calma! sentido! alerta! olha! olha lá! vê bem!*
dúvida, suspeita: *hum! epa!*
admiração, surpresa, espanto: *ah! oh! ih! puxa! céus! caramba! quê! ué! hem?! uai! credo! nossa! opa! xi!*
impaciência, aborrecimento, desagrado: *irra! apre! arre! vote! ora bolas! puxa vida! hum!*
animação: *eia! sus! coragem! avante! upa! força! vamos!*
aplauso, felicitação, satisfação: *bravo! apoiado! ótimo! viva! boa! bis! isso! parabéns! muito bem!*
desacordo, incredulidade: *qual! qual o quê! pois sim! que esperança!*
alegria: *ah! oh! eh! viva! eta! aleluia! oba!*
desapontamento: *ué! uai!*
alívio: *uf! ufa! arre! ah!*
apelo, pedido, chamamento: *ó! alô! socorro! psiu! eh! ei! olá! misericórdia! valha-me Deus!*
afugentamento: *sai! fora! passa! rua! chit! arreda! xô!*
desejo: *oh! oxalá! tomara! quem me dera! queira Deus!*
indignação, repulsa: *fora! morra! abaixo! não! t'esconjuro!*
assentimento, concordância: *claro! pudera! sim! pois não! ótimo! tá! hã-hã!*
reprovação: *não apoiado! fiau! francamente! ora essa! ora!*
silêncio: *psiu! pst! caluda! silêncio! bico calado!*
saudação: *ave! salve! olá! bom dia! oi! anauê!* (saudação integralista)
despedida: *adeus! até logo! tchau!*
medo, terror, horror: *ui! uh! cruzes!*
desculpa: *perdão!*
pena: *oh! coitado! que pena! pobre dele!*
agradecimento: *obrigado! muito obrigado! obrigada! graças a Deus! grato!*

Observação:

✔ A mesma interjeição pode registrar mais de um sentimento, segundo o tom de voz com que a proferimos.

Além dessas, existem ainda as interjeições imitativas, que exprimem ruídos e vozes: *pum! miau! plaft! trac! pof! zás! zás-trás! tique-taque! quá-quá-quá!*, etc.

Psssiu! – chamou alguém atrás de mim.

"*Chap, chap, chap*. Era o vascolejar da água nas garrafas! (GRACILIANO RAMOS)

2 LOCUÇÃO INTERJETIVA

É uma expressão que vale por uma interjeição:

Meu Deus! Muito bem! Alto lá! Ai de mim! Ó de casa!

As interjeições são como que frases resumidas, sintéticas:

ué! = Eu não esperava por essa!

perdão! = Peço-lhe que me desculpe.

São proferidas com entoação especial, que se representa, graficamente, com o ponto de exclamação. Este pode aparecer depois da interjeição ou no fim da frase, ou mesmo ser repetido:

"Oh! é um anjo aquela menina." (MACHADO DE ASSIS)

"Oh, trágicas novelas!" (CABRAL DO NASCIMENTO)

Arre! você é teimosa!

Não se deve confundir a interjeição de apelo *ó* com a sua homônima *oh!*, que exprime admiração, alegria, tristeza, etc. Faz-se pausa depois do *oh!* exclamativo e não a fazemos depois do *ó* vocativo. Exemplos:

"*Ó* natureza! *ó* mãe piedosa e pura!" (OLAVO BILAC)

"*Oh!* a jornada negra!" (OLAVO BILAC)

Observação:

✔ Dentre as interjeições cumpre distinguir as que são exclusivamente interjeições (*oh! arre! olá!*, etc.) e as palavras de outras classes gramaticais usadas eventualmente como interjeições (*viva! cuidado! adiante!*, etc.).

EXERCÍCIOS — LISTA 33

1. Que sentimentos, emoções, etc. exprimem as interjeições e locuções interjetivas destes exemplos?

1) "Adeus, astros da noite!" (OLAVO BILAC)

2) "Ih! mamãe, mas está todo estragado [o piano]!" (ANÍBAL MACHADO)

3) "Quê! – atalhou Vasco – pois aquele homem tão sério!... tão temente a Deus!" (CAMILO CASTELO BRANCO)

4) "Valha-me Deus! exclamou ela aflitivamente." (Camilo Castelo Branco)

5) "Rua! Isto aqui não é casa da sogra!" (Orígenes Lessa)

6) "Cuidado, Emília! disse Narizinho." (Monteiro Lobato)

7) "De repente, no melhor da festa, plaft! uma jabuticaba cai do galho..." (Monteiro Lobato)

8) "Uf! Que trabalho me deu!" (Monteiro Lobato)

9) "Vamos! Dize alguma coisa!" (Monteiro Lobato)

10) "Ah! toda alma num cárcere anda presa!" (Cruz e Sousa)

11) "Zás! um certeiro golpe de foice dá com ela [a paca] em terra." (Monteiro Lobato)

12) "Ah! É o senhor o tão falado milionário?!" (Araújo Nabuco)

13) "— Então? hoje está mais fortezinho...
— Qual! passei mal a noite." (Machado de Assis)

14) "Eh, doutorzinho! chegou tua hora!" (Aníbal Machado)

15) "Oxalá não tivesse de tingir o sangue as ruas de Córdova." (Alexandre Herculano)

16) Ora bolas! Sempre fazendo das tuas!

17) "Tu vais partir, Dom Gil! Sus! cavaleiro!" (João Ribeiro)

18) Ó almas, devagar! Não esgoteis a taça...

19) Epa! Há algo se mexendo no armário!

20) "Oi! Dr. Fernando. Vai para a cidade?" (José Fonseca Fernandes)

21) "Ei, você aí, ó sardento, esfrega aquele pedaço de tijolo nas lajes." (Josué Guimarães)

22) "Caramba! São bem uns quatro quilômetros até o Anhangabaú." (José Fonseca Fernandes)

23) "Puxa, que pontaria, hem!" (Edi Lima)

24) Sentinela, alerta!

25) "Na porta, o Santo olhou o nosso herói: 'Opa, você de novo? Ah, conseguiu o cavalo, hem! Muito bem, amarre o cavalo aí fora e pode entrar'." (Millôr Fernandes)

26) "Xi, seu Antônio, estou sem um níquel, depois eu pago." (Millôr Fernandes)

27) Calma! Não se afogue num copo d'água.

28) "Bravo! Assim é que é!" (Carlos Drummond de Andrade)

2. Escreva as frases abaixo substituindo * pelas interjeições **ó** ou **oh!**, conforme convenha:

a) * não esperava por essa!

b) "Deus! * Deus! onde estás que não respondes?" (Castro Alves)

c) * com todo o prazer, senhor Lourenço!

d) "* borboleta, pára! * Mocidade, espera!" (Raimundo Correia)

e) "E a esperança? * a esperança, essa é que não renascera!" (Alexandre Herculano)

3. Leia as frases abaixo, procurando perceber os estados, sentimentos ou emoções que expressam as interjeições:

a) Cuidado! O chão está molhado.

b) Puxa! Não pensei que este lugar fosse tão bonito!

c) Puxa vida! Você não para um segundo sequer, Chiquinho!

d) Ufa! Consegui terminar o exercício!

e) Ué! Seu irmão não veio com você?

4. Escreva orações utilizando as interjeições abaixo para exprimir as emoções ou estados indicados:

a) desejo: tomara!

b) pena: coitado!

c) espanto: credo!

d) espanto: nossa!

e) concordância: claro!

5. Faça o mesmo utilizando locuções interjetivas:

a) apoio: muito bem!

b) espanto: meu Deus!

c) pena: meu Deus!

d) aborrecimento: puxa vida!

e) desejo: queira Deus!

CONECTIVOS

Os *conectivos* ligam palavras ou orações. São elementos de ligação, na frase. Exemplos:

O prazer **e** a dor são passageiros.

A espada vence, **mas** não convence.

No primeiro exemplo, o conectivo **e** liga duas palavras; no segundo, o conectivo **mas** liga duas orações.

Os conectivos dividem-se em duas classes: *coordenativos* e *subordinativos*.

▪ Quadro sinótico dos conectivos

- ***CONECTIVOS***
  - **coordenativos** ***(Ligam orações coordenadas.)***
    - ***conjunções coordenativas***
      - ***aditivas:*** *e*
      - ***adversativas:*** *mas*
      - ***alternativas:*** *ou*
      - ***conclusivas:*** *logo*
      - ***explicativas:*** *pois*
  - **subordinativos** ***(Subordinam orações dependentes às principais.)***
    - ***conjunções subordinativas***
      - ***causais:*** *porque*
      - ***comparativas:*** *como*
      - ***concessivas:*** *embora*
      - ***condicionais:*** *se*
      - ***conformativas:*** *conforme*
      - ***consecutivas:*** *(tão) que*
      - ***finais:*** *para que*
      - ***proporcionais:*** *à medida que*
      - ***temporais:*** *quando*
      - ***Iniciam orações adverbiais.***
      - ***integrantes:*** *que, se* — ***Iniciam orações substantivas.***
    - ***pronomes relativos:*** *que, quem, cujo, cuja, o qual, a qual,* ***etc.*** — ***Iniciam orações adjetivas.***

FORMAS VARIANTES

Veja estes exemplos:

A mãe de Alfredo não gostava que ele *assobiasse*.

"Ataliba *assovia* enquanto corta a lenha." (JORGE AMADO)

Assoviar é variante de *assobiar*.

Existe na língua hodierna bom número de palavras que, ao lado da forma considerada normal, apresentam uma ou mais variantes. Em alguns casos é indiferente o emprego de uma ou de outra forma (*cousa* ou *coisa*, *assobiar* ou *assoviar*, etc.); em outros, pelo contrário, deve-se dar preferência às formas que mais se impuseram, graças ao uso constante e generalizado.

São exemplos de formas variantes:

aluguel, aluguer
assobiar, assoviar
assobio, assovio
bílis, bile
coisa, cousa
escoicear, escoucear
louro, loiro
derrubar, derribar
espargir, esparzir
marimbondo, maribondo
bêbedo, bêbado
malvadez, malvadeza
percentagem, porcentagem
pitoresco, pinturesco
lacrimejar, lagrimejar
diabete, diabetes
cacaréus, cacarecos
baralhar, embaralhar
desvario, desvairo
perspectiva, perspetiva
entretimento, entretenimento
engambelar, engabelar
quociente, cociente
rubi, rubim
remoinhar, redemoinhar
remoinho, redemoinho
endemoniado, endemoninhado
infarto, enfarte
líquido, líquido (ki)
traquina, traquinas
catorze, quatorze
cota, quota
taverna, taberna
eriçar, erriçar
espécime, espécimen
ridiculizar, ridicularizar
fleuma, flegma
coradouro, coaradouro, coarador
transpassar, traspassar, trespassar
nambu, nhambu, inambu, inhambu, inamu

EXERCÍCIO LISTA 34

1. Informe onde aparecem formas variantes e onde há erro. No caso de variantes, diga qual a forma considerada normal; no caso de erro, corrija-o:

a) O garoto *assobiava* e corria pela rua.

b) Era um rapaz *louro*, muito bonito e simpático.

c) Você já leu o livro de José Sarney chamado "*Marimbondos* de fogo"?

d) Tenho o *previlégio* de conhecê-lo há anos!

e) Você é um *bêbedo*, que não sabe o que diz.

f) Você tem *catorze* ou quinze anos?

g) Aborrecia-me a *fleuma* com que ele empilhava os tijolos.

h) Vou fazer um bazar *beneficiente* em minha casa.

i) Reveja o *cociente* dessas contas.

j) Quero *cincoenta* copos de papel.

k) Quantas *cotas* do empreendimento seu pai adquiriu?

ANÁLISE MORFOLÓGICA

Consiste a análise morfológica em dar a classe das palavras, sua classificação, fazer o levantamento dos diversos acidentes gramaticais (gênero, número, grau, pessoa, etc.) e identificar-lhes o processo de formação e os elementos mórficos que as constituem. Exemplos:

- **cafeteira**

Substantivo comum, concreto, feminino, singular; derivado, formado por sufixação.

Radical: *café*; sufixo (nominal): *eira;* desinência (nominal): *a;* consoante de ligação: *t*.

- **detivemos**

1ª pessoa do plural do pretérito perfeito simples do indicativo do verbo irregular da 2ª conjugação *deter*, voz ativa; formado por prefixação (*de* + *ter*).

Radical: *tiv;* prefixo: *de;* vogal temática: *e;* desinência número-pessoal: *mos*.

Na análise *morfossintática* de uma palavra, faz-se, juntamente, a análise morfológica e a sintática.

LEITURA

Janeiro

Janeiro desnastra os arrozais,
o fumo é desfolhado
e a larva ameaça o algodoal.
A mão do homem corrige todos os acasos.
Janeiro vê a altura viva das mudas
nos viveiros.
É tempo ainda de semear.
As frutas submetem-se aos enxertos, promissoras.
Reverdecer é simples como a luz.

(VALMIR AYALA, *Águas como Espadas*, p. 13,
LR Editores Ltda., São Paulo, 1983)

SEMÂNTICA

trata da significação das palavras

Soneto à Lua

Vens chegando de longe, tão cansada,
Tão frágil e tão pálida vens vindo,
Que pareces, ó doce Lua amiga,
Vir impelida pelo vento leve.

Pelo vento gentil que está soprando
Tu pareces tangida, como um barco
Com as suas louras velas enfunadas,
E vens a navegar nos altos mares...

Atravessando campos e cidades,
Quantas artes e sortes não fizeste,
Ó triste Lua dos enamorados!

Quantas flores e virgens distraídas
Não seduziste para a estranha viagem
Por esse mar de amor, cheio de abismos!

(AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT, *Eu Te Direi as Grandes Palavras*, 2ª ed., p. 74, Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1977)

SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS

1 SINÔNIMOS

Sinônimos são palavras de sentido igual ou aproximado. Exemplos:

alfabeto, abecedário

brado, grito, clamor

extinguir, apagar, abolir, suprimir

justo, certo, exato, reto, íntegro, imparcial

Geralmente não é indiferente usar um sinônimo pelo outro. Embora irmanados pelo sentido comum, os sinônimos diferenciam-se, entretanto, uns dos outros, por matizes de significação e certas propriedades que o escritor não pode desconhecer.

Com efeito, estes têm sentido mais amplo, aqueles, mais restrito (*animal* e *quadrúpede*); uns são próprios da fala corrente, desataviada, vulgar, outros, ao invés, pertencem à esfera da linguagem culta, literária, científica ou poética (*orador* e *tribuno, oculista* e *oftalmologista, cinzento* e *cinéreo*).

A contribuição greco-latina é responsável pela existência, em nossa língua, de numerosos pares de sinônimos. Exemplos:

adversário e *antagonista*	*moral* e *ética*
translúcido e *diáfano*	*colóquio* e *diálogo*
semicírculo e *hemiciclo*	*transformação* e *metamorfose*
contraveneno e *antídoto*	*oposição* e *antítese*

O fato linguístico de existirem sinônimos chama-se *sinonímia*, palavra que também designa o *emprego de sinônimos*.

O bom escritor deve conhecer os segredos da sinonímia. Entre dois ou mais sinônimos há sempre um que se impõe, por ser mais adequado, mais expressivo ou pitoresco.

2 ANTÔNIMOS

Antônimos são palavras de significação oposta. Exemplos:

ordem e *anarquia*	*louvar* e *censurar*
soberba e *humildade*	*mal* e *bem*

A antonímia pode originar-se de um prefixo de sentido oposto ou negativo. Exemplos:

bendizer, maldizer
simpático, antipático
progredir, regredir
concórdia, discórdia
explícito, implícito
ativo, inativo
esperar, desesperar
comunista, anticomunista
simétrico, assimétrico
pré-nupcial, pós-nupcial

3 HOMÔNIMOS

Homônimos são palavras que têm a mesma pronúncia, e às vezes a mesma grafia, mas significação diferente. Exemplos:

são (sadio), *são* (forma do verbo *ser*) e *são* (santo)

aço (substantivo) e *asso* (verbo)

Só o contexto é que determina a significação dos homônimos. A homonímia pode ser causa de ambiguidade, por isso é considerada uma deficiência dos idiomas.

O que mais nos impressiona nos homônimos é o seu aspecto fônico (som) e o gráfico (grafia). Daí serem divididos em:

- **homógrafos heterofônicos (iguais na escrita e diferentes no timbre ou na intensidade das vogais):**

rego (substantivo) e *rego* (verbo)
colher (verbo) e *colher* (substantivo)
jogo (substantivo) e *jogo* (verbo)
vede (verbo *ver*) e *vede* (verbo *vedar*)
apoio (verbo) e *apoio* (substantivo)
para (verbo *parar*) e *para* (preposição)
pelo (subst.: *cabelo*), *pelo* (forma do verbo *pelar*) e *pelo* (contração de *per* + *o*)
providência (substantivo) e *providencia* (verbo)
ás (substantivo), *às* (contração) e *as* (artigo)

Observação:

✔ Palavras como as dos dois últimos exemplos, a rigor, não são homógrafas, visto que o acento gráfico desfaz a homografia. Razões de ordem didática, porém, nos levam a incluí-las neste grupo de homônimos.

- **homófonos heterográficos (iguais na pronúncia e diferentes na escrita):**

acender (atear, pôr fogo) e *ascender* (subir)
concertar (harmonizar) e *consertar* (reparar, emendar)
concerto (harmonia, sessão musical) e *conserto* (ato de consertar)
cegar (tornar cego) e *segar* (cortar, ceifar)
apreçar (determinar o preço, avaliar) e *apressar* (acelerar)
cela (pequeno quarto), *sela* (arreio) e *sela* (verbo *selar*)
censo (recenseamento) e *senso* (juízo)

cerrar (fechar) e *serrar* (cortar)
paço (palácio) e *passo* (andar)
hera (trepadeira) e *era* (época), *era* (verbo)
caça (ato de caçar), *cassa* (tecido) e *cassa* (verbo *cassar* = *anular*)
cessão (ato de ceder), *seção* (divisão, repartição)[1] e *sessão* (tempo de uma reunião ou espetáculo)

- **homófonos homográficos (iguais na escrita e na pronúncia):**

caminha (substantivo), *caminha* (verbo)
cedo (verbo), *cedo* (advérbio)
somem (forma do verbo *somar*), *somem* (forma do verbo *sumir*)
livre (adjetivo), *livre* (forma do verbo *livrar*)
pomos (substantivo), *pomos* (forma do verbo *pôr*)
alude (avalancha), *alude* (forma do verbo *aludir*)

4 PARÔNIMOS

Parônimos são palavras parecidas na escrita e na pronúncia:

coro e *couro*
cesta e *sesta* (é)
eminente e *iminente*
tetânico e *titânico*
atoar e *atuar*
degradar e *degredar*
cético e *séptico*
prescrever e *proscrever*
descrição e *discrição*
infligir (aplicar) e *infringir* (transgredir)
osso e *ouço*
sede (vontade de beber) e *cede* (verbo *ceder*)
comprimento e *cumprimento*
deferir (conceder, dar deferimento) e *diferir* (ser diferente, *divergir*, adiar)
ratificar (confirmar) e *retificar* (tornar reto, corrigir)
vultoso (volumoso, muito grande: soma *vultosa*) e *vultuoso* (congestionado: rosto *vultuoso*)

5 POLISSEMIA

Uma palavra pode ter mais de uma significação. A esse fato linguístico dá-se o nome de *polissemia*. Exemplos:

mangueira: tubo de borracha ou de plástico para regar as plantas ou apagar incêndios; árvore frutífera; grande curral de gado.

pena: pluma; peça de metal para escrever; punição; dó.

velar: cobrir com véu; ocultar; vigiar, cuidar; relativo ao véu do palato.

Podemos citar ainda, como exemplos de palavras polissêmicas, o verbo *dar* e os substantivos *linha* e *ponto*, que têm dezenas de acepções.

---

(1) Existe ainda a variante *secção* (latim *sectio, sectionis* = *corte*), que se aplica melhor ao sentido etimológico (*corte, amputação*).

6 SENTIDO PRÓPRIO E SENTIDO FIGURADO

As palavras podem ser empregadas no sentido próprio ou no sentido figurado. Exemplos:

Construí um muro de **pedra**. (sentido próprio)

Ênio tem um coração de **pedra**. (sentido figurado)

A água **pingava** da torneira. (sentido próprio)

As horas iam **pingando** lentamente. (sentido figurado)

7 DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO

Observe a palavra em destaque destes exemplos:

Comprei uma correntinha de **ouro**.

Fulano nadava em **ouro**.

No primeiro exemplo, a palavra *ouro* denota ou designa simplesmente o conhecido metal precioso, dúctil, brilhante, de cor amarela: tem sentido próprio, real, *denotativo*. No segundo, *ouro* sugere ou evoca riquezas, opulência, poder, glória, luxo, ostentação, conforto, prazeres: tem sentido *conotativo*, possui várias *conotações* (ideias associadas, sentimentos, evocações que irradiam da palavra).

Como se vê, certas palavras têm grande poder evocativo, uma extraordinária carga semântica; são capazes de sugerir muito mais do que o objetivo designado, desencadeando, conforme a situação, ideias, sentimentos e emoções de toda ordem. Quantas coisas podem sugerir palavras conotativas como *selva, mar, praia, sol, festa*!

EXERCÍCIOS — LISTA 35

1. Dê sinônimos das palavras seguintes:

remoto	percalço	repúdio
granjear	motejo	afeito
inexorável	vicejar	fútil
malfadado	suscitar	infrene
turbamulta	repulsivo	meandro

2. Reorganize as colunas, relacionando os sinônimos de origem latina aos de origem grega:

transparente	diálogo
adversário	ética
moral	diáfano
solilóquio	monólogo
colóquio	antagonista

circunlóquio	protótipo
modelo	metamorfose
transformação	hipótese
contraveneno	perífrase
suposição	antídoto

3. Substitua as palavras destacadas por sinônimos:

a) "Os cabelos, dum **curioso** louro-esverdeado, **iam** muito bem com o tom do uniforme." (ÉRICO VERÍSSIMO)

b) "De noite a cidade **enfeitiça**, mas, de dia, também **desilude**." (GUEDES DE AMORIM)

c) O **retorno** da nave à Terra **fez-se** de modo **análogo** ao das missões Apolo.

d) A contenção dos gastos do governo **gerou** um **declínio** da inflação.

e) Sacudi o **torpor** que se **apoderou** de mim.

4. Substitua as palavras destacadas pelos seus antônimos:

a) A **polidez** vos torna **simpáticos**.

b) Considerai a vida **agitada** e **árdua** de nossos **contemporâneos**!

c) "Os **velhos impugnam** as modas recentes e **defendem** as antigas." (MARQUÊS DE MARICÁ)

d) "A **amenidade** do semblante anuncia a **bondade** do coração." (MARQUÊS DE MARICÁ)

e) Bruno era um rapaz **generoso, perdulário, extrovertido**.

5. Copie, em cada grupo, apenas a palavra que não é sinônimo:

a) presidente – ministro – chefe de Estado – primeiro mandatário

b) terremoto – tremor de terra – abalo sísmico – fissão – sismo

c) nave espacial – cosmonave – espaçonave – avião – veículo espacial

6. Reorganize as colunas de acordo com o tipo de homônimo:

cedo (verbo), cedo (advérbio)	homógrafos heterofônicos
torre (substantivo), torre (verbo)	homógrafos heterográficos
cinto (substantivo), sinto (verbo)	homógrafos homográficos

7. Organize frases com os homônimos das palavras destacadas:

a) A menina dos olhos **verdes** foi à **sessão** das 16 horas.

b) A **cruz** nos **traz** a **graça**.

c) Depois da **caça** faz-se o **conserto** das redes.

d) "A pobre senhora **concertou** o xale sobre os ombros e retomou o rumo da cidade." (AMANDO FONTES)

8. Dê a significação dos homônimos seguintes:

acender e ascender – acento e assento – censo e senso – cerrar e serrar – cerviz e servis – empoçar e empossar – incerto e inserto – incipiente e insipiente – laço e lasso – mole (adjetivo) e mole (substantivo) – coser e cozer – acerto e asserto – cessão, seção e sessão – ruço e russo

9. Informe a diferença de significação dos parônimos seguintes:

a) vultoso, vultuoso
b) auspícios, hospícios
c) acidente, incidente
d) conjetura, conjuntura
e) estofar, estufar
f) intimorato, intemerato
g) inerme, inerte
h) premissas, primícias
i) prescrever, proscrever
j) tráfego, tráfico
k) ratificar, retificar
l) flagrante, fragrante
m) indefeso, indefesso
n) ablação, ablução, oblação

10. Escreva as frases abaixo substituindo os asteriscos pelos parônimos adequados:

a) O secretário não **** o meu requerimento. (**diferiu**, **deferiu**)

b) Não hás de **** impunemente as leis. (**infringir**, **infligir**)

c) Fiz uma simples ****. (**conjuntura**, **conjetura**)

d) Há homens **** em ciência e virtude. (**iminentes**, **eminentes**)

e) Os fatos **** meus prognósticos. (**retificaram**, **ratificaram**)

f) Viu-se na **** de perder suas terras. (**iminência**, **eminência**)

11. Dê exemplos de palavras:

a) polissêmicas
b) conotativas

12. Transcreva as frases antepondo **P** ou **F**, conforme houver sentido próprio ou figurado:

Quebrei um galho de árvore.

O Presidente **quebrou** o protocolo.

Não sejas **escravo** da moda.

O **escravo** fugiu para o quilombo.

Tive uma ideia **luminosa**.

Os cometas têm uma longa cauda **luminosa**.

Joel estava **imerso** em profunda tristeza.

Doces recordações do passado e **amargas** desilusões.

13. Escreva as frases, substituindo * por uma das palavras entre parênteses. Depois, anteponha **H** ou **P**, conforme elas sejam homônimos ou parônimos.

O preso saiu da *. (**cela**, **sela**)

Vítor usa cabelo *. (**comprido**, **cumprido**)

O calor * o ferro. (**delata**, **dilata**)

O * é um sinal gráfico. (**acento**, **assento**)
O cisne * a cabeça na água. (**emergiu**, **imergiu**)
Paguei as * de luz e água. (**tachas**, **taxas**)
* os olhos e dormi. (**cerrei**, **serrei**)
João é um bom *. (**celeiro**, **seleiro**)
Agi com calma e *. (**descrição**, **discrição**)
Manuel * o fardo. (**arreou**, **arriou**)
Mandei * o cavalo. (**arrear**, **arriar**)
Ele tem uma força *. (**tetânica**, **titânica**)
O carro foi para o *. (**concerto**, **conserto**)
Estávamos * três dias das eleições. (**a**, **há**)

14. Dê antônimos das palavras relacionadas, utilizando prefixos *in-, im-, des-, i-*:
moral – parcial – reverente – satisfeito – esperar – ativo – responsável – humano – harmonia

15. Formule orações que exemplifiquem a diferença de sentido entre os pares de homônimos abaixo:
a) acento e assento
b) para e para (verbo/preposição)
c) jogo e jogo (substantivo/verbo)
d) cela e sela
e) sessão e seção

16. Faça o mesmo em relação aos parônimos:
a) descrição e discrição
b) osso e ouço
c) comprimento e cumprimento
d) infligir e infringir

17. Veja se as palavras foram utilizadas em seu sentido próprio ou em sentido figurado.
a) "O pavão é um arco-íris de plumas." (Rubem Braga)
b) Venha ver o arco-íris!
c) "Me deixe, sim, meu grão de amor." (Marisa Monte/Carlinhos Brown)
d) É necessário incluir grãos em uma alimentação balanceada.

18. Lembrando-se do que viu sobre **polissemia**, dê exemplos de frases que exemplifiquem diferentes sentidos em que podem ser utilizadas as palavras abaixo.
a) manga
b) pena
c) romper
d) grave

SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS
Exercícios de exames e concursos
[Página 681]

SINTAXE

estuda as palavras associadas na frase

Inverno

Nesses dias de inverno
em que a chuva fustiga a vidraça,
sonho desperto, as mãos
na nuca. Olho o teto, a praça,
e cavalgo uma moto possante
pelas estradas do Sul.
Treme de febre o pampa,
treme a cordilheira e o Aconcágua.
Estico minha ânsia sob sol e neve,
cuspo salitre
e vomito este Pacífico
que me persegue.

(Sérgio Caparelli, *Restos de Arco-Íris*, p. 64,
L&PM Editores, Porto Alegre, 1985)

ANÁLISE SINTÁTICA

1 NOÇÕES PRELIMINARES

A *análise sintática* examina a estrutura do período, divide e classifica as orações que o constituem e reconhece a função sintática dos termos de cada oração.

Preliminarmente, daremos uma ideia do que seja *frase, oração, período, termo, função sintática* e *núcleo de um termo da oração*.

As palavras, tanto na expressão escrita como na oral, são reunidas e ordenadas em frases. Pela frase é que se alcança o objetivo do discurso, ou seja, da atividade linguística: a comunicação com o ouvinte ou o leitor.

2 FRASE

É todo enunciado capaz de transmitir, a quem nos ouve ou lê, tudo o que pensamos, queremos ou sentimos. Pode revestir as mais variadas formas, desde a simples palavra até o período mais complexo, elaborado segundo os padrões sintáticos do idioma.

São exemplos de frases:

Socorro!

Muito obrigado!

Que horror!

Sentinela, alerta!

Cada um por si e Deus por todos.

Grande nau, grande tormenta.

Por que agridem a natureza?

"Tudo seco em redor." (Graciliano Ramos)

"Boa tarde, mãe Margarida!" (Graciliano Ramos)

"Fumaça nas chaminés, o céu tranquilo, limpo o terreiro." (Adonias Filho)

"As luzes da cidade estavam amortecidas." (Érico Veríssimo)

"Tropas do exército regular do Sul, ajudadas pelos seus aliados brancos de além-mar, tinham sido levadas em helicópteros para o lugar onde se presumia estivesse o inimigo, mas este se havia sumido por completo." (Érico Veríssimo)

Observações:

✔ As frases são proferidas com entonação e pausas especiais, indicadas na escrita pelos sinais de pontuação.

✔ Muitas frases, mormente as que se desviam do esquema sujeito + predicado, só podem ser entendidas dentro do contexto (= o escrito em que figuram) e na situação (= o ambiente, as circunstâncias) em que o falante está.

✔ Chamam-se *frases nominais* as que se apresentam sem o verbo. Exemplo: *Tudo parado e morto.*

Quanto ao sentido, as frases podem ser:

- **declarativas**

Encerram a declaração ou enunciação de um juízo acerca de alguém ou de alguma coisa:
A retificação da velha estrada é uma obra inadiável.
Neli não quis montar o cavalo velho, de pelo ruço.

- **interrogativas**

São uma pergunta, uma interrogação:
"Por que faço eu sempre o que não queria?" (Fernando Pessoa)
"Não sabe, ao menos, o nome do pequeno?" (Machado de Assis)

- **imperativas**

Contêm uma ordem, proibição, exortação ou pedido:
"Cale-se! Respeite este templo." (Érico Veríssimo)
"Vamos, meu filho, ande depressa!" (Herberto Sales)
"Segue teu rumo e canta em paz." (Cecília Meireles)
"Não me leves para o mar." (Vicente de Carvalho)

- **exclamativas**

Traduzem admiração, surpresa, arrependimento, etc.:
Como eles são audaciosos!
Não voltaram mais!
"Uma senhora instruída meter-se nestas bibocas!" (Graciliano Ramos)

- **optativas**

Exprimem um desejo:
Bons ventos o levem!
Oxalá não sejam vãos tantos sacrifícios!
"E queira Deus que te não enganes, menino!" (Carlos de Laet)
"Quem me dera ser como Casimiro Lopes!" (Graciliano Ramos)

- **imprecativas**

Encerram uma imprecação (praga, maldição):

"Esta luz me falte, se eu minto, senhor!" (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Não encontres amor nas mulheres!" (GONÇALVES DIAS)

"Maldito seja quem arme ciladas no seu caminho!" (DOMINGOS CARVALHO DA SILVA)

Como se vê dos exemplos citados, os diversos tipos de frase podem encerrar uma afirmação ou uma negação. No primeiro caso, a frase é afirmativa, no segundo, negativa.

O que caracteriza e distingue esses diferentes tipos de frase é a entonação, ora ascendente ora descendente. A mesma frase pode assumir sentidos diferentes, conforme o tom com que a proferimos. Observe:

Olavo esteve aqui.

Olavo esteve aqui?

Olavo esteve aqui?!

Olavo esteve aqui!

3 ORAÇÃO

É a frase de estrutura sintática que apresenta, normalmente, sujeito e predicado e, excepcionalmente, só o predicado. Exemplos:

A menina — **sujeito**

banhou-se na cachoeira. — **predicado**

Choveu durante a noite. — **predicado**

Observações:

✔ Em toda oração há um verbo ou locução verbal (às vezes elípticos).

✔ Não têm estrutura sintática, portanto não são orações e não podem ser analisadas sintaticamente frases como:

Socorro!

Com licença!

Que rapaz impertinente!

Muito riso, pouco siso.

"A bênção, mãe Nácia!" (RAQUEL DE QUEIRÓS)

Na oração as palavras estão relacionadas entre si, como partes de um conjunto harmônico: elas formam os *termos* ou as *unidades sintáticas* da oração. Cada termo da oração desempenha uma *função sintática*.

4 NÚCLEO DE UM TERMO

Núcleo de um termo é a palavra principal (geralmente um substantivo, pronome ou verbo), que encerra a essência de sua significação. Nos exemplos seguintes, as palavras *amigo* e *revestiu* são o núcleo do sujeito e do predicado, respectivamente:

"*O* **amigo** *retardatário do presidente* prepara-se para desembarcar." (ANÍBAL MACHADO)

A avezinha **revestiu** *o interior do ninho com macias plumas.*

Segundo sua importância, os termos da oração se dizem *essenciais, integrantes* e *acessórios*, como logo adiante se verá.

5 PERÍODO

Periodo é a frase constituída de uma ou mais orações.

O período é *simples* quando constituído de uma só oração:

"A ignorância do bem **é** a causa do mal." (DEMÓCRITO)

"Na esplanada do Museu *alongavam-se* cada vez mais sobre as lajes as sombras das estátuas de pedra de mandarins d'antanho." (ÉRICO VERÍSSIMO)

No período simples há um só verbo (ou locução verbal).

O período é *composto* quando formado por mais de uma oração:

"O gato não nos **afaga**, **afaga-se** em nós." (MACHADO DE ASSIS)

O líder Xanana Gusmão **disse** que a língua portuguesa **será adotada** oficialmente no Timor Leste.

No período composto há mais de um verbo (ou locução verbal).

Observações:

- ✔ A oração do período simples chama-se *absoluta*.
- ✔ Na língua escrita abre-se o período com letra maiúscula e fecha-se com ponto final, ponto de exclamação ou interrogação e, em certos casos, com dois-pontos ou reticências.

LEITURA

Enquanto é maio

Durante quatro ou cinco meses por ano o Rio é uma cidade desesperadamente infernal, com o seu calor. E eis que de repente os termômetros se comportam e o céu azula e o ar se limpa e purifica, o mar lava as suas ondas, as árvores pintam de luz o verde das suas folhas e tudo se adoça, dentro e fora dos seres humanos.

E me inquieto e quisera ser ubíqua e onipresente, pois não posso sair daqui, nem um minuto, e perder o Rio, nos seus dias de maio. E Petrópolis, ali, junto, está um delírio de beleza. Teresópolis, Friburgo, Penedo, Itatiaia, São Paulo, Caraguatatuba, Parati e Vila Bela hão de estar igualmente esplendorosas. E que diremos de Salvador e Recife, quem sabe se até Brasília? Pois é maio em todas elas. O que sobremaneira nos inquieta, pois já não será possível festejar o acontecimento em todas essas latitudes.

E vos escrevo, vigiando a paisagem pelas janelas abertas, pois não sei se ficará muito tempo assim à minha espera. E tenho remorsos de ir ao cinema e teatro, pois é um privilégio assistir a tais espetáculos em maio, mas uma tristeza perder um minuto que seja de maio, do lado de fora deles.

E é mister reunir os amigos e amar mais do que nunca os bem-amados e agradecer – ah, não vos esqueçais – aos vossos deuses, não importa quais sejam, o breve, o precário, o maravilhoso privilégio de estardes vivos e sãos e alegres, em maio.

(Elsie Lessa, *A Dama da Noite*, p. 164, Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1963)

EXERCÍCIOS — LISTA 36

1. Aponte os enunciados que são frases, mas não constituem orações:

a) Cuidado!
b) O Brasil exporta minério, café e soja.
c) Meus pêsames!
d) Muito riso, pouco siso.
e) As árvores pintam de luz o verde de suas folhas.

2. Diga quantas orações há em cada verso reproduzido:

a) "A razão **dá-se** a quem **tem**." (Noel Rosa)
b) "**Acabou** a hora do trabalho, **começou** o tempo do lazer." (Arnaldo Antunes)
c) "Seu pensador, **vê** se **decifras** para mim.
Eu já **passei** por tanto horror.
Por que **é** que não **morri**?" (Edvaldo Santana)
d) "O vento **verga** as árvores, o vento clamoroso da aurora." (Mário Quintana)
e) "Toda vez que **toca** o telefone, eu **penso** que **é** você." (Engenheiros do Hawai)
f) "Deus **diz**: **faze** TU, que eu te **ajudarei**. **Madruga** e **verás**, **trabalha** e **terás**." (Glauco Matoso)

3. Divida os períodos em orações, dizendo se se trata de período simples ou composto.

a) As palavras de importação **penetram** na língua graças à influência que as culturas e civilizações **exercem** umas sobre as outras.
b) No decorrer dos séculos, **criaram-se**, no seio da língua, devido ao inventivo povo luso-brasileiro, numerosas palavras que **enriqueceram** nosso vocabulário.
c) **Encontramos**, no vocabulário português, palavras oriundas do grego, do alemão, do árabe, do francês, do inglês, do italiano...

4. Dê exemplos de:

a) uma frase que não é oração;
b) uma frase imperativa que seja oração;
c) uma frase interrogativa que é também oração;
d) uma frase optativa que é também oração;
e) uma frase exclamativa que seja oração;

ANÁLISE SINTÁTICA
Exercícios de exames e concursos
[Página 682]

TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO

São dois os termos essenciais (ou fundamentais) da oração: *sujeito* e *predicado*. Exemplos:

sujeito	**predicado**
Pobreza	não é vileza.
Os sertanistas	capturavam os índios.
Um vento áspero	sacudia as árvores.

Sujeito é o ser do qual se diz alguma coisa.

Predicado é aquilo que se declara do sujeito, ou melhor, é o termo que contém a declaração, referida, em geral, ao sujeito.

1 SUJEITO

O sujeito é constituído por um substantivo ou pronome, ou por uma palavra ou expressão substantivada. Exemplos:

O sino era grande.

Ela tem uma educação fina.

Vossa Excelência agiu com imparcialidade.

Isto não me agrada.

Morrer pela pátria é glorioso.

"Ouvia-se *o matraquear de máquinas de escrever*." (ÉRICO VERÍSSIMO)

O *núcleo* (isto é, a palavra-base) do sujeito é, pois, um substantivo ou pronome. Em torno do núcleo podem aparecer palavras secundárias (artigos, adjetivos, locuções adjetivas, etc.). Exemplo:

"*Todos os ligeiros* **rumores** *da mata* tinham uma voz para a selvagem filha do sertão." (JOSÉ DE ALENCAR)

O sujeito pode ser:

- **simples** – quando tem um só núcleo:

As *rosas* têm espinhos.

"Um *bando* de galinhas-d'angola atravessa a rua em fila indiana." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

- ***composto*** – quando tem mais de um núcleo:

"O *burro* e o *cavalo* nadavam ao lado da canoa." (HERBERTO SALES)

- **expresso** – quando está explícito, enunciado:

  Eu viajarei amanhã.

- **oculto** (ou **elíptico**) – quando está implícito, isto é, quando não está expresso, mas se deduz do contexto:

  Viajarei amanhã. [sujeito: *eu*, que se deduz da desinência do verbo]

  "Um soldado saltou para a calçada e aproximou-se." (ÉRICO VERÍSSIMO)

  [O sujeito, *soldado*, está expresso na primeira oração e elíptico na segunda: e (ele) aproximou-se.]

  Crianças, guardem os brinquedos. [sujeito: *vocês*]

- **agente** – se faz a ação expressa pelo verbo da voz ativa:

  O *Nilo* fertiliza o Egito.

- **paciente** – quando sofre ou recebe os efeitos da ação expressa pelo verbo passivo:

  O *criminoso* é atormentado pelo remorso.

  Muitos *sertanistas* foram mortos pelos índios.

  Construíram-se *açudes*. [= *Açudes* foram construídos.]

- **agente e paciente** – quando o sujeito faz a ação expressa por um verbo reflexivo e ele mesmo sofre ou recebe os efeitos dessa ação:

  O *operário* feriu-se durante o trabalho.

  Regina trancou-se no quarto.

- **indeterminado** – quando não se indica o agente da ação verbal:

  Atropelaram uma senhora na esquina.

  [Quem atropelou a senhora? Não se diz, não se sabe quem a atropelou.]

  Come-se bem naquele restaurante.

  Não confundir sujeito indeterminado com sujeito oculto.

  Sujeito formado por pronome indefinido não é indeterminado, mas expresso:

  Alguém me ensinará o caminho. *Ninguém* lhe telefonou.

  Em português assinala-se a indeterminação do sujeito de três modos:

  a) usando-se o verbo na 3ª pessoa do plural, sem referência a qualquer agente já expresso nas orações anteriores. Exemplos:

     Na rua *olhavam*-no com admiração.

     "*Bateram* palmas no portãozinho da frente." (JOSUÉ GUIMARÃES)

     "De qualquer modo, foi uma judiação *matarem* a moça." (RUBEM BRAGA)

  b) com um verbo ativo na 3ª pessoa do singular, acompanhado do pronome *se*. Exemplos:

     Aqui *se vive* bem.

     Devagar *se vai* ao longe.

     Quando *se é* jovem, a memória é mais vivaz.

     Trata-se de fenômenos que nem a ciência sabe explicar.

     "E *passou-se* a falar em internacionalização da Amazônia." (TIAGO DE MELO)

"Quando *se* é menino, *tem-se* o espírito inteiramente aberto: receptivo, crédulo, esperançoso." (POVINA CAVALCÂNTI)

"*Saía-se* do coração da brenha só para *se ver* o barco." (FERREIRA DE CASTRO)

Observação:

✔ O pronome *se*, neste caso, é índice de indeterminação do sujeito. Pode ser omitido junto de infinitivos: "É difícil *subir* a corrente, mas sobe-se". (MACHADO DE ASSIS)

c) deixando-se o verbo no infinitivo impessoal. Exemplos:

Era penoso *carregar* aqueles fardos enormes.

É triste *assistir* a estas cenas repulsivas.

▪ Posição do sujeito na oração

Normalmente, o sujeito antecede o predicado; todavia, a posposição do sujeito ao verbo é fato corriqueiro em nossa língua. Exemplos:

É facílimo *este problema!*

Vão-se *os anéis*, fiquem *os dedos*.

"Breve desapareceram *os dois guerreiros* entre as árvores." (JOSÉ DE ALENCAR)

"Foi ouvida por Deus *a súplica do condenado*." (RAMALHO ORTIGÃO)

"Mas terás *tu* paciência por duas horas?" (CAMILO CASTELO BRANCO)

"No muro de tijolo vermelho passeavam *lagartixas*." (GRACILIANO RAMOS)

"Para o cargo de primeiro governador do Brasil foi escolhido *o fidalgo Tomé de Sousa*." (EDUARDO BUENO)

▪ Orações sem sujeito

Observe-se a estrutura destas orações:

sujeito	predicado
–	Havia ratos no porão
–	Choveu durante o jogo.

Constata-se que essas orações não têm sujeito. Constituem a enunciação pura e absoluta de um fato, através do predicado; o conteúdo verbal não é atribuído a nenhum ser. São construídas com os verbos impessoais, na 3ª pessoa do singular.

São verbos impessoais:

- *haver* (nos sentidos de *existir, acontecer, realizar-se, decorrer*). Exemplos:

Há plantas venenosas.

Havia quadros nas paredes.

Houve algo de anormal?

Havia três noites que não dormia.

Onde houvesse festas e danças, ali estava ele.

Fora dessas acepções, o verbo *haver* não é impessoal.

Observações:

✔ *Haver* transmite a sua impessoalidade aos verbos que com ele formam locução. Não têm sujeito, portanto, orações como estas:

"*Deve haver* outros implicados."

"Não *podia haver* leis mais sábias."

• *fazer, passar, ser* e *estar*, com referência ao tempo. Exemplos:

Faz dois anos que me formei.

"*Fazia* dias que o Balão não aparecia na porteira do curral." (José J. Veiga)

Hoje *fez* muito calor.

Fazia um frio intenso.

Era no mês de maio.

Era à hora do jantar.

Eram trinta de maio de 1980.

Abria a janela, se *estava* calor.

Olhei o relógio: *passava* das cinco horas da tarde.

Observações:

✔ Os verbos *ser* e *estar* também são impessoais em frases do tipo:

"*Era* como se me achasse num cinema." (Graciliano Ramos)

"*Está* cheio de gente aqui." (Dalton Trevisan)

Se ele não veio é porque está doente.

✔ O verbo *ser*, impessoal, concorda, excepcionalmente, na 3ª pessoa do plural, em frases como:

Eram 25 de março de 1960.

São duas horas da tarde.

Daqui à cidade *são* dez quilômetros.

• *chover, ventar, nevar, gear, relampejar, amanhecer, anoitecer* e outros que exprimem fenômenos meteorológicos. Exemplos:

Chovia torrencialmente.

Ventou muito durante a noite.

Anoiteceu rapidamente.

Nevou no Sul do país.

Usados em sentido figurado, esses verbos têm sujeito e deixam de ser impessoais. Exemplos:

O orador *trovejava* ameaças.

"*Coruscou* um relâmpago de duzentas baionetas." (EUCLIDES DA CUNHA)

"Aí lhe *amanheceram* dias de perfeita ventura." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"*Choviam* sobre a cidadela os projéteis da artilharia francesa." (EDUARDO PRADO)

"*Anoiteci*. Sou treva só." (MÁRIO DA SILVA BRITO)

2 PREDICADO

Há três tipos de predicado: *nominal, verbal* e *verbo-nominal*.

▪ Predicado nominal

Seu núcleo significativo é um nome (substantivo, adjetivo, pronome), ligado ao sujeito por um verbo de ligação. Exemplo:

As moças	*eram*	*encantadoras*
sujeito	verbo de ligação	predicativo do sujeito
	predicado nominal	

Outros exemplos de predicado nominal:

A Terra *é um planeta*. Minha mãe *ficou feliz*.

A ilha *está deserta*. Os atletas *pareciam cansados*.

O espião *é aquele*. O tempo *continua chuvoso*.

O núcleo do predicado nominal chama-se *predicativo do sujeito*, porque atribui ao sujeito uma qualidade ou característica.

Os verbos de ligação (ser, estar, parecer, etc.) funcionam como um elo entre o sujeito e o predicado.

Mais adiante, estudaremos o predicativo e os verbos de ligação com mais profundidade.

▪ Predicado verbal

Seu núcleo é um verbo, seguido, ou não, de complemento(s) ou termos acessórios. Pode ter uma das seguintes estruturas básicas:

a)

sujeito	predicado verbal
Os pessegueiros	**floresceram**.
	↑ verbo intransitivo

Verbo intransitivo é o que tem sentido completo, não precisa de complemento para formar o predicado.

b)

sujeito	predicado verbal	
A família	**chamou**	o médico.
	↑ verbo transitivo direto	↑ objeto direto

Verbo transitivo direto é o que não tem significação completa, precisa de um complemento para inteirar a informação. Esse complemento denomina-se *objeto direto*.

c) sujeito — predicado verbal

Os jovens — **gostam** — de aventuras.

↑ verbo transitivo indireto — ↑ objeto indireto

Verbo transitivo indireto é o que pede um complemento regido de preposição. Esse complemento denomina-se *objeto indireto*.

d) sujeito — predicado verbal

O pintor — **ofereceu** — o quadro — a um amigo.

↑ verbo transitivo direto e indireto — ↑ objeto direto — ↑ objeto indireto

Verbo transitivo direto e indireto é o que se constrói com dois complementos (objeto direto + objeto indireto).

▪ Predicado verbo-nominal

Tem dois núcleos significativos: um verbo e um nome. Pode ser organizado:

a) com verbo intransitivo + predicativo do sujeito:

O soldado **voltou ferido**. [O soldado *voltou* e estava *ferido*.]

b) com verbo transitivo direto + predicativo do sujeito:

O réu **deixou** a sala **abatido**. [O réu *deixou* a sala e estava *abatido*.]

c) com verbo transitivo indireto + predicativo do sujeito:

Eu **assisti** à cena **revoltado**. [Eu *assisti* à cena e estava *revoltado*.]

d) com verbo transitivo direto + predicativo do objeto:

Eu **acho** Denise **bonita**.

O termo *bonita* refere-se ao objeto direto (Denise): é *predicativo do objeto*.

Todos esses tipos de predicado podem ter suas estruturas ampliadas por termos acessórios. Exemplos:

Minha mãe ficou muito feliz com a notícia.

Os pessegueiros floresceram no mês passado.

A família chamou o médico imediatamente.

O pintor ofereceu um belo quadro a um amigo de Campinas.

O soldado voltou da guerra gravemente ferido.

Eu acho Denise, aeromoça da Varig, muito bonita.

Como vemos dos exemplos acima, o verbo é indispensável para a formação do predicado, sendo, quase sempre, o elemento essencial da declaração.

Entretanto, é muito comum a elipse (ou omissão) do verbo, quando este puder ser facilmente subentendido, em geral por estar expresso ou implícito na oração anterior. Exemplos:

"A fraqueza de Pilatos é enorme, a ferocidade dos algozes inexcedível." (MACHADO DE ASSIS) [Está subentendido o verbo *é* depois de *algozes*.]

"Mas o sal está no Norte, o peixe, no Sul." (PAULO MOREIRA DA SILVA) [Subentende-se o verbo *está* depois de *peixe*.]

"A cidade parecia mais alegre; o povo, mais contente." (POVINA CAVALCÂNTI) [Isto é: o povo *parecia* mais contente.]

"Vamos jogar, só nós dois? Você chuta para mim e eu para você." (ANTÔNIO OLINTO) [Está elíptico o verbo *chuto* depois do pronome *eu*.]

A mesa era farta e as iguarias, finas. [Está oculto o verbo *eram* depois do sujeito *iguarias*.]

"– Quando poderei voltar? perguntou Simão.

– Em poucos dias, salvo se as cousas se complicarem." (MACHADO DE ASSIS) [Isto é: *Poderá voltar* em poucos dias...]

EXERCÍCIOS LISTA 37

1. Transcreva somente as frases nominais, isto é, as que se apresentam sem o verbo.

"Ruído de chave na porta, passos leves no corredor." (JORGE AMADO)

Às margens dos rios nasceram muitas cidades brasileiras.

"Ninguém na rua, nesta noite chuvosa." (JOSÉ CONDÉ)

"Faltavam apenas onze dias para o carnaval." (JOSÉ CONDÉ)

2. Classifique as frases quanto ao sentido, conforme se fez na pág. 320:

a) "Um bonito lampião iluminava a varanda." (POVINA CAVALCÂNTI)

b) "Que gentil que estava a espanhola!" (MACHADO DE ASSIS)

c) "O marquês desobedece às ordens de el-rei?" (REBELO DA SILVA)

d) "Filho de Araquém, deita-te na porta da cabana e nunca mais te levantes da terra." (JOSÉ DE ALENCAR)

e) "Quem me dera ser como Casimiro Lopes!" (GRACILIANO RAMOS)

f) "Maldito seja quem arme ciladas no seu caminho!" (DOMINGOS CARVALHO DA SILVA)

3. Transcreva os períodos abaixo antepondo **S** ao período simples e **C** ao composto:

No calor da tarde, Sultão cerra os olhos e dorme.

Elias jamais levou a mulher a um teatro ou a uma sala de concertos.

4. Copie as frases; sublinhe os sujeitos:

a) "Nenhum governo é bom para os homens maus." (MARQUÊS DE MARICÁ)

b) "Tudo passa sobre a terra." (JOSÉ DE ALENCAR)

c) Depois da abdicação do Imperador, em 7 de abril de 1831, nosso país entrou em grande agitação.

d) "Poti e seus guerreiros o acompanharam." (JOSÉ DE ALENCAR)

e) "De repente, entre os ramos das árvores, seus olhos viram sentada, à porta da cabana, Iracema..." (JOSÉ DE ALENCAR)

f) No ano centenário da fundação de nossa cidade, realizaram-se grandes obras.

g) "Nenhum respeito lhes inspiram os cabelos brancos." (CARLOS DE LAET)

h) "Ninguém se fie da felicidade presente." (MACHADO DE ASSIS)

i) "As virtudes são econômicas, mas os vícios, dispendiosos." (MARQUÊS DE MARICÁ)

j) "O dia descobre a terra, a noite descortina os céus." (MARQUÊS DE MARICÁ)

k) "Para onde vai a minha vida, e quem a leva?" (FERNANDO PESSOA)

5. Transcreva as frases; em seguida sublinhe com um traço os núcleos dos sujeitos e com dois os dos predicados.

a) As araras de cores vistosas posavam para os turistas.

b) No inverno as noites são mais longas.

c) Ao longo da praia sucediam-se hotéis, restaurantes, casas luxuosas.

d) As geadas e as secas deixam os lavradores preocupados.

e) À noite, Anselmo voltou para casa exausto.

f) A voz do orador era bonita, mas suas palavras soavam ocas.

g) Furioso, o pasteleiro chinês correu atrás do ladrão.

6. Separe o sujeito do predicado e ponha **S** sobre o primeiro e **P** sobre o segundo:

a) "Perfilam-se corretos seus ilustres batalhadores." (CARLOS DE LAET)

b) Àquela hora ainda não tinham sido acesas as luzes da cidade.

c) Ouviu-se por toda a sala um oh! de decepção.

d) "O patear cadente dos cavalos fazia um ruído cavo na terra empapada pela chuva." (CAMILO CASTELO BRANCO)

e) "Difundia-se nos ares o coro da primeira reza." (EUCLIDES DA CUNHA)

f) Súbito ruflar de asas veio quebrar o solene silêncio da mata.

g) "Na esplanada do Museu alongavam-se cada vez mais sobre as lajes as sombras das estátuas de pedra de mandarins d'antanho." (ÉRICO VERÍSSIMO)

h) "Ouvia-se o matraquear de máquinas de escrever." (ÉRICO VERÍSSIMO)

i) "Saltaram do moderníssimo carro de corrida uma garota e um rapaz." (MARIA DE LOURDES TEIXEIRA)

j) "Por florestas, por vales, por montanhas, serpenteia espumante o Paraíba." (RAIMUNDO CORREIA)

7. Classifique o sujeito das seguintes orações:

Exemplo:

Eu fiz o teste.

Eu: simples, expresso, agente.

a) "Queres tu abandonar teu esposo?" (José de Alencar)

b) As doenças e as guerras ceifam milhares de vidas.

c) "Agora só buscas as praias ardentes." (José de Alencar)

d) Garantir-se-ão os direitos dos cidadãos. [garantir-se-ão = serão garantidos]

e) No colégio ensinaram-me o bom caminho.

f) Aprendem-se muitas coisas com a força de vontade.

g) Não se progride sem esforço.

h) O aqualouco atirou-se do trampolim.

8. Escreva as orações antepondo o predicado ao sujeito:

a) A generosidade cabe aos vitoriosos.

b) Pratos saborosos já fumegavam sobre a grande mesa.

c) O movimento de pedestres pouco a pouco vai diminuindo nas ruas.

d) As plantações, vastas e belas, ali estavam como prova do seu esforço.

e) A rapidez e a agilidade dos esgrimistas eram impressionantes.

f) O ouro negro vai jorrar das entranhas da terra até quando?

9. Escreva as orações abaixo, numerando-as de acordo com a seguinte classificação:

(1) Orações sem sujeito

(2) Orações com sujeito indeterminado

(3) Orações com sujeito oculto

Júlio, no clube falaram mal de você.

Embaixo da árvore havia pedras espalhadas.

Apertamo-nos as mãos amigavelmente.

Não faz muito tempo, houve ali um motim.

Naquela cidadezinha da Espanha, uma vez por ano, soltam um touro na rua.

Trabalha-se de dia, descansa-se à noite.

No trabalho, use equipamento de proteção.

10. Copie a frases e sublinhe os verbos impessoais, orientando-se pelo item **"Orações sem sujeito"**.

a) "Havia muitos anos que não vinha ao Rio." (Aníbal Machado)

b) Fazia frio e ventava muito.

c) Faz duas semanas que cheguei.

d) Aqui, quando chove, não se sai de casa.

e) Houve ataques em que choveram balas e granadas.

f) Era uma bela tarde de maio; as lojas da pequena cidade já haviam cerrado as portas.

g) "Ia fechar a janela próxima, se havia alguma brisa, ou abri-la, se estava calor." (MACHADO DE ASSIS)

h) "Quando os encontrava na rua, era como se não os conhecesse." (ARTUR AZEVEDO)

i) "Pois ninguém deixa de bater, se sabe que tem gente do outro lado." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

j) "Vislumbrou o despertador de mostrador cintilante: passava das quatro horas da manhã." (JOSÉ FONSECA FERNANDES)

11. Transcreva as frases abaixo; sublinhe e numere os predicados de acordo com sua classificação:

(1) **nominal** (2) **verbal** (3) **verbo-nominal**

Soa um toque áspero de trompa.

Os estudantes saem das aulas cansados.

"A distância alimenta o sonho." (ANÍBAL MACHADO)

"Eram sólidos e bons os móveis." (MACHADO DE ASSIS)

Toda aquela dedicação deixava-o insensível.

"Um oficial militar caíra ferido." (CAMILO CASTELO BRANCO)

Assistimos à cena estarrecidos.

No município paulista de Iporanga existem belíssimas grutas.

Devido às fortes chuvas, os rios estavam cheios.

12. Escreva orações que tenham as seguintes estruturas:

a) sujeito + verbo de ligação + predicativo do sujeito

b) sujeito + verbo transitivo direto + objeto direto

13. Reconheça os verbos elípticos:

a) "Os varões olhavam-no com respeito, alguns com inveja, não raros com incredulidade." (MACHADO DE ASSIS)

b) "É transparente o céu, liso o mar, calmo o espaço." (TEÓFILO DIAS)

c) Eles se orgulham de suas misérias como Antístenes de seus andrajos.

d) "O nosso amigo não pode, por enfermo, realizar sua preleção." (CARLOS DE LAET)

e) "Eu ensinarei dança, e tu piano e canto." (CAMILO CASTELO BRANCO)

f) "Três dias depois, amanhecera o piano engalanado de flores... e a casa preparada para a recepção dos pretendentes." (ANÍBAL MACHADO)

g) "Dona Eusébia vigiava-nos, mas pouco." (MACHADO DE ASSIS)

h) "Alguns colegas entenderam-me; outros não." (CARLOS DE LAET)

i) "Quando adolescente, estudante em Salvador, participei dos festejos da noite de São João." (POVINA CAVALCÂNTI)

j) "O céu, à tarde, cada vez se tornava mais vermelho, os ventos mais quentes, mais forte a claridade." (ADONIAS FILHO)

k) "Não fiz o artigo, a revista não saiu, a literatura francesa não perdeu nada com isso, a brasileira muito menos." (RUBEM BRAGA)

l) "No caminho encontrou um velho amigo e perguntou a ele aonde ia. Disse o amigo que ao céu." (MILLÔR FERNANDES)

14. Em "Ouviram do Ipiranga as margens plácidas/De um povo heroico o brado retumbante...", início do Hino Nacional brasileiro, o sujeito é:

a) oculto

b) indeterminado

c) as margens plácidas

d) um povo

15. Identifique a(s) alternativa(s) que apresenta(m) oração sem sujeito.

a) Em sua gestão, houve muitos conflitos entre índios e garimpeiros.

b) Choviam elogios de todos os lados.

c) Existem muitas pessoas feridas ainda sem socorro.

d) Nadavam lado a lado o americano e o árabe.

e) Naquela região do país, neva durante o inverno.

16. Escreva as orações transformando os predicados verbais em verbo-nominais.

Os jogadores viajaram.

Os jogadores viajaram confiantes.

a) O sol surgiu no horizonte.

b) Os professores entraram na sala.

c) Os alunos assistiram ao jogo.

d) Encontraram a filha de Adélia.

17. Se necessário, acrescente complementos aos verbos. Em seguida, classifique-os quanto à predicação.

a) As crianças já chegaram.

b) Para a festa traremos.

c) Os organizadores ofereceram.

d) Depois de uma conversa, lembrei-me.

e) Nossos antepassados sempre acreditaram.

f) As suas irmãs andam.

18. Escreva as orações de modo que passem a apresentar **sujeito paciente**.

a) O amor inundava seus corações.

b) Carlos dispensou o motorista.

c) Se não agirmos, as queimadas destruirão as florestas.

19. Lembrando-se de que as orações sem sujeito são construídas com verbos impessoais, sempre usados na terceira pessoa do singular, substitua os símbolos pelos verbos entre parênteses, nos tempos e pessoas adequados.

a) Durante os anos da guerra, ainda • quadros nas paredes da antiga mansão. (haver)

b) • algo estranho na aula passada? (haver)

c) Já • dois anos que moro nesta cidade. (fazer)

d) Onde • livros e revistas, ali poderíamos encontrar Júlio. (haver)

e) • primavera. O céu estava azul e o sol radioso. (ser)

20. Identifique a alternativa em que não aparece sujeito indeterminado.

a) Está muito frio hoje.

b) Vive-se bem nesta cidadezinha!

c) Durante as comemorações, trouxeram muitos brinquedos para os os garotos do orfanato.

d) Come-se bem neste restaurante.

e) Fala-se muito mal de estrangeiros por aqui, não?

3 PREDICAÇÃO VERBAL

Chama-se **predicação verbal** o modo pelo qual o verbo forma o predicado.

Há verbos que, por natureza, têm sentido completo, podendo, por si mesmos, constituir o predicado: são os verbos de *predicação completa*, denominados **intransitivos**. Exemplos:

As flores *murcharam*.

Os animais *correm*.

As folhas *caem*.

"Os inimigos dos Moreiras *rejubilaram*." (Graciliano Ramos)

"A mão *ardia* e o dedo *inchava*." (Luís Jardim)

"E *espocavam* gargalhadas no grupo..." (Aluísio Azevedo)

Outros verbos há, pelo contrário, que para integrar o predicado necessitam de outros termos: são os verbos de *predicação incompleta*, denominados **transitivos**. Exemplos:

João *puxou* a rede.

"Não *invejo* os ricos, nem *aspiro* à riqueza." (Otto Lara Resende)

"Não *simpatizava* com as pessoas investidas no poder." (Camilo Castelo Branco)

"*Julgava*-o um aluado." (Ciro dos Anjos)

Observe que, sem os seus complementos, os verbos *puxou, invejo, aspiro,* etc. não transmitiriam informação completa: puxou *o quê*? Não invejo *a quem*? Não aspiro *a quê*?

Os verbos de predicação completa denominam-se *intransitivos* e os de predicação incompleta, *transitivos*.

Os verbos transitivos subdividem-se em:

- transitivos diretos
- transitivos indiretos
- transitivos diretos e indiretos (bitransitivos)

Além dos verbos transitivos e intransitivos, que encerram uma noção definida, um conteúdo significativo, existem os *de ligação*, verbos que entram na formação do predicado nominal, relacionando o predicativo com seu sujeito, como adiante se verá.

4 CLASSIFICAÇÃO DOS VERBOS QUANTO À PREDICAÇÃO

Quanto à predicação, classificam-se, pois, os verbos em:

▪ Intransitivos

São os que não precisam de complemento, pois têm sentido completo. Exemplos:

"Três contos *bastavam*, insistiu ele." (MACHADO DE ASSIS)
"Os guerreiros tabajaras *dormem*." (JOSÉ DE ALENCAR)
"A pobreza e a preguiça *andam* sempre em companhia." (MARQUÊS DE MARICÁ)
"As sovas de meu pai *doíam* por muito tempo." (MACHADO DE ASSIS)
"*Fui* e *parei* diante dele." (MACHADO DE ASSIS)
"O padre *apareceu* e logo o burburinho *cessou*." (COELHO NETO)

Observações:

✔ Os verbos intransitivos podem vir acompanhados de um adjunto adverbial e mesmo de um predicativo (qualidade, característica):

Fui *cedo*.
Passeamos *pela cidade*.
Cheguei *atrasado*.
Entrei *em casa aborrecido*.

✔ As orações formadas com verbos intransitivos não podem "transitar" (= passar) para a voz passiva.

✔ Verbos intransitivos passam, ocasionalmente, a transitivos quando construídos com objeto direto ou indireto.

"Inutilmente a minha alma *o chora*!" (CABRAL DO NASCIMENTO)
"Depois me deitei e *dormi um sono pesado*." (LUÍS JARDIM)
"*Morrerás morte* vil da mão de um forte." (GONÇALVES DIAS)
"Inútil tentativa de *viajar o passado*, penetrar no mundo que já morreu..." (CIRO DOS ANJOS)
"Os olhos pestanejavam e *choravam lágrimas quentes*..." (GRACILIANO RAMOS)
"*Sorriu* para Holanda *um sorriso* ainda marcado de pavor." (VIANA MOOG)
"Tinha a testa enrugada, como quem *vivera vida* de contínuo pensar." (ALEXANDRE HERCULANO)
"Pouco dinheiro *basta ao homem* sóbrio e econômico." (AULETE)

✔ Alguns verbos essencialmente intransitivos: *anoitecer, crescer, brilhar, ir, agir, sair, nascer, latir, rir, tremer, brincar, chegar, vir, mentir, suar, adoecer*, etc.

▪ Transitivos diretos

São os que pedem um *objeto direto*, isto é, um complemento sem preposição.
Exemplos:

Comprei um terreno e *construí* a casa.

"Trabalho honesto *produz* riqueza honrada." (MARQUÊS DE MARICÁ)

"Então, solenemente Maria *acendia* a lâmpada de sábado." (GUEDES DE AMORIM)

"As poucas vezes que o *visitei* foi por motivo de doença dele." (MÁRIO DE ALENCAR)

"Simão Bacamarte não o *contrariou*." (MACHADO DE ASSIS)

Dentre os verbos transitivos diretos merecem destaque os que formam o predicado verbo-nominal e se constroem com um complemento acompanhado de predicativo, como vimos no capítulo anterior. Exemplos:

Consideramos o caso extraordinário.

Inês *trazia* as mãos sempre limpas.

Julgo Marcelo incapaz disso.

O povo *chamava*-os de anarquistas.

"Deus vos *fez* padre e bispo." (CARLOS DE LAET)

"Ele *achou* estranho o cerimonial." (ÉRICO VERÍSSIMO)

"Todos a *tratam* por madame." (VIVALDO COARACI)

"Já outro dia, *encontrei*-a muito prevenida." (CIRO DOS ANJOS)

Pertencem a esse grupo:

julgar, chamar, nomear, eleger, proclamar, designar, considerar, declarar, adotar, ter, fazer, tornar, encontrar, deixar, ver, coroar, sagrar, achar, etc.

Observações:

✔ Os verbos transitivos diretos, em geral, podem ser usados também na voz passiva.

✔ Outra característica desses verbos é a de poderem receber, como objeto direto, os pronomes **o, a, os, as**: *convido-o, encontro-os, incomodo-a, conheço-as.*

✔ Verbos transitivos diretos podem ser construídos, acidentalmente, com preposição, a qual lhes acrescenta novo matiz semântico: *arrancar da espada; puxar da faca; pegar de uma ferramenta; tomar do lápis; cumprir com o dever.*

✔ Alguns verbos transitivos diretos: *abençoar, achar, acolher, avisar, abraçar, comprar, castigar, contrariar, convidar, desculpar, dizer, estimar, elogiar, entristecer, encontrar, ferir, imitar, levar, perseguir, prejudicar, receber, saudar, socorrer, ter, unir, ver,* etc.

▪ Transitivos indiretos

São os que reclamam um complemento regido de preposição, chamado *objeto indireto*.
Exemplos:

"Ninguém *perdoa* ao quarentão que *se apaixona* por uma adolescente." (CIRO DOS ANJOS)

"Populares *assistiam* à cena aparentemente apáticos e neutros." (ÉRICO VERÍSSIMO)

"Lúcio não *atinava* com essa mudança instantânea." (JOSÉ AMÉRICO)

"Do que eu mais *gostava* era do tempo do retiro espiritual." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

"Não *sucedesse* a morte à vida!" (CABRAL DO NASCIMENTO)

"*Desinteressa-se* totalmente de você." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

"Dr. Leandro *proverá* a tudo." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

"Nem nos sonhos cheguei a *aspirar* a tal emprego." (CIRO DOS ANJOS)

"As coisas *obedeciam* ao seu tempo regular." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"Quem ouvir pensará que estou *atirando* aos nhambus, claro." (GUIMARÃES ROSA)

"*Ansiava* pelo novo dia que vinha nascendo." (FERNANDO SABINO)

"O luxo *contribuiu* para a sua ruína." (AULETE)

"O ator não teria dinheiro para lhe *pagar*." (FERNANDO NAMORA)

"*Sucedi*-lhe no cargo de diretor do Arquivo Histórico..." (CIRO DOS ANJOS)

"Aqui tem já Vossa Excelência três pessoas que lhe *querem* muito." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Não acreditava que Deus lhe *houvesse perdoado* enquanto lhe não restituísse o filho." (CAMILO CASTELO BRANCO)

Entre os verbos transitivos indiretos importa distinguir:

a) Os que se constroem com os pronomes objetivos *lhe, lhes*. Em geral, são verbos que exigem a preposição **a**: *agradar-lhe, agradeço-lhe, apraz-lhe, bate-lhe, desagrada-lhe, desobedecem-lhe, interessa-lhe, obedece-lhe, paga-lhe, perdoo-lhe, quero-lhe* (= *quero-lhe bem*), *resiste-lhe, repugna-lhe, sucede-lhe, valeu-lhe*, etc.

b) Os que não admitem para objeto indireto as formas oblíquas *lhe, lhes*, construindo-se com os pronomes retos precedidos de preposição: *aludir a ele, anuir a ele, assistir a ela, atentar nele, depender dele, investir contra ele, não ligar para ele, recorrer a ele, simpatizar com ele*, etc.

Principais verbos transitivos indiretos:

abusar (de)	cuidar (de)	obedecer (a)
aludir (a)	cogitar (em, de)	obstar (a)
assistir (a)	conspirar (contra)	pagar (a)
anuir (a)	carecer (de)	perdoar (a)
aspirar (a)	crer (em)	presidir (a)
aprazer (a)	confiar (em)	precisar (de)
ansiar (por)	contribuir (para)	querer (a)
atentar (em)	gostar (de)	recorrer (a)
agradar (a)	interessar (a)	repugnar (a)
atirar (a, em, contra)	investir (contra, com)	resistir (a)
bater (em) [= espancar]	lutar (contra)	valer (a)
contentar-se (com, de, em)	lembrar-se (de)	zombar (de)

Observações:

✔ Em princípio, verbos transitivos indiretos não comportam a forma passiva. Excetuam-se *pagar, perdoar, obedecer*, e poucos mais, usados também como transitivos diretos:

João paga (perdoa, obedece) o médico. → *O médico é pago (perdoado, obedecido) por João.*

✔ Há verbos transitivos indiretos, como *atirar, investir, contentar-se*, etc., que admitem mais de uma preposição, sem mudança de sentido. Outros mudam de sentido com a troca da preposição, como nestes exemplos:

Trate de sua vida. [*tratar* = cuidar]

É desagradável *tratar com* gente grosseira. [*tratar* = lidar]

✔ Verbos como *aspirar, assistir, dispor, servir*, etc. variam de significação conforme sejam usados como transitivos diretos ou indiretos. Exemplo: *aspirar* o perfume (absorver), *aspirar* a um cargo (desejar).

▪ Transitivos diretos e indiretos

São os que se usam com *dois objetos*: um direto, outro indireto, concomitantemente. Exemplos:

No inverno, Dona Cleia *dava* roupa aos pobres.

A empresa *fornece* comida aos trabalhadores.

Oferecemos flores à noiva.

Ceda o lugar aos mais velhos.

Perdoa-lhe tudo. [= *perdoa* tudo a ele]

"A sua intuição *preveniu*-a de uma desgraça." (Fernando Namora)

"*Causou*-me dó a morte do avô." (Luís Jardim) [*Causou* dó a mim...]

"*Ensinamos* técnicas agrícolas aos camponeses." (Érico Veríssimo)

"Era o que eu faria, se ela me *preferisse* a você." (A. Olavo Pereira)

"*Expliquei* isso a ele, disse adeus e fui andando." (José J. Veiga)

"O século XX *familiarizou* o homem com a máquina." (Aurélio)

Principais verbos transitivos diretos e indiretos (bitransitivos):

atirar, atribuir, dar, doar, ceder, apresentar, ofertar, oferecer, pedir, prometer, explicar, ensinar, proporcionar, perdoar, pagar, preferir, devolver, chamar, entregar, perguntar, informar, aconselhar, propor, prevenir, relatar, narrar.

▪ De ligação

Os que ligam ao sujeito uma palavra ou expressão chamada *predicativo*. Esses verbos, como já vimos, entram na formação do predicado nominal. Exemplos:

A Terra *é* móvel.

A água *está* fria.

O moço *anda* (= está) triste.

Mário *encontra-se* doente.

A lua *parecia* um disco.

As crianças *tornam-se* rebeldes.

A crisálida *vira* borboleta.

Pedro *fez-se* lívido.

O dia *continuava* chuvoso.

Ele *permaneceu* sentado.

João *ficou* zangado.

O fato *pareceu-lhe* estranho.

A Lua *ia* (= estava) alta.

Minha proposta *saiu* vitoriosa.

A operação *resultou* inútil.[1]

As matrículas *acham-se* abertas.

Observações:

✔ Os verbos de ligação não servem apenas de nexo, mas exprimem ainda os diversos aspectos sob os quais se considera a qualidade atribuída ao sujeito. O verbo *ser*, por exemplo, traduz aspecto permanente e o verbo *estar*, aspecto transitório:

Ele *é* doente. → aspecto permanente

Ele *está* doente. → aspecto transitório

✔ Muitos desses verbos passam à categoria dos intransitivos em frases como:

Era (= existia) uma vez uma princesa.

Eu não *estava* em casa.

Fiquei à sombra. *Anda* com dificuldades. *Parece* que vai chover.

Os verbos, relativamente à predicação, não têm classificação fixa, imutável. Conforme a regência e o sentido que apresentam na frase, podem pertencer ora a um grupo, ora a outro. Assim:

O homem *anda*. *(intransitivo)*

O homem *anda* triste. *(de ligação)*

O cego não *vê*. *(intransitivo)*

O cego não *vê* o obstáculo. *(transitivo direto)*

Deram 12 horas. *(intransitivo)*

A terra *dá* bons frutos. *(transitivo direto)*

Não *dei* com a chave do enigma. *(transitivo indireto)*

Os pais *dão* conselhos aos filhos. *(transitivo direto e indireto)*

▪ Verbos vicários

Verbos **vicários** são os que substituem outro verbo, na mesma frase, e que se empregam para evitar a repetição do que foi expresso antes. Usam-se como vicários os verbos *ser* e *fazer*. Exemplos:

Se a professora reclama *é* porque não a respeitam. [*é* = reclama]

O pouco que aprendi *foi* com meu velho pai. [*foi* = aprendi]

Visita seu mestre todos os anos e *o faz* como quem cumpre um ritual. [*o faz* = visita seu mestre]

As moças desfilavam, uma a uma, diante de nós, e *o faziam* com naturalidade e graça. [*o faziam* = desfilavam]

(1) Não faltam, em escritores modernos, exemplos do verbo *resultar* usado com predicativo: "Que importava que o convívio humano aparentemente *resultasse inútil*?" (FERNANDO NAMORA, *O Homem Disfarçado*, p. 39).

EXERCÍCIOS LISTA 38

1. Reorganize as duas colunas fazendo a correspondência correta da predicação dos verbos:

O animal **obedece** a seus instintos.	intransitivo
Os metais **são** úteis.	transitivo direto
As crianças **gritavam**.	transitivo indireto
Chamei um técnico.	transitivo direto e indireto
Daremos o prêmio ao vencedor.	de ligação

2. Escreva as orações, antepondo (**a**) ou (**b**), conforme ocorrer verbo intransitivo ou transitivo direto:

Abri a caixa com cuidado.

O egoísmo **cerra** o coração.

O paraquedas não **abriu**.

O eco **repercutiu** ao longe.

3. Copie apenas a oração cujo verbo é transitivo indireto:

Passavam mulheres e crianças em direção ao rio.

Dentro das gaiolas, macaquinhos salientes **provocavam** risos.

Poucos **resistem** à pressão da publicidade comercial.

4. Numere as orações abaixo de acordo com a tabela, atendendo à predicação dos verbos:

(1) intransitivo

(2) transitivo direto

(3) transitivo indireto

(4) transitivo direto e indireto

(5) de ligação

As orquídeas **gostam** de ambientes úmidos e quentes.

Crianças morenas de olhos sonhadores **brincavam** nas calçadas.

O desfile das escolas de samba **foi** um espetáculo deslumbrante.

A televisão **deve** às crianças programações mais ricas e educativas.

No centro da praça um fabuloso baobá **atraiu** nossa atenção.

5. No período "Ivone **andava** depressa, **parecia** preocupada e não **respondia** às minhas perguntas", os verbos são, pela ordem:

a) transitivo direto – de ligação – transitivo indireto

b) intransitivo – de ligação – transitivo indireto

c) de ligação – intransitivo – transitivo direto e indireto

6. Transcreva somente as orações em que NÃO há erro quanto à classificação do verbo:

Ela participou de uma série de festivais. (transitivo indireto)

Neide apresentou-me a seus pais. (transitivo direto e indireto)

A costureira pagou a conta? (transitivo direto)

Pagou a conta à costureira? (transitivo direto e indireto)

As feras rugiam em suas jaulas. (transitivo indireto)

Estrondavam trovões a cada instante. (intransitivo)

Meus prognósticos estariam certos? (de ligação)

O pânico apoderou-se de nós. (transitivo indireto)

7. Escreva as orações na ordem inversa (predicado antes do sujeito); em seguida, responda:

a) Os gêneros alimentícios encarecem dia a dia.

b) A produção de cana-de-açúcar cresceu muito?

c) Artistas e personalidades famosas dançaram ao som da orquestra.

d) Uma brisa suave soprava do lado do mar.

e) Todos os vossos mirabolantes planos cairão por terra como castelos de areia.

Todos os verbos deste exercício são intransitivos ou transitivos?

8. Substitua os asteriscos por complementos adequados aos verbos transitivos indiretos:

Os pais preocupam-se *****.

Assistimos, maravilhados, *****.

Em nosso encontro, Samuel aludiu *****.

Muitos trabalhadores não aderiram *****.

Emilio apaixonou-se *****.

9. Classifique os verbos quanto à predicação:

a) A secretária ficou indecisa: comunicaria, ou não, o fato ao diretor?

b) A Horácio não interessavam tais conversas, embora não fossem totalmente fúteis.

c) Dei condução à professora, com a qual, aliás, eu simpatizava muito.

d) Aspirávamos ao título de pentacampeões e julgávamos fácil a vitória.

e) "Marcela ofereceu-me polidamente o refresco." (Machado de Assis)

f) "Não estou doente, minha filha. A palidez é a minha cor natural." (Camilo Castelo Branco)

g) "Ansiava pelo novo dia que vinha nascendo." (Fernando Sabino)

h) "Abriu a porta e aspirou o ar." (Dalton Trevisan)

i) "Mencionarei também aqueles a quem Loiola chamava *cometas*." (Herman Lima)

j) "E sorriu um sorriso cheio de doçura e de satisfação." (Jorge Amado)

10. Releia o parágrafo sobre **verbos vicários** e, em seguida, invente frases com os verbos **ser** e **fazer**.

5 PREDICATIVO

Há o predicativo do sujeito e o predicativo do objeto.

▪ Predicativo do sujeito

É o termo que exprime um atributo, um estado ou modo de ser do sujeito, ao qual se prende por um verbo de ligação, no predicado nominal. Exemplos:

sujeito	**verbo de ligação**	**predicativo do sujeito**
A bandeira	é	o símbolo da Pátria.
A mesa	era	de mármore.
O mar	estava	agitado.
A ilha	parecia	um monstro.
Todos	andam [= estão]	apreensivos.
Eu	não sou	ele.
Os premiados	foram	dois.
As crianças	estavam	com fome.
A árvore	ficou	sem folhas.
A tentativa	resultou	inútil.
Eles	devem ser	irmãos.
As águas	podiam estar	poluídas.
O portão	permanecerá	fechado.
A vida	tornou-se	insuportável.

Além desse tipo de predicativo, existe outro que entra na constituição do predicado verbo-nominal. Exemplos:

O trem chegou *atrasado*. [= O trem chegou *e estava atrasado*.]

O menino abriu a porta *ansioso*.

Todos partiram *alegres*.

Marta entrou *séria*.

O professor sorriu *satisfeito*.

O prisioneiro foi encontrado *morto*.

O soldado foi julgado *incapaz*.

Ele será eleito *presidente*.

Ele é tido por *sábio*.

O cosmonauta foi aclamado como *herói*.

Lembro-me dela *com saudade*. [= Lembro-me dela *saudoso*.]

Observações:

✔ O predicativo subjetivo às vezes está preposicionado.

✔ Pode o predicativo preceder o sujeito e até mesmo o verbo:

São *horríveis* essas coisas!

Que *linda* estava Amélia!

Completamente *feliz* ninguém é.

Raros são os verdadeiros líderes.

Quem são esses homens?

Lentos e *tristes*, os retirantes iam passando.

Novo ainda, eu não entendia certas coisas.

Onde está a criança *que* fui?

▪ Predicativo do objeto

É o termo que se refere ao objeto de um verbo transitivo. Exemplos:

sujeito	verbo e objeto	predicativo do objeto
O juiz	declarou o réu	inocente.
O povo	elegeu-o	deputado.
As paixões	tornam os homens	cegos.
Nós	julgamos o fato	milagroso.
Os presos	tinham os pés	inchados.
Ela	adotou-o	por filho.
Muitos	consideram-no	(como) um sábio.
Alguns	chamam-no	(de) impostor.
Os inimigos	chamam-lhe	(de) traidor.
As batalhas	sagraram-no	herói.
A doença	deixou-me	sem apetite.
A mãe	viu-o	desanimado.
Silvinho	acha-se	um gênio.

Observações:

✔ O predicativo objetivo, como vemos dos exemplos acima, às vezes vem regido de preposição. Esta, em certos casos, é facultativa.

✔ O predicativo objetivo geralmente se refere ao objeto direto. Excepcionalmente, pode referir-se ao objeto indireto do verbo *chamar*: *Chamavam-lhe poeta*.

✔ Podemos antepor o predicativo a seu objeto:

O advogado considerava *indiscutíveis* os direitos da herdeira.

Julgo *inoportuna* essa viagem.

"E até *embriagado* o vi muitas vezes." (Camilo Castelo Branco)

"Tinha *estendida* a seus pés uma planta rústica da cidade." (Érico Veríssimo)

"Sentia ainda muito *abertos* os ferimentos que aquele choque com o mundo me causara." (Lima Barreto)

EXERCÍCIOS LISTA 39

1. Transcreva os períodos em seu caderno e sublinhe com um traço os predicativos do sujeito:

a) A noite era serena.

b) Estavam roxos os olhos da criança.

c) A atriz permaneceu sentada e parecia abatida.

d) O gato de porcelana virou um monte de cacos.

e) A chuva continuava forte e as ruas ficaram alagadas e intransitáveis.

f) Uns partem tristes, outros chegam alegres.

g) Meu tio foi nomeado embaixador.

h) Ando desconfiado, esse homem parece um espião.

i) Uns saíram prejudicados, outros acabaram pobres.

j) "Que passassem! Livre estava o trânsito para a direita." (ANÍBAL MACHADO)

k) A situação foi considerada pelo governador como gravíssima.

l) Afável e comunicativo, o técnico chegou a brincar com os repórteres que o procuraram.

2. Copie as frases; em cada uma há mais de um predicativo do sujeito. Sublinhe-os:

a) Belém hoje é um grande porto e centro comercial.

b) A terra é fértil, os rios piscosos e abundante a caça.

c) Sentada estava e sentada ficaria até que o filho retornasse.

d) A chuva refrescou o ar, a noite cai leve e serena.

e) Tudo isso que você me diz é inaudito, absurdo, insensato.

f) Sílvio levantou-se rápido, abriu a porta e estacou surpreso.

g) Devido à sua grande popularidade, a vida do artista tornou-se agitada, cansativa, insuportável.

3. Escreva as frases colocando o predicativo do sujeito em três posições diferentes, como no exemplo:

O coração de Nosso Senhor é **misericordiosíssimo**.

É **misericordiosíssimo** o coração de Nosso Senhor.

Misericordiosíssimo é o coração de Nosso Senhor.

a) Os verdadeiros líderes são **raros**.

b) O sertanejo que tangia as reses era **magro e de rosto duro**.

c) Aquela selva era **tão cerrada e hostil** que ninguém ousava penetrá-la.

4. Troque a expressão em destaque pelo predicativo do sujeito, como no exemplo:

Marta reviu **com emoção** a casa em que nascera.

Marta reviu **emocionada** a casa em que nascera.

a) Teresa me escutou **com atenção**, mas acabou rindo-se de meus conselhos.

b) Os policiais avançaram **com cautela** por entre arbustos e pedras.

c) As duas meninas bateram à porta **com impaciência**, gritando pela empregada.

d) Vilma olhou **com tristeza** para a mãe e sentiu uma vontade enorme de abraçá-la.

5. Transcreva as frases, sublinhando com um traço os predicativos do objeto:

a) "Os vencidos julgaram mais decoroso o silêncio." (MACHADO DE ASSIS)

b) "Olhou para as suas terras e viu-as incultas e maninhas." (CARLOS DE LAET)

c) O juiz deu por terminada a audiência e foi para outra sala.

d) "Meus progressos na escola faziam-me vaidoso." (POVINA CAVALCÂNTI)

e) Receava que o tomassem por malfeitor.

f) "Sempre os imaginei como ingênuas crianças." (OSMAN LINS)

g) Aquelas barbaridades punham-me fremente de cólera.

h) Acho indiscutíveis os teus direitos.

i) "Deram-me como bastante conhecedora da língua." (CAMILO CASTELO BRANCO)

j) "A Heródoto chamam o pai da História." (JOÃO RIBEIRO)

6. Copie as frases; sublinhe com um traço os predicativos do sujeito e com dois os predicativos do objeto:

a) A prosperidade fê-lo orgulhoso.

b) Passada a tempestade, o lugarejo reapareceu calmo, lavado.

c) Tenho a notícia por inverídica.

d) Tinham como inevitável a morte do refém.

e) Julgaram-no incapaz de exercer o cargo.

f) O rapaz ficou imóvel na poltrona, fingindo-se doente.

g) A rica viúva o adotou por filho.

h) O avarento tem o ouro por seu deus.

i) "Em toda parte andava acesa a guerra." (LUÍS DE CAMÕES)

j) O tempo ia sereno posto que frio." (ALEXANDRE HERCULANO)

k) "Não te vá iludir essa alegria, que é tão dos outros e tão pouco tua." (OLEGÁRIO MARIANO)

l) "A pequena cultura de chá torna alegre outra vez a terra abandonada." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

m) "Apagaremos tudo, só ficarão acesas as velas." (LÍGIA FAGUNDES TELLES)

n) "Só esperamos que eles não tenham trazido escondidos hipopótamos, gorilas, hienas, nem tigres e leões que vivem nas suas imensas florestas." (*JORNAL DO BRASIL*, 22/6/1974)

o) As adolescentes surgiram lindas, em seus vestidos vaporosos.

7. Como o exercício precedente:

a) Nunca o vi triste.

b) César foi aclamado imperador.

c) Encontrei a sala desarrumada.

d) "Esse canto é de dor ou de alegria?" (OLEGÁRIO MARIANO)

e) A imaginação torna presentes os dias passados.

f) "O que fazia engraçadíssima Carlota eram as espessas sobrancelhas." (CAMILO CASTELO BRANCO)

g) "Fiquei desconsolado com esta reflexão, chamei-me pródigo." (MACHADO DE ASSIS)

h) Fina e persistente, a chuva caía sobre a cidade triste.

i) "A terra despertava triste." (EUCLIDES DA CUNHA)

j) "Descubra as reservas de bravura que você há de ter escondidas." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

k) "Bons ou maus, esses homens são nossos aliados." (ÉRICO VERÍSSIMO)

l) "Como eram gostosas as pitombas, que eu preferia verdosas, porque eram carnudas." (POVINA CAVALCÂNTI)

m) "Enorme e brilhante, erguia-se sobre os homens a cruz de ouro." (LUÍS HENRIQUE TAVARES)

n) O homem não pode aceitar como suas as regras da máquina.

o) "As mulheres o achavam um homem fascinante." (RUBEM FONSECA)

p) O cliente acusou o advogado de omisso e incompetente.

8. Faça concordar os predicativos com os respectivos objetos diretos:

a) Vi **ancorado** na baía os navios petrolíferos.

b) A luz jorrou forte e tornou **visível** os quadros das paredes.

c) Ele manteve **estendido** sobre a mesa a planta do prédio.

d) O cineasta já tem quase **pronto** seus dois novos filmes.

e) Os invasores retiraram-se, deixando **gravado** nos muros palavras insultuosas.

TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO
Exercícios de exames e concursos
[Página 683]

TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO

Chamam-se **termos integrantes da oração** os que completam a significação transitiva dos verbos e nomes. *Integram* (inteiram, completam) o sentido da oração, sendo por isso indispensáveis à compreensão do enunciado.

São os seguintes:

a) complementos verbais: objeto direto e objeto indireto

b) complemento nominal

c) agente da passiva

1 OBJETO DIRETO

Objetivo direto é o complemento dos verbos de predicação incompleta, não regido, normalmente, de preposição. Exemplos:

As plantas purificam **o ar**.

"Nunca mais ele arpoara **um peixe-boi**." (Ferreira de Castro)

Procurei **o livro**, mas não **o** encontrei.

Ninguém **me** visitou.

Esta é a casa **que** eu vendi.

Houve **grandes festejos**.

Tia Mirtes já não sentia **dor nem cansaço**.

O povo aclamou **o imperador e a imperatriz**.

"Mendonça cumprimentou-**as** respeitosamente." (Machado de Assis)

"Tão leve estou que já nem **sombra** tenho." (Mário Quintana)

"**Lembranças** havia que eram úlceras incuráveis da memória." (Érico Veríssimo)

A) O objeto direto tem as seguintes características:

- completa a significação dos verbos transitivos diretos;
- normalmente, não vem regido de preposição;
- *traduz* o ser sobre o qual recai a ação expressa por um verbo ativo:
  Caim matou **Abel**.

- Torna-se sujeito da oração na voz passiva:
  Abel foi morto por Caim.

B) O objeto direto pode ser constituído:

- por um substantivo ou expressão substantivada:
  O lavrador cultiva a **terra**.
  Unimos o **útil** ao agradável.

- pelos pronomes oblíquos *o, as, os, as, me, te, se, nos, vos*:
  Espero-**o** na estação.
  Ela **nos** chama.
  Estimo-**os** muito.
  Avisamo-**lo** a tempo.
  Sílvia olhou-**se** ao espelho.
  Procuram-**na** em toda parte.
  Não **me** convidas?
  Meu Deus, eu **vos** amo.
  "Marchei resolutamente para a maluca e intimei-**a** a ficar quieta." (Graciliano Ramos)
  "Vós haveis de crescer, perder-**vos**-ei de vista." (Cabral do Nascimento)

- por qualquer pronome substantivo:
  Não vi **ninguém** na loja.
  A árvore **que** plantei floresceu. [*que*: objeto direto de *plantei*]
  Onde foi que você achou **isso**?
  Quando vira as folhas do livro, ela **o** faz com cuidado.
  "**Que** teria o homem percebido nos meus escritos?" (Graciliano Ramos)

C) Frequentemente transitivam-se verbos intransitivos, dando-se-lhes por objeto direto uma palavra cognata ou da mesma esfera semântica:
"**Viveu** José Joaquim Alves **vida** tranquila e patriarcal." (Vivaldo Coaraci)
"Pela primeira vez **chorou** o **choro** da tristeza." (Aníbal Machado)
"Nenhum de nós **pelejou** a **batalha** de Salamina." (Machado de Assis)
"Como andei contando um **sonho**, me lembrei de outro **que** já **sonhei** mais de uma vez." (Oto Lara Resende)

Em tais construções é de rigor que o objeto venha acompanhado de um adjunto.

2 OBJETO DIRETO PREPOSICIONADO

Há casos em que o objeto direto, isto é, o complemento de verbos transitivos diretos, vem precedido de preposição, geralmente a preposição **a**. Isto ocorre principalmente:

- quando o objeto direto é um pronome pessoal tônico:
  Deste modo, prejudicas **a ti** e **a ela**.
  "Mas dona Carolina amava mais **a ele** do que aos outros filhos." (Raquel Jardim)
  "Pareceu-me que Roberto hostilizava antes **a mim** do que à ideia." (Ciro dos Anjos)

"Ricardina lastimava o seu amigo como **a si** própria." (Camilo Castelo Branco)

"Amava-a tanto como **a nós**." (José Geraldo Vieira)

- quando o objeto é o pronome relativo *quem*:

"Pedro Severiano tinha um filho **a quem** idolatrava." (Carlos de Laet)

"Abraçou a todos; deu um beijo em Adelaide, **a quem** felicitou pelo desenvolvimento das suas graças." (Machado de Assis)

"Agora sabia que podia manobrar com ele – com aquele homem **a quem** na realidade também temia, como todos ali." (Herberto Sales)

- quando precisamos assegurar a clareza da frase, evitando que o objeto direto seja tomado como sujeito, impedindo construções ambíguas:

Convence, enfim, **ao pai** o filho amado[1].

"Vence o mal **ao remédio**." (Antônio Ferreira)

"Tratava-me sem cerimônia, como **a um irmão**." (Olavo Bilac)

A qual delas iria homenagear o cavaleiro?

"E olhava o amigo como **a um filho** mais velho." (Luís Henrique Tavares)

"Olho Gabriela como **a uma criança**, e não mulher feita." (Ciro dos Anjos)

"Foi a comadre do Rubião que o agasalhou e mais **ao cachorro**." (Machado de Assis)

"Encontrou-a e **ao marido** na fazenda das Lajes." (Ciro dos Anjos)

"**A inimigo** não se poupa." (Viana Moog)

"Também se adormece a fome, como **às crianças**, cantando." (José Américo)

"**Ao poeta Drummond**, que mora mais além, a feira deve incomodar, porque os grandes caminhões roncam sob sua janela." (Rubem Braga)

- em expressões de reciprocidade, para garantir a clareza e a eufonia da frase:

"Os tigres despedaçaram-se uns **aos outros**." (Camilo Castelo Branco)

"As companheiras convidavam-se umas **às outras**." (Helena Silveira)

"Era o abraço de duas criaturas que só tinham uma **à outra**." (Vivaldo Coaraci)

- com nomes próprios ou comuns, referentes a pessoas, principalmente na expressão dos sentimentos ou pela eufonia da frase:

Judas traiu **a Cristo**.

Amemos **a Deus** sobre todas as coisas.

"Provavelmente, enganavam é **a Pedro**." (Ciro dos Anjos)

"O estrangeiro foi quem ofendeu **a Tupã**." (José de Alencar)

"É certo que ele teme **a Deus** e crê na doutrina." (Machado de Assis)

"E dali em diante, o drama intensificava-se, fazendo sorrir, de plena satisfação, **a Caetano**." (Ferreira de Castro)

"Esse último rasgo do Costa persuadiu **a crédulos e incrédulos**." (Machado de Assis)

"Diabolicamente, o dinheiro atrai **a pequenos e grandes**." (Ciro dos Anjos)

---

(1) Sem a preposição *a* diante do objeto (o pai), a frase ficaria ambígua, obscura, pois tanto poderia ser entendida como sujeito a palavra *pai* como a palavra *filho*.

- em construções enfáticas, nas quais antecipamos o objeto direto para dar-lhe realce:

  A você é que não enganam!

  A médico, confessor e letrado nunca enganes.

  "**A este confrade** conheço desde os seus mais tenros anos." (CARLOS DE LAET)

  "**Ao Medeiros** não o amordaçavam as convenções." (FERNANDO NAMORA)

- sendo objeto direto o numeral *ambos(as)*:

  "O aguaceiro caiu, molhou **a ambos**." (ANÍBAL MACHADO)

  "Se eu previsse que os matava **a ambos**..." (CAMILO CASTELO BRANCO)

- com certos pronomes indefinidos, sobretudo referentes a pessoas:

  Se todos são teus irmãos, por que amas **a uns** e odeias **a outros**?

  Aumente sua felicidade, tornando felizes também **aos outros**.

  A quantos a vida ilude!

  "A estupefação imobilizou **a todos**." (MACHADO DE ASSIS)

  "**A tudo** e **a todos** eu culpo." (ANÍBAL MACHADO)

  "Como fosse acanhado, não interrogou **a ninguém**." (MACHADO DE ASSIS)

- em certas construções enfáticas como *puxar* (ou *arrancar*) *da espada*, *pegar da pena*, *cumprir com o dever*, *atirar com os livros sobre a mesa*, etc.:

  "Arrancam **das espadas** de aço fino..." (LUÍS DE CAMÕES)

  "Chegou a costureira, pegou **do pano**, pegou **da agulha**, pegou **da linha**, enfiou a linha na agulha e entrou a coser." (MACHADO DE ASSIS)

  "Imagina-se a consternação de Itaguaí, quando soube **do caso**". (MACHADO DE ASSIS)

Observações:

✔ Nos quatro primeiros casos estudados, a preposição é de rigor; nos cinco outros, facultativa.

✔ A substituição do objeto direto preposicionado pelo pronome oblíquo átono, quando possível, se faz com as formas *o(s)*, *a(s)* e não *lhe*, *lhes*:

amar a Deus → amá-lo; convencer ao amigo → convencê-lo.

✔ O objeto direto preposicionado, é óbvio, só ocorre com verbo transitivo direto.

Podem resumir-se em três as razões ou finalidades do emprego do objeto direto preposicionado:

- a clareza da frase;
- a harmonia da frase;
- a ênfase ou a força da expressão.

3 OBJETO DIRETO PLEONÁSTICO

Quando queremos dar destaque ou ênfase à ideia contida no objeto direto, colocamo-lo no início da frase e depois o repetimos ou reforçamos por meio do pronome oblíquo. A esse objeto repetido sob forma pronominal chama-se *pleonástico*, *enfático* ou *redundante*. Exemplos:

O dinheiro, Jaime **o** trazia escondido nas mangas da camisa.

O bem, muitos **o** louvam, mas poucos **o** seguem.

"**Seus cavalos**, ela **os** montava em pelo." (Jorge Amado)

"**Os** que lá não penetram, engole-**os** a obscuridade." (Machado de Assis)

"De mais a mais, **frutas** os passarinhos conseguem-**nas** pelo seu próprio esforço." (Vivaldo Coaraci)

"**Aquelas veemências**, quem não **as** ouviu de voz ou não **as** viu de letra? (Raquel de Queirós)

Observação:

✔ Escritores modernos omitem, frequentemente, o pronome objetivo:

"E os amigos a gente conhece na hora do aperto." (Josué Montelo)

"Esse segredo eu guardaria só para mim." (Povina Cavalcânti)

4 OBJETO INDIRETO

Objeto indireto é o complemento verbal regido de preposição necessária e sem valor circunstancial. Representa, ordinariamente, o ser a que se destina ou se refere à ação verbal:

"Nunca desobedeci **a meu pai**." (Povina Cavalcânti)

A) O objeto indireto completa a significação dos verbos:

- transitivos indiretos

Assisti **ao** jogo.
Assistimos **à missa** e **à festa**.
Aludiu **ao fato**.
Aspiro **a uma vida calma**.
Absteve-se **de vinho**.
Deparei **com um estranho**.
O pai batia-**lhe**. (*no* filho)
Anseio **pela tua volta**.
Não cedi **à tentação**.
Não consisto **nisso**.
Lembre-se **de nós**.

Atentou **contra a vida do rei**.
Gosto **de frutas** e **de doces**.
Obedeço **ao regulamento**.
Deus **lhe** perdoe. (*ao* pecador)
Paguei **ao médico** ontem.
Preciso **de ti** amanhã.
Ele zombou **de nós**.
Responderei **à carta de Lúcia**.
Resistimos **ao ataque**.
A terra pertencia **aos índios**.
Pio XII sucedeu **a Pio XI**.

"**A que influência** alude?" (Machado de Assis)

Não abuse **dos remédios**: recorra **a eles** só quando não houver outro remédio.

- transitivos diretos e indiretos (na voz ativa ou passiva)

Dou graças **a Deus**.

Ceda o lugar **aos mais velhos**.

Dedicou sua vida **aos doentes** e **aos pobres**.

Disse-**lhe** a verdade. [Disse a verdade *ao moço*.]

Peço-**lhe** desculpas. [Peço desculpas *ao professor*.]

Revoltavam o povo **contra o regime**.

Não revelarei isto **a ninguém**.

Acostumou o corpo **ao frio** e **às intempéries**.

Beijou as mãos **ao sacerdote**.

O juiz confiou-**lhe** a guarda do menino.

Perdoo-**lhe** a ofensa.

Devolva-**lhe** o dinheiro. [Devolva o dinheiro *a ele*.]

Não **lhe** foi devolvido o livro. [Não *lhe* devolveram o livro.]

Devolveu-se-**lhe** o livro. [O livro foi-*lhe* devolvido.]

Aos vencidos tomavam-se os bens à força.

A árvore foi sacrificada **à tirania do progresso**.

B) O objeto indireto pode ainda acompanhar verbos de outras categorias, os quais, no caso, são considerados acidentalmente transitivos indiretos:

A bom entendedor meia palavra basta.

Sobram-**lhe** qualidades e recursos. [*lhe* – a ele]

Isto não **lhe** convém.

A proposta pareceu-**lhe** aceitável.

Observações:

✔ Há verbos que podem construir-se com dois objetos indiretos, regidos de preposições diferentes:

Rogue a *Deus por nós*.

Ela queixou-se *de mim a seu pai*.

Pedirei *para ti a meu senhor* um rico presente.

✔ Não confundir o objeto indireto com o *complemento nominal* nem com o *adjunto adverbial*.

✔ Em frases como "*Para mim* tudo eram alegrias", "Para *ele* nada é possível", os pronomes em destaque podem ser considerados adjuntos adverbiais.

C) O objeto indireto é sempre regido de preposição, expressa ou implícita.

a) A preposição está implícita nos pronomes objetivos indiretos (átonos) *me, te, se, lhe, nos, vos, lhes*. Exemplos:

Obedecem-**me**. [= Obedecem *a mim*.]

Isto **te** pertence. [= Isto pertence *a ti*.]

Rogo-**lhe** que fique. [= Rogo *a você*...]

Peço-**vos** isto. [= Peço isto *a vós*.]

- Nos demais casos a preposição é expressa como característica do objeto indireto:

Recorro **a Deus**.
Dê isto **a** (ou para) **ele**.
Contenta-se **com pouco**.
Ele só pensa **em si**.
Esperei **por ti**.
Falou **contra nós**.
Conto **com você**.
Não preciso **disto**.
O filme **a que** assisti agradou **ao público**.
Assisti **ao desenrolar** da luta.
A coisa **de que** mais gosto é pescar.
A pessoa **a quem** me refiro você a conhece.
Os obstáculos **contra os quais** luto são muitos.
As pessoas **com quem** conto são poucas.

D) Como atestam os exemplos acima, o objeto indireto é representado pelos substantivos (ou expressões substantivas) ou pelos pronomes.

As preposições que o ligam ao verbo são: *a, com, contra, de, em, para* e *por*.

5 OBJETO INDIRETO PLEONÁSTICO

À semelhança do objeto direto, o objeto indireto pode vir repetido ou reforçado, por ênfase. Exemplos:

"**A mim** o que **me** deu foi pena." (Ribeiro Couto)

"Que **me** importa **a mim** o destino de uma mulher tísica...?" (Machado de Assis) [*tísica* = tuberculosa]

"E, **aos brigões**, incapazes de se moverem, basta-**lhes** xingarem-se à distância." (Dalton Trevisan)

"Mas que **te** importam **a ti** os assuntos que me são agradáveis?" (Graciliano Ramos)

6 COMPLEMENTO NOMINAL

Complemento nominal é o termo complementar reclamado pela significação transitiva, incompleta, de certos substantivos, adjetivos e advérbios. Vem sempre regido de preposição. Exemplos:

A defesa **da pátria**.
O respeito **às leis**.
Assistência **às aulas**.
Aliança **com o estrangeiro**.
A luta **contra o mal**.
G. Bell foi o inventor **do telefone**.
O amor **ao trabalho**.
Nossa fé **em Deus**.
Gosto **pela arte**.
Disposição **para o trabalho**.
Suas atenções **para com todos**.
Teve raiva **de si mesmo**.
Apto **para o trabalho**.
Útil **ao bem comum**.
Contente **com a sorte**.
Precavido **contra os males**.
Insaciável **de vingança**.
Confiante **na vitória**.
Tudo ficou reduzido **a cinzas**.
Responsável **pela ordem**.
Impróprio **para menores**.
Atencioso **para com todos**.
Relativamente **a alguém**.
Favoravelmente **ao réu**.

"O ódio **ao mal** é amor **do bem**, e a ira **contra o mal**, entusiasmo divino." (RUI BARBOSA)

"Ah, não fosse ele surdo **à minha voz**!" (CABRAL DO NASCIMENTO)

"A sensibilidade existe e está a serviço **da harmonia, da beleza e do equilíbrio**." (LUÍS CARLOS LISBOA)

"Pois bem, nada me abala relativamente **ao Rubião**." (MACHADO DE ASSIS)

A grande rodovia corre paralelamente **às fronteiras setentrionais do Brasil**.

Observações:

✔ O complemento nominal representa o recebedor, o paciente, o alvo da declaração expressa por um nome: amor a *Deus*, a condenação da *violência*, o medo de *assaltos*, a remessa de *cartas*, útil ao *homem*, compositor de *músicas*, etc. É regido pelas mesmas preposições usadas no objeto indireto. Difere deste apenas porque, em vez de complementar verbos, completa nomes (substantivos, adjetivos) e alguns advérbios em *-mente*.

✔ A nomes que requerem complemento nominal correspondem, geralmente, verbos de mesmo radical: *amor* ao próximo, *amar* o próximo; *perdão* das injúrias, *perdoar* as injúrias; *obediente* aos pais, *obedecer* aos pais; *regresso* à pátria, *regressar* à pátria; *remessa* de cartas, *remeter* cartas; *criação* de impostos, *criar* impostos; *queima* de fogos, *queimar* fogos; *recordação* do passado, *recordar* o passado; *resistência* ao mal, *resistir* ao mal, etc.

7 AGENTE DA PASSIVA

Agente da passiva é o complemento de um verbo na voz passiva. Representa o ser que pratica a ação expressa pelo verbo passivo. Vem regido comumente pela preposição *por* e, menos frequentemente, pela preposição *de*:

Alfredo é estimado **pelos colegas**.

A cidade estava cercada **pelo exército romano**.

"Era conhecida **de todo mundo** a fama de suas riquezas." (OLAVO BILAC)

A) O agente da passiva pode ser expresso pelos substantivos ou pelos pronomes:

As flores são umedecidas **pelo orvalho**.

A carta foi cuidadosamente corrigida **por mim**.

Muitos já estavam dominados **por ele**.

Aquele é o cachorro **pelo qual** fui mordido.

Conheço o funcionário **por quem** fui atendido.

Por quem teria ele sido denunciado?

B) Vimos que o agente da passiva corresponde ao sujeito da oração na voz ativa. Observe:

A rainha era aclamada **pela multidão**.	(voz passiva)
A multidão aclamava a rainha.	(voz ativa)
Ele será acompanhado **por ti**.	(voz passiva)
Tu o acompanharás.	(voz ativa)

Observações:

✔ Conforme frisamos anteriormente, frase de forma passiva analítica sem complemento agente expresso, ao passar para a ativa, terá sujeito indeterminado e o verbo na 3ª pessoa do plural:

Ele foi expulso da cidade. → *Expulsaram-no da cidade.*

As florestas são devastadas. → *Devastam as florestas.*

✔ Na passiva pronominal não se declara o agente:

Nas ruas assobiavam-se as canções dele pelos pedestres. (errado)

Nas ruas eram assobiadas as canções dele pelos pedestres. (certo)

Assobiavam-se as canções dele nas ruas. (certo)

EXERCÍCIOS LISTA 40

1. Transcreva as frases e sublinhe com um traço os objetos diretos:

a) Os holandeses invadiram a Bahia em 1624.

b) O trabalho produz a riqueza e a felicidade.

c) Fatos impressionantes relatou esse turista.

d) "O louvor ganha amigos, a maledicência inimigos." (Marquês de Maricá)

e) Muitos favores já temos recebido desta família.

f) No rio das Mortes houve combates sangrentos.

g) Devemos unir o útil ao agradável.

h) "Desenhou a casa do engenho, as árvores, os morros." (Garcia de Paiva)

2. Copie as orações, antepondo a elas **1** ou **2**, de acordo com a função das palavras em destaque:

(1) objeto direto (2) objeto indireto

a) No Sul do Brasil, o inverno obedece ao **ciclo** das estações.

b) Não devemos recorrer à **violência**.

c) A volta do sol trouxe de novo a **alegria** aos corações.

d) O antiquário possuía até **moedas** da Roma dos Césares.

e) Ao **Exército** compete defender a pátria.

3. Transcreva as orações e sublinhe os objetos indiretos:

a) Assisti a uma cena impressionante.

b) Obedeço a ordens superiores.

c) Não aspiro a esse título.

d) Aludiu ele à minha obra?

e) Cristo perdoou ao bom ladrão e prometeu-lhe o paraíso.

f) Emília não acredita em horóscopos.

g) A polícia interditou a área às pessoas estranhas ao trabalho.

h) Optei pela solução mais segura.

i) Por acaso necessitam de tanto espaço?
j) "Ninguém objetaria à entrada ou à saída de ninguém." (PAULO MENDES CAMPOS)
k) "Nesse ponto, desobedecera à mãe." (JOÃO CLÍMACO BEZERRA)
l) Tal atitude não convém a um juiz.
m) As crianças logo se familiarizaram com os animais.
n) Dulce ainda não respondera à carta de sua amiga.
o) "A terra não pertence ao homem; é o homem que pertence à terra." (SEATTLE, chefe índio americano)

4. Copie as frases e sublinhe com um traço os objetos diretos e com dois os indiretos:
a) O embaixador ofereceu um jantar ao líder político.
b) Agradeça a Deus o dom da vida, todos os dias.
c) Confiei a Vicente os meus planos.
d) Pagamos a cerveja ao garçom e mostramos as fotos a Denise.
e) "Ao coronel Lelê deveu mais tarde meu pai um favor inesquecível." (POVINA CAVALCÂNTI)

5. Copie as frases e informe se os pronomes oblíquos funcionam como objeto direto ou indireto:
a) Nós **o** elogiamos.
b) Eu **lhe** agradeci muito.
c) Todos **a** admiram.
d) João **me** persegue.
e) João **me** obedece.
f) Ela **te** ama.
g) Ela **te** confessará tudo.
h) Guarde-**os** na caixa.
i) Vim convidá-**los**.
j) Ele **nos** estima.
k) Isto **nos** pertence.
l) Confie em **mim**.
m) Confie menos em **si**.
n) Refiro-me a **ti** mesmo.
o) Quem **vos** chamou?
p) Quem **vos** deu a vida?
q) Beatriz **os** veste e **lhes** dá comida.
r) Sílvia olhou-**se** no espelho.

6. Copie as frases e complete os verbos transitivos diretos substituindo o * pelo pronome oblíquo **o**, e os verbos transitivos indiretos substituindo o * pelo pronome oblíquo **lhe**:
a) Estimo-* muito.
b) Avise-* depressa.
c) Não * respondas.
d) Não * invejemos.
e) Atribuo-* a culpa.
f) Espero-* em casa.
g) Conheço-* muito bem.
h) Felicito-* pela vitória.
i) Confesso-* a verdade.

7. Complete as orações substituindo os asteriscos por objetos indiretos adequados:
a) Assistirei *****.
b) Não resisti *****.
c) Ele aspira *****.
d) Elza simpatizou *****.
e) Refiro-me *****.
f) A fauna depende *****.
g) Todos se opõem *****.
h) Luís desobedeceu *****.

8. Reorganize as colunas em seu caderno, de modo a fazê-las corresponder corretamente, de acordo com a função do pronome relativo **que**:

Não me agradou o filme a **que** assisti.	sujeito
Compro os livros **que** me interessam.	objeto direto
São ótimos os livros **que** estou lendo.	objeto indireto

9. Nos exemplos seguintes os pronomes em destaque são objetos diretos ou indiretos. Copie as frases em seu caderno e aponte a distinção, sobrepondo **D** aos primeiros e **I** aos segundos:

a) Meu avô chamava-**me** e eu **o** atendia prontamente.

b) Valmor fez **o que lhe** ordenei.

c) Nas cidades **que** visitei nas férias, achei **tudo** caro.

d) Há coisas de **que** não gostamos e pessoas com **quem** não simpatizamos.

e) "A virtude **nos** diviniza, o vício **nos** embrutece." (Marquês de Maricá)

f) "Pajé, eu **te** agradeço o agasalho **que me** deste." (José de Alencar)

g) "Cada qual tem o ar **que** Deus **lhe** deu." (Machado de Assis)

h) Refiro-**lhe o que** ouvi.

i) Confesso-**vos aquilo que** nunca revelei a **ninguém**.

j) Ele arroga-**se** direitos **que** não possui.

k) "Expliquei **isso** a **ele**." (José J. Veiga)

l) Não sabemos **o que** o destino **nos** reserva.

10. Escreva as orações, iniciando-as com o objeto direto ou indireto, a fim de realçar esses termos, como no exemplo:

Exemplo: Eu não poderia ter tido **surpresa mais agradável**.
Surpresa mais agradável eu não poderia ter tido.

a) Eu catava no mato até a lenha do fogão.

b) Faltam disciplina e coragem a esses adolescentes.

c) Interessam particularmente a nós técnicas agrícolas mais avançadas.

d) Colombo chamou de índios aos nativos da América.

e) Esse meu amigo estaria planejando que estranhos negócios?

f) Najibe ofereceu a seus fregueses calendários com belas estampas.

11. Transcreva apenas a oração em que ocorre objeto direto pleonástico:

a) "As horas disponíveis eu as ocupava com a coleção de selos." (Murilo Rubião)

b) A longa estiagem preocupa agricultores e pecuaristas.

c) A presença do cachorro não agradou ao visitante.

12. Copie somente as duas frases em que ocorre objeto direto preposicionado:

a) Ainda não respondi à carta de Beatriz.

b) Muitos encontram a Deus servindo o próximo.

c) Quem resiste a seus encantos?

d) Não se prenda a minúcias.

e) Será que as barbas longas honram mais a quem as cultiva?

13. Copie os períodos e explique os seguintes casos de objeto direto preposicionado:

a) "Foi **a Tupã** que o pajé serviu." (José de Alencar)

b) "Vence o mal **ao remédio**." (Antônio Ferreira)

c) "Aquele fim imprevisto decepcionara **a todas**." (Monteiro Lobato)

d) "Somente **ao tronco** que devassa os ares o raio ofende." (Gonçalves Dias)

e) "Por fim, sustentando-me numa das mãos e **ao Fagundes** na outra, o gigante atravessou a sala..." (Aníbal Machado)

f) "Rubião... esqueceu a sala, a mulher e **a si**." (MACHADO DE ASSIS)

g) "Olhou o especialista como **a um irmão**." (JOSÉ FONSECA FERNANDES)

h) "Levarei comigo o prazer de vos ter abençoado **a ambos**." (CAMILO CASTELO BRANCO)

i) "**A ela** ninguém convidava." (HELENA SILVEIRA)

j) "Eles [os traficantes] alugavam limusines blindadas, contratavam policiais para protegê-los e **às malas** cheias de dólares." (*JORNAL DO BRASIL*)

14. Como o exercício anterior:

a) Não sei dizer **a quem** ele mais estimava.

b) "O nascimento enobrece **a alguns**, o procedimento **a muitos**." (MARQUÊS DE MARICÁ)

c) Louvemos **a Deus** na alegria e no sofrimento.

d) Nomearam procurador **a um amigo** de meu pai.

e) "Nós a enfeitamos e perfumamos como **a uma noiva**." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

f) "Então Agostinho tomou-a nos braços, **a ela** e **à gata**, e Noca sorriu." (JORGE AMADO)

g) "Os parceiros do barão acusaram-se uns **aos outros**." (MACHADO DE ASSIS)

h) "Não se deve amar **a ninguém** como **a Deus**." (MACHADO DE ASSIS)

i) "Atrai o poviléu como o pólen **às abelhas**." (CIRO DOS ANJOS)

j) "Se as pessoas não aceitam a vaca como passageira, nós não aceitamos **a elas**." (EDI LIMA)

k) **A quem** escolheria Simões para seu assessor?

l) "As roupas de embaixador não honram nem desonram mais quem as veste que o macacão **ao mecânico**." (RUBEM BRAGA)

15. Transcreva as frases em seu caderno, numerando-as de acordo com a causa determinante do objeto direto preposicionado:

a) Quem não ama **a seus pais**?	(1) clareza
b) Júlio tratava-o como **a um irmão**.	(2) harmonia, ritmo
c) A festa decepcionou **a todos**.	(3) ênfase

16. Copie os períodos abaixo; sublinhe os objetos pleonásticos, dizendo se são diretos ou indiretos:

a) "As flores leva-as a brisa." (JOSÉ DE ALENCAR)

b) "A mim me basta a celebridade que ela veio a ganhar..." (CAMILO CASTELO BRANCO)

c) Que lhe importa a ele a nossa desgraça?

d) "Se o mundo tinha razão, não o diremos nós." (CAMILO CASTELO BRANCO)

e) "A nós também nos rechearam de angústia." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

f) "Ao Medeiros não o amordaçavam as convenções." (FERNANDO NAMORA)

g) "De tarde, são outros que o admiram a ele e à obra." (MACHADO DE ASSIS)

h) "Que me importa a mim a glória?" (ALEXANDRE HERCULANO)

i) "As migalhas que lhe ficavam entre os dedos, levava-as à boca." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

j) "A lança, eles a faziam, espécie de arpão." (ADONIAS FILHO)

17. Em seu caderno, transforme as orações usando o objeto direto pleonástico:

Exemplo: O ministro do culto ensina a religião.

A religião, ensina-**a** o ministro do culto.

a) Ele reservava as glórias para si.

b) Ninguém viu os frutos de tantos esforços.

c) Deus fez as flores para a nossa alegria.

d) Todos previram o fatal desenlace.

e) Vós encontrareis a explicação neste livro.

f) Ela não tem, não teve nunca amigas.

18. Copie as frases e numere-as de acordo com a função das palavras em destaque:

(1) objeto direto preposicionado

(2) objeto indireto

(3) complemento nominal

a) Todo homem tem direito **à liberdade**.

b) Tenho pena desse jovem, **ao qual** a vida ilude com tantas seduções.

c) O povo se opunha **à instalação** da usina nuclear.

19. Copie o período e dê a função sintática das palavras em destaque:
"As **feras**, depois do aprendizado da **caça** e dos meios de defesa, dão aos **filhotes** a **liberdade**."
(Maria José de Queirós)

20. Copie as frases e sublinhe os complementos nominais:

a) Teresa tinha medo das trovoadas.

b) Ninguém está contente com a sua sorte.

c) Tem muita disposição para música.

d) Estávamos ansiosos pelos resultados.

e) Tende amor ao próximo e não vos esqueçais da assistência aos desamparados.

f) "Os moleques se atropelavam na disputa dos papéis." (Aníbal Machado)

g) "Há silêncio relativamente àquela nobre personagem." (Carlos de Laet)

h) "Os pretos sofriam como predestinados à dor." (Monteiro Lobato)

i) Piscava e mordia os beiços, num tique comum aos que bebem.

j) "Quem me pôs no coração este amor da vida, senão tu?" (Machado de Assis)

k) A ciência deve ser aplicada em benefício do homem.

21. Como o exercício anterior:

a) "A aliança com os maus é sempre funesta aos governos." (Marquês de Maricá)

b) "De Portugal passou ao Brasil a devoção à Virgem." (Carlos de Laet)

c) "Todo ser humano tem um direito natural à liberdade." (Érico Veríssimo)

d) "Podes vê-lo e falar-lhe, contanto que imediatamente à operação." (Camilo Castelo Branco)

e) "Conta ver-me outra vez dependente de seus cuidados, submisso às suas ordens." (Antônio Olavo Pereira)

f) "O sapo-boi enche a mata com mugidos semelhantes aos do touro." (Renato da Silva)

g) O telefone tornou-se indispensável ao homem da cidade.

h) Encontrei-o entregue a seu trabalho, a mesa cheia de mapas.

i) Orgulhosa do pai, Lígia não escondia sua admiração por ele.

j) "A convivência com os semelhantes é um apelo muito forte." (Luís Carlos Lessa)

22. Copie as frases substituindo * por complementos nominais adequados:

a) Sônia tem alergia *.

b) O gás é nocivo *.

c) Ele é versado *.

d) José foi afável *.

e) Estou quite *.

f) És responsável *.

23. Escreva as frases trocando o complemento nominal pelo verbal, como no exemplo:

O visitante fez elogios **à beleza da moça**.

O visitante elogiou **a beleza da moça**.

a) Tais práticas são contrárias **à boa convivência**.

b) Motorista não deve ter ódio **a pedestre**.

c) Joel demonstrou interesse **pela campanha**.

d) Não tenha demasiado apego **às riquezas**.

e) Se tens amor **à vida**, não entres nas águas deste mar.

f) Ninguém fez referência **ao namoro de Susana**.

g) Há plantas resistentes **à seca.**

24. Responda em seu caderno. No período "Jerônimo foi atencioso com os dois **turistas** e apontou-**lhes** a casa **que** procuravam", as palavras em destaque são, respectivamente:

a) objeto indireto – objeto direto – complemento nominal

b) complemento nominal – objeto indireto – sujeito

c) complemento nominal – objeto indireto – objeto direto

25. Transcreva as frases e sublinhe os agentes da passiva:

a) Os homens são atormentados pelas doenças.

b) A cidade estava sitiada pelo exército romano.

c) "O plano de assalto à casa foi traçado por mim." (Rubem Braga)

d) "Passou-lhe na mente a conjetura de que era amado daquela doce criatura." (Camilo Castelo Branco)

e) O avô, pela sua simpatia, era muito estimado por todos.

f) O Congresso Nacional é convocado por quem estiver na presidência do Senado.

g) Márcia tinha grande amor à tia, por quem fora educada.

h) "A primeira partida foi ganha por Fidélio, perdida por Seixas." (Jorge Amado) [*perdida* = foi perdida]

i) "A terra vai sendo aberta por intermináveis sulcos." (Cecília Meireles)

26. Converta, em seu caderno, as orações abaixo na voz passiva:

a) Nenhuma editora imprimirá esses manuscritos.

b) Quem a teria denunciado?

c) Todos te admiram, Luciana.

d) Quem os terá posto aqui?

e) Que tribunal nos julgará?

f) De ano a ano as nações livres vão consolidando o regime democrático.

g) Os alunos escreviam as frases no quadro.

27. Converta a voz passiva em ativa, substituindo, ao mesmo tempo, os destaques por pronomes oblíquos adequados:

a) Talvez **a caverna** tenha sido descoberta por algum pertinaz espeleólogo.

b) **A boiada** foi contida pelos vaqueiros a muito custo.

c) Tive medo de que **Teresa** fosse ouvida pelos pais.

d) **A bandeira da Ordem de Cristo** foi solenemente entregue a Cabral pelo rei Dom Manuel, em 9 de março de 1500.

28. Responda no caderno: Qual a função da palavra **desfile** no período abaixo? **Complemento nominal**, **objeto direto** ou **objeto indireto**?

"Garoto participa do **desfile** esforçando-se em tirar som da tuba." (*Jornal do Brasil*)

29. Copie o período e dê a função sintática das palavras em destaque:

"Cabiam a **Simón Bolívar tarefas** não só de comandante militar, mas também de governante e organizador." (Moacir Werneck de Castro)

30. Depois de copiar os períodos, dê a função sintática dos termos destacados:

a) Os garotos procuravam seus **amigos** havia horas.

b) Os jovens sonhavam com uma **profissão** melhor.

c) Carla contou a **história** aos **pais**.

d) "Abri **cavernas** no mar/construí **segredos**/teci com teias de luz/as mais delicadas **roupagens**." (Roseana Murray)

e) A luta contra os **poderosos** consumia todos os seus **momentos**.

31. Escreva as frases e dê a função sintática dos pronomes destacados:

a) O ator criticou-**o** pelas observações feitas.

b) Diga-**me** apenas a verdade.

c) **Eu** sempre **o** encontro perto da pracinha.

d) Obedeça-**me** sem reclamar!

e) Não **lhe** devolvi ainda o livro de inglês.

32. Escreva a oração na voz passiva, destacando o agente da passiva:

a) O orvalho umedecia as plantas.

b) A multidão aclamava o general rebelde.

c) Corrigi as provas com o maior cuidado.

33. Classifique, em seu caderno, os termos destacados em objetos indiretos ou complementos nominais:

a) Lembrem-se *de nós* ao visitarem os museus.

b) A luta *contra o câncer* tornara-o paciente e destemido.

c) Gosto muito *de pinturas* surrealistas.

d) Não tinham nenhum gosto *pela arte*.

e) Sempre tiveram necessidade *de afeto*, mas nunca o receberam.

34. Escreva as orações transformando os complementos nominais em objetos indiretos ou diretos, conforme o caso. Faça as necessárias adaptações.

a) Era famoso por seu respeito às convenções sociais.

b) Estava confiante na vitória.

c) Os moradores tinham necessidade de mais verde.

d) A condenação da violência, sem medidas eficazes, não basta.

e) O perdão das dívidas não foi sequer cogitado.

35. Transcreva os complementos verbais que utilizou nas frases do exercício anterior, informando se são objetos diretos ou indiretos.

TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO
Exercícios de exames e concursos
[Página 683]

TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO

Termos acessórios são os que desempenham na oração uma função secundária, qual seja a de caracterizar um ser, determinar os substantivos, exprimir alguma circunstância.

São três os termos acessórios da oração: *adjunto adnominal, adjunto adverbial* e *aposto*.

1 ADJUNTO ADNOMINAL

Adjunto adnominal é o termo que caracteriza ou determina os substantivos. Exemplo:

Meu irmão veste roupas **vistosas**.

- *Meu* determina o substantivo *irmão*: é um *adjunto adnominal*.
- *Vistosas* caracteriza o substantivo *roupas*: é também *adjunto adnominal*.

O adjunto adnominal pode ser expresso:

- pelos **adjetivos**: água *fresca*, terras *férteis*, animal *feroz*;
- pelos **artigos**: *o* mundo, *as* ruas, *um* rapaz;
- pelos **pronomes adjetivos**: *nosso* tio, *este* lugar, *pouco* sal, *muitas* rãs, país *cuja* história conheço, *que* rua?;
- pelos **numerais**: *dois* pés, *quinto* ano, capítulo *sexto*;
- pelas **locuções** ou **expressões adjetivas** que exprimem qualidade, posse, origem, fim ou outra especificação:

  presente *de rei* (= régio): qualidade

  livro *do mestre*, as mãos *dele*: posse, pertença

  água *da fonte*, filho *de fazendeiros*: origem

  fio *de aço*, casa *de madeira:* matéria

  casa *de ensino*, aulas *de inglês*: fim, especialidade

  homem *sem escrúpulos* (= inescrupuloso): qualidade

  histórias *de arrepiar os cabelos* (= arrepiadoras): qualidade

  criança *com febre* (= febril): característica

  aviso *do diretor*: agente

Observações:

✔ Não confundir o adjunto adnominal formado por locução adjetiva com complemento nominal. Este, como vimos, representa o alvo da ação expressa por um nome transitivo: a eleição *do presidente*, aviso *de perigo*, declaração *de guerra*, empréstimo *de dinheiro*, plantio de *árvores*, colheita *de trigo*, destruidor *de matas*, descoberta *de petróleo*, amor *ao próximo*, etc.

O adjunto adnominal formado por locução adjetiva representa o agente da ação ou a origem, pertença, qualidade de alguém ou de alguma coisa: o discurso *do presidente*, aviso *de amigo*, declaração *do ministro*, empréstimo *do banco*, a casa *do fazendeiro*, folhas *de árvores*, farinha *de trigo*, beleza *das matas*, cheiro *de petróleo*, amor *de mãe*.

✔ Pronomes oblíquos com sentido possessivo, alguns autores os consideram adjuntos adnominais, outros, objetos indiretos. Preferimos a última análise. Veja pág. 560, item final.

2 ADJUNTO ADVERBIAL

Adjunto adverbial é o termo que exprime uma circunstância (de tempo, lugar, modo, etc.) ou, em outras palavras, que modifica o sentido de um verbo, adjetivo ou advérbio. Exemplo:
"Meninas *numa tarde* brincavam *de roda na praça*". (GERALDO FRANÇA DE LIMA)

O adjunto adverbial é expresso:

- pelos **advérbios**:

Cheguei *cedo*.	Moramos *aqui*.
Ande *devagar*.	Ele fala *bem*, fala *corretamente*.
Maria é *mais* alta.	Volte *bem* depressa.
Não durma ao volante.	*Talvez* esteja enganado.

- pelas **locuções** ou **expressões adverbiais**:

Às vezes viajava *de trem*.	Júlio reside *em Niterói*.
Compreendo *sem esforço*.	Errei *por distração*.
Saí *com meu pai*.	Escureceu *de repente*.

Observações:

✔ Pode ocorrer a elipse da preposição antes de adjuntos adverbiais de tempo e modo:

Aquela noite, não dormi. [= Naquela noite...]
Domingo que vem não sairei. [= No domingo...]
Ouvidos atentos, aproximei-me da porta. [= De ouvidos atentos...]

✔ Os adjuntos adverbiais classificam-se de acordo com as circunstâncias que exprimem: adjunto adverbial de lugar, modo, tempo, intensidade, causa, companhia, meio, assunto, negação, etc. A NGB, porém, não dá nenhuma classificação dos adjuntos adverbiais.

✔ É importante saber distinguir adjunto adverbial de adjunto adnominal, de objeto indireto e de complemento nominal: sair *do mar* (adj. adv.), água *do mar* (adj. adn.), gostar *do mar* (obj. indir.), ter medo *do mar* (compl. nom.).

3 APOSTO

Aposto é uma palavra ou expressão que explica ou esclarece, desenvolve ou resume outro termo da oração. Exemplos:

D. Pedro II, **imperador do Brasil**, foi um monarca sábio.

"Nicanor, **ascensorista**, expôs-me seu caso de consciência." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

"No Brasil, *região do ouro e dos escravos*, encontramos a felicidade." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"No fundo do mato virgem nasceu Macunaíma, **herói de nossa gente**." (MÁRIO DE ANDRADE)

Casas e pastos, árvores e plantações, **tudo** foi destruído pela enchente.

"O pastor, o guarda, o médico, **todos** olham e não dizem nada." (RICARDO RAMOS)

Prezamos acima de tudo duas coisas: **a vida e a liberdade**.

"Cada casa arrumava, no terreiro em frente, a sua fogueira: **uma pirâmide de toros de madeira decepados pela manhã**." (POVINA CAVALCÂNTI)

"Ele, **Caúla**, não ficaria ancorado como uma canoa." (ADONIAS FILHO)

"E isso exigiria estratagemas, **coisas** a que era avesso." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

A) O núcleo do aposto é um substantivo ou um pronome substantivo. Exemplos de apostos expressos pelos pronomes:

Foram os dois, *ele e ela*.

Só não tenho um retrato: **o** de minha irmã.

O dia amanheceu chuvoso, **o** que me obrigou a ficar em casa.

B) O aposto não pode ser formado por adjetivos. Nas frases seguintes, por exemplo, não há aposto, mas predicativo do sujeito:

Audaciosos, os dois surfistas atiraram-se às ondas.

As borboletas, **leves** e **graciosas**, esvoaçavam num balé de cores.

C) Os apostos, em geral, destacam-se por pausas, indicadas, na escrita, por vírgulas, dois-pontos ou travessões. Não havendo pausa, não haverá vírgula, como nestes exemplos:

Minha irmã **Beatriz**; o escritor **João Ribeiro**; o romance **Toia**; o rio *Amazonas;* a Rua *Osvaldo Cruz;* o Colégio **Tiradentes**, etc.

"Onde estariam os descendentes de Amaro **vaqueiro**?" (GRACILIANO RAMOS)

D) O aposto pode preceder o termo a que se refere, o qual, às vezes, está elíptico. Exemplos:

Rapaz impulsivo, Mário não se conteve.

Mensageira da ideia, a palavra é a mais bela expressão da alma humana.

"**Irmão do mar, do espaço,**
Amei as solidões sobre os rochedos ásperos." (CABRAL DO NASCIMENTO)

O aposto em destaque, no último exemplo, refere-se ao sujeito oculto *eu*.

E) O aposto, às vezes, refere-se a toda uma oração. Exemplos:

Nuvens escuras borravam os espaços silenciosos, **sinal** de tempestade iminente.

O espaço é incomensurável, **fato** que me deixa atônito.

Simão era muito espirituoso, **o** que me levava a preferir sua companhia.

F) Um aposto pode referir-se a outro aposto:

"Serafim Gonçalves casou-se com Lígia Tavares, **filha do velho coronel Tavares, senhor de engenho**." (Lêdo Ivo)

G) O aposto pode vir precedido das expressões explicativas *isto é*, *a saber*, ou da preposição acidental *como*:

Dois países sul-americanos, **isto é, a Bolívia e o Paraguai**, não são banhados pelo mar.

Este escritor, **como romancista**, nunca foi superado.

H) O aposto que se refere a objeto indireto, complemento nominal ou adjunto adverbial vem precedido de preposição:

O rei perdoou aos dois: **ao fidalgo e ao criado**.

"Acho que adoeci disso, **de beleza, da intensidade das coisas**." (Raquel Jardim)

De cobras, morcegos, bichos, **de tudo** ela tinha medo.

4 VOCATIVO

Vocativo [do latim *vocare* = chamar] é o termo (nome, título, apelido) usado para chamar ou interpelar a pessoa, o animal ou a coisa personificada a que nos dirigimos:

"**Elesbão**? **Ó Elesbão**! Venha ajudar-nos, por favor!" (Maria de Lourdes Teixeira)

"A ordem, **meus amigos**, é a base do governo." (Machado de Assis)

"Correi, correi, **ó lágrimas saudosas**!" (Fagundes Varela)

"Ei-lo, o teu defensor, **ó Liberdade**!" (Mendes Leal)

"Vocês por aqui, **meninos**?!" (Afonso Arinos)

"**Meu nobre perdigueiro**, vem comigo!" (Castro Alves)

"Serenai, **verdes mares**!" (José de Alencar)

"Voltem para sua floresta, **seus antropófagos**!" (Rubem Braga)

Observação:

✔ Profere-se o vocativo com entoação exclamativa. Na escrita é separado por vírgula(s).

No exemplo inicial, os pontos interrogativo e exclamativo indicam um chamado alto e prolongado.

O vocativo se refere sempre à 2ª pessoa do discurso, que pode ser uma pessoa, um animal, uma coisa real ou entidade abstrata personificada. Podemos antepor-lhe uma interjeição de apelo (*ó, olá, eh!*):

"Tem compaixão de nós, **ó Cristo**!" (Alexandre Herculano)

"**Ó Dr. Nogueira**, mande-me cá o Padilha, amanhã!" (Graciliano Ramos)

"Esconde-te, **ó sol de maio, ó alegria do mundo**!" (C. Castelo Branco)

Eh! rapazes, são horas!

"**Olá compadre**, mais alto, mais alto!" (Augusto Meyer)

O vocativo é um termo à parte. Não pertence à estrutura da oração, por isso não se anexa ao sujeito nem ao predicado.

EXERCÍCIOS LISTA 41

1. Transcreva as frases e sublinhe os adjuntos adnominais:

a) Em muitas cidades do Brasil, as velhas mansões estão deixando o lugar para grandes edifícios modernos.

b) Esta viga de metal será aproveitada para a construção de minha casa.

c) Pela primeira vez, em muitos anos, a campanha conseguiu atingir seus objetivos: foram queimados em praça pública cerca de novecentos balões.

2. Depois de copiar as frases em seu caderno, sublinhe os adjuntos adverbiais e classifique-os:

a) Ontem, pela manhã, foi visto, na rua, o palhaço Gog, montado num jumento, virado para o rabo do animal.

b) À tarde, Onofre voltou depressa à oficina, onde encontrou os empregados dormindo profundamente.

c) – Guilhermino, muito bem escrita sua redação sobre o cachorro, mas está exatamente igual à de seu irmão.

– É porque o cachorro é o mesmo, professora.

3. Transcreva somente a análise correta dos termos em destaque:

Índios não vimos, durante a travessia da **mata** no interior do **Pará**, mas dormíamos **armados**, com medo de algum **ataque**.

- sujeito – complemento nominal – adjunto adnominal – predicativo do sujeito – adjunto adnominal
- objeto direto – adjunto adnominal – complemento nominal – predicativo do objeto – adjunto adnominal
- objeto direto – complemento nominal – adjunto adnominal – predicativo do sujeito – complemento nominal

4. Localize os adjuntos adverbiais e escreva as frases colocando-os em outra ordem, quando for possível:

a) Aos sábados, o movimento cresce espantosamente, por causa da feira.

b) Na toalha da mesa, Vivaldino risca vincos paralelos, com a lâmina da faca.

c) Foi inaugurada, no Parque do Flamengo, em março de 1979, a marina da Glória.

5. Transcreva as frases; sublinhe os apostos:

a) "Já brilha na cabana de Araquém o fogo, companheiro da noite." (José de Alencar)

b) "Quando mais nada devêramos aos portugueses, nós estas duas coisas lhes deveríamos, a religião e a língua..." (Carlos de Laet)

c) Médico pobre, o Dr. Bento andava sempre a cavalo.

d) "A hoteleira colocou na minha mesa uma jarra de flores, privilégio, segundo me dissera, dos hóspedes recém-chegados." (ANÍBAL MACHADO)

e) "Os pequenos são dois, um menino e uma menina." (ARTUR AZEVEDO)

f) O irmão de Álvaro, o Jaime, esse viveu pouco tempo em nossa companhia, uns dois anos.

g) "Tibiriçá, o líder da tribo, vivia na aldeia de Piratininga." (EDUARDO BUENO)

h) "Os meus cães, Rex e Rita, companheiros fiéis de todas as horas, como animais de puro-sangue, estão excluídos da competição." (VIVALDO COARACI)

i) Ente racional e livre, o homem é capaz de distinguir o bem do mal, o justo do injusto.

j) "Os livros deviam passar diretamente para as estantes, o que pouparia tempo e trabalho." (CECÍLIA MEIRELES)

6. Como o exercício precedente:

a) O recente clube do bairro dera ao jovem outra alegria: a piscina.

b) A anta, ou tapir, animal pacato, não ataca o homem.

c) "Onde estariam os descendentes de Amaro vaqueiro?" (GRACILIANO RAMOS)

d) Possuímos, no Brasil, um barco magnífico, o saveiro.

e) "Tudo acabou: as casas, os jardins, as árvores." (RUBEM BRAGA)

f) "De maio a agosto, os meses sem r, ninguém podia tomar banho no rio, dava febre". (JOSÉ J. VEIGA)

g) Só eles, os práticos, conhecem os segredos da baía e sabem orientar os comandantes dos navios.

h) "Era gordo, alto e claro – três coisas que o envaideciam." (LÊDO IVO)

i) Pobres e ricos, párias e marajás, todos se banham nas águas sagradas do Ganges.

j) "Mas onde há essas pontes, o mono não ousa passar porque ali enxameiam esses estranhos monos sem cauda, os homens, bichos cruéis que matam outros bichos só pelo prazer de matar." (RUBEM BRAGA)

7. Depois de copiar os períodos abaixo, sublinhe com um traço os apostos e com dois os vocativos:

a) "Olhe, D. Evarista, disse-lhe o padre Lopes, vigário do lugar, veja se seu marido dá um passeio ao Rio de Janeiro." (MACHADO DE ASSIS)

b) "Ó grande mar – escola de naufrágios!

Chora um adeus em cada colo de onda!" (GEIR CAMPOS)

c) "Ei, você aí, ó sardento, esfrega aquele pedaço de tijolo nas lajes." (JOSUÉ GUIMARÃES)

d) "É tão igual ao nosso o teu semblante, ó Natureza!" (CABRAL DO NASCIMENTO)

e) "Olá, meu rapaz, isto não é vida!" (MACHADO DE ASSIS)

f) "Entrou de lábios comprimidos, o que lhe afilava mais ainda o narizinho pontudo." (ANTONIO CALADO)

g) "Vai, minha alma, branco veleiro,

vai sem destino, a bússola tonta..." (MARIA FERNANDA DE CASTRO)

h) "O Redentor do homem, Jesus Cristo, é o centro do cosmo e da História." (JOÃO PAULO II)

8. Dê a função sintática das palavras destacadas:

A disposição de enfrentar **qualquer** sacrifício para garantir o **carnaval** foi levada ao extremo, **ontem**, pelas muitas **pessoas** que procuraram as agências da Caixa Econômica Federal a fim de penhorar **joias** e **outros** objetos de **valor, recurso** que **lhes** garantiu o dinheiro necessário à **compra** das **fantasias** ou ao ingresso nos **bailes**.

9. Siga o exemplo, trocando o adjunto adverbial pelo predicativo do sujeito:

Exemplo: As chamas propagaram-se **rapidamente**.

As chamas propagaram-se **rápidas**.

a) As gaivotas voavam **apressadamente** sobre as ondas.
b) Os dois homens avançaram **cautelosamente**.
c) A música difundiu-se **suavemente** e **deleitosamente** pela sala.

10. Dê a função sintática dos termos destacados:

a) O **imenso** mar **azul** deixava-o deslumbrado.
b) **Naquele instante**, o garoto começou a gritar.
c) O jeito, **companheiros**, é permanecermos unidos.
d) Ande **mais devagar**, Ana!
e) Clarice Lispector, **grande escritora moderna**, nasceu em 1925 na Ucrânia.

11. Escreva as frases substituindo os asteriscos por adjuntos adnominais:

a) * amigo sempre esteve presente nos momentos mais * de minha vida.
b) João trouxe * livros * para o trabalho.
c) * vizinho só quer mesmo sombra e água * .
d) * amigos moram em * e * cidades.

12. Identifique as circunstâncias expressas pelos adjuntos adverbiais em cada frase.

a) Só entrarão com autorização do diretor.
b) Chorei de emoção.
c) Conversávamos sobre pintura e música.
d) Saía com amigos todas as tardes.
e) Arrumou-se para a festa dos vizinhos.

13. Complete as frases utilizando adjuntos adverbiais que expressem as circunstâncias indicadas.

a) * fosse melhor você mesma conversar com Pedro. (dúvida)
b) Fez o desenho * . (conformidade)
c) Não escreva * . (modo)
d) Fez o trabalho todo * rapidamente. (intensidade)
e) * participava das reuniões que promovíamos. (tempo)

14. Nas frases seguintes, identifique o aposto e o vocativo:

a) Meu amigo, você viu Tião, o rei do acarajé?
b) O desastre deixou muitos feridos, coisa lastimável.
c) Professor, como se resolve este problema?

TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO
Exercícios de exames e concursos
[Página 684]

PERÍODO COMPOSTO

O período composto, como já dissemos, é constituído de duas ou mais orações.

1 FORMAÇÃO DO PERÍODO COMPOSTO

Para a formação do período composto, podemos usar dois processos sintáticos: a *coordenação* e/ou a *subordinação*.

- Na **coordenação**, as orações se sucedem igualitariamente, sem que umas dependam sintaticamente das outras. Exemplos:

  "Assinei as cartas / e meti-as nos envelopes." (GRACILIANO RAMOS)

  "Adaptou-se à aspereza da vida, / enfrentou a adversidade, / desafiou o destino." (VIVALDO COARACI)

- Na **subordinação**, pelo contrário, há orações que dependem sintaticamente de outras, isto é, que são termos (sujeito, objeto, complemento, etc.) de outras. O período seguinte, por exemplo, está estruturado por subordinação, porque a oração em destaque é objeto direto da precedente, ou seja, completa o sentido da outra oração:

  Sílvia esperou / **que o marido voltasse**. [= Sílvia esperou **a volta do marido**.]

- O **período composto por coordenação** é constituído de orações independentes. Estas ou vêm ligadas pelas conjunções coordenativas ou estão simplesmente justapostas, isto é, sem conectivo que as enlace. Exemplos:

  "O guerreiro cristão atravessou a cabana / **e** sumiu-se na treva." (JOSÉ DE ALENCAR)

  "Agachou-se, / apanhou uma pedra / **e** atirou-a." (FERNANDO SABINO)

  A música se aviva, / o ritmo torna-se irresistível, frenético, alucinante.

- O **período composto por subordinação** consta de uma ou mais de uma oração principal e de uma ou mais orações dependentes ou subordinadas. Exemplos:

  Malha-se o ferro / **enquanto** está quente.

  Malha-se o ferro: oração principal; *enquanto está quente*: oração subordinada.

  Peço-te / **que** procedas / **como** convém.

  Peço-te: oração principal; *que procedas*: oração subordinada; *como convém*: oração subordinada.

Combinando os dois processos, temos um **período composto por coordenação e subordinação**, simultaneamente, ou **período misto**, no qual encontramos orações coordenadas independentes, orações principais e orações subordinadas. Exemplo:

Examinei a árvore / **e** constatei / **que** nos seus galhos havia parasitas.

Examinei a árvore: oração coordenada; *e constatei*: oração coordenada e principal; *que nos seus galhos havia parasitas*: oração subordinada.

Dos exemplos citados vê-se que num período composto podem ocorrer três tipos de orações:

a) coordenadas

b) principais

c) subordinadas

EXERCÍCIOS LISTA 42

1. Utilizando o processo sintático da subordinação, reduza as frases de cada grupo a um só período, fazendo as necessárias adaptações:

a) Fui à cidade vizinha despedir-me de um irmão. Ele trabalhava num hotel.

b) Plínio recebeu a boa notícia e sentiu-se muito comovido. Chegou a chorar.

c) O grupo escolar ficava perto, mas eu ia sempre acompanhado de minha irmã Luciana. Ela me havia ensinado a ler.

d) Alberto me fez uma pergunta. Não prestei atenção. Eu estava pensando em outra coisa.

e) O proprietário voltaria mais tarde. Assim nos informou o porteiro do edifício.

f) Nem os próprios deuses podem contentar toda a gente. Muito menos nós, homens, o podemos fazer.

g) O filho andara tanto tempo afastado deles. Agora parecia-lhes um estranho.

2. Como o exercício precedente:

a) Jacinto não sabia como preencher o tempo. Aborrecia-se muito com isso.

b) Ele não era daquela terra: via-se isso pelo modo de vestir e de falar.

c) Conduziram-me à presença da diretora, numa sala severa. Das paredes desta sala pendiam quadros e um crucifixo.

d) Foi violenta a fúria da tromba-d'água. Até veículos eram arrastados para o abismo.

e) Éramos ainda crianças. Não podíamos sair sozinhos aos domingos. Isto nos deixava humilhados.

f) Entre a minha casa e a do vizinho há um muro. Vejo, às vezes, por cima dele, cabecinhas de crianças esperando o momento oportuno para furtarem mangas.

g) Esta dura sentença não me abalou. Até me envaideceu.

3. Os períodos abaixo estão mal construídos. Desdobre-os em outros mais curtos e corretos. Faça as alterações necessárias:

a) Era noite fechada e todas as luzes estavam acesas, enquanto na estação um apito estridente deu ordem de partida e a locomotiva resfolegou, silvou forte, e o trem começou a deslocar-se em marcha lenta.

b) Um, dois dias de ansiosa espera, até que, afinal, certa hora em que o sol estava a pino, escureceu de súbito e relâmpagos cortaram o espaço e, dentro de minutos, as águas desabavam fartas, lavando a terra abrasada.

4. Transforme em períodos compostos:

a) "O tempo corrige tudo. Aumenta o saber. Clareia a mente da gente." (José Fonseca Fernandes)

b) "A campainha do telefone tocou várias vezes. Imperativa, insistente, irritante. Não me mexi." (Vilma Guimarães Rosa)

c) "Trabalhava no algodão, debaixo da poeira. Por isso vivia tossindo." (João Clímaco Bezerra)

d) Em Belém, pode-se visitar o Paraíso das Tartarugas. Ali centenas desses répteis são criados em viveiros.

5. Escreva cada período, numerando-o de acordo com o respectivo processo sintático:

(1) coordenação

(2) subordinação

(3) coordenação e subordinação

O matuto respondeu que onça só ataca homem nas fitas de cinema.

Eu tinha pressa e precisava de alguém que me ajudasse.

Acolheremos essas crianças ou as deixaremos na rua.

O cão que fica acorrentado salta de alegria, quando é posto em liberdade.

O jornal é torrente que desliza e passa, o livro é lago que recolhe e guarda.

Vão-se os anéis, mas fiquem os dedos.

6. Estruture os períodos abaixo pelo processo da subordinação. Ligue as orações em destaque com os conectivos indicados entre parênteses, fazendo as necessárias alterações:

a) **Era inocente** e condenaram-no. (**embora**)

b) **Entreterás as crianças com bons divertimentos** e elas serão dóceis. (**se**)

c) **Ele interveio arbitrariamente no caso** e todos ficaram revoltados. (**como**)

d) **As terras estavam ocupadas por terceiros**, mas nunca haviam sido alienadas por seus legítimos donos. (**conquanto**)

e) As fibras do linho eram trançadas umas nas outras: **assim se obtinham fios longos**. (**para que**)

f) Os caracteres estavam desbotados; **a carta era quase ilegível**. (**tão... que**)

PERÍODO COMPOSTO
Exercícios de exames e concursos
[Página 685]

ORAÇÕES COORDENADAS INDEPENDENTES

Esquema:

Orações coordenadas
- assindéticas (= não ligadas)
- sindéticas (= ligadas)
  - aditivas
  - adversativas
  - alternativas
  - conclusivas
  - explicativas

Oração coordenada é a que está ligada a outra de mesma natureza sintática.

No período composto por coordenação, as coordenadas são independentes (isto é, não funcionam como termos de outras) e se dizem:

a) **sindéticas**, quando se prendem às outras pelas conjunções coordenativas;

b) **assindéticas**, se estiverem apenas justapostas, sem conectivo, como as duas primeiras orações deste período:

"Inclinei-me, apanhei o embrulho e segui." (Machado de Assis)

Inclinei-me: oração coordenada assindética;

apanhei o embrulho: oração coordenada assindética;

e segui: oração coordenada sindética aditiva.

Outros exemplos de orações coordenadas assindéticas:

"A noite avança, há uma paz profunda na casa deserta." (Antônio Olavo Pereira)

"O ferro mata apenas; o ouro infama, avilta, desonra." (Coelho Neto)

"Avancei lentamente até o bueiro, sentei-me." (Graciliano Ramos)

"Jonas dá o sinal de partida, as lanchas se movimentam lentamente, os saveiros acompanham." (Jorge Amado)

1 ORAÇÕES COORDENADAS SINDÉTICAS

As *orações coordenadas sindéticas* recebem o nome das conjunções coordenativas que as iniciam. Podem ser, portanto:

- **aditivas** (expressam adição, sequência de fatos ou de pensamentos):

A doença vem a cavalo *e volta a pé*.

As pessoas não se mexiam *nem falavam*.

"Não só findaram as queixas contra o alienista, *mas até nenhum ressentimento ficou dos atos* que ele praticara." (MACHADO DE ASSIS)

Os livros não somente instruem, *mas também divertem*.

Ela não somente se orgulhava de seu marido *como também o amava muito*.

Observações:

✔ Nos três últimos exemplos, as orações coordenadas aditivas aparecem correlacionadas e são enfáticas. A conexão de orações desse tipo se faz por meio do par correlato *não só... mas também*, que apresenta as variantes: *não somente... mas ainda, não somente... como também, não somente... senão também, não só... mas até*.

✔ Usa-se e antes de *nem* só em dois casos. Primeiro, se a ênfase o exigir: "Não queremos *e nem* podemos entrar no exame de tamanha complexidade." (JOÃO RIBEIRO). Segundo, nas expressões *e nem sequer, e nem por isso, e nem assim, e nem sempre:* Recebeu a esmola *e nem sequer* agradeceu. Viu seus projetos desprezados *e nem por isso* se abalou.

- **adversativas** (exprimem contraste, oposição, ressalva):

A espada vence, *mas não convence*.

"É dura a vida, *mas aceitam-na*." (CECÍLIA MEIRELES)

Tens razão, *contudo não te exaltes*.

Havia muito serviço, *entretanto ninguém trabalhava*.

O mar é generoso, *porém às vezes torna-se cruel*.

O instinto social não é privilégio do homem, *antes, se nos depara nos próprios animais*. [*antes* = pelo contrário]

"Já não era um tímido passageiro que embarcara em São Paulo *e sim um estoico aviador*." (JOSÉ FONSECA FERNANDES) [*e sim* = mas]

- **alternativas** (exprimem alternância, alternativa, exclusão):

Venha agora *ou perderá a vez*.

"Jacinta não vinha à sala, *ou retirava-se logo*." (MACHADO DE ASSIS)

"Em aviação, tudo precisa ser benfeito *ou custará preço muito caro.*" (RENATO INÁCIO DA SILVA)
"A louca ora o acariciava, ora o rasgava freneticamente." (LUÍS JARDIM)
"Ou Amaro estuda ou largo-o de mão!" (GRACILIANO RAMOS)
O misterioso disco já escurecia, já brilhava intensamente.

Observação:

✔ Nos três últimos exemplos, ambas as orações são coordenadas alternativas.

- **conclusivas** (expressam conclusão, dedução, consequência):
  Vives mentindo; *logo, não mereces fé.*
  Ele é teu pai: *respeita-lhe, pois, a vontade.*
  Raimundo é homem são, *portanto deve trabalhar.*

- **explicativas** (exprimem explicação, motivo, razão):
  Leve-lhe uma lembrança, *que ela aniversaria amanhã.*
  "A mim ninguém engana, *que não nasci ontem.*" (ÉRICO VERÍSSIMO)
  "Qualquer que seja a tua infância, conquista-a, *que te abençoo.*" (FERNANDO SABINO)
  O cavalo estava cansado, *pois arfava muito.*
  Não mintas, *porque é pior para ti.*
  Ninguém podia queixar-se, *porquanto eu estava cumprindo o meu dever.*
  Decerto alguém o agrediu, *pois* (ou *porque*) *o nariz dele sangra.*

Observação:

✔ As orações coordenadas *explicativas* não devem ser confundidas com as subordinadas adverbiais *causais:* estas exprimem a causa de um fato, aquelas dão o motivo, a explicação da declaração anterior. Exemplos:

João está triste *porque perdeu o emprego.* → oração adverbial causal
[A perda do emprego é a causa da tristeza de João.]

A criança devia estar doente, *porque chorava muito.* → oração explicativa
[O choro da criança não podia ser a causa de sua doença.]

Note-se também que há pausa (vírgula, na escrita) entre a oração explicativa e a precedente e que esta é, muitas vezes, imperativa, o que não acontece com a oração adverbial causal.

2 ORAÇÕES COORDENADAS ASSINDÉTICAS

As *orações coordenadas assindéticas* são separadas por pausas, que na escrita se marcam por vírgula, ponto e vírgula ou dois-pontos. Exemplos:

"O sol apareceu, cortou o nevoeiro." (José Fonseca Fernandes)

"Matamos o tempo; o tempo nos enterra." (Machado de Assis)

"Não dançou; viu, conversou, riu um pouco e saiu." (Machado de Assis)

"Apertei-lhe a mão: estava gelada." (Carlos de Laet)

Observação importante:

✔ As orações coordenadas são autônomas quanto à estrutura sintática, mas inter-relacionadas, interdependentes, quanto ao sentido.

EXERCÍCIOS — LISTA 43

1. Transcreva apenas o período cujas orações são todas coordenadas assindéticas:

a) Teria o avião caído na selva ou estaria pousado em local desconhecido?

b) "A mata agita-se, revoluteia, contorce-se toda e sacode-se!" (Manuel Bandeira)

c) "Elisa recomenda à pequena Araci atenção na casa, fecha a porta, dirige-se para o Correio". (Jorge Amado)

2. Classifique as orações coordenadas sindéticas em destaque, numerando-as de 1 a 5, de acordo com a tabela abaixo:

(1) aditivas
(2) adversativas
(3) alternativas
(4) conclusivas
(5) explicativas

- Ou galopa **ou sai da estrada**. (Refrão gaúcho)
- "A civilização não se mede pelo aperfeiçoamento material, **mas sim pela elevação moral**." (Eduardo Prado)
- Os operários protestam, reclamam **e exigem explicações**.
- Decerto choveu nas cabeceiras do rio, **porque o caudal avolumou-se muito, hoje**.
- Os argumentos sobre os malefícios da poluição não os abalam **nem comovem**.
- O homem depende do solo e da flora; **deve, pois, preservá-los**.
- "O navio deve estar mesmo afundando, **pois os ratos já começaram a abandoná-lo**." (Érico Veríssimo)
- Seremos vencedores **ou iremos provar o amargor da derrota**?
- O rio ora se estreitava, **ora se alargava caprichosamente**.
- Mônica não era uma beldade, **contudo impunha-se pela sua simpatia**.
- Astrônomos já tentaram estabelecer contato com seres extraterrestres; **suas tentativas, porém, resultaram infrutíferas**.

3. Escreva três vezes o período final do exercício anterior, trocando a conjunção **porém** por outras equivalentes.

4. Divida e classifique as orações coordenadas:

a) "Ele falava, contava tudo." (Olavo Bilac)

b) Ou o governo gasta menos ou acabará dando com os burros n'água.

c) "As grandes árvores nem se mexem, pois não dão confiança a essa brisa, mas as plantinhas miúdas ficam felizes." (Aníbal Machado)

d) "O major Camilo não ata nem desata." (Ricardo Ramos)

e) A punição foi justa, portanto não se queixe.

f) "Abram-me estas portas, que eu a trarei!" (Camilo Castelo Branco)

g) Não tinha experiência, mas boa vontade não lhe faltava.

h) "Um cachorro talvez rosnasse ou mordesse." (Adonias Filho)

i) A árvore provavelmente estava meio podre, pois o vento a derrubou.

5. Divida e classifique as orações coordenadas destes períodos:

a) A mulher tentou passar, porém sua passagem foi barrada.

b) A ordem era absurda, entretanto ninguém protestou.

c) As folhas, no inverno, amarelecem e caem, ou ficam inativas.

d) Netuno é deus do mar, mas Baco tem afogado mais gente. (Provérbio grego)

e) Não te queixes, que há outros mais infelizes.

f) "O dia é belo, esplende ao sol a baía, os aviões rumorejam, passam mulheres perfumadas." (Aníbal Machado)

g) Os verdadeiros mestres não só ensinam, mas também educam.

h) O acusado não é criminoso; logo, será absolvido.

i) "Ora se esconde, ora ressurge, ora se inclina." (Olegário Mariano)

j) Ela é rica, poderia exibir roupas finas, no entanto veste-se com simplicidade.

k) "A atmosfera oleosa não arejava o peito, antes sufocava." (Autran Dourado)

l) O Sol não somente ilumina a Terra, mas ainda lhe dá calor e vida.

6. Relacione as orações em destaque a seus significados:

(1) acrescentamento
(2) contraste, oposição
(3) alternância, alternativa
(4) conclusão
(5) explicação, motivo

Deus é amor, **portanto Ele nos ama**.
A água evapora-se **e forma as nuvens**.
Ela devia estar triste, **pois não sorriu uma só vez**.
Ou ele se rende **ou será morto**.
A vida o arrocha, **mas Tomé não afrouxa**.
Não reclame de seus pais, **que ninguém no mundo é perfeito**.
Alguns ora aplaudiam, **ora vaiavam os oradores**.

ORAÇÕES COORDENADAS INDEPENDENTES
Exercícios de exames e concursos

[Página 685]

ORAÇÕES PRINCIPAIS E SUBORDINADAS

1 ORAÇÃO PRINCIPAL

Analisemos este período composto por subordinação:

Pedi que tivessem calma. [= Pedi calma.]

Pedi: oração principal

que tivessem calma: oração subordinada

A primeira oração é principal porque não depende, sintaticamente, da segunda, que a completa.

A segunda oração é subordinada porque completa o sentido da primeira, da qual depende, funcionando como objeto direto.

Vejamos, agora, este período composto por coordenação e subordinação:

Acordamos quando amanhecia e partimos alegres.

[= Acordamos de manhã cedo e partimos alegres.]

Acordamos: oração principal
quando amanhecia: oração subordinada adverbial temporal
e partimos alegres: oração coordenada sindética aditiva

Observe que a segunda oração depende da primeira, funcionando como um adjunto adverbial de tempo.

Oração principal ***é a que não exerce, no período, nenhuma função sintática e vem acompanhada de oração dependente, que lhe completa ou amplia o sentido.***

Oração principal somente pode ocorrer num período composto por subordinação ou num período misto.

Orações coordenadas são ao mesmo tempo *principais* sempre que houver outras que delas dependam. Exemplo:

Eu não disse nada, **mas achei** que tinham razão.

Eu não disse nada: oração coordenada assindética
mas achei: oração coordenada sindética adversativa e principal
que tinham razão: oração subordinada à segunda oração

A segunda oração é coordenada sindética adversativa e, ao mesmo tempo, principal em relação à seguinte.

Num período misto, pode haver mais de uma oração principal. Exemplos:

Eu sei que a vida é bela, **mas também não ignoro** que ela é áspera.

"**Estimo** que sejam felizes, **e espero** que não se esqueçam de mim." (MACHADO DE ASSIS)

As orações em destaque são principais em relação às imediatas.

2 ORAÇÃO SUBORDINADA

Oração subordinada é a que depende de outra: serve-lhe de termo e completa-lhe ou amplia-lhe o sentido.

Quando se apresenta desenvolvida vem, geralmente, ligada por um conectivo subordinativo. Exemplos:

Eu não esperava **que ele concordasse**.

Tínhamos certeza **de que seríamos mal recebidos**.

O tambor soa **porque é oco**.

A cobra é um animal **que se arrasta**. [= rastejante]

A oração subordinada exerce função sintática de um termo de outra oração, sendo, por isso, necessária à perfeita realização do enunciado. Nos exemplos dados, as orações em destaque são, respectivamente, objeto direto, complemento nominal, adjunto adverbial de causa e adjunto adnominal.

Uma oração subordinada pode depender de outra subordinada e não da principal, que inicia o período. Exemplo:

Quero que saibam **quanto o sucesso me custou**.

Quero: oração principal

que saibam: oração subordinada à principal

quanto o sucesso me custou: oração subordinada à segunda oração

3 CLASSIFICAÇÃO DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS

As orações subordinadas classificam-se, de acordo com seu valor ou função, em *substantivas*, *adjetivas* e *adverbiais*.

- **substantivas** – exercem as funções próprias dos substantivos (sujeito, objeto direto, objeto indireto, predicativo, complemento nominal, aposto). Exemplos, com as orações substantivas em destaque:

  Peço **que desistas**. → oração substantiva objetiva direta
  [Peço **tua desistência**. → objeto direto]

  É necessário **que você compareça**. → oração substantiva subjetiva
  [É necessário *seu comparecimento*. → sujeito]

- **adjetivas** – exercem a função dos adjetivos (adjunto adnominal):

  Pessoa **que mente** não merece fé.
  [Pessoa *mentirosa* não merece fé.]

  Confortai os homens **que sofrem**.
  [Confortai os homens *sofredores*.]

  "Era esta a verdade **que ninguém contestou**." (CAMILO CASTELO BRANCO)
  [Era esta a verdade *incontestável*.]

- **adverbiais** – exercem a função dos advérbios (adjunto adverbial):

  Chegamos **quando anoitecia**.
  [Chegamos *pela noitinha*.]

  Quando amanhece, sopram ventos frescos.
  [*De manhã* sopram ventos frescos.]

  As pernas tremiam-lhe **porque tinha medo**.
  [As pernas tremiam-lhe *de medo*.]

Quanto à forma, as orações subordinadas podem apresentar-se *desenvolvidas* ou *reduzidas*. Exemplos:

Peço-lhes **que voltem aqui amanhã**. (desenvolvida)
Peço-lhes **voltarem aqui amanhã**. (reduzida)

Se fores por este caminho, chegarás antes. (desenvolvida)
Indo por este caminho, chegarás antes. (reduzida)

Quanto à conexão, as orações subordinadas desenvolvidas podem ser:

a) *sindéticas*, isto é, com conectivo, caso mais frequente. Exemplos:

Acredita-se **que** *o Sol tenha mais de cinco bilhões de anos*.

Os índios se revoltarão, **se** *lhes invadirmos as terras*.

b) *assindéticas* ou *justapostas*, isto é, sem conectivo, caso menos frequente. Exemplos:

Ignoro *quantas reses há nesta fazenda*.

Faziam o trabalho maquinalmente, *tão habituados estavam*.

4 ORAÇÕES SUBORDINADAS COORDENADAS

Duas ou mais orações subordinadas com a mesma função podem estar coordenadas entre si. Exemplos:

Teus pais desejam *que estudes* **e** *que te formes*.

Teus pais desejam
- que estudes → oração substantiva objetiva direta
- **e**
- que te formes → oração substantiva objetiva direta

Se trabalhares **e** *(se) fores honesto*, serás feliz.

Quando ela chegar **e** *(quando) te vir aqui*, ficará contente.

Exigiu-me *que cultivasse as terras* **ou** *as vendesse.* [ou *que* as vendesse]

"O homem brinca com as forças da natureza *que ele não conhece* **nem** *domina.*" (VIVALDO COARACI) [*nem domina* = e *que* não domina]

Tenho a sensação *de que viajo para muito longe* **e** *não voltarei nunca mais.* [*Isto é:* e de que não voltarei nunca mais.]

"A ausência diminui as paixões medíocres e aumenta as grandes, *como o vento apaga as velas* **e** *atiça as fogueiras.*" (MACHADO DE ASSIS)

"Continuou resmungando lá dentro, *enquanto arrastava malas, abria* **e** *fechava gavetas com estrondo.*" (A. OLAVO PEREIRA)

"Era estranho *que a mana se conservasse calada, não desse uma palavra, não fizesse um comentário.*" (LUÍS JARDIM)

"Arriscou algumas passadas, convencido *de que o observavam* **e** *censuravam.*" (GRACILIANO RAMOS) [**e** *de que o* censuravam]

"Por mais que eu admire o mestre do 'Grande Sertão', **e** *bastantemente o inveje,* não creio que o ande imitando." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

Observação:

✔ Só se coordenam orações subordinadas de mesma espécie e função. Observe que o conectivo subordinativo, as mais das vezes, está elíptico.

EXERCÍCIOS — LISTA 44

1. Divida as orações colocando-as entre colchetes e ponha **P** sobre as principais e **S** sobre as subordinadas:

a) O meteorologista avisou que o ano seria chuvoso.

b) Chegaram as grandes máquinas que iam aplainar o terreno.

c) Enquanto o patrão viveu, a empresa prosperou.

2. Transcreva os períodos compostos e sublinhe as orações principais:

a) "Respondi-lhe que não era poeta." (MACHADO DE ASSIS)

b) Se o Nilo secar amanhã de manhã, o Egito morrerá amanhã à noite. (Adágio)

c) "Conto com vossemecê, e creia que tem em mim um amigo." (CAMILO CASTELO BRANCO)

d) "Os olhos, que eram travessos, fizeram-se murchos." (MACHADO DE ASSIS)

e) Assegurou-me que viajaria, mas não me disse quando ia voltar.

3. Continue o exercício, colocando entre colchetes as orações subordinadas coordenadas entre si, atendendo aos conectivos ocultos:

a) Pediu-me [que esquecesse tudo] [e lhe perdoasse].

b) "Há umas plantas que nascem e crescem depressa, outras são tardias e pecas." (MACHADO DE ASSIS) [*peco (pê)* = atacado de doença]

c) "Peça-lhe que viva, que se case e que me esqueça." (CAMILO CASTELO BRANCO)

d) Quando se trabalha e se tem esperança, a felicidade mora em nós.

e) "Chovesse ou fizesse sol, o Major não faltava." (Povina Cavalcânti)

f) "Não haverá ninguém no cais, porque é tarde e faz frio lá fora." (Vilma Guimarães Rosa)

4. Copie os períodos, numerando-os de acordo com o tipo de oração subordinada:

(1) subordinada substantiva

(2) subordinada adjetiva

(3) subordinada adverbial

Reconheço **que agi mal**.

Quando me retirei, já era noite fechada.

É conveniente **que fiques aqui**.

Quero isto **porque é justo**.

Há plantas **que são venenosas**.

Pedra **que rola** não cria limo.

5. Substitua as orações subordinadas adjetivas por adjetivos e as substantivas por substantivos equivalentes, fazendo as necessárias alterações:

Exemplo: Necessito **de que me ajudes**.

Necessito **de tua ajuda**.

a) O senhor necessita **de que o ajudemos**?

b) O homem **que estuda** penetra o mistério das coisas.

c) Pratiquemos ações **que enobreçam**.

d) É indispensável **que estejam presentes e que participem nos debates**.

e) Meu pai não se opõe **a que eu viaje à Europa**.

f) Alimentas um ideal **que não se pode atingir, que é uma utopia**.

6. Substitua os termos em destaque por orações subordinadas equivalentes iniciadas por conectivos subordinativos, fazendo as adaptações necessárias:

a) Evitemos palavras **ofensivas**.

b) O professor pediu **a colaboração dos alunos**.

c) Ninguém impede **vossa permanência** aqui.

d) **Ao escurecer**, as aves buscam os ninhos.

e) **À nossa chegada**, a multidão se alvoroçou.

f) O comandante exortava os soldados **à luta** contra os invasores.

g) Em princípio, sou favorável **ao teu pedido tão insistente**.

h) **Com a minha aproximação**, eles se calaram.

i) Será necessário **nosso comparecimento** à reunião.

j) É imprescindível **a colaboração de todos** nesta campanha.

k) O médico advertiu-a **da gravidade da doença**.

l) Cerca-o uma corte **aduladora e exploradora**.

m) Admitia-se **a existência de seres vivos** na Lua.

ORAÇÕES PRINCIPAIS E SUBORDINADAS
Exercícios de exames e concursos
[Página 685]

ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS

As *orações subordinadas substantivas* são designadas de acordo com a sua função no período.

1 CLASSIFICAÇÃO DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS

Compreendem sete espécies:

- **subjetivas** – funcionam como sujeito do verbo da oração principal:
  É necessário **que você colabore**. [= *Sua colaboração* é necessária.]
  Parece **que a situação melhorou**.
  Aconteceu **que não o encontrei em casa**.
  Importa **que saibas isso bem**.
  Às vezes sucedia **que um de nós se machucava**.
  Não consta **que ele fosse antirreligioso**.
  Convém **que sigas uma profissão**.
  É bom **que você venha**.
  Não é segredo **que os dois não se entendem**.
  Ficou provado **que os documentos eram falsos**.
  Foi decidido **que não haveria convites**.
  Não se sabia **se ela vinha**.
  Sabe-se **que ele é rico**.
  Constatou-se **que os remédios eram falsos**.
  Acreditava-se **que a Terra fosse imóvel**.
  "Receava-se **tivesse havido algum desastre**." (ANÍBAL MACHADO)
  Dir-se-ia **que ele estava cego**.
  Julgar-nos-á **quem nos criou**.
  Quem avisa amigo é.
  Ignora-se **como** (ou **quando** ou **onde**) **se deu o acidente**.
  "Logo correu **que havia chegado à terra um literato**." (GRACILIANO RAMOS)
  "Nunca se sabe **quem está conosco ou contra nós**." (ÉRICO VERÍSSIMO)

Observação:

✔ As subordinadas subjetivas, como se vê nos exemplos acima, desempenham a função de sujeito de verbos usados na 3ª pessoa do singular e são iniciadas, quando se apresentam desenvolvidas, pelas conjunções integrantes *que* (às vezes elíptica) e *se*, pelos pronomes indefinidos *quem, qual, quanto, que*, e pelos advérbios *como, quando, onde, porque, quão*, nas interrogações indiretas.

- **objetivas diretas** – funcionam como objeto direto do verbo da oração principal:

O mestre exigia **que todos estivessem presentes**. [= O mestre exigia *a presença de todos*.]

Mariana esperou **que o marido voltasse**.

Ninguém pode dizer: **desta água não beberei**.

O fiscal verificou **se tudo estava em ordem**.

Perguntaram **quem era o dono da fábrica**.

Indaguei **de quem eram aqueles quadros**.

Veja **que horas são**.

Não posso dizer **qual delas é a mais feia**.

Ignoro **quantos são os desabrigados**.

O freguês perguntou **quanto custava aquele relógio**.

Ignoramos **como se salvaram**.

Perguntei-lhe **quando ia casar**.

Não sabemos **onde anda o proprietário do imóvel**.

Eu sei **por que ele não veio**.

Bem sabes **quão desagradáveis são essas coisas**.

Peço a Vossa Excelência **me escute um pouco mais**. [= *que* me escute]

Adriana me perguntou **de quem era o retrato**.

"Ignoro **a que pessoas se referia o Dr. Magalhães**." (Graciliano Ramos)

"No meu quarto, caí vencido sobre a cama, abafando soluços que não desejava **fossem ouvidos na sala ao lado**." (Gastão Cruls) [= *que* fossem ouvidos]

"Jamais pensei **fosse tão bom assim**." (Marina Colasanti)

As orações substantivas objetivas diretas desenvolvidas são iniciadas:

a) pelas conjunções integrantes *que* (às vezes elíptica) e *se*;

b) pelos pronomes indefinidos *que, quem, qual, quanto* (às vezes regidos de preposição), nas interrogações indiretas;

c) pelos advérbios *como, quando, onde, por que, quão* (às vezes regidos de preposição), nas interrogações indiretas.

- **objetivas indiretas** – funcionam como objeto indireto:

Não me oponho **a que você viaje**. [= Não me oponho *à sua viagem*.]

Aconselha-o **a que trabalhe mais**.

Daremos o prêmio **a quem o merecer**.

Lembre-se **de que a vida é breve**.

O santo exortava o povo **a que se mantivesse fiel a Deus**.

O soldado insistia **em que a prisão fosse feita**.

"O coronel Ferreira avisava-o **de que se acautelasse**." (Camilo Castelo Branco)

"Alguém me convencera **de que eu devia jejuar**." (Graciliano Ramos)

"Abriu-se o templo **a quem quer que cresse em Deus**." (Jônatas Serrano)

Observações:

✔ As orações objetivas indiretas são regidas de preposição.

✔ É frequente a elipse (omissão) da preposição:

"Não me lembrei *que estava diante de um cavalheiro...*" (Camilo Castelo Branco), isto é: Não me lembrei *de* que estava diante de um cavalheiro.

"Esqueceu-se *que tenho cinquenta anos?*" (Camilo Castelo Branco), ou seja:

Esqueceu-se *de* que tenho cinquenta anos?

"Ambos concordaram *que essas ideias não tinham senso comum*". (Machado de Assis)

- **predicativas** – exercem a função de predicativo do sujeito:

Seu receio era **que chovesse**. [Seu receio era *a chuva*.]

Minha esperança era **que ele desistisse**.

Meu maior desejo agora é **que me deixem em paz**.

Não sou **quem você pensa**.

Arnaldo foi **quem trabalhou menos**.

Para alguns a pátria é **onde se está bem**.

"O certo é **que a pacata fisionomia da cidadezinha ganhou animação**."
(Povina Cavalcânti)

Em certos casos, são realçadas com a preposição expletiva *de*:

A expectativa é **de que a safra agrícola aumente**.

"A impressão é **de que uma e outra seriam a mesma coisa**."
(Carlos Castelo Branco, *Jornal do Brasil*, 10/9/1991)

- **completivas nominais** – têm a função de complemento nominal de um substantivo ou adjetivo da oração principal:

Sou favorável **a que o prendam**. [= Sou favorável *à prisão dele*.]

Estava ansioso **por que voltasses**.

Sê grato **a quem te ensina**.

"Fabiano tinha a certeza **de que não se acabaria tão cedo**." (Graciliano Ramos)

"Deixei-me estar em casa, desde a tarde, na esperança **de que me chamasse**."
(Antônio Olavo Pereira)

"Estava convencido **de que um dia lhe dariam razão**." (Herberto Sales)

"Mariana teve a sensação **de que alguém a observava**." (Ana Miranda)

"O romano estava intimamente convencido **de que era superior a todos os outros povos**."
(Jônatas Serrano)

"É inútil uma coleção de armas **para quem já não caça mais**." (Maria de Lourdes Teixeira)

"Há necessidade **de quem é luz do mundo e sal da terra**." (Dom Eugênio Sales)

Observação:

✔ As completivas nominais são regidas de preposição, a qual em certos casos pode ser omitida, como neste exemplo: "Zé Grande tinha a impressão *que estava voltando a ser criança*." (HAROLDO BRUNO).

- **apositivas** – servem de aposto:

Só desejo uma coisa: **que vivam felizes**. [Só desejo uma coisa: *a sua felicidade*.]

Só lhe peço isto: **honre o nosso nome**.

"Talvez o que eu houvesse sentido fosse o presságio disto: **de que virias a morrer**..." (OSMAN LINS)

"Mas diga-me uma cousa, **essa proposta traz algum motivo oculto**?" (MACHADO DE ASSIS)

"A notícia veio de supetão: **iam meter-me na escola**." (GRACILIANO RAMOS)

"E confesso uma verdade: **eu era um homem puro**." (POVINA CAVALCÂNTI)

- orações com função de **agente da passiva**:

O quadro foi comprado **por quem o fez**. [= *pelo seu autor*]

A obra foi apreciada **por quantos a viram**.

Observação:

✔ A NGB não faz referência a esse tipo de oração substantiva.

Orações subordinadas substantivas podem estar coordenadas. Exemplos:

"Parece **que a paisagem tem vida e se ajoelha** a rezar." (OLEGÁRIO MARIANO)
[*e se ajoelha* = e *que* se ajoelha]
"Contei-lhe **que Timóteo vendera o forde e se mudara**." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA) [*e se mudara* = e *que* se mudara]

"Tínhamos a impressão **de que a fala ranzinza nos acariciava e repreendia**."
(GRACILIANO RAMOS) [*e repreendia* = e *de que* repreendia]

"Só aí me inteirei **de que ela havia sofrido e era boa**." (GRACILIANO RAMOS) [*e era boa* = *e de que* era boa]

EXERCÍCIOS — LISTA 45

1. Siga os exemplos, transformando os termos em destaque em orações substantivas, sem alterar o sentido básico das frases. Observe que as orações substantivas têm as mesmas funções dos substantivos:

É possível **a ida do homem a Vênus**.

É possível **que o homem vá a Vênus**.

a) Parecia impossível **o voo de máquinas tão pesadas**.

b) Interessa a todos **a baixa dos preços**.

Pedimos **seu comparecimento em nosso escritório**.
Pedimos **que compareça em nosso escritório**.

c) O porteiro impediu **a entrada dos retardatários**.
d) Constatei **a existência, em mim, de forças antagônicas**.

Alfredo precisava **da ajuda de sua irmã**.
Alfredo precisava **de que sua irmã o ajudasse**.

e) Os pais não se opunham **ao casamento da filha com o pugilista**.
f) O funcionário se queixa **da perseguição do chefe**.

Tínhamos medo **do ataque de animais ferozes**.
Tínhamos medo **de que animais ferozes nos atacassem**.

g) À noite, tive conhecimento **da chegada de meus primos**.
h) Eu estava convicto **da inocência do acusado**.

2. Transcreva apenas os períodos em que há oração substantiva subjetiva:

Aqui está o anel que achei.
Ficarei triste, se você não vier.
Aconteceu que faltou luz.
Sabe-se que o ouro é dúctil.

3. Copie somente o período em que a oração substantiva funciona como sujeito da oração principal:

- Parece que ele é surdo.
- Desejo que venham todos.

4. Ponha entre colchetes as orações substantivas e classifique-as:

(**S**) subjetivas (**OD**) objetivas diretas

a) Sabemos que o calor dilata os corpos.
b) Acreditava-se que o homem chegaria à Lua.
c) Convém que obedeças aos ditames da razão.
d) Ignoramos quando ocorreu o acidente.
e) É provável que os egípcios tenham inventado a fabricação do vidro.
f) É fato inconteste que a civilização grega influenciou a romana.
g) "Ninguém lhe perguntou donde vinha." (Vivaldo Coaraci)
h) Foi decidido que não haveria discursos durante o banquete.
i) Seja dito, a bem da verdade, que Rafael não mentia.
j) Admitamos que o mundo acabe amanhã.
k) "Creio que a grande paixão de Childe foi o Egito." (Manuel Bandeira)

5. Transcreva os períodos antepondo **OI** quando houver oração substantiva objetiva indireta, e **CN** se ocorrer oração completiva nominal:

- "Tenho a certeza de que Sérvulo irá ajudá-la muito." (Vilma Guimarães Rosa)
- "Joana agarrava-se loucamente à esperança de que Dedé haveria de voltar." (Bernardo Élis)

- Eles agora se convenceram de que o estudo é indispensável.
- Margarida lembrou-se de que o relógio estava atrasado.
- Eles agora estão convencidos de que o estudo é indispensável.

6. Copie as frases e numere os períodos, de **1** a **7**, de acordo com as orações subordinadas substantivas que neles ocorrem, obedecendo à seguinte classificação:

(1) orações subjetivas
(2) orações objetivas diretas
(3) orações objetivas indiretas
(4) orações predicativas
(5) orações completivas nominais
(6) orações apositivas
(7) orações com função de agente da passiva

a) Perguntei se ele estava satisfeito ali.
b) É justo que amparemos nossos pais.
c) A minha opinião é que você não deve ir.
d) "Nada obsta a que o joguem [o futebol] com elegantes pernadas as damas e senhoritas." (Carlos de Laet)
e) Havia suspeitas de que ele fosse o criminoso.
f) "Lá se vê quão salutar é a vara da lei." (Camilo Castelo Branco)
g) Não se esqueça de que você também é falível.
h) Seremos julgados por quem nos criou.
i) "Só ponho uma condição: vai almoçar comigo." (Carlos de Laet)
j) Estamos ansiosos por que terminem as aulas.
k) Na traseira do fordeco, lia-se o aviso: "Mantenha distância".
l) Na loteria da vida, o acertador é quem não aposta.
m) Tive o pressentimento de que os dois carros iriam chocar-se.

7. Transcreva apenas o período em que ocorre oração substantiva apositiva:

- No portão da casa havia o aviso: "Nosso cão não é seu amigo".
- No portão da casa estava escrito: "Nosso cão não é seu amigo".
- No portão da casa a placa avisava: "Nosso cão não é seu amigo".

8. Complete os períodos, substituindo os asteriscos por **orações substantivas** adequadas e classifique-as:

a) É necessário **********.
b) Perguntamos **********.
c) Comentava-se **********.
d) Informo V. Sª **********.
e) Bastaria **********.
f) A verdade é **********.

g) Ela estava ansiosa **********.

h) Na traseira do ônibus estava a advertência: **********.

9. Copie o período abaixo e em seguida aponte a análise correta das três orações em destaque:

[**Dizem**] [**que em boca fechada não entram moscas;**] [por isso, é bom] [**que não demos com a língua nos dentes.**]

- oração principal – substantiva objetiva direta – substantiva subjetiva
- oração principal – substantiva subjetiva – substantiva predicativa

10. Divida e classifique as orações deste período:

"O pescador subaquático está agora estendido na relva: ninguém sabe se ele dorme ou perdeu os sentidos." (Érico Veríssimo)

11. Sublinhe e classifique as orações subordinadas substantivas, observando que em quatro períodos há orações subordinadas coordenadas:

a) "Os brancos tinham como dogma que de outra maneira não se levavam pretos." (Monteiro Lobato)

b) Cada vez mais me convenço de que a guerra é uma estupidez.

c) "Parecia-nos que um santuário estava sendo profanado." (Vivaldo Coaraci)

d) O rei o persuadiu a que aceitasse o cargo.

e) "O público insistiu em que não se retirava." (Ramalho Ortigão)

f) "Ninguém pergunta ao retirante donde vem nem para onde vai." (José Américo)

g) "E nunca se sabia como, quando e com que armas ia atacar." (Érico Veríssimo)

h) "A notícia corria de boca em boca: íamos ter um circo na cidade." (Povina Cavalcânti)

i) "Não importa que só tenha quinze anos e se ache feia." (Vilma Guimarães Rosa)

j) Rômulo não se opôs a que o filho vendesse a casa e fosse morar no Rio.

ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS
Exercícios de exames e concursos
[Página 685]

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS

Comparemos as duas frases:

O professor gosta dos alunos **estudiosos**.
O professor gosta dos alunos **que estudam**.

estudiosos: adjunto adnominal de *alunos*
que estudam: oração subordinada adjetiva

A oração **que estudam** é chamada *adjetiva* porque tem o mesmo valor do adjetivo *estudiosos*, funciona como adjunto adnominal do substantivo *alunos*.

As orações subordinadas adjetivas são as que exercem, como os adjetivos, a função de adjunto adnominal.

São introduzidas, as mais das vezes, pelos pronomes relativos e referem-se a um termo antecedente, que pode ser um substantivo ou pronome. Outros exemplos, com os antecedentes sublinhados:

Há coisas **que nos comovem**.

O professor **a quem fui apresentado** era muito simpático.

Há palavras **cuja origem é obscura**.

Este é o motivo **pelo qual desisti do torneio**.

Os jogadores dirigiram-se ao estádio, **onde a multidão os esperava**.

É teu tudo **quanto aqui existe**.

Ele falava cantando, o **que muito nos divertia**. [*o* = coisa, fato]

Ele, **que trabalhou**, não ganhou nada.

Para uns, **que viajam**, as estrelas são guias.

Ó flor, **que me sorris**, que fim terás? [antecedente: *tu*]

"A poeira **que levantou** o fez espirrar." (NÉLIDA PIÑON)

Observe que a oração subordinada adjetiva, como nos quatro últimos exemplos, pode estar intercalada na oração principal:

Ele não ganhou nada: oração principal
que trabalhou: oração subordinada adjetiva

Observação:

✔ Convém recordar os pronomes relativos.

Não faltam exemplos de orações adjetivas iniciadas pelo pronome indefinido *quem*, sem antecedente:

Os benefícios persistem na memória **de quem os faz**.

Encarecemos as qualidades **de quem amamos**.

"Tinha a expressão obstinada **de quem tenta** desembaçar um espelho." (LÍGIA FAGUNDES TELLES)

Observação:

✔ Neste, como em outros casos, desaconselhamos o processo artificial dos desdobramentos [Encarecemos as qualidades *daqueles que* amamos], processo esse que se divorcia do moderno conceito de análise sintática. Deve-se analisar a frase como se apresenta no texto.

Registrem-se também as orações adjetivas introduzidas pelo advérbio relativo *como* (= por que, pelo qual, pela qual). Exemplos:

Admiro o modo **como ele trabalha**.

"Não reproduzo suas palavras da maneira **como as enunciou**." (MONTEIRO LOBATO)

1 CLASSIFICAÇÃO DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS

Há dois tipos de orações subordinadas adjetivas: *explicativas* e *restritivas*.

- **explicativas** – explicam ou esclarecem, à maneira de aposto, o termo antecedente, atribuindo-lhe uma qualidade que lhe é inerente ou acrescentando-lhe uma informação. Exemplos:

  Deus, **que é nosso pai**, nos salvará.

  Valério, **que nasceu rico**, acabou na miséria.

  Ele tem amor às plantas, **que cultiva com carinho**.

  Alguém, **que passe por ali à noite**, poderá ser assaltado.

  "Olhou a caatinga amarela, **que o poente avermelhava**." (GRACILIANO RAMOS)

  "Mariana sentou-se no catre, **ao lado do qual estava o baú de roupas**." (ANA MIRANDA)

As explicativas são isoladas por pausas, que na escrita se indicam por vírgulas.

- **restritivas** – restringem ou limitam a significação do termo antecedente, sendo indispensáveis ao sentido da frase. Exemplos:

  Pedra **que rola** não cria limo.

  Os animais **que se alimentam de carne** chamam-se carnívoros.

  Rubem Braga é um dos cronistas **que mais belas páginas escreveram**.

"Há saudades **que a gente nunca esquece**." (OLEGÁRIO MARIANO)
"Escolheu a rua **que o levaria ao bairro dos clubes**." (FERNANDO NAMORA)
"As pessoas **a que a gente se dirige** sorriem." (GRACILIANO RAMOS)
"A vida me ensinou a conhecer os homens **com os quais eu lido**." (JOSUÉ GUIMARÃES)
"Existem coisas **cujo alcance nos escapa**; nem por isso deixam de existir." (INÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO)

A oração adjetiva do primeiro exemplo restringe, limita, reduz a categoria das pedras: não são todas as pedras que não criam limo, mas só as que rolam.

Observação:

✔ Não se faz pausa entre a oração principal e a adjetiva restritiva; por isso, não tem cabimento a vírgula. Há, no entanto, autores que, mesmo neste caso, usam vírgula.

- As orações adjetivas vêm precedidas de preposição (ou locução prepositiva), sempre que esta for reclamada pelo verbo que as constitui. Exemplos:

Este é um título **a que toda moça bonita aspira**. [aspirar *a* algo]
A velhinha era uma dessas pessoas **às quais não se pode mentir**.
Trouxe-lhe as frutas **de que você gosta**. [gostar *de* algo]
Algumas colegas **com quem estudo** são alunas brilhantes.
Havia ali pessoas **por quem eu não queria ser visto**.
Este é um ideal **por que sempre lutei**. [lutar *por* algo]
"A casa **em que Antônia morava** foi posta abaixo." (MANUEL BANDEIRA) [morar *em* um lugar]
Não desespere, recorra a Deus, **em cujas mãos está a nossa vida**.
De repente, achei-me num mundo desconhecido, desconcertante, **com o qual eu nunca mantivera qualquer contato**. [manter contato *com* algo]
Os doentes foram instalados num galpão, **perto do qual acendemos grandes fogueiras**.
"A doença de Margarida durou dois dias, **no fim dos quais levantou-se a viúva um pouco abatida**." (MACHADO DE ASSIS)

- Orações adjetivas podem estar coordenadas. Exemplos:

"Cerca-o uma corte **que o adula e explora**." (RAMALHO ORTIGÃO)
[*e explora* = e *que* o explora]
"Não assim o panorama do mar, **que é vário e a cada instante se recria**." (CIRO DOS ANJOS)
[Isto é: e *que* a cada instante se recria.]

EXERCÍCIOS — LISTA 46

1. Ponha as orações adjetivas entre colchetes e destaque os antecedentes, como no exemplo:

a) Mal podia encobrir a **tristeza** [que o minava.]
b) Nem tudo que reluz é ouro.
c) "São amiguinhas a quem quero bem." (VIVALDO COARACI)

d) Amo a vida por tudo quanto ela me dá.
e) "O presente é a bigorna onde se forja o futuro." (VICTOR HUGO)
f) "A dor que se dissimula dói mais." (MACHADO DE ASSIS)
g) Há certas aranhas cujas teias parecem fios de prata.
h) "Não houve labor a que se eximisse." (CARLOS DE LAET)
i) "A maneira como a receberam era um aviso." (ANÍBAL MACHADO)
j) "Neste caminho encontra-se o tesouro pelo qual tantas almas estremecem." (CRUZ E SOUSA)

2. Siga o exemplo, observando que a oração adjetiva tem a função de um adjunto adnominal:
Assisti a cenas **que me comoveram**.
Assisti a cenas **comoventes**.

a) Ela tem um olhar **que me fascina**.
b) Mauro tem atitudes **que irritam**.
c) Existem gases **que causam a morte**.
d) Há insetos **que transmitem doenças**.

3. Transcreva os períodos numerando-os de forma a distinguir **que**, pronome relativo, de **que**, conjunção subordinativa integrante:
(1) pronome relativo: oração adjetiva
(2) conjunção integrante: oração substantiva

- Este é um mal que tem cura.
- Não sabem o que querem.
- Confesso que errei.
- Não é justo que o magoes.

4. Ponha as orações adjetivas entre colchetes e escreva **E** para as explicativas e **R** para as restritivas:
a) "A mãe, que era surda, estava na sala com ela." (MACHADO DE ASSIS)
b) "Ela reparou nas roupas curiosas que as crianças usavam." (VILMA GUIMARÃES ROSA)
c) "Ele próprio desculpou a irritação com que lhe falei." (MACHADO DE ASSIS)
d) Ele pôs-se a contar velhos casos, em que não achei graça.
e) "Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar." (JOSÉ DE ALENCAR)
f) "Esse professor de quem falo era um homem magro e triste." (JOSÉ J. VEIGA)
g) "O instinto moral é a razão em botão, a qual se desenvolve com o tempo, experiência e reflexão." (MARQUÊS DE MARICÁ)
h) "O velho pajé, para quem são estas dádivas, as recebe com desdém." (JOSÉ DE ALENCAR)
i) "Onde está a vela do saveiro que o mar engoliu?" (JORGE AMADO)
j) "Por que estará de implicância comigo, que nunca lhe pisei nos calos?" (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)
k) Passamos por muitos trechos onde nem estrada havia.
l) "A máquina mais complicada que ele conhecia era o monjolo." (ÉRICO VERÍSSIMO)
m) O homem pôs-se a olhar as laranjeiras, cujos galhos sem folhas pareciam arranhar o céu cinzento.

n) Estavam ainda ali no chão as cascas dos ovos pelos quais o orador fora atingido.

o) Enviamos-lhes roupas, alimentos, remédios e outras coisas de que precisavam.

p) "Apenas um homem, de quantos assistiam à cena, soltou uma risada." (ÉRICO VERÍSSIMO) [**de quantos** = de todos quantos]

q) O vulcão, que parecia extinto, voltou a dar sinal de vida.

5. Os pronomes relativos exercem na frase funções sintáticas: sujeito, objeto direto, objeto indireto, adjunto adverbial, adjunto adnominal, agente da passiva, etc. Dê a função dos que ocorrem nos períodos do exercício 4.

Exemplo: **que** (do primeiro período) → sujeito

6. Em cada um dos períodos seguintes há duas orações adjetivas. Destaque-as e classifique-as (explicativa ou restritiva):

a) Ofereceu-lhe o vestidinho que ela mesma – que costurava tão bem – fizera na máquina.

b) "Tenho visto criaturas que trabalham demais e não progridem." (GRACILIANO RAMOS)

c) "Deus, que é Pai de todos, sabia da luta que ela tivera." (ADONIAS FILHO)

7. As orações adjetivas vêm precedidas de preposição quando o verbo a exigir. Classifique as orações adjetivas dos períodos seguintes e dê a função sintática dos pronomes relativos.

a) Ele me puxou para ver um quadro [de que havia gostado muito].

b) Não era muito grande a mesa [a que nos sentamos].

c) Os moradores das palafitas vivem à beira do rio, [do qual retiram o seu sustento].

d) As pessoas [a quem Juliano recorreu] não o atenderam.

8. Orientado pelo exemplo, escreva os períodos convertendo as orações coordenadas em destaque em subordinadas adjetivas:

A máquina é uma potência infernal; **os homens não são completamente donos dela**.

A máquina é uma potência infernal, **de que os homens não são completamente donos**.

a) Ainda estavam no chão os cacos de vidro; **o garoto nos alvejara com esses cacos**.

b) Fizeram-lhe graves acusações; **ele se defendeu delas com veemência e coragem**.

c) Encontrou-se um velho colete; **no bolso dele havia moedas de ouro**.

d) Havia, no colégio, frequentes reuniões; **apenas alguns pais compareciam a elas**.

e) No jardim havia canteiros floridos; **crianças perseguiam borboletas por entre eles**.

f) Este é um problema difícil; **para a sua solução se exigem competência e recursos**.

g) O povo fez questão de empurrar a carreta; **sobre ela estava o féretro**.

h) Era um estudante que eu conheci num carnaval; **e me tornei amigo dele**.

i) Entrei numa pequena loja; **nas prateleiras dela se enfileiravam objetos de artesanato.**

9. Faça como no exercício anterior, porém intercalando a oração adjetiva na oração principal:

A oficina ficava no fim da rua; **Juvenal trabalhava nessa oficina**.

A oficina **em que Juvenal trabalhava** ficava no fim da rua.

a) A casa é modesta, mas aconchegante; **nós moramos nela**.

b) O festival conta com a participação de artistas famosos; **eu assistirei a ele hoje à noite**.

c) As tintas eram extraídas dos vegetais; **com elas se matizavam os tecidos**.

d) A montanha era alta e arborizada; **do cimo dela se descortinava o mar**.

e) O lago era grande e límpido; **eu costumava brincar às suas margens**.

f) O oficial foi transferido para Brasília; **Nair simpatizava com ele**.

g) O local era inóspito, agressivo; **tínhamos chegado a esse local**.

h) As flores eram de Barbacena; **e delas mandei tecer uma grinalda**.

i) Os animais são da ordem dos primatas; **o professor se referiu a eles**.

10. Divida e classifique as orações dos períodos seguintes:

a) "Luís Filipe começou a falar sobre alguns casos difíceis que apareceram no hospital, mas a verdade é que eu não o ouvia." (LÍGIA FAGUNDES TELLES)

b) "Não interrompemos a quem nos louva, mas aos que nos censuram, acusam ou contradizem." (MARQUÊS DE MARICÁ)

c) Você, que é íntimo dele, aconselhe-o a que desista de tão arriscado empreendimento.

11. Escreva os períodos abaixo mudando as orações coordenadas em destaque em orações adjetivas, que nos itens **a** e **f** devem ser intercaladas na oração principal:

a) Os tiranos eram soberbos e cruéis, **e o povo se submetia ao poder deles**.

b) Atravessamos o jardim e dirigimo-nos à piscina, **e sentamo-nos à beira dessa piscina**.

c) Por fim, desemboquei numa rua larga, com muitas árvores; **através dessas árvores se avistava o mar**.

d) Percebi nas suas palavras uma benevolente ironia; **no fundo dessa ironia se escondia, contudo, uma indisfarçável tristeza**.

e) O índio olhou, depois, as flechas cruzadas na parede; **perante essas flechas duas vezes baixou e ergueu a cabeça**, como para aprovar a presença delas ali.

f) A peça de teatro é da autoria de um aluno desta escola; **assisti ao ensaio dela**.

g) Volutas de fumaça subiam languidamente das mesas; **em torno dessas mesas pessoas conversavam animadamente**.

12. Escreva o seguinte período substituindo corretamente o pronome relativo **onde**, que inicia a oração adjetiva, pelo pronome **cujo**:

"Agora as ruas estreitas iam ficando para trás, a igreja, também o cemitério, onde, diante do portão, havia o umbuzeiro." (JOSÉ CONDÉ)

13. Escreva corretamente as frases substituindo * por preposição + pronome relativo:

a) Pelos equipamentos * dispõe, este hospital é considerado o melhor do país.

b) A estátua da fonte é uma criança nua, * cabeça os passarinhos pousam.

c) Os amigos de Lauro eram justamente aqueles * as mães não queriam que seus filhos brincassem.

14. Transcreva apenas a sequência correta das orações do último período do exercício anterior:

- oração principal – oração subordinada substantiva objetiva indireta – oração subordinada adjetiva explicativa
- oração principal – oração subordinada adjetiva restritiva – oração subordinada substantiva objetiva direta
- oração principal – oração subordinada adjetiva explicativa – oração subordinada adjetiva restritiva

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS
Exercícios de exames e concursos
[Página 686]

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS

Veja este exemplo:

Saímos de casa **quando amanhecia**. [= Saímos de casa **de manhã cedo**.]

A oração **quando amanhecia** exprime uma circunstância de tempo, funciona como um *adjunto adverbial*: por isso, é uma oração subordinada *adverbial*.

As orações subordinadas adverbiais têm a função dos adjuntos adverbiais, isto é, exprimem circunstâncias de tempo, modo, fim, causa, condição, hipótese, etc.

São iniciadas, quando desenvolvidas, pelas conjunções subordinativas (excluindo-se as subordinativas integrantes). É importante saber distinguir os diferentes tipos dessas conjunções.

1 CLASSIFICAÇÃO DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS

As orações subordinadas adverbiais classificam-se de acordo com as conjunções que as introduzem. Portanto, podem ser:

- **causais** – exprimem causa, motivo, razão. Exemplos:
  O tambor soa **porque é oco**.
  Como não me atendessem, repreendi-os severamente.
  Como ele estava armado, ninguém ousou reagir.
  "Faltou à reunião, **visto que esteve doente**." (ARLINDO DE SOUSA)
  Já que (ou **visto que** ou **desde que** ou **uma vez que**) **ninguém se mexe**, temos que agir nós, cidadãos.
  "Maximiano temera que o coronel o agredisse, **de tão violento que ficara**." (JORGE AMADO)
  "**Velho que sou**, apenas conheço as flores do meu tempo." (VIVALDO COARACI)
  Desprezam-me, **por isso que sou pobre**.
  Não posso ir hoje, **tanto mais que meu filho está doente**.
  Não encontrei o livro em nenhuma loja, **pela simples razão que ele não existe**.

Observação:

✔ Pode-se considerar causal justaposta (= sem conectivo) a segunda oração de construções como:
Não se ouvia nada, *tamanho era o barulho*.
É difícil distinguir um do outro, *tão parecidos são*.
Nem se podia passar, *tantas eram as formigas*.

- **comparativas** – representam o segundo termo de uma comparação.

a) orações comparativas com o verbo expresso:

"A preguiça gasta a vida **como a ferrugem consome o ferro**." (MARQUÊS DE MARICÁ)

Ela o atraía irresistivelmente, **como o ímã atrai o ferro**.

Os retirantes deixaram a cidade tão pobres **como vieram**.

Como a flor se abre ao Sol, assim minha alma se abriu à luz daquele olhar.

"Nos Estados Unidos há universidades para todas as inteligências **como há hotéis para todas as bolsas**." (EDUARDO PRADO)

O lugar é **tal qual** (ou **tal como**) **você o descreveu**.

Certos cantores gesticulam mais **do que cantam**.

Rui voltou para casa **como quem vai para a prisão**.

b) orações comparativas com o predicado ou o verbo subentendidos:

O esquilo é tão ágil **quanto o macaco**. [= quanto o macaco é ágil]

Nenhum nadador treinou tanto **como Ricardo**. [= como Ricardo treinou]

A luz é mais veloz **do que o som**. [= do que o som é veloz]

Não há tirania pior **que a dos vícios inveterados**.

O orador foi mais brilhante **do que profundo**.

Sua morada era antes um barraco escuro **que uma casa humilde**.

De modo geral, pessoas gordas vivem menos **do que as magras**.

"E dizia que os vaga-lumes bailavam gentis **quais falenas no ar**." (LUÍS HENRIQUE TAVARES)

Ela recendia perfumes **que nem um ramo de manacá florido**.

Observação:

✔ Esta é a análise tradicionalmente aceita, mas artificial. Seria preferível ver, nos exemplos citados na alínea b, não orações adverbiais comparativas, mas simples adjuntos adverbiais de comparação.

Pela mesma razão, é melhor análise a que vê adjunto adverbial de comparação em estruturas de cunho popular como:

"Luzia *que só espelho*!" (LUÍS JARDIM)

"É forte *como o diabo*." (AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA)

Ficou vermelho *que nem brasa*.

c) orações comparativas hipotéticas:

O homem parou perplexo, **como se esperasse um guia**.

Os cavalos iam à toda, **como se mil demônios os esporeassem**.

"O zunido espalhou-se na sala **como se um inseto estivesse voejando**." (VILMA GUIMARÃES ROSA)

Observação:

✔ Esse tipo de oração reúne as ideias de comparação e hipótese. Por isso, há quem subentenda verbo e analise: "O homem parou perplexo / como *pararia*, / se esperasse um guia." Tal análise, porém, é desaconselhada, por ser artificial. É preferível considerar *como se* uma locução comparativa.

- **concessivas** – exprimem um fato que se concede, que se admite, em oposição ao da oração principal. Exemplos:

Admirava-o muito, **embora** (ou **conquanto** ou **posto que** ou **se bem que**) **não o conhecesse pessoalmente**.

Embora não possuísse informações seguras, ainda assim arriscou uma opinião.

Cumpriremos nosso dever, **ainda que** (ou **mesmo quando** ou **ainda quando** ou **mesmo que**) **todos nos critiquem**.

Por mais que gritasse, não me ouviram.

Os louvores, **pequenos que sejam**, são ouvidos com agrado.

"**Nem que a gente quisesse**, conseguiria esquecer." (Otto Lara Resende)

"Os cavalos vinham quase em cima dela, **por mais que o cocheiro os sofreasse**." (Machado de Assis)

"**Por muito mau que fosse o seringal**, devia ser melhor que aquilo." (Ferreira de Castro)

"Em cada escola [filosófica], **por exagerada que seja**, há sempre uma apreciável parcela de verdade integral." (Jônatas Serrano)

"**Se o via derrubado, rosto no pó**, nem por isso o respeitava menos." (Ondina Ferreira) [*Se* o via = *embora* o visse.]

Ajudava-os em tudo, **sem que isso fosse de minha obrigação**.

Júlio César resolveu passar o Rubicão, **fossem quais fossem as consequências**.

O responsável deve ser punido, **quem quer que seja**.

Por incrível que pareça, eles não sabiam o nome de sua cidade.

"**Chovesse ou fizesse sol**, o Major não faltava." (Povina Cavalcânti)

"**Em que pese aos inimigos do paraense**, sinceramente confesso que o admiro." (Graciliano Ramos)

Observação:

✔ As orações subordinadas adverbiais concessivas, quando coordenadas alternativas, como no penúltimo exemplo, dispensam, em geral, a conjunção subordinativa (*embora*).

- **condicionais** – exprimem condição, hipótese. Exemplos:

Deus só nos perdoará **se perdoarmos aos nossos ofensores**.

Se o conhecesses, não o condenarias.

"Que diria o pai **se soubesse disso**?" (Carlos Drummond de Andrade)

A cápsula do satélite será recuperada, **caso a experiência tenha êxito**.
Você pode ir, **contanto que** (ou **desde que**) **volte cedo**.
Não sairei de meu consultório, **a menos que** (ou **a não ser que**) **haja casos urgentes**.
Poderão chegar lá ainda hoje, **salvo se acontecer algum imprevisto**.
Não poderás ser bom médico, **sem que estudes muito**.
"**Se convidada**, [a menina] senta no colo da gente, conversa um pouco e logo sai correndo." (RAQUEL DE QUEIRÓS) [*se convidada* = se for convidada]
Não fosse a perícia do guia, talvez teríamos perecido todos.
"**Escrevesse eu esses livros** e estaria rico. (AUTRAN DOURADO)
"**Houvesse chegado um minuto antes, ou um minuto depois**, e tudo teria sido diferente." (VIANA MOOG)
"A carinha [de Neuma] podia ser de chinesa, **fossem os olhos mais enviesados**." (RAQUEL DE QUEIRÓS) [*fossem os olhos* = se fossem os olhos]

Observações:

✔ Às vezes a oração condicional (como nos quatro últimos exemplos) aparece justaposta, sem o conectivo *se*.

✔ A conjunção *se* às vezes apresenta-se com o valor aproximado de *visto que*, transmitindo ideia de causa a orações que funcionam como base ou ponto de partida de um raciocínio. Exemplos:
Se a alimentação é uma necessidade básica, cumpre incentivar a agropecuária.
Se os homens são por natureza imperfeitos, as sociedades humanas não podem ser perfeitas.
Se no inverno a sala já era quente, no verão tornava-se uma fornalha.

✔ Diz-se, corretamente: *Caso* (e não *se caso*) tenha pago a conta, desconsidere este aviso.

- **conformativas** – exprimem acordo ou conformidade de um fato com outro. Exemplos:
O homem age **conforme pensa**.
Relatei os fatos **como** (ou **conforme**) **os ouvi**.
Como diz o povo, tristezas não pagam dívidas.
O jornal, **como sabemos**, é um grande veículo de informação.
Vim hoje, **conforme lhe prometi**.
"Digo essas coisas por alto, **segundo as ouvi narrar anos depois**." (MACHADO DE ASSIS)
Segundo ouvi dizer, Fleming descobriu a penicilina por acaso.
Consoante opinam alguns, a História se repete.
"**Como deveis saber**, há em todas as coisas um sentido filosófico." (MACHADO DE ASSIS)
"Um eclipse da Lua pode ser total ou parcial, **conforme a Lua fique ou não completamente mergulhada no cone de sombra da Terra**." (RONALDO DE FREITAS MOURÃO)

Observação:

✔ *Como* introduz oração conformativa quando equivale a *conforme*.

- **consecutivas** – exprimem uma consequência, um efeito ou resultado. Exemplos:

  Fazia tanto frio **que meus dedos estavam endurecidos**.

  "A fumaça era tanta **que eu mal podia abrir os olhos**." (José J. Veiga)

  De tal sorte a cidade crescera **que não a reconhecia mais**.

  As notícias de casa eram boas, **de maneira que pude prolongar minha viagem**.

  Ontem estive doente, **de sorte que** (ou **de modo que** ou **de forma que** ou **de maneira que**) **não saí de casa**.

  "Corria para a rua, para o trabalho, para o tumulto, a estontear-se, **de modo que lhe fosse difícil** encontrar-se a sós consigo." (Fernando Namora)

  "Ainda assim, não andei tão depressa **que amarrotasse as calças**." (Machado de Assis)

  "Não esperava, tanto **que me pediu um prazinho para a resposta**." (Amadeu de Queirós)

  "Deus! ó Deus! onde estás **que não respondes**?" (Castro Alves)

  "Tinha um filho, podia erguê-lo ao sol, **sem que a guerra o arrebatasse**." (José Geraldo Vieira)

  Não vão a uma festa **que não voltem bêbedos**. [*que não* = sem que]

  "Não podia fitá-lo **sem que** (ou **que não**) **risse**." (Celso Luft)

  "Não se sentava **que não enterrasse a cara nas mãos**." (José Américo)

  "Bebia **que era uma lástima**!" (Ribeiro Couto)

  Falou com uma calma e frieza **que todos ficaram atônitos**.

  "Tenho medo disso **que me pelo**!" (Coelho Neto)

  "Essa gente fazia um barulho, **que assustava os transeuntes**..." (Graciliano Ramos)

Observações:

✔ Às vezes, como nos quatro últimos exemplos citados, o termo intensivo (tão, tanto, tal, tamanho, etc.) da oração principal está oculto: Bebia *tanto* que era uma lástima. Falou com uma calma *tal* que todos ficaram atônitos.

✔ A oração adverbial do exemplo de Fernando Namora pode ser considerada também final, por traduzir, simultaneamente, consequência e finalidade.

Para expressar uma consequência impossível, emprega-se, por influência do francês, a locução *para que*, antecedida de *muito* (ou *demais*) + adjetivo. Exemplos:

O fardo era muito pesado *para que eu pudesse erguê-lo*.

O convite era demais tentador *para que João o recusasse*.

"O seu corpo era pesado demais *para que eu conseguisse arrastá-lo*." (Murilo Rubião)

"As festas estavam muito próximas *para que a morte de Totonha pudesse perturbar a alegre expectativa da cidade*." (José Condé)

- **finais** – exprimem finalidade, objetivo. Exemplos:

"O futuro se nos oculta **para que nós o imaginemos**." (MARQUÊS DE MARICÁ)

Aproximei-me dele **a fim de que me ouvisse melhor**.

"Fiz-lhe sinal **que se calasse**." (MACHADO DE ASSIS) [*que* = para que]

"Instara muito comigo **não deixasse de frequentar as recepções da mulher**." (MACHADO DE ASSIS) [*não deixasse* = para que não deixasse]

"Quando sentiu que ia chegando, cruzou os braços no peito, **não fosse o coração saltar-lhe**." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

Observação:

✔ Pode ocorrer a elipse total ou parcial da locução conjuntiva final, como atestam os três últimos exemplos.

- **proporcionais** – denotam proporcionalidade. Exemplos:

À medida que se vive, mais se aprende.

À proporção que avançávamos, as casas iam rareando.

O valor do salário, **ao passo que os preços sobem**, vai diminuindo.

Aparecem, às vezes, correlacionadas com as orações principais. Exemplos:

Quanto mais se tem, (tanto) mais se deseja.

Quanto maior for a altura, maior será o tombo.

Quanto menos te esforçares, mais te arrependerás.

Tanto gostava de um **quanto** (ou **como**) **aborrecia o outro**.

Vimos que a locução proporcional correta é *à medida que*, e não *na medida em que*. Essa última forma, considerada errada, aparece frequentemente, ora com valor causal, ora condicional, em frases como:

O aumento descontrolado dos preços é injusto e perverso, **na medida em que** atinge principalmente a classe pobre.

Um empreendimento só poderá ter êxito **na medida em que** for bem concebido e executado.

Em lugar de *na medida em que*, é melhor usar *porque* ou *visto que* na primeira frase, e *se* ou *desde que* na outra.

- **temporais** – indicam o tempo em que se realiza o fato expresso na oração principal. Exemplos:

Formiga, **quando quer se perder**, cria asas. (DITO POPULAR)

"Lá pelas sete da noite, **quando escurecia**, as casas se esvaziavam." (POVINA CAVALCÂNTI)

"**Quando os tiranos caem**, os povos se levantam." (MARQUÊS DE MARICÁ)

Enquanto foi rico, todos o procuravam.

Um dos garimpeiros falou, **enquanto os outros escutavam silenciosos**.

Sempre que vou à cidade, passo pelas livrarias.

Todas as vezes que agredimos a natureza, ela se volta contra nós.

Mal chegamos ao local, vimos toda a extensão da catástrofe.

Ela me reconheceu **apenas** (ou **mal** ou **logo que** ou **assim que**) **lhe dirigi a palavra**.

Minha mãe ficava acordada **até que eu voltasse**.

"Deolindo veio à terra **tão depressa alcançou a licença**." (MACHADO DE ASSIS)

"**Nem bem sentou-se no banco**, o moço ergueu-se rápido." (JOSÉ FONSECA FERNANDES)

Agora que estás de férias, que pretendes fazer?

"Ela acalentou o bebê, manteve-o apertado contra o peito, **ao mesmo tempo que lhe afagava os cabelos**." (HELENA JOBIM)

Por que ela ainda não apareceu **desde que estamos aqui**?

"**Desde que não confia nele** manda-o embora e chama outro." (RAMALHO ORTIGÃO)

No texto donde foi extraído o último exemplo, *desde que* tem sentido nitidamente temporal (= quando, logo que, desde o momento que).

- **modais** – exprimem modo, maneira. Exemplos:

Aqui viverás em paz, **sem que ninguém te incomode**.

Entrou na sala **sem que nos cumprimentasse**.

Essas orações não estão consignadas na NGB, o que constitui uma omissão.

2 ORAÇÕES ADVERBIAIS LOCATIVAS

Equivalem a um adjunto adverbial de lugar e são iniciadas pelo advérbio *onde* (que pode vir precedido de preposição), sem antecedente. Exemplos:

"**Onde me espetam**, fico." (MACHADO DE ASSIS)

"Não pode haver reflexão **onde tudo é distração**." (MARQUÊS DE MARICÁ)

Quero ir **aonde estás**.

Venha **por onde eu passar**.

"**Onde quer que farejem raposas**, perseguem-nas com fúria." (GUSTAVO BARROSO)

Observação:

✔ Estas orações não são mencionadas na NGB.

Existem ainda outros tipos de orações adverbiais. Veja esta:

Irei **com quem quiser me acompanhar**. → adverbial de companhia

[Neste caso, é análise desaconselhada desdobrar *quem* em *aquele que*.]

Orações adverbiais podem estar coordenadas, conforme vimos anteriormente. Exemplos:

"**Quando chamou Raquel e enfiou-lhe no braço a linda pulseira**, a filha estava com dezesseis anos." (AMADEU AMARAL)

"Andorinhas devotas, **chovesse *ou* fizesse sol**, adejavam somente na igreja de Santa Rita." (JOSÉ AMÉRICO)

EXERCÍCIOS LISTA 47

1. Prossiga de acordo com o exemplo, observando que a oração subordinada adverbial exerce a função de um adjunto adverbial:

a) Partimos da cidade **de manhã cedo**. → adjunto adverbial
Partimos da cidade **quando amanhecia.** → oração subordinada adverbial

b) Chegamos à fazenda **antes da noite**.

c) Não lhe telefonei **por esquecimento**.

d) **Na retirada**, os soldados davam tiros para o ar.

2. Ponha entre colchetes as orações subordinadas adverbiais e numere os períodos de acordo com a classificação dessas orações:

Minha mão tremia tanto que mal podia escrever.	(1) causal
Joel acompanhou a irmã, embora estivesse cansado.	(2) comparativa
Onde há fumaça, há fogo.	(3) concessiva
À medida que subimos, o ar se rarefaz.	(4) condicional
Fiz-lhe sinal para que não insistisse.	(5) conformativa
Os detentos fugiram da penitenciária porque eram maltratados.	(6) consecutiva
Ali vivíamos felizes, sem que ninguém nos perturbasse.	(7) final
"Envelheçamos como as árvores fortes envelhecem!" (Olavo Bilac)	(8) proporcional
"Por que não foi lá ontem, como me tinha dito?" (Machado de Assis)	(9) temporal
"Ia escurecendo quando entrou em casa." (Garcia de Paiva)	(10) modal
"Se Deus não guarda a cidade, em vão a sentinela vigia." (Cecília Meireles)	(11) locativa

3. Faça como no exercício anterior:

A raposa, como não pudesse alcançar as uvas, desdenhou-as.

"Não venham colheitas fartas e serei mais um vencido pela fatalidade das coisas." (Monteiro Lobato)

"As tuas saudades ficam onde deixas o coração." (C. Castelo Branco)

"Quanto mais os arredava, mais eles perseveravam." (Fernando Namora)

"Como o assunto estivesse reduzido a cinzas, calamo-nos." (Graciliano Ramos)

"Tivesse tua mãe vindo dar-te adeus e talvez tudo se arranjasse." (Antônio Olavo Pereira)

"Por mais leve que pisasse, seus passos reboavam." (José Geraldo Vieira)

Depois que veio para a cidade, a vida dele mudou.

A geada, como se sabe, é a grande inimiga da lavoura.

Chame o sacerdote, se você quiser, contanto que o doutor também venha.

O ladrão entrou no prédio sem que o porteiro percebesse.

Os políticos prometem mais do que realizam.

Nas estradas há acostamentos, a fim de que os veículos não parem na pista.

Tão violenta foi a tromba-d'água de ontem que arrastou carros e ônibus.

Inquieto estará o nosso coração enquanto não descansar em Deus.

Mal girei a chave da fechadura, senti a respiração de alguém atrás de mim.
À proporção que as plantas crescem, suas raízes se aprofundam.
Joana saiu de casa alegre como quem vai a uma festa.
"O fogo, mesmo que venha chuva grossa, queimará a noite inteira." (ADONIAS FILHO)
Conforme havíamos previsto, as safras este ano foram boas.
Empregados e patrões chegaram a um acordo, de maneira que não houve greve.
Neste rio não existem peixes, pela simples razão que a poluição os matou.
"Ainda que o corpo doa, tenho de me levantar." (BRÁULIO PEDROSO)
"Mas, se iniciou o gesto, não chegou a completá-lo." (ARIANO SUASSUNA)
"Um pouco que alguém se aproxime e já sente odores." (LÍGIA FAGUNDES TELLES)
"Havia seiva em tudo como há sangue em nosso corpo." (CLARICE LISPECTOR)

4. Varie a estrutura da oração adverbial causal, conforme o exemplo:

Os dois meninos se perderam **porque não conheciam a mata**.
Como não conhecessem a mata, os dois meninos se perderam.
Os dois meninos se perderam, **visto que não conheciam a mata**.
Os dois meninos se perderam, **por isso que não conheciam a mata**.
Os dois meninos se perderam **por não conhecerem a mata**.

Eles não poderão ser bons fotógrafos **porque não distinguem as cores**.

5. Copie o período e sublinhe a oração subordinada adverbial causal:

"Em poucos anos o consumo mundial de borracha centuplicou, e como só havia seringueiras na Amazônia, a exportação do látex trouxe a Manaus uma fortuna fabulosa."
(CARLOS DE SÁ MOREIRA)

6. Escreva as orações adverbiais em destaque e classifique-as:

(1) oração adverbial causal
(2) oração adverbial comparativa
(3) oração adverbial conformativa

O retorno da nave espacial à Terra fez-se **como fora previsto**.

Como a Lua ainda não tinha surgido, tudo estava imerso na escuridão.

Como sempre acontece, o tempo sepultou a memória do grande morto.

Suas palavras soaram no recinto **como chicotadas**.

Se você gosta mesmo dele, **como diz**, por que o ofende?

"Lá saiu o Dr. Rui, apressado **como quem vai apagar fogo**." (JOSUÉ GUIMARÃES)

O carro andava aos trancos, **como se o motorista estivesse bêbedo**.

O terremoto fora violentíssimo, **como atestavam os escombros de casas destruídas**.

7. Escreva o período três vezes, substituindo por equivalentes o conectivo que inicia a oração adverbial concessiva:

Miguel tentará consertar o carro, **conquanto** não entenda muito de mecânica.

8. Escreva os períodos e classifique as orações em destaque:

(1) oração adverbial causal (3) oração adverbial condicional

(2) oração adverbial temporal

Desde que cheguei aqui, não houve nenhum progresso.

Poderás fazer sucesso, **desde que saibas falar**.

Desde que não sabes ler, eu vou ler em teu lugar.

9. Com que oração do exercício anterior se relaciona a oração em destaque?

Os escritos ficam, as palavras voam, **contanto que não as apanhe a rede de algum gravador oculto**!

10. Escreva, em seu caderno, as orações subordinadas adverbiais destacadas e identifique-as de acordo com os números do quadro abaixo:

1) causal 2) consecutiva 3) condicional 4) concessiva

a) **Caso aconteça algum imprevisto**, avise-me imediatamente.

b) Não carregue muito dinheiro consigo, **mesmo que o tenha**.

c) Se Neusa sair à rua, paralisa o trânsito, **de tão bonita que é**.

d) Neusa é tão bonita **que**, se sair à rua, **paralisa o trânsito**.

11. Analise o segmento em destaque e, depois, escreva o período duas vezes, trocando o conectivo **que nem** por equivalentes:

Na outra pista vinha um caminhão cheio de luzes **que nem um dragão chamejante**.

12. Destacamos as orações adverbiais assindéticas (sem conectivo). Classifique-as, depois de reconhecer a conjunção subentendida:

a) Esta cidade não teria crescido tanto, **não fossem seus múltiplos atrativos**.

b) **Houvéssemos chegado um minuto depois**, e seria a catástrofe.

c) Os homens continuavam atirando nas avezinhas e, **atirassem a vida inteira**, não matariam a metade delas.

d) Esforcei-me por demonstrar coragem, **não fossem os colegas acusar-me de covarde**.

13. Escreva o período abaixo, substituindo a conjunção em destaque pelas locuções conjuntivas adequadas, sem alterar o sentido da frase. Escolha-as no quadro seguinte:

ainda que – desde que – mesmo que – nem que – sem que – logo que

Frase: Silvério aceitaria qualquer trabalho, **embora** fosse o de carregar pedras.

14. Repita a frase duas vezes, trocando a locução conjuntiva por equivalentes. Em seguida, classifique a oração adverbial:

Algum dia hei de casar com Beatriz, **salvo se** houver onça no caminho.

15. Siga o exemplo, dando ênfase à oração adverbial concessiva:

Embora a proposta fosse tentadora, não a aceitei.

Por mais tentadora que fosse a proposta, não a aceitei.

Muitas vezes, **embora nos esforcemos**, não conseguimos alcançar o nosso objetivo.

16. Reescreva e complete os períodos abaixo, substituindo convenientemente os asteriscos:

a) Mal o orador abriu a boca,***.

b) Segundo afirmam os médicos,***.

c) À medida que os dias passam,***.

d) Se não me falha a memória,***.

e) Por incrível que pareça,***.

f) ***, já que as mãos carregavam sacolas.

g) ***, se bem que lhe reconheça qualidades.

h) *** que não pude conter o riso.

17. Estruture o período de tal forma que a oração principal passe a subordinada adverbial causal:

Os meninos temiam que o santo os castigasse e iam brincar longe.

18. Transcreva o período em que NÃO há oração adverbial:

a) "Mexia-me como se andasse entre cacos de vidro." (Graciliano Ramos)

b) "Agora que Luluzinho já está vacinado, pode morder qualquer um?" (Millôr Fernandes)

c) Ali o artista poderá viver em paz, sem que os fãs o perturbem.

d) Verifiquei se havia alguma infiltração no teto da casa.

e) Para onde quer que me voltasse, eu só via paredes de edifícios.

f) Se desarmado ele já é perigoso, quanto mais se estiver armado.

g) O horizonte, ao passo que avanço, vai se afastando.

19. Proceda como no exemplo, mudando a estrutura do período sem lhe alterar substancialmente o significado:

O fardo era tão pesado **que eu não podia erguê-lo**.
O fardo era muito (ou demais) pesado **para que eu pudesse erguê-lo**.

a) A proposta era tão tentadora **que não podíamos recusá-la**.

b) Essas lembranças são tão vivas **que não as posso esquecer**.

20. Invente um período no qual, como nos exemplos dados, a oração adverbial iniciada pela conjunção **se** exprima, predominantemente, ideia de causa (se = visto que):

Se o fumo é nocivo à saúde, não aconselho ninguém a fumar.
Se não pode haver efeito sem causa, o mundo não surgiu do nada.

21. Forme períodos cujas orações adverbiais estejam coordenadas, como nestes exemplos:

Quando o filho viajava para longe e não lhe escrevia, ela ficava aflita.

Se alguém risse ou falasse alto, o chefe reclamava.

"**Quanto mais o índio envelhece e se aproxima da morte**, mais feliz fica." (Edilson Martins)

22. Escreva as frases abaixo, divida e classifique as orações:

a) Não contarei isto a ninguém para que não digam que eu invento qualidades que não tenho.

b) Ela falou de minha mãe com tanta saudade que me cativou logo, posto que me entristecesse.

c) "Observava como ele torneava ou esculpia a madeira." (Graciliano Ramos)

d) "Por duas vezes senti o cavalo tão próximo que, se estendesse a mão, tinha certeza de que poderia tocá-lo." (Lígia Fagundes Telles)

23. Escreva os períodos e informe a ideia expressa pela oração em destaque:

a) **Caso o satélite se desintegre**, seus destroços atingirão a Terra.
(causa, concessão, hipótese, consequência)
b) **Como o vento era muito forte**, caíam muitas mangas maduras.
(comparação, modo, tempo, causa)
c) Ninguém quis carregar o fardo, **se bem que não fosse pesado**.
(causa, concessão, hipótese, proporção)
d) Eu conhecia bem a cidade, **de modo que cheguei facilmente ao estádio**.
(consequência, causa, modo, proporção)

24. Leia o texto abaixo e indique o período em que ocorre oração adverbial comparativa.

LEITURA

O comércio e a civilização

O comércio foi, a princípio, o instigador, o promotor, o pai da civilização, criando-a e desenvolvendo-a, e é hoje o seu regulador máximo, como repartidor do trabalho e das riquezas, aproximando os povos, transformando os inimigos em clientes recíprocos, uniformizando os costumes e os idiomas, estabelecendo uma solidariedade real entre todos os homens.

O comércio, avassalador do mundo, concentra e reparte. Concentra os produtos e reparte-os depois pela face da terra.

Ainda haverá quem diga que o comércio enriquece à custa do produtor, como a erva parasita vive a expensas da árvore?

Grande distribuidor, ele representa no organismo social o mesmo papel do sistema de circulação sanguínea no organismo animal. O corpo morre, quando o sangue para.

A sociedade definharia e morreria, se o comércio deixasse de levar a todos os seus órgãos a nutrição. Não se pode compreender o trabalho senão dividido e repartido. A divisão do trabalho é uma lei fundamental e soberana da vida social: quanto mais dividido é o labor humano, maior e mais dominadora é a ação do homem sobre a natureza.

Como poderia haver relações entre o produtor e o consumidor, se não houvesse comércio? É ele quem abre a foz, a embocadura, o desaguadouro da indústria. É ele quem estimula a produção, quem ativa o trabalho, descobrindo as necessidades do mercado, e, mais do que isso, provocando-as e inventando-as. Assim, ele é o maior fator econômico. É ele quem promove a circulação dos capitais. Sempre alerta, previne crises, sofre os riscos da alta e da baixa dos preços, provê e providencia...

O comércio é nobre. Os agiotas, os onzeneiros, os usuários, os monopolistas, os sindicateiros, os açambarcadores do capital ou do pão, os que especulam com a miséria do povo, os que negociam em carne humana e em lágrimas, não são comerciantes: são, entre os muitos bons e os muitos puros, os poucos maus que fazem avultar a bondade e a pureza dos outros.

(Olavo Bilac, *Obra Reunida*, Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 1996)

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERSATIVAS
Exercícios de exames e concursos
[Página 685]

ORAÇÕES REDUZIDAS

Leia e compare:

a) Afirmou o sertanista [*que não há* selvagens gigantes].

b) Afirmou o sertanista [*não haver* selvagens gigantes.]

Tanto na primeira como na segunda construção, a oração entre colchetes é subordinada substantiva objetiva direta. A forma dessa oração é diferente, mas o sentido é o mesmo.

Na segunda construção, a oração subordinada se apresenta sem conectivo (elemento de ligação) e tem o verbo numa forma nominal (infinitivo): é uma oração *reduzida*.

1 ORAÇÕES REDUZIDAS

Oração reduzida *é a que se apresenta sem conectivo* e *com o verbo numa forma nominal.*

Em geral, é possível desenvolver orações reduzidas. Para isso, substitui-se a forma nominal do verbo por um tempo do indicativo ou do subjuntivo e inicia-se a oração com um conectivo adequado, de tal modo que se mude a forma da frase sem lhe alterar o sentido. Exemplos:

orações reduzidas		**orações desenvolvidas**
Penso *estar preparado.*	=	Penso *que estou preparado.*
Dizem *ter estado lá.*	=	Dizem *que estiveram lá.*
Fazendo assim, conseguirás.	=	*Se fizeres assim,* conseguirás.
Ao saber isso, entristeceu-se.	=	*Quando soube isso,* entristeceu-se.
Foi à festa *sem ser convidado.*	=	Foi à festa *sem que fosse convidado.*
Não falei *por não ter certeza.*	=	Não falei *porque não tinha certeza.*
Viam-se folhas *girando no ar.*	=	Viam-se folhas *que giravam no ar.*
Terminada a prova, fui para casa.	=	*Depois que terminei a prova,* fui para casa.
É bom *ficarmos atentos.*	=	É bom *que fiquemos atentos.*
Espero *poder chegar lá hoje.*	=	Espero *que poderei* (ou *possa*) *chegar lá hoje.*
Tenho a impressão *de o estar vendo.*	=	Tenho a impressão *de que o estou vendo.*
Disse-me *estar sendo perseguido pelo patrão.*	=	Disse-me *que está sendo perseguido pelo patrão.*

▪ reduzidas fixas

Há, no entanto, exemplos de reduzidas que não se prestam a tais desdobramentos. Haja vista:

Agrada-me *ouvir isso*.

Dispõem-se *a atacar o navio*.

Eu tinha vontade *de jogá-lo fora*.

Enriqueceu *vendendo frutas*.

"Seduz-me *auscultar os caminhos* que ainda não trilhei." (FERREIRA DE CASTRO)

2 CLASSIFICAÇÃO DAS ORAÇÕES REDUZIDAS

Há três tipos de orações reduzidas:

a) de *infinitivo*;

b) de *gerúndio*;

c) de *particípio*;

As orações reduzidas são quase sempre subordinadas e analisam-se como as desenvolvidas correspondentes, ou melhor, de acordo com a sua função no período. Exemplo:

Fui à cidade *para consultar o médico*.
para consultar o médico: subordinada adverbial final, reduzida de infinitivo

■ reduzidas de infinitivo

Podem ser:

a) Substantivas subjetivas:

Não convém *procederes assim*.

É possível *terem tão pouco interesse?!*

Não adianta nada *reclamarem da sorte*.

Vale a pena *estudar tantas matérias*?

Importa *prevenir os acidentes*.

Custou-lhe muito *concluir o curso superior*.

Tornara-se impossível *continuarem juntos*.

"É certo *ter vivido e morrido em Famalicão uma endiabrada mulher*, a quem chamaram Maria da Fonte." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Não me pesa *confessá-lo*." (CIRO DOS ANJOS)

"Até hoje, não me agrada *ver uma ave prisioneira*." (POVINA CAVALCÂNTI)

"Faz mal a Marcoré *ver mãe e avó desunidas*." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

"De nada servia *pegarem-me os dedos, tentarem dominá-los*." (GRACILIANO RAMOS)

Dói *ver essas crianças abandonadas*.

"Indispensável *os meninos entrarem no bom caminho*." (GRACILIANO RAMOS)

"Inútil *definir este animal aflito*." (ANTÔNIO GEDEÃO)

Encontrar Marcelo em casa é muito difícil.

Acabarem as flores num monte de lixo me causa tristeza.

b) Substantivas objetivas diretas:

O índio não aceita *viver sem liberdade*.

Não leve a mal *eu ter me referido a você*.

"Foi o que acreditei *ter lido nos olhos das alunas*." (CIRO DOS ANJOS)

"Achei uma injustiça *não me premiarem também*." (CIRO DOS ANJOS)

"Era esta a herança dos miseráveis, que ele sabia *não escassearem na quase solitária e meia arruinada Carteia*." (ALEXANDRE HERCULANO) [*meia* = meio]

c) Substantivas objetivas indiretas:

Nada me impede *de ir agora*.

Acusavam-no *de traficar pedras preciosas*.

"Ainda me não arrependo *de o haver restituído à liberdade*." (MACHADO DE ASSIS)

"Por que não aconselha sua sobrinha *a deixar essa profissão*, D. Glória?" (GRACILIANO RAMOS)

"Acostumei-me *a julgá-lo um bicho perigoso*." (GRACILIANO RAMOS)

O pai habituará os filhos *a respeitá-lo*.

d) Substantivas predicativas:

O essencial é *salvarmos a nossa alma*.

Sua vontade foi sempre *ser um grande jogador*.

Seu sonho era *morar no Rio*.

Recusar o computador seria *adiar a solução de muitos problemas humanos*.

O destino deles é *serem devorados pelos outros peixes*.

"O mais sensato seria *voltares para casa de teus pais*." (FERREIRA DE CASTRO)

Aparecem, em bons escritores, realçadas pela preposição expletiva *de*:

"Sabes tu, Gonçalo Nunes, que o dever de um alcaide é *de nunca entregar, por nenhum caso, o seu castelo a inimigos*...?" (ALEXANDRE HERCULANO)

e) Substantivas completivas nominais:

Tinha ânsia *de retornar à sua pátria*.

Estou disposto *a ir sozinho*.

Este piloto é capaz *de fazer incríveis acrobacias*.

O líder reafirmou seu propósito *de prosseguir nas negociações*.

"Recuou, muito pálida, receosa *de se contaminar*." (GRACILIANO RAMOS)

"Também das meninas é a obrigação *de trazer água para casa*." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

f) Substantivas apositivas:

És bonita e inteligente; só te falta uma coisa: *seres mais humilde*.

"Ele chegava aos cinquenta e cinco anos com apenas dois problemas: *não fumar e não comer em excesso*." (VIANA MOOG)

g) Adverbiais temporais:

Ao despedirem-se, choravam.

"*Ao perceber o logro*, Zezé desorientou-se." (CIRO DOS ANJOS)
Pense bem, *antes de falar*.
Não os deixei em paz, *até eles se decidirem*.

h) Adverbiais finais:
Os marinheiros deixaram os navios *a fim de conhecer a cidade*.
"O animal feroz mata *para se alimentar*." (FERNANDO NAMORA)
Para melhor fotografarem o eclipse solar, astrônomos subiram a doze mil metros, a bordo de um avião.
"Arrastei-me chorando, apalpando o chão, *a procurar qualquer coisa*." (GRACILIANO RAMOS)

i) Adverbiais concessivas:
Aprenderam a ler *sem terem frequentado escola*.
Apesar de (ou *não obstante*, ou *sem embargo de*) *ser ainda criança*, Marcelo não teve medo.

j) Adverbiais condicionais:
Você não sairá *sem antes me avisar*.
A ser eu rei, não faria outra coisa.
A prosseguirem esses crimes, ninguém mais terá sossego.
A julgar pelas aparências, Paulo e Vera são um casal feliz.

k) Adverbiais causais:
Marta não veio *por se achar doente*.
Por não gostar dos artistas, não vi o filme.
Comprarei os dois cavalos, *visto serem de boa raça*.
"Quase nos matam *de tanto nos abraçar*." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

l) Adverbiais consecutivas:
Muito distraído devia estar você *para não me ver na festa*.
Aquela cena impressionou-o muito, *a ponto de lhe tirar o sono*.
"Eu é que era jovem, *a ponto de provocar reparo*." (AMADEU DE QUEIRÓS)
Não podiam demorar-se mais, *sob pena de perderem o avião*.

m) Adverbiais modais:
Retirei-me discretamente, *sem ser percebido*.
"O funcionário da polícia tinha passado *sem fazer a saudação do costume*." (GRACILIANO RAMOS)
"Eugênia saiu *sem despedir-se do pai*." (CAMILO CASTELO BRANCO)
"Ela o encarou por algum tempo, em silêncio, *como a analisá-lo*." (ÉRICO VERÍSSIMO)

n) Adjetivas:
A morte é o último inimigo *a ser destruído por Cristo*.
O capitão não era homem *de se entregar facilmente*.
"Não sou homem [*de inventar coisas*], [*mas de contá-las*]." (RUBEM BRAGA)

Não constituem orações reduzidas os infinitivos:

- de locuções verbais:

  Deves ir já!

  Não *pode haver* dúvidas!

  Foi levar o recado.

  Viviam a elogiar os filhos.

  Provavelmente *andam* por aí *a cochichar* que...

  "Não havia por que *ficar* ali *a recriminar-se*." (ÉRICO VERÍSSIMO)

- substantivados:

  "*O comer* era quando Deus fosse servido." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

reduzidas de gerúndio

Estas orações podem ser:

a) Subordinadas adjetivas:

Passaram guardas *conduzindo presos*. [= guardas *que conduziam presos*]

Havia ali crianças *pedindo esmola*.

"Iam cinco soldados, *portando fuzis*." (LUÍS HENRIQUE TAVARES)

b) Adverbiais temporais:

Chegando lá, avise-me. [= *Quando chegar lá*, avise-me.]

"*Em aparecendo febre*, peço a qualquer tropeiro que chame o Dr. Felício dos Santos." (CARLOS DE LAET)

"Você, *varrendo o quarto*, não terá encontrado algumas?" (GRACILIANO RAMOS)

Cheguei a Belém três dias depois, *tendo rodado mais de quatro mil quilômetros*.

c) Adverbiais concessivas:

Admira-me que, *sendo tão esperto*, você tenha acreditado neles.

Mesmo correndo, não o alcançou.

"... *não sendo religioso*, mandei dizer uma missa pelo eterno descanso do coronel." [= *embora não fosse religioso*] (MACHADO DE ASSIS)

"Abomina o espírito de fantasia, *sendo dos* que mais o possuem." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE) [*sendo* = embora seja]

"Eu não podia entender a hostilidade de meu tio, *sabendo embora* que ele não era de rir à toa para mim." (JOSÉ J. VEIGA)

d) Adverbiais condicionais:

Ficando aí, nada verás. [= *Se ficares aí*, nada verás.]

Estudando, você aprenderá em pouco tempo.

"Chegarás facilmente lá, *querendo*." (SAID ALI)

"Havia uma técnica para soltar busca-pé, a fim de evitar que, *estourando* ao acendê-lo, arrebentasse na mão." (POVINA CAVALCÂNTI)

e) Adverbiais causais:

Estando adoentado, não saí de casa. [= *Como estava adoentado*]

Prevendo uma resposta indelicada, não o interroguei.

"*Julgando inúteis as cautelas*, curvei-me à fatalidade." (GRACILIANO RAMOS)

Tendo perdido o dinheiro, João viu-se obrigado a voltar a pé.

Agora veja que errei *mantendo-me calado*.

f) Adverbiais modais:

Aprendeu-se um ofício *praticando-o*.

O homem entrou na sala *dando empurrões*.

"Caminhava ao meu encontro, *sinistramente sorrindo*." (CECÍLIA MEIRELES)

As alunas espalharam-se pelo pátio, *rindo e papagueando*.

"O ladrão abriu a porta *servindo-se de gazua*." (SAID ALI)

"Tive a ideia extravagante de chegar à cidade *andando sobre as árvores*." (GRACILIANO RAMOS)

A oração adverbial modal traduz o modo como se realiza o fato expresso pela oração principal.

Observação:

✔ As orações adverbiais modais não são mencionadas na NGB.

g) Adverbiais conformativas:

Seguindo velho hábito, ele e a esposa iam juntos ao culto divino na igreja da paróquia." (ÉRICO VERÍSSIMO)

h) Coordenadas aditivas:

A mãe aconchegou a criança e a beijou, *largando-a, em seguida*.

[*largando-a, em seguida* = e a largou, em seguida]

O balão subiu rapidamente, *desaparecendo no céu*.

"Ela [a capitania de Itamaracá] se iniciava na baía da Traição, na Paraíba, *prolongando-se até a ponta sul da ilha de Itamaracá*." (EDUARDO BUENO)

As coordenadas aditivas traduzem fatos imediatos, ações subsequentes a (não consequentes de) outras. Essas orações são de difícil classificação. Optamos pela que nos parece melhor.

Não constituem orações reduzidas os gerúndios de locuções verbais como:

Foi andando devagar até a beira do abismo.

O médico *está viajando*.

Fiquei sabendo muitas coisas a respeito desse artista.

reduzidas de particípio

Apresentam-se com essa forma orações:

a) Subordinadas adjetivas:

Esta é a notícia *divulgada pela imprensa*. [= *que foi divulgada pela imprensa*]

O menino trouxe a gaiola, *feita pelo pai.*

As histórias *contadas por ele* têm muita graça.

"Era um burrinho pedrês, miúdo e resignado, *vindo de Passa-Tempo.*" (GUIMARÃES ROSA) [*vindo* = que veio]

Observação:

✔ Em muitos casos, os particípios são meros adjetivos, devendo ser analisados, conforme o caso, como adjuntos adnominais ou predicativos:

São dez os alunos *aprovados.* → adjunto adnominal

Vi *jogada* no chão a minha blusa verde. → predicativo do objeto

b) Adverbiais temporais:

Abertas as portas, entraram as visitas. [= *Depois que foram abertas as portas*]

Feito isto, podem sair.

"*Findas as lições*, espaçou as visitas, sumiu-se afinal." (GRACILIANO RAMOS)

Chegados que fomos àquela cidade, procuramos um hotel.

"*Concluída que foi a cabana*, instalaram-se contentes." (COELHO NETO)

Observação:

✔ É expletiva ou de realce a sequência *que* + verbo *ser* que ocorre em orações adverbiais temporais como as dos últimos dois exemplos.

c) Adverbiais concessivas:

Mesmo oprimidos, não cederemos. [= *Mesmo que sejamos oprimidos*]

Sitiada por um inimigo implacável, a cidade não se rendeu.

d) Adverbiais condicionais:

"*Aceita a força por fundamento jurídico*, então o mundo seria uma arena de feras." (JÔNATAS SERRANO) [*Aceita* = Se fosse aceita]

e) Adverbiais causais:

Surpreendidos por repentina chuva, pusemo-nos a correr. [*Surpreendidos* = *Como fomos surpreendidos*]

"*Muito ocupado no Asilo*, não tenho com quem deixar os órfãos." (OTTO LARA RESENDE)

Observação sobre orações reduzidas:

✔ Inúmeras orações reduzidas, mormente adverbiais, prestam-se a mais de uma interpretação. As fronteiras entre os diversos tipos nem sempre são nítidas. Nem faltam exemplos de orações reduzidas que não se enquadram nos esquemas da NGB. Haja vista:

Forçaram o preso a confessar o crime, *torturando-o.* (oração adverbial de meio ou de modo)

Em vez de (ou *longe de*, ou *em lugar de*) *se abandonar ao desânimo*, ele reagiu e venceu. (oração adverbial de exclusão ou de negação)

Não fez nada o mês inteiro, *a não ser* (ou *senão*) *passear*. (oração adverbial de exceção)

Sobre (ou *além de*) *serem rápidos*, os jogadores eram fortes. (oração coordenada aditiva)

"Recebeu a joia, *entregando-a depois à esposa*." (SAID ALI) (oração coordenada aditiva)

Tenha-se em mente, porém, que o fundamental não é saber classificar as orações, mas usá-las com acerto, na prática da comunicação oral e escrita.

O emprego criterioso das orações reduzidas assegura à linguagem concisão e elegância. Quem escreve há de saber utilizar oportunamente ora a forma plena, ora a forma reduzida.

EXERCÍCIOS LISTA 48

1. Siga o exemplo, transformando os termos destacados em orações reduzidas:

Isabel não suportava **o trato com pessoas mal-educadas**.

Isabel não suportava **tratar com pessoas mal-educadas**.

a) Seria muito ruim para nós **a divulgação de falsidades**.

b) Economizei dinheiro para **a aquisição de um gravador**.

c) A vantagem deles é **o conhecimento de todos os segredos da selva**.

2. As orações em destaque são substantivas reduzidas de infinitivo. Numere-as, de acordo com o indicado:

(1) subjetiva

(2) objetiva direta

(3) objetiva indireta

(4) completiva nominal

(5) predicativa

(6) apositiva

Aconselharam-me a **desfazer o noivado**.

Todos conheciam a mania de Laura: **empenhar joias**.

Depende de V. Sa. **libertar esses presos**.

Um de seus passatempos é **colecionar selos**.

Parti com a doce esperança **de encontrar meu amor**.

Lamento **ter perdido essa oportunidade**.

3. Em seu caderno, reorganize as duas colunas, classificando corretamente as orações adverbiais reduzidas de infinitivo:

Não podia demorar-me, **sob pena de perder o avião**.	causal
Retirei-me discretamente, **sem ser percebido**.	concessiva
É difícil curar um mal **sem lhe conhecer as causas**.	condicional
Ao clarear o dia, descemos da montanha.	consecutiva
Não pude viajar **por ter perdido o dinheiro**.	final
Tirou o cachimbo da boca **a fim de poder falar**.	modal
Apesar de ser mais fraco, Davi matou Golias.	temporal

4. Classifique as orações adverbiais reduzidas de gerúndio, numerando-as adequadamente:

(1) causal (3) modal
(2) condicional (4) temporal

Aumentando-se a produção, a exportação crescerá.
Vendo-se perdido, o toureiro gritou por socorro.
Chegando ao alto da árvore, sacudiu-a fortemente.
Matou as formigas esmagando-as com o calcanhar.

5. Classifique as orações adverbiais reduzidas de particípio, numerando-as:

(1) causal (3) condicional
(2) concessiva (4) temporal

Terminado o almoço, comentamos as notícias do dia.
Ofendido pelo empregado, o patrão descontrolou-se.
Mesmo picado por uma jararaca, o novilho não morreu.
Instituída a pena de morte, o crime diminuiria?

6. Copie a única oração reduzida que não é adjetiva:

A estrada **a ser construída pelo governo** terá 500 km de extensão.
O menino trouxe a gaiola, **feita na véspera pelo pai**.
Incumbiram-me **de apascentar um rebanho de ovelhas**.
Ouvimos a voz da araponga **cortando o silêncio da mata**.
Ernesto não era homem **de levar desaforo para casa**.

7. Desenvolva as orações reduzidas:

a) **Hasteada a bandeira por um capitão**, cantou-se o Hino Nacional.

b) Hoje cedo, **indo ao quintal**, surpreendi a pereira toda florida.

c) Iremos nós mesmos, **sendo preciso**.

d) **Prevendo uma recepção fria**, não fui visitá-lo.

e) À beira da estrada, vimos crianças **empinando papagaios**.

f) Os moradores de um edifício em chamas, **ao saltar das janelas**, deveriam cair em redes protetoras.

g) Não os deixei em paz **até eles se decidirem**.

h) Então você se apaixonou pela moça **antes de conhecê-la**?

i) Nos eclipses, a Lua escurece **por entrar no cone de sombra da Terra**.

j) Dizem os retirantes **ter passado muitas privações na cidade grande**.

8. Classifique as orações reduzidas[1]:

a) "É preciso trabalhar todos os dias pela alegria geral." (TIAGO DE MELO)

b) Garantiu-me o pescador serem baleias aquelas manchas escuras.

c) A grande pedra parecia uma sentinela vigiando a planície.

d) "Chegando a Nápoles, cresceram-lhe desejos de subir ao Vesúvio." (CARLOS DE LAET)

e) Urge erradicar da televisão brasileira todo conteúdo negativo.

f) Eles vangloriam-se de ter escalado o mais alto pico do Brasil.

g) O sapateiro tinha a pretensão de se tornar prefeito da cidade.

h) "Um sonho tinha: possuir um barco para apanhar peixe grande." (ADONIAS FILHO)

i) Não tendo interesse no caso, não intervim.

j) Apesar de possuir asas, o pinguim não voa.

k) Ela não tem culpa de ser rica, como ele de ser pobre.

9. As orações reduzidas em destaque do período abaixo são, respectivamente:

substantiva subjetiva – substantiva objetiva direta

substantiva objetiva direta – substantiva subjetiva

substantiva predicativa – substantiva subjetiva

substantiva subjetiva – substantiva apositiva

"Convém **lembrar** que os defensores dos UFOS acreditam **serem os discos naves espaciais de origem extraterrena**." (RONALDO DE FREITAS MOURÃO)

10. Classifique as orações reduzidas:

a) "Não descrevo as festas por não interessarem ao nosso propósito." (MACHADO DE ASSIS)

b) Eu achava estupidez exigirem tanto esforço de uma criança.

c) "Proibidas que foram as entradas livres, enfureceram-se os colonos e arderam em fúrias contra os jesuítas." (CARLOS DE LAET)

d) "Doeu-lhe ver espalhados sobre a sua cama os fragmentos coloridos." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

e) "A continuar assim, não vou longe." (OTTO LARA RESENDE)

f) "Estaria transformado a ponto de não ser reconhecido?" (GRACILIANO RAMOS)

g) Eles têm a preocupação de não deixar o menor vestígio por onde passam.

h) A dificuldade era discernir a amizade do interesse.

i) A selva, habitada por animais ferozes, estava à nossa espera.

---

(1) Quando se classificam orações reduzidas, não é preciso desenvolvê-las, mas pode-se fazê-lo mentalmente, o que, sem dúvida, ajudará a classificá-las com acerto.

j) "Tio Maxêncio ainda não te perdoou não teres descido para a missa de sétimo dia." (José Geraldo Vieira)

k) "Custa corrigir velhos hábitos." (Celso Luft)

l) "A rainha e a corte francesa adotaram o hábito de fumar." (Eduardo Bueno)

11. Copie os períodos numerando-os de acordo com o tipo de oração reduzida em destaque:

(1) substantiva subjetiva
(2) substantiva objetiva direta
(3) substantiva objetiva indireta
(4) substantiva completiva nominal

"Aconselhou-me **a não o ler**." (Graciliano Ramos)

"Faz mal a Marcoré **ver mãe e avó desunidas**." (A. Olavo Pereira)

"Exortou-me **a botar a mão na consciência**." (Carlos Drummond de Andrade)

"Sou avesso **a derramar sangue humano**." (Carlos de Laet)

Eu estava com sede e curioso **de experimentar aquela bebida**.

A Funai informou **ter demarcado a reserva indígena**.

"É uma obrigação **pagar a dívida ao velho**." (Adonias Filho)

Muitos preferem morrer lutando **a viver sem liberdade**.

"O treinador do clube observava o interesse do rapaz **em melhorar o nado livre**." (José Fonseca Fernandes)

12. Destaque do período seguinte as orações reduzidas, conforme se pede:

"E, aos brigões, incapazes de se moverem, basta-lhes xingarem-se à distância." (Dalton Trevisan)

a) subordinada substantiva subjetiva

b) subordinada substantiva completiva nominal

13. Converta as orações subordinadas em destaque nas reduzidas correspondentes:

a) **Se tudo correr bem**, chegaremos antes do sol posto.

b) **Assim que nos viu**, correu a nosso encontro.

c) **Como a rua fosse estreita**, os namorados falavam-se das janelas.

d) Acreditamos **que há outras soluções possíveis para o problema dos transportes**.

e) **Depois que a notícia foi divulgada pela imprensa**, houve na cidade manifestações de desagrado.

f) Tenho consciência **de que agi corretamente**.

g) Diz-se **que nos diademas dos reis há mais espinhos do que rosas**.

h) Noticia-se **que foram encontrados por um garimpeiro de Goiás dois grandes diamantes**.

i) Descobri, atônito, **que estava contribuindo para a minha própria ruína**.

j) Foste punido **porque não seguiste os conselhos de teus pais**.

14. Como o exercício anterior:

a) **Embora tenhas vivido nesta cidade desde criança**, ainda não lhe conheces os arredores?

b) **Se fosse posta em prática**, esta doutrina seria a solução de muitos problemas sociais.

c) **Quando se vence com perigo**, triunfa-se com glória.

d) Os jovens, **como não têm ainda ideias claras e definitivas**, flutuam à mercê de múltiplas correntes filosóficas.

e) É absurdo **que se deixem criminosos em paz** até que eles resolvam emendar-se sozinhos.

f) Lembro-me **de que achei estranha aquela casa**.

g) Sugeri **que comêssemos o peixe no almoço**.

h) Na ilha vi milhares de asas **que obscureciam o sol**.

i) Pelo caminho ouvi **que repetiam a música do filme**.

j) O rádio espalhou a notícia, **que foi confirmada depois pelos jornais**.

k) Às vezes acontecia **que encontravam alguma jaca madura** e então era aquela festa.

l) A vida é um palco: **depois que acabar a representação e cerrarem-se as cortinas**, só restarão dois personagens, você e Deus.

15. Copie as reduzidas fixas, isto é, que não admitem a forma desenvolvida:

"O divertimento dele era **decepar cabeça de saúva**." (MÁRIO DE ANDRADE)

Recusei-me **a assinar o papel em branco**.

Ao atravessar uma rua, ele olhava à direita e à esquerda.

"**Repetindo o gesto do capelão da frota de Colombo**, o Papa beijou a terra do Novo Mundo." (MANCHETE, 10/2/1979)

16. Orientado pelo esquema, substitua as orações desenvolvidas em destaque pelas equivalentes reduzidas de infinitivo:

1) Informaram que não **há** (ou **havia**) mais ingressos. [presente ou pretérito imperfeito]
Informaram não **haver** mais ingressos. [infinitivo presente]

2) Mauro disse que **fez** (ou **fizera**) boa prova. [pretérito perfeito ou mais-que-perfeito]
Mauro disse **ter feito** boa prova. [infinitivo pretérito]

a) Causou estranheza o fato **de que seus corpos flutuavam no espaço**.

b) Foi **porque montou cavalo xucro** que Saul quebrou a perna.

c) O rádio informa **que não há previsão para o restabelecimento do tráfego aéreo**.

d) Pescadores afirmaram **que viram um objeto voador não identificado**.

e) O menino deveria ter uns dez anos e via-se **que recebera boa educação**.

f) Helena parece **que não gostou da brincadeira de suas colegas**.

g) Chegaram dois homens dizendo **que eram os legítimos donos daquelas terras**.

h) Das vinganças de Henrique Heine disse alguém **que eram** como as de Apolo, que de um talho arrancou a pele ao sátiro Mársias.

i) Seria conveniente que não fosses à festa **sem que te vestisses de acordo com a moda**.

17. Os períodos seguintes estão mal redigidos, devido à desagradável repetição da palavra **que**. Melhore-os, substituindo as orações em destaque pelas reduzidas correspondentes:

a) Li no jornal umas notícias que depois averiguei **que não tinham fundamento**.

b) Marquei consulta com o Dr. Clemente, um médico que diziam **que era muito bom**.

c) Todos esses edifícios, enormes e assustadores, que parece **que querem esmagar-nos**, são a prova concreta de uma falsa civilização.

d) Guardarei com amor esta carta, que dizes **que escreveste num banco de jardim**.

e) Dizem as crônicas que algumas pessoas afirmavam **que tinham visto cascavéis** dançando no peito do vereador.

f) Referiu-me que uma freira, recentemente chegada, lhe disse **que há por lá sérios receios** de que se deflagre nova guerra.

g) O chefe do grupo considerou **que era demasiado perigoso que alguns dos homens se arriscassem** a entrar naquela selva dominada pelos índios.

h) A mesma pessoa que me disse **que o dito farmacêutico mudou de nome** afirmou, entretanto, **que era de ascendência italiana** e **que exercera já a profissão de escultor**.

i) Aquelas rochas atraem a atenção dos arqueólogos **porque têm marcas** que se acredita **que são vestígios de antiga civilização**.

18. Forme períodos em que figurem orações reduzidas iniciadas pelas locuções prepositivas **longe de**, **a ponto de**, **sob pena de**, **a despeito de**.

19. Escreva as orações subordinadas reduzidas, transformando-as em desenvolvidas.

a) Terminada a leitura da peça, o debate começou.

b) É importante cultivares boas amizades.

c) Percebendo minha tristeza, calou-se.

20. Transforme as orações subordinadas desenvolvidas em reduzidas:

a) Nossa intenção era que participássemos do congresso.

b) Quando a recepção terminou, todos estavam entusiasmados.

c) Penso que estou preparado para tudo.

21. Localize no exercício 19 exemplos de:

a) oração reduzida de infinitivo;

b) oração reduzida de gerúndio;

c) oração reduzida de particípio.

22. Desenvolva a oração reduzida abaixo de duas maneiras diferentes. Depois, classifique cada uma delas.

Consertando o carro, ele rodará ainda muitos quilômetros.

23. Desenvolva as orações reduzidas por meio de pronomes relativos:

a) No colégio, vi um garoto pulando o muro.

b) Você já ouviu os CDs comprados pelo Grêmio?

c) Observei durante longo tempo os médicos discutindo a situação.

d) Havia ali muitos homens procurando emprego.

ORAÇÕES REDUZIDAS
Exercícios de exames e concursos
[Página 686]

ESTUDO COMPLEMENTAR DO PERÍODO COMPOSTO

No *período composto* podem ocorrer:

a) orações subordinadas justapostas, isto é, sem conectivo:

"*Há seis meses* depusemos Sílvia na campa, ao lado de seu Camilo." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

"Conheciam-se já provavelmente, *tão familiares se mostravam*." (FERNANDO NAMORA)

"Lembra-me *quão penoso foi o encontro com o passado*." (CIRO DOS ANJOS)

"Ficou resolvido *se fizesse, em nome do povo, uma representação ao Imperador*." (VIRIATO CORREIA)

"A carinha podia ser de chinesa, *fossem os olhos mais enviesados*." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"De maio a agosto, ninguém podia tomar banho no rio, *dava febre*." (JOSÉ J. VEIGA)

b) orações cujo verbo está elíptico, isto é, subentendido:

"*Tão bom* se ela estivesse viva para me ver assim!" (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

[*Tão bom* = Seria tão bom]

"*Absurdo* alguém viver num lugar onde se apertavam tantas casas." (GRACILIANO RAMOS)
[*Absurdo* = Era absurdo]

"Carteia está deserta, *como as demais povoações vizinhas*." (ALEXANDRE HERCULANO)

"E nunca se sabia *como, quando* e com que armas ia atacar." (ÉRICO VERÍSSIMO)

"Olha-me com ar, *se não de censura*, de ressentimento." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

"*Humilde embora a choupana* a que se bata, sempre se é acolhido com afabilidade." (AFONSO CELSO)

"A coleira não aprisionava nem tigre nem leão, *mas um menino*." (HAROLDO BRUNO)

"Não sei se é lua, *se apenas um rastro de nuvem no azul triste do dia*." (CECÍLIA MEIRELES)

O candidato promete que, *se eleito*, fará amplas reformas.

c) orações interferentes, que estudaremos a seguir.

1 ORAÇÕES INTERFERENTES

Às orações que se acrescentam "à margem" da frase, como esclarecimento, observação, ressalva, etc., dá-se o nome de *interferentes* ou *intercaladas*.

- Semelhantes orações interferem na sequência lógica da frase, sendo elementos estranhos à estrutura do período. Exemplos:

  "Melhor seria eu ir para o forno (*e o de lá de casa era enorme*), para ao menos eu ir assando ao fogo lento." (LUÍS JARDIM)

  "Se não me atirasse às bananas (*devo ter comido meia dúzia*), não poderia ter feito as milhares de coisas que fiz." (LÍGIA FAGUNDES TELLES)

  "Desta vez, *disse ele*, vais para a Europa." (MACHADO DE ASSIS)

  "É muito esperto o seu menino, *exclamaram os ouvintes*." (MACHADO DE ASSIS)

  "É bem feiozinho, *benza-o Deus*, o tal teu amigo!" (ALUÍSIO AZEVEDO)

  "Rico, e muito rico – *pensava Caúla* – quem possuía um barco como aquele!" (ADONIAS FILHO)

  "Tive (*por que não direi tudo?*), tive remorsos." (MACHADO DE ASSIS)

  "Esta obra de arte popular até hoje se conservou inédita, *creio eu*." (GRACILIANO RAMOS)

  "No monte Calvário (*relembra o nosso grande Vieira*), esteve a Senhora sempre ao pé da Cruz..." (CARLOS DE LAET)

  "Notei, *é verdade*, as pedras roídas nos alicerces." (ANÍBAL MACHADO)

  "O espaço desta campanha de norte a sul (*aqui chamo, senhores, vossa atenção*) é de mais de 300 léguas por costa." (CARLOS DE LAET)

  Meus irmãos (*digo-o com tristeza*) desviaram-se do bom caminho.

  Nenhum destes historiadores, *que eu saiba*, faz referência àquele episódio.

- Às vezes, não é apenas uma oração que se insere na frase, mas um período composto, como neste exemplo:

  A cidade, caso o tempo esteja bom – *e não há quem admita o contrário* –, terá este ano um carnaval animadíssimo.

Observação:

✔ As orações interferentes são de largo uso no discurso direto. Veja pág. 643.

Divergem os autores quanto à classificação das orações interferentes. Entendemos que são orações independentes justapostas. Na análise sintática, basta dizer: oração ou período interferente.

EXERCÍCIOS — LISTA 49

1. Escreva somente os períodos em que há orações subordinadas justapostas, isto é, sem conectivo:

a) Não fossem as aves, os insetos nocivos acabariam com as plantas.

b) Qualquer que seja o resultado, permanecerei tranquilo.

c) Perguntaram a que horas o patrão tinha passado pela ponte.

d) Nada o contentará enquanto não tiver a paz interior.

e) Ela pediu às autoridades transferissem o irmão para outro presídio.

2. Transcreva os períodos e sublinhe as orações cujo verbo está subentendido e enuncie esse verbo:

a) A terra era fértil, os rios piscosos e grande o número de animais.

b) "A chuva havia parado, mas o vento não." (SÉRGIO FARACO)

c) "À tarde houve cavalhadas e à noite quermesse." (ÉRICO VERÍSSIMO)

d) "Não se sabia como, quando e com que armas ia atacar." (ÉRICO VERÍSSIMO)

e) O candidato promete que, se eleito, fará amplas reformas.

f) Ela o atraía irresistivelmente, como o ímã ao ferro.

g) Donde terá provindo a vida? Porventura do acaso?

3. Copie os períodos abaixo e sublinhe as orações ou os períodos interferentes:

a) Velhos prédios da Rua do Catete são uma ameaça para os pedestres (pedaços de fachadas tombam no passeio) e podem desabar a qualquer momento.

b) "Tudo que se pode ter de felicidade aqui debaixo deste céu (fez um gesto de declamadora de cidade pequena) a vida me deu." (ELSIE LESSA)

c) "Se eu alteasse o choro, se gritasse – a minha mãe ameaçava – a surra se duplicaria." (LUÍS JARDIM)

d) "Tenho passado por boas, observei, e não me consta que te houvesses interessado por mim." (CARLOS DE LAET)

e) Apesar da chuva e do campo enlameado – até o meio-dia o jogo correu o risco de ser transferido –, a atuação das duas equipes agradou bastante, sobretudo pelas boas jogadas dos ataques.

f) "No bolso do capote, por que não confessar, ia uma garrafinha de um horrível conhaque de contrabando que eu arranjara em Pistoia." (RUBEM BRAGA)

4. Fazendo uso da elipse, redija frases de estrutura semelhante à das seguintes:

a) Absurdo pretender melhorar o mundo sem melhorar o homem.

b) Acanhado, as orelhas ardendo, repeli o elogio: os meus escritos eram fracos, não prestavam.

c) Criatura estranha o filósofo Diógenes, que morava num tonel.

d) A voz áspera, modos sacudidos, ranzinza, impertinente, Fernando era assim.

e) "Veio sem pintura, um vestido leve, sandálias coloridas." (RUBEM BRAGA)

5. Organize períodos em que figurem orações semelhantes às em destaque:

a) Aquela dura sentença, **longe de me abalar**, até me envaideceu.

b) Não só se envergonhava do pai, **como também não o amava**.

c) **Por mais que eu tenha insistido**, não me atendeu.

d) Não se sentava **que não enterrasse a cara nas mãos**.

e) **Tivesse eu os teus recursos**, e quantas coisas haveria de realizar!

f) A planície parecia não ter fim, **de tão extensa que era**.

g) "**Nem bem a porta fechou**, Casimiro redarguiu, agressivo..." (José Fonseca Fernandes)

h) A tempestade fustigava a natureza, **a floresta e o rio como que se contorciam de dor**.

2 MODELOS DE ANÁLISE SINTÁTICA

1

"A ordem, meus amigos, é a base do governo."

(Machado de Assis)

Período simples; oração absoluta (única no período).

Sujeito: A ordem

Predicado: é a base do governo (*nominal*)

Verbo: é (*de ligação*)

Predicativo do sujeito: a base do governo

Adjuntos adnominais: a, meus, a, do governo

Vocativo: meus amigos

2

A	B
[Netuno é deus do mar,]	**[mas Baco tem afogado mais gente.]**

Período composto por coordenação.

A) oração coordenada assindética

Sujeito: Netuno

Predicado: é deus do mar (*nominal*)

Verbo: é (*de ligação*)

Predicativo do sujeito: deus do mar

Adjunto adnominal: do mar

B) oração coordenada adversativa sindética

Sujeito: Baco

Predicado: tem afogado mais gente (*verbal*)

Verbo: tem afogado (*transitivo direto*)

Objeto direto: mais gente

Adjunto adnominal: mais

Conectivo coordenativo: mas

3

A B C

[Se bem que eu não o julgue insensível à arte,] [admira-me] [vê-lo assim tão entusiasmado.]

Período composto por subordinação.

A) oração subordinada adverbial concessiva

Sujeito: eu

Predicado: não o julgue insensível à arte (*verbo-nominal*)

Verbo: julgue (*transitivo direto*)

Objeto direto: o

Predicativo do objeto: insensível

Complemento nominal: à arte

Adjunto adverbial de negação: não

Conectivo subordinativo: se bem que

B) oração principal

Sujeito: a oração *C*

Predicado: admira-me (*verbal*)

Verbo: admira (*transitivo direto*)

Objeto direto: me

C) oração sub. subst. subjetiva, reduzida de infinitivo

Sujeito: eu (*oculto*)

Predicado: vê-lo assim tão entusiasmado (*verbo-nominal*)

Verbo: ver (*transitivo direto*)

Objeto direto: o

Predicativo do objeto: entusiasmado

Adjunto adverbial de modo: assim

Adjunto adverbial de intensidade: tão

4

A B A

["Todos os médicos [a quem contei as moléstias dele] foram acordes]

C D E

[em que a morte era certa,] [e só se admiravam] [de ter resistido tanto tempo."]

(MACHADO DE ASSIS)

Período composto por subordinação e coordenação.

A) oração principal

B) oração subordinada adjetiva restritiva

C) oração subordinada substantiva completiva nominal

D) oração coordenada aditiva sindética, principal relativamente à seguinte

E) oração subordinada substantiva objetiva indireta, reduzida de infinitivo

Análise de alguns termos: *quem*, objeto indireto; *dele*, adjunto adnominal; *acordes*, predicativo do sujeito; *tanto*, adjunto adnominal.

5

A **B**

["Certamente, para o garoto o ideal seria] [que todos fossem embora]

C

[e ele tomasse posse da cápsula.]

(CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

Período composto por subordinação e coordenação.

A) oração principal

B) oração subordinada substantiva predicativa

C) oração subordinada substantiva predicativa coordenada à oração *B* (elipse da conjunção integrante *que*: e **que** ele tomasse posse da cápsula)

Análise de alguns termos: *certamente*, adjunto adverbial de afirmação; *garoto*, adjunto adverbial de interesse; *ideal*, sujeito; *tomasse posse* [= *se apossasse*], núcleo do predicado; *cápsula*, objeto indireto.

Análise também aceitável: *tomasse*, núcleo do predicado; *posse*, objeto direto; *cápsula*, complemento nominal.

Observação:

✔ **Cápsula**. Cabine de uma nave espacial.

EXERCÍCIOS — LISTA 50

1. Converta os termos destacados em orações e classifique-as:

a) Quero **sua colaboração**.

b) É necessária nossa **participação**.

c) Tenho necessidade **de sua ajuda**.

d) O mais importante é **a devolução do nosso dinheiro**.

e) Peço-te apenas uma coisa: **o reconhecimento da verdade**.

2. Transforme os períodos simples em compostos utilizando pronome relativo. Oriente-se pelo exemplo.

Estudo em uma escola religiosa. A escola tem muitos alunos.

A escola em que estudo tem muitos alunos.

a) Seu José é ótimo contador. Seu José mora em minha rua.

b) Temos novos funcionários. Esses funcionários foram aprovados em concurso.

c) Paulo é uma pessoa admirável. Podemos contar sempre com ele.

3. Escreva os períodos substituindo os adjuntos adverbiais grifados por orações subordinadas adverbiais equivalentes.

a) *À noite*, retornávamos a nossos lares.

b) Enviaremos o resultado do exame *para a realização do inquérito*.

c) *Apesar de sua agressividade*, Carlinhos é um ótimo garoto.

d) Não terminei o relatório *por falta de dados*.

e) Saíram *no término da festa*.

4. Classifique as orações adverbiais que formulou no exercício anterior.

5. Escreva os períodos acrescentando orações subordinadas adjetivas às principais.

a) O campeão * não participará da próxima competição.

b) A secretária * trabalha na sala ao lado.

c) O livro * é muito interessante.

d) A vila * não existe mais.

e) O colégio * é muito bom.

6. Explique a diferença de sentido que existe entre as frases abaixo:

a) Meu irmão, que mora em Botucatu, virá amanhã.

b) Meu irmão que mora em Botucatu virá amanhã.

ESTUDO COMPLEMENTAR DO PERÍODO COMPOSTO
Exercícios de exames e concursos
[Página 685]

SINAIS DE PONTUAÇÃO

Tríplice é a finalidade dos sinais de pontuação:

a) assinalar as pausas e as inflexões da voz (a entonação) na leitura;

b) separar palavras, expressões e orações que devem ser destacadas;

c) esclarecer o sentido da frase, afastando qualquer ambiguidade.

Não há uniformidade entre os escritores quanto ao emprego dos sinais de pontuação. Não sendo possível traçar normas rigorosas sobre a matéria, daremos aqui apenas as que o uso geral vem sancionando, na atual língua escrita.

1 EMPREGO DA VÍRGULA

A) Emprega-se a vírgula:

- para separar palavras ou orações justapostas assindéticas:

  A terra, o mar, o céu, tudo apregoa a glória de Deus.
  Os passantes chegam, olham, perguntam e prosseguem.

- para separar vocativos:

  "Olha, *Roque*, você me vai dar um remédio." (MENOTTI DEL PICCHIA)

- para separar apostos e certos predicativos:

  São Marcelino Champagnat, *fundador da Congregação dos Irmãos Maristas*, destaca-se entre os grandes educadores da juventude.

  "*Pássaro e lesma*, o homem oscila entre o desejo de voar e o desejo de arrastar." (GUSTAVO CORÇÃO)

  Lentos e tristes, os retirantes iam passando.

- para separar orações intercaladas e outras de caráter explicativo:

  A História, *diz Cícero*, é a mestra da vida.
  Segundo afirmam, há no mundo 396.000 espécies vivas de animais.

  "O jornal, *como o entendem hoje em dia*, é o mergulho absoluto na intensidade da vida." (FÉLIX PACHECO)

- para separar certas expressões explicativas ou retificativas, como *isto é, a saber, por exemplo, ou melhor, ou antes*, etc. Exemplo:

  O amor, *isto é*, o mais forte e sublime dos sentimentos humanos, tem seu princípio em Deus.

- para separar orações adjetivas explicativas:

  Pelas 11h do dia, *que foi de sol ardente*, alcançamos a margem do rio Paraná.
  "O coronel ia enchendo o tambor do revólver, *do qual nunca se apartava*." (HERBERTO SALES)

- de modo geral, para separar orações adverbiais desenvolvidas:

  Enquanto o marido pescava, Rosa ficava pintando a paisagem.

- para separar orações adverbiais reduzidas:

  "Dali eu via, *sem ser visto*, a sala de visitas." (LÚCIO DE MENDONÇA)
  "*Findas as lições*, espaçou as visitas, sumiu-se afinal." (GRACILIANO RAMOS)
  "O tiroteio inesperado, *violentando a paz da noite*, fez a cidade estremecer..." (HERBERTO SALES)

- para separar adjuntos adverbiais:

  "Eis que, *aos poucos, lá para as bandas do oriente*, clareia um cantinho do céu." (VISCONDE DE TAUNAY)
  "*Com mais de setenta anos*, andava a pé." (GRACILIANO RAMOS)
  O adjunto adverbial, quando breve, pode dispensar a vírgula:
  "*Dentro do navio* homens e mulheres conversavam." (JORGE AMADO)

- para indicar a elipse de um termo:

  Uns diziam que se matou, outros, que fora para o Acre. [= outros *diziam* que fora para o Acre.]
  "Às vezes sobe aos ramos da árvore; outras, remexe o uru de palha matizada." (JOSÉ DE ALENCAR) [= outras *vezes*]

- para separar certas conjunções pospositivas, como *porém, contudo, pois, entretanto, portanto*, etc.:

  "Vens, *pois*, anunciar-me uma desventura." (ALEXANDRE HERCULANO)
  "As pessoas delicadas, *contudo*, haviam desde a véspera abandonado a cidade." (JOÃO RIBEIRO)

- para separar os elementos paralelos de um provérbio:

  Mocidade ociosa, velhice vergonhosa.

- para separar termos que desejamos realçar:

  O dinheiro, Jaime o trazia escondido nas mangas do paletó.

- para separar, nas datas, o nome do lugar:

  Rio de Janeiro, 10 de maio de 2000.

B) Não se emprega vírgula:

- entre o sujeito e o verbo da oração, quando juntos:

  Atletas de várias nacionalidades participarão da grande maratona.

Observação:

✔ Se entre o sujeito e o verbo ocorrer adjunto ou oração, com pausas obrigatórias, terá lugar a vírgula:

Meus olhos, *devido à fumaça*, ardiam e lacrimejavam muito.

As crianças, *quando os pais as tratam mal*, tornam-se agressivas.

- entre o verbo e seus complementos, quando juntos:

  Dona Elza pediu ao diretor do colégio que colocasse o filho em outra turma.

- em geral, antes de oração adverbial consecutiva do tipo:

  O vento soprou tão forte *que arrancou mais de uma árvore*.

2 PONTO E VÍRGULA

O ponto e vírgula denota uma pausa mais sensível que a vírgula e emprega-se principalmente:

- para separar orações coordenadas de certa extensão:

  "Depois Iracema quebrou a flecha homicida; deu a haste ao desconhecido, guardando consigo a ponta farpada." (José de Alencar)

  Astrônomos já tentaram estabelecer contato com seres extraterrestres; suas tentativas, porém, foram infrutíferas.

- em enumerações do tipo:

  Destacaram-se, na Conjuração Mineira, Joaquim José da Silva Xavier, alcunhado *Tiradentes*; o poeta Cláudio Manuel da Costa, autor do poema épico *Vila Rica*; o poeta Tomás Antônio Gonzaga, autor de *Marília de Dirceu*; o desembargador Inácio Alvarenga Peixoto e o padre Luís Vieira da Silva, em cuja biblioteca se reuniam os conjurados.

- para separar os considerandos de um decreto, de uma sentença, de uma petição, etc.
- para separar os itens de um artigo de lei, de um regulamento.

3 DOIS-PONTOS

Emprega-se este sinal de pontuação:

- para anunciar a fala dos personagens nas histórias de ficção:

  "O Baixinho retomou o leme, dizendo:
  – Olha, menino, veja a Bahia." (Adonias Filho)
  "Ouvindo passos no corredor, abaixei a voz:
  – Podemos avisar sua tia, não?" (Graciliano Ramos)

- antes de uma citação:

  "Repetia as palavras do pai: O mundo, sem a selva, será triste e mau." (Adonias Filho)
  Bem diz o ditado: Vento ou ventura, pouco dura.
  "O pessoal do extremo norte tem um *slogan*: Amazônia também é Brasil!" (Raquel de Queirós)

- antes de certos apostos, principalmente nas enumerações:

  Tudo ameaça as plantações: vento, enchentes, geadas, insetos daninhos, bichos, etc.
  Duas coisas lhe davam superioridade: o saber e o prestígio.
  Existem na esgrima três modalidades de arma: florete, sabre e espada.
  "O *Titanic* nasceu de um sonho: o de que era possível construir um navio à prova de naufrágio." (Artur Dapieve)

- antes de orações apositivas:

  A verdadeira causa das guerras é esta: os homens se esquecem do Decálogo.
  "Só ponho uma condição: vai almoçar comigo." (CARLOS DE LAET)
  "É triste dizer: o velho às vezes se embriagava." (AUTRAN DOURADO)

- para indicar um esclarecimento, um resultado ou resumo do que se disse:

  "Mas padre Anselmo era assim mesmo: amigo dos pobres." (JOÃO CLÍMACO BEZERRA)
  "Guardo o mundo na mão: não sei se sou feliz." (CABRAL DO NASCIMENTO)
  "Afinal a casa não caíra do céu por descuido: fora construída pelo major." (GRACILIANO RAMOS)
  "Resultado: no fim de algum tempo tinha o que se chama 'dinheiro no Banco'."
  (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)
  "Em resumo: saí com 1.029 cruzeiros no bolso, um tanto confuso."
  (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

4 PONTO FINAL

- Emprega-se, principalmente, para fechar o período:

  "Mestre Vitorino morava no mar." (ADONIAS FILHO)

- Usa-se também nas abreviaturas:

  Sr. (senhor), *a.C.* (antes de Cristo), *pág.* (página), *P.S.* (*post scriptum*), etc.

5 PONTO DE INTERROGAÇÃO

- Usa-se no fim de uma palavra, oração ou frase, para indicar pergunta direta, que se faz com entoação ascendente:

  "– Aonde? perguntou Dona Plácida." (MACHADO DE ASSIS)
  "Não estás farto do espetáculo e da luta?" (MACHADO DE ASSIS)
  "– Que vai fazer V. Exª? tornou Calisto." (CAMILO CASTELO BRANCO)
  "– Que tem isso? perguntava-lhe eu." (MACHADO DE ASSIS)
  "Caça é coisa para homem, não é, César?" (ANTÔNIO OLINTO)

- Aparece, às vezes, no fim de uma pergunta intercalada, que pode, ao mesmo tempo, estar entre parênteses:

  "A imprensa (quem o contesta?) é o mais poderoso meio que se tem inventado para a divulgação do pensamento." (CARLOS DE LAET)
  Outras vezes combina-se com o ponto de exclamação ou as reticências:
  "– A mim?! Que ideia!" (CAMILO CASTELO BRANCO)
  "Virgília? Mas então era a mesma senhora que alguns anos depois...?" (MACHADO DE ASSIS)

Observação:

✔ Não se usa o ponto interrogativo nas perguntas indiretas: *Dize-me o que tens.*
Desejo saber quem vai. Perguntei quem era.

6 PONTO DE EXCLAMAÇÃO

- Usa-se depois das interjeições, locuções ou frases exclamativas, que se proferem com entonação descendente, exprimindo surpresa, espanto, susto, indignação, piedade, ordem, súplica, etc. Exemplos:

  "– Céus! Que injustiça!" (Camilo Castelo Branco)

  "– Nunca! gemeu o enfermo." (Machado de Assis)

  "Coitada de Dona Plácida!" (Machado de Assis)

  "Ah! mísero demente! o teu tesouro é falso!" (Olavo Bilac)

  "Suspendam o interrogatório!" (Érico Veríssimo)

  "– Um automóvel! Depressa! Depressa!" (Fernando Namora)

- Substitui a vírgula depois de um vocativo enfático:

  "*Colombo!* fecha a porta dos teus mares!" (Castro Alves)

7 RETICÊNCIAS

As reticências (...) são usadas, principalmente:

- para indicar suspensão ou interrupção do pensamento, ou ainda, corte da frase de um personagem pelo interlocutor, nos diálogos:

  "– Mas essa cruz, observei eu, não me disseste que era teu pai que..." (Machado de Assis)

  "– A instrução é indispensável, a instrução é uma chave, a senhora não concorda, dona Madalena?

  – Quem se habitua aos livros...

  – É não habituar-se, interrompi." (Graciliano Ramos)

- no meio do período, para indicar certa hesitação ou breve interrupção do pensamento:

  "– Porque... não sei, porque... porque é a minha sina..." (Machado de Assis)

  "– Ao contrário, se é amigo dele... peço-lhe que o distraia... que..." (Machado de Assis)

- no fim de um período gramaticalmente completo, para sugerir certo prolongamento da ideia:

  "Na terra os homens sonham, os homens vivem sonhando..." (Malu de Ouro Preto)

  "Ninguém... A estrada, ampla e silente,
  Sem caminhantes adormece..." (Olavo Bilac)

- para sugerir movimento ou a continuação de um fato:

  "E o pingo d'água continua..." (Olegário Mariano)

  "E a Vida passa... efêmera e vazia." (Raul de Leoni)

- para indicar chamamento ou interpelação, em lugar do ponto interrogativo:

  "– *Seu Pilar*... murmurou ele daí a alguns minutos.

  – Que é?" (Machado de Assis)

- para indicar supressão de palavra(s) numa frase transcrita, caso em que se podem usar quatro pontos, em vez de três:

  "... o chefe dos pescadores... se arroja nas ondas..." (José de Alencar)

  "Na primeira semana de agosto,.... a frota ancorou em Málaga...." (Eduardo Bueno)

Neste último caso, as reticências são mero sinal gráfico: não representam pausa nem entonação especial.

Observação:

✔ As reticências e o ponto de exclamação, sinais gráficos subjetivos de grande poder de sugestão e ricos em matizes melódicos, são ótimos auxiliares da linguagem afetiva e poética. Seu uso, porém, é antes arbitrário, pois depende do estado emotivo do escritor.

8 PARÊNTESES

- Usam-se para isolar palavras, locuções ou frases intercaladas no período, com caráter explicativo, as quais são proferidas em tom mais baixo:

  "O Cristianismo (escreveu Chateaubriand) inventou o órgão e fez suspirar o bronze." (Carlos de Laet)

  "Mas o tempo (e é outro ponto em que eu espero a indulgência dos homens pensadores!), o tempo caleja a sensibilidade..." (Machado de Assis)

- Às vezes substituem a vírgula ou o travessão:

  "Ora (direis) ouvir estrelas! Certo

  Perdeste o senso!..." (Olavo Bilac)

9 TRAVESSÃO

O travessão (–) é um traço maior que o hífen e usa-se:

- nos diálogos, para indicar mudança de interlocutor ou, simplesmente, início da fala de um personagem:

  "– Você é daqui mesmo? perguntei.

  – Sou, sim senhor, respondeu o garoto." (Aníbal Machado)

- para separar expressões ou frases explicativas, intercaladas:

  Um bom ensino básico – diga-se mais uma vez – exige a valorização do professor.

  "Quanto mais andam pelas docas, pelo porto – Amsterdam já tem uma indústria naval –, maior agitação encontram." (Assis Brasil)

  "E logo me apresentou à mulher, – uma estimável senhora – e à filha." (Machado de Assis)

- para isolar palavras ou orações que se quer realçar ou enfatizar:

  "Acresce que chovia – peneirava – uma chuvinha miúda, triste e constante..." (Machado de Assis)

  "O obelisco aponta aos mortais as coisas mais altas: o céu, a Lua, o Sol, as estrelas, – Deus." (Manuel Bandeira)

- às vezes substitui os parênteses e mesmo a vírgula e os dois-pontos:

"Uma das glórias – e tantas são elas! – da Ordem Beneditina no Brasil é D. Frei Antônio do Desterro." (CARLOS DE LAET)

"O que o colono do Maranhão pretendia era isto – fazer entradas livres." (CARLOS DE LAET)

"Mas eis – corre-se então nívea cortina." (CRUZ E SOUSA)

10 ASPAS

- Usam-se as aspas (" ") antes e depois de uma citação textual (palavra, expressão, frase ou trecho):

Disse o pintor grego Apeles ao sapateiro que o criticara: "Sapateiro, não passes além da sandália!"

"Proletário, uni-vos." Isto era escrito sem vírgula e sem traço, a piche. (GRACILIANO RAMOS)

"A bomba não tem endereço certo." (CECÍLIA MEIRELES)

- Costuma-se aspear expressões ou conceitos que se deseja pôr em evidência:

Miguel Ângelo, "o homem das três almas"... (CARLOS DE LAET)

Desde os cinco anos merecera eu a alcunha de "menino diabo". (MACHADO DE ASSIS)

País algum sobrevive sob o insensato refrão de que "é proibido proibir". (DOM EUGÊNIO SALES)

- Põem-se entre aspas ou, então, grifam-se palavras estrangeiras, termos da gíria, expressões que devem ser destacadas:

Guido vestiu um *short* branco e foi jogar bola.

O *réveillon* foi muito animado.

Assim me contou o "tira"... (ANÍBAL MACHADO)

- Títulos de livros, revistas, jornais, filmes, etc. são, de preferência, grifados:

A notícia foi dada pelo *Jornal do Brasil*.

11 COLCHETES

- Têm a mesma finalidade que os parênteses; todavia, seu uso se restringe aos escritos de cunho didático, filológico, científico:

"Luzente. [Do lat. *lucente*.] *Adj. 2 g.* Que luz ou brilha." (*Novo Dicionário Aurélio*, 3ª edição, 1999)

"Cada um colhe [conforme semeia]." (ADRIANO DA GAMA KURY)

- Na transcrição de um texto, indicam inclusão de palavra(s):

  "O [peixe] do meio trazia uma concha na boca..." (*Novo Dicionário Aurélio*, 3ª edição, verbete *lhe*)

  "Qualquer mudança deve vigir [*sic*] apenas a partir de 1995." (CARLOS CASTELO BRANCO)

12 ASTERISCO

O asterisco (*), palavra que significa *estrelinha*, é usado:

- para remeter a uma nota ou explicação ao pé da página ou no fim de um capítulo;
- nos dicionários e nas enciclopédias, para remeter a um verbete;
- no lugar de um nome próprio que não se quer mencionar: *o Dr.*, o jornal***.*

13 PARÁGRAFO

Representa-se com o sinal § e serve para indicar um parágrafo de um texto ou artigo de lei.

EXERCÍCIOS — LISTA 51

1. Em uma frase a vírgula é inadequada. Dê a razão:

a) Colhiam café bandos de moças alegres, cantadoras, muito bonitas.

b) Menino pobre, Zezinho não tinha roupa nova para ir à festa.

c) Para lá da via férrea, meninos empinavam papagaios.

d) A tartaruga, conhecido réptil aquático, vem à terra para a desova.

e) Mugidos tristes de reses famintas, cortavam o silêncio da noite.

2. Escreva o trecho abaixo, colocando as vírgulas corretamente:

"De longe por entre coqueiros surge correndo uma mulher vestida de calça e capa de borracha negra dessas de marinheiro; na mão um cajado longo. Não ouvem o que ela grita devido ao vento mas sentem no bastão erguido um gesto de ameaça. Seguem-na um padre e um tipo de barbas. Em seguida os pescadores: velhos moços e meninos." (JORGE AMADO)

3. Copie as frases, colocando convenientemente vírgula, ponto e vírgula e dois-pontos:

a) Vaqueiros saltam em cima de cavalos cavalos se lançam atrás dos bois que correm desabalados caatinga adentro.

b) Na cidade vê-se o contrário do que acontece na roça as pessoas estão sempre muito apressadas.

c) Umas excursões levam ao norte às praias de Cabo Frio onde a vida social é muito animada outras conduzem ao sul a Angra dos Reis lugar ideal para a caça submarina.

d) "Durante o ciclo da borracha fora aquela legião de rapazes para os seringais. Poucos voltaram. O Governo prometia mundos e fundos terras hospitais ordenado médicos escolas. E no fim foi o que se viu os desgraçados voltaram como antigamente. Roídos de beribéri de maleita magros famintos. Dinheiro nem um tostão. E os arrebanhadores de gente ricos com casa na cidade." (João Clímaco Bezerra, *A Vinha dos Esquecidos*, p. 97)

4. Ponha os sinais de pontuação adequados na seguinte fábula:

O acordo

Vestido como caçador o homem caçava Estava metido no mais negro da floresta e caçava Mas não procurava qualquer caça não Procurava uma caça determinada capaz de lhe dar uma pele que aquecesse suas noites hibernais

E procurava Procura que procura eis senão quando numa volta da floresta depara nada mais nada menos que com um urso Os dois se defrontam O caçador apavorado pela selvageria do animal O animal apavorado pela civilização em forma de rifle do caçador Mas foi o urso quem falou primeiro

Que é que você está procurando

Eu disse o caçador procuro uma boa pele com a qual possa abrigar-me no inverno E você

Eu disse o urso procuro algo que jantar porque há três dias que não como

E os dois se puseram a pensar E foi de novo o urso quem falou primeiro

Olha caçador vamos entrar na toca e conversar lá dentro que é melhor

Entraram E dentro de meia hora o urso tinha o seu almoço e consequentemente o caçador tinha o seu capote

Moral Falando a gente se entende

(Millôr Fernandes, *Novas Fábulas Fabulosas*, Desiderata, 2007)

5. Copie as frases colocando as vírgulas necessárias.

a) A doença a perda da esposa a viagem do filho tudo o abatia.

b) Falemos amigos de nossos sonhos e esperanças.

c) Os artistas alegres e realizados recebiam seus merecidos prêmios.

d) Dirigiam-se às crianças ou melhor aos alunos da quinta série.

e) Os alunos do ensino médio partirão hoje nós amanhã.

6. Explique por que não se podem usar as vírgulas que aparecem nas frases abaixo.

a) O grande e invencível herói americano, deixou-se cair abatido.

b) Os que zombam de ti não conhecem ainda, a força de teu caráter e de tua vontade.

c) As histórias do filme eram tão tristes e sombrias, que arrancaram lágrimas de toda a plateia.

7. Explique a diferença de sentido entre os pares de frases abaixo:

a) Carlos, o professor está doente.

Carlos, o professor, está doente.

b) As meninas andavam pelas ruas tranquilas.

As meninas andavam pelas ruas, tranquilas.

8. Escreva as frases colocando o termo destacado no ínicio do período. Veja se, então, haverá necessidade de usar vírgula.

a) Os refugiados caminhavam sem destino *após o ataque inimigo*.

b) Falava com as crianças da turma *com muita sensibilidade*.

9. Recoloque, em cada período, o ponto e vírgula omitido.

a) Muitos já tentaram descobrir a cura do câncer as diferentes pesquisas, no entanto, ainda não tiveram sucesso.

b) Os paulistas armaram-se para o ataque, supondo contar com a adesão dos outros estados após alguns combates, no entanto, foram desarmados.

SINAIS DE PONTUAÇÃO
Exercícios de exames e concursos
[Página 667]

SINTAXE DE CONCORDÂNCIA

Concordância é o princípio sintático segundo o qual as palavras dependentes se harmonizam, nas suas flexões, com as palavras de que dependem. Assim:

a) Os adjetivos, pronomes, artigos e numerais concordam em gênero e número com os substantivos a que se referem (*concordância nominal*);

b) O verbo concordará com o sujeito da oração em número e pessoa (*concordância verbal*).

CONCORDÂNCIA NOMINAL

1 CONCORDÂNCIA DO ADJETIVO ADJUNTO ADNOMINAL

A concordância do adjetivo, com a função de adjunto adnominal, efetua-se de acordo com as seguintes regras gerais:

- O adjetivo concorda em gênero e número com o substantivo a que se refere. Exemplo:

  O **alto** ipê cobre-se de flores **amarelas**.

- O adjetivo que se refere a mais de um substantivo de gênero ou número diferentes, quando posposto, poderá concordar no masculino plural (concordância mais aconselhada), ou com o substantivo mais próximo. Exemplos:

a) no masculino plural:

"Tinha as espáduas e o colo **feitos** de encomenda para os vestidos decotados." (MACHADO DE ASSIS)

"Os arreios e as bagagens **espalhados** no chão, em roda." (HERMAN LIMA)

"Ainda assim, apareci com o rosto e as mãos muito **marcados**." (POVINA CAVALCÂNTI)

"... grande número de camareiros e camareiras **nativos**." (ÉRICO VERÍSSIMO)

"... um padre-nosso e uma ave-maria **oferecidos** a Nossa Senhora." (MACHADO DE ASSIS)

"Uma solicitude e um interesse mais que **fraternos**." (MÁRIO DE ALENCAR)

"... asas e peito **matizados** de riscas brancas." (LÚCIO DE MENDONÇA)

A atriz possui muitas joias e vestidos **caros**.

"... à descoberta de rios e terras ainda **desconhecidos**." (JOSÉ DE ALENCAR)

"... esperavam-nos alguns tios e tias **maternos**, com os quais fomos viver." (HUMBERTO DE CAMPOS)

b) com o substantivo mais próximo:

A Marinha e o Exército **brasileiro** estavam alerta.

Músicos e bailarinas **ciganas** animavam a festa.

"... toda ela [a casa] cheirando ainda a cal, a tinta e a barro **fresco**." (HUMBERTO DE CAMPOS)

"Meu primo estava saudoso dos tempos da infância e falava dos irmãos e irmãs **falecidas**." (LUÍS HENRIQUE TAVARES)

- Anteposto aos substantivos, o adjetivo concorda, em geral, com o mais próximo:

"Escolhestes **mau** lugar e hora..." (ALEXANDRE HERCULANO)

"... acerca do **possível** ladrão ou ladrões." (ANTÔNIO CALLADO)

Velhas revistas e livros enchiam as prateleiras.

Velhos livros e revistas enchiam as prateleiras.

Observação:

✔ Seguem esta regra os pronomes adjetivos:

A *sua* idade, sexo e profissão. *Seus* planos e tentativas.

Aqueles vícios e ambições. Por que *tanto* ódio e perversidade?

"*Seu* Príncipe e filhos." (LUÍS DE CAMÕES, *Os Lusíadas*, III, 124)

Muitas vezes é facultativa a escolha desta ou daquela concordância, mas em todos os casos deve subordinar-se às exigências da eufonia, da clareza e do bom gosto.

Quando dois ou mais adjetivos se referem ao mesmo substantivo determinado pelo artigo, ocorrem dois tipos de construção, um e outro legítimos. Exemplos:

Estudo **as línguas** inglesa e francesa.

Estudo **a língua** inglesa e **a** francesa.

Os dedos indicador e médio estavam feridos.

O dedo indicador e **o** médio estavam feridos.

- Os adjetivos regidos da preposição *de*, que se referem a pronomes neutros indefinidos (*nada, muito, algo, tanto, que*, etc.), normalmente ficam no masculino singular:

Sua vida nada tem de **misterioso**.

Seus olhos têm algo de **sedutor**.

Todavia, por atração, podem esses adjetivos concordar com o substantivo (ou pronome) sujeito:

"Elas nada tinham de **ingênuas**." (JOSÉ GUALDA DANTAS)

"Os edifícios da cidade nada têm de **elegantes**." (MÁRIO BARRETO)

"Júlia tinha tanto de **magra** e **sardenta**, quanto de **feia**! (RIBEIRO COUTO)

"Tanto tinha minha tia de **emperiquitada** quanto minha avó de **desmazelada** consigo mesma." (PEDRO NAVA)

"... esses números nada têm de **precisos**." (JOSUÉ DE CASTRO)

2 CONCORDÂNCIA DO ADJETIVO PREDICATIVO COM O SUJEITO

A concordância do adjetivo predicativo com o sujeito realiza-se consoante as seguintes normas:

- O predicativo concorda em gênero e número com o sujeito simples:

  A ciência sem consciência é **desastrosa**.

  Os campos estavam **floridos**, as colheitas seriam **fartas**.

  É **proibida** a caça nesta reserva.

- Quando o sujeito é composto e constituído por substantivos do mesmo gênero, o predicativo deve concordar no plural e no gênero deles:

  O mar e o céu estavam **serenos**.

  A ciência e a virtude são **necessárias**.

  "**Torvos** e **ferozes** eram o gesto e os meneios destes homens sem disciplina." (ALEXANDRE HERCULANO)

- Sendo o sujeito composto e constituído por substantivos de gêneros diversos, o predicativo concordará no masculino plural:

  O vale e a montanha são **frescos**.

  "O céu e as árvores ficariam **assombrados**." (MACHADO DE ASSIS)

  Longos eram os dias e as noites para o prisioneiro.

  "O César e a irmã são **louros**." (ANTÔNIO OLINTO)

  O garoto e as meninas avançaram **cautelosos**.

- Menos comum é a concordância com o substantivo mais próximo, o que só é possível quando o predicativo se antecipa ao sujeito:

  "Era **deserta** a vila, a casa, o templo." (GONÇALVES DIAS)

  Onde andará **metido** Antônio e suas irmãs?

  Estavam **molhadas** as cortinas e os tapetes.

- Se o sujeito for representado por um pronome de tratamento, a concordância se efetua com o sexo da pessoa a quem nos referimos:

  Vossa Senhoria, ficará **satisfeito**, eu lhe garanto.

  "Vossa Excelência está **enganado**, Doutor Juiz." (ARIANO SUASSUNA)

  Vossas Excelências, senhores Ministros, são **merecedores** de nossa confiança.

  Vossa Alteza foi **bondoso**. (com referência a um príncipe)

  Vossa Alteza foi muito **severa**. (com referência a uma princesa)

  "Vossa Majestade pode partir **tranquilo** para a sua expedição." (VIVALDO COARACI)

Observação:

✔ A essa concordância do adjetivo com a ideia implícita na expressão de tratamento dá-se o nome de *silepse*, da qual trataremos adiante.

O predicativo aparece às vezes na forma do masculino singular nas estereotipadas locuções *é bom, é necessário, é preciso*, etc., embora o sujeito seja substantivo feminino ou plural:

Bebida alcoólica não é **bom** para o fígado.

"Água de melissa é muito **bom**." (MACHADO DE ASSIS)

"É **preciso** cautela com semelhantes doutrinas." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Hormônios, às refeições, não é **mau**." (ANÍBAL MACHADO)

"É **necessário** muita fé." (MÁRIO BARRETO)

"Não seria **preciso** muita finura para perceber isso." (CIRO DOS ANJOS)

Observe-se que em tais casos o sujeito não vem determinado pelo artigo e a concordância se faz não com a forma gramatical da palavra, mas com o fato que se tem em mente:

Tomar hormônios às refeições não é mau.

É necessário **ter muita fé**.

- Havendo determinação do sujeito, ou sendo preciso realçar o predicativo, efetua-se a concordância normalmente:

É necessária a tua presença aqui. [= indispensável]

"**Se eram necessárias** obras, que se fizessem e largamente." (EÇA DE QUEIRÓS)

"**Seriam precisos** outros três homens." (ANÍBAL MACHADO)

"**São precisos** também os nomes dos admiradores." (CARLOS DE LAET)

"Só para consolidar as bases do palácio real, **foram precisas** treze mil estacas." (RAMALHO ORTIGÃO)

3 CONCORDÂNCIA DO PREDICATIVO COM O OBJETO

A concordância do adjetivo predicativo com o objeto direto ou indireto subordina-se às seguintes regras gerais:

- O adjetivo concorda em gênero e número com o objeto quando este é simples:

Vi **ancorados** na baía os navios petrolíferos.

"Olhou para as suas terras e viu-as **incultas** e **maninhas**." (CARLOS DE LAET)

O tribunal qualificou de **ilegais** as nomeações do ex-prefeito.

A noite torna **visíveis** os astros no céu límpido.

- Quando o objeto é composto e constituído por elementos do mesmo gênero, o adjetivo se flexiona no plural e no gênero dos elementos:

A justiça declarou **criminosos** o empresário e seus auxiliares.

Deixe bem **fechadas** a porta e as janelas.

- Sendo o objeto composto e formado de elementos de gêneros diversos, o adjetivo predicativo concordará no masculino plural:

Tomei **emprestados** a régua e o compasso.

Achei muito **simpáticos** o príncipe e sua filha.

"Vi setas e carcás **espedaçados**." (GONÇALVES DIAS)

Encontrei **jogados** no chão o álbum e as cartas.

Encontrei pai e filha **empenhados** numa discussão.

- Se anteposto ao objeto, poderá o predicativo, neste caso, concordar com o núcleo mais próximo:

  É preciso que se mantenham **limpas** as ruas e os jardins.

- Segue as mesmas regras o predicativo expresso pelos substantivos variáveis em gênero e número:

  Temiam que as tomassem por **malfeitoras**.

  Considero **autores** do crime o comerciante e sua empregada.

4 CONCORDÂNCIA DO PARTICÍPIO PASSIVO

- Na voz passiva, o particípio concorda em gênero e número com o sujeito, como os adjetivos:

  Foi **escolhida** a rainha da festa.

  Foi **feita** a entrega dos convites.

  Os jogadores tinham sido **convocados**.

  O governo avisa que não serão **permitidas** invasões de propriedades.

  Passadas duas semanas, procurei o devedor.

  Minhas três coleções de selos são **postas** à venda.

  O que não é **admitido** é a greve abusiva.

  Foram **vistas** centenas de rapazes pedalando nas ruas.

- Quando o núcleo do sujeito é, como no último exemplo, um coletivo numérico, pode-se, em geral, efetuar a concordância com o substantivo que o acompanha:

  Centenas de rapazes foram **vistos** pedalando nas ruas.

  Dezenas de soldados foram **feridos** em combate.

- Referindo-se a dois ou mais substantivos de gêneros diferentes, o particípio concordará no masculino plural:

  Atingidos por mísseis, a corveta e o navio foram a pique.

  "Mas achei natural que o clube e suas ilusões fossem **leiloados**."
  (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

5 CONCORDÂNCIA DO PRONOME COM O NOME

- O pronome, quando se flexiona, concorda em gênero e número com o substantivo a que se refere:

  "Martim quebrou um ramo de murta, a folha da tristeza, e deitou-**o** no jazigo de sua esposa."
  (JOSÉ DE ALENCAR)

  "O velho abriu as pálpebras e cerrou-**as** logo." (JOSÉ DE ALENCAR)

- O pronome que se refere a dois ou mais substantivos de gêneros diferentes flexiona-se no masculino plural:

"Salas e coração habita-**os** a saudade!" (ALBERTO DE OLIVEIRA)

"A generosidade, o esforço e o amor, ensinaste-**os** tu em toda a sua sublimidade." (ALEXANDRE HERCULANO)

Conheci naquela escola ótimos rapazes e moças, com **os quais** fiz boas amizades.

"Referi-me à catedral de Notre-Dame e ao Vesúvio familiarmente, como se **os** *tivesse* visto." (GRACILIANO RAMOS)

Trazem presentes e flores e depositam-**nos** em torno dela.

Observação:

✔ Os substantivos sendo sinônimos, o pronome concorda com o mais próximo:

"Ó mortais, que cegueira e desatino *é o nosso!*" (MANUEL BERNARDES)

- Os pronomes *um... outro*, quando se referem a substantivos de gêneros diferentes, concordam no masculino:

  Marido e mulher viviam em boa harmonia e ajudavam-se **um ao outro**.

  "Repousavam bem perto **um do outro a matéria e o espírito**." (ALEXANDRE HERCULANO)

  Nilo e **Sônia** casaram cedo: **um** por amor, **o outro**, por interesse.

- A locução *um* e *outro*, referida a indivíduos de sexos diferentes, permanece também no masculino:

  "A **mulher** do **colchoeiro** escovou-lhe o chapéu; e, quando ele [Rubião] saiu, **um e outro** agradeceram-lhe muito o benefício da salvação do filho." (MACHADO DE ASSIS)

- O substantivo que se segue às locuções *um e outro* e *nem um nem outro* fica no singular. Exemplos:

  Um e outro **livro** me agradaram.

  Nem um nem outro **livro** me agradaram.

6 OUTROS CASOS DE CONCORDÂNCIA NOMINAL

Registramos aqui alguns casos especiais de concordância nominal:

▪ Anexo, incluso, leso

Como adjetivos, concordam com o substantivo em gênero e número:

Anexa à presente, vai a relação das mercadorias.

Vão **anexos** os pareceres das comissões técnicas.

Remeto-lhe, **anexas**, duas cópias do contrato.

Remeto-lhe, **inclusa**, uma fotocópia do recibo.

Os crimes de **lesa**-majestade eram punidos com a morte.

Ajudar esses espiões seria crime de **lesa**-pátria.

(Evite a locução espúria *em anexo*).

▪ A olhos vistos

Locução adverbial invariável. Significa *visivelmente*.

"Lúcia emagrecia **a olhos vistos**." (COELHO NETO)

"Zito envelhecia **a olhos vistos**." (AUTRAN DOURADO)

▪ Só

Como adjetivo, *só* [= sozinho, único] concorda em número com o substantivo. Como palavra denotativa de limitação, equivalente de *apenas*, *somente*, é invariável.

Eles estavam **sós**, na sala iluminada.

Esses dois livros, por si **sós**, bastariam para torná-lo célebre.

Elas **só** passeiam de carro.

Só eles estavam na sala.

Observação:

✔ Forma a locução *a sós* [= sem mais companhia, sozinho]:

Estávamos *a sós*.

Jesus despediu a multidão e subiu ao monte para orar *a sós*.

▪ Possível

- Usado em expressões superlativas, este adjetivo ora aparece invariável, ora flexionado:

"À volta, esperava-nos sempre o almoço com os pratos mais requintados **possível**." (MARIA HELENA CARDOSO)

"Estas frutas são as mais saborosas **possível**." (CARLOS GÓIS)

"A mania de Alice era colecionar os enfeites de louça mais grotescos **possíveis**." (LÊDO IVO)

"... e o resultado obtido foi uma apresentação com movimentos os mais espontâneos **possíveis**." (RONALDO MIRANDA)

"De modo geral, as características do solo são as mais variadas **possíveis**." (MURILO MELO FILHO)

As informações obtidas são as melhores (ou as piores) **possíveis**.

Ele escolhia as tarefas menos penosas **possíveis**.

- Como se vê dos exemplos citados, há nítida tendência, no português de hoje, para se usar, neste caso, o adjetivo *possível* no plural.

O singular é de rigor quando a expressão superlativa inicia com a partícula *o* (*o* mais, *o* menos, *o* maior, *o* menor, etc.):

Os prédios devem ficar **o** mais afastados **possível**.

Ele trazia sempre as unhas **o** mais bem aparadas **possível**.

O médico atendeu *o* maior número de pacientes **possível**.

▪ Adjetivos adverbiados

Certos adjetivos, como *sério*, *claro*, *caro*, *barato*, *alto*, *raro*, etc., quando usados com a função de advérbios terminados em *-mente*, ficam invariáveis:

Vamos falar **sério**. [*sério* = seriamente]

Penso que falei bem **claro**, disse a secretária.
Esses produtos passam a custar mais **caro**. [ou mais *barato*]
Estas aves voam **alto**. [ou *baixo*]
Gilberto e Regina **raro** vão ao cinema.
"Há pessoas que parecem nascer **errado**." (MACHADO DE ASSIS)

Junto e *direto* ora funcionam como adjetivos, ora como advérbios:
"Jorge e Dante saltaram **juntos** do carro." (JOSÉ LOUZEIRO)
"Era como se tivessem estado **juntos** na véspera." (AUTRAN DOURADO)
"Elas moram **junto** há algum tempo." (JOSÉ GUALDA DANTAS)
"Foram **direto** ao galpão do engenheiro-chefe." (JOSUÉ GUIMARÃES)
"As gaivotas iam **diretas** como um dardo." (JOSUÉ GUIMARÃES)
"Vamos carregar, **juntas**, nossa cruz." (MARIA JOSÉ DE QUEIRÓS)
Junto, estou lhe enviando algumas fotos.

As fotos foram enviadas **junto** com a carta.

▪ Todo

No sentido de *inteiramente, completamente*, costuma-se flexionar, embora seja advérbio:
Esses índios andam **todos** nus.
Geou durante a noite e a planície ficou **toda** (ou **todo**) branca.
As meninas iam **todas** de branco.
A casinha ficava sob duas mangueiras, que a cobriam **toda**.

Mas admite-se também a forma invariável:
Fiquei com os cabelos **todo** sujos de terra.

Suas mãos estavam **todo** ensanguentadas.

▪ Alerta

Pela sua origem, *alerta* [= atentamente, de prontidão, em estado de vigilância] é advérbio e, portanto, invariável:
Estamos **alerta**.
Os soldados ficaram **alerta**.
"Todos os sentidos **alerta** funcionam." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)
"Os brasileiros não podem deixar de estar sempre **alerta**." (MARTINS DE AGUIAR)

Contudo, esta palavra é, atualmente, sentida antes como adjetivo, sendo por isso flexionada no plural:
Nossos chefes estão **alertas**. [= vigilantes]
Papa diz aos cristãos que se mantenham **alertas**.

"Uma sentinela de guarda, olhos abertos e sentidos **alertas**, esperando pelo desconhecido..." (ASSIS BRASIL, *Os Crocodilos*, p. 25)

▪ Meio

Usada como advérbio, no sentido de *um pouco*, esta palavra é invariável. Exemplos:
A porta estava **meio** aberta.
As meninas ficaram **meio** nervosas.

Os sapatos eram **meio** velhos, mas serviam.

▪ Bastante

- Varia quando adjetivo, sinônimo de *suficiente*:
  Não havia provas **bastantes** para condenar o réu.
  Duas malas não eram **bastantes** para as roupas da atriz.
- Fica invariável quando advérbio, caso em que modifica um adjetivo:
  As cordas eram **bastante** fortes para sustentar o peso.
  Os emissários voltaram **bastante** otimistas.
  "Levi está inquieto com a economia do Brasil. Vê que se aproximam dias **bastante** escuros."
  (AUSTREGÉSILO DE ATAÍDE)

▪ Menos

É palavra invariável:
Gaste **menos** água.
À noite, há **menos** pessoas na praça.

EXERCÍCIOS LISTA 52

1. Escreva as frases substituindo o * pelas palavras propostas, fazendo-as concordar corretamente. Em certos casos, a palavra fica invariável; em outros, tanto é lícita a forma masculina como a feminina.

a) Pai e filhas mantiveram-se *. (**calado**)
b) Você escolheu * lugar e hora. (**mau**)
c) Ela revelou um interesse e uma solicitude mais que *. (**fraterno**)
d) O arbusto e as árvores haviam sido * pela queda do pinheiro. (**esmagado**)
e) Vai * a lista dos preços. (**incluso**)
f) É tempo, é paciência, é dinheiro *. (**perdido**)
g) Não custa muito a gente elogiar-se a si *. (**mesmo**)
h) Visitei os museus e as escolas *.(**recém-fundado**)
i) Não se pode negar que Petrópolis é *. (**bonito**)
j) Encontrareis a guarnição e seu comandante * a combater até a morte. (**disposto**)
k) Aquela mulher tinha tanto de * quanto de * . (**sedutor**, **pérfido**)
l) As mãos eram * pequenas. (**demasiado**)
m) As janelas * abertas deixavam ouvir o rumor das vozes. (**meio**)
n) Não admiro nem um nem outro *. (**artista**)
o) Em um ou outro * encontrei vocábulos e expressões *. (**livro**, **desconhecido**)
p) * já tantos anos de seu desaparecimento, os exemplos dele ainda vivem na memória de todos. (**passado**)
q) O frio e a chuva * prejudicaram o jogo. (**torrencial**)
r) O tráfego e as comunicações continuavam *. (**interrompido**)
s) Um e outro * são bons. (**carro**)
t) Chegam a ser * as conversas deles. (**irritante**)
u) Muitos eleitores, * à chuva, não votaram. (**devido**)
v) Descobertas novas, * a pacientes pesquisas e experiências dos cientistas, derrubaram certas teorias de Darwin. (**devido**)

2. Faça como no exercício anterior:

a) Era ela * que arrumava a casa. (mesmo)
b) Quando cheguei em casa era meio-dia e *. (meio)
c) Eu estou * com a tesouraria e vocês estão *? (quite)
d) Suas Excelências estavam * de suas esposas. (acompanhado)
e) Estas são as informações que foi * obter. (possível)
f) Alguns acham * navios de 800 mil toneladas. (possível)
g) Escolhemos as cores mais vivas *. (possível)
h) Serão mais * os homens ou as máquinas? (importante)
i) Achei o príncipe e sua filha muito *. (simpático)
j) Infelizmente, perdi a capa que lhe pedi *. (emprestado)
k) O operário teve uma das pernas *. (amputado)
l) A população respirou aliviada quando viu * o bandido e terrível assaltante. (preso)
m) Centenas de rapazes foram * pedalando nas ruas. (visto)
n) Para onde estariam sendo * a girafa e o tigre *? (levado, feroz)
o) Vai * à presente a relação dos livros solicitados. (anexo)
p) Vão * os comprovantes dos débitos quitados. (anexo)
q) Que * os discos que você comprou? (tal)
r) Emocionada, a moça agradeceu: – Muito *! (obrigado)
s) Compraram-me * óculos escuros de que não gostei. (um, artigo)
t) É * a entrada de pessoas estranhas. (proibido)

3. Escreva os períodos em que NÃO há erro de concordância:

a) As matas foram bastante danificadas pelo fogo.
b) A sala tinha bastantes carteiras, mas era meio escura.
c) As crianças já estavam bastantes crescidas.
d) Salvo algumas plantas mais resistentes, as demais a geada matou.
e) Cinquenta casas, se tantas, formavam a rua do povoado.
f) As duas ilhas ficam muito distante do litoral.
g) Convidamos o maior número de amigos possível.
h) Prestaram-lhe honras devido aos heróis.
i) Prestaram-lhe honras devidas aos heróis.

4. Substitua corretamente os asteriscos pelas palavras entre parênteses:

a) A cidade crescia a olhos ****. (**visto**)
b) Minutos depois, o avião descia em Paris, **** de escuro véu de nuvens. (**coberto**)
c) Achei muito **** a ida e a volta do barco. (**rápido**)
d) As que estavam **** ao repuxo ficaram **** molhadas. (**próximo**, **todo**)
e) Todas as guarnições militares estavam ****. (**alerta**)
f) Mãe viúva e filho moravam **** numa casa modesta. (**junto**)
g) Esses privilégios custam ****. (**caro**)
h) A casa tinha as paredes e o telhado ****. (**enegrecido**)
i) Disse-me que morava na Rua Codajás, número ****. (**tanto**)

j) A distância entre os dois portos é de cento e **** milhas. (**tanto**)

k) As crianças não andam ****, mas acompanhadas. (**só**)

l) Nem sempre vemos as coisas **** são. (**tal qual**)

m) As cópias estão **** com os originais. (**conforme**)

n) No seu gabinete, o diretor da Empresa de Chuvas Artificiais despachava de capa e guarda-chuva ****. (**aberto**)

5. Escreva as frases em seu caderno, fazendo concordar corretamente os particípios em destaque:

a) Não será **permitido** a presença de repórteres no recinto.

b) Procura-se um caderno que tem, **escrito** na capa, a palavra DIÁRIO.

c) **Removido** a pedra e o tronco da árvore tombada, o tráfego foi liberado.

d) O fazendeiro comprou vinte reses **vindo** de Goiás.

e) Se **observado** as normas de segurança, o voo livre oferece poucos riscos.

f) A coroa e o manto do imperador foram **exposto** à visitação pública no museu de Petrópolis.

g) Jipe, caminhão e máquinas descem a rua **acompanhado** por crianças.

h) Para ele, terminar a corrida já pode ser **considerado** uma vitória.

i) Rui pediu-me **emprestado** mil reais.

j) Deve ser **levado** em conta a boa vontade dele.

6. Justifique a concordância das palavras em destaque:

a) O carro tinha um dos faróis **queimado**.

b) Há muitos anos que coleciono selos e moedas **raras**.

c) **Entretidos** com seus brinquedos, Guido e suas irmãs nem olharam para mim.

d) Vento e mar **agitado** deixaram **vazias** as praias do Rio, no domingo.

e) Na árvore **próxima** à escola estavam **pousadas** duas rolinhas.

f) Vossa Senhoria, prezado chefe, tem justos motivos para estar **preocupado**.

g) Ele trazia muito bem **tratados** a barba e os cabelos.

h) Não me passou **despercebida** a ironia com que ele proferiu a última frase.

i) "Foram **direto** ao galpão do engenheiro-chefe." (JOSUÉ GUIMARÃES)

j) "Mas por via das dúvidas, melhor é passar ao largo, com os sentidos bem **alertas**." (HAROLDO BRUNO)

7. Substitua o * pelas concordâncias adequadas:

a) Para teus incômodos * água mineral. (*é bom – é boa*)

b) Muito * os seus conselhos. (*útil me foi – úteis me foram*)

c) A que * as marés? (*é devido – são devidas*)

d) Estas são as obras que me * consultar. (*foi permitido – foram permitidas*)

e) O pintor descobriu que * telas falsificadas com o seu nome. (*está sendo vendido – estão sendo vendidas*)

f) * grandes safras para o próximo ano. (*foi previsto – foram previstas*)

g) * como certa a morte do contrabandista. (*foi dado – foi dada*)

h) * bilhões de dólares para o homem ir à Lua. (*foi gasto – foram gastos*)

i) O que não * foi a fuga do preso. (*foi esclarecido – foi esclarecida*)

j) A fuga do preso é que não foi *. (*esclarecido – esclarecida*)

8. Faça concordar os predicativos em destaque:

a) O coqueiro e a palmeira são **alto** e **majestoso**.
b) Veja como são **belo** as rosas e os lírios deste canteiro!
c) Estava **deserto** a praça e o templo.
d) Mantenha o quarto e a sala bem **arejado**.
e) Vi **sentado**, na escada, Sônia e seus irmãos.
f) Estavam **desempregado** centenas de trabalhadores.
g) Nestes campos reinam **soberano** a saúva e seus aliados.
h) Eu não a suspeito **autor** do crime.
i) É preciso que se mantenham **limpo** as ruas e os jardins.
j) Em casa, encontrei meus pais e irmãs **triste** e **abatido**.
k) Suas Excelências mostraram-se muito **atencioso**.
l) Para tão grande obra é **pouco** uma vida.
m) É **proibido** a caça naquela região.
n) Os móveis e as cortinas eram o **mesmo**.
o) Não seria **preciso** muita inteligência para compreender isso.
p) O moço deixou **claro** as suas intenções.
q) Cientistas acham que estamos **só** no Universo.

9. Troque o * pelos pronomes **o**, **a**, **os**, **as**, conforme convenha:

a) As revistas e os jornais, leio- * por alto.
b) Ele podia ajudá-la, mas não * quis.
c) Vi Mário e suas irmãs, porém não * cumprimentei.
d) Aquela ilha, aquelas praias, como eu * conheço!
e) É a doença * que vos torna apáticos.
f) As paixões nos acorrentam sem que * sintamos.
g) "Salas e coração habita- * a saudade!" (ALBERTO DE OLIVEIRA)
h) "As suas horas deve- * Vossa Excelência ao bem da Pátria e indiscreta fui eu obrigando-* a estar fora do parlamento a esta hora." (CAMILO CASTELO BRANCO)
i) Passaram bandos de aves: você gostaria de * ter visto.

10. Substitua corretamente o * pelos pronomes e adjetivos entre parênteses:

a) Malograram * planos e tentativas. (**seu**)
b) Esperavam-me na estação * primos e primas, com * ia passar as férias. (**algum**, **o qual**)
c) São verdades evidentes por si *. (**mesmo**)
d) Estas e * mais foram as palavras do sacerdote. (**pouco**)
e) Aqui não faltam frutas: leve * quantas quiser. (**tanto**)
f) Seria inútil negar o que ela * confessara. (**próprio**)
g) A guerra é sempre um mal, * que sejam os motivos. (**qualquer**)
h) Nesse lago há * peixes. Há * carpas do que carás. (**bastante**, **menos**)
i) Não havia estacas * para fazer a cerca. (**bastante**)
j) As candidatas estavam * nervosas. (**bastante**)
k) Essas duas obras do prefeito, por si *, o redimem de seus erros. (**só**)

11. Transcreva as frases que têm as concordâncias corretas:

a) O governo mobilizou a polícia civil e militar.

b) O governo mobilizou a polícia civil e a militar.

c) O governo mobilizou as polícias civil e militar.

CONCORDÂNCIA VERBAL

O verbo concorda com o sujeito, em harmonia com as seguintes regras gerais:

1 O SUJEITO É SIMPLES

O sujeito sendo simples, com ele concordará o verbo em número e pessoa. Exemplos:

- verbo depois do sujeito:

  "As saúvas **eram** uma praga." (Povina Cavalcânti)

  "Tu não **és** inimiga dele, não?" (Camilo Castelo Branco)

  Vós **fostes** chamados à liberdade, irmãos." (São Paulo)

- verbo antes do sujeito:

  Acontecem tantas desgraças neste planeta!

  Não **faltarão** pessoas que nos queiram ajudar.

  A quem **pertencem** essas terras?

  "Que me **importavam** as grades negras e pegajosas?" (Graciliano Ramos)

  "**Eram** duas princesas muito lindas." (Adriano da Gama Kury)

2 O SUJEITO É COMPOSTO E DA 3ª PESSOA

- O sujeito, sendo composto e anteposto ao verbo, leva geralmente este para o plural. Exemplos:

  "A esposa e o amigo **seguem** sua marcha." (José de Alencar)

  "Poti e seus guerreiros o **acompanharam**." (José de Alencar)

  "Vida, graça, novidade, **escorriam**-lhe da alma como de uma fonte perene." (Machado de Assis)

- É lícito (mas não obrigatório) deixar o verbo no singular:

  a) quando os núcleos do sujeito são sinônimos:

  "A decência e honestidade ainda **reinava**." (Mário Barreto)

  "A coragem e afoiteza com que lhe respondi, **perturbou-o**..." (Camilo Castelo Branco)

  "Que barulho, que revolução **será** capaz de perturbar esta serenidade?"(Graciliano Ramos)

  b) quando os núcleos do sujeito formam sequência gradativa:

  Uma ânsia, uma aflição, uma angústia repentina **começou** a me apertar a alma.

- Sendo o sujeito composto e posposto ao verbo, este poderá concordar no plural ou com o substantivo mais próximo:

"Não **fossem** o rádio de pilha e as revistas, que seria de Elisa?" (JORGE AMADO)

"Enquanto ele não vinha, **apareceram** um jornal e uma vela." (RICARDO RAMOS)

"Ali **estavam** o rio e as suas lavadeiras." (POVINA CAVALCÂNTI)

"... casa abençoada onde **paravam** Deus e o primeiro dos seus ministros." (CARLOS DE LAET)

"Moço escritor, ao qual não **faltam** o talento e a graça." (Raquel de Queirós)

"Aí **vinham** a cobiça que devora, a cólera que inflama, a inveja que baba..." (MACHADO DE ASSIS)

"**Proibiu**-se o ofício e lojas de ourives." (VIRIATO CORRÊA)

"Aqui é que **reina** a paz e a alegria nas boas consciências." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"E de tudo, só **restaria** a árvore, a relva e o cestinho de morangos." (LÍGIA FAGUNDES TELES)

"**Assusta**-as, talvez, o ar tranquilo com que as recebo, e a modéstia da casa." (RUBEM BRAGA)

"**Passou**-me pela mente a face e a voz duma professora de escola primária." (ÉRICO VERÍSSIMO)

- Aconselhamos, nesse caso, usar o verbo no plural.

3 O SUJEITO É COMPOSTO E DE PESSOAS DIFERENTES

Se o sujeito composto for de pessoas diversas, o verbo se flexiona no plural e na pessoa que tiver prevalência. [A 1ª pessoa prevalece sobre a 2ª e a 3ª; a 2ª prevalece sobre a 3ª]:

"Foi o que **fizemos** Capitu e eu." (MACHADO DE ASSIS) [ela e eu = *nós*]

"Tu e ele **partireis** juntos." (MÁRIO BARRETO) [tu e ele = *vós*]

Você e meu irmão não me **compreendem**. [você e ele = *vocês*]

Muitas vezes os escritores quebram a rigidez dessa regra:

a) ora fazendo concordar o verbo com o sujeito mais próximo, quando este se pospõe ao verbo:

"O que me resta da felicidade passada **és** tu e eles." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Faze uma arca de madeira; **entra** nela tu, tua mulher e teus filhos." (MACHADO DE ASSIS)

b) ora preferindo a 3ª pessoa na concorrência tu + ele [*tu + ele = vocês* em vez de *tu + ele = vós*]:

"... Deus e tu **são** testemunhas..." (ALMEIDA GARRETT)

"O que eu continuamente peço a Deus é que ele e tu **sejam** meus amigos." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Juro que tu e tua mulher me **pagam**". (COELHO NETO)

"Nem tu nem Belkiss a **veem**." (EUGÊNIO DE CASTRO)

CASOS ESPECIAIS DE CONCORDÂNCIA VERBAL

Estudaremos aqui os mais importantes casos especiais de concordância verbal, lembrando que a matéria é complexa e controversa, sujeita a soluções divergentes. As normas que a seguir traçamos têm, muitas vezes, valor relativo, porquanto a escolha desta ou daquela concordância depende, frequentemente, do contexto, da situação e do clima emocional que envolvem o falante ou o escrevente.

1 NÚCLEOS DO SUJEITO UNIDOS POR *OU*

Há duas situações a considerar:

- Se a conjunção *ou* indicar exclusão ou retificação, o verbo concordará com o núcleo do sujeito mais próximo:

  Paulo ou Antônio **será** o presidente.

  O ladrão ou os ladrões não **deixaram** nenhum vestígio.

  Ainda não **foi encontrado** o autor ou os autores do crime.

  "O chefe ou um dos delegados, não me lembra, **era** amigo do Andrade." (MACHADO DE ASSIS)

- O verbo irá para o plural se a ideia por ele expressa se referir ou puder ser atribuída a todos os núcleos do sujeito:

  "Era tão pequena a cidade, que um grito ou gargalhada forte a **atravessavam** de ponta a ponta." (ANÍBAL MACHADO) [Tanto um grito como uma gargalhada atravessavam a cidade.]

  "Naquela crise, só Deus ou Nossa Senhora **podiam** acudir-lhe." (CAMILO CASTELO BRANCO)

- Há, no entanto, em bons autores, ocorrência de verbo no singular:

  "A glória ou a vergonha da estirpe **provinha** de atos individuais." (VIVALDO COARACI)

  "Há dessas reminiscências que não descansam antes que a pena ou a língua as **publique**." (MACHADO DE ASSIS)

  "Um príncipe ou uma princesa não **casa** sem um vultoso dote." (VIRIATO CORRÊA)

  "Nas classes burguesas é raro o rapaz ou a rapariga que não **saiba** o latim e o francês." (RAMALHO ORTIGÃO)

  "Não **faltava** argúcia ou malícia a quem era irmão de Júlia." (LUÍS JARDIM)

2 NÚCLEOS DO SUJEITO UNIDOS PELA PREPOSIÇÃO *COM*

- Usa-se mais frequentemente o verbo no plural quando se atribui a mesma importância, no processo verbal, aos elementos do sujeito unidos pela preposição *com*. Exemplos:

  Manuel com seu compadre **construíram** o barracão.

  "Eu com outros romeiros **vínhamos** de Vigo..." (CAMILO CASTELO BRANCO)

  "Ele com mais dois **acercaram**-se da porta." (CAMILO CASTELO BRANCO)

- Pode-se usar o verbo no singular quando se deseja dar relevância ao primeiro elemento do sujeito e também quando o verbo vier antes deste. Exemplos:

  O bispo, com dois sacerdotes, **iniciou** solenemente a missa.

  O presidente, com sua comitiva, **chegou** a Paris às 5 h da tarde.

  "Já num sublime e público teatro, se **assenta** o rei inglês com toda a corte." (LUÍS DE CAMÕES)

"À mesma porta por onde **saíra** a mulher com a filha, chegavam outros pretendentes." (ANÍBAL MACHADO)

3 NÚCLEOS DO SUJEITO UNIDOS POR *NEM*

- Quando o sujeito é formado por núcleos no singular unidos pela conjunção *nem*, usa-se, comumente, o verbo no plural. Exemplos:

Nem a riqueza nem o poder o **livraram** de seus inimigos.

Nem eu nem ele o **convidamos**.

"Nem o mundo nem Deus **teriam** força para me constranger a tanto." (ALEXANDRE HERCULANO)

"Nem a Bíblia nem a respeitabilidade lhe **permitem** praguejar alto." (EÇA DE QUEIRÓS)

Nem a mãe nem o pai **tinham** percebido sua ausência." (GARCIA DE PAIVA)

"Nem a mocidade, nem a fortuna **tinham** já forças para reanimar a sua vítima." (ANTÔNIO FELICIANO DE CASTILHO)

"Nem Hazerot nem Magog **foram eleitos**." (MACHADO DE ASSIS)

- É preferível a concordância no singular:

a) quando o verbo precede o sujeito:

"Não lhe **valeu** a imensidade azul, nem a alegria das flores, nem a pompa das folhas verdes..." (MACHADO DE ASSIS)

Não o **convidei** eu nem minha esposa.

"Na fazenda, atualmente, não se **recusa** trabalho, nem dinheiro, nem nada a ninguém." (GUIMARÃES ROSA)

b) quando há exclusão, isto é, quando o fato só pode ser atribuído a um dos elementos do sujeito:

Nem Berlim nem Moscou **sediará** a próxima Olimpíada.
[Só uma cidade pode sediar a Olimpíada.]

Nem Paulo nem João **será eleito** governador do Acre.
[Só um candidato pode ser eleito governador.]

4 NÚCLEOS DO SUJEITO CORRELACIONADOS

O verbo vai para o plural quando os elementos do sujeito composto estão ligados por uma das expressões correlativas *não só... mas também, não só como também, tanto... como*, etc. Exemplos:

"Não só a nação mas também o príncipe **estariam** pobres." (ALEXANDRE HERCULANO)

"Tanto a Igreja como o Estado **eram** até certo ponto inocentes." (ALEXANDRE HERCULANO)

"Tanto Noêmia como Reinaldo só **mantinham** relações de amizade com um grupo muito reduzido de pessoas." (JOSÉ CONDÉ)

"Tanto a lavoura como a indústria da criação de gado não o **demovem** do seu objetivo." (CASSIANO RICARDO)

"Tanto Lincoln quanto o Aleijadinho **parecem** deter o segredo de tudo que lhes falta." (VIANA MOOG)

5 SUJEITOS RESUMIDOS POR *TUDO, NADA, NINGUÉM*

Quando o sujeito composto vem resumido por um dos pronomes *tudo, nada, ninguém*, etc., o verbo concorda, no singular, com o pronome resumidor. Exemplos:

Jogos, espetáculos, viagens, diversões, nada *pôde* satisfazê-lo.

"O entusiasmo, alguns goles de vinho, o gênio imperioso, estouvado, tudo isso me **levou** a fazer uma coisa única." (MACHADO DE ASSIS)

Jogadores, árbitro, assistentes, ninguém **saiu** do campo.

6 NÚCLEOS DO SUJEITO DESIGNANDO A MESMA PESSOA OU COISA

O verbo concorda no singular quando os núcleos do sujeito designam a mesma pessoa ou o mesmo ser. Exemplos:

"Aleluia! O brasileiro comum, o homem do povo, o joão-ninguém, agora **é** cédula de Cr$ 500,00!" (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

"Embora sabendo que tudo vai continuar como está, **fica** o registro, o protesto, em nome dos telespectadores." (VALÉRIO ANDRADE)

Advogado e membro da instituição **afirma** que ela é corrupta.

7 NÚCLEOS DO SUJEITO SÃO INFINITIVOS

O verbo concordará no plural se os infinitivos forem determinados pelo artigo ou exprimirem ideias opostas; caso contrário, tanto é lícito usar o verbo no singular como no plural. Exemplos:

O comer e o beber **são** necessários.

Rir e chorar **fazem** parte da vida.

Montar brinquedos e desmontá-los **divertiam** muito o menino.

"Já tinha ouvido que plantar e colher feijão não **dava** trabalho." (POVINA CAVALCÂNTI) [ou *davam*]

Cantar, dançar e representar **faz** [ou *fazem*] a alegria do artista.

"Nenhum rugir ou gemer seu **anulariam** o mal que se consumara no Mirante." (EÇA DE QUEIRÓS)

8 SUJEITO ORACIONAL

Concorda no singular o verbo cujo sujeito é uma oração:

Ainda **falta** comprar os cartões.

predicado sujeito oracional

Estas são realidades que não **adianta** esconder.

[sujeito de adianta: *esconder que (as realidades)*] (Veja item 29, p. 468.)

9 SUJEITO COLETIVO

O verbo concorda no singular com o sujeito coletivo no singular. Exemplos:

A multidão **vociferava** ameaças.

O exército dos aliados **desembarcou** no sul da Itália.

Uma junta de bois **tirou** o automóvel do atoleiro.

Um bloco de foliões **animava** o centro da cidade.

"Uma porção de índios **surgiu** do meio das árvores e nos **rodeou**." (EDY LIMA)

"Surpreendemos uma vara de porcos que **atravessava** o rio a nado." (GASTÃO CRULS)

"... o bando dos guerreiros tabajara que **fugia** em nuvem negra de pó." (JOSÉ DE ALENCAR)

"Um grupo de rapazes **sentara**-se ali ao lado." (FERNANDO NAMORA)

Observação:

✔ Se o coletivo vier seguido de substantivo plural que o especifique e anteceder ao verbo, este poderá ir para o plural, quando se quer salientar não a ação do conjunto, mas a dos indivíduos, efetuando-se uma concordância não gramatical, mas ideológica:

"Uma grande multidão de crianças, de velhos, de mulheres *penetraram* na caverna..." (ALEXANDRE HERCULANO)

"Uma grande vara de porcos que *se afogaram* de escantilhão no mar..." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Reconheceu que era um par de besouros que *zumbiam* no ar." (MACHADO DE ASSIS)

"Havia na União um grupo de meninos que *praticavam* esse divertimento com uma pertinácia admirável." (POVINA CAVALCÂNTI)

10 A MAIOR PARTE DE, GRANDE NÚMERO DE, ETC.

Sendo o sujeito uma das expressões quantitativas *a maior parte de, parte de, a maioria de, grande número de*, etc., seguida de substantivo ou pronome no plural, o verbo, quando posposto ao sujeito, pode ir para o singular ou para o plural, conforme se queira efetuar uma concordância estritamente gramatical (com o coletivo singular) ou uma concordância enfática, expressiva, com a ideia de pluralidade sugerida pelo sujeito. Exemplos:

"A maior parte dos indígenas **respeitavam** os pajés." (GILBERTO FREYRE)

"A maior parte dos doidos ali metidos **estão** em seu perfeito juízo." (MACHADO DE ASSIS)

"A maior parte das pessoas **pedem** uma sopa, um prato de carne e um prato de legumes." (RAMALHO ORTIGÃO)

"A maior parte dos nomes **podem** ser empregados em sentido definido ou em sentido indefinido." (MÁRIO BARRETO)

"Grande parte dos atuais advérbios **nasceram** de substantivos." (IDEM)

"A maioria das pessoas **são** sinuosas, coleantes..." (ONDINA FERREIRA)

"A maioria dos acidentes nas estradas de acesso ao Rio **ocorrem** em dias claros." (*Jornal do Brasil*, 28/12/1972)

"Vocês já imaginaram a maravilha que seria o mundo se ao menos uma quinta parte desses gênios **se realizassem** na maioridade?" (LÍGIA FAGUNDES TELLES)

"A maioria dos presentes, formando grupos, **contavam** histórias, baixinho, **falavam** de coisas da vida." (AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA)

"A maioria dos mouros **era** escrava e pobre." (ALEXANDRE HERCULANO)

"A maioria dos trabalhadores **recebeu** essa notícia com alegria." (AMANDO FONTES)

"A maioria das palavras **continua** visível." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

"A maioria dos doentes não **podia** compreender que..." (FERNANDO NAMORA)

"Metade dos alunos **fez** [ou *fizeram*] o trabalho." (J. GUALDA DANTAS)

"Meia dúzia de garimpeiros doentes **esperava** a consulta matutina." (HERMAN LIMA)

"Visitei os presos. Boa parte deles **dormia** [ou *dormiam*] no chão."

"A quantidade de veículos que **circulam** em São Paulo me **impressionou**."

"Grande número de eleitores **votou** [ou *votaram*] em branco."

"**Morreu** de gripe a maioria dos índios que tiveram contato com os brancos."

Nos quilombos **refugiava-se** parte dos escravos fugitivos.

Observações:

1ª) Quando o verbo precede o sujeito, como nos dois últimos exemplos, a concordância se efetua no singular.

2ª) Como se vê dos exemplos supracitados, as duas concordâncias são igualmente legítimas, porque têm tradição na língua. Cabe a quem fala ou escreve escolher a que julgar mais adequada à situação. Pode-se, portanto, no caso em foco, usar o verbo no plural, efetuando a concordância não com a forma gramatical das palavras, mas com a ideia de pluralidade que elas encerram e sugerem à nossa mente. Essa *concordância ideológica* é bem mais expressiva que a gramatical, como se pode perceber relendo as frases citadas de Machado de Assis, Ramalho Ortigão, Ondina Ferreira e Aurélio Buarque de Holanda, e cotejando-as com as dos autores que usaram o verbo no singular.

11 UM E OUTRO, NEM UM NEM OUTRO

O sujeito sendo uma dessas expressões, o verbo concorda, de preferência, no plural. Exemplos:

"Um e outro gênero **se destinavam** ao conhecimento..." (HERNÂNI CIDADE)

"Um e outro **descendiam** de velhas famílias do Norte." (MACHADO DE ASSIS)

Uma e outra família **tinham** [ou *tinha*] parentes no Rio.

"Depois nem um nem outro **acharam** novo motivo para diálogo." (FERNANDO NAMORA)

"Não me **ficaria** bem nem uma nem outra coisa." (JOSÉ GUALDA DANTAS)

Nem uma nem outra foto **prestavam** [ou *prestava*].

Um e outro livro me **agradaram** [ou *agradou*] muito.

"Um e outro país **deixarão** de ver no outro o Império do Mal." (EMIR SADER)

12 UM OU OUTRO

O verbo concorda no singular com o sujeito *um ou outro*:

"Respondi-lhe que um ou outro colar lhe **ficava** bem." (MACHADO DE ASSIS)

"Uma ou outra **pode** dar lugar a dissentimentos." (MACHADO DE ASSIS)

"Sempre tem um ou outro que **vai** dando um vintém." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

13 UM DOS QUE, UMA DAS QUE

- Quando, em orações adjetivas restritivas, o pronome *que* vem antecedido de *um dos* ou expressão análoga, o verbo da oração adjetiva flexiona-se, em regra, no plural:

  "O príncipe foi um dos que **despertaram** mais cedo." (ALEXANDRE HERCULANO)

  "A baronesa era uma das pessoas que mais **desconfiavam** de nós." (MACHADO DE ASSIS)

  "Areteu da Capadócia era um dos muitos médicos gregos que **viviam** em Roma." (MOACYR SCLIAR)

  Ele é desses charlatães que **exploram** a crendice humana.

  Não sou dos que **acreditam** piamente em soluções mágicas.

- Essa é a concordância lógica, geralmente preferida pelos escritores modernos. Todavia, não é prática condenável fugir ao rigor da lógica gramatical e usar o verbo da oração adjetiva no singular (fazendo-o concordar com a palavra *um*), quando se deseja destacar o indivíduo do grupo, dando-se a entender que ele sobressaiu ou sobressai aos demais:

  Ele é um desses parasitas que **vive** à custa dos outros.

  "Foi um dos poucos do seu tempo que **reconheceu** a originalidade e importância da literatura brasileira." (JOÃO RIBEIRO)

Observação:

✔ Há gramáticos que condenam tal concordância. Por coerência, deveriam condenar também a comumente aceita em construções anormais do tipo: Quais de *vós sois* isentos de culpa? Quantos de nós *somos* completamente felizes?

- O verbo fica obrigatoriamente no singular quando se aplica apenas ao indivíduo de que se fala, como no exemplo:

  Jairo é um dos meus empregados que não **sabe** ler.
  [Jairo é o único empregado que não sabe ler.]

Ressalte-se, porém, que nesse caso é preferível construir a frase de outro modo:

Jairo é um empregado meu que não sabe ler.

Dos meus empregados, só Jairo não sabe ler.

- Na linguagem culta formal, ao empregar as expressões em foco, o mais acertado é usar no plural o verbo da oração adjetiva:

  O Japão é um dos países que mais **investem** em tecnologia.

  Gandhi foi um dos que mais **lutaram** pela paz.

  O sertão cearense é uma das áreas que mais **sofrem** com as secas.

  Heráclito foi um dos empresários que **conseguiram** superar a crise.

- Embora o caso seja diferente, é oportuno lembrar que, nas orações adjetivas explicativas, nas quais o pronome *que* é separado de seu antecedente por pausa e vírgula, a concordância é determinada pelo sentido da frase:

  Um dos meninos, que **estava** sentado à porta da casa, foi chamar o pai.
  [Só um menino estava sentado.]

  Um dos cinco homens, que **assistiam** àquela cena estupefatos, soltou um grito de protesto.
  [Todos os cinco homens assistiam à cena.]

14 MAIS DE UM

O verbo concorda, em regra, no singular. O plural será de rigor se o verbo exprimir reciprocidade, ou se o numeral for superior a um. Exemplos:

Mais de um excursionista já **perdeu** a vida nesta montanha.

Mais de um dos circunstantes **se entreolharam** com espanto.

Devem ter fugido mais de vinte presos.

15 QUAIS DE VÓS? ALGUNS DE NÓS

Sendo o sujeito um dos pronomes interrogativos *quais*? *quantos*? ou um dos indefinidos *alguns*, *muitos*, *poucos*, etc., seguidos dos pronomes *nós* ou *vós*, o verbo concordará, por atração, com estes últimos, ou, o que é mais lógico, na 3ª pessoa do plural:

"Quantos dentre nós a **conhecemos**?" (Rogério César Cerqueira)

"Quais de vós **sois**, como eu, desterrados...?" (Alexandre Herculano)

"... quantos dentre vós **estudam** conscienciosamente o passado?" (José de Alencar)

Alguns de nós **vieram** [ou *viemos*] de longe.

Poucos dentre nós **conhecem** [ou *conhecemos*] as leis.

"Quantos de nós **teríamos** experimentado essa tentação?" (Olga Savary)

"Já pensou, meu caro, quantos de nós **nos arriscamos** aqui?" (Guilherme de Figueiredo)

Observação:

✔ Estando o pronome no singular, no singular (3ª pessoa) ficará o verbo:

Qual de vós *testemunhou* o fato?

Nenhuma de nós a *conhece*.

Nenhum de vós a *viu*?

Qual de nós *falará* primeiro?

16 PRONOMES *QUEM, QUE,* COMO SUJEITOS

- O verbo concordará, em regra, na 3ª pessoa, com os pronomes *quem* e *que*, em frases como estas:

Sou eu quem **responde** pelos meus atos.

Somos nós quem **leva** o prejuízo.

Eram elas quem **fazia** a limpeza da casa.

"Eras tu quem **tinha** o dom de encantar-me." (OSMAN LINS)

"Fui eu quem o **ensinou** a desenhar." (MÁRIO BARRETO)

"Eu fui o último que **se retirou**." (MÁRIO BARRETO)

Eu sou o que **presenciou** o fato.

"Sou um homem que ainda não **renegou** nem da cruz, nem da Espanha." (ALEXANDRE HERCULANO)

"Éramos dois sócios que **entravam** no comércio da vida com diferente capital." (MACHADO DE ASSIS)

- Todavia, a linguagem enfática justifica a concordância com o sujeito da oração principal:

"Sou **eu** quem **prendo** aos céus a terra." (GONÇALVES DIAS)

"Não sou **eu** quem **faço** a perspectiva encolhida." (RICARDO RAMOS)

"És **tu** quem **dás** frescor à mansa brisa." (GONÇALVES DIAS)

"Nós somos os galegos que **levamos** a barrica." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"**Vós** sois o algoz que **recebeis** o cutelo da mão providencial." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Somos **nós** quem a **fazemos**." (RICARDO RAMOS)

"**Eu** sou a que mais **estou** torcendo para jogarmos juntas." (*Jornal do Brasil*, 21/8/1999)

- A concordância do verbo precedido do pronome relativo *que* far-se-á obrigatoriamente com o sujeito do verbo (*ser*) da oração principal, em frases do tipo:

Sou **eu** que **pago**.

És **tu** que **vens** conosco?

Somos **nós** que **cozinhamos**.

Eram **eles** que mais **reclamavam**.

Fomos **nós** que o **encontramos**.

Fostes **vós** que o **elegestes**.

Foram **os bombeiros** que a **salvaram**.

"Fui **eu** que me **pus** a rir." (MACHADO DE ASSIS)

"Fui **eu** que **imitei** o ronco do bicho." (EDI LIMA)

"Não seremos **nós** que **iremos** à maneira dos primitivistas, ficar de tanga e entrar a falar capiau." (SÍLVIO ELIA)

Observação:

✔ Em construções desse tipo, é lícito considerar o verbo *ser* e a palavra *que* como elementos expletivos ou enfatizantes, portanto não necessários ao enunciado. Assim:

Sou eu *que* pago. [= Eu pago.]

Somos nós *que* cozinhamos. [= Nós cozinhamos.]

Foram os bombeiros *que* a salvaram. [= Os bombeiros a salvaram.]

✔ Seja qual for a interpretação, o importante é saber que, neste caso, tanto o verbo *ser* como o outro devem concordar com o pronome ou substantivo que precede a palavra *que*.

17 CONCORDÂNCIA COM OS PRONOMES DE TRATAMENTO

Os pronomes de tratamento exigem o verbo na 3ª pessoa, embora se refiram à 2ª pessoa do discurso:

Vossa Excelência **agiu** com moderação.

Vossas Excelências não **ficarão** surdos à voz do povo.

"Espero que V. Sª não me **faça** mal." (Camilo Castelo Branco)

"Vossa Majestade não **pode** consentir que os touros lhe matem o tempo e os vassalos." (Rebelo da Silva)

18 CONCORDÂNCIA COM CERTOS SUBSTANTIVOS PRÓPRIOS NO PLURAL

- Certos substantivos próprios de forma plural, como *Estados Unidos*, *Andes*, *Campinas*, *Lusíadas*, etc., levam o verbo para o plural quando se usam com o artigo; caso contrário, o verbo concorda no singular.

"Os Estados Unidos **são** o país mais rico do mundo." (Eduardo Prado)

Os Andes **se estendem** da Venezuela à Terra do Fogo.

"Os Lusíadas" **imortalizaram** Luís de Camões.

Campinas **orgulha-se** de ter sido o berço de Carlos Gomes.

Minas Gerais **possui** grandes jazidas de ferro.

"Montes Claros **era** um feudo daquela família." (Raquel Jardim)

"Terras do Sem-Fim" **foi quadrinizado** para leitores jovens.

- Tratando-se de títulos de obras, é comum deixar o verbo no singular, sobretudo com o verbo *ser* seguido de predicativo no singular:

"*As Férias de El-Rei* **é** o título da novela." (Rebelo da Silva)

"*As Valkírias* **mostra** claramente o homem que existe por detrás do mago." (Paulo Coelho)

"*Os Sertões* **é** um ensaio sociológico e histórico..." (Celso Luft)

⇒ A concordância, neste caso, não é gramatical, mas *ideológica*, porque se efetua não com a palavra (Valkírias, Sertões, Férias de El-Rei), mas com a *ideia* por ela sugerida (obra ou livro). Ressalte-se, porém, que é também correto usar o verbo no plural:

As Valkírias **mostram** claramente o homem...

"*Os Sertões* **são** um livro de ciência e de paixão, de análise e de protesto." (ALFREDO BOSI)

19 CONCORDÂNCIA DO VERBO PASSIVO

- Quando apassivado pelo pronome apassivador *se*, o verbo concordará normalmente com o sujeito:

Vende-se a casa e **compram-se** dois apartamentos.

Gastaram-se milhões, sem que se **vissem** resultados concretos.

"**Correram-se** as cortinas da tribuna real." (REBELO DA SILVA)

"**Aperfeiçoavam-se** as aspas, **cravavam-se** pregos necessários à segurança dos postes..." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Agora já não **se fazem** destes aparelhos." (CARLOS DE LAET)

Ouviam-se vozes fortes de comando." (FERREIRA DE CASTRO)

Ali só se **viam** ruínas.

"A tentativa de **se aferirem** pesos e medidas." (CIRO DOS ANJOS)

"Quantas horas faltariam para **se abrirem** os cafés e as bodegas?" (GRACILIANO RAMOS)

"A salvação de Toledo foi não **se terem fechado** suas portas." (ALEXANDRE HERCULANO)

"Sua sala era absolutamente igual às que **se veem** nos livros ilustrados para o ensino do inglês." (CECÍLIA MEIRELES)

"Mais tarde se confirma isto, ao **se mandarem** chusmas de criminosos povoar os cafundós desta ou daquela capitania." (CASSIANO RICARDO)

"Daí o princípio colonial de só se **concederem** terras em sesmarias às pessoas que possuam meios para realizar a exploração delas e fundar engenhos." (OLIVEIRA VIANA)

Observação:

✔ Na literatura moderna há exemplos em contrário, mas que não devem ser seguidos:

"*Vendia-se* seiscentos convites e aquilo ficava cheio." (RICARDO RAMOS)

"Em Paris há coisas que não *se entende* bem." (RUBEM BRAGA)

- Nas locuções verbais formadas com os verbos auxiliares *poder* e *dever*, na voz passiva sintética, o verbo auxiliar concordará com o sujeito. Exemplos:

Não **se podem** cortar essas árvores.

[sujeito: *árvores*; locução verbal: *podem cortar*]

Devem-se ler bons livros. [= Devem ser lidos bons livros.]

[sujeito: *livros*; locução verbal: *devem-se ler*]

"Nem de outra forma **se poderiam** imaginar façanhas memoráveis como a do fabuloso Aleixo Garcia." (SÉRGIO BUARQUE DE HOLLANDA)

"Em Santarém há poucas casas particulares que **se possam** dizer verdadeiramente antigas." (ALMEIDA GARRETT)

- Entretanto, pode-se considerar sujeito do verbo principal a oração iniciada pelo infinitivo e, nesse caso, não há locução verbal e o verbo auxiliar concorda no singular. Assim:

  Não **se pode** cortar essas árvores.

  [sujeito: *cortar essas árvores*; predicado: *não se pode*]

  Deve-se ler bons livros.

  [sujeito: *ler bons livros*; predicado: *deve-se*]

- Em síntese: de acordo com a interpretação que se escolher, tanto é lícito usar o verbo auxiliar no singular como no plural. Portanto:

  Não **se podem** [ou *pode*] cortar essas árvores.

  Devem-se [ou *deve-se*] ler bons livros.

  "Quando se joga, **deve-se** aceitar as regras." (LEDO IVO)

  " Concluo que não **se devem** abolir as loterias." (MACHADO DE ASSIS)

  "**Pode-se** comprar livros de segunda mão baratíssimos." (JOSÉ PAULO PAES)

  "De preferência, **deve-se** ler os dois, o historiador e o novelista." (JORGE AMADO)

  "**Deviam-se** reduzir ao mínimo as relações com o poder público." (CIRO DOS ANJOS)

  "Era loura, mas **podia-se** ver massas castanhas por baixo da tintura dourada do cabelo." (VINÍCIUS DE MORAES)

20 VERBOS IMPESSOAIS

Os verbos *haver*, *fazer* (na indicação do tempo), *passar de* (na indicação das horas), *chover* e outros que exprimem fenômenos meteorológicos, quando usados como impessoais, ficam na 3ª pessoa do singular:

"Não **havia** ali vizinhos naquele deserto." (MONTEIRO LOBATO)

"**Havia** já dois anos que nos não víamos." (MACHADO DE ASSIS)

"Aqui, **faz** verões terríveis." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"**Faz** hoje ao certo dois meses que morreu na forca o tal malvado..." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Conhecera-o assim, **fazia** quase vinte anos." (JOSUÉ MONTELLO)

Quando saí de casa, **passava** das oito horas.

"**Chovera** e **nevara** depois, durante muitos dias." (CAMILO CASTELO BRANCO)

Observações:

a) Também fica invariável na 3ª pessoa do singular o verbo que forma locução com os verbos impessoais *haver* ou *fazer*:

Deverá haver cinco anos que ocorreu o incêndio.

Vai haver grandes festas.

Há de haver, sem dúvida, fortíssimas razões para ele não aceitar o cargo.

Começou a haver abusos na nova administração.

Vai fazer cem anos que nasceu o genial artista.

Não *pode* haver rasuras neste documento.

"Haverá, *deve* haver construções históricas em Nova Iorque." (VIANA MOOG)

b) O verbo *chover*, no sentido figurado [= cair ou sobrevir em grande quantidade], deixa de ser impessoal e, portanto, concordará com o sujeito:

Choviam pétalas de flores.

"Sou aquele sobre quem mais *têm chovido* elogios e diatribes." (CARLOS DE LAET)

Choveram comentários e palpites." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

"E nem lá [na Lua] *chovem* meteoritos, permanentemente." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

c) Na língua popular brasileira é generalizado o uso de *ter*, impessoal, por *haver*, *existir*. Nem faltam exemplos em escritores modernos:

"No centro do pátio *tem* uma figueira velhíssima, com um banco embaixo." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

"Soube que *tem* um cavalo morto, no quintal." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

d) Esse emprego do verbo *ter*, impessoal, não é estranho ao português europeu:

"É verdade. *Tem* dias que sai ao romper de alva e recolhe alta noite, respondeu Ângela." (CAMILO CASTELO BRANCO) [Tem = Há]

e) *Existir* não é verbo impessoal. Portanto:

Nesta cidade *existem* [e não *existe*] bons médicos.

Não *deviam* [e não *devia*] existir crianças abandonadas.

21 CONCORDÂNCIA DO VERBO SER

- O verbo de ligação *ser* concorda com o predicativo nos seguintes casos:

a) quando o sujeito é um dos pronomes *tudo*, *o*, *isto*, *isso* ou *aquilo*:

"Tudo **eram** hipóteses." (LÊDO IVO)

"Tudo isto **eram** sintomas graves." (MACHADO DE ASSIS)

Na mocidade tudo **são** esperanças.

"Não, nem tudo **são** dessemelhanças e contrastes entre Brasil e Estados Unidos." (VIANA MOOG)

"Vamos e venhamos: na floresta nem tudo **são** flores." (TIAGO DE MELO)

"Aquilo **eram** asperezas que o tempo acepilhava." (GRACILIANO RAMOS)

"Isso **são** sonhos, Mariana!" (CAMILO CASTELO BRANCO)

"O que atrapalhava **eram** as caras antipáticas dos guardas." (ANÍBAL MACHADO)

"O que atrapalha bastante **são** as discussões a meu respeito." (ANÍBAL MACHADO)

"Mas o que o amor é, principalmente, **são** duas pessoas neste mundo." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

Hoje o que não falta **são** divertimentos.

- A concordância com o sujeito, embora menos comum, é também lícita:

"Tudo **é** flores no presente." (GONÇALVES DIAS)

"O que de mim posso oferecer-lhe **é** espinhos da minha coroa." (CAMILO CASTELO BRANCO)

O verbo *ser* fica no singular quando o predicativo é formado de dois núcleos no singular:

"Tudo o mais **é** soledade e silêncio." (FERREIRA DE CASTRO)

b) quando o sujeito é um nome de coisa, no singular, e o predicativo um substantivo plural:

"A cama **são** umas palhas." (CAMILO CASTELO BRANCO)

" A causa **eram** os seus projetos." (MACHADO DE ASSIS)

"Vida de craque não **são** rosas." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

Sua salvação **foram** aquelas ervas.

"Quando D. Angélica soube que a base daqueles pratos e sobremesas **eram** flores, ficou consternada." (JOSÉ J. VEIGA)

Observação:

✔ O sujeito sendo nome de pessoa, com ele concordará o verbo *ser*:

Emília *é* os encantos de sua avó.

Abílio *era* só problemas.

Dá-se também a concordância no singular com o sujeito *que*:

"Ergo-me hoje para escrever mais uma página neste Diário *que* breve *será* cinzas como eu." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"No edifício *que era* só vidros." (RICARDO RAMOS)

c) quando o sujeito é uma palavra ou expressão de sentido coletivo ou partitivo, e o predicativo um substantivo no plural:

"A maioria **eram** rapazes." (ANÍBAL MACHADO)

A maior parte **eram** famílias pobres.

O resto [ou *o mais*] **são** trastes velhos.

"A maior parte dessa multidão **são** mendigos." (EÇA DE QUEIRÓS)

"Quase a metade dos escritores brasileiros que viveram entre 1870 e 1930 **foram** professores de escolas públicas." (JOSÉ MURILO DE CARVALHO)

d) quando o predicativo é um pronome pessoal ou um substantivo, e o sujeito não é pronome pessoal reto:

"O Brasil, senhores, **sois** vós." (RUI BARBOSA)

"Nas minhas terras o rei **sou** eu." (ALEXANDRE HERCULANO)

"O dono da fazenda **serás** tu." (SAID ALI)

"... mas a minha riqueza **eras** tu." (CAMILO CASTELO BRANCO)

Quem deu o alarme **fui** eu.

Quem plantou essas árvores **fomos** nós.

Quem não ficou nada contente **foram** os camelôs.

Mas:

Eu não **sou** ele. Vós não **sois** eles. Tu não **és** ele.

e) quando o predicativo é o pronome demonstrativo **o** ou a palavra *coisa*:

Divertimentos **é** o que não lhe falta.

"Os bastidores **é** só o que me toca." (CORREIA GARÇÃO)

"Mentiras, **era** o que me pediam, sempre mentiras." (FERNANDO NAMORA)

"Os responsórios e os sinos **é** coisa importuna em Tibães." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Histórias sobre diamantes **é** o que não falta." (MARIA JOSÉ DE QUEIRÓS)

f) nas locuções *é muito, é pouco, é suficiente, é demais, é mais que* (ou *do que*), *é menos que* (ou *do que*), etc., cujo sujeito exprime *quantidade, preço, medida*, etc.:

"Seis anos **era** muito." (CAMILO CASTELO BRANCO)

Dois mil dólares **é** pouco.

Cinco mil dólares **era** quanto bastava para a viagem.

Doze metros de fio **é** demais.

Seis quilos de carne **é** mais do que precisamos.

Para ele, mil dólares **era** menos que um real.

- Na indicação das horas, datas e distâncias, o verbo *ser* é impessoal (não tem sujeito) e concordará com a expressão designativa de hora, data ou distância:

Era uma hora da tarde.

"**Era** hora e meia, foi pôr o chapéu." (EÇA DE QUEIRÓS)

"**Seriam** seis e meia da tarde." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"**Eram** duas horas da tarde." (MACHADO DE ASSIS)

"**São** horas de fechar esta carta." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"**Eram** sete de maio da era de 1439..." (ALEXANDRE HERCULANO)

"Hoje **são** vinte e um do mês, não **são**?" (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Da estação à fazenda **são** três léguas a cavalo." (SAID ALI)

Observações:

1ª) Pode-se, entretanto, na linguagem espontânea, deixar o verbo no singular, concordando com a ideia implícita de "dia":

"Hoje é seis de março." (J. MATOSO CÂMARA JR.) [Hoje *é dia* seis de março.]

"Hoje é dez de janeiro." (CELSO LUFT)

2ª) Estando a expressão que designa horas precedida da locução *perto de*, hesitam os escritores entre o plural e o singular:

"*Eram* perto de oito horas." (MACHADO DE ASSIS)

Era perto de duas horas quando saiu da janela." (MACHADO DE ASSIS)

"...*era* perto das cinco quando saí." (EÇA DE QUEIRÓS)

3ª) O verbo *passar*, referente a horas, fica na 3ª pessoa do singular, em frases como:

Quando o trem chegou, *passava* das sete horas.

22 LOCUÇÃO DE REALCE *É QUE*

O verbo *ser* permanece invariável na expressão expletiva ou de ralce *é que*:

Eu **é que** mantenho a ordem aqui. [= *Sou* eu que mantenho a ordem aqui.]

Nós **é que** trabalhávamos. [= *Éramos* nós que trabalhávamos.]

As mães **é que** devem educá-los. [= *São* as mães que devem educá-los.]

Os astros **é que** os guiavam. [= *Eram* os astros que os guiavam.]

Divertimentos **é que** não lhe faltavam.

Da mesma forma se diz, com ênfase:

"Vocês são muito **é** atrevidos." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"Sentia **era** vontade de ir também sentar-me numa cadeira junto do palco." (GRACILIANO RAMOS)

"Por que **era que** ele usava chapéu sem aba?" (GRACILIANO RAMOS)

Observação:

✔ O verbo *ser* é impessoal e invariável em construções enfáticas como:

Era aqui onde se açoitavam os escravos. [= Aqui se açoitavam os escravos.]

Foi então que os dois se desentenderam. [= Então os dois se desentenderam.]

23 ERA UMA VEZ

Por tradição, mantém-se invariável a expressão inicial de histórias *era uma vez*, ainda quando seguida de substantivo plural:

Era uma vez dois cavaleiros andantes.

24 A NÃO SER

- É geralmente considerada locução invariável, equivalente a *exceto*, *salvo*, *senão*. Exemplos:

  Nada restou do edifício, **a não ser** escombros.

  A não ser alguns pescadores, ninguém conhecia aquela praia.

  "Nunca pensara no que podia sair do papel e do lápis, **a não ser** bonecos sem pescoço..." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

- Mas não constitui erro usar o verbo *ser* no plural, fazendo-o concordar com o substantivo seguinte, convertido em sujeito da oração infinitiva. Exemplos:

  "As dissipações não produzem nada, **a não serem** dívidas e desgostos." (MACHADO DE ASSIS)

  "**A não serem** os antigos companheiros de mocidade, ninguém o tratava pelo nome próprio." (ÁLVARO LINS)

  "**A não serem** os críticos e eruditos, pouca gente manuseia hoje... aquela obra." (LATINO COELHO, *APUD* BERGO)

25 HAJA VISTA

- A expressão correta é *haja vista*, e não *haja visto*. Pode ser construída de três modos:

a) **Hajam vista** os livros desse autor. [= tenham vista, vejam-se]

b) **Haja vista** os livros desse autor. [= por exemplo, veja] (concordância mais usual)

c) **Haja vista** aos livros desse autor. [= olhe-se para, atente-se para os livros]

A primeira construção (que é a mais lógica) analisa-se deste modo:

Sujeito: os livros; *verbo*: hajam [= tenham]; *objeto direto*: vista.

A situação é preocupante; **hajam vista** os incidentes de sábado.

- Seguida de substantivo (ou pronome) singular, a expressão, evidentemente, permanece invariável:

A situação é preocupante; **haja vista** o incidente de sábado.

26 BEM HAJA / MAL HAJA

Bem haja e *mal haja* usam-se em frases optativas e imprecativas, respectivamente. O verbo concordará normalmente com o sujeito, que vem sempre posposto:

"**Bem haja** Sua Majestade!" (Camilo Castelo Branco)

Bem hajam os promovedores dessa campanha!

"**Mal hajam** as desgraças da minha vida..." (Camilo Castelo Branco)

27 CONCORDÂNCIA DOS VERBOS *BATER, DAR* E *SOAR*

Referindo-se às horas, os três verbos acima concordam regularmente com o sujeito, que pode ser *hora*, *horas* (claro ou oculto), *badaladas* ou *relógio*:

"Nisto, **deu** três horas o relógio da botica." (Camilo Castelo Branco)

"**Bateram** quatro da manhã em três torres a um tempo..." (Mário Barreto)

"**Tinham batido** quatro horas no cartório do tabelião Vaz Nunes." (Machado de Assis)

"**Deu** uma e meia." (Said Ali)

"**Davam** nove horas na igreja do Loreto." (Rebelo da Silva)

"Não tardou muito que no sino do coro **batessem** as badaladas que anunciavam a hora de prima." (Alexandre Herculano)

"**Soaram** dez horas nos relógios das igrejas e das fábricas." (Amando Fontes)

Observação:

✔ *Passar*, com referência a horas, no sentido de *ser mais de*, é verbo impessoal, por isso fica na 3ª pessoa do singular:

Quando chegamos ao aeroporto, *passava* das 16 horas.

Vamos, já *passa* das oito horas – disse ela ao filho.

28 CONCORDÂNCIA DO VERBO *PARECER*

Em construções com o verbo *parecer* seguido de infinitivo, pode-se flexionar o verbo *parecer* ou o infinitivo que o acompanha:

a) As paredes **pareciam estremecer**. (construção corrente)

b) As paredes **parecia estremecerem**. (construção literária)

Análise da construção **b)**: parecia: *oração principal;* as paredes estremecerem: *oração subordinada substantiva subjetiva*.

Outros exemplos:

"Nervos... que **pareciam estourar** no minuto seguinte." (FERNANDO NAMORA)

"Referiu-me circunstâncias que **parece justificarem** o procedimento do soberano." (LATINO COELHO)

"As lágrimas e os soluços **parecia** não a **deixarem** prosseguir." (ALEXANDRE HERCULANO)

"... quando as estrelas, em ritmo moroso, **parecia caminharem** no céu." (GRAÇA ARANHA)

"Os moravos **parece haverem tomado** a sério, para regra da vida, a palavra irônica do mártir." (RAMALHO ORTIGÃO)

"Volvidos um para o outro, **parecia** não **terem dado** por ele." (FERREIRA DE CASTRO)

"Até **parece escolherem** o modelo." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"O amanhecer e o anoitecer **parece deixarem**-me intacta." (CECÍLIA MEIRELES)

"As corporações que deviam voltar-se para a manutenção da ordem **parece** quase **insurgirem-se** contra ela." (WALTER FONTOURA)

- Usando-se a oração desenvolvida, *parecer* concordará no singular:

"Mesmo os doentes **parece** que são mais felizes." (CECÍLIA MEIRELES)

"Outros, de aparência acabadiça, **parecia** que não podiam com a enxada." (JOSÉ AMÉRICO)

"As notícias **parece** que têm asas." (OTTO LARA RESENDE)

[Isto é: *Parece* que as notícias têm asas.]

Observação:

✔ Essa dualidade de sintaxe verifica-se também com o verbo *ver* na voz passiva: "*Viam-se entrar* mulheres e crianças" ou "*Via-se entrarem* mulheres e crianças."

29 CONCORDÂNCIA COM O SUJEITO ORACIONAL

O verbo cujo sujeito é uma oração concorda obrigatoriamente na 3ª pessoa do singular:

Parecia — verbo
que os dois homens estavam bêbedos. — sujeito (oração subjetiva)

Faltava — verbo
dar os últimos retoques. — sujeito (oração subjetiva)

Outros exemplos, com o sujeito oracional em destaque:

Não me interessa **ouvir essas parlendas**.

Anotei os livros **que** faltava **adquirir**. [*faltava* adquirir os livros]

Esses fatos, importa [ou convém] **não esquecê-los**.

São viáveis as reformas **que** se intenta **implantar**?

São problemas esses **que** compete ao governo **solucionar**.

Não se conseguiu **conter os curiosos**.

Tentou-se **aumentar as exportações**.

No momento, procura-se **diminuir as importações**.

Não se pretende **alcançar resultados imediatos**.

São problemas esses **que** não cabe a nós **resolver**.

"A casa é grande; mas tem-se visto **acabarem casas maiores**." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"O americano pede contas aos seus mandatários pela administração e destino dos bens **que** lhes incumbe **zelar**." (VIANA MOOG)

"Sobre isto dissemos cousas **que** não importa **escrever aqui**." (MACHADO DE ASSIS)

30 CONCORDÂNCIA COM SUJEITO INDETERMINADO

O pronome *se* pode funcionar como índice de indeterminação do sujeito. Nesse caso, o verbo concorda obrigatoriamente na 3ª pessoa do singular. Exemplos:

Em casa, **fica-se** mais à vontade.

Detesta-se [e não *detestam-se*] aos indivíduos falsos.

Acabe-se de vez com esses abusos!

Para ir de São Paulo a Curitiba, **levava-se** doze horas.

Trata-se de fenômenos que os cientistas não sabem explicar.

"Não **se trata** de advogados, minha senhora. **Trata-se** de provas." (GERALDO FRANÇA DE LIMA)

31 CONCORDÂNCIA COM OS NUMERAIS *MILHÃO, BILHÃO* E *TRILHÃO*

Estes substantivos numéricos, quando seguidos de substantivo no plural, levam, de preferência, o verbo ao plural. Exemplos colhidos nos melhores jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo:

"Um milhão de fiéis **agruparam-se** em procissão."

"**São gastos** ainda um milhão de dólares por ano para a manutenção de cada Ciep."

"Meio milhão de refugiados **se aproximam** da fronteira do Irã."

"Meio milhão de pessoas **foram** às ruas para reverenciar os mártires da resistência."

"Pelas contas da Petrobrás, **podem** faltar um bilhão e meio de litros de álcool."

"Todos os anos, no Brasil, **ocorre** um milhão de acidentes de trânsito."

Eça de Queirós, em *O Egito*, página 99, preferiu, como o jornalista no último exemplo supracitado, usar o verbo no singular:

"Quase um milhão de homens **se move** naquelas ruas estreitas, apertadas e confusas."

Observações:

Milhão, bilhão e *milhar* são substantivos masculinos. Por isso, devem concordar no masculino os artigos, numerais e pronomes que os precedem: *os dois milhões* de pessoas; *os três milhares* de plantas; *alguns milhares* de telhas; *esses bilhões* de criaturas, *os milhares* de meninas que estudam no Rio, etc.

Se o sujeito da oração for *milhões*, o particípio ou o adjetivo podem concordar, no masculino, com *milhões*, ou, por atração, no feminino, com o substantivo feminino plural: Dois milhões de sacas de soja estão ali *armazenados* (ou *armazenadas*). Os outros cinco milhões de moedas serão *cunhados* (ou *cunhadas*) no próximo ano. Foram *colhidos* três milhões de sacas de trigo. Os dois milhões de árvores *plantadas* estão *altas* e *bonitas*.

32 CONCORDÂNCIA COM NUMERAIS FRACIONÁRIOS

- De regra, a concordância do verbo efetua-se com o numerador. Exemplos:

  "Mais ou menos um terço dos guerrilheiros **ficou** atocaiado perto..." (AUTRAN DOURADO)

  "Um quinto dos bens **cabe** ao menino." (JOSÉ GUALDA DANTAS)

  Dois terços da população **vivem** da agricultura.

- Não nos parece, entretanto, incorreto usar o verbo no plural, quando o número fracionário, seguido de substantivo no plural, tem o numerador 1, como nos exemplos:

  "Um terço das mortes violentas no campo **acontecem** no sul do Pará." (*Jornal do Brasil*, 9/5/1991)

  Um quinto dos homens **eram** de cor escura.

33 CONCORDÂNCIA COM PERCENTUAIS

O verbo deve concordar com o número expresso na porcentagem:

Só 1% dos eleitores **se absteve** de votar.

Só 2% dos eleitores **se abstiveram** de votar.

Foram destruídos 20% da mata.

"Cerca de 40% do território **ficam** abaixo de 200 metros." (ANTÔNIO HOUAISS)

"A sondagem revelou ainda que 73% da população **acreditam** que a situação do país piorou." (*O Estado de S. Paulo*, 29/1/1992)

"Na União 90% dos homens **andavam** armados." (POVINA CAVALCÂNTI)

A pesquisa revelou que 82% (oitenta e *dois* por cento ou oitenta e *duas* por cento) das mulheres **trabalham** fora.

Observação:

✔ Em casos como o da última frase, a concordância efetua-se, pela lógica, no feminino (oitenta e *duas* entre cem mulheres), ou, seguindo o uso geral, no masculino, por se considerar a porcentagem um conjunto numérico invariável em gênero.

34 CONCORDÂNCIA COM O PRONOME *NÓS* SUBENTENDIDO

O verbo concorda com o pronome subentendido *nós* em frases do tipo:

Todos **estávamos** preocupados. [= Todos *nós estávamos* preocupados.]

Os dois **vivíamos** felizes. [= *Nós* dois *vivíamos* felizes.]

"**Ficamos** por aqui, insatisfeitos, os seus amigos." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

35 CONCORDÂNCIA DE SENÃO EM FRASES NEGATIVAS

- Em frases negativas em que *senão* equivale a *mais que*, *a não ser*, e vem seguido de substantivo no plural, costuma-se usar o verbo no plural, fazendo-o concordar com o sujeito oculto *outras coisas*. Exemplos:

  Do antigo templo grego não **restam** senão ruínas. [Isto é: não *restam outras coisas* senão ruínas.]

  Da velha casa não **sobraram** senão escombros.

  "Para os lados do sul e poente, não **se viam** senão edifícios queimados." (ALEXANDRE HERCULANO)

  "Por toda a parte não **se ouviam** senão gemidos ou clamores." (REBELO DA SILVA)

  "Para mim não **restaram** senão vagos reflexos..." (CIRO DOS ANJOS)

- Segundo alguns autores, pode-se, em tais frases, efetuar a concordância do verbo no singular com o sujeito subentendido *nada*:

  Do antigo templo grego não **resta** senão ruínas. [Ou seja: não *resta nada*, senão ruínas.]

  Ali não **se via** senão (ou *mais que*) escombros.

As duas interpretações são boas, mas só a primeira tem tradição na língua.

36 CONCORDÂNCIA COM FORMAS GRAMATICAIS

Palavras no plural com sentido gramatical e função de sujeito exigem o verbo no singular:

"Elas" **é** um pronome pessoal. [= A palavra *elas* é um pronome pessoal.]

Na placa **estava** "veiculos", sem acento.

"Contudo, mercadores não **tem** a força de vendilhões." (MACHADO DE ASSIS)

37 MAIS DE, MENOS DE

O verbo concorda com o substantivo que se segue a essas expressões:

Mais de cem pessoas **perderam** suas casas, na enchente.

Sobrou mais de uma cesta de pães.

Gastaram-se menos de dois galões de tinta.

Menos de dez homens **fariam** a colheita das uvas.

EXERCÍCIOS LISTA 53

1. Transcreva os períodos em que NÃO há erro de concordância verbal:

a) Precisava fazer uma caixa de madeira, mas **faltavam**-me ferramentas.

b) Estávamos ali parados, quando **começaram** a cair grossos pingos de chuva.

c) Raros são os dias em que não **acontecem** fatos desagradáveis.

d) **Sobra**-lhe motivos para poder considerar-se uma pessoa feliz.

e) O que me admira é ainda **existirem** peixes em rios tão poluídos.

f) Quando o médico chegou, **passava** das nove horas.

2. Transcreva as frases antepondo-lhes o número correspondente à razão pela qual o verbo concorda no singular, embora o sujeito seja composto:

(1) Os núcleos do sujeito são sinônimos.

(2) Os núcleos do sujeito formam uma sequência gradativa.

(3) Os núcleos do sujeito referem-se ao mesmo ser.

(4) Concordância com o núcleo do sujeito mais próximo (concordância atrativa).

A dona de casa e mãe de família **anda** preocupada com a alta dos preços.

A segurança e firmeza com que lhes respondi **deixou**-os perplexos.

Passou-me pela mente o rosto e a voz de minha primeira professora.

A inveja, o ódio, a maldade humana **armará** ciladas em teu caminho.

3. Transcreva os períodos em que a concordância está correta:

a) João nunca subirá, na vida: faltam-lhe coragem e idealismo.

b) O puma ou suçuarana costuma caçar de noite.

c) Partireis amanhã tu, Ramiro e as crianças.

d) Partirão amanhã tu, Ramiro e as crianças.

e) Partiremos amanhã tu, Ramiro, as crianças e eu.

f) Partirá amanhã tu, Ramiro e as crianças.

4. Justifique a concordância dos verbos nos exemplos seguintes:

a) "É mofina a condição dos povos em que **faltam** lavradores e **sobejam** legisladores." (MARQUÊS DE MARICÁ)

b) "Itaguaí e o universo **ficavam** à beira de uma revolução." (MACHADO DE ASSIS)

c) "No dia seguinte, **veio** o morgado e a filha a Lisboa." (CAMILO CASTELO BRANCO)

d) "**Seguiram**-na, a distância, o esposo e o médico." (COELHO NETO)

e) "Obelisco não é mourão em que **se amarram** cavalos." (MANUEL BANDEIRA)

f) "**Chegava** a multidão de passageiros dos subúrbios." (FELÍCIO DOS SANTOS)

g) "Eu, o Silêncio e a Solidão **éramos** quem estava aí." (ALEXANDRE HERCULANO)

h) "A maior parte das suas companheiras **eram** felizes." (CAMILO CASTELO BRANCO)

i) "A maioria dos condenados **acabou** nas plagas africanas." (CAMILO CASTELO BRANCO)

j) "Ao lado, em distância conveniente para o fogo não chamuscar a copa verde, uma palmeira ou árvore esguia **era** plantada." (POVINA CAVALCÂNTI)

k) "O falso e o verdadeiro, a verdade e a mentira, tudo **passa**." (ANTÔNIO VIEIRA)

l) "Mais de um ricaço **ficou** reduzido à miséria." (SAID ALI)

5. Justifique a concordância verbal, como fez no exercício 4:

a) "Mas **vivam** os mitos, que são o pão dos homens." (CIRO DOS ANJOS)

b) "Os amigos **nos revezávamos** à sua cabeceira." (AMADEU DE QUEIRÓS)

c) **Sobraram** cerca de sessenta ingressos.

d) "Viajando, viajando, **esquecia-se** o mal e o bem." (ADONIAS FILHO)

e) Não se **trata** de riquezas imaginárias, mas reais.

f) "Aqui **estão** a bandeira e o escudo d'armas da República." (ARIANO SUASSUNA)

g) Infelizmente só quando **acontecem** tragédias é que as autoridades tomam providências.

h) "Não **se atravessam** oceanos só para dançar valsas." (VILMA G. ROSA)

i) Nem o macaco nem a ema **conseguem** escapar à agilidade do puma.

j) "Os pardais **parece** que andam nas pontinhas dos pés, como as bailarinas." (CECÍLIA MEIRELES)

k) "Diante de uma forja, um bando hirsuto de pastores de Moab **esperavam**, enquanto dentro os ferreiros lhes batiam ferros novos para as lanças." (EÇA DE QUEIRÓS)

l) "Uma sucessão de acasos **foi** ocorrendo." (EVANDRO LINS)

6. Substitua os asteriscos pela alternativa que completa corretamente o período.

*** explosões de natureza elétrica no planeta Vênus, o que faz crer que *** de relâmpagos muito fortes, embora não *** provas que *** tal hipótese.

Registrou-se – se tratam – existam – confirmam

Registraram-se – se trata – exista – confirme

Registraram-se – se trata – existam – confirmem

7. Troque o * pelos verbos entre parênteses, flexionando-os corretamente no tempo *do indicativo* que se pede:

a) Quando a cólera ou o amor nos *, a razão se despede. (**visitar**, presente)

b) Nem os gestos nem o olhar dela * expressão. (**ter**, pretérito imperfeito)

c) A multidão de pedestres * de todos os quadrantes. (**desaguar**, presente)

d) * menos de cem combatentes. (**restar**, pretérito perfeito)

e) O louvor e a censura * com poucas palavras. (**fazer-se**, presente)

f) Às quatro horas da tarde * no cais o presidente com sua comitiva. (**desembarcar**, pretérito imperfeito)

g) Ali * uma multidão de trepadeiras que * aos troncos das árvores. (**crescer**, **enrodilhar-se**, pretérito imperfeito)

h) A empresa é grande, mas * visto acabarem empresas maiores. (**ter-se**, presente)

i) Fostes vós que o * . (**eleger**, pretérito perfeito)

j) Não seremos nós quem o *. (**condenar**, futuro do presente)

k) És tu que * naquela revista? (**escrever**, presente)

l) Eu fui um dos que mais * na viagem. (**sofrer**, pretérito perfeito)

m) Em Icaraí * e se * a sedução, o encanto, o fascínio que, por todo o resto da existência, * de exercer sobre mim o mar e os largos espaços abertos. (**nascer**, **firmar**, pretérito perfeito; **haver**, pretérito imperfeito)

n) Vivemos numa época em que as palavras * que foram feitas para esconder o pensamento. (**parecer**, presente)

o) O pessoal dos morros * para a festa. (**descer**, pretérito imperfeito)

p) Não só a escola mas também a família *. (**colaborar**, pretérito imperfeito)

8. Faça como no exercício anterior:

a) E muito * para isso as facilidades que tentam o comprador. (**contribuir**, pretérito perfeito)

b) Ali * matas de onde já * desaparecido as onças e onde * a rarear os pequenos animais. (**existir**, **haver**, **começar**, pretérito imperfeito)

c) Cada um de nós * uma coisa diferente. (**querer**, presente)

d) * notícias de todas as partes do mundo. (**chegar**, presente)

e) Na cidade bombardeada não se * senão ruínas. (**ver**, presente)

f) Os esqueletos das árvores * que se estorcem de sofrimento. (**parecer**, presente)

g) Não * a pena tantos sacrifícios feitos? (**valer**, pretérito imperfeito)

h) Agora falarei das coisas que lhe *. (**interessar**, presente)

i) Agora falarei das coisas que lhe * saber. (**interessar**, presente)

j) Um ou outro * para dizer-lhe uma palavra. (**deter-se**, pretérito imperfeito)

k) Prestígio e talento * o que não lhe *. (**ser**, **faltar**, presente)

l) Nem a mãe nem a filha * à terra natal. (**voltar**, pretérito perfeito)

m) Seu orgulho e acanhamento a * de solicitar ajuda. (**impedir**, pretérito perfeito)

n) Graças, ó Cristo, pela vossa vinda ao mundo, da qual * tantos benefícios. (**resultar**, pretérito perfeito)

o) Do trabalho humilde desses homens * muitas vidas. (**depender**, presente)

9. Faça concordar corretamente os verbos em destaque nos tempos indicados:

a) Rogo a Vossa Excelência que não **dar** atenção a esses boatos. (*subjuntivo presente*)

b) Montes Claros **ficar** no norte de Minas Gerais. (*indicativo presente*)

c) Não me **interessar** palavras, quero fatos. (*indicativo presente*)

d) O funcionamento do cérebro e não as batidas do coração é que **determinar** se uma pessoa está viva ou morta. (*indicativo presente*)

e) O cientista afirmou que **ir** se passar vários dias antes que se **receber** as primeiras fotografias do satélite. (*indicativo presente – subjuntivo presente*)

f) Sua presença era indispensável para se **organizar** os serões musicais. (*infinitivo presente pessoal*)

g) Cada ano **aumentar** o número de pessoas que visitam Parati. (*indicativo presente*)

h) Prevíamos os mínimos detalhes, para que depois não **surgir** coisas desagradáveis. (*pretérito imperfeito do subjuntivo*)

i) Durante a semana **suceder**-se as visitas ao enfermo. (*pretérito perfeito*)

j) **Tratar**-se de peças sacras de inestimável valor. (*pretérito imperfeito*)

10. Varie o verbo da frase abaixo, seguindo o exemplo:

A) No zoo da cidade **viviam** alguns animais raros.

B) No zoo da cidade **havia** alguns animais raros.

C) No zoo da cidade **existiam** alguns animais raros.

D) No zoo da cidade **encontravam-se** alguns animais raros.

Nas margens desse rio **viviam** antigamente algumas tribos selvagens.

11. Transcreva apenas os períodos em que a concordância verbal está certa:

a) Só o desenrolar dos acontecimentos é que **poderá** revelar a verdade dos fatos.

b) Só o desenrolar dos acontecimentos é que **poderão** revelar a verdade dos fatos.

c) Daqueles dias longínquos **resta**-me apenas vagas recordações.

d) Daqueles dias longínquos **restam**-me apenas vagas recordações.

e) Como lhe **parecia** altos aqueles edifícios!

f) Como lhe **pareciam** altos aqueles edifícios!

g) Se **existissem** melhores sementes poderia haver melhores colheitas.

h) Se **existisse** melhores sementes poderia haver melhores colheitas.

i) Se existissem melhores sementes **poderiam** haver melhores colheitas.

j) No encontro que tive com Jairo **impressionou**-me as revelações que ele me fez.

k) No encontro que tive com Jairo **impressionaram**-me as revelações que ele me fez.

12. Substitua os asteriscos pelos verbos no tempo indicado entre parênteses. Em seguida, anteponha **A** ou **B**, conforme seja o caso.

(A) Verbo passivo concorda com o sujeito: **Consertam-se** relógios.

(B) Verbo transitivo indireto cujo sujeito é indeterminado concorda na 3ª pessoa do singular: **Precisa-se** de bons técnicos.

*** gritos lancinantes. (**ouvir-se**, pretérito perfeito)

*** de empregadas domésticas. (**precisar-se**, presente)

*** de fenômenos desconhecidos. (**tratar-se**, presente)

*** as plantas com amor. (**tratar-se**, presente)

A cartas dessas não se ***. (**responder**, presente)

Nas doenças, *** aos médicos. (**recorrer-se**, presente)

*** as cartas na caixa. (**depositar-se**, pretérito perfeito)

Há muito não se *** a espetáculos tão belos. (**assistir**, pretérito imperfeito)

Na reunião, *** de problemas que afligem os jovens. (**tratar-se**, pretérito perfeito)

13. Transcreva as frases em que as concordâncias postas entre parênteses estão certas:

a) O que me **espantava** (ou *espantavam*) eram suas afirmações.

b) O pavão era uma das aves do zoo que mais **chamavam** (ou *chamava*) a atenção das crianças.

c) Nem eu nem meu pai os **esperávamos** (ou *esperava*).

d) Um e outro **começaram** (ou *começou*) a gritar.

e) Nem um nem outro **concluiu** (ou *concluíram*) o curso.

f) Não **fossem** (ou *fosse*) os livros, como poderíamos estudar?

g) A maior parte dos carros **tinham** (ou *tinha*) defeitos.

h) Pesquisa revela que 50% dos alunos **pretendem** (ou *pretende*) seguir Medicina.

i) Mais de um piloto **perdeu** (ou *perderam*) a vida nos autódromos.

j) Atrás da montanha **ficavam** (ou *ficava*) a praia e o mar.

k) Alguns de nós **moram** (ou *moramos*) longe.

l) Cacos de vidro não **significam** (ou *significa*) nada quando se tem dez anos.

m) Nenhum dos dois índios **sabia** (ou *sabiam*) falar português.

n) Quem não gostou **foram** (ou *foi*) os vizinhos.

o) Lá em casa todos **eram** (ou *éramos*) felizes.

p) De vez em quando, um de nós ou nós três juntos **estávamos** (ou *estava*) apanhando por causa do gravador.

q) Apenas um ou outro **tentou** (ou *tentaram*) aproximar-se.

r) **Existem** (ou *existe*) perto de três mil mendigos em nossa cidade.

s) Não foi só uma foto que tiramos, **foram** (ou *foi*) várias.

14. Faça como no exercício anterior:

a) Um gesto, um olhar, uma palavra **despertava** (ou *despertavam*) suspeitas.

b) O diretor ou seu secretário **receberá** (ou *receberão*) os visitantes.

c) A família com a enfermeira **viajaram** (ou *viajou*) para a França.

d) Era um grupo de cavaleiros que **vinham** (ou *vinha*) em sentido contrário.

e) O lugar, as companhias, as brincadeiras, tudo **deixou** (ou *deixaram*) em mim saudades.

f) O que se via **eram** (ou *era*) ratos em todos os cantos.

g) Não fui eu quem o **convidou** (ou *convidei*).

h) Nos rios e lagos não **havia** (ou *haviam*) mais peixes.

i) Não lhe **bastam** (ou *basta*) tantas riquezas?

j) Não lhe **basta** (ou *bastam*) possuir tantas riquezas?

k) Peço a Vossas Senhorias que me **enviem** (ou *envieis*) as encomendas com urgência.

l) Um e outro **tinham-se** perdido (ou *tinha-se* perdido) na rua.

m) A maioria dos trabalhadores **recebeu** (ou *receberam*) essa notícia com alegria.

n) Quando a noiva com o pai **assomaram** (ou *assomou*) à porta da igreja, um frêmito percorreu o templo.

o) Um milhão de trabalhadores **aderiram** (ou *aderiu*) à greve.

p) Um terço dos homens **era** (ou *eram*) de cor escura.

q) A não **ser** (ou *serem*) dois mendigos, ninguém estava na praça.

15. Transcreva as frases antepondo **A** ou **B** para justificar a concordância dos verbos:

(A) Concorda no singular o verbo cujo sujeito é uma oração.

(B) Concorda no plural o verbo que tem como sujeito um substantivo comum no plural.

a) Não me **importam** as opiniões desses tais futurólogos.

b) Não me **importa** que eles façam maus prognósticos.

c) **Projeta-se** remodelar as praças da cidade.

d) **Projetam-se** obras urbanísticas de grande importância.

e) Quando **deixarão** de existir guerras e violências?

f) São apenas dois os casos que **resta** solucionar.

g) Anotei os objetos que **faltavam**.

h) Anotei os objetos que **faltava** comprar.

i) Quanto não **terão** custado esses quadros de Portinari?

j) São problemas que não **adianta** adiar.

k) Abandonei as amizades que não me **convinham**.

l) Abandonei as amizades que não me **convinha** manter.

m) **Estavam** faltando apenas algumas lâmpadas.

n) **Estava** faltando apenas instalar algumas lâmpadas.

o) Resolver esses casos não **compete** a nós.

p) Esses casos não **competem** a nós.

q) As grandes realizações **custam** muitos esforços e sacrifícios.

r) **Custa**-nos muito aceitar os sofrimentos.

s) Seus passos pesados **pareciam** torturar a terra.

t) Seus passos pesados **parecia** que torturavam a terra.

u) Seus passos pesados **parecia** torturarem a terra.

v) **Parecia** que seus passos pesados torturavam a terra.

w) Não lhe **interessam** fatos passados?

x) Não lhe **interessa** conhecer fatos passados?

16. Copie as duas únicas frases que podem ter o verbo auxiliar no plural:

a) Com esses troncos pode-se fazer belos móveis.

b) Tentou-se reduzir os gastos.

c) Não pode haver rasuras neste documento.

d) Deve haver outras razões.

e) Não se deve perder tão boas oportunidades.

17. Transcreva a alternativa certa relativamente à concordância do verbo **bastar**.

"– Minha senhora, sua doença não tem nenhuma gravidade. Nem precisa tomar remédio. **Basta** uma alimentação adequada e um pouco de descanso.

– Mas, doutor, veja minha língua...

– Também precisa de descanso". (*Realidade*, junho de 1974)

- Está certa, pois se trata de um verbo impessoal.
- Está errada, porque o sujeito é composto.
- Está certa, porque o verbo, estando anteposto a um sujeito composto, pode concordar com o núcleo mais próximo.

18. Transcreva somente as frases cuja concordância está correta:

Nenhum dos presentes se atreveu a falar.
Nenhum dos presentes se atreveram a falar.
Nem eu, nem tu, nem qualquer outra pessoa poderíamos dissuadi-lo.
Jacinta era filha de um casal de velhos que a idolatrava.
Jacinta era filha de um casal de velhos que a idolatravam.
Rogo a Vossa Excelência vos digneis aceitar o meu convite.
Rogo a Vossa Excelência se digne aceitar o meu convite.
Talvez Judite, ou alguma de suas irmãs, casem com o tenente.
Nem o Nilo nem o Amazonas têm as águas claras.
Nem uma nem outra coisa o interessa.
Antigamente deviam haver ali belas matas.
Antigamente deviam existir ali belas matas.
As joias e o dinheiro ficaram na gaveta.
Ficou na gaveta o dinheiro e as joias.
Ficaram na gaveta o dinheiro e as joias.
De repente um e outro desapareceram.
De repente um e outro desapareceu.
Quantos dentre vós percorrestes aquele país?
Quantos dentre vós percorreram aquele país?
Uma grande qualidade ou talento desculpa os pequenos defeitos.
Não fosse os livros, como conheceríamos o passado?
Estas canções, fui eu que as compus.
Estas canções, fui eu que as compôs.
Estas canções, fui eu quem as compus.
Estas canções, fui eu quem as compôs.
Quando as doenças aparecem é por muito tempo.
Aquelas estátuas só faltam falar.
Aquelas estátuas só falta falarem.
Nem a pobreza nem a doença hão de se extinguir.
Um e outro insultou-se grosseiramente.
O ex-ministro e professor foi alvo de homenagens.
Contávamos os dias que ainda faltava.
Haja vista as últimas composições deste autor.
Hajam vista as últimas composições deste autor.
Bem haja os que lutam pela paz.

"Todos os brasileiros aprendemos desde meninos que Pedro Américo foi o maior pintor brasileiro." (MANUEL BANDEIRA)

Do grande castelo medieval não sobrou senão ruínas.

Do velho teatro grego não sobraram senão ruínas.

Tanto ele como eu sentem muito a falta dela.

19. Copie as frases, justificando a concordância dos verbos destacados, antepondo a elas **A** ou **B**:

(A) O verbo concorda regularmente com o sujeito.

(B) O verbo é impessoal, concorda na 3ª pessoa do singular.

"**Deram** dez horas." (EÇA DE QUEIRÓS)

"**Iam dar** seis horas." (MACHADO DE ASSIS)

"Na igreja, ao lado, **bateram** devagar dez horas." (EÇA DE QUEIRÓS)

"**Faz** hoje precisamente sete anos." (RUI BARBOSA)

"Aqui **faz** verões terríveis." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"**Vai fazer** cinco anos que ele se doutorou." (ANTÔNIO VIEIRA)

"**Havia** muitos anos que não vinha ao Rio." (ANÍBAL MACHADO)

Não **pode haver** boas leis se não **houver** bons legisladores.

"Males inevitáveis **iam chover** sobre mim." (GRACILIANO RAMOS)

"**Acabaram de dar** sete horas." (HERBERTO SALES)

Nas fazendas **haveria** alimentos frescos e baratos.

Talvez ainda **haja** vagas naquela escola.

"Por cima do fogão **devia haver** fósforos." (JOÃO CLÍMACO BEZERRA)

20. Justifique a concordância do verbo **ser** nos exemplos seguintes.

a) "Eu **é** que coso." (MACHADO DE ASSIS)

b) "O que se quer **são** homens." (TRISTÃO DA CUNHA)

c) "Um cruzado **eram** 400 réis." (VIVALDO COARACI)

d) "Quarenta contos **era** uma fortuna." (JOSÉ CONDÉ)

e) "O homem **é** cinzas." (ANTÔNIO VIEIRA)

f) "O meu mundo **eram** os meus coelhos." (MARQUES REBELO)

g) "O que eu vejo **são** sete abismos." (CAMILO CASTELO BRANCO)

h) "Nas minhas terras, o rei **sou** eu." (ALEXANDRE HERCULANO)

i) "Seis anos **era** muito." (CAMILO CASTELO BRANCO)

j) "'Cenas da Foz' **é** um livro de ouro." (CAMILO CASTELO BRANCO)

k) "No fundo, tudo **são** astúcias do raciocínio." (OTTO LARA RESENDE)

l) Em São Paulo **era** onde as massas operárias mais se mostravam insatisfeitas.

m) Daqui à cidade **são** seis quilômetros puxados.

n) **Eram** as pessoas e não as tarefas que o cansavam.

o) "Dize-me o que quiseres, mesmo que **sejam** mentiras." (FERNANDO NAMORA)

p) "**Eram** de ver os passistas infernais, e a bateria legalíssima." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

q) "Mentiras, **era** o que me pediam, sempre mentiras." (FERNANDO NAMORA)

r) "Esta família **são** dois jovens / alheios a tirar retrato." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

s) "Isso não **são** maneiras, Padilha." (GRACILIANO RAMOS)

t) "O Vasco **é** só contusões e dores musculares." (*Jornal do Brasil*, 28/10/1982)

21. Substitua o * por uma das formas do verbo **ser** propostas entre parênteses, atendendo à concordância preferida pela norma culta:

a) Nem tudo na vida * flores. (*é – são*)

b) A sua meta * os grandes centros da Europa. (*era – eram*)

c) Hildebrando * só problemas. (*era – eram*)

d) Isto * teorias que a prática desmente. (*é – são*)

f) Tudo isso * prazeres que a vida nos proporciona. (*é – são*)

g) Cem mil dólares * muito. (*é – são*)

h) Hoje * vinte e cinco do mês. (*é – são*)

i) Quando voltei da cidade, * uma hora e meia da tarde. (*era – eram*)

j) * cinco horas da manhã quando me chamaram. (*seria – seriam*)

k) Aquilo * caprichos que não durariam muito. (*era – eram*)

l) Os Estados Unidos * um país rico. (*é – são*)

m) * uma vez dois mágicos famosos. (*era – eram*)

n) O responsável * tu. (*é – és*)

o) * tesouros que eles procuram no fundo escuro do mar? (*é – são*)

p) O que mais me agradou no filme * as cenas finais. (*foi – foram*)

q) Bons divertimentos * o que não lhe falta. (*é – são*)

r) Preservemos a natureza: os beneficiados * nós. (*são – somos*)

s) Edifícios só havia dois, o resto * casas modestas. (*era – eram*)

t) "Vândalos" * mais forte que "destruidores". (*é – são*)

22. Passe as palavras destacadas para o plural e efetue a concordância:

a) Vê-se ao longe a alterosa **cordilheira**.

b) Não creio que se possa extirpar esse **abuso**, se **Vossa Excelência** não impuser sua autoridade.

c) Não se podia distinguir bem aquele **sinalzinho** cabalístico.

d) Deve-se procurar outra **solução**.

e) Construir-se-ia o **barco** onde houvesse bom **porto**.

f) O que mais me revoltava era a sua **grosseria**.

23. Corrija os erros de concordância verbal e nominal:

a) Mal se distinguia, através da cerração da manhã, as casas das ruas.

b) Não há latadas de chuchus que se forme e viceje, quando hajam sanhaços na vizinhança.

c) Construir-se-ia as casas onde houvessem operários pobres.

d) Se não haviam braços indígenas para a lavoura, que se fossem buscar outros braços onde houvesse.

e) Fazem já muitos séculos que se escreveu esses livros, mas não falta escritores que comprovem a sua autenticidade.

f) Quando se tratam de casos urgentes, não devem haver tantas exigências e formalidades.

g) Para se avaliar as excelências desta campanha, basta essas poucas considerações.

h) Anexo àquela carta remeteu-se a Vossa Senhoria as notas de crédito nºs 80 e 81, relativo à publicação de seus livros.

i) Ninguém achou que valesse a pena tantos sacrifícios.

j) Não parecia que daquelas terras houvesse saído tantas riquezas.

k) Antecipei o meu regresso por motivos que não interessam expor agora.

l) Talvez não cheguem a trinta o número de candidatos aprovados.

m) Apenas um entre dez filhos de lavradores permanecem no campo.

n) As estrelas brilham também de dia. A luz do Sol é que as tornam invisíveis.

o) O que é palafitas?

24. Faça as necessárias correções onde houver erro de concordância.

a) É necessária a tua presença na assinatura do contrato.

b) Na cidade, haviam poucas atrações turísticas.

c) Segue anexo os documentos pedidos.

d) Hoje sou eu que pago.

e) Vendem-se casas novas.

25. Prestando atenção à concordância do predicativo com o sujeito, flexione corretamente os adjetivos entre parênteses:

a) Como são * esses momentos! (difícil)

b) É * a entrada de pessoas estranhas. (proibido)

c) Os jardins estavam * e as árvores * de passarinhos. (florido, repleto)

d) Paciência e dedicação são * a quem cuida de doentes. (necessária).

e) Seguem * as contas do inquilino anterior. (anexo)

26. Corrija o único erro de concordância nominal:

a) É necessário muita paciência com ele.

b) É necessária a tua volta imediata!

c) É preciso muita sabedoria para lidar com crianças.

d) Deixe bem arrumadas a cozinha e a sala.

e) Encontrei amassados os papéis e as cartas de que me falou.

f) Tomei emprestado algumas cadeiras para a festa.

27. Corrija se houver erro de concordância verbal:

a) Livros, revistas, cadernos, tudo foi destruído pela enchente.

b) Só haviam alguns professores na reunião.

c) Vão fazer quinze dias que não vejo minha namorada.

d) Soou duas horas no relógio da igreja.

e) Fui eu que fiz todas as bandeirinhas da festa.

28. Complete corretamente as frases prestando atenção à concordância verbal:

a) Foi o que * o engenheiro e eu. (constatar)

b) Um grupo de torcedores * no ônibus. (entrar)

c) Nem um nem outro * com os presentes. (falar)
d) Uma ou outra aluna * terminar a leitura do livro. (conseguir)
e) Cláudia é uma das que mais * na repartição. (trabalha)
f) Somos nós quem * a culpa de tudo. (levar)
g) Os Estados Unidos * o país escolhido pelos premiados. (ser)

29. Responda oralmente às perguntas, baseadas no poema **Os anos são degraus**:

a) Qual é o verbo que se subentende no primeiro verso? E no primeiro verso da segunda estrofe?
b) Na segunda estrofe, está correta a concordância do verbo *ser*: tudo são degraus?
c) Explique o uso do acento grave no verso "à humana condição".
d) Na 3ª estrofe, o que significa *Estrada*? Por que inicial maiúscula?
e) Na 3ª estrofe, se estivesse escrito "as portas fechadas", como concordaria o verbo *encontrar*?

LEITURA

Os anos são degraus

Os anos são degraus; a vida, a escada.
Longa ou curta, só Deus pode medi-la.
E a Porta, a grande Porta desejada,
só Deus pode fechá-la,
pode abri-la.

São vários os degraus: alguns sombrios,
outros ao sol, na plena luz dos astros,
com asas de anjos, harpas celestiais;
alguns, quilhas e mastros
nas mãos dos vendavais.
Mas tudo são degraus; tudo é fugir
à humana condição.
Degrau após degrau,
tudo é lenta ascensão.

Senhor, como é possível a descrença,
imaginar, sequer, que ao fim da Estrada
se encontre, após esta ansiedade imensa,
uma porta fechada
– e nada mais?

(Maria Fernanda de Castro, *Asa no Espaço*, p. 73 e 74, Lisboa, 1955)

SINTAXE DE CONCORDÂNCIA
Exercícios de exames e concursos
[Página 687]

SINTAXE DE REGÊNCIA

1 REGÊNCIA

A *sintaxe de regência* ocupa-se das relações de dependência que as palavras mantêm na frase.

Regência *é o modo pelo qual um termo* rege *outro que o complementa.*

2 TIPOS DE REGÊNCIA

A regência pode ser *verbal* ou *nominal*, conforme trate do regime dos verbos ou dos nomes (substantivos e adjetivos). Exemplos:

É homem **propenso** à colera. → O termo regente é um nome (propenso): temos um caso de *regência nominal*.

Assistimos ao desfile. → O termo regente é um verbo: temos um caso de *regência verbal*.

Num período, os termos *regentes* ou subordinantes (substantivos, adjetivos, verbos) reclamam outros (termos *regidos* ou subordinados) que lhes completem ou ampliem o sentido. Exemplos:

Termos regentes	**Termos regidos**
Amor	**a** Deus. (*complemento nominal*)
Rico	**em** virtudes. (*complemento nominal*)
Comprei	joias. (*objeto direto*)
Gostam	**de** festas. (*objeto indireto*)
Resido	**em** Santos. (adjunto adverbial)
Foram vistos	**por** mim. (*agente da passiva*)
Insisto	**em** que vá. (*oração subordinada objetiva indireta*)
Peixes	**que** voam. (*oração subordinada adjetiva*)

Como se vê dos exemplos acima, os termos regidos, as mais das vezes, prendem-se aos regentes por meio das preposições. Por isso, essas palavras desempenham papel relevante no capítulo da regência.

Todavia, a dependência de um termo, ou de uma oração, é estabelecida também pelos conectivos subordinativos, como no último exemplo.

Às vezes, porém, como no caso do objeto direto, não há nenhum nexo subordinante entre o termo regente e o regido: a subordinação é indicada pela posição do termo dependente (O filho

acompanhava o *pai*), ou pela própria forma objetiva da palavra (O filho *o* acompanhava), ou, mesmo, pelo sentido lógico da frase (Dourava *o monte* o sol agonizante).

- O sujeito nunca é regido de preposição. Entretanto, por eufonia, pode-se contrair a preposição *de* com o sujeito, ou seus adjuntos, em orações reduzidas de infinitivo:

  Antes **de o** sacerdote iniciar a missa, os fiéis entoaram cantos. *Ou*:

  Antes **do** sacerdote iniciar a missa, os fiéis entoaram cantos.

  Já era tempo **de ele** entrar na escola. *Ou*:

  Já era tempo **dele** entrar na escola.

  "Sabia-o, senhor, antes **do** caso suceder." (ALEXANDRE HERCULANO)

  "Uma hora depois **do** cão do Hotel Not ter ladrado..." (FERREIRA DE CASTRO)

  "Antes **dela** ir para o colégio, eram tudo travessuras de criança." (MACHADO DE ASSIS)

  "Holanda começava a examinar a hipótese **dessa** tristeza [da raça mexicana] vir da geografia." (VIANA MOOG)

  "O fato **do** Brasil e **dos** Estados Unidos se acharem no mesmo continente é um acidente geográfico..." (EDUARDO PRADO)

  "Leonora irritou-se, além **do** abade puni-la..., pedia-lhe favores." (NÉLIDA PIÑON)

  "No momento **do** comboio partir, Carlos correria à portinhola, a balbuciar fugitivamente uma desculpa." (EÇA DE QUEIRÓS)

  "Agora chegou a vez **dos** advogados tomarem a dianteira na luta contra as prisões." (EVANDRO LINS E SILVA)

  "O modo **dele** falar soou-me agressivo." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

  "O Dr. Sampaio comprou-me uma boiada, e na hora **da** onça beber água deu-me com os cotovelos, ficou palitando os dentes." (GRACILIANO RAMOS)

  "No dia 31 de março foi a vez **do** delegado interino de Macaé responder ao juiz Lima e Castro." (CARLOS MARCHI)

  Sendo sujeito o pronome *eu*, não se faz a contração:

  "No caso **de eu** morrer, os meus herdeiros assumiriam essa obrigação." (MACHADO DE ASSIS)

Observação:

✔ A contração em foco tem tradição na língua; sempre foi e continua sendo largamente praticada por eminentes escritores brasileiros e portugueses. Tem a vantagem de evitar os artificiais e desagradáveis hiatos *de ele*, *de ela*, *antes de o*, *apesar de os*, etc. Trata-se de um fato fonético, de uma acomodação da escrita à fala, e não de uma alteração sintática, porquanto, ainda que contraída com o sujeito, a preposição *de* rege o infinitivo que se lhe segue (antes *do caso suceder* = antes *de suceder o caso*). Tanto é lícito, portanto, dizer "antes *do* sacerdote iniciar a missa", como "antes *de o* sacerdote iniciar a missa". A primeira construção é mais natural e espontânea. A segunda é um gramaticalismo um tanto afetado, em choque com a língua falada.

✔ Acrescente-se, a favor da contração, que igual fato ocorre em frases como "*Do* que o menino mais gostava era jogar futebol", "Do que ninguém desconfiava era que a moça fosse espiã", nas quais, a bem da eufonia, se contrai o *de* com o pronome demonstrativo *o*, sujeito da segunda oração.

O objeto direto prende-se ao verbo sem o auxílio da preposição. Todavia, em determinados casos, como atrás se viu, pode esse termo vir preposicionado:

"O marido era rico, e ela sem escrúpulo arruiná-lo-ia, **a ele** e **ao papá Monforte**."
(EÇA DE QUEIRÓS)

Conforme foi explanado anteriormente, o objeto indireto é sempre regido de preposição, clara ou implícita. A preposição está implícita nos pronomes objetivos indiretos *me*, *te*, *se*, *lhe*, *nos*, *vos*, *lhes*:

Ele obedece-**me**. [= Ele obedece *a mim*.]
Eu obedecia-**lhe**. [= Eu obedecia *a ele*.]

As orações objetivas indiretas normalmente são regidas pela preposição:

Gosto **de** que vivam felizes.
Lembra-te **de** que a vida é breve.
Persuadiu-os **a** que fugissem.

Todavia, frequentemente omitem os escritores o nexo prepositivo:

"Não se dignou **abrir os olhos**." (J. GERALDO VIEIRA) [= *de* abrir os olhos]

"Esqueceu-se **que tenho cinquenta anos**?" (CAMILO CASTELO BRANCO) [= *de* que tenho...]

"Ambos concordaram **que essas ideias não tinham senso comum**." (MACHADO DE ASSIS) [= *em* que essas ideias...]

"Duvido muito **que ninguém fosse mais generoso** do que eu." (MACHADO DE ASSIS) [= Duvido muito *de* que...]

"Não gostaria **que João Brandão se lembrasse** de oferecer-me o cavalo." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE) [= Não gostaria *de* que...]

Convenhamos **(em) que o preço desses remédios é exorbitante**.

Na língua culta formal, convém não omitir a preposição.

3 OS PRONOMES OBJETIVOS *O(S), A(S), LHE(S)*

- Os pronomes objetivos substituem substantivos da mesma função:

a) Os pronomes *o*, *a*, *os*, *as* usam-se como objetos diretos dos verbos transitivos diretos e dos transitivos diretos e indiretos:

Estimo **aquele colega**. _____ Estimo-**o**.
Convido **os amigos**. _____ Convido-**os**.
Deixa **o menino** brincar. _____ Deixa-**o** brincar.
Obrigou **as filhas** a trabalhar. _____ Obrigou-**as** a trabalhar.
Considero **Olívia** inteligente. _____ Considero-**a** inteligente.

b) Os pronomes *lhe*, *lhes* formam o objeto indireto dos verbos transitivos indiretos e dos transitivos diretos e indiretos:

Obedece **a teu superior**. _____ Obedece-**lhe**.
Não batas **nos animais**. _____ Não **lhes** batas.

O rei perdoou **ao servo**. _____ O rei perdoou-**lhe**.
O cliente pagou **ao médico**. _____ O cliente pagou-**lhe**.
Resistimos **aos invasores**. _____ Resistimos-**lhes**.
Recomendo prudência **aos jovens**. _____ Recomendo-**lhes** prudência.

c) Certos verbos transitivos indiretos repelem os pronomes *lhe*, *lhes*, sendo, por isso, construídos com as formas retas preposicionadas:

Aspiro **ao título**. _____ Aspiro **a ele**.
Assistimos **à festa**. _____ Assistimos **a ela**.
Refiro-me **a João**. _____ Refiro-me **a ele**.
Aludiram **a teus irmãos**. _____ Aludiram **a eles**.
Recorri **ao ministro**. _____ Recorri **a ele**.
Dependo **de Deus**. _____ Dependo **dEle**.
Prescindimos **de armas**. _____ Prescindimos **delas**.

d) Os verbos *deixar*, *fazer*, *mandar* e *ver*, na língua culta, constroem-se com os pronomes oblíquos *me*, *o*, *a*, os, *as*, e não com os retos *eu*, *ele*, *ela*, *eles*, *elas*:

Deixe-**me** ver. Faço-**os** andar.
Deixe-**o** sair. Mande-**as** entrar.
Deixe-**a** levar o cão. Vejo-**os** sair todos os dias.

- As orações adjetivas são regidas de preposição sempre que esta for reclamada pelo verbo que as constitui.

Aspiro **a** um cargo. _____ Eis o cargo **a que aspiro**.
Gosto **de** festas. _____ Eis as festas **de que mais gosto**.
Entretive-me **com** ele. _____ Este é o amigo **com quem me entretive**.
Preste atenção **a** isto. _____ Eis uma coisa **a que deve prestar atenção**.
Assisti **ao** início da festa. _____ A festa **a cujo início** assisti acabou tarde.

"Este é o mundo **a que vim**, de pedra e sonho." (Dante Milano)

"Assim imaginava Anselmo a casa de Rui Vaz, **à qual se dirigia pela primeira vez**." (Coelho Neto)

"Chegados ao quintalejo, abancavam debaixo de uma parreira, **em cujos troncos as matronas penduravam as mantilhas e eles as casacas**." (Camilo Castelo Branco)

- As orações completivas nominais são, normalmente, regidas de preposição. Em certos casos, porém, pode-se omitir o nexo prepositivo:

Tínhamos certeza **de que João era inocente**.

"Tenho medo [de] **que minha mãe me repreenda**." (Mário Barreto)

"Juca estava ansioso [por] **que ela partisse**." (Jorge Amado)

"Não há dúvida [de] **que Luís Dutra exultava de felicidade**." (Machado de Assis)

"Não estou certo **se ele poderia atinar facilmente com um trecho de Tertuliano**." (Machado de Assis)

Na língua culta formal, convém não omitir a preposição.

REGÊNCIA NOMINAL

Certos substantivos e adjetivos admitem mais de uma regência. A escolha desta ou daquela preposição deve, no entanto, obedecer às exigências da clareza e da eufonia e adequar-se aos diferentes matizes do pensamento. Exemplos:

▪ Amor

Tenha amor **a** seus livros.

Os pais incutiram-lhe o amor **do** estudo.

"Com efeito, o amor **do** próximo era um obstáculo grave à nova instituição." (MACHADO DE ASSIS)

"Meu amor **pelos** moços divinizava outrora a mocidade." (RUI BARBOSA)

"Marcela morria de amores **pelo** Xavier." (MACHADO DE ASSIS)

Observação:

✔ Modernamente preferem-se as preposições *a* e *por*: amor *ao* trabalho, amor *à* patria, amor *pelas* coisas da natureza, etc.

▪ Ansioso

"Olhos ansiosos **de** novas paisagens." (LUÍS JARDIM)
"Ansioso **de** emoções desusadas." (CAMILO CASTELO BRANCO)
"Estava ansioso **de** se libertar da presença de Amaro." (FERREIRA DE CASTRO)
"Estava ansioso **por** vê-la." (CAMILO CASTELO BRANCO)
"Estou particularmente ansioso **para** ler qualquer história..." (ÉRICO VERÍSSIMO)
"Eu estava ansioso **para** rever a Rua da Fábrica." (POVINA CAVALCÂNTI)

Apresentamos aqui uma pequena relação de substantivos e adjetivos acompanhados de suas preposições mais usuais:

acessível *a*
afável *com, para com*
afeição *a, por*
aflito *com, por*
alheio *a, de*
atentatório *a, de*
aversão *a, para, por*
avesso *a*
aliado *a, com*
análogo *a*
antipatia *a, contra, por*
apto *a, para*
atencioso *com, para com*
imune *a, de*
indulgente *com, para com*
inerente *a*

coerente *com*
compaixão *de, para com, por*
compatível *com*
conforme *a, com*
constituído *com, de, por*
contente *com, de, em, por*
contíguo *a*
cruel *com, para, para com*
curioso *de, por*
desgostoso *com, de*
desprezo *a, de, por*
devoção *a, para com, por*
devoto *a, de*
dúvida *acerca de, de, em, sobre*
empenho *de, em, por*
fácil *a, de, para*
falho *de, em*
feliz *com, de, em, por*
fértil *de, em*
hostil *a, para com*
junto *a, de*
lento *em*
pasmado *de*
passível *de*
peculiar *a*
pendente *de*
preferível *a*
propício *a*
próximo *a, de*
rente *a*
residente *em*
respeito *a, com, de, para com, por*
simpatia *a, para com, por*
situado *a, em, entre*
solidário *com*
suspeito *a, de*
último *a, de, em*
união *a, com, entre*
versado *em*
vizinho *a, com, de*

Observação:

✔ Alguns advérbios terminados em *-mente* requerem a mesma preposição dos adjetivos de que derivam.

Exemplos:

favorável *a*	favoravelmente *a*
concomitante *com*	concomitantemente *com*
independente *de*	independentemente *de*

EXERCÍCIOS LISTA 54

1. Escreva as frases substituindo o * pelas preposições adequadas, contraindo-as com o artigo quando for o caso:

a) Meus olhos estavam ansiosos * novas paisagens.
b) Estou solidário * você.
c) Exercia suas funções concomitantemente * às de cônsul.
d) Sentia-se feliz * vê-la assim.
e) O filme foi proibido: tinha cenas atentatórias * bons costumes.
f) Hélio tinha aversão * política, era coerente * seus princípios.
g) Procure divertimentos compatíveis * sua formação moral.
h) Um homem encapuzado passou rente * parede.
i) O amor do indivíduo * si mesmo não deve levar à egolatria.
j) O professor era indulgente * nossos erros.

k) Estávamos pasmados * ouvi-lo falar assim.
l) O velho Moura era pouco afeito * vida social.
m) Tinha mais afeição * uma que * outra.
n) Houve dissidência * os membros do partido.
o) Pendentes * teto, oscilavam as lâmpadas.
p) Aconselho a consulta * dicionários e * enciclopédias.

2. Transcreva as frases em que não há erro de regência nominal:

a) É preferível um inimigo declarado do que um amigo falso.
b) No mundo inteiro houve manifestações de repulsa ao bárbaro crime.
c) Eram conhecidas as pretensões estrangeiras sobre a Amazônia.
d) Havia orquídeas em profusão, algumas em vasos pendentes do teto.

3. Substitua os * como fez no exercício 1, atendendo à regência dos nomes em destaque:

a) Construiremos portos **acessíveis** * qualquer navio.
b) Ela costurava numa saleta **contígua** * cozinha.
c) Esse crime é **passível** * pena de reclusão.
d) Ele exerce atividades **incompatíveis** * o seu cargo.
e) Socorreu-me um senhor **residente** * Av. Atlântica.
f) A arquitetura desse prédio é **análoga** * do nosso.
g) O sentimento de liberdade é **inerente** * ser humano.
h) A **chegada** do cantor * Brasília passou despercebida.
i) É **preferível** sofrer injustiças * cometê-las.
j) Ele é um escritor culto, muito **versado** * Astronomia.
k) A terra e o clima eram **propícios** * cultura da soja.
l) Luís era um homem calmo, **avesso** * discussões.

4. Destaque do exercício 3 os termos regidos [= dependentes] dos nomes:

a) residente b) chegada c) avesso

5. Escreva as frases dando complementos adequados aos nomes em destaque:

a) Não temos **antipatia** * .
b) Ninguém está **imune** * .
c) Ela estava **ansiosa** * .
d) Vítor não foi julgado **apto** * .
e) Ele tinha **aversão** * .
f) O guarda era **suspeito** * .

6. Substitua os asteriscos em cada frase pelo conjunto adequado:
a quem – de que – de quem – por quem

a) Trouxe-lhe dessas flores ********* os campos estão cheios.
b) Este é um artista ********* sempre tive admiração.
c) Ela não ouvia bajuladores, ********* tinha profunda aversão.
d) Severino foi à festa de São José, ********* era grande devoto.

REGÊNCIA NOMINAL
Exercícios de exames e concursos
[Página 688]

REGÊNCIA VERBAL

1 REGÊNCIA E SIGNIFICAÇÃO DOS VERBOS

Há verbos que admitem mais de uma regência sem mudar de sentido. Exemplos:

A aurora *antecede* o dia.
A aurora *antecede ao* dia.

José não *tarda a* chegar.
José não *tarda em* chegar.

A ventania *precedeu* a chuva.
A ventania *precedeu à* chuva.

Esforcei-me por não contrariá-lo.
Esforcei-me para não contrariá-lo.

Cumpriremos o nosso dever.
Cumpriremos com o nosso dever.

Desfrutemos os bens da vida.
Desfrutemos dos bens da vida.

Outros verbos, pelo contrário, assumem outra significação, quando se lhes muda a regência:

Aspirei o aroma da flores. [= sorver, absorver]
Aspirei ao sacerdócio. [= desejar, pretender]

Bonifácio *assistiu* ao jogo. [= presenciar, ver]
O médico *assistiu* o enfermo. [= prestar assistência, ajudar]

Olhe para ele. [= fixar o olhar]
Olhe por ele. [= cuidar, interessar-se]

Ele não *precisou* a quantia. [= informar com exatidão]
Ele não *precisou* da quantia. [= necessitar]

2 REGÊNCIA DE ALGUNS VERBOS

Consignamos aqui alguns verbos com suas regências e acepções na língua atual. Antes, porém, julgamos oportuno remeter o estudante ao capítulo que trata da predicação verbal. (páginas 336-340)

▪ Abdicar

Significa *renunciar* (ao poder, a um cargo, título, dignidade), *desistir*. Pode ser intransitivo, transitivo direto ou transitivo indireto (preposição *de*):

D. Pedro I *abdicou* em 1831.

"D. Pedro *abdicou* a coroa na pessoa de sua filha D. Maria da Glória." (VIRIATO CORRÊA)

A beldade *abdicou* o seu título de rainha.

Não *abdicarei de* meus direitos.

▪ Agradar

a) No sentido de *causar agrado, contentar, satisfazer, aprazer,* usa-se, hoje, mais frequentemente, com objeto indireto, sendo o sujeito da oração nome de coisa [uma coisa *agrada* a alguém]:

A canção *agradou ao público.*
Minha proposta não *lhe agradou.*
"Vicente desviou o assunto, que não *lhe agradava.*" (RAQUEL DE QUEIRÓS)
"*À velha agradara* sobretudo a sem-cerimônia do jovem capitalista." (MONTEIRO LOBATO)

Escritores modernos usam-no também, nesta acepção, com objeto direto, quando o sujeito é nome de pessoa [*alguém* agrada *alguém*]:

"Sua intenção parecia ser a de *agradar o médico* para obter um melhor resultado favorável." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

"Procura *agradá-lo* de toda forma." (CIRO DO ANJOS)

"Tia Quiquinha continuava querendo *agradá-lo.*" (EDY LIMA)

"Anselmo era chefe do departamento pessoal e vários funcionários sentiam prazer em *agradá-lo.*" (JOSÉ FONSECA FERNANDES)

Observação:

✔ No Brasil, "agradar alguém" pode significar, conforme o contexto, "fazer carinhos ou agrados", como nesta frase de Graciliano Ramos, em que ele se refere a sua mãe: "Quando cresci e tentei *agradá-la*, recebeu-me suspeitosa e hostil".

b) Usa-se como verbo intransitivo na acepção de *causar satisfação, ser agradável* ou *atraente.*

A exibição do grupo de balé não *agradou.*

Em certas horas, nada *agrada* tanto quanto uma boa música.

Cuidam muito de sua aparência para *agradar.*

c) Apresenta-se com a forma pronominal, no sentido de *gostar*:

Leila *agradou-se* muito do rapaz.

A virtude *de* que Deus mais *se agrada* é a humildade.

▪ Ajudar

Constrói-se com objeto direto de pessoa:

Antônio *ajudava o pai* na roça.
Nós *os ajudaremos.*
Elas não queriam que *as ajudássemos.*
Eu *ajudava-o* a subir a escada.
"O professor pediu que *o ajudassem* a afastar a pedra." (JOSÉ J. VEIGA)

- **Aludir**

a) Significa *fazer alusão a, referir-se a,* e se constrói com objeto indireto:

Na conversa, *aludiu-se* brevemente *ao* seu novo projeto.

Nenhum historiador *alude a* esse triste episódio.

A que o senhor *está aludindo?*

O jornal *a* que o ministro *aludiu* lhe fazia duras críticas.

b) Não admite, como complemento, o pronome *lhe*:

Como o caso era melindroso, não *aludi a ele* [e não *lhe aludi*].

Aquela moça o destratara, mas ele nem sequer *aludiu a ela*.

- **Ansiar**

a) Na acepção de *causar mal-estar, angustiar,* é transitivo direto:

"O cansaço *ansiava-o*." (CAMILO CASTELO BRANCO)

b) Significando *desejar ardentemente*, usa-se, em geral, como transitivo indireto (preposição *por*), e às vezes como transitivo direto, com ideia intensiva:

"*Ansiava pelo* novo dia que vinha nascendo." (FERNANDO SABINO)

"*Ansiava por* me ver fora daquela casa." (MACHADO DE ASSIS)

"*Ansiou por* ir ao seu encontro." (GARCIA DE PAIVA)

"O seu coração *anseia* um confidente." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Viagem longa é para quem *anseia* voltar." (JORGE AMADO)

"Minha alma *anseia* o infinito." (AMADEU DE QUEIRÓS)

Observação:

✔ A regência correta é "ansiar *por* alguma coisa" e não "ansiar *em* alguma coisa": Ansiava *por* me ver livre daquele sofrimento.

- **Aspirar**

a) Transitivo direto na acepção de *inalar, sorver, tragar* (ar, perfume, pó, gás, etc.):

"Calixto *aspirou* o aroma das flores..." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Há máquinas que *aspiram* o pó do assoalho." (J. MESQUITA DE CARVALHO)

"Aspirou profundamente o ar cálido." (VILMA GUIMARÃES ROSA)

b) Transitivo indireto (preposição *a*), no sentido de *desejar, pretender*:

Eles *aspiravam a* altos cargos, *a* altas dignidades.

Eu *aspirava a* uma posição mais brilhante.

"O orador *aspirava à* notoriedade..." (CARLOS DE LAET)

"Nem em sonhos cheguei a *aspirar a* tal emprego." (CIRO DOS ANJOS)

Jaime *aspirava a* ser médico para atender a população pobre.

"Dizia que era a maior dignidade *a* que podia *aspirar*." (MACHADO DE ASSIS)

"A magistratura o seduzia, prometia aquilo *a* que mais *aspirava*, segurança, respeitabilidade." (ONDINA FERREIRA)

• Neste sentido, o verbo *aspirar* não se constrói com os pronomes *lhe, lhes*, mas sim com as formas retas regidas de preposição [*a ele(s), a ela(s)*]:

Não invejo essas honrarias nem *aspiro a elas*.

"Na academia teria um lugar de direito, se *aspirasse a ele*, o historiador ora desaparecido." (HÉLIO DAMANTE)

▪ Assistir

a) Transitivo direto, quando significa *prestar assistência, confortar, ajudar*, de acordo com a prática moderna:

O médico *assiste o* doente.

"O médico já não *o assistia*." (AMADEU DE QUEIRÓS)

"Quem *assistia a paciente* eram mulheres do povo." (POVINA CAVALCÂNTI)

"Ele sofreu sozinho, não *o assisti*." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

"E felizes foram, retorquiu-lhe o castelhano, porque tiveram V. Rev. para *assisti-los* nos seus últimos momentos." (ALPHONSUS DE GUIMARAENS)

"Moças de minissaia *assistiam os fregueses* numerosos." (MARIA JOSÉ DE QUEIRÓS)

Observação:

✔ Nesta acepção, pode ser usado na voz passiva: "O doente é *assistido* pelo médico."; "Os missionários *são assistidos* por Deus."; "Faleiros morria *assistido* por velhos amigos." (AMADEU DE QUEIRÓS)

b) Transitivo indireto (com a preposição *a*), no sentido de *presenciar, estar presente a*:

"Algumas famílias, de longe, na calçada, *assistiam ao* espetáculo." (ANÍBAL MACHADO)

"Populares *assistiam à* cena aparentemente apáticos e neutros." (ÉRICO VERÍSSIMO)

"Ataxerxes *assistia a* tudo." (ANÍBAL MACHADO)

"O gari *a* tudo *assistia* com os olhos esbugalhados." (ASSIS BRASIL)

"Nas missas *a* que *assisto* não há sermão." (J. MESQUITA DE CARVALHO)

"Há um comício feminino, *a* que alguns homens *assistem*." (RICARDO RAMOS)

"*A* quanto espanto *assisti* e ainda *assisto*!" (ROSAMARIA CASTELO BRANCO)

"Eu desejava *assistir à* extinção daquelas aves amaldiçoadas." (GRACILIANO RAMOS)

Por que não *assistes às* aulas?

• Se o objeto for pronome pessoal, não se usam as formas *lhe, lhes*, mas *a ele(s), a ela(s)*:

"Não é propósito nosso descrevermos uma corrida de touros. Todos *têm assistido a elas*..." (REBELO DA SILVA)

"Lá vão os frades celebrar um auto! Não serei eu que *assista a ele*." (ALEXANDRE HERCULANO)

"O vencedor nestes jogos guerreiros tinha de receber um prêmio das mãos do principal personagem que *assistia a eles*." (ALEXANDRE HERCULANO)

"Enfim, mais uma corrida de obstáculos. Vamos *assistir a ela*, curiosos e em dieta de legumes." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

Observação:

✔ Nesta acepção, o verbo *assistir* não admite a voz passiva. Em vez de: "A festa *foi assistida* por altas autoridades", prefira-se dizer: "*À festa assistiram* altas autoridades."

✔ Não obstante, são comuns, na imprensa, frases como esta: "A solenidade de posse *foi assistida* por 89 delegações estrangeiras".

✔ Os próprios escritores condescendem com essa construção: "Uma partida de futebol na Inglaterra *é assistida* por 150 mil pessoas". (PAULO MENDES CAMPOS)

c) Como transitivo indireto, usa-se também no sentido de *caber, pertencer* (direito ou razão):

Assiste ao réu o direito de se defender.

Não *lhe assiste* o direito de oprimir os outros.

Evidentemente não *lhe assistia* razão para reclamar.

d) Constrói-se, mas raramente, com a preposição *em*, no sentido de *morar, residir*:

"Sou obrigado por esta desgraçada posição de deputado a *assistir* mais algum tempo *na capital*." (CAMILO CASTELO BRANCO)

▪ Atender

a) Usa-se, modernamente, com objeto direto, no sentido de:

- acolher ou receber alguém com atenção, responder a alguém que se dirige a nós:

  O diretor *atendeu os alunos*.

  O médico sempre *os atende* bem e lhes dá remédios.

  A professora não *o atendeu*.

  A tenista não *atendeu o repórter*. Ela não quis *atendê-lo*.

  "A Dona Emília tinha de *o atender*." (FERNANDO NAMORA)

- ouvir, conceder, deferir um pedido:

  Deus *atendeu a súplica* de seu servo.

b) Constrói-se com objeto indireto, na acepção de:

- dar atenção a alguém, ouvir-lhe os conselhos, levar em consideração o que alguém nos diz:

  "Não *atendera aos* amigos, fora entregar-se a impostores." (GRACILIANO RAMOS)

- considerar, atentar, prestar atenção a, levar em consideração, satisfazer:

  Atenda bem *ao* [ou *para o*] que lhe digo.

  Atenderemos ao apelo [ou *ao* chamado, *aos* conselhos, *aos* interesses, *às* exigências, *às* reivindicações] de fulano.

  "O Corpo de Bombeiros *atendeu a* doze pedidos de socorro." (*Jornal do Brasil*, 28/9/1982)

  O novo método *atende* perfeitamente *às* exigências do moderno ensino.

  "Se tivesses *atendido ao* meu apelo, tinhas poupado este desgosto e este remorso." (MACHADO DE ASSIS)

  "Vou *atender ao* que me pede..." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

▪ Bater

a) Na acepção de *dar pancadas* (em alguém), exige objeto indireto:

Os colegas mais fortes *batiam nele* (ou *batiam-lhe*) à toa.

Por que batiam *no menino*. Por que *lhe batiam*?

b) Conforme o sentido, diz e escreve-se:

- *Bater a porta*. Fechá-la com força: Furioso, entrou no quarto e *bateu a porta*.
- *Bater à porta*. Bater junto à porta, para que abram ou atendam: "De noite *bateram à porta*, e foi dona Manuela que atendeu". (MARQUES REBELO)
- *Bater na porta*. Dar pancadas na porta ou esbarrar nela: Para acordá-lo, era preciso *bater na porta* do quarto dele.

▪ Chamar

a) Transitivo direto (construído com objeto direto):

O rei *o chamou* à sua presença.

Ninguém *o chamou* aqui, moço. (certo)

Ninguém *lhe chamou* aqui, moço. (errado)

O objeto direto pode vir regido da preposição de realce *por*:

Chamei por você com insistência, não me ouviu?

A menina teve medo e *chamou pela* mãe.

"*Chamou por* um escravo." (MACHADO DE ASSIS)

b) Construído com objeto seguido do predicativo, admite as seguintes regências:

Chamaram-no charlatão.

Chamaram-lhe charlatão.

Chamaram-no de charlatão.

Chamaram-lhe de charlatão.

"Os gregos *chamavam*, desprezivelmente, *metecos* os que não eram de Atenas." (AFRÂNIO PEIXOTO)

"Nós o *chamávamos tiozinho* e brincávamos com ele como um boneco." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"O povo *chamava-o maluco*." (José Lins do Rego)

"Os naturais do lugar *chamam taperás às avezinhas* singulares que ali vão dormir." (Salvador de Mendonça)

"*A nenhuma chamarás Aldebarã*." (Rubem Braga)

"Há umas granadas de mão, redondas e pequenas, *a que chamam laranjas*." (Antônio Gedeão)

"Justino *chamava-a de mãezinha*." (Herman Lima)

"Um sujeito barbudo, dirigindo um fusca, *chamou-o de molenga*." (Lourenço Diaféria)

"Você *chama de espevitada uma pessoa* a quem não conhece." (Carlos Drummond de Andrade)

"No norte do Brasil *chamam ao diabo de cão*, o cão do inferno." (João Ribeiro)

"*Aos nativos* Colombo *chamou de índios*." (Millôr Fernandes)

▪ Chegar

Na língua culta, o adjunto adverbial de lugar do verbo *chegar* é regido da preposição *a*:

Chegamos a [e não *em*] São Paulo pela manhã.

A noiva *chegou à* [e não *na*] igreja às 18 horas.

O lugarejo *a* que *chegamos* fica entre morros.

Vejam *a* que ponto *chegou* a audácia desses criminosos!

"Ao alvorecer devemos *chegar às* portas de Jerusalém." (Eça de Queirós)

Na linguagem coloquial, admite-se a preposição *em*:

Chegamos *em* São Paulo no dia seguinte.

Ele chegou *na* cidade ao meio-dia.

As crianças chegaram *em* casa exaustas.

Os verbos *ir* e *vir* têm a regência de *chegar*. Fomos *a* Belém. Fui *à* feira. Não sei *a* que reunião eles foram. *A* que loja o senhor foi? Vieram *à* cidade fazer compras.

É oportuno lembrar que o verbo *chegar* concorda normalmente com o sujeito:

Chegaram [e não *chegou*] visitas à casa do vizinho.

Chegam a Brasília os novos embaixadores.

Talvez *cheguem* a vinte mil reais as despesas da família.

Que mais ele quer? Não *chegam* [= bastam] os bens que possui?

▪ Contentar-se

Constrói-se com objeto indireto (ou oração objetiva indireta) regido das preposições *com*, *de* ou *em*:

"*Contentam-se com* despedi-los." (Carlos de Laet)

"*Contento-me com* os raios desse ocaso." (Visconde de Taunay)

"*Contentei-me de* responder que não era tarde." (MACHADO DE ASSIS)

"*Contentava-se em* bater palmas de longe." (ANÍBAL MACHADO)

"Não dá aula, *contenta-se em* ir de uma à outra sala." (J. GERALDO VIEIRA)

▪ Custar

a) No sentido de *ser custoso, difícil*, emprega-se na 3ª pessoa do singular, tendo como sujeito uma oração reduzida de infinitivo, a qual pode vir precedida da preposição expletiva *a*:

"*Custa-me* dizer que acendeu um cigarro." (MACHADO DE ASSIS)

"*Custa* muito corrigir um erro." (ANTÔNIO HOUAISS)

"*Custa-lhe* reconhecer um rosto que se aproxima sorrindo." (ANÍBAL MACHADO)

"*Custou-me* muito *a* brigar com Sabina." (MACHADO DE ASSIS)

"*Custa a* crer que uma centena de homens..." (RUI BARBOSA)

Observações:

✔ A construção lógica é a sem preposição. *Custa* [= é custoso] crer que...

✔ Popularmente, usa-se este verbo em todas as pessoas, com as acepções de *ter dificuldade, demorar*: *custo a crer, custas a entender, ele custou a chegar, custamos a acreditar, custais a aceitar, custam a vir, custei a entender*, etc., formas estas ainda não sancionadas pelos gramáticos, embora já apadrinhadas pelos escritores modernos:

"*Custei a* acreditar que fosse goiana." (ORÍGENES LESSA)

"A árvore *custara a* cair." (COELHO NETO)

"*Custas a* vir e, quando vens, não te demoras." (CECÍLIA MEIRELES)

"Como *custaram a* passar os últimos três meses!" (JOSUÉ MONTELO)

"A menina *custou a* aparecer." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

b) Na acepção de *acarretar trabalhos, causar incômodos, sofrimentos, prejuízos*, etc., é transitivo direto e indireto:

A conquista do pão *custa ao pobre* muitos sacrifícios.

A imprudência *custou-lhe lágrimas amargas* e três anos de prisão.

"*Custar-te-emos* contudo *dura guerra*." (LUÍS DE CAMÕES) [custar-te-emos = custaremos a *ti*]

▪ Deparar

Apresenta as seguintes regências:

a) Transitivo direto, significando *dar com, encontrar*:

Nas aflições é tão bom *deparar* alguém que nos ajude!

"Em *deparando* um colega leal, abro-me, ofereço-me até as últimas consequências." (FERNANDO NAMORA)

b) Transitivo indireto (preposição *com*), com a mesma significação:

"O marquês de Luso não *deparou* nunca *com* o inimigo." (CAMILO CASTELO BRANCO)

c) Transitivo direto e indireto, no sentido de *fazer aparecer, apresentar*:

"E pedia ao padre Santo Antônio que *lhe deparasse a cabra perdida*." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"A ciência do naturalista não *deparou a solução ao problema*." (CARLOS DE LAET)

d) Transitivo indireto (preposição *a*) e pronominal no sentido de *apresentar-se, oferecer-se, surgir*, tendo como sujeito a coisa ou a pessoa que se apresenta, que aparece.

Deparou-se enfim *ao rapaz* uma boa oportunidade.

"*Depara-se-lhe* na esquina um velho amigo." (CELSO LUFT)

"*Depararam-se-me* coisas estranhas." (VITÓRIO BERGO)

"As multiplicadas ocasiões que se *lhe deparam* de estudar." (CARLOS DE LAET)

Em resumo, pode-se dizer:

Deparei alguém ou alguma coisa.

Deparei com alguém ou com alguma coisa.

Deparou-se-me alguém ou alguma coisa.

O destino (ou a sorte, o acaso, etc.) *me deparou* alguém ou alguma coisa.

▪ Dignar-se

Seu complemento é regido da preposição *de*, a qual pode ser omitida, sem alteração do sentido da frase:

"Ele azeitava uma espingarda, sem *dignar-se de* levantar os olhos para mim." (OTO LARA RESENDE)

"Rogo a Vossa Excelência *se digne de* expedir suas respeitáveis ordens para que o cadáver seja transportado ao necrotério e se proceda ao corpo de delito." (MACHADO DE ASSIS)

"Quando o cirurgião-chefe *se dignava* terminar seu jantar..." (FERNANDO NAMORA)

"Não *se dignou* abrir os olhos." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

Digne-se Vossa Excelência ouvir as razões de minha renúncia.

▪ Ensinar

Admite, entre outras, as duas seguintes regências:

a) *Ensino* a dança *a* João. *Ensino-lhe* a dança.

"Mande *ensinar-lhe* Medicina." (MACHADO DE ASSIS)

"Vou *ensinar-lhe* o caminho." (ANTÔNIO HOUAISS)

b) *Ensino João a* dançar. *Ensino-o a* dançar.

"*Ensinou o primeiro rei português a* ser honrado." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"... para *ensiná-lo a* respeitar o 5º mandamento." (VALENTIM MAGALHÃES)

"*Ensina-o a* converter cada espinho em flor." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"*Ensinei-a a* libertar-se das amarras..." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

"Gomes Carneiro o *ensinará a* amar o índio." (EDILBERTO COUTINHO)

- **Entreter-se** (= divertir-se, ocupar-se)

Seu complemento é regido das preposições *a*, *com* ou *em*:

De noite *entretinha-se a* ouvir música.

As crianças *entretiveram-se com* seus brinquedos.

Às vezes *nos entretínhamos em* recordar o passado.

- **Esquecer** e **lembrar**

a) Estes verbos admitem as seguintes construções:

Esqueci o nome dele.	*Lembro* um caso antigo.
Esqueci-me do nome dele.	*Lembro-me de* um caso antigo.
Esqueceu-me o nome dele.	*Lembra-me* um caso antigo.

O que nas duas primeiras construções é objeto, passa a sujeito na terceira: "O nome dele esqueceu-me", isto é, "apagou-se da memória", "saiu da lembrança".

Essa última construção, corrente entre portugueses, é menos conhecida no Brasil, onde a usaram os nossos escritores clássicos:

"*Esqueceu-me* o teu nome." (CÂNDIDO DE FIGUEIREDO)

"Nunca *me esqueceu* esse fenômeno." (MACHADO DE ASSIS)

"*Lembra-me* que não chorei." (MACHADO DE ASSIS)

"Ainda *me lembram* as palavras dele." (MÁRIO BARRETO)

"*Esqueceu-me* comunicar-lhe que..." (CIRO DOS ANJOS)

"*Esqueceram-lhe* os dias felizes." (*Aurélio*)

Observação:

✔ Esse último tipo de construção ocorre com outros verbos, como *admirar*, *alegrar*, etc:

Admira-me que Aurélio não tenha vencido a luta.

"Não admira que ela me preferisse." (MACHADO DE ASSIS)

Alegra-me saber que sua empresa vai de vento em popa.

É corrente em Portugal e raro no Brasil o emprego de *esquecer* como verbo intransitivo, na acepção de "apagar-se da memória", "cair no esquecimento":

Os fatos acontecem, passam e *esquecem*.

"As particularidades da guerra *esqueceram* com o decurso dos anos." (ALEXANDRE HERCULANO)

b) Na língua culta são consideradas errôneas as construções "esquecer de alguém", "esquecer de alguma coisa", "lembrar de alguém", "lembrar de alguma coisa", com os verbos despronominados, como nas frases:

Esqueci de meu compromisso [ou do livro, ou de minha promessa].

Você *esqueceu de* nós?

Meu pai *esqueceu de* ir à reunião.

Eles *esqueceram de* que era feriado.

Ele não *lembrou de* seu amigo [ou de sua promessa].

Não *lembrei de* que era feriado [ou de pagar a conta].

Construções corretas, na língua culta:

Esqueci-me de meu compromisso [ou do livro, da promessa].

Meu pai *esqueceu-se de* ir à reunião.

Ele não *se lembrou de* seu amigo [ou do livro, da promessa].

Não *me lembrei de* que era feriado [ou de pagar a conta].

Em síntese, na língua culta, os verbos *esquecer* e *lembrar*, quando usados com a preposição *de*, são pronominais:

"*Esquecia-me*, porém, *de* que ignorava a sua real medida." (NÉLIDA PIÑON)

"*Lembra-te*, Belmiro, *de* que essas bodas são impossíveis." (CIRO DOS ANJOS)

"*Esquecia-me de* dizer que, à noite passada, ouvimos novamente esturros de onça." (GASTÃO CRULS)

c) Usados como transitivos diretos, eis como se devem construir esses verbos:

Esqueça essa mulher. *Esqueça-a*.

Não *esqueçamos que* [e não *de que*] a saúde tem seu preço.

Ele *esqueceu como* [e não *de como*] se abre o cofre.

O professor *lembrou a* [e não *da*] importância do voto.

Ele *lembrou que* [e não *de que*] é importante votar.

A casa, os móveis, o jardim, tudo *lembrava* nossa mãe.

Tudo *a lembrava*, a casa, os móveis, o jardim...

▪ Implicar

a) No sentido de *trazer como consequência, acarretar*, é verbo transitivo direto, isto é, constrói-se com objeto direto:

A assinatura de um contrato *implica* a aceitação de todas as suas cláusulas.

O desrespeito às leis *implica* sérias consequências.

O Congresso rejeitará medidas que *impliquem* aumento de impostos.

"Não há máquina que não *implique* aplicação maior ou menor de ferro." (MONTEIRO LOBATO)

Nesta acepção, é censurada a regência indireta (preposição *em*), como na frase:

A quebra de um compromisso *implica em* descrédito.

b) Constrói-se com dois complementos, no sentido de *envolver, enredar, comprometer*:

Negócios ilícitos o *implicariam em* vários crimes.

Falsos amigos *implicaram* o jornalista na conspiração.

c) Na acepção de *promover rixas, mostrar má disposição para com alguém*, é transitivo indireto:

Ele era uma criatura que *implicava com* todo o mundo.

▪ Informar

Apresenta as seguintes regências:

a) Infelizmente não posso *informá-lo* agora.

b) O ministro *informou o povo sobre* a (ou *a respeito da*) situação financeira do país.

"*Informou-me sobre* o caminho para Andorra." (Ferreira de Castro)

c) *Informei-me do* preço das mercadorias.

"Informe-se com o ascensorista." (*Dicionário Mirador*)

d) O general *informou-se* minuciosamente *sobre* a posição das tropas inimigas.

e) "Em todas as povoações *o informavam de* que o duque passara duas horas antes." (Camilo Castelo Branco)

Informamos os interessados de que as inscrições estão abertas.

f) "Apenas *lhe informaram* que os bens de Domingos Leite haviam sido confiscados." (Camilo Castelo Branco)

Não *lhe* posso *informar* se este imóvel está à venda.

"Seu emissário *lhe informara* que a busca da bomba..." (Érico Veríssimo)

g) "Este é um jornal que *informa*." (*Aurélio*)

h) O cidadão nem sempre *é informado sobre* os seus direitos.

Observação:

✔ Muitos gramáticos tacham de incorreta a construção **f** (informou-lhe que...), só admitindo a **e** (informo-o de que...). Assim também para o verbo avisar: "Aviso-o de que desisti", preferível a "Aviso-lhe que desisti".

▪ Investir

a) No sentido de *dar posse* ou *investidura, empossar*:

O governo *o investiu no* cargo de presidente da empresa.

Ele *foi investido nas* funções de ministro.

"O barbeiro declarou que *estava investido de* um mandato público." (Machado de Assis)

b) Na acepção de *fazer investimentos, empregar dinheiro*:

A empresa *investiu* ali enormes capitais.

Ele *investe* parte dos lucros *em* pesquisas científicas.

Investir em tecnologia, *na* compra de ações, *em* imóveis, etc.

c) No sentido de *atacar, acometer, arremeter,* pode ser:

- transitivo direto:

  "Quando a onda *investe* a praia." (MACHADO DE ASSIS)

- transitivo indireto (preposição *com* ou *contra*):

  "Sanción, seguido de seus nove companheiros, *investiu* com os árabes." (ALEXANDRE HERCULANO)

  "*Investia* como um cego *contra* as paredes." (CAMILO CASTELO BRANCO)

  O touro, enfurecido, *investiu contra* (ou *com*) o toureiro.

▪ Lembrar

Veja *esquecer.*

▪ Morar

a) Antes do substantivo *rua* e de outros que designam logradouros públicos, usa-se morar com a preposição *em*, devendo-se evitar a preposição *a*:

João *mora na* Rua Itu (e não *à* Rua Itu).

"Eu *morava na* Rua do Bispo, numa casa de azulejo de quatro andares." (CAMILO CASTELO BRANCO)

Morávamos na Av. Brasil.

Meus tios *moram na* Praça Tiradentes.

A rua *em* que *moramos* fica na periferia da cidade.

Em que rua você *mora*? – *Moro na* antiga Rua Montenegro, em Ipanema.

b) A preposição *a* tem cabimento em construções do tipo:

Moro a cem metros da estrada.

Morávamos a pouca distância da praia.

▪ Namorar

a) A regência correta é *namorar alguém* e não *namorar com alguém*:

Joaquim *namorava* a filha do patrão.

Ela *namora* um oficial da Marinha.

Trabalha com a atriz, mas não *a namora*.

"Nem sei mesmo explicar por que ele *namora* a filha do chefe de Seção, que é de condição modesta." (CIRO DOS ANJOS)

"Ele também *namorou-a* publicamente, defronte do palacete dos Vargas." (EÇA DE QUEIRÓS)

"O capitão Nonato *namorava* a mulher de quem queria." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"... como se quisessem *namorar* todas as moças da vizinhança." (MACHADO DE ASSIS)

Observação:

✔ Embora defendida por alguns dicionaristas, não se recomenda a regência indireta *namorar com alguém*.

b) Usa-se *namorar* também nas formas intransitiva e pronominal:

Aos doze anos ele já *namorava*.

O conde *namorou-se (ou, mais usual, enamorou-se)* da princesa.

Na festa, vimos meninas e rapazes *namorando-se*.

"*Namorei-me da* filha dele, D. Rufina, moça de dezenove anos." (MACHADO DE ASSIS)

▪ Obedecer

Constrói-se, modernamente, com objeto indireto:

Os filhos *obedecem aos* pais.

O filho *obedece-lhes* em tudo.

Os corpos *obedecem à* lei da gravidade.

"Os passeios sempre *obedeciam a* horários." (MARIA DE LOURDES TEIXEIRA)

"Os coqueiros eram senhores *a* que os trabalhadores *obedeciam*." (LÊDO IVO)

Observações:

✔ Embora transitivo indireto, admite a forma passiva:

Os pais *são obedecidos* pelos filhos.

✔ O antônimo *desobedecer* tem o mesmo regime.

✔ Autores modernos constroem o verbo *obedecer* também como objeto direto:

"Eu devia *obedecer minha mãe* em tudo." (JOSÉ J. VEIGA)

▪ Pagar

Admite as seguintes regências:

a) Pagar alguma coisa:

Ele *pagou* a conta e saiu.

Sabe que tem débitos, mas não *os paga*.

"O suborno envilece tanto a mão que o *paga* como a que recebe." (RUI BARBOSA)

b) Pagar a alguém:

Ela ainda não *pagou ao* médico. Vai *pagar-lhe* hoje.

"*Pagava* com pontualidade exemplar *ao* alfaiate e *ao* merceeiro." (ALEXANDRE HERCULANO)

"Corria o risco de se arruinar e não poder *pagar aos* credores." (CIRO DOS ANJOS)

"A mulher do seleiro *pagou-lhe* e ele arrumou-se para sair." (JOSÉ LINS DO REGO)

"Mas Rosinha não precisava saber que o jornal *lhe pagara*." (ORÍGENES LESSA)

Na linguagem informal, neste caso, usa-se geralmente objeto direto: *pagar o médico, pagar os empregados, pagar o colégio.*

c) Pagar alguma coisa a alguém:

Paguei a consulta diretamente ao médico.

Paguei-lhe a consulta com um cheque.

d) Pagar por alguma coisa:

Pagou caro pelos seus crimes.

Quanto *pagou* pela hospedagem?

e) Pagar (sem complemento):

Muitos assistem aos jogos sem *pagar*.

▪ Perdoar

Apresenta as seguintes regências:

a) Transitivo direto, com objeto direto de coisa:

Deus *perdoe* nossos pecados.

Não é fácil *perdoar* ofensas.

Nos clássicos e em escritores modernos aparece, frequentemente, com objeto direto de pessoa:

"O ilustre Persa levemente *o perdoa*." (LUÍS DE CAMÕES)

"Ajoelhou-se ao pé do oratório, os olhos na Virgem do Carmo, para pedir à santa, mais uma vez, que *a perdoasse*." (JOSUÉ MONTELLO)

"Sentia-se forçado a *perdoá-la*." (AMANDO FONTES)

"Nunca mais *a perdoaria*." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

"Queria perdoá-lo, embora com dúvidas, pois sabia que esse homem era um enigma." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

"Deus *o perdoe* e o tenha." (RICARDO RAMOS)

"Ela é Maria e Deus *a perdoe* por não odiar o mar." (ADONIAS FILHO)

"Bruna não *a perdoaria* nunca, se a visse assim." (LÍGIA FAGUNDES TELLES)

b) Transitivo indireto, com objeto indireto de pessoa:

"... *perdoava aos* meus devedores." (MACHADO DE ASSIS)

"Dizei-lhe que *lhe perdoei*." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"A potranquinha bravia ainda não *lhe perdoara*." (CIRO DOS ANJOS)

"Se quisessem, elas *lhes perdoariam*." (GERALDO FRANÇA DE LIMA)

Observação:

✔ Como o verbo *obedecer*, admite a forma passiva:

Ambos *foram perdoados* pelo rei.

Perdoai, para *serdes perdoados*.

"Muita coisa *se perdoa* aos automóveis e aos tufões." (CECÍLIA MEIRELES)

c) Transitivo direto e indireto, com objeto direto de coisa e indireto de pessoa:

Perdoei a dívida ao pobre homem.

Ela não *lhes perdoará* o desprezo com que a tratam.

"*Perdoava-lhe* a ingratidão." (MÁRIO BARRETO)

d) Intransitivo:

Quem não *perdoa* não merece perdão.

▪ Permitir

a) Exige objeto indireto de pessoa:

A empregada *permitiu ao repórter* que entrasse.

O telescópio *permite ao homem* devassar o universo.

b) Constrói-se com o pronome *lhe* e não *o*:

A empregada *permitiu-lhe* que entrasse.

c) Não se usa a preposição *de* antes de oração infinitiva:

O pai lhe *permite sair* sozinha (e não *de sair sozinha*).

Não nos *permitiram permanecer* no local.

Não posso *permitir-me*, sem justo motivo, *infringir* as leis.

▪ Precisar

a) No sentido de *ter necessidade, necessitar,* constrói-se, indiferentemente, com objeto direto ou indireto, mas a língua hodierna tem preferência por este último complemento:

O país *precisa de* agrônomos. Quem não *precisa deles*?

"*Precisava* fazenda macia, pulseiras de ouro." (GRACILIANO RAMOS)

"Mas não há órfã que tanto amparo *precise*." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Um poeta *precisa* apenas *de* lápis e uma folha de papel..." (MANUEL BANDEIRA)

Nas construções em que *precisar* vem acompanhado de infinitivo, pode-se usar a preposição (de); a língua moderna, porém, tende a dispensá-la:

"*Precisava de* amar ardentemente..." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"*Precisavam* ser duros, virar tatus." (GRACILIANO RAMOS)

"Estava esgotado, *precisava* refazer as forças." (ANÍBAL MACHADO)

"*Precisava* ter a cabeça fria." (ANÍBAL MACHADO)

"Essas terríveis pequenas não *precisam de* falar para se entenderem." (CIRO DOS ANJOS)

Eles são ricos, não *precisam* trabalhar tanto.

b) Às vezes usa-se na voz passiva, outras, com sujeito indeterminado:

Precisa-se de bons médicos. [sujeito indeterminado]

Precisa-se de muitos conhecimentos para ser bom professor.

"*Precisam-se* mais conhecimentos para o ler que para o escrever." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Hoje o que mais *se precisa* é *de* silêncios que interrompam o barulho." (MÁRIO QUINTANA)

c) Emprega-se também, na fala popular, como intransitivo, na acepção de *ser necessário*:
Não *precisa* vocês virem tão cedo.
Eram insetos nocivos. *Precisava* que alguém os exterminasse.

d) É transitivo direto no sentido de *indicar com exatidão*:
Ele diz que perdeu muito dinheiro, não sabe *precisar* a quantia.

▪ Preferir

Como transitivo direto e indireto, exige a preposição *a*:
O prisioneiro *preferiu* a morte *à* escravidão.
Prefiro um inimigo declarado *a* um falso amigo.
"*Prefere* ser escravo *a* combater." (Mário Barreto)
"É o que eu faria, se ela me *preferisse a* você." (Antônio Olavo Pereira)
"Tive uma suspeita e *preferi* dizê-la *a* guardá-la." (Machado de Assis)
"*A* se apresentar malvestida *prefere* não ir." (Ciro dos Anjos)
"*Prefere* rezar na mais humilde das igrejas *a* ir rezar na Acrópole." (Agripino Grieco)

Observação:

✔ Esse verbo não se constrói com a locução conjuntiva *do que* nem com o advérbio *mais*:

Prefiro trabalhar *a* passar fome. (certo)
Prefiro trabalhar *do que* passar fome (errado)

Não quero café, *prefiro* a limonada. (certo)
Não quero café, *prefiro mais* a limonada. (errado)

▪ Presidir

Pode ser construído, indiferentemente, com objeto direto ou objeto indireto (preposição *a*):
Presidir ao congresso (ou o congresso).
"Oh, tu, Diana, que *presides ao* destino das nuvens errantes..." (Rubem Braga)
"A bela infanta viera *presidir ao* banquete de seus ricos-homens." (Alexandre Herculano)
"... nalgum tribunal superior, *a* que *presidisse* com beca romana e frases latinas." (Aníbal Machado)
"Dir-se-ia que *presidiam a* uma inquirição." (Fernando Namora)
"O promotor Espínola *preside* a cerimônia." (Ciro dos Anjos)
"Não se sabe ainda quem *presidirá* o país." (Aurélio Buarque de Holanda)
"... os que fizeram o sacrifício de *presidi-la*." (Carlos Drummond de Andrade)
"O banquete *era presidido* pelo Simpatia..." (José J. Veiga)

Observação:

✔ São, portanto, igualmente aceitáveis as construções *presidir a sessão, presidi-la, presidir à sessão, presidir a ela, a sessão foi presidida por fulano.*

▪ Prevenir

Admite as seguintes construções:

A prudência *previne as desgraças.*

Preveni meu irmão.

Devo *preveni-lo.*

Quero *preveni-los do* perigo.

"A sua intuição *preveniu-a* de uma ameaça." (FERNANDO NAMORA)

Preveniu o dono contra o ataque dos indígenas.

Previno-a de que você encontrará dificuldades.

"Devo *prevenir-te* que não venho disposto para fazer via-sacra." (CAMILO CASTELO BRANCO)

Preveniu-se para a luta.

"Eles *se preveniram contra* o inimigo." (J. MESQUITA DE CARVALHO)

▪ Proceder

a) É intransitivo no sentido de *ter fundamento*:

O depoimento da testemunha *procedia.*

"Como a queixa não *procedia*, ela foi arquivada." (CELSO LUFT)

"Esse argumento não *procede*." (CALDAS AULETE)

Não *procedem* as acusações que lhe fazem.

Também é intransitivo na acepção de *comportar-se, agir*:

A senhora *procedeu* bem.

Procedi de acordo com a lei.

O menino *procedia* mal na escola.

Proceda de maneira que não levante suspeitas.

b) Constrói-se com preposição *de*, na acepção de *originar-se, provir, derivar, descender*:

Da ambição humana *procedem* muitos males.

"A língua portuguesa *procede do* latim." (J. MESQUITA DE CARVALHO)

"O Espírito Santo *procede do* Pai e *do* Filho." (*Dicionário Mirador*)

c) Usa-se como transitivo indireto, com a preposição *a*, no sentido de *dar início, levar a efeito, realizar*:

"Entretanto, *procedeu-se ao* inventário dos objetos." (MACHADO DE ASSIS)

Aberta a sessão pelo presidente, o secretário *procedeu à* leitura da ata.

"Depois convidou-os a *procederem à* nomeação do secretário." (J. FELÍCIO DOS SANTOS)

O inquérito *a* que se *procedeu* nada apurou.

▪ Querer

a) Significando *desejar*, pede objeto direto:

Ele não *a quis* para esposa.

"Eu *o quero* obediente e aplicado!" (J. MESQUITA DE CARVALHO)

b) Com a significação de *amar* ou *ter afeto a alguém* ou *alguma coisa*, usa-se como objeto indireto da pessoa ou coisa a que se quer bem:

Do filho que muito *lhe quer*. (nas cartas)

"Jurou que *lhe queria* muito." (MACHADO DE ASSIS)

"Os jesuítas *queriam* muito *ao* noviço." (ADOLFO CAMINHA)

▪ Residir

Como o seu sinônimo *morar*, constrói-se *residir* com a preposição *em* e não *a*, tanto no sentido próprio como no figurado:

O médico *residia na* [e não *à*] Rua Santana.

Residíamos em Copacabana, *na* Av. Atlântica.

A força de uma nação *reside na* capacidade de seus homens.

Observação:

✔ *Residente* e *residência* têm a mesma regência de *residir*:

Vítor Silva, *residente na* Rua Estrela, nº 20, não foi encontrado em casa.

O cantor fixou *residência na* Rua Castro Alves.

▪ Responder

Registramos apenas as construções que merecem atenção.

a) Responder alguma coisa a alguém:

O senador *respondeu ao* jornalista que o projeto do governo sofreria emendas.

Respondeu-lhe que o projeto sofreria emendas.

b) Responder a uma carta, a uma pergunta, a um questionário, etc.:

Ele desconversou, não *respondeu à* pergunta que lhe fiz.

Na prova, ela *respondeu a* todas as questões.

"Não *respondo a* tais cartas." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Natural é que o leitor faça tais perguntas, *às* quais temos obrigação de *responder*." (ALEXANDRE HERCULANO)

"O silêncio *respondeu* sempre *às* sátiras petulantes." (REBELO DA SILVA)

"Ao cabo de alguns meses, Capitu começara a escrever-me cartas, *a* que eu *respondi* com brevidade e sequidão." (MACHADO DE ASSIS)

"Quem *responderá a* essa póstuma chamada?" (CECÍLIA MEIRELES)

"O jornaleiro, já se vê, não é obrigado a *responder a* perguntas desta natureza." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

"Sangue e rios de tinta ainda não *responderam a* essa pergunta." (ROBERTO CAMPOS)

Observação:

✔ Não tem tradição na língua e deve ser evitada a regência direta: responder uma carta; responder uma pergunta; responder as dúvidas dos leitores, etc.

✔ Desaconselhado é também usar *responder* na voz passiva:

As cartas *eram respondidas* pela secretária.

Essas cartas ainda não *foram respondidas*?

Diga-se: Era a secretária que *respondia às* cartas.

Não *se respondeu* ainda *a* essas cartas?

c) Responder por alguma coisa:

Cada um *responde pelos* seus atos.

▪ Reverter

Eis os significados e as regências deste verbo:

a) Voltar ao primitivo estado ou ao que foi antes, regressar:

O homem *reverterá ao* pó.

João, funcionário aposentado, *reverteu à* ativa.

"... *revertendo ao* modo de viver de seus antepassados." (VIANA MOOG)

b) Voltar para a posse de alguém:

O imóvel *reverterá ao* legítimo dono.

c) Redundar em, destinar-se, converter-se:

A renda do espetáculo *reverterá em* benefício dos desabrigados.

Observação:

✔ É incorreto o uso deste verbo no sentido de *mudar*, *inverter*: *reverter* uma situação ruim; *reverter* uma expectativa má. Monteiro Lobato escreveu corretamente: "E a coisa se perpetuará assim, se o Presidente da República não *inverter* a situação". (*O Escândalo do Petróleo e do Ferro*, p. 178)

▪ Simpatizar

Pede objeto indireto regido da preposição *com*:

Não *simpatizei com* ele nem *com* as suas ideias.

Há pessoas *com* quem não *simpatizamos*.

"O país inteiro *simpatizou com* este princípio." (Rui Barbosa)

Observações:

✔ Este verbo não é pronominal. Não se dirá, portanto, simpatizei-me com ele, mas simpatizei com ele.

✔ Tem o mesmo regime o antônimo *antipatizar*: "Quando fomos apresentados, não antipatizei com ele". (Olavo Bilac)

▪ Subir

Atente-se para as seguintes construções:

Sobem ao céu rolos de fumaça.

"*Sobe* [o apóstolo] *ao* púlpito das igrejas do sertão." (Euclides da Cunha)

"Às vezes *sobe aos* ramos da árvore." (José de Alencar)

"Chegou a sua vez de *subir ao* lotação." (Raquel de Queirós)

"Chegou até *subir no* banco..." (José Condé)

"*Sobe* à pressa *nas* aspas do monte." (Gonçalves Dias)

"*Subira pela* escada de Jacó até o céu." (Machado de Assis)

"Foi *subindo a* Rua de São José." (Machado de Assis)

"Luís Garcia punha-a no chão, tornava a *subi-la aos* joelhos." (Machado de Assis)

Pode-se dizer, portanto, *subir a* ou *subir em* alguma coisa.

A preposição *a* é de rigor nas expressões "subir ao céu", "subir à cabeça", "subir ao trono", "subir ao poder", consagradas pelo uso.

▪ Suceder

No sentido de *vir depois, substituir, ser sucessor,* emprega-se, modernamente, com objeto indireto regido da preposição *a*:

"A República *sucedeu à* Monarquia." (Cândido de Figueiredo)

A noite *sucede ao* dia, o descanso *ao* trabalho.

À tempestade *sucedeu* a bonança.

Tibério *sucedeu a* César.

Morto Nero, *sucedeu-lhe* Galba, senador da velha nobreza.

"Outro alagoano, o briosíssimo marechal Floriano Peixoto, *sucedeu a* Deodoro da Fonseca." (Ledo Ivo)

"Abul-Hassan-Ali *sucedera a* seu pai no vasto império da Mauritânia." (Alexandre Herculano)

"Luís II morreu em 1949, *sucedendo-lhe* seu neto Rainier III." (Ferreira de Castro)

"*À* longa apatia de tantos meses *sucedia* uma inesperada atividade." (Almeida Garrett)

Observação:

✔ Nota-se, na língua hodierna, tendência para dar a *suceder* objeto direto: "Nem o menino nem o homem, que *o sucedeu*, nunca puderam odiar." (POVINA CAVALCÂNTI)

"O Presidente Médici anunciará, finalmente, quem é que está apontado para *sucedê-lo*..." (*Jornal do Brasil*, 18/6/1973)

✔ O antônimo *preceder* usa-se, indiferentemente, com objeto direto ou indireto: Um vento forte *precedeu o* (ou *ao*) temporal. O ministro que *o* (ou *lhe*) *precedeu* no cargo era apolítico. "Pode-se dizer que o negro *precede* ao índio no trabalho agrícola organizado pelo branco." (OLIVEIRA VIANA)

▪ Tocar

a) Na acepção de *pôr a mão em, ter contato com*, diz-se, indiferentemente, *tocar alguém* ou *tocar em alguém, tocar uma coisa* ou *tocar em uma coisa*:

A mãe não deixava a criança *tocar o* (ou *no*) gato.

Acreditavam que, se *tocassem o* (ou *no*) santo, ficariam curadas.

Acreditavam que, se *o* (ou *lhe*) *tocassem*, ficariam curadas.

Acreditavam que, se *tocassem nele*, ficariam curadas.

"Soltou um gemido agudo e pronto, com se *lhe houvessem tocado* com um ferro em brasa." (ALEXANDRE HERCULANO)

b) No sentido de *comover, sensibilizar*, usa-se com objeto direto:

A notícia da morte do amigo *o tocou* profundamente.

Meus gestos de solidariedade sempre *a tocavam* muito.

c) Constrói-se com objeto indireto nas acepções de:

- *caber por sorte* ou *partilha*:

  Não é fácil a tarefa que *lhe tocou*.

  Tocaram-lhe, de herança, um terreno e uma casa.

- *Ser da competência de, caber, competir*:

  Toca ao Presidente da República nomear os seus ministros.

  A ele é que *toca* aprovar ou vetar os projetos do Legislativo.

  Foi o jogador que causou o acidente: *toca-lhe* agora indenizar as vítimas.

▪ Visar

▪ É transitivo direto no sentido de:

a) *dirigir a pontaria, apontar arma de fogo contra*:

"Se *visaram* este alvo..." (MÁRIO BARRETO)

"Filipe dos Santos ficou imobilizado por dezenas de bacamartes que *visavam* o seu peito." (VIRIATO CORREIA)

"De dentro, alguém atirava, procurando *visar* Horácio no meio dos capangas." (JORGE AMADO)

b) *pôr o visto em*:

As autoridades *visaram* o passaporte.

O banco *visou* o cheque.

"*Visar* um passaporte para lá é difícil, numa emergência dessas." (José Geraldo Vieira)

- Na acepção de *ter em vista, ter como objetivo, pretender, objetivar,* rege objeto indireto (preposição *a*):

As medidas *visavam ao* restabelecimento da ordem pública.

A que *visariam* eles com tanto alarde?

Não devemos *visar* apenas *ao* progresso material.

"Quem sabe se aquele homem não *havia* particularmente *visado à* sua [= dela] fortuna, *aos* bens que lhe constituíam quantioso dote?" (Visconde de Taunay)

"... os conspiradores presos *visavam* provavelmente *a* estabelecer a internacional socialista." (Camilo Castelo Branco)

Entretanto, nessa última acepção, não é sintaxe condenável dar ao verbo *visar* objeto direto. Dicionaristas modernos acolhem e bons escritores abonam essa regência. Exemplos:

"Oito dias depois, *visando* o meu completo restabelecimento, decidi seguir para o extremo norte." (Gastão Cruls)

"Estas páginas *visam* mostrar os perigos que ameaçam a concepção natural e cristã da família." (Alceu Amoroso Lima)

"Muitos movimentos populares registrados em Mônaco *visavam* combater certa preferência..." (Ferreira de Castro)

"Todos os seus atos, todos, *visavam* um interesse pecuniário." (Aluísio Azevedo)

3 CASOS ESPECIAIS DE REGÊNCIA VERBAL

Complementos de termos de regências diferentes

Examinemos o seguinte exemplo:

"Não há mais que uma só verdadeira justiça, que *em* Deus reside, e *de* Deus emana." (Antônio de Castilho)

Esse período também pode ser construído assim:

Não há mais que uma só verdadeira justiça, que *em* Deus reside e *Dele* emana.

Mas não seria correto dizer:

Não há mais que uma só verdadeira justiça, que *em Deus reside e emana*.

É que o verbo *residir* pede a preposição *em*, e *emanar*, a preposição *de*.

Todavia, por concisão, pode-se, em certos casos, dar um complemento comum a verbos de regência diferente:

"Na companhia desta sua tia ficara Rosa, enquanto o cônego *ia* e *vinha de Lisboa*." (Camilo Castelo Branco)

[Em vez de: enquanto o cônego *ia a Lisboa* e *vinha de Lisboa*.]

Os devotos *entravam* e *saíam da igreja*.

[Em vez de: Os devotos *entravam na igreja* e *saíam dela*.]

"Semanalmente *entram* e *saem* navios *dos portos aliados*." (Rui Barbosa)

"Todos esses letrados não *sabiam* ou não *tinham a coragem de ser humanos*." (Fernando Namora)

"Fui o príncipe *contra o qual armaste exércitos* e *destronaste*." (Coelho Neto)

"Não *se recorda* ou não *sabe que perdeu uma carta*?" (Machado de Assis)

Semelhantemente (isto é, dando o mesmo complemento a termos de regências diferentes), podemos dizer, por concisão:

Você é *a favor* ou *contra esta lei*? [Você é a favor *desta* lei ou *contra* ela?]

Choveu *antes, durante* e *depois da festa*.

Ela fala o inglês *tão bem* ou *melhor que* o marido.

São muito inteligentes; *tanto* ou *mais do que* o pai.

▪ Deslocamento de preposições

Em vez de dizer:

O *de* que ela mais gostava era (de) passear a cavalo.

"O *de* que nós nos devemos convencer é que possuir uma língua não significa gerá-la." (Sílvio Elia)

prefere-se, em geral, construir:

Do que ela mais gostava era (de) passear a cavalo.

Do que nós nos devemos convencer...

"*Do* que ele principalmente se convencera era da inutilidade de todo o esforço." (Eça de Queirós)

Do que os países não podem prescindir é de petróleo.

"*Do* que eu tenho medo é que as hemoptises voltem." (Fernando Namora)

"*Do* que ele menos se lembrava era da perfídia que os inspirou." (Machado de Assis)

"*Do* que não desconfiavam era de sua estranha e espantosa capacidade de trabalho." (Álvaro Lins)

"Os outros sabiam muito bem *com* o que poderiam contar." (Fernando Namora)

A anteposição da preposição (que rege uma oração adjetiva) ao pronome demonstrativo *o*, de que resulta, geralmente, uma contração, tem a vantagem de tornar a frase mais leve e eufônica. É opcional repetir a preposição *de* após o verbo *ser*.

Outros exemplos:

Não sei *no* que está pensando. [Não sei o *em* que está pensando.]

Alguém o ameaçou de matá-lo, *ao* que ele calmamente respondeu que era cedo para morrer. [*ao* que = o *a* que]

"Ordena-lhes que deponham as armas, *no* que é prontamente obedecido." (J. FELÍCIO DOS SANTOS)

"Só os seus conhecidos antigos o chamavam de Olímpio, *do* que ele não gostava, me confessou Alfredo." (AUTRAN DOURADO)

▪ Dar-se ao trabalho ou dar-se o trabalho?

Ambas as construções são aceitáveis, mas a primeira é a que sempre mereceu a preferência dos bons escritores:

"Sabia-se que ele escrevia, mas pouca gente *se dava ao trabalho* de ver o que era." (JOSÉ J. VEIGA) [*dar-se a* = entregar-se a]

"Quem *se der ao trabalho* de consultar esse capítulo verá que..." (CIRO DOS ANJOS)

"Algumas dessas pessoas – todas de nível intelectual elevado – *se deram ao trabalho* de vir de Lisboa e de Ontário..." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

"O homem *dera-se ao trabalho* de contar..." (CECÍLIA MEIRELES)

"Os outros bichos não *se davam mais o trabalho* de aproximar-se da caverna." (VIVALDO COARACI) [*dar-se* o trabalho = *dar a si* o trabalho]

"Eu quis perguntar por que ele *se tinha dado o trabalho* de fazer aquilo tudo..." (RICARDO RAMOS)

Ela nem *se dá o trabalho* de responder à pergunta." (ÉRICO VERÍSSIMO)

Variantes: *dar-se ao incômodo* ou *dar-se o incômodo, poupar-se ao trabalho* (ou *ao incômodo*) ou *poupar-se o trabalho* (ou *o incômodo*). Há exemplos de ambas as construções nos escritores modernos. O mesmo ocorre com *dar-se ao luxo.*

Ela *dava-se ao luxo* (ou *o luxo*) de ter dama de companhia.

▪ Propor-se alguma coisa ou propor-se a alguma coisa?

O verbo *propor-se*, no sentido de *ter em vista, dispor-se a,* pode ser construído com ou sem a preposição *a*, indiferentemente:

Eu *me propus* livrá-lo de uma situação difícil.
Eu *me propus a* livrá-lo de uma situação difícil.

Este foi o objetivo *que* o Governo *se propôs.*
Este foi o objetivo *a que* o Governo *se propôs.*

"Não *me proponho a* ajudá-lo, porque sou seu irmão em falta de jeito." (RUBEM BRAGA)

"Tratava-se de uma indústria que *se propunha a* substituir o azeite de oliva importado." (POVINA CAVALCÂNTI)

"É esse desafio que o novo plano de saúde *se propõe* vencer." (*Manchete,* Brasil 73, pág. 208)

"... um ativista que *se propõe* lutar pelas reformas da sociedade." (MOACIR WERNECK DE CASTRO)

"O PBJ é um partido nacionalista que *se propõe* converter a Índia numa nação hindu." (OLGA SAVARY, *Vislumbres da Índia*, p. 107, trad.)

▪ Passar revista a ou passar em revista?

Ambas as construções aparecem nos escritos de bons autores, sendo que a segunda, com mais frequência:

"O certo é que ali com efeito *passara* o imperador D. Pedro *a sua última revista ao* exército liberal." (ALMEIDA GARRETT)

"*Passava revista a* tudo aquilo que havia anos sonhava possuir." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

"Para designar o seu sucessor, o leão *passou em revista* as qualidades, os requisitos, as prerrogativas de todos os animais." (VIVALDO COARACI)

O general *passou* a tropa *em revista*.

Observação:

✔ *Passar em revista* é cópia do francês *passer en revue*. Em português clássico se diz: *passar revista a* uma casa, *a* um depósito, *a* uma tropa.

▪ Em que pese a

Expressão concessiva que significa *ainda que custe a, apesar de, não obstante*:

"*Em que pese aos* inimigos do paraense, sinceramente confesso que o admiro." (GRACILIANO RAMOS)

"*Em que pese aos* seus oito batalhões, magnificamente armados, a luta era desigual." (EUCLIDES DA CUNHA)

"Parece que todos os cachorrinhos são iguais, *em que pese à* vaidade ou *à* ternura cega dos donos." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

Há quem condene converter o objeto indireto em sujeito e construir:

Todos os cachorrinhos são iguais, *em que pese a* opinião *dos donos*.

A máquina estatal mostra-se ineficiente, *em que pesem* as afirmações do governo.

Trata-se de uma locução evoluída, abonada por bons escritores, mas admissível apenas quando o sujeito é nome de coisa: em que pese sua *capacidade*, em que pesem seus *esforços*. Havendo referência a nome de pessoa, deve-se usar a construção original *em que pese a*, como no exemplo inicial de Graciliano Ramos.

EXERCÍCIOS LISTA 55

1. Escreva as frases abaixo e classifique os verbos:

(1) transitivos diretos	Assisti à luta.	Nós a prevenimos.
(2) transitivos indiretos	Assisti a vítima.	A neta lhe obedece.
(3) transitivos diretos e indiretos	Eu o convidei.	Perdoei-lhe a dívida.
	Demos pão ao pobre.	Ela os advertiu.
	Demos-lhes comida.	Todos gostam dela.

2. Escreva as frases abaixo, sublinhe os complementos dos verbos em destaque e numere-as de acordo com o tipo de complemento indicado:

(1) substantivos (2) pronomes (3) orações

Morto Nero, **sucedeu**-lhe o senador Galba.

O gerente do banco **visou** o cheque.

A que **visariam** eles com aquelas manobras?

O inquérito a que **se procedeu** nada apurou.

Não **se esqueça** de que todos somos falíveis.

Custa-lhe obedecer ao regulamento do colégio?

Na entrada, **deparei** com um homem estranho.

Ele nem **se dignou** de levantar os olhos para mim.

O patrão não gostou do atraso deles, mas não os **repreendeu**.

3. Transcreva o único período em que não há erro de regência verbal:

a) Prefiro ser prejudicado do que prejudicar os outros.
b) Prefiro a companhia de Paulo que a de Joaquim.
c) Prefiro mais viver no campo do que na cidade.
d) Prefiro uma crítica sincera a elogios exagerados.
e) A elogios exagerados prefiro antes uma crítica sincera.

4. Copie as frases em que a regência do verbo **proceder** não contraria a norma culta:

a) Ninguém ignora as causas donde procede a atual crise econômica.
b) Procedeu-se à entrega dos prêmios aos vencedores.
c) Aberta a sessão, o secretário procedeu a chamada dos condôminos.
d) Segundo a Bíblia, o homem procede de Adão e Eva.
e) Proceda de acordo com a sua consciência.

5. Escreva os períodos em que o verbo **aspirar** não apresenta erro de regência:

a) Neide inclinou-se e aspirou fundo o aroma das rosas.
b) Se aspiras ao poder, prepara-te para o pior.
c) Títulos e honrarias são coisas que não aspiro.
d) Bom seria inventar uns robôs que aspirassem o lixo e a poeira das ruas.

6. Copie as frases em que a regência do verbo **assistir** não contraria a norma culta:

a) Não saí de casa só para assistir a transmissão do jogo pela TV.
b) Aos domingos havia brigas de galos, mas eu não assistia a elas.
c) Em Nova Jerusalém, assistimos à representação da Paixão de Cristo.
d) Durante sua longa enfermidade, a esposa o assistiu dia e noite.
e) Perdeu o emprego por indisciplina, não lhe assiste o direito de reclamar.

7. Substitua os verbos destacados pelos propostos + preposição adequada, como no exemplo:

Ele **ambiciona** o título. (**aspira**) Ele **aspira ao** título.

a) Eu **desejo** a felicidade. (**aspiro**)
b) Eu **presenciei** a briga. (**assisti**)
c) **Dispenso** sua ajuda. (**prescindo**)
d) Ele **segue** as leis. (**obedece**)
e) **Visitem** a Bahia. (**vão**)
f) **Confie** nele. (**recorra**)
g) **Alcançou** a estrada. (**chegou**)

8. Transcreva os períodos nos quais não ocorrem erros de regência verbal:

a) Na mesa a que nos sentamos, só havia um talher.
b) Artur voltou para suceder ao pai na administração da empresa.
c) Papa compara cristãos de hoje aos mártires da Roma Antiga.
d) A coisa que ela mais gosta é cultivar samambaias.
e) O uso dos meios de comunicação implica uma enorme responsabilidade.
f) Chegamos a uma praia a que pouca gente vai.
g) "Era um índio; chamavam-lhe em casa José Tapuio." (Araripe Júnior)

9. Escreva os períodos em que há erros de regência, corrigindo-os:

a) Seu nome não constava da lista de passageiros a que tive acesso.
b) Seu nome não constava na lista de passageiros que tive acesso.
c) A que fim visariam esses grupos de criminosos?
d) Às chuvas copiosas do verão sucederam os belos dias de outono.
e) Se a ordem é justa, não o assiste o direito de desobedecer o pai.

10. Substitua os asteriscos pela única alternativa que preenche corretamente o período:

O médico *** informou *** o paciente não resistiu *** operação *** fora submetido.

a) a – que – à – a que
b) a – de que – à – a que
c) lhe – de que – a – que
d) lhe – que – a – que

11. Substitua * por preposições adequadas, contraindo-as com os artigos quando necessário (Consulte as preposições essenciais na pág. 269):

a) Nada obsta * que sejas objeto de tal distinção.
b) Apressei-me * antecipar-lhe a resposta.
c) Contentavam-se * bater palmas de longe.
d) Afinal eu só visava * minha felicidade.
e) Quando lhe fui apresentado, não antipatizei * ele.
f) Ninguém atinava * tão súbita mudança.
g) Hesitava * a voz da consciência e os acenos das paixões.

h) Ansiava * me ver fora daquela casa.
i) Entrei * desconfiar de que me estavam enganando.
j) Deleitamo-nos * ouvir palavras de apreço.
k) Dissuadiram-me * semelhante resolução.
l) Os cães investiam furiosos * os dois estranhos.
m) De há muito ele se desinteressou * minha companhia.
n) Procurei persuadi-lo * que aceitasse o cargo.
o) Fugia * tudo o que cheirasse * modernismo.
p) Não se referiu * cena do outro dia, quando ele os correu de casa * pontapés.
q) O homem sente-se pequenino * a imensidade do universo.
r) Insisti * querer saber a causa * que me castigavam.
s) * o gesto daquele estranho, fiquei * envaidecido e indignado.
t) Não podia atinar * o nervosismo de meu pai e fiquei ansioso * que tudo se esclarecesse.
u) * alto teto pendia uma corrente de ferro, * que estava preso um grande lampião belga.
v) Os passantes não suspeitam * perigo * que estão expostos.

12. Substitua o * por pronomes relativos adequados precedidos de preposição (Consulte os pronomes relativos na pág. 185):

a) A cerimônia da posse foi das mais pomposas * tenho assistido.
b) O respeito humano é uma fraqueza * bem poucos se eximem.
c) Dizia que era a maior dignidade * podia aspirar.
d) A felicidade * tanto anseias talvez nunca chegue.
e) Estive em Petrópolis dez dias, * passeei e me diverti.
f) Quero saber o preço * o vendeu.
g) A cartomante foi à cômoda, * estava um prato com passas.
h) A vida era um jogo de engrenagens de aço * dentes ele sentia-se esmagar.
i) A riqueza é uma árvore fatal * sombra muitos adormecem e morrem.
j) Os amigos * expôs sua situação não lhe deram ouvido.
k) A disciplina * dureza vos revoltais enrijece vosso caráter.
l) A autópsia * se precedeu revelou a natureza do crime.
m) O lugarejo * chegamos estava em festa.
n) A conclusão * cheguei é que o incêndio foi criminoso.

13. Mude a regência dos verbos em destaque sem alterar-lhes o sentido:

a) Ninguém **atira** pedras numa árvore sem frutos. (provérbio)
b) Há tempo que eu **anseio** falar com você.
c) A fera enraivecida **investiu** com a matilha.
d) Ele **contenta-se** de ser escutado por alguns discípulos.
e) O líder **subiu** na mesa para falar aos circunstantes.
f) "A incompreensão de Glicério **atingiu** a esse limite." (Ciro dos Anjos)
g) Nós a **chamávamos** de tia Leila.
h) **Deparou-se-me** ali um espetáculo bem triste.

i) "Essas terríveis pequenas não **precisam** de falar para se entenderem." (CIRO DOS ANJOS)

j) O major Vaz, à cabeceira, **presidia** a refeição do clã.

k) **Dei-me ao trabalho** de examinar livro por livro.

l) O Governo **se propõe** expandir o comércio exterior.

14. Informe as preposições elípticas:

a) "Não me lembrei que estava diante de um cavalheiro." (CAMILO CASTELO BRANCO)

b) "Concordava que a sobrinha fosse leviana." (MACHADO DE ASSIS)

c) "Não há dúvida que Luís Dutra exultava de felicidade." (MACHADO DE ASSIS)

d) "Juca estava ansioso que ela partisse." (JORGE AMADO)

e) "Nunca me esquecerei que no meio do caminho tinha uma pedra." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

f) "Não é preciso dizer que também eu ficara em brasas, ansioso que a aula acabasse." (MACHADO DE ASSIS)

g) "Desconfio que o barão não gosta que lhe fales em Antônio José." (CAMILO CASTELO BRANCO)

h) "Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim." (MACHADO DE ASSIS)

i) "Vossa Excelência dá licença que lhe faça uma pergunta?" (REBELO DA SILVA)

j) "Estou certo que ele me estima." (MÁRIO BARRETO)

k) "Teresa fez-me sinal que a seguisse." (CAMILO CASTELO BRANCO)

l) "Vossa Excelência se dignará ouvir as razões." (CAMILO CASTELO BRANCO)

m) "Tinha medo que eles se acabassem de todo." (MANUEL BANDEIRA)

n) "Por isso fizéramos questão que ela fosse conosco." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

o) Você há de convir comigo que o pintor carregou nas tintas.

p) "Serena não gostaria que ele percebesse o seu embaraço." (VILMA GUIMARÃES ROSA)

15. Escreva as frases, substituindo * pelos pronomes **o** ou **lhe**, conforme convenha:

a) Quem * convidou a ir jantar com eles?

b) Nunca * vi conversar com empregadas.

c) Eu fugi ao espetáculo, tinha-* repugnância.

d) Lembra-* ainda com que solicitude ela * atendia?

e) Encolerizava-se quando o filho * desobedecia.

f) O cunhado dissuadiu-* da viagem.

g) As dificuldades não * fizeram recuar.

h) Informo-* de que a excursão foi adiada.

i) O padrinho queria-* como a seu próprio filho.

j) Ela não * quis para esposo.

16. Troque os substantivos destacados pelos pronomes pessoais adequados, usando os oblíquos sempre que possível e colocando-os corretamente:

a) Obedeça **ao mestre**.

b) Avisei **o rapaz** de que havia perigo.

c) Não vi **a professora** entrar.
d) Foi uma grande olimpíada. Assistimos **à olimpíada** pela TV.
e) Eu informava **o chefe** acerca de tudo.
f) Aludiram **ao candidato**?
g) O filho sucedera **ao pai** no trono.
h) Quem presidirá **ao banquete**?
i) Por que não simpatizas com **o diretor**?
j) Hilário ajudava **o pai** no escritório.

17. Substitua os termos em destaque pelos pronomes pessoais oblíquos adequados:

a) Presentearam **a rainha** com um colar de pedras preciosas.
b) Deus conserve e proteja **minha mãe**!
c) Deviam ter comunicado o fato **ao diretor**.
d) Não será permitido **aos presos** sair de suas celas.
e) O juiz intimou **João** a comparecer perante o júri.
f) Cumpre cientificar **Vossa Senhoria** de que os preços dos produtos em pauta são majorados.
g) Não assiste esse direito **ao patrão**.
h) Ensina **os filhos** a serem honrados.
i) A nossa conversa parece que não está agradando **a você**.
j) Felicito **você** pela sua vitória.
k) Foi difícil convencer **meu pai** a ficar em casa.

18. Substitua o * por um dos pronomes propostos, conforme convenha:

a) Tânia voltou o rosto para ver quem * chamava. (a – lhe)
b) Estes olhos * perseguirão aonde quer que você for. (o – lhe)
c) Ela acenou-* do alto da escada. (o – lhe)
d) Riam e cantavam, como se nada * ameaçasse. (os – lhes)
e) Riam e cantavam, como se nada * ameaçasse a vida. (os – lhes)
f) Elas são gordas: alguns passos * deixam cansadas. (as – lhes)
g) Pague-* o que você lhe deve. (o – lhe)
h) O funcionário * atendeu muito mal. (o – lhe)

19. Escolha no quadro abaixo os conjuntos adequados e substitua os asteriscos das orações adjetivas:

a que – com quem – de que – em que – em cujo – por quem

a) A mesa *** nos sentamos mal comportava quatro pessoas.
b) O barco *** estávamos comportava poucas pessoas.
c) Ele ofendeu a secretária, *** não simpatizava.
d) Às vezes temos de executar tarefas *** não gostamos.
e) O grau de segurança *** chegou a navegação aérea ainda não satisfaz.
f) O preso *** intercedi junto ao ministro fora condenado injustamente.

g) São insuficientes os dados *** dispomos.

h) Não havia feira de amostras *** ele não fosse.

i) Como vocês tratam as pessoas *** lidam?

j) Percorremos o grande parque, *** centro se ergue o museu.

20. Troque o verbo em destaque pelos propostos, atendendo à regência de cada um desses verbos:

É aquela a jovem **de** quem você **falou**?

passeou – se referiu – se apaixonou – se enamorou – gosta – recorreu – simpatiza – confia – se interessou

21. Siga o exemplo, substituindo as orações coordenadas em destaque por orações subordinadas adjetivas:

Exemplo: A canoa virou **e estávamos nela**.

A canoa **em que estávamos** virou. Ou:

Virou a canoa **em que estávamos**.

a) Afundaram as tábuas **e estávamos agarrados a elas**.

b) Acabou-se a vida de conforto **e estávamos habituados a ela**.

c) As plantas sugam do solo a água **e anseiam por ela**.

d) No pátio fez-se uma pequena fogueira **e sentamo-nos em torno dela**.

e) Dirigiu-se à mesa **e sobre ela havia duas raquetes**.

f) Encontrou-se um velho colete **e no bolso dele havia moedas de ouro**.

g) Gutenberg nasceu em Mogúncia **e deve-se a ele a invenção da imprensa**.

h) A ponte era muito alta **e as embarcações passavam por baixo dela**.

i) O índio recuperou as terras, **o branco se apoderara delas**.

22. Use os verbos abaixo em orações adjetivas precedidas de preposição e intercaladas nas orações principais:

Exemplo: A profissão [a que você aspira] exige muita dedicação.

a) aspirar
b) ansiar
c) entreter-se
d) confiar
e) insurgir-se
f) assistir
g) simpatizar
h) gostar
i) aludir
j) referir-se
k) pender
l) sacrificar-se

23. Recorde o que foi exposto acerca dos verbos **esquecer-se**, **lembrar-se** e **admirar**. Em seguida, escreva corretamente as frases em que há erro de regência:

a) Os maus políticos se esquecem de suas promessas.

b) Eles esquecem facilmente de suas promessas.

c) Esqueceu-me acrescentar esse pormenor.

d) Não esqueçam de que essa doença é contagiosa.

e) Ele disse ainda muitas outras coisas que não me lembro.

f) Ele disse ainda muitas outras coisas de que não me lembro.

g) Não me lembrei de o avisar a tempo.

h) Ela não lembra de mais nada.

i) Admiro-me de o ver tão entusiasmado com a política.

j) Admira-me vê-lo tão entusiasmado com a política.

k) Admiro-me vê-lo tão entusiasmado com a política.

l) Não me admiro de que seu entusiasmo tenha esfriado.

24. A mudança de regência de um verbo altera-lhe, em geral, a significação. Registre as variações de regência e de sentido que se observam nos exemplos seguintes:

	Significação	**Regência**
Assisti o doente.	dar assistência	transitivo direto

a) Assisti ao jogo.

b) Aspiro ao cargo.

c) Aspiro o aroma.

d) Visamos o alvo.

e) Visamos ao bem comum.

f) Declinei do convite.

g) O Sol declinava.

h) O cão investiu contra mim.

i) Vão investi-lo no cargo.

j) Investi milhões nesta obra.

k) Corri a cidade.

l) Corri à cidade.

m) Não precisou a quantia.

n) Preciso de dinheiro.

25. Corrija as frases seguintes:

a) Entreteram-se no clube até altas horas, eis o motivo porque faltaram a reunião que deviam comparecer hoje.

b) A fase da vida que estão passando é a mais decisiva, pois deixa marcas que mais tarde sentireis os efeitos.

c) O tema que o conferencista discorreu despertou grande interesse.

d) As plantas que nos detemos diante delas eram caládios.

e) Um casal francês sentou-se na mesa vizinha aquela que nós estávamos.

f) No tempo que me refiro ainda não haviam ônibus.

g) Como o casarão estava deserto, ninguém ouviu ela gritar.

h) Levaram-no para um hospital que não me lembro o nome dele.

i) É lamentável o estado de abandono que se acham aquelas famílias.

j) Isso leva à situações que nos deparamos com frequência em nosso dia a dia.

26. Escreva apenas a frase correta:

a) Ainda me lembro da casa que morávamos.

b) Ainda lembro da casa em que morávamos.

c) Ainda me lembro da casa em que morávamos.

27. Substitua os asteriscos nas frases de acordo com o indicado, completando-as adequadamente com os femininos:

AO (masculino) **À (feminino)** **A (masculino)** **A (feminino)**

a) Refiro-me ao **tio** e *** de Rosângela.

b) Fizeram elogios aos **irmãos** e *** de Filipe.

c) São divertimentos que interessam tanto a **homens** como ***.

d) Ao **senhor** chamavam os escravos "sinhô" e ***, "sinhá".

28. Reveja os exercícios sobre a crase e, em seguida, coloque o acento grave nos casos em que ela ocorrer:

a) Dirce tem amor a natureza, as plantas, as aves, aos animais.

b) "Queixe-se a mim e não a ela", disse Romão, referindo-se a esposa.

c) Ainda não respondi as cartas de Mauro e Dino; não sei a qual delas deva responder primeiro.

d) As atletas entusiasmaram a torcida que assistiu a partida de voleibol.

e) Tudo pode acontecer aquele que não obedece as normas do trânsito.

f) A que terra teria a nau aportado? Talvez a uma ilhazinha perdida no mar.

g) A televisão estende a sua influência a todas as regiões, mesmo as que ficam mais distantes dos grandes centros urbanos.

h) O Zoológico está aberto a visitas de terça-feira a domingo, das 8h as 16h 30min.

i) Entreguei a lembrança a Danilo, que a mostrou a noiva e a irmã.

j) Na casa comercial a que me refiro, vende-se a vista e a crédito.

k) Em São Luís, cuja população não chegava a dez mil pessoas, a situação piorava dia a dia.

l) "Agora, se eu não voltar a casa a hora normal, haverá alarme, virá gente a minha procura." (Guimarães Rosa)

29. Escreva os períodos, colocando o acento grave onde for adequado; sublinhe os dois casos de crase opcional e explique-os:

a) Os índios chamavam a borracha de *cautchu*, isto é, "lágrimas da madeira".

b) A agitação da cidade muitos preferem a paz do campo.

c) José convida-me a acompanhá-lo na sua visita a zona rural.

d) O diretor da escola presidiu a cerimônia de encerramento as aulas.

30. Varie as frases de acordo com o exemplo:

As naves espaciais **chegam a** distâncias fantásticas.

A que distância **chegam** as naves espaciais?

As distâncias **a que chegam** as naves espaciais são fantásticas.

São fantásticas as distâncias **a que chegam** as naves espaciais.

a) As caravelas portuguesas chegaram a terras muito distantes.

b) Chegamos a uma situação crítica.

31. Damos quatro construções com o verbo **gostar**, todas corretas. Varie a frase abaixo, seguindo o exemplo:

Cinema e futebol são as diversões de que mais gosto.

As diversões de que mais gosto são cinema e futebol.

Do que mais gosto é de cinema e futebol.

Do que mais gosto é cinema e futebol.

Natação e ciclismo são os esportes de que mais gosto.

32. Transcreva a única alternativa em que não há erro de regência:

a) Em casa éramos seis. Morávamos na Praça Verde. Ainda lembro das brincadeiras que eu ali participava com extrema alegria.

b) Em casa éramos em seis. Morávamos à Praça Verde. Ainda me lembro das brincadeiras que eu ali participava com extrema alegria.

c) Em casa éramos seis. Morávamos na Praça Verde. Ainda me lembro das brincadeiras de que eu ali participava com extrema alegria.

33. Responda afirmativamente às perguntas, como nos exemplos:

São muitos os filmes **de que** o senhor **gostou**?

Sim, os filmes **de que gostei** são muitos.

a) São muitos os recursos de que o senhor dispõe?

b) São muitas as coisas de que o senhor depende?

c) São muitas as histórias de que o senhor se lembra?

São muitas as cartas **a que** o senhor **responde**?

Sim, as cartas **a que respondo** são muitas.

d) São muitas as cidades a que o senhor já foi?

e) São muitos os acidentes a que o senhor assistiu?

f) São muitas as pessoas a quem expôs seu plano?

34. Escreva a frase trocando o verbo **buscar** pelo verbo **aspirar**, atendendo à regência deste último:

É natural que toda criatura humana busque a felicidade.

35. Escreva as frases substituindo o * pelas opções corretas:

a) Estas são as conclusões * o investigador chegou. (que – a que)

b) Este é o mundo * vim sem ser consultado. (que – a que)

c) Ele afirmou aos jornalistas * não haverá demissões. (que – de que)

d) Os jornais noticiaram o escândalo * ele se envolveu. (que – em que)

e) A jovem * ele namorava era de boa família. (que – com quem)

36. Escreva a frase, substituindo o verbo **gostar** pelo verbo **preferir**, atendendo a regência adequada deste último.

Eles gostam mais de assistir a um jogo do que de visitar um museu.

37. Escreva corretamente a alternativa em que a regência do verbo **proceder** está incorreta:

a) Terminada a votação, procedeu-se a apuração dos votos.

b) Como nenhuma das acusações procedia, o juiz liberou o réu.

c) Procedi de acordo com a minha consciência.

d) Terminada a sessão, o secretário procedeu à leitura da ata.

e) O inquérito a que se procedeu nada apurou.

38. Qual o tipo de erro que a incorreta acentuação gráfica na frase "Ele está se referindo a namorada de Lúcio e não a tua." ocasiona? (concordância – regência nominal – regência verbal)

39. As afirmações abaixo são absurdas, devido à falta de acentuação gráfica adequada. Corrija-as sem alterar a ordem das palavras:

a) A adolescência precede a infância.

b) No Brasil, a República antecedeu a Monarquia.

40. Escreva apenas a frase abaixo que apresenta erro de regência, corrigindo-a:

a) Manifestações de protesto precederam a posse do governador.

b) Manifestações de protesto precederam à posse do governador.

c) Todos os moradores anuíram à proposta do síndico.

d) Assistiram a missa campal mais de cem mil pessoas.

e) Como custa aos vencidos aceitar a derrota!

f) Vi um tronco boiando e abracei-me a ele.

41. Responda às perguntas usando os verbos em destaque e obedecendo às normas da língua culta:

a) Ele já **pagou** ao médico?

b) Marta **namora** esse moço?

c) Ele **aspira** ao sacerdócio?

d) **Lembraram-se** de você?

e) Ela **assiste** a novelas?

f) De quem você **se esqueceu**?

g) Você **assistiu** os doentes?

h) Com quem **deparou** na esquina?

i) Você a **viu** no cinema?

j) **Obedeces** a teus pais?

k) **Moras** na Rua Anchieta?

l) Por que **desobedecem** aos pais?

m) O filme **agradou** ao público?

n) Em que rua você **reside**?

42. Forme frases usando corretamente as expressões:

a) **ir ao encontro de**

b) **ir de encontro a**

43. Troque o pronome **lhe** por outro, de modo que a regência fique correta:

a) Quem foi que **lhe** mandou entrar?

b) Informo-**lhe** de que seu bilhete foi premiado.

c) O pai **lhe** proibiu de soltar balões.

d) Nunca **lhe** vi tão abatido, Jacinto.

e) Ninguém **lhe** conhece melhor que eu, Rodrigo.

f) O cheiro forte da tinta **lhe** fez espirrar.

g) Encantavam-**lhe** os acrobatas do circo.

44. Orientado pelo que foi dito na página 484 sobre a contração da preposição *de* com o sujeito ou seus adjuntos, escreva as frases abaixo restabelecendo a contração da preposição **de**. Em seguida, copie apenas as afirmações verdadeiras.

a) Sabia-o, senhor, antes **de o** caso suceder.

b) O modo **de ele** falar soou-me agressivo.

c) Agora chegou a vez **de os** advogados tomarem a dianteira...

d) Apesar **de o** voto ser secreto, voto pela dissolução.

e) Leonor irritou-se, além **de o** abade puni-la, pedia-lhe favores.

As contrações que os escritores usaram nas frases acima:

- têm tradição na língua; portanto, são lícitas.
- são erros grosseiros de autores modernistas.
- são descuidos de um ou outro escritor brasileiro.
- têm a vantagem de tornar a expressão mais natural e agradável ao ouvido.
- são encontros de duas palavras que, por tradição e eufonia, se pronunciam juntamente.

45. Depois de reler a matéria sobre deslocamento de preposições, escreva as frases abaixo antepondo a preposição em destaque ao pronome demonstrativo **o**, em benefício da eufonia:

a) O **de** que ela mais gostava era visitar museus.

b) O **de** que o Brasil não pode prescindir é de uma boa rede viária.

c) O **de** que nossas crianças precisam é de um bom ensino.

d) O **com** que não posso concordar é com a subversão da ordem pública.

e) Ordenei-lhe que entregasse a arma, o **em** que fui prontamente obedecido.

f) No fim, o **de** que ele se convenceu foi da inutilidade de seus esforços.

46. Nas expressões em destaque, usou-se corretamente a preposição **em**. Escreva as frases trocando-a pela preposição **a**, acentuando-a quando for necessário:

a) **Na época** das colheitas, havia grande movimento na fazenda.

b) **Na saída**, os forasteiros agradeceram muito a hospedagem.

c) **Na falta** de professores, as crianças aprendiam a ler em casa.

d) Encostei-me **no tronco** da árvore e esperei o amigo.

e) Ela foi ao quarto e olhou-se minuciosamente **no espelho**.

f) A criança, com medo de mim, abraçou-se **na mãe**.

g) As mulheres iam buscar água **na fonte**.

h) Os bens do retirante resumiam-se **em duas cabras** e um casebre.

47. Transcreva as frases colocando o acento indicativo de crase, se necessário:

a) "A refrigeração artificial prefere a brisa da praia." (Ciro dos Anjos)

b) "Vilaça Júnior aspirava a ser vereador da câmara." (Eça de Queirós)

c) "Egas recusou-se a atender as reclamações da matrona." (Eça de Queirós)

d) "Parece-me que todos os cachorrinhos são iguais, em que pese a vaidade ou a ternura dos donos." (Carlos Drummond de Andrade)

e) "O emprego de *o que* em orações interrogativas é corretíssimo, em que pese a certos gramáticos." (Aurélio Buarque de Holanda)

f) "Ignoro a que pessoas se referia o Dr. Magalhães." (Graciliano Ramos)

g) "Contou então que na seca tinha ganho muito dinheiro a custa dos cofres públicos." (Adolfo Caminha)

h) "E assim, não se esquecesse Polidoro de que estava a engordar uma adversária incapaz de conceder-lhe a mínima trégua." (Nélida Piñon)

i) "Maria do Carmo já respondia as perguntas sem ser sacudindo apenas a cabeça." (Mário Palmério)

j) "A antiga Vila Rica começou o povo de então, por escárnio, a chamar de *Vila Pobre*." (João Ribeiro)

48. Identifique os erros de regência e, depois, faça a correção necessária:

a) Obedeça o regulamento!

b) Sempre lhe estimei muito.

c) Prefiro morrer do que trair meus ideais.

d) Não me simpatizo com sua prima.

e) Nem se dignou em levantar os olhos para mim.

49. Complete as orações com a preposição pedida pelo verbo. Combine-se com artigo, se necessário:

a) Depende apenas * ti a solução do problema.

b) Vocês gostam * que os outros os tratem mal?

c) Compete * pais a educação dos filhos.

d) Você assistiu * filme desde o início?

e) Você se contenta * tão pouco!

50. Faça o mesmo em relação às preposições pedidas pelos nomes:

a) Ele vivia alheio * tudo.

b) Tinham aversão * todas as criações de vanguarda.

c) Sou avessa * badalações.

d) Aquele homem é suspeito * um crime.

e) Paulo é atencioso * todos que o procuram.

51. Os pronomes relativos também são regidos de preposição sempre que esta for reclamada pelo verbo. Veja para quais das alternativas vale essa explicação.

a) Era a função * que eu mais aspirava!

b) A festa * que assistimos foi muito movimentada.

c) O teatro * que estávamos quase pegou fogo.

d) O rapaz * que me referia acabou de entrar.

e) As flores * que mais gosto são as orquídeas.

f) As pessoas * que visitei ontem foram muito gentis.

52. As orações completivas nominais também são, normalmente, regidas de preposição. Complete cada período com a preposição adequada:

a) Você tem medo * que eu o abandone?

b) Estamos ansiosos * que venhas logo.

c) Estava decidido * abandonar o emprego.

d) Continuou fiel * quem o amou durante a vida toda.

e) Todos tinham receio * que eles nos atacassem.

REGÊNCIA VERBAL
Exercícios de exames e concursos
[Página 689]

SINTAXE DE COLOCAÇÃO

A *sintaxe de colocação* trata da ordem ou disposição dos termos na oração e das orações no período.

Embora não seja arbitrária, a colocação das palavras na frase, em português, é muitas vezes livre, podendo variar de acordo com o tipo e o objetivo da mensagem falada ou escrita e com as circunstâncias que envolvem o ato da comunicação. No arranjo dos termos na frase intervêm poderosamente a cultura, o estilo e a sensibilidade do escritor.

Em muitos casos, o mesmo período pode ser organizado de diferentes maneiras, sem alteração do sentido. Vejam, por exemplo, a flexibilidade desta frase de José de Alencar:

"Já brilha na cabana de Araquém o fogo, companheiro da noite."

Na cabana de Araquém já brilha o fogo, companheiro da noite.
O fogo, companheiro da noite, já brilha na cabana de Araquém.
Companheiro da noite, o fogo já brilha na cabana de Araquém.
Na cabana de Araquém, o fogo, companheiro da noite, já brilha.

1 A ORDEM DIRETA E A INVERSA

Duas são as ordens que podem presidir à construção da frase: a *direta* e a *inversa*.

- Na *ordem direta*, os termos regentes precedem os termos regidos: sujeito + verbo + complementos ou adjuntos. Exemplos:

  "Uma saudade indizível atraía-me para o mar." (ALEXANDRE HERCULANO)

  "Os maus e viciosos são algozes de si próprios." (MARQUÊS DE MARICÁ)

- Na construção de *ordem inversa* alteramos a sequência normal dos termos, dispondo o verbo antes do sujeito, os complementos ou adjuntos antes do verbo, enfim, o termo regido antes do termo regente. Exemplos:

  "E que terríveis negócios planejava esse meu amigo de sempre!" (RUBEM BRAGA)

  "Belos e veneráveis eram os dois plátanos." (ALEXANDRE HERCULANO)

Observação:

✔ A ordem inversa é mais frequente na poesia e na linguagem afetiva e obedece antes ao ritmo caprichoso do sentimento e ao fluxo da emoção. Referindo-se à construção inversa, observa muito bem Said Ali:

"A deslocação é anomalia, e a anomalia aguça a atenção do ouvinte."

São as seguintes as causas que condicionam a colocação das palavras na frase, exigindo ora uma, ora outra ordem:

- a ênfase, a afetividade e a emoção;
- a clareza da expressão;
- a eufonia;
- o ritmo e o equilíbrio da frase.

Os adjetivos, normalmente, vêm pospostos aos substantivos (terras *férteis*, frutas *maduras*), mas, em atenção às exigências acima, são frequentemente antepostos. Exemplos:

"Nessas *aflitas* paragens, não mais se ouve o piar da *esquiva* perdiz, tão frequente antes do incêndio." (VISCONDE DE TAUNAY)

"Os meninos ouviam contar os casos com *frio* desinteresse." (POVINA CAVALCÂNTI)

Certos adjetivos se imobilizam ora antes, ora depois dos substantivos: *mero* acaso, a mão *direita*, a verdade *nua*, senso *comum*. Outros assumem acepções diversas, conforme a posição: homem *pobre* (sem recursos), *pobre* homem (infeliz); chefe *grande* (alto), *grande* chefe (notável); mestre *simples* (sem afetação, afável), *simples* mestre (mero, comum).

Assim também: contas *certas* (exatas), *certas* contas (algumas); *qualquer* pessoa (toda, indeterminada), uma pessoa *qualquer* (insignificante); *algum* homem (um, indeterminado), homem *algum* (nenhum).

Consoante a índole de nossa língua, antepomos ordinariamente os possessivos aos substantivos: *minha* vida, *nosso* pai, *tua* lembrança. Todavia, na linguagem afetiva ou enfática, são intencionalmente pospostos. Exemplos:

Quanto valor tem uma lembrança *tua*!

Pai *nosso*, que estais no céu... (oração dominical)

"O meu destino errante, ó vida *minha*,

é o destino dos barcos e das velas." (OLEGÁRIO MARIANO)

A conjunção *porém* usa-se, de preferência, intercalada na oração:

"A verdade, *porém*, é que Coimbra era sincero." (MACHADO DE ASSIS)

Entretanto, não é prática reprovável colocar-se essa adversativa no início ou no fim da oração a que pertence, uma vez que a isso não se oponham a harmonia e o ritmo da frase. Exemplos:

Eu chamava-te, *porém* não me ouvias.

"Não inventamos nada, *porém*." (MÁRIO BARRETO)

"As represálias não tardaram, *porém*." (CIRO DOS ANJOS)

"Tu não crês na ventura; ela existe, *porém*." (CLEÓMENES CAMPOS)

Observação:

✔ O mesmo se dá com a conjunção sinônima *entretanto*:

"A fuga repetia-se, *entretanto*." (MACHADO DE ASSIS)

2 POSPOSIÇÃO DO SUJEITO

Pospõe-se, habitualmente, o sujeito ao verbo nos seguintes casos:

- em orações adverbiais reduzidas de particípio ou de gerúndio:

"De manhã, acabado o *almoço*, a cólera estourou." (MACHADO DE ASSIS)

"Caindo o *sol*, a costureira dobrou a costura para o dia seguinte." (MACHADO DE ASSIS)

Observação:

✔ O sujeito pode anteceder o gerúndio quando este vier precedido da preposição *em*:

"Em ela sabendo que saíste de Lisboa, abençoa tua resolução." (CAMILO CASTELO BRANCO)

- nas orações interrogativas iniciadas pelos advérbios interrogativos ou por um pronome interrogativo que não seja sujeito:

"Como é *isso* possível?" (ALEXANDRE HERCULANO)

"Onde vai *o guerreiro branco*?" (JOSÉ DE ALENCAR)

"Donde vinham *aqueles cavalos*?" (GRACILIANO RAMOS)

"Por que virá *o conde* quase de luto à festa?" (REBELO DA SILVA)

"Que deixara *ele* na terra do exílio?" (JOSÉ DE ALENCAR)

"Quem sou *eu* para ser digno da vida?" (DANTE MILANO)

"Como sabem *eles* distinguir a fruta nutritiva da venenosa?" (CARLOS DE SÁ MOREIRA)

No entanto, antepõe-se o sujeito ao verbo:

a) quando se interpõe a locução enfática *é que*:

"Onde *é que este homem* vai parar?" (MACHADO DE ASSIS)

b) se iniciarmos a frase com o sujeito:

Teu irmão, por que não veio?

c) quando a palavra interrogativa encerra a frase:

Você viu isso *onde*?

Eles se retiraram *por quê*?

- nas orações optativas e imprecativas:

"E queira *Deus* que te não enganes, menino!" (CARLOS DE LAET)

"Possa *o sangue do mártir* remir o crime do presbítero!" (ALEXANDRE HERCULANO)

"Pudera *eu* dilatar-lhe a vida!" (ALEXANDRE HERCULANO)

"Morra *o alienista!* Bradavam vozes mais perto." (MACHADO DE ASSIS)

Todavia, às vezes prefere-se a anteposição:

"*Bons ventos* o levem!" (MACHADO DE ASSIS)

"*O Senhor* te ouça!" (MACHADO DE ASSIS)

"*Deus* vos leve, defenda e traga!" (D. FRANCISCO MANUEL DE MELO)

- em certas frases exclamativas:

  "Como são belas *aquelas palmeiras*!" (Visconde de Taunay)

- nas orações imperativas:

  Acompanha-o *tu*, guerreiro ilustre!

  "Ouçam *todos* o mal que toca a todos." (Luís de Camões)

- nas orações interferentes:

  "É falso, interrompeu *o presidente*." (Machado de Assis)

  "Rico, muito rico – pensava *Caúla* – quem possuía um barco como aquele!" (Adonias Filho)

- na voz passiva pronominal:

  "Contavam-se dele *coisas muito bonitas*." (Machado de Assis)

  "Nas lanchas, ouvem-se *gritos, choros, pedidos de socorro*." (Jorge Amado)

Contudo, a necessidade de pôr o sujeito em relevo leva-o, ocasionalmente, para o início da frase:

Os louvores recebem-se com agrado.

"*As consciências* esclarecem-se e não se forçam." (Alexandre Herculano)

"*Vozes* não se escutam quase, só aquele murmúrio abafado." (Raquel de Queirós)

"*Muitas coisas* se dizem, que não deviam ser ditas." (Carlos Drummond de Andrade)

- em orações como as seguintes, em que se realça a ideia expressa pelo predicativo, colocando-se este no início da frase ou depois do verbo:

  "Sábio era *ele*, mas faltava-lhe a prática do mundo." (Camilo Castelo Branco)

  "Eram sólidos e bons *os móveis*." (Machado de Assis)

Observação:

✔ A posição do sujeito pode influenciar a concordância do verbo. Assim, por exemplo, vindo o sujeito composto depois do verbo, este poderá concordar com o núcleo mais próximo:

"Acuso-vos disso *eu e todo o povo de Santarém*." (Almeida Garrett)

"De pouco lhe *valeu a astúcia e a coragem*." (Rodrigues Lapa)

3 ANTECIPAÇÃO DE TERMOS DA ORAÇÃO

Não poucas vezes antecipamos, na frase, um termo que desejamos pôr em evidência. Eis alguns casos mais frequentes:

- antecipação do sujeito na oração subordinada:

  Meu pai, sabes que não quer. [= Sabes que *meu pai* não quer.]

  O mal parece que se agravou. [= Parece que *o mal* se agravou.]

  "*O rio*, nem sei se tem nome." (Vivaldo Coaraci)

  "*Aqueles Cavaleiros* vê-se que nos esperam." (Alexandre Herculano)

  "*Os filhos* parece que envelhecem a gente." (Mário Barreto)

"Eu sei bem *o plantão dele* como é!" (MARQUES REBELO)

"*Eles* parece que são muitos." (ANÍBAL MACHADO)

"*Esses anos de Juiz de Fora* parece mesmo que foram marcados de glória, para Luisinho." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"*Os homens* é assim que fazem." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"*A mocidade*, dizem que não cria ferrugem." (MÁRIO QUINTANA)

- antecipação do objeto direto:

Verdades há que não se dizem.

"*Os exemplos* achou-os na História e em Itaguaí." (MACHADO DE ASSIS)

"*Animal mais inútil* nunca vossos olhos viram." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

- antecipação do objeto indireto:

De música todo o mundo gosta.

"*A esta pergunta* ninguém respondeu." (ALEXANDRE HERCULANO)

"*A Caribe* não faltavam astúcia e experiência." (JORGE AMADO)

"*A mim* o que me deu foi pena." (RIBEIRO COUTO)

"*Da limpeza pública* se encarregam uns elefantes artificiais, que aspiram tudo." (PAULO MENDES CAMPOS)

- antecipação do predicativo do sujeito ou do objeto:

Impossível seria permanecer parado.

"*Mal-educado* eu sou, mas ingrato não." (PAULO MENDES CAMPOS)

"*Perigoso* é se o velho deixar se influenciar pelo filho." (CIRO DOS ANJOS)

"*Bonitos* são (os quadros), mas estão manchados." (MACHADO DE ASSIS)

"*Doente*, todo mundo fica, João." (MARQUES REBELO)

"*Arquiteto do Mosteiro de Santa Maria*, já o não sou." (ALEXANDRE HERCULANO)

"Respirava com ruído e tinha *roxas* as orelhas grandes." (GRACILIANO RAMOS)

"Jorge soltou uma risada, tão *feliz* ficou." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

- antecipação do adjunto adverbial:

Naquele país, ladrão não tem vez.

- antecipação do verbo da oração subordinada:

"Lembrava-se bem das notas, *eram* parece que verdes, grandes e frescas." (MACHADO DE ASSIS) [= parece que eram verdes...]

4 COLOCAÇÃO DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS

As orações subordinadas substantivas, de acordo com a índole de nossa língua, pospõem-se, em geral, às principais.

Mas na linguagem enfática ou emotiva, é frequente antepor tais orações às principais, a fim de lhes dar realce. Exemplos:

"*De cumprir meu voto* ninguém poderá mover-me." (ALEXANDRE HERCULANO)

"*Se o mundo tinha razão*, não o diremos nós." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Vicência, *se estava comovida pelo que acabava de ouvir*, não demonstrava." (LUÍS JARDIM)

"*Por que brigavam no meu interior esses entes de sonho* não sei." (GRACILIANO RAMOS)

"*Que passavam aperturas*, via-se claramente na pobreza da casa." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

As orações adjetivas pospõem-se ao substantivo ou pronome a que se referem, podendo vir intercaladas na oração principal, como vimos no estudo destas orações.

As subordinadas adverbiais são as orações que gozam de maior mobilidade dentro do período, podendo, conforme o caso, vir antes, no meio ou depois da oração subordinante.

Exemplos:

"*Onde me espetam*, fico." (MACHADO DE ASSIS)

"Dali via, *sem ser visto*, a sala de visitas." (LÚCIO DE MENDONÇA)

"Iracema, *depois que ofereceu aos chefes o licor de Tupã*, saiu do bosque." (JOSÉ DE ALENCAR)

"Eram quatro horas da manhã, *quando emergi do meu letargo*." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"*Quando dei por mim*, já passava de uma da madrugada." (FERREIRA GULLAR)

Escrevendo, cumpre fugir à monotonia da ordem direta e assegurar à frase harmonia e variedade de ritmo, usando, com equilíbrio e bom gosto, ora uma, ora outra ordem.

Evitar-se-ão, sobretudo, construções malsoantes e cacofônicas, inversões violentas e transposições forçadas, que comprometem a clareza da expressão, dando margem a falsos sentidos.

EXERCÍCIOS LISTA 56

1. Transcreva as frases, numerando-as de acordo com os tipos de construção:

(1) **ordem direta** (2) **ordem inversa**

a) Após um mês de férias, reabre sua academia de dança a bailarina Casanova.

b) O vaga-lume voou mais alto e comparou-se às estrelas.

c) Sua fábrica de laticínios, instalada no ano passado, vai de vento em popa.

d) Na árvore próxima à casa estavam pousadas duas rolinhas.

2. Relacione as frases aos termos antecipados que nelas ocorrem:

(1) antecipação do sujeito da oração subordinada

(2) antecipação do objeto direto

(3) antecipação do objeto indireto

(4) antecipação do predicativo

(5) antecipação do adjunto adverbial

(6) antecipação do verbo da oração subordinada

(7) anteposição da oração subordinada à oração principal

- Em canoa furada eu não embarco.
- "Aos nativos Colombo chamou de índios." (MILLÔR FERNANDES)
- "O homem parece que teve pena." (RAQUEL DE QUEIRÓS)
- "Esse segredo eu guardaria só para mim." (POVINA CAVALCÂNTI)
- "Animal mais inútil nunca vossos olhos viram." (RAQUEL DE QUEIRÓS)
- "Equilibrava-me não sei como." (GRACILIANO RAMOS)
- "Bonita, atraente, isto era ela, de verdade." (POVINA CAVALCÂNTI)
- "Com as árvores e os bichos ele se entende." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)
- "Surpresa maior eu não podia ter." (RUBEM FONSECA)
- "Que passavam aperturas, via-se claramente na pobreza da casa." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

3. Leia o seguinte caso e informe se a oração subordinada adjetiva em destaque está construída na ordem direta ou inversa:

Aviso aos caçadores

Um pecuarista de Alegrete, no Rio Grande do Sul, não suportando mais os problemas **que lhe causavam os caçadores da região**, mandou colocar na porteira de sua fazenda uma placa de madeira com este aviso: "É expressamente proibido atirar em qualquer coisa que se mexa neste campo. Poderiam acertar no capataz."

(*Realidade*, junho de 1974)

4. Coloque os termos dos períodos abaixo na ordem direta:

a) "Mais depressa que seu marido perdera Rosália as esperanças." (ANÍBAL MACHADO)

b) "O rio, nem sei se tem nome." (VIVALDO COARACI)

c) Louco és tu, disse-me ele, se a tanto aspiras.

d) "Estreito era o círculo das suas ideias." (MACHADO DE ASSIS)

e) "Ótimo negócio fizera incontestavelmente o velho tio." (VISCONDE DE TAUNAY)

f) "Não tem azul nem estrelas a noite que enlutam os ventos." (JOSÉ DE ALENCAR)

g) "Por que foram os persas, logo que se deram às delícias do luxo, vencidos pelos lacedemônios?" (CAMILO CASTELO BRANCO)

5. Melhore a redação das frases, usando criteriosamente a ordem inversa:

a) Ele tentou convencer-me em vão.

b) Um pequeno incidente deu-se na família cinco meses depois.

c) Porém casa de confiança onde se ocultasse, faltava-lhe.

d) O navio sulcava garbosamente as águas da baía, dias depois, numa radiante manhã de domingo.

e) A tempestade passada, o arco-íris aparece no céu, símbolo da bonança e da união.

f) Suas palavras perturbam-me não tanto como o seu olhar e sorriso.

g) O velho caminhão estava parado, ficou parado.

h) Nunca sentira inveja de ninguém, mas ele sentia de mestre Vitorino, o dono do barco.

i) O espetáculo de um desfile de escolas de samba no Rio de Janeiro é também único no mundo.

6. Escreva as frases abaixo, colocando convenientemente os sujeitos que figuram entre parênteses:

a) Do fundo da mata subiam. (**vozes misteriosas**)

b) Quando poderemos estar livres disso tudo? (**nós**)

c) Pouco tardou a espalhar-se pelo povoado. (**a notícia fatal**)

d) Mas aos ouvidos do chefe não podia chegar. (**a voz do mensageiro**)

e) Onde pretendem encontrar os recursos necessários? (**eles**)

f) Que importa ao escravo? (**a vida**)

g) Senti quanto era justa. (**aquela queixa**)

h) Como se portaram durante a excursão? (**os alunos**)

i) Por que teria saído de casa tão cedo? (**a vizinha**)

j) Para onde se dirige a essas horas? (**você**)

k) Possam despertar as consciências adormecidas. (**tuas palavras**)

l) Feliz serás se desta te livrares. (**tu**)

m) Pelo alto dos muros estendem-se. (**as trepadeiras floridas**)

n) Não vindo, saíram a buscá-lo. (**ele**)

o) Que teria percebido nas minhas palavras? (**o homem**)

p) Pareciam de prata, assim contra a luz, pintados de branco. (**os pequenos barcos**)

7. Disponha o termo das frases abaixo de outras maneiras aceitáveis:

a) A Química presta grande auxílio à Medicina.

b) O céu se arqueia como um teto de bronze infindo e quente, sobre o deserto adormecido.

c) "Entre os troncos da brenha hirsuta, o Bandeirante jaz por terra, à feição de um tronco derribado." (Olavo Bilac)

d) "Mil coisas imprevistas nos esperam nos muitos meandros da existência." (Visconde de Taunay)

e) "À entrada do prédio reunira-se, de um minuto para outro, um mundo de gente." (Fernando Namora)

f) "Passeiam, à tarde, as belas na Avenida." (Carlos Drummond de Andrade)

g) Saltaram do moderníssimo carro esporte uma garota e um rapaz.

h) "Passava pela calçada o fotógrafo João Lopes carregando a sua máquina a tiracolo." (Josué Guimarães)

8. Ordene os termos dos períodos seguintes de tal maneira que se desfaça a ambiguidade, isto é, o duplo sentido. Use as vírgulas necessárias:

a) Os terroristas obrigaram o pessoal da redação e da oficina do jornal a retirar-se antes do empastelamento do prédio.

b) Descia um perfume do alto da montanha que embriagava os sentidos.

c) Mando-te uma cadelinha pela minha empregada que tem as orelhas cortadas.

d) A guerra nada conserta: nada mais é que uma efusão de sangue inútil.

e) Marisa retira a chave nervosa da bolsa que introduz na fechadura com medo.

9. Neste pequeno relato jornalístico nota-se um erro de colocação que ocasiona duplo sentido. Qual é o erro e como se pode corrigi-lo?

"Numa de suas viagens à Amazônia, pelo Projeto Radam, o sertanista Peret conseguiu ajudar os índios nos seus dias de caça, trazendo os animais abatidos de helicóptero para uma picada próxima das palhoças.

Agora, uma nova equipe chegou à mesma tribo. Quando planejaram a primeira caçada, ouviram de um caiapó:

– Eu mato o veado. Você arranja o cavalo voador. (Diarã katon uati. Kaí rarére birreotú.)"

(*Jornal do Brasil*, 26/4/1974)

10. Escreva os períodos, iniciando-os com os termos indicados entre parênteses e dispondo os demais de modo ideal:

a) Um homem gordo pode ser muito fino? (**verbo auxiliar**)

b) A água do coco por onde entra? (**predicado**)

c) Muito mais que um chute na canela dói um bom drible. (**sujeito**)

d) No meio da catarata ninguém pode beber água. (**objeto direto**)

e) Seu grito foi tão alto que o morcego saiu feito uma bala, pela janela. (**predicativo do sujeito**)

f) Era mais do que visível que Simplício ficara com um nó na garganta. (**oração subordinada substantiva**)

g) Foi infeliz o Virgulino, que, não tendo cavalo, deu com os burros n'água. (**predicativo do sujeito**)

h) Só o capim interessava aos animais. (**objeto indireto**)

i) Criaturas ingratas! Não têm boca para agradecer. (**adjunto adnominal**)

j) As declarações do ministro não podiam agradar ao presidente. (**objeto indireto**)

11. Dê ênfase ao predicativo colocando-o no início da frase:

O que estavam fazendo com aquela gente era sumamente injusto.

5 COLOCAÇÃO DOS PRONOMES OBLÍQUOS ÁTONOS

Neste exemplo de José Fonseca Fernandes:

"Despediu-*se* aborrecido do especialista, que, amável, estendia-*lhe* a mão com simpatia."

podemos observar que os pronomes pessoais átonos *se* e *lhe* se incorporam foneticamente ao verbo, formando com este como que uma só palavra.

Conforme sua posição junto ao verbo, os pronomes oblíquos átonos podem ser:

- **proclíticos** (antepostos ao verbo)
  Isso não **se** faz.
- **mesoclíticos** (intercalados no verbo)
  Chamar-**me**-iam de louco.
- **enclíticos** (pospostos ao verbo)
  Quero-**lhe** muito bem.

Essas três colocações dos pronomes átonos denominam-se, respectivamente, *próclise, mesóclise* e *ênclise*.

Observação:

✔ As normas que vamos dar acerca da colocação pronominal aplicam-se também ao pronome demonstrativo *o*, que pode incorporar-se ao verbo à maneira de um pronome pessoal átono, como no exemplo:

Ia dizer-lhe uma palavra áspera, mas não *o* fiz.

6 PRÓCLISE

A próclise será de rigor:

- quando antes do verbo houver, na oração, palavras que possam atrair o pronome átono[1]. Tais palavras são principalmente:

a) as de sentido negativo:

Não *o maltratei*.

Nunca *se queixa* nem *se aborrece*.

Ninguém *lhe resiste*.

Nada *a perturba*.

Nenhum lugar *nos agradou*.

Jamais *te importunei*.

Observação:

✔ Se a palavra negativa preceder um infinitivo não flexionado, é possível a ênclise: Calei-me para não *magoá-lo*.

(1) Não se trata, é claro, de uma atração de natureza física, mas sim da influência fonética que certas palavras exercem sobre as vizinhas para atender ao ritmo e à entoação da frase.

b) os pronomes relativos:

Há pessoas que *nos querem* bem. Nenhuma que *nos odeie*.

Conheces o homem por quem *te apaixonaste*?

"Só então Luísa adivinhou o que *se teria passado*." (FERNANDO NAMORA)

c) as conjunções subordinativas:

Quando *nos viu*, afastou-se.

Se *me ensinares* o caminho, chegarei lá.

Ela não quis os brincos, embora *lhe servissem*.

Ele é teu pai: é justo que *o ampares*.

Disse-me que não iria à festa, ainda que *a convidassem*.

Não sei como *se justificaram* perante a diretora.

Reagimos porque *nos agrediram*.

Observação:

✔ A elipse da conjunção não dispensa a próclise:

Peço a Vossa Excelência *me dispense* dessas formalidades.

Quando passo e *te vejo*, exulto.

d) certos advérbios:

Sempre *me lembro* dele.

Já *se abrem* as portas das lojas e dos bancos.

Bem *se vê* que não entendes do riscado.

Aqui *se trabalha*, lá *se fala* da vida alheia.

Deixe a pasta onde *a encontrou*.

Mais *se aprende* vendo do que ouvindo.

O avô talvez *o ajude* a comprar a casa.

Ainda *se lembra* de mim?

Por que o pai *lhe bate*?

Indaguei como *se chega* lá.

Observação:

✔ Se houver pausa depois do advérbio, prevalecerá a ênclise:

"Depois, encaminhei-me para ele." (SAID ALI)

"Aqui uma nuvem escura envolveu-lhe o espírito." (ANÍBAL MACHADO)

e) os pronomes indefinidos *tudo, nada, pouco, muito, quem, todos, alguém, algo, nenhum, ninguém, quanto:*

Tudo *se acaba*.

Nada *lhe agradava* ali.

Ignoro de quem *se trata*.

Pouco *se sabe* a respeito desse artista.

Algo *o incomoda*?

f) a palavra *só*, no sentido de *apenas, somente*, e as conjunções coordenativas alternativas *ou... ou, ora... ora, quer... quer*:

Só *me ofereceram* um copo d'água.

Só *se lembram* de nós quando estão doentes.

Ou ele *se corrige* ou *lhe voltarão* as costas.

O rio, ora *se estreita*, ora *se alarga* caprichosamente.

Quer *nos atacasse*, quer *se escondesse*, a onça era sempre um perigo.

- nas orações optativas cujo sujeito estiver anteposto ao verbo:

Deus *o guarde!*

Os céus *te favoreçam!*

A terra *lhe seja* leve!

- nas orações exclamativas iniciadas por palavras ou expressões exclamativas:

Como *te iludes!*

Quanto *nos custa* dizer a verdade!

"Que de coisas *me disse* a propósito da Vênus de Milo!" (MACHADO DE ASSIS)

- nas orações interrogativas iniciadas por advérbio ou pronome interrogativos:

Quando *me visitas?*

Quem *se apresenta?*

Por que *vos entristeceis?*

Acaso *lhe faltam* recursos?

Na pronúncia do Brasil, as formas pronominais oblíquas não são completamente átonas; são, antes, semitônicas. Assim se explica por que entre nós é predominante a tendência para a próclise:

Ele terá de *se explicar*.

É o que eu queria *lhe dizer*.

As pessoas foram *se retirando*.

Me empreste o livro.

"Calado, *me diga* se devo ir-me embora." (CECÍLIA MEIRELES)

"Nosso sonho vai *se realizar*." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

"*Te agarra* com aquele pretinho do céu, Amparo!" (JOSUÉ MONTELLO)

"Percebi que estavam *me chamando*." (VIVALDO COARACI)

"*Me* penteio, *me* lavo, *me* embelezo." (MARINA COLASANTI)

"Como teria *se comportado* aquela alma de passarinho...?" (RAQUEL DE QUEIRÓS)

7 MESÓCLISE

A intercalação das variações pronominais átonas ocorre somente no futuro do presente e no futuro do pretérito, desde que antes do verbo não haja palavra que exija a próclise. Exemplos:

Realizar-se-á, em maio, uma reunião de prefeitos.

Falar-lhe-ei a teu respeito, na primeira oportunidade.

Por este processo, *ter-se-iam* obtido melhores resultados.

"*Dir-me-á* o leitor que a beleza vive de si mesma." (MACHADO DE ASSIS)

"Eu derrocarei o templo de Jeová e *edificá-lo-ei* em três dias!" (EÇA DE QUEIRÓS)

"*Dar-me-iam* água para lavar as mãos?" (GRACILIANO RAMOS)

"Gildete *manter-se-ia* atenta para o que desse e viesse." (JORGE AMADO)

"Sua atitude é serena, *poder-se-ia* dizer hierática, quase ritual." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"Viesse a música de onde viesse, *conduzi-lo-ia* à terra." (JOSÉ FONSECA FERNANDES)

"*Contentar-nos-emos* agora com sambas velhos..." (GRACILIANO RAMOS)

Havendo palavra atrativa, impõe-se a próclise:

Não *lhe pedirei* nada. Ninguém *se importaria*.

Observações:

✔ Em caso algum se haverá de pospor o pronome átono ao futuro do indicativo: dir-se-ia, dir-lhe-ei, dir-lhe-ia, far-se-ia, vender-lhe-ei, chamá-lo-ia, e nunca: diria-se, direi-lhe, diria-lhe, faria-se, venderei-lhe, chamaria-o.

✔ A mesóclise é colocação exclusiva da língua culta e da modalidade literária. Na fala corrente, emprega-se a próclise: Eu *lhe* direi a verdade. Eles *se* arrependerão (ou *vão se arrepender*). Ela *o* chamaria de louco. Ao meio-dia, *nos* sentaríamos à mesa.

8 ÊNCLISE

Os pronomes átonos estarão em ênclise:

- nos períodos iniciados pelo verbo (que não seja o futuro), pois, na língua culta, não se abre frase com o pronome oblíquo:

  "*Vai-se* a primeira pomba despertada!" (RAIMUNDO CORREIA)

  "*Diga-me* isto só, murmurou ele." (MACHADO DE ASSIS)

  "*Vendo-a* entrar, Araquém partiu." (JOSÉ DE ALENCAR)

Observação:

✔ Iniciar a frase com pronome átono só é lícito na conversação familiar, despreocupada, ou na língua escrita, quando se deseja reproduzir a fala dos personagens:

Me ponho a correr na praia.

"*Me* larga! Eu quero ir embora." (FERNANDO SABINO)

"*Nos* atirarmos à água pode nos ser fatal." (MILLÔR FERNANDES)

- nas orações reduzidas de gerúndio, quando nelas não houver palavras atrativas:

  "O anão chegara-se a Inocência, *tomando-lhe* uma das mãos." (VISCONDE DE TAUNAY)

Se o gerúndio vier antecedido da preposição expletiva *em*, ou modificado por um advérbio, usar-se-á a próclise:

Em *se tratando* de um caso urgente, nada o retinha em casa.

Não *o achando* em casa, voltei desanimado.

Custódio era dado ao luxo, pouco *se importando* com despesas.

- nas orações imperativas afirmativas:

  Procure suas colegas e *convide-as*.

  "Romano, *escuta-me*!" (OLAVO BILAC)

Observação:

✔ A próclise com o imperativo afirmativo não era estranha ao português clássico:

"Agora tu, Calíope, *me ensina*..." (LUÍS DE CAMÕES)

O pão nosso de cada dia *nos dai*, hoje. (oração dominical)

- junto ao infinitivo não flexionado, precedido da preposição *a*, em se tratando dos pronomes *o, a, os, as*:

  Todos corriam *a ouvi-lo*.

  Começou *a maltratá-la*.

  "Sabe ele se tornará *a vê-los* algum dia?" (JOSÉ DE ALENCAR)

Junto a infinitivo flexionado, regido de preposição, é de rigor a próclise:

Repreendi-os por *se queixarem* sem razão.

- Vindo o infinitivo impessoal regido da preposição *para*, quase sempre é indiferente a colocação do pronome oblíquo antes ou depois do verbo, mesmo com a presença do advérbio *não*:

  Corri para *defendê-lo*.

  Corri para *o defender*.

  Calei-me para não *contrariá-lo*.

  Calei-me para não *o contrariar*.

Observação:

✔ Escritores clássicos costumavam intercalar o advérbio *não* entre o verbo e o pronome proclítico:

"E queira Deus que *te não enganes*, menino!" (CARLOS DE LAET)

"Há coisas que *se não descrevem*." (GASTÃO CRULS)

"Já *me não lembravam* os três primeiros nomes." (MACHADO DE ASSIS)

Tal colocação é obsoleta.

9 ÊNCLISE EUFÔNICA E ENFÁTICA

Em certos casos, a ênclise é justificada por exigências da eufonia ou da ênfase, embora com sacrifício das regras expostas no estudo da próclise.

"Era verdade que Dom Augustin *excedera-se* um pouco." (VIANA MOOG)

Acontecia às vezes que uma das éguas xucras *arrumava-lhe* um coice." (VIVALDO COARACI)

10 COLOCAÇÃO DOS PRONOMES ÁTONOS NOS TEMPOS COMPOSTOS

- Nos tempos compostos os pronomes átonos, na língua culta de tradição lusitana, se juntam ao verbo auxiliar e jamais ao particípio, podendo ocorrer, de acordo com as regras já estudadas, a próclise, a ênclise ou a mesóclise:

  Os amigos *o tinham prevenido*.

  Os presos *tinham-se revoltado*.

  Nunca *a tínhamos visto*.

  Haviam-no já declarado vencedor.

  Até lá muitos já *se terão arrependido*.

  "Você *tem-se governado* com virtude e fina sabedoria." (AMADEU DE QUEIRÓS)

  "Muitas infelicidades *me haviam perseguido*." (GRACILIANO RAMOS)

  "*Ter-lhe-ia sido* nociva alguma de minhas prescrições?" (GASTÃO CRULS)

  "Não devíeis *tê-los libertado*." (ANA MIRANDA)

  "Eu *tinha-me escondido* atrás de uma mangueira muito alta." (AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA)

- A colocação do pronome átono junto ao particípio, censurada pela Gramática tradicional, é peculiar à língua portuguesa do Brasil, em todos os níveis de fala, e encontra acolhida entre os melhores escritores modernos. Exemplos:

  "Tinha *se esquecido* de conferir o bilhete." (VIVALDO COARACI)

  "A conversa na mesa teria *lhe dado* suficiente prestígio para isso?" (JORGE AMADO)

  "A terra devia ter *se contorcido*, fervendo em lama." (ADONIAS FILHO)

  "Era como se tivesse ido muito longe, ou *se escondido* atrás de uma parede muito grossa." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

  "A situação agora havia *se invertido*." (JOSÉ J. VEIGA)

  "O general Bagnuoli está plantado na sua colina de espera, depois de haver *se recusado* a enfrentar Nassau..." (ASSIS BRASIL)

  "Melhor destino, nem ele próprio teria *se concedido*." (NÉLIDA PIÑON)

11 COLOCAÇÃO DOS PRONOMES ÁTONOS NAS LOCUÇÕES VERBAIS

Nas locuções verbais podem os pronomes átonos, conforme as circunstâncias, estar em próclise ou ênclise ora ao verbo auxiliar, ora à forma nominal:

- Verbo auxiliar + infinitivo:

  Devo calar-me, ou *devo-me calar*, ou *devo me calar*.

Não devo calar-me, ou *não me devo calar*, ou *não devo me calar*.

Mandei-os entrar. Não os mandei entrar.

Podes ajudá-lo. Não o podes ajudar, ou *não podes ajudá-lo*.

Queriam enganar-me, ou *queriam-me enganar*, ou *queriam me enganar*.

Não queriam enganar-me, ou *não me queriam enganar*.

"Mas agora já *sabemos nos defender*." (GUIMARÃES ROSA)

"Não *posso me confessar* autor dessas barbaridades." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

"Se Vossa Senhoria quer, *posso lhe mandar* algumas." (MARTINS PENA)

Observação:

✔ Na fala brasileira, como atestam os três últimos exemplos, os pronomes átonos acostam-se, em geral, ao infinitivo.

- Verbo auxiliar + preposição + infinitivo:

Há de acostumar-se, ou *há de se acostumar*.

Não se há de acostumar, ou *não há de acostumar-se*.

Deixou de visitá-lo, ou *deixou de o visitar*.

Não o deixou de visitar, ou *não deixou de visitá-lo*, ou *não deixou de o visitar*.

- Verbo auxiliar + gerúndio:

Vou-me arrastando, ou *vou me arrastando*, ou *vou arrastando-me*.

Não me vou arrastando, ou *não vou me arrastando*.

As sombras foram-se dissipando, ou *as sombras se foram dissipando*, ou *as sombras foram se dissipando*, ou ainda *as sombras foram dissipando-se*.

V.Sª me está insultando, ou *V.Sª está me insultando*, ou *V.Sª está insultando-me*.

Não o estou criticando, ou *não estou criticando-o*.

Eu o estava lendo há pouco, ou *estava-o lendo há pouco*, ou *estava lendo-o há pouco*.

As forças *iam-se-lhe sumindo* de dia para dia.

"Que relógio parado *me estava governando*?" (CECÍLIA MEIRELES)

"A tarde *ia-se tornando* lindíssima." (CECÍLIA MEIRELES)

"Cada vez mais ela *se ia transformando*." (JOSÉ LINS DO REGO)

"Meus olhos *iam se enchendo* de água." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"Você *está me machucando*." (FERNANDO SABINO)

"Mas aos poucos foi *se adaptando*." (VIVALDO COARACI)

"Atualmente a justiça *está se tornando* inviável até para os ricos." (EVANDRO LINS E SILVA)

Observações:

- ✔ A colocação que se vê nos quatro últimos exemplos, com o pronome átono proclítico ao verbo principal, espelha um fato inequívoco da língua falada e escrita do Brasil. A Gramática não pode senão sancioná-la.
- ✔ A maneira de colocar os pronomes átonos, no falar brasileiro, nem sempre coincide com a dos portugueses, devido à entoação diferente e ao ritmo peculiar de nossa fala.
- ✔ As normas que acabamos de traçar acerca da topologia pronominal não devem ser vistas como preceitos intocáveis, ficando, em muitos casos, subordinadas às exigências da ênfase, da harmonia e espontaneidade da expressão.

EXERCÍCIOS LISTA 57

1. Nos exemplos abaixo aparecem todos os pronomes pessoais átonos. Escreva as frases, numerando-as de acordo com a colocação dos pronomes junto ao verbo. Em seguida sublinhe os pronomes:

(1) **proclítico** (2) **mesoclítico** (3) **enclítico**

Autorizaram-me a entrar.
Não te metas nisso.
Amai-vos uns aos outros.
Organizar-se-á uma equipe.
Todos o admiram.
Sustive-a na palma da mão.
Quem os ajudara?
Trato-as com muito respeito.
Comprar-lhe-ia roupa nova.
Não lhes acho graça.
Aprontamo-nos rapidamente.
É um prazer ouvi-lo falar.

2. Justifique a próclise, escrevendo e numerando as frases adequadamente, conforme as palavras que apareçam antes do verbo:

(1) **palavras de sentido negativo**
(2) **pronomes relativos**
(3) **conjunções subordinativas**

Ninguém **lhe** resiste.
Pedi que **se** afastassem.
Quando **me** lembrei, já era tarde.
Não **se** nega um copo d'água.
Preciso de alguém que **me** oriente.
São pessoas com quem **nos** identificamos.

3. Justifique a colocação dos pronomes oblíquos nestes períodos:

Deus **o** acompanhe!
Por que **se** preocupa tanto com essas coisas?
Não **a** vejo há muito tempo.

Ficar-**lhe**-ei grato por esse favor.
Distraímo-**nos** ouvindo música.
Tornei a visitá-**los** três meses depois.
Fiquei olhando o carteiro, que **se** aproximava.
Pedi licença para **me** retirar (ou retirar-**me**).
Como a gente **se** engana!
A mãe correu para as filhas, beijando-**as** muito.
Pedi que **os** guardasse em lugar seguro.
Procure seu irmão e peça-**lhe** desculpas.
Várias pessoas já **me** disseram isso.
Rugas precoces instalaram-**se** no rosto dele.
Tudo **nos** leva a crer que João é inocente.

4. Varie os verbos em todas as pessoas, com os pronomes mesoclíticos:

a) **Estabelecer-me-ei** nesta cidade.
b) **Retirar-me-ia** da reunião.
c) **Jogá-lo-ei** ao mar.
d) **Conceder-lhe-ia** licença.

5. Escreva corretamente o único período em que há erro de colocação pronominal; justifique:

a) Enquanto se absteve de beber e fumar, sua saúde melhorou.
b) Plantações de cana-de-açúcar estendiam-se até a linha do horizonte.
c) Ele não é um bom escritor, embora reconheça-lhe algumas qualidades.
d) Quando a patroa limpa a louça, ela o faz com extremo cuidado.

6. Copie o período no qual a mesóclise é inadequada, corrigindo a má colocação:

a) Sentir-me-ia mais aliviado, se conseguisse chorar um pouco.
b) Se mergulhares um pano vermelho neste rio, retirá-lo-ás cheio de piranhas.
c) Dir-se-ia que pairava sobre nós uma divindade funesta.
d) Nada contentá-lo-á enquanto não tiver a paz interior.

7. Reescreva de maneira correta as duas frases em que a colocação pronominal não está de acordo com o padrão culto. Justifique:

a) Caberia-lhe então mostrar patriotismo e competência.
b) Será preciso refazer a estrada, modificando-lhe o traçado.
c) Me disseram que a cachoeira de Sete Quedas sumiu rio abaixo, levada pelo progresso.

8. Coloque corretamente junto aos verbos em destaque os pronomes entre parênteses:

a) **Detive** para ouvir melhor. (*me*)
b) Nenhum obstáculo **fará** recuar. (*nos*)
c) Jacinto não entendeu o que Sônia **disse**. (*lhe*)
d) Quando ele **enfurece**, não há nada que **detenha**. (*se – o*)
e) Bem **vê** que não **preocupas** com essas coisas. (*se – te*)
f) Como **custa** perdoar uma ofensa! (*nos*)

g) Viesse donde viesse, **receberíamos** com a alegria de sempre. (*o*)
h) **Lembra** de nós – disse o padrinho, **despedindo**. (*te – se*)
i) **Retirarei**, se **recusais** a ouvir-me. (*me – vos*)
j) Talvez dali por diante agisse de outro modo, **acautelasse** contra pessoas inescrupulosas. (*se*)
k) Mais depressa **apanha** um mentiroso do que um coxo. (*se*)
l) Tudo **encantava** e **dizia** que a vida é bela. (*a – lhe*)
m) **Acenderam** fogueiras, onde **assaram** batatas-doces. (*se – se*)
n) Só **direi** isto: Ivone, jamais **esquecerei** de você! (*lhe – me*)
o) A avó gosta dos netos, **trata** com carinho, **alegra** quando **vê**. (*os – se – os*)
p) **Trataria** de objetos voadores não identificados? (*se*)

9. Dê outra colocação aos pronomes átonos, mas só quando for lícita:

a) Ergueram o homem e **o** carregaram até a farmácia mais próxima.
b) Quem **a** visse ao lado dos escravos **a** julgaria também cativa.
c) A brava nação tupi **se** erguerá novamente para expulsar o invasor.
d) Nada **a** satisfaria, enquanto não **os** tivesse consigo.
e) João **se** levantou para agredir-**me**, mas Luís deteve-**o**, segurando-**lhe** o braço.
f) A agricultura não **os** havia ainda fixado à terra.

10. Incorpore corretamente os pronomes aos tempos compostos e às locuções verbais:

a) **Teriam falado** a meu respeito? (*lhe*)
b) E se eu **houvesse enganado**? (*me*)
c) Era um vidrinho de perfume cuja essência já **tinha evaporado**. (*se*)
d) **Haviam procurado** em toda parte. (*o*)
e) **Tendo** o menino **distraído** na rua, não assistiu à primeira aula. (*se*)
f) **Teria mordido** algum cachorro? (*o*)
g) Várias pessoas já **tinham ido ver**. (*o*)
h) Era como se tivesse ido muito longe, ou **escondido** atrás de uma parede muito grossa. (*se*)
i) Ela aplaudia a transformação que **ia operando** em mim. (*se*)
j) O marido **está aconselhando** a desistir da viagem. (*a*)
k) Cada vez mais eles **foram distanciando** de nós. (*se*)
l) Eu **deveria reunir** a eles para a escalada do morro. (*me*)

11. Há mais de uma alternativa lícita para a colocação dos pronomes nos tempos compostos e nas locuções verbais. Assinale, em cada grupo, a que representa uma peculiaridade da fala brasileira:

Os presos tinham-se revoltado contra os carcereiros.
Os presos tinham se revoltado contra os carcereiros.
Os presos se tinham revoltado contra os carcereiros.
Você lhe devia ter cedido o lugar.
Você devia ter-lhe cedido o lugar.
Você devia ter lhe cedido o lugar.
O navio se foi afastando lentamente.

O navio foi se afastando lentamente.

O navio foi-se afastando lentamente.

O navio foi afastando-se lentamente.

12. Assinale a única frase em que a colocação do pronome átono espelha uma característica da língua portuguesa do Brasil:

"Que relógio parado **me estava governando**?" (CECÍLIA MEIRELES)

"Don'Ana pressente que alguma coisa de muito sério **se está processando**." (JORGE AMADO)

"**Dar-me-iam** algum monte de feno onde dormir..." (RUBEM BRAGA)

"Não faz mal que a plantação **se vá estendendo** por toda a área." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

"**Poderia ter se encontrado** com a raposa..." (LÊDO IVO)

"Aquela bonequinha de muita conversa e forte maquilagem **o estava enfeitiçando**." (VILMA GUIMARÃES ROSA)

13. Nos exemplos seguintes há outras opções para a colocação dos pronomes átonos. Dê todas as colocações lícitas:

a) Soube que estavam sozinhos: vim para os ajudar.

b) Eu aproximava-me deles com certo receio.

c) Os ingressos para o jogo podem-se comprar aqui.

d) Os homens devem-se amar uns aos outros.

e) "Não pode permitir-se o fabrico ou a importação de produtos que tais, alheios à demanda nacional mais urgente." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

f) "Ainda que voltasse a vista para mim, ele não poderia me ver." (RUBEM BRAGA)

g) "A tarde ia-se tornando lindíssima." (CECÍLIA MEIRELES)

h) Depois de amarrá-lo ao pé da árvore, eu dava-lhe de comer.

i) "Não me quis dizer o que era." (MACHADO DE ASSIS)

j) "Aquele freguês estava se dirigindo ao Chefe da Nação." (ANÍBAL MACHADO)

k) "Naquele tempo a escuridão se ia dissipando, vagarosa." (GRACILIANO RAMOS)

l) "Eu quis experimentar-te." (ALEXANDRE HERCULANO)

m) "Daqui a poucas horas me hás de conhecer." (ALEXANDRE HERCULANO)

n) "A mãe contava um caso qualquer que tinha se passado em casa." (AUTRAN DOURADO)

o) Eu devia esperar no colégio até que papai viesse buscar-me de carro.

p) Viúva acusa investigador de ter se apoderado de sua fortuna.

q) "O povo se comprimia cada vez mais ao pé do altar." (BERNARDO ÉLIS)

r) "Uma saudade funda lhe aperta o coração." (JOSÉ CONDÉ)

s) "Se Viana não saísse das Minas, o guarda-mor ver-se-ia obrigado a usar suas forças militares." (ANA MIRANDA)

14. Orientando-se pelo exemplo, redija os períodos abaixo na forma B:

A) Eu reconheci **algumas delas**.
B) **Algumas delas**, eu **as** reconheci.

a) Levava à boca as migalhas que lhe ficavam entre os dedos.
b) Os passarinhos conseguem frutas e insetos pelo seu próprio esforço.
c) Tu ensinaste a caridade, o perdão e o sacrifício durante toda a tua vida.
d) Ela fez os doces e as empadas bem gostosos.
e) Quem não admira o mar e seus encantos?

15. Corrija onde houver erro de colocação pronominal:

a) Quero que encontre-o imediatamente.
b) Não quero-lhe mal por isso.
c) Há pessoas que estimam-no demais.
d) Me diga onde poderei encontrar produtos aromatizantes.
e) Nunca levei-o a sério.

16. Escreva na ordem direta:

a) Remédios, os indígenas encontravam nas plantas.
b) Os avarentos, é certo que não aproveitam a vida.
c) De médico e de louco todos temos um pouco.
d) Durante aqueles breves momentos, rememorei toda a minha vida.
e) Considero valiosíssima a colaboração dos alunos.

17. Você acha que algo se modificou na segunda redação do exercício 16? Na ordem direta algo se perdeu? Justifique.

18. Coloque o pronome oblíquo antes ou depois do verbo, obedecendo às regras que orientam a colocação pronominal na norma culta.

a) Não levarei comigo! (a)
b) Espero que tenha dito a verdade. (lhe)
c) Ninguém assusta. (os)
d) Há muitos problemas que apavoram. (nos)
e) Sempre lembro daqueles dias maravilhosos. (me)

19. Faça como no exercício anterior.

a) Embora estime, está sempre repreendendo. (me, me)
b) Todos maltrataram, segundo diz. (o)
c) Já fizeram muitas perguntas sobre esse assunto. (nos)
d) Bem vê que você não conhece. (se, as)
e) Quando entregarão os resultados dos exames? (nos)
f) Diga só uma coisa: os amigos nunca haviam avisado do perigo? (me, o)

LEITURA
O inquérito

No dia seguinte foi o inquérito.

João Miguel ainda estava atordoado, meio tonto, quando Salu o escoltou até a pequena sala caiada, onde o delegado assistia, com a ordenança guardando a porta.

O escrivão, malvestido, magro, de cara vermelha grossa de espinhas, fazia a pena zumbir, monotonamente, como um inseto que fosse deixando a marca das patas em tinta roxa sobre a alvura das páginas do grande livro preto.

E foi um longo suplício esse inquérito, em que o delegado, defendido pelas figuras imóveis dos soldados de guarda, acastelado atrás da sua mesa carregada de papéis, o crivava de mil perguntas e ditava as respostas para o escrivão, de uma em uma, lançando devagar as palavras, como se, escorropichando cada sílaba da sombria história, mais aumentasse, mais enegrecesse o gesto do criminoso.

De repente, levantou os papéis, e de sob eles tirou uma faca de grossa bainha castanha.

O preso sentiu um baque no coração. Lentamente, o homem sacou fora da bainha a lâmina, que fulgurou à luz do dia, com um relâmpago branco de espelho.

Manchas escuras se espalhavam pela folha, cortando o brilho do aço. E, junto ao cabo, sob os dedos do delegado, que o seguravam indiferentes, uma crosta de sangue se agarrava ainda, teimosa, como o selo do crime.

O preso quase cambaleou ante aquela exibição que o cegava, enquanto o delegado, furando a madeira da mesa com a ponta da faca, continuava a perguntar:

— Reconhece como sua esta arma com que foi cometido o assassinato?

Ele apenas pôde baixar a cabeça. O homem insistiu na pergunta, até que o preso, afinal, conseguiu murmurar:

— Reconheço...

O delegado virou-se para o outro, que suspendera a pena, e machucava lentamente uma espinha inchada da cara:

— Senhor escrivão, lance a confissão do acusado.

Muito tempo depois, por fim satisfeito, o delegado o despediu com um conselho:

— Isto é para vocês se acostumarem a ter medida em cachaça... Veja você, um rapaz tão quieto, que nunca tinha dado uma entrada no xadrez...

O preso viu-se, afinal, a caminho da cela.

(Raquel de Queirós, *João Miguel*, in *Três Romances*, p. 134, José Olympio, Rio de Janeiro, 1957)

SINTAXE DE COLOCAÇÃO
Exercícios de exames e concursos
[Página 689]

EMPREGO DE ALGUMAS CLASSES DE PALAVRAS

1 ARTIGO

De modo geral, o artigo definido se aplica a seres conhecidos ou já mencionados e o indefinido a seres desconhecidos, indeterminados ou de que não se fez menção. Exemplo:

"*Um* dia, olhando para *o* quintal do vizinho, vi *um* rapaz que sorria para mim." (RIBEIRO COUTO)

▪ Artigo definido

▪ Dentre os nomes próprios geográficos, a língua atual distingue:

a) os que repelem o artigo:

Portugal, Roma, Atenas, Curitiba, Minas Gerais, Copacabana, etc.

b) os que exigem o artigo:

a Bahia, o Rio de Janeiro, o Porto, o Cairo, o Havre, a Argentina, as Canárias, os Açores, a Sicília, etc.

Diz-se, de preferência, *o Recife*.

Observação:

✓ Os locativos do primeiro grupo usam-se com o artigo sempre que vierem caracterizados por adjetivo, locução adjetiva, ou oração adjetiva: *o velho Portugal, a Roma dos Césares, a Atenas de Péricles, a soberba Catargo.*

"E passou a explicar como era *a Corumbá* em que nascera." (VIANA MOOG)

▪ Nomes próprios personativos são determinados pelo artigo quando usados no plural. Exemplos:

os Homeros, os Caxias, os Maias.

Anteposto a nomes de pessoas, o artigo denota intimidade e confere-lhes uma conotação familiar:

A Helena estuda à noite.

"E *o Costa* sempre lhano, risonho." (MACHADO DE ASSIS)

- O uso do artigo antes dos pronomes possessivos é, geralmente, livre:

Foi rápida *a sua passagem* (ou *sua passagem*) pelo Rio.

Seus planos (ou *os seus planos*) foram descobertos.

- Diz-se, sem o artigo:

Foram presos *todos três*.

"Era belo de verem-se *todos cinco* em redor da criança." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"... opinião desfavorável sobre *todas três*." (LIMA BARRETO)

"*Todas duas* eram bonitas e parecidas." (ARIANO SUASSUNA)

Mas com o artigo:

Foram presos *todos os três assaltantes*.

"... ficou *todos os três dias* no jornal." (LIMA BARRETO)

- Embora censurada por alguns gramáticos, é frequente, na língua atual, a anteposição do artigo *o* (como partícula de realce) ao advérbio *quanto* e ao pronome interrogativo *que*:

"Só agora via *o quanto* se enganara." (LÍGIA FAGUNDES TELLES)

"*O que* diria Deus daquilo tudo?" (JOSÉ LINS DO REGO, *apud* LUÍS CARLOS LESSA)

- O artigo e o numeral, antes dos substantivos *milhão*, *milhar* e *bilhão*, devem concordar no masculino:

Os dois milhões [e não *as dois*, nem *as duas milhões*] de árvores plantadas cresceram bem.

Os milhares de crianças que vivem nas ruas clamam por ajuda.

Haverá emprego para *os dois bilhões* de pessoas que podem trabalhar?

Observação:

✔ São viciosas construções como "*os* 1,1 milhão de servidores da União", "*os* 1,5 milhão de vítimas da guerra", "*os* 1,2 bilhão de chineses", etc., porque o numeral *um* não admite artigo. Com efeito, não se diz que alguém recusou *o* (ou *os*) *um* milhão de dólares pela sua casa, mas sim que recusou *um milhão* de dólares.

Omissão do artigo definido

Omite-se o artigo definido:

- antes de nomes de parentesco precedidos de possessivo:

"Vendeu Mariana as terras e deixou a casa *a sua tia*, que nascera nela e onde *seu pai* casara." (CAMILO CASTELO BRANCO)

Observação:

Às vezes a ênfase justifica a presença do artigo: "Viemos ver *o meu pobre irmão*." (CAMILO CASTELO BRANCO)

- antes das formas de tratamento, antes dos títulos honoríficos *dom* e *monsenhor*, bem como antes de *frei*:

"Engana-se *Vossa Senhoria*, disse o barbeiro." (MACHADO DE ASSIS)

"Travou-se acesa polêmica entre *Dom* Antônio de Macedo Costa e o Barão de Penedo." (HÉLIO VIANA)

Após a missa, *monsenhor* Gonçalves visitou um orfanato.

Para as crianças, *frei* Lucas era um pai.

- entre o pronome *cujo* e o substantivo imediato:

Há animais *cujo pelo* é liso. [E não: *cujo o pelo* é liso]

Afinal encontrei o livro *cuja capa* me havia fascinado.

- diante dos superlativos relativos, em frases como estas:

Ouvi *os mestres mais competentes*. [E não: *os mestres os mais competentes*]

Não lhe bastavam *as glórias mais embriagadoras*.

Observações:

✔ A repetição do artigo [*os* mestres *os* mais competentes, *as* glórias *as* mais embriagadoras] constitui, neste caso, um galicismo.

✔ Todavia, são de bom cunho as seguintes construções: *mestres os mais competentes, os mais competentes mestres, os mestres ainda os mais competentes:*

"Trinta milhões vivendo em níveis históricos *os mais contrastantes*." (VIANA MOOG)

"Neste fenômeno se patenteia a nobilitação que a singela prática do trabalho mais obscuro imprime nos caracteres *ainda os mais antipáticos*." (RAMALHO ORTIGÃO)

- frequentemente nos provérbios e máximas:

Pobreza não é vileza. *Tempo é dinheiro.*

- antes de substantivos usados em sentido geral ou indeterminado:

"Pra *queda* e *susto água fria é remédio*." (LUÍS JARDIM)

"Lera numa revista que *mulher* fica mais gripada que *homem*." (RICARDO RAMOS)

- em certas expressões como: *ouvir missa, declarar guerra, dar esmola, pedir perdão, pedir esmola, fazer penitência, a meu ver*, etc.

- diante da palavra *casa*, quando designa a residência, o lar da pessoa que fala ou de quem se trata:

Voltei *a casa*. Fui *para casa*. Venho *de casa*.

Saiu *de casa*. Foi *para casa*. Ficou *em casa*.

Observação:

✔ Todavia, se a palavra *casa* vier acompanhada de adjetivo ou locução adjetiva, antepõe-se-lhe, ordinariamente, o artigo:

João deixou *a casa paterna* ainda criança.

"... a costureira chegou *à casa da baronesa*." (MACHADO DE ASSIS)

"De tarde, arrastei-me até *a casa da preta velha*." (GASTÃO CRULS)

- antes de *terra* (em oposição a *bordo, mar*):

Alguns marinheiros ainda estavam em *terra*.

"Ele será o comandante das tropas holandesas quando em *terra*." (ASSIS BRASIL)

▪ O artigo e a crase

Convém recordar que a crase, resultante da contração da preposição *a* com os artigos *a, as,* só é possível diante das palavras femininas que admitem esses artigos.

▪ Artigo indefinido

Não obstante sua imprecisão, o artigo indefinido transmite ao substantivo grande força expressiva. Exemplos:

"... (o tigre) atirou-se como *um* estilhaço de rocha cortada pelo raio." (JOSÉ DE ALENCAR)

"Foi *uma* alegria, quando viu os pais." (RODRIGUES LAPA)

"Recomeçou a falar com *uma* calma que não sabia bem de onde vinha." (ANÍBAL MACHADO)

"Estou com *uma* fome..." (FERREIRA DE CASTRO)

Antepõe-se aos numerais para exprimir cálculo aproximado:

Fiquei esperando *uma* boa meia hora.

"Eu devia ter, por esse tempo, *uns* dezesseis anos." (RIBEIRO COUTO)

2 ADJETIVO

- O adjetivo aparece na frase como:

a) adjunto adnominal:

"O pranto orvalhou seu *lindo* semblante." (JOSÉ DE ALENCAR)

b) predicativo do sujeito:

"A repulsa de Bolívar foi *enérgica*." (MOACIR WERNECK DE CASTRO)

"Eram *sólidos* e *bons* os móveis." (MACHADO DE ASSIS)

c) predicativo do objeto:

"Achou a mãe *lépida, bem-disposta*." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

- Usa-se amiúde o adjetivo com valor de substantivo (adjetivo substantivado). Neste caso, antepõe-se-lhe o artigo. Exemplos:

O grito ecoou *no profundo* da mata. [*no profundo* = na profundeza]

"Tem nas faces *o branco* das areias que bordam o mar, nos olhos *o azul* triste das águas profundas." (José de Alencar)

"A paisagem, *num roxo* doloroso, se desdobra num pálio de ametista." (Olegário Mariano)

"Camilo achou-se diante de um longo véu opaco... pensou rapidamente *no inexplicável* de tantas coisas." (Machado de Assis)

"... comia pouco, mas estimava *o fino* e *o raro*." (Machado de Assis)

"Pessegueiros em flor tingem de opala *o verde* dos laranjais." (Viana Moog)

Inversamente, substantivos são às vezes usados como adjetivos:

O satélite *espião* detectou queimadas na Amazônia.

Após a explosão da bomba atômica, Hiroxima era uma cidade *fantasma*.

"Aí está o homem *anjo*." (Camilo Castelo Branco)

"O coração aqui no peito de Irapuã ficou *tigre*." (José de Alencar)

- Magnífico recurso estilístico é referir qualidades a substantivos abstratos em vez de a concretos. Exemplos:

Era angustiante a *monotonia cinzenta* da paisagem. [= paisagem *cinzenta* e *monótona*]

"Cesário teve medo da *tranquilidade* azul daqueles olhos." [= daqueles olhos *azuis* e *tranquilos*] (José Geraldo Vieira)

"Uma comoção profunda a pungiu, ante aquela *calma sofredora, suave*..." (Raquel de Queirós)

"Eduardo olhava por cima a *curiosidade agitada* de outros meninos." (Fernando Sabino)

Observe que, desse modo, se atribuem duas características a um ser. No último exemplo, *curiosidade agitada* dos meninos [= meninos *curiosos* e *agitados*].

- Comum é também usar-se o adjetivo no masculino singular, como advérbio:

Falemos *sério*. [= seriamente]

São pessoas *demasiado* crédulas.

"Matias sorriu *manso* e *discreto*." (Machado de Assis)

"Ela fugia com os olhos, ou falava *áspero*." (Machado de Assis)

"Os animais querem andar mais *ligeiro*." (Guimarães Rosa)

"Quando estavam *próximo* a um porto..." (Jorge Amado)

"A morte de Sílvia golpeou-a *fundo*." (Antônio Olavo Pereira)

"Os negociantes aguentavam *firme* no balcão até meia-noite." (Herberto Sales)

Outros exemplos de adjetivos adverbializados:

Falavam *alto*.	A porta estava *meio* aberta.
Tossia *forte*.	Compra *barato* e vende *caro*.
Raro a vemos.	*Breve* estarei lá.

O adjetivo adverbiado, geralmente invariável, às vezes concorda, por atração, com a palavra a que se refere:

"... finalmente paguei *cara* a curiosidade." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Estes homens rudes combatiam *meios* nus." (ALEXANDRE HERCULANO)

"Dona Eusébia entrou inesperadamente, mas não tão *súbita*, que nos apanhasse ao pé um do outro." (MACHADO DE ASSIS)

"Os cavaleiros galopam *rápidos* pela trilha estreita." (ASSIS BRASIL)

- As formas sintéticas dos superlativos são mais enfáticas que as analíticas e imprimem à ideia maior intensidade. Considerem-se estes exemplos:

"Naquele muro *aspérrimo* brotou uma flor descorada e sem cheiro." (MACHADO DE ASSIS)

"Pois assim sou esbulhado de um *sacratíssimo* direito?" (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Rio Branco morreu *pobríssimo*." (CARLOS DE LAET)

As formas diminutivas de certos adjetivos têm a força intensiva dos superlativos:

"Fui andando, sorrateiramente, *encostadinho* à parede." (MACHADO DE ASSIS)

Demos, anteriormente outras opções que a língua nos oferece para superlativar a ideia expressa pelo adjetivo. Convém recordá-las.

3 NUMERAL

- Para designar os números entre cem e duzentos, emprega-se a forma *cento*: *cento* e um reais, *cento* e vinte alunos.

Cem, forma contracta de *cento*, e como esta invariável, designa o número sucessivo a 99: *cem* anos, *cem* escolas.

- *Ambos*, feminino *ambas*, é número dual e significa *os dois*, *um e outro*:

Ambas as mãos estavam feridas.

"E como em *ambos* os reinos havia pecado, castigava-os Deus a *ambos*." (ANTÔNIO VIEIRA)

- Na designação dos séculos, reis e papas, usam-se os ordinais de um a dez e os cardinais de onze em diante. Exemplos:

Século V (*quinto*)	Século XX (*vinte*)
Pedro II (*segundo*)	Luís XV (*quinze*)
Pio X (*décimo*)	Pio XII (*doze*)

- Com referência ao primeiro dia do mês, usa-se o numeral ordinal:

"Outra missa foi celebrada no dia *1º de maio*, em terra firme." (JOÃO RIBEIRO)

Na designação dos outros dias do mês, emprega-se o cardinal:

D. João VI chegou ao Brasil *a* (ou *em*) *24* de janeiro de 1808.

"*A 2* de maio aprestaram-se para a partida." (JOÃO RIBEIRO)

"*Aos 21* de abril teve indícios de terra próxima." (JOÃO RIBEIRO)

- Na referência às páginas de um livro e nos endereços de apartamentos e casas de uma vila, usam-se os numerais cardinais:

Abri o livro na página *22*. [vinte e dois]

Apartamento *504*. Casa *2*. [dois]

- Diz-se corretamente:

Era *meio-dia e meia* (isto é, 12 *horas e meia*), e não *meio-dia e meio*.

- Não se usa o numeral *um* antes de *mil*.

Mil reais (e não *um mil reais*) é pouco.

Emprestei-lhe *mil* e seiscentos reais.

- Quando o sujeito da oração é *milhões*, seguido do substantivo feminino no plural, o particípio ou o adjetivo podem concordar, no masculino, com *milhões*, ou, por atração, no feminino, com o substantivo feminino:

Dois *milhões* de sacas de cereais estão ali *armazenados*. (ou *armazenadas*)

Foram *vacinados* cinco *milhões* de pessoas.

Os dois *milhões* de moedas serão *cunhados* (ou *cunhadas*) ainda neste ano.

- Os numerais multiplicativos *quíntuplo, sêxtuplo, sétuplo e óctuplo* usam-se também como substantivos para designar os indivíduos nascidos do mesmo parto. Exemplo:

Os quíntuplos ainda estão no berçário.

- Na linguagem afetiva e hiperbólica, usam-se certos numerais esvaziados do seu sentido próprio para exprimir número indeterminado, infinidade:

Durante a visita falou-se de *mil e uma* coisas.

"Na guerra os meus dedos disparam *mil* mortes." (Junqueira Freire)

"A vida tem uma só entrada: a saída é por *cem* portas." (Marquês de Maricá)

"Vá para os *seiscentos* diabos, inglês, que em negócio de amor lógica não entra!" (Luís Jardim)

4 PRONOMES PESSOAIS

Via de regra, os pronomes pessoais retos empregam-se como sujeitos, e os oblíquos como objetos ou complementos. Exemplo:

Ele	me	defende.
sujeito	*objeto direto*	*verbo*

- Contudo, as formas retas *ele(s), ela(s), nós, vós* também se usam com função objetiva, mas regidas sempre de preposição. Exemplos:

Pagarei *a ele mesmo*.

Lutei *contra ele*.

Atiraram *contra nós*.

Confio *em vós*.

Foi uma cena inédita; os que *a ela* assistiram ficaram impressionados.

"As suas palavras perderam-se no ar, ninguém deu atenção *a elas*." (Viriato Correia)

- Na linguagem coloquial informal, podem-se usar as formas pronominais retas como objetos diretos quando precedidas de *todos* ou *todas* ou acompanhadas de numeral:

Eu trouxe *todos eles* comigo.

Vi *todas elas* entrando na água.

"Quando crescêssemos mais ele ia pôr *nós dois* para amansar burro bravo." (José J. Veiga)

Na língua culta se dirá:

Eu *os trouxe* (ou *trouxe-os*) *todos* comigo. Eu *as vi todas* entrando na água.

Ele *nos iria* pôr *aos dois* para amansar burro bravo.

- As formas *o, a, os, as* empregam-se como objetos diretos:

Ninguém *o* agrediu. As crianças *os* seguiam.

Se *a* vejo triste, consolo-*a*. Os homens *as* admiram.

Observação:

✔ Eventualmente, podem esses pronomes funcionar como sujeito de uma oração infinitiva, como no exemplo:

Mande-o entrar.

[*Mande:* oração principal; *o entrar:* subordinada objetiva direta; *o:* sujeito]

- As formas átonas *lhe, lhes* usam-se como objetos indiretos:

Cedo-*lhe* a vez. Não *lhe* pagou a dívida.

Obedece-*lhes* com alegria. Ensinei-*lhes* o caminho.

- Os pronomes *me, te, se, nos, vos* são objetos diretos ou indiretos, conforme o verbo for transitivo direto ou transitivo indireto:

Objeto direto	**Objeto indireto**
Ele *me* estima.	Ele *me* obedece.
Todos *te* esperam.	Cedo-*te* o lugar.
A criança feriu-*se*.	Dá-*se* ares de importante.
Ele *nos* convidou.	Perdoe-*nos*.
Eu *vos* louvo.	Pergunto-*vos*: o que diz a lei?

- As formas tônicas *mim, ti* e *si* são sempre regidas de preposição:

Ela sentou-se *entre mim* e Lúcio.

Ele estava *entre* Nair e *mim*.

Podes viver *sem mim*, não posso viver *sem ti*.

Ele venceu *por si* mesmo.

Eles discutiam *entre si*, mas não brigavam.

O estrondo chegou *até mim*.

"... *entre mim* e *ti* está a cruz ensanguentada do Calvário." (Alexandre Herculano)

5 EU OU MIM?

- Observe o uso correto destes pronomes:

Ele deu o livro *para mim*.

Ele dera o livro *para eu* guardar. [E não: *para mim* guardar]

Não é difícil, *para mim*, ir lá. [*Para mim*, não é difícil ir lá.]

Fizeram tudo *para eu* ir lá. [*para eu ir lá* = para que eu fosse lá]

Ela chegou até *mim*.

Não vá *sem mim*.

Não vá *sem eu* mandar. [*sem eu mandar* = sem que eu mande]

"Não vá *sem eu* lhe ensinar a minha filosofia da miséria." (MACHADO DE ASSIS)

Note bem: emprega-se o *eu* quando for sujeito de um verbo no infinitivo, e *mim* quando complemento, ou adjunto adverbial.

- Os pronomes reflexivos *si* e *consigo*, para serem usados de acordo com a norma culta da língua, devem referir-se ao sujeito da oração. Exemplos:

O *egoísta* só pensa em *si*. [*si* refere-se ao sujeito *egoísta*]

Marcos levou a filha *consigo*. [*consigo* refere-se ao sujeito *Marcos*]

Os chefes reservaram os melhores lugares para *si*.

É óbvio que o *réu* não vai depor contra *si* próprio.

Você deve é cuidar de *si* e deixar os outros em paz.

O *criminoso* prejudica os outros e a *si* próprio.

O *senhor* guarde o recibo *consigo*.

O *vento* traz *consigo* a tempestade.

Lúcia gostava de usar o vestido que a *mãe* fizera para *si* mesma.

Inácio queria aquele importuno bem longe de *si*.

Passaram os *vândalos*, deixando após *si* destruição e lágrimas.

"... quantos não vale a [casa] que *você* deseja para *si*? (MACHADO DE ASSIS)

"*Ele* tem diante de *si* um velho inimigo." (ASSIS BRASIL)

- Em frases como as citadas no parágrafo anterior, não se deve usar *ele*, *ela*, em vez de *si*:

Marcos levou a filha *com ele*. (errado)

Marcos levou a filha *consigo*. (certo)

Ele tem *diante dele* um velho inimigo. (errado)

Ele tem *diante de si* um velho inimigo. (certo)

- São consideradas incorretas frases em que *si* e *consigo* não se referem ao sujeito da oração, como estas:

Eu tenho um recado para *si*, Regina.

[*eu*: 1ª pessoa; *si*: 2ª pessoa]

Mestre, nós queremos falar *consigo*.

[*nós*: 1ª pessoa; *consigo*: 2ª pessoa]

Segundo o padrão culto, as construções corretas são:

Eu tenho um recado para *você*, Regina.

Mestre, nós queremos falar com o *senhor*.

- Todavia, não nos parece condenável, na linguagem coloquial, o emprego de *si* e *consigo* sem caráter reflexivo, desde que tais pronomes não comprometam a clareza da frase. Entre outras razões, por serem mais cômodos, e às vezes mais adequados que os tratamentos *você* e o *senhor*. Exemplos:

"Se com a roleta empenada ainda der o 17 – e o senhor bem sabe que é impossível dar –, eu concordarei *consigo*." (Jorge Amado)

"Ora, isto é que eu não esperava de *si*, senhor Eduardo." (Camilo Castelo Branco)

"O caso é mesmo delicado para *si*, dada sua situação anterior." (Amando Fontes)

- Em vez de *conosco, convosco*, diz-se *com nós, com vós*, sempre que esses pronomes vierem acompanhados de palavra determinativa, como *próprios, mesmos, outros, todos*, etc.

Com nós outros isso não acontece.

Falei *com vós mesmos*.

O barco virou *com nós três*.

- As sequências pronominais *se o, se a, se os, se as* sempre foram condenadas pelos gramáticos e repelidas pelos bons escritores. Não se deve dizer, portanto:

Teu livro é bom, mas não *se o* encontra em parte alguma.

Os erros não *se os* cometem impunemente.

Roupa fica mais limpa quando *se a lava* com sabão.

As aves são livres, não *se as deve prender*.

As construções corretas são:

Teu livro é bom, mas não *se encontra* (ou *não é encontrado*) em parte alguma.

Os erros não *se cometem* impunemente.

Roupa fica mais limpa quando *se lava* (ou *quando lavada*) com sabão.

As aves são livres, não *se deve prendê-las*.

- Os pronomes oblíquos substituem muito elegantemente os possessivos em frases como as seguintes:

O barulho perturba-*me* as ideias. [O barulho perturba *as minhas ideias*.]

Ninguém *lhe* ouvia as queixas. [Ninguém ouvia as *suas queixas*.]

O vento *nos* despenteava os cabelos. [O vento despenteava os *nossos cabelos*.]

"A borboleta pousou-*me* na testa." (Machado de Assis)

"Laura acariciou-*lhe* o queixo num gesto vacilante." (Lígia Fagundes Telles)

"O lábio crispou-se-*lhe* num riso de maldade." (Olavo Bilac)

"Senti os olhos encherem-se-*me* de lágrimas." (Herberto Sales)

"O terror *lhes* contorce subitamente as faces." (Érico Veríssimo)

6 CONTRAÇÃO DOS PRONOMES OBLÍQUOS

Os pronomes oblíquos *me, te, lhe, nos, vos, lhes* contraem-se com os pronomes átonos *o*[1], *a, os, as*, da seguinte maneira:

me	+	o: *mo*	te	+	o: *to*	lhe	+	o: *lho*
me	+	a: *ma*	te	+	a: *ta*	lhe	+	a: *lha*
me	+	os: *mos*	te	+	os: *tos*	lhe	+	os: *lhos*
me	+	as: *mas*	te	+	as: *tas*	lhe	+	as: *lhas*
nos	+	o: *no-lo*	vos	+	o: *vo-lo*	lhes	+	o: *lho*
nos	+	a: *no-la*	vos	+	a: *vo-la*	lhes	+	a: *lha*
nos	+	os: *no-los*	vos	+	os: *vo-los*	lhes	+	os: *lhos*
nos	+	as: *no-las*	vos	+	as: *vo-las*	lhes	+	as: *lhas*

Exemplos:

Recebi os livros e gratifiquei o rapaz que *mos* entregou.

Se ele pedir a moto, eu *lha* emprestarei.

"Meu pai, que *mas* impôs inexoravelmente, considerava-as maravilhas." (VIVALDO COARACI)

"Punha a cereja, e a rir *ma* ofertava sem pejo." (RAIMUNDO CORREIA)

"O coração humano tem seus abismos e às vezes *no-los* mostra com crueza." (CIRO DOS ANJOS)

"Comeríamos à mesa, se *no-lo* ordenassem as escrituras." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

O que os santos têm de mais sagrado são os pés. Por isso os antigos fiéis *lhos* beijavam." (MÁRIO QUINTANA)

Observação:

✔ O emprego desses conglomerados pronominais restringe-se à língua escrita, nas modalidades literária e científica. Em geral, os autores brasileiros de hoje os evitam, dado o artificialismo de tais contrações.

▪ Registrem-se alguns casos curiosos de emprego expressivo dos pronomes oblíquos:

Não *me* toque nessa pasta.

Leve-*me* esse homem para fora.

Não *me* venhas com desculpas.

"No dia seguinte, entra-*me* em casa o Cotrim." (MACHADO DE ASSIS)

"Como eu tivera bons começos de música, os papéis *me* eram fáceis." (RIBEIRO COUTO)

As coisas não *lhe* saíram como esperava.

Observação:

✔ Nos três primeiros exemplos, o pronome *me* denota interesse e é expletivo: portanto, sem função sintática.

(1) Pronome pessoal ou pronome demonstrativo.

7 O PRONOME *SE*

O pronome *se* aparece na frase como:

- pronome reflexivo, com a função sintática de objeto direto de verbos reflexivos:

Se você está doente, *trate-se*.

"A verdade é que o marinheiro não *se matou*." (MACHADO DE ASSIS)

"Os monges budistas *se imolam* em praça pública." (JOSÉ CARLOS OLIVEIRA)

"Tibério fez um rápido exame de consciência e *achou-se* culpado." (ÉRICO VERÍSSIMO)

- pronome reflexivo, com a função de objeto indireto de verbos reflexivos:

Ele *arroga-se* o direito de intervir. [se = *a si*]

Ela *impôs-se* uma dieta severíssima.

O rapaz *dá-se* muita importância.

Eles *atribuem-se* qualidades que não têm.

- pronome reflexivo, com a função de objeto direto de verbos reflexivos recíprocos:

Os dois *amam-se* como irmãos. [um ama *o outro*]

"Os repórteres *entreolharam-se* em silêncio." (ÉRICO VERÍSSIMO)

"Os dois homens *cumprimentaram-se* friamente." (MACHADO DE ASSIS)

"Os elegantes *acotovelam-se* nos corredores." (FRANÇA JÚNIOR)

- pronome reflexivo e objeto indireto de verbos reflexivos recíprocos:

Os dois jovens *deram-se* provas de profunda amizade.

Avó e neta *queriam-se* muito. [uma queria muito *à outra*]

Os dois escritores *se corresponderam* durante 40 anos.

- pronome reflexivo, sujeito de um infinitivo:

O cego deixa-*se* levar pelo guia." [*se*: sujeito de *levar*]

"Sofia deixou-*se* estar à janela." (MACHADO DE ASSIS)

"Deixou-*se* estar alguns meses em Curaçau, amadurecendo o projeto." (MOACIR WERNECK DE CASTRO)

- pronome apassivador. Forma a voz passiva pronominal, juntando-se a verbos transitivos:

"Ainda *se viam* ali carros carregados de madeira." (HERBERTO SALES)

"Justo é que *se deem* todas as honras a um personagem tão desprezado." (MACHADO DE ASSIS) [*se deem* = sejam dadas]

Sabe-se que as línguas evoluem.

"Jabuticaba *chupa-se* no pé." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

"Antes de *se batizarem* os gentios, *batizou-se* a terra encontrada." (MANUELA CARNEIRO DA CUNHA)

Devolveram-se as terras aos legítimos donos.

- índice de indeterminação do sujeito:

Aqui *se vive* em paz. *Pode-se* andar, sem medo, pela cidade.

Ali *trabalhava-se* com prazer.

Detesta-se aos aduladores.

Responde-se às cartas dos leitores.

Para que a obra fique pronta, é preciso que *se espere* ainda dois anos.

Trata-se de indivíduos aproveitadores.

Acabe-se com esses abusos!

Precisa-se de operários especializados.

Raro é o dia em que não *se assiste* a essas tristes cenas.

A vida é tão leve quando *se está* contente!

Nesse caso, o verbo concorda obrigatoriamente na 3ª pessoa do singular.

Na língua culta, não se usa o popular *você* em lugar de *se*, para indeterminar o sujeito. Diga-se, portanto:

Antigamente *podia-se* (e não *você podia*) andar sem medo pela cidade.

Quando *se está* (e não quando *você está*) feliz, a vida fica mais leve.

"Quando *se é* o homem mais rico das redondezas, mais vale se prevenir." (NÉLIDA PIÑON)

- Palavra expletiva ou de realce. Neste caso o pronome *se*, sem ser rigorosamente necessário, transmite à ação verbal mais vigor, ênfase, ou certa espontaneidade:

As moças *sorriam-se*, agradecidas. [As moças sorriam, agradecidas.]

"*Vai-se* a primeira pomba despertada..." (RAIMUNDO CORREIA)

"O auditório *riu-se* ao ouvir tantas afirmações tolas." (*AURÉLIO*)

No caso em apreço, o pronome *se*, não tendo valor gramatical, mas apenas estilístico, não exerce função sintática.

- Parte integrante de verbos que exprimem sentimentos, mudança de estado, movimento, etc., como *queixar-se, arrepender-se, alegrar-se, converter-se, afastar-se* e outros verbos pronominais.

O *se* que se associa a esses verbos não tem função sintática.

8 PRONOMES POSSESSIVOS

- Os possessivos *seu(s)*, *sua(s)* tanto podem referir-se à 3ª pessoa [*seu* pai = o pai *dele*], como à 2ª pessoa do discurso [*seu* pai = o pai *de você*].

Por isso, toda vez que os ditos possessivos derem margem a ambiguidade, devem ser substituídos pelas expressões *dele(s)*, *dela(s)*:

Você bem sabe que eu não sigo a opinião *dele*.

"A opinião *dela* era que Camilo devia tornar à casa *deles*." (MACHADO DE ASSIS)

"Eles batizaram com o nome *delas* as águas deste rio..." (TIAGO DE MELO)

- Os possessivos devem ser usados com critério. Substituí-los pelos pronomes oblíquos comunica à frase desenvoltura e elegância:

"Crispim Soares beijou-*lhe* as mãos agradecido." (MACHADO DE ASSIS) [Em vez de: beijou as *suas* mãos]

"Não *me* respeitava a adolescência..." (MACHADO DE ASSIS)

"A repulsa estampava-se-*lhe* nos músculos da face." (FERNANDO NAMORA)

"O vento vindo do mar acariciava-*lhe* os cabelos." (JOSÉ MAURO DE VASCONCELOS)

- Além da ideia de posse, podem ainda os possessivos exprimir:

a) cálculo aproximado, estimativa:

Ele poderá ter *seus* quarenta e cinco anos.

b) familiaridade ou ironia, aludindo-se à personagem de uma história:

O *nosso* homem não se deu por vencido.

"Chama-se Falcão o *meu* homem." (MACHADO DE ASSIS)

c) o mesmo que os indefinidos *certo, algum*:

Será ele um homem íntegro? Eu tenho cá *minhas* dúvidas.

Cornélio, como sabemos, teve *suas* horas amargas.

d) afetividade, cortesia:

Como vai, *meu* menino?

"Não os culpo, *minha* boa senhora, não os culpo." (JOÃO CARLOS MARINHO)

- No plural se usam os possessivos substantivados no sentido de *parentes, família*:

"É assim que um moço deve zelar o nome dos *seus*?" (MACHADO DE ASSIS)

- Podem os possessivos ser modificados por um advérbio de intensidade:

"Levaria a mão ao colar de pérolas, com aquele gesto *tão seu*, quando não sabia o que dizer." (LÍGIA FAGUNDES TELES)

- Quando desnecessários, omitem-se os pronomes possessivos, principalmente antes de nomes de partes do corpo:

Estendi *o braço* para apanhar a flor.

Enxugou com *a mão* uma lágrima indiscreta.

9 PRONOMES DEMONSTRATIVOS

- De modo geral, os demonstrativos *este(s), esta(s), isto* se aplicam às pessoas ou coisas que se acham perto da pessoa que fala ou lhe dizem respeito; ao passo que *esse(s), essa(s), isso* aludem a coisas que ficam próximas da pessoa com quem se fala ou a ela se referem. Exemplos:

Leve *este* livro para você.

Esta é a minha opinião.

Não sei onde andas com *essa* cabeça!

"Praxinoa, *esse* teu vestido de pregas te vai muito bem." (CECÍLIA MEIRELES)

Isto (que eu tenho) é o que há de melhor.

Isso (que dizes) não me parece certo.

"Campanhas de vacinação sempre provocaram resistência, mas *isso* era antigamente." (JOÃO UBALDO RIBEIRO)

- Usa-se *nisto* adverbialmente, como sinônimo de *nesse momento, nesse entretempo*:

"*Nisto* deu o vento e uma folha caiu." (MONTEIRO LOBATO)

- Não raro, os demonstrativos aparecem na frase, em construções redundantes, com finalidade expressiva, para salientar algum termo anterior:

"Bernardina, *essa* é que dera em cheio casando com o Manuel da Ventosa." (ALEXANDRE HERCULANO)

"A estrada do mar, larga e oscilante, *essa*, sim, o tentava." (JORGE AMADO)

"Ora o povo, *esse* o que precisa é saber que existe Deus." (CAMILO CASTELO BRANCO)

Subindo pelo vale do Itajaí, alcançamos Brusque e, depois, Blumenau, cidades *essas* que nos impressionaram pela sua avançada indústria fabril.

Ter sede e não poder beber, *isso* é que é atroz!

- O pronome demonstrativo neutro *o* pode representar um termo ou o conteúdo de uma oração inteira, caso em que aparece, geralmente, como objeto direto, predicativo ou aposto. Exemplos:

Ia dizer-lhe umas palavras duras, mas não *o* fiz.

Quiseram gratificar-me, o que me deixou constrangido.

"*Ninguém teve coragem de falar* antes que ela *o* fizesse." (JOSÉ CONDÉ)

"*Era uma bela ponte*, ele próprio *o* reconhecia." (ANÍBAL MACHADO)

"*Era meu* o universo; mas, ai triste! Não *o* era de graça." (MACHADO DE ASSIS)

"*Se lagoa existiu*, pouca coisa *o* indica." (POVINA CAVALCÂNTI)

"Dirás que sou *ambicioso*? Sou-*o* deveras, mas..." (MACHADO DE ASSIS)

"*O jantar ia ser um desastre*. Todos *o* pressentiam." (FERNANDO NAMORA)

- Para evitar a repetição de um verbo anteriormente expresso, é comum empregar-se, em tais casos, o verbo *fazer*, chamado, então, verbo *vicário* (= que substitui, que faz as vezes de). Exemplos:

Ia dizer-lhe umas palavras duras, mas não *o* fiz.

Ele ajudava os pobres e *o fazia* sem alarde.

"O jornal informa e *o faz* corretamente, afirmava, vitorioso, o editorial." (JORGE AMADO)

- Vimos que as preposições *a, de* e *em* podem contrair-se com o pronome demonstrativo *o*. Veja mais estas abonações:

"*Do* que gostamos é de vinhaça e viola." (EÇA DE QUEIRÓS)

Sabemos *no* que resultam essas campanhas.

"Cada qual nutre a esperança de trazê-lo pelo cabresto. *No* que se enganam redondamente." (CIRO DOS ANJOS)

- Diz-se corretamente:

Não sei *que* fazer. Ou: Não sei *o que* fazer.

Mas, se se empregar um dos pronomes *mais, muito, pouco, nada*, antes do *que*, não terá cabimento o pronome *o*:

Tenho *muito* (ou *mais*) *que* fazer. [E não: Tenho *muito o que* fazer.]

"Bolívar ainda tinha *muito que fazer* em terras americanas." (MOACIR WERNECK DE CASTRO)

Havia *pouco que* acrescentar.

Não havia *nada que* comer.

- Em frases como a seguinte, *este* refere-se à pessoa mencionada em último lugar, *aquele* à mencionada em primeiro lugar:

"O referido advogado e o Dr. Tancredo Lopes eram amigos íntimos: *aquele* casado, solteiro *este*." (VALENTIM MAGALHÃES) [ou então: *este* solteiro, *aquele* casado]

- O pronome demonstrativo *tal* pode ter conotação irônica:

"A senhora foi *a tal* que usou minha cozinha?" (EDY LIMA)

- *Desses* e *dessas* equivalem a *desse gênero, tais,* em frases como:

Hoje, não se fazem mais *desses* aparelhos.

"A vida opressiva do mato exige *dessas* compensações." (CASSIANO RICARDO)

10 PRONOMES RELATIVOS

- O antecedente do pronome relativo *que* pode ser nome de coisa ou de pessoa, ou o demonstrativo *o*, ou outro pronome. Exemplos:

Há *coisas que* aprendemos tarde.

"Vi-a falar com desdém, e um pouco de indignação, da *mulher* de *que* se tratava, aliás sua amiga." (MACHADO DE ASSIS)

"Bendito *o que*, na terra, o fogo fez, e o teto." (OLAVO BILAC)

O relativo *que* às vezes equivale a *o que, coisa que,* e se refere a uma oração:

"Não chegou a ser padre, mas não deixou de *ser poeta, que* era a sua vocação natural." (MACHADO DE ASSIS)

- Conforme vimos, numa série de orações objetivas coordenadas, pode ocorrer a elipse do relativo *que*:

"A sala estava cheia de gente que conversava, *ria, fumava*." (LÚCIO DE MENDONÇA)

- O relativo *quem* é sempre regido de preposição e, na língua moderna, se refere exclusivamente a pessoas ou coisas personificadas:

Não há pessoa estranha *diante de quem* ela não fique inibida.

O funcionário *por quem* fui atendido mostrou-se gentil.

"São amiguinhas *a quem* quero bem." (VIVALDO COARACI)

Ao encontro malsoante *sem quem* deve-se preferir *sem o qual*:

Estávamos esperando Otávio, *sem o qual* não podíamos sair.

- *Cujo* (e suas flexões) é pronome adjetivo e equivale a *do qual, da qual, dos quais, das quais*:

O cavalo é um animal *cujo* pelo é liso. [= o pelo *do qual* é liso]

As abelhas, *cuja* operosidade é proverbial, vivem em colmeias.

Há na selva milhares de plantas *cuja* seiva é benéfica à vida humana.

No colégio tive muitos amigos, de *cujos* nomes nem me lembro mais.

Incentivemos a agricultura, de *cujos* produtos não podemos prescindir.

Podemos conviver com pessoas de *cujas* ideias discordamos.

O substantivo determinado por este pronome não virá precedido do artigo: *cujo pelo* (e não *cujo o pelo*), *cuja operosidade* (e não *cuja a operosidade*), *cujos nomes* (e não *cujos os nomes*).

- Erro grosseiro é usar *cujo* em vez de *que* ou *o qual*, como na frase:

Saía da caverna um ruído estranho, *cujo* me assustou. (errado)

Saía da caverna um ruído estranho, *que* me assustou. (certo)

- Não menos grosseiro é o erro inverso, que consiste em substituir *cujo* por *de quem* ou *do qual*:

No colégio tive muitos amigos *de quem* nem me lembro mais dos nomes.

Incentivamos a agricultura, *da qual* não podemos prescindir dos produtos.

Podemos conviver com pessoas *de quem* discordamos das ideias.

- O relativo *o qual* (e suas flexões), principalmente quando regido da preposição, pode substituir o pronome *que*:

É um passado extinto e *de que* (ou *do qual*) ninguém se lembra.

Eis o magno problema *por que* (ou *pelo qual*) me bato.

"Fizeram-lhe graves acusações, *das quais* ele se defendeu com hombridade e energia." (Carlos de Laet)

- Por clareza usa-se *o qual* em vez de *que*, quando este vier distanciado de seu antecedente, ensejando falsos sentidos:

Regressando de Ouro Preto, visitei o sítio de minha tia, *o qual* me deixou encantado.

"Numa quinta para lá da encosta, houve uma reunião de famílias de Lisboa, *à qual* fui convidado." (Camilo Castelo Branco)

"Fora ele, enfim, que negociara a trégua dos doze anos, *a qual* deu a Holanda a época da sua maior prosperidade, da sua maior riqueza." (Ramalho Ortigão)

"À esquerda acham-se as prateleiras forradas de linho alvejante, *sobre as quais* se ostentam os queijos ainda frescos, retirados das formas." (Ramalho Ortigão)

Como se vê dos exemplos precedentes, o pronome relativo *o qual* aparece, geralmente, em orações adjetivas explicativas, e, por ser palavra tônica, é reclamado para imprimir à frase ritmo e harmonia.

- As preposições *ante, após, até, desde, durante, entre, perante, mediante, segundo* (vale dizer, preposições com duas ou mais sílabas), bem como as monossilábicas *sem* e *sob* e todas as locuções prepositivas, constroem-se com o pronome *o qual* e nunca com o pronome relativo *que*. As preposições *contra, para* e *sobre* usam-se, de preferência, com o pronome *o qual*. Exemplos:

Perguntei-lhe quantos eram os temas *sobre os quais* ele devia falar.

"Teve então início um breve cerimonial contábil, *durante o qual* só se ouvia o ruído da pena arranhando o papel." (Herberto Sales)

"E havia a grande mangueira *sob a qual* um grupo de crianças tranquilamente ouvia as histórias que uma mulher contava." (CECÍLIA MEIRELES)

"Observava a presença de pequeníssimos corpúsculos, *sem os quais* a água perdia aquelas propriedades fosforescentes." (CECÍLIA MEIRELES)

"Dizia Napoleão que sempre há algum artigo de lei *em virtude do qual* se pode mandar enforcar um cidadão, sendo necessário." (CIRO DOS ANJOS)

"Glória e Gabriela ficaram, pois, com as damas, *entre as quais* se achava uma bela e jovem senhora que se chama Berta..." (CIRO DOS ANJOS)

"Tinha a ciência da economia doméstica, *mediante a qual* sabia despender utilmente, sem faltas nem sobras." (MACHADO DE ASSIS)

"E Luísa estaria presente – a última testemunha *perante a qual* ele seria insensível ao vexame." (FERNANDO NAMORA)

"Havia também um tanque, *em torno do qual* a empregada se agitava." (LEANDRO TOCANTINS)

"Esta é uma cidade *sobre a qual* se perdeu todo o controle." (IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO)

- As preposições monossilábicas *a, com, de, em* e *por*, quando iniciam orações adjetivas restritivas, empregam-se, de preferência, com o pronome *que*:

A moça [*a que* me refiro] não é desta cidade.

Não encontrei os livros [*de que* precisava].

O atalho [*por que* passamos] atravessava a mata.

- Como já vimos anteriormente, os pronomes relativos vêm precedidos de preposição (ou locução prepositiva) quando o verbo da oração adjetiva a reclamar. Exemplos:

Ainda me lembro dos passeios *a que* ele me levava. [*levar a* um lugar]

São muitas as pessoas *de quem* dependemos. [*depender de* alguém]

O processo terapêutico caiu em desuso, motivo *por que* hoje poucos o conhecem.

"Vou hoje saber o preço *por que* o vendeu." (MACHADO DE ASSIS)

"... árvore fatal *a cuja* sombra adormecemos indolentes." (CARLOS DE LAET)

"A vista é o sentido *através do qual* mais ofendidas são as nossas ideias estéticas." (VIVALDO COARACI)

"... parecia uma múmia viva, *no fundo de cujas* órbitas se houvessem enxertado os olhos lustrosos e limpos dum homem de trinta anos." (ÉRICO VERÍSSIMO)

Observações:

✔ Como vimos, *onde*, como pronome relativo, refere-se a um antecedente, equivale a *em que, no qual*, e pode vir regido de preposição:

O rio *onde* pescam está poluído.

O caminho por *onde* passamos é muito perigoso.

✔ Distinga-se *por que* [= pelo qual] de *porque* [conjunção] e de *por que* [advérbio]:

Foi amarga a experiência *por que* passei. Não fui *porque* chovia. *Por que* chora?

11 PRONOMES INDEFINIDOS

Eis o que convém saber acerca do emprego de certos pronomes indefinidos:

- **algum**

Anteposto ao substantivo, tem significação positiva; posposto apresenta valor negativo:

Algum amigo os traiu. [= um amigo]

Amigo *algum* os traiu. [= nenhum amigo]

Em hipótese *alguma* admitirei isto. [*alguma* = nenhuma]

"Você, afinal, é que não mudou em coisa *alguma*." (FERNANDO NAMORA)

"O homem não é integralmente feliz em parte *alguma* do mundo." (FERREIRA DE CASTRO)

- **cada**

Pode apresentar-se na frase com valor:

a) distributivo:

Cada livro custou dez dólares!

Lúcia visita os pais *cada* três meses.

b) intensivo:

Lá na cidade tem *cada* moça bonita!

"Dentão grande, pezão grande, *cada* unha!" (GRACILIANO RAMOS)

De modo geral, não é necessário empregar a preposição *a* antes de *cada*, em adjuntos adverbiais de tempo. Exemplos:

É preciso adubar a terra *cada* ano. Ana compra roupas *cada* seis meses.

Os preços aumentavam *cada* dia. Esse risco nos ameaça *a cada* instante.

A forma correta é *cada um(a)*, e não simplesmente *cada*, em frases como:

Os livros custaram dez reais *cada um*.

As máquinas custaram dois mil reais *cada uma*.

- **demais**

Significa *os outros, os restantes*:

Dos quadros que fiz só tenho dois; os *demais* eu vendi.

Observação:

✔ Não confundir o pronome indefinido *demais* com o advérbio de intensidade *demais* (Comeu *demais*), nem com a locução adverbial *de mais* (Não fez nada *de mais*), ou com a palavra continuativa *demais* (além disso): João relutou em saldar o débito; *demais* (ou *demais disso*), ele pagou fora do prazo.

- **menos, mais**

a) *Menos* é invariável:

É preciso gastar *menos* água. [e não: *menas água*]

Na roseira, há menos rosas do que espinhos. [e não: *há menas rosas*]

b) *Mais* significa *muitos, uma infinidade,* em frases como:

Os índios avançavam, atirando flechas e *mais* flechas.

▪ nenhum

Posposto ao substantivo, aviva a negação:

"Seu Ivo não mora em parte *nenhuma*". (GRACILIANO RAMOS)

Cumpre distinguir *nenhum* de *nem um*:

Não recebeste *nenhum* elogio? [= elogio algum]

Não recebi *nem um* elogio. [*sequer um elogio*]

▪ certo

Antepõe-se a um substantivo, podendo, em alguns casos, vir precedido do artigo *um*:

Tinha *certo* ar de superioridade.

Chegamos ao sítio de *um certo* Eufrásio.

▪ qual

Como pronome indefinido, tem o sentido de *cada qual*:

"Em seguida desceram, e já não eram dois, mas sim dez meninos, *qual* mais fagueiro, e todos diziam que iam acabar com a ratazana." (LUÍS HENRIQUE TAVARES)

▪ qualquer

O plural deste pronome é *quaisquer*:

Executamos *quaisquer* serviços.

- Pode apresentar-se com sentido depreciativo:

"A intenção dele é mostrar que não é criado de *qualquer*." (MACHADO DE ASSIS)

▪ todo

Modernamente, costuma-se distinguir *todo* [= cada, qualquer] e *todo o* [= inteiro, completo]:

Li *todo o* livro. [= o livro *todo* ou *inteiro*]

Lia *todo* livro que encontrasse. [= *cada* ou *qualquer* livro]

- Usa-se como advérbio, no sentido de *completamente*, mas geralmente flexionando-se em gênero e número:

Os ipês estavam *todos* floridos.

A roupa estava *toda* molhada.

As alunas iam *todas* alegres.

- Todavia, também é lícita a forma invariável:

As ruas ficaram *todo* alagadas.

Os picos estavam *todo* cobertos de neve.

- **Tudo**

Pode-se dizer, indiferentemente, *tudo que* ou *tudo o que*:

Esqueça *tudo que* ficou atrás. Nem *tudo que* brilha é ouro.

Esqueça *tudo o que* ficou atrás. Nem *tudo o que* brilha é ouro.

12 ADVÉRBIO

- Os advérbios modificam o verbo, o adjetivo ou outro advérbio, conforme já vimos.

São anômalos e raríssimos os casos em que advérbios de intensidade se referem a um substantivo ou pronome, desempenhando a função de reforço enfático. Exemplos:

Aquele gesto *tão seu* encantava-me.

"Você ignora que quem os cose sou eu, e *muito eu*?" (MACHADO DE ASSIS)

"O vento era *todo malícia*." (ANÍBAL MACHADO)

- Os advérbios são, na sua generalidade, invariáveis. Alguns, porém, recebem as flexões de grau:

"Deveria ser *muitíssimo* longe." (MACHADO DE ASSIS)

"Foi vítima dum animalzinho *muitíssimo* menor." (MONTEIRO LOBATO)

Na linguagem afetiva usam-se as formas diminutivas dos advérbios com a ideia de intensidade, à maneira de superlativos:

"Amanhã espero você para brincar, *de tardinha*." (HELENA SILVEIRA)

"Há um amigo ali *pertinho*..." (ANÍBAL MACHADO)

"Tinha a impressão de que Zito estava dirigindo o país *direitinho*." (ANÍBAL MACHADO)

"Assis é *assinzinha*, do tamanho de uma concha." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

- Numa série de advérbios terminados em *-mente*, em geral só o último toma esse sufixo:

"Por que são fortes *econômica* e *militarmente*?" (ÉRICO VERÍSSIMO)

"Abalado *física, moral* e *espiritualmente*." (OTTO LARA RESENDE)

"*Velada* ou *abertamente*, falavam-me então dos tais fabulosos tratamentos." (FERNANDO NAMORA)

- Por ênfase, repete-se às vezes o sufixo:

"E [os tesouros] apareceram *fabulosamente, opulentamente, deslumbrantemente*..." (VIRIATO CORREIA)

- Comum é também usar o adjetivo em vez do advérbio terminado em *-mente*:

"Tancredo ergueu-se *rápido* do divã." (VALENTIM MAGALHÃES)

"As lanças eram *demasiado* leves." (MACHADO DE ASSIS)

"*Súbito* um sorriso iluminou-lhe a face." (JOSÉ MAURO DE VASCONCELOS)

- Os comparativos sintéticos *melhor* (mais bem) e *pior* (mais mal), *maior (mais grande)* e *menor* (mais pequeno), é óbvio, são invariáveis:

Vamos indo *melhor*.

As coisas andam *pior* do que antes.

"No próximo caderno vou escrever *menor* e mais depressa." (OTTO LARA RESENDE)

- Antes de particípio, diz-se, indiferentemente, *mais bem* ou *melhor*, *mais mal* ou *pior*:

Dali em diante, fomos *mais bem* (ou *melhor*) *tratados*.

Nunca recebi carta *mais mal* (ou *pior*) *redigida*.

Casa *mais mal* (ou *pior*) *construída* jamais vossos olhos verão.

"Tenho empregados que nunca estudaram e são *mais bem pagos*." (GRACILIANO RAMOS)

"Coisas mal ouvidas e *pior entendidas*." (ROCHA LIMA)

"E foi à estante e tirou um dos relatórios para ser *melhor visto*." (MACHADO DE ASSIS)

"Saí *melhor informado* de tudo e... mais tranquilo." (HERBERTO SALES)

"Gioconda às vezes reconhecia que Diana estava *melhor credenciada* para enfrentar a realidade." (NÉLIDA PIÑON)

"Temos terra, que pode ser mais e *melhor cultivada*, devemos cultivá-la."
(ANTÔNIO FELICIANO DE CASTILHO)

"... para que as mulheres ficassem *melhor acomodadas* no interior e os homens fora."
(CASSIANO RICARDO)

- Depois do particípio, usam-se exclusivamente as formas sintéticas:

A estátua foi *esculpida melhor* do que esperávamos.

Agora estamos sendo *atendidos pior* que antes.

- Uma coisa pode ser *melhor do que a outra*, e não *melhor a outra*. Portanto:

É *melhor* sacrificar a rês doente *do que* pôr em risco [e não *a pôr em risco*] a vida do rebanho inteiro.

Ele achou que era *melhor* morrer como herói *do que* viver como escravo.

- Não se confundam *menos mau* e *menos mal*. Recorde-se que *mau* (adjetivo) se opõe a *bom*, e *mal* (advérbio), a *bem*:

O *mau* humor de Gil me deixou *mal* impressionada.

"Creiam-me, o *menos mau* é recordar." (MACHADO DE ASSIS)

"Eu, porém, que sou médico e sei *menos mal* o meu Cláudio Bernard, encaro a questão por outra face." (VALENTIM MAGALHÃES)

- Ensinou-se, anteriormente, como se exprime o limite da possibilidade. Outros exemplos:

Cobri o rosto *o mais que pude* com o meu capuz.

"Guma fazia as viagens *o mais rápido que podia*." (JORGE AMADO)

"Conseguir uma linguagem literária que se aproxime *o mais possível* da linguagem oral."
(RAQUEL DE QUEIRÓS)

- O advérbio *aqui* assume, por vezes, nas narrativas, sentido temporal (= *neste momento, neste ponto*). Exemplo:

"*Aqui* uma nuvem escura envolveu-lhe o espírito." (ANÍBAL MACHADO)

- O advérbio *não* aparece, sobretudo em frases exclamativas, despojado de sua significação, como simples expletivo. Exemplos:

"Que doce a vida *não* era nessa risonha manhã! (CASIMIRO DE ABREU)

"Quantas angústias *não* passaram os manos...!" (RUBEM BRAGA)

- Em frases negativas o advérbio *já* indica cessação de um fato e vale o mesmo que *mais*. Exemplos:

"Agora *já* não se fazem destes aparelhos." (CARLOS DE LAET) [= Agora não se fazem *mais* destes aparelhos.]

"Arquiteto do mosteiro de Santa Maria *já* o não sou." (ALEXANDRE HERCULANO) [= não o sou *mais*]

A ênfase justifica o emprego simultâneo e redundante de *já* e *mais*:

"*Já* não há *mais* razão para a revolta." (ANÍBAL MACHADO)

"*Já* não se fazem *mais* frases como antigamente." (MOACIR WERNECK DE CASTRO)

- Na locução adverbial *a olhos vistos* (= claramente, visivelmente), o particípio permanece invariável, no masculino plural. Exemplos:

"Muitas, à força de jejuns, desmedravam *a olhos vistos*." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"O Brasil então medrava *a olhos vistos*, mantendo acima do par o valor da sua moeda." (CARLOS DE LAET)

- *Bastante*, antes de adjetivo, é advérbio, portanto, invariável:

Saíamos do encontro *bastante* satisfeitos.

As candidatas estavam *bastante* nervosas.

- É variável quando adjetivo ou pronome indefinido:

Tens recursos *bastantes* para a obra? [*bastantes* = suficientes]

Há provas *bastantes* para condenar o réu.

"Em torno de nós jaziam riquezas incontáveis, *bastantes* para pagar as dívidas de muitos Estados." (EÇA DE QUEIRÓS)

Isto aconteceu há *bastantes* anos. [*bastantes* = muitos]

Pode-se contestar o uso de *bastante(s)* no sentido de *muito(s)*, mas não faltam abonações de eminentes escritores brasileiros e portugueses.

- Normalmente, se diz:

Sabemos *quanto* custa perdoar uma injúria.

"Só então é que pude avaliar melhor *quanto* a adorava." (LUÍS JARDIM)

Todavia, é tendência generalizada antepor ao advérbio *quanto* a partícula expletiva *o*:

Eu mesmo não poderia negar *o quanto* queria a Dulce." (LUÍS JARDIM)

"Só agora via *o quanto* se enganara." (LÍGIA FAGUNDES TELLES)

- A tendência, hoje, é fazer distinção entre *onde* e *aonde*, combinação da preposição *a* com *onde*.

a) Usa-se *aonde* com verbos de movimento que se constroem com a preposição *a*, como *ir, chegar, levar*.

Não sei *aonde* foram. [*ir a* um lugar]

Aonde me levas? [*levar a* um lugar]

"Barqueiro do Douro, *aonde* chegaremos?" (CECÍLIA MEIRELES)

b) *Onde* é adequado a verbos que indicam permanência e que se constroem com a preposição *em*, como *estar, morar, ficar*.

Fique *onde* está. [*estar em* um lugar]

Onde mora a jovem? [*morar em* um lugar]

- *Onde* é de rigor quando precedido de preposição:

Até onde vou não sei. *Para onde* ir?

De onde vem essa gente? Siga *por onde* lhe indiquei.

Observações:

✔ De acordo com o *Vocabulário Ortográfico*, escreve-se o advérbio interrogativo *por que* em duas palavras: "*Por que* não vens?" "Queria saber *por que* não vens."

✔ Contudo, a grafia *porque*, numa só palavra, é mais acertada e coerente e a que melhor se harmoniza com o nosso sistema ortográfico simplificado.

EXERCÍCIOS LISTA 58

1. Anteponha o artigo definido às expressões que o admitem:

meu pai	Recife	moderna Lisboa
Vossa Excelência	minha casa	Nossa Senhora
Sua Majestade	casa paterna	Bahia
Cairo	Lisboa	Açores

2. Anteponha às palavras em destaque o artigo definido, quando necessário:

a) Como pode o pássaro voar, se tem ambas **asas** feridas?

b) Não é todo **país** que possui florestas como o nosso.

c) Percorri todo **país**, de norte a sul.

d) Afinal, dei com uma caverna, cuja **entrada** mal se percebia.

e) São artistas que provieram de classes sociais **mais** contrastantes.

f) São muito importantes esses rios, pois todos **três** são navegáveis.

g) Você bem sabe **quanto** lutei para conseguir este emprego.

h) Eles navegaram meses sem ver **terra**.

3. Numere de acordo com o valor dos adjetivos:

(1) substantivo

(2) advérbio

(3) superlativo

A morte de Sílvia golpeou-a **fundo**.

Era tão **fragilzinha** a minha amiga!

Não deixe o **certo** pelo **duvidoso**.

Breve estarei contigo.

Ele compra **barato** e vende **caro**.

Deu-se então o **inevitável**.

4. Identifique a que sentido (olfato, audição, paladar, tato, visão) se referem os adjetivos abaixo e junte-os a substantivos a que se possam aplicar:

Exemplo: fruta **doce** (paladar)

acre, ofuscante, tépido, sibilante, macio, lívido, insípido, grave, cáustico, adstringente, aromático, álgido, picante, estridente, fétido, delicioso, veludoso

5. No emprego dos adjetivos das expressões abaixo, houve transferência de sensação de um sentido para outro. Indique essa transferência, de acordo com o exemplo:

Exemplo: doce voz (paladar → audição)

tom macio	amargas palavras
olhar frio	sorriso quente
cores cruas	claras e perfumadas vozes
som áspero	

6. Siga o primeiro exemplo, trocando o adjetivo destacado pelo substantivo abstrato:

Era desoladora a paisagem cinzenta e **monótona**.

Era desoladora **a monotonia** cinzenta da paisagem.

a) Na planície verde e **monótona** só os umbus se destacavam.

b) Fiquei impressionado com aqueles homens **polidos** e frios.

7. Escreva os numerais por extenso:

o século X	o Papa Pio IX
o rei Luís XVI	o século XI

8. Substitua as palavras destacadas pelos correspondentes pronomes oblíquos, devidamente colocados:

a) Teria sido nocivo **ao doente** o medicamento?

b) Havia **cajueiros** de várias qualidades.

c) A presença do guarda fez retroceder o **larápio**.

d) Teria esquecido **o cheque** no táxi? Talvez deixara **o cheque** no escritório.

e) Direi **ao empresário** o que penso a respeito de sua determinação.

f) Libertemos do erro **as nossas consciências**.

g) Cristo perdoou **a seus algozes**. Você perdoaria **a seus algozes**?

h) Presentearam **a princesa** com um colar de águas-marinhas.

i) Defendestes **a pátria** com bravura.

j) Infligimos pesada derrota **aos invasores**.

k) Livrarei **esses rapazes** dos sentimentos que infelicitam **esses rapazes**.

l) Posso garantir **à senhora** que seu filho é inocente.

m) Quem valerá **às órfãs**?

9. *Use a passiva sintética no lugar da analítica, substituindo ao mesmo tempo os destaques pelos pronomes oblíquos:*

Exemplo: Foi notada no gesto **dele** qualquer coisa de estranho.

Notou-se-lhe no gesto qualquer coisa de estranho.

a) Era vista no rosto **dele** a palidez da morte.

b) São vistas no corpo **dele** as marcas das balas.

c) Era notada no olhar **dele** uma expressão feliz.

10. Substitua os destaques pelos pronomes átonos da mesma função, contraindo-os corretamente:

Exemplo: Quem vos garantirá **o sustento**? Quem **vo-lo** garantirá?

a) A glória é nossa e ninguém nos arrebatará **esta glória**.

b) Quem vos dará **as razões**?

c) Pedi que me devolvesse **os livros** com urgência.

d) Quem me explicava **a lição** era meu pai.

e) Alguém entregou **o cheque a Vossa Senhoria**?

f) Quem nos desvendará **tantos mistérios**?

11. Transcreva o período abaixo, sublinhando os pronomes oblíquos com valor de pronomes possessivos:

"Os sapatos enterram-se na areia; o reflexo do sol cega-lhe os olhos; agudo fio de navalha, o vento corta-lhe a pele." (JORGE AMADO)

12. Escreva os períodos abaixo substituindo os possessivos pelos pronomes oblíquos correspondentes, colocando-os corretamente:

a) Eu retive o **seu** braço fortemente.

b) Não pude ver o **seu** rosto.

c) O vento não mais fareja a **minha** face como um cão amigo.

d) Esses monstros querem esmagar os **nossos** corpos?

e) Ataram as **suas** mãos às costas e levaram-no preso.

f) Dir-se-ia que uma sombra funesta envolve a **tua** alma.

g) Uma expressão nova desenhou-se no **seu** rosto.

h) Dançavam na **minha** cabeça imagens aterradoras.

i) Era como se um grande peso oprimisse o **meu** corpo e a **minha** alma.

j) O lenhador derrubou a árvore e cortou os **seus** galhos.

13. Substitua em cada frase os asteriscos pela alternativa correta:

a) Não ***** censurando, Marlene. (*estou lhe – a estou*)

b) Ajude sua mãe, não ***** sozinha. (*deixe ela – a deixe*)

c) De todas as partes chegam casais trazendo presentes para os noivos, depositam-***** em sua volta e, dando-se as mãos, fazem uma roda alegre. (*os – nos*)

d) As feras viram o índio, seguiram-***** até a orla da mata e desapareceram. (*no – lhe*)

e) A mãe precipita-se para o menino e arrebata-***** a arma. (*o – lhe*)

14. Passe o pronome oblíquo para a terceira pessoa do singular:

a) Roque **me** abraçou emocionado, agradeceu-**me** e felicitou-**me** pelo gesto.

b) "Este lugar **me** deprime e **me** inspira pensamentos tristes." (VILMA GUIMARÃES ROSA)

15. Empregue corretamente os pronomes pessoais **eu** e **mim**, no lugar do *:

a) O professor apresentou-me uma folha para * traçar um polígono.

b) Para *, traçar um polígono era quase um divertimento.

c) O dinheiro que meu pai mandou era exclusivamente para *.

d) Esse dinheiro era para * comprar roupas e calçados.

e) Leila sentou-se entre * e Alexandre.

f) "Sem *, nada podeis fazer", disse Cristo.

g) A secretária enviou a carta sem * assinar.

h) Os gritos da criança chegaram até *.

i) Não havia motivo para * ficar triste.

j) Afastei-me rápido, para que a pedra não caísse sobre *.

16. Orientado pelo que se ensinou sobre *pronomes pessoais*, substitua o * pelos pronomes **si** ou **ele(s)**, **ela(s)**, conforme convenha:

a) Os herdeiros repartiram os bens entre *, sem desavenças.

b) Rômulo conseguiu o cargo por * mesmo, por seu mérito.

c) José foi preso injustamente e não há quem se interesse por *.

d) Artur era bom pai, vivia para * e sua família.

e) Via-se que João estava bêbedo, pois falava contra * mesmo.

f) A moça percebeu que minha pergunta se dirigia a * e a seu companheiro.

g) A guerra só deixa sangue e cinzas após *.

h) Alípio se aborreceu: pensou que eu estava me referindo a *.

17. Substitua o * da frase pela alternativa que está de acordo com a norma culta:

a) Rui perdeu a partida porque confiou demais * . (*nele – em si*)

b) Respeite o adversário, mas tenha confiança em *. (*você – si*)

c) Para impedir que Joel incomodasse a irmã, o pai mandou-o sentar longe *. (*dela – de si*)

d) O senhor Oliveira estava em paz com a vida e * mesmo. (*com ele – consigo*)

e) Júlio não quis comer, afastou * o prato vazio. (*dele – de si*)

f) Cada um reclamava para * a glória de ter prendido o famigerado terrorista. (*ele – si*)

g) Os retirantes carregaram * o que puderam levar. (*com eles – consigo*)

h) Ênio é ainda criança: não cabe a * decidir sobre o caso, mas aos pais. (*ele – si*)

i) Tuas riquezas, bem sabes, não as levarás * para a sepultura. (*com você – contigo*)

j) O patinador para no centro da pista e roda sobre *, num giro velocíssimo. (*ele – si*)

18. Substitua os asteriscos pelos pronomes **lhe**, **lhes**, ou **a**, **o**, **os**, conforme a regência dos verbos:

a) Os dois moços ajudaram-*** a sair do barco. Ela *** agradeceu.

b) Se eu não *** conhecesse, não *** deixaria entrar, tão estranho me pareceu.

c) Fortes eles eram, mas nós *** resistimos e *** vencemos.

d) André e Lúcio não *** temiam, mas *** respeitavam, quando ele falava.

e) Se *** convier, posso servir-*** de cicerone. Aceita a sugestão?

f) Convido-*** para um passeio, espero-*** ansioso, mas ela não vem.

19. Escreva as frases em seu caderno informando a função do pronome **se**, de acordo com a teoria estudada no parágrafo 7, pág. 562:

a) Os dois amigos abraçaram-se emocionados.
b) Os detentos queixavam-se de maus-tratos.
c) O Estado reservou-se o direito de desapropriar o imóvel.
d) Não há no mundo duas pessoas que se queiram tanto.
e) Os rapazes descem das árvores e também se vão. (ÉRICO VERÍSSIMO)
f) Nas noites quentes dormia-se nas redes.
g) Marciano trancou-se no quarto e descansou.
h) Trancaram-se as portas por medida de segurança.
i) Jesus deixou-se prender e levar à presença do Sumo Sacerdote.

20. Classifique o pronome **se** dos seguintes exemplos, como fez no exercício anterior.

a) Deram-se as mãos e saíram em direção à praça.
b) Sofia deixou-se estar à janela.
c) As pazes fizeram-se como a guerra, depressa.
d) "Bajula-se hoje para atacar amanhã." (CARLOS DE LAET)
e) Os galãs vestem-se com apuro.
f) Entreolharam-se com desprezo.
g) Assim se vai aos astros.
h) Certas classes sociais arrogam-se muitos privilégios.
i) Acreditava-se que a Terra fosse imóvel.
j) Vão-se os anéis e fiquem os dedos.
k) Cumprimentaram-se friamente.
l) O menino sorria-se feliz.
m) "Muito se lucra quando se é honrado." (CAMILO CASTELO BRANCO)
n) "Os cacaueiros em frente se balançavam ao sabor da brisa." (JORGE AMADO)
o) "Dizia-se do Norte, filho do Ceará." (JOSÉ LINS DO REGO)
p) "Saía-se do coração da brenha só para se ver o barco." (FERREIRA DE CASTRO)
q) Ela impôs-se uma dieta severíssima.
r) Os dois irmãos reconciliaram-se algum tempo depois.

21. Transcreva a oração em que o pronome **me** é expletivo:

Não me atendeu. Ferveu-me o sangue, de raiva.
Pediu-me desculpas. Não me ponha mais os pés nesta casa, ouviu?

22. Qual a ideia expressa pelo pronome possessivo, na frase abaixo? (posse, idade, estimativa)
Era um homem de *seus* 29 anos, forte e moreno.

23. Troque em cada frase o * por um dos pronomes demonstrativos propostos adequado ao contexto:

a) Na traseira do caminhão lia-se * frase: "Tristeza não paga dívidas". (*essa – esta*)
b) Aviso-o de que chegarei a * cidade no dia 2 de maio. (*essa – esta*)
c) O chefe da rebelião, * tratou de fugir. (*esse – este*)
d) Mas você vai ao colégio com * unhas imundas! (*essas – estas*)
e) O Brasil é rico e imenso: um país como * só pode progredir. (*esse – este*)
f) Era uma linda samambaia, * que chamam de "choronas". (*dessas – destas*)

g) Um dia * eu estava em casa sozinho. (*desses – destes*)
h) Grave * na memória: o mal se combate com o bem. (*isso – isto*)
i) Ver um amigo afogar-se e não poder salvá-lo, * é que é horrível. (*isso – isto*)
j) Cuidado, mergulhador, * animais são venenosos: a arraia-mijona, o peixe-escorpião, a medusa, o mangangá. (*esses – estes*)

24. Evite as repetições por meio do verbo vicário **fazer** precedido do pronome demonstrativo **o**:
a) Ia dizer-lhe palavras ásperas, mas não **lhe disse palavras ásperas**.
b) É certo que te ofendi, mas não **te ofendi** por maldade.
c) Não conseguiu humilhar-me, embora procurasse **humilhar-me**.
d) Telefonava-lhe quase diariamente e, quando não **lhe telefonava**, mandava-lhe recado.
e) Que diria a mulher se ele confessasse que não lhe socorreu o marido, embora pudesse ter **socorrido o marido**?
f) Procurava chamá-lo o menos possível, e se **o chamava**, era só em casos extremos e pedindo-lhe desculpas.
g) Ele resolveu publicar suas memórias, porém não pretende **publicar suas memórias** já.

25. Substitua os destaques pelos pronomes demonstrativos adequados:
a) Bem diversa é a sorte do livro e do jornal: **o jornal** é torrente que desliza e passa, **o livro** é lago que colige e guarda.
b) O perdão enobrece, a vingança rebaixa: **a vingança** é própria dos escravos, **o perdão** é a virtude dos nobres.
c) O jardim de Paulo era belo, mas **o jardim** de Mário não era menos **belo**.
d) O jogo nos rouba tempo e dinheiro: **o dinheiro**, talvez o possamos recuperar, **o tempo**, nunca.
e) O que na França é desonra, talvez não seja **desonra** na Mongólia.
f) Sou independente, e devo admitir que os outros também sejam **independentes**.

26. Escreva corretamente o período em que é considerado erro o emprego do pronome demonstrativo **o**:
a) Não sabemos o que aconteceu depois que o navio afundou.
b) A criança guarda tudo o que ouve.
c) Esse jogador tem muito o que fazer para atingir a forma ideal.
d) "Se a casa das Marcondes era alegre, a nossa não o era menos." (PEDRO NAVA)

27. Escreva os períodos utilizando a opção que substitui corretamente os asteriscos:
a) Na carta menciono o nome e o endereço do amigo **** poder se encontra a fita magnética **** me referi há pouco.
b) Estes são alguns dos acontecimentos **** Félix se envolvera e **** se vangloriava.

a) a cujo – a que – nos quais – de que
b) em cujo – à que – nos quais – de que
c) em cujo – a que – em que – dos quais

28. Em três dos seguintes períodos não é lícito empregar o pronome relativo **que** em lugar de **o qual**. Indique-os e diga a razão:
a) Sentamo-nos num lindo quiosque, perto **do qual** crianças brincavam e riam.
b) Difícil tarefa recuperar um navio **do qual** o mar se apoderou.
c) Que outro astro é tão importante como o Sol, **o qual** nos dá luz, calor e energia?

d) Esses nevoeiros no alto das serras, **os quais** são os pesadelos dos motoristas, ficam mais densos nos dias chuvosos.

e) O que a tornou famosa foi a beleza de seu rosto, **a qual** ninguém lhe disputava.

29. Siga o exemplo, trocando **do qual** ou **de que** pelo equivalente **cujo(a)**:

Ao atravessar a mata, vimos um lindo pássaro azul, **do qual** nenhum de nós sabia o nome.

Ao atravessar a mata, vimos um lindo pássaro azul, **cujo** nome nenhum de nós sabia.

a) "Balbuciou algumas palavras confusas, **de que** ele mesmo ignorava a significação." (GRACILIANO RAMOS)

b) "Dirigiram-se ao bar e sentaram-se diante da mesinha, no centro **da qual** brilhava a chama de uma vela." (VILMA GUIMARÃES ROSA)

c) "Deve ser assim o fim do mundo, o extremo de todas as coisas: um longo caminho, no topo **do qual** existe um simples portão." (SANTOS FERNANDO)

30. Crie períodos cujas orações adjetivas iniciem pelos conjuntos:

a que	a qual	durante a qual	após o qual
à que	à qual	dentro do qual	com quem
de que	sobre a qual	sem os quais	de cujo

Exemplo: "A casa é uma prisão **à qual** você se acostuma como os animais do Jardim Zoológico se acostumam com as suas jaulas." (RUBEM FONSECA)

31. Substitua nos períodos o * por pronomes relativos adequados, precedidos da preposição exigida pelo verbo:

a) Conheço a pessoa * te referes.
b) É pelo saber que conquistareis o posto * aspirais.
c) A regata internacional, * início assisti, revelou novos valores do remo.
d) A vida ensinou-me a respeitar as pessoas * eu lido.
e) Cada experiência * passamos é favor da vida.
f) O outeiro, * se ergue a igreja, fica defronte do mar.
g) Sois réus dos mesmos crimes * vos insurgis.
h) Nosso Rei, * poderio vos rendeis, saberá ser magnânimo.
i) Baltasar sofreu o castigo * o profeta Daniel o tinha ameaçado.
j) Não escolhas um ofício * não tenhas aptidão.
k) No livro * me refiro o autor fala sobre a Antártida.
l) Não foram poucos os obstáculos e perigos * nos defrontamos.
m) Se a praça * estávamos era grande, esta * chegamos é bem maior.
n) A casa era cercada por um muro alto, * fora erguida uma tela de arame grosso.
o) Brito não simpatizava com o irmão, *, aliás, pouco se parecia.

32. Escolha os conjuntos adequados e escreva os períodos, substituindo os asteriscos nas orações adjetivas:

atrás do qual – diante da qual – durante o qual – em virtude da qual – graças ao qual – sem as quais – sobre o qual

a) É importante cultivar boas amizades, ****** a vida se tornaria triste e monótona.

b) O cronista já escolhera o tema ****** devia escrever.

c) Foi muito proveitoso o encontro de jovens, ****** houve palestras e debates interessantes.

d) O país construíra uma nova capital no planalto, ****** o mundo começava a pasmar.

e) Ao homem foi concedido o dom da palavra, ****** ele pode comunicar-se com seus semelhantes.

f) Fui galgando um pequeno morro, ****** se escondia a casa do caboclo.

g) Queria saber qual é a lei ****** se pode matar uma pessoa inocente.

33. Resolva as questões seguintes:

a) Forme a voz passiva com o pronome apassivador **se**:

Esforço-me por que os erros sejam conhecidos e remediados.

b) Analise a palavra grifada: Não sei *no* que pensas.

c) Transcreva o período e sublinhe os adjetivos substantivados:

"O azul e o verde das piscinas contrastando com o negro da lava é de grande efeito." (VIANA MOOG)

d) Copie os períodos colocando o acento da crase onde necessário:

1) Fui a Copacabana para assistir a festa de fim de ano.

2) O navio chegou a Fortaleza as cinco horas da tarde.

3) Minha viagem a Bahia, devido a um temporal, teve de ser adiada.

e) Substitua corretamente o * por **bastante** e **bastantes** e numere as frases de acordo com a classe gramatical dessas palavras:

(1) **advérbio** (2) **pronome indefinido** (3) **adjetivo**

Já temos provas * para inocentar o réu.

Houve * cartões premiados.

Eles são rapazes * fortes.

Eles foram * compreensivos.

Precisamos de * alimentos.

Tens forças * para tão dura missão?

34. Substitua nas frases os asteriscos pelos adequados pronomes indefinidos constantes da relação: algumas – nenhuma – outras – outrem – outros – quaisquer – menos – poucas – tantas – uns

a) Não é lícito invadir a casa ou a propriedade de ******.

b) Para certos serviços especializados não servem ****** profissionais.

c) Vinte casas, se ******, formavam a rua principal do povoado.

d) Cada qual contava suas histórias: ****** tristes, ****** alegres e jocosas.

e) No choque entre manifestantes e policiais houve pancadaria e ferimentos, leves ******, graves ******; morte, porém, ******.

f) No canavial, homens e mulheres trabalhavam sem parar: ****** cortavam a cana com afiadas foices, ****** a despontavam e limpavam com facões, ****** ainda a carregavam para os caminhões estacionados à margem do canavial.

g) "Estas e ****** mais foram as palavras do presbítero." (CAMILO CASTELO BRANCO)

h) Na escola havia ****** meninas do que meninos.

35. Copie apenas a frase na qual o pronome **tal** tem conotação depreciativa:

a) Alguém que lesse tal notícia não a levaria a sério.

b) Tal não aconteceria, se os motoristas fossem mais prudentes.

c) Você já leu algum livro desse tal de Freud?

36. Escreva os períodos substituindo os asteriscos por **porque** ou **por que**, conforme o caso, e anteponha a cada frase a respectiva letra, de acordo com o esquema seguinte:

- Grafa-se **por que**, em duas palavras, quando:

a) significa **pelo(a) qual, pelo(s) quais, pela(s) quais**, caso em que a palavra **que** é pronome relativo: Era escuro o atalho **por que** passei;

b) significa **por qual, por quais**, sendo o **que** pronome indefinido: Ele quis saber **por que** motivo eu estava chorando;

c) é possível subentender a palavra **motivo** (ou **razão**, **causa**), sendo **por que** advérbio interrogativo: **Por que** está chorando?

d) o **que** é conjunção integrante: Anseiam **por que** isso termine logo.

- Escreve-se **porque**, em uma só palavra, quando:

e) é conjunção causal: Bebo **porque** tenho sede.

f) é conjunção explicativa: Devia estar sofrendo, **porque** tremia.

g) a pergunta propõe uma causa possível, limitando a resposta a **sim** ou **não**: Seu rosto sangra **porque** você brigou? Poucos foram à praia. Será **porque** ventava?

Ela estava triste, dominada não sei ****** recônditos pensamentos.
João devia estar com muita pressa, ****** nem se sentou.
Estavam ansiosos ****** o dia amanhecesse.
****** o arco-íris é colorido?
A criança queria saber ****** razão as estrelas cintilam.
Grandes são as transformações ****** vêm passando as cidades.
Chegou atrasado ao colégio ****** houve um engarrafamento.
****** meios os índios se comunicavam a distância?
Não revelou o motivo ****** não compareceu à reunião.
"Instou ****** a deixassem ir viver de seu trabalho." (CAMILO CASTELO BRANCO)
"******processo maléfico teria ocorrido a mudança?" (JOSÉ J. VEIGA)
O preso fugiu ****** subornou o guarda?

37. Transcreva apenas as frases corretas, que atendem à norma culta da língua:

a) Se aqui não existe árvores é porque não se as plantam.
b) Se aqui não existem árvores é porque não se plantam.
c) A vida se transfigura através do prisma da ilusão.
d) A vida se transfigura através o prisma da ilusão.
e) Gostamos que as coisas venham de encontro a nossos desejos.
f) Gostamos que as coisas venham ao encontro de nossos desejos.
g) Fiquei feliz em rever a ponte que eu presenciara a construção, em criança.
h) Fiquei feliz em rever a ponte cuja construção eu presenciara, em criança.
i) Alice definhava a olhos vistos.
j) Alice definhava a olhos vista.
k) O professor não deixa eu falar, eu não vou deixar ele em paz.
l) O professor não me deixa falar, eu não vou deixá-lo em paz.
m) Doutor Plínio, há um cliente que quer falar consigo.

n) Doutor Plínio, há um cliente que quer falar com o senhor.
o) Que tais as matas? Nelas agora há mais ou menos aves?
p) Que tal as matas? Nelas agora há mais ou menas aves?

38. Releia o estudado sobre o pronome adjetivo *cujo*, e, em seguida, transcreva a única frase correta:

a) Não tome remédio que o prazo de validade está vencido.
b) Não tome remédio cujo o prazo de validade está vencido.
c) Não tome remédio cujo prazo de validade está vencido.
d) Comprava remédios caríssimos, cujos remédios às vezes ele nem tomava.
e) Comprava remédios caríssimos, cujos às vezes ele nem tomava.

39. Forme duas frases com o pronome indefinido **menos** referente a **gente** e a **casas**.

40. Justifique o emprego da preposição **a** nos versos 7 e 12 do poema abaixo.

LEITURA

Sombra no ar

Um resto azul de sono ainda me ilude.
Mais visível se torna o meu fantasma
Turvo, entre a névoa da metamorfose.

Respiro o ar leve que sustenta o mundo.

A vida, nada mais que esse respiro.
Meu olhar, nada mais que essa procura.
Este o mundo a que vim, de pedra e sonho.

Penso: Por que me cerca este cenário?
Quem sou eu para ser digno da vida?
Que farei neste mundo, que direi?

Prefiro à minha voz o som das águas,
E a um pensamento, por maior, prefiro
Que por minha cabeça passe o vento.

Arde a nuvem na luz que além se acende.

Ao longe, o fundo da existência. Sempre
O céu presente, do alto presidindo.

(DANTE MILANO, *Poesias*, p. 107, Editora Sabiá, Rio de Janeiro, 1971)

EMPREGO DE ALGUMAS CLASSES DE PALAVRAS
Exercícios de exames e concursos
[Página 663]

EMPREGO DOS MODOS E TEMPOS

Compare os verbos destes exemplos:

João **leu** o livro.	**leu**	→	fato certo
Se João **lesse** o livro, aprenderia.	**lesse**	→	fato incerto
Leia, João, o livro.	**leia**	→	fato ordenado ou pedido

A essas diversas modalidades de um fato se realizar dá-se o nome de *modos*.

Como já vimos, os modos verbais são três: o *indicativo*, o *subjuntivo* e o *imperativo*.

Observação:

✔ Incluímos neste capítulo o estudo do particípio e do gerúndio, que são formas nominais do verbo.

1 MODO INDICATIVO

Exprime um fato certo, real, positivo. Excepcionalmente, pode traduzir incerteza, possibilidade. Aparece com mais frequência em orações independentes (absolutas, coordenadas e principais).

Vamos estudar o emprego dos tempos do indicativo:

▪ Presente

a) Indica um fato atual (simultâneo ao ato da fala), ou habitual:

Neste momento *penso* em você, leitor.

Mal clareia o dia, os homens *partem* para o trabalho.

b) Indica um fato permanente, uma verdade científica, religiosa ou filosófica:

A Terra *gira* no espaço, em torno do Sol.

O fim não *justifica* os meios.

c) Emprega-se nas narrações, em lugar do pretérito, para tornar mais viva, e como que atual, a representação de um fato. É o chamado *presente histórico*:

"Rumor suspeito *quebra* [= quebrou] a doce harmonia da sesta. *Ergue* [= ergueu] a virgem os olhos...; sua vista *perturba-se* [= perturbou-se]. Diante dela *está* [= estava] um guerreiro estranho." (José de Alencar)

d) Emprega-se pelo futuro do presente, para exprimir um fato que ocorrerá em breve:

Amanhã *vou* a Petrópolis. [*vou* = irei]

Príncipe inglês *chega* amanhã ao Rio. (estilo jornalístico)

"Amália *embarca* amanhã de volta para o Rio." (WALMIR AYALA)

e) Usa-se na linguagem viva e pitoresca, em lugar do pretérito imperfeito ou mais-que-perfeito do subjuntivo:

"Se o jumento *corre* por ali fora, contundia-me deveras." (MACHADO DE ASSIS)

[*corre* = tivesse corrido *ou* corresse]

"Se teu pai não *morre* e o seu partido *vinga*, podia acabar general." (CAMILO CASTELO BRANCO) [*morre* = tivesse morrido *ou* morresse] [*vinga* = tivesse vingado *ou* vingasse]

"Se D. Maria Cristina não *tira* [do berço] o bebê depressa, seria uma tragédia." (*JORNAL DO BRASIL*, 6/4/1973) [*tira* = tivesse tirado *ou* tirasse]

f) Pode substituir o futuro do subjuntivo, principalmente na linguagem emotiva, quando os sentimentos nos levam a romper com a disciplina gramatical:

Se te *afastas* daqui, serás punido.

g) Pode também ser usado, em lugar do imperativo, para se dar uma ordem atenuada, menos impositiva:

"Ninguém *desce* das redes, fora da hora de acampar para refeições." (EDY LIMA)

[*desce* = desça]

▪ Pretérito imperfeito

a) Enuncia um fato passado, porém não concluído, um fato que se prolongou:

Enquanto *subia* o morro, ia admirando a paisagem.

"O coronel fez um gesto que *traía* o seu agastamento." (ÉRICO VERÍSSIMO)

b) Traduz um fato habitual, durativo, no passado:

Aurélio *vivia* sempre quieto.

Adelaide *gostava* de festas.

"Madalena *possuía* um excelente coração." (GRACILIANO RAMOS)

c) Usa-se pelo presente para exprimir, com modéstia e polidez, um desejo, um pedido:

Gostava de saber se você vem.

Eu *queria* ter apenas a metade da fortuna dele.

d) Pode substituir o futuro do pretérito, principalmente na linguagem informal:

Se cultivasses estas terras, em pouco tempo *estavas* rico. [*estavas* = estarias]

"A carinha de Neuma *podia* ser de chinesa, fossem os olhos mais enviesados." (RAQUEL DE QUEIRÓS) [*podia* = poderia]

"Deixassem-no com ele e haviam de ver o bicho que dali *saía*." (COELHO NETO) [*saía* = sairia]

"Se ela me preferisse ao marido, não *fazia* mau negócio." (GRACILIANO RAMOS) [*fazia* = faria]

Observações:

✔ Na linguagem culta formal, deve-se respeitar a correspondência temporal, combinando o pretérito imperfeito do subjuntivo com o futuro do pretérito do indicativo:

Se Pedro *fosse* competente, a empresa o *contrataria*. (certo)

Se Pedro *fosse* competente, a empresa o *contratava*. (errado)

✔ Embora não faltem exemplos em contrário, até mesmo em bons escritores, deve-se usar *havia* [= fazia] e não *há*, em frases do tipo:

A quadrilha *roubava* carros *havia* muitos anos.

O casal *se mudara* para Curitiba *havia* pouco tempo.

"*Havia* perto de oito anos que ela *vivia* naquela situação." (GASTÃO CRULS)

▪ Pretérito perfeito

a) Indica um fato completamente realizado, uma ação concluída:

"A América *reagiu* e *combateu*." (LATINO COELHO)

"*Assinei* as cartas e *meti*-as nos envelopes." (GRACILIANO RAMOS)

b) O pretérito perfeito composto traduz um fato passado repetido, ou que se prolonga até o presente:

Tenho-lhe *dado* sempre bons conselhos.

"Meu trato com Marcoré *tem decorrido* sem problemas, num entendimento completo." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

"Creio que *tenho dado* provas de não ser nenhum ignorante." (ARTUR AZEVEDO)

▪ Pretérito mais-que-perfeito

a) Exprime um fato passado, anterior a outro igualmente passado:

"Paranhos seguia as mesmas ruas que anos antes, voltando do Sul, *pisara* sozinho e condenado." (MACHADO DE ASSIS)

[O fato expresso pelo verbo *pisar* foi anterior ao de *seguir* as ruas.]

"Lembrava-se da última carretinha que o pai *fizera* no Engenho e de como *se divertira* com ela dias seguidos." (GARCIA DE PAIVA)

b) Emprega-se, na linguagem literária, pelo futuro do pretérito:

Fora injustiça destituí-lo do cargo. [*fora* = seria]

"Ninguém *devera* casar sem muito ler..." [*devera* = deveria] (CAMILO CASTELO BRANCO)

c) Emprega-se, na língua culta, pelo pretérito imperfeito do subjuntivo:

"Levantou-me ao ar como se *fora* uma pluma." (ANÍBAL MACHADO) [*fora* = fosse]

"Se não *fora* a subvenção dele, eu não teria podido manter o colégio." (HERBERTO SALES)

"Teria sido uma temporada de ouro, não *fora* a intromissão de minha mãe." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

d) Traduz desejo, em frases optativas:

Prouvera a Deus que meu filho não sofresse!

Quisera eu ter a vida que levas!

"*Tomara* que assim fosse!" (CÂNDIDO DE FIGUEIREDO)

Em geral, prefere-se o pretérito mais-que-perfeito composto ao simples:

Naquela manhã eu *tinha acordado* mais cedo. [tinha acordado = *acordara*]

Quantas vezes *havíamos brincado* juntos, quando crianças!

▪ Futuro do presente

a) Enuncia um fato que se há de realizar:

Amanhã *viajarei* para a Europa.

Se cultivadas, essas terras *darão* bons frutos.

b) Pode exprimir dúvida, incerteza, possibilidade:

"*Terá* realmente *piado* a coruja? *Será* a mesma que piava há dois anos?" (GRACILIANO RAMOS)

Ele *terá*, quando muito, vinte e sete anos.

Você não *estará* equivocado?

"De sua casinha à Faculdade *serão* dois quilômetros, se tanto." (CIRO DOS ANJOS)

c) É usado com força de imperativo:

Não *furtarás*. [= Não furtes.]

Você *irá* com ele agora. [= Vá com ele agora.]

d) Pode ser substituído, sobretudo na linguagem coloquial, por locuções constituídas pelo presente do indicativo dos verbos *ir, ter* ou *haver* + *infinitivo* do verbo principal:

Olga *vai casar* no mês que vem. [*vai casar* = casará]

"Eu *vou dizer* tudo, tudo o que vi." (AUTRAN DOURADO) [*vou dizer* = direi]

Daqui por diante *hei de ter* mais cuidado. [intenção, promessa]

Tenho de atender um doente. [obrigação]

e) O futuro do presente composto usa-se para expressar:

- um fato futuro que se consumará antes de outro:

  Antes que o caçador chegue lá, a onça já *terá fugido*.

- dúvida, incerteza, relativamente à efetivação de um fato no passado:

  Terá chegado às mãos de Vera a minha carta?

▪ Futuro do pretérito

a) Exprime um fato futuro condicionado a outro:

Eu *iria* à festa, se não chovesse.

"*Faria* melhor negócio criando galinhas." (GRACILIANO RAMOS)

b) Exprime um fato futuro situado no passado:

Afirmei, naquela ocasião, que não o *apoiaria*.

Prometeste-me que não me *desobedecerias* mais.

A família decidiu: *viajariam* todos no mês seguinte.

c) Emprega-se pelo presente nas fórmulas de polidez:

Desejaria falar a Vossa Excelência. [*desejaria* = desejo]

Poderia dar-me uma informação, senhorita? [*poderia* = pode]

"*Gostaria* de saber como conseguiu retirar do hotel os dois cartões de registro." (José Fonseca Fernandes)

d) Pode exprimir dúvida, incerteza, probabilidade, ideia aproximada:

Seria verdade o que dizem dele?

Você não *estaria* exagerando?

"A minha reação era tão intensa e caótica que *poderia* supor-se que..." (Fernando Namora)

"Mas quem me *iria* emprestar vinte mil-réis, àquela hora?" (Graciliano Ramos)

Os pais *teriam* realmente *batido* na criança?

Venera-se, naquela cidade, uma imagem da Virgem que *teria pertencido* a Anchieta.

Ele *teria*, quando muito, trinta e cinco anos.

e) Pode ser substituído, sobretudo na linguagem coloquial, por locuções formadas com o pretérito imperfeito do indicativo do verbo *ir* + *infinitivo* do verbo principal:

Informaram que *ia faltar* luz. [*ia faltar* = faltaria]

"Uma conquista como a que a bandeira *ia realizar* não se faria em branca nuvem." (Cassiano Ricardo) [*ia realizar* = realizaria]

2 MODO SUBJUNTIVO

Emprega-se o modo subjuntivo para exprimir um fato possível, incerto, hipotético, irreal ou dependente de outro.

O subjuntivo aparece:

a) em orações absolutas, isto é, únicas no período:

Deus o *acompanhe*!

Eles que *se avenham*!

"Os passageiros que *chacoalhassem* lá dentro de qualquer jeito!" (Vivaldo Coaraci)

"Que *se trouxessem*, com presteza, esses braços para o Brasil! (Viriato Corrêa)

b) em orações coordenadas:

Talvez ela *compreendesse* [e lhe *perdoasse*.]

"Os vossos conselheiros julgaram-me incapaz disto: [agora eles que a *alevantem*!"] (Alexandre Herculano)

c) em orações principais:

[Que lhe *dessem* o] que ele queria, porque senão haveria briga na certa.

["Que também esses... *se ergam*] para pelejarem batalhas tremendas." (ALEXANDRE HERCULANO)

["Talvez não *mereçamos*] imaginar que haverá outros verões." (RUBEM BRAGA)

d) mais frequentemente, em orações subordinadas:

Espera-se que o aproveitamento da energia solar *aumente*.

"Quero ser o primeiro que te *chame* duquesa." (MACHADO DE ASSIS)

"Por muito que *descessem* as águas, a sonda encontrava sempre liberdade para qualquer quilha." (FERREIRA DE CASTRO)

"Ainda assim, não andei tão depressa que *amarrotasse* as calças." (MACHADO DE ASSIS)

"*Erguesse* o corpo e, pela janela aberta, veria a jindiba com o vento nas folhas." (ADONIAS FILHO)

▪ Presente

a) Exprime dúvida, hipótese, possibilidade:

Talvez *seja* esse o plano dele.

É possível que me *engane*.

Suponhamos que teu plano não *dê* certo.

"*Falte* eu a esse juramento, e deixarei de viver!" (VISCONDE DE TAUNAY)

"A senhora acredita que eles *salvem* a gente?" (GRACILIANO RAMOS)

"Não! vos digo eu: não serei quem *torne* a erguer essa derrocada abóbada!" (ALEXANDRE HERCULANO)

"*Corra*, daí a instantes, qualquer aragem, por débil que seja, e levanta-se a língua de fogo esguia e trêmula..." (VISCONDE DE TAUNAY)

b) Emprega-se em orações optativas e imprecativas:

"Oxalá *cesse* um dia a miséria do mundo!" (AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA)

"Que elas *envolvam* no seu aroma a vossa memória." (RUI BARBOSA)

"Que as luas *se sucedam* em todos os céus do mundo..." (LÊDO IVO)

"A terra lhes *seja* leve." (MACHADO DE ASSIS)

"Não *encontres* amor nas mulheres." (GONÇALVES DIAS)

"Malditas *sejam* as mãos que te profanarem, Santarém!" (ALMEIDA GARRETT)

▪ Pretérito imperfeito

a) Emprega-se em frases optativas e imprecativas:

Oxalá *fosse* eterna esta ventura!

"Assim ela *quisesse!*" (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Não *sucedesse* a morte à vida.

Parasse o tempo, que nos foge!" (CABRAL DO NASCIMENTO)

"Se *pudesse* retirar-me dali..." (GRACILIANO RAMOS)

b) Usa-se em orações adverbiais condicionais, causais e outras:

Se *soubesse*, não perguntaria.

Como *fosse* acanhado, não interrogava a ninguém.

Por mais que *insistisse*, não foi atendido.

c) Forma orações substantivas e adjetivas:

As chamas impediam que os bombeiros *se aproximassem*.

"Não fui nunca um menino que *morresse* em cima dos livros." (POVINA CAVALCÂNTI)

d) Traduz uma condição, um meio para se conseguir determinado fim ou efeito, para que algo acontecesse ou deixasse de acontecer:

Se estes eram os seus ideais, *trabalhasse* com mais constância.

"Não *fosse* tolo, e *confessasse* francamente que não sabia o que é plebiscito." (ARTUR AZEVEDO)

"Se caí aos teus olhos, não foi minha culpa: não me *elevasses* tanto." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"*Deixassem*-no com ele e haviam de ver o bicho que dali saía." (COELHO NETO)

e) Exprime um fato hipotético, irreal:

"Talvez o *poupassem* por ele ter uma irmã do Sigma." (GRACILIANO RAMOS)

"*Aparecesse* o Imperador à frente dos amotinados... e, num segundo, tudo acabaria." (VIRIATO CORREIA)

"Não seria o silêncio com o seu negror que me *viesse* assustar." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

▪ Pretérito perfeito

Enuncia um fato passado, real ou incerto, provável:

Foi bom que ele *tenha saído* daqui.

Talvez *tenham seguido* por outro caminho.

▪ Pretérito mais-que-perfeito

Traduz um fato hipotético, ou irreal, anterior a outro igualmente irreal, ou hipotético:

Se *tivessem vindo* ontem, teriam sido atendidos.

Tivessem-no *aconselhado*, e ele hoje seria outro.

Supunha que *tivesses ficado* em casa.

Antes a *houvesse esquecido*!

Se Cristo não *tivesse resgatado* a humanidade, quem se salvaria?

"Se não *tivesse tido* a ideia de beber, não lhe haveria sucedido aquele desastre." (GRACILIANO RAMOS)

▪ Futuro simples

a) Emprega-se em orações adverbiais condicionais, temporais, proporcionais e outras:

Se *transpuserem* a fronteira, serão capturados.

Caso *persistirem* as chuvas, os rios transbordarão.

Enquanto não a *vir*, não descansarei.

Quanto maior *for* a altura, maior será o tombo.

b) Aparece em orações subordinadas adjetivas:

Só poderão entrar os que *tiverem* ingresso.

- **Futuro composto**

Usa-se em orações subordinadas e enuncia um fato futuro relacionado a outro também futuro, ou um fato passado, mas hipotético:

Depois que *tiver visto* o filme, darei minha opinião.

Se *tiver acertado* na loteria, comprarei uma fazenda.

3 MODO IMPERATIVO

Emprega-se para exprimir ordem, proibição, pedido, convite, conselho, exortação, licença, que emanam da 1ª pessoa e se dirigem à 2ª pessoa do discurso:

"*Emende* a língua, ordenei." (Graciliano Ramos)

"*Lançai* os cavalos para as brenhas, *atravessemos* o Sália!" (Alexandre Herculano)

"*Descansa, dorme* em paz, Aldebarã é tua amiga." (Rubem Braga)

"Não *vá*, não *vá* mais! – pedia, insistindo." (Adonias Filho)

"*Trazei* sempre bem vivo nos vossos corações o amor ao próximo." (Latino Coelho)

"Pois *vá*, menino!" (Afonso Arinos)

Sente-se e *conversemos*.

4 PARTICÍPIO

O particípio, como o infinitivo e o gerúndio, é, por si, vago, impreciso, impessoal. Só no contexto é que se despoja de sua imprecisão, para enunciar, geralmente, fato concluído, ação relacionada com o passado.

Emprega-se o particípio:

- para formar a voz passiva e os tempos compostos da ativa:

Tínhamos ido ao cinema.

Talvez João já *tenha chegado*.

Tenho visto por ali muitas misérias.

Leila *foi avisada* pelo irmão.

Fui ouvido com simpatia.

Elas *eram aplaudidas* pelos fãs.

- para construir orações reduzidas adverbiais temporais, causais e outras, já estudadas no capítulo sobre *orações reduzidas*:

Feitos os preparativos, partiu para uma longa viagem.

O artista, *animado* pelo êxito, promete novas exibições.

Chegados que fomos ao local, levantamos um abarracamento.

- em orações reduzidas adjetivas:

"Os galhos dos oitizeiros fremiam, *tocados* pela aragem *vinda* do mar." (Lêdo Ivo)

- como simples adjetivo:

  Isto aconteceu no mês *passado*, quando elas chegaram à aula *atrasadas*.

  O moço estendeu a mão *ferida*, os dedos *ensanguentados*.

5 GERÚNDIO

Vimos que o gerúndio possui a forma simples (*amando, batendo, saindo*) e a composta (*tendo* ou *havendo amado, batido, saído*).

Emprega-se o gerúndio:

- nas conjugações perifrásticas, formando locuções verbais com os verbos *andar, estar, ficar, viver, ir, vir*, etc.:

  Andavam caçando. Está chovendo.
  Ficou chorando. Vive rindo.
  Vamos indo devagar. Vem vindo de mansinho.

  Nesse caso, pode o gerúndio ser substituído pelo infinitivo regido da preposição *a*:

  Os dois não se entendiam, andavam *a brigar*. [*a brigar* = brigando]
  "Sentava no chão e ficava *a ler* o livro que ia sempre comigo." (ELSIE LESSA)
  "Não havia por que ficar ali *a recriminar-se*." (ÉRICO VERÍSSIMO)
  "Vivia *a elogiar* incendiários e assassinos." (GRACILIANO RAMOS)
  "Quantas madrugadas fico eu *a esperar* por alguém que não chega?" (JOSUÉ GUIMARÃES)

- em orações reduzidas adverbiais, sob a forma simples ou composta:

  Cessando a chuva, todos saíram.
  Calando-me, atrairei suspeitas.
  Tendo ferido o pé durante uma caçada, o príncipe teve de cancelar a viagem.
  "A espada do cristão, *batendo* na clava do selvagem, fez-se em pedaços." (JOSÉ DE ALENCAR)
  "Passava o dia *esperando* meia-noite, e, *em chegando* esta, interrogava o futuro próximo." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)
  Nesta terra, *em se plantando*, tudo dá.

Observação:

✔ Em orações adverbiais, o gerúndio pode, em certos casos, ser reforçado pela preposição expletiva *em*, como vemos nos dois últimos exemplos citados.

- em orações reduzidas adjetivas, sob a forma simples:

  Eram as alunas *saindo* para o recreio. [*saindo* = que saíam]

  "Tomei a figura de um barbeiro chinês *escanhoando* um mandarim." (MACHADO DE ASSIS)

  "Eram quatro bandidos *disparando* por todo o lado." (SANTOS FERNANDO)

- em descrições breves, para sugerir movimentação:

  "Ao longo dos campos verdes, tropeiros *tocando* o gado... O vento e as nuvens *correndo* por cima dos montes claros." (CECÍLIA MEIRELES)

EXERCÍCIOS LISTA 59

1. Substitua adequadamente os asteriscos pelos verbos conjugados no indicativo ou no subjuntivo:

a) Essa gente quer que nos ***** à poluição! (*acostumamos – acostumemos*)
b) Eu pensava que eles ***** para casa. (*iam – fossem*)
c) Não sei se Telmo ***** de esquiar. (*gosta – goste*)
d) Talvez a ponte ***** de podre. (*caiu – tenha caído*)
e) Preferia um guia que ***** inglês. (*falava – falasse*)
f) Preferi o Vitório, que ***** inglês. (*falava – falasse*)

2. Substitua o * nas frases pelas formas corretas dos verbos entre parênteses:

a) Qualquer pessoa que * tal notícia não a levaria a sério. (**ler**)
b) Se eu * anos fora de São Paulo e voltasse agora, acho que não acertaria nem com a minha rua. (**passar**)
c) Não * aquelas garrafas de cerveja que iriam tornar-me mais feliz. (**ser**)
d) Naquele encontro, Lúcio me falou da nova casa que ele * dias antes. (**comprar**)
e) Não * testemunhas que provassem a minha inocência. (**faltar**)
f) Embora nunca * à Sibéria, sei que lá é frio. (**ir**)
g) Talvez haja até quem * esses espertalhões. (**aplaudir**)

3. Em lugar de que tempo estão usados os verbos em destaque?

a) Amanhã **vou** a Petrópolis.
b) Não **matarás**.
c) "Anchieta **parte** em um navio..." (Carlos de Laet)
d) Se tivéssemos estudado, **estávamos** aprovados.
e) Agora ninguém **fala**, ordenou o professor.
f) Se não me **avisas** a tempo, **surpreendiam**-me em casa.
g) **Honrar** pai e mãe.
h) Trataram-no como se ele **fora** o mais vil dos escravos.
i) "A única coisa que **devêramos** fazer seria bater nos peitos." (Raquel de Queirós)
j) Firmino, eu **precisava** de um favor seu.
k) "Mas se ele vivesse... não **existias** tu agora." (Almeida Garrett)

4. Transcreva as frases, numerando-as de acordo com o valor do pretérito mais-que-perfeito do indicativo:

(1) **futuro do pretérito** (2) **pretérito imperfeito do subjuntivo**

- "A pele estava tão lisa como se **fora** de louça." (Diná Silveira de Queirós)
- "Ninguém **devera** casar sem muito ler..." (Camilo Castelo Branco)
- Sem a ajuda dos sertanistas, **fora** impossível pacificar a tribo.
- "Não teria havido nada grave, não **fora** a gasolina que imediatamente se esparramou pelo asfalto." (José Fonseca Fernandes)
- Não podes entender isso. **Fora** o mesmo que falar das cores do prisma a um cego de nascença.
- "Quando mais nada **devêramos** aos portugueses, nós estas duas coisas lhes deveríamos, a religião e a língua." (Carlos de Laet)
- "Há um costume, na Índia, que eu **quisera** ver adotado no resto do mundo." (Machado de Assis)

5. Desenvolva as orações reduzidas de gerúndio.

a) "Santos apareciam no sertão, **prometendo a terra para todos**." (LÊDO IVO)

b) "A estrela-d'alva, no céu escuro, parecia uma garça **lavando-se na lagoa**." (AFONSO ARINOS)

c) "Não serão, portanto, demais algumas palavras **explicando** quem era esse teólogo." (CARLOS DE LAET)

d) **Estourando nas mãos**, a bomba poderá matá-lo.

e) "**Tornando-se tão fácil** possuir um bicho de rodas, difícil ficou sendo não possuí-lo, João que o diga." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

6. Copie os períodos, antepondo a eles as letras **I** ou **S**, conforme ocorrer imperativo ou subjuntivo:

- "Montemos nós quatro na vaca e voemos para casa." (EDY LIMA)
- "Que se rendam ao morto as mesmas homenagens." (JOSUÉ GUIMARÃES)
- Bons ventos o levem!
- Levem seus livros para casa, disse-lhes o professor.
- Deus o acompanhe!
- "Descanse, mãe, você contará depois – Iuta pedia." (ADONIAS FILHO)

7. Reorganize as colunas, relacionando-as adequadamente:

Deus o **ouça**!	(1) fato futuro
Tenho de ir hoje.	(2) dúvida, incerteza
Hei de ir hoje!	(3) ordem, mandamento
Visitá-lo-ei amanhã.	(4) promessa, intenção
O senhor **poderia** dar-me uma informação?	(5) obrigação
João **saía** sempre cedo.	(6) fato condicionado
Já **dei** o recado.	(7) pedido delicado
Tenho trabalhado muito.	(8) desejo
Não **matarás**!	(9) fato futuro situado no passado
Prometi que **iria** cedo.	(10) fato hipotético
Batem. **Será** gente?	(11) ação habitual
Iríamos, se não chovesse.	(12) fato passado repetido
Aparecesse o guarda, e tudo se acalmaria.	(13) fato completamente realizado

8. Flexione corretamente os verbos destacados num tempo adequado do indicativo ou do subjuntivo, conforme convenha:

a) Tu, talvez, **descrer** do bem e da virtude.

b) Fale sobre coisas que **entreter** o interesse dos ouvintes.

c) Conquanto todos **supor** e **afirmar** que a empresa **ser** fácil, eu não me convencia.

d) Calei-me, não porque ele **intervir**, mas simplesmente porque achei ridícula aquela discussão.

e) Nosso chefe não era homem que **se abster** completamente de beber.

f) Adelaide **tocar** piano quando Mário entrou sem que ela o **ver**.

g) Não consta que **haver** prisões.

h) **Prazer** a Deus que isto não tivesse acontecido.

i) **Prazer** a Deus que isto não aconteça.

j) Ele ainda não me **pagar** as joias que eu lhe havia vendido.

k) Se ele tivesse partido hoje, nós ainda o **alcançar**.

l) Egoístas e maus **ser** vós, se não o tivésseis amparado.

m) Eu já **reaver** o meu dinheiro quando o detetive chegou.
n) E entravas ali sem que ninguém **ousar** impedir-te?
o) Se eu **escrever** maus versos, ninguém os teria lido.
p) "Pedrinho pagava na cadeia um crime que não **cometer**." (João Clímaco Bezerra)

9. Faça como no exercício anterior:
a) Você acha que nossos antepassados **ser** melhores, se tivessem conhecido os nossos maravilhosos inventos?
b) **Faltar**-lhe os amigos quando mais precisasse deles.
c) Não havia pessoa com quem ele não **se desavir**.
d) **Procurá**-lo, e tê-lo-iam descoberto.
e) Parecia incrível que **chegar** ao termo da nossa viagem tão depressa.
f) **Dizer-se** que aquela criatura tinha vindo ao mundo para sofrer.
g) Eu corria a segurar a canoa, não **ir** as ondas levá-la para longe.
h) Não seríamos nós que **ir** arcar com as consequências!
i) Sei que ela não descansará enquanto não me **ver** trabalhando.
j) **Seguir** os meus conselhos, e hoje não seríeis o que sois.
k) Devemos tratar as crianças de tal modo que não nos **faltar** ao respeito.
l) "De nada aproveitam leis, bem se sabe, não existindo quem as **amparar** contra os abusos." (Rui Barbosa)

10. Substitua os asteriscos pelo item que completa corretamente as frases:
- ***** supercivilizações ou seres inteligentes extraterrestres?
- Não ***** os dois valentes cães, os ladrões ***** na casa.
- Descansa e ***** em paz, as estrelas velarão o teu sono.
- Se não ***** a represa, o rio agora não inundaria as minhas terras.
- Com a chuva e os ventos ***** do sul, baixou sensivelmente a temperatura.

a) existiria – fossem – entrariam – durma – tinham construído – vindos
b) existiriam – fosse – teriam entrado – durma – têm construído – vindo
c) existirá – fossem – tinham entrado – dorme – construíssem – vindo
d) existiriam – fossem – teriam entrado – dorme – tivessem construído – vindos

11. Na frase "Ficamos ali sozinhos **a esperar** nossos colegas.", o infinitivo preposicionado pode ser substituído por que tempo?
(particípio – gerúndio – pretérito imperfeito do indicativo)

12. Responda às perguntas acerca da frase:
Arnaldo vendeu a moto que comprara de um amigo.
a) Em que tempo está o verbo **comprara**?
b) Qual a forma composta correspondente a **comprara**?
c) Como se justifica o emprego desse tempo verbal?

EMPREGO DOS MODOS E TEMPOS
Exercícios de exames e concursos
[Página 674]

EMPREGO DO INFINITIVO

Veja estes exemplos:

Não é um milagre o fato de **estarmos** vivos?

[**estarmos** → infinitivo pessoal flexionado]

Não é um milagre o fato de você **estar** vivo?

[**estar** → infinitivo pessoal não flexionado]

Estar vivo é um milagre.

[**estar** → infinitivo impessoal]

Os exemplos acima evidenciam que:

- O infinitivo pode ser *pessoal* (quando tem sujeito próprio) ou *impessoal* (quando não se refere a nenhum sujeito).
- O infinitivo pessoal ora se flexiona (isso ocorre na 2ª pessoa do singular e nas três pessoas do plural), ora não se flexiona (o que se dá na 1ª e na 3ª pessoas do singular). Todavia, mesmo no primeiro caso, nem sempre tem cabimento a forma flexionada.

1 INFINITIVO NÃO FLEXIONADO

Usa-se o infinitivo não flexionado nos seguintes casos:

- Quando é impessoal, isto é, quando exprime um fato de modo geral, sem referi-lo a um sujeito:

  Morrer pela pátria é glorioso.

  Importa a todos *colaborar* pela causa do bem.

  "*Morrer*, se necessário for; *matar*, nunca." (Cândido Rondon)

- Se equivaler a um imperativo:

  "*Caminhar! caminhar!*... O deserto primeiro,

  o mar depois..." (Olavo Bilac)

- Em geral, quando o infinitivo forma oração que complementa substantivos e adjetivos:

  Temos a obrigação de *ajudar* nossos pais.

  Eles sentiam prazer em *prestar* estes serviços.

  Não fomos capazes de *erradicar* a corrupção.

Estão dispostos a *tentar* a vida em outro país.

Estão propensos a *concordar*.

"Eles estavam fartos de *ver* aviões cruzar o céu." (EDI LIMA)

"Nós estamos imundamente morrendo do mal de não *ser* portugueses." (EÇA DE QUEIRÓS)

Flexiona-se, no entanto, o infinitivo da voz reflexiva:

Jogador e técnico estão dispostos a *se reconciliarem*.

Eles são incapazes de *se ajudarem*.

As duas meninas estavam ansiosas de *se conhecerem*.

Na voz passiva, a flexão, neste caso, é opcional:

Não falam ao telefone, com medo de *ser* (ou *serem*) ouvidos.

- Quando o infinitivo forma locução verbal, ou, em regra, quando tem o mesmo sujeito que o verbo da oração principal:

Costumamos levantar cedo desde crianças.

Devemos pelas nossas obras *dar* glória a Deus.

Podemos, depois disso, *convidar* amigos e *festejar*.

Evita prometer o que não *podes cumprir*.

Não *ousaste* sequer *encarar* teu ofensor!

Tomaram a resolução de *resistir* até o fim.

Pretendemos, se tudo correr bem, *chegar* lá ainda hoje.

"*Queremos*, em nossos reveses, *passar* por infelizes e não por inábeis." (ANÍBAL MACHADO)

"Vidas que *têm* forçosamente de *se entrechocar*." (FERNANDO NAMORA)

- Quando o infinitivo, regido das preposições *a* ou *de*, forma locução com os verbos *estar, começar, entrar, continuar, acabar, tornar, ficar* e outros análogos:

Continuas *a levantar* cedo?

Elas começaram *a rir* de nós.

Eles acabam *de sair*.

Estavam *a preparar* o banquete.

Tornastes *a errar*.

Ficamos os dois *a olhar* o mar.

Observação:

✔ O infinitivo sendo reflexivo e vindo distante do verbo auxiliar, é possível a forma flexionada: "Talvez por isso *entraram* os objetos a *trocarem-se*." (MACHADO DE ASSIS)

- Se o infinitivo tiver como sujeito um pronome oblíquo com o qual constitua o objeto direto dos verbos *deixar, fazer, mandar, ver, ouvir* e *sentir*:

Não nos deixeis *cair* em tentação.

Faça-os *entrar*.
Mande-as *esperar* um pouco.
Vejo-os *sair* de casa.
Ouço-as *falar* e *discutir*.
Senti-os *aproximar-se*.

Observações:

✔ O infinitivo, sendo reflexivo, revestirá, de preferência, a forma flexionada:

"Vi-os *alongarem-se* para mim, cheios de contrição." (MACHADO DE ASSIS)

✔ O sujeito do infinitivo sendo um substantivo, é facultativa a flexão para verbos ativos e obrigatória ou pelo menos recomendável, segundo os casos, com os verbos reflexivos:

Impostos elevados fazem os preços *subirem*.

"O vento fazia *ramalhar* as árvores do jardim." (ALEXANDRE HERCULANO)

"Viu *desfilarem* uma a uma todas as mulheres fatais." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"E eu vi, assombrado, *aparecerem* soldados romanos..." (EÇA DE QUEIRÓS)

"Apetece deixar as ervas *crescerem* à nossa volta." (FERNANDO NAMORA)

"Vilares via os anos *passarem* inalteráveis." (AMADEU DE QUEIRÓS)

"As damas antigamente mandavam os cavaleiros *correr* aventuras." (REBELO DA SILVA)

"Faziam, num átimo, os grãos *saltarem* da espiga." (CIRO DOS ANJOS)

"Chuchu enterrado de manhã bem cedo faz *caírem* verrugas." (CLARICE LISPECTOR)

"Vi os bustos *inclinarem-se* ainda mais." (MACHADO DE ASSIS)

"Sentia os torrões *se esfarelarem* sob as solas dos sapatos." (GRACILIANO RAMOS)

2 INFINITIVO PESSOAL FLEXIONADO

Ocorre o **infinitivo pessoal flexionado** nos seguintes casos:

- Quando o infinitivo tem sujeito próprio, diverso do sujeito da oração principal:

Eu alugaria uma casa para eles *morarem* sozinhos.
As autoridades deram ordens para *serem* presos todos os agitadores.
Permaneci calado, ouvindo os outros *discutirem* os seus problemas.
"Não era raro *sentarem-se* à mesa dezoito ou vinte convivas." (VIVALDO COARACI)
"Às vezes acontecia *acharem-se* ali duas pessoas inimigas." (MACHADO DE ASSIS)
"Convidava eu amigos a *jantarem* comigo aos domingos." (CAMILO CASTELO BRANCO)
"O bom cavaleiro sentiu as asas da morte *roçarem*-lhe frias pela fronte." (ALEXANDRE HERCULANO)
"Aquela porta se abre para *entrarem* carros de lenha." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"Afirma não *existirem* tais plantas no país." (SAID ALI)

"Achei notável *usarem* os dois uma prosa fofa." (GRACILIANO RAMOS)

"Tio Maxêncio não te perdoou não *teres descido* para a missa do sétimo dia." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

"*Serem* comidas é o destino final delas, como aliás o de todo ser vivo." (JOSÉ J. VEIGA)

- Quando vier regido de preposição, sobretudo se preceder ao verbo da oração principal:

Para não *teres* más surpresas, não votes em maus candidatos.

"Ficaram todos pasmados *ao verem*-no caminhar." (SAID ALI)

Ao saberem que o sítio estava à venda, resolveram comprá-lo.

Até o *encontrarem*, muito terão de andar.

"Alguns o tinham visto meses atrás, *sem* lhe *guardarem* bem a fisionomia." (ANÍBAL MACHADO)

"A realidade, *ao aproximarmo-nos* dela, faz diminuir o próprio interesse das coisas verdadeiramente belas." (FERREIRA DE CASTRO)

"*Ao nos sentarmos* à mesa, havia sempre a louca esperança de que algum acontecimento viesse a cancelar a malsinada leitura." (CIRO DOS ANJOS)

"As pessoas mais delicadas haviam desde a véspera abandonado a cidade *para* não *testemunharem* a execução." (JOÃO RIBEIRO)

- Sendo verbo passivo, reflexivo ou pronominal:

Viviam juntos sem *se conhecerem*.

"Despediu-se de Filipe dizendo que não convinha *serem vistos* juntos." (CLARICE LISPECTOR)

"Confesso que senti as carnes *arrepiarem-se*." (COELHO NETO)

"Bem antes de *se tingirem* de rosa e laranja as bandas do céu..." (CIRO DOS ANJOS)

"A tentativa de *se aferirem* pesos e medidas." (CIRO DOS ANJOS)

"Roderico viu *enovelarem-se* nos ares os rolos de pó." (ALEXANDRE HERCULANO)

"O pobre-diabo sentiu *enterrarem-se*-lhe no corpo os milhões de agulhas." (MACHADO DE ASSIS)

"Essas terríveis pequenas não precisam de falar para *se entenderem*." (CIRO DOS ANJOS)

- Sempre que for necessário deixar bem claro o agente ou sujeito, ou se quiser pô-lo em evidência, enfatizando-o:

"Estás louco, rapaz! Não *comeres*, tu que estalavas de fome?" (MONTEIRO LOBATO)

"Confessam *deverem*-vos a vida que vivem." (SAID ALI)

"Não era tão fácil *asseverarem* que estavam cortando mandacaru nos cestos?" (GRACILIANO RAMOS)

"E assim vão se criando, sem jamais *terem* escutado uma palavra de catecismo." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

Era melhor *teres feito* isto ontem.

Penso *seres* o mais indicado para o cargo.

Ele nos acompanhará para não *atrairmos* suspeitas.

"Não havia risco de *sermos* prejudicados." (POVINA CALVANCÂNTI)

"Em vez de *aborrecerem* o mal, aborrecem a luz." (ANTÔNIO VIEIRA)

"É preciso *aprendermos* a nos esquecer de nós mesmos." (CIRO DOS ANJOS)

- Quando vier um tanto afastado do verbo auxiliar ou do seu sujeito:

"Mas a selva já começa a rarear, e os ginetes a *resfolegarem* com mais violência." (ALEXANDRE HERCULANO)

"Quem quisesse poderia ver as filhas de Maria Amélia, com seus vestidinhos de luto, *brincarem* no jardim." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

- Como recurso de expressão, já para assegurar à frase harmonia e equilíbrio, já para transmitir à ação verbal mais vigor e dinamismo:

"Em pouco, os vi *saírem* juntos, a cavalo." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

"Eu vi as ondas *engolirem*-no." (ANÍBAL MACHADO)

"... como as cegonhas que um ilustre viajante viu *desferirem* o voo desde o Ilisso às ribas africanas." (MACHADO DE ASSIS)

"Venho com os olhos a *faiscarem* de cores." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

"Chamam-nos pelo medo de *terem* suas moradias queimadas." (CECÍLIA MEIRELES)

"Vira muitos dos seus companheiros *caírem* mortos ao seu lado." (JOÃO FELÍCIO DOS SANTOS)

"Cifras, cifras, sempre cifras a lhe *ferverem* na cabeça..." (CIRO DOS ANJOS)

"Vi vários deles *tombarem* de seus cavalos e *serem* arrastados pelo campo." (JOSÉ J. VEIGA)

"Vivemos, Dora, na certeza / de *sermos* amanhã / o que ontem não fomos." (JOSÉ PAULO PAES)

- Com os verbos *ver* e *parecer*, conforme vimos no capítulo da *Concordância verbal*, são lícitos dois tipos de construção, podendo-se flexionar no plural ora o verbo auxiliar, ora o infinitivo:

Viam-se reluzir as armas. [ou: *Via-se reluzirem* as armas.]

As montanhas *pareciam fugir* à nossa aproximação. [ou: As montanhas *parecia fugirem* à nossa aproximação.]

"*Via-se* as ervas *crescerem* nos pátios e eirados." (REBELO DA SILVA)

"Nessas tétricas paragens, os bichos do mato *pareciam confraternizar-se* com o homem." (CIRO DOS ANJOS)

"Os longínquos contornos das coisas esmaecem como num banho, e *parece diluírem-se* no éter, esbatidos na polvilhação aquosa." (RAMALHO ORTIGÃO)

O emprego do infinitivo na língua portuguesa é matéria complexa e, em alguns casos, polêmica. Por isso, nos limitamos a traçar as normas que julgamos essenciais para habilitar o estudante a usar com acerto essa forma verbal. Como vimos, há situações em que é livre a escolha da forma flexionada ou da não flexionada do infinitivo.

Nesta, como em todas as questões de linguagem, deve-se atender, antes e acima de tudo, às exigências do bom gosto literário, à harmonia da frase e à clareza da expressão.

EXERCÍCIOS LISTA 60

1. Escreva as frases, substituindo os asteriscos de forma adequada e numerando-as corretamente, conforme o indicado:

Não é maravilhoso **enxergar** as cores?

Não é maravilhoso o fato de (tu) ***** as cores?
Não é maravilhoso o fato de você ***** as cores?
Não é maravilhoso o fato de nós ***** as cores?
Não é maravilhoso o fato de vós ***** as cores?
Não é maravilhoso o fato de vocês ***** as cores?

(1) infinitivo pessoal flexionado

(2) infinitivo pessoal não flexionado

(3) infinitivo impessoal

2. Transcreva os exemplos, descrevendo as regras do emprego do infinitivo estudadas neste capítulo:

a) Os motoristas, impacientes, começaram a buzinar.

b) Adianta vocês fazerem bonitos planos, se não têm dinheiro?

c) Andar a pé é um excelente exercício físico.

d) "Andar com isso, bradou Mascarenhas." (Arnaldo Gama)

e) Vejo-os atravessar a praça todos os dias.

f) "Eles estão acostumados a se combaterem desde antes do Cabral." (Edi Lima)

g) Não podíamos, é verdade, sair de casa sem o consentimento dos pais.

h) Ao receberem a notícia, ficaram muito tristes.

i) As duas velhinhas, coitadas, pareciam cansadas de viver.

j) Acredito seres o mais indicado para essa tarefa.

k) Aqueles túmulos régios parece falarem da fragilidade do poderio humano.

l) "Continuaram a enfiar a mão na lata e, depois, a lamberem a calda dos dedos." (Edi Lima)

m) "Eu vi as ondas engolirem-no." (Aníbal Machado)

n) "O vento fazia ramalhar as árvores do Jardim." (Alexandre Herculano)

3. Justifique o emprego do infinitivo nestas frases:

a) "Ele já andava meio desconfiado vendo as fontes minguarem." (Graciliano Ramos)

b) "Podíamos ver aqueles véus finos da água oscilarem, flutuarem, esgarçarem-se, mostrando e escondendo a paisagem." (Cecília Meireles)

c) "Viu saírem e entrarem mulheres." (Machado de Assis)

d) "Vejo erguerem-se no horizonte algumas velas." (João Ribeiro)

e) "Não adianta nada estarem hospedados longe da cidade, num sanatório." (Maria de Lourdes Teixeira)

f) "Revoltava-me o recurso infantil de se xingarem, arrancarem os cabelos." (Graciliano Ramos)

g) "Via as paredes afastarem-se, as telhas subirem e descerem." (Graciliano Ramos)

h) "Eram incapazes de exercer um cargo de confiança." (Raquel de Queirós)

i) "A uma acautelada distância, viu saírem os alunos do Grupo." (Garcia de Paiva)

j) "Cansei-me de ouvir os mais velhos elogiarem a minha educação." (Povina Cavalcânti)

k) Para não teres surpresas desagradáveis, guarda minhas recomendações.

4. Copie as frases, prestando atenção ao emprego do infinitivo; em seguida, escreva a frase f), mudando a forma reduzida do verbo *discutir* na forma desenvolvida.

a) "Ensinava as índias a prepararem quitutes." (Edy Lima)

b) "Poiranga adiantou-se e fez sinal para ficarmos onde estávamos." (Edy Lima)

c) "E, aos brigões, incapazes de se moverem, basta-lhes xingarem-se à distância." (Dalton Trevisan)

d) "Alertados pela imprensa, os cautelosos preferem não se arriscar a duas eventualidades: serem furtados ou serem suspeitados como afanadores." (Carlos Drummond de Andrade)

e) "O fato de um milhão de pessoas participarem dos mesmos vícios não os transforma em virtudes." (Gustavo Corção)

f) "Um dos professores sugeriu, ao se discutirem os programas, a ideia do ensino integral da Zoologia." (Carlos Laet)

g) "Afirmam estarem impossibilitados de prosseguir viagem." (Said Ali)

h) "Outros, muito silenciosos, mordiam os lábios e dir-se-ia quererem fuzilar a brenha com os olhos sinistramente fixos." (Ferreira de Castro)

i) "Faziam, num átimo, os grãos saltarem da espiga." (Ciro dos Anjos)

j) "Vi muitos meninos grandes serem batizados." (Povina Cavalcânti)

5. Escreva os períodos, substituindo o * pela forma adequada do infinitivo dos verbos entre parênteses:

a) Era a revolução e a democracia a * em toda a parte. (**infiltrar-se**)

b) Fizeram-nas * desde a infância. (**trabalhar**)

c) Amiúde vemos pessoas * bem e * mal. (**falar**, **agir**)

d) É necessário não * tão graves erros. (**repetir-se**)

e) Não quisestes, por causa de vossa modéstia, * homenageados. (**ser**)

f) Ficava horas à janela, vendo os transeuntes *. (**passar**)

g) Não podemos * a nossos compromissos. (**faltar**)

h) Os exemplos não se fizeram senão para * citados. (**ser**)

i) Não percebes * teus planos descobertos? (**estar**)

j) O vento fazia * as hastes das antenas. (**oscilar**)

k) Viam-se já * as primeiras estrelas. (**brilhar**)

l) Via-se, no infinito espaço, * solitários astros. (**brilhar**)

6. Copie apenas os exemplos em que também seria lícita a forma flexionada do infinitivo:

a) Não devemos **preocupar-nos** exclusivamente com a vida material.

b) "Por que deixara as coisas **chegar** àquele ponto?" (CIRO DOS ANJOS)

c) "Foram feitos para **ser** vistos apenas uma vez." (CIRO DOS ANJOS)

d) "Roberval, a princípio, deixava-os **lutar**." (DINÁ SILVEIRA DE QUEIRÓS)

e) "E para **comemorar** o achado executavam no ar grandes rondas festivas." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

7. Escreva as frases substituindo o * pelo infinitivo dos verbos entre parênteses, flexionado ou não flexionado, conforme convenha:

a) Sentindo-me enregelado, com os pés a *, ergui-me para um exercício violento. (**doer**)

b) Os fazendeiros haveriam, dali por diante, de * as geadas. (**temer**)

c) Para não se * no meio da multidão, amarraram um lenço vermelho na cabeça. (**perder**)

d) Os jovens gostam muito de * com seus amigos. (**conversar**)

e) Os alunos devem, durante o ano, * ao estudo. (**aplicar-se**)

f) *, no mundo, crimes e injustiças, eis um fato entristecedor. (**existir**)

g) Todos aprenderiam, com um pouco de esforço, a * algum ofício útil. (**exercer**)

h) Ficarei aqui esperando-te, até * dar-me uma resposta definitiva. (**resolver**)

i) Chamei as duas pobrezinhas e dei-lhes um brinquedo, para não * na frente de outras mais felizes. (**chorar**)

j) Mandou-os * imediatamente. (**sair**)

k) Convidei-os a * na sala. (**entrar**)

l) Os perigos nos forçam a * unidos. (**permanecer**)

m) Difícil explicar como as duas crianças chegaram ali sem * vistas. (**ser**)

n) O fato de * a verdade não me dá o direito de vos espancar. (**negar**)

o) Ela via que era perigoso * (nós) sozinhos pelas ruas. (**andar**)

p) Sentia como que bicos de abutre a lhe * as entranhas. (**espicaçar**)

q) Os olhos de Marta! Dir-se-ia * a cor do mar. (**copiar**)

r) Depois de se * as obras, o bairro ganhará fisionomia nova. (**concluir**)

8. Faça como no exercício anterior:

a) É muito comum * detentos das penitenciárias. (**fugir**)

b) Alguns conseguiram, a muito custo, * até a praia. (**nadar**)

c) Íamos aos terreiros ver * as fogueiras. (**acender-se**)

d) Habitavam a terra muito antes de * os portugueses. (**chegar**)

e) Sem se * com a chuva, os meninos continuavam jogando. (**importar**)

f) Aos domingos, vinham muitos amigos * com ele. (**falar**)

g) O pior que pode acontecer é os pneus * na viagem. (**estourar**)

h) Assim, venho ao senhor para * a um acordo de cavalheiros. (**chegar**)

i) Os dois homenzarrões pareciam * da nossa fraqueza. (**zombar**)

j) Os dois homenzarrões parecia * da nossa fraqueza. (**zombar**)

k) Os bilhões de reais que o governo arrecada não são para se *. (**desperdiçar**)

9. Escreva de forma correta a única frase em que há erro no emprego do infinitivo:

a) Esse rio é perigoso por **existirem** piranhas em suas águas.

b) Esse rio é perigoso por **haverem** piranhas em suas águas.

c) As emissoras de rádio informavam não **haver** dados exatos sobre a catástrofe.

d) Os sacos pareciam **conter** frutas volumosas.

e) Todas as coisas em volta parecia **aplaudirem** meu nobre gesto.

10. Copie os períodos abaixo, com exceção daquele em que o infinitivo flexionado não é cabível por formar locução verbal:

a) Não concordo com os que afirmam **serem** esses índios violentos e agressivos.

b) Antes de **partirem**, a mãe lhes acenou da varanda várias vezes.

c) Os pais mandaram seus filhos **alistarem-se** como voluntários.

d) Via-se que aquelas crianças deviam **terem** recebido boa educação.

e) Acho uma temeridade **viveres** num lugar desses.

11. Corrija os infinitivos cuja forma for inadequada:

a) Depende de nós todos **aumentarmos** nossa produção agrícola.

b) É muito comum **aparecer** baleias nesta praia.

c) Não é raro **faltarem** folhas em livros novos.

d) Os bons candidatos evitam **prometerem** o que não podem cumprir.

e) Muitos países estão empenhados em **descobrir** ou **aperfeiçoar** novos processos para a produção de energia.

f) Os defensores dos ufos acreditam **serem** os discos naves espaciais de origem extraterrena.

g) Ao **cruzarmos** a rua, Armando veio ao nosso encontro.

h) Há pouca esperança de os dois países beligerantes **chegar** a um acordo.

i) O perigo era uma daquelas feras **sentirem** nossa presença e nos **atacarem**.

12. Substitua as orações destacadas por orações reduzidas de infinitivo:

a) Parecia **que tinha a alma nos olhos**, tão vivos e lindos eram.

b) A natureza parece **que concentrou toda a sua pujança na catadupa tremenda**.

c) Os inimigos parecia **que esperavam firmes o combate**.

d) Ela ainda não te perdoou **que não tenhas comparecido à festa**.

e) Noticia-se **que foram vistos discos voadores perto de Baturité**.

f) Asseguram **que encontraram uma solução para o cessar-fogo**.

g) As ilhas parece **que atraem magneticamente esses aventureiros**.

h) Espero-te aqui **até que resolvas** dar-me uma resposta definitiva.

i) Continua a difícil cruzada para convencer os índios **a que deixem de ser índios** e **adiram à sociedade de consumo**.

13. Melhore a redação dos períodos abaixo, substituindo as orações destacadas pelas reduzidas correspondentes:

a) Mas há um fato elementar que você parece **que não percebeu claramente**.

b) No Largo da Carioca acercou-se de mim um homem que, pelos modos e atitudes, se via **que era do interior** e **que precisava de ajuda**.

c) Dizes-me que não há possibilidades **de que se remedeiem os males** que nos afligem?

d) Li nos jornais umas notícias que depois averiguei **que não eram verdadeiras**.

e) Dizem as crônicas que algumas pessoas afirmavam **que tinham visto cascavéis** dançando no peito do vereador.

14. Justifique o infinitivo flexionado **despencarem** neste diálogo, à porta de uma quitanda:

— Não haverá perigo desses cachos de banana despencarem sobre nossas cabeças, Manuel?

— Tu queres dizer perigo para nós ou pros cachos?

LEITURA

Viagens

Olímpio tinha negócios em Belém. Pelo menos uma vez por semana ia a Belém. As viagens eram longas e cansativas, sobretudo para ele, que não conseguia dormir no avião. Ficava inteiramente insone, prestava atenção nos outros passageiros dormindo, e tinha inveja daquela segurança, daquele destemor que os fazia dormir. Conscientemente não sentia medo, só que não conseguia dormir. Encostava a cabeça no vidro frio da janela e olhava a escuridão da noite lá fora. O barulho dos motores varando o mundo fechado e sem fim da noite.

Às vezes havia lua e estrelas, mas a solidão pesava fundo. Ficava horas olhando a luz de navegação na asa, o fogo do motor que a luz do dia não deixa ver. Uma casquinha de noz boiando entregue a forças invisíveis. Não tinha medo, no bojo do avião ia anotando friamente as sensações. Não conseguia dormir, só isso. Porque não conseguia dormir e às vezes não suportava a solidão, quando esgotava todas as lembranças e o poço era vazio, levantava-se e ia conversar com a aeromoça. Muitas vezes a aeromoça também dormia. Foi assim que conheceu o comandante. Este, como ele, não dormia. Foi assim que conheceu o comandante, que fazia aquela linha há três anos.

(Autran Dourado, *Solidão Solitude*, Rocco, Rio de Janeiro, 2004)

EMPREGO DO INFINITIVO
Exercícios de exames e concursos
[Página 675]

EMPREGO DO VERBO HAVER

O verbo *haver* pode ser empregado como pessoal ou impessoal. Emprega-se pessoalmente:

- como verbo auxiliar de verbo pessoal:

  Os criminosos *haviam fugido* da prisão. [*haviam* = tinham]

  Isso não *há de acontecer*.

  Hei de viajar muito.

  Haveremos de ter saudades desta casa.

  "Podê-lo-ás depois quando as condições da vida *houverem mudado*." (Machado de Assis)

- no sentido de *ter*:

  "Pedia ao Senhor que lhe visse as lágrimas, e *houvesse* piedade delas." (Camilo Castelo Branco) [houvesse = *tivesse*]

- como sinônimo de *obter, conseguir, alcançar*:

  "Os sentenciados *houveram* do poder público a comutação da pena." (Carlos Góis)

  "Donde *houveste*, ó pélago revolto, esse rugido teu?" (Gonçalves Dias)

- na acepção de *pensar, julgar, entender*:

  "Muitos *hão* que é fantasia." (Bernardim Ribeiro)

  "Se *houverdes* que é fraqueza morrer em tão penoso e triste estado." (Luís de Camões)

  "Os ingleses *houveram por* mais acertado voltar com um cão de menos." (Lúcio de Mendonça)

  "*Haviam*-no *por* sábio." (Celso Luft)

  Alguns *haviam*-no *por* morto.

- como verbo pronominal, no sentido de *proceder, portar-se, lidar, desincumbir-se, sair-se:*

  Todos *se houveram* com perfeita dignidade.

  O soldado *houve-se* como herói.

  Os alunos não *se houveram* bem nas provas do mês.

  "Sei viver modestamente e sei também como *haver-me* na abundância." (São Paulo, Filipenses 4, 11)

  "Foi com esta escória da população que *se teve de haver* o frade recém-chegado." (Carlos de Laet)

  "Ele, porém, *houve-se* com a maior delicadeza e habilidade." (Machado de Assis)

  "Não sabia como *haver-se* com seus empregados." (Garcia de Paiva)

- ainda como pronominal, na acepção de *entender-se, avir-se, acertar conta, enfrentar*, caso em que se constrói com a preposição *com:*

  Agora o criminoso terá de *haver-se com* a justiça.

  Quem o maltratar *comigo se haverá.*

  "... se o estudante *se* não pudesse *haver com* o inimigo." (CAMILO CASTELO BRANCO)

  "Comportem-se como homens de bem, ou *vão se haver comigo.*" (NÉLIDA PIÑON)

O verbo *haver* é também pessoal nas seguintes locuções:

- *haver mister (de)* = precisar, necessitar:

  "Muitos dos enfermos bem *haviam mister* um hospital." (ANTÔNIO VIEIRA)

  "Mas o seu amor da ciência e da pátria não *havia mister de* outros incentivos." (RUI BARBOSA)

  (Esta locução é obsoleta.)

- *haver por bem* = dignar-se, resolver, considerar bom:

  O presidente *houve por bem* reconsiderar sua decisão.

  Os dirigentes dos sindicatos *houveram por bem* suspender a greve.

  "Mandei pedir à pessoa que requerera a minha captura, *houvesse por bem* explicá-la." (CAMILO CASTELO BRANCO)

  "O Doutor Juiz *houve por bem* decretar o fechamento do Asilo." (OTTO LARA RESENDE)

- *bem haja* = seja feliz, seja abençoado, tenha bom êxito:

  Bem hajam os que lutam pela liberdade.

  "*Bem haja* Sua Majestade!" (CAMILO CASTELO BRANCO)

  "*Bem hajas*, meu querido!" (CAMILO CASTELO BRANCO)

  • Nessas frases optativas o verbo *haver* deve concordar com o sujeito.

- *mal haja* (frase imprecativa):

  "*Mal haja* a hora em que saíste desta casa." (CAMILO CASTELO BRANCO)

  "*Mal hajam* as desgraças da minha vida..." (CAMILO CASTELO BRANCO)

  • O verbo *haver* concorda com o sujeito (*hora, desgraças*).

O verbo *haver* é impessoal — sendo, portanto, usado invariavelmente na 3ª pessoa do singular — quando significa:

- *existir:*

  Há pessoas que se dedicam a obras sociais.

  Criaturas infalíveis nunca *houve* nem *haverá.*

  Brigavam à toa, sem que *houvesse* motivos sérios.

  Se *tivesse havido* mais recursos, a obra já estaria concluída.

  Na ilha *havia* charretes puxadas a cavalos.

  Livros, *havia*-os de sobra; o que faltava eram leitores.

  • O substantivo que acompanha o verbo *haver*, neste caso, é objeto direto.

  Na primeira frase, por exemplo, *pessoas* é objeto direto de *há.*

- *acontecer, suceder:*

  Houve casos difíceis na minha profissão de médico.

  Não *haja* desavenças entre vocês.

  Naquela cidade *havia* frequentes rebeliões de presos.

- *decorrer, fazer*, com referência ao tempo passado:

  Há meses que não o vejo.

  Haverá nove dias que ele nos visitou.

  Havia já duas semanas que Marcos não trabalhava.

  O fato aconteceu *há* cerca de oito meses.

- Quando pode ser substituído por *fazia*, o verbo *haver* concorda no pretérito imperfeito, e não no presente:

  Havia (e não *há*) meses que a escola estava fechada.

  Morávamos ali *havia* (e não *há*) cinco anos.

  Ela conseguira emprego *havia* (e não *há*) pouco tempo.

  Havia (e não *há*) muito tempo que a polícia o procurava.

  "O garoto renovava, incansável em novo combate, as façanhas que, *havia* pouco, praticara no sempre memorando repique." (ALEXANDRE HERCULANO)

- *realizar-se:*

  Houve festas e jogos.

  Se não chovesse, *teria havido* outros espetáculos.

  Todas as noites *havia* ensaios das escolas de samba.

- *ser possível, existir possibilidade ou motivo* (em frases negativas e seguido de infinitivo):

  "Em pontos de ciência *não há transigir*." (CARLOS DE LAET)

  "Não *há contê-lo*, então, no ímpeto." (EUCLIDES DA CUNHA)

  "*Não havia descrer* da sinceridade de ambos." (MACHADO DE ASSIS)

  "Mas olha, Tomásia, que *não há fiar* nestas afeiçõezinhas." (CAMILO CASTELO BRANCO)

  "E *não houve convencê-lo* do contrário." (VIANA MOOG)

  "*Não havia* por que *ficar* ali a recriminar-se." (ÉRICO VERÍSSIMO)

- *ser necessário*, nas locuções *haver que* e *haver de*, seguidas de infinitivo:

  "*Há que* recuperar o tempo perdido." (ELSIE LESSA)

  "*Havia que* desmascarar o professor." (NÉLIDA PIÑON)

  "Em nosso caso, *há de* se levar em conta o baixo nível de credibilidade da classe política." (MARCO MACIEL)

Como impessoal o verbo *haver* forma ainda a locução adverbial *de há muito* [= desde muito tempo, há muito tempo]:

De há muito que esta árvore não dá frutos.

De há muito a imprensa vem alertando o País contra o desmatamento.

"*De há muito* sonho esta ilha, se é que não a sonhei sempre." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

O verbo *haver* transmite sua impessoalidade aos verbos que com ele formam locução, os quais, por isso, permanecem invariáveis na 3ª pessoa do singular:

Vai haver eleições, em novembro.

Começou a haver reclamações.

Não *pode haver* umas sem as outras.

Parecia haver mais curiosos do que interessados.

"Mas haveria outros defeitos, *devia haver* outros." (MACHADO DE ASSIS)

"*Há de haver* seis meses que ele me mandou chamar a Viseu." (CAMILO CASTELO BRANCO)

EXERCÍCIOS — LISTA 61

1. Substitua o * por formas adequadas do verbo **haver**:

a) Se * estudado, teriam sido aprovados.
b) Os sertanistas voltaram satisfeitos: * encontrado as tão cobiçadas pedras.
c) * coisas que se aprendem tarde.
d) Pessoas * que não sabem organizar sua vida.
e) No lugar onde é hoje Copacabana, *, no século XIX, apenas ranchos de pescadores.
f) Desde que o mundo é mundo, sempre * rivalidades entre os homens.
g) As casas eram novas e nas janelas * vasos com flores.
h) Se não * prêmios, ninguém se interessará pelo certame.
i) É justo que * as mesmas oportunidades para todos.
j) * três anos que não nos víamos.
k) Seria preferível que * menos exigências burocráticas.
l) Os pais, quando souberem isto, * de ficar muito contentes.
m) Se não * ódios e violências, o mundo seria mais feliz.
n) Se os ricos não fugissem da caridade, não * tantos pobres e indigentes.
o) Nesta difícil missão os dois médicos *-se com rara habilidade.
p) "E ele andava sossegado, como se ali * guardas-civis." (ÉRICO VERÍSSIMO)
q) Em que língua pensas tu * sido escritos aqueles magníficos poemas?

2. Ponha os verbos destacados no presente e no pretérito imperfeito do indicativo, sucessivamente:

a) **Fazer** dois meses que não **chover**.
b) **Ir** fazer dez dias que eu não **sair** de casa.
c) **Começar** a haver sinais de descontentamento.
d) Não **poder** haver rasuras neste documento.
e) Não **dever** haver desavenças entre vós.
f) **Haver** de haver leis justas e sábias.
g) Aqui **fazer** calores intensos.
h) Entre nós não **costumar** haver dissensões.
i) Em muitos países **precisar** haver mais estradas.
j) **Haver** crianças brincando na praça.

3. Dê os diferentes significados do verbo **haver**:

a) Falam como se **houvessem** presenciado o fato.
b) Aquele que ousar difamar-te vai **se haver** comigo.
c) Muitos **hão** que a empresa é irrealizável e temerária.
d) Os soldados **houveram-se** com bravura.
e) Rogava a seu credor que **houvesse** mais um pouco de paciência.
f) Os sentenciados **houveram** da rainha a comutação da pena.
g) "E lá se vão [os bois]: não **há** mais contê-los ou alcançá-los." (EUCLIDES DA CUNHA)
h) O prefeito **houve** por bem aceitar a minha proposta.
i) Nossos carros têm melhorado muito. **Haja** vista os últimos modelos.
j) Bem **hajam** os que lutam pela redenção dos cativos!
k) Como **se houveram** vocês na última prova?
l) "Mal **hajam** os vícios, mal **hajam** as paixões!" (CAMILO CASTELO BRANCO)
m) "Mas não **havia** negá-lo, era o próprio nome do Diogo Vilares." (MACHADO DE ASSIS)
n) "**Havia** muitos anos que não vinha ao Rio." (ANÍBAL MACHADO)
o) "É de fé que Deus **se houve** entre os dois partidos com uma honrada imparcialidade." (CAMILO CASTELO BRANCO)
p) "Sua majestade **houve** por bem admitir a Vossa Mercê à sua real presença." (CAMILO CASTELO BRANCO)
q) "Se acontecer achá-lo colérico, **haja-se** com discreta paciência." (CAMILO CASTELO BRANCO)
r) "Provavelmente ali ainda **haveria** assentos." (VIANA MOOG)
s) "Tanto um como o outro **se houveram** admiravelmente." (ALUÍSIO AZEVEDO)
t) "Quem sabe lá o que não seria se **nos** tivéssemos de **haver**, nos dias de hoje, com um *tiger-sapiens*!" (MÁRIO QUINTANA)
u) Mas como **se haviam** os países que não possuíam riquezas minerais?

4. Reescreva as frases substituindo adequadamente o * por **a**, **à** e **há**:

a) O barco saiu * pouco, em direção * ilha.
b) Daqui * pouco talvez os ônibus voltem * circular.
c) Este médico se devota * pesquisas científicas * dez anos.
d) De mais * mais, * possibilidade de o navio ir * pique.
e) Interessa * você saber quantos quilômetros * daqui * Lua?
f) * meses que estou * espera de notícias suas.
g) Estamos * vinte dias das eleições.

5. Reescreva a frase trocando **viver** pelos verbos **haver** e **existir**, sucessivamente.

No zoo da cidade **viviam** animais raros.

6. Reescreva as frases trocando o * por **há** ou **havia**, conforme for adequado:

a) * dois anos que a obra tinha sido iniciada.
b) * dois anos que a obra fora iniciada.
c) * dois anos que a obra foi iniciada.
d) O DER liberou a estrada que estava interditada * um mês.
e) A estrada está interditada * um mês.

LEITURA

Domingo na praça

Em três altas ondas a fonte desata
na negra bacia
suas longas madeixas de prata.

Entre o lago e as flores, desliza alegria
nas areias quietas:
cantos de ciranda, sapatinhos brancos,
aros velozes de bicicletas.

Depois dos canteiros, dois a dois sentados,
falando em sonho, sonhando acordados,
os namorados enamorados
dizem loucuras, pelos bancos.

Ah, Deus, – e a grande Lua antiga,
que volta de viagens, saindo do oceano,
ouve a alegria, ouve a cantiga,
ouve a linguagem de puro engano,
ouve a fonte que desata
na negra bacia
novas madeixas de prata...

As águas não eram estas,
há um ano, há um mês, há um dia...
Nem as crianças, nem as flores,
nem o rosto dos amores...

Onde estão águas e festas
anteriores?

E a imagem da praça, agora,
que será, daqui a um ano,
a um mês, a um dia, a uma hora?...

(Cecília Meireles, *Mar Absoluto*, in *Poesia Completa*, Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 1993)

EMPREGO DO VERBO HAVER
Exercícios de exames e concursos
[Página 687]

ESTILÍSTICA

trata do estilo, dos recursos expressivos da língua

Cidade sem rio

O rio Amazonas é o maior do mundo,
mas o rio do Tanque é o menor,
(Deslizava na fazenda de meu irmão)
O rio Doce banha terras amargas
de maleita, ferro e melancolia.
O córrego da Penha, esse, coitado,
mal fazia um poço raso
onde a gente, fugindo, se banhava.
Talvez porque me faltasse água corrente,
hoje a tenho represada nos olhos
e neste vago verso fluvial.

(Carlos Drummond de Andrade, *Poesia*,
Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 2002)

FIGURAS DE LINGUAGEM

Figuras de linguagem, também chamadas *figuras de estilo*, são recursos especiais de que se vale quem fala ou escreve, para comunicar à expressão mais força e colorido, intensidade e beleza.

Podemos classificá-las em três tipos:

a) Figuras de palavras (ou tropos)

b) Figuras de construção (ou de sintaxe)

c) Figuras de pensamento

O estudo das figuras de linguagem faz parte da *estilística*.

1 FIGURAS DE PALAVRAS

Compare estes exemplos:

A) O tigre é uma **fera**. [*fera* = animal feroz: sentido próprio, literal, usual]

B) Pedro era uma **fera**. [*fera* = pessoa muito brava: sentido figurado, ocasional]

No exemplo B, a palavra *fera* sofreu um desvio na sua significação própria e diz muito mais do que a expressão vulgar "pessoa brava". Semelhantes desvios de significação a que são submetidas as palavras, quando se deseja atingir um efeito expressivo, denominam-se *figuras de palavras* ou *tropos* (do grego *trópos*, desvio, giro).

São as seguintes as figuras de palavras:

- **Metáfora**: É o desvio da significação própria de uma palavra, nascido de uma comparação mental ou característica comum entre dois seres ou fatos.

  O seguinte exemplo, colhido em *Crônicas Escolhidas* de Rubem Braga, esclarece a definição:

  "O pavão é um *arco-íris* de plumas."

  Isto é, o pavão, com sua cauda armada em forma de leque multicolorido, é como um arco-íris de plumas.

  Entre os termos *pavão* e *arco-íris* existe uma relação de semelhança, uma característica comum: um semicírculo ou arco multicor.

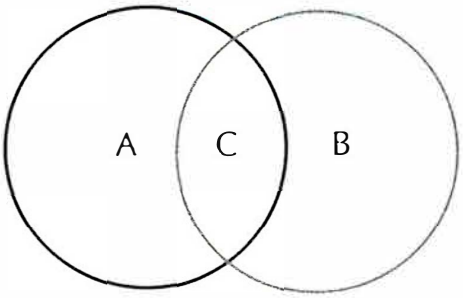

A – pavão

B – arco-íris

C – semicírculo multicor

Outros exemplos de metáforas:

Toda profissão tem seus *espinhos*.

As derrotas e as desilusões são *amargas*.

Murcharam-lhe os entusiasmos da mocidade.

"Adélia se via enclausurada numa *teia* de dúvidas." (Sérgio Gallo)

"Lá fora, a noite é um *pulmão ofegante*." (Fernando Namora)

"Mas o empregado não *se dobrou* a esses sofismas." (Carlos Drummond de Andrade)

"Cai a *tinta* da treva sobre o mundo." (Dante Milano)

"Que *negro* segredo guardava no *porão* da alma?" (Autran Dourado)

Dado o seu caráter enfático, incisivo, direto, a metáfora produz impacto em nossa sensibilidade: daí sua grande força evocativa e emotiva. É a mais importante e frequente figura de estilo e, frequentemente, encontra-se aliada a outras figuras, como a hipérbole e a personificação.

Observações:

✔ Não confundir a metáfora com a comparação. Nesta, os dois termos vêm expressos e unidos por nexos comparativos (como, tal, qual, assim como, etc.):

Nero foi cruel *como um monstro*. (comparação)

Nero foi um *monstro*. (metáfora)

✔ Por não ter colorido nem força expressiva especial, não é figura de estilo a *catacrese*, palavra ou expressão usada com seu significado original transposto ou adulterado: *embarcar* num trem, ficar *a cavalo* sobre um muro, *enterrar-se* um espinho no pé, tapar a *boca* dos poços, mesa de *pés* torneados, afiar os *dentes* da serra, etc.

- **Comparação**: Consiste em pôr em confronto pessoas ou coisas, a fim de lhes destacar semelhanças, características, traços comuns, visando a um efeito expressivo:

  Eles não têm ideal: são *como folhas* levadas pelo vento.

  A *criança é tal qual* uma *plantinha* delicada: precisa de amor e proteção.

  "*Como* uma informe *nódoa*, avulta e cresce / a *sombra* à proporção que a luz recua." (Raimundo Correia)

- **Metonímia:** Consiste em usar uma palavra por outra, com a qual se acha relacionada. Essa troca se faz não porque as palavras são sinônimas, mas porque uma evoca a outra. Há metonímia quando se emprega:

a) o *efeito* pela *causa*:

Os aviões semeavam a *morte*. [= bombas mortíferas]

[*as bombas* = a causa; *a morte* = o efeito]

b) o *autor* pela *obra*:

Nas horas de folga lia *Camões*. [*Camões* = a obra de Camões]

Traduzir *Homero* para o português não é fácil.

Um *Picasso* vale uma fortuna. [*Picasso* = o quadro de Picasso]

c) O *continente* pelo *conteúdo*:

Tomou uma *taça* de vinho. [= o vinho contido na taça]

A *terra* inteira chorou a morte do santo pontífice. [= os habitantes da terra]

d) o *instrumento* pela *pessoa* que *o* utiliza:

Ele é um bom *garfo*. [= comedor, comilão, glutão]

As *penas* mais brilhantes do país reverenciaram a memória do grande morto. [= os escritores]

e) o *sinal* pela *coisa significada*:

Que as *armas* cedam à *toga*. [isto é, *que a força militar acate o direito*]

O *trono* estava abalado. [isto é, *o império*]

Os partidários da *Coroa* eram poucos. [= governo monárquico]

f) o *lugar* pelos seus *habitantes* ou *produtos*:

"A *América* reagiu e combateu." (Latino Coelho)

Aprecio o *madeira*. [= o vinho fabricado na ilha da Madeira]

g) o *abstrato* pelo *concreto*:

A *mocidade* é entusiasta. [*mocidade* = moços]

"Difícil conduzir aquela *bondade* trôpega ao cárcere, onde curtiam pena os malfeitores." [bondade = o bom velho] (Graciliano Ramos)

h) a *parte* pelo *todo*:

Ele não tinha *teto* onde se abrigasse. [*teto* = casa]

Márcia completou ontem vinte *primaveras*. [*primaveras* = anos]

João trabalha dobrado para alimentar oito *bocas*. [*bocas* = pessoas]

i) o *singular* pelo *plural*:

O homem é mortal. [*o homem* = os homens]

"Foi onde o *paulista* fundou o país da Esperança." (Cassiano Ricardo)

j) a *espécie* ou a *classe* pelo *indivíduo*:

"Andai como filhos da luz", recomenda-nos o *Apóstolo* (para dizer *São Paulo*). [São Paulo (indivíduo) foi um dos *apóstolos* (espécie)]

k) o *indivíduo* pela *espécie* ou *classe*:

Os *mecenas* das artes (protetores)	Os *átilas* das instituições (destruidores)	O *Judas* da classe (traidor)

"Não é paternalismo de nenhum *mecenas* arquimilionário." (RAQUEL DE QUEIRÓS)
[*Mecenas:* amigo do imperador romano Augusto e incentivador das letras e das artes]

"Conseguirão os ladinos sherloques soteropolitanos desvendar a trama...?" (JORGE AMADO)
[*Sherlock Holmes:* famoso detetive, personagem dos romances policiais de Conan Doyle]

l) a *qualidade* pela *espécie*:

Os *mortais* [em vez de *os homens*] Os *irracionais* [= os animais]

m) a *matéria* pelo *objeto*:

Tanger o *bronze*. [= sino]

Ouvia-se o tinir dos *cristais*. [= copos]

Estava sem um *níquel* no bolso. [= moeda]

"O Cristianismo inventou o órgão e fez suspirar o *bronze*." (CHATEAUBRIAND) [*bronze* = sino]

"O *aço* de Zé Grande espelha reflexos dos cristais..." (HAROLDO BRUNO) [*aço* = faca]

- **Perífrase**: É uma expressão que designa os seres por meio de algum de seus atributos ou de um fato que os celebrizou:

Das entranhas da terra jorra o *ouro negro*. [= petróleo]

O *rei dos animais* foi generoso. [= leão]

O *Poeta dos Escravos* morreu moço. [= Castro Alves]

Os urbanistas tornarão ainda mais bela a *Cidade Maravilhosa*. [= o Rio de Janeiro]

"... parlamenteia-se hoje com o *monstro de mil cabeças*." (CARLOS DE LAET) [= a imprensa]

Observação:

✔ À estilística só interessam perífrases com valor expressivo.

- **Sinestesia**: É a transferência de percepções da esfera de um sentido para a de outro, do que resulta uma fusão de impressões sensoriais de grande poder sugestivo. Exemplos:

Sua *voz doce* e *aveludada* era uma *carícia* em meus ouvidos.

[*voz:* sensação auditiva; *doce:* sensação gustativa; *aveludada:* sensação tátil]

Em seu *olhar gelado* percebi uma ponta de desprezo.

"O *grito friorento* das marrecas povoava de terror o ronco medonho da cheia." (BERNARDO ÉLIS)

EXERCÍCIOS LISTA 62

1. Transcreva apenas as frases em que há metáfora:

a) Luzia olhou-se no espelho.

b) O rosto é o espelho da alma.

c) Um grito agudo cortou o silêncio.

d) "No céu desenha-se um pálido sorriso." (MÁRIO QUINTANA)

e) Muitos mancham a sua reputação e mordem na dos outros.

f) "As flores da terceira árvore eram rosadas como carne." (MARINA COLASANTI)

g) "O esquilo pincelava os troncos com a cauda." (MARINA COLASANTI)

h) "O luar amacia o mato sonolento." (RAUL BOPP)

i) "Uma nuvem de tristeza empana os olhos de amaro." (ÉRICO VERÍSSIMO)

j) Da nuvem cai a água que refresca e o raio que mata.

k) "No jardim as flores flamejam." (ÉRICO VERÍSSIMO)

l) Do alto via-se a teia imensa das ruas e avenidas cortando a floresta de edifícios.

2. Copie os períodos, numerando-os de acordo com as figuras de palavras que neles ocorrem:

(1) **metáfora** (2) **metonímia** (3) **perífrase** (4) **sinestesia**

a) Joguei duas pratas no chapéu do mendigo e fui andando.

b) O Pai da Aviação, com seu invento, encurtou as distâncias e aproximou os povos.

c) Via-me perdido num labirinto de dificuldades.

d) Ele, o Bom Pastor, deu a sua vida para nos salvar.

e) Um pássaro solitário riscou o céu, banhado em luz.

f) As planícies verdes alimentavam um rebanho de dez mil cabeças.

g) "Ó sonora audição colorida do aroma!" (ALPHONSUS DE GUIMARAENS)

h) Há muita luta e sofrimento neste vale de lágrimas.

3. Transcreva os períodos sublinhando as palavras que constituem metáfora:

a) Pesa sobre aquela nação uma sombria ameaça.

b) Ela sentou-se no banco, o olhar distante, o pensamento submerso no passado.

c) Uma a uma as badaladas se dissolvem na noite." (JOSÉ CONDÉ)

d) "Deitado na areia, meu pensamento vadio era uma borboleta serena que não pousava em nada." (BERNARDO ÉLIS)

4. Transforme as comparações em metáforas:

a) Os morcegos eram como loucos chicotes negros zurzindo as trevas.

b) A aeronave era como um grande pássaro metálico devorando a distância.

c) Faminto como ele estava, um pedaço de pão seria delicioso como um maná.

d) Cuidado com esse tal de Abelardo! Ele é astucioso como uma raposa.

5. Explique as metonímias, procedendo como no exemplo inicial:

Não podem viver debaixo do mesmo **teto**. [teto = casa: *a parte pelo todo*]

a) "Por que não te sentas? Eu vou descansar estes **ossos**." (ÉRICO VERÍSSIMO)

b) "**Nosso tempo** abomina flores, amigo." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

c) Sobre a cidade indefesa os aviões semeavam a **morte**.

d) **São Paulo** parou para receber e ovacionar os campeões.

e) "O **aço** de Zé Grande espelha reflexos dos cristais." (HAROLDO BRUNO)

f) "O garçom trouxera a bandeja com os copos festivos, perfilando num sorriso a brancura de seus dentes." (VILMA GUIMARÃES ROSA)

g) "Todos ao mar! — o Comandante ordena e é obedecido. Calções, maiôs, biquínis desfilam diante da reduzida população de Mangue Seco." (JORGE AMADO)

6. Qual é o tipo de figura de linguagem das palavras em destaque no período abaixo? (perífrase, metáfora, metonímia, comparação)

"E na curva da estrada, que era um talho sangrento no verde bruto da paisagem, sumiu-se a cavalgada." (BERNARDO ÉLIS)

7. Explique as perífrases:

a) E o **ouro** negro jorrou em vários pontos do **continente de Colombo**.

b) **Bípede implume**, não sujes o **precioso líquido** que te mata a sede e te purifica o corpo.

c) O **Poeta dos Escravos** verberou, em versos candentes, os navios negreiros.

8. Reconheça e classifique as figuras de palavras:

a) "Na guerra os meus dedos disparam mil mortes." (JUNQUEIRA FREIRE)

b) Firmou-se-lhe a reputação de mecenas das artes.

c) "O Major trazia sobre si o peso de 60 janeiros." (MONTEIRO LOBATO)

d) "Vendo em torno de mim mãos que davam esmolas." (OLEGÁRIO MARIANO)

e) "Volta aos humildes mas felizes tetos." (RONALD DE CARVALHO)

f) Os meninos ouviam contar os casos com frio desinteresse." (POVINA CAVALCÂNTI)

g) "O uniforme era lembrança viva do perigo permanente, da ceifadora implacável." (ORÍGENES LESSA)

h) "Um operário passou balançando uma lanterna vermelha, sumiu no oco da escuridão." (AUTRAN DOURADO)

i) "Os seminaristas que trocaram o turíbulo pelo rifle do guerrilheiro..." (VIANA MOOG)

j) "Altar e Trono, uni-vos!" (RAIMUNDO CORREIA)

k) Lisonjeavam-se outrora as cabeças coroadas; parlamenteia-se [= entra-se em negociação] hoje com o monstro de mil cabeças." (CARLOS DE LAET)

9. Forme frases com as palavras abaixo, usando-as no sentido metafórico.

Exemplo: Ele se libertou das **trevas** da ignorância.

sombra, tesouro, freio, manto, mar, brilhante, duro, acesso, frio, seco, sondar, alimentar, tecer, sacrificar

10. No diálogo, assinale a palavra empregada em sentido figurado:

"— Ainda bem que o inverno carioca é doce.

— É, mas aqui as folhas caem das árvores com tronco e tudo... (*Jornal do Brasil*, 21/6/1974)

11. Identifique as frases em que ocorrem *metonímias*.

a) Felizmente você tem um teto onde morar.

b) Precisamos de estradas bem construídas.

c) O ser humano é realmente insondável!

d) Ninguém segura a juventude deste país.

12. *Minha vida era um palco iluminado*

Eu vivia vestido de dourado

Palhaço das perdidas ilusões...

No trecho da música de Sílvio Caldas e Orestes Barbosa, acima reproduzido:

a) Qual a figura predominante?

b) Como ficaria esse mesmo trecho se fossem utilizadas comparações em lugar da figura que você apontou? Sugestão: Minha vida se passava como se eu, vestido de dourado, tal qual um palhaço, vivesse num palco, rindo e chorando minhas perdidas ilusões.

2 FIGURAS DE CONSTRUÇÃO

Compare as duas maneiras de construir esta frase:

Os homens pararam, o medo no coração.

Os homens pararam, com o medo no coração.

Nota-se que a primeira construção é mais concisa e elegante. Desvia-se da norma estritamente gramatical para atingir um fim expressivo ou estilístico. Foi com esse intuito que assim a redigiu Jorge Amado.

A essas construções que se afastam das estruturas regulares ou comuns e que visam transmitir à frase mais concisão, expressividade ou elegância dá-se o nome de *figuras de construção* ou *de sintaxe*.

São as mais importantes figuras de construção:

- **Elipse**: É a omissão de um termo ou oração que facilmente podemos subentender no contexto. É uma espécie de economia de palavras. Aqui só interessa a elipse como figura de estilo. Exemplos:

  As mãos eram pequenas e os dedos, finos e delicados. [elipse do verbo *eram*]

  "As quaresmas abriam a flor depois do carnaval, os ipês em junho." (RAQUEL DE QUEIRÓS) [Isto é: os ipês *abriam a flor* em junho.]

  Nossa professora estava satisfeita, como, aliás, todas as suas colegas.
  [Isto é: como, aliás, *estavam satisfeitas* todas as suas colegas.]

  "Parece que, quando menor, Sereia era bonita." (RAQUEL DE QUEIRÓS)
  [Elipse do verbo *era*: quando *era* menor]

  "Eles tremiam por si; eu pela sorte da Espanha." (ALEXANDRE HERCULANO) [isto é: *eu tremia*...]

  "Por que foi que a criatura se imolou? Um ato de protesto contra o governo?" (ÉRICO VERÍSSIMO)
  [Isto é: *Teria sido* um ato de protesto contra o governo?]

Nos exemplos supracitados, omitiram-se termos anteriormente expressos na frase. Essa modalidade de elipse tem o nome de *zeugma*.

- A elipse das conjunções e preposições assegura à frase concisão, leveza e desenvoltura:

  "E espero tenha sido a última." (VIANA MOOG) [elipse da conjunção *que*]

"Só aí que me inteirei de que ela havia sofrido e era boa." (GRACILIANO RAMOS)
[Ou seja: e *de que* era boa.]

"A carinha de Neuma podia ser de chinesa, fossem os olhos mais enviesados." (RAQUEL DE QUEIRÓS) [Isto é: *se* os olhos fossem...]

"Veio sem pintura, um vestido leve, sandálias coloridas." (RUBEM BRAGA)

"Entraram em casa, as armas na mão, os olhos atentos, procurando." (JORGE AMADO)

- Pode ocorrer a elipse total ou parcial de uma oração:

Perguntei-lhe quando voltava. Ele disse que não sabia.
[Isto é: Ele disse que não sabia *quando voltava*.]

"Os corpos se entendem, mas as almas não." (MANUEL BANDEIRA)
[Isto é: mas as almas não *se entendem*.]

- Podem ser consideradas casos de elipse as chamadas *frases nominais,* organizadas sem verbo. Exemplos:

"Bom rapaz, o verdureiro, cheio de atenções para com os fregueses." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

"Céu baixo, ondas mansas, vento leve." (ADONIAS FILHO)

"Àquela hora, quase deserta a Praia de Botafogo." (OLAVO BILAC)

"Em redor, tudo parado. Estático. No silêncio da madrugada, nem o piar de um pássaro, nem o farfalhar de uma folha." (LÍGIA FAGUNDES TELLES)

Observação:

✔ As frases nominais, de largo uso na literatura atual, são particularmente adequadas para a descrição de cenas estáticas, de ambientes de quietude, sem vida, sem movimento.

- **Pleonasmo**: É o emprego de palavras redundantes, com o fim de reforçar ou enfatizar a expressão. Exemplos:

"Foi o que *vi com os meus próprios olhos*." (ANTÔNIO CALADO)

"*Sorriu* para Holanda um *sorriso* ainda marcado de pavor." (VIANA MOOG)

"Tenha pena de sua filha, perdoe-lhe pelo *divino* amor *de Deus*." (CAMILO CASTELO BRANCO)

O seu leito era a *pedra fria*, a *pedra dura*.

"*Os impostos* é necessário pagá-*los*." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"*A mim* resta-*me* a independência para chorar." (CAMILO CASTELO BRANCO)

"... *secá-las* bem *secas* no jirau." (FERREIRA DE CASTRO)

Observação:

✔ O pleonasmo, como figura de linguagem, visa a um efeito expressivo e deve obedecer ao bom gosto. São condenáveis, por viciosos, pleonasmos como: *descer para baixo, entrar para dentro, subir para cima*, a ilha *fluvial do rio* Araguaia, a *monocultura exclusiva de uma* planta, escrever a *sua autobiografia, produzir* bons produtos, etc.

- **Polissíndeto**: É a repetição intencional do conectivo coordenativo (geralmente a conjunção *e*). É particularmente eficaz para sugerir movimentos contínuos ou séries de ações que se sucedem rapidamente:

  "Trejeita, *e* canta, *e* ri nervosamente." (ANTÔNIO TOMÁS)

  "Por que é a beleza vaga *e* tênue,
  falaz *e* vã *e* incauta *e* inquieta?" (CABRAL DO NASCIMENTO)

  "Vão chegando as burguesinhas pobres,
  e as criadas das burguesinhas ricas,
  e as mulheres do povo, *e* as lavadeiras da redondeza." (MANUEL BANDEIRA)

  "Mão gentil, *mas* cruel, *mas* traiçoeira." (ALBERTO DE OLIVEIRA)

  Nossas matas têm milhares de espécies de árvores, *mas* o cedro, *mas* o mogno, *mas* o ipê quase não se encontram mais.

- **Inversão**: Consiste em alterar a ordem normal dos termos ou orações com o fim de lhes dar destaque:

  "*Passarinho*, desisti de ter." (RUBEM BRAGA)

  "*Justo* ela diz que é, mas eu não acho não." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

  "*Por que brigavam no meu interior esses entes de sonho* não sei." (GRACILIANO RAMOS)

  "*Tão leve* estou que já nem *sombra* tenho." (MÁRIO QUINTANA)

Observação:

✔ O termo que desejamos realçar é colocado, em geral, no início da frase.

- **Anacoluto**: É a quebra ou interrupção do fio da frase, ficando termos sintaticamente desligados do resto do período, sem função. O termo sem nexo sintático coloca-se, em geral, no início da frase para se lhe dar realce. Exemplos:

  Pobre, quando come frango, um dos dois está doente. (DITO POPULAR)

  "*Eu* não me importa a desonra do mundo." (CAMILO CASTELO BRANCO)

  "*Essas criadas de hoje* não se pode confiar nelas." (ANÍBAL MACHADO)

  "*Esses colonos* que se viram desalojados do Congo, não digo propriamente nada contra eles, mas não servem para nós." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

  A rua onde moras, nela é que desejo morar.

  Urubu, quando é caipora, o de baixo suja o de cima. (PROVÉRBIO)

  O anacoluto, fato bastante comum na língua oral, deve ser usado, na expressão escrita, com sobriedade e consciência.

- **Silepse**: Ocorre esta figura quando efetuamos a concordância não com os termos expressos, mas com a ideia a eles associada em nossa mente.

  A silepse, ou concordância ideológica, pode ser:

a) de **gênero**:

Vossa Majestade será *informado* acerca de tudo. [*Vossa Majestade* = o rei]

"Sobre a *triste Ouro Preto* o ouro dos astros chove." (OLAVO BILAC)

"Nuvens baixas e grossas ocultavam *Ilhéus*, *vista* dali em mar grande e livre." (ADONIAS FILHO)

"A certa altura, *a gente* tem que estar *cansado*." (FERNANDO PESSOA)

"Quando *a gente* é *novo*, gosta de fazer bonito." (GUIMARÃES ROSA)

"Se acha *Ana Maria comprido*, trate-me por Naná." (CIRO DOS ANJOS)

b) de **número**:

"Corria *gente* de todos os lados, e *gritavam*." (MÁRIO BARRETO)

"O *casal* de patos nada disse, pois a voz das ipecas é só um sopro. Mas *espadanaram, ruflaram* e *voaram* embora." (GUIMARÃES ROSA)

"Está cheio de gente aqui. Tire esse *povaréu* da minha casa. Que é que *eles querem*?" (DALTON TREVISAN)

"Minha amiga, *flor* tem vida muito curta, logo *murcham, secam, viram* húmus." (JOSÉ J. VEIGA)

c) de **pessoa**:

Ele e eu temos a mesma opinião. [*ele e eu* = nós]

"Aliás *todos os sertanejos* somos assim." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"*Os que adoramos* esse ideal, nela vamos buscar a chama incorruptível." (RUI BARBOSA)

"*Os amigos nos revezávamos* à sua cabeceira." (AMADEU DE QUEIRÓS)

"Mas haverá para qualquer de nós, *os que lutamos*, alguma alternativa?" (FERNANDO NAMORA)

"Os que a procuram são inúmeros, pois *todos sofremos* de alguma coisa; esta 'água insípida' tem uma vastíssima órbita de ação." (CECÍLIA MEIRELES)

"*Ficamos* por aqui, insatisfeitos, *os seus amigos*." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

"Dizem que *os cariocas somos* pouco dados aos jardins públicos." (MACHADO DE ASSIS) [= Dizem que *nós*, os cariocas, somos...]

- **Onomatopeia**: Consiste no aproveitamento de palavras cuja pronúncia imita o som ou a voz natural dos seres. É um recurso fonêmico ou melódico que a língua proporciona ao escritor.

"Pedrinho, sem mais palavras, deu rédea e, *lept! lept!* arrancou estrada afora." (MONTEIRO LOBATO)

"O som, mais longe, *retumba*, morre." (GONÇALVES DIAS)

"O longo vestido longo da velhíssima senhora *frufrulha* no alto da escada." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

"*Tíbios flautins finíssimos gritavam*." (OLAVO BILAC)

"*Troe* e *retroe* a *trompa*." (RAIMUNDO CORREIA)

"*Vozes veladas, veludosas vozes,*
volúpias dos violões, vozes veladas
vagam nos *velhos vórtices velozes,*
dos *ventos, vivas, vãs, vulcanizadas*." (CRUZ E SOUSA)

Observação:

✔ As onomatopeias, como nos três últimos exemplos, podem resultar da aliteração (repetição de fonemas nas palavras de uma frase ou de um verso). Pronuncia-se *onomatopéia*.

- **Repetição**: Consiste em reiterar (repetir) palavras ou orações para enfatizar a afirmação ou sugerir insistência, progressão:

  "O surdo pede *que repitam, que repitam* a última frase." (CECÍLIA MEIRELES)

  "*Tudo, tudo parado*: *parado* e morto." (MÁRIO PALMÉRIO)

  "Ia-se pelos perfumistas, *escolhia, escolhia*, saía toda perfumada." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

  "E o ronco das águas *crescia, crescia*, vinha para dentro da casona." (BERNARDO ÉLIS)

  "O mar foi ficando *escuro, escuro*, até que a última lâmpada se apagou." (INÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO)

EXERCÍCIOS — LISTA 63

1. Reconheça os termos e as orações elípticos:

a) Ela o atraía irresistivelmente, como o ímã ao ferro.

b) "Mas o sal está no Norte, o peixe, no Sul." (PAULO MOREIRA DA SILVA)

c) Eles se orgulham de suas misérias como Antístenes de seus andrajos.

d) "A cidade parecia mais alegre: o povo mais contente." (POVINA CAVALCÂNTI)

e) "Quando adolescente, estudante em Salvador, participei dos festejos da noite de São João." (POVINA CAVALCÂNTI)

f) "Ia aos poucos conquistando o seu terreno, que, por muito extenso, ele tinha medo de olhar." (AUTRAN DOURADO)

g) "Fabricava, antes, cachaça e rapadura, e agora tamancos." (GARCIA DE PAIVA)

h) "Vamos jogar, só nós dois? Você chuta para mim e eu para você." (ANTÔNIO OLINTO)

i) "Vamos ver o busto de Jorge numa pracinha sossegada, como convinha que fosse." (POVINA CAVALCÂNTI)

j) "Carteia está deserta, como as demais povoações vizinhas." (ALEXANDRE HERCULANO)

k) "Foi saqueada a vila, e assassinados os partidários dos Filipes." (CAMILO CASTELO BRANCO)

l) "Holanda afastou de si a ideia, por extravagante." (VIANA MOOG)

m) O senador propôs fossem reformulados alguns artigos da lei.

n) "O pensamento, não tenho certeza se estava no livro, se em outra parte." (MACHADO DE ASSIS)

o) Nunca fales mais do que convém.

p) Você talvez ache que a vida é uma ilusão, mas eu não acho.

2. Reconheça as preposições e conjunções elípticas:

a) "Pouco importa me batas pelo dobro." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

b) "Observava como ele torneava ou esculpia a madeira." (ÉRICO VERÍSSIMO)

c) "Marta tinha medo de que Paulo viesse destruir os seus planos, se metesse a modificar o que era seu." (JOSÉ LINS DO REGO)

d) "Veio sem pintura, um vestido leve, sandálias coloridas." (RUBEM BRAGA)

3. Transcreva as frases, colocando entre parênteses o nome das figuras de construção estudadas neste capítulo:

a) "Passeiam, à tarde, as belas na Avenida." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

b) "Agora seus olhos quase cegos viam perfeitamente vista a mata em todo o seu esplendor." (JORGE AMADO)

c) "O céu, à tarde, cada vez se tornava mais vermelho, os ventos mais quentes, mais forte a claridade." (ADONIAS FILHO)

d) "Táxi aqui não é fácil de conseguir. Passam lotados." (JOSÉ FONSECA FERNANDES)

e) "E rola e tomba e se espedaça e morre." (AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA)

f) "Você não volta nunca nunca nunca." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

g) "Essas criadas de hoje não se pode confiar nelas." (ANÍBAL MACHADO)

h) "Cricrila o grilo. Que frio!" (MÁRIO QUINTANA)

4. Classifique as figuras de construção, como fez no exercício anterior:

a) "E treme, e cresce, e brilha, e afia o ouvido, e escuta." (OLAVO BILAC)

b) "A gente, quando vai ensurdecendo, também vai ficando isolado." (GRACILIANO RAMOS)

c) "A mim é que não me enganam!" (MONTEIRO LOBATO)

d) "Não estou preparado. Quem está, para morrer?" (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

e) "Entravam matas adentro para o ventre das selvas, ou saíam mar afora para os portos do mundo." (ADONIAS FILHO)

f) "Os teus grilhões estrídulos estalam." (RAIMUNDO CORREIA)

g) "Coisa curiosa é gente velha. Como comem!" (ANÍBAL MACHADO)

h) "Sentei-me na cama, uma dor aguda no peito, o coração desordenado." (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

i) "Homens e mais homens surgiram nas vertentes do Mogadouro." (JOSÉ GERALDO VIEIRA)

j) "Tão bom se ela estivesse viva para me ver assim!" (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

k) "Indispensável os meninos entrarem no bom caminho." (GRACILIANO RAMOS)

l) "Atrás, muito atrás, e com as gaivotas, ficaram a barra e o farol no morro do Pontal." (ADONIAS FILHO)

m) "Aliás todos os sertanejos somos assim." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

n) "A gente é obrigado a varrer até cair morto." (JOSUÉ GUIMARÃES)

o) "É tudo certo e prescrito
em nebuloso estatuto.
O homem, chamar-lhe mito
não passa de anacoluto." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

5. Transcreva as frases abaixo, antepondo a cada uma a letra correspondente à figura de construção que nela ocorre:

(a) **elipse** (b) **polissíndeto** (c) **anacoluto** (d) **silepse**

a) "Só a dor enobrece e é grande e é pura." (MANUEL BANDEIRA)

b) "O público vaiou demoradamente. E só não quebraram o circo porque o palhaço Gregório era engraçado." (JOSÉ CONDÉ)

c) "A cidade, quando davam as oito horas, todo mundo já estava de luz apagada, metido na cama." (BERNARDO ÉLIS)

d) "De que você me acusa? De não atendê-lo ao telefone?" (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

3 FIGURAS DE PENSAMENTO

Figuras de pensamento são processos estilísticos que se realizam na esfera do pensamento, no âmbito da frase. Nelas intervêm fortemente a emoção, o sentimento, a paixão.

Eis as principais figuras de pensamento:

- **Antítese**: Consiste na aproximação de palavras ou expressões de sentido oposto. É um poderoso recurso de estilo. Exemplos:

  "Última flor do Lácio, inculta e bela,

  és, a um tempo, *esplendor* e *sepultura*." (OLAVO BILAC)

  "A areia, *alva*, está agora *preta*, de pés que a pisam." (JORGE AMADO)

  "Como eram possível *beleza* e *horror*, *vida* e *morte* harmonizarem-se assim no mesmo quadro?" (ÉRICO VERÍSSIMO)

  "Quando a bola *saía*, *entravam* os comentários dos torcedores." (CARLOS EDUARDO NOVAIS)

  "As *sempre-vivas morreram*." (DORA FERREIRA DA SILVA)

- **Apóstrofe**: É a interrupção que faz o orador ou escritor para se dirigir a pessoas ou coisas presentes ou ausentes, reais ou fictícias. Exemplos:

  "Abre-se a imensidade dos mares, e a borrasca enverga, como o condor, as foscas asas sobre o abismo.

  Deus te leve a salvo, brioso e altivo barco, por entre as vagas revoltas..." (JOSÉ DE ALENCAR)

  Pode a apóstrofe ser também uma interpelação veemente, inflamada, como a destes versos de Castro Alves, que iniciam o poema *Vozes d'África*:

  "Deus! Ó Deus! Onde estás que não respondes?

  Em que mundo, em que estrela tu te escondes

  embuçado nos céus?"

- **Eufemismo**: Consiste em suavizar a expressão de uma ideia triste, molesta ou desagradável, substituindo o termo contundente por palavras ou circunlocuções amenas ou polidas. Exemplos:

  Fulano *foi desta para melhor*. [= morreu]

"A senhora é moça, é normal, e se estiver *em estado interessante*, o seu filho pode correr um perigo terrível." (LUÍS JARDIM) [= grávida]

Na cidade há escolas para crianças *excepcionais*. [= retardadas, anormais]

- **Gradação**: É uma sequência de ideias dispostas em sentido ascendente ou descendente. Exemplos:

"O primeiro milhão possuído *excita, acirra, assanha* a gula do milionário." (OLAVO BILAC)

Ele foi um *tímido*, um *frouxo*, um *covarde*.

Um ser *limitado*, uma *ínfima criatura*, um *grão de pó* perdido no cosmo, eis o que o homem é.

Uma *palavra*, um *gesto*, um *olhar* bastava para despertar suspeita.

A gradação ascendente denomina-se também *clímax*, e a descendente, *anticlímax*.

- **Hipérbole**: É uma afirmação exagerada. É uma deformação da verdade que visa a um efeito expressivo. Exemplos:

Chorou *rios* de lágrimas.

Estava *morto* de sede.

Os cavaleiros não corriam, *voavam*.

Estou um *século* à sua espera.

Tinha um *mundo* de planos na cabeça.

"A geada é um *eterno* pesadelo." (MONTEIRO LOBATO)

"Astrônomos famosos, como Pickering, *inundavam* os jornais de notícias." (RONALDO DE FREITAS MOURÃO)

- **Ironia**: É a figura pela qual dizemos o contrário do que pensamos, quase sempre com intenção sarcástica. Exemplos:

Fizeste um *excelente serviço*! [para dizer: um serviço péssimo]

Vejam os *altos feitos* destes senhores: dilapidar os bens do país e fomentar a corrupção!

"Um carro começa a buzinar... Talvez seja algum amigo que venha me desejar Feliz Natal. Levanto-me, olho a rua e sorrio: é um caminhão de lixo. *Bonito presente de Natal*!" (RUBEM BRAGA)

"Há recessão, há desemprego, há miséria, mas *tudo está sob controle de geniais economistas*." (EVANDRO LINS E SILVA)

- **Paradoxo**: Consiste esta figura, também chamada *oxímoro*, em usar, intencionalmente, um contrassenso:

"*Feliz culpa*, que nos valeu tão grande Redentor!" (SANTO AGOSTINHO)

Valentia covarde assaltar e matar pessoas indefesas!

"O doutor falava *bobagens conspícuas*." (MANOEL DE BARROS)

"*O que não tenho* e desejo é que melhor *me enriquece*." (MANUEL BANDEIRA)

- **Personificação**: É a figura pela qual fazemos os seres inanimados ou irracionais agirem e sentirem como pessoas humanas. É um precioso recurso da expressão poética. Por meio desta figura, também chamada *prosopopeia* e *animização*, empresta-se vida e ação a seres inanimados. Exemplos:

"Lá fora, no jardim que o *luar acaricia, um repuxo apunhala* a alma da solidão." (OLEGÁRIO MARIANO)

"*Os sinos chamam* para o amor." (MÁRIO QUINTANA)

"*O rio tinha entrado em agonia*, após anos de devastação em suas margens." (IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO)

Comum é a personificação de conceitos abstratos:

A Morte roubou-lhe o filho mais querido.

Vi *a Ciência desertar* do Egito..." (CASTRO ALVES)

- **Reticência**: Consiste em suspender o pensamento, deixando-o meio velado. Exemplos:

"De todas, porém, a que me cativou logo foi uma... uma... não sei se digo." (MACHADO DE ASSIS)

"Quem sabe se o gigante Piaimã, comedor de gente..." (MÁRIO DE ANDRADE)

- **Retificação**: Como a palavra diz, consiste em retificar uma afirmação anterior. Exemplos:

É uma joia, *ou melhor, uma preciosidade*, esse quadro.

O síndico, *aliás uma síndica* muito gentil, não sabia como resolver o caso.

"O país andava numa situação política tão complicada quanto a de agora. *Não, minto. Tanto não*." (RAQUEL DE QUEIRÓS)

"Tirou, *ou antes, foi-lhe tirado* o lenço da mão." (MACHADO DE ASSIS)

"Ronaldo tem as maiores notas da classe. *Da classe? Do ginásio*!" (GERALDO FRANÇA DE LIMA)

EXERCÍCIOS — LISTA 64

1. Escreva e classifique as frases de acordo com as figuras de pensamento estudadas neste capítulo:

a) "A excelente Dona Inácia era mestra na arte de judiar de crianças." (MONTEIRO LOBATO)

b) O infeliz poeta pôs termo à vida tragicamente.

c) "Toda vida se tece de mil mortes." (CARLOS DE LAET)

d) "Pupu está escrevendo – disse ela por fim. Não sei se ele..." (JOSÉ J. VEIGA)

e) Os tanques, abrasados, avançavam, a morte despejando dos seus bojos, mais frios do que as pedras que esmagavam.

f) "Acordei cansado, Solange. Ou melhor: não dormi." (JOSÉ FONSECA FERNANDES)

g) "No almoço e no jantar, tio Aníbal se levantava da cama para comer. Comia montanhas." (RAQUEL JARDIM)

h) "O sol belisca a pele azul do lago." (RAUL BOPP)

i) "Ande, corra, voe aonde a honra o chama." (BOILEAU)

j) " O coqueiro Ananias

está ali desde antes de nascerem os viajantes.

Estará ali depois que todos morrerem.

Salve, Ananias, os que vão findar te saúdam!" (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

2. Reconheça e classifique as figuras de pensamento, como fez no exercício anterior:

a) "Outro dia, João Brandão ia pela calçada. Minto. Evidentemente, não ia pela calçada, lugar por onde não se vai nem se vem, a menos que se possua carro." (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

b) "A Rua Nova, no Recife, é velha à beça. A do Sossego é ruidosa e a Direita não pode ser mais torta." (MÁRIO SOUTO MAIOR)

c) "O povo estourava de riso." (MONTEIRO LOBATO)

d) "Onde estão os meus verdes? Os meus azuis?

O Arranha-Céu comeu!" (MÁRIO QUINTANA)

e) "O meu quarto, no primeiro andar, era um inferno de calor!" (GRACILIANO RAMOS)

f) "Quem sabe se o gigante Piaimã, comedor de gente..." (MÁRIO DE ANDRADE)

g) Que belo espetáculo cívico a pichação dos muros da cidade, em época de eleições!

h) Uma palavra, um gesto, um olhar bastava para despertar suspeitas.

i) "A luz do Sol – aliás, a luz em geral – só é vista quando se choca com a matéria." (RONALDO DE FREITAS MOURÃO)

j) O homem tem-se revelado grande amigo da natureza: onde se instala, abate as árvores, mata os animais, destrói cachoeiras, polui as águas dos rios e dos mares...

k) "Ela dará à luz um filho e tu o chamarás pelo nome de Jesus." (MATEUS 1, 21)

l) "As águas do rio gemiam alto, soluçando entre seixos." (VILMA GUIMARÃES ROSA)

m) "O ouro é tão claro! E turva tudo:

honra, amor e pensamento." (CECÍLIA MEIRELES)

n) "Bateu Amor à porta da Loucura.

'Deixa-me entrar – pediu – sou teu irmão.'" (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

o) "Na minha varanda já apareceu canário, até beija-flor, até uma deusa, oh, tu, Diana, caçadora de brisas, que presides ao destino das nuvens errantes e das espumas do mar." (RUBEM BRAGA)

3. Em cada uma das frases seguintes há duas figuras de estilo. Aponte-as:

a) "Ciprestes austeros velavam a paz dos encantados." (VILMA GUIMARÃES ROSA)

1) pleonasmo e elipse
2) personificação e eufemismo
3) antítese e hipérbole

b) Já é madrugada alta e a Lua vela o sono da cidade.

1) personificação e metonímia
2) antítese e silepse
3) metáfora e hipérbole

c) "Palavra que tem berço aqui, aqui tem sua sepultura." (JOSUÉ GUIMARÃES)

1) antítese e ironia

2) perífrase e ironia

3) antítese e metáfora

d) "Muda e sem trégua, galopa a névoa, galopa a névoa." (MANUEL GUIMARÃES)

1) repetição e personificação

2) antítese e elipse

3) pleonasmo e elipse

e) "Eu, que era branca e linda, eis-me medonha e escura." (MANUEL BANDEIRA)

1) retificação e eufemismo

2) antítese e anacoluto

3) ironia e hipérbole

f) Homens de vida amarga fazem o branco e doce açúcar.

1) metáfora e antítese

2) antítese e ironia

3) elipse e ironia

4. Assinale a figura de estilo que ocorre nos exemplos seguintes:

a) As viagens espaciais desprestigiaram o astro dos namorados.

1) metáfora

2) perífrase

3) hipérbole

4) elipse

b) Os pinheiros, de braços abertos, vigiavam a paisagem.

1) metonímia

2) apóstrofe

3) personificação

4) inversão

c) "Enfim o Rio de Janeiro pode orgulhar-se de um recorde mundial: é a cidade mais barulhenta do mundo." (*Jornal do Brasil*, 21/12/1981)

1) metáfora

2) onomatopeia

3) antítese

4) ironia

d) "Eu cá ninguém me tira da cabeça que foram os ministros militares que forçaram o homem a renunciar." (ÉRICO VERÍSSIMO)

1) anacoluto

2) elipse

3) eufemismo

4) ironia

e) Interesse ou não, seja barato ou caro, o produto tem de ser comprado.

1) polissíndeto

2) elipse

3) pleonasmo

4) silepse

5. Identifique as figuras de linguagem que ocorrem nos exemplos seguintes:

a) "Essas criadas de hoje não se pode confiar nelas." (ANÍBAL MACHADO)

b) "Vossa Reverendíssima está constipado?" (MARTINS PENA)

c) "Marcela juntava-as todas dentro de uma caixinha de ferro, cuja chave ninguém nunca jamais soube onde ficava." (MACHADO DE ASSIS)

d) "Misericórdia! – bradou toda aquela multidão, ao passar por el-rei: e caíram de bruços sobre as lájeas do pavimento." (ALEXANDRE HERCULANO)

e) "Mas estas coisas subentendem-se e não se dizem por ociosas." (MACHADO DE ASSIS)

f) "Porque afinal este mundo, tal como está, se eu gosto dele um bocadinho, é no momento mesmo em que penso em largá-lo." (ANÍBAL MACHADO)

g) "Achei a bordo do navio uma senhora que me procurava, quando os passageiros subimos ao convés." (CAMILO CASTELO BRANCO)

h) "Um velho como ele, que a qualquer momento pode juntar os pés, não tem como mentir." (ADONIAS FILHO)

i) "Vossa Excelência não tem filho que lhe vingue as cãs." (CAMILO CASTELO BRANCO)

j) "Seus muitos desertos são atravessados pelas serpentes dos oleodutos." (RENATO KLOSS)

k) "As rodas rangem na curva dos trilhos inexoravelmente." (MANUEL BANDEIRA)

l) "Um evento desse porte [a ECO-92] não poderia prescindir de cabeças coroadas." (*Jornal do Brasil*, 14/6/1992)

m) "Há recessão, há desemprego, há miséria, mas tudo está sob controle de geniais economistas." (EVANDRO LINS)

n) "Agora estão as montanhas estendidas

como cavalos azuis adormecidos." (JORGE DE LIMA)

o) "Se tu chegas, amanhece,

fica noite se te vais." (VICENTE DE CARVALHO)

p) "Leves véus velam, nuvens vãs, a Lua." (FERNANDO PESSOA)

q) "Entre Emília e a viúva Miranda há distâncias interplanetárias." (CIRO DOS ANJOS)

r) "O inclemente, o terrível, o tenebroso, o trágico mar do Norte, encapelado em ondas alterosas como montanhas, esbarrava na estreita ponta setentrional da Holanda." (RAMALHO ORTIGÃO)

6. Na 4ª e 5ª estrofes do poema "Domingo na praça", página 611, ocorrem as figuras de linguagem:

- antítese – hipérbole – ironia – metáfora
- personificação – repetição – metáfora – gradação
- metáfora – hipérbole – anacoluto – eufemismo

7. Transcreva apenas a frase em que há ironia:

- O narcotráfico é um vírus que ataca o organismo social.
- A ventania era uma loba faminta a uivar.
- "O monstro é ele (Inácio) e não o pobre que está atrás das grades." (João Clímaco Bezerra)
- "O fim justifica os meios, já ensinavam com proveito Hitler e outros pais da pátria, guias geniais dos povos." (Jorge Amado)

8. Assinale a figura de estilo que o autor usou no texto abaixo:

- antítese
- silepse
- ironia
- hipérbole

"A nossa floresta tem ao redor de um milhão de diferentes espécies de seres vivos. Da sucuriju de 15 metros à minhoquinha que serve de isca para puxar um pacu; do jacaré temível ao calango brincalhão; da sumaumeira de 60 metros de altura ao capim peremembeca rasteirinho; da vitória-régia de metro e meio de diâmetro ao protozoário invisível."

(Tiago de Melo, *Amazônia, A Menina dos Olhos do Mundo*, p. 43)

9. Nos enunciados abaixo há mais de uma figura de linguagem. Identifique-as:

a) "A imaginação açula a matilha das dúvidas." (Gastão Cruls)

b) "Essa gente já terá vindo? Parece que não. Saíram há um bom pedaço." (Machado de Assis)

c) "A inocência é transparente, a malícia opaca e tenebrosa." (Marquês de Maricá)

d) "O 13 de Maio tirou-lhe das mãos o azorrague." (Monteiro Lobato)

e) "Calisto Elói romperia no parlamento os vesúvios da sua eloquente indignação." (Camilo Castelo Branco)

f) "O Viegas – um cangalho de setenta invernos – era um hospital concentrado." (Machado de Assis)

g) "Sei que as pessoas não levam flores, mas pedras." (Rubem Braga)

h) "Dele descende Noé, e de Noé nós todos. (Mário Barreto)

i) "A nau do Estado já começou a singrar o mar traiçoeiro da inflação." (Lêdo Ivo)

j) "E o vaga-lume voava e voava e brilhava e brilhava e pensava e pensava: – Haverá, em toda mata, outro como eu?" (Millôr Fernandes)

k) "Teu pé, como o de um deus, fecundava o deserto." (Olavo Bilac)

l) "Escuta o galope certeiro dos dias
saltando as roxas barreiras da aurora." (Cecília Meireles)

m) "Que vento, que cavalo, que bravia
saudade me arrastava a esse deserto?" (Cecília Meireles)

n) "Quando a indesejada das gentes chegar
(Não sei se dura ou caroável),
talvez eu tenha medo,
talvez sorria ou diga:
– Alô, iniludível!" (Manuel Bandeira)

Observação

✔ Nesses versos MB se refere à sua morte.

10. Aponte as principais figuras de linguagem que ocorrem no texto abaixo.

LEITURA

Janelas sobre o Saara

Redemoinhos
erigem rosas
rosas fugidias
em vórtices que não se cumprem
pois tudo em ti, deserto,
é a longa espera do horizonte.
Fulva tua cor, fulvos teus camelos,
lentos barcos da longa travessia.
Nas dunas nasce o sol,
rugindo.
A sede acorda, alongam-se as caravanas.
O céu é uma pupila imensa, dilatada,
e a sombra dos corpos, o repouso adiado,
além, na imensidão.

(Dora Ferreira da Silva, *Poesia Reunida*, p. 69, Topbooks Editora, Rio de Janeiro, 1999)

11. Identifique as figuras de linguagem que aparecem nos versos transcritos a seguir:

a) "Fez-se de triste o que se fez de amante."
E de sozinho o que se fez contente
Fez-se de amigo próximo o distante" (Vinicius de Moraes)

b) "A felicidade é como a bruma que o vento vai levando pelo ar" (Vinicius de Moraes)

c) "Meu verso é sangue. Volúpia ardente." (Manuel Bandeira)

d) "O som, mais longe, retumba, morre." (GONÇALVES DIAS)

e) "Se às vezes digo que as flores sorriem
E se eu disser que os rios cantam..." (FERNANDO PESSOA)

12. Copie o verso que aparece na frase **b** do exercício anterior, de forma que passe a apresentar metáfora.

13. Identifique as frases em que haja *ironia*.

a) Que lindo esse seu chapéu verde e amarelo, repleto de rosas e de cravos vermelhos!

b) Vejam as grandes realizações daquele governo: aumento da pobreza e diminuição do número de hospitais!

c) As sementes despertam dando um abraço na mãe-terra.

d) Dois copos quebrados, o aspirador danificado e o ferro queimado... Realmente trabalhaste bem hoje!

4 VÍCIOS DE LINGUAGEM

Vícios de linguagem são incorreções e defeitos no uso da língua falada ou escrita. Originam-se do descaso ou do despreparo linguístico de quem se expressa. São os principais vícios de linguagem:

- **Ambiguidade**. Defeito da frase que apresenta duplo sentido. Exemplos:

  Vencem os romanos os cartagineses. [quem vence?]

  Convence, enfim, o pai o filho amado. [quem convence?]

  Jacinto, vi a Célia passeando com *sua* irmã. [*sua*: de quem?]

  Em cidade pequena, a qualquer hora *podem encontrar*-se pessoas conhecidas. [pessoas se encontram ou podem ser encontradas?]

- **Barbarismo**. Emprego de palavras erradas relativamente à pronúncia, forma ou significação. Exemplos:

  pégada, em vez de *pegada*; *carramanchão*, em vez de *caramanchão*; *ância*, em vez de *ânsia*; *cidadões* por *cidadãos*; *proporam*, em lugar de *propuseram*; *bizarro* no sentido de *esquisito* (galicismo).

- **Cacofonia** ou **cacófato**. Som desagradável ou palavra de sentido ridículo ou torpe, resultantes da contiguidade de certos vocábulos na frase. Exemplos:

  cinco *cada* um; a bo*ca dela*; mande-*me já* isso; *por cada* mil habitantes; nun*ca Brito* vinha aqui; não vi nun*ca Juca aqui*.

- **Estrangeirismo**. Uso de palavras, expressões ou construções próprias de línguas estrangeiras. Conforme a proveniência, o estrangeirismo se denomina: *galicismo* ou *francesismo* (do francês), *anglicismo* (do inglês), *germanismo* (do alemão), *castelhanismo* (do espanhol), *italianismo* (do italiano).

  O emprego de estrangeirismos deve-se limitar aos que são necessários, por não haver, em português, termos equivalentes. Por que usar, por exemplo, o galicismo *débâcle*, se temos *ruína, derrota, derrocada*, ou o anglicismo *performance*, se possuímos *desempenho, atuação*? O abuso de estrangeirismo torna o texto pedante e obscuro.

Eis alguns galicismos e anglicismos que devem ser evitados:

Galicismos	Formas corretas	Anglicismos	Formas corretas
através obstáculos	através de obstáculos	*apartheid*	segregação racial
molho ao tomate	molho de tomate	*corner*	escanteio
os sábios os mais renomados	os sábios mais renomados	*hall*	vestíbulo
estátua em bronze	estátua de bronze	*outdoor*	cartaz, painel
blague	pilhéria, gracejo	*performance*	desempenho
chofer	motorista	*office-boy*	contínuo, moço de recados
comandante-em-chefe	comandante-chefe	*mídia*	meios de comunicação
complô	conspiração, conluio	*grogue*	tonto
costume	traje, vestido	*blefar*	iludir, enganar
démarche	tentativa, diligência	*week-end*	fim de semana
frisson	arrepio, frêmito	*videogame*	videojogo
gauche	acanhado, inepto, desajeitado	*gentleman*	cavalheiro
menu	cardápio	*lady*	senhora
mise-en-scéne	encenação	*glamour*	fascínio, encanto
trupe	grupo teatral, elenco		

Estrangeirismos incorporados à nossa língua devem revestir, na medida do possível, a forma vernácula. Assim, por exemplo, *recorde, xorte, xampu* e *imbrólio* são grafias preferíveis a *record, short, shampoo* e *imbroglio*.

- **Hiato**. Sequência antieufônica de vogais:
  Andre*ia irá ain*da ho*je ao o*culista.

- **Colisão**. Sucessão desagradável de consoantes iguais ou idênticas:
  O *rato r*oeu a *r*oupa; o que *se sabe sob*re o *sabre*; via*ja já*; a*qui ca*em *cacos*.

- **Eco**. Concorrência de palavras que têm a mesma terminação (rima na prosa):
  A *flor* tem *odor* e *frescor*.
  Com *medo*, *Alfredo* ocultou-se no *arvoredo*.

- **Obscuridade**. Sentido obscuro ou duvidoso decorrente do emaranhado da frase, da má colocação das palavras, da impropriedade dos termos, da pontuação defeituosa ou do estilo empolado.

- **Pleonasmo**. Redundância, presença de palavras supérfluas na frase:

  Entrar para *dentro*; *sair* para *fora*; a brisa *matinal da manhã*.

Observação:

✔ Trata-se aqui, é claro, do pleonasmo vicioso, não do que se usa como recurso intencional de estilo.

- **Solecismo**. Erro de sintaxe (concordância, regência, colocação):

  Falta cinco alunos; eu *lhe* estimo; revoltarão-*se*.

- **Preciosismo, rebuscamento**. Linguagem afetada, artificial, cheia de sutilezas e vazia de ideias, fuga ao natural, maneirismo.

- **Plebeísmo**. Uso de palavras e expressões vulgares. Exemplos:

  cara (indivíduo), *troço* (objeto, coisa), *cuca* (cabeça), *coroa* (pessoa idosa), *abacaxi* (coisa difícil ou desagradável), *grana* (dinheiro), *goleirão* (bom goleiro), *mixar* (malograr, fracassar), *mixuruca* (à toa, de má qualidade), *pra burro* (muito), *entrar pelo cano* (sair-se mal), etc.

Os plebeísmos são vetados na linguagem culta, em situações formais e na conversação cerimoniosa.

EXERCÍCIOS — LISTA 65

1. Escreva as frases e coloque ao lado delas o nome dos vícios de linguagem que apresentam:

a) É verdade, poeta, só nos sonhos a gente agarra a fada pelos cabelos.

b) Muitos cidadões ou não votam ou votam mau.

c) Ah fatalidade! As rugas da idade se instalam em minha face sem piedade e apagam o frescor da mocidade.

d) Fábio quis conhecer o sítio de um tio de que o pai falava muito.

e) Embora doente, Tito teima em tomar café a todo instante.

f) O Rio está incluído na tournée organizada pela nova empresa de turismo.

g) Eu ia eufórico pela rua, ouvindo vozes que não me eram estranhas.

2. Relacione as frases aos vícios de linguagem que nelas ocorrem:

(**a**) **estrangeirismo** (**b**) **pleonasmo** (**c**) **solecismo** (**d**) **preciosismo**

Desde então ele passou a nutrir uma inexplicável xenofobia aos estrangeiros.

Evolou-se aos páramos etéreos a alma imácula da donzela.

Foi impecável a performance do piloto durante a dura competição.

Amanhã começa as aulas nas escolas e há muitas salas onde falta carteiras.

5 QUALIDADES DA BOA LINGUAGEM

- **Correção**. É a obediência à disciplina gramatical, o respeito das normas linguísticas que vigoram na língua-padrão. Linguagem correta, portanto, é a que está livre dos vícios a que atrás nos referimos.

  Todavia, a correção gramatical não deve ser considerada como um tabu. O purismo, ou a excessiva preocupação com "o que se não deve dizer", garroteia a ideia e abafa a espontaneidade.

- **Concisão**. Consiste em dizer muito em poucas palavras. A expressão concisa e sóbria se desenvolve no sentido retilíneo, evitando as digressões inúteis, as palavras supérfluas, a desmedida adjetivação e os períodos extensos e emaranhados.

  O vício contrário a essa qualidade do estilo é a prolixidade.

- **Clareza**. Juntamente com a correção, é qualidade primordial da expressão escrita ou falada. Reflete a limpidez do pensamento e facilita-lhe a pronta percepção. A clareza é coadjuvada pela concisão e a simplicidade da forma. Opõe-se-lhe a anfibologia e a obscuridade.

- **Precisão**. Resulta da escolha acertada do termo próprio, da palavra exata para a ideia que se quer exprimir. A impropriedade dos termos torna a linguagem imprecisa e obscura.

- **Naturalidade**. Sem deixar de ser correta e até mesmo original e colorida, a linguagem revestirá, no entanto, uma forma simples e espontânea, de tal maneira que não se note o esforço da arte e a preocupação do estilo.

  Ferem a naturalidade o uso sistemático dos termos difíceis, a frase rebuscada, a expressão empolada e pedante, enfim, tudo o que denota artificialismo e afetação.

- **Originalidade**. É uma qualidade inata ao falante ou escritor, um dom natural, que a arte não dá, mas pode estimular e aprimorar. Nasce de uma visão pessoal do mundo e das coisas.

  Contrapõem-se-lhe a imitação servil, o estilo postiço e a vulgaridade.

- **Harmonia**. É o elemento musical da frase. Seu segredo está na boa escolha e na correta disposição das palavras, de tal maneira que o período se imponha pelo ritmo, equilíbrio e harmonia.

- **Colorido e elegância**. São virtudes que dão à obra literária o acabamento ideal e o toque da perfeição. Decorrem do uso criterioso das figuras e dos ornatos de estilo, e exigem imaginação fértil e brilhante e o perfeito domínio da técnica literária.

LEITURA

Bendengó

Bendengó é um meteorito que foi encontrado no sertão baiano, em 1784, junto a um rio, afluente do Vaza-Barris e que passou a se chamar rio Bendengó.

O peso desse meteorito é de 5 toneladas e seu nome, de origem indígena, significa, entre os índios quiriris da Bahia, *vindo do céu*.

No local da queda do Bendengó existem até hoje escombros e estilhaços da pedra vinda do céu. E o acontecimento ficou na lembrança de todos os habitantes da região, em parte graças à literatura de cordel, que contou toda a história.

(Ronaldo de Freitas Mourão, *Astronomia e Poesia*, p. 87, Difel, Rio de Janeiro, 1977)

Nunca

Aprendi que, depois do horizonte,
há mais horizonte.
Aprendi que não existe limite,
a não ser o nosso próprio limite.
Aprendi que não existem mortes,
mas vida que sai de dentro da vida.
Apesar de todo o esforço do homem,
ele nunca encontrará a morte absoluta.

(Biafra, *Antologia da Nova Poesia Brasileira*, p. 45,
Editora Hipocampo, Rio de Janeiro, 1992)

FIGURAS DE LINGUAGEM
Exercícios de exames e concursos
[Página 690]

LÍNGUA E ARTE LITERÁRIA

1 A LÍNGUA E SUAS MODALIDADES

A língua de uma nação civilizada apresenta várias modalidades, que podem coexistir sem quebra de sua estrutura comum, de sua unidade. Assim, cumpre distinguir:

- a língua geral ou comum
- a língua popular
- a língua culta
- a língua literária
- a língua falada
- a língua escrita

A **língua geral** é a língua oficial de um país, vivificada pelo uso comum e aceita pela comunidade. Sobrepõe-se aos falares regionais, sempre existentes, sobretudo em países de grande extensão geográfica. Para nós, brasileiros, é a língua portuguesa, vista em seu conjunto.

A língua geral tende a carregar-se de tonalidades regionais, na fonética e no vocabulário, resultando dali os falares regionais, que chegam a tingir fortemente a expressão cultural e literária em certas áreas geográficas de um país. Quando características muito acentuadas vincam um falar muito regional, temos um *dialeto*. No Brasil, temos um caso típico desse fato, é o *dialeto caipira*, condenado a desaparecer ante a ação da escola e dos meios de comunicação.

Dentre os falares regionais do Brasil, destacam-se o amazônico, o nordestino, o fluminense, o carioca, o gaúcho, o mineiro e o sulista, cada qual marcado por sensíveis diferenças léxicas (vocabulário) e fonéticas (sotaque).

O linguajar de uma região, com seus modismos e peculiaridades, é frequentemente retratado pelos escritores regionalistas em suas obras literárias.

A **língua popular** é a fala espontânea e fluente do povo. Mostra-se quase sempre rebelde à disciplina gramatical e está eivada de plebeísmos, isto é, de palavras vulgares e expressões da gíria. É tanto mais incorreta quanto mais incultas as camadas sociais que a falam. Diz-se, com mais propriedade, *linguagem* popular. Nela se insere a modalidade familiar ou coloquial, em que a preocupação com a correção gramatical é mais ou menos sentida, dependendo do grau de escolaridade do falante.

A **língua culta** é usada pelas pessoas instruídas das diferentes profissões e classes sociais. Pauta-se pelos preceitos vigentes da gramática normativa e caracteriza-se pelo apuro da forma e pela riqueza lexical. Seu vocabulário é mais amplo, mais preciso, e a frase, mais elaborada que a da língua popular. É ensinada nas escolas e serve de veículo às ciências, nas quais se

apresenta com terminologias típicas. Em língua culta é que se elaboram obras científicas, obras didáticas, artigos de fundo em jornais e revistas, documentos oficiais, etc. Mais artificial do que espontânea, dela se servem os poetas e escritores em suas obras artísticas, sendo então chamada *linguagem literária*.

Uma língua pode ser **falada** ou **escrita**, conforme se utilizem signos vocais (expressão oral) ou sinais gráficos (expressão escrita). A primeira é viva e atual, ao passo que a segunda é a representação ou a imagem daquela. A língua falada é mais comunicativa e insinuante, porque as palavras são fortemente subsidiadas pela sonoridade e inflexões da voz, pelo ritmo da frase, pelo jogo fisionômico e a gesticulação (mímica), recursos estes que a língua escrita desconhece. O discurso de um orador inflamado é muito mais belo e empolgante ouvido do que lido. Por outro lado, a expressão oral é prolixa e evanescente, ao passo que a escrita é sóbria e duradoura.

A comunicação oral ou escrita se efetua em diferentes *níveis de expressão*. Dependendo das circunstâncias que envolvem o ato da comunicação, o indivíduo utiliza um tipo de linguagem adequado à situação: formal ou informal, culta ou coloquial, corrente ou científica, etc. Na conversação familiar, o modo de falar é um, em ambiente cerimonioso é outro. Ao escrever um livro, o autor diversifica a linguagem, conforme a obra se destine a adultos ou a crianças.

O grau de instrução do usuário da língua portuguesa, sua profissão, o meio em que vive e a camada social a que pertence são fatores que atuam fortemente no fenômeno da variação do idioma.

2 ELEMENTOS DA OBRA LITERÁRIA

Dois são os elementos fundamentais da obra literária: o *conteúdo* e a *forma*.

- **Conteúdo** ou **fundo**. São as ideias, os conceitos, os sentimentos, os apelos e as imagens imateriais que as palavras transmitem da mente do escritor à do leitor.
- **Forma**. É a expressão linguística, a linguagem escrita ou falada, veículo das ideias e dos sentimentos.

A forma de uma obra literária pode apresentar-se sob dois aspectos diferentes: a *prosa* e a *poesia* ou *verso*.

Prosa é a linguagem objetiva, direta, usual; é o veículo comum do pensamento. Ainda que vazada em prosa, uma obra literária pode estar permeada de pensamentos poéticos.

Poesia é a linguagem subjetiva, carregada de emoção e sentimento, com ritmo melódico constante, bela e indefinível como o mundo interior do poeta. Visa a um efeito estético.

"O objeto da poesia, como o de todas as belas-artes, é o de produzir um encanto emotivo, um puro e elevado prazer." (BUTCHER, *apud* ALCEU AMOROSO LIMA, *Estética Literária*, p. 38)

Vazada em linhas descontínuas ou *versos*, que podem ser *metrificados* ou *livres*, a linguagem poética, sob o aspecto auditivo ou melódico, se caracteriza pelo *ritmo*, bem mais acentuado que na prosa, e pela eventual utilização da *rima*.

Considera-se obra literária somente o escrito que se distingue pela beleza da forma e a excelência do conteúdo. Será tanto mais apreciada quanto maior o seu poder de sugerir, de tocar a nossa sensibilidade, de empolgar o nosso espírito. As obras literárias de alcance universal têm, geralmente, mais valor que as de caráter estritamente nacional ou regional.

3 ESTILO

Estilo é a maneira típica de cada um exprimir seus pensamentos, seus sentimentos e emoções, por meio da linguagem.

Todo escritor tem seu estilo próprio, pessoal, isto é, sua expressão reveste uma forma característica, pela qual se manifestam seus impulsos emotivos, sua sensibilidade e a feição peculiar de seu espírito. Podemos, pois, afirmar que o estilo é o espelho em que se reflete a alma do escritor, a tela em que se projeta a personalidade do artista.

Mas, além dessas características individuais que diferenciam os autores uns dos outros, o estilo revela também os traços psicológicos e culturais da raça e as tendências dominantes das diversas escolas e correntes literárias que marcaram época através dos tempos. Neste sentido é que dizemos que há um estilo clássico, um estilo barroco, um estilo romântico, um estilo modernista, etc.

É pelo seu estilo primoroso e brilhante que os grandes artistas da palavra conseguem criar obras de imarcescível beleza.

No estilo cumpre distinguir o aspecto material ou linguístico (que são as possibilidades de expressão que a língua oferece ao escritor e que este seleciona a seu gosto e até mesmo recria) e o aspecto psíquico, mental, subjetivo, ou seja, os traços que expressam a dimensão psicológica do artista, suas tendências, seu modo de ver e julgar a vida e o mundo em que vive. Da fusão desses dois elementos, um externo, outro interno, é que resulta o estilo.

4 GÊNEROS LITERÁRIOS

- **Em prosa**

a) **Gênero narrativo:**

romance histórico
romance psicológico
romance policial
romance de costumes
romance de aventuras
conto, novela, história, fábula
apólogo, crônica, memórias

b) **Gênero oratório:**

oratória acadêmica (discurso)
oratória sagrada (sermão)
oratória forense
oratória política

c) **Gênero dramático:**

drama
comédia

d) **Gênero didático:**
crítica
ensaio
tratado

e) **Gênero epistolar:**
carta

f) **Gênero polêmico:**
polêmica

- **Em verso**

a) **Gênero lírico:**
poema, soneto, canção, hino, ode, elegia, balada, bucólica

b) **Gênero épico:**
epopeia
poema

c) **Gênero dramático:**
drama
comédia
tragédia

d) **Gênero satírico:**
sátira
epigrama

e) **Gênero narrativo:**
fábula

Observação:

✔ Certos gêneros literários, como a epopeia e a tragédia, florescentes em outras épocas, são hoje obsoletos.

5 FICÇÃO

Em literatura, *ficção* (do latim *fictionem*, de *fingere* = modelar, criar, inventar, imaginar) é uma história inventada, uma criação da fantasia, uma obra do talento inventivo do escritor.

A literatura de ficção pertence ao gênero narrativo e abrange o romance, o conto, a novela, a fábula, o apólogo, a lenda e a história.

- **Novela**, como obra literária, é uma narração mais extensa do que o conto, porém menos longa que o romance. Não se confunda com novela de televisão.

Dentre essas formas de ficcionismo, destaca-se, pela sua extensão, complexidade e importância, o *romance*, gênero literário para o qual sempre se voltaram as preferências do público leitor.

Num romance cumpre distinguir:

a) o **tema** ou **assunto**: é a ideia central da história.

b) as **personagens**: são as pessoas que figuram na história e tomam parte na ação, nos acontecimentos. A figura central do romance é o *protagonista*.

c) o **narrador**: é o que narra os fatos e descreve o ambiente. O narrador é onisciente e onipresente e pode ser, ao mesmo tempo, personagem, participante da ação. Nesse caso, a narrativa é feita em 1ª pessoa, como se dá, por exemplo, no romance *São Bernardo*, de Graciliano Ramos.

d) o **enredo**: é a trama ou urdidura dos acontecimentos e das ações das personagens. Abrange as seguintes fases: *apresentação, complicação* ou *conflito, clímax* e *desenlace* ou *epílogo*. Esta é a sequência narrativa mais comum. Para que o enredo tenha unidade, os fatos devem estar inter-relacionados, de tal modo que uns sejam a consequência dos outros.

e) o **ambiente**: é o espaço físico, o lugar onde se desenrolam os acontecimentos, e também o meio social, a situação, a atmosfera mental e moral que envolve as personagens e atua sobre as suas ações.

f) o **tempo**: é o espaço de tempo mais ou menos longo, a hora do dia e a época em que transcorrem os fatos narrados. Pela movimentação das personagens e a sucessão dos eventos e incidentes, o autor faz com que sintamos a marcha do tempo e a duração dos acontecimentos.

g) o **discurso**: a transmissão ou referência que o narrador faz da fala ou do pensamento das personagens. O discurso pode ser *direto* ou *indireto*, como a seguir se verá.

▪ O discurso direto e o indireto

▪ O discurso é **direto** quando são as personagens que falam. O narrador, interrompendo a narrativa, põe-nas em cena e cede-lhes a palavra. Exemplo:

" – Por que veio tão tarde? perguntou-lhe Sofia, logo que ele apareceu à porta do jardim, em Santa Teresa.

– Depois do almoço, que acabou às duas horas, estive arranjando uns papéis. Mas não é tão tarde assim, continuou Rubião, vendo o relógio; são quatro horas e meia.

– Sempre é tarde para os amigos, replicou Sofia, em ar de censura."

(MACHADO DE ASSIS, *Quincas Borba*, cap. XXXIV)

No discurso direto, indica-se o interlocutor e caracteriza-se-lhe a fala por meio dos *verbos de elocução*, tais como: *dizer, exclamar, suspirar, segredar, explicar, perguntar, responder, replicar, protestar, pedir, prometer, prosseguir, concluir, acrescentar, propor, aconselhar, atalhar, ameaçar, gritar, vociferar, murmurar, desabafar, explodir, lamentar, gemer,* etc. Alguns desses verbos traduzem os sentimentos, as emoções e as reações psicológicas das personagens. Os autores modernos usam os verbos de elocução com muita parcimônia. Nas falas breves, convém omiti-los, bastando, para a clareza do diálogo, a abertura

de parágrafo e o uso de travessão. Veja-se, como exemplo, o capítulo CXIV do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis.

- No discurso **indireto** não há diálogo, o narrador não põe as personagens a falar diretamente, mas faz-se o intérprete delas, transmitindo ao leitor o que disseram ou pensaram. Exemplo:

"A certo ponto da conversação, Glória me disse que desejava muito conhecer Carlota e perguntou por que não a levei comigo." (CIRO DOS ANJOS, *Abdias*, 4ª ed., p. 52)

Expresso em discurso direto, o período acima apresentaria a seguinte forma:

– Desejo muito conhecer Carlota – disse-me Glória, a certo ponto da conversação. – Por que não a trouxe consigo?

Resultante da mistura dos discursos direto e indireto, existe uma terceira modalidade de técnica narrativa, o chamado **discurso indireto livre**, o processo mais difícil e menos comum, porém de grande efeito estilístico. É uma espécie de monólogo interior das personagens, mas expresso pelo narrador. Este interrompe a narrativa para registrar e inserir reflexões ou pensamentos das personagens, com as quais passa a confundir-se. Exemplos:

a) "Quando Eduardo ia para o Grupo, deixava-a debaixo da bacia. Um dia o pai lhe disse que aquilo era maldade: 'Gostaria que fizessem o mesmo com você? As galinhas também sofrem'. Um domingo, encontrou Eduarda na mesa do almoço, pernas para o ar, assada. Eduarda foi comida entre lágrimas. *É, sofrem, mas todo o mundo come e ainda acha bom.*"

(FERNANDO SABINO, *O Encontro Marcado*, 5ª ed., p. 9)

A última frase (por nós grifada), embora expressa pelo autor, representa uma reflexão do personagem, o menino Eduardo: está em discurso indireto livre.

b) "Fabiano ouviu o falatório desconexo do bêbado, caiu numa indecisão dolorosa. Ele também dizia palavras sem sentido, conversava à toa. Mas irou-se com a comparação, deu marradas na parede. Era bruto, sim senhor, nunca havia aprendido, não sabia explicar-se. Estava preso por isso? Como era? Então mete-se um homem na cadeia porque ele não sabe falar direito?"

(GRACILIANO RAMOS, *Vidas Secas*, 18ª ed., p. 40)

Os quatro períodos finais estão em discurso indireto livre: não podem ser atribuídos ao narrador, mas ao personagem Fabiano, que, preso injustamente, rumina e extravasa a própria revolta interior.

No discurso indireto puro, as orações que traduzem a fala das personagens dependem dos verbos de elocução:

Omar queixou-se ao pai, dizendo *que não era preciso tanta severidade,* e perguntou-lhe *por que não tratava os outros filhos com o mesmo rigor.*

No discurso indireto livre, não se usam verbos de elocução:

Omar queixou-se ao pai. *Não era preciso tanta severidade. Por que não tratava os outros filhos com o mesmo rigor?*

EXERCÍCIOS LISTA 66

1. Assinale as frases em que se fez o uso da linguagem popular:

a) Assisti a uma discussão do açougueiro com o vizinho.

b) Na casa não tinha fogão pra eu preparar o almoço.

c) Um e outro descendiam de velhas famílias do Norte.

d) A maioria dos escritores sobrevivia à custa de algum emprego público.

e) Quando viu que a coisa estava ficando preta, pegou o embrulho e se mandou.

f) A crise se agravou e muito empresário deu com os burros n'água.

2. Mude o discurso direto no indireto:

a) Nunca veio ao Rio? Perguntou-me o repórter.

b) Foi mesmo um descuido imperdoável, respondemos.

c) Não dê importância a essas notícias, pediu-me.

d) Eu os acompanharei até o fim, prometeu-lhes ele.

e) Minha avó conheceu-o ainda menino, lembrei-lhe.

f) Por que a minha proposta não lhe interessa? Quis saber Leandro.

g) Conta-me o que há, minha filha; não me escondas nada, pedia-lhe o pai, na carta.

h) Se eu puder, irei visitá-lo amanhã, disse-lhe.

i) Se alguma coisa lhe disse que a tenha magoado, perdoe-me, suplicou-lhe o moço, humildemente.

j) Isso não pode continuar assim, respondeu ela; é preciso que façamos as pazes definitivamente.

k) É interessante apreciar temporais, mas quando estamos abrigados, costumava dizer meu avô.

3. Mude o discurso indireto no direto:

a) Rodrigo, ao despedir-se, pediu-me que, se algum dia ainda nos víssemos, o apresentasse a minha família.

b) Dona Ema chamava o menino a si, dizendo que a única pessoa que a entendia naquela casa era seu neto.

c) Uma semana depois, Virgília perguntou ao Lobo Neves, a sorrir, quando seria ele ministro. Ele respondeu que, pela vontade dele, naquele instante mesmo; pela dos outros, dali a um ano.

d) "Daí a pouco chegou João Carlos e, após ligeiro exame, receitou alguma coisa, dizendo que nada havia de anormal; entretanto, parecia-lhe conveniente Carlota voltar ao consultório do Dr. Sinésio, que é especialista." (Ciro dos Anjos)

4. Sublinhe as frases que estão em discurso indireto livre:

a) – Como é que você trata meu filho?

– Ah, Dona Sílvia! Desculpe, mas encurtei o nome dele [Marco Aurélio]. Era muito comprido. Para mim ele se chama *Marcoré*.

Sílvia sorriu e examinou mentalmente a corruptela. *Marcoré*. Não ficava mal, soava até como um diminutivo carinhoso.

(Antônio Olavo Pereira, *Marcoré*, 4ª edição, p. 109)

b) Viam maldade numa indagação lógica e natural, e pretendiam atirar-me a culpa. Velhas idiotas, que se danassem. Tranquilizei Sílvia, que receara pelo pior com o meu protesto, e mandei Marcoré passear de velocípede na calçada.

(Idem, *ib.*, p. 124)

c) Antonieta lhe comunicou inesperadamente que iria embora:

– Papai chega amanhã. Vai com o governador a uma exposição pecuária em Uberaba, quer que eu vá com ele. De lá seguimos direto para o Rio. Logo agora que tinham tanto a conversar! No dia seguinte, de volta do quartel, era ele (Eduardo) que lhe contava pelo telefone: – A visita de seu pai é oficial. Fomos escalados para a escolta do ministro logo mais, da estação ao palácio.

(FERNANDO SABINO, *O Encontro Marcado*, 5ª ed., p. 122)

d) Ariosto Ribas já estava em Caruaru há cinco dias, não saíra de casa uma só vez. Para que sair? Para aquelas caras que odeia tanto? O importante é que saibam de uma coisa: Ariosto Ribas se acha novamente na terra. O que não lhes será nada agradável.

(JOSÉ CONDÉ, *Terra de Caruaru*, 2ª ed., p. 285)

6 VERSIFICAÇÃO

Versificação é a técnica ou arte de fazer versos.

Verso é uma linha poética, com número determinado de sílabas e agradável movimento rítmico.

No verso tradicional devemos distinguir: o *metro*, o *ritmo* e a *rima*.

▪ Metro

Metro é a medida ou extensão da linha poética.

Os poetas da língua portuguesa têm usado, dentro da poética tradicional, doze espécies de versos: de uma até doze sílabas. São relativamente raros os exemplos de versos metrificados que ultrapassam esta medida.

Segundo o número de sílabas, os verbos se dizem *monossílabos, dissílabos, trissílabos, tetrassílabos, pentassílabos, hexassílabos, heptassílabos, octossílabos, eneassílabos, decassílabos, hendecassílabos* e *dodecassílabos*.

Alguns verbos possuem ainda denominações especiais: *redondilha menor* (o de cinco sílabas), *redondilha maior* (o de sete sílabas), *heróico* (o de dez sílabas), *alexandrino* (o de doze sílabas).

As *sílabas métricas*, isto é, as sílabas dos versos, nem sempre coincidem com as sílabas gramaticais. A contagem das sílabas métricas faz-se auditivamente e subordina-se aos seguintes princípios:

a) Quando duas ou mais vogais se encontram no fim de uma palavra e começo de outra, e podem ser pronunciadas numa só emissão de voz, unem-se numa única sílaba métrica.

Exemplos:

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

"A i|da|de aus|te|ra e | no|bre a | que | che|ga|mos." (ALBERTO DE OLIVEIRA)

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

"A|cha em | lu|gar | da | gló|ria o | lo|do im|pu|ro." (OLAVO BILAC)

Observações:

- ✔ Para que tais uniões vocálicas não sejam duras e malsoantes, as vogais (pelo menos a primeira delas) devem ser átonas e não passar de três.
- ✔ Não se unem vogais tônicas: *sen* | ***ti*** | ***ó*** | *dio; es* | ***tá*** | ***ú*** | *mi* | *do,* etc. Nem é aconselhável juntar tônicas com átonas: *a* | ***li*** | ***o*** | *ve* | *jo; se* | ***rá*** | ***es*** | *po* | *sa*, etc.

b) Ditongos crescentes valem, geralmente, uma só sílaba métrica (de-lí-*cia*, *pie*-do-so, tê-*nue*, per-pé-*tuo*, sá-*bio*, *quie*-to, i-ní-*quo*):

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

"O|pe|rá|*rio* | mo|des|to, a|be|lha | po|bre." (OLAVO BILAC)

Observação:

- ✔ Às vezes, porém, poetas dissolvem ditongos crescentes em hiatos. Esta dissolução denomina-se *diérese*:

1 2 3 4 5 6 7 8

"Nem | fez | cas|te|los | gran|*di*|o|sos

1 2 3 4 5 6 7 8

so|bre as | a|rei|as | mo|ve|di|ças?" (CABRAL DO NASCIMENTO)

c) Não se conta(m) a(s) sílaba(s) que se segue(m) ao último acento tônico do verso. Exemplo:

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

"Quan|do | no | poen|te o | sol | des|do|bra as | *clâ*|mides

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

de | san|gue e | de oi|ro | que | nos | om|bros | *le*|va," (CABRAL DO NASCIMENTO)

Essa regra só atinge versos *graves* (os que terminam por palavra paroxítona) e *esdrúxulos* (os que terminam por palavra proparoxítona). Nos versos *agudos* (os que terminam por palavra oxítona), contam-se, é óbvio, todas as sílabas, como neste verso:

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

"Dei|xa | cor|rer | a | fon|te | da i|lu|são!" (CABRAL DO NASCIMENTO)

7 PROCESSOS PARA A REDUÇÃO DO NÚMERO DE SÍLABAS MÉTRICAS

Para atender às exigências da métrica, os poetas recorrem à:

a) **crase** – fusão de duas vogais iguais numa só:

a alma [*al-ma*]; o ódio [*ó-dio*]; foge e grita [*fo-ge-gri-ta*]

b) **elisão** – supressão da vogal átona final de um vocábulo, quando o seguinte começa por vogal:

Ela estava só [*e-les-ta-va-só*]; duma (por *de uma*); como um bravo [*co-mum-bra-vo*]

c) **ditongação** – fusão de uma vogal átona final com a seguinte, formando ditongo:

este amor [*es-tia-mor*], sobre o mar [*so-briu-mar*], aquela imagem [*a-que-lei-ma-gem*], moço infeliz [*mo-çuin-fe-liz*]

d) **sinérese** – transformação de um hiato em ditongo, na mesma palavra:

crueldade [*cruel-da-de*], luar, fiel, magoado [*ma-gua-do*]

e) **diérese** – o inverso da sinérese, ou seja, a dissolução de um ditongo em hiato:

saudade [*sa-u*-da-de], piedoso, [*pi-e*-do-so]

f) **ectlipse** – supressão de um fonema nasal final, para possibilitar a crase ou ditongação:

co, cos, coa, coas (por *com o, com os, com a, com as*)

g) **aférese** – supressão de sílaba ou fonema inicial:

té (por *até*), *inda* (por *ainda*), *'stamos* (por *estamos*)

8 RITMO

O *ritmo* resulta da regular sucessão de sílabas átonas ou fracas e de sílabas tônicas ou fortes. É o elemento melódico do verso, tão essencial e indispensável à poesia quanto à música. Juntamente com a rima e as imagens poéticas, transmite aos versos um misterioso poder de emoção e encantamento.

Os acentos tônicos ou as sílabas tônicas devem repetir-se com intervalos regulares, de modo a cadenciar o verso e torná-lo melodioso. Não se distribuem arbitrariamente, mas devem, segundo a espécie do verso, recair em determinadas sílabas, de acordo com os critérios seguintes:

a) Os versos **monossílabos**, muito raros, têm um só acento tônico ou predominante:

"Pingo
d'água,
pinga,
bate
tua
mágoa!"
(D. P. C.)

"Quem
não
tem
seu
bem
que
não
vem?

Ou
vem
mas
em
vão?
Quem?"

(Cassiano Ricardo)

b) Os versos **dissílabos**, pouco frequentes, têm o acento tônico na 2ª sílaba:

"Um **rai**o
Ful**gu**ra
No es**pa**ço
Es**par**so
De **luz**" (Gonçalves Dias)

"Ao **tro**te
Do **bai**o,
Que **do**ce
Lem**bran**ça
O **ros**to
Da **mo**ça
Que **mo**ra
Na **ser**ra
No **ran**cho
De **pa**lha!" (Ribeiro Couto)

c) Os versos **trissílabos** requerem o acento predominante na 3ª sílaba, podendo, no entanto, apresentar um acento secundário na 1ª sílaba:

"Vem a au**ro**ra
Pressu**ro**sa,
Cor-de-**ro**sa,
Que se **co**ra
De car**mim**." (Gonçalves Dias)

d) Os versos **tetrassílabos** têm, mais frequentemente, os acentos tônicos na 2ª e 4ª sílabas e, menos vezes, na 1ª e 4ª sílabas ou apenas na 4ª sílaba:

"O **sol** des**pon**ta
Lá no hori**zon**te,
Dou**ran**do a **fon**te,
E o **pra**do e o **mon**te,
E o **céu** e o **mar**." (Gonçalves Dias)

e) Os versos **pentassílabos** podem apresentar as seguintes cadências:

"**Já** dor**mi**ram **to**dos. (1ª, 3ª e 5ª sílabas)

Pássaros ce**les**tes (1ª e 5ª)

me vi**rão** can**tar** (3ª e 5ª)

do **la**do do **mar**. (2ª e 5ª) (CECÍLIA MEIRELES)

f) Os versos **hexassílabos** podem ter os acentos obrigatórios na 6ª sílaba juntamente com uma ou duas das quatro primeiras sílabas:

"**I**de-vos! Na ver**da**de
Não **que**ro ser as**sim**.
A **mi**nha liber**da**de
Vive **den**tro de **mim**." (CABRAL DO NASCIMENTO)

g) Os **heptassílabos** admitem as seguintes modalidades rítmicas:

"**Sur**gem **ve**las **mui**to a**lém**." (1ª, 3ª, 5ª e 7ª)

"**To**do o **tem**po me so**be**ja." (1ª, 3ª e 7ª)

"Vive**ri**a **sem**pre **lá**." (3ª, 5ª e 7ª)

"De que **tu**do aconte**ces**se." (3ª e 7ª)

"**Tu**do o que es**tá** para **trás**." (1ª, 4ª e 7ª)

"O **tem**po **tu**do me**lho**ra." (2ª, 4ª e 7ª)

"Ou **foi** ou ja**mais** co**me**ça." (2ª, 5ª e 7ª)

"Que se pro**lon**ga sem **pres**sa."[1] (4ª e 7ª) [1]

h) Os **octassílabos** admitem várias combinações rítmicas, com acentuação na 8ª sílaba e em duas ou três das seis primeiras sílabas:

"**Quan**tas gri**nal**das pelo **céu**!
Al**guém** de**cer**to **vai** ca**sar**." (ALPHONSUS DE GUIMARAENS)

"A **lua vem**, entre as ra**ma**gens
Do jar**dim** que **dor**me na **som**bra." (RIBEIRO COUTO)

i) Os **eneassílabos** podem apresentar os acentos tônicos na 3ª, 6ª e 9ª sílabas ou na 4ª e 9ª, com a possibilidade de acento secundário na 1ª sílaba.

"Falam **deu**ses nos **can**tos do **pia**ga,
Ó guer**rei**ros, meus **can**tos ou**vi**." (GONÇALVES DIAS)

"Na tênue **cas**ca de verde ar**bus**to
Gravei teu **no**me, depois par**ti**.
Foram-se os **a**nos, foram-se os **me**ses,
Foram-se os **di**as, acho-me a**qui**." (FAGUNDES VARELA)

j) Os **decassílabos** admitem duas modalidades rítmicas: 6ª e 10ª sílabas (verso heróico) e 4ª, 8ª e 10ª sílabas (verso sáfico):

"Estavas, **lin**da **Inês**, posta em sos**se**go,
de teus anos co**lhen**do o doce **fru**to." (LUÍS DE CAMÕES)

"Longe do es**té**ril turbi**lhão** da **ru**a." (OLAVO BILAC)

---

[1] Os oito versos heptassílabos acima foram colhidos no livro *Cancioneiro*, de Cabral do Nascimento, poeta português.

k) Os **hendecassílabos** têm acentuação fixa na 2ª, 5ª, 8ª e 11ª sílabas ou na 5ª e 11ª ou, ainda, na 3ª, 7ª e 11ª:

"Seus **o**lhos tão **ne**gros, tão **be**los, tão **pu**ros." (GONÇALVES DIAS)

"Nascem as es**tre**las, vivas, em car**du**me." (GUERRA JUNQUEIRO)

"Alvas **pé**talas do **lí**rio de tua **al**ma." (HERMES FONTES)

l) Os **dodecassílabos** ou **alexandrinos** admitem três ritmos diferentes:

- *alexandrino clássico*, com os acentos principais na 6ª e 12ª sílabas:

"Paira, grassa em re**dor**, toda a melanco**li**a
de uma paisagem **mor**ta, igual, deserta, i**men**sa." (VICENTE DE CARVALHO)

- *alexandrino moderno*, com duas variantes:

– ritmo quaternário (acentos na 4ª, 8ª e 12ª sílabas):

"É o choro **sur**do, entrecor**ta**do, do ba**tu**que,
no bate-**pé** que enche de as**som**bro o próprio **chão**." (CASSIANO RICARDO)

– ritmo ternário (acentos na 3ª, 6ª, 9ª e 12ª sílabas):

"Não me **dei**xas dor**mir**, não me **dei**xas so**nhar**." (CABRAL DO NASCIMENTO)

O alexandrino clássico é constituído de dois *hemistíquios* [*hemistíquio* = meio verso], ou seja, de dois versos de seis sílabas. Obedece às seguintes regras:

- A última palavra do 1º hemistíquio só pode ser oxítona ou paroxítona, nunca proparoxítona:

"E Cipango **verás**, fabulosa e opulenta." (OLAVO BILAC)

"Em tudo a fina **seta** aguda de aflições!" (CRUZ E SOUSA)

- Se a última palavra do 1º hemistíquio for paroxítona, deve terminar em vogal e embeber-se na primeira sílaba da palavra seguinte, que, para isso, começará por *vogal* ou *h*:

"Palpite a natureza **in**teira, bela e amante." (VICENTE DE CARVALHO)

"Mergulhada na som**bra**, **a** montanha mais cresce." (TASSO DA SILVEIRA)

9 ENCADEAMENTO (*ENJAMBEMENT*)

Quando a pausa final do verso não coincide com a pausa respiratória ou, por outras palavras, quando o verso não finaliza juntamente com um segmento sintático, tem-se o que se chama de **encadeamento** ou **transbordamento**, mais conhecido pelo nome francês de *enjambement*. Em geral, aconselha-se não fazer pausa no fim de tais versos. Todavia, pode-se fazer uma leve pausa, mas conservando a voz suspensa. Exemplo:

"Andam boiando, à superfície
da minha alma, restos
de coisas que eu não sei se, juntas, bastariam
para formar a vida... ou se eram só pretextos." (CABRAL DO NASCIMENTO)

10 RIMA

Rima é a identidade ou semelhança de som do fim (ou do meio) dos versos. Embora seja elemento secundário e até mesmo dispensável, a rima é aproveitada pelos poetas para comunicar aos versos mais harmonia e encantamento. É um recurso musical que agrada aos ouvidos.

Foneticamente, as rimas podem ser:

a) **perfeitas**: *sereno* e *moreno*, *neve* e *leve*, *audaz* e *paz*, *ronco* e *tronco*, *ninho* e *espinho*, etc.

b) **imperfeitas**: *Deus* e *céus*, *estrela* e *vela*, *espirais* e *Satanás*, etc.

c) **toantes** (idênticas somente na vogal tônica): *casa* e *vale*, *mudo* e *último*, *lírio* e *livro*, *época* e *pétala*, *hora* e *bola*, etc.

Conforme a posição do acento tônico das palavras que as formam, as rimas denominam-se:

a) **agudas** ou **masculinas**: feroz e atroz, amor e clamor, etc.

b) **graves** ou **femininas**: festa e manifesta, flores e cores, etc.

c) **esdrúxulas**: mágico e trágico, lírico e onírico, etc.

Segundo o seu valor, são as rimas classificadas em *pobres*, *ricas*, *raras* e *preciosas*.

a) **Pobres** – são as rimas vulgares e as formadas com palavras da mesma classe gramatical: *coração* e *oração*, *amor* e *temor*, *amado* e *desejado*, etc.

b) **Ricas** – as que são formadas com palavras de classe gramatical diferente: *prece* e *adormece*, *penas* e *apenas*, *arde* e *covarde*, etc.

c) **Raras** – as que são obtidas entre palavras de muito poucas rimas possíveis: *cisne* e *tisne*, *bosque* e *enrosque*, etc.

d) **Preciosas** – são rimas artificiais do tipo de *vê-la* e *estrela*, *tranquilo* e *ouvi-lo*, *dá-lhe* e *falhe*.

De várias maneiras podem as rimas ser dispostas nas estrofes. Conforme sua colocação, se dizem *emparelhadas* (aabb), *alternadas* (abab), *interpoladas* (abba) e *misturadas* (dispostas livremente).

As rimas, quase sempre, são *externas*. Um ou outro poeta cultivou as rimas *internas*:

"Na areia do *Douro*, orvalhada de *ouro*,
menina Ondina,
era lindo brincar." (CECÍLIA MEIRELES)

"Salve! Bandeira do Brasil **querida**!
Toda **tecida** de esperança e luz!
Pálio sagrado sob o qual **palpita**
A alma **bendita** do País da Cruz!" (DOM AQUINO CORREIA)

11 VERSOS BRANCOS

Chamam-se *brancos* ou *soltos* os versos sem rima. Entre os poemas compostos em versos brancos, citam-se o *Cântico do Calvário*, de Fagundes Varela, e *Palavras ao Mar*, de Vicente de Carvalho.

12 ESTROFE

Estrofe ou *estância* é um grupo de versos de um poema. As estrofes podem ser formadas de versos de medida igual ou diferente. Tem denominações especiais, conforme o número de versos:

dístico: estrofe de dois versos

terceto: estrofe de três versos

quadra ou *quarteto*: estrofe de quatro versos

quintilha: estrofe de cinco versos

sextilha: estrofe de seis versos

oitava: estrofe de oito versos

décima: estrofe de dez versos

Estribilho é um verso que se repete no fim das estrofes de certas poesias, como o *rondó*, a *balada*, etc. Chama-se também *refrão*.

13 SONETO

Soneto é um pequeno poema de forma fixa. Compõe-se de catorze versos, agrupados em duas quadras e dois tercetos. O decassílabo (o verso consagrado do soneto clássico) e o alexandrino são os metros preferidos dos sonetistas. Para a colocação das rimas, há diversas variantes.

"A tradição quer que o último verso do soneto seja sempre uma *chave de ouro*, encerrando a essência do pensamento geral da composição." (Olavo Bilac, *Tratado de Versificação*, p. 168)

Tem-se definido o soneto como "um pensamento de ouro num cárcere de aço".

O soneto presta-se principalmente para a expressão dos sentimentos líricos. Teve e continua tendo grande vitalidade em várias literaturas.

Eis um modelo de soneto:

Pra que partir?

Estou sentado sobre a minha mala
no velho bergantim desmantelado...
Quanto tempo, meu Deus, malbaratado
em tanto inútil, misteriosa escala!

Joguei a minha bússola quebrada
às águas fundas... E afinal, sem norte,
como o velho Simbá de alma cansada,
eu nada mais desejo, nem a morte...

Delícia de ficar deitado ao fundo
do barco, a vos olhar, velas paradas!
Se em toda parte é sempre o Fim do Mundo,

Pra que partir? Sempre se chega, enfim...
Pra que seguir empós das alvoradas,
se, por si mesmas, elas vêm a mim?

(MÁRIO QUINTANA, *A Rua dos Cata-ventos*, Editora Globo, São Paulo, 2005)

Há mais de uma opção para dispor e combinar as rimas do soneto. No soneto acima, o autor adotou o seguinte esquema: *abba* (1ª estrofe), *cdcd* (2ª estrofe), *efe* (3ª estrofe), *gfg* (4ª estrofe).

14 VERSO LIVRE

Verso livre é o que não obedece aos preceitos da versificação tradicional, mormente no que tange à métrica e ao ritmo. Não se subordina ao número fixo de sílabas nem à regular distribuição dos acentos tônicos. Seu movimento rítmico é, por isso, menos perceptível que o do verso metrificado. Em compensação, por ser mais espontâneo e livre de artifícios, o verso moderno não freia tanto a imaginação criadora do poeta.

O verso livre foi introduzido em nossa literatura pelos poetas modernistas, tendo sido cultivado mais intensamente após a Semana de Arte Moderna (1922).

O seguinte poema de Mário Quintana nos poderá dar uma ideia do que seja verso livre:

Cântico

O vento verga as árvores, o vento clamoroso da aurora...
Tu vens precedida pelos voos altos,
Pela marcha lenta das nuvens.
Tu vens do mar, comandando as frotas do Descobrimento!

Minh'alma é trêmula da revoada dos Arcanjos.
Eu escancaro amplamente as janelas.
Tu vens montada no claro touro da aurora.
Os clarins de ouro dos teus cabelos cantam na luz!

(MÁRIO QUINTANA, *Poesias*, p. 166, Editora Globo, 1972)

EXERCÍCIOS LISTA 67

1. Faça quadrinhos para escrever as sílabas métricas destes versos octossílabos, de Ribeiro Couto. Indique as junções vocálicas com o sinal (⌒) e sublinhe as sílabas tônicas:

"Vi o luar do céu deserto.

Enquanto em roda a noite avança."

2. Divida e numere as sílabas métricas dos versos:

"É uma história espantosa." (Joaquim Cardoso)

"Ao longe, a mancha esguia de um cipestre." (Rosamaria Castelo Branco)

"Teu pé, como o de um deus, fecundava o deserto." (Olavo Bilac)

"Sou apenas constante e humilhado leitor." (Carlos Drummond de Andrade)

"E os moços inquietos, que a festa enamora." (Gonçalves Dias)

"O Coronel estava ausente." (Carlos Drummond de Andrade)

"Como é triste esta sala assim vazia!" (Rosamaria Castelo Branco)

"Abri meus braços para alcançar-te." (Cecília Meireles)

3. Diga quantas sílabas métricas tem cada verso desta estrofe:

"Sofrimento ou Prazer, Tristeza ou Alegria,
ó tiranos cruéis, deuses de alto valor!
Eu vos porei em verso, dia-a-dia,
e ficarei melhor." (Cabral do Nascimento)

4. Identifique o único verso alexandrino entre os seguintes, de Cecília Meireles:

"Teu rosto passava, teu nome corria..."

"Eis o cavalo pela verde encosta."

"Sobre um passo de luz outro passo de sombra."

5. Identifique a redondilha maior:

"Ó *flor que* sorriste ao passante..." (Ribeiro Couto)

"Como um príncipe encantado." (Dante Milano)

"Um peso enorme para carregar." (Mário Quintana)

6. Relacione as palavras da direita com as da esquerda, atendendo aos processos de redução ou ampliação das sílabas métricas:

(1) aférese	ela encontra [e-len-con-tra]
(2) sinérese	piedade [pi-e-da-de]
(3) diérese	inda [por *ainda*]
(4) crase	coa [por *com a*]
(5) ditongação	magoado [ma-gua-do]
(6) ectlipse	sobre o mar [so-briu-mar]
(7) elisão	o ódio [ó-dio]

7. Reduza este verso alexandrino a decassílabo:

"Como a casa é deserta! E como a tarde é fria!" (MANUEL BANDEIRA)

8. O poema *Janelas sobre o Saara*, na página 633, está composto em versos livres ou metrificados, sem rimas e sem estrofes?

LEITURA

Amada

Céleres, as estrelas caem do céu.
Tu as recolhes, uma a uma,
– ó segadora de luzes!

Ilumina com elas a noite
de tua cabeleira longa.
E fica assim, imóvel, risonha,
diante de mim deslumbrado
– mito cintilante do amor.

(MÁRIO DA SILVA BRITO, *Jogral do Frágil e do Efêmero*, p. 31, Civilização Brasileira, 1979)

LÍNGUA E ARTE LITERÁRIA
Exercícios de exames e concursos
[Página 693]

BIBLIOGRAFIA

Adalberto Prado e Silva – *Gramática Simplificada*, Melhoramentos, s/d. *Dicionário Mirador*, Melhoramentos, 1975.

Adolfo Caminha – *A Normalista*, Ática, 1998.

Adonias Filho – *Léguas da Promissão*, Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1968. *Luanda Beira Bahia*, Bertrand Brasil, 2005. *As Velhas*, Bertrand Brasil, 2004. *Corpo Vivo*, Bertrand Brasil, 2001.

Adriano da Gama Kury – *Pequena Gramática*, 5ª ed., Rio de Janeiro, Agir, 1960. *Lições de Análise Sintática*, 1ª ed., Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1961.

Afonso Arinos de Melo Franco – *Pelo Sertão*, Villa Rica Editora, 1981.

Afrânio Coutinho – *Antologia Brasileira de Literatura*, v. 1, Rio de Janeiro, 1965.

Afrânio Peixoto – *Clima e Saúde*, Editora Nacional, 1935. *Uma Mulher como as Outras*, Editora Nacional, 1933.

Agripino Grieco – *Gralhas e Pavões*, Record, 1988.

Alexandre Herculano – *Eurico, o Presbítero*, Ática. *Lendas e Narrativas*, Pradense, 2008. *O Bobo*, Ática, 1998.

Almeida Garrett – *Viagens na Minha Terra*, Lisboa, s/d.

Alphonsus de Guimaraens – *Poesia Completa*, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 2001.

Alphonsus de Guimaraens Filho – *Água do Tempo*, 1976.

Aluísio Azevedo – *Casa de Pensão*, Ática, 1998. *O Cortiço*, Moderna, 2007.

Álvaro Lins – *Rio Branco*, 3ª ed., Alfa-Ômega, 1996.

Amadeu de Queirós – *Histórias Quase Simples*, São Paulo, Cultrix, 1963.

Ana Miranda – *O Retrato do Rei*, Cia. das Letras, São Paulo, 1991.

André Martinet – *Elementos de Linguística Geral*, Gredos, 1991.

Aníbal Machado – *Histórias Reunidas*, 1ª ed., Rio de Janeiro, J. Olympio, 1959. *Cadernos de João*, J. Olympio, 2004.

Antenor Nascentes – *Tesouro da Fraseologia Brasileira*, 2ª ed., Rio de Janeiro, 1966. *O Idioma Nacional*, 5ª ed., 1965.

Antônio Callado – *Assunção de Salviano*, Agir, 2005. *Quarup*, Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2005. *A Madona de Cedro*, Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2007.

Antônio Carlos Villaça – *Os Saltibancos da Porciúncula*, Record, 1996.

Antônio F. de Castilho – *Felicidade pela Agricultura*, Dois Mundos, Rio de Janeiro, s/d.

Antônio Gedeão – *Obra Completa*, Relógio D'água, 2004.

Antônio Houaiss – *Pequeno Dicionário Enciclopédico*, Rio de Janeiro, Larousse do Brasil, 1980.

Antônio Olavo Pereira – *Marcoré*, Rio de Janeiro, J. Olympio, 1991. *Fio de Prumo*, J. Olympio, 1965.

Ariano Suassuna – *O Rei Degolado ao Sol da Onça Caetana*, Rio de Janeiro, J. Olympio, 1977.

Artur Azevedo – *Contos Fora da Moda*, Alhambra, Rio de Janeiro, 1982.

Assis Brasil – *Nassau*, Rio Fundo Editora, 1990.

Aurélio Buarque de Holanda Ferreira – *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, 2ª ed., Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1986; 3ª ed., Nova Fronteira, 1999. *Seleta*, J. Olympio, 1979. *Dois Mundos*, Edições O Cruzeiro, 2ª ed., 1956.

Austregésilo de Ataíde – *Vana Verba*, Edições O Cruzeiro, 1971.

Autran Dourado – *O Risco do Bordado*, Rio de Janeiro, Rocco, 1999. *Solidão Solitude*, Rio de Janeiro, Rocco, 2004. *Monte da Alegria*, Rocco, 2003.

Bernardo Élis – *Caminhos dos Gerais*, Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1975.

Bernard Pottier – *Estruturas Linguísticas do Português*, 2ª ed., São Paulo, Difusão Europeia do Livro, 1973.

Cabral do Nascimento – *Cancioneiro*, Portugalia, Lisboa, 1963.

Caldas Aulete – *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*, 3ª ed., Editora Delta, 1974.

Camilo Castelo Branco – *A Queda dum Anjo*, Ática, 1997. *Coração, Cabeça, Estômago*, Martins Fontes, 2003. *Amor de Perdição*, São Paulo, FTD, 1999. *Maria da Fonte*, Porto, 1885. *Aventuras de Basílio Fernandes Enxertado*, Lisboa, 1863. *O Visconde de Ouguela*, Rio de Janeiro, Org. Simões, 1954. *Os Brilhantes do Brasileiro*, 8ª ed., Lisboa, 1965. *O Retrato de Ricardina*, 1977. *O Bem e o Mal*, Rio de Janeiro, Org. Simões, 1955. *Vulcões de Lama*, Lisboa, 1886. *A Brasileira de Prazins*, Nova Fronteira, 1995.

Carlos Augusto Corrêa – *Pontuar É Preciso*, Dissonarte, Rio de Janeiro, 2007.

Carlos de Laet – *O Frade Estrangeiro e Outros Escritos*, Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 1953.

Carlos de Sá Moreira – *Brasil*, Lés Éditions du Pacifique, 1978.

Carlos Drummond de Andrade – *Caminhos de João Brandão*, Record, 2002. *Boitempo*, Sabiá, 1968. *Menino Antigo*, Record, 2006. *Os Dias Lindos*, Record, 2003. *Esquecer para Lembrar*, Record, 2006. *A Paixão Medida*, Record, 2002. *Poesia Completa*, Nova Aguilar, 2002.

Carlos H. da Rocha Lima – *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Briguiet, 1957, J. Olympio, 2002.

Carlos Marchi – *Fera de Macabu*, Best Bolso, 2008.

Carlos Povina Cavalcânti – *Volta à Infância*, Rio de Janeiro, J. Olympio, 1972.

Cassiano Ricardo – *Marcha para Oeste*, 4ª. ed., J. Olympio, 1970.

Cecília Meireles – *Poesia Completa*, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1993. *Inéditos*, Rio de Janeiro, Bloch, 1967. *Escolha o Seu Sonho*, Record, Rio de Janeiro, 1996.

Celso Cunha – *Gramática do Português Contemporâneo*, Belo Horizonte, Bernardo Álvares, 1970. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lexikon, 2008.

Celso Pedro Luft – *Gramática Resumida*, Globo, 1960. *Novo Guia Ortográfico*, Globo, 2003. *Dicionário Prático de Regência Verbal*, Ática, 1996.

Cyro dos Anjos – *O Amanuense Belmiro*, Globo, 2006. *Explorações no Tempo*, J. Olympio, 1963. *Abdias*, Globo, 2008. *Montanha*, Rio de Janeiro, J. Olympio, 1956.

Clarice Lispector – *Felicidade Clandestina*, Rocco, Rio de Janeiro, 1998.

Dalton Trevisan – *Cemitério de Elefantes*, Rio de Janeiro, Record, 1998.

Dante Milano – *Poesias*, Sabiá, 1971.

Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, Mirador, Melhoramentos, 1975.

Dora Ferreira da Silva – *Poesia Reunida*, Topbooks, 1999.

Eça de Queirós – *A Relíquia*, Ateliê, 2004. *O Primo Basílio*, São Paulo, Saraiva, 2006. *Os Maias*, Landy, 2001.

Edy Lima – *A Vaca na Selva*, Global, 2003.

Eduardo Bueno – *Capitães do Brasil*, Objetiva, 2006.

Eduardo Prado – *A Ilusão Americana*, 3ª ed., Brasiliense, 1961.

Elsie Lessa – *A Dama da Noite*, J. Olympio, 1963. *Canta, que a Vida é um Dia*, Razão Cultural, Rio de Janeiro, 1998.

Érico Veríssimo – *O Prisioneiro*, Cia. das Letras, 2008. *Incidente em Antares*, Cia das Letras, 2006.

Evandro Lins e Silva – *Arca de Guardados*, Civ. Brasileira, Rio de Janeiro, 1995.

Evanildo Bechara – *Lições de Português pela Análise Sintática*, Lucerna, 2006. *Moderna Gramática Portuguesa*, Lucerna, 2001.

Fernando Namora – *Domingo à Tarde*, Europa-America, 1989. *O Homem Disfarçado*, Porto Alegre, Globo, 1966.

Fernando Pessoa – *Obra Poética*, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 2005.

Fernando Sabino – *O Encontro das Águas*, Rio de Janeiro, 1977. *A Falta que Ela me Faz*, Rio de Janeiro, 1980.

Ferreira de Castro – *A Selva*, Guimarães Editores, 2006. *Livros de Viagens*, Rio de Janeiro, J. Aguilar, 1961. *O Instinto Supremo*, Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1968.

Ferreira Gullar – *Rabo de Foguete*, Revan, 1998.

Gastão Cruls – *A Amazônia Misteriosa*, 6ª ed., Rio de Janeiro, Org. Simões, 1953.

Geraldo França de Lima – *Rio da Vida*, J. Olympio, 1991.

Gilberto Freyre – *Casa-Grande e Senzala*, Global, 2006.

Graça Aranha – *Canaã*, Ática, 1998.

Graciliano Ramos – *São Bernardo*, Record, 2003. *Infância*, Record, 2006. *Angústia*, Record, 2003. *Insônia*, Record, 2003. *Caetés*, Record, 2006. *Linhas Tortas*, Record, 2005. *Vidas Secas*, Record, 2006.

Guedes de Amorim – *Jesus Passou por Aqui*, Lisboa, 1967.

Guilherme de Figueiredo – *Maria da Praia*, Civ. Brasileira, 1994. *A Bala Perdida*, Rio de Janeiro, Topbooks, 1998.

Guimarães Rosa – *Sagarana*, Nova Fronteira, 2006.

Gustavo Barroso – *Terra de Sol*, 5ª ed., 1956.

Gustavo Corção – *Claro Escuro*, Agir, 1960.

Haroldo Bruno – *O Misterioso Rapto de Flor-do-Sereno*, Rio de Janeiro, 1979.

Helena Jobim – *Trilogia do Assombro*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1998.

Herberto Sales – *Cascalho*, Livros do Brasil,1966. *Dados Biográficos do Finado Marcelino*, 1965. *Além dos Marimbus*, 2ª ed., Rio de Janeiro, 1965. *Rio dos Morcegos*, Civilização Brasileira, 1993.

Herman Lima – *Garimpos*, Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1967.

Hildebrando A. de André – *Gramática Ilustrada*, São Paulo, Moderna, 1997.

Ignácio de Loyola Brandão – *Não Verás País Nenhum*, Global, 2008.

Ismael de Lima Coutinho – *Gramática Histórica*, Ao Livro Técnico, 1976. *Pontos de Gramática Histórica*, Ao Livro Técnico, 1976.

Jean Dubois – *Dicionário de Linguística*, São Paulo, Cultrix, 1997.

J. Mattoso Câmara Jr. – *Dicionário de Fatos Gramaticais*, Rio de Janeiro, MEC, Casa de Rui Barbosa, 1956. *Manual de Expressão Oral e Escrita*, Vozes, 2001.

João Clímaco Bezerra – *A Vinha dos Esquecidos*, J. Olympio, 1980.

João Domingues Maia – *Gramática*, São Paulo, Ática, 1982.

João Ribeiro – *Gramática Portuguesa*, c/s, 11ª ed., Francisco Alves, 1904. *História do Brasil*, Itatiaia Editora, 2001. *Autores Contemporâneos*, Francisco Alves, 1937.

Joaquim Felício dos Santos – *Memórias do Distrito Diamantino*, Itatiaia Editora.

Jônatas Serrano – *Filosofia do Direito*, 3ª ed., Briguiet.

Jorge Amado – *Seara Vermelha*, Record, 1999. *Mar Morto*, Cia das Letras, 2008. *Terras do Sem-Fim*, Cia das Letras, 2008. *Tieta do Agreste*, Rio de Janeiro, Record, 1997.

José Américo – *A Bagaceira*, 9ª ed., J. Olympio, 2008.

José de Alencar – *Iracema*, Ateliê, 2007.

José Fonseca Fernandes – *Um por Semana*, J. Olympio, 1972.

José Geraldo Vieira – *A Mulher que Fugiu de Sodoma*, Leitura, 2008. *A Ladeira da Memória*, Planeta, 2003. *A Quadragésima Porta*, 3ª ed., 1968.

José Gualda Dantas – *Testes de Português para Vestibular*, 3ª ed., Rio de Janeiro, 1970.

José J. Veiga – *Os Cavalinhos de Platiplanto*, Bertrand Brasil. *Aquele Mundo de Vasabarros*, Bertrand Brasil, 1997.

José Lins do Rego – *Fogo Morto*, J. Olympio, 1996.

José Louzeiro – *Aracelli, Meu Amor*, 5ª ed., Record, 1981.

José Luís de Oliveira – *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, Rio de Janeiro, 1965.

José Murilo de Carvalho – *A Construção da Ordem*, Relume-Dumará, 1996.

Josué de Castro – *Geografia da fome*, Civilização Brasileira, 2005.

Josué Guimarães – *Os Ladrões*, Rio de Janeiro, Fórum, 1966. *Os Tambores Silenciosos*, L&PM, 1997. *É Tarde para Saber*, L&PM, 1997.

Josué Montello – *Os Degraus do Paraíso*, Nova Fronteira, 1986.

Lêdo Ivo – *Ninho de Cobras*, Topbooks, 1997. *O Caminho sem Aventura*, Rio de Janeiro, Record, 1983.

Lygia Fagundes Telles – *Histórias Escolhidas*, 1961. *Ciranda de Pedra*, Rocco, 1998. *As Meninas*, Livros do Brasil, 1983. *Filhos Pródigos*, 1978.

Lourenço Diaféria – *Um Gato na Terra do Tamborim*, Ática, São Paulo, 1982.

Luís Carlos Lessa – *O Modernismo Brasileiro e a Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, FGV, 1966.

Luís Carlos Lisboa – *Olhos de Ver, Ouvidos de Ouvir*, Difel, 1977.

Luís Henrique Tavares – *Homem Deitado na Rede*, Rio de Janeiro, Org. Simões, 1969.

Luís Jardim – *As Confissões do Meu Tio Gonzaga*, 2ª ed., Rio de Janeiro, J. Olympio, 1966.

Machado de Assis – *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, Ática, 2006. *Machado de Assis, Seus 30 Melhores Contos*, Rio de Janeiro, J. Aguilar, 1961. *Dom Casmurro*, Ateliê, 2008. *Obra Completa*, Nova Aguilar, 2008.

Manuela Carneiro da Cunha – *História dos Índios no Brasil*, Cia. das Letras, 1992.

Manuel Bandeira – *Poesia Completa e Prosa*, 2ª ed., Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1967.

Maria de Lourdes Teixeira – *O Pátio das Donzelas*, Martins, 1969.

Maria José de Queirós – *Invenção a Duas Vozes*, Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1978. *A Literatura e o Gozo Impuro da Comida*, Topbooks, 1997.

Marina Colasanti – *Nada na Manga*, Nova Fronteira, 1973.

Mário Barreto – *Novíssimos Estudos da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1914. *Novos Estudos da Língua Portuguesa*, Francisco Alves, 1921. *Fatos da Língua Portuguesa*, Francisco Alves, 1916. *Através do Dicionário e da Gramática*, Rio de Janeiro, Quaresma, 1927. *De Gramática e de Linguagem*, 2ª ed., Rio de Janeiro, Org. Simões, 1955.

Mário Palmério – *O Chapadão do Bugre*, José Olympio, 2003.

Mário da Silva Brito – *Jogral do Frágil e do Efêmero*, Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1979.

Mário Quintana – *Antologia Poética*, Rio de Janeiro, Ed. do Autor, 1966. *A Vaca e o Hipogrifo*, Global, 2006. *Poesias*, Globo, 1972.

Marquês de Maricá – *Máximas, Pensamentos e Reflexões*, Rio de Janeiro, MEC, Casa de Rui Barbosa, 1958.

Manuel Rodrigues Lapa – *Estilística da Língua Portuguesa*, Martins Fontes, 1998.

Martins de Aguiar – *Notas e Estudos de Português*, FGV, Rio de Janeiro, 1971.

M. Said Ali – *Gramática Secundária da Língua Portuguesa*, São Paulo, Melhoramentos, s/d. *Dificuldades da Língua Portuguesa*, 5ª ed., Rio de Janeiro, Acadêmica, 1957.

Millôr Fernandes – *Novas Fábulas Fabulosas*, Desiderata, 2007.

Moacir Werneck de Castro – *O Libertador*, Rocco, Rio de Janeiro, 1989. *A Máscara do Tempo*, Civ. Brasileira, 1996.

Moacyr Scliar – *A Paixão Transformada*, Cia. das Letras, 2008.

Monteiro Lobato – *Urupês*, Globo, 2007. *O Escândalo do Petróleo e do Ferro*. Editora Brasiliense, 1956.

Murilo Melo Filho – *O Milagre Brasileiro*, Bloch, 1972.

Murilo Rubião – *O Pirotécnico Zacarias e Outros Contos*, Cia das Letras, 2006.

Nélida Piñon – *A Força do Destino*, Record, 1998. *A Doce Voz de Caetana*, Record, 1987.

Novir Sebastião dos Santos Barbosa – *Interpretação da N.G.B.*, Rio de Janeiro, 1962.

Olavo Bilac – *Poesias*, 25ª ed., Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1954.

Olegário Mariano – *Toda uma Vida de Poesia*, 2v., Rio de Janeiro, J. Olympio, 1957.

Oliveira Viana – *Evolução do Povo Brasileiro*, 4ª ed., J. Olympio, 1956.

Ondina Ferreira – *Inquietação*, São Paulo, Saraiva, 1958. *Acordar, Renascer, Soma*, São Paulo, 1983.

Orígenes Lessa – *O Feijão e o Sonho*, Ática, 1998.

Othon M. Garcia – *Comunicação em Prosa Moderna*, Rio de Janeiro, FGV, 2006.

Otto Lara Resende – *O Braço Direito*, Cia. das Letras, 1993.

Paulo Mendes Campos – *Os Bares Morrem numa Quarta-Feira*, Ática, 1980.

Pedro Nava – *Chão de Ferro*, Ateliê, 2001.

Ramalho Ortigão – *A Holanda*, 2ª ed., Lisboa, 1894.

Rachel de Queiroz – *O Caçador de Tatu*, Siciliano, 1994. *Quatro Romances*, Rio de Janeiro, J. Olympio, 1960. *O Menino Mágico*, Caramelo, 2004.

Raquel Jardim – *Os anos 40*, Caramelo, 2004.

Rebelo da Silva – *Contos e Lendas*, Lisboa, 1873.

Renato Inácio da Silva – *Amazônia, Paraíso e Inferno*, São Paulo, 1970.

Ribeiro Couto – *Poesias Reunidas*, J. Olympio, 1960.

Ricardo Ramos – *Memória de Setembro*, J. Olympio, 1968.

Ronald Langacher – *A Linguagem e Sua Estrutura*, Vozes, 1972.

Ronaldo R. de Freitas Mourão – *Alô, Galáxia*, Rio de Janeiro, Imago, 1978. *Astronomia e Poesias*, Difel, 1977.

Rosamaria Verney Castelo Branco – *Canção do Cotidiano*, Rio de Janeiro, 1973.

Rubem Braga – *A Traição das Elegantes*, Record, 1998. *Duzentas Crônicas Escolhidas*, Record, 2002.

Rubem Fonseca – *Os Prisioneiros*, Cia. das Letras, 1989.

Rui Barbosa – *Escritos e Discursos Seletos*, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1997. *Cartas de Inglaterra*, São Paulo, Iracema, 1968.

Sérgio Buarque de Hollanda – *Caminhos e Fronteiras*, Cia. das Letras, 2001.

Sérgio Faraco – *Hombre*, Civ. Brasileira, 1978.

Sérgio Gallo – *Ironias da Existência Humana*, Relume-Dumará, 1999.

Silvio Elia – *O Problema da Língua Brasileira*, INL, 1961.

Sousa da Silveira – *Lições de Português*, 5ª ed., Coimbra, 1952.

Stella Leonardos – *Estátua de Sal*, Rio de Janeiro, Agir, 1961.

Tiago de Melo – *Amazônia, a Menina dos Olhos do Mundo*, Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1991.

Vianna Moog – *Toia*, Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1963. *Bandeirantes e Pioneiros*, Graphia, 2006.

Vicente de Carvalho – *Poemas e Canções*, 16ª ed., São Paulo, Saraiva, 1962.

Vilma Guimarães Rosa – *Carisma*, J. Olympio, 1978.

Vinicius de Moraes – *Poesia Completa e Prosa*, Nova Aguilar, 2004. *Para uma Menina com uma Flor*, Cia. das Letras, 1992.

Vivaldo Coaraci – *Todos Contam sua Vida*, J. Olympio, 1959. *Cata-vento*, J. Olympio, 1956.

Walmir Ayala – *A Selva Escura*, Rio de Janeiro, Atheneu Cultura, 1990.

Yone Rodrigues – *A Razão do Pássaro*, Melhoramentos, 1984.

EXERCÍCIOS DE EXAMES E CONCURSOS

FONÉTICA

FONEMAS

1. (CPCAR) A medicina agora está ***estudando*** a importância do bom ***humor*** e dos ***sentimentos*** positivos na ***prevenção*** e no tratamento de moléstias.

Nas palavras destacadas, constata-se, respectivamente, a seguinte sequência de letras e fonemas:
a) 9 – 9 / 5 – 3 / 11 – 10 / 9 – 9
b) 9 – 7 / 5 – 5 / 10 – 9 / 8 – 8
c) 9 – 9 / 4 – 4 / 10 – 10 / 8 – 7
d) 9 – 8 / 5 – 4 / 11 – 9 / 9 – 8

2. (Unifesp) Na língua portuguesa escrita, quando duas letras são empregadas para representar um único fonema (ou som, na fala), tem-se um **dígrafo**. O dígrafo só está presente em todos os vocábulos de:
a) pai, minha, tua, esse, tragar.
b) afasta, vinho, dessa, dor, seria.
c) queres, vinho, sangue, dessa, filho.
d) esse, amarga, silêncio, escuta, filho.
e) queres, feita, tinto, melhor, bruta.

3. (UFSM-RS) Assinale a alternativa em que apenas uma das palavras apresenta dígrafo.
a) Alexandra – lhe
b) Esquecia – mesinha
c) Guardava – enterro
d) Assistir – que
e) Senhora – então

4. (Ufal) As palavras bloco, vidro e refrão têm em comum a presença de um:
a) ditongo crescente
b) encontro consonantal
c) ditongo crescente
d) dígrafo
e) hiato

5. (PUC-PR) Observe as palavras que seguem:

1. Choque	4. Desce
2. Hotel	5. Passa
3. Varre	6. Molha

Das palavras acima, são pronunciadas com 4 fonemas:
a) todas elas.
b) todas, menos a primeira.
c) todas, menos a segunda.
d) a segunda, a quarta e a quinta.
e) somente a quarta e a quinta.

6. (PUC-RJ) Um mesmo fonema pode ser grafado de diferentes maneiras. Qual a lista de palavras que exemplifica essa afirmação?
a) Paciente, centro, existência
b) existência, meses, batizaram
c) projeto, prejudicando, propõe
d) quem, quando, psiquiatra
e) coisa, incomoda, continuidade

SÍLABA

1. (BNB) Assinale a opção que apresenta ERRO quanto à **divisão silábica**:
a) ins-ti-tu-i-ção, co-me-ça-ram, pres-tí-gio
b) res-sur-gi-men-to, pres-ti-gi-o, ad-mi-rar
c) su-pers-ti-ção, ex-pe-ri-en-te, pers-pec-ti-va
d) ex-e-cu-ti-vo, a-brup-to, re-i-vin-di-car
e) ca-a-tin-ga, rit-mo, réus

2. (CPCAR) Observe a **divisão silábica** dos vocábulos abaixo.

I - ar-te-ri-al, ex-ces-so, su-bs-tân-cia

II - guer-ras, di-lú-vio, pi-a-da

III - res-pal-do, ob-je-to, pres-são

Está(ão) correta(s) apenas:
a) I e II.
b) I e III.
c) I, II, III.
d) II e III.

3. (UFCE) Assinale as alternativas em que a separação silábica está correta:

a) go-ia-na	e) con-ti-nu-a
b) cor-ru-pção	f) ir-mãos
c) sor-ri-so	g) De-us
d) ma-is	

4. (Unip-SP) Assinale o grupo de palavras em que não há erro na separação de sílabas:
a) in-a-pto, tran-se-pto, des-or-dem
b) né-ctar, fi-a-do, crian-ça

c) des-u-nhar, ad-je-ti-va, ve-e-mên-cia
d) gi-ras-sóis, mag-nó-lia, a-dá-lia
e) ins-cien-te, ân-si-a, né-sci-o

5. (Acafe-SC) Assinale a alternativa em que há erro na partição de sílabas:
a) en-trar, es-con-der, bis-a-vô, bis-ne-to
b) i-da-de, co-o-pe-rar, es-tô-ma-go
c) des-cen-der, car-ra-da, pos-so, a-tra-vés
d) des-to-ar, tran-sa-ma-zô-ni-co, ra-pé, on-tem
e) pre-des-ti-nar, ex-tra, e-xer-cí-cio, dan-çar

ORTOGRAFIA

1. (Cesgranrio) Assinale o item em que ocorre erro ortográfico:
a) ele mantém / eles mantêm
b) ele dê / eles deem
c) ele contém / eles contêm
d) ele vê / eles veem
e) ele contém / eles conteem

2. (PUC-Camp) Assinale a alternativa correta:
a) Não se deve infligir as leis.
b) Não se devem infringir as leis.
c) Não se devem infligir as leis.
d) Não se devem inflingir as leis.

3. (UPF-RS) A palavra "porque" deveria ter sido grafada separadamente na alternativa:
a) Não se preocupe com o futuro, porque os jovens têm energia para resolver problemas.
b) O Brasil será enriquecido no próximo século, porque terá o maior contingente de jovens de sua história.
c) Alguns questionam porque o futuro é encarado com pessimismo por muitos.
d) Acredite nos jovens, porque eles contribuirão para o progresso do Brasil.
e) Muitos problemas serão resolvidos, porque os jovens estarão preparados para isso.

4. (CPCAR) Assinale a alternativa em que **NÃO** há erro de grafia.
a) Poucos sabem por que você está pensativo.
b) Assinar o documento não trás dificuldade nenhuma ao povo.
c) Não sei porque tanto riso.
d) A atitude púdica de certas mulheres me surpreende.

5. Assinale a alternativa em que **não** haja nenhum erro de ortografia.
a) A ascenção do candidato nas pesquizas suprendeu a todos.
b) A ascenção do candidato nas pesquisas surpreendeu a todos.
c) A ascensão do candidato nas pesquisas surpreendeu a todos.
d) A ascenção do candidato nas pesquisas surprendeu a todos.
e) A assenção do candidato nas pesquizas surprendeu a todos.

6. Faça o mesmo:
a) A morte do paciente nada tem a ver com a paralisia dos órgãos.
b) A morte do paciente nada tem a haver com a paralizia dos órgãos.
c) A morte do pasciente nada tem haver com a paralizia dos órgãos.
d) A morte do pasciente nada tem a haver com a paralisia dos órgãos.
e) A morte do paciente nada tem a ver com a paralizia dos órgãos.

7. (BNB) Assinale a alternativa em que todas as palavras estão escritas de forma **ERRADA**:
a) ojeriza, riqueza, pegajento
b) veneziana, coalizão, assaz
c) asfixia, repuxo, coxia
d) flecha, broche, cocheira
e) despeza, degladiar, distemção

8. (BNB) Marque a alternativa em que todas as palavras são escritas, CORRETAMENTE, com a letra indicada entre parêntese:
a) a___ensorista, ca__ar , cre ___cer (s)
b) tra__e, rabu__ice, re__eição (j)
c) au__liar, asfi__ia, aflu__o (x)
d) deten__ão, conten__ão, preten___ão (ç)
e) nobre__a, avi___ar, coloni___ar (z)

9. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que **não** haja erro de grafia.
a) Não tinha feito a prova no dia regular nem tão pouco a substitutiva.
b) Afim de que as soluções pudessem ser adotadas por todos, José de Arimateia havia distribuído cópias do relatório no dia anterior.
c) Porventura, meu Deus, estarei louco?

d) Assinalou com um asterístico a necessidade de notas informativas adicionais.
e) Com frequência, os médicos falam de AVC, Acidente Vascular Celebral. Porisso, os próprios pacientes já estão familiarizados com esse termo.

10. (FGV) Assinale a alternativa em que a grafia de todas as palavras seja prestigiada pela norma culta.
a) Auto-falante, bandeija, degladiar, eletrecista.
b) Advogado, frustado, estrupo, desinteria.
c) Embigo, mendingo, meretíssimo, salchicha.
d) Estouro, cataclismo, prazeiroso, privilégio.
e) Aterrissagem, babadouro, lagarto, manteigueira.

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

1. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa em que todas as palavras estejam corretamente acentuadas.
a) caíra, enjoo, bárbaro, velóz.
b) jurití, automóvel, samambáia, jiló.
c) algoz, cauím, lençol, fácil.
d) pernalta, Tatuí, armazém, geleia.
e) conténs, heroico, chapéuzinho, Tietê.

2. (Ufla-MG)

"Meu lenço, meu **relógio**, meu chaveiro..."

A regra que justifica o acento na palavra acima destacada é a mesma que justifica o acento em:
a) tênis
b) hábito
c) glória
d) convém
e) invencível

3. (Mackenzie-SP) As palavras *aí, Ceará* e *vá* são acentuadas por serem, respectivamente:
a) monossílabo, trissílabo e monossílabo.
b) ditongo tônico, trissílabo tônico e monossílabo tônico.
c) ditongo tônico, oxítona terminada em *a* e monossílabo tônico terminado em *a*.
d) hiato, oxítona terminada em *a* e monossílabo tônico terminado em *a*.
e) oxítona terminada em *i*, oxítona terminada em *a* e monossílabo tônico terminado em *a*.

4. (UCDB-MT) São acentuadas pela mesma razão as palavras da alternativa:
a) ciúme – egoísta – saída
b) hífen – armazém – herói
c) dominó – avô – tênis

5. (CPCAR) Assinale a alternativa cujas palavras devem ser graficamente acentuadas, respectivamente, pelas mesmas normas de **glória**, **fácil**, **está**, **imunológico**.
a) Ruídos, límpida, verás, ínterim.
b) Incêndio, caráter, refém, protótipo.
c) Juízes, revólver, têm, temática.

6. (FGV-SP) Assinale a palavra que está graficamente acentuada pela mesma regra que determina o acento em **inadimplência**.
a) Mágoa.
b) Há.
c) Sabiá.
d) Heróico.
e) Baú.

7. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que as palavras sejam, respectivamente: oxítona, oxítona, paroxítona, proparoxítona, proparoxítona e oxítona.
a) Papel, sagu, andrajo, xenófobo, redondo, saci.
b) Sabia, interessar, anjo, borrego, íntimo, saúde.
c) Canavial, superar, novel, cádmio, contíguo, interesseiro.
d) Saci, sagu, indelevelmente, pródigo, bígamo, sinal.
e) Tizio, anéis, móvel, esperançoso, código, colher.

8. (PUC-RJ) Indique a opção que apresenta palavras acentuadas segundo as mesmas regras das palavras abaixo, respeitada a sua ordem de aparecimento:

há – incrédulo – história – frágil – bebê – alguém
a) já – Júpiter – telescópio – fácil – até – parabéns
b) pôr – óbvio – herói – até – parabéns – está
c) já – plateia – óbvio – fácil – fazê-la – além

9. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que a palavra deveria ter recebido **acento gráfico**:
a) Paiçandu. b) Taxi. c) Gratuito.
d) Rubrica. e) Entorno.

10. (PUC-Camp) A frase em que as palavras estão acentuadas corretamente é:
a) A providencia que foi tomada tem relação com o grupo de que ele é partidário.
b) A saúde pública deve ser um dos assuntos centrais dessa reunião.
c) Há muita polemica em relação a esse assunto, por isso devemos ter cautela.
d) Pouco tempo atrás, todos diziam que eles estavam em situação bastante confortavel.
e) Há quem avalie que aquela foi a solução mais inocua de todas as apresentadas.

SINAIS DE PONTUAÇÃO

1. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que a **pontuação** da frase seja a mais adequada.
a) Longe, além da função adverbial de lugar tem a de adjetivo com significação de distante, afastado: é então geralmente usado no plural.
b) Longe além da função adverbial de lugar, tem a de adjetivo com significação de distante afastado, é então geralmente usado no plural.
c) Longe, além da função adverbial de lugar, tem a de adjetivo, com significação de distante, afastado; é então, geralmente, usado no plural.
d) Longe, além da função adverbial de lugar tem a de adjetivo, com significação de distante, afastado: é então geralmente usado no plural.
e) Longe além da função adverbial de lugar tem, a de adjetivo, com significação de distante, afastado; é então geralmente usado no plural.

2. (MPO) Assinale a opção em que o texto apresenta **pontuação** correta.
a) Há no mundo regiões que agora enfrentam problemas generalizados, infinitamente mais graves que, aqueles com que nos confrontamos em nossos piores momentos do passado.
b) Mas parece reinar, em toda parte a certeza de que hoje faz sentido lançar ideias à mesa e trabalhar sobre elas.
c) Tantas passagens – remotas ou recentes – da história, foram marcadas pela esterilidade, pela convicção coletiva de que nada do que se pensasse, dissesse, fizesse, tentasse, ousasse adiantaria alguma coisa, tão bloqueadas eram as perspectivas.
d) Hoje vivemos o contrário disso. Sabemos que ideias, palavras e gestos têm o poder de fecundar o terreno do século que termina, do século que começa e que, vale a pena, por isso viver esse momento.
e) Se aproveitamos com integridade, inteligência, trabalho e sentido de criação, não há limite para o que nos pode vir em troca. Se perdermos essa oportunidade, se nos perdermos em banalidades neste ponto da história que reclama grandeza, sobrará depois um profundo remorso.

(Trechos adaptados de Francisco Rezek)

3. (FGV-SP) Observe a seguinte frase:

– Quem quer ir, perguntou o chefe.

A respeito dela, pode-se dizer que:
a) Deveria ter sido colocado um ponto de interrogação após a palavra ir.
b) Deveria ter sido colocado um ponto de interrogação após a palavra chefe.
c) Deveria ter sido colocado um ponto de exclamação após a palavra chefe.
d) Bastaria colocar entre aspas a oração "– Quem quer ir".
e) A frase está correta.

4. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a vírgula está empregada para separar dois termos que possuem a mesma função na frase:
a) "Minhas senhoras, seu Mendonça pintou o diabo enquanto viveu."
b) "Respeitei o engenho do Dr. Magalhães, juiz."
c) "E fui mostrar ao ilustre hóspede a serraria, o descaroçador e o estábulo."
d) "Depois da morte do Mendonça, derrubei a cerca..."
e) "Não obstante essa propaganda, as dificuldades surgiram."

5. (Mackenzie-SP) Assinale o par de frases em que as vírgulas foram empregadas de acordo com a mesma regra.
   a) E se baratas, ratos, moscas e mosquitos fossem exterminados?
   Por mais estranha que a ideia possa parecer, sua vida depende dos pernilongos.
   b) Baratas, ratos, moscas e mosquitos são elos fundamentais da cadeia alimentar...
   Sem essas larvas, muita matéria orgânica se acumularia nos rios.
   c) Por mais estranha que a ideia possa parecer, sua vida depende dos pernilongos.
   Sem essas larvas, muita matéria orgânica se acumularia nos rios.
   d) Baratas, ratos, moscas e mosquitos são elos fundamentais da cadeia alimentar...
   Por mais estranha que a ideia possa parecer, sua vida depende dos pernilongos.
   e) E se baratas, ratos, moscas e mosquitos fossem exterminados?
   Sem essas larvas, muita matéria orgânica se acumularia nos rios.

6. (PUC-SP) Assinale a alternativa que justifica corretamente o emprego da **vírgula**.
   a) Usa-se a vírgula entre o sujeito e o predicado como em: "Os escravos, em sua maioria de origem indígena, reforçavam o uso da 'língua geral' no âmbito do privado."
   b) Usa-se a vírgula em casos de inversão e intercalação como em: "Por isso, foram recorrentes, até os inícios dos Setecentos, os pedidos das autoridades para que se enviassem à capitania somente vigários versados na língua dos índios."
   c) Usa-se a vírgula em casos de intercalação como em: "... precisava-se falar em tupi, sem o que parte da população nada compreendia."
   d) Usa-se a vírgula entre o verbo e seu complemento como em: "Havia mulheres, ademais, que com certeza só sabiam a 'língua geral'..."
   e) Usa-se a vírgula entre o nome e seu complemento como em: "No domínio público, contudo, precisava-se falar em tupi..."

7. (PUC-PR) Observe o seguinte enunciado:

   Velhas casas abandonadas ( ) todas em ruínas ( ) apodreciam ao tempo sem atrair a atenção de ninguém ( ) a não ser de gatos arredios, que ( ) ao ver alguém ( ) desapareciam embrenhando-se nas macegas que tomavam conta dos jardins ( ) outrora orgulho de seus donos e motivo de admiração dos moradores da região.

   Os parênteses presentes no enunciado acima ficam corretamente preenchidos pelos seguintes **sinais de pontuação**:
   a) dois-pontos, ponto e vígula, ponto, vírgula, vírgula, ponto.
   b) vírgula, ponto e vírgula, ponto e vírgula, vírgula, ponto e vírgula, vírgula.
   c) vírgula, vírgula, vírgula, vírgula, vírgula, vírgula.
   d) dois-pontos, vírgula, ponto e vírgula, vírgula, ponto e vírgula, ponto e vírgula.
   e) vírgula, vírgula, dois-pontos, dois-pontos, ponto e vírgula, dois-pontos.

8. (PUC-PR) Observe o enunciado e preencha os parênteses com os **sinais de pontuação adequados**: "A partir daquele dia ( ) o filho assumia várias responsabilidades familiares ( ) a de levar o irmão à escola ( ) a de buscar a mãe na loja ( ) a de fazer todas as compras do dia."

   O espaços foram preenchidos, na sequência, com:
   a) ponto e vírgula / vírgula / vírgula / vírgula
   b) vírgula / dois-pontos / dois-pontos / vírgula
   c) ponto e vírgula / ponto e vírgula / ponto e vírgula / ponto e vírgula
   d) vírgula / dois-pontos / ponto e vírgula / ponto e vírgula
   e) dois-pontos / ponto e vírgula / vírgula / vírgula

9. (CEETPS-SP) Assinale a alternativa válida relativamente ao uso dos sinais de **pontuação**.
   a) O fracasso social brasileiro, não difere do restante dos países emergentes, sobretudo na educação.
   b) O IDH – Índice de Desenvolvimento Humano retrata que o país apresenta alguns avanços em relação às últimas décadas.
   c) Além de políticas educacionais de incentivo à permanência de brasileiros na escola, é preciso melhorar a qualidade da educação.

d) Pode-se defender que, é possível se desenvolver sem crescer economicamente.
e) O Brasil melhorou, mas ainda se registram práticas, insuportáveis de trabalho, escravo, trabalho, infantil e de salários, desiguais para homens, e mulheres que ocupam funções similares.

MORFOLOGIA

ESTRUTURA DAS PALAVRAS

1. (Unirio) Identifique a série em que os prefixos têm o mesmo significado:
a) contradizer, antídoto
b) desfolhar, epiderme
c) decapitar, hemiciclo
d) supercílio, acéfalo
e) semimorto, perianto

2. (PUC-SP) Das afirmações abaixo:
I – as palavras *deselegância*, *realidade* e *baianos* são formadas pelo processo de derivação;
II – as palavras *afasto*, *chamei* e *surgir* estão flexionadas, respectivamente, pelas desinências **-o**, **-ei**, **-ir**;
III – as palavras *és* e *baianos* apresentam a desinência **-s**, que indica plural.
Apenas:
a) I está correta.
b) III está correta.
c) I e III estão corretas.
d) I e II estão corretas.
e) II está correta.

3. (UFSM-RS) Assinale a única alternativa em que a primeira palavra apresenta prefixo e a segunda, sufixo.
a) desgraças – pimenta
b) incômoda – realmente
c) tristeza – realmente
d) refresco – ninguém
e) ridículo – carnaval

4. (UniFEI-SP) Assinale a alternativa em que o significado do radical esteja errado:
a) hidro: água (exemplo: hidráulico)
b) pisci: peixe (exemplo: piscicultura)
c) bio: vida (exemplo biologia)
d) agri: campo (exemplo: agricultura)
e) antropo: antigo (exemplo: antropologia)

5. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que sejam usados radicais ou prefixos – gregos ou latinos – correspondentes, respectivamente, aos seguintes sentidos:

dentro, duplicidade, em torno de, contra, metade, movimento para dentro, livro, vida.
a) Endoscópio, anfíbio, circunlóquio, antibiótico, hemiciclo, introspecção, bibliografia, biografia.
b) Intramuscular, anfibologia, circum-navegação, contraprova, semicírculo, internato, biblioteca, biosfera.
c) Endoscópio, cosmopolita, circundar, antihigiênico, semidespido, introspecção, bibliografia, biografia.
d) Interface, ambidestro, circundar, antônimo, semiólogo, biblioteca, biografia.
e) Endoscópio, ambivalente, circum-navegar, antepasto, seminal, introspecção, bibliografia, biografia.

FORMAÇÃO DAS PALAVRAS

1. (UniFEI-SP) Assinale a alternativa em que as palavras não sejam cognatas:
a) tristeza – entristecido
b) previsão – imprevisto
c) maresia – maremoto
d) internacional – intercâmbio
e) ilusionista – desilusão

2. (FGV-SP) Modelo: nobre – enobrecer

Observe que o termo *enobrecer* formou-se a partir de *nobre* com o auxílio de um prefixo e de um sufixo.

Abaixo, apresentamos pares de palavras. Em apenas um caso não se seguiu o modelo apresentado. Assinale a alternativa correspondente.
a) triste – entristecer
b) escuro – escurecer

c) gordo – engordar
d) duro – endurecer
e) rico – enriquecer

3. (CPCAR-MG) Leia atentamente as afirmativas abaixo.
I – No vocábulo **surradíssimo**, observa-se a derivação sufixal.
II – Os vocábulos **sorriso**, **arterial** e **ironizar** são formados por sufixos nominais.
III – **Patologia** é formado por hibridismo.
Está(ão) correta(s) apenas a(s) afirmativa(s):
a) I e II.
b) II.
c) I.
d) I, II e III.

4. (CPCAR-MG) Assinale a alternativa cujos vocábulos são, respectivamente, formados pelo mesmo processo: **vitimadas**, **amoral**, **arterial**.
a) Patologista, diariamente, televisiva.
b) Grandeza, imortal, positividade.
c) *Stress*, imunológico, risonho.
d) Prevenção, interferência, recorrência.

5. (Fuvest-SP) O prefixo assinalado em "desvario" expressa:
a) negação.
b) cessação.
c) ação contrária.
d) separação.
e) intensificação.

6. (Mackenzie-SP) A palavra **economiopia** segue o mesmo modelo de formação lexical presente em:
a) "aguardente".
b) "pé de moleque".
c) "passatempo".
d) "minissaia".
e) "antidemocrático".

7. (Unifesp) *Pneumotórax*, palavra que dá título ao famoso poema de Manuel Bandeira, é vocábulo constituído de dois radicais gregos (pneum[o]- + -tórax). Significa o procedimento médico que consiste na introdução de ar na cavidade pleural, como forma de tratamento de moléstias pulmonares, particularmente a tuberculose. Tal enfermidade é referida no diálogo entre médico e paciente, quando o primeiro explica a seu cliente que ele tem "uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito infiltrado". Esta última palavra é formada com base em um radical: filtro. Quanto à formação vocabular, o título do poema e o vocábulo *infiltrado* são constituídos, respectivamente, por:
a) composição, e derivação prefixal e sufixal.
b) derivação prefixal e sufixal, e composição.
c) composição por hibridismo, e composição prefixal e sufixal.
d) simples flexão, e derivação prefixal e sufixal.
e) simples derivação, e composição sufixal e prefixal.

8. (Unifesp) Tomando como referência **os processos de formação de palavras**, dada a relação com o som produzido pelos equinos quando em movimento, a palavra *Pocotó* é formada a partir de uma:
a) prefixação.
b) sufixação.
c) onomatopeia.
d) justaposição.
e) aglutinação.

SUBSTANTIVO

1. (Vunesp) O gênero dos substantivos está correto em:
a) É comum que as eclipses da lua coincidam com as piores tormentas e cataclismos.
b) A guia dos turistas não falava japonês e teve de usar uma estratagema para comunicar-se com eles.
c) Vamos dar um ênfase todo especial ao trabalho de prevenção do diabetes.
d) Não obteve, até agora, a alvará de funcionamento e deve enviar à prefeitura uma xerox da inscrição da firma.
e) A personagem vivida por ele tem um comportamento que é um verdadeiro modelo da moral vitoriana.

2. (Fuvest-SP) A enumeração de **substantivos** expressa gradação ascendente em:
a) "menino mais gracioso, inventivo e travesso".
b) "trazia-o amimado, asseado, enfeitado".
c) "gazear a escola, ir caçar ninhos de pássaros, ou perseguir lagartixas".
d) "papel de rei, ministro, general".
e) "tinha garbo (...), e gravidade, certa magnificência".

3. (UFSM-RS) Passando para o plural os substantivos compostos "mesinha-de-cabeceira" e "quarta-feira", a alternativa correta é a seguinte:
a) mesinhas-de-cabeceira, quartas-feiras.
b) mesinha-de-cabeceiras, quarta-feiras.
c) mesinha-de-cabeceira , quartas-feira.
d) mesinhas-de-cabeceiras, quartas-feiras.
e) mesinha-de-cabeceiras, quartas-feira.

4. (Unifor-CE) Assinale a alternativa correspondente a um **substantivo feminino**:
a) telefonema
b) eclipse
c) cal
d) clã
e) grama (unidade de medida)

5. (FGV-SP) Das alternativas abaixo, assinale aquela em que ao menos um plural NÃO está correto:
a) Mão, mãos; demão, demãos.
b) Capitão, capitães; ladrão, ladrões.
c) Pistão, pistões; encontrão, encontrões.
d) Portão, portões; cidadão, cidadães.
e) Capelão, capelães; escrivão, escrivães.

6. (BNB) Relacione os substantivos comuns ao seu substantivo coletivo e marque a alternativa que apresente a sequência CORRETA:

A. ( ) correição	1 - formiga
B. ( ) cordilheira	2 - alho
C. ( ) réstia	3 - montes
D. ( ) turba	4 - heróis
E. ( ) claque	5 - espectadores
F. ( ) falange	6 - ladrões

a) 6, 5, 4, 3, 2, 1
b) 1, 3, 2, 6, 5, 4
c) 2, 3, 4, 5, 1, 6
d) 4, 1, 6, 3, 2, 5
e) 5, 1, 3, 6, 4, 2

ARTIGO

1. (UFU-MG) Em uma das frases o artigo definido está empregado erradamente. Em qual?
a) A velha Roma está sendo modernizada.
b) A "Paraíba" é uma bela fragata.
c) Não reconheço agora a Lisboa do meu tempo.
d) O gato escaldado tem medo de água fria.
e) O Havre é um porto de muito movimento.

2. (Fatec-SP) Identifique em qual alternativa é errado colocar, após a palavra destacada, o artigo definido:
a) Afundou na lama **ambos** os pés.
b) **Todos** os dias passava por lá sem vê-la.
c) A **todo** passante perguntei, nenhum me informou.
d) **Toda** noite gotejou a torneira, não pude dormir.
e) N.d.a.

3. (UFSM-RS) Em "Vencer esse suposto paradoxo alfabetizando a população e incentivando-a a ler cada vez mais", as palavras sublinhadas classificam-se, respectivamente, como:
a) preposição, pronome oblíquo, artigo
b) pronome oblíquo, preposição, artigo
c) artigo, pronome oblíquo, preposição
d) preposição, artigo, pronome oblíquo
e) artigo, artigo, preposição

4. (USU-RJ) Assinale a opção em que a palavra **a** tem valor gramatical diferente de todas as outras:
a) Eu sou **a** indiferença.
b) Sou eu quem te sepulta **a** ideia imensa.
c) Marquei-te **a** fronte, mísero profeta!
d) Hoje veio **a** falar comigo.
e) Beijara **a** fronte sonhadora do poeta.

ADJETIVO

1. (UFV-MG) Assinale a alternativa em que não aparece adjetivo substantivado funcionando como sujeito:
a) Chorarão os religiosos.
b) Chorarão os velhos.
c) Chorarão os nobres.
d) Chorarão as mulheres.
e) Chorarão os inocentes.

2. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que a palavra sublinhada NÃO tem valor de **adjetivo**.
a) A malha <u>azul</u> estava molhada.
b) O sol desbotou o <u>verde</u> da bandeira.
c) Tinha os cabelos <u>branco-amarelados.</u>
d) As nuvens tornavam-se <u>cinzentas.</u>
e) O mendigo carregava um fardo <u>amarelado.</u>

3. (ITA-SP) Durante a Copa do Mundo deste ano, foi veiculada, em programa esportivo de uma emissora de TV, a notícia de que

um apostador inglês acertou o resultado de uma partida, porque seguiu os prognósticos de seu burro de estimação. Um dos comentaristas fez, então, a seguinte observação: "Já vi muito comentarista burro, mas burro comentarista é a primeira vez." Percebe-se que a classe gramatical das palavras se altera em função da ordem que elas assumem na expressão.

Assinale a alternativa em que isso **NÃO** ocorre:
a) obra grandiosa
b) jovem estudante
c) brasileiro trabalhador
d) velho chinês
e) fanático religioso

4. (FGV-SP) Observe a seguinte frase: Recorrendo a elas, arrisco-me a usar expressões técnicas, desconhecidas do público, e a ser tido por **pedante**. Das alternativas abaixo, assinale aquela em que a palavra sublinhada exerça a mesma função sintática de pedante, dessa frase.
a) As estações tinham passado **rápido**, sem que tivesse sido possível vê-las direito.
b) Fui julgado **culpado**, embora não houvesse provas decisivas a respeito do crime.
c) Ele era difícil de convencer, mas concordou quando a quantia foi **oferecida**.
d) Caminhou **depressa** por entre os coqueiros.
e) Ele passeou **demasiado** ontem; hoje, doem-lhe as pernas. Vai ser obrigado a deitar-se mais cedo.

5. (CPCAR-MG) Assinale a alternativa **incorreta** quanto à **morfologia**.
a) Em "Eu canto porque o instante existe / E a minha vida está completa", há conjunção coordenativa.
b) Os versos "Pensava em ti nas horas de tristeza, / Quando estes versos pálidos compus" apresentam interjeição, adjetivo e substantivo.
c) Nos versos "Embora o sopro ardente da calúnia crestasse os sonhos meus, / Nunca descri do bem da justiça, nunca descri de Deus", há três verbos.
d) O verso "Eras na vida a pomba predileta" apresenta verbo de ligação e substantivo.

6. (CPCAR-MG) A expressão assinalada tem valor adjetivo em todas as alternativas abaixo, **exceto** em:
a) espaço de tempo
b) missa das oito
c) toque de sineta
d) um dia de sol
e) não deverão de modo algum

NUMERAL

1. (FMU/FIAM/FAAM-SP) Gastei *trinta dias*...

A palavra em destaque é um numeral:
a) cardinal
b) ordinal
c) multiplicativo
d) fracionário
e) indefinido

2. (Unitau-SP) Observe:

I – "Essa atitude de certo modo religiosa de 'um' homem engajado no trabalho..."

II – "Pedro comprou 'um' jornal."

III – "Maria mora no apartamento 'um'."

IV – "Quantos namorados você tem? 'Um'."

A palavra "um" nas frases acima é, no plano morfológico, respectivamente:
a) artigo indefinido em I e numeral em II, III e IV.
b) artigo indefinido em I e II e numeral em III e IV.
c) artigo indefinido em I e III, e numeral em II e IV.
d) artigo indefinido em I, II, III e IV.
e) artigo indefinido em III e IV e numeral em I e II.

3. (Puc-Camp) Os ordinais referentes aos números 80, 300, 700 e 90 são, respectivamente:
a) octagésimo – trecentésimo – septigentésimo – nongentésimo
b) octogésimo – trecentésimo – septigentésimo – nonagésimo
c) octingentésimo – tricentésimo – septuagésimo – nonagésimo
d) octogésimo – tricentésimo – septuagésimo – nongentésimo
e) nenhuma das respostas anteriores.

4. (UFJF-MG) Marque o emprego incorreto do numeral:
a) século III (três)
b) página 102 (cento e dois)
c) 80º (octogésimo)
d) capítulo XI (onze)
e) X torno (décimo)

PRONOME

1. (ITA-SP) Assinale a incorreta:
a) Não se vá sem eu.
b) Ele é contra eu estar aqui.
c) Ele é contra mim, estar aqui é crime.
d) Como eu estava doente, não houve palestra.
e) Não haveria entre mim e ti entendimento possível.

2. (BNB) Na oração "Banco *algum* estava preocupado em agradar clientes.", a palavra em itálico corresponde a:
a) um entre dois
b) qualquer
c) um certo
d) determinado
e) nenhum

3. (BNB) Assinale a opção em que existe erro, quanto à classificação morfológica das palavras em itálico:
a) grandes instituições *estrangeiras* – adjetivo
b) tentando tomá-*las* – pronome pessoal do caso reto
c) *Otávio Castello Branco* – substantivo próprio
d) *uma* nova geração – artigo indefinido
e) Formar *pessoal* – substantivo coletivo

4. (FGV-SP) Observe: "O diretor perguntou: – Onde estão os estagiários? Mandaram-nos sair? Estão no andar de cima?". O **pronome** sublinhado pertence:
a) À terceira pessoa do plural.
b) À segunda pessoa do singular.
c) À terceira pessoa do singular.
d) À primeira pessoa do plural.
e) À segunda pessoa do plural.

5. (Mackenzie-SP) Assinale a alternativa correta.
a) De acordo com a gramática normativa, as palavras **espécie** e **três** são acentuadas por apresentarem vogal "e" na sílaba tônica.
b) O uso do pronome **ela** em *achou mais saboroso comer* ela *limpa*, embora comum na linguagem coloquial, não é apropriado a textos formais.
c) Em *Há quase 50 anos, na pequena ilha de Koshima, no Japão*, as vírgulas separam aposto explicativo.
d) Em *...o hábito se espalhou* pelos irmãos mais velhos..., a sequência em itálico tem função de agente da passiva.
e) No trecho *Ninguém sabe ao certo* se *ele percebeu...*, a conjunção em negrito introduz ideia de condição.

6. (ITA-SP) Assinale a opção em que o uso do pronome **NÃO** está de acordo com a norma padrão escrita. (Excertos extraídos e adaptados de *Folha de S.Paulo*, 1/11/1993.)
a) [O cineasta sofreu] um derrame, do qual não iria se recuperar mais.
b) [O rosto e a voz do cineasta] são aqueles os quais estamos acostumados, talvez um pouco mais cansados.
c) [Estar doente era] uma realidade sobre a qual [o cineasta] não sabia nada, sobre a qual jamais havia pensado.
d) [Com ele, o cinema] não é mais um meio; torna-se um fim, no qual o autor é a principal referência.
e) Depois de três cirurgias às quais se submetera, teve um ataque cardíaco.

7. (CPCAR) Assinale a alternativa onde o *pronome relativo*, em destaque, está corretamente interpretado e classificado quanto à sua função sintática.
a) "A equipe do doutor Berk acompanhou durante um ano 100 homens ***que*** já haviam enfartado (...)"
[que = 100 homens/objeto direto]
b) "Eles foram divididos em dois grupos, ***dos quais*** um era obrigado a assistir meia hora por dia a uma comédia televisiva."
[dos quais = dos dois grupos/adjunto adverbial]
c) "(...) são medidas ***que*** fazem viver mais e melhor."
[que = medidas/sujeito]

d) "O resultado foi surpreendente: os ***que*** foram submetidos às sessões de risadas (...)" [que = os/aposto]

8. (Mackenzie-SP) Mosquitos são elos fundamentais da cadeia alimentar **da qual você também faz parte**.

O trecho destacado pode ser corretamente substituído por:
a) na qual você também faz parte.
b) a qual você também faz parte.
c) onde você também faz parte.
d) que você também faz parte.
e) de que você também faz parte.

9. (TCU) Assinale a alternativa em que **o pronome oblíquo** foi empregado segundo o que recomenda a norma culta. Observe também a **flexão** dos verbos.
a) Quando nos vermos de novo, eu te cumprimentarei.
b) Quando nos vermos de novo, eu cumprimentar-te-ei.
c) Quando virmo-nos de novo, eu te comprimentarei.
d) Quando nos virmos de novo, eu te cumprimentarei.
e) Eu te cumprimentarei quando nos vermos de novo.

10. (TCU) Assinale a forma mais adequada, levando em consideração a flexão verbal e o emprego do **pronome de tratamento** e do sinal indicador de crase.
a) Vossa Excelência, o Presidente, vem com os ministros a reunião?
b) Sua Excelência, o Presidente, vem com os ministros à reunião?
c) Vossa Excelência, o Presidente, vêm com os ministros para a reunião?
d) Vossa Excelência, o Presidente, vem com os ministros na reunião?
e) Sua Excelência, o Presidente, vêm com os ministros para a reunião?

VERBO

1. (CPCAR) Assinale a alternativa em que os **verbos** foram empregados de acordo com a norma culta.
a) Ele havia entreaberto a porta e viu sua prima chegando.
b) Vós odiaste a candidata eleita?
c) Ele jamais foi aceitado pelos colegas de turma.
d) Todo recurso disponível já foi gastado pelo governo.

2. (CPCAR) Escreva **(V)** para as afirmativas verdadeiras e **(F)** para as falsas e, em seguida, assinale a alternativa com a sequência correta.

( ) No modo indicativo, o pretérito imperfeito expressa ação passada que se prolonga, o pretérito mais-que-perfeito expressa fato passado anterior a outro que também já é passado, e o pretérito perfeito expressa ação já concluída em época passada.

( ) No período: "Não deixeis para amanhã o que podeis fazer hoje.", os verbos estão, respectivamente, nos modos imperativo e indicativo.

( ) Na frase: "O diretor aborrecia-se sem razão.", o verbo está na voz passiva.

( ) Em "Precisa-se de candidatos aplicados.", tem-se voz ativa.

( ) Em "Não te destruas com álcool, fumo e demais drogas.", constata-se voz reflexiva.
a) V – F – F – V – V
b) V – V – F – V – V
c) F – V – V – F – F
d) F – F – V – F – F

3. (BNB) Em "E há sempre a possibilidade real de crescer no banco e vir a se tornar um sócio.", existe a presença do verbo **vir.**

Assinale a alternativa em que este verbo se encontra no futuro do pretérito.
a) O jovem talentoso vem chegando.
b) O lucro virá no fim do ano.
c) O investimento viera mas perdera-se na burocracia.
d) O cliente será bem atendido se vier negociar com o banco.
e) O sucesso viria se ele se esforçasse um pouco mais.

4. (FGV-SP) Assinale a alternativa que completa corretamente a frase:

_____os documentos que encaminharemos à Prefeitura.

a) Terá de serem formalizados.
b) Terão de ser formalizado.
c) Terá de ser formalizado.
d) Terão de serem formalizados.
e) Terão de ser formalizados.

5. (Fuvest-SP) Dos **verbos** assinalados, só está corretamente empregado o que aparece na frase:

a) A atual administração quer **crescer** a arrecadação do IPTU em 40%.
b) A economia latino-americana se modernizou sem que a estrutura de renda da região **acompanhou** as transformações.
c) Se **fazer** previsões sobre a situação econômica já era difícil antes das eleições, agora ficou ainda mais complicado.
d) A indústria ficará satisfeita só quando vender metade do estoque e **transpor** o obstáculo dos juros.
e) Por mais que os leitores se **apropriam** de um livro, no final, livro e leitor tornam-se uma só coisa.

6. (FGV-SP) Assinale a alternativa que contenha, corretamente, os verbos das orações abaixo no futuro do subjuntivo.

a) Se o menino se entretiver com o cão que passear na rua...
Se não couber na bolsa o frasco que você me emprestar...
b) Se o menino se entreter com o cão que passear na rua...
Se não caber na bolsa o frasco que você me emprestar...
c) Se o menino se entretiver com o cão que passear na rua...
Se não caber na bolsa o frasco que você me emprestar...
d) Se o menino se entreter com o cão que passear na rua...
Se não couber na bolsa o frasco que você me emprestar...
e) Se o menino se entretesse com o cão que passeava na rua...
Se não cabesse na bolsa o frasco que você me emprestasse...

7. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que o particípio sublinhado está corretamente utilizado.

a) O diretor tinha <u>suspenso</u> a edição do jornal antes da publicação da notícia.
b) Lourival tinha <u>chego</u> ao mercado. Marli o esperava próxima da barraca de frutas.
c) O coroinha havia já <u>disperso</u> a multidão que estava em volta da Matriz.
d) A correspondência não foi <u>entregue</u> no escritório.
e) Diogo tinha <u>expulso</u> os índios que cercavam o povoado.

8. (FGV-SP) Na língua portuguesa, às vezes, verbos diferentes assumem a mesma forma verbal. Isso NÃO OCORRE em:

a) Fui, pretérito perfeito do indicativo de ir e de ser.
b) Viemos, pretérito perfeito do indicativo de vir e presente do indicativo de ver.
c) Vimos, pretérito perfeito do indicativo de ver e presente do indicativo de vir.
d) For, futuro do subjuntivo de ir e de ser.
e) Fora, pretérito mais-que-perfeito do indicativo de ir e de ser.

9. (FGV-SP) Examine o termo sublinhado nos períodos abaixo.

• O frasco maior *contém* mais líquido, é evidente.

• O relato da testemunha não *condiz* com os fatos apontados pelos peritos.

• Ele não *intervirá* na questão entre o árbitro e o atleta.

Assinale a alternativa correta a respeito desses verbos, colocados no pretérito perfeito, mas mantida a pessoa gramatical.

a) Conteve, condiria, interveio.
b) Conteu, condizia, interveio.
c) Conteve, condisse, interveio.
d) Conteu, condisse, interviu.
e) Continha, condizeu, interviu.

10. (FGV-SP) Em uma das alternativas abaixo, o verbo está em **desacordo** com a norma culta. Assinale-a.

a) Lastimo que você seja parente dele: não há como evitar a pena e, pior, ela deve ser longa.

b) Caso ele for fazer o trabalho escolar na minha casa, vamos precisar encomendar algo para comer.
c) De qualquer jeito, o professor quer que eu vá à reunião. Diz que minha presença é necessária, não sei por quê.
d) Se ele supuser que os frades estejam na Capela de Santa Filomena, vai perder um tempo imenso.
e) Como Juca permaneceu muito tempo em cada time em que jogou, fazia meses que ele não estreava.

11. (FGV-SP) Em qual das alternativas não há a necessária correlação temporal das formas verbais?
a) A festa aconteceu no mesmo edifício em que transcorrera o passamento de José Mateus, vinte anos antes.
b) Quando Estela descer da carruagem, poderia acontecer-lhe uma desgraça se o cocheiro não dispuser adequadamente o estribo.
c) Tendo visto o pasto verde, o cavalo pôs-se a correr sem que alguém pudesse controlá-lo.
d) Pelo porte, pelo garbo, todos perceberam que Antônio Sé fora militar de alta patente.
e) Se o policial não tivesse intervindo a tempo, teria ocorrido a queda do canhão.

12. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que todos os verbos estejam empregados de acordo com a norma culta.
a) Você quer, depois de tudo o que me fez, que eu vou ao jantar com sua amiga?
b) Não faz isso, que os meninos estão para chegar e eu ainda não preparei o almoço.
c) Tende dó, meus filhos! Todos nós, pecadores, estamos sujeitos a essas tentações. Tende dó!
d) Quem haveria de dizer que ele pode vim fazer esse conserto sem nenhuma dificuldade?
e) Sai, que esse dinheiro é meu. Não me venha dizer que o viu primeiro.

13. (Fuvest-SP) Entre as mensagens abaixo, a única que está de acordo com a norma escrita culta é:
a) Confira as receitas incríveis preparadas para você. Clica aqui!
b) Mostra que você tem bom coração. Contri*bua* para a campanha do agasalho!
c) Cura-te a ti mesmo e seja feliz!
d) Não subestime o consumidor. Venda produtos de boa procedência.
e) Em caso de acidente, não siga viagem. Pede o apoio de um policial.

14. (Unifesp) Há certos verbos cujas flexões se desviam do paradigma de sua conjugação. São considerados, por isso, irregulares. Alguns deles são: dar, estar, fazer, ser e ir. Na estrofe de "O menino da porteira", ocorrem verbos dessa natureza. A alternativa que os contém é:
a) "Toda vez que eu viajava" e "De longe eu avistava".
b) "De longe eu avistava" e "Que corria abri[r] a porteira".
c) "Que corria abri[r] a porteira" e "— Toque o berrante, seu moço,".
d) "Que corria abri[r] a porteira" e "Que é p'ra mim ficá[r] ouvindo".
e) "Depois vinha me pedindo:" e "Que é p'ra mim ficá[r] ouvindo".

15. (Fuvest-SP) Transpondo-se corretamente para a voz **ativa** a oração "para serem instruídos por um astrônomo (...)", obtém-se:
a) para que sejam instruídos por um astrônomo (...).
b) para um astrônomo os instruírem (...).
c) para que um astrônomo lhes instruíssem (...).
d) para um astrônomo instruí-los (...).
e) para que fossem instruídos por um astrônomo (...).

ADVÉRBIO

1. (Fuvest-SP) Na frase "O Sol ainda produzirá energia (...)", o advérbio ainda tem o mesmo sentido que em:
a) Ainda lutando, nada conseguirá.
b) Há ainda outras pessoas envolvidas no caso.
c) Ainda há cinco minutos ela estava aqui.
d) Um dia ele voltará, e ela estará ainda à sua espera.
e) Sei que ainda serás rico.

2. (ITA-SP - adaptado) Geralmente a negação é expressa por meio de advérbios ou locuções adverbiais (não, tampouco, absolutamente, de modo algum, de jeito nenhum). Porém, existem

outras maneiras de negar. Aponte a opção em que, no enunciado, **NÃO** há ideia de negação.

a) Em 76 dos 96 distritos da cidade [de São Paulo], a falta de planejamento adequado aprofundou as desigualdades que eram enormes. (Pesquisa Fapesp, janeiro/2003, n. 83, p. 7.)

b) Metade das pacientes consome o Evista e a outra metade, um placebo. Nenhum dos dois grupos abandonou seus medicamentos habituais para doenças cardiovasculares. (Idem, p. 22.)

c) O que nós temos recomendado, agora, é que o pesquisador não só participe da execução da pesquisa, mas também da sua concepção. (Idem, p. 24.)

d) Esses dados preliminares mostram que dificilmente será possível aumentar de forma significativa – e não predatória – a quantidade de pescado marinho capturado pelo Brasil em sua Zona Econômica Exclusiva (ZEE). (Idem, p. 34)

e) Pesquisadores da Universidade de Oxford, no Reino Unido, constataram que roedores contaminados com o parasita (...) deixam de exibir a aversão natural aos gatos e, em alguns casos, passam a se sentir atraídos pelo odor dos bichanos.

3. (FAAP-SP) Em "... o queixo fugia-lhe pelo rosto, **infinitamente**, ...", o advérbio revela uma figura de linguagem:

a) polissíndeto
b) hipérbole
c) anacoluto
d) prosopopeia
e) silepse

4. (UFCE) Empregando o sufixo ***-mente***, substitua as expressões grifadas por um advérbio, cujo sentido seja equivalente ao da expressão substituída.

a) Pouco a pouco, o poeta aprenderia a partir sem medo.

b) Sem dúvida alguma, a lua nova é mais alegre que a cheia.

c) Ele ganhou um novo quarto e a aurora, ao mesmo tempo.

d) Passou dez anos, sem interrupção, com a janela virada para o pátio.

e) O poeta, por exceção, prefere a lua nova.

5. (PUC-Camp) A alternativa em que o advérbio exprime ideia de intensidade é:

a) A sociedade parece ser pouco sensível.

b) Usuários fazem sempre um pequeno comércio.

c) ... atitude essa centrada, evidentemente, em aspectos repressivos.

d) ... somente penalizando traficantes e usuários.

e) ... duplamente penalizados.

PREPOSIÇÃO

1. (UCDB-MT) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.

Um dos candidatos ___ prefeito de São Paulo informou ___ assessores ___ não receberá os jornalistas.

a) à – os – de que

b) à – os – que

c) a – aos – de que

d) à – os – que

e) a – aos – que

2. (FGV-SP) Observe os termos sublinhados nas seguintes frases:

• Chegou a hora do público se manifestar contra a publicação desse impostor.

• As palmas do público ecoavam pelo teatro, em apoio à proposta de Nabuco.

• Vista do público, a cantora parecia bonita; da coxia, percebia-se que era feia.

Sobre eles, é correto afirmar:

a) Para o segundo exemplo, vários gramáticos recomendam a forma **de o** em lugar de **do**, porque a preposição está regendo o sujeito.

b) Para o terceiro exemplo, vários gramáticos recomendam a forma **de o** em lugar de **do**, porque a preposição está regendo o sujeito.

c) Nos três exemplos, os termos sublinhados exercem a mesma função sintática de adjunto adverbial.

d) No primeiro e no segundo exemplos, os termos sublinhados exercem a mesma função sintática de adjunto adnominal.

e) Para o primeiro exemplo, vários gramáticos recomendam a forma **de o** em lugar de **do**, porque *o público* é sujeito, que não deve ser iniciado por preposição.

3. (Mackenzie-SP) Poder pagar faz parte do projeto, **ao devolver a auto-estima e a dignidade**.

Respeitado o sentido original, assinale a construção que poderia substituir o trecho em destaque.

a) por devolver a auto-estima e a dignidade.
b) se devolver a auto-estima e a dignidade.
c) assim que devolve a auto-estima e a dignidade.
d) apenas se devolver a auto-estima e a dignidade.
e) quando devolvidas a auto-estima e a dignidade.

4. (CEETPS)

"Apesar das conjunturas negativas, superamos obstáculos."

Analise as afirmações a seguir sobre o enunciado em destaque:

I. A expressão "apesar de" presta-se a fazer uma comparação de igualdade, em que os elementos comparados têm igual relevância.
II. A expressão "apesar de" estabelece uma relação de importância relativa do elemento *conjunturas negativas*, em relação a outro, mais importante, *superamos obstáculos*.
III. O texto em destaque poderia ser assim enunciado: Mesmo considerando conjunturas negativas, superamos obstáculos.

A alternativa com todas as afirmações válidas é:

a) apenas I
b) apenas II
c) apenas III
d) apenas I e II
e) apenas II e III

5. (Unifesp) A alternativa em que o uso da preposição em destaque tem função mais estilística do que gramatical é:

a) ... quando estava com ela...
b) Do fruto das árvores do jardim podemos comer.
c) ... e fizeram para si coberturas para os lombos.
d) ... ela começou dizer à mulher...
e) Depois deu também dele a seu esposo...

CRASE

1. (FGV-SP) Assinale a alternativa correta quanto à ocorrência ou não da **crase**.

a) Juliana enviou os papéis **à** Secretaria, que os encaminhou **à** Gerência.
b) Devido **a** morte do pai, deixou de comparecer **à** solenidade.
c) Passaram-se três meses até que Lucas atendesse **à** qualquer cliente.
d) O médico costumava atender de segunda **à** sexta-feira, das 14 **as** 18h.
e) Trouxera **a** mão várias armas, que lançou **as** costas dos inimigos.

2. (PUC-PR) Assinale a alternativa em que o elemento colocado entre parênteses **não** preenche corretamente os pontilhados.

a) Por favor, entrem e fiquem ..... vontade. (à)
b) Ele voltará daqui ..... meia hora. (a)
c) Sentou-se ..... mesa, mas não comeu nada. (à)
d) Dirigiu-se ao quadro-negro e começou ..... escrever. (a)
e) O velho matou o gato ..... pauladas. (à)

3. (UCDB-MT) Assinale a alternativa em que o a deve obrigatoriamente receber o acento grave, indicador de crase.

a) O progresso finalmente chegou **a** essa cidade.
b) A menina perguntou **a** sua mãe se ela gosta de viajar.
c) Pediram **a** Maria que ficasse calma.
d) O professor referia-se **a** aluna que estava ausente.
e) A renda destinava-se **a** associações de caridade.

4. (UCDB-MT) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.

Como ___ anos, sentaram-se todos __ mesa e começaram __ conversar animadamente.

a) a – a – à
b) à – à – a
c) à – à – à
d) há – a – a
e) há – à – a

5. (UCDB-MT) Assinale a alternativa em que o uso da crase é facultativo.

a) A vontade dele era ir à Itália.
b) Comprou móveis à Luís XV.
c) Dei um presente à minha irmã.
d) Assistiram àquela sessão de cinema.
e) Fumar é prejudicial à saúde.

6. (MPO) Indique o item em que, de acordo com as regras gramaticais, o **a** deve receber o acento indicativo de crase.

A visão destes anos 80 mostra uma sociedade cindida de ponta **a** (A) ponta e em cada detalhe da vida social por conflitos heterogêneos, fragmentados, violentos, mobilizantes. Cada movimento destes se faz por conflitos distintos e reconhece **a** (B) si mesmo em espaço político próprio. E o Estado, em cujo espaço institucional se traduzem os efeitos de uma sociedade plural e desigual, formaliza suas reações **a** (C) mobilização social. Nestes tempos turbulentos os governantes imaginaram uma forma de exercício de poder que conciliasse **a** (D) emergência dos novos direitos com os limites autoritários de sua gerência. O Executivo se lança, então, **a** (E) experiências várias de contenção social.

a) A b) B c) C d) D e) E

7. (TTN) Indique a letra em que os termos preenchem corretamente, pela ordem, as lacunas do trecho dado.

Assustada _____ família com os versos em que o via sempre ocupado, foi reclamar ao grande mestre que não o via estudar em casa, ao que lhe foi respondido que _____ sua assiduidade e aplicação ___ aulas nada deixavam ___ desejar. Era o que bastava e daí por diante continuou tranquilo a ler e fazer versos. (*Francisco Venâncio Filho*).

a) a – à – às – a
b) a – a – às – a
c) à – a – as – à
d) à – à – às – a
e) à – a – as – à

CONJUNÇÃO

1. (UFCE) Observe a forma grifada nos períodos abaixo:

I. Havia bichos domésticos, como o Padilha.
II. Como lhes disse, fui guia de cego.

A relação de sentido estabelecida por esta forma é de:

a) comparação nas duas frases.
b) conformidade nas duas frases.
c) comparação apenas em II.
d) conformidade apenas em II.
e) exemplificação nas duas frases.

2. (PUC-PR) Assinale a alternativa em que o termo colocado entre parênteses não substitui com o mesmo sentido o termo sublinhado da frase.

a) Não merecemos nenhum castigo, dado que nada fizemos. (pois que)
b) Ele chegará cedo ao trabalho, salvo se o trânsito o impedir. (a não ser que)
c) Eu não quis ofendê-lo; depois, nem o conhecia direito. (ademais)
d) Resolvemos partir, conquanto tivesse chovido muito à noite. (embora)
e) Você participou da festa; diga-me, pois, o que aconteceu. (contudo)

3. (Puc-Camp) "Talvez o dinheiro pago hoje aos fotógrafos leve-os a cometerem excessos", sugeriu o fotógrafo que inspirou o personagem do filme de Fellini. "Mas não existem justificativas para culpá-los." Fotos de Diana valiam muito porque ela era sucesso de público, e suas aparições eram virtuosas performances para que se tirassem fotos e se tivesse uma história.

As conjunções grifadas expressam ideia, respectivamente, de:

a) conclusão e explicação
b) adição e causa
c) alternância e tempo
d) concessão e consequência
e) contraste e finalidade

4. (AFR-Vunesp) *Os provedores argumentam que não têm de pagar o imposto porque não são, por lei, considerados empresas de telecomunicação,* mas *apenas prestadores de serviço.* (*Veja*, 08/01/97, p. 17)

A conjunção **mas** destacada no texto estabelece entre as orações uma relação de:

a) tempo
b) adição
c) consequência
d) causa
e) oposição

5. (AFR-Vunesp) A alternativa que substitui, correta e respectivamente, as conjunções ou locuções grifadas nos períodos abaixo é:
I. Visto que pretende deixar-nos, preparamos uma festa de despedida.
II. Terá sucesso, contanto que tenha amigos influentes.
III. Casaram-se e viveram felizes, tudo como estava escrito nas estrelas.
IV. Foi transferido, portanto não nos veremos com muita frequência.

a) porque ainda que	mesmo que	segundo
b) como logo	desde que	conforme
c) quando tão logo	caso	segundo
d) salvo se pois	a menos que	conforme
e) pois entretanto	mesmo que	segundo

6. (CPCAR) Assinale a alternativa correta do ponto de vista **morfológico**.
a) Em "Vê-se que o mundo agora é outro", há conjunção subordinativa causal.
b) Em "Este é o poema de que lhe falei outro dia", há conjunção integrante com valor de pronome relativo.
c) Em "João viu-se em perigo", o "se" é partícula de realce.
d) Em "Penso que a paz deve reger a humanidade", há conjunção integrante.

7. (TCU) Escreva, diante de cada texto, o número do item que preenche corretamente a lacuna:
( ) Deve-se entender como 'prestação de serviço', _____ definição insculpida no texto da Lei de Licitações e Contratos (art. 6º, II), a atividade contratada pela Administração com a finalidade de alcançar determinada utilidade de seu interesse.
( ) O dimensionamento da duração dos contratos, previsto no inciso II, do art. 57, da Lei nº 8.666/93, pode e deve ser feito pela Administração sempre com a finalidade de obter maior economicidade, respeitado, _____, o limite máximo de duração em lei fixado (60 meses).
( ) Não possuindo o contrato de transporte aéreo, exigência eventual para a Administração, deve ele observar a regra de duração dos prazos prevista no art. 57, inciso II, da Lei 8.666/93, não estando, _____, a sua duração adstrita à vigência dos respectivos créditos orçamentários.
( ) A contratação de transporte aéreo e a prestação de fornecimento de passagens não possuem a condição de fornecimento, _____ não se pode, nesse negócio, visualizar, como elemento de identificação, o simples ato de emissão do bilhete de passagem, que constitui mera autorização para o uso do meio de transporte.
( ) Para que dúvidas não viessem a subsistir, a título de exemplo, pode-se afirmar que, _____ regido por normas do extinto Decreto-lei nº 2.300/86, o contrato poderia ter a sua duração dimensionada com vistas à obtenção de preços e condições mais vantajosos para a Administração.
( ) Inadimplindo o contratado suas obrigações, a sanção administrativa pertinente lhe deverá ser aplicada, apenas necessitando a Administração _____ disponha o instrumento contratual de previsão do percentual relativo à multa aplicável no caso concreto.
( ) A Lei nº 8.666/93, ao dispor sobre a duração dos contratos, o fez de tal modo que, _____ não haja específica previsão, se o prazo máximo não foi alcançado, terá a Administração a possibilidade legal de realizar o dimensionamento dessa duração, até o limite estabelecido.

(Leon Frejda Szlarowsky, com adaptações)

(1) que	(5) ainda que
(2) já que	(6) embora
(3) consoante	(7) portanto
(4) no entanto	

A sequência numérica correta é:
a) 4, 1, 3, 6, 7, 2, 5
b) 3, 4, 7, 2, 6, 1, 5
c) 5, 3, 1, 6, 7, 2, 4
d) 3, 1, 5, 7, 2, 4, 6
e) 5, 6, 1, 3, 2, 7, 4

8. (Fuvest-SP) Em "Era a flor, e não já da escola, senão de toda a cidade.", a palavra assinalada

pode ser substituída, sem que haja alteração de sentido, por:

a) mas sim.
b) de outro modo.
c) exceto.
d) portanto.
e) ou.

9. (Mackenzie-SP) Assinale a alternativa em que a palavra "como" assume a mesma função que exerce em como fosse trazido à sua presença um pirata.

a) Como você conseguiu chegar até aqui?
b) Como todos podem ver, a situação não é das melhores.
c) Não só leu os livros indicados, como também outros de interesse pessoal.
d) Como não telefonou, resolvi procurá-lo pessoalmente.
e) O arquiteto projetou o jardim exatamente como lhe pediram.

SEMÂNTICA

SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS

1. (CEETPS) "Um dos motivos pelos quais a teoria da sustentabilidade não chega, muitas vezes, à prática é que as atitudes predatórias são muito **arraigadas** nas elites política e empresarial."

Assinale a alternativa que contém **sinônimo** para a palavra destacada no texto:

a) essas atitudes estão **fixadas** nas elites
b) essas atitudes são **deixadas de lado** pelas elites
c) essas atitudes são **rejeitadas** pelas elites
d) essas atitudes são **desaprovadas** pelas elites
e) essas atitudes são **repelidas** pelas elites

2. (AFR-Vunesp) Assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, as lacunas nos enunciados abaixo.

Aguarda-se a _____ do terreno para a construção do prédio.
Para dar conta da tarefa, a equipe precisou _____ a camisa.
Trata-se de quantia _____, que poderá levá-lo à falência.

a) cessão	suar	vultosa
b) sessão	soar	vultuosa
c) seção	suar	vultuosa
d) cessão	soar	vultosa
e) secção	soar	vultuosa

3. (BNB) Assinale a alternativa que apresenta pares de palavras homófonas, homógrafas e parônimas de acordo com a sequência:

a) sela/cela, sede (ê)/sede, lustro/lustre
b) acidente/incidente, conserto/concerto, olho (ô)/olho
c) manga/manga, inapto/inepto, russo/ruço
d) paço/passo, lactante/lactente, caçar/cassar
e) diferir/deferir, cheque/xeque, canto/canto

4. (IME-RJ) Indique a alternativa que completa corretamente a frase abaixo:

"Foram _____ as quantias _____ para a realização da festa, a que compareceram personalidades _____ da cidade."

a) vultosas – dispendidas – iminentes.
b) vultosas – despendidas – eminentes.
c) vultuosas – dispendidas – eminentes.
d) vultuosas – despendidas – iminentes.
e) vultuosas – dispendidas – iminentes.

5. (UCDB-MT) Assinale a alternativa incorreta.

a) absolver = perdoar / absorver = sorver
b) coser = costurar / cozer = cozinhar
c) cerrar = fechar / serrar = cortar
d) cela = arreio / sela = pequeno quarto
e) comprimento = extensão / cumprimento = saudação

6. (BNB) Assinale a alternativa que apresenta o sinônimo da palavra em itálico na oração: "A mudança de diretrizes dos bancos de investimento é digna de *encômios*".

a) alegrias
b) elogios
c) tristezas
d) cuidados
e) críticas

7. (FGV-SP) Assinale a alternativa correta quanto à relação grafia/significado.
a) Para sonhar, basta serrar os olhos.
b) Receba meus comprimentos por seu aniversário.
c) A secretária agiu com muita discrição.
d) Seus gastos foram vultuosos.
e) Tinha ainda conhecimentos insipientes de Matemática.

8. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que, pelo sentido, o vocábulo sublinhado esteja mal utilizado:
a) A classificação era sempre dicotômica: homens e mulheres, adultos e crianças, vertebrados e invertebrados.
b) Uma parcela da população – o seguimento das pessoas idosas – será explorada nos próximos anos.
c) A inflação continuava, mas seu incremento era cada vez menor.
d) Na orla marítima, as residências de verão seguiam cada vez mais caras.
e) O termo refere-se à relação entre um estado subjacente de uma pessoa e seu comportamento manifesto.

9. (Fuvest-SP)

CONTRA A MARÉ

A tribo dos que preferem ficar à margem da corrida dos bits e bytes não é minguada. Mas são os renitentes que fazem a tecnologia ficar mais fácil.

Nesta nota jornalística, a expressão "contra a maré" liga-se, quanto ao sentido que ela aí assume, à palavra:
a) tribo.
b) minguada.
c) renitentes.
d) tecnologia.
e) fácil.

10. (CPCAR) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas abaixo.

O motorista_____ ultrapassou o sinal vermelho, atrapalhando o _____ da avenida. O guarda de trânsito lhe _____ uma rigorosa multa.
a) despercebido – tráfico – infringiu
b) desapercebido – tráfico – infligiu
c) desapercebido – tráfego – infringiu
d) despercebido – tráfego – infligiu

SINTAXE

PREDICAÇÃO VERBAL

1. (CPCAR) Leia as frases abaixo
I – "O ser que é ser transforma tudo em flores."
II – "Fica sereno, num sorriso justo."
III – "Enquanto tudo em derredor oscila."
IV – "Quando rimos, rimos com o corpo todo."
Quanto à regência dos verbos acima, pode-se dizer que
a) ***transformar*** e ***ficar*** são transitivos.
b) ***ser***, ***ficar*** e ***rir*** são de ligação.
c) ***oscilar*** e ***rir*** são intransitivos.
d) ***transformar*** e ***rir*** são transitivos diretos e indiretos.

2. (PUC-SP) Na relação entre termos regentes e termos regidos, há verbos transitivos que necessitam de uma preposição para estabelecer um nexo de dependência sintético-semântica entre as palavras. Assinale a alternativa que apresenta verbo transitivo indireto.
a) "... difundindo-se por todas as camadas sociais e irradiando-se do privado para o público."
b) "... voltada para o mercado interno..."
c) "Apenas no domínio público encontrava alguma rivalidade do português."
d) "São Paulo colonial esteve, até certo ponto, à margem da economia de exportação."
e) "... como Luíza Esteves, que em 1636 precisou de um intérprete para dialogar com o juiz de órfãos..."

3. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que, pelo menos, um verbo esteja sendo usado como transitivo direto.
a) Dependeu o coveiro de alguém que rezasse.

b) Oremos, irmãos!
c) Chega o primeiro raio da manhã.
d) Loureiro escolheu-nos como padrinhos.
e) Contava com o auxílio de Marina para cuidar do evento.

4. (UFPI) Em qual das alternativas **não** há verbo de ligação?
a) "O que está em jogo..."
b) "... mas os resultados não foram equivalentes."
c) "... o ministro está convicto..."
d) "... o líder tucano estava mal-informado"
e) "As declarações parecem viáveis."

5. (UFRJ) A alternativa em que está correta a classificação do verbo ***dar*** quanto à predicação é:
a) Dei com os dois velhos sentados. (transitivo direto)
b) Os jornais não deram a notícia. (transitivo indireto)
c) O relógio deu onze horas. (transitivo direto e indireto)
d) Quem dá aos pobres empresta a Deus. (intransitivo)
e) Esse dinheiro não dá. (intransitivo.)

TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO

1. (UFU-MG) Assinale a única alternativa em que a palavra em destaque não está determinando o **sujeito**.
a) "Achei-o um pouco **abatido**. Mais magro". (G. Rosa)
b) "E a enchente crescia. O caudal, **barrento**, oscilava aos golpes..." (G. Rosa)
c) "João do Quintiliano saiu **furioso**." (G. Rosa)
d) "... fitou-me com um olhar novo, quase prometedor. Fiquei **sério**." (G. Rosa)
e) "O caixeiro-viajante sairá **assombrado**. (J. Amado)

2. (UCDB-MT) "A frequência com que se desmontam boas comissões técnicas em função das meras preferências pessoais do treinador é assustadora." (Juca Kfouri)
O sujeito do verbo **desmontar** é:
a) boas comissões técnicas
b) a frequência
c) preferências profissionais
d) indeterminado
e) inexistente

3. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que o pronome você exerça a função de sujeito do verbo sublinhado.
a) Cabe a você alcançar aquela peça do maleiro.
b) Não enchas o balão de ar, pois ele pode ser levado pelo vento.
c) Ao chegar, vi você perambulando pelo shopping center da Mooca.
d) Ei, você, posso entrar por esta rua?
e) Na Estação Trianon-Masp desceu a Angelina; na Consolação, desceu você.

4. (UFRN) Considerando a oração *que se destaquem também as desigualdades étnicas*, marque a opção correta:
a) O verbo está no plural para concordar com a expressão *as desigualdades étnicas*.
b) O verbo encontra-se na 3ª pessoa do plural porque o sujeito é indeterminado.
c) A expressão *as desigualdades étnicas* exerce função sintática de objeto direto.
d) O vocábulo *étnicas* exerce função sintática de complemento nominal.

TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO

1. (UCDB-MT) Assinale a alternativa em que o pronome nos tem a função de objeto direto.
a) Os diretores escutaram-nos atentamente.
b) Custou-nos aceitar a proposta.
c) Escreveram-nos uma longa carta.
d) O estagiário obedeceu-nos sem reclamar.
e) Deram-nos uma boa notícia.

2. (UEPA) Assinale a alternativa em que o pronome **lhe** não foi empregado na função de objeto indireto.
a) "Trago-lhe o grande homem que há de ser, disse ele ao reitor."
b) "Ela manda chamar meu padrinho, diz-lhe que quer que eu saia do seminário..."
c) "Já lhe digo, não pratiquei nenhum crime, isso juro."
d) "Afinal Damião contou tudo, o desgosto que lhe dava o seminário."
e) "Damião viu-se perdido... beijou-lhe as mãos, desesperado."

3. (CPCAR) Analisando o período "O senhor já pensou em usar lentes de contato, senhor Van Gogh?", é correto afirmar que

a) a oração "***em usar lentes de contato***" funciona como objeto indireto do verbo ***pensar***.
b) ele é constituído de uma oração absoluta, portanto, pode ser considerado uma frase.
c) o núcleo do objeto direto do verbo ***usar*** é o vocábulo ***lentes***, cujo complemento nominal é a expressão ***de contato***.
d) a expressão ***senhor Van Gogh*** tem função de aposto; pode, por isso, ser eliminada da frase sem prejuízo ao sentido.

4. (UFRN) Assinale a opção na qual a parte destacada equivale, sintaticamente, ao pronome LHE:
a) O analfabetismo entre os brancos desceu à taxa bastante acentuada, segundo dados do IBGE.
b) O censo forneceu à pesquisadora do IBGE subsídios para desmistificar a democracia racial.
c) O convívio pouco hostil entre brancos e negros mascara a discrepância socioeconômica entre os dois grupos.
d) O cruzamento dos dados do último censo do IBGE mostra a suposta divisão igualitária entre brancos e negros.

5. (FGV-SP) Em cada uma das alternativas abaixo, está sublinhado um termo iniciado por preposição. Assinale a alternativa em que esse termo **não é objeto indireto**.
a) O rapaz aludiu *às histórias passadas*, quando nossa bela Eugênia ainda era praticamente uma criança.
b) Quando voltei da Romênia, o Brasil todo assistia *à novela* da Globo, todos os dias.
c) Quem disse *a Joaquina* que as batatas deveriam cozer-se devagar?
d) Com a aterrissagem, o aviador logo transmitiu *ao público* a melhor das impressões.
e) Foi fiel *à lei* durante todos os anos que passou nos Açores.

6. (PUC-PR) Observe a frase que segue:

"Não posso lhe garantir que todos estarão presentes à sua festa de formatura."

Do enunciado acima, pode-se afirmar que a parte sublinhada desempenha a função de:
a) sujeito de **posso**
b) objeto direto de **posso**
c) objeto indireto de **posso**
d) objeto direto de **garantir**
e) objeto indireto de **garantir**

7. (BNB) Em "A dedicação ao trabalho ***te*** enche de glória e ***te*** faz ***vencedor***", as palavras em itálico são respectivamente:
a) objeto direto, objeto indireto, objeto direto
b) objeto indireto, objeto indireto, predicativo do sujeito
c) adjunto adnominal, adjunto adnominal, objeto direto
d) objeto direto, objeto direto, predicativo do objeto
e) predicativo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto

TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO

1. (Unirio-RJ) Em "Passamos então nós dois, privilegiadas criaturas, a regalar-nos com a mesa...", a função sintática do termo sublinhado é:
a) sujeito
b) objeto direto
c) aposto
d) adjunto adverbial
e) vocativo

2. (Unifor-CE) Ela fugiu durante a invasão das tropas alemãs.

A função sintática do termo sublinhado na frase acima é a mesma do que vem sublinhado em:
a) A menina voltou feliz do internato.
b) Um galo sozinho não tece uma manhã.
c) Fiquei contrariada com a sua resposta.
d) Sua mãe não me parece bem.
e) Os ingleses desocuparam a vila.

3. (CETEF-MG) Em: "Em pequena, Virgínia vira uma sala repleta de móveis onde havia uma estante com livros encadernados de dourado e preto.", os termos destacados têm a função sintática de:
a) complemento nominal e objeto indireto
b) adjunto adverbial e adjunto adnominal
c) adjunto adverbial e complemento nominal

d) adjunto adnominal e complemento nominal

e) complemento nominal e adjunto adnominal

4. (UniFEI-SP) Resolva as questões a seguir conforme o código que segue:

a) adjunto adverbial de lugar

b) adjunto adverbial de tempo

c) adjunto adverbial de modo

d) adjunto adverbial de causa

I – **Segunda-feira** haverá um jogo importante.

II – **Com o mau tempo** não podemos trabalhar ao relento.

III – O livro foi acolhido **com entusiasmo** pelos leitores.

IV – O automóvel parou **perto do rio**.

5. (UECE) Ocorre vocativo em:

a) "Então, senhora linha, ainda teima..."

b) "Entre os dedos dele, unidinha a eles, furando abaixo e acima..."

c) "A senhora não é alfinete, é agulha."

d) "Mas você é orgulhosa."

PERÍODO COMPOSTO

1. (FGV-SP) Observe os períodos abaixo, diferentes quanto **à pontuação**.

- Adoeci logo; não me tratei.
- Adoeci; logo não me tratei.

A observação atenta desses períodos permite dizer que:

a) No primeiro, **logo** é um advérbio de tempo; no segundo, uma conjunção causal.

b) No primeiro, **logo** é uma palavra invariável; no segundo, uma palavra variável.

c) No primeiro, as orações estão coordenadas sem a presença de conjunção; na segunda, com a presença de uma conjunção conclusiva.

d) No primeiro, as orações estão coordenadas com a presença de conjunção; na segunda, sem conjunção alguma.

e) No primeiro, a segunda oração indica alternância; no segundo, a segunda oração indica a consequência.

2. (Unifesp) A frase "Contudo, não a minha vontade, mas a tua seja feita!" contém dois conectivos adversativos. O conectivo mas estabelece coesão entre a oração "a tua [vontade] seja feita" e a oração "não [seja feita] a minha vontade." O conectivo contudo estabelece coesão entre:

a) a oração implícita *[se não queres]* e a oração *não [seja feita] a minha vontade*.

b) a oração *se queres* e a oração *não [seja feita] a minha vontade*.

c) a oração *afasta de mim este cálice!* e a oração *a tua [vontade] seja feita*.

d) a oração implícita *[se não queres]* e a oração *a tua [vontade] seja feita*.

e) a oração *a tua [vontade] seja feita* e a oração *não [seja feita] a minha vontade*.

3. (AFR-VUNESP) Assinale a alternativa em que as orações grifadas nos períodos I e II desempenham a mesma função sintática. (Trechos de *A hora da estrela*, de Clarice Lispector.)

a) I - Não sei se estava tuberculosa, acho que não.

II - Se é pobre, não estará me lendo porque ler-me é supérfluo...

b) I - A moça um dia viu num botequim um homem tão, tão, tão bonito que – que queria tê-lo em casa.

II - Encontra-se comigo próprio era um bem que ela até então não conhecia.

c) I - E minha vida (...) responde que devo lutar com quem se agora, mesmo que eu morra depois.

II - Cristo tinha sido além de santo um homem como ele, embora sem dente de ouro.

d) I - Nunca se perguntara por que colocava a barra embaixo.

II - Eu só não digo palavrões grossos porque você é moça donzela.

e) I - Sei que há moças que vendem o corpo, única posse real, em troca de um bom jantar em vez de um sanduíche de mortadela.

II - Depois que Olímpico a despediu, já que ela não era uma pessoa triste, procurou continuar.

4. (CPCAR) As orações destacadas dos versos de Bocage podem ter a função de substantivo (**1**) ou adjetivo (**2**). Assinale a alternativa que apresenta a correlação **incorreta**.

a) "Envergonha-te ao menos
De seres só feliz quando o permite **(1)**
O teu rival soberbo "Que doçura! Que encanto!
Este som faz ***que em êxtase me sinta***!... **(1)**
É verdade, é verdade: os anjos ouço..."

b) "À cândida Filena estar unido
Julgastes ***que um pastor não merecia***: **(2)**
A mais doce prisão de Amor partistes."

c) "Na mente vos observo: ei-lo a teu lado
implorando ao Senhor, ***que os maus flagela***, **(2)**
Perdão para o seu povo alucinado"

5. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que a oração sublinhada funciona como sujeito do verbo da oração principal.
a) Não queria que José fizesse nenhum mal ao garoto.
b) Não interessa se o trem solta fumaça ou não.
c) As principais ações dependiam de que os componentes do grupo tomassem a iniciativa.
d) Era uma vez um sapo que não comia moscas.
e) Nossas esperanças eram que a viatura pudesse voltar a tempo de sair atrás do bandido.

6. (UCDB-MT) Em "Eu esperava que me apoiasses", a oração em destaque pode ser substituída por:
a) o seu apoio
b) apoio deles
c) o vosso apoio
d) o apoio de vocês
e) o teu apoio

7. (PUC-PR) Observe a parte em destaque de cada período:
1- Bem marcado, Ronaldinho não tem uma boa atuação.
2- Como chegou atrasado, não conseguiu acompanhar a discussão.
3- Tem um domínio de bola como ninguém.
4- Se bem que quisesse a verdade, ninguém acreditou.
5- Choveu tanto, que não foi possível realizar o jogo.

A parte em destaque de cada período mantém com a outra parte, na ordem, uma relação significativa de:
a) Condição, causa, comparação, concessão, consequência.
b) Causa, causa, comparação, causa, consequência.
c) Causa, causa, comparação, causa, consequência.
d) Causa, causa, conformação, concessão, consequência.
e) Causa, causa, causa, causa, causa.

8. (UCDB-MT) No período "Embora fosse bom jogador, não ganharia o prêmio.", a conjunção destacada dá ideia de:
a) temporalidade
b) proporção
c) concessão
d) fim
e) causa

9. (PUC-Camp) Há uma oração subordinada adverbial causal em:
a) Mas não existem justificativas para culpá-los.
b) Fotos de Diana valiam muito porque ela era sucesso de público, e suas aparições eram virtuosas performances para que se tirassem fotos e se tivesse uma história.
c) Há poucos meses, alguns paparazzi se tornaram objeto das lentes dos colegas, quando o foco das investigações sobre a causa do acidente que matou a princesa de Gales virou contra eles.
d) Se o motorista tivesse respeitado o limite de velocidade, a tragédia teria sido evitada.
e) Mas não serve para fazer justiça quando se sabe que ao volante havia um motorista embriagado e irresponsável.

ORAÇÕES REDUZIDAS

1. (UCDB-MT) "Não se trata aqui de imputar tais práticas a este ou àquele treinador." A oração em destaque é classificada como:
a) subordinada substantiva objetiva indireta reduzida de particípio
b) subordinada substantiva completiva nominal reduzida de infinitivo

c) subordinada substantiva objetiva indireta reduzida de infinitivo

d) subordinada adverbial concessiva reduzida de infinitivo

e) subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio

2. (Unifor-CE) Se fizermos uma comparação com os índios, poderemos dizer que os civilizados são uma sociedade sofrida.

Assinale a alternativa em que as orações do texto, grifadas na frase acima, estão corretamente transformadas em orações reduzidas.

a) Caso fizermos uma comparação ... serem os civilizados...

b) Quando se faz uma comparação ... sejam os civilizados...

c) Feita uma comparação ... sejam os civilizados...

d) Fazendo uma comparação ... sejam os civilizados...

e) Fazendo uma comparação ... serem os civilizados...

3. (FGV-SP) Observe, nos seguintes períodos, as orações que contêm verbo no gerúndio:

• Estando as meninas em Araxá, foi Ronaldo ter com elas.

• Sendo o aluno um jovem estudioso, deverá facilmente obter aprovação.

• Sendo brasileiro o advogado, poderei atendê-lo; caso contrário, não.

Essas orações são subordinadas adverbiais. Assinale a alternativa que indique respectivamente a circunstância de cada uma.

Leve em conta que a oração pode indicar mais de uma circunstância.

a) Causa, causa, consequência.

b) Tempo, causa, finalidade.

c) Consequência, concessão, finalidade.

d) Tempo, causa, condição.

e) Condição, finalidade, tempo.

4. (Fatec) Há orações reduzidas que podem ser desenvolvidas em oração adjetiva. Aponte a alternativa em que isto ocorre.

a) Eram cadáveres a se erguerem nos túmulos.

b) Volte aqui, chegando a hora.

c) A solução era esperarmos.

d) Estaríamos prontos, chegada a hora.

e) n.d.a.

SINTAXE DE CONCORDÂNCIA

1. (UCDB-MT) Das frases abaixo, a única inteiramente de acordo com as normas gramaticais é:

a) Devem haver outra razões para ele ter desistido.

b) A apuração dos votos vai continuar até a madrugada.

c) Pode existir muitos problemas na diretoria da empresa.

d) Vão fazer três meses que ela não o procura.

e) Houveram surpresas na reunião de ontem.

2. (Carlos Chagas-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente os espaços:

Talvez _____ ainda peças sem lubrificação, mas não _____ existir mais defeitos mecânicos, pois o carro está rodando sem problemas já _____ três dias.

a) hajam – devem – fazem

b) hajam – devem – faz

c) haja – deve – faz

d) haja – deve – fazem

e) haja – devem – faz

3. (IME-RJ) Aponte a alternativa correta:

a) É preciso coragem.

b) Antônio ou João será o presidente.

c) E isso eram trevas da noite.

d) Hoje são trinta de julho.

e) Todas estão corretas.

4. (IME-RJ) Complete os espaços em branco com a opção correta:

Ainda _____ furiosa, mas com _____ violência, proferia injúrias _____ para escandalizar os mais arrojados.

a) meia – menas – bastantes

b) meia – menos – bastante

c) meio – menos – bastante

d) meio – menos – bastantes

e) meio – menas – bastantes

5. (CPCAR) Quanto à **concordância verbal**, analise as frases:

I – A maioria dos doentes melhoram quando riem.

II – Devem haver boas comédias.

III – Fazem algumas semanas, *Veja* presenciou o trabalho de dois médicos.

IV – Afasta-se doenças com humor.

V – Apenas 8% dos risonhos tiveram recorrência de infarto.

Estão corretas somente:

a) I e V.

b) I e II.

c) II e III.

d) III, IV e V.

6. (PUC-SP) O trecho "... os dois permanecemos trancados durante toda a viagem que realizamos juntos,..." apresenta, quanto à concordância verbal:

a) respectivamente, silepse ou concordância ideológica e indicação do sujeito pela flexão verbal.

b) em ambos os casos, indicação do sujeito apenas pela flexão verbal.

c) em ambos os casos, concordância ideológica ou silepse.

d) respectivamente, concordância ideológica e silepse.

e) respectivamente, indicação do sujeito pela flexão verbal e silepse ou concordância ideológica.

SINTAXE DE REGÊNCIA

1. (IME-RJ) Assinale a frase correta:

a) Nem todas visavam aquele diploma.

b) Não lhe julgava capaz de tal coisa.

c) Beberás de nosso leite, comerás de nosso pão e partirás quando te aprouver.

d) Quando lhe ver, peça-lhe dinheiro.

e) Não nos foi possível assistir o desfile militar.

2. (IME-RJ) Marque com um X a opção cuja regência verbal está incorreta:

a) No século XVI, muitos negros preferiram mais a morte do que a escravidão.

b) Informem-no de que não venha.

c) A garotada prefere à ginástica o jogo livre.

d) Informe-lhe de que não venha.

e) O jogador visou o ângulo esquerdo da meta.

3. (UCDB-MT) Desobedeceu ao pai e assistiu ao filme. Substituindo os termos em negrito por pronomes, tem-se:

a) Desobedeceu-lhe e assistiu a ele.

b) Desobedeceu-lhe e assistiu-lhe.

c) Desobedeceu-o e assistiu-o.

d) Desobedeceu-o e assistiu-lhe.

e) Desobedeceu-o e assistiu a ele.

4. (CPCAR) Assinale a alternativa em que a oração foi redigida de acordo com a norma culta.

a) A abstinência é um sacrifício a que não dou a menor importância.

b) Sofreu um incidente numa de suas viagens diárias à Petrópolis e correu sério risco de morte. Quando entrou no hospital, seu estado de saúde era mal.

c) Eu sou de menor, respondeu a menina assustada ao policial.

d) Ontem à noite, fui ao teatro.

e) Esse é o programa que eu mais gosto.

5. (CPCAR) Leia com atenção esta frase: "Eles foram divididos em dois grupos, dos quais um era obrigado a assistir meia hora por dia a uma comédia televisiva..."

Assinale a alternativa em que o verbo ***assistir*** foi empregado com a mesma relação semântica do trecho acima.

a) Assisti o aluno atentamente.

b) Não lhe assiste esse direito.

c) Quem assistirá o presidente?

d) Assistimos ao jogo impacientemente.

6. (CPCAR) Complete as lacunas de acordo com as normas de **regência.**

"Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai, _____ porta do Ateneu. Coragem para a luta.

O menino, inocente, acostumado _____ _____ afagos domésticos, vai a partir daí conviver com uma realidade incompatível _____ _____ sua."

A sequência correta é
a) à – aos – com a
b) a – com os – da
c) na – nos – à
d) diante da – dos – a

7. (UCDB-MT) Assinale a alternativa gramaticalmente correta.
a) Ele chegou atrasado na reunião.
b) Ele entrou e saiu da sala em segundos.
c) Ele mandou eu ir embora de casa.
d) Ele prefere mais cinema do que teatro.
e) Ele visou o alvo e atirou.

8. (FGV-SP) Assinale a alternativa que NÃO OBEDECE à norma culta em relação à REGÊNCIA.
a) Constava que o maestro, nos momentos em que mais dependia dos violinos, tinha um tique nervoso que denunciava sua preocupação.
b) As normas a que todos obedeciam chamavam-se Gerais. As Especiais eram aquelas a que poucos obedeciam.
c) Na história da cantora, desde criança, várias vezes apareciam referências a ela ser a menina que ninguém na escola gostava.
d) O salário que eles recebiam num mês mal dava para cobrir as despesas básicas da família. Costumava-se dizer que sobrava mês no final do salário.
e) Tinha esperanças de que o mensageiro trouxesse brevemente as notícias de que mais precisava.

SINTAXE DE COLOCAÇÃO

1. (PUC-MG) De acordo com o padrão culto escrito, assinale a opção em que o pronome destacado pode colocar-se depois do verbo grifado:
a) "(...) e, bem ordinária, **me** traz um estremecimento de colegial."
b) "Nessa altura, as minhas pernas tinham **me** levado pro mundo da lua."
c) "(...) aposentado é quem **se** recolhe aos aposentos."
d) "Há de ver que ali estavam lado a lado duas almas que **se** procuram."
e) "(...) e, distraídas, disso não **se** deram conta."

2. (PUC-MG) Assinale a opção em que, segundo as regras da norma culta escrita, é possível outra colocação para o pronome em destaque.
a) "Qualquer carta de amor, não importa o que **se** encontre nela escrito, só fala (...)".
b) "Se há outras pessoas na casa, ela **as** deixou."
c) "Falta-**lhe** o ingrediente essencial da palavra que é dita sem esperar resposta."
d) "Que **lhe** importa a cadeira?"
e) "Num telefonema a gente nunca diz aquilo que **se** diria numa carta."

3. (UCDB-MT) Assinale a alternativa em que os pronomes oblíquos átonos estão colocados na oração de acordo com a norma culta.
a) Disseram-me para que chegasse na hora marcada.
b) Me empresta um pouco o seu livro?
c) Tinha iniciado-se a apuração dos fatos.
d) A reunião que realizar-se-á amanhã será muito importante.
e) Não diga-lhes nada por enquanto.

4. (Puc-Camp) A frase em que a colocação pronominal está adequada à norma culta é:
a) Guardarei-lhe o lugar até que ele chegue.
b) Tentei o avisar do perigo, mas ele nem considerou-me as palavras.
c) Me empresta o seu lápis?
d) Seu livro está aqui, eu não coloquei-o na estante porque não sei seu lugar.
e) Eu lhe recomendaria esse livro se você gostasse de contos fantásticos.

5. (FGV-SP) Observe a ocorrência da mesóclise nos seguintes exemplos:

– veremos + o = vê-lo-emos;

– faríamos + os = fá-los-íamos;

– veríamos + a = vê-la-íamos.

Assinale abaixo a alternativa em que a mesóclise ocorre de acordo com a norma culta.
a) Fa-los-ei.
b) Entende-los-ás.
c) Partí-las-ás.
d) Integrá-las-eis.
e) Intui-las-emos.

6. (UFPI) Assinale a alternativa que avalia corretamente a regra "Nunca inicie frase com o pronome oblíquo".
a) Está correta, mas os escritores não a obedecem nunca.
b) É uma regra ultrapassada, que ninguém mais adota.
c) É uma regra que só se aplica à linguagem escrita.
d) No uso coloquial, é comum dispensar-se essa regra.
e) Aplica-se somente em situações da fala muito informais.

ESTILÍSTICA

FIGURAS DE LINGUAGEM

1. (CPCAR) Assinale a alternativa em que predomina a **linguagem metafórica**.
a) "Fica sereno, num sorriso justo,
Enquanto tudo em derredor oscila."
b) "A medicina agora está estudando a importância do bom humor e dos sentimentos positivos na prevenção e no tratamento de moléstias."
c) "O resultado foi surpreendente: os que foram submetidos às sessões de risadas sofreram menos episódios de arritmia..."
d) "A equipe do doutor Berk acompanhou durante um ano 100 homens que já haviam enfartado..."

2. (UFPA) O trecho em que a decadência do jogo do bicho está expressa por metáfora é:
a) "Corria o carnaval de 1993, o último ano de ouro vivido por esse bicheiro elegante."
b) "Passados dois meses de sua morte, o jogo do bicho enfrenta uma crise sem precedentes."
c) "Seus líderes perdem dinheiro sem parar."
d) "Os sorrisos fenecem nos lábios dos contraventores. Eles sabem, mais do que ninguém, que o bicho está anêmico."
e) "Já vai longe o tempo em que a contravenção empregava tanta gente quanto a indústria naval no Rio de Janeiro."

3. (UCDB-MT) Em "Minha vida era um palco iluminado", encontra-se a seguinte figura de linguagem:
a) polissíndeto
b) metonímia
c) catacrese
d) metáfora
e) antonomásia

4. (UCDB-MT) Em *"Esperando, parada, pregada na pedra do porto"*, nota-se a repetição dos mesmos sons consonantais. Essa figura de construção é conhecida como:
a) aliteração
b) polissíndeto
c) metonímia
d) onomatopeia
e) eufemismo

5. (UFV-MG) *Viae Sion lugent, eo quod non sint venant ad solemnitatem*, isto é, "os caminhos de Sião choram porque não há quem venha às suas festas". Existe aí uma figura de linguagem que consiste em atribuir a um ser inanimado característica de ser humano, chamada *personificação*. Assinale a opção em que ocorre o uso dessa figura.
a) "... despojados assim os templos, derrubados os altares, acabar-se-á no Brasil a cristandade católica..."
b) "... acabar-se-á o culto divino..."
c) "Chorarão as pedras das ruas, como diz Jeremias que choravam as de Jerusalém destruída."
d) "... passará a Quaresma e a Semana Santa, e não se celebrarão os mistérios da vossa Paixão."
e) "Passará um dia de Natal, e não haverá memória do vosso nascimento..."

6. (Fuvest-SP) Na frase "(...) data da nossa independência política, e do meu primeiro cativeiro pessoal", ocorre o mesmo recurso expressivo de natureza semântica que em:

a) Meu coração/ Não sei por que/ Bate feliz, quando te vê.
b) Há tanta vida lá fora,/ Aqui dentro, sempre,/ Como uma onda no mar.
c) Brasil, meu Brasil brasileiro,/ Meu mulato inzoneiro,/ Vou cantar-te nos meus versos.
d) Se lembra da fogueira,/ Se lembra dos balões,/ Se lembra dos luares, dos sertões?
e) Meu bem querer/ É segredo, é sagrado,/ Está sacramentado/ Em meu coração.

7. (Unifesp) Entre as figuras de sintaxe, como recursos que um autor emprega para obter maior expressividade, existe a zeugma. Uma das formas de elipse, a zeugma consiste na supressão de um vocábulo, já enunciado em frase anterior, por estar subentendido.

No poema de Gonçalves Dias, ocorre zeugma apenas em:
a) Sem qu'inda aviste as palmeiras.
b) Em cismar, sozinho, à noite.
c) As aves, que aqui gorjeiam.
d) Nossa vida mais amores.
e) Nosso céu tem mais estrelas.

8. (ITA-SP) Relacione as colunas e, a seguir, assinale a opção correspondente.

(1) Aliteração	(5) Hipérbato
(2) Anacoluto	(6) Metáfora
(3) Sinestesia	(7) Hipérbole
(4) Metonímia	(8) Prosopopeia

I. Esses políticos de hoje a gente não deve confiar na maioria deles.
II. Ao longe, avistava-se o grito ruidoso dos retirantes.
III. "E flui, fluente, frouxa claridade/ flutua como as brumas de um letargo..."
a) I- 5, II- 4, III- 2
b) I- 7, II- 6, III- 5
c) I- 7, II- 8, III- 3
d) I- 2, II- 3, III- 1
e) I- 5, II- 2, III- 4

9. (Casper Líbero-SP) Leia o fragmento de texto abaixo:

"O livro, localizei-o pela internet num antiquário orientalístico de Leyden, na Holanda. Uma demonstração assim de que as lições do império mongol acerca da centralidade das redes de comunicação foram, se bem que com atraso, devidamente assimiladas". (Nelson Ascher, *Folha de S.Paulo*, 23/11/2002)
Assinale a alternativa que corresponda à figura de construção (ou de sintaxe) empregada na frase "O livro, localizei-o pela internet":
a) silepse.
b) anáfora.
c) elipse.
d) polissíndeto.
e) anacoluto.

10. (Ufal) Está incorreta a classificação de figura de linguagem da frase:
a) Choravam as águas do rio, a caminho do mar. PERSONIFICAÇÃO
b) Ele entregou a alma ao Criador. EUFEMISMO
c) Já li esse poema inteirinho. METÁFORA
d) Suas lágrimas inundaram o quarto. HIPÉRBOLE
e) – Venho pedir-lhe a mão de sua filha. METONÍMIA.

VÍCIOS DE LINGUAGEM

1. (Fuvest-SP) Assinale a correta:
a) "Este é o problema para mim resolver."
b) "Vou por ele ao par dos problemas que me referi em nossa conversa de ontem."
c) "O aluno convenceu-se de que as questões do exame estavam no nível dos seus conhecimentos."
d) "Todos aguardavam anciosamente o resultado."
e) "Certo de que nada de grave ouve entre eu e ele, resolvi telefonar-lhe hoje."

2. (ITA-2004) Assinale a opção em que a ambiguidade ou o efeito cômico **NÃO** decorre da ordem dos termos.
a) O estudo analisou, por 16 anos, hábitos como caminhar e subir escadas de homens com idade média de 58 anos. (Equilíbrio. *Folha de S.Paulo*, 19/10/2000)
b) Andando pela zona rural do litoral norte, facilmente se encontram casas de veraneio e moradores de alto padrão. (*Folha de S. Paulo*, 26/01/2003)
c) Atendimento preferencial para: idosos, gestantes, deficientes, crianças de colo (Placa sobre um dos caixas de um banco.)

d) Temos vaga para rapaz com refeição (Placa em frente a uma casa em Campinas, SP.)
e) Detido acusado de furtos de processos (*Folha de S. Paulo*, 8/7/2000).

3. (UFSC) Assinale a(s) proposição(ões) em que a frase "B" elimina os desvios da norma culta apresentados pela frase "A":
01. a) *Durmas* bem com os anjos, mas sonhe comigo.
b) *Durma* bem com os anjos, mas sonhe comigo.
02. a) Minha querida, estava mesmo precisando falar *consigo*.
b) Minha querida, estava mesmo precisando falar *com você*.
03. a) Em setembro houve a primeira chuva do ano *onde* pudemos iniciar o plantio de feijão.
b) Em setembro houve a primeira chuva do ano *na qual* pudemos iniciar o plantio de feijão.
04. a) Convém dormir *afim* de recuperar energias.
b) Convém dormir bem *a fim* de recuperar as energias.
05. a) Ficou irritado porque *lhe* impediram de entrar na secretaria.
b) Ficou irritado porque *o* impediram de entrar na secretaria.

4. (UFSC) Assinale a(s) frase(s) ambígua(s), isto é, as que têm duplo sentido.
01. Num tribunal, a testemunha afirmou: "Eu vi o desmoronamento do barracão."
02. Veja seu filho na televisão revelando fotos na BellaFoto.
04. Peguei o ônibus correndo.
08. O policial deteve o ladrão em sua casa.
16. Os políticos falam da reunião no Canal 2.
32. Aconteceu o que parecia improvável há três anos.

5. (AFR-Vunesp) Não há impropriedade vocabular ou erro de grafia apenas na alternativa:
a) O equipamento que por ventura não estiver condicionado em embalagens resistentes deverá ser reembalado.
b) Há um subitem da norma que não está sendo considerado, e tampouco é conhecido.
c) Um bom profissional não deve exitar em usar seus conhecimentos para solucionar os problemas de sessão em que trabalha na empresa.
d) Ninguém está autorizado a distratar um colega ou cliente; deve-se grangrear-lhes a confiança.
e) Os casos de usocapião estão sendo tratados diretamente pelo sub-diretor da assessoria jurídica, que é um proeminente jurista.

6. (AFR-Vunesp) Em cada um dos enunciados abaixo transcritos há uma impropriedade linguística, que vem nomeada ao final deles, em negrito.
I. *A Sopave está oferecendo mais de setenta ofertas de veículos.* (Comercial veiculado por rádio.) **Redundância.**
II. *Sócrates é invendável e imprestável.* (Frase atribuída a Vicente Mateus.) **Inadequação vocabular.**
III. *Aconteceu então, há três anos atrás, de falecer um vizinho nosso, o sr. Vitalin.* **Redundância.**
IV. *Tendo em vista que nosso trabalho foi muito bem recebido, precisamos, no entanto, aprimorar mais ainda nossas técnicas.* **Incoerência sintática.**

Estão corretamente nomeadas as impropriedades dos enunciados.
a) I e II apenas.
b) III e IV apenas.
c) I, II e III apenas.
d) I, II, III e IV.
e) II, III e IV apenas.

VERSIFICAÇÃO

1. (Unifesp) Os versos da "Canção do exílio" são construídos nos moldes da redondilha maior, com predominância dos acentos de intensidade nas terceiras e sétimas sílabas métricas. Um verso que não segue esse padrão de tonicidade é:
a) Minha terra tem palmeiras
b) As aves, que aqui gorjeiam
c) Nosso céu tem mais estrelas
d) Em cismar, sozinho, à noite
e) Onde canta o Sabiá

2. (Mack-SP) *Sempre que me vou embora*
é com silêncio maior.
As solidões deste mundo
Conheço-as todas de cor.

(Cecília Meireles, *Vaga Música*)

Assinale a alternativa incorreta sobre a estrofe acima.

a) Toda a estrofe está centrada no *eu* que fala, o que ratifica o lirismo.

b) Em redondilha menor, marca-se o ritmo regular, pelo qual a solidão é expressa.

c) Partidas e ausências constroem a coerência semântica.

d) O pronome *me*, do verso 1, tem emprego enfático.

3. (Unifor-CE) *A maior pena que eu tenho,*
punhal de prata,
não é de me ver morrendo,
mas de saber quem me mata.

Na quadra acima, de Cecília Meireles,

a) os versos ímpares rimam entre si e têm diferentes número de sílabas.

b) os versos pares rimam entre si e têm o mesmo número de sílabas.

c) predominam os versos de sete sílabas.

d) predominam os versos de cinco sílabas.

e) alternam-se versos de cinco e de sete sílabas.

RESPOSTAS DOS EXERCÍCIOS DE EXAMES E CONCURSOS

Fonética

Fonemas
1. d
2. c
3. c
4. b
5. a
6. b

Sílaba
1. d
2. d
3. c, e, f
4. d
5. a

Ortografia
1. e
2. b
3. c
4. a
5. c
6. a
7. e
8. c
9. c
10. e

Acentuação gráfica
1. d
2. c
3. d
4. a
5. b
6. a
7. d
8. a
9. b
10. b

Sinais de pontuação
1. c
2. e
3. a
4. c
5. c
6. b
7. c
8. d
9. c

Morfologia

Estrutura das palavras
1. a
2. a
3. b
4. e
5. a

Formação de palavras
1. d
2. b
3. c
4. b
5. e
6. a
7. a
8. c

Substantivo
1. e
2. b
3. a
4. c
5. d
6. b

Artigo
1. d
2. c
3. c
4. d

Adjetivo
1. d
2. b
3. a
4. b
5. b
6. e

Numeral
1. a
2. b
3. b
4. a

Pronome
1. a
2. e
3. b
4. a
5. b
6. b
7. c
8. e
9. d
10. b

Verbo
1. a
2. b
3. e
4. e
5. c
6. a
7. d
8. b
9. c
10. b
11. b
12. c
13. d
14. e
15. d

Advérbio
1. d
2. c
3. b
4. a. paulatinamente
b. indubitavelmente
c. simultaneamente
d. ininterruptamente
e. excepcionalmente
5. a

Preposição
1. e
2. e
3. a
4. e
5. b

Crase
1. a
2. e
3. d
4. e
5. c
6. c
7. b

Conjunção
1. d
2. e
3. e
4. e
5. b
6. d
7. b
8. a
9. d

Semântica

Significação das palavras
1. a
2. a
3. a
4. b
5. d
6. b
7. c
8. b
9. c
10. d

Sintaxe

Predicação verbal
1. c
2. e
3. d
4. a
5. e

Termos essenciais da oração
1. a
2. a
3. e
4. a

Termos integrantes da oração
1. a
2. e
3. a
4. b
5. e
6. d
7. d

Termos acessórios da oração
1. c
2. b
3. b
4. I – b; II – d; III – c; IV – a
5. a

Período composto
1. c
2. a
3. c
4. b
5. b
6. e
7. a
8. c
9. b

Orações reduzidas
1. c
2. e
3. d
4. a

Sintaxe de concordância
1. b
2. e
3. e
4. d
5. a
6. a

Sintaxe de regência
1. c
2. a
3. a
4. a
5. d
6. a
7. e
8. c

Sintaxe de colocação
1. a
2. b
3. a
4. e
5. d
6. d

Estilística

Figuras de linguagem
1. a
2. d
3. d
4. a
5. c
6. b
7. d
8. d
9. e
10. c

Vícios de linguagem
1. c
2. c
3. 01, 02, 04, 05
4. 02, 04, 08, 16, 32
5. b
6. d

Versificação
1. b
2. b
3. c

Novas Tendências em Análise do Discurso abre espaço as questões mais rece desta disciplina.

A AD é interpretada no interior de uma certa tradição, como o encontro da conjuntura intelectual do seu surgimento, em meados da década de 60, com uma prática escolar, a "explicação de textos" presente sob múltiplas formas em todo o aparelho de ensino francês.

SIB/UFES
188722

9 788571 130814

Dominique Maingueneau

NOVAS TENDÊNCIAS EM ANÁLISE DO DISCURSO

82-08
M225n
3.ed
MAI
ag 188722

NOVAS TENDÊNCIAS *em* ANÁLISE *do* DISCURSO

EDITORA DA UNICAMP

Dominique Maingueneau

Novas Tendências em Análise do Discurso abre espaço para as questões mais recentes desta disciplina.

A AD é interpretada no interior de uma certa tradição, como o encontro da conjuntura intelectual do seu surgimento, em meados da década de 60, com uma prática escolar, a "explicação de textos" presente sob múltiplas formas em todo o aparelho de ensino francês.

Ligada às teorias enunciativas, a AD de Maingueneau pode ser lida como uma reação sistemática àquela que procurava colocar em evidência

Esse livro foi adquirido
através de convênio entre
a PETROBRAS e a UFES.
Esse patrimônio
também é seu.
Ajude a conservá-lo.

BR
PETROBRAS
UFES

NOVAS TENDÊNCIAS EM ANÁLISE DO DISCURSO

3ª EDIÇÃO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Maingueneau, Dominique
Novas tendências em análise do discurso / Dominique Maingueneau ; tradução Freda Indursky ; revisão dos originais da tradução Solange Maria Ledda Gallo, Maria da Glória de Deus Vieira de Moraes. Campinas, SP : Pontes : Editora da Universidade Estadual de Campinas, 3ª edição, 1997.

Bibliografia.
ISBN 85-7113-081-7
I. Análise do discurso I. Título. II. Série.

89-0696 CCD-410

Índices para catálogo sistemático:
1. Análise do discurso : Lingüística 410

NOVAS TENDÊNCIAS *em* ANÁLISE *do* DISCURSO

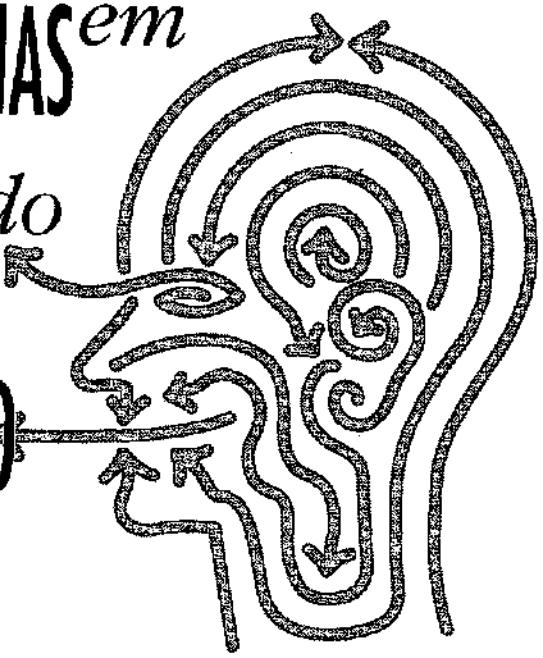

Dominique Maingueneau

3ª EDIÇÃO

EDITORA DA UNICAMP
Pontes
1997

FC 56052

Copyright © 1987 Hachette
3ª Edição - 1997
Título Original: Nouvelles Tendances en Analyse du Discours
Direitos adquiridos para a língua portuguesa pela Pontes Editores

Coordenação Editorial: Ernesto Guimarães
Capa: Claudio Roberto Martini
Revisão: Adagoberto Ferreira Baptista

EDITORA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
UNICAMP

Reitor: José Martins Filho
Coordenador Geral da Universidade: André Villalobos
Conselho Editorial: Alfredo Miguel Ozorio de Almeida, Antonio Carlos Bannwart, César Francisco Ciacco *(Presidente)*, Eduardo Guimarães, Hugo Horácio Torriani, Jayme Antunes Maciel Júnior, Luiz Roberto Monzani, Paulo José Samenho Moran
Diretor Executivo: Eduardo Guimarães

Caixa Postal 6074
Cidade Universitária - Barão Geraldo
13083.970 - Campinas - SP
Fone/Fax (019) 788.2174 - 788.2170

DOAÇÃO
BIBLIOTECA CENTRAL
UFES
Nº 188.722

PONTES EDITORES
Rua Maria Monteiro 1635
13025.152 Campinas SP Brasil
Fone (019) 252.6011
Fax (019) 253.0769

1997
Impresso no Brasil

Maingueneau, Dominique
Novas tendencias em analise do discurso
82-08/M225n/3. ed/
(188722/03)

SUMÁRIO

Advertência 7
Introdução 9
I — A INSTITUIÇÃO DISCURSIVA
1. A Cena Enunciativa 29
2. Uma "Prática Discursiva" 53
II — A HETEROGENEIDADE
1. A Heterogeneidade Mostrada 75
2. Do Discurso ao Interdiscurso 111
III — AS PALAVRAS DO DISCURSO
1. Para Além dos Termos-Pivôs 133
2. Os Conectivos Argumentativos 159
Conclusão 187
Bibliografia 189
Índice Remissivo 197

ADVERTÊNCIA

Esta obra constitui uma seqüência natural do livro *Initiation aux méthodes de l'analyse du discours*. Inicialmente, pensamos em proceder à atualização deste primeiro volume, mas rapidamente ficou claro que esta não era uma boa solução, à medida que esta "atualização" teria, de fato, o aspecto de uma reescritura completa que, além disso, não atingiria o objetivo pretendido. Nosso projeto era efetivamente o de abrir espaço para questões mais recentes, sem, contudo, contestar as bases definidas na obra precedente, as quais ainda nos parecem pertinentes. Ora, não era possível justapor, sem alguma incoerência, questões historicamente distanciadas, cujos pressupostos são distintos. Além disso, considerando que, globalmente, as tendências apresentadas neste volume não pretendem substituir, mas completar aquelas que foram expostas no livro precedente, uma reformulação total nos obrigaria a reproduzir a maior parte de *Initiation aux méthodes de l'analyse du discours* e, conseqüentemente, publicaríamos um livro muito extenso que, em grande parte, representaria uma duplicação do primeiro.

Preferimos dispor de dois livros dotados, cada um, de sua própria coerência e organizar um percurso que conduza de um a outro, de forma a torná-los complementares, apoiando-se o segundo sobre o primeiro para distinguir novos domínios. Esta situação apresenta a vantagem de oferecer uma perspectiva histórica, que permite a identificação das constantes e dos reordenamentos na evolução de uma disciplina.

INTRODUÇÃO

I

A existência e o sucesso da análise do discurso, ou, mais exatamente, daquela que, por vezes, é chamada de "escola francesa de análise do discurso" não são coisas por si só evidentes. O lugar de uma disciplina desta natureza não estava previamente inscrito no campo do saber. Na realidade, é preferível interpretá-la, no interior de uma certa *tradição*, como o encontro de uma *conjuntura intelectual* e de uma *prática escolar*.

Na França e, de forma geral, na Europa, é tradição associar fundamentalmente reflexão sobre os textos e história. Consideremos, por exemplo, esta apresentação da "filologia" tradicional:

> "A filologia foi chamada "a mais difícil arte de ler". Ou seja, o papel da filologia consiste em determinar o conteúdo de um documento lavrado em língua humana. O filólogo quer conhecer a significação *(sic)* ou a intenção daquele cuja fala é conservada através da escrita. Deseja igualmente captar a cultura e o meio no interior dos quais este documento nasceu e compreender as condições que permitiram sua existência. Trata-se, geralmente, de escritos antigos, embora o método filológico também possa prestar-se à interpretação de documentos contemporâneos. Para o filólogo, a ciência da linguagem propriamente dita (...) é apenas um conjunto de meios para atingir o sentido contido na palavra escrita ou falada. Em outros termos, a filologia é apenas a serva de outras ciências. Ela auxilia historiadores

do direito, da religião, da literatura etc., filólogos que querem interpretar os textos. Se a filologia se aplica a problemas verdadeiramente lingüísticos, como a fonética, a morfologia, a sintaxe ou a semântica, é apenas para assegurar uma interpretação exata [1]".

Lendo estas linhas, percebe-se facilmente que a análise do discurso ocupou uma boa parte do território liberado pela antiga filologia, porém com pressupostos teóricos e métodos totalmente distintos.

A conjuntura intelectual é aquela que, nos anos 60, sob a égide do estruturalismo, viu articularem-se, em torno de uma reflexão sobre a "escritura", a lingüística, o marxismo e a psicanálise. "A análise do discurso na França é, sobretudo, — e isto desde 1965, aproximadamente — assunto de *lingüistas* (...), mas também de *historiadores* (...) e de alguns *psicólogos* (...). A referência às questões filosóficas e políticas, surgidas ao longo dos anos 60, constitui amplamente a base concreta, transdisciplinar de uma convergência (...) sobre a questão da construção de uma abordagem discursiva dos processos ideológicos [2]".

Enfim, a prática escolar referida é a "explicação de textos", presente sob múltiplas formas em todo o aparelho de ensino, da escola à Universidade. Esta relação entre o sucesso da análise do discurso na França e a prática escolar foi freqüentemente sublinhada. A. Culioli, por exemplo, observa que "a França é um país onde a literatura desempenha um grande papel, sendo possível questionar se a análise do discurso não seria uma maneira de substituir a explicação de textos como forma de exercício escolar [3]". Isto também não escapou a um observador externo: enquanto a análise de conteúdo "percorre os textos para codificá-los, a análise do discurso exige uma leitura verdadeira, conseqüentemente, próxima da explicação de textos apreciada pelos professores de francês de nossas escolas [4]". Mas, note-se, esse paralelismo não pretende invalidar a análise do discurso, propõe-se apenas sublinhar que boa parte de suas origens decorre de um certo modo de tratar os textos que é próprio de nossa sociedade.

O analista do discurso vem, dessa forma, trazer sua contribuição às hermenêuticas contemporâneas. Como todo hermeneuta, ele supõe

que um sentido oculto deve ser captado, o qual, sem uma técnica apropriada, permanece inacessível. É o espaço escolar que lhe confere autoridade e garante que os textos analisados possuem, de fato, uma significação oculta, mesmo que um ou outro analista se mostre incapaz de decifrá-la. Entretanto, como lembra M. Pêcheux, "a análise de discurso não pretende se instituir como especialista da interpretação, dominando "o" sentido dos textos; apenas pretende construir procedimentos que exponham o olhar-leitor a *níveis opacos à ação estratégica de um sujeito* (...). O desafio crucial é o de *construir interpretações*, sem jamais neutralizá-las, seja através de uma minúcia qualquer de um discurso sobre o discurso, seja no espaço lógico estabilizado com pretensão universal [5]". Dito de outra forma, a análise do discurso depende das ciências sociais e seu aparelho está assujeitado à dialética da evolução científica que domina este campo.

II

Invocar o "sucesso da análise do discurso" implica expressar-se de forma ambígua; de fato, desse modo tanto é possível compreender o sucesso da expressão "análise do discurso" quanto o da disciplina de que trata esta obra. Infelizmente, os dois aspectos não coincidem e assiste-se a uma verdadeira proliferação de empregos da expressão "análise do discurso". Aliás, em *Initiation aux méthodes de l'analyse du discours*, havíamos levantado, sem pretensão de exaustividade, seis acepções do termo *discurso* na literatura lingüística; desde então, a situação tornou-se ainda mais confusa, pois agora é o sintagma completo, *análise do discurso*, que está sendo arrastado a uma circulação incontrolável. Em lugar de lutar contra o desvio ilícito e invocar um policiamento terminológico, é preferível compreender do que esta situação é o sintoma.

Se, nos dias de hoje, "análise do discurso" praticamente pode designar qualquer coisa (toda produção de linguagem pode ser considerada "discurso"), isto provém da própria organização do campo da lingüística. Este último, muito esquematicamente, opõe de forma constante um núcleo que alguns consideram "rígido" a uma periferia cujos contornos instáveis estão em contato com as disciplinas vizinhas (sociologia, psicologia, história, filosofia, etc.). A primeira região é dedicada ao estudo da "língua", no sentido saussuriano, a uma rede de propriedades formais, enquanto a segunda se refere à linguagem apenas à medida que esta faz sentido para sujeitos inscritos em es-

tratégias de interlocução, em posições sociais ou em conjunturas históricas. O termo "discurso" e seu correlato "análise do discurso" remetem exatamente a este último modo de apreensão da linguagem.

Há duas formas de ler a oposição entre estas duas zonas do campo lingüístico: a primeira revela uma hierarquia entre o que depende plenamente da lingüística e o que seria apenas um conjunto de margens, de reincidências pouco científicas do núcleo rígido; a outra, aquela que defendemos, afirma, de início, a dualidade radical da linguagem, a um só tempo, integralmente formal e integralmente atravessada pelos embates subjetivos e sociais. Mas o reconhecimento desta dualidade em nada diminui o caráter conflituoso desta situação: a fronteira entre as duas zonas não é de forma alguma demarcada com antecedência e constitui inevitavelmente o objeto de um debate incessante. Além disso, aqueles que trabalham sobre a vertente "discursiva" da linguagem, oscilam entre duas atitudes; alguns aceitam a partilha do campo, outros sonham com uma "lingüística do discurso" que desestabilizasse totalmente o núcleo central. Este extremismo parece-nos tão insensato quanto o extremismo daqueles que sonham com uma língua libertada de todos os seu enunciadores e de todo peso social.

Se considerarmos, agora, como a periferia está distribuída, compreender-se-á facilmente que o conteúdo das múltiplas "análises do discurso" que aí se desenvolvem varia em função das disciplinas vizinhas em que se apóiam. O "discurso" modifica-se de acordo com as referências que faz à psicologia, à história, à lógica, etc., e, no interior destes campos, a esta ou aquela escola: uma "análise do discurso" pode, por exemplo, retirar boa parte de seus conceitos da psicologia, mas tomará uma configuração diferente segundo se trate de psicologia cognitiva ou psicanálise e, no interior da psicanálise, por filiar-se a esta ou aquela escola. Encontrar-se-á uma diversificação simétrica quando se examinam as relações que essas análises do discurso estabelecem com a lingüística, a qual por sua vez, se divide em uma multiplicidade de ramos e escolas.

Nestas condições, é compreensível que a noção da "análise do discurso" se torne uma espécie de "coringa" para um conjunto indeterminado de quadros teóricos. Vê-se, por exemplo, um sociolingüista como P. Achard propor que ela se torne "o quadro conceitual

comum à teoria do uso (ou utilização) da linguagem", isto é, ao conjunto da sociolingüística, à medida que, segundo ele, a análise do discurso ocupar-se-ia "da linguagem sempre do ponto de vista de uma utilização especificada por suas condições [6]". A razão de uma tal opção nos é dada mais adiante: "Esta corrente (a análise do discurso) parece a única na qual a sociolingüística é definida como tal, sem colocar-se a reboque de uma outra disciplina [7]". Talvez resida aí a explicação para a atração exercida pela etiqueta "análise do discurso": ela define um campo de problemas da linguagem sem remeter a uma disciplina conexa à lingüística.

No momento em que "a escola francesa de análise do discurso" constituiu-se, a conjuntura teórica era bastante diferente e o trabalho de explicitação de suas fronteiras não se revestia da mesma urgência que apresenta agora. Em seguida, ela viu, sem desagrado, expandir-se o campo de sua denominação, sem perceber, de imediato, o perigo que isto representava para o reconhecimento de sua especificidade. Se, durante um longo período, foi-lhe suficiente definir-se como "o estudo lingüístico das condições de produção" de um enunciado [8], hoje parece necessário precisar melhor os critérios para analisar a experiência que realiza. Caso contrário, na ausência de critérios um pouco drásticos de exclusão, em breve ela será apenas uma etiqueta desprovida de qualquer sentido.

De imediato, é preciso explicitar as razões pelas quais uma conversa de bar, por exemplo, não se constitui, em princípio, em objeto da AD, embora, por outro lado, esta seja passível de estudos que se filiam a outras formas de "análise do discurso". Poder-se-ia adiantar que a AD (convencionar-se-á, para evitar equívocos, abreviar assim o termo "escola francesa de análise do discurso") se apóia crucialmente sobre os conceitos e os métodos da lingüística, mas este não é, com toda evidência, um traço bastante discriminador. Na verdade, é preciso levar em consideração outras dimensões; a AD relaciona-se com textos produzidos:

— no quadro de instituições que restringem fortemente a enunciação;

— nos quais se cristalizam conflitos históricos, sociais, etc.;

— que delimitam um espaço próprio no exterior de um interdiscurso limitado.

Os objetos que interessam à AD, conseqüentemente, correspondem, de forma bastante satisfatória, ao que se chama, com freqüência, de *formações discursivas*, referindo de modo mais ou menos direto Michel Foucault que, através deste conceito, entende

> "um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço que definiram em uma época dada, e para uma área social, econômica, geográfica ou lingüística dada, as condições de exercício da função enunciativa [9]".

Nesta perspectiva, não se trata de examinar um corpus como se tivesse sido produzido por um determinado sujeito, mas de considerar sua enunciação como o correlato de uma certa *posição* sócio-histórica na qual os enunciadores se revelam substituíveis. Assim, nem os textos tomados em sua singularidade, nem os corpus tipologicamente pouco marcados dizem respeito verdadeiramente à AD.

Todavia, esta restrição do campo da AD pode parecer ambígua, à medida que é possível considerá-la como uma limitação de direito ou como uma simples limitação de fato que pode ser superada com o auxílio de uma crítica apropriada. Com efeito, alguns pensam que a AD constitui uma prática excessivamente restritiva. P. Fiala, J. Boutet, M. Ebel, por exemplo, após haverem constatado que "a análise do discurso político jamais se interessou, por assim dizer, pelas propriedades do discurso "comum", tendo-se constituído e desenvolvido em torno da observação de objetos fortemente institucionalizados [10]", preferem propor "a descrição das práticas efetivas de linguagem", sem privilegiar exclusivamente os "textos de arquivos", interessando-se pela diversidade das produções mais espontâneas que participam, em sua circulação, do "rumor" político. Experiência esta que pressupõe a atribuição de um lugar de primeiro plano ao heterogêneo: "irregularidades gramaticais, discurso interrompido, intervenção de fatores extralingüísticos na mudança verbal, variações formais do código de acordo com diferentes "níveis de língua", mudança do sentido das palavras, etc. [11]".

Desta forma, criticam a AD, "construída como uma nova solução às aporias da crítica filológica tradicional [12]", por limitar-se aos corpus impressos, eliminando de suas pesquisas "a heterogeneidade dos mecanismos que atuam nas produções de linguagem, postulando um nível discursivo teórico onde os mecanismos formais (lingüísticos) e os dados institucionais (condições de produção) poderiam se articular em um todo homogêneo, controlável, teorizável [13]".

Estas críticas são perfeitamente legítimas, mas a verdadeira questão consiste em saber se elas não conduzem à definição de uma prática distinta da AD. Quando os autores escrevem que em AD "o ponto de vista sociológico sobre o discurso é nitidamente reduzido em relação ao ponto de vista histórico [14]", eles sublinham com adequação um aspecto importante. Se for adotado, como eles o fazem, um ponto de vista sociolingüístico, a AD assumirá o aspecto de uma prática particularmente redutora; em compensação, admitindo-se, como o fizemos, a existência de uma multiplicidade de "análises do discurso", compreender-se-á que uma delas mantém uma relação privilegiada com a história, os textos de arquivos, as instituições restritivas, enquanto uma outra, diretamente relacionada à sociologia, recorre com maior freqüência às pesquisas de campo e se interessa por enunciados cujas estruturas são reguladas com flexibilidade por fatores heterogêneos. Além dos problemas de corpus, mobilizam-se, assim, uma prática e um jogo de remissões teóricas diferentes. Com toda a clareza, a AD lança um olhar específico sobre o domínio do "discurso" e não há de ser por que ela ocupa o lugar que a filologia deixou vago que este olhar será desqualificado: todas as atividades das ciências sociais estão inevitavelmente situadas, a AD não escapa à regra. Isto, entretanto, não a coloca fora do alcance da crítica: todo questionamento teria fundamento caso mostrasse que o objeto instituído pela AD não é pertinente ou que seus conceitos e seus métodos não permitem apreender convenientemente este objeto.

Para avaliar a especificidade da "escola francesa da análise do discurso", basta confrontá-la ao que, genericamente, é entendido, nos Estados Unidos, como "análise do discurso": uma disciplina dominada pelas correntes interacionistas e etnometodológicas que toma como objeto essencial de estudo a conversação ordinária. F. Gadet resume estas diferenças no quadro que segue [15]:

	AD francesa	AD anglo-saxã
Tipo de discurso	*Escrito* Quadro institucional doutrinário	*Oral* Conversação cotidiana comum
Objetivos determinados	*Propósitos textuais* explicação — forma Construção do objeto	*Propósitos comunicacionais* descrição — uso Imanência do objeto
Método	*"estruturalismo"* lingüística e história	*interacionismo* psicologia e sociologia
Origem	lingüística	antropologia

A comparação é eloqüente e compreende-se que o livro *Introduction to discourse analysis* de M. Coulthard [16] e nossa *Initiation aux méthodes de l'analyse du discours,* excluindo-se seus títulos, nada tenham em comum, como observa a autora do quadro [17].

O domínio da AD, mesmo restringido desta forma, permanece ilimitado. Costuma-se recorrer a tipologias funcionais (discurso jurídico, religioso, etc.) ou formais (discurso narrativo, didático, etc.), mas o estudo destes últimos constitui apenas uma etapa preliminar para a AD, não seu objetivo. Ela cruza-os uns com os outros, especificando-os espacial e temporalmente, associando-os necessariamente a condições de produção particulares: o discurso jurídico didático de tal época e de tal lugar, o discurso polêmico filosófico em tal contexto, com todas as especificações ulteriores que se desejar, etc. A AD pode também, e é o caso mais freqüente, realizar o movimento inverso a partir de uma ou várias formações discursivas (a imprensa socialista, os manifestos feministas, o discurso de determinada corrente da crítica literária, etc.).

Vale dizer que, fazendo variar este ou aquele parâmetro, pode-se construir uma infinidade de objetos de análise. Na realidade, seria melhor questionar o que poderia não ser "discurso": não apenas os enunciados, mas também as análises destes enunciados, e assim *ad libitum,* oferecem a possibilidade de recortar um conjunto ilimitado de campos de investigação. Comparados à infinidade de

objetos de análise possíveis, os objetos que a AD efetivamente constrói parecem irrisoriamente restritos. Longe de remeter a algum recorte natural, a alguma marcação metódica de um espaço delimitado, eles apenas manifestam, de forma mais ou menos oblíqua, as preocupações que atravessam esta ou aquela coletividade em uma conjuntura dada. A predileção da AD, em seus inícios, pelo discurso político da esquerda francesa, por exemplo, não é obra do acaso; J. J. Courtine coloca isto em relação com a conjuntura definida pelo programa comum de governo assinado pelos socialistas e comunistas [18].

Para a AD, o "discurso" como tal não poderia ser apreendido diretamente, salvo se quisesse limitar-se a generalidades filosóficas. Ela relaciona-se com um entrelaçamento irrepresentável de textos no qual apenas hipóteses heurísticas e pressupostos de ordens diversas permitem recortar unidades consistentes.

III

Até o presente momento, não justificamos de forma alguma a reivindicação feita pela AD de pertencer ao campo da lingüística. Estabelecendo que "o que distingue a AD de outras práticas de análise de textos é a utilização da lingüística [19]", não se afirma algo óbvio, mas isto resulta de uma opção epistemológica. Não é suficiente, pois, constatar que um discurso é feito de palavras para daí concluir que seu estudo depende mais da lingüística do que de uma outra disciplina. Optar pela lingüística, de modo privilegiado mas não exclusivo, consiste em pensar que os processos discursivos poderão ser apreendidos com maior eficácia, considerando os interesses próprios à AD. Isto não implica que os textos em questão não possam ser objeto de abordagens com propósitos diversos.

Uma vez afirmada a inscrição da AD no espaço lingüístico, é conveniente questionar de que forma ela deve pensar sua relação com a lingüística. Sobre este aspecto, a posição da AD parece delicada, já que, para retomar uma fórmula de J. J. Courtine, em AD "é preciso ser lingüista e deixar de sê-lo ao mesmo tempo [20]". De fato, por um lado, a discursividade define "uma ordem própria, diversa da materialidade da língua" e, por outro, esta ordem "se realiza na língua [21]". Situação de desequilíbrio perpétuo que tanto impede a AD de deixar o campo lingüístico, quanto de enclausurar-

se nesta ou naquela de suas escolas ou de seus ramos. A AD não é, pois, uma parte da lingüística que estudaria os textos, da mesma forma que a fonética estuda os sons, mas ela atravessa o conjunto de ramos da lingüística: "Os funcionamentos discursivos socialmente pertinentes atravessam a matéria lingüística, sem preocupar-se com suas fronteiras que, para outros fins, puderam ser traçadas entre sintaxe, semântica e pragmática. (...) A dimensão ideológica do funcionamento dos discursos diz respeito a operações que podem se situar em níveis muito diferentes da organização da matéria lingüística [22]".

Uma tal situação acarreta uma conseqüência algo paradoxal: ao mesmo tempo que a AD possui apenas um estatuto "periférico" no campo lingüístico, é direito seu exigir daqueles que a praticam um certo conhecimento do conjunto deste campo; conseqüência inevitável, desde então: nenhuma dimensão da linguagem é indiferente, *a priori*, aos fenômenos salientados como pertinentes para a AD. Isto traz problemas, visto que, freqüentemente, "as partes interessadas" na AD pertencem a campos diferentes ao da lingüística. Houve um tempo, quando a lingüística era taxada de "ciência piloto", em que se pensava ser suficiente importar conceitos e métodos lingüísticos, em geral muito simplificados, para satisfazer os usuários. Atualmente, a situação mudou: inicialmente, porque não é mais possível contentar-se com empréstimos aproximativos, sendo necessário aprofundar o conhecimento dos funcionamentos da linguagem; em segundo lugar, como já foi dito, porque o discurso possui sua própria ordem e é deste ponto de vista que é preciso avaliar o interesse dos aparelhos lingüísticos de que se utiliza.

Na realidade, não existe nenhuma harmonia preestabelecida entre os diversos objetos que podem ser propostos pela AD e os recursos que a lingüística lhes oferece (devendo-se entender definitivamente que "a" lingüística designa, de fato, "as" lingüísticas do campo). Frente a um corpus, o pesquisador *a priori* não tem nenhuma razão determinante para estudar um fenômeno em detrimento de outro, da mesma forma que nada o obriga a recorrer a um determinado procedimento ao invés de a qualquer outro. Se, para atingir seu propósito, ele se interessa, por exemplo, pelos adjetivos avaliativos, por metáforas ou por algumas estruturas sintáticas, isto ocorre unicamente em virtude de hipóteses, as quais repousam a um só tempo:

— sobre um certo conhecimento de seu corpus;
— sobre um conhecimento das possibilidades oferecidas ao analista pelo estudo de semelhantes fatos de linguagem.

Querendo ou não, toda análise implica estas duas ordens de considerações. É o que S. Bonnafous mostra muito bem, por exemplo, quando compara os resultados que se podem esperar deste ou daquele método, no caso, a "análise automática do discurso" de Michel Pêcheux e a lexicometria [23]:

> "A análise automática do discurso é concebida para manifestar os pontos de ruptura ideológica entre os diferentes textos estudados (...). A lexicometria, ao contrário, não penetra na profundidade da argumentação, permanecendo sempre no nível mais superficial, o quantitativo. Conseqüentemente, se presta mais ao estudo das "atitudes" e dos "comportamentos" do que ao da temática [24]".

É preferível, portanto, explicitar da melhor maneira possível as escolhas que, de qualquer forma, somos obrigados a fazer. Na ausência desta reflexão prévia, corre-se o risco de atingir um resultado insignificante: aplica-se cegamente um método a um corpus e obtém-se algo que representa apenas o resultado deste método aplicado a este corpus. Neste caso, a lingüística, convocada apenas a título de garantia, permite a produção de um efeito de cientificidade. A agir assim, seria melhor fazer uma explicação tradicional de textos, fundada sobre uma grande familiaridade com o corpus. Não é a presença de hipóteses muito específicas e de pressupostos que é prejudicial, mas a intenção de não utilizá-los ou de fazê-lo minimamente. É o fato de levar em conta a singularidade do objeto, a complexidade dos fatos discursivos e a incidência dos métodos de análise que permite produzir os estudos mais interessantes.

IV

O que acabamos de dizer incide, evidentemente, sobre o conteúdo desta obra. Se todos os fenômenos lingüísticos são suscetíveis, *a priori*, de interessar à AD, sendo impossível referir-se a uma lista preestabelecida de métodos de análise, não se percebe como seria

possível pretender atingir a exaustividade. Além disso, a tarefa seria infinita à medida que cada corpus estabelece problemas específicos. Por isso, pretendemos apenas referir algumas das características marcantes dos empreendimentos realizados em AD há alguns anos. Como qualquer outra disciplina, a AD se inscreve em conjunturas diversas e articula, em um momento determinado, sua reflexão em torno de um certo número de questões privilegiadas. Esta polarização em torno de um número reduzido de preocupações não é tanto conseqüência das evoluções da lingüística; mais do que isto, é o resultado da imersão da AD no conjunto das ciências sociais das quais a lingüística é parte constitutiva.

Em princípio, qualquer apresentação de questões referentes à AD supõe duas etapas: inicialmente, a exposição dos conceitos lingüísticos; a seguir, a explicação da forma como a AD pode explorá-los. A primeira etapa, para ser realizada com seriedade, deveria incorporar obras de lingüística em sua totalidade; como nem sempre é possível supor que o leitor conheça os trabalhos sobre os quais a AD se apóia, é forçoso adotar um caminho intermediário: esboçar esquematicamente as referências lingüísticas sobre as quais se baseia a pesquisa em AD e remeter o leitor que deseja aprofundar estas questões aos textos citados.

Para descrever estas tendências recentes da AD, poderíamos ter sido levados a apresentar investigações relativamente desconexas entre si. Como será possível verificar, isto não ocorreu, e não apenas em virtude de uma triagem sistemática. Na realidade, existe uma certa coerência nos movimentos essenciais que conduzem à AD. Esta coerência resulta de uma dependência comum, embora freqüentemente mediata, em relação às questões da *enunciação* e da *pragmática*[25]. Quaisquer que sejam as divergências entre estas duas correntes, elas convergem para recusar uma certa concepção da linguagem — aquela que a entende como um simples suporte para a transmissão de informações, em lugar de considerá-la como o que permite construir e modificar as relações entre os interlocutores, seus enunciados e seus referentes. É a própria noção de "comunicação lingüística" que, desta forma, é deslocada: o fato de que um enunciado supõe um enunciador, um destinatário, uma relação com outras enunciações reais ou virtuais, que esteja atravessado pelo implícito, etc.; tudo isto não é uma dimensão que se acrescentaria posteriormente a uma estrutura lingüística já constituída, mas algo que condiciona radicalmente a organização da língua.

Na base de todo este trabalho de redefinição, uma vez mais está sendo questionada uma certa concepção da oposição saussuriana entre "língua" e "fala" e suas diversas transformações terminológicas. Em *Initiation aux méthodes de l'analyse du discours*[26], já havíamos sublinhado que a constituição da AD supunha uma crítica a esta célebre dicotomia, que acabou sendo interpretada como a oposição entre um sistema de regras universais e a liberdade de que goza um sujeito ao produzir enunciados contingentes. O conceito de "discurso", ao definir espaços de regularidades associados a condições de produção, visa, ao contrário, a delimitar "o que constitui o falante em sujeito de seu discurso (...), o qual, por sua vez, o assujeita[27]". A perspectiva "pragmático-enunciativa" coloca sobre um outro terreno sua crítica à dicotomia língua/fala: em vez de considerar a enunciação como um acontecimento único que dependeria do domínio da "fala" e que se apagaria diante do enunciado, único objeto da lingüística, ela distingue os atos singulares de enunciação do esquema geral da enunciação, o qual depende da "língua", ao mesmo título que as regularidades morfo-sintáticas.

O panorama da AD remodelou-se pouco a pouco através da reincidência destas questões. Sucintamente, poder-se-ia dizer que a AD de "primeira geração", aquela dos fins dos anos 60 e início da década de 70, procurava essencialmente colocar em evidência as particularidades de formações discursivas (o discurso comunista, socialista, etc.) consideradas como espaços relativamente auto-suficientes, apreendidos a partir de seu vocabulário. A AD de segunda geração, ligada às teorias enunciativas, pode ser lida como uma reação sistemática contra aquela que a precedeu.

Nestas condições, torna-se um pouco artificial repartir em capítulos distintos questões cujos laços são extremamente densos. Entretanto, foi necessário proceder a uma apresentação analítica e este livro foi organizado em três partes.

A primeira esforça-se em rearticular o discurso sobre a suposta "cena" de sua enunciação e, além disso, aprofundar o caráter *institucional* da atividade discursiva. A segunda parte considera a dis-

cursividade através de sua relação com a *heterogeneidade*. Em lugar de interpretá-la como uma fonte única pontilhada de fragmentos citados, trata-se de pensar, de imediato, na interação do Mesmo e do Outro; na realidade, dever-se-á distinguir uma heterogeneidade "mostrada", marcada lingüisticamente e uma heterogeneidade "constitutiva" que obriga a repensar a distinção espontânea entre o "interior" e o "exterior" de um discurso.

Na última parte, reflete-se sobre as expectativas que a AD pode tecer sobre o estudo de vocabulário. Predominantes em AD durante muito tempo, estes trabalhos lexicológicos foram obrigatoriamente ressituados a partir do momento em que o conjunto da disciplina foi remodelado. Nessa perspectiva, o último capítulo, consagrado às "palavras do discurso", ou seja, aos termos que possuem uma função ao mesmo tempo interativa (estruturação das relações entre interlocutores) e argumentativa (estruturação de enunciados destinados a influenciar terceiros), aparece como o ponto de convergência de algumas das idéias diretrizes deste livro; estas "palavras" são precisamente o tipo de palavras sobre as quais a AD da primeira fase nada tinha a dizer, polarizada como estava sobre lexemas de conteúdo ideológico imediato.

Para além dos termos abordados, e mais do que o exame de pesquisas realizadas, convém considerar a própria modificação da figura do discurso. Conforme sugeriremos na conclusão, um certo número de embasamentos metafóricos, de partilhas imemoráveis estão oscilando: fundo/forma, enunciado/contexto, linguagem/ação, texto/intertexto, os quais delimitam um espaço de pensamento que progressivamente perdeu sua evidência.

Antes de começar, resta-nos resolver um problema delicado de terminologia. Em numerosos contextos a polissemia de *discurso*, termo utilizado com acepções distintas pelas teorias da enunciação e da AD, pode mostrar-se muito perturbadora. Assim, para referir sem equívoco o objeto da AD, preferiremos, sempre que parecer útil, recorrer ao conceito de *formação discursiva*. Emprestado, como vimos, da *Arqueologia do Saber* de Foucault, este termo define "o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma alocução, um sermão, um panfleto, uma exposição, um programa, etc.) a partir de uma posição dada em uma conjuntura determinada [28]".

De fato, se desejarmos realmente ser precisos, mesmo no quadro da AD, a noção de "discurso" não é estável. Por este termo é possível entender o que Pêcheux chama de "superfície discursiva", que corresponde ao conjunto dos enunciados realizados, produzidos a partir de uma certa posição; mas também pode-se interpretá-lo como o sistema de restrições que permite analisar a especificidade desta superfície discursiva. Este mesmo sistema de restrições pode ser considerado não como se devesse explicar um determinado corpus, mas como uma espécie de "competência", no sentido chomskiano, ou seja, um conjunto de regras capazes de produzir uma infinidade de enunciados, realizados ou não, a partir da posição enunciativa estudada. A esta fonte de deslizamentos semânticos, acrescenta-se o que diz respeito aos elementos que supostamente entram na delimitação do "discurso": para alguns, apenas os enunciados são integrados, enquanto outros levam em conta o *complexo institucional* que está associado à sua enunciação.

De qualquer forma, não se deve esquecer a ligação essencial que a AD mantém com a finitude ou a "raridade", para retomar a expressão de Foucault. Mesmo que se consiga construir uma "competência" para associá-la a este ou aquele discurso, de forma alguma é possível considerá-la como uma gramática da língua: a quantidade de enunciações efetivamente proferidas a partir de uma certa posição é necessariamente muito limitada, já que a AD relaciona-se com arquivos e não com exemplos de gramática:

> "Esta raridade dos enunciados, a forma lacunar e recortada do campo enunciativo, o fato de que poucas coisas, globalmente, podem ser ditas, explicam que os enunciados não sejam uma transparência infinita, como o ar que se respira, mas coisas que se transmitem e se conservam, que têm um valor, e das quais tentamos nos apropriar [29]".

1. Bertil Malmberg, *Les nouvelles tendances de la linguistique*, Paris, P.U.F., 1966, p. 9.

2. Michel Pêcheux, "Sur les contextes épistémologiques de l'analyse de discours", in *Mots*, Presses de la Fondation nationale des sciences politiques, n.º 9, out., 1984, p. 7.

3. "Table ronde: discours-histoire-langue", in *Matérialités discursives*, Presses Universitaires de Lille, 1981, p. 196.

4. "Analyse de contenu et Analyse du discours" de Pierre Favre, in *Études offertes au professeur E. de Lagrange*, Université de Clermont I, 1978, p. 301.

5. Michel Pêcheux, art. cit., p. 15 e 17.

6. "Une partie intégrante de la sociolinguistique: l'analyse de discours", in *Langage et Société*, n.º 6, 1978, p. 4.

7. Pierre Achard, in *Langage et Société*, n.º 6, 1978, p. 88.

8. Definição de Louis Guespin, in *Langages*, n.º 23, p. 10.

9. *L'Archéologie du Savoir*, Paris, Gallimard, 1969, p. 153, (Ed. Bras.: *Arqueologia do Saber*, Rio de Janeiro, Forense — Universitária, 1986).

10. "Relations paraphrastiques et Construction du sens. Analyse d'une formule dans les discours xénophobes", in *Modèles linguistiques*, tomo IV, 1, 1982, p. 42.

11. Art. cit., p. 53.

12. Art. cit., p. 46.

13. Art. cit., p. 45.

14. Art. cit., p. 45.

15. "L'analyse de discours et l' "interprétation" (a propósito de *Therapeutic discourse*)", in *DRLAV*, n.º 27, 1982, p. 107-133.

16. Londres, Longman, 1978.

17. As pesquisas em matéria de conversação, próximas às problemáticas anglo-saxãs, constituem um domínio cuja bibliografia já é considerável e que começa a desenvolver-se na França. Se o leitor desejar entrar em contato com tais questões, pode ler o excelente artigo de síntese de P. Bange, "Points de vue sur l'analyse conversationnelle", *DRLAV*, n.º 29, 1983, p. 1-28. Os pontos de contato entre AD e análise conversacional no presente momento são mínimos; citemos o artigo de B. Conein "Un cas de situation de discours: le parler d'assemblée", consagrado ao estudo de sessões da Assembléia Legislativa durante a Revolução Francesa (*Actes du deuxième colloque de lexicologie politique*, vol. 2, Paris, Klincksieck, 1982, p. 377-390).

18. "Analyse du discours politique", in *Langages*, n.º 62, 1981, p. 62-64.

19. J. M. Marandin, "Problèmes d'analyse du discours — Essais de description du discours français sur la Chine", in *Langages*, n.º 55, 1979, p. 18.

20. "La Toque de Clementis", in *Le discours psychanalytique* n.º 2, 1981, p. 12.

21. Ibidem.

22. Eliseo Veron, "Matière linguistique et analyse du discours", in *Langage et Société*, n.º 28, fasc. II, junho, 1984, p. 95.

23. A propósito destes dois métodos, veja *Initiation aux méthodes de l'analyse du discours*, 1.a e 2.a partes.

24. "Processus discursifs et structures lexicales — Le congrès de Metz (1979) du Parti Socialiste", in *Langages*, n.º 71, setembro, 1983, p. 107.

25. De forma sucinta, pode-se dizer que estas duas correntes não são idênticas, mas nesta obra não as distinguiremos, a menos que tal fato seja necessário.

26. p. 5-6.

27. Jean-Jacques Courtine, "La Toque de Clementis", in *Le Discours psychanalytique*, n.º 2, 1981, p. 12.

28. Claudine Haroche, Paul Henry, Michel Pêcheux, "La sémantique et la coupure saussurienne: langue, langage, discours", in *Langages*, n.º 24, 1971, p. 102.

29. M. Foucault, *L'Archéologie du Savoir*, p. 157.

PRIMEIRA PARTE
A INSTITUIÇÃO DISCURSIVA

1.

A CENA ENUNCIATIVA

A PRAGMÁTICA

Durante muito tempo a AD tomou como objeto os corpus por ela apreendidos independentemente dos atos de enunciação que os haviam tornado possíveis. Ao proceder assim, não tinha o intuito de negligenciar as "circunstâncias", o "quadro" de enunciação, mas por entender tais fatos mais como um conjunto de elementos moduladores do que como uma dimensão constitutiva do discurso. Atesta esta situação a maneira como era utilizada a noção de instituição: se a língua era reconhecida como uma instituição, o mesmo não ocorria com o discurso. É sobretudo através das questões dos *atos de fala* que uma concepção diferente emergiu. Apoiando-se em modelos emprestados do direito, do teatro ou do jogo, a pragmática tentou inscrever a atividade da linguagem em espaços institucionais.

Na verdade, continua difícil falar das concepções "da" pragmática, pois ela designa múltiplas correntes e não há um único ponto que não seja objeto de longas controvérsias, com freqüências extremamente sutis [1]. Por isto, contentar-nos-emos em expor aqui sumariamente alguns elementos necessários para compreender as modificações sofridas pela AD.

Na perspectiva pragmática, a linguagem é considerada como uma forma de ação; cada ato de fala (batizar, permitir, mas também prometer, afirmar, interrogar, etc.) é inseparável de uma instituição, aquela que este ato pressupõe pelo simples fato de ser realizado. Ao dar uma ordem, por exemplo, coloco-me na posição daquele que está

habilitado a fazê-lo e coloco meu interlocutor na posição daquele que deve obedecer; não preciso, pois, perguntar se estou habilitado para isto: ao ordenar, ajo como se as condições exigidas para realizar este ato de fala estivessem efetivamente reunidas. Dito de outra forma, não é porque tais condições estão reunidas que o ato pode ser efetuado, mas é porque este ato foi efetuado que se consideram reunidas estas condições. Através de sua própria enunciação, este ato de fala é considerado pertinente.

A referência à ordem *jurídica* opera-se então naturalmente, já que os atos de fala acionam convenções que regulam institucionalmente as relações entre sujeitos, atribuindo a cada um um estatuto na atividade da linguagem. O que permite a certos autores falarem de "contrato":

> "A noção de *contrato* pressupõe que os indivíduos pertencentes a um mesmo corpo de práticas sociais sejam capazes de entrar em acordo a propósito das representações de linguagem destas práticas. Conseqüentemente, o sujeito que se comunica sempre poderá, com certa razão, atribuir ao outro (o não-EU) uma competência de linguagem análoga à sua que o habilite ao *reconhecimento*. O ato de fala transforma-se, então, em uma *proposição* que o EU dirige ao TU e para a qual aguarda uma *contrapartida de conivência* [2]".

Logo, um sujeito ao enunciar presume uma espécie de "ritual social da linguagem" implícito, partilhado pelos interlocutores. Em uma instituição escolar, por exemplo, qualquer enunciação produzida por um professor é colocada em um contrato que lhe credita o lugar de detentor do saber: "O contrato de fala que o liga ao aluno não lhe permite ser "não-possuidor do saber": *ele é antecipadamente legitimado* [3]". Através destas citações de P. Charaudeau, vê-se claramente como é possível passar, sem dificuldade, de atos de fala *stricto sensu* a "práticas sociais": o problema consiste exatamente em saber como se deve pensar a articulação das instituições que se ocupam da linguagem com as demais instituições.

O segundo registro do qual a pragmática extrai seus modelos é o *teatro*. Nada mais fácil, efetivamente, do que passar do "estatuto" jurídico ao "papel": "a língua comporta, a título irredutível, escreve

O. Ducrot, um catálogo completo de relações inter-humanas, *toda uma coleção de papéis* que o locutor pode escolher para si e impor ao destinatário [4]". Reatualiza-se, assim, mas em um quadro totalmente diferente, a velha metáfora estóica, segundo a qual a sociedade seria um vasto teatro onde um papel seria atribuído a cada um. Há uma tendência para ampliar este ponto de vista, integrando os papéis em um complexo mais rico: uma "encenação" ou uma "cenografia". Para E. Landowski, "cenografia" ou "contexto semiótico" encontra-se no mesmo nível que a possibilidade de "formulações eficazes" (os atos de fala) que conferem sua credibilidade às enunciações; delas fazem parte "o próprio enunciado, certamente, mas também o modo pelo qual o enunciador se inscreve (gestualmente, proxemicamente *, etc.) no tempo e no espaço de seu interlocutor, bem como todas as determinações semânticas e sintáticas que contribuem para forjar "a imagem distinguida" que os parceiros remetem um ao outro no ato de comunicação [5]".

A pragmática também faz empréstimos junto ao *domínio do jogo*, o que é bastante natural, dadas as fortes afinidades entre jogo, dramaturgia e convenções sociais, sobretudo na cultura anglo-saxã. Pode-se, assim, enfatizar, juntamente com John R. Searle, que as regras de jogo, bem como as dos atos de fala, são "constitutivas": "Quando falamos, adotamos uma forma de comportamento intencional regida por regras. As regras dão conta das regularidades exatamente da mesma maneira que as regras de futebol dão conta das regularidades apresentadas em uma partida de futebol [6]". Estas regras pressupõem instituições que são as únicas capazes de atribuir-lhes sentido. No interior desta concepção, somos levados a reorientar a famosa metáfora saussuriana do jogo de xadrez, insistindo sobre a dimensão interativa, guerreira mesmo do jogo, lembrando "parceiros", "estratégias" para descrever a interlocução. Questões estas que acusam a influência de certas correntes sociolingüísticas e, em particular, da etnometodologia.

De forma mais geral, a pragmática tende a enfatizar que "a tomada da palavra" constitui um ato virtualmente violento que coloca outrem diante de um fato realizado e exige que este o reco-

* A proxêmica propõe-se analisar as relações espaciais e o modo como os sujeitos utilizam-se do espaço para produzir significação (N. do T.).

nheça como tal. Ao enunciar, eu me concedo um certo lugar e "atribuo um lugar complementar ao outro", peço-lhe que se mantenha nele e que "reconheça que sou exatamente aquele que fala de meu lugar [7]". Solicitação que é feita, pois, a partir de um "quem sou eu para ti, quem és tu para mim [8]".

LUGAR E CENA

A concepção pragmática se opõe radicalmente à idéia de que a língua seja apenas um instrumento para transmitir informações; ela coloca em primeiro plano o caráter interativo da atividade de linguagem, recompondo o conjunto da situação de enunciação, etc.; aspectos estes que vão inteiramente ao encontro das opções da AD. Esta última é, com freqüência, reticente em relação à pragmática, por apresentar certas incompatibilidades no que tange aos seus próprios pressupostos teóricos. A dificuldade gira essencialmente em torno da questão da subjetividade enunciativa: muitos trabalhos de inspiração pragmática repousam sobre as "intenções" de falantes cuja consciência seria transparente e a identidade estável, ultrapassando os diversos "papéis" que desempenham. Esta reserva manifesta-se claramente nestas linhas de J. Guilhaumou e H. J. Lüsebrink, que percebem "uma divergência de ordem teórica" entre a corrente da "pragmática textual" alemã e a AD, cujos objetos *a priori* são vizinhos:

> "A redução das condições de produção do discurso às variáveis sócio-psicológicas da situação de comunicação, a importância das interpretações psicologizantes (...) inspiradas na sociologia interacional (E. Goffman) são específicas da abordagem pragmática. Trata-se, do ponto de vista da análise do discurso, de uma perspectiva que se inclina a apagar a relação com o real da língua e com o real da história, com a base lingüística constitutiva de todo fato discursivo e com os efeitos de conjuntura em uma formação social determinada [9]".

Em geral, e isto desde seu início, a AD prefere formular as instâncias de enunciação em termos de "lugares", visando a enfatizar a preeminência e a preexistência da topografia social sobre os falantes que aí vêm se inscrever. Um conceito de lugar "cuja especificidade repousa sobre esse traço essencial segundo o qual cada um alcança sua identidade a partir e no interior de um sistema de lugares que o ultrapassa [10]". Este primado do sistema de lugares é crucial a partir do momento em que raciocinamos em termos de formações discursivas; trata-se, então, segundo o preceito de M. Foucault, de "determinar qual é a posição que pode e deve ocupar cada indivíduo para dela ser o sujeito [11]". Isto equivale a dizer que "a teoria do discurso não é uma teoria do sujeito *antes que este enuncie*, mas uma teoria da *instância de enunciação* que é, ao mesmo tempo e intrinsecamente, um efeito de enunciado [12]".

Esta instância de subjetividade enunciativa possui duas faces: por um lado, ela constitui o sujeito em sujeito de seu discurso, por outro, ela o assujeita. Se ela submete o enunciador a suas regras, ela igualmente o legitima, atribuindo-lhe a autoridade vinculada institucionalmente a este lugar. Uma tal concepção opõe-se a qualquer concepção "retórica": aquela que coloca dois indivíduos face a face e lhes propõe um repertório de "atitudes", de "estratégias" destinadas a atingir esta ou aquela finalidade consciente. Na realidade, para a AD, não é possível definir nenhuma exterioridade entre os sujeitos e seus discursos.

Pensamento similar em termos de formação discursiva, a noção de "encenação", entretanto, também apresenta perigo. Com efeito, seria preciso não conceber esta cena como a duplicação ilusória, a re-presentação de realidades, de conflitos (sociais, econômicos) dados antecipadamente. A pragmática, ao colocar de início a linguagem como ação institucionalizada, vai ao encontro desta visão passiva da discursividade (mas nem por isso ela deve induzir a idéia de que a linguagem constrói "cenas" autônomas, de que, na sociedade, existem apenas efeitos de linguagem).

Admitiu-se, com freqüência e de forma tácita, que os quadros da enunciação apenas duplicavam uma realidade anterior e exterior, que eram a "máscara", o lugar da dissimulação de planos, de interesses inconfessáveis. Em outras palavras, concebia-se o discurso como um "porta-voz". Atualmente, a tendência, cada vez maior, é de questionar esta topografia que coloca o discurso e a "realidade" como exteriores um ao outro, considerando a primeira como uma espécie de teatro de sombras. Jean-Pierre Faye lembra muito justamente que "não há interesse epistemológico que parta do fato do

discurso sem que, previamente, este (o discurso) tenha sido constituído como experiência social. Estamos em um terreno onde a *relação social* é, desde o início, linguagem [13]". Mas como pensar, a seu modo, a ordem do discurso, ao mesmo tempo que remete a posições não discursivas, não os "reflete" exatamente? De fato, esta é uma dificuldade, já que os lugares sociais só podem existir através de uma rede de lugares discursivos, os quais se apóiam em uma economia distinta. É preciso admitir que a "encenação" não é uma máscara do "real", mas uma de suas formas, estando este real investido pelo discurso. Aliás, se fosse diferente, a AD não teria razão de existir, ela seria apenas um anexo da sociologia ou da história, totalmente dedicada a mostrar como as conjunturas se traduzem em enunciados.

OS GÊNEROS DO DISCURSO

Até agora, falamos vagamente de "sujeito" ou de "lugar de enunciação". Na realidade, não devem ser confundidos o sujeito *lingüístico*, o sujeito *genérico* e o sujeito *da formação discursiva*. Além disso, todo sujeito aqui é o correlato de um destinatário, de um "co-enunciador" para retomar o termo de A. Culioli, e, mais ainda, de um conjunto de coordenadas no tempo e no espaço.

O sujeito "lingüístico" é aquele que interessa à lingüística; para a AD ele constitui um pressuposto, não o objeto de seu estudo. Veremos no capítulo sobre a "heterogeneidade mostrada" (II, 1) que ele não representa uma instância final, mas deixa-se analisar em uma fase anterior. Se também é necessário introduzir um sujeito "genérico", é porque, no discurso, "o indivíduo não é interpelado como sujeito, sob a forma universal do sujeito de enunciação, mas em um certo número de lugares enunciativos que fazem com que uma seqüência discursiva seja uma alocução, um sermão [14], . . .". Os enunciados dependentes da AD se apresentam, com efeito, não apenas como fragmentos de língua natural desta ou daquela formação discursiva, *mas também como amostras de um certo gênero de discurso*. Reencontra-se aqui a noção de "contrato"; cada "gênero" presume um contrato específico pelo ritual que define. Vale dizer que "um discurso não é delimitado à maneira de um terreno, nem é desmontado como uma máquina. Constitui-se em signo *de* alguma coisa, *para* alguém, *em* um contexto de signos e de experiências [15]".

Note-se que a noção de "gênero" não é de fácil manejo. Os gêneros encaixam-se, freqüentemente, uns nos outros. Estudando, por exemplo, a correspondência dos leitores, publicada no diário genovês *La Suisse*, durante o debate eleitoral de 1974 a propósito da emigração, Marianne Ebel e Pierre Fiala [16] insistem sobre a existência de dois gêneros em níveis diversos: por um lado, as cartas dos leitores, que resultam do gênero epistolar e se apresentam tanto como "cartas abertas", quanto como cartas comuns; por outro lado, a própria rubrica "correspondência dos leitores", um dos gêneros jornalísticos, elaborado a partir das cartas. Ora, estes dois níveis não são independentes. A redação do jornal pode publicar ou não a carta, bem como submetê-la às modificações que lhe convêm; por sua vez, o autor de uma carta deve considerar estas condições quando escreve: não só ele apenas reage a um discurso previamente organizado pelo jornal, mas também não possui poder algum sobre a redação, nem tem certeza de que sua carta será publicada. O leitor vê-se, assim, condenado a escrever sua carta em função de sua eventual publicação, embora finja dirigir-se unicamente aos jornalistas.

Além disso, um mesmo texto encontra-se geralmente na intersecção de múltiplos gêneros. As tipologias tradicionalmente herdadas da retórica revelam-se, com freqüência, inoperantes. Falar de "discurso polêmico", de "editorial", de "diálogo", de "discurso científico", de "panfleto", etc., consiste em presumir, com base em dimensões muito diferentes, que é possível, a cada vez, definir uma unidade. Mas, se há gênero a partir do momento que vários textos se submetem a um conjunto de coerções comuns e que os gêneros variam segundo os lugares e as épocas, compreender-se-á facilmente que a lista dos gêneros seja, por definição, indeterminada. Finalmente, cabe ao analista definir, em função de seus objetivos, os recortes genéricos que lhe parecem pertinentes.

Em lugar de elaborar uma lista impossível de gêneros do discurso, é melhor nos questionarmos sobre a maneira de conhecer as próprias coerções genéricas. Na via aberta pela pragmática, a tendência consiste em passar de uma concepção do gênero como conjunto de características formais, de procedimentos, a uma concepção "institucional", como já foi mencionado. Isto não significa, evidentemente, que o aspecto formal seja secundário, mas apenas que é

preciso articular o "como dizer" ao conjunto de fatores do ritual enunciativo. Não existe, de um lado, uma forma e, do outro, as condições de enunciação. São conhecidos, por exemplo, os progressos realizados na compreensão dos Evangelhos quando suas particularidades genéricas foram relacionadas ao uso que delas era feito nas comunidades cristãs onde se constituíram.

Como qualquer ato de fala elementar (prometer, convidar...), um gênero de discurso implica condições de diferentes ordens:

— comunicacional: trata-se de transmissão oral ou escrita? em que meio (jornal cotidiano, livro, folheto...)? através de quais circuitos de difusão? etc. O fato de que um texto seja destinado a ser cantado, lido em voz alta, acompanhado por instrumentos musicais de determinado tipo, que circule de determinada maneira e em certos espaços..., tudo isto incide radicalmente sobre seu modo de existência semiótica. A cada gênero associam-se momentos e lugares de enunciação específicos e um ritual apropriado. O gênero, como toda instituição, constrói o tempo-espaço de sua legitimação. Estas não são "circunstâncias" exteriores, mas os pressupostos que o tornam possível;

— estatutário: que estatuto o enunciador genérico deve assumir e qual estatuto deve conferir a seu co-enunciador para tornar-se sujeito de seu discurso? O gênero funciona como o terceiro elemento que garante a cada um a legitimidade do lugar que ocupa no processo enunciativo, o reconhecimento do conjunto das condições de exercício implicitamente relacionados a um gênero. Reencontra-se, nisto, uma das "modalidades enunciativas" de M. Foucault, que o autor ilustra através do discurso médico:

> "Quem fala? Quem, no conjunto de todos os indivíduos falantes, tem a autoridade de exercer esta espécie de linguagem? (...) A fala médica não pode vir de qualquer um, seu valor, sua eficácia, seus próprios poderes terapêuticos e, de forma geral, sua existência como fala médica não são dissociáveis do personagem estatutariamente definido que tem o direito de articulá-la [17]".

A formulação de Foucault, entretanto, pode conduzir a uma falsa pista: não é por terem dado prova de competência que determinados indivíduos da população detêm o discurso médico, mas porque o exercício deste discurso pressupõe um lugar de enunciação afetado por determinadas capacidades, de tal forma que qualquer indivíduo, a partir do momento que o ocupa, supostamente as detém.

No quadro do gênero de discurso encontra-se, pois, uma questão geral, a da *autoridade* relacionada a uma enunciação, a qual desempenha um papel crucial na sociologia de Pierre Bourdieu, por exemplo. O discurso só é "autorizado" e, conseqüentemente, eficaz se for reconhecido como tal:

> "Este *reconhecimento* (...) só é atribuído gratuitamente sob certas condições, aquelas que definem o uso legítimo: deve ser pronunciado pela pessoa legitimada para fazê-lo (...); deve ser produzido em uma situação legítima, ou seja, diante de destinatários legítimos (não é possível ler um poema dadaísta em uma reunião do Conselho de Ministros); enfim, deve ser enunciado sob formas legítimas (sintáticas, fonéticas, etc.) [18]".

A explicitação das condições genéricas, de suas cenografias não representa uma finalidade para a AD. Estas apenas constituem coerções por ela integradas *a priori* com o objetivo de analisar outras coerções referentes à formação discursiva a ser estudada. Ao considerar, por exemplo, manifestos surrealistas, sua intenção não será a de examiná-los como amostras do gênero "manifesto", mas, antes, para compreender como o discurso surrealista investe as regras próprias deste gênero. Na realidade, este investimento pode realizar-se de múltiplas maneiras, de acordo com as formações discursivas consideradas, indo desde a perfeita concordância até o conflito. Mesmo o caso extremo, representado pela subversão de um gênero, pressupõe, evidentemente, que as coerções genéricas sejam como tal percebidas.

Geralmente, a AD não se ocupa de formações discursivas que estariam investidas em um único gênero. Se, por exemplo, um "discurso da Frente Nacional" ou diversos "discursos da crítica uni-

versitária" forem delimitados, haverá interesse em enunciados oriundos de gêneros variados: livros, folhetos, artigos, entrevistas, etc., por um lado, teses, artigos, relatórios, exercícios, etc., por outro. O importante é não se limitar à constatação de que existe este ou aquele gênero, mas estabelecer a hipótese segundo a qual *recorrer, preferentemente, a estes gêneros e não a outros é tão constitutivo da forma discursiva quanto o "conteúdo"*. Sobre este aspecto, pode-se examinar dois casos:

— discursos concorrentes, não investidos nos mesmos gêneros;

— discursos concorrentes, investidos nos mesmos gêneros, mas explorando diferentemente suas coerções.

De qualquer forma, a AD não pode deixar de refletir sobre o gênero quando aborda um corpus. Um enunciado "livre" de qualquer coerção é utópico. Uma boa ilustração deste fato decorre de um texto que B. Gardin examinou [19]; trata-se de um folheto sindical que pretende ser um depoimento "autêntico" sobre a realidade do trabalho em uma linha de montagem. As coerções do gênero "depoimento" exigem a utilização de um "falar popular" que supostamente é capaz de liberar um discurso imediato, reflexo da situação social do operário não qualificado. No entanto, testemunhar consiste em ostentar as marcas de uma enunciação sem maneirismos, sem afetações; o que pressupõe, exatamente, que haja conformidade ao gênero de palavras sem artifícios, à linguagem dita "popular". De tal forma que, por uma virada lógica, o depoimento "autêntico" transforma-se em um texto que parece proceder diretamente de um romance de Céline:

"(...) Sabe-se que é preciso colocar uma cavilha à esquerdar, uma cavilha à direita. A gente xinga a chave inglesa quando não funciona. Praguejamos contra nós mesmos, quando nos ferimos, mesmo que não sejamos culpados. Os montes são mal feitos, mas é assim mesmo.

(...) Temos dificuldade em escrever. A gente tem cada vez mais dificuldade em expressar-se; isto também é a montagem. (...)

Quando a gente passa oito horas calado, tem tanta coisa a dizer que não consegue mais falar, que as palavras, elas chegam todas juntas à boca."

Não será surpreendente que, frente a este texto, B. Gardin seja obrigado a fazer um comentário absolutamente literário.

ALGUNS EXEMPLOS

Consideremos a formação discursiva representada pelos textos do "humanismo devoto", corrente da Contra-Reforma católica, que dominou a literatura devota na França, do fim do século XVI à primeira metade do século XVII [20]. Uma das mais importantes características deste discurso é que seus autores se representam como integrantes das instituições religiosas (membros de uma ordem regular, bispo, professor, etc.) e estão associados a destinatários igualmente inscritos em organizações sociais (chefes de família, magistrados, soldados, etc.). Ora, *este estatuto de sujeitos enunciadores e de seus presumíveis destinatários é inseparável dos gêneros de discursos utilizados:* os textos humanistas devotos apresentam-se como conversas amenas, cultas entre pessoas de bem. Desta forma, em sua maior parte, estão ligados de forma privilegiada aos gêneros dialógicos *mundanos:* especialmente cartas e conversações. Mas é preciso ir além, pois essa tendência em investir em gêneros, *a priori* "pagãos", humanistas, relaciona-se com o conteúdo do discurso: segundo o humanismo devoto, as práticas de sociabilidade mundana podem ser sublimadas através da literatura piedosa porque Deus governa a sociedade em todos os seus aspectos. Neste caso, conseqüentemente, há uma clara correspondência entre gêneros e doutrina; a separação entre a forma e o conteúdo revela-se sem sentido.

Em um registro totalmente diferente, imaginemos, agora, que um chefe de estado se dirija, durante uma viagem oficial, à multidão concentrada diante da tribuna. Antes mesmo que ele comece a enunciar, um certo número de coerções genéricas distribuem os lugares, circunscrevem os temas abordáveis, etc. Mas, em função da formação discursiva na qual se inscreve, o enunciador poderá jogar com estas coerções ou, pelo menos, realizar escolhas significativas entre as múltiplas possibilidades que se lhe oferecem. Frustrando

expectativas, poderá fingir, por exemplo, que desconhece a cenografia em que se encontra efetivamente implicado e realizar uma alocução familiar, evocar lembranças pessoais, falar de detalhes da vida cotidiana, etc. Mas pode igualmente apresentar-se como o militante de um partido ou coincidir com sua função de chefe de estado; de qualquer forma, cada mudança acarretará, como conseqüência, a variação do lugar construído para o co-enunciador. A eficácia da enunciação resulta necessariamente do jogo entre as condições genéricas, o ritual que elas implicam *a priori* e o que é tecido pela enunciação efetivamente realizada.

A última passagem do discurso de V. Giscard d'Estaing, de 27 de janeiro de 1978, discurso intitulado "a boa escolha para a França", oferece um exemplo deste fenômeno. O autor deparou-se com um problema de legitimação de sua fala: não podia falar do lugar de presidente, pois considera-se que este lugar esteja acima dos partidos; em face disso, utilizou uma estratégia de substituição, adotando uma atitude intimista. Ao iniciar com "Minhas caras francesas, meus caros franceses", que contrasta com o "Francesas, franceses" de De Gaulle, o locutor instaura um novo contrato de fala com o alocutório. Abandonando o discurso político clássico, Giscard relata uma lembrança de infância. J. M. Adam, ao comentar esta passagem [21], mostra que este desvio permite legitimar o caráter pouco constitucional desta intervenção presidencial. O orador lembra que, durante sua infância, ao assistir à derrota do exército francês, em 1940, prometeu-se que, se um dia tivesse poder, jamais permitiria que os franceses pudessem dizer: "Fomos enganados". Falando sobre "a boa escolha", o herói vem cumprir sua palavra: "Ao recorrer à sua biografia, o presidente volta a dar legitimidade à sua fala. Prometeu algo que, finalmente, em 1978, pôde cumprir; seu discurso transforma-se em ato garantido institucionalmente (cumprir sua promessa, escutar a voz do passado) [22]".

Mas a consideração das cenas enunciativas também deve permitir *a comparação* de textos. É o que fazem, por exemplo, J. Guilhaumou e D. Maldidier quando confrontam os relatos feitos por diferentes jornais a propósito dos acontecimentos de 4 de setembro de 1793 [23], durante a Revolução Francesa. Os artigos comparados tentam precisamente descrever a tomada da palavra pela multidão e, de forma mais ampla, o conjunto da cena enunciativa. Em uma das versões, por exemplo, o porta-voz dos manifestantes produz uma dupla

auto-designação: *o povo, os "sans-culottes"* * *que fizeram a revolução.* Uma outra versão, do *Journal de la Montagne,* é geralmente considerada pelos historiadores como um relato incoerente do acontecimento; Guilhaumou e Maldidier procuram mostrar, então, que, "questionando esta incoerência, a análise do discurso permite que a interpretação *se instaure.* Trata-se de uma encenação que se defronta com o ponto de vista jacobino do funcionamento de uma instituição revolucionária [24]"

CENOGRAFIA E DEIXIS

Na língua, a "deixis" define as coordenadas espaço-temporais implicadas em um ato de enunciação, ou seja, o conjunto de referências articuladas pelo triângulo.

EU⟷TU — AQUI—AGORA

O que chamamos de **deixis discursiva** possui a mesma função, mas manifesta-se em um nível diferente: o do universo de sentido que uma formação discursiva constrói através de sua enunciação. Em geral, as três instâncias da deixis discursiva não correspondem a um número idêntico de designação nos textos, mas cada uma recobre uma família de expressões em relação de substituição. Distinguir-se-á nesta deixis o **locutor** e o **destinatário discursivos,** a **cronografia** e a **topografia.**

No discurso escolar da III República [25], por exemplo, trata-se de um universo onde o mesmo termo satura os três lugares: "a República" é, a um só tempo, o locutor discursivo (é ela que se dirige às crianças), a topografia (a República delimita o território da pátria) e a cronografia (a República é a última fase da história da França, de onde este discurso é enunciado). Apenas o destinatário, o aluno, parece escapar deste termo; mas é unicamente o afastamento que

* No séc. XVIII, os homens da nobreza trajavam *"culottes"*, espécie de calções que iam até os joelhos, enquanto os homens do povo, que usavam calças comuns, passaram a identificar-se como os *"sans-culottes"*, os que não usavam "calções" (N. do T.).

faz com que tudo funcione: o discurso escolar tem exatamente por função integrar estes alunos à República, sob a forma do "cidadão"

Se existe deixis discursiva é porque uma formação discursiva não enuncia a partir de um sujeito, de uma conjuntura histórica e de um espaço objetivamente determináveis do exterior, mas por atribuir-se a cena que sua enunciação ao mesmo tempo produz e pressupõe para se legitimar. É desta forma que o discurso da Frente Nacional se atribui como locutor e destinatário "as forças sadias da nação", "a direita nacional", etc.; como topografia institui "a França", "o Ocidente", "a Europa Cristã", etc.; como cronografia estabelece "o processo de decadência intelectual, moral e física em que estamos engajados [26]"... Como é possível perceber, há um deslizamento constante de uma instância para outra, quando são abordadas designações muito gerais: "o Ocidente", por exemplo, da mesma forma que "a República" no discurso precedente, pode ocupar as três posições.

A deixis discursiva consiste apenas em um primeiro acesso à **cenografia** de uma formação discursiva; esta última possui ainda um segundo ponto através do qual é possível alcançá-la; trata-se da **deixis fundadora**. Esta deve ser entendida como a(s) situação(ões) de enunciação anterior(es) que a deixis atual utiliza para a repetição e da qual retira boa parte de sua legitimidade. Distinguir-se-á, assim, a **locução fundadora**, a **cronografia** e a **topografia fundadoras**. Uma formação discursiva, na realidade, só pode enunciar de forma válida se puder inscrever sua alocução nos vestígios de uma outra deixis, cuja história ela institui ou "capta" a seu favor [27]

O discurso jansenista, por exemplo, supõe uma deixis discursiva referente à corrupção que o humanismo pagão da Renascença impôs à Igreja, enquanto sua deixis fundadora é a Igreja dos primeiros tempos. Seu locutor discursivo, a comunidade de Port-Royal, coincide, nos textos, com a locução fundadora, a da primeira comunidade cristã de Jerusalém. St. Cyran sublinha tal fato muito bem:

> "Parece que a Igreja, ao reunir-se primeiramente em Jerusalém, como em um monastério e dele tendo saído posteriormente para espalhar-se por toda a Terra, em várias Igrejas, acabou, enfim, por reduzir-se como se estivesse encerrada em vários monastérios para melhor guardar a grande pureza de seus

> costumes nestas poucas casas e entre este pequeno número de almas escolhidas [28]"

Por trás do enunciador contingente do enunciado jansenista, ultrapassando a deixis imediata que ele institui, é preciso ler uma cena fundadora que, aqui, toma o aspecto da Origem, da proximidade com Cristo, no tempo e no espaço.

Pode-se assim generalizar o que Régis Debray diz a propósito do discurso político:

> "A fissura original condena o grupo a buscar a sutura através da volta aos arquétipos de seu nascimento (cujo paradigma permanece "o retorno à natureza"). (...) O tempo político não é linear ou, se for uma linha, tem a forma de um anel [boucle] na luta inacabada e sempre retomada. A incompletude nativa determina um trabalho infinito aos mecanismos de grupo: a (re) constituição da completude, ficando a inovação exclusivamente restrita à finalidade de restauração de um anitgo estado inexistente [29]"

UM TEXTO

Agora, consideremos rapidamente o fragmento de um discurso de Saint-Just diante da Convenção, o qual nos permitirá reencontrar algumas das noções que acabamos de introduzir:

> "Cidadãos representantes do povo francês,
> (...) Venho lhes dizer, sem nenhuma delicadeza, verdades ásperas, veladas até hoje. A voz de um camponês do Danúbio não foi de nenhum modo desprezada em um Senado corrompido: pode-se, pois, ousar dizer-lhes tudo, a vós, os amigos do povo e os inimigos da tirania. Onde estaríamos nós, cidadãos, se coubesse à verdade o dever de se calar e de se esconder e se ao vício fosse dado o direito de tudo ousar com impunidade? Que a audácia dos inimigos da liberdade seja permitida a seus defensores! Quando um governo livre é estabelecido, ele deve

conservar-se por todos os meios equitativos; ele pode empregar com legitimidade muita energia; deve quebrar tudo o que se opõe à prosperidade pública; deve desvelar as conspirações com todo o vigor. Temos a coragem de vos anunciar e de anunciar ao povo que é chegada a hora para que todo o mundo retorne à moral, e a aristocracia ao terror [30]".

Deixar-se-á de lado aqui tudo o que depende das coerções genéricas e das coerções da formação discursiva considerada, para observar unicamente como o sujeito constrói a cenografia de sua autoridade enunciativa. A partir daí, ele determina para si e para seus destinatários os lugares que este tipo de enunciação requer para ser legítima: o público é interpelado como "cidadãos representantes do povo francês", como "amigos do povo" e "inimigos da tirania"; mais exatamente, há dois conjuntos de destinatários, sendo o primeiro constantemente remetido para o segundo, o *povo*: "cidadãos representantes *do povo francês*", "amigos *do povo*", "anunciar-*lhes* e anunciar ao *povo*",... De tal forma que a legitimidade deste lugar de destinatário se funda, por sua vez, em um outro lugar, designado pelo texto. O vocativo *cidadãos* se refere simultaneamente a estes dois conjuntos, ambigüidade esta que está ligada à própria organização da cena: a sala contém dois públicos (os deputados e os parisienses), e o discurso joga com esta dualidade.

Quanto ao *eu* do enunciador, sua função é definir substitutos *(a verdade, um governo livre, nós)*, cujo paradigma contribui para delimitar a instância do "locutor discursivo", os quais constituem outros tantos apagamentos do indivíduo por trás do estatuto de porta-voz; não falta nem mesmo o referente de toda asserção legítima: *a verdade*.

Deter-nos-emos um instante sobre a *deixis fundadora* que o texto deixa entrever. Quando Saint-Just lembra "a voz de um camponês do Danúbio [que] não foi desprezada em um Senado corrompido", faz mais que remeter a um chavão da retórica. Além da cena do discurso de 23 ventôse ano II*, desenha-se a cena do camponês frente ao Senado romano: de certa forma, Saint-Just *é*, a partir de então, este

* Do calendário da Revolução Francesa, correspondendo a 13 de março de 1794 (N. do T.).

camponês, a Convenção *é* o Senado. A enunciação se duplica desta forma em uma outra, retirada da República romana, repertório supremo das cenas fundadoras dos discursos da Revolução. Longe de ser puro aparato retórico, estes processos de identificação desempenham um papel crucial no exercício da discursividade.

O ETHOS

Não basta falar de "lugares" ou de "deixis"; a descrição dos aparelhos não deve levar a esquecer que o discurso é inseparável daquilo que poderíamos designar muito grosseiramente de uma "voz". Esta era, aliás, uma dimensão bem conhecida da retórica antiga que entendia por *ethé* as propriedades que os oradores se conferiam implicitamente, através de sua maneira de dizer: não o que diziam a propósito deles mesmos, mas *o que revelavam pelo próprio modo de se expressarem*. Aristóteles distinguia desta forma *phrônesis* (ter o aspecto de pessoa ponderada) *areté* (assumir a atitude de um homem de fala franca, que diz a verdade crua), *eunóia* (oferecer uma imagem agradável de si mesmo), etc. A eficácia destes "ethé" se origina no fato de que eles atravessam, carregam o conjunto da enunciação sem jamais explicitarem sua função. Sabe-se, por exemplo, que o presidente da Frente Nacional, J. M. Le Pen, não apenas qualifica-se a si mesmo de "homem do povo", porta-voz legítimo das camadas populares das quais teria saído, mas ainda inscreve essa origem em sua maneira de enunciar: exprime-se como homem simples, corajoso, sadio, que sabe "berrar" de modo saudável com os "políticos [31]".

A AD, entretanto, só pode integrar a questão do ethos retórico, realizando um duplo deslocamento.

Em primeiro lugar, precisa afastar qualquer preocupação "psicologizante" e "voluntarista", de acordo com a qual o enunciador, à semelhança do autor, desempenharia o papel de sua escolha em função dos efeitos que pretende produzir sobre seu auditório. Na realidade, do ponto de vista da AD, esses efeitos são impostos, não pelo sujeito, mas pela formação discursiva. Dito de outra forma, eles se impõem àquele que, no seu interior, ocupa um lugar de enunciação, fazendo parte integrante da formação discursiva, ao mesmo título que as outras

dimensões da discursividade. *O que* é dito e *o tom* com que é dito são igualmente importantes e inseparáveis.

Em segundo lugar, a AD deve recorrer a uma concepção do ethos que, de alguma forma, seja transversal à oposição entre o oral e o escrito. A retórica organizava-se em torno da palavra viva e integrava, conseqüentemente, à sua reflexão o aspecto físico do orador, seus gestos bem como sua entonação. Na realidade, mesmo os corpus escritos não constituem uma oralidade enfraquecida, mas algo dotado de uma "voz". Embora o texto seja escrito, ele é sustentado por uma voz específica: "a oralidade não é o falado[32]", como lembra H. Meschonnic, que preconiza "a integração do discurso ao corpo e à voz, bem como a do corpo e da voz ao discurso[33]".

O interesse manifestado nestes últimos anos pela oralidade, pelo ritmo, pela entonação, etc., apresenta-se como um retorno daquilo que o estruturalismo havia marginalizado através de suas exclusões epistemológicas. A posição de Foucault a este respeito é significativa; em sua opinião, a relação que transforma o texto na "linguagem de uma voz agora reduzida ao silêncio[34]" deve desaparecer para promover "a descrição intrínseca do monumento[35]". Esta recusa, perfeitamente fundada, de não mais relacionar o enunciado à plenitude de uma fala primeira perdida não deve, de modo algum, implicar a exclusão da voz que habita a enunciação do texto, uma voz concebida, de ora em diante, como *uma das dimensões da formação discursiva.*

Parece-nos que a fé em um discurso, a possibilidade de que os sujeitos nele se reconheçam presume que ele esteja associado a uma certa voz (que preferiremos chamar de *tom*, à medida que seja possível falar do "tom" de um texto do mesmo modo que se fala de uma pessoa). Retomando o exemplo do discurso humanista devoto, pode-se localizar as características mais marcantes que a formação discursiva impõe ao "tom" de seus autores e definir o ideal de entonação que acompanha seus lugares de enunciação: trata-se, de acordo com o estatuto dos autores e dos destinatários, de um tom moderado, alegre, sem rupturas, variado,... Propriedades estas que, além disso, supostamente devem ser aplicadas ao conjunto das manifestações positivas do como.

Mas o tom, por si só, não recobre, em seu conjunto, o campo do ethos enunciativo. O tom está necessariamente associado a um *caráter*

e a uma *corporalidade.* O "caráter" corresponde a este conjunto de traços "psicológicos" que o leitor-ouvinte atribui espontaneamente à figura do enunciador, em função de seu modo de dizer. Para o humanismo devoto, este "caráter" será o de um homem essencialmente comedido e sociável. Bem entendido, não se trata aqui de caracterologia, mas de estereótipos que circulam em uma cultura determinada. Deve-se dizer o mesmo a propósito da "corporalidade", que remete a uma representação do corpo do enunciador da formação discursiva. Corpo que não é oferecido ao olhar, que não é uma presença plena, mas uma espécie de fantasma induzido pelo destinatário como correlato de sua leitura. Os discursos se opõem sobre essa dimensão como sobre as outras; há "caracteres" e "corporalidades" específicas dos enunciadores do *Figaro*, de *l'Humanité* ou *Libération* *, para tomar exemplos simples, e estas divergências remetem aos próprios fundamentos destes discursos.

Pode ocorrer que determinado aspecto do ethos seja explicitado. No exemplo anterior, quando Saint-Just lembrava o mítico camponês do Danúbio, remetia não apenas a uma deixis, mas ainda e sobretudo ao ethos do enunciador que, por estar extremamente próximo à natureza, expressa a verdade em toda sua brutalidade. Este ethos, na realidade, é inseparável de um "anti-ethos", aquele da aristocracia corrompida cuja linguagem não passa de artifício. Da mesma forma, o ethos da Frente Nacional manifesta sua recusa frente à linguagem enganadora dos "políticos", do "bando dos quatro" que sufoca a voz do povo... No que tange ao anti-ethos do humanismo devoto, este será representado por um enunciador de tom rude, sectário, de corpo magro... (Cf. o célebre texto de São Francisco de Sales, autor principal do humanismo devoto, que inicia desta forma a *Introduction à la vie dévote:* "O mundo, minha cara Filotéia, difama ao máximo a santa devoção, descrevendo as pessoas devotas com um rosto irritado, triste e desgostoso (...)[36]").

Entre os múltiplos discursos em circulação durante a Revolução Francesa, o mais notável fenômeno de ethos é, sem dúvida, o jornal "sans-culotte" de Hébert, *Le Père Duchesne*, cuja fala "popular" intri-

* Do mesmo modo que há "caracteres" e "corporalidades" que especificam os enunciadores do *Estado de São Paulo, Folha de São Paulo* ou *Pasquim (anos 60-70)* (N. do T.).

ga ainda. Pode-se, inicialmente, ver nisto um bom exemplo de dissociação entre *falante* e *lugar de enunciação*: nem a pessoa de Hébert, nem suas alocuções comuns correspondiam ao caráter um tanto obsceno de seu jornal. Além disso, certos comentaristas, especialmente o lingüista F. Brunot, observaram que seu "francês popular" se constituía, de fato, em uma linguagem artifical cuja feitura clássica estava atravessada por efeitos codificados. J. Guilhaumou, que examinou este problema [37], demonstra que não é suficiente constatar seu caráter artifical: "A figura popular não é uma forma que ocorre no discurso panfletário para lhe dar, em certos pontos particulares (vocabulário familiar, descrições pitorescas, encenações), uma eficácia referente a processos de mascaramento; é graças a ela que a fala popular, de certo modo, pode ocorrer, enquanto efeito, no discurso político [38]". Há uma "figuralidade do corpo", inseparável deste efeito popular, a qual se inscreve em uma organização institucional, o espaço onde se desenvolve o conflito, para investir a imagem do corpo político imposta pelo jacobinismo e seus aparelhos. Longe de ser um ornamento ou um procedimento, esta fala pretende ter um valor pragmático, ela "contribui, através de seu valor ilocutório, para significar a *prática do militante "sans-culotte"* [39].

Se os elementos do ethos forem integrados à discursividade, esta última aparece sob uma luz diferente: o discurso é, a partir daí, indissociável da forma pela qual "toma corpo". Introduziremos aqui a noção de **incorporação** para designar esta mescla essencial entre uma formação discursiva e seu ethos que ocorre através do procedimento enunciativo. Apelando à etimologia, faremos esta "incorporação" atuar sobre três registros estreitamente articulados:

— a formação discursiva confere "corporalidade" à figura do enunciador e, correlativamente, àquela do destinatário, ela lhes "dá corpo" textualmente;

— esta corporalidade possibilita aos sujeitos a "incorporação" de esquemas que definem uma maneira específica de habitar o mundo, a sociedade;

— estes dois primeiros aspectos constituem uma condição da "incorporação" imaginária dos destinatários ao corpo, o grupo dos adeptos do discurso.

Esta perspectiva desemboca diretamente sobre a questão da *eficácia do discurso*, do poder que tem em suscitar a crença. O co-enunciador interpelado não é apenas um indivíduo para quem se propõem

"idéias" que corresponderiam aproximadamente a seus interesses; é também alguém que tem acesso ao "dito" através de uma "maneira de dizer" que está enraizada em uma "maneira de ser", o imaginário de um vivido. Note-se, aliás, que esta concepção da eficácia discursiva é constantemente integrada pelos textos publicitários, que mostram de forma paroxística aquilo que provavelmente constitui a tentativa de toda formação discursiva: convencer consiste em atestar o que é dito na própria enunciação, permitindo a identificação com uma certa determinação do corpo.

O relacionamento entre o ethos e as práticas de linguagem pode igualmente encontrar eco nos trabalhos de P. Bourdieu sobre o uso da linguagem comum. Para Bourdieu, o exercício da linguagem também deve ser pensado como "uma técnica do corpo, sendo a competência propriamente lingüística, e a fonológica em especial, uma dimensão da **héxis** corporal, onde se expressa toda a relação com o mundo social [40]". Assim, o "estilo articulatório das classes populares" seria "inseparável de toda uma relação com o corpo determinada pela repulsa aos maneirismos ou afetações e pela valorização da virilidade [41]". O ponto de vista da sociolingüística e da AD evidentemente não são os mesmos, mas, nos dois casos, procura-se compreender como uma participação nos sentidos sociais pode ser tecida através da linguagem, como "montagens duráveis e fora do alcance da consciência podem ser constituídas [42]". A AD freqüentemente recorreu à noção althusseriana de "assujeitamento" para designar a identificação de um sujeito a uma formação discursiva, mas ela pouco explicita o funcionamento deste processo. Se o discurso pode "assujeitar" é porque, com toda verossimilhança, sua enunciação está ligada de forma crucial a esta possibilidade; a noção de "incorporação" parece ir ao encontro de uma melhor compreensão deste fenômeno. Em compensação, caso nos contentemos em explicar a adesão dos sujeitos através da projeção de estruturas sócio-econômicas (pertencer a tal grupo social obriga a acreditar em determinado discurso), manteremos uma relação de exterioridade entre discurso e sociedade.

Assim, em AD a reatualização aparente da retórica, através das diversas tendências da pragmática, vem acompanhada de um recuo em relação a seus pressupostos. Nada mais estranho, em sua perspectiva, do que a imagem de um discurso veiculando "idéias" graças a diversos "procedimentos". Devolver todo seu peso ao sujeito, ao destinatário,

ao lugar, ao momento, aos gêneros da enunciação, não deve, em caso algum, corresponder à justaposição de "fundo" e "forma".

Assim como a pragmática questionou a concepção de uma linguagem cuja função seria a de representar um mundo preexistente, da mesma forma a AD recusa a concepção que faria da discursividade um suporte de "doutrinas" ou mesmo de "visões do mundo". O discurso, bem menos do que um ponto de vista, é uma organização de restrições que regulam uma atividade específica. A enunciação não é uma cena ilusória onde seriam ditos conteúdos elaborados em outro lugar, mas um dispositivo constitutivo da construção do sentido e dos sujeitos que aí se reconhecem. À AD cabe não só justificar a produção de determinados enunciados em detrimento de outros, mas deve, igualmente, explicar como eles puderam mobilizar forças e investir em organizações sociais.

---

1. Sobre a pragmática, ver, em particular, o n.º 42 (1979) da revista *Langue française* ("La Pragmatique"), o n.º 32 (1980) de *Communications* ("Les Actes de discours"), *Les énoncés performatifs* de F. Récanati (Paris, Éditions de Minuit, 1981); *La pragmatique linguistique* de R. Éluerd (Paris, Nathan, 1985).

2. Patrick Charaudeau, *Langage et Discours*, Paris, Hachette, 1983, p. 50.

3. P. Charaudeau, op. cit., p. 55.

4. *La Preuve et le Dire*, Tours, Mame, 1973, p. 128 (o grifo é nosso) (Ed. Bras.: *Provar & Dizer*, São Paulo, Global, 1981).

5. "Simulacres en construction", in *Langages*, n.º 70, 1983, p. 80.

6. *Les Actes de Langage*, Paris, Herman, 1972, p. 94.

7. F. Flahault, *La parole intermédiaire*, Paris, Le Seuil, 1978, p. 70.

8. F. Flahault, op. cit., p. 50.

9. "La pragmatique textuelle et les langages de la Révolution Française" in *Mots*, n.º 2, 1981, p. 197.

10. F. Flahault, op. cit., p. 58.

11. *L'Archéologie du Savoir*, p. 126. (*Arqueologia do Saber*, Forense-Universitária).

12. H. Parret, "La mise en discours en tant que déictisation et modalisation", in *Langages*, n.º 70, 1983, p. 83.

13. *Matérialités discursives*, Presses Universitaires de Lille, 1981, p. 177.

14. J. M. Marandin, "Problèmes d'analyse du discours", in *Langages*, n.º 62, 1981, p. 41.

15. M. J. Borel, "L'explication dans l'argumentation", in *Langue française*, n.º 50, 1981, p. 23.

16. "La situation d'énonciation dans les pratiques argumentatives", in *Langue française*, n.º 50, 1981, p. 53-74.

17. *L'Archéologie du Savoir*, p. 68.

18. Pierre Bourdieu, "Le Langage autorisé. Note sur les conditions sociales de l'efficacité du discours rituel", in *Actes de la recherche en sciences sociales*, n.º 5-6, nov., 1975, p. 187.

19. "Discours syndical et personnalité sociale", in *Le Discours politique*, Presses Universitaires de Lyon, 1984, p. 185.

20. Para uma análise semântica deste discurso, ver nosso livro *Sémantique de la polémique — discours religieux et ruptures idéologiques au XVII.e siècle*, Lausanne, l'Âge d'Homme, 1983.

21. "Pour une pragmatique textuelle: l'exemple d'un discours politique giscardien", in *Le Discours politique*, Lyon, 1984, p. 187-212.

22. Art. cit., p. 206.

23. "L'analyse du discours à la recherche de l'historicité. Une tentative", in *Linx*, Université de Paris X, n.º 4, 1981, p. 69-104. Esta é a jornada em que os parisienses famintos interpelam o corpo municipal na praça e na grande sala da Prefeitura Municipal.

24. Art. cit., p. 93.

25. Sobre a formação discursiva que estes manuais definem, ver nosso estudo *Les livres d'école de la République, 1870-1914 — Discours et idéologie*, Paris, Le Sycomore, 1979.

26. A propósito deste assunto, ver "Rhétorique du national-populisme" de P. A. Taguieff, in *Mots*, n.º 09, 1984.

27. Sobre a noção de "captação", cf. infra, 2.ª parte, cap. 1.

28. *Lettres chrétiennes et spirituelles de Messire Jean Duvergier de Hauranne*, tomo II, Paris, 1647, p. 95.

29. *Critique de la raison politique*, Paris, Gallimard, 1981, p. 269.

30. Texto citado por B. Minel, "Pour une théorie des pratiques discursives", in *Pratiques* n.º 11-12, 1976, p. 168. Trata-se do relatório de 23 ventôse an II (13 de março de 1794) sobre as facções do estrangeiro.

31. Sobre a retórica deste tipo de textos, ver *La Parole pamphlétaire* de Marc Angelot, Paris, Payot, 1982. Para o estudo dos modos de raciocínio deste nacionalismo populista confira o livro de U. Windisch, *Xénophobie, logique de la pensée populaire*, Lausanne, d'Âge d'Homme, 1978.

32. *Langue française*, n.º 56, 1982, p. 15.

33. Art. cit., p. 18.

34. *L'Archéologie du Savoir*, p. 14.

35. Op. cit., p. 15.

36. *Œuvres*, Gallimard, La Pléiade, p. 34.

37. "Un effet populaire dans *Le Père Duchesne* — La figuralité du corps", in *Travaux de lexicométrie et de lexicologie politique*, n.º 03, 1978. Sobre a noção de ethos em retórica, cf. "L'Ethos dans la rhétorique française de l'âge classique", de M. Le Guern, in *Stratégies discursives*, Lyon, 1978, p. 281-287.

38. Art. cit., p. 70.

39. Ibidem.

40. "L'économie des échanges linguistiques", in *Langue française*, n.º 34, 1977, p. 31-32.

41. Art. cit., p. 31.

42. Art. cit., p. 33.

2.

UMA "PRÁTICA DISCURSIVA"

Este capítulo, ao contrário do anterior, que apresentava elementos relativamente diversificados, centrar-se-á sobre uma única questão. Pareceu-nos adequado ao projeto deste livro privilegiar pesquisas que, embora ainda incipientes, ampliam com evidência o campo habitual da AD, aprofundando a articulação entre discurso e "condições de produção".

AS DUAS VERTENTES DA DISCURSIVIDADE

Esta noção de "condições de produção", precisamente, assinala bem mais o lugar de uma dificuldade do que a conceitualização de um domínio. Através dela, designa-se, geralmente, o "contexto social" que "envolve" um corpus, isto é, um conjunto desconexo de fatores entre os quais são selecionados previamente os elementos que permitem descrever uma "conjuntura". Se é verdade, como escrevia Bakhtin, que "a situação extraverbal nunca é apenas a causa exterior do enunciado, (visto que) ela não age do exterior como uma força mecânica", mas entra no enunciado como "um constituinte necessário à sua estrutura semântica [1]", então é preciso reconhecer que, em seu uso corrente, a noção de "condições de produção" se revela absolutamente insuficiente.

No capítulo anterior, vimos que a introdução ao problema da "instituição enunciativa" vem contestar a evidência enganadora da concepção que opõe ao "interior" do texto o "exterior" das condições que o tornam possível. Questionamento que se faz acompanhar de

uma desconfiança por esquemas "estratificadores" (do tipo infra-estrutura/superestrutura, em particular) e de um interesse crescente por uma microssociologia das interações. Certamente, os arcabouços teóricos destes trabalhos com freqüência são discutíveis, mas contribuem para remodelar uma apreensão excessivamente primária das relações entre o discursivo e o "extradiscursivo". Gostaríamos, agora, de aprofundar a questão e destacar a importância de uma instância muito desconhecida, aquela das comunidades que a enunciação de uma formação discursiva pressupõe.

Esta dimensão em geral é ignorada pela análise do discurso, cujo procedimento mais freqüente consiste em associar, de forma mais ou menos direta, um conjunto de textos a uma região definida da sociedade, pensada em termos de classes ou subclasses sociais. Num quadro desta natureza, a formação discursiva aparece como uma zona onde se manifestam com alguma perturbação as aspirações da classe que seria seu suporte. Trata-se, então, de definir uma relação entre o "eu" implícito desta classe e os lugares de enunciação presumidos pelo discurso. Sobre este ponto, a reflexão em termos de "instituição enunciativa" não modifica radicalmente esta questão: em lugar de confrontar exclusivamente o conteúdo do discurso com uma topografia social, passa-se a confrontar esta topografia com uma "encenação". Mas, tanto em um caso como no outro, a comunidade daqueles que produzem, que fazem com que o discurso circule, que se reúnem em seu nome e nele se reconhecem é apagada.

Mais amplamente, o que está em causa aqui é o problema dos *mediadores*. Deve-se, com efeito, questionar se a noção de "intermediário" entre um grupo social e um discurso é tão simples como parece. No que tange à pergunta "em que condições uma formação discursiva é possível?", não é suficiente lembrar a existência de um conflito social, de uma língua, de ritos e de lugares institucionais de enunciação, é preciso ainda pensar que o próprio espaço de enunciação, longe de ser um simples suporte contingente, um "quadro" exterior ao discurso, supõe a presença de um *grupo específico* sociologicamente caracterizável, o qual não é um agrupamento fortuito de "porta-vozes".

Não basta dizer que "entre" as informações brutas e os jornais existe o mundo da imprensa, "entre" os escritores e os textos literários, as instituições literárias, "entre" os cidadãos e os enunciados políticos, os meios políticos, e assim por diante. De fato, não se dispõe, inicialmente, das informações, dos escritores ou dos cidadãos; a seguir, das instituições mediadoras e, por fim, dos enunciados em circulação, mas tudo emerge ao mesmo tempo. A instituição "mediadora" não é secundária em relação a uma "realidade" que ela se contentaria em formular de acordo com certos códigos.

Dizendo isto, estamos bem conscientes de derrubar portas já abertas, mas não é certo que, em suas pesquisas efetivas, a AD tenha sempre avaliado adequadamente o que uma tal perspectiva implica. Se é verdade que o grupo associado ao discurso não se contenta em ser um intermediário transparente, então não podemos nos contentar em remeter a questão do discurso às classe sociais. É preciso, de uma maneira ou de outra, considerar o modo de existência destes grupos que negam constantemente sua importância, ao se considerarem transparentes: fiéis zelosos, simples técnicos, representantes dos trabalhadores, consumidores, etc., sempre se apresentam como portadores de mensagens.

É preciso que sejamos bem compreendidos: não se trata de transformar a AD em sociologia dos partidos, quando estuda corpus políticos, em sociologia das instituições universitárias, quando estuda textos universitários, etc., porque entendemos por "sociologia" o estudo das origens sociais, das carreiras, do funcionamento dos aparelhos... revelando o que seria o "lado oculto", inconfessável, o avesso mais ou menos sórdido de uma realidade brilhante, os textos. Assim procedendo, recairíamos facilmente num campo tradicional de problemas: a consideração do grupo transforma-se em determinação de "desvios", "obscuridades", "ruídos" que as fraquezas da natureza humana imporiam aos discursos. Preferimos admitir que não existe relação de exterioridade entre o funcionamento do grupo e o de seu discurso, sendo preciso pensar, desde o início, em sua embricação. Dito de outra forma, é preciso articular as coerções que possibilitam a formação discursiva com as que possibilitam o grupo, já que estas duas instâncias são conduzidas pela mesma lógica. Não se dirá, pois, que o grupo gera um discurso do exterior, mas que *a instituição discursiva possui, de alguma forma, duas faces*, uma que diz respeito ao social e a outra, à linguagem. A partir daí, *as formações discursivas concorrentes em uma determinada área também se opõem pelo modo de funcionamento dos grupos que lhes estão associados.*

Afirmar que existe uma embricação radical entre grupos e formações discursivas, que não é possível colocar diretamente em relação uma topografia das classes sociais e dos conjuntos textuais, não significa, entretanto, que seja necessário, pura e simplesmente, substituir uma microssociologia dos participantes de um discurso por uma macrossociologia; mas, para analisar a discursividade, é preciso tornar complexo o que se entende habitualmente por "condições de produção". Ao afirmar que uma formação discursiva possui uma vertente social imediata, não se pretende que esta se desenvolva à margem do resto da sociedade.

Se esta rearticulação é realizada, a noção de "formação discursiva", a partir de então, parece insuficiente para designar as duas vertentes da atividade discursiva. Como o termo "instituição discursiva" apresenta o inconveniente de privilegiar os aparelhos e de poder referir unicamente ao aspecto enunciativo, falaremos de **prática discursiva** para designar esta reversibilidade essencial entre as duas faces, social e textual, do discurso. Assim procedendo, reformulamos um termo de Michel Foucault [2], que o utiliza para referir-se ao sistema que, no interior de uma formação discursiva dada, regula a dispersão dos lugares institucionais passíveis de serem ocupados por um sujeito de enunciação. Aqui ver-se-á, de preferência, um processo de organização que estrutura ao mesmo tempo as duas vertentes do discurso. A noção de "prática discursiva" integra, pois, estes dois elementos: por um lado, a formação discursiva, por outro, o que chamaremos de **comunidade discursiva,** isto é, o grupo ou a organização de grupos no interior dos quais são produzidos, gerados os textos que dependem da formação discursiva. A "comunidade discursiva" não deve ser entendida de forma excessivamente restritiva: ela não remete unicamente aos grupos (instituições e relações entre agentes), mas também a tudo que estes grupos implicam no plano da organização material e modos de vida. Como afirma Bourdieu: "A instituição — tratar-se-ia de economia? — não é completa e inteiramente viável, a menos que se objetive de forma duradoura, não apenas nas coisas (...), mas também nos corpos [3]". É preciso ainda deixar bem claro que visamos aqui aos grupos que *existem unicamente por e na enunciação, na gestão destes textos,* e não aos grupos que encontrariam sua razão de ser em outro lugar; para o discurso político serão considerados, por exemplo, os partidos políticos e não os cidadãos tomados em sua inscrição sócio-econômica.

O DISCURSO CIENTÍFICO

É compreensível que o discurso científico tenha sido o primeiro tipo de discurso a ser objeto de um verdadeiro questionamento a propósito das "comunidades" por ele supostas. Não resumiremos aqui a massa considerável de trabalhos de sociologia das ciências que, inicialmente nos Estados Unidos e mais recentemente na Europa, centralizaram seu interesse sobre as instituições científicas [4]. Destaquemos a influência exercida pelas idéias de T. S. Kuhn [5], o qual associa as teorias *científicas aos grupos de pesquisadores que as reivindicam* (Cf. a noção de "paradigma") ou ainda a obra de O. Hagstrom, *The Scientific Community* [6], onde é desenvolvida a idéia de que a permuta estrutura os agrupamentos de cientistas: o discurso produzido por um pesquisador não resultaria apenas de um desejo de saber, mas viria em troca da notoriedade existente no interior do meio científico visado. De certa forma, esta concepção da produção discursiva — espécie de vasto mercado — é reencontrada na teoria apresentada por Bourdieu [7] para quem o "campo científico" é o lugar de uma concorrência violenta onde o que está em jogo é "o monopólio da *autoridade científica,* indissociavelmente definida como capacidade técnica e como poder social da *competência científica,* sendo essa última entendida como capacidade de falar e de agir legitimamente (isto é, de maneira autorizada e com autoridade) em matéria de ciência e que é socialmente atribuída a um agente determinado [8]".

Não são relevantes, aqui, as particularidades das diversas teorias da atividade científica; em nossa opinião, o essencial é que todas, embora de formas diversas, *colocam em primeiro plano o funcionamento das instituições científicas,* buscando estabelecer uma relação íntima entre a produção discursiva e os grupos que a tornam possível. Se tais questões desenvolveram-se tão intensamente em torno da ciência e de modo independente de qualquer preocupação da AD, isto ocorre em função da natureza muito particular do discurso científico. Na realidade, trata-se de uma produção cujos laços com a topografia de conjunto da sociedade são bem menos diretamente formuláveis do que aqueles para os quais uma reflexão em termos ideológicos se impõe imediatamente; além disso, a tendência desse tipo de discurso é fazer coincidir o público de seus produtores com o de seus consumidores: escreve-se apenas para seus pares que pertencem a comunidades restritas e de funcionamento rigoroso.

Do ponto de vista da AD, alguns problemas decorrem desta singularidade do discurso científico. Na realidade, para examinar tais corpus e definir relações entre discurso e comunidade discursiva, os sociólogos não necessitam recorrer à AD; basta-lhes evocar os interesses não confessados dos cientistas para resolver a questão. Eles se esforçam muito para mostrar que os textos só adquirem sentido no interior de um certo grupo, mas, em geral, não salientam com clareza o elo existente entre o funcionamento discursivo propriamente dito e o do grupo: as duas instâncias permanecem exteriores uma a outra. Seria diferente se os sociólogos das ciências levassem em conta a economia própria aos discursos, em lugar de considerá-los apenas como simples suportes de informações. Desta forma, chega-se a uma situação bastante insatisfatória, absolutamente simétrica àquela em que se encontra a AD. Enquanto esta última procura munir-se de uma teoria da discursividade, desinteressando-se pelas comunidades que constituem seu correlato, a sociologia da produção científica investiga os funcionamentos institucionais, ignorando, muito freqüentemente, a dimensão textual.

Nestas condições, a pesquisa de Michel de Certeau sobre a historiografia, mesmo não se inscrevendo no quadro de uma teoria explícita, mostra-se mais próxima das preocupações da AD [9]. Estudando mais especificamente a historiografia religiosa francesa, M. de Certeau parte do princípio que não é possível compreender o discurso histórico, desvinculando seu conteúdo das instituições que o produzem. Trata-se de repetir, no que tange à disciplina histórica, o próprio gesto que a funda, aquele que "relaciona idéias a lugares", compreendendo a história "como a relação entre um *lugar* (um recrutamento, um meio, uma profissão, etc.), *procedimentos* de análise (uma disciplina) e a construção de um *texto* (uma literatura)[10]; os dois primeiros elementos definem "as leis silenciosas que organizam o espaço produzido como texto [11]". Há "uma instituição do saber", a emergência das disciplinas está ligada àquela de grupos especializados e "cada disciplina *conserva sua ambivalência de ser a lei de um grupo e a lei de uma pesquisa científica* [12]". Fórmula decisiva, pois deve-se admitir que "um mesmo movimento organiza a sociedade e as "idéias" que nela circulam [13]". O "nós" do autor de um texto histórico "elimina a alternativa de atribuir a história *seja* a um indivíduo (o autor, sua filosofia pessoal, etc.) *seja* a um sujeito global (o tempo, a sociedade, etc.). Em lugar destas pretensões subjetivas ou destas generalidades edificantes, propõe a positividade de um *lugar* no qual o discurso se

articula sem, no entanto, reduzir-se a ele [14]". Através deste discurso, descobre-se, pois, "a *complexidade* de uma fabricação específica e coletiva", "o *produto* de um lugar" que concide com um meio, uma comunidade.

UM PROCESSO DE ORGANIZAÇÃO

Acabamos de fazer alusão a algumas questões que dizem respeito aos discursos científicos, às "disciplinas" cujo espaço institucional pode, por definição, ser circunscrito de forma bastante rigorosa. A experiência de Régis Debray em *Critique de la raison politique* [15] parte de um ponto diametralmente oposto, já que o autor procura pensar as condições de possibilidade de um tipo de discurso com características contrárias. Ao estudar estas "ideologias" que fundam a unidade dos corpos políticos, geralmente negligencia-se o exame das comunidades discursivas. Embora Debray não raciocine em termos de "discurso", sua abordagem não deixa de interessar à AD, por aqui encontrar objetos muito mais próximos de suas preocupações usuais.

Debray desenvolve uma crítica rigorosa às concepções mais usuais das ideologias, atingindo, indiretamente, as questões abertas pelas teorias pragmáticas. No capítulo anterior, lembramos a necessidade de questionar o lugar-comum que transforma o discurso em "porta-voz" de uma realidade não verbal que seria a única pertinente; da mesma forma, para Debray, mais do que "representações mentais" as ideologias são "processos de organização": "a ideologia, ao contrário do que se crê, não ocorre na esfera das idéias"; assim, "em lugar de questionar como agem as idéias sobre as coisas ou como as formas de consciência social interagem com as formas materiais sociais, poder-se-ia começar por indagar se a relação de um "pensamento" com um sistema de forças não está implicada pela e dada com a produção deste pensamento mesmo, enquanto produção de uma força própria; poder-se-ia também perguntar se a sede última do pensamento seria a terra e não o céu [16]".

Conseqüentemente, a atenção deve concentrar-se sobre as comunidades discursivas: "A ideologia ocupa-se simultaneamente da representação do mundo e da organização dos homens, tarefas que significam o direito e o avesso de uma mesma atividade. (...) Da mesma forma que uma doutrina revolucionária edifica-se ao edificar as organizações que lhe darão suporte prático, a formação de uma doutrina

religiosa funde-se com a formação da comunidade hierárquica dos fiéis. O processo de constituição do grupo não é exterior nem posterior ao do pensamento, é seu corpo exotérico, mas não extrínseco. Não existe um conjunto mais ou menos esquematizado de representações, ao qual se sobreporia a seguir, e proveniente do exterior, uma estrutura mais ou menos complexa de organizações. *As duas séries constituem-se e desfazem-se conjuntamente,* segundo uma única e mesma lógica (...). Toda operação de pensamento remete a um dispositivo de transmissão que o estrutura *a partir do interior* e do qual não pode ser dissociada [17]". É preciso, conseqüentemente, interessar-se por estes "processos de organização", pensar a instituição não como um organograma estático, mas como um complexo que também inclui gestos e modos de relação entre os homens. A ideologia não deve ser concebida como "visão do mundo", mas como modo de organização, legível sobre as duas vertentes da prática discursiva.

Na perspectiva da AD, aqui ainda pode ser lida uma polarização da reflexão sobre a *eficácia* dos discursos: o sujeito inscreve-se de *maneira indissociável* em processos de organização social e textual. O que nos remete à questão da crença, do *nós,* ou seja, do lugar enunciativo vazio que uma formação discursiva implica: "A dinâmica das idéias práticas, isto é, das crenças sociais, inter-relaciona *afetividade, eficácia* e *comunidade:* categorias consideradas distintas, disciplinarmente compartimentadas, mas cujo contato desencadeia uma maior consideração da idealidade — ou seja, o efeito ideologia [18]".

O mais difícil, como é possível imaginar, será localizar nos textos a remissão que as duas ordens — comunidade e discurso — estabelecem entre si. Problema tanto mais delicado porque envolve domínios cujos funcionamentos são habitualmente considerados heteronímicos. Quando se trata de discursos científicos, é relativamente fácil definir as passagens entre estes dois domínios, pois ambos constituem sistemas drásticos de exclusão. Em compensação, é bem menos evidente estabelecer relações significativas quando corpus menos privilegiados são examinados. Não que a idéia de considerar a possível existência de conformidade entre as práticas de um grupo e o discurso ao qual este se filia seja particularmente nova. Ela é encontrada, de forma implícita, em muitos trabalhos de historiadores. Sainte-Beuve, desde 1837, a ela recorria para isolar os traços maiores do movimento jansenista. No "Discours préliminaire" de *Port-Royal,* para definir o tipo

de "constituição civil da religião" suposta pelo jansenismo, ele lembra a mistura entre uma certa lógica organizacional da Igreja, o modo de vida de uma parcela da burguesia e um conteúdo doutrinal:

> "Os bispos, os padres, sobretudo os confessores, após terem sido escolhidos, teriam formado uma espécie de poder médio, mais ou menos independente de Roma, que se aconselhava habitualmente através da prece e exercia sua influência sobre os fiéis, enquanto superior venerado. Pode-se afirmar que a família Arnauld foi responsável, no contexto de Port-Royal, por grande parte do espírito e do culto doméstico, por este espírito do patriciado da alta burguesia, que era próprio a certas dinastias parlamentares do século XVII (Bignon, Sainte-Marthe, etc.). A religião que adotaram em Port-Royal, e que lhes foi transmitida por Saint-Cyran, era (se não intencionalmente, pelo menos por instinto e de fato, do ponto de vista civil e político) a tentativa antecipada de uma espécie de terceiro estado superior, que se autogovernava na Igreja; uma religião não mais romana, não mais aristocrática e da corte, não mais plena de devoção ao estilo do povo humilde, mas mais liberada de imagens vãs, de cerimônias esplêndidas ou simples e mais livre também, no nível temporal, face à autoridade; uma religião sóbria, austera, independente [19]".

Nesta passagem, Sainte-Beuve insiste sobre o caráter "concreto" deste discurso: as estruturas eclesiásticas reivindicadas pelo movimento jansenista encontram-se, de alguma forma, "encarnadas" no modo de vida cotidiano de certas famílias e nas práticas religiosas; coisas estas que envolvem uma certa organização dos ritmos, da relação com os homens, etc. É algo muito próximo do que Bourdieu chama de "habitus": "Os condicionamentos, associados a uma classe particular de condições de existência, produzem *habitus,* sistemas de *disposições* duráveis e transponíveis, (...) princípios geradores e organizadores de práticas e de representações [20]". Mas Sainte-Beuve contenta-se, aqui, em relacionar diversos elementos, sem propor nenhuma explicitação da forma como se articulam no interior de uma prática discursiva.

Os analistas do discurso, de uma forma geral, concordam que não existe teorização sobre a articulação entre formação discursiva e sociedade; a consideração das comunidades discursivas gera a expectativa de resultados interessantes. Não é possível afirmar que todos

os indivíduos que aderem, de forma mais ou menos próxima, a um discurso apresentam o mesmo grau de envolvimento em tais "comunidades" mas elas, sem dúvida, representam uma condição essencial de sua constituição e de seu funcionamento.

Não pretendemos conceitualizar e ilustrar detalhadamente uma hipótese deste gênero. Contentar-nos-emos em lembrar, nas poucas páginas que seguem, dois exemplos retirados de pesquisas pessoais. O primeiro é originário do estudo dos manuais da escola leiga da III República, o segundo deriva do estudo do humanismo devoto. Para cada um deles, tentaremos captar nos textos as marcas desta troca incessante entre as duas vertentes da prática discursiva.

A ESCOLA DA REPÚBLICA

Durante o estudo que realizamos neste conjunto de manuais [21], percebemos que não era suficiente examinar a coesão semântica deste discurso. Na realidade, ele não se limitava a dizer algo sobre a natureza, a língua, a moral, a história, etc., podendo, igualmente, ser lido como *um discurso sobre a própria escola republicana.* Assim, podia-se estabelecer a possibilidade de um constante retorno do discurso sobre o mundo em discurso sobre a escola, como se a enunciação remetesse a ela mesma, no momento em que parecia apagar-se por trás de um uso referencial.

A cena enunciativa desta formação discursiva constrói o lugar de um enunciador que, ultrapassando o autor empírico que assina a obra, coincide com "a França" — "a Pátria" — "a República" — "a Pátria-Mãe" ... dirigindo-se a seus "filhos", constituídos em "pequenos franceses". É propósito do discurso fazer os alunos participarem das propriedades semânticas consideradas capazes de constituir sua verdadeira essência de franceses; para tanto, esforça-se em arrancá-los às propriedades contrárias. Esta encenação é bem mais do que a condição desta enunciação pedagógica, ela se constitui também em sua legitimação: a instituição escolar "autoriza-se" a si mesma através do que profere. Consideremos, por exemplo, a colonização. Tal como é apresentada nestes manuais, ela tende a ser reabsorvida ao identificar a França colonizadora com um professor e o colonizado com uma criança que, graças a esta mediação, poderia chegar à racionalidade. É isto que é tematizado insistentemente pela figura da "escola

para as colônias", isto é, das escolas abertas nas colônias. Da mesma forma, referir que a entrada dos gauleses na civilização romana constitui "progresso", consiste simplesmente em dizer que os romanos abriram escolas, o que é ilustrado, nos livros de história da França, com imagens de escolares gauleses indo à aula, de pasta na mão. Não é de surpreender que estes mesmos manuais de história terminem, geralmente, com uma comparação entre "a escola de antigamente" e "a escola de hoje", comparação que, supõe-se, recapitula o conjunto do Progresso. Aqui, dizer o Sentido da História consiste em produzir a figura da escola, aquela que comanda todo este discurso.

Não podemos nos contentar em ver aí um processo localizado de autolegitimação; na realidade, há algo de radical neste fenômeno.

Esta formação discursiva, como se sabe, está "destinada" a assentar na população a recém-nascida III República. Mas, em matéria de discursividade, esta concepção instrumentalista não tem muita pertinência: legitimar a República é, na realidade, legitimar sua escola e a República, por sua vez, retira sua legitimidade do fato de ter fundado a necessidade desta enunciação escolar. O discurso dos manuais se constrói sobre uma fronteira, a que separa os predicados "positivos" dos predicados "negativos": na criança, no colonizado, no reacionário, etc., misturam-se a inércia, os preconceitos, a superstição, o ilogismo, etc., subsumidos sob a categoria da "obscuridade", enquanto o espaço republicano destina traços opostos às figuras que dele participam, figuras afetadas pela "clareza" (da Razão): ora, a instância mediadora, o ponto de passagem de um registro para outro reside justamente na escola republicana: através dela o colonizado será civilizado, o camponês rotineiro abrir-se-á ao progresso, a criança transformar-se-á em um cidadão trabalhador, etc. Em suma, nestas condições, compreende-se que a escola, não importa o que diga, só fala dela mesma já que, através de uma espécie de performatividade generalizada, sua enunciação realiza o que ela diz pelo simples fato de dizê-lo: o simples fato de estar inscrito na cena pedagógica faz com que o sujeito atinja o espaço da racionalidade republicana.

É preciso, ainda, não perder de vista que o termo "escola" não é unívoco. Ele remete a um só tempo a uma instituição, a práticas, a lugares... à escola que se legitima ao enunciar — é tudo isto ao mesmo tempo. A chamada "higiene", por exemplo, não constitui apenas um capítulo de ensino, mas define também um conjunto de

fatos e de práticas que investem na vida escolar. Fica estabelecida uma constante reversibilidade entre o corpo imaginário da Pátria, o aluno e o lugar escolar: nestes três casos, nenhuma sombra, nenhuma obscuridade deve subsistir. Para a Pátria, a sombra significará a falta de caminhos, de iluminação, o distanciamento do país centralizador; para o aluno, consistirá na imundície, nos micróbios; para os prédios escolares, salas sombrias, mobiliário incômodo, promiscuidade, etc. A mitologia de Pasteur que atravessa todo este discurso vem autorizar a enunciação pedagógica. Sentado em uma sala de aula iluminada e arejada, envolvido em uma organização de práticas, de ritmos escolares cuidadosamente regrados, o aluno é, de alguma forma, atravessado pela evidência de um discurso que se incorpora a seu modo de vida. Não é apenas através de efeitos textuais que o discurso produz uma cena enunciativa eficaz, mas por sua inscrição em uma comunidade, correlato do discurso. Em suma, a instituição escolar da III República "realiza" o mundo que pretende descrever ou promover: ela pode pregar a higiene à medida que esta higiene esteja nela mesma investida; a centralização, à medida que ela mesma seja centralizada; pode pregar a missão civilizadora da colonização, à medida que esta colonização seja um ato pedagógico, exatamente aquele que ela realiza, e assim por diante.

Pode-se ir além e considerar *a língua* em que é enunciado este discurso dos manuais. Obstinadamente definida como a língua "clara", por excelência, língua da Razão, da Ciência, língua do Centro, da Capital, o francês constitui um objeto semântico particularmente valorizado. Fazer falar, pensar, escrever na língua de Descartes e integrar aos valores da escola republicana constituem fundamentalmente um só e mesmo ato de disciplina do espírito, de redução da obscuridade. A língua praticada na escola, pelo simples fato de usá-la, faz alcançar o projeto que anima todo o discurso republicano. Não é possível escapar à mistura radical dos conteúdos e da instituição. A comunidade discursiva e a formação discursiva conduzem uma à outra indefinidamente.

O HUMANISMO DEVOTO

Nossa segunda ilustração nos confronta com um tipo de discurso muito diferente. Como se trata de um discurso religioso, católico, poder-se-ia pensar que não se distingue dos outros discursos católicos

a não ser por seu conteúdo e que a Igreja constitui uma base institucional estável sobre a qual se desenvolvem conflitos entre agentes cujo estatuto, por natureza, é idêntico. Na realidade, à medida que as práticas discursivas implicam uma dinâmica organizacional correspondente, pode-se pensar que tais conflitos não incidem unicamente sobre os conteúdos, mas que envolvem também as comunidades discursivas. Ora, a tendência mais freqüente é de examinar apenas uma das duas faces do problema. Retomando o exemplo do discurso jansenista, constata-se que muitos historiadores aí percebem apenas uma doutrina sem originalidade, cujo sucesso seria devido a fatos institucionais (em particular, a presença, junto às religiosas, de um grupo de leigos, os "solitários" de Port-Royal), enquanto outros preferem insistir sobre o aspecto doutrinal para explicar o impacto deste movimento. Parece-nos, ao contrário, que as duas questões são inseparáveis e, segundo nossa hipótese, pertencem à mesma lógica.

O estudo do discurso humanista devoto demonstra-o claramente. *Na realidade, é possível recorrer às mesmas categorias semânticas para analisar a formação discursiva e a comunidade discursiva que é seu correlato.* Não nos é possível, aqui, entrar em detalhes [22]; levando a caricatura aos limites do exagero, dir-se-á simplesmente que, no plano semântico, este discurso se organiza em torno de uma noção de "ordem", definida como uma totalidade cujos elementos estão distribuídos em lugares complementares e em comunicação constante e regrada. O universo que um tal discurso presume é o de uma "ordem" máxima (o cosmo), constituída de uma multidão de "ordens" repartidas em múltiplos níveis que, generalizadamente, se relacionam uns com os outros (Cf. a teoria da similitude entre microcosmo e macrocosmo). Um tal universo de sentido valoriza todos os agentes mediadores, todas as transições, em suma, tudo o que impede a descontinuidade e o recuo auto-suficiente. Os mais variados objetos do mundo natural e do mundo social aí são colocados como "ordens": o corpo humano, a sociedade, a família, a Igreja, as plantas, etc. Este princípio de "ordem", como foi visto no capítulo anterior, também organiza a cena enunciativa: o estatuto do enunciador deste discurso, de seus destinatários, o "tom" empregado, etc., visavam precisamente a instituir uma estrutura de "ordem". Reciprocamente, todo objeto rejeitado pelo discurso só poderá ser o resultado de uma ausência de "ordem" ou da deficiência de uma "ordem". Será, por exemplo, o caso de um indivíduo que não se integra a nenhum

grupo, de um corpo cujos componentes não se comunicam, de uma enunciação brutal que separa o falante de seus ouvintes, etc.

Do ponto de vista que aqui nos interessa, o elemento crucial decorre do fato que esta categorização pode igualmente servir para caracterizar o espaço institucional sobre o qual se desenvolve este discurso humanista devoto.

Ele nasce e circula, de fato, no interior de uma organização de "sociedades" religiosas de diversos tipos, cujo denominador comum é o de inervar a sociedade laica, recusando qualquer separação entre o religioso e o profundo para integrá-los a uma mesma "ordem". Com a Contra-Reforma católica, da qual participa plenamente o humanismo devoto, apareceram inúmeras ordens regulares, comunidades de padres seculares, (Cf. o Oratório, os Lazaristas, etc.), coletividades dedicadas ao ensino (seminários, colégios), congregações, confrarias de leigos ("do Santo Sacramento", "da Assunção", etc.) onde as pessoas se agrupam em função de seu estatuto social. Os autores humanistas devotos de fato são membros de ordens regulares (essencialmente, jesuítas) e é em todo este movimento que se enraíza seu discurso, cuja prosperidade coincide com a idade de ouro da Companhia de Jesus [23].

Ora, os jesuítas mantêm laços privilegiados com o princípio de ordem:

— a própria Companhia de Jesus constitui uma "ordem" exemplar, cujo modelo é esta "ordem" leiga não menos exemplar, as forças armadas;

— seu projeto fundamental coincide com o núcleo semântico do humanismo devoto que tende a integrar, em uma mesma "ordem" de sociabilidade, organizações mundanas e eclesiásticas. Os jesuítas de fato não são religiosos que se separariam do mundo, nem curas ou leigos, vivem em comunidade, ao mesmo tempo que se inserem na sociedade laica. Representam-se, pois, como *mediadores* privilegiados entre Deus e o mundo;

— concentram pouco a pouco suas atividades na gestão destas "ordens" constituídas por colégios dedicados ao ensino (em 1610, já existem 38 escolas na França e 50% dos jesuítas são professores). Ora, estes colégios são um espaço onde se associam, harmoniosamente, na mesma "ordem", clausura religiosa e abertura para a cultura greco-latina, onde as crianças aprendem a tornar-se cristãos e indivíduos ativos na sociedade. Além disso, no interior destes colégios, os jesuítas encorajam o desenvolvimento de outras "ordens", as "congregações de Nossa Senhora" que reúnem os alunos para iniciá-los nas práticas de devoção: uma transição natural para as congregações de adultos.

Em toda esta lógica institucional encontram-se, sem dificuldade, as categorias semânticas com que o discurso humanista devoto é tecido. Saliente-se que esta lógica não se reduz a um organograma, da mesma forma que uma formação discursiva não se reduz a uma doutrina: as organizações são paralelas às práticas, disciplinas dá fala, do corpo, da sociabilidade. Assim, o que conceituamos, no capítulo anterior, como "ethos", *encontra-se de alguma forma encarnado no modo de comunicação que prevalece no interior destas múltiplas "ordens"*: o tom moderado, o ar alegre, o temperamento sangüíneo não são apenas um ideal de comportamento preconizado pelas obras devotas, mas encontram-se efetivamente em prática nos colégios, congregações, etc., orientando profundamente os gestos dos agentes [24]. As obras pedagógicas destinadas aos professores insistem muito, aliás, sobre esta dimensão.

Assim, a eficácia e a potência utópica da enunciação humanista devota revelam-se inseparáveis, visto que, em certo sentido, esta utopia já se encontra realizada nos agrupamentos que ela atravessa e que a tornam possível. O mundo racional, higiênico, centralizado, etc., que a escola republicana desejava promover poderia transformar-se em espaço de vida escolar; o mesmo ocorre com o mundo humanista religioso que adquire corpo na densa organização de suas "ordens".

ENLAÇAMENTOS *

A ausência de exterioridade entre coerções enunciativas e práticas institucionais pode ser salientada nos textos que se estruturam freqüentemente a partir desta primeira intrincação.

* No original francês *bouclages* (N. do T.).

Quando, por exemplo, Étienne Binet, maior autor humanista devoto e provincial dos jesuítas, escreve um livro sobre a boa maneira de dirigir as relações nas comunidades religiosas, isto é, sobre o "ethos" (*Qual é o melhor governo, o rigoroso ou o compreensivo?* [25]) sua obra pode ser lida ao mesmo tempo como uma amostra, entre outras, do corpus humanista devoto e como uma tematização das regras que atuam nas comunidades discursivas ligadas a este discurso.

Este livro de Binet pode ser tomado como o exemplo de um texto sobre as instituições, da mesma forma que pode ser lido como um texto de doutrina. À medida que a reversibilidade entre os dois aspectos é constante, os textos puramente doutrinários, em aparência, se transformam, com facilidade, em textos sobre a instituição. Considerando-se, por exemplo, as múltiplas descrições do "Além" oferecidas pelo discurso humanista devoto, percebe-se que sua geografia coincide com aquela que, idealmente, as comunidades discursivas deste discurso implicam. Este espaço é apresentado como uma "ordem" imensa constituída por uma multidão de "ordens" hierarquizadas que se comunicam em todos os sentidos e onde cada eleito está inscrito em um lugar determinado (viúva, mártir, doutor, etc.).

Na mesma ordem de idéias, atinge-se uma espécie de paroxismo com o livro *Peintures spirituelles* de Louis Richeome, também ele provincial dos jesuítas [26]. Esta obra de devoção *na realidade coincide com uma visita metódica a uma comunidade discursiva exemplar*, a saber, o noviciado dos jesuítas de Santo-André-do-Quirinal, em Roma, que acumula as propriedades de um colégio e de uma comunidade de jesuítas. Esta instituição modelo é descrita como uma "ordem" que pode ser posta em correspondência com as do cosmo e que permite, ao mesmo tempo, uma exposição da devoção legítima. Em um texto deste tipo, o universo religioso e a instituição, que é seu correlato, coincidem com o percurso do livro, o qual representa o percurso da Criação inteira. Aqui, nada permite decidir o que vem em primeiro lugar — comunidade discursiva ou doutrina: a enunciação envolve a ambas em um único e mesmo movimento.

Encontrar-se-ia, sem dificuldade, equivalentes destes processos reflexivos no discurso escolar da III República. *Le Tour de la France par deux enfants* [27], com milhões de exemplares vendidos, não sem razão, é o livro-guia desta formação discursiva. Este livro, que integra o conjunto dos conhecimentos dispensados pela escola primária, apa-

rece como o percurso metódico do corpo do Enunciador-Destinatário deste discurso, a Pátria, que define também o momento e o lugar da enunciação escolar republicana. Descrevendo a viagem de iniciação de duas crianças, uma das quais entra para a escola primária, enquanto a outra dela sai, este texto faz coincidir percurso escolar e percurso do mundo, uma vertente garantindo a outra, no interior de uma prática escolar, a leitura.

Convencionando-se chamar de enlaçamentos aos processos pelos quais o texto de uma formação discursiva reflete sua própria enunciação, poder-se-ia considerar, de modo absolutamente informal, diversos níveis:

— textos de primeiro grau, que revelam unicamente sua doutrina;

— textos de segundo grau, que descrevem um ideal enunciativo realizado em sua própria enunciação ou uma comunidade cujo funcionamento é o das comunidades discursivas que lhes estão associadas;

— textos de terceiro grau, em que a transmissão de sua doutrina coincide com a descrição de seu ideal enunciativo ou de sua comunidade discursiva;

— textos de quarto grau, que fundem estes diversos elementos em um único: a descrição do mundo é, a um só tempo, definição de um ideal enunciativo e percurso de uma instituição.

O livro *Vacationes autumnales* do jesuíta Louis de Cressolles [28] aproxima-se deste quarto grau. Trata-se, na realidade, de uma obra de retórica que mostra a superioridade do estilo humanista devoto (definição de um ideal enunciativo), apresentando-se como um conjunto de conversações afáveis entre alunos de um colégio de jesuítas, em um castelo campestre, onde se mesclam as belezas da natureza e da arte, representando, assim, a harmonia do cosmo. Evidentemente, a própria obra mobiliza o modo de enunciação que preconiza, tendo sido elaborada e difundida no interior de comunidades discursivas (os colégios) que ela tematiza.

Seria um erro limitar-se a identificar nestas figuras jogos sofisticados destinados a divertir homens eruditos. De fato, tanto aqui como nas teorias da enunciação, é preciso avaliar a duplicidade de uma linguagem que não cessa de dizer, mostrando que diz. Fora dos

"enlaçamentos", é impossível pensar a relação entre o textual e o institucional em termos de interior e de exterior, de meio e de fim... Os textos aparecem, ao mesmo tempo, como uma das modalidades do funcionamento da comunidade discursiva e o que a torna possível; a comunidade se estrutura pelo mesmo movimento que gera os enunciados, suscetíveis, por sua vez, de tematizar, por vezes sutilmente, as instituições que neles estão implicadas e sua própria intrincação com estas últimas. Este elo crucial entre o fazer e o dizer de uma comunidade representa o ponto cego do discurso, a evidência primeira que funda a crença.

---

1. *Mikhaïl Bakhtine, Le principe dialogique.* T. Todorov, Paris, Le Seuil, 1981, p. 67.
2. *L'Archéologie du Savoir,* p. 74.
3. *Le sens pratique,* Paris, Éditions de Minuit, 1980, p. 60.
4. Para uma apresentação de conjunto e uma bibliografia detalhada, conferir o estudo de Bernard-Pierre Lécuyer, "Bilan et perspectives de la sociologie de la science dans les pays occidentaux", in *Archives européennes de sociologie, 1978,* tomo XIX, p. 257-336.
5. *The structure of scientific revolutions,* Chicago, The University of Chicago Press, 1962; trad. franc. Paris, Flammarion, 1970. (Ed. bras.: *A estrutura das revoluções científicas,* São Paulo, Perspectiva).
6. *The scientific community,* New York, Basic Books, 1965.
7. "Le Champ scientifique", *Actes de la recherche en sciences sociales,* 1976, 2/3, p. 88-104.
8. Art. cit., p. 89.
9. *L'Écriture de l'histoire,* Paris, Gallimard, 1975.
10. Op. cit., p. 64.
11. Op. cit., p. 65.
12. Op. cit., p. 69 (grifo é nosso).
13. Op. cit., p. 70.
14. Op. cit., p. 72.
15. Paris, Gallimard, 1981.
16. Op. cit., p. 157.

17. Op. cit., p. 158-159.
18. R. Debray, op. cit., p. 184-185.
19. *Port-Royal,* Paris, Gallimard, La Pléiade, 1952. v. 1., p. 98-99.
20. *Le sens pratique,* p. 88.
21. *Les livres d'école de la République, 1870-1914 — discours et idéologie,* Paris, Le Sycomore, 1979.
22. Ver *Sémantique de la polémique* ou *Genèses du discours* (cap. 2).
23. Entre 1558 e 1645, os jesuítas passaram de 1000 para aproximadamente, 15.544.
24. Sabe-se, aliás muito bem, que a polêmica anti-jesuítica, de Pascal a Voltaire, e bem além, incidiu tanto sobre este aspecto (cf. a imagem adocicada do jesuíta) quanto sobre a doutrina.
25. Paris, 1636.
26. *La peinture spirituelle ou l'art d'admirer, aimer et louer Dieu en toutes ses œuvres et tirer de toutes profit salutaire,* Lyon, 1611.
27. G. Bruno (pseudônimo de Mme. Fouillée), Paris, Belin, 1877.
28. *Vacationes autumnales sive de perfecta oratoris actione et pronuntiatione,* Paris, 1620.

DOAÇÃO
BIBLIOTECA CENTRAL
UFES
Nº 188.722

SEGUNDA PARTE
A HETEROGENEIDADE

1.

A HETEROGENEIDADE MOSTRADA

Dizer de um objeto que ele é heterogêneo, é, via de regra, desvalorizá-lo. Entretanto, quando se fala da heterogeneidade do discurso não se pretende lamentar uma carência, mas tomar conhecimento de um funcionamento que representa uma relação radical de seu "interior" com seu "exterior". As formações discursivas não possuem duas dimensões — por um lado, sua relação com elas mesmas, por outro, sua relação com o exterior — mas *é preciso pensar, desde o início, a identidade como uma maneira de organizar a relação com o que se imagina, indevidamente, exterior.*

Nos dois capítulos que seguem vamos considerar esta heterogeneidade em dois planos diversos. Inicialmente, examinaremos a **heterogeneidade mostrada** [1] e, a seguir, a **heterogeneidade constitutiva;** a primeira incide sobre as manifestações explícitas, recuperáveis a partir de uma diversidade de fontes de enunciação, enquanto a segunda aborda uma heterogeneidade que não é marcada em superfície, mas que a AD pode definir, formulando hipóteses, através do interdiscurso, a propósito da constituição de uma formação discursiva.

Os múltiplos fenômenos dependentes da "heterogeneidade mostrada" vão bem além da noção tradicional de citação e mesmo daquela, mais lingüística, de discurso relatado (direto, indireto, indireto livre). O levantamento exaustivo e a classificação das marcas de heterogeneidade representam uma tarefa perigosa, talvez impossível; assim, contentar-nos-emos em agrupar, de forma empírica, um conjunto de mecanismos, cujo destaque parece-nos ser de utilidade para as análises de discurso. Começaremos por apresentar muito sucintamente a noção de **polifonia**, sistematicamente desenvolvida por O. Ducrot, pois ela atravessa estas questões, em sua totalidade [2].

No entanto, a utilização dos conceitos de Ducrot, no que tange à heterogeneidade enunciativa, não deve levar à conclusão de que esta é a única abordagem lingüística que considera este tipo de fenômeno. Encontra-se, particularmente nos trabalhos de A. Culioli [8], uma conceituação excelente dos fatos de polifonia. Para além das formulações de detalhes, que já variaram e ainda variarão nos próximos anos, convém, sobretudo, atentar para os fenômenos lingüísticos abordados neste campo.

A POLIFONIA

No capítulo anterior admitimos implicitamente que o falante é único, isto é, que cada enunciado só pode ser relacionado a um único autor, identificado com o locutor (oral ou escrito), aquele que diz *eu*, que é responsável pelo que enuncia. É este pressuposto que Ducrot questiona para dar conta de certos fatos enunciativos. Para ele, há polifonia quando é possível distinguir em uma enunciação dois tipos de personagens, os **enunciadores** e os **locutores**.

• Por "locutor" entende-se um ser que no enunciado é apresentado como seu responsável. Trata-se de uma ficção discursiva que não coincide necessariamente com o produtor físico do enunciado: se assino um formulário preparado pela Administração, do tipo "Eu, abaixo-assinado, declaro...", o *eu* do locutor deste texto sou eu mesmo e, no entanto, não sou seu autor efetivo. Da mesma forma, na "narrativa", tal como a entende Benveniste, isto é, em um enunciado narrativo desprovido de articuladores * e, mais amplamente, sem marcas de subjetividade enunciativa, é evidente que existe um autor, mas o texto não indica o "locutor" que se responsabiliza por sua enunciação. Pode-se, igualmente, estabelecer uma hierarquia de "locutores" para descrever a citação em discurso direto: há neste caso dois "locutores" diversos em um enunciado que, além disso, é globalmente produzido por um deles, aquele que se constitui em falante, ao falar ou escrever.

• Após haver distinguido entre *falante*, autor efetivo, e *locutor*, Ducrot distingue, nesta última instância, "o locutor propriamente dito"

* No original francês *embrayeurs* (N. do T.).

(abreviadamente L) e "o locutor enquanto pessoa do mundo" (abreviadamente λ). L é definido como o responsável pela enunciação e considerado apenas em função desta propriedade, enquanto λ é uma pessoa que pode possuir outras propriedades além dessa. Se retomarmos a noção de ethos, poderemos dizer que os traços atribuídos ao "locutor" através de sua própria enunciação dependem de L; se, ao contrário, este "locutor" fala dele mesmo enquanto ser do mundo, será λ que estará implicado. Na autocrítica, por exemplo, L afirma-se ao desvalorizar λ.

• O *enunciador* representa, de certa forma, frente ao "locutor" o que o personagem representa para o autor em uma ficção. Os "enunciadores" são seres cujas vozes estão presentes na enunciação sem que se lhes possa, entretanto, atribuir palavras precisas; efetivamente, eles não falam, mas a enunciação permite expressar seu ponto de vista. Ou seja, o "locutor" pode pôr em cena, em seu próprio enunciado, posições diversas da sua.

O fenômeno da **ironia** (que retomaremos mais adiante) poderia ser descrito nestes termos. Com efeito, um enunciado irônico faz ouvir uma voz diferente da do "locutor", a voz de um "enunciador" que expressa um ponto de vista insustentável. O "locutor" assume as palavras, mas não o ponto de vista que elas representam. Evidentemente, isto exige que uma marca de distanciamento apareça entre as palavras e o "locutor"; caso contrário, o ponto de vista do "enunciador" lhe seria atribuído. As *Provinciales* *, por exemplo, supõem uma distinção entre o *falante* (o autor, Pascal) e o *locutor* (o Amigo do Provincial, o personagem que diz *eu*); nas partes irônicas deste texto acrescentar-se-ia o personagem de um "enunciador". Assim, quando o Amigo do Provincial dirige-se ao jesuíta para comentar uma decisão particularmente imoral dos casuístas e declara:

> "Esta caridade de poupar a perdição de um pela perda do outro é verdadeiramente extraordinária, meu Pai [4]",

* As *Provinciales* consistem em um conjunto de 18 cartas de Pascal, inicialmente publicadas anonimamente. Elas atacavam os jesuítas e a moral excessivamente indulgente dos casuístas, ao mesmo tempo que assumiam a defesa dos jansenistas de Port-Royal (N. do T.).

a análise semântica será diferente, conforme o enunciado seja considerado irônico ou não. Interpretado como sinceramente admirativo, ele será atribuído unicamente ao "locutor"; se, ao contrário, for irônico, o locutor fará ouvir a voz de um "enunciador" que defende a idéia absurda de que a decisão dos casuístas coincide com a caridade cristã. Dupla leitura que se articula na ambigüidade contida em *extraordinário*, significando "admirável" ou "o que escapa à norma, à ordem". Dupla leitura inscrita na situação de enunciação construída pelo texto, a qual se dirige concomitantemente a dois destinatários: o jesuíta, parceiro do diálogo relatado, e o público do panfleto. O autor empenha-se em fazer uma alocução legível nos dois planos: por um lado, finge uma cumplicidade com o jesuíta, que não tem acesso à leitura irônica e, por outro, indica ao público, que percebe a ironia, a transgressão da moral.

A PRESSUPOSIÇÃO

O fenômeno bem conhecido da **pressuposição**, cuja importância é considerável para a AD, pode ser examinado através da polifonia [5]. A relação entre polifonia e pressuposição foi estabelecida por A. Berrendonner [6]; para ele, em um enunciado do tipo *Je prétends que Jules est malade* [*Pretendo que Júlio esteja doente*], não é possível contentar-se, como de hábito, em ver um pressuposto negativo imposto pelo verbo, de tal forma que a proposição "Júlio está doente" seja falsa. Na realidade, se este fosse o caso, "Pretendo que" deveria ser uma asserção contraditória. Berrendonner propõe, então, substituir a formulação |p é falsa| por "segundo a opinião geral, p é falsa", ou, em termos de predicação, |p é ON-falsa|. Este "ON", denominado "agente verificador", é a instância posta aqui como responsável, fiadora pela validade deste enunciado. O referente deste ON * pode variar consideravelmente de uma enunciação a outra, incluindo ou não o locutor, o destinatário e conjuntos, mais ou menos amplos, de terceiros.

* ON, pronome indefinido, pode significar *alguém, uma pessoa, a gente, cada um, cada qual*. Traduz-se, geralmente, por SE, podendo também levar o verbo para a 1.ª e/ou 3.ª pessoas plurais, constituindo-se em uma forma privilegiada de indeterminação. A predicação acima expressa pode ser traduzida por |p é SE-falsa| (N. do T.).

Por trás desta reformulação da pressuposição, pode-se ler uma reorientação da "verdade" dos enunciados. O que passa para o primeiro plano *é a instância que valida o enunciado;* conforme afirma C. Kerbrat-Orecchioni, "toda asserção é assumida, explícita ou implicitamente, por um sujeito enunciador e é para este sujeito, em primeiro lugar, que ela é verdadeira [7]". Para Berrendonner, o agente verificador pode assumir três formas: um sujeito particular, ON e o que ele chama de "fantasma", isto é, a instância sem nome que valida os enunciados |p é verdadeiro|, aqueles cuja verdade está, de alguma forma, relacionada à ordem do mundo, ao universo, "considerado como um participante *ativo* do acontecimento de interlocução, e não apenas como uma circunstância inerte [8]".

Entretanto, em Berrendonner, a introdução de agentes verificadores não desemboca verdadeiramente sobre uma concepção "polifônica" da pressuposição. Para Ducrot, ao contrário, a pressuposição consiste em um processo que apresenta dois "enunciadores", E_1 e E_2, o primeiro, responsável pelo pressuposto e o segundo, pelo posto; E_2 seria assimilado ao "locutor" e E_1 a ON, a opinião pública. Assim em:

O governo não quer mais decidir,

seria preciso distinguir entre o personagem do "enunciador" que sustenta que "O governo decidia antigamente", e a opinião do enunciador ON que se lhe opõe ao afirmar que, atualmente, o governo não quer mais decidir, "enunciador" este que coincide com o "locutor".

Em uma tal abordagem, não é mais necessário afirmar que todas as nominalizações *(a decadência do Ocidente, o crescimento da intolerância*, etc.) são pressupostas como verdadeiras pelo locutor. Uma frase como *A diminuição do poder de compra é uma percepção do espírito* não é pressuposta pelo "locutor", mas relacionada a um ON com o qual ele não se solidariza. Em compensação, caso o "locutor" se inclua neste ON, tratar-se-á de uma pressuposição em sentido estrito. É preciso ainda lembrar que este locutor incluído em ON não é o locutor L mas λ, a pessoa que ele constitui independentemente do ato de enunciação que está realizando. Desta forma, o pressuposto

não é assumido, não é o objetivo reconhecido da enunciação, mas apenas uma crença representada no discurso [9].

Esta concepção da polifonia empresta toda sua força à metáfora teatral. A enunciação aparece aí como uma encenação onde a palavra é dada a diversos personagens, sendo que as enunciações "sérias" são aquelas em que o locutor se assimila a um dos enunciadores apresentados. Ou seja, o locutor não falaria "diretamente". Esta é uma tese bastante radical que merece ser discutida, mas o princípio de uma pluralidade de fontes enunciativas enriquece indubitavelmente a análise lingüística.

A NEGAÇÃO

A negação pode igualmente ser objeto de uma análise polifônica. Na realidade, é antiga a idéia de que é preciso distinguir, em um enunciado negativo, duas proposições, a saber, uma proposição primeira e uma outra que a nega, mas o recurso à distinção locutor/enunciador permite ajustá-la e integrá-la a um quadro mais geral.

Para Ducrot, a enunciação da maior parte dos enunciados negativos é analisável como encenação do choque entre duas atitudes antagônicas, atribuídas a dois "enunciadores" diferentes: o primeiro personagem assume o ponto de vista rejeitado e o segundo, a rejeição deste ponto de vista. Consideremos o seguinte enunciado, extraído de um artigo sobre as viagens de João Paulo II:

> "Este perpétuo peregrino, na verdade, não inovou completamente" (*Le Monde*, 8/2/85, p. 1).

O enunciado põe em cena um "enunciador" que sustentaria o ponto de vista segundo o qual o Papa inovou completamente, "enunciador" construído pelo texto e ao qual o leitor supostamente se identifica: na realidade, as linhas precedentes do artigo impuseram pouco a pouco a idéia de uma revolução na política do papado e a negação permite rejeitar a suposição de que o leitor ter-se-ia dela apropriado.

Estes "enunciadores", cuja atitude é recusada, podem ser bem diferentes: um indivíduo, o destinatário, uma outra imagem do locutor, a opinião pública, etc. A operação de negação pode, além disso, designar fenômenos variados, marcados por outros morfemas além de *ne...pas* [*não*]. As célebres *Máximas* de La Rochefoucault, por exemplo, recorrem freqüentemente a *ne...que* [*senão, somente, apenas*], recusando um "enunciador" identificado com ON, o qual garante as idéias recebidas, tal como ocorre em:

— La constance des sage *n'*est *que* l'art de renfermer leur agitation dans leur cœur. [A constância dos sábios *não* é *senão* a arte de encerrar sua agitação em seus corações].

— L'amour de la justice *n'*est, en la plupart des hommes, *que* la crainte de souffrir l'injustice. [O amor pela justiça, para a maior parte dos homens, é *somente* o temor de sofrer a injustiça].

Ne...que acarreta problemas diferentes daqueles que decorrem de *ne...pas*, mas seu caráter refutativo não oferece nenhuma dúvida. Aqui, vê-se bem como é encenado o ponto de vista de ON que poderia ser assim parafraseado: "o que ON compreende por *a constância dos sábios, o amor pela justiça*". As *Máximas* se apresentam, então, como uma espécie de contradicionário que confronta a idéia recebida com a definição "verdadeira", aquela que, segundo o texto, está de acordo com a realidade. O leitor supostamente partilha a opinião de ON e, conseqüentemente, vê sua própria opinião refutada: "A máxima define-se como um discurso didático polêmico (...); o enunciado do leitor, que é negado, não é o de uma classe definida de leitores, mas de todos os leitores possíveis [10]". Enquanto *ne...pas* explicita o enunciado rejeitado sem oferecer a contrapartida positiva, *ne...que* deixa implícito o que rejeita ao propor, em seu lugar, a proposição reivindicada pelo locutor. Mecanismo possibilitado pelo fato de que o leitor da máxima supostamente conhece o que é refutado ou, pelo menos, é capaz de reconstruí-lo, apoiando-se, para isto, no enunciado formulado com *ne...que*.

Na realidade, mesmo que se considere unicamente o caso de *ne...pas*, a noção de negação é ambígua. Habitualmente, distinguem-se dois tipos de negação com *ne...pas*, uma chamada "polêmica", a outra, "descritiva" [11] e esta distinção é muito importante para a AD, que mantém laços privilegiados com a negação polêmica. Considerem-se os dois enunciados que seguem:

(1) *Não há uma nuvem no céu.*

(2) *Este muro não é branco.*

Apesar de sua aparente semelhança, eles apóiam-se em dois usos diferentes da negação. Ao enunciar (1), o locutor descreve um estado de coisas; seu enunciado pode ser parafraseado com o auxílio de um enunciado positivo do tipo *o céu está absolutamente limpo:* trata-se de uma negação *descritiva,* que serve para falar do mundo. É bem diferente o funcionamento de (2), que contesta, opõe-se a uma asserção anterior, explícita ou não, segundo a qual "este muro é branco": trata-se, aqui, de um verdadeiro ato de negação, de refutação do enunciado positivo correspondente e fala-se, neste caso, de negação *polêmica.*

Esta última apresenta a particularidade de poder contestar tanto o pressuposto quanto o posto do enunciado que ela rejeita:

A: *O Presidente é menos popular.*
(pressuposto: anteriormente ele era popular)

B: *Ele não é menos popular, jamais o foi.*

Além disso, a negação polêmica mantém necessariamente uma relação de contradição com o enunciado que refuta, enquanto a negação descritiva é compatível tanto com a contradição como com a contrariedade. (Diz-se que dois enunciados são "contraditórios" quando não podem ser a um só tempo verdadeiros ou falsos, no interior de uma situação de discurso dada: *Está frio* e *Não está frio* não podem ser verdadeiros simultaneamente. Fala-se de "contrariedade" quando os enunciados positivos e negativos podem ser falsos simultaneamente: *Está calor* e *Está frio* são contrários pois, neste caso, só pode estar ameno).

J. Moeschler [12] propôs distinguir três tipos de refutação, através da negação polêmica: a *retificação,* a *refutação proposicional* e a *refutação pressuposicional.* Sua tripartição, ao mesmo tempo pragmática e lógico-semântica, apóia-se sobre o fato essencial que a negação é um marcador que apresenta a propriedade de incidir sobre um elemento delimitado, de possuir um campo.

— A *retificação* corresponde às negações cujas incidências são indicadas por um encadeamento que se dá sobre a enunciação negativa:

A eleição de Giscard não era provável, mas certa.

É o encadeamento com base em um "par antonímico" *(certa)* que seleciona o elemento refutado.

— *A refutação proposicional* é o caso mais comum, em que a incidência da negação não é definida. Ela conserva os pressupostos do enunciado rejeitado, propondo-se unicamente a recusar a primeira asserção, e não a corrigi-la. Está freqüentemente associada a um ato de justificação:

O Presidente não é popular, porque ninguém se desloca para ouvi-lo.

— *A refutação pressuposicional* visa a refutar a pressuposição associada ao enunciado rejeitado. Ela vem necessariamente acompanhada de uma justificação. Assim, no exemplo dado, acima:

O Presidente não está menos popular, jamais o foi

a segunda enunciação justifica a primeira, especialmente que a negação incide sobre o pressuposto.

Ou seja, se a refutação incide sobre um simples constituinte do enunciado rejeitado, trata-se de uma retificação; se ela diz respeito ao conteúdo posto em seu conjunto, é proposicional; se visa ao pressuposto, é pressuposicional. Note-se que este último tipo de negação polêmica, como Ducrot já destacou, questiona diretamente o enunciador do enunciado refutado, à medida que o quadro discursivo que pretendia impor é contestado.

Recentemente, Ducrot precisou reformular sua concepção da oposição entre as negações descritiva e polêmica [13] para harmonizá-la com sua teoria polifônica: de fato, o que faria da negação descritiva

numa teoria desta natureza? Em decorrência disso, também subdividiu a antiga rubrica da negação polêmica, distinguindo, dessa forma:

1) a negação *metalingüística*, que contradiz os próprios termos de um enunciado oposto. Esta negação visa ao *locutor* que assumiu o enunciado negado, podendo anular os seus pressupostos. Dizer *A França não parou de recuar, ela jamais recuou* consiste em recusar os termos do locutor;

2) *a negação polêmica*, para a qual a análise polifônica examinada acima se mostra mais pertinente. Aqui, não há rejeição de um locutor, mas de um *enunciador* mobilizado no discurso, enunciador este que não é o autor de um enunciado realizado. O que é rejeitado é construído no interior da própria enunciação que o contesta;

3) a negação *descritiva*, a mais incômoda para a polifonia, certamente a menos importante para a AD, em que os enunciados negativos, em geral, representam um conflito, sendo tomados em um *interdiscurso* que os opõe a outros enunciados. Para Ducrot, tratar-se-ia de um derivado "delocutivo"[14] da negação polêmica. Um verbo delocutivo, como, por exemplo, *remercier* [*agradecer*], que denota o ato realizado, enunciando uma fórmula determinada, *merci!* [*obrigado!*], na ocorrência. Por extensão, Ducrot fala de "derivação delocutiva" quando um termo toma um novo sentido a partir de um emprego anterior em uma fórmula convencional: por exemplo, a partir de "*M'as-tu-vu?*" ["Você me viu?"], constituiu-se o nome de qualidade *matuvu* * (afirmar que alguém é um "matuvu" consiste em atribuir-lhe a característica que o levaria a fazer incessantemente esta pergunta). Do mesmo modo, enunciando a fórmula *Paulo não está* seria conferida ao seu enunciador a propriedade que, na negação polêmica, justificaria o locutor que se lhe opusesse ao afirmar o ponto de vista contrário, isto é, "Paulo está".

Antes de encerrar o tópico negação, vamos rever um tipo particular de operação negativa produzida por *ne...en rien* [*em nada, não... de forma alguma*] que estabelece laços privilegiados com a

* Seria possível propor artificialmente como equivalente a este nome, em português, a forma "cemiviu" de "você me viu" (N. do T.).

metalinguagem. Segundo J. Milner[15], que estudou este fenômeno, esta operação contesta uma enunciação anterior, *avaliando sua legitimidade*, a adequação entre as palavras utilizadas e o estado de coisas descrito. Assim, dizer de alguém que *Il n'est en rien au service du pays* [*Ele não está de forma alguma a serviço do país*] significa que não é legítimo enunciar a frase *Il est au service du pays* [*Ele está a serviço do país*]; a legitimidade aqui questionada remete à pertinência *lingüística* desta expressão. Esta contestação não precisa necessariamente incidir sobre o enunciado anterior; neste caso, contesta-se aquilo que o enunciador em questão considera por todos conhecido, conhecimento este que implica ser possível formular com legitimidade a proposição associada a *ne... en rien*. Em *La vieille femme réussit à porter la lettre de ses mains tremblantes qui ne ressemblaient en rien à de mains* [*A velha senhora conseguiu carregar a carta com suas mãos trêmulas que em nada pareciam com mãos*], *ne...en rien* questiona a legitimidade de um enunciado *virtual*, implicado pelo contexto, algo do tipo "mãos parecem com mãos", cujo "enunciador" ON sustenta proposições que parecem ser evidentes.

O DISCURSO RELATADO

Os **discursos direto** e **indireto**, as manifestações mais clássicas da heterogeneidade enunciativa, continuam a ser objeto de trabalhos que tentam inscrevê-los no campo dos problemas da enunciação[16]. Vimos acima, no quadro polifônico de Ducrot, que o discurso direto se caracteriza pela aparição de um segundo "locutor" no enunciado atribuído a um primeiro "locutor". Freqüentemente é oposto, de forma um pouco ingênua, ao discurso indireto, alegando que ele pretende reproduzir literalmente as alocuções citadas; seria mais exato ver nele uma espécie de teatralização de uma enunciação anterior e não uma similitude absoluta. Dito de outra forma, ele não é nem mais nem menos fiel que o discurso indireto, são duas estratégias diferentes empregadas para relatar uma enunciação.

Sabe-se que a AD dedica grande atenção aos fenômenos referentes à citação[17] para descobrir, por exemplo, o contraste entre diferentes formas de relatar a mesma enunciação, ou ainda o distanciamento muito variável que o discurso, ao citar, introduz com relação ao discurso citado. Neste sentido, sublinhamos a *ambigüidade fundamental*

do fenômeno de citação, caso seja considerado o grau de adesão do locutor ao que está dizendo. Assim, na opinião de A. Berrendonner, se um locutor "contenta-se em relatar as alocuções assertivas de um terceiro, em lugar de garantir *pessoalmente*, através de uma simples afirmação, a verdade de p, isto permite concluir que ele *não pode,* por si só, subscrever p, não acreditando muito, por conseguinte, em sua verdade [18]"; em compensação, para C. Kerbrat-Orecchioni, ocultar-se por trás de um terceiro "é freqüentemente uma maneira hábil por ser indireta" de sugerir o que se pensa, sem necessitar responsabilizar-se por isto [19]. Aí reside toda a ambigüidade do distanciamento: o locutor citado aparece, ao mesmo tempo, como o não-eu, em relação ao qual o locutor se delimita, e como a "autoridade" que protege a asserção. Pode-se tanto dizer que "o que enuncio é verdade porque não sou eu que o digo", quanto o contrário.

O que é afinal "autoridade" em matéria de discussão, senão *o nome de um ausente?* Se a autoridade invocada estivesse presente, expor-se-ia à discussão, anulando-se como tal. O valor de autoridade ligado a toda enunciação ("é verdade, porque eu o digo") é geralmente insuficiente e cada formação discursiva deve apelar à autoridade pertinente, considerando sua posição [20].

A partir do momento que se trata de formações discursivas, toda concepção retórica da citação é inadequada. O sujeito que enuncia a partir de um lugar definido não cita quem deseja, como deseja, em função de seus objetivos conscientes, do público visado, etc. São as imposições ligadas a este lugar discursivo que regulam a citação. Esta noção de citação é, entretanto, ambígua, pois remete tanto às regras, às operações, quanto aos enunciados citados. Distinguir-se-á, pois, **intertexto** de **intertextualidade,** da mesma forma como, em gramática gerativa, "performance" opõe-se a "competência".

Por *intertexto* de uma formação discursiva, entender-se-á o conjunto dos fragmentos que ela efetivamente cita e, por *intertextualidade,* o tipo de citação que esta formação discursiva define como legítima através de sua própria prática. Além dos enunciados citados há, pois, suas condições de possibilidade. Em um nível trivial, isto é evidente: segundo as épocas, os tipos de discurso, as citações não são feitas da mesma maneira; os textos citáveis, as ocasiões em que é preciso citar, o grau de exatidão exigido, etc. variam consideravelmente. Sabe-se bem que um texto científico contemporâneo não cita

da mesma maneira que um texto religioso, o qual possui uma relação totalmente diversa com a tradição. Os analistas de discurso em geral manifestam muito pouco interesse por esses problemas, à medida que confrontam discursos de mesmo tipo, que obedecem, conseqüentemente, a imposições similares neste domínio. Entretanto, mesmo existindo certa semelhança, muitas divergências podem aparecer *por menos que se considere a citação como uma modalidade totalmente diferente do funcionamento discursivo.*

Ilustraremos esta afirmação com base nos discursos humanista devoto e jansenista. Aparentemente, a intertextualidade de ambos é idêntica, já que tanto um como o outro dependem do mesmo tipo de literatura religiosa. Na realidade, uma análise mais apurada mostra que o discurso jansenista tende a privilegiar os textos mais próximos da Igreja primitiva e praticamente não invoca nenhuma autoridade exterior à tradição católica. Se a relação com o corpus de seu próprio campo for convencionalmente chamada de *intertextualidade interna,* pode-se dizer que intertextualidade e intertextualidade interna coincidem, de forma tendenciosa, nesta formação discursiva.

Isso não ocorre com o humanismo devoto, o qual recorre amplamente à *intertextualidade externa,* citando constantemente os moralistas da Antigüidade ou os naturalistas. Esta predileção pelos costumes dos animais, pela astronomia ou agricultura pode ser explicada se for relacionada ao pressuposto "teofânico" que anima todo este discurso: nele o cosmo é apreendido como "o Grande Livro do Mundo", escritura viva que permite remontar a Deus, seu Criador. Quanto aos moralistas pagãos (recusados pelos jansenistas por dependerem da "natureza corrompida"), a proteção de que gozam está particularmente ligada à concepção da religião cristã sobre a qual repousa este discurso: o cristão aí não aparece como o oposto do homem "natural", mas como sua sublimação, seu acabamento. Visão escalar que permite conceder uma certa autoridade aos escritos dos autores antigos, os quais, supõe-se, tenham sido ultrapassados e não anulados pela Revelação. Nestas condições, intertextualidades interna e externa só podem harmonizar-se. Vê-se bem como, nos dois casos, a citação mostra-se inseparável do próprio conteúdo dos discursos, do qual constitui uma dimensão essencial.

Colocando-nos, agora, em um outro nível, microcontextual, para estudar como são feitas as citações, como elas inscrevem-se no detalhe

da estrutura lingüística, não é possível negligenciar os verbos destinados a introduzir o discurso relatado. De fato, em função do verbo escolhido *(sugerir, afirmar, pretender...)*, toda a interpretação da citação será afetada. M. Charolles, ao estudar estes verbos, chamando-os de "verbos de comunicação[21]", mostra que, excetuando *dizer*, aparentemente neutro, os demais veiculam diversos tipos de pressupostos. Eis algumas das rubricas que enumera:

— alguns incidem sobre o *valor de verdade* do enunciado citado: neste plano, *desvelar* ou *revelar* opõem-se a *pensar*...;

— sobre a posição cronológica: *replicar, repetir, concluir*...;

— sobre o ponto de vista atribuído ao enunciador, face ao que diz: *reconhecer, confessar*...;

— sobre uma hierarquia: *ordenar, suplicar*...

No que tange exclusivamente aos chamados verbos de "opinião", Ducrot propôs classificá-los com o auxílio de diversos critérios semânticos, aos quais estão associados os valores +/ − [22]:

1) Critério P: o verbo implica um julgamento pessoal fundado sobre uma experiência;

2) Critério M: o verbo implica uma experiência da própria coisa;

3) Critério O: o verbo implica uma predicação original. (Trata-se, por exemplo, da oposição entre * *Je trouve que sa voiture est une Citroën* [*Acho que seu carro é um Citroën*] e *J'estime que sa voiture est une Citroën* [*Julgo que seu carro é um Citroën*]; a segunda frase supõe que seja do domínio de todos o julgamento prévio sobre a classificação do objeto, enquanto, na primeira, o locutor coloca uma etiqueta sobre algo que ainda não havia sido cunhado.);

4) Critério C: o locutor mostra-se seguro quanto à opinião expressa;

5) Critério R: o locutor apresenta sua opinião como o produto de uma reflexão.

	P	M	O	C	R
Considérer (Considerar)	+	+	+	+	+
Trouver (achar, imaginar)	+	+	+	−	−
Estimer (estimar, julgar, reputar)	+	+	−	+	+
Juger (julgar, decidir)	+	−	−	+	+
Avoir l'impression (Ter a impressão)	+	−	−	−	−
Être sûr (Estar seguro)	−	−	−	+	−
Penser (Pensar)	−	−	−	−	+
Croire (acreditar)	−	−	−	−	−

AS PALAVRAS ENTRE ASPAS

Os enunciados relatados em discurso direto são postos entre aspas para marcar sua alteridade; esta última, além disso, é claramente manifestada pela ruptura sintática entre o discurso que cita e o discurso citado. Na **palavra entre aspas**, em compensação, esta ruptura não existe; a expressão aspeada é, ao mesmo tempo usada e mencionada, dependendo, conseqüentemente, da "conotação autonímica". Os lógicos distinguem, em textos já clássicos, a *menção* de um termo, que consiste em uma remissão autonímica ("a palavra *cavalo*", por exemplo) e seu *uso* ("meu cavalo está doente"). A palavra entre aspas (e/ou em itálico) apresenta a particularidade de acumular menção e uso. No enunciado "Sinal dos tempos: a imprensa "feminina" cede no momento em que a mulher se afirma[28]", a palavra *feminina* é, ao mesmo tempo, mostrada, marcada como estranha *e* integrada à seqüência do enunciado.

A colocação entre aspas pode ser acompanhada por uma glosa do tipo "como X diz", onde X remete, de acordo com os contextos,

aos mais variados enunciadores: da opinião pública aos indivíduos, passando por conjuntos discursivos mais ou menos extensos. À diferença dos fenômenos polifônicos já lembrados, este não se refere às proposições, mas às palavras, sintagmas atribuídos a um outro espaço enunciativo e cuja responsabilidade o locutor não quer assumir. Questionando desta forma o caráter totalmente apropriado da palavra, as aspas designam a linha de demarcação que uma formação discursiva estabelece entre ela e seu "exterior[24]"; um discurso efetivamente só pode manter à distância aquilo que ele coloca fora de seu próprio espaço. Uma formação discursiva se estabelece entre estes dois limites, a saber, um discurso totalmente entre aspas, do qual nada é assumido, e um discurso sem aspas que pretenderia não estabelecer relação com o exterior.

Pode-se, de acordo com J. Authier, atribuir várias funções a esta operação de distanciamento: aspas *de diferenciação*, destinadas a mostrar que nos colocamos além destes enunciados, irredutíveis às palavras empregadas; aspas *de condescendência;* aspas *pedagógicas*, na vulgarização; aspas *de proteção*, para indicar que a palavra utilizada é apenas aproximativa; aspas *de ênfase*, etc. Ocorre com freqüência que uma deontologia da linguagem exige a colocação entre aspas, particularmente quando se trata de empregar palavras pertencentes a uma língua estrangeira, a outro nível de língua ou a vocabulários especializados. Mas, mesmo nestes últimos casos, nenhuma agramaticalidade ocorre caso as aspas não sejam usadas: não as colocando onde são esperadas, o discurso significa que elas pertencem plenamente a seu espaço.

O valor semântico das aspas e o interesse que representam para a AD estão ligados precisamente a este caráter *imprevisível* bem como à sua relação com o *implícito*. Colocar entre aspas não significa dizer explicitamente que certos termos são mantidos à distância, é mantê-los à distância e, realizando este ato, simular que é legítimo fazê-lo. Decorre daí a eficácia deste mecanismo. Fora de contexto, não é possível interpretar a colocação entre aspas; para tanto, deve-se reconstruir, apoiando-se em índices variados, a significação da operação da qual as aspas são o vestígio. As "intenções" do autor não são visadas, mas as aspas estão relacionadas ao conjunto do movimento da enunciação e, além disso, à formação discursiva na qual ele se inscreve.

As aspas constituem antes de mais nada um sinal construído para ser decifrado por um destinatário. O sujeito que utiliza as aspas é obrigado, mesmo que disto não esteja consciente, a realizar uma certa representação de seu leitor e, simetricamente, oferecer a este último uma certa imagem de si mesmo, ou melhor, da posição de locutor que assume através destas aspas. Colocará aspas, por exemplo, para proteger-se antecipadamente de uma crítica do leitor, que, supostamente, esperará um distanciamento frente a determinada palavra, mas poderá, igualmente, não colocar as aspas para frustrar esta expectativa, provocando um choque semântico, etc. Cada decodificação realizada pelo destinatário *reforça a conivência* entre os parceiros do discurso, visto que estão partilhando a mesma forma de se situar no interdiscurso. O risco permanente de um fracasso nesta decodificação representa todo o peso desta conivência, que se estabiliza nas fronteiras de uma formação discursiva. Considere-se este enunciado da imprensa do Partido Socialista unificado: "A mulher que interrompe uma gravidez não é uma "doente"[25]." J. Bastuji observa que a interpretação destas aspas "faz intervir um interdiscurso não especificado com julgamentos de saber implícitos. Dizer que a denegação de "doente" diz respeito à medicação/não medicação do aborto, consiste em conhecer a atualidade social, ideológica e técnica do problema. Dizer que "doente" também pode ser interpretado como "louco, irresponsável, alienado", consiste em registrar um uso lingüístico, mas também significa pensar na psiquiatria como prática ou ameaça social de isolamento e de rejeição[26]". O leitor encontra-se, pois, imerso em um interdiscurso, certamente vago, mas situado.

Conseqüentemente, reencontra-se, a propósito das aspas, as idéias sublinhadas no início deste livro: o texto não é um estoque inerte que basta segmentar para dele extrair uma interpretação, mas inscreve-se em uma cena enunciativa cujos lugares de produção e de interpretação estão atravessados por antecipações, reconstruções de suas respectivas imagens, imagens estas impostas pelos limites da formação discursiva.

A esta luz, pode-se considerar o exemplo de "interferência diatrópica", proposto no volume precedente[27]. Tratava-se de um artigo extraído de *Jours de France*[28] que se apresentava como a

reescritura de uma entrevista do P.D.G. * dos hipermercados "Carrefour", Marcel Fournier. Havíamos citado este texto porque ele colocava na boca do locutor palavras inglesas — *job* ou *business school;* mas deve-se também insistir sobre o fato de que estes termos são introduzidos *sem aspas* ou qualquer outra marca de distanciamento. O que significa que não são colocados como oriundos de um espaço diferente, a despeito das expectativas de um público que, em um texto deste gênero, está habituado a ver respeitadas as normas do uso. Uma tal transgressão só pode ser explicada pelo contexto: é preciso que, de uma forma ou de outra, esta heterogeneidade aparente participe do que o texto considera legitimamente seu.

Em um primeiro nível, encontramo-nos diante de um fenômeno de "ethos". O locutor é descrito como um homem de 59 anos que exerce pesadas responsabilidades. Ao empregar palavras em inglês e sem aspas, o locutor, homem maduro, vem autenticar sua alocução, a saber, que é preciso ter o espírito jovem para vencer, que é possível divertir-se ao negociar, etc. Processo de legitimação da cena enunciativa: M. Fournier é indicado para falar aos jovens pois é um deles. Em um segundo nível, esta ausência de aspas pode estar ligada ao próprio conteúdo do artigo: foi durante uma viagem aos Estados Unidos que M. Fournier idealizou os hipermercados; foi para lá também que seu filho partiu para iniciar-se no espírito da empresa. O espaço de origem dos termos anglo-saxões é, pois, duplamente tematizado no texto, pelo pai e pelo filho, e os dois traços que a eles estão ligados ("juventude" e "americanismo") estão destinados a estes homens exemplares. O filho de M. Fournier não é, pois, o quarto homem do "Carrefour" por ser o filho de seu pai, mas porque foi iniciado nos EUA, terra mítica para os que são filhos de suas obras... Dever-se-ia, igualmente, levar em conta a americanofilia de *Jours de France* para justificar esta heterogeneidade denegada: um artigo de jornal só pode ser lido em dois planos, como um texto e como um constituinte deste texto mais amplo, que é o conjunto do jornal.

* Abreviatura de Presidente-Diretor-Geral de uma empresa (N. do T.).

O METADISCURSO DO LOCUTOR

A heterogeneidade enunciativa não está ligada unicamente à presença de sujeitos diversos em um mesmo enunciado; ela também pode resultar da *construção pelo locutor de níveis distintos no interior de seu próprio discurso.* Reconhecer-se-á aí os múltiplos fenômenos que resultam das **glosas** que acompanham o que o locutor diz. Com efeito, em um enunciado, nem tudo é produzido sobre a mesma freqüência de onda: o dito é constantemente atravessável por um **metadiscurso** mais ou menos visível que manifesta um trabalho de ajustamento dos termos a um código de referência. Esta possibilidade de associar, a todo instante, na seqüência do discurso, os enunciados e seus comentários remete evidentemente à propriedade que as línguas naturais possuem de se descrever sem passar por um outro sistema semiótico. Do ponto de vista da AD, o metadiscurso do locutor apresenta um grande interesse, pois permite descobrir os "pontos sensíveis" no modo como uma formação discursiva define sua identidade em relação à língua e ao interdiscurso.

Como o mostra Andrée Borillo[29], é difícil definir o metadiscurso. Oscila-se constantemente entre uma definição estreita, próxima àquela da metalinguagem dos lógicos, e uma definição ampla que tende a dissolver o metadiscurso no discurso, por pouco que se concorde com Ducrot quando este afirma que "a partir do momento que falamos, falamos de nossa fala[30]". Por conveniência, contentar-nos-emos em assinalar aqui algumas manifestações particularmente claras sobre o fenômeno enunciativo, sem pretendermos nem rigor nem exaustividade. As classificações operatórias neste domínio são de ordem funcional, tão grande é a diversidade das estruturas lingüísticas que contribuem para este metadiscurso. Pode-se, assim, enumerar algumas rubricas:

— metadiscurso destinado a *construir uma imagem do locutor,* diferenciando-se eventualmente de uma outra: "para parecer erudito", "para falar como os políticos", etc.;

— *marcar uma inadequação dos termos:* "metaforicamente", "de alguma forma", "se é possível afirmar", etc.;

— *autocorrigir-se:* "ou melhor", "deveria ter dito", "olhe o que estou dizendo!", etc.

— *confirmar:* "é exatamente o que estou dizendo", etc.;

— *solicitar permissão* para empregar certos termos: "se você me permitir a expressão", etc.;

— *fazer uma preterição:* "eu ia dizer", "não direi", etc.;

— *corrigir antecipadamente* um possível erro de interpretação: "no sentido X da palavra", "em todos os sentidos da palavra", etc.

Nenhuma classificação deste assunto é satisfatória; uma classificação sintética [31] permanece muito abstrata e pouco utilizável, enquanto uma classificação detalhada se desdobra ao infinito. Na realidade, para a AD o que interessa, acima de tudo, é articular a função deste ou daquele marcador de metadiscurso com o micro e o macrocontexto nos quais intervém: uma operação metadiscursiva increve-se em uma interação rigorosa, reajustando a enunciação em função de coerções imediatas ou gerais, não sendo, em nenhum caso, gratuita.

De um ponto de vista ingênuo, o metadiscurso é apenas um conjunto de acréscimos contingentes destinados a retificar a trajetória da enunciação, colocá-la em conformidade com as intenções do locutor. A AD, em geral, lida com textos cuja produção é relativamente bem controlada, de forma que, com freqüência, *o metadiscurso mostra-se como tal*, a "derrapagem" verbal produz sentido. Longe de ser um procedimento para corrigir falhas da comunicação, ele constitui um sintoma e deve ser apreendido através deste estatuto; da mesma forma, os discursos podem opor-se, de modo significativo, pela quantidade, natureza e função de suas operações metadiscursivas.

Cada glosa apresenta-se, pois, como a exibição de um debate com as palavras, o qual se pretende exemplar; ela define para o co-enunciador o bom caminho através do rumor infinito dos signos da língua e do interdiscurso. O sujeito cuja imagem é construída pelas glosas é um sujeito que domina um discurso e *que oferece este domínio em espetáculo*. Como observa J. Authier [32], assiste-se, assim, à dupla afirmação da unidade da formação discursiva; em primeiro lugar, porque a glosa faz acreditar que é possível circunscrever a

indeterminação do discurso, o erro, o deslizamento, etc.; em segundo lugar, porque o encaminhamento a um exterior explicitamente especificado ou por especificar *determina* automaticamente, por diferença, um *interior*, o do discurso [33] que, ao significar seus pontos de divergência com seu exterior, marca seu território próprio em um campo onde a luta pela existência passa pelo domínio de um certo número de significantes. Através de seu poder metadiscursivo, o sujeito denega o lugar que lhe destina a formação discursiva em que se constitui: em lugar de receber sua identidade deste discurso, ele parece construí-la, ao tomar distância, instaurando ele mesmo as fronteiras pertinentes.

O metadiscurso se apresenta como um jogo com o discurso; na realidade, ele constitui um jogo *no interior deste discurso*. Presume-se, uma vez mais, que se possua uma concepção apropriada da discursividade: não um bloco de palavras e de proposições que se impõem maciçamente aos enunciadores, mas um dispositivo que abre seus caminhos, que negocia continuamente através de um espaço saturado de palavras, palavras outras.

A PARAFRASAGEM

Entre as operações metadiscursivas deve-se atribuir um lugar privilegiado à **parafrasagem** *. Desde seus inícios, a AD manteve uma relação essencial com a paráfrase; seja através do chamado método "harrisiano", seja através da "análise automática do discurso" de M. Pêcheux [34], partia-se do princípio que, em uma formação discursiva, o sentido é apreendido pelo deslizamento de uma fórmula à outra, no interior de classes de equivalência: "É preciso admitir, escreve Pêcheux, que palavras, expressões e proposições literalmente diferentes podem "ter o mesmo sentido" no interior de uma formação discursiva dada [35]". Este tipo de relações parafrásticas é construído pelo analista, após um trabalho de descontextualização das proposições, enquanto as paráfrases que nos interessam aqui são produzidas pelo próprio enunciador. Este último exerce sua capacidade metalingüís-

* Do francês *paraphrasage*, consiste na forma nominal que indica o ato, o processo envolvido na paráfrase, enquanto esta última remete ao produto acabado (N. do T.).

tica, realizando o que C. Fuchs chama de "metapredicações de identificação": *ça veut dire* [*isto quer dizer*], *autrement dit* [*dito de outra forma*], *il faut entendre par là* [*é preciso compreender através disso*] etc., que servem para identificar, no discurso, dois termos, X e Y, cuja equivalência não é instituída pela língua.

Diante da atividade de parafrasagem, a AD adota um ponto de vista que vai ao encontro das representações que os usuários fazem espontaneamente. Para estes últimos, parafrasear consiste em colocar-se em uma posição de exterioridade relativa face à seqüência de seu próprio discurso; nessa concepção "a presença de um marcador de reformulação parafrástico conduz à conclusão de que existem problemas ou obstáculos à comunicação. Por um lado, a reformulação parafrástica é um meio de superar estes obstáculos (...) em tudo o que depende da compreensão, das hipóteses dos interlocutores, quanto aos conhecimentos ou às capacidades intelectuais dos outros, as suposições que fazem sobre o conhecimento partilhado, etc.; por outro lado, existem problemas que resultam das relações que os interlocutores estabelecem entre si, das atitudes de um face ao outro, e das ameaças potenciais para suas faces positivas ou negativas que qualquer ato comunicativo constitui [37]". Esta imagem de um falante que constrói estratégias para vencer obstáculos não é pertinente para a AD, a qual articula a parafrasagem às coerções de uma formação discursiva e não à confrontação psicológica de dois indivíduos. A parafrasagem aparece em AD como uma tentativa para controlar em pontos nevrálgicos a polissemia aberta pela língua e pelo interdiscurso. Fingindo dizer diferentemente a "mesma coisa" para restituir uma equivalência preexistente, a paráfrase abre, na realidade, o bem-estar que pretende absorver, ela define uma rede de desvios cuja figura desenha a identidade de uma formação discursiva.

Quando François Mitterrand, buscando defender a política de rigor de seu Primeiro-Ministro, Laurent Fabius, lembra a necessidade de "um crescimento sadio, *isto é*, um crescimento sem inflação e ancorado sobre um aparelho modernizado e fortalecido de produção [38]", ele bloqueia a infinitude de possíveis interpretações de *sadio*, fornecendo um equivalente que, em vez de explicitar um sentido unívoco, garantido por algum saber econômico, o constrói em sua enunciação. Poder-se-ia objetar que isto ocorre por ser *sadio* um adjetivo avaliativo cuja significação está disponível para os mais variados investimentos. Na realidade, nenhuma parafrasagem é discursivamente

neutra: até mesmo uma paráfrase como "a democracia, que significa o governo pelo povo" não reproduz um sentido contido em algum dicionário absoluto. Esta fórmula intervém, com efeito, em um momento definido de uma argumentação, em uma cena enunciativa e uma formação discursiva particulares, entra em uma rede de outras fórmulas reivindicadas ou rejeitadas ("a democracia é a liberdade de iniciativa" ou "a segurança para todos", etc.), em suma, ela é um fato discursivo, com tudo o que isto implica.

Remetendo ao código lingüístico e/ou ao saber que ela presume, a paráfrase coloca aquele que a ela recorre em posição de enunciador "autorizado", capaz de dominar os signos. Enquanto o enunciador comum contenta-se em dizer, aquele que pode lembrar o que as palavras significam e retornar ao fundamento se apresenta como o que tem acesso, ultrapassando as armadilhas e as imperfeições da linguagem, a este lugar onde o discurso reencontraria a própria coisa.

O DISCURSO INDIRETO LIVRE

Até aqui, consideramos fenômenos cuja heterogeneidade enunciativa estava associada a marcas claras, lingüísticas ou tipográficas. Porém, nem sempre é assim, pois a *heterogeneidade por vezes deve ser reconstruída* a partir de índices variados; é o caso, particularmente, do **discurso indireto livre** ou da **ironia,** que examinaremos a seguir.

Já faz um bom século que o discurso indireto livre fascina lingüistas e literatos [39]. Suporemos conhecidos seus traços essenciais para examinar seu caráter polifônico. Fora de contexto, nada permite conferir, com segurança, a um enunciado o estatuto de discurso indireto livre; isto está ligado à propriedade notável que possui de relatar alocuções fazendo ouvir *duas vozes* diferentes inextricavelmente misturadas, para retomar os termos de Bakhtin ou, dois "enunciadores", segundo palavras de Ducrot. O discurso indireto livre se localiza precisamente nos deslocamentos, nas discordâncias entre a voz do enunciador que relata as alocuções e a do indivíduo cujas alocuções são relatadas. O enunciado *não pode ser atribuído nem a um nem ao outro*, e não é possível separar no enunciado as partes que dependem unívocamente de um ou de outro.

J. Authier, que muito contribuiu para que uma tal concepção prevalecesse, cita este exemplo significativo, extraído de uma discussão entre o encenador Marcel Bluwal e o escritor Bernard Pingaud:

"*M. Bluwal:* Lembro-me que, em 68, exatamente, para retomar o exemplo de 68, um certo número de valores tradicionais foram jogados ao lixo, e surpreendi-me com o lado não dialético dessa atitude. Ela foi puramente moral: *os valores poluídos pela burguesia deviam ser rejeitados* (...). Dizíamos, nós, que gerar valores culturais, é também transformá-los, desde que o sistema social mude (...)".

B. Pingaud objeta então a M. Bluwal que não é muito "dialético lembrar valores eternos, objetivos, que um determinado grupo social teria maculado"; a isto, Bluwal replica: "Estou absolutamente de acordo com Pingaud e digo-o de imediato, tanto é assim que empreguei uma linguagem entre aspas que não era minha [40]".

Retirado de seu contexto, não seria possível interpretar o fragmento sublinhado como discurso indireto livre; é esta ausência de marcas explícitas que explica o erro de Pingaud. É o contexto imediato (a presença de uma alusão à condenação de certos valores, a oposição assinalada por "dizíamos, nós..." bem como o que se sabe sobre as posições de Bluwal que permitem vislumbrar, eventualmente, a presença de uma outra voz.

IRONIA

Se o discurso indireto livre institui um jogo na fronteira entre discurso citado e discurso que cita, a ironia *subverte a fronteira entre o que é assumido e o que não o é pelo locutor*. Enquanto a negação pura e simplesmente rejeita um enunciado, utilizando um operador explícito, a ironia possui a propriedade de poder rejeitar, sem passar por um operador desta natureza. Vimos, acima, que o "locutor" coloca em cena um "enunciador" que adota uma posição absurda e cuja alocução não pode assumir: esse distanciamento é marcado por diferentes índices: lingüísticos, gestuais, situacionais.

A partir daí, pode-se compreender as dificuldades colocadas pela transcrição da ironia, pois não é possível recorrer à entonação ou à mímica para desvendá-la. Torna-se obrigatória, então, a diversificação dos meios utilizados: caráter hiperbólico do enunciado, explicitação de uma entonação ("diz ele ironicamente"), aspas, ponto de exclamação, reticências. Na ausência destes índices, resta apenas confiar no contexto para nele recuperar elementos contraditórios. C. Kerbrat-Orecchioni cita este fragmento de um artigo de crítica teatral: "As duas jovens fundam, com algumas revoltadas, um jornal, "Femmes en colère". O amor conduz, uma e outra, às mais sadias concepções de sua feminilidade [41]". O contexto indica que o jornalista se distancia ironicamente na segunda frase mas, sem levar em conta as opções ideológicas do próprio jornal, tal fato seria indeterminável.

Os problemas ligados à identificação da ironia nada têm de acessório: efetivamente, é da essência da ironia suscitar a ambigüidade e, com freqüência, a interpretação não consegue resolvê-la. Assim, o famoso texto de Montesquieu sobre a escravatura ("Os povos da Europa, tendo exterminado os da América, precisaram escravizar os da África, para conseguirem desbravar tantas terras. O açúcar seria demasiadamente caro se o cultivo da planta que o produz não fosse feito por escravos [42]"), não foi percebido como irônico pelo *Dictionnaire portatif de commerce* (1762), como assinalaram S. Delesalle e L. Valensi.

A ironia é um fenômeno sutil, passível de análises divergentes [44] e cuja extensão é difícil de circunscrever, por menos que nos afastemos de exemplos simples (particularmente, não é possível considerar antifrásticos todos os enunciados que, de hábito, são taxados de "irônicos"). Não entraremos aqui neste debate [45], por preferirmos insistir na *função* da ironia.

É conveniente jamais perder de vista que a ironia é um *gesto* dirigido a um destinatário, não uma atividade lúdica, desinteressada. A maior parte dos analistas preferem vê-la como um gesto agressivo; outros, como A. Berrendonner [46], consideram-na, sob este ponto de vista, como um gesto neutro e até mesmo uma atitude defensiva, destinada a desmontar certas sanções ligadas às normas da instituição da linguagem.

Para Berrendonner, a atividade lingüística submete-se a vários tipos de normas (não falar sozinho, não injuriar, não ser incompreensível, etc.) e estas normas ficam, de alguma forma, suspensas se um dos interlocutores as infringe: o outro tem, então, o direito de fazer o mesmo. O interesse estratégico da ironia reside no fato de que ela permite ao locutor escapar às normas de coerência que toda argumentação impõe: o autor de uma enunciação irônica produz um enunciado que possui, a um só tempo, dois valores contraditórios, sem, no entanto, ser submetido às sanções que isto deveria acarretar. A ironia parece então "uma armadilha que permite frustrar o assujeitamento dos enunciadores às regras da racionalidade e da conveniência públicas [47]".

Qualquer que seja a pertinência das teorias gerais sobre a ironia, estas não bastam aos analistas do discurso, pois *eles lidam com usos específicos* deste mecanismo e deles devem dar conta. Retomando o exemplo das *Provinciales* de Pascal, anteriormente examinado, o caráter agressivo ou defensivo da ironia passa para segundo plano; o recurso sistemático à ironia permite efetivamente resolver um problema estrutural: como dirigir-se simultaneamente, com os mesmos enunciados, a dois destinatários (ao jesuíta e às pessoas piedosas) que o texto opõe? Isto, aliás, não impede, de forma alguma, que as dimensões ofensiva e defensiva da ironia se exerçam: por um lado, a ironia desqualifica, ridiculariza o jesuíta, que se revela excessivamente estúpido para ultrapassar o sentido literal; por outro lado, o caráter irônico dos enunciados torna verossímil o fato deste jesuíta não romper jamais o diálogo, não podendo apanhar seu interlocutor em flagrante delito de zombaria a seu respeito.

AUTORIDADE, PROVÉRBIO, SLOGAN

Os fenômenos enunciativos em que o locutor profere falas pelas quais não se responsabiliza não dizem respeito apenas à rejeição. A distância assim estabelecida também pode marcar a adesão, como foi visto a propósito da **citação de autoridade,** onde o "locutor" se apaga diante de um "Locutor" superlativo que garante a validade da enunciação. Geralmente, tratam-se de enunciados já conhecidos por uma coletividade, que gozam o privilégio da intangibilidade: por essência, não podem ser resumidos nem reformulados, constituem a própria

Palavra, captada em sua fonte. "Os comentários, análises, glosas que elas provocam não o esgotam. É preciso sempre partir dela e a ela retornar [48]". Produzindo uma frase do Evangelho, por exemplo, sem indicar sua proveniência, um autor religioso faz expressar-se, por seu intermédio, uma voz da qual seria apenas o suporte contingente. As coletividades supostas pelas formações discursivas *partilham um tesouro de enunciados fundadores,* cuja figura extrema será o slogan, a divisa. Se não é necessário indicar-lhe a fonte, é justamente porque este nome é o nome do Ausente supremo, aquele sem o qual a coletividade que partilha o discurso não existiria ou não seria o que ela é. É, aliás, uma das características que distinguem as "autoridades" próprias a uma formação discursiva, daquelas a que recorremos nas trocas cotidianas. O raciocínio por autoridade repousa sobre o seguinte princípio: "partindo-se de um fato "X disse [=assertou] que P" e, com base na idéia de que X ("que não é um imbecil") muito provavelmente não se enganou ao dizer o que disse, é possível concluir sobre a verdade ou a verossimilhança de P. A fala de X, fato entre outros fatos, é, dessa forma, tomada como o índice da verdade de P [49]". Mas, para uma formação discursiva dada, X não pode ser qualquer um; existem coerções muito fortes que pesam sobre sua identidade, coerções estas que, como vimos, remetem aos próprios fundamentos desta formação discursiva [50].

Quando a citação de autoridade chega ao estatuto de *slogan,* do ponto de vista pragmático, adquire novas propriedades, sobretudo a de estar essencialmente ligada à ação: o slogan, a um só tempo, "impulsiona e engana" ["*fait marcher*"], ele está ligado a práticas. Se ele "consegue dar a seu destinatário a ilusão de ser seu destinador [51]", isto ocorre em função de que ele presume a ausência de um enunciador, tal como ocorre nas citações de autoridade, ausência esta que se volta para o lugar que pode e deve ser ocupado por qualquer enunciador.

Considerado sob este ângulo, o *provérbio* representa um enunciado limite: o "locutor" autorizado que o valida, em lugar de ser reconhecido apenas por uma determinada coletividade, *tende a coincidir com o conjunto de falantes da língua,* estando aí incluído o indivíduo que o profere. Este último toma sua asserção como o eco, a retomada de um número ilimitado de enunciações anteriores do mesmo provérbio. Verdades imemoriais por definição, os provérbios, com muita justiça, fazem parte do dicionário de língua. Não é possível, em

sentido estrito, citar um provérbio, relatá-lo; pode-se apenas referi-lo a um Outro absoluto no qual estaríamos incluídos por direito [52].

IMITAÇÃO

Entre os fenômenos de heterogeneidade, a **imitação** ocupa um lugar importante, representando uma de suas manifestações mais visíveis; há muito tempo que a retórica a codificara em torno da noção de paródia. Mas este último termo é utilizado de modo depreciativo, enquanto a imitação de um gênero de discurso pode assumir dois valores opostos: a **captação** e a **subversão.** Realmente, quando um falante se apaga por trás do "locutor" de um gênero determinado de discurso, e mostra que o faz, poderá pretender beneficiar-se da autoridade ligada a este tipo de enunciação ou arruiná-la. No primeiro caso, quando há "captação", a imitação incide sobre a estrutura explorada e, no segundo caso, quando há "subversão", a desqualificação desta estrutura ocorre no próprio movimento de sua imitação. A subversão parece próxima da ironia; no entanto, seus objetivos são nitidamente distintos: enquanto a ironia, de forma paradoxal, anula o que enuncia no próprio ato de enunciar, a subversão mantém uma distância entre duas fontes de enunciação, que ela hierarquiza. Entretanto, da mesma forma que a ironia, a subversão pode não ser percebida como tal; neste caso, resta apenas uma única fonte enunciativa.

A noção de imitação precisa ser melhor especificada; um gênero de discurso, como já vimos, não é apenas um conjunto de propriedades textuais, pois estas últimas estão ligadas a condições de enunciação de diferentes ordens, desde o estatuto do enunciador até o ethos (Cf. Cap. I, 1). Além disso, a imitação pode incidir *sobre um gênero,* isto é, produzir enunciados que não remetem a nenhum texto autêntico, conhecido pelos destinatários, ou *sobre um texto particular* e, neste caso, evidentemente, também absorve as coerções do gênero ao qual o texto pertence. Obtém-se, assim, quatro casos de figuras extremas:

a) captação de um gênero;

b) captação de um texto singular e de seu gênero;

c) subversão de um gênero;

d) subversão de um texto singular e de seu gênero.

Examinaremos dois exemplos, correspondentes às alíneas *b* e *c*.

No primeiro, trata-se de um texto que se apresenta como uma captação das *Provinciales.* Consiste em uma série de quatro fascículos editados pela "Ação francesa [53]" no momento de sua condenação pelo Vaticano, em 1926. Manifestando claramente sua relação de captação, o fascículo n.º 1, por exemplo, inicia por uma "Lettre d'un provincial à un de ses amis docteur en Sorbonne à Paris" ["Carta de um provincial a um de seus amigos, doutor pela Sorbonne, em Paris"], seguida de uma "Réponse du Parisien au provincial". ["Resposta do parisiense ao provincial"], etc. Em uma perspectiva de AD, não é suficiente dizer que a Ação francesa "utiliza", por comodidade, um texto de prestígio para melhor se fazer ouvir. Na realidade, esta captação é significativa: o desdobramento da cena enunciativa explica-se pelo cuidado em se apoiar sobre uma "cena fundadora", compatível com a semântica desta formação discursiva.

Procedendo a esta imitação, a Ação francesa identifica-se à situação de Port-Royal, também condenado por uma Igreja católica cuja pureza de doutrina e tradição pensava defender. Esta identificação diz respeito, igualmente, a enunciadores e destinatários: estes fascículos reivindicam a mesma população enunciativa das *Provinciales,* ou seja, "pessoas de bem" dirigindo-se a "pessoas de bem", passando por cima das intrigas dos meios eclesiásticos e políticos. Mas o código utilizado também é envolvido: a Ação francesa apresentou-se, constantemente, através da própria produção (seu estilo e suas idéias), como defensora da *língua clássica do século XVII, tida como capaz de encarnar as* virtudes autênticas do espírito e da civilização francesa. Ora, as *Provinciales* constituem justamente um dos monumentos mais prestigiosos desta língua clássica. Enfim, em um nível mais fundamental, existe uma afinidade semântica entre as formações discursivas do jansenismo e da Ação francesa: ambas recusam qualquer aliança entre dois termos que consideram inconciliáveis, "Deus" e "o mundo", por um lado, "a ordem" (monárquica ou eclesiástica) e a "democracia", por outro. Isto leva-as a rejeitar violentamente as figuras que tentam unir os opostos: os casuístas e os jesuítas para os jansenistas; os democratas cristãos, para a Ação francesa.

Vê-se que a captação das *Provinciales* diverge muito de um procedimento retórico; trata-se da construção, através da própria enunciação, de uma cena de legitimação. Dessa forma, o discurso jansenista, que anteriormente se apoiara sobre a "lenda" da Igreja primitiva, é

transformado, por sua vez, em lenda pela enunciação de uma outra formação discursiva...

Para exemplificar a *subversão de um gênero*, veja-se em Voltaire, a narrativa da aparição de São Cucufin [54]. Neste panfleto, destinado a lutar contra a proibição do trabalho dominical feita pela Igreja, o autor adota uma estratégia subversiva já que ataca "internamente" o discurso religioso. Para tanto, submete-se às coerções genéricas das narrativas de milagres associados à vida de santos. Narra, pois, a aparição de São Cucufin que veio ensinar a doutrina dos filósofos aos capuchinhos enfurecidos com um camponês que trabalha no domingo:

> "Irmão Anjo, diz ele ao guardião, acalma teu santo zelo; de forma alguma deves quebrar o semeador deste bom homem; em teu país, os pobres não têm pão; ele trabalha para os pobres após ter assistido à Santa Missa. É um bom trabalho; já discuti a esse respeito com St. Loup, o padroeiro da cidade; vai e dize ao bispo que, em minha opinião, cultivar a terra é a melhor forma de honrar os santos".

O mecanismo da subversão é claro aqui: as condições genéricas são respeitadas, mas o texto as desqualifica em sua própria enunciação, já que é a doutrina de um homem das "Luzes" — homem cujo lugar enunciativo pressupõe exatamente a impossibilidade destas narrativas de milagres — que sai fortalecida. Por um lado, a imitação arruína o gênero "narrativas de milagres", e, com ele, o conjunto de suas condições de possibilidade; por outro lado, legitima, através disso, sua própria posição de enunciação. A subversão, o reviramento do texto sobre ele mesmo, podem ser lidos neste processo em que as afirmações de São Cucufin coincidem com a posição oculta, a do parodiador. Absolutamente significativo o jogo de substituição instaurado pelo discurso do iluminismo que pretende, não sem ambigüidade, substituir a autoridade do dogma pela da Razão, a dos padres "obscurantistas" pela dos filósofos [55].

PASTICHE E FORMAÇÃO DISCURSIVA

A imitação não é um fenômeno periférico; na realidade, através desta questão, pode-se analisar um fato tão crucial quanto evidente: os

sujeitos reconhecem e produzem enunciados que pertencem a esta ou aquela formação discursiva.

Não basta constatar que um conjunto de textos, com base em certas hipóteses, podem ser dispostos em uma mesma formação discursiva; seria igualmente necessário compreender como, em determinado lugar, uma população de autores pôde produzir enunciados similares, partilhar um conhecimento tácito das fronteiras de uma formação discursiva, sabendo o que pode ou não ser dito aí. Trata-se de saber se esta "imitação" é o resultado de uma espécie de impregnação passiva, lenta, que desencadeia a repetição de diversas dimensões da discursividade, ou se isto ocorreu pelo acesso a um sistema de princípios dotado de uma grande generalidade que permitiria produzir e interpretar enunciados inéditos em situações inéditas como dependentes do "mesmo" discurso. De acordo com a maneira que formulamos esta questão, isto é, fazendo alusão a uma abordagem gerativista, vê-se que ela leva a questionar se não seria útil postular a existência de uma espécie de "competência discursiva", a qual não teria, aliás, nenhuma razão para assemelhar-se à da língua natural.

Sobre este ponto, o modelo que nos oferece a prática do **pastiche** pode ajudar-nos a refletir. O pastiche distingue-se, em princípio, da paródia dado que o pastiche ideal é falso; ele deveria poder figurar entre as obras do corpus que imita. Para preservar o afastamento entre as duas fontes enunciativas, isto é, para que o pastiche seja reconhecido como tal, seu autor é levado, freqüentemente, a introduzir índices de distanciamento (aumentando os efeitos, por exemplo). Ora, a própria possibilidade do pastiche, o fato de poder produzir novas obras do mesmo tipo a partir do conhecimento de algumas, supõe uma certa "competência", a interiorização das regras que governam este gênero. Considerando a complexidade dos fatores que intervêm em um discurso, o produtor de pastiches não é capaz de explicitar as regras que interiorizou, mas a facilidade com que pôde fazê-lo mostra que elas muito provavelmente se articulam em um sistema bastante simples. A situação dos sujeitos de uma formação discursiva é, *mutatis mutandis*, comparável à do produtor de pastiches, com a diferença, entretanto, de não precisar ser dotado de dons miméticos particulares [56].

Assim, à medida que os conjuntos textuais com que a AD lida presumem a existência de uma classe de enunciadores que, neste lugar

de enunciação, revelam-se substituíveis, atinge-se uma polifonia totalmente radical em *que um sujeito encerra em seu interior o ON que sustenta sua formação discursiva.*

---

1. Termo utilizado por J. Authier ("Hétérogénéité montrée et Hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours", *DRLAV*, n.º 26, 1982, p. 91-151).

2. A formulação da teoria polifônia evoluiu em Ducrot; seguimos aqui a mais recente. "Esquisse d'une théorie polyphonique de l'énonciation", in *Le dire et le dit*, Paris, Éditions de Minuit, 1984, p. 171-233. (Ed. bras.: "Esboço de uma Teoria Polifônica da Enunciação", in *O dizer e o dito*, Campinas, Pontes Editores, 1987, p. 161-218).

3. Encontrar-se-á uma exposição sucinta da teoria de Culioli, acompanhada de uma bibliografia no artigo de C. Fuchs "Le sujet dans la théorie énonciative d'Antoine Culioli: quelques repères" in *DRLAV*, n.º 30, 1984, p. 45-53; neste mesmo número, J. Simonin trata diretamente destes problemas de polifonia em um quadro culioliano ("De la nécessité de distinguer énonciateur et locuteur dans une théorie énonciative", p. 55-62. (O texto de C. Fuchs foi traduzido para o Port., com o título de "O sujeito na teoria enunciativa de A. Culioli: algumas referências" e publicado em *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n.º 7, IEL-UNICAMP, 1984, p. 77-85).

4. Paris, Garnier, 1965, p. 142.

5. Sobre esse aspecto ver *Initiation aux méthodes de l'analyse du discours*, p. 133-138.

6. "Le fantôme de la vérité, questions sur l'assertion" (1976), retomado em *Éléments de pragmatique linguistique*, Paris, Éditions de Minuit, 1981, p. 33-70.

7. "Déambulation en territoire aléthique", in *Stratégies discursives*, Presses Universitaires de Lyon, 1978, p. 56.

8. Op. cit., p. 61.

9. Uma exposição mais pormenorizada sobre a pressuposição nos desviaria de nosso propósito, centrado sobre a heterogeneidade enunciativa. É preciso, entretanto, assinalar que Ducrot reformulou a teoria da pressuposição apresentada em *Dire et ne pas dire (Princípios de semântica lingüística)* e resumida em *Initiation aux méthodes de l'analyse du discours* (p. 133 e seg.). Com efeito, ele admite que, além dos pressupostos ligados à "frase", independentemente do contexto, existem outros que resultam dos encadeamentos textuais. Isto amplia a definição de modo decisivo: de ora em diante, os pressupostos de um enunciado são "as indicações que traz consigo, mas sobre as quais o enunciador não quer (= simula não querer) fazer incidir o encadeamento" ("Presupposés et sous entendus" in *Stratégies discursives*, Presses Universitaires de Lyon, 1978, p. 39). (Ed. bras.: "Pressupostos e subentendidos (Reexame)", in *O dizer e o dito*, Campinas, Pontes Editores, 1987, p. 31-43).

10. S. Meleuc, "Structure de la maxime", in *Langages*, n.º 13, 1969, p. 96. Sobre as Máximas de La Rochefoucauld, ver também "Introduction à l'analyse sémiologique des *Maximes* de La Rochefoucauld" de J. M. Martin e Jean Molino, in *La logique du plausible*, Paris, Éd. de La Maison des Sciences de l'Homme, 1981, p. 147-236.

11. Ver Ducrot *Dire et ne pas dire*, Paris, Hermann, 1972, p. 38. (Trad. bras.: *Princípios da Semântica Lingüística: dizer e não dizer*, São Paulo, Cultrix, 1977) e *La preuve et le dire*, Paris, Mame, 1973, p. 117-131. (Trad. bras.: *Provar & dizer*, São Paulo, Global, 1981).

12. *Dire et contredire, pragmatique de la négation et acte de réfutation dans la conversation*, Berne, Peter Lang, 1982, p. 87-103.

13. *Le dire et le dit*, p. 216-218.

14. Esta noção de delocutividade vem de E. Benveniste: "Les verbes délocutifs", in *Problèmes de linguistique générale*, p. 277-285. (Trad. bras.: *Problemas de lingüística geral I*, 2.ª ed., Campinas, Pontes Editores, 1988).

15. *"Négation métalinguistique et négation métalinguistique"*, in *Sémantikos*, v. 2 (1), 1977.

16. Ver em particular "Le style narratif et la grammaire des discours direct et indirect", in *Change*, n.ºs 16-17, Paris, Le Seuil, 1973 e J. Authier, "Les formes du discours rapporté", in *DRLAV*, Université de Paris VIII, n.º 17, 1978, p. 1-88.

17. Esta questão foi tratada em *Initiation aux méthodes d'analyse du discours*, p. 123-127.

18. "Le fantôme de la vérité", in *Linguistique et Sémiologie*, n.º 4, 1976, Presses Universitaires de Lyon, p. 136.

19. "Déambulation en territoire aléthique", in *Stratégies discursives*, p. 60-61.

20. Questão retomada um pouco mais adiante neste capítulo.

21. "Exercices sur les verbes de communications", in *Pratiques*, n.º 9, 1976.

22. "Je trouve que", in *Sémantikos*, 1975, v. 1, n.º 1, p. 63 e seg. A propósito de *Je pense, Je crois*, ver também A. M. Diller, "Analyse sémantique et pragmatique des phrases disloquées", in *Sémantikos*, v. 6, n.ºs 1-2, 1983.

23. *Le Nouvel Observateur*, n.º 688, p. 60.

24. Sobre este assunto ver "Paroles tenues à distance" de J. Authier, in *Matérialités discursives*, Presses Universitaires de Lille, 1981.

25. *Tribune Socialiste*, 1977; citado por J. Bastuji, "Sémantique, pragmatique et discours", *Linx*, Paris X — Nanterre, n.º 4, 1981, I. p. 11.

26. Ibidem.

27. *Initiation aux méthodes de l'analyse du discours*, p. 122-123.

28. Este pequeno artigo de J. Grandmougin, "Les gens qui prennent des risques ne s'ennuient jamais" ("As pessoas que se arriscam jamais se entediam"), publicado na seção "Feu vert pour les jeunes" ("passagem livre para os jovens"), desenvolve-se sob uma epígrafe de Marcel Dassault: "Il n'est pas nécessaire d'hériter pour réussir, il suffit de persévérer" (Não é preciso herdar para vencer, basta perseverar).

29. "Discours ou métadiscours", in *DRLAV*, n.º 32, 1985, p. 47-61.

30. *Les mots du discours*, Paris, Éditions de Minuit, 1980, p. 40.

31. A. Borillo propõe uma classificação em seu art. cit., p. 50.

32. "Hétérogénéité(s) énonciative(s)", in *Langages*, n.º 73, 1984, p. 105.

33. Ibidem.

34. Ver *Initiation aux méthodes de l'analyse de discours*, p. 65-98.

35. *Les vérités de la Palice*, Paris, Maspéro, 1975, p. 145. (Trad. bras.: *Semântica e Discurso — uma crítica à afirmação do óbvio*, Campinas, Ed. da Unicamp, 1988).

36. "La paraphrase entre la langue et le discours", in *Langue française*, n.º 53, 1982. Sobre este assunto, do mesmo autor, *La Paraphrase* (Paris, PUF, 1981), bem como "Paraphrase et métalangue dans le dialogue de vulgarisation" (*Langue française*, n.º 53, 1982), de M. F. Mortureux e "Les marqueurs de la reformulation paraphrastique" de E. Gülich e T. Kotschi (*Cahiers de linguistique française*, n.º 5, 1983).

37. E. Gülich e T. Kotschi, art. cit., p. 335.

38. Citado no *Le Monde* de 8-2-1985, p. 8.

39. Entre as contribuições recentes, pode-se citar a de A. Banfield ("Où l'épistémologie, le style et la grammaire rencontrent l'histoire littéraire: le développement de la parole et de la pensée représentées", in *Langue française*, n.º 44, 1979, p. 9-26); de M. Plénat ("Sur la grammaire du style indirect libre", in *Cahiers de grammaire*, Université de Toulouse — Le Mirail, I, 1979, p. 95-137); de J. Authier ("Les Formes du discours rapporté") in *DRLAV*, Université de Paris VIII, n.º 17, p. 1-88); de B. Cerquiglini ("Le style indirect libre et la modernité"); de L. Danon — Boileau e J. Bouscaren ("Pour en finir avec Procuste", in *Langages*, n.º 73, 1984).

40. J. Authier, "Les formes du discours rapporté", p. 84. A citação foi retirada de *Morale et Societé — Semaine de la pensée marxiste*, Éd. Sociales, 1974, p. 175 e 186.

41. "Problèmes de l'ironie", in *L'ironie*, Presses Universitaires de Lyon, 1978, p. 28. Trata-se de um artigo de J. Siclier publicado no *Le Monde de* 4-3-1974.

42. *De l'esprit des lois*, XV, 2.

43. "Le mot "nègre" dans les dictionnaires français d'Ancien Régime", *Langue française*, n.º 15, 1972, p. 103.

44. Na literatura francesa recente conta-se, pelo menos, quatro análises diferentes: (1) D. Sperber e D. Wilson ("Les ironies comme mentions", *Poétique*, n.º 36, 1978); (2) C. Kerbrat-Orecchioni ("L'ironie comme trope", *Poétique*, n.º 41, 1980); (3) A. Berrendonner que nela vê uma enunciação paradoxal onde "o que o enunciado diz é o contrário do que diz a enunciação" (*Éléments de pragmatique linguistique*, p. 222); (4) e a análise polifônica de Ducrot.

45. Muito bem resumido no artigo de B. Basire "Ironie et Métalangage", in *DRLAV*, n.º 32, 1985.

46. Op. cit., p. 224 e seg.

47. Op. cit., p. 239.

48. B. Gardin, "Discours politique et expressivité", in *Néologie et Lexicologie*, Paris, Larousse, 1979, p. 117.

49. O. Ducrot, "L'argumentation par autorité", in *L'argumentation*, Presses Universitaires de Lyon, 1981, p. 25.

50. Não desenvolvemos aqui a interessante e sutil diferença feita por Ducrot entre duas formas de argumentação por autoridade, "o raciocínio por autoridade" e "a autoridade polifônica", sendo a segunda uma necessidade constitutiva de toda fala e a primeira, um procedimento acrescentado. (O artigo "L'argumentation par autorité" foi retomado em *Le dire et le dit*, cap. VII — O referido artigo está publicado em *O dizer e o dito*, com o título de "A argumentação por autoridade", Pontes Editores, 1987).

51. O. Reboul, *Le Slogan*, Bruxeles, Ed. Complexe, 1975, p. 24.

52. Sobre o provérbio ver A. Gresillon e D. Maingueneau, "Polyphonie, proverbe et détournement" (*Langages*, n.º 73, março, 1974) bem como o n.º 163 (1976) da *Revue des sciences humaines*, inteiramente consagrado a esta questão.

53. Fundado no fim do século XIX por Charles Maurras, este movimento monarquista exercen uma influência considerável sobre a vida política e intelectual francesa até a segunda Guerra Mundial. Os fascículos chamam-se *Rome et l'Action française*, Paris, Éd. Régionales, 1927.

54. Texto de 1769, reproduzido no *XVIII.e Siècle*, de A. Lagarde e L. Michard, Bordas, 1965, p. 184. O irmão Cucufin foi realmente canonizado em 1766.

55. Em seu artigo "Discours biblique, discours politique chez Heine: tradition ou subversion" (*Mots*, n.º 2, Março, 1981, p. 35-50), A. Gresillon e M. Werner mostram como um autor, pertencente à mesma tradição política de Voltaire, oscila entre a captação e subversão do discurso religioso: será necessário transformar o discurso liberal na nova Bíblia ou subverter o discurso bíblico?

56. Este problema é desenvolvido mais sistematicamente em nosso livro *Genèses du discours*, cap. 2.

2.

DO DISCURSO AO INTERDISCURSO

No capítulo anterior, examinamos algumas formas que podem ser mobilizadas por um discurso para marcar sua relação com o que ele considera seu "exterior". Entretanto, não é suficiente identificar diversas formas de rompimento no tecido de uma formação discursiva, pois é também em um nível **constitutivo** que esta se relaciona com o interdiscurso. Não se trata, contudo, de absorver os discursos em algum interdiscurso indiferenciado, mas de avançar na reflexão sobre a *identidade* discursiva.

As recentes pesquisas sobre o texto giram constantemente em torno desta questão. Pode-se ler aí uma reação frente ao estruturalismo, cuja tendência era fechar os discursos sobre eles mesmos. No domínio da semiótica literária, por exemplo, vê-se Gérard Genette colocar em primeiro plano o que chama de "arquitextualidade", ou seja, relações intertextuais [1] e interessar-se particularmente pelos fenômenos de "hipertextualidade", isto é, por "toda relação que une um texto B (hipertexto) a um texto anterior A (hipotexto) sobre o qual se implanta de modo diverso ao do comentário [2]". Atesta igualmente este movimento, a descoberta dos trabalhos do "círculo de M. Bakhtin [3]" que fazem do "dialogismo", da relação com o Outro, o fundamento de toda discursividade e recusam-se a considerar a constituição dos falantes independentemente deste dialogismo generalizado.

Mas afirmar o primado do interdiscurso sobre o discurso constitui uma tomada de posição cujas implicações, finalmente, permanecem muito pouco especificadas. *A priori*, pode haver várias formas de privilegiar o interdiscurso e não se deve esperar que todas as abordagens sejam semelhantes. Se elas convergem, é essencialmente pelo fato de

que se opõem a uma certa concepção do discurso que prevalecia na AD anterior. Nas páginas que seguem, deter-nos-emos sobre duas destas abordagens, muito diferentes, como se verá, tanto em suas formulações, como em seus objetivos.

A REDE DE FORMULAÇÕES

Começaremos por lembrar a pesquisa de J. J. Courtine, que presume uma reflexão sobre a identidade das formações discursivas [4]. Em um artigo escrito com J. J. Marandin [5], ele critica a vontade de "apreensão do idêntico" que animava a AD. De fato, considerando-se o método mais utilizado, a análise impropriamente chamada de "harrisiana [6]", este pode ser lido, em cada uma de suas etapas, como um projeto de eliminação sistemática de toda forma de heterogeneidade:

1) supõe a existência de *um* discurso homogêneo e sobre esta base constitui um corpus tão exaustivo quanto possível;

2) extrai deste corpus seqüências organizadas em torno de unidades lexicais-pivôs, o que torna o corpus ainda mais homogêneo;

3) por fim, reforça esta homogeneidade, reduzindo a diversidade das estruturas sintáticas a esquemas elementares (uma construção enfática, por exemplo, será transformada em uma estrutura "neutra").

Esta filtragem tríplice desemboca no que os autores chamam de "malogro da heterogeneidade", que vem acompanhada por uma interpretação inadequada da noção de formação discursiva. De fato, uma formação discursiva não deve ser concebida como um bloco compacto que se oporia a outros (*o* discurso comunista contra *o* discurso democrata-cristão, por exemplo), mas como uma realidade "heterogênea por si mesma":

> "O fechamento de uma formação discursiva é fundamentalmente instável, não se constituindo em um limite que, por ser traçado de modo definitivo, separa um interior e um exterior, mas inscrevendo-se entre diversas formações discursivas, como *uma fronteira que se desloca* em função dos embates da luta ideológica [7]".

O que está em questionamento aqui é exatamente a relação com o interdiscurso; é preciso definir uma formação discursiva a partir de seu interdiscurso, e não o contrário:

> "O interdiscurso consiste em um processo de *reconfiguração incessante* no qual uma formação discursiva é levada (...) a incorporar elementos pré-construídos, produzidos fora dela, com eles provocando sua redefinição e redirecionamento, suscitando, igualmente, o chamamento de seus próprios elementos para organizar sua repetição, mas também provocando, eventualmente, o apagamento, o esquecimento ou mesmo a denegação de determinados elementos [8]".

Como se vê, contrariamente às representações espontâneas dos sujeitos, a formação discursiva aparece como o lugar de um trabalho no interdiscurso; ela é um domínio "inconsistente", aberto e instável, e não a projeção, a expressão estabilizada da "visão do mundo" de um grupo social.

Nesta perspectiva, revelam-se errôneas as duas concepções mais correntes da relação entre discurso e interdiscurso:

— a mais imediata, que consiste em considerar o discurso como um objeto *isolado*, ao mesmo tempo "idêntico a si próprio e contraditório, em sua totalidade, face a um exterior não especificado [9]";

— a que se fundamenta sobre as individuações dos grupos sociais, graças ao *contraste* entre seus discursos. Trata-se, neste caso, do "estabelecimento de diferenças, de aproximações ou de afastamentos entre conjuntos de discursos cuja individuação é postulada previamente [10]". A esta concepção que afirma implicitamente a existência prévia de contrários individuados na relação contraditória, deve-se preferir aquela que coloca o primado da contradição, que une e divide ao mesmo tempo os discursos, que faz da própria individuação um processo contraditório.

Assim, ao estudar "o discurso comunista dirigido aos cristãos", Courtine põe em discussão a conformidade com a adoção do hábito de construir corpus *em sincronia*. Uma investigação desta natureza não deixa de ter seus inconvenientes: se todo discurso mantém uma relação essencial com os elementos pré-construídos (ou seja, produzidos em

outros discursos, anteriores a ele e independentemente dele [11]"), considerando apenas a sincronia, a presença do interdiscurso no discurso é inevitavelmente apagada.

Ilustremos este aspecto, examinando uma declaração do secretário geral do Partido Comunista francês:

(1) "Nossa política com relação aos cristãos não é, em absoluto, uma tática de circunstância, trata-se de uma política de princípio" (G. Marchais para o jornal *La Croix*, de 19/11/1970).

Além dos elos que estabelece com seu contexto imediato, um enunciado desta natureza mantém relações com outros enunciados pertencentes à mesma formação discursiva; ele encontra-se em uma rede interdiscursiva "'vertical" de formulação do tipo:

"Recomeçaram a acusar-nos, de forma pouco original, de *manobrar, enganar*, agir com duplicidade" (M. Thorez, out., 1937).

"E, se hoje confirmamos nossa posição de 1937, é porque não se tratava, então, como alguns pretendem, de um *ardil*, de uma *tática* ocasional, mas de uma posição política perfeitamente de acordo com nossa doutrina: o marxismo-leninismo" (Waldeck-Rochet, 13/12/1944).

"Para nós, a união não é uma *tática ocasional, uma manobra ligada à conjuntura. A luta pela união* constitui uma *constante*, um *princípio* da política de nosso partido" (XXI Congresso do PCF, 24/10/1974).

As recorrências que esta série mostra permitem considerar estas formulações como "uma reformulação possível de qualquer outra formulação que pertença à rede [12]".

Mas o enunciado (1) não constitui um núcleo exclusivo desta rede; a negação polêmica revela que ele se inscreve em uma outra rede simétrica, a do discurso dos cristãos que denunciam como ardil

a mão estendida dos comunistas. De forma mais geral, a toda formação discursiva é associada uma *memória discursiva*, constituída de formulações que repetem, recusam e transformam outras formulações. "Memória" não psicológica que é presumida pelo enunciado enquanto inscrito na história.

Estas séries, de que acabamos de examinar um exemplo, são chamadas por Courtine de *redes de formulações;* a invariante destas repetições é chamada de *enunciado;* a "rede" corresponde, pois, às diferentes formulações possíveis do "enunciado" no interdiscurso. O conjunto de redes associadas, desta forma, a uma formação discursiva representa "o processo discursivo inerente a esta formação discursiva". Como a referência dos objetos do discurso estabiliza-se nestas redes de formulações, sob a forma de pré-construídos, é também neste nível que intervém a instância do *sujeito universal* (específico a uma formação discursiva), "referindo ao lugar de onde é possível enunciar: cada um sabe/vê/diz/compreende que...". Dito de outra forma, o interdiscurso domina cada formulação particular, fixa o que ela fala e o sujeito que a garante.

Assim, toda formulação estaria colocada, de alguma forma, na intersecção de dois eixos: o "vertical", do pré-construído, do *domínio de memória* e o "horizontal", da linearidade do discurso, que oculta o primeiro eixo, já que o sujeito enunciador é produzido como se interiorizasse de forma ilusória o pré-construído que sua formação discursiva impõe. O "domínio de memória" representa o interdiscurso como *instância de construção de um discurso transverso* que regula, tanto o modo de doação dos objetos de que fala o discurso para um sujeito enunciador, quanto o modo de articulação destes objetos [14]. A intervenção deste interdiscurso se revela particularmente nas nominalizações, graças às quais uma formulação já assertada vem encaixar-se como pré-construído:

(1) "os comunistas são materialistas" → (2) "[o materialismo dos comunistas = (1)] está longe da fé religiosa dos católicos" → (3) "Pois bem, podemos perfeitamente trabalhar em conjunto, apesar de [nossas divergências filosóficas = (2)]"... Há aí um efeito de encadeamento; os objetos pelos quais a enunciação se responsabiliza adquirem uma estabilidade referencial através do domínio de memória. No discurso comunista, um sintagma nominal como a *classe operária*,

por exemplo, pertence ao domínio de memória, com as predicações que autoriza e os termos pelos quais pode ser substituído.

A este domínio de memória Courtine associa duas outras instâncias: o *domínio de atualidade* (aquele das seqüências que, em torno de um acontecimento, se refutam, se apóiam, etc., em uma conjuntura definida) e o *domínio de antecipação* (isto é, enunciações posteriores que são antecipadas pelo discurso). Este último domínio conseqüentemente tornou-se necessário porque "se o discurso *já existe sempre*, pode-se acrescentar que ele existirá *sempre ainda*" e que as formulações discursivas consideram esta dimensão.

UNIVERSO, CAMPO, ESPAÇO DISCURSIVOS

Até o presente momento, não especificamos muito a noção de interdiscurso. Na seqüência da exposição será necessário precisá-la melhor e recorrer a três outros termos complementares: **universo discursivo, campo discursivo** e **espaço discursivo** [15].

Entende-se por "universo discursivo" o conjunto de formações discursivas de todos os tipos que coexistem, ou melhor, interagem em uma conjuntura. Este conjunto é necesariamente finito, mas irrepresentável, jamais concebível em sua totalidade pela AD. Quando uma tal noção é utilizada, é essencialmente para aí recortar os "campos discursivos". Ela corresponde aproximadamente ao que J. M. Marandin, reformulando um termo de Foucault, chama de "arquivo":

> "O conjunto de enunciados constitui o arquivo de uma época. Este conjunto não é a coleção de um espaço homogêneo (o espírito de uma época, um estado de cultura ou de civilização), de tudo que foi dito, de tudo o que se diz, mas um conjunto de regiões heterogêneas de enunciados produzidos por práticas discursivas irredutíveis [16]".

O "campo discursivo" é definível como um conjunto de formações discursivas que se encontram em relação de concorrência, em sentido amplo, e se delimitam, pois, por uma posição enunciativa em uma dada região. O recorte de tais campos deve decorrer de hipóteses

explícitas e não de uma partição espontânea do universo discursivo. Certamente, a tradição legou um certo número de etiquetas (campos discursivos religioso, político, literário, etc.), mas estas são grades extremamente grosseiras, de pouco interesse para a AD, que é obrigada a considerar múltiplos parâmetros para construir campos pertinentes.

O "espaço discursivo", enfim, delimita um subconjunto do campo discursivo, ligando pelo menos duas formações discursivas que, supõe-se, mantêm relações privilegiadas, cruciais para a compreensão dos discursos considerados. Este é, pois, definido a partir de uma decisão do analista, em função de seus objetivos de pesquisa. Não é por simples comodidade que determinados subconjuntos são recortados (porque seria difícil apreender um campo discursivo em sua totalidade), mas também e sobretudo *porque uma formação discursiva dada não se opõe de forma semelhante a todas as outras que partilham seu campo:* certas oposições são fundamentais, outras não desempenham diretamente um papel essencial na constituição e preservação da formação discursiva considerada.

Além disso, os fenômenos de "intertextualidade externa", tratados no primeiro capítulo, aí estão a lembrar-nos que nenhum campo discursivo existe isoladamente, havendo intensa circulação de uma região a outra do universo discursivo. Os caminhos percorridos por esta circulação não possuem, entretanto, nenhuma estabilidade; dependendo dos discursos e das conjunturas visadas, estabelecer-se-ão intercâmbios muito diferentes. Como já foi visto, o discurso humanista devoto recorria aos escritos dos naturalistas; a lingüística do século XIX apoiava-se constantemente na biologia; o discurso político contemporâneo, em um saber econômico... Estas não são relações evidentes, tornando-se necessário justificá-las a cada vez.

Este estudo das trocas entre campos desemboca imediatamente sobre a questão da *eficácia* dos discursos, sobre sua aptidão em suscitar a adesão de um conjunto de sujeitos. Essa rede de remissões de um campo para outro (citações explícitas, esquemas tácitos ou captações...) contribui bastante para essa eficácia: confrontado com um discurso de certo campo, um sujeito encontra elementos elaborados em outro lugar, os quais, intervindo sub-repticiamente, criam um efeito de evidência. Assiste-se a uma "metáfora", a uma transposição generalizada de um campo a outro (mas não de qualquer campo para não importa qual outro), sem que seja possível definir um lugar de ori-

gem, em sentido "próprio"; simplesmente, porque a própria questão da origem não é pertinente neste caso. Este é o gênero de fenômenos interdiscursivos que o livro de M. Foucault *As palavras e as coisas* tenta conceitualizar, procurando uma invariante entre diversas disciplinas contemporâneas. Foucault, sem dúvida, enganou-se ao conceber monoliticamente estas disciplinas (que não estavam integradas a campos contraditórios) e ao interpretar as invariantes em termos de "visão do mundo", mas a pertinência de seu pressuposto interdiscursivo é indubitável.

Em geral, os analistas do discurso não se interessam muito em estudar estas relações entre campos e se mantêm nos limites de um campo determinado. Esta restrição não tem fundamento, mas é compreensível em pesquisadores que temem cair na especulação. Da mesma forma, não é de surpreender que os trabalhos mais notáveis neste domínio venham de filósofos, cujo ponto de vista não coincide de forma alguma com o da AD. Acabamos de lembrar o nome de Michel Foucault, mas poderíamos associá-lo ao de Michel Serres, que fez desta circulação generalizada entre os campos um dos temas capitais de sua obra [17].

Comparando-se os procedimentos destes dois autores, é possível perceber que esta questão oscila inevitavelmente entre dois extremos. Em M. Serres, todos os trajetos entre uma região e outra de uma área cultural parecem possíveis (um exemplo disso é o isomorfismo que o autor estabelece entre uma fábula de La Fontaine e o método cartesiano [18]), recusando-se o filósofo a fazer a menor imposição a estes relacionamentos. Em compensação, M. Foucault, em *A Arqueologia do Saber*, criticando neste sentido *As palavras e as coisas*, declara que sua análise comparativa "não se destina a reduzir a diversidade dos discursos e a desenhar a unidade que deve totalizá-los", mas a "repartir sua diversidade em figuras diferentes", de forma a obter "um efeito multiplicador" [19]. A AD, à medida que não se preocupa prioritariamente em se situar no espaço filosófico, mas se interessa por funcionamentos discursivos, não é tentada a adotar uma posição tão definitiva. Ela não pretende reduzir à unidade todas as formações discursivas de uma conjuntura, definindo uma invariante universal, nem visa a multiplicar infinitamente e sem hierarquia as relações entre os campos. Em um dado momento, uma formação discursiva é associável a certos trajetos interdiscursivos e não a outros, e *isto faz parte integrante de sua especificidade*.

UMA INTERINCOMPREENSÃO CONSTITUTIVA

Abordaremos agora este problema da interdiscursividade constitutiva, apresentando alguns aspectos de uma pesquisa pessoal [20]. A diferença mais marcante entre esta abordagem e a que acabamos de examinar decorre dos quadros teóricos a que fazem referência. O estabelecimento de "redes de formulações" permanece na órbita da "análise automática do discurso" de Pêcheux e constrói seu corpus no interior do discurso político; é preciso definir classes de seqüências em relação parafrástica. Em compensação, nosso trabalho incide sobre o discurso religioso e propõe um sistema de operações semânticas que pretende dar conta das diversas dimensões da discursividade, ou melhor, da interdiscursividade.

Poder-se-ia, em uma perspectiva "ecumênica", considerar que a distinção entre estas duas abordagens resulta de uma divisão tipológica: para uma, o discurso político, para a outra, o discurso religioso. Poder-se-ia, igualmente, considerá-las complementares por um ou outro viés, mas é preciso não se enganar. Com certeza, os objetos e os propósitos destas duas abordagens são nitidamente divergentes mas isto não basta para justificar a distância que as separa. Existe, inegavelmente, um fosso entre elas e isto suscita uma pergunta importante sobre a unidade da AD: deve-se procurar definir uma semântica de operações abstratas para sobre elas articular o conjunto do discurso? Deve-se, ao contrário, fundamentar a abordagem sobre procedimentos de análise morfo-sintática e lexical associados ao estudo dos fenômenos enunciativos? Em que medida estes dois procedimentos são compatíveis? É difícil responder, por enquanto, a tais interrogações. Uma coisa é certa, entretanto: a AD, bem como a totalidade do campo lingüístico aliás, apenas pode fazer coexistir de forma conflitante teorias com pressupostos teóricos e metodológicos diversos, voltados preferencialmente para este ou aquele tipo de corpus. Compreende-se que, segundo a teoria considerada, a primazia do interdiscurso, por exemplo, corresponderá a procedimentos muito diferentes.

Naquela que seguimos, sustentar que o espaço pertinente para as regras é da ordem interdiscursiva consiste em propor ao analista o interdiscurso como objeto e *fazê-lo apreender, de imediato, não uma formação discursiva, mas a interação entre formações discursivas*. Isto implica que a identidade discursiva está construída na relação

com o Outro. Não se distinguirá, pois, duas partes em um "espaço discursivo", a saber, as formações discursivas por um lado, e suas relações por outro, mas entender-se-á que todos os elementos são retirados da interdiscursividade. Mesmo na ausência de qualquer marca de heterogeneidade mostrada, toda unidade de sentido, qualquer que seja seu tipo, pode estar inscrita em uma relação essencial com uma outra, aquela do ou dos discursos em relação aos quais o discurso de que ela deriva define sua identidade. Efetivamente, a partir do momento em que as articulações fundamentais são instituídas nesta relação interdiscursiva, toda unidade que se desenvolverá de acordo com elas se encontrará *ipso facto* na mesma situação. Um enunciado de uma formação discursiva pode, pois, ser lido em seu "direito" e em seu "avesso": em uma face, significa que pertence a seu próprio discurso, na outra, marca a distância constitutiva que o separa de um ou vários discursos. Nesta perspectiva, as eternas polêmicas em que as formações discursivas estão envolvidas não surgem de forma contingente do exterior, mas são a atualização de um processo de delimitação recíproca, localizado na própria raiz dos discursos considerados. Dizer que a interdiscursividade é constitutiva é também dizer que um discurso não nasce, como geralmente é pretendido, de algum retorno às próprias coisas, ao bom senso, etc., *mas de um trabalho sobre outros discursos.*

Esta interação entre dois discursos em posição de delimitação recíproca pode ser compreendida como um processo de "tradução" generalizada, ligada a uma "*interincompreensão*". Tradução de um tipo bem particular, entretanto, pois ela opera, não de uma língua natural para outra, mas de uma formação discursiva à outra, isto é, entre zonas da mesma língua. Isto faz justiça à linguagem comum, que lembra precisamente certos "diálogos de surdos" entre protagonistas que, no interior do mesmo idioma, "não falam a mesma língua". Assim, quando uma formação discursiva faz penetrar seu Outro em seu próprio interior, por exemplo, sob a forma de uma citação, ela está apenas "traduzindo" o enunciado deste Outro, interpretando-o através de suas próprias categorias. Num espaço discursivo considerado, o sentido não é algo estável, que poderia ser relacionado a uma posição absoluta, mas se constrói no intervalo entre as posições enunciativas. A "incompreensão", resultante do mal-entendido e do malogro ocasionais, se transforma em "interincompreensão" porque obedece a regras e *estas regras são as mesmas que definem a identidade das formações discursivas consideradas.* Dito de outra forma, o sentido aqui é um mal-entendido sistemático e constitutivo do espaço discursivo.

Mas esta interincompreensão, que determina que se *deve* falar *e não se deve* compreender, possui uma vertente positiva: se ela proíbe que um mesmo sentido circule de um sujeito para o outro, ela também possibilita que os sujeitos partilhem o mesmo discurso, "falem da mesma coisa".

Estas afirmações, algo especulativas neste momento, foram ilustradas pelo estudo do espaço discursivo que, de acordo com nossas hipóteses, os discursos humanista devoto e jansenista definem. Em nosso entender, o segundo constitui-se a partir de uma série de operações sobre o primeiro, sua estrutura, sendo, pois, decorrência da rejeição da estrutura do discurso humanista devoto. Este não é o lugar para apresentar detalhadamente os processos semânticos que atuam neste espaço discursivo. Vamos simplesmente lembrar um exemplo capaz de mostrar a divergência dos dois sistemas semânticos. O discurso humanista devoto, como já vimos, tem por objetivo constante integrar os elementos em totalidades organizadas cujos componentes são diversificados e complementares ("ordens"), recusando, assim, as formas de individualização e de ruptura; nele, por exemplo, o cristão, isoladamente, jamais será considerado de forma positiva, mas será concebido como um ser inserido no cosmo, em sociedade, em uma família, numa comunidade, etc. Da mesma forma, este discurso não marcará descontinuidade irredutível entre o homem natural e o cristão: estes são para ele dois graus positivos de uma escala ascendente da qual Deus seria o ápice. O trabalho do discurso jansenista, em compensação, consiste justamente em destruir estas totalidades de propósitos integradores: partindo de um ideal de "concentração" e de disjunção, estas totalidades são substituídas por *pontos* privilegiados e a integração, por linhas de ruptura. Lá onde o humanismo devoto propunha um cristão inscrito em grupos, ele propõe uma consciência solitária; onde havia uma gradação positiva entre a natureza e o cristianismo, ele introduz uma separação para opor natureza e sobrenatureza. Em termos de "tradução" e de "interincompreensão", isto implica que o cristão do humanismo devoto será traduzido pelo jansenismo como uma mistura de dois registros onde apenas a oposição é considerada válida. Inversamente, o humanismo devoto lerá nesta oposição uma dissociação entre elementos de sentido que, ao contrário, deveriam estar associados: neste caso, a categoria negativa, por excelência, será não a mistura, mas a dissociação de totalidades, de "ordens" que são consideradas naturais.

A RELAÇÃO POLÊMICA

Este processo de duplas traduções permite-nos aprofundar o mecanismo **polêmico.** Cada uma das formações discursivas do espaço discursivo só pode traduzir como "negativas", inaceitáveis, as unidades de sentido construídas por seu Outro, pois é através desta rejeição que cada uma define sua identidade. Uma formação discursiva opõe dois conjuntos de categorias semânticas, as reivindicadas (chamemo-las de "positivas") e as recusadas (as "negativas"). Note-se que ela projeta as unidades "positivas" deste Outro sobre as categorias de seu próprio sistema; para preservar sua identidade, o discurso *só pode relacionar-se com o Outro do espaço discursivo através do simulacro que dele constrói.* Chamaremos **discurso agente** aquele que se encontra em posição de "tradutor", de construtor do simulacro, e **discurso paciente** aquele que desta forma é traduzido. Esta noção de discurso agente remete a um único papel: em uma polêmica, os papéis de agente e paciente se alternam constantemente.

Esta representação da polêmica não pressupõe que a própria noção de oposição entre duas formações discursivas seja unívoca. Ao contrário, ela pode recobrir relações diversas, pois, em um discurso, *não existe relação com o Outro que seja independente de sua própria organização semântica.* Não existe, pois, polêmica "em si" que possa ser abstraída dos discursos considerados: o discurso constrói, em um mesmo movimento, sua identidade e sua relação com os discursos, os quais lhe permitem estabelecê-la. Parece que, enquanto certas formações discursivas se desenvolvem, mantendo certa indiferença em relação àquelas que compartilham o mesmo campo, outras estão constantemente envolvidas em controvérsias. Não se deve concluir, entretanto, que seja preciso distinguir entre formações discursivas que necessitam confrontar-se com suas concorrentes e outras que se desenvolvem isoladamente. Na realidade, se a interdiscursividade é constitutiva, uma tal distinção só poderia ser ilusória: se um discurso parece indiferente à presença de outros, *é porque, semanticamente, lhe é crucial denegar o campo do qual depende e não porque poderia desenvolver-se fora dele.*

Isto se torna bem claro, ao considerar-se o exemplo de espaço discursivo sobre o qual nos apoiamos. Enquanto o discurso jansenista mostra-se quase sempre polêmico e intransigente, o discurso humanista

devoto parece muito menos preocupado em atacar os outros, passando mesmo por tolerante. Esta disparidade é melhor explicada se for compreendido, que, para a semântica humanista devota, o ideal seria fazer do discurso jansenista uma espécie, entre outras, de devoção, austera no caso, cabendo ao cristianismo integrar estas diversas devoções de uma totalidade harmoniosa (uma "ordem"). Nesta perspectiva, os partidários da austeridade são aceitos, participam da ordem universal, mas com a condição de não serem mais do que um dos componentes e de não reivindicarem o monopólio enunciativo. Este esforço de integração do Outro, ou melhor de seu simulacro, fracassou, já que o discurso jansenista constituiu-se precisamente ao rejeitar esta semântica integradora, substituindo-a por um sistema de disjunções radicais. Construído sobre a disjunção, o discurso jansenista só pode desenvolver-se em um conflito incessante destinado a atribuir ao Outro a posição negativa em seu próprio sistema. Para o analista do discurso esta dissimetria entre os dois pólos do espaço discursivo não implica como conseqüência que a relação com o interdiscurso seja menos essencial, tanto num caso quanto no outro.

Mas não haveria algum perigo em diluir dessa forma a diferença usual entre polêmico e não-polêmico, em proveito de uma interdiscursividade generalizada? Certamente, tratam-se de relações semânticas fundamentais que explicam as causas da "polêmica", ou seja, as controvérsias explícitas, em seu sentido usual, mas esta não é uma razão suficiente para negligenciar as diferenças entre textos que explicitam seus antagonismos e outros que não o fazem. Tomar um discurso à parte, considerá-lo como adversário, responder a um ataque (supondo-se que seja possível saber quem começou...) são gestos que têm conseqüências consideráveis e não podemos negligenciar sua eficácia. Também é preferível distinguir dois níveis de apreensão: o **dialogismo constitutivo** e o **dialogismo mostrado** do qual o diálogo polêmico seria uma das modalidades [21]. O primeiro define as condições de possibilidade de uma formação discursiva no interior de um espaço discursivo, enquanto o segundo diz respeito à interdiscursividade manifestada.

O estudo do dialogismo polêmico mostrado pode ser de grande interesse para a AD, não apenas pela maneira como os diferentes discursos o praticam, mas ainda por levar em conta assuntos de controvérsia. Se é o próprio universo semântico do Outro que é rejeitado, *a priori* qualquer um de seus enunciados pode ser questionado; entretanto, a lista de assuntos efetivamente debatidos parece muito limitada

se for comparada com a lista dos debates possíveis: as controvérsias giram, em geral, obstinadamente, em torno de alguns pontos, deixando na sombra zonas imensas. É difícil de aí não perceber *pontos-chave*, do mesmo modo como se fala de *palavras-chave*, que constituem outras tantas vias privilegiadas de acesso ao dialogismo constitutivo. Mas, precisamente, os assuntos de controvérsia são previamente levantados em dois domínios: as zonas que já foram objeto de ataques e aquelas que ainda não foram debatidas. No primeiro domínio, o discurso filtra, entre os enunciados contra ele dirigidos, os temas aos quais lhe parece impossível não responder; no segundo, ele mesmo define pontos que, no conjunto dos textos do adversário, lhe parecem particularmente importantes. De um lado como do outro, o analista postula que as "escolhas" são reveladoras e permitem invalidar ou corroborar hipóteses.

É preciso também não reproduzir aqui o erro que cometem as análises lexicais fora de contexto. Assim como em um discurso não é tanto a palavra que importa, mas a maneira como é explorada, da mesma forma, um ponto em debate não poderia ser dissociado do modo como este debate é tecido. Além disso, aqui tampouco deve-se reduzir o discurso a uma doutrina: em uma polêmica, todas as dimensões da discursividade podem estar implicadas (a querela pode incidir sobre o ethos, a intertextualidade, a deixis, etc.).

A polêmica não se instaura de imediato; ela só se legitima ao aparecer como a repetição de uma série de outras que definem a própria "memória polêmica" de uma formação discursiva. Consideremos as poucas linhas que seguem de um *curso de moral* para professores primários da III República:

> "Estaremos com Michel de l'Hospital contra os fanáticos, com Pascal contra os jesuítas, com Descartes, Montesquieu, Voltaire, Condorcet, d'Alembert e os filósofos contra o autoritarismo e o arbitrário? Estaremos com a Revolução, com Madame de Staël contra a estupidez e a brutalidade dos governos reacionários, com Victor Hugo, Michelet, Quinet contra o crime [22]?"

A formação discursiva de onde deriva este texto inscreve claramente sua enunciação polêmica em uma seqüência de outros textos, que remete a um eterno Conflito de arquétipos. Os exemplos (=os

modelos) lembrados só são levantados às custas de uma manobra discursiva, pois *a priori* são suscetíveis das mais variadas explorações: a luta de Pascal contra os jesuítas, como vimos, pode ser reivindicada pela Ação francesa, que, entretanto, se encontrava na outra extremidade do tabuleiro político. As diversas memórias polêmicas recorrem a um tesouro cujas linhas de partilha são incessantemente deslocadas. Quando um discurso novo emerge, ele faz emergir com ele uma redistribuição destas memórias.

Mas um discurso supõe mais que uma memória das controvérsias que lhe são exteriores; à medida que aumenta o corpus de suas próprias enunciações, com o passar do tempo e com a sucessão das gerações de enunciadores, vê-se desenvolver uma memória polêmica interna. Dessa forma, o discurso é mobilizado por duas tradições: a que o funda e a que ele mesmo, pouco a pouco, instaura. Ao cabo de um certo tempo, é inevitável que parte da tradição interna atinja o mesmo estatuto da primeira, ganhando a "autoridade" necessária para as produções de seus enunciadores.

Quando a polêmica é considerada desta forma, tende-se a privilegiar as descontinuidades entre os protagonistas do debate, ou seja, aceita-se o ponto de vista que estes últimos adotam espontaneamente, esquecendo, entretanto, que as semelhanças levam ampla vantagem sobre as diferenças. O exercício da polêmica presume a partilha do mesmo campo discursivo e das leis que lhe estão associadas. É preciso desqualificar o adversário, custe o que custar, porque ele é constituído exatamente do Mesmo que nós, mas deformado, invertido, conseqüentemente, insuportável. C. Perelman, em seus trabalhos sobre a retórica, insistiu com muita propriedade sobre o fato de que a decisão de procurar persuadir um público, de argumentar em lugar de usar de violência ou de nada dizer, já constitui um ato absolutamente significativo, que supõe o reconhecimento do outro como *alter ego* e a existência de um terreno de entendimento. Com a polêmica não é diferente. Ela supõe um contrato entre os adversários e, com ele, a idéia de que existe um código transcendente, reconhecido pelos membros do campo (os protagonistas do debate bem como o público), o que permite decidir entre o justo e o injusto. Que se trate de bom senso, de partido, de justiça, do interesse do país, etc., deve existir um referencial comum que legitime a figura de algum tribunal supremo.

Infelizmente, cada formação discursiva está destinada a apropriar-se deste tribunal, do qual constrói uma representação correspondente a seu próprio universo de sentido.

---

1. Gérard Genette, *Introduction à l'architexte*, Paris, Le Seuil, 1979.
2. *Palimpseste*, Paris, Le Seuil, 1981, p. 11.
3. Ver particularmente a antologia apresentada por T. Todorov: *Mikhaïl Bakhtine, le principe dialogique*, Paris, Le Seuil, 1981.
4. O essencial encontra-se no n.º 62 de *Langages*, junho, 1981, "Analyse du discours politique", inteiramente dedicado ao trabalho de Courtine.
5. "Quel objet pour l'analyse du discours?", in *Matérialités discursives*, p. 21-33.
6. Ver *Initiation aux méthodes de l'analyse du discours*, p. 66-77. Retomamos este aspecto na presente obra, em III, 1.
7. Op. cit., p. 24.
8. Ibidem.
9. *Langages*, n.º 62, p. 29.
10. Op. cit., p. 31.
11. Op. cit., p. 28.
12. Op. cit., p. 46.
13. Op. cit., p. 50.
14. Op. cit., p. 56.
15. Encontrar-se-á uma apresentação mais detalhada em nosso livro *Genèses du discours*, cap. 1.
16. *Langages*, n.º 55, 1979, p. 48.
17. Particularmente na série de trabalhos publicados pelas Éditions de Minuit, sob os títulos da *Hermès I, II, III, IV* e *V* entre 1969 e 1980.
18. *Hermès IV, la Distribution*, 1977, p. 89 e seguintes.
19. *L'Archéologie du Savoir*, p. 209.
20. Para uma apresentação detalhada do modelo veja *Sémantique de la polémique* e, para uma reflexão teórica mais aprofundada, confira *Genèses du discours*.
21. O termo "dialogismo" foi, evidentemente, tomado emprestado de Bakhtin.
22. Jules Payot, *Cours de morale*, Armand Colin, 1908, p. 177-178.

TERCEIRA PARTE
AS PALAVRAS DO DISCURSO

Qualquer que seja a questão dominante da AD, nela o estudo do léxico ocupa um lugar importante. Mesmo que se entenda que, em sua fase inicial, a AD tenha atribuído um espaço excessivamente amplo às palavras, isto não significa que seja necessário negligenciá-las agora, mesmo que seja apenas em função do papel privilegiado que elas ocupam na consciência dos locutores. Para estes últimos, a identificação das formações discursivas passa freqüentemente pela descoberta das palavras características, objetos de amor ou de ódio. Por mais que o analista afirme que o essencial não é a unidade lexical, mas as proposições e, além delas, o texto no qual ela intervém, nem por isto esta unidade perde seu estatuto singular.

Se forem considerados os estudos efetivamente realizados em AD no domínio lexical, pode-se, muito esquematicamente, dividi-los em três conjuntos:

1) No primeiro, serão classificados os estudos que, embora filiando-se à AD, se inscrevem, sob o ponto de vista metodológico, no prolongamento da filologia tradicional. Este tipo de trabalho ("a palavra X em tal corpus") recorre quase exclusivamente à análise dos contextos de ocorrência, fazendo intervir parâmetros de diferentes ordens: não só os co-ocorrentes, certamente, mas também a cronologia, o tipo de discurso considerado, a situação de enunciação, o interdiscurso, etc. Em virtude da flexibilidade de tal procedimento, essencialmente é o talento do analista e seu conhecimento do discurso que asseguram sua eficácia.

2) Em segundo lugar, serão considerados os trabalhos cuja intenção não é tanto estudar as variações semânticas de um termo, mas

o modo pelo qual este termo se constitui como parte integrante de um dispositivo complexo, o da produção de um determinado texto. Como em qualquer explicação de texto, trata-se, pois, de examinar as unidades lexicais como elementos singulares integrados às estratégias locais. Dada a complexidade e mesmo a sutileza dos processos envolvidos, a diversidade dos fatores que interferem e o fato de que cada texto apresenta problemas particulares, compreende-se que seja difícil, pelo menos no estado atual, de propor algoritmos de análise dotados de alguma generalidade.

Mais exatamente, é preciso distinguir dois tipos de palavras que acarretam problemas muito diferentes. Por um lado, há palavras tradicionalmente consideradas "plenas" e, por outro, palavras "instrumentais" e, em particular, aquelas que possuem uma função argumentativa e/ou servem para estruturar os enunciados (*ora, aliás, pois*, etc.). Se as primeiras possuem um significado suscetível de valores discursivos específicos, de acordo com os contextos, as segundas, em geral, têm um valor pragmático estável, mas só podem interessar à AD se estiverem inscritas em estratégias textuais particulares.

3) Neste último conjunto, colocar-se-ão as análises que pressupõem uma "delinearização" dos enunciados, construindo, a partir de um algoritmo, redes de relações entre termos. Na realidade, este tipo de estudos pode corresponder a abordagens muito diferentes, segundo os fenômenos examinados e o grau de descontextualização implicado. Em um extremo, estaria a estatística lexical fora de contexto, no outro, trabalhos que, mesmo desestruturando os textos, conservam uma boa parte do entorno sintático-enunciativo das unidades consideradas. É esta segunda tendência que prevalece atualmente.

Dado que este tipo de abordagem não era empregada em estudos filológicos ou, se o fosse, sua prática era insignificante, é neste domínio que a AD inovou do modo mais evidente. Há, aliás, um laço crucial entre os fundamentos teóricos da AD e este recurso à "deslinearização" da superfície textual; para construir tais redes, faz-se necessário, de fato, postular que existem coerções específicas de um corpus, coerções que não decorrem do sistema da língua e tampouco são acessíveis à consciência dos locutores. Mostrando que elas desenham uma figura coerente e que é possível aproximá-las de uma posição sócio-histórica, afirma-se, unicamente, que existem "formações discursivas".

Nesta terceira e última parte do livro, insistir-se-á unicamente sobre os aspectos da análise lexical que não foram tratados ou, se o foram, esse tratamento não foi muito aprofundado no volume precedente. Tratar-se-á, *inicialmente, das redes fora de contexto* (cap. 1), que correspondem ao nosso terceiro conjunto e, posteriormente, dos conectivos argumentativos (cap. 2), que consistem nas "palavras instrumentais do segundo conjunto. Parece-nos que estes dois domínios de pesquisa representam as tendências mais atuais do assunto. Evidentemente, além das palavras, é uma certa concepção do discurso que, mais uma vez, está em questão.

1.

PARA ALÉM DOS TERMOS-PIVÔS

CRÍTICA AO MÉTODO DOS TERMOS-PIVÔS

Se, na fase inicial da AD, o vocabulário constituía o objeto privilegiado de investigação, isto ocorria porque a semântica discursiva tinha a tendência de fundir-se com a lexicologia, seja em sua versão estatística [1], ou através do chamado método "harrisiano". Este último reduzia o discurso a um conjunto de proposições articuladas em torno de um termo-pivô; viu-se, anteriormente, que ele podia ser censurado por homogeneizar seu objeto, crítica que se acrescentava àquelas tecidas do ponto de vista das *teorias da enunciação* e da *gramática de texto*.

Para as primeiras, os objetos com que o método dos termos-pivôs [2] trabalha são impróprios a uma abordagem verdadeiramente lingüística, visto que deles foram eliminados os traços das operações enunciativas:

> "Se for postulado como base um esquema Sintagma nominal-Sintagma verbal, é possível reduzir toda sucessão de enunciados a este esquema; dispor-se-á de um material "normalizado", mas será que se disporá, igualmente, de um objeto de estudo que corresponda, exatamente, à lógica que procedeu à produção ou ao funcionamento do discurso examinado [3]?"

O método dos termos-pivôs, ao simular que o conteúdo lexical poderia ser dissociado da sintaxe e dos enunciadores, reconduz à oposição já ultrapassada entre "fundo" e "forma". Quanto à gramática de texto, ela critica este método por não construir uma definição apropriada do contexto discursivo: entender a proposição como contexto

de uma unidade lexical é insuficiente à medida que os processos discursivos se desenvolvem em unidades lingüísticas mais complexas e mais vastas.

A estas críticas de ordem puramente lingüística, acrescentam-se outras, que incidem sobre o próprio princípio do método. J. M. Marandin [4], J. Guilhaumou e D. Maldidier [5], J. J. Courtine [6] convergem ao mostrar os limites de um método *que se apóia sobre um saber a priorístico,* o qual preside à seleção que o pesquisador fará dos termos-pivôs: "A análise responde à pergunta do analista; mas, ao apresentar esta resposta como estrutura de base de um texto, o analista faz uma passagem em um limite no qual acaba por confundir seu interesse e o que é o discurso [7]". Escolher termos-pivôs consiste em definir os temas do discurso; ora, no método dos termos-pivôs não é o texto que possibilita a localização destes temas, mas os pressupostos do analista, que formula certas perguntas de ordem sócio-histórica sobre o corpus.

Esta crítica coloca o delicado problema da articulação entre dois saberes sobre os quais se apóia o analista do discurso: um saber lingüístico e um saber não-lingüístico. O método dos termos-pivôs contenta-se em justapor suas intervenções, conforme observa E. Landowski:

> "Em um primeiro momento, o pesquisador torna-se historiador: inicialmente, o objetivo é traçar minuciosamente o quadro de uma conjuntura referencial. (. . .) Somente depois disso, chega o "lingüista" [8]".

É possível, então, perguntar "qual é o papel que é preciso atribuir aos resultados da pesquisa sócio-histórica inicial referente à inteligibilidade das estruturas enunciativas descritas a seguir". Se esta questão não for objeto de reflexão, corre-se o grande risco de recorrer a um saber histórico elaborado independentemente do discurso o qual orientaria sub-repticiamente o conjunto da análise.

PARA UMA UTILIZAÇÃO CONTROLADA

Após uma semelhante exposição, parece difícil defender a pertinência de tal método. Entretanto, seria prejudicial desqualificá-la em

sua totalidade; ela é perfeitamente legítima, se duas condições forem respeitadas:

1) deve-se considerá-la como um método auxiliar e não essencial para a análise;

2) deve-se utilizá-la quando é possível controlá-la e não recorrer a ela sistematicamente, qualquer que seja o corpus.

Examinaremos agora dois exemplos de análises: o primeiro, retirado do estudo dos manuais da escola da III República que realizamos, e o segundo de um trabalho sobre os discursos xenófobos suíços.

No primeiro caso, a análise da formação discursiva começou pelo exame da relação entre o sujeito deste discurso, a França (Enunciador supremo, identificável ao mesmo tempo ao autor e aos destinatários), e suas colônias.

Pôde-se, assim, descobrir o papel crucial que desempenha neste discurso o deslizamento metafórico constante de "mãe" para "França", projetado sintagmaticamente sobre o significante *pátria-mãe.* Constituiu-se, então, um corpus de todas as ocorrências de *mãe* e *filho* * nos exercícios propostos por um manual de língua francesa considerado como representativo [9]. Isto demanda algumas observações:

1) Trata-se apenas de uma análise auxiliar, destinada a apoiar, de forma localizada, um estudo mais amplo.

2) Os dois termos-pivôs não foram escolhidos em função de um saber histórico anterior, mas definidos durante a análise. Certamente não é uma palavra como *mãe* que *a priori* teria retido nossa atenção, mas preferentemente termos marcados ideologicamente como *República, nação, França,* etc.

3) O corpus assim delimitado não pratica nenhuma violência à realidade lingüística: efetivamente, não há neutralização da comple-

* No original, *enfant* oferece dupla leitura: pode ser interpretado como *criança* ou como *filho.* Dado o contexto em que se encontra o termo, ambas são válidas. Optei por *filho* para manter a relação com *mãe* mas seria interessante não esquecer a segunda leitura nas considerações que se seguem (N. do T.).

xidade sintática e enunciativa, nem eliminação do contexto, já que é próprio a estas frases de exercícios exatamente oferecer enunciados amplamente neutralizados e descontextualizados.

O estudo dos dados assim reunidos permitiu verificar em que grau o uso de *mãe* é obrigatório. Enquanto frases de exercícios deveriam veicular, *a priori*, conteúdos muito variados, percebe-se que, neste manual, todas as ocorrências de *mãe* estão relacionadas com as ocorrências de *eu/me* ou de *filho*. Frases do tipo *Minha mãe passeia* ou *Paulo viu a mãe de Lucas* estariam, pois, totalmente excluídas. Além disso, quando *mãe* está em posição de sujeito sintático (14 entre 18 ocorrências), sempre estabelece uma relação assimétrica com filho: a mãe ensina, cuida, etc. Em compensação, nas quatro ocorrências em que *mãe* é objeto direto, todas implicam um movimento orientado em sentido inverso, destinado a completar a primeira dissimetria: amar, obedecer a sua mãe...

Esta análise permite, na seqüência, que se abram novas redes de inteligibilidade nos textos de nosso corpus. Especificamente, foi-nos possível integrar uma série de leituras dispersas no mesmo manual e às quais não tínhamos prestado atenção. Elas descrevem uma cena inscrita em uma narrativa exemplar: em um primeiro momento, uma criança adormecida, passiva, tudo recebe da mãe que vela seu sono; a seguir, lembra-se a esta criança que, mais tarde, quando for adulta, deverá restituir, pagar sua dívida. Fica assim enunciado o "contrato" ideológico primordial que estrutura a cena enunciativa pedagógica, contrato sobre o qual se desenvolve a enunciação desta formação discursiva: o ensino dispensado na escola constitui uma espécie de "adiantamento" feito ao escolar pela mãe/pátria. É através de seu comportamento posterior de bom cidadão da república que deverá honrar os termos deste contrato, quitando sua dívida [10].

O segundo exemplo que vamos examinar inscreve-se em um procedimento muito diferente. O trabalho de J. Boutet, M. Ebel e P. Fiala [11] parte do princípio que duas palavras, *Überfremdung* ("dominação e superpopulação estrangeiras") e *xenofobia* representam, desde o início dos anos 60, na Suíça, *fórmulas dominantes*. É preciso perceber que estas palavras "condensaram nelas uma massa considerável de discursos, nos quais ocorriam como semanticamente equivalentes. Enunciar uma ou outra implicava colocar em circulação significações

múltiplas, contraditórias, que remetiam à existência de séries de enunciados parafrásticos bem comprovados através das quais os dois termos eram definidos [12]". Por exemplo:

— "Os estrangeiros são uma pesada carga para nossas instituições sociais."

— "Depois que os trabalhadores estrangeiros tiverem partido, a habitação será menos cara."

As "fórmulas" remetem a um *referente social*, no sentido que "nos anos 60, todo locutor, individual ou coletivo, sabia ou pretendia saber o que tais fórmulas "significavam", ainda que nem todos lhes atribuíssem o mesmo sentido. Pertenciam à formação da linguagem da Suíça romana, em iguais condições que outras fórmulas mais antigas, como pátria, neutralidade, independência nacional". A um dado momento, todos são obrigados a se situarem em relação a estas fórmulas, fazendo-as circular de um modo ou de outro, lutando para impor-lhes sua própria interpretação.

A palavra *Überfremdung* perturbava os adversários da xenofobia, dado que sua rejeição os faria passar por maus patriotas; também assistiu-se ao aparecimento de *xenofobia* que mudou a relação de forças, obrigou seus inimigos a se entrincheirarem por trás de um discurso defensivo: "Não somos xenófobos, mas..." Uma análise de termos-pivôs deve permitir que um processo desse tipo seja melhor percebido.

A partir de um corpus constituído de cartas de leitores xenófobos dirigidas a um jornal, os analistas extraíram os enunciados onde figuravam *xenófobo, xenofobia*, bem como um certo número de substitutos semânticos tais como *racismo, temor aos estrangeiros*, ... com vistas a "procurar e classificar as formas lingüísticas da rejeição, examinadas em suas características enunciativas e considerar tais formas como índices de empregos diferenciados dos locutores em relação a esta rejeição [14]".

A análise de semelhante corpus poderia adotar o procedimento de um estudo absolutamente clássico de termos-pivôs. Na realidade, como a citação precedente indica, *o trabalho incide sobre um fenômeno*

enunciativo (um movimento enunciativo), e não sobre o conteúdo do termo *xenofobia*. Os enunciados foram repartidos em dois conjuntos, de acordo com o tratamento dispensado ao termo. Se fosse tratado como *de re* (Cf. "Não sou xenófobo, mas penso que, na verdade, há demasiadamente...") ou como *de dicto* (Cf. "Então por que falar a torto e a direito em *xenofobia*?). Certos enunciados apresentam uma estrutura notável, aqueles do tipo:

Xenofobia? Não!

Pouco analisáveis em termos de Sintagma nominal-Sintagma verbal, teriam sido marginalizados por uma análise tradicional de termos-pivôs; aqui, ao contrário, são considerados fundamentais, à medida que *condensam a estrutura dialógica deste corpus*, seu caráter de resposta multiforme a uma acusação. Salienta-se, a partir daí, que "séries parafrásticas homogêneas são atravessadas por disparidades que dependem de fenômenos enunciativos, cuja análise necessita não apenas dos instrumentos conceituais de uma análise sintático-semântica, mas também que se leve em consideração o quadro dialógico e os dados contextuais [15]".

Esta alusão aos problemas contextuais é importante; para os autores, a análise fora de contexto efetivamente se constitui apenas como o primeiro acesso para uma abordagem; num segundo nível, consideraria os enunciados em contexto para descobrir a diversidade dos processos argumentativos que são mascarados pela existência de um mesmo movimento de rejeição de uma fórmula. Percebe-se bem esta disparidade, comparando, por exemplo, estes dois fragmentos:

> "*Não somos absolutamente xenófobos* pela simples razão que, por ocasião de nossas viagens, tanto à Itália quanto à Espanha, sempre encontramos nas lojas, restaurantes e hotéis uma compreensão e uma amabilidade surpreendentes, e isto apesar de não conhecermos a língua."

> "No prédio onde moro, dos quarenta apartamentos, vinte e dois são ocupados por estrangeiros; acho todos eles encantadores e *não sou xenófobo;* partilhar seu pão com aquele que não tem, tudo bem; mas é preciso ver as coisas objetivamente, não há apartamentos com aluguel acessível..."

Como se vê, nesta perspectiva, não apenas o método dos termos-pivôs procura associar léxico, sintaxe e enunciação, mas ainda deve considerar um estudo contextualizado.

LÉXICO, SINTAXE, ENUNCIAÇÃO

Os analistas do discurso estão constantemente envolvidos por uma dupla alternativa, que resolvem de formas muito diversas: será preciso privilegiar o estudo contextualizado ou construir redes de elementos descontextualizados? Após ter optado pela segunda solução, S. Bonnafous preferiu a primeira:

> "Após experimentação, pensamos que o mais produtivo provavelmente situa-se ao nível das análises que se interessam pela linearidade do texto e por suas articulações sintagmáticas (com o risco de corroborar estas análises através de técnicas paradigmáticas, como a lexicometria). É ao se debruçar sobre o que existe de mais "encadeado" em um texto que o lingüista talvez melhor se distinga do historiador, o qual tende excessivamente a romper as estruturas para isolar palavras ou temas [16]".

De nossa parte, pensamos que o ideal seria não ter que realizar tais escolhas. Compreende-se que os analistas do discurso se sintam em terreno mais familiar quando estudam enunciados seguidos, mas nem por isso deixa de ser menos necessário definir uma abordagem *lingüística* de processos que não dependam de uma contextualização próxima. A intrincação essencial entre os enunciados apreendidos em sua linearidade e os processos que atuam sobre o conjunto do discurso só pode representar uma realidade incontornável para a AD.

Os dois estudos de termos fora de contexto que serão apresentados parecerão com toda razão muito diferentes. Esta diversidade não tem nada de surpreendente, a partir do momento que não nos apoiamos sobre um algoritmo suposto universalmente válido e que a *análise de vocabulário está articulada sobre as características lingüísticas dos*

corpus considerados. Notar-se-á que estas duas análises recorrem em um determinado momento a índices de ordem estatística, *associando estreitamente o qualitativo ao quantitativo.* Trata-se, neste caso, de utilizações absolutamente elementares da decomposição estatística, mas que apresentam a vantagem de escapar às críticas que são habitualmente dirigidas a certas abordagens lexicométricas. É preciso observar que a consideração de fenômenos de freqüência é implicitamente exigida pelo fato de que elementos fora de contexto são estudados; neste caso, diversamente do que ocorre quando os textos são abordados em seu processo, a redundância, necessariamente incontrolável por parte de seus enunciadores, desempenha um papel importante.

Grupos Tematizados

Viu-se que uma das maiores críticas dirigidas ao método dos termos-pivôs é que ele define "temas" (no caso, termos-pivôs), partindo de um saber exterior ao funcionamento do discurso considerado. Courtine propõe-se, então, a reverter este problema de delimitação dos temas do discurso, formulando a seguinte pergunta: *"Como, no discurso e através do próprio discurso,* um elemento determinado pode ser caracterizado como tema do discurso? (Como, isto é, pela presença de quais estruturas, sob que forma lingüística? [17])". Compete, pois, às estruturas lingüísticas e não ao saber histórico fornecer os dados pertinentes.

Esta opção conduz Courtine naturalmente a interessar-se pelas estruturas sintáticas da tematização e, dentre elas, de forma muito particular, por fórmulas do tipo:

É X *que* P

O que P *é* X

X é o que P

Fórmulas que põem em evidência elementos (X) que são objeto de uma questão, localizável no contexto ou virtual. Empregando-as, dois efeitos de sentido são produzidos:

— "É disto, e não de outra coisa, que falo".

— "É isto que quero dizer, quando emprego este termo".

Ênfase e identificação que são captadas por uma *construção essencialmente dialógica.*

Mais exatamente, estas tematizações são ambíguas, sendo interpretáveis como *contrastivas, dêiticas ou constativas.* A frase *É a democracia que queremos para a França* pode receber, desta forma, três leituras:

— *contrastiva:* "é a democracia — e nenhuma outra coisa — que queremos..."

— *dêitica:* "esta democracia é a democracia que queremos..."

— *constativa:* "queremos a democracia e, eventualmente, outras coisas..."

A partilha entre as três leituras dificilmente pode apoiar-se sobre critérios rigorosos. A primeira é, evidentemente, a mais interessante, do ponto de vista da AD, e é dela que nos ocuparemos aqui.

Consideremos agora a mesma estrutura de frase, porém mais expandida: *a violência não vem dos comunistas mas do grande capital.* Neste exemplo, a frase recusa um enunciado adverso *(a violência vem dos comunistas),* construindo, ao mesmo tempo, uma oposição entre *comunistas* e *grande capital,* uma oposição que, juntamente com outras, permite "materializar a fronteira" entre formações discursivas, "designar esta fronteira, exibi-la como regra para qualquer sujeito que deva enunciar ou interpretar uma tal formulação [18]": *"deve-se dizer* que a violência vem do grande capital/*não se deve dizer* que a violência vem dos comunistas".

Este exemplo ilustra os tipos de refutação polêmica ligados a esta estrutura:

— *a refutação completa,* onde o enunciado explicita os elementos que se opõem no interdiscurso (Cf. supra);

— *a refutação por denegação:* neste caso os elementos do interdiscurso são incorporados e dissimulados, o enunciado antagonista é

designado como tal *(a violência não vem dos comunistas)*, mas somente ele é conservado.

— a *refutação por redirecionamento* trabalha no interior do discurso antagonista, *subvertendo-o* ao absorvê-lo: *o coletivismo que desejaria nivelar as consciências, o regime no qual um pequeno número pensa por todos, é hoje que ele existe em nosso país.*

Através desta apresentação sumária, percebe-se o deslocamento que a análise lexical sofreu. Não apenas são as estruturas sintático-enunciativas que definem o objeto de estudo, mas ainda a análise está constantemente apoiada na interdiscursividade, como ocorre no trabalho sobre os discursos xenófobos.

Tematização, determinação e estatística

Além disso, este trabalho sobre o discurso comunista permitiu que Courtine utilizasse a informática para articular tematização e determinação [19]. Empregando o programa logístico * DEREDEC [20] para tratamento de texto, ele estudou uma mensagem enviada de Lyon, em junho de 1976 por Georges Marchais aos cristãos; seu vocabulário foi dividido em vários conjuntos, "léxicos" em cuja definição intervêm categorias sintáticas, tematizações e determinação:

L_1 : Léxico das formas plenas (nomes, verbos, adjetivos): 3251 entradas;

L_2 : Léxico das formas plenas tematizadas: 303 entradas;

L_3 : Léxico das formas plenas da alocução [21]: 2134 entradas;

L_4 : Léxico das formas nominais tematizadas: 248 entradas;

L_5 : Léxico das formas nominais determinadas: 437 entradas;

L_6 : Léxico das formas plenas que determinam as formas nominais: 1236 entradas.

* Do original francês *logiciel* (N. do T.).

Esta divisão permite estabelecer comparações. Se, por exemplo, em L_4 forem selecionados os elementos cuja freqüência absoluta é superior ou igual a cinco ocorrências, serão localizados oito nomes *(cristãos, comunistas, crise, Franceses, França, Partido, país, povo)*; se o comportamento destes oito nomes for observado em L_5, descobrir-se-á que alguns deles são freqüentemente tematizados e, inversamente pouco determinados: *povo, cristãos, França, comunistas*. Em compensação, observando em L_5 as formas nominais que, com maior freqüência, encontram-se em posição de forma nominal determinada e comparando-as com os resultados obtidos em L_4, vê-se que algumas das primeiras são muito pouco tematizadas, a saber: *classe, democracia, mundo, união, vida.*

N	Formas Nominais com maior freqüência de determinação		
	em L_5	em L_4	Diferença
Ação	5	3	2
Classe	8	0	8
Democracia	7	2	5
Homens	8	4	4
Mundo	6	1	5
União	8	3	5
Vida	7	1	6

Percebe-se, por conseguinte, uma espécie de distribuição complementar entre as formas nominais mais importantes de L_4 e L_5:

Certas formas nominais, freqüentemente tematizadas, são pouco determinadas; noções como *o povo, os cristãos, a França, os comunistas*, que freqüentemente figuram em posição temática, dispensam a determinação: "Sabe-se o que é", pode-se falar nelas, é possível instituí-las como tema de seu discurso porque "são evidentes". Tais noções... estão *saturadas pelo consenso ideológico que estabiliza sua referência:* elas realizam, no discurso político francês, uma verdadeira *intersecção lexical* entre as for-

mas de organização lexical e de construção da referência das palavras próprias a discursos diferentes e, eventualmente, antagônicos.

A estas noções dadas como evidentes, opõem-se os nomes muito determinados e pouco tematizados, palavras que devem ser explicadas:

— as palavras do vocabulário de partido: *a classe* ("operária", "explorada"...), *a democracia* ("política", "moderna", "socialista"...), etc.

— as palavras da língua comum que necessitam reinterpretação: *o mundo* ("melhor", "de manhã"...), *a vida* ("mais justa", "mais livre"...)

Encontram-se, dessa forma, diferentes zonas de vocabulário, em função de sua estabilidade:

— a da *neutralização discursiva*, em que as palavras são tomadas consensualmente com um mesmo sentido para todos;

— a do *fechamento de um saber*, onde o sentido das palavras é definido;

— aquela *onde a contradição aflora*, onde as palavras representam conflito.

Este estudo insiste, com razão, sobre a *importância dos fenômenos de determinação*. É bastante notável que o método dos termos-pivôs apoiou seu procedimento sobre alguns nomes, sem levar em conta, freqüentemente, sua determinação. São sobretudo os lógicos e os filósofos que refletiram sobre este problema e, em particular, sobre a oposição definido/indefinido, mas a AD dificilmente pode negligenciá-los; os processos de referenciação desempenham um papel considerável na construção de um universo discursivo. Não é possível, além disso, contentar-se em considerar unicamente os determinantes; a correlação que Courtine estabelece entre a tematização e as expansões nominais o mostra claramente.

Não é muito fácil definir o estatuto destes grupos nominais, referencialmente "saturados" (*a* crise, *os* países livres...), que "formam conjuntos fechados, como se extraíssem deles mesmos as razões de sua própria determinação [22]". Dados como evidentes, "autodeterminados", remetem implicitamente a um interdiscurso espesso, de contornos indetermináveis, que lhes assegura seu caráter pré-construído. Estas expressões aproximam-se da questão do nome próprio, verdadeiro leito de Procusto da Semântica. Pode-se sempre dizer que o artigo definido veicula, além dos pressupostos de existência e unicidade, o de que o referente é conhecido pelo destinatário, mas isto não é suficiente para justificar o estatuto referencial de *os comunistas* em um texto comunista ou de *a mudança* nos enunciados dos governantes de esquerda, em 1981.

A informática para além do léxico

Este estudo sobre a determinação, com o auxílio do programa logístico DEREDEC, revela igualmente um questionamento do primado da análise lexical, em sentido estrito, no que se refere ao recurso à informática. Mesmo a análise automática do discurso de M. Pêcheux, que se pretendia sintática, "interessava-se unicamente pelos sintagmas constituintes da proposição (SN ou SV, com primazia dos SN)", como observam A. Lecomte, J. Léon e J.M. Marandin [23]. Estes últimos, ao apresentarem o DEREDEC, insistem sobre sua polivalência e a necessidade de multiplicar os pontos de vista sobre o texto:

> "A descrição de um objeto tão complexo recìama a multiplicação dos pontos de vista descritivos, [multiplicação que] não é induzida unicamente pela complexidade do objeto, mas pela própria natureza do gesto de descrição de textos. Se toda descrição pressupõe interpretação, uma descrição não pode ser unívoca [24]".

Esta flexibilidade deve ser encontrada ao nível da análise sintática, já que o programa logístico permite produzir estados diferentes e modificá-la em função do objetivo visado, e mesmo ajustá-la retroativamente. Para maior precisão, dispõe-se de *duas* estruturas: as EXFAD, arborescências sintáticas das seqüências analisadas, e as arborescências EXFAL, que introduzem outras informações, essencialmente contextuais. Pode-se, por exemplo, "exfalisar" uma unidade lexical determinada:

1) os itens lexicais com os quais ela co-ocorre nas proposições do texto;

2) um subconjunto destes itens: por exemplo, os sintagmas que o determinam (ter-se-ia acesso, então, à construção do objeto denotado no discurso e o meio para estudar o impacto desta determinação sobre a construção das proposições);

3) os sintagmas que lhe são equivalentes, isto é, que aparecem em um contexto idêntico, em nível lexical e sintático.

As informações do tipo EXFAL não constituem um peso morto ligado a uma seqüência, mas devem desempenhar um papel exploratório. No texto analisado, uma unidade lexical ou um enunciado são considerados "como um ponto em uma rede de formulações ou de enunciados". Trata-se de "poder confrontar uma seqüência textual, em cada um de seus pontos (...), com o que a precede e o que a segue; e, em uma estratégia de co-texto construído, com seqüências que pertencem a outros textos [25]". Dito de outra forma, a análise deve abrir-se em direção ao interdiscurso que sustenta tacitamente o texto, ultrapassando o contexto imediato.

O mais importante consiste na variedade de abordagens que um tal procedimento pressupõe. O texto é explorado em diversas dimensões, através de algoritmos reformuláveis ao longo da análise. De uma visão puramente quantitativa, passa-se, pois, para a de uma rede de redes, na qual é possível circular.

Esta necessidade de ultrapassar a decomposição sintática pura faz-se sentir mesmo nas pesquisas que não recorrem a programas capazes de construir arborescências sintáticas. Isto aparece com clareza, por exemplo, neste artigo de J. P. Sueur, cujo título é revelador: "*Sintaxe, léxico e enunciação em algumas resoluções sindicais* [26]", no qual afirma: "Os estudos estatísticos que incidem sobre o vocabulário dos discursos devem necessariamente ser completados pelo estudo das estruturas sintáticas e dos quadros enunciativos nos quais as formas lexicais e gramaticais aparecem [27]". O autor é conduzido, desta forma, a correlacionar em seu corpus de resoluções sindicais [28], "os dados estatísticos relativos ao grau de especificidade das palavras instrumentais" e "as especificidades sintáticas e enunciativas de cada emissor [29]". Assim procedendo, leva em consideração elementos habitualmente negligenciados: modos verbais, pronomes, proposições, coordenações.

É preciso, entretanto, não se enganar; o interesse desse gênero de abordagens será inevitavelmente limitado, enquanto não forem postas em evidência correlações estreitas entre os fenômenos de diferentes ordens. Caso contrário, corre-se o risco de chegar a um desequilíbrio entre a insignificância dos índices e a riqueza da interpretação que se lhe pode atribuir, ou, então, contentar-se com simples constatações. Assinalando, por exemplo, que a CGT (Confederação Geral do Trabalho) utiliza *eles* e *elas* com maior freqüência que os outros sindicatos, J.P. Sueur sugere, prudentemente, que esta predileção pelo plural "manifesta uma realidade fundamental: a CGT é sensível ao fato de que a luta sindical é, antes de mais nada, um embate coletivo [30]". Observar-se-á, entretanto, que esta interpretação, na realidade, não se apóia sobre *eles/elas*, mas sobre o estudo dos substantivos que são seus antecedentes e que mais parece decorrer de um saber exterior ao corpus do que de sua análise. Em compensação, quando o autor registra o emprego superabundante que a mesma CGT faz da coordenação, dificilmente pode daí extrair uma interpretação; dizer que a coordenação permite, por exemplo, "manifestar que um processo se estende no espaço e no tempo" e que "é um traço constante na língua da CGT [31]" (Cf. *continuar e agravar esta política, o número e a duração das greves*, etc.), não vai muito além do estágio da constatação.

Seria difícil esperar um grande progresso decorrente de uma melhor interpenetração do léxico, da sintaxe e da enunciação, sem construir procedimentos de análise concebidos para esse fim.

GRÁFICOS DE ASSOCIAÇÕES E PALAVRAS-CHAVE

O estudo que agora vamos lembrar [32], em certo sentido, é mais tradicional, pois a articulação entre a sintaxe e o léxico é mais pobre e, desde o início, semântica. Desenvolve-se a partir de questões e de um corpus muito diferentes do caso precedente, mas aí encontram-se dois traços maiores: a construção do objeto a partir das propriedades lingüísticas do corpus e das hipóteses sobre o funcionamento discursivo; por outro lado, a intrincação do qualitativo com o quantitativo.

O método dos termos-pivôs pretendia ser aplicável a qualquer corpus; esta era, certamente, uma pretensão exorbitante. Cabe ao analista avaliar o que ele pode esperar de semelhante abordagem em

determinado corpus. Se a abordagem que vai ser apresentada fosse aplicada a um corpus como o de Courtine os resultados seriam extremamente pobres: não apenas porque os dados não seriam suficientes, mas ainda porque o estudo de elementos adjetivais não seria muito rentável neste gênero de discurso.

O trabalho que realizamos sobre "gráficos de associações" lexicais inscreve-se no quadro do estudo do espaço discursivo formado pelos discursos jansenista e humanista devoto. Após a formulação do modelo das operações e das categorias semânticas deste espaço, a análise de vocabulário deveria contribuir para validá-lo. Diversas considerações, que não vêm ao caso aqui, levaram-nos a escolher a *Introduction à la vie dévote*[33] de São Francisco de Sales como texto representativo do discurso humanista devoto. Deste conjunto, foram retidas as cadeias de adjetivos parassinônimos (Cf. "uma ação *amorosa e terna*", "uma virtude *prudente, discreta*") bem como as cadeias correspondentes de advérbios de modo (Cf. "agir *prudentemente, docemente*"). Na realidade, este corpus foi dividido em dois para distinguir as cadeias selecionadas das cadeias rejeitadas; procurava-se, assim, não misturar duas categorias que, na enunciação, dependiam de registros antagônicos.

O recorte deste objeto foi determinado pelas propriedades do texto. Efetivamente, muitas obras do fim do século XVI e início do século XVII justapõem desta forma os adjetivos e os advérbios, definindo através disso os termos que, em sua formação discursiva, são dados como substituíveis. Quanto à divisão do corpus em dois conjuntos e a própria delimitação deste corpus, não foram feitas diretamente pelo analista, mas determinadas *pelo texto*. Considerando o papel crucial desempenhado pelo "retrato da Devoção[34]", neste discurso, extraiu-se destas poucas linhas os adjetivos "positivos" (selecionados) (*bom, belo, doce, feliz, agradável, amigável*) e os que foram rejeitados (*deplorável, triste, rabujento, melancólico, insuportável*). A seguir, foram levantadas todas as cadeias parassinonímicas em que estes adjetivos figuram bem como as cadeias dos termos que a eles se associam. Assim procedendo, abordou-se um fenômeno discursivo importante, pois os dois conjuntos assim constituídos (856 ocorrências de elementos selecionados e 356 de elementos rejeitados para respectivamente 187 e 120 lexemas distintos, em uma obra de cerca de 300 páginas de uma edição de bolso) não apresentaram intersecção.

O interesse manifestado aqui pelos adjetivos de tipo avaliativo contrasta notavelmente com os hábitos da AD, que se volta, geralmente, para os substantivos, cujo conteúdo ideológico parece mais evidente. Na realidade, não há razão para marginalizar os advérbios ou os adjetivos; no caso de um discurso devoto, compreende-se muito bem que estas categorias desempenham um papel importante: a função deste tipo de discurso é mais de definir um "modo de ser" do que uma doutrina, em sentido estrito. A devoção não é tanto uma virtude particular, quanto um modo de regulação generalizada dos comportamentos.

Mas o aspecto qualitativo não exclui a consideração da dimensão quantitativa; cada um destes aspectos, na realidade, deve favorecer o controle do outro. Dispõe-se, efetivamente, de um corpus que oferece a possibilidade de uma dupla exploração: pode-se considerar, por um lado, *que* termos são substituíveis por *quais* outros, mas também *qual é a freqüência destes termos e destas associações* parassinonímicas. Chamar-se-á *grau de valência* ou *valência* de um termo o número de adjetivos diferentes com os quais está associado. Um termo que seria muito freqüente no corpus, mas constantemente ligado somente a um outro, teria apenas valência 1: este critério permite, pois, corrigir as inconseqüências de recorrer unicamente à freqüência.

Em termos matemáticos, estes dados constituem dois *gráficos conexos* (G^+, gráfico dos adjetivos selecionados e G^-, gráfico dos adjetivos rejeitados) onde cada adjetivo representa um "vértice" e a relação "estar associado a", uma "aresta". Através destes dois gráficos, obtêm-se três tipos de informações:

— a lista dos associados de cada termo, com a freqüência de cada uma destas associações;

— uma classificação dos termos, segundo sua freqüência no corpus;

— uma classificação segundo o grau de valência.

Estas informações podem ser utilizadas de modo a pôr em evidência as linhas de força de um universo semântico. Começa-se por circunscrever um *núcleo* de termos particularmente específicos, eliminando aqueles cuja valência e freqüência são inferiores a 3 em G^- (permanecem 26 adjetivos) e inferiores a 6 em G^+ (permanecem 35 adjetivos). Para estruturar este núcleo, não se trata de considerar o

sentido das unidades em língua, é preciso referir-se ao seu valor no discurso; para tanto, são colocados na mesma classe os termos que, nas listas de associados, apresentam uma forte intersecção, podendo-se, pois, considerá-los como equivalentes para esta formação discursiva. Por exemplo, em G^- *inquieto* e *apressado* possuem os seguintes associados [35]:

— *inquieto*: azedo, rabugento, apressado(5), impaciente, perturbado(5), turbulento, violento;

— *apressado:* azedo, rabugento(2), irado, inquieto(5), perturbado(2), turbulento, violento.

Entre sete, estes dois adjetivos possuem seis associados comuns e eles mesmos aparecem associados por cinco vezes; com base nisto, são colocados juntamente com outros em uma mesma classe, caracterizada semanticamente e relacionada com o modelo do espaço discursivo. Nesta experiência, existe a possibilidade de definir equivalências semânticas *que a língua não permitiria prever* que são próprias do discurso: *a priori,* nada indica que *apressado* e *inquieto* são termos rejeitados e substituíveis, enquanto *prestes* é um adjetivo selecionado, ou ainda que *inquieto* e *triste,* ambos rejeitados, não são substituíveis.

Esta análise do "núcleo" deixa, entretanto, dois resíduos para G^-: os adjetivos *rabugento* e *impaciente* apresentam a particularidade de possuírem associados em várias classes, não entrando em nenhuma. Pode-se considerá-los como *pontos de intersecção* das classes. Como *rabugento* ocupa o primeiro lugar quanto à valência e o terceiro, quanto à freqüência, é lícito pensar que este termo encontra-se na encruzilhada de redes de sentido maiores; será considerado uma *palavra-chave* de G^-. Em compensação *impaciente* não poderia ser considerado uma palavra-chave; em quarto lugar, no que concerne à valência, e no vigésimo oitavo lugar para a freqüência (=4), sua valência é elevada apenas porque está associado em cada uma das ocorrências a longas cadeias de parassinônimos.

Os resíduos da análise de G^+ são heterogêneos; aí encontram-se misturados três tipos de lexemas:

— os mais freqüentes em língua (*verdadeiro, belo,* etc.);

— unidades impostas pelo gênero do discurso (*santo, louvável, justo,...*);

— unidades cuja posição singular é explicada pela especificidade da formação discursiva.

Evidentemente, são os elementos deste último conjunto que nos interessam, desde que sua freqüência e sua valência estejam em harmonia. Decorre daí que o termo *doce* desempenha, inegavelmente, o papel de palavra-chave; nenhuma coerção lingüística ou tipológica pode explicar que suas freqüência e valência sejam as mais elevadas (72 ocorrências, 51 associações diferentes). Este estatuto privilegiado de *doce* decorre do fato de que uma parte notável de suas acepções na língua recobre as categorias semânticas que permitiram definir as diversas classes do núcleo; esta palavra, conseqüentemente, dá acesso ao conjunto de categorias sobre as quais se manifesta a formação discursiva. Assim, um enunciador ligado a este discurso, a cada vez que emprega a palavra *doce,* encontra-se sob a ação de toda sua dinâmica semântica e manifesta, através disso, sua dependência deste discurso. A função de uma "palavra-chave" consiste exatamente em cristalizar a maior parte das redes de sentido de um universo textual. Esta função lhe confere uma "riqueza" que resulta da conformidade notável entre uma polissemia lingüística e coerções discursivas.

Para encerrar, insistir-se-á no caráter *construído* da noção de palavra-chave que aqui é empregada. Uma unidade só é definida como tal através de uma grade explícita de análise de vocabulário que leva em conta, a um só tempo, o funcionamento da formação discursiva e o valor da unidade em língua.

LÍNGUA, DISCURSO, INTERDISCURSO

Tornou-se lugar-comum dizer que o léxico de uma língua não pode ser considerado independentemente das ideologias que circulam no interior de uma sociedade, das posições de seus usuários. O analista do discurso certamente lida com palavras que figuram nos dicionários, mas não é nele que encontrará todos os elementos que lhe são necessários para apreender o valor de uma palavra em uma formação discursiva determinada. Como é possível prever, uma divisão opera-se imediatamente entre os pesquisadores que, sobre este assunto, maximi-

zam o peso da semântica lingüística e aqueles que adotam uma atitude contrária, fazendo todo o léxico oscilar no campo do discurso.

Este gênero de controvérsia é amplamente falsificado pelo fato de que o problema se coloca diferentemente, segundo o tipo de palavras que são tomadas implicitamente como ponto de referência. A isto acrescenta-se o caráter falacioso de uma oposição elementar entre "língua" e "discurso"; não é muito pertinente confrontar um léxico supostamente comum a todos os locutores e do qual o dicionário seria o depositário com usos específicos desta ou daquela formação discursiva. Na realidade, a situação é mais complexa: o que chamamos "língua" está atravessado por múltiplos discursos e não poderia estabilizar-se já que, de acordo com os estatutos dos locutores, existem acessos muito diversificados aos estoques lexicais. A AD deve resignar-se a isto: ela não pode se contentar em recorrer aos dicionários, mas ela também não pode recusar a existência de um Dicionário, de um espaço de uniformização semântica relativa, o que J.M. Marandin chama de um "discurso nacional" onde "cada entrada constitui um conjunto consistente de enunciados, separado da formação discursiva onde foram produzidos e, de alguma forma, "naturalizados". O conjunto consistente de enunciados, ao "definir" um termo, constitui um tipo particular de pré-construído: um pré-construído assimilado à própria existência da língua nacional".

Mas a questão não consiste unicamente em saber como uma formação discursiva constrói seu espaço próprio através das virtualidades da língua; isto também se dá sob a pressão do interdiscurso, que força estreitamente esta interação entre o lingüístico e o discursivo. Como bem o sublinha Bakhtin, todo discurso, através de suas palavras, é envolvido no interior de um imenso rumor "dialógico":

> "Voltado para seu objeto, ele penetra neste meio de palavras estrangeiras, agitado por diálogos e tensionado por palavras, se insinua em suas interações complicadas, funde-se com algumas, afasta-se de outras, cruza-se com terceiras. (...) Um enunciado vivo, significativamente surgido em um momento histórico e em um meio social determinado, não pode deixar de tocar em milhares de fios dialógicos vivos, tecidos pela consciência sócio-ideológica em torno do objeto de tal enunciado [37]".

Comentando um trabalho de AD [38] que incide sobre os substantivos *programa, projeto, proposição* em textos eleitorais de 1977-1978, J. Bastuji empenhou-se em mostrar que o sentido destas palavras não é inteiramente determinado pelas posições ideológicas, isto é, que a semântica da língua aí intervém com muita força. Na realidade, neste corpus os empregos dos substantivos estudados correspondem com exatidão aos significados que lhes estão associados nos dicionários de língua: "As quatro formações políticas exploram valores lexicais fixados em francês contemporâneo *sem absolutamente modificar seu sentido* [39]". Estas palavras possuem certas virtualidades em língua e a eficácia leva a respeitá-las já que se trata de um discurso eleitoral dirigido a um público *a priori* indeterminado, cujo interdiscurso é muito pouco especificado. *Programa* é o termo convencional para designar este tipo de produção; como o "programa comum" da esquerda dele se apropriou (fato de interdiscurso), os outros partidos esforçam-se para encontrar, no interior do mesmo paradigma lingüístico, substitutos entre os termos prefixados por *pro-*, o qual está associado a um esquema de "movimento para frente". Por outro lado, há conformidade entre a necessidade de diferenciar-se de *programa* e o próprio conteúdo dos lexemas em questão: *projeto* ou *proposição* estão ligados, tanto na língua quanto neste corpus, a um indivíduo e designam conjuntos abertos de enunciados e não, como *programa*, um sistema relacionado a um sujeito coletivo. Assim procedendo, os textos do Partido Republicano e do RPR* reafirmam obliquamente suas opções liberais, ou seja, individualistas e pragmáticas. Utilizando termos que não pertencem ao vocabulário político consagrado, fingem escapar às singularidades politiqueiras.

Logo, explorar as tendências semânticas da língua tem se mostrado, freqüentemente, útil. J.M. Marandin chega ao mesmo tipo de conclusão quando examina os empregos de *camponês* no primeiro capítulo de *Quand la Chine s'éveillera* (Quando a China despertará) de Alain Peyrefitte:

> "O conjunto de enunciados com que são construídas estas seqüências parece ser idêntico ao conjunto de enunciados com que é construído o verbete "camponês" no *Grand Robert* e no *Grand Larousse de la langue français*. (...) *Quand la Chine* mos-

* Rassemblement pour la République (União para a República) (N. do T.).

tra-se, de alguma forma, um sistema de expansão desse sistema mínimo de frases. Poder-se-ia dizer que a entrada de "camponês", no dicionário de francês nacional, constitui a "situação" descrita pelo texto de Peyrefitte (o que nos conduz para bem longe da China! [40])"

Uma tal coincidência não é destituída de sentido. Peyrefitte enuncia no círculo de uma cultura, de um pré-construído cristalizado nos dicionários. O leitor encontra este pré-construído com a ilusão de um desvio exótico, o que confere ao texto uma autoridade particular.

Todavia, uma tal conformidade dificilmente seria encontrada entre língua e discurso, se fosse preciso tratar de termos cujo sentido apenas estabelece relações muito pobres com a língua. Para *socialismo, liberdade, democracia,...* por exemplo, recorrer ao dicionário de língua não apresenta grande interesse; é quase unicamente pela consideração do interdiscurso político que seu valor poderá ser circunscrito. Trata-se, aliás, de palavras privilegiadas pelo método dos termos-pivôs, e isto é lógico, visto que desembocam diretamente sobre o conteúdo doutrinal.

Deste ponto de vista, um termo como *doce*, examinado acima, representa exatamente um caso simétrico. Com efeito, ele pertence às mais profundas camadas lexicais da língua e sua exploração pelo discurso humanista devoto obedece rigidamente suas coerções. Entretanto, a partir do momento que *doce* tornou-se palavra-chave de uma certa posição discursiva, não escapará do interdiscurso: uma posição antagônica poderá sistematicamente evitar seu emprego para marcar sua alteridade, transformando-o em uma espécie de *tabu*. Uma ilustração disto encontra-se nas *Provinciales* que, além dos acontecimentos imediatos que suscitaram sua produção, se constituem em uma máquina voltada contra o humanismo devoto. Nas dez primeiras cartas deste livro, *doce* só é empregado duas vezes e, nos dois casos, inserido em alocuções que parodiam:

"Nossos casuístas analisaram os vícios em que mais freqüentemente incidimos, em todas as condições, a fim de estabelecer *doces máximas*, sem, todavia, ferir a verdade, pois dificilmente estaríamos de acordo se não estivéssemos contentes [41]".

Doce é palavra-chave do registro positivo do discurso humanista devoto; nos textos que dependem desta doutrina, cada substantivo ao qual este termo está associado é afetado *ipso facto* por um estatuto positivo. Como o discurso jansenista constituiu-se contra o humanismo devoto, ele não pode mais assumir *doce* e emprega-o, desviando-o através da paródia; colocada na boca de um humanista devoto caricatural, esta palavra passa para o registro negativo jansenista: o contexto mostra claramente que *doce máxima* equivale, de fato, *à máxima ímpia* (= que autoriza o vício, em lugar de proibi-lo). Este processo de "tradução" modifica, pois, completamente o valor do termo, o que uma simples análise em língua não poderia mostrar.

A partir destes exemplos, percebe-se a importância da dimensão interdiscursiva no uso do vocabulário. Enunciar certos significantes, implica significar (nos dois sentidos da palavra) o lugar de onde os enunciamos; é também significar *sobretudo o lugar de onde não enunciamos*, de onde, em hipótese alguma, se deve enunciar. A palavra não aparece tanto como a projeção do que um grupo "deseja dizer", o meio de expressar uma doutrina, quanto como o resultado de uma negociação que sempre deve ser retomada, entre diferentes coerções através de um espaço saturado de outros signos.

Tudo que foi dito a propósito do vocabulário nas páginas anteriores tende a questionar o estatuto preponderante que lhe havia sido atribuído em uma AD que permanecia na órbita da semântica estruturalista. A "análise do discurso" varia em função do que é entendido por "discurso" e do que se julga pertinente de aí apreender. Houve um tempo em que a AD se interessava quase exclusivamente pelos substantivos de conteúdo ideológico imediato; se atualmente tornou-se possível examinar tematizações, determinações, adjetivos avaliativos, ... é porque a concepção do discurso enriqueceu-se. Isto poderá ser melhor percebido no capítulo seguinte, onde serão examinadas as palavras com função argumentativa.

O vocabulário encontra-se necessariamente situado no cruzamento de múltiplas instâncias, da cena enunciativa aos modos de coesão textual, passando pelo interdiscurso... Sua análise deveria, pois, dar acesso a esta complexidade. O termo *doce*, já examinado, não constitui apenas um predicado da devoção no humanismo devoto ("a verdadeira devoção é doce") que se opõe aos predicados de outras formações discursivas, mas diz respeito igualmente ao "tom" do enunciador

legítimo (que deve expressar-se "docemente"), seu "caráter", o gênero de cenas enunciativas requeridas (cartas, conversas familiares)... Tende-se a *passar de uma lexicologia a uma semântica "global"*, suscetível de integrar as diversas dimensões da discursividade. Não é necessário que isto tome a forma de uma dependência comum face a um mesmo sistema de restrições semânticas; o essencial é que, de direito, nenhuma destas dimensões fique fora da análise.

---

1. Sobre a lexicometria ver *Initiation aux méthodes de l'analyse du discours*, p. 22-45.

2. Preferimos utilizar esta denominação à de "análise harrisiana", que, como vimos, é absolutamente imprópria. Poder-se-ia também falar, como o faz J. B. Marcellesi, de "análise do discurso com entrada lexical".

3. Louis Guespin, "L'analyse du discours politique en France. Acquis et tendences", in *Le discours politique*, p. 147.

4. *Langages*, n.º 55, p .19 e seg.

5. "Courte critique pour une longue histoire", in *Dialectiques*, n.º 26, 1979.

6. *Langages*, n.º 62, p. 79.

7. J. M. Marandin, op. cit., p. 37.

8. *Langages*, n.º 70, p. 76.

9. Trata-se do *Cours régulier de langue française* (Curso Intermediário), livro do mestre, de E. Hanriot e E. Huleux, Paris, Alcide Picard et Kann, 1906.

10. Para uma análise mais detalhada, ver *Les livres d'école de la République*, I, cap. 5.

11. "Relations paraphrastiques et construction du sens. Analyse d'une formule dans le discours xénophobe", in *Modèles linguistiques*, tomo IV, fascículo 1, 1982, p. 39 e seg. Sobre o mesmo assunto, ver "Recherches sur les discours xénophobes" de M. Ebel e P. Fiala, in *Travaux du centre de recherches sémiologiques*, n.ºs 27 e 28, Neuchâtel, 1977.

12. Art. cit., p. 60.

13. Art. cit., p. 58.

14. Art. cit., p. 63.

15. Art. cit., p. 73.

16. "Bilan d'une recherche en analyse du discours", in *Mots*, n.º 6, março, 1983, p. 157.

17. *Langages*, n.º 62, p .79.

18. Art. cit., p. 98.

19. "Lexique et syntaxe en analyse du discours: propositions d'analyse automatique", comunicação apresentada no Congresso Internacional de "Informática e Ciências Humanas", Liège, nov., 1982. Mimeo.

20. Este programa logístico é apresentado por Pierre Plante no n.º 6 de *Mots*, p. 101 e seg.

21. Trata-se aqui da oposição tema/comentário (em inglês *topic/comment*). Para uma abordagem de AD sobre a tematização ver M. Borel e M. Ebel, "Imaginez-vous, suisses et suissesses. Note sur un consensus", in *Langage et société*, p. 49-72.

22. B. Basire, "Groupes nominaux saturés et discours", in *DRLAV*, n.º 27, p. 47.

23. "Analyses de discours: stratégie de description textuelle", in *Mots*, n.º 9, p. 151.

24. Art. cit., p. 152.

25. Art. cit., p. 158.

26. *Actes du deuxième colloque de lexicologie politique*, Paris, Klincksieck, 1982, p. 473-492.

27. Op. cit., p. 489.

28. Tratam-se de resoluções sindicais votadas nos congressos da CFTC (Confédération Française des Travailleurs Chrétiens), da CFDT (Confédération Française Démocratique du Travail), da CGT (Confédération Générale du Travail) de FO, entre 1971 e 1976.

29. Op. cit., p. 473.

30. Op. cit., p. 483.

31. Op. cit., p. 489.

32. Para uma apresentação mais detalhada ver "Réseaux d'associations et mots clés en analyse du discours", in *Cahiers de lexicologie*, n.º 40, 1982 — I.

33. A obra mais célebre de São Francisco de Sales, de 1609.

34. Um fragmento deste texto foi apresentado no capítulo I, 1, quando a noção de ethos foi introduzida.

35. A freqüência da associação está indicada entre parênteses.

36. *Langages*, n.º 55, p. 55.

37. Citado por J. Authier, in *DRLAV*, n.º 26, 1982, p. 113.

38. Trata-se de uma dissertação de mestrado de F. Ricateau-Perego que estuda os textos sobre o ensino, produzido pelo Partido Republicano, pelo RPR (Rassemblement pour la République), pelo Partido Comunista, pelo Partido Socialista para as eleições legislativas. A escolha destas palavras é explicada pelo fato de elas figurarem nos títulos dos programas: *Le Projet républicain, Propositions pour la France, Programme Commun de Gouvernement*. O artigo de J. Bastuji, "Sémantique, pragmatique et discours", encontra-se em *Linx*, n.º 4, 1981, p. 7-45.

39. Art. cit., p. 36.

40. *Langages*, n.º 55, p. 80.

41. Op. cit., p. 103 (O grifo é nosso).

2.

OS CONECTIVOS ARGUMENTATIVOS

A análise da coesão textual recorre a um campo de problemas diversos: fenômenos de anáfora em sentido amplo, recuperações pressuposicionais, progressão temática, narratividade, argumentação, etc. O desenvolvimento destes domínios não é recente [1]. Neste capítulo, concentraremos nossa atenção sobre o que Ducrot chama de "palavras do discurso", apenas aludidas no volume precedente. O interesse crescente pelos conectores argumentativos (*mas, pois, logo*...) ocorre paralelamente ao deslocamento que a AD sofreu em seu conjunto.

> Não é inútil, quando teorias que empregam constantemente o termo "discurso" são mencionadas, lembrar, ainda uma vez, que este uso de "discurso" não se situa no mesmo nível que o da AD, a qual com este termo refere-se à "formação discursiva". Mesmo que estas teorias da argumentação utilizem amplamente os elementos do contexto, apelem para as circunstâncias da comunicação, isto não as transforma em AD. Elas preferem considerar a prática ordinária da linguagem, enquanto a AD se interessa pelas interpretações construídas a partir de hipóteses fundadas na articulação das formações discursivas com as conjunturas históricas. É conveniente não ser vítima desta ambigüidade.

Em geral, as teorias da argumentação oscilam entre uma concepção "logicista" e uma concepção "retórica". O estudo da argumentação em língua deixou, pouco a pouco, de copiar os modelos utilizados na demonstração matemática; isso teria ocorrido, talvez, em função de

que a "argumentação é sempre construída por alguém, contrariamente a uma demonstração que pode ser feita por "qualquer um". Trata-se, pois, de um processo, pelo menos virtualmente, dialógico [2]". Quanto mais estes trabalhos se refinam, mais parece evidente que a língua, com certeza, possui um valor argumentativo que é essencial, mas que obedece a princípios absolutamente específicos. Nem por isso a AD deve ser relegada a uma concepção "retórica" da argumentação, mesmo que, em boa parte, ela se construa no interior do campo que a retórica tradicional ocupava. Permanece uma separação irredutível entre esta retórica e seus prolongamentos modernos (as múltiplas técnicas da comunicação eficaz, da persuasão...) e a AD: enquanto a primeira supõe um sujeito soberano que "utiliza" "procedimentos" a serviço de uma finalidade explícita, para a segunda, as formas de subjetividade estão implicadas nas próprias condições de possibilidade da formação discursiva.

Se as teorias *lingüísticas* da argumentação se revelam cruciais para a AD, é precisamente porque são lingüísticas, porque liberam estratégias argumentativas tão discretas e sutis quanto eficazes, porque questionam o enunciador e o co-enunciador. Longe de serem superpostas às estruturas, estas estratégias só se manifestam à medida que a própria organização da língua é condicionada por esta necessidade de agir sobre outrem. Nesta perspectiva deve ser compreendido particularmente o fato que a argumentação da linguagem se apóia freqüentemente sobre o implícito: o implícito não é uma lacuna presente em uma alocução que, de direito, deveria ser explicitável, mas constitui uma dimensão essencial da atividade discursiva.

Os fenômenos para os quais estão voltados os trabalhos que tratam da argumentação na língua são muito variados: poderá ser uma estrutura interrogativa, uma negação, um advérbio de quantidade, uma interjeição, etc. Neste capítulo serão considerados os **conectivos**, isto é, os morfemas que têm por função ligar dois enunciados. Sobre esses conectivos já existe uma bibliografia importante, embora desigual, alguns deles sendo muito estudados e outros, pouco ou nada; contentar-nos-emos em lembrar alguns. Não se trata de estudar estes conectivos por eles mesmos, mas de verificar o proveito que a AD pode tirar de sua análise sistemática.

SEMÂNTICA E ARGUMENTAÇÃO

À medida que o estudo destes conectivos repousa em boa parte sobre as pesquisas de O. Ducrot e de J.C. Anscombre, é necessário referir alguns de seus pressupostos teóricos. Trata-se, em primeiro lugar, de uma certa concepção semântica: "uma decisão que não depende de uma demonstração com pretensão científica". Como explica Ducrot,

> "um enunciado é composto de palavras para as quais não é possível fixar nenhum valor intrínseco estável (...), seu valor semântico não residiria, pois, em si mesmo, mas apenas nas relações que estabelece com outros enunciados, enunciados estes que ele está destinado a admitir ou aqueles que são supostamente capazes de por ele serem admitidos [3]".

Concepção que, como se vê, liga radicalmente semântica lingüística e argumentação. Esta última noção é assim apresentada:

> "Um locutor faz uma argumentação quando apresenta um enunciado E_1 (ou um conjunto de enunciados) destinado a *fazer admitir* um outro (ou um conjunto de outros) E_2. Nossa tese é que existem coerções na língua que regem esta apresentação [4]"

"Na língua", este é o ponto decisivo. Considerem-se, por exemplo, os dois enunciados:

(1) *Paulo não viu todos os filmes de Kurosawa.*

(2) *João viu alguns filmes de Kurosawa.*

Em um plano estritamente informativo, é bem possível que Paulo conheça muito melhor a obra de Kurosawa do que João. Entretanto, a inserção destes enunciados em uma argumentação revela uma diferença inesperada: após (2), é possível encadear *Ele poderá informá-lo*, mas não após (1). Isto significa que (1) está orientado para uma conclusão negativa e (2), para uma conclusão positiva, independente-

mente do estado de coisas expresso por estes dois enunciados. Os encadeamentos argumentativos possíveis *dependem, pois, da estrutura lingüística dos enunciados e não apenas das informações que veiculam.*

Na definição de argumentação dada anteriormente, afirmou-se que o locutor, ao argumentar, "apresenta" um enunciado destinado a admitir um outro. Este ponto é importante; com efeito, quando um locutor utiliza um enunciado A a favor de uma conclusão C, isto não significa que A é dito para que o destinatário "pense" C (problema que não depende da lingüística), tampouco para que "conclua" C. Na realidade, ele apresenta *A* como *capaz de conduzir o destinatário a concluir C*, como razão para acreditar em C. É constitutivo do sentido de um enunciado pretender orientar a seqüência do discurso em uma certa direção, reivindicar um certo limite *que impõe ao destinatário através de sua própria enunciação.* Isto não significa, evidentemente, que o interlocutor não possa escapar a este limite.

Entre estes fenômenos que restringem os encadeamentos argumentativos convém distinguir duas grandes classes: os *conectivos* e os *operadores*. Os primeiros servem para ligar dois ou vários enunciados, destinando a cada um um papel particular em uma estratégia argumentativa única, enquanto os segundos (*não, quase,* etc.) aplicam-se a um enunciado único, ao qual conferem um potencial argumentativo específico.

Umas das particularidades destes conectivos é que, diferentemente dos conectivos lógicos, eles podem ligar não apenas proposições, mas também enunciações a proposições, e mesmo encadear com elementos da situação extralingüística ou com reações não ditas que o locutor atribui a si mesmo ou ao destinatário. Dito de outra forma, os elementos conectados podem perfeitamente ser de naturezas distintas. Consideremos estes dois exemplos:

(1) *Estamos prontos para combater, já que* [*puisque*] *vocês querem conhecer nossas intenções.*

(2) (Diante de uma audiência que o difama, um político grita:) *Vocês pretendem, pois* [*donc*], *a liberdade de expressão.*

Em (1), o enunciado que segue *já que* não representa evidentemente a causa da decisão de combater: é a *enunciação* de *Estamos*

prontos para combater que é assim legitimada, e não o conteúdo do enunciado propriamente dito. Em (2), a relação estabelecida por *pois* liga, não duas proposições, mas uma situação (a agressividade do auditório) a uma proposição; note-se que, neste último exemplo, é o locutor que constitui as reações do público como argumento a favor da conclusão que enuncia; é através disso que coloca seus interlocutores em posição de transgressores.

Da mesma forma, enquanto em lógica, os conectivos incidem sobre duas proposições *explícitas* e *delimitadas*, na língua, as imposições relativas à boa formação não se mostram absolutamente necessárias. Um conectivo tão banal como *mas*, por exemplo, em geral não explicita a conclusão que pretende fazer admitir. Quanto à delimitação dos enunciados postos em relação, não se trata obrigatoriamente daqueles que precedem e seguem imediatamente os conectivos. Enfim, o conectivo pode pôr em jogo, não um enunciado preciso, mas todo o movimento discursivo cujas fronteiras são, por vezes, indecisas. Pode mesmo ocorrer que uma conexão se estabeleça sem a intervenção de um conectivo explícito; em

Os franceses estão cansados de sua política (p); *eles reagem* (q).

a colocação do enunciado *p* parece autorizar a produção de *q*, mas sem especificação suplementar.

Uma boa ilustração deste funcionamento bastante complexo encontra-se na fala de Valéry Giscard d'Estaing, analisada por Ducrot:

(1) "Enfim, desejo ser um presidente democrático. (2) Quero dizer com isso que, aconteça o que acontecer, respeitarei a decisão do sufrágio universal. (3) Não exerço sobre os senhores nenhuma ameaça, nem qualquer chantagem. (4) Os senhores farão sua escolha e vossa escolha, eu a respeitarei".

Segundo Ducrot, trata-se de um encadeamento heterogêneo onde o enunciado (3), apresenta-se sem conectivo, *incide ao mesmo tempo sobre o enunciado que o precede e aquele que o segue.* Todavia, a relação de (3) com (2) e (4) é bem particular: trata-se de um comentário que incide não sobre o conteúdo factual (que está no futuro),

mas *sobre o próprio ato de enunciar (2) ou (4)*. O que poderia ser assim interpretado: "O fato de o candidato afirmar, antes das eleições, que respeitará, após as eleições, a decisão do povo pode ser suficiente para mostrar que se recusa a ser, *no momento em que fala*, como se dizia na época, o "candidato do medo" que se apóia no temor de um golpe de Estado para arrancar os votos [5]".

O estudo destes fenômenos de argumentação conduz, igualmente, à retomada de uma possível *interpretação* dos enunciados, da atividade do destinatário suposta por tais mecanismos. Compreender uma seqüência onde figura um conectivo não consiste em decifrar seu significado para associá-lo ao de seus concorrentes, mas em aplicar um certo número de *instruções* ligadas ao emprego deste conectivo para reconstruir o sentido do enunciado:

> "A significação (...) contém, sobretudo, em nossa opinião, *instruções* dadas àqueles que deverão interpretar um enunciado da frase, solicitando-lhes que procurem, na situação de discurso este ou aquele tipo de informação para utilizá-la desta ou daquela maneira para reconstruir o sentido visado pelo locutor [6]".

Se várias reconstruções se revelarem possíveis, isto implica que a interpretação pode ser defeituosa ou duvidosa. Uma tal concepção incide sobre a representação que fazemos da textualidade, considerada como uma espécie de "armadilha" lançada ao destinatário. "Para a compreensão de um texto, são importantes, não apenas as indicações que ele traz para o destinatário, *mas também as manobras às quais é submetido, os percursos que é obrigado a seguir*". Assim, o caráter indireto da interpretação, longe de constituir uma imperfeição ocasional, seria sua dimensão essencial: ela prescreve, através de sua estrutura, o percurso que sua leitura implica.

Ter-se-á, sem dúvida, notado, a partir da leitura desta apresentação sumária, que tais formulações acarretam um certo perigo para a AD. Na verdade, somos constantemente levados a falar de "sentido pretendido pelo locutor", de "estratégias", de "manobras", etc., dirigidas para o destinatário. O lingüista dificilmente pode dispensar este gênero de formulações, mas seria preciso não considerá-las em seu sentido estrito, nem representar a enunciação como uma partida de xadrez onde cada jogador calcula com toda a lucidez como vencer

seu adversário. Se este modo de dizer não traz conseqüências para o estudo do uso comum da linguagem, é muito diferente para a AD, a qual trata com sujeitos dominados pelas imposições das formações discursivas e não com manipuladores que dominam do exterior suas enunciações.

MAIS [MAS]

"É difícil, após ter começado a observá-la, de não ficar fascinado pela conjunção *mas*", escreve Ducrot [7]. De fato, trata-se do conectivo que, de longe, foi o mais estudado [8]. Note-se que ele apresenta um interesse indiscutível para a AD, em razão da sua grande freqüência e de sua ligação com o implícito.

Os lingüistas distinguem habitualmente dois *mas*: um *mas* de "refutação" (cf. em alemão *Sondern* e em espanhol *sino*) e um *mas* de "argumentação", sobre o qual nos deteremos um pouco mais. O primeiro é ilustrado pelo seguinte texto:

> "O protocolo de 16 de dezembro de 1984, embora rejeitado no último momento, será lembrado por muito tempo: o sindicato não mais aparece como um agrupamento de defesa dos interesses dos assalariados, *mas* como um instrumento de gestão econômica à disposição de quem dele deseja se servir" (*Le Monde*, 3/1/1985, p. 2).

Estamos diante, aqui, da encenação de uma estrutura de diálogo, no interior de um movimento único de refutação, que liga a negação e a retificação.

O *mas* argumentativo, em compensação, liga dois atos distintos. Ducrot parafraseia desta forma o movimento "P mas Q": "Sim, P é verdadeiro; você teria a tendência de, em decorrência disso, concluir R; mas não deve fazê-lo, pois Q (Q é apresentado como um argumento fais forte para não-R do que P o é para R [9]". P é *apresentado* pelo locutor como *devendo* conduzir o interlocutor a concluir R; não está inscrito na natureza das coisas e, fora de contexto, *a priori*, não há nenhuma razão para opor os enunciados que são opostos por *mas*. É o texto que, através de seu movimento, institui uma tal

oposição. Tomemos o exemplo de Ducrot no qual H. Kissinger declara, a propósito de uma conversa havida entre o Presidente Ford e o Primeiro-Ministro belga, "que ele tinha sido muito franco *mas* a atmosfera havia sido amigável". Esta oposição entre franqueza e amizade só é legitimada pelo contexto situacional: dada a tensão entre os dois países naquele momento, a "franqueza" teria implicado a ruptura. Este apoio necessário sobre o implícito aparece com toda sua força nos enunciados peremptórios: dizer *Ele é de esquerda, mas inteligente,* consiste em pressupor, a partir de uma certa posição ideológica, uma incompatibilidade entre pertencer à esquerda e ser inteligente, incompatibilidade requisitada pela interpretação da seqüência.

A existência de dois *mas,* refutativo e argumentativo, não deve, entretanto, mascarar suas afinidades pragmáticas. Tanto em um caso como no outro, institui-se um afrontamento entre o locutor e um destinatário (real ou fictício), e não uma simples oposição entre dois enunciados. O *mas* de refutação recusa a legitimidade daquilo que um destinatário disse ou pensou, ou poderia ter dito ou pensado. Já o *mas* argumentativo possibilita a oposição à interpretação argumentativa que um destinatário atribui ou poderia atribuir à proposição P de "P mas Q". São dois interlocutores que se opõem, não dois conteúdos.

Mais tarde, Ducrot introduziu uma correção à sua análise habitual do *mas* argumentativo, onde o argumento não-R era considerado "mais forte" do que R: "De fato, a única coisa constante é que o locutor declara negligenciar o primeiro [enunciado] da argumentação que está construindo, para apoiar-se apenas no segundo — a força argumentativa superior atribuída a este não passa de uma justificação desta decisão [10]". Este funcionamento de "P mas Q" pode ser resumido com auxílio do esquema que segue:

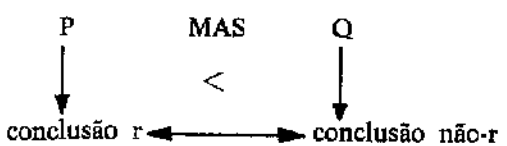

< = "ser um argumento menos forte"

⟶ = "ser um argumento a favor de"

⟷ = "ser contraditório em relação a"

Na análise que considerava a "força argumentativa", dizia-se que *mas* colocava Q como mais forte; na versão mais recente, *mas* não estabelece diretamente relação entre P e Q, apenas coloca P como "negligenciável", derivando a força maior de Q.

Este esquema pode ser percorrido de duas formas, dependendo do fato de *mas* introduzir Q ou não-R. Sejam os enunciados:

P : *Ele é gaulista*

Q : *Ele é honesto*

R : *Não se pode confiar nele*

Pode-se obter tanto *Ele é gaulista, mas honesto* (P mas Q), quanto *Ele é gaulista, mas é possível confiar nele* (P mas não-R). No primeiro caso, é preciso encontrar a conclusão implícita; é o percurso mais freqüente, o qual consideramos até aqui. No segundo, a conclusão é dada, sendo necessário encontrar o argumento mais forte, Q. Como a ausência de um argumento é difícil de reduzir, o enunciado freqüentemente o explicita: *Ele é gaulista* (P), *mas é possível confiar nele* (não-R); *ele é honesto* (Q). O primeiro percurso de *mas* estabelece uma relação indireta entre P e não-R, enquanto o segundo o faz diretamente.

A associação muito freqüente de *certamente* com *mas* em movimentos do tipo "certamente P, mas Q" permite que Ducrot introduza a análise polifônica para estes empregos: *certamente* atribui a um oponente fictício um argumento que desqualifica o enunciado introduzido por *mas*. Põe-se, desta forma, em cena "dois enunciadores sucessivos, E_1 e E_2, que argumentam em sentidos opostos. (...) Embora o locutor se declare de acordo com o fato alegado por E_1, ele, no entanto, se distancia de E_1 [11]" para assimilar-se a E_2. Consideremos o fragmento de um artigo consagrado aos maus tratos infligidos a um livreiro francês pela polícia polonesa:

> "Os fatos falam por si e lembram infalivelmente outros episódios, *certamente* muito mais graves, *mas* de mesma natureza, e, em primeiríssimo lugar, o rapto do padre Popieluszko" (*Le Monde,* 19/03/1985, p. 1).

"Certamente muito mais graves" é um argumento que se orienta para uma conclusão do tipo "não é legítimo afirmar que estes fatos lembram outros episódios"; argumento que é negligenciado pela enunciação do que *mas* introduz, conduzindo a uma conclusão contrária. O locutor atribui o primeiro argumento a um enunciador E_1 que defenderia o governo polonês e dele se distancia para identificar-se ao enunciador que considera legítimo pensar que este caso lembra o do padre Popieluszko. O primeiro enunciado corresponde a um ato de "concessão", o segundo, a uma afirmação, atos que o esquema "certamente P, mas Q" não coloca sobre um mesmo plano.

Esta descrição de *mas*, entretanto, não permite, de imediato, dar conta de todos os empregos que podem ser encontrados. Na realidade, esta é uma das particularidades desse tipo de unidades lingüísticas: elas podem engendrar, neste ou naquele contexto, efeitos de sentido aparentemente distantes, os quais, entretanto, continuam articuláveis a partir do valor fundamental que possuem na língua [12]. Assim, em uma alocução televisionada, V. Giscard d'Estaing faz a pergunta: "Quem escolher, e para fazer o quê?" e, após ter respondido à primeira parte da questão, retoma-a: "Quem escolher, *mas* para fazer o quê?" Este último *mas* não deixa de intrigar.

Para Ducrot, este emprego desconcertante seria explicado pela consideração da cronologia enunciativa. A pergunta "Quem escolher?", à medida que acaba de receber uma resposta, orienta, de preferência, em direção a uma conclusão do tipo "Minha fala está encerrada"; em compensação, "para fazer o quê?", como ainda não foi respondida, orienta melhor em direção a "É preciso que eu fale ainda". Neste contexto, o P de "P mas Q" teria, conseqüentemente, uma função de fechamento e Q, de abertura. Aqui a conclusão sugerida por P seria uma espécie de atitude metalingüística que consistiria, para o ouvinte, em desviar-se do discurso quando este parece acabado. Atitude contradita pelo que segue ao *mas*. A explicação deve, pois, fazer intervir o lugar da pergunta na seqüência do texto; os "argumentos" e as "conclusões" de que se trata neste caso não dependem, de forma alguma, do que diz o texto, *mas da maneira pela qual este texto se desenvolve*. Com exemplos deste tipo, pode-se ter uma idéia da sutileza de certos empregos.

BIEN QUE [AINDA QUE]

Mas é apenas um dos elementos da classe dos conectivos concessivos. A *concessão* constitui um movimento argumentativo que integra uma aprovação e uma refutação, apresentando um argumento a favor de uma certa conclusão e um argumento mais forte em favor da conclusão inversa. Deve-se distinguir entre a concessão *lógica*, a de *ainda que* e a concessão argumentativa, a de *mas* [13]. Na segunda, os enunciados ligados estão orientados em direção a uma conclusão, enquanto na concessão lógica não se pode falar de "orientação" argumentativa, mas de relação de causalidade, de inferência entre proposições que denotam fatos. Nesta perspectiva:

> *Ainda que a insegurança aumente continuamente, os efetivos de polícia permanecem estáveis*

poderá ser analisado como segue:

— P ("a insegurança aumenta continuamente") implica não-Q (os efetivos de polícia aumentam);

— tem-se Q ("os efetivos de polícia permanecem estáveis"), que estabelece uma relação contraditória com não-Q.

Há oposição *direta* entre Q e não-Q (mesmo que não-Q permaneça implícito): em circunstâncias normais, o fato P é a causa do fato não-Q.

Esta distinção entre concessão lógica e argumentativa, e é aí que reside seu interesse, não corresponde a um recorte da realidade entre fatos e orientações argumentativas, mas *a modos diferentes de apresentação do discurso:* é o conectivo que decide a interpretação pertinente. Isto não significa, entretanto, que o conteúdo das proposições assim ligadas seja indiferente; não é qualquer coisa que pode ser argumento para uma conclusão ou causa para um efeito, e a relação de causa é mais restritiva: *Ainda que Paulo seja simpático, Maria é morena* tem pouca probabilidade de ser aceitável porque é difícil perceber uma relação entre os dois fatos assim ligados. Em compensação, *Paulo é simpático, mas Maria é morena,* passa facilmente, à medida que é possível imaginar contextos onde, para uma

certa conclusão, o fato de ser moreno poderia constituir um argumento mais forte do que o fato de uma outra pessoa ser simpática.

A análise dos movimentos concessivos mostra pois que *mas* e *ainda que* introduzem constituintes cujos estatutos são distintos: enquanto *mas* introduz o argumento mais forte, *ainda que* introduz uma causa não determinante [14].

Estes dois conectivos, entretanto, não esgotam o leque de marcadores de concessão. Seria preciso igualmente considerar termos * como *cependant* [*contudo*], *néanmoins* [*entretanto*], *quand bien même* [*apesar de que*], etc. De passagem, assinalemos a divergência entre *quand même* [*apesar de*] e *pourtant* [*no entanto*], que faz intervir, entre outras coisas, o caráter "subjetivo" ou "objetivo" da norma subjacente à relação de inferência que estabelecem estes conectivos: encontra-se aí uma oposição entre o "lógico" e o "argumentativo". Por exemplo:

Ele é gaulista (P); *no entanto, nem sempre seguiu o General (Q)*

pode significar que, em virtude de alguma norma "objetiva", o fato de ser gaulista (P) deveria ser a causa para seguir o General (não-Q); ora, tem-se Q ("ele nem sempre seguiu o General"). O implícito é, pois, aqui, a própria norma: P é normalmente causa de não-Q. Segundo J. C. Anscombre, "'de fato, trata-se não de uma relação causal no sentido científico do termo, mas de um *topos* [= lugar comum], com o qual o locutor joga [15]". Em compensação,

Ele é gaulista (P); *apesar disso, pode-se confiar nele* (Q)

remete às orientações argumentativas. O destinatário é obrigado a procurar a intenção argumentativa de P ("Ele é gaulista"), conclusão em cuja direção o enunciado está orientado, e interpretar Q como não-R, a conclusão contrária. Confrontando *apesar de* e *no entanto*,

* Nos exemplos traduzidos que ocorrerão ao longo deste capítulo, manteremos sempre essa mesma correlação entre francês e português (N. do T.).

descobre-se a diferença entre a argumentação e a demonstração com base em relações causais [16].

CAR [POIS], *PARCE QUE* [PORQUE], *PUISQUE* [POIS QUE]

Estes conectivos parecem sinônimos para a maior parte dos locutores; na realidade, há divergências importantes entre eles, as quais nos obrigam a opor, de um ponto de vista pragmático, por um lado *parce que* a *car* e *puisque* e, por outro lado, *car* a *puisque* * [17].

"P *parce que* Q" coloca-nos diante de uma verdadeira subordinada, integrada a uma frase complexa. Isto não ocorre com as frases que começam com *puisque* e *car*. Unicamente as frases introduzidas por *parce que* podem responder à pergunta *pourquoi?* [*por quê?*], podem ser associadas a *c'est... que* [*é... que*] ou *est-ce...que* ** (* *est-ce puisque...*); apenas elas podem ser negadas ou interrogadas sem se romperem semanticamente (* *est-ce qu'il accepte puisque / car il part?* ≠ *est-ce qu'il accepte parce qu'il part?* [*Será que ele aceita por que parte?*]. A oposição pertinente não ocorre, pois, entre coordenação *(car)* e subordinação *(parce que, puisque)*, mas entre *parce que* e as duas outras.

P parce que Q forma um todo e corresponde a um ato único de enunciação que permite fornecer a explicação de um fato P conhecido pelo destinatário, estabelecendo uma relação nova de causalidade, a partir de P e de Q. O locutor de "P *parce que* Q" empenha sua responsabilidade, afirmando este elo de causalidade (em sentido amplo: é possível tratar-se de um pretexto, de uma condição, etc.). Esta integração semântica e sintática se traduz, como acabamos de ver, pela possibilidade de uma interrogação global, incidindo sobre o próprio elo de causalidade.

* A questão que está sendo discutida passa por uma repartição um pouco diferente em português ("porque" causal x "porque" explicativo) e as restrições lingüísticas para seu uso, em francês, estão muito bem marcadas, razão pela qual, nesta seção, optei por manter os conectivos em francês, servindo a tradução inicial apenas como um ponto de referência (N. do T.).

** A interrogação, em francês, é marcada lingüisticamente pela inversão da forma verbal, distinguindo-se do português que utiliza uma marca suprasegmental (N. do T.).

O mesmo não ocorre com *car* e *puisque*, que fazem aparecer, tanto com a interrogação, quanto com a negação, uma dissociação dos enunciados em dois atos distintos: a enunciação de P seguida por uma segunda enunciação, que justifica a primeira. Consideremos este exemplo retirado das *Provinciales:*

> "Encontrei junto à porta um de meus bons amigos, grande jansenista, pois [*car*] tenho-os de todos os partidos, mas ele não procurava o mesmo Padre que eu [18]".

Seria impossível empregar aqui *parce que:* o narrador não encontra um amigo jansenista *porque* [*parce que*] ele os tem de todos os partidos (causalidade), mas justifica sua afirmação "um de meus bons amigos, grande jansenista".

Utilizando "P *parce que* Q", o locutor coloca P como algo conhecido, incontestável, enquanto Q pode ou não ser conhecido pelo interlocutor. Isto explica a eficácia deste conectivo no discurso publicitário: "Em lugar de afirmar brutalmente um fato — o que poderia suscitar a idéia que ele é contestável — propõe-se uma explicação, o que faz aparecer o próprio fato, desprovido de qualquer dúvida [19]". Identifica-se bem tal deslocamento neste enunciado de J. M. Le Pen: "Nós nos sacrificamos porque era preciso pensar na França e no futuro" (*Le Monde*, 19/3/1985, p. 8), que coloca o "sacrifício" como um fato definitivo e questiona-se sobre seus motivos, enquanto a questão consiste justamente em saber se este sacrifício, na realidade, não é algo completamente diferente como, por exemplo, uma hábil manobra política que, além disso, nada custaria a seus autores. (Trata-se da desistência de candidatos da Frente Nacional em favor de seus concorrentes de direita).

Se em "P *car* Q" existem *dois* atos de enunciação, dos quais o segundo é apresentado como destinado a legitimar o primeiro, esta legitimação pode incidir sobre o direito de enunciar, como foi feito, ou, mais freqüentemente, sobre o fato de apresentar Q como uma razão para crer P verdadeiro. Enquanto com *parce que* o enunciado era dado como incontestado, com *car*, que permite a justificação, P aparece necessariamente como objeto de uma contestação possível. Em compensação, para o estatuto de Q, *car* não impõe muitas restrições: este conteúdo pode ou não ser conhecido pelo destinatário mas não precisa ser diretamente verificado na situação de enunciação (o que o tornaria incontestável). Em geral, enquanto "P *parce que* Q" estabelece uma relação de causalidade, "P *car* Q" presume "que tal relação existe, supõe que a verdade de Q torna aceitável a enunciação de P [20]". É assim que poderia ser explicado o efeito cômico deste enunciado de Voltaire: "O Senhor barão era um dos mais poderosos senhores da Westfália, pois [*car*] seu castelo tinha uma porta e janelas"; a justificação Q aqui não tem valor, mas empregando *car*, o autor simula considerá-la como suficiente. Distanciamento este que permite perceber um fenômeno de ironia. A este emprego perverso, opõe-se este outro que explora, ao máximo, o valor pragmático de *car:*

> "A decisão soberana tomada pela Nação no dia 28 de outubro impõe-se indiscriminadamente a todos e pode ser do maior alcance para o futuro da França.
>
> *Pois* [*car*] a lei constitucional, tal como foi votada, determina que, de hoje em diante, o povo francês eleja seu presidente pelo sufrágio universal" (De Gaulle, discurso difundido pelo rádio e pela TV, em 7/11/1962).

Car encontra aqui sua eficácia plena na legitimação pela lei.

Se "P *puisque* Q" aproxima-se de *car* no que tange à sucessão de dois atos de enunciação, dele distingue-se, claramente, entretanto, *por lançar mão da "polifonia"*. Na realidade, o locutor assume a enunciação de "P *car* Q"; já ao produzir "P *puisque* Q", deixa a responsabilidade de Q a uma outra instância, variável segundo os contextos. Compreende-se, nestas condições, a impossibilidade de uma retomada como segue:

A: *Ele veio*

B: * *Tu deves estar triste, pois* [*car*] *ele veio*

Aqui seria possível empregar *puisque;* efetivamente, a alocução que está sendo enunciada não é do locutor.

Esta propriedade notável explica a importância de *puisque* para as argumentações. À medida que o que segue *puisque* é colocado como já conhecido ou admitido pelo interlocutor, o locutor, mesmo que não admita Q, pode fingir colocar-se no terreno do adversário para avaliar as conseqüências. Existe aí uma estratégia interessante: o locutor, utilizando *car*, assume posição defensiva, procura justificar-se; já com *puisque*, pode fechar o destinatário, agir sobre ele. Pode-se impor, assim, uma conclusão da qual o destinatário não deve escapar, considerando o que ele já admite ou a realidade da situação de enunciação. Neste fragmento:

> "Não poderão argüir-me por ter destruído a confiança que em vós era possível depositar; pois que [puisque] é bem mais justo conservar para tantas pessoas que difamastes a reputação de religiosidade que elas não merecem perder do que deixar-vos a reputação de sinceridade que não mereceis possuir[21]",

Pascal, para justificar seus ataques aos jesuítas, apóia-se em uma "ON-verdade" ("é bem mais justo . . ."), uma espécie de máxima cuja validade seria universalmente reconhecida e se imporia a todos. Se houvesse utilizado *car*, teria apresentado sua alocução como uma justificação pessoal, não suscetível de ser imposta igualmente aos adversários.

Car e *puisque* definem, pois, movimentos opostos, como fica demonstrado pelo fato de poder dizer "*puisque* Q, P" (neste último caso, o destinatário deve ir da verdade de Q à de P) enquanto, ao enunciar "P *car* Q", o locutor diz P e volta atrás para fundamentar sua afirmação. Quanto ao P de "P *puisque* Q", o locutor necessariamente não o admite (particularmente, em um tipo de raciocínio em que o locutor apela para o absurdo quando quer justamente realçar a falsidade de P; neste caso, não se pode falar em autojustificação; o locutor pretende unicamente obrigar o destinatário a admitir a enunciação de P). Além disso, nos raciocínios correntes, Ducrot[22] mostra bem que "*puisque* Q" pode apoiar a enunciação de P de outras maneiras; por exemplo, afirmando que aquilo pode interessar ao destinatário: "Pois que [*puisque*] os senhores falam incessantemente em inflação, as cifras do mês de maio são conhecidas".

Ultrapassando os detalhes da análise, é preciso ver bem que aqui está engajada toda uma concepção da atividade enunciativa: o locutor aparece como um sujeito que é colhido em uma rede de obrigações de ordem jurídica, que estabelece continuamente seu direito de falar como ele o faz, o que mostra estar ele *autorizado* a enunciar.

DONC [LOGO, POIS], *ALORS* [ENTÃO], *AINSI* [ASSIM]

Consideraremos agora alguns conectivos que ligam argumentos a uma conclusão no interior de uma verdadeira demonstração, isto é, sem recorrer a "orientações" argumentativas e a implícitos[23]. Veremos sucessivamente *donc, alors e ainsi*, que pertencem à classe ampliada dos conectivos "consecutivos[24]"

Para examinar o *donc* argumentativo, é preciso começar por separá-lo de outros empregos de *donc (Je disais donc que / eu dizia pois que; allons donc! / vamos pois!* etc.). Em "P *donc* Q":

— a relação é dada como necessária;

— o antecedente P é apresentado como fato definitivo;

— o conseqüente Q aparece legitimado por *princípios geralmente admitidos*, não por motivos pessoais.

Esta consecução pressupõe a existência de uma norma implícita do tipo "Se temos P, devemos ter Q". Não se trata de um implícito "argumentativo" (como as conclusões associadas a *mas*) que introduziria uma nova proposição sobre a qual incidirá a enunciação, mas de uma relação implícita que fundamenta a demonstração. Reencontra-se aqui a estrutura canônica do silogismo tradicional[25] ("Todos os homens são mortais, ora, Sócrates é um homem, logo Sócrates é mortal"), com a diferença que a premissa maior está implícita. Mais do que uma verdadeira dedução, trata-se de uma justificação da enunciação de Q, que é apresentada como se fosse conduzida por uma enunciação P que a legitima. Dessa forma, a propósito da visita do ministro das Relações Exteriores da República Federal da Alemanha a Moscou, em 4 de março de 1985, pode-se ler no jornal *Le Monde:*

"Já que nenhum elemento verdadeiramente novo a propósito dos grandes processos internacionais foi trazido pelo ministro da Alemanha Ocidental, é forçoso, pois [*donc*], que nos questionemos sobre as razões desta visita relâmpago" (*Le Monde*, 6/3/1985, p. 4).

A relação que aqui desempenha o papel de norma implícita seria, por exemplo: um ministro das Relações Exteriores não se desloca sem um motivo sério. Observe-se que o texto, ao utilizar a construção "*é forçoso*, pois, que nos questionemos" de certa forma explicita a obrigação que supostamente justifica a enunciação do que segue. Como se a relação não fosse estabelecida pelo autor, mas pela força das circunstâncias.

A substituição de *donc* por *alors* pode provocar interessantes mudanças de sentido. No enunciado que segue, uma tal substituição parece mesmo muito difícil:

"O sentimento que prevalece aqui é que nenhum desmentido impedirá a população xiita do sul do Líbano (...) de considerar Israel como responsável pela explosão de Maraké. Jerusalém aguarda pois [*donc*] (* ? então [*alors*]), uma nova escalada da guerrilha" (*Le Monde*, 6/3/1985, p. 5).

Geralmente, "P *alors* Q" aparece como um processo de dedução dotado de tonalidade mais subjetiva, menos ligada à existência de uma norma reconhecida. A partir daí, compreende-se que *donc* se presta a "manobras" discursivas, quando é empregado para dar um caráter necessário a uma inferência pessoal. O caráter "subjetivo" de *alors* implica ser necessário recuperar a presença de um sujeito capaz de assumir a responsabilidade da conclusão. Enquanto *donc* liga de maneira necessária, *alors* contenta-se em validar a transição de um a outro, de colocar Q como a finalidade do dizer. Por esta razão, *alors* cobre um amplo leque de empregos, desde os que comuta com *donc* até aqueles em que é preciso substituí-lo por *nestas condições, neste momento*... Neste último caso, percebe-se que ele guarda fortes laços com seu valor temporal, com a sucessão no tempo, e, neste caso, a tendência é de interpretá-lo em termos de causalidade. Assim, estamos diante de uma escala contínua de empregos em cujas extremidades, opondo-se, encontram-se, de um lado o valor temporal puro e, o de outro, valor dedutivo puro.

Quanto a *ainsi*, além de sua função de advérbio de modo, é suscetível de duas outras interpretações: *consecutiva* e *ilustrativa*. Como conectivo consecutivo, indica menos uma dedução do que uma relação de meio e fim, de causa e efeito, de razão e conseqüência. Substituível por *desta forma, de modo que*, etc., liga um estado de coisas e um acontecimento ou uma situação possibilitados pelo antecedente. Comparemos:

(1) *Chove: assim (ainsi) não saio*

(2) *Chove: assim (ainsi) não serei obrigado a sair*

O enunciado (1) dificilmente é aceitável, mas o seria se *ainsi* fosse substituído por *donc* ou *alors*. Em compensação, (2) passa muito bem. Isto explica-se pelo fato de que a relação de dedução não se enquadra com *ainsi*. Em "P *ainsi* Q", a relação entre P e Q aparece de imediato, sem mobilizar nenhum implícito intermediário, como se a conclusão, de certa forma, já estivesse contida no antecedente; *ainsi* orienta-se mais para o que precede do que para o que segue.

Consideremos este texto consagrado à visita de Laurent Fabius, então Primeiro-Ministro, à República Democrática Alemã:

"O senhor Fabius está acompanhado especialmente da Sra. Edith Cresson e de uma importante delegação de industriais franceses. (...) A ênfase será dada, pois [*donc*], ao aspecto econômico das relações entre os dois países.

Um programa de cooperação econômica, industrial e técnica havia sido celebrado entre os dois países, em 4 de setembro de 1984, por ocasião da visita que a Sra. Cresson fez a Leipzig. Ele previa, de hoje até 1990, trocas da ordem de 7,5 milhares de francos entre os dois países (em 1984, atingiram 4 milhares de francos). A viagem do Sr. Fabius teria assim [*ainsi*] por objetivo contribuir essencialmente para a realização dos compromissos assumidos em setembro. (...)

Uma visita a Berlim Oriental reveste-se, entretanto, queira-se ou não, de um valor político e simbólico que ultrapassa de muito o aspecto puramente econômico" (*Le Monde*, 11/6/1985, p. 1).

O *"donc"* do primeiro parágrafo não poderia comutar com *alors* em razão do caráter objetivo da dedução que se apóia sobre uma norma evidente. Se *ainsi* tivesse sido empregado em lugar de *donc*, não se trataria mais de uma operação de dedução manifestada como tal, mas de uma explicitação do sentido desta visita. Lendo o artigo em sua totalidade e relacionando-o a seu título ("O Senhor Honecker pretende tirar proveito político da visita do Senhor Fabius"), percebe-se que o emprego de *donc* não é inofensivo; o texto desenvolve uma oposição entre o ponto de vista dos franceses e dos alemães sobre esta viagem, sendo que *donc* se inscreve na apresentação do ponto de vista francês. Deduz-se, através de *donc*, que a delegação francesa pretende fazer imposições ao governo alemão. Empregando *ainsi*, esta tensão ficaria suprimida; far-se-ia como se a interpretação econômica da visita não trouxesse problema. Além disso, esta tensão é reforçada pela presença de um futuro simples que, diferentemente do futuro perifrástico, constitui uma espécie de "aoristo" [26], isto é, marca uma ruptura em relação ao momento da enunciação e pertence ao campo do não-certo, do não-assertado. O conectivo *ainsi* do segundo parágrafo estabelece uma relação totalmente complementar com o *donc* precedente. Na realidade, ele explicita apenas o ponto de vista francês, fingindo adotá-lo, como indica a forma *teria* que remete a um "enunciador" de discurso indireto livre. Utilizando *ainsi*, o jornalista estabelece um quadro enunciativo no qual o ponto de vista francês é evidente, a visita de L. Fabius já aparece contida no acordo de 4 de setembro. Mas, recorrendo ao discurso relatado, distanciando-se, o mesmo locutor prepara o "entretanto" do parágrafo seguinte que vem contestar o caráter falsamente unívoco desta visita.

Falta-nos examinar o *ainsi* "ilustrativo", aliás nem sempre facilmente distinguível dos empregos consecutivos. Em sua versão ilustrativa, *ainsi* introduz fatos ou razões Q, conhecidos ou não do destinatário, que supostamente apóiam a afirmação do antecedente P. Seu emprego pressupõe que existiriam outras ilustrações de P, das quais Q é apenas um elemento de uma série virtual. Quando o Primeiro-Ministro português M. Soares declara:

"Já realizamos profundos ajustes econômicos. Assim [ainsi] nossa agricultura, atrasada em tantos aspectos, já começou a exportar novos produtos para a Europa — legumes, flores por exemplo. Exportamos também tecidos, roupas, sapatos, porcelana, vidraças" (*Le Monde*, 11/6/1985, p. 3),

ele cita exemplos de "profundos ajustes econômicos", validando a pertinência de suas afirmações, sem sujeitar-se à exaustividade.

Utilizando *ainsi*, o locutor indica que poderia dar outras provas, se isto se revelasse necessário.

FINALEMENT [FINALMENTE], *DE TOUT FAÇON* [DE QUALQUER MODO]

Estes dois conectivos pertencem a uma classe de elementos cuja função é a de realizar a *conclusão* de um movimento enunciativo [27]. De um ponto de vista argumentativo, apresentam o interesse em *assegurar coerência ao final*, colocando os enunciados anteriores como coorientados em relação àqueles que devem servir de conclusão. O conectivo conclusivo supõe, pois, um processo de "retrointerpretação" do movimento discursivo, mas cada um deles o faz de um modo próprio.

Finalmente tem dois valores essenciais, cronológico e conclusivo; unicamente o segundo interessa-nos aqui. Com semelhante interpretação, este conectivo:

— "incide sobre comunicados considerados do ponto de vista de seu valor argumentativo e não de seu sentido literal;

— indica que os propósitos argumentativos implícitos destes enunciados são contraditórios;

— tem por função interpretar estes propósitos argumentativos em relação a um propósito intencional global que legitima esta contradição [28]".

Como se vê, não há nenhuma necessidade que haja efetivamente uma argumentação anterior, já que a função de *finalmente* é precisamente de reinterpretar toda a seqüência de enunciados anteriores como orientada para uma certa conclusão, como se fosse conduzida por um propósito argumentativo implícito. Por exemplo, na seqüência:

> É voz corrente que a pobreza aumenta (P); constato que as praias estão sempre igualmente lotadas (Q). *Finalmente*, as coisas não estão tão mal assim (R).

P tende para uma conclusão negativa implícita; Q, em direção a uma conclusão contrária e *finalmente* encadeia estes dois propósitos argumentativos, resolvendo a contradição, no sentido positivo. A resolução poderia também ser feita, mantendo a contradição; por exemplo, se R correspondesse a um enunciado do tipo *Finalmente, nada é simples*. O essencial, na realidade, é legitimar retroativamente o movimento contraditório, assegurar-lhe a homogeneidade e, conseqüentemente, assinalar o domínio do locutor sobre seu próprio discurso.

Consideremos uma ocorrência registrada na imprensa:

> "Os franceses atacam-se sobre muitos aspectos (P); mas há muitos outros sobre os quais se entendem mais do que se poderia acreditar. A gestão dos negócios do país face à crise internacional e ao egoísmo sagrado do aliado americano depende cada vez mais deste consenso (Q); e é porque esta gestão começa a produzir seus frutos que ocorreu a leve agitação que as eleições regionais, *finalmente*, registram (R)" (*Le Monde*, 19/03/1985, p. 3).

Pode-se tecer aqui duas hipóteses, não excludentes, sobre a função de *finalmente*. Segundo a primeira, *finalmente*, apesar de sua posição de incisa, incide sobre o conjunto P-Q e resolve a contradição anterior no sentido de Q, o sentido positivo. De acordo com a segunda, este conectivo conclusivo incidiria apenas sobre "a leve agitação que as eleições regionais registram"; neste caso, o texto remeteria a uma situação em que pontos de vista contraditórios se afrontam, a saber, o debate entre aqueles que teriam percebido uma "agitação" do eleitorado em favor do governo de esquerda e aqueles que contestariam esta análise; neste caso, o texto tomaria partido a favor desta "leve

agitação". Para que esta última interpretação seja possível, como freqüentemente ocorre quando se trata de conectivos argumentativos, o conhecimento do interdiscurso se mostra indispensável. É uma dimensão particularmente importante no discurso jornalístico, o qual trabalha com um universo de boatos.

Enquanto *finalmente* legitima e resolve a contradição dos argumentos apresentados pelos enunciados anteriores, de *qualquer modo* interpreta os propósitos argumentativos contraditórios em relação a um propósito global que desqualifica esta contradição, dando-a como inadequada. Caso apareça como resultante de um raciocínio contraditório, ele invalida a alternativa, em lugar de legitimá-la pela sua resolução.

D'AILLEURS [ALIÁS]

Encerraremos esta revisão das diversas classes de conectivos argumentativos com *aliás*, que está ligado a uma estratégia discursiva original [29]. Pode-se descrever seu funcionamento da seguinte forma: após ter dado um argumento P a favor de uma conclusão R, o locutor acrescenta um argumento Q, que vai no mesmo sentido de P. Este segundo argumento oferece a particularidade de ser dado como *não necessário à argumentação*. Ele é, pois, lembrado mas o locutor pretende não fundamentar sobre ele seu raciocínio:

> "Os libaneses imputam o atentado aos serviços secretos israelenses. A quem mais poderia ser atribuído, dizem eles, quando, excetuando as vítimas, unicamente os israelenses e seus agentes tiveram acesso à aldeia? Nem *mesmo* as forças libanesas (milícias cristãs), aliadas de ontem do Estado hebreu, teriam tido a possibilidade de cometer o atentado, supondo-se que o tivessem desejado. *Aliás* (*d'ailleurs*) ninguém as colocou em dúvida" (*Le Monde*, 6/3/1985, p. 5).

Apoiando a conclusão enunciada na primeira frase, dois argumentos são dados sucessivamente. O segundo é introduzido por *mesmo*, conectivo cuja função é indicar sobre o que incide, na qualidade de um argumento melhor do que o precedente [30]; o enunciado

introduzido por *aliás* destina-se a justificar este segundo argumento, cujo objetivo é desviar das milícias cristãs a responsabilidade pelo atentado. Como se vê, o argumento introduzido por *aliás* é dado como supérfluo, colocado ao final da seqüência argumentativa. Observe-se que um ponto permanece obscuro: a quem se deve atribuir este enunciado: ao jornalista ou aos libaneses? ou a ambos? Na medida em que o conjunto depende provavelmente do discurso indireto livre, esta ambigüidade se explica: há aqui dois "enunciadores" que mesclam suas vozes. Isto não é menos significativo: o jornalista poderia ter posto claramente à distância a alocução dos libaneses.

A eficácia da estratégia implicada por este conectivo decorre em particular do fato que as enunciações de P e Q são apresentadas como diferentes; o locutor procede como se, no momento em que diz P, não tivesse previsto Q, como se Q, em um outro registro, fosse colocado em primeiro lugar. Não é muito diferente da "preterição" retórica, que consiste em dizer algo e acrescentar um comentário destinado a desonerar-se da responsabilidade de dizê-lo: *Não o mencionarei...*, *para não falar nele...*, *teria eu necessidade de dizer que...*, *é sabido que...*, *etc.* Nos dois primeiros exemplos, diz-se, dizendo que não se diz, enquanto os dois outros permitem proceder como se o destinatário já estivesse inteirado, o que tornaria inútil a justificação do dizer e colocaria outrem na "obrigação" de já ter assumido um enunciado que, de fato, é novo para ele. Já *aliás* ilustra um outro mecanismo de preterição, que diz respeito à utilidade de enunciar um argumento: este último é enunciado de modo a sugerir que alguns (entre eles, o locutor) não necessitam de semelhante argumento, subtraído, desse modo, à discussão.

Este estatuto paradoxal de *aliás*, cuja enunciação denuncia a si mesmo como supérfluo, pode apresentar um interesse estratégico suplementar caso o(s) argumento(s) P permaneça(m) implícito(s). Ao dizer por exemplo:

> *A crise está generalizada (R); aliás os funcionários não são poupados (Q)*

faz-se duas coisas: Q é apresentado como uma prova *suplementar* de R e indica-se que a enunciação de R está autorizada por um ou vários outros argumentos que não precisam ser explicitados, como se a enunciação de R fosse suficiente para produzir autoridade. Indica-se, pois, o lugar de argumentos cuja produção é dispensada.

Em uma ordem semelhante de idéias, pode-se lembrar uma outra estratégia. Se, por exemplo, Q também é um argumento para uma conclusão diferente de R, é possível, graças a *aliás*, sugerir esta conclusão ao mesmo tempo que se simula argumentar exclusivamente em favor de R. Em:

> Este programa é absolutamente notável (R). Não esquece nenhum aspecto do problema (P); *aliás*, ainda não tivemos tempo de captar todas as suas sutilezas (Q),

pode-se imaginar que o locutor finge elogiar R, servindo-se de P e Q, mas Q permite igualmente argumentar em favor de uma conclusão do tipo: este programa é incompreensível.

---

1. Nós os mencionamos rapidamente na quarta parte de *Initiation aux méthodes de l'analyse du discours*. Pode-se igualmente consultar o n.º 39 de *Langue française, "Enseignement du récit et cohérence textuelle"*, 1978.
2. J. B. Grize, "L'argumentation: explication ou déduction", in *L'argumentation*, Presses Universitaires de Lyon, 1981, p. 30.
3. "Note sur l'argumentation et l'acte d'argumenter", in *Cahiers de linguistique française*, n.º 4, 1982, p. 157.
4. *L'Argumentation dans la langue*, Liège, P. Mardaga, 1983, p. 8.
5. "Analyses pragmatiques", in *Communications*, n.º 32, 1980, p. 40.
6. *Les mots du discours*, 1980, p. 12.
7. "Analyses pragmatiques", in *Communications*, n.º 32, 1980, p. 11.
8. Citaremos, sem pretensão de exaustividade, J. C. Anscombre e O. Ducrot, "Deux MAIS en français", in *Lingua*, n.º 43, 1977, p. 23-40; S. Bruxelles *et alii*, "Mais occupe-toi d'Amélie", in *Actes de la recherche en sciences sociales*, n.º 6, 1976, p. 47-62; C. Plantin, "Deux MAIS", in *Sémantikos*, vol. 2, n.ºs 2-3, 1978; O. Ducrot, "Analyses pragmatiques", in *Communications* n.º 32, 1980, p. 11-29; J. M. Adam, "Votez Mir rose, achetez Giscard: analyses pragmatiques", in *Pratiques*, n.º 30, 1987; A. Cadiot *et alii*, "Oui MAIS non MAIS ou il y a dialogue et dialogue", in *Langue française*, n.º 42, 1978, p. 94-102 (sobre emprego oral de *mas*).

9. *Les mots du discours*, 1980, p. 97.

10. "Opérateurs argumentatifs et visée argumentative", in *Cahiers de linguistique française*, n.º 5, 1983, p. 9.

11. *Le dire et le dit.*, p. 229.

12. Ducrot faz algumas ilustrações particularmente sutis em "Analyses pragmatiques", in *Communications*, n.º 32, 1980.

13. Distinção introduzida por J. Moeschler e N. de Spengler em *"Quand Même:* de la concession à la refutation", *Cahiers de linguistique française*, n.º 2, 1981, p. 93-112. Sobre a concessão, ver também J. Moeschler e N. de Spengler, "La concession ou la refutation interdite, approches argumentative et conversationnelle", in *Cahiers de linguistique française*, n.º 4, 1982, p. 7-37; F. Letoublon, *"Pourtant, cependant, quoique, bien que:* dérivation des expressions de l'opposition et de la concession", in *Cahiers de linguistique française*, n.º 5, 1983, p. 85-111.

14. Esta análise de *bien que* examina apenas sua função argumentativa, não esgotando a questão. Restringindo o enfoque à forma lingüística, poder-se-ia questionar, por exemplo, por que este marcador *bien* possui um valor concessivo e que relações podem ser estabelecidas entre este e os outros empregos deste marcador; é o que faz A. Culioli ao associar estes diversos valores de *bien* a uma única operação fundamental ("Valeurs modales et opérations énonciatives", in *Le français moderne*, n.º 4, 1978, p. 300-317). Esta observação vale para o conjunto dos conectivos que examinamos: não é, evidentemente, por acaso que este termo está investido de tal função semântica.

15. *"Pour autant, pourtant (et comment):* à petites causes, grands effets", in *Cahiers de linguistique française*, n.º 5, 1983, p. 69.

16. Nossa apresentação é particularmente sumária aqui; no artigo de Anscombre sobre *pourtant* encontra-se uma distinção entre dois valores deste conectivo: um de "refutação", outro de "denegação" no quadro de uma análise polifônica.

17. Sobre estes termos, pode-se consultar O. Ducrot *et alii*, "Car parce que, puisque", *Revue Romane*, 2-X, 1975, p. 248-280; O. Ducrot *et alii*, *Les mots du discours*, p. 47-49; R. Martin, "Le mot *puisque*: notion d'adverbe de phrase et de présupposition sémantique", *Studia neophilologica*, n.º 1, 1973, p. 104-114; S. Faik, *"Car, parce que, puisque*, dans les dictionnaires de fréquence", in *Le français moderne*, n.º 2, 1978, p. 143-155. Sobre *puisque*, em um quadro teórico totalmente diverso, A. Culioli, "Valeurs modales et opérations énonciatives", in *Le français moderne*, n.º 4, 1978, p. 303 e 316.

18. Pascal, *Provinciales*, p. 25.

19. O. Ducrot *et alii*, "Car, parce que, puisque", in *Revue Romane*, 2-X, 1975, p. 260.

20. Art. cit., p. 271.

21. *Provinciales*, p. 296.

22. "Analyses pragmatiques", in *Communications*, n.º 32, 1980, p. 31.

23. Seguimos aqui em suas linhas gerais o trabalho de A. Zenone, "La consécution sans contradiction: *donc, par conséquent, alors, ainsi, aussi*", in *Cahiers de linguistique française*, n.ºs 4 e 5. Todavia, não salientamos a dimensão conversacional (ou seja, o papel que estes conectivos desempenham na estruturação das conversações) para nos atermos unicamente ao valor argumentativo.

24. A propósito de *donc*, mais especificamente, ver também A. Zenone: "Marqueurs de consécution: le cas de donc", in *Cahiers de linguistique française*, n.º 2, 1981; A. Berrendonner, "Note sur la dédution naturelle et le connecteur *donc*", in *Logique, argumentation, conversation*, Berne, Peter Lang, 1983.

25. Ou melhor, da imagem que dele se tem: sabe-se, com efeito, que este exemplo deformado não é aristotélico. Aristóteles não considera o caso das proposições singulares.

26. Sobre a noção de aoristo, ver A. Culioli, "Valeurs aspecturelles et opérations énonciatives: l'aoristique", *L'aspect, Recherches linguistiques V*, Centre d'analyse syntaxique de l'Université de Metz, 1980, p. 181-195; sobre o futuro: "Futur "simple" et futur "proche"", de J. J. Franckel, *Le Français dans le monde*, jan., 1984, p. 65-70.

27. Sobre os conclusivos, pode-se consultar o artigo de M. Schelling em quem nos inspiramos aqui: "Quelques modalités de clôtures: les conclusifs *finalement, en somme, au fond, de toute façon*", in *Cahiers de linguistique française*, n.º 4, 1982, p. 63-107.

28. M. Schelling, art. cit., p. 75.

29. Sobre *d'ailleurs* ver *Les mots du discours*, cap. 6; *"D'ailleurs* ou la logique du camelot".

30. Sobre *même* ver o trabalho de J. C. Anscombre: "Même le roi de France est sage", in *Communications*, n.º 20, 1973, p. 40-82.

CONCLUSÃO

Tal como aparecem neste livro, as novas tendências que destacamos em AD não revelam uma evolução linear desta disciplina. Percebe-se não tanto uma série de melhoramentos precisos, mas *uma mudança global na forma de considerar o discurso*. Os movimentos recentes tendem a fazer vacilar alguns dos pressupostos maiores que regiam tacitamente os trabalhos anteriores. Ao longo destas páginas foi-nos possível localizar alguns deles e, para concluir, lembremos três outros.

O primeiro aborda a questão da *identidade* de uma formação discursiva, que era imaginada espontaneamente sob a figura do fechamento. É esta visão "contrastiva" das relações entre formações discursivas que se encontra superada; a relação com o Outro não é derivada, mas constitutiva. Este "Outro", entretanto, não é um meio indiferenciado: o sentido circula entre posições definidas. São assim contestadas tanto a concepção do discurso como "visão do mundo", quanto aquele que o institui em manifestação do querer-dizer de um sujeito coletivo.

Assiste-se, igualmente, ao questionamento da oposição entre "superfície" e "profundidade" comumente utilizada na análise textual, oposição que leva a distinguir entre conteúdos "profundos" e arranjos "superficiais" ligados aos parâmetros contingentes das "circunstâncias" da comunicação. Na realidade, a enunciação não se destina a "fazer passar" um conteúdo, a teatralizar um sentido já existente. Uma formação discursiva não é uma doutrina, mas um dispositivo que institui ao mesmo título e em um mesmo movimento o conjunto das condições de sua enunciação e do que enuncia.

O último pressuposto sobre o qual gostaríamos de insistir diz respeito à *maneira de pensar a articulação entre discurso e sociedade*. Seja pelo viés de uma certa vulgata marxista ou através da chamada Escola "dos Anais", opondo a história "pesada" à história "leve", existe há muito tempo uma propensão em considerar a sociedade como a superposição de um alicerce maciço (o econômico, as classes sociais) e de falas destinadas a "traduzir" (representar, inverter, negar, deslocar, etc.) esta realidade já constituída. Toda dificuldade consiste, como vimos, em admitir que o sentido e a linguagem não se superpõem às relações econômicas e sociais, mas consistem em uma dimensão constitutiva dessas relações. A introdução de problemas da "instituição discursiva", o aprofundamento do elo entre o discurso e os grupos que o geram, obrigam a remodelar as partilhas tradicionais sobre este assunto.

Freqüentemente, a AD renova-se em contato com teorias cujos pressupostos são incompatíveis com os seus. Esta situação não deve provocar um fechamento defensivo. A AD, tal como a entende a Escola Francesa, não é apenas uma disciplina fugaz, nascida da convergência do marxismo, da psicanálise e da lingüística, sob a égide do estruturalismo, devendo desaparecer com essa conjuntura; ela destina-se a filtrar e integrar os movimentos das disciplinas sobre as quais se apóia e, em primeiro lugar, os da lingüística. Isto implica que ela seja capaz de perceber a especificidade de sua própria experiência. Sobre este ponto, o maior perigo que a espreita decorre, certamente, do sucesso de seu nome: em uma época em que a "análise do discurso" provoca entusiasmo, é mais importante traçar fronteiras, excluir, do que se beneficiar das vantagens de uma situação equívoca que, em um prazo mais ou menos longo, só lhe pode ser mortal.

BIBLIOGRAFIA

Considerando a diversidade dos *domínios* lingüístico e extralingüístico nos quais a AD se abastece, qualquer bibliografia é forçosamente incompleta. Contentar-nos-emos em dar aqui as referências dos textos citados no livro, com exceção do que já figura em *Initiation aux méthodes de l'analyse du discours*.

INTRODUÇÃO

ACHARD, P. — "Une partie intégrante de la sociolinguistique: l'analyse de discours", in *Langage et Société*, n.° 6, 1978.

BONNAFOUS, S. — "Processus discursifs et structures lexicales — Le congrès de Metz (1979) du Parti socialiste", in *Langages*, n.° 71, set., 1983.

COURTINE, J.-J. — "Analyse du discours politique", in *Langages*, n.° 62, 1981.

————. "La Toque de Clementis", in *Le Discours psychanalytique*, n.° 2, 1981.

CULIOLI, A.; FAYE, J.-P.; RANCIÈRE, J. & ROUDINESCO, E. — "Table ronde: discours-histoire-langue", in *Matérialités discursives*, Presses Universitaires de Lille, 1981.

FAVRE, P. — "Analyse de contenu et Analyse du discours", in *Études offertes au professeur E. de Lagrange*, Université de Clermont I, 1978.

FIALA, P.; BOUTET, J. & EBEL, M. — "Relations paraphrastiques et Construction du sens", in *Modèles linguistiques*, tomo IV, 1, 1982.

FOUCAULT, M. — *L'Archéologie du Savoir*, Paris, Gallimard, 1969. (Ed. Bras.: *A Arqueologia do Saber*, Rio de Janeiro, Forense — Universitária, 1986).

GADET, F. — "L'analyse de discours et l'"Interprétation" (à propos de *Therapeutic discourse*)", *DRLAV*, n.º 27, 1982.

MALMBERG, B. — *Les Nouvelles tendances de la linguistique*, Paris, P.U.F., 1966.

MARANDIN, J.-M. — "Problèmes d'analyse du discours — Essais de description du discours français sur la Chine", in *Langages*, n.º 55, 1979.

PÊCHEUX, M. — "Sur les contextes épistémologiques de l'analyse de discours", in *Mots*, Presses de la Fondation nationale des sciences poltiques, n.º 9, out., 1984.

VERON, E. — "Matière linguistique et Analyse de discours", in *Langage et Société*, n.º 28, fascículo II, junho, 1984.

PRIMEIRA PARTE

ADAM, J.-M. — "Pour une pragmatique textuelle: l'exemple d'un discours, politique giscardien", in *Le Discours politique*, Presses Universitaires de Lyon, 1984.

ANGENOT, M. — *La Parole pamphlétaire*, Paris, Payot, 1982.

BOREL, M.-J. — "L'Explication dans l'argumentation", in *Langue francaise*, n.º 50, 1981.

BOURDIEU, P. — "Le Champ scientifique", *Actes de la recherche en sciences sociales*, n.os 2-3, 1976.

————. "Le langage autorisé. Note sur les conditions sociales de l'efficacité du discours rituel", in *Actes de la recherche en sciences sociales*, n.os 5-6, nov. 1975.

————. "L'Économie des échanges linguistiques", in *Langue française*, n.º 34, 1977 .

————. *Le Sens pratique*, Paris, Éditions de Minuit, 1980.

CERTEAU, M. de — *L'Écriture de l'histoire*, Paris, Gallimard, 1975.

CHARAUDEAU, P. — *Langage et Discours*, Paris, Hachette, 1983.

————. "Les Actes de discours", in *Communications*, n.º 32, 1980.

DEBRAY, R. — *Critique de la raison politique*, Paris, Gallimard, 1981.

DUCROT, O. — *Le Dire et le Dit*, Paris, Éditions de Minuit, 1985. (Ed. Bras.: *O dizer e o dito*, Campinas, Pontes Editores, 1987.)

EBEL, M. & FIALA, P. — "La Situation d'énonciation dans les pratiques argumentatives", in *Langue française*, n.º 50, 1981.

FLAHAULT, F. — *La Parole intermédiaire*, Paris, Le Seuil, 1978.

GARDIN, B. — "Discours syndical et Personnalité sociale", in *Le Discours politique*, Presses Universitaires de Lyon, 1984.

GREIMAS, A.-J. & LANDOWSKI, E. — *Introduction à l'analyse du discours en sciences sociales*, Paris, Hachette, 1979.

GUILHAUMOU, J. — "Un effet populaire dans *Le Père Duchesne* — La figuralité du corps", in *Travaux de lexicométrie et de lexicologie politique*, n.º 3, 1978.

GUILHAUMOU, J. & LUSEBRINK, H.-J. — "La Pragmatique textuelle et les Langages de la Revolution française", in *Mots*, nº 2, 1981.

GUILHAMOU, J. & MALDIDIER, D. — "L'Analyse du discours à la recherche de l'historicité. Une tentative", in *Linx*, Université de Paris X, n.º 4, 1981.

HAGSTROM, O. — *The scientific community*, New York, Basic Books, 1965.

KUHN, T.S. — *The structure of scientific revolutions*, Chicago, University of Chicago Press, 1962: Tr. fr. Paris, Flammarion, 1970. (Trad. bras.: *A estrutura das revoluções científicas*, São Paulo, Perspectiva).

———. "La Pragmatique", in *Langue française*, n.º 42, 1979.

LANDOWSKI, E. — "Simulacres en construction", in *Langages*, n.º 70, 1983.

LÉCUYER, B.-P. — "Bilan et Perspectives de la sociologie de la science dans les pays occidentaux", in *Archives européennes de sociologie*, tomo XIX, 1978.

LE GUERN, M. — "L'Ethos dans la rhétorique française de l'âge classique", in *Stratégies discursives*, Lyon, 1978, pp. 281-287.

MAINGUENEAU, D. — *Les Livres d'école de la République, 1870-1914 — Discours et Ideologie*, Paris, Le Sycomore, 1979.

———. *Sémantique de la polémique — Discours religieux et Ruptures idéologiques au XVIIe siècle*, Lausanne, l'Âge d'Homme, 1983.

———. *Genèses du discours*, Liège, P. Mardaga, 1984.

PARRET, H. — "La Mise en discours en tant que déictisation et modalisation", in *Langages*, n.º 70, 1983.

RÉCANATI, F. — *Les Énoncés performatifs*, Paris, Éditions de Minuit, 1981

TODOROV, T. — *Mikhaïl Bakhtine, le principe dialogique*, Paris, Le Seuil, 1981.

WINDISCH, U. — *Xénophobie, logique de la pensée populaire*, Lausanne, L'Âge d'Homme, 1978.

SEGUNDA PARTE

AUTHIER, J. — "Les Formes du discours rapporté. Remarques syntaxiques et sémantiques à partir des traitements proposés", in *DRLAV*, Université de Paris - VIII, n.º 17, 1978.

———. "Paroles tenues à distance", in *Matérialités discursives*, Presses Universitaires de Lille, 1981.

AUTHIER-REVUZ, J. — "Hétérogénéité montrée et Hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autres dans le discours", in *DRLAV*, n.º 26, 1982.

———. "Hétérogénéité(s) énonciative(s)", in *Langages*, n.º 73, 1984.

BASIRE, B. — "Ironie et Métalangage", in *DRLAV*, n.º 32, 1985.

BASTUJI, J. — "Sémantique, pragmatique et discours", *Linx*, Paris X-Nanterre, n.º 4, 1981.

BENVENISTE, E. — "Les Verbes délocutifs", in *Problèmes de linguistique générale*, Paris, Gallimard, 1966. (Trad. bras.: *Problemas de lingüística geral I*, Campinas, Pontes Editores, 1988).

BERRENDONNER, A. — *Éléments de pragmatique linguistique*, Paris, Éditions de Minuit, 1981.

BORILLO, A. — "Discours ou Métadiscours", in *DRLAV*, n.º 32, 1985.

CHAROLLES, M. — "Exercices sur les verbes de communication", in *Pratiques*, n.º 9, 1976.

COURTINE, J.-J. — "Analyse du discours politique", in *Langages*, n.º 62, junho 1981.

COURTINE, J.-J. & MARANDIN, J.-M. — "Quel objet pour l'analyse du discours?", in *Matérialités discursives*, Presses Universitaires de Lille, 1981.

DUCROT, O. — "Je trouve que", in *Sémantikos*, vol. 1, 1975.

———. *Le Dire et le Dit*, Paris, Éditions de Minuit, 1985. (Trad. bras.: *O dizer e o dito*, Campinas, Pontes Editores, 1987).

FOUCAULT, M. — *Les Mots et les Choses*, Paris, Gallimard, 1966. (Trad. bras.: *As palavras e as coisas*, Martins Fontes).

———. *L'Archéologie du Savoir*, Paris, Gallimard, 1969. (Trad. bras.: *A Arqueologia do Saber*, Rio de Janeiro, Forense — Universitária, 1986).

FUCHS, C. — *La Paraphrase*, Paris, P.U.F., 1981.

———. "La paraphrase entre la langue et le discours", in *Langue française*, n.º 53, 1982.

———. "Le sujet dans la théorie énonciative d'Antoine Culioli: quelquer repères", in *DRLAV*, n.º 30, 1984. (Trad. bras.: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 7:77-85, IEL, UNICAMP, 1984).

GARDIN, B. — "Discours politique et Expressivité", in *Néologie et lexicologie, Hommage à L. Guilbert*, Paris, Larousse, 1979.

GENETTE, G. — *Introduction à l'architexte*, Paris, Le Seuil, 1979.

————. *Palimpsestes*, Paris, Le Seuil, 1981.

GRESILLON, A. & WERNER, M. — "Discours biblique, Discours politique chez Heine: tradition ou subversion", in *Mots*, n.º 2, março, 1981.

GRESILLON, A. & MAINGUENEAU, D. — "Polyphonie, proverbe et détournement", in *Langages*, n.º 73, março, 1984.

GULICH, E. & KOTSCHI, T. — "Les Marqueurs de la reformulation paraphrastique", in *Cahiers de linguistique française*, n.º 5, 1983.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. — "Déambulation en territoire aléthique", in *Stratégies discursives*, Presses Universitaires de Lyon, 1978.

————. "Problèmes de l'ironie", in *L'Ironie*, Presses Universitaires de Lyon, 1978.

————. "L'ironie comme trope", in *Poétique*, n.º 41, 1980.

MAINGUENEAU, D. — *Approche de l'énonciation en linguistique française*, Paris, Hachette, 1981.

MELEUC, S. — "Structure de la maxime", in *Langages*, n.º 13, 1969.

MILNER, J. — "Négation métalinguistique et Négation métalinguistique", in *Sémantikos*, vol. 2 n.º 1, 1977.

MOESCHLER, J. — *Dire et Contredire, pragmatique de la négation et acte de réfutation dans la conversation*, Berne, Peter Lang, 1982.

REBOUL, O. — *Le Slogan*, Bruxelles, Éditions Complexe, 1975.

SERRES, M. — *Hermès I, La communication*, 1969; *Hermès II, L'Interférence*, 1972; *Hermès III, La Traduction*, 1974; *Hermès IV, la Distribution*, 1977; *Hermès V, Le passage du Nord-Ouest*, 1980. Paris, Éditions de Minuit.

SIMONIN, J. — "De la nécessitè de distinguer énonciateur et locuteur dans une théorie énonciative", in *DRLAV*, n.º 30, 1984.

SPERBER, D. & WILSON, D. — "Les Ironies comme mentions", in *Poétique*, n.º 36, 1978.

TERCEIRA PARTE

ADAM, J.-M. — "Votez Mir rose, achetez Giscard: analyses pragmatiques", in *Pratiques*, n.º 30, 1981.

ANSCOMBRE, J.-C. — "Même le roi de France est sage", in *Communications*, n.º 20, 1973.

————. "*Pour autant, pourtant* (et *comment*): à petites causes, grands effets", in *Cahiers de linguistique française*, n.º 5, 1983.

ANSCOMBRE, J.-C. & DUCROT, O. — *L'Argumentation dans la langue*, Liège, P. Mardaga, 1983.

BASIRE, B. — "Groupes nominaux saturés et discours", in *DRLAV*, n.º 27, 1982.

BONNAFOUS, S. — "Bilan d'une recherche en analyse du discours", in *Mots*, n.º 6, 1983.

COURTINE, J.-J. — "Lexique et Syntaxe en analyse du discours: propositions d'analyse automatique", comunication au congrès international "Informatique et Sciences humaines", Liège, nov., 1982. Ronéoté.

CULIOLI, A. — "Valeurs modales et opérations énonciatives", in *Le Français moderne*, n.º 4, 1978.

DUCROT, O. — "Note sur l'argumentation et l'acte d'argumenter", in *Cahiers de linguistique française*, n.º 4, 1982.

————. "Analyses pragmatiques", in *Communications*, n.º 32, 1980.

————. "Opérateurs argumentatifs et visée argumentative", in *Cahiers de linguistique française*, n.º 5, 1983.

————. (*et alii*) — "Car, parce que, puisque", in *Revue romane*, 2-X, 1975.

———. *Les Mots du discours*, Paris, Éditions de Minuit, 1980.

EBEL, M. & FIALA, P. — "Recherches sur les discours xénophobes", in *Travaux du Centre de recherches sémiologiques*, n.ºs 27 e 28, Neuchâtel, 1977.

GRIZE, J.-B. — "L'Argumentation: explication ou déduction", in *L'Argumentation*, Presses Universitaires de Lyon, 1981.

GUESPIN ,L. — "L'Analyse du discours politique en France. Acquis et tendances", in *Le Discours politique*, Presses Universitaires de Lyon, 1984.

GUILHAUMOU, J. & MALDIDIER, D. — "Courte critique pour une longue histoire", in *Dialectiques*, n.º 26, 1979.

LECOMTE, A; LÉON, J. & MARANDIN, J.-M. — "Analyses de discours: stratégie de description textuelle", in *Mots*, n.º 9, 1984.

MAINGUENEAU, D. — "Réseaux d'associations et mots clés en analyse du discours", in *Cahiers de lexicologie*, n.º 40, 1982-I.

———. "Sémantique "globale" et Idéologie. Le discours "doux" de l'humanisme dévot face au jansénisme", in *Mots*, n.º 6, 1983.

MOESCHLER, J. & SPENGLER, N. de — "La Concession du la Réfutation interdite, approches argumentative et conversationnelle", in *Cahiers de linguistique française*, n.º 4, 1982.

PLANTE, P. — "Le Système de programmation DEREDEC", in *Mots*, n.º 6, 1983.

SCHELLING, M. — "Quelques modalités de clôture: les conclusifs *finalement, en somme, au fond, de toute façon*", in *Cahiers de linguistique française*, n.º 4, 1982.

SUEUR, J.-P. — "Syntaxe, lexique et énonciation dans quelques résolutions syndicales", in *Actes du deuxième colloque de lexicologie politique*, Paris, Klincksieck, 1982.

ZENONE, A. — "Marqueurs de consécution: le cas de *donc*", in *Cahiers de linguistique française*, n.º 2, 1981.

———. "La Consécution sans contradiction: *donc, par conséquent, alors, ainsi, aussi*", in *Cahiers de linguistique française*, n.º 4, 1982, n.º 5, 1983.

ÍNDICE REMISSIVO

A

agente (discursivo), 122.
argumentação, 159, 160, 169.
arquitextualidade, 111.
arquivo, 23, 116.
aspas, 89.
ato de fala, 29, 36.
associação (gráficos de), 147, 148.
autoridade, 37, 57, 86, 100.

B

bouclage, (cf. enlaçamento) 67, 68.

C

campo discursivo, 116.
captação, 102.
caráter, 46, 47.
cena, 29, 32.
cenografia, 31, 41, 42.
científico (discurso), 57.
citação, 85, 100.
competência, 23, 105.
comunicação (verbos de comunicação), 88.
comunidade discursiva, 56.
concessão, 168.
conclusão, 179.
condições de produção, 53.
conectivo, 160, 161.
cronografia, 41, 42.
conotação autonímica, 89.
consecução, 175, 176.
constitutiva (regra), 31.
(cf. heterogeneidade —), 22, 75.
corporalidade, 47, 48.

D

deixis discursiva, 41.
delocutividade, 84.
DEREDEC, 142, 145.
destinação discursiva, 41.
determinação, 142.
dialogismo, 123, 138.
direto (discurso), 85.
discurso, 12, 15, 16, 23, 49, 50, 111, 187.
domínio de atualidade, 116.
— (antecipação), 116.
— (memória), 115.

E

eslaçamento (*bouclage*), 67, 68.
enunciador (vs. locutor), 83, 98.
espaço discursivo, 116, 117.
ethos, 45, 92.
EXFAD, 145, 146.
EXFAL, 145, 146.

F

falante (vs. locutor), 76, 77.
filologia, 9, 129.
formação discursiva, 14, 22, 34, 46, 105, 112, 118, 120.

fundadora (deixis), 42, 44.
fórmula dominante, 136.

G

genérico (sujeito), 34.
gênero de discurso, 34, 39, 102.
glosa, 93.
gráficos, 147, 148, 149.

H

habitus, 61.
heterogeneidade, 14, 22, 75, 112.

I

imitação, 102.
implícito, 20, 90, 166, 175.
incorporação, 48.
indireto (discurso), 85.
indireto livre (discurso), 97, 98.
informática, 145.
instituição, 53, 55.
interdiscurso, 111, 113, 152.
interincompreensão, 119, 120.
intertexto, 86, 87.
intertextualidade, 86, 87.
ironia, 77, 97, 98, 99.

L

lexicometria, 19, 97 1, 139.
locutor (vs. enunciador), 76, 77.
locutor discursivo, 41.
locução fundadora, 42.
lugar, 34.

M

Máximas, 81.
memória discursiva, 115.
menção (vs. uso), 89, 90.
mostarda (heterogeneidade), 22, 75.
metadiscurso, 93.
metapredicação, 96.

N

negação, 80.
— (descritiva), 81, 82.
— (metalingüística), 84.
— (polêmica), 81, 82.
nominalização, 79.

O

operador, 162.
opinião (verbos de), 88.
oralidade, 46.

P

paciente (discurso), 122.
palavra-chave, 124, 147, 151.
parafrasagem, 95.
pastiche, 105.
ponto-chave, 124.
polifonia, 75, 76, 106.
popular (língua), 38, 47.
pragmática, 20, 29, 35.
pragmática textual, 32.
prática discursiva, 56.
pressuposição, 78, 88.
preterição, 94, 182.
provérbio, 101.

R

reconhecimento, 36.
relatado (discurso), 85, 86, 97.
retificação, 83, 165.
referente social, 137.
refutação, 81, 141, 142, 165.
retórica, 33, 45, 125, 159, 160.
rede de formulações, 112.
redirecionamento, 142.

S

slogan, 101.
subversão, 102, 142.
superfície discursiva, 23.

T

tematização, 142, 144.
termos-pivôs (métodos dos), 133, 137.
tom, 46.
topografia, 41, 42.

U

universo discursivo, 116.
uso (vs. menção), 89.

V

valência, 149.
verificador (agente), 78.
visão do mundo, 50, 60, 187.
voz, 44.

Maingueneau, Dominique

Novas tendencias em analise do
discurso

82-08/M225n/3 ed/
DEVOLVER NOME LEIT. (188722/03)

Impressão e acabamento:
GRÁFICA PAYM
Tel. (011) 4392-3344

REG- 188.722

Maingueneau, Dominique

Novas tendencias em ana
discurso

82-08/M225n/3 ed/
(188

SISTEMA DE BIBLI
CONSERVE NOSS

as particularidades de formações discursivas (o discurso comunista, socialista etc.), consideradas como espaços relativamente autosuficientes.

O livro é dividido em três partes. Na primeira, o autor aprofunda o caráter institucional da atividade discursiva, a segunda parte considera a discursividade através de sua relação com a heterogeneidade, na última, reflete-se sobre os termos que possuem uma função ao mesmo tempo interativa e argumentativa no discurso.

Rodrigo Bezerra

Nova Gramática da LÍNGUA PORTUGUESA para Concursos

7.ª edição
Revista e atualizada

- Abordagem profunda e didática
- Plano de estudos e dicas sobre os temas mais cobrados em concursos
- Questões de concursos com gabarito ao final dos capítulos
- Obra em conformidade com o Novo Acordo Ortográfico

gen | EDITORA MÉTODO

Nova Gramática da LÍNGUA PORTUGUESA para Concursos

abdr
Respeite o direito autoral

O GEN | Grupo Editorial Nacional reúne as editoras Guanabara Koogan, Santos, Roca, AC Farmacêutica, Forense, Método, LTC, E.P.U. e Forense Universitária, que publicam nas áreas científica, técnica e profissional.

Essas empresas, respeitadas no mercado editorial, construíram catálogos inigualáveis, com obras que têm sido decisivas na formação acadêmica e no aperfeiçoamento de várias gerações de profissionais e de estudantes de Administração, Direito, Enfermagem, Engenharia, Fisioterapia, Medicina, Odontologia, Educação Física e muitas outras ciências, tendo se tornado sinônimo de seriedade e respeito.

Nossa missão é prover o melhor conteúdo científico e distribuí-lo de maneira flexível e conveniente, a preços justos, gerando benefícios e servindo a autores, docentes, livreiros, funcionários, colaboradores e acionistas.

Nosso comportamento ético incondicional e nossa responsabilidade social e ambiental são reforçados pela natureza educacional de nossa atividade, sem comprometer o crescimento contínuo e a rentabilidade do grupo.

Rodrigo Bezerra

Nova Gramática da **LÍNGUA PORTUGUESA** para Concursos

7.ª edição
Revista e atualizada

gen | EDITORA MÉTODO
SÃO PAULO

- A EDITORA MÉTODO se responsabiliza pelos vícios do produto no que concerne à sua edição (impressão e apresentação a fim de possibilitar ao consumidor bem manuseá-lo e lê-lo). Nem a editora nem o autor assumem qualquer responsabilidade por eventuais danos ou perdas a pessoa ou bens, decorrentes do uso da presente obra.

  Todos os direitos reservados. Nos termos da Lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive através de processos xerográficos, fotocópia e gravação, sem permissão por escrito do autor e do editor.

  Impresso no Brasil – *Printed in Brazil*

- Direitos exclusivos para o Brasil na língua portuguesa
  Copyright © 2015 *by*

EDITORA MÉTODO LTDA.
Uma editora integrante do GEN | Grupo Editorial Nacional
Rua Dona Brígida, 701, Vila Mariana – 04111-081 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 5080-0770 / (21) 3543-0770 – Fax: (11) 5080-0714
metodo@grupogen.com.br | www.editorametodo.com.br

- O titular cuja obra seja fraudulentamente reproduzida, divulgada ou de qualquer forma utilizada poderá requerer a apreensão dos exemplares reproduzidos ou a suspensão da divulgação, sem prejuízo da indenização cabível (art. 102 da Lei n. 9.610, de 19.02.1998).

  Quem vender, expuser à venda, ocultar, adquirir, distribuir, tiver em depósito ou utilizar obra ou fonograma reproduzidos com fraude, com a finalidade de vender, obter ganho, vantagem, proveito, lucro direto ou indireto, para si ou para outrem, será solidariamente responsável com o contrafator, nos termos dos artigos precedentes, respondendo como contrafatores o importador e o distribuidor em caso de reprodução no exterior (art. 104 da Lei n. 9.610/98).

- Capa: Stephanie Rodrigues Matos
  Produção digital: Geethik

- CIP – Brasil. Catalogação-na-fonte.
  Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

  Bezerra, Rodrigo

Nova gramática da língua portuguesa para concursos / Rodrigo Bezerra. – 7.ª ed. – Rio de Janeiro : Forense ; São Paulo : Método, 2015.

Inclui bibliografia
ISBN 978-85-309-6107-7

1. Língua portuguesa - Gramática. 2. Língua portuguesa - Gramática - Problemas, questões, exercícios. 3. Serviço público - Brasil - Concursos. I. Título.

10-2768.

CDD: 469.5
CDU: 811.134.336

Ao Deus, a Quem eu sirvo, e à minha querida mãe,
Maria Luzinete, meus agradecimentos.

À minha amada Ana Cláudia e à minha pérola Esther,
esposa e filha, dedico as próximas páginas
com todo o meu amor.

LÍNGUA PORTUGUESA

Última flor do Lácio, inculta e bela,
És, a um tempo, esplendor e sepultura:
Ouro nativo, que na ganga impura
A bruta mina entre os cascalhos vela...

Amo-te assim, desconhecida e obscura,
Tuba de alto clangor, lira singela,
Que tens o trom e o silvo da procela,
E o arrolo da saudade e da ternura!

Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,

Em que da voz materna ouvi: “meu filho!”
E em que Camões chorou, no exílio amargo,
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!

Olavo Bilac

EXCELÊNCIAS DA LÍNGUA PORTUGUÊSA

E que esplêndida língua o Brasil nos deve! Tôdas as raças que passaram por este canto da terra, aqui deixaram a flor e o ideal da sua alma. Desde a povoação céltica e a colonização grega, de que tantos vestígios restam ainda nas nossas províncias do norte, até à invasão dos árabes que envolveram tôda a civilização da península numa etérea poeira de luz e oiro – as imigrações sucessivas e as conquistas supervenientes contribuíram, tôdas à formação desta língua admirável que, sob muitos aspectos, não tem superior no mundo.

Serve a tudo: à epopéia e ao idílio, à lamentosa elegia e ao cântico de guerra.

Passada pelas cordas duma lira, é suave e doce como a voz do amor; assoprada na tuba épica, é vibrante, sonora e grandiosa ou terrível segundo os têrmos que versa, as ações que canta ou os heróis que celebra.

O sol doura-a, ilumina-a, aquece-a; e a nossa paisagem, tão variada e linda, tão florida e perfumada, reflete nela como na superfície clara dos nossos rios, e nas ondas, de tanta côr, que o mar estende por essas praias. Transladada ao sul da América, não perdeu o caráter grave, nem a têmpera máscula, nem o tom de funda, indefinível melancolia que lhe imprimiu a esforçada e trágica aventura de nossos avós; e ainda adquiriu preciosos elementos de encantadora suavidade, de frouxa, dolente e maviosa ternura.

Antônio Cândido – *Discursos*.
Apud Antenor Nascentes, 1960.

Material Suplementar

Este livro conta com Caderno de Questões Digital.

O acesso ao material suplementar é gratuito, bastando que o leitor se cadastre em: http://gen-io.grupogen.com.br

GEN | Informação Online

GEN-IO (GEN | Informação Online) é o repositório de materiais suplementares e de serviços relacionados com livros publicados pelo GEN | Grupo Editorial Nacional, maior conglomerado brasileiro de editoras do ramo científico-técnico-profissional, composto por Guanabara Koogan, Santos, Roca, AC Farmacêutica, Forense, Método, LTC, E.P.U. e Forense Universitária. Os materiais suplementares ficam disponíveis para acesso durante a vigência das edições atuais dos livros a que eles correspondem.

COMO ESTUDAR ESTE LIVRO? ALGUMAS ORIENTAÇÕES...

Durante meus longos anos como professor, uma das perguntas mais frequentes sempre foi (e ainda é) “por onde eu começo, professor?”. Há outras que, menos frequentes, de vez em quando surgem nas salas de aula pelo país afora: “Quais os assuntos mais importantes?” “O que eu preciso decorar para o concurso, professor?” De fato, são perguntas dos que sentem o peso e a importância de uma matéria que sempre foi objeto de estudo desde os tempos mais tenros da nossa existência, mas que – para muitos – ainda hoje constitui um obstáculo, uma incógnita, uma grande dificuldade.

Por conta desses alunos e mesmo dos que já possuem um bom conhecimento em nossa língua, ousei – com toda a humildade – criar um plano de estudos para orientá-los nessa jornada. Saliento que esse plano está baseado em minha experiência pessoal (usei o pleonasmo de forma intencional) como professor, educador e preparador de candidatos para a carreira pública. Procurei contemplar, em nosso plano de estudos, os assuntos mais importantes para um concurso público. Obviamente, outros assuntos, não abordados em nosso plano de estudos, poderão aparecer no edital. Procure estudá-los concomitantemente aos assuntos principais.

Em qualquer caso, sugiro que de antemão converse com o seu professor. Peça também a ele uma orientação, pois certamente é ele quem melhor o conhece e sabe o que é melhor para você. Discuta com ele o nosso plano de estudos. E aceite – sem reservas – as orientações do seu mestre. Ele fará o melhor por você – esteja certo disso.

Para os que há muito não estudam a nossa língua portuguesa, é preciso “começar pelo começo”. Não tente estudar assuntos como “concordância, regência, crase” sem antes ter uma boa base em sintaxe de oração, por exemplo. Não pule a sequência. Quem estuda, por exemplo, sintaxe do período composto sem antes estudar a sintaxe do

período simples, ou crase antes de regência, não compreende a lógica da gramática e provavelmente obterá poucos ganhos em sua empreitada. Portanto, vá com calma. A absorção dos conteúdos gramaticais requer tempo. Ademais, o conhecimento “amadurece” em momentos diferentes em cada estudante. Logo, não se desespere. Acredite em você. Faça a sua parte: estude bastante.

Para os mais experientes, aqueles que já vêm estudando a nossa língua portuguesa há mais tempo, sugiro que partam para os conteúdos mais densos. Indubitavelmente, esses assuntos se encontram em sintaxe – oração, período, concordância, regência, crase, colocação pronominal, pontuação. Observem os detalhes e os exemplos com atenção; e, lógico, não se esqueçam de resolver as questões. Sempre obtenham as provas da banca que preparará o seu concurso. Resolvam-nas. Procurem traçar um perfil da banca. Tentem perceber os assuntos mais cobrados, pois as bancas tendem a repeti-los em certames posteriores.

Para os que nutrem por nossa língua uma grande ojeriza (aversão, pavor, antipatia) – há até os que odeiam a nossa língua portuguesa –, sugiro que a estudem aos poucos. Identifiquem a matéria de que vocês mais gostam e procurem associar o estudo desta disciplina ao estudo da nossa língua portuguesa. Como assim? Antes de se deleitar com a matéria que você ama, estude cerca de 30 minutos da nossa língua portuguesa. Mas faça isso nos três turnos: manhã, tarde e noite. Ao final de um dia, você “engoliu” cerca de uma hora e meia de conteúdo gramatical. Com o passar do tempo, essa forma de estudar a nossa língua ficará muito mais simples e se tornará – creio eu – prazerosa. Traduzindo: dê a você “gotas” diárias de conteúdo gramatical e em breve estará curado de seus problemas com a gramática.

Então, mãos à obra! Não há tempo a perder!

Um grande abraço.

Professor Rodrigo Bezerra

PLANO DE ESTUDOS – LÍNGUA PORTUGUESA

ASSUNTO	ESTUDEI EM (data)	REVISEI EM (data)	RELI EM (data)	RESOLVI EXERCÍCIOS SOBRE O ASSUNTO EM (data)
I – Fonética				
1. Fonética e fonologia				
Considerações: É uma parte da gramática normativa geralmente explorada por concursos em nível médio. Portanto, não perca muito tempo tentando decorar, por exemplo, a classificação das vogais e das consoantes, pois é o tipo de conhecimento que raramente é cobrado em grandes concursos. Leia (rememore) sobre os encontros vocálicos, encontros consonantais, dígrafos e divisão silábica. Frequentemente uma boa leitura já garante um bom aprendizado.				
2. Ortografia oficial				
Considerações: É o tipo de assunto em que a "decoreba" pura e simples pouco resolve. Leia, leia e leia... Não só o assunto, mas tudo o que for proveitoso. Provavelmente você obterá bons resultados. Nesse meio, há, entretanto, um assunto de que você não pode se descuidar: emprego do hífen. Geralmente as bancas cobram esse conhecimento.				
3. Acentuação				
Considerações: É o primeiro assunto com que você deve realmente se preocupar um pouco, pois é recorrente nos concursos de todos os níveis. É preciso ficar atento às regras de acentuação das palavras oxítonas e paroxítonas. Tenha cuidado também com os hiatos. Com o Novo Acordo Ortográfico, vários acentos deixaram de existir. Portanto, tenha cuidado. Vale a pena reler o assunto assim que terminar de estudá-lo pela primeira vez.				
4. Significação das palavras				
Considerações: É um assunto frequentemente cobrado. Bastante tranquilo, você deverá relembrar a diferença entre homônimos e parônimos. Nada de desespero! O assunto é muito fácil. Certamente algumas leituras bastam para um bom aproveitamento.				
II – Morfologia				

1. Estrutura e formação de palavras				
Considerações: É um assunto exigido em alguns concursos. Portanto, antes de estudá-lo, verifique o seu edital. Quando é cobrado, as bancas geralmente se atêm aos processos de formação de palavras. Logo, estude com cuidado a "derivação, a composição e os outros processos de formação de palavras". Não gaste energia tentando decorar as tabelas com radicais, prefixos e sufixos gregos e latinos. Vale a pena, entretanto, ler a correlação entre os prefixos gregos e latinos.				
2. Substantivo				
Considerações: Não se preocupe tanto com alguns tópicos, como, por exemplo, as tabelas de coletivos e de gênero dos substantivos. Atenha-se a pontos como "caracterização do substantivo e plural dos substantivos compostos". Em gênero dos substantivos, apenas leia com atenção sobre os substantivos comuns de dois gêneros e os sobrecomuns. Se já estiver em condições, procure estudar as funções sintáticas que são próprias do substantivo.				
3. Adjetivo				
Considerações: Não perca tempo em decorar as tabelas sobre as locuções adjetivas, os adjetivos pátrios e os adjetivos eruditos. Estude com afinco as considerações gerais sobre os adjetivos. Fique muito atento ao plural dos adjetivos compostos e, acima de tudo, estude várias vezes os graus do adjetivo – é um assunto recorrente nos concursos. Se estiver em condições, procure estudar o adjetivo em sua forma oracional – vá até o capítulo de sintaxe de oração e estude as orações adjetivas.				
4. Artigo				
Considerações: É um assunto com que você não precisa se preocupar muito, pois as regras sobre o emprego dessa classe gramatical não são muito cobradas. Mas é preciso ler o assunto, notadamente os empregos particulares dos artigos definidos e indefinidos.				
5. Numeral				
Considerações: Assunto raramente cobrado. Não gaste muitos esforços com este capítulo. Leia as regras que orientam o emprego dos numerais. Isto é suficiente.				
6. Pronome				
Considerações: Eis um assunto que não dá para economizar – é um ponto-chave para o seu estudo. Aqui o segredo é estudar tudo. Uma dica: não se preocupe tanto em decorar as tabelas com os pronomes. Preocupe-se em entender o emprego deles. Há dois tipos de pronomes que são extremamente cobrados em certames pelo país afora: os pronomes pessoais e os pronomes relativos. Estude-os mais de uma vez. Fique atento também ao emprego dos pronomes indefinidos e demonstrativos.				
7. Verbo				
Considerações: Eis outro assunto bastante longo, mas não se desespere tentando decorar tudo. As bancas costumam ser pontuais, ou seja, há pontos dos quais não dá para se descuidar. Um deles é o emprego dos tempos e				

modos verbais. É fundamental conhecer o emprego de cada modo e de cada tempo, tanto dos simples quanto dos compostos. Outro assunto muito cobrado são as correlações entre os tempos e os modos verbais. De resto, é essencial dominar os paradigmas de conjugação dos verbos – não se preocupe em decorar todas as conjugações. Procure entender os paradigmas de cada tempo verbal. Fique atento também à conjugação dos verbos defectivos. Frequentemente as bancas lançam mão desse tipo de conhecimento.

8. Advérbio				

Considerações: É um assunto que aparentemente não oferece perigos, mas não se engane: o advérbio é uma classe que provoca "confusões" em concordância nominal. Portanto, procure entendê-lo bem. Tente ler, mais de uma vez, as particularidades de alguns advérbios.

9. Conjunção				

Considerações: É um assunto que terá grande relevância na parte sintática quando se for estudar "sintaxe do período composto". Portanto, não dá para passar por cima. Mas também não se desespere. Não tente decorar todas as conjunções. Procure entender o "papel" delas. O ideal é fazer a conexão com a parte sintática (sintaxe do período composto). Sugiro que leia o assunto umas duas vezes e siga em frente. Quando for estudar "sintaxe do período composto", você deverá voltar a este assunto.

10. Preposição				

Considerações: Eis outro assunto que agora não nos oferece grandes desafios. Lembre-se, porém, de que a preposição será importantíssima para o estudo, em sintaxe, da predicação verbal e das regências verbal e nominal. Portanto, leia o assunto mais de uma vez. Entenda a razão de ser da preposição. O ideal é correlacionar este assunto com o estudo dos termos integrantes da oração e o estudo das regências verbal e nominal.

III – Sintaxe

Orientações gerais: Nesta parte, não dá para economizar: os assuntos são igualmente importantes. Fique atento às regras gerais e aos detalhes – use marca-texto. Leia tudo atentamente. Não pule a sequência, a não ser que esteja pressionado por um concurso de última hora – aqueles em que o candidato se matricula sem saber direito o porquê de ter se matriculado. Além do mais, não tente acelerar, pois aqui é mais importante aprofundar um assunto do que ter uma visão superficial sobre o todo.

1. Sintaxe de oração – Termos essenciais				

Considerações: Eis o que eu chamo de "assunto-chave" – é como um pré-requisito. Ele é a base para os demais assuntos. Aqui vale a máxima: quanto mais melhor. Estude tudo com afinco. E só mude quando se sentir seguro. Cuidado com o termo "sujeito" – ele deverá ser o seu ponto de partida. A partir dele, procure entender os demais termos da estrutura oracional. Há também um ponto-chave: transitividade verbal. É um conteúdo de que você muito precisará para entender outros assuntos. Conselho de amigo/professor: vale a pena estudar este capítulo várias vezes.

2. Termos integrantes da oração				

Considerações: É também um capítulo-chave. Há dois termos integrantes com os quais você precisa ter muito cuidado: objeto direto e complemento nominal. No entanto, nesse capítulo, há um ponto que necessita ser colocado na "corrente sanguínea": o estudo da voz passiva (transformação da ativa para a passiva e vice-versa) e do agente da passiva. É um ponto sempre cobrado pelas bancas organizadoras de concursos. Estude o assunto mais de uma vez.				
3. Termos acessórios da oração				
Considerações: Mais uma vez, estamos diante de um capítulo que requer bastante atenção. Tenha cuidado com a distinção entre o adjunto adnominal e o complemento nominal – geralmente as bancas exigem este tipo de conhecimento. Não se descuide do aposto e do adjunto adverbial. Fique atento aos tipos de aposto. Por outro lado, não tente decorar todos os tipos de adjunto adverbial – procure, sim, entender o porquê de o termo ser classificado como adjunto adverbial.				
4. Sintaxe do período composto				
Considerações: Se você compreendeu bem as funções sintáticas, certamente não terá problemas com este assunto. Nele você encontrará as mesmas funções sintáticas, exercidas agora por orações. Fique muito atento às orações subordinadas adverbiais. Elas são responsáveis pela maioria das questões. Não tente simplesmente decorar as conjunções – procure entender, acima de tudo, as relações estipuladas por elas.				
5. Sintaxe de concordância				
Considerações: Vá com calma aqui. O assunto é muito extenso, mas não é difícil. O tamanho é que o faz difícil. Não se desespere com a quantidade de regras. Em geral, as bancas não costumam cobrar regras muito específicas. Em relação à concordância verbal, fique muito atento às seguintes normas: regra geral (aqui vale a pena revisar a identificação do sujeito), concordância com o sujeito passivo (partícula apassivadora), emprego do "índice de indeterminação do sujeito", concordância com o sujeito partitivo e coletivo e emprego dos verbos impessoais (notadamente o verbo "haver" no sentido de "existir..."). Obviamente, todas as regras devem ser analisadas e estudadas. Ah, não se esqueça de estudar a concordância com o sujeito oracional, pois é um ponto bastante cobrado. Em relação à concordância nominal, cuidado com a concordância do adjetivo tanto com a função de adjunto adnominal quanto com a função de predicativo.				
6. Sintaxe de regência				
Considerações: Eis outro assunto bastante extenso e bastante importante. Primeiramente, sugiro que releia rapidamente o assunto "predicação verbal" em sintaxe de oração. É preciso também relembrar o termo "complemento nominal". Depois, siga a sequência do assunto (sintaxe de regência) que está na gramática. Há um ponto, entretanto, sobre o qual você precisa se debruçar mais de uma vez: emprego dos pronomes relativos e as regências verbal e nominal.				
7. Emprego do acento grave – Crase				
Considerações: Outro assunto muito importante. É preciso estudar tudo. Se já faz tempo que não vê o assunto, sugiro que estude antes os complementos verbais, o complemento nominal e os adjuntos adverbiais em sintaxe de				

oração. Ao estudar o emprego do acento grave (crase), fique bastante atento aos casos obrigatórios e facultativos. Ademais, leia várias vezes as situações em que o uso do acento grave não é autorizado (casos em que nunca ocorre a crase).				
8. Sintaxe de colocação pronominal				
Considerações: Fique tranquilo aqui, pois o assunto é bastante fácil. Sugiro que, antes, dê uma olhada, em morfologia, nos pronomes pessoais (retos e oblíquos). Quando iniciar o assunto de colocação pronominal, sempre revise as regras de atração do pronome oblíquo átono (casos de próclise), notadamente a próclise que se dá por causa das conjunções subordinativas e dos pronomes relativos. Leia com atenção sobre a colocação dos pronomes oblíquos nas locuções verbais.				
9. Emprego dos sinais de pontuação				
Considerações: Eis outro "assunto-chave". É preciso ter muito cuidado. Indubitavelmente a vírgula é o "grande desafio". Preocupe-se com as regras de pontuação dos adjuntos adverbiais, das orações subordinadas adverbiais e adjetivas explicativas, das orações coordenadas sindéticas e das orações reduzidas. Procure correlacionar o emprego da vírgula com o emprego do travessão e dos parênteses. É preciso praticar bastante, pois ninguém aprende pontuação só estudando as regras. Por isso, procure resolver diversas questões.				
IV – Parte Especial				
1. Emprego do infinitivo				
Considerações: Fique tranquilo: este não é um assunto muito cobrado pelas bancas. Mas não dá para se descuidar. Sugiro que entenda e aprenda as duas máximas para o emprego do infinitivo. Fique atento à observação que acompanha a segunda máxima. Compreendendo as máximas, ficará mais fácil entender o restante.				
2. Funções morfológicas das palavras que, se e como				
Considerações: Tenha cuidado aqui, pois é um assunto frequente nos concursos em geral. Sua missão será classificar (com segurança) as funções morfológicas do "que" e do "se". As bancas muito raramente questionam sobre as funções morfológicas do "como".				
3. Particularidades léxicas e gramaticais				
Considerações: Eis um capítulo para se estudar aos poucos e em correlação com outros assuntos da gramática normativa. Como afirmo no capítulo, não tente estudar tudo de uma vez. Estude uma ou duas lições por vez.				
4. A linguagem figurada – As figuras de linguagem				
Considerações: É um assunto que aparece aqui e acolá em editais. Portanto, se não estiver no edital, descarte-o. Se estiver, procure estudar as figuras mais importantes, como a metáfora, a metonímia, a perífrase, a catacrese, a antítese, o paradoxo, o eufemismo, a silepse, a ironia e a hipérbole. Leia as demais figuras.				

NOTA DO AUTOR À 7.ª EDIÇÃO

Como das vezes anteriores, convém de imediato destacar que publicamos uma obra em total conformidade com o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Para esta nova edição, incluímos acréscimos de conteúdos na parte da ortografia, da morfologia e na parte da sintaxe. Os maiores acréscimos ocorreram no assunto “pontuação”, com a inserção de regras menos usuais, mas que têm caído em vários concursos públicos pelo país afora. Resolvemos também reescrever algumas regras e orientações, tudo com o intuito de facilitar o entendimento dos estudantes.

Ademais, procuramos trazer para a obra novas questões de concursos públicos, atualizadas, as quais demonstram que os conteúdos deste livro servem para responder à maioria das indagações gramaticais que venham a ser feitas em provas públicas. Portanto, melhoramos ainda mais este trabalho e ofertamos ao mercado de concursos e aos estudantes da Língua Portuguesa em geral uma obra densa que certamente ajudará a melhor compreender o nosso idioma.

SUMÁRIO

I – FONÉTICA

Capítulo 1
FONÉTICA E FONOLOGIA

A nossa língua
1.1 Introdução
1.2 Gramática
1.3 Fonética
1.3.1 Aparelho fonador
1.4 Estudo das vogais e dos encontros vocálicos
1.5 Classificação das vogais
1.5.1 Quanto à zona de articulação
1.5.2 Quanto ao timbre
1.5.3 Quanto ao papel das cavidades bucal e nasal
1.5.4 Quanto à intensidade
1.6 Encontros vocálicos
1.6.1 Ditongos
1.6.2 Hiatos
1.6.3 Tritongos
1.7 Estudo das consoantes, dos encontros consonantais e dos dígrafos
1.7.1 Classificação das consoantes
1.7.1.1 Quanto ao modo de articulação
1.7.1.2 Quanto ao ponto de articulação
1.7.1.3 Quanto ao papel das cordas vocais
1.7.2 Encontros consonantais

1.7.3 Dígrafos
1.7.4 Contagem de letras e fonemas em um vocábulo
1.7.5 Sílaba
1.7.5.1 Classificação dos vocábulos quanto ao número de sílabas
1.7.5.2 Tonicidade
1.7.6 Divisão silábica
1.8 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 2

ORTOGRAFIA OFICIAL

2.1 Letra e alfabeto
2.2 Notações léxicas
2.2.1 Acentos
2.2.1.1 Agudo
2.2.1.2 Circunflexo
2.2.1.3 Grave
2.2.1.4 Til
2.2.2 Cedilha
2.2.3 Apóstrofo
2.2.4 Hífen
2.2.4.1 Empregos do hífen
2.2.4.2 Emprego do hífen com prefixos
2.2.4.3 Não se emprega o hífen
2.3 Orientações ortográficas – emprego de algumas letras
2.3.1 Emprego das letras “E” e “I”
2.3.2 Emprego das letras “O” e “U”
2.3.2.1 Dupla ortografia com os ditongos “OU” e “OI”
2.3.3 Emprego das letras “C” e “Ç”
2.3.3.1 Emprego da letra “C”
2.3.4 Emprego das letras “G” e “J”
2.3.4.1 Emprego da letra “G”
2.3.4.2 Emprego da letra “J”

2.3.5 Emprego da letra “H”
2.3.6 Emprego da letra “S”
2.3.7 Emprego do dígrafo “SS”
2.3.8 Emprego do “SC”
2.3.9 Emprego da letra “Z”
2.3.10 “-ZINHO” ou “-SINHO”
2.3.11 Emprego da letra “X”
2.3.12 Emprego do dígrafo “CH”
2.3.13 Emprego da letra maiúscula e da minúscula
2.3.13.1 Letras maiúsculas
2.3.13.2 Letras minúsculas
2.3.13.3 Emprego facultativo da letra maiúscula e da minúscula
2.3.14 Abreviaturas
2.4 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 3
ACENTUAÇÃO

3.1 Ortofonia
3.1.1 Ortoépia ou ortoepia
3.1.2 Acentuação gráfica
3.1.3 Regras para a acentuação gráfica
3.1.3.1 Monossílabos
3.1.3.2 Oxítonos
3.1.3.3 Paroxítonos
3.1.3.4 Proparoxítonas
3.1.3.5 Acentuação dos hiatos
3.1.3.6 Acentos diferenciais
3.1.3.7 Regra especial – verbos “ter”, “vir” e seus derivados
3.1.3.8 Considerações gerais sobre a acentuação dos vocábulos
3.2 Questões de concursos públicos

Gabarito

Capítulo 4
SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS

4.1 Denotação e conotação
4.2 Homônimos e parônimos
4.2.1 Homônimos
4.2.2 Parônimos
4.3 Formas variantes
4.4 Cognatos
4.5 Sinônimos
4.6 Antônimos
4.7 Polissemia
4.8 Extensão e compreensão das palavras – hiponímia e hiperonímia
4.9 Questões de concursos públicos
Gabarito

II – MORFOLOGIA

INTRODUÇÃO À MORFOLOGIA

Capítulo 1
ESTRUTURA E FORMAÇÃO DE PALAVRAS

1.1 Elementos estruturais da palavra
1.1.1 Radicais gregos
1.1.2 Radicais latinos
1.1.3 Prefixos de origem grega
1.1.4 Prefixos de origem latina
1.1.5 Correlação entre prefixos latinos e gregos
1.1.6 Sufixos nominais
1.1.7 Sufixos verbais

1.1.8 Os sufixos “IZAR” e “ISAR”
1.1.9 Emprego de “-IDADE” e “-IEDADE”
1.1.10 Emprego dos sufixos “-ARIA” e “-ERIA”
1.1.11 Sufixo adverbial “-MENTE”
1.2 Processos de formação de palavras
1.2.1 Derivação
1.2.2 Composição
1.2.3 Outros processos de formação de palavras
1.2.4 Neologismos
1.3 Classificação e flexão das palavras
1.4 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 2
SUBSTANTIVO

2.1 Definição
2.2 Caracterização do substantivo
2.3 Classificação do substantivo
2.4 Flexões dos substantivos
2.4.1 Flexões de gênero
2.4.1.1 Formação do feminino
2.4.1.2 Oposição entre o gênero e o sentido
2.4.1.3 Mudança de gênero por elipse
2.4.1.4 Gênero de alguns substantivos
2.4.2 Flexões de número
2.4.2.1 Regras para a formação do plural dos substantivos
2.4.2.2 Plural dos substantivos compostos
2.4.3 Flexões de grau
2.4.3.1 Plural dos substantivos diminutivos
2.5 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 3

ADJETIVO

3.1 Definição
3.2 Considerações gerais sobre os adjetivos
3.3 Formação dos adjetivos
3.3.1 Adjetivos pátrios
3.3.2 Adjetivos eruditos
3.4 Flexões dos adjetivos
3.4.1 Flexões de gênero
3.4.1.1 Formação do feminino dos adjetivos biformes
3.4.2 Flexões de número
3.4.3 Flexões de grau
3.4.3.1 O grau comparativo
3.4.3.2 O grau superlativo
3.5 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 4

ARTIGO

4.1 Definição
4.2 Classificação
4.3 Emprego dos artigos definidos
4.3.1 Empregos particulares do artigo definido
4.3.2 Não se emprega o artigo definido
4.4 Emprego dos artigos indefinidos
4.4.1 Outras orientações para o uso dos artigos indefinidos
4.5 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 5

NUMERAL

5.1 Definição
5.2 Considerações iniciais sobre os numerais
5.3 Classificação dos numerais

5.4 Regras gerais para o emprego dos numerais
5.5 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 6
PRONOME

6.1 Definição
6.2 Pronomes adjetivos e pronomes substantivos
6.3 Classificação dos pronomes
6.3.1 Pronomes pessoais
6.3.1.1 Emprego dos pronomes pessoais do caso reto (principais regras)
6.3.1.2 Emprego dos pronomes pessoais do caso oblíquo (principais regras)
6.3.2 Pronomes de tratamento
6.3.3 Pronomes demonstrativos
6.3.3.1 Emprego dos pronomes demonstrativos
6.3.4 Pronomes indefinidos
6.3.4.1 Considerações gerais sobre os pronomes indefinidos
6.3.4.2 Emprego dos pronomes indefinidos
6.3.5 Pronomes possessivos
6.3.5.1 Emprego dos pronomes possessivos
6.3.6 Os pronomes relativos
6.3.6.1 Emprego dos pronomes relativos
6.3.7 Pronomes interrogativos
6.4 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 7
VERBO

7.1 Considerações iniciais
7.2 Definição
7.3 Elementos estruturais do verbo

7.3.1 Radical
7.3.2 Vogal temática
7.3.3 Tema
7.3.4 Desinências
7.4 Flexões do verbo
7.4.1 Flexões de pessoa e de número
7.4.2 Flexões de modo
7.4.2.1 Modo indicativo
7.4.2.2 Modo subjuntivo
7.4.2.3 Modo imperativo
7.4.3 Flexões de voz
7.4.3.1 A voz ativa
7.4.3.2 A voz passiva
7.4.3.3 A voz reflexiva ou medial
7.4.3.4 Possíveis ambiguidades com as vozes passiva e reflexiva
7.4.4 Flexões de tempo
7.4.4.1 Emprego dos tempos verbais simples
7.4.4.2 Emprego dos tempos verbais compostos
7.4.4.3 As locuções verbais (construções perifrásticas) – emprego dos verbos auxiliares
7.4.4.4 Correlação dos tempos e dos modos verbais – sequencialização dos tempos (*Consecutio temporum*)
7.5 As formas nominais do verbo – os verboides
7.5.1 O infinitivo
7.5.1.1 O infinitivo pessoal ou flexionado
7.5.1.2 Função substantiva do infinitivo
7.5.1.3 Emprego do infinitivo preposicionado
7.5.2 O gerúndio
7.5.2.1 O gerúndio em função adjetiva
7.5.2.2 Emprego inadequado do gerúndio – o gerundismo
7.5.3 O particípio

7.5.3.1 O particípio circunstancial
7.5.3.2 Emprego do particípio
7.5.3.3 Verbos com duplo particípio
7.5.3.4 Particípio passivo de sentido ativo
7.6 Classificação morfológica dos verbos
7.6.1 Quanto à terminação
7.6.2 Quanto à flexão ou à conjugação
7.6.3 Quanto à função
7.6.4 Quanto à significação ou ao aspecto (sentido expresso)
7.6.5 Quanto à formação
7.6.6 Quanto à presença ou não de um sujeito
7.7 Verbos defectivos
7.8 Paradigmas de conjugação verbal – conjugação de diversos verbos
7.8.1 Conjugação dos verbos auxiliares “ser, estar, ter e haver”
7.8.2 Conjugação de verbos derivados
7.8.3 Conjugação dos verbos terminados nos hiatos “-air, -oer, -uir”
7.8.4 Conjugação de verbos irregulares
7.8.5 Conjugação de verbos pronominais
7.8.6 Conjugação dos verbos terminados no hiato “-ear”
7.8.7 Conjugação dos verbos terminados no hiato “-iar”
7.8.8 Conjugação de verbos terminados nos hiatos “-oar” e “-uar”
7.8.9 Conjugação dos verbos “ver” e “vir” no futuro do subjuntivo
7.8.10 Outras particularidades gráficas e fonéticas sobre verbos da 1.ª conjugação
7.8.11 Outras particularidades gráficas e fonéticas sobre verbos da 2.ª conjugação
7.8.12 Outras particularidades gráficas e fonéticas sobre verbos da 3.ª conjugação
7.9 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 8
ADVÉRBIO

8.1 Conceito
8.2 Classificação dos advérbios
8.3 Locuções adverbiais
8.4 Adjetivos adverbializados
8.5 Graus do advérbio
8.6 Advérbios latinos
8.7 Particularidades sobre os advérbios
8.8 Palavras e locuções denotativas
8.9 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 9
CONJUNÇÃO

9.1 Definição
9.2 Classificação
9.2.1 Coordenativas
9.2.2 Subordinativas
9.3 Ubiquidade das conjunções
9.4 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 10
PREPOSIÇÃO

10.1 Definição
10.2 Nexos prepositivos não regenciais – valores de algumas preposições
10.3 Classificação das preposições
10.4 Locuções prepositivas
10.5 Combinações e contrações das preposições
10.6 Repetição das preposições
10.7 Questões de concursos públicos

Gabarito

Capítulo 11
INTERJEIÇÃO

11.1 Definição
11.2 Classificação

III – SINTAXE

Capítulo 1
SINTAXE DE ORAÇÃO – TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO

1.1 Conceitos essenciais
1.1.1 Frase
1.1.2 Oração
1.1.3 Período
1.2 Termos essenciais da oração
1.2.1 Sujeito
1.2.1.1 Núcleo do sujeito
1.2.1.2 Classificação do sujeito
1.2.1.3 Outras classificações para o sujeito
1.2.2 Predicado
1.2.2.1 Predicação (transitividade) verbal
1.2.2.2 Predicativo
1.2.2.3 Classificação do predicado
1.3 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 2
TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO

2.1 Objeto direto
2.1.1 Objeto direto preposicionado
2.1.2 Objeto direto pleonástico

2.1.3 Objeto direto interno ou cognato
2.2 Objeto indireto
2.2.1 Objeto indireto pleonástico
2.3 Complemento nominal
2.4 Agente da passiva
2.4.1 Estudo da voz passiva – conversão da voz ativa para a voz passiva
2.5 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 3
TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO

3.1 Adjunto adnominal
3.2 Adjunto adverbial
3.3 Aposto
3.4 Vocativo
3.5 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 4
SINTAXE DO PERÍODO COMPOSTO

4.1 Conceitos essenciais
4.2 Período composto por coordenação
4.2.1 Orações coordenadas
4.2.1.1 Assindéticas
4.2.1.2 Sindéticas
4.2.2 Questões de concursos públicos
4.3 Período composto por subordinação
4.3.1 Noções introdutórias
4.3.2 Orações substantivas
4.3.2.1 Substantivas subjetivas
4.3.2.2 Substantivas objetivas diretas
4.3.2.3 Substantivas objetivas indiretas
4.3.2.4 Substantivas completivas nominais

4.3.2.5 Substantivas predicativas
4.3.2.6 Substantivas apositivas
4.3.2.7 Substantivas agente da passiva
4.3.3 Emprego da conjunção integrante na segunda oração substantiva coordenada
4.3.4 Questões de concursos públicos
4.3.5 Orações subordinadas adjetivas
4.3.5.1 Emprego e funções sintáticas dos pronomes relativos
4.3.5.2 Classificação das orações subordinadas adjetivas
4.3.5.3 O emprego da vírgula com as orações adjetivas – Distinção entre restrição e explicação
4.3.5.4 Omissão do pronome relativo na segunda oração relativa coordenada
4.3.6 Orações subordinadas adverbiais
4.3.6.1 Causais
4.3.6.2 Consecutivas
4.3.6.3 Concessivas
4.3.6.4 Condicionais
4.3.6.5 Conformativas
4.3.6.6 Comparativas
4.3.6.7 Finais
4.3.6.8 Temporais
4.3.6.9 Proporcionais
4.3.6.10 Emprego da conjunção nas orações adverbiais coordenadas
4.3.7 Orações reduzidas
4.3.7.1 Subordinadas substantivas reduzidas
4.3.7.2 Subordinadas adjetivas reduzidas
4.3.7.3 Subordinadas adverbiais reduzidas
4.4 Processo correlacional
4.5 Contagem de orações em um período misto
4.6 Questões de concursos públicos

Gabaritos

Capítulo 5
SINTAXE DE CONCORDÂNCIA

5.1 Concordância verbal
5.1.1 Regra geral
5.1.2 Sujeito formado por pessoas gramaticais diferentes
5.1.3 Regras especiais de concordância verbal com o sujeito simples
5.1.4 Regras especiais de concordância verbal com o sujeito composto
5.1.5 Concordância do verbo “ser”
5.1.6 A concordância com o sujeito oracional
5.1.7 Concordância do verbo “parecer”
5.1.8 Concordância dos verbos “costumar, poder, dever, precisar”
5.1.9 Questões de concursos públicos
Gabarito
5.2 Concordância nominal
5.2.1 Regra geral
5.2.2 Principais casos de concordância nominal
5.2.3 Casos especiais de concordância nominal
5.3 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 6
SINTAXE DE REGÊNCIA

6.1 Considerações iniciais
6.2 Regência verbal
6.2.1 Regência de alguns verbos – Casos especiais
6.3 Regência nominal
6.4 O emprego dos pronomes relativos e as regências verbal e nominal
6.5 Questões de concursos públicos

Gabarito

Capítulo 7
EMPREGO DO ACENTO GRAVE – CRASE

7.1 A ocorrência da crase e a semântica
7.2 Mecanismos práticos para verificação da crase
7.3 Ocorrência da crase
7.3.1 Casos obrigatórios
7.3.2 Crase facultativa
7.3.3 Casos em que nunca ocorre a crase
7.3.4 Casos especiais
7.4 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 8
SINTAXE DE COLOCAÇÃO PRONOMINAL

8.1 Máximas da colocação pronominal
8.2 Regras gerais
8.2.1 Próclise
8.2.1.1 Outros fatores de próclise
8.2.2 Mesóclise
8.2.3 Ênclise
8.3 Colocação dos pronomes oblíquos nas locuções verbais
8.4 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 9
EMPREGO DOS SINAIS DE PONTUAÇÃO

9.1 Considerações iniciais
9.2 Principais sinais de pontuação
9.2.1 Emprego da vírgula (,)
9.2.1.1 A vírgula entre os termos de uma oração
9.2.1.2 A vírgula entre as orações

9.2.1.3 Não se emprega a vírgula
9.2.2 Emprego do ponto (.)
9.2.3 Emprego do ponto e vírgula (;)
9.2.4 Emprego dos dois-pontos (:)
9.2.5 Ponto de exclamação (!)
9.2.6 Ponto de interrogação (?)
9.2.7 Reticências (...)
9.2.8 Aspas (“ ”)
9.2.9 Parênteses (( ))
9.2.10 Colchetes ([ ])
9.2.11 Travessão (–)
9.3 Questões de concursos públicos
Gabarito

IV – PARTE ESPECIAL

Capítulo 1
EMPREGO DO INFINITIVO

1.1 Considerações iniciais
1.2 As duas máximas para o emprego do infinitivo
1.3 Infinitivo impessoal
1.4 Infinitivo pessoal
1.5 Emprego do infinitivo em locuções passivas com o verbo “ser”

Capítulo 2
FUNÇÕES MORFOLÓGICAS DAS PALAVRAS “QUE”, “SE” E “COMO”

2.1 Funções morfológicas para palavra “QUE”
2.2 Funções morfossintáticas da palavra “SE”
2.3 Funções morfológicas da palavra “COMO”
2.4 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 3

PARTICULARIDADES LÉXICAS E GRAMATICAIS

3.1 Lição 1
- 3.1.1 Emprego dos porquês

3.2 Lição 2
- 3.2.1 Emprego de “onde” e “aonde”

3.3 Lição 3
- 3.3.1 Emprego de “se não” e “senão”

3.4 Lição 4
- 3.4.1 Emprego de “tão pouco” e “tampouco”
- 3.4.2 Emprego de “de encontro a” e “ao encontro de”

3.5 Lição 5
- 3.5.1 Emprego de “em vez de” e “ao invés de”
- 3.5.2 Emprego de “acerca de”, “a cerca de” e “há cerca de”

3.6 Lição 6
- 3.6.1 Emprego de “mau” e “mal”
- 3.6.2 Emprego de “mas” e “mais”

3.7 Lição 7
- 3.7.1 Emprego de “a fim” e “afim”
- 3.7.2 Emprego de “se quer” e “sequer”

3.8 Lição 8
- 3.8.1 Emprego de “sessão”, “seção” e “cessão”

3.9 Lição 9 – Emprego de várias expressões e conexões
- 3.9.1 Distinção entre “a princípio” e “em princípio”
- 3.9.2 Distinção entre os conectivos “porquanto” e “conquanto”
- 3.9.3 Distinção entre os conectivos “já que” e “posto que”
- 3.9.4 Distinção entre os conectivos “à medida que” e “na medida em que”

3.10 Lição 10 – Emprego de outras expressões que provocam dúvidas
- 3.10.1 Distinção entre “por ora” e “por hora”
- 3.10.2 Emprego de “o mais das vezes” e “as mais das vezes”
- 3.10.3 Distinção entre “abaixo” e “a baixo”

3.10.4 Distinção entre “a par” e “ao par”
3.10.5 Distinção entre “nenhum” e “nem um”
3.11 Lição 11 – Emprego de “está” e “estar”
3.12 Lição 12 – Emprego de “ter de” e “ter que”
3.13 Lição 13 – Emprego de “possa ser” e “pode ser”
3.14 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 4

A LINGUAGEM FIGURADA – AS FIGURAS DE LINGUAGEM

4.1 Classificação das figuras de linguagem
4.1.1 Figuras de palavras ou tropos
4.1.1.1 Metáfora
4.1.1.2 Metonímia
4.1.1.3 Catacrese
4.1.1.4 Perífrase ou antonomásia
4.1.1.5 Sinestesia
4.1.1.6 Comparação
4.1.2 Figuras de pensamento
4.1.2.1 Antítese
4.1.2.2 Paradoxo ou oximoro
4.1.2.3 Ironia
4.1.2.4 Eufemismo
4.1.2.5 Hipérbole
4.1.2.6 Gradação
4.1.2.7 Prosopopeia, personificação ou animismo
4.1.2.8 Apóstrofe ou invocação
4.1.2.9 Reticência
4.1.3 Figuras de construção ou de sintaxe
4.1.3.1 Elipse
4.1.3.2 Zeugma
4.1.3.3 Polissíndeto
4.1.3.4 Assíndeto
4.1.3.5 Hipérbato

4.1.3.6 Pleonasmo enfático ou estilístico
4.1.3.7 Anástrofe
4.1.3.8 Silepse ou concordância ideológica
4.1.3.9 Anáfora
4.1.3.10 Anacoluto
4.1.3.11 Aliteração
4.1.3.12 Repetição
4.2 Vícios de linguagem
4.2.1 Barbarismo
4.2.2 Solecismo
4.2.3 Ambiguidade (anfibologia ou pleonasmo vicioso)
4.2.4 Cacofonia ou cacófato
4.2.5 Estrangeirismo
4.2.6 Colisão
4.2.7 Eco
4.2.8 Arcaísmo
4.2.9 Hiato
4.3 Questões de concursos públicos
Gabarito

BIBLIOGRAFIA – CONTEÚDO GRAMATICAL

I

FONÉTICA

CAPÍTULO 1

FONÉTICA E FONOLOGIA

A NOSSA LÍNGUA

E verdadeiramente que não tenho a nossa língua por grosseira, nem por bons os argumentos com que alguns querem provar que é essa; antes é branda para deleitar, grave para engrandecer, eficaz para mover, doce para pronunciar, breve para resolver, acomodada às matérias mais importantes da prática e escritura. Para falar é engraçada, com modo senhoril; para cantar é suave, com um certo sentimento que favorece a música; para pregar é substanciosa com uma gravidade que autoriza as razões e as sentenças; para escrever cartas nem tem infinita cópia que dane, nem brevidade estéril que a limite; para histórias nem é tão florida que se derrame, nem tão seca que busque o favor das alheias. A pronunciação não obriga a ferir o céu da boca com aspereza, nem arrancar as palavras com veemência do gargalo.

Escreve-se da maneira que se lê, e assim se fala. Tem de todas as línguas o melhor: a pronunciação da latina, a origem da grega, a familiaridade da castelhana, a brandura da francesa e a elegância da italiana.

Rodrigues Lobo

1.1 INTRODUÇÃO

A gramática normativa ou **expositiva** é o conjunto de normas e regras que nos ensinam a falar e escrever corretamente a nossa língua, ou, por outras palavras, é a sistematização dos fatos contemporâneos de uma língua. Por isso, a gramática normativa é a ciência da linguagem, a qual **linguagem** se entende como sendo o conjunto de sinais pelos quais o homem expressa os seus pensamentos, ou seja, comunica-se.

A comunicação, indispensável a todo homem social, manifesta-se por meio de uma mensagem, para a qual concorrem seis elementos, segundo o linguista Roman Jakobson:

Fig.1 – Processo de comunicação

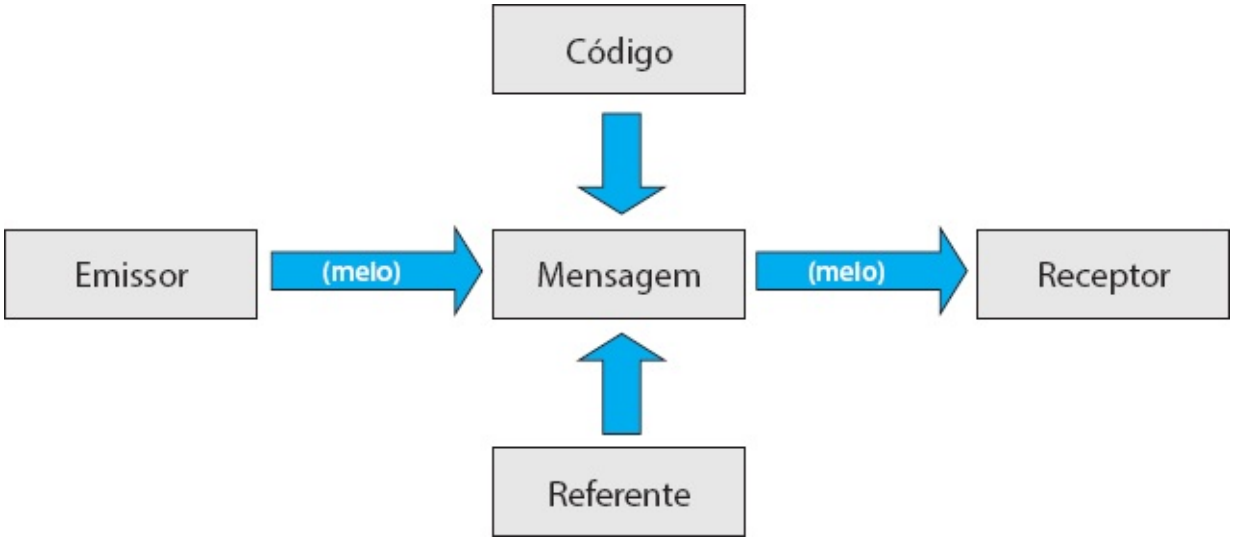

Essa capacidade comunicativa dá-se por meio de um sistema natural de palavras de que se servem os grupamentos humanos para comunicarem seus pensamentos entre si. Esse sistema de signos vocais distintos e significativos é denominado de **língua**. A utilização da língua pelo indivíduo denomina-se **fala**. Por **fala** entende-se a faculdade que tem o homem de se expressar, de se comunicar por meio de palavras. Já a **palavra** é um som oral ou uma combinação de sons orais, que exprime a ideia de alguma coisa. O conjunto de todas as palavras de uma língua forma o seu **vocabulário** ou **léxico**. As palavras, expressão das ideias, combinam-se para formar a **frase**, expressão do pensamento. Quando a

frase expressa um sentido completo, forma-se, então, uma **proposição**. É justamente essa sistematização dos fatos da linguagem o objeto de estudo da gramática.

1.2 GRAMÁTICA

Na valorosa definição do mestre Eduardo Carlos Pereira, a Gramática "é a ciência das palavras e suas relações, ou a arte de usar as palavras com acerto na expressão do pensamento".

Em sua divisão mais tradicional, temos:

a) **fonética** – estudo dos fonemas em geral;
b) **morfologia** – estudo das palavras quanto à estrutura e à formação, à classificação e à flexão – é o estudo das palavras tomadas isoladamente; e
c) **sintaxe** – estudo das palavras relacionadas umas com as outras em uma oração – é a teoria da frase.

Estudaremos a partir de agora a primeira grande divisão da gramática normativa: fonética. A NGB – Nomenclatura Gramatical Brasileira – preferiu a denominação de "fonética" à de "fonologia". Embora alguns autores, como o mestre M. Said Ali, coloquem esses dois vocábulos praticamente como sinônimos, preferimos – na mesma esteira da NGB –, denominar de "fonética" a parte da gramática normativa que examina os sons e suas mudanças, atendendo à maneira de os pronunciar.

1.3 FONÉTICA

Como já vimos, a fonética é a parte da gramática que estuda a formação, a evolução e a classificação dos sons da língua, sons que tomam o nome especial de ***fonemas***. Aos sentidos de quem fala, apresenta-se a palavra como um todo sonoro e significante. Por isso, os sons, produzidos por quem fala e recebidos por quem ouve, despertam

as imagens por meio das quais se dá o entendimento.

A fonética pode ser: descritiva, histórica e sintática. A primeira trata da formação e descrição dos fonemas. A segunda estuda as modificações que sofreram e sofrem os fonemas em suas fases sucessivas, enquanto a terceira estuda as modificações que sofrem os fonemas de certas palavras quando, por influência de outras que a elas se associam, formam um só todo fonético.

Por seu turno, a **fonologia** é o estudo dos fonemas em suas variantes posicionais, combinações e condições prosódicas.

1.3.1 APARELHO FONADOR

Os seres humanos não dispõem de aparelho especial para falar. Utilizam-se, para tanto, do aparelho respiratório e da parte superior do aparelho digestivo. A este conjunto especial de órgãos que contribuem para a produção da fala denomina-se "aparelho fonador" ou simplesmente, como preferem alguns, "órgãos da fala".

Fig. 2 – Aparelho fonador

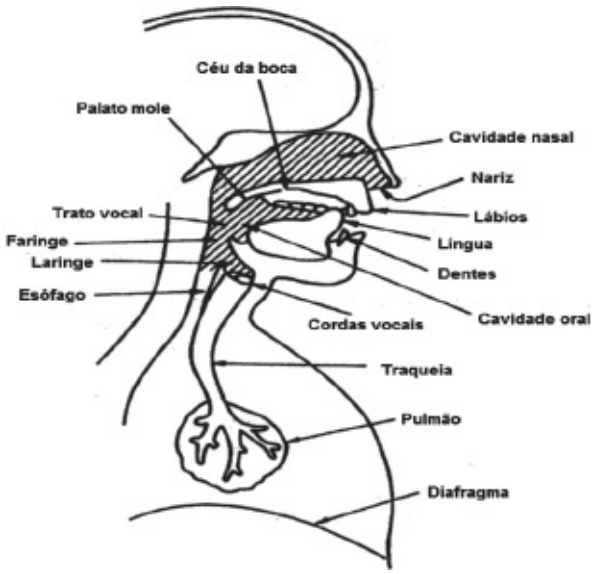

A fala é produzida pela corrente de ar expiratória. Desde o momento em que o indivíduo se dispõe a falar, opera-se em todo o aparelho uma

tensão geral: o sopro é emitido com mais vigor do que o sopro da respiração simples; a traqueia toma posições, estreitando e alargando os seus anéis; na laringe, as cordas vocais se preparam e o sopro as faz vibrar; da faringe, a vibração é dirigida, por meio da úvula, ou para a boca, se deve ser oral, ou para as fossas nasais, se deve ser nasalada. Nesta caixa de ressonância, que é a boca e seus pertences (língua, dentes, bochechas e lábios), a vibração se completa, transformando-se em som.

Os sons fundamentais da voz humana denominam-se de "fonemas". Os fonemas, portanto, são as menores unidades sonoras da nossa fala e se classificam em: **vogais**, **semivogais** e **consoantes**.

1.4 ESTUDO DAS VOGAIS E DOS ENCONTROS VOCÁLICOS

São cinco as vogais na nossa língua: a, e, i, o, u. São sons musicais que saem livremente pelo tubo vocal. Constituem, em português, a base das sílabas.

Em certos casos, os fonemas "i, u", representando os fonemas /y/ e /w/ respectivamente, são considerados semivogais sempre que soam juntamente com a vogal de uma sílaba.

1.5 CLASSIFICAÇÃO DAS VOGAIS

a) Quanto à zona de articulação: anteriores, médias e posteriores.
b) Quanto ao timbre: abertas, fechadas e reduzidas.
c) Quanto ao papel das cavidades bucal e nasal: orais e nasais.
d) Quanto à intensidade: átonas e tônicas.

1.5.1 QUANTO À ZONA DE ARTICULAÇÃO

A vogal “a” forma-se com a maior abertura da boca, ficando a língua em posição de quem respira em silêncio (posição média ou neutra). Por isso, a vogal “a” é chamada de “***média***, ***medial*** ou ***central***”.

Se a língua se eleva gradualmente para a frente, formam-se as ***vogais anteriores*** ou ***palatais*** (é, ê, e, i); se se eleva para trás, formam-se as ***vogais posteriores*** ou ***velares*** (ó, ô, o, u). Observe figura abaixo.

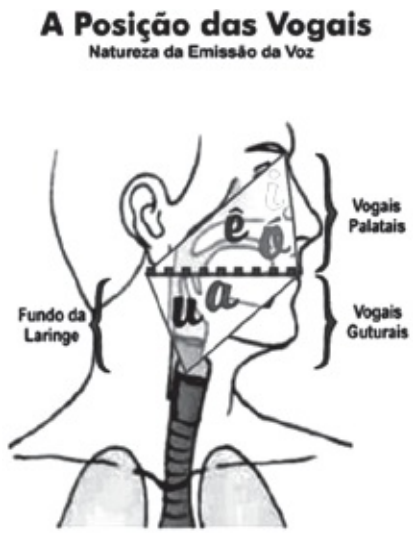

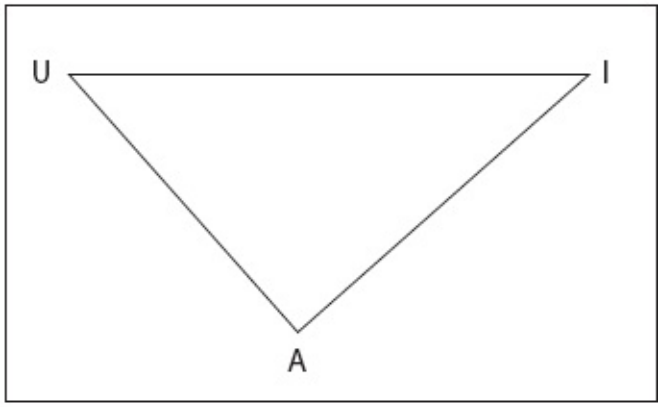

Observe nas figuras acima a distribuição triangular das vogais quanto à zona de articulação.

1.5.2 QUANTO AO TIMBRE

O timbre de uma vogal é dado pela maior ou menor proximidade da língua com o palato. Na vogal aberta, a língua se abaixa: é, ó. Na vogal fechada, a língua se eleva: ê, ô, i, u. Por isso, as vogais são classificadas quanto ao timbre em:

a) **Abertas** → á, é, ó = pá, pé, pó.
b) **Fechadas** → ê, ô: vê, avô.
c) **Reduzidas** → a (bela), e (vale), o (pelo)

⇨ **Observação:**

As vogais reduzidas tomam esse nome por pertencerem a sílabas átonas, sendo, pois, pronunciadas fracamente.

1.5.3 QUANTO AO PAPEL DAS CAVIDADES BUCAL E NASAL

Quanto ao papel das cavidades bucal e nasal, as vogais classificam-se em:

a) Orais → que se formam com o véu palatino levantado, saindo a coluna de ar somente pela boca: a, e, i, o, u.

b) Nasais → que se formam com o abaixamento do véu palatino, distribuindo-se a coluna de ar pela boca e nariz: ã, ẽ, ĩ, õ, ũ.

1.5.4 QUANTO À INTENSIDADE

Quanto à intensidade, as vogais podem ser átonas ou tônicas. A vogal tônica é pronunciada com mais intensidade que as outras. Encontra-se na sílaba tônica da palavra. Excetuando-se as sílabas tônica e subtônica de uma palavra, as demais são chamadas de átonas. As vogais dessas sílabas átonas são também átonas. Observe:

acarajé	**lâmpada**
a – átona	l
c	â – tônica
a – átona	m
r	p
a – átona	a – átona
j	d
é – tônica	a – átona

1.6 ENCONTROS VOCÁLICOS

Encontro vocálico é a sucessão de vogais em um vocábulo – gaiola,

Bahia, caule, Uruguai, averiguei. Classificam-se em: *ditongo*, *hiato* e *tritongo*.

1.6.1 DITONGOS

Ditongo (gr. di = duplo, phthonggos = som) é a sucessão de vogal e semivogal, ou vice-versa, na mesma sílaba. Dividem-se em: orais e nasais, crescentes e decrescentes.

São denominados de **crescentes** os ditongos em que a semivogal vem em primeiro lugar. Teremos, portanto, "**semivogal** + **vogal**". Exemplos: glória, vácuo, espécie, oblíqua etc.

São denominados de **decrescentes** os ditongos em que a vogal vem em primeiro lugar. Teremos, portanto, "**vogal** + **semivogal**". Exemplos: vai, lauda, rei, meu, boi etc.

a) São **orais** aqueles em que o ar sai tão somente pela cavidade bucal. Exemplos: meu, teu, pai, ouro, série.

b) São **nasais** aqueles em que o ar sai tanto pela cavidade bucal quanto pelas fossas nasais. Exemplos: pão, capitães, cantam, tem.

⇨ **Observação:**

É importante, neste momento, relembrar uma importante lição: não se deve confundir fonema (= som) com letra. Isto porque há vários ditongos que aparentemente não são ditongos, mas a pronúncia os denuncia – notadamente os ditongos nasais formados por uma vogal seguida da consoante nasal "m". Observe por exemplo o vocábulo "bem": aparentemente não temos ditongo, mas, quando o pronunciamos "beĩ", percebemos que se trata do encontro da vogal "e" com a semivogal "ĩ". Vejamos outros exemplos:

- sem, amam, andam, escrevem, puseram, deviam, porém, nem.

Vejamos abaixo uma pequena lista dos principais ditongos em nossa

língua:

ORAIS

- **ai** → mais, paiol, vaidade, cai, vai, jamais.
- **au** → mau, pau, causa, pauta, mingau, nau.
- **ei** → papéis, réis, rei, móveis, plateia, grei.
- **eu** → céu, réu, chapéu, teu, judeu, perdeu.
- **iu** → viu, partiu, riu, psiu, sorriu.
- **oi** → dói, herói, foi, boi, joio.
- **ou** → dou, sou, ouço, pousar.
- **ui** → fui, gratuito, sanguíneo.

NASAIS

- **ãe** → mãe, pães, alemães, cães.
- **ão** → pão, amarão, balão, mão.
- **am** → amaram, deviam, puseram, escreveram.
- **em** (=ei) → bem, tem, põem, saem, doem, cem.
- **õe** → põe, propões, cordões, corações.
- **ui** → muito, mui.

Nota: Quando a semivogal (também chamada de vogal assilábica) vem depois da vogal, é chamada de "*subjuntiva*"; quando vem antes, é chamada de "*prepositiva*".

⇨ **Observação:**

Os encontros "IA, IE, IO, UA, UE, UO" em finais átonos, seguidos ou não de "S", classificam-se quer como ditongos, quer como hiatos, uma vez que ambas as emissões existem na língua portuguesa. Entretanto, hoje a preferência é tratá-los como ditongos, por ser a pronúncia ditongal mais eufônica. Observe:

- história → his – tó – ria /ou/ his – tó – ri – a
- série → sé – rie /ou/ sé – ri – e

- hóstia → hós – tia /ou/ hós – ti – a
- tênue → tê – nue /ou/ tê – nu – e
- vácuo → vá – cuo /ou/ vá – cu – o
- pátio → pá – tio /ou/ pá – ti – o

1.6.2 HIATOS

Hiato (do latim, "hiatus" = abertura) é o encontro de duas vogais pronunciadas em duas emissões sonoras distintas, ou seja, é o encontro de duas vogais que se situam em sílabas distintas, por isso são pronunciadas separadamente. Vejamos alguns exemplos:

Isr**ae**l, Mis**ae**l, **ao**rta, s**aú**de, id**ea**l, r**ee**leger, at**eí**sta, d**eí**smo, t**eo**logia, sab**iá**, h**ia**to, ar**ia**no, p**ie**dade, c**ie**nte, m**io**lo, v**io**la, esp**io**nar, c**iú**me, v**iú**va, lag**oa**, p**oe**ta, c**oe**ntro, c**oo**perar, álc**oo**l, t**ua**, s**ua**, pir**ue**ta, jes**uí**ta, r**uí**na, cas**uí**stica, r**ui**m, constit**ui**nte.

1.6.3 TRITONGOS

Tritongo (gr. tri = três, phthonggos = som) é a combinação silábica em que, soando em conjunto com a vogal, existem duas semivogais. Teremos, então, "semivogal + vogal + semivogal" numa mesma sílaba. Vejamos alguns exemplos:

- ORAIS → iguais, Paraguai, Uruguai, minguou, apaziguou, quão
- NASAIS → saguões, enxáguem, dilinquem, mínguam

1.7 ESTUDO DAS CONSOANTES, DOS ENCONTROS CONSONANTAIS E DOS DÍGRAFOS

Buscando esteio nas preciosas palavras do ilustre gramático Gladstone Chaves de Melo, consoante "é um fonema em que predomina a articulação sobre a fonação, o fechamento sobre a abertura, o ruído

sobre a musicalidade; fonema que, na língua portuguesa, não pode constituir sozinho uma sílaba, mas, pelo contrário, se agrega necessariamente a uma vogal; fonema, portanto, assilábico".

Logo, as consoantes são os fonemas produzidos pela corrente expiratória que, ao atravessar a boca, é interceptada no todo ou em parte, isto é, fonemas formados pela corrente expiratória, que encontra obstáculo na aproximação ou contato dos órgãos bucais. São, portanto, sons laríngeos, ou seja, formados na laringe e caracterizados por maior aproximação das partes móveis da boca.

1.7.1 CLASSIFICAÇÃO DAS CONSOANTES

Classificam-se as consoantes:

1) Quanto ao modo de articulação;
2) Quanto ao ponto de articulação;
3) Quanto ao papel das cordas vocais.

1.7.1.1 Quanto ao modo de articulação

De duas maneiras se pode produzir uma consoante: ou fechando-se o canal bucal, ou estreitando-se o canal bucal. Por isso, quanto ao modo de articulação as consoantes podem ser:

1) **oclusivas** → que se formam quando o canal da boca se fecha (oclusão) para em seguida se abrir subitamente, numa verdadeira explosão. Por causa disso, são também chamadas de "explosivas" ou "instantâneas". Como exemplos, temos os fonemas surdos "pê, tê, quê" e os fonemas sonoros "bê, dê, guê".
2) **constritivas** → que se formam pelo estreitamento do canal bucal, saindo a corrente de ar apertada ou constrita. De acordo com a maneira de escoamento do ar, dividem-se em:

    a) Fricativas ou sibilantes → quando há um ruído na fricção: f, s,

x [chê], v, z, g [jê].

b) Laterais → quando a corrente de ar escapa pelas laterais da cavidade bucal: l, lh.

c) Vibrantes → quando o ápice da língua provoca uma tremulação contra os alvéolos: r, rr.

1.7.1.2 Quanto ao ponto de articulação

Quanto ao ponto de articulação, isto é, o lugar onde se produz o fonema, classificam-se as consoantes em:

1. **Bilabiais** → os lábios se tocam e se apertam levemente: p, b, m.
2. **Labiodentais** → contato do lábio inferior com o bordo dos incisivos superiores: f, v.
3. **Linguodentais** → contato da ponta da língua com a parte interna dos incisivos superiores: t, d.
4. **Alveolares** → a língua toca no alvéolo dos dentes, isto é, na altura da raiz dos dentes superiores: s, z, r, rr, l, n.
5. **Palatais** → contato da parte anterior da língua com o palato duro: x, g [chiante], lh, nh.
6. **Velares** → contato da parte posterior da língua com o véu palatino: c [k], g [guê], q.

1.7.1.3 Quanto ao papel das cordas vocais

Quanto ao papel das cordas vocais, as consoantes se classificam em surdas e sonoras.

1. **Surdas** → quando não há vibração das cordas vocais: p, t, q, f, s, x.
2. **Sonoras** → quando há vibração das cordas vocais: b, d, g [jê], m, n, nh, l, lh, r, rr.

⇨ **Observação:**

Para verificarmos, na prática, se há vibração das cordas vocais, devemos tapar os ouvidos durante a articulação do fonema. Se percebermos um zumbido, é sinal de que as cordas vocais vibraram, e os fonemas assim produzidos são sonoros. Caso contrário, os fonemas são surdos, por ausência de vibração.

1.7.2 ENCONTROS CONSONANTAIS

Dá-se o nome de encontro consonantal à sequência de consoantes num vocábulo, ou seja, a contiguidade de duas ou três consoantes efetivamente pronunciadas. Observe:

blusa	pneu	bronco	vidro	atlântico
fluvial	regra	planta	francês	palavra
gnóstico	prato	branco	claro	digno
rítmico	glândula	psicanálise	mnemônico	ptialina

⇨ **Observações:**

a) Quando as duas consoantes se encontram em uma mesma sílaba, diz-se que o *encontro consonantal é próprio ou perfeito*. Quando as consoantes ficam em sílabas diferentes, diz-se que o é um *encontro consonantal impróprio ou imperfeito*. Observe os exemplos:

- **Encontros consonantais próprios ou perfeitos:** blu-sa, bru-to, cri-vo, fla-ma, gló-ria, pra-to, tra-to, li-vre.
- **Encontros consonantais impróprios ou imperfeitos**: af-ta, ic-tiólogo, rit-mo, ad-jetivo, ab-soluto.

b) Frise-se que o encontro consonantal é avaliado sempre como fonema. Por isso, é importante, mais uma vez, não confundir “fonema” com “letra”. Na palavra, “FIXO”, por exemplo, temos um

encontro consonantal representado pela letra “x”, já que ela representa o fonema /*cs*/. É o que também ocorre nos vocábulos “táxi, reflexo, asfixia” entre outros, nos quais a letra “x” representa dois fonemas.

1.7.3 DÍGRAFOS

Chama-se dígrafo (ou digrama) o agrupamento de consoantes o qual representa apenas um som. Mais uma vez, é fundamental não confundir com encontro consonantal. Neste, temos consoantes que representam mais de um fonema; naquele, temos consoantes que representam um único fonema.

São dígrafos:

1. ch, lh, nh = chapéu, malha, palha, ninho, rainha, pilha, alho, trabalho, lhama, sonho, lenha.
2. rr, ss = carro, interromper, terremoto, cassado, massa, passado, ressurgir, prorrogar.
3. gu, qu (antes de “e” e “i”) =guerra, que, quatorze, equipagem, distinguir.
4. sc, sç, xc =fascinar, desça, piscina, excelência, excêntrico.

⇨ **Observação:**

Há também em nossa língua os chamados dígrafos vocálicos, isto é, os que são formados por “*am*, *an*, *em*, *en*, *im*, *in*, *om*, *on*, *um*, *un* (que representam vogais nasais)”. Na realidade, temos a formação de uma sílaba nasal pela junção de uma vogal inicial ou medial, seguida de “m” antes de “p” e “b”, e “n” antes de qualquer outra consoante. Portanto, as sílabas abaixo sublinhadas representam dígrafos vocálicos:

- l<u>im</u>po
- c<u>am</u>po
- t<u>am</u>bém
- s<u>an</u>to
- m<u>en</u>tira
- t<u>um</u>ba
- l<u>on</u>ge

1.7.4 CONTAGEM DE LETRAS E FONEMAS EM UM VOCÁBULO

Eis um dos pontos bastante cobrados nos concursos em geral. Por isso, fique atento!

Como já mencionamos, é importantíssimo não confundir letra com fonema (som) – são coisas bem diversas. Em princípio, as letras existem para exprimir os sons. É, como já dissemos, uma representação gráfica do som. Logo, é preciso ter cuidado ao se contar as letras e os fonemas (sons) de um vocábulo, pois é preciso ficar muito atento, notadamente com os dígrafos e com os encontros consonantais, para se evitarem erros.

⇨ **Observe:**

- **camisas**
  - 7 letras
  - 7 fonemas
- **criança**
  - 7 letras
  - 6 fonemas (em "an" temos um dígrafo)
- **tampinha**
  - 8 letras
  - 6 fonemas (temos dois dígrafos)
- **tóxico**
  - 6 letras
  - 7 fonemas (a letra "x" representa o fonema /cs/)
- **constituinte**
  - 12 letras
  - 10 fonemas (existem dois dígrafos vocálicos "on" e "in")
- **menino**
  - 6 letras
  - 6 fonemas

1.7.5 SÍLABA

Recebe o nome de sílaba o fonema ou o conjunto de fonemas produzidos numa só emissão de voz na enunciação de um vocábulo. Veja: **ca-dei-ra; a-ba-ca-xi; co-or-de-na-ção.**

Toda sílaba possui um núcleo ou ápice de sonoridade, que, em português, é necessariamente uma vogal. Daí as sílabas serem classificadas em:

a) **Simples** → quando apresentam uma só vogal. Ex.: dor, sol.

b) **Compostas** → quando apresentam mais de uma vogal. Ex.: caule, pau.

c) **Complexas** → quando apresentam mais de uma consoante. Ex.: triste, flor.

d) **Incomplexas** → quando apresentam apenas uma consoante. Ex.: vá, cá.

e) **Abertas** → quando terminam por vogal. Ex.: ca-na-pé, me-ni-na.

f) **Fechadas ou travadas** → quando terminam por consoante. Ex.: tu-tor, al-mas.

1.7.5.1 Classificação dos vocábulos quanto ao número de sílabas

Em nossa língua, os vocábulos podem também ser classificados em relação à quantidade de sílabas que apresentam. Saliente-se que a quantidade de sílabas é o tempo da prolação de sua vogal.

Quanto ao número de sílabas que possuem, os vocábulos podem ser classificados em: *monossílabos*, *dissílabos*, *trissílabos* e *polissílabos*.

a) **Monossílabos** → possuem uma só sílaba.
Ex.: nó, dó, só, lá, vem, não, sol.

b) **Dissílabos** → possuem duas sílabas.
Ex.: vovó, café, chulé, amém, meio, aí.

c) **Trissílabos** → possuem três sílabas.
Ex.: caneca, menina, moinho, cortejo, lâmpada.

d) **Polissílabas** → possuem quatro ou mais sílabas.
Ex.: macaxeira, brotoeja, Itamaracá, Guaratinguetá.

⇨ **Observação:**

Alguns gramáticos de renome preferem a denominação "*tetrassílabo*", para os vocábulos com quatro sílabas, e "*polissílabo*" para os vocábulos com mais de quatro sílabas.

1.7.5.2 Tonicidade

Em geral, uma das sílabas do vocábulo se pronuncia com mais força do que as outras – é a denominada sílaba tônica. Tonicidade ou acentuação tônica, portanto, é a pronunciação forte ou intensa de uma sílaba. As demais sílabas que não apresentam a força tônica são chamadas de "atônicas" ou "átonas". Veja alguns exemplos:

- jus – **ti** – ça (sílaba tônica)
- **nú** – me – ro (sílaba tônica)
- me – **ni** – na (sílaba tônica)

Por ser pronunciada mais fortemente do que as outras, diz-se que a sílaba tônica recebe o chamado "acento tônico", denominado também de "acento prosódico". Saliente-se, entretanto, que o acento tônico não consiste na altura ou duração da voz, mas na voz forte ou intensa, a qual salienta a sílaba sobre a qual ele recai.

> **Cuidado!** Não confunda o acento tônico com os acentos gráficos ou sinais diacríticos, pois em várias situações a língua se vale de acentos gráficos para marcar a sílaba tônica a fim de se evitarem problemas de prosódia. Para aprofundar tal conhecimento, sugerimos consultar (e estudar) o assunto "acentuação gráfica".

1.7.6 DIVISÃO SILÁBICA

A divisão de qualquer vocábulo, assinalada pelo hífen, em regra se faz pela soletração, isto é, a divisão leva em conta critérios fonéticos, e não etimológicos. Traduzindo: basta soletrar a palavra e dividi-la como se lê, independente de seus elementos constitutivos etimológicos.

Para que se faça uma correta divisão silábica, é essencial respeitar as seguintes regras:

1. **Não se separam as vogais dos ditongos – crescentes e decrescentes – nem as dos tritongos. Observe:**

- aurora → **au** – ro – ra
- animais → a – ni – m**ai**s

- Paraguai → Pa – ra – **guai**
- cruéis → cru – **éi**s
- meio → m**ei** – o
- ódio → ó – d**io**
- guaiar → g**uai** – ar
- Uruguai → U – ru – **guai**
- iguais → i – **guai**s
- coisa → c**oi** – sa
- enjeitar → en – j**ei** – tar
- joias → j**oi** – as

⇨ **Observação:**

Embora os encontros "IA, IE, IO, UA, UE, UO" de finais átonos, seguidos ou não de "S", possam ser analisados tanto como ditongos quanto como hiatos, a tendência hoje é considerá-los apenas como ditongos. Por isso, tais grupos vocálicos devem – preferencialmente – permanecer numa mesma sílaba.

- enciclopédia → en – ci – clo – pé – dia
- barbárie → bar – bá – rie
- lírio → lí – rio

2. No interior do vocábulo, sempre se conserva na sílaba anterior a consoante não seguida de vogal. Veja:

- abdicar → ab – di – car
- étnico → ét – ni – co
- subjugar → sub – ju – gar
- occipital → oc – ci – pi – tal
- dracma → drac – ma
- subpor → sub – por
- opção → op – ção
- segmento → seg – men – to

3. Não se separam os encontros consonantais iniciais de sílabas nem os dígrafos "ch, lh, nh". Observe:

- pechinchar → pe – chin – char
- manhã → ma – nhã
- apetrecho → a – pe – tre – cho
- folha → fo – lha
- blusão → blu – são
- brotoeja → bro – to – e – ja

⇨ **Observação:**

Os encontros “bl” e “br” nem sempre formam grupos articulados perfeitos, isto é, nem sempre permanecem na mesma sílaba. Isto se dá porque em alguns casos o “l” e o “r” são pronunciados separadamente. Veja alguns exemplos:

- sublingual → sub – lin – gual
- sub-rogar → sub – ro – gar
- sublocar → sub – lo – car
- sublinhar → sub – li – nhar
- sub-reptício → sub – rep – tí – cio
- sub-reitor → sub – rei – tor

4. Não se separam os grupos “GU” e “QU” da vogal que os segue, quer esta esteja ou não acompanhada de consoante. Observe:

- ambíguo → am – bí – **gu**o
- quota → **qu**o – ta
- ubíquo → u – bí – **qu**o
- légua → lé – **gu**a
- quebradeira → **qu**e – bra – dei – ra
- guerra → **gu**er – ra
- queijo → **qu**ei – jo
- delinquente → de – lin – **qu**en – te

5. Não se separa a consoante inicial não seguida de vogal, ou seja, a consoante inicial não seguida de vogal permanece na sílaba em que se encontra. Observe:

- pseudônimo → **ps**eu – dô – ni – mo
- gnomo → **gn**o – mo
- pterossauro → **pt**e – ros – sau – ro
- cnêmide → **cn**ê – mi – de
- gnosiologia → **gn**o – sio – lo – gi – a
- pneumático → **pn**eu – má – ti – co

6. Separam-se os dígrafos “RR, SS, SC, SÇ, XS” no interior dos vocábulos, ficando uma consoante numa sílaba e a outra na sílaba imediata. Observe:

- pi**sc**ina → pis – ci – na
- cô**ns**cio → côns – cio
- pre**sc**indir → pres – cin – dir
- e**xc**eção → ex – ce – ção
- co**rr**eição → cor – rei – ção
- e**xc**elente → ex – ce – len – te
- adole**sc**ente → a – do – les – cen – te
- convale**sc**er → con – va – les – cer
- re**sc**indível → res – cin – dí – vel
- re**ss**u**rr**eição → res – sur – rei – ção
- pro**rr**ogação → pror – ro – ga – ção
- e**xs**urgir → ex – sur – gir

7. O “S” dos prefixos “bis-, cis-, des-, dis-, trans-” não se separa

quando a sílaba seguinte começa por consoante. Caso a sílaba seguinte comece por vogal, o "S" se desprenderá do prefixo e formará sílaba com esta vogal. Observe:

- transformar → trans – for – mar
- bisneto → bis – ne – to
- descascar → des – cas – car
- cisplatino → cis – pla – ti – no
- discorrer → dis – cor – rer

mas... transatlântico → tran – sa – tlân – ti – co

mas... bisavô → bi – sa – vô

mas... desamor → de – sa – mor

mas... cisandino → ci – san – di – no

mas... disenteria → di – sen – te – ri – a

8. **As vogais idênticas e as letras "CC, CÇ" separam-se, ficando uma numa sílaba e a outra na sílaba consequente. Veja os exemplos:**

- intelecção → in – te – lec – ção
- occipital → oc – ci – pi – tal
- álcool → ál – co – ol
- intersecção → in – ter – sec – ção
- cooperador → co – o – pe – ra – dor
- caatinga → ca – a – tin – ga
- friíssimo → fri – ís – si – mo
- veemente → vê – e – men – te

9. **Separam-se as vogais que formam hiatos. Veja:**

- saúde → sa – ú – de
- jesuíta → je – su – í – ta
- egoísmo → e – go – ís – mo
- carnaúba → car – na – ú – ba
- viúva → vi – ú – va
- canaãense → ca – na – ã – en – se

⇨ Observação final:

Nas translineações – passagem de uma linha para outra nos textos escritos, quando o fenômeno da separação de um vocábulo ao final de uma linha fica mais evidente –, convém ficar atento às seguintes orientações:

a) Não se deve deixar vogal solta nem na linha antecedente, nem na linha consequente, isto é, não se isola sílaba de uma só vogal.

Observe:

- **AMÁ – VEL** (e não “A – MÁVEL”)
- **ITA – JAÍ** (e não ITAJA – Í ou I – TAJAÍ)

b) Deve-se evitar a separação de vocábulos dissílabos do tipo “aí, caí, saí, lua, rua”, em que uma das sílabas é formada apenas por vogal.

c) Na translineação de uma palavra composta ou de uma combinação de palavras em que há um hífen, ou mais, se a partição coincide com o final de um dos elementos ou membros, deve, por clareza gráfica, repetir-se o hífen no início da linha imediata. Observe:

_____terça-
feira_____

_____ex-
diretor_____

1.8 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (PUCRJ) Um mesmo fonema pode ser grafado de diferentes maneiras. Qual a lista de palavras que exemplifica essa afirmação?

   a) paciente, centro, existência
   b) existência, meses, batizaram
   c) projeto, prejudicando, propõe
   d) quem, quando, psiquiatra
   e) coisa, incomoda, continuidade

2. (PUCSP) As palavras **rapaziada, assustado, borracha** apresentam, respectivamente:

a) 8 fonemas / 9 letras; 9 fonemas / 9 letras; 5 fonemas / 7 letras
b) 9 fonemas / 8 letras; 8 fonemas / 9 letras; 5 fonemas / 8 letras
c) 9 fonemas / 9 letras; 8 fonemas / 9 letras; 6 fonemas / 9 letras
d) 9 fonemas / 9 letras; 8 fonemas / 9 letras; 6 fonemas / 8 letras
e) 8 fonemas / 8 letras; 8 fonemas / 9 letras; 5 fonemas / 7 letras

3. (PUCSP) As palavras **folheada, lânguido, antigos, vento** apresentam o seguinte número de fonemas e letras, respectivamente:

a) 7- 8; 6- 8; 6- 7; 4- 5
b) 6- 7; 7- 8; 4- 5; 6- 7
c) 6- 7; 6- 7; 7- 8; 4- 5
d) 4- 5; 6- 7; 6- 8; 7- 8
e) 7- 8; 6- 7; 6- 8; 4- 5

4. (Unirio – RJ) Identifique a opção em que a palavra apresenta ao mesmo tempo um encontro consonantal, um dígrafo consonantal e um ditongo fonético:

a) ninguém
b) coalhou
c) iam
d) nenhum
e) murcham

5. (ACAFE – SC) Assinale, na sequência abaixo, a alternativa em que todas as palavras possuem dígrafos:

a) histórias, impossível, máscaras
b) senhor, disse, achado
c) passarinhos, ergueu, piedade
d) errante, abelhas, janela

e) homem, caverna, velhacos

6. (FFFCMPA) Considere as seguintes afirmações acerca da relação entre letras e fonemas em palavras do texto.

*I – Os segmentos sublinhados em **componente**, **acrescentariam** e **conhecedor** representam um só fonema.*

*II – As letras sublinhadas em **ciência**, **sociocultural** e **adolescentes** representam o mesmo fonema.*

*III – As palavras **holística**, **essencialmente** e **conquistas** têm, cada uma delas, mais letras que fonemas.*

Quais estão corretas?

a) Apenas I.
b) Apenas II.
c) Apenas III.
d) Apenas I e III.
e) I, II e III.

7. (PUCSP) Nas palavras **enquanto, queimar, folhas, hábil, grossa**, constatamos a seguinte sequência de letras e fonemas:

a) 8- 7; 7- 6; 6- 5; 5- 4; 6- 5
b) 7- 6; 6- 5; 5- 5; 5- 5; 5- 5
c) 8- 5; 7- 5; 6- 4; 5- 4; 5- 4
d) 8- 6; 7- 6; 6- 5; 5- 4; 6- 5
e) 8- 5; 7- 6; 6- 5; 5- 5; 5- 5

8. (PUCSP) Assinale a sequência em que todas as palavras estão partidas corretamente.

a) trans-a-tlân-ti-co / fi-el / sub-ro-gar
b) bis-a-vô / du-e-lo / fo-ga-réu
c) sub-lin-gual / bis-ne-to / de-ses-pe-rar

d) des-li-gar / sub-ju-gar / sub-scre-ver
e) cis-an-di-no / es-pé-cie / a-teu

9. (ITA) Dadas as palavras:

1. des-a-len-to
2. sub-es-ti-mar
3. trans-tor-no,
constatamos que a separação silábica está correta:

a) apenas no número 1
b) apenas no número 2
c) apenas no número 3
d) em todas as palavras
e) n.d.a

10. (AMAN) Assinale a opção em que a divisão silábica não está corretamente feita:

a) a-bai-xa-do
b) si-me-tria
c) es-fi-a-pa-da
d) ba-i-nhas
e) ha-vi-a

GABARITO

1 – B	2 – D	3 – A
4 – E	5 – B	6 – D
7 – D	8 – C	9 – C
10 – B		

CAPÍTULO 2

ORTOGRAFIA OFICIAL

Conversando um pouco...
Iniciaremos o estudo de uma importante parte da gramática normativa: a ortografia. Gostaria de salientar que este capítulo deve ser estudado com cuidado. Inevitavelmente, você se deparará com várias regras, orientações, muitas exceções etc., etc. Ficar decorando os pontos talvez não seja a melhor técnica. Por isso, sugiro que estude o capítulo aos poucos, tendo sempre em mente que o melhor remédio para se aprender a escrever os vocábulos corretamente ainda é a leitura. Cremos que só com a leitura habitual o operador da língua conseguirá memorizar – pela apreensão visual – a correta escrita de muitas palavras. Portanto, leia mais! E não deixe, é claro, de, aos poucos, apreender pela norma gramatical algumas orientações ortográficas. Por isso, vamos lá!

Antes de qualquer consideração, convém mencionar que a palavra ORTOGRAFIA é formada por dois radicais gregos (orto + grafia), os quais significam respectivamente “correto” e “escrita”. Logo, ortografia é a parte da gramática normativa que se preocupa com a correta representação escrita dos vocábulos em nossa língua.

As dificuldades de escrita que muitas palavras nos oferecem ocorrem em virtude de as palavras em nossa língua obedecerem a dois critérios distintos: ora a grafia do vocábulo está baseada na etimologia, ora a grafia do vocábulo está baseada na fonética.

Como sabemos, os sistemas ortográficos são três: o fonético, o etimológico e o misto. Nossa língua portuguesa faz uso do sistema

“misto”. Por isso, muitos operadores da língua sentem dificuldade (ou dúvida) em escrever alguns vocábulos.

2.1 LETRA E ALFABETO

Como sabemos, a letra é a representação gráfica de um fonema. Nem sempre, como se demonstra no capítulo de introdução à fonética, esta relação “letra” / “fonema” é perfeita, pois existem fonemas representados por mais de uma letra e vice-versa. O conjunto de todas as letras em nossa língua é denominado de “alfabeto português”. Nosso alfabeto é hoje composto por 26 letras, sendo 21 consoantes e 5 vogais. São elas:

a A (á)	j J (jota)	s S (esse ou sê)
b B (bê)	k K (capa ou cá)	t T (tê)
c C (cê)	l L (ele ou lê)	u U (u)
d D (dê)	m M (eme ou mê)	v V (vê)
e E (é ou ê)	n N (ene ou nê)	w W (dáblio)
f F (efe ou fê)	o O (ó)	x X (xis)
g G (gê ou guê)	p P (pê)	y Y (ípsilon ou ipsilone)
h H (agá)	q Q (quê)	z Z (zê)
i I (i)	r R (erre ou rê)	

2.2 NOTAÇÕES LÉXICAS

Além das letras, nossa língua usa uma série de sinais auxiliares a fim de indicar alguns fonemas especiais. Ao conjunto desses sinais gráficos, chamados também de sinais diacríticos (gr. “diacríticos” = apto a distinguir), dá-se o nome de notações léxicas. Esses sinais acessórios da escrita são os seguintes: acentos (agudo, circunflexo e grave), til, apóstrofo, cedilha e hífen.

2.2.1 ACENTOS

Os acentos são notações léxicas empregadas sobre algumas vogais para indicar a sílaba tônica ou para indicar a fusão entre elas. Como já dissemos, temos três tipos de acentos na língua portuguesa: (´) agudo, (^) circunflexo e (`) grave.

2.2.1.1 Agudo

O acento agudo é empregado sobre as vogais para assinalar, quando as regras da acentuação assim exigirem, a tonicidade aberta das vogais “a, e, o” e a tonicidade fechada das vogais “i, u”.

⇨ **Observe:**

- água
- café
- paletó
- difícil
- baú

2.2.1.2 Circunflexo

O acento circunflexo é usado sobre as vogais “a, e, o”, quando as regras da acentuação exigirem, para indicar o timbre fechado delas.

- quilômetro
- cortês
- repô-lo
- britânico
- constância
- prêmio

2.2.1.3 Grave

O acento grave é usado exclusivamente em português para indicar o fenômeno da crase, isto é, a contração, a fusão de dois “as” (a + a).

- Um dia chegaremos àquela (a + aquela) região.
- Iremos todos à (a + a) casa da tia Zuleide.

⇨ **Observação:**

Para aprofundar os seus conhecimentos sobre o emprego do acento grave, sugerimos que estude o assunto “Crase” em sintaxe.

2.2.1.4 Til

É uma notação léxica usada para indicar a nasalização das vogais “a, o”, quando houver necessidade.

- órgão
- não
- intenção
- ímã
- põe
- mãe

2.2.2 CEDILHA

É uma notação léxica colocada sob a letra “c”, a fim de se obter o fonema /s/ antes das vogais “a, o, u”. Observe:

- faço
- caçar
- mulçumano
- açúcar
- paçoca
- espaço

2.2.3 APÓSTROFO

O apóstrofo é um sinal empregado para assinalar a supressão de um fonema numa palavra, a fim de se evitarem sons desagradáveis ou mesmo a repetição de um fonema ao se pronunciar o vocábulo. Geralmente ocorre a elisão do “e” da preposição “de”.

- queda d’água
- pau-d’arara
- galinha-d’água
- copo-d’água
- pau-d’água
- estrela-d’alva
- mãe-d’água
- borda-d’água
- pau-d’arco
- pau-d’óleo

Emprega-se também o apóstrofo nas ligações das formas “santo” e “santa”, quando importa representar a elisão das vogais finais “o” e “a”. Observe:

- Sant’Ana
- Sant’Iago
- Sant’Antônio

2.2.4 HÍFEN

É a notação léxica que apresenta maior número de empregos. É frequentemente empregado para unir palavras compostas, prefixos e formas verbais. Observe abaixo algumas orientações que estão respaldadas no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, publicado no ano de 2009.

Como já dissemos, o hífen é a notação léxica que apresenta o maior número de empregos. É frequentemente empregado, por exemplo, para indicar a ênclise dos pronomes oblíquos átonos, para formar vocábulos por derivação prefixal e para unir compostos. Veja:

- fazê-lo
- cachorro-quente
- pré-operatório
- pós-verbal
- pô-las

Quando une vocábulos, o hífen, em muitos casos, servirá como um sinal de conotatividade, pois indicará que os elementos unidos por ele não estão empregados em seus sentidos originais, mas passaram a compor um novo conceito, uma nova ideia. Observe como o emprego do hífen, nesse caso, altera o sentido nos exemplos abaixo:

mesa redonda → mesa em formato circular	≠	**mesa-redonda** → reunião, debate, discussão
casca grossa → casca espessa, grossa	≠	**casca-grossa** → ignorante, bruto, grosso
criado mudo → empregado que não fala	≠	**criado-mudo** → móvel de cabeceira
ferro velho → peça de ferro antiga	≠	**ferro-velho** → estabelecimento que vende coisas velhas
pão duro → pão endurecido, velho	≠	**pão-duro** → sovina, pirangueiro, avaro
calça curta → calça de pequena		

extensão ≠ ▹ **calça-curta** → dominado, inexperiente

2.2.4.1 Empregos do hífen

Para aprofundar o conhecimento, observe agora os principais empregos do hífen:

1) Para indicar a ênclise dos pronomes oblíquos átonos às formas verbais.

▹ Entregou-me ▹ Vamos fazê-lo
▹ Hei de comprá-lo ▹ Passou-nos o projeto

⇨ **Observação:**

Não se emprega o hífen nas ligações verbais, formadoras de locuções verbais, com o verbo "haver" + preposição "de".

▹ hei de vencer ▹ haveríamos de encontrar ▹ hás de fazer

2) Em vocábulos compostos, formados por "substantivo + substantivo", nos quais o segundo substantivo indique forma, finalidade ou tipo.

▹ decreto-lei ▹ ideia-mãe ▹ café-concerto
▹ homem-robô ▹ homem-chave

3) Nas palavras compostas por justaposição que não contêm formas de ligação e cujos elementos constituem uma unidade sintagmática e semântica única e mantêm acento próprio. Em outras palavras, os vocábulos perderam suas significações individuais e passaram a compor um novo conceito, uma nova semântica.

▹ decreto-lei ▹ médico-cirurgião ▹ tenente-coronel ▹ ano-luz
▹ arco-íris ▹ tio-avô ▹ turma-piloto ▹ sul-africano

- afro-asiático
- primeiro-ministro
- beija-flor
- luso-brasileiro
- azul-escuro
- conta-gotas
- porto-alegrense
- marca-texto
- caneta-tinteiro
- saca-rolha
- saia-calça
- boas-vindas

4) Nos topônimos compostos iniciados pelos adjetivos "grã-, grão-" ou por forma verbal ou cujos elementos estejam ligados por artigo.

- Grã-Bretanha
- Grão-Pará
- Traga-Mouros
- Abre-Campo
- Baía de Todos-os-Santos
- Trás-os-Montes
- Trinca-Fortes
- Entre-os-Rios

5) Nas palavras compostas que designam espécies botânicas e zoológicas, estejam ou não ligadas por preposição ou qualquer outro elemento.

- couve-flor
- erva-doce
- feijão-verde
- erva-do-chá
- ervilha-de-cheiro
- bem-me-quer
- cobra-d'água
- andorinha-do-mar
- bem-te-vi
- cobra-capelo
- formiga-branca
- lesma-de-conchinha

6) Nos compostos com os advérbios "bem" e "mal", quando estes formam com o elemento que se lhes segue uma unidade sintagmática e semântica, e tal elemento começa por vogal ou "H".

- bem-aventurado
- bem-estar
- bem-humorado
- mal-estar
- mal-afortunado
- mal-humorado
- mal-intencionado
- mal-assombrado

⇨ **Observações:**

a) Em muitos compostos, o advérbio "bem" aparece aglutinado com o segundo elemento (forma consolidada pelo uso), quer este tenha ou não vida à parte.

- benfazejo
- benfeito
- benfeitor
- benquerença

b) Em outros vocábulos, o advérbio “bem” pode não se aglutinar com palavras começadas por consoante. Observe:

- bem-criado
- bem-ditoso
- bem-nascido
- bem-visto

> **Consideração importante:** A verdade é que nós não temos uma orientação segura a respeito do emprego do hífen com este advérbio. Nesse caso, não há outra solução: em caso de dúvida, consulte um bom dicionário. Se você é daqueles que escrevem com frequência, sugiro que também tenha sempre à mão o VOLP – Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa.

c) É importante não confundir! Quando o vocábulo não começar por vogal nem por “H”, não haverá hífen com o advérbio “mal”. Observe:

- malformação
- malcozido
- malcheiro
- malcriado

Mas escreveremos...

- mal-educado
- mal-afortunado
- mal-encarado
- mal-humorado
- mal-avisado

7) Nos compostos com os elementos “além, aquém, recém, sem”.

- além-Atlântico
- além-mar
- além-fronteiras
- aquém-mar
- recém-nascido
- sem-cerimônia
- sem-número
- sem-vergonha

2.2.4.2 Emprego do hífen com prefixos

Nas formações com prefixos ou falsos prefixos só se emprega o hífen nos seguintes casos:

1) Nas formações em que o segundo elemento começa por “h”, ou seja, não importa o prefixo: se o segundo elemento iniciar-se

por “H”, deve-se empregar o hífen. Observe:

- pré-história
- extra-humano
- sub-hepático
- super-homem
- anti-herói
- arqui-hipérbole
- geo-história
- pan-helenismo
- semi-hospitalar
- poli-hidratação

⇨ **Observação:**

Não se usa, no entanto, o hífen em formações que contêm em geral os prefixos “des-” e “in-”, nas quais o segundo elemento perdeu o “h” inicial. Veja:

- desumano
- desumidificar
- inábil
- inumano

2) Nas formações em que o prefixo termina na mesma vogal com que se inicia o segundo elemento. Observe:

- anti-ibérico
- contra-almirante
- infra-axilar
- micro-ondas
- auto-ônibus
- micro-organismo
- anti-imperialista
- anti-inflamatório
- supra-auricular
- arqui-inimigo
- semi-interno
- eletro-ótica

⇨ **Observação:**

Esta regra não se aplica ao prefixo “re-”. Por isso, escrevem-se corretamente sem hífen, por exemplo, os vocábulos “reencarnação, reenvio, reemissão, reempossar, reencontro, reestabelecer etc.”.

3) Nas formações com os prefixos “circum-” e “pan-”, quando o segundo elemento começar por vogal, “m” ou “n”, além do “h” já mencionado.

- circum-escolar
- circum-murado
- circum-navegação
- pan-africano
- pan-mágico
- pan-negritude
- pan-americano

4) Nas formações com os prefixos “hiper-, super-, inter-”, quando o segundo elemento iniciar-se por “r”, além, é óbvio, do “H” já mencionado.

- super-resistente
- hiper-reativo
- inter-relacionado
- super-revista
- hiper-requintado
- inter-hemisfério
- hiper-rugoso
- super-realismo
- inter-regional
- inter-renal

5) Nas formações com os prefixos “ex-, pós-, pré-, pró-, sota-, soto-, vice-, vizo-”, isto é, esses prefixos sempre serão usados com hífen.

- ex-diretor
- pró-labore
- sota-piloto
- soto-mestre
- vice-presidente
- vizo-rei
- soto-general
- pré-datado
- pós-graduação
- pré-vestibular
- pré-natal
- pró-britânico
- pró-americano
- pós-tônico
- pró-europeu
- vice-diretor

6) Com o prefixo “sub-”, haverá hífen sempre que o vocábulo iniciar-se por “b, h ou r”. Observe:

- sub-base
- sub-bibliotecário
- sub-humano
- sub-hepático
- sub-rogar
- sub-repartição
- sub-bosque
- sub-rotina

⇨ **Observação:**

Caso não se inicie por “b, h ou r”, não haverá hífen. Veja:

- subepiderme
- sublocatário
- subclasse
- subutilizar

⇨ **Observações:**

a) Em alguns vocábulos, o prefixo (átono) se incorporou à palavra primitiva, como em “predeterminado, pressupor, propor, pospor, promover, prever”. Por isso, estes vocábulos são escritos sem hífen.

b) Nas formações por sufixação, só se emprega o hífen nos vocábulos terminados por sufixos de origem tupi-guarani que representam formas adjetivas, com “açu, guaçu e mirim”, como, por exemplo, “amoré-guaçu, anajá-mirim, andá-açu, capim-açu, Ceará-Mirim”.

c) Usa-se também o hífen nas ligações de formas pronominais enclíticas ao advérbio “eis” (ei-lo, ei-los) e ainda nas combinações de formas pronominais “o, a, os, as” com os pronomes oblíquos “nos” e “vos”, como, por exemplo, “no-lo”, “vo-los”.

d) O Novo Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa registra tanto “*pro forma*, *pro labore*”, formas latinas, quanto “*pró-forma*, *pró-labore*”, formas aportuguesadas. Portanto, ambas as grafias, sem hífen na forma latina e com hífen na forma aportuguesada, são corretas.

2.2.4.3 Não se emprega o hífen

1) Nos vocábulos derivados por prefixação, cujo prefixo terminar em vogal e o segundo elemento iniciar-se por consoante. Caso o segundo elemento inicie por “r” ou “s”, estas consoantes devem ser duplicadas.

- contrarregra
- infrassom
- suprassumo
- antirreligioso
- minissaia
- neorrepublicano
- microcirurgia
- minissérie
- semicírculo
- ultrarromântico
- hipoderme
- semimetal
- extracorpóreo
- supracitado
- neoliberal

2) Nos vocábulos derivados por prefixação, cuja vogal final do prefixo é diferente da vogal inicial do segundo elemento.

- antieconômico
- extraescolar
- extraoficial
- intraocular
- aeroespacial
- semiárido
- agroindustrial
- hidroelétrico
- coeducação
- autoestrada
- plurianual
- antiaéreo

3) Nos vocábulos formados por palavras compostas, cuja noção de composição, em certa medida, se perdeu, uma vez que tais palavras passaram a compor um sentido único, individualizado.

- paraquedas
- mandachuva
- madressilva
- girassol
- pontapé
- madrepérola
- passatempo
- rodapé
- sobremesa
- vaivém
- malmequer
- aguardente

2.3 ORIENTAÇÕES ORTOGRÁFICAS – EMPREGO DE ALGUMAS LETRAS

A partir de agora, vamos estudar o emprego de diversas letras do vocabulário português. Sugerimos que estude o assunto aos poucos para um melhor aprovisionamento do conteúdo. Salientamos, entretanto, que a melhor técnica para se evitarem erros ortográficos ainda é a leitura. Só a leitura, continuada e bem orientada, propiciará uma escrita livre dos problemas ortográficos. Ademais, é preciso que se diga que "ninguém" – repita-se "ninguém" – possui pleno domínio de todos os vocábulos da nossa língua. Daí a importância de o operador da língua pátria sempre possuir à mão um bom dicionário. Será este compêndio vocabular que afastará o erro ortográfico. Por isso, orientamos o nosso aluno para que leia o assunto abaixo não com o intuito de decorar simplesmente, mas principalmente com o intuito de entender o porquê do emprego desta e não daquela letra. A missão não é tão simples. Mas certamente não é impossível. Mãos à obra!!

Inicialmente, tenha cuidado com algumas letras que, frequentemente, impõem dúvida no escritor. Vamos a elas!

Dica: Sugiro que pare um pouco agora. Descanse a mente alguns minutos antes de passar para o próximo ponto. Preferencialmente, releia o assunto acima – emprego do hífen. É um ponto bastante explorado pelas bancas. Por isso, vale a pena olhar novamente, fazer outras anotações. Provavelmente você não obsorverá todas as informações sobre o hífen agora. Anote em algum lugar a data em que você estudou o assunto. Revise-o em poucos dias. Certamente o resultado será bem melhor na próxima vez que estudar o assunto.

Quando estiver pronto, passe para o ponto abaixo... Vamos lá...

2.3.1 EMPREGO DAS LETRAS "E" E "I"

Em nossa língua, o emprego do "e" e do "i" é responsável por uma série de equívocos ortográficos. Portanto, é preciso estar atento para se evitarem muitos erros. Observe abaixo uma série de orientações sobre o emprego destas duas letras.

ESCREVE-SE COM "I" E NÃO COM "E":		
• aborígene/aborígine	• alumiar	• ansiar
• antipatia	• ária (música)	• arriar (baixar)
• calidoscópio	• cerimônia	• chilique
• colibri	• corrimão	• crânio
• criação	• criatura	• crioulo
• diferir (adiar)	• disfarce	• digladiar
• dilação (adiamento)	• dilapidar	• discrição (reserva)
• discricionário	• discriminar (discernir)	• disparate
• dispensa (folga)	• displicência	• distorção
• erisipela	• escárnio	• esquisito
• idiossincrasia	• Ifigênia	• imergir (mergulhar)
• imigrar (entrar no país)	• iminente (próximo)	• incinerar
• infestar	• inigualável	• lampião
• meritíssimo	• miscigenação	• pátio
• penicilina	• pião (brinquedo)	• pinicar
• pontiagudo	• privilégio	• réstia
• ridículo	• silvícola	• siri
• tinir	• umbilical	• vadiar (vagabundear)

Lembre-se de que também se emprega a letra “i”:

a) Nas terceiras pessoas do presente do indicativo dos verbos terminados em “-AIR”, “-OER” e “-UIR”:

- cai
- sai
- corrói
- possui
- atribui
- constrói
- dói

b) No prefixo grego “anti-”, que indica “ação contrária, oposição”.

- antídoto
- antissepsia
- antimoral
- anti-infeccioso
- anti-horário

c) No paradigma de conjugação dos verbos terminados em “-IAR”, como “variar, estagiar, abreviar, aliciar, assobiar etc.”.

- Eu vario →tu varias, ele varia, nós variamos, vós variais, eles variam.
- Eu estagio → tu estagias, ele estagia, nós estagiamos, vós estagiais, eles estagiam.
- Eu assobio → tu assobias, ele assobia, nós assobiamos, vós assobiais, eles assobiam.

d) Nas terminações em “-ANO” (significando “aquele que pertence a” ou “relativo a”) nas quais se aplica um “i”, que funcionará como vogal de ligação.

- freudiano
- machadiano
- camoniano
- goethiano
- ciceroniano
- açoriano

⇨ **Observação:**

Neste último caso, quando o vocábulo termina em “E”, é de rigor a manutenção deste “E”. Observe:

- Daomé → daomeano
- Arqueu → arqueano
- Ageu → ageano
- Galileu → galileano

ESCREVE-SE COM "E" E NÃO COM "I":		
• acarear	• aéreo	• apear
• área (espaço)	• arrear (enfeitar)	• beduíno
• beneficência	• berilo	• cadeado
• campeão	• campear	• carestia
• cedilha	• cemitério	• confete
• corpóreo	• creolina	• deferir (ceder)
• delação (denúncia)	• descrição (redação)	• desenfreado
• desfrutar	• despensa (depósito)	• desforra
• desfrutar	• destilar	• disenteria
• elucidar	• emergir (vir à tona)	• encrenca
• espaguete	• emigrar (sair do país)	• embutir
• eminência (altura)	• empecilho	• encrenca
• endireitar	• enfezar	• engolir
• enteado	• estrear	• geada
• granjear	• mestiço	• mexerico
• paletó	• páreo	• parêntese (ou parêntesis)
• peão (homem do campo)	• penico (urinol)	• periquito
• petisco	• preá	• recrear (divertir)
• quepe	• sequer	• seringa
• umedecer	• vadear (passar a vau)	• veado

Lembre-se de que também se emprega a letra "e":

a) Nos ditongos nasais "ãe" e "õe":

- dispõe
- mãe
- cirurgiães
- alemães
- compõem
- cães

b) No prefixo grego “ante-” que indica “anterioridade”:

- ant**e**diluviano
- ant**e**rreforma
- ant**e**gozo
- ant**e**câmara
- ant**e**ssala

c) Nas formas dos verbos terminados em “-OAR” e “-UAR”:

- abençoe
- perdoe
- magoe
- atue
- continue
- efetue

d) Nas terceiras pessoas do plural do presente do indicativo de muitos verbos:

- ca**e**m
- sa**e**m
- destro**e**m
- argu**e**m
- possu**e**m
- constitu**e**m

e) No prefixo latino “des-” que indica “oposição, negação, falta ou afastamento, separação”:

- descortês
- desleal
- descascar
- desamor
- desarmonia

⇨ Observação

Não se esqueça também de que a oposição “e” e “i” é responsável pela distinção entre vários vocábulos. São formas parônimas. Veja:

> **Cuidado aqui**, pois várias bancas exploram este tipo de conhecimento. Portanto, vale a pena ler o ponto mais de uma vez. Use caneta marca-texto.

ESCREVE-SE COM “E”	ESCREVE-SE COM “I”
á**r**ea (espaço, superfície)	á**r**ia (melodia, concerto)

arr**e**ar (pôr arreios)	arr**i**ar (abaixar)
d**e**ferir (conceder)	d**i**ferir (adiar ou ser diferente)
d**e**latar (denunciar)	d**i**latar (distender)
d**e**lação (denúncia)	d**i**lação (adiamento)
d**e**scrição (ato de descrever)	d**i**scrição (ser discreto)
d**e**scriminação (absolvição)	d**i**scriminação (separação)
emergir (vir à tona)	**i**mergir (afundar)
eminente (ilustre)	**i**minente (prestes a ocorrer)
p**e**ão (pedestre)	p**i**ão (brinquedo)
recr**e**ação (diversão)	recr**i**ação (criar novamente)
vad**e**ar (passar a vau)	vad**i**ar (andar à toa)

2.3.2 EMPREGO DAS LETRAS "O" E "U"

Teste o seu vocabulário. Observe abaixo um grupo de palavras escritas com "O" e outro grupo de palavras escritas com "U". Fique atento, pois não raros são os equívocos ortográficos com estas palavras.

ESCREVE-SE COM "O" E NÃO COM "U":		
• abolição	• abolir	• agrícola
• amêndoa	• amontoar	• aroeira
• assoar	• bobina	• boate
• bochecho	• boteco	• botequim
• bússola	• chacoalhar	• cobiça
• cochicho	• coelho	• comprido
• comprimento (extensão)	• costume	• cortiça
• coruja	• êmbolo	• encobrir
• engolir	• engolimos (forma verbal)	• esmolambado

• espoliar	• focinho	• goela
• lobisomem	• lombriga	• mocambo
• mochila	• moela	• moleque
• molambo	• moringa	• mosquito
• névoa	• nódoa	• óbolo
• polenta	• poleiro	• polir
• ratoeira	• sapoti	• silvícola
• sortir (abastecer)	• sortido (variado)	• sotaque
• toalete	• tocaia	• tostão
• tribo	• vinícola	• zoada

ESCREVE-SE COM "U" E NÃO COM "O":		
• abulia	• acudir	• anágua
• bueiro	• bônus	• bruxulear
• bugalho	• buliçoso	• bulir
• burburinho	• camundongo	• chuviscar
• cumbuca	• cumprimento (saudação)	• cumprimentar
• cúpula	• curinga (carta de baralho)	• Curitiba
• curtir	• curtição	• cutia (animal)
• curtume	• cutucar	• embutir
• entupir	• estripulia	• esbugalhar
• escapulir	• fuçar	• íngua
• jabuti	• juazeiro	• légua
• manusear	• muamba	• mucama
• mulato	• murmurinho	• mutuca
• pirulito	• rebuliço	• sanduíche

• sinusite • surripiar • tulipa • virulento	• suar (transpirar) • tábua • urticária	• supetão • tabuleiro • usufruto

2.3.2.1 Dupla ortografia com os ditongos "OU" e "OI"

Há na língua uma série de vocábulos que tanto podem ser escritos com o ditongo "OU" quanto com o ditongo "OI". É certo que uma das formas sempre será a mais usual, embora ambas estejam corretas. Observe:

- açoite – açoute
- afoito – afouto
- besoiro – besouro
- biscoito – biscouto
- coice – couce
- coisa – cousa
- doido – doudo
- doirar – dourar
- dois – dous
- estoiro – estouro
- loiça – louça
- loiro – louro
- oiço – ouço
- oiro – ouro
- tesoiro – tesouro
- toiro – touro
- toicinho – toucinho

2.3.3 EMPREGO DAS LETRAS "C" E "Ç"

a) Empregam-se as letras "C" ou "Ç" em vocábulos de origem tupi ou africana:

- açaí
- paçoca
- caiçara
- araçá
- caçula
- Paraguaçu
- Iguaçu
- cacimba
- Piracicaba
- Moçoró
- babaçu
- muçum

- miçanga
- Pajuçara
- Moçambique
- Juçara
- puçá
- piracema
- Araci
- Piraçununga

b) Em palavras de origem latina, finalizadas em "t", emprega-se "ç" ou "c", pois há geralmente uma correlação entre o "t" latino e o "ç" ou "c" português.

- absorto → absorção
- abster → abstenção
- ato → ação
- distinto → distinção
- adotar → adoção
- infrator → infração
- torto → torção
- marte → marcial
- isento → isenção
- extinto → extinção
- executor → execução

c) Emprega-se também o "C" ou "Ç" em muitas palavras de origem árabe:

- açafrão
- acicate
- açucena
- açude
- muçulmano
- alface
- açúcar

d) Emprega-se também o "Ç" na correlação: verbo em "TER" substantivo em "TENÇÃO":

- ABSTER → abstenção
- CONTER → contenção
- DETER → detenção
- RETER → retenção
- ATER → atenção

e) Empregam-se também as consoantes "C" e "Ç" nos sufixos "-AÇA, -AÇO, -AÇÃO, -ECER, -IÇA, -IÇO, -NÇA, -UÇO".

- carcaça
- cabaça
- bagaço
- anoitecer
- caliça
- chouriço
- festança
- dentuça
- estilhaço
- noviço
- ricaço
- carniça
- criança
- armação
- magriço

f) Emprega-se também o "Ç" ou "C" após vários ditongos.

Observe:

- fauce
- traição
- traiçoeiro
- feição
- beicinho
- bouçar
- foice
- caiçara
- calabouço
- louça
- precaução
- coice

2.3.3.1 Emprego da letra "C"

ESCREVE-SE COM "C" OU COM "Ç":		
• absorção	• abstenção	• acaçapar
• açafrão	• açaí	• acelga
• acender (iluminar)	• acessório	• acervo
• acetinar	• aço	• açucena
• açúcar	• adereço	• afocinhar
• alçapão	• alicerçar	• alicerce
• almoço	• ameaçar	• arregaçar
• arruaça	• asserção	• babaçu
• beça	• Berenice	• boçal
• buço	• cabaça	• caçarola
• cacimba	• calção	• caniço
• carapaça	• carcaça	• cê-cedilha
• cela (quarto)	• celibato	• celofane
• cênico	• censo (recenseamento)	• censura
• cereja	• cerração (nevoeiro)	• certame (ou certâmen)
• cerzir (costurar)	• chacina	• chumaço
• cilada	• cintura	• cirrose
• cismar	• concertar (ajustar)	• contorção
• dentuça	• descrição	• disfarce

• dobradiça	• eriçar	• espinhaço
• exceção	• hortaliça	• inchaço
• jaçanã	• licença	• linhaça
• maçada (importunação)	• maçaneta	• maçante
• maciço	• maniçoba	• miçanga
• maçom	• mormaço	• muçarela
• noviço	• ouriço	• paçoca
• palhoça	• pança	• pinçar
• pocilga	• presunção	• rebuliço
• rechaçar	• regaço	• ruço (pardo, grisalho)
• sanção (ato de sancionar)	• sumiço	• tenção (intenção)
• terraço	• tição	• torção
• traça	• vacilar	• viço
• vidraça	• vizinhança	

2.3.4 EMPREGO DAS LETRAS "G" E "J"

Outro conjunto de palavras que frequentemente trazem dúvidas ao operador da língua são os vocábulos escritos com "G" e com "J". Como os fonemas dessas duas letras são bem parecidos, os equívocos não são raros. Portanto, fique atento às orientações abaixo.

2.3.4.1 Emprego da letra "G"

ESCREVE-SE COM "G" E NÃO COM "J":		
• adágio	• agenda	• agiota
• algema	• algibeira	• angelim
• angina	• apogeu	• aragem

• auge	• digerir	• digestão
• égide	• egrégio	• estrangeiro
• evangelho	• falange	• ferrugem
• frigir	• fuligem	• garagem
• geada	• gêiser	• geleia
• gêmeo	• gengibre	• gengiva
• gergelim	• geringonça	• gesso
• gesto	• gibi	• gilete
• gim	• girândola	• gíria
• impingem	• megera	• monge
• ogiva	• rabugem	• rabugento
• regurgitar	• rugido	• selvagem
• sugestão	• tangente	• tangível
• tangerina	• tigela	• vagem
• vagina	• vargem	• vertigem
• viagem	• vigência	

Emprega-se a letra G:

a) Nos sufixos "-agem, -igem, -ugem, -ege, -oge". Observe:

- aragem
- vertigem
- frege
- malandragem
- ferrugem
- micagem
- fuligem
- sege
- viagem
- miragem
- paragoge

⇨ Observação

Usa-se o "G" no substantivo "viagem", mas se emprega a letra "J" no

verbo “viajar” e seus derivados.

- É importante que ele faça uma boa **viagem**. (substantivo)
- É importante que ele **viaje** em segurança. (verbo)

Representam exceções a esta regra: lambujem, pajem e lajem.

b) Nas terminações “-ágio, -égio, -ígio, -ógio, -úgio”. Veja:

- adágio
- pedágio
- estágio
- egrégio
- prodígio
- relógio
- refúgio
- remígio
- fastígio
- necrológio
- colégio
- subterfúgio
- naufrágio
- plágio

c) Nos verbos terminados em “GER” e “GIR”. Observe:

- eleger
- proteger
- fingir
- frigir
- impingir
- mugir
- submergir

d) Geralmente depois da vogal “A”, a qual inicia o vocábulo. Perceba:

- agente
- agiota
- ágio
- agir
- agitar
- agitação
- agenda

⇨ Observação

Representam exceção a esta regra os vocábulos que por origem se escrevem com “J” ou que são derivados de outros, os quais apresentam a letra “J” após a vogal “A”. São bons exemplos: ajeru, ajeitar, ajesuitar.

e) Nos vocábulos derivados, cujas palavras primitivas são grafadas com “G”. Observe:

- exigir → exigência
- impingir → impingem

- tingir → tingido
- afligir → afligem

2.3.4.2 Emprego da letra "J"

ESCREVE-SE COM "J" E NÃO COM "G":		
• ajeitar	• alforje	• anjinho
• anjo	• berinjela	• cafajeste
• canjica	• canjirão	• cereja
• cerejeira	• cerveja	• cervejeiro
• desajeitado	• enjeitar	• enrijecer
• gajeiro	• gorjear	• gorjeio
• gorjeta	• granjear	• injeção
• interjeição	• jeca	• jeito
• Jeni	• jenipapo	• jequitibá
• Jeremias	• Jericó	• jerimum
• jérsei	• jesuíta	• jiboia
• jirau	• jiu-jitsu	• laje
• laranjeira	• lisonjear	• lojista
• majestade	• manjericão	• Moji
• objeção	• ojeriza	• pajé
• pajem	• Pajeú	• pegajoso
• projeção	• projétil	• rejeição
• rejeitar	• sarjeta	• traje
• trejeito	• ultraje	• varejeira
• varejista		

É comum, portanto, o emprego da letra "J":

a) Em muitas palavras de origem latina. Observe:

- jeito
- majestade
- hoje
- cereja
- lájea
- jeira

b) Em muitas palavras de origem africana e tupi-guarani. Veja:

- beiju
- jeribá
- jiboia
- maracujá
- caju
- jenipapo
- jirau
- jequitibá
- jerimum
- pajé
- jê
- jerivá
- Ubirajara
- mujique

c) Em palavras derivadas de outras que já têm a letra "J". Observe:

- laranja → laranjeira, laranjinha
- manjar → manjedoura
- viajar → viajei, viajem (verbos)
- rijo → rijeza, enrijecer
- gorja → gorjeta, gorjear, gorjeio
- encorajar → encoraje, encorajem (verbos)

d) Nas flexões do modo subjuntivo dos verbos terminados em "-jar", como "arranjar, despejar, sujar, viajar, aleijar, almejar etc.". Veja:

- arranjar → arranje, arranjes, arranje, arranjemos, arranjeis, arranjem.
- despejar → despeje, despejes, despeje, despejemos, despejeis, despejem.

2.3.5 EMPREGO DA LETRA "H"

A princípio, é preciso dizer que a letra H, em início e fim de vocábulo, não representa fonema em nossa língua. Funciona com mero símbolo gráfico, mantendo-se simplesmente em razão da etimologia de muitos vocábulos. Emprega-se a letra H, portanto:

1) No início dos vocábulos em razão da etimologia:

- herói → do latim "*heros*"
- haver → do latim "*habere*"
- humano → do latim "*humanus*"
- hesitação → do latim "*haesitatione*"
- habitar → do latim "*habitare*"
- haste → do latim "*hasta*"
- hipótese → do grego "*hupóthesis*"
- hipotaxe → do grego "*hupótaksis*"

2) No final de algumas interjeições. Observe:

- ah!
- eh!
- ih!
- oh!
- puh!

3) Em compostos unidos por hífen, quando o segundo elemento possui "h" etimológico. Observe:

- pré-histórico
- super-homem
- anti-higiênico
- sobre-humano

4) Como integrante dos dígrafos "ch, nh, lh". Veja:

- chuva
- inhame
- ilha
- chaveiro
- filho
- banha

5) Por tradição, no topônimo BAHIA.

⇨ Observação

O "H" medial que não soa não se escreve, como em "desumano, exausto, filarmônico, inábil, lobisomem, reabilitar, reaver, turboélice".

Observe agora uma lista com alguns vocábulos, em que se emprega a letra H, os quais podem gerar dúvidas.

ESCREVE-SE COM "H" INICIAL		
• hã	• Habacuque	• hagiografia
• haicai	• Haiti	• hálito
• haltere	• hangar	• harmonia
• harpa	• harpejar	• harpia

- haste
- Havaí
- hebreu
- hedonismo
- hemeroteca
- hemorroidas
- heptassílabo
- hermenêutica
- herói
- heureca
- hiato
- hidra
- hidrogênio
- hieróglifo
- hilaridade
- hinário
- hipismo
- hipódromo
- hipoteca
- hispânico
- hodierno
- homenagear
- homilia (ou homília)
- homogêneo
- honorários
- hóquei
- haurir
- haxixe
- hectare
- Hedviges
- hemisfério
- hendecassílabo
- hera (planta)
- hermético
- hertziano
- hexagonal
- hibernal
- hidrato
- hiena
- hífen
- hilário
- hino
- hipocondria
- hipófise
- hipótese
- histeria
- holandês
- homeopatia
- homologar
- homônimo
- honra
- horário
- Havana
- hebdomadário
- hediondo
- hélice
- hemorragia
- hepático
- herbívoro
- hérnia
- hesitar
- hexágono
- híbrido
- hidravião
- hierarquia
- higrômetro
- himeneu
- hipérbole
- hipocrisia
- hipopótamo
- hirto
- histologia
- holofote
- homicida
- homogeneidade
- honesto
- honraria
- horda

• horizonte • horripilar • hortênsia • hóspede • hóstia	• hormônio • horror • horto (jardim) • hospício • hostil	• horóscopo • horta • hosana • hospitalizar • hotel
• hulha • húmus	• humilde	• humor

2.3.6 EMPREGO DA LETRA "S"

1) Na correlação ortográfica, verbos com "ND" formarão substantivos e adjetivos com "NS". Observe:

- pretender → pretensão, pretensioso, despretensioso
- suspender → suspensão, suspensivo
- ascender → ascensão, ascensor, ascensional
- distender → distensão, distensível, distensor

2) Na correlação ortográfica, verbo com "PEL" formará substantivos e adjetivos com "PULS". Observe:

- impelir → impulso, impulsivo, impulsão
- expelir → expulsão, expulsivo, expulsor
- repelir → repulsão, repulsivo
- compelir → compulsão, compulsivo

3) No sufixo erudito "-ense", formador de adjetivos gentílicos. Veja:

- paquistanense
- paraense
- rio-grandense
- vienense
- parisiense

4) É empregada geralmente após ditongos. Observe os inúmeros exemplos:

- aplauso
- causa
- coisa
- lousa
- maisena
- Moisés
- náusea
- paisagem
- pouso
- Sousa
- faisão
- gêiser
- Neusa
- mausoléu

5) Na conjugação dos verbos “PÔR” e “QUERER”. Veja:

- Se eu quisesse; tu quisesses; ele quisesse; nós quiséssemos; vós quisésseis; eles quisessem.
- Eu pus; tu puseste; ele pôs; nós pusemos; vós pusestes; eles puseram.

6) Nos vocábulos formados pelos sufixos “-esa, -isa, -osa, -oso, -ês”, os quais geralmente formam adjetivos a partir de substantivos.

- burguesa
- cortês
- camponês
- poetisa
- sacerdotisa
- gostoso
- cheiroso
- princesa
- marquesa
- orgulhosa
- francês
- amorosa
- diaconisa
- papisa

7) Nos sufixos gregos “-ase, -ese, -ise, -ose”. Observe:

- catálise
- prófase
- catequese
- próclise
- osmose
- metamorfose
- psicanálise

8) Em vocábulos derivados de outros que são escritos com a letra “S”. Veja:

- ausente → ausência, ausente, ausentar
- base → baseado, basear, baseamento
- casa → casar, casamento, casebre
- preso → presídio, presidiário, presidiar

- visão → visionário, visível, visionar

Segue abaixo um rol sucinto de palavras escritas com a letra “S”.

ESCREVE-SE COM “S”	
• abrasar	• escusável
• abusão	• extasiar
• abusar	• formosura
• abuso	• frasear
• adesão	• freguesa
• adesivo	• frisante
• agasalhar	• fuselagem
• aliás	• fusível
• alisar	• gasoso
• amásia	• gris
• ambrosia	• grosa
• amnésia	• groselha
• analisar	• hesitar
• ananás	• improvisar
• anestesia	• Jerusalém
• anis	• jusante
• apesar	• lesar
• após	• lesão
• aposentar	• lisura
• apostasia	• maisena
• apoteose	• maresia
• apresar	• medusa

- apresilhar
- aprisionar
- ardósia
- arrasar
- artesanato
- atrasar
- atrasado
- através
- basebol
- basílica
- besuntar
- brasa
- brisa
- camiseta
- camisola
- camponês
- casebre
- casaco
- casimira
- casuísta
- casulo
- catalisar
- catequese
- cesariana
- cisão
- colisão
- misantropo
- miséria
- misericórdia
- nasal
- obesidade
- país
- paisano
- paralisar
- parisiense
- parnasiano
- pêsame
- pesquisar
- precisão
- preservar
- prosélito
- raposa
- raso
- reclusão
- rasura
- resina
- revés
- revisar
- sassafrás
- sinestesia
- sinusite
- sisudo

• concisão • cortesão • cortesia • crisálida • demasia • desinência • diaconisa • divisor • dose • entrosar • enviesar	• sósia • televisor • torquês • tosar • transação • usufruto • usura • vaselina • vesícula • viseira • zeloso

2.3.7 EMPREGO DO DÍGRAFO "SS"

1. Na correlação ortográfica, verbos com "CED" formarão substantivos com "CESS". Observe:

- **ced**er → **cess**ão, **cess**ionário
- inter**ced**er → inter**cess**ão, inter**cess**or
- ex**ced**er → ex**cess**ivo, ex**cess**o
- con**ced**er → con**cess**ão, con**cess**ivo
- a**ced**er → a**cess**o, a**cess**ível

2. Na correlação ortográfica, verbos com "GRED" formarão substantivos e adjetivos com "GRESS". Veja:

- a**gred**ir → a**gress**ão, a**gress**ivo, a**gress**or, a**gress**ividade
- pro**gred**ir → pro**gress**o, pro**gress**ão, pro**gress**ivo
- re**gred**ir → re**gress**ão, re**gress**o, re**gress**ivo

- trans**gred**ir → trans**gress**ão, trans**gress**or

3. Na correlação ortográfica, verbos em "PRIM" formarão substantivos e adjetivos com "PRESS". Observe:

- com**prim**ir → com**press**ão, com**press**ivo
- ex**prim**ir → ex**press**ão, ex**press**ivo
- im**prim**ir → im**press**ão, im**press**or
- o**prim**ir → o**press**ão, o**press**or
- re**prim**ir → re**press**ão, re**press**or
- de**prim**ir → de**press**ão, de**press**ivo

4. Na correlação, verbos terminados em "TIR" formarão substantivos e adjetivos com "SSÃO". Confira:

- admi**tir** → admi**ssão**, admi**ssí**vel
- discu**tir** → discu**ssão**
- repercu**tir** → repercu**ssão**, repercu**ssi**vo
- eletrocu**tir** → eletrocu**ssão**

5. Em palavras derivadas por prefixação, cujo prefixo termina em vogal e o vocábulo se inicia por "s". Observe:

- mini + saia → mini**ss**aia
- a + salariar → a**ss**alariar
- ante + sala → ante**ss**ala
- re + surgir → re**ss**urgir
- neo + simbolismo → neo**ss**imbolismo
- a + silábico → a**ss**ilábico
- anti + séptico → anti**ss**éptico
- pseudo + sufixo → pseudo**ss**ufixo
- para + sífilis → para**ss**ífilis

Observe agora uma série de vocábulos em que se emprega o dígrafo "SS".

ESCREVE-SE COM "SS"	
• acessível	• excesso

- alvíssaras
- amassar
- assar
- apressar
- argamassa
- arremesso
- assear
- assédio
- asseio
- assessor
- asserção
- assoprar
- aterrissagem
- aterrissar
- avesso
- bissetriz
- bússola
- compasso
- concessão
- condessa
- confessionário
- confissão
- demissão
- depressa
- devasso
- dissensão
- fossa
- fossilizar
- gesso
- girassol
- imissão
- impressionar
- massagem
- massapé
- melissa
- missionário
- obsessão
- passatempo
- passeata
- pintassilgo
- possessão
- presságio
- promessa
- ressaca
- ressentir
- ressonar
- ressuscitar
- russo
- sanguessuga
- sobressalente
- sossego
- travesso

• dissídio • endossar • escassez • escasso	• uníssono • vassoura • verossímil

2.3.8 EMPREGO DO "SC"

Em muitos vocábulos, principalmente por razões etimológicas, emprega-se "SC". Geralmente são vocábulos eruditos, provenientes do latim. Observe abaixo um quadro sucinto com alguns vocábulos escritos com "SC".

ESCREVE-SE COM "SC"	
• abscesso • abscissa • acrescer • adolescência • apascentar • aquiescência • ascendente • ascender (subir) • ascético (místico) • concupiscência • condescender • consciência • convalescença • descendência • descentralização	• irascível • isósceles • lascívia • luminescência • miscelânea • miscigenação • nascença • obsceno • oscilação • piscina • presciência • prescindir • prescindível • recrudescer • remanescente

• discente • discernimento • disciplina • efervescência • fascículo • fascismo • fascínio • florescente • imprescindível • incandescente • intumescer	• reminiscência • renascentismo • rescindir • rescisão • ressuscitar • susceptível • suscitar • transcendente • víscera • visceral

2.3.9 EMPREGO DA LETRA "Z"

Geralmente emprega-se a letra Z:

1) Na maioria dos substantivos derivados de adjetivos. Observe:

ADJETIVO		SUBSTANTIVO DERIVADO
ácido	→	acidez
altivo	→	altivez
áspero	→	aspereza
baixo	→	baixeza
certo	→	certeza
belo	→	beleza
claro	→	clareza
delicado	→	delicadeza
embriagado	→	embriaguez

escasso	→	escassez
estúpido	→	estupidez
flácido	→	flacidez
fluido	→	fluidez
fraco	→	fraqueza
grande	→	grandeza
insípido	→	insipidez
largo	→	largueza
ligeiro	→	ligeireza
macio	→	maciez
mesquinho	→	mesquinhez
pálido	→	palidez
rápido	→	rapidez
singelo	→	singeleza
surdo	→	surdez
triste	→	tristeza

2) No sufixo "-IZAR" formador de verbos a partir de substantivos e adjetivos não terminados em "S". Veja:

- agon(ia) + izar → agonizar
- colon(o) + izar → colonizar
- hospital + izar → hospitalizar
- final + izar → finalizar
- suav(e) + izar → suavizar
- símbol(o) + izar → simbolizar
- fiscal + izar → fiscalizar
- cristal + izar → cristalizar
- amen(o) + izar → amenizar
- ideal + izar → idealizar
- modern(o) + izar → modernizar
- canal + izar → canalizar
- civil + izar → civilizar
- harmoni(a) + izar → harmonizar
- universal + izar → universalizar
- divin(o) + izar → divinizar

- capital + izar → capitalizar
- formal + izar → formalizar

⇨ **Observação:**

a) Os substantivos derivados dos verbos acima (com o sufixo "-IZAÇÃO") também são escritos com "Z".

- suavização
- agonização
- colonização
- idealização
- modernização
- finalização
- fiscalização
- harmonização
- formalização
- capitalização

b) Se o vocábulo finalizar com a letra "S", acrescenta-se tão somente o sufixo "-AR". Observe:

- a + lis(o) + ar → alisar
- anális(e) + ar → analisar
- avis(o) + ar → avisar
- fris(o) + ar → frisar
- pesquis(a) + ar → pesquisar
- pis(o) + ar → pisar
- catális(e) + ar → catalisar
- divis(a) + ar → divisar

c) Para a regra acima, temos uma exceção: o verbo "catequizar" – escrito com "Z" – que é derivado do substantivo "catequese" – escrito com a letra "S".

3) Nos verbos terminados em "-UZIR" e nas suas conjugações:

- conduzir → conduz, conduziu, conduzirá
- deduzir → deduz, deduziu, deduzirá
- produzir → produz, produzia, produziria

2.3.10 "-ZINHO" OU "-SINHO"

Em português, geralmente se fazem confusões, na formação do diminutivo de alguns vocábulos, quanto ao emprego das letras "Z" e "S". Primeiramente, convém dizer que o sufixo para o diminutivo em português é, em geral, o "-INHO". Para usá-lo corretamente, atente para as

seguintes orientações:

a) Quando o vocábulo finalizar em "S" ou em "Z", acrescentar-se-á tão somente o sufixo "-INHO". Observe:

- raiz + inha → raizinha
- lápis + inho → lapisinho
- ros(a) + inha → rosinha
- Luís + inho → Luisinho
- chinês + inha → chinesinha
- nariz + inho → narizinho
- Teres(a) + inha → Teresinha
- as(a) + inha → asinha
- princes(a) + inha → princesinha
- mes(a) + inha → mesinha

b) Quando o vocábulo não termina nem em "S" nem em "Z", usa-se a consoante de ligação "Z" entre o vocábulo e o sufixo indicador do diminutivo. Veja:

- amor + z + inho → amorzinho
- flor + z + inha → florzinha
- café + z + inho → cafezinho
- pai + z + inho → paizinho
- só + z + inho → sozinho
- João + z + inho → Joãozinho
- anel + z + inho → anelzinho
- mar + z + inho → marzinho
- mão + z + inha → mãozinha
- pé + z + inho → pezinho
- Maria + z + inha → Mariazinha
- homem + z + inho → homenzinho

⇨ **Observações:**

a) Perceba que, na última regra, a letra "Z" funciona como consoante de ligação entre o final do vocábulo e o sufixo "-inho(a)", já que os vocábulos sem ela seriam cacofônicos, malsoantes.

b) Com certos vocábulos, admitem-se duas grafias. Observe:

- colherzinha ou colherinha
- hominho ou homenzinho
- dentinho ou dentezinho
- gavetinha ou gavetazinha
- florzinha ou florinha
- ovinho ou ovozinho
- campinho ou campozinho
- mulherinha ou mulherzinha

- montinho ou montezinho
- pastorinho ou pastorzinho

Observe abaixo uma tabela com vocábulos escritos com a letra “Z”.

ESCREVE-SE COM “Z”	
• abalizar	• embriaguez
• acidez	• escassez
• agonizar	• espezinhar
• ajuizar	• estupidez
• alazão	• falaz
• algazarra	• fineza
• algoz	• flacidez
• alteza	• frigidez
• altivez	• fugaz
• amenizar	• gazear
• amortizar	• geratriz
• apaziguar	• gozo
• aprazível	• indenizar
• aridez	• intrepidez
• assaz	• lambuzar
• avestruz	• lhaneza
• azar	• loquaz
• azedar	• mazela
• azeitona	• mazurca
• azucrinar	• morbidez
• baixeza	• nudez
• baliza	• ozônio

• bambuzal • bezerro • buzina • capataz • capuz • chafariz • cizânia • coalizão • conduzir • contemporizar • contumaz • copázio • coriza • cozer (cozinhar) • desazo (descuido) • desfaçatez • deslizar (mas alisar) • deslize • dizimar • eficaz	• perdiz • prazerosamente • prenhez • quizila • rapaziada • razoável • revezar • sagaz • seduzir • surdez • topázio • varizes • vazante • verniz • vileza • vizinho • xadrez • ziguezague

2.3.11 EMPREGO DA LETRA "X"

a) Por questões etimológicas, emprega-se o "X" com o som de "S" em vocábulos como:

- expor
- auxiliar
- extenso
- extrato

- sexta
- êxtase
- sextilha
- contexto
- próximo
- sintaxe
- expectativa
- texto
- aproximar
- expor
- têxtil

b) Emprega-se geralmente a letra "X" após ditongo. Veja:

- baixo
- queixada
- eixo
- caixa
- peixe
- seixo
- deixar
- gueixa
- frouxo
- feixe

Exceção: Os vocábulos "guache" e "caucho" – e seus derivados, como "recauchutar, recauchutagem" – são escritos com "CH".

c) Geralmente após a sílaba "me" inicial da palavra emprega-se a letra "X". Observe:

- mexerico
- mexida
- mexerucar
- mexilhão
- mexedor
- mexe-mexe
- mexerica
- mexeriqueiro
- mexicano
- mexeriquice

Exceção: O vocábulo "mecha" e seus derivados "mechado, mechagem, mechar".

d) Após a sílaba inicial "en" geralmente se emprega a letra "X". Observe:

- enxada
- enxugar
- enxovalhar
- enxaguar
- enxergar
- enxame
- enxaqueca
- enxaimel
- enxofre
- enxerido
- enxadrezar
- enxertar
- enxoval
- enxurrada
- enxaguada

Exceções: Os vocábulos "encher" (e seus derivados) e enchova (= peixe) são escritos com

"CH". Ocorrerá também uma exceção quando o prefixo "en-" for anexado a um vocábulo iniciado por "CH", como "enchiqueirar, encharcar, enchumaçar etc.".

Observe abaixo uma tabela com alguns vocábulos escritos com a letra "X".

ESCREVE-SE COM "X"	
• abacaxi	• maxixe
• almoxarife	• oxalá
• atarraxar	• praxe
• baixada	• puxar
• baixela	• puxão
• bexiguento	• Quixote
• broxa (pincel)	• relaxar
• bruxulear	• remexer
• buxo (arbusto)	• repuxo
• caixeiro	• rixa
• caixote	• rouxinol
• capixaba	• taxa (imposto)
• caxumba	• trouxa
• coxinilho	• vexame
• elixir	• xá (título de nobreza)
• enfeixar	• xadrez
• enxada	• xampu
• enxaqueca	• xeque (chefe árabe)
• faxina	• xereta
• feixe	• xícara

• graxa • gueixa • lagartixa • laxativo • lixa • luxúria • macaxeira	• xilindró • xilofone • xingar • Xingu • xiquexique • xodó

Não se esqueça de que, em muitos vocábulos, a letra “X”, quando usada no final do vocábulo ou quando empregada entre duas vogais (intervocálica), representa o fonema “KS”. Observe a tabela:

LETRA “X” COM O SOM DE “KS”	
• afluxo • amplexo • anexar • asfixiar • asfixiante • axioma • boxe • caquexia • clímax • complexo • conexão • convexo • córtex • crucifixo • dislexia	• látex • léxico • lexicografia • Marx • marxismo • máxime • nexo • ônix • ortodoxia • oxidar • óxido • oxigênio • paradoxal • perplexo • profilaxia

• doxologia	• reflexão
• dúplex	• refluxo
• fixação	• saxão
• fixo	• saxofone
• flexionar	• sexagésimo
• fluxo	• sexo
• genuflexão	• tórax
• heterodoxia	• tóxico
• hexacampeão	• toxicologia
• intoxicar	• uxoricida

Em alguns outros vocábulos, a letra “X” representará o fonema “Z”. Observe abaixo:

LETRA “X” COM O SOM DE “Z”	
• exagero	• existir
• exalar	• êxito
• exame	• êxodo
• exasperar	• exonerar
• executar	• exorcismo
• exemplo	• exortar
• exegese	• exótico
• exercer	• exuberância
• exercício	• exultar
• exército	• exumar
• exibir	• inexistente
• exigir	• inexorável

• exíguo	• exilar

2.3.12 EMPREGO DO DÍGRAFO "CH"

Geralmente se usa o dígrafo "CH" por razões etimológicas. Há inúmeras palavras provenientes do latim, do francês, do espanhol e do italiano as quais são escritas com o dígrafo "CH". Podemos citar, a título de exemplo, os vocábulos "chave, cheirar, chuva" (do latim); brocha, chalé, chefe, mochila (do francês e do espanhol); charlatão, salsicha, espadachim (do italiano).

Abaixo segue uma tabela com alguns vocábulos escritos com "CH".

ESCREVE-SE COM "CH"	
• Anchieta	• churrasco
• apetrecho	• chuteira
• belchior	• cochichar
• bochecha	• cochicho
• bochecho	• cocho (recipiente)
• boliche	• colcha
• bombacha	• concha
• brocha (prego)	• coqueluche
• broche	• deboche
• bucha	• despachar
• bucho (estômago)	• encher
• cachaça	• espichar
• cachimbo	• estrebuchar
• cachola	• fachada
• capuchinho	• ficha

• capucho • cartucho (cápsula) • chá (infusão de folhas) • chácara • chafariz • charco • charque • cheque (ord. pagamento) • chimarrão • chiste • chuchu • chucrute • chutar • chumaço	• guache • inchar • machucar • mochila • pachorra • pecha • pechincha • rachar • salsicha • tacha (mancha) • tachar (acusar)

2.3.13 EMPREGO DA LETRA MAIÚSCULA E DA MINÚSCULA

Um ponto bastante interessante em nossa língua é o emprego das letras minúsculas e maiúsculas. Embora seja pouco explorado pelas bancas dos concursos, este assunto é bastante útil para o usuário da língua, notadamente para aqueles que trabalham frequentemente com a língua escrita.

Para uma orientação mais segura, procuramos pautar as regras abaixo no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, edição de 2009, sem exclusão de outras regras óbvias e bastante usuais.

2.3.13.1 Letras maiúsculas

É de praxe o emprego da letra maiúscula:

1) No início de frases, orações ou períodos, versos, citações diretas e logo após o ponto final. Veja:

- "Disse o padre Antônio Vieira: "Estar com Cristo em qualquer lugar...".
- "Longe do estéril turbilhão da rua,
Beneditino, escreve! No aconchego
Do claustro, na paciência e no sossego,
Trabalha, e teima, e lima, e sofre, e sua!
Mas que na forma de disfarce o emprego
Do esforço; e a trama viva se construa
De tal modo, que a imagem fique nua,
Rica mas sóbria, como um templo grego."
(Olavo Bilac)

⇨ Observações:

Muitos poetas usam, à moda espanhola, a minúscula no princípio de cada verso, quando a pontuação o permite, como se vê abaixo em Carlos Drummond de Andrade:

- "É quando, ao despertar, revejo a um canto
a noite acumulada de meus dias,
e sinto que estou vivo, e que não sonho."

2) Nos substantivos próprios de qualquer espécie (antropônimos: nomes de pessoas, alcunhas, patronímicos, cognomes, tribos e castas, seres mitológicos e fabulosos; topônimos: nomes de lugares, cidades, países; designação de comunidades religiosas e políticas).

João da Silva	Dom Quixote	Dom Casmurro	Branca de Neve
Sigmund Freud	Recife	Palmares	Atlântida
Hespéria	Ruanda	Brasil	Olinda
os Pirineus	Alá	Jeová	Testemunhas de Jeová
Vênus	Júpiter	Baco	Igreja Católica
Nação	Estado	Pátria	Raça

⇨ **Observação:**

a) Os vocábulos “Nação, Estado, Pátria, Raça” devem ser escritos com minúscula quando forem empregados em sentido geral ou indeterminado.

- “O único expediente regular (para revogar uma lei que não se acha de acordo com as necessidades de uma **nação**) é o remédio que pode provir do Poder Legislativo.” (Rui Barbosa)
- “Também me ocorreu aceitar a batalha, no sentido natural, e fazer dela a luta pela **pátria**, por exemplo.” (Machado de Assis)

b) Os substantivos que designam os nomes dos países, estados e cidades devem ser grafados com letra maiúscula, mas seus povos escrevem-se com inicial minúscula, não só quando designam os habitantes ou naturais daquele lugar, mas também quando representam coletivamente uma nação, um povo. Observe:

- o Brasil → os brasileiros
- a Rússia → os russos
- Palmares → os palmarenses
- a Bahia → os baianos
- Pernambuco → os pernambucanos
- a Venezuela → os venezuelanos

3) Nos nomes de festas e festividades. Veja:

- Natal
- Páscoa
- Ramadão
- Todos os Santos

4) Nos nomes que designam a divindade. Observe:

- o Altíssimo
- o Onipotente
- o Todo-Poderoso
- o Criador
- o Rei dos reis

5) Nos pontos cardeais ou equivalentes, quando empregados absolutamente, isto é, quando empregados em referência à região. Observe:

- o Nordeste, por nordeste do Brasil
- Meio-Dia, pelo sul da França
- o Norte, por norte de Portugal
- o Ocidente, por ocidente europeu

6) Nos títulos de jornais e periódicos, que retêm o itálico. Observe:

- *O Estado de São Paulo*
- *Zero Hora*
- *Folha de São Paulo*
- *Jornal do Commercio*
- *Diário da Manhã*
- *O Primeiro de Janeiro*

7) Em siglas, símbolos ou abreviaturas internacionais ou nacionalmente reguladas com maiúsculas. Veja:

- VOLP
- FAO
- CPF
- H2O
- Sr.
- V. Ex.ª.
- ONU

8) Nos nomes próprios de eras e de acontecimentos históricos, e épocas notáveis. Observe:

- Segunda Guerra Mundial
- Idade Média
- Renascimento
- Revolução Industrial

9) Nos nomes de repartições, corporações ou agremiações e estabelecimentos públicos ou particulares. Observe:

- Ministério das Relações Institucionais
- Departamento de Defesa
- Academia Pernambucana de Letras
- Imprensa Nacional
- Universidade Federal do Rio de Janeiro
- Presidência da República

2.3.13.2 Letras minúsculas

É de regra empregar-se a letra minúscula:

1) Ordinariamente, em todos os vocábulos da língua portuguesa nos usos correntes para os quais não haja a obrigatoriedade da letra maiúscula.

2) Nos nomes dos dias, dos meses e das estações do ano. Veja:

- segunda-feira
- sábado
- janeiro
- março
- primavera
- verão

3) Nos usos dos pronomes indefinidos "fulano, sicrano e

beltrano".

4) Depois do sinal de dois-pontos quando não se tratar de nome próprio ou de citação direta. Observe:

- Só desejo uma coisa em minha vida: paz.
- Bêbado, ele apenas dizia isto: que a vida não vale a pena.
- Sempre foi um homem de bem: auxiliava em todos os abrigos do município.

5) Nos nomes próprios tomados comuns por sinédoque. Observe:

- Ele foi um judas para a turma.
- Rui era o cristo da sala.
- Agia como um dom-quixote.

6) Nos nomes de festas populares ou pagãs. Veja:

- carnaval
- micareta
- as festas juninas
- as bacanais
- as saturnais

2.3.13.3 Emprego facultativo da letra maiúscula e da minúscula

Pode-se empregar tanto a letra maiúscula quanto a minúscula nos seguintes casos:

1) Em palavras usadas na categorização de logradouros públicos, de templos e de edifícios. Observe:

- Rua ou rua Joaquim da Lapa
- Avenida ou avenida Agamenon Magalhães
- Edifício ou edifício Copan
- Largo ou largo de São Francisco
- Igreja ou igreja Presbiteriana
- Palácio ou palácio da Cultura

2) Nos nomes, adjetivos, pronomes e expressões de tratamento ou reverência. Veja:

- Santa ou santa Ifigênia
- Governador ou governador Eduardo Campos

- Bacharel ou bacharel João Carlos
- Cardeal ou cardeal Bembo
- Senhor Doutor ou senhor doutor Antônio Carlos Resende
- Padre ou padre Ferdinando Marques

3) Nos nomes que designam domínios do saber, cursos, disciplinas e formas afins. Veja:

- Português ou português
- Belas Artes ou belas artes
- Letras Clássicas ou letras clássicas
- Matemática ou matemática
- Filosofia ou filosofia
- línguas e literaturas modernas ou Línguas e Literaturas modernas

4) Nos títulos que compõem uma citação bibliográfica, exceto no primeiro vocábulo e naqueles obrigatoriamente grafados com maiúscula.

- Menino de Engenho ou Menino de engenho
- Árvore e Tambor ou Árvore e tambor
- O Crime do Padre Amaro ou O crime do padre Amaro
- Memórias Póstumas de Brás Cubas ou Memórias póstumas de Brás Cubas

2.3.14 ABREVIATURAS

Em nossa língua portuguesa, certas palavras e locuções, em vez de serem escritas por extenso, são muitas vezes indicadas somente com as iniciais seguidas de ponto ou com as iniciais e mais um número reduzidíssimo de letras seguidas de ponto. Dá-se às palavras e expressões assim representadas o nome de “abreviaturas”.

A escrita das abreviaturas geralmente segue algumas orientações. Vejamo-las:

1) Nas abreviaturas, as letras são frequentemente substituídas por ponto. Este, por sua vez, geralmente só é colocado após a primeira consoante ou após o primeiro encontro consonantal. Perceba:

- f. (feminino)
- adj. (adjetivo)
- compl. (complemento)

- Fr. (Frei)
- dipl. (diploma)

⇨ **Observação:**

Algumas abreviaturas modernas empregam o ponto depois de vogal. Veja:

- ago. (agosto)
- anu. (anuário)
- Ci. (Ciência)
- litu. (lituano)
- memo. (memorando)

2) As abreviaturas de símbolos científicos (medidas, pesos, distâncias etc.) são escritas sem ponto e sem a letra "s" para indicar o plural. Veja:

- g (grama)
- km (quilômetro)
- K (potássio)
- sen (seno)
- m (metro)
- cm (centímetro)
- l (litro)
- h (hora)
- kg (quilograma)
- min (minuto)

3) Algumas abreviaturas mantêm a(s) última(s) letra(s) do vocábulo postas acima das outras. Observe:

- C.^{el} (Coronel)
- Exma (Excelentíssima)
- Rem.^{te} (remetente)
- V. Ex.ª (Vossa Excelência)

4) Geralmente, quando se deseja expressar o plural de uma abreviatura, acrescenta-se tão somente a letra "s". Observe:

- caps. (capítulos)
- fls. (folhas)
- Dr.as (doutoras)
- págs. (páginas)

⇨ **Observações:**

a) Quando a abreviatura é formada por letras maiúsculas, duplicam-se essas letras para se expressar o plural. Logo:

- SS.AA (Suas Altezas)
- VV.PP. (Vossas Paternidades)
- VV.MM (Vossas Majestades)

b) Em alguns casos, a duplicação das maiúsculas pode representar superlativos. É o caso de:

- DD (Digníssimo)
- MM (Meritíssimo)
- SS (Santíssimo)

5) O acento gráfico, quando houver, deve ser mantido se recair antes do ponto abreviativo. Veja:

- séc. (século)
- pág. (página)
- téc. (técnica)
- côv. (côvado)
- anún. (anúncio)
- Fís. (Física)
- núm. (número)
- gên. (gênero)
- mús. (música)
- Quím. (Química)

Observe abaixo um rol sucinto com algumas abreviaturas bastante usuais na escrita portuguesa:

a.C ou A.C. = antes de Cristo	A/C = ao(s) cuidado(s)
A.D. = anno Domini (ano do Senhor)	adj. = adjetivo
ad. lit. = ad litteram (ao pé da letra, literalmente)	adv. = advérbio
Aeron. = aeronáutica	Ah = Ampère hora
a.m. = *ante meridiem* (antes do meio-dia)	A.M. = ave-maria
am.º = amigo	ap. ou apart. = apartamento
ár. = árabe	arc.º = arcebispo
asp. ou asp.te = aspirante	assoc. = associação
ativ. = atividade	at.º = atento ou atencioso
at.te = atenciosamente	A.T. = Antigo Testamento
banc. = bancário	B.el = bacharel
B.eis = bacharéis	B.O. = boletim de ocorrência
bras. = brasileiro ou brasileirismo	Bras. = Brasil
cap. = capitão	Cap. = Capital
C.el ou C.el = coronel	Cia. ou C.ia = companhia

Col.º = colégio	Corresp. = correspondência
d.C. ou D.C. = depois de Cristo	DD. = digníssimo
Dec. = Decreto	diác. = diácono
dic. = dicionário	div. = divisão
Dr. = doutor	Drs. = doutores
Dr.ª = doutora	Dr.ªs = doutoras
Ed. = edição	E.D. = espera deferimento
el. = elemento	espec. = especial
etc. = *et cetera*	Ex.ª = Excelência
f., fl. ou fol. = folha	fls. ou fols. = folhas
flex. = flexão	F.º = filho
g = grama(s)	g. ou gr. = grau(s)
gen. = general	h = hora(s)
ib. ou ibid. = *ibidem* (no mesmo lugar)	i.e. = *id est* (isto é)
Il.ma = ilustríssima	Il.mo = ilustríssimo
Juríd. = jurídico	Kg = quilograma
lit. = *litteratim* (literalmente)	min = minuto(s)
m = metro(s)	mons. = monsenhor
N.T. = Novo Testamento	P.S. = *post scriptum* (pós-escrito)
seg = segundo(s)	seg. = seguinte
v. = você, veja, verbo, volume	*v.g.* = *verbi gratia* (por exemplo)
V.T. = Velho Testamento	

2.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (FCC) Está correta a grafia de todas as palavras do seguinte comentário sobre o texto:

a) Uma das iniciativas encontornáveis da cidadania está em se ezercer a consciência crítica, aplicada aos fatos da realidade.

b) Recusando os privilégios dos que se habituaram a viver em grupos autônomos, o texto propõe o acesso de todos a todas as instâncias sociais.

c) Ninguém deve se ezimir de cobrar do Estado a prezervação do princípio de igualdade como um direito básico da cidadania.

d) Constitue dever de todos manter ou readquirir a crença em que seja possível a vijência social dos princípios da igualdade e da solidariedade.

e) O que se atribue a um cidadão, como direito básico, deve constituir-se em direito básico de todos os cidadãos, indescriminadamente.

2. (FCC) Há palavras cuja grafia exige correção na frase:

a) Incompreensivelmente, dá-se absoluta primazia à experiência, quando se trata do preenchimento de novas vagas.

b) Pretextando a inexperiência dos jovens pretendentes a uma vaga, os empregadores lhes oferecem estágios, com pagamento irrisório.

c) É lamentável que jovens com aptidão e vocação para o trabalho sejam rejeitados em nome de uma experiência a que não podem ter acesso.

d) Diminui paulatinamente o número de novos empregos, o que obriga os jovens candidatos a se submeterem a exigências cada vez mais rigorosas.

e) É evidente o descazo com que o mercado de trabalho trata os recém-formados, frustrando assim suas legítimas pretenções.

3. (ESAF) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia.

*Diante da atual mediocridade da representação política, é **necessária(1)** a participação e a organização da sociedade, operando uma profunda mudança em nossa cultura política. **Quanto maior(2)** o individualismo, mais frágeis são os governos. As regras formais constitucionais não são suficientes para **freiar(3)** os vícios **exacerbados(4)** pelo poder. As organizações da sociedade devem ter o poder de vigiar e cobrar prestação de contas. Por isso, em vez de desacreditar da política, devemos agir em corresponsabilidade, com coragem, lucidez e **discernimento(5)** num grande mutirão para abrir caminho para um país democrático, justo, desenvolvido e pacífico.*

(Adaptado de Dom Geraldo Majella, cardeal Agnelo, Folha de S. Paulo, 21/6/2005)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

4. (FCC) Está correta a grafia de todas as palavras da frase:

a) Malediscente como sempre, não deixa de proferir injúrias, manifestando, além da hostilidade, uma extraordinária vocação para provocar a cisânia entre seus desafetos.
b) Diante de nossa relutância, propôs que fôssemos com ele ao supermercado, emprendêssemos, de modo alheatório, uma pesquisa de preços, e os comparássemos aos da feira.
c) Como não conta com nenhum para-raios, o povoado se alarma tão logo comece a trovejar: na última tempestade, a inscidência de descargas elétricas foi a maior da região.
d) Será necessário intensificar a assistência aos pescadores, por ocasião da reversão das águas do rio – operação esta que certamente beneficiará as hidrelétricas, mas que poderá levar muitos à indigência.

e) Os maltratos recebidos afetaram-na tão profundamente que ela não consegue relaxar: ficaram-lhe os resquícios de um trauma familiar que dificilmente superará sem os subssídios de um tratamento especializado.

5. (FCC) Estão corretos o emprego e a grafia de todas as palavras da frase:

a) É costume discriminar-se os jovens, e a razão maior está em serem jovens, e não em alguns de seus hábitos que fossem em si mesmos pernisciosos.

b) A encorporação de um novo léxico é uma das consequências de todo amplo avanço tecnológico, já que este indus à criação ou recriação de palavras para nomear novos referentes.

c) Um pequeno glossário, capaz de elucidar a nova terminologia da informática, contribui muito para afastar os percalços do caminho dos usuários iniciantes, aturdidos com tanta novidade.

d) Os maus-entendidos são fatais quando ainda não se tem destreza numa nova linguagem, quando ainda não se está familiarizado com um novo vocabulario.

e) Muita gente letrada e idosa aderiu ao uso do computador, considerando-o não um sinal do apocalípse, mas uma ferramenta revolucionária na execução de tarefas, um instrumento útil para qualquer pesquizador.

6. (ESAF) Assinale o trecho do texto que apresenta erro gramatical.

Machado de Assis – Um gênio Brasileiro, de Daniel Piza

a) Na apresentação da biografia de Machado de Assis (1839-1908), o jornalista Daniel Piza observa que o autor foi, ao mesmo tempo, uma expressão de sua época e uma exceção a ela.

b) Em seus contos e romances, ele deixou um retrato acurado do Rio de Janeiro do século XIX, mas sua crítica ácida à sociedade brasileira nem sempre foi percebida pelos seus contemporâneos.

c) Piza busca demonstrar que Machado era muito diferente do

protagonista de seu último romance, *Memorial de Aires*.

d) O escritor não tinha “tédio a controvérsias”, pois, na verdade, participou dos grandes debates públicos de sua época.

e) A ascenção social do mulato no Brasil escravista e a epilepsia estão entre os aspectos de sua vida examinados no livro.

(Adaptado de Revista VEJA, 28 de dezembro de 2005, p. 196)

7. (ESAF – SEFAZ/CE 2007 – Aud. Fiscal) Assinale a opção que contém erro de grafia ou inadequação vocabular. (Artigo extraído, com modificações, do Estatuto dos Funcionários Públicos Civis do Estado do Ceará).

Art. 192 – O funcionário deixará de cumprir ordem de autoridade superior quando:

a) a autoridade de quem emanar a ordem for incompetente;b) não se contiver a ordem na área da competência do órgão a que servir o funcionário seu destinatário, ou não se referir a nenhuma das atribuições do servidor;

c) for a ordem expendida sem a forma exigida por lei;

d) não tiver a ordem como causa uma necessidade administrativa ou pública, ou visar a fins não estipulados na regra de competência da autoridade da qual promanou ou do funcionário a quem se dirige;

e) a ordem configurar abuso ou excesso de poder ou de autoridade;

(http://www.al.ce.gov.br/publicacoes/estatutocivis/estatuto/capitul
pesquisa em 20/10/2006)

8. (FCC – TRT 23.ª região – Analista Judiciário) Estão corretos o emprego e a grafia de todas as palavras da frase:

a) A corrupção só se extingue ou diminue quando os justos intervêm para que as boas causas prevalesçam.

b) Os homens que usufruem de vantagens a que não fazem jus cultivam a hipocrisia de propalar discursos moralizantes.

c) Contra tantos canalhas audases há que haver a reação dos que têm a probidade como um valor inerente ao exercício da cidadania.

d) Há uma inestricável correlação entre a apatia dos bons cidadãos e a desenvoltura com que agem os foras-da-lei.

e) Deprende-se que houve êxito das iniciativas dos homens de bem quando os prevaricadores sentiram cerceada sua área de atuação.

9. (CESGRANRIO – BNDES) O substantivo derivado do verbo está grafado *INCORRETAMENTE* em

a) ascender: ascensão.

b) proteger: proteção.

c) catequizar: catequeze.

d) progredir: progressão.

e) paralisar: paralisia.

10. (FGV – Ministério da Cultura) As dificuldades gráficas constituem um grande entrave à boa comunicação escrita, podendo gerar desvios da intenção de comunicação original.

Assinale a alternativa em que não haja inconsistência gráfica ou semântica.

a) Ele mora há cerca de dez minutos do Centro.

b) Votamos naquele presidente, pois suas ações viriam ao encontro de nossas expectativas.

c) Como tinha corrido muito, chegou espavorido ao trabalho.

d) Embora fosse importante, o evento passou desapercebido.

e) O mandado do deputado será suspenso.

GABARITO

1 – B	2 – E	3 – C
4 – D	5 – C	6 – E
7 – C	8 – B	9 – C
10 – B		

CAPÍTULO 3

ACENTUAÇÃO

3.1 ORTOFONIA

Denomina-se de "**ortofonia**" a parte da Gramática Normativa que trata da correta pronúncia dos vocábulos. Divide-se em "ortoépia ou ortoepia" e "prosódia".

3.1.1 ORTOÉPIA OU ORTOEPIA

Como divisão da ortofonia, a **ortoépia** ou **ortoepia** estuda a correta enunciação dos fonemas (vogais e consoantes) no interior de uma palavra, segundo os padrões da língua culta.

No Brasil, a questão da pronúncia correta ainda é um grande problema, pois não possuímos uma "pronúncia-padrão", fato que ocasiona alguns ruídos comunicativos no território nacional. Não raro, ouvimos alguém pronunciando "bandeija, beneficiência, carangueijo, advinhar, desinteria, impecilho" dentre outros vocábulos igualmente errados.

Cumpre, por isso, assinalar que a correta pronúncia dos vocábulos em nossa língua depende de:

a) uma clara emissão das vogais;

b) uma nítida e exata articulação das consoantes;

c) uma acertada pronúncia da sílaba tônica do vocábulo.

Por isso, a Gramática Normativa dispõe um capítulo inteiro para o estudo de uma série de vocábulos, buscando orientar o estudante da língua a evitar muitos erros. Abaixo, listamos alguns vocábulos frequentemente usados, que podem trazer dúvida para o usuário da língua pátria.

Alerta! Sugiro que leia a tabela abaixo mais de uma vez. Tente apreender a pronúncia e a escrita corretas desses vocábulos, pois geralmente eles aparecem em provas, notadamente nas provas de nível médio.

CERTO	ERRADO
abóbora	abobra
absoluto	abissoluto
adivinhar	advinhar
admissão	adimissão
advogado	adevogado
aleijar	alejar
anteontem	antiontem
armário	armaro
bandeja	bandeija
barganha	berganha
bebedouro	bebedor
beneficência	beneficiência
bicarbonato	bicabornato

bugiganga	buginganga
bússola	bússula
cabeleireiro	cabelereiro
caranguejo	carangueijo
creolina	criolina
descarrilar	descarrilhar
destilar	distilar
disenteria	desinteria
edifício	edifiço
estoura	estóra
estrangeiro	estrangero
estupro	estrupo
etimologia	etmologia
família	famílha
flagrante	fragante
frear	freiar
frustrado	frustado
garfo	galfo
ignorância	iguinorânça
lagarto	largato
louco	loco
mendigo	mendingo
meritíssimo	meretíssimo
mortadela	mortandela
muçulmano	mulçumano

paciência	paciença
pátio	páteo
pneu	peneu
pouco	poco
problema	poblema
proprietário	propietário
psicologia	pissicologia
reivindicar	reinvindicar
salsicha	salchicha
seja	seje
sequer	siquer
superstição	supertição
supetão	sopetão
umbigo	imbigo

3.1.2 ACENTUAÇÃO GRÁFICA

Indubitavelmente, o ponto mais cobrado pelas bancas de concursos em geral é, sem dúvida, a acentuação gráfica de alguns vocábulos. Antes, porém, de estudarmos as regras que regem a acentuação gráfica, vejamos algumas orientações preliminares...

1) Hoje, com o advento do Novo Acordo Ortográfico (1990), existem em português três acentos gráficos: o agudo (´), o grave (`) e o circunflexo (^). O til não é considerado um acento gráfico, senão um sinal de nasalização.

2) É importante não se esquecer de que todos os vocábulos são acentuados em português – é o chamado "**acento tônico**" (também

chamado de “prosódico”), isto é, o acento que é representado pela sílaba mais forte do vocábulo: a sílaba tônica. As demais sílabas são chamadas de atônicas ou, simplesmente, átonas. Observe:

- meNIno
- caDERno
- almoFAda
- CaruaRU
- afirMAR

3) Em português, a sílaba tônica só recai na última, na penúltima ou na antepenúltima sílaba de um vocábulo. Daí os vocábulos serem classificados em três categorias:

a) **oxítonos** (ou agudos) → são os vocábulos cuja sílaba tônica recai na última, como em: café, timidez, papel, sutil, ruim, Nobel, condor, cateter, refém, amém, mister etc.

b) **paroxítonos** → são os vocábulos cuja sílaba tônica recai na penúltima, como em: amizade, beleza, austero, cível, exegese, rubrica, látex, decano, circuito, barbárie, fluido, tulipa, seniores, juniores etc.

c) **proparoxítonos** → são os vocábulos cuja sílaba tônica recai na antepenúltima, como em: lâmpada, ágape, álibi, pântano, ômega, êxodo, aríete, arquétipo, ínterim, horóscopo, êmbolo,

⇨ **Observação:**

Em português, o conhecimento sobre a sílaba tônica do vocábulo é imprescindível para que não se cometam erros no momento de se acentuar graficamente o vocábulo quando for necessário.

> **Dica:** Sugiro que, antes de entrar no assunto abaixo, faça uma revisão teórica sobre os encontros vocálicos: ditongos, tritongos e hiatos. Essas definições serão bastante importantes.

3.1.3 REGRAS PARA A ACENTUAÇÃO GRÁFICA

Em primeiro lugar, cumpre observar que o objetivo da acentuação gráfica é permitir que todas as palavras sejam lidas corretamente e se evitem os erros de prosódia, denominados de “silabada”.

Como já dissemos, é fundamental, em primeiro lugar, identificar a sílaba tônica dos vocábulos. A partir daí, parte-se para a busca da necessidade ou não de se acentuar o vocábulo graficamente.

Vamos às regras sobre a acentuação gráfica na língua portuguesa.

3.1.3.1 Monossílabos

Regra → **Em português, acentuam-se com acento agudo os monossílabos finalizados em “a, e” e “o” abertos e, com acento circunflexo os monossílabos finalizados em “e, o” fechados, seguidos ou não de “s”.**

a) A(S) → chá, Brás, pá, gás, más, trás, fás, zás, má.

b) E(S) → lê, crê, rês, fé, pés, dê, mês, três, rés, lés.

c) O(S) → dó, nó, vó, pó, pôs, cós, vós, nós.

3.1.3.2 Oxítonos

1.ª regra → **Em português, acentuam-se com acento agudo os vocábulos oxítonos que terminam em “a, e, o” abertos, e com acento circunflexo os vocábulos que terminam em “e, o” fechados, seguidos ou não de “s”.**

a) A(S) → maracujá, cajá, vatapá, maracá, babá, Amapá, Macapá, Itamaracá, agá, alvará.

b) E(S) → rapé, chulé, recém, café, jacaré, dendê, cortês, português, freguês, através, convés.

c) O(S) → cocoricó, trisavô, caritó, cipó, complô, propôs, judô, bisavó, cotó, mocotó, bangalô.

2.ª regra → **Em português, acentuam-se com acento agudo o “e”**

da terminação "em" ou "ens" dos vocábulos oxítonos compostos de mais de uma sílaba.

- amém
- também
- armazém
- parabéns
- ninguém
- alguém
- vintém
- aquém
- Belém
- Santarém
- reféns
- desdém
- Jerusalém
- harém

⇨ **Observação:**

Perceba que os monossílabos e os vocábulos paroxítonos terminados em "em" e "ens" não são acentuados.

- cem
- vem
- tem
- trem
- cantem
- dizem
- fazem

3ª regra → **Em português, acentuam-se com acento agudo os vocábulos oxítonos terminados nos ditongos abertos "éi, ói, éu".**

a) ÉI → anéis, coronéis, papéis, fiéis, bacharéis

b) ÓI → anzóis, herói, caubói, dodói, remói

c) ÉU → chapéu, escarcéu, fogaréu, troféu,

⇨ **Observação: Da mesma forma, acentuam-se os monossílabos terminados nesses ditongos: réis, sóis, rói, dói, céu, réu, véu.**

⇨ **Outras considerações sobre a acentuação dos oxítonos:**

a) Perceba que os oxítonos terminados em "z, r, l, i, u" não são acentuados.

- capaz
- timidez
- feliz
- cuscuz
- amar
- suor
- funil
- caracol
- cordial
- caju
- bambu
- bisturi
- abacaxi
- Caruaru
- repus
- Cariri
- vapor
- coronel

b) Com base na regra de acentuação dos oxítonos, acentuam-se as formas verbais oxítonas terminadas em "a, e, o". Observe:

- repor + o → **repô**-lo
- amaria + a → **amá**-la-ia
- dizer + os → **dizê**-los
- julgarão + os → **julgá**-los-ão
- compor + os → **compô**-los
- comprar + os → **comprá**-los

c) Por outro lado, as formas verbais oxítonas terminadas em "i, u" não são acentuadas. Observe:

- partir + o → parti-lo
- vendi-o
- compus + o → compu-lo
- cumpri-lo

d) Com o advento do Novo Acordo Ortográfico de 1990, não mais se acentuam os ditongos "ei, oi" dos vocábulos paroxítonos. Para ficar bem esclarecido: esses ditongos não serão acentuados quando estiverem na penúltima sílaba.

- ideia
- alcateia
- diarreia
- colmeia
- heroico
- claraboia
- paranoico
- boia
- loio
- jiboia
- estreia
- dicroico
- assembleia
- europeia
- geleia

3.1.3.3 Paroxítonos

Os vocábulos paroxítonos são acentuados de acordo com as seguintes regras:

1.ª regra → **Em português, acentuam-se os vocábulos paroxítonos terminados em "ã, ãs, ão, ãos".**

- ímã
- órfãs
- órgão
- órfãos
- dólmã
- ímãs

2.ª regra → **Em português, acentua-se – com acento agudo quando aberta e com acento circunflexo quando fechada – a sílaba tônica dos vocábulos paroxítonos terminados em "i, is, us".**

- beribéri
- íris
- bônus
- miosótis
- ônus
- tênis
- lápis
- oásis
- táxi
- ânus
- biquíni
- Vênus
- júri
- vírus

⇨ **Observação:**

Os prefixos paroxítonos terminados em “i” não são acentuados. Observe: semi-histórico, anti-higiênico.

3.ª regra → Em português, acentuam-se os vocábulos paroxítonos terminados em “l, n, r, x, ps”. Usa-se o acento agudo para “a, e, o” abertos e o acento circunflexo para “e, o” fechados.

túnel	alúmen	córtex	éter	aljôfar	âmbar	cânon
fênix	vômer	afável	açúcar	hífen	caráter	fênix
bíceps	tríceps	próton	íon	látex	cóccix	vulnerável
âmbar	difícil	cônsul	pólen	flúor	tórax	fórceps

⇨ **Observação:**

Tenha muito cuidado com a acentuação das palavras “item, itens, hífen e hifens” – estes vocábulos são muito cobrados em provas de concursos. Observe que somente “hífen” recebe acento por ser uma paroxítona terminada em “n”. As demais não são acentuadas porque não há regra que autorize a acentuação das paroxítonas terminadas em “ens” nem das paroxítonas terminadas em “em”.

4.ª regra → Em português, acentuam-se os vocábulos paroxítonos terminados em “um, uns”.

álbum	médium	álbuns	médiuns	fórum	fóruns
lábrum	árum	cécum	factótum	nátrum	

5.ª regra → Em português, acentuam-se com agudo ou circunflexo se a sílaba for aberta ou fechada respectivamente, os vocábulos paroxítonos terminados em ditongos orais.

ágeis	jóquei	pusésseis	túneis	história	água
imóveis	variáveis	pênseis	férteis	régua	tênue
amêndoa	superfície	páscoa	petróleo	Ásia	vácuo

- Antônio
- óleo
- ginásio

3.1.3.4 Proparoxítonas

Regra → Em português, acentuam-se todos os vocábulos proparoxítonos. Com acento agudo, as vogais "a, e, o" abertas. Com acento circunflexo, as vogais fechadas "e, o" e as vogais "a, e, o", quando seguidas de "m" ou "n".

Como exemplo, transcrevemos abaixo uma parte da famosa música do ilustre compositor Chico Buarque, "Construção". Observe que o último vocábulo de cada verso é formado por uma palavra proparoxítona.

"Amou daquela vez como se fosse a **última**
Beijou sua mulher como se fosse a **última**
E cada filho seu como se fosse o **único**
E atravessou a rua com seu passo **tímido**
Subiu a construção como se fosse **máquina**
Ergueu no patamar quatro paredes **sólidas**
Tijolo com tijolo num desenho **mágico**
Seus olhos embotados de cimento e **lágrima**
Sentou pra descansar como se fosse **sábado**
Comeu feijão com arroz como se fosse um **príncipe**
Bebeu e soluçou como se fosse um **náufrago**
Dançou e gargalhou como se ouvisse **música**
E tropeçou no céu como se fosse um **bêbado**
E flutuou no ar como se fosse um **pássaro**
E se acabou no chão feito um pacote **flácido**
Agonizou no meio do passeio **público**
Morreu na contramão atrapalhando o **tráfego**."

(Chico Buarque)

3.1.3.5 Acentuação dos hiatos

Antes de mais nada, é preciso saber qual a razão dos hiatos. Observe abaixo:

DITONGO	HIATO
doido	doído
cai	caí
sai	saí
contribui	contribuí
sábia	sabiá
bau	baú
saia	saía
ai	aí

Perceba que, na primeira coluna, juntamos as três letras e as pronunciamos em uma única emissão sonora (doi-, cai, sai, -bui, -bia, baú). Já na segunda coluna, pela existência do acento, pronunciamos essas mesmas sílabas em duas emissões sonoras. Percebemos, portanto, que o hiato evita que formemos o ditongo. Daí a principal razão dos hiatos: evitar processos de ditongação, ou seja, evitar que se pronuncie o conjunto das letras de uma única vez, mas separadamente.

Seguindo a regra acima, recebem acento agudo as vogais “i” e “u” tônicas dos vocábulos, seguidas ou não de “s”, quando formam hiato com a vogal anterior. Observe:

- faísca
- acaraúba
- caraíba
- macaíra
- saída
- caís
- Luísa
- saúde
- areísco
- ciúme
- maleína
- heroína
- país
- Luís
- abaçaí
- aziúme
- deífico
- piracuí
- juízo
- peúga
- racaída
- absenteísmo
- babuíno
- egoísta
- jataí
- viúvo
- saía
- miúdo
- açaí
- balaústre
- jaú
- saúva
- cafeína
- timbaúba
- paraíso

- sanduíche
- amiúde
- baú
- baía
- Esaú
- graúdo
- raízes

⇨ Observações sobre os hiatos:

a) Não se coloca o acento agudo no "i" e no "u" quando, precedidos de vogal que com eles não forma ditongo, são seguidos de "l, m, n, r, z" que não iniciam sílabas.

- contribuinte
- juiz
- paul
- retribuirdes
- ruim
- Abigail
- constituinte
- cairmos
- ruir
- demiurgo

b) Igualmente não se coloca o acento agudo no "i" e no "u" tônicos dos hiatos quando forem seguidos de "nh".

- rainha
- ladainha
- tainha
- ventoinha
- campainha
- abecoinha

c) Em muitas formas verbais, o "i" e o "u" figuram em hiato com a vogal anterior. Portanto, devem receber acento agudo. Observe:

- eu atraí
- tu atraíste
- eu caí
- tu caíste
- eu saí
- tu saíste
- eu saúdo
- tu saúdas
- eu contribuí
- tu contribuíste
- eu possuí
- tu possuíste

d) Os encontros vocálicos "iu" e "ui", quando precedidos de vogal, sempre formarão ditongos. Essas bases não são acentuadas. Veja:

- atraiu
- contribuiu
- pauis
- constituiu
- destruiu
- saiu
- derruiu
- caiu
- embaiu
- restituiu

e) Levam, porém, acento agudo as vogais tônicas "i" e "u" quando, precedidas de ditongo, formam hiato com a sílaba anterior, como se vê em "Piauí, teiú, teiús, tuiuiú, tuiuiús".

f) Em virtude do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, firmado em 1990, não mais recebem o acento circunflexo os hiatos tônicos "ee" e "oo". Portanto, assim devem ser escritos:

- voo
- coo
- abotoo
- enjoo
- creem
- veem
- leem
- perdoo
- deem
- caçoo
- amaldiçoo
- abençoo
- arrazoo
- doo

3.1.3.6 Acentos diferenciais

Com o advento do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, firmado em 1990, desapareceu a maioria dos acentos diferenciais. Permanecem, entretanto, os seguintes acentos diferenciais:

1) "**Pôde**" (3.ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo) para distinguir da correspondente forma do presente do indicativo "pode".

2) "**Pôr**" (forma verbal infinita) para distinguir da forma homógrafa "por" (preposição).

3) Facultativamente, pode-se grafar "**fôrma**" (substantivo) ou "**forma**" (substantivo, 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo ou 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo).

4) Facultativamente, pode-se grafar "**dêmos**" (1.ª pessoa do plural do presente do subjuntivo) para se distinguir da correspondente forma do pretérito perfeito do indicativo "**demos**".

⇨ **Observação:**

Logo, os antigos acentos diferenciais, como "pára, pélo, pólo, pêra", por exemplo, não mais existem. Escreveremos, portanto, corretamente:

- Ela não para (verbo) para pensar.
- Eu pelo (verbo) o pelo pelo simples fato de sentir prazer.

3.1.3.7 Regra especial – verbos "ter", "vir" e seus derivados

Há uma regra para a acentuação gráfica que merece atenção à parte. Diz respeito à acentuação dos verbos "ter", "vir" e seus derivados. Tais verbos obedecem às seguintes regras:

1.ª regra → **Acentua-se, com acento circunflexo, a 3.ª pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos "ter" e "vir". Observe:**

PRESENTE DO INDICATIVO VERBOS "TER" e "VIR"	
eu	tenho / venho
tu	tens / vens
ele	tem / vem
nós	temos / vimos
vós	tendes / vindes
eles	**têm / vêm**

2.ª regra → **Acentua-se, com acento agudo, a 3.ª pessoa do singular e com circunflexo a 3.ª pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos derivados de "ter" e "vir", como "abster, ater-se, reter, deter, conter, entreter, manter, advir, convir, intervir, provir, desavir, sobrevir" etc.**

Observe abaixo a conjugação de dois verbos derivados de "ter" e "vir".

PRESENTE DO INDICATIVO VERBOS "CONTER" e "PROVIR"	
eu	contenho / provenho
tu	contens / provens
ele	**contém / provém**

nós	contemos / provimos
vós	contendes / provindes
eles	**contêm / provêm**

> **Dica:** Fique muito atento a essas duas últimas regras. Elas são muito cobradas, em concursos públicos, nas questões de concordância verbal. Portanto, a dica é "ficar ligado" no sujeito da oração, especialmente quando este sujeito for oracional, o que exigirá a concordância do verbo na 3.ª pessoa do singular.

Veja agora alguns exemplos (sublinhamos o núcleo do sujeito e destacamos o verbo):

- Todas as provas levantadas pela defesa **contêm** aspectos inconstitucionais.
- A polícia sempre **intervém** nas manifestações populares.
- De lugares abstratos certamente não **provêm** ideias sobre a vida e a existência.
- "O curso do espírito reformista no país acelera-se atualmente; e **convém** acelerá-lo." (Rui Barbosa)
- "Porque a questão, com a complexidade imanente aos fatos concretos, se **atém**, de preferência, a razões secundárias..." (Euclides da Cunha)
- "Todos os críticos se **atêm** a essa questão de metrificação." (Lima Barreto)

3.1.3.8 Considerações gerais sobre a acentuação dos vocábulos

1) Com o Novo Acordo Ortográfico, assinado em 1990, o trema deixa de existir sobre os grupos "GUE, GUI, QUE, QUI". Portanto, os vocábulos que apresentam tais ditongos devem ser escritos sem o trema. Observe:

- linguiça
- arguição
- bilíngue
- aquífero
- cinquenta
- aquicultura
- consequência
- quinquenal
- tranquilo
- quinquênio
- saguim
- equilátero
- frequência
- áqueo
- seriguela
- aguentar
- equidade
- delinquência

⇨ **Observação:**

O trema apenas se conserva em palavras estrangeiras e em palavras derivadas de nomes estrangeiros, como “hübneriano, Hübner, mülleriano, Müller”.

2) Os verbos “arguir” e “redarguir” dispensam o acento agudo na vogal tônica “u” nas formas rizotônicas. Já os verbos do tipo “aguar, apaniguar, apaziguar, apropinquar, averiguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir” e afins podem ter ou não as vogais “a” ou “i”, presentes nas formas rizotônicas, acentuadas.

- arguo, arguis, argui, arguem; argua, arguas, argua, arguam.
- eu averiguo/averíguo; tu averiguas/averíguas; ele averigua/averígua.

3) Nos advérbios terminados em “-mente”, derivados de adjetivos com acento agudo ou circunflexo, estes acentos são suprimidos. Observe:

- ávido → avidamente
- hábil → habilmente
- lúcido → lucidamente
- débil → debilmente
- espontâneo → espontaneamente
- fácil → facilmente
- só → somente
- ingênuo → ingenuamente
- único → unicamente

4) Nas palavras derivadas que contêm sufixos iniciados por “z” e cujas formas de base apresentam vogal tônica com acento agudo ou circunflexo, estes acentos serão suprimidos. Observe:

- anéis → aneizinhos
- bebê → bebezinho, bebezito
- herói → heroizito
- avô → avozinho
- bênção → bençãozinha
- avó → avozinha
- café → cafezada
- lâmpada → lampadazita
- pêssego → pessegozito

3.2 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (ESAF) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia de palavra.

   A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio, realizada pelo IBGE, revelou **que(1)** *a renda das famílias parou de cair em 2004, interrompendo uma* **trajetória(2)** *de queda que acontecia desde 1997, e que* **houve(3)** *diminuição do grau de concentração da renda do trabalho. Enquanto a metade da população ocupada* **que(4)** *recebe os menores rendimentos teve ganho real de 3,2%, a outra metade, que tem rendimentos maiores, teve perda de 0,6%. Os resultados da PNAD mostraram, também, que o Brasil melhorou em* **ítens(5)** *como número de trabalhadores ocupados, participação das mulheres no mercado de trabalho, indicadores da área de educação e melhoria das condições de vida.*

   (Trechos adaptados de ***Em Questão****, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 379, Brasília, 30 de novembro de 2005)*

   a) 1
   b) 2
   c) 3
   d) 4
   e) 5

2. (FJPF) As palavras **argúcia**, **é** e **carajá**, presentes no texto, acentuam-se graficamente em face das mesmas regras que justificam o acento em:

   a) fichário, dá-lhe, cipó;
   b) pelúcia, têm, cajá;
   c) vivência, saí, cá;
   d) útil, café, marajá.

3. (CESGRANRIO) O par de palavras que **NÃO** deve ser acentuado, segundo o registro culto e formal da língua, é

a) interim – polen.
b) itens – pudico.
c) juizes – prototipo.
d) economico – refem.
e) heroi – biceps.

4. (CESGRANRIO) A ausência do sinal gráfico de acentuação cria outro sentido para a palavra:

a) trânsito.
b) características.
c) inevitável.
d) infrutíferas.
e) anônimas.

5. (Unifesp) Existem várias palavras que recebem acento gráfico, de acordo com suas regras específicas. Indique a alternativa em que todas as palavras são acentuadas graficamente, segundo a mesma regra.

a) estômago, colégio, fábrica, lâmpada, inflexível.
b) Virgílio, fúria, carícias, matéria, colégio.
c) trópicos, lábios, fúria, máquinas, elétricas.
d) sério, cérebro, Virgílio, sábio, lógico.
e) Ésquilo, carícia, Virgílio, átomos, êmbolo.

6. (PUCCAMP) O texto apresenta diversas palavras em que se pode notar a presença do acento gráfico. Em algumas delas, a ausência do acento provocaria mudança de sentido.

Assinale a alternativa em que todas as palavras mudariam de

sentido, caso estivessem sem acento.

a) sóbrio, história, está
b) vários, vítimas, matá-los
c) é, já, país
d) é, está, país
e) têm, matá-los, sóbrio

7. (UFRS). Considere as seguintes afirmações sobre acentuação gráfica no texto.

I – A palavra "teórica" recebe acento gráfico pela mesma regra que preceitua o uso do acento em "lúgubre".

II – Se fosse retirado o acento das palavras "só", "é" e "média", esta alteração provocaria o aparecimento de outras palavras da Língua Portuguesa.

III – A palavra "herói" é acentuada pela mesma regra de "autoritários".

Quais estão corretas?:

a) Apenas I
b) Apenas II
c) Apenas I e III
d) Apenas II e III
e) I, II e III

8. (FGV) Assinale a alternativa correta quanto à acentuação e à grafia de palavras.

a) Temas comuns, como a construção social do mercado, permitem entrevêr as possibilidades de uma saudável relação entre Sociologia e Economia, que não pode se paralizar em virtude de algumas diferenças.
b) Em um de seus estudos mais célebres, Mark Granovetter vêm demonstrar que as pessoas se ligam às outras por laços fortes e laços fracos. Por isso, é imprecindível que as pessoas consigam

entender essas ligações.

c) Alguns temas revigoraram o debate entre a Sociologia e a Economia, sendo responsáveis por compôr um novo cenário. O diálogo deve basear-se nos pontos positivos e comuns e não nas excessões.

d) A falta de dialogo entre Sociologia e Economia perdurou pôr quase três séculos, mas é um quadro que parece estar mudando, sobretudo em função de fragrantes pontos em comum entre as disciplinas.

e) Em meados dos anos 1970, parece que uma leve brisa intervém na falta de comunicação entre sociólogos e economistas, que não mais hesitam em pôr em discussão assuntos inerentes às duas disciplinas.

GABARITO

1 – E	2 – A	3 – B
4 – A	5 – B	6 – D
7 – A	8 – E	

CAPÍTULO 4

SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS

Como já vimos, a palavra é o vocábulo com que expressamos uma ideia. Não é a exteriorização do pensamento, como pensam alguns; é o próprio pensamento. “Ideia” e “palavra” são, portanto, como o verso e o reverso de uma mesma moeda: não é possível conceber a existência de uma face sem a outra. Quando analisamos, por exemplo, a palavra “**leão**”, automaticamente nos vem à cabeça a ideia de um animal feroz, carnívoro, pertencente à família dos felídeos e habitante das planícies africanas. Entretanto, esta não é a única significação para a palavra “leão”. A história das palavras nos mostra que elas estão sujeitas a várias mudanças não só nos elementos fonéticos de que se compõem, mas também relativamente à sua significação. Por isso, o nosso vocábulo “leão” pode também significar “indivíduo de muita força, indivíduo muito irritado, indivíduo conquistador etc.”.

Ao estudo que trata dessas últimas mudanças ou variações de sentido das palavras dá-se a designação de **SEMASIOLOGIA** ou **SEMÂNTICA**.

A palavra é um som articulado, um signo sonoro que nos representa a ideia de um objeto do mundo material, ou de um fato ou de uma noção puramente abstrata. Se em nossa língua tivéssemos uma palavra para cada ideia, para cada noção, tantas seriam elas que certamente não haveria inteligência que não cedesse a peso tão esmagador. Por isso, as palavras substituem-se em seus sentidos, irradiam uns para os outros, encadeiam-se, penetram-se, usurpam os sentidos uns dos outros, auxiliam-se, fundem-se e confundem-se, às vezes, na variedade de suas significações.

4.1 DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO

Como primeira porta de entrada nesse vasto mundo do significado das palavras, comecemos a observá-las sob os conceitos de "**denotação**" e "**conotação**".

O **sentido denotativo** é aquele dado pelo dicionário. Na denotação o sentido é referencial, próprio, usual ou literal. Já o **sentido conotativo** é o sentido que a palavra ganha no texto por força geralmente de comparações, associações de ideias.

Denotativamente, "**águia**" é ave de rapina; conotativamente é uma pessoa de grande talento, de grande sabedoria, de grande perspicácia. "**Coração**" é órgão muscular dos animais vertebrados que bombeia o sangue para todo o corpo, quando o analisamos em seu sentido denotativo. Já em seu sentido conotativo, "**coração**" pode representar, entre outros sentidos, "a parte mais central, o âmago, a essência". Quando nos referimos a "**banca**", vem-nos, a princípio, a ideia denotativa de "mesa rústica ou improvisada", mas, quando dizemos que "a **banca** rejeitou o recurso do candidato", estamos nos referindo, conotativamente, a um conjunto de examinadores.

Em nossa língua, inúmeros são os fatores que podem alterar o significado das palavras. Vejamos alguns:

a) **a acentuação** → sábia (pessoa culta, instruída) → sabiá (pássaro).

b) **o timbre** → corte (ô) (palácio) → corte (ó) (incisão)

c) **o gênero** → a coral (cobra) → o coral (coro musical)

d) **o número** → bem (virtude) → bens (o que é propriedade de alguém)

e) **a posição / colocação** → homem grande (alto, avantajado) → grande homem (ilustre, influente)

f) **a regência** → proceder de (originar-se, provir) → proceder a (dar início, começar)

Dica: A conotação é um recurso expressivo amiúde usado em nossa língua. Para entender e aprofundar mais esse assunto, sugerimos o estudo do assunto "figuras de linguagem" ao final desta gramática.

4.2 HOMÔNIMOS E PARÔNIMOS

Quando comparamos as palavras em nossa língua (analogia de forma), podemos classificá-las em três grandes grupos: palavras homônimas, palavras parônimas e palavras cognatas.

4.2.1 HOMÔNIMOS

Como o próprio nome já denuncia, são denominados homônimos (gr. homos = igual, semelhante; onyma = nome) os vocábulos que são iguais na grafia (Ex.: colher – substantivo; colher – verbo) ou na pronúncia (Ex.: apreçar – pôr o preço; apressar – acelerar), ou ainda aqueles que são iguais tanto na grafia quanto na pronúncia (Ex.: livre – adjetivo; livre – verbo). Classificam-se em:

a) Homógrafos heterofônicos = são palavras iguais na escrita e diferentes no timbre ou na intensidade das vogais. Observe alguns exemplos:

- leste (verbo) ≠ leste (substantivo)
- colher (verbo) ≠ colher (substantivo)
- vede (v. ver) ≠ vede (v. vedar)
- sábia (adjetivo) ≠ sabiá (substantivo)
- cara (face) ≠ cará (tubérculo)
- apoio (verbo) ≠ apoio (substantivo)
- providencia (verbo) ≠ providência (substantivo)
- seria (verbo) ≠ séria (adjetivo)

- molho (verbo) ≠ molho (substantivo)
- jogo (verbo) ≠ jogo (substantivo)

b) Homófonos heterográficos = são palavras iguais na pronúncia e diferentes na escrita. Veja alguns exemplos:

- acético (ácido) ≠ ascético (contemplativo)
- acender (atear fogo) ≠ ascender (subir)
- acento (notação léxica) ≠ assento (lugar em que se senta)
- acerto (acordo) ≠ asserto (afirmação)
- apreçar (pôr o preço) ≠ apressar (tornar rápido)
- bucho (estômago) ≠ buxo (planta)
- cela (pequeno quarto) ≠ sela (arreio)
- cegar (tornar cego) ≠ segar (cortar, ceifar)
- cozer (cozinhar) ≠ coser (costurar)
- apreçar (pôr preço) ≠ apressar (acelerar)
- maça (arma) ≠ massa (substância)
- censo (recenseamento) ≠ senso (juízo)
- cerrar (fechar) ≠ serrar (cortar)
- cédula (bilhete) ≠ sédula (cuidadosa)
- cessão (ato de ceder) ≠ sessão (departamento)
- cerração (nevoeiro) ≠ serração (ato de serrar)
- cocho (recipiente) ≠ coxo (aleijado)
- concelho (divisão administrativa) ≠ conselho (aviso)
- empoçar (cair em poço) ≠ empossar (tomar posse)
- laço (nó) ≠ lasso (esgotado, frouxo)
- ruço (pardacento, grisalho) ≠ russo (natural da Rússia)
- tacha (nódoa, mancha) ≠ taxa (preço, tributo)

⇨ **Observação:**

Alguns homônimos apresentam tanto a grafia quanto a pronúncia iguais. São chamados de “homófonos homográficos” ou “homônimos perfeitos”. Observe:

- cedo (verbo) – cedo (advérbio de tempo)
- livre (adjetivo) – livre (v. livrar)
- somem (v. somar) – somem (v. sumir)

4.2.2 PARÔNIMOS

São denominados de parônimos (gr. “*para”* = próximo) os vocábulos que são diversos na significação e parecidos na forma, ou seja, eles são parecidos na escrita e na pronúncia, mas apresentam significação totalmente diversa. Muitas bancas exploram esse tipo de conhecimento na tentativa de confundir o candidato. Por isso, sugiro que leia mais de uma vez a tabela abaixo, na qual são apresentados vários parônimos.

apóstrofe (chamamento)	**apóstrofo** (sinal gráfico)
atuar (agir)	**atoar** (rebocar)
arrolhar (tapar com rolha)	**arrulhar** (produzir arrulhos)
comprimento (extensão)	**cumprimento** (saudação)
céptico (que duvida de tudo)	**séptico** (que provoca infecção)
cavaleiro (que anda a cavalo)	**cavalheiro** (gentil, cordial)
consolar (trazer consolo, aliviar)	**consular** (relativo ao consulado)
deferir (conceder)	**diferir** (adiar, divergir)
denodar (desfazer, desembaraçar)	**denudar** (descobrir, revelar)
descrição (ato de descrever)	**discrição** (reserva em atos e atitudes)
despensa (local para mantimentos)	**dispensa** (licença)
despercebido (desatento)	**desapercebido** (despreparado)
destratar (insultar)	**distratar** (desfazer)
emergir (vir à tona)	**imergir** (mergulhar)

emigrante (aquele que sai de um país)	**imigrante** (quem entra em outro país)
eminente (destacado, ilustre, elevado)	**iminente** (prestes a acontecer)
enervar (irritar, perder a força)	**enevar** (tornar branco como a neve)
enformar (pôr na forma)	**informar** (avisar, alertar)
esbaforido (ofegante)	**espavorido** (apavorado)
estofar (acolchoar)	**estufar** (encher-se, pôr na estufa)
flagrante (evidente)	**fragrante** (perfumado, aromático)
fluir (correr em estado líquido)	**fruir** (desfrutar, aproveitar)
inflação (desvalorização da moeda)	**infração** (desrespeito, violação)
infringir (transgredir)	**infligir** (aplicar)
entender (compreender)	**intender** (dirigir, administrar)
locador (proprietário)	**locatário** (inquilino)
lustre (candelabro)	**lustro** (período de cinco anos; brilho)
mugir (soltar mugidos)	**mungir** (espremer, extrair)
pear (amarrar, prender com peia)	**piar** (dar pios)
pleito (disputa)	**preito** (homenagem)
prescrever (determinar, expirar prazo)	**proscrever** (expulsar, proibir, banir)
ratificar (confirmar)	**retificar** (corrigir)
recrear (divertir)	**recriar** (criar novamente)
soar (emitir som)	**suar** (transpirar)
sustar (suspender)	**suster** (sustentar)
terço (três vezes menor)	**terso** (puro, íntegro)
treplicar (responder a uma réplica)	**triplicar** (aumentar três vezes)
vadear (passar a vau)	**vadiar** (andar à toa)
vultoso (volumoso, importante, grande)	**vultuoso** (congestão na face; inchado)

4.3 FORMAS VARIANTES

Há, em português, várias palavras que apresentam dupla grafia, isto é, podem ser escritas com mais de uma forma. Isto se dá porque o nosso Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa procura registrar (e respeitar) os usos dos diversos níveis e padrões da língua. Saliente, entretanto, que sempre uma das formas é sempre mais usual que a outra.

Portanto, são consideradas corretas ambas as grafias dos seguintes vocábulos abaixo:

- aluguel **ou** aluguer
- coisa **ou** cousa
- malvadez **ou** malvadeza
- diabete **ou** diabetes
- percentagem **ou** porcentagem
- derrubar **ou** derribar
- lacrimejar **ou** lagrimejar
- quociente **ou** cociente
- catorze **ou** quatorze
- taverna **ou** taberna
- espécime **ou** espécimen
- nambu **ou** nhambu **ou** inambu **ou** inamu
- assobiar **ou** assoviar
- louro **ou** loiro
- marimbondo **ou** maribondo
- pitoresco **ou** pinturesco
- cacaréus **ou** cacarecos
- bílis **ou** bile
- bêbado **ou** bêbedo
- chipanzé **ou** chimpanzé
- baralhar **ou** embaralhar
- remoinho **ou** redemoinho
- infarto **ou** enfarte **ou** infarte
- cota **ou** quota
- ridiculizar **ou** ridicularizar
- transpassar **ou** traspassar **ou** trespassar
- mobiliar **ou** mobilhar **ou** mobilar

4.4 COGNATOS

São denominadas de cognatas as palavras que pertencem à mesma família ou grupo morfológico, isto é, são palavras derivadas de uma mesma raiz, de um mesmo radical. Observe:

- **ferro** → ferreiro, ferragem, ferrar, ferradura, ferramenta, férreo, ferraria, aferrolhar, ferrolho
- **pedra** → pedreiro, pedregulho, pedraria, pedreiral, pedregão, pedrinha, pedrês
- **nervo** → nervosismo, nervoso, nervudo, nervura, nerval, nervado, nervino
- **terra** → terraço, terremoto, terrestre, terreiro, térreo, território, territorial, terroso, terreal, terráqueo

Além das palavras homônimas, parônimas e cognatas, quando se analisa o sentido das palavras, muitas apresentam igualdade entre os sentidos. Outras são opostas semanticamente. Daí se poder classificar também as palavras quanto ao significado em **sinônimas** e **antônimas**.

4.5 SINÔNIMOS

São palavras diversas na escrita, mas semelhantes ou idênticas na significação. Há autores que as dividem em "sinônimos perfeitos" e "sinônimos imperfeitos". Não adotamos essa classificação porque a consideramos falha, uma vez que distinguir o que é "perfeito" do que é "imperfeito" em questões semânticas é assunto assaz controvertido. Observe alguns sinônimos:

- olhar → ver
- habitar → morar
- cavalo → corcel
- colóquio → diálogo
- lábio → beiço
- cara → rosto
- bom → misericordioso
- gritar → bradar
- entender → compreender
- mortal → letal
- oposição → antítese
- bonito → belo

4.6 ANTÔNIMOS

São palavras que apresentam sentidos totalmente opostos. Observe alguns exemplos:

- bonito → feio
- ordem → anarquia
- simétrico → assimétrico

- alegre → triste
- natural → artificial
- ignorância → sabedoria

4.7 POLISSEMIA

Em nossa língua, muitos vocábulos apresentam mais de um significado, o qual só é apreendido quando se analisa o contexto. Quando isto ocorre, dizemos que o vocábulo é “polissêmico”.

Inúmeros são os vocábulos polissêmicos. Observe abaixo:

a) Perceba alguns sentidos do vocábulo “manga”.

- A **manga** da camisa está suja. (= parte da vestimenta que recobre o braço)
- Todos comeram a **manga**. (= fruta)
- A encanação precisa de uma nova **manga**. (= peça de metal nas encanações)
- A **manga** do candeeiro se queimou. (= tecido que envolve a chama nos candeeiros e lamparinas)

b) Observe agora alguns sentidos de um outro vocábulo: “prato”.

- O **prato** é de porcelana. (= peça de louça em que se come)
- O **prato** está delicioso. (= comida, alimento)
- O **prato** da bateria está solto. (= instrumento musical)
- O **prato** está desequilibrado. (= concha de balança)

4.8 EXTENSÃO E COMPREENSÃO DAS PALAVRAS – HIPONÍMIA E HIPERONÍMIA

A extensão de uma palavra é a capacidade que ela tem de se estender a mais ou menos seres. Já a sua compreensão é a capacidade que a palavra nos oferece de assimilar a ideia que ela encerra. Perceber essa distinção é muito importante para a linguagem, notadamente para a construção dos períodos de um texto. Vejamos a tabela abaixo:

1.ª COLUNA – EXTENSÃO	2.ª COLUNA – COMPREENSÃO
animal	cavalo
flor	margarida
automóvel	Ferrari
homem	João
país	Brasil

Observe que os vocábulos da 1.ª coluna possuem mais extensão semântica do que os vocábulos da 2.ª coluna. Entretanto, os vocábulos da 2.ª coluna apresentam uma compreensão melhor do que os vocábulos da 1.ª coluna, pois aqueles se referem a seres e coisas específicos.

Perceba também que os termos da 1.ª coluna, por serem mais extensos, abrangem outros seres além dos especificados na 2.ª coluna. O vocábulo "animal", por exemplo, não só envolve "cavalo", mas também "elefante, leão, cabra, cachorro etc., etc.". Logo, os vocábulos da 1.ª coluna contêm os da 2.ª coluna. Dizemos, portanto, que os vocábulos da 1.ª coluna são "hiperônimos" dos vocábulos da 2.ª coluna, que são seus "hipônimos", já que estão contidos naqueles.

É denominado de "**HIPERÔNIMO**" o vocábulo que, num processo de coesão textual (articulação textual), apresenta uma significação mais extensa, mais ampla do que o outro vocábulo com o qual se relaciona intratextualmente.

É denominado de "**HIPÔNIMO**" o vocábulo que, num processo de coesão textual, apresenta um significado menos abrangente, menos amplo do que o outro com o qual se relaciona intratextualmente.

Para melhorar o entendimento sobre **hiperonímia** e **hiponímia**, procure entender essas palavras como "gênero e espécie", "contém e está contido".

Portanto, em um texto, poderemos ter:

HIPERÔNIMO	HIPÔNIMO
poeta	Carlos Drummond
roupa	suéter

alimento	feijão
Estado	Rio Grande do Norte
profissão	Professor

4.9 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (FGV) Em que alternativa a expressão entre parênteses poderia substituir a palavra destacada, preservando o sentido original?

   a) " [...] adota como estratégia produtiva as mesmas PRERROGATIVAS da produção em série que já vigoram em outras esferas industriais [...]" (previsões)

   b) " [...] existem também razões de natureza INTRÍNSECA ao meio condicionando a televisão à produção seriada." (externa)

   c) "Diante dessas CONTINGÊNCIAS, a produção televisual se vê permanentemente constrangida a levar em consideração as condições de recepção [...]" (contradições)

   d) " [...] a produção televisual se vê permanentemente CONSTRANGIDA a levar em consideração as condições de recepção [...]" (forçada)

   e) " [...] organizando a mensagem em painéis FRAGMENTÁRIOS e híbridos, como na técnica da colagem." (frágeis)

2. (PUC-SP) Observe, com atenção, nos fragmentos a seguir, as expressões em maiúsculo:

   "... porque Nhô Augusto se erguia e NUM ÁTIMO se vestia."

   "- ...Eu podia ter arresistido, mas era negócio DE HONRA, COM SANGUE só p'ra o dono..."

   "- FEZ NA REGRA, E FEITO!"

   "... as ferraduras tiniram e DERAM FOGO no lajedo..."

   Aponte a alternativa que, respectivamente, substitui as expressões

em maiúsculo, do ponto de vista do significado.

a) Num abrir e fechar de olhos, de pureza, com morte, fez conforme o combinado, faiscaram.

b) Em parte, de brio, com ferimento, agiu de acordo com o costume, brilharam.

c) Em curto espaço de tempo, de brio, com morte, agiu de acordo com o costume, faiscaram.

d) Em parte, de grandeza, com ferimento, desobedeceu às normas, riscaram.

e) Em curto espaço de tempo, de glória, com resistência, fez conforme o combinado, acenderam.

3. (PUCCAMP) O continente africano, que tantas vezes e por tanto tempo já foi o espelho sombrio e ESPOLIADO dos progressos da civilização ocidental, infelizmente continua SUJEITO A um processo que, no limite, resume-se a uma IMPLOSÃO CIVILIZATÓRIA.

Os termos em destaque podem ser substituídos, sem prejuízo do sentido do texto, respectivamente, por

a) despojado – vassalo – destruição do progresso.

b) herdeiro – obediente a – extinção da civilização.

c) cheio de restos – tema de – matança de toda uma civilização.

d) roubado - o agente de - devastação de todas as civilizações.

e) privado – submetido a – destruição do próprio cerne da civilização.

4. (UFMG) Em todas as alternativas, o significado das palavras destacadas está corretamente identificado, EXCETO em

a) ... esse ato não consiste numa decisão “QUE VA I E NÃO VOLTA”. (que vai e não volta = sem retorno)

b) E também se desencadeia uma inter-relação entre a fonte do poder (a que criou e IMPLANTOU o imposto)... (implantou = implementou)

c) ... pois isto TAMPOUCO explica muita coisa, ou não explica nada. (tampouco = também não)

d) Antes do momento em que se exerce, ele é somente uma CONJECTURA, uma presunção, algo que se acha que vai acontecer. (conjectura = suposição)

e) Antes, tudo está sujeito a fatores no mais das vezes IMPREVISÍVEIS. (imprevisíveis = imprevidentes)

5. (UFU) Assinale a ÚNICA alternativa em que a palavra ou expressão em destaque NÃO está adequadamente interpretada de acordo com seu sentido no texto.

a) "O que existia antes, 'cruzar' animais ou plantas para criar novas raças ou HÍBRIDOS, é coisa bem diferente..." (par. 1) = mistura de espécies diferentes.

b) "(...) mostraram que larvas da borboleta monarca que se alimentam de plantas IMPREGNADAS com o pólen de um tipo de milho transgênico morrem em grandes quantidades." (par. 4)= imbuídas.

c) "(...) os alimentos modificados geneticamente irão solucionar um dos maiores problemas que AFLIGEM a humanidade, a fome." (par. 2)= atormentam.

d) " (...) essa liberdade só pode funcionar se submetida a intensa SUPERVISÃO da comunidade científica..." (par. 5)= inspeção.

6. (UNITAU) Numere a coluna com parênteses de acordo com os significados das palavras da coluna numerada a seguir:

1 – prevaricação
2 – simoníaco
3 – carisma
4 – dogma
5 – anímica
6 – decoro
7 – oligarquia

( ) dignidade, honradez
( ) força divina conferida a alguém
( ) psíquico, relativo à alma
( ) falta com o dever por interesse ou por má fé
( ) venda ilícita de coisas sagradas ou espirituais
( ) governo por poucos e poderosos
( ) ponto fundamental indiscutível de doutrina ou sistema

a) 6, 4, 1, 2, 3, 5, 7.
b) 6, 4, 2, 1, 3, 5, 7.
c) 6, 3, 5, 1, 2, 7, 4.
d) 5, 3, 6, 4, 2, 7, 1.
e) 4, 2, 5, 6, 1, 3, 7.

7. (FUVEST) A palavra SANÇÃO com o significado de RATIFICAÇÃO ocorre apenas em:

a) Aplicar SANÇÕES a grevistas não é direito nem dever de um presidente.
b) Eventual SANÇÃO do presidente à nova lei, aprovada ontem, poderá desagradar a setores de todas as categorias.
c) As SANÇÕES previstas na lei eleitoral não exercem influências significativas sobre a paixão dos militantes.
d) O novo diretor prefere SANÇÕES a diálogos.
e) O contrato prevê SANÇÕES para os inadimplentes.

8. (FUVEST) Agora os parlamentares concluem sua obra com a anuência unânime àquele dispositivo inconstitucional. (“Folha de S. Paulo”, 28.08.1997,1-2)

A paráfrase correta do texto é:

a) A maioria dos parlamentares aprova um certo dispositivo inconstitucional.
b) Os parlamentares, sem exceção, aprovam o dispositivo

inconstitucional anteriormente mencionado.

c) Todos os parlamentares reprovam o dispositivo inconstitucional anteriormente mencionado.

d) A maioria absoluta dos parlamentares boicotou um certo dispositivo inconstitucional.

e) A maioria dos parlamentares conclui sua obra com indiferença à aprovação ou não de um certo dispositivo inconstitucional.

9. (FUVEST) “Busque Amor novas artes, novo engenho”

Assinalar a alternativa que melhor contém o significado das palavras “engenho” e “arte”, no verso transcrito acima:

a) gênio/experiência e inspiração/destreza;

b) índole/recursos e natureza/perícia;

c) talento/invenção e técnica/artifício;

d) inclinação/tendência e engano/dolo;

e) instinto/regras e discernimento/preceitos.

10. (UEL) Os pares acidente/incidente; cheque/xeque; vultoso/vultuoso; verão/estio são, respectivamente:

a) sinônimos, homônimos, parônimos e antônimos.

b) parônimos, homônimos, parônimos e sinônimos.

c) parônimos, parônimos, sinônimos e sinônimos.

d) homônimos, homônimos, parônimos e sinônimos.

e) sinônimos, parônimos, sinônimos e antônimos.

GABARITO

1 – D	2 – C	3 – E
4 – E	5 – B	6 – C
7 – B	8 – B	9 – C

10 – B		

II

MORFOLOGIA

INTRODUÇÃO À MORFOLOGIA

Olá, caro estudante. Depois de conhecermos toda a parte fonética da gramática normativa, passaremos a estudar as palavras e os vocábulos considerando seus valores significativos. Adentraremos, portanto, ao mundo das palavras no que tange às suas estruturas e às suas formas.

Em primeiro lugar, analisaremos a estrutura e a formação das palavras na língua portuguesa. Depois, classificaremos essas palavras em suas respectivas classes e esmiuçaremos as particularidades de cada uma.

Indubitavelmente, é um conhecimento indispensável para todo aquele que deseja compreender, um pouco mais à frente, os relacionamentos sintáticos travados entre essas mesmas palavras e vocábulos. Um conselho: procure entender mais e decorar menos. Isso certamente facilitará a nossa caminhada. Bom proveito!!

CAPÍTULO 1

ESTRUTURA E FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Boa parte das palavras da nossa Língua provém de outras já existentes. Como a Língua é dinâmica, outras palavras foram surgindo a partir da influência tanto do povo como dos escritores. O estudo da formação e da evolução das palavras é responsabilidade da "etimologia".

1.1 ELEMENTOS ESTRUTURAIS DA PALAVRA

Ao se decompor uma palavra, podem-se encontrar nela os seguintes elementos mórficos (elementos que a formam):

I. **RADICAL:** é o elemento primitivo, último e irredutível que encerra a ideia principal do vocábulo. Alguns gramáticos distinguem o radical da raiz. Aqui, preferimos tratar apenas do radical, já que o estudo da raiz de um vocábulo exige profundos conhecimentos etimológicos, o que não é o nosso objetivo neste capítulo.

- terra – terraço – terremoto – terraplanagem – terreiro → perceba que o radical "terr-" se mantém constante nos vocábulos.
- ferro – ferradura – ferreiro – ferrugem – ferrolho → perceba o radical "ferr-" constante nas palavras.

⇨ **Observação:**

As palavras que possuem um radical comum são denominadas de **palavras "cognatas"**.

Abaixo apresentaremos uma lista sucinta dos principais radicais gregos e latinos.

1.1.1 RADICAIS GREGOS

Radical	Sentido	Exemplo
aero-	ar	*aerofagia, aeronave*
-agogo	que conduz	*demagogo, pedagogo*
-algia	dor em uma região	*cefalalgia, cardialgia*
anemo-	vento	*anemógrafo, anêmona*
antropo-	homem	*antropófago, antropologia*
-arca	que comanda	*monarca, matriarca*
arqueo-	antigo	*arqueologia, arqueografia*
-arquia	governo	*monarquia, oligarquia*
auto-	de si mesmo	*autobiografia, autógrafo*
biblio-	livro	*bibliografia, biblioteca*
bio-	vida	*biologia, biografia*
caco-	mau, disforme	*cacofonia, cacografia*
-cefalo	cabeça	*bicéfalo, microcéfalo*
cito-	cavidade, célula	*citologia, citoplasma*
cosmo-	mundo, universo	*cosmologia, cosmonauta*
-cracia	poder	*democracia, plutocracia*
cromo-	cor	*cromogravura, cromossomo*

crono-	tempo	*cronologia, cronômetro*
dactilo-/datilo-	dedo	*datilografia, dactiloscopia*
deca-	dez	*decaedro, decalitro*
demo-	povo	*democracia, demagogo*
di-	dois	*dipétalo, dígrafo*
-doxo	que opina	*heterodoxo, ortodoxo*
-dromo	lugar para correr	*autódromo, hipódromo*
etno-	povo, raça	*etnografia, etnologia*
-fagia	ato de comer	*disfagia, antropofagia*
-fago	que come	*antropófago, necrófago*
farmaco-	medicamento	*farmacologia, farmacopedia*
filo-	amigo	*filologia, filosofia*
-fobia	medo, aversão, inimizade	*fotofobia, hidrofobia*
-fobo	que odeia	*xenófobo, zoófobo*
fono-	voz, som	*fonógrafo, fonologia*
foto-	luz, fogo	*fotômetro, fotografia*
-gamia	casamento	*poligamia, monogamia*
gastro-	estômago	*gastrite, gastrônomo*
-geneo	que gera	*lacrimogêneo, heterogêneo*
geo-	terra	*geologia, geografia*
-gono	ângulo	*polígono, pentágono*
-grafo	que escreve	*calígrafo, biógrafo*
hemi-	metade	*hemisfério*
hemo-/hemato-	sangue	*hemoglobina, hemograma*
hetero-	outro	*heterodoxo, heterossexual*
hidro-	água	*hidrogênio, hidratar*

hipo-	cavalo	*hipódromo, hipopótamo*
hom(e)o-	semelhante	*homeopatia, homossexual*
iso-	igual	*isonomia, isogameta*
-latria	culto	*idolatria, zoolatria*
macro-	grande, longo	*macróbio, macroeconomia*
mega(lo)	grande	*megalópole, megalomania*
-metria	medida	*antropometria, biometria*
-metro	que mede	*hidrômetro, pentâmetro*
micro-	pequeno	*micróbio, microscópio*
miria-	dez mil, numeroso	*miríade*
miso-	que odeia	*misógino, misantropo*
mito-	fábula	*mitologia, mitomania*
mono-	um só	*monarca, monótono*
-morfo	que tem a forma de	*antropomorfo, polimorfo*
necro-	morto	*necrotério*
-nomo	que regula	*astrônomo, metrônomo*
oftalmo-	olho	*oftalmologista*
onomato-	nome	*onomatopeia, onomatologia*
orto-	correto	*ortografia, ortoépia*
paleo-	antigo, primitivo	*paleontologia, paleoecologia*
pato-	doença	*patogênico, patologia*
piro-	fogo	*pirotecnia, pirogênico*
potamo-	rio	*hipopótamo, potamografia*
proto-	primeiro	*protozoário, protótipo*
psico-	alma, espírito	*psicologia, psicanálise*

-ptero	que tem asas	*díptero, helicóptero*
quilo-	mil	*quilograma*
rino-	nariz	*rinoceronte, rinoplastia*
-scopia	ato de ver	*macroscopia, microscopia*
-scopio	instrumento para ver	*microscópio, datiloscópio*
sidero-	ferro	*siderose, siderurgia*
-sofia	sabedoria	*filosofia, teosofia*
tecno-	arte, ciência	*tecnografia, tecnologia*
tele-	longe	*telefone*
teo-	deus	*teocracia, teólogo*
-terapia	cura	*fisioterapia, psicoterapia*
-tono	tensão, tom	*barítono, monótono*
xeno-	estrangeiro	*xenofobia, xenomania*
zoo-	animal	*zoológico, zoomorfo*

1.1.2 RADICAIS LATINOS

Radical	Sentido	Exemplo
agri-	campo	*agricultura, agricultor*
ambi-	ambos	*ambidestro, ambivalência*
arbori-	árvore	*arborícola, arboriforme*
bis-/bi-	duas vezes	*bisavô, bípede*
calori-	calor	*calorífero, calorimetria*
-cida	que mata	*regicida, inseticida*
-cola	que cultiva, que habita	*vitícola, arborícola*
cruci-	cruz	*crucifixo, cruciforme*

-cultura	ato de cultivar	*apicultura, psicultura*
curvi-	curvo	*curvilíneo, curvirrostro*
equi-	igual	*equidistante, equivalente*
-fero	que contém	*aurífero, calorífero*
ferri-/ferro-	ferro	*ferrífero, ferrovia*
-fico	que faz	*benéfico, frigorífico*
-formi	que tem forma de	*cuneiforme, floriforme*
-fugo	que foge, que faz fugir	*centrífugo, febrífugo*
igni-	fogo	*ignição, ignívomo*
morti-	morte	*mortífero, mortificar*
multi-	muito	*multiforme, multifacetado*
olei-/oleo-	azeite, óleo	*oleoduto, oleígeno*
oni-	todo	*onipresente, onipotente*
-paro	que produz	*maltíparo, ovíparo*
pedi-	pé	*pediforme, pedilúvio*
pisc-	peixe	*piscicultor, pisciforme*
pluri-	muito	*pluriforme, pluripartidário*
-sono	que soa	*díssono, uníssono*
-vomo	que expele	*fumívomo, ignívomo*
-voro	que come	*carnívoro, herbívoro*

II. VOGAL TEMÁTICA: é a vogal que se agrega ao radical preparando-o para receber uma terminação (sufixos ou desinências). À junção do radical com a vogal temática dá-se o nome de TEMA.

RADICAL	VOGAL TEMÁTICA	TEMA
am-	a	ama

vend-	e	vende
part-	i	parti

⇨ **Observação:**

A vogal temática geralmente aparece nos verbos. Entretanto, alguns nomes podem apresentá-la. Isso ocorre quando a vogal final do vocábulo não se presta a estabelecer a distinção de gênero. Enquanto nos verbos ela se denomina de "vogal temática verbal", nos nomes se chama, portanto, "vogal temática nominal". Veja:

RADICAL	VOGAL TEMÁTICA
cadeir	-a
livr	-o
client	-e

III. AFIXOS: são elementos que se acrescem aos radicais com a finalidade de formar novas palavras. Classificam-se em:

a) **prefixos**: são os afixos que vêm antes do radical.

- **in**-feliz
- **des**-leal
- **anfi**-teatro
- **a**-teu
- **diá**-logo
- **re**-fluir

b) **sufixos**: são os afixos que vêm depois do radical.

- mulher-**aça**
- social-**ismo**
- feliz-**mente**
- leal-**dade**
- caval-**aria**
- formigu-**eiro**

1.1.3 PREFIXOS DE ORIGEM GREGA

Prefixo	Sentido	Exemplo
an-/a-	privação, negação	*ateu, anarquia*

ana-	ação ou movimento inverso	*anáfora, anáfase*
anti-	oposição	*antiaéreo, antípoda*
apo-	afastamento, separação	*apogeu, apóstata*
arqui-/arc-	superioridade	*arquiduque, arqui-inimigo*
dia-/di-	movimento através de	*diocese, diálogo*
dis-	dificuldade	*dispneia, disenteria*
ec-/ex-	movimento para fora	*eclipse, êxodo*
endo-/end-	posição interior	*endométrio, endosmose*
epi-/ep-	posição inferior	*epiderme, epônimo*
eu-/ev-	bem, bom	*eufonia, evangelho*
hiper-	posição superior	*hipérbole, hipertensão*
hipo-	posição inferior	*hipodérmico, hipotensão*
meta-/met-	posterioridade, mudança	*metacarpo, metáfora*
para-/par-	proximidade	*paranasal, parasita*

1.1.4 PREFIXOS DE ORIGEM LATINA

Prefixo	Sentido	Exemplo
ab-/abs-	afastamento, separação	*abdicar, abstrair*
ad-/a-/ar-	aproximação, direção	*adjunto, advérbio, assentir*
ante-	anterioridade	*antebraço, antepor*
circum-	movimento em torno	*circum-adjacente*
de-	movimento de cima para baixo	*decair, decrescer*
des-	separação, ação contrária	*desviar, desfazer*
dis-/di-	separação, movimento	*dissidente*
extra-	posição exterior	*extraoficial, extraviar*

in-/im-/i-/ir-	movimento para dentro	*imigrar, irromper*
in-/im-/i-/ir-	negação, privação	*inativo, impermeável, ilegal*
inter-/entre-	posição intermediária	*internacional, entreabrir*
pre-	anterioridade	*prefácio, preconceito*
pro-	movimento para frente	*progresso, proativo*
re-	movimento para trás	*refluir, refazer*
retro-	movimento mais para trás	*retroceder, retrospectiva*
sub-/sus-/su-/sob-/so-	movimento de baixo para cima	*subclasse, sobpor, suster*
supra-	posição acima, excesso	*supracitado, suprassumo*
trans-/tras-/tres-	movimento para além de	*transpor, transporte*
ultra-	posição além do limite	*ultrapassar, ultravioleta*
vice-/vis-/vizo-	substituição	*vice-reitor, visconde, vizo-rei*

1.1.5 CORRELAÇÃO ENTRE PREFIXOS LATINOS E GREGOS

LATINOS	GREGOS	SIGNIFICADO	EXEMPLOS
Ab-	apo-	afastamento, separação	*abjurar, apostasia*
ad-	para-	junto de, aproximação	*adjunto, parasita*
ambi-	anfi-	duplicidade, em torno de	*ambidestro, anfíbio*
bene-	eu-	bem, bondade, excelência	*benevolente, eufonia*
bi(s)-	di-	dois, duplicidade	*bípede, dípode*
circum-	peri-	em torno de	*circumpolar, perímetro*
contra-	anti-	oposição, contra	*contraveneno, antídoto*
com-, con-	sin-	reunião, simultaneidade	*compartilhar, sincronizar*
ex-	ex-	movimento para fora	*exportar, êxodo*
i-, in-, des-	a-, an-	negação, carência	*infeliz, desonesto, ateu*

in-	en-	posição interna, dentro	*ingerir, encéfalo*
intra-	endo-	para dentro, dentro	*intramuscular, endocarpo*
semi-	hemi-	meio, metade	*semicírculo, hemisfério*
sub-	hipo-	deficiência, inferioridade	*subterrâneo, hipoglicemia*
super-, supra-	epi-, hiper-	superioridade, excesso	*superlotar, hipertrofia*
trans-	dia-	através, por meio de	*transparente, diáfano*

1.1.6 SUFIXOS NOMINAIS

1. Sufixos nominais designativos de coleções

-aria, -eria	pedraria, livraria, cavalaria, loteria, grosseria
-ada	boiada, rapaziada, manada
-edo	figueiredo, vinhedo, arvoredo, lajedo
-al	laranjal, cafezal, bambual, algodoal, canavial
-agem	pelagem, folhagem, plumagem, roupagem
-eiro	braseiro, cancioneiro, berreiro, formigueiro
-alha	cordoalha, parentalha, miuçalha
-ama	dinheirama, courama, mourama
-ame	cordame, vasilhame, raizame, pelame
-ume	cardume, tapume
-ulho	pedregulho, bagulho
-ena	centena, novena, dezena
-io	rapazio, mulherio, gentio
-ia	maresia, penedia, clerezia
-dada	cristandade, humanidade, comunidade, irmandade

⇨ Observações:

a) Em muitas palavras, prefere-se o sufixo “-eria” ao sufixo “-aria”: bateria, vozeria, correria, galeria, lavanderia, parceria, leiteria, parceria etc.

b) O sufixo “-eiro” é sufixo substantivo, ou seja, formador de substantivos, indicando o agente. “Brasileiro” era primitivamente o que comerciava com o “pau-brasil”, como “mineiro” é o que trabalha em minas. Passando a região a chamar-se “Brasil” e “Minas Gerais”, seus derivados passaram naturalmente para a categoria de adjetivos pátrios.

2. Sufixos nominais designativos de aumento (sufixos aumentativos)

-ão	portão, mulherão, grandalhão, comilão, narigão
-rão	chapeirão, vozeirão, casarão, beberrão, santarrão
-aréu	fogaréu, povaréu
-zarrão	homenzarrão, canzarrão
-aço	mestraço, ministraço, poetaço
-aça	barcaça, vidraça
-astro	poetastro, medicastro, criticastro
-ázio	demonázio, copázio, balázio
-anzil	corpanzil
-eiro	cruzeiro
-alho	vergalho, ramalho, espantalho
-alha	muralha, fornalha, gentalha
-orra	cabeçorra
-arra	bocarra, naviarra

⇨ **Observação:**

O sufixo aumentativo mais comum em português é "-ão". Nem sempre, porém, este sufixo traz ideia aumentativa, como em "cartão, portão, cordão".

3. Sufixos nominais designativos de diminuição (sufixos diminutivos)

-inho, -inha	portinha, mocinho, pintinho, menininho, ervinha, pocinha
-zinho, -zinha	cãozinho, montezinho, florzinha, partezinha, poçozinho, ervazinha
-ito, -ita	canito, granito, senhorita, pequenita, florita, franganito
-ete	cavalete, pobrete, ramalhete, archete
-eta	valeta, maleta, lingueta, trombeta, ilheta
-ote	fidalgote, meninote, saiote, velhote
-oto, -ota	picoto, perdigoto, ilhota, velhota, maricota
-ilho, -ilha	vasilha, mantilha, presilha, palmilha
-ino	antonino, pequenino
-im	patim, fortim, flautim, camarim, mulherim
-ulo, -ula	glóbulo, nódulo, fórmula, espátula, célula
-culo, -cula	pendúculo, corpúsculo, partícula, minúscula
-olo, -ola	nucléolo, bolinholo, glorícola, aldeola
-el	cordel, canastrel, fardel, saquitel
-elo, -ela	portelo, colunelo, viela, costela
-elho, -elha	francelho, folhelho, chavelha
-ejo	lugarejo, quintalejo, casalejo
-ebre	casebre
-eco, -eca	livreco, ministreco, padreco, folheca, padreca

-ico, -ica	burrico, abanico, namorico, florica, pelica
-isco	chuvisco, pedrisco, lambrisco
-il	pernil, covil, tamboril
-acho	riacho, populacho, fogacho
-ucho	papelucho, gorducho, pequerrucho
-ilo	codicilo, mamilo

⇨ Observações:

a) O principal sufixo diminutivo em português é "–inho". Em alguns casos, este sufixo pode-se ligar diretamente ao radical da palavra. Observe os exemplos abaixo:

- caix(a) → caixinha
- fin(o) → fininho
- ov(o) → ovinho
- braç(o) → bracinho
- camp(o) → campinho
- pedr(a) → pedrinha
- pint(o) → pintinho
- carr(o) → carrinho

b) Em alguns casos, quando a palavra primitiva finaliza em "S", acrescenta-se diretamente o sufixo do diminutivo "-inho"; aparece, então, a terminação "-SINHO" com a consoante "S". Observe:

- as(a) → asinha
- princes(a) → princesinha
- adeus → adeusinho
- Teres(a) → Teresinha
- mes(a) → mesinha
- ros(a) → rosinha
- Luís → Luisinho
- Inês → Inesinha

c) Noutros casos, é impraticável a ligação direta do sufixo "-INHO" ao radical da palavra. Nestes casos, usa-se a consoante de ligação "Z" para tornar mais eufônica a ligação. Observe:

- anel + Z + inho → anelzinho
- mãe + Z + inha → mãezinha

- pai + Z + inho → paizinho
- pé + Z + inho → pezinho
- Maria + Z + inha → Mariazinha
- homem + Z + inho → homenzinho
- só + Z + inho → sozinho
- café + Z + inho → cafezinho

d) Muitos vocábulos, em especial na linguagem popular, são construídos indistintamente com os sufixos "-inho" e "-zinho", como, por exemplo, "*florinha ou florzinha, peixinho ou peixezinho, feixinho ou feixezinho, ovinho ou ovozinho, mulherinha ou mulherzinha, dentinho ou dentezinho, hominho ou homenzinho*".

4. Sufixos nominais designativos de agente (ser que pratica alguma ação), profissão, ofício

-ário	bibliotecário, bancário, mesário, latifundiário
-eiro	pedreiro, armeiro, livreiro, relojoeiro
-dor, -tor	andador, vendedor, partidor, mergulhador, escritor, cantor, demonstrador
-nte	estudante, negociante, pretendente, presidente, servente, ouvinte

5. Sufixos nominais designativos de ação ou resultado de ação

-ção	formação, armação, fundação, alegação, correção, arguição, punição, estremeção
-mento	armamento, fundamento, casamento, doutoramento, estremecimento, oferecimento, agradecimento, ferimento, sentimento, argumento
-ada	facada, paulada, lançada, badalada, noitada, pincelada, colherada

6. Sufixos nominais designativos de estado

-ura	alvura, brancura, altura, loucura, abertura, bravura, mistura, escritura, postura
-eza, -ez	beleza, presteza, justeza, ligeireza, alteza, braveza, viveza, leveza, viuvez, dobrez
-idade, -dade	brevidade, facilidade, idoneidade, amabilidade, comunidade, latinidade, ruindade, igualdade, crueldade, beldade, bondade

-ice	doidice, velhice, caduquice, mouquice, gulosice, meiguice, doutorice
-ite	laringite, cardite, gastrite, estomatite, hepatite
-ência	prudência, malevolência, continência, assistência
-tura, -dura	nunciatura, abreviatura, quadratura, ditadura

7. Sufixos nominais designativos de naturalidade, origem, relação, título

-ense, -ês	amazonense, mato-grossense, paraense, maranhense, cearense, fluminense, português, francês, chinês, javanês, camponês, montanhês, inglês
-esa, -essa, -isa	baronesa, marquesa, condessa, abadessa, sacerdotisa, profetisa, poetisa
-ano, -ão	italiano, alagoano, sergipano, goiano, baiano, peruano, mexicano, pernambucano, alemão, catalão, lapão, beirão, bretão, saxão, cristão
-ino	bizantino, levantino, argentino, beneditino, florentino, bragantino, alpino, platino
-io	sírio, egípcio, índio
-eno	chileno, madrileno, santareno
-enho	portenho, ferrenho, estremenho
-ista	paulista, santista, nortista
-engo	flamengo, realengo, avoengo, judengo
-ático	asiático, aquático, lunático, indiático
-ico	índico, aristocrático, brasílico, britânico, melancólico, simbólico, pérsico
-aico	judaico, hebraico, caldaico, romaico
-aco	austríaco, siríaco, egipcíaco
-al, -el, -il	estadual, atual, visual, processual, pontual, anual, fiel, cruel, civil, juvenil
-ar	regular, militar, familiar, rudimentar, elementar
-esco	senegalesco, brutesco, dantesco, carnavalesco
-estre	campestre, equestre

-este	celeste, agreste

8. Sufixos nominais designativos de aptidão, tendência, estado, semelhança

-ável, -ével, -ível, -óvel, -úvel	amável, venerável, notável, indelével, visível, terrível, preferível, móvel, imóvel, solúvel, volúvel
-iço	alagadiço, espantadiço, roliço, feitiço, movediço, postiço, quebradiço, sumidiço, chegadiço, encontradiço, esquecidiço
-az	audaz, capaz, loquaz, contumaz
-bundo, -cundo	furibundo, moribundo, iracundo
-ento	barulhento, rabugento, nojento, bulhento
-io	fugidio, escorregadio
-ivo	instrutivo, auditivo, corrosivo, pensativo, executivo
-ório	finório, simplório, difamatório, satisfatório
-oide	esferoide, negroide, ovoide, antropoide

9. Sufixos nominais designativos de superlatividade, abundância, intensidade

-timo, -simo, -rimo, -limo	íntimo, legítimo, justíssimo, integérrimo, agílimo, humílimo, dulcíssimo
-udo	cabeçudo, cabeludo, barbudo, narigudo, beiçudo, linguarudo, peludo, abelhudo

10. Sufixos nominais designativos de lugar

-douro, -doura	matadouro, bebedouro, sangradouro, ancoradouro, manjedoura, sumidouro
-ário, -ária, -eiro, -eira	herbário, erário, ovário, vocabulário, relicário, dicionário, santuário, luminária, penitenciária, agulheiro, carteira, fruteira, pedreira
-ério	cemitério, batistério, necrotério
-ório	dispensatório, cartório, escritório, conservatório, consistório, consultório,

	purgatório

11. Sufixos nominais designativos de posse, de posse abundante

-oso	caridoso, gostoso, bondoso, preguiçoso, maldoso, medroso
-onho	tristonho, medonho, enfadonho

1.1.7 SUFIXOS VERBAIS

Os sufixos verbais geralmente se agregam ao radical de substantivos e adjetivos a fim de formar verbos. Os principais sufixos verbais em português são:

SUFIXO VERBAL	SENTIDO	EXEMPLOS
-ejar	ação frequente, repetitiva	vicejar, murmurejar, rastejar, gotejar, pestanejar
-ear	ação frequente, repetitiva	saquear, balancear, espernear, golpear, clarear
-ar	prática de ação	começar, deitar, jogar, cantar, telefonar
-ficar	prática de ação	liquidificar, gaseificar, tonificar, petrificar, dignificar
-izar	prática de ação	canalizar, comercializar, organizar, finalizar, canonizar
-entar	relativo à causa (causativo)	apoquentar, amamentar, ornamentar, acrescentar
-ecer	início de ação	amanhecer, enriquecer, envelhecer, empobrecer
-ilhar	ação repetida muitas vezes	dedilhar, pontilhar, fervilhar
-icar	ação pouco intensa	bebericar, namoricar, adocicar, tremelicar
-iscar	ação pouco intensa	lambiscar, namoriscar, petiscar
-inhar	ação pouco intensa	escrevinhar, esfolinhar, espezinhar,

		cuspinhar

1.1.8 OS SUFIXOS "IZAR" E "ISAR"

a) Não confunda o sufixo verbal "-izar" com a terminação "-isar" de certos verbos, nos quais o "**is**" pertence ao tema de onde se derivam, como, por exemplo, "precisar, analisar, guisar, repisar, eletrolisar". Quando o vocábulo não apresenta a consoante "S" em seu tema, emprega-se o sufixo "-izar" com a consoante "Z". Observe abaixo:

- hospital → hospital**izar**
- canal → canal**izar**
- valor → valor**izar**
- suave → suav**izar**
- imune → imun**izar**
- fértil → fertil**izar**

Agora...

- análise → anal**isar**
- pesquisa → pesqu**isar**
- aviso → av**isar**
- paralisia → paral**isar**
- eletrólise → eletrol**isar**
- guisa → gu**isar**
- revisão → rev**isar**

1.1.9 EMPREGO DE "-IDADE" E "-IEDADE"

Uma dúvida frequente para aqueles que prestam concurso é o emprego das formas "-idade" e "-iedade". Geralmente, as bancas cobram este conhecimento nas questões que envolvem "correção gramatical". Portanto, fique atento às orientações a seguir:

a) Usa-se a terminação "-idade" quando o adjetivo termina em "-ar". Observe:

- singul**ar** → singular**idade**
- complement**ar** → complementar**idade**

- elementar → elementaridade
- díspar → disparidade
- exemplar → exemplaridade
- similar → similaridade

b) Emprega-se, por outro lado, a terminação "-iedade" quanto o adjetivo termina em "-ário" e "-ório". Veja:

- precário → precariedade
- contrário → contrariedade
- voluntário → voluntariedade
- vário → variedade
- contraditório → contraditoriedade
- notório → notoriedade
- obrigatório → obrigatoriedade
- arbitrário → arbitrariedade

⇨ **Observação:**

Aos adjetivos terminados em "-neo" aplica-se também o sufixo "-idade". Neste caso, retira-se a vogal "o", que finaliza estes adjetivos, e acrescenta -se o sufixo "-idade". Formar-se-á, portanto, o ditongo "EI". Veja:

- espontâneo → espontaneidade
- homogêneo → homogeneidade
- contemporâneo → contemporaneidade
- simultâneo → simultaneidade
- temporâneo → temporaneidade
- sucedâneo → sucedaneidade
- heterogêneo → heterogeneidade
- momentâneo → momentaneidade

c) Sobre o emprego de "-ZINHO(A)" e "-SINHO(A)", consulte o capítulo "Ortografia".

1.1.10 EMPREGO DOS SUFIXOS "-ARIA" E "-ERIA"

Há, na língua portuguesa, um sem-número de vocábulos formados pelo processo de sufixação. Ocorre que, quando se trata dos sufixos "-eria" e "-aria", não existe muito consenso entre os estudiosos da nossa língua e, em várias situações, admite-se a existência de vocábulos

grafados tanto com “-aria” quanto com “-eria”. É certo que um deles tem se consolidado como o mais usual (alguns, como “parçaria”, são formas arcaicas e desusadas), mas ambos são graficamente corretos. Vejamos alguns deles:

- bijuteria ou bijutaria
- engraxateria ou engraxataria
- joalheria ou joalharia
- vozeria ou vozearia
- leiteria ou leitaria
- lavanderia ou lavandaria
- charcuteria ou charcutaria
- infanteria ou infantaria
- bilheteria ou bilhetaria
- doceria ou doçaria
- selvageria ou selvajaria
- parceria ou parçaria
- loteria ou lotaria
- sorveteria ou sorvetaria
- pedanteria ou pedantaria

⇨ **Observação:**

Diante de situações de dúvida, não titubeie: consulte um bom dicionário.

1.1.11 SUFIXO ADVERBIAL “-MENTE”

Em português, o único sufixo adverbial é “-mente”, o qual se acrescenta ao gênero feminino de adjetivos (quando o adjetivo apresenta esta flexão) para exprimir circunstâncias de modo, tempo, quantidade etc. Observe:

- calmaMENTE
- bondosaMENTE
- felizMENTE
- alegreMENTE

⇨ **Observação:**

Correlacione esta regra com o emprego em sequência de advérbios terminados em “-mente”. Esta orientação se encontra no capítulo sobre o “advérbio”.

IV. **DESINÊNCIAS:** são elementos mórficos que se acrescem ao final de um vocábulo e expressam as flexões de gênero, de número, de modo, de tempo e de pessoa. Podem ser:

a) **desinências nominais** → indicam o gênero e o número dos nomes.

RADICAL	DESINÊNCIA DE GÊNERO	DESINÊNCIA DE NÚMERO
macac	o	s
menin	a	s
pat	o	s

b) **desinências verbais** → indicam o modo e o tempo, o número e a pessoa dos verbos.

RADICAL	VOGAL TEMÁTICA	DESINÊNCIA MODO-TEMPORAL	DESINÊNCIA NÚMERO-PESSOAL
am-	a	-sse	-mos
cant-	a	-va	-mos

V. **VOGAIS OU CONSOANTES DE LIGAÇÃO**: são vogais e consoantes que, desprovidas de significação, são usadas na formação de um vocábulo a fim de facilitar-lhe a pronúncia.

- pau + **l** + ada
- café + **t** + eira
- gas + **ô** + metro
- cha + **l** + eira
- rei + **z** + inho

1.2 PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Antes de tudo, convém estabelecer alguns conceitos:

a) **Palavras primitivas** → são aquelas que não se formaram a partir

de um vocábulo preexistente. São também denominadas de “derivantes”.

- terra
- pedra
- ferro
- luz
- janela
- carro

b) **Palavras derivadas** → são aquelas formadas a partir de um vocábulo preexistente.

- terraço
- pedreira
- ferrugem
- luzeiro
- janelaço
- carroçaria

c) **Palavras simples** → são aquelas que apresentam um único radical.

- água
- guarda
- perfume
- perna

d) **Palavras compostas** → são aquelas que apresentam dois ou mais radicais.

- água-benta
- guarda-chuva
- lança-perfume
- pernalta

A partir desses conhecimentos, podemos afirmar que, na língua portuguesa, existem dois grandes processos de formação de palavras: derivação e composição.

1.2.1 DERIVAÇÃO

É o processo através do qual se obtém uma palavra nova (derivada) a partir de uma palavra já existente (primitiva). Esse fenômeno se dá, frequentemente, pelo acréscimo de afixos (prefixos ou sufixos). Dessa forma, temos:

1. **Derivação prefixal ou prefixação** → acréscimo de prefixos à palavra primitiva.

- **in**feliz
- **des**leal
- **re**ver
- **des**amor
- **pre**conceito
- **ultra**violeta

2. **Derivação sufixal ou sufixação** → acréscimo de sufixos à palavra primitiva.

- amor**oso**
- feliz**mente**
- bebe**douro**
- mal**dade**
- mel**oso**
- dent**ista**

3. **Derivação sufixal e prefixal** → acréscimo <u>não simultâneo</u> de um prefixo e um sufixo à palavra primitiva.

- **in**feliz**mente**
- **des**leal**dade**
- **des**cortes**ia**
- **in**util**izar**
- **des**nivel**ar**

⇨ **Observação:**

Perceba que na derivação prefixal e sufixal a retirada de um dos afixos não inutiliza a palavra por completo. Se se retirar o prefixo, a palavra subsiste com o processo de sufixação. Se se retirar o sufixo, a palavra subsistirá com o prefixo. Este é o principal fator para se distinguir este tipo de derivação da parassíntese. Observe:

→ **infelizmente**
- felizmente (sem o prefixo)
- infeliz (sem o sufixo)

4. **Derivação parassintética ou parassíntese** → acréscimo <u>simultâneo</u> de um prefixo e um sufixo à palavra primitiva.

- **a**noit**ecer**
- **a**pedr**ejar**
- **sub**terrâ**neo**
- **es**fri**ar**
- **a**madur**ecer**
- **des**alm**ado**

⇨ **Observações:**

a) Geralmente a derivação parassintética cria formas verbais a partir de

substantivos e adjetivos. Veja abaixo:

- **enriquecer** → formada a partir do adjetivo "rico"
- **ajoelhar** → formada a partir do substantivo "joelho"
- **empalhar** → formada a partir do substantivo "palha"
- **endoidecer** → formada a partir do adjetivo "doido"
- **embarcar** → formada a partir do substantivo "barco"
- **amanhecer** → formada a partir do substantivo "manhã"

b) Não confunda a derivação prefixal e sufixal com a parassintética. Nesta, o acréscimo dos afixos se dá de maneira simultânea, de modo que a retirada de um deles (sufixo ou prefixo) acarretará o desaparecimento da palavra.

5. **Derivação regressiva** → formação de substantivos denotadores de ação através de um processo de redução verbal. Substitui-se a terminação de um verbo pelas desinências "-a, -e, -o". Este tipo de derivação também é chamado de "**deverbal**", "**pós-verbal**" ou "**retrógrada**".

VERBO (primitivo)	SUBSTANTIVO (derivado)
abalar	abalo
afagar	afago
alcançar	alcance
buscar	busca
castigar	castigo
combater	combate
comprar	compra
enlaçar	enlace
gritar	grito

jogar	jogo
pescar	pesca

⇨ **Observações:**

a) Não se esqueça de que o processo comum de formação é a criação de verbos a partir de substantivos e adjetivos. A derivação regressiva, portanto, promove o processo inverso.

b) Convém mais uma vez salientar que a derivação regressiva forma substantivos indicativos de ação. Logo, “ajuda”, “saque”, “caça”, por exemplo, são substantivos derivados dos verbos “ajudar”, “sacar” e “caçar”, respectivamente, porque indicam ação. Por outro lado, os substantivos “âncora”, “perfume”, “alimento”, os quais não indicam ação, mas objetos, coisas, são palavras primitivas que dão origem aos verbos “ancorar”, “perfumar” e “alimentar”.

6. **Derivação imprópria ou conversão** → ocorre pela mudança da classe gramatical de uma palavra. Na maioria dos casos, substantivos se tornam adjetivos e vice-versa, adjetivos se transformam em advérbios e vice-versa, infinitivos se tornam substantivos, ou palavras invariáveis passam a ser substantivos.

- Ao longo da reunião, ele explicou **os prós** e **os contras** da questão. (palavras invariáveis substantivadas)
- Os **bons** sempre superam os **maus**. (adjetivos substantivados)
- Comprei um lindo rádio-**relógio** no centro da cidade de São Paulo. (substantivo adjetivado)
- Quando criança, pintava o **sete** na ausência dos pais. (numeral substantivado)
- **Esperar** é uma arte que todos deveriam exercitar. (infinitivo substantivado)
- Todos na sessão falavam **alto**. (adjetivo adverbializado)

1.2.2 COMPOSIÇÃO

É o processo por meio do qual duas ou mais palavras, ou dois ou mais radicais, se associam para formar uma nova palavra. Dois são os processos de composição na língua portuguesa:

1. **Composição por aglutinação** → ocorre quando há supressão ou perda de elementos fonéticos entre as palavras que se unem.

- perna + alta = **pernalta**
- boca + aberta = **boquiaberta**
- perna + longo = **pernilongo**
- plano + alto = **planalto**
- Santo + Antônio = **santantônio**
- cabeça + baixa = **cabisbaixo**
- fonte + seca = **Fonseca**
- plena + mar = **preamar**
- puxa + avante = **puxavante**
- pedra + óleo = **petróleo**
- em + boa + hora = **embora**
- filho + de + algo = **fidalgo**
- água + ardente = **aguardente**
- hidro + elétrico = **hidrelétrico**
- vinho + acre = **vinagre**

2. **Composição por justaposição** → ocorre quando as palavras se juntam sem que haja alteração mórfica nelas.

- passa + tempo = **passatempo**
- mal + me + quer = **malmequer**
- sempre + viva = **sempre-viva**
- porco + espinho = **porco-espinho**
- gira + sol = **girassol**
- guarda + chuva = **guarda-chuva**
- vai + vém = **vaivém**
- verde + mar = **verde-mar**
- vara + pau = **varapau**
- mata + borrão = **mata-borrão**
- obra + prima = **obra-prima**

1.2.3 OUTROS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Ao lado dos dois grandes processos de formação de palavras da

língua portuguesa (derivação e composição), há outros igualmente importantes. São eles:

1. **Redução ou abreviação vocabular** → ocorre pela redução de um vocábulo a um mínimo semântico significativo, ou seja, reduz-se uma palavra ao máximo sempre mantendo seu sentido original.

- **auto** → redução de "automóvel"
- **extra** → redução de "extraordinário"
- **cinema** → redução de cinematógrafo
- **foto** → redução de fotografia
- **pneu** → redução de pneumático
- **curta** → redução de curta-metragem
- **zoo** → redução de zoológico
- **quilo** → redução de "quilograma"
- **cine** → redução de "cinema"
- **pólio** → redução de "poliomielite"
- **moto** → redução de motocicleta
- **pornô** → redução de pornografia
- **Zé** → redução de José
- **metrô** → redução de metropolitano

2. **Hibridismo** → ocorre quando a palavra é formada por elementos provenientes de línguas diferentes.

- automóvel = auto (grego) + móvel (latim)
- televisão = tele (grego) + visão (latim)
- abreugrafia = abreu (português) + grafia (grego)
- alcoômetro = álcool (árabe) + metro (grego)
- burocracia = buro (francês) + cracia (grego)
- monocultura = mono (grego) + cultura (latim)
- sambódromo = samba (português) + dromo (grego)
- goiabeira = goia (tupi) + beira (português)
- sociologia = socio (latim) + logia (grego)
- asmático = asma (português) + ico (latim)

3. **Onomatopeia ou onomatopaica** → ocorre quando se formam palavras que buscam representar os sons dos seres, das coisas, da

natureza.

- vapt-vupt!
- tique-taque
- toc-toc!
- bummm!
- miau!
- tartamudear
- latir
- espocar
- grunhir
- zigue-zague!
- au! au!
- zás!
- estralejar
- tinir
- grugulhejar
- piar
- arrulhar
- rosnar

⇨ **Observação:**

Todos os verbos que indicam os sons dos animais são onomatopaicos. Logo, "coaxar (rã), chiar (insetos), estridular (cigarra), grasnar (pato), mugir (boi), palrar (papagaio), rugir (leão), uivar (lobo), zurrar (burro)" são alguns exemplos de verbos onomatopaicos.

4. **Siglonimização** → é o processo de formação das siglas. A sigla é a abreviatura formada com as letras iniciais das palavras de um nome ou um título. Observe abaixo algumas siglas.

- **FGTS** = Fundo de Garantia pelo Tempo de Serviço
- **CPF** = Cadastro de Pessoas Físicas
- **MEC** = Ministério da Educação e Cultura
- **CEP** = Código de Endereçamento Postal
- **DNER** = Departamento Nacional de Estradas e Rodagens
- **SENAC** = Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
- **IBOPE** = Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística
- **IBGE** = Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- **SENAI** = Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
- **UNESCO** = United Nations Educational Scientific and Cultural Organization
- **ONU** = Organização das Nações Unidas

- **OEA** = Organização dos Estados Americanos
- **PT** = Partido dos Trabalhadores

1.2.4 NEOLOGISMOS

A língua não é algo morto, sem vida. Em todo tempo, por causa da evolução dos seres e da evolução do campo do conhecimento, o acervo lexical de um povo se modifica – palavras deixam de ser usadas e tornam-se arcaicas, e palavras novas são criadas. A esse processo de criação lexical dá-se o nome de **neologismo**.

O nosso idioma, estruturalmente formado do latim, tem herdado empréstimos lexicais de outros sistemas linguísticos desde o início de sua formação. Por isso, em nossa língua encontramos tantos vocábulos provenientes das diversas influências (celta, fenícia, basca, bárbara, árabe, africana, tupi, espanhola, inglesa, italiana, francesa etc.).

Hoje, em virtude da globalização econômico-financeira, nossa língua portuguesa tem recebido bastantes empréstimos linguísticos oriundos da língua inglesa.

Cumpre de antemão frisar que, para a formação de um neologismo, na maioria dos casos, são usados os mesmos processos utilizados para a formação de muitas palavras em nossa língua: derivação e composição.

Observe alguns exemplos de neologismos em nossa língua (alguns ainda não foram registrados pelos dicionaristas, mas são bastante usados):

- deletar = apagar
- clicar = dar cliques com o mouse
- bebemorar = junção de beber e comemorar
- indescartável = que não pode ser descartável
- microcurso = curso de pequena extensão
- lulistas = partidários do presidente Lula
- pistolagem = ações com o uso da pistola, da força

1.3 CLASSIFICAÇÃO E FLEXÃO DAS PALAVRAS

Na língua portuguesa, a palavra pode ser analisada pela função que exerce em relação às outras palavras, ou pelo valor que, isoladamente, ela possui. No primeiro caso, temos a análise sintática, a qual será fruto de nosso estudo em capítulo próprio. Já a segunda, diz respeito à análise (ou classificação) morfológica.

Morfologia (gr. "morphê" = forma, "logos" = tratado) é a parte da "lexicologia" que estuda a palavra em seu elemento imaterial, isto é, em sua ideia ou significação. A morfologia das palavras pode ser estudada em duas partes:

a) **Taxonomia** (gr. "taxis" = arranjo, classificação; "nomos" = lei) estuda as diversas classes de palavras e as suas propriedades em relação à ideia que expressam.

b) **Etimologia** (gr. "etimo" = origem; "logia" = estudo) estuda a origem e a evolução das palavras.

Nos próximos dez capítulos, estudaremos a classificação morfológica das palavras em nossa língua, isto é, o valor que cada uma possui por si mesma, independentemente das demais palavras.

Há em nossa língua dez classes de palavras: substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome, verbo, advérbio, conjunção, preposição e interjeição.

Observe abaixo um quadro-resumo dessas dez classes:

CLASSE DE PALAVRA	DEFINIÇÃO (CARACTERÍSTICAS)	EXEMPLOS
1. Substantivo	Classe de palavra variável que dá nome aos seres em geral.	casa – terra – rosto – planta – martelo – João – papelão
2. Adjetivo	Classe de palavra variável que modifica um substantivo, atribuindo-lhe uma qualidade, um estado, um modo de ser.	bom – ruim – alto – péssimo – belo – feio – gostoso
	Classe de palavra variável que	

3. Artigo	acompanha um substantivo, determinando-o ou indeterminando-o.	o – a – o – as – uma – um – umas – uns
4. Numeral	Classe de palavra variável que indica quantidade ou ordem dos seres.	dois – três – primeiro – décimo – um terço – triplo
5. Pronome	Classe de palavra variável que substitui ou acompanha o substantivo.	meu – nós – alguém – que – cujo – Vossa Excelência
6. Verbo	Classe de palavra variável que indica um processo em relação ao tempo. Este processo pode ser uma ação, um estado, uma mudança de estado ou um fenômeno da natureza.	andar – chover – dormir – correr – nadar – ser – ventar – fugir – tornar-se
7. Advérbio	Classe de palavra invariável que modifica um verbo, um adjetivo ou até outro advérbio, atribuindo-lhes circunstâncias diversas.	cedo – tarde – amanhã – não – talvez – jamais – sim
8. Conjunção	Classe de palavra invariável que liga orações ou termos dentro de uma oração.	embora – mas – já que – conquanto – a fim de que
9. Preposição	Classe de palavra invariável que liga termos de uma oração ou, mais raramente, orações.	a – de – por – com – sob
10. Interjeição	Classe de palavra invariável que exprime emoções ou sentimentos.	ah! – puxa! – ai! – ufa!

⇨ Observação:

Convém salientar que classificar uma palavra é, antes de tudo, entender o sentido e a função que cada uma exerce em uma dada sentença. Sempre será imperfeita a classificação que se funde meramente na forma ou na estrutura do vocábulo. Logo, a chave para uma boa classificação é a análise de cada uma em seu contexto oracional. Observe abaixo alguns exemplos que demonstram a

variação da classificação de um mesmo vocábulo.

- Eles são homens **sábios**. *adjetivo*
- Os **sábios** vivem melhor. *substantivo*
- Joana é um ser **baixo**. *adjetivo*
- É importante falar **baixo**. *advérbio*
- O **filósofo** é o amigo da sabedoria. *substantivo*
- Luis XV era um rei-**filósofo**. *adjetivo*
- Esta **tarde** foi inesquecível. *substantivo*
- Saímos muito **tarde**. *advérbio*
- Por favor, não **tarde**. *verbo*
- Ficou **meio** chateada. *advérbio*
- Ficou sem **meios** para se suster. *substantivo*
- Comprou **meia** fruta. *numeral*
- Meus olhos veem **claro**. *advérbio*
- Tinha um **claro** talento. *adjetivo*
- Ficamos num **claro** da floresta. *substantivo*
- Esforço-me **porque** sejas aprovada. *conj. final*
- Estudo **porque** é importante. *conj. causal*
- Não nos disse o **porquê** do problema. *substantivo*
- **Fora** isso, peça-me o que quiser. *preposição*
- Ficou **fora** da casa. *advérbio*
- Ele **fora** para o interior do Estado. *verbo*
- Ela **nada** bem. *verbo*
- Ela não dirá **nada**. *pronome indefinido*
- Isto não é **nada** agradável. *advérbio*
- **O** menino estuda. *artigo*
- Eu **o** considero muito. *pronome oblíquo*
- Já sabemos **o** que sucedeu. *pronome demonstrativo*

1.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (TRT-ES) Assinale o item no qual os prefixos destacados **não** têm o mesmo sentido:

   a) carta **a**nônima – homem **in**capaz
   b) **hemi**sfério sul – raiz **semi**morta

c) nuvem **diá**fana – película **trans**lúcida
d) rua **para**lela – autor **con**temporâneo
e) **perí**metro urbano – área **circun**vizinha

2. (ESAF-MPU) Assinale a opção na qual os componentes destacados das palavras não têm a mesma significação:

a) **hiper**tensão – **super**mercado
b) **a**teu – **an**arquia
c) **bí**pede – **di**ssílabo
d) **anfí**bio – **ambi**destro
e) **ante**por – **anti**aéreo

3. (BB) Assinale a opção em que há erro na explicação da palavra destacada:

a) **heliofobia** – horror à luz do sol
b) **rinalgia** – dor de nariz
c) **xilografia** – arte de gravar em pedra
d) **etnologia** – estudo das raças
e) **misantropia** – aversão à sociedade

4. (FATEC-SP) Nas palavras **poliglota**, **tecnocracia**, **acrópole**, **demagogo** e **geografia** encontramos elementos que têm as seguintes significações, respectivamente:

a) garganta – ciência – cidade – conduzo – terra
b) língua – governo – civilização – enganar – terra
c) muitas – deus – alto – povo – planeta
d) língua – governo – alto – povo – terra
e) muitas – poder – cidade – diabo – tratado

5. (Mackenzie-SP) Assinale a alternativa em que não há relação entre

duas colunas quanto ao significado do prefixo:

a) abdicar = afastamento
b) adjacente = posição em frente
c) antedatar = anterioridade
d) ambidestro = duplicidade
e) biscoito = repetição

6. (FATEC-SP) O prefixo e o sufixo que compõem a palavra **despenteada** encontram similar de sentido em:

a) imaginava
b) deslealdade
c) dissílabo
d) infelicidade
e) impossibilitado

7. (CESGRANRIO-RJ) Assinale o par de vocábulos cujos prefixos apresentam significação equivalente à dos elementos iniciais de **impessoal** e **predeterminado**:

a) amoral – epidérmico
b) antiaéreo – hipertenso
c) disforme – ultrapassado
d) contraindicado – transatlântico
e) desumano – antediluviano

8. (UFRJ) Assinale a alternativa cujo prefixo **sub**- tem o sentido de posteridade:

a) sublinhar
b) subsequente
c) subdesenvolvimento

d) subjacente
e) submisso

9. (Mackenzie-SP) Dentre as alternativas abaixo, assinale aquela em que ocorrem dois prefixos que dão ideia de negação:

a) impune, acéfalo
b) pressupor, ambíguo
c) anarquia, decair
d) importar, soterrar
e) ilegal, refazer

10. (ITA-SP) Considere as seguintes significações:

"nove ângulos" – "governo de poucos"
"som agradável" – "dor de cabeça"
Escolha a alternativa cujas palavras traduzem os significados apresentados acima.

a) pentágono, plutocracia; eufonia, mialgia
b) eneágono, oligarquia; eufonia, cefalalgia
c) nonangular, democracia; cacofonia, dispineia
d) eneágono, aristocracia; sinfonia, cefalalgia
e) hendecágono, monarquia; sonoplastia, cefaleia

GABARITO

1 – D	2 – E	3 – C
4 – D	5 – B	6 – E
7 – E	8 – B	9 – A
10 – B		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter

acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 2

SUBSTANTIVO

2.1 DEFINIÇÃO

É a classe de palavra variável com a qual se denomina os seres em geral.

Aqui, a palavra “ser” precisa ser entendida não só como aquilo que possui uma existência concreta (pedra, homem, carro, lua), mas também como aquilo que possui uma existência imaginária (Saci, fada, Minotauro), abstrata (fé, alegria, tristeza), ou mesmo de comprovação discutível (anjo, alma, inferno).

Por isso, classificam-se como substantivos as coisas, os sentimentos, as qualidades, as ações, os estados considerados em si mesmos.

Observe os primeiros exemplos:

- beleza
- morte
- vida
- vingança
- casamento
- vento
- cobre
- água
- árvore
- sonho
- Terra
- símbolo
- pureza
- revolução
- átomo
- eletricidade
- caderno
- uva

2.2 CARACTERIZAÇÃO DO SUBSTANTIVO

Nem sempre é fácil para um estudante da língua portuguesa identificar com segurança um substantivo. Por isso, para fazê-lo, convém observar duas características fundamentais:

1. O substantivo é uma classe de palavras que geralmente vem acompanhada de outras palavras, as quais a determinam. Daí dizermos que um substantivo frequentemente se encontra acompanhado de determinantes. Funcionam como determinantes "os artigos, os adjetivos, os pronomes adjetivos e os numerais". Logo, quase todas as palavras na língua portuguesa podem ser usadas como substantivos.

   Veja:

- Havia dois **entrevistadores** engraçados que faziam umas **perguntas** bobas.
  determinante *determinantes*
- Alguns **homens** nunca conseguirão implementar mais que três **ideias** ao longo da **vida.**
  determinante *determinantes*
- Não aguentava mais os teus **ais**, as tuas **lamúrias**, os teus "**não-sei-pra--que-isso**".
  determinantes *deteminantes*

2. O substantivo é a classe morfológica que "privativamente" exerce as funções sintáticas de: **sujeito**, **objeto direto**, **objeto indireto**, **complemento nominal**, **agente da passiva**, **aposto** e **vocativo**. Logo, palavras que exercem tais funções serão substantivos ou substantivadas.

   Observe:

- Os noivos disseram "**sim**!" diante de toda a igreja.
  objeto direto = palavra substantivada
- Não viva o **ontem**; procure amar o **hoje**.
  objetos diretos = palavras substantivadas
- Os **feios** também amam.
  sujeito = palavra substantivada
- **Viver** já é, por si só, um presente de Deus.
  sujeito = palavra substantivada
- Ninguém sabe os **porquês** da ausência dele.
  objeto direto = palavra substantivada
- Precisaremos dos **dois** para o nosso projeto.
  objeto indireto = palavra substantivada
- Ao chegar, foi enxotado pela **multidão**.
  agente da passiva = substantivo
- Não tinha precisão do **dinheiro** público.
  complemento nominal = substantivo
- Precisamos muito disto: **paz** na terra entre os homens de boa vontade.
  aposto = substantivo

⇨ Observações importantes:

a) Não confunda um substantivo com uma palavra substantivada. Enquanto esta se encontra exercendo uma função típica do substantivo, aquele é o próprio substantivo por natureza. A palavra "nobre" é um adjetivo por natureza. No entanto, ao dizermos "Os **nobres** sempre dominaram o mundo", temos um adjetivo substantivado, ou seja, uma palavra substantivada, pois ela exerce a função de sujeito e está acompanhada de um determinante.

b) Não se esqueça de que alguns substantivos também podem exercer o papel de "adjetivo" pelo processo de derivação imprópria ou conversão, estudado no capítulo sobre a formação das palavras. Veja:

- O homem-**morcego** sempre foi um sucesso do cinema.
  Substantivo exercendo a função de adjetivo.
- Minha avó sempre dizia que vivia em um mundo **cão**.
  Substantivo exercendo a função de adjetivo.

c) O substantivo, como a maioria das classes morfológicas, pode ser expresso por meio de uma oração, denominada de "**oração substantiva**". Já que o substantivo exerce funções como "sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal", a oração substantiva exercerá também – obviamente – uma dessas funções. Observe:

- Tinha receio de que os juros inviabilizassem seus negócios.
  oração substantiva – complemento nominal
- Sempre aspirou a que todos fossem contemplados com a sorte da loteria.
  oração substantiva – objeto indireto
- Seria fundamental que eles se amassem mais.
  oração substantiva – sujeito
- João argumentou que aquilo fora dito por seu pai há muitos anos.
  oração substantiva – objeto direto

⇨ **Observação:**

Para aprofundar este último ponto, estude, em sintaxe, as orações substantivas.

d) Convém salientar também que é um substantivo o núcleo de boa parte das locuções adjetivas, adverbiais, prepositivas e conjuntivas. Por isso, o substantivo é uma das classes gramaticais mais importantes. Veja:

- à espera de = núcleo de uma locução prepositiva
- casaco de couro = núcleo de uma locução adjetiva
- a fim de que = núcleo de uma locução conjuntiva
- à tarde = núcleo de uma locução adverbial

2.3 CLASSIFICAÇÃO DO SUBSTANTIVO

Os substantivos podem ser classificados em: **concretos, abstratos, próprios, comuns, simples, compostos, primitivos, derivados e coletivos**.

1. **Concretos e abstratos:** Os primeiros indicam os seres que possuem existência própria independente dos demais seres, não importando se são reais ou imaginários. Já os segundos indicam os seres que dependem da existência de outros seres para existirem. Estes últimos indicam qualidades, ações ou estados.

- mesa – faca – lápis – apontador – lua – terra – mar – lampião – fada = são exemplos de substantivos concretos
- pânico – medo – tristeza – bondade – sonho – conhecimento – saudade = são exemplos de substantivos abstratos

2. **Próprios e comuns:** Os próprios designam um ser específico, determinado entre os outros de sua espécie. Já os comuns designam os seres de uma espécie de forma genérica.

- rua – casa – flor – carro – aliança – cidade – rio = são substantivos comuns
- Pedro – Brasil – Nova Iorque – São Francisco – Jesus Cristo = são substantivos próprios

3. **Simples e compostos:** São simples os substantivos formados por um só elemento, um só radical. Já os compostos são constituídos por mais de um radical ou elemento formador.

- terra – fruta – cavalo – pau = são substantivos simples
- terra-cozida – fruta-pão – cavalo-vapor – pau-brasil = são substantivos compostos

4. **Primitivos e derivados:** Os primitivos são aqueles substantivos que não resultam de nenhuma outra palavra preexistente. Já os

derivados, como o próprio nome já o denuncia, são os substantivos oriundos de outras palavras, ditas primitivas.

- terra – pedra – mar – luz – folha = são substantivos primitivos
- terraplanagem – pedreira – maremoto – luzeiro – folhagem = são substantivos derivados

5. **Coletivos:** São os substantivos que, no singular, indicam uma coleção, um agrupamento, um conjunto de seres da mesma espécie. Observe abaixo uma tabela com os principais coletivos:

academia	de literatos, de artistas, de sábios etc.
acervo	de bens patrimoniais, de obras de arte etc.
álbum	de fotografias, de selos
alcateia	de lobos
antologia	de trechos literários
armada	de navios de guerra
arquipélago	de ilhas
assembleia	de pessoas reunidas
associação	de pessoas reunidas sob o mesmo estatuto
atilho	de espigas de milho
atlas	de mapas
bagagem	de objetos de viagem
baixela	de utensílios de mesa
banca	de examinadores
bandeira	de garimpeiros, de exploradores
bando	de crianças, de aves, de ciganos etc.
baralho	de cartas
batalhão	de soldados

bateria	de peças de artilharia, de utensílios de cozinha
biblioteca	de livros
boiada	de bois
brigada	de pessoas voltas para a execução de um serviço
cabido	de cônegos de uma catedral
cacaria	de cacos
cacho	de uvas, de bananas etc.
cáfila	de camelos
câmara	de deputados
cambada	de vadios, de malvados etc.
capoeira	de aves, de mato
caravana	de viajantes, de peregrinos, de mercadorias etc.
cardume	de peixes
cartuchame	de cartuchos
catálogo	de livros, de plantas, de objetos para a venda etc.
choldra	de malfeitores, de desordeiros, de pessoas ordinárias etc.
chusma	de gente, de criados, de papéis
clientela	de clientes
código	de leis reunidas
coleção	de livros, de poesias, de selos etc.
coletânea	de objetos reunidos
coligação	de pessoas, de organizações
colmeia	de cortiços de abelhas
comboio	de meios de transporte, de animais etc
conciliábulo	de feiticeiros

concílio	de bispos, de prelados, de pastores
conclave	de cardeais
confederação	de estados
confraria	de pessoas religiosas reunidas
congregação	de professores, de membros de uma determinada religião
congresso	de sábios, de diplomatas, de deputados
conselho	de ministros, de professores
constelação	de estrelas
cordilheira	de montanhas
corja	de canalhas, de vadios, de malfeitores
coro	de pessoas reunidas para cantar
discoteca	de discos
doutrina	de conhecimentos
elenco	de atores, de artistas
enxoval	de roupas e adornos
esquadra	de navios
fato	de cabras
fauna	de animais de uma região
feixe	de lenha, de capim, de varas
fornada	de pães, de tijolos etc.
frotas	de navios, de ônibus etc.
galeria	de quadros, de estátuas
grei	de fiéis reunidos
grêmio	de intelectuais, de artistas etc.
irmandade	de membros de associações religiosas

júri	de jurados
legião	de soldados, de anjos, de demônios
lustro	de cinco anos
maço	de papéis, de cartas, de cigarros
manada	de bois, de elefantes etc.
maquinaria	de máquinas
matilha	de cães
miríade	de insetos
molho	de chaves, de capim
ninhada	de filhotes de aves
nuvem	de gafanhotos, de mosquitos etc.
orquestra	de músicos
parlamento	de casas legislativas
patrulha	de soldados em ronda
penca	de bananas, de uvas, de laranjas
petrecho	de armamentos
pilha	de livros, de moedas, de pratos
pinacoteca	de quadros, de telas
piquete	de grevistas
plêiade	de grupo de homens sábios, célebres
prole	de filhos de um casal
quadrilha	de ladrões, de bandidos
ralé	de pessoas ordinárias
ramalhete	de flores
rancho	de soldados, de trabalhadores, de gente

rebanho	de ovelhas, de cabras
renque	de coisas ou pessoas na mesma linha
repertório	de peças teatrais, de músicas
resma	de papel (quinhentas folhas)
réstia	de cebola, de alho
revoada	de aves
rol ou ror	de pessoas, de testemunhas
seleta	de trechos literários escolhidos
sínodo	de párocos, de religiosos reunidos
súcia	de velhacos, de patifes
tripulação	de tripulantes de um navio, de um avião
tropel	de cavaleiros
tropilha	de cavalos
trouxa	de roupas
turma	de estudantes, de trabalhadores etc.
vara	de porcos
viveiro	de aves, de plantas

⇨ Algumas observações sobre os substantivos coletivos:

a) É importante frisar que os substantivos coletivos podem ser **específicos (determinados)** ou **genéricos (indeterminados)**. Dizer, por exemplo, “ramalhete de flores”, “cardume de peixes”, “esquadra de navios” consiste numa redundância, pois os coletivos aqui usados se referem – especificamente – a “flores, peixes e navios”, respectivamente. Por outro lado, não se comete redundância quando se criam especificações para coletivos do tipo “grupo, bando,

congresso, coleção", uma vez que estes podem ser utilizados para indicar mais de um ser. Por isso, os primeiros são denominados de específicos e os segundos de genéricos. Veja:

- O **grupo** de estudantes deixou a sala.
- Um **grupo** de deputados inspecionará a obra.
- Um **bando** de aves sobrevoa a cidade.
- Um **bando** de ladrões assaltou um banco hoje pela manhã.
- A **coleção** de selos foi furtada.
- A **coleção** de poesias do Mário impressiona a todos.

⇨ **Observação:**

Nestes exemplos, os substantivos "grupo, bando e coleção" requereram especificações por se tratar de coletivos inespecíficos ou genéricos.

b) Quando se trata de coletivos genéricos ou inespecíficos, a concordância do verbo pode-se dar tanto com o núcleo do termo quanto com a sua especificação.

- Uma equipe de jogadores — auxiliará / ou / auxiliarão — os trabalhos de seleção dos melhores atletas da escola.

) Os substantivos "parte, metade, maioria, minoria", que designam fração de um todo, são denominados de "coletivos partitivos"; distinguem-se, portanto, dos outros denominados de "coletivos gerais".

) Há coletivos que são denominados de numéricos, pois representam quantidades numéricas exatas. Exemplos:

- **par** → conjunto com dois elementos
- **dúzia** → conjunto de doze elementos
- **lustro** → período de cinco anos
- **milhar** → conjunto de mil coisas
- **novênio** → período de nove anos
- **semestre** → período de seis meses
- **sextilha** → estrofe de seis versos
- **trezena** → período de treze dias
- **tríade** → grupo de três pessoas
- **trindade** → reunião de três pessoas
- **septênio** → período de sete anos
- **quinquídio** → período de cinco dias
- **semana** → período de sete dias
- **quindênio** → período de quinze dias
- **cento** → conjunto com cem elementos
- **terceto** → estrofe de três versos / reunião de três pessoas

) Muitos coletivos são formados pelo processo de sufixação. Eis abaixo os sufixos mais comuns para a formação de coletivos.

- **-ada** → boiada, manada, brigada
- **-agem** → folhagem, carruagem
- **-alha** → parentalha, clericalha
- **-al** → cabedal, bananal
- **-ama** → dinheirama, boiama
- **-ame** → cordame, enxame
- **-aria** → livraria, artilharia
- **-dade** → cristandade, diversidade
- **-eiro** → formigueiro, abelheiro
- **-edo** → arvoredo, vinhedo

2.4 FLEXÕES DOS SUBSTANTIVOS

Como palavras variáveis que são, os substantivos se flexionam em: **gênero**, **número** e **grau**.

2.4.1 FLEXÕES DE GÊNERO

Em primeiro lugar, é importante dizer que o gênero é uma classificação puramente gramatical. Segundo o gênero, os substantivos são agrupados em **masculinos** e **femininos**.

Em tese, são masculinos todos os substantivos aos quais se pode

antepor o artigo definido masculino “o(s)”. Por outro lado, são femininos todos os que admitem o artigo definido feminino “a(s)”.

São masculinos	São femininos
o cordão – os sapatos – os lençóis – o azeite	a fralda – a sandália – a leoa – a patroa – a câmera
o cidadão – o ator – o imperador – o compadre	a internet – a libélula – a freira – a mãe – a dama

2.4.1.1 Formação do feminino

2.4.1.1.1 Substantivos biformes

A maioria dos substantivos na língua portuguesa apresenta formas distintas para o masculino e para o feminino – são denominados de “**BIFORMES**”. Para os substantivos desse grupo, o feminino geralmente se forma a partir da(o):

) Mudança da terminação “-o” por “-a”:

- filho → filha
- aluno → aluna
- menino → menina
- garoto → garota
- aluno → aluna

) Mudança da terminação “-e” por “-a”:

- elefante → elefanta
- monge → monja
- parente → parenta
- mestre → mestra
- presidente → presidenta

) Mudança das terminações “-e” e “-a” por “-essa, -esa, -isa”.

- sacerdote → sacerdotisa
- diácono → diaconisa
- barão → baronesa
- abade → abadessa
- príncipe → princesa
- profeta → profetisa
- conde → condessa
- prior → prioresa

) Mudança da terminação “-ão” por “-ã, -oa, -ona”.

- alemão → alemã
- irmão → irmã
- leitão → leitoa
- valentão → valentona
- chorão → chorona
- patrão → patroa
- cidadão → cidadã
- santarrão → santarrona

Exceções:

- barão → baronesa
- sultão → sultana
- ladrão → ladra
- cão → cadela

) Mudança da terminação “-eu” por “-eia”:

- europeu → europeia
- plebeu → plebeia

- ateu → ateia
- hebreu → hebreia
- pigmeu → pigmeia

⇨ **Observação:**

Há substantivos que não seguem esta regra: réu → ré; judeu → judia; ilhéu → ilhoa.

) **Acréscimo da terminação "-a" aos substantivos terminados em "-es, -or, -z, -s, -l":**

- camponês → camponesa
- juiz → juíza
- cantor → cantora
- escritor → escritora
- bacharel → bacharela

) **Acréscimo da terminação "-triz" a certos substantivos terminados em "-or":**

- embaixador → embaixatriz
- imperador → imperatriz
- cantor → cantatriz
- ator → atriz
- genitor → genetriz

⇨ **Observação:**

Admitem-se também os femininos "cantora" e "genitora" – bem mais usuais no português contemporâneo – para os substantivos "cantor" e "genitor", respectivamente.

) Acréscimo da terminação "-ina" a certos substantivos como:

- herói → heroína
- czar → czarina
- felá → felaína

⇨ Observação:

Inúmeros são os procedimentos para a formação do feminino na língua portuguesa, e não há uma regra que consiga abarcar todas as situações. Daí a quantidade exorbitante de substantivos os quais possuem formas totalmente diferentes para indicar o masculino e o feminino. Estes substantivos são denominados de "heterônimos". Segue abaixo uma lista sucinta de tais substantivos (também denominados de "**biformes**", diga-se por conveniência) e seus respectivos femininos.

MASCULINO	FEMININO
caxaréu	baleia
bispo	episcopisa
bode	cabra
boi	vaca
burro	besta, mula
cão	cadela
capitão	capitã
cavaleiro	amazona
cavalheiro	dama
cavalo	égua
compadre	comadre
cônego	canonisa, cônega
confrade	confreira

dom	dona
embaixador	embaixadora (funcionária)
embaixador	embaixatriz (esposa do embaixador)
ermitão	ermitoa
frade	freira
frei	sóror ou soror
galo	galinha
general	generala
genro	nora
homem	mulher
jabuti	jabota
javali	javalina
marajá	marani
pacuçu	paca
padrasto	madrasta
padre	madre
padrinho	madrinha
pai	mãe
pardal	pardoca ou pardaloca
parvo	parva
patriarca	matriarca
perdigão	perdiz
prior	prioresa ou priora
rajá	rani
sandeu	sandia

tritão	sereia
tabaréu	tabaroa
varão	varoa ou virago
veado	veada, cerva
zangão	abelha

2.4.1.1.2 Substantivos uniformes

Um outro grande grupo de substantivos possui apenas uma única forma gráfica para designar tanto o masculino quanto o feminino – são os denominados de **UNIFORMES**. Dividem-se em:

) **Sobrecomuns** – são substantivos que possuem uma única forma para o masculino e para o feminino. Até o artigo que acompanha estes substantivos é comum aos dois gêneros.

- o monstro
- o cadáver
- a criança
- o sujeito
- o defunto
- o ídolo
- o cônjuge
- o carrasco
- a pessoa
- a vítima
- o membro
- a criatura
- o esqueleto
- a testemunha

) **Comuns de dois gêneros** – são substantivos que possuem uma única forma gráfica para os dois gêneros, mas se faz a distinção do masculino e do feminino pela utilização de artigos “o, a, os, as, um, uns, uma, umas”.

- o/a cliente
- o/a acrobata
- o/a diplomata
- o/a estudante
- o/a artista
- o/a agente
- o/a agiota
- o/a pajem
- o/a nubente
- o/a pedinte
- o/a jornalista
- o/a homicida
- o/a ouvinte
- o/a servente
- o/a motorista
- o/a dentista
- o/a gerente
- o/a jovem
- o/a selvagem
- o/a colega

) **Epicenos** – são substantivos relativos a animais que possuem uma única forma para designar o masculino e o feminino. A distinção entre os sexos se dará pelo acréscimo das palavras “macho” e “fêmea”.

- a cobra macho / a cobra fêmea
- a pulga macho / a pulga fêmea
- a águia macho / a águia fêmea
- o tatu macho / o tatu fêmea
- o crocodilo macho / o crocodilo fêmea
- a borboleta macho / a borboleta fêmea
- o jacaré macho / o jacaré fêmea
- a minhoca macho / a minhoca fêmea

2.4.1.2 Oposição entre o gênero e o sentido

Muitos substantivos mudam de sentido quando têm seu gênero alterado. Diz-se, então, que houve um gênero aparente, já que a outra forma não representa o sexo oposto, mas uma palavra com um significado totalmente diferente do significado da primeira. Observe:

o língua (o intérprete)	**a língua** (órgão do corpo humano)
o caixa (funcionário)	**a caixa** (receptáculo)
o razão (livro mercantil)	**a razão** (faculdade intelectual)
o guarda (policial)	**a guarda** (corporação, proteção, cuidado)
o capital (dinheiro)	**a capital** (cidade sede de governo)
o cisma (separação)	**a cisma** (dúvida)
o vogal (representante)	**a vogal** (letra)
o guia (orientador, pessoa que guia)	**a guia** (documento, correia comprida)
o cura (padre)	**a cura** (restabelecimento da saúde)
o lotação (veículo)	**a lotação** (capacidade)
o moral (ânimo, estado de espírito)	**a moral** (ética, princípios)
o rádio (aparelho)	**a rádio** (estação, emissora)
o crisma (óleo usado em sacramentos)	**a crisma** (sacramento da confirmação)
o águia (pessoa esperta)	**a águia** (ave)

o banana (pessoa mole, palerma)	**a banana** (fruta)
o cabra (pessoa valente)	**a cabra** (animal)
o polícia (policial)	**a polícia** (corporação)
o grama (unidade de peso)	**a grama** (relva)
o estepe (pneu sobressalente)	**a estepe** (vegetação)
o nascente (ponto cardeal leste)	**a nascente** (fonte de água)

2.4.1.3 Mudança de gênero por elipse

Alguns substantivos indicativos de lugares (topônimos) mudam de gênero quando, por metonímia, passam a designar os produtos desses lugares.

Como termos geográficos, esses substantivos são femininos. Ao designar os produtos oriundos de tais lugares, tornam-se nomes comuns masculinos. Um bom exemplo ocorreu com o vocábulo "champagne", que originalmente designa a região da França produtora de bons vinhos espumantes. Hoje, não há quem nunca tenha tomado "**um** champanhe", ou seja, "um **vinho** champanhe". Nestes casos, existe, na verdade, a elipse de um substantivo masculino entre o artigo e o substantivo topônimo. Observe outros casos:

- **Moca** (cidade da Arábia) → **o moca** (tipo de café proveniente da cidade de Moca)
- **Madeira** (ilha situada em Portugal) → **o madeira** (vinho proveniente da ilha Madeira)
- **Borgonha** (região situada na França) → **o borgonha** (vinho produzido na região da Borgonha)
- **Málaga** (região situada na Espanha) → **o málaga** (vinho produzido na região de Málaga)
- **Terra-Nova** (ilha situada no Canadá) → **o terra-nova** (cão oriundo da ilha de Terra-Nova)
- **Holanda** (país situado na Europa) → **o holanda** (fino tecido proveniente da

Holanda)

- **Nanquim** (cidade da China) → **o nanquim** (pigmento negro para colorir criado na cidade de Nanquim)
- **Angorá** (antiga cidade da Turquia) → **o angorá** (espécie de gato oriundo da cidade de Angorá – hoje "Ancara")

2.4.1.4 Gênero de alguns substantivos

Há vários substantivos na língua portuguesa que frequentemente suscitam dúvidas quanto ao gênero. Por isso, é bom ficar atento, pois:

) São masculinos

- o apêndice
- o alvará
- o aneurisma
- o champanha
- o charque (carne-seca, jabá)
- o clã
- o cônjuge
- o cós
- o delta
- o dó (pena; nota musical)
- o eclipse
- o estratagema
- o formicida
- o guaraná
- o herpes
- o lança-perfume
- o magazine
- o matiz
- o plasma
- o telefonema
- o tracoma
- o cabo (soldado; rabo, cauda)
- o magma
- o pernoite
- o praça (soldado)
- o proclama (anúncio)

) São femininos

- a abusão (engano, erro)
- a fruta-pão

- a dinamite
- a acne
- a áspide (serpente)
- a omelete
- a omoplata
- a agravante (circunstância)
- a alface
- a apendicite
- a aguardente
- a cal
- a faringe
- a libido
- a entorse
- a pane
- a mascote
- a gênese
- a couve-flor
- a derme
- a echarpe (agasalho, adorno)
- a ênfase
- a comichão
- a ferrugem
- a matinê
- a sentinela
- a filoxera (tipo de inseto)

2.4.1.4.1 Substantivos que são masculinos ou femininos indistintamente

São substantivos bastante usuais e que podem ser usados tanto como femininos quanto como masculinos.

- o/a sabiá (ave)
- o/a xérox
- o/a tapa
- o/a cataplasma
- a/o usucapião
- o/a ilhós
- o/a suéter
- o/a diabete (ou diabetes)
- o/a laringe

⇨ Observações gerais sobre o gênero dos substantivos:

a) O substantivo “personagem” tanto pode ser usado no feminino “a personagem” quanto no masculino “o personagem”.

b) Os substantivos “modelo” e “manequim”, referindo-se às pessoas que posam em público, têm sido usados na língua contemporânea como substantivos comuns de dois gêneros. A distinção de gênero, portanto, dar-se-á pelo determinante – geralmente o artigo – que acompanha tais palavras. Diz-se, então, “o modelo”

para o homem e “a modelo” para a mulher.

c) Alguns substantivos que designam patentes militares como “*general*, *coronel*, *tenente*, *sargento*, *soldado*” apresentam as formas femininas “*generala*, *coronela*, *tenenta*, *sargenta*, *soldada*”, embora sejam estas bastante preteridas na esfera militar, preferindo-se usar tais substantivos como se fossem comuns de dois gêneros “o/a general, o/a coronel, o/a tenente, o/a sargento, o/a soldado”. As patentes “major e cabo” só existem sob a forma masculina.

d) O substantivo “*chefe*” apresenta a forma feminina “*chefa*”. Entretanto, é preferível empregar-se “chefe” como substantivo comum de dois gêneros (o chefe / a chefe) pelo fato de a forma “chefa” trazer consigo certa dose de informalidade.

2.4.2 FLEXÕES DE NÚMERO

O número é capacidade que possuem alguns nomes de indicar um ou mais seres ou coisas. Como o gênero, a flexão de número é uma categoria gramatical. Em português, existem dois números gramaticais: o singular e o plural. O primeiro indica um ser ou um grupo de seres (flor, soldado, avião, ramalhete, exército, esquadrilha); já o segundo, indica mais de um ser ou grupo de seres (flores, soldados, aviões, ramalhetes, exércitos etc.).

2.4.2.1 Regras para a formação do plural dos substantivos

1. Em geral, os substantivos formam o plural com o acréscimo da desinência “-s” ao singular. Isso frequentemente ocorre com os substantivos terminados em vogal ou em ditongo:

- casa → casas
- janela → janelas
- pé → pés
- prédio → prédios
- menino → meninos
- livro → livros
- braço → braços
- gramática → gramáticas
- escola → escolas

- mãe → mães
- porta → portas
- estrada → estradas
- rei → reis
- pai → pais
- herói → heróis

2. Os substantivos terminados em "-ão" fazem o plural de três maneiras:

) Alguns simplesmente seguem a regra geral e acrescentam "-s" ao "-ão":

- mão → mãos
- cristão → cristãos
- grão → grãos
- chão → chãos
- irmão → irmãos
- vão → vãos
- pagão → pagãos
- desvão → desvãos
- bênção → bênçãos
- órgão → órgãos
- sótão → sótãos
- cidadão → cidadãos

) Outros trocam o "-ão" por "-ães":

- escrivão → escrivães
- pão → pães
- cão → cães
- capitão → capitães
- alemão → alemães
- tabelião → tabeliães
- capelão → capelães
- afegão → afegães

) Um grande grupo troca o "-ão" por "-ões":

- leão → leões
- limão → limões
- balão → balões
- caixão → caixões
- mamão → mamões
- botão → botões
- canhão → canhões
- nação → nações
- opinião → opiniões
- fração → frações
- coração → corações
- canção → canções
- gavião → gaviões
- anão → anões
- folião → foliões

⇨ Observações:

a) Essas diversas variações para o plural ocorrem em virtude da etimologia das palavras.

b) Alguns substantivos terminados em "-ão" apresentam mais de uma forma para o plural. Observe abaixo:

- aldeão → adeãos e aldeões
- ancião → anciãos, anciães e anciões
- guardião → guardiães e guardiões
- verão → verãos e verões
- cirurgião → cirurgiões e cirurgiães
- anão → anãos e anões
- castelão → castelãos e castelões
- sultão → sultães e sultões
- vilão → vilãos, vilões e vilães
- vulcão → vulcãos e vulcões

3. Os substantivos terminados em "-r, e -z" formam o plural com o acréscimo da terminação "-es", uma vez que a língua não aceita as terminações "-rs e -zs".

- flor → flores
- gravidez → gravidezes
- giz → gizes
- colher → colheres
- faquir → faquires
- cateter → cateteres
- juiz → juízes
- arroz → arrozes
- andar → andares
- dólar → dólares
- colar → colares
- ureter → ureteres
- amor → amores
- mulher → mulheres
- raiz → raízes
- clamor → clamores
- cruz → cruzes

⇨ **Observação:**

Os substantivos "caráter", "júnior" e "sênior" fazem os plurais "caracteres", "juniores" e "seniores", respectivamente, com deslocamento do acento tônico.

4. Os substantivos terminados em "-n" fazem o plural tanto com o acréscimo de "-es" quanto com o acréscimo de "-s".

- próton → prótones ou prótons
- nêutron → nêutrones ou nêutrons

- hífen → hífenes ou hifens
- líquen → líquenes ou liquens
- abdômen → abdômenes ou abdômens
- elétron → elétrones ou elétrons

⇨ **Observação:**

Os substantivos “pólen” e “cânon” fazem os plurais “polens” e “cânones”, respectivamente.

5. Os substantivos terminados em “-al, -el, -ol e -ul” trocam o “l” por “is”. Observe:

- anel → anéis
- anzol → anzóis
- pastel → pastéis
- farol → faróis
- metal → metais
- laranjal → laranjais
- paul → pauis
- tribunal → tribunais
- canal → canais

⇨ **Observações:**

a) Nos substantivos “cônsul” e “mal”, a consoante “l” permaneceu intervocálica no plural, daí as formas “cônsules” e “males” para os respectivos plurais.

b) O substantivo “mel” faz os plurais “meles” ou “méis”, assim como “mol” faz os plurais “mols” ou “moles”.

6. Os substantivos terminados em “-il” formam o plural de acordo com duas regras:

) Se for oxítono, trocará o “-il” por “is”:

- anil → anis
- perfil → perfis
- fuzil → fuzis
- funil → funis
- quadril → quadris
- canil → canis
- barril → barris
- cantil → cantis

) **Se for paroxítono, trocará o “-il” por “-eis”:**

- fóssil → fósseis
- réptil → répteis
- projétil → projéteis
- têxtil → têxteis
- míssil → mísseis
- tâmil → tâmeis

⇨ **Observação:**

Em virtude da dupla prosódia dos substantivos “réptil – reptil” e “projétil – projetil”, admitem-se os respectivos plurais “répteis – reptis” e “projéteis – projetis”.

7. Os substantivos terminados em “-m” trocam esta letra por “-ns”. Veja:

- fim → fins
- jardim → jardins
- vintém → vinténs
- bombom → bombons
- som → sons
- refém → reféns
- jejum → jejuns
- bebum → bebuns
- amém → améns

8. Os substantivos terminados em “-s” fazem o plural segundo duas regras:

) **Os monossílabos e os oxítonos recebem “-es”:**

- gás → gases
- rês → reses
- mês → meses
- deus → deuses
- revés → reveses
- burguês → burgueses
- português → portugueses
- cós → coses
- chinês → chineses

) **Os paroxítonos e os proparoxítonos terminados em “-s” são invariáveis:**

- o pires → os pires
- o ônibus → os ônibus
- o lápis → os lápis

- o tênis → os tênis
- o vírus → os vírus
- o ourives → os ourives
- o oásis → os oásis
- o alferes → os alferes
- o ônus → os ônus

9. Os substantivos terminados em "-x" são invariáveis.

- o tórax → os tórax
- o ônix → os ônix
- a fênix → as fênix
- uma xérox → duas xérox
- o látex → os látex

⇨ **Observação:**

Alguns substantivos monossilábicos terminados em "-x", entretanto, admitem também, para a formação do plural, o acréscimo da terminação "-es". É o caso de:

- o fax → os fax ou faxes
- o sax → os sax ou saxes
- o flox → os flox ou floxes
- o fox → os fox ou foxes

2.4.2.1.1 Particularidades sobre o plural dos substantivos

1. Alguns substantivos mudam o timbre da vogal tônica de (ô – fechado) para (ó – aberto) quando postos no plural. É o que se denomina de plural metafônico ou plural com metafonia. Veja alguns exemplos:

(ô) – fechado no singular	(ó) – aberto no plural
caroço	caroços
coro	coros
despojo	despojos
destroço	destroços
foro	foros
fosso	fossos
imposto	impostos

jogo	jogos
miolo	miolos
olho	olhos
osso	ossos
ovo	ovos
poço	poços
posto	postos
povo	povos
reforço	reforços
socorro	socorros
tijolo	tijolos
torto	tortos
troço	troços

Outros substantivos, porém, permanecem com o (ô) fechado quando vão para o plural. Veja:

(ô) – fechado no singular	(ô) – fechado no plural
abono	abonos
bolo	bolos
bolso	bolsos
cachorro	cachorros
coco	cocos
dono	donos
dorso	dorsos
encosto	encostos
esposo	esposos

gozo	gozos
lobo	lobos
logro	logros
morro	morros
piolho	piolhos
polvo	polvos
repolho	repolhos
rosto	rostos
sogro	sogros
toldo	toldos

2. Alguns substantivos, quando postos no plural, sofrem alteração semântica, ou seja, mudam o sentido. Observe:

- bem (virtude) → bens (capital, posses)
- ar (atmosfera) → ares (aparência, condições do clima)
- gênero (conjunto) → gêneros (alimentos)
- féria (remuneração) → férias (descanso)
- lua (satélite) → luas (semanas)
- honra (dignidade) → honras (homenagens, título)
- vergonha (humilhação) → vergonhas (órgãos sexuais)
- amor (sentimento) → amores (relações amorosas)

3. Há substantivos que só existem na forma "plural". Veja alguns exemplos:

- as fezes
- as cãs
- as cócegas
- os Alpes
- as calendas
- os óculos
- os pêsames
- os víveres
- as condolências
- as alvíssaras
- os anais
- as olheiras

- os parabéns
- as exéquias
- os arredores
- os Pirineus
- as cercanias
- as núpcias
- os Andes
- as Belas Artes

4. Os nomes de pessoas, os numerais e as letras do alfabeto fazem, geralmente, o plural com o acréscimo do morfema "-s" – obviamente quando se prestam a esta regra. Veja:

- Ele jamais passará na prova dos noves.
- Lá, na festa, encontrarás os Antônios, os Andrés, os Joões, os Junqueiras e tantos outros mais.
- Jamais escreverás corretamente se não conheceres bem os "as", os "bês", os "cês" que compõem as palavras.

⇨ **Observação:**

Os numerais terminados em "-s" e em "-z" são invariáveis. Ex.: dois, dez, três, seis etc.

5. Em geral os substantivos apresentam tanto o feminino quanto o masculino. Este é o princípio básico. Entretanto, alguns substantivos são, na prática, usados, em quase todos os seus empregos, no singular, embora apresentem flexão de plural como a maioria dos substantivos. Isso ocorre particularmente com:

a) **substantivos que designam metais:** ouro, prata, ferro, mercúrio, alumínio, cobre.

b) **substantivos que designam produtos animais e vegetais:** leite, mel, açúcar, lã, vinho, arroz.

c) **substantivos que designam artes e ciências:** Budismo, Cristianismo, Lógica, Socialismo, Aritmética.

d) **alguns substantivos abstratos que exprimem virtude ou vício:** preguiça, caridade, confiança, leviandade, liberdade.

2.4.2.2 Plural dos substantivos compostos

Os substantivos compostos apresentam um vasto conjunto de regras especiais para a formação de seus plurais. Vários substantivos fogem das orientações abaixo e apresentam uma forma própria, particular para o seu plural. Por isso, apresentaremos a seguir as regras mais comuns para a flexão de número de tais nomes compostos.

1.ª regra: Substantivos compostos formados por palavras variáveis quanto ao número → ambas as palavras devem ir para o plural. As palavras que formam o composto devem, portanto, ser analisadas se, isoladamente, são suscetíveis de ir para o plural.

- couve-flor (substantivo + substantivo) → couves-flores
- terça-feira (numeral + substantivo) → terças-feiras
- amor-perfeito (substantivo + adjetivo) → amores-perfeitos
- salvo-conduto (adjetivo + substantivo) → salvos-condutos
- ponta-direita (substantivo + adjetivo) → pontas-direitas
- chave-mestra (substantivo + substantivo) → chaves-mestras
- guarda-noturno (substantivo + adjetivo) → guardas-noturnos
- má-língua (adjetivo + substantivo) → más-línguas
- capitão-mor (substantivo + adjetivo) → capitães-mores
- pai-nosso (substantivo + pronome) → pais-nossos
- cirurgião-dentista (substantivo + adjetivo) → cirurgiões-dentistas

2.ª regra: Substantivos compostos formados por palavra invariável mais uma palavra variável → só o segundo elemento deverá ir para o plural.

- abaixo-assinado (advérbio + particípio na função de adjetivo) → abaixo-assinados
- quebra-mar (verbo + substantivo) → quebra-mares
- ave-maria (interjeição + substantivo) → ave-marias

- vice-cônsul (prefixo + substantivo) → vice-cônsules
- infraestrutura (prefixo + substantivo) → infraestruturas
- beija-flor (verbo + substantivo) → beija-flores
- salve-rainha (interjeição + substantivo) → salve-rainhas
- ultrassom (prefixo + substantivo) → ultrassons

3.ª regra: Substantivos compostos unidos por preposição → só o primeiro elemento varia.

- pé de moleque → pés de moleque
- mula sem cabeça → mulas sem cabeça
- pimenta-do-reino → pimentas-do-reino
- amigo da onça → amigos da onça
- joão-de-barro → joões-de-barro
- pôr do sol → pores do sol
- pau a pique → paus a pique
- ama de leite → amas de leite

4.ª regra: Substantivos compostos em que o segundo elemento delimita o primeiro → só o primeiro elemento varia.

- navio-escola → navios-escola
- banana-maçã → bananas-maçã
- caneta-tinteiro → canetas-tinteiro
- erva-mate → ervas-mate
- salário-família → salários-família
- peixe-boi → peixes-boi
- pau-brasil → paus-brasil
- pombo-correio → pombos-correio
- escola-modelo → escolas-modelo

⇨ **Observação:**

Por se tratar de substantivos compostos formados por palavras variáveis, admite-se também que os compostos acima variem ambos os elementos. Portanto:

- navio-escola → navios-escola ou navios-escolas
- peixe-boi → peixes-boi ou peixes-bois
- pau-brasil → paus-brasil ou paus-brasis

- fruta-pão → frutas-pão ou frutas-pães

5.ª regra: Substantivos compostos formados por palavras repetidas ou palavras onomatopaicas (reprodução de sons das coisas, dos animais) → só o segundo elemento se flexiona.

- reco-reco → reco-recos
- ruge-ruge → ruge-ruges
- corre-corre → corre-corres
- pife-pafe → pife-pafes
- quero-quero → quero-queros
- pisca-pisca → pisca-piscas
- tico-tico → tico-ticos
- bem-me-quer → bem-me-queres
- bem-te-vi → bem-te-vis
- pega-pega → pega-pegas

⇨ **Observações:**

) Quando as palavras repetidas forem verbos, também é lícita a flexão dos dois elementos.

- pisca-pisca → pisca-piscas ou piscas-piscas
- pega-pega → pega-pegas ou pegas-pegas
- corre-corre → corre-corres ou corres-corres

b) São invariáveis os substantivos compostos formados por verbos de sentidos opostos, embora alguns dicionaristas mais modernos insistam em flexionar o último elemento.

- o leva e traz → os leva e traz
- o vai-volta → os vai-volta
- o perde-ganha → os perde-ganha

6.ª regra: Substantivos compostos em que o primeiro elemento for uma das formas "**grão**, **grã**, **ex-**, **dom**, **são** e **bel**" → só o segundo elemento se flexiona.

- grão-duque → grão-duques
- grã-cruz → grã-cruzes
- grão-mestre → grão-mestres
- bel-prazer → bel-prazeres

- dom-basiliano → dom-basilianos
- ex-voto → ex-votos
- são-bento → são-bentos
- são-bernardo → são-bernardos

7.ª regra: São substantivos compostos invariáveis:

- o louva-a-deus → os louva-a-deus (invariável)
- o saca-rolhas → os saca-rolhas (invariável)
- o arco-íris → os arco-íris (invariável)
- o maria vai com as outras → os maria vai com as outras (invariável)

2.4.3 FLEXÕES DE GRAU

Como sabemos, o substantivo é uma classe gramatical que designa os seres em geral. Os seres designados podem se apresentar em tamanhos diversos. À propriedade dos substantivos de indicar a dimensão dos seres dá-se o nome de "flexão de grau". Em português, há duas flexões de grau: o **aumentativo** e o **diminutivo**. Essas flexões tanto podem ser obtidas com a utilização de sufixos (forma sintética) quanto com a utilização de adjetivos (forma analítica). Estudaremos primeiramente a formação do grau com a utilização de sufixos e prefixos.

1. **Grau aumentativo:** o substantivo se apresenta em tamanho aumentado. Geralmente são utilizados os sufixos "-ão, -arão, -arrão, -zarrão, -eirão, -alhão, -gão". Ex.:

- buraco → buracão
- vaga → vagalhão
- pé → pezão
- amigo → amigão
- casa → casarão
- homem → homenzarrão
- capa → capeirão
- lamaçal → lamarão
- nariz → narigão
- chapéu → chapeirão
- bobo → bobalhão
- dedo → dedão

Há, entretanto, inúmeros substantivos que usam sufixos especiais para a formação do grau aumentativo. Abaixo apresentaremos alguns desses substantivos:

Sufixos	Exemplos
-aça	barcaça, barbaça
-alha	fornalha, muralha
-eirão	vozeirão, boqueirão
-ázio	copázio, balázio
-ona	barrigona, pernona
-orra	cabeçorra, beiçorra
-uça	vinhuça, dentuça
-anha	bocanha, campanha
-eira	fogueira, canseira

2. **Grau diminutivo:** o substantivo se apresenta em tamanho reduzido, diminuto. Para a formação deste grau, sinteticamente, utilizam-se também uma série de sufixos. Os mais usuais são:

Sufixos	Exemplos
-ebre	casebre
-acho	riacho, populacho
-culo	ossículo, corpúsculo
-eco	livreco, boteco
-ete	filete, filmete
-inho	filhinho, galinho
-ita	pedrita, cabrita
-ito	cãozito
-isco	chuvisco, ladrisco
-ola	sacola, rapazola
-ico	burrico, cuvico

-ica	pelica, fraldica
-ilha	presilha, flotilha
-ejo	lugarejo, papelejo
-im	espadim, pistolim
-ulo	glóbulo, nódulo
-eto	folheto, jardineto
-eta	caixeta, abeta
-ote	velhote, caixote

⇨ Observações:

a) Tanto o grau aumentativo quanto o diminutivo apresentam uma forma analítica, feita geralmente com o auxílio dos adjetivos "grande, enorme, imenso e adjetivos semelhantes" e "pequeno, minúsculo e adjetivos semelhantes" respectivamente.

b) Nem sempre o aumentativo e o diminutivo mostram o aumento e a diminuição de um ser. A utilização dos sufixos próprios para o aumentativo e para o diminutivo também pode indicar "desprezo, desproporção, pejoração, grosseria". Observe:

- Era considerada pela cidade como uma mulherzinha. (= mulher ordinária)
- Os silvas eram uma gentalha. (= gente de classe social baixa)
- Era um professorzinho! (= professor qualquer, sem qualificação)
- Aquele padreco era um grande santarrão. (= padre sem valor; falso devoto)

c) Muitos diminutivos são usados para indicar "afetividade, aproximação, carinho". É o caso de "amorzinho, paizinho, amiguinha, coleguinha".

d) O grau aumentativo também é obtido pela repetição do substantivo colocando-lhe no meio a preposição "de". É um

processo muito usado na Bíblia. Veja:

- Rei dos reis
- Senhor dos senhores
- Mestre dos mestres
- Santo dos santos

d) Alguns aumentativos e diminutivos são obtidos com o emprego de prefixos. É o que se observa em “minifúndio, maxicasaco, supermercado, minissaia”.

e) Alguns substantivos, pela evolução da língua, perderam o sentido gradual e assumiram valores semânticos autônomos. É o que se verifica, por exemplo, na palavra “portão” que não mais é o aumentativo de “porta”, mas sim um tipo de entrada. Fato idêntico ocorreu com os vocábulos: cartilha, cartão, caldeirão, colchão.

f) No trato familiar, geralmente eivado de bastante afetividade, muitos diminutivos e aumentativos são criados a partir de nomes personativos. Tais criações são denominados de “hipocorísticos”. Observe alguns:

- Antônio = Toninho
- Carlos = Cacá
- Paulo = Paulão
- José = Zezinho
- Maria = Mariinha
- Josefa = Zefinha
- Fátima = Fatinha
- Alexandre = Xandão

2.4.3.1 Plural dos substantivos diminutivos

Para a formação do plural dos substantivos diminutivos deve-se obedecer às seguintes orientações:

1.º → coloca-se o substantivo, sem os sufixos do diminutivo, no plural → **coração** faz **corações**

2.º → retira-se o “-s” do plural deste substantivo → **corações** – “s” fica **coraçõe**

3.º → acrescenta-se o sufixo do diminutivo → **coraçõe** + **zinho** fica coraçõezinho

4.º → acrescenta-se o fonema “-s” que foi retirado → **coraçõezinho**

+ s fica finalmente "**coraçõezinhos**"

Outros exemplos:

- pãozinho → pãezinhos
- barzinho → barezinhos
- farolzinho → faroizinhos
- paizinho → paizinhos
- papelzinho → papeizinhos
- florzinha → florezinhas
- amorzinho → amorezinhos
- carretelzinho → carreteizinhos

2.5 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (MM) A alternativa em que há **erro** no sentido dos substantivos é:

   a) o grama = unidade de medida; a grama = relva
   b) o rádio = aparelho receptor; a rádio = estação transmissora
   c) o guia = documento; a guia = pessoa que guia
   d) o cisma = separação; a cisma = desconfiança
   e) o moral = ânimo; a moral = ética

2. (TER-MT) O termo que faz o plural como **cidadão** é:

   a) limão
   b) órgão
   c) guardião
   d) espertalhão
   e) balão

3. (ESAF-CJF) Assinale a opção em que há substantivos que se referem, respectivamente, a **ação** e **sentimento**:

   a) homem, passos
   b) passado, medo

c) diferença, raízes
d) inteligência, criação
e) trabalho, tristeza

4. (TRT-RJ) Há **erro**, quanto à flexão do substantivo composto, em:

a) Essa medida irá beneficiar as donas de casas.
b) Os surdos-mudos irão participar da olimpíada dos deficientes.
c) Todas as manhãs os beija-flores apareciam no jardim.
d) No Brasil muitos vice-presidentes assumem a presidência da República.
e) Não podemos tolerar os disse me disse neste assunto.

5. (TRT-RJ) Escolha a alternativa cujos gêneros, pela ordem, correspondem aos seguintes vocábulos: **alface**, **grama** (peso), **dó** e **telefonema**.

a) masculino – feminino – masculino – feminino
b) feminino – feminino – masculino – feminino
c) masculino – feminino – masculino – masculino
d) feminino – masculino – masculino – masculino
e) feminino – feminino – masculino – masculino

6. (TCE-RJ) A opção em que as duas palavras formam o plural da mesma maneira é:

a) substituição / nação
b) administração / pão
c) ficção / alemão
d) demonstração / capitão
e) talão / cristão

7. (TEC-RJ) Assinale a opção em que o plural das palavras destacadas

é feito da mesma forma;

a) O **escrivão** desacatou aquele **cidadão**.
b) O **salário-família** será pago na **sexta-feira**.
c) O **freguês** antigo tinha uma aparência **simples**.
d) O funcionário encarregado de vistoria era **dócil** e **gentil**.
e) Naquele mundo **pagão**, havia apenas um **cristão**.

8. (Mackenzie-SP) Em qual das alternativas todas as palavras pertencem ao gênero masculino?

a) dinamite, agiota, trema, cal
b) dilema, perdiz, tribo, axioma
c) eclipse, telefonema, dó, aroma
d) estratagema, bílis, omoplata, gengibre
e) sistema, guaraná, rês, anátema

9. (UFBA) Ficou com _____ quando soube que _____ caixa do banco entregara aos ladrões todo o dinheiro _____ clã.

a) o moral abalado – o – do
b) a moral abalada – o – da
c) o moral abalado – a – da
d) a moral abalado – a – do
e) a moral abalada – a – da

10. (ITA-SP) Examinar a frase abaixo, dando atenção aos vocábulos destacados:

*"A **estação emissora** procurava encorajar **o ânimo** daqueles que lutavam contra a **tropa inimiga**."*

A sequência dos sinônimos das palavras destacadas na sentença acima é, pela ordem:

a) o rádio, a moral, a corja

b) a rádio, a moral, a horda
c) a rádio, o moral, a hoste
d) o rádio, o moral, a hoste
e) As alternativas acima não são corretas.

GABARITO

1 – C	2 – B	3 – E
4 – A	5 – D	6 – A
7 – E	8 – C	9 – A
10 – C		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 3

ADJETIVO

3.1 DEFINIÇÃO

É a classe de palavras variáveis que alteram a noção do substantivo atribuindo-lhe qualidades, características, aspectos gerais ou específicos, estados, modos de ser. Resumidamente, o adjetivo é a classe que nomeia as qualidades e os estados atribuídos ao substantivo.

Observe os primeiros exemplos:

- mulher desprestigiada
- porta aberta
- navio quebrado
- casinhas brancas e amarelas

Observe os termos grifados acima. Todos são adjetivos, pois apresentam qualidades e estados dos seres a que se referem.

3.2 CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE OS ADJETIVOS

1. **Como se referem a substantivos, os adjetivos – embora alguns sejam invariáveis – concordam em gênero e número com o substantivo.**

- Havia ideias **falsas** em todos os jornais **brasileiros**.
  adjetivos concordam em gênero e número com os substantivos "ideias" e "jornais"
- Jamais encontraremos **bons** argumentos sem antes visitarmos **longes** pensamentos.
  adjetivos concordam em gênero e número com os substantivos "argumentos" e "pensamentos"

2. O adjetivo também pode aparecer na função de substantivo e vice-versa. Veja:

- Os **feios** também amam.
  adjetivo substantivado
- O **perverso** não possui escrúpulos.
  adjetivo substantivado
- D. Maria tinha um filho **homem**.
  substantivo adjetivado
- O **cego** quase caiu no buraco.
  adjetivo substantivado
- O **belo** sempre se sobressai
  adjetivo substantivado
- Compramos dois rádios-**relógio**.
  substantivo adjetivado

3. Muito frequentemente, o adjetivo aparece sob a forma de uma locução, formada, em geral, pela junção de uma preposição mais um substantivo, referindo-se – obviamente – a um substantivo. É o que se denomina de "locução adjetiva". Observe:

- água **serrana** (*adjetivo simples*) → água **da serra** (*locução adjetiva (preposição + substantivo)*)
- casas **urbanas** (*adjetivo simples*) → asas **da cidade** (*locução adjetiva (preposição + substantivo)*)
- homem **inescrupuloso** (*adjetivo simples*) → homem **sem escrúpulos** (*locução adjetiva (preposição + substantivo)*)
- calor **infernal** (*adjetivo simples*) → calor **dos infernos** (*locução adjetiva (preposição + substantivo)*)

⇨ **Observação:**

a) Nem sempre é possível transformar uma locução adjetiva em um adjetivo simples. Veja alguns exemplos em que essa transformação não é possível:

- Todos viviam sob um teto **de lona**.
  locução adjetiva
- Comprou um carro **com portas amarelas**.
  locução adjetiva
- João era um homem **de poucas palavras**.
  locução adjetiva
- Ganhou um livro **sem contracapa**.
  locução adjetiva

b) Em raros casos, a locução adjetiva é formada por uma preposição mais um advérbio. Vale ressaltar que as locuções adjetivas equivalem a adjetivos e sempre irão se referir a substantivos. Esta, aliás, é a principal característica dos adjetivos.

- Moravam todos no andar **de cima**.
  ocução adjetiva (preposição + advérbio)
- Compramos o jornal **de hoje**.
  locução adjetiva (preposição + advérbio)

4. É imperioso dizer que o adjetivo também pode ser expresso por meio de uma oração, assim como ocorre com o substantivo: é a denominada "oração adjetiva", isto é, uma oração que funciona como um adjetivo. Veja abaixo:

- Bebia água **serrana**. → Bebia água **da serra**. → Bebia água **que vinha da serra**.
  adjetivo simples *locução adjetiva* *oração adjetiva*
- Todos gostavam do doce **que a vovó preparava**.
  oração adjetiva
- Ninguém esqueceu os avisos **os quais ele deu**.
  oração adjetiva
- Jamais desejei os objetos **cujos donos são corruptos**.
  oração adjetiva
- Maria mora na cidade **onde trabalha**.
  oração adjetiva

⇨ **Observação:**

A principal característica das orações adjetivas é o fato de elas virem introduzidas por um pronome relativo, por isso são também chamadas de "orações relativas".

5. **É importante não se esquecer de que os adjetivos funcionam como determinantes para o substantivo. Logo, a presença de uma oração adjetiva, por exemplo, exigirá, por se tratar de um determinante, o acento grave nas palavras que pedem determinação para que haja o fenômeno da crase. Observe:**

- Amanhã irei à casa **que me será dada por herança**.
  oração adjetiva = determinante
- Por que tu não ficaste à distância **a qual eu te recomendei?**
  oração adjetiva = determinante

⇨ **Observação:**

Procure correlacionar este conhecimento com o assunto sobre o emprego do acento grave em sintaxe.

6. **Frequentemente, os particípios verbais exercem a função de um adjetivo – são os chamados *adjetivos de base participial*. Em vários casos, tais particípios representam orações adjetivas reduzidas. Observe:**

- Ontem eu li um livro **escrito** por um primo. (→ que foi escrito)
  adjetivo de base participial
- Ele é réu **confesso**.
  adjetivo de base participial
- Quando chegaram, a égua já estava **morta**.
  adjetivo de base participial

3.3 FORMAÇÃO DOS ADJETIVOS

Quanto à formação, os adjetivos podem ser:

a) **simples** → feio, branco, palmarense etc.
b) **compostos** → castanho-claro, luso-brasileira, surdo-mudo etc.

c) **primitivos** → belo, feio, bonito, amarelo etc.

d) **derivados** → decoroso, famoso, bonachão etc.

3.3.1 ADJETIVOS PÁTRIOS

Há inúmeros adjetivos que se referem a países, regiões, continentes, estados, povos, raças. Estes adjetivos são denominados de "pátrios ou gentílicos". Vejamos alguns:

Pátrios brasileiros (Estados e cidades)

Alagoas	alagoano
Acre	acriano ou acreano
Água Preta	água-pretense
Amazonas	amazonense
Bahia	baiano
Belém	belenense
Belo Horizonte	belo-horizontino
Brasília	brasiliense
Catende	catendense
Ceará	cearense
Curitiba	curitibano
Espírito Santo	espírito-santense ou capixaba
Fortaleza	fortalezense
Goiânia	goianiense
Goiás	goiano
João Pessoa	pessoense
Juiz de Fora	juiz-forense

Manaus	manauense
Maranhão	maranhense
Mato Grosso	mato-grossense
Mato Grosso do Sul	mato-grossense-do-sul
Minas Gerais	mineiro
Natal	natalense
Palmares	palmarense
Pará	paraense
Paraíba	paraibano
Paraná	paranaense
Pernambuco	pernambucano
Piauí	piauiense
Porto Alegre	porto-alegrense
Recife	recifense
Ribeirão Preto	ribero-pretano
Rio de Janeiro (cidade)	carioca
Rio de Janeiro (Estado)	fluminense
Rio Grande do Norte	norte-rio-grandense, rio-grandense-do-norte ou potiguar
Rio Grande do Sul	rio-grandense-do-sul ou gaúcho
Rondônia	rondoniano ou rondoniense
Roraima	roraimense
Salvador/BA	salvadorense ou soteropolitano
Santa Catarina	catarinense ou barriga-verde
São Paulo (cidade)	paulistano
São Paulo (Estado)	paulista

Sergipe	sergipano ou sergipense
Tocantins	tocantinense
Três Corações	tricordiano

Pátrios estrangeiros

Belém (Jordânia)	belemita
Boston/EUA	bostoniano
Caracas	caraquenho
Congo	congolês
El Salvador	salvadorenho
Estados Unidos	estadunidense, norte-americano ou ianque
Flandres	flamengo
Gália	galo ou gaulês
Galiza	galego
Japão	japonês ou nipônico
Jerusalém	hierosolimita ou hierosolimitano
Lima	Limenho
Lisboa	lisboeta ou lisbonense
Madagascar	malgaxe ou madasgacarense
Madri	madrileno ou madrilense
Manchúria	manchu
Moscou	moscovita
Nova Zelândia	neozelandês
Parma	parmesão
Patagônia	patagão
Porto	portuense

Suíça	suíço
Viana	vianense, vianês

⇨ **Observação:**

Muitas vezes se utiliza mais de um adjetivo pátrio para se referir a um mesmo substantivo. Neste caso, usam-se as formas latinizadas e reduzidas de tais adjetivos. Observe abaixo:

Adjetivo	Adjetivo correspondente – forma latina reduzida
inglês	anglo-
austríaco	austro-
europeu	euro-
francês	franco-
grego	greco-
espanhol	hispano-
indiano	indo-
italiano	ítalo-
galego	galaico-
português	luso-
japonês	nipo-
chinês	sino-
alemão	teuto- ou germano-
dinamarquês	dano-
finlandês	fino-
belga	belgo-

Portanto, se quisermos dizer que um acordo foi efetuado entre China,

Japão e Portugal, por exemplo, diremos:

- acordo **sino-nipo-lusitano**

3.3.2 ADJETIVOS ERUDITOS

São adjetivos que significam “relativo a”, “semelhante a”, “próprio de”. Possuem, na maioria dos casos, uma locução adjetiva correspondente. Vejamos alguns:

Adjetivo erudito	Locução adjetiva correspondente (relativo a...)
acético	vinagre
adamantino	diamante
anular	anel
aracnídeo	aranha
argênteo, argentino, argírico	prata
auricular, ótico	ouvidos
axial	eixo
áureo	ouro
bélico	guerra
biliar	bílis
bucal, oral	boca
canino	cão
capilar	cabelo
caprino	cabra
cardíaco	coração
cefálico	cabeça
celular	célula
cervical	pescoço

circense	circo
cítrico	limão, laranja
columbino	pombo
coreógrafo	dança
digital	dedo
discente	aluno
docente	professor
dorsal	costas
eclesiástico	igreja
ecumênico	universo habitado
edênico	éden
eólico	vento
epidérmico ou cutâneo	pele
episcopal	bispo
equídeo, equino, hípico	cavalo
estelar	estrela
fabril	fábrica
felino, felídeo	gato
feroz, ferino	fera
férreo	ferro
filatélico	selos
filial	filho
fluvial, potâmico	rio
fônico, vocal	voz
formicular	formiga

fraterno ou fraternal	irmão
frontal	frente
gástrico	estômago
glacial	gelo
gutural	garganta
hepático	fígado
herbáceo	erva
hibernal	inverno
ictílico, písceo	peixe
ígneo	fogo
insular	ilha
jurídico	direito
lacrimal	lágrima
lácteo	leite
lacustre	lago
lateral	lado
leonino	leão
leporino	lebre
letal, mortífero	morte
lunar	lua
magistral	mestre
marinho, marítimo	mar
materno ou maternal	mãe
matutino, matinal	manhã
meridional, austral	sul

mnemônico	memória
monetário, numismático	moeda
nasal	nariz
naval	navio, navegação
ocular, óptico, oftálmico	olhos
ofídico	cobra
olímpico	Olimpo, olimpíadas
onírico	sonho
outonal	outono
ovino	ovelha
palustre	brejo
paradisíaco	paraíso
pecuário	gado
pecuniário	dinheiro
pesqueiro	pesca
pétreo	pedra
platônico	Platão
plebeu	plebe
plúmbeo	chumbo
pluvial	chuva
postal	correio
pueril, infantil	criança
pulmonar	pulmão
real	rei
renal	rim

rural	campo
sacarino	açúcar
saponáceo	sabão
senil	velho, velhice
setentrional, boreal	norte
sideral	astro
silvestre	selva
símio, simiesco	macaco
sísmico	terremoto
suíno, porcino	porco
sulfúrico	enxofre
terrestre	terra
torácico	tórax
umbilical	umbigo
vascular	vasos sanguíneos
venoso	veia
vespertino	tarde
vínico, vinário	vinho
viril	homem
vital	vida
vítreo, hialino	vidro

3.4 FLEXÕES DOS ADJETIVOS

Assim como os substantivos, os adjetivos se flexionam em **gênero**, **número** e **grau**.

3.4.1 FLEXÕES DE GÊNERO

Como o adjetivo é a palavra que acompanha o substantivo a fim de qualificá-lo, a flexão em que este se encontra contamina a daquele, ou seja, o adjetivo geralmente se flexiona de acordo com o substantivo que ele determina. Observe:

- acordos feministas
- bolachas gostosas
- filmes anti-heroicos

adjetivos flexionados nos gêneros dos substantivos

Quanto ao gênero, os adjetivos se classificam em: **uniformes** e **biformes**.

) São uniformes os adjetivos que apresentam uma única forma tanto para o masculino quanto para o feminino.

- lei **federal** / regulamento **federal**
- questão **fácil** / assunto **fácil**
- gente **alegre** / povo **alegre**
- lei **inconstitucional** / decreto **inconstitucional**

b) São biformes os que apresentam uma forma para o feminino e outra para o masculino.

- mulher **bonita** / homem **bonito**
- bolo **gostoso** / torta **gostosa**
- exército **inglês** / questão **inglesa**
- problema **delicado** / solução **delicada**

3.4.1.1 Formação do feminino dos adjetivos biformes

Cumpre a princípio informar que boa parte dos adjetivos se flexiona com base nas regras dos substantivos. Entretanto, salientaremos algumas regras para um melhor estudo. Acompanhe:

a) Os adjetivos terminados em "-eu" (com o "e" fechado) formam o feminino com o acréscimo de "-eia":

- ateu → ateia
- galileu → galileia
- cananeu → cananeia
- europeu → europeia

Exceções:

- sandeu → sandia
- judeu → judia

b) Os adjetivos terminados em "-ês, -ol, -or, -u" formam o feminino pelo simples acréscimo de "-a":

- nu → nua
- cru → crua
- inglês → inglesa
- encantador → encantadora
- jogador → jogadora
- camponês → camponesa
- espanhol → espanhola

c) Os adjetivos terminados em "-ão" formam o feminino ora com o acréscimo de "-ã", ora com o acréscimo de "-ona":

- vão → vã
- ladrão → ladrona ou ladra
- chorão → chorona
- comilão → comilona

d) São invariáveis os adjetivos terminados em:

- -l (exceto "-ol") → cruel, fiel, útil, amável etc.
- -ar, -er → regular, exemplar, mau-caráter, esmoler etc.
- -z → veloz, infeliz, atroz, capaz etc. (Exceção: andaluz → andaluza)
- -m → jovem, ruim, comum, virgem etc. (Exceção: bom → boa)
- -e → forte, inteligente, elegante, leve etc.
- -s (exceto "ês") → simples etc.

⇨ Observações importantes sobre as flexões de gênero:

a) Alguns adjetivos biformes, quando postos no gênero feminino, passam da vogal (ô) fechada para a vogal (ó) aberta. Observe:

ô – fechada (masculino)	ó – aberta (feminino)
perigoso	perigosa
furioso	furiosa
religioso	religiosa
bondoso	bondosa
mimoso	mimosa

b) Outros adjetivos, entretanto, mantêm a mesma vogal (ô) fechada do masculino no feminino.

ô – fechada (masculino)	ô – fechada (feminino)
fosco	fosca
oco	oca
gordo	gorda
moço	moça
solto	solta

c) O adjetivo "só", significando "sozinho", é invariável quanto ao gênero.

- Eles ficaram sós.
- Elas ficaram sós.

3.4.2 FLEXÕES DE NÚMERO

a) Como já dissemos, o adjetivo acompanha o substantivo e com este concorda. Portanto, o adjetivo se flexionará em número de acordo com as regras que se utilizam para a flexão de número dos substantivos.

- vestido azul → vestidos azuis
- prato espanhol → pratos espanhóis
- questão comum → questões comuns
- pensamento vão → pensamentos vãos

b) Nos adjetivos compostos, só o último elemento se flexiona.

- intervenção médico-cirúrgica → intervenções médico-**cirúrgicas**
- acordo luso-latino-americano → acordos luso-latino-**americanos**
- problema sociopolítico → problemas socio**políticos**
- tratado franco-brasileiro → tratados franco-**brasileiros**
- cabelo castanho-escuro → cabelos castanho-**escuros**

c) São invariáveis os adjetivos compostos formados de "cor + de + substantivo". Observe:

- blusa cor-de-rosa → blusas **cor-de-rosa**
- azulejos **cor de musgo**
- suéter cor de café com leite → suéteres **cor de café com leite**

⇨ **Observação:**

Nos exemplos, há a omissão da preposição "de" entre o primeiro substantivo e a palavra "cor". Logo, também seria gramaticalmente correta a seguinte escrita:

- luvas **de** cor de café
- vestidos **de** cor de chocolate
- meias **de** cor de rosa

Em outras construções, omitem-se as três palavras "de cor de", fazendo com que o substantivo indicativo da cor modifique diretamente o substantivo cuja cor se quer indicar. Ainda neste caso, o substantivo indicativo da cor permanecerá invariável.

- luvas **salmão** → omissão de "de cor de"
- cetim **rosa** → omissão de "de cor de"

- fita **creme** → omissão de “de cor de”
- tecido **laranja** → omissão de “de cor de”

d) São igualmente invariáveis os compostos formados de “adjetivo + substantivo”.

- calça amarelo-ouro → calças **amarelo-ouro**
- terno verde-oliva → ternos **verde-oliva**
- tecido vermelho-sangue → tecidos **vermelho-sangue**
- sofá azul-ferrete → sofás **azul-ferrete**

⇨ **Observações:**

a) Excetuam-se das regras acima os adjetivos “surdo-mudo” e “surda-muda”, cujos plurais são, respectivamente, “surdos-mudos” e “surdas-mudas”.

b) A despeito de os dicionaristas registrarem – respaldados, diga-se de passagem, pelo Vocabulário Ortográfico da língua portuguesa – os plurais “azuis-marinhos” e “azuis-celestes”, prefere-se utilizar, no português corrente, estes adjetivos como invariáveis: *calças azul-marinho*, *blusas azul-celeste*.

c) Convém lembrar que, quando o adjetivo é empregado em função adverbial (derivação imprópria) – geralmente equivalendo a um advérbio terminado em “-mente” –, permanecerá inflexível, isto é, deverá ser empregado no masculino e na terceira pessoa do singular. Observe abaixo (os termos em negrito são todos “adjetivos adverbializados”):

- Vamos falar **sério**.
- Ouvimos músicas **puro** clássicas.
- A seleção venceu **fácil** o jogo.
- Todos aqui amam **diferente**.
- Elas responderam **seco**.
- A justiça **rápido** se corrompe.
- Elas torciam **forte**.
- As portas **raro** se abriam.
- Eles suavam **frio**.
- Jogamos **fraco** as bolas.

- Todas falam **fino**.
- As alunas juraram **falso**.

> **Dica importante:** É preciso ter-se em mente que a questão de a palavra apresentar esta ou aquela morfologia depende da função (morfológica) exercida na oração. Portanto, é fundamental lembrar que o adjetivo se refere a um substantivo, enquanto o advérbio é um modificador de verbos, adjetivos e advérbios. Portanto, fique atento!

3.4.3 FLEXÕES DE GRAU

As flexões de grau apresentam a intensidade das qualidades atribuídas aos seres. Não se deve, pois, confundir com o grau dos substantivos, já que este tem por função indicar o tamanho dos seres.

Existem dois graus para os adjetivos: o comparativo e o superlativo.

3.4.3.1 O grau comparativo

A principal característica do grau comparativo é a existência de dois seres postos numa relação de confronto. Nesta relação, um dos seres se mostrará "inferior", "superior" ou "igual" ao outro no que se refere à(s) sua(s) qualidade(s). Daí o grau comparativo poder ser:

1. De inferioridade (menos... que ou do que...)

- Os argumentos orais apresentados eram **menos** consistentes **do que** a defesa escrita que fizera no início do processo.
- O presidente do clube era **menos** inteligente **que** seus associados.

2. De igualdade (tão... quanto, quão ou como...)

- Todos os cavalos eram **tão** saudáveis **quanto** as éguas que tínhamos comprado no mês passado.
- Percebemos que as ideias eram **tão** irresponsáveis **quão** seus donos.

- As poltronas do novo avião eram **tão** confortáveis **como** as do ônibus que nos trouxera até Recife.

3. De superioridade (mais... que ou do que...)

- O castelo era **mais** alto **que** a casa daquele empresário.
- Ele era **mais** inteligente **do que** esperto.

⇨ Observações sobre o grau comparativo:

a) O grau comparativo se faz, como se percebeu, de forma analítica. Alguns adjetivos, entretanto, oriundos do latim, apresentam forma sintética para o comparativo. São eles:

Adjetivo	Forma comparativa sintética
bom	melhor
mau	pior
grande	maior
pequeno	menor
alto	superior
baixo	inferior

⇨ Observação:

Quando se comparam, no entanto, características de um mesmo ser, usam-se as formas analíticas destes mesmos adjetivos. Veja:

- A cara era **mais** grande **do que** arejada.
- Ele era **mais** bom **do que** atencioso.

b) Muitas vezes o grau comparativo se manifesta nos substantivos adjetivados. Observe:

- Ele foi **mais** pai **do que** professor.
- João era **mais** vereador **do que** advogado.

c) Nas estruturas comparativas, a conjunção comparativa liga partes da oração de mesma função. Entretanto, em muitos casos, a bem da clareza, o segundo elemento da comparação deve, a despeito de funcionar com objeto direto, vir encabeçado por uma preposição – geralmente a preposição "a" – para evitar ambiguidades.

- "A ela, à presumida mulher, aborreço-a quase tanto como **ao marido**." (Almeida Garrett)
- "Os pés dos gentios hão de logo pulverizá-la como **aos meus pés**". (Camilo)
- "Acusaram-no de haver beneficiado mais a sua família que **ao povo romano**." (Camilo)

d) Quando a conjunção comparativa "como" se refere a um termo que está precedido por uma preposição, deve obrigatoriamente vir acompanhada da mesma preposição.

- "Suspensos os pobres Frades com o embargo, pareceu que achariam amparo **no** Bispo, **como em** quem fora o primeiro autor de sua vinda". (Fr. L. de Souza)
- "E por esta causa tratamos **dele como de** filho de Benfica". (Fr. L. de Souza)
- "Acostumei-me a olhar **para** a morte **como para** o tempo de meus padecimentos." (Filinto Elísio)

e) Nas estruturas comparativas, o verbo da oração comparativa geralmente é elipsado em virtude de ser o mesmo verbo da oração principal (subordinante).

- A filha tem sido tão esperta quanto a mãe. (Leia-se → "... quanto a mãe tem sido esperta")

sujeito da oração comparativa

- Apresentaram-se tão bem quanto os alunos da 4.ª série. (Leia-se → "... quanto os alunos da 4.ª série se apresentaram")

sujeito da oração comparativa

⇨ **Observação:**

Nestes casos, temos orações comparativas com verbos elípticos ou verbos latentes.

f) Lembre-se de que a preposição "DE", que introduz as comparações de superioridade e de inferioridade, pode ser elipsada, ocultada. Portanto, podemos dizer corretamente:

- Ela é mais sábia do que o João. /OU/ - Ela é mais sábia que João.
- "Os homens que se chamavam meus amantes valiam menos para mim do que um animal." (José de Alencar)
- "Mas nada nos dista mais da mente do que a intransigência intelectual e o dogmatismo político." (Rui Barbosa)
- "Os ministros ficaram cientes da existência de uma influência mais poderosa que a do chefe aparente do Estado." (Rui Barbosa)
- "A imperturbável seriedade de Estela foi um aguilhão mais, não menos cruel que a gentileza de suas formas." (Machado de Assis)

3.4.3.2 O grau superlativo

Aqui, os adjetivos expressam o grau mais elevado da característica atribuída ao substantivo. Divide-se em:

1. **Superlativo absoluto** → aqui não se estabelece qualquer comparação com outro ser e o adjetivo intensifica ao máximo a característica atribuída ao substantivo. Pode ser efetivado de duas maneiras:

) **De forma analítica (superlativo absoluto analítico)** → é obtido com

o emprego de um advérbio de intensidade anteposto ao adjetivo. Geralmente se empregam os advérbios “muito, mui, bastante, muitíssimo, excessivamente, exageradamente”.

- A questão era demasiadamente difícil.
- Todos ficaram bastante perplexos.
- Ele era muito respeitado pelos amigos.
- Eram músicas assaz antigas.

) **<u>De forma sintética</u> (superlativo absoluto sintético)** → é obtido com o emprego dos sufixos “-íssimo”, “-imo” ou “-érrimo” ao adjetivo.

- Ele sempre demonstrou atitudes benevolentíssimas.
- Era um objeto sacratíssimo.
- O menino era paupérrimo.
- Sempre foi amicíssimo do padre da cidade.

Considerações importantes sobre a formação do superlativo absoluto sintético:

a) Os adjetivos terminados em vogal átona perdem essa vogal ao receber o sufixo do superlativo:

- alto → altíssimo
- belo → belíssimo
- macio → maciíssimo
- agudo → agudíssimo
- justo → justíssimo
- quente → quentíssimo

⇨ **Observação:**

Alguns adjetivos sofrem alterações gráficas quando recebem o sufixo do superlativo. Veja:

- antigo → antiquíssimo
- fraco → fraquíssimo
- pouco → pouquíssimo
- largo → larguíssimo
- rouco → rouquíssimo
- rico → riquíssimo

b) Os adjetivos terminados em “-vel” fazem o superlativo com o acréscimo de “-bilíssimo”:

- amável → amabilíssimo
- louvável → louvabilíssimo
- notável → notabilíssimo
- móvel → mobilíssimo
- visível → visibilíssimo
- horrível → horribilíssimo

c) Os adjetivos terminados em "-z" fazem o superlativo sintético com o acréscimo de "-císsimo", ou melhor, trocam o "z" por "c" e recebem o sufixo "íssimo":

- audaz → audacíssimo
- eficaz → eficacíssimo
- feliz → felicíssimo
- falaz → falacíssimo
- veloz → velocíssimo
- contumaz → contumacíssimo

d) A maioria dos adjetivos terminados em "-il" forma o superlativo com o acréscimo de "-imo":

- dócil → docílimo
- fácil → facílimo
- hábil → habílimo
- difícil → dificílimo
- grácil → gracílimo
- senil → senílimo
- frágil → fragílimo
- ágil → agílimo

e) Muitas vezes a formação do superlativo sintético atende a questões etimológicas. Assim, os adjetivos que no latim terminavam em "-er" recebem o sufixo "-imo":

- magro (latim, *macer*) → macérrimo
- pobre (latim, *pauper*) → paupérrimo
- áspero (latim, *asper*) → aspérrimo
- negro (latim, *niger*) → nigérrimo

f) Como já dissemos, muitos adjetivos formam o superlativo a partir do superlativo latino. Por isso, há uma série de adjetivos que apresentam uma forma mais erudita e uma forma mais popular, mais usual nos dias atuais. Observe:

Adjetivo	Forma superlativa erudita	Forma superlativa popular

ágil	agílimo	agilíssimo
doce	dulcíssimo	docíssimo
humilde	humílimo	humildíssimo
magro	macérrimo	magríssimo
pobre	paupérrimo	pobríssimo
simples	simplicíssimo	simplíssimo
soberbo	superbíssimo	soberbíssimo

g) No linguajar coloquial, é comum o uso do sufixo "-ésimo", típico da formação de numerais ordinais, para a formação do superlativo. Esta prática, no entanto, não é agasalhada pelo padrão culto da língua. Portanto, formas como "importantésimo, finésima, gostosésima", bastante comuns no falar coloquial, devem ser substituídas pelas suas respectivas formas cultas para o superlativo: "importantíssimo, finíssimo, gostosíssimo".

h) Muitas vezes o grau superlativo sintético é obtido com o emprego de alguns prefixos que intensificam o adjetivo. Logo, formações como "superinteligente", "hiperdesenvolvido", "ultrafino" representam também o superlativo de tais palavras.

Segue abaixo uma lista sucinta dos principais e mais usuais superlativos portugueses:

Adjetivo	Superlativo absoluto sintético
acre	acérrimo
agudo	acutíssimo
amargo	amaríssimo
amigo	amicíssimo
antigo	antiquíssimo
áspero	aspérrimo

bélico	belicíssimo
benéfico	beneficentíssimo
benévolo	benevolentíssimo
célebre	celebérrimo
cristão	cristianíssimo
cruel	crudelíssimo
doce	dulcíssimo
fiel	fidelíssimo
frio	frigidíssimo
geral	generalíssimo
humilde	humílimo
inimigo	inimicíssimo
magnífico	magnificentíssimo
magro	macérrimo ou magríssimo
maléfico	maleficentíssimo
malévolo	malevolentíssimo
mísero	misérrimo
negro	nigérrimo
nobre	nobilíssimo
pessoal	personalíssimo
pobre	paupérrimo ou pobríssimo
provável	probabilíssimo
público	publicíssimo
pudico	pudicíssimo
sábio	sapientíssimo
sagrado	sacratíssimo

salubre	salubérrimo
são	saníssimo
sério	seriíssimo
simpático	simpaticíssimo
simples	simplicíssimo
soberbo	superbíssimo

2. **Superlativo relativo** → aqui o adjetivo atribuído ao substantivo é intensificado para mais ou para menos e posto numa relação comparativa com outro ser. Pode ser:

a) **Superlativo relativo de superioridade** → é obtido com o emprego dos elementos "**o mais**... **de**... (ou **dentre**...)".

- "Você era **a mais** bonita **das** cabrochas dessa ala." (Chico Buarque)
- Ele sempre foi **o mais** inteligente **dentre** todos os alunos de sua escola.
- Castilho foi **o mais** perfeito **dos** escritores portugueses do século XIX.

b) **Superlativo relativo de inferioridade** → é obtido com o emprego dos elementos "**o menos**... **de**... (**ou dentre**...)".

- Os rapazes observados pelo detetive eram **os menos** informados **de** todos os que ele já investigou.
- Aquela menina deveria ser **a menos** sábia **dentre** seus coleguinhas da sala por causa do problema neurológico.
- Consideram-na **a menos** linda **das** candidatas ao concurso de beleza.

3.5 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (MM) Assinale a alternativa que contém uma correlação **incorreta**

entre o adjetivo e a locução correspondente:

a) água **de chuva** – pluvial
b) pele **de marfim** – ebúrnea
c) representante **dos alunos** – docente
d) agilidade **de gato** – felina
e) copo **de prata** – argênteo

2. (ALERJ/FESP) A frase que contém um adjetivo é:

a) A necessidade fez isto do homem.
b) Todos lutam para ter a liberdade.
c) A televisão nos mostra o mundo.
d) Ele usa um topete escandaloso.
e) Gostaria de ficar com você.

3. (TRT-RJ) A forma do superlativo está incorreta na frase da seguinte alternativa:

a) Comíamos tão pouco que ficamos **magríssimos**.
b) Todos o consideravam **sapientíssimo**.
c) Era um leitor compulsivo, **voracíssimo**.
d) Depois da publicação do romance ficou **celebérrimo**.
e) Após o golpe, tornou-se um ditador **cruelíssimo**.

4. (TRT-PR) “O uniforme verde-oliva era mais bonito do que o verde-claro.”

Passando a oração para o plural, temos:

a) Os uniformes verdes-olivas eram mais bonitos do que os verdes-claros.
b) Os uniformes verdes-oliva eram mais bonitos do que os verdes-claros.

c) Os uniformes verde-olivas eram mais bonitos do que os verde-claros.
d) Os uniformes verde-oliva eram mais bonitos do que os verde-claros.
e) Os uniformes verde-oliva eram mais bonitos do que os verde-claro.

5. (TRT-PR) “Em algumas regiões o vocabulário é mínimo...”
A forma **mínimo** *corresponde ao:*

a) superlativo absoluto sintético
b) superlativo relativo de superioridade
c) superlativo relativo de inferioridade
d) superlativo absoluto analítico
e) comparativo de inferioridade

6. (TJ-SP) Em qual dos itens há um superlativo relativo?

a) Foi um gesto de péssimas consequências.
b) Aquele professor é ótimo.
c) O dia amanheceu extremamente frio.
d) Ele fez a descoberta mais notável do século!
e) Ele foi muito infeliz naquele lance!

7. (TRF-RJ) Os acordos _____ dispensam interpretações de natureza _____.

a) lusos-brasileiros – filosófico-científica
b) lusos-brasileiro – filosófica-científicas
c) luso-brasileiros – filosófico-científica
d) lusos brasileiros – filosófica-científica
e) luso-brasileiros – filosófica-científicas

8. (CEFET-PR) Em que caso a palavra destacada não tem valor de adjetivo?

a) Um branco, **velho**, pedia esmolas.
b) Um velho, **branco**, pedia esmolas.
c) Era um dia **cinzento**.
d) O sabão usado desbotou o **verde** da camisa.
e) Os viajantes dormiam **tranquilos**.

9. (UFF-RJ) Das frases abaixo, apenas uma apresenta adjetivo no comparativo de superioridade. Assinale-a.

a) A palmeira é a mais alta árvore deste lugar.
b) Guardei as melhores recordações daquele dia.
c) A Lua é menor do que a Terra.
d) Ele é o maior aluno de sua turma.
e) O mais alegre dentre os colegas era Ricardo.

10. (ITA-SP) O plural de **terno azul-claro**, **terno verde-mar** é, respectivamente:

a) ternos azuis-claros, ternos verdes-mares
b) ternos azuis-claros, ternos verde-mares
c) ternos azul-claro, ternos verde-mar
d) ternos azul-claros, ternos verde-mar
e) ternos azuis-claro, ternos verde-mar

GABARITO

1 – C	2 – D	3 – E
4 – D	5 – A	6 – D
7 – C	8 – D	9 – D

10 – D		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 4

ARTIGO

4.1 DEFINIÇÃO

É a classe de palavra variável que, anteposta ao substantivo, determina-o ou indetermina-o.

O artigo, portanto, interfere na extensão semântica do substantivo.

Ademais, pode-se dizer que o artigo serve para destacar de uma classe um ou mais indivíduos. Observe:

- Por favor, pegue um livro para estudar. (Isto é, pegue-se qualquer livro para estudar)
- Por favor, pegue o livro para estudar. (Isto é, deve-se pegar um "determinado" livro para estudar)
- Ele gosta de fruta. (Isto é, ele gosta de qualquer tipo de fruta)
- Ele gosta da fruta. (Isto é, ele gosta daquela fruta, de uma fruta determinada)

4.2 CLASSIFICAÇÃO

Na língua portuguesa os artigos podem ser "definidos" e "indefinidos".

São os seguintes os artigos em nossa língua:

	MASCULINOS		FEMININOS	
	SINGULAR	PLURAL	SINGULAR	PLURAL
ARTIGOS DEFINIDOS	**o**	**os**	**a**	**as**
ARTIGOS INDEFINIDOS	**um**	**uns**	**uma**	**umas**

Em muitos casos, os artigos aparecem ora contraídos a preposições, ora combinados com elas. Algumas dessas combinações e contrações já se arcaizaram e não são mais empregadas em nossa língua, como é o exemplo da contração "por + o" e suas variantes. Observe uma pequena tabela que demonstra esse fenômeno.

PREPOSIÇÕES	**ARTIGO DEFINIDO**				**ARTIGO INDEFINIDO**			
	o	**a**	**os**	**as**	**um**	**uma**	**uns**	**umas**
a	ao	à	aos	às	–	–	–	–
de	do	da	dos	das	dum	duma	duns	dumas
em	no	na	nos	nas	num	numa	nuns	numas
per	pelo	pela	pelos	pelas	–	–	–	–
por	polo	pola	polos	polas	–	–	–	–

4.3 EMPREGO DOS ARTIGOS DEFINIDOS

Regra principal:

Em geral, usa-se o artigo definido com os substantivos tomados em sentido determinado, isto é, que tenham qualquer caracterização clara ou implícita.

- **As** ruas daquela cidade estavam repletas de panfletos **do** candidato adversário.

- “João Romão foi, **dos** treze **aos** vinte e cinco anos, empregado de um vendeiro que enriqueceu entre **as** quatro paredes de uma suja e obscura taverna **nos** refolhos do bairro **do** Botafogo.” (Aluísio Azevedo)
- “**A** casa apresentava **a** frente **às** colinas.” (Bernardo Guimarães)
- “**O** planalto central **do** Brasil desce, **nos** litorais do Sul, em escarpas inteiriças, altas e abruptas.” (Euclides da Cunha)

4.3.1 EMPREGOS PARTICULARES DO ARTIGO DEFINIDO

1. Emprega-se o artigo definido antes de nomes próprios de países, regiões, continentes, mares, ilhas, desertos, montes, vulcões, rios, oceanos, lagos, arquipélagos.

- o Paquistão
- os Alpes
- o Atacama (deserto)
- o Saara (deserto)
- os Andes
- o Brasil
- o Atlântico (oceano)
- o Kilauea (vulcão)
- o Himalaia (monte)
- o Mediterrâneo
- o Ártico
- as Malvinas (ilhas)
- o Pacífico (oceano)
- os Açores
- o Ganges

⇨ **Observação:**

Há países que rejeitam o artigo. Outros o facultam.

- em França / na França
- Visitamos Roma, na Itália.
- Chegamos a Curitiba.
- em África / na África
- Estivemos em Portugal.

2. Emprega-se o artigo definido antes de nomes indicadores de ideias abstratas, como “virtudes e vícios, faculdades e operações da alma, das ciências e das artes”.

- Ele sempre amou **a** justiça.
- Ele sempre buscou **a** arquitetura.

- **A** prosperidade é mais perigosa para a alma que **a** adversidade para o corpo.

3. Emprega-se o artigo definido antes de nomes de idiomas.

- Ele fala muito bem o inglês.
- Ainda não domino o alemão.

4. Emprega-se o artigo definido antes de nomes de designam, no singular ou no plural, espécies e gêneros.

- **O** homem é o único ser racional do planeta.
- As orquídeas valem muito no mercado externo.
- **Dos** animais, o cão é o mais doméstico.
- **Os** equinos sempre ajudaram o homem.

5. Emprega-se o artigo definido antes de nomes de pessoas quando são usados no trato familiar para indicar afetividade, quando significam membros da mesma família ou quando tais nomes vêm precedidos de qualificativos.

- **O** Marcos arrebentou na prova de Química.
- Ainda não falamos com **o** Antônio sobre o problema.
- Foi **o** soberbo Afonso que provocou a tragédia.
- **Os** Augustos formam uma fantástica família.

6. Emprega-se o artigo definido antes dos nomes dos pontos cardeais e colaterais, tanto no sentido próprio, como designando regiões.

- Viajaram em direção **ao** Oeste.
- A casa tinha a frente para **o** nascente e os fundos para **o** poente.
- Passaremos rapidamente **pelo** norte do país.
- **O** sul do Brasil sofrerá com as chuvas de inverno.

7. Emprega-se o artigo definido antes dos nomes designativos de

festas religiosas e profanas.

- **o** carnaval
- **a** Páscoa
- **o** Natal
- **a** Quaresma
- **o** São João

8. Emprega-se o artigo definido após o pronome indefinido "todo" e suas flexões para reforçar o caráter de totalidade, de inteireza.

- Foram para a festa todos **os** alunos.
- Todas **as** pessoas se retiram abruptamente.

9. É facultativo o emprego do artigo definido antes de pronomes possessivos adjetivos.

- seu livro / o seu livro
- nossas considerações / as nossas considerações
- tuas escolhas / as tuas escolhas
- vosso apartamento / o vosso apartamento

⇨ **Observação:**

Quando o possessivo se refere a substantivo oculto, o emprego do artigo definido se faz obrigatório.

- Se tu não gostas da / de minha comida, como queres que eu goste **da** tua?

10. Emprega-se o artigo definido antes de nomes de sentidos opostos (antíteses):

- Sr. João ficou entre **a** vida e **a** morte.
- Tudo que nasce na terra **o** sol e **a** chuva criam.
- **A** verdade e **a** mentira muitas vezes andam juntas.

11. Emprega-se geralmente o artigo definido antes de obras

artísticas e literárias.

- Os Lusíadas
- o Fausto
- a Eneida
- a Ilíada

4.3.2 NÃO SE EMPREGA O ARTIGO DEFINIDO

1. Antes de vocativos:

- Vós, **poderoso rei**, bem sabeis a importância de vossas decisões.
- Quem o chamou aqui, **menino**?

2. Em provérbios, máximas, adágios e definições:

- **Palavra** de rei não volta atrás.
- **Galinha** de olho torto procura **poleiro** cedo.
- **Epizeuxe** ou **reduplicação** é a figura que repete seguidamente a mesma palavra.
- Sempre **afeição** e **amor** são maiores que as coisas amadas.

3. Entre o pronome relativo "cujo" e suas flexões e o substantivo posposto.

- Adquirimos dois livros **cujas capas** são de madeira.

4. Antes da palavra "casa" quando não acompanhada de determinante:

- Vim **de casa**.
- Chegarei **a casa** por volta das 23h.
- Passei **em casa** na parte da manhã.
- Voltarei **para casa** às 22h.
- Entrou **em casa** e nada falou a respeito do problema.

5. Antes dos nomes designativos dos meses do ano:

- "Quando **fevereiro** chegar, saudade já não mata a gente." (Geraldo

Azevedo)

- Chegará em **setembro** uma remessa de livros didáticos.

6. Antes de substantivos empregados em sentido geral ou indeterminado:

- Ela nunca foi a **teatro**.
- Jamais pisarei em **estádio** de futebol.
- **Cerveja** sempre é bom para um dia quente de verão.
- Ele gosta de **tortas**.

7. Antes de formas de tratamento:

- Enfim cheguei ao palácio, onde **Sua Majestade** me recebeu com graças.
- Quer dizer que **Vossa Alteza** faz poemas?

8. Antes dos pronomes demonstrativos “este, esse, aquele” e suas variações:

- **Este** carro é muito veloz.
- **Aquela** camisa fica muito bem em você.

9. Antes de locuções nas quais figurem nomes de partes do corpo, de faculdades do espírito, dos sentidos, em geral precedidas das preposições “a” e “de”:

- de mão beijada
- de braço dado
- de olhos fechados
- de mãos dadas
- em segunda mão
- a olhos vistos
- de braços abertos
- de braços cruzados
- de cabeça baixa
- de orelha murcha
- a peito descoberto
- de rosto alegre
- de perna aberta
- de memória
- de cor
- de ouvido

10. Nos superlativos relativos, também chamados de superlativos exclusivos:

- "A mãe falava muito em mim louvando-me extraordinariamente, como o homem mais puro do mundo." (Drummond)

  E não "... como o homem **o** mais puro do mundo."

- De todos de nossa sala, o Salathiel era o aluno mais humilde.

  E não "... era o aluno **o** mais humilde."

11. Em termos coordenados sinônimos ou que designem o mesmo indivíduo:

- A ira, **cólera** ou **furor**, é uma moléstia do espírito.
- O imperador da Alemanha e **rei** da Prússia...

4.4 EMPREGO DOS ARTIGOS INDEFINIDOS

Regra principal:

> Em geral, usa-se o artigo indefinido antes dos nomes tomados em sentido vago e indeterminado.

- "Levou Deus **um** dia em espírito ao Profeta Ezequiel a Jerusalém, e o que viu o Profeta foi **uma** parede ou fachada em que estava **um** ídolo do zelo." (Pe. Antônio Vieira – Sermões)
- "O presbítero Eurico era o pastor da pobre paróquia de Carteia. Descendente de **uma** antiga família bárbara." (A. Herculano)
- "*Despontam o dia* com **uns** largos tragos de aguardente, a *teimosa*. E rompem estridulamente os sapateados vivos." (Euclides da Cunha)
- "Com a morte dele a flauta voltou a ocupar **um** lugar secundário como instrumento musical, a que os doutores em música, quer executantes,

quer os críticos eruditos, não dão nenhuma importância." (Lima Barreto)

⇨ **Observação:**

O emprego do artigo indefinido não deve sobrecarregar a frase. Deve ser omitido sempre que a clareza ou a ênfase não o reclamarem.

4.4.1 OUTRAS ORIENTAÇÕES PARA O USO DOS ARTIGOS INDEFINIDOS

1. Não se deve empregar artigo indefinido antes do adjetivo "outro":

- Deve haver outro governo melhor do que este. (E não "Deve haver *um outro* governo...")
- Ele sempre lança mão de outros livros para as suas pesquisas. (E não "... mão de *uns outros* livros...")

2. Por questão de estilo, deve-se evitar o emprego do artigo indefinido antes de apostos explicativos:

- Carlos Drummond de Andrade, poeta brasileiro, foi representante do Modernismo. (E não "..., *um* poeta brasileiro...")
- "Recife, cidade de Pernambuco, é considerada a 'Veneza brasileira'". (E não "..., *uma* cidade de Pernambuco...")

3. Pode-se antepor o artigo indefinido a um numeral cardinal para indicar aproximação numérica:

- Faz **uns** três anos que ela não dá notícias.
- Havia **umas** dez mil pessoas no show de Roberto Carlos.

4. É importante não confundir os artigos indefinidos "um, uma"

com os numerais "um, uma". A primeira distinção se dá pela noção de quantidade fixa e exata que estes transmitem, ao passo que aqueles transmitem uma ideia vaga, incerta, indefinida. Em segundo lugar, o artigo indefinido possui plural (uns, umas), enquanto o numeral não o tem – em tese, o plural de "um, uma" (numerais) seria "dois, duas". Observe os exemplos:

- **Um** cachorro é sempre um bom companheiro para o homem.
  artigo indefinido – equivale a "qualquer, todo"
- Neste quintal, cabe apenas **um** cachorro.
  pronome – trata-se de número, de quantidade exata
- Encontrei-me com **uns** colegas e fizemos **umas** lições de matemática.
  artigos indefinidos – apresentam flexão de plural
- Ontem lemos apenas **um** capítulo do livro de matemática. Hoje precisamos ler no mínimo **dois**.
  numeral – quantidade exata

⇨ **Observação:**

Em muitas situações, porém, a distinção não é muito fácil de ser feita. Neste caso, é preciso ficar muito atento ao contexto para se perceber qual o real sentido (indefinição ou quantidade exata) que se deseja dar ao vocábulo.

4.5 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (ESAN-SP) Em qual dos casos o artigo denota familiaridade?

   a) O Amazonas é um rio imenso
   b) D. Manuel, o Venturoso, era bastante esperto.
   c) O Antônio comunicou-se com o João.
   d) O professor João Ribeiro está doente.
   e) *Os Lusíadas* são um poema épico.

2. (UFUB-MG) Em uma das frases, o artigo definido está empregado erradamente. Em qual?

a) A velha Roma está sendo modernizada.
b) A “Paraíba” é uma bela fragata.
c) Não reconheço agora a Lisboa do meu tempo.
d) O gato escaldado tem medo de água fria
e) O Havre é um porto de muito movimento.

3. (FMU-SP) Observe as frases seguintes e depois escolha a única alternativa **incorreta**.

I. Com a Ana ele vai brigar

II. Com Fred ele não vai discutir.

a) A frase I contém um artigo definido, no feminino e no singular, que semanticamente torna ***Ana*** mais próxima do emissor.
b) A frase I contém um artigo definido, no feminino e no singular, pois antecede um nome próprio de mesmas características morfológicas.
c) No confronto entre a frase I e a frase II pode-se notar a importância do uso estilístico do artigo.
d) A frase II, dispensando o artigo diante do nome próprio, marca o distanciamento entre o referente e o emissor.
e) A frase II, não contendo artigo definido diante do nome próprio, está errada.

4. (ITA-SP) Determine o caso em que o artigo tem valor de qualificativo.

a) Estes são os candidatos de que lhe falei.
b) Procure-o, ele é o médico! Ninguém o supera.
c) Certeza e exatidão, estas qualidades não as tenho
d) Os problemas que o afligem não me deixam descuidado.
e) Muita é a procura; pouca a oferta.

5. (FATEC-SP) Indique o erro quanto ao emprego do artigo.

a) Em certos momentos, as pessoas as mais corajosas se acovardavam.
b) Em certos momentos, as pessoas mais corajosas se acovardavam.
c) Em certos momentos, pessoas as mais corajosas se acovardam.
d) Em certos momentos, pessoas mais corajosas se acovardam.

6. (UM-SP) Assinale a alternativa em que há erro.

a) Li a notícia no *Estado de S. Paulo*.
b) Li a notícia em *O Estado de S. Paulo*.
c) Essa notícia, eu a vi em *A Gazeta*.
d) Vi essa notícia em *A Gazeta*.
e) É em *O Estado de S. Paulo* que li a notícia.

7. (ESAN-SP) Assinale a alternativa correta.

a) Mostraram-me cinco livros. Comprei todos cinco.
b) Mostraram-me cinco livros. Comprei todos cinco livros.
c) Mostraram-me cinco livros. Comprei todos os cinco.
d) Mostraram-me cinco livros. Comprei a todos cinco livros
e) n.d.a

8. (UM-SP) Em qual das alternativas colocaríamos o artigo definido feminino para todos os substantivos?

a) sósia - doente - lança-perfume
b) dó - telefonema - diabetes
c) clã - eclipse - pijama
d) cal - elipse - dinamite
e) champanha - criança - estudante

GABARITO

1 – C	2 – D	3 – E
4 – B	5 – A	6 – A
7 – C	8 – D	

CAPÍTULO 5

NUMERAL

5.1 DEFINIÇÃO

É a palavra variável que, acompanhando ou substituindo o substantivo, transmite uma noção de quantidade ou de ordem numérica.

- **Dois terços** do Congresso Nacional votaram contra a medida.
- João foi aprovado em **centésimo quinquagésimo lugar**.
- **Cinquenta e dois por cento** dos alunos não participarão dos jogos.
- Maria tem o **dobro** dos meus anos.
- Ele permanecerá internado no hospital durante uma **quinzena**.

⇨ **Observação:**

As palavras grifadas acima são numerais e transmitem, respectivamente, as seguintes noções: fração de um todo, ordem em uma sequência, número percentual, multiplicidade e número coletivo. Todos os termos são, portanto, **numerais propriamente ditos** ou **quantitativos definidos**.

5.2 CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE OS NUMERAIS

1. **Os numerais geralmente são termos adjetivos, ou seja, acompanham o substantivo em função de adjunto adnominal. Daí serem também chamados de "numerais adjetivos". Quando assumem a posição do substantivo, são denominados de "numerais substantivos", à semelhança dos pronomes.**

- No encontro havia **dois** mestres em Direito Constitucional.
  numeral adjetivo
- Os **dois** saíram com o professor de natação.
  numeral substantivo

2. **Na leitura dos numerais cardinais, emprega-se a conjunção "e" entre as centenas e as dezenas e entre estas e a unidade.**

- 324.670 = Trezentos **e** vinte e quatro mil seiscentos **e** setenta.
- 4.654.981 = Quatro milhões seiscentos **e** cinquenta **e** quatro mil novecentos **e** oitenta **e** um.

3. **A maioria dos povos usa os numerais de origem arábica (os numerais arábicos, como são conhecidos). Em épocas mais remotas, usavam-se bastante os numerais de origem romana (os numerais romanos). Hoje estes numerais são empregados em raras situações.**

5.3 CLASSIFICAÇÃO DOS NUMERAIS

De acordo com as suas funções, os numerais são classificados em:

a) cardinais
b) ordinais
c) fracionários
d) multiplicativos

e) coletivos

ALGARISMOS		CARDINAIS	ORDINAIS	MULTIPLICATIVOS	FRACIONÁRIOS	COLETIV
ROMANOS	ARÁBICOS					
I	1	um	primeiro			
II	2	dois	segundo	duplo ou dobro	meio, metade	par ou c
III	3	três	terceiro	triplo ou tríplice	terço	
IV	4	quatro	quarto	quádruplo	quarto	
V	5	cinco	quinto	quíntuplo	quinto	
VI	6	seis	sexto	sêxtuplo	sexto	
VII	7	sete	sétimo	séptuplo	sétimo	
VIII	8	oito	oitavo	óctuplo	oitavo	
IX	9	nove	nono	nônuplo	nono	novena
X	10	dez	décimo	décuplo	décimo	dezena
XI	11	onze	undécimo ou décimo primeiro	undécuplo	onze avos ou undécimo	onzena
XII	12	doze	duodécimo ou décimo segundo	duodécuplo	doze avos ou duodécimo	dúzia
XIII	13	treze	décimo terceiro		treze avos	
XIV	14	catorze	décimo quarto		catorze avos	
XV	15	quinze	décimo quinto		quinze avos	quinzen
XVI	16	dezesseis	décimo sexto		dezesseis avos	
XVII	17	dezessete	décimo sétimo		dezessete avos	
XVIII	18	dezoito	décimo oitavo		dezoito avos	
XIX	19	dezenove	décimo nono		dezenove avos	
XX	20	vinte	vigésimo		vinte avos ou vigésimo	
					trinta avos ou	

XXX	30	trinta	trigésimo		trigésimo	trintena
XL	40	quarenta	quadragésimo		quarenta avos ou quadragésimo	quarent
L	50	cinquenta	quinquagésimo		cinquenta avos ou quinquagésimo	
LX	60	sessenta	sexagésimo		sessenta avos ou sexagésimo	
LXX	70	setenta	septuagésimo		setenta avos ou septuagésimo	
LXXX	80	oitenta	octogésimo		oitenta avos ou octogésimo	
XC	90	noventa	nonagésimo		noventa avos ou nonagésimo	
C	100	cem	centésimo	cêntuplo	cem avos ou centésimo	centena
CXLIV	144	cento e quarenta e quatro	centésimo quadragésimo quarto		cento e quarenta e quatro avos	grosa
CC	200	duzentos	ducentésimo		duzentos avos ou ducentésimo	
CCC	300	trezentos	trecentésimo		trezentos avos ou trecentésimo	
CD	400	quatrocentos	quadrigentésimo		quatrocentos avos ou quadringentésimo	
D	500	quinhentos	quingentésimo		quinhentos avos ou quingentésimo	
DC	600	seiscentos	seiscentésimo ou sexcentésimo		seiscentos avos ou sexcentésimo	
DCC	700	setecentos	septingentésimo		setecentos avos ou septingentésimo	

DCCC	800	oitocentos	octingentésimo		oitocentos avos ou octingentésimo	
CM	900	novecentos	noningentésimo ou nongentésimo		novecentos avos ou nongentésimo	
M	1.000	mil	milésimo		milésimo	milheiro milhar
MM	2.000	dois mil	dois milésimos		dois mil avos	
X	10.000	dez mil	dez milésimos		dez mil avos ou décimo milésimo	
C	100.000	cem mil	cem milésimos		cem mil avos ou centésimo milésimo	
M	1.000.000	um milhão	milionésimo		milionésimo	
M	1.000.000.000	um bilhão	bilionésimo		bilionésimo	

5.4 REGRAS GERAIS PARA O EMPREGO DOS NUMERAIS

1. Empregam-se os cardinais para a designação de datas e horas, como também para designar capítulos, parágrafos, folhas ou quaisquer divisões de uma obra.

- Recife, 23 de junho de 2008.
- Em São Paulo, são 23h38min.
- Esse pensamento encontra-se no capítulo 22, na página 49.

⇨ **Observações:**

a) Pode-se dizer corretamente: a páginas 25, na página 25 ou à página 25; 14 de janeiro, a 14 de janeiro, em 14 de janeiro ou aos 14 de janeiro.

b) Como já se disse, na computação dos dias dos meses empregam-se os numerais cardinais à exceção do primeiro dia de cada mês, para o qual se emprega o ordinal: primeiro de abril, primeiro de setembro etc.

2. Em alguns contextos, os cardinais são empregados em sentido indefinido.

- Preciso lhe dizer **duas** palavras. (duas = algumas)
- Já lhe disse isso **mil** vezes. (mil = várias)

3. Depois de vinte, a aditiva "e" funde-se com o "e" final daquele cardinal na pronúncia cotidiana; por isso, em alguns escritores clássicos, nota-se a omissão da aditiva.

- "... quarta-feira, **vinte três** de agosto, mandou levantar âncora." (Barros, Dec. I, *apud* Cláudio Brandão)
- "Esteve **vinte quatro** horas sem fala." (Sousa, S. Dom., I, *apud* Cláudio Brandão)

4. "Ambos" e "ambas" são considerados numerais duais, pois sempre se referem a um par de coisas ou de pessoas. Logo, "ambos os dois", "ambos de dois" são expressões pleonásticas e devem ser evitadas em linguagem formal.

- "...porque um nasceu de outro, a não ser que **ambos** formem duas metades de um só." (Machado de Assis)
- "Assim dizendo, o pajé passou o cachimbo ao estrangeiro; e entraram **ambos** na cabana." (José de Alencar)

⇨ **Observação:**

Quando antepostos a um substantivo, empregam-se "ambos" e "ambas" seguidos geralmente de um artigo definido e mais raramente de um pronome possessivo ou demonstrativo.

- "As monjas saem sucessivamente de **ambos os** lados e vêm ajoelhar

aos pés da abadessa.” (A. Herculano)

- “Dizendo, fechou por dentro **ambas as portas**, e sentou-se sobre uma arca.” (Camilo Castelo Branco)

5. Na designação de reis, papas, soberanos, séculos e partes de uma obra (capítulos, tomos etc.), empregam-se os ordinais até o dez e os cardinais daí por diante. Se o numeral anteceder o substantivo, empregam-se os ordinais.

- Século **sexto**
- Capítulo **segundo**
- João **vinte e três**
- Século **vinte e um**
- Leão **décimo**
- Henrique **quarto**
- Luís **catorze**
- Pedro **primeiro**
- **quarto** século
- **sexto** capítulo
- **décimo primeiro** papa
- **trigésimo** tomo

6. Na designação de artigos de leis, decretos, portarias, regulamentos etc., usam-se os ordinais até nove e os cardinais de dez em diante. Se o numeral vier anteposto, empregam-se os ordinais.

- artigo **segundo**
- inciso **quarto**
- parágrafo **nono**
- artigo **vinte e três**
- inciso **catorze**
- parágrafo **doze**
- **quadragésimo** artigo
- **décimo quinto** inciso
- **sétimo** parágrafo

7. “Cem”, forma contraída de “cento”, usa-se como adjetivo e é invariável.

- cem páginas
- cem pessoas
- cem homens
- cem animais

8. “Cento” se emprega hoje geralmente como adjetivo na designação dos números entre cem e duzentos, e é invariável.

- Cento e vinte
- cento e cinquenta
- cento e dois

9. Os numerais inteiros são invariáveis, à exceção de “um, dois, ambos, os compostos de –entos e os terminados em -ão (milhão, bilhão, trilhão etc.)”.

- Já estavam presentes na sala $\underset{\text{invariável}}{\underline{\text{vinte}}}$ pessoas.
- O show deve ser visto por $\underset{\text{invariável}}{\underline{\text{mil}}}$ pessoas.
- Ele comeu cerca de $\underset{\text{invariável}}{\underline{\text{trinta e quatro}}}$ docinhos.
- Falei com $\underset{\text{variável}}{\underline{\text{duas}}}$ pessoas hoje.

10. Os numerais coletivos (chamados também de “seriativos”) têm grande semelhança com os substantivos coletivos. Diferem destes, porém, por denotarem número rigorosamente delimitado.

- quinzena = 15 dias
- quinquênio ou lustro = 5 anos
- quarteirão = grupo de 25
- semestre = 6 meses
- milênio = 1.000 anos
- novena = 9 dias
- vintena = grupo de 20
- dúzia = grupo de 12
- tríduo = 3 dias

11. Os numerais ordinais se flexionam tanto em gênero quanto em número.

- primeiro passo
- primeiros passos
- primeira leitura
- primeiras leituras

12. Ao lado das grafias “bilhão”, “trilhão” e “quatrilhão”, existem as menos usuais, mas igualmente corretas, “bilião”, “trilião” e “quatrilião”. Esses numerais não apresentam flexão de gênero – apresentam-se tão somente sob a forma masculina.

- Ninguém conseguiu acertar todas as questões dentre as 15 milhões de pessoas participantes.

Corrija-se para: "... dentre os 15 milhões de pessoas participantes."

⇨ **Observações:**

Geralmente "milhão, bilhão, trilhão, quatrilhão" vêm acompanhados de um adjunto especificador no plural. Neste caso, o verbo da concordância poderá tanto concordar no singular com os numerais ou ir para o plural para concordar com a especificação.

- Um milhão de pessoas — **foi** / ou / **foram** — ao show.
- Mais de um milhão de dólares **foi gasto** (ou **foram gastos**) para a reconstrução do templo.

5.5 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (TELERJ) Assinale a alternativa em que o numeral tem valor hiperbólico:

   a) Naquele estádio havia quinhentas pessoas.
   b) Mais de cem milhões de brasileiros choraram.
   c) "Com mil demônios" – praguejou ele, diante do acidente fatal.
   d) Ele foi o quadragésimo colocado.
   e) Cinco oitavos do prêmio couberam a mim.

2. (FVE-SP) Assinale o item em que o numeral ordinal, por extenso, esteja correto:

   a) 2.866.º – dois milésimos, octogésimo, sexagésimo sexto
   b) 6.222.º – sexto milésimo, ducentésimo, vigésimo segundo
   c) 3.478.º – três milésimos, quadringentésimo, septuagésimo oitavo
   d) 1.899.º – milésimo, octogésimo, nongentésimo nono

e) 989.º – nonagésimo, octogésimo nono

3. (ITA-SP) Assinale o que estiver correto:

a) Seiscentismo se refere ao século XVI.
b) O algarismo romano da frase anterior se lê: décimo sexto.
c) Duodécuplo significa duas vezes, dodécuplo, doze vezes.
d) Ambos os dois é forma enfática correta.
e) Quadragésimo, quarentena, quadragésima, quaresma só aparentemente se referem a quarenta.

4. (VUNESP) Identifique o caso em que **não** haja expressão numérica de sentido indefinido:

a) Ele é duodécuplo colocado.
b) Quer que veja esse filme pela milésima vez?
c) "Na guerra os meus dedos dispararam mil mortes."
d) "A vida tem uma só entrada, a saída é por cem portas."
e) n. d. a.

5. (PUCCAMP-SP) Os ordinais referentes aos números **80**, **300**, **700** e **90** são, respectivamente:

a) octagésimo – trecentésimo – setingentésimo – nongentésimo
b) octogésimo – trecentésimo – setingentésimo – nonagésimo
c) octingentésimo – tricentésimo – septuagésimo – nongentésimo
d) octogésimo – tricentésimo – septuagésimo – nongentésimo
e) n. d. a.

6. (FMU-SP) **Triplo** e **tríplice** são numerais:

a) ordinal o primeiro e multiplicativo o segundo.
b) ambos ordinais.

c) ambos cardinais.
d) ambos multiplicativos.
e) multiplicativo o primeiro e ordinal o segundo.

7. (UFPR) Se a *cinco* vem a corresponder *quinto*, a **onze**, **quarenta**, **cinquenta**, **sessenta** e **setenta**, respectivamente, correspondem:

a) undécimo, quadragésimo, cinquentésimo, sexagésimo, septuagésimo
b) décimo primeiro, quaresma, quinquagésimo, sexagésimo, septuagésimo
c) undécimo, quadragésimo, quinquagésimo, sexagenário, septuagésimo
d) décimo primeiro, quadragésimo, quinquagésimo, sexagésimo, septuagésimo
e) undécimo, quadragésimo, quinquagésimo, sexagésimo, septuagésimo

8. (FMU-SP) Sabendo-se que os numerais podem ser cardinais, ordinais, multiplicativos e fracionários, podemos dar os seguintes exemplos:

a) uma (cardinal), primeiro (ordinal), Leão onze (multiplicativo) e meio (fracionário)
b) um (cardinal), milésimo (ordinal), undécuplo (multiplicativo) e meio (fracionário)
c) um (cardinal), primeiro (cardinal), Leão onze (multiplicativo) e meio (fracionário)
d) um (cardinal), primeiro (cardinal), cêntuplo (multiplicativo) e centésimo (fracionário)
e) um cardinal (cardinal), primeiro (ordinal), duplo (multiplicativo), não existindo numeral denominado fracionário

9. (Ufam) Assinale o item em que NÃO é correto ler o numeral como

vem indicado entre parênteses:

a) Pode-se dizer que no século IX (nono) o português já existia como língua falada.
b) Pigmalião reside na Casa 22 (vinte e duas) do antigo Beco do Saco do Alferes, em Aparecida.
c) Abram o livro, por favor, na página 201 (duzentos e um).
d) O que procuras está no art. 10 (dez) do código que tens aí na mão.
e) O Papa Pio X (décimo), cuja morte teria sido apressada com o advento da Primeira Guerra Mundial, foi canonizado em 1954.

10. (UnB-DF) Assinale a alternativa em que *meio* funciona como advérbio.

a) Só quero meio quilo.
b) Achei-o meio triste.
c) Descobri o meio de acertar.
d) Parou no meio da rua.
e) Comprou um metro e meio.

11. (Fasp) Ele obteve o ... (123.º) lugar.

a) centésimo vigésimo terceiro
b) centésimo trigésimo terceiro
c) cento e vinte trigésimo
d) cento e vigésimo terceiro

12. (FSCS-SP) Associe o sentido ao respectivo numeral coletivo.

(1) período de seis anos	( ) dístico
(2) período de cinco anos	( ) decúria
(3) estrofe de dois versos	( ) sexênio
(4) período de cem anos	( ) centúria

(5) agrupamento de dez coisas ( ) lustro

13. (Acafe-SC) Assinale a alternativa **correta**.

a) Os substantivos *cão*, *tabelião*, *pão*, *alemão* e *cidadão* fazem o plural mudando -ão em -ães.

b) A torre é **altíssima**. A palavra destacada é adjetivo e está no grau superlativo absoluto analítico.

c) Vendi todos **os** livros a **uns** alunos. As palavras destacadas são pronomes definidos.

d) O **dobro** do meu dinheiro é igual à **metade** do teu. As palavras destacadas são numerais multiplicadores.

e) Levaram-**me** o caderno. A palavra destacada é pronome pessoal oblíquo.

GABARITO

1 – C	2 – B	3 – D
4 – A	5 – B	6 – D
7 – E	8 – B	9 – B
10 – B	11 – A	12 – 3, 5, 1, 4, 2
13 – E		

CAPÍTULO 6

PRONOME

Observe o exemplo abaixo:

- Quem poderia comprar todos estes meus livros que eu adquiri numa promoção em São Paulo?

Perceba que todos os elementos grifados acima ou estão no lugar do substantivo ou estão acompanhando um substantivo.

1. O “quem” exerce a função de sujeito da primeira oração; função típica e própria do substantivo.
2. Os elementos “todos”, “estes” e “meus” se referem ao substantivo “livros”, trazendo, respectivamente, as noções de “cada um”, de “localização espacial” e de “posse”.
3. O elemento “que” retoma e substitui, ao mesmo tempo, o substantivo “livros”.
4. Por fim, o elemento “eu” representa o sujeito do verbo “adquirir”. Exerce, portanto, função própria do substantivo.

6.1 DEFINIÇÃO

A partir do exemplo dado, podemos dizer que a classe de palavra variável que substitui

ou acompanha o substantivo é denominada de **pronome**.

Como o adjetivo, o numeral e o artigo também são classes morfológicas que acompanham o substantivo, podemos afirmar que a grande distinção entre estes e o pronome se dá pelo fato deste último situar o substantivo numa pessoa do discurso.

As pessoas do discurso são:

a) o ser que fala – **1.ª pessoa** (eu e nós)
b) o ser com quem se fala – **2.ª pessoa** (tu e vós)
c) o ser (ou coisa) de que se fala – **3.ª pessoa** (ele e eles)

Logo, é possível também se definir "pronome" como a classe morfológica que substitui e acompanha o substantivo, situando-o numa pessoa do discurso.

6.2 PRONOMES ADJETIVOS E PRONOMES SUBSTANTIVOS

De acordo com as afirmações iniciais, podemos classificar de antemão os pronomes em: **substantivos** e **adjetivos**.

→ **Pronome substantivo**, como o próprio nome já o diz, é aquele que se põe no lugar do substantivo e passa a exercer uma função típica deste.
→ **Pronome adjetivo**, por outro lado, é aquele que acompanha o substantivo, atribuindo-lhe informações acessórias.

Observe:

- **Ele** jamais desconfiou de **nossa** honestidade.
  pronome substantivo *pronome adjetivo*
- O rapaz **o** comprou por **meu** intermédio.
  pronome substantivo *pronome adjetivo*
- **Esses** rapazes jamais visitaram **aquele** vilarejo.
  pronome adjetivo *pronome adjetivo*
- **Alguém** chegou aqui e nos deixou **isto**.
  pronome substantivo *pronome substantivo*

6.3 CLASSIFICAÇÃO DOS PRONOMES

Os pronomes se classificam de acordo com suas funções em:

I. Pronomes pessoais
II. Pronomes demonstrativos
III. Pronomes indefinidos
IV. Pronomes possessivos
V. Pronomes relativos
VI. Pronomes interrogativos

6.3.1 PRONOMES PESSOAIS

São assim denominados os pronomes que indicam diretamente as pessoas gramaticais: o falante (1.ª pessoa), o ouvinte (2.ª pessoa) e o que não toma parte na conversa (3.ª pessoa). São classificados em **retos**, **oblíquos** e **de tratamento**.

PRONOMES PESSOAIS		
RETOS	OBLÍQUOS	
	Átonos	Tônicos
EU	ME	MIM, COMIGO
TU	TE	TI, CONTIGO

ELE	O, A, LHE, SE	SI, CONSIGO, ELE, ELA
NÓS	NOS	CONOSCO, NÓS
VÓS	VOS	CONVOSCO, VÓS
ELES	OS, AS, LHES, SE	SI, CONSIGO, ELES, ELAS

6.3.1.1 Emprego dos pronomes pessoais do caso reto (principais regras)

1. A princípio, convém dizer que os pronomes são denominados de "retos" porque exercem função subjetiva, ou seja, funcionam como sujeito de um verbo. Por outro lado, são denominados de oblíquos os pronomes que exercem função complementar.

- **Eles** jamais deixarão os juros caírem demais.
  caso reto
- Ainda não **me** comunicaram o fato.
  caso oblíquo
- Todos irão **conosco**, João.
  caso oblíquo
- **Nós** encontrá-**lo**-emos no shopping à tarde.
  caso reto *caso oblíquo*

2. Importante também perceber que a força de tonicidade do pronome interfere no seu emprego. Os pronomes tônicos, por exemplo, são sempre usados precedidos de uma preposição, fato que não se dá com os átonos, os quais repelem a presença de uma preposição essencial que os reja.

- Ele sempre gosta de falar de **si**.
  tônico
- Trouxemos dois hambúrgueres para **ti**, Madalena.
  tônico
- A **mim**, não me interessam as objeções do guia.
  tônico
- Deixaram o livro para **eu** ler durante o final de semana.
  átono

⇨ **Observação:**

No último exemplo, a preposição “para” que antecede o pronome “eu” rege toda a oração de finalidade. Não está regendo, portanto, o pronome, que é átono.

3. **Os pronomes do caso reto “eu” e “tu” só aparecem como sujeito, salvo raras exceções. Por isso, os tais pronomes nunca ocorrerão regidos por preposição. Veja:**

- Ainda ontem **eu** participei de uma plenária.
  pronome do caso reto, sujeito
- Parece que **tu** ainda não sabes o valor da vida.
  pronome do caso reto, sujeito
- Não há problemas **entre eu** e **tu**, Mário. (**construção errada**)
  os pronomes “eu” e “tu” não admitem ser regidos por preposição

Corrija-se para → Não há problemas **entre mim** e **ti**, Mário.

- Onde está o papel **para mim** imprimir o trabalho? (**construção errada**)

Corrija-se para → Onde está o papel para **eu imprimir** o trabalho? (“eu” é o sujeito do verbo “imprimir”)

- A notícia chegou **até eu**. (**construção errada**)

Corrija-se para → A notícia chegou **até mim**.

- Por favor, não saiam **sem mim**. (A presença da preposição exige que seja usado um pronome tônico)
- Eles saíram sem **eu dar** o dinheiro para o cinema. (O “eu” é o sujeito do verbo “dar”. A preposição “sem” rege a oração)

⇨ **Observação:**

Os pronomes “eu” e “tu” podem, excepcionalmente, aparecer nas funções de “predicativo” e “vocativo”, respectivamente.

- Por favor, deixe que eu seja **eu**.
  pronome pessoal, predicativo
- "Ó **tu**, meu senhor, ajuda-nos com teus favores!"
  pronome pessoal, vocativo

4. No português falado no Brasil, o pronome "tu" foi praticamente substituído pelo pronome de tratamento "você". Importante destacar, ademais, que o "você" se refere à 2.ª pessoa do discurso, mas exige o verbo da concordância sempre na 3.ª pessoa do singular.

- João, você vai conosco ao show?
- Você sabe o segredo dos animais?

⇨ **Observação:**

Em algumas regiões do Brasil, o falar coloquial emprega o "tu" com o verbo flexionado na terceira pessoa do singular: "Tu foi...", "Tu vai...", "Tu sabe...". Tais construções são, como já se disse, típicas da linguagem coloquial e jamais devem ser empregadas em processos comunicativos que exigem o padrão culto da língua.

5. Na linguagem oral, é bastante comum a substituição do pronome de primeira pessoa do singular "eu" pelo pronome de primeira pessoa do plural "nós". Essa troca visa dar à mensagem um tom menos arrogante, menos presunçoso. É o que se denomina de "plural de modéstia".

Em vez de: "**Eu concedo** a medalha de honra ao mérito ao escoteiro João da Silva."

Emprega-se: "**Nós concedemos** a medalha de honra ao mérito ao escoteiro João da Silva."

6. É bastante comum na linguagem coloquial a substituição do pronome do caso reto "nós" pela forma "a gente" (separado). Tal substituição, repita-se, é típica da linguagem coloquial.

6.3.1.2 Emprego dos pronomes pessoais do caso oblíquo (principais regras)

1. Os pronomes "ele, ela, nós, vós, eles e elas", por possuírem força tônica, podem também aparecer em função oblíqua. Neste caso, eles virão obrigatoriamente regidos por uma preposição. Observe a diferença:

- **Eles** não irão à festa da nossa turma.
  pronome do caso reto, sujeito
- Disseram a **eles** que a festa não se realizará.
  pronome do caso oblíquo tônico, objeto indireto
- **Nós** certamente realizaremos o projeto.
  pronome do caso reto, sujeito
- Atribuíram **a nós** o problema com a gerência.
  pronome do caso oblíquo tônico, objeto indireto
- A mulher do prefeito, parece que viram **a ela** no shopping com um homem suspeito.
  pronome do caso oblíquo tônico, objeto direto preposicionado

⇨ **Observações:**

a) É construção tipicamente coloquial o emprego dos pronomes "ele, ela, eles, elas" em função complementar desprovidos de preposição.

- Eu vi **ele** no shopping ontem.
  construção coloquial
- Vão levar **ela** para o médico agora.
  construção coloquial

b) Os pronomes "ele, ela, eles, elas", quando funcionam como complemento, podem se contrair com as preposições "de" e "em".

- Todos acreditam **nele**.
- A família depende **dele** para sobreviver.

c) Percebemos, portanto, que, quando há a presença de uma preposição essencial, deve-se – obrigatoriamente – usar os pronomes pessoais tônicos, já que os pronomes átonos são insuscetíveis de virem regidos por preposição. Observe:

- Após **mim**, veio o cortejo.
- Desde **ti** até **mim**, nunca houve mudança significativa na Universidade.
- Pedro fez tudo por **mim** e por **ti**.
- Durante a turbulência, várias malas caíram sobre **mim**.
- Todos se coligaram contra **mim**.
- Diante de **mim**, todos se calaram.

2. Os pronomes "si" e "consigo" são oblíquos tônicos reflexivos e só devem ser usados com referência ao sujeito da oração. Considera-se erro, portanto, construções em que os pronomes "si" e "consigo" não se refiram ao sujeito.

- Os rapazes sempre levam **consigo** um punhado de farinha.
  pronome oblíquo tônico se referindo ao sujeito "os rapazes"
- Ele sempre fala de **si** para os estranhos.
  pronome oblíquo tônico se referindo ao sujeito "ele"
- Paulo e Marcos, o diretor de recursos humanos quer falar **consigo**. (**construção errada**)
  O pronome deve se referir a "Paulo" e a "Marcos".

Corrija-se para → Paulo e Marcos, o diretor de recursos humanos quer falar **com vocês**. (ou "**convosco**")

3. Os pronomes "comigo, contigo, consigo, conosco, convosco" já trazem em si mesmos a preposição "com", pois são o resultado da combinação desta preposição com a formas oblíquas da primeira, da segunda e da terceira pessoa do singular e do plural.

- A minha filha sempre vai **comigo** às pescarias.
- Ao saíres, avisa-nos, pois iremos **contigo**.
- João e Maria irão **conosco**.
- Ela traz **consigo** boas experiências.

⇨ **Observação:**

Os pronomes “conosco” e “convosco” devem ser substituídos pelas suas formas analíticas “com nós” e “com vós”, respectivamente, quando há a presença de um reforço do pronome por meio de adjunto adnominal. Geralmente, esse reforço se dá com os vocábulos “mesmo” e “próprio”. Observe:

- Eles irão conosco. **ou**
- Eles irão
  - com nós mesmos.
  - com nós próprios.
  - com nós outros.
  - com nós dois.

4. Os pronomes oblíquos átonos “me, te, se, nos, vos” são empregados como complementos tanto de verbos transitivos diretos quanto de verbos transitivos indiretos. Podem, portanto, funcionar como objeto direto (caso acusativo em latim) ou objeto indireto (caso dativo em latim), a depender da regência verbal.

- Sempre **nos** disse o que fazer nas horas difíceis.
  objeto indireto
- Informaram-**nos** sobre o problema.
  objeto direto
- Eles **se** viram, mas não **se** cumprimentaram.
  objeto direto *objeto direto*
- Parece que vão **me** dizer a verdade.
  objeto indireto
- Eu **vos** louvo pela atitude salvadora que tivestes.
  objeto direto
- Essa notícia **te** deu ânimo para continuar?
  objeto indireto

5. Já os oblíquos “o, a, os, as” são usados como complementos para verbos transitivos diretos e verbos transitivos diretos e indiretos em sua parte direta. Funcionam, pois, como objetos diretos. São, por isso, denominados de pronomes acusativos, já que em latim a função acusativa diz respeito ao objeto direto. Tais pronomes equivalem aos oblíquos tônicos preposicionados “a ele, a ela, a eles, a elas”.

- Os jornalistas **o** fotografaram quando descia a serra. (= fotografaram a ele)
- Todos **as** aplaudiam com entusiasmo. (= aplaudiam a elas)

⇨ **Observação:**

Os pronomes "o, a, os, as", quando estão enclíticos a verbos terminados em "-r, -s, -z", assumem as formas "lo, la, los, las" e a forma verbal perde aquelas consoantes. Quando enclíticos a verbos terminados em ditongo nasal, assumem as formas "no, na, nos, nas". Veja:

- Encontraram o homem deitado. = Encontraram-**no** deitado.
- Pegou dinheiro para comprar dois livros. = Pegou dinheiro para comprá-**los**.

6. **Os pronomes oblíquos "lhe, lhes" substituem termos que exigem preposição. Quando completam verbos, funcionam como objetos indiretos de verbos transitivos indiretos e de verbos transitivos diretos e indiretos em sua parte indireta. Referem-se, portanto, ao caso dativo do latim. Estes pronomes também equivalem aos oblíquos tônicos preposicionados "a ele, a ela, a eles, a elas".**

- Todos **lhe** fizeram grandes elogios. (= fizeram grandes elogios a ela / a ele.)
- Pediram-**lhes** que se mantivessem calados. (= pediram a eles / a elas que se...).

7. **Os pronomes "me, te, lhe, nos, vos" podem fazer a vez de legítimos pronomes possessivos. Equivalem, respectivamente, a "meu / minha, teu / tua, seu / sua, dele / dela, nosso / nossa, vosso / vossa e plurais". Observe:**

- Ao ver o sumo pontífice, beijou-**lhe** uma das mãos. → Isto é: ... beijou uma de **suas** mãos.

- A velocidade do vento despenteava-**nos** os cabelos. → Isto é: ... despenteava os **nossos** cabelos.

6.3.2 PRONOMES DE TRATAMENTO

Uma divisão interessante dos pronomes pessoais é a dos pronomes de tratamento. São assim denominados porque se usam tais pronomes em referência a certas pessoas consideradas autoridades ou em certos contextos comunicativos quando a formalidade os exige.

Principais pronomes de tratamento e seus respectivos empregos:

Pronome de tratamento	Abreviatura	Emprego
você, vocês	v.	tratamento familiar, informal
senhor, senhores	Sr. Sr.es	tratamento respeitoso
senhorita, senhoritas	Sr.ta, Sr.tas	para mulheres solteiras
senhora, senhoras	Sr.a, Sr.as	tratamento respeitoso
Vossa Senhoria, Vossas Senhorias	V.S.a, V. S.as	para pessoas que exercem cargos importantes
Vossa Excelência, Vossas Excelências	V. Ex.a, V. Ex.as	para autoridades superiores (presidentes, juízes, deputados, senadores, governadores etc.)
Vossa Eminência, Vossas Eminências	V. Em.a, V. Em.as	para cardeais
Vossa Alteza, Vossas Altezas	V.A., VV.AA.	para príncipes, princesas e duques
Vossa Majestade, Vossas Majestades	V.M., VV.MM.	para reis e rainhas
Vossa Meritíssima	Por extenso	juízes
Vossa Magnificência, Vossas Magnificências	V. Mag.a, V. Mag.as	reitores
Vossa Reverendíssima, Vossas	V.Rev.ma,	sacerdotes religiosos, bispos, padres,

Reverendíssimas	V. Rev.mas	pastores
Vossa Santidade	V.S.	papa

Observações sobre os pronomes de tratamento:

a) Os pronomes de tratamento são pronomes que se referem à 2.ª pessoa do discurso. Entretanto, exigem a concordância verbal na 3.ª pessoa. Ademais, devem também ficar na 3.ª pessoa todos os elementos que a tais pronomes se refiram.

- Suas Excelências ainda não **deixaram** os seus despachos.
- Vossa Senhoria **deseja** um pouco de água?
- Vossas Majestades ainda não **inspecionaram** os **seus** cavalos este mês?

b) Tais fórmulas de tratamento só são consideradas pronomes de tratamento quando vêm antecedidas de "Sua" ou "Vossa". Desprovidas de tais partículas, tornam-se, no mais das vezes, meros "substantivos femininos" ou "adjetivos".

- Todos ficaram estupefatos perante a **majestade** (*substantivo feminino*) do templo.
- Aquele rapaz é um **reverendíssimo** (*adjetivo*) imbecil.
- É uma **excelência** (*substantivo feminino*) de pessoa.

c) Emprega-se "Sua" quando nos referimos à pessoa. Por outro lado, empregamos "Vossa" quando nos dirigimos à pessoa.

- Quando Sua Excelência chegar, avise-lhe, por favor, sobre o problema.
- Vossa Alteza, quer que eu lhe traga o almoço agora?

6.3.3 PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Outra categoria bastante usual na língua portuguesa é a dos

pronomes demonstrativos. São denominados demonstrativos porque situam as pessoas ou coisas no tempo ou no espaço, postas em relação às pessoas do discurso. Os pronomes demonstrativos apresentam formas variáveis e invariáveis.

Pronomes demonstrativos			
	Variáveis		Invariáveis
	Masculinos	Femininos	
1.ª pessoa	este, estes	esta, estas	isto
2.ª pessoa	esse, esses	essa, essas	isso
3.ª pessoa	aquele, aqueles	aquela, aquelas	aquilo

Além dos pronomes acima, são igualmente demonstrativos os seguintes pronomes: “mesmo(s), mesma(s), próprio(s), própria(s), tal, tais, semelhante(s)”.

6.3.3.1 Emprego dos pronomes demonstrativos

O emprego dos pronomes demonstrativos representa um dos pontos mais discutidos pelos estudiosos da língua, já que em muitos escritores encontram-se empregos controvertidos dos tais pronomes. Para facilitar o entendimento, dividimos o emprego dos demonstrativos em relação a três aspectos: localização espacial do referente, localização temporal do referente e localização textual do referente.

I) Quanto à localização espacial do referente temos as seguintes orientações:

a) Empregam-se “este, esta, isto e variações” quando o referente se encontra com o ser que fala.

- **Esta** camisa aqui custou-me quarenta reais.
- **Este** livro contém preciosas lições.

b) Emprega-se “esse, essa, isso e variações” quando o referente se encontra próximo, perto de quem fala.

- Quanto custou **essa** camisa que você está usando?
- Meu primo trouxe-me uma caneta **dessas** aí quando foi aos Estados Unidos.

c) Empregam-se “aquele, aquela, aquilo e variações” quando o referente se encontra distante do ser que fala.

- **Aquele** menino acolá passou em um concurso para juiz federal.
- **Daquela** ponte para este ponto aqui, são mais ou menos dois quilômetros.

II) Quanto à localização temporal do referente, temos as seguintes orientações:

a) Empregam-se “este, esta, isto e variações” quando se faz referências a um tempo presente em relação à pessoa que fala.

- Ainda este ano irei à Europa.
- Nesta tarde resolverei todo o problema com o síndico.

b) Empregam-se “esse, essa, isso e variações” quando se faz referências a um tempo passado ou futuro em relação à pessoa que fala.

- O ano passado marcou minha vida. **Nesse** ano nasceu meu filho.
- Espero que em 2100 o homem tenha encontrado a solução para muitos problemas. **Nesse** ano, esperamos não haver mais miséria, violência, abandono.

c) Empregam-se “aquele, aquela, aquilo e variações” quando se faz referências a passado distante em relação ao ser que fala.

- Em 1980, a inflação era galopante. **Naquele** ano, viviam-se os últimos anos do milagre econômico brasileiro.

- Os anos de 1939 a 1945 marcaram a humanidade. Durante **aqueles** anos, desenvolveu-se um dos maiores massacres perpetrados contra a humanidade: o extermínio dos judeus.

III) Quanto à localização textual do referente, temos as seguintes orientações:

a) Empregam-se "esse, essa, isso e variações" para retomar termos e informações já mencionados. Tais pronomes funcionarão como "elementos de coesão referencial anafórica".

- A violência assola o país de norte a sul. **Esse** problema inviabiliza muitos negócios comerciais no Brasil.
- Ao coração cabe toda a função de bombeamento sanguíneo. **Esse** órgão bate, quando regular, cerca de 80 vezes por minuto.

b) Empregam-se "este, esta, isto e variações" para antecipar termos e informações que ainda vão ser mencionados. Tais pronomes funcionarão, portanto, como "elementos de coesão referencial catafórica".

- O Brasil precisa disto: educação igualitária – de qualidade – para todos.
- Esta indagação jamais será respondida satisfatoriamente: "Quem nasceu primeiro: o ovo ou a galinha?".

c) Empregam-se "este, esta, isto e variações" para retomar, dentro de um período, o termo mais próximo, ou seja, o enunciado em segundo lugar, a fim de se evitar uma possível ambiguidade que os demonstrativos "esse, essa, isso e variações" poderiam gerar. Por outro lado, empregam -se "aquele, aquela, aquilo e variações" para retomar, dentro do período, o termo mais distante, ou seja, o enunciado em primeiro lugar.

- Brasil e Argentina travaram novos acordos comerciais. **Este** exportará carnes nobres e importará frutas tropicais **daquele**. → este = Argentina / daquele = Brasil.

- Os otimistas não julgam os pessimistas, nem **estes àqueles**, pois ambos convergem para alguma forma de idealismo. → estes = pessimistas / aqueles = otimistas.

d) Empregam-se – indistintamente – os pronomes "esse, essa, isso, este, esta, isto e variações" para retomar termos e ideias anteriormente expressos, mormente quando o elemento retomado se encontra imediatamente atrás de tais pronomes.

- "– Se eu fosse rica, você fugia, metia-se no paquete e ia para a Europa. Dito **isto**, espreitou-me os olhos..." (Assis, Machado. *Dom Casmurro*)

Outras observações acerca dos pronomes demonstrativos:

a) A contração "nisto" (em vez de "nisso") é frequentemente empregada em função circunstancial com o sentido de "nesse momento", "então", "em tal momento".

- A bomba estourou precisamente às 17h. **Nisto**, soaram todos os alarmes da cidade, e as forças armadas entraram em alerta.

b) Os demonstrativos "aquele/aquilo, aquela, aqueles e aquelas" podem aparecer em forma reduzida "o, a, os e as", respectivamente. Estes são usados em função substantiva e são seguidos de preposição ou de uma oração adjetiva encabeçada pelo relativo "que". Eles também aparecem em construções com o verbo "ser".

- Todos sabiam **o** que ele pensava sobre o problema. (... o = aquilo o qual ele pensava...).
  oração adjetiva

- Os que lutam são os que vencem. (os = aqueles)
  oração adjetiva *oração adjetiva*

- Se ele é pobre, eu também **o** sou.
  aquilo

- A classe estava cheia como nunca. **Os** da direita espremiam-se junto à parede enquanto **os** da esquerda sentavam uns no colo dos outros.
  aqueles *aqueles*

⇨ **Observação:**

O artigo definido, ausente o substantivo, converte-se em pronome demonstrativo, com o sentido de "aquele, aquela, aquilo, isso". Isto ocorre quando o "**o**" vem seguido de preposição, do pronome relativo "que" ou construído com o verbo "ser".

- A minha casa é menos confortável que **a** do vizinho.
  pronome demonstrativo

- Todos entenderam bem **o** que tu disseste.
  pronome demonstrativo

- Se ele é rico, eu também **o** sou.
  pronome demonstrativo

c) Os pronomes "mesmo" e "próprio" serão demonstrativos quando possuírem sentido de "exato", "idêntico", "em pessoa".

- De fato, foi João **mesmo** quem resolveu o problema.
- Éramos nós **mesmos** os responsáveis pela abertura e fechamento da empresa.
- Amanhã tu deverás ir à **mesma** rua em que estiveste na semana passada para falar com o comendador.

d) "Tal" será pronome demonstrativo quando equivaler aos demonstrativos "este, esse, aquele e flexões".

- Temos verdadeiro repúdio a **tal** sujeito.
- **Tal** foi o filme a que assistimos na semana passada.

e) A tradição e o uso consagraram a expressão "isto é" (e nunca "isso é") equivalente a "quer dizer", "significa", quando se vai esclarecer um pensamento, uma ideia.

- A vida é uma incógnita, **isto é**, nunca se sabe a que lugar ela chegará.

f) Como conjunção conclusiva, usa-se, hoje, mais frequentemente "por isso" em vez de "por isto", a despeito de esta última forma não estar errada.

- Sempre estudou com afinco, **por isso** (ou "**por isto**") obteve um bom desconto na mensalidade da escola.

g) "Semelhante" será pronome demonstrativo quando equivaler a "tal".

- Tenha mais cuidado para não cair em **semelhante** erro.

h) É condenável o emprego dos demonstrativos "mesmo(s), mesma(s)" em função substantiva. Tal fato se dá, porque não são próprias de tais pronomes funções como "sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal etc.". Observe abaixo:

- O bandido se evadiu, mas a polícia prendeu **o mesmo** poucas horas depois. (Prefira: "... mas a polícia o prendeu...")
- Encontramos o Ricardo em sua casa de praia. **O mesmo** nos disse que estava descansando um pouco. (Prefira: "... Ele nos disse que...")
- Na casa da Lurdinha há um bravo Pitbull. Joana disse que tinha muito medo **do mesmo**. (Prefira: "... tinha muito medo dele ou do cão.")

6.3.4 PRONOMES INDEFINIDOS

São denominados indefinidos os pronomes que se referem à 3.ª pessoa do discurso quando esta tem sentido vago e indeterminado.

Apresentam-se na língua portuguesa em um bom número – alguns são invariáveis e outros tantos variáveis.

INDEFINIDOS INVARIÁVEIS	INDEFINIDOS VARIÁVEIS
– alguém, ninguém; – tudo, nada; – algo; – cada; – outrem; – mais, menos, demais.	– algum, alguns, alguma, algumas; – nenhum, nenhuns, nenhuma, nenhumas; – todo, toda, todos, todas; – muito, muitos, muita, muitas; – pouco, pouca, poucos, poucas; – certo, certa, certos, certas; – vário, vários, vária, várias; – tanto, tantos, tanta, tantas; – quanto, quantos, quanta, quantas; – um, uns, uma, umas; – bastante, bastantes; – qualquer, quaisquer.

Além dos indefinidos acima, existem as chamadas "locuções pronominais indefinidas", que nada mais são do que a junção de mais de um vocábulo com função de um pronome indefinido. São exemplos dessas locuções: **cada um, cada qual, qualquer outro, quem quer que seja, fosse quem fosse, outro qualquer, todo aquele que, tudo o mais, seja qual for, um ou outro, todo o mundo** etc.

6.3.4.1 Considerações gerais sobre os pronomes indefinidos

1. **Os pronomes e as locuções indefinidos exigem, quando estão no singular, que o verbo da concordância fique também no singular.**

- Cada um dos trabalhadores **conseguiu** aumento este mês.
- Algum dos participantes **se entreteve** bastante com o novo invento.

2. Os pronomes indefinidos podem acompanhar o substantivo – pronomes indefinidos adjetivos – ou substituir o próprio substantivo – pronomes indefinidos substantivos.

- **Ninguém** chegou até agora.
  indefinido substantivo
- **Alguém** nos dirá o que fazer.
  indefinido substantivo
- **Muitos** alunos saíram da sala.
  indefinido adjetivo
- **Muito** trabalho, **pouco** dinheiro.
  indefinidos adjetivos

6.3.4.2 Emprego dos pronomes indefinidos

QUALQUER

"**QUALQUER**" só será pronome indefinido quando vier anteposto ao substantivo – neste caso, equivalerá a "algum(ns) / alguma(s)". Refere-se, portanto, a um indivíduo ou indivíduos tomados indistintamente dentre outros da mesma espécie. Quando posposto, exercerá a função morfológica de adjetivo e apresentará geralmente sentido depreciativo.

- **Qualquer** pessoa consegue fazer isso.
  pronome indefinido
- **Quaisquer** dúvidas, dirijam-se à direção do evento.
  pronome indefinido
- Era uma pessoa **qualquer**.
  adjetivo
- Fez um curso universitário **qualquer**.
  adjetivo

- "Desculpe-me esta franqueza; mas eu prefiro ser franco com você a sê-lo com **qualquer** outra pessoa." (Machado de Assis)
- "Antes de se entregar às fadigas da guerra,
  Dizem que um dia viu **qualquer** cousa do céu:
  E achou tudo vazio..." (Olavo Bilac)

TODO

"**TODO**" é um indefinido, chamado por alguns gramáticos de "coletivo universal". Possui as flexões "toda, todos, todas". É empregado de acordo com as seguintes orientações:

a) É hodierna e frequentemente empregado no singular, sem a presença de artigo definido, com a significação de "qualquer".

- **Todo** homem pode cometer um crime impensadamente.
- "...e ficamos tão felizes que **todo** receio de perigo desapareceu." (Machado de Assis)
- "Era homem de uma honestidade a **toda** prova e de uma primitiva simplicidade no seu modo de viver." (Aluísio Azevedo)

⇨ **Observação:**

Há gramáticos – notadamente os mais antigos – que não aceitam essa acepção do pronome indefinido "todo", pois só admitem o emprego do pronome indefinido "todo" com o sentido de "totalidade".

b) Embora haja posicionamentos contrários, pode também ser empregado no singular e anteposto a substantivo precedido ou não de artigo, significando "totalidade ou cada".

- "**Todo** homem é mortal, mas o homem **todo** não é mortal". (Carlos Drummond de Andrade)
- "Em **todo** o distrito de Oliveira, note bem, em **todo** ele! não há ninguém, absolutamente ninguém, que de longe, muito de longe, se compare ao Cavaleiro em inteligência, caráter, maneiras, saber, e finura política!" (Eça de Queiroz)
- "Por **toda** a parte andava acesa a guerra." (Camões)
- "No soveral havia **todo** o gênero de caça, e Argimiro o Negro (assim se chamava o rico-homem) gostava." (A. Herculano)

⇨ **Observação:**

Há gramáticos que, nesta acepção, só defendem o sentido do pronome “todo” como “cada”. Não encontramos, entretanto, apoio nos maiores conhecedores de nossa língua. Para eles, dentre os quais podemos destacar os mestres Manuel Said Ali e Mário Barreto, o pronome “todo”, anteposto a um substantivo, pode ou não aparecer com o artigo.

) Emprega-se no singular e posposto a um substantivo para indicar a totalidade das partes.

- Assim que chegamos, ele nos mostrou a casa **toda**. (= a casa em sua totalidade)
- Algumas alergias afetam o corpo **todo**. (= o corpo em sua totalidade)

) Emprega-se no plural, anteposto ou posposto, para indicar a totalidade numérica.

- Usou **todas** as forças para impedir o avanço da doença.
- “Dita a palavra, apertou-me as mãos com as forças **todas** de um vasto agradecimento, despediu-se e saiu.” (Machado de Assis)

) Emprega-se, acompanhando adjetivo atributivo, com o significado de “em todas as suas partes”, “completamente”, “muito”. Nesta acepção, a palavra “todo” exerce função de advérbio e admite flexão.

- “...na sua dificílima Torre, negra entre os limoeiros e o azul, **toda** envolta no piar e esvoaçar das andorinhas.” (Eça de Queiroz)
- “**Toda** assustada, quis saber o que é que me doía.” (Machado de Assis)
- “O Bento, velho de face rapada e morena, com um lindo cabelo branco **todo** encarapinhado, muito limpo, muito fresco na sua jaqueta de ganga,...” (Eça de Queiroz)

Portanto, fique atento, pois podemos dizer corretamente (saliente-se

que a forma flexionada, a qual concorda por atração com o substantivo, é mais comum na linguagem atual):

- A porta está **todo** / **toda** aberta.
- Vimos uma casa **todo** / **toda** branca.
- Ela está **todo** / **toda** cheia de alegria.
- A torta está **todo** / **toda** estragada.

Vejamos outros exemplos em notáveis escritores:

- "D. Felicidade acudiu, **toda** bondosa: — Deixe falar, Sr. Ledesma." (Eça de Queiroz)
- "E um dia assim! de um sol assim! E assim a esfera
  Toda azul, no esplendor do fim da primavera!" (Olavo Bilac)
- "A capela, completamente cheia, palpitava de curiosidade. Paris elegante estava **todo** ali." (Aluízio Azevedo)

TUDO

3. O pronome "TUDO" representa a forma neutra do pronome "TODO". Pode aparecer tanto como pronome substantivo quanto como pronome adjetivo. Como pronome adjetivo aparece em combinações do tipo "tudo isso, tudo aquilo, tudo o que, tudo o mais etc.". Geralmente se refere a coisas.

- "Sofrerei **tudo** por amor de ti." (Camilo Castelo Branco)
- "Vi **tudo** isto, e fiquei satisfeito." (Camilo Castelo Branco)
- "Gostava que em sua casa houvesse um pouco de **tudo**." (Aluísio Azevedo)

ALGUM

4. O pronome indefinido "ALGUM" emprega-se de acordo com as seguintes orientações:

) Anteposto ao substantivo assume frequentemente valor positivo

de “qualquer, um”.

- “Deste modo, viverei o que vivi, e assentarei a mão para **alguma** obra de maior tomo.” (Machado de Assis)
- “Folgamos de ver que os *ingleses* já servem para **alguma** coisa entre tão eminentes estadistas.” (Rui Barbosa)

) Anteposto ao substantivo, assume também o valor de “certo, um pouco de”.

- Por **algum** tempo esperou a projetada expedição de D. Pedro da Cunha, que pretendeu transportar ao Brasil a coroa portuguesa.” (José de Alencar)
- “Daqui a **algum** tempo, quando os entrelinhistas tiverem de celebrar as glórias do ministério 10 de março.” (Rui Barbosa)

) Com valor negativo, equivale a “nenhum”, quando posposto ao substantivo.

- “Mas não o leva à feira anual, nem o aplica em trabalho **algum**; deixa-o morrer de velho. Não lhe pertence.” (Euclides da Cunha)
- “Esse biltre sem senso moral **algum**.” (Lima Barreto)

CERTO

5. Este vocábulo só será pronome indefinido quando vier anteposto a um substantivo. Posposto ao substantivo, assume valor adjetivo, equivalendo a “verdadeiro, infalível, exato, fiel, que não falta, constante”.

- “As outras escravas a contemplavam todas com certo interesse e comiseração.” (Bernardo Guimarães)
  pronome indefinido
- “A questão não está em escrever uns versos certos que digam coisas bonitas.” (Lima Barreto)
  adjetivo

- “Se não nos enganamos, mui mal-avisados andam certos (pronome indefinido) liberais, acreditando que as reformas sinceras podem captar a boa vontade imperial.” (Rui Barbosa)
- “Seguia devagar, mas com um destino certo (adjetivo).” (Raul Pompéia)

⇨ **Observação:**

O vocábulo “**CERTO**” apresenta também função circunstancial (adverbial). Neste caso, equivalerá a “certamente”.

- “Ora, direis, ouvir estrelas. **Certo** perdeste o senso.” (Olavo Bilac)

OUTRO

6. É um pronome, cuja indefinição se encontra fora do âmbito do falante e do ouvinte. Tal indefinição o faz equivaler a “alguém, algo”. Geralmente aparece em expressões indefinidas “um ao outro, um do outro, um para o outro”.

- “Um ou **outro** branco, levado pela necessidade de sair, atravessava a rua.” (Aluísio Azevedo)
- “Ele, Alencar, na primeira noite em que a vira, exclamara, mostrando-a a ela e às **outras**, a assinatura.” (Eça de Queiroz)

O vocábulo “outro” também pode ser empregado com valor adjetivo. Neste caso, apresentará o significado de “novo”, “diferente”, “mudado”, “semelhante”, “igual”.

- “Os brasileiros de **outras** latitudes mal o compreendem, mesmo através das lúcidas observações de Bates.” (Euclides da Cunha)

CADA

7. É um pronome indefinido invariável. Designa os seres ou grupos de seres considerados um por um. Geralmente, aparece em

expressões indefinidas "cada um, cada qual".

- "**Cada um** deles trazia à cinta dois pistoletes, um punhal na ilharga do calção, e o arcabuz passado a tiracolo pelo ombro esquerdo." (José de Alencar)
- **Cada qual** terá a sua recompensa.
- Perdeu muito dinheiro em **cada** aposta que fez.
- "José Roberto e Sebastião Campos serviam às senhoras acompanhando com uma pilhéria **cada** prato que lhes ofereciam." (Aluísio Azevedo)

6.3.5 PRONOMES POSSESSIVOS

São denominados possessivos os pronomes que estabelecem uma noção de posse em referência às pessoas do discurso (1.ª, 2.ª e 3.ª), isto é, designam a pessoa gramatical a quem pertence o ser.

Pronomes possessivos		
Singular	1.ª pessoa	meu, minha, meus, minhas
	2.ª pessoa	teu, tua, teus, tuas
	3.ª pessoa	seu, sua, seus, suas
Plural	1.ª pessoa	nosso, nossa, nossos, nossas
	2.ª pessoa	vosso, vossa, vossos, vossas
	3.ª pessoa	seu, sua, seus, suas

6.3.5.1 Emprego dos pronomes possessivos

1. Em geral, os pronomes possessivos adjetivos facultam a anteposição de um artigo (determinante).

- Ainda não levei seu carro / ou / o seu carro para o lava-jato.

- Muitos professores elogiaram — nosso projeto. / ou / o nosso projeto.

2. Quando o pronome possessivo é empregado substantivamente, a presença do artigo ou de outro determinante que o substitua é indispensável.

- Encontrei — meu livro / ou / o meu livro, mas não vi **o teu**.
- Este carro aqui não é mais caro que **o seu**.

3. Na língua portuguesa, os pronomes possessivos concordam com a coisa possuída e não com o possuidor.

- Eu vi todos os alunos e **seu** professor (o professor dos alunos) debatendo o assunto da aula no pátio da escola.
- A garota e e o **seu** cãozinho (cãozinho da garota) passeavam pela praça tranquilamente.

4. Geralmente não se emprega o pronome possessivo antes de nomes que indicam "partes do corpo" ou "faculdades do espírito".

- Ontem eu machuquei o joelho. (e não "o meu joelho")
- João perdeu o senso. (e não "o seu senso")
- Parece que ele perdeu a vergonha. (e não "perdeu a sua vergonha")

5. Os pronomes "me, te, lhe, nos, vos, lhes" podem fazer as vezes de possessivos. Neste caso, eles equivalerão aos pronomes possessivos "meu, minha, teu, tua, seu, sua, nosso, vosso, dele, dela etc.".

- Naquele momento, ferveu-**me** o sangue. (Isto é = ...ferveu o **meu** sangue.)
- O vento assanhava-**nos** os cabelos. (Isto é = O vento assanhava os

nossos cabelos.)

- Cabelos cacheados moldam-**lhe** o rosto. (Isto é = ...moldam o rosto **dela** / ...moldam o **seu** rosto.)

⇨ **Observação:**

Esta substituição é bastante elegante do ponto de vista estilístico.

6. Os pronomes possessivos são usados, em muitos casos, para indicar afetividade, respeito, consideração.

- Sente-se, por favor, **minha** senhora.
- **Meu** ilustríssimo professor, é um grande prazer revê-lo.

7. Os possessivos "seu, sua, seus, suas" podem gerar ambiguidade quando há na estrutura oracional mais de uma terceira pessoa. Neste caso, convém substituí-los por "dele, dela, deles, delas".

- O governo brasileiro disse ao governo argentino que **suas** exportações melhoraram nos últimos meses. *(Exportações de quem? Do governo brasileiro ou do governo argentino?)*
- João disse a Lana que **sua** prima está doente. *(Prima de quem? De João ou de Lana?)*

⇨ **Observação:**

Para evitar esse processo de ambiguidade, muitos escritores usavam os possessivos "dele, dela, deles, delas" a fim de esclarecer a relação possessória.

- "A **sua** honra **dele** não dependia dos impulsos falsos ou torpes que tivera o coração dela." (Eça de Queiroz)
- "Ele respondia-me, a princípio com animação, depois mais frouxo, torcia a rédea da conversa para o **seu** assunto **dele**, abria um livro, perguntava-me se tinha algum trabalho novo." (Machado de Assis)

8. Em alguns casos, a mudança de posição do pronome possessivo implicará alteração de sentido do enunciado.

- O meu livro (= posse)
- O livro meu (= minha autoria)
- suas notícias (= notícias dadas por você)
- notícias suas (= notícias sobre você)
- sua fotografia (= fotografia tirada por você)
- fotografia sua (= fotografia que tiraram de você)

9. Empregam-se alguns possessivos no plural com o sentido de "parentes", "família".

- Como vão os **seus?** Os **meus** continuam no interior, trabalhando nas lavouras de café.

6.3.6 OS PRONOMES RELATIVOS

São denominados de relativos os pronomes que representam um ser já expresso (antecedente). Entretanto, só isso não basta para caracterizá-los, uma vez que outros pronomes também o fazem. A principal característica do pronome relativo é servir de vínculo gramatical entre duas orações, estabelecendo uma relação de subordinação. Daí serem também chamados tais pronomes de "relativos-conjuntivos".

Os principais pronomes relativos são:

PRONOMES RELATIVOS	
INVARIÁVEIS	**VARIÁVEIS**
que	o qual, a qual, os quais, as quais
quem	cujo, cuja, cujos, cujas
onde	quanto, quanta, quantos, quantas

⇨ **Observação:**

Funcionam também como pronomes relativos os vocábulos “como” e “quando”, quando retomam termos anteriormente mencionados.

6.3.6.1 Emprego dos pronomes relativos

QUE

É denominado de “relativo universal”, porque se refere tanto a coisas quanto a pessoas. Seus equivalentes variáveis são “a qual, o qual, as quais, os quais”. O relativo “que” só deve ser substituído por outro relativo em casos específicos.

- “Os soldados **que** tinham seguido a bandeira de Teodomiro tinham-se abalado para o combate.” (A. Herculano)
- “Ó tu, **que** tens de humano o gesto e o peito / ...” (Camões)

QUEM

No português moderno, este pronome só se refere a pessoas ou a cousas personificadas, daí ser chamado de “relativo personativo”. Com antecedente expresso, vem sempre regido por uma preposição.

- “Prezava com fanatismo o Marquês de Pombal, de **quem** sabia muitas anedotas.” (Aluísio Azevedo)
- “Isso não lhe fica bem; há por aí tanta moça bonita, a **quem** o senhor pode fazer a corte...” (Bernardo Guimarães)

⇨ Observação:

Em algumas orações o pronome relativo “quem” pode aparecer sem antecedente expresso. Neste caso, ele equivalerá a “aquele que”. Por equivaler – ao mesmo tempo – a um pronome demonstrativo e a um pronome relativo, o relativo “quem” é denominado de “relativo condensado”.

- **Quem** com ferro fere com ferro será ferido. (Provérbio)
  pronome relativo condensado → aquele que
- **Quem** chegou primeiro deve ter visto as modificações mais facilmente.
  pronome relativo condensado → aquele que

ONDE

É denominado de "relativo locativo", pois só é utilizado para retomar e substituir termos que contenham a noção de "lugar". Equivale a "em que" e variações (na qual, no qual, nas quais, nos quais). O seu antecedente, portanto, deve indicar "lugar".

- "Mas os livros dos enciclopedistas, as fontes **onde** a geração seguinte bebera a peçonha que saiu no sangue de noventa e três, não eram de todo ignorados." (Camilo Castelo Branco)
- "Pádua enxugou os olhos e foi para casa, **onde** viveu prostrado alguns dias, mudo, fechado na alcova." (Machado de Assis)

O QUAL, A QUAL, OS QUAIS, AS QUAIS

São os relativos que possuem as variações em gênero e número correspondentes ao pronome relativo "que". Esses relativos devem obrigatoriamente substituir o "que" quando este provocar ambiguidade, for precedido por uma preposição com mais de uma sílaba ou for eufonicamente melhor.

- "Fortalecem esta tradição as opiniões dos filósofos de todas as idades e nações, **os quais** nunca puderam compreender o homem moral sem pressupor uma primitiva perfeição." (Camilo Castelo Branco)
- "... os frecheiros lhe disparavam alguns tiros, que vinham bater-lhe na armadura, debaixo **da qual** já manava o sangue de algumas feridas." (A. Herculano)
- "Seguiu-se um alto silêncio, durante **o qual** estive a pique de entrar na sala, mas outra força maior, outra emoção..." (Machado de Assis)

CUJO, CUJA, CUJOS, CUJAS

São relativos utilizados para substituir termos que expressam noção

de posse ou de pertinência. Equivalem a “do qual, da qual, dos quais, das quais, seu, sua, seus suas, dele, dela, deles, delas”. Eles retomam um termo antecedente, mas concordam em gênero e número com o substantivo consequente (ou posposto). Não admitem a posposição de artigo e sempre exercem a função sintática de adjunto adnominal. O relativo “cujo” e suas flexões trazem implícita a preposição “de”.

- Comprei um livro cujas páginas são verdes.

Equivale a ➔
- as páginas do livro
- as páginas dele
- suas páginas
- as páginas do qual

- “Dê um destino qualquer a essa escrava, a **cujos** pés o senhor costuma vilmente prostrar-se: liberte-a, venda-a, faça o que quiser.” (Bernardo Guimarães)
- “O Freitas, em **cuja** casa Ana Rosa tivera o seu último histérico, também se achava presente, com a filha, a sua querida Lindoca.” (Aluísio Azevedo)

QUANTO, QUANTA, QUANTOS, QUANTAS

Estas palavras só serão consideradas pronomes relativos quando vierem antecedidas por um dos seguintes pronomes indefinidos “tudo, todo(a), todos(as)”. Transmitem ideia acessória de quantidade, de intensidade ou de número.

- “Que os fiéis abandonassem todos os haveres, tudo **quanto** os maculasse com um leve traço da vaidade.” (Euclides da Cunha)
- “É perfeitíssima oração sobre todas **quantas** foram feitas ou se puderem fazer a Deus.” (Bartolomeu dos Mártires, *apud* Cláudio Brandão)
- “Tudo **quanto** eu pedira e ambicionara,
  Tudo meus dedos e meus olhos calmos
  Gozavam satisfeitos nos seis palmos
  De tua carne saborosa e clara.” (Olavo Bilac)

COMO

É denominado de pronome relativo “modal”, pois sempre apresenta como antecedente um nome denotador de “modo, maneira, forma”. É facilmente substituível por “segundo o qual” ou “pelo qual”, “segundo a qual” ou “pela qual”.

- Desconfiamos bastante da maneira **como** ele age.
- “E acharás a maneira **como** emendes a vida.” (Gil Vicente *apud* Cláudio Brandão)

QUANDO

Será pronome relativo quando possuir como antecedente um substantivo que exprima tempo ou divisões da duração, e nessa hipótese equivalerá a “em que”.

- “Era no tempo alegre **quando** entrava / No roubador de Europa / a luz febeia.” (Camões)
- Isso ocorreu após a década de 1970, **quando** o movimento ambientalista passou a ter um discurso mais sólido.

⇨ **Observações gerais sobre os pronomes relativos:**

a) Os pronomes relativos promovem a chamada “coesão referencial anafórica”, pois retomam termos anteriormente mencionados.

b) Para um maior aprofundamento deste tema, sugerimos correlacionar este estudo com o estudo do “pronome relativo preposicionado”, que é abordado no capítulo “regência verbal e nominal”.

6.3.7 PRONOMES INTERROGATIVOS

São assim denominados os pronomes “**que**, **quem**, **qual** e **quanto**”, quando empregados em orações interrogativas diretas e indiretas. Tais pronomes se referem a pessoa ou a coisa desconhecida.

- "**Qual**, de entre tantos Orfeus que a gente por aí vê e ouve, foi o que obrou a maravilha?" (A. Garrett)
- "**Quantos** pobres galileus não fez ele matar sem licença do tetrarca?" (Eça de Queiroz)
- "**Quem** nos derrama a bela claridade?
  Quem tantas trevas sobre o mundo chove?" (Durão *apud* Sousa da Silveira)
- "Quis saber **quem** eram os meus pais?" (Machado de Assis)

⇨ Observações sobre os pronomes interrogativos:

a) O pronome interrogativo "qual" é usado para distinguir uma pessoa, uma coisa ou uma qualidade dentre várias existentes.

- "Dizei-me: qual é mais poderosa, a graça ou a natureza?" (Vieira, *apud* Sousa da Silveira)

b) Embora seja condenado por renomados estudiosos da língua portuguesa, o emprego da forma interrogativa "o que" é largamente usado em nossa língua.

- "O que está naquela arca?" (A. Herculano)
- "Reis da terra, o que sois?" (Gonçalves Dias)

6.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (TER-RO) Observe as frases:

   I. A língua portuguesa foi a que chegou até _____ através de gerações.

   II. Não basta _____ querer que a grafia coincida com a pronúncia; é preciso a reforma.

   III. Torna-se muito complicado para _____ acompanhar essa mudança.

IV. Para _____, unificar a grafia é impossível.
V. Deixaram alguns pontos para _____ estudar.
A opção que completa corretamente as frases é:

a) eu – eu – eu – mim – mim
b) eu – eu – mim – eu – mim
c) mim – eu – eu – mim – eu
d) mim – eu – mim – mim – eu
e) mim – a mim – mim – eu – mim

2. (TELERJ) Assinale a opção em que o emprego dos pronomes pessoais está de acordo com a norma culta da língua:

a) Entre o chefe e eu há confiança mútua.
b) Para eu, vencer na empresa é fundamental.
c) Vim falar consigo sobre o debate de amanhã.
d) Já lhe avisei do ocorrido na empresa.
e) esta linha telefônica vai de mim a ti.

3. (TRE-MT) A alternativa em que o emprego do pronome pessoal **não** obedece à norma culta portuguesa é:

a) Fizeram tudo pra eu ir lá.
b) Ninguém lhe ouvia as queixas.
c) O vento traz consigo a tempestade.
d) Trouxemos um presente para si.
e) Não vá sem mim.

4. (TER-MT) A substituição do termo destacado por um pronome pessoal está **correta** em todas as alternativas, **exceto** em:

a) O governo deu ênfase **às questões econômicas**.
O governo deu ênfase **a elas**.
b) Os ministros defenderam **o plano de estabilização**.

Os ministros defenderam-**no**.

c) A companhia recebeu **os avisos**.
A companhia recebeu-**os**.

d) Ele diz **as frases** em tom bem baixo.
Ele diz-**las** em tom bem baixo.

e) Ele se recusa a dar **maiores explicações**.
Ele se recusou a dá-**las**.

5. (TER-MT) A lacuna da frase "A situação _____ aspiro começou a se delinear" é preenchida, de acordo com a norma culta, por:

a) onde
b) cujo
c) a que
d) que
e) a qual

6. (TRT-SP) As mulheres _____ olhos brilham, não são dignas de confiança.
O lugar _____ moro é muito arejado.
É um cidadão _____ honestidade se pode confiar.

a) cujos os – que – em que
b) cujos – em que – em cuja
c) cujos – em que – cuja
d) cujos os – em que – cuja a
e) cujos – que – em cuja

7. (TRT-SP) Assinale a alternativa incorreta quanto ao emprego do pronome pessoal **si**:

a) Madalena queria a mãe junto de si.
b) Quando voltou a si, não se lembrava de nada.
c) Meu filho será confiante em si mesmo.

d) Ofereço esse presente para si.
e) Vivem brigando entre si.

8. (TRT-SP) Assinale a alternativa em que o pronome **lhe** tem valor possessivo:

a) Caiu-lhe nas mãos um belo romance de José de Alencar.
b) Dei-lhe indicações completamente seguras.
c) Basta-lhe uma palavra apenas.
d) Seus amigos escreveram-lhe um singelo poema.
e) Informaram-lhe o resultado da prova realizada ontem.

9. (MPE-SP) Assinale a alternativa em que a junção das duas orações abaixo está correta quanto ao emprego do pronome relativo e à regência do verbo:

I. "Central do Brasil" é o filme.

II. Eu me referi ao diretor do filme "Central do Brasil".

a) "Central do Brasil" é o filme a cujo diretor eu me referi.
b) "Central do Brasil" é o filme que o diretor eu me referi.
c) "Central do Brasil" é o filme sobre cujo diretor eu me referi.
d) "Central do Brasil" é o filme de cujo diretor eu me referi.
e) "Central do Brasil" é o filme de qual diretor eu me referi.

10. (MPU) "Todos têm direito a receber dos órgãos públicos informações de seu interesse particular, ou de interesse coletivo ou geral, que serão prestadas no prazo da lei, sob pena de responsabilidade, ressalvadas aquelas _____ sigilo seja imprescindível à segurança da sociedade e do Estado."

a) cujo
b) de cujo
c) a cujo
d) sem cujo

e) por cujo

GABARITO

1 – D	2 – E	3 – D
4 – D	5 – C	6 – B
7 – D	8 – A	9 – A
10 – A		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 7

VERBO

7.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Passaremos a estudar um dos assuntos mais longos da gramática normativa – o verbo. Provavelmente você, estudante, deparar-se-á com um sem-número de informações, detalhes, características, exceções etc., etc., os quais fazem deste assunto um dos mais temidos da gramática. Sugerimos, portanto, estudá-lo aos poucos. Saliento: não se trata de um assunto difícil. É apenas um assunto longo e cheio de detalhes. É essencial, portanto, estudá-lo mais de uma vez. Procure também resolver todos os exercícios propostos ao final do capítulo. A resolução vai reforçar seu aprendizado.

Outrossim, é fundamental que você se preocupe bastante com alguns pontos que são frequentemente explorados pelos concursos: emprego dos tempos e dos modos verbais, correlação dos tempos e modos verbais e conjugação verbal – notadamente de alguns verbos.

Como já disse, estude o assunto aos poucos. Anote a data em que estudou cada ponto, pois ela certamente servirá como balizamento para que você saiba o momento certo de revisar o assunto. Sugiro também que correlacione o estudo da “voz passiva” com o assunto “conversão da voz ativa em passiva”, estudado em sintaxe de oração.

Vamos lá... Mãos à obra!!

7.2 DEFINIÇÃO

Observe atentamente os períodos abaixo:

- O Brasil **jogará** contra a Argentina no domingo. (→ indica uma ação futura)
- A vida **seria** fácil se não fossem as dificuldades. (→ indica um estado)
- Na próxima madrugada, **nevará** em Caxias do Sul. (→ indica um fato, um fenômeno)
- João **fuma** bastante. (→ indica um fato habitual, frequente)

Todos os termos em negrito acima são verbos.

Em sentido estrito, verbo é, pois, uma palavra variável capaz de exprimir "uma ação, um estado, um fenômeno da natureza ou um fato".

Entretanto, esta definição é viciosa, visto que os substantivos também apresentam caracteres dos mesmos fenômenos. Basta comparar "digerir e digestão", "correr e corrida", "despedaçar e despedaçamento". Portanto, a diferença entre os nomes substantivos e os nomes verbais reside na quantidade de flexões que um e outro apresenta. Por isso, consideramos a melhor definição para "verbo" a que foi proposta pelo professor José Oiticica, em seu "Manual de análise léxica e sintática":

Verbo é o nome flexionado em modo, tempo, número e pessoa, isto é, a palavra variável que apresenta o maior número de flexões na língua portuguesa.

7.3 ELEMENTOS ESTRUTURAIS DO VERBO

São os seguintes os elementos mórficos formadores do verbo:

radical, vogal temática, tema e desinências modo-temporal e número-pessoal. Nem todas as formas verbais, contudo, apresentam todos esses elementos. Daí ser importante distinguir minimamente o "radical" da "terminação verbal". Analisemos as formas verbais "cantássemos, venderemos e partíramos".

RADICAL	VOGAL TEMÁTICA	TEMA	DESINÊNCIA MODO-TEMPORAL	DESINÊNCIA NÚMERO-PESSOAL
cant	a	**canta**	sse	mos
vend	e	**vende**	re	mos
part	i	**parti**	ra	mos

7.3.1 RADICAL

É o elemento mórfico verbal principal, pois contém a significação do verbo. Nos verbos, o radical representa a parte imutável, que traz consigo a semântica verbal. Geralmente, obtém-se o radical com a supressão da vogal temática e da desinência do infinitivo "-r". Observe:

- cantar → **cant** – ar (*radical*)
- vender → **vend** – er (*radical*)
- partir → **part** – ir (*radical*)

7.3.2 VOGAL TEMÁTICA

É o elemento mórfico vocálico que se junta ao radical para formar o tema verbal. Nos verbos, a vogal temática situa-se entre o radical e a desinência do infinitivo impessoal "-r". A vogal temática indicará a que conjugação pertence o verbo. Portanto:

a) A vogal temática "-a" indicará os verbos pertencentes à 1.ª conjugação:

- cant**A**r
- am**A**r
- su**A**r
- lav**A**r
- afast**A**r
- habit**A**r

b) A vogal temática "-e" indicará os verbos pertencentes à 2.ª conjugação:

- vend**E**r
- beb**E**r
- cont**E**r
- lamb**E**r
- viv**E**r
- condiz**E**r

c) A vogal temática "-i" indicará os verbos pertencentes à 3.ª conjugação:

- sa**I**r
- part**I**r
- reflet**I**r
- sorr**I**r
- ped**I**r
- agred**I**r

⇨ **Observação:**

No presente do subjuntivo e nos tempos dele derivados, não há vogal temática.

7.3.3 TEMA

É o conjunto formado pelo radical mais a vogal temática. Nos verbos, basta a retirada da desinência do infinitivo impessoal "-r" para se obter o tema.

- falar → $\underbrace{\text{fala}}_{\text{tema}}$ – r
- caber → $\underbrace{\text{cabe}}_{\text{tema}}$ – r
- abrir → $\underbrace{\text{abri}}_{\text{tema}}$ – r

7.3.4 DESINÊNCIAS

São elementos mórficos que se acoplam ao tema ou à forma infinita do verbo para indicar as flexões de modo, tempo, número e pessoal. Há em português duas desinências verbais:

a) Desinência modo-temporal → Indica o modo (indicativo, subjuntivo ou imperativo) e o tempo (presente, passado ou futuro) em que se

encontra o verbo.

- cantá**va**mos → cantá – **VA** – mos (desinência que indica o "pretérito imperfeito do indicativo")
- falá**sse**mos → falá – **SSE** – mos (desinência que indica o "pretérito imperfeito do subjuntivo")
- partir**ía**mos → partir – **ÍA** – mos (desinência que indica o "futuro do pretérito do indicativo")

⇨ **Observação:**

Nem todas as formas verbais apresentam a desinência modo-temporal. Esta desinência inexiste no presente e no pretérito perfeito do indicativo.

b) Desinência número-pessoal → Indica o número (singular ou plural) e a pessoa (1.ª, 2.ª ou 3.ª) em que o verbo se encontra.

- cantastes → cantas – **TES** (desinência que indica a 2.ª pessoa do plural – vós)
- vendêssemos → vendêsse – **MOS** (desinência que indica a 1.ª pessoa do plural – nós)
- partiriam → partiri – **AM** (desinência que indica a 3.ª pessoa do plural – eles/elas)

7.4 FLEXÕES DO VERBO

Como já vimos em sua definição, o verbo é a palavra em língua portuguesa que apresenta o maior número de flexões. Ao conjunto de flexões de um verbo dá-se o nome de "**conjugação**".

O verbo apresenta as seguintes flexões: pessoa, número, modo e tempo.

7.4.1 FLEXÕES DE PESSOA E DE NÚMERO

Em relação à pessoa, o verbo apresenta as flexões relacionadas ao ser que lhe serve de sujeito. No que diz respeito ao número, o verbo pode-se apresentar tanto no singular (eu, tu e ele/ela) quanto no plural (nós, vós, eles/elas). Logo, teremos as seguintes flexões:

a) 1.ª pessoa – diz respeito ao falante, tanto no singular (eu) quanto no plural (nós).

1.ª PESSOA	
SINGULAR (EU)	PLURAL (NÓS)
canto	cantamos
bebo	bebemos
parto	partimos

b) 2.ª pessoa – diz respeito ao ouvinte, tanto no singular (tu) quanto no plural (vós).

2.ª PESSOA	
SINGULAR (TU)	PLURAL (VÓS)
cantas	cantais
bebes	bebeis
partes	partis

c) 3.ª pessoa – diz respeito àquele(s), àquela(s), àquilo de que se fala, tanto no singular (ele/ela) quanto no plural (eles/elas).

3.ª PESSOA	
SINGULAR (ELE/ELA)	PLURAL (ELES/ELAS)
canta	cantam

bebe	bebem
parte	partem

7.4.2 FLEXÕES DE MODO

As flexões de modo dizem respeito às formas assumidas pelo verbo para indicarem certos estados de espírito em relação ao fato ou estado expressos por ele, ou seja, mostram a atitude (certeza, dúvida, ordem etc.) da pessoa que fala em relação ao fato anunciado.

Em português, três são os modos verbais: **indicativo, subjuntivo e imperativo**.

Esses modos compõem as chamadas "formas finitas do verbo", em oposição ao infinitivo, o qual com o gerúndio e o particípio compõem as "formas infinitas do verbo" ou "formas nominais do verbo", as quais estudaremos mais adiante.

7.4.2.1 Modo indicativo

O modo indicativo é o modo da realidade: serve para enunciar um fato ou um estado verdadeiros ou supostos verdadeiros, em orações independentes ou dependentes, declarativas, interrogativas ou exclamativas, quer afirmando, quer negando.

De acordo com o insigne mestre Augusto Epifânio da Silva Dias, "o indicativo é empregado em todas as orações para as quais não há regra que exija outro modo".

- "Que acusação **trazeis** contra este homem?" (Rui Barbosa)
- "Quem **canta** seus males **espanta**." (Provérbio)
- "Em certos pontos não se **encontrava** viva alma na rua; (...); só os pretos **faziam** as compras para o jantar ou **andavam** no ganho." (Aluísio Azevedo)

7.4.2.2 Modo subjuntivo

O modo subjuntivo (antigo “modo conjuntivo”) é o modo próprio da incerteza, da possibilidade, da dúvida, da futuridade, da vontade, do desejo, da esperança, da suposição, da concessão. De fato, são muitas as ideias significadas pelo subjuntivo.

A despeito de aparecer em orações independentes, o subjuntivo é próprio das orações dependentes, isto é, do processo subordinado, como o próprio nome já o diz – “subjuntivo = latim, *subjunctivus* = que liga, que une, que subordina”.

- “Queimado **sejas** tu e teus enganos /
  Amor escandaloso, mau, cruel.” (Camões)
- “Eu vou para Coimbra logo que **esteja** bom, e a menina da cidade fica em sua casa.” (Camilo Castelo Branco)
- “Não me parece bonito que o nosso Bentinho **ande** metido nos cantos com a filha do Tartaruga.” (Machado de Assis)

Em virtude dos diversos matizes semânticos que manifesta, o subjuntivo pode apresentar-se nos seguintes casos:

a) **Subjuntivo optativo** – exprime um desejo, um voto, um vaticínio, uma profecia.

- “– Ah! que eu não **sirva** senão para perturbar-lhe o sossego! – murmurou Isaura retirando-se.” (Bernardo Guimarães)
- “Ah, se os que se têm por felizes **reparassem** bem nesta última cláusula.” (Pe. Antônio Vieira)

b) **Subjuntivo exortativo** – exprime um conselho, uma exortação.

- “**Desprezemos** na terra a morte para alcançarmos no céu a imortalidade.” (Heitor Pinto)
- “**Ore** eu em língua que entendo, e logo o sentido das palavras se fará sentir nos afetos.” (Manuel Bernardes)

c) **Subjuntivo invitatório** – exprime um convite, uma requisição para comparecimento.

- “**Fujamos** para o deserto / **vivamos** ali sozinhos.” (Gonçalves Dias)
- “Vinde, pois, e **gozemos** dos bens que existem, e **façamos** a toda a pressa uso da criatura como na mocidade.” (Pereira de Figueiredo)

d) **Subjuntivo imperativo** – expressa ordem, mando, preceito e proibição.

- “**Continuemos** o ato de fé dos cristãos.” (Pe. Antônio Vieira)
- “**Meça-se**, pois, cada um consigo e **ajuste** as suas ações com as suas forças e seu poder.” (Manuel Bernardes)

e) **Subjuntivo deprecativo** – expressa um pedido, uma súplica.

- “Pelo excessivo amor com que nos amastes, que nos **comuniques** vossa graça, Senhor.” (Pe. Antônio Vieira)
- “Por Deus, que **partas**.” (A. Herculano)

f) **Subjuntivo concessivo** – expressa uma concessão, uma permissão em relação a um outro fato.

- “**Seja** como for, a 27 de fevereiro de 1641, partiram da Bahia o filho do vice-rei e os seus dois companheiros.” (J. F. Lisboa)
- “**Seja** ou não **seja** aquele o homem, **tenha** as diferenças que quiser e quantas quiser, ele chegará ao ponto da morte.” (Manuel Bernardes)

g) **Subjuntivo potencial** – exprime um fato possível ou provável. Geralmente aparece com os dubitativos “talvez, quiçá”.

- “Talvez **chore** ao domingo o que ri à quinta-feira.” (Provérbio)
- “Bem, talvez assim lho **ordenassem**.” (A. Herculano)

h) **Subjuntivo supositivo** – exprime uma hipótese, uma condição, uma suposição. Aparece em orações coordenadas sindéticas alternativas introduzidas pelas conjunções “ou... ou, ora.. ora, quer.. quer...,

seja... seja... etc.”.

- “Se não entendeis o que diz, ou o **leiais** ou não **leiais**, ou **rezeis** ou não **rezeis**, tanto importa o vosso breviário aberto como fechado.” (Pe. Antônio Vieira)
- “Os indivíduos que começavam a vida marítima, quer **estivessem** nos primeiros da juventude, quer **fossem** homens feitos, eram, durante quatro anos, livres de todos os tributos e encargos.” (A. Herculano)

7.4.2.3 Modo imperativo

O modo imperativo serve para expressar uma ordem, um preceito, um conselho, uma exortação, um pedido, um convite.

- “Agora **escutai** e **respondei** sinceramente às minhas perguntas.” (A. Herculano)
- “**Guardai** o meu sábado, porque ele deve ser santo para vós.” (Bíblia Sagrada)
- “O pão nosso de cada dia nos **dai** hoje.” (Bíblia Sagrada)

7.4.2.3.1 Formação do modo imperativo

O modo imperativo é por inteiro um modo derivado: ora do presente do indicativo, ora do presente do subjuntivo. São, portanto, estes dois últimos tempos modais que formam o imperativo, o qual se divide em “imperativo afirmativo” e “imperativo negativo”.

1. **Imperativo afirmativo** → Forma-se tanto do presente do indicativo (“tu” e “vós” com a retirada da letra “s”) quanto do presente do subjuntivo (“você”, “nós” e “vocês”).

Observe a formação do modo imperativo dos verbos VIVER e IR:

PRESENTE DO INDICATIVO		IMPERATIVO AFIRMATIVO		PRESENTE DO SUBJUNTIVO
vivo		–		viva

vives	→	**VIVE (tu)**		vivas
vive		**VIVA (você)**	←	viva
vivemos		**VIVAMOS (nós)**	←	vivamos
viveis	→	**VIVEI (vós)**		vivais
vivem		**VIVAM (vocês)**	←	vivam

PRESENTE DO INDICATIVO		IMPERATIVO AFIRMATIVO		PRESENTE DO SUBJUNTIVO
vou		–		vá
vais	→	**VAI (tu)**		vás
vai		**VÁ (você)**	←	vá
vamos		**VAMOS (nós)**	←	vamos
ides	→	**IDE (vós)**		vades
vão		**VÃO (vocês)**	←	vão

2. Imperativo negativo → É extraído totalmente do presente do subjuntivo. Conjuga-se com a anteposição do advérbio negativo "não".

PRESENTE DO SUBJUNTIVO		IMPERATIVO NEGATIVO
viva		–
vivas	→	**não VIVAS (tu)**
viva	→	**não VIVA (você)**
vivamos	→	**não VIVAMOS (nós)**
vivais	→	**não VIVAIS (vós)**
vivam	→	**não VIVAM (vocês)**

PRESENTE DO SUBJUNTIVO		IMPERATIVO NEGATIVO
vá		–

vás	→	**não VÁS (tu)**
vá	→	**não VÁ (você)**
vamos	→	**não VAMOS (nós)**
vades	→	**não VADES (vós)**
vão	→	**não VÃO (vocês)**

⇨ Observações importantes:

a) O imperativo, por ser um modo de referência direta à 2.ª pessoa, não apresenta para a 3.ª pessoa os pronomes "ele, ela, eles, elas". Devemos substituir o pronome da 3.ª pessoa (ele, ela, eles, elas), por "você, vocês" (pessoa com quem ou a quem se fala).

b) O modo imperativo exprime "ordem, súplica, pedido ou convite". Ora, como ninguém vai ordenar, suplicar, pedir ou convidar a si mesmo, não existe a 1.ª pessoa do singular no modo imperativo.

c) Os verbos terminados em "-zer", como "fazer, trazer, dizer" e seus derivados, são abundantes na 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo, já que com tais verbos pode-se dizer indistintamente "**faze** ou **faz**, **traze** ou **traz**, **dize** ou **diz**" etc.

7.4.3 FLEXÕES DE VOZ

Chama-se **voz** o aspecto verbal caracterizado pelo papel que exerce o sujeito em relação à ação expressa.

Em português, o sujeito poderá:

a) praticar a ação → diz-se então que a voz é **ATIVA**;

b) sofrer a ação → diz-se então que a voz é **PASSIVA**;

c) praticar e sofrer a ação → diz-se então que a voz é **REFLEXIVA** ou **MEDIAL**.

7.4.3.1 A voz ativa

É a voz mais comum na língua pátria. É aquela usada frequentemente nos discursos dissertativos por apresentar o fato de forma mais clara, mais objetiva, mais direta. Ela indica que o sujeito é o ser agente, ativo da ação verbal.

- "Esse infeliz moço, contra quem o senhor **solicita** desvairadas violências, **conserva** a honra na altura da sua imensa desgraça." (Camilo C. Branco)
- "O Sol a pino **dardeja** raios de fogo sobre as areias natais; as aves **emudecem**; as plantas **languem**." (José de Alencar)

7.4.3.2 A voz passiva

É a voz verbal usada quando se deseja enfatizar que o sujeito é o objeto da ação verbal.

Há na língua portuguesa duas formas de se expressar a voz passiva:

a) **Voz passiva analítica** → formada geralmente pelos auxiliares "ser e estar" mais um particípio.

- O carro **foi deixado** na porta da oficina pelo próprio dono.
- Durante muito tempo, a casa **esteve cercada** por policiais.

b) **Voz passiva sintética ou pronominal** → formada por um verbo transitivo direto ou verbo transitivo direto e indireto associado a um "se".

- **Entregaram-se** os diplomas a todos os formandos.
- **Compraram-se** vários livros para serem doados aos meninos do orfanato.

⇨ **Observação:**

Para aprofundar o conhecimento sobre a voz passiva, sugerimos consultar, em sintaxe, a parte que trata sobre o agente da passiva.

7.4.3.3 A voz reflexiva ou medial

Ocorre a voz reflexiva quando o sujeito é, ao mesmo tempo, o agente e o paciente da ação verbal. Observe:

- "Leôncio **sentiu-se** esmagado, e arrependeu-se mil e uma vezes de ter provocado tão imprudentemente aquele leviano e estouvado rapaz." (Bernardo Guimarães)
- "A ideia de que ela **se enfeitava** para outro homem irritava-me a ponto que estive para **precipitar-me** e espedaçar, arrancando-lhe do corpo, as galas que a cobriam." (José de Alencar)

A voz reflexiva se divide em "**reflexiva propriamente dita**" – aquela em que o mesmo sujeito que pratica a ação é o seu recebedor, e "**reflexiva recíproca**" – aquela em que a ação é praticada mutuamente pelos seres envolvidos pelo sentido verbal; diz-se, portanto, que, neste último caso, houve ação mútua ou correspondente. Observe:

- A menina **se penteava** em frente ao espelho. = Penteava a si mesma. → **Voz reflexiva propriamente dita**.
- As meninas **se agrediram** durante o jogo. = Agrediram umas às outras. → **Voz reflexiva recíproca**.
- Durante a festa, dois convidados **se suicidaram**. = Suicidaram a si mesmos. → **Voz reflexiva propriamente dita.**
- Na festa, os convidados mal **se cumprimentavam**. = Cumprimentavam uns aos outros. → **Voz reflexiva recíproca.**

7.4.3.4 Possíveis ambiguidades com as vozes passiva e reflexiva

Em algumas situações, o emprego do pronome "se" associado a verbos transitivos pode ocasionar ambiguidade por não se saber se se trata de voz reflexiva ou de voz passiva sintética, notadamente quando o

sujeito é animado, isto é, agente. Observe:

- As crianças enganam-se com facilidade.

→ **Pode-se desdobrar em:**

a) As crianças enganam umas às outras com facilidade. (se = pronome reflexivo recíproco)

OU

b) As crianças são enganadas com facilidade. (se = partícula apassivadora)

Vejamos um outro exemplo:

- Aclamou-se ele representante da turma.

→ **Pode-se desdobrar em:**

a) Ele aclamou a si mesmo representante da turma. (se = pronome reflexivo)

OU

b) Ele foi aclamado representante da turma. (se = partícula apassivadora)

Para esses casos, deve-se evitar a construção com o “se” e adotar, se se quiser expressar a voz reflexiva, as expressões “a si mesmo, a mim mesmo, uns aos outros, umas às outras”. Caso se queira expressar a voz passiva, deve-se optar pela forma analítica, com verbo auxiliar e particípio.

Igualmente ambíguas são algumas estruturas reflexivas, pois podem tanto expressar voz reflexiva propriamente dita quanto voz reflexiva recíproca. Observe:

- Pedro e João feriram-se.

→ **Pode-se desdobrar em:**

a) Pedro e João feriram um ao outro. (se = pronome reflexivo recíproco)

OU

b) Pedro e João feriram a si próprios. (se = pronome reflexivo propriamente dito)

Assim, os verbos reflexos e recíprocos, em algumas construções, se confundem. Para desfazer possíveis ambiguidades, é necessário juntarem-se ao verbo recíproco as expressões "*reciprocamente, um ao outro, uns aos outros, uma à outra, umas às outras*", e ao verbo reflexivo "*a si próprio, a nós próprios, a vós próprios* etc.".

- "Todavia, os virtuosos nem sequer o imaginavam, porque não perceberiam como, tranquila a consciência e repousada a vida, um coração pode devorar-se a si próprio." (A. Herculano)
- "E sentiu diante dos olhos aquela massa informe de machos e fêmeas, a comichar, a fremir concupiscente, sufocando-se uns aos outros." (Aluísio Azevedo)
- "Dignidade de quem se despreza a si mesma!... O que é este corpo que lhes mostrei há pouco, e que lhes tenho mostrado tantas vezes!" (José de Alencar)
- "Outra coisa ainda: se nos batermos aqui, podemos incomodar-nos reciprocamente; porque pretendo matar-vos, e creio que o mesmo desejo tendes a meu respeito." (José de Alencar)

7.4.4 FLEXÕES DE TEMPO

Os tempos são as épocas da duração em que se realiza a ação ou o fato enunciado pelo verbo. Em português, tais épocas, indicadas por flexões próprias, são três: o presente, o passado (pretérito) e o futuro.

Observe o diagrama abaixo:

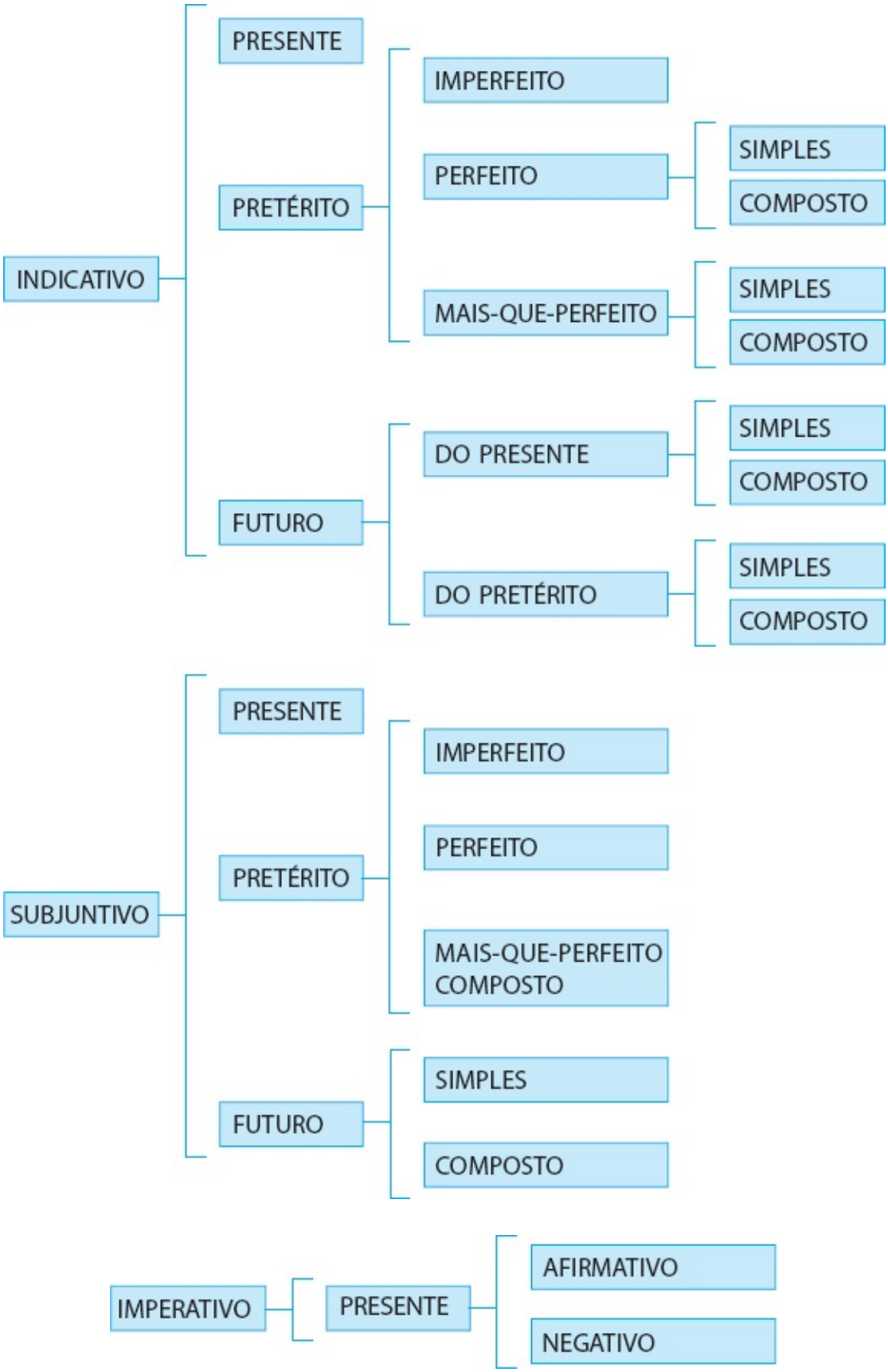
INDICATIVO
PRESENTE
PRETÉRITO
IMPERFEITO
PERFEITO
SIMPLES
COMPOSTO
MAIS-QUE-PERFEITO
SIMPLES
COMPOSTO
FUTURO
DO PRESENTE
SIMPLES
COMPOSTO
DO PRETÉRITO
SIMPLES
COMPOSTO
SUBJUNTIVO
PRESENTE
PRETÉRITO
IMPERFEITO
PERFEITO
MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO
FUTURO
SIMPLES
COMPOSTO
IMPERATIVO
PRESENTE
AFIRMATIVO
NEGATIVO

7.4.4.1 Emprego dos tempos verbais simples

Antes de estudarmos os tempos verbais, convém esclarecer que, em nosso português, há tempos primitivos e tempos derivados. Só três tempos em nossa língua são primitivos, dos quais todos os demais se originam. São eles: **o presente do indicativo** (1.ª e 2.ª pessoas), **o pretérito perfeito do indicativo** (2.ª pessoa) e **o infinitivo impessoal.**

a) Do presente do indicativo derivam:

- Pretérito imperfeito do indicativo → falava, bebia, partia.
- Presente do subjuntivo → fale, beba, parta.
- Imperativo → fala, bebe, parte.

b) Do pretérito perfeito do indicativo derivam:

- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo → falara, bebera, partira.
- Pretérito imperfeito do subjuntivo → falasse, bebesse, partisse.
- Futuro do subjuntivo → falar, beber, partir.

c) Do infinitivo impessoal derivam:

- Futuro do presente do indicativo → falarei, beberei, partirei.
- Futuro do pretérito do indicativo → falaria, beberia, partiria.
- Infinitivo pessoal → falarem, beberem, partirem.
- Gerúndio → falando, bebendo, partindo.
- Particípio → falado, bebido, partido.

7.4.4.1.1 Tempos do modo indicativo

1. Presente do indicativo

A regra geral manda empregar o presente do indicativo para indicar uma ação atual, que se realiza no momento em que se fala.

- O Brasil **joga** contra a Argentina.

- A torcida **grita** o nome do artilheiro.

⇨ **Observação:**

Em muitas situações, para que não haja confusão entre a designação do que costuma acontecer e o que está acontecendo, é preferível usar-se uma construção perifrástica (locução verbal) composta do verbo "estar" com infinitivo precedido da preposição "a" (construção mais corrente em Portugal) ou com o gerúndio.

- João está a ler (ou lendo). → É melhor do que "João lê."

Emprega-se também o presente do indicativo:

a) Para indicar uma ação habitual, corriqueira, um fato real, uma verdade – neste caso, é chamado de "presente habitual ou presente iterativo":

- João **fuma**.
- O sol **aquece** a Terra.
- A lei lhe **garante** esse direito.

b) Em narrativas, no lugar do pretérito perfeito, para indicar maior realidade ao fato (é como se o narrador estivesse presente naquele momento presenciando os fatos) – é o denominado "presente histórico":

- Em 1.º de setembro de 1939, Hitler **invade** a Polônia.
- "Napoleão **chega** a Waterloo, **dispõe** as tropas, **trava** combate e **é** vencido". (Napoleão Mendes de Almeida)

c) Para indicar fatos e ideias que, embora situados no passado, podem ser de algum modo considerados presentes:

- Jesus Cristo **considera** a si mesmo o único caminho e a única verdade.
- "São Bernardo **chama** à ociosidade madrasta das virtudes." (A. Herculano)

d) Para indicar uma ação em um futuro próximo (nesse caso vem geralmente cercado de algum adjunto adverbial de tempo):

- Amanhã ele **vai** para a nova escola.
- Na próxima semana, **sigo** para a Europa.
- **Volto** amanhã.

e) Para suavização da mensagem, emprega-se no lugar do imperativo afirmativo:

- Para evitar problemas, o senhor **fica** à espera do médico e **fala** para ele todos os seus incômodos.
- O senhor **aguarda** na recepção a sua chamada.

2. Pretérito perfeito do indicativo

Como regra geral, emprega-se o pretérito perfeito para indicar uma ação que teve início e fim no passado, ou seja, aplicamos este tempo para acontecimentos que se deram como simples momentos históricos.

- "A Espanha romano-germânica **transformou-se** na Espanha rigorosamente moderna no terrível cadinho da conquista árabe." (A. Herculano)
- A libertação dos escravos **foi** um marco para o Brasil.
- "Amou, **perdeu-se**, e **morreu** amando." (Camilo Castelo Branco)

Emprega-se também o pretérito perfeito:

a) Para noticiar o que é fato consumado no momento em que falamos – é o denominado "pretérito absoluto":

- O Brasil **ganhou** uma medalha de ouro na natação.
- "Se D. Rita lhe censura a indigna eleição que faz, Simão zomba das genealogias, e mormente do general Caldeirão que **morreu** frito." (Camilo Castelo Branco)

3. Pretérito imperfeito do indicativo

Como regra geral, emprega-se o pretérito imperfeito do indicativo para exprimir a continuação ou repetição de uma ação que teve início no passado, isto é, o pretérito imperfeito indica uma ação verbal passada, mas inacabada, não concluída – daí o nome "imperfeito".

- "Antônio Maciel **andava** sem rumo certo, de um pouso para outro, indiferente à vida e aos perigos, alimentando-se mal e ocasionalmente, dormindo ao relento à beira dos caminhos, numa penitência demorada e rude..." (Euclides da Cunha)
- "Campos ainda lhe conheceu a mãe, cujo retrato, encaixilhado com o do pai, **figurava** na sala, e **falava** de ambos com saudades longas e suspiradas." (Machado de Assis)

Emprega-se também:

a) Em narrativas, para a descrição de cenas, pessoas, fatos ou coisas no passado:

- "Alguns defeitos **tinha**; o mais excelso deles **era** ser guloso, não propriamente glutão; **comia** pouco, mas **estimava** o fino e o raro, e a nossa cozinha, se **era** simples, era menos pobre que a dele." (Machado de Assis)
- "O magistrado desenrugou a severidade postiça da testa, e confessou tacitamente que **era** brutal e estúpido juiz." (Camilo Castelo Branco)

b) Em narrativas, para a indicação de tempo, de época, de momento:

- "O ano é que é um tanto remoto, mas eu não hei de trocar as datas à minha vida só para agradar às pessoas que não amam histórias velhas; o ano **era** de 1857." (Machado de Assis)

c) Para indicar uma ação passada que, simultânea a outra ação também no passado, ocorreu em primeiro lugar:

- "Quando ele entrou na sala, tinha acabado, mas **estava** ainda ao piano, ante um folheto de músicas aberto, a soletrar para si." (Machado de

Assis)

- “As sombras doces **vestiam** os campos quando ela chegou à beira do lago.” (José de Alencar)

4. Pretérito mais-que-perfeito simples

Como regra geral, emprega-se o pretérito mais-que-perfeito simples para indicar uma ação no passado anterior a outra ação no passado – representa, por assim dizer, o “passado do passado”.

- Quando chegou à empresa, o diretor já **saíra**.
- “O general **falara** um pouco alto e os jovens oficiais que estavam próximo olharam-no com mal disfarçada censura.” (Lima Barreto)

Emprega-se também:

a) No lugar do pretérito perfeito em construções descritivas, geralmente para indicar uma ação passada em relação às ações passadas perceptíveis pelo contexto:

- “Fisicamente Jorge nunca se **parecera** com ela. **Fora** sempre robusto, de hábitos viris. Tinha os dentes admiráveis de seu pai, os seus ombros fortes. De sua mãe **herdara** a placidez, o gênio manso.” (Eça de Queiroz)
- “– Oh! maldição! – **exclamara** Leôncio, arrancando os cabelos em desespero, depois que **ouvira** dos lábios de Álvaro aquele arresto esmagador.” (Bernardo Guimarães)

b) Em linguagem literária, no lugar do pretérito imperfeito do subjuntivo e do futuro do subjuntivo:

- “E se Deus não **cortara** a carreira ao sol com a interposição da noite, fervera e abrasara-se a terra.” (Pe. Antônio Vieira)
- “Senhor, se tu **houveras** estado aqui, não **morrera** meu irmão.” (Pe. Antônio Vieira)

c) Em frases exclamativas e optativas (que exprimem desejo), para

acentuar-lhes o caráter hipotético, condicionante:

- "Quem **dera** pudesse o homem compreender todos os mistérios da natureza!"
- "– Quero isto limpo! bramava furioso. Está pior que um chiqueiro de porcos! Apre! **Tomara** que a febre amarela os lamba a todos! maldita raça de carcamanos!" (Aluísio Azevedo)

5. Futuro do presente simples

Como regra geral, emprega-se o futuro do presente do indicativo para indicar um fato posterior (futuro) ao momento em que se fala.

- "**Dir-me-ão** que deste modo, o nosso papel é mais heróico. **Responderei** que o delas é angélico, e, entre anjos e heróis, pelos anjos será sempre o meu voto." (Rui Barbosa)
- "Meu pai diz que me vai encerrar num convento por tua causa. **Sofrerei** tudo por amor de ti. Não me esqueças tu, e **achar-me-ás** no convento, ou no céu, sempre tua do coração, e sempre leal. Parte para Coimbra. Lá **irão** dar as minhas cartas; e na primeira te **direi** em que nome hás de responder à tua pobre Teresa". (Camilo Castelo Branco)

Emprega-se também:

a) No lugar do presente do indicativo, em frases dubitativas (que exprimem dúvida) ou exclamativas:

- "A esta hora quantos não **estarão** com fome!" (Eduardo C. Pereira)
- "Uma palavra, uma emoção fraterna, um olhar de ternura, e... quantos não **serão** redivivos, abençoando-vos?" (Rui Barbosa)

b) Em correlação com o futuro do subjuntivo (ideia condicionante), para indicar fatos de realização provável:

- Se o governo diminuir os juros, **comprarei** uma casa para morar.
- "Se o tino do juiz ou do público, como frequentemente sucede, eludir a aplicação da lei, então **desaparecerá** o mal." (Rui Barbosa)

c) Em lugar do imperativo para transmitir à mensagem um caráter mais sugestivo do que imperativo:

- "Não **terás** outros deuses diante de mim." (Bíblia Sagrada)
- "Não **dirás** falso testemunho contra o teu próximo." (Bíblia Sagrada)

d) Em frases interrogativas, para indicar incerteza, dúvida, suposição, probabilidade:

- "**Será** que a mente, já desperta / Da noção falsa de viver, / Vê que, pela janela aberta, / Há uma paisagem toda incerta / E um sonho todo a apetecer?" (Fernando Pessoa)
- "Contra as extorsões de que ela for alvo, quem **poderá** medir a resistência?" (Rui Barbosa)

⇨ **Observação:**

Frequentemente, o futuro do presente do indicativo é substituído por locuções verbais formadas com os auxiliares "haver, ter, ir", seguidos de um infinitivo:

→ **Presente do indicativo do V. Haver + Preposição + Infinitivo:**

- "Neste momento insone e triste / Em que não sei quem **hei de ser**, / Pesa-me o informe real que existe / Na noite antes de amanhecer." (Fernando Pessoa)

→ **Presente do indicativo do V. Ir + Infinitivo:**

- "Considerou por instantes o arraial imenso, embaixo. Desceu devagar a encosta. Daniel **vai penetrar** na furna dos leões... Acompanhemo-lo." (Euclides da Cunha)

→ **Presente do indicativo do V. Ter + Que + Infinitivo:**

- "– Olhe, Senhor Cassi: amanhã, à tarde, não, porque **tenho que ir** à sessão da minha sociedade; mas, se tem pressa, pode vir depois de amanhã, logo pelas sete ou oito horas." (Lima Barreto)

6. Futuro do pretérito

Como regra geral, emprega-se o futuro do pretérito simples para indicar uma ideia hipotética em relação a um fato situado no passado. Geralmente, este tempo aparece em correlação com o pretérito imperfeito do subjuntivo.

- "Mas **incorreríamos** no ridículo de querer tapar o Sol com os dedos, se tentássemos dissimular o industrialismo egoístico, avaro, cobiçoso, que caracterizava a fisionomia do príncipe ligado à sorte da princesa imperial." (Rui Barbosa)
- "O serviço militar **tinha** a natureza de eventual, porque não **havia** entre os visigodos exército permanente." (G. Barros *apud* A. Epiphanio S. Dias)

Emprega-se também:

a) Em orações que denotam indignação ou surpresa:

- Jamais **acusaríamos** você!
- **Seria** possível uma acusação dessas?

b) Para indicar um fato futuro em relação a um outro fato situado no passado:

- "... e protestei que antes disso me **reabilitaria** de minha estúrdia ingenuidade." (José de Alencar)
- "Então ela declarou-lhe que não tivesse medo de nada. Nada **aconteceria** nem a um nem a outro." (Machado de Assis)

c) Em orações que denotam polidez, brandura, cortesia, em substituição ao presente do indicativo:

- – **Poderia** nos dar um minuto, por favor.
- – **Gostaria** de provar a nossa nova sobremesa, madame?

d) Em orações que revelam dúvida, probabilidade, suposição,

incerteza, ideia aproximada:

- "– **Serias** capaz de fazer isso, Lúcia?" (José de Alencar)
- "Não fora a natureza, os céus, os pássaros, as águas múrmuras, como **poderíamos** viver?" (Júlio Ribeiro)
- "A cabo da estreita senda da cruz acharia ele, porventura, a vida e o repouso íntimos?" (A. Herculano)

7.4.4.1.2 Tempos do modo subjuntivo

1. Presente do subjuntivo

Em geral, emprega-se o presente do subjuntivo em orações que exprimam dúvida, desejo, fato provável.

- **Queira** Deus que eles **estejam** bem.
- Talvez **fiquem** melhor agora.
- "E talvez não **saiba** que eu estava a beber na fonte quando vossa senhoria, há dois para três anos, deu muita pancada nos criados, que era mesmo um rebuliço que parecia o fim do mundo." (Camilo Castelo Branco)
- "– Sabes? talvez eu **tenha** de me ir amanhã embora." (Eça de Queiroz)
- "Se nos embaraçássemos nas imaginosas linhas dessa espécie de topografia psíquica, de que tanto se tem abusado, talvez não os compreendêssemos melhor. **Sejamos** simples copistas." (Euclides da Cunha)

Emprega-se também:

a) Em correlação com o presente do indicativo para indicar fato presente ou futuro:

- Esperamos que eles **cheguem** ainda hoje.
- É profundamente lamentável que eles **fiquem** sem ir à escola.

b) Em correlação com o presente do indicativo para expressar um conselho, uma advertência, uma sugestão:

- "Preciso é que os ouvidos **estejam** bem abertos e a atenção bem apurada, quando se está defronte de uma moça como D. Clementina."

(Joaquim M. de Macedo)

- "**Analisemos** o caso. O comandante expedicionário deixara em Queimadas grande parte de munições, para não protelar por mais tempo a marcha..." (Euclides da Cunha)
- "Padre que seja, se for vigário na roça, é preciso que **monte** a cavalo." (Machado de Assis)

c) Em correlação com tempos do modo indicativo para expressar ideia de concessão, de oposição:

- "Conquanto não **seja** assim, eu tomei a resolução heróica de aproximar os mais peculiares à Bruzundanga dos nossos nomes portugueses..." (Lima Barreto)
- "– Pode ser que não; e ainda que **desconfiem**, não há testemunhas." (Camilo Castelo Branco)

2. Pretérito imperfeito do subjuntivo

Como regra geral, emprega-se o pretérito imperfeito do subjuntivo, em correlação com o futuro do pretérito do indicativo, para indicar um fato hipotético, provável, suposto.

- "Estas testemunhas referiram que ouviram dizer a Cristo que, se os Judeus **destruíssem** o templo, ele o tornaria a reedificar em três dias." (Pe. Antônio Vieira)
- "Bem sei que não podes compreender o que é a fé viva de um muçulmano na proteção de Deus: mas eu seria réu do inferno, se **duvidasse** um instante das promessas do Profeta." (A. Herculano)

Emprega-se também:

a) Em orações subordinadas substantivas, correlacionando-se com tempos do modo indicativo, para expressar "súplica, pedido, requerimento, solicitação":

- "O Rei de Portugal só queria que nenhum palmo de chão português, baldio ou murado, **jazesse** fora de seu senhorio real." (Eça de Queiroz)

- Solicitei naquele momento que o **acolhessem** nalgum asilo.
- “Dirigiu-se a Sir Robert Peel, e pediu-lhe que lhe **comunicasse** as ideias segundo as quais ele achava que a reforma deveria ser feita”. (Rui Barbosa)

b) Em orações subordinadas substantivas, correlacionando-se com tempos do modo indicativo, para expressar “ordem, determinação, proibição, deliberação”:

- “Apenas findou o café, mandou pelo Bento avisar os dois moços da horta, o Ricardo e o outro de queixo de cavalo, que o **esperassem** no pátio, armados.” (Eça de Queiroz)
- “Ordenava ela à mucama que **distribuísse** pelas outras uns enfeites e vestidos já usados.” (José de Alencar)

c) Em orações subordinadas substantivas, correlacionando-se com tempos do modo indicativo, para exprimir “aconselhamento, aviso, admoestação, recomendação, exortação”:

- “E com eles atravessou de novo a Vila até a cocheira do Torto – para recomendar que lhe **mandassem** à Torre, às nove horas da manhã, a parelha ruça.” (Eça de Queiroz)
- “Admoestou a certo bispo que se **recolhesse** à sua igreja.” (Manuel Bernardes)

d) Em estilo literário, para expressar a causa em relação a outro fato que lhe servirá de efeito:

- “Como eu lhe **dissesse** que a vida tanto podia ser uma ópera, como uma viagem de mar ou uma batalha, abanou a cabeça e replicou: – A vida é uma ópera e uma grande ópera.” (Machado de Assis)
- “Como **fosse** grande arabista, achou no Corão que Maomé declara veneráveis os doidos, pela consideração de que Alá lhes tira o juízo para que não pequem.” (Machado de Assis)

e) Para a formação de orações adverbiais (circunstanciais), principalmente, as condicionais e as concessivas:

- "Ah! se agora **chegasses**!
  Se eu **sentisse** bater em minhas faces
  A luz celeste que teus olhos banha (...)." (Olavo Bilac)
- "Não recebia ninguém, vivia num isolamento monacal, embora **fosse** cortês com os vizinhos que o julgavam esquisito e misantropo." (Lima Barreto)

3. Futuro do subjuntivo

Como regra geral, em correlação com o futuro do presente do indicativo, emprega-se o futuro do subjuntivo em orações subordinadas adverbiais condicionais e temporais, para indicar o tempo ou a condição do fato expresso na oração subordinante.

- Se ele **chegar** a tempo, sairemos ainda hoje.
  fato da oração subordinante (sair)
- Quando ele **comprar** o novo carro, passearemos mais.
  fato da oração subordinante (passear)
- "O desejo que me deu, quando saí de Barbacena, foi simples desejo, sem prazo; irei, não há dúvida, mas lá para diante, quando Deus **quiser**." (Machado de Assis)
- "Se eu **disser** 'Há sol nos meus pensamentos', ninguém compreenderá que os meus pensamentos são tristes." (Fernando Pessoa)
- "Quando **estiverem** todos adormecidos, o guerreiro branco deixará os campos do Ipu, e os olhos de Iracema, mas não sua alma." (José de Alencar)

7.4.4.2 Emprego dos tempos verbais compostos

Na língua portuguesa, alguns tempos simples podem ser expressos por meio de uma forma composta, formada pelos verbos auxiliares (ter e haver) mais o particípio do verbo. Tais tempos compostos são, em sentido lato, locuções verbais especiais. Aparecem sob a forma composta:

1. O pretérito perfeito composto do indicativo

Formado pelo “presente do indicativo” mais o particípio de um verbo, o pretérito perfeito composto é empregado para expressar um fato que, tendo-se iniciado no passado, dura ou vem repetindo-se até o presente com a possibilidade ou não de continuar no futuro. Observe:

- Ele **tem feito** muitas obras desde que iniciou o seu governo.
- “Você sabe que eu **tenho tratado** do seu casamento com a Zulmirinha... Lá em casa não se fala agora noutra coisa...” (Aluísio Azevedo)
- “Eu bem **tenho dito** a Jorge! Tantas vezes lho **tenho dito**! Isto é uma rua impossível!” (Eça de Queiroz)

2. O pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo

Formado pelo “pretérito imperfeito do indicativo” mais o particípio de um verbo, o pretérito mais-que-perfeito composto é empregado com a mesma função da sua forma simples: indicar um fato passado em relação a outro fato também no passado ou indicar um fato sucedido antes de outro não enunciado no contexto, mas implícito nele. Observe:

- “Os ingênuos contos sertanejos desde muito lhes **haviam revelado** as estradas fascinadoramente traiçoeiras que levam ao Inferno.” (Euclides da Cunha)
- “Lúcia, como vê, parecia adivinhar o que me **tinham dito** o Cunha e Sá para desmenti-los completamente.” (José de Alencar)
- Quando lá chegamos, o comendador já **tinha saído**.

3. O futuro do presente composto do indicativo

Formado pelo “futuro do presente do indicativo” mais o particípio de um verbo, o futuro do presente composto indica um fato posterior à época presente, mas já acabado antes de outro fato futuro.

- “Lá, no tumulto dos cortesãos, onde o amor é cálculo ou sentimento grosseiro, **terás achado** quem te chame sua.” (A. Herculano)
- Quando ele chegar, já **terei terminado** de resolver a prova.

4. O futuro do pretérito composto do indicativo

Formado pelo “futuro do pretérito simples do indicativo” mais o particípio de um verbo, o futuro do pretérito composto indica um fato posterior a uma época passada a que nos referimos, mas já acabada antes de outro fato futuro.

- Quanto prazer eles **teriam desfrutado**, se não tivessem pouco dinheiro e pressa para voltar.
- “Se me achasse bonita, já me **teria pedido** a papai...” (Aluísio Azevedo)
- Eu o **haveria esperado**, se ontem eu não tivesse um compromisso.

5. Pretérito perfeito composto do subjuntivo

Formado pelo “presente do subjuntivo” mais o particípio de um verbo, o pretérito perfeito composto do subjuntivo expressa uma hipótese ou um desejo em relação a outro fato situado no futuro.

- “– Provavelmente, ele lá estará, pensou Rubião indo jantar ao Flamengo; duvido que **tenha dado** melhor presente que eu.” (Machado de Assis)
- “Desejo que não procedas precipitadamente e que, antes de dizer-me uma palavra, **tenhas medido** todo o alcance que ela deve ter sobre o teu futuro.” (José de Alencar)

6. Pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo

Formado pelo “pretérito imperfeito do subjuntivo” mais o particípio de um verbo, o pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo indica um fato hipotético no passado em relação a outro fato hipotético também no passado.

- “Pôs-se a pensar, o que teria sucedido se **tivesse casado** com o primo Basílio.” (Eça de Queiroz)
- “Se vossa senhoria **tivesse consentido** que sua filha amasse Simão Botelho Castelo-Branco, teria poupado a vida ao homem sem honra.” (Camilo C. Branco)

7. Futuro do subjuntivo composto

Formado pelo “futuro simples do subjuntivo” mais o particípio de um verbo, o futuro do subjuntivo composto indica, à semelhança da forma simples, um fato hipotético no futuro, mas de realização provável, o qual se correlaciona com outro fato também no futuro.

- Quando eu **tiver adquirido** o novo carro, passearei bastante com a minha família.
- Explicaremos as dúvidas dos leitores que não **tiverem entendido** o assunto.

7.4.4.3 As locuções verbais (construções perifrásticas) – emprego dos verbos auxiliares

Também chamadas de “**perífrases verbais**”, as locuções verbais servem para denotar ideias acessórias da ação verbal, frequentemente não contempladas pelos tempos simples e compostos. Para tanto, a língua socorre-se de certas combinações de dois verbos, ficando um deles fixo no infinitivo, no gerúndio ou no particípio, recebendo o outro as flexões de modo, tempo e número.

Para a formação das locuções verbais, a língua lança mão de vários verbos em função auxiliar. Frequentemente são usados, além de outros, os verbos “ser, estar, ficar, ter, haver, ir, vir, parecer, andar”.

> **Dica de estudo:** Procure correlacionar este assunto com o assunto “emprego dos tempos compostos” formados com os verbos auxiliares “ter” e “haver”.

Vejamos abaixo um rol sucinto dos sentidos transmitidos por algumas locuções verbais, além do emprego dos principais verbos auxiliares:

a) Verbo auxiliar SER mais o PARTICÍPIO → formação de locuções verbais da voz passiva de ação:

- Eles **foram atacados** por várias abelhas enquanto caminhavam pela

fazenda.

- Os garotos **são instruídos** pelo mestre.

b) Verbo auxiliar ESTAR mais o PARTICÍPIO → formação de locuções verbais da voz passiva de estado:

- Eles **estão cercados** pela polícia.

c) Verbo auxiliar TER mais preposição DE mais INFINITIVO → formação de locução verbal que denota "obrigação, compromisso, fato infalível":

- O Brasil **tem de** ser um país menos desigual.
- Todos **tiveram de** sair por causa do fogo que já atingia os últimos andares do prédio.

d) Verbos auxiliares "COMEÇAR A, ENTRAR A, PASSAR A" mais INFINITIVO → formação de locuções verbais que indicam momento inicial de uma ação:

- O trem **começou a partir**, e todos, emocionados, despediam-se dos soldados.
- "Afinal, o homem teso rendeu o flexível, e **passou a falar** pausado, com superlativos." (Machado de Assis)

e) Verbos auxiliares "ANDAR, ESTAR, FICAR, IR, VIR" mais GERÚNDIO → formação de locuções verbais que indicam duração, continuação, progressão:

- Já **vem chegando** o inverno com seu frio, suas chuvas.
- Meu amigo, você sabe o que o José **anda fazendo**?
- João **está comprando** uma nova casa na praia.
- Ele sempre **fica olhando** os aviões no aeroporto.

f) Verbos auxiliares "ACABAR, DEIXAR, PARAR" mais preposição DE mais INFINITIVO → formação de locuções verbais que

indicam momento final, cessação da ação:

- "Comoviam-no o espetáculo dos infelizes que **acabava de encontrar** armados até aos dentes, e o quadro emocionante daquela Tebaida turbulenta." (Euclides da Cunha)
- Todos **deixaram de fazer** a tarefa imposta pela professora por causa do calor excessivo que na sala fazia.
- Assim que viu o comandante, **parou de falar** e começou a andar para trás.

g) Verbo auxiliar "DEVER" mais INFINITIVO → formação de locução verbal que indica necessidade, obrigação:

- "O almirante não **deve falar** assim... A pátria está logo abaixo da humanidade." (Lima Barreto)
- "– Senhor, se é católico, **deve considerar** que a Igreja condena as revoltas..." (Euclides da Cunha)

h) Verbo auxiliar IR mais INFINITIVO → formação de locução verbal que indica uma ação em um futuro próximo:

- "Na sessão que se **vai abrir**, esta Câmara espera demonstrar-vos quanto sabe honrar a soberana esterilidade das instituições constitucionais." (Rui Barbosa)
- "Nada, inda não: Vidinha **vai cantar** uma modinha." (Manuel A. Macedo)

i) Verbo auxiliar IR mais GERÚNDIO → formação de locução verbal que indica uma ação em decurso, em ocorrência, em desenvolvimento gradual:

- "Meu coração é um almirante louco
  que abandonou a profissão do mar
  e que a **vai relembrando** pouco a pouco
  em casa a passear, a passear..." (Fernando Pessoa)
- "Este necessário e inevitável reviramento por que **vai passando** o mundo, há de levar muito tempo." (A. Garrett)

j) Verbo auxiliar HAVER mais preposição DE mais INFINITIVO → formação de locução verbal que indica futuridade de forma mais enfática. Equivale ao futuro do presente do indicativo em sua forma simples:

- "Mas **hei de** me **ver** vingada, oh! se **hei de**! tão certo como estar eu aqui: os desembargadores lá estão, que me **hão de dar** esse gosto: espero isso em Deus." (Manuel A. de Almeida)
- "– Os vizinhos **hão de dizer** que estamos doidos, Jorge... – acudiu ela." (Eça de Queiroz)

⇨ **Observação:**

Em muitas construções, a presença de dois verbos juntos nem sempre indica uma locução verbal. Muitas vezes, temos orações reduzidas de infinitivo, por exemplo, cujo verbo da oração subordinada – no infinitivo – encontra-se próximo do verbo da oração principal – subordinante. Um recurso prático para se evitarem confusões é tentar "desenvolver" o infinitivo da oração subordinada. Embora não seja totalmente seguro, este recurso ajuda bastante. Observe:

- Ainda **falta dar** muitos retoques na obra de arte. (**FALTA DAR** = locução verbal ou verbos autônomos?)

Vamos tentar desenvolver a oração →
"Ainda falta **que se deem muitos retoques na obra de arte**."

Foi possível desenvolver-se a oração.
Temos, então, dois verbos autônomos.

- Ele não **deve comprar** aqueles produtos. (**DEVE COMPRAR** = locução verbal ou verbos autônomos?)

Vamos tentar desenvolver a oração →
"Eles não devem **que comprem aqueles produtos**."

O desenvolvimento toma a construção ilógica.
Não foi possível o desenvolvimento.
Temos, então, uma locução verbal em "deve comprar".

Sugestão: Para ampliar seus conhecimentos sugerimos estudar os assuntos "orações reduzidas" e "concordância com o sujeito oracional" em sintaxe.

7.4.4.4 Correlação dos tempos e dos modos verbais – sequencialização dos tempos (*Consecutio temporum*)

Atenção: Este tópico é muito cobrado pelos concursos em geral. Sugerimos que o estude mais de uma vez.

Em sentido próprio, a correlação de tempos e modos verbais ou sequencialização dos tempos é a dependência entre as formas temporais do verbo de uma oração subordinada e as do verbo da oração subordinante (principal) respectiva, para se indicar **anterioridade**, **simultaneidade** ou **posterioridade**.

Observe:

a) Nós **SABEMOS** que tu **PARTICIPAS** de grupos religiosos extremistas.

A ação de participar é simultânea à ação de saber.

b) Nós **SABEMOS** que tu **PARTICIPAVAS** de grupos religiosos extremistas.

A ação de participar é anterior à ação de saber.

c) Nós **SABEMOS** que tu **PARTICIPARÁS** de grupos religiosos extremistas.

A ação de participar é posterior à ação de saber.

Sabedores de que a correlação nada mais é do que a adequação entre os verbos de um período composto por subordinação, passaremos a estudar as principais correlações entre os tempos e os modos verbais. Salientamos, de imediato, que este estudo não pretende exaurir todas as possibilidades correlacionais em nossa língua, em virtude da quantidade exacerbada de relações possíveis. Destacamos, portanto, as seguintes orientações/relações:

I – Quando o verbo da oração principal for declarativo e se encontrar no presente do indicativo, no futuro do presente do indicativo ou no imperativo, a correlação com o verbo da oração subordinada pode ser feita com todos os tempos do modo indicativo. Observe abaixo:

Eu **sei** (percebo, penso, é verdade)
Eu **direi** (perceberei, pensarei)
Diz (percebe, vê, pensa)

que o governo

protege
protegia
protegeu
tem protegido
tinha protegido
protegera
protegerá
protegeria

o povo.

Outros exemplos:

- "É, todavia, certo que o grãozinho não se **despegou** do cérebro de Quincas Borba, – nem antes, nem depois da moléstia que lentamente o comeu." (Machado de Assis)
- "Mas deves saber que não **posso satisfazer** o teu desejo sem primeiro entender-me com meu pai, que está na corte." (Bernardo Guimarães)
- "Mas os considerados dirão que algum interesse **haverá** nesta circunstância em aparência mínima." (Machado de Assis)

II – Quando o verbo da oração principal for declarativo e se encontrar em um dos tempos pretéritos do modo indicativo

(perfeito, imperfeito ou mais-que-perfeito), a correlação com o verbo da oração subordinada deverá ser feita com o pretérito imperfeito do indicativo, com o pretérito mais-que-perfeito do indicativo ou ainda com o futuro do pretérito do indicativo.

Ele sabia / Ele soube / Ele soubera — que o governo — **protegia** / **protegera (tinha protegido)** / **protegeria** — o povo.

Outros exemplos:

- "Logo que **chegou**, enamorou-se de uma viúva, senhora de condição mediana e parcos meios de vida." (Machado de Assis)
- "E, terminando, dizia-lhe que não **era** 'nos esplendores das salas' ou nos 'bailes febricitantes' que **gostava** de a ver." (Eça de Queiroz)
- "Sempre eu pensara que a traição de Mem Viegas **faria** vivo abalo no ânimo de vosso pai." (A. Herculano)
- "Perguntou D. Quixote como se **chamava**. Respondeu-lhe ela que se **chamava** a Tolosa." (Castilho)

III – Quando o verbo da oração principal expressar vontade, pedido ou permissão e se encontrar no presente do indicativo, no futuro do presente do indicativo ou no imperativo, a correlação com o verbo da oração subordinada deverá ser feita com o presente do subjuntivo.

Eu quero (peço, permito, ordeno, aconselho) / Eu quererei (pedirei, permitirei, ordenarei) — que ele **saia** agora.

Outros exemplos:

- "O nosso Camacho não deseja que os rapazes **saiam**; quem é que há de dançar com as moças?" (Machado de Assis)
- "Exorta o Apóstolo a todos a que **tratem** da salvação de suas almas." (Pe. Antônio Vieira)

- "...por Jesus Cristo vos rogo que **tranquilizeis** aquela alma." (A. Herculano)

⇨ **Observações:**

a) Obedecem a esta mesma regra os verbos perceptivos e declarativos empregados em frases negativas, interrogativas e duvidosas.

Não creio (não acredito, não penso)
Não crerei (não acreditarei, não pensarei)
— que ela **venha** amanhã.

b) Seguem também esta correlação os verbos que expressam dúvida, temor, esperança, tais como "duvidar, temer, esperar."

- "Duvido que mamãe **embarque**." (Machado de Assis)
- "Ninguém espera que a oposição **dilucide** agora pormenores da sua política em relação ao Egito." (Rui Barbosa)

IV – Quando o verbo da oração principal expressar vontade, desejo, pedido ou permissão e se encontrar em um dos tempos pretéritos do modo indicativo (perfeito, imperfeito ou mais-que-perfeito), a correlação operar-se-á com o pretérito imperfeito do subjuntivo.

Eu queria (pedia, permitia, ordenava, aconselhava)
Eu quis (pedi, permiti, ordenei, aconselhei)
Eu quisera (pedira, permitira, ordenara, aconselhara)
Eu quereria (pediria, permitiria, ordenaria, aconselharia)
— que ele **saísse** agora.

Outros exemplos:

- "Argimiro jurou que faria o que seu pai e senhor lhe **ordenasse**." (A. Herculano)
- "A mulher esperou pacientemente que os magistrados **consultassem**, à sua vontade e puridade, do negócio que a todos interessava."

(Almeida Garrett)

- "João amava a Cristo e queria que seus discípulos o **amassem**." (Pe. Manuel Bernardes)

⇨ Observações gerais sobre a correlação dos tempos e dos modos verbais:

1. Uma das correlações mais comuns na língua portuguesa dá-se entre o futuro do pretérito do indicativo – presente na oração subordinada – e os tempos pretéritos do modo indicativo – perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito.

Eu sabia
Eu soube
Eu soubera
— que ele **chegaria** (ou **iria** chegar) naquela tarde.

2. Há na nossa língua duas correlações bastante cobradas em provas de concursos. São elas:

FUTURO DO PRESENTE DO INDICATIVO ⇆ FUTURO DO SUBJUNTIVO
FUTURO DO PRETÉRITO DO INDICATIVO ⇆ PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO

- Quando todos **chegarem**, nós os **receberemos** com muito carinho.
  fut. subj. *fut. pres. ind.*
- Se todos **chegassem**, nós os **receberíamos** com muito carinho.
  pret. impef. subj. *fut. pret. ind.*

Outros exemplos:

- "Se de fato **viéssemos** a nos contentar com o que somos, as inúmeras janelas abertas pela TV não **teriam** a mesma força de atração que as pesquisas demonstrassem." (Fund. Carlos Chagas)
- "Se não **variassem** de cultura para cultura, as regras de convívio **teriam** alcançado, efetivamente, a chamada validade universal." (Fund.

Carlos Chagas)

- “Quando todos **revirmos** o papel social que nos cabe e nos **dispusermos** a exercê-lo de fato, nenhum caso de impunidade **será** tolerado.” (Fund. Carlos Chagas)

3. Quando na oração subordinada se afirma um fato presente ou que, remontando ao passado, ainda continua no presente (fato habitual ou sempre verdadeiro), o verbo desta oração subordinada ficará no presente do indicativo, ainda que o verbo da oração principal se encontre no passado.

- Em suas pesquisas, Galileu já afirmava que a terra se **move**.
- “Santo Antão dizia que, assim como a substância úmida **dá** nutrimento aos peixes, assim a vida solitária **dá** ornamento aos religiosos.” (H. Pinto)
- “Dizia certo estadista inglês que o segredo da força dos agitadores **está** na obstinação dos governos.” (Rui Barbosa)

4. O verbo HAVER, indicando quanto tempo dura ou durava certa ação, também está sujeito à correlação temporal. Sendo assim:

- A imagem de Jesus Cristo **está** naquele local **há** dois meses.
- A imagem de Jesus Cristo **estava** naquele local **havia** dois meses.
- “Padre Joaquim **era** um modelo de padres, capelão da casa, **havia** trinta e cinco anos.” (Camilo Castelo Branco)

5. Nas orações coordenadas, embora não haja a correlação temporal no sentido próprio, existe certa correspondência entre os tempos respectivos, imposta pela época em que ocorre cada um dos fatos nelas expressos.

- “Os cavalos **batem** de peito uns nos outros, as espadas **faíscam** nas espadas, os escudos **retinem** contra os escudos, e os elmos e cervilheiras **rolam** pelo chão.” (A. Herculano)
- “**Soltava**-se a gula, **desenfreava**-se a ira, **libertava**-se a injustiça, **desbaratava**-se o riso.” (Pe. Antônio Vieira)

5. **Para facilitar o estudo acima, podemos resumir assim as principais – e mais cobradas em provas de concursos – correlações de tempo e modo verbais:**

TEMPO VERBAL	CORRELACIONA-SE COM	TEMPO VERBAL
PRESENTE DO INDICATIVO	⇄	PRESENTE DO INDICATIVO
PRESENTE DO INDICATIVO	⇄	PRESENTE DO SUBJUNTIVO
PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO	⇄	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO DO INDICATIVO
PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO	⇄	PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO
PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO	⇄	PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO
PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO	⇄	PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO
FUTURO DO PRESENTE DO INDICATIVO	⇄	FUTURO DO SUBJUNTIVO
FUTURO DO PRETÉRITO DO INDICATIVO	⇄	PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO

Observe exemplos de algumas das correlações acima:

- Se não **VARIASSEM** de cultura para cultura, as regras de convívio **TERIAM** alcançado, efetivamente, a chamada validade universal.
- Enquanto os animais **CONTINUAM** regulando-se pela “lei da selva”, os homens **ESTÃO** sempre se esforçando para superá-la.
- Mal **APORTARA**, o navio **FOI** submetido a uma rigorosa inspeção da alfândega, em virtude da suspeita da carga contrabandeada que talvez ele **TROUXESSE** em seus porões.
- Não me **PARECE** justo que você **VENHA** agora argumentar com razões que até ontem jamais invocou, revelando um oportunismo que já **ERA** tão conhecido.
- Tão logo **SAIBAMOS** o resultado do teste a que você ontem **SE SUBMETEU**, entraremos em contato, para não prolongar a agonia de

sua expectativa.

- Quando **FOREM** levados em contas os fundamentos que o autor preconizou em seu texto, nossa educação **GANHARÁ** muito.
- Ainda que chimpanzés **DEMONSTREM** algumas aptidões semelhantes às nossas, nenhuma **EQUIVALE** ao desinteressado altruísmo humano.

7.5 AS FORMAS NOMINAIS DO VERBO – OS VERBOIDES

Além das formas modais do verbo (indicativo, subjuntivo e imperativo), existem três formas que exercem papéis típicos dos nomes (substantivos, adjetivos e advérbios). São elas “o infinitivo”, “o gerúndio” e “o particípio”.

7.5.1 O INFINITIVO

O infinitivo é uma forma nominal do verbo que tem como característica principal a apresentação de uma ação de modo inteiramente geral, não situada no tempo e sem referência a nenhum sujeito. Em outras palavras, é a forma nominal do verbo que exprime a ação, o fenômeno, o processo, o estado, de modo geral e indeterminado, sobretudo quanto ao momento em que se realizam e quanto à pessoa gramatical do sujeito.

- **Viver** é lutar.
- **Correr** fortalece os ossos.
- É importante **comer** frutas.

Observe como os infinitivos “**viver**, **correr** e **comer**” apresentam as ações de forma geral, sem situá-las no tempo e sem referência a sujeito.

Em português, entretanto, nem sempre encontramos o infinitivo em sua forma intemporal e impessoal. Assim como no galego, temos o infinitivo pessoal, o qual, como o próprio nome já o diz, apresenta sujeito e, em alguns casos, em virtude do contexto, apresenta também o tempo da ação.

- Acredito **terem partido** ontem à tarde. (Sujeito = eles. Tempo = ontem).

7.5.1.1 O infinitivo pessoal ou flexionado

Como já mencionado, o infinito pessoal ou flexionado é, nas línguas oriundas do latim, uma particularidade do português e do galego. Esta forma é caracterizada por apresentar um sujeito para o infinitivo e, em dados contextos, o tempo da ação verbal.

Observe as desinências para a formação do infinitivo flexionado.

INFINITIVO PESSOAL (FLEXIONADO)	
-R	(EU)
-RES	(TU)
-R	(ELE)
-RMOS	(NÓS)
-RDES	(VÓS)
-REM	(ELES)

Acompanhe a conjugação de três verbos no infinitivo pessoal:

INFINITIVO PESSOAL (Verbo SER)	
SE-R	(EU)
SE-RES	(TU)
SE-R	(ELE)
SE-RMOS	(NÓS)
SE-RDES	(VÓS)
SE-REM	(ELES)

INFINITIVO PESSOAL (Verbo ESTAR)	
ESTA-R	(EU)
ESTA-RES	(TU)
ESTA-R	(ELE)
ESTA-RMOS	(NÓS)
ESTA-RDES	(VÓS)
ESTA-REM	(ELES)

INFINITIVO PESSOAL (FLEXIONADO)	
CANTA-R	(EU)
CANTA-RES	(TU)
CANTA-R	(ELE)
CANTA-RMOS	(NÓS)
CANTA-RDES	(VÓS)
CANTA-REM	(ELES)

Alguns exemplos de emprego do infinitivo pessoal:

- "Para **estarem** juntos tinham encontros misteriosos num caloji de uma velha miserável da Rua de São João Batista." (Aluísio Azevedo)
- É aconselhável **estudarmos** isto.

- Os guardas os obrigaram a **entrarem** na casa.
- “Sisebuto forçara os judeus a **converterem**-se.” (A. Herculano)
- “Detestáveis ministros tinham também os Stuarts; o que os não eximiu de **serem** punidos, um com perder a vida, o outro a coroa.” (Rui Barbosa)

⇨ **Observações:**

1. **O verbo regular apresenta formas idênticas para o infinitivo pessoal e o futuro do subjuntivo. Percebe-se a diferença entre uma e outra forma, na maioria das vezes, por causa da presença das conjunções “se” e “quando” exigidas, geralmente, pelo futuro do subjuntivo. O infinitivo, por sua vez, rejeita a anteposição de conjunções; ele admite, no máximo, a presença de preposições ou locuções prepositivas. Veja:**

- “A *infinitivo pessoal* **persistirem** os sintomas, o médico deverá ser consultado.” (Ministério da Saúde)
- “**Se** *futuro do subjuntivo* **persistirem** os sintomas, o médico deverá ser consultado.” (Ministério da Saúde)
- Ao **saírem**, *infinitivo pessoal* fechem as janelas da casa.
- **Quando** **saírem**, *futuro do subjuntivo* fechem as janelas da casa.

2. **Quando os verbos são irregulares, o infinitivo pessoal é totalmente distinto do futuro do subjuntivo.**

- “No caso de *infinitivo pessoal* **proporem** um diálogo sem pseudodilemas teóricos, retirar-me-ei do recinto.”
- Quando *futuro do subjuntivo* **propuserem** um diálogo sem pseudodilemas teóricos, retirar-me-ei do recinto.

7.5.1.2 Função substantiva do infinitivo

Como já mencionado, o infinitivo faz parte das chamadas “formas nominais do verbo”. São nominais porque exercem funções sintáticas próprias dos nomes. O infinitivo, por exemplo, exerce funções próprias do substantivo. Daí poder-se afirmar que o infinitivo é empregado frequentemente “como substantivo”.

São funções próprias do substantivo: sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, predicativo, aposto e vocativo. Logo, quando exerce a função de núcleo de um desses termos, o infinitivo se encontra em “papel substantivo” ou em “função substantiva”. Observe abaixo alguns exemplos:

- **Viver** é lutar.
  infinitivo como núcleo do sujeito
- Viver é **lutar**.
  infinitivo como núcleo do predicativo

- O verdadeiro herói não teme **morrer** na batalha.
  infinitivo como núcleo do objeto direto
- Ele sempre gostou de **viver** longe das grandes cidades.
  infinitivo como núcleo do objeto indireto
- Ele tinha medo de **ser** o presidente do clube.
  infinitivo como núcleo do complemento nominal
- Só havia uma saída para a crise: **aumentar** os juros para o crédito.
  infinitivo como núcleo do aposto

⇨ **Observações:**

1. **Embora seja raro tal emprego, o infinitivo pode, em algumas situações, apresentar-se em função adjetiva – qualificativa. Nesse uso, é frequente vir o infinitivo preposicionado, notadamente com as preposições “de” ou “por”.**

- máquina **de escrever**
- ferro **de engomar**
- história **de arrepiar**
- música **de dar sono**
- contas **por saldar**
- capítulos **por ler**

- enigma **por decifrar**
- serviço **por fazer**

2. Emprega-se também o infinitivo em função adverbial (circunstancial). Neste caso, o infinitivo exercerá o núcleo de uma oração subordinada adverbial reduzida e poderá expressar várias circunstâncias.

* "Depois de **fugir** o coelho, toma o vilão o conselho." (Dito popular)
  infinitivo expressa circunstância de tempo

* Comemos para **viver**, não vivemos para **comer**.
  os infinitivos expressam circunstância de fim

- Por **caminhar** descalço, adoeceu dos pés.
  infinitivo expressa circunstância de causa

- A não **haverem** obedecido, não chegariam a viver uma semana.
  infinitivo expressa circunstância de condição

- Melhor é dar a ruins do que **pedir** a bons.
  infinitivo expressa circunstância de comparação

7.5.1.3 Emprego do infinitivo preposicionado

Um dos fatos mais notáveis relativos à morfossintaxe do infinitivo, nas línguas neolatinas, é a construção de preposições com o infinitivo. Em português, as preposições são empregadas não só com os infinitivos simples, mas também com as orações infinitivas (reduzidas).

- Todos começaram **a falar** sobre o assunto.
  infinitivo simples regido por preposição

- Não veio à festa **por tu saberes a verdade sobre o problema**.
  oração infinitiva regida por preposição

É fato, portanto, que, na língua portuguesa, a construção do infinitivo com a preposição tornou-se tão comum que alguns autores chegaram a empregar infinitivos na função de sujeito precedidos de preposição – situação desabonada pelos grandes estudiosos da nossa língua. Hoje, percebe-se que a tendência é omitir-se a preposição, salvo com alguns verbos. Abaixo, segue um rol não taxativo do emprego do infinitivo preposicionado.

1. **Frequentemente se emprega a preposição "A" antecedendo o infinitivo quando este forma construções perifrásticas (locuções verbais) com os verbos "COMEÇAR, ANTECIPAR-SE, APRESSAR-SE, ENTRAR (=COMEÇAR), CONTINUAR, TORNAR, CHEGAR, PÔR-SE".**

- Os grevistas **começaram a sair** da rodovia por volta das 17h.
- Assim que nós o vimos, **pusemo-nos a chorar** em virtude da forte emoção que o momento propiciava.
- Por causa do problema, a ministra **chegou a falar** com o Presidente da República.
- "Raimundo fechou a janela e recolheu-se à cama. Levantou-se de novo, **tornou a apanhar** a carta e releu-a. Só a assinatura o irritou." (Aluísio Azevedo)

2. **Regido de "POR", exerce o infinitivo a função de um adjetivo, indicando uma ação ou um estado não realizados.**

- homens **por** nascer
- contas **por** saldar
- capítulos **por** ler
- as pessoas **por** vir

3. **Em algumas situações, a preposição rege não o infinitivo simples, senão as orações infinitivas. Neste caso, a oração reduzida de infinitivo terá valor circunstancial (adverbial). Observe:**

- Deixamos a sala um pouco **por** enfadar-nos a conversa.

A preposição rege uma oração reduzida de infinitivo, introduzindo uma circunstância de causa.

A preposição rege uma oração reduzida de infinitivo, introduzindo uma circunstância de condição.

- "**A** permanecerem os sintomas, o médico deverá ser consultado." (Ministério da Saúde)
- Entregou-nos uma nova inscrição **para** arquivarmos no local correto.

A preposição rege uma oração reduzida de infinitivo, introduzindo uma circunstância de finalidade.

4. **Emprega-se regido da preposição "DE" o infinitivo que serve de predicativo, equivalendo a um adjetivo.**

- É **de** se admirar que ele até agora não tenha faltado com a verdade. (Equivale a "**É admirável**...")
- "Muito é **de** notar a tristeza de um cipreste em tanta altura." (Pe. Antonio Vieira *apud* Cláudio Brandão)
- É **de** se crer que o Governo Federal reduzirá em curto prazo os juros para a casa própria.

⇨ **Observação:**

Para um maior aprofundamento, sugerimos que estude o assunto "emprego do infinitivo" em sintaxe.

7.5.2 O GERÚNDIO

O gerúndio, como forma nominal que o é, aparece frequentemente como verbo principal em construções perifrásticas – locuções verbais. Para verificar tal emprego, sugerimos estudar (ou revisar) o assunto "locuções verbais", o qual já foi desenvolvido acima.

No entanto, por proceder do ablativo do gerúndio latino, o gerúndio português é geralmente empregado em função adverbial, equivalendo, portanto, a um advérbio. Logo, em seu emprego mais comum, o gerúndio funcionará como um transmissor de circunstâncias e exercerá o núcleo de uma oração subordinada adverbial, em sua forma reduzida.

Na função adverbial, pode o gerúndio denotar, como já se disse, várias circunstâncias. Nesse emprego, ele é denominado de "gerúndio absoluto". Vejamos alguns exemplos do gerúndio absoluto:

- **Sofrendo** com a perda da mãe, evitava festas e comemorações.
  gerúndio expressando circunstância de causa (→ porque, já que, visto que)
- Não **tendo** condições financeiras, não viaje para fora do país.
  gerúndio expressando circunstância de condição (→ se, caso)

  gerúndio expressando circunstância de concessão (→ embora, apesar de que)
- "Não quiseram, **sendo** letrados, resolver o escrúpulo por si mesmos." (Pe. Antônio Vieira)
- "Quem me manda ser triste, **podendo** viver contente?" (Augusto E. S. Dias)
  gerúndio expressando circunstância de tempo (→ enquanto)

  gerúndio expressando circunstância de meio
- "E das feridas se remediavam as doninhas, **esponjando**-se em uma moita de saramagos." (Bernardes *apud* Cláudio Brandão)

  gerúndio expressando circunstância de modo
- "O céu se abria, **fuzilando** sobre a terra de uma parte e outra." (Godinho *apud* Cláudio Brandão)

  gerúndio expressando circunstância de finalidade (→ a fim de que, para que)
- "Vim para estes ermos, **fugindo** das gentes para quem só anoiteceu e amanheceu." (Pe. Manuel Bernardes)
- "Estas estavam juntas de alto a baixo, **fazendo** um só corpo." (Bíblia Sagrada, Êxodo)
  gerúndio expressando circunstância de consequência (→ de modo que, de maneira que)

Em algumas situações, o fato enunciado pelo gerúndio não é rigorosamente simultâneo a outro, e sim anterior, realizado imediatamente antes ou pouco antes. Corresponde neste caso o gerúndio absoluto a uma oração temporal iniciada por "depois que, logo que". Observe:

- **Chegando** ao centro de convenções, procuramos falar com o organizador do evento.
- **Vendo** que o carro não saía do atoleiro, chamou um trator.

Em outras construções, quando o acontecimento ocorrido em primeiro lugar for enunciado por uma oração explícita, o gerúndio, denotando fato imediato, equivalerá geralmente a uma oração coordenativa iniciada pela conjunção "e". Veja:

- "Recebeu a joia, **entregando**-a depois à esposa." (M. Said Ali)

- “Seguiu-se-lhe o infante D. Pedro, e a este seu irmão D. Henrique, **acabando** a cerimônia com o conde de Barcelos.” (F. J. Freire)

Hoje também é bastante comum o emprego do gerúndio precedido da preposição “em” para enunciar fatos vindouros, futuros. Neste caso, o gerúndio equivalerá a uma oração adverbial desenvolvida temporal, introduzida por “logo que, no momento em que”. Vejamos:

- Em **chegando** a casa, telefonarei para a diretora da clínica.
  no momento em que chegar, logo que chegar
- Em **amanhecendo**, montaremos no cavalo e partiremos para a cidade grande.
  no momento em que chegar, logo que chegar

⇨ **Observações:**

1. **Da facilidade que tem o gerúndio de exprimir circunstâncias tão diferentes, como causa, condição, concessão, tempo, finalidade, modo, resulta que o sentido só se pode apurar pelo contexto. É preciso, portanto, ter muito cuidado na classificação do gerúndio, pois frequentemente aparecem estruturas em que o gerúndio é suscetível de duas ou mais interpretações. Observe abaixo:**

- Um homem **tendo** dinheiro não deve passar fome.
  - → que tem dinheiro
  - → quando tem dinheiro
  - → se tem dinheiro

- “Mastigam os cavalos **escumando** os áureos freios com feroz semblante.” (Camões)
  - → mastigam escumando
  - → os cavalos que escumam

2. **Para aprofundar o emprego do gerúndio absoluto – em função adverbial –, sugerimos que estude, em sintaxe do período composto, as orações subordinadas adverbiais reduzidas.**

7.5.2.1 O gerúndio em função adjetiva

A despeito de ser condenado por gramáticos de renome, hoje se vê, nos mais diferentes meios, o largo emprego do gerúndio em função adjetiva – gerúndio que se refere a um substantivo. Sabe-se, como já se demonstrou, que a principal função do gerúndio é funcionar como um núcleo adverbial, denotando circunstâncias diversas. Entretanto, já nos escritores clássicos, encontrava-se o emprego do gerúndio em função atributiva – adjetiva.

Observe o excerto abaixo:

- "Não faltam ali os raios, os trêmulos cometas IMITANDO; em vão assopra o vento, a vela INCHANDO; viram ao longe dous navios brandamente c'os ventos NAVEGANDO, que respiram." (Luís Vaz de Camões)

Perceba que já em Camões – nosso mestre dos mestres em língua portuguesa – encontrava-se o emprego do gerúndio em função adjetiva, já que os gerúndios acima equivalem literalmente a "QUE IMITAM", "QUE INCHA" e "QUE NAVEGAM".

Por isso, não há razão para hoje se condenar o emprego do gerúndio em função atributiva, adjetiva. Deve-se, é certo, empregá-lo com parcimônia, com cuidado, para se evitarem construções esdrúxulas, estapafúrdias, esquisitas, do tipo "Vi uma mulher **tendo quarenta anos**" em vez de "Vi uma mulher **que tinha quarenta anos**".

Vejamos outros exemplos do emprego correto do gerúndio em função adjetiva coletados em grandes escritores:

- "– Mas, Sr. José Dias, tenho visto os pequenos **brincando**, e nunca vi nada que faça desconfiar. Basta a idade." (Machado de Assis)
- "Vieram ter a um vale, pelo qual atravessava a cavalo um donzel pequeno **chorando**." (Morais *apud* Cláudio Brandão)
- "Os homens parecem-se com meninos **brigando** sobre a metade de uma maçã." (Manuel Bernardes)
- "E o vendeiro empurrou a porta do fundo da estalagem, de onde escapou, como de uma panela **fervendo** que se destapa, uma baforada quente, vozeria tresandante à fermentação de suores e roupa

ensaboada **secando** ao sol.” (Aluísio Azevedo)

- “...divergindo apenas no tamanho, tendo todas a mesma conformação, a mesma aparência de vegetais **morrendo**, quase sem troncos,...” (Euclides da Cunha)
- “O galope dos corcéis dá um som áspero de ferro **batendo** em pedra.” (A. Herculano)
- “O leitor, depois deste exórdio, espera encontrar uma lei **abolindo** a tortura.” (Camilo C. Branco)

7.5.2.2 Emprego inadequado do gerúndio – o gerundismo

Para a língua culta, o emprego desmedido – e desnecessário – do gerúndio constitui um erro grave, denominado de “gerundismo”. Estruturas como “vou estar ligando”, “você pode estar respondendo”, “irei estar resolvendo” constituem mal emprego desta forma nominal tão prestimosa em nossa língua. Nessas construções, o tempo da ação passa a ser um futuro contínuo, o que não é indicado para ações que são concluídas em um só ato.

Não que a construção “ir + estar + gerúndio” não possa ser usada. Ela sempre será legítima quando estiver atrelada a outra ação situada no tempo. Logo, construções do tipo “Quando o jogo estiver passando, eu vou estar dormindo” são plenamente possíveis e corretas. Igualmente corretas são as estruturas em que o gerúndio possa indicar ações duradouras, prolongadas no tempo, como, por exemplo, “Amanhã vai estar chovendo” ou “Amanhã vou estar trabalhando o dia todo.”

Observe agora dois exemplos:

- Fique tranquilo, pois eu **vou transmitir** sua solicitação para o nosso chefe. (emprego correto)
  Aqui se faz a referência à ação em si.

- Fique tranquilo, pois eu **vou estar transmitindo** sua solicitação para o nosso chefe. (emprego inadequado)
  Aqui se faz referência não somente à ação, mas também à duração (tempo) da ação. Transmite-se a ideia de que se vai buscar tempo para o cumprimento da ação.

7.5.3 O PARTICÍPIO

Literalmente, particípio é “a palavra que participa da natureza do adjetivo e do verbo”. Esta definição explicita o caráter misto do particípio – possui natureza adjetival enquanto modificador de um nome; possui também natureza verbal, pois pode apresentar as flexões de voz, de modo, de tempo e de número próprias dos verbos.

↱ Natureza de adjetivo, pois se refere a um substantivo.

- Foram várias as pessoas **mortas** pelo furacão.

↳ Natureza verbal, pois apresenta as flexões próprias dos verbos.

7.5.3.1 O particípio circunstancial

À semelhança do gerúndio, o particípio pode funcionar como núcleo verbal em orações subordinadas adverbiais, expressando circunstâncias como as de “tempo, causa, condição, concessão”. Neste caso, é denominado de “particípio circunstancial absoluto”. Observe os exemplos abaixo:

- **Feita** a separação de corpos, as partes tomaram cada uma o seu rumo.
  particípio expressando circunstância de tempo

particípio expressando circunstância de causa

- “**Edificado** então o moço, se lançou aos pés do Santo e lhe pediu perdão.” (Manuel Bernardes)
- “**Praticado** por outra pessoa, este ato não mereceria censura.” (Cláudio Brandão)
  particípio expressando circunstância de condição
- **Feito** por artista de fama, este quadro não agradou aos que entendem de arte.
  particípio expressando circunstância de concessão

7.5.3.2 Emprego do particípio

Na língua portuguesa contemporânea, o particípio é empregado:

1) **Para a formação de orações subordinadas adjetivas reduzidas. Neste caso, o particípio poderá ser desenvolvido com o uso dos**

pronomes relativos.

- "Era chegada a vigília dos dois Apóstolos S. Pedro e S. Paulo, tão **celebrados** na Cristandade." (Castilho)
- A porta da igreja, **aberta** com um violento impulso, rompeu-se em um dos lados.

2) Como simples adjetivo (adjetivo de base participial), modificando nomes com os quais concordará em gênero e número. Neste caso, o particípio indicará a passividade do nome modificado.

- mão **ferida**
- filhos **amados**
- meninos **queridos** pelos professores

⇨ **Observação:**

Por seu valor de adjetivo, os particípios passivos acima podem ser desdobrados em orações adjetivas de sentido passivo: "que foi ferida", "que são amados", "que são queridos".

3) Para a formação de tempos compostos da voz ativa com os verbos auxiliares "ter" e "haver". Neste caso, o particípio ativo permanecerá invariável.

- Nós teríamos **perecido** não fossem os avisos dos guias.
- Por segurança, eles haviam **deixado** os mantimentos no pé da montanha.
- Se eu soubesse que o filme seria aquele, eu teria **ido** ao cinema.

4) Para a formação de locuções verbais da voz passiva analítica. Geralmente as locuções são formadas com os verbos auxiliares "ser", "estar", "ficar" e "permanecer". Destes verbos auxiliares, o verbo "ser" é indiscutivelmente o mais usado para a formação da locução verbal da voz passiva.

- Durante a viagem, os aviões foram **atingidos** por vários relâmpagos.

- “Este amor foi **desprezado** e **ludibriado**, e, depois, **comprimido** pelo desprezo e pelo ludíbrio no fundo do coração do teu pobre amigo.” (A. Herculano)
- Os retirantes vinham **fustigados** pelo sol, pela terra árida e seca.

⇨ **Observação:**

Conquanto haja a orientação de se empregar o particípio irregular com os verbos “ser” e “estar” para a formação de locuções verbais da voz passiva, o uso tem consagrado o emprego da forma regular do particípio para a formação da passiva. É o caso, por exemplo, dos particípios “imprimido, sujeitado, envolvido, ocultado”.

5) Para a formação de orações adverbiais reduzidas. Nesse caso, se o verbo apresentar duplo particípio, usar-se-á tão somente a sua forma irregular. Observe:

- **Assinada** a escritura, o comprador imitiu-se na posse do imóvel.
- **Aceitas** as condições, assinou-se o contrato.
- **Feitas** as contas, constatou-se que havia um tremendo prejuízo.
- “**Entregue** a preocupações artísticas e religiosas, não atenta na desarmonia orgânica de uma sociedade prostituída pela mácula servil.” (Rui Barbosa)

7.5.3.3 Verbos com duplo particípio

Há vários verbos em nossa língua que apresentam mais de uma forma para o particípio – são verbos abundantes. Ao lado da forma regular terminada em “-ado” ou “-ido”, existe uma forma irregular (reduzida) ou anormal. Observe uma pequena amostra de verbos com duplo particípio.

Infinitivo do verbo	Particípio regular	Particípio irregular
aceitar	aceitado	aceito
acender	acendido	aceso

anexar	anexado	anexo
benzer	benzido	bento
dispersar	dispersado	disperso
eleger	elegido	eleito
emergir	emergido	emerso
encher	enchido	cheio
entregar	entregado	entregue
enxugar	enxugado	enxuto
erigir	erigido	ereto
expressar	expressado	expresso
exprimir	exprimido	expresso
expulsar	expulsado	expulso
extinguir	extinguido	extinto
frigir	frigido	frito
ganhar	ganhado	ganho
imergir	imergido	imerso
imprimir	imprimido	impresso
incluir	incluído	incluso
incorrer	incorrido	incurso
inserir	inserido	inserto
isentar	isentado	isento
limpar	limpado	limpo
matar	matado	morto
morrer	morrido	morto
ocultar	ocultado	oculto
omitir	omitido	omisso

pagar	pagado	pago
pegar	pegado	pego
prender	prendido	preso
romper	rompido	roto
salvar	salvado	salvo
secar	secado	seco
segurar	segurado	seguro
soltar	soltado	solto
submergir	submergido	submerso
suspender	suspendido	suspenso
tingir	tingido	tinto
vagar	vagado	vago

⇨ Observações:

a) Não raro o usuário da língua se deparar com questões do tipo: “Eu tinha aceitado (ou aceito??) o emprego se...”. Para dirimir tal celeuma, vale aprovisionar a seguinte regra: emprega-se o particípio regular com os verbos “ter” e “haver” para a formação de tempos compostos da voz ativa. Já as formas irregulares, quando existem, são empregadas para a formação das locuções verbais da voz passiva.

Observe:

particípio regular

› A polícia tem **matado** muitos bandidos no Rio de Janeiro.

formação de tempo composto da voz ativa

particípio irregular

› Muitos bandidos foram mortos pela polícia no Rio de Janeiro.

formação de locução verbal da voz passiva

- “Da civilização romana elas não haviam **aceitado** senão a cultura intelectual e as sublimes teorias morais do cristianismo.” (A. Herculano)
- “A mulata convidou-os logo a comer um bocado e beber um trago. A proposta foi **aceita** alegremente.” (Aluísio Azevedo)
- “Contam que, em rapaz, foi **aceito** de muitas damas, além de partidário exaltado.” (Machado de Assis)
- “Houve mais; supondo que ela o tivesse **aceitado** e casassem, pensava agora no esplêndido enterro que lhe faria.” (Machado de Assis)

b) Alguns particípios regulares – *fazido, abrido, cobrido, pagado,* por exemplo – caíram em desuso, sendo hoje usadas, tanto para a voz ativa quanto para a voz passiva, as suas formas irregulares – *feito*, *aberto*, *coberto* e *pago*.

- Ele tem **feito** grandes obras no interior. (ativa)
- Grandes obras foram **feitas** no interior. (passiva)

c) Os particípios irregulares são formas “contratas”. Muitas destas formas são usadas hoje, consoante já se disse, como meros adjetivos: trem “***expresso***”, homem “***cego***”, mata “***densa***”, carga “***pensa***”, roupa “***seca***”, vinho “***tinto***”.

d) Alguns verbos, especialmente da 2.ª e da 3.ª conjugação, nunca tiveram a forma regular de particípio, apresentando apenas a forma irregular. É o caso, por exemplo, de “*dizer / dito, escrever / escrito, vir / vindo*”. Os derivados desses verbos, portanto, só possuem naturalmente o particípio irregular: “*desdito, reescrito, provindo*”.

e) Em alguns casos, mesmo o verbo apresentando um particípio regular e outro irregular, uma das formas tende a se consolidar pelo uso, tornando a outra arcaica, obsoleta. Podemos citar como exemplos os particípios *“eleito, enchido, envolvido, ocultado, pago, secado, suprimido”* que hoje são empregados tanto para construções da voz

ativa quanto para construções da voz passiva. Veja:

- "Uma noite, como o rei examinasse alguns papéis do Estado, perguntou-lhe ela se os impostos eram **pagos** com pontualidade. (Machado de Assis)"
- "É que Pombinha, orçando aliás pelos dezoito anos, não tinha ainda **pago** à natureza o cruento tributo da puberdade,..." (Aluísio Azevedo)
- "A noite tinha estendido o seu manto: as estrelas cintilavam no firmamento, grossas nuvens haviam **ocultado** a face da lua." (Cassimiro de Abreu)
- "...mas se [os gritos] eram abafados, não eram **suprimidos**, e em certos casos, o próprio objeto da experiência exigia que a emissão da voz fosse franca...." (Machado de Assis)

7.5.3.4 Particípio passivo de sentido ativo

Em algumas situações, os particípios assumem sentido ativo, a despeito de apresentarem as flexões típicas da voz passiva. Quando isto ocorre, diz-se que o particípio é **depoente**, isto é, com forma passiva e significação ativa. Observe:

- Ela é uma mulher **agradecida**. → Isto é "Ela é uma mulher que agradece".
- Ele é um menino **atrevido**. → Isto é "Ele é um menino que se atreve".
- Ele é um homem **ocupado**. → Isto é "Ele é um homem que se ocupa."
- É um rapaz **esforçado**. → Isto é "É um rapaz que se esforça."
- Tem uma filha **parecida** com ele. → Isto é "Tem uma filha que se parece com ele".
- São crianças **sabidas**. → Isto é "São crianças que sabem muito."
- São pessoas **comedidas**. → Isto é "São pessoas que têm comedimento."
- Assumiram atitudes **dissimuladas**. → Isto é "Assumiram atitudes que dissimulam."

7.6 CLASSIFICAÇÃO MORFOLÓGICA DOS VERBOS

São vários os critérios para a classificação morfológica dos verbos. Estudaremos os principais.

7.6.1 QUANTO À TERMINAÇÃO

Os verbos podem ser de 1.ª CONJUGAÇÃO, de 2.ª CONJUGAÇÃO e de 3.ª CONJUGAÇÃO.

1. São de 1.ª conjugação os verbos que apresentam infinitivo em "AR". São exemplos de verbos de 1.ª conjugação "amar, falar, bebericar, matar, calar, farfalhar".
2. São de 2.ª conjugação os verbos que apresentam infinitivo em "ER". São exemplos de verbos de 2.ª conjugação "beber, fenecer, ler, amanhecer, dever".
3. São de 3.ª conjugação os verbos que apresentam infinitivo em "IR". São exemplos de verbos de 3.ª conjugação "partir, falir, partir, combalir, embair, cair".

⇨ **Observação:**

O verbo "pôr", em virtude de sua etimologia "poer", pertence à 2.ª conjugação.

7.6.2 QUANTO À FLEXÃO OU À CONJUGAÇÃO

Os verbos podem ser REGULARES, IRREGULARES, DEFECTIVOS, ABUNDANTES e PRONOMINAIS.

1. **Verbo regular** é aquele cujo tema permanece invariável, e a terminação se flexiona de acordo com um tipo geral ou modelo da conjugação, chamado de "paradigma da conjugação." Como

exemplos de verbos regulares, podemos citar: andar, cantar, falar (1.ª conjugação); beber, comer, viver (2.ª conjugação); partir, dividir, produzir (3.ª conjugação).

2. **Verbo irregular** é aquele que não segue o paradigma regular de sua conjugação. O verbo irregular se caracteriza por sofrer alterações em seu tema na sua conjugação. Podemos citar como exemplos de verbos irregulares os verbos "perder, dormir, ter, trazer" etc.

⇨ **Observação:**

Há dois verbos irregulares na língua portuguesa que, em virtude das profundas mudanças por que passam em suas conjugações, recebem a denominação especial de "**anômalos**". São os verbos "ser" e "ir", pois apresentam formas como "sou, fui, era, serei, for" etc.

3. **Verbo defectivo** é aquele que não apresenta todos os modos, tempos ou pessoas próprios dos verbos. Como o próprio nome já diz, é o verbo que apresenta algum "defeito" em sua conjugação. Podemos citar como exemplo de verbos defectivos "precaver, reaver, demolir, falir, prazer, florir, soer, abolir, ruir, carpir, adir, adequar" etc.

⇨ **Observação:**

Os verbos defectivos serão estudados em parte específica, um pouco mais à frente.

4. **Verbo abundante** é aquele que apresenta mais de uma forma de conjugação para certos tempos, modos ou pessoas. Geralmente, esta abundância se dá no particípio – o qual já foi objeto de estudo. Raros são os verbos que apresentam abundância fora da forma participial. Podemos citar à guisa de exemplo os verbos "construir" (apresenta as formas "construís" ou "constróis") e "comprazer" (apresenta as formas "comprazi-me e comprouve-me").

⇨ **Observação:**

Para estudar um pouco mais sobre os verbos abundantes, sugerimos que revise o tópico “verbos com duplo particípio”.

5. **Verbo pronominal** é aquele que só é conjugado com o auxílio de um pronome pessoal oblíquo, átono. Os pronominais são divididos em:
   a) **Essencialmente pronominais** (são sempre conjugados com o pronome oblíquo): “arrepender-se, queixar-se, dignar-se, abster-se, apoderar-se, suicidar-se, ausentar-se, atrever-se, comportar-se”.
   b) **Acidentalmente pronominais** (aqueles que podem ser conjugados com ou sem o auxílio do pronome oblíquo): “ajuntar-se, matar-se, atribuir-se, lembrar-se, debater-se, enganar-se, pentear-se, destinar-se, defender-se”.

⇨ **Observação:**

Veja um pouco mais à frente a conjugação de um verbo pronominal.

7.6.3 QUANTO À FUNÇÃO

Os verbos são classificados em AUXILIARES, PRINCIPAIS e VICÁRIOS.

1. **Verbo auxiliar** é aquele que, empregado ao lado de uma forma nominal do verbo (infinitivo, gerúndio ou particípio), formará as locuções verbais e os tempos compostos. Ademais, é o verbo auxiliar que receberá as flexões de tempo, número e pessoa, uma vez que o verbo principal se encontra em uma forma cristalizada (infinitivo, gerúndio ou particípio). Frequentemente, funcionam como auxiliares os verbos “**ser**, **estar**, **ter** e **haver**”. Entretanto, outros verbos podem funcionar como auxiliares, como os verbos “**ir**, **dever**, **poder**, **querer**, **andar**” etc.

- **tenho** feito
- **estávamos** saindo
- **vai** sair
- **hão** de comprar
- **fui** ferido

2. **<u>Verbo principal</u>** é, como o próprio nome já o diz, aquele de significação plena e que funciona como núcleo de uma oração. Geralmente, a noção de verbo principal se sobressai quando se fala em locuções verbais e em tempos compostos, já que estas construções perifrásticas são necessariamente formadas por um verbo auxiliar e um verbo principal.

- **Jogarei** bola amanhã.
- Hei de **levar** o produto ainda hoje.
- **Chegaremos** cedo.

3. **<u>Verbo vicário</u> é aquele empregado em lugar de outro verbo anteriormente enunciado para se evitar sua repetição. É um poderoso recurso de coesão textual, pois torna o texto conciso e elegante. Geralmente são empregados como vicários os verbos "ser" e "fazer".**

- Deveria entregar o processo até as 17h, mas não o **fez**.
- Quase sempre ele não estudava. Quando o **fazia**, **era** para obter alguma vantagem do pai.

7.6.4 QUANTO À SIGNIFICAÇÃO OU AO ASPECTO (SENTIDO EXPRESSO)

Os verbos podem ser classificados em IMITATIVOS, FREQUENTATIVOS ou ITERATIVOS, INCOATIVOS, AUMENTATIVOS e DIMINUTIVOS.

1. **<u>Verbos imitativos</u>** (chamados também de onomatopaicos) são aqueles que expressam a própria ação dos nomes de que derivam. Observe:

- balançar, balancear → de balança
- engatinhar → de gato

- serpentear → de serpente
- latinizar → de latim
- patinhar → de pato
- judiar → de judeu
- corvejar → de corvo
- gralhar → de gralha

2. **Verbos frequentativos** (chamados também de iterativos) são aqueles que exprimem ação repetida, frequente, reiterada. São verbos geralmente derivados de nomes e até mesmo de verbos com as terminações "-ejar, -ear, -itar, -inhar". Vejamos alguns:

- bravejar → de bravo
- doidejar → de doido
- estalejar → de estalar
- bordejar → de bordo
- cabecear → de cabeça
- pestanejar → de pestana
- saltitar, saltear → de saltar
- passear → de passar
- cravejar → de cravar
- almejar → de alma

3. **Verbos incoativos** são aqueles que indicam o início de uma ação ou de um estado. Observe alguns:

- alvorecer → de alvo
- enraivecer → de raiva
- amarelecer → de amarelo
- amanhecer → de manhã
- começar → de começo
- esclarecer → de claro
- iniciar → de início
- envelhecer → de velho
- florescer → de flor
- madurar → de maduro

4. **Verbos aumentativos** são verbos derivados cuja significação é aumentada ou avivada para mais, geralmente com o auxílio de prefixos.

- recontar → de contar
- estrondear → de estrondar
- repousar → de pousar
- ressoar → de soar
- esmurraçar → de esmurrar
- rever → de ver
- recrescer → de crescer
- tressuar → de suar

5. **Verbos diminutivos** são verbos derivados cuja significação é aumentada ou avivada para menos, geralmente com o emprego de sufixos. Tais verbos transmitem nítida significação de diminuição, de atenuação.

- adocicar → de adoçar
- bebericar → de beber
- chuviscar → de chover
- cuspinhar → de cuspir
- lambiscar → de lamber
- namoricar → de namorar
- mordiscar → de morder
- saltitar → de saltar

7.6.5 QUANTO À FORMAÇÃO

Os verbos são classificados em PRIMITIVOS e DERIVADOS.

1. **Verbo primitivo** é aquele que não foi formado por nenhum outro verbo preexistente.

- pôr
- cantar
- ter
- ver
- vir

2. **Verbo derivado** é aquele que foi formado a partir de outro verbo preexistente.

- depor
- encantar
- deter
- rever
- provir

7.6.6 QUANTO À PRESENÇA OU NÃO DE UM SUJEITO

Os verbos são classificados em PESSOAIS, UNIPESSOAIS e IMPESSOAIS.

1. **Verbo pessoal** é aquele que apresenta sujeito, quer este seja explícito, quer seja implícito.

- **Iremos** à casa da vovó.
  sujeito = nós
- **Nadei** por vários minutos.
  sujeito = eu
- Os rapazes **sairão** hoje à noite.
  sujeito = os rapazes

2. **Verbo unipessoal** é aquele que praticamente só é usado na 3.ª pessoa, ora do singular, ora do plural, pois o seu sujeito é necessariamente da 3.ª pessoa. São unipessoais todos os verbos que indicam vozes de animais, como "grunhir, cacarejar, latir, miar, piar" etc. Outros verbos também se apresentam na forma unipessoal, como os verbos "prazer e doer".

3. **Verbo impessoal** é aquele que não possui sujeito para que com este concorde. Por convenção, os verbos impessoais são sempre empregados na 3.ª pessoa do singular. São impessoais, por exemplo, todos os verbos que indicam fenômenos da natureza, como "chover, ventar, relampejar, gear" etc. Outro caso bastante conhecido é o do verbo HAVER no sentido de "existir, acontecer, ocorrer, realizar-se" e do verbo "fazer" quando indica tempo decorrido.

⇨ **Observação:**

Para aprofundar o conhecimento sobre os verbos impessoais, sugerimos que estude, em sintaxe, o tópico sobre as orações sem sujeito.

7.7 VERBOS DEFECTIVOS

Como já mencionamos, verbos defectivos (latim "defectum" = defeituoso, deficiente) são aqueles que não apresentam conjugação completa, pois, em virtude de alguns fatores, tais verbos são faltantes em modos, tempos e pessoas.

Na língua portuguesa, são defectivos os seguintes verbos e/ou grupos verbais:

1. **Todos os verbos impessoais** – verbos que não apresentam sujeito e, portanto, só são empregados, por convenção, na 3.ª pessoa do singular. São denominados de "verbos defectivos impessoais".

Convém a esta altura salientar que a defectividade, na língua portuguesa, não é só em relação à ausência do modo, do tempo ou da pessoa por parte de um verbo, mas ela se dá também em relação ao emprego do verbo. Se prestarmos atenção, perceberemos que o verbo HAVER é conjugado em todos os modos, tempos e pessoas. Entretanto, quando é empregado no sentido de "existir, ocorrer, realizar-se, acontecer", só pode ser usado na 3.ª pessoa do singular. Por isso, diz-se que a impessoalidade é um caso de defectividade na língua portuguesa.

2. **Todos os verbos unipessoais** – verbos que, por situações especiais, são conjugados tão somente na 3.ª pessoa do singular ou do plural. Isso ocorre frequentemente com os verbos "convir, acontecer, doer, ocorrer, suceder, importar, constar" e com os verbos que indicam sons dos animais, como "latir, miar, grunhir, mugir, relinchar, cacarejar, silvar, grugulejar etc.".

3. **Verbos que, por questões fonéticas (podem provocar confusão com as formas de outro verbo ou apresentam uma sonoridade reprovável), não apresentam a 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo, nem o presente do subjuntivo. Tais verbos só apresentam as pessoas "tu" e "vós" no imperativo afirmativo, já que o imperativo negativo para eles inexiste.** Pertencem a este grupo os verbos "abolir, banir, carpir (capinar, arrancar), colorir, delinquir, delir (apagar, esvanecer), demolir, exaurir (esgotar, acabar), extorquir, florir, fulgir (brilhar, resplandecer), jungir (juntar, unir, ligar), retorquir (argumentar contrariamente, replicar), soer (costumar, acontecer com frequência), urgir (ser urgente), tinir (soar)".

   Observe o fenômeno da defectividade com o verbo "abolir":

PRESENTE DO INDICATIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO	IMPERATIVO	
		AFIRMATIVO	NEGATIVO
–	–	–	–
aboles	–	**abole**	–
abole	–	–	–
abolimos	–	–	–
abolis	–	**aboli**	–
abolem	–	–	–

4. **Verbos que, por questões fonéticas (podem provocar confusão com as formas de outro verbo ou apresentam uma sonoridade reprovável), não apresentam as três pessoas do singular e a 3.ª pessoa do plural do presente de indicativo, nem o presente do subjuntivo. No imperativo afirmativo, só apresentam o "vós". Inexiste, por conseguinte, o imperativo negativo.** Pertencem a este grupo os verbos "precaver, aguerrir, adequar, empedernir (petrificar), remir (resgatar), fornir (abastecer, prover), falir, embair (iludir, seduzir), adir (acrescentar, adicionar), renhir (disputar, pleitear)".

Observe a conjugação defectiva do verbo "precaver".

PRESENTE DO INDICATIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO	IMPERATIVO	
		AFIRMATIVO	NEGATIVO
–	–	–	–
–	–	–	–
–	–	–	–
precavemos	–	–	–
precaveis	–	**precavei**	–
–	–	–	–

5. **O verbo REAVER.** Este verbo é inteiramente derivado do verbo HAVER, mas só se conjuga nas formas em que o seu primitivo apresenta a letra "V". No presente do indicativo só apresenta a 1.ª e 2.ª pessoas. Logo, não apresenta nenhuma forma do presente do subjuntivo. No imperativo afirmativo, só possui a 2.ª pessoa do plural.

Observe:

PRESENTE DO INDICATIVO DO VERBO "HAVER"	PRESENTE DO INDICATIVO DO VERBO "REAVER"	IMPERATIVO DO VERBO "REAVER"	
		AFIRMATIVO	NEGATIVO
hei	–	–	–
hás	–	–	–
há	–	–	–
havemos	**reavemos**	–	–
haveis	**reaveis**	**reavei**	–
hão	–	–	–

⇨ **Observação:**

Convém salientar que o verbo reaver apresenta os demais tempos. Observe abaixo toda a conjugação do verbo REAVER:

Reaver

INDICATIVO					
Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro do Presente	Futuro do Pretérito	Pretérito Perfeito	Pretérito mais-que-perfeito
-	reavia	reaverei	reaveria	reouve	reouvera
-	reavias	reaverás	reaverias	reouveste	reouveras
-	reavia	reaverá	reaveria	reouve	reouvera

reavemos	reavíamos	reaveremos	reaveríamos	reouvemos	reouvéramos
reaveis	reavíeis	reavereis	reaveríeis	reouvestes	reouvéreis
-	reaviam	reaverão	reaveriam	reouveram	reouveram
SUBJUNTIVO			**IMPERATIVO AFIRMATIVO**	**FORMAS NOMINAIS**	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
-	reouvesse	reouver	-	reaver	reavendo
-	reouvesses	reouveres	-	reaveres	
-	reouvesse	reouver	-	reaver	**Particípio**
-	reouvéssemos	reouvermos	-	reavermos	reavido
-	reouvésseis	reouverdes	reavei	reaverdes	
-	reouvessem	reouverem	-	reaverem	

⇨ Observações gerais sobre os verbos defectivos:

1. O verbo “computar”, a despeito de ser classificado como verbo regular pelo dicionário Houaiss, é considerado pela maioria dos estudiosos da língua portuguesa como “defectivo” em virtude de sua péssima sonoridade. E, de fato, é assim que ele deve ser classificado, pois ninguém em sã consciência diria “eu computo”, “tu computas”, “ele computa”.

2. O verbo “viger”, bastante usado no meio jurídico, é defectivo, pois só é conjugado nas formas em que ao “G” segue-se a letra “E”. Portanto, tal verbo não apresenta a 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo “eu vijo”. Consequentemente, este verbo não apresentará os tempos derivados do presente do indicativo – presente do subjuntivo e, por conseguinte, o modo imperativo.

Presente do Indicativo

eu	/
tu	viges
ele	vige
nós	vigemos
vós	vigeis
eles	vigem

3. O problema da defectividade verbal deve ser suprido com o emprego de circunlóquios – verbos ou substantivos sinônimos ou de locuções verbais (construções perifrásticas). Observe abaixo algumas sugestões:

a) Eu sempre me **adapto** bem às novas situações. (para o lugar do verbo "adequar")

b) Eles sempre se **previnem** contra o sol. (para o lugar do verbo "precaver")

c) É importante que essas rosas **floresçam** durante o inverno. (para o lugar do verbo "florir")

d) Ele **está abolindo** o fumo de sua vida. (locução com o verbo "abolir")

e) Eu **destruo** tudo o que pode me causar mal. (para o lugar do verbo "demolir")

f) Nós queremos que ele **recupere** o dinheiro perdido. (para o lugar do verbo "reaver")

7.8 PARADIGMAS DE CONJUGAÇÃO VERBAL – CONJUGAÇÃO DE DIVERSOS VERBOS

Sem dúvida, aqui está uma parte da gramática normativa que merece toda a sua atenção. Frequentemente, os concursos cobram dos candidatos a correta conjugação de vários verbos. Portanto, vamos ao

conteúdo abaixo. Uma sugestão: estude aos poucos e não se desespere com a quantidade de detalhes. Procure aprovisionar as informações aos poucos. Algumas são essenciais, outras, nem tanto.

Procuramos abaixo selecionar os principais verbos que apresentam dificuldades em suas conjugações.

7.8.1 CONJUGAÇÃO DOS VERBOS AUXILIARES "SER, ESTAR, TER E HAVER"

Ser

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
sou	era	serei	seria	fui	fora
és	eras	serás	serias	foste	foras
é	era	será	seria	foi	fora
somos	éramos	seremos	seríamos	fomos	fôramos
sois	éreis	sereis	seríeis	fostes	fôreis
são	eram	serão	seriam	foram	foram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
seja	fosse	for	–	ser	sendo
sejas	fosses	fores	sê	seres	
seja	fosse	for	seja	ser	**Particípio**
sejamos	fôssemos	formos	sejamos	sermos	sido
sejais	fôsseis	fordes	sede	serdes	

sejam	fossem	forem	sejam	serem	

Estar

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
estou	estava	estarei	estaria	estive	estivera
estás	estavas	estarás	estarias	estiveste	estiveras
está	estava	estará	estaria	esteve	estivera
estamos	estávamos	estaremos	estaríamos	estivemos	estivéramos
estais	estáveis	estareis	estaríeis	estivestes	estivéreis
estão	estavam	estarão	estariam	estiveram	estiveram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
esteja	estivesse	estiver	–	estar	estando
estejas	estivesses	estiveres	está	estarem	
esteja	estivesse	estiver	esteja	estar	**Particípio**
estejamos	estivéssemos	estivermos	estejamos	estarmos	estado
estejais	estivésseis	estiverdes	estai	estardes	
estejam	estivessem	estiverem	estejam	estarem	

Ter

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**

tenho	tinha	terei	teria	tive	tivera
tens	tinhas	terás	terias	tiveste	tiveras
tem	tinha	terá	teria	teve	tivera
temos	tínhamos	teremos	teríamos	tivemos	tivéramos
tendes	tínheis	tereis	teríeis	tivestes	tivéreis
têm	tinham	terão	teriam	tiveram	tiveram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
tenha	tivesse	tiver	–	ter	tendo
tenhas	tivesses	tiveres	tem	teres	
tenha	tivesse	tiver	tenha	ter	**Particípio**
tenhamos	tivéssemos	tivermos	tenhamos	termos	tido
tenhais	tivésseis	tiverdes	tende	terdes	
tenham	tivessem	tiverem	tenham	terem	

Haver

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
hei	havia	haverei	haveria	houve	houvera
hás	havias	haverás	haverias	houveste	houveras
há	havia	haverá	haveria	houve	houvera
havemos	havíamos	haveremos	haveríamos	houvemos	houvéramos
haveis	havíeis	havereis	haveríeis	houvestes	houvéreis
hão	haviam	haverão	haveriam	houveram	houveram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro		Infinitivo flexionado	Gerúndio
haja	houvesse	houver	–	haver	havendo
hajas	houvesses	houveres	há	haveres	
haja	houvesse	houver	haja	haver	**Particípio**
hajamos	houvéssemos	houvermos	hajamos	havermos	havido
hajais	houvésseis	houverdes	havei	haverdes	
hajam	houvessem	houverem	hajam	haverem	

⇨ **Observações importantes:**

a) De forma excepcional, o verbo “ser” apresenta formas anômalas para o “tu” e o “vós”. Teremos, respectivamente, “sê” e “sede”, pois as segundas pessoas do imperativo do verbo SER foram tiradas de um antigo presente do verbo “SEER” (sees, seedes), do latim “SEDERE”.

7.8.2 CONJUGAÇÃO DE VERBOS DERIVADOS

Há um sem-número de verbos na língua portuguesa que são derivados de outros, ditos “primitivos”. Frequentemente, cobra-se de um candidato a um concurso o conhecimento sobre a conjugação destes verbos. E, em virtude da fonia e da grafia esdrúxulas que alguns apresentam, muitos e frequentes são os erros. É preciso, portanto, ficar atento à regra: **a conjugação do verbo derivado segue a conjugação do seu verbo primitivo**. Logo, basta conjugar o verbo primitivo e lhe acrescentar o prefixo. Observe abaixo a conjugação do verbo “PROPOR”, derivado do verbo “PÔR”.

Propor

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
proponho	**pro**punha	**pro**porei	**pro**poria	**pro**pus	**pro**pusera
propões	**pro**punhas	**pro**porás	**pro**porias	**pro**puseste	**pro**puseras
propõe	**pro**punha	**pro**porá	**pro**poria	**pro**pôs	**pro**pusera
propomos	**pro**púnhamos	**pro**poremos	**pro**poríamos	**pro**pusemos	**pro**puséramos
propondes	**pro**púnheis	**pro**poreis	**pro**poríeis	**pro**pusestes	**pro**puséreis
propõem	**pro**punham	**pro**porão	**pro**poriam	**pro**puseram	**pro**puseram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
proponha	**pro**pusesse	**pro**puser	–	**pro**por	**pro**pondo
proponhas	**pro**pusesses	**pro**puseres	**pro**põe	**pro**pores	
proponha	**pro**pusesse	**pro**puser	**pro**ponha	**pro**por	**Particípio**
proponhamos	**pro**puséssemos	**pro**pusermos	**pro**ponhamos	**pro**pormos	**pro**posto
proponhais	**pro**pusésseis	**pro**puserdes	**pro**ponde	**pro**pordes	
proponham	**pro**pusessem	**pro**puserem	**pro**ponham	**pro**porem	

Perceba que toda a conjugação foi baseada no verbo “pôr”, que é o seu primitivo. Semelhantemente, conjugam-se verbos como:

a) repor, depor, supor, dispor → derivados do verbo “pôr”
b) convir, intervir, advir, provir → derivados do verbo “vir”.
c) ater-se, conter, reter, manter, deter → derivados do verbo “ter”
d) prever, rever, antever, circunver → derivados do verbo “ver”.

7.8.3 CONJUGAÇÃO DOS VERBOS TERMINADOS NOS HIATOS

"-AIR, -OER, -UIR"

Estes verbos são interessantes porque frequentemente se veem empregadas formas como "possue, restitue, constitue, róe". Ora, a 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo apresenta a desinência "i" e jamais "e", como pensam alguns. Portanto, fique atento à conjugação de verbos como "sair, cair, abstrair, contrair, moer, roer, doer, remoer, possuir, construir, restituir, constituir etc.".

Veja abaixo a conjugação do verbo "possuir".

Possuir

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
possuo	possuía	possuirei	possuiria	possuí	possuíra
possuis	possuías	possuirás	possuirias	possuíste	possuíras
possui	possuía	possuirá	possuiria	possuiu	possuíra
possuímos	possuíamos	possuiremos	possuiríamos	possuímos	possuíramos
possuís	possuíeis	possuireis	possuiríeis	possuístes	possuíreis
possuem	possuíam	possuirão	possuiriam	possuíram	possuíram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo Flexionado**	**Gerúndio**
possua	possuísse	possuir	–	possuir	possuindo
possuas	possuísses	possuíres	possui	possuíres	
possua	possuísse	possuir	possua	possuir	**Particípio**
possuamos	possuíssemos	possuirmos	possuamos	possuirmos	possuído
possuais	possuísseis	possuirdes	possuí	possuirdes	

possuam	possuíssem	possuírem	possuam	possuírem	

7.8.4 CONJUGAÇÃO DE VERBOS IRREGULARES

São verbos que, como já se disse, não seguem um paradigma de conjugação. Sofrem, por isso, bruscas alterações em seus radicais. Abaixo, segue a conjugação de três verbos irregulares: “pedir, caber e trazer”.

Pedir

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
peço	pedia	pedirei	pediria	pedi	pedira
pedes	pedias	pedirás	pedirias	pediste	pediras
pede	pedia	pedirá	pediria	pediu	pedira
pedimos	pedíamos	pediremos	pediríamos	pedimos	pedíramos
pedis	pedíeis	pedireis	pediríeis	pedistes	pedíreis
pedem	pediam	pedirão	pediriam	pediram	pediram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
peça	pedisse	pedir	–	pedir	pedindo
peças	pedisses	pedires	pede	pedires	
peça	pedisse	pedir	peça	pedir	**Particípio**
peçamos	pedíssemos	pedimos	peçamos	pedirmos	pedido
peçais	pedísseis	pedirdes	pedi	pedirdes	

peçam	pedissem	pedirem	peçam	pedirem	

Caber

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
caibo	cabia	caberei	caberia	coube	coubera
cabes	cabias	caberás	caberias	coubeste	couberas
cabe	cabia	caberá	caberia	coube	coubera
cabemos	cabíamos	caberemos	caberíamos	coubemos	coubéramos
cabeis	cabíeis	cabereis	caberíeis	coubestes	coubéreis
cabem	cabiam	caberão	caberiam	couberam	couberam

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
caiba	coubesse	couber	–	caber	cabendo
caibas	coubesses	couberes	–	caberes	
caiba	coubesse	couber	–	caber	**Particípio**
caibamos	coubéssemos	coubermos	–	cabermos	cabido
caibais	coubésseis	couberdes	–	caberdes	
caibam	coubessem	couberem	–	caberem	

Trazer

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**

tra**g**o	trazia	trarei	traria	trouxe	trouxera
trazes	trazias	trarás	trarias	trouxeste	trouxeras
traz	trazia	trará	traria	trouxe	trouxera
trazemos	trazíamos	traremos	traríamos	trouxemos	trouxéramos
trazeis	trazíeis	trareis	traríeis	trouxestes	trouxéreis
trazem	traziam	trarão	trariam	trouxeram	trouxeram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
tra**g**a	trouxesse	trouxer	–	trazer	trazendo
tra**g**as	trouxesses	trouxeres	traz/traze	trazeres	
tra**g**a	trouxesse	trouxer	tra**g**a	trazer	**Particípio**
tra**g**amos	trouxéssemos	trouxermos	tra**g**amos	trazermos	trazido
tra**g**ais	trouxésseis	trouxerdes	trazei	trazerdes	
tra**g**am	trouxessem	trouxerem	tra**g**am	trazerem	

7.8.5 CONJUGAÇÃO DE VERBOS PRONOMINAIS

São verbos especiais, porque necessariamente são conjugados com o auxílio de um pronome pessoal do caso oblíquo. São exemplos desses verbos “arrepender-se, queixar-se, apiedar-se”.

Observe abaixo a conjugação do verbo “queixar-se”.

Queixar-se

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**

queixo-me	queixava-me	queixar-me-ei	queixar-me-ia	queixei-me	queixara-me
queixas-te	queixavas-te	queixar-te-ás	queixar-te-ias	queixaste-te	queixaras-te
queixa-se	queixava-se	queixar-se-á	queixar-se-ia	queixou-se	queixara-se
queixamo-nos	queixávamo-nos	queixar-nos-emos	queixar-nos-íamos	queixamo-nos	queixáramo-nos
queixais-vos	queixáveis-vos	queixar-vos-eis	queixar-vos-íeis	queixastes-vos	queixáreis-vos
queixam-se	queixavam-se	queixar-se-ão	queixar-se-iam	queixaram-se	queixaram-se

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
me queixe	me queixasse	me queixar	–	queixar-me	queixando-se
te queixes	te queixasses	te queixares	queixa-te	queixares-te	
se queixe	se queixassem	se queixar	queixe-se	queixar-se	**Particípio**
nos queixemos	nos queixássemos	nos queixarmos	queixemo-nos	queixarmo-nos	se queixado
vos queixeis	vos queixásseis	vos queixardes	queixai-vos	queixardes-vos	
se queixem	se queixassem	se queixarem	queixem-se	queixarem-se	

⇨ **Observações**

Com as formas nominais não flexionadas, o pronome será da mesma categoria número-pessoal do sujeito.

7.8.6 CONJUGAÇÃO DOS VERBOS TERMINADOS NO HIATO "-EAR"

São verbos especiais, porque intercalam, por motivos fonéticos, um "i" intervocálico em sua desinência nas formas rizotônicas (presentes do indicativo e do subjuntivo, salvo nas pessoas "nós" e "vós" e no modo

imperativo, exceto também nas pessoas “nós” e “vós”). Acompanhe abaixo a conjugação do verbo “nortear”. Observe o acréscimo do “i” nas formas rizotônicas.

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
norte**i**o	norteava	nortearei	nortearia	norteei	norteara
norte**i**as	norteavas	nortearás	nortearias	norteaste	nortearas
norte**i**a	norteava	norteará	nortearia	norteou	norteara
norteamos	norteávamos	nortearemos	nortearíamos	norteamos	norteáramos
norteais	norteáveis	norteareis	nortearíeis	norteastes	norteáreis
norte**i**am	norteavam	nortearão	nortearíam	nortearam	nortearam

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
norte**i**e	norteasse	nortear	–	nortear	norteando
norte**i**es	norteasses	norteares	norteia	norteares	
norte**i**e	norteasse	nortear	norteie	nortear	**Particípio**
norteemos	norteássemos	nortearmos	norteemos	nortearmos	norteado
norteeis	norteásseis	norteardes	norteai	norteardes	
norte**i**em	norteassem	nortearem	norteiem	nortearem	

Assim como “nortear”, conjugam-se os verbos “pentear, marear, enfear, cear, chatear, manusear, pleitear, sortear, homenagear, saborear, passear, nortear, veranear, arrear” e todos os outros finalizados em “-ear”.

7.8.7 CONJUGAÇÃO DOS VERBOS TERMINADOS NO HIATO “-

IAR”

Todos os verbos terminados em “-iar” seguem o paradigma de conjugação para os verbos da 3.ª conjugação. Isto quer dizer que são regulares. Observe abaixo a conjugação do verbo “variar”.

Variar

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
vario	variava	variarei	variaria	variei	variara
varias	variavas	variarás	variarias	variaste	variaras
varia	variava	variará	variaria	variou	variara
variamos	variávamos	variaremos	variaríamos	variamos	variáramos
variais	variáveis	variareis	variaríeis	variastes	variáreis
variam	variavam	variarão	variariam	variaram	variaram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
varie	variasse	variar	–	variar	variando
varies	variasses	variares	varia	variares	
varie	variasse	variar	varie	variar	**Particípio**
variemos	variássemos	variarmos	variemos	variarmos	variado
varieis	variásseis	variardes	variai	variardes	
variem	variassem	variarem	variem	variarem	

⇨ **Observação:**

Seis verbos há em nossa língua, os quais fogem ao paradigma acima, pois intercalam um “E” eufônico nas formas rizotônicas. São eles: mediar, ansiar, remediar, incendiar, odiar e intermediar. Para decorá-los, memorize o anagrama M-A-R-I-O – I. Veja:

M ediar
A nsiar
R emediar
I ncendiar
O diar
I ntermediar

Observe agora a conjugação de um desses verbos:

Ansiar

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
ans**e**io	ansiava	ansiarei	ansiaria	ansiei	ansiara
ans**e**ias	ansiavas	ansiarás	ansiarias	ansiaste	ansiaras
ans**e**ia	ansiava	ansiará	ansiaria	ansiou	ansiara
ansiamos	ansiávamos	ansiaremos	ansiaríamos	ansiamos	ansiáramos
ansiais	ansiáveis	ansiareis	ansiaríeis	ansiastes	ansiáreis
ans**e**iam	ansiavam	ansiarão	ansiariam	ansiaram	ansiaram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
ans**e**ie	ansiasse	ansiar	–	ansiar	ansiando
ans**e**ies	ansiasses	ansiares	ans**e**ia	ansiares	
ans**e**ie	ansiasse	ansiar	ans**e**ie	ansiar	**Particípio**
ansiemos	ansiássemos	ansiarmos	ansi**e**mos	ansiarmos	ansiado

ansieis	ansiásseis	ansiardes	ansiai	ansiardes	
ans**e**iem	ansiassem	ansiarem	ans**e**iem	ansiarem	

7.8.8 CONJUGAÇÃO DE VERBOS TERMINADOS NOS HIATOS "-OAR" E "-UAR"

Tais verbos merecem destaque porque apresentam a letra "E" em todas as formas do presente do subjuntivo. São frequentes os erros ao se escrever "continui" e "abençoi", por exemplo.

Observe abaixo a conjugação do verbo "abençoar".

Abençoar

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
abençoo	abençoava	abençoarei	abençoaria	abençoei	abençoara
abençoas	abençoavas	abençoarás	abençoarias	abençoaste	abençoaras
abençoa	abençoava	abençoará	abençoaria	abençoou	abençoara
abençoamos	abençoávamos	abençoaremos	abençoaríamos	abençoamos	abençoáramos
abençoais	abençoáveis	abençoareis	abençoaríeis	abençoastes	abençoáreis
abençoam	abençoavam	abençoarão	abençoariam	abençoaram	abençoaram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
abençoe	abençoasse	abençoar	–	abençoar	abençoando
abençoes	abençoasses	abençoares	abençoa	abençoares	
abençoe	abençoasse	abençoar	abençoe	abençoar	**Particípio**

abençoemos	abençoássemos	abençoarmos	abençoemos	abençoarmos	abençoado
abençoeis	abençoásseis	abençoardes	abençoai	abençoardes	
abençoem	abençoassem	abençoarem	abençoem	abençoarem	

⇨ **Observação:**

Os verbos terminados em "-OAR", em virtude das novas regras propostas pelo Acordo Ortográfico de 1990, já não mais recebem acento circunflexo no hiato "OO", o qual se forma na 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo. Por isso, escreveremos corretamente "eu voo, eu abençoo, eu enjoo, eu roo etc.".

7.8.9 CONJUGAÇÃO DOS VERBOS "VER" E "VIR" NO FUTURO DO SUBJUNTIVO

Frequentemente, os concursos cobram o conhecimento sobre a distinção entre as conjugações dos verbos "ver" e "vir" no futuro do subjuntivo. De fato, é importante não se confundir: "quando ou se eu vir" dir-se-á para a 1.ª pessoa do singular do verbo "ver"; ao passo que se empregará "quando ou se eu vier" para a 1.ª pessoa do singular do verbo "vir". Seguem neste mesmo paradigma os verbos derivados desses dois verbos (rever, prever, provir, intervir etc.). Observe abaixo o futuro do subjuntivo dos verbos "ver" e "vir":

Futuro do Subjuntivo do verbo VER

eu	**vir**
tu	vires
ele	vir
nós	virmos
vós	virdes
eles	virem

Futuro do Subjuntivo do verbo VIR

eu	**vier**
tu	vieres
ele	vier
nós	viermos
vós	vierdes
eles	vierem

7.8.10 OUTRAS PARTICULARIDADES GRÁFICAS E FONÉTICAS SOBRE VERBOS DA 1.ª CONJUGAÇÃO

1. Os verbos terminados em "**CAR**" (abarcar, alocar, clinicar, dedicar, emboscar etc.) mudam o "c" em "qu" antes de "E". Observe este fenômeno na conjugação do verbo **FICAR**.

Ficar

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
fico	ficava	ficarei	ficaria	fi**que**i	ficara
ficas	ficavas	ficarás	ficarias	ficaste	ficaras
fica	ficava	ficará	ficaria	ficou	ficara
ficamos	ficávamos	ficaremos	ficaríamos	ficamos	ficáramos
ficais	ficáveis	ficareis	ficaríeis	ficastes	ficáreis
ficam	ficavam	ficarão	ficariam	ficaram	ficaram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
fi**qu**e	ficasse	ficar	–	ficar	ficando
fi**qu**es	ficasses	ficares	fica	ficares	
fi**qu**e	ficasse	ficar	fi**qu**e	ficar	**Particípio**
fi**qu**emos	ficássemos	ficarmos	fi**qu**emos	ficarmos	ficado
fi**qu**eis	ficásseis	ficardes	ficai	ficardes	
fi**qu**em	ficassem	ficarem	fi**qu**em	ficarem	

2. Os verbos terminados em "**ÇAR**" (abraçar, adoçar, bagunçar, caçar, desembaçar etc.) perdem a cedilha antes de "E". Observe a conjugação do verbo **DISFARÇAR**. Perceba que este fenômeno se dá no presente do subjuntivo e no modo imperativo, nas formas derivadas daquele.

Disfarçar

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
disfarço	disfarçava	disfarçarei	disfarçaria	disfar**c**ei	disfarçara
disfarças	disfarçavas	disfarçarás	disfarçarias	disfarçaste	disfarçaras
disfarça	disfarçava	disfarçará	disfarçaria	disfarçou	disfarçara
disfarçamos	disfarçávamos	disfarçaremos	disfarçaríamos	disfarçamos	disfarçáramos
disfarçais	disfarçáveis	disfarçareis	disfarçaríeis	disfarçastes	disfarçáreis
disfarçam	disfarçavam	disfarçarão	disfarçariam	disfarçaram	disfarçaram
SUBJUNTIVO			**IMPERATIVO**	**FORMAS NOMINAIS**	

Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro	AFIRMATIVO	Infinitivo flexionado	Gerúndio
disfarce	disfarçasse	disfarçar	–	disfarçar	disfarçando
disfarces	disfarçasses	disfarçares	disfarça	disfarçares	
disfarce	disfarçasse	disfarçar	disfarce	disfarçar	**Particípio**
disfarcemos	disfarçássemos	disfarçarmos	disfarcemos	disfarçarmos	disfarçado
disfarceis	disfarçásseis	disfarçardes	disfarçai	disfarçardes	
disfarcem	disfarçassem	disfarçarem	disfarcem	disfarçarem	

3. Os verbos terminados em "**GAR**" (abrigar, achegar, advogar, afagar, comungar etc.) recebem "U" antes da letra "E". Observe a conjugação do verbo **CHEGAR** e verifique esta mudança.

Chegar

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
chego	chegava	chegarei	chegaria	chegu**e**i	chegara
chegas	chegavas	chegarás	chegarias	chegaste	chegaras
chega	chegava	chegará	chegaria	chegou	chegara
chegamos	chegávamos	chegaremos	chegaríamos	chegamos	chegáramos
chegais	chegáveis	chegareis	chegaríeis	chegastes	chegáreis
chegam	chegavam	chegarão	chegariam	chegaram	chegaram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
chegue	chegasse	chegar	–	chegar	chegando

cheg**u**es	chegasses	chegares	chega	chegares	
cheg**u**e	chegasse	chegar	cheg**u**e	chegar	**Particípio**
cheg**u**emos	chegássemos	chegarmos	cheg**u**emos	chegarmos	chegado
cheg**u**eis	chegásseis	chegardes	chegai	chegardes	
cheg**u**em	chegassem	chegarem	cheg**u**em	chegarem	

4. O verbo **CONSUMAR** (completar, acabar, terminar), muito usual no meio jurídico, segue normalmente o paradigma dos verbos da 1.ª conjugação. Observe abaixo:

Consumar

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
consumo	consumava	consumarei	consumaria	consumei	consumara
consumas	consumavas	consumarás	consumarias	consumaste	consumaras
consuma	consumava	consumará	consumaria	consumou	consumara
consumamos	consumávamos	consumaremos	consumaríamos	consumamos	consumáramos
consumais	consumáveis	consumareis	consumaríeis	consumastes	consumáreis
consumam	consumavam	consumarão	consumariam	consumaram	consumaram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
consume	consumasse	consumar	–	consumar	consumando
consumes	consumasses	consumares	consuma	consumares	
consume	consumasse	consumar	consume	consumar	**Particípio**
consumemos	consumássemos	consumarmos	consumemos	consumarmos	consumado

consumeis consumem	consumásseis consumassem	consumardes consumarem	consumai consumem	consumardes consumarem	

5. O verbo **AVERIGUAR** bem como os verbos ENXAGUAR, AGUAR, APANIGUAR, APAZIGUAR, APROPINGUAR, DESAGUAR, OBLIQUAR apresentam dois paradigmas de conjugação a partir do Acordo Ortográfico de 1990:
   a) Continuam com as formas rizotônicas igualmente acentuadas no "U", mas sem marca gráfica. Exemplo: *averiguo, averiguas, averigua; averigue, averigues, averigue, averiguem; enxaguo, enxaguas, enxagua, enxaguam; enxague, enxagues, enxague, enxaguem etc.*
   b) Apresentam as formas rizotônicas acentuadas fônica e graficamente nas vogais "a" e "i", presentes no radical. Exemplo: *averíguo, averíguas, averígua; averígue, averígues, averígue, averíguem; enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam; enxágue, enxágues, enxágue, enxáguem etc.*

7.8.11 OUTRAS PARTICULARIDADES GRÁFICAS E FONÉTICAS SOBRE VERBOS DA 2.ª CONJUGAÇÃO

1. Os verbos terminados em "**GER**" (constranger, desproteger, eleger, proteger, ranger etc.) mudam o "G" em "J" antes de "O e A". Observe a conjugação do verbo REGER e acompanhe esta alteração.

Reger

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
re**j**o	regia	regerei	regeria	regi	regera

reges	regias	regerás	regerias	regeste	regeras
rege	regia	regerá	regeria	regeu	regera
regemos	regíamos	regeremos	regeríamos	regemos	regêramos
regeis	regíeis	regereis	regeríeis	regestes	regêreis
regem	regiam	regerão	regeriam	regeram	regeram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
re**j**a	regesse	reger	–	reger	regendo
re**j**as	regesses	regeres	rege	regeres	
re**j**a	regesse	reger	re**j**a	reger	**Particípio**
re**j**amos	regêssemos	regermos	re**j**amos	regermos	regido
re**j**ais	regêsseis	regerdes	regei	regerdes	
re**j**am	regessem	regerem	re**j**am	regerem	

2. O verbo **PERDER** muda o “D” em “C” antes de “O e A”. Observe abaixo:

Presente do Indicativo

eu	perco
tu	perdes
ele	perde
nós	perdemos
vós	perdeis
eles	perdem

Presente do Subjuntivo

eu	per**c**a
tu	per**c**as
ele	per**c**a
nós	per**c**amos
vós	per**c**ais
eles	per**c**am

3. O verbo **VALER** muda o “L” em “LH” antes de “O e A”. Observe abaixo:

Presente do Indicativo

eu	va**lh**o
tu	vales
ele	vale
nós	valemos
vós	valeis
eles	valem

Presente do Subjuntivo

eu	va**lh**a
tu	va**lh**as
ele	va**lh**a
nós	va**lh**amos
vós	va**lh**ais
eles	va**lh**am

4. O verbo **DIZER** e seus derivados (contradizer, maldizer, predizer etc.) mudam o “Z” em “G” antes de “O e A”. Ademais, o verbo DIZER admite as formas “DIZE ou DIZ” para a 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo. Observe abaixo:

Presente do Indicativo

eu	di**g**o
tu	dizes
ele	diz
nós	dizemos
vós	dizeis
eles	dizem

Presente do Subjuntivo

eu	di**g**a
tu	di**g**as
ele	di**g**a
nós	di**g**amos
vós	di**g**ais
eles	di**g**am

5. Os verbos **DOER** e **PRAZER** são defectivos unipessoais. Só se conjugam na 3.ª pessoa. Observe abaixo:

Doer

INDICATIVO					
Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro do Presente	Futuro do Pretérito	Pretérito Perfeito	Pretérito mais-que-

					perfeito
– – dói – – doem	– – doía – – doíam	– – doerá – – doerão	– – doeria – – doeriam	– – doeu – – doeram	– – doera – – doeram
SUBJUNTIVO			**IMPERATIVO AFIRMATIVO**	**FORMAS NOMINAIS**	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
– – doa – – doam	– – doesse – – doessem	– – doer – – doerem	– – – – – –	– – doer – – doerem	doendo **Particípio** doído

Prazer

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
– – praz – –	– – prazia – –	– – prazerá – –	– – prazeria – –	– – prouve – –	– – prouvera – –

prazem	praziam	prazerão	prazeriam	prouveram	prouveram
SUBJUNTIVO			**IMPERATIVO AFIRMATIVO**	**FORMAS NOMINAIS**	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
–	–	–	–	–	prazendo
–	–	–	–	–	
praza	prouvesse	prouver	praza	prazer	**Particípio**
–	–	–	–	–	prazido
–	–	–	–	–	
prazam	prouvessem	prouverem	prazam	prazerem	

⇨ **Observação:**

Os verbos “doer-se” (pronominal) e aprazer (derivado do verbo “prazer”) apresentam conjugação completa.

7.8.12 OUTRAS PARTICULARIDADES GRÁFICAS E FONÉTICAS SOBRE VERBOS DA 3.ª CONJUGAÇÃO

1. Os verbos terminados em “**GIR**” (adstringir, coagir, divergir, erigir, fugir, infligir etc.) trocam o “G” em “J” antes de “O e A”. Observe abaixo:

Presente do Indicativo

eu	divir**j**o
tu	diverges
ele	diverge
nós	divergimos

vós	divergis
eles	divergem

Presente do Subjuntivo

eu	divirja
tu	divirjas
ele	divirja
nós	divirjamos
vós	divirjais
eles	divirjam

2. Os verbos PEDIR, IMPEDIR, EXPEDIR, DESPEDIR, MEDIR mudam o “D” em “Ç” antes de “O e A”. Observe abaixo:

Presente do Indicativo

eu	peço
tu	pedes
ele	pede
nós	pedimos
vós	pedis
eles	pedem

Presente do Subjuntivo

eu	peça
tu	peças
ele	peça

nós	peçamos
vós	peçais
eles	peçam

3. Os verbos terminados em "**-ingir**" (atingir, cingir, constringir, infringir, tingir etc.) mudam o "G" em "J" antes das vogais "A e O". Observe abaixo a conjugação do verbo **FINGIR** e constate essa mudança.

Fingir

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
finjo	fingia	fingirei	fingiria	fingi	fingira
finges	fingias	fingirás	fingirias	fingiste	fingiras
finge	fingia	fingirá	fingiria	fingiu	fingira
fingimos	fingíamos	fingiremos	fingiríamos	fingimos	fingíramos
fingis	fingíeis	fingireis	fingiríeis	fingistes	fingíreis
fingem	fingiam	fingirão	fingiriam	fingirem	fingiram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
finja	fingisse	fingir	–	fingir	fingindo
finjas	fingisses	fingires	finge	fingires	
finja	fingisse	fingir	finja	fingir	**Particípio**
finjamos	fingíssemos	fingirmos	finjamos	fingirmos	fingido
finjais	fingísseis	fingirdes	fingi	fingirdes	
finjas	fingissem	fingirem	finjam	fingirem	

7.9 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (MPE-SP) Passando a frase – Ele não só **criou** aqui o primeiro observatório astronômico das Américas, como **trouxe** cientistas – para o futuro do presente, os verbos destacados assumem, respectivamente, as seguintes formas:

   a) criava – trazia
   b) criaria – traria
   c) criará – trará
   d) criará – trazerá
   e) criara – trouxera

2. (MPE-SP) Assinale a alternativa correta quanto à correlação dos tempos verbais, de acordo com a norma culta.

   a) Se todos estiverem de acordo, eles deixaram a reunião para a semana seguinte.
   b) Logo que você perceber o clima de tensão, não teria agido daquela maneira.
   c) Seria melhor que elas examinassem os documentos com o cuidado necessário
   d) Quero que você dirige a tenção aos mais necessitados.
   e) Caso me desencontrasse com ela, deixarei os livros com sua secretária.

3. (TER-RO) Observe a frase:

   Se tu _____ que os eleitores chegam para votar, _____ a porta e _____-os entrar.
   A opção que completa corretamente a frase é:

   a) veres / abre / deixa

b) veres / abra / deixe
c) vires / abra / deixa
d) vires / abre / deixa
e) virdes / abri / deixai

4. (CESPE-MPU) Seguindo as normas gramaticais da língua culta, a sugestão “Seja trabalhador e você também será venturoso”, se for expressa na terceira pessoa do plural, tornar-se-á:

a) Sede trabalhadores e vós também sereis venturosos.
b) Sejam trabalhadores e vós também sejais venturosos.
c) Sê trabalhadores e vocês também serão venturosos.
d) Sejam trabalhadores e vocês também serão venturosos.
e) Sejais trabalhadores e vocês também serão venturosos.

5. (TRE-MT) Só está **correta** a forma verbal destacada na frase:

a) Embora ele **esteje** indicado, o Senado ainda o aprovou.
b) Ele **passeiava** diariamente no parque.
c) Quando eles **trouxerem** a permissão, poderão entrar.
d) Se **mantermos** as posições, o inimigo não avançará.
e) Os deputados se **entretiam** com esses discursos.

6. (ALERJ/FESP) “Pois bem, como já disse, o vírus...”

O verbo **dizer** *aparece corretamente conjugado na frase acima. Há* **erro** *na conjugação desse mesmo verbo na seguinte frase:*

a) Dize-me com quem andas e eu te direi quem és.
b) Você dizer que está doente, não acredito.
c) O médico dizia tudo o que sabia sobre a AIDS.
d) Ele queria que eu dissesse onde você estava.
e) É preciso que você diga a verdade.

7. (TRT-ES) Nas frases abaixo, escreva (1) para as formas verbais corretas e (2) para as incorretas:

( ) Nós vimos ontem do pantanal.

( ) Vós rides de mim sem motivo.

( ) Mesmo assim tu me respondestes.

( ) Sempre requeiro os meus direitos.

( ) Esteje pronto às vinte e duas horas.

a) 2, 2,2, 1, 1

b) 1, 2, 1, 2, 1

c) 2, 1, 2, 1, 2

d) 1, 2, 2, 1, 2

e) 2, 1, 1, 2, 1

8. (TRF-RS) Considerando as formas verbais destacadas nas três frases abaixo, a opção com a correta classificação de tempos e modos é, respectivamente:

1. **Toma** *conta da minha bagagem, enquanto eu vou até ali.*

2. "Não **façais** *aos outros o que não quereis que vos façam."*

3. Os astrônomos negam que o Sol **gira** *em torno da Terra.*

a) presente do indicativo / presente do subjuntivo / presente do subjuntivo

b) imperativo afirmativo / imperativo negativo / presente do indicativo

c) imperativo afirmativo / imperativo negativo / presente do subjuntivo

d) imperativo afirmativo / presente do subjuntivo / presente do subjuntivo

e) presente do indicativo / imperativo negativo / presente do subjuntivo

9. (TRF-RJ) Das frases abaixo, a que contém **erro** na flexão verbal é:

a) O acidente ocorreu porque o Rui não conseguiu freiar o carro.

b) Se a comunidade nos provesse do equipamento de que necessitamos para prestar a ela mesma esse serviço, todos sairíamos ganhando.

c) Os espíritos se incendeiam toda vez que se fala em fazer justiça.

d) Se a associação se mantivesse coerente com sua própria doutrina, cresceria sua credibilidade.

e) Quem se interpuser entre o Ricardo e a Cristina não contará com o meu apoio.

10. (TRF-RJ) Considerando as formas verbais destacadas nas três frases abaixo, a opção com a correta classificação de tempos e modos é, respectivamente:

1. Pelo menos não **descumpra** *suas obrigações.*

2. Talvez **chova** *no final do dia.*

3. **Digita** *este documento, por gentileza, Teresinha.*

a) imperativo negativo / presente do subjuntivo / imperativo afirmativo

b) presente do subjuntivo / presente do subjuntivo / imperativo afirmativo

c) imperativo negativo / presente do subjuntivo / presente do indicativo

d) presente do subjuntivo / presente do subjuntivo / presente do indicativo

e) imperativo negativo / presente do indicativo / imperativo afirmativo

GABARITO

1 – C	2 – C	3 – D
4 – D	5 – C	6 – B
7 – C	8 – B	9 – A
10 – A		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 8

ADVÉRBIO

8.1 CONCEITO

É a classe de palavras invariáveis que, modificando um verbo, um adjetivo ou outro advérbio, transmitem-lhes alguma circunstância.

Veja alguns exemplos de advérbios e locuções adverbiais:

- "**Hoje** quatro braças de terra, **amanhã** seis, **depois** mais outras, ia o vendeiro conquistando todo o terreno que se estendia **pelos fundos da sua bodega**." (Aluísio Azevedo)
- "A parede oriental da igreja é o muro do quintal de um lado, mas as comunicações foram vedadas **provavelmente** quando a coroa alienou o palácio e o separou assim **perpetuamente** do templo." (A. Garrett)
- "Os meus doentes, senhora condessa, respondeu Carlos, não são **bastante** numerosos para formar uma quadrilha." (Eça de Queiroz)
- "Ao despedir-se da pupila, Lemos apertou-lhe a mão: – Desejo-lhe que seja **muito** e **muito** feliz." (José de Alencar)
- "A história repete-se. Antônio Conselheiro foi um gnóstico bronco. Veremos **mais longe** a exação do símile." (Euclides da Cunha)

⇨ Observações:

a) Em raros casos, encontramos advérbios modificando um substantivo e até mesmo uma preposição.

- "A sra. D. Josefa gostava muito do passeio ao pé do rio; até já ouvira dizer que nem em Lisboa havia coisa **assim**." (Eça de Queiroz)
- "Seu tio, naturalmente, lhe comunicara a criancice da prima, **pouco** antes de destinar-lhe a esposa." (Camilo Castelo Branco)

b) A maioria dos advérbios terminados em "-mente" deriva de adjetivos. Quando o adjetivo apresenta formas diferentes para os dois gêneros, o sufixo adverbial "-mente" será acrescido à forma feminina do adjetivo.

- feliz → felizmente
- triste → tristemente
- fácil → facilmente
- fraternal → fraternalmente
- radical → radicalmente
- vaidoso → vaidosamente
- ameaçador → ameaçadoramente
- exclusivo → exclusivamente
- fortuito → fortuitamente
- prático → praticamente

c) É possível transformar muitas expressões e locuções em advérbios – geralmente de "modo" ou de "tempo" –, formados com o sufixo adverbial "-mente". Observe:

- O recurso foi interposto **fora do tempo**. → extemporaneamente, intempestivamente
- Ele aprendia as lições **pouco a pouco**. → gradativamente, paulatinamente
- Ele dança e canta **ao mesmo tempo**. → simultaneamente
- Naquele momento, agiste **com precipitação**. → precipitadamente
- O debate será transmitido **sem interrupção**. → ininterruptamente
- Resolveu a questão **com displicência**. → displicentemente

- Fez tudo **de propósito**. → propositadamente

8.2 CLASSIFICAÇÃO DOS ADVÉRBIOS

Os advérbios são classificados de acordo com a circunstância que expressam. Assim, podem ser classificados em:

a) **de afirmação:** sim, certamente.

b) **de dúvida:** talvez, quiçá, acaso, por ventura, provavelmente, eventualmente.

c) **de frequência:** diariamente, cotidianamente, semanalmente, mensalmente, sucessivamente, raramente, perpetuamente, constantemente etc.

d) **de intensidade (ou "de quantidade"):** muito, assaz, bastante, pouco, excessivamente, demasiadamente, profundamente, meio, todo, completamente, menos, mais, tanto, quão, quanto, quase, algo, bem, mal, apenas, demais, nada.

e) **de tempo:** ainda, agora, amanhã, dantes, cedo, tarde, hoje, logo, outrora, imediatamente, anteriormente, antigamente, posteriormente, depois, antes, precedentemente, então, sempre, ora, anteontem, entrementes, presentemente, atualmente, ainda, afinal, amiúde, nunca, jamais etc.

f) **de modo:** bem, mal, errado, tristemente (e muitos adjetivos adverbializados com o sufixo "-mente"), depressa, devagar, assim, adrede, debalde, melhor, pior etc.

g) **de negação:** não, nunca, jamais, nem, tampouco.

h) **de lugar:** abaixo, acima, arriba, aquém, além, aqui, aí, ali, cá, lá, acolá, avante, atrás, algures (= em algum lugar), alhures (= em outro lugar), nenhures (= em lugar algum), defronte, adiante, detrás, dentro, fora, longe, perto, onde.

⇨ **Observação:**

A classificação acima é tão somente para efeitos didáticos. Sem dúvida, há inúmeros advérbios que melhor se enquadrariam noutras classificações. É o caso dos advérbios "**adrede, intencionalmente, propositadamente, acinte**" que poderiam ser classificados como "advérbios de intenção".

8.3 LOCUÇÕES ADVERBIAIS

Frequentemente, os advérbios aparecem em português sob a forma locucional – são as denominadas "locuções adverbiais". Tais locuções são um conjunto de palavras, geralmente de núcleo substantivo e geralmente encabeçadas por uma preposição, com valor circunstancial. Como advérbios que são, tais locuções também modificam "verbos, adjetivos e outros advérbios".

Locuções adverbiais

à força, a giros, às cegas, a esmo, a farta, a granel, à porta, à revelia, a seu talante, a cavalo, ao deus dará, à toa, às pressas, a pé, a pique, ao revés, a seu tempo, ao longe, ao vivo, à noite, às tontas, às ocultas, às escondidas, às vezes, ao acaso, com certeza, de repente, de cabo a rabo, de improviso, de cor, de forma alguma, de propósito, de primeiro, de relance, de soslaio, de vez em quando, de sobreaviso, em verdade, de caso pensado, de passagem, de graça, de nenhum modo, de oitiva, entre a cruz e a espada, lado a lado, muitas vezes, nesse meio tempo, em breve, em vão, por atacado, por fora, em cima, por cima, para sempre, por um triz, pouco a pouco, senão quando, sem dúvida, dentro em pouco, ao contrário, passo a passo, pelo contrário, em breve, vez por outra etc.

Observe alguns exemplos:

- **Pela manhã**, costumo beber um pouco de água natural para melhorar o funcionamento intestinal.
- "E só agora notava que todos esses afagos eram sempre ocultos e assustados, feitos como que ilegalmente, **às escondidas**, e quase sempre acompanhados de choro." (Aluísio Azevedo)
- "E na Sé, ao sair da missa, regalar-se de a ver passar encolhida no

seu mantelete preto, escorraçada de todos, enquanto ele, **à porta, de propósito**, conversaria com a mulher do governador civil." (Eça de Queiroz)

- "... já que a perfídia pode abrir as portas das nossas cidades aos africanos, sem que estes tenham de passar **por cima** dos cadáveres de seus irmãos, para se assenhorarem delas." (A. Herculano)
- "As seções avançadas ascendiam, porém, mais rápidas, pelas barrancas, conquistando o terreno, até que outra irrupção repentina do adversário lhes tomasse a frente, ou as aferrasse **de soslaio**." (Euclides da Cunha)
- "O aventureiro apertou convulsivamente o cabo de sua faca, e fechando os olhos e dando um passo **às cegas**, ergueu a mão para desfechar o golpe." (José de Alencar)

⇨ **Observações:**

a) Em muitas locuções adverbiais, ocorre a elipse do núcleo-substantivo. Observe:

- à direita → elipse do substantivo "mão"
- à esquerda → elipse do substantivo "mão"
- à francesa → elipse do substantivo "moda"
- ao natural → elipse do substantivo "modo"
- às cegas → elipse do substantivo "maneiras"
- à brasileira → elipse do substantivo "maneira"

b) É bastante comum a omissão da preposição nas locuções adverbiais de tempo.

- "Neste tempo, **que as âncoras levaram** Na sombra escura os Mouros escondidos Mansamente as amarras lhe cortavam, Por serem, dando à costa, destruídos." → (Omissão da preposição "em" antes do relativo "que")
(Camões *apud* Mário Barreto)

- “Natividade não dormiu **aquela noite** sem obter do marido que a deixasse ir com a irmã à cabocla.” (Machado de Assis) *omissão da preposição “em”*
- “Tem dias **que a gente se sente** → (Omissão da preposição “em”)
  como quem partiu ou morreu.” (Chico Buarque)
- “Pouquíssimas palavras lhe ouvi na meia hora **que se deteve conosco**.”
  omissão da preposição “em”
  (Camilo Castelo Branco)
- “Venho achar realizado aquele projeto em que eu te falei **a última vez que estivemos juntos**.” (A. F. de Castilho)
  omissão da preposição “em”
- “**Uma noite que** ela se levantou a recebê-lo sem mais compostura que a que tinha na cama,...” (Manuel Bernardes)
- “**Uma noite**, estando à porta da loja de Manuel Procópio de Freitas, viu entrar um indivíduo, que procurava comprar aguardente.” (Aluísio Azevedo)

8.4 ADJETIVOS ADVERBIALIZADOS

Em muitas situações, empregam-se adjetivos em função adverbial. Neste caso, o adjetivo, à semelhança do advérbio, permanecerá invariável.

- Acudiram algumas pessoas que **próximo** se encontravam.
- “A fisionomia de Bento Simões reanimou-se. – Falai **claro** uma vez ao menos, retrucou Rui Soeiro.” (José de Alencar)
- “Para não cair foi-lhe preciso agarrar-se **forte** com ambas as mãos ao braço de Álvaro, arrimando-se em seu peito.” (Bernardo Guimarães)
- “O tamanho do título como que lhe dobrava a magnificência, posto que, para ligá-lo ao nome, era **demasiado** comprido – esta segunda reflexão foi tio Cosme que a fez.” (Machado de Assis)
- “Ao despedir-se, apertou-lhe com força a mão mole, bateu-lhe no ombro com intimidade, e disse **alto** e com ênfase: – Energia, marechal!” (Lima Barreto)

8.5 GRAUS DO ADVÉRBIO

É no mínimo curioso falar-se em “flexão de grau” de uma classe essencialmente invariável como é o advérbio. De fato os advérbios não variam. Excepcionalmente, alguns (especialmente os de “tempo, modo, lugar, intensidade”) admitem a flexão de grau, cuja formação é bastante semelhante à do grau dos adjetivos.

COMPARATIVO
- → **de igualdade** = forma-se com o advérbio “tão”
- → **de superioridade** = forma-se com o advérbio “mais”
- → **de inferioridade** = forma-se com o advérbio “menos”

SUPERLATIVO
- **RELATIVO**
  - → **de superioridade** = forma-se com “o mais”
  - → **de inferioridade** = forma-se com “o menos”
- **ABSOLUTO**
  - → **sintético**
  - → **analítico**

Observe os exemplos de flexão de grau do advérbio:

- Fala **tão bem** quanto um professor. (grau comparativo de igualdade)
- Andava **mais depressa** do que a maioria do grupo. (grau comparativo de superioridade)
- Falou **menos prudentemente** do que o orientador dele. (grau comparativo de inferioridade)
- Abordou o assunto **o mais superficialmente** que pôde. (grau superlativo relativo de superioridade)
- Abordou o assunto **o menos superficialmente** que pôde. (grau

superlativo relativo de inferioridade)

8.6 ADVÉRBIOS LATINOS

Nos estilos literário e jurídico, é bastante comum a presença de advérbios latinos, isto é, escritos em latim. Busca-se, com a citação de outra língua, conferir maior credibilidade ou dar maior ênfase àquilo que se escreve. Observe alguns desses advérbios:

- ***a posteriori*** = pelo que segue
- ***a priori*** = segundo um princípio anterior
- ***ab initio*** = desde o início
- ***ad hoc*** = eventualmente
- ***ad nutum*** = ao arbítrio
- ***ab intestato*** = sem testamento
- ***ad cautelam*** = por cautela
- ***ad domum*** = em casa
- ***ad judicia*** = para o juízo
- ***ad litem*** = para a lide
- ***data venia*** = com sua licença
- ***ex abrupto*** = repentinamente
- ***ex expositis*** = do que ficou exposto
- ***ex officio*** = oficialmente
- ***ex positis*** = do que ficou assentado
- ***exempli gratia*** = por exemplo
- ***ipsu facto*** = em virtude desse fato
- ***ipsis litteris*** = literalmente
- ***lato sensu*** = em sentido amplo
- ***pari passu*** = em igual passo
- ***maxime*** = principalmente
- ***mutatis mutandis*** = com as devidas mudanças
- ***retro*** = atrás
- ***pro forma*** = por mera formalidade
- ***sine die*** = indeterminadamente
- ***sic*** = assim
- ***statu quo*** = no estado em que
- ***stricto sensu*** = em sentido restrito
- ***sui generis*** = de gênero próprio
- ***verbi gratia*** (abrevia-se “v.g.”) = por exemplo

8.7 PARTICULARIDADES SOBRE OS ADVÉRBIOS

1. **Quando se coordena mais de um advérbio terminado em "-mente" (série gradativa), se não houver necessidade de ênfase, só se coloca o sufixo adverbial no último elemento.**

- "Isaías, que foi de todos os profetas o que mais própria e **elegantemente** soube falar, não só intensiva mas **extensivamente**..." (Pe. Antônio Vieira)
- "As mãos do sacerdote deixam muitas vezes umedecida a tela que veste os altares com vestígios do sangue derramado covarde e **vilmente**." (A. Herculano)
- "Conquistai pacífica e **legalmente**, pois, o uso das instituições liberais, reassumi a vossa soberania constitucional, ascendei ao governo de vós mesmos, e sereis felizes moralizados, invencíveis." (Rui Barbosa)
- "Quando se oferece esse ensejo, o chefe, hábil em capitanear, deixar-se-á de reticências e reservas, anunciando valorosa e **lucidamente** uma política, que consubstancie e interprete os sentimentos mal conscientes do povo." (Rui Barbosa)

2. **Há vários vocábulos na língua portuguesa que ora aparecem como advérbios, ora como pronomes, adjetivos e numerais. Para se determinar a classe morfológica a que pertencem tais palavras, devem-se levar em conta os seguintes critérios:**

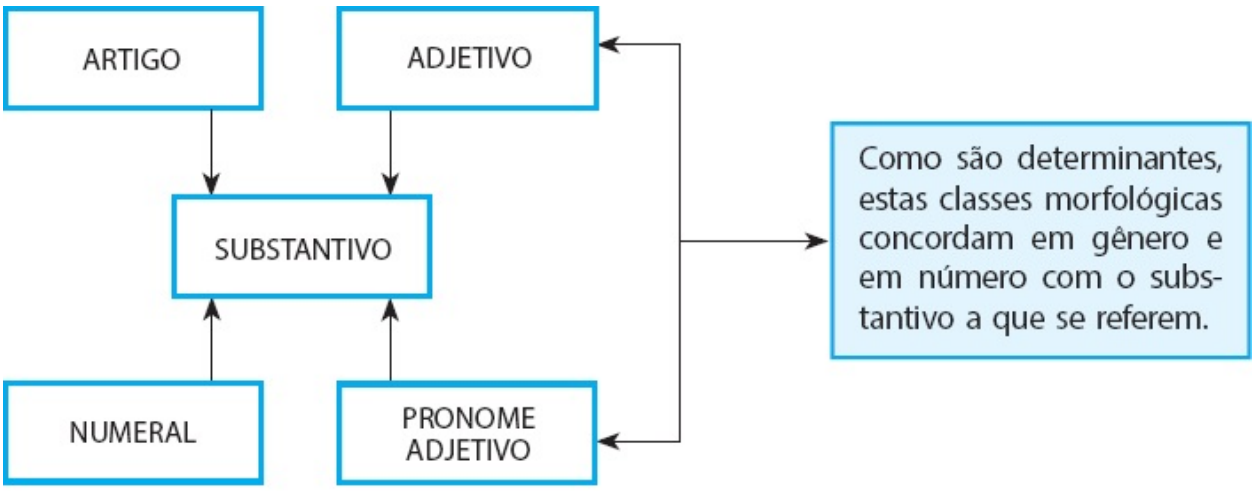

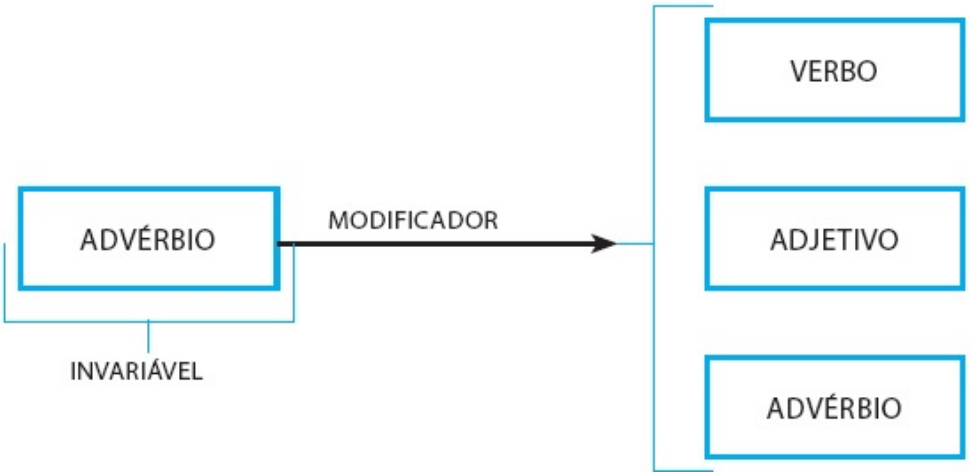

- Ela usa **meias** verdades.
  numeral
- Tomamos **muito** sorvete.
  pronome indefinido
- Já andei por **longes** terras.
  pronome indefinido
- Li os livros **todos** da biblioteca dele.
  pronome indefinido
- O **próximo** capítulo fala sobre o amor.
  adjetivo
- Este mamão é **caro**.
  adjetivo
- Havia **bastantes** alunas no evento.
  pronome indefinido
- Falou **poucas**, mas belas palavras.
  pronome indefinido

- Ele encontra-se **meio** adoentado.
  advérbio
- O sorvete estava **muito** gelado.
  advérbio
- Ele mora **longe**.
  advérbio
- No acidente, ele ficou **todo** ensanguentado.
  advérbio
- Fiquei **próximo** do local do acidente.
  advérbio
- Estas frutas custam **caro**.
  advérbio
- Elas falavam **bastante**.
  advérbio
- Ele falou **pouco**.
  advérbio

3. **Alguns advérbios podem construir-se com a conjunção "que": "talvez que, certamente que, sem dúvida que, decerto que, felizmente que".**

- "A ameaça só ela a ouviu; e, se eu tivesse sido aviltado no conceito de Teresa pelos insultos do miserável, **talvez que** ela os não repetisse." (Camilo Castelo Branco)
- "Eu não lhe quero mal, minha senhora, **certamente que** não!" (Eça de Queiroz)
- "Ela riu-se. – **Decerto que** não...
  Basílio disse então, lentamente, fitando o chão: – Ah! Outros tempos!" (Eça de Queiroz)

4. **Em linguagem formal, é preferível usar-se "mais bem" e "mais mal" quando são seguidos de um particípio. Quando não, usam-se as formas sintéticas "melhor" e "pior".**

- "Se alguns desses alvitres, ou qualquer outro que se possa imaginar, será **mais bem** aceito aos conservadores do que o plano de cauteloso ensaio esboçado por Mr. Gladstone, (...)." (Rui Barbosa)
- "O nosso opugnador certamente conhece **melhor** do que nós a obra *ex-professo* de Stuart Mill *On representative government.*" (Rui Barbosa)

5. **No trato familiar e no trato mais afetivo, é bastante comum a formação do grau diminutivo de alguns advérbios.**

- Ele vai aqui **pertinho**.
- Hoje ele acordou **melhorzinho**.
- **Cedinho, cedinho** eu quero partir.
- Dê-me um **pouquinho** de tempo, por favor.

6. **A palavra "todo", quando empregada em função circunstancial (adverbial), concorda frequentemente com o termo a que ela modifica. A despeito de esta flexão ser condenada por alguns**

puristas da língua, encontramo-la nos maiores conhecedores do idioma português.

- "E ela era bela, de uma beleza **toda** judaica." (A. Garrett)
- "A santa mulher chega ao marido **toda** envergonhada, e lhe confessa que...". (F. Castilho *apud* Mário Barreto)
- "O senhor Ricardo levou-me a uma sala espaçosa, e **toda** adornada de cadeiras de almofada." (Camilo Castelo Branco)
- "...interrompeu ela sorrindo-se, e lançando-se-lhe nos seus braços **toda** vermelha e com os olhos nadando em lágrimas." (Rebêlo da Silva *apud* Mário Barreto)

7. **O advérbio de dúvida "talvez", anteposto ao verbo, exige que este seja flexionado no modo subjuntivo.**

- "**Talvez**, porém, os instintos generosos da nação lhe revelassem essas qualidades subalternas..." (Rui Barbosa)
- "**Talvez** esteja começando o meu delírio. Deixa ver o espelho." (Machado de Assis)

8. **Alguns advérbios de lugar são empregados, muitas vezes, em correspondência com alguns pronomes demonstrativos. E equivalem, respectivamente, a:**

a) aqui, cá → correspondem ao demonstrativo "este" = neste lugar
b) aí → corresponde ao demonstrativo esse = nesse lugar
c) ali, acolá, lá → correspondem ao demonstrativo "aquele" = naquele lugar

- "Bateu-o, felizmente, a onda impetuosa do Sul. **Aqui**, a aclimação mais pronta, em meio menos adverso, emprestou, cedo, mais vigor aos forasteiros." (Euclides da Cunha)
- "Era ela; **aqui** estava a igreja, **ali** a cadeia, **acolá** a farmácia, donde vinham os medicamentos para o outro Quincas Borba." (Machado de Assis)

9. **O “onde” é um pronome relativo que apresenta função sintática de adjunto adverbial de lugar. Daí ser chamado também de “advérbio relativo”. Quando o “onde” apresenta antecedente explícito, equivale a “em que”. Quando não apresenta antecedente explícito, equivale a “o lugar em que”.**

- “Verdes mares bravios de minha terra natal, **onde** canta a jandaia nas frondes da carnaúba.” (José de Alencar)
- “O esposo da herdeira presuntiva ainda não se deu a conhecer às classes populares, na capital **onde** reside.” (Rui Barbosa)

10. **Em estruturas que apresentam mais de uma negação, é bastante comum a substituição do advérbio “não” por “nem”.**

- “**Não** cinco, nem dez, nem vinte contos, mas tudo, o capital inteiro, especificados os bens, casas na Corte...” (Machado de Assis)
- “No mesmo sepulcro **não** há porvir de esperança, nem porventura, luz de consolação.” (A. Herculano)

11. **O advérbio “aqui” em algumas ocasiões expressa “tempo”.**

- “Calaram-se todos, inclinaram-se os bustos, atentos, esperando. Aqui fiquei com medo.” (Machado de Assis *apud* Sousa da Silveira)

12. **“Além” e “aquém” são advérbios de lugar e significam “da parte de lá” e “da parte de cá”, respectivamente.**

- “E hoje quem segue pelo caminho de Queimadas, trilhando um solo abrolhando cactos e pedras, ao divisá-la, das cercanias de Quirinquinquá, duas léguas **aquém**.” (Euclides da Cunha)
- “Subitamente, no meio deste silêncio, alguns esculcas e vigias lançados **além** do rio na margem direita, creram perceber um ruído longínquo.” (A. Herculano)

13. **É importante distinguir o advérbio “só” – que significa “apenas, somente” – do adjetivo “só” – que significa “sozinho(a)”.**

- *advérbio = somente, apenas*
  "Só ao primeiro magistrado na dinastia incumbe o direito de praticá-los." (Rui Barbosa)
- *adjetivo = sozinha*
  "Ficando só, a nossa amiga foi sentar-se à porta de casa, no jardim." (Machado de Assis)

14. "Assim" é um advérbio de modo. É empregado em muitas construções em função conclusiva, equivalendo a "dessa forma, sendo assim, desse modo, por isso".

- "Bem haja ela, porque **assim** amou a justiça e serviu a causa da verdade!" (Rui Barbosa)
- "As estrelas são muito distintas e muito claras. **Assim** há de ser o estilo da pregação; muito distinto e muito claro." (Pe. Antônio Vieira)

⇨ **Observação:**

Em algumas situações, o advérbio "assim" pode se referir a um substantivo. É uma rara exceção à regra de que os advérbios modificam "verbos, adjetivos e outros advérbios".

- "Nunca morrer assim! Nunca morrer num dia
  Assim! de um sol **assim**!" (Olavo Bilac)
- "Mas aquela pergunta **assim**, vaga e solta, não pude atinar o que era." (Machado de Assis)

15. É importante também não confundir o advérbio de modo "alerta" com o substantivo "alerta" – este com o sentido de "aviso, sirene".

- "Não fechara a porta, de propósito; estava alerta, *advérbio* ao primeiro rumor saltaria." (Aluísio Azevedo)
- Soaram dois alertas *substantivo* no Corpo de Bombeiros.

16. Nos advérbios em "-mente", derivados de adjetivos com acento agudo ou circunflexo, estes acentos são suprimidos na formação do advérbio. Observe:

- ávido → avidamente
- débil → debilmente
- fácil → facilmente
- ingênuo → ingenuamente
- lúcido → lucidamente
- único → unicamente
- cortês → cortesmente
- só → somente
- espontâneo → espontaneamente

8.8 PALAVRAS E LOCUÇÕES DENOTATIVAS

A Nomenclatura Gramatical Brasileira, provavelmente esteada nas preciosíssimas lições do professor José Oiticica[1], classifica à parte certas palavras e expressões, antes consideradas advérbios. De acordo com as suas significações, tais palavras, chamadas de "denotativas", podem exprimir:

a) Exclusão → apenas, só, somente, exceto, senão, salvo, sequer

- **Só** ela me entende.
- Todos, **senão** Pedro, poderiam ajudá-lo naquele momento.
- **Apenas** nós ficamos lá.

b) Inclusão → também, até, inclusive, ademais, além disso

- **Até** João dançou naquela noite.
- Eu **também** irei.

c) Explicação → isto é, a saber, por exemplo, *verbi gratia*

- "Os coleópteros, **por exemplo**, têm metamorfoses completas." (José Oiticica)
- Entregou-me todos os bens, **isto é**, um caro, uma lancha, e um helicóptero.

d) Designação → eis

- **Eis** o meu maior amor: Jesus Cristo.

e) Correção ou retificação → aliás, digo, ou melhor, isto é

- Na turma éramos quatro bons amigos, **aliás**, cinco.

8.9 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (UFCE) Marque a alternativa que preenche corretamente todas as lacunas numeradas.

Palavra	Classificação morfológica	Processo de formação
gradil	1	derivação sufixal
enferrujar	verbo	2
outrora	3	4

a) (1) substantivo
(2) derivação sufixal
(3) adjetivo
(4) derivação sufixal

b) (1) adjetivo
(2) derivação parassintética
(3) adjetivo
(4) composição

c) (1) adjetivo
(2) derivação sufixal
(3) advérbio
(4) composição

d) (1) substantivo
(2) derivação parassintética
(3) adjetivo
(4) derivação sufixal

e) (1) substantivo
(2) derivação parassintética
(3) advérbio
(4) composição

2. (Ufam) Assinale o item em que a palavra *que* desempenhas a função de advérbio:

a) Que fizeste dos meus livros?
b) Que bonitos olhos tens!
c) Que troféu ainda te falta?
d) Que és muito feliz, eu bem o sei.
e) Quase que você acerta tudo.

3. UFMG) As expressões destacadas correspondem a um adjetivo, exceto em:

a) João Fanhoso anda amanhecendo **sem entusiasmo**.
b) Demorava-se **de propósito** naquele complicado banho.
c) Os bichos **da terra** fugiam em desabalada carreira.
d) Noite fechada sobre aqueles ermos perdidos da caatinga **sem fim**.
e) E ainda me vem com essa conversa de homem **da roça**.

4. (UFV-MG) Em todas as alternativas há dois advérbios, exceto em:

a) Ele permaneceu muito calado.
b) Amanhã, não iremos ao cinema.
c) O menino, ontem, cantou desafinadamente.
d) Tranquilamente, realizou-se, hoje, o jogo.
e) Ela falou calma e sabiamente.

5. (UFC-CE) A opção em que há um advérbio exprimindo circunstância

de tempo é:

a) Possivelmente viajarei para São Paulo.
b) Maria teria aproximadamente 15 anos.
c) As tarefas foram executadas concomitantemente.
d) Os resultados chegaram demasiadamente atrasados.

6. (Unimep-SP) Em "... um **aborrecimento** quando **os** vejo e gostaria de **não** vê-los mais" as palavras destacadas são, respectivamente:

a) adjetivo, artigo, advérbio.
b) adjetivo, pronome, pronome.
c) substantivo, pronome, advérbio.
d) substantivo, artigo, pronome.
e) verbo, pronome, preposição.

7. (Cesgranrio-RJ) Assinale a alternativa em que a preposição **com** traduz uma relação de instrumento.

a) "Teria sorte nos outros lugares, com gente estranha."
b) "Com o meu avô cada vez mais perto do fim, o Santa Rosa seria um inferno."
c) "Não fumava, e nenhum livro com força de me prender."
d) "Trancava-me no quarto fugindo do aperreio, matando-as com jornais."
e) "Andavam por cima do papel estendido com outras já pregadas no breu."

8. (PUC-SP) No trecho:

"Os trens **de** *cana apitavam de quando em vez, mas* **não** *davam* **vencimento** *à* **fome** *das moendas", as palavras destacadas correspondem, morfologicamente, pela ordem, a:*

a) preposição, advérbio, verbo, substantivo.

b) conjunção, advérbio, substantivo, adjetivo.
c) preposição, advérbio, adjetivo, adjetivo.
d) preposição, advérbio, verbo, advérbio.
e) preposição, advérbio, substantivo, substantivo.

9. (PUCC-SP) Os seus projetos são os ... elaborados, por isso garantem verbas ... para sua execução e evitam ... -entendidos.

a) melhor – suficientes – mal
b) mais bem – suficientes – mal
c) mais bem – suficiente – mal
d) melhor – suficientes – mau
e) melhor – suficiente – mau

10. (UMC-SP) Em: “uma cerca **de pedra-seca**, do tempo dos escravos” e “Tudo é mato, crescendo **sem regra**.”, as locuções destacadas são, respectivamente:

a) adjetiva e adjunto adnominal; adverbial e adjunto adverbial.
b) adverbial e objeto indireto; adjetiva e predicativo.
c) adjetiva e adjunto adverbial; adverbial e adjunto adnominal.
d) adjetiva e complemento nominal; adverbial e adjunto adnominal.
e) adverbial e adjunto adnominal; adjetiva e complemento nominal.

11. (Cesgranrio-RJ) Assinale a alternativa em que a locução destacada tem valor adjetivo.

a) “Comprei móveis e objetos diversos que entrei a utilizar **com receio**.”
b) “Azevedo Gondim compôs **sobre ela** dois artigos.”
c) “Pediu-me **com voz baixa** cinquenta mil-réis.”
d) “Expliquei **em resumo** a prensa, o dínamo, as serras...”
e) “Resolvi abrir o olho para que vizinhos **sem escrúpulos** não se

apoderassem do que era delas.”

GABARITO

1 – E	2 – B	3 – B
4 – A	5 – C	6 – C
7 – D	8 – E	9 – B
10 – A	11 – E	

[1] Oiticica, José. *Manual de análise léxica e sintática*. 10. ed. Rio de Janeiro: Paulo de Azevedo Ltda., 1953. p. 50-55.

CAPÍTULO 9

CONJUNÇÃO

9.1 DEFINIÇÃO

É a classe de palavra invariável que liga duas orações entre si, estabelecendo um vínculo de coordenação ou de subordinação.

Observe:

- Os funcionários informaram ao chefe **que** a máquina não estava funcionando bem.
  1.ª oração — 2.ª oração
- **Quando** a moça chegou, todos se levantaram imediatamente.
  1.ª oração — 2.ª oração
- O governo aumentou a taxa de juros **e** diminuiu o acesso ao crédito consignado.
  1.ª oração — 2.ª oração

⇨ Observação:

Em alguns casos, a conjunção pode funcionar como um nexo entre duas palavras de mesma função sintática. É, por exemplo, o que frequentemente ocorre com a conjunção aditiva “E”. Observe abaixo:

a) Chegou cedo **e** foi para a cidade a fim de comprar pão. (A conjunção aditiva “e” liga duas orações)

b) João **e** Maria foram ao centro da cidade. (A conjunção aditiva “e” liga duas palavras)

9.2 CLASSIFICAÇÃO

Pode-se inicialmente classificar as conjunções quanto à forma. Serão “simples” quando formadas por um único vocábulo (se, e, mas, quando, enquanto etc.). Serão “locucionais” (locuções conjuntivas) quando formadas por mais de um vocábulo (uma vez que, à medida que, para que etc.).

A principal classificação das conjunções, entretanto, leva em conta o significado da conjunção e a possibilidade de ela estabelecer “coordenação” ou “subordinação”. Por este critério, as conjunções são classificadas em:

9.2.1 COORDENATIVAS

As conjunções coordenativas são aquelas que ligam orações que apresentam a mesma função na frase. De acordo com a relação que expressam, as conjunções coordenativas são classificadas em:

1. **ADITIVAS** → Chamadas também de “copulativas” ou “aproximativas”, as conjunções aditivas ligam duas orações, aproximando-as numa relação de soma, de adição.

E, NEM, TAMBÉM, BEM ASSIM, BEM COMO, NÃO SÓ... MAS (TAMBÉM), NÃO SÓ... BEM COMO, QUE (= E).

- “– Pois sim, será; que disso nada sei, **nem** sou lida e sabida como tu...” (A. Garrett)
- “... porque ela se acha mencionada em muitos documentos, **não só** de outras províncias de Espanha, **mas também** de diversos países, como

se pode ver em Ducange, à palavra Arapennis.” (A. Herculano)

- “Agora que o trem de ferro
  Acorda o tigre no cerro
  E espanta os caboclos nus,
  Fazei desse ‘rei dos ventos’
  – Ginete dos pensamentos,
  – Arauto da grande luz!...” (Castro Alves)

⇨ Observações sobre as conjunções aditivas:

a) A conjunção “e”, quando une palavras, funciona no mais das vezes como “aproximativa”, isto é, indica mera relação de nexo. Por isso, é comumente suprimida, sem ofensa do sentido, em uma série coordenada e só se expressa entre o penúltimo e o último termo.

- Pedro, João **e** Paulo partiram para o interior de São Paulo em busca de emprego.

b) A conjunção “e” pode ligar duas orações de valores opostos. Neste caso, a conjunção “e” equivalerá a “mas”, uma vez que a 2.ª oração estabelece uma oposição em relação à 1.ª oração.

- “Miguel, Miguel, não tens abelhas, **e** (= mas) vendes mel”. (provérbio)
- “Não era cristão Platão, **e** (= mas) mandava na sua República que nenhum oficial pudesse aprender duas artes.” (Pe. A. Vieira *apud* A. Epiphanio da Silva Dias)

c) A conjunção “e” pode assumir diversos valores em uma estrutura oracional. Observe:

- “Qualquer movimento, **e** será um homem morto.” (A. Filho *apud* Celso Cunha)
  expressa uma conclusão
- “Ia decorá-la **e** transmiti-la ao irmão e à cachorra.” (G. Ramos *apud* Celso Cunha)
  expressa uma finalidade

- Esperei mais algumas palavras. Não vieram – **e** saí desapontado." (G. Ramos *apud* Celso Cunha)
  expressa uma consequência

d) A conjunção "nem" pode ser tanto aditiva (aproximativa) quanto alternativa (disjuntiva). Quando aditiva, equivale a "e nem" e liga frases negativas. Quando alternativa, ela se repete em cada uma das orações.

- Não fez a tarefa, **nem** preparou o trabalho que a professora pedira.
  conjunção aditiva = e nem
- Hoje, em virtude da doença, **nem** vai ao trabalho, **nem** vai à escola.
  conjunção alternativa

⇨ **Observação:**

Nem toda repetição da conjunção "nem" irá caracterizar uma alternância, conforme se observa no exemplo abaixo:

- "Sem ele, talvez o Brasil não tivesse derrotado **nem** o complexo de inferioridade de sua sociedade em geral **nem** o racismo velado que se manifestava até no futebol." (Clóvis Rossi, Folha S. Paulo, 07.04.2002)

→ No exemplo acima, o par "nem... nem..." expressa adição negativa. O segundo "nem" equivale a "e nem".

) Na linguagem coloquial, é comum o emprego de "mais" em lugar da conjunção aditiva "e". Saliente-se que este emprego é desabonado pelo padrão mais formal da linguagem.

- Fernando **mais** Felipe foram comprar algumas cervejas.
  uso coloquial → mais = "e"

f) Algumas conjunções aditivas são frequentemente empregadas em construções paralelas, introduzidas geralmente por "não só...". Tais conjunções encerram verdadeiras construções correlatas.

CONJUNÇÕES CORRELATAS ADITIVAS

- **não só... mas também...**
- **não só... mas ainda...**
- **não só... senão também...**
- **não só... senão que...**
- **não só... bem como...**

- "**Não só** a cobiça e o desenfreamento da soldadesca multiplicavam aí as cenas de rapina, de violência e de sangue, **mas também** a política dos capitães árabes procurava aumentar a terribilidade desses dramas repetidos para quebrar os ânimos dos godos e persuadi-los à submissão." (A. Herculano)
- "... sabem que Isaura **não só** era dotada de espírito superior, **como também** recebera a mais fina e esmerada educação, não lhe estranharam a distinção das maneiras, a elegância e elevação da linguagem..." (Bernardo Guimarães)

2. **ADVERSATIVAS** → São as conjunções que unem pensamentos ou ideias contrárias, opostas. A principal conjunção adversativa na língua portuguesa é o "MAS". Apresentam também força adversativa os seguintes conectores:

PORÉM, CONTUDO, TODAVIA, ENTRETANTO, NO ENTANTO, SENÃO, QUE (= MAS), AINDA ASSIM

- "É uma lira, **mas** sem cordas; uma primavera, **mas** sem flores; uma coroa de folhas, **mas** sem viço." (Álvares de Azevedo)
- "– Pois o que vais tu ser, homem, **senão** um sujeito às ordens do S. Fulgêncio, do horrendo careca?" (Eça de Queiroz)
- "Bem sei que te rasguei o coração, porque tu me amavas deveras, **mas** já tenho expiado de sobra o mal que te fiz." (Casimiro de Abreu)
- "O firmamento límpido arqueia-se alumiado ainda por um Sol obscurecido, de eclipse. A pressão, **entretanto**, decai vagarosamente,

numa descensão contínua, afogando a vida.” (Euclides da Cunha)

⇨ Observações sobre as conjunções adversativas:

a) A despeito de serem adversativas, a conjunção “porém” distingue-se de “mas” por indicar oposição mais forte que esta. Ademais, a conjunção “porém” poder ser *pospositiva*, isto é, pode ser posta depois do termo coordenado, ao passo que “mas” é sempre prepositiva, pois sempre vem antes do termo coordenado.

- “A Bruzundanga era um sarcófago de mármore, ouro e pedrarias, em cujo seio, **porém**, o cadáver mal embalsamado do povo apodrecia e fermentava.” (Lima Barreto)
- “Itaquê curvara a cabeça. Ele ouviu brandir a arma; não era, **porém**, aquele o zunido da corda do arco, quando o vergava sua mão possante.” (José de Alencar)

b) A conjunção adversativa “senão” pode apresentar os seguintes sentidos (valores): a não ser, do contrário, caso contrário, mas sim.

- “O braço de Itaquê defendeu sempre a nação tocantim; quer ela ser defendida agora pela palavra daquele, que não tem mais para dar-lhe **senão** (= a não ser) a experiência de sua velhice?” (José de Alencar)
- “Não obteve aplausos nem respeito, **senão** (= mas sim) escárnio e menoscabo.” (A. Houaiss)
- Transmita imediatamente esta mensagem, **senão** (= do contrário, caso contrário) será despedido.
- “A definição do pregador é a vida e o exemplo. Por isso Cristo no Evangelho não o comparou ao semeador, **senão** (= mas sim) ao que semeia.” (Pe. Antônio Vieira)

c) A conjunção “senão” pode juntar-se ao advérbio “quando”, formando a locução adverbial “senão quando”, com o sentido

de “de repente, inesperadamente, quando menos se esperava”.

- “**Senão quando**, morre-lhe o padrinho ao Gouveia, e em testamento deixou ao afilhado três contos de réis.” (Machado de Assis)

d) As conjunções “entretanto, no entanto” podem ser empregadas como advérbios de tempo, com o sentido de “nesse tempo, nesse meio termo, nesse ínterim, entrementes”.

- “E sentia-se esvaecer e, pouco a pouco, adormecia e, dali a pouco, roncava. **Entretanto**, no castelo tinham dado pela sua falta. Esperaram-no até à noite; esperaram-no uma semana, um mês, um ano, e não o viam voltar.” (A. Herculano)

3. ALTERNATIVAS OU DISJUNTIVAS → São conjunções que ligam ideias e pensamentos que se alternam ou que se excluem.

OU, OU... OU, SEJA... SEJA, QUER... QUER, NEM... NEM, ORA... ORA, SEJA... SEJA.

- **Ou** ele vai para a reunião, **ou** eu vou representá-lo.
- **Ora** diz que não foi ele, **ora** diz que participou do crime.
- **Quer** o governo queira, **quer** o governo não queira, todos farão greve.
- **Nem** um **nem** outro participarão do evento.
- “Pois olhe, **quer** me creia, **quer** não, tenho-lhe conhecido mais de uma dúzia de chichisbéus, não falando do padre capelão, que esse ainda agora lhe fornece a garrafeira, à nossa custa, entende-se.” (Camilo C. Branco)

⇨ **Observações sobre as conjunções alternativas:**

a) A alternância (disjunção) efetuada com a conjunção “ou” pode ser “inclusiva”, quando os elementos se somam, ou “exclusiva”, quando os elementos se excluem. Veja:

- Maçã **ou** mamão fazem bem ao intestino. (alternativa includente)
- João **ou** Pedro ganhará o prêmio de literatura este ano. (alternativa excludente)

b) A alternância efetuada pelo par "ou... ou..." sempre será "excludente".

- **Ou** você fica conosco, **ou** partirá para a casa de sua avó.
- **Ou** o governo aumenta o quantitativo de policiais, **ou** a violência dominará as ruas das grandes cidades.

4. **CONCLUSIVAS OU ILATIVAS** → São as conjunções que introduzem orações, em um período coordenado, as quais expressam uma conclusão, uma ilação em relação à primeira oração.

LOGO, PORTANTO, POR ISSO, POIS (posposto ao verbo), ENTÃO, ASSIM, POR CONSEQUÊNCIA, CONSEQUENTEMENTE, CONSEGUINTEMENTE.

- Ele estudou todo o assunto, deve **então** saber o sentido da expressão.
- A vida é breve; **por isso** devemos aproveitá-la bastante.
- "Dela depende inteiramente a higiene dos povos e o saneamento dos governos. É, **pois**, a garantia conservadora por excelência, contanto que seja plena e ampla." (Rui Barbosa)

5. **EXPLICATIVAS** → São conjunções que explanam na segunda oração o sentido da primeira oração ou uma explicação para a primeira.

QUE, PORQUE, POIS (anteposto ao verbo), PORQUANTO.

- Não faça caso, **que** aqui estamos para ouvi-lo.
- Isso não é razão para a sua angústia, **porque**, afinal de contas, os negócios têm corrido bem.

- As estrelas giram em torno da Terra, **pois** a Terra tem um movimento de rotação em torno de seu eixo.

9.2.2 SUBORDINATIVAS

As conjunções subordinativas (também chamadas de "circunstanciais") ligam orações que exercem uma função sintática em relação a outra oração denominada de "principal ou subordinante". São dez as conjunções subordinativas:

1. **CAUSAIS** → São conjunções que subordinam ideias em que se exprime a causa, o motivo, a razão de ser da ideia principal.

QUE, PORQUE, PORQUANTO, COMO (no início da oração = JÁ QUE), SE (= JÁ QUE), DESDE QUE, POIS QUE, VISTO QUE, VISTO COMO, UMA VEZ QUE, COMO QUER QUE, DE MODO QUE

- O cavaleiro não se deteve, **que** lhe pareceu haver gente emboscada.
- Velho **que** era, evitava lugares altos e grandes emoções.
- Não ficaremos neste local, **porquanto** nos pretendem roubar.
- **Já que** assim o quis, mandei-o embora.
- **Como** não liberaram o dinheiro, teve de tirar um empréstimo.
- **Se** ela gosta de você, por que não vai procurá-la?

⇨ **Observações sobre as conjunções causais:**

a) Para que a conjunção "como" seja classificada como "causal", ela precisa vir no início do período e equivaler a "porque, já que".

- Como (= *já que*) não chegou no tempo estipulado, foi demitido.

b) Nem sempre é fácil a distinção entre uma conjunção causal e uma conjunção explicativa. Para observar tal distinção, sugerimos estudar as orações subordinadas adverbiais causais, em sintaxe do período composto.

2. **CONCESSIVAS** → São conjunções que subordinam ideias em que se exprime uma ação contrária, oposta à ideia principal.

QUE, EMBORA, CONQUANTO, AINDA QUE, POSTO QUE, BEM QUE, SE BEM QUE, QUANDO MESMO, POR MAIS QUE, POR MENOS QUE, POR POUCO QUE, MESMO QUE, EM QUE PESE, APESAR DE QUE.

- **Embora** ele estivesse conosco, não poderia ter feito nada para salvar a vida do amigo.
- Não conseguirás tirar toda a sujeira, **quando mesmo** uses água sanitária.
- Tuas palavras, **que** fossem muitas, não atenuariam a dor daquele momento.
- **Por mais que** ele se explicasse, não convenceria o delegado da inocência dele.
- Ficarei na casa, **ainda que** haja opiniões contrárias.

⇨ **Observações sobre as conjunções concessivas:**

a) Perceba que as conjunções concessivas, ao lado das coordenativas adversativas, promovem as relações de oposição ou de contraste. Por isso, geralmente é possível se trocarem umas pelas outras. É preciso, porém, ficar atento à flexão verbal, já que as orações concessivas desenvolvidas exigem o verbo no modo subjuntivo.

- Resolveu continuar estudando, **mas** sabia que já não mais realizaria o seu sonho.

→ Resolveu continuar estudando, **embora** soubesse que já não mais realizaria o seu sonho.

- **Conquanto** ela deixasse a desejar em suas atitudes morais, Marta jamais abandonou o filho e os seus familiares.

→ Marta jamais abandonou o filho e os seus familiares, **entretanto** ela deixava a desejar em suas atitudes morais.

b) Não confunda a conjunção "conquanto" com a conjunção "porquanto". Esta pode ser causal ou explicativa, enquanto aquela é estritamente concessiva.

- Abandonou a empresa, **porquanto** não lhe pagaram as férias devidas.
  conjunção causal
- *conjunção concessiva*
  Conquanto tenha abandonado a empresa, não deixou que os filhos passassem fome.

c) Há outros articuladores na língua portuguesa que também expressam oposição concessiva. São eles "a despeito de, malgrado, não obstante".

- Comprou aquele carro usado, **malgrado** os conselhos em contrário que recebeu.
- **A despeito** da vigilância ativa da polícia militar, houve diversos assaltos no último final de semana.

d) Lembre-se de que, no português do Brasil, a conjunção "posto que" só é usada como concessiva, equivalendo a "embora, apesar de que, mesmo que, ainda que". Portanto, é erro crasso usar "posto que" no lugar de "já que, visto que, uma vez que" e vice-versa.

- "Pode crer-se que a intenção do Mateus era ser admirado e invejado, **posto que** ele não a confessasse a nenhuma pessoa." (Machado de Assis)
- "A mulher, **posto que** lhe apontassem já os cabelos brancos, rejubilou com isso." (Aluísio Azevedo)

3. **CONFORMATIVAS** → São conjunções que subordinam ideias em que se exprime a conformidade de um pensamento com o da ideia principal.

COMO, CONFORME, CONSOANTE, SEGUNDO.

- Tudo se anunciou **conforme** previra o astrólogo.
- Os advogados procederam **segundo** ordenava a lei.
- Eles fizeram tudo **consoante** lhes haviam determinado.

4. **CONSECUTIVAS** → São conjunções que subordinam ideias em que se exprime o efeito, a consequência, o resultado do pensamento expresso na ideia principal.

QUE (precedido de "TÃO, TAL, TANTO, TAMANHO"), SEM QUE, DE MODO QUE, DE SORTE QUE, DE FORMA QUE, DE MANEIRA QUE.

- Falou tanto **que** ficou rouco.
- Não discute religião **sem que** não se exalte.
- "Deus, oh! Deus, onde estás **que** não respondes?" (Castro Alves)
- Ficou profundamente magoada com a atitude da criança, **de sorte que** não queria mais lecionar naquela turma.
- Viveu a vida sem restrições, **de modo que** o futuro lhe trouxe grandes dissabores.

⇨ **Observações sobre as conjunções consecutivas:**

a) Em muitas estruturas, os termos de reforço "tão, tal, tanto, tamanho" não aparecem – são elipsados da estrutura.

- Chove **que** é um horror! → Aqui temos a estrutura "Chove **TANTO que**

é um horror!”.

- Ele fala **que** incomoda. → Aqui temos a estrutura “Ele fala **TANTO que** incomoda”.

5. **CONDICIONAIS** → São conjunções que subordinam ideias que exprimem a condição, a hipótese, a probabilidade para a ideia principal do período.

SE, CASO, CONTANTO QUE, SEM QUE, A NÃO SER QUE, SALVO SE, EXCETO SE, A MENOS QUE.

- Participaremos do evento, **salvo se** houver algum empecilho de última hora.
- Irei, **a não ser que** seja impedido por alguém.
- Elaborarei o projeto, **contanto que** ninguém dê palpite.
- Não começaremos a reunião **sem que** ele esteja presente.

6. **COMPARATIVAS** → São conjunções que estabelecem uma relação de comparação, de analogia com a ideia principal do período.

COMO, ASSIM COMO, TAL E QUAL, TAL QUAL, MAIS QUE OU DO QUE, MENOS QUE OU DO QUE, TANTO QUANTO, FEITO (= COMO).

- Ele é **tão** sábio **quanto** o irmão.
- O herói foi **tão** valente **quão** magnânimo.
- O Brasil foi colônia portuguesa, **assim como** a Argentina foi colônia espanhola.
- “Se mandasse fazer em postas e salgar o Sr. Quintino Bocaiúva, **tal qual** procedeu para com Ratcliff o fundador do império, não faltariam almas para lançar flores ao sangue dessas crueldades infames.” (Rui Barbosa)

- Parecia **mais** calmo **que** de costume.

7. **FINAIS** → São conjunções que estabelecem uma relação de fim (finalidade) com a ideia principal do período.

QUE (= PARA QUE), PORQUE (= PARA QUE), PARA QUE, A FIM DE QUE.

- Fizemos tudo **para que** ele fosse aprovado em um concurso.
- "Tu que as gentes da terra tudo enfreias, **que** não passem o termo limitado." (Camilo C. Branco)
- Estudai **porque** sejais logo aprovado em um concurso.

⇨ **Observações sobre as conjunções finais:**

a) A conjunção "porque" expressando finalidade está em franco desuso na língua portuguesa contemporânea.

b) "A fim de" é uma locução prepositiva. "A fim de que" é uma locução conjuntiva. Ambas indicam finalidade. A primeira emprega-se seguida de um infinitivo, pois se emprega com orações reduzidas. A segunda emprega-se com orações desenvolvidas.

- **A fim de** sair cedo, dormi pouco.
- **A fim de que** saísse cedo, dormiu pouco.

8. **PROPORCIONAIS** → São as conjunções que estabelecem uma relação de proporcionalidade em relação ao fato contido na oração subordinante.

À MEDIDA QUE, À PROPORÇÃO QUE, AO PASSO QUE, QUANTO MAIS... MAIS, QUANTO MAIS... MENOS, QUANTO MENOS... MAIS, QUANTO MENOS... MENOS.

- **À medida que** ele estuda, **mais** aprende.
- **Quanto mais** trabalha, **mais** acumula dinheiro.
- Os alunos se levantavam, **ao passo que** iam sendo chamados.

⇨ **Observações sobre as conjunções proporcionais:**

a) Não se esqueça de que "à medida em que" e "na medida que" são expressões que não existem em nossa língua. Surgiram como corruptela da conjunção proporcional "à medida que".

b) É essencial não confundir "à medida que" com "na medida em que". Esta introduz orações causais e equivale a "visto que, já que", enquanto aquela é essencialmente proporcional e equivale a "à proporção que".

9. **TEMPORAIS** → São conjunções que estabelecem o momento, o tempo da realização do fato contido na oração subordinante (principal).

ENQUANTO, DESDE QUE, LOGO QUE, ASSIM QUE, MAL (= LOGO QUE), ANTES QUE, DEPOIS QUE, ATÉ QUE, AGORA QUE, QUANDO, SEMPRE QUE, TODA VEZ QUE.

- "Não olhes para o vinho **quando** se mostra vermelho, **quando** resplandece no copo e se escoa suavemente." (Provérbios 23:31)
- "Minha família, **depois que** lhe falei a seu respeito, está impaciente para conhecê-lo e desde já fica à sua espera." (Aluísio Azevedo)
- "É a grande resolução que se toma nas grandes dificuldades da vida, **sempre que** é possível espaçá-las." (Almeida Garret)
- "**Logo que** acabem de comer – continuou ele dirigindo-se ao feitor –, leveas para a colheita do café." (Bernardo Guimarães)

10. **INTEGRANTES → São as conjunções que introduzem as orações substantivas, isto é, as orações que exercem para a**

oração principal uma das seguintes funções: sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto e predicativo.

QUE, SE

- "O certo é **que** um complexo de circunstâncias lhes tem dificultado regime contínuo." (Euclides da Cunha)
- "Meneses não sabia **se** tinha ou deixava de ter dinheiro." (Lima Barreto)
- "Pádua obedeceu; confessou **que** acharia forças para cumprir a vontade de minha mãe." (Machado de Assis)

⇨ **Observação sobre as conjunções subordinativas:**

Embora não seja reconhecida pela NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira), existe ainda uma conjunção (SEM QUE), que introduz orações que expressam circunstância de modo. Essa conjunção, por isso, é denominada de modal. Vejamos alguns exemplos:

- "Os meninos entraram **sem que** alguém reparasse neles, e foram colocar-se junto do oratório." (Manuel A. de Almeida)
- "Agora, pensava em como entregar a carta **sem que** ninguém visse, sem escândalo." (Adolfo Caminha)

9.3 UBIQUIDADE DAS CONJUNÇÕES

Como se sabe, em português, temos praticamente uma só (e importante) conjunção – QUE. As demais são, na maioria dos casos, advérbios que exercem a função conjuntiva ou locuções conjuntivas formadas a partir de verbos, substantivos e advérbios, associados à conjunção "QUE".

Por isso, muitas conjunções – notadamente a conjunção QUE – podem estabelecer mais de uma relação (mais de um papel) dentro de um período. Quando isso ocorre, diz-se que a conjunção é "ubíqua", isto é, que a conjunção tem a capacidade de expressar mais de uma relação, mais de um sentido.

Observe abaixo um rol sucinto de algumas conjunções ubíquas.

1 – SE

- Pedro só será aprovado **se** estudar. → **(conjunção condicional)**
- Não sabemos **se** Pedro será aprovado. → **(conjunção integrante)**
- Por que me enviaste para a missão **se** sabias que eu era fraco? → **(conjunção causal)**

2 – QUE

- Rezava **que** rezava, mas não espantava os maus pensamentos. → **(conjunção aditiva)**
- "De outras ovelhas cuidarei, **que** não de vós." (A. Garrett) → **(conjunção adversativa)**
- Todos desejam **que** tu venhas logo. → **(conjunção integrante)**
- Velho **que** era, evitava lugares altos. → **(conjunção causal)**
- Nunca fui à casa do João, **que** não o achasse estudando. → **(conjunção consecutiva)**
- Não discute sobre futebol **que** não se exalte. → **(conjunção consecutiva)**
- Com o constrangimento, fez-se vermelha **que** nem romã. → **(conjunção comparativa)**
- "Porém cinco sóis já eram passados, **que** dali nós partimos." (Camões) → **(conjunção temporal)**
- Chegados **que** fomos, todos iniciaram a reunião. → **(conjunção temporal)**

- Agora trata de fazer as coisas, **que** não lhe seja uma manhã inútil. → **(conjunção final)**

3 – COMO

- Ninguém sabe **como** ele aqui chegou. → **(conjunção integrante)**
- **Como** estivesse doente, faltei à aula. → **(conjunção causal)**
- O rosto de Maria é branco **como** a neve. → **(conjunção comparativa)**
- Falou **como** lhe convinha. → **(conjunção modal)**
- **Como** nos orientava o manual, elaboramos o projeto. → **(conjunção conformativa)**
- Falou que estaria com ele na riqueza **como** na pobreza. → **(conjunção aditiva)**

4 – DESDE QUE

- **Desde que** chegue cedo, poderá sair com os amigos. → **(conjunção condicional)**
- **Desde que** chegou, não parou de falar. → **(conjunção temporal)**

5 – QUANDO

- **Quando** falou, todos ficaram emocionados. → **(conjunção temporal)**
- **Quando** a criança chorava, ela cantava e cantava mais alto. → **(conjunção proporcional)**
- Gastaram dez dias a pé, **quando** gastariam cinco se fossem pelo mar. → **(conjunção adversativa)**

6 – E

- Chegou cedo a casa **e** pôs-se a escrever sobre o livro que lera. → **(conjunção aditiva)**

- Estudou bastante para o concurso, **e** não conseguiu nem sequer ficar entre os classificados. → **(conjunção adversativa)**

⇨ **Observação final:**

Entender o valor que a conjunção está expressando depende exclusivamente do contexto em que ela se encontra. Portanto, vale um conselho: não tente decorar os valores das conjunções. Seu esforço será inócuo. Tente, sim, entender o valor que ela está exprimindo na situação em que foi empregada.

9.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (Fuvest-SP) Nas frases abaixo, cada espaço pontilhado corresponde a uma conjunção retirada.

   1. "Porém já inço sóis eram passados ... dali nos partíramos."
   2. ... estivesse doente faltei à escola.
   3. ... haja maus nem por isso devemos descrer doas bons.
   4. Pedro será aprovado ... estude.
   5. ... chova sairei de casa.

   As conjunções retiradas são, respectivamente:

   a) quando, ainda que, sempre que, desde que, como.
   b) que, como, embora, desde que, ainda que.
   c) como, que, porque, ainda que, desde que.
   d) que, ainda que, embora, como, logo que.
   e) que, quando, embora, desde que, já que.

2. (UEL-PR) Não gostava muito de novelas policiais; admirava, porém, a técnica de seus autores.

   Comece com: *Admirava a técnica...*

a) visto como
b) enquanto
c) conquanto
d) porquanto
e) à medida que

3. (UEL-PR) A serem considerados os resultados, o trabalho foi eficiente.

Comece com: *O trabalho foi eficiente...*

a) desde que
b) ainda que
c) a menos que
d) embora
e) por isso

4. (PUC-SP) Assinale a alternativa que possa substituir, pela ordem, as partículas de transição dos períodos abaixo, sem alterar o significado delas.

"Em **primeiro lugar***, observemos o avô.* **Igualmente***, lancemos um olhar para a avó.* **Também** *o pai deve ser observado. Todos são altos e morenos.* **Consequentemente***, a filha também será morena e alta."*

a) primeiramente, ademais, além disso, em suma
b) acima de tudo, também, analogamente, finalmente
c) primordialmente, similarmente, segundo, portanto
d) antes de mais nada, da mesma forma, por outro lado, por conseguinte
e) sem dúvida, intencionalmente, pelo contrário, com efeito

5. (Cesgranrio-RJ) Assinale o período em que ocorre a mesma relação significativa indicada pelos termos destacados em "A atividade

científica é tão natural **quanto qualquer outra atividade econômica**".

a) Ele era tão aplicado, que em pouco tempo foi promovido.
b) Quanto mais estuda, menos aprende.
c) Tenho tudo quanto quero.
d) Sabia a lição tão bem como eu.
e) Todos estavam exaustos, tanto que se recolheram logo.

6. (Fuvest-SP) "Podem acusar-me: estou com a consciência tranquila." Os dois pontos (:) do período acima poderiam ser substituídos por vírgula, explicitando-se o nexo entre as duas orações pela conjunção:

a) portanto
b) e
c) como
d) pois
e) embora

7. (PUC-SP) Em:

"... ouviram-se amplos bocejos, fortes **como** *o marulhar das ondas..."*

A partícula *como* expressa uma ideia de:

a) causa
b) explicação
c) conclusão
d) proporção
e) comparação

8. (Fuvest-SP) "Que não pedes um diálogo de amor, é claro, **desde que impões** a cláusula da meia-idade."

O segmento destacado poderia ser substituído, sem alteração do sentido da frase, por:

a) desde que imponhas
b) se bem que impões
c) contanto que imponhas
d) conquanto imponhas
e) porquanto impões

9. (PUCC-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que ocorre uso **incorreto** de conjunção.

a) O homem criou a máquina para facilitar sua vida, e contudo ela correspondeu a essa expectativa.
b) Diga-lhe que abra logo a porta, que eu estou com pressa.
c) Ele tinha todas as condições para representar bem os colegas; nem todos lhe reconheciam os méritos, porém.
d) O problema é que ainda não se sabe se ele agiu conforme as normas da empresa.
e) Ao perceber o que tinha feito com seus livros, gritou que parecia um louco.

10. (PUC-SP) Nos trechos:

"Vejo três meninas caindo rápidas, enfunadas, **como** *se dançassem inda" e*

"... e a prima-dona com a longa cauda de lantejoulas riscando o céu **como** *um cometa",*

as palavras destacadas expressam respectivamente ideias de:

a) comparação, objeto
b) modo, origem
c) modo, comparação
d) comparação, instrumento
e) consequência, consequência

GABARITO

1 – B	2 – C	3 – A
4 – D	5 – D	6 – D
7 – E	8 – E	9 – A
10 – C		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 10

PREPOSIÇÃO

10.1 DEFINIÇÃO

É a categoria gramatical invariável que tem por função ligar entre si duas palavras, subordinando uma à outra, para introduzir determinadas circunstâncias ou indicar posse, referência, origem, atribuição, causa, efeito etc. Portanto, a preposição é a palavra invariável de caráter essencialmente relacional.

Observe:

- Amanhã iremos à casa **de** Maria.
  A preposição "de" subordina "Maria" à "casa".
- A criança se encontra **com** febre.
  A preposição "com" introduz o termo atributivo "com febre".
- Deixá-lo-emos **em** Salvador e partiremos **para** São Paulo.
  As preposições "em" e "para" introduzem as circunstâncias de lugar.

Perceba que a principal "missão" das preposições é, de fato, subordinar um vocábulo ao outro. As palavras ligadas pela preposição chamam-se "**termos**" dela. O primeiro (subordinante ou regente) é chamado de "**antecedente**" e o segundo (subordinado ou regido) é chamado de "**consequente**".

Veja agora estes outros exemplos:

- Joana gosta **de** sair à noite.
  A preposição "de" subordina a oração "sair à noite" ao verbo "gostar".
- Tenho certeza **de** que amanhã Maria chegará.
  A preposição "de" subordina a oração "que amanhã Maria chegará" à "certeza".
- Eles anseiam **por** que a inflação não aumente.
  A preposição "por" subordina a oração "que a inflação não aumente" ao verbo "ansiar".

Observando as orações acima, percebe-se claramente que a preposição também subordina "orações" a certos vocábulos. Vê-se, portanto, que a preposição, à semelhança da conjunção, também subordina orações.

10.2 NEXOS PREPOSITIVOS NÃO REGENCIAIS – VALORES DE ALGUMAS PREPOSIÇÕES

De fato, o emprego da preposição se dá geralmente por questões de regência – subordinação de um termo a outro. Nem sempre, porém, isso ocorre. Em muitos casos, emprega-se a preposição para que ela estabeleça, junto ao núcleo do termo, um determinado valor. É o caso que se dá, por exemplo, com as locuções adverbiais. Perceba que a maioria delas é introduzida por um nexo prepositivo, que não foi oriundo de uma relação regencial. Quando se diz, por exemplo, "*João chegou à noite*", a preposição "a", que introduz a locução adverbial de tempo "à noite", estabelece com o substantivo "noite" uma noção de tempo. A preposição, nesse caso, não foi requisitada pelo verbo da estrutura, uma vez que ele é intransitivo. Foi usada tão somente para estipular / introduzir a relação de tempo.

Observe outros valores estipulados por nexos prepositivos não regenciais:

- Ele sempre fala muito **sobre** política.
  ↳ *assunto*
- Ele veio **de** Caruaru.
  ↳ *lugar, origem, procedência*
- Sairemos hoje **com** Maria.
  ↳ *companhia*
- Falaram **contra** nós dois.
  ↳ *oposição*
- A casa **de** Maria é bonita.
  ↳ *posse*
- Vendeu a casa **por** R$ 20.000,00.
  ↳ *preço*
- Dei-lhe algo **para** beber.
  ↳ *finalidade*
- Comprei um televisor **em** cores.
  ↳ *qualidade, estado*
- Morrer **pela** pátria.
  ↳ *motivação, favor*
- Ele morreu **de** fome.
  ↳ *causa*
- Todos se inclinaram **para** a frente.
  ↳ *direção, lugar*
- Atiraram **para** cima.
  ↳ *direção*
- Viajaremos **durante** as férias.
  ↳ *tempo*
- Nós iremos **de** avião.
  ↳ *meio*
- Fechou o portão **a** cadeado.
  ↳ *instrumento*
- Fez um omelete **com** dois ovos.
  ↳ *matéria*
- Todos ficaram **de** pé.
  ↳ *modo*
- Comprei uma casa **de** campo.
  ↳ *finalidade, destinação*

10.3 CLASSIFICAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES

No português, as preposições são classificadas em “essenciais” (palavras que só desempenham o papel estritamente de preposição) e “acidentais” (palavras de outra classe gramatical que eventualmente se usam como preposições).

a) São essenciais:

a	de	perante
ante	desde	por
após	em	sem
até	entre	sob
com	para	sobre

contra	trás

b) São acidentais:

conforme (= de acordo com)	fora, afora
consoante (= de acordo com)	exceto
segundo (= de acordo com)	mediante (= por meio de)
como (= na qualidade de)	menos
durante	tirante
salvo	salvante

10.4 LOCUÇÕES PREPOSITIVAS

Em muitos casos, a função prepositiva é exercida por um conjunto de vocábulos que é finalizado por uma preposição. Neste caso, está-se diante das chamadas "**locuções prepositivas**". Geralmente, tais locuções apresentam como núcleo um substantivo ou um advérbio.

Abaixo há um sucinto rol das principais locuções prepositivas.

abaixo de	atrás de	em frente de
acerca de	através de	em lugar de
acima de	de acordo com	em redor de
a fim de	debaixo de	em torno de
além de	defronte de	em vez de
à maneira de	dentro de	fora de

antes de	de per	junto a
até a	depois de	não obstante
ao lado de	devido a	no caso de
ao invés de	diante de	para com
ao redor de	embaixo de	perto de
a par de	em cima de	por causa de
apesar de	em face de	por detrás de
a respeito de	em frente a	por trás de

Observe alguns exemplos:

- "Maldito seja aquele vendeiro de todos os diabos! Fazer-me um cortiço **debaixo das** janelas!..." (Aluísio Azevedo)
- "Duas vacas, guardadas por uma rapariga, apareceram então pelo caminho lodoso que do outro lado do rio, **defronte da** alameda, corre junto de um silvado." (Eça de Queiroz)
- "O olhar fascinado perturbava-se no desequilíbrio das camadas desigualmente aquecidas, parecendo varar **através de** um prisma desmedido e intáctil." (Euclides da Cunha)
- "Esta protelação, inexplicável, esta reserva **acerca de** um programa feito, acabado, dependente apenas de uma formalidade elementar." (Rui Barbosa)
- "A cabocla foi sentar-se à mesa redonda que estava no centro da sala, virada para as duas. Pôs os cabelos e os retratos **defronte de** si." (Machado de Assis)

10.5 COMBINAÇÕES E CONTRAÇÕES DAS PREPOSIÇÕES

Observe o exemplo abaixo:

Ele foi um **daqueles** que sempre lutou **pela** pátria.

Veja que os dois termos em negrito aparecem com preposições:

- daqueles → de + aqueles
- pela → per (preposição arcaica) + a

Num período, pode uma preposição unir-se a outra palavra, passando a constituir com ela um só vocábulo. Nessa ligação, se a preposição permanece com todos os seus fonemas, diz-se que há "**combinação**"; se houver perda de fonema para algum dos componentes, diz-se que há "**contração**".

Listaremos abaixo alguns casos comuns de combinação e de contração:

a) Combinação da preposição "a" com os artigos definidos ou os pronomes demonstrativos "o, os" → ao, aos

b) Contração da preposição "a" com os artigos definidos ou os pronomes demonstrativos "a, as" → à, às (crase)

c) Contração da preposição "de" com artigos, certos pronomes e certos advérbios:

- de + o, a, os, as → **do, da, dos, das**
- de + um, uma, outro, outra → **dum, duma, doutro, doutra etc.**
- de + ele, ela, esse, aquele, aquilo, isto, isso (e suas flexões) → **dele, dela, desse, daquele, disto etc.**
- de + aqui, aí, ali, onde, antes → **daqui, daí, donde, dantes etc.**

d) Contração da preposição "em" com artigos e certos pronomes:

- em + o, a, os, as → **no, na, nos, nas**
- em + um, uma, outro, este, esse, aquele (e suas flexões) → **num, numa, noutro, neste, naquele etc.**

e) **Contração da antiga preposição "per" (hoje substituída pela sua sinônima "por") com os artigos "o, a, os, as" → pelo, pela, pelos, pelas**

⇨ **Observação:**

Quando rege infinitivos, a preposição não deve se contrair com artigos, advérbios e pronomes (orações reduzidas). Ademais, como geralmente os infinitivos apresentam sujeito próprio, é inadmissível que haja o preposicionamento do sujeito deste infinitivo.

sujeito do infinitivo

- Vamos, pois está na hora **do** ônibus passar. → construção errada. (Corrija-se: na hora **de o** ônibus passar.)

sujeito do infinitivo

- Não saímos de casa **pelo** carro estar quebrado. → construção errada. (Corrija-se: **por o** carro estar quebrado.)

O pronome "ele" é o sujeito do infinitivo.

- Comprei livros a fim **dele** estudar mais. → construção errada. (Corrija-se: a fim **de ele** estudar mais.)

O substantivo "assassino" é o sujeito do infinitivo "ser".

- O crime comoveu a todos **por o** assassino ser muito conhecido. → construção correta

10.6 REPETIÇÃO DAS PREPOSIÇÕES

Sem dúvida, um dos pontos que suscita dúvida diz respeito à repetição da preposição. Em muitas estruturas em que aparece mais de um termo subordinado a um outro termo por meio de uma preposição, a repetição da preposição deve levar em conta as seguintes orientações:

a) **Diante de termos subordinados em que o determinante só ocorre perante o primeiro, é de praxe a preposição só aparecer no primeiro termo subordinado.**

- "Tratou logo de aprestar a armada, que achou desbaratada **pelas**

viagens e guerras de seu antecessor." (J. Freire *apud* Cláudio Brandão)

- "Pudera chamar abelhas aos holandeses **pela** arte e bom governo." (Pe. Antônio Vieira)
- "As aves, dando repouso às asas fatigadas do contínuo voejar **pelos** pomares, prados e balsedos vizinhos, começavam a preludiar seus cantos vespertinos." (Bernardo Guimarães)

⇨ **Observação:**

É possível, nestes casos, a repetição tanto da preposição quanto do determinante a fim de individualizar e ressaltar cada termo subordinado.

- "Cristo, nosso Salvador, é o verdadeiro Deus **dos** exércitos e **das** vitórias." (Pe. Antônio Vieira)
- "Maria é a divindade **da** inocência, **da** fraqueza e **do** infortúnio." (Camilo C. Branco)
- "Deus me livre de debater matéria tantas vezes disputadas, tantas vezes exaurida **pelos** que sabem a ciência do mundo e **pelos** que sabem a ciência do céu!" (A. Herculano)

b) É frequente omitir-se a preposição antes do segundo e dos outros termos subordinados quando estes vêm desacompanhados de determinantes.

- "Vós ensinais-me a defender a honra **com** vida, santidade, exemplo e sofrimento." (Tomé de Jesus *apud* Cláudio Brandão)
- "... e lágrimas **de** ternura e religião rebentam de todos os olhos." (Camilo C. Branco)

⇨ **Observação:**

A repetição da preposição, entretanto, far-se-á necessária se se

desejar pôr em relevo (ênfase) cada um dos termos subordinados.

- "**Com** espanto e ao mesmo tempo **com** alegria, percebi que se exprimia em romano rústico, o qual, daí a pouco, vi que o moço árabe falava como se fosse a própria linguagem." (A. Herculano)
- "E que **sobre** mirrados, **sobre** afogados, **sobre** comidos, ainda se vejam pisados e perseguidos dos homens..." (Pe. Antônio Vieira)
- "Todas as consciências, todos os caracteres, todas as alavancas morais das grandes causas farão, em torno de S. Ex.ª, um círculo **de** força, **de** inteligência, **de** probidade, **de** patriotismo, **de** desinteresse, **de** concentração intensa, perseverante, intransigente, a que nada resistirá." (Rui Barbosa)

c) Quando os termos subordinados se encontram precedidos por determinantes, é comum exprimir-se a preposição apenas diante do primeiro termo subordinado, omitindo-a para dos demais.

- "Essa noite, nas salas de Manuel, só se conversou **sobre** as boas qualidades e os bons precedentes do estimado cura do Rosário." (Aluísio Azevedo)
- "... suave é o refúgio dessa consolação oferecida pelos fastos de uma época heróica aos que padecem e esperam **contra** a aridez e a corrupção de nossos dias." (Rui Barbosa)
- "**Entre** os esplendores e as harmonias dessa inocente, querida e confortadora solenidade, recolhamo-nos uns instantes à obscuridade silenciosa de nosso senso íntimo." (Rui Barbosa)

⇨ **Observação:**

Nestes casos, pode-se também repetir a preposição caso se queira dar mais ênfase a cada um dos termos subordinados.

- "As quatro filhas do Teixeira Azevedo, magrinhas, com os cabelos muito riçados, as olheiras pisadas, passavam a sua tarde de dia santo, olhando **para** a rua, **para** o ar, **para** as janelas vizinhas." (Eça de Queiroz)

- “Olha para si, **para** as chinelas (umas chinelas de Túnis, que lhe deu recente amigo, Cristiano Palha), **para** a casa, **para** o jardim, **para** a enseada, **para** os morros e **para** o céu.” (Machado de Assis)

d) Em sequências formadas de infinitivos, é comum exprimir-se a preposição apenas diante do primeiro infinitivo.

- “... foi a Santo Agostinho, como iria a Santo Ambrósio ou a Santo Hilário, e escreveu uma carta enigmática, para confundi-lo, **até** voltar e rir-se do logro.” (Machado de Assis)
- “Preparou-se **para** passar os Pireneus e invadir a França.” (F. Castilho)
- “**Depois de** gritar, chorar, maldizer, blasfemar, ameaçar, rasgar, quebrar, destruir, Vidinha parou um instante, concentrou-se, meditou, e depois, como tomando uma grande resolução.” (Manuel A. de Almeida)

⇨ **Observação:**

A repetição da preposição antes de cada infinitivo é possível quando se deseja obter ênfase.

- “**Para** soerguer o peso desse véu, **para** lhe arredar a ponta, não será demais o concurso de uma boa vontade...” (Rui Barbosa)
- “... estava olhando da alta torre Tarpeia, recreando-se **em** ver abrasar aqueles nobres e antigos edifícios, e **em** ouvir os tristes clamores...” (H. Pinto *apud* Cláudio Brandão)

e) A repetição da preposição diante de cada termo subordinado deverá ser feita sempre que for necessário conferir maior clareza ao enunciado a fim de se evitar possíveis ambiguidades.

- João lutou **contra** Pedro e Paulo. (Napoleão M. de Almeida)
  João lutou ao mesmo tempo contra Pedro e Paulo.
- João lutou **contra** Pedro e **contra** Paulo. (Napoleão M. de Almeida)
  João lutou contra Pedro e depois contra Paulo.

- “Os descendentes dos Bem-Umeias aplicou todas as atenções **a**

construir uma armada capaz de impedir os desembarques dos africanos e **a** reprimir algumas tentativas dos descontentes." (A. Herculano)

f) Em se tratando de locução prepositiva, apresentam-se as seguintes orientações:

→ **A locução prepositiva aparece apenas no primeiro termo subordinado:**

- "Naquela época, porém, **devido a**o álcool e desgostos íntimos, nos quais predominava a loucura irremediável de um irmão, não era mais que uma triste ruína de homem, amnésico, semi-imbecilizado, a ponto de não poder seguir o fio da mais simples conversa." (Lima Barreto)
- "Eu – não tomaria outra, **apesar da** legislação e prática então vigente, e que não sei se ainda hoje vige." (A. Garrett)

→ **A locução prepositiva é repetida para cada termo subordinado:**

- **Por causa da** chuva e **por causa dos** prováveis alagamentos, resolveu adiar a reunião que faria com os membros do partido.
- "Agora podeis falar **diante** dele como **diante de** mim." (A. Garrett)

→ **A locução prepositiva aparece no primeiro termo subordinado e repete-se a parte final dela para os demais termos subordinados:**

- "A sua casa tinha agora um pessoal complicado de primeiros, segundos e terceiros caixeiros, **além do** guarda-livros, **do** comprador, **do** despachante e **do** caixa." (Aluísio Azevedo)
- "De cada vez que Afonso ia à quinta predilecta, em cada árvore nova entalhava as letras iniciais dos dois nomes, que ele imaginava, **apesar da** distância e **dos** reveses, atados para sempre com aplauso de Deus." (Camilo C. Branco)

10.7 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (Fuvest-SP) Ao ligar dois termos de uma oração, a preposição pode expressar, entre outros aspectos, uma relação temporal, espacial ou nocional. Nos versos:

"Amor total e falho... Puro e impuro...
Amor de velho adolescente..."
a preposição de estabelece uma relação nocional.
Essa mesma relação ocorre em:

a) "Este fundo **de** hotel é um fim **de** mundo."
b) "A quem sonha **de** dia e sonha **de** noite, sabendo todo sonho vão."
c) "Depois fui pirata mouro, flagelo **da** Tripolitânia."
d) "Chegarei **de** madrugada, quando cantar a seriema."
e) "Só os roçados **da** morte compensam aqui cultivar."

2. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção em que a preposição *com* traduz uma relação de instrumento.

a) "Teria sorte nos outros lugares, com gente estranha."
b) "Com o meu avô cada vez mais perto do fim, o Santa Rosa seria um inferno."
c) "Não fumava, e nenhum livro com força de me prender."
d) "Trancava-me no quarto fugindo do aperreio, matando-as com jornais."
e) "Andavam por cima do papel estendido com outras já pregadas no breu."

3. (Unimep-SP) "Depois **a** mãe recolhe as velas, torna **a** guardá-**las** na bolsa." Os vocábulos destacados são, respectivamente;

a) pronome pessoal oblíquo, preposição, artigo.
b) artigo, preposição, pronome pessoal oblíquo.
c) artigo, pronome demonstrativo, pronome pessoal oblíquo.
d) artigo, preposição, pronome demonstrativo.

e) preposição, pronome demonstrativo, pronome pessoal oblíquo.

4. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção cuja lacuna não pode ser preenchida pela preposição entre parênteses.

a) uma companheira desta, ... cuja figura os mais velhos se comoviam. (*com*)
b) uma companheira desta, ... cuja figura já nos referimos anteriormente. (*a*)
c) uma companheira desta, ... cuja figura havia uma ar de grande dama decadente. (*em*)
d) uma companheira desta, ... cuja figura andara todo o regimento apaixonado. (*por*)
e) uma companheira desta, ... cuja figura as crianças se assustavam. (*de*)

5. (UFU-MG) "... foram intimados **a** comparecer...", "... não **a** fizeram...", "... **a** sua oração...". As três ocorrências de **a** são, respectivamente:

a) preposição, pronome, preposição.
b) artigo, artigo, preposição.
c) pronome, artigo, preposição.
d) preposição, pronome, artigo.
e) artigo, pronome, pronome.

6. (PUC-SP)

"... a folha **de um livro** *retoma."*
"como **sob o vento** *a árvore que o doa."*
"e nada finge vento **em folha** *de árvore."*

As expressões destacadas são introduzidas por preposições. Tais preposições são usadas, nesses versos, com a ideia de:

a) origem, lugar, especificação.

b) especificação, agente causador, lugar.
c) instrumento, especificação, lugar.
d) agente causador, especificação, lugar.
e) lugar, instrumento, origem.

7. (UM-SP) Indique a oração que apresenta locução prepositiva.

a) Havia objetos valiosos sobre a pequena mesa de mármore.
b) À medida que os inimigos se aproximavam, as tropas inglesas recuavam.
c) Seguiu a carreira militar devido à influência do pai.
d) Agiu de caso pensado, quando se afastou de você.
e) De repente, riscou e reescreveu o texto.

8. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da seguinte frase:

"O controle biológico de pragas, ... o texto faz referência, é certamente o mais eficiente e adequado recurso ... os lavradores dispõem para proteger a lavoura sem prejudicar o solo."

a) do qual, com que
b) de que, que
c) que, o qual
d) ao qual, cujos
e) a que, de que

9. (UFV-MG) Assinale a opção cuja sequência completa **corretamente** as frases abaixo.

A lei ... se referiu já foi revogada.
Os problemas ... se lembraram eram muito grandes.
O cargo ... aspiras é muito importante.
O filme ... gostou foi premiado.
O jogo ... assistimos foi movimentado.

a) que, que, que, que, que
b) a que, de que, que, que, a que
c) que, de que, que, de que, que
d) a que, de que, a que, de que, a que
e) a que, que, que, que, a que

10. (Osec-SP) Assinale a frase que **não** está correta.

a) Entre mim e ti tudo acabou.
b) Já lhe disse que entre nós nada é bom.
c) Entre ela e nós existe de tudo.
d) Entre eu e você deve haver respeito.
e) Não é possível haver dúvidas entre eles.

GABARITO

1 – A	2 – D	3 – B
4 – E	5 – D	6 – B
7 – C	8 – E	9 – D
10 – D		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 11

INTERJEIÇÃO

11.1 DEFINIÇÃO

É a palavra invariável que exprime os sentimentos ou as sensações de dor, alegria, surpresa, temor, aversão etc.

De acordo com o professor M. Said Ali, as interjeições representam "a parte menos racional da linguagem, por não traduzirem nenhuma estruturação sintática".

As interjeições devem ser proferidas em tom de voz diferente daquele que se usa para o vocábulo da linguagem expositiva, por elas representarem brados, gritos ou expressões de dor, alegria, pavor, surpresa etc.

11.2 CLASSIFICAÇÃO

As interjeições são classificadas de acordo com os afetos que exprimem. Teremos, então, as interjeições de:

a) **dor**: *ai!, ui!*

b) **alegria**: *ah!, oh!, oba!, opa! aleluia!*

c) **admiração:** *oh!, ah!, opa!, oba!, puxa!*

d) **animação**: *avante!, coragem!, eia!, vamos!, agora!, ânimo!, força!*

e) **aplauso**: *bis!, bem!, bravo!, viva!, apoiado!, muito bem!, ótimo!, perfeito!*

f) **apelo ou invocação**: *olá!, psiu!, psit!*

g) **desejo**: *oh!, oxalá!, tomara!*

h) **silêncio**: *psiu!, silêncio!*

i) **pavor ou terror**: *ufa!, ui!, uh!, credo!, cruzes!*

j) **espanto ou surpresa**: *ah!, chi!, ué!, uai!, caramba!.*

k) **indignação**: *apre!, chi!, morra!, fora!.*

l) **suspensão**: *basta!, alto!, alto lá!*

m) **advertência**: *cuidado!, atenção!*

n) **descontentamento**: *hum!, hem!, diabo!, mau!*

o) **repulsa**: *safa!, fora!, uf!*

⇨ Observações importantes:

a) É importante frisar que na escrita as interjeições vêm de regra acompanhadas de ponto de exclamação (!).

b) Perceba que algumas interjeições podem ser classificadas em mais de uma categoria. Isso se dá em virtude de a interjeição poder expressar sentimentos vários. A classificação, portanto, deve ser feita de acordo com o contexto em que se encontra a interjeição.

c) Há interjeições denominadas de “imitativas ou onomatopaicas”. São aquelas que exprimem os sons das coisas, dos objetos – zás!, chape!, bum!.

d) Assim como outras classes morfológicas, as interjeições podem aparecer sob a forma locucional – são denominadas de “locuções interjetivas”. São exemplos dessas locuções:

- **Valha-me Deus!**
- **Ora, bolas!**
- **Raios te partam!**
- **Ai de mim!**
- **Coitado de mim!**
- **Nossa Senhora!**

- **Credo em cruz!**
- **Deus me livre!**
- **Virgem Maria!**
- **Puxa vida!**
- **Essa não!**
- **Muito obrigado!**

e) A interjeição de emprego mais comum na língua portuguesa é “oh!”, a qual também se escreve “ó”. A primeira é empregada geralmente acompanhada de um ponto de exclamação, enquanto a segunda geralmente dispensa a pontuação. A interjeição “ó” última é empregada geralmente no vocativo para indicar um chamamento, uma invocação. Por outro lado, interjeição “oh!” possui sentido variável, denotando ora alegria, ora espanto, ora aversão, ora desejo, ora chamamento.

III

SINTAXE

CAPÍTULO 1

SINTAXE DE ORAÇÃO – TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO

1.1 CONCEITOS ESSENCIAIS

Antes de tudo, é fundamental apreender o conceito de frase, oração e período.

1.1.1 FRASE

É todo enunciado linguístico capaz de estabelecer um processo de comunicação, ou seja, é todo enunciado que possui sentido completo.

Observe:

- Silêncio!
- Meu Deus, ajude-me!
- O presidente da empresa viajará amanhã para São Paulo.
- Na próxima semana, o resultado do concurso sairá, e todos saberão quem foram os reais ganhadores.

Veja: Não importa o tamanho – frase é tudo que possui sentido completo.

Quanto ao sentido que expressam, as frases podem ser:

a) Declarativas ou expositivas (apresentam uma declaração, um juízo de valor):

- O governo mostra-se lento na resolução do problema da violência.

b) Interrogativas (apresentam uma indagação, uma pergunta, um questionamento):

- Por que ele não chegou ainda?

c) Imperativas (apresentam uma ordem, um mandamento, uma exortação):

- Deixe o ambiente agora.

d) Exclamativas (apresenta uma admiração, uma repulsa, uma surpresa):

- Muito bem!
- Quanto desprezo em suas palavras!

e) Optativas (apresentam um desejo, uma aspiração):

- Que Deus os proteja!
- Oxalá dê tudo certo em sua jornada!

1.1.2 ORAÇÃO

É toda estrutura linguística centrada em um verbo ou uma locução verbal. Podemos afirmar ser toda estrutura que se biparte em sujeito e predicado, e, excepcionalmente, só em predicado, quando a declaração

se encerra em si mesma sem referência particular a nenhum ser.

- “Raspou, achou, ganhou!” (Anúncio publicitário)
- Amanhã o governo deve anunciar um novo pacote econômico.

1.1.3 PERÍODO

É a frase formada por uma ou mais orações. Classifica-se, portanto, em:

a) Simples: formado por uma única oração, denominada de oração absoluta. Haverá, por isso, um único verbo ou uma única locução verbal.

- Haveremos de conseguir a aprovação no concurso.
- Ainda existem pessoas honestas neste país?

b) Composto: formado por mais de uma oração. (A classificação desse período encontra-se no capítulo sintaxe de período).

- [Quando o homem chegou], [a polícia já havia levado o corpo].
- [Ela aprecia frutos do mar] [que são pescados em águas mornas].
- [Todos desconfiam] [de que o coordenador foi o culpado pela tragédia].

Concluindo: É fundamental que o estudante da língua portuguesa aprenda a detectar o verbo da estrutura linguística. É a partir dele que toda a sintaxe ganha existência. Ademais, convém saber que: Nem toda frase é uma oração, assim como nem toda oração é uma frase.
Nem todo período é formado por mais de uma oração. O período pode ser simples, como vimos.

1.2 TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO

Gramaticalmente existem dois termos essenciais:

- o sujeito;
- o predicado.

Entretanto, perceberemos ao longo do nosso estudo que o termo essencial por excelência é o predicado, em virtude da possibilidade da existência de uma oração sem sujeito.

1.2.1 SUJEITO

É o termo que representa o ser a respeito de quem se diz alguma coisa, faz-se alguma declaração.

> **Importante!!** Identificar o sujeito é um dos mais importantes conhecimentos de que precisa o estudante da Língua Portuguesa para caminhar bem em sintaxe. Vale salientar que toda a base da concordância verbal está na perfeita harmonização entre o verbo e o seu sujeito. Ora, para que se perfaça essa harmonia, é fundamental que primeiro se identifique o "bendito" sujeito.

A partir de agora, vamos ver várias orações. Procure identificar (e acima de tudo entender) nelas o sujeito do(s) verbo(s).

- Deslizavam montanha abaixo **as águas do desgelo**.
- Ainda devem chegar hoje pela manhã **as correspondências enviadas pelo amigo de Portugal**.
- **Meus ais** incomodavam a muitos no hospital.
- Caso não lhe venham a parecer oportunas **essas medidas**, faça **você** mesmo como quiser.

- Ainda deve ocorrer, nas periferias das grandes cidades, a despeito das medidas repressivas, **muita contestação violenta** por parte dos desempregados.

Não esqueça: O sujeito pode estar localizado em qualquer parte da estrutura oracional. O importante é perceber com quem o verbo está se relacionando e notar a que termo a declaração verbal se refere. Observe as seguintes análises errôneas a respeito do sujeito:

a) Chegaram hoje à tarde **muitas correspondências**. (Achar que o termo em negrito é o objeto direto. Na realidade quem praticou a ação de chegar foram "as correspondências". Logo, é o sujeito da oração.)

b) Ainda existem **pessoas honestas** no Brasil. (Achar que o sujeito é indeterminado só porque o verbo se encontra na 3.ª pessoa do plural. Na realidade quem pensa assim geralmente está preso à definição de sujeito como o termo que pratica a ação. É melhor pensar em sujeito como o ser sobre o qual se faz alguma declaração, se enuncia algo.) Observe:

- Ocorreram **festas** no final de semana.
- Convém o **retorno** imediato dele.
- Agora só importa a **resolução** do problema.
- Ainda faltam quinze **minutos** para o início do show.

Perceba que todos os termos em negrito representam núcleos dos sujeitos. Cuidado para não pensar que eles são objetos diretos tentando fazer a velha perguntinha: "o quê"?

Uma outra informação importante para o nosso aprendizado é a de que o núcleo do sujeito de uma oração é sempre representado por um substantivo ou por um termo substantivado.

Considerações gerais sobre o sujeito:

a) Não se esqueça de que o sujeito da oração não vem regido por preposição, pois, como sabemos, por ser o sujeito um termo

subordinante, não se deixa reger por preposição. Logo, um termo regido por um nexo prepositivo jamais exercerá a função de sujeito. Observe (destacamos o sujeito com a cor laranja; **os elementos sublinhados não representam o sujeito** – geralmente esses elementos funcionam como completivos – objeto direto, objetivo indireto, complemento nominal):

- Ainda cabe aos alunos da 1.ª série (não é o sujeito) **consertar o dano que causaram à escola**. não é o sujeito
- Enreda-se nas tramas das próprias memórias **todo aquele** que não busca abrir, para si mesmo, novos tempos e novas experiências.
- A qualquer pessoa podem ocorrer, neste tempo de radicalismos, **argumentos em favor da mais pessimista expectativa histórica**.
- Se a cada um de nós efetivamente perturbassem **os que agem mal**, a impunidade seria impossível.
- Não ocorre aos bons cidadãos **que os maus** (sujeito oracional) contam com **o silêncio da sociedade** para seguirem sendo o que são.

⇨ **Observação:**

Fique muito atento! Frequentemente as bancas interpõem esses termos preposicionados entre o sujeito e o verbo a fim de confundir o candidato. Por isso, procure estudar este ponto mais de uma vez, para que você não cometa erros "bobos" quando for identificar o sujeito a fim de efetuar a concordância verbal adequada.

b) Em virtude da regra acima, não se deve, portanto, preposicionar um termo que exerce a função sintática de sujeito. Observe:

- Está na hora da onça beber água. (construção errada)

Corrija-se para...

- Está na hora de a onça (sujeito do verbo "beber") beber água.

- Apesar da manifestação ocupar as ruas principais, o trânsito fluía normalmente. (construção errada)

  Corrija-se para...

- Apesar de a manifestação ocupar as ruas principais, o trânsito fluía normalmente.
  sujeito do verbo "ocupar"

- A fim dele conseguir a aprovação, comprei novos livros. (construção errada)

Corrija-se para...

- A fim **de ele** conseguir a aprovação, comprei novos livros.

⇨ **Observação:**

Nesses casos, o nexo prepositivo rege a oração, e não o sujeito desta oração.

1.2.1.1 Núcleo do sujeito

O núcleo do sujeito pode ser exercido por:

I – Pronomes pessoais do caso reto

- **Eles** trouxeram o projeto para **eu** avaliar. (Se aparecer alguma dúvida aqui, pare e vá estudar o assunto "pronome", notadamente, os pronomes pessoais.)

- **Nós** ainda iremos ganhar esta maratona.

II – Alguns pronomes pessoais oblíquos (me, te, se, o, a, os, as, nos, vos)

Calma!!! Não é difícil!! É só uma exceção, afinal a função típica desses pronomes é a

complementar. Esse caso ocorre geralmente com verbos denominados "sensitivos" e "causativos", como, por exemplo, "mandar, deixar, fazer, ouvir, ver".

- Deixei-**os** sair para diminuir o barulho aqui dentro.

Se desenvolvermos a frase acima, teremos:

- Deixei que **eles** saíssem para diminuir o barulho aqui dentro.

Ora, veja que o pronome obliquo átono – os – transformou-se, quando a oração foi desenvolvida, no pronome tônico do caso reto "eles" que, por sua vez, é, claramente, o sujeito do verbo sair. Logo, o pronome átono "os" na primeira oração – a reduzida – também funciona como sujeito do verbo "sair". Olhe outros exemplos:

- Fizemo-**lo** abandonar o vício em fumar. (= Fizemos com que **ele** abandonasse o vício em fumar.)
- Mandaram-**me** comprar um produto de última geração. (= Mandaram que **eu** comprasse um produto de última geração.)
- Vê-**los** sair mais cedo é uma vitória. (= Ver que **eles** saem mais cedo é uma vitória.)
- Poder deixá-**las** brincar mais um pouco é um prazer. (= Poder deixar que **elas** brinquem mais um pouco é um prazer.)

Dica: Perceba que os pronome oblíquos acima funcionam como sujeitos de verbos no infinitivo, cuja oração desempenha a função de objeto direto para a principal. Veja um último exemplo: Mandar-te-iam deixar o ambiente só porque não estás de paletó? (Veja que a oração "te deixar o ambiente só porque não estás de paletó" exerce a função sintática de objeto direto para o verbo "mandar".)

III –Pronomes pessoais de tratamento

- **Você** não viu o incidente que provocou?

- **Vossa Excelência** não conveio nas condições do acordo.

IV –Substantivo ou palavra com função de substantivo

- Os **prós** e os **contras** foram mencionados logo no início da reunião.
- A **interação** dele com os outros pacientes mostrava claramente a sua recuperação.
- Nem sempre o **belo** é tão belo quanto se mostra.
- A **pequena** fez uma cara de espanto.
- O **mas** é uma conjunção adversativa.

V – Pronomes demonstrativos, indefinidos, relativos ou interrogativos

- — **Quem** bateu à porta?
- — **Alguém** bateu à porta.
- — Não! **Ninguém** bateu à porta?
- **Isso** passou logo. No entanto, **aquilo** demorará mais.

> **Não se esqueça!** Os pronomes indefinidos se referem à 3.ª pessoa do discurso de maneira indefinida, vaga, imprecisa – eles não promovem "sujeito indeterminado". Nada a ver!! Cuidado!!

- Ao longe se via uma mulher **que** comprava presentes. (Observe o pronome relativo "que" desempenhando a função de sujeito ⇨ "Ao longe se via uma mulher a qual comprava presentes".)

VI –Numeral

- As **duas** conseguiram boas notas na prova.

- Só **uma** deve resolver o problema.

1.2.1.2 Classificação do sujeito

Existem vários critérios para se classificar o sujeito:

1. Um desses critérios leva em conta a quantidade de núcleos do sujeito. Daí dizer-se sujeito "simples" (apenas um núcleo aparece na oração) ou "composto" (mais de um núcleo).
2. Outro considera a possibilidade de o sujeito encontrar-se expresso ou implícito. Nesse caso, classifica-se o sujeito em determinado ou indeterminado.
3. Há também o critério que considera a prática da ação pelo sujeito: quando o sujeito é praticante da ação, denomina-se agente ou ativo; ao contrário, quando o sujeito passa a receber a ação expressa pelo verbo, é denominado sujeito passivo ou paciente.
4. Por último, existem orações que não possuem sujeito. Para elas, classifica-se o sujeito como inexistente (expressão condenada por alguns gramáticos) ou, o que nos parece melhor, oração sem sujeito.

Passemos agora ao estudo detalhado dos principais tipos:

I – Sujeito simples

Como já dissemos, é aquele em que apenas um núcleo aparece com a função de sujeito. Este núcleo pode ser exercido por um substantivo ou por qualquer palavra substantivada.

Observe os exemplos extraídos de provas de concursos:

- Os **terrenos** novos nos quais deve se aventurar o **jovem** de hoje são seu grande desafio. (Observe bem que as palavras em negrito funcionam como núcleos dos sujeitos dos seus respectivos verbos.)
- Quando não são valorizadas, num jovem, as **qualidades** naturais da mocidade, ele sai prejudicado.

- Quanto aos adolescentes, nenhuma **época** lhes parece tão injusta quanto a nossa.

II – Sujeito composto

É aquele que apresenta mais de um núcleo para o sujeito. Veja:

- No prato ainda constavam, após o almoço, um **bocado** de arroz e um **punhado** de farofa.
- Têm existido muita **família** e muitos outros **grupamentos** sociais indignados com a atuação do governo.
- **O bolsa-escola** e **o programa de renda mínima**, instituídos nos últimos anos pelo Governo Federal, devem garantir bons resultados sociais para o Brasil nos próximos anos.

⇨ **Observação:**

O sujeito dito composto apresenta-se, como já se disse, com mais de um núcleo. Não se trata de mais de um sujeito – é um único sujeito, que é formado com dois ou mais núcleos.

Vale a pena: Dê uma "olhadinha" na forma como se faz a concordância com o sujeito composto.

III –Sujeito oculto / elíptico / desinencial

É aquele sujeito que não se encontra expresso na oração, mas que é facilmente subentendido pela desinência verbal.

- Precisamos comprar um novo carro. (Sujeito = nós)
- Hoje estou aqui para conversarmos um pouco sobre política monetária. (Sujeitos = **eu** para o verbo "estar" e **nós** para o verbo conversar)

- Retira-te agora, criatura miserável! (Sujeito oculto = tu). ⇨ Cuidado neste exemplo: observe que o verbo se encontra no imperativo afirmativo.
- "Adestrai-vos, e conquistai força física e moral." (Olavo Bilac) (Sujeito = vós)

IV –Sujeito indeterminado

No bom jargão dos professores: a partir de agora a atenção precisa ser redobrada. Muitas bancas de concursos exploram o sujeito indeterminado em suas questões de concordância verbal.

> **Conselho de amigo / Dica de estudo:** Se o amigo estudante não tiver segurança ou não se lembrar direito do assunto "transitividade verbal", sugiro que primeiro faça uma revisão desse assunto para depois adentrar o conteúdo abaixo. Você precisa ter uma boa noção de transitividade para poder identificar o sujeito.

O sujeito indeterminado aparece quando não se deseja ou não se consegue determinar, identificar o autor da ação verbal. Portanto, o que torna indeterminado o sujeito é a intenção ou a situação do falante, que não sabe ou não quer individuar, precisar, apontar o agente, o autor da ação. O conceito de sujeito indeterminado, por isso, tem de partir da intenção ou da ignorância do falante, já que, em português, a maioria das construções apresenta sujeito. Existem duas situações em que um sujeito pode ser ou aparecer indeterminado:

a) Com verbos na 3.ª pessoa do plural, sem fazer referências a nenhum substantivo anteriormente ou posteriormente expresso, nem ao pronome pessoal do caso reto "eles".

Veja:

- **Imitaram** o professor de Português na última aula. (Perceba que não se sabe quem fez a ação de imitar.)

- **Vão** telefonar para você hoje à tarde para tratar de um assunto do seu interesse. (Se não se pode determinar quem praticou a ação, logo o sujeito é indeterminado. O verbo auxiliar da locução verbal – ir + telefonar – encontra-se flexionado na 3.ª pessoa do plural).
- "**Dizem** que sou louco!" (O sujeito do verbo "dizer" é indeterminado.)
- **Consideram**-no o pai da turma pela inteligência e experiência que possui. (O sujeito do verbo "considerar" é indeterminado.)

b) Com verbos intransitivos, transitivos indiretos ou de ligação acompanhados da partícula "se". Essa partícula funcionará como o "índice de indeterminação do sujeito". O mais importante é notar que nesse caso o verbo, obrigatoriamente, permanecerá na 3.ª pessoa do singular.

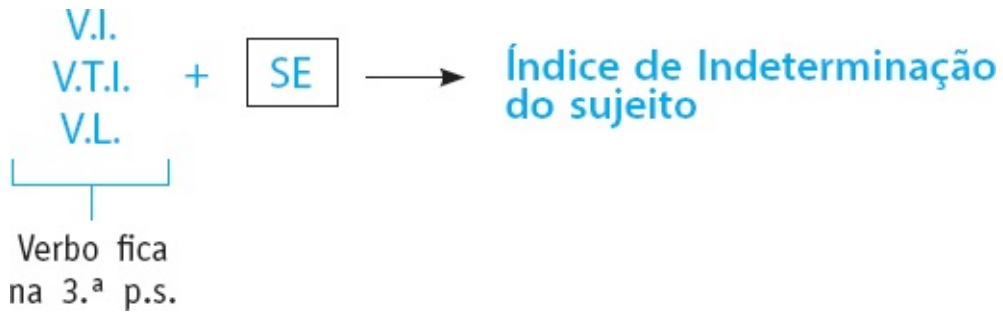

Exemplos:

- No Brasil, já não mais **se recorre a** confiscos para a obtenção de fluxo de caixa. (Verbo transitivo indireto + se)
- Na apresentação dele, **desconfiava-se dos** acordos que ele propunha. (Verbo transitivo indireto + se)
- Os livros **dos** quais **se precisava** foram doados para uma instituição de caridade. (Cuidado para não dizer "... dos quais se precisavam..." ⇨ O verbo é transitivo indireto e está acompanhado do pronome "se".)
- **Cria-se** mais **nas** palavras do membro do que **nas** palavras do líder espiritual da igreja. (Verbo transitivo indireto + se)
- **Tratava-se de** problemas de difícil resolução. (Verbo transitivo indireto

+ se)

- **Era-se** mais feliz noutros tempos. (Verbo de ligação + se)
- **Come-se** muito bem em diversas regiões do Brasil. (Verbo intransitivo + se)
- "**Escorrega**-se no sangue, **tropeça**-se sobre cadáveres, mas a luta continua ardentemente acesa." (Visconde de Ouro Preto). (Verbos intransitivos + se)

⇨ **Observações:**

a) Atente para os termos "a confiscos", "dos acordos", "dos quais", "nas palavras" e "de problemas" dos cinco primeiros exemplos acima. Eles funcionam como objetos indiretos para os seus respectivos verbos.

b) Quem literalmente promove a indeterminação do sujeito é a partícula "se". Se ela for retirada, passa-se a ter sujeitos ocultos, elípticos.

c) Procure imediatamente correlacionar o estudo do sujeito indeterminado com o estudo do sujeito passivo ou paciente. Muitas questões exploram essa distinção. É básico para um candidato diferenciar um índice de indeterminação do sujeito de uma partícula ou pronome apassivador.

V – Sujeito passivo ou paciente (a partícula ou pronome apassivador)

Dica: Procure correlacionar o conteúdo do sujeito passivo ou paciente com o assunto "a voz passiva".

Um dos casos mais explorados em concursos públicos e vestibulares é a concordância com o sujeito passivo ou paciente. Para que se faça a

perfeita harmonização entre o verbo e o seu sujeito, convém primeiro saber identificar esse tipo de sujeito e diferenciá-lo de outros tipos, notadamente do sujeito indeterminado.

Compare:

- Come-se bem no interior de muitas capitais brasileiras. (Sujeito indeterminado ⇨ VI + SE)
- Come-se bem, no interior de muitas capitais brasileiras, pratos bastante requintados. (Erro comum!!!) (Sujeito passivo ou paciente = pratos).

Perceba que no primeiro exemplo não se diz o que se come – o verbo, portanto, está empregado como intransitivo. A estrutura apenas faz referências à ação de comer de forma genérica. Logo, indeterminou-se o sujeito. Já no segundo caso, o que se está comendo são "pratos bastante requintados", termo que representa o sujeito da oração. No caso acima, estamos diante de uma voz passiva sintética, formada de um VTD + SE. Logo, o verbo deve obrigatoriamente concordar com este sujeito. A frase correta será:

- **Comem-se** bem, no interior de muitas capitais brasileiras, **pratos** bastante requintados.

Outros exemplos de sujeitos passivos ou pacientes:

- Estão sendo avaliadas pela banca todas as monografias entregues no dia 30. (Sujeito passivo = as monografias. Estamos diante de uma voz passiva analítica.)
- Eleger-se-ão **os novos diretores** do clube no próximo domingo. (Sujeito passivo = os novos diretores. Aqui a voz passiva é sintética.)
- Seria de se esperar que se associassem à moderna tecnologia apenas **os benefícios reais**, que a ela se tributassem tão somente **vantagens inequívocas**. (Sujeitos passivos = os benefícios reais; vantagens inequívocas.)
- Não se delegue às escolas a **missão** exclusiva de preparar os jovens

para sua inserção no mercado de trabalho. (Núcleo do sujeito passivo = missão.)

- Não se impute aos adolescentes de hoje **a exclusiva responsabilidade** pelo fato, lastimável, de aspirarem a tão pouco. (Sujeito passivo = a exclusiva responsabilidade.)
- É muito difícil que se cumpram **os propósitos que** se formulam a cada início de ano. (Sujeitos passivos = os propósitos; que – pronome relativo.)

Observe que, nos cinco últimos exemplos, temos a aplicação da fórmula da voz passiva sintética (também chamada de passiva pronominal):

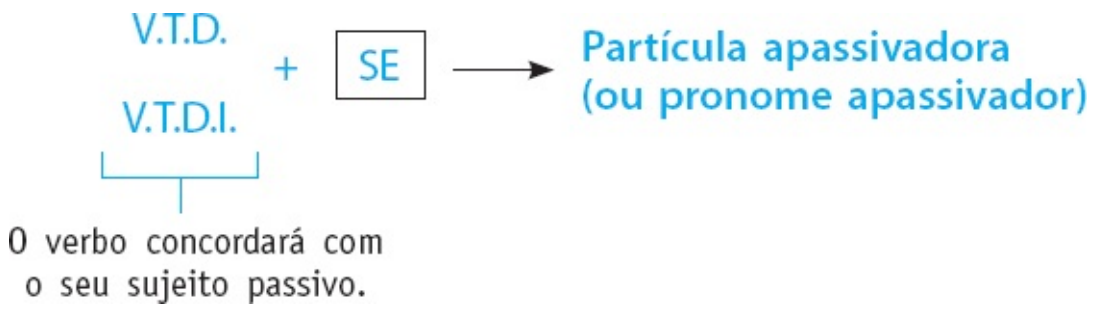

Sugiro que pare por aqui se tiver alguma dúvida e dê uma “estudada” na voz passiva.

Vejamos mais exemplos de emprego da voz passiva sintética (perceba a importância do “SE” para a formação desse tipo de passiva; ademais, observe a concordância do verbo com o seu sujeito passivo):

sujeito passivo

- Prefiram-se **as falhas da democracia** às supostas vantagens de qualquer outro regime político. (Fund. Carlos Chagas)

sujeito passivo

- Assim como ninguém vive sem o préstimo da água, não se superam **os infortúnios** sem o apoio de um amigo verdadeiro. (Fund. Carlos Chagas)

sujeito passivo

- Já quase não se veem, numa viagem de ônibus, **passageiros ensimesmados**, olhando vagamente pela janela. (Fund. Carlos Chagas)

sujeito passivo

- Caso se coloque **a lei** acima do homem, este reagirá passando a seguir os ditames da natureza. (Fund. Carlos Chagas)

sujeito passivo

- É preciso que se confira às eleições **uma importância não circunstancial**. (Fund. Carlos Chagas)

VI –Oração sem sujeito

Em muitas estruturas oracionais, apenas o predicado encontra-se presente, uma vez que não se faz referências a nenhum tipo de ser que porventura pudesse praticar ou receber a ação verbal. Para tanto, empregam-se os verbos impessoais (usados na terceira pessoa do singular). São chamadas de orações sem sujeito. Alguns gramáticos também classificam esse tipo de ocorrência como sendo um “sujeito inexistente”, ou mesmo “sujeito zero”, nomenclaturas que nos parecem pouco lógicas, pois não se pode denominar de sujeito aquilo que não existe.

Os principais casos de oração sem sujeito são:

1) com verbos que exprimem fenômenos da natureza como “chover, ventar, nevar, coriscar, trovejar, relampejar, chuviscar etc.”:

- Ventou muito ontem naquela pequena cidade do interior.
- Neva nas Serras Gaúchas durante os meses de inverno.

- Coriscou bastante ao final do dia.

⇨ **Observação:**

Se tais verbos forem usados em sentido conotativo (sentido figurado), esses verbos passam a ter um sujeito.

- Choveram balas durante o tiroteio. (Sujeito = balas)

2) com o verbo HAVER no sentido de "existir, ocorrer, realizar-se, acontecer":

Cuidado aqui: Os concursos costumam explorar bastante essa regra.

Em primeiro lugar, observe a diagramação abaixo:

HAVER —sentido de→ **EXISTIR, OCORRER, ACONTECER, REALIZAR-SE**

- Verbo impessoal;
- Fica na 3ª pessoa do singular;
- É verbo transitivo direto;
- Não se converte para a voz passiva.

- São verbos pessoais; logo, devem concordar com seus respectivos sujeitos.

Acompanhe os raciocínios abaixo:

- Ainda **existem** pessoas honestas no Brasil. → Ainda **há** pessoas honestas no Brasil.

(existem: verbo pessoal com sujeito posposto; pessoas: núcleo do sujeito)

(há: verbo impessoal; 3ª pessoa do singular (oração sem sujeito); pessoas: núcleo do objeto direto)

- **Aconteceram** problemas na festa. → **Houve** problemas na festa.

(Aconteceram: verbo pessoal com sujeito posposto; problemas: sujeito)

(Houve: verbo impessoal; 3ª pessoa do singular (oração sem sujeito); problemas: objeto direto)

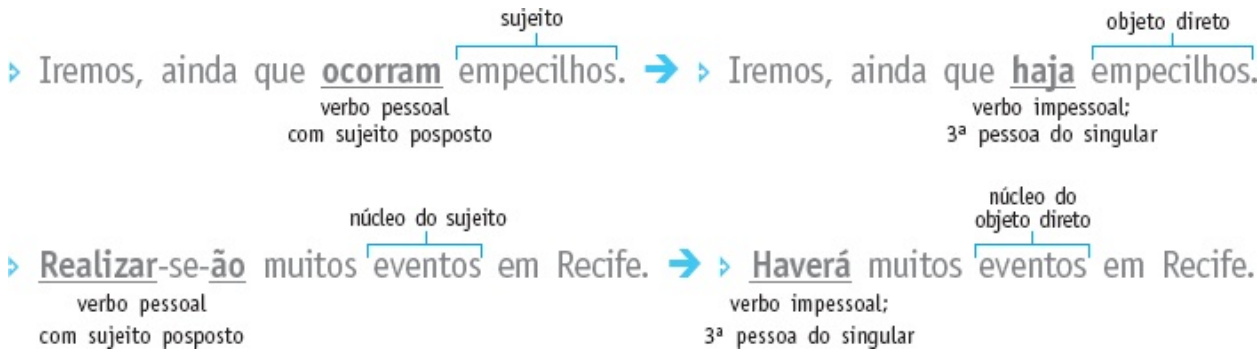

Vejamos outros exemplos do emprego do verbo HAVER nesse sentido:

- "Talvez **haja** algumas versões da teoria citada, mas certamente poucos as conhecem." (FCC)
- "Vozes **houve**, generosas e fortes, que então me defenderam." (Machado de Assis)
- "Quantos mais inventos **haja**, mais impulsivos serão nossos desejos de consumi-los." (FCC)
- "Não se esqueçam de assegurar o monopólio desta nova pasta, enquanto **houver** mosteiros que erguer, e repovoar da milícia celeste." (Rui Barbosa)

⇨ Observações importantes:

a) Em muitas estruturas, o verbo HAVER faz parte de uma locução verbal ou de um tempo verbal composto. É preciso distinguir duas situações para que não se cometam erros:

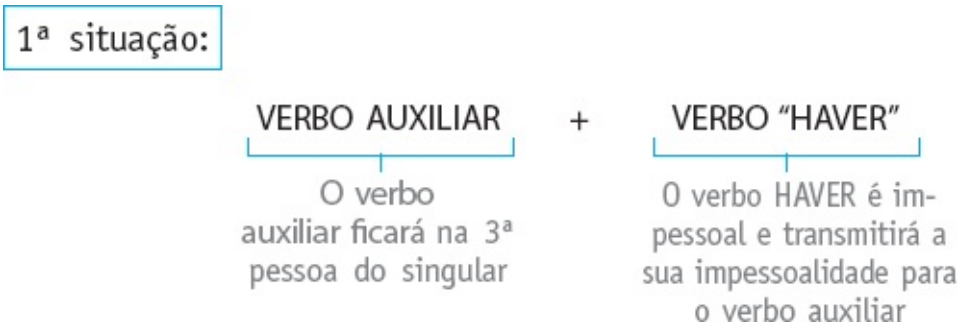

Observe abaixo os exemplos da 1ª situação por meio da qual o verbo HAVER forma orações sem sujeito:

- Ainda **deve haver** pessoas honestas no Brasil.
  oração sem sujeito
- Todos os problemas que **podia haver** no processo foram resolvidos pelo MPU.
- "Caso **deixasse de haver** as grandes bibliotecas de hoje, é possível que os homens do futuro não pudessem interpretar plenamente a nossa cultura." (Fund. Carlos Chagas)
- "**Costuma haver**, nos jardins, mais inspiração para a ética dos jardineiros do que para os adeptos da ética de princípios." (Fund. Carlos Chagas)
- "Se **tivesse havido** firmes reações aos descalabros dos canalhas, estes não desfrutariam de um caminho já aplainado." (Fund. Carlos Chagas)
- "Mas entre os mais ilustres **há de haver** sempre um canto para os mais humildes." (Rui Barbosa)

2ª situação:

VERBO "HAVER"	+	VERBO PRINCIPAL
É o verbo auxiliar e se flexionará de acordo com o sujeito do verbo principal.		Sendo pessoal, transmitirá as flexões de número e de pessoa para o verbo auxiliar.

Observe os exemplos da 2ª situação:

- Sempre **hão de existir** pessoas dispostas a lutar pela área social.
  (núcleo do sujeito: pessoas)

- "Quantos biólogos **haviam pesquisado** o assunto e talvez não tenham a mesma opinião." (Fund. Carlos Chagas)
  (sujeito: Quantos biólogos)

- "Os que não gostam de TV jamais **hão de se lamentar** por terem aberto janelas sobre seus próprios devaneios." (Fund. Carlos Chagas)
  (sujeito total ou complexo: Os que não gostam de TV jamais)

- "É que se **haviam apagado** quase que ao mesmo tempo as miragens da misteriosa Sabarabuçu e as das Minas de Prata." (Euclides da Cunha)

- "Os infortúnios de um reinado se **hão de atribuir** aos maus conselhos dos ministros." (Rui Barbosa)

- "Sim, **havíamos de ter** um oratório bonito, alto, de jacarandá, com a imagem de Nossa Senhora da Conceição. (...) **Havíamos de acender** uma vela aos sábados..." (Machado de Assis)

b) Lembre-se de que o verbo HAVER, empregado no sentido de "existir, acontecer, ocorrer, realizar-se", é um verbo transitivo direto. Logo, seu objeto direto poderá ser substituído pelos pronomes oblíquos "o, a, os, as", a despeito de essa troca ser pouco eufônica. Veja:

- Houve **problemas** na festa. → Houve-os na festa.
  (objeto direto: problemas)

- Haverá **eventos** para discutir o aquecimento global. → Havê-los-á...

- "Era um modo de dar feição monumental às idéias; não **as havendo**, servia a prolongar as frases." (Machado de Assis)

- "O quarto todo era um ninho de Bíblias; **havia-as** às pilhas por cima dos moveis." (Eça de Queiroz)

3) com os verbos "estar, fazer, haver e ir" usados com referência a

tempo:

- Já **faz** três anos que do Norte saímos.
- **Havia** dez anos que o Governo Federal prometera a construção de uma nova ponte.
- **Vai** para uns dois meses que ele iniciou o tratamento e, até agora, nenhum resultado adveio.
- **Estava** muito tarde para o grupo deixar o local.

Cuidado: Não se esqueça de que se esses verbos – impessoais – fizerem parte de uma locução verbal como verbo principal, eles impessoalizarão o verbo auxiliar.

- Já **vai fazer** (e não "vão") dez anos que meu avô faleceu.

Não confunda!!

- Já **faz** dez anos que eu viajei para a Europa. (O verbo "fazer" não possui sujeito.)
- Ainda **faltam** dez anos para eu completar bodas de ouro. (O termo "dez anos" é o sujeito do verbo faltar, que é um verbo pessoal.)

Atente para uma construção condenada pelos gramáticos:

- **Há** duas horas **atrás** eu estava no centro da cidade. (O tempo "atrás" é dispensável. A construção é pleonástica, visto que o verbo HAVER na indicação de tempo só é empregado com relação a um tempo passado.)

Corrija-se para:

- Há duas horas eu estava...
- "Eu nasci há dez mil anos".

4) com o verbo "ser" na indicação de tempo (horas, datas):

- **São** duas horas e trinta minutos.

- Hoje **é** dia 11 de setembro.
- **É** meia-noite e meia.
- **Foi** sábado que tudo isso aconteceu.

O verbo “SER” possui uma construção toda particular. Note que ele, a despeito de sua impessoalidade, flexiona-se de acordo com a expressão numérica que o acompanha.

5) com o verbo IR seguido das preposições EM, PARA referindo-se a tempo transcorrido.

- Vai em dez anos que nossa bisavó faleceu.
- Vai para quinze anos que ele conseguiu ser aprovado naquele concurso.

6) com o verbo PASSAR seguido da preposição DE referindo-se também a tempo:

- **Passava das** dez horas da noite quando a polícia chegou.

> **Agora não confunda:** Já passaram (ou “se passaram”) dez horas e ele ainda não deu notícias. (Neste caso, o sujeito do verbo “passar” é o termo “dez horas”).

7) com os verbos “BASTAR” e “CHEGAR” seguidos da preposição DE em construções do tipo:

- “Chega de saudade, a realidade é que...”.
- “Basta de tantas perguntas tolas.”

1.2.1.3 Outras classificações para o sujeito

Acabamos de estudar o que eu chamo de “a clássica classificação do sujeito”. Vimos que ele pode ser “simples, composto, elíptico, indeterminado”, além da figura da “oração sem sujeito”. Entretanto, não devemos estranhar outras classificações para o sujeito. Muitas bancas cobram as denominações abaixo. É importante, portanto, ficar atento, pois muitas vezes nos deparamos com classificações do tipo “sujeito expresso”, “sujeito complexo”, “sujeito implícito”, as quais geram dúvidas nos estudantes. Não há o que temer... Vamos a elas, pois trazem um conhecimento bastante útil para o candidato a um concurso.

1. Sujeito explícito e sujeito implícito

Denomina-se sujeito explícito (também chamado de “expresso”) o sujeito que se acha claro, explícito na oração. Por outro lado, sujeito implícito é aquele que não foi expressamente declarado na oração. Correlacionando-se as duas classificações, teremos:

a) **Sujeito explícito** → é o sujeito simples ou o sujeito composto, pois ambos aparecem claramente na oração.

b) **Sujeito implícito** → é o sujeito oculto e o sujeito indeterminado, pois não são declarados na estrutura oracional.

Observe (destacamos os verbos):

- Jamais entraremos em contato com indivíduos que agem à revelia da lei.
  ↳ sujeito implícito (nós) ↳ sujeito explícito (que)

- Chegaram ontem à noite dois novos navios holandeses ao porto de Suape.
  ↳ sujeito explícito (navios holandeses)

2. Sujeito complexo (total ou ampliado) e sujeito incomplexo (nuclear, gramatical ou inampliado)

O sujeito complexo (total ou ampliado) é aquele modificado por complementos, adjuntos ou atributos. Já o sujeito incomplexo (nuclear, gramatical ou inampliado) é aquele despojado de qualquer modificativo complementar que, porventura, ele possua.

sujeito nuclear

- O **ex-presidente** da empresa brasileira de Correios e Telégrafos viajará para Tóquio.

sujeito complexo (total ou ampliado)

sujeito complexo (total ou ampliado)

sujeito nuclear

- O **enfoque** nas soluções únicas dos problemas que enfrentamos empobrece a qualidade mesma do raciocínio. (Fund. Carlos Chagas)

sujeito complexo (total ou ampliado)

sujeito nuclear

- O **despertar** para a dialética e para as relações contrastantes abre um caminho mais consequente para a reflexão e para a prática. (Fund. Carlos Chagas)

- Não deve constar, entre as possibilidades de interpretação de um texto dissertativo-argumentativo, qualquer tipo de **resposta** estereotipada.

sujeito nuclear

sujeito complexo (total ou ampliado)

- **Barnabé** sempre foi um exemplo para os cristãos.

sujeito incomplexo (inampliado)

⇨ Observações:

a) Fique muito atento, pois as noções de sujeito total e de sujeito nuclear são bastante usadas pelas bancas examinadoras quando estas constroem questões de concordância verbal. Como a concordância verbal é feita (salvo exceções) com o sujeito nuclear, as bancas fazem bastante uso da noção do sujeito complexo (total ou lógico) para confundir os candidatos na hora de fazer a concordância verbal. Veja alguns exemplos (destacamos em laranja o sujeito nuclear e o seu verbo, e sublinhamos o sujeito total):

- **Constitui** um dos exemplos de delitos vantajosos o **caso** em que o detentor de um poder abuse de sua autoridade.

- **Estipulam**-se na lei mosaica, como se sabe, **princípios** de interdição.

- **Ocorrem** por conta das reiteradas situações de impunidade muitos **casos** de assalto aos cofres públicos.
- Uma vez que **passem a atrair** toda a nossa atenção, bons **romances** e belas **peças** musicais **afastam** nossa obsessão pela velocidade.

b) Observe agora exemplos em que não houve a devida concordância do verbo com o sujeito. Perceba como o uso do "sujeito complexo ou total" atrapalha a identificação do "sujeito nuclear" (sublinhamos o sujeito total e destacamos – com a cor laranja – o "sujeito nuclear" e o seu verbo):

- "A **incidência** discriminada por grau de intensidade de infestação e idade **mostram** que, entre os seis e oito anos, a parasitose alcança o nível máximo." (ESAF)
- "A **razão** de ser do desemprego como elemento estrutural do capitalismo **derivam** diretamente do antagonismo entre compradores e vendedores da força de trabalho." (ESAF)
- "**Devem agradar** aos ruidosos passageiros toda essa **parafernália** eletrônica, que os dispensa de refletir sobre si mesmos." (Fund. Carlos Chagas)
- "A qualquer pessoa **pode ocorrer**, neste tempo de radicalismos, **argumentos** em favor da mais pessimista expectativa histórica." (Fund. Carlos Chagas)

⇨ **Observação:**

Ressalte-se que os quatro últimos exemplos não estão adequados ao padrão culto da língua portuguesa, já que todos contêm erros de concordância verbal. É preciso corrigir a flexão dos verbos para "**mostra**, **deriva**, **deve agradar**, **podem ocorrer**", respectivamente.

3. Sujeito agente (ativo), sujeito paciente (passivo) e sujeito agente e paciente

É denominado de agente (ou ativo) o sujeito que pratica a ação verbal. Por outro lado, é denominado de paciente (ou passivo) o sujeito que recebe a ação verbal. Logo, o sujeito que pratica e recebe a ação verbal, simultaneamente, é denominado de “agente e paciente”. Observe:

- Os irmãos Gonçalves compraram três casas no novo condomínio.
  sujeito agente (ativo)
- Três casas foram compradas pelos irmãos Gonçalves no novo condomínio.
  sujeito paciente (passivo)
- Os irmãos Gonçalves se feriram quando examinavam as casas do condomínio.
  sujeito agente e paciente

⇨ **Observação:**

Para melhorar o entendimento sobre o sujeito agente e o sujeito paciente, sugerimos que você estude a voz passiva e o agente da passiva.

4. Sujeito lógico ou contextual

Denominamos de **sujeito lógico** ou **contextual** aquele que é extraído do contexto ou da lógica de um enunciado ou de um texto. Observe abaixo um excerto de autoria do jornalista Gilberto Dimenstein:

- A pichação é uma das expressões mais visíveis da invisibilidade humana. **São** mais do que rabiscos. **São** uma forma de estabelecer uma relação de pertencimento com a comunidade – mesmo que por meio da agressão – e, ao mesmo tempo, de dar ao autor um sentido de autoidentidade.

Comentários: Perceba que o sujeito do verbo SER, flexionado no plural em suas duas ocorrências, é o termo lógico ou contextual “expressões” ou “pichações”.

→ **“<u>As pichações</u>” ou “<u>As expressões</u>” são mais do que rabiscos.**

→ **“<u>As pichações</u>” ou “<u>As expressões</u>” são uma forma de estabelecer uma relação...**

Vejamos outro exemplo:

“Em um mundo tão complexo, economistas, empresários e governantes precisam saber mais sobre psicologia. Senão, **fracassarão** em motivar os talentos para os objetivos da empresa ou instituição.” *(Revista Veja, 26 de março de 2008 – Entrevista)*

Comentário: Observe que o sujeito oculto do verbo “fracassar” é o termo composto, perceptível pelo contexto e pela lógica, “economistas, empresários e governantes”.

⇨ **Observação:**

O sujeito contextual ou lógico não deixa de ser um sujeito oculto, desinencial, elíptico; entretanto, não é um simples sujeito oculto, pois é preciso que se saiba, pela análise do contexto, a que termo da estrutura se refere o verbo.

1.2.2 PREDICADO

Como o verbo em geral pertence ao predicado, antes de começar o estudo propriamente desse termo, convém analisar um dos tópicos fundamentais em sintaxe: a transitividade ou a predicação verbal.

Dica: Faça um estudo bem acurado do assunto abaixo. Ele lhe fornecerá os subsídios necessários para a compreensão de diversos outros assuntos da Gramática Normativa. Lembre-se, por exemplo, de que o entendimento da predicação dos verbos é uma das bases da sintaxe de regência. Por isso, é primordial “gastar” um pouco de tempo aqui. Se

possível, tenha sempre à mão um bom dicionário. Vamos lá!

1.2.2.1 Predicação (transitividade) verbal

Transitar significa literalmente passar adiante, ir e vir, deslocar-se. Para a Gramática Normativa, o "passar adiante" significa a necessidade de um verbo ou de um nome exigir um complemento, uma complementação. Aqui nos deteremos na análise e na classificação dos verbos quanto à necessidade ou não de algum complemento. Se o verbo não necessita de complemento, diz-se que ele é de predicação completa, caso contrário será classificado como de predicação incompleta.

Quanto à predicação, os verbos classificam-se em: **intransitivos**, **transitivos** e **de ligação**. Os verbos transitivos se dividem em: **diretos**, **indiretos** e **diretos e indiretos**.

I – Verbos intransitivos

São todos os verbos que, sozinhos, são capazes de transmitir a noção predicativa. Em outras palavras, são verbos que dispensam uma complementação.

Exemplos:

- No último encontro, **ocorreram** fatos dignos de notícia. (O termo "fatos dignos de notícia" é o sujeito.)
- A chuva **estiou** na região sul.
- O imigrante **se dirigiu** à embaixada dos Estados Unidos. (Observe que o termo "à embaixada dos Estados Unidos" representa o lugar para onde ele se dirigiu, portanto é um "adjunto adverbial de lugar".)
- Quando nervoso, ele **cospe** compulsivamente.
- **Cessaram** de uma vez por todas as dores que ele sentia pela manhã. (O termo "dores" é o núcleo do sujeito. Não há complemento para o verbo.)

II – Verbos transitivos

São aqueles que precisam de um termo que os complemente para que o sentido se perfaça, para que a compreensão da estrutura seja possível. Dividem-se em:

a) Transitivos diretos: são os verbos que exigem termo complementar sem a obrigatoriedade de uma preposição necessária, ou seja, pedem um complemento desprovido de preposição. O complemento desses verbos denomina-se "objeto direto".

Exemplos:

- Nunca mais ele **angariou** fundos para aquela ONG. ("Fundos" é o objeto direto)
- Muitas lojas do centro da cidade vão **baratear** os preços neste final de semana. (Observe que o verbo "baratear" está como verbo principal em uma locução verbal.)
- Nunca mais eles **viram** os quadros a óleo que **compraram** na Europa. (Observe que os dois verbos são transitivos diretos. O objeto direto do verbo "comprar" é o pronome relativo "que").
- Se não **houver** (VTD) outras razões (OD) mais consistentes, eles **substituirão** (VTD) o contrato (OD).

⇨ **Observação:**

Tenha muito cuidado ao classificar os verbos. Há muitas "armadilhas". Uma das mais perigosas é a famosa perguntinha "o quê?". Infelizmente, muitas vezes, é-nos ensinado que, todas as vezes que fazemos a pergunta "o quê?" ao verbo, este verbo será "transitivo direto". Acenda a luz "amarela do seu farol", ou seja, fique alerta, fique atento, para que você não tome um sujeito por um objeto direto. Observe:

- Explodiu nova crise no Oriente Médio.
  VTD??? Tem certeza??

Se fizermos a perguntinha “o quê?” ao verbo “explodir”, teremos a “falsa” resposta de que o termo “nova crise no Oriente Médio” é o objeto direto. Logo, classificaríamos o verbo “explodir” como “transitivo direto”. Terrível engano!! Na realidade, o termo “nova crise no Oriente Médio” é o sujeito para o verbo “explodir”, que, neste caso, é intransitivo. Veja outros exemplos:

- **Ocorreram** enchentes no Amazonas.
  VI — sujeito
- **Ocorreu** um grande equívoco.
  VI — sujeito
- Depois que **acontecera** aquela miséria.
  VI — sujeito
- **Sucedeu** uma grave crise econômica após o ano de 2007.
  VI — sujeito
- Do velho telhado, **caíam** grossas gotas de água da chuva.
  VI — sujeito

⇨ **Observação:**

Perceba que todos os verbos acima são intransitivos, e os termos que se encontram pospostos a eles são seus respectivos sujeitos. Para evitar confusões, sugiro que pare um pouco por aqui e vá estudar o termo “objeto direto”. Perceba as diferenças entre ele e o sujeito.

b) Transitivos indiretos: são os verbos que exigem termo complementar regido (introduzido) por uma preposição necessária, obrigatória. O complemento desses verbos é denominado de “objeto indireto”.

Exemplos:

VTI OI OI VTI

- Eles **dependem** agora da sorte para que o produto de que **precisam** chegue a tempo.

- Durante muito tempo aquele povo **guerreou** contra os costumes do Ocidente.
  VTI OI

VTI OI

- Não **convém** aos iniciantes na carreira diplomática portar-se de maneira inadequada. (Observe aqui que o sujeito do verbo CONVIR é a oração "portar-se de maneira inadequada".)

- Sempre **assistia** aos filmes com uma devoção impressionante.
  VTI OI

c) Transitivos diretos e indiretos: são verbos que exigem dois tipos de complemento: um sem a preposição e outro com o auxílio de uma preposição. São denominados também de "biobjetivos" ou "bitransitivos".

Exemplos:

- Ensinaram-lhe todos os preceitos de nossos antepassados?
  VTDI OI OD

- O diretor atribuiu o insucesso do grupo à inércia de alguns integrantes.
  VTDI OD OI

VTDI OD OI

- O Oficial de Justiça certamente **notificará** amanhã o comerciante sobre a ação interposta contra ele.

⇨ **Observação:**

Correlacione o estudo desses verbos com o assunto "Introdução à Regência" para observar outros exemplos de verbos intransitivos e transitivos, bem como dos pronomes que exercem a função sintática de complementos.

III – Verbos de ligação

Denominados também de “verbos copulativos” ou “verbos de relação”, são aqueles que, desprovidos de significação, servem como “ponte” entre o sujeito e uma determinada qualidade, denominada de “predicativo”. Geralmente funcionam como “de ligação” os verbos “ser, estar, ficar, parecer, continuar e permanecer.” Outros podem funcionar como verbos de ligação desde que apareçam como elos entre um sujeito e uma qualidade.

Exemplos:

- Eles **estavam** (VL) extremamente atrasados (pred. sujeito) para a festa.
- O Governo Federal **deve estar** (VL) atento (pred. sujeito) às necessidades da população. (Locução verbal na função de ligação)
- **Pareciam** (VL) todos preocupados (pred. sujeito) com o problema da menina.
- Muitos **andam** (VL) tristes (PS) pela ausência de perspectivas na vida.

Perceba que nessa estrutura o objetivo da mensagem não é dizer que alguém ou alguma coisa faz a ação de andar, mas sim de que muitos estão / continuam / mostram-se tristes. Daí se tratar de um verbo de ligação.

⇨ Considerações importantes:

a) Não se esqueça de que o estudo da predicação verbal está ligado ao estudo da regência verbal. E, como a regência depende do contexto, a classificação de um verbo como transitivo ou intransitivo depende da função que ele está exercendo dentro da estrutura oracional. Observe:

- O carro **virou** na esquina com a rua Dom João. (Verbo intransitivo.)
- O carro, ao capotar, **virou** uma banca de jornais que se encontrava em uma calçada. (Verbo transitivo direto.)

- O carro, após a capotagem, **virou** um monte de ferros retorcidos. (Verbo de ligação.)
- Maria, em virtude da pressa, sempre **andava** rápido. (Verbo intransitivo ⇨ ação de “andar”.)
- Maria **anda**, nos últimos tempos, preocupada com a situação da família. (Verbo de ligação ⇨ Ela está preocupada.)
- A criança **estava** extremamente doente. (Verbo de ligação.)
- A criança **estava** no hospital desde a segunda-feira. (Verbo intransitivo ⇨ Observe que o termo “no hospital desde a segunda-feira” funciona como o lugar em que a criança se encontra. Portanto, é uma locução adverbial de lugar. Como os advérbios não completam a significação verbal, mas tão somente transmitem uma circunstância para o verbo, considera-se o verbo ESTAR como “intransitivo”.)

b) Há renomados e respeitáveis gramáticos que classificam verbos como “ir, dirigir-se, chegar, morar, residir, partir, voltar” como “transitivos adverbializados” ou “transitivos circunstanciais”, já que tais verbos são ininteligíveis sem a presença do adjunto adverbial reclamado por eles. Preferimos, entretanto, pô-los no rol dos intransitivos, porquanto entendemos que um adjunto adverbial não poderá funcionar como “complemento verbal”.

c) Há verbos transitivos diretos que reclamam além do objeto direto um qualificador para esse objeto, ou seja, há verbos transitivos diretos que exigem um predicativo para o seu objeto. Tais verbos são denominados de “transobjetivos”. Veja:

- O juiz julgou o réu culpado. ⇨ “JULGAR” é um “transobjetivo”, pois é um transitivo direto que exige um objeto direto acompanhado de um predicativo que, no caso, é o termo “culpado”.
- VTD predicativo do objeto
  Muitos o **consideram** responsável pelo crime. (V. “Considerar” é um transobjetivo).

1.2.2.2 Predicativo

Antes de estudar a classificação do predicado, é de fundamental importância identificar o predicativo, quando existente, dentro da estrutura oracional.

Ele representa um dos termos mais interessantes dessa estrutura. Aparece com muita frequência em construções que possuem elementos qualificadores.

O predicativo é a palavra (ou locução) que constitui o núcleo nominal de um predicado. Classifica-se em: predicativo do sujeito e predicativo do objeto.

I – O predicativo do sujeito

É o termo que transmite para o sujeito um estado, um atributo, um modo de ser por meio de um verbo de ligação explícito ou implícito. Veja os exemplos abaixo:

- O aluno parecia (VL) bastante atento (PS) à explicação do professor. (Adjetivo como núcleo do predicativo.)

- O poeta era (VL) a glória (PS) de toda a Pátria. (Substantivo como o núcleo do predicativo.)

- Quem és (VL) tu (PS)? (Pronome pessoal do caso reto como o núcleo do predicativo.)

- Recordar é (VL) viver (PS). (Verbo exercendo a função de núcleo do predicativo.)

- Os integrantes do grupo devem estar (VL) com fome (PS). (Uma locução adjetiva funcionando como predicativo.)

- O triplo de seis é (VL) dezoito (PS). (Numeral como núcleo do predicativo.)

- A verdade é (VL) que o governo não intervirá na economia (PS). (Uma oração funcionando como predicativo)

- Todos deixaram a sala constrangidos (PS) após o desabafo do diretor.

> Perceba que nessa estrutura o verbo de ligação se encontra implícito. Leia: Todos deixaram a sala. Todos estavam constrangidos.

⇨ Observação:

Perceba que o predicativo pode ser exercido por diversas classes morfológicas. O importante é perceber a existência (clara ou implícita) do verbo de ligação.

II – O predicativo do objeto

Como o próprio nome já o diz, esse termo se refere ao objeto por

meio de um verbo de ligação implícito.

- Os alunos tinham (VTD) o professor de matemática (OD) por um sábio (PO) (ou "como um sábio").

> **Leia:** Os alunos consideravam o professor de matemática. Ele é um sábio (ou "como um sábio").

- Estendidas (PO) pela rua afora, deixaram as faixas (OD) que seriam usadas na campanha eleitoral.

- Um fraco rei faz (VTD) fraca (PO) a forte gente (OD).

> Nessa estrutura os termos "fraco" e "forte" são adjuntos adnominais de "rei" e "gente", respectivamente. Leia assim: Um fraco rei faz a forte gente "tornar-se / ser / ficar" fraca.

- O avarento geralmente considera (VTD) o ouro (OD) como seu deus (PO).

- De semblante caído e sem perspectivas de melhoras (PO), encontrei (VTD) assim muitas vezes meu melhor amigo (OD).

⇨ Considerações importantes:

a) Observe que o predicativo pode vir precedido por uma preposição.

b) O predicativo do objeto geralmente só acontece com verbos transitivos diretos. Raros são os casos de predicativo de um objeto indireto. Uma das poucas exceções, por exemplo, é o verbo "chamar" na acepção de "cognominar, apelidar, tachar, alcunhar".

- Chamaram (VTI) ao diretor da empresa (OI) incompetente (PO) (ou de incompetente).

c) Veja também que o predicativo pode ser deslocado dentro da estrutura oracional. Para tanto, deverá obrigatoriamente ser virgulado para indicar a sua inversão, uma vez que é um termo pertencente ao predicado.

Exemplos:

- O menino foi levado ao hospital com febre.
  predicativo
- O menino, com febre, foi levado ao hospital.
  predicativo
- Com febre, o menino foi levado ao hospital.
  predicativo

d) É importante também não confundir o predicativo do objeto com o adjunto adnominal – isso é essencial para se evitarem erros de concordância nominal. Para evitar tal equívoco, primeiro estude a função do adjunto adnominal, aprenda a identificá-lo e depois perceba as nuanças as quais envolvem este último termo e o predicativo.

Dica: Procure perceber a concordância do predicativo com o sujeito ou com o objeto a que ele se refere. Muitos certames procuram explorar esse item. Para clarear e consolidar mais esse conteúdo, vá ao assunto "concordância nominal" e leia sobre a concordância do adjetivo-predicativo.

1.2.2.3 Classificação do predicado

Predicado é o termo que expressa a declaração que se faz sobre o sujeito quando a oração é composta pelos dois termos. Se não há sujeito, o predicado representa uma declaração qualquer que se faz.

Exemplos:

- Muitos cidadãos lutam contra a miséria em nosso país.
  predicado

- Havia muitos rebelados nos presídios cariocas.
  predicado

De acordo com a estrutura, o predicado pode ser: verbal, nominal ou verbo-nominal.

1.2.2.3.1 Predicado verbal

É aquele cujo núcleo é representado por um verbo significativo (intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto ou transitivo direto e indireto) e não há a presença de um predicativo:

Exemplos:

- Alguns **deixaram** a sala mais cedo em virtude do calor. (Verbo transitivo direto)
  predicado verbal

- Os dois filhos de Maria **comeram** bastante no almoço. (Verbo intransitivo)
  predicado verbal

- Ainda não lhe **ofereceram** uma oportunidade de trabalho. (Verbo transitivo direto e indireto)
  predicado verbal

> **Dica:** Antes de passar adiante procure consolidar o entendimento sobre a função do predicativo (se possível, releia o tópico sobre o "predicativo"). A identificação do predicativo será condição essencial para a compreensão do predicado nominal e do predicado verbo-nominal.

1.2.2.3.2 Predicado nominal

É aquele em que aparece um "verbo de ligação" mais um "predicativo do sujeito". O núcleo desse tipo de predicado está centrado num nome, o predicativo do sujeito.

Exemplos:

- Todos **ficaram** imóveis diante daquela cena.
  VL pred. suj.

- Jogadas aos pés dele **estavam** todas as cartas recebidas nos últimos seis meses.
  Pred. suj. VL

- Muitas vezes, o que **é** barato **sai** caro. (Observe aqui a presença de dois predicados nominais)
  VL PS VL PS

1.2.2.3.3 Predicado verbo-nominal (ou misto)

É aquele que possui dois núcleos – um verbo significativo (intransitivo ou transitivo) e um nome (predicativo do sujeito ou do objeto).

Exemplos:

- Os representantes da ONU, **exaustos**, **deixaram** o salão principal. (Núcleos: um predicativo e um verbo)
  PS VTD

- **Encontrei** bem **fechadas** a porta do quarto e as janelas da sala.
  VTD PO

- A grande prosperidade **fez** o nosso melhor amigo **orgulhoso**.
  VTD PO

- **Desabrochavam** **belas** as últimas flores da primavera.
  VI PS

- Todos **consideravam** meu pai **como o mais sábio dos velhos daquele lugar**.
  VTD PO

⇨ Não se esqueça de que o predicativo do objeto só aparece num predicado verbo-nominal.

⇨ Lembre-se também de que para se classificar com mais segurança o predicado convém primeiro estudar um pouco o assunto "predicação verbal".

1.3 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (FGV-RJ) Assinale a análise **correta** do termo destacado.

   *"Ao fundo, as pedrinhas claras pareciam **tesouros abandonados**".*

   a) predicativo do sujeito.
   b) adjunto adnominal.
   c) objeto direto.
   d) complemento nominal.
   e) predicativo do objeto direto.

2. (FCC – Técnico Legislativo – Câmara dos Deputados) Não é função da indústria **pensar a educação**.

   A função sintática da oração grifada acima é a mesma do termo, também grifado, na frase:

   a) ... no qual <u>a Terra</u> estava no centro do universo ...
   b) ... que contribuíram para a ascensão <u>do mundo burguês</u>.
   c) ... num processo que também gerou <u>a onda de inovação</u> ...
   d) ... e a possibilidade de darmos <u>o próximo salto</u>.
   e) ... nenhum representante da indústria de tecnologia poderia ter sido <u>pioneiro</u> ...

3. (F. Araraquara-SP) O professor **entrou apressado**. O destaque indica:

   a) predicado nominal.
   b) predicado verbo-nominal.
   c) predicado verbal.
   d) adjunto adverbial.
   e) n.d.a.

4. (UM-SP) “E quando o brotinho lhe **telefonou** dias depois, comunicando que **estudava** o modernismo, e dentro do modernismo sua obra, para o que o professor lhe **sugerira** contato pessoal com o autor, **ficou** assanhadíssimo e paternal ao mesmo tempo.”

Os verbos destacados são, respectivamente:

a) transitivo direto, transitivo indireto, de ligação, transitivo direto e indireto.
b) transitivo direto e indireto, transitivo direto, transitivo indireto, de ligação.
c) transitivo indireto, transitivo direto e indireto, transitivo direto, de ligação.
d) transitivo indireto, transitivo direto, transitivo direto e indireto, de ligação.
e) transitivo indireto, transitivo direto e indireto, de ligação, transitivo direto.

5. (PUC-PR) Sobre o exemplo: “A lua brilhou alegre no céu”, afirmamos:

*I. O verbo **brilhar** é intransitivo.*
*II. O verbo **brilhar** é transitivo direto.*
*III. O verbo **brilhar** é transitivo indireto.*
IV. O predicado é nominal.
V. O predicado é verbal.
VI. O predicado é verbo-nominal.

a) Estão corretas I e VI.
b) Estão corretas I e V.
c) Estão corretas II e V.
d) Está correta apenas IV.
e) Estão corretas III e VI.

6. (CTA-SP) Assinale a alternativa cujo sujeito **não** é indeterminado.

a) Soa um toque áspero de trompa.

b) Falou-se de tudo na reunião.
c) Precisa-se de carpinteiro.
d) Batem à porta.
e) n.d.a.

7. (UFGO) Em uma das alternativas abaixo, o predicativo inicia o período. Assinale-a.

a) A dificílima viagem será realizada pelo homem.
b) Em suas próprias inexploradas entranhas descobrirá a alegria de conviver.
c) Humanizado tornou-se o sol com a presença humana.
d) Depois da dificílima viagem, o homem ficará satisfeito?
e) O homem procura a si mesmo nas viagens a outros mundos.

8. (FMU-SP) Assinale a alternativa em que aparece um predicado verbo-nominal.

a) Os viajantes chegaram cedo ao destino.
b) Demitiram o secretário da instituição.
c) Nomearam as novas ruas da cidade.
d) Compareceram todos atrasados à reunião.
e) Estava irritado com as brincadeiras.

9. (Osec-SP) Das seguintes orações: “Pede-se silêncio”, “A caverna anoitecia aos poucos”, “Fazia um calor tremendo naquela tarde”, o sujeito se classifica respectivamente como:

a) indeterminado, inexistente, simples.
b) oculto, simples, inexistente.
c) inexistente, inexistente, inexistente.
d) oculto, inexistente, simples.
e) simples, simples, inexistente.

10. (FEI-SP) Assinale a alternativa em que o termo destacado tenha a função de predicativo do sujeito.

a) “Eu sob a copa da mangueira **altiva**”.
b) “Não sentiram meus lábios **outros lábios**”.
c) “Do tamarindo a flor jaz **entreaberta**”.
d) “Já solta o bogari mais **doce** aroma”.
e) “**Melhor** perfume ao pé da noite exala”.

GABARITO

1 – A	2 – A	3 – B
4 – D	5 – A	6 – A
7 – C	8 – D	9 – E
10 – C		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 2

TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO

Como a própria denominação já denuncia, os termos integrantes aparecem completando, integrando o sentido de outros termos. São fundamentais para o entendimento e a perfeita construção da frase. São eles: o objeto direto e o objeto indireto (complementos verbais), o complemento nominal e o agente da passiva.

2.1 OBJETO DIRETO

É o termo que completa a significação dos verbos transitivos diretos sem o auxílio de uma preposição necessária, obrigatória. Exprime o paciente da ação e se identifica facilmente porque passa a sujeito na voz passiva. Representa o "caso acusativo" do latim.

Exemplos:

- O alimento envenenou boa parte do reino. (OD)
- Ele estreou a produção (OD) sob os protestos da população.
- Os argumentos que (OD) ele utilizou salvaram o réu (OD) da prisão.

Perceba o pronome relativo "que" na função de objeto direto ⇨ Leia: Ele utilizou os argumentos.

- Houve **muitos problemas** (OD) na inauguração do comitê.

> Observe que o verbo da estrutura HAVER não possui sujeito, já que está no sentido de EXISTIR. O termo "muitos problemas" é o seu objeto direto.

- O medo era tal que nem **sangue** (OD) mais eu tinha na face.

⇨ Observações importantes:

a) O objeto direto é frequentemente substituído dentro da frase pelos pronomes oblíquos átonos "o, a, os, as". Quando o verbo que os precede termina em "-r, -s, -z", tais pronomes assumem as formas "lo, la, los, las." Se o verbo terminar em ditongo nasal "-ão, -õe, -am", por exemplo, os pronomes assumirão as formas eufônicas "no, na, nos, nas".

Exemplos:

- Deixaram **o livro** (OD) sobre a mesa de jantar. = Deixaram-**no** (OD) sobre a mesa de jantar.
- É importante comprar **produtos originais** (OD). = É importante comprá-**los** (OD).
- Avisamos **o diretor** (OD) a tempo. = Avisamo-**lo** (OD) a tempo.
- Procuraram **a menina** (OD) por toda parte. = Procuraram-**na** (OD) por toda parte.
- Eles ainda não **disseram** (VTD) **que o novo diretor assume amanhã.** (OD)

> Neste último exemplo, o objeto direto é exercido por toda uma oração. Veja mais exemplos em sintaxe de período, orações substantivas.

b) Os pronomes oblíquos átonos “me, te, se, nos, vos” também podem exercer a função de objeto direto. Nesse caso é essencial que se conheça com segurança a regência verbal.

Exemplos:

- Eu te (OD) amo (VTD), minha linda mulher.
- Por que não me (OD) convidaste (VTD) para a festa?
- Acho que o prefeito já não mais vos (OD) considera (VTD).

É muito importante que o estudante da língua portuguesa não confunda o objeto direto com o sujeito. É preciso ter sempre em mente que o objeto direto, salvo raras exceções, é um termo repleto de carga passiva, isto é, é um termo que pode ser convertido para a voz passiva com a função de sujeito. Já o sujeito é um termo que, na voz ativa, sempre apresentará carga ativa, isto é, representará o termo que praticará, que executará a ação verbal. Observe abaixo:

- Ontem à tarde, chegaram as novas cartas. (sujeito ou objeto direto??)
- Ontem à tarde, enviaram as novas cartas. (sujeito ou objeto direto??)

Para dirimir tal dúvida, tente converter os termos para a voz passiva. Perceba que só no segundo caso (... enviaram as novas cartas) é possível a conversão (... as novas cartas foram enviadas). Ora, neste caso não mais restam dúvidas. Em “Ontem à tarde, chegaram as novas cartas”, o termo grifado é o sujeito. Já em “Ontem à tarde, enviaram as novas cartas”, o termo grifado é o objeto direto. Neste último período, o sujeito é indeterminado.

Para consolidar tal aprendizado, lembre-se de que:

a) O objeto direto é um termo que só existe nas vozes ativa e reflexiva. Na voz ativa, o objeto direto possui, salvo exceções, carga passiva, isto é, pode ser transposto para a voz passiva na função de sujeito

passivo.

- Pedro adquiriu UM NOVO CARRO. (voz ativa → objeto direto com carga passiva)
- UM NOVO CARRO foi adquirido por Pedro. (voz passiva → o objeto direto se torna o sujeito passivo)

b) Na voz ativa, o sujeito possui "carga ativa", isto é, é o agente da ação. Por isso, quando é possível a conversão do sujeito ativo para a voz passiva, este assume o papel de "AGENTE da passiva", ou seja, o termo ativo que, na voz passiva, pratica a ação verbal.

- PEDRO adquiriu um novo carro. (voz ativa → sujeito ativo)
- Um novo carro foi adquirido POR PEDRO. (voz passiva → o sujeito ativo torna-se o agente da passiva)

> **Dica:** Aprofunde esses conhecimentos com o estudo da voz passiva e do agente da passiva.

Vejamos outros exemplos:

- "Do vértice do M cai a espumarada." (Carlos Drummond de Andrade)
  sujeito ativo
- Sobre a laje do prédio, deixaram pilhas de entulhos retirados das telhas.
  objeto direto (pilhas de entulhos foram deixadas...)
- Na última semana, explodiram dois carros-bomba no centro de Bagdá.
  sujeito
- Durante a preparação para o concurso, surgiram grandes problemas para nós.
  sujeito
- Ainda não informaram as mudanças no sistema ao novo diretor.
  objeto direto (as mudanças foram informadas...)
- Compraram vários livros para a inauguração da biblioteca.
  objeto direto (livros foram comprados...)

Concluindo: Temos, portanto, duas grandes características para o objeto direto: a função complementar para verbos transitivos diretos e transitivos diretos e indiretos, e a carga passiva, isto é, a possibilidade de o objeto direto ser convertido para a voz passiva na função de sujeito. Logo, é um termo que, já na voz ativa, apresenta, como dissemos, "carga passiva". Entretanto, poderemos encontrar situações complexas como:

- Pedro matou Paulo. *(Quem é o sujeito da estrutura??)*

Considerações: Nesse caso, a utilização do recurso da "carga passiva" não adiantará, pois tanto podemos dizer "Paulo foi morto por Pedro", como "Pedro foi morto por Paulo". Temos, por conseguinte, um período ambíguo, já que a ação de "matar" pode ser praticada por ambos os substantivos (Pedro e Paulo). Para resolver tal problema, recorreremos a um conhecimento já consolidado – um sujeito não pode vir precedido por preposição. Logo, deve-se preposicionar um dos termos para que ele deixe de ser um possível sujeito e assuma a função de "objeto direto preposicionado".

Assim...

- Pedro (sujeito) matou a Paulo (OD preposicionado).

Veja outros exemplos em que esse desdobramento foi usado (perceba como o emprego da preposição evita que se tome o termo preposicionado como se fosse o sujeito do verbo):

- A cada um de nós (OD preposicionado) sempre incomoda (VTD) a atitude desleixada de um pai irresponsável (sujeito).

- Às crianças de orfanatos (OD preposicionado) abandonaram (VTD), na maioria das vezes, pais sem escrúpulos (sujeito).

- "Os otimistas (sujeito) não julguem os pessimistas (OD), nem estes (sujeito) àqueles (OD preposicionado), pois...". (Fund. Carlos Chagas)

- As ações dos advogados (sujeito) engrandeceram (VTD) às decisões tomadas pelos diretores (OD preposicionado).

Dica: Fique muito, mas muito atento às orientações por que acabamos de passar. Frequentemente, as bancas usam essa "confusão" (sujeito *versus* objeto direto) para provocar dúvidas em relação à concordância verbal.

2.1.1 OBJETO DIRETO PREPOSICIONADO

Calma!! Não se desespere! Isso não é difícil: Procure entender as razões que levam o objeto direto a vir precedido de uma preposição. São poucos casos, e alguns são bem utilizados em nosso dia a dia. Vamos lá!

Primeiro, cumpre mais uma vez salientar que o objeto direto preposicionado não surge ao acaso. Ele é fruto de algumas situações especiais em nossa língua. Acompanhe o raciocínio abaixo:

- Eu tenho certeza de que ele me (OD) ama (VTD), afirmou a mulher. (me = objeto direto, pronome oblíquo átono)
- Eu tenho certeza de que ele ama (VTD) a mim (OD preposicionado), afirmou a mulher. (mim = objeto direto preposicionado, pronome oblíquo tônico).

Veja que no exemplo acima a preposição surgiu porque o pronome utilizado para a complementação foi um oblíquo tônico. Logo, podemos asseverar que todas as vezes que o complemento de um verbo transitivo direto for feito com um pronome oblíquo tônico ele (complemento verbal), obrigatoriamente, será preposicionado. Percebeu? O objeto direto preposicionado surge para certas situações; não é a regra, uma vez que é próprio do objeto direto não exigir preposição.

Vamos aos casos em que o objeto direto deve vir precedido de uma preposição:

a) quando o objeto direto é um pronome pessoal oblíquo tônico (mim, ti, si, nós, vós, ele, eles, ela, elas):

Exemplos:

- Ele idolatrava **a si mesmo** antes de consultar um analista.
  OD preposicionado

- Não pensem eles que irão enganar **a mim** e **a ti**.
  objetos diretos preposicionados

- Agindo assim, poderás **prejudicar** tanto **a ti** como **a nós todos**.
  VTD objetos diretos preposicionados

- "Uma certidão que me desse vinte anos de idade poderia enganar os estranhos, como todos os documentos falsos, mas não **a mim**." (Machado de Assis)
  OD preposicionado

b) quando o objeto direto é representado pelo pronome relativo "quem":

Exemplos:

- Até agora não sabemos **a quem** verdadeiramente ele **ama**.
  OD preposicionado VTD

- Santo Agostinho tornou-se o santo **a quem** Maria das Dores mais **venerava**.
  OD preposicionado VTD

- "— Se você tivesse de escolher entre mim e sua mãe, **a quem** é que **escolhia?**" (Machado de Assis)
  OD preposicionado VTD

c) quando, para o bem da clareza (a fim de se evitar uma ambiguidade), deva-se, por meio da preposição, evitar que o objeto direto seja confundido com o sujeito:

Exemplos:

- O filho ama o pai. (Aqui não se pode afirmar com precisão e segurança quem praticou a ação verbal, uma vez que é possível ler a frase tanto na ordem direta quanto na indireta).

Ora, para se evitar tal confusão deve-se preposicionar um dos termos. Veja:

- O filho ama ao pai.
  OD preposicionado
- Até agora não se sabe se Paulo realmente matou a Pedro.
  VTD OD preposicionado
- Venceram aos japoneses os americanos.
  VTD OD preposicionado sujeito

d) quando o objeto direto é representado pelo numeral dual "ambos":

Exemplos:

- No resultado final, acho que vou aprovar a ambos.
  VTD OD preposicionado
- Em face da dúvida, resolveram comprar a ambas em vez de levar apenas uma.
  VTD OD preposicionado

e) quando o objeto direto é representado por nomes próprios ou comuns que designem pessoas:

Exemplos:

- É preciso amar a Deus sobre todas as coisas.
  VTD OD preposicionado
- Judas traiu a Cristo.
  VTD OD preposicionado
- Os romanos costumavam adorar a Júpiter.
  VTD OD preposicionado
- Agora, irmãos, louvemos ao Senhor com uma música especial.
  VTD OD preposicionado

f) quando o objeto direto é representado por pronomes substantivos indefinidos e demonstrativos:

Exemplos:

- Apesar dos conhecimentos, ele jamais **estimulava** (VTD) **a alguém** (OD preposicionado) com suas palestras.

- Eu **apreciei** (VTD) mais **a este** do que **àquele**. (objetos diretos preposicionados)

- Ele **doutrinava** (VTD) muito mais **àquele jovem rapaz** ali do que **a este** aqui. (objetos diretos preposicionados)

Em virtude do paralelismo sintático, ambos os objetos diretos foram precedidos por preposição.

g) quando o objeto direto é formado por uma expressão que indica reciprocidade:

Exemplos:

- Deus ordenou que nós nos **amássemos** (VTD) uns **aos outros** (OD preposicionado).

- Elas se **odiavam** (VTD) umas **às outras** (OD preposicionado).

h) quando se deseja dar ênfase ao objeto direto ou, para obter mais clareza, indicar-se a parte de um todo:

Exemplos:

- Diante do perigo, os soldados **sacaram** (VTD) **das armas** (OD preposicionado) e apontaram-nas para os manifestantes.

- Parece que ele ainda não **comeu** (VTD) **do bolo** (OD preposicionado).

- Nunca digas "**dessa água** (OD preposicionado) jamais **beberei** (VTD)".

Nestes dois últimos exemplos, alguns autores consideram os verbos como transitivos indiretos. Parece-nos, entretanto, mais lógica a ideia de "objetos diretos preposicionados", uma vez que indicam uma parte do todo. Compare: a) Comer o bolo

(todo o bolo); b) Comer do bolo (parte do bolo).

2.1.2 OBJETO DIRETO PLEONÁSTICO

Ocorre quando se deseja pôr em relevo a informação contida no objeto direto. Para tanto, coloca-se o objeto direto no início da frase para depois retomálo — repeti-lo — com um pronome oblíquo. Daí porque este tipo de objeto é denominado de "pleonástico", "enfático" ou "redundante".

Exemplos:

- O homem, criou-o Deus à sua imagem e semelhança.
  OD VTD OD pleonástico

- Todas aquelas informações, os rapazes conseguiram-nas com o uso de propinas.
  OD VTD OD pleonástico

- Os que não falam a verdade, descobre-os o próprio curso da vida.
  OD VTD OD pleonástico

Não confunda os dois "os" que aparecem na oração. O primeiro é, morfologicamente, um pronome demonstrativo. O segundo é um pronome oblíquo. Para facilitar o entendimento, leia a frase do seguinte modo: "O próprio curso da vida descobre os que não falam a verdade."

2.1.3 OBJETO DIRETO INTERNO OU COGNATO

Há casos em que o objeto direto repete o mesmo sentido contido no radical do verbo. Isso ocorre, geralmente, na linguagem literária, poética, com o intuito de conferir ênfase à mensagem. A esse termo dá-se o nome de "objeto direto interno ou cognato".

Exemplos:

OD interno

› "E rir meu riso e derramar meu pranto". (Vinicius de Moraes)
VTD

› Ele chorava um choro resignado, triste, melancólico.
VTD OD interno

2.2 OBJETO INDIRETO

É o termo que completa a significação de um verbo transitivo indireto com o auxílio de uma preposição obrigatória. Com os verbos bitransitivos (transitivos diretos e indiretos), o objeto indireto representa o ser a quem (ou "para quem") o objeto direto se destina. Representa o "caso dativo" do latim.

Exemplos:

› Muitos cristãos da Antiguidade batalhavam contra os espinhos da carne.
VTI OI

› As ações do rapaz incorreram em grave erro judiciário.
VTI OI

› Enviaram todas as informações para o novo diretor.
VTDI OI

VTDI OI

› A empresa deu uma nova chance ao empregado que se afastou do local de trabalho sem avisar.

› A equipe necessitava de que todos deixassem a sala naquele momento.
VTI OI

Observe que neste exemplo o "objeto indireto" é exercido por uma oração. Aprofunde esse estudo no capítulo "sintaxe de período".

⇨ **Observações importantes:**

a) O objeto indireto pode ser substituído pelos pronomes “lhe(s), a ele(s), a ela(s), dele(s), dela(s), nele(s), nela(s)”:

Exemplos:

- Nos finais de ano, muitas pessoas costumam **escrever** (VTDI) cartas **aos amigos** (OI). (➡ escrever-**lhes** (OI) cartas)
- Não **acreditem** (VTI) **nos falsos profetas** (OI). (➡ Não acreditem **neles** (OI))
- Das novas orientações (OI) eles ainda **dependem** (VTI) muito. (➡ Eles dependem **delas** (OI))
- Nunca mais **assistimos** (VTI) **às apresentações** (OI) daquele grupo. (Nunca mais assistimos **a elas** (OI).)
- “E que a sua Deolinda, estanciando nas empinadas serras de S. Gotardo, **lhe** (OI) dissera que seria feliz se morasse no topo duma montanha...” (Camilo)

b) Alguns verbos, mesmo transitivos indiretos, rejeitam a utilização dos pronomes “lhe, lhes” para o objeto indireto. Exigem as formas tônicas analíticas “a ele, a ela, a eles, a elas”. Tal fato se dá ora por não ser o objeto de tais verbos personativo, ora se dá por reprovar-lhes a eufonia. São exemplos desse grupo especial os verbos “aceder, aludir, anuir, aspirar (sentido de desejar, almejar), assistir (sentido de ver, presenciar), proceder (sentido de iniciar, começar), visar (sentido de desejar, almejar)”.

- O evento deve ter sido majestoso, pois os diretores **aludiram a ele** na reunião de ontem. (E não “aludiram-lhe”)
- A contagem dos votos se realizará no ginásio de esportes. Os auditores do Tribunal Eleitoral **procederão a ela** exatamente às 18h.

c) Por outro lado, há verbos transitivos indiretos que, por motivo de eufonia, rejeitam os pronomes oblíquos átonos “me, te, se, nos, vos”

para o objeto indireto. Exigem os pronomes tônicos preposicionados “a mim, a ti, a si, a nós, a vós” para tal função. São exemplos desse grupo os verbos “aludir, depender, discrepar, dissentir, discordar, equivaler, prescindir”.

- Eles prescindem de mim para a realização do projeto.
- Todos discordam de ti, João.

d) Verbos transitivos indiretos que exigem a preposição “com” não aceitam as formas tônicas “mim, ti, nós, vós”. Para eles, devem ser usados os pronomes tônicos “comigo, contigo, conosco, convosco”.

- A equipe da sala ao lado **competirá** **conosco**. (e não “competirá com nós”).
- Meu filho, alguém **simpatizou** **contigo** no colégio? (e não “simpatizou com ti”).

2.2.1 OBJETO INDIRETO PLEONÁSTICO

À semelhança do objeto direto pleonástico, representa a repetição enfática do objeto indireto o qual é retomado com um pronome oblíquo dentro da mesma estrutura oracional.

Exemplos:

- Ao sábio de coração, bastam-lhe poucas palavras.
  OI VTI OI pleonástico
- Aos envolvidos em determinados crimes, a lei preconiza que não lhes convém ausentar-se sem consentimento do juiz.
  OI OI pleonástico

2.3 COMPLEMENTO NOMINAL

É o termo integrante da oração que completa a significação de alguns

nomes, sempre com o auxílio de uma preposição. Há três classes morfológicas que podem exigir complemento nominal: o substantivo, o adjetivo e o advérbio.

Exemplos:

- A nova Constituição do Brasil é bastante **acessível** (nome) **ao leigo** (CN). (acessível ➡ adjetivo)
- O **amor** (nome) **a Deus** (CN) deve ser incondicional. (amor ➡ substantivo)
- O fumo é **prejudicial** (nome) **à saúde** (CN). (prejudicial ➡ adjetivo)
- O interpretador literal sempre procura ser **fiel** (nome) **à letra** (CN) da lei. (fiel ➡ adjetivo)
- Todos moravam **perto** (nome) **do centro da cidade** (CN). (perto ➡ advérbio)
- O doente apresentava um profundo **medo** (nome) **de seu passado** (CN). (medo ➡ substantivo)
- Ele tinha **certeza** (nome) **de que o despacho sairia amanhã** (CN). (certeza ➡ substantivo)

Observe neste último exemplo que o complemento nominal é exercido por uma oração denominada de completiva nominal. Aprofunde esse conhecimento na parte de sintaxe de período, orações substantivas.

- —Tenha-**me** (CN) **respeito** (nome), gritava o pai para o filho. (respeito ➡ substantivo)

Leia: Tenha respeito a / por mim. Perceba, neste caso, o pronome oblíquo funcionando como "complemento nominal".

⇨ Considerações importantes:

a) Observe que a preposição sempre se faz presente no complemento nominal. Para observar outros nomes que exigem preposição, estude o assunto “Regência nominal”. Veja os nomes e as preposições que eles exigem.

b) Não confunda o complemento nominal com o objeto indireto. Este integra a significação de verbos transitivos indiretos ou transitivos diretos e indiretos, enquanto aquele completa nomes (substantivos, adjetivos e advérbios). Perceba os exemplos abaixo:

- Ele **confia** (VTI) muito **em seu próprio conhecimento** (OI).
- Ele tem muita **confiança** (nome) **em seu próprio conhecimento** (CN).
- O governo **desconfia** (VTI) **da atuação de grupos de esquerda** (OI) para minar-lhe as forças.
- O governo nutre uma profunda **desconfiança** (*nome*) **de que haja a atuação de grupos de esquerda** (*CN*) para minar-lhe as forças.
- Muitos ainda **necessitam** (VTI) **de paz interior** (OI) para viver melhor.
- Muitos têm **necessidade** (nome) **de paz interior** (CN) para viver melhor.

2.4 AGENTE DA PASSIVA

É o termo que na voz passiva analítica pratica a ação verbal, sempre introduzido por uma preposição.

Antes de estudarmos este termo, vamos aprofundar um pouco o nosso conhecimento sobre a voz passiva, porque entendemos ser este o momento exato para isso.

2.4.1 ESTUDO DA VOZ PASSIVA – CONVERSÃO DA VOZ ATIVA PARA A VOZ PASSIVA

A voz representa a forma como o verbo se apresenta para indicar se o sujeito praticará, sofrerá ou praticará e sofrerá ao mesmo tempo a ação. Como se sabe, são três as vozes do verbo: ativa, passiva e reflexiva. Ocupemo-nos das vozes “ativa” e “passiva” agora.

A voz passiva se divide em: analítica e sintética. Vamos nos deter em estudar a voz passiva analítica, cuja principal característica é a presença de uma locução verbal formada por um verbo auxiliar (geralmente são os verbos “ser” e “estar” que desempenham esse papel) e um verbo principal no particípio.

Observe:

sujeito VTD OD
▹ O rapaz pegou o livro.

(➡ Voz ativa)

locução verbal
▹ O livro foi pego pelo rapaz.
sujeito passivo agente da passiva

(➡ Voz passiva)

Não sei se deu para perceber, mas a conversão foi feita da seguinte maneira:

CONVERSÃO DA VOZ ATIVA PARA A VOZ PASSIVA		
VOZ ATIVA		VOZ PASSIVA
Sujeito	➡	Agente da passiva
Verbo transitivo direto	➡	Locução verbal (aux. + particípio)
Objeto direto	➡	Sujeito passivo ou paciente

ORDEM DIRETA

ORDEM DIRETA

Observe as setas para acompanhar a mudança da função sintática dos termos. Veja outros exemplos de conversão da voz ativa para a voz passiva analítica:

VOZ ATIVA	VOZ PASSIVA
Quem o encontrou ontem à noite?	Por quem você (ele) foi encontrado ontem à noite?
O essencial é poder implementar as novas leis.	O essencial é poderem ser implementadas as novas leis.
Jovens, vossos mestres vos trataram bem hoje?	Jovens, vós fostes bem tratados hoje por vossos mestres?
A globalização vem favorecendo a concentração de renda.	A concentração de renda vem sendo favorecida pela globalização.
Platão a comparou ao adestramento de cães de raça.	Ela foi comparada por Platão ao adestramento de cães de raça.
Nós comprometemos de vez a dinâmica do processo.	A dinâmica do processo foi de vez comprometida por nós.
Muito prometem as dietas milagrosas e as intermináveis sessões de ginástica.	Muito é prometido pelas dietas milagrosas e pelas intermináveis sessões de ginástica.
Alguns vêm identificando a ótima forma do corpo com o conceito de saúde.	A ótima forma do corpo vem sendo identificada com o conceito de saúde por alguns.

⇨ Observações importantes:

a) Todos os termos em negrito são agentes da passiva. Perceba que todos vêm introduzidos por uma preposição. Geralmente é a preposição “por” que inicia o agente (ou suas contrações “pelo, pela, pelos, pelas”), mas há agentes da passiva que são introduzidos por outras preposições. Observe:

› Havia muitos carros naquela cidade que eram movidos **a gás**.
agente da passiva

› O quarto foi invadido **de repórteres, de câmaras**.
agente da passiva

› O carro era tirado **a quatro juntas de boi**.
agente da passiva

b) Não se esqueça de que só os verbos transitivos diretos e os verbos transitivos diretos e indiretos podem ser convertidos para a voz passiva. Logo, por exclusão, salvo raras exceções (verbos “obedecer” e “desobedecer”, por exemplo), os verbos transitivos indiretos, os verbos intransitivos e os verbos de ligação não são suscetíveis de transcrição para a voz passiva.

Logo:

› Muitos **assistiram** ao espetáculo extasiados. (Voz passiva ➡ Não existe)
VTI

› Aquele pensamento grego **anda** cada vez mais comprometido. (Voz passiva ➡ Não existe)
VL

› Sempre que nós **podíamos**, nós **íamos** com ele.
VI VI

c) Verbos transitivos diretos há, entretanto, que são insusceptíveis de ir para a voz passiva. Tal fato se dá ou porque já apresentam sentido passivo (aguentar, sofrer etc.) — mesmo na voz ativa –, ou porque a eufonia lhes reprova a passagem para a voz passiva (ter, querer, poder, conter etc.).

d) Na conversão da voz ativa para a voz passiva, procure imediatamente o “objeto direto”, pois será ele quem irá funcionar como o sujeito da voz passiva. Logo, identificar de forma precisa o “objeto direto” é o primeiro passo para se evitarem erros na transposição para a voz passiva.

e) Geralmente a locução verbal da voz passiva é construída com o verbo auxiliar “ser”, formando o que se chama “passiva de ação”. Outros verbos, entretanto, podem funcionar como auxiliares para a locução da passiva para acrescentar outras matrizes de sentido. Veja:

A polícia cercou a favela (voz ativa)

a) A favela foi cercada pela polícia. (passiva de ação com o verbo “ser”)

b) A favela esteve cercada pela polícia. (passiva de estado com o verbo “estar”)

c) A favela ficou cercada pela polícia. (passiva de mudança de estado com o verbo “ficar”)

f) Lembre-se de que o verbo auxiliar concordará em “número” e “pessoa” com o sujeito da voz passiva. O particípio passivo, por sua vez, concordará em “gênero” e “número” com esse mesmo sujeito. Observe:

- Todos analisaram a nova lei. (Voz ativa) ⇨ A nova lei **foi analisada** por todos. (Voz passiva)
- Eu analisei as novas leis. (Voz ativa) ⇨ As novas leis **foram analisadas** por mim. (Voz passiva)
- Tu analisaste os novos decretos? (Voz ativa) ⇨ Os novos decretos **foram analisados** por ti? (Voz passiva)

g) Não se esqueça de que o verbo auxiliar da locução da voz passiva será colocado no mesmo “modo” e “tempo” do verbo principal da voz ativa. Logo:

- Ele revisa (Pres. Indic.) o acordo. (Voz ativa) ➡ O acordo é (Pres. Indic.) revisado por ele. (Voz passiva)
- Ele revisou (Pret. Perf. Ind.) o acordo. (Voz ativa) ➡ O acordo foi (Pret. Perf. Ind.) revisado por ele. (Voz passiva)
- Ele revisava (Pret. Imperf. Ind.) o acordo. (Voz ativa) ➡ O acordo era (Pret. Imperf. Ind.) revisado por ele. (Voz passiva)
- Ele revisará (Fut. Pres. Ind.) o acordo. (Voz ativa) ➡ O acordo será (Fut. Pres. Ind.) revisado por ele. (Voz passiva)

h) O verbo “HAVER” no sentido de “existir, acontecer, ocorrer” é insuscetível de transcrição para a voz passiva em virtude de sua impessoalidade, a despeito de nessa acepção ser “transitivo direto”. Logo:

- Sempre houve (VTD) bons legisladores (OD) no Brasil. (Voz passiva ⇨ Impossibilidade)

> Observe que nesta construção a oração não possui sujeito.

i) Não confunda o agente da passiva com o complemento nominal. Este integra o sentido de nomes (substantivo, adjetivos e advérbios); aquele pratica a ação dentro de uma voz passiva. Ademais, o agente da passiva pode ser transcrito para a voz ativa com a função de sujeito.

Exemplos:

- O inferno sempre está pavimentado (locução verbal) de boas intenções (agente da passiva). (Voz ativa ⇨ Boas intenções pavimentam o inferno.)

> Observe a presença da locução verbal "estar + pavimentar". O verbo principal encontra-se no "particípio ⇨ pavimentado".

- Ele está ansioso (adjetivo) pela (ou "da") volta de sua amada (complemento nominal). (Não há como converter para a voz passiva.)
- Todos eram responsáveis (adjetivo) pela vida da família (complemento nominal). (Não há como converter para a voz passiva.)
- Muitos cantores foram influenciados (locução verbal) pelo movimento hippie (agente da passiva). (Voz ativa ⇨ O movimento hippie influenciou muitos cantores.)

j) Lembre-se de que muitas construções da voz passiva analítica apresentam "agente da passiva indeterminado". Isso ocorre quando não convém ou não se quer declará-lo. Neste caso, se se quiser verter a oração passiva com agente indeterminado para a voz ativa, esta também ficará com o seu sujeito indeterminado. Veja:

- O caso foi descoberto recentemente pelo investigador Marcos. (Voz passiva analítica com agente da passiva determinado) ⇨ Voz ativa = O investigador Marcos recentemente descobriu o caso.
- O caso foi descoberto recentemente. (Voz passiva analítica com agente da passiva indeterminado) ⇨ Voz ativa = **Descobriram recentemente o caso**.
- O voto feminino chegou a ser discutido na constituinte de 1890. (Voz passiva analítica com agente da passiva indeterminado) ⇨ Voz ativa = **Chegaram a discutir o voto feminino na constituinte de 1890**.

2.5 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (FMU/Fiam-SP) Assinale a alternativa que contenha, respectivamente: um pronome pessoal do caso reto funcionando como sujeito e um pronome pessoal do caso oblíquo funcionando como objeto direto.

   a) Eu comecei a reforma da Natureza por este passarinho.
   b) E mais uma vez me convenci da “tortura” destas coisas.
   c) Todos a ensinavam a respeitar a Natureza.
   d) Ela os ensina a fazer ninhos nas árvores.
   e) Ela não convencia ninguém disso.

2. (FCC) Em: “Chamou-se um **eletricista** para a instalação dos fios” o termo destacado é:

   a) objeto direto.
   b) sujeito.
   c) objeto indireto.
   d) agente da passiva.
   e) predicativo do sujeito.

3. (FEI-SP) Assinalar a alternativa que indica a função sintática exercida pelas orações destacadas, nos seguintes períodos:

   I. Insistiu em que permanecesse no clube.
   II. Não há duvida de que disse a verdade.
   III. É preciso que aprendas ser independente.
   IV. A verdade é que não saberia viver sem ela.

   a) sujeito – objeto direto – complemento nominal – predicativo do sujeito.
   b) predicativo do sujeito – complemento nominal – objeto direto – sujeito.
   c) sujeito – predicativo do sujeito – objeto indireto – complemento nominal.
   d) objeto indireto – complemento nominal – sujeito – predicativo do

sujeito.

e) complemento nominal – sujeito – predicativo do sujeito – objeto indireto.

4. (Epamig-MG) Indique a frase que apresenta a palavra “se” como pronome apassivador:

a) “Se não chego a tempo...”
b) “Afastou-se o diretor, pisando forte.”
c) Apagaram-se as luzes.
d) Precisa-se de responsabilidade.
e) Deu-se pressa em sair.

5. (FOC-SP) No período: “Falsos conceitos, meia ciência por parte de professores, complicação e pedantismo de nomenclatura vazia, tudo isso produziu e produz nos alunos uma sadia aversão pela ‘análise lógica’”. A expressão **pela análise lógica** é:

a) adjunto adnominal.
b) agente da passiva.
c) complemento nominal.
d) objeto indireto.

6. (UEL-PR) Assinale a alternativa correspondente ao período em que há agente da passiva.

a) O rapaz foi preso por um investigador, compadre do Bertolão.
b) O coração não resistiu à prova.
c) Não o sabíamos doente.
d) Tão grande e forte, não era resistente à bebida.
e) Seu apartamento fora interditado poucas horas depois do crime.

7. (Febasp)

“E agora, José?

A festa **acabou**

A luz **apagou**

O povo **sumiu**

A noite **esfriou**...” (Carlos Drummond de Andrade)

Em relação aos verbos destacados, pode-se afirmar que:

a) os verbos são todos transitivos diretos e estão no pretérito imperfeito.

b) os verbos são todos transitivos diretos, embora o objeto direto não esteja expresso; e os verbos estão no pretérito perfeito.

c) o primeiro e o segundo verbos são transitivos diretos e os últimos são transitivos indiretos e estão no pretérito mais-que-perfeito.

d) todos os verbos destacados são intransitivos e estão no pretérito perfeito.

8. (UFU-MG) No período “Quando enxotada por mim foi pousar na vidraça”, qual a função sintática de **por mim**?

a) objeto direto.

b) sujeito.

c) objeto indireto.

d) complemento nominal.

e) agente da passiva.

9. (ESPM-SP) Não **me** preocupa o **futuro**. Julgo-me **capaz** de enfrentar qualquer **dificuldade**. Os termos destacados são, respectivamente:

a) sujeito – objeto direto – objeto direto – objeto indireto.

b) objeto indireto – objeto direto – objeto indireto – complemento nominal.

c) objeto direto – objeto direto – predicativo do objeto – adjunto adnominal.

d) objeto indireto – sujeito – sujeito – objeto direto.
e) objeto direto – sujeito – predicativo do objeto – objeto direto.

10. (FMU-SP) Observe os termos destacados:
*Alugam-se **vagas**.*
*Precisa-se **de faxineiros**.*
Paraibana expansiva machucou-se.
Eles exercem, respectivamente, a função sintática de:

a) objeto direto, objeto indireto, objeto direto.
b) sujeito, sujeito, sujeito.
c) sujeito, objeto indireto, objeto direto.
d) sujeito, objeto indireto, sujeito.
e) sujeito, sujeito, objeto direto.

GABARITO

1 – D	2 – B	3 – D
4 – C	5 – C	6 – A
7 – D	8 – E	9 – E
10 – D		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 3

TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO

Após estudar os termos que completam o significado de verbos (objeto direto e objeto indireto) e de nomes (complemento nominal), bem como do agente da passiva, sua missão agora será estudar e compreender os termos que desempenham uma função secundária, ora de caracterização do substantivo, ora para expressar circunstâncias diversas.

São três os termos acessórios da oração: o adjunto adnominal, o adjunto adverbial e o aposto.

3.1 ADJUNTO ADNOMINAL

É o termo acessório da oração que tem por finalidade a caracterização ou a determinação de um substantivo.

Observe nos exemplos abaixo as classes morfológicas que funcionam como adjunto adnominal:

- **Os** rapazes encontraram **uma** mulher perdida.
  artigos

- O **enigmático** sonho levou a **bela** garota ao êxtase.
  adjetivos

- **Nosso** hino é o mais belo. **Aqueles** outros são **nossas** composições.
  pronomes adjetivos

- Havia **dois** bandidos do lado de fora do banco; os outros **três** meliantes renderam o vigilante.
  Numerais adjetivos

- Uma dor **de cabeça** o impediu de assistir ao show **dos alunos**.
  Locuções adjetivas

- Ontem eu fui à casa **que me será dada por herança**.
  Oração adjetiva

⇨ Observações importantes:

a) Lembre-se de que alguns pronomes, classificados geralmente como oblíquos, podem exercer a função sintática de adjunto adnominal. Neste caso, passam literalmente à função morfológica de pronomes possessivos. São eles: me, te, lhe, nos, vos, lhes.

Exemplos:

- Todos que chegavam beijavam-**lhe** as mãos. (⇨ Leia:... beijavam as mãos dele)
  adjunto adnominal

> Não confunda o "lhe" na função de possessivo com o "lhe" na função de objeto indireto ou na função de complemento nominal.

- Aquele susto arrepiou-**nos** os cabelos. (⇨ Leia:... arrepiou os nossos cabelos)
  adjunto adnominal

- adjunto adnominal
  Machucaram-te apenas face direita? (⇨ Leia: Machucaram apenas a tua face direita?)
- "Desventurado, o seu coração de fogo queimou-**lhe** o viço da existência ao despertar dos sonhos do amor que o tinham embalado." (A. Herculano)
- "Não **lhe** sei o nome, nem que lho soubera o diria." (Camilo)

b) Não confunda o adjunto adnominal com o complemento nominal quando formado por locução adjetiva e esta locução se referir a um substantivo. Para evitar tal equívoco, sugerimos alguns critérios:

COMPLEMENTO NOMINAL	ADJUNTO ADNOMINAL
Sempre indica o ser passivo (recebedor da ação)	Sempre indica o ser ativo (agente da ação)
Tem por base um verbo transitivo	Não tem por base um verbo transitivo
Não indica posse	Sempre indica posse
Completa geralmente o sentido de um substantivo abstrato.	Completa geralmente o sentido de um substantivo concreto.

Acompanhe os exemplos abaixo e perceba as diferenças:

- A intervenção do diretor provocou indignação na empresa.
  complemento ou adjunto?

> **Questione:** O diretor interveio ou recebeu a intervenção? Óbvio que ele interveio. Logo é o ser ativo, agente da ação. Ademais, podemos dizer: "A intervenção dele provocou indignação na empresa". Ora, se é a intervenção dele, o termo "do diretor" indica posse. Portanto, não restam mais dúvidas, o termo é um adjunto adnominal.

- A eleição do novo diretor deixou em euforia toda a empresa.
  complemento ou adjunto?

> **Questione:** O diretor está elegendo alguém ou está sendo eleito? Ele está sendo eleito.

Logo, indica o ser passivo, recebedor da ação. Podemos dizer: "Eleger o novo diretor". Observe que o substantivo "eleição", neste caso, possui por base um verbo transitivo direto. Logo, o termo "do novo" diretor é um complemento nominal.

Observe outros exemplos:

- O pedido da empresa (adjunto adnominal) já foi atendido. (⇨ A empresa fez o pedido. Representa o ser ativo)
- O pedido de socorro (complemento nominal) foi ouvido ao longe. (⇨ O socorro está sendo pedido. Representa o ser passivo)
- O empréstimo do dinheiro (complemento nominal) salvou a empresa. (⇨ O dinheiro está sendo emprestado. É o ser passivo)
- O empréstimo do banco (adjunto adnominal) salvou a empresa. (⇨ O banco está emprestando. É o ser ativo.)
- Os bolinhos de feijão (adjunto adnominal) alegravam os meninos na hora do almoço.
- A plantação de feijão (complemento nominal) foi devastada por uma praga.
- A resposta do entrevistado (adjunto adnominal) surpreendeu a todos.
- A resposta ao entrevistado (complemento nominal) provocou-lhe tristeza.

⇨ **Observação:**

Perceba que o critério do "ser passivo" (complemento nominal) e do "ser ativo" (adjunto adnominal) praticamente resolve toda a celeuma. Use os outros critérios se ainda restar alguma dúvida.

c) Não confunda também o adjunto adnominal com um predicativo do objeto. Neste último, a qualidade atribuída ao objeto é necessária,

essencial, logo, não passível de ser retirada da estrutura oracional; fato que não ocorre com o adjunto adnominal que é termo acessório e, como o próprio nome já sugere, pode ser retirado da oração. Para evitar confusões, adote o seguinte procedimento:

– transforme o objeto direto em um pronome oblíquo;
– perceba se o adjetivo que a ele se refere se mantém de forma lógica dentro da estrutura;
– se ele permanecer, será um predicativo; se não for possível a sua manutenção, é porque é um adjunto adnominal.

Observe:

- Resolvi hoje no colégio uma prova difícil. ("Difícil" é um predicativo ou um adjunto do substantivo "prova"?)
- Resolvi-a hoje no colégio. (Observe que o adjetivo "difícil" não se manteve, logo é um "adjunto adnominal").
- Achei a prova muito difícil. ("Difícil" é um predicativo ou um adjunto adnominal do substantivo "prova"?)
- Achei-a muito difícil. (Observe que o adjetivo "difícil" se manteve, logo é um "predicativo do objeto").
- Todos pegaram na biblioteca o livro recomendado pela professora. ("recomendado" = adjunto adnominal).
- Encontraram o livro rasgado. ("rasgado" = predicativo do objeto)

3.2 ADJUNTO ADVERBIAL

É o termo acessório da oração que, com ou sem preposição, refere-se a um verbo, a um adjetivo ou a um advérbio atribuindo-lhes alguma circunstância. Em sintaxe, o adjunto adverbial é exercido pelos advérbios e pelas locuções adverbiais. Este termo representa o "caso ablativo" do latim.

Observe:

adjunto adverbial adjunto adverbial

- Hoje o Presidente da República irá ao Congresso na parte da tarde para a obtenção de apoio.

adjunto adverbial

adjunto adverbial adjunto adverbial

- Raramente o país investe em educação como os outros países da América do Sul.

adjunto adverbial adjunto adverbial

- Muitos hoje em dia morrem de fome por causa da insensibilidade de alguns.

adjunto adverbial

Por expressarem circunstâncias, os adjuntos adverbiais possuem várias classificações. Destacamos as principais:

a) de lugar ⇨ No país do carnaval, só samba quem tem dinheiro.
b) de tempo ⇨ Muitos direitos foram suspensos no tempo da ditadura brasileira.
c) de concessão ⇨ Apesar das circunstâncias, muitos obtiveram o diploma de bacharel.
d) de assunto ⇨ Eles só falavam sobre a derrota do time.
e) de causa ⇨ Deixou o emprego por moléstia grave. Durante a tempestade, muitas árvores caíram com o vento.
f) de afirmação ⇨ Certamente o presidente da empresa viajará para a Europa.
g) de intensidade ⇨ Falou muito, por isso ficou bastante rouco.
h) de dúvida ⇨ Talvez o time ganhe na próxima partida.
i) de modo ⇨ Deixou às escondidas o local e sorrateiramente entrou no carro que estava aparentemente abandonado.
j) de negação ⇨ De modo algum nós aceitaremos as novas cláusulas. Não compactuaremos desse momento.
k) de matéria ⇨ Construiu a porta de ferro. Fechou todos os buracos com areia e cimento.

l) de meio ⇨ Eles sempre vão de carro à casa dos parentes mais afastados.

m) de finalidade ⇨ Estudam bastante para a obtenção do certificado.

n) de condição ⇨ Não conseguirás viajar sem o passaporte.

o) de companhia ⇨ O Presidente viajará para a Europa com todos os seus ministros.

p) de preço ⇨ Aquela casa custará para nós cem mil dólares.

q) de conformidade ⇨ Eles sempre dançam conforme a música.

⇨ Observação:

Mais uma vez salientamos que esse é apenas um rol exemplificativo. Sem dúvida, há outras circunstâncias que podem ser expressadas pelos advérbios e pelas locuções adverbiais.

⇨ Outras considerações importantes:

a) Não confunda o adjunto adverbial com o agente da passiva quando os termos vierem encabeçados pelas preposições "de, por, pela, pelo, pelas, pelos". Observe:

- Todos estavam oprimidos **pela urgência do caso**. (⇨ Agente da passiva = A urgência do caso oprimia a todos)
- O Ministro estava deixando o caso **por negligência própria**. (⇨ Adjunto adverbial de causa)
- **Por uma denúncia anônima,** ele foi preso. (⇨ Adjunto adverbial de causa)
- Naquele momento, o orador estava sendo ovacionado **por todos os presentes à convenção**. (⇨ Agente da passiva)

b) Observe que o adjunto adverbial tanto pode ser expresso por um advérbio simples como por uma locução adverbial. As locuções

adverbiais são, frequentemente, introduzidas por uma preposição.

- Respeite a eles, pois aqueles homem trabalham **de sol a sol**.
- Todos ficaram **em cima da casa** para observar o fenômeno.

c) Lembre-se de que o adjunto adverbial modifica "verbos, adjetivos ou advérbios" atribuindo a eles circunstâncias diversas, enquanto o adjunto adnominal sempre se refere ao substantivo.

3.3 APOSTO

É o termo acessório cuja função é a de esclarecer, explicar, identificar, especificar, resumir um outro termo. O termo a que o aposto se refere sempre será um substantivo ou termo substantivado, uma vez que a função do aposto é típica do substantivo.

Primeiros exemplos:

- O Amazonas, **maior rio navegável do mundo**, está poluído em algumas áreas.
  aposto
- **Analista de artes e professor de computação**, João Antônio aprecia também bons pratos à japonesa.
  aposto
- Renato Saraiva, **procurador do trabalho da 4.ª Região**, escreveu vários livros sobre Direito Trabalhista.
  aposto

Existem vários tipos de apostos. São eles:

a) Aposto explicativo: é o mais comum. Como o próprio nome já enuncia, explica, esclarece o termo a que se refere. Vem sempre isolado por vírgula(s).

Exemplos:

- Edson Arantes do Nascimento, **o rei Pelé**, consagrou-se como um dos
  aposto explicativo

maiores jogadores de todos os tempos.

- Em Pernambuco, um dos grandes produtores de açúcar do Brasil (aposto explicativo), a violência cresce diariamente.
- João Pedro, ajudante de pedreiro (aposto explicativo), recebeu um bom abono de férias da empresa.

b) Aposto resumitivo ou recapitulativo: é aquele que "resume" uma sequência de termos. Geralmente este tipo de aposto resume substantivos que exercem a função de sujeito. O aposto resumitivo é frequentemente exercido por um pronome indefinido.

Exemplos:

- O mar, os céus, a terra, tudo (aposto resumitivo) apregoa a glória de Deus.
- Dançar, nadar, brincar, nada (aposto resumitivo) lhe interessava.

c) Aposto especificativo: é aquele que se refere a um substantivo de sentido geral particularizando-o, especificando-o, indicando-lhe a espécie à qual pertence. Esse tipo de aposto dispensa a pontuação.

Exemplos:

- O iluminista Thomas Hobbes (aposto especificativo), autor de "Leviatã", morreu em 1679.
- O poeta Carlos Drummond de Andrade (aposto especificativo) foi uma das maiores expressões do Modernismo.

Perceba que a base deste tipo de aposto é a especificação, a delimitação. Observe que, entre tantos poetas, a oração especifica que a informação se refere apenas a Carlos Drummond de Andrade.

- A cidade de Palmares fica a cerca de 120Km da cidade de Recife.
  aposto especificativo — aposto especificativo
- Meu melhor amigo Cláudio é um especialista em eletricidade.
  aposto especificativo
- O mar Mediterrâneo foi alvo de muitas disputas na Antiguidade.
  aposto especificativo
- O colégio Contato fica na rua Dom Bosco.
  aposto especificativo — aposto especificativo

d) Aposto enumerativo: este tipo cria uma enumeração ou indica uma quantidade do termo a que se refere. Este tipo de aposto faz uso frequente dos dois pontos e, mais raramente, da vírgula e do travessão.

Exemplos:

- Para um homem evoluir são necessárias três coisas: uma grande mulher, uma boa família e a presença de Deus.
  aposto enumerativo
- Em sua viagem, Mário conheceu dois grandes expoentes da Literatura mundial: José Saramago e Antonio Candido.
  aposto enumerativo

e) Aposto de oração: é aquele que sintetiza o conteúdo semântico de toda uma oração. Não se deve confundi-lo com o aposto resumitivo. Este resume termos, aquele faz a síntese de toda uma oração ou orações.

Exemplos:

- A niveladora jogou neve para dentro do jardim, fato que o deixou muito irritado.
  aposto de oração
- Muitos sem-terras se aglomeram em frente do Ministério, sinal de uma grande manifestação.
  aposto de oração

- Alguns alunos zombavam do professor, o que irritou profundamente o diretor do colégio.
  aposto de oração
- Os primeiros a chegar sugeriram que o acampamento fosse levantado à esquerda do lago, ideia que muito agradou aos líderes da excursão.
  aposto de oração

⇨ Considerações importantes:

a) Não confunda o aposto especificativo com o adjunto adnominal nem com o complemento nominal. Observe:

- A cidade de São Paulo tornou-se a maior metrópole da América Latina.
  aposto especificativo

> O objetivo do termo é especificar uma cidade entre as várias cidades existentes.

- Os moradores de São Paulo sofrem com os engarrafamentos.
  adjunto adnominal

> Já aqui o termo (formado pela locução adjetiva) indica uma qualidade. "Os moradores paulistas" (ou paulistanos).

- A construção de São Paulo durou vários séculos.
  complemento nominal

> Neste último, o termo indica o ser passivo, recebedor da ação.

- O poeta Drummond foi o autor de vários poemas, dentre os quais se destaca
  aposto especificativo
- Os poemas de Drummond servem de base para muitos poetas de hoje.
  adjunto adnominal

b) Há um tipo especial de termo, colocado em aparente aposição – entre vírgulas, geralmente –, que recebe o nome de "aposto circunstancial". Esta classificação é defendida por estudiosos de peso da nossa língua, como os professores Mário Barreto, José Oiticica e Cláudio Brandão. Em nossa análise, corroborando com o professor Adriano da Gama Kury, em seu livro "Novas lições de análise sintática", preferimos classificar este termo não como aposto circunstancial, mas como "predicativo circunstancial", por causa do caráter essencialmente qualificador deste termo.

- "Os castanheiros, **grandes e concentrados**, ouviam subir a seiva." (Eça de Queiroz, apud Adriano G. Kury)
- "Lembra-se como, **em menino**, me tratava?"
- Meu pai, **quando jovem**, era amantíssimo das letras.

3.4 VOCATIVO

É o termo da oração (não entra em nenhuma classificação, uma vez que nem pertence ao sujeito nem ao predicado) cujo objetivo é interpelar, chamar, invocar alguém de forma mais ou menos enfática.

> **Nota:** Na fala o vocativo é pronunciado com entonação enfática. Na escrita é sempre marcado pela presença de algum sinal de pontuação que o isole dentro da estrutura oracional. Geralmente esse papel de isolar o vocativo é exercido pela vírgula.

- Maria, ó Maria, vem logo, não demores.
  vocativos
- Afasta-te daqui, criatura nojenta!
  vocativo
- Tenha cuidado, meu filho, a vida não é fácil.
  vocativo

⇨ Consideração importante:

Não se esqueça de que a pontuação é fundamental para a identificação do vocativo, além, é claro, do objetivo do termo que é, como já vimos, chamar, interpelar. A ausência, o esquecimento, ou mesmo a retirada proposital da pontuação pode alterar completamente a função sintática do termo. Veja:

- sujeito simples
  Carlos Antônio teve a sua dissertação de mestrado aprovada com louvor pela banca examinadora.
- vocativo sujeito
  Carlos, Antônio teve a sua dissertação de mestrado aprovada com louvor pela banca examinadora.
- sujeito vocativo
  Carlos, Antônio, teve a sua dissertação de mestrado aprovada com louvor pela banca examinadora.

3.5 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (Univ. Fed. de Ouro Preto-MG) Dos termos destacados, **só não é** predicativo do sujeito:

   a) "Os outros fingiam acreditar, **desconfiados**."
   b) "Manarairema esperou **impaciente**."
   c) "... enquanto os homens andavam **ativos**..."
   d) "Se eles são **soberbos**, nós também..."
   e) "Ninguém almoçou **direito**, receando..."

2. (U. Cuiabá-MT)

   "Dois pais conversam sobre o futuro dos filhos:
   *– O que seu filho vai ser quando terminar o primeiro grau? – pergunta **um** deles.*
   *– Pelo jeito, acho que vai ser **um** velho de barbas brancas... –*

responde o outro".

***Um**, analisando-se morfológica e sintaticamente, é, respectivamente:*

a) artigo indefinido e adjunto adnominal / artigo indefinido e adjunto adnominal.
b) pronome adjetivo e objeto direto / artigo indefinido e objeto direto.
c) pronome substantivo indefinido e sujeito / artigo indefinido e adjunto adnominal.
d) pronome adjetivo definido e adjunto adnominal / numeral cardinal e sujeito.
e) pronome adjetivo definido e adjunto adnominal / numeral cardinal e objeto direto.

3. (UM-SP) "Apesar de vistosa, a construção acelerada **daquele edifício** deixou-**nos insatisfeitos** novamente".

Os termos em destaque no período são, respectivamente:

a) adjunto adnominal, objeto indireto, adjunto adverbial.
b) complemento nominal, objeto direto, adjunto adverbial.
c) adjunto adnominal, objeto direto, predicativo do objeto.
d) complemento nominal, objeto direto, predicativo do objeto.
e) adjunto adnominal, objeto indireto, adjunto adnominal.

4. (UFSC) Observe os períodos abaixo e assinale a alternativa em que **lhe** é adjunto adnominal.

a) "... anuncio-lhe: Filho, amanhã vai comigo.
b) O peixe caiu-lhe na rede.
c) Ao traidor, não lhe perdoaremos jamais.
d) Comuniquei-lhe o fato ontem pela manhã.
e) Sim, alguém lhe propôs emprego.

5. (Fuvest-SP) Nos enunciados abaixo, há adjuntos adnominais e

apenas um complemento nominal. Assinale a alternativa que contém o complemento nominal.

a) faturamento das empresas.
b) ciclo de graves crises.
c) energia desta nação.
d) história do mundo.
e) distribuição de poderes e renda.

6. (Fuvest-SP) Assinalar a oração que começa com um adjunto adverbial de tempo.

a) Com certeza havia um erro no papel do branco.
b) No dia seguinte Fabiano voltou à cidade.
c) Na porta, (...) enganchou as rosetas das esporas...
d) Não deviam tratá-lo assim.
e) O que havia era safadeza.

7. (ESPM-SP) "Fogão Continental 2001 Grand Prix II: nossa homenagem **ao bom gosto da mulher brasileira**." As expressões destacadas são, respectivamente:

a) sujeito, complemento nominal.
b) complemento nominal, sujeito.
c) adjunto adnominal, objeto direto.
d) complemento nominal, complemento nominal.
e) complemento nominal, adjunto adnominal.

8. (Faap-SP)

"Sete anos de pastor Jacó servia Labão, pai de Raquel, serrana bela".

*Identifique a análise **errada**.*

a) sete anos – adjunto adverbial.

b) de pastor – adjunto adnominal.
c) Jacó – sujeito.
d) pai de Raquel – aposto de Labão.
e) serrana bela – aposto de Raquel.

9. (PUC-SP) “Só pessoas **sem visão** não admitem que, neste setor, existe **oferta** considerada condizente **com a procura**”.

*Assinale a alternativa em que se apresenta **corretamente** a função sintática dos termos em destaque, respeitando-se a ordem em que elas ocorrem no período.*

a) adjunto adnominal, objeto direto, complemento nominal.
b) adjunto adverbial, objeto direto, adjunto adnominal.
c) adjunto adnominal, sujeito, complemento nominal.
d) adjunto adverbial, sujeito, complemento nominal.
e) adjunto adnominal, objeto direto, adjunto adnominal.

10. (UEL-PR) “Ainda que surgissem poucos **recursos** para o projeto, todos mostravam-se satisfeitos com a boa vontade **do chefe**”.

As palavras em destaque no período exercem, respectivamente, a função sintática de:

a) objeto direto, complemento nominal.
b) sujeito, objeto indireto.
c) objeto direto, adjunto adnominal.
d) objeto direto, objeto indireto.
e) sujeito, adjunto adnominal.

GABARITO

1 – E	2 – C	3 – D
4 – B	5 – E	6 – B

7 – E	8 – B	9 – C
10 – E		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 4

SINTAXE DO PERÍODO COMPOSTO

Partamos para nosso segundo passo dentro de sintaxe. Nos capítulos anteriores, percebemos a interação entre os termos de uma oração e classificamos a função deles. Neste capítulo, continuaremos a estudar as funções sintáticas estabelecidas não mais agora entre os termos simples de uma oração, mas entre as orações. Logo, não se preocupe: o assunto é fácil. Uma orientação, porém, segue: é importante que as noções do que é um sujeito, um objeto direto, um objeto indireto etc. tenham sido bem assimiladas. Afinal, reiterando o já dito, vamos estudar todos esses termos em forma de orações. Boa viagem!

4.1 CONCEITOS ESSENCIAIS

Como já dissemos, o nosso estudo versa sobre o período. Período é a frase que se estrutura em oração ou orações. Daí o período ser classificado em:

a) Período simples ⇨ formado por uma única oração denominada de oração absoluta.

b) Período composto ⇨ formado por mais de uma oração.

Para a sintaxe de período só interessa o período composto, aquele formado por duas ou mais orações. Para a construção desse período composto, dois processos sintáticos são utilizados:

a) A coordenação ⇨ as orações mantêm uma independência sintática umas das outras, ou seja, uma oração não exerce uma função sintática (sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal etc.) para a outra. Há tão somente uma dependência semântica (de sentido) entre as orações do período coordenado.

b) A subordinação ⇨ as orações estão ligadas umas às outras — dependência — não só por um vínculo semântico, mas principalmente por um vínculo sintático, isto é, uma oração vai exercer uma função sintática para a outra. Por isso, uma oração, no período subordinado, só subsistirá se a outra também existir e vice-versa.

É possível também que um período seja formado tanto por orações coordenadas quanto por orações subordinadas. Nesse caso, ele é denominado de *período composto por coordenação e por subordinação, ou período misto* (período complexo).

Primeiros exemplos:

1.ª oração

› O Conselho de Defesa Nacional é órgão de consulta do Presidente da República e atua em casos específicos.

2.ª oração

Período coordenado. Leia: O Conselho de Defesa Nacional é órgão de consulta do Presidente. O Conselho de Defesa Nacional só atua em casos específicos.

1.ª oração

› Quando o Presidente e o Vice-presidente não assumirem o cargo no prazo de dez dias a partir da posse, o cargo será declarado vago.

2.ª oração

Período subordinado. Perceba que uma oração não faz sentido sem a outra e que a primeira indica o tempo para o fato da outra oração.

- Ele disse que amanhã irá ao show se não chover e se não houver aquele engarrafamento que tanto tem infernizado a vida dos paulistanos.

Período misto. Há cinco orações.

No último período acima, observe que há cinco orações: a primeira (*Ele disse*) que é a oração principal; a segunda (*que irá ao show amanhã*), subordinada à primeira; a terceira (*se não chover*) e a quarta (*se não houver aquele engarrafamento*) subordinadas à segunda; e, por fim, a quinta (*que tanto tem infernizado a vida dos paulistanos*), subordinada à quarta. Perceba que entre a terceira e a quarta oração há um processo de coordenação. Por isso, esse período é denominado de período misto.

⇨ Considerações importantes:

a) Para se descobrir quantas orações existem em um período, em geral, basta contar o número de verbos ou de locuções verbais presentes na estrutura. Portanto, ao analisar um período, primeiro destaque os verbos e/ou as locuções verbais.

Observe:

- "Na hipótese de nenhum candidato **alcançar** maioria absoluta na primeira votação, **far-se-á** nova eleição no último domingo de outubro do ano anterior ao término do mandato presidencial vigente, **concorrendo** os dois candidatos mais votados e **considerando**-se eleito, agora em segundo turno, aquele que **obtiver** a maioria dos votos válidos." (CF, art 77, *caput*)

b) Para a construção do período composto, as conjunções, os pronomes relativos, algumas preposições e alguns advérbios possuem papel fundamental. Serão essas classes morfológicas que farão a ligação (funcionarão como uma “ponte”) entre as orações. A esses elementos de união a gramática denomina de “conectores” ou “elementos de conexão” ou ainda “articuladores”.

Observe:

- **Enquanto** exerce funções típicas, o órgão executivo pratica atos de chefia de estado, chefia de governo e atos de administração. **Quando** atua atipicamente, o órgão executivo legisla **uma vez que** pode emitir medidas provisórias.

Após essas noções introdutórias, estudaremos passo a passo, a formação do período composto tanto por coordenação quanto por subordinação.

Para que o nosso estudo obtenha sucesso, é fundamental que o estudante:

⇨ tenha apreendido as funções dos elementos de conexão, principalmente das conjunções. Logo, se ainda restar alguma dúvida ou se não se lembrar direito do assunto, sugiro que estude “conjunção”.

⇨ não procure decorar as conjunções, mas sim apreender-lhes o sentido e, acima de tudo, apreender a relação que a conjunção promove. Observaremos que, muitas vezes, uma mesma conjunção promoverá diversas relações. Portanto, não se desespere! Com o tempo você aprovisionará as diversas relações promovidas pela mesma conjunção.

⇨ não se preocupe demasiadamente com a nomenclatura gramatical: oração subordinada substantiva tal ou qual; oração subordinada adverbial “X”, reduzida de infinitivo. A maioria dos institutos elaboradores de provas para concursos (públicos e vestibulares) já não mais questiona essa classificação — querem saber, sim, a relação promovida pela conjunção, pelo pronome relativo, pelos conectores em geral. Esses nomes rebuscados têm assustado e desestimulado até os mais afeitos à Língua Portuguesa. Mais uma vez, portanto, insisto: procure, a partir de agora,

entender as relações entre as orações, promovidas pelos conectivos. Bom estudo!

4.2 PERÍODO COMPOSTO POR COORDENAÇÃO

4.2.1 ORAÇÕES COORDENADAS

O período coordenado é aquele em que aparecem orações sintaticamente independentes umas das outras. Saliente-se que a independência é sintática, pois no período coordenado sempre existirá uma dependência semântica (= de sentido), de forma que a retirada de uma oração prejudica o sentido do enunciado. Por isso, diz-se que no período coordenado há vínculo semântico, mas não há vínculo sintático.

Como não existe o vínculo sintático, as orações no período coordenado classificam-se pela presença ou não das conjunções coordenadas. Daí elas serem:

4.2.1.1 Assindéticas

Quando não possuem conjunção, conectivo; apresentam-se justapostas.

Observe:

- Todos saíram mais cedo, foram para um barzinho próximo à faculdade.
  oração assindética — oração assindética

- "Raspou, achou, ganhou." *(Slogan publicitário.)*
  orações assindéticas

4.2.1.2 Sindéticas

Quando se ligam às outras pelas conjunções coordenativas. As

conjunções coordenadas são de cinco tipos e podem expressar as relações de “adição, alternância ou disjunção, oposição adversativa, conclusão e explicação”.

4.2.1.2.1 Coordenadas aditivas

São aquelas que exprimem adição, soma de pensamentos, acréscimo de ideias, simultaneidade de ações.

> As principais conjunções aditivas são: e, nem, mas também, mas ainda, senão também, bem como, como também, que (= e).

- Muitos deixaram o local consternados **e** foram para a delegacia.
- Os pensamentos não só fazem bem à alma, **mas também** possibilitam a ajuda ao próximo.
- O conferencista discursou sobre a poluição mundial, **como também** falou sobre os efeitos do lixo industrial.
- Não fez o exame hoje **nem** foi ao curso de inglês.
- Estuda **que** estuda, e não consegue aprovação no concurso.

⇨ **Observação:**

Nem sempre a conjunção “e” funcionará como aditiva. Nas construções abaixo, ela aparece como coordenada adversativa. Perceba:

- Estudou tudo, **e** não passou no exame. (e = mas)
- Trabalhou muito, **e** não obteve sucesso. (e = mas)

4.2.1.2.2 Coordenadas adversativas

São aquelas que promovem oposição, ressalva, contraste. A ideia

contida na oração adversativa se contrapõe à da oração assindética.

> As principais conjunções adversativas são: mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, ao passo que, senão (= do contrário, mas sim, porém), antes (= mas, pelo contrário).

- Aprecia frutos do mar, **mas** não gosta de lagosta.
- Não foi ao shopping, **antes** preferiu o velho futebol do sábado à tarde.
- Eu sou pobre, **ao passo que** ele é muito rico.
- Ele gosta muito da praia, **entretanto** não aprecia muito os vendedores ambulantes.
- Não obteve a aprovação desejada, **senão** vaias de todos os lados.

⇨ **Observações:**

a) A oração adversativa equivale à oração subordinada concessiva, uma vez que ambas promovem as relações de oposição. Observe:

- Ele não bebe, mas fuma muito. ⇨ Embora fume muito, ele não bebe.

b) A conjunção coordenada adversativa pode aparecer deslocada dentro da oração sindética. Quando isso acontece, o emprego da vírgula se torna obrigatório para isolar a conjunção. Veja:

- Sempre apreciou vinhos do porto, **mas** os bebe moderadamente.
- Sempre apreciou vinhos do porto; bebe-os, **porém**, moderadamente. (Conjunção deslocada)
- Sempre apreciou vinhos do porto; bebe-os moderadamente, **contudo**. (Conjunção deslocada)

c) Algumas bancas elaboradoras de provas têm explorado as palavras "entretanto" e "no entanto" não como conjunções adversativas, mas como advérbios de tempo, com o sentido de "entrementes, neste ínterim, nesse momento". Observe os exemplos abaixo:

- Todos velavam o corpo na na sala. **Entretanto**, João, o viúvo, conversava longamente no jardim com uma comadre.

  nesse ínterim, nesse meio-tempo

  Este advérbio de tempo equivale a "entrementes".

- A música da orquestra penetrou na sala. **No entanto**, todos olhavam de um lado para o outro querendo saber de onde vinha aquela melodia.

  nesse tempo, nesse momento

- O jogador fora para o Japão a fim de disputar um campeonato. **Entretanto**, nasceu sua filha, bela e de olhos verdes.

  nesse tempo, nesse meio-tempo

4.2.1.2.3 Coordenadas alternativas

São aquelas que expressam uma alternância, uma disjunção.

As principais conjunções alternativas são: ou, ou... ou, ora... ora, quer... quer, seja... seja, já... já, talvez... talvez.

- **Ora** o rapaz levantava um braço, **ora** coçava a cabeça, **ora** se espremia na cadeira.
- Responda todo o capítulo do livro **ou** não sairá no intervalo.
- **Quer** ele falasse, **quer** ele ficasse calado, todos o recriminavam.

4.2.1.2.4 Coordenadas conclusivas

São aquelas que exprimem uma conclusão, uma dedução lógica da

ideia contida na oração precedente.

> As principais conjunções conclusivas são: logo, pois (posposto ao verbo), portanto, por isso, por conseguinte.

- Ele estuda bastante, **logo** será aprovado em breve.
- A testemunha foi intimada, **por conseguinte** deveria comparecer.
- A empresa não enviou a proposta, **portanto** está fora da licitação.

4.2.1.2.5 Coordenadas explicativas

São aquelas que justificam a informação da oração precedente; fornecem, portanto, uma explicação, um motivo.

> As principais conjunções explicativas são: que, porque, pois (anteposto ao verbo), porquanto.

- Não corra, **que** você pode cair.
- Saia da sala agora, **porque** não aceito malcriações.
- Não desanime, **pois** o ânimo é a alma do negócio.

⇨ **Observação:**

Não se esqueça de que após orações imperativas (aquelas que dão "ordem" ou fazem um "pedido"), a estrutura que se segue é geralmente explicativa. Veja:

- Não deixe os estudos, **porque** a vida não está fácil.
  oração coordenada explicativa

4.2.2 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

Orações Coordenadas

1. Teimou em contratar os serviços de uma empresa, se bem que não houvesse necessidade.

   Comece com: Não havia necessidade...

   a) porém
   b) ainda que
   c) visto que
   d) portanto
   e) porque

2. (UCDB-MT) “Podemos falar qualquer coisa: estou absolutamente calmo”.

   Os dois-pontos do período acima poderiam ser substituídos pela conjunção:

   a) e.
   b) portanto.
   c) logo.
   d) pois.
   e) mas.

   (FCC-PR) As questões de 3 a 8 apresentam um período que você deverá modificar, iniciando-o conforme se sugere, **mas sem alterar a ideia contida no primeiro**. Em consequência, outras partes da frase sofrerão alterações. Assinale a alternativa que contém o elemento adequado ao novo período.

   Exemplo:

   Abraçou-me com tal ímpeto, que não pude evitá-lo.

   Comece com: Não pude evitá-lo...

a) assim
b) quando
c) à medida que
d) então
e) porque

Neste caso, a resposta correta é E, pois a frase transformada seria: Não pude evitá-lo, porque abraçou-me com grande ímpeto.

3. Espere até tarde, que ele aparecerá.
Comece com: Ele aparecerá...

a) assim que
b) quando
c) para que
d) enquanto
e) portanto

4. Não se preocupe, que breve estarei de volta.
Comece com: Breve estarei...

a) para que
b) logo que
c) porém
d) logo
e) senão

5. Dada a falta de meios, recorreu à caridade.
Comece com: Faltavam-lhe os meios...

a) mas
b) nem

c) quando
d) portanto
e) visto que

6. Não posso atendê-lo, porque não é lícito o que requereu.
Comece com: Requereu o que não é lícito...

a) depois
b) porém
c) em que
d) visto que
e) portanto

7. Como todos tivessem terminado o trabalho, permiti-lhes que saíssem mais cedo.
Comece com: Todos já tinham terminado o trabalho...

a) visto que
b) porque
c) contudo
d) logo
e) a fim de que

8. Insiste em sair sozinho, conquanto mal conheça a cidade.
Comece com: Mal conhece a cidade...

a) por isso
b) então
c) no entanto
d) logo
e) em consequência

9. (PUC-RS) “Todos os dias esvaziava uma garrafa, colocava dentro sua mensagem, e a entregava ao mar. Nunca recebeu resposta. Mas tornou-se alcoólatra”. (Marina Colasanti)

*O conectivo **mas**, que introduz a conclusão do conto – **tornou-se alcoólatra** –, permite a seguinte interpretação:*

I. A personagem tornou-se alcoólatra porque nunca recebeu uma resposta.
II. O fato aconteceu porque a personagem escreveu muitas mensagens.
III. A solidão sem remédio tem sempre como consequência o vício.
IV. Esvaziou muitas garrafas. Enviou muitas mensagens. Não recebeu resposta. Mas, como tinha bebido todos os dias, tornou-se alcoólatra.

*Analise as afirmações e, a seguir, assinale a alternativa **correta**.*

a) Somente a afirmação IV está correta.
b) Somente a afirmação I está correta.
c) Somente as afirmações I e II estão corretas.
d) Somente a afirmação III está correta.
e) Somente as afirmações II e III estão corretas.

10. (PUC-SP) “Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da caatinga rala”. (Graciliano Ramos, Vidas secas)

*É **correto** dizer que:*

a) a primeira e a segunda orações são coordenadas assindéticas.
b) a primeira oração é coordenada assindética e a segunda é adversativa.
c) há sete orações coordenadas no período.
d) há seis orações coordenadas e duas subordinadas.

e) n.d.a.

4.3 PERÍODO COMPOSTO POR SUBORDINAÇÃO

4.3.1 NOÇÕES INTRODUTÓRIAS

Antes de mais nada, é fundamental lembrar que no período composto por coordenação as orações se classificam em assindéticas (sem conectivo) e sindéticas (com conectivo). Já no período composto por subordinação as orações se classificam em:

a) Oração principal ⇨ é aquela que rege a oração subordinada. Não é principal porque contém algo a mais do que a subordinada, mas sim porque possui uma outra oração a qual exercerá uma função sintática em relação àquela.

b) Oração subordinada ⇨ é a oração que exercerá uma função sintática (sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto, predicativo, agente da passiva, adjunto adnominal ou adjunto adverbial) para uma outra oração a qual lhe servirá como oração principal.

Observe:

› Ele pediu que ninguém se atrasasse.
Or. principal — Or. subordinada

› A lei foi promulgada quando o sol já ia se pôr.
Or. principal — Or. subordinada

› Vi muitos alunos que estudavam no pátio do colégio.
Or. principal — Or. subordinada

As orações subordinadas podem exercer funções típicas do substantivo, do adjetivo e do advérbio. Daí serem classificadas em:

a) Subordinadas substantivas ⇨ exercem as funções típicas de um substantivo que são: sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto, predicativo e agente da passiva.

) Subordinadas adjetivas ⇨ exercem uma função típica do adjetivo, qual seja, “adjunto adnominal”.

) Subordinadas adverbiais ⇨ exercem a função típica do advérbio: adjunto adverbial.

4.3.2 ORAÇÕES SUBSTANTIVAS

Antes de entrarmos propriamente no assunto, observe os exemplos abaixo:

- Não convém o retorno dele amanhã. (sujeito) ➡ Não convém que ele retorne amanhã. (sujeito)
- Todos eram favoráveis ao retorno dele amanhã. (complemento nominal) ➡ Todos eram favoráveis a que ele retornasse amanhã. (complemento nominal)
- Todos desejam uma coisa: o retorno dele amanhã. (aposto) ➡ Todos desejam uma coisa: que ele retorne amanhã. (aposto)
- O mais importante era o retorno dele amanhã. (predicativo) ➡ O mais importante era que ele retornasse amanhã. (predicativo)
- Todos querem o retorno dele amanhã. (objeto direto) ➡ Todos querem que ele retorne amanhã. (objeto direto)
- Todos precisam do retorno dele amanhã. (objeto indireto) ➡ Todos precisam de que ele retorne amanhã. (objeto indireto)

Creio que tenha percebido que os termos destacados na coluna da direita são representados na esquerda por orações. Logo, o “sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto, predicativo e agente da passiva” podem aparecer tanto como termos simples como em forma de orações. As orações que exercem tais funções são denominadas de “orações subordinadas substantivas”.

Recapitulando: Elas são subordinadas porque dependem sintaticamente uma da outra, já que uma exercerá uma função sintática para a outra. São denominadas de substantivas porque exercem funções típicas do substantivo, quais sejam: sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto, predicativo e agente da passiva.

⇨ Observação importante:

As orações subordinadas substantivas são geralmente introduzidas pelas conjunções integrantes “**QUE**” ou “**SE**”. No entanto, outros conectores podem aparecer com uma função integrante. Passemos agora a estudar detalhadamente uma por uma.

4.3.2.1 Substantivas subjetivas

São aquelas que exercem a função sintática de sujeito para a oração principal. Nesse caso, o verbo da oração principal deverá estar na 3.ª pessoa do singular, uma vez que todas as orações subordinadas substantivas subjetivas não passam de sujeitos oracionais. Veja os exemplos:

- Cumpre que todos façam a sua parte.
  subjetiva
- Anunciou-se que o novo pacote do governo entrará em vigor amanhã.
  subjetiva
- "Quem com porcos se mistura farelo come". (Dito popular)
  subjetiva
- Não se sabe como ele conseguiu a vitória.
  subjetiva
- Parece que a situação vai piorar.
  subjetiva
- Foi constatado que a testemunha era falsa.
  subjetiva

⇨ **Considerações importantes:**

a) Perceba que, quando a oração subordinada é substantiva subjetiva, na oração principal não há sujeito, pois o sujeito da oração principal é a outra (oração subjetiva).

b) Observe que, quando a oração subordinada substantiva for subjetiva, a oração principal apresentará um dos seguintes casos:

– verbo na 3.ª pessoa do singular, na voz ativa, sem menção a sujeito;
– voz passiva sintética (VTD/VTDI + SE)
– voz passiva analítica (locução verbal — v. auxiliar + v. principal no particípio)

4.3.2.2 Substantivas objetivas diretas

São aquelas orações que exercem a função de objeto direto para um verbo transitivo direto ou transitivo direto e indireto que se encontra na oração principal.

VTD objetiva direta

- O governo **anunciou** que as novas medidas só entrarão em vigor no mês de março.

- Que a violência no Brasil possui uma causa social, todos já **sabem**.
  objetiva direta VTD

- A Defesa Civil **desconhece** quantos são os desabrigados.
  VTD objetiva direta

- Nunca **diga**: desta água não beberei.
  VTD objetiva direta

VTDI

- Os diretores **informaram** aos funcionários que a nova escala de trabalho valerá a partir de amanhã.
  objetiva direta

4.3.2.3 Substantivas objetivas indiretas

São as orações que exercerão a função sintática de objeto indireto para um verbo transitivo indireto ou transitivo direto e indireto que se encontra na oração principal. As orações objetivas indiretas são sempre introduzidas por uma preposição.

- Nada **obsta** a que você estude mais esta noite.
  VTI objetiva indireta

- Nunca **se esqueça** de que a vida não é fácil.
  VTI objetiva indireta

- Tudo **depende** de que o avião saia na hora certa.
  VTI objetiva indireta

- **Avisei**-o de que a nova diretoria assumirá na próxima semana.
  VTDI objetiva indireta

⇨ **Observação:**

Saliente-se, mais uma vez, que as orações objetivas indiretas são introduzidas por uma preposição requerida pela regência de um verbo transitivo indireto ou transitivo direto e indireto. Observe abaixo como se dá esse uso da preposição:

SE DIZEMOS...	DEVEMOS DIZER...
Não dou importância **à** tua intervenção.	Não dou importância **a** que tu intervenhas.
Precisamos **de** sua ajuda.	Precisamos **de** que você ajude.
O diretor se opôs **à** participação dos funcionários.	O diretor se opôs **a** que os funcionários participassem.
Queixou-se **da** ausência dos amigos.	Queixou-se **de** que os amigos estão ausentes.
Insistiu **em** nossa participação no evento.	Insistiu em que nós participássemos do evento.

4.3.2.4 Substantivas completivas nominais

São aquelas que exercem a função de complemento nominal para um nome que se encontra na oração principal. Observe atentamente os exemplos abaixo:

- Ele tem sempre a **impressão** de que vozes do outro mundo o chamam.
  nome — completiva nominal
- Os sem-terras desrespeitaram a **recomendação** de que não invadissem aquela parte da fazenda.
  nome — completiva nominal
- O rapaz mostrava-se profundamente **ansioso** por que sua noiva voltasse.
  nome — completiva nominal
- O Presidente se apresentou bastante **convencido** de que o novo pacote econômico dará certo.
  nome — completiva nominal

⇨ **Observações importantes:**

a) O complemento nominal é um termo integrante da oração que obrigatoriamente vem regido por uma preposição. Da mesma forma acontece com a oração completiva nominal. Não raro, entretanto, encontram-se em bons escritores exemplos de complementos nominais oracionais com a preposição oculta. Daí se aceitarem como corretas as seguintes construções:

- Mostrava-se desejoso **de** que ele voltasse amanhã. /ou/ ▸ Mostrava-se desejoso que ele voltasse amanhã.
- O jogador estava certo **de** que ficaria no banco de reservas. /ou/ ▸ O jogador estava certo que ficaria no banco de reservas.
- O orador não tinha dúvidas **de** que o próximo seria ele. /ou/ ▸ O orador não tinha dúvidas que o próximo seria ele.
- "Estou ansioso que ele chegue e que nos ouça." (Camilo Castelo Branco)
- "Não é preciso dizer que também eu ficara em brasas, ansioso que a aula acabasse." (Machado de Assis)
- "Estou certo, disse ele, piscando-me o olho, que dentro de um ano a vocação eclesiástica do nosso Bentinho se manifesta clara e decisiva." (Machado de Assis)
- "Apenas ela dobrava a esquina o conciliábulo juntava-se logo a cochichar. Tinham a certeza que se ia encontrar com o peralta." (Eça de Queiroz)

b) É importante não confundir as orações completivas nominais com as objetivas indiretas. Para evitar tal equívoco, consulte a diferença entre o objeto indireto e o complemento nominal.

4.3.2.5 Substantivas predicativas

São as orações que exercem a função de predicativo para a oração principal. Convém notar que na oração principal sempre aparecerá um verbo de ligação — geralmente o verbo "SER" — quando a oração

subordinada for classificada como predicativa.

- O fundamental **é** que ele não desfaleça em sua fé.
  VL — predicativa
- Quem menos fala **é**, muitas vezes, quem menos sabe.
  VL — predicativa
- Minha maior esperança **era** que o dinheiro fosse imediatamente liberado.
  VL — predicativa
- O certo **seria** que a lei fosse para todos.
  VL — predicativa

4.3.2.6 Substantivas apositivas

Exercem a função de aposto para um substantivo ou termo substantivado presente na oração principal. Geralmente a oração apositiva aparece depois de dois pontos ou, mais raramente, de vírgula.

- O pai, preocupado, disse-lhe **isto**: estude bastante para suas provas, meu filho.
  apositiva
- Diga-me agora uma **coisa**, este livro é para concursos públicos?
  apositiva
- Uma única **indagação** ficou em discussão: que faria agora ele sem o emprego?
  apositiva

⇨ Observação importante:

Não é o fato de conter os dois pontos ou qualquer outro sinal de pontuação que a oração será apositiva. É imprescindível que, primeiro, antes da classificação, perceba-se se a oração efetivamente possui a função de aposto. Observe:

voz passiva analítica

- Na porta da sala **foi escrito** em letras garrafais: "O Senhor é o meu Pastor e nada me faltará."
  subordinada substantiva subjetiva

voz passiva sintética

- Na porta da sala **se escreveu** em letras garrafais: "O Senhor é o meu Pastor e nada me faltará."
  subordinada substantiva subjetiva

VTD

- Na porta da sala, um painel **avisava** em letras garrafais: "O Senhor é o meu Pastor e nada me faltará."
  subordinada substantiva objetiva direta

substantivo

- Na porta da sala, havia um **aviso** em letras garrafais: "O Senhor é o meu Pastor e nada me faltará."
  subordinada substantiva apositiva

4.3.2.7 Substantivas agente da passiva

São as orações que exercem a função sintática de agente da passiva. São, assim como o agente da passiva o é, introduzidas por uma das preposições "de, por, pelo, pela, pelos, pelas." Esse tipo de oração não é reconhecido pela NGB — Nomenclatura Gramatical Brasileira.

- Um dia todos nós seremos julgados por quem nos criou.
  oração agente da passiva
- Este prédio foi construído por quem entende de construção.
  oração agente da passiva

4.3.3 EMPREGO DA CONJUNÇÃO INTEGRANTE NA SEGUNDA ORAÇÃO SUBSTANTIVA COORDENADA

Quando a uma proposição subordinada substantiva, que começa pela conjunção integrante "que", une-se outra proposição subordinada por meio da conjunção coordenativa aditiva "e" ou da conjunção alternativa "ou", pode-se repetir ou não a conjunção integrante. A repetição confere maior clareza ao enunciado, pois evita que se tome a segunda oração

como uma oração principal. Por isso, nos grandes escritores, não raro se encontram exemplos em que há a repetição da conjunção integrante.

Suponha que se queira construir um período composto por subordinação a partir do período simples a seguir:

- Pedi ao governo
  - a diminuição dos juros.
  - o aumento do acesso ao crédito.

Teremos então duas possibilidades...

- Pedi ao governo
  - que diminuísse os juros.
  - E
  - que aumentasse o acesso ao crédito.

Ou então...

- Pedi ao governo
  - que diminuísse os juros.
  - E
  - aumentasse o acesso ao crédito. (elipse da conjunção na segunda oração)

Outros exemplos:

- Rogo-te **que** desças ao porto, e lhes saias ao encontro, e os recebas humanamente em tua casa." (Pe. Manuel Bernardes)
- "Quero **que** vejas, **que** ouças, e **que** me digas tudo quanto ele fizer." (Rebêlo da Silva *apud* Mário Barreto)
- "Disseram-lhe **que** estava em Paris e **que** a família se retirara a uma quinta das margens do Minho." (Camilo C. Branco)
- "Um dia em que ele, como sempre, cheio de solicitude, perguntava pelo 'seu doente' disseram-lhe **que** José estava livre de maior perigo e **que** o restabelecimento seria completo com a viagem à Europa." (Aluísio

Azevedo)

- “Pareceu-lhe **que** era bastante a sua piedade e ela ia de algum modo dar lenitivo ao sofrimento do padrinho.” (Lima Barreto)
- “Era necessário, Sr. Presidente, **que** se estabelecesse a discussão sobre a matéria principal, e **que** os nobres deputados nos dissessem quais são as suas ideias.” (Rui Barbosa)

4.3.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

Orações Subordinadas Substantivas

1. (PUC-SP) “Pode-**se** dizer **que a tarefa crítica é puramente formal**”.

   No texto acima, temos uma oração destacada que é ... e um se que é ... .

   a) substantiva objetiva direta – partícula apassivadora.
   b) substantiva predicativa – índice de indeterminação do sujeito.
   c) relativa – pronome reflexivo.
   d) substantiva subjetiva – partícula apassivadora.
   e) adverbial consecutiva – índice de indeterminação do sujeito.

2. (FCE-SP) “Os homens sempre se esquecem **de que somos todos mortais**”. A oração destacada é:

   a) substantiva completiva nominal.
   b) substantiva objetiva indireta.
   c) substantiva predicativa.
   d) substantiva objetiva direta.
   e) substantiva subjetiva.

3. (UCMG) Há oração subordinada substantiva apositiva em:

a) Na rua perguntou-lhe em tom misterioso: onde poderemos falar à vontade?
b) Ninguém reparou em Olívia: todos andavam como pasmados.
c) As estrelas que vemos parecem grandes olhos curiosos.
d) Em verdade, eu tinha fama e era valsista emérito: não admira que ela me preferisse.
e) Sempre desejava a mesma coisa: que a sua presença fosse notada.

4. (Cefet-MG) "Já era noite. Parecia viável **que todos entendessem** que, naquele momento, deviam-se lembrar **de que nada é eternamente assim**. Mas nada acontecia. A verdade é **que todos estavam extasiados** e certos **de que não há prazeres no mundo**".

As orações destacadas são, respectivamente, subordinadas substantivas:

a) subjetiva, subjetiva, subjetiva e completiva nominal.
b) subjetiva, objetiva direta, subjetiva e completiva nominal.
c) objetiva direta, subjetiva, predicativa e objetiva indireta.
d) subjetiva, objetiva indireta, predicativa e completiva nominal.
e) objetiva direta, objetiva indireta, predicativa e objetiva indireta.

5. (FIT-SP) No período "Todos tinham certeza **de que seriam aprovados**", a oração destacada é:

a) substantiva objetiva indireta.
b) substantiva completiva nominal.
c) substantiva apositiva.
d) substantiva subjetiva.
e) n.d.a.

6. (Faap-SP)

"Ouvindo-te dizer: Eu te amo, creio, no momento, que sou amado. No

momento anterior e no seguinte como sabê-**lo**."

*O pronome **o** está no lugar da oração:*

a) ouvindo-te.
b) dizer.
c) eu te amo.
d) que sou amado.
e) como saber.

7. (F. Objetivo-SP) No período: "É necessário **que todos se esforcem**", a oração destacada é:

a) substantiva objetiva direta.
b) substantiva objetiva indireta.
c) substantiva completiva nominal.
d) substantiva subjetiva.
e) substantiva predicativa.

8. (UFAC) No período: "Enfim resolveu o Leão sair para fazer sua pesquisa, verificar **se ainda era o Rei dos Animais**", a oração em destaque é:

a) subordinada adverbial condicional.
b) subordinada substantiva objetiva indireta.
c) subordinada adverbial concessiva.
d) subordinada substantiva objetiva direta.
e) subordinada substantiva predicativa.

9. (FEI-SP) Assinale a alternativa em que a oração destacada é uma subordinada completiva nominal.

a) Este é o relatório **de que lhe falei ontem**.
b) Lembraram-se **de que a reunião fora adiada**.
c) Insisto **em que partas logo**.

d) Espalhou-se a notícia **de que ele chegou**.

10. (PUCC-SP) A alternativa em que se encontra uma oração subordinada substantiva objetiva direta iniciada com a conjunção **se** é:

a) Só obteremos a aprovação se tivermos encaminhado corretamente os papéis.
b) Haverá racionamento de águas em todo o país, se persistir a seca.
c) Falava como se fosse especialista no assunto.
d) Se um deles entrasse, todos exigiriam entrar também.
e) Queria saber dos irmãos se alguém tinha alguma coisa contra o rapaz.

11. (UFPA) Qual o período em que há oração subordinada substantiva predicativa?

a) Meu desejo é que você passe nos exames vestibulares.
b) Sou favorável a que o aprovem.
c) Desejo-te isto: que sejas feliz.
d) O aluno que estuda consegue superar as dificuldades do vestibular.
e) Lembre-se de que tudo passa neste mundo.

12. (PUC-SP) Nos trechos "... não é impossível **que** a notícia da morte me deixasse alguma tranqüilidade, alívio, e um ou dois minutos de prazer" e "Digo-vos **que** as lágrimas eram verdadeiras", a palavra **que** está introduzindo, respectivamente, orações:

a) subordinada substantiva subjetiva, subordinada substantiva objetiva direta.
b) subordinada substantiva objetiva direta, subordinada substantiva objetiva direta.

c) subordinada substantiva subjetiva, subordinada substantiva subjetiva.
d) subordinada substantiva completiva nominal, subordinada adjetiva explicativa.
e) subordinada adjetiva explicativa, subordinada substantiva predicativa.

13. (UFV-MG) As orações subordinadas substantivas que aparecem no período abaixo são todas subjetivas, **exceto**:

a) Decidiu-se que o petróleo subiria de preço.
b) É muito bom que o homem, vez por outra, reflita sobre sua vida.
c) Ignoras quanto custou meu relógio.
d) Perguntou-se ao diretor quando seríamos recebidos.
e) Convinha-nos que você estivesse presente à reunião.

14. (UFU-MG) Na frase "argumentei **que não é justo que o padeiro ganhe festas**", as orações destacadas, introduzidas por **que**, são, respectivamente:

a) ambas subordinadas substantivas objetivas diretas.
b) ambas subordinadas subjetivas.
c) subordinada substantiva objetiva direta e subordinada substantiva subjetiva.
d) subordinada objetiva direta e coordenada assindética.
e) subordinada substantiva objetiva direta e subordinada substantiva predicativa.

15. (PUCC-SP) Assinale a alternativa cuja oração subordinada é substantiva predicativa.

a) Espero que venhas hoje.
b) O aluno que trabalha é bom.
c) Meu desejo é que te formes logo.

d) És tão inteligente como teu pai.
e) n.d.a.

16. (UFMG) Na frase: “Maria do Carmo tinha a certeza **de que estava para ser mãe**”, a oração em destaque é:

a) subordinada substantiva objetiva indireta.
b) subordinada substantiva completiva nominal.
c) subordinada substantiva predicativa.
d) coordenada sindética conclusiva.
e) coordenada sindética explicativa.

17. (FCMSC-SP) A palavra **se** é conjunção subordinada integrante (por introduzir oração subordinada substantiva objetiva direta) em qual das orações seguintes?

a) em qual das orações seguintes?
a) Ele se morria de ciúmes pelo patrão.
b) A Federação arroga-se o direito de cancelar o jogo.
c) O aluno fez-se passar por doutor.
d) Precisa-se de pedreiros.
e) Não sei se o vinho está bom.

18. (Fesp-SP) “Lembro-me **de que ele só usava camisas brancas**”. A oração em destaque é:

a) substantiva completiva nominal.
b) substantiva objetiva indireta.
c) substantiva predicativa.
d) substantiva subjetiva.
e) n.d.a.

19. (F. Objetivo-SP) “A verdade é **que a gente não sabia nada**...”

Classifica-se a segunda oração como:

a) subordinada substantiva objetiva direta.
b) subordinada adverbial conformativa.
c) subordinada substantiva objetiva indireta.
d) subordinada substantiva predicativa.
e) subordinada substantiva apositiva.

20. (UFSCar-SP) Marque a opção que contém oração subordinada substantiva completiva nominal.

a) "Tanto eu como Pascoal tínhamos medo de que o patrão topasse Pedro Barqueiro nas ruas da cidade".
b) "Era preciso que ninguém desconfiasse do nosso conluio para prendermos o Pedro Barqueiro".
c) "Para encurtar a história, patrãozinho, achamos Pedro Barqueiro no rancho, que só tinha três divisões: a sala, o quarto dele e a cozinha".
d) "Quando chegamos, Pedro estava no terreiro debulhando milho, que havia colhido em sua rocinha, ali perto".
e) "Pascoal me fez um sinalzinho, eu dei a volta e entrei pela porta do fundo para agarrar o Barqueiro pelas costas".

Continuemos nossa jornada dentro do período composto. Já estudamos as orações coordenadas e as subordinadas substantivas. Espero que a esta altura já saiba discernir entre um período composto por coordenação e um composto por subordinação. É fundamental também ter percebido que as funções sintáticas como o sujeito, o objeto direto, o objeto indireto etc. podem ser expressadas por meio de orações denominadas substantivas. A partir de agora, veremos o adjunto adnominal e o adjunto adverbial em forma de orações. Bons estudos!

4.3.5 ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS

As orações subordinadas adjetivas são aquelas que possuem o valor de um adjetivo; exercem a função sintática de adjunto adnominal de um substantivo ou pronome antecedente.

A principal característica das orações adjetivas é que são introduzidas por um pronome relativo (que, quem, onde, o qual, a qual, os quais, as quais, cujo, cuja, cujos, cujas, quanto, quanta, quantos e quantas). Por isso, as orações adjetivas são também denominadas de "orações relativas".

4.3.5.1 Emprego e funções sintáticas dos pronomes relativos

Antes de estudarmos as orações adjetivas, convém analisar e conhecer melhor os ditos pronomes relativos. Frequentemente estes pronomes têm sido usados para a construção de inúmeras questões as quais, não raro, embaraçam os candidatos. Neste momento, é importante que o estudante apreenda o emprego de cada um deles bem como a função sintática exercida na oração. Vamos lá!

1. Que ⇨É denominado de "relativo universal", porque se refere tanto a coisas quanto a pessoas. Seus equivalentes variáveis são "a qual, o qual, as quais, os quais". O relativo "que" só deve ser substituído por outro relativo em casos específicos. Pode desempenhar as seguintes funções sintáticas:

a) Sujeito:

› Na árvore havia dois papa-capins **que** cantavam melodiosamente.
papa-capins cantavam melodiosamente

› O país **que** não investe em educação está fadado à miséria social.
o país não investe em educação

b) Objeto direto:

- Os dois livros **que** aqueles alunos compraram vão ser usados por toda a turma.
  aqueles alunos compraram os dois livros

  o pai deu ao filho mais novo as poesias
- As poesias, **que** ao filho mais novo o pai deu, pertenciam a um grande poeta popular.

c) Objeto indireto:

- Os livros **de que** os alunos precisam já estão à disposição deles na biblioteca.
  os alunos precisam dos livros.
- As ideias **a que** o professor se referiu foram condenadas pela arquidiocese.
  o professor se referiu às ideias

d) Complemento nominal:

- Os insetos **de que** a mulher tinha mais medo eram as baratas.
  a mulher tinha mais medo dos insetos
- A luz acesa era para ele um ritual **por que** mantinha um profundo respeito.
  ele mantinha um profundo respeito pelo ritual

e) Predicativo do sujeito:

- O grande aluno **que** um dia eu fui já não mais existe.
  um dia eu fui um grande aluno
- O cantor **que** ele era deixou saudades.
  ele era cantor

f) Agente da passiva:

- O amigo **por que** ele foi traído viajou para a Europa.
  ele foi traído pelo amigo

  Mariazinha havia sido dominada pelo olhar
- O olhar **por que** Mariazinha havia sido dominada a abandonou no meio do romance.

g) Adjunto adverbial:

- A cidade **em que** nasci fica perto de Recife.
  eu nasci na cidade

- O departamento **a que** ele se dirigiu fica no oitavo andar.
  ele se dirigiu ao departamento

2. Quem ⇨ É denominado de “relativo personativo”, pois só se refere a pessoas. Sempre virá precedido de uma preposição.

- O homem **a quem** ela se referiu tornou-se o delegado da cidade. (a quem = objeto indireto)
  ela se referiu ao homem

- O diretor financeiro **com quem** nós mantínhamos mais contato era o Sr. Rodrigo. (com quem = complemento nominal)
  nós mantínhamos mais contato com o diretor financeiro

3. Onde ⇨ É denominado de “relativo locativo”, pois só é utilizado para retomar e substituir termos que contenham a noção de “lugar”. Equivale a “em que” e variações (na qual, no qual, nas quais, nos quais).

- O templo **onde** se prega mais o cristianismo fica em Roma. (onde = adjunto adverbial de lugar)
  prega-se mais o cristianismo no templo.

- A cidade **onde** eu nasci fica a 123 Km de Recife. (onde = adjunto adverbial de lugar)
  eu nasci na cidade.

4. O qual, a qual, os quais, as quais ⇨ São os relativos que possuem as variações em gênero e número correspondentes ao pronome relativo “que”. Esses relativos devem obrigatoriamente substituir o “que” quando este provocar ambiguidade, for precedido por uma preposição com mais de uma sílaba ou for eufonicamente melhor.

- Assisti à cena final daquele filme **que** me deixou bastante emocionado. (Frase ambígua — Quem o emocionou foi a cena ou o filme?)

a cena me deixou bastante emocionado.

- Assisti à cena final daquele filme **a qual** me deixou bastante emocionado. (a qual = sujeito)

corriam águas extremamente poluídas sobre a ponte

- A ponte **sobre a qual** corriam águas extremamente poluídas era pênsil. (sobre a qual = adjunto adverbial de lugar)

a maioria do colegiado votou contra a proposta

- A proposta **contra a qual** a maioria do colegiado votou vai ser objeto de nova apreciação. (contra a qual = objeto indireto)

5. Cujo, cuja, cujos, cujas ⇨ São relativos utilizados para substituir termos que expressam noção de posse. Equivalem a "do qual, da qual, dos quais, das quais, seu, sua, seus, suas, dele, dela, deles, delas". Eles retomam um termo antecedente, mas concordam em gênero e número com o substantivo consequente (ou posposto). Não admitem a posposição de artigo e sempre exercem a função sintática de adjunto adnominal.

os princípios do homem (ou "os seus princípios) não são sólidos

- O homem **cujos** princípios não são sólidos está mais sujeito às intempéries da vida. (cujos = adjunto adnominal)

eu já não mais me lembro dos nomes dos filmes

- Alguns filmes **de cujos** nomes já não mais me lembro imortalizaram muitos artistas. (cujos = adjunto adnominal)

alguns trabalhadores descansavam sob a sombra da árvore

- A árvore **sob cuja sombra** alguns trabalhadores descansavam era centenária. (cuja = adjunto adnominal)

6. Quanto, quanta, quantos, quantas ⇨ Estas palavras só serão consideradas pronomes relativos quando vierem antecedidas por um dos seguintes pronomes indefinidos "tudo, todo (a), todos (as)":

- Doou tudo **quanto** tinha em casa para o abrigo São Francisco. (quanto = objeto direto)
- Nenhuma obra de arte rara de todas **quantas** levei sequer levou algum arranhão. (quantas = objeto direto)

⇨ Consideração importante:

Perceba que o pronome relativo exerce, ao mesmo tempo, uma função conectiva (une, liga, conecta uma oração à outra) e uma função sintática em relação à oração que ele introduz. Além do mais, o conteúdo acima será bastante útil quando estudarmos "regência". Portanto, se restou alguma dúvida, revise o assunto.

Após este estudo, voltemos à análise do adjetivo em forma de oração. Observe o raciocínio abaixo:

- A escola aprecia bastante alunos **estudiosos**.
  adjetivo = adjunto adnominal
- A escola aprecia bastante alunos **que estudam**.
  oração subordinada adjetiva

Perceba que o adjetivo simples (estudiosos) foi substituído pela oração (que estudam). A oração literalmente fica no lugar do adjetivo. Daí porque ser denominada de oração adjetiva.

4.3.5.2 Classificação das orações subordinadas adjetivas

As orações subordinadas adjetivas são classificadas em:

4.3.5.2.1 Restritivas

Restringem, particularizam, limitam a significação do substantivo ou pronome substantivo antecedente. Indicam que a informação prestada pela oração não se aplica ao todo, mas tão somente a uma parte do todo. Geralmente aparecem dentro da estrutura oracional sem virgulação. Ademais, as orações adjetivas restritivas não podem ser retiradas da oração, pois são indispensáveis ao sentido geral do enunciado.

Exemplos:

- O homem que caminhava na calçada da direita olhava-nos com desdém.
  adjetiva restritiva

Observe que pelo enunciado "há outros homens que caminhavam na calçada esquerda".

- Os que lutam são os que vencem.
  adjetiva restritiva — adjetiva restritiva

Leia da seguinte forma: "Aqueles que lutam são aqueles que vencem". Perceba que não são todos que lutam, logo não são todos que vencem. Por isso, são orações restritivas.

- Os alunos que permanecerem na quadra após o toque serão suspensos das atividades escolares.
  adjetiva restritiva

Não serão todos os alunos suspensos das atividades escolares, mas apenas os que permanecerem na quadra após o toque.

- O homem que trabalha não passa necessidade.
  adjetiva restritiva

Não são todos os homens que trabalham. Apenas os que trabalham não passam necessidade.

Observe abaixo um recurso prático para não mais se confundir com as orações restritivas:

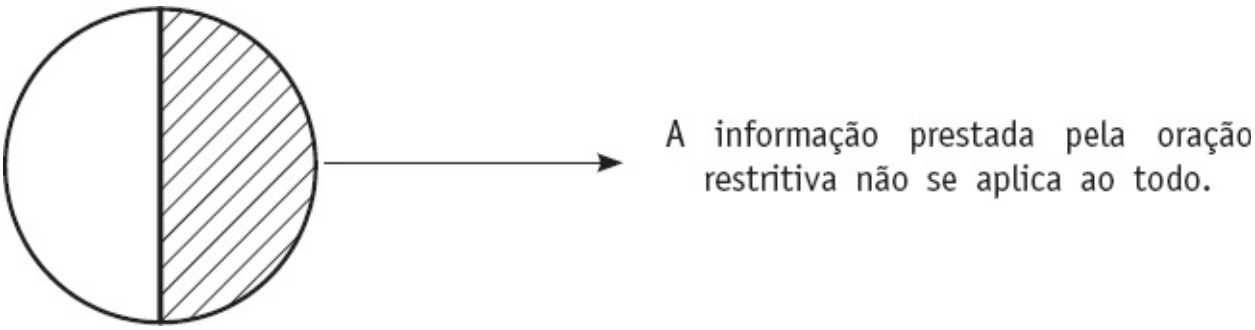

4.3.5.2.2 Explicativas

Explicam, estendem o significado, exprimem o sentido geral do substantivo antecedente. Geralmente o substantivo ou pronome substantivo representa um ser único. As orações adjetivas explicativas possuem um valor aproximado de um aposto explicativo. Podem, portanto, ser retiradas da oração sem prejuízo para o sentido. Aparecem na escrita isoladas por vírgula(s).

Exemplos:

- Minha mãe, <u>que é uma mulher de seus sessenta anos</u>, vai regularmente à igreja.
  oração subordinada adjetiva explicativa

- O sol, <u>que é o centro do nosso sistema</u>, tem perdido calor nas últimas décadas.
  oração subordinada adjetiva explicativa

- Jesus Cristo, <u>que representa o maior ícone do cristianismo</u>, deu grandes lições de vida.
  oração subordinada adjetiva explicativa

- Ela se dirigiu para a mansão da família, <u>onde todos lá a esperavam</u>.
  oração subordinada adjetiva explicativa

⇨ **Observação:**

Perceba que as orações subordinadas adjetivas explicativas se referem a seres únicos, individualizados. Logo, a informação prestada pela oração explicativa se aplica ao substantivo antecedente de forma totalitária. Observe a diagramação abaixo:

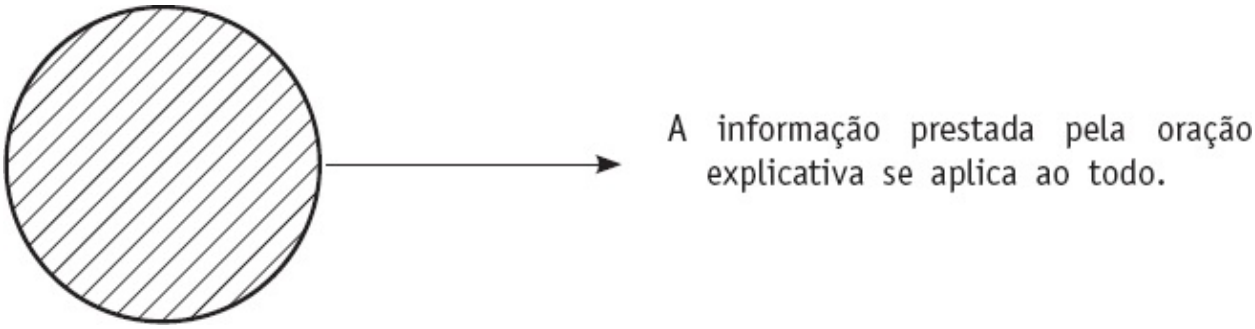

⇨ Consideração importante sobre as orações adjetivas explicativas:

Há orações adjetivas que só podem ser explicativas, pois, como já dissemos, aplicam-se a seres únicos, individualizados. Observe abaixo os exemplos:

- O pai falava irritado com a única filha, que permanecia calada e cabisbaixa.
  oração subordinada adjetiva explicativa

- Sócrates, que foi condenado à ingestão de veneno, não deixou nada do seu pensamento por escrito.
  oração subordinada adjetiva explicativa

- O avião sobrevoava agora a cidade de São Paulo, que se tornou a maior metrópole da América Latina.
  oração subordinada adjetiva explicativa

4.3.5.3 O emprego da vírgula com as orações adjetivas – Distinção entre restrição e explicação

Como já pudemos estudar acima, as orações adjetivas se classificam em restritivas e explicativas. Entretanto, esta classificação não se dá meramente pelo emprego ou não da vírgula, como pensam muitos estudantes. Ser "restritiva" ou "explicativa" depende, na maioria dos casos, do sentido que se pretende dar ao substantivo antecedente.

Há orações, como já vimos, que só podem ser explicativas ou restritivas. Não há variações. Observe a seguir:

- O homem que fuma geralmente incomoda os outros.
  oração adjetiva restritiva

> Neste período não são todos os homens que fumam. Logo, não são todos que incomodam os outros. Só incomodam aqueles que fumam. Portanto, a oração é essencialmente restritiva.

- O homem, que é mortal, deve sempre buscar as coisas mais nobres
  oração adjetiva explicativa

e sublimes da vida.

Já neste período, a informação "que é mortal" se aplica indistintamente a todos os homens. Portanto, a oração é essencialmente explicativa.

Entretanto, há orações adjetivas que podem ser tanto restritivas quanto explicativas, dependendo do sentido que lhes queiramos dar.

Fique atento!! Muitas questões de provas exploram esse conhecimento. Portanto, estude com atenção.

Observe os exemplos abaixo:

- A empresa tem 300 funcionários que moram em Olinda.
- A empresa tem 300 funcionários, que moram em Olinda.

Perceba que na primeira estrutura — oração adjetiva restritiva — não se pode dizer exatamente quantos funcionários possui a empresa. Sabe-se tão somente que ela possui 300 que residem na cidade de Olinda. Já na segunda estrutura — adjetiva explicativa — a empresa só possui 300 funcionários e todos residem em Olinda. Acompanhe esta explicação nas diagramações abaixo.

Oração subordinada adjetiva restritiva

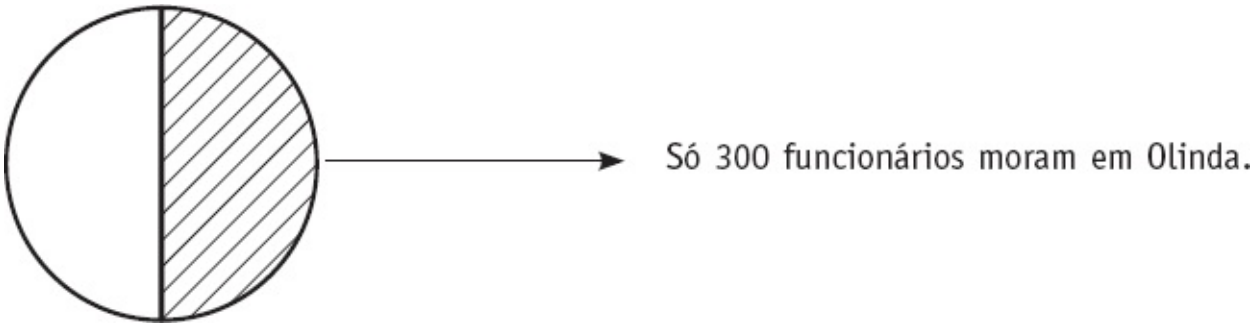

Oração subordinada adjetiva explicativa

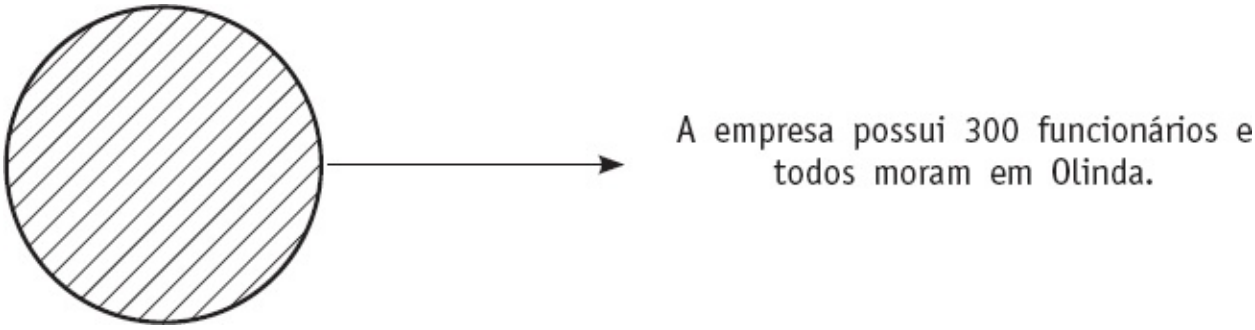

Observe outros exemplos:

- adjetiva restritiva
  Os discos antigos que ele herdou de seu avô estão bem conservados. (Fund. Carlos Chagas)
- adjetiva explicativa
  Os discos antigos, que ele herdou de seu avô, estão bem conservados. (Fund. Carlos Chagas)

No primeiro exemplo, só estão bem conservados os discos antigos que ele herdou de seu avô. No segundo, todos os discos antigos ele herdou de seu avô e todos estão bem conservados.

- adjetiva restritiva
  Os moradores de rua que têm sido vítimas de violência devem ser recolhidos para os abrigos municipais. (Fund. Carlos Chagas)
- adjetiva explicativa
  Os moradores de rua, que têm sido vítimas de violência, devem ser recolhidos para os abrigos municipais. (Fund. Carlos Chagas)

Na primeira frase, só os moradores que têm sido vítimas de violência serão recolhidos aos abrigos. Na segunda, todos serão recolhidos aos abrigos, pois todos têm sido vítimas de violência.

- adjetiva restritiva
  A lógica da globalização que espolia os mais fracos é fria e calculista. (Fund. Carlos Chagas)
- adjetiva explicativa
  A lógica da globalização, que espolia os mais fracos, é fria e calculista. (Fund. Carlos Chagas)

Na primeira frase, é fria e calculista apenas a lógica da globalização

que espolia os mais fracos. No segundo, toda lógica da globalização é fria e calculista porque espolia os mais fracos.

- O autor lamenta a situação dos jovens de hoje que vivem o tempo como uma espécie de presente contínuo.
  adjetiva restritiva

- O autor lamenta a situação dos jovens de hoje, que vivem o tempo como uma espécie de presente contínuo.
  adjetiva explicativa

No primeiro período, o autor só lamenta a situação daqueles jovens que vivem o tempo como uma espécie de presente contínuo. No segundo período, o autor lamenta a situação de todos os jovens, porque todos os jovens vivem o tempo como uma espécie de presente contínuo.

> **Dica:** Procure entender com profundidade a alteração semântica provocada pela retirada ou colocação da(s) vírgula(s) nas orações adjetivas. Certamente você se deparará com uma questão que exigirá esse conhecimento.

4.3.5.4 Omissão do pronome relativo na segunda oração relativa coordenada

Nas orações relativas coordenadas, se a função do relativo é a mesma, é frequente elipsar-se o relativo da segunda oração, principalmente quando a primeira é curta. Observe:

- o relativo foi ocultado na 2.ª oração
  Ontem conversei com o homem **que** me salvou e me levou ao hospital quando ocorreu o acidente.
  sujeito

- "Encontrando-se Juliano Apóstata com S. Pigménio, presbítero romano, **que** era cego e depois padeceu martírio, como quem o saudava benevolamente, disse...". (M. Bernardes *apud* Mário Barreto)

- "Ao lado do meu leito estava um padre: era o velho abade **que** me batizara e me ensinara a ler." (A. Herculano)

- “O que ele via era a mulher que o fascinara e perdera.” (Camilo Castelo Branco)

Se o pronome relativo não desempenhar a mesma função sintática, deve-se repeti-lo obrigatoriamente.

- Ontem conversei com o homem que me salvou (que = sujeito) e que Deus manteve com (que = objeto direto) calma na hora do resgate.
- “A monarquia visigótica procurou imitar do império **que** morrera e **que** ela substituíra.” (A. Herculano)
- “A sua companhia era a ama, **que** o amamentara, e **que** Deus, em recompensa, preservou da terribilíssima enfermidade.” (Camilo Castelo Branco)

4.3.6 ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS

Antes de adentrar o conteúdo, leia a orientação abaixo:

> Neste assunto você se deparará com uma quantidade considerável de orações e de conectivos. Não se desespere! Primeiro, como já dissemos, procure não decorar as conjunções, mas apreender-lhes as funções. Hoje as bancas examinadoras pouco questionam sobre a nomenclatura das orações. Querem, sim, saber as relações (causa, oposição, consequência, finalidade etc.) proporcionadas pelos conectivos. Por isso, não decore; entenda, compreenda! Vamos lá!

As orações subordinadas adverbiais são aquelas que estabelecem circunstâncias várias para um fato contido na oração principal. Elas exercem, portanto, o papel de adjuntos adverbiais. São, na maioria das vezes, introduzidas pelas conjunções subordinativas adverbiais.

Classificam-se em: causais, consecutivas, concessivas, condicionais, comparativas, conformativas, finais, temporais e proporcionais.

4.3.6.1 Causais

São aquelas que estabelecem a causa, o motivo para o fato (efeito) contido na oração principal.

> As principais conjunções subordinativas causais são: que, porque, já que, uma vez que, visto que, visto como, pois, como (= já que, visto que), porquanto.

- **Como** o dinheiro não foi liberado a tempo, usei o cheque especial.
  adverbial causal
- **Já que** o contrato assim o determina, assim o farei.
  adverbial causal
- Ele foi duramente punido **porquanto** a falta foi comprovada pelos peritos.
  adverbial causal
- Pueril **que** era, sempre se deixava enganar pelos vendedores de plantão.
  adverbial causal

⇨ **Observações:**

a) A conjunção "como" só poderá ser utilizada como causal quando a oração subordinada se antepuser à oração principal.

) Nem sempre é fácil distinguir uma oração subordinada causal de uma oração coordenada explicativa. Alguns critérios, porém, podem ajudar:

— A oração subordinada causal pode ser anteposta à oração principal, ou seja, a causal pode iniciar o período. Já a oração explicativa não pode vir anteposta à oração assindética.

— Comumente o verbo da oração coordenada explicativa aparece no imperativo, com indicação de tempo futuro; o que não ocorre com a subordinada causal.

— É sempre possível a redução da oração subordinada causal para o infinitivo, precedido da preposição "por", fato que não ocorre com

a coordenada sindética explicativa.

— A oração explicativa, por fazer parte de um período coordenado, em que as orações são independentes, admitem uma pausa forte, marcada geralmente por vírgula ou por dois-pontos. Este fato não se verifica nas adverbiais causais.

Observe:

- Recolhe-te a tua insignificância, porque já atrapalhastes demais. (Coordenada explicativa)

O verbo da oração antecedente está no imperativo. Não é possível se antepor a segunda oração à primeira. Não é possível reduzir a segunda oração para o infinitivo precedido da preposição "por".

- O governo elevou a taxa de juros, porque o consumo aumentou nas grandes cidades. (Subordinada causal)

O verbo da oração antecedente não se encontra no imperativo. É possível iniciar o período com a oração em destaque ("Porque o consumo aumentou nas grandes cidades, o governo elevou a taxa de juros".). É igualmente possível a redução da segunda oração para o infinitivo precedido da preposição "por" ("O governo elevou a taxa de juros, por aumentar o consumo nas grandes cidades".)

4.3.6.2 Consecutivas

Estas orações indicam a consequência, o efeito de um fato (causa) contido na oração principal.

> As principais conjunções subordinativas adverbiais consecutivas são: que (precedido dos termos intensificadores "tão, tal, tanto, tamanho"), que (= sem que), sem que, de modo que, de forma que, de sorte que, de maneira que.

- Falou tanto que ficou rouco.
  adverbial consecutiva

- Não vai a um baile de formatura **sem que** não dance a noite toda.
  adverbial consecutiva
- Eles não discutem futebol **que** não se exaltem.
  adverbial consecutiva

> Leia da seguinte forma: Eles não discutem futebol, sem que em consequência não se exaltem.

- Agiu intempestiva e descoordenadamente, **de forma que** toda a plateia o teve como louco.
  Adverbial consecutiva

⇨ **Observação:**

Em muitas estruturas consecutivas formadas pela correlação "tão, tal, tanto, tamanho... que...", omite-se o primeiro elemento da correlação. Teremos tão somente a conjunção "que" introduzindo a oração consecutiva.

- Saiu do hospital gritando **que** fazia dó.
  (Leia-se → ... gritando TANTO que fazia dó.)
- "Nisto a menina que estava ali a ouvir-me, rompeu a chorar **que** cortava o coração." (Camilo Castelo Branco)
  (... a chorar TANTO que cortava o coração.")
- "Os olhos brilham, o prazer arregaça-lhe o focinho, e as pernas voam **que** parecem asas." (Machado de Assis)
  (... voam TANTO que parecem asas.")

4.3.6.3 Concessivas

São as orações que indicam uma oposição, um óbice, um empecilho, um "algo" que poderia impedir a realização do fato contido na oração principal. Uma das principais características deste tipo de oração é a presença de um verbo no modo subjuntivo.

As principais conjunções subordinativas concessivas são: embora, apesar de que, mesmo que, ainda que, que, sem que (= embora não), conquanto, ainda quando, posto que, por mais que, por muito que, por menos que, se bem que.

- Fez todo o exercício **sem que** ninguém o ajudasse. (adverbial concessiva)
- **Por mais que** o governo se esforce, (adverbial concessiva) a violência continua aumentando nas grandes cidades.
- A proposta foi aprovada sem nenhuma alteração, por incrível **que** pareça. (adverbial concessiva)
- O conhecimento, **que** fosse muito, (adverbial concessiva) não atenuava, naquele momento, a angústia do rapaz.
- **Nem que** o professor quisesse, (adverbial concessiva) ele teria condições de ser aprovado.
- O responsável pelo desfalque deve ser punido, quem quer **que** seja. (adverbial concessiva)

⇨ Considerações importantes:

a) Não se esqueça de que as subordinadas adverbiais concessivas ao lado das coordenadas adversativas promovem as chamadas "relações de oposição" ou "construções contrastivas". Observe a seguir:

RELAÇÕES DE OPOSIÇÃO OU CONTRASTIVAS

- ADVERSATIVAS (mas, porém, contudo, todavia, entretanto etc.)
- CONCESSIVAS (embora, apesar de que, mesmo que, ainda que etc.)

b) Não confunda a conjunção “conquanto” com a conjunção “porquanto”. Esta introduz orações causais ou explicativas, enquanto aquela é puramente concessiva, equivalendo a “apesar de que, mesmo que, ainda que”.

) Há outros conectores que também promovem relações de oposição concessiva, como “a despeito de, não obstante, malgrado”.

- **Não obstante** fosse pobre, gostava de vestir-se das melhores grifes da cidade.
- Ele viajou para o Iraque à procura de alguns parentes desaparecidos, **a despeito dos** avisos de que lá é um país muito violento.

d) No dia a dia, não são raros os erros até de bons escritores que confundem “posto que” com “já que, visto que”. É preciso ter cuidado! A conjunção “posto que” (em português do Brasil) equivale a “embora, apesar de que, ainda que” – é uma conexão concessiva. Por seu lado, “já que, visto que” são locuções conjuntivas causais, pois introduzem uma causa.

- Ele não deve ser demitido, **já que** goza de estabilidade no emprego. (Equivale a “porque”)
- **Posto que** goze de estabilidade no emprego, ele foi demitido. (Equivale a “embora”)

4.3.6.4 Condicionais

São orações que estabelecem uma condição para a realização do fato expresso na oração principal.

As principais conjunções subordinativas condicionais são: se, caso, a não ser que, desde que, contanto que, salvo se, sem que (= se não), a menos que.

- **A não ser que** a taxa de juros caia consideravelmente, não adquiriremos mais produtos importados.
  adverbial condicional
- **Caso** o Governador não se manifeste sobre o caso, levaremos o problema às raias judiciais.
  adverbial condicional
- **Contanto que** todos saíssem antes da meia-noite, não se opunha a que a festa fosse na casa dele.
  adverbial condicional

> **Cuidado!!**
> Em algumas construções interrogativas o "SE" funcionará não como uma conjunção condicional, mas como uma conjunção causal. Veja:

- Senhor, por que me enviastes para esta missão **se** sabíeis que eu era fraco?
  Leia:... já que sabíeis que eu era fraco? (Adverbial causal)
- **Se** ele conhecia a índole do rapaz, por que lhe confiou tamanha quantia?
  Leia:... já que / uma vez que ele conhecia a índole do rapaz... (Adverbial causal)

4.3.6.5 Conformativas

São orações que expressam uma conformação (correspondência, concordância, analogia ou identidade de forma, modo, tipo ou caráter) com um fato expresso na oração principal.

As principais conjunções subordinativas conformativas são: como, segundo, conforme, consoante.

- Elaboramos todo o projeto **como** nos orientava o manual.
  Adverbial conformativa
- A vida tem sempre seus perigos, **segundo** já nos dizia Guimarães Rosa.
  Adverbial conformativa
- Agimos **conforme** nossas próprias convicções.
  Adverbial conformativa

4.3.6.6 Comparativas

São orações subordinadas que estabelecem um processo de comparação entre dois elementos — um elemento estará na oração principal e o outro, na oração subordinada. A comparação poderá ser de igualdade, de superioridade ou de inferioridade. Uma característica interessante das orações adverbiais comparativas é o fato de o verbo da oração comparativa geralmente se encontrar elíptico, oculto, já que, frequentemente, ele será o mesmo da oração principal.

As principais conjunções subordinativas comparativas são: como, assim como, tal e qual, tal qual, mais que ou do que, menos que ou do que, tanto quanto, feito (= como).

- Não sei por que saiu correndo desesperadamente, **feito** um louco.
  adverbial comparativa
- Os escoteiros partiram para a selva num só movimento, **qual** exército marchando contra o inimigo.
  adverbial comparativa
- Ele deixou a sala sorrateiramente, **como** uma serpente que se esgueira no meio dos arbustos.
  adverbial comparativa

⇨ Observações:

a) Nas estruturas comparativas, a conjunção comparativa liga partes da oração de mesma função. Entretanto, em muitos casos, a bem da clareza, o segundo elemento da comparação deve, a despeito de funcionar como objeto direto, vir encabeçado por uma preposição — geralmente a preposição "a" — para evitar ambiguidades.

- "A ela, à presumida mulher, aborreço-a quase tanto como **ao marido**." (Almeida Garrett *apud* Mário Barreto)
- "Os pés dos gentios hão de logo pulverizá-la como **aos meus pés**". (Camilo *apud* Mário Barreto)
- "Acusaram-no de haver beneficiado mais a sua família que **ao povo romano**." (Camilo *apud* Mário Barreto)

b) Quando a conjunção comparativa "como" se refere a um termo que está precedido por uma preposição, deve obrigatoriamente vir acompanhada da mesma preposição.

- "Suspensos os pobres Frades com o embargo, pareceu que achariam amparo **no** Bispo, **como em** quem fora o primeiro autor de sua vinda". (Fr. L. de Souza *apud* Mário Barreto)
- "E por esta causa tratamos **dele como de** filho de Benfica". (Fr. L. de Souza *apud* Mário Barreto)
- "Acostumei-me a olhar **para** a morte **como para** o tempo de meus padecimentos." (Filinto Elísio *apud* Mário Barreto)

⇨ Observação:

Perceba que, nestas estruturas comparativas, o verbo da segunda oração encontra-se elíptico. Por isso, devemos ler, por exemplo:

- "Acostumei-me a olhar para o monte **como (a olhar) para** o tempo de

meus padecimentos”.

4.3.6.7 Finais

São orações que indicam a finalidade, o objetivo, o alvo do fato contido na oração principal.

> As principais conjunções subordinativas finais são: que, para que, a fim de que, porque (= para que, a fim de que).

adverbial final

- **A fim de que** ela passasse mais rápido em um concurso, comprei inúmeros livros e apostilas.
- Estudai bastante, **porque** consigais uma boa colocação no concurso.

adverbial final

- **Para que** a criança não se acidentasse, ele comprou um par de joelheiras.

adverbial final

4.3.6.8 Temporais

São as orações subordinadas que expressam o tempo, o momento do fato contido na oração principal.

> As principais conjunções subordinativas temporais são: enquanto, quando, assim que, logo que, mal (= logo que, assim que), desde que, antes que, agora que, depois que, sem que (= antes que).

- **Desde que** chegou, não parou de falar.
  adverbial temporal

- Todos o aplaudiram **mal** terminou sua palestra.
  adverbial temporal

- **Agora que** chegou o verão, aonde pretendes ir com a família?
  adverbial temporal

- **Quando** o meu primeiro amor acabou, meu mundo desfaleceu.
  adverbial temporal

4.3.6.9 Proporcionais

São orações que indicam uma concomitância, uma simultaneidade, uma proporção com o fato expresso na oração principal.

> As principais conjunções subordinativas proporcionais são: à medida que, à proporção que, ao passo que, quanto mais... mais, quanto mais... menos, quanto menos... mais, quanto menos... menos.

adverbial proporcional

- **À medida que** o progresso avança, o meio ambiente sofre com o uso excessivo de seus recursos.

- **Quanto mais** ela estuda mais dúvidas surgem.
  adverbial proporcional

adverbial proporcional

- O caso, **ao passo que** apareciam novas provas, deixava os investigadores mais confusos.

⇨ Observações:

a) Não confunda “à medida que” com “na medida em que”. Esta última locução é um articulador de causa, enquanto aquela é uma conjunção proporcional.

- conjunção proporcional

  "E o cocheiro ria; e, **à medida que** o freguês ia demonstrando, ele ia ficando mais familiar." (Machado de Assis)

- causal

  O governo aumentou os juros para o crédito, **na medida em que** busca reduzir o consumo a fim de evitar a inflação.

b) Lembre-se de que "à medida em que" e "na medida que" são locuções que não existem na língua portuguesa.

⇨ Considerações finais sobre as orações adverbiais:

a) Observe a pontuação utilizada com as orações adverbiais. Perceba que, quando antepostas à principal ou intercaladas na principal, a pontuação — geralmente se utiliza a vírgula — é obrigatória.

b) Reiterando o que já se disse, lembre-se de que o mais importante não é decorar todas as orações adverbiais, mas sim apreender as relações proporcionadas pelas conjunções subordinativas adverbiais.

c) Embora não sejam reconhecidas pela NGB – Nomenclatura Gramatical Brasileira –, há orações adverbiais denominadas de "modais", as quais transmitem uma circunstância de modo. Tais orações geralmente só aparecem sob a forma reduzida, conquanto existam orações modais introduzidas pela locução conjuntiva "sem que".

- Saiu da sala **sem ser percebido**. (Oração adverbial modal, reduzida de infinitivo)

- "Deixou a sala sem despedir-se do pai."

Dica: Sugiro que, se você estudou as orações adjetivas e adverbiais em um só momento, descanse um pouco antes de começar o estudo abaixo.

4.3.6.10 Emprego da conjunção nas orações adverbiais coordenadas

Nas estruturas em que se coordena mais de uma oração subordinada adverbial, o emprego da conjunção subordinativa adverbial obedece às seguintes orientações:

a) Repete-se a conjunção nas duas orações coordenadas subordinadas adverbiais:

- O congresso terá início **se** a verba for depositada, e **se** o principal palestrante confirmar sua participação.
- **Desde que** não cheguem atrasados e **desde que** tragam boas notícias, eles serão bem-vindos.

b) Omite-se a conjunção da segunda oração adverbial coordenada:

- **Embora** os juros estejam baixos, e
  conjunção elíptica na segunda adverbial coordenada
  a economia externa não dê sinais de sobressaltos, o consumo se mantém baixo.
- **Uma vez que** está adoentado e não há outro para substituí-lo, cancelou a auditoria que faria na empresa.
- **À medida que** estuda e se mantém atualizado, aumentam as suas chances de passar em um concurso.

c) Repete-se, na segunda oração adverbial coordenada, apenas a parte final da conjunção adverbial, quando esta é expressa por uma locução.

- **Por mais que** faça boas obras e **que** vá à igreja, o temperamento dele o reprova diariamente.
- "Com estes estava o corpo que o metropolitano de Híspalis ajuntara, composto em grande parte dos nobres que haviam deposto a espada **desde que** Roderico subira ao trono e **que** a cingiam de novo nesta guerra de independência." (A. Herculano)

- “— Não marcou dia; prometeu que ia ver; que falaria **logo que** pudesse, e **que** me pegasse com Deus.” (Machado de Assis)

4.3.7 ORAÇÕES REDUZIDAS

Mais uma vez, peço: mantenha a calma e não desista! A partir de agora, entretanto, nossa percepção deverá ser aguçada. Não veremos mais as conjunções, as quais nos davam, ao menos, uma pista de que tipo de oração se tratava. Teremos apenas um verbo no infinitivo, no gerúndio ou no particípio, o qual nos indicará a oração subordinada. Deveremos desenvolver este verbo para depois classificar a oração. O procedimento nem sempre será simples e de fácil solução, porém com um pouco de treino (e persistência) você conseguirá. Vamos lá!

Observe:

- É fundamental **que** se creia em Deus. ⇨ É fundamental **crer** em Deus.
- Ele encontrou um cachorrinho **que** foi abandonado pelos donos. ⇨ Ele encontrou um cachorrinho **abandonado** pelos donos.
- Feche todas as janelas quando você sair. ⇨ Feche todas as janelas ao sair.

Percebeu?? Na primeira coluna todas a orações são introduzidas por um conectivo. Já na segunda coluna as orações não mais apresentam o conectivo e o verbo da oração subordinada encontra-se numa forma nominal do verbo (infinitivo, particípio e gerúndio). Portanto, as orações da primeira coluna são chamadas de desenvolvidas enquanto as da segunda, reduzidas.

Portanto, orações reduzidas são aquelas que não apresentam conectivo e cujo verbo está em uma forma nominal.

As reduzidas podem ser de infinitivo, de gerúndio e de particípio. Geralmente o infinitivo aparece como redução para as orações substantivas; o gerúndio, para as adverbiais; e o particípio, para as adjetivas. Nada impede, porém, que se apresentem orações subordinadas reduzidas nas três formas nominais. Apresentaremos agora

algumas orações reduzidas e suas respectivas classificações:

4.3.7.1 Subordinadas substantivas reduzidas

- **Lutar** pelo país é um ato de bravura. (Subjetiva, reduzida de infinitivo.)
- É muito difícil **obter** um título de doutorado no Brasil. (Subjetiva, reduzida de infinitivo)
- Todos viram **sair** da sala uma mulher muito esquisita. (Objetiva direta, reduzida de infinitivo)
- Ele tinha certeza de **ser** o melhor da turma. (Completiva nominal, reduzida de infinitivo)
- Não me será um grande esforço **atendê**-lo hoje à tarde. (Subjetiva, reduzida de infinitivo)
- Não se esqueça de **comprar** as verduras. (Objetiva indireta, reduzida de infinitivo)
- Seu maior desejo era **sair** da cidade e **morar** no interior. (Predicativas, reduzidas de infinitivo)

4.3.7.2 Subordinadas adjetivas reduzidas

- Entregou-me a lista dos produtos a **serem** adquiridos antes do final do ano. (Restritiva, reduzida de infinitivo)
- Todos os livros **analisados** por ele foram reprovados pelo MEC. (Restritiva, reduzida de particípio)
- É um rapaz bem intencionado, inteligente, **provindo** da cidade de Palmares. (Explicativa, reduzida de gerúndio)
- Apresentou-me uma tela velha e suja, **pintada** aos sete anos de idade. (Explicativa, reduzida de particípio)

4.3.7.3 Subordinadas adverbiais reduzidas

- Analise bem sua situação antes de **dar** o primeiro passo. (Temporal, reduzida de infinitivo).
- Para **conseguir** uma boa colocação no concurso, é preciso muito tempo de estudo. (Final, reduzida de infinitivo)
- Não saia da sala sem primeiro **falar** com o professor. (Condicional, reduzida de infinitivo)
- Mesmo **estando** triste com o filho, abraçou-o fervorosamente. (Concessiva, reduzida de gerúndio)
- A **permanecerem** os sintomas, o médico deverá ser consultado. (Condicional, reduzida de infinitivo)
- De tanto **comprar** e não **pagar**, teve o nome inscrito no cadastro de inadimplentes. (Causal, reduzida de infinitivo)
- Não **conseguindo** o resultado desejado, pediu demissão e mudou-se para o sul do país. (Causal, reduzida de gerúndio)
- Quebrei o vaso sem **querer**. (Concessiva, reduzida de infinitivo)
- O rapaz estudou tanto para o concurso a ponto de **danificar** a visão. (Consecutiva, reduzida de infinitivo)
- Ele arrumou um novo emprego para poder **sustentá**-la. (Final, reduzida de infinitivo)
- Muito constrangido deve ter ficado o candidato para nem sequer **apanhar** o gabarito da prova. (Consecutiva, reduzida de infinitivo)

⇨ Observação importante:

Em algumas orações reduzidas, a forma nominal do verbo — notadamente o infinitivo — aparece antecedida de uma preposição. Esta combinação “preposição + forma nominal” estabelece relações semânticas bem lógicas. Logo, fica fácil identificar de que tipo de oração

se trata. Veja abaixo:

- Preposição "**POR**" + verbo no infinitivo ⇨ oração reduzida causal (indica a causa)
- Preposição "**PARA**" + verbo no infinitivo ⇨ oração reduzida final (indica a finalidade)
- Preposição "**A**" + verbo no infinitivo ⇨ oração reduzida condicional (indica condição, hipótese)
- Contração "**AO**" + verbo no infinitivo ⇨ oração reduzida temporal (indica o tempo)

Exemplos:

adverbial causal, reduzida de infinitivo

- Por sair constantemente à noite, Maria adquiriu uma terrível gripe. ➡ **Porque** sai constantemente à noite,....

adverbial condicional, reduzida de infinitivo

- A permanecerem estas cláusulas no contrato, jamais o assinarei. ➡ **Se** permanecerem....

adverbial final, reduzida de infinitivo

- Para driblar a alfândega, escondeu alguns objetos em uma pequena sacola. ➡ **Para que** driblasse a....

adverbial temporal, reduzida de infinitivo

- Ao caminhar no parque, não deixe de tomar bastante água. ➡ **Quando** caminhar no parque....

⇨ Considerações finais:

a) Nem toda oração desenvolvida pode ser reduzida, como nem toda oração reduzida pode ser desenvolvida. Há orações que só aparecem sob a forma desenvolvida ou reduzida.

b) E não se esqueça de que o importante neste assunto é absorver a relação que está sendo travada entre as orações e, a partir desse entendimento, classificá-las.

4.4 PROCESSO CORRELACIONAL

Três tipos de orações há, estudadas nos processos de coordenação e subordinação, que, em virtude de características próprias, merecem uma menção à parte: são as chamadas orações correlatas. Denominam-se de “correlatas” as orações em que seus conectivos se distribuem entre uma oração e outra do período. Existe uma espécie de “paradependência”, portanto, entre as orações. Observe:

- A rã inchou e estourou. (Temos simples coordenação aditiva)

Se à primeira oração acrescentássemos, por exemplo, o advérbio de intensidade “tanto”, já não teria ela o sentido completo (“A rã inchou tanto...”); e desconexo ficaria também o período (“A rã inchou tanto, estourou”). Para consertá-lo, é fundamental a presença da palavra “que” antes da segunda oração (“A rã inchou tanto que estourou”).

Dizemos, então, que as palavras “tanto” e “que” são as conjunções correlatas da estrutura.

São classificadas como correlatas algumas orações aditivas, consecutivas e comparativas.

CONJUNÇÕES CORRELATAS ADITIVAS	não só...	mas também...
	não só...	mas ainda...
	não só...	senão também...
	não só...	senão que...
	não só...	bem como...
	assim...	como...

CONJUNÇÕES CORRELATAS CONSECUTIVAS	tal...	que...
	tão...	que...
	tanto ...	que...
	tamanho...	que...

CONJUNÇÕES CORRELATAS COMPARATIVAS	tanto...	quanto ou como...
	tanto mais...	tanto mais...
	quanto mais...	mais...
	quanto menos...	menos...
	quanto mais...	menos...
	quanto menos...	mais...
	mais...	que ou do que...
	menos..	que ou do que...
	melhor...	que ou do que...

- **Tanto** vaiava a um **quanto** aplaudia a outro.
- Nada o pungia **tanto quanto** o sorriso indiferente dela.
- "(...) mas aqui a ponho outra vez, **não só** por significar a totalidade do silêncio, **mas também** porque havia naquela ação do gato e do rato alguma cousa que prendia com ritual." (Machado de Assis)

- “**Não só**, de onde em onde, soltava exclamações sem ligação alguma com a conversa atual, **como também** cerrava os lábios, rilhava os dentes e crispava raivosamente os punhos.” (Lima Barreto)
- “Nada me pediu, Mariana; mas obriga-me **tanto**, **que** me faz mais infeliz o peso da obrigação.” (Camilo)

⇨ **Observação:**

Geralmente a análise do processo correlacional se faz em questões que envolvem “paralelismo sintático”, já que a correlação nada mais é do que uma construção paralela.

4.5 CONTAGEM DE ORAÇÕES EM UM PERÍODO MISTO

Em muitos certames, as bancas cobram dos candidatos a contagem das orações em um dado período, formado por subordinação e coordenação (período misto). A missão é bastante simples se nós compreendermos que, em muitas situações, uma mesma oração pode ser subordinada e coordenada ao mesmo tempo.

Observe o período abaixo:

“É importante que os contribuintes percebam que a política tributária é justa, a administração fiscal é proba, sensível e confiável, e os recursos arrecadados são corretamente aplicados.” (Fund. Getúlio Vargas)

– Quantas orações há no período acima? Qual a classificação para elas?

Em primeiro lugar, é fundamental separar as orações. Veja:

1.ª → É importante

2.ª → que os contribuintes percebam

3.ª → que a política tributária é justa

4.ª → (que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável

5.ª → e (que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados.

Descobrimos, logo, que existem cinco orações no período. Mas qual é a principal? Quantas subordinadas há? E as coordenadas? Para isso, vamos atribuir a cada oração uma letra e fazer uma diagramação simples.

1.ª → É importante = **A**

2.ª → que os contribuintes percebam = **B**

3.ª → que a política tributária é justa = **C**

4.ª → (que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável = **D**

5.ª → e (que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados. = **E**

Diagramação:

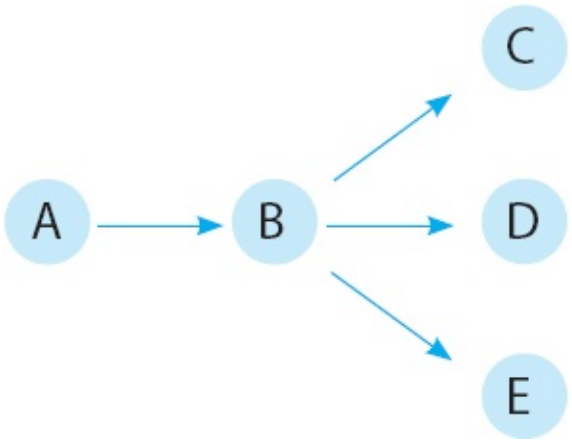

A partir da diagramação acima temos então:

- A oração “A” é a principal do período.
- A oração “B” é subordinada em relação à oração “A”.
- As orações “C”, “D” e “E” são subordinadas em relação à oração “B”.
- As orações “C”, “D” e “E” estão coordenadas entre si.

Conclusão:

Há, no período, uma oração principal (A), quatro subordinadas (B, C, D, E) e três coordenadas entre si (C, D, E).

Veja outro exemplo:

"Já sei, Senhor, que vos haveis de enternecer e que não haveis de ter coração, para ver tais lágrimas e tais estragos." (Pe. Antonio Vieira)

1.ª oração → Já sei, Senhor, (Oração principal) = A

2.ª oração → que vos haveis de enternecer (Oração subordinada em relação à 1.ª oração) = B

3.ª oração → e que não haveis de ter coração (Oração subordinada em relação à 1.ª oração) = C

4.ª oração → para ver tais lágrimas e tais estragos. (Oração subordinada adverbial final em relação à 3.ª oração) = D

Diagramação:

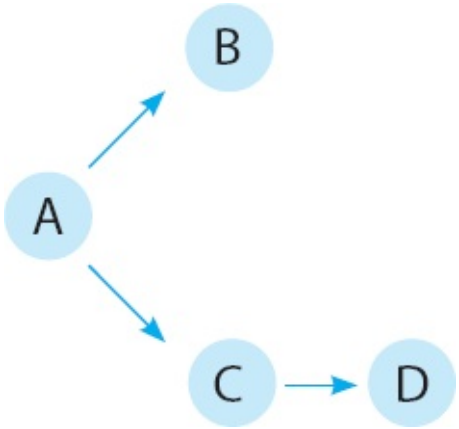

⇨ **Observações importantes:**

a) As orações C, D e E do primeiro exemplo são EQUIPOLENTES. São denominadas de equipolentes as orações subordinadas da mesma natureza (classificação) e de sentidos coordenados. Observe:

- Desejo **que faças boa viagem** e **sejas bem sucedido nos teus**

negócios.

As orações "**que faças boa viagem**" e "(que) **sejas bem sucedido nos teus negócios**" são equipolentes, pois são, simultaneamente, subordinadas objetivas diretas em relação à oração "Desejo" e coordenadas entre si.

b) Em nossa formação escolar, aprendemos a máxima de que "tantos quantos forem os verbos de um período, tantas serão as orações que o comporão". Esta regra, porém, nem sempre funciona, pois podem existir períodos em que haja orações ocultas, elípticas. Estas orações, cujos verbos estão subentendidos por zeugma, são denominadas de ORAÇÕES LATENTES. Observe:

- "A reflexão jurídica sobre o assunto, contudo, não se tem mostrado tão farta quanto aquela encontrada na economia." (Fund. Getúlio Vargas)

– Quantas orações há no período acima? Resposta: TRÊS.

1.ª oração → A reflexão jurídica sobre o assunto, contudo, não se tem mostrado tão farta

2.ª oração → quanto aquela (ORAÇÃO LATENTE) → Equivalente a "quanto aquela se tem mostrado farta"

3.ª oração → encontrada na economia

Temos então:

A 1.ª oração é a principal. A 2.ª oração é subordinada adverbial comparativa com verbo oculto (quanto aquela se tem mostrado farta). A 3.ª oração é subordinada adjetiva restritiva, reduzida de particípio.

c) Em algumas situações, a oração oculta só é perceptível por meio de uma análise mais acurada do período. É preciso entender bem o período para que se encontre a oração latente (oculta). Observe:

- "Para isto é que os quadros cresceram nas proporções que se sabe". (Rui Barbosa)

Em uma análise superficial do período acima, poder-se-ia pensar que

o nosso ilustre mestre Rui Barbosa tivesse cometido um erro de concordância ao deixar o verbo “saber” na 3.ª pessoa do singular. Ocorre que o nosso “Águia de Haia”, ao deixar o verbo no singular, faz este verbo concordar com a oração latente (oculta) “que cresceram”.

Temos então:

- “Para isto é que os quadros cresceram nas proporções que se sabe **QUE CRESCERAM**”.

Observe outros exemplos de períodos que contêm orações latentes (ocultas, elípticas):

- Procedemos como convinha. → Subentende-se “**que procedêssemos**”.
- Fizemos o que cumpria. → Subentende-se “**que fizéssemos**”.
- Ele caminha tal qual meu irmão. → Subentende-se “**qual meu irmão caminha**”.
- “Assim como o Pai ressuscita, e vivifica os mortos, assim o Filho vivifica aos que é sua vontade.” (Pe. Manuel Bernardes) → Subentende-se o verbo “**vivificar**”.
- “... e nessa hipótese, o mais acertado é deixá-la lá estar os três dias pedidos, e os mais dias que for necessário até sabermos o destino do prussiano.” (Camilo Castelo Branco) → Subentende-se “**deixá-la lá estar**”.

⇨ Consideração final:

Subentenderem-se essas orações latentes é gramaticalmente indispensável não só para completar-se o sentido, mas também para satisfazer as exigências da análise, dando-se ao verbo o seu verdadeiro sujeito ou o seu objeto. Cumpre por fim observar que tais orações latentes frequentemente ocorrem com as orações adjetivas, com as orações comparativas e com as orações condicionais.

4.6 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

Orações Subordinadas Adjetivas, Adverbiais e Reduzidas

Texto para as questões de 1 a 3.

[1] “Cada pessoa
[2] que chegava
[1] se punha na ponta dos pés,
[3] embora não pudesse ver”.

1. (Faap-SP) Há no texto três orações, e estão numeradas. A primeira – **cada pessoa se punha na ponta dos pés** – chama-se:

   a) absoluta.
   b) principal.
   c) coordenada assindética.
   d) coordenada sindética.
   e) subordinada.

2. (Faap-SP) A segunda – **que chegava** – é subordinada:

   a) substantiva subjetiva.
   b) substantiva objetiva direta.
   c) adverbial causal.
   d) adverbial final.
   e) adjetiva.

3. (Faap-SP) A terceira – **embora não pudesse ver** – oferece uma ideia de:

   a) causa.
   b) fim.

c) condição.
d) concessão.
e) consequência.

4. (Fuvest-SP) No período: “É possível **discernir no seu percurso momentos de rebeldia contra a estandardização e o consumo**”, a oração destacada é:

a) subordinada adverbial causal, reduzida de particípio.
b) subordinada objetiva direta, reduzida de infinito.
c) subordinada objetiva direta, reduzida de particípio.
d) subordinada substantiva subjetiva, reduzida de infinito.
e) subordinada substantiva predicativa, reduzida de infinito.

5. (UM-SP) Examine o período: “A soldadela invade o campo da disputa, **enquanto a grita aumenta em berros e assobios rudes**”. A oração em destaque é:

a) coordenada sindética temporal.
b) coordenada adverbial temporal.
c) subordinada substantiva temporal.
d) subordinada adjetiva temporal.
e) subordinada adverbial temporal.

6. (F. Cásper Líbero-SP)

“Já que não pude ser feliz, busquei a companhia dessas aves que nasceram livres”.

No período há:

a) subordinada adverbial causal e subordinada adjetiva.
b) subordinada adverbial concessiva e subordinada adverbial consecutiva.
c) subordinada substantiva objetiva direta e subordinada adjetiva.

d) subordinada substantiva objetiva direta e coordenada sindética adversativa.

7. (FIT-SP) No período “Era tão pequena a cidade, **que um grito ou gargalhada forte a atravessava de ponta a ponta**”, a oração em destaque é:

a) subordinada adverbial causal.
b) subordinada adverbial final.
c) subordinada adverbial consecutiva.
d) subordinada adverbial temporal.
e) n.d.a.

8. (Cesgranrio-RJ) Classifique a oração iniciada pela conjunção **que** no período abaixo.

“Era uma fada tão suave e pura que ao vê-la o coração me estremecia”. (Francisco Otaviano)

a) oração subordinada adverbial temporal
b) oração subordinada adverbial consecutiva
c) oração coordenada sindética explicativa
d) oração independente
e) n.d.a.

9. (Fuvest-SP) Classifique as orações em destaque do período abaixo.

*“**Ao analisar o desempenho da economia brasileira**, os empresários afirmaram **que os resultados eram bastante razoáveis**, uma vez que a produção não aumentou, mas também não caiu”.*

a) principal, subordinada adverbial final
b) subordinada adverbial temporal, subordinada adjetiva restritiva
c) subordinada adverbial temporal, subordinada substantiva objetiva direta

d) subordinada adverbial temporal, subordinada substantiva subjetiva
e) principal, subordinada substantiva objetiva direta

10. (FCMPA-MG) Nos períodos abaixo aparece, entre as orações, uma relação de concessão. Assinale a letra correspondente ao período em que a relação é outra.

a) Embora estivesse doente, fiz tudo o que me era possível.
b) Fiz tudo o que me era possível, apesar de estar doente.
c) Mesmo estando doente, fiz tudo o que me era possível.
d) Fiz tudo o que me era possível, conquanto estivesse doente.
e) Fiz tudo o que era possível, mas estava doente.

11. (UM-SP) Assinale o período que contenha uma oração reduzida com valor de adjetivo.

a) O ônibus parou na rua transversal para assustar passageiros.
b) Correndo assustado, o menino foi chamar o guarda.
c) Os garotos vestindo camisetas velhas reclamavam apenas uma penca de bananas meio amassadas.
d) Faça das entranhas coração para obter, um dia, a rara felicidade dos humanos.
e) Moleques de carrinho dirigiam-se a várias direções, atropelando-se uns aos outros.

12. (Faap-SP)

"Lá a existência é uma aventura
De tal modo inconseqüente
Que Joana a Louca de Espanha
Rainha e falsa demente
Vem a ser contraparente
***Da nora** que nunca tive"*

A oração destacada recebe o nome de oração subordinada adverbial:

a) causal.
b) final.
c) condicional.
d) concessiva.
e) consecutiva.

13. (Cesgranrio-RJ) Assinale o período em que ocorre a mesma relação significativa indicada pelos termos destacados em: "A atividade cientifica é tão natural **quanto qualquer outra atividade econômica**".

a) Ele era tão aplicado, que em pouco tempo foi promovido.
b) Quanto mais estuda, menos aprende.
c) Tenho tudo quanto quero.
d) Sabia a lição tão bem como eu.
e) Todos estavam exaustos, tanto que se recolheram logo.

14. (Uece) Em: "**Ao me deitar**, antes eu tinha posto uma caixa de fósforos num tamborete...", a oração destacada é reduzida:

a) causal.
b) final.
c) temporal.
d) concessiva.

15. (Fesp-SP) Observe:

I. Convém que todos participem.
*II. Fique quieto, **pois está incomodando**.*
*III. Amou daquela vez **como se fosse a última**.*
*IV. Machado de Assis, **que escreveu Dom Casmurro**, fundou a Academia Brasileira de Letras.*

Assinale a alternativa que não corresponde à classificação das orações destacadas.

a) no item I, oração subordinada substantiva subjetiva
b) no item II, oração subordinada sindética explicativa
c) no item III, oração subordinada adverbial comparativa
d) no item IV, oração subordinada adjetiva explicativa
e) no item II, a primeira oração é coordenada assindética

16. (UM-SP)

A. Sua palavra foi a primeira a perder o significado naquele agitado contexto.
B. Tenho necessidade de me apoiares nesta complicada situação.
C. ***Antes de repelir seus mestres****, procure compreendê-los.*

Analisando os períodos A, B e C, concluímos que as frases neles destacadas são três orações reduzidas. Desdobrando-as, obteremos, respectivamente:

a) uma adjetiva, uma substantiva, uma adverbial.
b) uma adjetiva, uma adverbial, uma substantiva.
c) três adverbiais.
d) uma adjetiva, duas adverbiais.
e) uma adverbial, duas adjetivas.

17. (Faap-SP)

"Lá a existência é uma aventura
De tal modo inconseqüente
Que Joana a Louca de Espanha
Rainha e falsa demente
Vem a ser contraparente
Da nora que nunca tive".
A oração ***que nunca tive*** *é:*

a) principal.
b) coordenada.

c) subordinada substantiva.
d) subordinada adverbial.
e) subordinada adjetiva.

18. (Faap-SP) “Não compreendíamos a razão **por que o ladrão não montava a cavalo**”.

A oração em destaque é:

a) subordinada adjetiva restritiva.
b) subordinada adjetiva explicativa.
c) subordinada adverbial causal.
d) substantiva objetiva indireta.
e) substantiva completiva nominal.

19. (Uni-Rio-RJ) Assinale o item em que há uma oração, quanto à classificação, idêntica à segunda do período “Pernoitamos depois junto a um açude lamacento, onde patos nadavam”.

a) As virilhas suadas ardiam-me, o chouto do animal sacolejava-me...
b) De onde vinham as figuras desconhecidas para encontrar-nos?
c) Fiz o resto da viagem com um moço alegre, que tentou explicar-me as chaminés dos banguês...
d) Os mais graúdos percebiam que a viagem era alegre.
e) Surgiam regatos, cresceram tanto que se transformaram em rios...

20. (UFPA) Há no período uma oração subordinada adjetiva:

a) Ele falou que compraria a casa.
b) Não fale alto, que ela pode ouvir.
c) Vamos embora, que o dia está amanhecendo.
d) Em time que ganha não se mexe.

e) Parece que a prova não está difícil.

GABARITOS

Orações Coordenadas

1 – A	2 – D	3 – E
4 – D	5 – D	6 – E
7 – D	8 – C	9 – A
10 – A		

Orações Subordinadas Substantivas

1 – D	2 – B	3 – E
4 – D	5 – B	6 – D
7 – D	8 – D	9 – D
10 – E	11 – A	12 – A
13 – C	14 – C	15 – C
16 – B	17 – E	18 – B
19 – D	20 – A	

Orações Subordinadas Adjetivas, Adverbiais e Reduzidas

1 – B	2 – E	3 – D
4 – D	5 – E	6 – A
7 – C	8 – B	9 – C

10 – E	11 – C	12 – E
13 – D	14 – C	15 – B
16 – A	17 – E	18 – A
19 – C	20 – D	

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 5

SINTAXE DE CONCORDÂNCIA

Teremos agora uma longa missão, uma missão extensa. Não será uma missão difícil. Mas para terminá-la com sucesso será preciso muita persistência. Uma dica: estude aos poucos. Nós vamos nos deparar com mais de trinta regrinhas de concordância verbal e nominal. É claro que algumas raramente são usadas; outras caem com mais frequência nas provas, porque são bastante usuais na Língua Portuguesa. Logo, procure uma estratégia que lhe seja mais conveniente. E leia! Releia! Leia de novo! Leia novamente! Leia mais uma vez! Observe os exemplos! Será a repetição que fará com que consiga bons resultados. Desejo sucesso para esta missão! Bons estudos!

De fato o assunto "CONCORDÂNCIA" é um dos mais explorados pelas bancas elaboradoras de provas. Portanto, deve sempre ser alvo de nossos estudos.

A "sintaxe de concordância" se preocupa com a perfeita harmonização das palavras dentro de um período. Sendo assim, buscam-se dois tipos de harmonização:

a) A harmonia sintática entre o verbo e o seu sujeito ⇨ **Concordância verbal**

b) A harmonia sintática entre o substantivo e os termos os quais a ele se referem ⇨ **Concordância nominal**

Nesta primeira etapa, trabalharemos a concordância entre o verbo e o

seu sujeito. Antes, porém, convém conhecer os três tipos principais de concordância:

a) Concordância gramatical ⇨ é aquela feita com o núcleo do termo.

b) Concordância atrativa ⇨ é aquela efetuada com o núcleo semântico mais próximo.

c) Concordância ideológica ⇨ é aquela efetuada não com o termo, mas com a ideia passada pelo termo.

⇨ **Observe:**

núcleo do sujeito

- O **motivo** simples de tantos atos supostamente cruéis somente anos depois se **manifestou**.

verbo da concordância gramatical

Sujeito — verbo da concordância atrativa

- Um grupo de **pesquisadores** holandeses **iniciarão** um estudo sobre a febre aftosa no Brasil.

Sujeito — verbo da concordância ideológica

- **Uma multidão** avançou sobre o juiz. **Disseram** que já não mais aguentavam tanta roubalheira.

Perceba que neste caso, o sujeito do verbo "dizer" continua sendo "a multidão". Concorda-se com a ideia de que a multidão representa "vários indivíduos, várias pessoas".

- Encontrou um **bom** momento e hora para a realização da reunião.

concordância nominal com o substantivo mais próximo

À exceção de alguns casos, a concordância autorizada pela norma culta é a "gramatical". A nossa preocupação sempre será com o núcleo do termo.

5.1 CONCORDÂNCIA VERBAL

Dica: Não estude este capítulo antes de conhecer bem o sujeito de uma oração. Aqui o nosso objetivo é harmonizar em número (singular ou plural) e em pessoa (1.ª, 2.ª ou 3.ª) o sujeito com o seu verbo. Logo, se você não consegue identificar com segurança o sujeito de uma oração, ou tem dificuldades para fazê-lo, estude o sujeito da oração.

5.1.1 REGRA GERAL

O verbo concorda em número (singular ou plural) e em pessoa (1.ª, 2.ª ou 3.ª) com o seu sujeito simples.

Núcleo do sujeito – 3.ª p. do singular — verbo na 3.ª p. do singular

- O **pensamento** dos novos filósofos contemporâneos não **se antepõe** ao pensamento grego.

Verbo na 3.ª p. do plural — núcleo do sujeito — núcleo do sujeito

- Grandes golpes **sofreram** nossos **antepassados** quando muitas **doenças assolaram** cidades inteiras.

verbo na 3.ª p. do plural

Verbo na 3.ª p. do plural

- Do Norte e Nordeste brasileiro, **advieram**, nas décadas de 60 e 70, muitos **imigrantes** para São Paulo.

núcleo do sujeito na 3.ª p. do plural

5.1.2 SUJEITO FORMADO POR PESSOAS GRAMATICAIS DIFERENTES

Regra: Quando o sujeito é formado por pessoas gramaticais diferentes, obedece-se à seguinte lei de prevalência:

- **1.ª pessoa** + **2.ª pessoa** = 1.ª pessoa do plural (a primeira prevalece sobre a segunda) ⇨ NÓS
- **1.ª pessoa** + **3.ª pessoa** = 1.ª pessoa do plural (a primeira prevalece sobre a terceira) ⇨ NÓS
- **2.ª pessoa** + **3.ª pessoa** = 2.ª pessoa do plural (a segunda prevalece sobre a terceira) ⇨ VÓS

Resumindo: A primeira pessoa prevalece sobre as demais e a segunda pessoa prevalece sobre a terceira.

sujeito composto por pessoas gramaticais diferentes — verbo na 1.ª pessoa do plural

- O **Ministro** dos Esportes e **eu**, na próxima semana, **inauguraremos** um novo estádio de futebol.

sujeito composto por pessoas gramaticais diferentes — verbo na 2.ª pessoa do plural

- Vossa **tia** e **tu**, quando toda a comitiva chegar, **devíeis** providenciar imediatamente um local para descanso.

sujeito composto por pessoas gramaticais direrentes

- **Tu** e todos os outros **professores** presentes à cerimônia, após o lanche, **comporeis** uma mesa redonda.

verbo na 2.ª pessoa do plural

⇨ Observação importante:

Nos dois últimos exemplos, o verbo também poderia concordar na 3.ª pessoa do plural em virtude da possibilidade de se tratar o "tu" e o "ele" não por "vós", mas sim por "vocês". Logo:

- **Tu** e todos os outros **professores** presentes à cerimônia, após o lanche, **comporeis / comporão** uma mesa redonda.
- O **presidente** do Diretório Acadêmico e **tu**, Roberto, líder de nossa turma, **poderíeis / poderiam** reivindicar melhorias para a Universidade.

5.1.3 REGRAS ESPECIAIS DE CONCORDÂNCIA VERBAL COM O SUJEITO SIMPLES

1. **Quando o sujeito é formado por expressões partitivas (uma parte de, a metade de, o grosso de, um grande número de, uma porção de, a maioria de etc.) o verbo poderá concordar, no singular, com o núcleo dessas expressões ou com o termo da expressão**

explicativa ou especificativa que as acompanha.

sujeito

- Boa **parte** dos **inscritos** no último concurso **irá / irão** realizar a prova no centro da cidade.

sujeito

- Grande **número** de **automóveis** **circula / circulam** nas principais capitais brasileiras.

sujeito

- Por incrível que pareça, a **maioria** dos **participantes** **anteviu / anteviram** o resultado da gincana.

2. Quando o sujeito é formado por numerais percentuais ou fracionários seguidos de uma especificação, o verbo poderá concordar tanto com o numeral quanto com a expressão especificativa.

Dica: Não se esqueça de que os numerais "zero" e "um" levam o verbo para o singular. Quanto aos numerais fracionários, para a concordância verbal, leva-se em conta o numerador.

sujeito

- **32%** de todo o **dinheiro** arrecadado — será doado / serão doados — para instituições de caridade.

- **8,6%** dos **entrevistados** **alegaram** que não gostam de comprar a prazo.

sujeito

Neste caso, só o plural para o verbo é possível, pois tanto o núcleo do sujeito quanto o termo da especificação se encontram no plural.

- sujeito
  1/4 dos **alunos** do ensino médio — prestará / prestarão — vestibular para Medicina.

- Parece que só 2/3 de todo o **grupamento** masculino — requereram / requereu — a dispensa para as festas natalinas.

Resumindo:

- Número no singular + nome no singular ⇨ Verbo no singular
- Número no singular + nome no plural ⇨ Verbo no singular ou no plural
- Número no plural + nome no singular ⇨ Verbo no singular ou no plural

⇨ Observação importante:

Se o numeral vier precedido de algum determinante, a concordância será feita com este determinante. Observe:

- sujeito
  Os 15% restantes do grupo pesquisado **serão** novamente entrevistados na próxima semana.

3. Quando o sujeito é formado por expressões que indicam quantidade aproximada (cerca de, perto de, mais de, menos de, coisa de, obra de, passante de etc.) seguidas de um numeral, o verbo concordará com este numeral que acompanha as expressões.

- Cerca de **duzentas** pessoas **intervieram** no protesto dos sem-terras.
  sujeito

- sujeito
  Perto de **quinze** manifestantes **se aglomeraram** em frente ao Palácio do Planalto.
- Mais de **vinte** alunos **foram** reprovados neste ano em nossa escola.
  sujeito

4. Com a expressão "Mais de um" o verbo deverá ficar, portanto, no singular.

- A polícia percebeu que mais de **um** bandido **se escondia** na mata.
  sujeito
- sujeito
  Mais de **uma** criança no salão de jogos. **se entreteve** com o novo brinquedo que fora colocado no salão de jogos.
- "Mais de um coração de guerreiro **batia** apressado." (A. Herculano)

⇨ **Observação:**

Caso a expressão "Mais de um" apareça repetida ou venha acompanhada de um verbo que indique reciprocidade, a concordância será feita no plural.

sujeito composto – expressão "mais de um" aparece repetida

- **Mais de um** interventor, **mais de um** advogado, **mais de um** engenheiro **compareceram** ao prédio que ruiu.
- Mais de um deputado **se agrediram** na última sessão plenária.
  sujeito verbo indica reciprocidade

5. Quando o sujeito é um "pronome de tratamento", o verbo concordará obrigatoriamente na terceira pessoa.

- – Vossas Excelências ainda não **avaliaram** o meu pedido?
  sujeito — verbo na 3.ª pessoa do plural

- – Se Sua Majestade **quiser**, eu posso lhe entregar todas as cópias do processo, disse o advogado à secretária do rei.
  sujeito

> Observe que toda a concordância é feita na terceira pessoa, inclusive os pronomes que se referem ao pronome de tratamento também são utilizados na terceira pessoa.

- – Vossa Senhoria **gostaria** de que eu lavasse o seu carro?
  sujeito

> **6. Quando o sujeito é a expressão "um dos que", o verbo poderá concordar, na maioria dos casos, tanto no singular quanto no plural.**

- Ele foi um dos alunos que mais { se destacou / se destacaram } neste ano.
- Certamente a ex-secretária será uma das pessoas que { se arrependerá / se arrependerão } dos erros cometidos.
- Aquele mestre foi um dos poucos que { anteviu / anteviram } o incidente com o metrô.

⇨ **Observação:**

Há casos, entretanto, que só o singular ou só o plural é possível. Geralmente, isso se dá em face da exclusão ou da inclusão perceptível no contexto do período. Observe o exemplo abaixo:

- Foi um dos filhos de Sr. João que me **telefonou** hoje pela manhã. (Não há aqui lógica que permita o plural, pois só um dos filhos dele fez a

ação de telefonar.)

7. Quando o sujeito é um pronome interrogativo, demonstrativo ou indefinido no plural (quais, quantos, alguns, poucos, muitos, quaisquer etc.), seguido de uma das expressões "de nós" ou "de vós", o verbo poderá concordar tanto com o pronome interrogativo, indefinido ou demonstrativo quanto com os pronomes "nós" ou "vós".

- Certamente muitos de vós proporão / proporeis mudanças para a nossa administração.
- Eles perceberam que quaisquer de nós comprávamos / compravam resolver aquela situação.
- Quantos de vós, após o confisco das poupanças, não interpuseram / interpusestes recurso da decisão.

⇨ Observação importante:

Se o pronome interrogativo, demonstrativo ou indefinido estiver no singular (qual, algum, qualquer etc.), o verbo obrigatoriamente ficará no singular.

- **Quem** de nós, na mesma situação, não **agiria** daquele jeito?
- **Qual** de vós **conhece** o segredo do cofre?
- **Algum** de nós certamente **entregou** o colega à direção da empresa.
- **Cada um** dos que ali estavam **tinha** um forte compromisso com o marxismo.

8. Quando o sujeito é o pronome relativo "QUE", o verbo concordará com o termo

antecedente.

- De repente, apareceram muitos companheiros **que** apoiaram de imediato o protesto.

> Perceba que neste caso o pronome relativo retoma a palavra precedente e funciona como sujeito para a oração a qual ele mesmo introduz. Observe: Apareceram muitos companheiros. Companheiros apoiaram de imediato o protesto.

- Fomos **nós que** propiciamos todo aquele contratempo.
- Havia muitas **indagações que** nos deixavam confusos.

⇨ **Observações:**

a) Se houver predicativo na oração, é possível tanto a concordância com o antecedente imediato do relativo "que" quanto com o sujeito da oração antecedente:

- **Nós** sempre fomos os **homens** que comprávamos / compravam os materiais de limpeza da firma.
- "Tu és a flor que **despontaste** livre." (Gonçalves Dias)
- "Não sabeis que eu sou o que **ensinei** a dar benefícios por agravos e favores por injúrias?" (M. Bernardes)
- "Nós somos os galegos que **levamos** a barrica." (Camilo Castelo Branco)

b) Quando o relativo "que" exerce a função de sujeito e o termo que o antecede é formado por dois ou mais substantivos, o "que" pode retomar qualquer um desses substantivos, desde que a lógica da oração adjetiva o permita.

- O preço das ações que se negociou (preço) / se negociaram (ações) na bolsa de valores caiu em razão de uma interferência externa.
- Eles interromperam um processo de atitudes que podia (processo) / podiam (atitudes) resolver o problema.
- A lei das sociedades anônimas pronome relativo "que" retoma "lei" **que foi promulgada** esta semana será objeto de impugnação.

c) Quando o pronome relativo "que" se referir a um vocativo, considera-se o pronome relativo como se de 2.ª pessoa fosse. Portanto, a concordância verbal deverá ser feita na 2.ª pessoa. Observe:

- "Alma minha gentil, que **te partiste**
tão cedo desta vida descontente." (Camões)
- "Homem, **que me pedes** amor, sabe que eu te detesto." (Epifânio da S. Dias)

d) Quando o pronome relativo "que" vem precedido de "um de, uma de, um dos, uma das", emprega-se hoje preferencialmente o verbo da oração adjetiva no plural. Entretanto, era comum, em muitas obras clássicas, o emprego do verbo no singular. Por isso, as duas formas de concordância são consideradas corretas.

- "Um dos gestos **que melhor exprimem** a minha essência foi a devoção com que corri no domingo próximo a ouvir missa em S. Antônio dos Pobres." (Machado de Assis)
- "E chegando a uma das portas **que davam** para a estalagem, gritou: — Vá de rumor! Não quero isto aqui! É safar!" (Aluízio Azevedo)
- "Uma das felicidades **que se contava** entre as do tempo presente era acabaremse as comédias em Portugal; mas não foi assim." (Pe. Antonio Vieira)
- "Suspendeu-se a uma das palmeiras **que servia** de esteio à choça, e por um desses movimentos ágeis..." (José de Alencar)

9. Quando o sujeito é o pronome relativo "QUEM", o verbo concordará na 3.ª pessoa do singular com este pronome ou com o seu antecedente, desde que se trate dos pronomes pessoais do caso reto (eu, tu, ele, nós, vós, eles.).

- Foste tu quem [comprou / compraste] aquele livro ali?
- Parece que seremos nós quem [responderá / responderemos] pelos prejuízos causados.

⇨ Observação:

Quando o antecedente do pronome "QUEM" não for um pronome do caso reto – repita-se –, só é lícita a concordância na 3.ª pessoa do singular. Veja:

- Foram os próprios colegas de trabalho quem **compôs** a música do aniversário dele.
- Porventura, seriam aqueles dois rapazes quem **promoveu** toda a bagunça?
- "Eu, o Silêncio e a Solidão éramos quem **estava** aí." (A. Herculano)

10. Quando o sujeito for formado por nomes próprios que só existem no plural (Estados Unidos, Andes, Patos, Minas Gerais, Alagoas, por exemplo), o verbo ficará no singular se estes nomes não vierem precedidos de artigo ou se o artigo estiver no singular. Caso apareça um artigo no plural, a concordância será feita no plural.

- Estados Unidos ainda não **encontrou** uma saída para o Iraque.
- Ilhéus sempre **foi** uma bela cidade para o turismo.
- **O** Marrocos sempre **encanta** os turistas que por lá passam.

- **As** Filipinas se **envolveram** numa sangrenta guerra há muitos anos.
- **Os** Emirados Árabes sempre **exportaram** petróleo.

⇨ **Observação:**

Caso o nome no plural se refira a uma obra artística ou literária, tanto o singular quanto o plural são corretos para o verbo da concordância.

- "Os Lusíadas" — imortalizaram / imortalizou — Luis Vaz de Camões.
- "Os Sertões" de Euclides da Cunhas — representaram / representou — um marco para a Literatura Brasileira.

11. Quando o sujeito for formado por um substantivo coletivo seguido de uma especificação, o verbo poderá concordar tanto com o coletivo quanto com a especificação.

- Um grupo de arruaceiros — invadiu / invadiram — várias lojas no centro da cidade.
- Um bando de aves selvagens — sobrevoava / sobrevoavam — a cidade naquele instante.

Os substantivos "milhão, bilhão, trilhão, quatrilhão" são denominados de "numerais coletivos". Seguem, portanto, a regra de concordância dos coletivos. Ademais, tais numerais coletivos só se flexionam em número. Não apresentam variação de gênero: são sempre masculinos.

- Um milhão de pessoas **foi** (ou **foram**) ao show.
- Cerca de um milhão de turistas **visitará** (ou **visitarão**) a Europa neste ano.
- Mais de um milhão de dólares **foi gasto** (ou **foram gastos**) para a reconstrução do templo.

- Um milhão e meio de chineses já se **adaptou** (ou **adaptaram**) às novas regras do mercado capitalista.
- **Os** 15 milhões de crianças brasileiras que se vacinaram hoje ficarão imunes à doença durante um ano.

12. Os verbos "dar, bater e soar", por serem pessoais, concordam com os seus respectivos sujeitos.

- Já **bateram** nos relógios da cidade as horas necessárias (sujeito) para o início do evento.
- **Soou** uma hora da tarde (sujeito) no sino da igreja.
- Já **vão dar** dez horas (sujeito) e o João ainda não chegou.

⇨ **Observações:**

1. Não confunda esta regra com a regra dos verbos "estar, fazer, haver, ir" na indicação de tempo transcorrido. Estes verbos são impessoais e ficam na terceira pessoa do singular.
2. Quando o sujeito dos verbos "dar, bater e soar" for a palavra "sino, relógio ou carrilhão", o verbo concordará com esse sujeito.

- Já **bateu** onze horas o relógio da sala (sujeito).
- Ainda **vai dar** duas horas da tarde o carrilhão do quarto do meu avô (sujeito).

13. O pronome apassivador "SE" exige que o verbo (transitivo direto ou transitivo direto e indireto) concorde com o seu sujeito passivo.

VTDI sujeito passivo

- **Transmitiram**-se-lhe novas informações sobre o caso investigado pela Polícia Federal.

> Lembre-se de que, neste caso, é possível a transformação da passiva sintética em analítica. Veja: "Novas informações lhe foram transmitidas sobre...".

- **Desfizeram**-se todas as dúvidas quando se **apresentaram** as novas provas.
  VTD sujeito passivo VTD sujeito passivo

- **Compraram**-se novas ferramentas para a construção do edifício.
  VTD sujeito passivo

VTDI sujeito passivo

- **Entregou**-se a cada um dos formandos em Direito uma carta de apresentação para emprego.

Observe abaixo exemplos, que foram extraídos de provas de concursos públicos, em que NÃO se obedeceu à concordância do verbo com o seu sujeito passivo (destacamos o verbo em cor laranja e sublinhamos o núcleo do sujeito passivo):

- Ainda não se encontraram, para essas duas tendências contraditórias, qualquer possibilidade de harmonização. (→ Corrija-se para "... não se encontrou...")
- A todos esses atos supostamente cruéis, cometidos no reino animal, aplicam-se, acima do bem e do mal, a razão da propagação das espécies. (→ Corrija-se para "..., aplica-se,...)
- Incluem-se entre os inúmeros efeitos da obsessão pela forma física a busca de produtos de consumo, sobretudo os esportivos e os dietéticos. (→ Corrija-se para "Inclui-se...")

14. Os verbos intransitivos, os transitivos indiretos e os de ligação associados a um pronome "SE" ficam na terceira pessoa do singular. O "SE" funcionará como "índice

de indeterminação do sujeito".

- Nunca mais se (IIS) falou (VTI) do esfacelamento do império russo.
- Assistiu (VTI)-se (IIS) a muitos filmes nestas férias.
- Em alguns bairros da cidade de Recife, mora (VI)-se (IIS) muito bem.
- Precisa (VTI)-se (IIS) de novos jovens empreendedores que mudem a face do mercado de capitais.

15. Com a expressão "haja vista" – que significa 'tenha-se em vista, leve-se em conta, considere-se' – admitem-se as seguintes concordâncias:

expressão invariável seguida de um artigo ↴

- O Presidente parece preocupado com a situação dos pobres, haja vista os inúmeros investimentos na saúde.

expressão invariável seguida da preposição "a" ↴

- Aquele bairro está se tornando um dos mais violentos, haja vista aos inúmeros assaltos que lá ocorrem.

o verbo "haver" varia para concordar com o substantivo posposto ↴

- Aquele prédio deve apresentar problemas na estrutura, hajam vista as inúmeras reformas que se fizeram.

⇨ **Observação:**

Nunca se esqueça, porém, de que, com esta expressão, a palavra "vista" é sempre invariável.

5.1.4 REGRAS ESPECIAIS DE CONCORDÂNCIA VERBAL COM O SUJEITO COMPOSTO

Regra geral: O sujeito composto exige o verbo da concordância no plural.

sujeito composto — verbo na 3.ª pessoa do plural

- Todos os argumentos e todas as formas de intervenção **foram utilizados** para mudar o pensamento dele.

sujeito composto

- O líder comunitário e todas as mulheres ofendidas com a ação do marginal **deporão** na delegacia mais próxima.

verbo na 3.ª pessoa do plural

> **Dica:** Deste ponto em diante, estudaremos as regras que, de alguma forma, fogem da regra geral. Não se afobe! Sugiro que, se estiver cansado, pare um pouco. Descanse e volte.
> Procure entender o porquê da regra, não se esquecendo de que a regra maior sempre exige o verbo no plural quando o sujeito é composto. Vamos lá!

1. Quando o sujeito composto vier posposto ao verbo, é lícito que se concorde com o núcleo mais próximo desse sujeito ou, como nos orienta a regra geral, com ambos os núcleos.

- Das indagações do novo funcionário **adveio / advieram** uma nova ideia para a equipe e uma nova forma de pensar a empresa.

sujeito composto posposto ao verbo

- Não **convém / convêm** aos iniciantes na carreira advocatícia nem a liberalidade dos anarquistas nem a seriedade dos monges.

sujeito composto posposto ao verbo

sujeito composto posposto ao verbo

- Nenhum resultado **obteve / obtiveram** a reclamação do pai e as advertências da mãe.

⇨ **Observação:**

Quando se exprime reciprocidade, o verbo vai sempre para o plural. Observe:

- "Eram olhos, onde lutavam amor profundo e cólera violenta." (A. Herculano)
- Falamos com a mulher em cujo coração estavam vida e morte.

2. Quando o sujeito composto é formado por núcleos sinônimos, ou quase sinônimos, ou ainda se tais núcleos constituem uma gradação, o verbo poderá concordar tanto no singular quanto no plural.

núcleos sinônimos ou quase sinônimos

- A fama, a glória, o reconhecimento do público **fez** / **fizeram** de Paulo um homem arrogante.

núcleos sinônimos ou quase sinônimos

- Morro, se a misericórdia, o perdão, a graça de Deus não me **acode** / **acodem**.

núcleos do sujeito formam uma gradação

- O desafeiçoado, o insensível, o empedernido nunca se **preocupa** / **preocupam** com a situação dos outros.

núcleos do sujeito formam uma gradação

- O fraco, o debilitado, o sem-forças se **rende** / **rendem** com facilidade às corrupções do mundo.

núcleos sinônimos ou quase sinônimos

- "A largueza e relaxação da vida **escurece** a consciência e **cega** a alma." (Pe. Antônio Vieira, *Sermões*).

⇨ Observações:

a) Tenha muito cuidado com esta regra. Não é qualquer tipo de sujeito composto que possibilitará o verbo no singular. A concordância no singular é possível pela unidade semântica que esses sujeitos representam.

b) Quando a gradação do sujeito for resumida por um termo, só com este termo se fará a concordância. Veja:

termo que resume a gradação

- Um mês, um ano, um século, **uma vida inteira** não **bastava** para esquecer a mágoa que ela me causou.

c) É fundamental também não se esquecer de que a concordância no singular, nesta regra, só é possível, porque há também uma unidade de singular entre os núcleos do sujeito. Basta um dos núcleos vir no plural para que só o plural seja admissível para o verbo da concordância. Veja:

- O rancor, a mágoa, a cólera, a ira, o ódio sempre **fazem** / **faz** mal ao homem.

sujeito formado por núcleos sinônimos ou quase sinônimos

Agora...

- O rancor, **as mágoas**, a cólera, a ira, o ódio sempre **fazem** mal ao homem.

3. Quando o sujeito composto é resumido por um pronome indefinido (tudo, toda, nada, ninguém, cada um etc.), o verbo concordará com este pronome resumitivo.

- O mar, os céus, a terra, **tudo** **apregoa** a glória de Deus.

pronome resumitivo

- Doenças, desemprego, morte na família, **nada** o **fazia** pensar sobre a vida.

pronome resumitivo

- "No quintal a aroeira e a pitangueira, o poço, a caçamba velha, e o lavadouro, **nada** **sabia** de mim". (M. Assis)

⇨ Cuidado!! Não se deixe enganar:

OD VTD

- As bolas de sopro, as serpentinas, os confetes tudo **queriam** os organizadores da festa naquele instante.

sujeito do verbo querer

4. Quando os núcleos do sujeito forem infinitivos não precedidos de determinante, o verbo concordará na terceira pessoa do singular.

Dica: Para aprofundar este conhecimento, confronte esta regra com a regra do sujeito oracional, estudado no final deste capítulo.

- **Fazer** exercícios regulares e **dormir** oito horas diárias **faz** bem à saúde.
  sujeito composto cujos núcleos são infinitivos
- **Fumar e beber** em ambiente de trabalho **é** terminantemente proibido.
  sujeito composto cujos núcleos são infinitivos
- **Viver e sonhar constitui** a alma de nossa existência.
  sujeito composto cujos núcleos são infinitivos
- "**Vê-la e amá-la** foi obra de um minuto." (Machado de Assis)
  sujeito composto cujos núcleos são infinitivos

⇨ **Observação:**

Se os infinitivos vierem precedidos de determinantes ou se indicarem ideias contrárias, o verbo irá para o plural:

- **O** comer e **o** beber **exigem** de todos nós moderação.
- **Nascer e morrer constituem** os limites de nossa vida.

5. Quando os núcleos do sujeito são ligados por "OU", devem-se observar as seguintes orientações:

a) Se houver ideia de exclusão ou de sinonímia ⇨ o verbo concordará com o núcleo do sujeito mais próximo

b) Se houver ideia de inclusão ⇨ o verbo concordará com ambos os núcleos

c) Se houver ideia de retificação ⇨ o verbo concordará com o núcleo do sujeito mais próximo

- Toda a empresa está certa de que ele **ou** tu **serás** o novo presidente.
  a partícula indica exclusão

- Guará **ou** Guaratinguetá sempre **foi** uma excelente cidade para o turismo.
  a partícula indica sinonímia

- João Paulo **ou** André **casará** com a filha do prefeito.
  a partícula indica exclusão

- Laranja **ou** abacaxi após o almoço fazem bem à digestão.
  a partícula indica inclusão

  A partícula indica retificação

- O vencedor **ou** vencedores do concurso **ganharão** também uma bolsa de estudos no exterior.

  a partícula indica exclusão

- O Presidente do grupo **ou** os seus vice-diretores terão aumento neste final de ano.

6. Quando o sujeito é formado pela expressão "um ou outro", o verbo da concordância fica obrigatoriamente no singular.

- Você não dá esmolas, mas um ou outro amigo seu **dá**.
- Acredito que uma ou outra camisa lhe **fica** muito bem.
- Para aquele deputado um ou outro ministério lhe **conviria**.

7. Quando o sujeito é formado pelas expressões "Um e outro" ou "Nem um nem outro",

embora haja uma preferência para o plural, a concordância pode ser feita tanto no singular quanto no plural.

- Não adianta correr, pois nem um nem outro **escapará** / **escaparão**.
- Um e outro participante da maratona **alegou** / **alegaram** que houve fraude na competição.
- Paula e Joana foram reprovadas nos estudos. Nem uma nem outra **quis** / **quiseram** falar sobre o fato.
- Quando ele caiu em campo, um e outro jogador **tentou** / **tentaram** socorrê-lo, mas foi tarde demais.

Lembrete:
"A esta altura do campeonato", convém não esquecer: os verbos que indicam reciprocidade concordam no plural – 3.ª pessoa.

- Nem um nem outro **se cumprimentaram** à porta do evento.
  ↳ verbo indica reciprocidade. O plural é obrigatório.
  verbo indica reciprocidade. O plural é obrigatório. ↲
- Na última sessão, um e outro parlamentar **se esbofetearam** em virtude da não aprovação da medida.

8. Quando os núcleos do sujeito são unidos por "Nem... nem...", o verbo da concordância poderá ficar tanto no singular quanto no plural.

- Nem o Sport nem o Náutico **ganhará / ganharão** o torneio este ano.
- Nem honra, nem desonra, nem alegria, nem tristeza o **faziam** / **fazia** chorar.

⇨ Observação:

Se houver pronomes pessoais indicando pessoais gramaticais diferentes, o verbo da concordância obedecerá à lei da primazia (1.ª pessoa prevalece sobre as demais; 2.ª pessoa prevalece sobre a terceira).

- Nem eu (1.ª) nem tu (2.ª) **iremos** para o show de rock.
  ↳ 1.ª pessoa do plural prevalece

- Nem o tio João (3.ª) nem tu (2.ª) **deixastes** / **deixaram** o dinheiro para eu comprar a comida. Por que isso aconteceu?
  ↳ 2.ª ou 3.ª pessoa do plural prevalece

9. Quando os núcleos do sujeito são unidos pela preposição "COM", o verbo da concordância poderá ficar no singular ou no plural.

- O amigo **com** os seus melhores colegas **foi** / **foram** tomar satisfações com o outro grupo em virtude do ocorrido.
- Ele ficou sabendo que o bandido **com** vários de seus comparsas **tentariam** / **tentaria** invadir a fábrica à noite.
- O empresariado brasileiro **com** toda a sua assessoria **poderá** / **poderão** perceber a qualquer momento que a economia não vai bem.

⇨ Observação:

Lembre-se de que se o verbo anteceder ao sujeito, ele só poderá concordar com o núcleo mais próximo.

- A nova diretora **com** todos os seus professores **participará** / **participarão** da inauguração do Grêmio acadêmico.
- **Participará** da inauguração do Grêmio acadêmico a nova diretora com todos os seus professores.

10. Quando os núcleos do sujeito vierem unidos pela conjunção "como", embora haja a preferência para o plural, o verbo da concordância poderá ficar no singular ou no plural.

sujeito

- A tarifa de energia elétrica **como** a da água e esgoto **subiu** / **subiram** de preço esta semana.

sujeito

- A criança **como** o adulto só **aprende** / **aprendem** na vida quando se está diante de uma dificuldade.

11. Quando os núcleos do sujeito vierem ligados por conjunções correlatas (Não só... mas também; Não só... bem como; Não só... mas também; Tanto... quanto; Tanto... como etc.), o verbo irá para o plural.

Sujeito

- **Não só** o Ministro da fazenda, **mas também** todo o seu séquito **irão** participar da inauguração das obras.

- **Tanto** a moça **quanto** o seu pai **homenagearão** os professores do curso.

Sujeito

⇨ Observação:

Há gramáticos que também admitem, para este caso, a concordância no singular. Para estas correlações aditivas – as quais literalmente indicam soma, adição, acréscimo – parece-nos mais lógica, entretanto, a concordância apenas no plural.

- Tanto o leite quanto o pão **subiu** / ou / subiram de preço
- Não só o amigo mais íntimo como também toda a parentela **foi** / ou / **foram** visitá-lo na enfermidade.

Ufa!! Quanta regra, hein??!! Sugiro que descanse um pouco antes de iniciar a próxima etapa. Nossa missão será estudar um verbo que, por suas características, possui uma concordância toda especial, toda particular: o verbo SER. O assunto não é difícil e não são muitas as regras. Mantenha a calma! Continue firme!

5.1.5 CONCORDÂNCIA DO VERBO "SER"

O verbo "SER" é, como já disse, um verbo especial. Para a gramática normativa ele é considerado, quando empregado na função de verbo de ligação, um verbo desprovido de significado, não nocional. Em virtude desse esvaziamento semântico e da busca por uma melhor eufonia, em muitos casos o verbo SER deixará de concordar com o seu sujeito e passará a concordar com o seu predicativo. Observe agora as regras mais comuns para o emprego correto desse verbo:

1. **Quando o sujeito é representado pelos pronomes neutros "tudo, isto, aquilo, o", o verbo SER pode concordar tanto com o seu sujeito quanto com o seu predicativo:**

- Como se sabe, nem tudo na vida **é / são** flores.
- **O** que ele mais admira em você **é / são** seus belos olhos verdes.

2. **Quando o sujeito é formado por um substantivo e o predicativo também é um substantivo, ambos indicando coisas, o verbo SER poderá concordar tanto com o sujeito quanto com o predicativo:**

- A maior parte de todo o problema **era / eram** fricotes da moça.
- A cama dele sempre **foi / foram** restos de jornais velhos.
- 20% dos alunos **foi / foram** o número escolhido para representar a

escola nos jogos municipais.

3. Quando o sujeito for representado por uma pessoa – sujeito personativo –, o verbo SER deverá obrigatoriamente concordar com este sujeito.

- **Milena era** as alegrias de toda a família.
- A **criancinha** doente **é** as preocupações de seus pais.
- O **deputado foi** só alegrias quando soube que não ia ser cassado.

4. Quando o verbo SER fizer parte de uma expressão que indica quantidade (peso, medida, preço), ele sempre ficará no singular.

- Duzentos gramas de presunto **é pouco** para a lasanha.
- Dez mil reais **fora** o bastante para ele comprar um bom automóvel.
- As quarenta árvores plantadas **foi** muito para quem só dispõe de dois hectares de terras inférteis.

5. Quando o sujeito ou o predicativo é representado por um pronome do caso reto, o verbo SER obrigatoriamente concorda com esse pronome.

- **Ele** sempre **foi** os olhos da família.
- Nesta terra, o chefe **sois vós**.
- Neste setor da empresa, os responsáveis **somos nós**.
- Eles sabem que **eu serei** os pilares da organização.

⇨ Observação:

Se tanto o sujeito quanto o predicativo forem representados por pronomes do caso reto, o verbo SER concordará obrigatoriamente com o sujeito. Veja:

- Já falei que **eu** não **sou** ele.
- **Nós**, meu senhor, não **somos** eles.

6. Quando o verbo SER fizer parte de locuções que indiquem tempo ou distância, ele obrigatoriamente concordará, embora seja impessoal, com a expressão numérica que acompanhar tais locuções:

- Entre 1964 e 1985 **foram vinte e um** anos de muita repressão.
- Já **devem ser**, pela posição do sol, **umas cinco horas** da tarde.
- **É meio-dia e meia** na cidade de São Paulo e o sol ainda não apareceu.
- Hoje **são dezesseis** de abril.

⇨ Observação:

Neste último exemplo também é lícita a concordância "Hoje é dezesseis de abril", fazendo o verbo concordar com a palavra implícita "dia". É óbvio que, se a palavra "dia" vier expressa na frase, o verbo obrigatoriamente concordará com ela. Veja:

- Hoje **é dia** dezesseis de abril.

7. Quando o verbo SER fizer parte da locução expletiva ou de realce "É QUE", ele permanecerá invariável.

- **É** nas horas difíceis **que** se conhecem os verdadeiros amigos.
- Na realidade os homens **é que** deveriam se amar mais uns aos outros.

8. Quando o sujeito é formado por um pronome interrogativo QUE ou QUEM, o verbo SER concorda obrigatoriamente com o seu predicativo.

- Quem **foram os culpados** por esta desordem?
- Que **horas são** agora, por favor?
- Que **poderiam ser aquelas luzes** ao longe?

Puxa!!! Você conseguiu chegar até aqui!! Parabéns!! Só faltam mais algumas regras para terminar o assunto "concordância verbal". Não desista!! Nossa próxima incumbência será entender a concordância com o sujeito oracional.

5.1.6 A CONCORDÂNCIA COM O SUJEITO ORACIONAL

Um dos pontos bastante explorados pelas bancas examinadoras é a concordância com o sujeito oracional. Acompanhe o desenvolvimento a seguir:

- **São** fundamentais **as assinaturas dos sócios no contrato**.
  Verbo concorda com o sujeito — sujeito simples
- **É** fundamental **que os sócios assinem o contrato**.
  Verbo concorda na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional

Regra geral: O verbo sempre concordará na terceira pessoa do singular com o sujeito oracional.

Observe outros exemplos em que foi feito esse tipo de desdobramento (transformação do período simples em período composto com a formação de um sujeito oracional):

- Foram necessárias todas aquelas mudanças. (período simples)
  sujeito simples
  - Foi necessário **que se fizessem todas aquelas mudanças**. (período composto)
    sujeito oracional

- Espera-se o retorno dele o mais breve possível.
  sujeito simples
  - Espera-se **que ele retorne o mais breve possível**.
    sujeito oracional

- Foi anunciada a construção de uma nova ponte para a nossa cidade.
  sujeito simples
  - Foi anunciado **que uma nova ponte seria construída em nossa cidade**.
    sujeito oracional

⇨ Observação:

Lembre-se de que, em português, os infinitivos e as orações representam o número singular e o gênero masculino. Por isso, o sujeito oracional – que não passa de uma oração que exerce a função sintática de sujeito – exige o verbo da concordância no singular. Ademais, se houver algum adjetivo, este irá para o masculino. Observe, no exemplo abaixo, que o adjetivo participial "considerada" não está concordando com o sujeito oracional.

- "**Vencer a sujeição ao acaso** pode ser **considerada** uma das errôneas preocupações do pensamento filosófico inaugurado na Grécia." (ESAF)

Corrija-se para...

- "Vencer a sujeição ao acaso pode ser **considerado** uma das errôneas..."

Como você já está mais familiarizado com o sujeito oracional, vamos abaixo listar as formas como o sujeito oracional se apresenta.

1.ª FORMA

O sujeito oracional é a oração subordinada substantiva subjetiva, desenvolvida e introduzida, geralmente, pelas conjunções integrantes "que" e "se". Observe os exemplos:

- **É** muito difícil **que se cumpram os propósitos** que, invariavelmente, se formulam a cada início de ano.
- Não se **admite** **que hajam nascido, em quaisquer outras espécies, seres capazes de compor sinfonias**.
- **É** imprescindível **que se cumpram os acordos firmados em relação à oferta de energia e aos preços adequados, e que se atenda ao aumento da demanda**.
- **Urge** **que sejam definidas as metas de oferta de energia em quantidade suficiente e preço adequado**, para impulsionar o desenvolvimento do país.

⇨ **Observação:**

O importante não é apenas identificar o sujeito oracional. Acima de tudo, é essencial perceber que o verbo (destacado em cor laranja) concorda na 3.ª pessoa do singular com o sujeito oracional.

2.ª FORMA

O sujeito oracional manifesta-se por meio de uma estrutura proverbial ou de uma assertiva categórica, introduzidas pelo pronome relativo condensado "QUEM", que equivalerá a "AQUELE QUE". Observe os exemplos abaixo:

- **Quem canta** seus males espanta.
  sujeito oracional para o verbo "espantar"

- **Quem com porcos se mistura** farelo come.
  sujeito oracional para o verbo "comer"

- **Quem com ferro fere** com ferro será ferido.
  sujeito oracional para a locução da voz passiva "será ferido"

- Como obterá aprovação em um concurso público **quem nunca estudou com seriedade**?
  sujeito oracional para o verbo "obter"

- **Quem quiser conhecer os detalhes da vida** estude Filosofia.
  sujeito oracional para o verbo "estudar"

⇨ **Observação:**

Mais uma vez fique atento à concordância dos verbos "espantar, comer, ferir, obter e estudar", usados nos exemplos acima. Veja que todos estão flexionados na 3.ª pessoa do singular para concordar com seus respectivos sujeitos oracionais.

> Conselho de amigo: Fique muito atento!! O próximo caso é um dos mais explorados nos concursos públicos.

3.ª FORMA

O sujeito oracional é a oração subordinada substantiva subjetiva, reduzida de infinitivo. Observe os exemplos abaixo (destacamos o verbo – que concorda na 3.ª pessoa do singular – e o sujeito oracional):

- Não **convém** aos novos formandos em Direito **agir de forma contrária à Lei**.
  verbo na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional – oração reduzida de infinitivo

- Caso não nos **ocorresse**, naquelas horas, **buscar o auxílio de um guia**, jamais teríamos encontrado o caminho.
  verbo na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional

- Não **compete** aos historiadores **exercer a mera função de arquivistas públicos**.
  verbo na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional

- Não **aprouvesse** aos homens **criar instituições**, certamente viveríamos sob o signo da barbárie.
  verbo na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional

- Em muitos prédios do centro, ainda **resta**, nos andares mais altos, **vender muitas unidades**.
  verbo na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional

- **Faltava** **dar os últimos retoques** para que a festa ficasse pronta.
  verbo na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional

- Quanto aos nossos vizinhos, **cabe**-nos **reconhecê-los como nossos semelhantes**, pois, como nós, são seres únicos.
  verbo na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional

- Muitas pessoas, achando que não lhes **basta** **ouvir os apelos da vocação**, valorizam as vantagens pecuniárias de uma profissão.
  verbo na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional

- Em geral não nos **apetece** **enfrentar os contornos duros do nosso rosto verdadeiro**, mais desconfortáveis que os do construído.
  verbo na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional

Aviso aos navegantes: O próximo caso será um pouco complicado. Sugiro que pare um pouco e descanse a mente (5 minutos é o bastante!). Estude mais de uma vez o caso abaixo; se não entender, consulte o seu professor, o seu orientador.

4.ª FORMA

O sujeito oracional é a oração subordinada substantiva subjetiva, reduzida de infinitivo, e que se encontra posposta e apresenta transitividade incompleta (geralmente o infinitivo é transitivo direto com objeto direto no plural). Observe o exemplo abaixo (destacamos o sujeito oracional em cor laranja):

- Os documentos **que** era preciso **encontrar** resolveriam o problema.

Observe a construção...

1.ª oração: Os documentos resolveriam o problema.

2.ª oração: que (os documentos) encontrar → sujeito oracional para a 3.ª oração

3.ª oração: era preciso

Algumas considerações sobre o exemplo acima:

a) Observe que o pronome relativo "que" é o objeto direto do verbo "encontrar". Como o relativo se refere a "Os documentos", teremos, então: "encontrar os documentos".

b) O verbo "ser" em "era preciso" concorda com o seu sujeito oracional "encontrar os documentos". Logo, teremos: "Encontrar os documentos era preciso". Ocorre que o termo "os documentos", no exemplo, está representado pelo pronome relativo "que".

Vejamos outros exemplos:

verbo "ser" concorda na 3.ª pessoa do singular

- Os navios **que é essencial construir** servirão para a defesa do nosso litoral.
  sujeito oracional = que (os navios) construir

- O deputado estava preocupado com os votos **que lhe convinha arranjar**.
  sujeito oracional = que (os votos) arranjar

- As medidas **que seria oportuno decretar** poderiam diminuir as exportações.
  sujeito oracional = que (as medidas) decretar

verbo "tentar" concorda na 3.ª pessoa do singular com o sujeito oracional

- Fui de encontro às ações **que se tentava implantar**.
  sujeito oracional passivo = que (as ações) implantar

verbo "caber" concorda na 3.ª pessoa do singular com o sujeito oracional

- Nunca lhe pesou nas costas a dificuldade das funções **que lhe cabia desempenhar**.
  sujeito oracional = que (as funções) desempenhar

Observações sobre esse último caso:

a) Perceba que, em todos os exemplos, a função sintática do pronome relativo "que" é definida pelo infinitivo, o qual representa o núcleo do sujeito oracional.

b) Nos grandes concursos, algumas bancas exploram este tipo de sujeito oracional. É preciso ter muito cuidado para não se fazerem confusões. Veja abaixo uma análise errada de um período que apresenta sujeito oracional posposto com verbo transitivo direto e objeto direto no plural:

- As subvenções **que são lícitas obter do governo** atrapalham as importações.
  O sujeito do verbo "ser" é a oração "que (as subvenções) obter do governo"

Logo, é preciso corrigir o período acima para...

- As subvenções **que** é lícito **obter do governo** atrapalham as importações.

5.1.7 CONCORDÂNCIA DO VERBO "PARECER"

Outro caso bastante interessante diz respeito à concordância do verbo “parecer”. Isto porque este verbo tem o condão de tanto poder funcionar como verbo auxiliar em uma locução verbal quanto de aparecer como verbo independente, geralmente empregado como intransitivo. Vejamos:

- Maria **está** doente. ➡ Maria **parece** doente.
  Verbo de ligação — verbo de ligação
- Maria **deve estar** doente.
  Locução verbal
- Maria **parece estar** doente.
  - Maria estar doente PARECE.
    (Período composto. Verbos independentes.)
  - Maria parece estar doente.
    (Período simples. Locução verbal “parecer + estar”).

A partir desses primeiros exemplos, chegamos a uma regra:

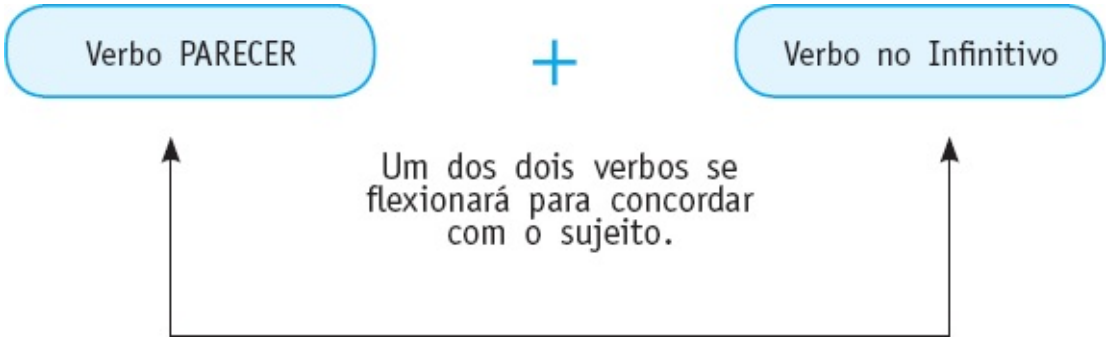

Outros exemplos:

a)

- As estrelas **parecem brilhar**. (Período simples. Locução verbal. Sujeito simples: “As estrelas”.)

OU

- As estrelas **parece brilharem**. (Período composto. Verbos independentes. Sujeito do verbo parecer é oracional: “Brilharem as estrelas”.)

b)

- Alguns animais **parecem andar** como os pássaros, saltitando.

OU

- Alguns animais **parece andarem** como os pássaros, saltitando.

c)

- As lágrimas **pareciam** não a **deixar** viver a vida.

OU

- As lágrimas **parecia** não a **deixarem** viver a vida.

⇨ **Observação:**

A essa mesma regra obedecem os verbos “ver-se” e “ouvir-se” quando são seguidos de um infinitivo.

- Nunca mais **se ouviu** os acordes do hino de Pernambuco **tocarem**.

OU

- Nunca mais **se ouviram** os acordes do hino de Pernambuco **tocar**.

⇨ **Observação:**

Não se esqueça de que o sujeito oracional nada mais é do que uma oração subordinada substantiva subjetiva.

5.1.8 CONCORDÂNCIA DOS VERBOS “COSTUMAR, PODER, DEVER, PRECISAR”

Um último caso bastante intrigante de concordância se dá com os verbos “costumar, poder, dever, precisar” em construções passivas seguidas de um infinitivo transitivo direto. Tais verbos poderão tanto formar uma locução verbal com o infinitivo como poderão concordar na 3.ª pessoa do singular com o sujeito oracional formado a partir do

infinitivo. Observe o diagrama:

VERBOS	PARTÍCULA	INFINITIVO TRANSITIVO DIRETO	NOME NO PLURAL
COSTUMAR PODER DEVER PRECISAR	SE		
Estes verbos poderão se flexionar, formando uma locução verbal com o infinitivo, ou ficar na 3.ª pessoa do singular para concordar com o sujeito oracional.	Funcionará como partícula apassivadora		

Exemplos:

- Em virtude da lei, não se deve / devem comprar produtos pirateados.
- Se se pudesse / pudessem aprovar mais leis em menos tempo, o país cresceria mais rápido.
- No Brasil, costuma-se / costumam-se vender carros usados para as pessoas mais pobres.
- "Concluo que não se **devem** abolir as loterias." (Machado de Assis)
- "Mas a V. Ex.ª **pode**-se dizer estas cousas, porque pertence à elite: a desgraça de Portugal é a falta de gente." (Eça de Queiroz)

Chegamos ao final!! Agora é o momento de praticar. Procure resolver todos os exercícios abaixo.

5.1.9 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

Concordância Verbal

1. (UM-SP) Já ... muitos anos que se alteraram algumas regras de acentuação, mas ... muitas pessoas que ainda ... ao grafar certas palavras.

   a) deve fazer, há, hesitam.
   b) devem fazer, tem, excitam.
   c) deve fazerem, há, hesita.
   d) deve fazer, tem, hesitam.
   e) fazem, há, excitam.

2. (FCMSC-SP) Aponte a concordância menos aceitável.

   a) Isto são sintomas menos sérios.
   b) Aquilo são lembranças de um triste passado.
   c) Paula foi os sonhos de toda a família.
   d) Aquela jovem tinha duas personalidades.
   e) Pedrinho eram as preocupações da família.

3. (TRF 5ª Região – Analista Judiciário – Judiciária) As normas de concordância verbal estão plenamente observadas na frase:

   a) O que há de mais terrível nas cenas de violência transmitidas pela TV estão nas reações de indiferença de alguns espectadores.
   b) Não se devem responder aos sacrifícios humanos com o cinismo de quem se julga superior.
   c) Não se levante contra o pessimista as acusações de imobilismo moral e inconsequência política.
   d) Ainda que não houvessem outras razões, o surdo idealismo dos pessimistas bastaria para os aceitarmos.
   e) Os otimistas não julguem os pessimistas, nem estes àqueles, pois ambos convergem para alguma forma de idealismo.

4. (PUC-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que a concordância verbal esteja correta.

a) Discutiu-se a semana toda os acordos que têm de ser assinados nos próximos dias.
b) Poderá haver novas reuniões, mas eles discutem agora sobre que produtos recairão, a partir de janeiro, a taxa de exportação.
c) Entre os dois diretores deveria existir sérias divergências, pois a maior parte dos funcionários nunca os tinha visto juntos.
d) Faltava ainda dez votos, e já se comemoravam os resultados.
e) Eles hão de decidir ainda hoje, pois faz mais de dez horas que estão reunidos naquela sala.

5. (UEL-PR) Já ... uns doze anos que ele não voltava à terra natal, por isso não sabia que lá ... ocorrido mudanças.

a) deviam fazerem, havia.
b) devia fazer, haviam.
c) devia fazer, havia.
d) deviam fazer, haviam.
e) deviam fazer, havia.

6. (FCC – TRT 23ª Região – Analista Judiciário) Quanto às normas de concordância verbal, a frase inteiramente correta é:

a) Mais gente, assim como o fez a juíza brasileira, deveriam ponderar as sábias palavras que escolheu Disraeli para convocar a ação dos justos.
b) A muitas pessoas incomodam reconhecer que sua omissão diante da barbárie as torna cúmplices silenciosas dos contraventores e criminosos.
c) É comum calarmos diante dos descalabros a que costumam dar destaque o noticiário da imprensa, e acabamos, assim, por consenti-los.

d) Quando não se opõem à ação do homem acanalhado, quando ocorre essa grave omissão, os homens justos deixam de fazer valer seu peso político.

e) Se tivessem havido firmes reações aos descalabros dos canalhas, estes não desfrutariam, com sua falta de escrúpulo, de um caminho já aplainado.

7. (UM-SP) Assinale a oração em que o verbo ***não*** concorda em número e pessoa com o sujeito, ferindo os princípios da concordância.

a) Faltam ainda alguns passos seguros para a aquisição de uma vida pacífica.

b) Existem criações sensatas capazes de superar até as mais espantosas maldades.

c) As desilusões que a perturbam hoje já passaram alguns dias comigo.

d) De sinceras intenções, as pessoas estão saturadas.

e) Exatamente irreais, suas palavras só contem valores supérfluos.

8. (ESAF – AFT) Assinale a opção que corresponde a palavra ou expressão destacada no texto abaixo que foi empregada de acordo com as regras de concordância.

Como nunca antes, a ordem e a cultura do capital mostram inequivocamente o seu rosto inumano, revelam a lógica perversa que as(1) dominam(2) internamente e que, antes, podiam ser escamoteadas(3) a pretexto do confronto com o socialismo: criam, por um lado, grande riqueza e concentração de poder à custa da devastação da natureza, da exaustão da força de trabalho e de uma estarrecedora pobreza. A utilização crescente da informatização e da robotização criam(4), ao dispensar o trabalho humano, os desempregados estruturais, hoje, totalmente descartáveis. E soma-se(5) aos milhões só nos países do Primeiro Mundo.

(Adaptado de Leonardo Boff. *Depois de 500 anos:* que Brasil queremos? Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 41.)

a) (1)
b) (2)
c) (3)
d) (4)
e) (5)

9. (FCC – TRT 23ª Região – Analista Judiciário) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do ***plural*** para preencher de modo correto a lacuna da frase:

a) Se a cada um de nós efetivamente ..... (**perturbar**) os que agem mal, a impunidade seria impossível.
b) .....-se (**dever**) aos homens de ação o aperfeiçoamento estrutural de uma sociedade.
c) Nas palavras dos piores contraventores ..... (**costumar**) haver insolentes alusões à moralidade.
d) Aos bons cidadãos não ..... (**ocorrer**) que os maus contam com o silêncio da sociedade para seguirem sendo o que são.
e) Aqueles de quem não ..... **(advir)** qualquer reação contra os desonestos acabam estimulando a corrupção.

10. (UEL-PR) Acredito que ... muitas enchentes, pois ... fatos que ... afirmá-lo.

a) haverão – ocorre – permitem.
b) haverá – ocorre – permitem.
c) haverá – ocorrem – permitem.
d) haverão – ocorre – permite.
e) haverão – ocorrem – permite.

11. (FCC – TRF 3ª Região – Analista Judiciário) As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na frase:

a) Não se imputem aos adolescentes de hoje a exclusiva responsabilidade pelo fato, lastimável, de aspirarem a tão pouco.
b) A presença maciça, em nossas telas, de tantas ficções, não nos devem fazer crer que sejamos capazes de sonhar mais do que as gerações passadas.
c) Se aos jovens de hoje coubesse sonhar no ritmo das ficções projetadas em nossas telas, múltiplos e ágeis devaneios se processariam.
d) Ficaram como versões melhoradas da nossa vida acomodada de hoje o vestígio dos nossos sonhos de ontem.
e) Ao pretender que se mobilize os estudantes para as exigências do mercado de trabalho, o professor de nossas escolas impede-os de sonhar.

12. (FCC – TRF 3ª Região – Analista Judiciário) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do ***plural*** para preencher corretamente a lacuna da frase:

a) Para que não ..... (**restringir**) o sonho de um jovem, as imposições do mercado de trabalho devem ter sua importância relativizada.
b) Seria essencial que nunca ..... (**faltar**) aos adolescentes, mesmo em nossos dias pragmáticos, a liberdade inclusa nos sonhos.
c) Entre as duas hipóteses que ..... (**examinar**), considera o autor que o elemento comum é redução da capacidade de sonhar.
d) Não se ..... (**delegar**) às escolas a missão exclusiva de preparar os jovens para sua inserção no mercado de trabalho.
e) É pena que ..... (**faltar**) aos jovens a referência dos sonhos que seus pais já tenham alimentado em sua época de adolescentes.

13. (ESAF – AFRFB) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado de O Globo. Assinale a opção que apresenta erro de concordância.

a) Para sustentar um crescimento duradouro nos moldes do registrado no ano passado, a economia brasileira precisa se

preparar, multiplicando seus investimentos, que, aliás, parecem deslanchar. Mas leva algum tempo até que atinjam a fase de maturação.

b) Nesse período, seria preferível que a economia crescesse em ritmo moderado, na faixa de 4% a 5% ao ano, para evitar pressões indesejáveis sobre os preços ou uma demanda explosiva por importações, o que poderia comprometer em futuro próximo as contas externas do país.

c) O Brasil felizmente tem uma economia de mercado, na qual controles artificiais não funcionam ou causam enormes distorções. As iniciativas de política econômica para se buscar um equilíbrio conjuntural deve, então, se basear nos conhecidos mecanismos de mercado.

d) No caso do Banco Central, o instrumento que tem mais impacto sobre as expectativas de curto prazo, sem dúvida, é a taxa básica de juros, que estabelece um piso para a remuneração dos títulos públicos e, em consequência, para as demais aplicações financeiras e operações de crédito não subsidiado.

e) Se a taxa de juros precisa agir sozinha na busca desse equilíbrio conjuntural, o aperto monetário pode levar os agentes econômicos a reverem seus planos de investimento, e com isso o ajuste se torna mais moroso, sacrificando emprego e renda.

14. (FCC – TRF 3ª Região– Analista Judiciário) Considerando-se as normas de concordância verbal, há uma ***incorreção*** na frase:

a) Tão rápidos quanto os “cliques” das mágicas maquininhas são o prazer e o enfado que caracterizam as modernas sessões de fotografia.

b) Não é de se crer que todos os produtos com alta tecnologia cheguem a se banalizar, já que a banalidade está nas circunstâncias em que se venham a utilizá-los.

c) Não compete nem aos cientistas nem aos produtores responsabilizar-se pelas consequências da utilização do que nos oferecem.

d) Quantos mais inventos haja, mais impulsivos hão de ser nossos desejos de os consumir, como vem sucedendo no caso dos engenhos eletrônicos.

e) Seria de se esperar que se associassem à moderna tecnologia apenas os benefícios reais, que a ela se tributassem tão somente vantagens inequívocas.

15. (Fatec-SP) Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal.

a) Devem haver outras razões para ele ter desistido.

b) Foi então que começou a chegar um pessoal estranho.

c) Queria voltar a estudar, mas faltava-lhe recursos.

d) Não se admitirá exceções.

e) Basta-lhe dois ou três dias para resolver isso.

16. (FCC – Técnico Legislativo – Câmara dos Deputados) A forma verbal de ***singular*** que também poderia ter sido empregada corretamente no ***plural*** está grifada na frase

a) *... a ordem social era imutável...*

b) *... e a Igreja, junto com o poder absolutista, tinha o monopólio da informação.*

c) *... num processo que também gerou a onda de inovação ...*

d) *... quando isso vai de encontro aos interesses da comunidade...*

e) *... em que ela está inserida.*

17. (UFCE-CE) Complete as seguintes frases observando a concordância verbal e, depois, assinale a opção ***certa***.

1. Como ... haver pessoas tão generosas. (poder – imperf. do ind.)

2. ...-se, muito longe, os sinos da igreja. (ouvir – imperf. do ind.)

3. ... muitos anos que ela não vai a festas. (fazer – pres. do ind.)

4. Eles sempre se ... com dignidade. (haver – perf. do ind.)

5. …-se muitas pessoas dirigindo-se à matriz. (ver – pres. do ind.)

a) podia, ouviam, faz, houveram, veem.
b) podiam, ouvem, fazem, houveram, vêm.
c) podia, ouvia, faz, havia, veem.
d) pôde, ouve, fazem, houveram, veem.
e) n.d.a.

18. (FCC – Metrô/SP – Supervisor de Linha) Tendo em vista as normas de concordância verbal, é preciso ***corrigir*** a seguinte frase:

a) Podiam-se assistir com prazer às danças das chamas na lareira.
b) Mal haviam decorrido alguns minutos, o líder foi para junto da lareira.
c) Na lareira queimavam-se as achas e produzia-se a dança das chamas.
d) Nenhum dos gestos do líder deixava de ser analisado pelo dono da casa.
e) Não escapava ao liderado o sentido dos gestos produzidos pelo líder.

19. (Unibero-SP) Em todas as alternativas, ***exceto*** em uma, o verbo pode ir para o plural ou ficar no singular:

a) Mais de uma pessoa (atingir) a meta.
b) Um bando de andorinhas (pousar) no varal.
c) Pequena parte dos cantores (dar) um agudo.
d) Um grande número de maritacas (grasnar).

20. (FCC – PBGÁS/PB) As normas de concordância verbal e nominal estão inteiramente respeitadas na frase:

a) Diante das imagens que na tela se sucede, o usuário de um computador parece hipnotizado.

b) Principais responsáveis pelos primeiros meios de transporte, a tração animal veio a ser substituída pela dos motores.

c) Se fossem mais intensos por serem mais velozes, nossa reflexão e nossa emoção estariam hoje num invejável patamar.

d) Uma vez que passe a atrair toda a nossa atenção, bons romances e belas peças musicais afastam nossa obsessão pela velocidade.

e) Aos meninos diante das telas não costuma ocorrer que a velocidade que os preocupa acelera também a passagem da infância.

GABARITO

Concordância Verbal

1 – A	2 – E	3 – E
4 – E	5 – B	6 – D
7 – E	8 – A	9 – A
10 – C	11 – C	12 – A
13 – C	14 – B	15 – B
16 – B	17 – A	18 – A
19 – A	20 – E	

5.2 CONCORDÂNCIA NOMINAL

Deixamos para trás a concordância entre o verbo e o seu sujeito. A partir de agora, nossa preocupação será identificar o substantivo e os termos que a ele se referem. Mais uma vez receba meu apoio. Este assunto, à exceção de uma ou outra regra, é bastante fácil. É preciso, entretanto, ficar bastante atento para perceber a quem o termo está se

referindo. Nosso sucesso dependerá desse conhecimento. Bons estudos!!

5.2.1 REGRA GERAL

Observe atentamente o exemplo abaixo:

Perceba que os dois substantivos (amigos e regiões) encontram-se cercados por outros termos que se flexionam no gênero e no número dos substantivos. Estamos, portanto, diante da regra geral da concordância nominal:

> O adjetivo, o artigo, o numeral e o pronome adjetivo concordam em gênero e número com o nome a que se referem.

Antes, porém, de iniciarmos as demais regras, convém relembrar:

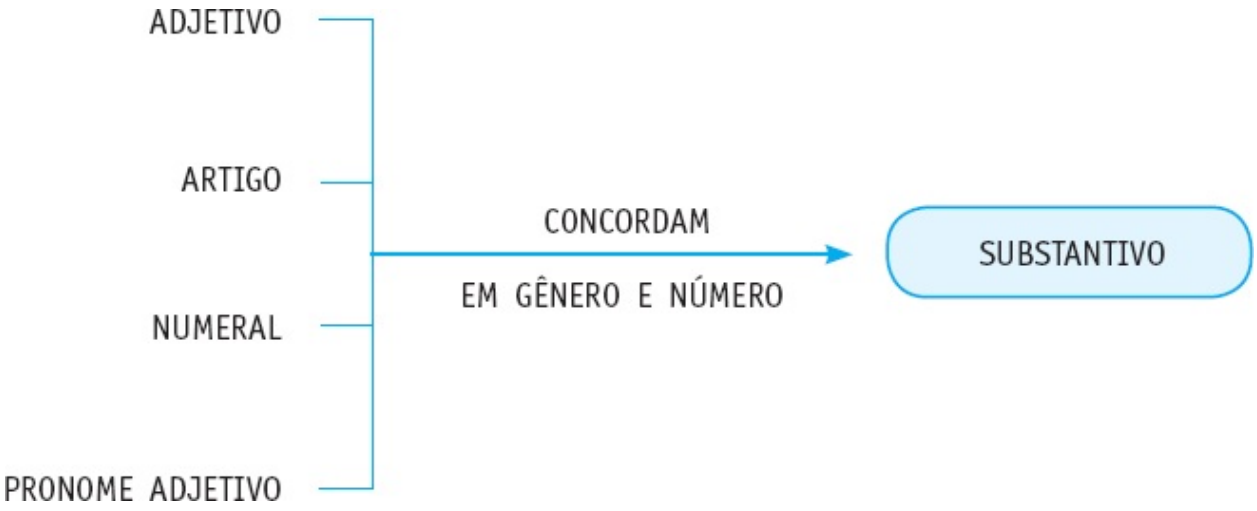

Não se esqueça também da seguinte orientação:

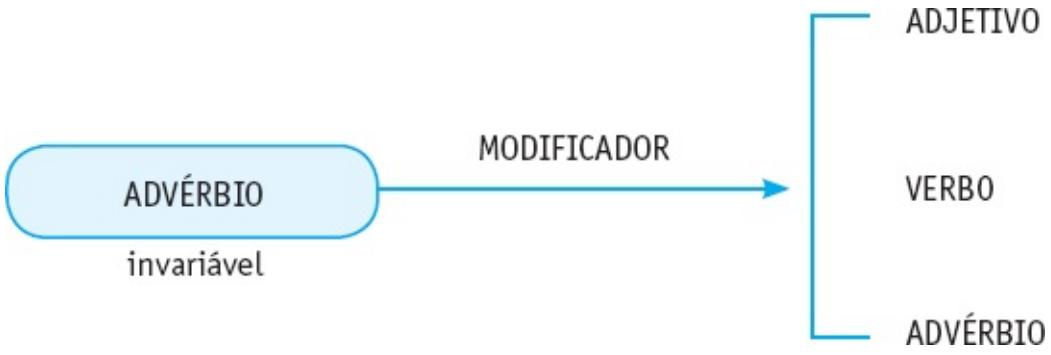

Veja:

- Havia **muito** barulho por causa das pessoas que falavam **muito** alto.
  pronome indefinido — advérbio
- Por sempre andar por **longes** terras sempre morou **longe** de seus familiares.
  adjetivo — advérbio
- Foi considerado o homem **certo** para o cargo porque sempre agiu **certo**.
  adjetivo — advérbio

Logo, nosso cuidado daqui para frente será não confundir um advérbio – classe de palavra invariável – com as classes morfológicas que concordam com o substantivo. Para tanto, observe a quem o termo se refere. Se ele fizer referência a um substantivo, deverá concordar com este; se, por outro lado, ele se referir a um adjetivo, a um verbo ou mesmo a um advérbio, o termo em questão será um advérbio, portanto invariável.

> Estudaremos agora as demais regras da concordância nominal. Você perceberá que boa parte das regras diz respeito à concordância do adjetivo. Lembre-se, portanto, de que o adjetivo exerce, basicamente, duas funções sintáticas: adjunto adnominal e predicativo.

5.2.2 PRINCIPAIS CASOS DE CONCORDÂNCIA NOMINAL

1. Com os adjetivos compostos, somente o último elemento varia para concordar com o substantivo a que se refere.

- Ele fez duas intervenções médico-**cirúrgicas**.
- Firmaram dois grandes acordos sino-franco-**lusitanos**.
- As condições sociopolítico-**econômicas** do país não condiziam com os princípios da cultura greco-**latina**.

⇨ **Observações:**

Lembre-se de que os adjetivos "azul-celeste" e "azul-marinho" são invariáveis.

Já com o adjetivo "surdo-mudo" ambos os elementos variam.

Não se esqueça também de que os adjetivos referentes a cor formados por adjetivo mais um substantivo são invariáveis.

- Compramos duas blusas azul-celeste.
- Falamos com dois surdos-mudos.
- Na formatura, usou duas blusas amarelo-canário.

2. Quando um único adjetivo, na função de adjunto adnominal, refere-se a mais de um substantivo, hão de se observar duas vertentes para a concordância:

a) Se o adjetivo vier anteposto, concordará obrigatoriamente com o substantivo mais próximo:

- Ele possuía **monstruosas** mãos e braços.
- O bufê servia **maravilhosas** tortas e salgados.

- Em sua viagem, passou muitas horas admirando as **magníficas** montanhas e mares do sul.
- **Recuperada** a saúde e o ânimo, ele voltou imediatamente ao seu posto de trabalho.

b) Se o adjetivo vier posposto, poderá concordar tanto com o substantivo mais próximo quanto com os dois substantivos no plural. Neste último caso, se os gêneros dos substantivos forem diferentes, prevalecerá o masculino plural para o adjetivo:

- Após o tsunami, caminhou pelos becos e pelas ruas { destruídas / destruídos } pela força das águas.
- Em um canto da sala, deixaram um sapato e uma sandália { velha. / velhos. }
- Ontem à tarde encontrei o aluno e a aluna { estudiosa. / estudiosos. }
- Divulgará uma notícia e uma nota { extraordinária / extraordinárias } para relatar o fato à população.

⇨ **Observações:**

Se, pela lógica, o adjetivo só puder se referir a um substantivo, será com este substantivo que se efetuará a concordância:

- Em sua viagem, alimentou-se de peixe, ovos, saladas e carne **bovina**.
- A cidade sofria por causa do frio e da chuva **torrencial**.

Se o adjetivo, anteposto ou posposto, estiver se referindo a pessoas, obrigatoriamente deverá concordar no plural com ambos os substantivos:

- Ontem assistimos ao show dos **ilustres** Caetano Veloso e Gilberto Gil.

3. Quando, por outro lado, dois ou mais adjetivos estiverem se referindo a um único substantivo, admitem-se três possibilidades de concordância:

- Sempre estudou profundamente
  - as línguas inglesa, francesa e italiana.
  - a língua inglesa, a francesa e a italiana.
  - a língua inglesa, francesa e italiana.

- Ele analisava todos os dias
  - as leis federal, estadual e municipal.
  - a lei federal, a estadual e a municipal.
  - a lei federal, estadual e municipal.

- Durante os estudos frequentou assiduamente
  - os cursos ginasial e pedagógico.
  - o curso ginasial e o pedagógico.
  - o curso ginasial e pedagógico.

⇨ **Observação:**

Perceba que, no primeiro caso, o substantivo vai para o plural e omite-se o artigo antes dos adjetivos. No segundo exemplo, o substantivo permanece no singular e coloca-se o artigo a partir do segundo adjetivo. No último exemplo, o substantivo fica no singular e omite-se o artigo dos adjetivos.

4. Quando o adjetivo estiver na função de predicativo de um sujeito composto, há duas possibilidades de concordância:

a) Se vier posposto, o adjetivo concordará obrigatoriamente no plural, prevalecendo o masculino se os gêneros dos substantivos forem diferentes:

- A ideia e o pensamento tornaram-se **obsoletos** em virtude dos novos

paradigmas.

- Quase todas as moças e todas as professoras mantiveram-se **caladas** ao longo da apresentação dos meninos.
- Se os prisioneiros e as sentinelas fossem mais **abertos** ao diálogo, os problemas do sistema prisional diminuiriam.

b) Se vier anteposto, o predicativo do sujeito poderá concordar com ambos os núcleos ou com o mais próximo.

- **Jogadas** ao vento estavam as cartas e todos os documentos do escritório.

OU

- **Jogados** ao vento estavam as cartas e todos os documentos do escritório.
- **Satisfeita** com o a situação saiu da sala a secretária e o seu auxiliar.

OU

- **Satisfeitos** com a situação saíram da sala a secretária e o seu auxiliar.
- **Constrangido** por causa do vexame ficou o presidente da empresa e dois dos seus secretários.

OU

- **Constrangidos** por causa do vexame ficaram o presidente da empresa e dois dos seus secretários.

⇨ **Observação:**

Perceba que a concordância do adjetivo com o núcleo mais próximo exige, se este núcleo estiver no singular, que a concordância verbal também seja feita no singular.

5. Quando o adjetivo estiver na função de predicativo do objeto, devem-se observar as seguintes orientações:

a) O adjetivo predicativo concordará normalmente em gênero e número com o objeto quando este for simples:

- Encontraram todos os documentos do escritório **revirados** pelos bandidos.
- **Abandonadas** à própria sorte, os parentes mais próximos deixaram as filhas de D. Elza.
- Julgaram as moças **incapazes** de exercer o cargo para o qual elas se candidataram.

b) Quando posposto, o adjetivo predicativo concordará no plural e no gênero prevalente com o objeto formado por mais de um núcleo.

- Achou o monarca e a sua esposa **simpáticos**.
- Encontramos o pórtico e a antessala totalmente **sujos** pela poeira do desabamento do prédio vizinho.
- Os funcionários consideram o chefe-de-seção e a sua comitiva **incompetentes**.
- Dois dos reclamantes acusaram a advogada da empresa e o preposto **de omissos e parciais**.

⇨ **Observação:**

Para facilitar a concordância, transforme os núcleos do objeto direto em um pronome oblíquo átono (o, a, os, as) – observe o gênero de prevalência. Veja:

- Achou o monarca e a sua esposa simpáticos. = Achou-**os** simpáticos.

- Encontramos o pórtico e a antessala totalmente **sujos** pela poeira do desabamento do prédio vizinho. = Encontramo-**los** totalmente **sujos** pela poeira do desabamento do prédio vizinho.
- Os funcionários consideram o chefe-de-seção e a sua comitiva **incompetentes**. = Os funcionários consideram-**nos incompetentes**.
- Dois dos reclamantes acusaram a advogada da empresa e o preposto **de omissos e parciais**. = Dois dos reclamantes acusaram-**nos de omissos e parciais**.

c) Quando anteposto, o adjetivo predicativo do objeto poderá concordar tanto com o núcleo mais próximo quanto com todos os núcleos do objeto direto. Neste último caso, deve-se observar, é claro, o gênero prevalente.

- Ao sair, deixe bem fechada / fechados a porta do quarto e os postigos da sala.
- O falecimento da mãe deixou insuportável / insuportáveis o dia e, principalmente, as noites do rapaz.
- Encontrou deitado / deitados no sofá da sala principal o filho e a namorada.

6. Quando o substantivo vem acompanhado de numerais ordinais, ele pode ficar tanto no singular quanto no plural desde que os numerais venham acompanhados de artigo.

- O diretor falou para os alunos da primeira e da segunda série. / séries.
- Escutamos o primeiro e o segundo movimento / movimentos da sinfonia.
- A empresa ocupava o terceiro, o quarto e o quinto andar / andares do edifício.

⇨ **Observação:**

Se os numerais ordinais vierem desacompanhados de artigo ou se estiverem pospostos, o substantivo obrigatoriamente irá para o plural.

- A empresa ocupava terceiro, quarto e quinto **andares** do edifício.
- A empresa ocupava **os andares** terceiro, quarto e quinto do edifício.

7. O particípio passivo concorda com o seu sujeito passivo em gênero e número.

- Foram **postas** em discussão todas as propostas do novo diretor.
- Novas bolas e alguns enfeites haviam sido **comprados** antecipadamente.
- **Passadas** duas semanas do acidente, eles ainda não estavam recuperados.
- As novas ideias do grupo foram imediatamente **rejeitadas** pelo líder da excursão.

5.2.3 CASOS ESPECIAIS DE CONCORDÂNCIA NOMINAL

1. As palavras "MESMO, PRÓPRIO, LESO, QUITE, OBRIGADO, INCLUSO, ANEXO, QUALQUER" concordam com a palavra a que se referem.

- Elas **próprias** irão resolver o conflito.
- As flores, elas **mesmas** desabrocham para si **próprias**.
- A moça respondeu muito **obrigada**.
- Seguem **anexas** ao processo todas as cópias dos relatórios

solicitados.

- Em suas ações, ele cometeu um crime de **lesa**-pátria.
- Todos estavam **quites** com o serviço militar.
- Iam **inclusas** as radiografias que ele tirara numa clínica do interior.
- **Quaisquer** que sejam as suas intenções, nós as rejeitamos antecipadamente.

⇨ **Observação:**

A expressão "em anexo" é invariável.

2. As palavras "MEIO, BASTANTE, CARO, BARATO, MUITO, POUCO, LONGE" ora funcionam como advérbios – invariáveis, portanto –, ora funcionam como adjetivos, numeral – no caso da palavra "meio" – ou pronomes adjetivos, concordando com o termo a que se referem.

- Paris é uma cidade muito **cara** (adjetivo) para quem dispõe de **poucos** (pronome adjetivo) recursos.
- Havia **bastantes** (pronome adjetivo) questões **bastante** (advérbio) difíceis na prova de Português.
- Já andei por **longes** (adjetivo) terras à procura de um amor que mora **longe, muito longe** (advérbios).
- Aquelas frutas custaram **caro** (advérbio). Em feira livre, geralmente eu compro frutas **baratas** (adjetivo).

- Segundo Drummond, há portas por que só passam **meias** pessoas.
  numeral

- A mãe permanecia **meio** irrequieta porque o filho ainda não tinha dado notícias.
  advérbio

- **Muitas** pessoas ficaram **meio** irritadas, porque compraram passagens **caras**, mas não embarcaram.
  pronome adjetivo — advérbio — adjetivo

- **Poucas** pessoas conseguem ficar em pé depois que bebem **muito**.
  pronome adjetivo — advérbio

- Já falei **bastantes** vezes que, quando ele falasse, evitasse as **meias** palavras, os **meios** termos.
  pronome adjetivo — numeral — numeral

3. As palavras "MENOS, ALERTA e PSEUDO" são invariáveis. Veja:

- Todos os soldados permaneceram **alerta**.
- Havia **menos** pessoas do que se esperava.
- No exame, encontraram-se bactérias **pseudo**filamentadas.

Não confunda a palavra ALERTA invariável com o substantivo ALERTA. Quando invariável, a palavra ALERTA denota modo, posição, situação. Observe:

- Soaram dois **alertas** (substantivo) no corpo de bombeiros. Como todos os bombeiros estavam **alerta**, (palavra invariável) o socorro saiu rápido.

4. A palavra "SÓ" ora funciona como advérbio – invariável – na acepção de "somente, apenas", ora funciona como adjetivo, significando "sozinho". Como adjetivo,

concorda com o termo a que se refere.

- Todos permaneceram **sós** (adjetivo) na sala iluminada.
- Pelo que nós sabemos, ela **só** (advérbio) vai se for de carro.
- Era **só** (advérbio) isso que Paula e André esperavam: a família saiu e eles ficaram **sós** (adjetivo) no apartamento.

⇨ **Observação:**

A expressão "a sós" é invariável. Significa "sozinho(s), sozinha(s).

- Ele preferiu ficar **a sós** (expressão invariável) na casa da prima.
- As moças estiveram o tempo todo **a sós** (expressão invariável) no quarto.

5. Expressões formadas pelo verbo SER mais um ADJETIVO (é bom, é preciso, é proibido, é permitido, é necessário etc.), obedecem às seguintes regras:

a) Quando o substantivo está empregado em sentido geral, abstrato, não específico – sempre aparece sem artigo, sem determinante – a expressão formada pelo verbo "ser" seguido de um adjetivo permanece invariável.

b) Quando o substantivo vem acompanhado por artigo ou por qualquer outro determinante, empregado em sentido específico, não geral, o adjetivo predicativo concorda com o seu sujeito.

adjetivo fica invariável

- Para quem gosta de cinema, é **necessário** presença de filmes nacionais.
  substantivo não precedido de artigo ou de determinante

adjetivo fica invariável

- Salsa, segundo os cozinheiros, é **bom** para tempero.
  substantivo não precedido de artigo ou de determinante

adjetivo fica invariável

- Na porta se lia o aviso: entrada é **proibido**.
  substantivo não precedido de artigo ou de determinante

adjetivo fica invariável

- É **preciso** cautela para abrir um pacote que não lhe pertence.
  substantivo não precedido de artigo ou de determinante

adjetivo concorda com o sujeito

- Em muitos países é **proibida** a entrada de cidadãos iraquianos.
  substantivo precedido de um determinante

adjetivo concorda com o sujeito — Substantivo precedido de um determinante

- Como você diz que é **proibida** a reflexão sobre a relação entre os homens se reflexões é **necessário** à vida?
  adjetivo fica invariável

6. Com as expressões "O MAIS POSSÍVEL / OS MAIS POSSÍVEIS, O MENOS POSSÍVEL / OS MENOS POSSÍVEIS, O PIOR POSSÍVEL / OS PIORES POSSÍVEIS", pode-se deixar o adjetivo e o artigo no singular ou flexionar-se no plural, simultaneamente, o artigo e o adjetivo.

- Eles trouxeram **as mais** geladas cervejas **possíveis**.
- Os argumentos apresentados eram **o mais** inverídicos **possível**.
- Sempre nos recebia com pratos **os** mais requintados **possíveis**.
- Em nossa viagem, passamos por ruas **o mais** esburacadas **possível**.

⇨ **Observação:**

Há uma terceira possibilidade de concordância em que se deixa apenas a palavra "possível" invariável. O artigo acompanhará o substantivo e o advérbio "mais" ficará posposto a este substantivo. Esta construção é, entretanto, pouco encontrada nos grandes escritores.

- Nós vimos **os** carros **mais** belos **possível** na última feira do automóvel.
- Na casa do tio João, podem-se colher **as** frutas **mais** saborosas **possível**.

7. Com as expressões ALGO DE / NADA DE / POUCO DE / MUITO DE/ UM QUÊ DE / QUE DE o adjetivo que as acompanha poderá tanto concordar com o sujeito quanto ficar invariável.

- Que de tão **sedutor / sedutoras** tinham aquelas garotas?
- As músicas tocadas tinham um quê de **melancólico** / **melancólicas**.
- Nossa vida nada tem de **trágico** / **trágica**.
- Os móveis adquiridos em um brechó pouco tinham de **antigo** / **antigos**.

8. Com a locução pronominal "tal qual", o "tal" concordará com o termo que o antecede enquanto o "qual" concordará com o termo que o sucede.

- Os filhos eram **tais qual** o pai.
- Os gramados da cidade pareciam **tais qual** um grande rio verde.

5.3 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

Concordância Nominal

1. (UM-SP)

   I. Os brasileiros somos todos eternos sonhadores.

   II. Muito obrigadas! Disseram as moças.

   III. Sr. Deputado, V. Ex.ª está enganado.

   IV. A pobre senhora ficou meia confusa.

   V. São muito estudiosos os alunos e as alunas deste curso.

   Há uma concordância inaceitável, de acordo com a gramática normativa:

   a) em I e II.
   b) em II, III e V.
   c) apenas em II.
   d) apenas em III.
   e) apenas em IV.

2. (F. Cásper Liberto-SP) Faça a concordância.

   "V.A. ... hoje, pois ... demais, caro Príncipe."

   a) estais cansada, andou.
   b) está cansado, andou.
   c) estais cansado, andaste.
   d) está cansado, andaste.

3. (FMIT-MG) Em todas as frases a concordância se fez corretamente, ***exceto*** em:

   a) Os soldados, agora, estão todos atentos.
   b) Ela possuía bastante recursos para viajar.
   c) As roupas das moças eram as mais belas possíveis.
   d) Rosa recebeu o livro e disse: "Muito obrigada".
   e) Sairei de São Paulo hoje, ao meio-dia e meia.

4. (UFV-MG) Todas as alternativas abaixo estão corretas quanto à concordância nominal, **exceto***:*

a) Foi acusado de crime de lesa-justiça.
b) As declarações devem seguir anexas ao processo.
c) Eram rapazes os mais elegantes possível.
d) É necessário cautela com os pseudolíderes.
e) Seguiram automóveis, cereais e geladeiras exportados.

5. (UEL-PR) "Ao esforço e à seriedade ... ao estudo é que ... os louvores que ele tem recebido ultimamente."

a) consagrado, devem ser atribuídos.
b) consagrada, deve ser atribuído.
c) consagrados, devem ser atribuídos.
d) consagradas, deve ser atribuído.
e) consagrados, deve ser atribuído.

6. (UFS-SE) "Já ... 8 horas quando se ... os debates sobre cinema e literatura..."

a) seria – iniciou – brasileira.
b) seria – iniciaram – brasileiras.
c) seria – iniciou – brasileiros.
d) seriam – iniciaram – brasileira.

7. (FCC-SP) Assinale a alternativa em que a concordância verbal e nominal está **correta**.

a) Já é meio-dia e meia; faltam poucos minutos para começar a reunião.
b) Comprei um óculos escuro nesta loja. Consegue-se bons descontos aqui.
c) Vão fazer dez anos que trabalho aqui e ainda é proibido a minha

entrada na sala da Diretoria!d) Duzentas gramas de queijo são demais para fazer torta.

e) A gente fomos ao cinema no domingo e lá haviam amigos nossos na fila.

8. (FFCLBH-MG) Em todas as alternativas há problemas de concordância segundo a norma culta da linguagem, **exceto***:*

a) "O embarque de June surpreendeu a maioria das pessoas (aproximadamente 100) que foram ao Aeroporto Internacional do Rio, para a despedida do presidente." *(Folha de S. Paulo)*

b) Compra-se lotes e casas.

c) "... mesmo assim, ali está a vergonha escancarada da guerra, no quintal de todos que fazem questão de virar o rosto para o outro lado. O problema é este: não há o outro lado quando se domina as novas tecnologias." *(Folha de S. Paulo)*

d) É proibido a entrada de menores de 18 anos em motéis.

9. (Unisinos-RS) O caso de concordância nominal ***inaceitável*** aparece em:

a) Nunca houve divergências entre mim e ti.

b) Ela tinha o corpo e o rosto arranhados.

c) Recebeu o cravo e a rosa perfumado.

d) Tinha vãs esperanças e temores.

e) É necessário certeza.

10. (UFPel-RS) A alternativa em que são atendidas as normas de concordância da língua culta é:

a) Precisamos ser benevolentes para com nós mesmos.

b) Já tinham bastante motivos para voltar para casa.

c) Que houvesse ou não existido opiniões contraditórias não nos interessava naquele momento.

d) Sr. Ministro, V. Ex.ª sereis recebido com grande entusiasmo pela população.
e) Surgiu, na escuridão da noite, dois vultos enormes.

11. (UCS-RS)

a) Já **fazem** tantos anos assim?
b) Acho que **devem fazer** uns dez anos.
c) Vossas Excelências já **podeis** considerar o projeto aprovado.
d) Escolhe tu mesmo o que julgas ser melhor para **teu** futuro.
e) Escolhe você mesmo o que julgas ser melhor para o **teu** futuro.

12. (FEI-SP) Em qual declaração proibitória ocorre **incorreção** gramatical?

a) É proibida a entrada.
b) Proíbe-se a entrada de estranhos.
c) É proibido entrar.
d) A eles, foi-lhes proibida a entrada.
e) Proibir-se-á, fora do expediente, as entradas de todos os funcionários.

13. (UCS-RS) Nas questões que seguem, assinale a alternativa **correta**.

a) Às vezes **era solicitado** alguns trabalhos extraclasse.
b) Às vezes **era solicitados** alguns trabalhos extraclasse.
c) Às vezes **eram solicitados** alguns trabalhos extraclasse.
d) Às vezes **eram solicitados** alguns trabalhos extraclasse.
e) Às vezes **era solicitado** alguns trabalhos extraclasse.

14. (UFSCar-SP) Aponte a alternativa em que a concordância nominal **não** é adequada.

a) Obrigava sua corpulência e exercício e evolução forçada.
b) Obrigava sua corpulência a exercício e evolução forçados.
c) Obrigava sua corpulência a exercício e evolução forçadas.
d) Obrigava sua corpulência a forçado exercício e evolução.
e) Obrigava sua corpulência a forçada evolução e exercício.

15. (PUCC-SP) Assinale a alternativa em que **meio** funciona como advérbio.

a) Fica no meio do quarto.
b) Quero meio quilo.
c) Está meio triste.
d) Achei o meio de encontrar-te.
e) n.d.a.

16. (PUC-SP) Apenas uma alternativa preenche **corretamente** os espaços existentes na sentença abaixo.

"Não foi ... a pesada suspensão que lhe deram, porque você foi o que ... falhas apresentou; podiam ter pensado em outras penalidades mais ...".

a) justo, menas, cabível.
b) justa, menos, cabível.
c) justa, menos, cabíveis.
d) justo, menos, cabível.
e) justo, menas, cabíveis.

17. (ITA-SP) Assinale a alternativa **correta**.

"... muitos anos que compramos um compêndio e uma gramática ... para estudar a língua e a literatura ...".

a) Faz – volumoso – luso-brasileiras.

b) Deve fazer – volumosos – portuguesa.
c) Fazem – volumosos – portuguesa.
d) Devem fazer – volumosa – portuguesa.
e) Faz – volumosas – luso-brasileira.

18. (Fameca-SP) Observe a concordância:

1. Entrada proibida.
2. É proibido entrada.
3. A entrada é proibida.
4. Entrada é proibido.
5. Para quem a entrada é proibido?

a) A número 5 está incorreta.
b) A 4 e 5 estão erradas.
c) A 2 está errada.
d) Todas estão certas.
e) A 2 e 5 estão erradas.

19. (F. Objetivo-SP) Assinale a alternativa gramaticalmente **correta**.

a) O povo brasileiro anseia por uma constituição digna.
b) Era necessário a permanência do médico no hospital.
c) Aconteceu, durante a discussão do processo, graves distúrbios entre os parlamentares.
d) Sua discrição era digna de elogios, pois todos estavam ao par das dificuldades de se manter secreta a negociação.
e) Não mais se lê bons autores naquela escola.

20. (ITA-SP) Dadas as sentenças:

1. Reparem no que o conferencista está dizendo.
2. Devem haver muitas pessoas revoltadas naquele país.
3. Depois do que você me fez, acho que estamos quite.

Deduzimos que:

a) apenas a sentença n.º 1 está correta.
b) apenas a sentença n.º 2 está correta.
c) apenas a sentença n.º 3 está correta.
d) todas estão corretas.
e) n.d.a.

GABARITO

Concordância Nominal

1 – E	2 – B	3 – B
4 – C	5 – C	6 – D
7 – A	8 – A	9 – C
10 – A	11 – D	12 – E
13 – D	14 – C	15 – C
16 – C	17 – B	18 – A
19 – A	20 – A	

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 6

SINTAXE DE REGÊNCIA

Conversando: Ufa!! Creio que você já venceu a etapa da concordância. Se ainda não estudou o assunto "concordância", não se preocupe: pode estudar "regência" sem problemas, pois os assuntos não são interdependentes.

Teremos pela frente mais uma longa missão – entender as relações de dependência estabelecidas entre o verbo e o seu complemento e o nome e o seu complemento. Precisaremos compreender bem não só o aspecto sintático (função sintática), mas também o aspecto semântico (sentido), os quais envolvem as relações regenciais. Não se afobe! Dizem por aí, com frequência, ser o assunto de regência um dos mais difíceis da gramática. Discordo! Não confunda dificuldade com extensão – o nosso assunto é realmente longo, mas não é difícil. No entanto, para entender bem "regência verbal e nominal", você precisará de alguns outros conhecimentos: saber empregar bem os pronomes pessoais oblíquos, saber utilizar os pronomes relativos e, acima de tudo, conhecer "de cor e salteado" o assunto "transitividade verbal". Talvez por necessitar de outros assuntos, a regência tenha ganhado a fama de ser difícil. Portanto, uma sugestão: antes de continuar lendo o conteúdo abaixo, sugiro que revise os assuntos mencionados acima, se existirem dúvidas. E, então, mãos à obra! E não se esqueça de que a vitória é dos que persistem. Vamos lá!

6.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Inicialmente observe atentamente os exemplos abaixo:

- Após a cirurgia, o rapaz mostrava-se **apto** para todas as atividades.
  complemento para o adjetivo "apto"

- João **pegou** o dinheiro da indenização e **pagou** a todos os seus credores.
  complemento para o verbo "pegar" ↑ ↑ complemento para o verbo "pagar"

- Maria tinha grande **devoção** por aquele santo.
  Termo regente Termo regido

- Sempre **assistia** às apresentações do filho com grande emoção.
  Termo regente Termo regido

- O pai sempre **assistia** o filho em suas doenças típicas da infância.
  Termo regente ↑ ↑ Termo regido

Observe que alguns complementos são regidos por preposição e outros não. Nos dois últimos exemplos, houve mudança no sentido do verbo. Portanto, é este o objetivo da regência: estudar as relações de dependência estabelecidas entre um verbo ou um nome e os seus respectivos complementos.

6.2 REGÊNCIA VERBAL

Inicialmente vejamos outros exemplos para que possamos chegar a uma conclusão:

- Ele **cumpriu** o seu dever. (VTD)
- Ele **cumpriu** com o seu dever. (VTI)

Alteração da transitividade sem alteração do sentido

- Deus **perdoa** o pecado. (VTD)
- Deus **perdoa** ao pecador. (VTI)
- Deus **perdoa** o pecado ao pecador. (VTDI)

Alteração da transitividade sem alteração do sentido

- Eles não **procederam** bem na festa. (VI)
- As ideias deles não **procederam**. (VI)

Mesma transitividade, mas sentidos diferentes.

- Eles **precisarão** de ajuda para a confecção do bolo. (VTI)
- Eles não **precisaram** a hora da festa. (VTD)

Alteração da transitividade com alteração do sentido

Observando o comportamento dos verbos em suas transitividades, chegamos a uma conclusão: a regência verbal depende do contexto em que o verbo se encontra.

Uma das perguntas frequentes que recebo em aula é: “Professor, como vou distinguir uma regência da outra? Como saberei se o verbo estará em tal ou qual sentido?” A resposta está na conclusão acima: o contexto. Será o contexto que denunciará o sentido e consequentemente a regência que o verbo adotará.

Estude agora mais algumas informações importantes para facilitar o entendimento sobre este assunto.

a) Lembre-se de que os verbos transitivos diretos exigem um complemento sem auxílio de uma preposição obrigatória e de que o objeto direto é frequentemente representado pelos pronomes oblíquos “o, a, os, as”. Tais pronomes assumirão as formas “lo, la, los, las”, caso o verbo termine em “r, s, z”, letras estas que serão suprimidas. Por outro lado, se o verbo terminar em ditongo nasal, os oblíquos assumirão as formas “no, na, nos, nas”. Veja:

› Ainda não **encontrou** a fórmula adequada. = Ainda não **a** encontrou.
VTD OD OD

› É fundamental **adquirir** alguns livros novos. = É fundamental adquiri-**los**.
VTD OD OD

› Ele **traz** o cachorro consigo. = Ele **o** traz consigo.
VTD OD OD

b) Lembre-se também de que os pronomes oblíquos “me, te, se, nos, vos” podem exercer tanto a função de objeto direto quanto de objeto indireto. A função sintática deles dependerá da transitividade do verbo.

› Ela **me** ama demasiadamente.
OD VTD

› Ela **me** pediu um grande favor.
OI VTDI

› Eles **nos** procuraram ontem para fazer-**nos** algumas reclamações.
OD VTD VTDI OI

› Era importante **te** encontrar ainda hoje.
OD VTD

› Quero dizer-**te** tanta coisa, meu amor!
VTDI OI

c) Não se esqueça de que os pronomes oblíquos “lhe, lhes”, quando completam o sentido de um verbo, sempre serão objetos indiretos de verbos transitivos indiretos ou de verbos transitivos diretos e indiretos. O objeto indireto pode ser substituído não só pelos pronomes “lhe, lhes”, mas também pelas formas tônicas “a ele, a ela, a eles, a elas”.

› Jamais **entregarei** ao comendador os documentos. = Jamais lhe / a ele entregarei os documentos.
VTDI OI

› Ele **agradeceu** aos familiares pelo apoio. = Ele agradeceu -lhes / a eles pelo apoio.
VTI OI

⇨ **Observação:**

No dia a dia, muitos são os erros em virtude do emprego inadequado dos oblíquos “lhe, lhes”. Fique atento para não cometê-los. Veja:

- João, há quanto tempo não **lhe** VTD vejo! (O verbo “ver” é transitivo direto. **O correto é** “... não o vejo”.)
- Ele **lhe** VTD ama muito, Ana Cláudia. (O verbo “amar” é transitivo direto. **O correto é** “Ele a ama muito”.)
- Ontem eu **lhe** VTD procurei o dia todo. (O verbo “procurar” é transitivo direto. **O correto é** “Eu o procurei...”.)

d) Cuidado!! À exceção de alguns verbos como “obedecer, desobedecer”, a voz passiva só existe com “verbos transitivos diretos” e “verbos transitivos diretos e indiretos”. Observe:

- Todas as tentações que o cargo propiciava **foram resistidas** por meu pai. (**Construção errada**)

> O verbo “resistir” é transitivo indireto, não admite a voz passiva

- O jogo **está sendo assistido** por mais de um milhão de telespectadores. (**Construção errada**)

> O verbo “assistir” é transitivo indireto, não admite a voz passiva.

Correções:

- Meu pai resistiu a todas as tentações que o cargo propiciava. (Voz ativa)
- Mais de um milhão de telespectadores estão assistindo ao jogo. (Voz ativa)

e) Lembre-se de que o fato de um verbo ser transitivo direto não impede que os nomes cognatos (de mesma raiz) exijam preposição. Portanto, fique atento e não confunda:

- É preciso **combater** a corrupção no Brasil.
  VTD
- É preciso que se aumente o **combate** à corrupção no Brasil.
  Substantivo cognato com preposição
- Todos devem **amar** a Pátria.
  VTD
- O **amor** à Pátria deve ser incondicional.
  Substantivo cognato com preposição
- O fogo **destruiu** todos os barracos da favela.
  VTD
- A **destruição dos** barracos da favela entristeceu a população.
  Substantivo cognato com preposição

- "Começou [Basílio] imediatamente a **louvar** a sua devoção." (Eça de Queiroz)
  VTD

- "... e entoar com ela hinos de **louvor a**o Todo-poderoso." (Bernardo Guimarães)
  Substantivo cognato com preposição

- "Não **compreendi** então aquelas palavras, nem o tom com que foram proferidas." (José de Alencar)
  VTD

- "Mas este outro incidente não é radicalmente necessário à **compreensão do** capítulo passado e **dos** futuros." (Machado de Assis)
  Substantivo cognato com preposição

- "Mme. Brizard não se fartava de **elogiar** a boa qualidade das fazendas." (Aluísio Azevedo)
  VTD

- "Com isso, e repetidos **elogios aos** outros jornalistas, adquiriu ele uma linda reputação." (Lima Barreto)
  Substantivo cognato com preposição

f) Em outras situações, é comum o nome cognato (de mesma raiz) apresentar regência idêntica à do verbo. Observe:

VERBO	NOME COGNATO
ir **a**	ida **a**
chegar **a**	chegada **a**
crer **em**	crente/crença **em**
depender **de**	dependência **de**
intervir **em**	intervenção **em**
cooperar **com**	cooperação **com**
coexistir **com**	coexistência **com**
inserir **em**	inserido/inserção **em**

g) Muitos verbos possuem formas pronominais (conjugadas com o auxílio de um pronome oblíquo) e não pronominais. Cumpre salientar que a forma pronominal, em muitas situações, exige um complemento com preposição. Observe:

VERBO NÃO PRONOMINAL	VERBO PRONOMINAL
aconselhar	aconselhar-se **com**
alegrar	alegrar-se **com**
aproveitar	aproveitar-se **de**
armar	armar-se **de**
carregar	carregar-se **de**
cercar	cercar-se **de**
comunicar	comunicar-se **com**
defender	defender-se **de**, **contra**
esquecer	esquecer-se **de**
lembrar	lembrar-se **de**
limitar	limitar-se **a**
recordar	recordar-se **de**

6.2.1 REGÊNCIA DE ALGUNS VERBOS – CASOS ESPECIAIS

Em seguida você encontrará uma lista, em ordem alfabética, dos mais comuns verbos utilizados na língua portuguesa com suas respectivas particularidades. Procure estudá-los aos poucos. Prossigamos!!

1. Abraçar

Possui as seguintes regências:

a) É verbo transitivo direto no sentido de “cingir, apertar com os braços”.

- A mãe abraçou o filho pequeno por alguns minutos.
- Quando encontrou o amigo, abraçou-o fortemente.

b) É verbo transitivo direto no sentido de “adotar, seguir, escolher”.

- O advogado abraçou a causa com fervor.
- Os povos bárbaros abraçaram o cristianismo.

⇨ **Observação:**

A forma verbal “abraçar-se” é pronominal transitiva indireta e admite as preposições “a, em, com, contra”.

- A filha se abraçou { à / com a / na / contra a } mãe.

2. Agradar

a) É transitivo direto na acepção de “acariciar, acarinhar, fazer carinho”.

- Com as mãos calosas, a mãe agradava o filho.
- Enquanto conversava, a menina agradava o seu cãozinho.

b) É transitivo indireto, exigindo a preposição “a”, na acepção de “satisfazer, contentar, fazer agrado a”.

- Parece que os bares da cidade não agradaram aos turistas.
- As palavras dele não lhe agradaram?
- “Agradava-lhe também muito a vizinhança, aquela doce quietação de subúrbio adormecido ao sol.” (Eça de Queiroz)

3. Agradecer

a) É transitivo direto quando possui objeto direto de “coisa”. Caso o objeto direto seja representado por “pessoa”, este verbo será transitivo indireto exigindo a preposição “a”.

- Agradeci imensamente aos amigos por causa da atenção que me deram.
- Nós agradecemos os presentes aos presentes à festa.
- O diretor da empresa agradeceu o auxílio que recebeu naquela hora difícil.

⇨ **Observação:**

Seguem essa mesma regência os verbos “pagar” e “perdoar”, estudados mais à frente.

4. Ajudar

a) Com o sentido essencial de “auxiliar, prestar ajuda” é transitivo direto:

- Joana sempre procurou ajudar os mais próximos da família.
- Marcos, não se preocupe, todos vieram ajudá-lo.

b) Se ao verbo “ajudar” seguir-se um infinitivo transitivo precedido da preposição “a”, regerá o verbo ajudar um objeto direto ou objeto indireto indiferentemente.

- Eu sempre [o / lhe] ajudei a comprar os produtos de que precisava.
  (comprar: infinitivo transitivo)
- Ajudaram [- nas / - lhes] a guardar as roupas limpas?
  (guardar: infinitivo transitivo)

c) Se, porém, ao verbo “ajudar” seguir-se um infinitivo intransitivo, só poderá o verbo ajudar reger objeto direto.

- Ninguém **o** ajudou a sair do buraco em que caíra.
  infinitivo intransitivo

- Se eu **o** ajudar a viver melhor, será que ele me entenderá?
  infinitivo intransitivo

5. Aspirar

Apresenta as seguintes regências:

a) É um verbo transitivo direto na acepção de “respirar, sorver ar, inalar.”

- Na sala, aspirava a poeira dos carpetes imundos.
- O perfume que aspiro traz-me boas recordações.
- No período junino, é bom não aspirar a fumaça das fogueiras.

b) É um verbo transitivo indireto exigindo a preposição “a” na acepção de “desejar, pretender, almejar”. Apesar de transitivo indireto, este verbo rejeita os pronomes “lhe, lhes” para o objeto indireto; aceita apenas as formas tônicas analíticas “a ele, a ela, a eles, a elas”.

- Em sua jornada, sempre aspirou **ao cargo** de gerente da empresa. = “... sempre aspirou **a ele**...”.
- A oportunidade **à qual** ele aspirava finalmente chegou.
- Jamais aspirei a estas honrarias. = “Jamais aspirei a elas”.

6. Assistir

Apresenta quatro regências distintas:

a) É verbo transitivo indireto na acepção de “ver, presenciar, estar

atento a". O objeto indireto deve vir encabeçado pela preposição "a". À semelhança do verbo "aspirar" no sentido de "desejar", rejeita os oblíquos "lhe, lhes" para o objeto indireto; aceita apenas as formas "a ele, a ela, a eles, a elas".

- Nunca mais assisti a um bom jogo de futebol. = Nunca mais assisti a ele.
- A missa a que ela assistiu foi rezada pelo Pe. Paulo Campos.
- Ontem assistimos à inauguração da quadra de esportes.

⇨ Observações:

Este verbo, na linguagem coloquial, é quase sempre usado sem a preposição.

- Ontem eu assisti o jogo.
- Eles irão assistir os comícios em uma cidade vizinha.

Mais uma vez não se esqueça de que este verbo, para a linguagem formal – aquela exigida, por exemplo, para os concursos, as comunicações formais –, é transitivo indireto; não aceita a voz passiva e o objeto indireto de terceira pessoa deverá vir sob a forma dos pronomes "a ele, a ela, a eles, a elas". Veja:

- A aula será à tarde. Foi ótima a alteração, pois eu vou poder assisti-**la**. (Construção errada)

  Corrija-se para...

- A aula será à tarde. Foi ótima a alteração, pois eu vou poder assistir **a ela**.
- O jogo **está sendo assistido** por vários espectadores. (Construção errada. Não admite voz passiva)

  Corrija-se para...

- Vários espectadores estão assistindo ao jogo.

Vale ressaltar também que os verbos “VER, OLHAR, ESPIAR, ESPREITAR, ENXERGAR, OBSERVAR” são transitivos diretos.

- Ontem eu passei a tarde inteira lhe observando. (Construção errada)

Corrija-se para...

- Ontem eu passei a tarde inteira [o / a] observando.

b) No sentido de “ajudar, prestar assistência, auxiliar, socorrer” é indistintamente verbo transitivo direto ou verbo transitivo indireto. Como transitivo indireto exige a preposição “a”.

- Durante o resgate, alguns transeuntes assistiram [os / aos] familiares das vítimas.
- Na cirurgia, ele foi assistido por um dos melhores cirurgiões da capital pernambucana.
- Deus é bom, porque assiste [às / as] viúvas.

c) Na acepção de “caber, pertencer direito ou obrigação” é um verbo transitivo indireto e exige a preposição “a”.

- Ao dono do estabelecimento não assiste o direito de reclamar dos clientes mais exigentes.
- Este é um direito que assiste a todos os consumidores. = Este é um direito que lhes assiste.
- A eles não devem assistir estas novas cláusulas.

d) No sentido de “morar, residir” (regência pouco usual), é um verbo intransitivo. Exige o acompanhamento de um adjunto adverbial encabeçado pela preposição “em”.

- Hoje já não mais assisto no bairro da Boa Vista.

- A cidade em que ele assiste fica a poucos quilômetros da capital.

7. Atender

Possui as seguintes regências:

a) Com o sentido de “dar ou prestar atenção, ser atencioso, cuidar, servir” é indistintamente transitivo direto ou transitivo indireto. Neste último caso, exige a preposição “a”.

- Ele sempre atende os / aos amigos em sua casa de praia.
- O melhor aluno da sala sempre atendia às / as explicações dos professores.
- Dr. João sempre atende o / ao telefone em seu escritório.

b) Quando significa “atentar, concentrar a atenção”, é um verbo transitivo indireto e exige as preposições “a”, “em” ou “para”.

- Faleceu porque não atendeu aos sintomas iniciais da doença.
- Ele sempre atendia para os conselhos dos mais velhos.

⇨ **Observação:**

Se o complemento desse verbo for um pronome oblíquo átono, obrigatoriamente assumirá a regência transitiva direta.

- O presidente atendeu os / aos grevistas.

Mas apenas...

- O presidente atendeu-**os**.
  VTD

8. Chamar

Apresenta as seguintes regências:

a) No sentido de “mandar vir, convocar” é um verbo transitivo direto.

- O diretor chamou os empregados para uma reunião de urgência.
- Os meninos, chamei-os, mas até agora não vieram.

b) No sentido de “invocar, clamar”, é um verbo transitivo indireto. O objeto indireto requer a preposição “por”.

- Nas horas difíceis, ele costuma chamar por Nossa Senhora das Dores.
- Naquele momento, chamei por Ele, e o Senhor Jesus me ouviu.

⇨ **Observação:**

Alguns autores consideram a preposição “por” como um recurso de ênfase para o objeto direto que, nesse caso, seria preposicionado. Não nos parece a melhor análise, uma vez que o sentido do verbo é diferente da primeira regência (mandar vir, convocar).

c) Já na acepção de “cognominar, apelidar, alcunhar, qualificar, tachar”, será, indistintamente, verbo transitivo direto ou verbo transitivo indireto. Vem sempre acompanhado de um predicativo do objeto que poderá ou não ser encabeçado por uma preposição. Observe as possibilidades de construção a partir de uma informação dada:

- Ninguém disse que ele é mentiroso. —
  - Ninguém o chamou mentiroso.
  - Ninguém o chamou de mentiroso.
  - Ninguém lhe chamou mentiroso
  - Ninguém lhe chamou de mentiroso.
- Na reunião, chamaram-no (de) incompetente.

OU

- Na reunião, chamaram-lhe (de) incompetente.

⇨ **Observação:**

Esta é a única regência na Língua Portuguesa (verbo “chamar” na acepção de “cognominar, apelidar, tachar”) que admite um predicativo para um objeto indireto.

9. Chegar / Ir / Dirigir-se

Esses verbos possuem regências idênticas:

No sentido de “atingir um determinado lugar, deslocar-se para” são, no padrão formal da língua, verbos intransitivos. Exigem a presença de um adjunto adverbial de lugar introduzido, obrigatoriamente, pela preposição “a”.

- Os três rapazes chegaram a casa totalmente exaustos.
- O aeroporto a que ele chegou estava com vários voos atrasados.
- Aonde devo me dirigir para obter informações?
- Todos devem ir à festa do amigo hoje à noite.

⇨ **Observações:**

Na linguagem coloquial, os verbos “chegar” e “ir” são usados com a preposição “em”. Ressalte-se que esta construção não se amolda à linguagem padrão, formal.

- Parece que ele foi no banheiro.

  Corrija-se para...

- Parece que ele foi ao banheiro.

- Quando chegar em casa, tomarei um banho.

Corrija-se para...

- Quando eu chegar a casa, tomarei um banho.

No emprego diário, usa-se o verbo “ir”, indistintamente, com as preposições “a” ou “para”. Para o padrão formal da língua, entretanto, “ir a” deve ser usado quando se denota a ideia de “lá não se demorar, de não estabelecer lá a residência”. Já a regência “ir para” indica a intenção de “permanência definitiva, de estabelecer-se a residência no local”.

Assemelham-se aos verbos acima os verbos que indicam estaticidade, já que requerem a presença de adjuntos adverbiais. Entretanto, enquanto os verbos de movimento (chegar, ir, dirigir-se) pedem a preposição “a”, os verbos estáticos (morar, residir, habitar, viver etc.) exigem geralmente a preposição “em”. Observe:

- Nunca mais chegou ninguém a esta cidade. (chegar a...)
- Ele reside em uma velha casa. (residir em...)

10. Custar

Apresenta as seguintes regências:

a) No sentido de “ter preço, valor ou custo” é geralmente um verbo intransitivo. É frequente que, nesta regência, ele venha acompanhado de um adjunto adverbial de preço ou de valor.

- A casa custou vinte mil reais.
- Este candelabro custou muito.

b) É um verbo transitivo direto e indireto na acepção de “trazer como consequência, acarretar” é um verbo transitivo direto e indireto.

- A imprudência custou-lhe lágrimas amargas.
- As vitórias custaram ao time meses e meses de treinamento.

c) Já no sentido de “ser custoso, ser difícil” é um verbo transitivo indireto. O sujeito deste verbo, para o padrão formal da língua, será uma oração subordinada subjetiva, reduzida de infinitivo que poderá ou não vir precedida de uma preposição. O objeto indireto requer a preposição “a”. Observe atentamente os exemplos:

- Os antigos custaram a aceitar que o homem foi à lua. (Construção errada)

Corrija-se para...

- **Custou** aos antigos aceitar que o homem foi à lua.
  VTI OI sujeito = oração reduzida

Corrija-se para...

- **Custa** aos alunos entender a regência deste verbo.
  VTI OI sujeito = oração reduzida

- Já pensou em quanto lhe **custaria** estudar vários anos para concurso?
  OI VTI sujeito = oração reduzida

11. Ensinar

Apresenta as seguintes regências:

a) No sentido de “educar, adestrar”, é verbo transitivo direto.

- No colégio, ele sempre ensinou as crianças pequenas.
- Quando os ensinava, fazia o que sabia de melhor.

b) No sentido de “dar instrução a, transmitir conhecimento a”, é um verbo transitivo direto e indireto; o objeto direto deverá ser “de coisa” e objeto indireto “de pessoa”. Este virá precedido pela preposição “a”.

- Sempre ensinou tudo o que sabia aos seus pupilos.

- Nas horas livres, ensinava-lhes composições clássicas.
- "O Vasques ensinava-lhe as declinações latinas, sobretudo a cartilha..." (Eça de Queiroz)

⇨ **Observação:**

Quando a coisa ensinada vem expressa por meio de um infinitivo precedido da preposição "a", admitem-se as seguintes construções:

- Durante muito tempo, ensinou -os / -lhes a caminhar com as próprias pernas.
  infinitivo precedido da preposição "a"

12. Esquecer / Lembrar

a) Os verbos "esquecer" e "lembrar" são transitivos diretos na acepção de "sair da lembrança ou vir à lembrança" respectivamente. Nessa acepção, também podem aparecer como transitivos indiretos pronominais (esquecer-se, lembrar-se). O objeto indireto será precedido da preposição "de".

- Ele ainda não **esqueceu** (VTD) o acidente (OD).

OU

- Ele ainda não **se esqueceu** (VTI) do acidente (OI).

- Não **esqueça** (VTD), meu bem, o meu amor (OD) por você.

OU

- Não **se esqueça** (VTI), meu bem, do meu amor (OI) por você.

VTD OD
- Ele **lembrou** o meu aniversário na última hora.

OU

VTI OI
- Ele **se lembrou** do meu aniversário na última hora.

⇨ **Observação:**

Quando transitivos indiretos pronominais, o pronome que acompanha o verbo não possui função sintática. Ele é parte integrante do verbo e acompanha o verbo em todas as conjugações.

- Jamais **nos esquecemos** dos conselhos dados por nosso pai.
- Acho que, quando vós **vos lembrardes** das ideias, já estaremos longe daqui.

b) No sentido de "cair no esquecimento" ou "vir à lembrança" estes verbos apresentam uma regência culta, literária e pouco usual. O que é objeto direto e indireto nos exemplos acima passa a ser o sujeito. Os verbos "esquecer" e "lembrar" serão usados como transitivos indiretos.

VTI OI SUJEITO
- **Esqueceram**-nos boa parte dos conselhos dados por nosso chefe. (Isto é ➡ Boa parte dos conselhos dados por nosso chefe caíram no nosso esquecimento.)

VTI OI SUJEITO
- No último instante, **lembraram**-me muitas das lições passadas pelo professor de Direito Constitucional.

Ufa!! Chegamos praticamente à metade de nossa lista de verbos. Sugiro que pare um pouco. Descanse alguns minutos (alguns minutos, viu?!?!) e retorne para sua jornada. Vamos lá... mais uma vez!

13. Haver

É, sem dúvida, um dos verbos mais interessantes da língua portuguesa. Várias são as suas regências. Vejamos:

a) O verbo “HAVER” no sentido de “existir, acontecer, ocorrer, realizar-se” é transitivo direto. Não possui sujeito, devendo ficar na terceira pessoa do singular.

- Houve muitos aventureiros naquela cidade. ⇨ (Existiram muitos aventureiros...)
- Quando há tragédias, muitos setores da sociedade se mobilizam. ⇨ (Quando acontecem tragédias...)
- Tem havido muitas invasões a prédios públicos abandonados nos últimos tempos. (Locução verbal ⇨ perceba que o verbo auxiliar também se torna impessoal).
- Não pode haver honestos em terra de corruptos.
- Vai haver muitos inscritos para o Congresso de Direito de Família.
- Por ser noite, não deveria haver tantas crianças presentes no evento.

b) o verbo HAVER no sentido de “passar-se, ter decorrido (tempo)”, é um verbo transitivo direto. Nesta acepção ele também é impessoal, ou seja, não possui sujeito e deve, por convenção, ficar na terceira pessoa do singular.

- Havia duas décadas que não ocorria aquele fenômeno.
- Há três horas que eu a espero.

c) O verbo HAVER é um verbo transitivo direto e indireto quando empregado no sentido de OBTER, CONSEGUIR.

- Os rapazes houveram da direção a autorização para o uso da quadra de esportes. (Leia-se: Os rapazes obtiveram / conseguiram da direção a autorização.)

- De quem houveram esses advogados aquelas terras? (Leia-se: Os advogados obtiveram / conseguiram aquelas terras de quem?)

Observe que o verbo HAVER, no caso acima e nos demais casos abaixo, flexiona-se normalmente para concordar com o seu sujeito.

d) O verbo HAVER empregado no sentido de "CONSIDERAR, JULGAR" é um verbo transitivo direto.

- A justiça não houve por verdadeira a confissão do réu. (Leia-se: A justiça não considerou...)
- Os professores haviam-no como o melhor da turma. (Leia-se: Os professores julgavam-no...)

e) O verbo HAVER-SE (pronominal) no sentido de "PORTAR-SE, PROCEDER, COMPORTAR-SE, SAIR-SE BEM OU MAL" é intransitivo. Pede acompanhamento de um adjunto adverbial de modo.

- Os candidatos não se houveram bem na prova. (Leia-se: Os candidatos não se saíram bem...)
- A filha do prefeito sempre se havia de modo inconveniente nas festas de que participava. (Leia-se: A filha do prefeito sempre se comportava de modo inconveniente...)

f) O verbo HAVER é também transitivo direto no sentido de "TER, POSSUIR".

- Hajamos paz e o mundo certamente melhorará. (Leia-se: Tenhamos paz e...)
- Se houvesses mais coragem, agirias de outra forma. (Leia-se: Se tivesses mais coragem...)

g) O verbo HAVER-SE (Pronominal) no sentido de "AJUSTAR CONTAS, ENTENDER-SE, ARRANJAR-SE" apresenta transitividade indireta – exige a preposição "com":

- Parece que ele já se houve com todos os credores. (Leia-se: Parece

que ele já ajustou contas com...)

- Será complicado se tu não te houveres com aqueles que magoaste. (Leia-se: ...se tu não te entenderes...)

h) O verbo HAVER-SE (Pronominal) no sentido de “DEPARAR-SE, LIDAR, TRATAR” é transitivo indireto. Exige a preposição “com”.

- Sempre que chegava ao escritório, havia-se com a secretária do presidente. (Leia-se:... lidava com...)
- Quando estagiava, havia-se com crianças excepcionais. (Leia-se: Quando estagiava, deparava-se com...)

14. Implicar

Este verbo apresenta as seguintes regências:

a) No sentido de “embirrar, ter implicância com”, é transitivo indireto. O objeto indireto exige a preposição “com”.

- Por que implicas tanto com a tua sogra?
- A pessoa com quem ele sempre implicou tornou-se seu chefe.

b) Será um verbo transitivo direto e indireto, exigindo a preposição “em” para o objeto indireto, na acepção de “envolver-se, comprometer-se, enredar-se, emaranhar-se”.

- A CPI dos bingos implicou o ex-ministro em atividades criminosas.
- Implicaram-no em negócios escusos.

c) No sentido de “ocasionar, trazer como consequência, acarretar” consolidou-se como verbo transitivo direto.

- Cuidado, pois suas atitudes podem implicar sua demissão.
- Liberdade sempre implicou responsabilidade.

- Viver sempre implicará correr riscos.

⇨ **Observação:**

Nesta acepção "ocasionar, trazer como consequência, acarretar", a evolução trouxe uma regência nova "implicar em", resultante da influência de verbos mais ou menos sinônimos, como "importar em", "redundar em", "reverter em" e "resultar em". Além do mais, é uma tendência da língua, como já vimos, repetir (uso pleonástico) a preposição cognata do prefixo (*assistir a, depender de, empregar em, incidir em, incorrer em*). Embora seja combatida por alguns conservadores, esta regência (usando as palavras do professor Rocha Lima) "está ganhando foros de cidade na língua culta". Logo, hoje são plenamente aceitas, como corretas, as construções abaixo:

- Sua forma de jogar implicou em sua dispensa do time.
- "... a dicionarização de um neologismo...implicará em nova ortografia para o termo enquadrado em tal caso." (Caldas Aulete, Dic. Contemp. da Língua Portuguesa)
- "Casamento implica em responsabilidade." (Celso Cunha, Dic. Prático de Regência Verbal)

15. Importar Eis um verbo bastante interessante, porque apresenta várias regências. Vamos estudar as principais:

a) No sentido de "fazer vir (mercadorias), trazer para dentro" é empregado como transitivo direto.

- Os noivos **importaram** óleos e essências naturais para usar durante a lua de mel.
- Neste ano, ainda pretende **importar** inúmeros objetos fabricados na China.
- No próximo ano, **importaremos** mais frutas frescas e menos carne bovina.

b) No sentido de “dar importância, fazer caso” é um verbo pronominal, transitivo indireto (importar-se) e exige comumente a preposição “com” para o seu complemento, embora as preposições “de” ou “em” também possam ser usadas.

- “... mas eu não me **importo** com isso.” (Machado de Assis)
- “Lenita, apressada, correu sem se **importar** com os ramos que lhe açoitavam.” (Júlio Ribeiro)

c) Já no sentido de “ser importante, útil ou necessário, ter importância” é empregado tanto como intransitivo quanto como transitivo indireto com a preposição “a”. Cumpre salientar que, nesse sentido, o sujeito vem geralmente posposto ao verbo; por isso é importante não o confundir com um objeto direto.

- “Que lhe **importavam** os rios? Eram grandes? Pois que fossem...” (Lima Barreto)
  VTI sujeito
- “Decerto, decerto, pouco **importa** que um visionário se diga messias e filho de Deus.” (Eça de Queiroz)
  VI sujeito
- “Isso pouco **importa**; estou agora bem satisfeita.” (Bernardo Guimarães)
  sujeito VI
- “Pouco **importavam** a ela os móveis cobertos de poeira e de fuligem das locomotivas.” (Adolfo Caminha)
  VTI sujeito

d) No sentido de “acarretar, implicar, resultar, trazer como consequência” pode hoje ser usado tanto como transitivo direto quanto como transitivo indireto com a preposição “em”. Esta última regência foi combatida por muitos puristas da língua, mas hoje se consolidou, conforme se percebe nas palavras do mestre Rui Barbosa: “Esta construção [importar em] na língua viva de hoje se estende ao sentido de acarretar.”

- “Sua imprudência **importou** em descrédito pessoal.” (Celso P. Luft –

Dic. Prático de Regência)

- “Toda a restrição à publicidade **importa**, logo, em embaraço de circulação.” (Rui Barbosa)
- “Mas essa reconciliação **importava** a entrada triunfal do Cavaleiro na quieta casa do Barrolo...” (Camilo C. Branco)

e) Com o sentido de “atingir o custo de, redundar” deve ser empregado como transitivo indireto com a preposição “em” para o seu complemento.

- A construção da casa importou em vários milhões de dólares.
- “O total dos gastos importou em mil reais.” (Dic. Eletrônico Houaiss)

16. Informar (Alertar* / Notificar* / Avisar* / Cientificar* / Anunciar*)

* Seguem a mesma regência do verbo informar.

a) No sentido de “comunicar, dar esclarecimento” é geralmente usado como verbo transitivo direto e indireto. Admite as seguintes construções:

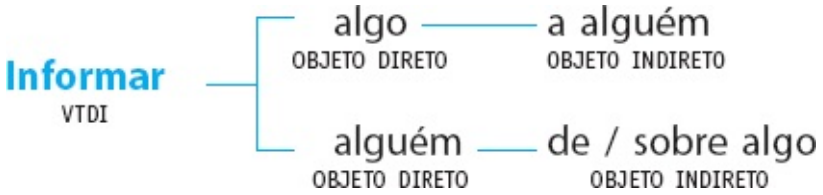

- Nós sempre os informamos sobre os problemas.

OU

- Nós sempre lhes informamos os problemas.
- Avisaram ao dono do estabelecimento ontem à noite o assalto.

OU

- Avisaram o dono do / sobre o assalto.
- Notificaram-lhe que a audiência será na próxima semana.

OU

- Notificaram-no de que a audiência...
- Se ele os alertasse do / sobre o problema, talvez não tivesse tanto prejuízo.
- "Affonso assombrou Villaça anunciando-lhe que decidira vir habitar o Ramalhete!" (Eça de Queiroz)

b) O verbo informar também pode aparecer apenas como transitivo direto na acepção de "dar informações, dar notícias".

- Os jornais são o meio de comunicação que mais **informa** o público em geral.
  VTD OD

17. Namorar

a) Para a linguagem formal – mais clássica –, este verbo é transitivo direto na acepção de "cortejar, galantear, requestar". Na linguagem mais moderna, entretanto, este verbo tem se consolidado como transitivo indireto, exigindo a preposição "com" para o objeto indireto, à semelhança de "casar, noivar", conforme atestam grandes estudiosos da nossa língua, como os mestres Aurélio Buarque, Antônio Houaiss, Celso Pedro Luft e Antenor Nascentes. Ademais, o substantivo cognato "namoro" admite a preposição "com" para o seu complemento. Por isso, o verbo namorar pode ser usado, modernamente, tanto como transitivo direto quanto como transitivo indireto.

- Havia uma moça em nossa cidade que só namorava os (ou "com os") rapazes de dinheiro.

- A filha do prefeito, o Sr. Joaquim dos Santos namorou-a (ou “com ela”) durante muito tempo.

⇨ **Observação:**

O verbo “casar” pode ser usado com as seguintes regências:

a) Intransitivo → Maria casou na Europa.

b) Transitivo direto → “Casa o filho quando quiseres, e a filha quando puderes.” (Dito popular)

c) Transitivo indireto com a preposição “com” → Se eu pudesse, eu casaria com Lúcia.

d) Transitivo direto e indireto (pronominal), exigindo a preposição “com” → Ele deve casar-se na próxima semana com Maria Joaquina.

18. Necessitar

No sentido de “ter ou sentir necessidade” é indistintamente transitivo direto ou transitivo indireto. Neste último caso, o objeto indireto virá encabeçado pela preposição “de”.

- Ele sempre necessitou da ajuda dos amigos para obter as coisas na vida.

OU

- Ele sempre necessitou a ajuda dos amigos para obter as coisas na vida.
- A ferramenta de que ele necessitou estava com um primo distante.

OU

- A ferramenta que ele precisou estava com um primo distante.

⇨ **Observação:**

No dia a dia, este verbo tem se consolidado com a regência transitiva indireta “NECESSITAR DE”.

19. Obedecer / Desobedecer

Consolidaram-se em nossa Língua Portuguesa como verbos transitivos indiretos. O objeto indireto requer a preposição “a”.

- Era um grande escritor, pois as palavras sempre lhe obedeciam.
- Nunca desobedeça às regras impostas por seus superiores.
- A pessoa a quem mais ele obedecia era a sua avó.

⇨ **Observação:**

Embora transitivos indiretos, esses verbos admitem a voz passiva em virtude de seus antigos regimes transitivos diretos.

- Ele era obedecido por todos na empresa.

20. Pagar / Perdoar

Esses verbos possuem uma regência bastante interessante:

a) São transitivos diretos quando o objeto direto é representado por “coisa”.

b) São transitivos indiretos, exigindo a preposição “a” para o objeto indireto, quando este é representado por “pessoa”.

› Sempre **paguei** os meus compromissos em dia. ➡ Sempre **os** paguei em dia.
VTD OD de coisa

› Jamais **perdoarei** a sua displicência. ➡ Jamais **a** perdoarei.
VTD OD de coisa

› Sempre **paguei** aos meus credores em dia. ➡ Sempre **lhes** paguei em dia.
VTI OI de pessoa

VTI OI de pessoa
› Jamais **perdoarei** a você, Jéssica Roberta. ➡ Jamais **lhe** perdoarei, Jéssica Roberta.

› Crimes de guerra, como posso perdoá-**los?** ⇨ Aos filhos, sempre se deve perdoar-**lhes**.

c) Também podem ser usados como transitivos diretos e indiretos.

OI VTDI OD
› Jamais lhe **perdoarei** aquela falta.

VTDI OD OI
› Não **pagarei** um tostão sequer àquele incompetente.

⇨ **Observações:**

a) Cuidado com esses verbos quando estiverem associados a um “SE”. Observe:

Partícula apassivadora

- Não se **perdoam** com facilidade erros cometidos propositadamente.
  VTD — sujeito passivo

Índice de indeterminação do sujeito

- Não se **perdoa** com facilidade aos trabalhadores incompetentes e irresponsáveis.
  VTI — objeto indireto

Sujeito — Partícula apassivadora

- As contas que ontem pela manhã se **pagaram** já foram remetidas para a contabilidade.
  VTD

OI — Índice de indeterminação do sujeito

- As pessoas às quais ontem pela manhã se **pagou** deixaram a empresa hoje.
  VTI

b) O verbo “perdoar” admite a voz passiva.

- Eles foram perdoados pelo presidente da empresa.

21. Precisar

Este verbo apresenta duas regências:

a) No sentido de “ter precisão, carecer”, tanto pode ser transitivo direto (regência pouco usual) quanto transitivo indireto com a preposição “de”.

- Nunca mais ele precisou — dinheiro. / de dinheiro.
- Quem não tem farinha não precisa — peneira. / de peneira. (Dito popular).
- Os livros — que / de que — ele precisava foram emprestados ao filho do Sr. Rubião.

b) É um verbo transitivo direto na acepção de “marcar com precisão, estipular tempo”.

- Os noivos ainda não precisaram a data do casamento.
- O Banco Central ainda não precisou o montante de dinheiro roubado pelos ladrões.

22. Preferir

Apresenta as seguintes regências:

a) Na acepção de “dar preferência ou primazia a, gostar mais de, escolher ou querer antes” é transitivo direto e indireto, exige a preposição “a”. Neste sentido, não admite a presença dos termos intensificadores “mais... (do) que...”, por exemplo, já que a própria semântica do verbo, por si só, já indica essa intensificação.

- Aos domingos, Sr. João preferia ficar em casa a ir ao shopping com a família.
- Ele sempre prefere laranja a maçã para o café da manhã.

OU

- Ele sempre prefere a laranja à maçã...
- Quando se trata de estudo, prefiro o dia à noite para fazer qualquer curso.
- Eu prefiro que critiquem a que se mantenham calados, inertes e indiferentes.

⇨ **Observação:**

As construções abaixo são consideradas erradas pela gramática normativa, embora sejam bastante usuais na linguagem cotidiana.

- Prefiro antes comer frutas a beber suco.
- Preferia muito mais estudar do que trabalhar.
- Ele prefere mil vezes arroz com feijão do que macarronada.

- Ele deve preferir correr do que nadar nos finais de semana.

b) Esse verbo também pode ser usado unicamente como transitivo direto também na acepção de “optar, escolher”.

- Entre arroz e macarrão, já disse que prefiro macarrão.
- Ele prefere que todos fiquem até o final da festa.

23. Proceder

Apresenta as seguintes regências:

a) É um verbo intransitivo no sentido de “ter fundamento, mostrar-se verdadeiro”.

- Todas as acusações dela não procediam.
- Como o boato não procedesse, ele foi desconsiderado por todos.

b) É intransitivo na acepção de “comportar-se, portar-se, conduzir-se”. Sempre virá acompanhado de um adjunto adverbial de modo.

- A filha do prefeito não procedeu bem na festa.
- Sr. Joaquim sempre procede com honestidade.

c) É também intransitivo no sentido de “originar-se, provir, derivar”. É sempre acompanhado de um adjunto adverbial de lugar.

- De onde o amigo procede?
- A língua portuguesa procede do latim.

d) É um verbo transitivo indireto, exigindo a preposição “a”, quando empregado no sentido de “dar início, principiar, começar, realizar.”

- O TRE procedeu aos trabalhos de apuração dos votos às 17h.

- O inquérito policial a que ele procedeu perfez 500 páginas.
- A professora procedeu à chamada dos alunos às 14h.

Cuidado com esta última regência do verbo proceder. Observe:

Partícula apassivadora
- **Iniciaram**-se os trabalhos de apuração dos votos.
  VTD — sujeito passivo

Mas...

Índice de indeterminação do sujeito
- **Procedeu**-se aos trabalhos de apuração dos votos.
  VTI — objeto indireto

24. Querer

Apresenta duas regências bastante comuns:

a) No sentido de "ter, possuir, desejar, pretender" é empregado como transitivo direto.

- Ele sempre quis um carro do ano e finalmente conseguiu.
- Manoel sempre queria uma oportunidade a mais, mas não lhe davam.
- Os patrões sempre a queriam de bom humor.

b) É um verbo transitivo indireto, exigindo a preposição "a", no sentido de "amar, gostar de, ter afeto".

- Ele tinha uma filha a quem muito queria.
- Eu muito lhe quero, minha mãe.
- Eu quero muito bem àquela moça.

25. Responder

Destacam-se as seguintes regências:

a) É transitivo direto e indireto no sentido de responder alguma coisa a alguém:

- Ao ser questionado, respondeu-lhes que aceitaria o contrato sem problemas.
- O professor certamente responderá aos alunos as eventuais dúvidas.
- "Quando perguntei por que motivo ninguém o via há um mês, respondeu-me que estava passando por uma transformação." (Machado de Assis)

b) É transitivo indireto no sentido de dar a resposta, de responder a uma carta, a uma pergunta, a um questionário etc. Neste caso, exigirá a preposição "a".

- Responde a todas as perguntas por mais difíceis que sejam.
- Fez-me uma série de perguntas a que não sei responder.
- "Começou São Domingos a levantar as questões, e o demônio ponto por ponto a responder a elas." (Pe. Antônio Vieira)

26. Simpatizar / Antipatizar

Esses verbos apresentam regências idênticas.

São verbos transitivos indiretos e exigem preposição "com", significando "ter ou sentir simpatia, agradar-se". Não são pronominais. Veja:

- Durante muito tempo, ele não simpatizou com o seu chefe.
- A pessoa com quem ele antipatizava foi transferida para outra empresa.
- Se eu simpatizasse com todos os alunos, seria uma professora mais alegre, mais verdadeira.

⇨ **Observação:**

As construções abaixo são inadmissíveis para o padrão formal, porque tais verbos não são pronominais.

- Ele não se simpatizou com os colegas. (Errado)
- Eu me antipatizei logo com ela. (Errado)

27. Suceder

É um verbo pouco usado, que possui duas regências distintas:

a) É intransitivo no sentido de “ocorrer, acontecer, realizar-se”.

- Durante a festa, sucedeu uma tremenda tromba d’água.
- Sucedeu que o novo governo não baixou os juros como era esperado.

b) É um verbo transitivo indireto na acepção de “seguir-se, sobrevir”. Exige a preposição “a” para o objeto indireto.

- João sucedeu a Paulo na direção da empresa.
- Ao labor sucede o descanso.
- O dia sucede à noite.

28. Visar

É um verbo que apresenta várias regências. Veja:

a) É transitivo direto no sentido de “mirar, olhar para”.

- Vise bem o alvo antes de atirar.
- A caça, visei-a com toda a minha precisão.

b) É também um verbo transitivo direto no sentido de “rubricar, pôr o visto”.

- No banco, o gerente costumava não visar os cheques de terceiros.
- A diretora visou os diplomas de todos os formandos.

c) Já no sentido de “desejar, pretender, ter em vista” é largamente usado como transitivo indireto, exigindo a preposição “a”. Como transitivo indireto, rejeita os pronomes “lhe, lhes” para o objeto indireto. Aceita apenas as formas analíticas tônicas “a ele, a ela, a eles, a elas”. Entretanto, nesse sentido (“desejar, pretender, ter em vista”) também pode ser empregado como transitivo direto, embora poucas referências se façam a esta última regência.

- Ele visou acima de tudo [o / ao] bem de todos os presentes.
- O que eles sempre visaram é o crescimento da empresa.

OU

- Aquilo a que eles sempre visaram é...
- O cargo [que / a que] ele sempre visou foi preenchido por outro empregado.
- O presidente não visava [– / a] outro interesse que não fosse o lucro da empresa.

⇨ **Observação:**

Quando o complemento do verbo “visar” é formado por uma oração reduzida de infinitivo é frequente a supressão da preposição. Veja:

- O contra-ataque visava derrubar as primeiras linhas do exército inimigo.
- Sempre visei alcançar objetivos difíceis para a maioria do povo.

Observação final em relação à regência verbal: Lembre-se de que há uma série de verbos na língua portuguesa que podem ser usados indistintamente como transitivos diretos ou transitivos indiretos sem que isso traga alterações de sentido. Abaixo listamos alguns desses verbos:

a) ABDICAR
- VTD = Ele abdicou o trono em 1890.
- VTI "de" = Ele abdicou do trono em 1890.

b) ALMEJAR
- VTD = Sempre almejou a vaga de gerente.
- VTI "por" = Sempre almejou pela vaga de gerente.

c) ANSIAR
- VTD = Ele anseia a volta do filho.
- VTI "por" = Ele anseia pela volta do filho.

d) ATENDER
- VTD = Ele já atendeu os clientes.
- VTI "a" = Ele já atendeu aos clientes.

e) CONSENTIR
- VTD = Eles consentiram a volta do aluno para a sala.
- VTI "em" = Eles consentiram na volta do aluno para a sala.

f) DEPARAR
- VTD = Deparamos uma bela paisagem em nosso passeio.
- VTI "com" = Deparamos com uma bela paisagem em nosso passeio.

g) GOZAR
- VTD = Todos devem gozar os seus direitos.
- VTI "de" = Todos devem gozar de seus direitos.

h) PRESIDIR
- VTD = Ele presidirá o encontro.
- VTI "a" = Ele presidirá ao encontro.

i) RENUNCIAR
- VTD = Ele renunciou o cargo de diretor.
- VTI "a" = Ele renunciou ao cargo de diretor.

j) SATISFAZER
- VTD = Ele satisfez as exigências.
- VTI "a" = Ele satisfez às exigências.

Outros exemplos:

- "... aquele ente atrofiado pela cobiça e que parecia ter **abdicado** dos seus privilégios e sentimentos de homem..." (Aluísio Azevedo)
- "A República sonhadora do Pacífico abandona, de improviso, os compromissos oriundos da sua existência autônoma e, **abdicando** a própria altitude política, volve, às recuadas, aos tempos em que ainda não existia." (Euclides da Cunha)
- "Subiu rápido a encosta de onde Roderico **atendia aos** sucessos da batalha." (A. Herculano)
- "Levou a carta do Coronel Carvalho ao deputado, que o **atendeu** muito bem." (Lima Barreto)
- "Mas o fato é que aí estava, que não dormia, e que, pela primeira vez, nos sessenta e sete anos de sua palrada existência, **consentiu em** estar em cena como pessoa muda." (A. Garret)
- "Sofia não **consentiu** que ela as trouxesse." (Machado de Assis)
- "Ó tu, que à mocidade sonhadora
  Do pálido poeta deste flores...
  Se vivi... foi por ti! e de esperança
  De na vida **gozar de** teus amores." (A. de Azevedo)
- "... muito pálida, muito séria, com uma crueldade a reluzir-lhe nos olhos, **gozando** uma alegria de desforra em fustigar aquela carne gorda." (Eça de Queiroz)
- "Outra ocasião **deparou** com o retrato da *cuja.* – "Sim senhor: uma

mulher esplêndida! O Luís tinha gosto para mulheres...” (A. Caminha)

- “Além dos serventes de repartições, contínuos de escritórios, podemos **deparar** velhas fabricantes de rendas de bilros, compradores de garrafas vazias...” (Lima Barreto)
- “Enquanto deliberava o parlamento, e era possível conquistar o poder sem compromissos, e **presidir** as eleições gerais sem indisposições, ninguém lhe devassou o sigilo.” (Rui Barbosa)
- “... outro **preside**, em 1850, ao festim oferecido aos comissários da exposição de 1851, ou à iniciação dos trabalhos de edificação da *Galeria Nacional* em Edimburgo...” (Rui Barbosa)
- “... era também agradecer o restabelecimento de minha mãe, e, visto que digo tudo, fazê-lo **renunciar** ao pagamento da minha promessa.” (Machado de Assis)
- “... os grandes desprezando as riquezas e vaidades do Mundo; os reis **renunciando** os ceptros e as coroas;...” (Pe. António Vieira)
- “Bentinho há de **satisfazer** os desejos de sua mãe e depois a igreja brasileira tem altos destinos.” (Machado de Assis)
- “Entretanto vamos **satisfazer** ao leitor, que há de talvez ter curiosidade de saber onde se meteu o pequeno.” (Manuel A. de Almeida)

Ufa!! Misericórdia!! Chegamos ao final do assunto “Regência Verbal”. Cansativo, não!!?? Mantenha a calma! E não desanime, pois ainda vamos estudar a regência de alguns nomes. Não se desespere! Lembre-se de que o conhecimento vem aos poucos, mas sempre chega para os persistentes. Leia a relação abaixo mais de uma vez e parta para a resolução dos exercícios. Prossigamos!

6.3 REGÊNCIA NOMINAL

A regência nominal estuda as relações de dependência estabelecidas

entre os nomes e os seus complementos. O termo que completa um nome é, por isso, denominado de “complemento nominal”.

A complementação de um nome é sempre intermediada por uma preposição. Alguns nomes chegam a aceitar mais de uma preposição, como se verá.

Segue uma lista de substantivos e adjetivos com as respectivas regências:

Acessível **a**	difícil **de**	medo **a, de**
Acostumado **a, com**	digno **de**	misericordioso **com, para como**
Adaptado **a**	entendido **em**	natural **de**
Afável **a, com, para com**	equivalente **a**	necessário **a**
Aflito **com, por**	erudito **em**	negligente **em**
Agradável **a**	escasso **de**	nocivo **a**
Alheio **a, de**	essencial **a**	nocivo **a**
Alienado **de**	estranho **a**	ojeriza **a, por, contra**
Alusão **a**	fácil **de**	paralelo **a**
Amante **de**	falha **de, em**	parco **em, de**
Ambicioso **de**	falta **de**	passível **de**
Analogia **com, entre**	favorável **a**	perito **em**
Análogo **a**	fiel **a**	permissivo **a**
Ansioso **de, para, por**	firme **em**	perpendicular **a**
Apto **a, para**	generoso **com**	pertinaz **em**
Atento **a, em**	grato **a**	possível **de**
Aversão **a, para, por**	hábil **em**	possuído **de**
Ávido **de, por**	habituado **a**	posterior **a**
Benéfico **a**	horror **a**	preferível **a**
Capaz **de, para**	hostil **a**	prejudicial **a**

Certo **de**	idêntico **a**	prestes **a, para**
Compatível **com**	imbuído **em, de**	propenso **a, para**
Compreensível **a**	impossível **de**	propício **a**
Comum **a, de**	impróprio **para**	próximo **a, de**
Constante **de, em**	imune **a, de**	relacionado **com**
Constituído **de, por, com**	incompatível **com**	residente **em**
Contemporâneo **a, de**	inconsequente **com**	responsável **por**
Contíguo **a**	indeciso **em**	rico **de, em**
Contrário **a**	independente **de, em**	seguro **de, em**
Cuidadoso **com**	indiferente **a**	semelhante **a**
Curioso **de, a**	indigno **de**	sensível **a**
Desatento **a**	inepto **para**	sito **em, entre**
Descontente **com**	inerente **a**	suspeito **de, a**
Desejoso **de**	inexorável **a**	transversal **a**
Desfavorável **a**	leal **a**	útil **a, para**
Devoto **a, de**	lento **em**	versado **em**
Diferente **de**	liberal **com**	vizinho **a, de, com**

6.4 O EMPREGO DOS PRONOMES RELATIVOS E AS REGÊNCIAS VERBAL E NOMINAL

Um dos tópicos que mais assustam o estudante da Língua Portuguesa é o emprego dos pronomes relativos. Como se sabe, o pronome relativo substitui um termo da oração, evitando, assim, a repetição enfadonha de vocábulos. No entanto, um problema surge: dependendo da regência do verbo ou do nome com que se esteja trabalhando, o pronome relativo que encabeça a oração adjetiva virá precedido ou não de uma preposição.

Logo, estruturas como...

- Os filmes a cujas estreias ele se referiu ontem foram indicados para o Oscar.
- O médico em quem ele mais confia viajou para Europa.
- A ponte sob a qual corriam águas poluídas era pênsil.
- Trouxe as frutas de que ele mais gosta.

...causam espanto e muitas vezes indignação a muitos estudantes do português.

Desconhecem, muitas vezes, nossos "aventureiros" do conhecimento que essas construções esdrúxulas nasceram justamente em virtude de uma regência verbal ou nominal.

> Sugiro que você releia e correlacione este assunto com as funções sintáticas dos pronomes relativos.

Antes de darmos mais um passo, relacionarei abaixo os usos dos pronomes relativos. Leia atentamente antes de prosseguir neste ponto.

1. Que ⇨ É denominado de "relativo universal", porque se refere tanto a coisas quanto a pessoas. Seus equivalentes variáveis são "a qual, o qual, as quais, os quais". O relativo "que" só deve ser substituído por outro relativo em casos específicos.
2. Quem ⇨ É denominado de "relativo personativo", pois só se refere a pessoas. Sempre virá precedido de uma preposição.
3. Onde ⇨ É denominado de "relativo locativo", pois só é utilizado para retomar e substituir termos que contenham a noção de "lugar". Equivale a "em que" e variações (na qual, no qual, nas quais, nos quais).
4. O qual, a qual, os quais, as quais ⇨ São os relativos que possuem as variações em gênero e número correspondentes ao pronome relativo "que". Esses relativos devem obrigatoriamente substituir o "que" quando este provocar ambiguidade, for precedido por uma

preposição com mais de uma sílaba ou for eufonicamente melhor.

5. Cujo, cuja, cujos, cujas ⇨ São relativos utilizados para substituir termos que expressam noção de posse. Equivalem a “do qual, da qual, dos quais, das quais, seu, sua, seus, suas, dele, dela, deles, delas). Eles retomam um termo antecedente, mas concordam em gênero e número com o substantivo consequente (ou posposto). Não admitem a posposição de artigo e sempre exercem a função sintática de adjunto adnominal.
6. Quanto, quanta, quantos, quantas ⇨ Estas palavras só serão consideradas pronomes relativos quando vierem antecedidas por um dos seguintes pronomes indefinidos “tudo, todo (a), todos (as)”:

Continuemos...

Vamos, para facilitar o entendimento, iniciar o nosso estudo construindo períodos compostos por subordinação a partir de dois períodos simples. Não podemos nos esquecer, entretanto, de que se algum nome, verbo ou termo da oração adjetiva (introduzida pelo pronome relativo) exigir preposição, esta será deslocada para preceder o pronome relativo. Veja:

1. Ele viu um homem. ~~O homem~~ tinha cabelos totalmente brancos.
QUE / O QUAL

Junção dos períodos: Ele viu um homem que tinha cabelos totalmente brancos.

Perceba que o pronome relativo entra no lugar do termo que ele substitui. O artigo não interessa para os pronomes relativos.

2. Ele mora na cidade. Ele trabalha ~~na cidade~~.
ONDE

Junção dos períodos: Ele mora na cidade **onde** trabalha.

Observe que todo o termo “na cidade” foi absorvido pelo pronome relativo “onde”. Nessa frase, também estariam corretas as formas “em que” ou “na qual”.

3. Comprei um livro. As páginas ~~do livro~~ são todas amarelas.
CUJAS

Junção dos períodos: Comprei um livro **cujas** páginas são todas amarelas.

Observe que o relativo "cujas" substitui toda a relação de posse "do livro". A relação de posse está presa ao substantivo "páginas" que vem antecedido apenas por um artigo, o qual é dispensado pelo relativo.

Observe:

Não se esqueça de que os relativos "cujo, cuja, cujos, cujas" não admitem a posposição de um artigo.

- Comprei um livro cujas **as** páginas são todas amarelas. (Errado)

4. Pedi o prato. Eu gosto muito do ~~prato.~~
DE + ~~O~~ QUE

Junção dos períodos: Pedi o prato de que mais gosto.

Perceba que neste exemplo a preposição "de" obrigatoriamente antecederá o pronome relativo porque ela faz parte da regência do verbo "gostar".

5. A pessoa é o meu pai. Eu dependo muito ~~da pessoa~~.
DE + ~~A~~ QUEM

Junção dos períodos: A pessoa **de quem** mais dependo é meu pai.

A preposição do verbo "depender" acompanhará o pronome relativo.

CONTRA

6. O deputado viajou para a Europa. Eu votei contra ~~as~~ ideias ~~do deputado~~ na última eleição.
CUJAS

Junção dos períodos: O deputado, contra cujas ideias eu votei na última eleição, viajou para a Europa.

A preposição “contra”, solicitada pelo verbo “votar” antecede o pronome relativo.

7. A missa foi ministrada pelo Pe. João. Eu assisti ~~à missa~~.

A + ~~A~~ – QUE ou A QUAL

Junção dos períodos: A missa [a que / à qual] eu assisti foi ministrada pelo Pe. João.

8. Encontrei uma mochila velha. Havia cinco moedas de ouro ~~no~~ bolso ~~da mochila velha~~.

EM + ~~O~~ CUJO

Junção dos períodos: Encontrei uma mochila velha em cujo bolso havia cinco moedas de ouro.

9. A estrada foi interditada pela Defesa Social. Nós íamos passar ~~pela estrada~~ em nossa viagem.

POR + QUE

Junção dos períodos: A estrada, por que nós íamos passar em nossa viagem, foi interditada pela Defesa Social.

10. O juiz foi destituído do cargo. Aquele garoto havia ficado sob a tutela ~~do juiz.~~

SOB CUJA

Junção dos períodos: O juiz, sob cuja tutela aquele garoto havia ficado, foi destituído do cargo.

Não se pode esquecer de que a preposição que é solicitada pela regência de um verbo ou de um nome não pode ser retirada da estrutura oracional. Nos casos acima, a preposição precederá o pronome relativo.

Observe agora alguns **erros** – e suas devidas correções – em construções com os pronomes relativos:

a) A atleta norte-americana, cujo nome o autor não se lembrou, acabou sofrendo um ataque cardíaco.

O verbo "lembrar-se" exige a preposição "de".

A atleta norte-americana, de cujo nome o autor não se lembrou,....

b) A revelação proporcionou-lhe reflexões profundas através das quais compôs uma argumentação interessante.

Observe que ele compôs uma argumentação "com" as reflexões.

A revelação proporcionou-lhe reflexões profundas com as quais compôs uma argumentação interessante.

) As notícias de que ele fez referências transtornaram aquela pequena cidadezinha do interior.

Perceba que quem "faz referências" sempre as faz "a" alguém.

As notícias a que ele fez referências....

) As peças teatrais que ele ontem assistiu transformaram-lhe o modo de pensar.

O verbo "assistir" exige a preposição "a" neste sentido.

As peças teatrais a que (ou "às quais") ele ontem assistiu....

) Para Hans Kelsen, de onde se citam vários exemplos, a norma jurídica é o objeto de estudo do Direito.

O antecedente do pronome relativo "onde" não é um "lugar", mas um nome personativo. Só se emprega o "onde" relativo em referência a lugar.

Para Hans Kelsen, de quem (ou "do qual") se citam vários exemplos,....

) Não falta aos juristas, a quem contamos para a proposição de leis, conhecimento técnico.

O pronome relativo está bem empregado, porém a conjunção que o antecede é inadequada, uma vez que o verbo "contar" exige, neste contexto, a preposição "com".

Não falta aos jurista, com quem contamos para a proposição de leis,....

) A desonestidade e o egoísmo são defeitos de cujos nenhum contraventor se envergonha.

Emprego inadequado do relativo "cujos", já que não há na estrutura uma relação de "posse". A preposição está correta, pois é solicitada pelo verbo "envergonhar-se".

A desonestidade e o egoísmo são defeitos de que (ou "dos quais") nenhum....

) As fogueiras de que todos testemunhamos nos noticiários da TV constituem um sinal a quem ninguém pode ser insensível.

Duas orações adjetivas com problemas em suas construções. Na primeira, inexiste a preposição "de" antecedendo o relativo "que", porquanto o verbo "testemunhar" é transitivo direto. Na segunda, emprega-se inadequadamente o relativo "quem" sem antecedente personativo.

As fogueiras que (ou "as quais") todos testemunhamos nos noticiários

da TV constituem um sinal a que (ou “ao qual”) ninguém pode ser insensível.

6.5 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

Regências Verbal e Nominal

1. (FCC) A frase em que a regência está totalmente de acordo com o padrão culto é:

   a) Esperavam encontrar todos os documentos que os estudiosos se apoiaram para descrever a viagem de Colombo.
   b) Estavam cientes de que teriam muito a fazer para conseguir os registros de que dependiam.
   c) Encontraram-se referências à coerção que marinheiros mais experientes faziam contra os mais novos que trabalhassem mais arduamente.
   d) Foram informados que esboços da inóspita região circundada com imensas pedras podiam ser consultados.
   e) Havia registro de uma insatisfação em que os insurretos às atitudes arbitrárias de um navegante foram impedidos de lhe inquirir.

2. (FCC) Desde que passou a gozar de um prestígio absoluto, o fator velocidade impôs-se como parâmetro das ações humanas, sobrepondo-se a qualquer outro critério.

   Substituem de modo adequado as expressões sublinhadas, respectivamente e sem prejuízo para o sentido da frase acima:

   a) desfrutar de um – investiu como – destituindo a
   b) a alçar-se num – investiu-se a um – preterindo
   c) firmar-se como – determinou-se como – corroborando a
   d) favorecer-se de um – consagrou-se a um – eximindo-se de

e) desfrutar de um – firmou-se como – sobrepujando

3. (FCC) *A crescente demanda por produtos agropecuários ...*

Reproduz-se o mesmo tipo de regência que organiza o segmento assinalado acima no trecho também grifado em:

a) *Produzir mais a custos menores ...*
b) *Nos últimos dez anos ...*
c) *Tal desempenho foi considerado inviável ou impossível ...*
d) *Havendo limitada disponibilidade de recursos ...*
e) *O setor agropecuário era estático ...*

4. (FCC) Está correta a forma de **ambos** os elementos sublinhados na frase:

a) Ela não nos disse <u>por que</u> razão tornou-se uma otimista; e se ela tornar ao seu pessimismo, será que nos explicará <u>por quê</u> ?
b) A razão <u>porque</u> muitos se tornam pessimistas está no mundo violento de hoje; <u>por quê</u> outra razão haveriam de se desenganar?
c) "<u>Por que</u> sim": eis como respondem os mais impacientes, quando lhes perguntamos <u>porque</u>, de repente, se tornaram otimistas.
d) Sem mais nem <u>porquê</u>, ele passou a ver o mundo com outros olhos, dizendo que isso aconteceu <u>por que</u> encontrara a verdade na religião.
e) Não sei o <u>por quê</u> do seu pessimismo; <u>porque</u> você não me explica?

5. (FCC) O **New York Times** publicou uma galeria de rostos e nomes, <u>expôs rostos e nomes</u> ao longo de vários números, <u>evocou esses rostos e nomes</u> para que o público não <u>olvidasse esses nomes e rostos</u>.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo- se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) expôs a eles - evocou-lhes - lhes olvidasse
b) expô-los - evocou a eles - olvidasse-os.
c) expôs-lhes - evocou-os - os olvidasse
d) expôs eles - evocou-lhes - olvidasse eles
e) expô-los - evocou-os - os olvidasse

6. (FGV) Assinale a alternativa em que a regência verbal não siga o padrão culto de linguagem.

a) A inscrição no concurso implica a aceitação das normas do edital.
b) Todos os servidores devem obedecer às leis que os regem.
c) Preferiu a poltrona à cadeira.
d) Eu avisei-lhes da necessidade de se revisar o documento.
e) Eles anuíram à decisão.

7. (FCC) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:

a) Há em nosso mundo paisagens belas, <u>em cujas</u> faz bem pousar os olhos.
b) São belas paisagens, <u>cuja</u> sedução nos leva a contemplá-las.
c) Há paisagens <u>aonde</u> nosso olhar se demora prazerosamente.
d) São belezas de um tempo <u>onde</u> o homem não tinha tanta pressa.
e) A reação <u>de que</u> toda beleza nos impõe é a calma da contemplação.

8. (FCC – Metrô/SP – Supervisor de Linha) Ao final do ano vêm as frustrações e, já que não <u>podemos evitar as frustrações</u>, <u>descarregamos essas frustrações</u> nas costas dos outros, <u>atribuindo aos outros</u> a responsabilidade por nossa decepção.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, respectivamente, por:

a) podemos evitar-lhe − descarregamos elas – atribuindo-lhes

b) as podemos evitar – as descarregamos – atribuindo-os
c) as podemos evitar – descarregamo-las – atribuindo-lhes
d) podemos evitá-las – descarregamos-lhes – lhes atribuindo
e) podemos as evitar – as descarregamos – lhes atribuindo

9. (FCC) Está correto o emprego de **ambas** as expressões sublinhadas em:

a) As áreas aonde os homens se concentravam exibiam edifícios em cujos não havia arejamento.
b) Em cortiços de cimento, a que faltavam espaço e arejamento, comprimiam-se milhões de indivíduos para quem a natureza parecia representar uma ameaça.
c) Esse texto, de cujo o autor era também poeta, promove um típico exercício de imaginação em que muitos autores de ficção são tentados.
d) Os mistérios porque somos atraídos na ficção costumam impressionar os leitores em cujos também não falta a liberdade da imaginação.
e) Os espaços urbanos pelos quais se espanta o imaginário narrador seriam testemunho de uma civilização à qual eram frouxos os laços com a natureza.

10. (FCC) Considere as seguintes frases:

I. É muito restritivo o aspecto da "razoabilidade" dos sonhos, de que o autor do texto analisa no segundo parágrafo.

II. Talvez um dos "dragões" a que se deva dar combate em nossos dias seja o império dos interesses materiais.

III. Os sonhos em cuja perseguição efetivamente nos lançamos podem transformar-se em conquistas objetivas.

Está correto o emprego do elemento sublinhado APENAS em

a) I.
b) II.

c) III.
d) II e III.
e) I e III.

11. (FCC) Devaneios, quem não tem devaneios? Têm devaneios as crianças e os jovens, dão aos devaneios menos crédito os adultos, mas é impossível abolir os devaneios completamente.

Evitam-se as indesejáveis repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) os tem - Têm-lhes - dão-lhes - abolir-lhes
b) tem eles - Têm-nos - dão-lhes - abolir-lhes
c) os tem - Têm eles - dão-nos - aboli-los
d) tem a eles - Os têm - dão a eles - abolir a eles
e) os tem - Têm-nos - dão-lhes - aboli-los

12. (FCC) Se há iniciativa e astúcia na ação do homem injusto, não há iniciativa e astúcia no bom cidadão que, apesar de indignado, não confere à iniciativa e à astúcia o mesmo valor que o mau reconhece na iniciativa e na astúcia.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os segmentos sublinhados por, respectivamente,

a) há elas - não as confere - reconhece nelas.
b) as há - não lhes confere - nelas reconhece.
c) as há - não confere-lhes - as reconhece.
d) há as mesmas - não lhes confere - reconhece-lhes.
e) há estas - não as confere - nelas reconhece.

13. (FCC) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:

a) A relação significativa cuja se demonstrou na pesquisa se dá entre o comportamento violento e a audiência à TV.
b) A insubordinação básica em que se refere o autor do texto

derivaria da insatisfação dos nossos recalcados desejos.

c) A invenção moderna mais astuciosa, de cujos efeitos trata o autor do texto, teria sido não a do cinema, mas a da TV.

d) O hábito do **zapping**, com cujo nos acostumamos, é um dos responsáveis pela abertura rápida de janelas sobre o nosso devaneio.

e) A conclusão de que nossa sala é uma jaula, com que chegou o autor do texto, não deixa de ser bastante provocadora e radical.

14. (FGV) Em *Você se lembra do rosto dela naquele instante?*, obedeceu-se às regras de regência verbal.

Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.

a) Prefiro questões de gramática do que de interpretação.

b) Aspiraram à vaga de piloto da companhia aérea.

c) Os médicos assistiram o paciente.

d) Perdoamos-lhes as dívidas.

e) Pagaram-lhe bem.

15. (FCC) Está correto o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

a) Essa tendência obsessiva, cujo o preço é alto, consome muito dinheiro, além de inspirar um tipo de comportamento que o ridículo é frequente.

b) Essa obsessão é uma prática a que ninguém deveria se orgulhar, embora haja cada vez mais gente que dela se submeta.

c) É a frase de uma época onde os valores tendiam ao equilíbrio e à permanência, ao contrário da nossa, onde tudo é transitório.

d) Custam caro esses produtos e serviços, de cujos dependem os que vivem obcecados ao compromisso de atingirem a perfeição da forma física.

e) O quadro em que o valor da atividade intelectual se encontra em declínio é o mesmo em cujos estreitos limites impera a exaltação

absoluta do corpo.

GABARITO

1 – B	2 – E	3 – D
4 – A	5 – E	6 – D
7 – B	8 – C	9 – B
10 – D	11 – E	12 – B
13 – C	14 – A	15 – E

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 7

EMPREGO DO ACENTO GRAVE – CRASE

Em primeiro lugar, espero que você tenha feito bons estudos sobre o assunto "Regência". Espero também que tenha absorvido o "porquê" do assunto. Aconselho que, se possível, dê uma rápida olhada – novamente – nas regências dos principais verbos e nomes; afinal, o assunto que passaremos a abordar está diretamente relacionado à regência verbal e nominal. Caso você ainda não tenha estudado "regência", sugiro que o faça antes de iniciar o conteúdo abaixo. Vamos lá!

Primeiramente, convém não confundir o acento grave com a crase. Esta é fenômeno, ocorrência, fusão, contração, junção; já aquele é o índice, o acento com o qual se marca a existência da crase.

Crase, portanto, é a junção, a contração, a fusão de duas vogais idênticas. Na Língua Portuguesa, restringiu-se o termo à contração, à junção ou à fusão de dois "as", os quais serão representados por um único "a" sobre o qual se coloca o acento grave (`). Isso geralmente ocorre em função da contração, da junção, da fusão da:

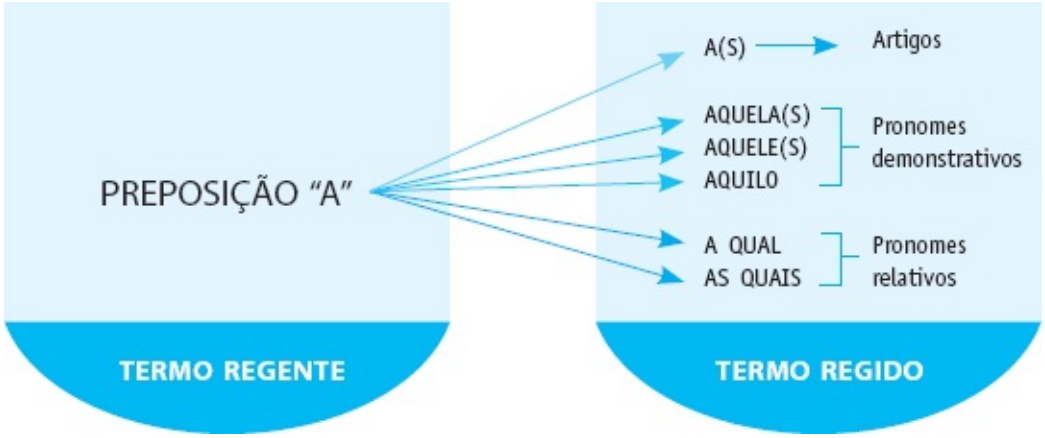

Observe os primeiros exemplos:

- Nunca mais eles se dirigiram à diretoria para fazer reclamações.
  dirigir-se a + a

- Devido à ocorrência de um sinistro, ele não pôde renovar o seguro.
  devido a + a

- O diretor da empresa fez referências àqueles funcionários que não batiam o ponto na hora certa.
  referências a + aqueles

- Eles assistiam àquilo sem nenhuma reação.
  assistir a + aquilo

- A pequena cidade, à qual eles chegaram ontem à noite, fica a cerca de 525 Km da capital pernambucana.
  chegar a + a qual

Após essas primeiras considerações, chegamos a duas importantes conclusões:

1.ª ⇨ À exceção dos demonstrativos "aquele, aqueles", os quais acompanham termos masculinos, só haverá crase diante de nomes femininos. Esta, inclusive, é a principal regra: receberão o acento grave os nomes femininos determinados, cujos termos regentes exijam a preposição "a".

- Todas as crianças voltaram à piscina.
  voltar a + a piscina

- Ninguém deveria ser insensível à dor alheia.
  insensível a + a dor

- É imprescindível aliar-se a teoria à prática.
  aliar-se algo a + a prática

- Ele procedeu à instauração do inquérito imediatamente.
  proceder a + a instauração

2.ª ⇨ Como os artigos e os pronomes demonstrativos exercem geralmente a função de determinantes, só haverá crase diante de um termo determinado, especificado. Portanto, não confunda:

- Ele nunca foi
  - a escola. ➡ Qualquer escola. (substantivo empregado em sentido geral e abstrato)
  - à escola. ➡ Ele não foi àquela escola. (substantivo determinado, especificado)

- É um bom funcionário, mas não vai
  - a reunião. ➡ Não vai a nenhuma reunião.
  - à reunião. ➡ Não vai àquela reunião.

- Ele sempre se empenhou no combate
  - a fome. ➡ Qualquer fome; inespecífica, indefinida (sentido geral)
  - à fome. ➡ No combate àquela fome (específica, determinada)

- Todos os brasileiros têm direito
  - a saúde, a educação, a moradia. (Substantivos sem determinante)
  - à saúde, à educação, à moradia. (Substantivos determinados)

⇨ **Observação:**

Nos casos acima, só o contexto em que a expressão se encontra é que poderá nos dizer se a palavra está ou não empregada com o sentido “genérico” ou com o sentido “específico”.

Nesses quatro últimos exemplos, o “a” (sem o acento grave) que acompanha os substantivos empregados em sentido geral e indeterminado nada mais é do que uma preposição solicitada pelo termo regente.

7.1 A OCORRÊNCIA DA CRASE E A SEMÂNTICA

Em muitos casos, o emprego ou não do acento grave promoverá bruscas alterações de sentido. A crase, portanto, desfará possíveis ambiguidades. É o que ocorre em:

- O frentista sempre cheira
  - a gasolina. ➡ Inalar, respirar.
  - à gasolina. ➡ Feder, catingar, exalar.
- Do seu quarto, ele percebeu que alguém bateu
  - a porta. ➡ Trancou, empurrou com força.
  - à porta. ➡ Bateu na porta, desferiu pancadas.
- Ao chegar ao local, corri imediatamente
  - a cidade. ➡ Percorrer a cidade, rodear a cidade.
  - à cidade. ➡ Ir até à cidade.
- Despediu-se
  - a francesa. ➡ A francesa foi despedida. / OU / A francesa despediu-se, retirou-se.
  - à francesa. ➡ Alguém se despediu à moda francesa, à maneira francesa.
- Enxergo
  - a distância. ➡ Percebo o espaço que separa.
  - à distância. ➡ Vejo distantemente.

Logo, em muitos casos, o emprego do acento grave se deve à necessidade de se conferir ao termo maior clareza, evitando, pois, possíveis ambiguidades.

7.2 MECANISMOS PRÁTICOS PARA VERIFICAÇÃO DA CRASE

Há alguns mecanismos que ajudam o estudante na verificação da ocorrência ou não da crase. Frise-se que eles nos fornecem algumas pistas. Como a crase é decorrente de uma regência, é salutar conhecer bem a regência do termo antes de se colocar o acento grave. Veja alguns desses mecanismos:

) **Deve-se trocar o termo regido feminino por um masculino correspondente:**

SE APARECER
- O, OS (antes do masculino) ➡ Não haverá crase diante do feminino.
- AO, AOS (antes do masculino) ➡ Haverá crase diante do feminino.

Veja:

- Ele vai à praia todos os dias.
  ao rio
- Ele sempre visita a região encantada durante as férias.
  o local
- Ricardo nunca obedeceu às ordens de seu pai.
  aos mandamentos
- Chegou à sala e nada falou.
  ao salão

b) **Deve-se trocar o termo regente por outro que exija preposição diversa de "a". Por exemplo, os verbos "vir" e "estar":**

SE APARECER
- **DE ou EM** (antes do termo regido) ➡ Não haverá crase no "a".
- **DA ou NA** (antes do termo regido) ➡ Haverá crase no "à".

› Nunca mais ele foi à Europa.
Veio da Europa / Esteve na Europa.

› Ele sempre se dirige à Argentina nos meses de novembro e de dezembro.
vem da Argentina /...está na Argentina

› Nunca mais ele foi a Roma.
veio de Roma / esteve em Roma

› Quando ele chegar a Florença, visitará muitos museus.
veio de Florença / esteve em Florença

c) Deve-se trocar o "a(s)" que antecede o termo regido pelo artigo indefinido feminino "uma(s)":

SE APARECER
- **UMA ou UMAS** (antes do termo regido) ➡ Não haverá crase no "a".
- **A UMA ou A UMAS** (antes do termo regido) ➡ Haverá crase no "à".

› Ele se referiu à tia com carinho.
a uma tia

› Ele não disse nada à sogra.
a uma sogra

› A encomenda, ele entregou-a à mulher que estava no balcão da esquerda.
a uma mulher

› Ele achou a mulher a que o amigo teceu bons elogios.
uma mulher

7.3 OCORRÊNCIA DA CRASE

7.3.1 CASOS OBRIGATÓRIOS

1. **Recebe o acento grave o "a" inicial das locuções adverbiais (*à noite, à tarde, à beça, à revelia, à deriva, à farta, à vista, à primeira vista, à hora certa, à esquerda, à direita, à toa, à espanhola, à milanesa, à oriental, à ocidental, às vezes, às escondidas, às avessas, às claras, às pressas, à vontade, às ocultas etc.*), prepositivas (*à custa de, à força de, à beira de, à espera de, à vista de, à guisa de, à semelhança de, à frente de, à razão de, à cata de, à roda de, à mercê de, à base de, à moda de, à maneira de etc.*) e conjuntivas (*à medida que, à proporção que*), formadas com palavras femininas.**

- "Estava **à toa** na vida, o meu amor me chamou..." (Chico Buarque)
- Ele permaneceu horas e horas **à espera de** um médico.
- **À medida que** estudava, aprendia todos os macetes da Língua Portuguesa.
- Saiu **às pressas,** porque estava **à beira de** um ataque cardíaco.
- Andamos várias horas **à procura de** um local para beber água.
- O processo foi julgado **à revelia**.

⇨ **Observações:**

a) O "a" inicial das locuções adverbiais de instrumento não recebe o acento grave, exceto se a locução adverbial provocar ambiguidade.

- A sentinela feriu o inimigo a espada.
- Todos os seus trabalhos, ele sempre os fazia a máquina.
- Todo o atalho foi aberto a foice.

b) Lembre-se de que o acento grave empregado nas locuções adverbiais, prepositivas e conjuntivas não provém de uma relação regencial, mas sim pelo fato de essas locuções virem introduzidas por preposições – no caso, a preposição "A". Sendo assim, a preposição poderá auxiliar na indicação do valor semântico da

locução e evitará que se confunda a locução com outro termo da estrutura oracional. Observe e não confunda:

- A noite (sujeito) chegou ao nosso rancho. ≠ À noite (locução adverbial de tempo) ele chegou ao nosso rancho.
- A medida (sujeito) que ele usou foi injusta. ≠ À medida que (locução conjuntiva) ele estuda, aprende mais.
- A espera do trem (sujeito) deixou-nos tristes. ≠ À espera de (locução prepositiva) João, nós ficamos várias horas.
- Impressionou-nos a moda de Vitor Hugo (sujeito). ≠ Veste-se à moda de (locução prepositiva) Vitor Hugo.
- A beira do abismo (sujeito) era um convite ao suicídio, pois ele estava à beira de (locução prepositiva) um ataque de nervos.

2. Recebe o acento grave o "a" inicial dos pronomes demonstrativos "aquele(s), aquela(s), aquilo, a(s)" quando o termo regente exigir a preposição "a".

- Habituou-se àquela (habituar-se a + aquela) vida de solteiro sem maiores problemas.
- Jamais iremos àquele (Ir a + aquele) local sem a ajuda da polícia.
- Daremos (Dar algo a + aqueles) outra chance àqueles alunos que obtiveram notas baixas nas últimas provas.
- Essa ideia é igual à (Igual a + aquela) que meu pai falou ontem.
- Darei (dar conselhos) conselhos apenas às (a + aquelas) que se dispuserem a esperar.

⇨ Observações:

a) Nos dois últimos exemplos acima, temos o encontro/junção da preposição “a” com os pronomes demonstrativos reduzidos “a, as”, equivalentes a “aquela” e “aquelas”, respectivamente. Observe mais dois exemplos:

- Minha sorte está ligada à do meu país.
  a + aquela

- “A fatalidade astronômica da inclinação da eclíptica, que coloca a Terra em condições biológicas inferiores às de outros planetas...” (Euclides da Cunha)

b) Uma forma bastante prática para descobrir se há crase com os demonstrativos “aquela(s), aquele(s), aquilo” é substituí-los pelos também demonstrativos “esta(s), este(s), isto”.

SE APARECER
- ESTA(S), ESTE(S), ISTO (apenas) ➡ Não haverá crase no “aquela(s), aquele(s), aquilo”.
- A ESTA(S), A ESTE(S), A ISTO ➡ Haverá crase no “aquela(s), aquele(s), aquilo”.

Veja:

- Jamais irás àquela festa.
  a esta

- Àquele comando, todos se levantaram rapidamente.
  a este

- O coronel preferia isto àquilo.
  a isto

- Todos compraram aquelas roupas bem satisfeitos.
  estas

c) Nas locuções adverbiais iniciadas pelos pronomes demonstrativos

"aquela(s), aquele(s), aquilo", a crase é obrigatória. Veja:

- Àquela hora, ninguém o ajudaria. (= Naquela hora...)
  locução adverbial

3. Recebe acento grave o "a" das locuções adverbiais "à moda de" e "à maneira de". Frequentemente essas expressões aparecem subentendidas, mas, ainda assim, o acento grave será de rigor sobre o "a".

- Na festa, todos estavam vestidos à Luís XV.
  à moda / à maneira
- À maneira brasileira, ele preparava todos os apetrechos para os estrangeiros.
- Todos apreciavam pratos à japonesa.

⇨ **Observação:**

Não confunda:

- Fez um discurso
  - **a Fidel Castro.** (para Fidel Castro) ➡ Sem crase.
  - **à Fidel Castro.** (à moda de Fidel Castro) ➡ Com crase.

4. Haverá crase antes de numerais que expressem horas exatas.

- Todos chegaram às 9h30min.
- Às 8 horas ele chegou e somente às 10 horas começou a aula.
- Nosso jogo só terá início às 21h45min.
- O avião aterrará exatamente à uma hora e vinte minutos.

⇨ Observações:

a) Se houver indeterminação para as horas, não haverá crase.

- A mãe o esperava às 18 horas, mas ele só chegou após as 22 horas.
  Hora inexata
- Ele deverá chegar daqui a uma hora.
  Hora inexata

b) Nas correlações, o que determinará a existência ou não do acento grave será a presença de um artigo antecedendo cada termo da correlação. Veja:

- A casa de *shows* funcionará
  - de 8h30 a 11h30. (Aqui só há a presença das preposições.)
  - de + a a + as
    das 8h30 às 11h30. (Aqui cada termo vem antecedido por um artigo.)

c) Em muitas construções, a presença do acento grave alterará completamente o sentido do enunciado. Observe:

- Sairemos daqui a uma hora. (Sem crase ⇨ A hora não está determinada, especificada.)
  Advérbio de tempo
- Sairemos daqui à uma hora. (Com crase ⇨ A hora foi especificada, determinada.)
  Advérbio de lugar

d) Vale ressaltar que diante de numerais não ocorre a crase quando não expressarem hora exata. Logo:

- O número de aprovados no concurso não chega a vinte.
- O artista se apresentará de 8 a 12 de janeiro no Classic Hall.

5. Se o termo regente exigir a preposição "a", sempre haverá crase diante de nomes locativos (nomes de países, continentes e algumas cidades) que aceitarem a presença

de um artigo. Para verificar a existência do artigo, basta substituir o termo regente pelos verbos "vir" ou "estar", por exemplo, conforme demonstrado no início deste capítulo.

- No próximo ano, faremos uma excursão à Argentina.
  vir da / estar na
- Quando ele chegou à Itália, imediatamente ligou para a mãe.
  vir da / estar na
- Você já foi à Bahia? Não?! Mas já foi a Teresina, no Piauí, não foi?
  vir da / estar na — vir de / estar em

⇨ **Observação:**

Se o nome locativo vier acompanhado de algum adjunto adnominal (determinante), a crase será obrigatória. Perceba:

- Nunca mais eu fui a Roma.
  vir de / estar em
- Nunca mais eu fui à Roma dos grandes imperadores.
  vir da / estar na — termo determinante
- João sempre se dirige a Brasília quando quer resolver algum problema muito sério.
  vir de / estar em
- Sempre que pode, João vai à imponente Brasília dos arrojados projetos arquitetônicos.
  termo determinante — termo determinante

7.3.2 CRASE FACULTATIVA

Para a gramática normativa, são três os casos em que a crase é facultativa. São eles:

1. Diante de pronomes possessivos femininos no singular quando o termo regente exigir a preposição "a".

- Ele desistiu de viajar devido a/à sua doença.
- Jamais ele fez referências a/à tua família.
- Era fundamental que o adolescente não desobedecesse a/à nossa ordem.

⇨ Observações:

a) Se o possessivo estiver no plural, não mais haverá um caso de crase facultativa. Existirão apenas duas formas para se construir a estrutura. Observe:

- Não foram dadas muitas oportunidades de emprego a/às nossas amigas de formatura.
- Ninguém ofendeu a/às vossas irmãs.

b) Caso o possessivo feminino se refira a um substantivo elíptico (oculto), a crase será obrigatória. Veja:

- Ele não se referiu a/à tua proposta, mas sim à minha.
  crase obrigatória
- Aludiram a/à sua opinião sobre o caso. Convém agora que eles façam alusão às nossas.

2. Diante da preposição "até", uma vez que esta preposição pode aparecer sob a forma da locução "até a".

- Emocionado, ele se comoveu
  - até as lágrimas. (até + as lágrimas)
  - até às lágrimas. (até a + as lágrimas)
- Ao ouvir a campainha, imediatamente foi
  - até a porta. (até + a porta)
  - até à porta. (até a + a porta)
- Dirigiu-se
  - até as autoridades policiais para relatar o caso. (até + as autoridades)
  - até às autoridades policiais para relatar o caso. (até a + as autoridades)

⇨ Observações:

a) Não confunda as preposições "até / até a", as quais indicam "deslocamento, movimento, ação", com a palavra denotativa de inclusão "até", a qual tem o sentido de "inclusive". Veja:

- Na formatura, foi **até** (Preposição) a / à plateia e prestou homenagens à mãe, às professoras, à diretora, **até** (inclusive) à zeladora. (crase obrigatória)

b) Como se sabe, para que haja o fenômeno da crase, é indispensável a existência da preposição "a". Fique atento, pois esta preposição não ocorrerá se for usada outra preposição (*ante, após, com, conforme, contra, desde, durante, entre, mediante, para, perante, sob, sobre, segundo,* por exemplo), já que a existência de uma preposição exclui o aparecimento de outra. Traduzindo: não ocorrerá a crase se outra preposição for usada que não seja a preposição "a" (lembre-se de que "até a" é uma locução prepositiva e não a junção de duas preposições). Observe os exemplos abaixo:

- "Não achava outra espécie em que, mediante (preposição) a (artigo) intenção, tudo se cumprisse..." (Machado de Assis)

- "— Não admito! O incesto é contra (preposição) a (artigo) moral, gritou Lúcia." (José de Alencar)

- "Dominante sobre a (preposição + artigo) várzea que se estende para sudeste, com a linha de cumeadas quase retilínea, o seu enorme paredão..." (Euclides da Cunha)

- " "Desde a (preposição + artigo) entrada dos dois, a casa de Rita esquentou." (Aluísio Azevedo)

- "Custeou o tratamento de ambos; e, quando foi dispensado da comissão da avenida, pouco após a (preposição + artigo) morte de ambos, pouco ou nada tinha." (Lima Barreto)

3. Diante de nomes próprios femininos, quando o termo regente exigir a preposição "a". Como se sabe, os nomes de pessoas na Língua Portuguesa podem ou não vir antecedidos de um artigo. A colocação do artigo denota afetividade, proximidade, intimidade.

- Em seu discurso, ele fez referências { a Joana e a Maria. / à Joana e à Maria.

- A / À } Fernanda deixou minha gratidão por tudo que ela fez.

7.3.3 CASOS EM QUE NUNCA OCORRE A CRASE

1. Diante de verbos.

- Todos ficaram a observar o evento, a cerca de vinte metros do local.
- Muitos chegaram a comprar o carro, só porque a promoção falava de amor.

- Os advogados estavam dispostos a curtir o bom momento da carreira.

2. Diante de palavras masculinas.

- O quadro foi pintado a óleo.
- Ele sempre comprava a prazo.
- Aquele pacote cheirava a vinho.

3. Diante de pronomes pessoais retos, oblíquos e de tratamento, à exceção de "senhora, senhorita, dona e madame."

- Na solenidade, fizeram menção a ti e a mim, como os melhores alunos que a Universidade já teve.
- O Promotor de Justiça nada disse a Vossa Excelência sobre o problema do processo.
- Refiro-me a você, pois sempre foi o último da sala a cometer deslizes de concordância.
- Jamais convidarão a ele para a festa.
- Recorreram a Sua Majestade no momento de dificuldade.

  Mas...

- Entregue tudo à senhora sua mãe, meu filho.
- Não me referi à senhorita, mas à dona Joana que sempre esteve presente aqui nesta escola.

4. Diante de artigos indefinidos.

- Eles chegaram a uma cidadezinha do interior de Pernambuco muito aconchegante.
- Os juízes estavam dispostos a uma nova avaliação do caso.

5. Diante dos pronomes indefinidos, dos interrogativos, dos demonstrativos "este, esta, estes, estas, esse, essa, esses, essas e isso" e dos relativos, à exceção de "a qual e as quais".

- A qual delas você se referiu ontem à noite?
- Esse caso não interessa a ninguém.
- Todos se dirigirem a este lugar quando querem orar.
- Ontem encontramos o João, a cuja esposa devemos muitos favores.
- A menina, a quem ele fez alusão na última reunião, viajou para a Europa.
- Jamais daremos crédito a qualquer criatura que por aqui chegue.
- A missa a que eu assisti foi ministrada pelo Pe. João Alberto.

⇨ **Observações:**

a) Apesar de serem pronomes indefinidos, ocorrerá a crase diante de "outra e outras" sempre que o termo regente exigir a preposição "a". Veja:

- Foi uma apresentação igual à outra.
- Elas se abraçaram umas às outras.

b) Não confunda a preposição "a" que antecede o pronome relativo "que" com a fusão entre a preposição "a" e o pronome demonstrativo "a(s)" equivalente a "aquela(s)". Observe:

preposição "a" semelhante a + a(quela)

- Esta ideia a que ele se referiu é semelhante à que meu pai nos contou ontem.
- Aquela estrada é paralela à que corta esta cidade aqui.
  paralela a + a(quela)

6. Diante de um "a" no singular o qual precede uma palavra no plural; palavra esta usada em sentido geral e indeterminado.

- A direção decidiu fechar, por duas semanas, o museu a visitas.
- Raramente ele vai a festas e a reuniões sociais.
- Não costumava se dirigir a pessoas estranhas.

⇨ **Observação:**

Fique atento para não confundir as estruturas. Observe:

- Ele nunca está atento a reclamações. (sem acento grave)
  preposição
- Ele nunca está atento às reclamações. (com crase)
  preposição + artigo
- O mesmo raciocínio estende-se a relações pessoais e profissionais. (sem acento grave)
  preposição
- O mesmo raciocínio estende-se às relações pessoais e profissionais. (com crase)
  preposição + artigo

7. Diante de substantivos femininos usados em sentido geral e indeterminado.

- Em minha viagem à Europa, fui apresentado a rei e a rainha.

- Na última festa, todos os alunos prestaram homenagens a mamãe e a papai.
- Ele nunca concorreu a vaga alguma na Universidade.
- Sr. João nunca foi a festa alguma, a reunião alguma.

⇨ **Observações:**

a) Note que, nos dois primeiros exemplos deste caso, os termos estão acompanhados meramente pela preposição "a". Não há a presença de artigo. A crase só existirá diante do feminino se ambos os substantivos vierem determinados. Veja:

- Em minha viagem à Europa, fui apresentado ao rei e à rainha.
  substantivos determinados

b) Perceba também que nos dois últimos exemplos deste caso, o que promove o sentido geral e indeterminado dos substantivos é a presença do pronome indefinido. Por isso, inexiste o acento grave.

8. Diante de expressões formadas por palavras repetidas como, por exemplo, "gota a gota, ponta a ponta, dia a dia, frente a frente, uma a uma, cara a cara, corpo a corpo, lado a lado etc.".

- Toda a fazenda era, de ponta a ponta, um atoalhado branco, de uma neve espessa e muito gélida.
- Tomou o remédio gota a gota.

7.3.4 CASOS ESPECIAIS

1. Ocorrerá crase diante da palavra "casa" sempre que vier acompanhada de

determinantes.

Veja:

- Ele se dirigiu à velha casa de seus avós.
  determinantes
- Voltei à casa de meu amigo correndo por causa de um mal-estar.
  determinante
- Amanhã irei à casa que me será dada por herança.
  determinante

⇨ **Observação:**

Se não houver determinação, não haverá crase diante da palavra "casa".

- Voltei a casa triste e atirei-me sobre a cama.
- Menino que estuda, volta a casa todos os dias.

2. **Ocorrerá crase diante da palavra "terra" quando vier determinada. Quando usada como antônimo de "bordo" a palavra "terra" dispensa determinantes, logo não ocorrerá a crase.**

- Eles voltaram a terra totalmente exaustos.
  sem determinante
- Depois de longa viagem, eles desceram a terra.
  sem determinante
- Eles foram à terra dos seus antepassados.
  determinante
- O casal chegou à terra natal.
  determinante

⇨ **Observação:**

No sentido de “chão, solo” a palavra “terra” admite o artigo. Se o termo regente exigir a preposição “a”, a crase será obrigatória. Perceba:

- Nunca jogue lixo à terra. (Nunca jogue lixo **na** terra).
- Os agricultores sempre lançam à terra suas esperanças. (...sempre lançam **na** terra suas esperanças.)

3. Com a palavra “distância”, ocorrerá crase sempre que vier acompanhada de determinantes.

- Todos ficaram à distância de vinte metros do local do acidente.
  determinante
- Por que você não ficou à distância que eu te recomendei?
  determinante

⇨ **Observações:**

a) A locução adverbial “a distância” geralmente é empregada sem o acento grave.

- “Teresa ouviu, a distância, o estrépito dum cavalo, quando passou ao patamar da escada.” (Camilo C. Branco)
- “— Acudam, acudam! berrava Silvério a distância.” (Eça de Queiroz)

b) Entretanto, o acento grave deverá ser empregado em “a distância” sempre que se quiser ressaltar o caráter adverbial da locução ou sempre que houver a possibilidade de a locução provocar ambiguidade.

- “Veladas por touceiras inextricáveis de macambiras ou lascas de pedra, não se revelavam à distância.” (Euclides da Cunha)
- “Se a via, olhava muito para ela, detinha-se à distância, à porta de uma casa...” (Machado de Assis)

c) Quando a palavra distância vier modificada por pronomes indefinidos (pouca, certa, alguma etc.), a expressão não receberá o acento grave.

- "Já os três fugitivos iam a alguma distância, quando, como tomado de uma idéia súbita, um dos esculcas exclamou: ..." (A. Herculano)
- "Mariana estava agachada entre os pacotes da carga, a pouca distância de Simão." (Camilo C. Branco)

4. Ocorrerá crase com os pronomes relativos "a qual e as quais" sempre que o termo regente exigir a preposição "a".

- Esta é a pessoa **à qual** ele se referiu durante o café da manhã.
  referir-se a + a qual
- As apresentações teatrais **às quais** ele foi assistir renderam-lhe boas gargalhadas.
  assistir a + as quais

⇨ **Observação:**

Um recurso bastante simples para verificar a ocorrência da crase diante destes relativos é procurar substituí-los pelos masculinos (o qual, os quais) correspondentes:

SE APARECER
- **O QUAL, OS QUAIS** (apenas) ➡ Não haverá crase no "a qual, as quais".
- **AO QUAL, AOS QUAIS** ➡ Haverá crase no "à qual, às quais".

Observe:

- Esta é a professora **à qual** devo todos os meus conhecimentos. (Este é o professor **ao qual** devo...)
- Aquela é a clareira **à qual** foram ter por um atalho aberto a foice. (Aquele é o local **ao qual** foram...)

5. **Como já mencionado, não há crase diante da maioria dos pronomes. Alguns pronomes, no entanto, como "mesma(s), própria(s) e tal" admitem artigo. Se o termo regente exigir a preposição "a", a crase será de rigor.**

- Eles sempre vão **à mesma lanchonete** quando saem da escola. (Eles sempre vão **ao** mesmo bar...)
- Falaram **à tal senhora** sobre os desvios de conduta do filho dela. (Eles falaram **ao** tal senhor...)
- Algumas alunas atribuíram **às** próprias amigas a culpa pelo incidente. (Algumas alunas atribuíram **aos** próprios amigos...).

Ufa!!

Chegamos ao final de mais uma etapa. Para muitos, o acento grave ainda é um mistério. Provamos que não. Sugiro que, se possível, releia todas as regras para gravá-las melhor. Tenha sempre em mente os recursos para verificação ou não da ocorrência da crase, pois eles são muito úteis e nos permitem solucionar muitas dúvidas. Agora procure resolver os exercícios para consolidar o conhecimento. Prossigamos para a próxima etapa.

7.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (Unimep-SP) "A exposição .... inauguração assisti mostrou os lindos quadros .... me referi na nossa conversa do outro dia. Amanhã, haverá um leilão na mesma sala .... estão expostos." A alternativa que preenche corretamente é:

   a) a cuja, aos quais, em que.
   b) a cuja, os quais, na qual.
   c) cuja, a que, em que.
   d) a qual, aos quais, na qual.

e) à qual, que, que.

2. (Unimep-SP) “.... dois meses que não vejo Paulo. Soube que ele esteve.... beira de uma crise nervosa.... menos de cinco dias do vestibular.” A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:

a) Há, a, a.
b) Há, à, a.
c) Há, à, à.
d) A, a, à.
e) A, à, a.

3. (Fuvest-SP) De.... muito, ele se desinteressou de chegar a ocupar cargo tão importante,.... coisas mais simples na vida e que valem mais que a posse momentânea de certos postos de relevo.... que tantos ambicionam por amor.... ostentação.”

a) a, há, à, à.
b) há, as, a, a.
c) há, há, a, à.
d) a, hão, a, à.
e) há, a, a, a.

4. (Fuvest-SP) O progresso chegou inesperadamente.... subúrbio. Daqui.... poucos anos, nenhum de seus moradores se lembrará mais das casinhas que,.... tão pouco tempo, marcavam a paisagem familiar.

a) aquele, a, a.
b) àquele, à, há.
c) àquele, à, à.
d) àquele, a, há.
e) aquele, à, há.

5. (UEL) .... contragosto, a comissão entregou.... imprensa.... listas dos aprovados.

a) À, a, as.
b) A, à, às.
c) A, à, as.
d) À, a, às.
e) À, à, às.

6. (ITA) Analisando as sentenças:

A vista disso, devemos tomar sérias medidas.
Não fale tal coisa as outras.
Dia a dia a empresa foi crescendo.
Não digo aquilo que me disse.
Deduzimos que:

a) apenas a III não tem crase.
b) as sentenças III e IV não têm crase.
c) todas as sentenças têm crase.
d) nenhuma sentença tem crase.
e) apenas a IV não tem crase.

7. (FCC) O fenômeno .... que aludi é visível .... noite e .... olho nu.

a) a, a, a.
b) a, à, à.
c) a, à, a.
d) à, a, à.
e) à, à, a.

8. (FCC) Já estavam .... poucos metros da clareira, ... qual foram ter por um atalho aberto .... foice.

a) à, à, a.
b) a, à, a.
c) a, a, à.
d) à, a, à.
e) à, à, à.

9. (PUC-SP) .... hora, ... chegasse primeiro se entregaria .... condecoração .... fizera jus.

a) Àquela, à que, a, a qual.
b) Àquela, a que, à, a qual.
c) Aquela, à que, a, à qual.
d) Àquela, à que, a, à qual.
e) n. d. a.

10. (UM-SP) Dados os períodos:

I. À força de tanto emagrecer, acabou morrendo.

II. A assistente social prestou assistência as mais necessitadas pessoas.

III. Com a eloquência habitual, falava a qualquer pessoa, sempre disposta a aumentar o prestígio.

Deduz-se que o sinal indicativo da crase está corretamente empregado:

a) apenas no primeiro período.
b) nos períodos I e II.
c) nos períodos II e III.
d) em todos os períodos.
e) nos períodos I e III.

11. (Fuvest) Daqui .... vinte quilômetros, o viajante encontrará, logo .... entrada do grande bosque, uma estátua que .... séculos foi erigida em homenagem .... deusa da floresta.

a) a, à, há, à.
b) há, a, à, a.
c) à, há, à, à.
d) a, à, à, à.
e) há, a, há, a.

12. (PUC) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas:

Viu-se frente .... frente com o inimigo.
Observava, ... distância, o que estava acontecendo.
Não se referira .... nenhuma das presentes.
Desandou ....correr ladeira abaixo.
Chegou .... uma hora da madrugada.

a) à, à, à, à, à.
b) à, à, a, a, à.
c) à, à, à, a, à.
d) a, a, a, a, à.
e) a, a, a, a, a.

13. (FCMSC-SP) Estamos ... poucas horas da cidade ... que vieram ter, ... tempos, nossos avós.

a) a – a – há.
b) há – a – a.
c) há – à – há.
d) à – a – a.
e) a – à – há.

14. (FCC – Metrô/SP – Supervisor de Linha) O uso do sinal de crase justifica-se em **ambas** as ocorrências na seguinte frase:

a) Não tive acesso à carreira de biólogo porque você se dispôs à engravidar.

b) Não nos assiste à prerrogativa de responsabilizarmos justamente àqueles que não têm culpa.
c) Imputamos à culpa aos outros quando achamos inadmissível assumirmos à nossa.
d) Atribuamos à nossa incompetência o fracasso de nossos planos, em vez de associá-lo à responsabilidade alheia.
e) Quando se fica à espera de algo inalcançável, tudo o que se alcança se reduz à uma frustração.

15. (UEL-PR) Foi ... Brasília aprender ... artes políticas, mas retornou ... terra natal sem grandes conhecimentos.

a) a – as – à.
b) à – as – a.
c) a – às – à.
d) a – as – a.
e) à – às – à.

16. (FCC – Soldado PM/BA) O uso do sinal da crase é **injustificável** em:

a) Lembrem-se às autoridades de terem sempre em mente o valor da prevenção.
b) Não cabe às pessoas de boa fé repudiar medidas de prevenção ao crime.
c) É penoso assistir às cenas de violência que se multiplicam nas metrópoles.
d) Atribui-se às medidas preventivas uma eficácia maior que a da repressão.
e) À inteligência da prevenção opõem-se aqueles que preferem a força da repressão.

17. (FCMSC-SP) Dê ciência ... todos de que não mais se atenderá ... pedidos que não forem dirigidos ... diretoria.

a) a – a – a.
b) a – à – a.
c) a – a – à.
d) à – à – a.
e) à – a – à.

18. (PUCC-SP) Assinale a alternativa em que há uso **incorreto** do sinal da crase.

a) Toda essa situação se deve à instabilidade da taxa de inflação.
b) Referindo-se à salários do último mês, comentou a inviabilidade de se manter aquele número de funcionários na empresa.
c) Não é à toa que amealhou o dinheiro que tem.
d) Em clima de grande emoção, chegou a tecer elogios inclusive àqueles que sempre o criticaram.
e) Devemos incentivá-los a dar continuidade à sua tarefa de informar a verdade sobre a situação do país.

19. (Fafeod-MG) Indique a alternativa que permite preencher **corretamente** os vazios do texto abaixo.

Aguardava ... carta ... muito tempo e, como não chegasse, ele referia-se ... todo instante ... consequências desastrosas que ... demora tenderia ... provocar.

a) a – a – a – às – a – a.
b) a – há – a – às – a – a.
c) a – há – a – as – a – a.
d) a – à – a – as – a – a.

20. (UFV-MG) Indique a alternativa em que o sinal indicativo de crase é facultativo.

a) Voltou à casa do juiz.
b) Chegou às três horas.

c) Voltou à minha casa.
d) Devolveu as provas àquela aluna.
e) Voltou às pressas.

GABARITO

1 – A	2 – B	3 – C
4 – D	5 – C	6 – B
7 – C	8 – B	9 – D
10 – E	11 – A	12 – D
13 – A	14 – D	15 – A
16 – A	17 – C	18 – B
19 – B	20 – C	

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 8

SINTAXE DE COLOCAÇÃO PRONOMINAL

Estudaremos agora um assunto bem fácil. Por ausência de força tônica, trabalharemos a correta disposição dos pronomes oblíquos átonos dentro da estrutura oracional. Aqui, procure ficar atento, principalmente, aos fatores que atraem o pronome átono, pois esse conhecimento é frequentemente cobrado nas provas. O assunto exigirá de nós um pouco de memória, afinal teremos de apreender as principais regras as quais levam o pronome a ficar em umas das três posições: antes do verbo (próclise), no meio do verbo (mesóclise) e depois do verbo (ênclise). Convém aqui salientar que as regras que estudaremos abaixo se prestam, na maioria das vezes, ao uso formal da língua. No dia a dia e na linguagem coloquial, elas são pouco observadas. Vamos lá!!

Em primeiro lugar, cumpre ressaltar que a colocação pronominal, na Língua Portuguesa, restringe-se praticamente à perfeita disposição dos pronomes oblíquos átonos: me, te, se, o, a, lhe, nos, vos, os, as, lhes.

Tais pronomes podem assumir uma das seguintes posições:

a) Próclise ⇨ pronome oblíquo colocado antes do verbo.
b) Mesóclise ⇨ pronome oblíquo colocado no meio do verbo.
c) Ênclise ⇨ pronome oblíquo colocado depois do verbo.

Primeiros exemplos:

- Ele **me** disse que amanhã faltará a aula.
  pronome proclítico
- Retirá-**lo**-ia do local se eu pudesse.
  pronome mesoclítico
- Entregaram-**nos** todos os documentos hoje pela manhã.
  pronome enclítico

8.1 MÁXIMAS DA COLOCAÇÃO PRONOMINAL

A topologia pronominal possui regras gerais que servem de norte para as demais regras. São elas:

1. Não se inicia período com pronome oblíquo átono.

Observe:

- Te disseram que o juiz julgou improcedente a nossa causa? (Construção errada)

  Corrija-se para...

- Disseram-te que o juiz julgou...
- Lhe passo os documentos do processo hoje à tarde. (Construção errada)

  Corrija-se para...

- Passo-lhe os documentos do processo hoje à tarde.
- Me falem a verdade ou serão expulsos da corporação. (Construção errada)

Corrija-se para...

- Falem-me a verdade ou serão expulsos da corporação.

2. Não se admite ênclise a um verbo no futuro ou no particípio.

Veja os exemplos:

- Quando ele ajudar-te, não esqueças os demais parentes de tua família. (Construção errada)
  verbo no futuro do subjuntivo

Corrija-se para...

- Quando ele te ajudar, não esqueças os demais parentes de tua família.
- Certamente eles dariam-nos tudo se pudessem. (Construção errada)
  verbo no futuro do pretérito do indicativo

Corrija-se para...

- Certamente eles nos dariam (ou "dar-nos-iam") tudo se pudessem.
- Tenho dedicado-me muito ao estudo da Língua Portuguesa. (Construção errada)
  verbo no particípio

Corrija-se para...

- Tenho-me dedicado muito ao estudo da Língua Portuguesa.

3. Em geral, toda ênclise a um verbo no infinitivo é correta, ainda que exista um fator de próclise.

- A fim de **não** o encontrar, ou encontrá-lo, mudei o meu itinerário.

- Para **não não** — as contrariar, ou contrariá-las — procurei resolver o problema imediatamente.
- Deixou sua sala para — me entregar ou entregar-me — o prêmio a que fiz jus pelo ótimo desempenho este mês.
- "Proponho firmemente com vossa graça **não ofender-vos** mais." (M. Bernardes)
- "Basta-lhe os olhos negros e a tristeza, a palidez e o nunca sorrir-se." (Camilo C. Branco)
- "Ela, encostada à poltrona, passava-lhe os dedos pelos cabelos, muito ao leve e caladinha para não perturbá-lo." (Machado de Assis, *Quincas Borba*)

8.2 REGRAS GERAIS

8.2.1 PRÓCLISE

O pronome oblíquo átono ficará proclítico ao verbo por causa dos seguintes fatores que o atraem:

1) Palavras de valor negativo (não, nunca, jamais, ninguém, nada, nem [= e nem] etc.).

- **Jamais** nos consideraremos melhores do que os outros.
- **Não** o permitiram a conversão de real para dólar.
- **Nunca** lhe entristeceu a situação dos pobres no mundo?

⇨ **Observação:**

Se houver pausa depois da palavra negativa, emprega-se a ênclise.

- **Não,** converta-se ao cristianismo urgentemente.

2) Advérbios e pronomes indefinidos.

- **Aqui** se faz, **aqui** se paga.
- Nem **sempre** se enxergam as disparidades do mundo contemporâneo.
- **Ninguém** nos falou sobre o problema da empresa.
- "Na natureza, **nada** se perde, **nada** se cria, **tudo** se transforma."

⇨ **Observação:**

Se houver pausa depois do advérbio, o pronome ficará enclítico. Se o verbo estiver no futuro, emprega-se a mesóclise.

- **Enfim,** encontrei-**o** na Estação da Luz.
- **Amanhã,** encontrar-**me**-ei com o Luís Antônio para uma conversa de negócios.

3) Pronomes relativos (que, o qual, a qual, os quais, as quais, cujo, cuja, cujos, cujas, onde, quem etc.).

- As informações, **que** te deram, parece terem mexido com o teu íntimo.
- Aquele é o estádio de futebol **o qual** se fez e **o qual** se construiu em poucos meses.
- Este bar é lugar da cidade **onde** se encontram os melhores pratos da cidade.

4) Pronomes demonstrativos (este, esta, isto, aquele, aquela, aquilo etc.).

- Tudo **aquilo** lhe passou despercebido.
- **Esta** me contou uma versão esquisita do caso. **Aquele** nos disse totalmente o contrário desse aí.

5) Conjunções subordinativas (quando, se, já que, porque, embora, enquanto, como, à medida que etc.).

- **À medida que** se estuda, aprende-se mais.
- **Enquanto** me diziam aquilo, eu permanecia imóvel.
- É muito justo **que** o ampares na velhice.
- **Se** me pagar, farei o trabalho **assim que** me sobrar um tempinho.

6) Verbo no gerúndio precedido da preposição "em".

- **Em** se **tratando** de finanças, procure o sr. João Alberto.
- **Em** se **pensando** em viagens, é sempre bom procurar uma boa empresa de turismo.

7) Conjunção coordenativa alternativa.

- **Ou** se casa comigo, **ou** se casa com o meu primo.
- Deixem-me sair, **ou** me deem a vaga de emprego a qual vim à procura.

8.2.1.1 Outros fatores de próclise

Além desses fatores, a próclise é de rigor:

1) Nas orações exclamativas e nas optativas (orações que exprimem desejo):

- Que Deus te proteja.
- Bons ventos os levem em paz!
- Quanto nos é difícil falar a verdade!
- Que terrível revelação nos fizeste!

2) Nas orações interrogativas em que haja pronomes interrogativos:

- Quem vos falou sobre o problema dela?
- Quanto lhe custou o conserto do carro?

3) Com verbos no infinitivo pessoal precedido de preposição:

- Demiti os dois funcionários por se queixarem demais.
- Deixei-os à vontade para se relacionarem melhor com o professor.

8.2.2 MESÓCLISE

Como já se mencionou, a mesóclise consiste na colocação do pronome oblíquo átono no meio do verbo. Isso ocorre apenas com dois tempos do modo indicativo: o futuro do presente e o futuro do pretérito,

pois se trata de dois tempos compostos. O futuro do presente é formado pelo INFINITIVO do verbo mais o PRESENTE DO INDICATIVO do verbo HAVER; já o futuro do pretérito é formado pelo INFINITIVO do verbo mais o pretérito imperfeito do verbo HAVER. Logo, o pronome oblíquo átono será colocado entre um INFINITIVO e o verbo HAVER. Observe:

FUTURO DO PRESENTE (Infinitivo + presente do indicativo do verbo "haver"):

Eu comprar + hei ⇨ comprarei = Hei de comprar
Tu comprar + hás ⇨ comprarás = Hás de comprar
Ele comprar + há ⇨ comprará = Há de comprar
Nós comprar + havemos ⇨ compraremos = Havemos de comprar
Vós comprar + haveis ⇨ comprareis = Haveis de comprar
Eles comprar + hão ⇨ comprarão = Hão de comprar

FUTURO DO PRETÉRITO (Infinitivo + pretérito imperfeito do verbo "haver"):

Eu comprar + havia ⇨ compraria = Havia de comprar
Tu comprar + havias ⇨ comprarias = Havias de comprar
Ele comprar + havia ⇨ compraria = Havia de comprar
Nós comprar + havíamos ⇨ compraríamos = Havíamos de comprar
Vós comprar + havíeis ⇨ compraríeis = Havíeis de comprar
Eles comprar + haviam ⇨ comprariam = Haviam de comprar

Dessa forma, teremos:

- Compraria o carro se eu pudesse. = **Comprá-lo-ia** se eu pudesse. (= Havia de comprá-lo se eu pudesse.)
- Encontrá-lo-á deitado numa rede bem vistosa à varanda da casa

grande. (= Há de encontrá-lo deitado...)

- Conceder-lhe-íamos o emprego se ele tivesse competência. (= Havíamos de conceder-lhe o emprego...)
- Estabelecer-nos-emos aqui até que a tempestade passe. (= Havemos de estabelecer-nos aqui até...)
- Jogá-lo-ão na lixeira se todas as tentativas falharem. (= Hão de jogá-lo na lixeira se...)
- "Dir-me-eis que não tendes outro modo de vos sustentar". (Pe. Antônio Vieira)

⇨ **Observações:**

a) Não havendo palavra atrativa e estando o futuro do presente ou do pretérito no meio de uma oração, será indistinta tanto a próclise quanto a mesóclise. Observe:

- Ele — me entregará / ou / entregar-me-á — o pacote amanhã pela manhã.
- Ricardo — se retiraria / ou / retirar-se-ia — da reunião de qualquer jeito.

b) Se houver palavra atrativa antes do futuro, a próclise será obrigatória.

8.2.3 ÊNCLISE

O pronome oblíquo átono ficará enclítico ao verbo nas seguintes circunstâncias:

1) Quando o verbo iniciar o período.

- Conta-me logo tudo que sabes, Marcílio.
- Fazê-lo será um prazer para mim, d. Joana.
- Perceberam-nos assim que chegamos ao local.

2) Com o verbo no gerúndio, desde que não forme locução verbal ou que não esteja precedido da preposição "em" ou de qualquer elemento de atração.

- Não farei mais a reunião, disse ele, **levantando**-se rapidamente.
- Judas aproximou-se de Cristo; beijando-lhe o rosto, denunciou-o aos soldados de Pilatos.

⇨ **Observação:**

Se houver fator de próclise, esta será de rigor. Veja:

- João comprava demasiadamente, **pouco** se importando com o valor das coisas.

3) Com verbos no imperativo afirmativo.

- Deixe a sala agora e entregue-se aos estudos se quiser ser aprovado no final do ano.
- João, escuta-me por alguns minutos, por favor.

4) Com verbos no infinitivo regidos da preposição "a", em se tratando dos pronomes oblíquos vocálicos "o, a, os, as", os quais assumirão, obrigatoriamente, as formas "lo, la, los, las".

- Jamais me recusaria a recebê-los.
- Todos começaram a questioná-las sobre as ideias que defendiam.
- “Acudiu toda a cidade a acompanhá-lo.” (Fr. L. de Sousa)

⇨ **Observação:**

Não se esqueça de que o infinitivo é uma forma verbal privilegiada. À exceção da regra acima e da próclise com o infinitivo flexionado, diante de um verbo no infinitivo estão corretas tanto a próclise quanto a ênclise, mesmo com a existência de um fator de próclise. Veja:

- Não fizeram absolutamente nada para — os deter. / ou / detê-los.
- Tinha um grande desejo de — a pegar nos braços. / ou / pegá-la nos braços.
- Para não — te incomodar / ou / incomodar-te

8.3 COLOCAÇÃO DOS PRONOMES OBLÍQUOS NAS LOCUÇÕES VERBAIS

A partir de agora, vamos usar o conhecimento acima para posicionar corretamente os pronomes oblíquos dentro das locuções verbais. O assunto não é difícil, mas você precisa estar bem atento às orientações abaixo. Vamos lá!

Primeiramente, vamos relembrar o que é uma locução verbal:

VERBO AUXILIAR + VERBO PRINCIPAL { INFINITIVO / GERÚNDIO / PARTICÍPIO

Dentro de uma locução verbal, o pronome oblíquo poderá assumir uma das seguintes posições:

a) Próclise ao verbo auxiliar ⇨ Colocação sempre possível, exceto se a locução iniciar o período.

b) Ênclise ao verbo auxiliar ⇨ Colocação possível desde que não haja um fator de próclise ou o verbo esteja no futuro.

c) Ênclise ao verbo principal ⇨ Colocação sempre possível em se tratando do infinitivo ou do gerúndio. Gramaticalmente, não se admite ênclise a um verbo no particípio.

d) Pronome oblíquo solto no meio da locução verbal (próclise ao verbo principal) ⇨ Posição consolidada pelo uso. Já foi combatida por alguns gramáticos, mas hoje plenamente aceita pelo padrão mais formal da língua em virtude do largo emprego nas situações do dia a dia.

Observe agora, seguindo as orientações acima, as possíveis colocações dos oblíquos nas locuções verbais:

1. Verbo auxiliar + infinitivo:

a) Os homens devem amar uns aos outros. (se)

- ⇨ Os homens se devem amar uns aos outros. (Próclise ao verbo auxiliar)
- ⇨ Os homens devem-se amar uns aos outros. (Ênclise ao verbo auxiliar)
- ⇨ Os homens devem amar-se uns aos outros. (Ênclise ao verbo principal – infinitivo)
- ⇨ Os homens devem se amar uns aos outros. (Pronome solto no meio da locução)

b) Eu quero dizer muita coisa. (lhe)

- ⇨ Eu lhe quero dizer muita coisa. (Próclise ao verbo auxiliar)
- ⇨ Eu quero-lhe dizer muita coisa. (Ênclise ao verbo auxiliar)
- ⇨ Eu quero dizer-lhe muita coisa. (Ênclise ao verbo principal – infinitivo)
- ⇨ Eu quero lhe dizer muita coisa. (Pronome solto no meio da locução)

c) Não posso abater com essas calúnias. (me)

- ⇨ Não me posso abater com essas calúnias. (Próclise ao verbo auxiliar)
- ⇨ Não posso abater-me com essas calúnias. (Ênclise ao verbo principal – infinitivo)
- ⇨ Não posso me abater com essas calúnias. (Pronome solto no meio da locução)

2. Verbo auxiliar + gerúndio:

a) Os olhos da personagem foram enchendo de lágrimas. (se)

- ⇨ Os olhos da personagem se foram enchendo de lágrimas. (Próclise ao verbo auxiliar)
- ⇨ Os olhos da personagem foram-se enchendo de lágrimas. (Ênclise ao

verbo auxiliar)

- ⇨ Os olhos da personagem foram enchendo-se de lágrimas. (Ênclise ao verbo principal – gerúndio)
- ⇨ Os olhos da personagem foram se enchendo de lágrimas. (Pronome solto no meio da locução)

b) O empregado afirmou que não estava insultando. (me)

- ⇨ O empregado afirmou que não me estava insultando. (Próclise ao verbo auxiliar)
- ⇨ O empregado afirmou que não estava insultando-me. (Ênclise ao verbo principal – gerúndio)
- ⇨ O empregado afirmou que não estava me insultando. (Pronome solto no meio da locução)

3. Verbo auxiliar + particípio:

a) O time tem dado muitas decepções. (nos)

- ⇨ O time nos tem dado muitas decepções. (Próclise ao verbo auxiliar)
- ⇨ O time tem-nos dado muitas decepções. (Ênclise ao verbo auxiliar)
- ⇨ O time tem nos dado muitas decepções. (Pronome oblíquo solto no meio da locução)

b) E se ele tivesse enganado, o que você faria? (me)

- ⇨ E se ele me tivesse enganado, o que você faria? (Próclise ao verbo auxiliar)
- ⇨ E se ele tivesse-me enganado, o que você faria? (Ênclise ao verbo auxiliar)
- ⇨ E se ele tivesse me enganado, o que você faria? (Pronome oblíquo solto no meio da locução)

c) Onde terá metido aquele menino? (se)

⇨ Onde se terá metido aquele menino? (Próclise ao verbo auxiliar)

⇨ Onde terá se metido aquele menino? (Pronome oblíquo solto no meio da locução)

⇨ **Observações:**

a) Lembre-se de que não se pospõe pronome oblíquo átono a um verbo no particípio.

b) Quando a locução verbal é formada por um verbo auxiliar mais uma preposição e mais o verbo principal, observam-se as mesmas posições elencadas acima à exceção da ênclise ao verbo auxiliar. Veja:

d) Ele há de acostumar em breve com a nova função na empresa. (se)

⇨ Ele se há de acostumar em breve com a nova função na empresa. (Próclise ao verbo auxiliar)

⇨ Ele há de acostumar-se em breve com a nova função na empresa. (Ênclise ao verbo principal – infinitivo)

⇨ Ele há de se acostumar em breve com a nova função na empresa. (Pronome solto entre a preposição e o verbo principal)

8.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (FCC) Quando ..... as provas, ... imediatamente.

a) lhes entregarem, corrijam-as.
b) lhes entregarem, corrijam.
c) lhes entregarem, corrijam-nas.
d) entregarem-lhes, corrijam-as.
e) entregarem-lhes, as corrijam.

2. (FCC) Acredito que todos ..... dizer que não ..... .

a) lhe irão, se precipite.
b) lhe irão, precipite-se.
c) irão-lhe, se precipite.
d) irão lhe, precipite-se.
e) ir-lhe-ão, se precipite.

3. (Santa Casa-SP) Devemos ..... da tempestade.

a) resguardar-mos-nos.
b) resguardar-nos.
c) resguardarmos-nos.
d) resguardarmo-nos.
e) resguarda-nos.

4. (Santa Casa-SP) Há um erro de colocação pronominal em:

a) Sempre a quis como namorada.
b) Os soldados não lhe obedeceram as ordens.
c) Todos me disseram o mesmo.
d) Recusei a ideia que apresentaram-me.
e) Quando a cumprimentaram, ela desmaiou.

5. (UFF-RJ) Numa das frases abaixo, a colocação do pronome pessoal átono não obedece às normas vigentes. Assinale-a.

a) Ter-lhe-iam falado a meu respeito?
b) Tenho prevenido-o várias vezes.
c) Quem nos dará as razões?
d) Nunca nos diriam inverdades.
e) Haviam-no procurado por toda parte.

6. (Faap-SP) Assinale a alternativa em que a colocação pronominal desobedece ao que preceitua a gramática:

a) Há muitas estrelas que nos atraem atenção.
b) Jamais dar-te-ia tantas explicações, se não fosse pessoa de tanto merecimento.
c) A este compete, em se tratando de corpo da pátria, revigorá-lo com o sangue do trabalho.
d) Não o realizaria, entretanto, se a árvore não se mantivesse verde sob a neve.
e) Nenhuma das anteriores.

7. (UM-SP) Assinale a alternativa que apresenta erro de colocação pronominal.

a) Você não devia calar-se.
b) Não lhe darei qualquer informação.
c) O filho não o entendeu.
d) Se apresentar-lhe os pêsames, faça-o discretamente.
e) Ninguém quer aconselhá-lo.

8. (Cesesp-PE) Assinale o único período em que há inadequação na colocação pronominal.

a) Nenhuma das questões lhe desagradou.
b) Que Deus me ajude!c) Quanto nos custa manter a calma!d) A prova, fi-la sem afobação.
e) Todos retirar-se-iam cedo.

9. (PUCC-SP) Sabendo-se que solecismos são desvios indevidos de regência, concordância e colocação, indique a alternativa que não apresenta nenhum desses desvios, segundo a norma culta:

a) Liliana, te amo perdidamente.

b) Quando saírem com nós, talvez nos contem o caso.
c) As meninas não devem se preocupar com a maquiagem.
d) Entre mim e você, sempre houve compreensão.
e) Esta revista é para mim ler.

10. (UM-SP) Assinale a alternativa em que o pronome pessoal oblíquo poderia ser colocado em duas outras posições:

a) Deixei de cumprimentá-lo.
b) Eles queriam-me enganar.
c) Não te prejudicarei nunca.
d) Os amigos tinham se retirado.
e) Creio que ele não me dará explicações.

GABARITO

1 – C	2 – A	3 – B
4 – D	5 – B	6 – B
7 – D	8 – E	9 – D
10 – B		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 9

EMPREGO DOS SINAIS DE PONTUAÇÃO

Em primeiro lugar, quero parabenizá-lo por ter chegado até aqui. Espero que você já tenha estudado os outros pontos deste livro, pois o assunto sobre o qual vamos a partir de agora discorrer depende bastante dos conhecimentos anteriores, principalmente do conhecimento sobre sintaxe de oração e de período. Do entendimento com profundidade da oração e dos seus termos, bem como da relação entre as orações, dependerá o sucesso no que diz respeito ao emprego dos sinais de pontuação, uma vez que esta é, na maioria dos casos, uma necessidade sintática. Por isso, convido-o a estudar – se ainda não o fez – aqueles dois assuntos. Adentrar o mundo da pontuação sem dominar os mecanismos básicos da sintaxe é semelhante a tentar resolver um problema de sistema de inequações do segundo grau sem antes ter estudado a resolução de equações do primeiro grau, ou seja, a possibilidade de insucesso é grande. Se já estudou, convido-o então a dar o próximo passo para o seu engrandecimento: vamos juntos entender a aplicação dos diversos sinais que marcam as pausas, a entonação, a mudança semântica e às vezes a melodia do discurso na nossa língua portuguesa.

9.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A princípio é preciso que se estudem as duas principais razões sobre as quais se assenta a pontuação na língua portuguesa. Chamo a essas

razões de “bases” da pontuação.

1.ª BASE:

Pontuar é, no mais das vezes, uma necessidade sintática. Isto quer dizer que, para se pontuar bem, deve-se estar atento às funções sintáticas desempenhadas pelos termos e pelas orações, bem como à localização de tais termos e orações no período. Por isso, são inadmissíveis as seguintes pontuações:

a) O ex-presidente da empresa brasileira de correios e telégrafos, viajará na próxima semana.

Regra: Não se separa o sujeito do seu verbo.

b) Por fim, estudou-se o artigo 5.º da Constituição, que confere, aos brasileiros e aos estrangeiros, certos direitos.

Regra: Não se separa por vírgula o verbo do(s) seu(s) objeto(s).

c) A indignação, de muita gente, não transpõe na maioria dos casos o âmbito das conversas privadas.

Regra: Não se separa o nome do(s) seu(s) adjunto(s).

d) O fato que foi revelado nas investigações foi decisivo, para a elucidação do crime.

Regra: Não se separa por vírgula o nome do seu complemento.

Você perceberá que boa parte das regras sempre se refere às funções sintáticas. Daí afirmamos ser a pontuação uma necessidade sintática.

2.ª BASE:

O emprego dos sinais de pontuação pode alterar o sentido e a função sintática de um termo, ou seja, a pontuação, em muitos casos, implicará alterações semânticas e sintáticas. Observe as alterações de sentido e de função sintática entre os pares a seguir:

a) – Ninguém compreende Maria. ⇨ Maria é uma pessoa difícil de se compreender. O termo "Maria" é o objeto direto.

– Ninguém compreende, Maria. ⇨ Maria passa a ser a interlocutora com quem se fala. O termo "Maria" é agora o vocativo.

b) – O empregado falará brevemente com o novo diretor. ⇨ O vocábulo "brevemente" funciona como advérbio de tempo.

– O empregado falará, brevemente, com o novo diretor. ⇨ O vocábulo "brevemente" funciona como advérbio de modo.

c) **– Quero ver o que você vai fazer agora, que o novo gerente é um casca-grossa.** ⇨ A oração iniciada pelo "que" possui sentido explicativo. O vocábulo "agora" é um advérbio de tempo.

– Quero ver o que você vai fazer, agora que o novo gerente é um casca-grossa. ⇨ A oração iniciada pelo "agora que" possui valor temporal. A locução "agora que" é uma conjunção temporal.

d) Alguém joga uma moeda para cima, pega-a na mão e pergunta:

— É cara ou coroa?
— É coroa, cara.
— Não! Deu cara, coroa!

Observe as alterações semânticas e sintáticas provocadas pelo emprego da vírgula entre os vocábulos “cara” e “coroa”.

e) – De fato, meu amigo não fala de medo. ⇨ Aqui o amigo não fala sobre o “medo”. “De medo” é objeto indireto.

– De fato, meu amigo não fala, de medo. ⇨ Aqui o amigo não fala porque está com medo. “De medo” é um adjunto adverbial de causa.

f) – Todos foram até a mamãe. ⇨ Aqui “todos” chegaram até a mamãe.

– Todos foram, até a mamãe. ⇨ Aqui “todos” foram, partiram, inclusive “a mamãe”.

g) – “Vota Brasil!” ⇨ Aqui o “Brasil” – sujeito – faz a ação de votar. Observe que o verbo “votar” se encontra no presente do indicativo.

– “Vota, Brasil!” ⇨ Aqui o vocábulo “Brasil” passa a exercer a função de “vocativo”. O verbo “votar” se encontra agora na segunda pessoa do imperativo afirmativo.

Reiterando: O emprego dos sinais de pontuação – notadamente a vírgula – pode provocar alterações do sentido e da função sintática dos termos.

9.2 PRINCIPAIS SINAIS DE PONTUAÇÃO

Pontuar é, antes de mais nada, dividir o discurso, separar-lhe as partes quando for necessário. Clara definição para o que vem a ser “pontuar” nos deixou o ilustre mestre Celso Pedro Luft: “Pontuar bem é ter visão clara da estrutura do pensamento e da frase. Pontuar bem é governar as rédeas da frase. Pontuar bem é ter ordem no pensar e na expressão”.

Para que bem se efetue esse domínio, empregam-se os sinais de

pontuação os quais se dividem em sinais de pausa e sinais de entonação ou melódicos.

1. Sinais de pausa:

a) a vírgula (,);
b) o ponto (.);
c) o ponto e vírgula (;).

2. Sinais de entonação ou melódicos:

a) os dois-pontos (:);
b) o ponto de exclamação (!);
c) o ponto de interrogação (?);
d) as reticências (...);
e) as aspas (“ ”);
f) os parênteses (( ));
g) os colchetes ([ ]);
h) o travessão (–).

⇨ **Observações:**

a) Outros sinais podem, em alguns contextos, ser empregados para a marcação de melodia e entonação (recursos expressivos) como o hífen, o parágrafo, o destaque de letras e palavras (emprego do negrito, por exemplo).
b) Em muitos contextos, encontramos o “emprego cumulativo de sinais de pontuação”. Podem combinar-se o ponto de interrogação com o ponto de exclamação e vice-versa; e qualquer dos dois, ou ambos, com as reticências. Podemos também usar as reticências e logo em seguida um ponto de exclamação. Com essas combinações, é

possível se obter as mais variadas expressões, seja para indicar simultaneamente a surpresa ou a dúvida contida numa pergunta, seja a expectativa ou a incerteza do interlocutor, seja o prolongamento das entoações interrogativa e exclamativa – entre tantos outros matizes emocionais.

- "Teve o Lemos outro sobressalto que o fez de novo pular na cadeira.

  - Como?... Tem alguém de olho?" (José de Alencar)

- "– Eu estou bem em toda parte, padre-mestre, disse o pároco, caçando os seus chinelos de ourelo. Olha o seminário!... E em Feirão! Caía-me a chuva na cama." (Eça de Queiroz)

- "Silfos ou gnomos tocam?...

  Roçam nos pinheirais

  Sombras e bafos leves

  De ritmos musicais." (Fernando Pessoa)

9.2.1 EMPREGO DA VÍRGULA (,)

Para estudar o emprego da vírgula, primeiro é preciso entender que ela pode ser usada tanto para isolar termos dentro das orações quanto para separar orações dentro de um período composto. Por isso, dividimos seu emprego em:

9.2.1.1 A vírgula entre os termos de uma oração

Emprega-se a vírgula:

a) **Para separar termos coordenados assindéticos (sem ligação por conectivo), de mesma função sintática, que formam, muitas vezes, enumerações.**

- Deparamo-nos em nossa viagem com uma paisagem paradisíaca na qual se viam o sol, algumas nuvens, o mar ao longe, alguns coqueiros e duas casas numa restinga.
- “Havia sermonários latinos, um Marco Marullo, três retóricas, muitas teologias morais, um Euclides, comentários de versões literais de Tito Livio e Virgílio.” (Camilo Castelo Branco)
- A vida, o infinito, o sol, o mar, tudo é um louvor a Deus.

⇨ **Observações:**

Quando o último elemento de uma série enumerativa vier precedido da conjunção “e”, a vírgula é dispensada. Neste caso, diz-se que se fez uma “enumeração fechada”, pois o último elemento, introduzido pelo conectivo aditivo “e”, finaliza o pensamento, o que não permite inferir que haja outros elementos não mencionados.

- Na festa, todos saltavam, riam, cantavam e dançavam freneticamente.

Não se deve empregar a vírgula antes das conjunções “e, ou, nem” quando estas ligarem palavras ou mesmo orações de pequena extensão.

- “Todo ele era atenção e interrogação.” (Machado de Assis)
- Nem um nem outro lhe deve ficar obrigado.” (A. Herculano)
- “Com ela ou sem ela, tenho por certa a nossa ida.” (Machado de Assis)

Emprega-se a vírgula antes do “e” quando este vier repetido antes de cada um dos elementos (polissíndeto).

- “Tua irmã é carinhosa, e doce, e meiga, e casta, e consoladora.” (Eça de Queiroz)

b) Para isolar vocativos.

- “Mas olha, meu Telmo, torno a dizer-to: eu não sei como hei de fazer para te dar conselhos.” (A. Garrett)

- Que foi, Madalena, há algum problema na comida?
- “De maneira, cristãos, que temos hoje a maior tentação: queira Deus que tenhamos também a maior vitória.” (Pe. Antonio Vieira)

c) Para separar adjuntos adverbiais locucionais deslocados dentro da estrutura oracional.

- “A morte de Afonso VI, quase no fim da primeira década do século XII, deu origem a acontecimentos ainda mais graves do que os por ele previstos...” (A. Herculano)
- “Desde as quatro horas da tarde, no calor e silêncio do domingo de junho, o Fidalgo da Torre (...) trabalhava.” (Eça de Queiroz)
- “Depois das grandes dores e das lágrimas torrenciais, forma-se também no coração do homem um húmus poderoso...” (José de Alencar)
- “Diante dessa varanda, na claridade forte, pousava a mesa ... .” (Eça de Queiroz)

⇨ **Observações essenciais:**

Os adjuntos adverbiais formados por um só vocábulo – e mesmo os adjuntos adverbiais locucionais, de pequena extensão – dispensam a vírgula, salvo se se quiser conferir-lhes ênfase.

- Iremos hoje ao shopping.
- Todos em princípio discordam do que ele disse.
- Amanhã de manhã chegarão o Presidente da República e toda a sua comitiva.
- “Logo pela primeira vez o caso intrigou a vizinhança.” (Lima Barreto)
- “Esta atitude de resto convém ao bacharel... .” (Eça de Queiroz)

Os adjuntos adverbiais terminados no sufixo “-mente” seguem a regra de pontuação dos adjuntos adverbiais simples: ou não se põe nenhuma vírgula, ou se isola o advérbio com vírgula(s) para conferir-lhe ênfase ou alterar-lhe a semântica.

- “É verdade que a guitarra vinha decentemente embrulhada em papel, mas o vestuário não lhe escondia inteiramente as formas.” (Lima Barreto)
- “... uma flor consolaria aquela deserdada; mas na disposição dos seres, infelizmente, a Substância que lá devia ser rosa é aqui na Baixa homem de Estado...” (Eça de Queiroz)
- “Realmente, era graciosa e viva nos gestos, olhos cálidos, boca fina e interrogativa.” (Machado de Assis)

d) Para isolar apostos explicativos.

- “Vós fostes o aio e amigo de meu senhor... de meu primeiro marido, o Senhor D. João de Portugal...” (A. Garrett)
- “O Dr. Camargo, médico e velho amigo da casa, foi ter com Estácio.” (Machado de Assis)
- Recife, cidade cortada por rios, é conhecida como a Veneza brasileira.
- Salomão, filho de Davi, foi um rei sábio.

e) Para isolar o nome do lugar quando seguido de data.

- Palmares, 2 de fevereiro de 2004.

f) Para isolar alguns termos sintáticos – geralmente complementos verbais – postos no início do período (anástrofe), com o intuito de conferir-lhes ênfase, desde que sejam retomados de forma pleonástica por pronome oblíquo.

- As ideias do nosso presidente, já não mais as defendo.
- Aos amigos do alheio, difícil é perdoar-lhes os prejuízos que causam.

g) Para isolar o predicativo do sujeito deslocado dentro da estrutura oracional quando o verbo não é de ligação.

- Triste com a notícia, o rapaz deixou a sala em silêncio.
- O governo, contente com a redução da inflação, interveio junto ao Banco Central para que este diminua a taxa Selic.
- O professor, desesperado, deixou a sala.

h) Para indicar uma elipse (ocultação), geralmente, de um verbo.

- O Brasil sempre exportou carnes; a Argentina, sapatos e couro; a Venezuela, petróleo. (Elipse do verbo “exportar”)
- “A moral legisla para o homem; o direito, para o cidadão.” (Tomás Ribeiro apud Artur de A. Tôrres)
- Marcos estuda francês, e João, inglês.

i) Para separar expressões explicativas, conclusivas e retificativas, interpostas na oração, como “isto é, a saber, ou seja, por exemplo, ou melhor, outrossim, com efeito, assim, então, por assim dizer, além disso, ademais etc.”.

- “Quaresma fez o “Tangolomango”, isto é, vestiu uma velha sobrecasaca do general...” (Lima Barreto)
- “Esta singularidade era um símbolo da união, ou melhor, da comunhão que o dono da casa queria que houvesse durante a ceia...” (José de Alencar)
- “O calor úmido das paragens amazonenses, por exemplo, deprime e exaure.” (Euclides da Cunha)

j) Para separar os elementos paralelos nas frases proverbiais.

- O velho a estirar, o diabo a enrugar.
- Dinheiro na mão, amigos no portão.

9.2.1.2 A vírgula entre as orações

a) Para separar orações coordenadas assindéticas.

- "Entregou a espingarda a sinhá Vitória, pôs o filho no cangote, levantou-se, agarrou os bracinhos..." (Graciliano Ramos)
- "Os juazeiros aproximaram-se, recuaram, sumiram-se." (Graciliano Ramos)
- "Deus quer, o homem sonha, a obra nasce." (Fernando Pessoa)
- "E agora, José?

  A festa acabou,

  a luz apagou,

  o povo sumiu,

  a noite esfriou." (C. Drummond)

b) Emprega-se a vírgula para separar as orações coordenadas sindéticas, exceto as introduzidas pelo conectivo aditivo "e".

- "... as duas janelas estavam cerradas, mas sentia-se fora o sol faiscar nas vidraças..." (Eça de Queiroz)
- "Não freqüentava botequins, nem fazia noitadas." (Eça de Queiroz)
- "... ora tinha trabalho que me obrigava a fechar o gabinete, ora saía ao domingo para ir passear pela cidade e arrabaldes o meu mal secreto." (Machado de Assis)
- "Note que é só para fazer mal, porque ele é tão religioso como este lampião." (Machado de Assis)
- Não estudas regularmente, logo és um mau aluno.

⇨ **Observações:**

A vírgula é de rigor antes do "e" aditivo quando vem repetido antes de

cada oração (polissíndeto), quando o “e” possui valor adversativo, ou quando a oração introduzida pelo “e” apresenta sujeito diverso da oração assindética anteposta.

- Preparou-se profundamente para o concurso, e não conseguiu ser aprovado nem na primeira etapa.

  O “e” possui valor adversativo.

- “Cumpriu-se o Mar, e o Império se desfez.” (Fernando Pessoa)

  Os sujeitos das orações são diferentes.

- “Rita tratou especialmente do coração, e ninguém o faria melhor.” (Machado de Assis)
- *“Rondo-te, e arquejo, e choro, ó cidadela!”* (Olavo Bilac, apud Domingos Paschoal Cegalla)

Boa parte dos conectivos coordenativos admite o deslocamento dentro da oração coordenada de que eles fazem parte. Um bom paradigma nos dão as conjunções coordenativas adversativas (construções possíveis):

- As ideias construídas por ele têm fundamento, mas são inaplicáveis à realidade do dia a dia.

  Posição mais comum – conectivo introduz a oração coordenada sindética.
  A vírgula deve ser aplicada antes do conectivo.

- As ideias construídas por ele têm fundamento; entretanto, são inaplicáveis à realidade do dia a dia.

  pontuação enfática para o conectivo

- As ideias construídas por ele têm fundamento; são inaplicáveis, porém, à realidade do dia a dia.

conectivo deslocado dentro da oração sindética

- As ideias construídas por ele têm fundamento; são inaplicáveis à realidade do dia a dia, no entanto.

conectivo deslocado dentro da oração sindética

Quando a oração assindética é de considerável extensão, pode-se finalizá-la com um ponto. Depois inicia-se a oração sindética com conectivo adequado, o qual poderá ou não ser isolado por uma vírgula.

- "Quis puxar as de Capitu, mas ainda agora a ação não respondeu à intenção. Contudo, achei-me forte e atrevido." (Machado de Assis)
- "A criação de gado é ali a sorte de trabalho menos impropriada ao homem e à terra. Entretanto não há vislumbrar nas fazendas do sertão a azáfama festiva das estâncias do Sul." (Euclides da Cunha)

c) Para separar orações subordinadas adjetivas explicativas.

- "Aquele olhar profundo, que parecia despedir os fogos surdos de uma labareda oculta, incutia nela um desassossego íntimo." (José de Alencar)
- O homem, que é mortal, julga-se às vezes eterno.
- "Eu, que já a achava lindíssima, bradaria que era a mais bela criatura do mundo se o receio me não fizesse discreto." (Machado de Assis)
- "Qualquer príncipe italiano, cujo principado é menos do que a sua capital, tem residências dez vezes mais magníficas do que esse bocó de Sanjon." (Lima Barreto)

d) Para separar orações subordinadas adverbiais desenvolvidas quando antepostas à oração principal ou intercaladas nela.

- “Logo que começou a revolver os papéis, a mão do médico tornou-se mais febril.” (Machado de Assis)
- O conselheiro, embora não figurasse em nenhum grande cargo do Estado, ocupava elevado lugar na sociedade. (Machado de Assis)
- A audiência foi, conforme atestaram os advogados, bastante positiva para a defesa.
- “Como pregava gratuitamente, o vigário de Caldelas era chamado por todos os mordomos e confrarias festeiras.” (Camilo Castelo Branco)

e) Para separar as orações reduzidas (de gerúndio, de infinitivo e de particípio) adverbiais e adjetivas quando antepostas à oração principal ou intercaladas nela.

- “Hoje, pensando melhor, acho que servi de alívio.” (Machado de Assis)
- Acabada a balada, retiraram-se os convidados.
- “Provado o roubo, iremos haver a importância dos dois brilhantes ultimamente comprados ao ourives que no-los vendeu.” (Camilo Castelo Branco)
- “A Serra do Grão-Mogol, raiando as lindes da Bahia, é o primeiro espécimen dessas esplêndidas chapadas imitando cordilheiras...” (Euclides da Cunha)
- A lagarta, paralisada pelo veneno da vespa, nada poderá fazer para evitar o seu martírio.

f) Para separar orações intercaladas.

- “Venha, acudiu ele, venha o grande o homem.” (Machado de Assis)
- Cão que ladra, diz o dito popular, não morde.
- “Onde é que se viu, diziam eles, um imperador que só tem dois

palácios?” (Lima Barreto)

9.2.1.3 Não se emprega a vírgula

O emprego da vírgula, como já vimos, obedece a critérios bem definidos. Pode ser empregada tanto entre termos de uma oração quanto entre orações. O interessante é notar que boa parte dos casos estudados se refere a estruturas nas quais existem inversões (ordem indireta). Por causa dessas inversões “pontua-se”, emprega-se algum sinal de pontuação para evitar confusões. Logo, a ordem direta, em princípio, dispensa o emprego de sinais de pontuação. Portanto, o estudante da língua-mãe deve estar atento à estrutura do período se quiser empregar bem algum sinal de pontuação. Observe o exemplo abaixo:

- O ex-diretor licenciado da empresa brasileira de correios e telégrafos deverá viajar nas próximas duas semanas.

O período dispensa qualquer sinal de pontuação, porquanto se encontra na ordem direta.

Ademais, não se deve empregar a vírgula:

a) Entre o sujeito e o seu verbo quando juntos, ainda que um preceda ao outro.

- A indignação de muitos estudantes, não transpõe o âmbito das conversas privadas.
- Não é fácil, manter-se o equilíbrio entre o direito e o dever.
- O fato de ter cultivado tantos amigos e granjeado o respeito de todos, é prova suficiente de que ele teve uma vida digna.
- Fica claro, que deve ser pago ao reclamante o valor referente às horas suplementares.

b) Entre o verbo e o(s) seu(s) complemento(s) quando juntos,

ainda que um preceda ao outro.

- O artigo 273 do CPC garante, ao autor, a antecipação dos efeitos da tutela.
- Deverão ser entregues ao auditor, todas as cópias, devidamente autenticadas.
- São vultosos os prejuízos causados pelos sonegadores e pelos corruptos ao povo brasileiro, com os quais, se indigna o motorista.
- Esclarece o reclamante, que a empresa jamais efetuou qualquer depósito em sua conta vinculada.

c) Entre o nome (substantivo, adjetivo ou advérbio) e o seu complemento quando estão juntos.

- Ele sempre exerceu uma forte influência, na investigação dos casos de corrupção no Brasil.
- Não havia mais dúvidas, de que a vida dele era uma questão de dias.
- Os homens têm-se tornado insensíveis, à dor alheira.

d) Entre o nome (substantivo) e o seu adjunto adnominal.

- A casa e todos os bens, de nossos avós, foram doados para abrigos de idosos.
- Ficou durante um bom tempo impressionado com o nome, do marido dela.

e) Entre o nome e a oração subordinada adjetiva restritiva.

vírgulas inadequadas – a oração adjetiva é restritiva

- O homem, que fuma, aumenta a probabilidade de desenvolver câncer de pulmão.

vírgulas inadequadas – a oração adjetiva é restritiva

- O deputado, que é honesto, possui mais facilidade para se reeleger em uma segunda eleição.

⇨ **Observação:**

Quando a oração adjetiva restritiva é de certa extensão, é lícito empregar a vírgula ao final dela.

- "As famílias que se estabeleceram naquelas encostas meridionais das longas serranias chamadas pelos antigos Montes Marianos, conservaram por mais tempo os hábitos erradios dos povos pastores." (M. Said Ali – *Gramática Secundária da Língua Portuguesa*)

f) Entre a oração principal e a oração subordinada substantiva, salvo a oração subordinada substantiva apositiva.

- Mostrou-se bastante ansioso, por que o problema logo fosse resolvido.
- O deputado secretamente nos disse, que o Brasil certamente passará por uma crise financeira em breve.
- Nosso maior problema fora, que ele não admitia ser cuidado por ninguém.

⇨ **Observação:**

Se a oração subordinada substantiva vier anteposta à oração principal, a vírgula é de rigor.

- Que ele é o presidente, já se sabia; que ele não tem competência, já se sabia também.
- Quando ocorrerá o evento, não se disse.

9.2.2 EMPREGO DO PONTO (.)

É o principal sinal de pontuação empregado para finalizar as proposições declarativas, simples ou compostas, de sentido completo.

- "Os pés do que entrara apenas faziam um rumor sumido no chão de mármore. Vinha descalço. A sua aljarabia ou túnica era de lá

grosseiramente tecida, o cinto uma corda de esparto.” (A. Herculano)

- “Estava Ângela na janela da sua casa na “rua do Bispo”, quando o marido surdiu da esquina da “Praça nova”. Reconheceu-o logo pela corpulência redonda.” (Camilo Castelo Branco)

O ponto final também é empregado para:

a) Encerrar a oração adversativa assindética de certa extensão, principalmente quando a oração sindética posposta é aditiva ou adversativa e traz uma ideia nova, um pensamento novo em relação à oração assindética.

- “– Quando era mais jovem, em criança, era natural, ele podia passar por criado. Mas você está ficando moço e ele vai tomando confiança.” (Machado de Assis)
- “O mistério que havia entre ambos ninguém o podia entender. E, todavia, a explicação era bem simples: estava no caráter extremamente religioso do califa, na sua velhice e no seu passado de príncipe absoluto.” (A. Herculano)

b) Indicar a abreviatura de uma palavra. Neste caso, recebe o nome de “ponto abreviativo”.

- pág. ou p.
- Cel. (Coronel)
- r. (rua)
- prof. (professor)
- Dr. (doutor)

9.2.3 EMPREGO DO PONTO E VÍRGULA (;)

O ponto e vírgula representa uma pausa maior que a vírgula e menor que o ponto final. Não há regras bem delimitadas para o seu emprego. É comum empregar:

a) Para separar os incisos de leis, decretos, portarias etc.

Art. 3.º Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil:

I – construir uma sociedade livre, justa e solidária;

II – garantir o desenvolvimento nacional;

III – erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais;

IV – promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

b) Para separar orações coordenadas de sentidos opostos.

- A irmã odeia esportes; o irmão ama tudo que exige movimento.
- "O egoísmo vê na revolução um fato que destrói; o gênio contempla na revolução uma idéia que edifica." (Coelho Neto *apud* Jorge Miguel)
- João é um trabalhador; Pedro é um vadio.

c) Para separar orações coordenadas de considerável extensão, principalmente quando em qualquer destas proposições já existe pausa mais fraca assinalada por vírgula.

- A porta ficava à direita da grande coluna de entrada do templo budista; a sala do mestre localizava-se depois dessa porta.
- Nada se comparava ao devaneio sentido naquele momento da sessão de psicoterapia; e contava-me tudo sem restrições.
- À véspera do grande evento, o jovem pianista entregou-se, em seu quarto, ao silêncio e à meditação; e passou as últimas 24 horas em total solidão.
- O governo, depois do confronto com os manifestantes, resolveu negociar; mas os termos da negociação ainda serão analisados pela Procuradoria Regional do Trabalho.

9.2.4 EMPREGO DOS DOIS-PONTOS (:)

Os dois-pontos representam geralmente uma pausa repentina, instantânea, um pouco mais intensa que a vírgula, indicando, na maioria dos casos, uma estrutura incompleta. São empregados para:

a) Separar o verbo de dizer (*dicendi*) do discurso direto (fala) da personagem.

- E a filha, cingindo-lhe ao pescoço, exclamara:
  – E quando vamos? (Camilo Castelo Branco)
- "O romano Aécio teve, porém, piedade de Átila e aos filhos de Teodorico disse: – Ide-vos, porque o império está salvo." (A. Herculano)

b) Enunciar uma enumeração.

- Frequentemente lia os clássicos portugueses: Camões, Camilo, Herculano e Quental.
- Durante a aula, anote as seguintes coisas: principais pontos, as principais definições e as principais aplicações.

c) Separar expressões que explicam ou completam o que foi dito anteriormente.

- "Mal, porém, o marido lhe dava as costas, voltava-lhe a fraqueza: vinham-lhe as lágrimas, tornavam as agonias." (Lima Barreto)
- "Olhe que ambas elas têm nomes inspiradores: uma é Berta, a outra é Laura." (Camilo, apud Arthur de A. Torres)
- "Hoje, a cobiça assentou-se no lugar da eqüidade: o juiz vende a consciência no mercado dos poderosos, como as mulheres de Babilônia vendiam a pudicícia nas praças públicas aos que passavam, diante da luz do dia." (Camilo Castelo Branco)
- "A morte não extingue: transforma; não aniquila: renova; não divorcia:

aproxima.” (Rui Barbosa, apud Jorge Miguel)

d) Indicar uma citação, alheia ou própria.

- Pensamos como Pitágoras: “Educai as crianças e não será preciso castigar os homens”.
- “Disse comigo: ‘Que importa ao mundo a vida de um pobre truão’”? (A. Herculano)
- Às margens do Ipiranga, bradou D. Pedro I: “Independência ou morte!”.

e) Marcar a supressão de uma conjunção (conectivo).

- Penso hoje que a vocação dele era, de fato, o serviço público: sentia-se suficientemente recompensado pela responsabilidade que lhe cabia.

Supressão de conjunção causal (porque, já que, visto que etc.)

- “Tereza não ouviu o remate da brutal apóstrofe: tinha fugido aturdida e envergonhada.” (Camilo Castelo Branco)

Supressão de conjunção causal (porque, já que, visto que etc.)

9.2.5 PONTO DE EXCLAMAÇÃO (!)

É o sinal de pontuação empregado depois de interjeições, palavras ou frases com o intuito de expressar admiração, espanto, surpresa, afeto, cólera, ou seja, estados emotivos.

- “Espanta discrição tamanha na índole de Simão Botelho, e na presumível ignorância de Teresa em coisas materiais da vida, como são um patrimônio!” (Camilo Castelo Branco – Amor de perdição)
- “— O lacaio ficou-se de uma vez! disse o vestido roxo com um

movimento de impaciência.

— É verdade! respondeu distraidamente a companheira.” (José de Alencar)

- “Ah! quem pode saber de que outras vidas veio?...

  Quantas vezes, fitando a Via-Láctea, creio

  Todo o mistério ver aberto ao meu olhar!” (Olavo Bilac)

⇨ **Observação:**

Às vezes, aparecem juntos o ponto de exclamação e o ponto de interrogação, imprimindo à frase tanto um caráter exclamativo quanto um caráter interrogativo.

- “É a história. E história assim poderá ouvi-la a olhos enxutos a mulher, a criatura mais bem formada das branduras da piedade, a que por vezes traz consigo do céu um reflexo da divina misericórdia?!” (Camilo Castelo Branco)

- “Como queres que eu vá, triste e sozinho,

  Casando a treva e o frio de meu peito

  Ao frio e à treva que há pelo caminho?!” (Olavo Bilac)

9.2.6 PONTO DE INTERROGAÇÃO (?)

É o sinal de pontuação usado depois de palavras e frases interrogativas.

- “Não haveria castigo que me tirasse semelhante remorso da consciência, fosse de que modo fosse, perpetrado o assassinato. Que acha você?

  — Eu também; mas você sabe o que dizem esses políticos que sobem às alturas com dezenas de assassinatos nas costas?” (Lima Barreto)

- “Não foi preciso romper o sobrescrito, porque vinha aberta.

— É de meu pai... disse Amâncio.

— Ah! é do velho Vasconcelos?... Como vai ele?" (Aluísio Azevedo)

- "Lembras-te? Um dia me disseste:

  "Tudo acabou!" E eu exclamei:

  "Se vais partir, por que vieste?" (Olavo Bilac)

⇨ **Observação:**

Nas interrogativas indiretas, o ponto de interrogação é dispensado.

- "Perguntou ao arreeiro se conhecia alguma casa em Viseu onde ele pudesse estar escondido uma noite ou duas, sem receio de ser denunciado." (Camilo Castelo Branco)
- "Não ficaram estes contentes e procuraram indagar quem era o dono da casa." (Lima Barreto)

9.2.7 RETICÊNCIAS (...)

É o sinal de pontuação empregado para indicar a supressão de um pensamento, de uma ideia. O emprego das reticências – chamadas também de "pontos de reticência" – procura aproximar ao máximo o leitor do estado de espírito do falante.

- "No seu tempo, dizia o cônego, o pároco era um rapaz franzino, acanhado, cheio de espinhas carnais... " (Eça de Queiroz)
- "— Vamos, Eugênio. São horas... vamos apartar os bezerros e tocar as vacas para a outra banda." (Bernardo Guimarães)
- "E os senhores, a serem cá de Lisboa, hão de dizer que sim. Mas nós..." (A. Garret)

⇨ **Observação:**

Às vezes as reticências aparecem combinadas com o ponto de exclamação ou com o ponto de interrogação.

- “És filho de teu pai!... Não importa.” (A. Herculano)
- “Para que tornar-lhe a morte mais aflitiva pela certeza...?” (Machado de Assis)

9.2.8 ASPAS (“ ”)

As aspas são sinais de pontuação geralmente empregados nas citações ou transcrições para distingui-las da parte restante do discurso. As aspas, portanto, indicarão o início e o fim do discurso alheio.

- Depois de se conservar algum tempo em silêncio, exclamou:

  “Se os mensageiros dos levantados não chegarem até o anoitecer, não falemos mais nisso.” (A. Herculano)
- A maçã parecia um creme! Até a mana Josefa disse: “Está tão boa que parece que foi cozida em água benta!” (Eça de Queiroz)
- Supôs-se naquele tempo um desgraçado, um caipora, quando a verdade era que “mais vale quem Deus ajuda, do que quem cedo madruga”. (Machado de Assis)
- O *Times* dizia o ano passado: “Desorganizado está o partido cujo acordo reduz-se a reconhecer o princípio negativo de que *a função da oposição consiste em opor-se*”. (Rui Barbosa)

Além desse emprego mais frequente das aspas, elas são também usadas para:

a) Enfatizar um termo, uma palavra ou uma expressão dentro da estrutura oracional.

- Os pais sorriam-se cheios de satisfação da ingenuidade do “mestrinho”, como daí em diante o chamavam, e não lhe levavam a mal as suas longas e quotidianas ausências. (Bernardo Guimarães)

- Aprendeu a “artinha” musical na terra do seu nascimento, nos arredores de Diamantina, em cujas festas de igreja a sua flauta brilhara, e era tido por muitos como o primeiro flautista do lugar. (Lima Barreto)
- Margarida já está ficando uma senhora, e você não pode tratar “a ela” agora como no tempo em que brincavam juntos o “esconde-esconde”. (Bernardo Guimarães)

b) Salientar palavras de outras línguas – estrangeirismos – usadas dentro de um período.

- “Diex le volt!” E, barão entre os barões primeiros

  Foste, através da Europa, ao Sepulcro ameaçado. (Olavo Bilac)
- Tenho que lá estar

  E acreditem, o cansaço antecipado é tão grande

  Que, se o “Sud Express” soubesse, descarrilava... (Fernando Pessoa)
- Deu-lhe dinheiro para voltar, um chapéu de cortiça, umas perneiras, um cachimbo e uma lata de fumo “Navy Cut”; ... (Lima Barreto)

c) Isolar o discurso de um personagem em textos narrativos. Geralmente isso ocorre quando se trata de discursos únicos, de pouca extensão.

- São retratos que valem por originais. O de minha mãe, estendendo a flor ao marido, parece dizer: “Sou toda sua, meu guapo cavalheiro!” (Machado de Assis)
- Não pude ouvir as palavras que tio Cosme entrou a dizer. Prima Justina exortava: “Prima Glória! Prima Glória!”. José Dias desculpava-se: “Se soubesse, não teria falado, mas falei pela veneração, pela estima, pelo afeto, para cumprir um dever amargo, um dever amaríssimo...” (Machado de Assis)

d) Salientar gírias, arcaísmos e formas populares que fogem do nível da fala usada pelo autor do texto.

- Toda a província o aterrava: via-se lá obscuro, jogando a manilha na Assembleia, morrendo de caquexia. Por isso não “arredava pé”; e esperava, com a tenacidade do plebeu sôfrego, uma clientela rica, uma cadeira na escola, um cupê para as visitas, uma mulher loura com dote. (Eça de Queiroz)
- Passam as “chuvas do caju” em outubro, rápidas, em chuvisqueiros prestes delidos nos ares ardentes, sem deixarem traços; ... (Euclides da Cunha)

e) Indicar – algumas vezes de forma irônica – o emprego de palavras em sentido diverso do que lhe é habitual.

- Cruzamos a povoação em todos os sentidos, procurando rastrear algum vestígio. Confrontar algum sítio onde pudéssemos colocar, pela mais atrevida suposição que fosse, a tenda do nosso Alfageme com as suas espadas bem “corrigidas”, as suas armaduras luzentes e bem postas. (A. Garret)
- Um desses “oficiais” defensores da legalidade era o Capitão Virgulino Ferreira, o Lampião. (Raquel de Queiroz)

⇨ **Observação:**

Quando se quer enfatizar um termo ou expressão que já se encontra entre aspas, devem ser usadas as aspas simples (‘ ’).

- Uma manhã, depois de um grande silêncio de Basílio, recebeu da Bahia uma longa carta, que começava: “Tenho pensado muito e entendo que devemos considerar a nossa inclinação como uma ‘criancice’...” (Eça de Queiroz)

9.2.9 PARÊNTESES (( ))

Os parênteses são frequentemente usados na escrita para isolar termos, palavras, expressões e orações intercalados na estrutura

oracional e muitas vezes deslocados dentro dela. Por isso, são empregados para:

a) Isolar – à semelhança do emprego da vírgula e do travessão – termos, notas e orações acessórios, intercalados no período.

- "A entrada ao que me dizem (eu nunca entrei a barra) é um panorama grandioso, rival das Constantinoplas e das Nápoles." (Eça de Queiroz)
- "Se eu morrer – e ainda bem! – antes desse dia (dia, talvez, inevitável!), deixarei dito a Mafalda que seja sempre o que tua mãe e eu fomos para ti: o coração devotado sem condições." (Camilo Castelo Branco)
- "Posto que nascido na roça (donde vim com dous anos) e apesar dos costumes do tempo, eu não sabia montar, e tinha medo ao cavalo." (Machado de Assis)
- "Um criado (o espanhol) acendeu o gás. Os outros convivas seguiram o primeiro, escolheram charutos e os que ainda não conheciam o gabinete admiraram os móveis bem-feitos e bem dispostos." (Machado de Assis)

b) Isolar palavras e expressões de valor explicativo dentro do período à semelhança do emprego da vírgula e do travessão.

- "Chegamos ao Inn (estalagem), triste casa solitária no meio dos campos à borda da estrada." (A. Garret)
- "Olha para si, para as chinelas (umas chinelas de Túnis, que lhe deu recente amigo, Cristiano Palha), para a asa, para o jardim, para a enseada, para os morros e para o céu; e tudo, desde as chinelas até o céu, tudo entra na mesma sensação de propriedade." (Machado de Assis)

c) Isolar – à semelhança da vírgula e do travessão – a oração adjetiva explicativa:

- "Se os homens (que, em geral, são maus os homens todos)

Te insultarem a crença, e a cobrirem de apodos,

Que dirás, que farás contra essa gente inculta?" (Olavo Bilac)

- "O vaqueiro separa escrupulosamente a grande maioria de novas cabeças pertencentes ao patrão (nas quais imprime o sinal da fazenda) das poucas, um quarto, que lhe couberam por sorte." (Euclides da Cunha)

d) Indicar o comportamento da(s) personagem(ns) em textos narrativos ou peças escritas para o teatro.

- "Não tem outro defeito; é uma alma lavada, e amiga da sua amiga. Verdade, que, às vezes... (aqui a prelada ergueu-se a escutar nos dormitórios, e fechou por dentro a porta); ..." (Camilo Castelo Branco)
- "Ágata (caindo de joelhos aos pés de Júlio)

"— Mas mata-me! Mata-me, por piedade! Antes a morte, que ver, com esses desprezos, o coração rasgado fibra a fibra!" (Eça de Queiroz)

e) Isolar orações subordinadas reduzidas e desenvolvidas intercaladas.

- "Quando eu referi a Escobar aquela opinião de minha mãe (sem lhe contar as outras naturalmente) vi que o prazer dele foi extraordinário." (Machado de Assis)
- "— De resto, segundo ele, a fêmea era um ente subalterno; o homem deveria aproximar-se dela em certas épocas do ano (como fazem os animais, que compreendem estas coisas melhor que nós), fecundá-la, e afastar-se com tédio." (Eça de Queiroz)
- "O único expediente regular (para revogar uma lei que não se acha de acordo com as necessidades de uma nação) é o remédio que pode provir do Poder Legislativo." (Rui Barbosa)

f) Isolar o advérbio latino "*sic*", que significa "assim", usado quando se quer atestar a fidelidade de um texto transcrito. Geralmente os escritores mais modernos o usam quando há

desvio da norma culta no trecho transcrito.

- Nessa altura, entrava em detalhes secretos da vida feminina e aduzia: “foi uma grande tristeza em saber que o doutor R. S. sabe de teus particulares moral” (*sic*). (Lima Barreto)

⇨ **Observação:**

Como se pode perceber pelas orientações acima, os parênteses também substituem a vírgula e o travessão, embora não seja comum na língua pátria essa substituição. Entretanto, é preciso ter muito cuidado, pois em muitas construções os parênteses (e até mesmo os travessões) fazem o isolamento exclusivo de um único termo, sendo necessário o uso de uma vírgula após o termo isolado. Vejamos:

- Quando chegou, a reunião já havia começado. (Emprego obrigatório da vírgula para separar a oração adverbial temporal, anteposta à oração principal).
- Quando chegou (ele só chega atrasado), a reunião já havia começado. (Veja que nesse exemplo os parênteses isolam apenas a oração interferente “ele só chega atrasado”, sendo necessário o emprego da vírgula para separar a oração subordinada adverbial temporal, anteposta à oração principal.

9.2.10 COLCHETES ([ ])

Os colchetes apresentam emprego semelhante ao dos parênteses. Aliás, os colchetes são considerados como “parênteses em forma angular” ou “parênteses quadrados”. O emprego mais largo deste sinal ocorre na matemática, quando os colchetes precedem os parênteses numa equação.

9.2.11 TRAVESSÃO (–)

É o sinal de pontuação representado por um traço de certa extensão,

um pouco mais longo que o hífen, que geralmente simboliza pausas dentro da estrutura oracional. Logo, emprega-se para:

a) Substituir a vírgula e até mesmo os parênteses, indicando uma pausa mais extensa, mais profunda, mais enfática.

- "Todo aquele dia lhe aparecia como enevoado, sem contornos, à maneira de um sonho antigo – onde destacava a cara balofa e amarelada do padre, e a figura medonha de uma velha, que estendia a mão adunca, com uma sofreguidão colérica, empurrando, rogando pragas, quando, à porta da igreja, Jorge comovido distribuía patacos." (Eça de Queiroz)
- "Entre quarenta e oito liberais de um lado, que sustentam o projeto, e quarenta e um conservadores do outro, que o combatem, vós – *os nove* – preferis fundir-vos na minoria inimiga do vosso partido, para com essa aliança constituir maioria hostil ao gabinete." (Rui Barbosa)
- "Boas, ou más, justas, ou falsas, liberais, ou revolucionárias, dêem-lhes lá os qualificativos que quiserem (depois os discutiremos), – a verdade é que o que, precisamente, se não podia esperar do redator-chefe desta folha, eram outras opiniões, outras conclusões, outras atitudes, que não as mantidas por ele nestas colunas." (Rui Barbosa – *Obras seletas*)

⇨ **Observação:**

Perceba que o emprego de um sinal de pontuação não elide o emprego de um outro. Prova disso é o último exemplo extraído de um discurso do mestre Rui Barbosa, cujos termos foram publicados em 2 de abril de 1889, em um diário de notícias daquele tempo.

- Quando ele chegou às 9h45min – ele sempre chegava atrasado –, o diretor já fizera os comentários iniciais.

b) Para indicar a mudança de interlocutor nos discursos narrativos.

- "Na varanda achei prima Justina, passeando de um lado para outro.

Veio ao patamar e perguntou-me onde estivera.

— Estive aqui ao pé, conversando com D. Fortunata, e distraí-me. É tarde, não é? Mamãe perguntou por mim?

— Perguntou, mas eu disse que você já tinha vindo." (Machado de Assis)

9.3 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (Juiz de Direito – TJ/SP) Assinale a alternativa correta quanto à pontuação.

   a) É certo que um acordo, embora, às vezes, possa haver condições não almejadas pelas partes, torna-se mais vantajoso, após anos de litigância, do que a expectativa de uma decisão desfavorável.

   b) É certo, que um acordo, embora às vezes possa haver condições, não almejadas, pelas partes, torna-se mais vantajoso após anos de litigância, do que a expectativa de uma decisão, desfavorável.

   c) É certo, que um acordo, embora, às vezes, possa haver, condições não almejadas pelas partes, torna-se, mais vantajoso, após anos de litigância, do que a expectativa de uma decisão desfavorável.

   d) É certo que um acordo, embora, às vezes, possa haver, condições não almejadas, pelas partes, torna-se mais vantajoso após anos de litigância do que a expectativa de uma decisão desfavorável.

2. (UFRS) Assinale o texto de pontuação **correta**.

   a) Eu, posto que creia no bem não sou daqueles que negam o mal.

   b) Eu, posto que creia, no bem, não sou daqueles, que negam, o mal.

c) Eu, posto que creia, no bem, não sou daqueles, que negam o mal.

d) Eu, posto que creia no bem, não sou daqueles que negam o mal.

e) Eu, posto que creia no bem, não sou daqueles, que negam o mal.

3. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa em que o texto esteja **corretamente** pontuado.

a) Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo sem chapéu trazendo pela mão, uma menina de quatro anos.

b) Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja, um sujeito baixo, sem chapéu, trazendo pela mão, uma menina de quatro anos.

c) Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo, sem chapéu, trazendo pela mão uma menina de quatro anos.

d) Enquanto eu, fazia comigo mesmo, aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo sem chapéu, trazendo pela mão uma menina de quatro anos.

e) Enquanto eu fazia comigo mesmo, aquela reflexão, entrou na loja, um sujeito baixo, sem chapéu trazendo, pela mão, uma menina de quatro anos.

4. (Cefet-PR) Assinale o item em que o texto está **corretamente** pontuado.

a) Não nego, que ao avistar a cidade natal tive uma sensação nova.

b) Não nego que ao avistar, a cidade natal, tive uma sensação nova.

c) Não nego que, ao avistar, a cidade natal, tive uma sensação nova.

d) Não nego que ao avistar a cidade natal tive uma sensação nova.

e) Não nego que, ao avistar a cidade natal, tive uma sensação nova.

5. (FCC – Soldado PM/BA) Está inteiramente correta a pontuação da seguinte frase:

a) Ao longo do tempo, verificou-se que o homem é capaz de se valer de suas experiências, sobretudo as mais marcantes, para se prevenir contra tudo o que possa vir a representar uma ameaça para ele.

b) Ao longo do tempo verificou-se, que o homem, é capaz de se valer de suas experiências, sobretudo as mais marcantes para se prevenir contra tudo, o que possa vir a representar uma ameaça para ele.

c) Ao longo do tempo, verificou-se que o homem é capaz, de se valer de suas experiências, sobretudo, as mais marcantes, para se prevenir, contra tudo o que possa vir a representar, uma ameaça para ele.

d) Ao longo do tempo verificou-se que, o homem, é capaz de se valer, de suas experiências, sobretudo as mais marcantes para se prevenir contra tudo o que o que possa vir a representar: uma ameaça para ele.

e) Ao longo do tempo, verificou-se, que o homem é capaz de se valer de suas experiências, sobretudo as mais marcantes para se prevenir contra tudo o que possa vir a representar: uma ameaça para ele.

6. (FMU-SP) Em: “A menina, conforme as ordens recebidas, estudou”:

a) há erro na colocação das vírgulas.

b) a primeira vírgula deve ser omitida.

c) a segunda vírgula deve ser omitida.

d) a forma de colocação das vírgulas está correta.

e) n.d.a.

7. (UM-SP) Os trechos a seguir tiveram sinais de pontuação suprimidos e alterados. Aponte aquele cuja pontuação permaneceu gramaticalmente **correta**.

a) A ideia do ministro extraordinário dos Esportes, Édson Arantes do Nascimento, o Pelé de colocar na cadeia “os meninos” que participam de brigas entre torcidas organizadas é para ficar no jargão esportivo, uma “bola fora”.

b) Parece que, o Pelé do milésimo gol, que pedia escola para “esses meninos”, também era bem mais sábio do que o que hoje lhes propõe “cadeia”.

c) Os otimistas olham e dizem: Ah, está meio cheio. Mas os pessimistas, vêem o mesmo copo, a mesma quantidade de água e acham que está meio vazio.

d) A pesquisa, descrita na edição de hoje da revista científica britânica “Nature”, é mais um dado na busca pelos cientistas de compreender os mecanismos moleculares da embriogênese, ou seja, a formação e o desenvolvimento dos seres vivos.

e) Como os bens públicos não podem ser penhorados os precatórios entram em ordem cronológica no orçamento do governo.

8. (FCC – Analista Judiciário – TRF 3.ª Região) É preciso **suprimir** uma ou mais vírgulas na seguinte frase:

a) É possível que, em vista da quantidade e de seu poder de sedução, as ficções de nossas telas influenciem nossa conduta de forma determinante.

b) Independentemente do mérito dos professores, as escolas devem, com denodo, estimular os sonhos dos alunos.

c) É uma pena que, hoje em dia, tantos e tantos jovens substituam os sonhos pela preocupação, compreensível, diga-se, de se inserir no mercado de trabalho.

d) O fato de serem, os adolescentes de hoje, tão “razoáveis”, faz com que a decantada rebeldia da juventude dê lugar ao conformismo e à resignação.

e) Se cada época tem os adolescentes que merece, conforme opina o autor, há também os adolescentes que não merecem os adultos de sua época.

9. (Fesb-SP) Assinale a alternativa correspondente ao período de pontuação **correta**.

a) Na espessura do bosque, estava o leito da irara ausente.
b) Na espessura, do bosque; estava o leito, da irara ausente.
c) Na espessura do bosque; estava o leito, da irara, ausente.
d) Na espessura, do bosque estava o leito da irara ausente.
e) Na espessura, do bosque estava, o leito da irara ausente.

10. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa em que o texto está pontuado **corretamente**.

a) Matias, cônego honorário e, pregador efetivo estava compondo um sermão quando começou o idílio psíquico.
b) Matias, cônego honorário e pregador efetivo, estava compondo um sermão, quando começou o idílio psíquico.
c) Matias cônego honorário e pregador efetivo estava compondo um sermão quando começou o idílio psíquico.
d) Matias cônego honorário e pregador efetivo, estava compondo um sermão quando começou o idílio psíquico.
e) Matias, cônego honorário e, pregador efetivo, estava compondo um sermão quando começou o idílio psíquico.

GABARITO

1 – A	2 – D	3 – C
4 – E	5 – A	6 – D
7 – D	8 – D	9 – A
10 – B		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

IV

PARTE ESPECIAL

CAPÍTULO 1

EMPREGO DO INFINITIVO

1.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Sem dúvida nenhuma, estamos aqui diante de um dos assuntos mais complexos da língua portuguesa. Afinal, quem nunca teve dúvidas com estruturas do tipo: “Estas coisas estão aqui para SER (ou SEREM) organizadas pelos funcionários?”.

Neste capítulo, estudaremos as regras que orientam o emprego do infinitivo em português — um assunto geralmente cobrado nos grandes concursos. Salientamos de antemão que aqui não conseguiremos exaurir todas as possíveis aplicações desta forma nominal.

Em primeiro lugar, cumpre dizer que o infinitivo é uma forma nominal do verbo, ou seja, é um nome (no caso, funciona como um “substantivo”) que designa a ação ou estado de modo geral.

- Dançar faz bem aos músculos.
- É importante comer bem para evitar problemas cardíacos.
- É proibido vender bebidas alcoólicas a menores.
- Falar alto prejudica as pregas vocais.

Percebe-se, com os exemplos acima, que as ações verbais fazem abstração do sujeito e do tempo, ou seja, a ação verbal não apresenta o ser que as pratica e não se situa em nenhum tempo (passado, presente ou futuro).

Na língua portuguesa, o infinitivo apresenta-se tanto na forma impessoal (também chamada de "não flexionada") quanto na forma pessoal (também chamada de "flexionada").

O infinitivo impessoal é marcado pela desinência "-r". Já o infinitivo pessoal apresenta as seguintes desinências:

- 1.ª conjugação ⇨ -ar, -ares, -ar, -armos, -ardes, -arem.
- 2.ª conjugação ⇨ -er, -eres, -er, -ermos, -erdes, -erem.
- 3.ª conjugação ⇨ -ir, -ires, -ir, -irmos, -irdes, -irem.

1.ª conjugação	*2.ª conjugação*	*3.ª conjugação*
AMAR	**VENDER**	**PARTIR**
am**ar** (eu)	vend**er** (eu)	part**ir** (eu)
am**ares** (tu)	vend**eres** (tu)	part**ires** (eu)
am**ar** (ele)	vend**er** (ele)	part**ir** (ele)
am**armos** (nós)	vend**ermos** (nós)	part**irmos** (nós)
am**ardes** (vós)	vend**erdes** (vós)	part**irdes** (vós)
am**arem** (eles)	vend**erem** (eles)	part**irem** (eles)

⇨ **Observações:**

a) Os verbos regulares apresentam a mesma forma para o infinitivo pessoal e o futuro do subjuntivo. A distinção entre um e outro é perceptível no emprego. O futuro do subjuntivo, primeiramente, apresenta um fato duvidoso, eventual ou hipotético no futuro, enquanto o infinitivo não situa a ação no tempo. Ademais, o futuro do subjuntivo admite a anteposição de conjunções subordinadas, como

"quando" e "se", ao passo que o infinitivo as rejeita — este admite apenas a anteposição de preposições. Observe abaixo:

- Se ganhar (futuro do subjuntivo) o prêmio, comprarei dois novos livros.
- Adquiri dois bilhetes para ganhar (infinitivo) o prêmio que será sorteado.
- Quando comprarmos (futuro do subjuntivo) o carro, viajaremos para São Paulo.
- O banco liberou o empréstimo para comprarmos (infinitivo) o apartamento.

b) Quando o verbo é irregular, o infinitivo é distinto do futuro do subjuntivo.

infinitivo pessoal, 3.ª pessoa do plural

- A proporem um diálogo sem fundamentação teórica, prefiro contarem piadas sem graça.

futuro do subjuntivo, 3.ª pessoa do plural

- Se eles propuserem um diálogo sem fundamentação teórica, retirar-me-ei do recinto.

futuro do subjuntivo, 3.ª pessoa do plural

- "Um dia quando todos os livros forem queimados por inúteis, há de haver algum, ... , que ensine esta verdade aos homens." (Machado de Assis)
- "Não são só palavras, primo — retorquiu Teresa com gravidade — são sentimentos que merecem a sua estima, por serem verdadeiros." (Camilo Castelo Branco)

infinitivo pessoal, 3.ª pessoa plural

1.2 AS DUAS MÁXIMAS PARA O EMPREGO DO INFINITIVO

Várias são as orientações para o emprego do infinitivo que se encontram nos manuais gramaticais portugueses. Muitas apresentam contradições; outras, verdadeiros equívocos; outras ainda são confusas, difíceis de entender. Em duas orientações, porém, todos são unânimes. Daí por que consideramos essas duas regras como "máximas" para o emprego do infinitivo, e por elas devem se guiar os que pretendem empregar corretamente essa forma nominal.

I – Emprega-se o INFINITIVO IMPESSOAL (NÃO FLEXIONADO) quando a ação por ele expressa não se refere a nenhum agente determinado, ou seja, o infinitivo é essencialmente impessoal.

- Querer é poder.
- Lutar pela pátria é um ato de coragem.
- O maior mandamento é este: amar a Deus sobre todas as coisas e amar o próximo como a si mesmo.
- "Não será aleive atribuir-lhe uma pouca de astúcia ou hipocrisia, se quiserem; perspicácia seria mais correto dizer." (Camilo Castelo Branco)
- "Voar! varrer o céu com as asas poderosas,
  Sobre as nuvens! correr o mar das nebulosas,
  Os continentes de ouro e fogo da amplidão!..." (Olavo Bilac)
- "No meio destas dissertações acadêmico-literárias vem o A. a descobrir que para tudo é preciso ter fé neste mundo." (A. Garrett)

II – Emprega-se o INFINITIVO PESSOAL (FLEXIONADO) quando o infinitivo possui sujeito próprio — expresso ou não —, ou seja, o infinitivo é essencialmente pessoal.

- O fazendeiro comprou dois novos cavalos para correrem no pátio da fazenda. (O sujeito do verbo "correr" é o termo elíptico "dois novos cavalos".)
- É fundamental partires agora, meu filho. (O sujeito do verbo "partir" é o pronome pessoal elíptico "tu".)
- "Em vez de com eles se animarem os soldados, antes se desanimam e desalentam." (Pe. Antônio Vieira *apud* Theodoro H. Maurer Jr.)
- "Endireitar Oza a arca do Testamento que ia descaindo, por causa dos bois recalcitrarem, não parecia grave irreverência." (Manuel Bernardes

apud Theodoro H. Maurer Jr.)

- “Que os levasse o diabo os ingleses! Isto não ficava direito sem irem todos eles barra fora.” (Machado de Assis)
- “Cerrai a porta, que há aí alguns vizinhos de andares altos, que já murmuram sermos nós ruins gastadores de tempo.” (Castilho *apud* Souza da Silveira)

⇨ **Observação:**

Quando o sujeito do infinitivo é o mesmo sujeito do verbo da oração antecedente, a flexão do infinitivo torna-se facultativa. Neste caso, deve-se dar preferência ao infinitivo não flexionado, por ser mais eufônico, mais elegante para o período.

- Tu não tens problemas apesar de **ESTAR** /ou/ **ESTARES** com o rosto turbado.

O sujeito do verbo “estar” é o mesmo sujeito da oração que o antecede: “tu”

- Pedro e João foram acusados de **BOICOTAR** /ou/ **BOICOTAREM** a greve.
- Deixastes a sala para **FAZER** /ou/ **FAZERDES** um comentário com o chefe?
- Nós sempre fomos pontuais em **ELABORAR** /ou/ **ELABORARMOS** os relatórios do setor.
- Muitos jovens lutam bastante a fim de **CRIAR** /ou/ **CRIAREM** um mundo melhor.
- Os mais diversos países do planeta vêm buscando formas de **SE APROXIMAR** e **DE INCREMENTAR** /ou/ **SE APROXIMAREM** e **DE INCREMENTAREM** suas relações econômicas, sociais e culturais.

A partir dessas duas orientações, ficamos mais tranquilos quanto ao estudo dos demais casos em que se emprega um ou outro tipo de infinitivo, pois sabemos que os outros casos sempre comportam exceções, o que torna o emprego do infinitivo uma das mais difíceis

tarefas para o estudioso da língua portuguesa.

Como tantos outros estudiosos, tentaremos sistematizar alguns outros empregos do infinitivo, sem a menor pretensão, entretanto, de exaurir o assunto.

Além das duas primeiras regras, acima estudadas, emprega-se também o infinitivo nos casos apresentados a seguir.

1.3 INFINITIVO IMPESSOAL

a) Quando apresenta sentido de imperativo.

- "Viver é lutar." (Gonçalves Dias *apud* M. Said Ali)
- "Caminhar! Caminhar!... O deserto primeiro,
  O mar depois... Areia e fogo... Foragida,
  A tua raça corre os desastres da vida,
  Insultada na pátria e odiada no estrangeiro!" (Olavo Bilac)

b) Quando vem regido das preposições "de" ou "em", com sentido passivo — embora apresente forma "ativa" —, completando certos adjetivos, tais como "fácil, difícil, duro, raro, capaz, bom, mau, digno, impossível" e outros.

- "Eu não sou muito difícil em admitir prodígios quando não sei explicar os fenômenos por outro modo." (A. Garrett)
- "O rapaz está caído por alguma das tais francesinhas; e elas que são umas jibóias!... Finas como um alhambre, mas capazes de engolir um homem!..." (José de Alencar)
- "Diante do jockey, sem chapéu, com a face a estoirar de sangue, gritava-lhe que era indigno de estar ali, entre gente decente!" (Eça de Queiroz)

c) Quando vem regido da preposição "para" e apresenta sentido

indiscutivelmente passivo.

- "Foi ela que me recomendou aqueles dois quadrinhos, quando andávamos os três, a ver coisas para comprar." (Machado de Assis)
- "— Perderia a fala com o susto — aventou o cabo, e sacudiu-a pelos ombros para lhe desemperrar a língua." (Camilo Castelo Branco)

⇨ **Observação:**

Nos dois últimos exemplos acima, as estruturas podem ser convertidas para "... coisas para ser compradas." e "... para ser desemperrada a língua dela.", respectivamente.

l) **Quando, embora não preposicionado, apresenta sentido claramente passivo.**

- "O mesmo dia os viu batizar." (Machado de Assis, apud Gladstone C. de Melo)
- "... nada mais fácil ao sr. professor do que fazer a demonstração prática de tudo isso, levando para a escola diversos frutos, anatomizando-os, e fazendo-os anatomizar pelos seus discípulos." (Castilho *apud* Sousa da Silveira)

⇨ **Observação:**

Nos dois exemplos acima, os infinitivos podem ser claramente substituídos por "serem batizados" e "serem anatomizados".

e) **Quando forma locução verbal (construção perifrástica). Neste caso, funcionarão, geralmente, como auxiliares do infinitivo, verbos do tipo "vir, ter, haver, dever, poder, costumar, começar, continuar, tornar, querer, estar, ficar". Muitas destas construções aparecem ligadas por preposições como "a, de, por".**

- Afinal vim a saber o que acontecera.
- A construção da igreja está por acabar.
- Parece que vai chover hoje à tarde.
- Tenho de estudar para a prova de amanhã.
- Nada podia fazer sem que ele consentisse.
- Todos costumam sair aos sábados para as baladas.

f) Quando, regido da preposição "a", equivale a um gerúndio em locução verbal com os verbos auxiliares "estar, ficar" entre outros, construção esta muito usual em Portugal.

- Todos os passantes estavam a dormir naquele momento. (Isto é, "estavam dormindo")
- "— Bem dizia eu que aquela janela...
  — É a janela dos rouxinóis...
  — Que lá estão a cantar." (Camilo Castelo Branco)

g) Quando o infinitivo é dependente de verbos como "ver, ouvir, mandar, fazer, deixar" e análogos, numa estrutura em que se empregue um pronome pessoal oblíquo que seja ao mesmo tempo objeto do verbo regente e sujeito do verbo regido.

- E não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal.
- Até agora não me mandaram limpar nada aqui na empresa.
- "O erro de Capitu foi não deixá-los crescer infinitamente, antes diminuir até às dimensões normais, e dar-lhe o movimento do costume." (Machado de Assis)
- "Os mesmos olhos claros e atentos, a mesma boca cheia de graça, as mãos finas, e uma cor viva nas faces que as fazia crer pintadas de sangue." (Machado de Assis)
- "Assim pode ser, mas, ainda agora, neste solene momento, me domina

a vontade de fazer-te sentir que eu não podia viver." (Camilo Castelo Branco)

⇨ Observação

Quando o sujeito desses verbos causativos e sensitivos (mandar, deixar, fazer, ver, ouvir, sentir e análogos) é formado por um substantivo, a flexão do infinitivo é facultativa.

- Mandei **os meninos** ENTRAR/ENTRAREM na sala.
- As variações do dólar fizeram os governos latinos AUMENTAR/AUMENTAREM as proteções comerciais.
- Durante a confusão, nós vimos vários manifestantes PULAR/PULAREM a cerca de proteção.

1.4 INFINITIVO PESSOAL

Deve-se empregar o infinitivo pessoal (flexionado):

a) Quando se emprega na 3.ª pessoa do plural para indicar a indeterminação do sujeito.

- "Nunca se pôde saber donde saíra aquela criança; como chegara até o terreiro sem darem por ela." (José de Alencar, apud Sousa da Siveira)
- Tenho a impressão de que deixaram o maçarico aqui para arrombarem a porta de ferro durante a madrugada.

b) Quando a clareza exige, para evitar uma possível ambiguidade, que se indique qual é o sujeito da oração.

- "Ó Netuno, lhe disse, não te espantes
  De Baco nos teus reinos receberes,
  Porque também cos grandes e passantes

Mostra a Fortuna injusta seus poderes."

(Camões — Os Lusíadas apud Gladstone C. de Melo)

- "Perdoe-te o céu o haveres-me obrigado a sacrificar aos pés desse orgulho o sentimento de amor que se alevantara neste coração." (A. Herculano, apud Gladstone C. de Melo)

c) Quando se quer enfatizar o sujeito da oração infinita.

- Os diretores afirmaram-nos estarem despreparados para participar da reunião naquele momento.
- "E talvez saia assim a flor mais bela, o meu jardineiro afirma que as violetas, para terem um cheiro superior, hão mister de estrume de porco." (Machado de Assis)
- "Ainda na borda do rochedo aprumado sobre a água se enxergavam alguns orifícios profundos, que mostravam terem servido para embeber as traves de ponte lançada para a outra margem, também elevada e penhascosa." (A. Herculano)

d) Quando o infinito, mesmo com sujeito elíptico, precede a oração principal.

- Acusados de boicotarem a greve, Pedro e Paulo foram demitidos da empresa.
- Por teres mais conhecimento em inglês do que o gerente, tu foste escolhido para representar a empresa na reunião.
- Antes de fazerem a reclamação no setor de pessoal, vejam vocês os relatórios do funcionário.

⇨ **Observação:**

Quando o infinitivo vier precedido do verbo PARECER, pode-se flexionar um ou outro verbo.

- “Ao menos, tu serás minha! — exclamou o amir, lançando a mão ao braço da donzela vestida de branco, a quem o terror desta cena rapidíssima tornara imóvel, como uma dessas estátuas que parecem orar sobre os sepulcros nas catedrais da Idade Média.” (A. Herculano)
- “As vagas teorias do socialismo, os sonhos do comunismo não me parecem provar senão a impotência da forma contra o poder da matéria.” (Almeida Garret)
- “... e no horizonte não se vêem senão os topos pardo-azulados das serras do Algarve, que parece fugirem tanto quanto os cavaleiros caminham.” (A. Herculano)
- “... olhos desvairados parecia buscarem o vulto lúgubre e tétrico da forca.” (Rebêlo da Silva, apud Arthur A. Tôrres)

1.5 EMPREGO DO INFINITIVO EM LOCUÇÕES PASSIVAS COM O VERBO “SER”

Eis um ponto em que os alunos têm muitas dúvidas: o emprego correto do infinitivo passivo cuja estrutura apresenta o verbo SER, no infinitivo, e um PARTICÍPIO.

- Trouxe-nos livros com muitas histórias para _____??_____ CONTADAS.
  SER /ou/ SEREM

Sem dúvida, nem sempre é fácil transmitir para o estudante da língua uma orientação consistente, uma vez que o emprego do infinitivo obedece, muitas vezes, a questões de ênfase, colocação etc. Sugerimos, entretanto, as seguintes orientações para o emprego do infinitivo passivo formado com o verbo SER:

a) Emprega-se frequentemente a forma flexionada do verbo SER passivo, quando o sujeito do infinitivo estiver no plural e vier à frente da preposição. Teremos, então, a estrutura: SUJEITO + PREPOSIÇÃO + SEREM + PARTICÍPIO.

- Ontem pegamos os livros a serem analisados durante as férias.
  sujeito + prep. + serem + particípio
- "O homem não tornou cá, nem as pelintronas das filhas, que hão de pôr a cara onde a Sr.ª D. Ângela põe os pés para serem afagados." (Camilo Castelo Branco)
- Todas as cidades a serem inspecionadas pelo auditor ficam na região Nordeste.
- Não concordamos com os métodos a serem usados na avaliação dos candidatos.

b) Emprega-se preferencialmente a forma flexionada SEREM quando, a despeito de o sujeito ser comum entre as orações, este for de número plural.

- "Fizeram bem em partir depressa, porque se se demorassem alguns minutos, corriam o risco de serem devorados pelos olhos dos vizinhos." (Manuel A. de Almeida)
- "No mesmo ano, os dois passam a viver juntos para serem presos dois anos depois, como adúlteros." (Camilo Castelo Branco)
- "As criadas, por escrúpulo, eram examinadas em doutrina antes de serem aceitas." (Eça de Queiroz)
- "Clara recebia aquelas cartas com uma emoção de quem recebe mensagens divinas. Entretanto, eram pessimamente escritas, a ponto de não serem, às vezes, entendidas, tão caprichosa era a ortografia delas." (Lima Barreto)

c) Emprega-se preferencialmente a forma não flexionada quando o infinitivo passivo do verbo "SER" servir de complemento nominal para adjetivos do tipo "fácil, difícil, capaz, raro, mau, digno etc."

- Foram questões fáceis de ser respondidas.
- Víamos, naquele local, muitas mulheres dignas de ser louvadas.

- Ensinei a muitos alunos capazes de ser aprovados em quaisquer concursos.

CAPÍTULO 2

FUNÇÕES MORFOLÓGICAS DAS PALAVRAS "QUE", "SE" E "COMO"

Eis aqui um assunto de fundamental importância, pois as bancas com muita frequência cobram este conhecimento. Aqui não trataremos da função sintática desses vocábulos, mas tão somente da função morfológica que desempenham numa determinada estrutura.

Sugiro que estude este ponto mais de uma vez. Preferencialmente, faça-o em dias diferentes para que o conhecimento se consolide mais. Se tiver dificuldades, consulte o seu professor. Vamos lá...

2.1 FUNÇÕES MORFOLÓGICAS PARA PALAVRA "QUE"

Sem dúvida, o vocábulo "QUE" é um dos mais versáteis da nossa língua, porquanto apresenta várias funções. Vejamos...

1. **Substantivo** → quando vem determinada por artigos ou outras classes de palavras, ou quando equivale a "qualquer coisa de". Neste caso, equivalerá a um monossílabo tônico, fato que exigirá o acento circunflexo.

- Ela hoje tem um **quê** de esquisito.
- Aquele **quê** foi mal empregado.

- Um **quê** de mistério cercava o ambiente.
- Pairava no ar um **quê** de tristeza.
- “Os **quês** tornam o estilo áspero e desagradável.” (Silveira Bueno)

2. **Pronome indefinido** → quando, vindo antes de substantivos, equivale a “quanto, quanta, quantos, quantas”. Por acompanhar substantivos, é também chamado genericamente de “pronome adjetivo”.

- **Que** felicidade tremenda sentia no peito o nosso personagem.
- **Que** saudade eu tenho da minha infância!
- “**Que** gente será? em si diziam:
  Que costumes, **que** lei, **que** rei teriam?” (Camões)

3. **Pronome relativo** → quando for possível ser substituído por “o qual, a qual, os quais, as quais”. Neste caso, o “que” apresentará um antecedente o qual retomará.

- Todos leram o livro $\underset{o\ qual}{\underline{\text{que}}}$ tu escreveste.
- A casa em $\underset{na\ qual}{\underline{\text{que}}}$ ele mora fica perto de uma área de risco.

⇨ **Observação:**

Para aprofundar esta função morfológica, sugerimos que estude as orações adjetivas, em sintaxe do período composto.

4. **Pronome interrogativo** → quando aparece em orações interrogativas. Geralmente, nesta função, equivale a “que coisa”.

- **Que** disseste naquele momento de raiva?
- “**Que** pretendia? A **que** vinha ali como um salteador noturno?” (A.

Herculano)

5. **Advérbio de intensidade** → Quando, vindo antes de adjetivos ou advérbios, equivale a “quão, quanto”.

- **Que** bela flor ele te deixou!
- **Que** admiráveis são os desígnios de Deus.
- **Que** perto moras da escola.

6. **Preposição** → quando equivale a “de” ou “para”.

- Temos **que** cumprir o nosso dever.
- Ainda há muito **que** fazer para levantar a casa.

7. **Interjeição** → Quando revela admiração, espanto, surpresa e equivale a “oh!”. Nesta função, é sempre exclamativo e acentuado.

- **Quê**! Ainda estás aí?
- **Quê**! Já são dez horas da noite!

8. **Partícula expletiva ou de realce** → É empregado para dar ênfase ou realce à estrutura oracional. Geralmente aparece sob a forma “é que”. Pode ser retirado da oração sem prejuízo sintático nem semântico.

- “Bravo! que linda **que** está a senhora D. Lenita!” (Júlio Ribeiro)
- “O padre atirou, mas parece que desta vez **que** errou o tiro.” (Mário Barreto)
- “Que teimoso **que** ele é.” (José de Alencar)
- “**Que** me restituam os meus oficiais e obreiros portugueses...” (A. Herculano)

⇨ Observações:

a) O “que” expletivo geralmente vem acompanhado pelo verbo “ser”, formando a expressão “é que”, cujo objetivo é pôr em relevo um ou mais termos da enunciação. Veja alguns exemplos:

- “– Você fura o pano, nada mais; eu **é que** coso, prendo um pedaço ao outro, dou feição aos babados...” (Machado de Assis)
- “Feliz e esperto era o João Romão! esse, sim, senhor! Para esse **é que** havia de ser a vida!...” (Aluísio Azevedo)

b) Em algumas construções, o sujeito se coloca entre o “é” e o “que”. Nesse caso, o verbo “ser” concordará com esse sujeito. Acompanhe o raciocínio:

- Os gandulas repunham a bola rapidamente. → **(Frase sem ênfase)**
- Os gandulas **é que** repunham a bola rapidamente. → **(Frase com ênfase para o sujeito)**
- *O verbo “ser” concorda com o sujeito*
  Eram os gandulas **que** repunham a bola rapidamente. → (Frase com a partição da expressão “é que”)
- “As rosas **é que** são belas,
  Os espinhos **é que** picam;
  Mas **são** as rosas **que** caem,
  São os espinhos **que** ficam.” (Canção popular)

c) Se entre o verbo “ser” e o “que” se interpuser um termo introduzido por uma preposição, a expressão expletiva “é que” permanecerá invariável. Observe:

- **É** neles **que** você encontra o carinho necessário à sua sobrevivência emocional.
- **É** pelas ideias defendidas pela ministra **que** o povo votará nela.

9. **Conjunção subordinativa** → quando funciona como elemento conectivo entre uma oração principal e uma oração subordinada. Podem ser:

a) **Conjunção subordinativa integrante** → liga as orações substantivas às suas respectivas orações principais.

- "Custa-me dizer **que** saí de lá encantado." (Machado de Assis)
- "Há poucas esperanças de **que** venham tão cedo a admitir a paz." (Pe. Antônio Vieira)
- Era imprescindível **que** ele se mantivesse calado naquela ocasião.

b) **Conjunção subordinativa causal** → empregada com o sentido de "porque, porquanto, já que".

- Velho **que** ele era, evitava grandes emoções.
- Ceamos à lareira **que** a noite estava fria.

c) **Conjunção subordinativa concessiva** → empregada com o sentido de "ainda que, mesmo que".

- Verdadeira **que** fossem tuas palavras, ninguém lhes dará crédito.
- Teus ensinamentos, **que** sejam profundos e arraigados na história, não foram suficientes para aprovar o aluno no exame.

d) **Conjunção subordinativa consecutiva** → empregada com o sentido de "sem que, tal que, tanto que, de tal modo que" etc.

- Não vai a uma praia **que** não tome uma cerveja.
- Falou **que** ficou rouco.

e) **Conjunção subordinativa final (emprego raro hoje em dia)** → empregada com o sentido de "para que, a fim de que".

- "Deitou-vos Deus a bênção **que** crescêsseis e multiplicásseis." (Pe.

Antônio Vieira)

- Fez-lhe sinal **que** se calasse.
- Andei devagar, **que** não me ouvissem os passos.

f) Conjunção subordinativa temporal → empregada com o sentido de "logo que, desde que".

- Chegados **que** fomos, todos ficaram em pé e nos aplaudiram freneticamente.
- "Porém já cinco sóis eram passados **que** dali nos partíramos." (Camões)

g) Conjunção subordinativa comparativa → seguida ou não de "nem" e empregada em estruturas de comparação de analogia – algumas vezes com o sentido de "como".

- Ensinas melhor **que** um mestre.
- A caridade é mais bela **que** a fé.
- Ele fala **que nem** papagaio.
- "E os gotejantes jiraus, cobertos de roupa molhada, cintilavam ao sol, **que nem** lagos de metal branco." (Aluísio Azevedo)

10. Conjunção coordenativa → Quando introduz orações sindéticas em um período coordenado. Podem ser:

a) Conjunção coordenativa aditiva → empregada com o sentido de "e".

- Rezava **que** rezava, mas as assombrações não o deixavam.
- Estuda **que** estuda, e não consegue aprovação.

b) Conjunção coordenativa adversativa → seguida de "não" e

empregada com o sentido de “mas”.

- Outra pessoa, **que** não eu, falará sobre o assunto.
- “De outras ovelhas cuidarei, **que** não de vós.” (A. Garrett)

c) **Conjunção coordenativa explicativa** → Quando revela uma explicação, uma justificação para a oração assindética anteposta.

- Não chores, **que** fico triste.
- Abandone esse vício, **que** ele poderá levá-lo à morte.

2.2 FUNÇÕES MORFOSSINTÁTICAS DA PALAVRA “SE”

Mais uma vez, vamos nos deparar com um vocábulo bastante “largo” em nossa língua, pois possui inúmeras funções morfológicas e sintáticas. Vejamos:

1) **Pronome apassivador** → associado a um verbo transitivo direto ou a um verbo transitivo direto e indireto, forma a voz passiva sintética (também chamada de pronominal). Neste caso, o “se” é chamado de “partícula (ou pronome) apassivador ou apassivante”. Veja:

- Ali não **se** alugavam outras coisas, senão roupas de frio.
- Durante as festas, construíram-**se** novas arquibancadas ao longo da avenida.
- Na fazenda, já **se** tinham vacinado vários bois quando o veterinário chegou.

2) **Índice de indeterminação do sujeito** → quando está associado a verbos intransitivos, transitivos indiretos ou relacionais (verbos de ligação). Vejamos alguns exemplos:

- De fato, não **se** devem assistir a filmes que atentem contra os bons

costumes.

- “Entra-**se** na política por vocação legítima; não **se** entra por brincadeira.” (Machado de Assis)
- De fato, na vida não **se** deve morrer por tão pouco.

3) **Sujeito de verbos no infinitivo** → é um caso raro; o “se” funciona como o sujeito de um infinitivo que é núcleo de uma oração reduzida. Veja:

- O cego deixava-**se** levar por seu guia.
- “E ele deixou-**se** estar a contemplá-la, mudo e tranquilo, como um faquir.” (Machado de Assis)

⇨ **Observação:**

Este caso (pronome átono em função subjetiva – como sujeito) só ocorre com o infinitivo dependente de verbos causativos e sensitivos como “deixar, mandar, fazer, ver, ouvir”, embora alguns gramáticos de renome, como o professor Silveira Bueno, não aceitem a existência de um “se” na função de sujeito.

4) **Partícula expletiva ou de realce** → ocorre como mero elemento de realce. Neste caso, pode ser retirado da estrutura sem prejuízo gramatical.

- Ele está ansioso por amigo que **se** demora.
- Já **se** passaram tantas horas, e ele não dá notícias.
- Vão-**se** os últimos raios do sol, em um dia ensolarado.
- Naquele momento, o vinho acabou-**se** nos copos de todos.

5) **Parte integrante de verbos essencialmente pronominais** → neste

caso, o “se” não apresentará função sintática.

- Todos **se** arrependeram dos atos praticados durante a festa.
- Elas ainda **se** lembram de todos os fatos em seus mínimos detalhes.
- Os alunos muito **se** alegraram com a chegada do novo professor.
- “Condoeu-**se** o juiz, e revelou ao colega as suas averiguações...” (Camilo C. Branco)

6) **Pronome reflexivo, objeto direto** → função bastante comum exercida pelo pronome “se”. Neste caso, o “se” indica a reflexibilidade da ação, pois a ação recai sobre o sujeito, enunciado agora no pronome reflexivo “se”.

- Hitler **se** matou quando não mais viu possibilidade de implementar suas ações.
- Ao ouvir os tiros, todos **se** esconderam nas proximidades do morro.
- Quando o namorado tocou a campainha, ela **se** vestiu num piscar de olhos.
- “Olhe, um conselho: – Faça-**se** forte aqui, faça-**se** homem.” (Raul Pompéia)
- “Mas, espere, tomou o colchoeiro, o senhor feriu-**se**?” (Machado de Assis)

⇨ **Observação:**

Convém citar preciosa lição colhida do insigne mestre Eduardo Carlos Pereira: “Para que haja voz reflexiva, expressa pelo pronome ‘se’, é indispensável que o núcleo do sujeito seja um substantivo que nomeie um ser capaz de agir: – Ele **se** feriu.”

7) **Pronome reflexivo, objeto indireto** → função não muito comum, já que o “se” frequentemente exerce a função reflexiva como “objeto

direto". Em tais construções, o "objeto direto" sempre vem claro na estrutura e se percebe nitidamente o "se" reflexivo funcionando como dativo, isto é, como objeto indireto.

- Ele arroga-**se** o direto de trocar a mercadoria além do prazo legal.
- Diante das reclamações, o gerente impôs-**se** a obrigação de nunca mais aceitar cheques de terceiros.

8) **Pronome reflexivo recíproco (morfologicamente), objeto direto** → neste caso, o "se" equivalerá a "um ao outro, uma à outra".

- Após o casamento, os noivos **se** abraçaram longamente.
- Na reunião, os diretores **se** esmurraram por causa de uma questão polêmica.
- Não sei como vocês **se** fizeram amigos.

9) **Pronome reflexivo recíproco (morfologicamente), objeto indireto.**

- Os noivos deram-**se** as mãos para o início da cerimônia.
- Os inimigos deram-**se** as costas.
- "Falar aos corações com o seu presumem,
  Como aves que, piando, **se** respondem." (Camilo C. Branco)

10) **Conjunção subordinativa condicional** → quando introduz orações subordinadas condicionais.

- **Se** ele fosse conosco, as coisas seriam mais fáceis.
- Envie um e-mail para nossos atendentes **se** você quiser fazer parte da equipe de vendas.

11) **Conjunção subordinativa integrante** → introduz orações substantivas que traduzem ideia de hipótese, dúvida, incerteza.

- Até agora não sabemos **se** eles virão ou não.
- Só amanhã verei **se** posso ir para a confraternização.
- "Adelaide, meio triste, perguntou-lhe **se** queria jantar." (Adolfo Caminha)

12) **Conjunção subordinativa causal** → empregada em raras construções com o sentido de "já que, visto que".

- **Se** sabias que eu não tinha condições para a missão, por que me enviaste?
- "**Se** a morte sabes dar com fogo e ferro, sabe também dar vida com clemência." (Camões)

2.3 FUNÇÕES MORFOLÓGICAS DA PALAVRA "COMO"

Menos complexas que os empregos de "que" e "se" são as funções morfológicas da palavra "como". Vamos a elas:

1. **Conjunção subordinativa causal** → neste caso, introduzirá a oração causal e equivalerá a "porque, já que, visto que".

- **Como** não o deixaram entrar sem o convite, fez uso do telefone e ligou para um amigo de influência.
- "Entretanto, **como** tinha as suas presunções fidalgas, repugnava-lhe ver o filho casado com uma criada preta, ou com uma pobre mulata costureira, ou com uma moça branca lavadeira e analfabeta." (Lima Barreto)
- "Sucedeu, porém, que, **como** eu estava cansado, fechei os olhos três ou quatro vezes; tanto bastou para que ele interrompesse a leitura e metesse os versos no bolso." (Machado de Assis)

2. **Conjunção subordinativa conformativa** → neste caso, introduzirá um adjunto adverbial oracional de conformidade e equivalerá a "conforme, segundo, consoante".

- Eu falarei **como** prometi.
- "Ele não tinha, **como** diz o povo, malícia no coração." (Lima Barreto)

3. **Conjunção subordinativa comparativa** → nesse caso, introduzirá um adjunto adverbial oracional de comparação e equivalerá a "assim como, tal como".

- Ela era linda **como** as rosas da primavera.
- "Duas opulências, que se realçam **como** a flor em vaso de alabastro; dois esplendores que se refletem, **como** o raio de sol no prisma do diamante." (José de Alencar)

⇨ **Observação:**

Não raro, em estruturas subordinadas, a conjunção comparativa "como" aparece junto à conjunção "se". Neste caso, as ideias adverbiais de "modo" e "condição" se condensam e nasce o nexo adverbial "como se". Observe:

- Trabalhavam arduamente, **como se** o mundo fosse acabar em poucos dias.

Entenda-se...

→ Trabalhavam arduamente **como (trabalhariam) se** o mundo fosse acabar em poucos dias.

Outros exemplos:

- "Também a abóbada estava firme, **como se** fora de bronze." (A.

Herculano)

- “A voz da mãe era agora mais perto, **como se** viesse já da porta dos fundos.” (Machado de Assis)
- “O velho parecia pensativo, **como se** adivinhasse que era chegada para ele a hora do martírio.” (A. Herculano)
- “D. Firmina se aproximara. A moça, retribuindo com um afável cortejo ao cumprimento do Alfredo, passou **como se** não se apercebesse de Fernando, e subiu à segunda ordem.” (José de Alencar)
- “Os móveis luziam, **como se** tivessem chegado na véspera da casa do marceneiro.” (Aluísio Azevedo)

4. **Verbo** → neste caso, indicará uma ação e apresentará predicação completa (intransitivo) ou incompleta (transitivo direto).

- Eu sempre **como** frutas no café da manhã.
- “O mais do tempo é gasto em hortar, jardinar e ler; **como** bem e não durmo mal.” (Machado de Assis)

5. **Preposição** → emprego bastante comum; neste caso, o “como” poderá:

a) introduzir termos qualificativos (apostos e predicativos), equivalendo a “por, para, de, na qualidade de”.

- “Alistamo-nos *preposição* **como** voluntários num regimento de cavalaria.” (Arnaldo Gama *apud* Mário Barreto)
- “Mancebo, o numeroso clero das paróquias vizinhas considerava-o **como** o mais venerável entre os seus irmãos no sacerdócio.” (A. Herculano)
- Sempre o tivemos **como** *preposição* o mais sábio da turma.

b) introduzir elementos exemplificativos e significará “por exemplo, a saber”. Observe:

- “À medida que as ciências modernas, **como** a medicina, evoluem, damo-nos conta do quanto realmente ainda desconhecemos.” (A. Houaiss)

6. **Pronome relativo** → quando equivale a “pelo qual, pela qual, segundo o qual, segundo a qual”; geralmente apresenta como antecedentes os substantivos “modo, maneira, forma”.

- A maneira **como** ela lhes falava assustava a todos.
- Até agora a polícia não sabe o modo **como** o assassino saiu do quarto.
- Falei tudo a ele, menos a forma **como** eles me tratavam durante os finais de semana.

7. **Pronome interrogativo** → quando ao “como” se antepõe a preposição “a” para se saber “o preço, o valor” de determinada coisa ou produto; possui sentido equivalente a “por quanto dinheiro, por qual valor” – é uma forma coloquial e pouco usual nos dias de hoje. Observe:

- Os ovos **a como** são?
- **A como** vendes esses pêssegos aí?

8. **Advérbio interrogativo de modo** → quando equivale a “de que modo?, de que maneira?”

- **Como** chegaste aqui?
- **Como** está a menina?
- **Como** se chama isto aqui?

2.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. Determine a função do QUE nos exemplos a seguir:

a) Sentia-se humilhado com o papel avulso que exercia desde séculos.
b) Que queres tu, perguntou ele?
c) Mandai que as mais afinadas cítaras e alaúdes o recebam!
d) Por acaso, sabes o que ele fez?
e) Mas não quero parecer que me detenho em coisas miúdas.
f) Melhor é que te cales e te retires.
g) Dom Donzel, onde é que está el-rei?
h) Que doce a vida não era
Nessa rizonha manhã.
i) Era tão universal que dotou a poesia com nova metragem.
j) O outro era alfaiate, e ainda maior credor que o primeiro.
k) Que lhe parece tudo isso?
l) Eis as razões com que ele se defende.

2. Determine a função do SE nos exemplos a seguir:

a) A moça escondeu-se atrás da cortina.
b) O general deu-se ares de ditador.
c) Os lutadores esmurravam-se no palanque.
d) O cego deixava-se levar pelo guia.
e) Há coisas que melhor se dizem calando.
f) As crianças lavaram-se nas águas claras do riacho.
g) Dançou-se muito na festa de formatura.
h) Ele muito se arrependera do que fez.
i) Os dois homens cumprimentaram-se friamente.
j) Já se veem os primeiros raios do sol.

k) Todos se apiedaram do mendigo.

l) Depois o vento se foi também.

3. (FGV) Esposamos a ideia de que os sofrimentos atuais possuem uma significação que transcende a crise civilizacional.

Com relação à frase transcrita, analise as afirmativas a seguir:

I. O primeiro que é uma conjunção integrante e serve para articular um complemento oracional ao substantivo abstrato ideia.

II. O segundo que é um pronome interrogativo cujo uso se justifica em razão da seguinte pergunta: que significação transcende a crise civilizacional?

III. As duas ocorrências de que promovem a estruturação do período composto, já que introduzem a oração subordinada substantiva e a subordinada adjetiva, respectivamente.

Assinale:

a) se somente a afirmativa I estiver correta.

b) se somente a afirmativa II estiver correta.

c) se somente a afirmativa III estiver correta.

d) se somente as afirmativas I e III estiverem corretas.

e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

4. (CESGRARIO) Na passagem "Os empresários que não se adequarem à lei em noventa dias poderão ser multados em até 3,2 milhões de reais.", o termo que apresenta a mesma classe gramatical que em

a) "A lei é tão rigorosa que mesmo ambientes com teto alto e sem paredes,"

b) "Ficou tão difícil fumar que até decidi parar,"

c) "Quem considera a lei exagerada deve saber que São Paulo apenas se alinha a uma tendência mundial."

d) "Os fumantes americanos têm outro problema com que se preocupar:"

e) “E a maioria não fumante não quer deixar que ela seja reavivada.”

5. (FGV) “Ele percebeu *que* as pessoas *que* possuíam conexões ou relações distantes com outras fora círculo familiar tinham duas vezes mais chances de conseguir uma vaga do *que* pessoas *que* tinham mais conexões próximas apenas no âmbito da família e dos amigos próximos.”

As ocorrências da palavra QUE grifadas no trecho acima classificam-se, respectivamente, como:

a) conjunção integrante, pronome relativo, conjunção subordinativa e pronome relativo.
b) conjunção subordinativa, pronome relativo, conjunção integrante e conjunção subordinativa.
c) pronome relativo, conjunção integrante, pronome relativo e conjunção subordinativa.
d) pronome relativo, conjunção subordinativa, conjunção integrante e pronome relativo.
e) conjunção integrante, conjunção subordinativa, conjunção subordinativa e conjunção subordinativa.

6. (FGV) “Mas não, é a ti *que* vejo na colina”

Assinale a alternativa em que esteja corretamente classificada a palavra destacada nos versos acima.

a) conjunção integrante
b) parte de expressão expletiva
c) pronome relativo
d) conjunção subordinativa
e) pronome indefinido

7. (FGV) “E em que se vai trocando as pernas”

*A palavra **se** no verso acima destacado se classifica como:*

a) partícula apassivadora.
b) parte integrante do verbo.
c) índice de indeterminação do sujeito.
d) pronome reflexivo.
e) conjunção.

8. (FGV) “Mas porque na verdade não me queres mais” (verso 35)

No verso acima, utilizou-se a forma correta porque. Assinale a alternativa em que não se tenha utilizado corretamente uma das quatro formas do porquê.

a) É necessário avaliar por quê, ontem, fomos derrotados.
b) Depois de entender por quê, prosseguiu.
c) Não sei por quê nem como.
d) Não entendemos as privações por que passamos.
e) Deve haver um porquê para nossa derrota.

9. (FGV) “Percebe-*se* que os dois temas [a correlação entre metas e riscos fiscais e o impacto dos déficits públicos sobre as futuras gerações] *se* vinculam à função prospectiva da noção de responsabilidade fiscal. Enquanto o primeiro, normalmente, *se* adstringe a situações futuras próximas, o segundo vincula-se a situações futuras a longo prazo.”

As ocorrências da palavra SE grifadas no trecho acima classificam-se, respectivamente, como:

a) indeterminador do sujeito – pronome reflexivo – parte integrante do verbo
b) indeterminador do sujeito – parte integrante do verbo – pronome reflexivo
c) partícula apassivadora – pronome reflexivo – pronome reflexivo
d) partícula apassivadora – parte integrante do verbo – parte integrante do verbo
e) parte integrante do verbo – partícula apassivadora – partícula

apassivadora

GABARITO

1– a) pronome relativo b) pronome interrogativo c) conjunção integrante d) pronome relativo e) conjunção integrante f) conjunção integrante g) partícula expletiva ou de realce h) advérbio de intensidade i) conjunção consecutiva j) conjunção comparativa k) pronome interrogativo l) pronome relativo		2– a) pronome reflexivo, objeto direto b) pronome reflexivo, objeto indireto c) pronome reflexivo recíproco, objeto direto d) pronome reflexivo, sujeito do infinitivo e) pronome apassivador f) pronome reflexivo, objeto direto g) índice de indeterminação do sujeito h) parte integrante do verbo i) pronome reflexivo recíproco, objeto direto j) pronome apassivador k) parte integrante do verbo l) partícula expletiva ou de realce	
3 – D	4 – D	5 – A	6 – B
7 – C	8 – A	9 – C	

CAPÍTULO 3

PARTICULARIDADES LÉXICAS E GRAMATICAIS

Em nossa língua, muitos são os detalhes entre palavras e regras gramaticais. Não raro, os alunos se confundem em meio a tantas minúcias. Por isso, não são poucos os que, até hoje, conquanto tenham visto o assunto mais de uma vez, apresentam dúvidas, por exemplo, sobre o emprego dos "porquês". Quem nunca ficou em dúvida sobre a diferença entre "em vez de" e "ao invés de"? E o "bendito" emprego do relativo "onde"? Quantas vezes você já não ouviu – se não falou – "Maria, você viu aonde eu deixei meu livro?" Não seria "onde"? E o caso do "mal" (com "L")? Pergunte a alguém o que é o "mal" (com "L"), e ele dirá simplesmente que é o contrário de "bem". E os outros empregos do "mal" (com "L") são totalmente esquecidos!

Em virtude dessas dúvidas, resolvemos pôr, em um capítulo especial, algumas dessas particularidades para que o aluno possa melhorar no que diz respeito aos aspectos formais da nossa língua e possa empregar muitos vocábulos e locuções corretamente.

Mas, atenção!! Sugiro que estude o capítulo abaixo aos poucos. Não leia mais do que três particularidades de uma vez. Não tente decorar tudo em uma só vez – aliás, não gosto muito da palavra "decorar", quando se trata da nossa língua. Prefiro o verbo "entender". Isso!! Entenda! Compreenda o porquê de cada item e só assim seu estudo será completo.

Para facilitar a sua vida, decidi dividir o conteúdo abaixo em lições. É isso! Dividir em lições – lição 1, lição 2, lição 3, 4, 5 e, assim, sucessivamente. Por quê? Para que você possa acompanhar detidamente cada informação, cada detalhe. Sugiro que coloque ao lado de cada lição a data (dia, mês, ano e hora) em que você a estudou. Dessa maneira, você saberá – eu creio – o momento certo de revisar cada ensinamento. Mais uma vez, advirto: não tente estudar tudo em um só momento – a não ser que esteja pressionado por um concurso. Acredito que o estudo deste capítulo será bem mais proveitoso se for feito aos poucos, gradativamente.

Então: mãos à obra!!

3.1 LIÇÃO 1

3.1.1 EMPREGO DOS PORQUÊS

A princípio, gostaria de fazer um alerta: esta lição é muito – repetimos "muito" – muito cobrada pelos concursos públicos. Leia mais de uma vez, portanto. Vamos às orientações:

1. **Em princípio, vamos fazer uma breve orientação – lembre-se de que sempre se acentuará o monossílabo tônico "que" quando este estiver em final de frase ou quando vier precedido de um determinante – neste último caso, será empregado como substantivo.** Observe:

- Você tem medo de **quê**?
  pronome interrogativo tônico
- Ela hoje tem um **quê** de esquisito.
- Menino, você gosta de **quê**?
  pronome interrogativo tônico
- Havia muitos **quês** no depoimento dela.

2. **Emprega-se o "por que" separado em duas situações básicas:**

quando puder ser substituído por "pelo qual, pela qual, pelos quais, pelas quais" – neste caso, teremos uma preposição "por" seguida do pronome relativo "que"; quando puder ser substituído por uma das expressões "por qual motivo" ou "por qual razão" – neste caso, teremos a preposição "por" seguida do pronome interrogativo "que". Veja:

- Até agora não nos disse **por que** ela faltou à audiência.
  por qual motivo, por qual razão
- Os caminhos **por que** ele sempre andou eram caminhos de morte.
  pelos quais
- Amanhã o governo deve explicar **por que** aumentou a taxa Selic.
  por qual motivo, por qual razão
- **Por que** agiu daquela forma tão arrogante?
  por qual motivo, por qual razão
- Talvez só a miséria pudesse explicar **por que** os homens do século XX vivem aglomerados em cortiços.
  por qual motivo, por qual razão
- O documento **por que** buscávamos foi extraviado durante a mudança.
  pelo qual
- Alguém poderá perguntar: – O autor citou Braudel, **por quê**?
  por qual motivo, por qual razão (com acento por se encontrar em final de frase – monossílabo tônico)
- Diante de tudo isso, você ainda tem coragem de perguntar **por quê**?
  por qual motivo, por qual razão (com acento por se encontrar em final de frase – monossílabo tônico)
- Não elaboraste o pré-projeto até agora **por quê**?
  por qual motivo, por qual razão (com acento por se encontrar em final de frase – monossílabo tônico)
- Os mistérios **por que** somos atraídos na ficção costumam impressionar os leitores de tenra idade.
  pelos quais
- Tudo isso ajuda a esclarecer **por que** certas alterações foram positivas para o meio ambiente.
  por qual motivo, por qual razão
- "Mas **por que** não te metes tu logo por uma vez com o Firmo? **Por que** não te casas com ele?" (Aluísio Azevedo)
- "Foi nessa ocasião que ela perguntou a minha mãe **por que** é que já não usava as joias do retrato." (Machado de Assis)

- “E eis aqui **por que** o *Diário* é um monarquista exigente, ao passo que a *Gazeta* é um mau republicano.” (Rui Barbosa)

Recapitulando:

POR QUE

→ **PELO QUAL, PELA QUAL, PELOS QUAIS, PELAS QUAIS**
(preposição “por” mais pronome relativo “que”)

→ **POR QUAL MOTIVO, POR QUAL RAZÃO**
(preposição “por” mais pronome interrogativo “que”)

⇨ **Observações:**

a) A orientação acima resolve praticamente quase todos os casos. É preciso, porém, ficar atento a uma situação excepcional: orações subordinadas substantivas objetivas indiretas, cujo verbo transitivo indireto exige a preposição “por”. Observe:

- Todos anseiam pela volta de Maria Madalena.

→ Convertendo em oração: “Todos anseiam **por que** Maria Madalena volte”.
Neste caso, a substituição, acima proposta, não funciona.

b) É bastante comum empregar-se o “por que” (separado) em interrogativas indiretas (sem o ponto de interrogação) ou interrogativas diretas, como já vimos em vários exemplos acima. Fique atento, pois, em algumas situações, o substantivo “razão, motivo” ou outro qualquer vem expresso na sentença logo após o “por que”, situação em que o “por que” (separado) equivalerá a “por qual”. Veja:

- Ela sempre quis saber **por que** motivo eu acabei nosso namoro.
  por qual
- Eles trocaram o nosso diretor **por que** funcionário?
  por qual
- Não disse com clareza **por que** razão não irá ao jogo.
  por qual
- Queria saber **por que** razão as estrelas brilham tão alto no céu.
  por qual

3. Emprega-se o "porque" junto quando este funciona como uma conjunção explicativa, causal ou final. Observe:

PORQUE
- CONJUNÇÃO EXPLICATIVA ➔ Equivale a "pois"
- CONJUNÇÃO CAUSAL ➔ Equivale a "já que, visto que, uma vez que"
- CONJUNÇÃO FINAL ➔ Equivale a "para que, a fim de que"

- Não apoio essas iniciativas, **porque** desconfio dos fins a que se destinam.
  conjunção explicativa → equivale a "pois"
- **Porque** não entregou o projeto no prazo, foi cortada da lista de formandos.
  conjunção causal → equivale a "já que, visto que"
- Estudai bastante, **porque** sejais logo aprovados em um concurso público.
  conjunção final → equivale a "para que, a fim de que"
- Deixe a sala agora, **porque** não admito falta de respeito.
  conjunção explicativa → equivale a "pois"

- Será **porque** ele está doente que não veio ao trabalho hoje?
- "Os princípios são invioláveis e imortais. Invioláveis, **porque** têm como asilo a consciência. Imortais, **porque** encerram em si, contra a ação corrosiva dos preconceitos humanos, o caráter, a substância e a energia de uma lei invariável, absoluta e universal." (Rui Barbosa)
- "Não trouxera a navalha, **porque** tinha medo de ser preso, por causa do negócio da Nair e do suicídio da mãe dela." (Lima Barreto)

- “Na perspectiva do autor, as prática esotéricas desfrutam de grande popularidade **porque** satisfariam os interesses individuais de quem a elas recorre.” (Fund. Carlos Chagas)
- “Nossas resoluções se perdem **porque** não temos um objetivo predeterminado.” (Montaigne)
- “É o que te digo: vou e vou, **porque** devo, **porque** quero, **porque** é do meu direito.” (Machado de Assis)

4. Emprega-se “porquê” (junto e com acento) quando este equivale a “motivo, razão”. Neste caso, estaremos diante de uma palavra substantivada. Geralmente, este “porquê” vem acompanhado de determinantes (artigos, pronomes indefinidos etc.). Veja:

- Deve haver algum **porquê** (*algum motivo*) para a saída dele do cargo de gerente.
- Ainda não se sabe o **porquê** (*o motivo*) da morte da senhora Linda.
- Certamente há um **porquê** (*um motivo*) para ela ter abandonado o grupo sem dar satisfações.

Ufa!! Chegamos ao final da lição 1. Sugiro que a revise. Depois, descanse um pouco antes de estudar a próxima lição.

3.2 LIÇÃO 2

3.2.1 EMPREGO DE “ONDE” E “AONDE”

Mais uma vez, estamos diante de uma particularidade da nossa língua bastante cobrada em concursos públicos. Logo, é preciso estudar mais de uma vez. Vamos às orientações...

1. **Como já dissemos no capítulo sobre o emprego dos pronomes relativos preposicionados, o relativo "ONDE" é denominado de "pronome relativo locativo", pois só deve ser empregado em substituição a um lugar. Equivale a "em que" e variações – no qual, na qual, nos quais, nas quais. Observe (sublinhamos o antecedente do relativo "onde"):**

- Dirigimo-nos à casa da D. Francisca (em que, na qual), **onde** encontramos um grupo de mulheres em oração.
- Em São Paulo, há uma cafeteria (em que, na qual) **onde** se acham excelentes cafés importados.
- Nossos projetos de vida dependem muito do futuro do país (em que, no qual) **onde** vivemos.
- "Rememorava por vezes as mudanças, as alternativas fisiopsíquicas por que tinha passado na fazenda, **onde** não encontrara uma pessoa de sua idade." (Júlio Ribeiro)
- "Verdes mares bravios de minha terra natal, **onde** canta a jandaia nas frondes da carnaúba." (José de Alencar)
- "Correspondendo a pouco mais de um terço da largura total da casa, havia, nos fundos, um puxadito, **onde** estavam a cozinha e uma despensa minúscula." (Lima Barreto)
- "Nunca a sua mão benéfica deixou de estender-se para o lugar **onde** a aflição se assentava." (A. Herculano)

⇨ **Observação importante:**

Estendem-se à noção de lugar os sentidos de "posição, situação, classe, parte de um livro ou obra, espaço ocupado, localidade, região". Por isso, são corretos também os seguintes empregos do relativo "onde":

- Fizemos o resumo do segundo parágrafo deste capítulo, **onde** havia

bons exemplos de cidadania.

- Chegamos à parte final do continente, **onde** já encontramos grandes icebergs.
- “Num centro de civilização como este, **onde** a opulência intelectual da nossa pátria se reflete por tantas faces e tão brilhantemente no jornalismo, ...” (Rui Barbosa)
- “O reto espírito do nosso colega, que ora empunha a balança de Têmis, **onde** estão sendo pesadas oiro e fio as nossas humildes palavras, ponha-lhe numa concha os benefícios...” (Rui Barbosa)

2. **Em muitas situações, o relativo “ONDE” é empregado sem antecedente explícito, isto é, seu antecedente estará latente, oculto. Neste caso, equivalerá a “em que lugar, no lugar em que”. Veja:**

- Sempre há boas pessoas onde a gente menos espera.
  no lugar em que
- Não sabemos onde ele se encontra agora.
  em que lugar
- Onde você mora? Onde você foi morar?
  em que lugar
- “Bem: mas **onde** estão os efeitos benéficos deste sistema? Nas finanças?” (Rui Barbosa)
- “Chove? Nenhuma chuva cai...
  Então **onde** é que eu sinto um dia
  Em que ruído da chuva atrai
  A minha inútil agonia?” (Fernando Pessoa)
- “Se lhe parede que não tenho razão! Esta agência indica **onde** há casas vazias por cinco mil-réis.” (Artur Azevedo)

⇨ **Observação:**

Mesmo sem antecedente expresso, o “onde” só é empregado em

situações que indicam lugar.

3. **Emprega-se "AONDE" – regido por um nexo prepositivo – quando houver um verbo ou um nome que requeira a preposição "a". Geralmente, equivale a "para onde". Perceba:**

- Nós iremos contigo ao lugar a que tu quiseres ir. → Nós iremos contigo ao lugar **aonde** quiseres ir.
  ir "a"
- Por favor, **aonde** eu posso me dirigir para obter informações?
  dirigir-se "a"
- Vocês pretendem chegar **aonde** com tais indagações?
  chegar "a"
- "Era este o costume herdado de seus maiores; que o hóspede mandava na taba **aonde** Tupã o conduzia." (José de Alencar)
- "Força tal não pode ser a do ministro, individualidade flácida, político invertebrado, espécie de medusa marinha, de fibras morais inconsistentes e diáfanas, que flutua à tona de todas as correntes, e vai dar nas praias, **aonde** o leva a ressaca." (Rui Barbosa)
- "– Quem lhe impede que vá a outras partes? Vá **aonde** quiser, mas fique morando conosco." (Machado de Assis)
- "Mas ainda a do semeador do nosso Evangelho não foi a maior. A maior é a que se tem experimentado na seara **aonde** eu fui." (Pe. Antônio Vieira)

⇨ **Observações essenciais sobre o emprego de "onde" e de "aonde":**

a) **A maioria das nossas dificuldades vem do fato de, em nosso dia a dia, cometermos muitos erros no que diz respeito ao emprego do "aonde" em lugar do "onde" e vice-versa. Vejamos alguns desses problemas:**

- Maria, você sabe **aonde** eu deixei meus óculos? (construção incorreta)
  Quem deixa, deixa algo EM algum lugar.

→ Logo... “Maria, você sabe **ONDE** eu deixei meus óculos?”.

- Não sabemos aonde ele está nesse momento. (construção incorreta)
  Quem está, está EM algum lugar.

→ Logo... “Não sabemos **ONDE** ele está nesse momento.”

- Onde você vai hoje à tarde? (construção incorreta)
  Quem vai, vai A algum lugar.

→ Logo... “**AONDE** você vai hoje à tarde?”

b) É preciso ter muito cuidado com o emprego do ONDE, pois, como sabemos, ele só deve ser usado para expressar uma noção de lugar. Portanto, para o padrão formal, é inadmissível o emprego do “ONDE” para relações que não sejam de lugar. Observe:

- *A relação que se transmite é a de posse.*
  O Clube dos Oficiais, onde o diretor é João da Costa, passará por uma reforma. (Emprego inadequado)
  Correção: O Clube dos Oficiais, **cujo** diretor é João da Costa, passará por uma reforma.

- *A relação que se transmite é a de tempo.*
  Em 1980, onde o presidente era João Batista Figueiredo, a inflação era galopante. (Emprego inadequado)
  Correção: Em 1980, **quando** o presidente era João Batista Figueiredo, a inflação era galopante.

- *A relação que se transmite é a de posse.*
  Para Hans Kelsen, de onde se citam alguns exemplos, os homens deveriam honrar a justiça. (Emprego inadequado)
  Correção: Para Hans Kelsen, **de quem** (ou “**do qual**”) se citam alguns exemplos,...

- É difícil lidar com adolescentes rebeldes, **onde** a causa nem para eles se explicita. (Emprego inadequado)
  Correção: É difícil lidar com adolescentes rebeldes, **cuja** causa nem para eles se explicita.

c) Como já mencionamos, o relativo “onde” – à semelhança do

“aonde” – pode vir antecedido por preposições. Lembre-se, entretanto, que o emprego de “aonde” implica a não existência de qualquer outra preposição antes dele. Observe:

- Sem eles, não teríamos **de onde** sair, nem **para onde** nos projetar.
- Sem nossa história e nosso passado, não teríamos **por onde** começar, nem espaço para nos expandirmos.
- “Posto que nascido na roça (**donde** vim com dous anos) e apesar dos costumes do tempo, eu não sabia montar, e tinha medo ao cavalo.” (Machado de Assis)
- “E na terra, **por onde** o sonhador passava,
  Iá a roxa corola espalhando as sementes.” (Olavo Bilac)
- “... arbúsculos quase sem pega sobre a terra escassa, enredados de esgalhos **de onde** irrompem, solitários, cereus rígidos e silentes...” (Euclides da Cunha)
- “– Quero respirar o ar puro e fresco da tarde; mais nada repliquei. – Leva-me, **para onde** te aprouver.” (A. Herculano)

3.3 LIÇÃO 3

3.3.1 EMPREGO DE “SE NÃO” E “SENÃO”

Eis outra particularidade bastante interessante e bastante longa. Embora não seja muito comum em provas, aparece aqui e acolá em certames, geralmente, de nível superior. Sugiro que a leia mais de uma vez, devido à quantidade de pormenores que ela apresenta. Vamos a ela...

a) Emprega-se o “se” e depois o “não” quando estes funcionam, respectivamente, como “conjunção condicional” e “advérbio de negação”. Nesse caso, equivalerão, literalmente, a “caso não” ou “quando não” e só devem ser usados em juízos que

expressam hipótese, condição, probabilidade. Essa situação representa o emprego mais comum do "se não" separado.

- Se não fizerem o dever logo, não receberão o prêmio que lhes prometi.
  caso não façam
- Que faremos amanhã, se não chegarem os mantimentos para os desabrigados?
  caso não cheguem
- A situação era difícil de resolver, **se não** impossível.
- "E o pobre Miranda, **se não** queria sofrer impertinências da mulher e ouvir sensaborias defronte dos criados, tinha de dar ao moleque toda a consideração e fazer-lhe humildemente todas as vontades." (Aluísio Azevedo)
- "Entretanto houve um tempo em que, **se não** me engano, tu eras feliz como eu do prazer que me davas." (José de Alencar)

b) Emprega-se "senão", junto, nas seguintes situações:

SENÃO
- (conjunção correlata aditiva) ↔ **mas também**
- (conjunção de oposição adversativa) ↔ **mas sim, do contrário**
- (preposição de exclusão) ↔ **afora, exceto, salvo, a não ser**
- (substantivo) ↔ **problema, mácula, defeito**

- Eram pessoas não só honestas, **senão** também caridosas, prestativas.
  mas também
- O diretor não fazia outra coisa, **senão** criticar.
  a não ser
- Ele nunca possuiu amigos, **senão** bajuladores.
  mas sim
- No processo, não encontramos **senões**.
  defeitos, problemas
- Não comeu o bolo que a esposa fez, **senão** um pedaço de pudim deixado pela sogra.
  mas sim
- Todos, **senão** você, contribuíram com a campanha.
  afora, salvo, exceto
- Ponham, por favor, a criança para dentro da casa, **senão** poderá adoecer severamente.
  do contrário, caso contrário
- Não havia um **senão** em sua produção textual.
  defeito, problema
- Da viagem nada trouxe de importante, **senão** um porta-retratos banhado a ouro.
  salvo, exceto, afora

- "De resto, a não ser de manhã para as aulas, que ia sempre com o Miranda, não arredava pé de casa **senão** em companhia da família." (Aluísio Azevedo)
- "Tinha o coração disposto a aceitar tudo, não por inclinação à harmonia, **senão** por tédio à controvérsia." (Machado de Assis)
- "Parecer-vos-á então que desse panorama indescritível não quis Deus que houvesse outros contempladores vivos, **senão** vós e o alado músico da alvorada." (Rui Barbosa)
- "A definição do pregador é a vida e o exemplo. Por isso Cristo no Evangelho não o comparou ao semeador, **senão** ao que semeia." (Pe. Antonio Vieira)

⇨ **Observações:**

a) Há uma situação em que a pontuação faz toda a diferença. Observe:

- Chegue cedo à empresa amanhã, **senão** será demitido.
  do contrário, caso contrário
- Chegue cedo à empresa amanhã; **se não**, será demitido.
  se não (chegar) → juízo hipotético

b) O mesmo procedimento ocorre em situações em que querem alguns autores associar o "se não" à conjunção alternativa "ou", quando, na realidade, tem-se a ocultação por zeugma de um verbo anteriormente mencionado. Veja:

- Ele comprará uma, **se não** duas camisas para as festas do fim de ano.
  se não (comprar) → zeugma do verbo "comprar"
- Levará a mãe, a sogra, as filhas, **se não** todos os membros da família para a festa.
  se não (levar) → zeugma do verbo "levar"
- Ele é muito sabido, **se não** o mais inteligente da turma.
  se não (for) → zeugma do verbo "ser"

3.4 LIÇÃO 4

Nesta lição, estudaremos mais de uma particularidade da nossa língua. Procure lê-las mais de uma vez para consolidar o conhecimento.

3.4.1 EMPREGO DE "TÃO POUCO" E "TAMPOUCO"

a) Emprega-se "tão pouco" quando for equivalente de "muito pouco". Nesse caso, teremos o advérbio de intensidade "tão" seguido do pronome indefinido ou do advérbio "pouco".

- Falaram **tão pouco** durante a palestra que todos ficaram surpresos.
  muito pouco
- No mês passado, a empresa recebeu **tão pouco** dinheiro que teve de recorrer a empréstimos.
  muito pouco

- Infelizmente, nosso filho dorme tão pouco.
  muito pouco

- Parecia muito cuidadoso dos seus estudos e **tão pouco** extravagante e gastador, que não despendia um vintém fora das necessidades de primeira urgência.

b) "Tampouco" é morfologicamente um advérbio e equivale a "também não, muito menos, nem sequer". Funciona, na estrutura oracional, como um reforço para uma negação feita anteriormente, ou seja, o "tampouco" adicionará uma ideia negativa a uma ideia negativa precedente. Por isso, costuma-se associá-lo a "nem" com o sentido negativo. Como já representa uma negação, é erro grosseiro empregar-se "tampouco não".

- Os alunos não entregaram a prova, **tampouco** fizeram o trabalho que valia nota.

- Jamais irei àquele lugar, **tampouco** deixarei que algum familiar meu vá.

- "Mas os príncipes não aprendem, e **tampouco** aprendem os partidos." (Rui Barbosa)

- "Afinal, convencendo-se de que ela, sem ter ainda morrido, já não vivia para ninguém, nem **tampouco** para si, desabou num fundo entorpecimento apático." (Aluísio Azevedo)

- "... contudo, nunca houve entre eles uma separação profunda nem **tampouco** uma penetração perfeita." (Lima Barreto)

3.4.2 EMPREGO DE "DE ENCONTRO A" E "AO ENCONTRO DE"

Eis uma particularidade bastante simples. Vamos a ela...

a) Emprega-se a expressão "de encontro a" quando se quer transmitir a ideia de "choque, oposição, contrário" – equivale a "contra".

- O motorista perdeu o controle e o carro foi **de encontro ao** poste.

- A decisão do pai foi **de encontros aos** anseios da família.
- "A Serra do Mar tem um notável perfil em nossa história. **De encontro às** suas escarpas embatia, flagílima, a ânsia guerreira dos Cavendish e dos Fenton." (Euclides da Cunha)

b) Já a expressão "ao encontro de" significa "em direção a, a favor de". É usada, geralmente, quando se quer dizer que algo "foi favorável a alguma coisa, foi a favor de".

- Quando os vi de longe, parti ao encontro dos dois.
- Somos bons amigos, afinal minhas ideias sempre foram ao encontro das ideias dele.
- "Embarcou sozinha para os dez dias e noites de viagem, consciente de que podia estar indo **ao encontro da** morte. Tinha dezoito anos." (Rui Castro)

⇨ **Observação:**

Perceba que essas duas expressões dependem totalmente do contexto. Observe abaixo:

- Somos bons amigos, AFINAL minhas ideias sempre foram **ao encontro das** ideias dele.
- Somos bons amigos, MAS minhas ideias sempre foram **de encontro às** ideias dele.

3.5 LIÇÃO 5

3.5.1 EMPREGO DE "EM VEZ DE" E "AO INVÉS DE"

a) Deve-se empregar a locução prepositiva "em vez de" quando se

deseja indicar uma troca, uma substituição de uma coisa por outra. Ela significa, literalmente, "em lugar de", "em substituição a". Reitere-se que essa locução é aplicável à maioria das situações em que se deseja expressar troca, substituição, alteração de uma coisa por outra.

- Na festa, resolveu beber cerveja **em vez de** vinho.
- **Em vez de** ir ao cinema, resolveu ir ao teatro.
- "**Em vez de** ficar abatida com a ameaça da larga separação, se vingasse a ideia da Europa, mostrou se satisfeita." *(Machado de Assis)*

b) **Por outro lado, a locução prepositiva "ao invés de" significa "ao inverso de", "ao contrário de" e só deve ser empregada quando houver na oração elementos ou ideias opostos, contrários.**

- O mergulhador imergiu **ao invés de** emergir por causa de um problema no equipamento.
- No velório, a prima do defunto ria **ao invés de** chorar.
- O remédio, **ao invés de** melhorar, piorou a situação do paciente.
- "E volveram rápidos, desapontados, tendo às mãos, **ao invés do** ganho apetecido, o ardor de muitas dúzias de palmatoadas, amargos bolos com que os presenteara aquela gente ingrata." (Euclides da Cunha)

3.5.2 EMPREGO DE "ACERCA DE", "A CERCA DE" E "HÁ CERCA DE"

Eis outra particularidade da gramática bastante simples. Vejamos...

a) A locução prepositiva mais usual das três é "acerca de"; significa "a respeito de, sobre, quanto a".

- Nada nos disse acerca do problema de saúde que vem enfrentando.
  sobre, a respeito de

- Os pesquisadores fizeram uma interessante descoberta **acerca da** criação de óvulos e espermatozoides a partir de células-tronco.
- "E o diálogo continuou animado, sem que D. Terezinha revelasse à amiga as suas suspeitas **acerca de** João da Mata e Maria do Carmo." (Adolfo Caminha)

b) Nas duas outras construções, temos a associação entre uma preposição ou um verbo e a expressão adverbial de aproximação "cerca de". Observe:

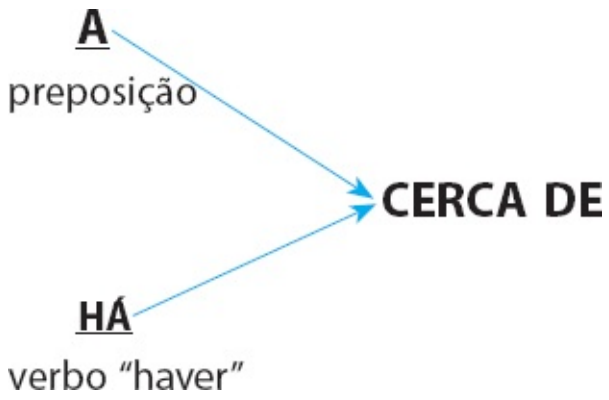

Logo, teremos...

A CERCA DE → a aproximadamente
HÁ CERCA DE → faz aproximadamente

- Quando nós a encontramos, estávamos a cerca de (a aproximadamente) 20Km da fronteira com o Paraguai.
- Os colonizadores chegaram aqui há cerca de (faz aproximadamente) 500 anos.
- Todos permaneceram a cerca de (a aproximadamente) 20m do local do acidente.
- Eles saíram há cerca de (faz aproximadamente) meia hora.

⇨ **Observação:**

Perceba que o “a” da expressão “a cerca de” não recebe o acento grave em virtude de ser tão somente uma preposição seguida de uma expressão adverbial “cerca de”.

3.6 LIÇÃO 6

3.6.1 EMPREGO DE “MAU” E “MAL”

Vamos agora estudar uma lição bastante interessante. É bom ter cuidado para não fazer a simplificação “mau – bom” e “mal – bem”. Observe as orientações a seguir.

a) O “mau” exerce a função de adjetivo e possui como antônimo o adjetivo “bom”. Nesse caso, irá referir-se a substantivos. Como adjetivo que o é, o vocábulo “mau” apresenta todas as flexões típicas das classes variáveis. Veja:

- O **mau** treinador efetuou **más** ações por causa da **má** conduta da coordena-dora que reclamou do **mau** comportamento do time.
- Sempre o **mau** indivíduo colhe **maus** resultados em virtude de suas **más** atitudes.
- Toda **má** sorte tem por traz um **mau** sujeito.
- “... estava cansado de ensinar a meninos, era preciso fazer pela vida noutro meio mais vasto onde as suas qualidades, boas ou **más**, fossem aquilatadas com justiça.” (Adolfo Caminha)

b) Emprega-se “mal” em três funções morfológicas: advérbio, cujo oposto é “bem”; conjunção temporal, equivalendo a “logo que,

assim que"; e substantivo abstrato, equivalendo a "o mal", "a maldade". Observe:

MAL
- ADVÉRBIO → oposto a "bem"
- CONJUNÇÃO TEMPORAL → logo que, assim que
- SUBSTANTIVO ABSTRATO → o mal = a maldade

- O time jogou **mal** porque não treinou adequadamente.
  advérbio ↔ oposto a "bem"
- **Mal** ele chegou na sala, todos começaram a rir.
  conjunção temporal ↔ logo que, assim que
- O **mal** sempre atrai o **mal**.
  substantivos ↔ a maldade

- "... e entre os infortúnios que se desfecham tantos e tamanhos, uns após outros, como golpes de um acinte infatigável no **mal**, sobre este desventurado país, suave é o refúgio dessa consolação..." (Rui Barbosa)
- "Não obstante, a energia evolutiva do direito, cuja torrente a resistência **mal** aconselhada avolumou, represando, acaba por triunfar." (Rui Barbosa)
- "Mandava-os fazer de encomenda; mas assim mesmo, **mal** os punha hoje, no dia seguinte tinha que os retalhar a navalha." (Lima Barreto)
- "A viúva que **mal** resistira ao golpe da perda do filho, ainda mais se aterrava agora com o isolamento em que ia deixar Aurélia." (José de Alencar)

⇨ **Observação:**

Fique atento à seguinte distinção:

mau humor	≠	mal-humorado
mau cheiro	≠	malcheiroso

▹ má educação	≠	▹ mal-educado
▹ mau comportamento	≠	▹ malcomportado
▹ mau ensinamento	≠	▹ mal-ensinado
▹ mau entendimento	≠	▹ mal-entendido
▹ má aventura	≠	▹ mal-aventurado
▹ má assombração	≠	▹ mal-assombrado

3.6.2 EMPREGO DE "MAS" E "MAIS"

Eis outra particularidade bastante elementar. Mas é sempre bom revisá-la ou, quem sabe, conhecê-la melhor. Vamos a ela...

a) O "mas" funciona, na maioria das vezes, como conjunção de oposição adversativa; por isso, pode ser tranquilamente trocada por "porém, contudo, todavia". Em outros casos – um pouco mais raros –, o "mas" fará parte da correlação aditiva "não só..., mas também". Veja:

▹ Todos participaram do evento, **mas** nem todos ficaram para a confraternização.
porém, contudo

▹ Ele sempre foi o melhor da sala, **mas** sempre bagunçou muito.
porém, contudo

▹ O governo não só baixou os juros para a casa própria, **mas também** facilitou o crédito.
correlação aditiva

▹ "E os que leem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm." (Fernando Pessoa)

▹ "Lembrou-se da mulher, **mas** repeliu logo esta ideia com escrupulosa repugnância. Continuava a odiá-la." (Aluísio Azevedo)

▹ "Fique então sabendo de que não é só a ela que você faz o obséquio,

mas também ao marido." (Aluísio Azevedo)

⇨ **Observação:**

Em algumas situações, o "mas" funciona tão somente como uma palavra denotativa de ênfase ou de situação. Não transmite o sentido de oposição adversativa, por isso não poderá ser substituída por "porém, contudo, todavia." Veja:

- **Mas** quem afinal chegou à nossa festa?
- **Mas** que "belos" políticos nós temos hoje em dia!

b) Já o "mais" funciona ora como advérbio de intensidade, quando modifica verbos, adjetivos ou outros advérbios, ora funciona como pronome indefinido, quando se refere a substantivos. Observe:

- Os Silvas sempre dispuseram de **mais** recursos e **mais** informações.
  pronomes indefinidos
- Aqueles alunos precisavam estudar **mais** para poder ingressar em um concurso.
  advérbio de intensidade
- Eles agora sentiram sentiram **mais** vontade vontade de estudar do que antes.
  pronome indefinido
- Ele sempre quis trabalhar **mais** para melhorar a situação financeira da família.
  advérbio de intensidade
- "Desde o palácio até a taberna e o prostíbulo, desde o **mais** esplêndido viver até o vegetar do vulgacho **mais** rude, todos os lugares e todas as condições têm tido o seu romancista." (A. Herculano)
- "Não ficara ela incólume da ferida que fizera no coração do vizinho: amou-o também, e com **mais** seriedade que a usual nos seus anos." (Camilo C. Branco)

3.7 LIÇÃO 7

3.7.1 EMPREGO DE "A FIM" E "AFIM"

Eis, mais uma vez, um conhecimento básico, elementar. Vamos a ele...

a) Emprega-se "a fim", separado (na maioria das vezes você usará esta forma), quando este fizer parte da locução prepositiva "a fim de" ou da locução conjuntiva "a fim de que". Em ambos os casos, as locuções denotarão "finalidade, objetivo, meta". Veja:

- Na sala, ninguém estava **a fim de** fazer nada.
- **A fim de que** ela passasse no concurso, comprei novos livros.
- "Não tardam os cavaleiros zenetas que vêm ajuntar-se nas atalaias convosco, **a fim de que** nenhum infiel possa escapar." (A. Herculano)
- "De feito, a boa velha tentou por diversas vezes escrever seu testamento **a fim de** garantir o futuro de sua escravinha." (Bernardo Guimarães)

⇨ **Observação:**

A locução prepositiva "a fim de" equivale a "para". Portanto, se tiver alguma dúvida, faça a substituição.

b) Por outro lado, a forma "afim" (junto) é morfologicamente um adjetivo e significa "algo que é semelhante, que é próximo, que possui afinidade".

- Na grade escolar, Biologia e Química são matérias **afins**.
- João e Pedro tinham temperamentos **afins**.
- Eles são parentes **afins**.

3.7.2 EMPREGO DE "SE QUER" E "SEQUER"

Eis outra particularidade simples da nossa língua, mas que merece toda a nossa atenção, pois de vez em quando aparece aqui e acolá nas provas de alguns certames. Vamos a ela...

a) A forma separada "se quer" é representada pela conjunção condicional "se" seguida do verbo "querer" flexionado na 3.ª pessoa do singular do futuro do subjuntivo. Nesse caso, a expressão "se quer" equivalerá a "se desejar" e ocorrerá em orações hipotéticas, condicionais. Veja:

- **Se quer** passar em um concurso, estude muito.
- "Diga ao cocheiro que pare; ou, **se quer**, pode apear-se no largo da Carioca." (Machado de Assis)
- "– Em porção, o senhor sabe que... É isso... Enfim, **se quer**, mande-os..." (Lima Barreto)

b) Já a forma "sequer" é um advérbio e significa "ao menos, pelo menos, nem mesmo". É frequentemente usado em frases negativas ou de sentido negativo.

- João não veio ao trabalho e nem **sequer** ligou para dizer o que aconteceu.
- "... como é que de um ano para o outro esta necessidade urgente e imediata torna-se tão secundária, tão indiferente, tão remota que nem **sequer** merece ser mencionada na fala do trono?" (Rui Barbosa)
- "Ninguém lhes regateia esse reconhecimento. Ninguém lhes recusaria, **sequer**, o esquecimento do seu passado de escravismo." (Rui Barbosa)
- "Por fim tudo se esgota e a situação não muda. Não há probabilidade **sequer** de chuvas." (Euclides da Cunha)

3.8 LIÇÃO 8

3.8.1 EMPREGO DE "SESSÃO", "SEÇÃO" E "CESSÃO"

Vamos a uma particularidade bastante simples... conhecimento elementar, básico, mas necessário. Estudemo-la, pois...

a) A forma "sessão" significa "espaço de tempo em que se realiza determinada atividade ou parte dela". Pode também ser usada com o sentido de "reunião, assembleia, encontro".

- Na última sessão do Congresso Nacional, votaram-se muitos projetos de lei.
- Eles começaram agora a nova sessão de fotos.
- Todos combinaram assistir a última sessão do cinema.
- O psiquiatra recomendou-lhe várias sessões de terapia.
- "Rubião assistira à sessão em que o ministério Itaboraí pediu os orçamentos." (Machado de Assis)

b) Já a forma "seção", que admite a grafia secção" significa "divisão, subdivisão, departamento, parte de um todo".

- Amanhã iremos à seção de obras e reformas da Prefeitura de Palmares.
- Nós votamos na 37.ª seção da 43.ª zona eleitoral.
- Na terceira seção do segundo capítulo do livro, encontramos vários processos descritivos.
- "O país não está mais adiantado que as vítimas desse maligno capricho, quanto às causas que possam justificar o açoite, a que se acha submetida aquela secção do exército brasileiro." (Rui Barbosa)

c) **Por sua vez, a palavra "cessão" provém do verbo "ceder" e, logicamente, significa "ato de ceder, doação, transferência de posse ou de direito".**

- João fará a cessão de seus bens para os seus dois irmãos mais velhos.
- O Dr. Pedro fez a cessão dos direitos autorais para uma organização não governamental.

3.9 LIÇÃO 9 – EMPREGO DE VÁRIAS EXPRESSÕES E CONEXÕES

Vamos a uma lição longa, mas bastante simples. Vejamos algumas expressões bastante correntes em nosso dia a dia. Fique atento a elas, pois com frequência são cobradas pelas bancas examinadoras.

3.9.1 DISTINÇÃO ENTRE "A PRINCÍPIO" E "EM PRINCÍPIO"

- **A princípio**, quero esclarecer que minha palestra será meramente motivacional.
- "Capitu, **a princípio**, não disse nada. Recolheu os olhos, meteu-os em si e deixou-se estar com as pupilas vagas e surdas, a boca entreaberta, toda parada." (Machado de Assis)
- "**Em princípio**, o subsecretário suportou bem a tempestade; mas tendo adivinhado que o supunham insciente no tupi, irritou-se, encheu-se de uma raiva surda, que se continha dificilmente." (Lima Barreto)
- "De sorte que logo **em princípio** o comandante reconheceu inexequível

dar à marcha uma norma capaz de poupar as forças das praças." (Euclides da Cunha)

3.9.2 DISTINÇÃO ENTRE OS CONECTIVOS "PORQUANTO" E "CONQUANTO"

Eis uma lição sobre a qual já falamos no capítulo sobre "sintaxe do período composto", mas é sempre bom relembrar. Leia com atenção, pois o conhecimento abaixo é bastante cobrado em certames pelo país afora.

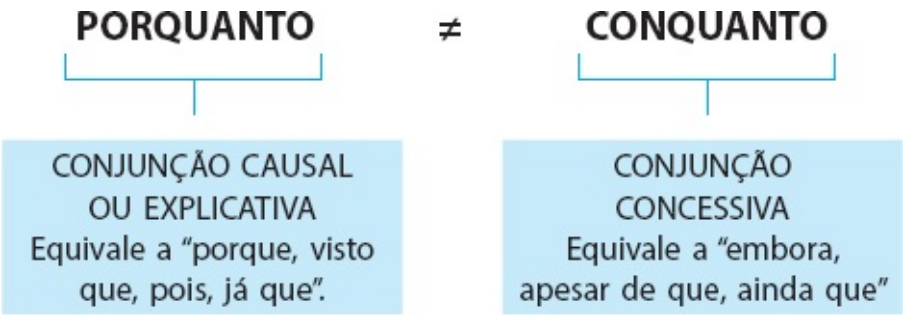

- O governo não reduzirá a taxa Selic, porquanto (porque, já que, pois) não deseja que haja o aumento do consumo.
- Conquanto (embora, ainda que) seja bastante rico, veste-se como pobre.
- "É possível, **conquanto** o não creiamos, que esse homem de Estado fosse um miserável, cuja desonra espadane ainda sobre aqueles que, iludidos, o sustentaram." (Rui Barbosa)
- "E aqui verás tal ou qual esperteza minha; **porquanto**, ao ler o que vais ler, é provável que o aches menos cru do que esperavas." (Machado de Assis)

3.9.3 DISTINÇÃO ENTRE OS CONECTIVOS "JÁ QUE" E "POSTO QUE"

Mais uma distinção sobre a qual já falamos no assunto "sintaxe de

período”. Mas nunca é tarde para relembrar, pois ela é bastante cobrada pelas bancas.

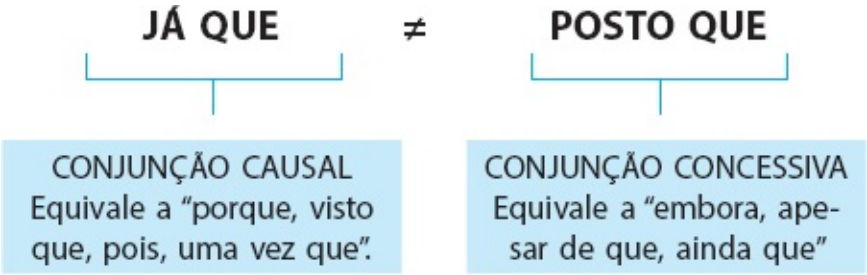

- O reclamante deve ser reintegrado ao posto já que (porque, visto que) goza de estabilidade.
- Posto que (embora, ainda que) fosse um dos homens mais ricos da cidade, vestia-se como pobre.
- “Gênio político de esfera muito curta, **posto que** de brilhantes talentos jurídicos e parlamentares, o Visconde de Ouro Preto capacitou-se de que o melhor serviço que podia prestar à monarquia era alardear os recursos.” (Rui Barbosa)
- “Pois essa que fui ontem continuarei a ser, **já que** Deus não quis que fosse a outra, que viu da primeira vez.” (José de Alencar)

3.9.4 DISTINÇÃO ENTRE OS CONECTIVOS “À MEDIDA QUE” E “NA MEDIDA EM QUE”

Observe agora a distinção entre dois conectivos bastante parecidos. É preciso ficar atento, pois são empregados em situações bem distintas. Veja:

À MEDIDA QUE	≠	NA MEDIDA EM QUE
CONJUNÇÃO PROPORCIONAL Equivale a "à proporção que".		ARTICULADOR DE CAUSA Equivale a "já que, visto que, uma vez que".

- Desistiram de continuar a viagem, **na medida em que** as dificuldades para a consecução de uma nova estalagem aumentavam em virtude do evento previsto para a cidade.
- "**À medida que** engolia uma troça, uma pilhéria, vinha-lhe meditar sobre a sua lembrança, pesar-lhe todos os aspectos, examiná-la detidamente..." (Lima Barreto)
- "Os anos passaram depois, e **à medida que** vinham, ia-se Estêvão afundando no mar vasto e escuro da multidão anônima." (Machado de Assis)

⇨ **Observação:**

Lembre-se de que as expressões "à medida em que" e "na medida que" não existem em nossa língua. São corruptelas da locução conjuntiva de proporcionalidade "**à medida que**".

3.10 LIÇÃO 10 – EMPREGO DE OUTRAS EXPRESSÕES QUE PROVOCAM DÚVIDAS

Vamos agora a outras lições bastante interessantes. Aqui veremos o emprego de várias expressões que frequentemente suscitam dúvidas. Leiamo-las...

3.10.1 DISTINÇÃO ENTRE "POR ORA" E "POR HORA"

Embora apresentem origem igual – a palavra “hora” –, as expressões apresentam significados diferentes. “Por ora” é equivalente a “por enquanto”; já “por hora” é empregada quando se deseja fazer referências a intervalos de 60 minutos – equivale a “a cada hora, a cada 60 minutos”.

- Os benefícios, **por ora**, só serão concedidos aos trabalhadores noturnos.
- Eles ganham R$ 25,00 **por hora**.
- João conseguia ler, **por hora**, cinco capítulos do livro.
- “Nós somos, **por ora**, uma voz, que adverte, e aconselha, enquanto o desengano nos não converter em arma, que acomete, e destrói.” (Rui Barbosa)
- “– Ele passou por aqui pondo dez léguas **por hora**.” (Manuel A. de Almeida)

3.10.2 EMPREGO DE “O MAIS DAS VEZES” E “AS MAIS DAS VEZES”

Ambas as expressões são corretas para indicar a maioria das vezes que um fato se realiza. Neste contexto, a expressão “a mais das vezes” não existe. Para o professor Mário Barreto, a expressão “as mais das vezes” é mais usual.

- “Temo-las por adiáforas; no geral, suspeitas; **as mais das vezes**, incompletas; quase sempre, traiçoeiras; sempre disparatadas.” (Euclides da Cunha)
- “Até nas próprias travessuras do menino, **as mais das vezes** malignas, achava o bom do homem muita graça.” (Manuel A. de Almeida)
- “Elas passavam o serão na sala de jantar, em volta do candeeiro, que alumiava a tarefa noturna **o mais das vezes** solitárias.” (José de Alencar)

3.10.3 DISTINÇÃO ENTRE "ABAIXO" E "A BAIXO"

Há um grupo de advérbios que são conhecidos pelas formas estranhas – e incoerentes muitas vezes – como são grafados. Não adianta reclamar: a ortografia oficial impõe que seja assim. Observe:

- abaixo
- debaixo
- embaixo
- por baixo
- acima
- de cima
- em cima
- por cima

Nesse grupo, encontramos uma distinção interessante entre o par "abaixo" e "a baixo". O primeiro é advérbio e significa "em local menos elevado, embaixo". Já o segundo é empregado na correlação "de... a...", em que a preposição "a" – equivalente à preposição "para" – fica separada da palavra "baixo". Observe:

- O leite está na prateleira **abaixo** dos pratos de sobremesa.
- Pintamos a parede **de** cima **a baixo**.
- "Nós descoroamos da liberdade aos que de Deus a houveram sacrossanta, e com isso os abatemos ao ínfimo grau da escala criada: até **abaixo** do reino vegetativo." (Rui Barbosa)
- "Há quase sempre alguma coisa impalpável e misteriosa no seio dos acontecimentos, que conspira contra as conspirações, mesmo quando essas vêm **de** cima **a baixo**." (Rui Barbosa)

3.10.4 DISTINÇÃO ENTRE "A PAR" E "AO PAR"

Eis duas expressões bastante interessantes, as quais provocam dúvidas no dia a dia. Emprega-se corretamente a locução prepositiva "**a par de**" quando se quer transmitir o sentido de "*estar ciente, estar informado*", ou ainda com o sentido de "*ao lado de, junto a, comparado com*". Já a expressão "**ao par**" só deve ser empregada com o sentido de "*equivalência monetária, cambial*". Observe:

- O diretor estava a par (ciente de) de toda a situação.
- João foi ao colégio a par (ao lado de) do irmão.
- "A par (comparado com) do último verão, até que este está ameno." (Dicionário Houaiss)
- "eis .... que a subida inesperada do partido conservador, firmando o crédito do Estado, elevou o papel-moeda, deixando o câmbio quase ao par". (Aluísio Azevedo *apud* Dicionário Aurélio)
- "Tem razão. Dizem que há lá muita coisa esplêndida; não admira, são mais velhos que nós; mas lá chegaremos; e há coisas em que estamos a par deles, e até acima." (Machado de Assis)

3.10.5 DISTINÇÃO ENTRE "NENHUM" E "NEM UM"

Eis uma dúvida frequente entre os operadores da nossa língua. Fique atento, pois ela apresenta vários detalhes.

O vocábulo "nenhum" (junção de "nem" mais "um") é um pronome indefinido e opõe-se a "algum". Já na construção "nem um", o vocábulo "um" é um numeral (seus equivalentes são, portanto, "dois, três, quatro etc.").

Lição bastante proveitosa nos deixou o ilustre gramático Napoleão Mendes de Almeida: "**Nenhum** provém da junção de 'nem + um', havendo entre aquela forma sintética (nenhum) e esta analítica (nem um) diferença de energia de expressão; a forma analítica é mais forte". Seguindo a lição do mestre, em muitos casos, pode-se usar tanto "nem um" quanto "nenhum" – o que vai diferir é a ênfase que se deseja conferir ao enunciado.

- Ao partir, João dos Anjos não deixou **nenhum** bem. (→ ... não deixou bem algum.)
- Ao partir, João dos Anjos não deixou **nem um** bem. (→ ... não deixou nem mesmo um bem.)

É preciso sinalizar, entretanto, que a forma analítica “nem um” individualiza o ser, define por unidade e apresenta frequentemente o sentido de “nem mesmo um, nem sequer um”. Observe agora alguns exemplos extraídos de escritores de renome que empregaram a expressão “nem um”.

- “Pois olhe que não é uma criança! Mas **nem um** cabelo branco, **nem um**, **nem um** só!” (Eça de Queiroz)
- “...mas tudo se passava lá dentro, não veio **nem um** suspiro à flor dos lábios.” (A. Garrett)
- “Calma. A noite caiu. **Nem um** pássaro voa.” (Olavo Bilac)
- “Rápido e violento devia ter sido o cometimento, numerosos os cavaleiros inimigos; porque **nem um** dos atalaias pudera escapar.” (A. Herculano)

Veja agora outros exemplos com a utilização de “nenhum”.

- “**Nenhum** milagre de engenharia lhos substituirá com vantagem.” (Euclides da Cunha)
- “Anhangá turbou sem dúvida o sono de Irapuã, que o trouxe perdido ao bosque da jurema, onde **nenhum** guerreiro penetra sem a vontade de Araquém.” (José de Alencar)
- “Para a cidade não trouxeram **nenhum** escravo. Venderam a maioria e os de estimação libertaram.” (Lima Barreto)
- “Seguramente o alienista podia estar em erro, mas **nenhum** interesse alheio à ciência o instigava.” (Machado de Assis)
- “**Nenhum** homem, por exemplo, de mais títulos a interpretar as opiniões desse partido, **nenhum** mais genuinamente representativo das suas disposições do que o Sr. Silveira Martins.” (Rui Barbosa)

Vejamos agora alguns valores que o indefinido “nenhum(a)” pode adquirir em uma oração.

- Distribuiu-se o convite para muitos funcionários, mas **nenhum** foi à

sentido de “ninguém”

confraternização.

- É uma pessoa de **nenhuma** importância.
  sentido de "nulo, inexistente"
- "O cavalo dele, melhor que **nenhum** outro, ganhou a corrida." (Aurélio)
  sentido de "qualquer"

3.11 LIÇÃO 11 – EMPREGO DE "ESTÁ" E "ESTAR"

Eis um ponto que, por si só, merece uma lição à parte. Não raro, os candidatos sofrem com esta dúvida. De antemão, posso garantir que é bastante fácil – o "grande" problema reside em nossa pronúncia defeituosa. Vamos lá...

Em primeiro lugar, cumpre fazermos as distinções iniciais:

ESTÁ → 3.ª pessoa do singular, do presente do indicativo do verbo "estar". Logo, emprega-se esta forma quando na estrutura temos um sujeito da 3.ª pessoa do singular, explícito ou implícito (oculto). Observe:

- O governo ainda **está** na contramão do progresso.
- "– Há muito tempo que **está** no Rio de Janeiro? perguntou-me Lúcia depois de uma pausa." (José de Alencar)
- "A alcova **está** deserta, mas inda com o teu cheiro perfumada, do teu fulgor coberta..." (Olavo Bilac)
- "Se adoecem e a família **está** fora, não os confio a um correspondente... Trato-os aqui, em minha casa." (Raul Pompéia)

Dica: Se houver alguma dúvida, SUBSTITUA o verbo por outro. Certamente, você perceberá o emprego da 3.ª pessoa do singular. Veja:

- O governo ainda **está** na contramão do progresso.
  permanece, encontra-se, fica
- Não sei se ele **está** na igreja.
  permanece, encontra-se

ESTAR → Infinitivo do verbo. Destacamos dois empregos que suscitam dúvidas:

a) Formação de locuções verbais (verbo auxiliar + infinitivo). Observe:

- O governo ainda **deve estar** na contramão do progresso. (substitua por "*se encontrar*, *permanecer*").
- Não sei, mas acho que os meninos **podem estar** na igreja. (substitua por "*se encontrar, ficar*")
- "Ele canta que **parece estar** num café concerto, no meio de mulheres de vida airada..." (Lima Barreto)
- "O que é certo é que, não obstante a sorte que tivera aquele seu apaniguado, **costumava estar** na vila." (Euclides da Cunha)

> **Dica:** Lembre-se, mais uma vez, de que, em caso de dúvida, você deve substituir por outro verbo. Se a forma for da 3.ª pessoa do singular, empregar-se-á "está"; se a forma for de infinitivo (-r), empregue, sem medo, "estar".

b) Formação de orações reduzidas de infinitivo com o verbo "ESTAR". Veja:

- João Pedro fez o possível para _____ conosco hoje.
  está ou estar?

Como preencher o espaço acima? Fácil, se perceber que é possível a substituição por "*ficar, permanecer*", por exemplo. Traduzindo: com a substituição fica claro e notório que se trata do emprego de um verbo no infinitivo, o qual exerce o núcleo de uma oração circunstancial (adverbial),

reduzida. Portanto, não tenha dúvida:

- João Pedro fez o possível para **ESTAR** conosco hoje.

Vejamos outros exemplos:

- "Eis o que eu vi nessa hora de agonia, depois de **estar** ali alguns não sei se instantes ou séculos." (A. Herculano)
- "Você, com uma filha quase mulher, não tem vergonha de **estar** aqui a servir de palhaço?!" (Aluísio Azevedo)
- "É preciso mesmo **estar** sob a ação exclusiva de uma ideia fixa, para acreditar que a indenização possa ainda sair a campo." (Rui Barbosa)
- "A verdade certa é que, às duas horas da tarde, aquele advogado andava atrás das moças, em vez de **estar** no foro." (Machado de Assis)

⇨ **Observação:**

Vale a pena mencionar que esta dúvida (emprego de "está" ou "estar") também se estende a outras situações em nossa língua. Portanto, basta aplicar o conhecimento acima (e ter cuidado com a pronúncia) para resolver as pendências. Veja:

- No final do ano, a empresa vai _____ uma grande festa para os funcionários.
  dá ou dar?

> **Comentário:** Se podemos substituir por "conceder, oferecer", constatamos que se trata do emprego do infinitivo do verbo "dar" numa locução verbal – logo, "... a empresa vai **dar** uma grande festa...".

3.12 LIÇÃO 12 – EMPREGO DE "TER DE" E "TER QUE"

Mais uma lição bastante interessante sobre o emprego de duas

expressões que, não raro, provocam dúvidas. Embora no dia a dia sejam usadas de forma indistinta, podemos, ainda assim, traçar algumas orientações. Vejamos:

Emprega-se TER DE (verbo + preposição), seguido de outro verbo no infinitivo, quando se deseja denotar "fato infalível, necessário, obrigatório ou jussivo (imperativo)". Observe os exemplos:

- O Brasil tem de ser um país menos desigual. (Equivale a → "O Brasil tem a obrigação de ser um país...)
- Todos tiveram de sair por causa do fogo que já atingia os últimos andares do prédio.
- "... para se conhecerem os amigos, tinham os homens de morrer primeiro e daí a algum tempo ressuscitar..." (Pe. Antonio Vieira).
- "O Congresso ainda não se dissolveu. Tem de reunir-se ainda." (Rui Barbosa)

Emprega-se, por outro lado, TER QUE (verbo + conjunção integrante), seguido de um verbo no infinitivo, quando se deseja indicar simplesmente "algo para fazer", "algo que ainda não foi feito". Nesse sentido, transmite-se tão somente "mera informação" ou uma "ação facultativa". Vejamos:

- "Esses não têm que envenenar a alma de seus filhos com as misérias domésticas do cativeiro (...); não têm que dar, nas suas escolas, em vez da educação cívica, o ensino da opressão perpetuada, não têm que sentir a organização de sua pátria assentada na denegação eterna da liberdade a uma parte indefesa do gênero humano."
- "É uma mania de seu amigo, Senhor Ricardo, esta de só querer cousas nacionais, e a gente tem que ingerir cada droga, chi!" (Lima Barreto)
- "— O senhor... O senhor só tem que me agradecer uma coisa: é a minha paciência." (José de Alencar)

⇨ **Observações:**

a) Como já dissemos, no dia a dia, essas expressões são usadas quase indistintamente, uma vez que nem sempre é fácil se fazer a distinção entre o que é "obrigação" do que é "mera informação ou ação facultativa". De acordo com a professora Maria Helena de Moura Neves, a expressão "TER QUE" é hoje mais usual do que TER DE. Esta última é empregada com mais frequência, segunda a professora, na linguagem literária.

b) Alguns autores preconizam que, na expressão TER QUE, o "que" funciona como pronome relativo sem antecedente explícito. Para os que advogam essa morfologia do "que" como pronome relativo, deveríamos analisar o período da seguinte maneira:

- Não posso sair hoje, pois tenho que estudar. → Equivale a "... tenho (algo) que estudar".

3.13 LIÇÃO 13 – EMPREGO DE "POSSA SER" E "PODE SER"

Eis aqui duas locuções verbais que frequentemente causam problemas aos usuários da língua. É bastante comum vermos falantes do nosso idioma pronunciando estruturas do tipo "Possa ser que o documento esteja no armário do chefe", as quais deixam os mais instruídos "de cabelo em pé". Vamos às orientações...

a) A construção perifrástica "pode ser" (formada pelo presente do indicativo do verbo PODER seguida do verbo SER no infinitivo) deve ser usada quando se deseja obter o sentido de "é possível, é provável". Portanto...

- PODE SER que o documento esteja no armário do chefe. (e não "possa ser")
- Não sei ao certo, mas PODE SER que a empresa não aceite as nossas observações.
- PODE SER que eles não consigam retirar o visto para os EUA na

próxima semana.

b) Já a locução verbal “possa ser” deve ser usada em orações subordinadas em correlação geralmente com um verbo no presente do indicativo, presente na oração principal. Essa locução, quando empregada corretamente, apresenta sentido de “venha a ser” ou “seja”.

- É essencial que ele POSSA SER o nosso representante na reunião com a diretoria.
- Não sei ao certo, mas acho que talvez ele POSSA SER o nosso gerente de marketing para o próximo ano.
- Deixamos o contrato sobre a mesa para que o diretor assine e POSSA SER o responsável pela obra.

3.14 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (FCC) *...para entender por que a viagem de Colombo acabou e continua sendo uma metáfora...* No que se refere à grafia, para estar de acordo com o padrão culto, a frase que deve ser preenchida com forma idêntica à destacada acima é:

   a) Alguém poderá perguntar: – O autor citou Braudel, ...?
   b) Gostaria de saber ..... ele se interessou especificamente por essa obra de Braudel acerca do mar Mediterrâneo.
   c) Quem sabe o ..... da citação da obra de Braudel?
   d) Referências são sempre interessantes, ... despertam curiosidade acerca da obra.
   e) –... foi a obra que mais o teria impressionado sobre o assunto, respondeu alguém quando indagado sobre o motivo da citação.

2. (CESGRANRIO) É melhor começar a exercitar a linguagem, _____ o seu relacionamento pode acabar mal.

A pesquisa recentemente realizada pela empresa foi _____ do estresse emocional do trabalhador.

Expliquei-lhe as exigências do atual mercado _____ ele se adaptasse melhor.

A sequência que completa corretamente as frases acima é

a) se não – a cerca – a fim de que
b) se não – acerca – afim de que
c) se não – acerca – a fim de que
d) senão – acerca – a fim de que
e) senão – a cerca – afim de que

3. (CESGRANRIO) As razões _____ não simpatizo com você são muitas.

Não faça críticas negativas, _____ se arrependerá.

O que eu disser poderá ser _____ interpretado.

A opção cuja sequência completa, corretamente, as sentenças acima é

a) por quê – senão – mal
b) por que – senão – mal
c) porquê – se não – mal
d) porque – se não – mau
e) porque – senão – mau

4. (ESAF – Téc. Rec. Federal) Lê-se no Manual de Redação da Presidência da República:

> **onde**
> Como pronome relativo significa 'em que (lugar)': A cidade **onde** nasceu.

Com base nessa definição e nas demais funções morfossintáticas

que o termo **onde** *pode desempenhar, aponte a frase na qual o emprego de tal termo está incorreto.*

a) (...) o método utilizado pode afastar os auditores, pela falta de estrutura, da descoberta dos grandes esquemas de corrupção. Porque ele está muito voltado a atender à grande novidade inventada por Waldir Pires, os sorteios dos municípios. Ali, faz-se uma auditoria por amostragem, onde pegar um grande esquema dependerá, como tudo num sorteio, da sorte.

b) O Portal de Transparência é até onde a CGU conseguiu tornar possível a sua ideia de tornar público o Sistema Integrado de Administração Financeira (...).

c) "Cultura" é um termo quase infinitamente maleável. (...). Sua origem ou, pelo menos, até onde se possa saber, seu sentido primitivo parece se relacionar com a criação, descoberta ou invenção da agricultra (...).

d) Passada a euforia da libertação, muitos ex-escravos regressaram a suas fazendas, ou a fazendas vizinhas; para retomar o trabalho por baixo salário. Dezenas de anos após a abolição, os decendentes de escravos ainda viviam, nas fazendas, uma vida pouco melhor do que a de seus antepassados escravos. Outros dirigiram-se às cidades, como o Rio de Janeiro, onde foram engrossar a grande parcela da população sem emprego fixo.

e) Onde havia dinamismo econômico provocado pela expansão do café, como em São Paulo, os novos empregos, tanto na agricultura como na indústria, foram ocupados por milhares de imigrantes italianos que o governo atraía para o país. Lá, os ex-escravos foram expulsos ou relegados aos trabalhos mais brutos e mais mal pagos.

(Fontes: Rudolfo Lago, ***Correio Braziliense****, 24/10/2005; Nelson Archer,* ***Relativismo cultural e multiculturalimo****, FSP, 31/10/2005; José Murilo de Carvalho,* ***Cidadania no Brasil****: o longo caminho, pág. 52)*

5. (FGV) Perguntei por que ele não tocava mais piano.

Assinale a alternativa correta acerca do uso do porquê na frase acima.

a) A forma está correta, pois corresponde à preposição POR + o pronome relativo QUE.
b) A forma está correta, pois é uma conjunção, sendo, nesse caso, sempre grafada como duas palavras.
c) A forma está correta, pois equivale a “por qual razão”, caracterizando uma pergunta indireta.
d) A forma está incorreta, pois a forma com duas palavras só se usa em perguntas. O correto seria PORQUE.
e) A forma está incorreta, pois, embora seja grafada com duas palavras, a forma QUE deveria levar acento circunflexo.

6. (FGV) “Concluída a fusão dos mercados, em vez de rumar para a integração política e consolidar seu protagonismo na cena mundial, a Europa faz da integração um utensílio da exclusão. Claro está que Bruxelas não pode evitar a deriva à direita de certos Estados, mas tampouco necessita servir à regionalização da xenofobia.”

A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:

I. A expressão em vez de não poderia ser substituída, no trecho, por ao invés de.

II. Ocorre alteração gramatical ou semântica ao se substituir “Claro está” por “Está claro”.

III. Não ocorre alteração gramatical ou semântica ao se substituir “certos Estados” por “Estados certos”.

Assinale:

a) se somente o item III estiver correto.
b) se somente o item I estiver correto.
c) se nenhum item estiver correto.
d) se todos os itens estiverem corretos.
e) se somente o item II estiver correto.

7. (FGV) O leitor já viu onde quero chegar.

Assinale a alternativa cuja estrutura seja equivalente

semanticamente à apresentada acima, mas que dela se diferencie quanto à adequação da linguagem ao padrão normativo.

a) Já observou o leitor onde quero chegar.
b) O leitor já viu aonde quero chegar.
c) Quero chegar onde o leitor já viu.
d) Em que ponto quero chegar o leitor já viu.
e) O leitor já viu em cujo local quero chegar.

GABARITO

1 – B	2 – D	3 – B
4 – A	5 – C	6 – C
7 – B		

CAPÍTULO 4

A LINGUAGEM FIGURADA – AS FIGURAS DE LINGUAGEM

Em nosso dia a dia, usamos com frequência a denominada linguagem intelectiva para que nos comuniquemos. A linguagem intelectiva é aquela em que os termos geralmente vêm dispostos na sequência "sujeito + predicado + complementos + adjuntos" e trabalha o sentido real, denotativo dos vocábulos, das palavras.

Não basta, porém, que a linguagem seja puramente racional para que o homem se comunique. Em muitas situações comunicativas, lançamos mão de recursos para que a linguagem se torne mais atraente, mais simpática, contribuindo para formar a convicção do leitor ou do ouvinte – é a denominada "linguagem afetiva". O resultado desse uso é uma linguagem mais sensível, mais comparativa, mais emocional, menos racional. Para obter esse efeito, o comunicador lança mão das chamadas **figuras de estilo**, conhecidas também como **figuras de linguagem**.

Figuras são os modos de dizer, alguns dos quais alteram a forma regular das palavras ou das orações, e outros modificam ou omitem o sentido próprio da expressão.

4.1 CLASSIFICAÇÃO DAS FIGURAS DE LINGUAGEM

As figuras de estilo ou de linguagem se classificam em:

a) Figuras de palavras ou tropos;
b) Figuras de pensamento;
c) Figuras de construção ou de sintaxe.

4.1.1 FIGURAS DE PALAVRAS OU TROPOS

São figuras que se caracterizam por alterar o sentido próprio de uma palavra. São elas: metáfora, metonímia, catacrese, perífrase, sinestesia e comparação.

4.1.1.1 Metáfora

A metáfora (de um vocábulo grego que significa "transportar") é a translação do sentido próprio de uma palavra para outro, por analogia ou por semelhança, ou seja, consiste em usar uma palavra pela outra por força de uma comparação mental. É uma comparação – pelo fato de existirem características pertencentes a um objeto ou ser que se adapta a outro – sem a presença explícita de conectivo comparativo.

- Ela é um anjo de doçura, e ele é um cavalo de grosseria.
- É uma borboleta o coração daquela donzela.
- Muitos jovens perdem a razão quando vivem o fogo de uma paixão.
- O vício toma muitas vezes a máscara da virtude.
- "O Senhor é o meu Pastor e nada me faltará". (Sl. 23)
- "Coração bobo, coração bola, coração balão
  A gente se ilude dizendo
  Já não há mais coração" (Alceu Valença)
- "O mar é lago sereno
  O céu – um manto azulado
  O mundo – um sonho dourado
  A vida – um hino d'amor." (Casimiro de Abreu)

- “A vida é o dia de hoje
  A vida é ai que mal soa
  A vida é sombra que foge A vida é nuvem que voa.” (João de Deus)

⇨ **Observação:**

Com a metáfora, buscam-se semelhanças, analogias, características comuns entre os seres postos numa relação comparativa.

4.1.1.2 Metonímia

A metonímia é a substituição do sentido de um vocábulo pelo de outro com o qual está intimamente relacionado. Com a metonímia, o operador da língua troca um vocábulo por outro pelo fato de ambos apresentarem uma contiguidade de sentido, uma coexistência semântica. Quando se diz, por exemplo, que se leu Camões, percebe-se nitidamente a relação entre “Camões” e “obra escrita”. Na realidade, leu-se a “obra” que pertence ao escritor Camões. Observe outro exemplo abaixo:

- Durante a Idade Média, alguns defendiam o trono, outros, o altar.

⇨ **Observação:**

Perceba que os vocábulos “trono” e “altar” foram empregados em substituição aos vocábulos “realeza” e “religião”, respectivamente.

Várias são as formas de substituição propostas pela metonímia. Vejamos algumas:

a) O autor pela obra:

- Ontem me deleitei com o Machado de Assis.
  a obra

- Sempre viajava na companhia de José Saramago. Em casa, não abandonava Cecília Meireles.
  a obra *a obra*

b) A causa pelo efeito, ou vice-versa:

- Sempre vivi do suor do meu rosto.
  trabalho
- A palidez tomou-lhe conta do rosto quando viu que o avião perdeu altura.
  medo

c) O abstrato pelo concreto e vice-versa:

- A mocidade de hoje parece que perdeu o encanto pela vida.
  os jovens
- Era difícil não se emocionar com aquela beleza trôpega.
  um velho, um idoso

d) O continente pelo conteúdo:

- Eles sempre foram amantes do copo.
  das bebidas
- Eles comeram todo o prato com uma voracidade incrível.
  a comida, o alimento

e) A marca pelo produto:

- Fez a barba com uma gilete.
  lâmina de aço
- Por favor, limpe com uma coca.
  refrigerante à base de folha de coca

f) A parte pelo todo e vice-versa:

- Os ônibus passavam cheios de pernas.
  pessoas

- Muitas chaminés dominam São Paulo.
  fábricas, indústrias

g) O singular pelo plural:

- O homem vive há séculos sobre a terra.
  os homens
- O brasileiro é um povo de coragem, de luta, de determinação.
  os brasileiros

h) O objeto ou sinal pela coisa significada:

- Infelizmente a balança no Brasil não é tão justa quanto é em outros países.
  a justiça
- *os juízes, os magistrados*
  A toga brasileira ficou incomodada com as palavras do presidente da República.

i) O possuidor pela coisa possuída:

- Uma centena de fuzis apoiavam suas decisões.
  soldados
- Em toda guerra, as armas não dormem nem de dia nem de noite.
  os combatentes, os soldados

j) A matéria pelo objeto:

- Na festa, quebraram todos os cristais.
  copos, pratos feitos de cristal
- A comida foi colocada em porcelanas chinesas.
  pratos e recipientes feitos de porcelana chinesa

⇨ **Observação:**

a) Não se preocupe tanto em decorar essas formas de substituição. Procure, sim, entender o que é uma metonímia. As bancas raramente (mas raramente mesmo) cobram as relações acima. Elas querem saber tão somente se o estudante sabe identificar o

que é um processo metonímico.

b) Muitos autores classificam alguns casos de metonímia como **sinédoque**. Esta, segundo eles, caracteriza-se por substituir “o todo pela parte” ou “a parte pelo todo”, isto é, teremos uma relação do tipo “continente e conteúdo” ou “gênero e espécie”. Achamos a discussão menor, e preferimos englobar todos os casos sob a denominação genérica de metonímia, porquanto tem sido a figura predominante nos certames hoje.

4.1.1.3 Catacrese

A catacrese é o desvio do significado natural de um vocábulo. Consiste em se empregar um vocábulo já existente e com significação própria em outro sentido, por falta de vocábulo adequado. Em verdade, a catacrese é uma metáfora desgastada, porque busca semelhanças entre seres, objetos, coisas e passa a usar um vocábulo com uma extensão semântica maior do que ele possui – “é o esquecimento ou substituição definitiva do significado de uma palavra por outra”, preconiza o ilustre mestre Cândido de Figueiredo.

- O **pé da cadeira** está quebrado.

⇨ **Observação:**

Busca-se a semelhança entre o “pé humano” (sentido denotativo) e o objeto de madeira que sustenta a cadeira, pé da cadeira (sentido conotativo).

Observe agora outros exemplos:

- Já na terça-feira, todos tiveram de responder à **sabatina** feita pelo professor.
- Furou a **cabeça do dedo** com um alfinete.
- Todos **embarcaram** no avião precisamente às 16 horas.

- O boxeador levou um soco na **boca do estômago**.
- Ficamos passeando bem no **coração da cidade**.
- Colocaram vários **dentes de alho** na buchada que eles prepararam.
- A **asa do avião** ficou danificada por causa da colisão com um pássaro.

4.1.1.4 Perífrase ou antonomásia

É um tipo especial de metonímia que se caracteriza por substituir um ser ou um objeto por uma expressão que facilmente o identifica. Geralmente essa substituição é feita com uma característica marcante do ser ou do objeto. Observe:

- Faz anos que morreu o épico português.
  Camões
- Conheci a Veneza brasileira.
  Recife

Veja outras perífrases:

- **o rei do baião** → por Luís Gonzaga
- **a cidade luz** → por Paris
- **a Suíça pernambucana** → por Garanhuns
- **o poeta dos escravos** → por Castro Alves
- **o país do sol nascente** → por Japão
- **o grande poeta mineiro** → por Drummond
- **o grande orador grego** → por Demosthenes
- **o grande poeta grego** → por Homero
- **o águia de Haia** → por Rui Barbosa
- **o rei da selva** → por leão

4.1.1.5 Sinestesia

Consiste na mistura de sensações perceptíveis por órgãos do sentido diferentes. Busca-se, com isso, oferecer maior expressividade à sensação primitiva, mais forte. Quando se diz, por exemplo, “beijo doce”, atribuiu-se à sensação tátil “beijo” uma sensação gustativa “doce” para indicar que a ação primitiva “beijo” é intensificada por uma sensação gustativa “doce”. Observe outros exemplos:

- Ela usava um vestido de **cores berrantes**.
- Na reunião, ele usou **ásperas palavras**.
- O locutor do aeroporto possui uma **voz doce e aveludada**.
- O vinho apresentava um **gosto quente, áspero**.
- “Ó sonora **audição colorida** do aroma!” (Alphonsus de Guimaraens)

4.1.1.6 Comparação

É a analogia efetuada entre dois seres ou objetos por meio de conectivos comparativos explícitos a fim de ressaltar a(s) semelhança(s) entre eles. Geralmente são usados os conectivos subordinativos comparativos “como, tal qual, assim como, tão... quanto, tanto... quanto, mais... (do) que, menos... (do) que etc.”.

- “Seria meia-noite quando o navio começou a mover-se lentamente, e uma hora depois a cidade, as praias, e as montanhas sumiam-se na distância, **como** se o mar as fosse engolindo com a voracidade de um monstro.” (Adolfo Caminha)
- “E o escândalo, **como** um líquido derramado, ia escorrendo pelas ruas, pelos becos, penetrando por aqui e por ali, invadindo as repartições públicas, os escritórios comerciais, as redações das folhas e as casa particulares.” (Aluísio Azevedo)

4.1.2 FIGURAS DE PENSAMENTO

São figuras que se processam no âmbito do pensamente, da ideia que se quer transmitir. São processos de expressão do pensamento, os quais introduzem ideia diferente da que realmente a palavra exprime. São elas:

4.1.2.1 Antítese

É a figura que consiste no emprego de termos ou pensamentos em oposição, de forma que faça sobressair um pelo outro. É um poderoso recurso estilístico, pois ressalta relações de contraste, de oposição entre os termos, entre as ideias. Veja alguns exemplos:

- "Estes edificam, aqueles destroem; estes sobem pelos degraus da honra, aqueles outros descem." (M. Bernardes)
- "Última flor do Lácio, inculta e bela,
  és, a um tempo, esplendor e sepultura." (Olavo Bilac)
- "Vejo um túmulo, entremos:
  Quem sempre a morte achou no lar da vida
  Deve a vida encontrar no lar da morte." (Laurindo Rabelo)
- "Ontem plena liberdade
  A vontade por poder
  Hoje... cum'lo de maldade
  Nem são livres... pra morrer." (Castro Alves)
- "Era o porvir – em frente do passado,
  A liberdade – em face à escravidão." (Castro Alves)

4.1.2.2 Paradoxo ou oximoro

É uma espécie de antítese mais radical, pois trabalha com termos em oposição colocados lado a lado. O contrassenso se dá dentro do mesmo termo, do mesmo verso. Veja:

- "O doutor falava **bobagens** conspícuas." (Manoel de Barros apud Domingos P. Cegalla)

- “Amor é fogo que **arde** sem se ver,
  É ferida que **dói**, e não se sente;
  É um **contentamento** descontente
  É dor que **desatina** sem doer.” (Camões)
- “Menino do rio,
  calor que provoca arrepio.” (Caetano Veloso)
- “Enfim, transpondo o **Inferno** e o Purgatório, Dante
  Chegara à extrema luz pela mão de Beatriz:
  Triste no sumo bem, **triste** no excelso instante,
  O poeta compreendera **o mal** de ser feliz.” (Olavo Bilac)

4.1.2.3 Ironia

Conhecida também como “antífrase”, é a alteração do sentido próprio de uma palavra ou de uma expressão para o sentido oposto, isto é, a ironia ocorre quando a palavra ou a sentença exprime normalmente o contrário daquilo que queremos dar a entender com ela. O emprego da ironia, em muitas situações, pode revelar sarcasmo, zombaria, chacota, escárnio. Observe:

- Bela coisa você fez, meu filho – conseguiu tirar nota baixa em todos os exames!
- “Moça linda bem tratada
  Três séculos de família
  burra como uma porta.” (Mário de Andrade)
- “A excelente dona Inácia era mestra na arte de judiar das crianças.” (Monteiro Lobato)

4.1.2.4 Eufemismo

Consiste no emprego de palavras ou expressões com o objetivo de diminuir o impacto da mensagem. Em outras palavras, é o abrandamento da força de uma ideia, de uma mensagem. Empregam-se palavras ou

expressões mais amenas, mais suaves, mais sutis para evitar o impacto da ideia, da mensagem. Observe:

- **Os funcionários da limpeza pública** entraram em greve. (em vez de "garis, lixeiros")
- No depoimento, a testemunha **faltou com a verdade**. (em vez de "mentiu")
- Foi preso pela polícia, porque **enriqueceu por meios ilícitos**. (em vez de "roubou")
- Descobriram um **tumor maligno** no seio da mulher. (em vez de "câncer")
- Nossos amigos **não foram felizes** no concurso que fizeram. (em vez de "foram reprovados")
- "Alma minha gentil **que te partiste** Tão cedo desta vida descontente." (Camões)
- "Os amigos que me restam são de data recente; todos os antigos foram estudar **a geologia dos campos santos**." (Machado de Assis *apud* Rocha Lima)

4.1.2.5 Hipérbole

Consiste no emprego de expressões ou palavras com o sentido exagerado, extrapolado. É um outro poderoso recurso expressivo, pois se baseia no exagero da mensagem. Observe:

- Naquele momento, todos nós já estávamos **mortos de fome**.
- Mulher, não te vejo **há séculos**.
- "Abram mais janelas do que todas as janelas que há no mundo." (Fernando Pessoa)
- "Queria gritar setecentas mil vezes..." (Cazuza)
- "Rios te correrão dos olhos, se chorares." (Olavo Bilac)

4.1.2.6 Gradação

Consiste no emprego de palavras ou ideias em progressão ascendente ou descendente a fim de obter um efeito estilístico. Quando apresenta ideias em gradação ascendente, chama-se "clímax"; quando apresenta ideias em gradação descendente, chama-se "anticlímax". Veja alguns exemplos:

- "Que **verbo mais eloquente**, que **eloquência mais sublime**, que **sublimidade mais angélica** do que a sua"? (Alves Mendes *apud* Jorge Miguel)
- "Oh, não aguardes que a madura idade
  Te converta essa flor, essa beleza,
  Em terra, em cinza, em pó, em sombra, em nada." (Gregório de Matos)
- "Parece-me que só neste país ainda não se observa nem se permite esse costume **tão natural, tão próprio, tão eficaz mesmo**, das senhoras pobres empregarem-se no comércio a retalho." (Adolfo Caminha)
- "E o escândalo, como um líquido derramado, ia escorrendo pelas ruas, pelos becos, penetrando por aqui e por ali, **invadindo as repartições públicas, os escritórios comerciais, as redações das folhas e as casa particulares**." (Aluísio Azevedo)
- "Não já lutando, **mas rendido, enfermo, prostrado, desfalecido, morrendo, morto**." (Pe. Antônio Vieira)

4.1.2.7 Prosopopeia, personificação ou animismo

Consiste em se atribuírem qualidades humanas a seres inanimados, personificando-os. É uma figura bastante comum nas histórias, nos contos infantis. Observe:

- "As estrelas foram chamadas e **disseram**: – Aqui estamos." (Pe. Antonio Vieira)

- “Debaixo do arco admirável da Ponte das Bandeiras **o rio murmurava** num banzeiro de água pesada e oleosa.” (Mário de Andrade)
- “Dona Cômoda tem três gavetas. E um **ar confortável de senhora rica**. Nas gavetas guarda coisas de outros tempos, só para si. Foi sempre assim, dona Cômoda: gorda, fechada e egoísta.” (Mário Quintana)
- “As rãs do charco **clamavam**:
  – Dai-nos sol! Dai-nos sol!
  Os ralos e a cigarra acompanhavam:
  – Solzinho! Solzinho! Solzinho!” (Aquilino Ribeiro *apud* Jorge Miguel)

4.1.2.8 Apóstrofe ou invocação

Consiste num chamamento, numa invocação, numa interpelação que se faz a alguém. Em outros termos, é uma interrupção que faz o orador ou escritor para dirigir-se, em tom de chamamento, em tom forte, a uma pessoa ou coisa. Representa a figura do vocativo em sintaxe. Veja alguns exemplos:

- “**Lua lua lua**
  por um momento
  meu canto contigo compactua.” (Caetano Veloso)
- “**Deus!, ó Deus!** onde estás que não respondes?” (Castro Alves)
- “Até quando, **ó povo insensato**, haveis de manquejar na Fé, divididos e discordes de vós mesmos em duas partes.” (Pe. Antonio Vieira)

4.1.2.9 Reticência

Consiste na supressão da ideia, do pensamento, deixando à outra pessoa a complementação dessa ideia ou desse pensamento. É também um poderoso recurso de estilo, representado pelos três pontos em sequência (...). Vejamos alguns exemplos:

- “Bem sabes que te não contrario... desejo este casamento, desejo...

mas... em primeiro lugar, convém saber se ele é do teu gosto... Vamos..., fala!" (Aluísio Azevedo)

- "Estava ainda com a carta aberta nas mãos, quando viu aparecer o doutor, que vinha por notícias do enfermo; o agente do correio dissera-lhe haver chegado uma carta. Era aquela?
  – É esta, mas...
  – Tem alguma comunicação reservada...?" (Machado de Assis)

- "Na comédia o rei veste como rei, e fala como rei; o lacaio veste como lacaio, e fala como lacaio; o rústico veste como rústico, e fala como rústico; mas um pregador, vestir como religioso e falar como... não o quero dizer, por reverência do lugar." (Pe. Antonio Vieira)

4.1.3 FIGURAS DE CONSTRUÇÃO OU DE SINTAXE

São denominadas de figuras de construção porque alteram de alguma forma a construção regular da frase, da oração, do período, do verso. Buscam, com essa alteração, conferir maior expressividade, maior elegância à construção textual. São elas:

4.1.3.1 Elipse

É uma das figuras mais usuais na construção textual. Consiste na omissão de um vocábulo, de um verbo ou de uma oração inteira, os quais podem ser facilmente subentendidos no contexto.

Dependendo do termo elipsado, a elipse pode ser: **nominal** (de uma palavra), **verbal** (de um verbo) ou **frástica** (de uma oração, de uma frase). Vejamos alguns exemplos:

- "**Na terra tanta guerra, tanto engano,**
  Tanta necessidade aborrecida!" (Camões)

→ **Nos versos de Camões, temos a elipse do verbo "haver" = "Na terra há tanta guerra, há tanto engano".**

- "Em Dina matou a formosura a Sichem; **em Dallila matou a Sansão;**

em Judith matou a Holophernes; em Helena, a toda a Troia; em Lucrecia, a toda a Roma; em Florença, a toda a Espanha." (Pe. Antonio Vieira)

→ **No excerto de Vieira, é latente a elipse (nominal, diga-se de passagem) do sujeito "a formosura" nas orações subsequentes: "...em Dallila, a formosura matou a Sansão; em Judith, a formosura matou a Holophernes;..."**

- "É por estas e outras que aborreço os políticos, os políticos sim, **não a política**." (Rui Barbosa)

→ **Observe a elipse do verbo "aborrecer" na última oração: "..., os políticos sim, não aborreço a política".**

- "Enfim, ele pensava, **como eu**, que tudo que existe é bom." (Machado de Assis)

→ **Elipse do verbo da oração comparativa: "..., como eu pensava,...".**

4.1.3.2 Zeugma

É uma espécie de elipse. É uma figura pela qual uma palavra já exprimida numa oração se subentende na outra, que lhe é análoga ou ligada, isto é, é a ocultação que um termo anteriormente expresso – o termo aparece em uma oração e é ocultado na(s) outra(s). Observe:

- Cada criança escolheu um brinquedo; os meninos pegaram carrinhos, as meninas, bonecas.

→ **Perceba a zeugma do verbo "pegar" na última oração.**

- A um é dada a palavra de sabedoria, a outro, o dom de curar moléstias.

→ **Veja a zeugma da locução de passiva "é dado".**

- "A aurora é o riso do céu, a alegria dos campos, a respiração das flores, a harmonia das aves, a vida e o alento do mundo." (Pe. Antonio

Vieira)

→ **Observe a zeugma tanto do sujeito "aurora" quanto do verbo ser "é".**

- "Nossos bosques têm mais vida
  Nossa vida mais amores." (Gonçalves Dias)

→ **Temos no último verso a zeugma do verbo "ter": "... Nossas vidas têm mais amores".**

4.1.3.3 Polissíndeto

É a figura que consiste na repetição intencional de conectivos, geralmente, coordenativos a fim de conferir maior expressividade entre os elementos unidos pelos conectivos. Vejamos:

- Deus criou o sol e a lua e as estrelas. E fez o homem e deu-lhe inteligência e fê-lo chefe da natureza.
- "Uma procissão de rendas e sedas e leques e véus e diamantes e olhos de todas as cores e linguagens." (Machado de Assis)
- "Chego, pego-lhe do braço e o recolho e o enxugo e o aqueço e o agasalho no meu colo." (A. R. dos Santos *apud* Ernesto C. Ribeiro)

4.1.3.4 Assíndeto

É a figura oposta ao polissíndeto. Consiste na supressão dos conectivos entre os termos e orações a fim de tornar a mensagem mais concisa, mais enxuta. Vejamos alguns exemplos:

- Entram todos os fiéis. Louvam, cantam, batem palmas, choram, riem. Tudo em nome de Deus.
- "Range, ri, treme, devasta, insulta e vence." (Eça de Queiroz)
- "Luciana, inquieta, subia à janela da cozinha, sondava os arredores, bradava com desespero..." (Graciliano Ramos *apud* Rocha Lima)

4.1.3.5 Hipérbato

Consiste na alteração da ordem direta dos termos em uma oração. Em português, a oração geralmente segue a ordem "sujeito + verbo + complementos + adjuntos". O hipérbato quebra a ligação imediata que as palavras têm umas com as outras, a fim de conferir maior ênfase, maior destaque a determinadas partes da oração. Observe:

- "Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
  De um povo heroico o brado retumbante." (Hino Nacional Brasileiro)

→ **Na ordem direta, teríamos: "As margens plácidas do Ipiranga ouviram um brado retumbante de um povo heroico."**

- "... aí se não ouvem essas alegres sinfonias." (Carneiro Ribeiro)
- "A quem o nascimento fez em Portugal, grande, o valor no Oriente." (J. Freire *apud* Carneiro Ribeiro)

⇨ **Observação:**

Quando o hipérbato altera tão profundamente a ordem dos termos na oração que chega a provocar certa confusão entre as partes desta, passa a ser chamado de "sínquise". Veja:

- "Por ver em que montanhas se dos mares
  Livrou, anda vagando, e em que lugares." (F. Barreto)
- "Enquanto manda as ninfas amorosas
  Grinaldas na cabeça pôr de rosas." (Camões)

4.1.3.6 Pleonasmo enfático ou estilístico

É uma figura pela qual se empregam palavras que, se bem não sejam necessárias para a perfeita expressão do pensamento, dão-lhe, todavia, mais força, mais energia. Consiste, literalmente, na repetição de uma ideia já contida em termos e expressões anteriores a fim de aumentar a

força da mensagem. Observe:

- "Este crucifixo, vi-o eu com os meus olhos, e está hoje em dia naquele mosteiro." (H. Pinto)
- "Louvamos em Deus uma excelência, que é mais excelente de todas." (Pe. Antônio Vieira)
- "E rir meu riso
  E derramar meu pranto." (Vinícius de Moraes)
- "Tantos outros assombros da natureza e prodígios inauditos, vistos com os próprios olhos, palpados com as mãos e pisados com os pés." (Pe. Antônio Vieira)

⇨ **Observações:**

a) Em algumas situações, o pleonasmo é representado pela repetição, em forma de pronome oblíquo tônico, dos complementos verbais: objeto direto e objeto indireto. Observe:

- "Vi os teus companheiros, mas não te vi a ti." (M. Said Ali)
- "Ele perseguia as aves e alimárias inocentes: eu perseguia-o a ele." (A. Herculano)
- "E que me importa a mim isso? Virão um dia a esta nobre terra de Espanha gerações que compreendam as palavras do presbítero." (A. Herculano)

b) Não confunda este tipo de pleonasmo com o **pleonasmo vicioso**. Este, como o próprio nome já diz, torna a frase deselegante, pobre. Por isso, expressões do tipo "morreu uma morte; vi com os olhos; fui com os meus pés; pescou um peixe" são terríveis pleonasmos. Entretanto, se lhes acrescentarmos uma expressão explicativa, uma circunstância ou um modificativo, desfaremos o pleonasmo. Logo, em "morreu uma morte terrível, sofrida e solitária" não há mais pleonasmo, senão uma forma bastante expressiva de se enunciar um pensamento.

4.1.3.7 Anástrofe

Consiste numa inversão mais simples que o hipérbato – geralmente se inverte apenas sujeito e predicado. Em outras palavras, é uma inversão na sucessão analítica do pensamento, sem quebrar a ligação imediata que as palavras têm umas com as outras.

- "A Dário venceu Alexandre." (Carneiro Ribeiro)
- "Com papas e bolos se enganam os tolos." (Provérbio)
- "Clara era naquele tempo a fama de Dom Duarte de Menezes." (J. Freire)
- "Aberta em parte estava a porta." (A. Garrett)

4.1.3.8 Silepse ou concordância ideológica

Como o próprio nome já denuncia, é uma concordância efetuada não com o termo, mas com a ideia transmitida pelo termo. É preciso ter em mente que, em português, a concordância padrão se dá com o núcleo do sujeito expresso ou implícito. Na silepse, essa concordância é efetuada com o "espírito", com a ideia do termo. Há três tipos de silepse: de **gênero**, de **número** e de **pessoa**. Vamos a elas:

a) **Silepse de gênero:** a concordância é feita com o gênero do termo a que se refere e não com o termo em si. Observe:

- Vossa Excelência é muito justo e generoso.

⇨ **Observação:**

Perceba como os adjetivos não concordam com o pronome de tratamento "Vossa Excelência", mas sim com a ideia de que o pronome de tratamento se refere a um ser masculino.

- De longe, viu o seu **amor**, **vestida** de véu e grinalda. (amor = mulher,

esposa)

- A **criança** voltou às aulas, mas a professora não podia com **ele**.
- A **testemunha** prestou depoimento e estava **preocupado** com a possibilidade de haver uma acareação entre **ele** e o réu do processo.

a) **Silepse de número:** a concordância é feita com o número (singular ou plural) que é transmitido pela ideia do termo, e não com o número (singular ou plural) real do termo.

- "Das ovelhas **a maior parte** ao desamparo dos pegureiros **se perderam**." (Lobo *apud* Carneiro Ribeiro)
- "Estavam pegados com ele uma infinidade de homens." (Fr. Luís de Souza)
- "Logo outro dia ao romper da alva se abalou **o exército**, ao som de muitos instrumentos bélicos, e chegando aos muros, **começaram** em torno da fortaleza a arvorar escadas." (J. Freire)
- "**Povoavam** os degraus **muita sorte de gente**." (Mário Barreto)

⇨ **Observação:**

Haverá também silepse de número quando os pronomes "nós" e "vós" forem empregados por "eu" e "tu", isto é, quando se emprega o plural de modéstia. Nesse caso, o predicativo poderá concordar no singular com a ideia do singular. Veja:

- "Antes <u>sejamos</u> **breve** que **prolixo**." (J. de Barros)
- "Apesar da benevolência com que <u>fomos</u> **acolhido**, disseram-nos que..." (J. de Castilho)
- "**Chegado**, porém, à conclusão deste livro, <u>por-lhe-emos</u> remate com uma reflexão." (A. Herculano *apud* Eduardo C. Pereira)

c) **Silepse de pessoa:** a concordância é feita com a pessoa que se

tem em mente, e não com a pessoa (1.ª, 2.ª ou 3.ª) na qual o termo efetivamente se encontra.

- Os brasileiros (3.ª pessoa) em geral somos (1.ª pessoa) pessoas cordiais.
- "Dizem que os cariocas somos pouco dados aos jardins públicos." (Machado de Assis)
- "E os dois, ali no quarto, picamos em mil pedaços as trezentas páginas do livro." (Paulo Setúball *apud* Jorge Miguel)
- "Senhor, os que somos de terra deixamos repouxar os navegantes." (Fr. Luís de Souza *apud* Artur de A. Torres)

4.1.3.9 Anáfora

Do ponto de vista da retórica, a anáfora consiste na repetição de uma mesma palavra, de um mesmo vocábulo no início de cada oração, de cada período ou de cada verso de uma composição.

- "Quem, senão ela, há de expulsar do templo o renegado, o blasfemo, o profanador, o simoníaco? Quem, senão ela, exterminar da ciência o apedeuta, o plagiário, o charlatão? Quem, senão ela, banir da sociedade o imoral, o corruptor, o libertino? Quem, senão ela, ..." (Rui Barbosa)
- "Com o tempo o prado verde reverdece,
  Com o tempo cai a folha ao bosque umbroso.
  Com o tempo pára o rio caudaloso,
  Com o tempo o campo pobre se enriquece." (Camões)
- "Vi os navios irem e voltarem.
  Vi os infelizes irem e voltarem.
  Vi os homens obesos dentro do fogo.
  Vi ziguezagues na escuridão." (Jorge de Lima *apud* Roberto M. Mesquita)

4.1.3.10 Anacoluto

Gramaticalmente falando, o anacoluto nada mais é do que “uma frase quebrada”, isto é, uma construção interrompida e depois retomada com outra estrutura. Com esta quebra, um dos termos da estrutura oracional geralmente acaba sem função sintática.

Convém aqui reproduzir a definição de um dos nossos maiores mestres, o professor Augusto Epifânio da Silva Dias: “A anacolutia consiste em uma ou mais palavras do princípio de uma oração não se ligarem ao que vem depois, segundo as regras da sintaxe.”

O tipo mais frequente de anacoluto é aquele em que um elemento parece que vai ser sujeito da oração e acaba sem função sintática.

Vamos aos exemplos (grifamos os termos que ficaram sem função sintática no período, o que reflete o anacoluto).

- O João Paulo, parece que as coisas não lhe correm bem.
- “As outras, que as asas do anjo Azrael se estendam sobre os seus cadáveres.” (A. Herculano)
- “Tua mãe, não há idade nem desgraça que lhe amolde a índole rancorosa.” (Camilo C. Branco)
- “A velha hipocrisia, recordo-me dela com vergonha.” (Camilo C. Branco)
- A terra em que tu morreres, nessa morrerei.” (Pe. Antônio Pereira *apud* Eduardo C. Pereira)
- Os três reis orientais, que vieram adorar o Filho de Deus recém-nascido em Belém, é tradição da igreja que um era preto.” (Pe. Antônio Vieira *apud* Eduardo C. Pereira)

⇨ Observação final sobre o anacoluto:

Observe como os termos grifados encontram-se soltos dentro da estrutura oracional – nenhum deles se liga sintaticamente a outro. É justamente esse fenômeno, essa quebra que recebe o nome de

anacoluto. Para o ilustre Gramático Carlos Góis, “o anacoluto é uma das belezas mais ornamentais da língua. De geração espontânea na linguagem do povo, como o provam os adágios e rifões, os escritores e poetas mais autorizados acharam-lhe tal graça, tal efusão, que o transportaram, de flor popular e anônima, a flor de gala e louçania”.

4.1.3.11 Aliteração

Consiste na repetição intencional do mesmo som consonantal no início de dois ou mais vocábulos em imediata sucessão para imitar a realidade sonora de certos fenômenos ou para simplesmente conferir ênfase à estrutura. Observe:

- Em nossa viagem, passamos por uma terra feia, fria, mas farta.
- Fumo e fogo resfolga a férrea máquina.
- “Pedro pedreiro penseiro esperando o trem.” (Chico Buarque)

4.1.3.12 Repetição

Consiste na repetição das mesmas palavras ou locuções. Esta figura revela que o espírito do escritor se encontra repleto da ideia que o absorve e fortemente o empolga.

- “Abri, abri estas entranhas, vede, vede este coração.” (Pe. Antônio Vieira)
- “Fora, fora com essas velhices.” (Fr. Luís de Souza)

4.2 VÍCIOS DE LINGUAGEM

Em contraposição às figuras de linguagem, que dão à fala e à escrita graça e elegância, encontramos os vícios de linguagem, os quais são deturpações que a língua sofre em sua pronúncia ou em sua escrita por desconhecimento ou descuido de quem fala.

Quem fala deve sempre prezar por uma linguagem pura, correta e clara. A **pureza** consiste no emprego de palavras e expressões autorizadas pela história da língua e pelo uso dos que melhor falam. Já a **correção** significa a elaboração de construções oracionais e frásticas em conformidade com as regras da sintaxe. E finalmente a **clareza** consiste em empregar palavras e construir frases, cujo sentido facilmente se compreende. Aquele que desrespeita essas virtudes textuais incorre, portanto, nos vícios da linguagem.

Os principais vícios de linguagem são: barbarismo, solecismo, ambiguidade, cacofonia, estrangeirismo, colisão, eco, arcaísmo e hiato.

4.2.1 BARBARISMO

Barbarismo (também chamado de "peregrinismo") é o emprego de termos estranhos à língua, quer na forma, quer na sua ideia. Em outras palavras, ocorre barbarismo quando se escrevem ou se pronunciam, de forma incorreta, certos vocábulos, ou ainda quando se empregam vocábulos num sentido diverso do que realmente ele representa.

Vejamos alguns exemplos de barbarismos:

- advinhar → por "adivinhar"
- mendingo → por "mendigo"
- mantêga → por "manteiga"
- adevogado → por "advogado"
- sastifeito → por "satisfeito"
- abandonado → por "dissoluto"
- seje → por "seja"
- preguntar → por "perguntar"
- fácio → por "fácil"
- rúbrica → por "rubrica"
- bizarro → por "esquisito"
- brusco → por "precipitado"

4.2.2 SOLECISMO

Genericamente falando, solecismo é qualquer erro de sintaxe. Tal erro pode ser de concordância, de regência ou de colocação pronominal. Vejamos alguns solecismos comuns:

- Eu lhe vi ontem no shopping. → em vez de: "Eu o vi ontem no

shopping.”

- Vamos todos assistir o jogo agora. → em vez de: “Vamos todos assistir ao jogo agora.”
- Não fazei mal aos animais. → em vez de: “Não façais mal aos animais.”
- Houveram muitos problemas no processo. → em vez de: “Houve muitos problemas no processo”.
- Incendiou-se a casa que eu morei nela. → em vez de: “Incendiou-se a casa em que eu morei.”
- Me disseram que ela não virá hoje. → em vez de: “Disseram-me que ela não virá hoje.”
- Fomos na cidade hoje pela manhã. → em vez de: “Fomos à cidade hoje pela manhã.”

4.2.3 AMBIGUIDADE (ANFIBOLOGIA OU PLEONASMO VICIOSO)

Ocorre quando uma frase apresenta sentido duplo ou duvidoso, ou seja, quando não se consegue chegar ao sentido exato da frase por apresentar mais de uma interpretação, mais de um sentido. Vejamos alguns exemplos:

- Mãe procura filho sequestrado pela internet. → (Não se sabe se a mãe o procura pela internet ou se o filho foi sequestrado pela internet)
- Regressou a Brasília depois de uma cirurgia, com cerimonial de Chefe de Estado. → (Não se sabe se o cerimonial foi para a cirurgia ou para o regresso)
- O policial prendeu o ladrão em sua casa. → (Não se sabe se foi na casa do ladrão ou na casa do policial)
- O amor de minha mãe me fortalece. → (Não se sabe se a mãe é amada ou se ela ama, ou seja, não se sabe se ela é agente ou paciente do amor)

- O bom rei ama o povo. → (Não se sabe quem é o sujeito da oração: “o bom rei” ou “o povo”)

4.2.4 CACOFONIA OU CACÓFATO

Consiste no encontro de palavras que formem outra de sentido torpe, ridículo ou desagradável. Em algumas situações, a cacofonia é resultante da junção da sílaba terminal de um vocábulo com a palavra ou parte da palavra imediata.

Convém aqui citar o mestre M. Said Ali, para quem “a cacofonia é o encontro de sílabas em que a malícia descobre um novo termo com sentido torpe ou ridículo”.

Vejamos alguns exemplos:

- “Alma minha gentil que te partiste”. (Camões)
- Por ser tão tarde, vou-me já.
- A boca dela está suja.
- Distribuiremos um por cada visitante.
- Meu coração por ti gela.
- Ele só possui uma mão.
- Ele nunca agiu como elas.

4.2.5 ESTRANGEIRISMO

Consiste no emprego abusivo de palavras estrangeiras quando há, no idioma pátrio, vocábulo próprio para a situação. Como os estrangeirismos provêm de línguas diversas, alguns autores preferem as denominações “galicismos (provenientes do francês), anglicismos (provenientes do inglês) e germanismos (provenientes do alemão)”. Observe alguns:

- **delivery** → por “entrega”
- **meeting** → por “encontro”
- **sale** → por “promoção”
- **feed back** → por “retorno”

- **pic-nic** → por “piquenique”
- **buquet** → por “buquê”
- **chofer** → por “motorista”
- **performance** → por “desempenho”

4.2.6 COLISÃO

Consiste no emprego desagradável de um som consonantal idêntico.

- Vimos um jardim com ro**s**a**s** **s**eca**s**, **s**erena**s** e **s**em **s**emente**s**.
- Não **s**abemos **s**e **s**erão **s**ervida**s** fruta**s** **s**eca**s** nas cerimônia**s**.
- O silêncio da noite era interrom**p**ido **p**elo **p**io do **p**into agourento.

4.2.7 ECO

É a repetição desagradável de fonemas vocálicos no final das palavras, fazendo-as rimar. Observe:

- Neste momento, eu tive um aumento no meu vencimento.
- O instrumento de casamento do sargento ficou no convento no largo de São Bento.
- É sempre válida a disposição para a criação de uma fundação que tenha por função a proteção do cidadão.

4.2.8 ARCAÍSMO

Consiste no emprego de vocábulos ou expressões que são antiquados ou que já caíram em desuso.

- vosmecê → em vez de “você”
- cachete → em vez de “comprimido”
- cristaleira → em vez de “estante”
- velida → em vez de “bela”

- coita → em vez de “dor, aflição”
- bofé → em vez de “boa-fé”

4.2.9 HIATO

Consiste na dissonância produzida pelo encontro de vogais idênticas e sucessivas, especialmente quando se trata de vogais abertas.

- Perdeu-**o o** homem que estava à beira da morte.
- Só vou **à a**ula amanhã de manhã.
- Imperfeição como esta não **a há** nos clássicos.

⇨ **Observação:**

Cumpre dizer que “colisão”, “eco” e “hiato” deixam de constituir vícios de linguagem quando intencionalmente empregados para efeito estilístico.

4.3 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (CESGRANRIO) “A política é a higiene dos países moralmente sadios. A politicalha, a malária dos povos de moralidade estragada.”

   As figuras de estilo identificáveis nesse contexto são:

   a) hipérbole e anacoluto.
   b) metáfora e anacoluto.
   c) metonímia e zeugma.
   d) metonímia e hipérbole.
   e) metáfora e zeugma.

2. (UNITAU) Na frase “... consumo das significações no SEIO da

comunicação social...", a palavra em destaque é, no plano semântico e estilístico,

a) denotação e paradoxo.
b) conotação e sinédoque.
c) denotação e pleonasmo.
d) conotação e catacrese.
e) conotação e antítese.

3. (CESGRANRIO) Observe os períodos abaixo:

1 – "Vontade de beijar os olhos de minha pátria
De niná-la, de passar-lhe a mão pelos cabelos".

2 – "Pátria, eu semente que nasci do vento
Eu que não vou e não venho, eu que permaneço".

A partir dos exemplos 1 e 2, indique as respectivas figuras de linguagem:

a) prosopopeia – aliteração.
b) metáfora – gradação.
c) hipérbole – antítese.
d) aliteração – personificação.
e) metonímia – assíndeto.

4. (FAAP) "De repente do riso fez-se o pranto".

Observe que as palavras RISO e PRANTO, nesse soneto, ultrapassam a simples representação mental correspondente a cada um dos signos; convertem-se na significação mesma da alegria ou da felicidade e da tristeza ou da situação infeliz. Trata-se de uma figura de linguagem que consiste na ampliação da área de significação de uma palavra usada em lugar de outra, com apoio numa relação de coexistência ou contiguidade, ou seja:

a) silepse
b) pleonasmo

c) anacoluto
d) metonímia
e) prosopopeia

5. (FAAP) “Silencioso e branco como a bruma”.

À repetição das mesmas consoantes em BRANCO e BRUMA em busca da sonoridade, dá-se o nome:

a) assonância
b) aliteração
c) eco
d) trocadilho
e) pleonasmo

6. (FATEC) “Seus óculos eram imperiosos.”

Assinale a alternativa onde aparece a mesma figura de linguagem que há na frase acima:

a) “As cidades vinham surgindo na ponte dos nomes.”
b) “Nasci na sala do terceiro ano.”
c) “O bonde passa cheio de pernas.”
d) “O meu amor, paralisado, pula.”
e) “Não serei o poeta de um mundo caduco.”

7. (FEI) Assinalar a alternativa correta, correspondente às figuras de linguagem, presentes nos fragmentos a seguir:

I. “Não te esqueças daquele amor ardente que já nos olhos meus tão puro viste.”

II. “A moral legisla para o homem; o direito, para o cidadão.”

III. “A maioria concordava nos pontos essenciais; nos pormenores porém, discordavam.”

IV. “Isaac a vinte passos, divisando a vulto de um, pára, ergue a mão em viseira, firma os olhos.”

a) anacoluto, hipérbato, hipálage, pleonasmo
b) hipérbato, zeugma, silepse, assíndeto
c) anáfora, polissíndeto, elipse, hipérbato
d) pleonasmo, anacoluto, catacrese, eufemismo
e) hipálage, silepse, polissíndeto, zeugma

8. (FEI) Assinalar a alternativa que contém as figuras de linguagem correspondentes aos períodos a seguir:

I. "Está provado, quem espera nunca alcança".
II. "Onde queres o lobo sou o irmão".
III. Ele foi discriminado por sofrer de uma doença contagiosa muito falada atualmente.
IV. Ela quase morreu de tanto estudar para o vestibular.

a) ironia – antítese – eufemismo – hipérbole
b) eufemismo – ironia – hipérbole – antítese
c) antítese – hipérbole – ironia – eufemismo
d) hipérbole – eufemismo – antítese – ironia
e) ironia – hipérbole – eufemismo – antítese

9. (FEI) Assinalar a alternativa que apresenta o vício de linguagem conhecido como solecismo:

a) Não podemos adiar a viagem para depois.
b) Ele entrou de sócio no clube.
c) Fazem dois anos que trabalho aqui.
d) É louvável a fé de teu time.
e) Ele assistiu ao incêndio do prédio.

10. (FUVEST) A prosopopeia, figura que se observa no verso "Sinto o canto da noite na boca do vento", ocorre em:

a) "A vida é uma ópera e uma grande ópera."

b) “Ao cabo tão bem chamado, por Camões, de Tormentório, os portugueses apelidaram-no de Boa Esperança.”

c) “Uma talhada de melancia, com seus alegres caroços.”

d) “Oh! eu quero viver, beber perfumes,
Na flor silvestre, que embalsama os ares.”

e) “A felicidade é como a pluma...”

GABARITO

1 – E	2 – D	3 – A
4 – D	5 – B	6 – C
7 – B	8 – A	9 – C
10 – C		

BIBLIOGRAFIA – CONTEÚDO GRAMATICAL

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. 5. ed. São Paulo: Global, 2009.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Dicionário de questões vernáculas*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1996.

_____. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 41. ed. São Paulo: Saraiva, 1997.

ALI, M. Said. *Dificuldades da língua portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Livraria Acadêmica, 1957.

_____. *Gramática elementar da Língua Portuguesa*. 9. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1966.

_____. *Gramática secundária da Língua Portuguêsa*. 7. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1966.

_____. *Investigações filológicas.* 3. ed.. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

ALVES, Ieda Maria. *Neologismo* – Criação lexical. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994.

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.

BARRETO, Mário. *Através do dicionário e da gramática*. 4. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1986.

_____. *De gramática e de linguagem*. 3. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1982.

_____. *Novíssimos estudos da Língua Portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1980.

_____. *Novos estudos da Língua Portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1980.

_____. *Últimos estudos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1986.

BECHARA, Evanildo. *Lições de português pela análise sintática*. 17. ed.

Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

_____. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

_____ (org.) et al. *Na ponta da língua.* 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. v. 5.

_____. *Na ponta da língua.* 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. v. 6.

_____. *Na ponta da língua.* 1. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. v. 7.

BRANDÃO, Cláudio. *Sintaxe clássica portuguesa*. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade de Minas Gerais, 1963.

BRUNO, Aníbal. *Língua Portuguesa – Gramática e Exercícios*. 28. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1948.

_____. *Nova Gramática da Língua Portuguesa*. 1. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1971.

BUENO, Silveira. *Gramática normativa da Língua Portuguêsa*. 7. ed. São Paulo: Saraiva, 1968.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de lingüística e gramática*. 18. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

CARONE, Flávia de Barros. *Morfossintaxe*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1995.

_____. *Subordinação e coordenação*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1993.

CARVALHO, Alfredo de. *Dicionário de regência nominal portuguesa*. 1. ed. Belo Horizonte: Garnier, 2007.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

_____. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 46. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.

CHEDIAK, Antônio J. *Análise sintática*. 1. ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1955.

CUNHA, Celso e CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007.

CUNHA, J. Alcides. *Método de análise sintática*. 14. ed. Rio de Janeiro:

Globo, 1955.

DIAS, Augusto Ephiphanio da Silva. *Syntaxe histórica portuguesa*. 1. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1918.

ELIA, Hamilton. *Prática da análise sintática*. 9. ed. Rio de Janeiro: J. Ozon Editor, 1966.

ELIA, Hamilton e ELIA, Sílvio. *100 textos errados e corrigidos*. 26. ed. Francisco Alves, 1979.

ELIA, Silvio (org.) et al. *Na ponta da língua.* 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000. v. 1.

FARACO, Carlos Emílio e MOURA, Francisco Marto. *Língua e literatura.* 18. ed. São Paulo: Ática, 1997. v. 3.

FERNANDES, Francisco. *Dicionário de regimes de substantivos e adjetivos*. 26. ed. São Paulo: Globo, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário de verbos e regimes.* 44. ed. São Paulo: Globo, 2003.

_____. *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio*. 4. ed. Editora Positivo.

FIGUEIREDO, Cândido de. *Gramática sintética da língua portuguesa*. 8. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1961.

_____. *O que se não deve dizer.* 7. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1953. v. I.

_____. *O que se não deve dizer.* 6. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1953. v. II.

_____. *O que se não deve dizer.* 3. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1927. v. III.

GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna*. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1974.

GÓIS, Carlos. *Gramática expositiva primária*. 5. ed. Belo Horizonte: Oliveira, Costa e Cia Oficinas Gráficas, 1934.

_____. *Methodo de analyse*. 9. ed. Rio de Janeiro: Oficina gráfica Renato Americano, 1936.

_____. *Sintaxe de regência*. 4. ed. Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves, 1938.

_____. *Syntaxe de concordância*. 6. ed. Rio de Janeiro: Oficina

gráfica Renato Americano, 1935.

GOMES, Dr. Alfredo. *Grammatica Portugueza*. 20. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1930.

GOTARDELO, Augusto. *A crase nos bons escritores*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Dois Irmãos Ltda., 1983.

GRAÇA, Heráclito. *Fatos da linguagem.* 3. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa.* 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KURY, Adriano da Gama. *Novas lições de análise sintática*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1993.

_____ et al. *Gramática objetiva da língua portuguesa* – sintaxe. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1977.

LEME, Odilon Soares. *Tirando dúvidas de português*. 1. ed. São Paulo: Ática, 1992.

LIMA, Carlos Henrique da Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 31. ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1992.

_____. *Teoria da análise sintática*. 3. ed. Rio de Janeiro: Acquarone, 1956.

LUFT, Celso Pedro. *A vírgula*. 1. ed. São Paulo: Ática, 1996.

_____. *Decifrando a crase*. São Paulo: Globo, 2005.

_____. *Dicionário prático de regência nominal*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005.

_____. *Dicionário prático de regência verbal*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1997.

_____. *Moderna gramática brasileira*. 1. ed. São Paulo: Globo, 2006.

_____. *Novo guia ortográfico*. 1. ed. São Paulo: Globo, 1996.

MATEUS, Maria Helena Mira et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. 7. ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.

MAURER JR., Theodoro Henrique. *O infinito flexionado português*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1968.

MELO, Gladstone Chaves de. *Gramática fundamental da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Ao Livro Técnico, 2001.

_____. *Novo manual de análise sintática*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Livraria Acadêmica, 1971.

_____ (org.) et al. *Na ponta da língua.* 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000. v. 2.

_____. *Na ponta da língua.* 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000. v. 3.

MELO, J. Nelino. *Análise sintática*. 1. ed. Rio de Janeiro: Melso Soc. Anônima, 1964.

_____. *Estudos práticos de gramática normativa da língua portuguesa.* 2.ed. Rio de Janeiro: Bruno Buccini Editor, 1968.

MESQUITA, Roberto Melo. *Gramática da Língua Portuguesa*. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 1996.

MIGUEL, Jorge. *Curso de língua portuguesa*. 1. ed. São Paulo: Harbra, 1989.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário de dúvidas e dificuldades do idioma nacional*. 3. ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1952.

_____. *O idioma nacional*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Livraria Acadêmica, 1960.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. 1. ed. São Paulo: Unesp, 2000.

_____. *Guia de uso do português*. 1. ed. São Paulo: Unesp, 2003.

OITICICA, José. *Manual de análise léxica e sintática*. 10. ed. refundida. Rio de Janeiro: Editora Paulo de Azevedo Ltda., 1953.

OLIVEIRA, Cândido de. *Análise sintática* – Manual prático. 7. ed. São Paulo: Editora Gráfica Biblos Ltda.

PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramática expositiva*. 109. ed. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1958.

PERINI, Mário A. *Gramática descritiva do português*. 3. ed. São Paulo; Ática, 1998.

RIBEIRO, Ernesto Carneiro. *Serões Grammaticaes*. 6. ed. Bahia: Livraria Progresso Editora, 1956.

RIBEIRO, João. *Grammatica Portugueza*. 34. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1920.

SACCONI, Luiz Antonio. *Dicionário de dúvidas, dificuldades e*

curiosidades da língua portuguesa. 1. ed. São Paulo, 2005.

_____. *Nossa gramática contemporânea*. 1. ed. São Paulo: Editora Escala Educacional, 2006.

SILVEIRA, Souza da. *Lições de português*. 9. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1983.

_____. *Sintaxe da preposição "de"*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1951.

_____. *Trechos seletos*. 8. ed. Rio de Janeiro: F. Briguiet e Cia Editores, 1966.

SAVIOLI, Francisco Platão. *Gramática em 44 lições*. 14. ed. São Paulo: Ática, 1998.

TERRA, Ernani. *Curso prático de gramática*. 4. ed. São Paulo: Scipione, 2002.

TÔRRES, Artur de Almeida. *Moderna gramática expositiva da língua portuguesa.* 14. ed. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1962.

Rodrigo Bezerra

Nova Gramática da LÍNGUA PORTUGUESA para Concursos

7.ª edição
Revista e atualizada

- Abordagem profunda e didática
- Plano de estudos e dicas sobre os temas mais cobrados em concursos
- Questões de concursos com gabarito ao final dos capítulos
- Obra em conformidade com o Novo Acordo Ortográfico

gen | EDITORA MÉTODO

Nova Gramática da **LÍNGUA PORTUGUESA** para Concursos

abdr
Respeite o direito autoral

O GEN | Grupo Editorial Nacional reúne as editoras Guanabara Koogan, Santos, Roca, AC Farmacêutica, Forense, Método, LTC, E.P.U. e Forense Universitária, que publicam nas áreas científica, técnica e profissional.

Essas empresas, respeitadas no mercado editorial, construíram catálogos inigualáveis, com obras que têm sido decisivas na formação acadêmica e no aperfeiçoamento de várias gerações de profissionais e de estudantes de Administração, Direito, Enfermagem, Engenharia, Fisioterapia, Medicina, Odontologia, Educação Física e muitas outras ciências, tendo se tornado sinônimo de seriedade e respeito.

Nossa missão é prover o melhor conteúdo científico e distribuí-lo de maneira flexível e conveniente, a preços justos, gerando benefícios e servindo a autores, docentes, livreiros, funcionários, colaboradores e acionistas.

Nosso comportamento ético incondicional e nossa responsabilidade social e ambiental são reforçados pela natureza educacional de nossa atividade, sem comprometer o crescimento contínuo e a rentabilidade do grupo.

Rodrigo Bezerra

Nova Gramática da **LÍNGUA PORTUGUESA** para Concursos

7.ª edição
Revista e atualizada

gen | EDITORA MÉTODO
SÃO PAULO

A EDITORA MÉTODO se responsabiliza pelos vícios do produto no que concerne à sua edição (impressão e apresentação a fim de possibilitar ao consumidor bem manuseá-lo e lê-lo). Nem a editora nem o autor assumem qualquer responsabilidade por eventuais danos ou perdas a pessoa ou bens, decorrentes do uso da presente obra.

Todos os direitos reservados. Nos termos da Lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive através de processos xerográficos, fotocópia e gravação, sem permissão por escrito do autor e do editor.

Impresso no Brasil – *Printed in Brazil*

Direitos exclusivos para o Brasil na língua portuguesa
Copyright © 2015 *by*

EDITORA MÉTODO LTDA.
Uma editora integrante do GEN | Grupo Editorial Nacional
Rua Dona Brígida, 701, Vila Mariana – 04111-081 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 5080-0770 / (21) 3543-0770 – Fax: (11) 5080-0714
metodo@grupogen.com.br | www.editorametodo.com.br

O titular cuja obra seja fraudulentamente reproduzida, divulgada ou de qualquer forma utilizada poderá requerer a apreensão dos exemplares reproduzidos ou a suspensão da divulgação, sem prejuízo da indenização cabível (art. 102 da Lei n. 9.610, de 19.02.1998).

Quem vender, expuser à venda, ocultar, adquirir, distribuir, tiver em depósito ou utilizar obra ou fonograma reproduzidos com fraude, com a finalidade de vender, obter ganho, vantagem, proveito, lucro direto ou indireto, para si ou para outrem, será solidariamente responsável com o contrafator, nos termos dos artigos precedentes, respondendo como contrafatores o importador e o distribuidor em caso de reprodução no exterior (art. 104 da Lei n. 9.610/98).

Capa: Stephanie Rodrigues Matos
Produção digital: Geethik

CIP – Brasil. Catalogação-na-fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Bezerra, Rodrigo

Nova gramática da língua portuguesa para concursos / Rodrigo Bezerra. – 7.ª ed. – Rio de Janeiro : Forense ; São Paulo : Método, 2015.

Inclui bibliografia
ISBN 978-85-309-6107-7

1. Língua portuguesa - Gramática. 2. Língua portuguesa - Gramática - Problemas, questões, exercícios. 3. Serviço público - Brasil - Concursos. I. Título.

10-2768.

CDD: 469.5
CDU: 811.134.336

Ao Deus, a Quem eu sirvo, e à minha querida mãe,
Maria Luzinete, meus agradecimentos.

À minha amada Ana Cláudia e à minha pérola Esther,
esposa e filha, dedico as próximas páginas
com todo o meu amor.

LÍNGUA PORTUGUESA

Última flor do Lácio, inculta e bela,
És, a um tempo, esplendor e sepultura:
Ouro nativo, que na ganga impura
A bruta mina entre os cascalhos vela...

Amo-te assim, desconhecida e obscura,
Tuba de alto clangor, lira singela,
Que tens o trom e o silvo da procela,
E o arrolo da saudade e da ternura!

Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,

Em que da voz materna ouvi: “meu filho!”
E em que Camões chorou, no exílio amargo,
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!

Olavo Bilac

EXCELÊNCIAS DA LÍNGUA PORTUGUÊSA

E que esplêndida língua o Brasil nos deve! Tôdas as raças que passaram por este canto da terra, aqui deixaram a flor e o ideal da sua alma. Desde a povoação céltica e a colonização grega, de que tantos vestígios restam ainda nas nossas províncias do norte, até à invasão dos árabes que envolveram tôda a civilização da península numa etérea poeira de luz e oiro – as imigrações sucessivas e as conquistas supervenientes contribuíram, tôdas à formação desta língua admirável que, sob muitos aspectos, não tem superior no mundo.

Serve a tudo: à epopéia e ao idílio, à lamentosa elegia e ao cântico de guerra.

Passada pelas cordas duma lira, é suave e doce como a voz do amor; assoprada na tuba épica, é vibrante, sonora e grandiosa ou terrível segundo os têrmos que versa, as ações que canta ou os heróis que celebra.

O sol doura-a, ilumina-a, aquece-a; e a nossa paisagem, tão variada e linda, tão florida e perfumada, reflete nela como na superfície clara dos nossos rios, e nas ondas, de tanta côr, que o mar estende por essas praias. Transladada ao sul da América, não perdeu o caráter grave, nem a têmpera máscula, nem o tom de funda, indefinível melancolia que lhe imprimiu a esforçada e trágica aventura de nossos avós; e ainda adquiriu preciosos elementos de encantadora suavidade, de frouxa, dolente e maviosa ternura.

Antônio Cândido – *Discursos*.
Apud Antenor Nascentes, 1960.

Material Suplementar

Este livro conta com Caderno de Questões Digital.

O acesso ao material suplementar é gratuito, bastando que o leitor se cadastre em: http://gen-io.grupogen.com.br

GEN | Informação Online

GEN-IO (GEN | Informação Online) é o repositório de materiais suplementares e de serviços relacionados com livros publicados pelo GEN | Grupo Editorial Nacional, maior conglomerado brasileiro de editoras do ramo científico-técnico-profissional, composto por Guanabara Koogan, Santos, Roca, AC Farmacêutica, Forense, Método, LTC, E.P.U. e Forense Universitária. Os materiais suplementares ficam disponíveis para acesso durante a vigência das edições atuais dos livros a que eles correspondem.

COMO ESTUDAR ESTE LIVRO? ALGUMAS ORIENTAÇÕES...

Durante meus longos anos como professor, uma das perguntas mais frequentes sempre foi (e ainda é) “por onde eu começo, professor?”. Há outras que, menos frequentes, de vez em quando surgem nas salas de aula pelo país afora: “Quais os assuntos mais importantes?” “O que eu preciso decorar para o concurso, professor?” De fato, são perguntas dos que sentem o peso e a importância de uma matéria que sempre foi objeto de estudo desde os tempos mais tenros da nossa existência, mas que – para muitos – ainda hoje constitui um obstáculo, uma incógnita, uma grande dificuldade.

Por conta desses alunos e mesmo dos que já possuem um bom conhecimento em nossa língua, ousei – com toda a humildade – criar um plano de estudos para orientá-los nessa jornada. Saliento que esse plano está baseado em minha experiência pessoal (usei o pleonasmo de forma intencional) como professor, educador e preparador de candidatos para a carreira pública. Procurei contemplar, em nosso plano de estudos, os assuntos mais importantes para um concurso público. Obviamente, outros assuntos, não abordados em nosso plano de estudos, poderão aparecer no edital. Procure estudá-los concomitantemente aos assuntos principais.

Em qualquer caso, sugiro que de antemão converse com o seu professor. Peça também a ele uma orientação, pois certamente é ele quem melhor o conhece e sabe o que é melhor para você. Discuta com ele o nosso plano de estudos. E aceite – sem reservas – as orientações do seu mestre. Ele fará o melhor por você – esteja certo disso.

Para os que há muito não estudam a nossa língua portuguesa, é preciso “começar pelo começo”. Não tente estudar assuntos como “concordância, regência, crase” sem antes ter uma boa base em sintaxe de oração, por exemplo. Não pule a sequência. Quem estuda, por exemplo, sintaxe do período composto sem antes estudar a sintaxe do período simples, ou crase antes de regência, não compreende a lógica da gramática e provavelmente obterá poucos ganhos em sua empreitada. Portanto, vá com calma. A absorção dos conteúdos gramaticais requer tempo. Ademais, o conhecimento “amadurece” em momentos diferentes em cada estudante. Logo, não se desespere. Acredite em você. Faça a sua parte: estude bastante.

Para os mais experientes, aqueles que já vêm estudando a nossa língua portuguesa há mais tempo, sugiro que partam para os conteúdos mais densos. Indubitavelmente, esses assuntos se encontram em sintaxe – oração, período, concordância, regência, crase, colocação pronominal, pontuação. Observem os detalhes e os exemplos com atenção; e, lógico, não se esqueçam de resolver as questões. Sempre obtenham as provas da banca que preparará o seu concurso. Resolvam-nas. Procurem traçar um perfil da banca. Tentem perceber os assuntos mais cobrados, pois as bancas tendem a repeti-los em certames posteriores.

Para os que nutrem por nossa língua uma grande ojeriza (aversão, pavor, antipatia) –

há até os que odeiam a nossa língua portuguesa –, sugiro que a estudem aos poucos. Identifiquem a matéria de que vocês mais gostam e procurem associar o estudo desta disciplina ao estudo da nossa língua portuguesa. Como assim? Antes de se deleitar com a matéria que você ama, estude cerca de 30 minutos da nossa língua portuguesa. Mas faça isso nos três turnos: manhã, tarde e noite. Ao final de um dia, você "engoliu" cerca de uma hora e meia de conteúdo gramatical. Com o passar do tempo, essa forma de estudar a nossa língua ficará muito mais simples e se tornará – creio eu – prazerosa. Traduzindo: dê a você "gotas" diárias de conteúdo gramatical e em breve estará curado de seus problemas com a gramática.

Então, mãos à obra! Não há tempo a perder!

Um grande abraço.

Professor Rodrigo Bezerra

PLANO DE ESTUDOS – LÍNGUA PORTUGUESA

ASSUNTO	ESTUDEI EM (data)	REVISEI EM (data)	RELI EM (data)	RESOLVI EXERCÍCIOS SOBRE O ASSUNTO EM (data)
I – Fonética				
1. Fonética e fonologia				
Considerações: É uma parte da gramática normativa geralmente explorada por concursos em nível médio. Portanto, não perca muito tempo tentando decorar, por exemplo, a classificação das vogais e das consoantes, pois é o tipo de conhecimento que raramente é cobrado em grandes concursos. Leia (rememore) sobre os encontros vocálicos, encontros consonantais, dígrafos e divisão silábica. Frequentemente uma boa leitura já garante um bom aprendizado.				
2. Ortografia oficial				
Considerações: É o tipo de assunto em que a "decoreba" pura e simples pouco resolve. Leia, leia e leia... Não só o assunto, mas tudo o que for proveitoso. Provavelmente você obterá bons resultados. Nesse meio, há, entretanto, um assunto de que você não pode se descuidar: emprego do hífen. Geralmente as bancas cobram esse conhecimento.				
3. Acentuação				
Considerações: É o primeiro assunto com que você deve realmente se preocupar um pouco, pois é recorrente nos concursos de todos os níveis. É preciso ficar atento às regras de acentuação das palavras oxítonas e paroxítonas. Tenha cuidado também com os hiatos. Com o Novo Acordo Ortográfico, vários acentos deixaram de existir. Portanto, tenha cuidado. Vale a pena reler o assunto assim que terminar de estudá-lo pela primeira vez.				
4. Significação das palavras				
Considerações: É um assunto frequentemente cobrado. Bastante tranquilo, você deverá relembrar a diferença entre homônimos e parônimos. Nada de desespero! O assunto é muito fácil. Certamente algumas leituras bastam para um bom aproveitamento.				
II – Morfologia				
1. Estrutura e formação de palavras				
Considerações: É um assunto exigido em alguns concursos. Portanto, antes de estudá-lo, verifique o seu edital. Quando é cobrado, as bancas geralmente se atêm aos processos de formação de palavras. Logo, estude com cuidado a "derivação, a composição e os outros processos de formação de palavras". Não gaste energia tentando decorar as tabelas com radicais, prefixos e sufixos gregos e latinos. Vale a pena, entretanto, ler a correlação entre os prefixos gregos e latinos.				
2. Substantivo				
Considerações: Não se preocupe tanto com alguns tópicos, como, por exemplo, as tabelas de coletivos e de				

gênero dos substantivos. Atenha-se a pontos como "caracterização do substantivo e plural dos substantivos compostos". Em gênero dos substantivos, apenas leia com atenção sobre os substantivos comuns de dois gêneros e os sobrecomuns. Se já estiver em condições, procure estudar as funções sintáticas que são próprias do substantivo.

3. Adjetivo				

Considerações: Não perca tempo em decorar as tabelas sobre as locuções adjetivas, os adjetivos pátrios e os adjetivos eruditos. Estude com afinco as considerações gerais sobre os adjetivos. Fique muito atento ao plural dos adjetivos compostos e, acima de tudo, estude várias vezes os graus do adjetivo – é um assunto recorrente nos concursos. Se estiver em condições, procure estudar o adjetivo em sua forma oracional – vá até o capítulo de sintaxe de oração e estude as orações adjetivas.

4. Artigo				

Considerações: É um assunto com que você não precisa se preocupar muito, pois as regras sobre o emprego dessa classe gramatical não são muito cobradas. Mas é preciso ler o assunto, notadamente os empregos particulares dos artigos definidos e indefinidos.

5. Numeral				

Considerações: Assunto raramente cobrado. Não gaste muitos esforços com este capítulo. Leia as regras que orientam o emprego dos numerais. Isto é suficiente.

6. Pronome				

Considerações: Eis um assunto que não dá para economizar – é um ponto-chave para o seu estudo. Aqui o segredo é estudar tudo. Uma dica: não se preocupe tanto em decorar as tabelas com os pronomes. Preocupe-se em entender o emprego deles. Há dois tipos de pronomes que são extremamente cobrados em certames pelo país afora: os pronomes pessoais e os pronomes relativos. Estude-os mais de uma vez. Fique atento também ao emprego dos pronomes indefinidos e demonstrativos.

7. Verbo				

Considerações: Eis outro assunto bastante longo, mas não se desespere tentando decorar tudo. As bancas costumam ser pontuais, ou seja, há pontos dos quais não dá para se descuidar. Um deles é o emprego dos tempos e modos verbais. É fundamental conhecer o emprego de cada modo e de cada tempo, tanto dos simples quanto dos compostos. Outro assunto muito cobrado são as correlações entre os tempos e os modos verbais. De resto, é essencial dominar os paradigmas de conjugação dos verbos – não se preocupe em decorar todas as conjugações. Procure entender os paradigmas de cada tempo verbal. Fique atento também à conjugação dos verbos defectivos. Frequentemente as bancas lançam mão desse tipo de conhecimento.

8. Advérbio				

Considerações: É um assunto que aparentemente não oferece perigos, mas não se engane: o advérbio é uma classe que provoca "confusões" em concordância nominal. Portanto, procure entendê-lo bem. Tente ler, mais de uma vez, as particularidades de alguns advérbios.

9. Conjunção				

Considerações: É um assunto que terá grande relevância na parte sintática quando se for estudar "sintaxe do período composto". Portanto, não dá para passar por cima. Mas também não se desespere. Não tente decorar todas as conjunções. Procure entender o "papel" delas. O ideal é fazer a conexão com a parte sintática (sintaxe do período composto). Sugiro que leia o assunto umas duas vezes e siga em frente. Quando for estudar "sintaxe do período composto", você deverá voltar a este assunto.

10. Preposição				

Considerações: Eis outro assunto que agora não nos oferece grandes desafios. Lembre-se, porém, de que a preposição será importantíssima para o estudo, em sintaxe, da predicação verbal e das regências verbal e nominal. Portanto, leia o assunto mais de uma vez. Entenda a razão de ser da preposição. O ideal é correlacionar este assunto com o estudo dos termos integrantes da oração e o estudo das regências verbal e nominal.

III – Sintaxe

Orientações gerais: Nesta parte, não dá para economizar: os assuntos são igualmente importantes. Fique atento às regras gerais e aos detalhes – use marca-texto. Leia tudo atentamente. Não pule a sequência, a não ser que esteja pressionado por um concurso de última hora – aqueles em que o candidato se matricula sem saber direito o porquê de ter se matriculado. Além do mais, não tente acelerar, pois aqui é mais importante aprofundar um assunto do que ter uma visão superficial sobre o todo.

1. Sintaxe de oração – Termos essenciais				

Considerações: Eis o que eu chamo de "assunto-chave" – é como um pré-requisito. Ele é a base para os demais assuntos. Aqui vale a máxima: quanto mais melhor. Estude tudo com afinco. E só mude quando se sentir seguro. Cuidado com o termo "sujeito" – ele deverá ser o seu ponto de partida. A partir dele, procure entender os demais termos da estrutura oracional. Há também um ponto-chave: transitividade verbal. É um conteúdo de que você muito precisará para entender outros assuntos. Conselho de amigo/professor: vale a pena estudar este capítulo várias vezes.

2. Termos integrantes da oração				

Considerações: É também um capítulo-chave. Há dois termos integrantes com os quais você precisa ter muito cuidado: objeto direto e complemento nominal. No entanto, nesse capítulo, há um ponto que necessita ser colocado na "corrente sanguínea": o estudo da voz passiva (transformação da ativa para a passiva e vice-versa) e do agente da passiva. É um ponto sempre cobrado pelas bancas organizadoras de concursos. Estude o assunto mais de uma vez.

3. Termos acessórios da oração				

Considerações: Mais uma vez, estamos diante de um capítulo que requer bastante atenção. Tenha cuidado com a distinção entre o adjunto adnominal e o complemento nominal – geralmente as bancas exigem este tipo de conhecimento. Não se descuide do aposto e do adjunto adverbial. Fique atento aos tipos de aposto. Por outro lado, não tente decorar todos os tipos de adjunto adverbial – procure, sim, entender o porquê de o termo ser classificado como adjunto adverbial.

4. Sintaxe do período composto				

Considerações: Se você compreendeu bem as funções sintáticas, certamente não terá problemas com este assunto. Nele você encontrará as mesmas funções sintáticas, exercidas agora por orações. Fique muito atento às orações subordinadas adverbiais. Elas são responsáveis pela maioria das questões. Não tente simplesmente decorar as conjunções – procure entender, acima de tudo, as relações estipuladas por elas.

5. Sintaxe de concordância				

Considerações: Vá com calma aqui. O assunto é muito extenso, mas não é difícil. O tamanho é que o faz difícil. Não se desespere com a quantidade de regras. Em geral, as bancas não costumam cobrar regras muito específicas. Em relação à concordância verbal, fique muito atento às seguintes normas: regra geral (aqui vale

a pena revisar a identificação do sujeito), concordância com o sujeito passivo (partícula apassivadora), emprego do "índice de indeterminação do sujeito", concordância com o sujeito partitivo e coletivo e emprego dos verbos impessoais (notadamente o verbo "haver" no sentido de "existir..."). Obviamente, todas as regras devem ser analisadas e estudadas. Ah, não se esqueça de estudar a concordância com o sujeito oracional, pois é um ponto bastante cobrado. Em relação à concordância nominal, cuidado com a concordância do adjetivo tanto com a função de adjunto adnominal quanto com a função de predicativo.				
6. Sintaxe de regência				
Considerações: Eis outro assunto bastante extenso e bastante importante. Primeiramente, sugiro que releia rapidamente o assunto "predicação verbal" em sintaxe de oração. É preciso também relembrar o termo "complemento nominal". Depois, siga a sequência do assunto (sintaxe de regência) que está na gramática. Há um ponto, entretanto, sobre o qual você precisa se debruçar mais de uma vez: emprego dos pronomes relativos e as regências verbal e nominal.				
7. Emprego do acento grave – Crase				
Considerações: Outro assunto muito importante. É preciso estudar tudo. Se já faz tempo que não vê o assunto, sugiro que estude antes os complementos verbais, o complemento nominal e os adjuntos adverbiais em sintaxe de oração. Ao estudar o emprego do acento grave (crase), fique bastante atento aos casos obrigatórios e facultativos. Ademais, leia várias vezes as situações em que o uso do acento grave não é autorizado (casos em que nunca ocorre a crase).				
8. Sintaxe de colocação pronominal				
Considerações: Fique tranquilo aqui, pois o assunto é bastante fácil. Sugiro que, antes, dê uma olhada, em morfologia, nos pronomes pessoais (retos e oblíquos). Quando iniciar o assunto de colocação pronominal, sempre revise as regras de atração do pronome oblíquo átono (casos de próclise), notadamente a próclise que se dá por causa das conjunções subordinativas e dos pronomes relativos. Leia com atenção sobre a colocação dos pronomes oblíquos nas locuções verbais.				
9. Emprego dos sinais de pontuação				
Considerações: Eis outro "assunto-chave". É preciso ter muito cuidado. Indubitavelmente a vírgula é o "grande desafio". Preocupe-se com as regras de pontuação dos adjuntos adverbiais, das orações subordinadas adverbiais e adjetivas explicativas, das orações coordenadas sindéticas e das orações reduzidas. Procure correlacionar o emprego da vírgula com o emprego do travessão e dos parênteses. É preciso praticar bastante, pois ninguém aprende pontuação só estudando as regras. Por isso, procure resolver diversas questões.				
IV – Parte Especial				
1. Emprego do infinitivo				
Considerações: Fique tranquilo: este não é um assunto muito cobrado pelas bancas. Mas não dá para se descuidar. Sugiro que entenda e aprenda as duas máximas para o emprego do infinitivo. Fique atento à observação que acompanha a segunda máxima. Compreendendo as máximas, ficará mais fácil entender o restante.				
2. Funções morfológicas das palavras que, se e como				
Considerações: Tenha cuidado aqui, pois é um assunto frequente nos concursos em geral. Sua missão será classificar (com segurança) as funções morfológicas do "que" e do "se". As bancas muito raramente				

questionam sobre as funções morfológicas do “como”.				
3. Particularidades léxicas e gramaticais				
Considerações: Eis um capítulo para se estudar aos poucos e em correlação com outros assuntos da gramática normativa. Como afirmo no capítulo, não tente estudar tudo de uma vez. Estude uma ou duas lições por vez.				
4. A linguagem figurada – As figuras de linguagem				
Considerações: É um assunto que aparece aqui e acolá em editais. Portanto, se não estiver no edital, descarte-o. Se estiver, procure estudar as figuras mais importantes, como a metáfora, a metonímia, a perífrase, a catacrese, a antítese, o paradoxo, o eufemismo, a silepse, a ironia e a hipérbole. Leia as demais figuras.				

NOTA DO AUTOR À 7.ª EDIÇÃO

Como das vezes anteriores, convém de imediato destacar que publicamos uma obra em total conformidade com o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Para esta nova edição, incluímos acréscimos de conteúdos na parte da ortografia, da morfologia e na parte da sintaxe. Os maiores acréscimos ocorreram no assunto “pontuação”, com a inserção de regras menos usuais, mas que têm caído em vários concursos públicos pelo país afora. Resolvemos também reescrever algumas regras e orientações, tudo com o intuito de facilitar o entendimento dos estudantes.

Ademais, procuramos trazer para a obra novas questões de concursos públicos, atualizadas, as quais demonstram que os conteúdos deste livro servem para responder à maioria das indagações gramaticais que venham a ser feitas em provas públicas. Portanto, melhoramos ainda mais este trabalho e ofertamos ao mercado de concursos e aos estudantes da Língua Portuguesa em geral uma obra densa que certamente ajudará a melhor compreender o nosso idioma.

SUMÁRIO

I – FONÉTICA

Capítulo 1
FONÉTICA E FONOLOGIA

A nossa língua
1.1 Introdução
1.2 Gramática
1.3 Fonética
1.3.1 Aparelho fonador
1.4 Estudo das vogais e dos encontros vocálicos
1.5 Classificação das vogais
1.5.1 Quanto à zona de articulação
1.5.2 Quanto ao timbre
1.5.3 Quanto ao papel das cavidades bucal e nasal
1.5.4 Quanto à intensidade
1.6 Encontros vocálicos
1.6.1 Ditongos
1.6.2 Hiatos
1.6.3 Tritongos
1.7 Estudo das consoantes, dos encontros consonantais e dos dígrafos
1.7.1 Classificação das consoantes
1.7.1.1 Quanto ao modo de articulação
1.7.1.2 Quanto ao ponto de articulação
1.7.1.3 Quanto ao papel das cordas vocais
1.7.2 Encontros consonantais
1.7.3 Dígrafos
1.7.4 Contagem de letras e fonemas em um vocábulo
1.7.5 Sílaba
1.7.5.1 Classificação dos vocábulos quanto ao número de sílabas
1.7.5.2 Tonicidade
1.7.6 Divisão silábica
1.8 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 2

ORTOGRAFIA OFICIAL

2.1 Letra e alfabeto
2.2 Notações léxicas
2.2.1 Acentos
2.2.1.1 Agudo
2.2.1.2 Circunflexo
2.2.1.3 Grave
2.2.1.4 Til
2.2.2 Cedilha
2.2.3 Apóstrofo
2.2.4 Hífen
2.2.4.1 Empregos do hífen
2.2.4.2 Emprego do hífen com prefixos
2.2.4.3 Não se emprega o hífen
2.3 Orientações ortográficas – emprego de algumas letras
2.3.1 Emprego das letras “E” e “I”
2.3.2 Emprego das letras “O” e “U”
2.3.2.1 Dupla ortografia com os ditongos “OU” e “OI”
2.3.3 Emprego das letras “C” e “Ç”
2.3.3.1 Emprego da letra “C”
2.3.4 Emprego das letras “G” e “J”
2.3.4.1 Emprego da letra “G”
2.3.4.2 Emprego da letra “J”
2.3.5 Emprego da letra “H”
2.3.6 Emprego da letra “S”
2.3.7 Emprego do dígrafo “SS”
2.3.8 Emprego do “SC”
2.3.9 Emprego da letra “Z”
2.3.10 “-ZINHO” ou “-SINHO”
2.3.11 Emprego da letra “X”
2.3.12 Emprego do dígrafo “CH”
2.3.13 Emprego da letra maiúscula e da minúscula
2.3.13.1 Letras maiúsculas
2.3.13.2 Letras minúsculas
2.3.13.3 Emprego facultativo da letra maiúscula e da minúscula
2.3.14 Abreviaturas
2.4 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 3
ACENTUAÇÃO

3.1 Ortofonia
3.1.1 Ortoépia ou ortoepia
3.1.2 Acentuação gráfica
3.1.3 Regras para a acentuação gráfica
3.1.3.1 Monossílabos
3.1.3.2 Oxítonos
3.1.3.3 Paroxítonos
3.1.3.4 Proparoxítonas
3.1.3.5 Acentuação dos hiatos
3.1.3.6 Acentos diferenciais
3.1.3.7 Regra especial – verbos “ter”, “vir” e seus derivados
3.1.3.8 Considerações gerais sobre a acentuação dos vocábulos
3.2 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 4
SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS

4.1 Denotação e conotação
4.2 Homônimos e parônimos
4.2.1 Homônimos
4.2.2 Parônimos
4.3 Formas variantes
4.4 Cognatos
4.5 Sinônimos
4.6 Antônimos
4.7 Polissemia
4.8 Extensão e compreensão das palavras – hiponímia e hiperonímia
4.9 Questões de concursos públicos
Gabarito

II – MORFOLOGIA

INTRODUÇÃO À MORFOLOGIA

Capítulo 1

ESTRUTURA E FORMAÇÃO DE PALAVRAS

1.1 Elementos estruturais da palavra
- 1.1.1 Radicais gregos
- 1.1.2 Radicais latinos
- 1.1.3 Prefixos de origem grega
- 1.1.4 Prefixos de origem latina
- 1.1.5 Correlação entre prefixos latinos e gregos
- 1.1.6 Sufixos nominais
- 1.1.7 Sufixos verbais
- 1.1.8 Os sufixos “IZAR” e “ISAR”
- 1.1.9 Emprego de “-IDADE” e “-IEDADE”
- 1.1.10 Emprego dos sufixos “-ARIA” e “-ERIA”
- 1.1.11 Sufixo adverbial “-MENTE”

1.2 Processos de formação de palavras
- 1.2.1 Derivação
- 1.2.2 Composição
- 1.2.3 Outros processos de formação de palavras
- 1.2.4 Neologismos

1.3 Classificação e flexão das palavras

1.4 Questões de concursos públicos

Gabarito

Capítulo 2

SUBSTANTIVO

2.1 Definição

2.2 Caracterização do substantivo

2.3 Classificação do substantivo

2.4 Flexões dos substantivos
- 2.4.1 Flexões de gênero
  - 2.4.1.1 Formação do feminino
  - 2.4.1.2 Oposição entre o gênero e o sentido
  - 2.4.1.3 Mudança de gênero por elipse
  - 2.4.1.4 Gênero de alguns substantivos
- 2.4.2 Flexões de número
  - 2.4.2.1 Regras para a formação do plural dos substantivos
  - 2.4.2.2 Plural dos substantivos compostos
- 2.4.3 Flexões de grau
  - 2.4.3.1 Plural dos substantivos diminutivos

2.5 Questões de concursos públicos

Gabarito

Capítulo 3
ADJETIVO

3.1 Definição
3.2 Considerações gerais sobre os adjetivos
3.3 Formação dos adjetivos
3.3.1 Adjetivos pátrios
3.3.2 Adjetivos eruditos
3.4 Flexões dos adjetivos
3.4.1 Flexões de gênero
3.4.1.1 Formação do feminino dos adjetivos biformes
3.4.2 Flexões de número
3.4.3 Flexões de grau
3.4.3.1 O grau comparativo
3.4.3.2 O grau superlativo
3.5 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 4
ARTIGO

4.1 Definição
4.2 Classificação
4.3 Emprego dos artigos definidos
4.3.1 Empregos particulares do artigo definido
4.3.2 Não se emprega o artigo definido
4.4 Emprego dos artigos indefinidos
4.4.1 Outras orientações para o uso dos artigos indefinidos
4.5 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 5
NUMERAL

5.1 Definição
5.2 Considerações iniciais sobre os numerais
5.3 Classificação dos numerais
5.4 Regras gerais para o emprego dos numerais
5.5 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 6

PRONOME

6.1 Definição
6.2 Pronomes adjetivos e pronomes substantivos
6.3 Classificação dos pronomes
6.3.1 Pronomes pessoais
6.3.1.1 Emprego dos pronomes pessoais do caso reto (principais regra
6.3.1.2 Emprego dos pronomes pessoais do caso oblíquo (principais regras)
6.3.2 Pronomes de tratamento
6.3.3 Pronomes demonstrativos
6.3.3.1 Emprego dos pronomes demonstrativos
6.3.4 Pronomes indefinidos
6.3.4.1 Considerações gerais sobre os pronomes indefinidos
6.3.4.2 Emprego dos pronomes indefinidos
6.3.5 Pronomes possessivos
6.3.5.1 Emprego dos pronomes possessivos
6.3.6 Os pronomes relativos
6.3.6.1 Emprego dos pronomes relativos
6.3.7 Pronomes interrogativos
6.4 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 7

VERBO

7.1 Considerações iniciais
7.2 Definição
7.3 Elementos estruturais do verbo
7.3.1 Radical
7.3.2 Vogal temática
7.3.3 Tema
7.3.4 Desinências
7.4 Flexões do verbo
7.4.1 Flexões de pessoa e de número
7.4.2 Flexões de modo
7.4.2.1 Modo indicativo
7.4.2.2 Modo subjuntivo
7.4.2.3 Modo imperativo
7.4.3 Flexões de voz

7.4.3.1 A voz ativa
7.4.3.2 A voz passiva
7.4.3.3 A voz reflexiva ou medial
7.4.3.4 Possíveis ambiguidades com as vozes passiva e reflexiva
7.4.4 Flexões de tempo
7.4.4.1 Emprego dos tempos verbais simples
7.4.4.2 Emprego dos tempos verbais compostos
7.4.4.3 As locuções verbais (construções perifrásticas) – emprego dos verbos auxiliares
7.4.4.4 Correlação dos tempos e dos modos verbais – sequencializaçã dos tempos (*Consecutio temporum*)
7.5 As formas nominais do verbo – os verboides
7.5.1 O infinitivo
7.5.1.1 O infinitivo pessoal ou flexionado
7.5.1.2 Função substantiva do infinitivo
7.5.1.3 Emprego do infinitivo preposicionado
7.5.2 O gerúndio
7.5.2.1 O gerúndio em função adjetiva
7.5.2.2 Emprego inadequado do gerúndio – o gerundismo
7.5.3 O particípio
7.5.3.1 O particípio circunstancial
7.5.3.2 Emprego do particípio
7.5.3.3 Verbos com duplo particípio
7.5.3.4 Particípio passivo de sentido ativo
7.6 Classificação morfológica dos verbos
7.6.1 Quanto à terminação
7.6.2 Quanto à flexão ou à conjugação
7.6.3 Quanto à função
7.6.4 Quanto à significação ou ao aspecto (sentido expresso)
7.6.5 Quanto à formação
7.6.6 Quanto à presença ou não de um sujeito
7.7 Verbos defectivos
7.8 Paradigmas de conjugação verbal – conjugação de diversos verbos
7.8.1 Conjugação dos verbos auxiliares “ser, estar, ter e haver”
7.8.2 Conjugação de verbos derivados
7.8.3 Conjugação dos verbos terminados nos hiatos “-air, -oer, -uir”
7.8.4 Conjugação de verbos irregulares
7.8.5 Conjugação de verbos pronominais
7.8.6 Conjugação dos verbos terminados no hiato “-ear”
7.8.7 Conjugação dos verbos terminados no hiato “-iar”

7.8.8 Conjugação de verbos terminados nos hiatos “-oar” e “-uar”
7.8.9 Conjugação dos verbos “ver” e “vir” no futuro do subjuntivo
7.8.10 Outras particularidades gráficas e fonéticas sobre verbos da 1.ª conjugação
7.8.11 Outras particularidades gráficas e fonéticas sobre verbos da 2.ª conjugação
7.8.12 Outras particularidades gráficas e fonéticas sobre verbos da 3.ª conjugação
7.9 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 8
ADVÉRBIO

8.1 Conceito
8.2 Classificação dos advérbios
8.3 Locuções adverbiais
8.4 Adjetivos adverbializados
8.5 Graus do advérbio
8.6 Advérbios latinos
8.7 Particularidades sobre os advérbios
8.8 Palavras e locuções denotativas
8.9 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 9
CONJUNÇÃO

9.1 Definição
9.2 Classificação
9.2.1 Coordenativas
9.2.2 Subordinativas
9.3 Ubiquidade das conjunções
9.4 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 10
PREPOSIÇÃO

10.1 Definição
10.2 Nexos prepositivos não regenciais – valores de algumas preposições
10.3 Classificação das preposições

10.4 Locuções prepositivas
10.5 Combinações e contrações das preposições
10.6 Repetição das preposições
10.7 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 11
INTERJEIÇÃO

11.1 Definição
11.2 Classificação

III – SINTAXE

Capítulo 1
SINTAXE DE ORAÇÃO – TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO

1.1 Conceitos essenciais
1.1.1 Frase
1.1.2 Oração
1.1.3 Período
1.2 Termos essenciais da oração
1.2.1 Sujeito
1.2.1.1 Núcleo do sujeito
1.2.1.2 Classificação do sujeito
1.2.1.3 Outras classificações para o sujeito
1.2.2 Predicado
1.2.2.1 Predicação (transitividade) verbal
1.2.2.2 Predicativo
1.2.2.3 Classificação do predicado
1.3 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 2
TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO

2.1 Objeto direto
2.1.1 Objeto direto preposicionado
2.1.2 Objeto direto pleonástico
2.1.3 Objeto direto interno ou cognato

2.2 Objeto indireto
2.2.1 Objeto indireto pleonástico
2.3 Complemento nominal
2.4 Agente da passiva
2.4.1 Estudo da voz passiva – conversão da voz ativa para a voz passiva
2.5 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 3

TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO

3.1 Adjunto adnominal
3.2 Adjunto adverbial
3.3 Aposto
3.4 Vocativo
3.5 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 4

SINTAXE DO PERÍODO COMPOSTO

4.1 Conceitos essenciais
4.2 Período composto por coordenação
4.2.1 Orações coordenadas
4.2.1.1 Assindéticas
4.2.1.2 Sindéticas
4.2.2 Questões de concursos públicos
4.3 Período composto por subordinação
4.3.1 Noções introdutórias
4.3.2 Orações substantivas
4.3.2.1 Substantivas subjetivas
4.3.2.2 Substantivas objetivas diretas
4.3.2.3 Substantivas objetivas indiretas
4.3.2.4 Substantivas completivas nominais
4.3.2.5 Substantivas predicativas
4.3.2.6 Substantivas apositivas
4.3.2.7 Substantivas agente da passiva
4.3.3 Emprego da conjunção integrante na segunda oração substantiva coordenada
4.3.4 Questões de concursos públicos
4.3.5 Orações subordinadas adjetivas

4.3.5.1 Emprego e funções sintáticas dos pronomes relativos
4.3.5.2 Classificação das orações subordinadas adjetivas
4.3.5.3 O emprego da vírgula com as orações adjetivas – Distinção en restrição e explicação
4.3.5.4 Omissão do pronome relativo na segunda oração relativa coordenada
4.3.6 Orações subordinadas adverbiais
4.3.6.1 Causais
4.3.6.2 Consecutivas
4.3.6.3 Concessivas
4.3.6.4 Condicionais
4.3.6.5 Conformativas
4.3.6.6 Comparativas
4.3.6.7 Finais
4.3.6.8 Temporais
4.3.6.9 Proporcionais
4.3.6.10 Emprego da conjunção nas orações adverbiais coordenadas
4.3.7 Orações reduzidas
4.3.7.1 Subordinadas substantivas reduzidas
4.3.7.2 Subordinadas adjetivas reduzidas
4.3.7.3 Subordinadas adverbiais reduzidas
4.4 Processo correlacional
4.5 Contagem de orações em um período misto
4.6 Questões de concursos públicos
Gabaritos

Capítulo 5
SINTAXE DE CONCORDÂNCIA

5.1 Concordância verbal
5.1.1 Regra geral
5.1.2 Sujeito formado por pessoas gramaticais diferentes
5.1.3 Regras especiais de concordância verbal com o sujeito simples
5.1.4 Regras especiais de concordância verbal com o sujeito composto
5.1.5 Concordância do verbo “ser”
5.1.6 A concordância com o sujeito oracional
5.1.7 Concordância do verbo “parecer”
5.1.8 Concordância dos verbos “costumar, poder, dever, precisar”
5.1.9 Questões de concursos públicos
Gabarito
5.2 Concordância nominal

5.2.1 Regra geral
5.2.2 Principais casos de concordância nominal
5.2.3 Casos especiais de concordância nominal
5.3 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 6
SINTAXE DE REGÊNCIA

6.1 Considerações iniciais
6.2 Regência verbal
6.2.1 Regência de alguns verbos – Casos especiais
6.3 Regência nominal
6.4 O emprego dos pronomes relativos e as regências verbal e nominal
6.5 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 7
EMPREGO DO ACENTO GRAVE – CRASE

7.1 A ocorrência da crase e a semântica
7.2 Mecanismos práticos para verificação da crase
7.3 Ocorrência da crase
7.3.1 Casos obrigatórios
7.3.2 Crase facultativa
7.3.3 Casos em que nunca ocorre a crase
7.3.4 Casos especiais
7.4 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 8
SINTAXE DE COLOCAÇÃO PRONOMINAL

8.1 Máximas da colocação pronominal
8.2 Regras gerais
8.2.1 Próclise
8.2.1.1 Outros fatores de próclise
8.2.2 Mesóclise
8.2.3 Ênclise
8.3 Colocação dos pronomes oblíquos nas locuções verbais
8.4 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 9

EMPREGO DOS SINAIS DE PONTUAÇÃO

9.1 Considerações iniciais
9.2 Principais sinais de pontuação
9.2.1 Emprego da vírgula (,)
9.2.1.1 A vírgula entre os termos de uma oração
9.2.1.2 A vírgula entre as orações
9.2.1.3 Não se emprega a vírgula
9.2.2 Emprego do ponto (.)
9.2.3 Emprego do ponto e vírgula (;)
9.2.4 Emprego dos dois-pontos (:)
9.2.5 Ponto de exclamação (!)
9.2.6 Ponto de interrogação (?)
9.2.7 Reticências (...)
9.2.8 Aspas (“ ”)
9.2.9 Parênteses (( ))
9.2.10 Colchetes ([ ])
9.2.11 Travessão (–)
9.3 Questões de concursos públicos
Gabarito

IV – PARTE ESPECIAL

Capítulo 1

EMPREGO DO INFINITIVO

1.1 Considerações iniciais
1.2 As duas máximas para o emprego do infinitivo
1.3 Infinitivo impessoal
1.4 Infinitivo pessoal
1.5 Emprego do infinitivo em locuções passivas com o verbo “ser”

Capítulo 2

FUNÇÕES MORFOLÓGICAS DAS PALAVRAS “QUE”, “SE” E “COMO”

2.1 Funções morfológicas para palavra “QUE”
2.2 Funções morfossintáticas da palavra “SE”
2.3 Funções morfológicas da palavra “COMO”
2.4 Questões de concursos públicos

Gabarito

Capítulo 3

PARTICULARIDADES LÉXICAS E GRAMATICAIS

3.1 Lição 1
3.1.1 Emprego dos porquês
3.2 Lição 2
3.2.1 Emprego de “onde” e “aonde”
3.3 Lição 3
3.3.1 Emprego de “se não” e “senão”
3.4 Lição 4
3.4.1 Emprego de “tão pouco” e “tampouco”
3.4.2 Emprego de “de encontro a” e “ao encontro de”
3.5 Lição 5
3.5.1 Emprego de “em vez de” e “ao invés de”
3.5.2 Emprego de “acerca de”, “a cerca de” e “há cerca de”
3.6 Lição 6
3.6.1 Emprego de “mau” e “mal”
3.6.2 Emprego de “mas” e “mais”
3.7 Lição 7
3.7.1 Emprego de “a fim” e “afim”
3.7.2 Emprego de “se quer” e “sequer”
3.8 Lição 8
3.8.1 Emprego de “sessão”, “seção” e “cessão”
3.9 Lição 9 – Emprego de várias expressões e conexões
3.9.1 Distinção entre “a princípio” e “em princípio”
3.9.2 Distinção entre os conectivos “porquanto” e “conquanto”
3.9.3 Distinção entre os conectivos “já que” e “posto que”
3.9.4 Distinção entre os conectivos “à medida que” e “na medida em que”
3.10 Lição 10 – Emprego de outras expressões que provocam dúvidas
3.10.1 Distinção entre “por ora” e “por hora”
3.10.2 Emprego de “o mais das vezes” e “as mais das vezes”
3.10.3 Distinção entre “abaixo” e “a baixo”
3.10.4 Distinção entre “a par” e “ao par”
3.10.5 Distinção entre “nenhum” e “nem um”
3.11 Lição 11 – Emprego de “está” e “estar”
3.12 Lição 12 – Emprego de “ter de” e “ter que”
3.13 Lição 13 – Emprego de “possa ser” e “pode ser”
3.14 Questões de concursos públicos

Gabarito

Capítulo 4

A LINGUAGEM FIGURADA – AS FIGURAS DE LINGUAGEM

4.1 Classificação das figuras de linguagem

4.1.1 Figuras de palavras ou tropos

4.1.1.1 Metáfora

4.1.1.2 Metonímia

4.1.1.3 Catacrese

4.1.1.4 Perífrase ou antonomásia

4.1.1.5 Sinestesia

4.1.1.6 Comparação

4.1.2 Figuras de pensamento

4.1.2.1 Antítese

4.1.2.2 Paradoxo ou oximoro

4.1.2.3 Ironia

4.1.2.4 Eufemismo

4.1.2.5 Hipérbole

4.1.2.6 Gradação

4.1.2.7 Prosopopeia, personificação ou animismo

4.1.2.8 Apóstrofe ou invocação

4.1.2.9 Reticência

4.1.3 Figuras de construção ou de sintaxe

4.1.3.1 Elipse

4.1.3.2 Zeugma

4.1.3.3 Polissíndeto

4.1.3.4 Assíndeto

4.1.3.5 Hipérbato

4.1.3.6 Pleonasmo enfático ou estilístico

4.1.3.7 Anástrofe

4.1.3.8 Silepse ou concordância ideológica

4.1.3.9 Anáfora

4.1.3.10 Anacoluto

4.1.3.11 Aliteração

4.1.3.12 Repetição

4.2 Vícios de linguagem

4.2.1 Barbarismo

4.2.2 Solecismo

4.2.3 Ambiguidade (anfibologia ou pleonasmo vicioso)

4.2.4 Cacofonia ou cacófato
4.2.5 Estrangeirismo
4.2.6 Colisão
4.2.7 Eco
4.2.8 Arcaísmo
4.2.9 Hiato
4.3 Questões de concursos públicos
Gabarito

BIBLIOGRAFIA – CONTEÚDO GRAMATICAL

I

FONÉTICA

CAPÍTULO 1

FONÉTICA E FONOLOGIA

A NOSSA LÍNGUA

E verdadeiramente que não tenho a nossa língua por grosseira, nem por bons os argumentos com que alguns querem provar que é essa; antes é branda para deleitar, grave para engrandecer, eficaz para mover, doce para pronunciar, breve para resolver, acomodada às matérias mais importantes da prática e escritura. Para falar é engraçada, com modo senhoril; para cantar é suave, com um certo sentimento que favorece a música; para pregar é substanciosa com uma gravidade que autoriza as razões e as sentenças; para escrever cartas nem tem infinita cópia que dane, nem brevidade estéril que a limite; para histórias nem é tão florida que se derrame, nem tão seca que busque o favor das alheias. A pronunciação não obriga a ferir o céu da boca com aspereza, nem arrancar as palavras com veemência do gargalo.

Escreve-se da maneira que se lê, e assim se fala. Tem de todas as línguas o melhor: a pronunciação da latina, a origem da grega, a familiaridade da castelhana, a brandura da francesa e a elegância da italiana.

Rodrigues Lobo

1.1 INTRODUÇÃO

A gramática normativa ou **expositiva** é o conjunto de normas e regras que nos ensinam a falar e escrever corretamente a nossa língua, ou, por outras palavras, é a sistematização dos fatos contemporâneos de uma língua. Por isso, a gramática normativa é a ciência da linguagem, a qual **linguagem** se entende como sendo o conjunto de sinais pelos quais o homem expressa os seus pensamentos, ou seja, comunica-se.

A comunicação, indispensável a todo homem social, manifesta-se por meio de uma mensagem, para a qual concorrem seis elementos, segundo o linguista Roman Jakobson:

Fig.1 – Processo de comunicação

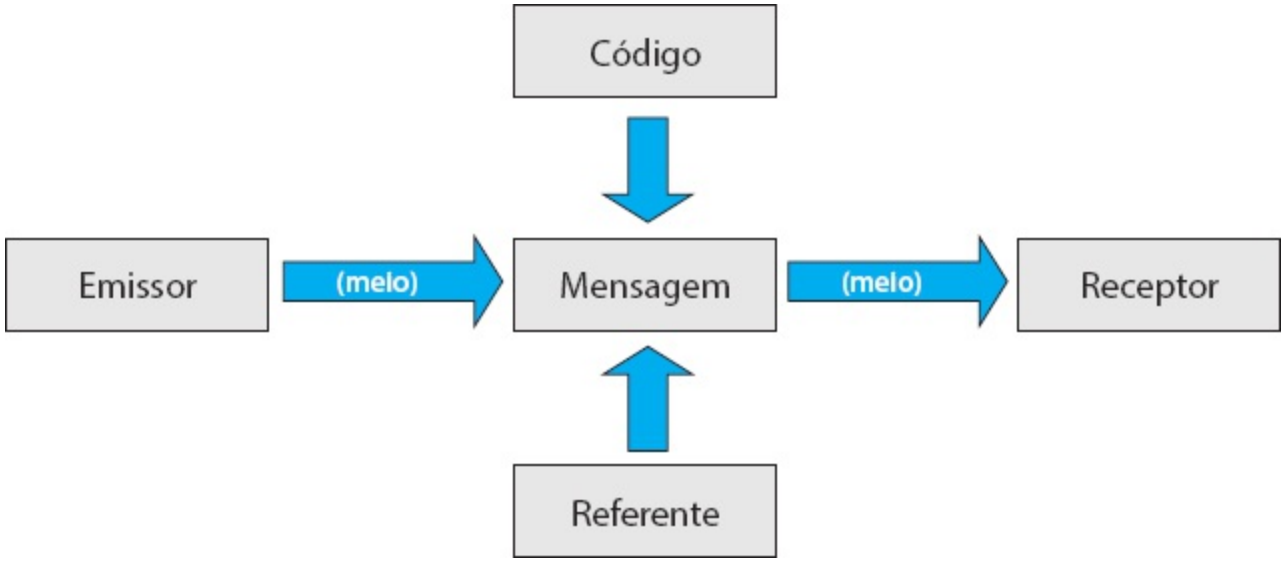

Essa capacidade comunicativa dá-se por meio de um sistema natural de palavras de que se servem os grupamentos humanos para comunicarem seus pensamentos entre si. Esse sistema de signos vocais distintos e significativos é denominado de **língua**. A utilização da língua pelo indivíduo denomina-se **fala**. Por **fala** entende-se a faculdade que tem o homem de se expressar, de se comunicar por meio de palavras. Já a **palavra** é um som oral ou uma combinação de sons orais, que exprime a ideia de alguma coisa. O conjunto de todas as palavras de uma língua forma o seu **vocabulário** ou **léxico**. As palavras, expressão das ideias, combinam-se para formar a **frase**, expressão do pensamento. Quando a frase expressa um sentido completo, forma-se, então, uma **proposição**. É justamente essa sistematização dos fatos da linguagem o objeto de estudo da gramática.

1.2 GRAMÁTICA

Na valorosa definição do mestre Eduardo Carlos Pereira, a Gramática "é a ciência das palavras e suas relações, ou a arte de usar as palavras com acerto na expressão do pensamento".

Em sua divisão mais tradicional, temos:

a) **fonética** – estudo dos fonemas em geral;
b) **morfologia** – estudo das palavras quanto à estrutura e à formação, à classificação à flexão – é o estudo das palavras tomadas isoladamente; e
c) **sintaxe** – estudo das palavras relacionadas umas com as outras em uma oração – a teoria da frase.

Estudaremos a partir de agora a primeira grande divisão da gramática normativa: fonética. A NGB – Nomenclatura Gramatical Brasileira – preferiu a denominação de "fonética" à de "fonologia". Embora alguns autores, como o mestre M. Said Ali, coloquem

esses dois vocábulos praticamente como sinônimos, preferimos – na mesma esteira da NGB –, denominar de “fonética” a parte da gramática normativa que examina os sons e suas mudanças, atendendo à maneira de os pronunciar.

1.3 FONÉTICA

Como já vimos, a fonética é a parte da gramática que estuda a formação, a evolução e a classificação dos sons da língua, sons que tomam o nome especial de ***fonemas***. Aos sentidos de quem fala, apresenta-se a palavra como um todo sonoro e significante. Por isso, os sons, produzidos por quem fala e recebidos por quem ouve, despertam as imagens por meio das quais se dá o entendimento.

A fonética pode ser: descritiva, histórica e sintática. A primeira trata da formação e descrição dos fonemas. A segunda estuda as modificações que sofreram e sofrem os fonemas em suas fases sucessivas, enquanto a terceira estuda as modificações que sofrem os fonemas de certas palavras quando, por influência de outras que a elas se associam, formam um só todo fonético.

Por seu turno, a **fonologia** é o estudo dos fonemas em suas variantes posicionais, combinações e condições prosódicas.

1.3.1 APARELHO FONADOR

Os seres humanos não dispõem de aparelho especial para falar. Utilizam-se, para tanto, do aparelho respiratório e da parte superior do aparelho digestivo. A este conjunto especial de órgãos que contribuem para a produção da fala denomina-se “aparelho fonador” ou simplesmente, como preferem alguns, “órgãos da fala”.

Fig. 2 – Aparelho fonador

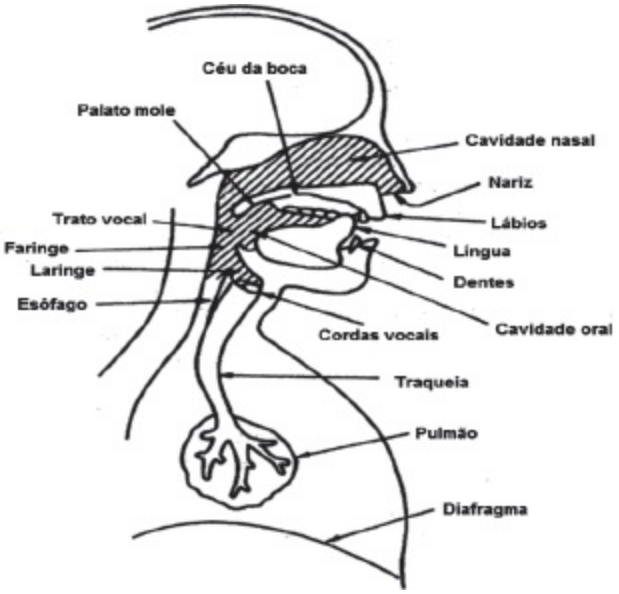

A fala é produzida pela corrente de ar expiratória. Desde o momento em que o indivíduo se dispõe a falar, opera-se em todo o aparelho uma tensão geral: o sopro é emitido com mais vigor do que o sopro da respiração simples; a traqueia toma posições, estreitando e alargando os seus anéis; na laringe, as cordas vocais se preparam e o sopro as faz vibrar; da faringe, a vibração é dirigida, por meio da úvula, ou para a boca, se deve ser oral, ou para as fossas nasais, se deve ser nasalada. Nesta caixa de ressonância, que é a boca e seus pertences (língua, dentes, bochechas e lábios), a vibração se completa, transformando-se em som.

Os sons fundamentais da voz humana denominam-se de "fonemas". Os fonemas, portanto, são as menores unidades sonoras da nossa fala e se classificam em: **vogais**, **semivogais** e **consoantes**.

1.4 ESTUDO DAS VOGAIS E DOS ENCONTROS VOCÁLICOS

São cinco as vogais na nossa língua: a, e, i, o, u. São sons musicais que saem livremente pelo tubo vocal. Constituem, em português, a base das sílabas.

Em certos casos, os fonemas "i, u", representando os fonemas /y/ e /w/ respectivamente, são considerados semivogais sempre que soam juntamente com a vogal de uma sílaba.

1.5 CLASSIFICAÇÃO DAS VOGAIS

a) Quanto à zona de articulação: anteriores, médias e posteriores.

b) Quanto ao timbre: abertas, fechadas e reduzidas.

c) Quanto ao papel das cavidades bucal e nasal: orais e nasais.

d) Quanto à intensidade: átonas e tônicas.

1.5.1 QUANTO À ZONA DE ARTICULAÇÃO

A vogal “a” forma-se com a maior abertura da boca, ficando a língua em posição de quem respira em silêncio (posição média ou neutra). Por isso, a vogal “a” é chamada de “***média***, ***medial*** ou ***central***”.

Se a língua se eleva gradualmente para a frente, formam-se as ***vogais anteriores*** ou ***palatais*** (é, ê, e, i); se se eleva para trás, formam-se as ***vogais posteriores*** ou ***velares*** (ó, ô, o, u). Observe figura abaixo.

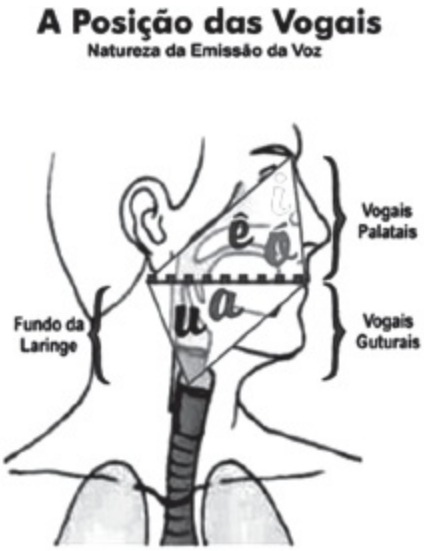

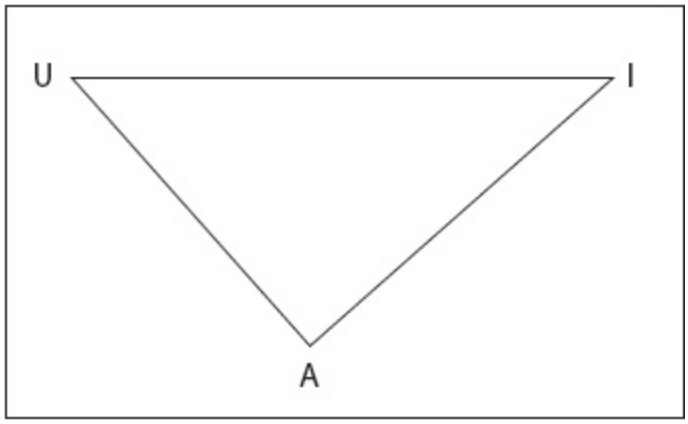

Observe nas figuras acima a distribuição triangular das vogais quanto à zona de articulação.

1.5.2 QUANTO AO TIMBRE

O timbre de uma vogal é dado pela maior ou menor proximidade da língua com o palato. Na vogal aberta, a língua se abaixa: é, ó. Na vogal fechada, a língua se eleva: ê, ô, i, u. Por isso, as vogais são classificadas quanto ao timbre em:

a) **Abertas** → á, é, ó = pá, pé, pó.

b) **Fechadas** → ê, ô: vê, avô.

c) **Reduzidas** → a (bela), e (vale), o (pelo)

⇨ **Observação:**

As vogais reduzidas tomam esse nome por pertencerem a sílabas átonas, sendo, pois, pronunciadas fracamente.

1.5.3 QUANTO AO PAPEL DAS CAVIDADES BUCAL E NASAL

Quanto ao papel das cavidades bucal e nasal, as vogais classificam-se em:

a) Orais → que se formam com o véu palatino levantado, saindo a coluna de ar somer pela boca: a, e, i, o, u.

b) Nasais → que se formam com o abaixamento do véu palatino, distribuindo-se a coluna de ar pela boca e nariz: ã, ẽ, ĩ, õ, ũ.

1.5.4 QUANTO À INTENSIDADE

Quanto à intensidade, as vogais podem ser átonas ou tônicas. A vogal tônica é pronunciada com mais intensidade que as outras. Encontra-se na sílaba tônica da palavra. Excetuando-se as sílabas tônica e subtônica de uma palavra, as demais são chamadas de átonas. As vogais dessas sílabas átonas são também átonas. Observe:

acarajé	**lâmpada**
a – átona	l
c	â – tônica
a – átona	m
r	p
a – átona	a – átona
j	d
é – tônica	a – átona

1.6 ENCONTROS VOCÁLICOS

Encontro vocálico é a sucessão de vogais em um vocábulo – gaiola, Bahia, caule, Uruguai, averiguei. Classificam-se em: *ditongo*, *hiato* e *tritongo*.

1.6.1 DITONGOS

Ditongo (gr. di = duplo, phthonggos = som) é a sucessão de vogal e semivogal, ou vice-versa, na mesma sílaba. Dividem-se em: orais e nasais, crescentes e decrescentes.

São denominados de **crescentes** os ditongos em que a semivogal vem em primeiro

lugar. Teremos, portanto, “ **semivogal** + **vogal**”. Exemplos: glória, vácuo, espécie, oblíqua etc.

São denominados de **decrescentes** os ditongos em que a vogal vem em primeiro lugar. Teremos, portanto, “**vogal** + **semivogal**”. Exemplos: vai, lauda, rei, meu, boi etc.

a) São **orais** aqueles em que o ar sai tão somente pela cavidade bucal. Exemplos: meteu, pai, ouro, série.

b) São **nasais** aqueles em que o ar sai tanto pela cavidade bucal quanto pelas fossas nasais. Exemplos: pão, capitães, cantam, tem.

⇨ Observação:

É importante, neste momento, relembrar uma importante lição: não se deve confundir fonema (= som) com letra. Isto porque há vários ditongos que aparentemente não são ditongos, mas a pronúncia os denuncia – notadamente os ditongos nasais formados por uma vogal seguida da consoante nasal “m”. Observe por exemplo o vocábulo “bem”: aparentemente não temos ditongo, mas, quando o pronunciamos “beĩ”, percebemos que se trata do encontro da vogal “e” com a semivogal “ĩ”. Vejamos outros exemplos:

- sem, amam, andam, escrevem, puseram, deviam, porém, nem.

Vejamos abaixo uma pequena lista dos principais ditongos em nossa língua:

ORAIS

- **ai** → mais, paiol, vaidade, cai, vai, jamais.
- **au** → mau, pau, causa, pauta, mingau, nau.
- **ei** → papéis, réis, rei, móveis, plateia, grei.
- **eu** → céu, réu, chapéu, teu, judeu, perdeu.
- **iu** → viu, partiu, riu, psiu, sorriu.
- **oi** → dói, herói, foi, boi, joio.
- **ou** → dou, sou, ouço, pousar.
- **ui** → fui, gratuito, sanguíneo.

NASAIS

- **ãe** → mãe, pães, alemães, cães.
- **ão** → pão, amarão, balão, mão.
- **am** → amaram, deviam, puseram, escreveram.
- **em** (=ei) → bem, tem, põem, saem, doem, cem.
- **õe** → põe, propões, cordões, corações.
- **ui** → muito, mui.

Nota: Quando a semivogal (também chamada de vogal assilábica) vem depois da vogal, é chamada de "*subjuntiva*"; quando vem antes, é chamada de "*prepositiva*".

⇨ Observação:

Os encontros "IA, IE, IO, UA, UE, UO" em finais átonos, seguidos ou não de "S", classificam-se quer como ditongos, quer como hiatos, uma vez que ambas as emissões existem na língua portuguesa. Entretanto, hoje a preferência é tratá-los como ditongos, por ser a pronúncia ditongal mais eufônica. Observe:

- história → his – tó – ria /ou/ his – tó – ri – a
- série → sé – rie /ou/ sé – ri – e
- hóstia → hós – tia /ou/ hós – ti – a
- tênue → tê – nue /ou/ tê – nu – e
- vácuo → vá – cuo /ou/ vá – cu – o
- pátio → pá – tio /ou/ pá – ti – o

1.6.2 HIATOS

Hiato (do latim, “hiatus” = abertura) é o encontro de duas vogais pronunciadas em duas emissões sonoras distintas, ou seja, é o encontro de duas vogais que se situam em sílabas distintas, por isso são pronunciadas separadamente. Vejamos alguns exemplos:

Isr**ae**l, Mis**ae**l, **ao**rta, s**aú**de, id**ea**l, r**ee**leger, at**eí**sta, d**eí**smo, t**eo**logia, sab**iá**, h**ia**to, ar**ia**no, p**ie**dade, c**ie**nte, m**io**lo, v**io**la, esp**io**nar, c**iú**me, v**iú**va, lag**oa**, p**oe**ta, c**oe**ntro, c**oo**perar, álc**oo**l, t**ua**, s**ua**, pir**ue**ta, jes**uí**ta, r**uí**na, cas**uí**stica, r**ui**m, constit**ui**nte.

1.6.3 TRITONGOS

Tritongo (gr. tri = três, phthonggos = som) é a combinação silábica em que, soando em conjunto com a vogal, existem duas semivogais. Teremos, então, “semivogal + vogal + semivogal” numa mesma sílaba. Vejamos alguns exemplos:

- ORAIS → iguais, Paraguai, Uruguai, minguou, apaziguou, quão
- NASAIS → saguões, enxáguem, dilinquem, mínguam

1.7 ESTUDO DAS CONSOANTES, DOS ENCONTROS CONSONANTAIS E DOS DÍGRAFOS

Buscando esteio nas preciosas palavras do ilustre gramático Gladstone Chaves de Melo, consoante “é um fonema em que predomina a articulação sobre a fonação, o fechamento sobre a abertura, o ruído sobre a musicalidade; fonema que, na língua portuguesa, não pode constituir sozinho uma sílaba, mas, pelo contrário, se agrega necessariamente a uma vogal; fonema, portanto, assilábico”.

Logo, as consoantes são os fonemas produzidos pela corrente expiratória que, ao atravessar a boca, é interceptada no todo ou em parte, isto é, fonemas formados pela corrente expiratória, que encontra obstáculo na aproximação ou contato dos órgãos bucais. São, portanto, sons laríngeos, ou seja, formados na laringe e caracterizados por maior aproximação das partes móveis da boca.

1.7.1 CLASSIFICAÇÃO DAS CONSOANTES

Classificam-se as consoantes:

1) Quanto ao modo de articulação;
2) Quanto ao ponto de articulação;
3) Quanto ao papel das cordas vocais.

1.7.1.1 Quanto ao modo de articulação

De duas maneiras se pode produzir uma consoante: ou fechando-se o canal bucal, ou estreitando-se o canal bucal. Por isso, quanto ao modo de articulação as consoantes podem ser:

1) **oclusivas** → que se formam quando o canal da boca se fecha (oclusão) para em seguida se abrir subitamente, numa verdadeira explosão. Por causa disso, são também chamadas de "explosivas" ou "instantâneas". Como exemplos, temos os fonemas surdos "pê, tê, quê" e os fonemas sonoros "bê, dê, guê".
2) **constritivas** → que se formam pelo estreitamento do canal bucal, saindo a corrente de ar apertada ou constrita. De acordo com a maneira de escoamento do ar, dividem-se em:

   a) Fricativas ou sibilantes → quando há um ruído na fricção: f, s, x [chê], v, z, g [jê
   b) Laterais → quando a corrente de ar escapa pelas laterais da cavidade bucal: l, lh.
   c) Vibrantes → quando o ápice da língua provoca uma tremulação contra os alvéolos: r, rr.

1.7.1.2 Quanto ao ponto de articulação

Quanto ao ponto de articulação, isto é, o lugar onde se produz o fonema, classificam-se as consoantes em:

1. **Bilabiais** → os lábios se tocam e se apertam levemente: p, b, m.
2. **Labiodentais** → contato do lábio inferior com o bordo dos incisivos superiores: f, v.
3. **Linguodentais** → contato da ponta da língua com a parte interna dos incisivos superiores: t, d.
4. **Alveolares** → a língua toca no alvéolo dos dentes, isto é, na altura da raiz dos dent superiores: s, z, r, rr, l, n.
5. **Palatais** → contato da parte anterior da língua com o palato duro: x, g [chiante], lh, nh.
6. **Velares** → contato da parte posterior da língua com o véu palatino: c [k], g [guê], q.

1.7.1.3 Quanto ao papel das cordas vocais

Quanto ao papel das cordas vocais, as consoantes se classificam em surdas e sonoras.

1. **Surdas** → quando não há vibração das cordas vocais: p, t, q, f, s, x.
2. **Sonoras** → quando há vibração das cordas vocais: b, d, g [jê], m, n, nh, l, lh, r, rr.

⇨ Observação:

Para verificarmos, na prática, se há vibração das cordas vocais, devemos tapar os ouvidos durante a articulação do fonema. Se percebermos um zumbido, é sinal de que as cordas vocais vibraram, e os fonemas assim produzidos são sonoros. Caso contrário, os fonemas são surdos, por ausência de vibração.

1.7.2 ENCONTROS CONSONANTAIS

Dá-se o nome de encontro consonantal à sequência de consoantes num vocábulo, ou seja, a contiguidade de duas ou três consoantes efetivamente pronunciadas. Observe:

blusa	pneu	bronco	vidro	atlântico
fluvial	regra	planta	francês	palavra
gnóstico	prato	branco	claro	digno
rítmico	glândula	psicanálise	mnemônico	ptialina

⇨ Observações:

a) Quando as duas consoantes se encontram em uma mesma sílaba, diz-se que o *encontro consonantal é próprio ou perfeito*. Quando as consoantes ficam em sílabas diferentes, diz-se que o é um *encontro consonantal impróprio ou imperfeito*. Observe os exemplos:

- **Encontros consonantais próprios ou perfeitos:** blu-sa, bru-to, cri-vo, fla-ma, gló-ria, pra-to, tra-to, li-vre.
- **Encontros consonantais impróprios ou imperfeitos**: af-ta, ic-tiólogo, rit-mo, ad-jetivo, ab-soluto.

b) Frise-se que o encontro consonantal é avaliado sempre como fonema. Por isso, é importante, mais uma vez, não confundir “fonema” com “letra”. Na palavra, “FIXO”, por exemplo, temos um encontro consonantal representado pela letra “x”, já que ela representa o fonema /*cs*/. É o que também ocorre nos vocábulos “táxi, reflexo, asfixia” entre outros, nos quais a letra “x” representa dois fonemas.

1.7.3 DÍGRAFOS

Chama-se dígrafo (ou digrama) o agrupamento de consoantes o qual representa apenas um som. Mais uma vez, é fundamental não confundir com encontro consonantal. Neste, temos consoantes que representam mais de um fonema; naquele, temos consoantes que representam um único fonema.

São dígrafos:

1. ch, lh, nh = chapéu, malha, palha, ninho, rainha, pilha, alho, trabalho, lhama, sonho, lenha.
2. rr, ss = carro, interromper, terremoto, cassado, massa, passado, ressurgir, prorrogar.
3. gu, qu (antes de "e" e "i") =guerra, que, quatorze, equipagem, distinguir.
4. sc, sç, xc =fascinar, desça, piscina, excelência, excêntrico.

⇨ Observação:

Há também em nossa língua os chamados dígrafos vocálicos, isto é, os que são formados por "*am*, *an*, *em*, *en*, *im*, *in*, *om*, *on*, *um*, *un* (que representam vogais nasais)". Na realidade, temos a formação de uma sílaba nasal pela junção de uma vogal inicial ou medial, seguida de "m" antes de "p" e "b", e "n" antes de qualquer outra consoante. Portanto, as sílabas abaixo sublinhadas representam dígrafos vocálicos:

- limpo
- campo
- também
- santo
- mentira
- tumba
- longe

1.7.4 CONTAGEM DE LETRAS E FONEMAS EM UM VOCÁBULO

Eis um dos pontos bastante cobrados nos concursos em geral. Por isso, fique atento!

Como já mencionamos, é importantíssimo não confundir letra com fonema (som) – são coisas bem diversas. Em princípio, as letras existem para exprimir os sons. É, como já dissemos, uma representação gráfica do som. Logo, é preciso ter cuidado ao se contar as letras e os fonemas (sons) de um vocábulo, pois é preciso ficar muito atento, notadamente com os dígrafos e com os encontros consonantais, para se evitarem erros.

⇨ Observe:

- **camisas**
  - 7 letras
  - 7 fonemas
- **criança**
  - 7 letras
  - 6 fonemas (em "an" temos um dígrafo)
- **tampinha**
  - 8 letras
  - 6 fonemas (temos dois dígrafos)
- **tóxico**
  - 6 letras
  - 7 fonemas (a letra "x" representa o fonema /cs/)
- **constituinte**
  - 12 letras
  - 10 fonemas (existem dois dígrafos vocálicos "on" e "in")
- **menino**
  - 6 letras
  - 6 fonemas

1.7.5 SÍLABA

Recebe o nome de sílaba o fonema ou o conjunto de fonemas produzidos numa só emissão de voz na enunciação de um vocábulo. Veja: **ca-dei-ra; a-ba-ca-xi; co-or-de-na-ção.**

Toda sílaba possui um núcleo ou ápice de sonoridade, que, em português, é necessariamente uma vogal. Daí as sílabas serem classificadas em:

a) **Simples** → quando apresentam uma só vogal. Ex.: dor, sol.
b) **Compostas** → quando apresentam mais de uma vogal. Ex.: caule, pau.
c) **Complexas** → quando apresentam mais de uma consoante. Ex.: triste, flor.
d) **Incomplexas** → quando apresentam apenas uma consoante. Ex.: vá, cá.
e) **Abertas** → quando terminam por vogal. Ex.: ca-na-pé, me-ni-na.

f) **Fechadas ou travadas** → quando terminam por consoante. Ex.: tu-tor, al-mas.

1.7.5.1 Classificação dos vocábulos quanto ao número de sílabas

Em nossa língua, os vocábulos podem também ser classificados em relação à quantidade de sílabas que apresentam. Saliente-se que a quantidade de sílabas é o tempo da prolação de sua vogal.

Quanto ao número de sílabas que possuem, os vocábulos podem ser classificados em: *monossílabos*, *dissílabos*, *trissílabos* e *polissílabos*.

a) **Monossílabos** → possuem uma só sílaba.
Ex.: nó, dó, só, lá, vem, não, sol.

b) **Dissílabos** → possuem duas sílabas.
Ex.: vovó, café, chulé, amém, meio, aí.

c) **Trissílabos** → possuem três sílabas.
Ex.: caneca, menina, moinho, cortejo, lâmpada.

d) **Polissílabas** → possuem quatro ou mais sílabas.
Ex.: macaxeira, brotoeja, Itamaracá, Guaratinguetá.

⇨ Observação:

Alguns gramáticos de renome preferem a denominação "*tetrassílabo*", para os vocábulos com quatro sílabas, e "*polissílabo*" para os vocábulos com mais de quatro sílabas.

1.7.5.2 Tonicidade

Em geral, uma das sílabas do vocábulo se pronuncia com mais força do que as outras – é a denominada sílaba tônica. Tonicidade ou acentuação tônica, portanto, é a pronunciação forte ou intensa de uma sílaba. As demais sílabas que não apresentam a força tônica são chamadas de "atônicas" ou "átonas". Veja alguns exemplos:

- jus – **ti** – ça
  sílaba tônica
- **nú** – me – ro
  sílaba tônica
- me – **ni** – na
  sílaba tônica

Por ser pronunciada mais fortemente do que as outras, diz-se que a sílaba tônica recebe o chamado "acento tônico", denominado também de "acento prosódico". Saliente-se, entretanto, que o acento tônico não consiste na altura ou duração da voz, mas na voz forte ou intensa, a qual salienta a sílaba sobre a qual ele recai.

Cuidado! Não confunda o acento tônico com os acentos gráficos ou sinais diacríticos, pois em várias situações a língua se vale de acentos gráficos para marcar a sílaba tônica a fim de se evitarem problemas de prosódia. Para aprofundar tal conhecimento, sugerimos consultar (e estudar) o assunto "acentuação gráfica".

1.7.6 DIVISÃO SILÁBICA

A divisão de qualquer vocábulo, assinalada pelo hífen, em regra se faz pela soletração, isto é, a divisão leva em conta critérios fonéticos, e não etimológicos. Traduzindo: basta soletrar a palavra e dividi-la como se lê, independente de seus elementos constitutivos etimológicos.

Para que se faça uma correta divisão silábica, é essencial respeitar as seguintes regras:

1. Não se separam as vogais dos ditongos – crescentes e decrescentes – nem as dos tritongos. Observe:

- aurora → **au** – ro – ra
- Paraguai → Pa – ra – g**uai**
- cruéis → cru – **éi**s
- meio → m**ei** – o
- ódio → ó – d**io**
- guaiar → g**uai** – ar
- animais → a – ni – m**ai**s
- Uruguai → U – ru – g**uai**
- iguais → i – g**uai**s
- coisa → c**oi** – sa
- enjeitar → en – j**ei** – tar
- joias → j**oi** – as

⇨ **Observação:**

Embora os encontros "IA, IE, IO, UA, UE, UO" de finais átonos, seguidos ou não de "S", possam ser analisados tanto como ditongos quanto como hiatos, a tendência hoje é considerá-los apenas como ditongos. Por isso, tais grupos vocálicos devem – preferencialmente – permanecer numa mesma sílaba.

- enciclopédia → en – ci – clo – pé – dia
- barbárie → bar – bá – rie
- lírio → lí – rio

2. No interior do vocábulo, sempre se conserva na sílaba anterior a consoante não seguida de vogal. Veja:

- abdicar → ab – di – car
- étnico → ét – ni – co
- dracma → drac – ma
- subpor → sub – por

- subjugar → sub – ju – gar
- occipital → oc – ci – pi – tal
- opção → op – ção
- segmento → seg – men – to

3. Não se separam os encontros consonantais iniciais de sílabas nem os dígrafos "ch, lh, nh". Observe:

- pechinchar → pe – chin – char
- manhã → ma – nhã
- apetrecho → a – pe – tre – cho
- folha → fo – lha
- blusão → blu – são
- brotoeja → bro – to – e – ja

⇨ Observação:

Os encontros "bl" e "br" nem sempre formam grupos articulados perfeitos, isto é, nem sempre permanecem na mesma sílaba. Isto se dá porque em alguns casos o "l" e o "r" são pronunciados separadamente. Veja alguns exemplos:

- sublingual → sub – lin – gual
- sub-rogar → sub – ro – gar
- sublocar → sub – lo – car
- sublinhar → sub – li – nhar
- sub-reptício → sub – rep – tí – cio
- sub-reitor → sub – rei – tor

4. Não se separam os grupos "GU" e "QU" da vogal que os segue, quer esta esteja ou não acompanhada de consoante. Observe:

- ambíguo → am – bí – **gu**o
- quota → **qu**o – ta
- ubíquo → u – bí – **qu**o
- légua → lé – **gu**a
- quebradeira → **qu**e – bra – dei – ra
- guerra → **gu**er – ra
- queijo → **qu**ei – jo
- delinquente → de – lin – **qu**en – te

5. Não se separa a consoante inicial não seguida de vogal, ou seja, a consoante inicial não seguida de vogal permanece na sílaba em que se encontra. Observe:

- pseudônimo → **ps**eu – dô – ni – mo
- gnomo → **gn**o – mo
- pterossauro → **pt**e – ros – sau – ro
- cnêmide → **cn**ê – mi – de
- gnosiologia → **gn**o – sio – lo – gi – a
- pneumático → **pn**eu – má – ti – co

6. Separam-se os dígrafos "RR, SS, SC, SÇ, XS" no interior dos vocábulos, ficando uma consoante numa sílaba e a outra na sílaba imediata. Observe:

- pi**sc**ina → pis – ci – na
- cô**ns**cio → côns – cio
- pre**sc**indir → pres – cin – dir
- e**xc**eção → ex – ce – ção
- co**rr**eição → cor – rei – ção
- e**xc**elente → ex – ce – len – te
- adole**sc**ente → a – do – les – cen – te
- convale**sc**er → con – va – les – cer
- re**sc**indível → res – cin – dí – vel
- re**ss**u**rr**eição → res – sur – rei – ção
- pro**rr**ogação → pror – ro – ga – ção
- e**xs**urgir → ex – sur – gir

7. O "S" dos prefixos "bis-, cis-, des-, dis-, trans-" não se separa quando a sílaba seguinte começa por consoante. Caso a sílaba seguinte comece por vogal, o "S" se desprenderá do prefixo e formará sílaba com esta vogal. Observe:

- transformar → trans – for – mar
- bisneto → bis – ne – to
- descascar → des – cas – car
- cisplatino → cis – pla – ti – no
- discorrer → dis – cor – rer

mas... transatlântico → tran – sa – tlân – ti – co
mas... bisavô → bi – sa – vô
mas... desamor → de – sa – mor
mas... cisandino → ci – san – di – no
mas... disenteria → di – sen – te – ri – a

8. As vogais idênticas e as letras "CC, CÇ" separam-se, ficando uma numa sílaba e outra na sílaba consequente. Veja os exemplos:

- intelecção → in – te – lec – ção
- occipital → oc – ci – pi – tal
- álcool → ál – co – ol
- intersecção → in – ter – sec – ção
- cooperador → co – o – pe – ra – dor
- caatinga → ca – a – tin – ga
- friíssimo → fri – ís – si – mo
- veemente → vê – e – men – te

9. Separam-se as vogais que formam hiatos. Veja:

- saúde → sa – ú – de
- jesuíta → je – su – í – ta
- egoísmo → e – go – ís – mo
- carnaúba → car – na – ú – ba
- viúva → vi – ú – va
- canaãense → ca – na – ã – en – se

⇨ Observação final:

Nas translineações – passagem de uma linha para outra nos textos escritos, quando o fenômeno da separação de um vocábulo ao final de uma linha fica mais evidente –, convém ficar atento às seguintes orientações:

a) Não se deve deixar vogal solta nem na linha antecedente, nem na linha consequente isto é, não se isola sílaba de uma só vogal. Observe:

- **AMÁ – VEL** (e não "A – MÁVEL")
- **ITA – JAÍ** (e não ITAJA – Í ou I – TAJAÍ)

b) Deve-se evitar a separação de vocábulos dissílabos do tipo "aí, caí, saí, lua, rua", em que uma das sílabas é formada apenas por vogal.

c) Na translineação de uma palavra composta ou de uma combinação de palavras em que há um hífen, ou mais, se a partição coincide com o final de um dos elementos ou membros, deve, por clareza gráfica, repetir-se o hífen no início da linha imediata. Observe:

_____terça-feira_____

_____ex-diretor_____

1.8 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (PUCRJ) Um mesmo fonema pode ser grafado de diferentes maneiras. Qual a lista de palavras que exemplifica essa afirmação?

   a) paciente, centro, existência
   b) existência, meses, batizaram
   c) projeto, prejudicando, propõe
   d) quem, quando, psiquiatra
   e) coisa, incomoda, continuidade

2. (PUCSP) As palavras **rapaziada, assustado, borracha** apresentam, respectivamente:

   a) 8 fonemas / 9 letras; 9 fonemas / 9 letras; 5 fonemas / 7 letras
   b) 9 fonemas / 8 letras; 8 fonemas / 9 letras; 5 fonemas / 8 letras
   c) 9 fonemas / 9 letras; 8 fonemas / 9 letras; 6 fonemas / 9 letras
   d) 9 fonemas / 9 letras; 8 fonemas / 9 letras; 6 fonemas / 8 letras
   e) 8 fonemas / 8 letras; 8 fonemas / 9 letras; 5 fonemas / 7 letras

3. (PUCSP) As palavras **folheada, lânguido, antigos, vento** apresentam o seguinte número de fonemas e letras, respectivamente:

   a) 7- 8; 6- 8; 6- 7; 4- 5
   b) 6- 7; 7- 8; 4- 5; 6- 7
   c) 6- 7; 6- 7; 7- 8; 4- 5
   d) 4- 5; 6- 7; 6- 8; 7- 8
   e) 7- 8; 6- 7; 6- 8; 4- 5

4. (Unirio – RJ) Identifique a opção em que a palavra apresenta ao mesmo tempo um

encontro consonantal, um dígrafo consonantal e um ditongo fonético:

a) ninguém
b) coalhou
c) iam
d) nenhum
e) murcham

5. (ACAFE – SC) Assinale, na sequência abaixo, a alternativa em que todas as palavras possuem dígrafos:

a) histórias, impossível, máscaras
b) senhor, disse, achado
c) passarinhos, ergueu, piedade
d) errante, abelhas, janela
e) homem, caverna, velhacos

6. (FFFCMPA) Considere as seguintes afirmações acerca da relação entre letras e fonemas em palavras do texto.

*I – Os segmentos sublinhados em **componente**, **acrescentariam** e **conhecedor** representam um só fonema.*

*II – As letras sublinhadas em **ciência**, **sociocultural** e **adolescentes** representam o mesmo fonema.*

*III – As palavras **holística**, **essencialmente** e **conquistas** têm, cada uma delas, mais letras que fonemas.*

Quais estão corretas?

a) Apenas I.
b) Apenas II.
c) Apenas III.
d) Apenas I e III.
e) I, II e III.

7. (PUCSP) Nas palavras **enquanto, queimar, folhas, hábil, grossa**, constatamos a seguinte sequência de letras e fonemas:

a) 8- 7; 7- 6; 6- 5; 5- 4; 6- 5
b) 7- 6; 6- 5; 5- 5; 5- 5; 5- 5

c) 8- 5; 7- 5; 6- 4; 5- 4; 5- 4
d) 8- 6; 7- 6; 6- 5; 5- 4; 6- 5
e) 8- 5; 7- 6; 6- 5; 5- 5; 5- 5

8. (PUCSP) Assinale a sequência em que todas as palavras estão partidas corretamente.

a) trans-a-tlân-ti-co / fi-el / sub-ro-gar
b) bis-a-vô / du-e-lo / fo-ga-réu
c) sub-lin-gual / bis-ne-to / de-ses-pe-rar
d) des-li-gar / sub-ju-gar / sub-scre-ver
e) cis-an-di-no / es-pé-cie / a-teu

9. (ITA) Dadas as palavras:

1. des-a-len-to
2. sub-es-ti-mar
3. trans-tor-no,
constatamos que a separação silábica está correta:

a) apenas no número 1
b) apenas no número 2
c) apenas no número 3
d) em todas as palavras
e) n.d.a

10. (AMAN) Assinale a opção em que a divisão silábica não está corretamente feita:

a) a-bai-xa-do
b) si-me-tria
c) es-fi-a-pa-da
d) ba-i-nhas
e) ha-vi-a

GABARITO

1 – B	2 – D	3 – A
4 – E	5 – B	6 – D
7 – D	8 – C	9 – C

10 – B		

CAPÍTULO 2

ORTOGRAFIA OFICIAL

Conversando um pouco...
Iniciaremos o estudo de uma importante parte da gramática normativa: a ortografia. Gostaria de salientar que este capítulo deve ser estudado com cuidado. Inevitavelmente, você se deparará com várias regras, orientações, muitas exceções etc., etc. Ficar decorando os pontos talvez não seja a melhor técnica. Por isso, sugiro que estude o capítulo aos poucos, tendo sempre em mente que o melhor remédio para se aprender a escrever os vocábulos corretamente ainda é a leitura. Cremos que só com a leitura habitual o operador da língua conseguirá memorizar – pela apreensão visual – a correta escrita de muitas palavras. Portanto, leia mais! E não deixe, é claro, de, aos poucos, apreender pela norma gramatical algumas orientações ortográficas. Por isso, vamos lá!

Antes de qualquer consideração, convém mencionar que a palavra ORTOGRAFIA é formada por dois radicais gregos (orto + grafia), os quais significam respectivamente "correto" e "escrita". Logo, ortografia é a parte da gramática normativa que se preocupa com a correta representação escrita dos vocábulos em nossa língua.

As dificuldades de escrita que muitas palavras nos oferecem ocorrem em virtude de as palavras em nossa língua obedecerem a dois critérios distintos: ora a grafia do vocábulo está baseada na etimologia, ora a grafia do vocábulo está baseada na fonética.

Como sabemos, os sistemas ortográficos são três: o fonético, o etimológico e o misto. Nossa língua portuguesa faz uso do sistema "misto". Por isso, muitos operadores da língua sentem dificuldade (ou dúvida) em escrever alguns vocábulos.

2.1 LETRA E ALFABETO

Como sabemos, a letra é a representação gráfica de um fonema. Nem sempre, como se demonstra no capítulo de introdução à fonética, esta relação "letra" / "fonema" é perfeita, pois existem fonemas representados por mais de uma letra e vice-versa. O conjunto de todas as letras em nossa língua é denominado de "alfabeto português". Nosso alfabeto é hoje composto por 26 letras, sendo 21 consoantes e 5 vogais. São elas:

a A (á)	j J (jota)	s S (esse ou sê)
b B (bê)	k K (capa ou cá)	t T (tê)
c C (cê)	l L (ele ou lê)	u U (u)
d D (dê)	m M (eme ou mê)	v V (vê)
e E (é ou ê)	n N (ene ou nê)	w W (dáblio)
f F (efe ou fê)	o O (ó)	x X (xis)
g G (gê ou guê)	p P (pê)	y Y (ípsilon ou ipsilone)
h H (agá)	q Q (quê)	z Z (zê)
i I (i)	r R (erre ou rê)	

2.2 NOTAÇÕES LÉXICAS

Além das letras, nossa língua usa uma série de sinais auxiliares a fim de indicar alguns fonemas especiais. Ao conjunto desses sinais gráficos, chamados também de sinais diacríticos (gr. “diacríticos” = apto a distinguir), dá-se o nome de notações léxicas. Esses sinais acessórios da escrita são os seguintes: acentos (agudo, circunflexo e grave), til, apóstrofo, cedilha e hífen.

2.2.1 ACENTOS

Os acentos são notações léxicas empregadas sobre algumas vogais para indicar a sílaba tônica ou para indicar a fusão entre elas. Como já dissemos, temos três tipos de acentos na língua portuguesa: (´) agudo, (^) circunflexo e (`) grave.

2.2.1.1 Agudo

O acento agudo é empregado sobre as vogais para assinalar, quando as regras da acentuação assim exigirem, a tonicidade aberta das vogais “a, e, o” e a tonicidade fechada das vogais “i, u”.

⇨ Observe:

- água
- café
- paletó
- difícil
- baú

2.2.1.2 Circunflexo

O acento circunflexo é usado sobre as vogais “a, e, o”, quando as regras da acentuação exigirem, para indicar o timbre fechado delas.

- quilômetro
- cortês
- repô-lo
- britânico
- constância
- prêmio

2.2.1.3 Grave

O acento grave é usado exclusivamente em português para indicar o fenômeno da crase, isto é, a contração, a fusão de dois “as” (a + a).

- Um dia chegaremos àquela (a + aquela) região.
- Iremos todos à (a + a) casa da tia Zuleide.

⇨ Observação:

Para aprofundar os seus conhecimentos sobre o emprego do acento grave, sugerimos que estude o assunto “Crase” em sintaxe.

2.2.1.4 Til

É uma notação léxica usada para indicar a nasalização das vogais “a, o”, quando houver necessidade.

- órgão
- não
- intenção
- ímã
- põe
- mãe

2.2.2 CEDILHA

É uma notação léxica colocada sob a letra “c”, a fim de se obter o fonema /s/ antes das vogais “a, o, u”. Observe:

- faço
- caçar
- mulçumano
- açúcar
- paçoca
- espaço

2.2.3 APÓSTROFO

O apóstrofo é um sinal empregado para assinalar a supressão de um fonema numa palavra, a fim de se evitarem sons desagradáveis ou mesmo a repetição de um fonema ao se pronunciar o vocábulo. Geralmente ocorre a elisão do “e” da preposição “de”.

- queda d’água
- pau-d’arara
- galinha-d’água
- copo-d’água
- pau-d’água
- estrela-d’alva
- mãe-d’água
- borda-d’água
- pau-d’arco
- pau-d’óleo

Emprega-se também o apóstrofo nas ligações das formas “santo” e “santa”, quando importa representar a elisão das vogais finais “o” e “a”. Observe:

- Sant’Ana
- Sant’Iago
- Sant’Antônio

2.2.4 HÍFEN

É a notação léxica que apresenta maior número de empregos. É frequentemente empregado para unir palavras compostas, prefixos e formas verbais. Observe abaixo algumas orientações que estão respaldadas no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, publicado no ano de 2009.

Como já dissemos, o hífen é a notação léxica que apresenta o maior número de empregos. É frequentemente empregado, por exemplo, para indicar a ênclise dos pronomes oblíquos átonos, para formar vocábulos por derivação prefixal e para unir compostos. Veja:

- fazê-lo
- cachorro-quente
- pré-operatório
- pós-verbal
- pô-las

Quando une vocábulos, o hífen, em muitos casos, servirá como um sinal de conotatividade, pois indicará que os elementos unidos por ele não estão empregados em seus sentidos originais, mas passaram a compor um novo conceito, uma nova ideia. Observe como o emprego do hífen, nesse caso, altera o sentido nos exemplos abaixo:

mesa redonda → mesa em formato circular	≠	**mesa-redonda** → reunião, debate, discussão
casca grossa → casca espessa, grossa	≠	**casca-grossa** → ignorante, bruto, grosso
criado mudo → empregado que não fala	≠	**criado-mudo** → móvel de cabeceira
ferro velho → peça de ferro antiga	≠	**ferro-velho** → estabelecimento que vende coisas velhas
pão duro → pão endurecido, velho	≠	**pão-duro** → sovina, pirangueiro, avaro
calça curta → calça de pequena extensão	≠	**calça-curta** → dominado, inexperiente

2.2.4.1 Empregos do hífen

Para aprofundar o conhecimento, observe agora os principais empregos do hífen:

1) Para indicar a ênclise dos pronomes oblíquos átonos às formas verbais.

- Entregou-me
- Vamos fazê-lo
- Hei de comprá-lo
- Passou-nos o projeto

⇨ Observação:

Não se emprega o hífen nas ligações verbais, formadoras de locuções verbais, com o verbo "haver" + preposição "de".

- hei de vencer
- haveríamos de encontrar
- hás de fazer

2) Em vocábulos compostos, formados por "substantivo + substantivo", nos quais segundo substantivo indique forma, finalidade ou tipo.

- decreto-lei
- ideia-mãe
- café-concerto
- homem-robô
- homem-chave

3) Nas palavras compostas por justaposição que não contêm formas de ligação e cujos elementos constituem uma unidade sintagmática e semântica única e mantêm acento próprio. Em outras palavras, os vocábulos perderam suas significações individuais e passaram a compor um novo conceito, uma nova semântica.

- decreto-lei
- médico-cirurgião
- tenente-coronel
- ano-luz
- arco-íris
- tio-avô
- turma-piloto
- sul-africano
- afro-asiático
- primeiro-ministro
- beija-flor
- luso-brasileiro
- azul-escuro
- conta-gotas
- porto-alegrense
- marca-texto
- caneta-tinteiro
- saca-rolha
- saia-calça
- boas-vindas

4) Nos topônimos compostos iniciados pelos adjetivos "grã-, grão-" ou por forma verbal ou cujos elementos estejam ligados por artigo.

- Grã-Bretanha
- Grão-Pará
- Traga-Mouros
- Abre-Campo
- Baía de Todos-os-Santos
- Trás-os-Montes
- Trinca-Fortes
- Entre-os-Rios

5) Nas palavras compostas que designam espécies botânicas e zoológicas, estejam ou não ligadas por preposição ou qualquer outro elemento.

- couve-flor
- erva-doce
- feijão-verde
- erva-do-chá
- ervilha-de-cheiro
- bem-me-quer
- cobra-d'água
- andorinha-do-mar
- bem-te-vi
- cobra-capelo
- formiga-branca
- lesma-de-conchinha

6) Nos compostos com os advérbios "bem" e "mal", quando estes formam com o

elemento que se lhes segue uma unidade sintagmática e semântica, e tal elemento começa por vogal ou "H".

- bem-aventurado
- bem-estar
- bem-humorado
- mal-estar
- mal-afortunado
- mal-humorado
- mal-intencionado
- mal-assombrado

⇨ Observações:

a) Em muitos compostos, o advérbio "bem" aparece aglutinado com o segundo elemento (forma consolidada pelo uso), quer este tenha ou não vida à parte.

- benfazejo
- benfeito
- benfeitor
- benquerença

b) Em outros vocábulos, o advérbio "bem" pode não se aglutinar com palavras começadas por consoante. Observe:

- bem-criado
- bem-ditoso
- bem-nascido
- bem-visto

> **Consideração importante:** A verdade é que nós não temos uma orientação segura a respeito do emprego do hífen com este advérbio. Nesse caso, não há outra solução: em caso de dúvida, consulte um bom dicionário. Se você é daqueles que escrevem com frequência, sugiro que também tenha sempre à mão o VOLP – Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa.

c) É importante não confundir! Quando o vocábulo não começar por vogal nem por "H", nã haverá hífen com o advérbio "mal". Observe:

- malformação
- malcozido
- malcheiro
- malcriado

Mas escreveremos...

- mal-educado
- mal-afortunado
- mal-encarado
- mal-humorado
- mal-avisado

7) Nos compostos com os elementos "além, aquém, recém, sem".

- além-Atlântico
- além-mar
- além-fronteiras
- aquém-mar
- recém-nascido
- sem-cerimônia
- sem-número
- sem-vergonha

2.2.4.2 Emprego do hífen com prefixos

Nas formações com prefixos ou falsos prefixos só se emprega o hífen nos seguintes

casos:

1) Nas formações em que o segundo elemento começa por "h", ou seja, não import o prefixo: se o segundo elemento iniciar-se por "H", deve-se empregar o hífen. Observe:

- pré-história
- extra-humano
- sub-hepático
- super-homem
- anti-herói
- arqui-hipérbole
- geo-história
- pan-helenismo
- semi-hospitalar
- poli-hidratação

⇨ Observação:

Não se usa, no entanto, o hífen em formações que contêm em geral os prefixos "des-" e "in-", nas quais o segundo elemento perdeu o "h" inicial. Veja:

- desumano
- desumidificar
- inábil
- inumano

2) Nas formações em que o prefixo termina na mesma vogal com que se inicia o segundo elemento. Observe:

- anti-ibérico
- contra-almirante
- infra-axilar
- micro-ondas
- auto-ônibus
- micro-organismo
- anti-imperialista
- anti-inflamatório
- supra-auricular
- arqui-inimigo
- semi-interno
- eletro-ótica

⇨ Observação:

Esta regra não se aplica ao prefixo "re-". Por isso, escrevem-se corretamente sem hífen, por exemplo, os vocábulos "reencarnação, reenvio, reemissão, reempossar, reencontro, reestabelecer etc.".

3) Nas formações com os prefixos "circum-" e "pan-", quando o segundo elemento começar por vogal, "m" ou "n", além do "h" já mencionado.

- circum-escolar
- circum-murado
- circum-navegação
- pan-africano
- pan-mágico
- pan-negritude
- pan-americano

4) Nas formações com os prefixos "hiper-, super-, inter-", quando o segundo elemento iniciar-se por "r", além, é óbvio, do "H" já mencionado.

- super-resistente
- hiper-reativo
- inter-relacionado
- super-revista
- hiper-requintado
- inter-hemisfério
- hiper-rugoso
- super-realismo

- inter-regional
- inter-renal

5) Nas formações com os prefixos “ex-, pós-, pré-, pró-, sota-, soto-, vice-, vizo-”, isto é, esses prefixos sempre serão usados com hífen.

- ex-diretor
- pró-labore
- sota-piloto
- soto-mestre
- vice-presidente
- vizo-rei
- soto-general
- pré-datado
- pós-graduação
- pré-vestibular
- pré-natal
- pró-britânico
- pró-americano
- pós-tônico
- pró-europeu
- vice-diretor

6) Com o prefixo “sub-”, haverá hífen sempre que o vocábulo iniciar-se por “b, h ou r”. Observe:

- sub-base
- sub-bibliotecário
- sub-humano
- sub-hepático
- sub-rogar
- sub-repartição
- sub-bosque
- sub-rotina

⇨ Observação:

Caso não se inicie por “b, h ou r”, não haverá hífen. Veja:

- subepiderme
- sublocatário
- subclasse
- subutilizar

⇨ Observações:

a) Em alguns vocábulos, o prefixo (átono) se incorporou à palavra primitiva, como em “predeterminado, pressupor, propor, pospor, promover, prever”. Por isso, estes vocábulos são escritos sem hífen.

b) Nas formações por sufixação, só se emprega o hífen nos vocábulos terminados por sufixos de origem tupi-guarani que representam formas adjetivas, com “açu, guaçu e mirim”, como, por exemplo, “amoré-guaçu, anajá-mirim, andá-açu, capim-açu, Ceará-Mirim”.

c) Usa-se também o hífen nas ligações de formas pronominais enclíticas ao advérbio “eis” (ei-lo, ei-los) e ainda nas combinações de formas pronominais “o, a, os, as” com os pronomes oblíquos “nos” e “vos”, como, por exemplo, “no-lo”, “vo-los”.

d) O Novo Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa registra tanto “*pro forma*, *pr labore*”, formas latinas, quanto “*pró-forma*, *pró-labore*”, formas aportuguesadas. Portanto, ambas as grafias, sem hífen na forma latina e com hífen na forma aportuguesada, são corretas.

2.2.4.3 Não se emprega o hífen

1) Nos vocábulos derivados por prefixação, cujo prefixo terminar em vogal e o segundo elemento iniciar-se por consoante. Caso o segundo elemento inicie por "r" ou "s", estas consoantes devem ser duplicadas.

- contrarregra
- infrassom
- suprassumo
- antirreligioso
- minissaia
- neorrepublicano
- microcirurgia
- minissérie
- semicírculo
- ultrarromântico
- hipoderme
- semimetal
- extracorpóreo
- supracitado
- neoliberal

2) Nos vocábulos derivados por prefixação, cuja vogal final do prefixo é diferente d vogal inicial do segundo elemento.

- antieconômico
- extraescolar
- extraoficial
- intraocular
- aeroespacial
- semiárido
- agroindustrial
- hidroelétrico
- coeducação
- autoestrada
- plurianual
- antiaéreo

3) Nos vocábulos formados por palavras compostas, cuja noção de composição, er certa medida, se perdeu, uma vez que tais palavras passaram a compor um sentido único, individualizado.

- paraquedas
- mandachuva
- madressilva
- girassol
- pontapé
- madrepérola
- passatempo
- rodapé
- sobremesa
- vaivém
- malmequer
- aguardente

2.3 ORIENTAÇÕES ORTOGRÁFICAS – EMPREGO DE ALGUMAS LETRAS

A partir de agora, vamos estudar o emprego de diversas letras do vocabulário português. Sugerimos que estude o assunto aos poucos para um melhor aprovisionamento do conteúdo. Salientamos, entretanto, que a melhor técnica para se evitarem erros ortográficos ainda é a leitura. Só a leitura, continuada e bem orientada, propiciará uma escrita livre dos problemas ortográficos. Ademais, é preciso que se diga que "ninguém" – repita-se "ninguém" – possui pleno domínio de todos os vocábulos da nossa língua. Daí a importância de o operador da língua pátria sempre possuir à mão um bom dicionário. Será este compêndio vocabular que afastará o erro ortográfico. Por isso, orientamos o nosso aluno para que leia o assunto abaixo não com o intuito de decorar simplesmente, mas principalmente com o intuito de entender o porquê do emprego desta e não daquela letra. A missão não é tão simples. Mas certamente não é impossível. Mãos à obra!!

Inicialmente, tenha cuidado com algumas letras que, frequentemente, impõem dúvida no escritor. Vamos a elas!

Dica: Sugiro que pare um pouco agora. Descanse a mente alguns minutos antes de passar para o próximo ponto. Preferencialmente, releia o assunto acima – emprego do hífen. É um ponto bastante explorado pelas bancas. Por isso, vale a pena olhar novamente, fazer outras anotações. Provavelmente você não obsorverá todas as informações sobre o hífen agora. Anote em algum lugar a data em que você estudou o assunto. Revise-o em poucos dias. Certamente o resultado será bem melhor na próxima vez que estudar o assunto. Quando estiver pronto, passe para o ponto abaixo... Vamos lá...

2.3.1 EMPREGO DAS LETRAS "E" E "I"

Em nossa língua, o emprego do "e" e do "i" é responsável por uma série de equívocos ortográficos. Portanto, é preciso estar atento para se evitarem muitos erros. Observe abaixo uma série de orientações sobre o emprego destas duas letras.

ESCREVE-SE COM "I" E NÃO COM "E":		
• aborígene/aborígine	• alumiar	• ansiar
• antipatia	• ária (música)	• arriar (baixar)
• calidoscópio	• cerimônia	• chilique
• colibri	• corrimão	• crânio
• criação	• criatura	• crioulo
• diferir (adiar)	• disfarce	• digladiar
• dilação (adiamento)	• dilapidar	• discrição (reserva)
• discricionário	• discriminar (discernir)	• disparate
• dispensa (folga)	• displicência	• distorção
• erisipela	• escárnio	• esquisito
• idiossincrasia	• Ifigênia	• imergir (mergulhar)
• imigrar (entrar no país)	• iminente (próximo)	• incinerar
• infestar	• inigualável	• lampião
• meritíssimo	• miscigenação	• pátio
• penicilina	• pião (brinquedo)	• pinicar
• pontiagudo	• privilégio	• réstia
• ridículo	• silvícola	• siri
• tinir	• umbilical	• vadiar (vagabundear)

Lembre-se de que também se emprega a letra “i”:

a) Nas terceiras pessoas do presente do indicativo dos verbos terminados em “-AIR” “-OER” e “-UIR”:

- cai
- sai
- corrói
- possui
- atribui
- constrói
- dói

b) No prefixo grego “anti-”, que indica “ação contrária, oposição”.

- antídoto
- antissepsia
- antimoral
- anti-infeccioso
- anti-horário

c) No paradigma de conjugação dos verbos terminados em “-IAR”, como “variar, estagiar, abreviar, aliciar, assobiar etc.”.

- Eu vario →tu varias, ele varia, nós variamos, vós variais, eles variam.
- Eu estagio → tu estagias, ele estagia, nós estagiamos, vós estagiais, eles estagiam.
- Eu assobio → tu assobias, ele assobia, nós assobiamos, vós assobiais, eles assobiam.

d) Nas terminações em “-ANO” (significando “aquele que pertence a” ou “relativo a nas quais se aplica um “i”, que funcionará como vogal de ligação.

- freudiano
- machadiano
- camoniano
- goethiano
- ciceroniano
- açoriano

⇨ Observação:

Neste último caso, quando o vocábulo termina em “E”, é de rigor a manutenção deste “E”. Observe:

- Daomé → daomeano
- Arqueu → arqueano
- Ageu → ageano
- Galileu → galileano

ESCREVE-SE COM “E” E NÃO COM “I”:		
• acarear	• aéreo	• apear
• área (espaço)	• arrear (enfeitar)	• beduíno
• beneficência	• berilo	• cadeado
• campeão	• campear	• carestia
• cedilha	• cemitério	• confete
• corpóreo	• creolina	• deferir (ceder)

• delação (denúncia)	• descrição (redação)	• desenfreado
• desfrutar	• despensa (depósito)	• desforra
• desfrutar	• destilar	• disenteria
• elucidar	• emergir (vir à tona)	• encrenca
• espaguete	• emigrar (sair do país)	• embutir
• eminência (altura)	• empecilho	• encrenca
• endireitar	• enfezar	• engolir
• enteado	• estrear	• geada
• granjear	• mestiço	• mexerico
• paletó	• páreo	• parêntese (ou parêntesis)
• peão (homem do campo)	• penico (urinol)	• periquito
• petisco	• preá	• recrear (divertir)
• quepe	• sequer	• seringa
• umedecer	• vadear (passar a vau)	• veado

Lembre-se de que também se emprega a letra “e”:

a) Nos ditongos nasais “ãe” e “õe”:

- dispõe
- mãe
- cirurgiães
- alemães
- compõem
- cães

b) No prefixo grego “ante-” que indica “anterioridade”:

- antediluviano
- anterreforma
- antegozo
- antecâmara
- antessala

c) Nas formas dos verbos terminados em “-OAR” e “-UAR”:

- abençoe
- perdoe
- magoe
- atue
- continue
- efetue

d) Nas terceiras pessoas do plural do presente do indicativo de muitos verbos:

- caem
- saem
- destroem
- arguem
- possuem
- constituem

e) No prefixo latino “des-” que indica “oposição, negação, falta ou afastamento,

separação”:

- descortês
- desleal
- descascar
- desamor
- desarmonia

⇨ Observação

Não se esqueça também de que a oposição “e” e “i” é responsável pela distinção entre vários vocábulos. São formas parônimas. Veja:

> **Cuidado aqui**, pois várias bancas exploram este tipo de conhecimento. Portanto, vale a pena ler o ponto mais de uma vez. Use caneta marca-texto.

ESCREVE-SE COM “E”	ESCREVE-SE COM “I”
á**r**ea (espaço, superfície)	á**ri**a (melodia, concerto)
arr**e**ar (pôr arreios)	arr**i**ar (abaixar)
d**e**ferir (conceder)	d**i**ferir (adiar ou ser diferente)
d**e**latar (denunciar)	d**i**latar (distender)
d**e**lação (denúncia)	d**i**lação (adiamento)
d**e**scrição (ato de descrever)	d**i**scrição (ser discreto)
d**e**scriminação (absolvição)	d**i**scriminação (separação)
emergir (vir à tona)	**i**mergir (afundar)
eminente (ilustre)	**i**minente (prestes a ocorrer)
p**e**ão (pedestre)	p**i**ão (brinquedo)
recr**e**ação (diversão)	recr**i**ação (criar novamente)
vad**e**ar (passar a vau)	vad**i**ar (andar à toa)

2.3.2 EMPREGO DAS LETRAS “O” E “U”

Teste o seu vocabulário. Observe abaixo um grupo de palavras escritas com “O” e outro grupo de palavras escritas com “U”. Fique atento, pois não raros são os equívocos ortográficos com estas palavras.

ESCREVE-SE COM “O” E NÃO COM “U”:		

• abolição	• abolir	• agrícola
• amêndoa	• amontoar	• aroeira
• assoar	• bobina	• boate
• bochecho	• boteco	• botequim
• bússola	• chacoalhar	• cobiça
• cochicho	• coelho	• comprido
• comprimento (extensão)	• costume	• cortiça
• coruja	• êmbolo	• encobrir
• engolir	• engolimos (forma verbal)	• esmolambado
• espoliar	• focinho	• goela
• lobisomem	• lombriga	• mocambo
• mochila	• moela	• moleque
• molambo	• moringa	• mosquito
• névoa	• nódoa	• óbolo
• polenta	• poleiro	• polir
• ratoeira	• sapoti	• silvícola
• sortir (abastecer)	• sortido (variado)	• sotaque
• toalete	• tocaia	• tostão
• tribo	• vinícola	• zoada

ESCREVE-SE COM "U" E NÃO COM "O":		
• abulia	• acudir	• anágua
• bueiro	• bônus	• bruxulear
• bugalho	• buliçoso	• bulir
• burburinho	• camundongo	• chuviscar
• cumbuca	• cumprimento (saudação)	• cumprimentar
• cúpula	• curinga (carta de baralho)	• Curitiba
• curtir	• curtição	• cutia (animal)
• curtume	• cutucar	• embutir
• entupir	• estripulia	• esbugalhar
• escapulir	• fuçar	• íngua
• jabuti	• juazeiro	• légua

• manusear	• muamba	• mucama
• mulato	• murmurinho	• mutuca
• pirulito	• rebuliço	• sanduíche
• sinusite	• suar (transpirar)	• supetão
• surripiar	• tábua	• tabuleiro
• tulipa	• urticária	• usufruto
• virulento		

2.3.2.1 Dupla ortografia com os ditongos "OU" e "OI"

Há na língua uma série de vocábulos que tanto podem ser escritos com o ditongo "OU" quanto com o ditongo "OI". É certo que uma das formas sempre será a mais usual, embora ambas estejam corretas. Observe:

- açoite – açoute
- afoito – afouto
- besoiro – besouro
- biscoito – biscouto
- coice – couce
- coisa – cousa
- doido – doudo
- doirar – dourar
- dois – dous
- estoiro – estouro
- loiça – louça
- loiro – louro
- oiço – ouço
- oiro – ouro
- tesoiro – tesouro
- toiro – touro
- toicinho – toucinho

2.3.3 EMPREGO DAS LETRAS "C" E "Ç"

a) Empregam-se as letras "C" ou "Ç" em vocábulos de origem tupi ou africana:

- açaí
- paçoca
- caiçara
- miçanga
- puçá
- araçá
- caçula
- Paraguaçu
- Pajuçara
- piracema
- Iguaçu
- cacimba
- Piracicaba
- Moçambique
- Araci
- Moçoró
- babaçu
- muçum
- Juçara
- Piraçununga

b) Em palavras de origem latina, finalizadas em "t", emprega-se "ç" ou "c", pois há geralmente uma correlação entre o "t" latino e o "ç" ou "c" português.

- absorto → absorção
- ato → ação
- adotar → adoção
- torto → torção
- isento → isenção
- executor → execução
- abster → abstenção
- distinto → distinção
- infrator → infração
- marte → marcial
- extinto → extinção

c) Emprega-se também o "C" ou "Ç" em muitas palavras de origem árabe:

- açafrão
- acicate
- açucena
- açude
- muçulmano
- alface
- açúcar

d) Emprega-se também o "Ç" na correlação: verbo em "TER" substantivo em "TENÇÃO":

- ABSTER → abstenção
- DETER → detenção
- ATER → atenção
- CONTER → contenção
- RETER → retenção

e) Empregam-se também as consoantes "C" e "Ç" nos sufixos "-AÇA, -AÇO, -AÇÃO -ECER, -IÇA, -IÇO, -NÇA, -UÇO".

- carcaça
- cabaça
- bagaço
- anoitecer
- caliça
- chouriço
- festança
- dentuça
- estilhaço
- noviço
- ricaço
- carniça
- criança
- armação
- magriço

f) Emprega-se também o "Ç" ou "C" após vários ditongos. Observe:

- fauce
- feição
- foice
- louça
- traição
- beicinho
- caiçara
- precaução
- traiçoeiro
- bouçar
- calabouço
- coice

2.3.3.1 Emprego da letra "C"

ESCREVE-SE COM "C" OU COM "Ç":		
• absorção	• abstenção	• acaçapar
• açafrão	• açaí	• acelga
• acender (iluminar)	• acessório	• acervo
• acetinar	• aço	• açucena

• açúcar	• adereço	• afocinhar
• alçapão	• alicerçar	• alicerce
• almoço	• ameaçar	• arregaçar
• arruaça	• asserção	• babaçu
• beça	• Berenice	• boçal
• buço	• cabaça	• caçarola
• cacimba	• calção	• caniço
• carapaça	• carcaça	• cê-cedilha
• cela (quarto)	• celibato	• celofane
• cênico	• censo (recenseamento)	• censura
• cereja	• cerração (nevoeiro)	• certame (ou certâmen)
• cerzir (costurar)	• chacina	• chumaço
• cilada	• cintura	• cirrose
• cismar	• concertar (ajustar)	• contorção
• dentuça	• descrição	• disfarce
• dobradiça	• eriçar	• espinhaço
• exceção	• hortaliça	• inchaço
• jaçanã	• licença	• linhaça
• maçada (importunação)	• maçaneta	• maçante
• maciço	• maniçoba	• miçanga
• maçom	• mormaço	• muçarela
• noviço	• ouriço	• paçoca
• palhoça	• pança	• pinçar
• pocilga	• presunção	• rebuliço
• rechaçar	• regaço	• ruço (pardo, grisalho)
• sanção (ato de sancionar)	• sumiço	• tenção (intenção)
• terraço	• tição	• torção
• traça	• vacilar	• viço
• vidraça	• vizinhança	

2.3.4 EMPREGO DAS LETRAS “G” E “J”

Outro conjunto de palavras que frequentemente trazem dúvidas ao operador da língua são os vocábulos escritos com “G” e com “J”. Como os fonemas dessas duas letras são bem parecidos, os equívocos não são raros. Portanto, fique atento às orientações abaixo.

2.3.4.1 Emprego da letra “G”

ESCREVE-SE COM “G” E NÃO COM “J”:		
• adágio	• agenda	• agiota
• algema	• algibeira	• angelim
• angina	• apogeu	• aragem
• auge	• digerir	• digestão
• égide	• egrégio	• estrangeiro
• evangelho	• falange	• ferrugem
• frigir	• fuligem	• garagem
• geada	• gêiser	• geleia
• gêmeo	• gengibre	• gengiva
• gergelim	• geringonça	• gesso
• gesto	• gibi	• gilete
• gim	• girândola	• gíria
• impingem	• megera	• monge
• ogiva	• rabugem	• rabugento
• regurgitar	• rugido	• selvagem
• sugestão	• tangente	• tangível
• tangerina	• tigela	• vagem
• vagina	• vargem	• vertigem
• viagem	• vigência	

Emprega-se a letra G:

a) Nos sufixos “-agem, -igem, -ugem, -ege, -oge”. Observe:

- aragem
- vertigem
- frege
- malandragem
- ferrugem
- micagem
- fuligem
- sege
- viagem
- miragem
- paragoge

⇨ Observação

Usa-se o “G” no substantivo “viagem”, mas se emprega a letra “J” no verbo “viajar” e seus derivados.

- É importante que ele faça uma boa **viagem**. (substantivo)
- É importante que ele **viaje** em segurança. (verbo)

Representam exceções a esta regra: lambujem, pajem e lajem.

b) Nas terminações “-ágio, -égio, -ígio, -ógio, -úgio”. Veja:

- adágio
- pedágio
- estágio
- egrégio
- prodígio
- relógio
- refúgio
- remígio
- fastígio
- necrológio
- colégio
- subterfúgio
- naufrágio
- plágio

c) Nos verbos terminados em “GER” e “GIR”. Observe:

- eleger
- proteger
- fingir
- frigir
- impingir
- mugir
- submergir

d) Geralmente depois da vogal “A”, a qual inicia o vocábulo. Perceba:

- agente
- agiota
- ágio
- agir
- agitar
- agitação
- agenda

⇨ Observação

Representam exceção a esta regra os vocábulos que por origem se escrevem com “J” ou que são derivados de outros, os quais apresentam a letra “J” após a vogal “A”. São bons exemplos: ajeru, ajeitar, ajesuitar.

e) Nos vocábulos derivados, cujas palavras primitivas são grafadas com “G”. Observe:

- exigir → exigência
- impingir → impingem
- tingir → tingido
- afligir → afligem

2.3.4.2 Emprego da letra “J”

ESCREVE-SE COM “J” E NÃO COM “G”:		

• ajeitar	• alforje	• anjinho
• anjo	• berinjela	• cafajeste
• canjica	• canjirão	• cereja
• cerejeira	• cerveja	• cervejeiro
• desajeitado	• enjeitar	• enrijecer
• gajeiro	• gorjear	• gorjeio
• gorjeta	• granjear	• injeção
• interjeição	• jeca	• jeito
• Jeni	• jenipapo	• jequitibá
• Jeremias	• Jericó	• jerimum
• jérsei	• jesuíta	• jiboia
• jirau	• jiu-jitsu	• laje
• laranjeira	• lisonjear	• lojista
• majestade	• manjericão	• Moji
• objeção	• ojeriza	• pajé
• pajem	• Pajeú	• pegajoso
• projeção	• projétil	• rejeição
• rejeitar	• sarjeta	• traje
• trejeito	• ultraje	• varejeira
• varejista		

É comum, portanto, o emprego da letra “J”:

a) Em muitas palavras de origem latina. Observe:

- jeito
- cereja
- majestade
- lájea
- hoje
- jeira

b) Em muitas palavras de origem africana e tupi-guarani. Veja:

- beiju
- caju
- jerimum
- Ubirajara
- jeribá
- jenipapo
- pajé
- mujique
- jiboia
- jirau
- jê
- maracujá
- jequitibá
- jerivá

c) Em palavras derivadas de outras que já têm a letra “J”. Observe:

- laranja → laranjeira, laranjinha
- manjar → manjedoura
- viajar → viajei, viajem (verbos)
- rijo → rijeza, enrijecer
- gorja → gorjeta, gorjear, gorjeio
- encorajar → encoraje, encorajem (verbos)

d) Nas flexões do modo subjuntivo dos verbos terminados em "-jar", como "arranja despejar, sujar, viajar, aleijar, almejar etc.". Veja:

- arranjar → arranje, arranjes, arranje, arranjemos, arranjeis, arranjem.
- despejar → despeje, despejes, despeje, despejemos, despejeis, despejem.

2.3.5 EMPREGO DA LETRA "H"

A princípio, é preciso dizer que a letra H, em início e fim de vocábulo, não representa fonema em nossa língua. Funciona com mero símbolo gráfico, mantendo-se simplesmente em razão da etimologia de muitos vocábulos. Emprega-se a letra H, portanto:

1) No início dos vocábulos em razão da etimologia:

- herói → do latim "*heros*"
- haver → do latim "*habere*"
- humano → do latim "*humanus*"
- hesitação → do latim "*haesitatione*"
- habitar → do latim "*habitare*"
- haste → do latim "*hasta*"
- hipótese → do grego "*hupóthesis*"
- hipotaxe → do grego "*hupótaksis*"

2) No final de algumas interjeições. Observe:

- ah!
- eh!
- ih!
- oh!
- puh!

3) Em compostos unidos por hífen, quando o segundo elemento possui "h" etimológico. Observe:

- pré-histórico
- super-homem
- anti-higiênico
- sobre-humano

4) Como integrante dos dígrafos "ch, nh, lh". Veja:

- chuva
- inhame
- ilha
- chaveiro
- filho
- banha

5) Por tradição, no topônimo BAHIA.

⇨ Observação

O “H” medial que não soa não se escreve, como em “desumano, exausto, filarmônico, inábil, lobisomem, reabilitar, reaver, turboélice”.

Observe agora uma lista com alguns vocábulos, em que se emprega a letra H, os quais podem gerar dúvidas.

ESCREVE-SE COM “H” INICIAL		
• hã	• Habacuque	• hagiografia
• haicai	• Haiti	• hálito
• haltere	• hangar	• harmonia
• harpa	• harpejar	• harpia
• haste	• haurir	• Havana
• Havaí	• haxixe	• hebdomadário
• hebreu	• hectare	• hediondo
• hedonismo	• Hedviges	• hélice
• hemeroteca	• hemisfério	• hemorragia
• hemorroidas	• hendecassílabo	• hepático
• heptassílabo	• hera (planta)	• herbívoro
• hermenêutica	• hermético	• hérnia
• herói	• hertziano	• hesitar
• heureca	• hexagonal	• hexágono
• hiato	• hibernal	• híbrido
• hidra	• hidrato	• hidravião
• hidrogênio	• hiena	• hierarquia
• hieróglifo	• hífen	• higrômetro
• hilaridade	• hilário	• himeneu
• hinário	• hino	• hipérbole
• hipismo	• hipocondria	• hipocrisia
• hipódromo	• hipófise	• hipopótamo
• hipoteca	• hipótese	• hirto
• hispânico	• histeria	• histologia
• hodierno	• holandês	• holofote
• homenagear	• homeopatia	• homicida

• homilia (ou homília)	• homologar	• homogeneidade
• homogêneo	• homônimo	• honesto
• honorários	• honra	• honraria
• hóquei	• horário	• horda
• horizonte	• hormônio	• horóscopo
• horripilar	• horror	• horta
• hortênsia	• horto (jardim)	• hosana
• hóspede	• hospício	• hospitalizar
• hóstia	• hostil	• hotel
• hulha	• humilde	• humor
• húmus		

2.3.6 EMPREGO DA LETRA "S"

1) Na correlação ortográfica, verbos com "ND" formarão substantivos e adjetivos com "NS". Observe:

- pretender → pretensão, pretensioso, despretensioso
- suspender → suspensão, suspensivo
- ascender → ascensão, ascensor, ascensional
- distender → distensão, distensível, distensor

2) Na correlação ortográfica, verbo com "PEL" formará substantivos e adjetivos co "PULS". Observe:

- impelir → impulso, impulsivo, impulsão
- expelir → expulsão, expulsivo, expulsor
- repelir → repulsão, repulsivo
- compelir → compulsão, compulsivo

3) No sufixo erudito "-ense", formador de adjetivos gentílicos. Veja:

- paquistanense
- paraense
- rio-grandense
- vienense
- parisiense

4) É empregada geralmente após ditongos. Observe os inúmeros exemplos:

- aplauso
- causa
- coisa
- lousa
- maisena
- Moisés
- náusea
- paisagem
- pouso
- Sousa
- faisão
- gêiser
- Neusa
- mausoléu

5) Na conjugação dos verbos “PÔR” e “QUERER”. Veja:

- Se eu quisesse; tu quisesses; ele quisesse; nós quiséssemos; vós quisésseis; eles quisessem.
- Eu pus; tu puseste; ele pôs; nós pusemos; vós pusestes; eles puseram.

6) Nos vocábulos formados pelos sufixos “-esa, -isa, -osa, -oso, -ês”, os quais geralmente formam adjetivos a partir de substantivos.

- burguesa
- cortês
- camponês
- poetisa
- sacerdotisa
- gostoso
- cheiroso
- princesa
- marquesa
- orgulhosa
- francês
- amorosa
- diaconisa
- papisa

7) Nos sufixos gregos “-ase, -ese, -ise, -ose”. Observe:

- catálise
- prófase
- catequese
- próclise
- osmose
- metamorfose
- psicanálise

8) Em vocábulos derivados de outros que são escritos com a letra “S”. Veja:

- ausente → ausência, ausente, ausentar
- base → baseado, basear, baseamento
- casa → casar, casamento, casebre
- preso → presídio, presidiário, presidiar
- visão → visionário, visível, visionar

Segue abaixo um rol sucinto de palavras escritas com a letra “S”.

ESCREVE-SE COM “S”	
• abrasar	• escusável
• abusão	• extasiar
• abusar	• formosura
• abuso	• frasear
• adesão	• freguesa
• adesivo	• frisante

- agasalhar
- aliás
- alisar
- amásia
- ambrosia
- amnésia
- analisar
- ananás
- anestesia
- anis
- apesar
- após
- aposentar
- apostasia
- apoteose
- apresar
- apresilhar
- aprisionar
- ardósia
- arrasar
- artesanato
- atrasar
- atrasado
- através
- basebol
- basílica
- besuntar
- brasa
- brisa
- camiseta
- camisola
- camponês
- fuselagem
- fusível
- gasoso
- gris
- grosa
- groselha
- hesitar
- improvisar
- Jerusalém
- jusante
- lesar
- lesão
- lisura
- maisena
- maresia
- medusa
- misantropo
- miséria
- misericórdia
- nasal
- obesidade
- país
- paisano
- paralisar
- parisiense
- parnasiano
- pêsame
- pesquisar
- precisão
- preservar
- prosélito
- raposa

• casebre	• raso
• casaco	• reclusão
• casimira	• rasura
• casuísta	• resina
• casulo	• revés
• catalisar	• revisar
• catequese	• sassafrás
• cesariana	• sinestesia
• cisão	• sinusite
• colisão	• sisudo
• concisão	• sósia
• cortesão	• televisor
• cortesia	• torquês
• crisálida	• tosar
• demasia	• transação
• desinência	• usufruto
• diaconisa	• usura
• divisor	• vaselina
• dose	• vesícula
• entrosar	• viseira
• enviesar	• zeloso

2.3.7 EMPREGO DO DÍGRAFO "SS"

1. Na correlação ortográfica, verbos com "CED" formarão substantivos com "CESS Observe:

- **ced**er → **cess**ão, **cess**ionário
- inter**ced**er → inter**cess**ão, inter**cess**or
- ex**ced**er → ex**cess**ivo, ex**cess**o
- con**ced**er → con**cess**ão, con**cess**ivo
- a**ced**er → a**cess**o, a**cess**ível

2. Na correlação ortográfica, verbos com “GRED” formarão substantivos e adjetivos com “GRESS”. Veja:

- a**gred**ir → a**gress**ão, a**gress**ivo, a**gress**or, a**gress**ividade
- pro**gred**ir → pro**gress**o, pro**gress**ão, pro**gress**ivo
- re**gred**ir → re**gress**ão, re**gress**o, re**gress**ivo
- trans**gred**ir → trans**gress**ão, trans**gress**or

3. Na correlação ortográfica, verbos em “PRIM” formarão substantivos e adjetivos com “PRESS”. Observe:

- com**prim**ir → com**press**ão, com**press**ivo
- ex**prim**ir → ex**press**ão, ex**press**ivo
- im**prim**ir → im**press**ão, im**press**or
- o**prim**ir → o**press**ão, o**press**or
- re**prim**ir → re**press**ão, re**press**or
- de**prim**ir → de**press**ão, de**press**ivo

4. Na correlação, verbos terminados em “TIR” formarão substantivos e adjetivos com “SSÃO”. Confira:

- admi**tir** → admi**ssão**, admi**ssí**vel
- discu**tir** → discu**ssão**
- repercu**tir** → repercu**ssão**, repercu**ssi**vo
- eletrocu**tir** → eletrocu**ssão**

5. Em palavras derivadas por prefixação, cujo prefixo termina em vogal e o vocábul se inicia por “s”. Observe:

- mini + saia → mini**ss**aia
- a + salariar → a**ss**alariar
- ante + sala → ante**ss**ala
- re + surgir → re**ss**urgir
- neo + simbolismo → neo**ss**imbolismo
- a + silábico → a**ss**ilábico
- anti + séptico → anti**ss**éptico
- pseudo + sufixo → pseudo**ss**ufixo
- para + sífilis → para**ss**ífilis

Observe agora uma série de vocábulos em que se emprega o dígrafo “SS”.

ESCREVE-SE COM “SS”	
• acessível	• excesso
• alvíssaras	• fossa
• amassar	• fossilizar

• assar	• gesso
• apressar	• girassol
• argamassa	• imissão
• arremesso	• impressionar
• assear	• massagem
• assédio	• massapé
• asseio	• melissa
• assessor	• missionário
• asserção	• obsessão
• assoprar	• passatempo
• aterrissagem	• passeata
• aterrissar	• pintassilgo
• avesso	• possessão
• bissetriz	• presságio
• bússola	• promessa
• compasso	• ressaca
• concessão	• ressentir
• condessa	• ressonar
• confessionário	• ressuscitar
• confissão	• russo
• demissão	• sanguessuga
• depressa	• sobressalente
• devasso	• sossego
• dissensão	• travesso
• dissídio	• uníssono
• endossar	• vassoura
• escassez	• verossímil
• escasso	

2.3.8 EMPREGO DO “SC”

Em muitos vocábulos, principalmente por razões etimológicas, emprega-se “SC”.

Geralmente são vocábulos eruditos, provenientes do latim. Observe abaixo um quadro sucinto com alguns vocábulos escritos com “SC”.

ESCREVE-SE COM “SC”	
• abscesso	• irascível
• abscissa	• isósceles
• acrescer	• lascívia
• adolescência	• luminescência
• apascentar	• miscelânea
• aquiescência	• miscigenação
• ascendente	• nascença
• ascender (subir)	• obsceno
• ascético (místico)	• oscilação
• concupiscência	• piscina
• condescender	• presciência
• consciência	• prescindir
• convalescença	• prescindível
• descendência	• recrudescer
• descentralização	• remanescente
• discente	• reminiscência
• discernimento	• renascentismo
• disciplina	• rescindir
• efervescência	• rescisão
• fascículo	• ressuscitar
• fascismo	• susceptível
• fascínio	• suscitar
• florescente	• transcendente
• imprescindível	• víscera
• incandescente	• visceral
• intumescer	

2.3.9 EMPREGO DA LETRA “Z”

Geralmente emprega-se a letra Z:

1) Na maioria dos substantivos derivados de adjetivos. Observe:

ADJETIVO		SUBSTANTIVO DERIVADO
ácido	→	acidez
altivo	→	altivez
áspero	→	aspereza
baixo	→	baixeza
certo	→	certeza
belo	→	beleza
claro	→	clareza
delicado	→	delicadeza
embriagado	→	embriaguez
escasso	→	escassez
estúpido	→	estupidez
flácido	→	flacidez
fluido	→	fluidez
fraco	→	fraqueza
grande	→	grandeza
insípido	→	insipidez
largo	→	largueza
ligeiro	→	ligeireza
macio	→	maciez
mesquinho	→	mesquinhez
pálido	→	palidez
rápido	→	rapidez
singelo	→	singeleza
surdo	→	surdez
triste	→	tristeza

2) No sufixo "-IZAR" formador de verbos a partir de substantivos e adjetivos não terminados em "S". Veja:

- agon(ia) + izar → agonizar
- colon(o) + izar → colonizar
- hospital + izar → hospitalizar
- final + izar → finalizar
- suav(e) + izar → suavizar
- símbol(o) + izar → simbolizar
- fiscal + izar → fiscalizar
- cristal + izar → cristalizar
- capital + izar → capitalizar
- amen(o) + izar → amenizar
- ideal + izar → idealizar
- modern(o) + izar → modernizar
- canal + izar → canalizar
- civil + izar → civilizar
- harmoni(a) + izar → harmonizar
- universal + izar → universalizar
- divin(o) + izar → divinizar
- formal + izar → formalizar

⇨ **Observação:**

a) Os substantivos derivados dos verbos acima (com o sufixo "-IZAÇÃO") também são escritos com "Z".

- suavização
- agonização
- colonização
- idealização
- modernização
- finalização
- fiscalização
- harmonização
- formalização
- capitalização

b) Se o vocábulo finalizar com a letra "S", acrescenta-se tão somente o sufixo "-AR Observe:

- a + lis(o) + ar → alisar
- avis(o) + ar → avisar
- pesquis(a) + ar → pesquisar
- catális(e) + ar → catalisar
- anális(e) + ar → analisar
- fris(o) + ar → frisar
- pis(o) + ar → pisar
- divis(a) + ar → divisar

c) Para a regra acima, temos uma exceção: o verbo "catequizar" – escrito com "Z" que é derivado do substantivo "catequese" – escrito com a letra "S".

3) Nos verbos terminados em "-UZIR" e nas suas conjugações:

- conduzir → conduz, conduziu, conduzirá
- deduzir → deduz, deduziu, deduzirá
- produzir → produz, produzia, produziria

2.3.10 "-ZINHO" OU "-SINHO"

Em português, geralmente se fazem confusões, na formação do diminutivo de alguns vocábulos, quanto ao emprego das letras "Z" e "S". Primeiramente, convém dizer que o sufixo para o diminutivo em português é, em geral, o "-INHO". Para usá-lo corretamente, atente para as seguintes orientações:

a) Quando o vocábulo finalizar em "S" ou em "Z", acrescentar-se-á tão somente o sufixo "-INHO". Observe:

- raiz + inha → raizinha
- lápis + inho → lapisinho
- ros(a) + inha → rosinha
- Luís + inho → Luisinho
- chinês + inha → chinesinha
- nariz + inho → narizinho
- Teres(a) + inha → Teresinha
- as(a) + inha → asinha
- princes(a) + inha → princesinha
- mes(a) + inha → mesinha

b) Quando o vocábulo não termina nem em "S" nem em "Z", usa-se a consoante de ligação "Z" entre o vocábulo e o sufixo indicador do diminutivo. Veja:

- amor + z + inho → amorzinho
- flor + z + inha → florzinha
- café + z + inho → cafezinho
- pai + z + inho → paizinho
- só + z + inho → sozinho
- João + z + inho → Joãozinho
- anel + z + inho → anelzinho
- mar + z + inho → marzinho
- mão + z + inha → mãozinha
- pé + z + inho → pezinho
- Maria + z + inha → Mariazinha
- homem + z + inho → homenzinho

⇨ Observações:

a) Perceba que, na última regra, a letra "Z" funciona como consoante de ligação entre o final do vocábulo e o sufixo "-inho(a)", já que os vocábulos sem ela seriam cacofônicos, malsoantes.

b) Com certos vocábulos, admitem-se duas grafias. Observe:

- colherzinha ou colherinha
- hominho ou homenzinho
- dentinho ou dentezinho
- gavetinha ou gavetazinha
- montinho ou montezinho
- florzinha ou florinha
- ovinho ou ovozinho
- campinho ou campozinho
- mulherinha ou mulherzinha
- pastorinho ou pastorzinho

Observe abaixo uma tabela com vocábulos escritos com a letra "Z".

ESCREVE-SE COM "Z"	
• abalizar	• embriaguez
• acidez	• escassez
• agonizar	• espezinhar
• ajuizar	• estupidez
• alazão	• falaz

- algazarra
- algoz
- alteza
- altivez
- amenizar
- amortizar
- apaziguar
- aprazível
- aridez
- assaz
- avestruz
- azar
- azedar
- azeitona
- azucrinar
- baixeza
- baliza
- bambuzal
- bezerro
- buzina
- capataz
- capuz
- chafariz
- cizânia
- coalizão
- conduzir
- contemporizar
- contumaz
- copázio
- coriza
- cozer (cozinhar)
- desazo (descuido)
- fineza
- flacidez
- frigidez
- fugaz
- gazear
- geratriz
- gozo
- indenizar
- intrepidez
- lambuzar
- lhaneza
- loquaz
- mazela
- mazurca
- morbidez
- nudez
- ozônio
- perdiz
- prazerosamente
- prenhez
- quizila
- rapaziada
- razoável
- revezar
- sagaz
- seduzir
- surdez
- topázio
- varizes
- vazante
- verniz
- vileza

• desfaçatez • deslizar (mas alisar) • deslize • dizimar • eficaz	• vizinho • xadrez • ziguezague

2.3.11 EMPREGO DA LETRA "X"

a) Por questões etimológicas, emprega-se o "X" com o som de "S" em vocábulos como:

- expor
- sexta
- êxtase
- sextilha
- auxiliar
- contexto
- próximo
- sintaxe
- extenso
- expectativa
- texto
- aproximar
- extrato
- expor
- têxtil

b) Emprega-se geralmente a letra "X" após ditongo. Veja:

- baixo
- queixada
- eixo
- caixa
- peixe
- seixo
- deixar
- gueixa
- frouxo
- feixe

Exceção: Os vocábulos "guache" e "caucho" – e seus derivados, como "recauchutar, recauchutagem" – são escritos com "CH".

c) Geralmente após a sílaba "me" inicial da palavra emprega-se a letra "X". Observe

- mexerico
- mexida
- mexerucar
- mexilhão
- mexedor
- mexe-mexe
- mexerica
- mexeriqueiro
- mexicano
- mexeriquice

Exceção: O vocábulo "mecha" e seus derivados "mechado, mechagem, mechar".

d) Após a sílaba inicial "en" geralmente se emprega a letra "X". Observe:

- enxada
- enxugar
- enxergar
- enxame
- enxofre
- enxerido
- enxoval
- enxurrada

- enxovalhar
- enxaqueca
- enxadrezar
- enxaguada
- enxaguar
- enxaimel
- enxertar

Exceções: Os vocábulos “encher” (e seus derivados) e enchova (= peixe) são escritos com “CH”. Ocorrerá também uma exceção quando o prefixo “en-” for anexado a um vocábulo iniciado por “CH”, como “enchiqueirar, encharcar, enchumaçar etc.”.

Observe abaixo uma tabela com alguns vocábulos escritos com a letra “X”.

ESCREVE-SE COM “X”	
• abacaxi	• maxixe
• almoxarife	• oxalá
• atarraxar	• praxe
• baixada	• puxar
• baixela	• puxão
• bexiguento	• Quixote
• broxa (pincel)	• relaxar
• bruxulear	• remexer
• buxo (arbusto)	• repuxo
• caixeiro	• rixa
• caixote	• rouxinol
• capixaba	• taxa (imposto)
• caxumba	• trouxa
• coxinilho	• vexame
• elixir	• xá (título de nobreza)
• enfeixar	• xadrez
• enxada	• xampu
• enxaqueca	• xeque (chefe árabe)
• faxina	• xereta
• feixe	• xícara
• graxa	• xilindró
• gueixa	• xilofone
• lagartixa	• xingar

• laxativo • lixa • luxúria • macaxeira	• Xingu • xiquexique • xodó

Não se esqueça de que, em muitos vocábulos, a letra “X”, quando usada no final do vocábulo ou quando empregada entre duas vogais (intervocálica), representa o fonema “KS”. Observe a tabela:

LETRA “X” COM O SOM DE “KS”	
• afluxo • amplexo • anexar • asfixiar • asfixiante • axioma • boxe • caquexia • clímax • complexo • conexão • convexo • córtex • crucifixo • dislexia • doxologia • dúplex • fixação • fixo • flexionar • fluxo • genuflexão • heterodoxia	• látex • léxico • lexicografia • Marx • marxismo • máxime • nexo • ônix • ortodoxia • oxidar • óxido • oxigênio • paradoxal • perplexo • profilaxia • reflexão • refluxo • saxão • saxofone • sexagésimo • sexo • tórax • tóxico

• hexacampeão	• toxicologia
• intoxicar	• uxoricida

Em alguns outros vocábulos, a letra “X” representará o fonema “Z”. Observe abaixo:

LETRA “X” COM O SOM DE “Z”	
• exagero	• existir
• exalar	• êxito
• exame	• êxodo
• exasperar	• exonerar
• executar	• exorcismo
• exemplo	• exortar
• exegese	• exótico
• exercer	• exuberância
• exercício	• exultar
• exército	• exumar
• exibir	• inexistente
• exigir	• inexorável
• exíguo	• exilar

2.3.12 EMPREGO DO DÍGRAFO “CH”

Geralmente se usa o dígrafo “CH” por razões etimológicas. Há inúmeras palavras provenientes do latim, do francês, do espanhol e do italiano as quais são escritas com o dígrafo “CH”. Podemos citar, a título de exemplo, os vocábulos “chave, cheirar, chuva” (do latim); brocha, chalé, chefe, mochila (do francês e do espanhol); charlatão, salsicha, espadachim (do italiano).

Abaixo segue uma tabela com alguns vocábulos escritos com “CH”.

ESCREVE-SE COM “CH”	
• Anchieta	• churrasco
• apetrecho	• chuteira
• belchior	• cochichar
• bochecha	• cochicho

• bochecho • boliche • bombacha • brocha (prego) • broche • bucha • bucho (estômago) • cachaça • cachimbo • cachola • capuchinho • capucho • cartucho (cápsula) • chá (infusão de folhas) • chácara • chafariz • charco • charque • cheque (ord. pagamento) • chimarrão • chiste • chuchu • chucrute • chutar • chumaço	• cocho (recipiente) • colcha • concha • coqueluche • deboche • despachar • encher • espichar • estrebuchar • fachada • ficha • guache • inchar • machucar • mochila • pachorra • pecha • pechincha • rachar • salsicha • tacha (mancha) • tachar (acusar)

2.3.13 EMPREGO DA LETRA MAIÚSCULA E DA MINÚSCULA

Um ponto bastante interessante em nossa língua é o emprego das letras minúsculas e maiúsculas. Embora seja pouco explorado pelas bancas dos concursos, este assunto é bastante útil para o usuário da língua, notadamente para aqueles que trabalham frequentemente com a língua escrita.

Para uma orientação mais segura, procuramos pautar as regras abaixo no Vocabulário

Ortográfico da Língua Portuguesa, edição de 2009, sem exclusão de outras regras óbvias e bastante usuais.

2.3.13.1 Letras maiúsculas

É de praxe o emprego da letra maiúscula:

1) No início de frases, orações ou períodos, versos, citações diretas e logo após o ponto final. Veja:

- "Disse o padre Antônio Vieira: "Estar com Cristo em qualquer lugar...".
- "Longe do estéril turbilhão da rua,
Beneditino, escreve! No aconchego
Do claustro, na paciência e no sossego,
Trabalha, e teima, e lima, e sofre, e sua!
Mas que na forma de disfarce o emprego
Do esforço; e a trama viva se construa
De tal modo, que a imagem fique nua,
Rica mas sóbria, como um templo grego."
(Olavo Bilac)

⇨ Observações:

Muitos poetas usam, à moda espanhola, a minúscula no princípio de cada verso, quando a pontuação o permite, como se vê abaixo em Carlos Drummond de Andrade:

- "É quando, ao despertar, revejo a um canto
a noite acumulada de meus dias,
e sinto que estou vivo, e que não sonho."

2) Nos substantivos próprios de qualquer espécie (antropônimos: nomes de pessoas, alcunhas, patronímicos, cognomes, tribos e castas, seres mitológicos e fabulosos; topônimos: nomes de lugares, cidades, países; designação de comunidades religiosas e políticas).

João da Silva	Dom Quixote	Dom Casmurro	Branca de Neve
Sigmund Freud	Recife	Palmares	Atlântida
Hespéria	Ruanda	Brasil	Olinda
os Pirineus	Alá	Jeová	Testemunhas de Jeová
Vênus	Júpiter	Baco	Igreja Católica
Nação	Estado	Pátria	Raça

⇨ Observação:

a) Os vocábulos “Nação, Estado, Pátria, Raça” devem ser escritos com minúscula quando forem empregados em sentido geral ou indeterminado.

- “O único expediente regular (para revogar uma lei que não se acha de acordo com as necessidades de uma **nação**) é o remédio que pode provir do Poder Legislativo.” (Rui Barbosa)
- “Também me ocorreu aceitar a batalha, no sentido natural, e fazer dela a luta pela **pátria**, por exemplo.” (Machado de Assis)

b) Os substantivos que designam os nomes dos países, estados e cidades devem ser grafados com letra maiúscula, mas seus povos escrevem-se com inicial minúscula, não só quando designam os habitantes ou naturais daquele lugar, mas também quando representam coletivamente uma nação, um povo. Observe:

- o Brasil → os brasileiros
- a Rússia → os russos
- Palmares → os palmarenses
- a Bahia → os baianos
- Pernambuco → os pernambucanos
- a Venezuela → os venezuelanos

3) Nos nomes de festas e festividades. Veja:

- Natal
- Páscoa
- Ramadão
- Todos os Santos

4) Nos nomes que designam a divindade. Observe:

- o Altíssimo
- o Onipotente
- o Todo-Poderoso
- o Criador
- o Rei dos reis

5) Nos pontos cardeais ou equivalentes, quando empregados absolutamente, isto é quando empregados em referência à região. Observe:

- o Nordeste, por nordeste do Brasil
- Meio-Dia, pelo sul da França
- o Norte, por norte de Portugal
- o Ocidente, por ocidente europeu

6) Nos títulos de jornais e periódicos, que retêm o itálico. Observe:

- *O Estado de São Paulo*
- *Jornal do Commercio*
- *Zero Hora*
- *Diário da Manhã*
- *Folha de São Paulo*
- *O Primeiro de Janeiro*

7) Em siglas, símbolos ou abreviaturas internacionais ou nacionalmente reguladas com maiúsculas. Veja:

- VOLP
- FAO
- CPF
- H2O
- Sr.
- V. Ex.ª.
- ONU

8) Nos nomes próprios de eras e de acontecimentos históricos, e épocas notáveis. Observe:

- Segunda Guerra Mundial
- Idade Média
- Renascimento
- Revolução Industrial

9) Nos nomes de repartições, corporações ou agremiações e estabelecimentos públicos ou particulares. Observe:

- Ministério das Relações Institucionais
- Departamento de Defesa
- Academia Pernambucana de Letras
- Imprensa Nacional
- Universidade Federal do Rio de Janeiro
- Presidência da República

2.3.13.2 Letras minúsculas

É de regra empregar-se a letra minúscula:

1) Ordinariamente, em todos os vocábulos da língua portuguesa nos usos corrente para os quais não haja a obrigatoriedade da letra maiúscula.

2) Nos nomes dos dias, dos meses e das estações do ano. Veja:

- segunda-feira
- sábado
- janeiro
- março
- primavera
- verão

3) Nos usos dos pronomes indefinidos "fulano, sicrano e beltrano".

4) Depois do sinal de dois-pontos quando não se tratar de nome próprio ou de citação direta. Observe:

- Só desejo uma coisa em minha vida: paz.
- Bêbado, ele apenas dizia isto: que a vida não vale a pena.
- Sempre foi um homem de bem: auxiliava em todos os abrigos do município.

5) Nos nomes próprios tomados comuns por sinédoque. Observe:

- Ele foi um judas para a turma.
- Rui era o cristo da sala.
- Agia como um dom-quixote.

6) Nos nomes de festas populares ou pagãs. Veja:

- carnaval
- micareta
- as festas juninas
- as bacanais
- as saturnais

2.3.13.3 Emprego facultativo da letra maiúscula e da minúscula

Pode-se empregar tanto a letra maiúscula quanto a minúscula nos seguintes casos:

1) Em palavras usadas na categorização de logradouros públicos, de templos e de edifícios. Observe:

- Rua ou rua Joaquim da Lapa
- Edifício ou edifício Copan
- Igreja ou igreja Presbiteriana
- Avenida ou avenida Agamenon Magalhães
- Largo ou largo de São Francisco
- Palácio ou palácio da Cultura

2) Nos nomes, adjetivos, pronomes e expressões de tratamento ou reverência. Veja

- Santa ou santa Ifigênia
- Bacharel ou bacharel João Carlos
- Cardeal ou cardeal Bembo
- Governador ou governador Eduardo Campos
- Senhor Doutor ou senhor doutor Antônio Carlos Resende
- Padre ou padre Ferdinando Marques

3) Nos nomes que designam domínios do saber, cursos, disciplinas e formas afins. Veja:

- Português ou português
- Belas Artes ou belas artes
- Letras Clássicas ou letras clássicas
- Matemática ou matemática
- Filosofia ou filosofia
- línguas e literaturas modernas ou Línguas e Literaturas modernas

4) Nos títulos que compõem uma citação bibliográfica, exceto no primeiro vocábulo naqueles obrigatoriamente grafados com maiúscula.

- Menino de Engenho ou Menino de engenho
- Árvore e Tambor ou Árvore e tambor
- O Crime do Padre Amaro ou O crime do padre Amaro
- Memórias Póstumas de Brás Cubas ou Memórias póstumas de Brás Cubas

2.3.14 ABREVIATURAS

Em nossa língua portuguesa, certas palavras e locuções, em vez de serem escritas por extenso, são muitas vezes indicadas somente com as iniciais seguidas de ponto ou com as iniciais e mais um número reduzidíssimo de letras seguidas de ponto. Dá-se às palavras e expressões assim representadas o nome de “abreviaturas”.

A escrita das abreviaturas geralmente segue algumas orientações. Vejamo-las:

1) Nas abreviaturas, as letras são frequentemente substituídas por ponto. Este, por sua vez, geralmente só é colocado após a primeira consoante ou após o primeiro encontro consonantal. Perceba:

- f. (feminino)
- adj. (adjetivo)
- compl. (complemento)
- Fr. (Frei)
- dipl. (diploma)

⇨ Observação:

Algumas abreviaturas modernas empregam o ponto depois de vogal. Veja:

- ago. (agosto)
- anu. (anuário)
- Ci. (Ciência)
- litu. (lituano)
- memo. (memorando)

2) As abreviaturas de símbolos científicos (medidas, pesos, distâncias etc.) são escritas sem ponto e sem a letra "s" para indicar o plural. Veja:

- g (grama)
- km (quilômetro)
- K (potássio)
- sen (seno)
- m (metro)
- cm (centímetro)
- l (litro)
- h (hora)
- kg (quilograma)
- min (minuto)

3) Algumas abreviaturas mantêm a(s) última(s) letra(s) do vocábulo postas acima da outras. Observe:

- C.^{el} (Coronel)
- Exma (Excelentíssima)
- Rem.^{te} (remetente)
- V. Ex.ª (Vossa Excelência)

4) Geralmente, quando se deseja expressar o plural de uma abreviatura, acrescenta se tão somente a letra "s". Observe:

- caps. (capítulos)
- fls. (folhas)
- Dr.as (doutoras)
- págs. (páginas)

⇨ Observações:

a) Quando a abreviatura é formada por letras maiúsculas, duplicam-se essas letras pa se expressar o plural. Logo:

- SS.AA (Suas Altezas)
- VV.PP. (Vossas Paternidades)
- VV.MM (Vossas Majestades)

b) Em alguns casos, a duplicação das maiúsculas pode representar superlativos. É o caso de:

- DD (Digníssimo)
- MM (Meritíssimo)
- SS (Santíssimo)

5) O acento gráfico, quando houver, deve ser mantido se recair antes do ponto abreviativo. Veja:

- séc. (século)
- pág. (página)
- téc. (técnica)
- côv. (côvado)
- anún. (anúncio)
- Fís. (Física)
- núm. (número)
- gên. (gênero)
- mús. (música)
- Quím. (Química)

Observe abaixo um rol sucinto com algumas abreviaturas bastante usuais na escrita portuguesa:

a.C ou A.C. = antes de Cristo	A/C = ao(s) cuidado(s)
A.D. = anno Domini (ano do Senhor)	adj. = adjetivo
ad. lit. = ad litteram (ao pé da letra, literalmente)	adv. = advérbio
Aeron. = aeronáutica	Ah = Ampère hora
a.m. = *ante meridiem* (antes do meio-dia)	A.M. = ave-maria
am.º = amigo	ap. ou apart. = apartamento
ár. = árabe	arc.º = arcebispo
asp. ou asp.te = aspirante	assoc. = associação
ativ. = atividade	at.º = atento ou atencioso
at.te = atenciosamente	A.T. = Antigo Testamento
banc. = bancário	B.el = bacharel
B.eis = bacharéis	B.O. = boletim de ocorrência
bras. = brasileiro ou brasileirismo	Bras. = Brasil
cap. = capitão	Cap. = Capital
C.el ou C.el = coronel	Cia. ou C.ia = companhia
Col.º = colégio	Corresp. = correspondência
d.C. ou D.C. = depois de Cristo	DD. = digníssimo
Dec. = Decreto	diác. = diácono
dic. = dicionário	div. = divisão
Dr. = doutor	Drs. = doutores
Dr.a = doutora	Dr.as = doutoras
Ed. = edição	E.D. = espera deferimento
el. = elemento	espec. = especial
etc. = *et cetera*	Ex.a = Excelência
f., fl. ou fol. = folha	fls. ou fols. = folhas
flex. = flexão	F.º = filho

g = grama(s)	g. ou gr. = grau(s)
gen. = general	h = hora(s)
ib. ou ibid. = *ibidem* (no mesmo lugar)	i.e. = *id est* (isto é)
Il.ma = ilustríssima	Il.mo = ilustríssimo
Juríd. = jurídico	Kg = quilograma
lit. = *litteratim* (literalmente)	min = minuto(s)
m = metro(s)	mons. = monsenhor
N.T. = Novo Testamento	P.S. = *post scriptum* (pós-escrito)
seg = segundo(s)	seg. = seguinte
v. = você, veja, verbo, volume	*v.g.* = *verbi gratia* (por exemplo)
V.T. = Velho Testamento	

2.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (FCC) Está correta a grafia de todas as palavras do seguinte comentário sobre o texto

a) Uma das iniciativas encontornáveis da cidadania está em se ezercer a consciência crítica, aplicada aos fatos da realidade.

b) Recusando os privilégios dos que se habituaram a viver em grupos autônomos, o texto propõe o acesso de todos a todas as instâncias sociais.

c) Ninguém deve se ezimir de cobrar do Estado a prezervação do princípio de igualdade como um direito básico da cidadania.

d) Constitue dever de todos manter ou readquirir a crença em que seja possível a vijência social dos princípios da igualdade e da solidariedade.

e) O que se atribue a um cidadão, como direito básico, deve constituir-se em direito básico de todos os cidadãos, indescriminadamente.

2. (FCC) Há palavras cuja grafia exige correção na frase:

a) Incompreensivelmente, dá-se absoluta primazia à experiência, quando se trata do preenchimento de novas vagas.

b) Pretextando a inexperiência dos jovens pretendentes a uma vaga, os empregadores lhes oferecem estágios, com pagamento irrisório.

c) É lamentável que jovens com aptidão e vocação para o trabalho sejam rejeitados er nome de uma experiência a que não podem ter acesso.

d) Diminui paulatinamente o número de novos empregos, o que obriga os jovens candidatos a se submeterem a exigências cada vez mais rigorosas.

e) É evidente o descazo com que o mercado de trabalho trata os recém-formados, frustrando assim suas legítimas pretenções.

3. (ESAF) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia.

Diante da atual mediocridade da representação política, é ***necessária(1)*** *a participação e a organização da sociedade, operando uma profunda mudança em nossa cultura política.* ***Quanto maior(2)*** *o individualismo, mais frágeis são os governos. As regras formais constitucionais não são suficientes para* ***freiar(3)*** *os vícios* ***exacerbados(4)*** *pelo poder. As organizações da sociedade devem ter o poder de vigiar e cobrar prestação de contas. Por isso, em vez de desacreditar da política, devemos agir em corresponsabilidade, com coragem, lucidez e* ***discernimento(5)*** *num grande mutirão para abrir caminho para um país democrático, justo, desenvolvido e pacífico.*

(Adaptado de Dom Geraldo Majella, cardeal Agnelo, Folha de S. Paulo, 21/6/2005)

a) 1

b) 2

c) 3

d) 4

e) 5

4. (FCC) Está correta a grafia de todas as palavras da frase:

a) Malediscente como sempre, não deixa de proferir injúrias, manifestando, além da hostilidade, uma extraordinária vocação para provocar a cisânia entre seus desafetos.

b) Diante de nossa relutância, propôs que fôssemos com ele ao supermercado, emprendêssemos, de modo alheatório, uma pesquisa de preços, e os comparássemos aos da feira.

c) Como não conta com nenhum para-raios, o povoado se alarma tão logo comece a trovejar: na última tempestade, a inscidência de descargas elétricas foi a maior da região.

d) Será necessário intensificar a assistência aos pescadores, por ocasião da reversão das águas do rio – operação esta que certamente beneficiará as hidrelétricas, mas que poderá levar muitos à indigência.

e) Os maltratos recebidos afetaram-na tão profundamente que ela não consegue relaxar: ficaram-lhe os resquícios de um trauma familiar que dificilmente superará sem os subssídios de um tratamento especializado.

5. (FCC) Estão corretos o emprego e a grafia de todas as palavras da frase:

a) É costume discriminar-se os jovens, e a razão maior está em serem jovens, e não em alguns de seus hábitos que fossem em si mesmos pernisciosos.

b) A encorporação de um novo léxico é uma das consequências de todo amplo avanço tecnológico, já que este indus à criação ou recriação de palavras para nomear novos referentes.

c) Um pequeno glossário, capaz de elucidar a nova terminologia da informática, contribui muito para afastar os percalços do caminho dos usuários iniciantes, aturdidos com tanta novidade.

d) Os maus-entendidos são fatais quando ainda não se tem destreza numa nova linguagem, quando ainda não se está familiarizado com um novo vocabulario.

e) Muita gente letrada e idosa aderiu ao uso do computador, considerando-o não um sinal do apocalípse, mas uma ferramenta revolucionária na execução de tarefas, um instrumento útil para qualquer pesquizador.

6. (ESAF) Assinale o trecho do texto que apresenta erro gramatical.

Machado de Assis – Um gênio Brasileiro, de Daniel Piza

a) Na apresentação da biografia de Machado de Assis (1839-1908), o jornalista Danie Piza observa que o autor foi, ao mesmo tempo, uma expressão de sua época e uma exceção a ela.

b) Em seus contos e romances, ele deixou um retrato acurado do Rio de Janeiro do século XIX, mas sua crítica ácida à sociedade brasileira nem sempre foi percebida pelos seus contemporâneos.

c) Piza busca demonstrar que Machado era muito diferente do protagonista de seu último romance, *Memorial de Aires*.

d) O escritor não tinha "tédio a controvérsias", pois, na verdade, participou dos grandes debates públicos de sua época.

e) A ascenção social do mulato no Brasil escravista e a epilepsia estão entre os aspectos de sua vida examinados no livro.

(Adaptado de Revista VEJA, 28 de dezembro de 2005, p. 196)

7. (ESAF – SEFAZ/CE 2007 – Aud. Fiscal) Assinale a opção que contém erro de grafia ou inadequação vocabular. (Artigo extraído, com modificações, do Estatuto dos Funcionários Públicos Civis do Estado do Ceará).

Art. 192 – O funcionário deixará de cumprir ordem de autoridade superior quando:

a) a autoridade de quem emanar a ordem for incompetente;b) não se contiver a ordem na área da competência do órgão a que servir o funcionário seu destinatário, ou

não se referir a nenhuma das atribuições do servidor;

c) for a ordem expendida sem a forma exigida por lei;

d) não tiver a ordem como causa uma necessidade administrativa ou pública, ou visar fins não estipulados na regra de competência da autoridade da qual promanou ou do funcionário a quem se dirige;

e) a ordem configurar abuso ou excesso de poder ou de autoridade;

(http://www.al.ce.gov.br/publicacoes/estatutocivis/estatuto/capitulo_2_t6.htm, pesquisa em 20/10/2006)

8. (FCC – TRT 23.ª região – Analista Judiciário) Estão corretos o emprego e a grafia de todas as palavras da frase:

a) A corrupção só se extingue ou diminue quando os justos intervêm para que as boas causas prevalesçam.

b) Os homens que usufruem de vantagens a que não fazem jus cultivam a hipocrisia de propalar discursos moralizantes.

c) Contra tantos canalhas audases há que haver a reação dos que têm a probidade como um valor inerente ao exercício da cidadania.

d) Há uma inestricável correlação entre a apatia dos bons cidadãos e a desenvoltura com que agem os foras-da-lei.

e) Deprende-se que houve êxito das iniciativas dos homens de bem quando os prevaricadores sentiram cerceada sua área de atuação.

9. (CESGRANRIO – BNDES) O substantivo derivado do verbo está grafado *INCORRETAMENTE* em

a) ascender: ascensão.

b) proteger: proteção.

c) catequizar: catequeze.

d) progredir: progressão.

e) paralisar: paralisia.

10. (FGV – Ministério da Cultura) As dificuldades gráficas constituem um grande entrave à boa comunicação escrita, podendo gerar desvios da intenção de comunicação original.

Assinale a alternativa em que não haja inconsistência gráfica ou semântica.

a) Ele mora há cerca de dez minutos do Centro.

b) Votamos naquele presidente, pois suas ações viriam ao encontro de nossas expectativas.

c) Como tinha corrido muito, chegou espavorido ao trabalho.
d) Embora fosse importante, o evento passou desapercebido.
e) O mandado do deputado será suspenso.

GABARITO

1 – B	2 – E	3 – C
4 – D	5 – C	6 – E
7 – C	8 – B	9 – C
10 – B		

CAPÍTULO 3

ACENTUAÇÃO

3.1 ORTOFONIA

Denomina-se de "**ortofonia**" a parte da Gramática Normativa que trata da correta pronúncia dos vocábulos. Divide-se em "ortoépia ou ortoepia" e "prosódia".

3.1.1 ORTOÉPIA OU ORTOEPIA

Como divisão da ortofonia, a **ortoépia** ou **ortoepia** estuda a correta enunciação dos fonemas (vogais e consoantes) no interior de uma palavra, segundo os padrões da língua culta.

No Brasil, a questão da pronúncia correta ainda é um grande problema, pois não possuímos uma "pronúncia-padrão", fato que ocasiona alguns ruídos comunicativos no território nacional. Não raro, ouvimos alguém pronunciando "bandeija, beneficiência, carangueijo, advinhar, desinteria, impecilho" dentre outros vocábulos igualmente errados.

Cumpre, por isso, assinalar que a correta pronúncia dos vocábulos em nossa língua depende de:

a) uma clara emissão das vogais;
b) uma nítida e exata articulação das consoantes;
c) uma acertada pronúncia da sílaba tônica do vocábulo.

Por isso, a Gramática Normativa dispõe um capítulo inteiro para o estudo de uma série de vocábulos, buscando orientar o estudante da língua a evitar muitos erros. Abaixo, listamos alguns vocábulos frequentemente usados, que podem trazer dúvida para o usuário da língua pátria.

Alerta! Sugiro que leia a tabela abaixo mais de uma vez. Tente apreender a pronúncia e a escrita corretas desses vocábulos, pois geralmente eles aparecem em provas, notadamente nas provas de nível médio.

CERTO	ERRADO
abóbora	abobra
absoluto	abissoluto
adivinhar	advinhar
admissão	adimissão
advogado	adevogado
aleijar	alejar
anteontem	antiontem
armário	armaro
bandeja	bandeija
barganha	berganha
bebedouro	bebedor
beneficência	beneficiência
bicarbonato	bicabornato
bugiganga	buginganga
bússola	bússula
cabeleireiro	cabelereiro
caranguejo	carangueijo
creolina	criolina
descarrilar	descarrilhar
destilar	distilar
disenteria	desinteria
edifício	edifiço
estoura	estóra
estrangeiro	estrangero
estupro	estrupo
etimologia	etmologia
família	famílha
flagrante	fragante

frear	freiar
frustrado	frustado
garfo	galfo
ignorância	iguinorânça
lagarto	largato
louco	loco
mendigo	mendingo
meritíssimo	meretíssimo
mortadela	mortandela
muçulmano	mulçumano
paciência	paciença
pátio	páteo
pneu	peneu
pouco	poco
problema	poblema
proprietário	propietário
psicologia	pissicologia
reivindicar	reinvindicar
salsicha	salchicha
seja	seje
sequer	siquer
superstição	supertição
supetão	sopetão
umbigo	imbigo

3.1.2 ACENTUAÇÃO GRÁFICA

Indubitavelmente, o ponto mais cobrado pelas bancas de concursos em geral é, sem dúvida, a acentuação gráfica de alguns vocábulos. Antes, porém, de estudarmos as regras que regem a acentuação gráfica, vejamos algumas orientações preliminares...

1) Hoje, com o advento do Novo Acordo Ortográfico (1990), existem em português três

acentos gráficos: o agudo (´), o grave (`) e o circunflexo (^). O til não é considerado um acento gráfico, senão um sinal de nasalização.

2) É importante não se esquecer de que todos os vocábulos são acentuados em português – é o chamado "**acento tônico**" (também chamado de "prosódico"), isto é, o acento que é representado pela sílaba mais forte do vocábulo: a sílaba tônica. As demais sílabas são chamadas de atônicas ou, simplesmente, átonas. Observe:

- meNIno
- caDERno
- almoFAda
- CaruaRU
- afirMAR

3) Em português, a sílaba tônica só recai na última, na penúltima ou na antepenúltima sílaba de um vocábulo. Daí os vocábulos serem classificados em três categorias:

a) **oxítonos** (ou agudos) → são os vocábulos cuja sílaba tônica recai na última, como em: café, timidez, papel, sutil, ruim, Nobel, condor, cateter, refém, amém, mister etc.

b) **paroxítonos** → são os vocábulos cuja sílaba tônica recai na penúltima, como em: amizade, beleza, austero, cível, exegese, rubrica, látex, decano, circuito, barbárie, fluido, tulipa, seniores, juniores etc.

c) **proparoxítonos** → são os vocábulos cuja sílaba tônica recai na antepenúltima, como em: lâmpada, ágape, álibi, pântano, ômega, êxodo, aríete, arquétipo, ínterim, horóscopo, êmbolo,

⇨ Observação:

Em português, o conhecimento sobre a sílaba tônica do vocábulo é imprescindível para que não se cometam erros no momento de se acentuar graficamente o vocábulo quando for necessário.

> **Dica:** Sugiro que, antes de entrar no assunto abaixo, faça uma revisão teórica sobre os encontros vocálicos: ditongos, tritongos e hiatos. Essas definições serão bastante importantes.

3.1.3 REGRAS PARA A ACENTUAÇÃO GRÁFICA

Em primeiro lugar, cumpre observar que o objetivo da acentuação gráfica é permitir que todas as palavras sejam lidas corretamente e se evitem os erros de prosódia, denominados de "silabada".

Como já dissemos, é fundamental, em primeiro lugar, identificar a sílaba tônica dos vocábulos. A partir daí, parte-se para a busca da necessidade ou não de se acentuar o vocábulo graficamente.

Vamos às regras sobre a acentuação gráfica na língua portuguesa.

3.1.3.1 Monossílabos

Regra → **Em português, acentuam-se com acento agudo os monossílabos finalizados em "a, e" e "o" abertos e, com acento circunflexo os monossílabos finalizados em "e, o" fechados, seguidos ou não de "s".**

a) A(S) → chá, Brás, pá, gás, más, trás, fás, zás, má.

b) E(S) → lê, crê, rês, fé, pés, dê, mês, três, rés, lés.

c) O(S) → dó, nó, vó, pó, pôs, cós, vós, nós.

3.1.3.2 Oxítonos

1.ª regra → **Em português, acentuam-se com acento agudo os vocábulos oxítonos que terminam em "a, e, o" abertos, e com acento circunflexo os vocábulos que terminam em "e, o" fechados, seguidos ou não de "s".**

a) A(S) → maracujá, cajá, vatapá, maracá, babá, Amapá, Macapá, Itamaracá, agá, alvará.

b) E(S) → rapé, chulé, recém, café, jacaré, dendê, cortês, português, freguês, através convés.

c) O(S) → cocoricó, trisavô, caritó, cipó, complô, propôs, judô, bisavó, cotó, mocotó, bangalô.

2.ª regra → **Em português, acentuam-se com acento agudo o "e" da terminação "em" ou "ens" dos vocábulos oxítonos compostos de mais de uma sílaba.**

- amém
- também
- armazém
- parabéns
- ninguém
- alguém
- vintém
- aquém
- Belém
- Santarém
- reféns
- desdém
- Jerusalém
- harém

⇨ Observação:

Perceba que os monossílabos e os vocábulos paroxítonos terminados em "em" e "ens" não são acentuados.

- cem
- vem
- tem
- trem
- cantem
- dizem
- fazem

3ª regra → **Em português, acentuam-se com acento agudo os vocábulos oxítonos terminados nos ditongos abertos "éi, ói, éu".**

a) ÉI → anéis, coronéis, papéis, fiéis, bacharéis

b) ÓI → anzóis, herói, caubói, dodói, remói

c) ÉU → chapéu, escarcéu, fogaréu, troféu,

⇨ **Observação: Da mesma forma, acentuam-se os monossílabos terminados nesses ditongos: réis, sóis, rói, dói, céu, réu, véu.**

⇨ **Outras considerações sobre a acentuação dos oxítonos:**

a) Perceba que os oxítonos terminados em "z, r, l, i, u" não são acentuados.

- capaz
- timidez
- feliz
- cuscuz
- amar
- suor
- funil
- caracol
- cordial
- caju
- bambu
- bisturi
- abacaxi
- Caruaru
- repus
- Cariri
- vapor
- coronel

b) Com base na regra de acentuação dos oxítonos, acentuam-se as formas verbais oxítonas terminadas em "a, e, o". Observe:

- repor + o → **repô**-lo
- amaria + a → **amá**-la-ia
- dizer + os → **dizê**-los
- julgarão + os → **julgá**-los-ão
- compor + os → **compô**-los
- comprar + os → **comprá**-los

c) Por outro lado, as formas verbais oxítonas terminadas em "i, u" não são acentuadas. Observe:

- partir + o → parti-lo
- vendi-o
- compus + o → compu-lo
- cumpri-lo

d) Com o advento do Novo Acordo Ortográfico de 1990, não mais se acentuam os ditongos "ei, oi" dos vocábulos paroxítonos. Para ficar bem esclarecido: esses ditongos não serão acentuados quando estiverem na penúltima sílaba.

- ideia
- colmeia
- paranoico
- jiboia
- assembleia
- alcateia
- heroico
- boia
- estreia
- europeia
- diarreia
- claraboia
- loio
- dicroico
- geleia

3.1.3.3 Paroxítonos

Os vocábulos paroxítonos são acentuados de acordo com as seguintes regras:

1.ª regra → **Em português, acentuam-se os vocábulos paroxítonos terminados em "ãs, ão, ãos".**

- ímã
- órfãs
- órgão
- órfãos
- dólmã
- ímãs

2.ª regra → **Em português, acentua-se – com acento agudo quando aberta e com acento circunflexo quando fechada – a sílaba tônica dos vocábulos paroxítonos terminados em "i, is, us".**

- beribéri
- bônus
- ônus
- lápis
- táxi
- biquíni
- júri
- íris
- miosótis
- tênis
- oásis
- ânus
- Vênus
- vírus

⇨ Observação:

Os prefixos paroxítonos terminados em "i" não são acentuados. Observe: semi-histórico, anti-higiênico.

3.ª regra → **Em português, acentuam-se os vocábulos paroxítonos terminados em "n, r, x, ps". Usa-se o acento agudo para "a, e, o" abertos e o acento circunflexo para "e, o" fechados.**

- túnel
- alúmen
- córtex
- éter
- aljôfar
- âmbar
- cânon
- fênix
- vômer
- afável
- açúcar
- hífen
- caráter
- fênix
- bíceps
- tríceps
- próton
- íon
- látex
- cóccix
- vulnerável
- âmbar
- difícil
- cônsul
- pólen
- flúor
- tórax
- fórceps

⇨ Observação:

Tenha muito cuidado com a acentuação das palavras "item, itens, hífen e hifens" – estes vocábulos são muito cobrados em provas de concursos. Observe que somente "hífen" recebe acento por ser uma paroxítona terminada em "n". As demais não são acentuadas porque não há regra que autorize a acentuação das paroxítonas terminadas em "ens" nem das paroxítonas terminadas em "em".

4.ª regra → **Em português, acentuam-se os vocábulos paroxítonos terminados em "um, uns".**

- álbum
- médium
- álbuns
- médiuns
- fórum
- fóruns
- lábrum
- árum
- cécum
- factótum
- nátrum

5.ª regra → **Em português, acentuam-se com agudo ou circunflexo se a sílaba for aberta ou fechada respectivamente, os vocábulos paroxítonos terminados em ditongos orais.**

- ágeis
- imóveis
- amêndoa
- Antônio
- jóquei
- variáveis
- superfície
- óleo
- pusésseis
- pênseis
- páscoa
- ginásio
- túneis
- férteis
- petróleo
- história
- régua
- Ásia
- água
- tênue
- vácuo

3.1.3.4 Proparoxítonas

Regra → **Em português, acentuam-se todos os vocábulos proparoxítonos. Com acento agudo, as vogais "a, e, o" abertas. Com acento circunflexo, as vogais fechadas "e, o" e as vogais "a, e, o", quando seguidas de "m" ou "n".**

Como exemplo, transcrevemos abaixo uma parte da famosa música do ilustre compositor Chico Buarque, "Construção". Observe que o último vocábulo de cada verso é formado por uma palavra proparoxítona.

"Amou daquela vez como se fosse a **última**
Beijou sua mulher como se fosse a **última**
E cada filho seu como se fosse o **único**
E atravessou a rua com seu passo **tímido**
Subiu a construção como se fosse **máquina**
Ergueu no patamar quatro paredes **sólidas**
Tijolo com tijolo num desenho **mágico**
Seus olhos embotados de cimento e **lágrima**
Sentou pra descansar como se fosse **sábado**
Comeu feijão com arroz como se fosse um **príncipe**
Bebeu e soluçou como se fosse um **náufrago**
Dançou e gargalhou como se ouvisse **música**
E tropeçou no céu como se fosse um **bêbado**
E flutuou no ar como se fosse um **pássaro**
E se acabou no chão feito um pacote **flácido**
Agonizou no meio do passeio **público**
Morreu na contramão atrapalhando o **tráfego**."

(Chico Buarque)

3.1.3.5 Acentuação dos hiatos

Antes de mais nada, é preciso saber qual a razão dos hiatos. Observe abaixo:

DITONGO	HIATO
doido	doído
cai	caí
sai	saí
contribui	contribuí
sábia	sabiá
bau	baú
saia	saía
ai	aí

Perceba que, na primeira coluna, juntamos as três letras e as pronunciamos em uma única emissão sonora (doi-, cai, sai, -bui, -bia, baú). Já na segunda coluna, pela existência do acento, pronunciamos essas mesmas sílabas em duas emissões sonoras. Percebemos, portanto, que o hiato evita que formemos o ditongo. Daí a principal razão dos hiatos: evitar processos de ditongação, ou seja, evitar que se pronuncie o conjunto das letras de uma única vez, mas separadamente.

Seguindo a regra acima, recebem acento agudo as vogais "i" e "u" tônicas dos vocábulos, seguidas ou não de "s", quando formam hiato com a vogal anterior. Observe:

- faísca
- acaraúba
- caraíba
- macaíra
- saída
- caís
- Luísa
- sanduíche
- graúdo
- saúde
- areísco
- ciúme
- maleína
- heroína
- país
- Luís
- amiúde
- raízes
- abaçaí
- aziúme
- deífico
- piracuí
- juízo
- peúga
- racaída
- baú
- absenteísmo
- babuíno
- egoísta
- jataí
- viúvo
- saía
- miúdo
- baía
- açaí
- balaústre
- jaú
- saúva
- cafeína
- timbaúba
- paraíso
- Esaú

⇨ Observações sobre os hiatos:

a) Não se coloca o acento agudo no "i" e no "u" quando, precedidos de vogal que com eles não forma ditongo, são seguidos de "l, m, n, r, z" que não iniciam sílabas.

- contribuinte
- juiz
- paul
- retribuirdes
- ruim
- Abigail
- constituinte
- cairmos
- ruir
- demiurgo

b) Igualmente não se coloca o acento agudo no "i" e no "u" tônicos dos hiatos quando forem seguidos de "nh".

- rainha
- ladainha
- tainha
- ventoinha
- campainha
- abecoinha

c) Em muitas formas verbais, o "i" e o "u" figuram em hiato com a vogal anterior. Portanto, devem receber acento agudo. Observe:

- eu atraí
- tu atraíste
- eu caí
- tu caíste
- eu saí
- tu saíste
- eu saúdo
- tu saúdas
- eu contribuí
- tu contribuíste
- eu possuí
- tu possuíste

d) Os encontros vocálicos "iu" e "ui", quando precedidos de vogal, sempre formarã ditongos. Essas bases não são acentuadas. Veja:

- atraiu
- contribuiu
- pauis
- constituiu
- destruiu
- saiu
- derruiu
- caiu
- embaiu
- restituiu

e) Levam, porém, acento agudo as vogais tônicas "i" e "u" quando, precedidas de ditongo, formam hiato com a sílaba anterior, como se vê em "Piauí, teiú, teiús, tuiuiú, tuiuiús".

f) Em virtude do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, firmado em 1990, não mais recebem o acento circunflexo os hiatos tônicos "ee" e "oo". Portanto, assim devem ser escritos:

- voo
- coo
- abotoo
- enjoo
- creem
- veem
- leem
- perdoo
- deem
- caçoo
- amaldiçoo
- abençoo
- arrazoo
- doo

3.1.3.6 Acentos diferenciais

Com o advento do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, firmado em 1990, desapareceu a maioria dos acentos diferenciais. Permanecem, entretanto, os seguintes acentos diferenciais:

1) "**Pôde**" (3.ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo) para distinguir da correspondente forma do presente do indicativo "pode".

2) "**Pôr**" (forma verbal infinita) para distinguir da forma homógrafa "por" (preposição).

3) Facultativamente, pode-se grafar "**fôrma**" (substantivo) ou "**forma**" (substantivo, 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo ou 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo).

4) Facultativamente, pode-se grafar "**dêmos**" (1.ª pessoa do plural do presente do subjuntivo) para se distinguir da correspondente forma do pretérito perfeito do indicativo "**demos**".

⇨ Observação:

Logo, os antigos acentos diferenciais, como "pára, pélo, pólo, pêra", por exemplo, não mais existem. Escreveremos, portanto, corretamente:

- Ela não para (verbo) para pensar.
- Eu pelo (verbo) o pelo pelo simples fato de sentir prazer.

3.1.3.7 Regra especial – verbos "ter", "vir" e seus derivados

Há uma regra para a acentuação gráfica que merece atenção à parte. Diz respeito à acentuação dos verbos "ter", "vir" e seus derivados. Tais verbos obedecem às seguintes regras:

1.ª regra → **Acentua-se, com acento circunflexo, a 3.ª pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos "ter" e "vir". Observe:**

PRESENTE DO INDICATIVO VERBOS "TER" e "VIR"	
eu	tenho / venho
tu	tens / vens
ele	tem / vem
nós	temos / vimos
vós	tendes / vindes
eles	**têm / vêm**

2.ª regra → **Acentua-se, com acento agudo, a 3.ª pessoa do singular e com circunflexo a 3.ª pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos derivados de "ter" e "vir", como "abster, ater-se, reter, deter, conter, entreter, manter, advir, convir, intervir, provir, desavir, sobrevir" etc.**

Observe abaixo a conjugação de dois verbos derivados de "ter" e "vir".

PRESENTE DO INDICATIVO VERBOS "CONTER" e "PROVIR"

eu	contenho / provenho
tu	contens / provens
ele	**contém / provém**
nós	contemos / provimos
vós	contendes / provindes
eles	**contêm / provêm**

Dica: Fique muito atento a essas duas últimas regras. Elas são muito cobradas, em concursos públicos, nas questões de concordância verbal. Portanto, a dica é "ficar ligado" no sujeito da oração, especialmente quando este sujeito for oracional, o que exigirá a concordância do verbo na 3.ª pessoa do singular.

Veja agora alguns exemplos (sublinhamos o núcleo do sujeito e destacamos o verbo):

- Todas as provas levantadas pela defesa **contêm** aspectos inconstitucionais.
- A polícia sempre **intervém** nas manifestações populares.
- De lugares abstratos certamente não **provêm** ideias sobre a vida e a existência.
- "O curso do espírito reformista no país acelera-se atualmente; e **convém** acelerá-lo." (Rui Barbosa)
- "Porque a questão, com a complexidade imanente aos fatos concretos, se **atém**, de preferência, a razões secundárias..." (Euclides da Cunha)
- "Todos os críticos se **atêm** a essa questão de metrificação." (Lima Barreto)

3.1.3.8 Considerações gerais sobre a acentuação dos vocábulos

1) Com o Novo Acordo Ortográfico, assinado em 1990, o trema deixa de existir sobr os grupos "GUE, GUI, QUE, QUI". Portanto, os vocábulos que apresentam tais ditongos devem ser escritos sem o trema. Observe:

- linguiça
- arguição
- bilíngue
- aquífero
- cinquenta
- aquicultura
- consequência
- quinquenal
- tranquilo
- quinquênio
- saguim
- equilátero
- frequência
- áqueo
- seriguela
- aguentar
- equidade
- delinquência

⇨ **Observação:**

O trema apenas se conserva em palavras estrangeiras e em palavras derivadas de

nomes estrangeiros, como “hübneriano, Hübner, mülleriano, Müller”.

2) Os verbos “arguir” e “redarguir” dispensam o acento agudo na vogal tônica “u” nas formas rizotônicas. Já os verbos do tipo “aguar, apaniguar, apaziguar, apropinquar, averiguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir” e afins podem ter ou não as vogais “a” ou “i”, presentes nas formas rizotônicas, acentuadas.

- arguo, arguis, argui, arguem; argua, arguas, argua, arguam.
- eu averiguo/averíguo; tu averiguas/averíguas; ele averigua/averígua.

3) Nos advérbios terminados em “-mente”, derivados de adjetivos com acento agudo ou circunflexo, estes acentos são suprimidos. Observe:

- ávido → avidamente
- hábil → habilmente
- lúcido → lucidamente
- débil → debilmente
- espontâneo → espontaneamente
- fácil → facilmente
- só → somente
- ingênuo → ingenuamente
- único → unicamente

4) Nas palavras derivadas que contêm sufixos iniciados por “z” e cujas formas de base apresentam vogal tônica com acento agudo ou circunflexo, estes acentos serão suprimidos. Observe:

- anéis → aneizinhos
- bebê → bebezinho, bebezito
- herói → heroizito
- avô → avozinho
- bênção → bençãozinha
- avó → avozinha
- café → cafezada
- lâmpada → lampadazita
- pêssego → pessegozito

3.2 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (ESAF) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia de palavra.

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio, realizada pelo IBGE, revelou **que(1)** *a renda das famílias parou de cair em 2004, interrompendo uma* **trajetória(2)** *de queda que acontecia desde 1997, e que* **houve(3)** *diminuição do grau de concentração da renda do trabalho. Enquanto a metade da população ocupada* **que(4)** *recebe os menores rendimentos teve ganho real de 3,2%, a outra metade, que tem rendimentos maiores, teve perda de 0,6%. Os resultados da PNAD mostraram, também, que o Brasil melhorou em* **ítens(5)** *como número de trabalhadores ocupados, participação das mulheres no mercado de trabalho, indicadores da área de educação e melhoria das condições de vida.*

*(Trechos adaptados de **Em Questão**, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 379, Brasília, 30 de novembro de 2005)*

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

2. (FJPF) As palavras **argúcia**, **é** e **carajá**, presentes no texto, acentuam-se graficamente em face das mesmas regras que justificam o acento em:

a) fichário, dá-lhe, cipó;
b) pelúcia, têm, cajá;
c) vivência, saí, cá;
d) útil, café, marajá.

3. (CESGRANRIO) O par de palavras que **NÃO** deve ser acentuado, segundo o registro culto e formal da língua, é

a) interim – polen.
b) itens – pudico.
c) juizes – prototipo.
d) economico – refem.
e) heroi – biceps.

4. (CESGRANRIO) A ausência do sinal gráfico de acentuação cria outro sentido para a palavra:

a) trânsito.
b) características.
c) inevitável.
d) infrutíferas.
e) anônimas.

5. (Unifesp) Existem várias palavras que recebem acento gráfico, de acordo com suas regras específicas. Indique a alternativa em que todas as palavras são acentuadas graficamente, segundo a mesma regra.

a) estômago, colégio, fábrica, lâmpada, inflexível.
b) Virgílio, fúria, carícias, matéria, colégio.
c) trópicos, lábios, fúria, máquinas, elétricas.
d) sério, cérebro, Virgílio, sábio, lógico.
e) Ésquilo, carícia, Virgílio, átomos, êmbolo.

6. (PUCCAMP) O texto apresenta diversas palavras em que se pode notar a presença do acento gráfico. Em algumas delas, a ausência do acento provocaria mudança de sentido.

Assinale a alternativa em que todas as palavras mudariam de sentido, caso estivessem sem acento.

a) sóbrio, história, está
b) vários, vítimas, matá-los
c) é, já, país
d) é, está, país
e) têm, matá-los, sóbrio

7. (UFRS). Considere as seguintes afirmações sobre acentuação gráfica no texto.

I – A palavra "teórica" recebe acento gráfico pela mesma regra que preceitua o uso do acento em "lúgubre".
II – Se fosse retirado o acento das palavras "só", "é" e "média", esta alteração provocaria o aparecimento de outras palavras da Língua Portuguesa.
III – A palavra "herói" é acentuada pela mesma regra de "autoritários".
Quais estão corretas?:

a) Apenas I
b) Apenas II
c) Apenas I e III
d) Apenas II e III
e) I, II e III

8. (FGV) Assinale a alternativa correta quanto à acentuação e à grafia de palavras.

a) Temas comuns, como a construção social do mercado, permitem entrevêr as possibilidades de uma saudável relação entre Sociologia e Economia, que não pode se paralizar em virtude de algumas diferenças.
b) Em um de seus estudos mais célebres, Mark Granovetter vêm demonstrar que as pessoas se ligam às outras por laços fortes e laços fracos. Por isso, é

imprecindível que as pessoas consigam entender essas ligações.

c) Alguns temas revigoraram o debate entre a Sociologia e a Economia, sendo responsáveis por compôr um novo cenário. O diálogo deve basear-se nos pontos positivos e comuns e não nas excessões.

d) A falta de dialogo entre Sociologia e Economia perdurou pôr quase três séculos, mas é um quadro que parece estar mudando, sobretudo em função de fragrantes pontos em comum entre as disciplinas.

e) Em meados dos anos 1970, parece que uma leve brisa intervém na falta de comunicação entre sociólogos e economistas, que não mais hesitam em pôr em discussão assuntos inerentes às duas disciplinas.

GABARITO

1 – E	2 – A	3 – B
4 – A	5 – B	6 – D
7 – A	8 – E	

CAPÍTULO 4

SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS

Como já vimos, a palavra é o vocábulo com que expressamos uma ideia. Não é a exteriorização do pensamento, como pensam alguns; é o próprio pensamento. “Ideia” e “palavra” são, portanto, como o verso e o reverso de uma mesma moeda: não é possível conceber a existência de uma face sem a outra. Quando analisamos, por exemplo, a palavra “**leão**”, automaticamente nos vem à cabeça a ideia de um animal feroz, carnívoro, pertencente à família dos felídeos e habitante das planícies africanas. Entretanto, esta não é a única significação para a palavra “leão”. A história das palavras nos mostra que elas estão sujeitas a várias mudanças não só nos elementos fonéticos de que se compõem, mas também relativamente à sua significação. Por isso, o nosso vocábulo “leão” pode também significar “indivíduo de muita força, indivíduo muito irritado, indivíduo conquistador etc.”.

Ao estudo que trata dessas últimas mudanças ou variações de sentido das palavras dá-se a designação de **SEMASIOLOGIA** ou **SEMÂNTICA**.

A palavra é um som articulado, um signo sonoro que nos representa a ideia de um objeto do mundo material, ou de um fato ou de uma noção puramente abstrata. Se em nossa língua tivéssemos uma palavra para cada ideia, para cada noção, tantas seriam elas que certamente não haveria inteligência que não cedesse a peso tão esmagador. Por isso, as palavras substituem-se em seus sentidos, irradiam uns para os outros, encadeiam-se, penetram-se, usurpam os sentidos uns dos outros, auxiliam-se, fundem-se e confundem-se, às vezes, na variedade de suas significações.

4.1 DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO

Como primeira porta de entrada nesse vasto mundo do significado das palavras, comecemos a observá-las sob os conceitos de “**denotação**” e “**conotação**”.

O **sentido denotativo** é aquele dado pelo dicionário. Na denotação o sentido é referencial, próprio, usual ou literal. Já o **sentido conotativo** é o sentido que a palavra ganha no texto por força geralmente de comparações, associações de ideias.

Denotativamente, “**águia**” é ave de rapina; conotativamente é uma pessoa de grande talento, de grande sabedoria, de grande perspicácia. “**Coração**” é órgão muscular dos animais vertebrados que bombeia o sangue para todo o corpo, quando o analisamos em

seu sentido denotativo. Já em seu sentido conotativo, "**coração**" pode representar, entre outros sentidos, "a parte mais central, o âmago, a essência". Quando nos referimos a "**banca**", vem-nos, a princípio, a ideia denotativa de "mesa rústica ou improvisada", mas, quando dizemos que "a **banca** rejeitou o recurso do candidato", estamos nos referindo, conotativamente, a um conjunto de examinadores.

Em nossa língua, inúmeros são os fatores que podem alterar o significado das palavras. Vejamos alguns:

a) **a acentuação** → sábia (pessoa culta, instruída) → sabiá (pássaro).

b) **o timbre** → corte (ô) (palácio) → corte (ó) (incisão)

c) **o gênero** → a coral (cobra) → o coral (coro musical)

d) **o número** → bem (virtude) → bens (o que é propriedade de alguém)

e) **a posição / colocação** → homem grande (alto, avantajado) → grande homem (ilustre, influente)

f) **a regência** → proceder de (originar-se, provir) → proceder a (dar início, começar)

> **Dica:** A conotação é um recurso expressivo amiúde usado em nossa língua. Para entender e aprofundar mais esse assunto, sugerimos o estudo do assunto "figuras de linguagem" ao final desta gramática.

4.2 HOMÔNIMOS E PARÔNIMOS

Quando comparamos as palavras em nossa língua (analogia de forma), podemos classificá-las em três grandes grupos: palavras homônimas, palavras parônimas e palavras cognatas.

4.2.1 HOMÔNIMOS

Como o próprio nome já denuncia, são denominados homônimos (gr. homos = igual, semelhante; onyma = nome) os vocábulos que são iguais na grafia (Ex.: colher – substantivo; colher – verbo) ou na pronúncia (Ex.: apreçar – pôr o preço; apressar – acelerar), ou ainda aqueles que são iguais tanto na grafia quanto na pronúncia (Ex.: livre – adjetivo; livre – verbo). Classificam-se em:

a) Homógrafos heterofônicos = são palavras iguais na escrita e diferentes no timbre ou na intensidade das vogais. Observe alguns exemplos:

- leste (verbo) ≠ leste (substantivo)
- colher (verbo) ≠ colher (substantivo)
- vede (v. ver) ≠ vede (v. vedar)
- sábia (adjetivo) ≠ sabiá (substantivo)
- cara (face) ≠ cará (tubérculo)
- apoio (verbo) ≠ apoio (substantivo)
- providencia (verbo) ≠ providência (substantivo)
- seria (verbo) ≠ séria (adjetivo)
- molho (verbo) ≠ molho (substantivo)
- jogo (verbo) ≠ jogo (substantivo)

b) Homófonos heterográficos = são palavras iguais na pronúncia e diferentes na escrita. Veja alguns exemplos:

- acético (ácido) ≠ ascético (contemplativo)
- acender (atear fogo) ≠ ascender (subir)
- acento (notação léxica) ≠ assento (lugar em que se senta)
- acerto (acordo) ≠ asserto (afirmação)
- apreçar (pôr o preço) ≠ apressar (tornar rápido)
- bucho (estômago) ≠ buxo (planta)
- cela (pequeno quarto) ≠ sela (arreio)
- cegar (tornar cego) ≠ segar (cortar, ceifar)
- cozer (cozinhar) ≠ coser (costurar)
- apreçar (pôr preço) ≠ apressar (acelerar)
- maça (arma) ≠ massa (substância)
- censo (recenseamento) ≠ senso (juízo)
- cerrar (fechar) ≠ serrar (cortar)
- cédula (bilhete) ≠ sédula (cuidadosa)
- cessão (ato de ceder) ≠ sessão (departamento)
- cerração (nevoeiro) ≠ serração (ato de serrar)
- cocho (recipiente) ≠ coxo (aleijado)
- concelho (divisão administrativa) ≠ conselho (aviso)
- empoçar (cair em poço) ≠ empossar (tomar posse)
- laço (nó) ≠ lasso (esgotado, frouxo)
- ruço (pardacento, grisalho) ≠ russo (natural da Rússia)
- tacha (nódoa, mancha) ≠ taxa (preço, tributo)

⇨ **Observação:**

Alguns homônimos apresentam tanto a grafia quanto a pronúncia iguais. São chamados de “homófonos homográficos” ou “homônimos perfeitos”. Observe:

- cedo (verbo) – cedo (advérbio de tempo)
- livre (adjetivo) – livre (v. livrar)
- somem (v. somar) – somem (v. sumir)

4.2.2 PARÔNIMOS

São denominados de parônimos (gr. “*para”* = próximo) os vocábulos que são diversos na significação e parecidos na forma, ou seja, eles são parecidos na escrita e na pronúncia, mas apresentam significação totalmente diversa. Muitas bancas exploram esse tipo de conhecimento na tentativa de confundir o candidato. Por isso, sugiro que leia mais de uma vez a tabela abaixo, na qual são apresentados vários parônimos.

apóstrofe (chamamento)	**apóstrofo** (sinal gráfico)
atuar (agir)	**atoar** (rebocar)
arrolhar (tapar com rolha)	**arrulhar** (produzir arrulhos)
comprimento (extensão)	**cumprimento** (saudação)
céptico (que duvida de tudo)	**séptico** (que provoca infecção)
cavaleiro (que anda a cavalo)	**cavalheiro** (gentil, cordial)
consolar (trazer consolo, aliviar)	**consular** (relativo ao consulado)
deferir (conceder)	**diferir** (adiar, divergir)
denodar (desfazer, desembaraçar)	**denudar** (descobrir, revelar)
descrição (ato de descrever)	**discrição** (reserva em atos e atitudes)
despensa (local para mantimentos)	**dispensa** (licença)
despercebido (desatento)	**desapercebido** (despreparado)
destratar (insultar)	**distratar** (desfazer)
emergir (vir à tona)	**imergir** (mergulhar)
emigrante (aquele que sai de um país)	**imigrante** (quem entra em outro país)
eminente (destacado, ilustre, elevado)	**iminente** (prestes a acontecer)
enervar (irritar, perder a força)	**enevar** (tornar branco como a neve)
enformar (pôr na forma)	**informar** (avisar, alertar)

esbaforido (ofegante)	**espavorido** (apavorado)
estofar (acolchoar)	**estufar** (encher-se, pôr na estufa)
flagrante (evidente)	**fragrante** (perfumado, aromático)
fluir (correr em estado líquido)	**fruir** (desfrutar, aproveitar)
inflação (desvalorização da moeda)	**infração** (desrespeito, violação)
infringir (transgredir)	**infligir** (aplicar)
entender (compreender)	**intender** (dirigir, administrar)
locador (proprietário)	**locatário** (inquilino)
lustre (candelabro)	**lustro** (período de cinco anos; brilho)
mugir (soltar mugidos)	**mungir** (espremer, extrair)
pear (amarrar, prender com peia)	**piar** (dar pios)
pleito (disputa)	**preito** (homenagem)
prescrever (determinar, expirar prazo)	**proscrever** (expulsar, proibir, banir)
ratificar (confirmar)	**retificar** (corrigir)
recrear (divertir)	**recriar** (criar novamente)
soar (emitir som)	**suar** (transpirar)
sustar (suspender)	**suster** (sustentar)
terço (três vezes menor)	**terso** (puro, íntegro)
treplicar (responder a uma réplica)	**triplicar** (aumentar três vezes)
vadear (passar a vau)	**vadiar** (andar à toa)
vultoso (volumoso, importante, grande)	**vultuoso** (congestão na face; inchado)

4.3 FORMAS VARIANTES

Há, em português, várias palavras que apresentam dupla grafia, isto é, podem ser escritas com mais de uma forma. Isto se dá porque o nosso Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa procura registrar (e respeitar) os usos dos diversos níveis e padrões da língua. Saliente, entretanto, que sempre uma das formas é sempre mais usual que a outra.

Portanto, são consideradas corretas ambas as grafias dos seguintes vocábulos abaixo:

- aluguel **ou** aluguer
- coisa **ou** cousa
- malvadez **ou** malvadeza
- marimbondo **ou** maribondo
- pitoresco **ou** pinturesco
- cacaréus **ou** cacarecos

- diabete **ou** diabetes
- percentagem **ou** porcentagem
- derrubar **ou** derribar
- lacrimejar **ou** lagrimejar
- quociente **ou** cociente
- catorze **ou** quatorze
- taverna **ou** taberna
- espécime **ou** espécimen
- nambu **ou** nhambu **ou** inambu **ou** inamu
- assobiar **ou** assoviar
- louro **ou** loiro
- bílis **ou** bile
- bêbado **ou** bêbedo
- chipanzé **ou** chimpanzé
- baralhar **ou** embaralhar
- remoinho **ou** redemoinho
- infarto **ou** enfarte **ou** infarte
- cota **ou** quota
- ridiculizar **ou** ridicularizar
- transpassar **ou** traspassar **ou** trespassar
- mobiliar **ou** mobilhar **ou** mobilar

4.4 COGNATOS

São denominadas de cognatas as palavras que pertencem à mesma família ou grupo morfológico, isto é, são palavras derivadas de uma mesma raiz, de um mesmo radical. Observe:

- **ferro** → ferreiro, ferragem, ferrar, ferradura, ferramenta, férreo, ferraria, aferrolhar, ferrolho
- **pedra** → pedreiro, pedregulho, pedraria, pedreiral, pedregão, pedrinha, pedrês
- **nervo** → nervosismo, nervoso, nervudo, nervura, nerval, nervado, nervino
- **terra** → terraço, terremoto, terrestre, terreiro, térreo, território, territorial, terroso, terreal, terráqueo

Além das palavras homônimas, parônimas e cognatas, quando se analisa o sentido das palavras, muitas apresentam igualdade entre os sentidos. Outras são opostas semanticamente. Daí se poder classificar também as palavras quanto ao significado em **sinônimas** e **antônimas**.

4.5 SINÔNIMOS

São palavras diversas na escrita, mas semelhantes ou idênticas na significação. Há autores que as dividem em “sinônimos perfeitos” e “sinônimos imperfeitos”. Não adotamos essa classificação porque a consideramos falha, uma vez que distinguir o que é “perfeito” do que é “imperfeito” em questões semânticas é assunto assaz controvertido. Observe alguns sinônimos:

- olhar → ver
- lábio → beiço
- entender → compreender

- habitar → morar
- cavalo → corcel
- colóquio → diálogo
- cara → rosto
- bom → misericordioso
- gritar → bradar
- mortal → letal
- oposição → antítese
- bonito → belo

4.6 ANTÔNIMOS

São palavras que apresentam sentidos totalmente opostos. Observe alguns exemplos:

- bonito → feio
- alegre → triste
- ordem → anarquia
- natural → artificial
- simétrico → assimétrico
- ignorância → sabedoria

4.7 POLISSEMIA

Em nossa língua, muitos vocábulos apresentam mais de um significado, o qual só é apreendido quando se analisa o contexto. Quando isto ocorre, dizemos que o vocábulo é "polissêmico".

Inúmeros são os vocábulos polissêmicos. Observe abaixo:

a) Perceba alguns sentidos do vocábulo "manga".

- A **manga** da camisa está suja. (= parte da vestimenta que recobre o braço)
- Todos comeram a **manga**. (= fruta)
- A encanação precisa de uma nova **manga**. (= peça de metal nas encanações)
- A **manga** do candeeiro se queimou. (= tecido que envolve a chama nos candeeiros e lamparinas)

b) Observe agora alguns sentidos de um outro vocábulo: "prato".

- O **prato** é de porcelana. (= peça de louça em que se come)
- O **prato** está delicioso. (= comida, alimento)
- O **prato** da bateria está solto. (= instrumento musical)
- O **prato** está desequilibrado. (= concha de balança)

4.8 EXTENSÃO E COMPREENSÃO DAS PALAVRAS – HIPONÍMIA E HIPERONÍMIA

A extensão de uma palavra é a capacidade que ela tem de se estender a mais ou menos seres. Já a sua compreensão é a capacidade que a palavra nos oferece de assimilar a ideia que ela encerra. Perceber essa distinção é muito importante para a

linguagem, notadamente para a construção dos períodos de um texto. Vejamos a tabela abaixo:

1.ª COLUNA – EXTENSÃO	2.ª COLUNA – COMPREENSÃO
animal	cavalo
flor	margarida
automóvel	Ferrari
homem	João
país	Brasil

Observe que os vocábulos da 1.ª coluna possuem mais extensão semântica do que os vocábulos da 2.ª coluna. Entretanto, os vocábulos da 2.ª coluna apresentam uma compreensão melhor do que os vocábulos da 1.ª coluna, pois aqueles se referem a seres e coisas específicos.

Perceba também que os termos da 1.ª coluna, por serem mais extensos, abrangem outros seres além dos especificados na 2.ª coluna. O vocábulo “animal”, por exemplo, não só envolve “cavalo”, mas também “elefante, leão, cabra, cachorro etc., etc.”. Logo, os vocábulos da 1.ª coluna contêm os da 2.ª coluna. Dizemos, portanto, que os vocábulos da 1.ª coluna são “hiperônimos” dos vocábulos da 2.ª coluna, que são seus “hipônimos”, já que estão contidos naqueles.

É denominado de “**HIPERÔNIMO**” o vocábulo que, num processo de coesão textual (articulação textual), apresenta uma significação mais extensa, mais ampla do que o outro vocábulo com o qual se relaciona intratextualmente.

É denominado de “**HIPÔNIMO**” o vocábulo que, num processo de coesão textual, apresenta um significado menos abrangente, menos amplo do que o outro com o qual se relaciona intratextualmente.

Para melhorar o entendimento sobre **hiperonímia** e **hiponímia**, procure entender essas palavras como “gênero e espécie”, “contém e está contido”.

Portanto, em um texto, poderemos ter:

HIPERÔNIMO	HIPÔNIMO
poeta	Carlos Drummond
roupa	suéter
alimento	feijão
Estado	Rio Grande do Norte
profissão	Professor

4.9 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (FGV) Em que alternativa a expressão entre parênteses poderia substituir a palavra destacada, preservando o sentido original?

   a) " [...] adota como estratégia produtiva as mesmas PRERROGATIVAS da produção em série que já vigoram em outras esferas industriais [...]" (previsões)
   b) " [...] existem também razões de natureza INTRÍNSECA ao meio condicionando a televisão à produção seriada." (externa)
   c) "Diante dessas CONTINGÊNCIAS, a produção televisual se vê permanentemente constrangida a levar em consideração as condições de recepção [...]" (contradições)
   d) " [...] a produção televisual se vê permanentemente CONSTRANGIDA a levar em consideração as condições de recepção [...]" (forçada)
   e) " [...] organizando a mensagem em painéis FRAGMENTÁRIOS e híbridos, como na técnica da colagem." (frágeis)

2. (PUC-SP) Observe, com atenção, nos fragmentos a seguir, as expressões em maiúsculo:

   "... porque Nhô Augusto se erguia e NUM ÁTIMO se vestia."
   "- ...Eu podia ter arresistido, mas era negócio DE HONRA, COM SANGUE só p'ra o dono..."
   "- FEZ NA REGRA, E FEITO!"
   "... as ferraduras tiniram e DERAM FOGO no lajedo..."

   Aponte a alternativa que, respectivamente, substitui as expressões em maiúsculo, do ponto de vista do significado.

   a) Num abrir e fechar de olhos, de pureza, com morte, fez conforme o combinado, faiscaram.
   b) Em parte, de brio, com ferimento, agiu de acordo com o costume, brilharam.
   c) Em curto espaço de tempo, de brio, com morte, agiu de acordo com o costume, faiscaram.
   d) Em parte, de grandeza, com ferimento, desobedeceu às normas, riscaram.
   e) Em curto espaço de tempo, de glória, com resistência, fez conforme o combinado, acenderam.

3. (PUCCAMP) O continente africano, que tantas vezes e por tanto tempo já foi o espelho sombrio e ESPOLIADO dos progressos da civilização ocidental, infelizmente continua SUJEITO A um processo que, no limite, resume-se a uma IMPLOSÃO

CIVILIZATÓRIA.

Os termos em destaque podem ser substituídos, sem prejuízo do sentido do texto, respectivamente, por

a) despojado – vassalo – destruição do progresso.
b) herdeiro – obediente a – extinção da civilização.
c) cheio de restos – tema de – matança de toda uma civilização.
d) roubado - o agente de - devastação de todas as civilizações.
e) privado – submetido a – destruição do próprio cerne da civilização.

4. (UFMG) Em todas as alternativas, o significado das palavras destacadas está corretamente identificado, EXCETO em

a) ... esse ato não consiste numa decisão "QUE VA I E NÃO VOLTA". (que vai e não volta = sem retorno)
b) E também se desencadeia uma inter-relação entre a fonte do poder (a que criou e IMPLANTOU o imposto)... (implantou = implementou)
c) ... pois isto TAMPOUCO explica muita coisa, ou não explica nada. (tampouco = também não)
d) Antes do momento em que se exerce, ele é somente uma CONJECTURA, uma presunção, algo que se acha que vai acontecer. (conjectura = suposição)
e) Antes, tudo está sujeito a fatores no mais das vezes IMPREVISÍVEIS. (imprevisíveis = imprevidentes)

5. (UFU) Assinale a ÚNICA alternativa em que a palavra ou expressão em destaque NÃO está adequadamente interpretada de acordo com seu sentido no texto.

a) "O que existia antes, 'cruzar' animais ou plantas para criar novas raças ou HÍBRIDOS, é coisa bem diferente..." (par. 1) = mistura de espécies diferentes.
b) "(...) mostraram que larvas da borboleta monarca que se alimentam de plantas IMPREGNADAS com o pólen de um tipo de milho transgênico morrem em grandes quantidades." (par. 4)= imbuídas.
c) "(...) os alimentos modificados geneticamente irão solucionar um dos maiores problemas que AFLIGEM a humanidade, a fome." (par. 2)= atormentam.
d) " (...) essa liberdade só pode funcionar se submetida a intensa SUPERVISÃO da comunidade científica..." (par. 5)= inspeção.

6. (UNITAU) Numere a coluna com parênteses de acordo com os significados das palavra da coluna numerada a seguir:

1 – prevaricação
2 – simoníaco
3 – carisma
4 – dogma
5 – anímica
6 – decoro
7 – oligarquia
( ) dignidade, honradez
( ) força divina conferida a alguém
( ) psíquico, relativo à alma
( ) falta com o dever por interesse ou por má fé
( ) venda ilícita de coisas sagradas ou espirituais
( ) governo por poucos e poderosos
( ) ponto fundamental indiscutível de doutrina ou sistema

a) 6, 4, 1, 2, 3, 5, 7.
b) 6, 4, 2, 1, 3, 5, 7.
c) 6, 3, 5, 1, 2, 7, 4.
d) 5, 3, 6, 4, 2, 7, 1.
e) 4, 2, 5, 6, 1, 3, 7.

7. (FUVEST) A palavra SANÇÃO com o significado de RATIFICAÇÃO ocorre apenas em:

a) Aplicar SANÇÕES a grevistas não é direito nem dever de um presidente.
b) Eventual SANÇÃO do presidente à nova lei, aprovada ontem, poderá desagradar a setores de todas as categorias.
c) As SANÇÕES previstas na lei eleitoral não exercem influências significativas sobre a paixão dos militantes.
d) O novo diretor prefere SANÇÕES a diálogos.
e) O contrato prevê SANÇÕES para os inadimplentes.

8. (FUVEST) Agora os parlamentares concluem sua obra com a anuência unânime àquele dispositivo inconstitucional. (“Folha de S. Paulo”, 28.08.1997,1-2)

A paráfrase correta do texto é:

a) A maioria dos parlamentares aprova um certo dispositivo inconstitucional.
b) Os parlamentares, sem exceção, aprovam o dispositivo inconstitucional anteriormente mencionado.
c) Todos os parlamentares reprovam o dispositivo inconstitucional anteriormente

mencionado.

d) A maioria absoluta dos parlamentares boicotou um certo dispositivo inconstitucional.

e) A maioria dos parlamentares conclui sua obra com indiferença à aprovação ou não de um certo dispositivo inconstitucional.

9. (FUVEST) “Busque Amor novas artes, novo engenho”

Assinalar a alternativa que melhor contém o significado das palavras “engenho” e “arte”, no verso transcrito acima:

a) gênio/experiência e inspiração/destreza;

b) índole/recursos e natureza/perícia;

c) talento/invenção e técnica/artifício;

d) inclinação/tendência e engano/dolo;

e) instinto/regras e discernimento/preceitos.

10. (UEL) Os pares acidente/incidente; cheque/xeque; vultoso/vultuoso; verão/estio são, respectivamente:

a) sinônimos, homônimos, parônimos e antônimos.

b) parônimos, homônimos, parônimos e sinônimos.

c) parônimos, parônimos, sinônimos e sinônimos.

d) homônimos, homônimos, parônimos e sinônimos.

e) sinônimos, parônimos, sinônimos e antônimos.

GABARITO

1 – D	2 – C	3 – E
4 – E	5 – B	6 – C
7 – B	8 – B	9 – C
10 – B		

II

MORFOLOGIA

INTRODUÇÃO À MORFOLOGIA

Olá, caro estudante. Depois de conhecermos toda a parte fonética da gramática normativa, passaremos a estudar as palavras e os vocábulos considerando seus valores significativos. Adentraremos, portanto, ao mundo das palavras no que tange às suas estruturas e às suas formas.

Em primeiro lugar, analisaremos a estrutura e a formação das palavras na língua portuguesa. Depois, classificaremos essas palavras em suas respectivas classes e esmiuçaremos as particularidades de cada uma.

Indubitavelmente, é um conhecimento indispensável para todo aquele que deseja compreender, um pouco mais à frente, os relacionamentos sintáticos travados entre essas mesmas palavras e vocábulos. Um conselho: procure entender mais e decorar menos. Isso certamente facilitará a nossa caminhada. Bom proveito!!

CAPÍTULO 1

ESTRUTURA E FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Boa parte das palavras da nossa Língua provém de outras já existentes. Como a Língua é dinâmica, outras palavras foram surgindo a partir da influência tanto do povo como dos escritores. O estudo da formação e da evolução das palavras é responsabilidade da "etimologia".

1.1 ELEMENTOS ESTRUTURAIS DA PALAVRA

Ao se decompor uma palavra, podem-se encontrar nela os seguintes elementos mórficos (elementos que a formam):

I. **RADICAL:** é o elemento primitivo, último e irredutível que encerra a ideia principal do vocábulo. Alguns gramáticos distinguem o radical da raiz. Aqui, preferimos tratar apenas do radical, já que o estudo da raiz de um vocábulo exige profundos conhecimentos etimológicos, o que não é o nosso objetivo neste capítulo.

- terra – terraço – terremoto – terraplanagem – terreiro → perceba que o radical "terr-" se mantém constante nos vocábulos.
- ferro – ferradura – ferreiro – ferrugem – ferrolho → perceba o radical "ferr-" constante nas palavras.

⇨ Observação:

As palavras que possuem um radical comum são denominadas de **palavras "cognatas"**.

Abaixo apresentaremos uma lista sucinta dos principais radicais gregos e latinos.

1.1.1 RADICAIS GREGOS

Radical	Sentido	Exemplo

aero-	ar	*aerofagia, aeronave*
-agogo	que conduz	*demagogo, pedagogo*
-algia	dor em uma região	*cefalalgia, cardialgia*
anemo-	vento	*anemógrafo, anêmona*
antropo-	homem	*antropófago, antropologia*
-arca	que comanda	*monarca, matriarca*
arqueo-	antigo	*arqueologia, arqueografia*
-arquia	governo	*monarquia, oligarquia*
auto-	de si mesmo	*autobiografia, autógrafo*
biblio-	livro	*bibliografia, biblioteca*
bio-	vida	*biologia, biografia*
caco-	mau, disforme	*cacofonia, cacografia*
-cefalo	cabeça	*bicéfalo, microcéfalo*
cito-	cavidade, célula	*citologia, citoplasma*
cosmo-	mundo, universo	*cosmologia, cosmonauta*
-cracia	poder	*democracia, plutocracia*
cromo-	cor	*cromogravura, cromossomo*
crono-	tempo	*cronologia, cronômetro*
dactilo-/datilo-	dedo	*datilografia, dactiloscopia*
deca-	dez	*decaedro, decalitro*
demo-	povo	*democracia, demagogo*
di-	dois	*dipétalo, dígrafo*
-doxo	que opina	*heterodoxo, ortodoxo*
-dromo	lugar para correr	*autódromo, hipódromo*
etno-	povo, raça	*etnografia, etnologia*
-fagia	ato de comer	*disfagia, antropofagia*
-fago	que come	*antropófago, necrófago*
farmaco-	medicamento	*farmacologia, farmacopedia*
filo-	amigo	*filologia, filosofia*
-fobia	medo, aversão, inimizade	*fotofobia, hidrofobia*

-fobo	que odeia	*xenófobo, zoófobo*
fono-	voz, som	*fonógrafo, fonologia*
foto-	luz, fogo	*fotômetro, fotografia*
-gamia	casamento	*poligamia, monogamia*
gastro-	estômago	*gastrite, gastrônomo*
-geneo	que gera	*lacrimogêneo, heterogêneo*
geo-	terra	*geologia, geografia*
-gono	ângulo	*polígono, pentágono*
-grafo	que escreve	*calígrafo, biógrafo*
hemi-	metade	*hemisfério*
hemo-/hemato-	sangue	*hemoglobina, hemograma*
hetero-	outro	*heterodoxo, heterossexual*
hidro-	água	*hidrogênio, hidratar*
hipo-	cavalo	*hipódromo, hipopótamo*
hom(e)o-	semelhante	*homeopatia, homossexual*
iso-	igual	*isonomia, isogameta*
-latria	culto	*idolatria, zoolatria*
macro-	grande, longo	*macróbio, macroeconomia*
mega(lo)	grande	*megalópole, megalomania*
-metria	medida	*antropometria, biometria*
-metro	que mede	*hidrômetro, pentâmetro*
micro-	pequeno	*micróbio, microscópio*
miria-	dez mil, numeroso	*miríade*
miso-	que odeia	*misógino, misantropo*
mito-	fábula	*mitologia, mitomania*
mono-	um só	*monarca, monótono*
-morfo	que tem a forma de	*antropomorfo, polimorfo*
necro-	morto	*necrotério*
-nomo	que regula	*astrônomo, metrônomo*
oftalmo-	olho	*oftalmologista*

onomato-	nome	*onomatopeia, onomatologia*
orto-	correto	*ortografia, ortoepia*
paleo-	antigo, primitivo	*paleontologia, paleoecologia*
pato-	doença	*patogênico, patologia*
piro-	fogo	*pirotecnia, pirogênico*
potamo-	rio	*hipopótamo, potamografia*
proto-	primeiro	*protozoário, protótipo*
psico-	alma, espírito	*psicologia, psicanálise*
-ptero	que tem asas	*díptero, helicóptero*
quilo-	mil	*quilograma*
rino-	nariz	*rinoceronte, rinoplastia*
-scopia	ato de ver	*macroscopia, microscopia*
-scopio	instrumento para ver	*microscópio, datiloscópio*
sidero-	ferro	*siderose, siderurgia*
-sofia	sabedoria	*filosofia, teosofia*
tecno-	arte, ciência	*tecnografia, tecnologia*
tele-	longe	*telefone*
teo-	deus	*teocracia, teólogo*
-terapia	cura	*fisioterapia, psicoterapia*
-tono	tensão, tom	*barítono, monótono*
xeno-	estrangeiro	*xenofobia, xenomania*
zoo-	animal	*zoológico, zoomorfo*

1.1.2 RADICAIS LATINOS

Radical	Sentido	Exemplo
agri-	campo	*agricultura, agricultor*
ambi-	ambos	*ambidestro, ambivalência*
arbori-	árvore	*arborícola, arboriforme*
bis-/bi-	duas vezes	*bisavô, bípede*
calori-	calor	*calorífero, calorimetria*

-cida	que mata	*regicida, inseticida*
-cola	que cultiva, que habita	*vitícola, arborícola*
cruci-	cruz	*crucifixo, cruciforme*
-cultura	ato de cultivar	*apicultura, psicultura*
curvi-	curvo	*curvilíneo, curvirrostro*
equi-	igual	*equidistante, equivalente*
-fero	que contém	*aurífero, calorífero*
ferri-/ferro-	ferro	*ferrífero, ferrovia*
-fico	que faz	*benéfico, frigorífico*
-formi	que tem forma de	*cuneiforme, floriforme*
-fugo	que foge, que faz fugir	*centrífugo, febrífugo*
igni-	fogo	*ignição, ignívomo*
morti-	morte	*mortífero, mortificar*
multi-	muito	*multiforme, multifacetado*
olei-/oleo-	azeite, óleo	*oleoduto, oleígeno*
oni-	todo	*onipresente, onipotente*
-paro	que produz	*maltíparo, ovíparo*
pedi-	pé	*pediforme, pedilúvio*
pisc-	peixe	*piscicultor, pisciforme*
pluri-	muito	*pluriforme, pluripartidário*
-sono	que soa	*díssono, uníssono*
-vomo	que expele	*fumívomo, ignívomo*
-voro	que come	*carnívoro, herbívoro*

II. VOGAL TEMÁTICA: é a vogal que se agrega ao radical preparando-o para receber ur terminação (sufixos ou desinências). À junção do radical com a vogal temática dá-se o nome de TEMA.

RADICAL	VOGAL TEMÁTICA	TEMA
am-	a	ama
vend-	e	vende
part-	i	parti

⇨ Observação:

A vogal temática geralmente aparece nos verbos. Entretanto, alguns nomes podem apresentá-la. Isso ocorre quando a vogal final do vocábulo não se presta a estabelecer a distinção de gênero. Enquanto nos verbos ela se denomina de "vogal temática verbal", nos nomes se chama, portanto, "vogal temática nominal". Veja:

RADICAL	VOGAL TEMÁTICA
cadeir	-a
livr	-o
client	-e

III. AFIXOS: são elementos que se acrescem aos radicais com a finalidade de formar nova palavras. Classificam-se em:

a) **prefixos**: são os afixos que vêm antes do radical.

- **in**-feliz
- **des**-leal
- **anfi**-teatro
- **a**-teu
- **diá**-logo
- **re**-fluir

b) **sufixos**: são os afixos que vêm depois do radical.

- mulher-**aça**
- social-**ismo**
- feliz-**mente**
- leal-**dade**
- caval-**aria**
- formigu-**eiro**

1.1.3 PREFIXOS DE ORIGEM GREGA

Prefixo	Sentido	Exemplo
an-/a-	privação, negação	*ateu, anarquia*
ana-	ação ou movimento inverso	*anáfora, anáfase*
anti-	oposição	*antiaéreo, antípoda*
apo-	afastamento, separação	*apogeu, apóstata*
arqui-/arc-	superioridade	*arquiduque, arqui-inimigo*
dia-/di-	movimento através de	*diocese, diálogo*
dis-	dificuldade	*dispneia, disenteria*
ec-/ex-	movimento para fora	*eclipse, êxodo*
endo-/end-	posição interior	*endométrio, endosmose*

epi-/ep-	posição inferior	*epiderme, epônimo*
eu-/ev-	bem, bom	*eufonia, evangelho*
hiper-	posição superior	*hipérbole, hipertensão*
hipo-	posição inferior	*hipodérmico, hipotensão*
meta-/met-	posterioridade, mudança	*metacarpo, metáfora*
para-/par-	proximidade	*paranasal, parasita*

1.1.4 PREFIXOS DE ORIGEM LATINA

Prefixo	Sentido	Exemplo
ab-/abs-	afastamento, separação	*abdicar, abstrair*
ad-/a-/ar-	aproximação, direção	*adjunto, advérbio, assentir*
ante-	anterioridade	*antebraço, antepor*
circum-	movimento em torno	*circum-adjacente*
de-	movimento de cima para baixo	*decair, decrescer*
des-	separação, ação contrária	*desviar, desfazer*
dis-/di-	separação, movimento	*dissidente*
extra-	posição exterior	*extraoficial, extraviar*
in-/im-/i-/ir-	movimento para dentro	*imigrar, irromper*
in-/im-/i-/ir-	negação, privação	*inativo, impermeável, ilegal*
inter-/entre-	posição intermediária	*internacional, entreabrir*
pre-	anterioridade	*prefácio, preconceito*
pro-	movimento para frente	*progresso, proativo*
re-	movimento para trás	*refluir, refazer*
retro-	movimento mais para trás	*retroceder, retrospectiva*
sub-/sus-/su-/sob-/so-	movimento de baixo para cima	*subclasse, sobpor, suster*
supra-	posição acima, excesso	*supracitado, suprassumo*
trans-/tras-/tres-	movimento para além de	*transpor, transporte*
ultra-	posição além do limite	*ultrapassar, ultravioleta*
vice-/vis-/vizo-	substituição	*vice-reitor, visconde, vizo-rei*

1.1.5 CORRELAÇÃO ENTRE PREFIXOS LATINOS E GREGOS

LATINOS	GREGOS	SIGNIFICADO	EXEMPLOS
Ab-	apo-	afastamento, separação	*abjurar, apostasia*
ad-	para-	junto de, aproximação	*adjunto, parasita*
ambi-	anfi-	duplicidade, em torno de	*ambidestro, anfíbio*
bene-	eu-	bem, bondade, excelência	*benevolente, eufonia*
bi(s)-	di-	dois, duplicidade	*bípede, dípode*
circum-	peri-	em torno de	*circumpolar, perímetro*
contra-	anti-	oposição, contra	*contraveneno, antídoto*
com-, con-	sin-	reunião, simultaneidade	*compartilhar, sincronizar*
ex-	ex-	movimento para fora	*exportar, êxodo*
i-, in-, des-	a-, an-	negação, carência	*infeliz, desonesto, ateu*
in-	en-	posição interna, dentro	*ingerir, encéfalo*
intra-	endo-	para dentro, dentro	*intramuscular, endocarpo*
semi-	hemi-	meio, metade	*semicírculo, hemisfério*
sub-	hipo-	deficiência, inferioridade	*subterrâneo, hipoglicemia*
super-, supra-	epi-, hiper-	superioridade, excesso	*superlotar, hipertrofia*
trans-	dia-	através, por meio de	*transparente, diáfano*

1.1.6 SUFIXOS NOMINAIS

1. Sufixos nominais designativos de coleções

-aria, -eria	pedraria, livraria, cavalaria, loteria, grosseria
-ada	boiada, rapaziada, manada
-edo	figueiredo, vinhedo, arvoredo, lajedo
-al	laranjal, cafezal, bambual, algodoal, canavial
-agem	pelagem, folhagem, plumagem, roupagem
-eiro	braseiro, cancioneiro, berreiro, formigueiro
-alha	cordoalha, parentalha, miuçalha
-ama	dinheirama, courama, mourama

-ame	cordame, vasilhame, raizame, pelame
-ume	cardume, tapume
-ulho	pedregulho, bagulho
-ena	centena, novena, dezena
-io	rapazio, mulherio, gentio
-ia	maresia, penedia, clerezia
-dada	cristandade, humanidade, comunidade, irmandade

⇨ Observações:

a) Em muitas palavras, prefere-se o sufixo "-eria" ao sufixo "-aria": bateria, vozeria, correria, galeria, lavanderia, parceria, leiteria, parceria etc.

b) O sufixo "-eiro" é sufixo substantivo, ou seja, formador de substantivos, indicando o agente. "Brasileiro" era primitivamente o que comerciava com o "pau-brasil", como "mineiro" é o que trabalha em minas. Passando a região a chamar-se "Brasil" e "Minas Gerais", seus derivados passaram naturalmente para a categoria de adjetivos pátrios.

2. Sufixos nominais designativos de aumento (sufixos aumentativos)

-ão	portão, mulherão, grandalhão, comilão, narigão
-rão	chapeirão, vozeirão, casarão, beberrão, santarrão
-aréu	fogaréu, povaréu
-zarrão	homenzarrão, canzarrão
-aço	mestraço, ministraço, poetaço
-aça	barcaça, vidraça
-astro	poetastro, medicastro, criticastro
-ázio	demonázio, copázio, balázio
-anzil	corpanzil
-eiro	cruzeiro
-alho	vergalho, ramalho, espantalho
-alha	muralha, fornalha, gentalha
-orra	cabeçorra

-arra	bocarra, naviarra

⇨ Observação:

O sufixo aumentativo mais comum em português é “-ão”. Nem sempre, porém, este sufixo traz ideia aumentativa, como em “cartão, portão, cordão”.

3. Sufixos nominais designativos de diminuição (sufixos diminutivos)

-inho, -inha	portinha, mocinho, pintinho, menininho, ervinha, pocinha
-zinho, -zinha	cãozinho, montezinho, florzinha, partezinha, poçozinho, ervazinha
-ito, -ita	canito, granito, senhorita, pequenita, florita, franganito
-ete	cavalete, pobrete, ramalhete, archete
-eta	valeta, maleta, lingueta, trombeta, ilheta
-ote	fidalgote, meninote, saiote, velhote
-oto, -ota	picoto, perdigoto, ilhota, velhota, maricota
-ilho, -ilha	vasilha, mantilha, presilha, palmilha
-ino	antonino, pequenino
-im	patim, fortim, flautim, camarim, mulherim
-ulo, -ula	glóbulo, nódulo, fórmula, espátula, célula
-culo, -cula	pendúculo, corpúsculo, partícula, minúscula
-olo, -ola	nucléolo, bolinholo, glorícola, aldeola
-el	cordel, canastrel, fardel, saquitel
-elo, -ela	portelo, colunelo, viela, costela
-elho, -elha	francelho, folhelho, chavelha
-ejo	lugarejo, quintalejo, casalejo
-ebre	casebre
-eco, -eca	livreco, ministreco, padreco, folheca, padreca
-ico, -ica	burrico, abanico, namorico, florica, pelica
-isco	chuvisco, pedrisco, lambrisco
-il	pernil, covil, tamboril
-acho	riacho, populacho, fogacho

-ucho	papelucho, gorducho, pequerrucho
-ilo	codicilo, mamilo

⇨ Observações:

a) O principal sufixo diminutivo em português é "–inho". Em alguns casos, este sufixo pode se ligar diretamente ao radical da palavra. Observe os exemplos abaixo:

- caix(a) → caixinha
- fin(o) → fininho
- ov(o) → ovinho
- braç(o) → bracinho
- camp(o) → campinho
- pedr(a) → pedrinha
- pint(o) → pintinho
- carr(o) → carrinho

b) Em alguns casos, quando a palavra primitiva finaliza em "S", acrescenta-se diretamente sufixo do diminutivo "-inho"; aparece, então, a terminação "-SINHO" com a consoante "S". Observe:

- as(a) → asinha
- princes(a) → princesinha
- adeus → adeusinho
- Teres(a) → Teresinha
- mes(a) → mesinha
- ros(a) → rosinha
- Luís → Luisinho
- Inês → Inesinha

c) Noutros casos, é impraticável a ligação direta do sufixo "-INHO" ao radical da palavra. Nestes casos, usa-se a consoante de ligação "Z" para tornar mais eufônica a ligação. Observe:

- anel + Z + inho → anelzinho
- pai + Z + inho → paizinho
- pé + Z + inho → pezinho
- Maria + Z + inha → Mariazinha
- mãe + Z + inha → mãezinha
- homem + Z + inho → homenzinho
- só + Z + inho → sozinho
- café + Z + inho → cafezinho

d) Muitos vocábulos, em especial na linguagem popular, são construídos indistintamente com os sufixos "-inho" e "-zinho", como, por exemplo, "*florinha ou florzinha, peixinho ou peixezinho, feixinho ou feixezinho, ovinho ou ovozinho, mulherinha ou mulherzinha, dentinho ou dentezinho, hominho ou homenzinho*".

4. Sufixos nominais designativos de agente (ser que pratica alguma ação), profissã ofício

-ário	bibliotecário, bancário, mesário, latifundiário
-eiro	pedreiro, armeiro, livreiro, relojoeiro
-dor, -tor	andador, vendedor, partidor, mergulhador, escritor, cantor, demonstrador
-nte	estudante, negociante, pretendente, presidente, servente, ouvinte

5. Sufixos nominais designativos de ação ou resultado de ação

-ção	formação, armação, fundação, alegação, correção, arguição, punição, estremeção
-mento	armamento, fundamento, casamento, doutoramento, estremecimento, oferecimento, agradecimento, ferimento, sentimento, argumento
-ada	facada, paulada, lançada, badalada, noitada, pincelada, colherada

6. Sufixos nominais designativos de estado

-ura	alvura, brancura, altura, loucura, abertura, bravura, mistura, escritura, postura
-eza, -ez	beleza, presteza, justeza, ligeireza, alteza, braveza, viveza, leveza, viuvez, dobrez
-idade, -dade	brevidade, facilidade, idoneidade, amabilidade, comunidade, latinidade, ruindade, igualdade, crueldade, beldade, bondade
-ice	doidice, velhice, caduquice, mouquice, gulosice, meiguice, doutorice
-ite	laringite, cardite, gastrite, estomatite, hepatite
-ência	prudência, malevolência, continência, assistência
-tura, -dura	nunciatura, abreviatura, quadratura, ditadura

7. Sufixos nominais designativos de naturalidade, origem, relação, título

-ense, -ês	amazonense, mato-grossense, paraense, maranhense, cearense, fluminense, português, francês, chinês, javanês, camponês, montanhês, inglês
-esa, -essa, -isa	baronesa, marquesa, condessa, abadessa, sacerdotisa, profetisa, poetisa
-ano, -ão	italiano, alagoano, sergipano, goiano, baiano, peruano, mexicano, pernambucano, alemão, catalão, lapão, beirão, bretão, saxão, cristão
-ino	bizantino, levantino, argentino, beneditino, florentino, bragantino, alpino, platino
-io	sírio, egípcio, índio
-eno	chileno, madrileno, santareno

-enho	portenho, ferrenho, estremenho
-ista	paulista, santista, nortista
-engo	flamengo, realengo, avoengo, judengo
-ático	asiático, aquático, lunático, indiático
-ico	índico, aristocrático, brasílico, britânico, melancólico, simbólico, pérsico
-aico	judaico, hebraico, caldaico, romaico
-aco	austríaco, siríaco, egipcíaco
-al, -el, -il	estadual, atual, visual, processual, pontual, anual, fiel, cruel, civil, juvenil
-ar	regular, militar, familiar, rudimentar, elementar
-esco	senegalesco, brutesco, dantesco, carnavalesco
-estre	campestre, equestre
-este	celeste, agreste

8. Sufixos nominais designativos de aptidão, tendência, estado, semelhança

-ável, -ével, -ível, -óvel, -úvel	amável, venerável, notável, indelével, visível, terrível, preferível, móvel, imóvel, solúvel, volúvel
-iço	alagadiço, espantadiço, roliço, feitiço, movediço, postiço, quebradiço, sumidiço, chegadiço, encontradiço, esquecidiço
-az	audaz, capaz, loquaz, contumaz
-bundo, -cundo	furibundo, moribundo, iracundo
-ento	barulhento, rabugento, nojento, bulhento
-io	fugidio, escorregadio
-ivo	instrutivo, auditivo, corrosivo, pensativo, executivo
-ório	finório, simplório, difamatório, satisfatório
-oide	esferoide, negroide, ovoide, antropoide

9. Sufixos nominais designativos de superlatividade, abundância, intensidade

-timo, -simo, -rimo, -limo	íntimo, legítimo, justíssimo, integérrimo, agílimo, humílimo, dulcíssimo
-udo	cabeçudo, cabeludo, barbudo, narigudo, beiçudo, linguarudo, peludo, abelhudo

10. Sufixos nominais designativos de lugar

-douro, -doura	matadouro, bebedouro, sangradouro, ancoradouro, manjedoura, sumidouro
-ário, -ária, -eiro, -eira	herbário, erário, ovário, vocabulário, relicário, dicionário, santuário, luminária, penitenciária, agulheiro, carteira, fruteira, pedreira
-ério	cemitério, batistério, necrotério
-ório	dispensatório, cartório, escritório, conservatório, consistório, consultório, purgatório

11. Sufixos nominais designativos de posse, de posse abundante

-oso	caridoso, gostoso, bondoso, preguiçoso, maldoso, medroso
-onho	tristonho, medonho, enfadonho

1.1.7 SUFIXOS VERBAIS

Os sufixos verbais geralmente se agregam ao radical de substantivos e adjetivos a fim de formar verbos. Os principais sufixos verbais em português são:

SUFIXO VERBAL	SENTIDO	EXEMPLOS
-ejar	ação frequente, repetitiva	vicejar, murmurejar, rastejar, gotejar, pestanejar
-ear	ação frequente, repetitiva	saquear, balancear, espernear, golpear, clarear
-ar	prática de ação	começar, deitar, jogar, cantar, telefonar
-ficar	prática de ação	liquidificar, gaseificar, tonificar, petrificar, dignificar
-izar	prática de ação	canalizar, comercializar, organizar, finalizar, canonizar
-entar	relativo à causa (causativo)	apoquentar, amamentar, ornamentar, acrescentar
-ecer	início de ação	amanhecer, enriquecer, envelhecer, empobrecer
-ilhar	ação repetida muitas vezes	dedilhar, pontilhar, fervilhar
-icar	ação pouco intensa	bebericar, namoricar, adocicar, tremelicar
-iscar	ação pouco intensa	lambiscar, namoriscar, petiscar

-inhar	ação pouco intensa	escrevinhar, esfolinhar, espezinhar, cuspinhar

1.1.8 OS SUFIXOS "IZAR" E "ISAR"

a) Não confunda o sufixo verbal "-izar" com a terminação "-isar" de certos verbos, nos qua o "**is**" pertence ao tema de onde se derivam, como, por exemplo, "precisar, analisar, guisar, repisar, eletrolisar". Quando o vocábulo não apresenta a consoante "S" em seu tema, emprega-se o sufixo "-izar" com a consoante "Z". Observe abaixo:

- hospital → hospital**izar**
- canal → canal**izar**
- valor → valor**izar**
- suave → suav**izar**
- imune → imun**izar**
- fértil → fertil**izar**

Agora...

- análise → anal**isar**
- pesquisa → pesqu**isar**
- aviso → av**isar**
- paralisia → paral**isar**
- eletrólise → eletrol**isar**
- guisa → gu**isar**
- revisão → rev**isar**

1.1.9 EMPREGO DE "-IDADE" E "-IEDADE"

Uma dúvida frequente para aqueles que prestam concurso é o emprego das formas "-idade" e "-iedade". Geralmente, as bancas cobram este conhecimento nas questões que envolvem "correção gramatical". Portanto, fique atento às orientações a seguir:

a) Usa-se a terminação "-idade" quando o adjetivo termina em "-ar". Observe:

- singul**ar** → singular**idade**
- complement**ar** → complementar**idade**
- element**ar** → elementar**idade**
- díspar → dispar**idade**
- exempl**ar** → exemplar**idade**
- simil**ar** → similar**idade**

b) Emprega-se, por outro lado, a terminação "-iedade" quanto o adjetivo termina en "-ário" e "-ório". Veja:

- precário → precar**iedade**
- contrário → contrar**iedade**
- voluntário → voluntar**iedade**
- vário → var**iedade**

- contradit<u>ório</u> → contraditor**iedade**
- obrigat<u>ório</u> → obrigator**iedade**
- not<u>ório</u> → notor**iedade**
- arbitr<u>ário</u> → arbitrar**iedade**

⇨ Observação:

Aos adjetivos terminados em "-neo" aplica-se também o sufixo "-idade". Neste caso, retira-se a vogal "o", que finaliza estes adjetivos, e acrescenta -se o sufixo "-idade". Formar-se-á, portanto, o ditongo "EI". Veja:

- espontâ**neo** → espontan**<u>ei</u>dade**
- contemporâ**neo** → contemporan**<u>ei</u>dade**
- temporâ**neo** → temporan**<u>ei</u>dade**
- heterogê**neo** → heterogen**<u>ei</u>dade**
- homogê**neo** → homogen**<u>ei</u>dade**
- simultâ**neo** → simultan**<u>ei</u>dade**
- sucedâ**neo** → sucedan**<u>ei</u>dade**
- momentâ**neo** → momentan**<u>ei</u>dade**

c) Sobre o emprego de "-ZINHO(A)" e "-SINHO(A)", consulte o capítulo "Ortografia"

1.1.10 EMPREGO DOS SUFIXOS "-ARIA" E "-ERIA"

Há, na língua portuguesa, um sem-número de vocábulos formados pelo processo de sufixação. Ocorre que, quando se trata dos sufixos "-eria" e "-aria", não existe muito consenso entre os estudiosos da nossa língua e, em várias situações, admite-se a existência de vocábulos grafados tanto com "-aria" quanto com "-eria". É certo que um deles tem se consolidado como o mais usual (alguns, como "parçaria", são formas arcaicas e desusadas), mas ambos são graficamente corretos. Vejamos alguns deles:

- bijuteria ou bijutaria
- engraxateria ou engraxataria
- joalheria ou joalharia
- vozeria ou vozearia
- leiteria ou leitaria
- lavanderia ou lavandaria
- charcuteria ou charcutaria
- infanteria ou infantaria
- bilheteria ou bilhetaria
- doceria ou doçaria
- selvageria ou selvajaria
- parceria ou parçaria
- loteria ou lotaria
- sorveteria ou sorvetaria
- pedanteria ou pedantaria

⇨ Observação:

Diante de situações de dúvida, não titubeie: consulte um bom dicionário.

1.1.11 SUFIXO ADVERBIAL "-MENTE"

Em português, o único sufixo adverbial é "-mente", o qual se acrescenta ao gênero feminino de adjetivos (quando o adjetivo apresenta esta flexão) para exprimir circunstâncias de modo, tempo, quantidade etc. Observe:

- calmaMENTE
- bondosaMENTE
- felizMENTE
- alegreMENTE

⇨ **Observação:**

Correlacione esta regra com o emprego em sequência de advérbios terminados em "-mente". Esta orientação se encontra no capítulo sobre o "advérbio".

IV. DESINÊNCIAS: são elementos mórficos que se acrescem ao final de um vocábulo e expressam as flexões de gênero, de número, de modo, de tempo e de pessoa. Podem ser:

a) **desinências nominais** → indicam o gênero e o número dos nomes.

RADICAL	DESINÊNCIA DE GÊNERO	DESINÊNCIA DE NÚMERO
macac	o	s
menin	a	s
pat	o	s

b) **desinências verbais** → indicam o modo e o tempo, o número e a pessoa dos verbos.

RADICAL	VOGAL TEMÁTICA	DESINÊNCIA MODO-TEMPORAL	DESINÊNCIA NÚMERO-PESSOAL
am-	a	-sse	-mos
cant-	a	-va	-mos

V. VOGAIS OU CONSOANTES DE LIGAÇÃO: são vogais e consoantes que, desprovidas de significação, são usadas na formação de um vocábulo a fim de facilitar-lhe a pronúncia.

- pau + **l** + ada
- café + **t** + eira
- gas + **ô** + metro
- cha + **l** + eira
- rei + **z** + inho

1.2 PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Antes de tudo, convém estabelecer alguns conceitos:

a) **Palavras primitivas** → são aquelas que não se formaram a partir de um vocábulo preexistente. São também denominadas de "derivantes".

- terra
- pedra
- ferro
- luz
- janela
- carro

b) **Palavras derivadas** → são aquelas formadas a partir de um vocábulo preexistente.

- terraço
- pedreira
- ferrugem
- luzeiro
- janelaço
- carroçaria

c) **Palavras simples** → são aquelas que apresentam um único radical.

- água
- guarda
- perfume
- perna

d) **Palavras compostas** → são aquelas que apresentam dois ou mais radicais.

- água-benta
- guarda-chuva
- lança-perfume
- pernalta

A partir desses conhecimentos, podemos afirmar que, na língua portuguesa, existem dois grandes processos de formação de palavras: derivação e composição.

1.2.1 DERIVAÇÃO

É o processo através do qual se obtém uma palavra nova (derivada) a partir de uma palavra já existente (primitiva). Esse fenômeno se dá, frequentemente, pelo acréscimo de afixos (prefixos ou sufixos). Dessa forma, temos:

1. **Derivação prefixal ou prefixação** → acréscimo de prefixos à palavra primitiva.

- **in**feliz
- **des**leal
- **re**ver
- **des**amor
- **pre**conceito
- **ultra**violeta

2. **Derivação sufixal ou sufixação** → acréscimo de sufixos à palavra primitiva.

- amor**oso**
- feliz**mente**
- bebe**douro**
- mal**dade**
- mel**oso**
- dent**ista**

3. **Derivação sufixal e prefixal** → acréscimo não simultâneo de um prefixo e um sufixo à palavra primitiva.

- **in**feliz**mente**
- **des**leal**dade**
- **des**cortes**ia**
- **in**util**izar**
- **des**nivel**ar**

⇨ Observação:

Perceba que na derivação prefixal e sufixal a retirada de um dos afixos não inutiliza a palavra por completo. Se se retirar o prefixo, a palavra subsiste com o processo de sufixação. Se se retirar o sufixo, a palavra subsistirá com o prefixo. Este é o principal fator para se distinguir este tipo de derivação da parassíntese. Observe:

→ **infelizmente**
- felizmente (sem o prefixo)
- infeliz (sem o sufixo)

4. **Derivação parassintética ou parassíntese** → acréscimo simultâneo de um prefixo e um sufixo à palavra primitiva.

- **a**noit**ecer**
- **a**pedr**ejar**
- **sub**terrâ**neo**
- **es**fri**ar**
- **a**madur**ecer**
- **des**alm**ado**

⇨ Observações:

a) Geralmente a derivação parassintética cria formas verbais a partir de substantivos e adjetivos. Veja abaixo:

- **enriquecer** → formada a partir do adjetivo "rico"
- **ajoelhar** → formada a partir do substantivo "joelho"
- **empalhar** → formada a partir do substantivo "palha"
- **endoidecer** → formada a partir do adjetivo "doido"
- **embarcar** → formada a partir do substantivo "barco"
- **amanhecer** → formada a partir do substantivo "manhã"

b) Não confunda a derivação prefixal e sufixal com a parassintética. Nesta, o acréscimo de afixos se dá de maneira simultânea, de modo que a retirada de um deles (sufixo ou prefixo) acarretará o desaparecimento da palavra.

5. **Derivação regressiva** → formação de substantivos denotadores de ação através de u processo de redução verbal. Substitui-se a terminação de um verbo pelas desinências "-a, -e, -o". Este tipo de derivação também é chamado de "**deverbal**", "**pós-verbal**" ou "**retrógrada**".

VERBO (primitivo)	SUBSTANTIVO (derivado)
abalar	abalo
afagar	afago
alcançar	alcance
buscar	busca
castigar	castigo
combater	combate
comprar	compra
enlaçar	enlace
gritar	grito
jogar	jogo
pescar	pesca

⇨ Observações:

a) Não se esqueça de que o processo comum de formação é a criação de verbos a partir de substantivos e adjetivos. A derivação regressiva, portanto, promove o processo inverso.

b) Convém mais uma vez salientar que a derivação regressiva forma substantivos indicativos de ação. Logo, "ajuda", "saque", "caça", por exemplo, são substantivos derivados dos verbos "ajudar", "sacar" e "caçar", respectivamente, porque indicam ação. Por outro lado, os substantivos "âncora", "perfume", "alimento", os quais não indicam ação, mas objetos, coisas, são palavras primitivas que dão origem aos verbos "ancorar", "perfumar" e "alimentar".

6. **Derivação imprópria ou conversão** → ocorre pela mudança da classe gramatical de uma palavra. Na maioria dos casos, substantivos se tornam adjetivos e vice-versa, adjetivos se transformam em advérbios e vice-versa, infinitivos se tornam substantivos, ou palavras invariáveis passam a ser substantivos.

› Ao longo da reunião, ele explicou **os prós** e **os contras** da questão. (palavras invariáveis substantivadas)

- Os **bons** sempre superam os **maus**. (adjetivos substantivados)
- Comprei um lindo rádio-**relógio** no centro da cidade de São Paulo. (substantivo adjetivado)
- Quando criança, pintava o **sete** na ausência dos pais. (numeral substantivado)
- **Esperar** é uma arte que todos deveriam exercitar. (infinitivo substantivado)
- Todos na sessão falavam **alto**. (adjetivo adverbializado)

1.2.2 COMPOSIÇÃO

É o processo por meio do qual duas ou mais palavras, ou dois ou mais radicais, se associam para formar uma nova palavra. Dois são os processos de composição na língua portuguesa:

1. **Composição por aglutinação** → ocorre quando há supressão ou perda de elementos fonéticos entre as palavras que se unem.

- perna + alta = **pernalta**
- boca + aberta = **boquiaberta**
- perna + longo = **pernilongo**
- plano + alto = **planalto**
- Santo + Antônio = **santantônio**
- cabeça + baixa = **cabisbaixo**
- fonte + seca = **Fonseca**
- plena + mar = **preamar**
- puxa + avante = **puxavante**
- pedra + óleo = **petróleo**
- em + boa + hora = **embora**
- filho + de + algo = **fidalgo**
- água + ardente = **aguardente**
- hidro + elétrico = **hidrelétrico**
- vinho + acre = **vinagre**

2. **Composição por justaposição** → ocorre quando as palavras se juntam sem que haja alteração mórfica nelas.

- passa + tempo = **passatempo**
- mal + me + quer = **malmequer**
- sempre + viva = **sempre-viva**
- porco + espinho = **porco-espinho**
- gira + sol = **girassol**
- guarda + chuva = **guarda-chuva**
- vai + vém = **vaivém**
- verde + mar = **verde-mar**
- vara + pau = **varapau**
- mata + borrão = **mata-borrão**
- obra + prima = **obra-prima**

1.2.3 OUTROS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Ao lado dos dois grandes processos de formação de palavras da língua portuguesa (derivação e composição), há outros igualmente importantes. São eles:

1. **Redução ou abreviação vocabular** → ocorre pela redução de um vocábulo a um mínimo semântico significativo, ou seja, reduz-se uma palavra ao máximo sempre mantendo seu sentido original.

- **auto** → redução de "automóvel"
- **extra** → redução de "extraordinário"
- **cinema** → redução de cinematógrafo
- **foto** → redução de fotografia
- **pneu** → redução de pneumático
- **curta** → redução de curta-metragem
- **zoo** → redução de zoológico
- **quilo** → redução de "quilograma"
- **cine** → redução de "cinema"
- **pólio** → redução de "poliomielite"
- **moto** → redução de motocicleta
- **pornô** → redução de pornografia
- **Zé** → redução de José
- **metrô** → redução de metropolitano

2. **Hibridismo** → ocorre quando a palavra é formada por elementos provenientes de línguas diferentes.

- automóvel = auto (grego) + móvel (latim)
- televisão = tele (grego) + visão (latim)
- abreugrafia = abreu (português) + grafia (grego)
- alcoômetro = álcool (árabe) + metro (grego)
- burocracia = buro (francês) + cracia (grego)
- monocultura = mono (grego) + cultura (latim)
- sambódromo = samba (português) + dromo (grego)
- goiabeira = goia (tupi) + beira (português)
- sociologia = socio (latim) + logia (grego)
- asmático = asma (português) + ico (latim)

3. **Onomatopeia ou onomatopaica** → ocorre quando se formam palavras que buscam representar os sons dos seres, das coisas, da natureza.

- vapt-vupt!
- miau!
- grunhir
- estralejar
- tique-taque
- tartamudear
- zigue-zague!
- tinir
- toc-toc!
- latir
- au! au!
- grugulhejar
- bummm!
- espocar
- zás!
- piar

- arrulhar
- rosnar

⇨ **Observação:**

Todos os verbos que indicam os sons dos animais são onomatopaicos. Logo, “coaxar (rã), chiar (insetos), estridular (cigarra), grasnar (pato), mugir (boi), palrar (papagaio), rugir (leão), uivar (lobo), zurrar (burro)” são alguns exemplos de verbos onomatopaicos.

4. **Siglonimização** → é o processo de formação das siglas. A sigla é a abreviatura formada com as letras iniciais das palavras de um nome ou um título. Observe abaixo algumas siglas.

- **FGTS** = Fundo de Garantia pelo Tempo de Serviço
- **CPF** = Cadastro de Pessoas Físicas
- **MEC** = Ministério da Educação e Cultura
- **CEP** = Código de Endereçamento Postal
- **DNER** = Departamento Nacional de Estradas e Rodagens
- **SENAC** = Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
- **IBOPE** = Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística
- **IBGE** = Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- **SENAI** = Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
- **UNESCO** = United Nations Educational Scientific and Cultural Organization
- **ONU** = Organização das Nações Unidas
- **OEA** = Organização dos Estados Americanos
- **PT** = Partido dos Trabalhadores

1.2.4 NEOLOGISMOS

A língua não é algo morto, sem vida. Em todo tempo, por causa da evolução dos seres e da evolução do campo do conhecimento, o acervo lexical de um povo se modifica – palavras deixam de ser usadas e tornam-se arcaicas, e palavras novas são criadas. A esse processo de criação lexical dá-se o nome de **neologismo**.

O nosso idioma, estruturalmente formado do latim, tem herdado empréstimos lexicais de outros sistemas linguísticos desde o início de sua formação. Por isso, em nossa língua encontramos tantos vocábulos provenientes das diversas influências (celta, fenícia, basca, bárbara, árabe, africana, tupi, espanhola, inglesa, italiana, francesa etc.).

Hoje, em virtude da globalização econômico-financeira, nossa língua portuguesa tem

recebido bastantes empréstimos linguísticos oriundos da língua inglesa.

Cumpre de antemão frisar que, para a formação de um neologismo, na maioria dos casos, são usados os mesmos processos utilizados para a formação de muitas palavras em nossa língua: derivação e composição.

Observe alguns exemplos de neologismos em nossa língua (alguns ainda não foram registrados pelos dicionaristas, mas são bastante usados):

- deletar = apagar
- clicar = dar cliques com o mouse
- bebemorar = junção de beber e comemorar
- indescartável = que não pode ser descartável
- microcurso = curso de pequena extensão
- lulistas = partidários do presidente Lula
- pistolagem = ações com o uso da pistola, da força

1.3 CLASSIFICAÇÃO E FLEXÃO DAS PALAVRAS

Na língua portuguesa, a palavra pode ser analisada pela função que exerce em relação às outras palavras, ou pelo valor que, isoladamente, ela possui. No primeiro caso, temos a análise sintática, a qual será fruto de nosso estudo em capítulo próprio. Já a segunda, diz respeito à análise (ou classificação) morfológica.

Morfologia (gr. “morphê” = forma, “logos” = tratado) é a parte da “lexicologia” que estuda a palavra em seu elemento imaterial, isto é, em sua ideia ou significação. A morfologia das palavras pode ser estudada em duas partes:

a) **Taxonomia** (gr. “taxis” = arranjo, classificação; “nomos” = lei) estuda as diversas classes de palavras e as suas propriedades em relação à ideia que expressam.
b) **Etimologia** (gr. “etimo” = origem; “logia” = estudo) estuda a origem e a evolução da palavras.

Nos próximos dez capítulos, estudaremos a classificação morfológica das palavras em nossa língua, isto é, o valor que cada uma possui por si mesma, independentemente das demais palavras.

Há em nossa língua dez classes de palavras: substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome, verbo, advérbio, conjunção, preposição e interjeição.

Observe abaixo um quadro-resumo dessas dez classes:

CLASSE DE PALAVRA	DEFINIÇÃO	EXEMPLOS

	(CARACTERÍSTICAS)	
1. Substantivo	Classe de palavra variável que dá nome aos seres em geral.	casa – terra – rosto – planta – martelo – João – papelão
2. Adjetivo	Classe de palavra variável que modifica um substantivo, atribuindo-lhe uma qualidade, um estado, um modo de ser.	bom – ruim – alto – péssimo – belo – feio – gostoso
3. Artigo	Classe de palavra variável que acompanha um substantivo, determinando-o ou indeterminando-o.	o – a – o – as – uma – um – umas – uns
4. Numeral	Classe de palavra variável que indica quantidade ou ordem dos seres.	dois – três – primeiro – décimo – um terço – triplo
5. Pronome	Classe de palavra variável que substitui ou acompanha o substantivo.	meu – nós – alguém – que – cujo – Vossa Excelência
6. Verbo	Classe de palavra variável que indica um processo em relação ao tempo. Este processo pode ser uma ação, um estado, uma mudança de estado ou um fenômeno da natureza.	andar – chover – dormir – correr – nadar – ser – ventar – fugir – tornar-se
7. Advérbio	Classe de palavra invariável que modifica um verbo, um adjetivo ou até outro advérbio, atribuindo-lhes circunstâncias diversas.	cedo – tarde – amanhã – não – talvez – jamais – sim
8. Conjunção	Classe de palavra invariável que liga orações ou termos dentro de uma oração.	embora – mas – já que – conquanto – a fim de que
9. Preposição	Classe de palavra invariável que liga termos de uma oração ou, mais raramente, orações.	a – de – por – com – sob
10. Interjeição	Classe de palavra invariável que exprime emoções ou sentimentos.	ah! – puxa! – ai! – ufa!

⇨ Observação:

Convém salientar que classificar uma palavra é, antes de tudo, entender o sentido e a função que cada uma exerce em uma dada sentença. Sempre será imperfeita a classificação que se funde meramente na forma ou na estrutura do vocábulo. Logo, a

chave para uma boa classificação é a análise de cada uma em seu contexto oracional. Observe abaixo alguns exemplos que demonstram a variação da classificação de um mesmo vocábulo.

- Eles são homens **sábios**. *adjetivo*
- Os **sábios** vivem melhor. *substantivo*
- Joana é um ser **baixo**. *adjetivo*
- É importante falar **baixo**. *advérbio*
- O **filósofo** é o amigo da sabedoria. *substantivo*
- Luis XV era um rei-**filósofo**. *adjetivo*
- Esta **tarde** foi inesquecível. *substantivo*
- Saímos muito **tarde**. *advérbio*
- Por favor, não **tarde**. *verbo*
- Ficou **meio** chateada. *advérbio*
- Ficou sem **meios** para se suster. *substantivo*
- Comprou **meia** fruta. *numeral*
- Meus olhos veem **claro**. *advérbio*
- Tinha um **claro** talento. *adjetivo*
- Ficamos num **claro** da floresta. *substantivo*
- Esforço-me **porque** sejas aprovada. *conj. final*
- Estudo **porque** é importante. *conj. causal*
- Não nos disse o **porquê** do problema. *substantivo*
- **Fora** isso, peça-me o que quiser. *preposição*
- Ficou **fora** da casa. *advérbio*
- Ele **fora** para o interior do Estado. *verbo*
- Ela **nada** bem. *verbo*
- Ela não dirá **nada**. *pronome indefinido*
- Isto não é **nada** agradável. *advérbio*
- **O** menino estuda. *artigo*
- Eu **o** considero muito. *pronome oblíquo*
- Já sabemos **o** que sucedeu. *pronome demonstrativo*

1.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (TRT-ES) Assinale o item no qual os prefixos destacados **não** têm o mesmo sentido:

   a) carta **a**nônima – homem **in**capaz
   b) **hemi**sfério sul – raiz **semi**morta
   c) nuvem **diá**fana – película **trans**lúcida
   d) rua **para**lela – autor **con**temporâneo

e) **perí**metro urbano – área **circun**vizinha

2. (ESAF-MPU) Assinale a opção na qual os componentes destacados das palavras não têm a mesma significação:

a) **hiper**tensão – **super**mercado
b) **a**teu – **an**arquia
c) **bí**pede – **di**ssílabo
d) **anfí**bio – **ambi**destro
e) **ante**por – **anti**aéreo

3. (BB) Assinale a opção em que há erro na explicação da palavra destacada:

a) **heliofobia** – horror à luz do sol
b) **rinalgia** – dor de nariz
c) **xilografia** – arte de gravar em pedra
d) **etnologia** – estudo das raças
e) **misantropia** – aversão à sociedade

4. (FATEC-SP) Nas palavras **poliglota**, **tecnocracia**, **acrópole**, **demagogo** e **geografia** encontramos elementos que têm as seguintes significações, respectivamente:

a) garganta – ciência – cidade – conduzo – terra
b) língua – governo – civilização – enganar – terra
c) muitas – deus – alto – povo – planeta
d) língua – governo – alto – povo – terra
e) muitas – poder – cidade – diabo – tratado

5. (Mackenzie-SP) Assinale a alternativa em que não há relação entre duas colunas quant ao significado do prefixo:

a) abdicar = afastamento
b) adjacente = posição em frente
c) antedatar = anterioridade
d) ambidestro = duplicidade
e) biscoito = repetição

6. (FATEC-SP) O prefixo e o sufixo que compõem a palavra **despenteada** encontram

similar de sentido em:

a) imaginava
b) deslealdade
c) dissílabo
d) infelicidade
e) impossibilitado

7. (CESGRANRIO-RJ) Assinale o par de vocábulos cujos prefixos apresentam significaçã equivalente à dos elementos iniciais de **impessoal** e **predeterminado**:

a) amoral – epidérmico
b) antiaéreo – hipertenso
c) disforme – ultrapassado
d) contraindicado – transatlântico
e) desumano – antediluviano

8. (UFRJ) Assinale a alternativa cujo prefixo **sub**- tem o sentido de posteridade:

a) sublinhar
b) subsequente
c) subdesenvolvimento
d) subjacente
e) submisso

9. (Mackenzie-SP) Dentre as alternativas abaixo, assinale aquela em que ocorrem dois prefixos que dão ideia de negação:

a) impune, acéfalo
b) pressupor, ambíguo
c) anarquia, decair
d) importar, soterrar
e) ilegal, refazer

10. (ITA-SP) Considere as seguintes significações:

"nove ângulos" – "governo de poucos"
"som agradável" – "dor de cabeça"
Escolha a alternativa cujas palavras traduzem os significados apresentados acima.

a) pentágono, plutocracia; eufonia, mialgia
b) eneágono, oligarquia; eufonia, cefalalgia
c) nonangular, democracia; cacofonia, dispineia
d) eneágono, aristocracia; sinfonia, cefalalgia
e) hendecágono, monarquia; sonoplastia, cefaleia

GABARITO

1 – D	2 – E	3 – C
4 – D	5 – B	6 – E
7 – E	8 – B	9 – A
10 – B		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 2

SUBSTANTIVO

2.1 DEFINIÇÃO

É a classe de palavra variável com a qual se denomina os seres em geral.

Aqui, a palavra “ser” precisa ser entendida não só como aquilo que possui uma existência concreta (pedra, homem, carro, lua), mas também como aquilo que possui uma existência imaginária (Saci, fada, Minotauro), abstrata (fé, alegria, tristeza), ou mesmo de comprovação discutível (anjo, alma, inferno).

Por isso, classificam-se como substantivos as coisas, os sentimentos, as qualidades, as ações, os estados considerados em si mesmos.

Observe os primeiros exemplos:

beleza	morte	vida	vingança	casamento	vento
cobre	água	árvore	sonho	Terra	símbolo
pureza	revolução	átomo	eletricidade	caderno	uva

2.2 CARACTERIZAÇÃO DO SUBSTANTIVO

Nem sempre é fácil para um estudante da língua portuguesa identificar com segurança um substantivo. Por isso, para fazê-lo, convém observar duas características fundamentais:

1. O substantivo é uma classe de palavras que geralmente vem acompanhada de outras palavras, as quais a determinam. Daí dizermos que um substantivo frequentemente se encontra acompanhado de determinantes. Funcionam como determinantes “os artigos, os adjetivos, os pronomes adjetivos e os numerais”. Logo, quase todas as palavras na língua portuguesa podem ser usadas como substantivos.

   Veja:

- Havia dois **entrevistadores** engraçados que faziam umas **perguntas** bobas.
  determinante *determinantes*

- Alguns **homens** nunca conseguirão implementar mais que três **ideias** ao longo da **vida**.
  determinante *determinantes*

- Não aguentava mais os teus **ais**, as tuas **lamúrias**, os teus "**não-sei-pra-que-isso**".
  determinantes *determinantes*

2. O substantivo é a classe morfológica que "privativamente" exerce as funções sintáticas de: **sujeito**, **objeto direto**, **objeto indireto**, **complemento nominal**, **agente da passiva**, **aposto** e **vocativo**. Logo, palavras que exercem tais funções serão substantivos ou substantivadas.

   Observe:

- Os noivos disseram "**sim**!" diante de toda a igreja.
  objeto direto = palavra substantivada

- Não viva o **ontem**; procure amar o **hoje**.
  objetos diretos = palavras substantivadas

- Os **feios** também amam.
  sujeito = palavra substantivada

- **Viver** já é, por si só, um presente de Deus.
  sujeito = palavra substantivada

- Ninguém sabe os **porquês** da ausência dele.
  objeto direto = palavra substantivada

- Precisaremos dos **dois** para o nosso projeto.
  objeto indireto = palavra substantivada

- Ao chegar, foi enxotado pela **multidão**.
  agente da passiva = substantivo

- Não tinha precisão do **dinheiro** público.
  complemento nominal = substantivo

- Precisamos muito disto: **paz** na terra entre os homens de boa vontade.
  aposto = substantivo

⇨ Observações importantes:

a) Não confunda um substantivo com uma palavra substantivada. Enquanto esta se encontra exercendo uma função típica do substantivo, aquele é o próprio substantivo por natureza. A palavra "nobre" é um adjetivo por natureza. No entanto, ao dizermos "Os **nobres** sempre dominaram o mundo", temos um adjetivo substantivado, ou seja, uma palavra substantivada, pois ela exerce a função de sujeito e está acompanhada de um determinante.

b) Não se esqueça de que alguns substantivos também podem exercer o papel de

"adjetivo" pelo processo de derivação imprópria ou conversão, estudado no capítulo sobre a formação das palavras. Veja:

- O homem-**morcego** sempre foi um sucesso do cinema.
  Substantivo exercendo a função de adjetivo.
- Minha avó sempre dizia que vivia em um mundo **cão**.
  Substantivo exercendo a função de adjetivo.

c) O substantivo, como a maioria das classes morfológicas, pode ser expresso por meio d uma oração, denominada de "**oração substantiva**". Já que o substantivo exerce funções como "sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal", a oração substantiva exercerá também – obviamente – uma dessas funções. Observe:

- Tinha receio de que os juros inviabilizassem seus negócios.
  oração substantiva – complemento nominal
- Sempre aspirou a que todos fossem contemplados com a sorte da loteria.
  oração substantiva – objeto indireto
- Seria fundamental que eles se amassem mais.
  oração substantiva – sujeito
- João argumentou que aquilo fora dito por seu pai há muitos anos.
  oração substantiva – objeto direto

⇨ **Observação:**

Para aprofundar este último ponto, estude, em sintaxe, as orações substantivas.

d) Convém salientar também que é um substantivo o núcleo de boa parte das locuções adjetivas, adverbiais, prepositivas e conjuntivas. Por isso, o substantivo é uma das classes gramaticais mais importantes. Veja:

- à espera de = núcleo de uma locução prepositiva
- casaco de couro = núcleo de uma locução adjetiva
- a fim de que = núcleo de uma locução conjuntiva
- à tarde = núcleo de uma locução adverbial

2.3 CLASSIFICAÇÃO DO SUBSTANTIVO

Os substantivos podem ser classificados em: **concretos, abstratos, próprios, comuns, simples, compostos, primitivos, derivados e coletivos**.

1. **Concretos e abstratos:** Os primeiros indicam os seres que possuem existência própria independente dos demais seres, não importando se são reais ou imaginários. Já os segundos indicam os seres que dependem da existência de outros seres para existirem. Estes últimos indicam qualidades, ações ou estados.

- mesa – faca – lápis – apontador – lua – terra – mar – lampião – fada = são exemplos de substantivos concretos
- pânico – medo – tristeza – bondade – sonho – conhecimento – saudade = são exemplos de substantivos abstratos

2. **Próprios e comuns:** Os próprios designam um ser específico, determinado entre os outros de sua espécie. Já os comuns designam os seres de uma espécie de forma genérica.

- rua – casa – flor – carro – aliança – cidade – rio = são substantivos comuns
- Pedro – Brasil – Nova Iorque – São Francisco – Jesus Cristo = são substantivos próprios

3. **Simples e compostos:** São simples os substantivos formados por um só elemento, um só radical. Já os compostos são constituídos por mais de um radical ou elemento formador.

- terra – fruta – cavalo – pau = são substantivos simples
- terra-cozida – fruta-pão – cavalo-vapor – pau-brasil = são substantivos compostos

4. **Primitivos e derivados:** Os primitivos são aqueles substantivos que não resultam de nenhuma outra palavra preexistente. Já os derivados, como o próprio nome já o denuncia, são os substantivos oriundos de outras palavras, ditas primitivas.

- terra – pedra – mar – luz – folha = são substantivos primitivos
- terraplanagem – pedreira – maremoto – luzeiro – folhagem = são substantivos derivados

5. **Coletivos:** São os substantivos que, no singular, indicam uma coleção, um agrupamento um conjunto de seres da mesma espécie. Observe abaixo uma tabela com os principais coletivos:

academia	de literatos, de artistas, de sábios etc.
acervo	de bens patrimoniais, de obras de arte etc.
álbum	de fotografias, de selos
alcateia	de lobos
antologia	de trechos literários

armada	de navios de guerra
arquipélago	de ilhas
assembleia	de pessoas reunidas
associação	de pessoas reunidas sob o mesmo estatuto
atilho	de espigas de milho
atlas	de mapas
bagagem	de objetos de viagem
baixela	de utensílios de mesa
banca	de examinadores
bandeira	de garimpeiros, de exploradores
bando	de crianças, de aves, de ciganos etc.
baralho	de cartas
batalhão	de soldados
bateria	de peças de artilharia, de utensílios de cozinha
biblioteca	de livros
boiada	de bois
brigada	de pessoas voltas para a execução de um serviço
cabido	de cônegos de uma catedral
cacaria	de cacos
cacho	de uvas, de bananas etc.
cáfila	de camelos
câmara	de deputados
cambada	de vadios, de malvados etc.
capoeira	de aves, de mato
caravana	de viajantes, de peregrinos, de mercadorias etc.
cardume	de peixes
cartuchame	de cartuchos
catálogo	de livros, de plantas, de objetos para a venda etc.
choldra	de malfeitores, de desordeiros, de pessoas ordinárias etc.
chusma	de gente, de criados, de papéis

clientela	de clientes
código	de leis reunidas
coleção	de livros, de poesias, de selos etc.
coletânea	de objetos reunidos
coligação	de pessoas, de organizações
colmeia	de cortiços de abelhas
comboio	de meios de transporte, de animais etc
conciliábulo	de feiticeiros
concílio	de bispos, de prelados, de pastores
conclave	de cardeais
confederação	de estados
confraria	de pessoas religiosas reunidas
congregação	de professores, de membros de uma determinada religião
congresso	de sábios, de diplomatas, de deputados
conselho	de ministros, de professores
constelação	de estrelas
cordilheira	de montanhas
corja	de canalhas, de vadios, de malfeitores
coro	de pessoas reunidas para cantar
discoteca	de discos
doutrina	de conhecimentos
elenco	de atores, de artistas
enxoval	de roupas e adornos
esquadra	de navios
fato	de cabras
fauna	de animais de uma região
feixe	de lenha, de capim, de varas
fornada	de pães, de tijolos etc.
frotas	de navios, de ônibus etc.
galeria	de quadros, de estátuas
grei	de fiéis reunidos

grêmio	de intelectuais, de artistas etc.
irmandade	de membros de associações religiosas
júri	de jurados
legião	de soldados, de anjos, de demônios
lustro	de cinco anos
maço	de papéis, de cartas, de cigarros
manada	de bois, de elefantes etc.
maquinaria	de máquinas
matilha	de cães
miríade	de insetos
molho	de chaves, de capim
ninhada	de filhotes de aves
nuvem	de gafanhotos, de mosquitos etc.
orquestra	de músicos
parlamento	de casas legislativas
patrulha	de soldados em ronda
penca	de bananas, de uvas, de laranjas
petrecho	de armamentos
pilha	de livros, de moedas, de pratos
pinacoteca	de quadros, de telas
piquete	de grevistas
plêiade	de grupo de homens sábios, célebres
prole	de filhos de um casal
quadrilha	de ladrões, de bandidos
ralé	de pessoas ordinárias
ramalhete	de flores
rancho	de soldados, de trabalhadores, de gente
rebanho	de ovelhas, de cabras
renque	de coisas ou pessoas na mesma linha
repertório	de peças teatrais, de músicas
resma	de papel (quinhentas folhas)

réstia	de cebola, de alho
revoada	de aves
rol ou ror	de pessoas, de testemunhas
seleta	de trechos literários escolhidos
sínodo	de párocos, de religiosos reunidos
súcia	de velhacos, de patifes
tripulação	de tripulantes de um navio, de um avião
tropel	de cavaleiros
tropilha	de cavalos
trouxa	de roupas
turma	de estudantes, de trabalhadores etc.
vara	de porcos
viveiro	de aves, de plantas

⇨ Algumas observações sobre os substantivos coletivos:

a) É importante frisar que os substantivos coletivos podem ser **específicos (determinados)** ou **genéricos (indeterminados)**. Dizer, por exemplo, "ramalhete de flores", "cardume de peixes", "esquadra de navios" consiste numa redundância, pois os coletivos aqui usados se referem – especificamente – a "flores, peixes e navios", respectivamente. Por outro lado, não se comete redundância quando se criam especificações para coletivos do tipo "grupo, bando, congresso, coleção", uma vez que estes podem ser utilizados para indicar mais de um ser. Por isso, os primeiros são denominados de específicos e os segundos de genéricos. Veja:

- O **grupo** de estudantes deixou a sala.
- Um **grupo** de deputados inspecionará a obra.
- Um **bando** de aves sobrevoa a cidade.
- Um **bando** de ladrões assaltou um banco hoje pela manhã.
- A **coleção** de selos foi furtada.
- A **coleção** de poesias do Mário impressiona a todos.

⇨ Observação:

Nestes exemplos, os substantivos “grupo, bando e coleção” requereram especificações por se tratar de coletivos inespecíficos ou genéricos.

b) Quando se trata de coletivos genéricos ou inespecíficos, a concordância do verbo pode se dar tanto com o núcleo do termo quanto com a sua especificação.

- Uma equipe de jogadores — auxiliará / ou / auxiliarão — os trabalhos de seleção dos melhores atletas da escola.

) Os substantivos “parte, metade, maioria, minoria”, que designam fração de um todo, são denominados de “<u>coletivos partitivos</u>”; distinguem-se, portanto, dos outros denominados de “<u>coletivos gerais</u>”.

) Há coletivos que são denominados de <u>numéricos</u>, pois representam quantidades numéricas exatas. Exemplos:

- **par** → conjunto com dois elementos
- **lustro** → período de cinco anos
- **novênio** → período de nove anos
- **sextilha** → estrofe de seis versos
- **tríade** → grupo de três pessoas
- **septênio** → período de sete anos
- **semana** → período de sete dias
- **dúzia** → conjunto de doze elementos
- **milhar** → conjunto de mil coisas
- **semestre** → período de seis meses
- **trezena** → período de treze dias
- **trindade** → reunião de três pessoas
- **quinquídio** → período de cinco dias
- **quindênio** → período de quinze dias
- **cento** → conjunto com cem elementos
- **terceto** → estrofe de três versos / reunião de três pessoas

) Muitos coletivos são formados pelo processo de sufixação. Eis abaixo os sufixos mais comuns para a formação de coletivos.

- **-ada** → boiada, manada, brigada
- **-alha** → parentalha, clericalha
- **-ama** → dinheirama, boiama
- **-aria** → livraria, artilharia
- **-eiro** → formigueiro, abelheiro
- **-agem** → folhagem, carruagem
- **-al** → cabedal, bananal
- **-ame** → cordame, enxame
- **-dade** → cristandade, diversidade
- **-edo** → arvoredo, vinhedo

2.4 FLEXÕES DOS SUBSTANTIVOS

Como palavras variáveis que são, os substantivos se flexionam em: **gênero**, **número** e **grau**.

2.4.1 FLEXÕES DE GÊNERO

Em primeiro lugar, é importante dizer que o gênero é uma classificação puramente gramatical. Segundo o gênero, os substantivos são agrupados em **masculinos** e **femininos**.

Em tese, são masculinos todos os substantivos aos quais se pode antepor o artigo definido masculino "o(s)". Por outro lado, são femininos todos os que admitem o artigo definido feminino "a(s)".

São masculinos	São femininos
o cordão – os sapatos – os lençóis – o azeite	a fralda – a sandália – a leoa – a patroa – a câmera
o cidadão – o ator – o imperador – o compadre	a internet – a libélula – a freira – a mãe – a dama

2.4.1.1 Formação do feminino

2.4.1.1.1 Substantivos biformes

A maioria dos substantivos na língua portuguesa apresenta formas distintas para o masculino e para o feminino – são denominados de "**BIFORMES**". Para os substantivos desse grupo, o feminino geralmente se forma a partir da(o):

) Mudança da terminação "-o" por "-a":

- filho → filha
- aluno → aluna
- menino → menina
- garoto → garota
- aluno → aluna

) Mudança da terminação "-e" por "-a":

- elefante → elefanta
- monge → monja
- parente → parenta
- mestre → mestra

- presidente → presidenta

) Mudança das terminações “-e” e “-a” por “-essa, -esa, -isa”.

- sacerdote → sacerdotisa
- diácono → diaconisa
- barão → baronesa
- abade → abadessa
- príncipe → princesa
- profeta → profetisa
- conde → condessa
- prior → prioresa

l) Mudança da terminação “-ão” por “-ã, -oa, -ona”.

- alemão → alemã
- irmão → irmã
- leitão → leitoa
- valentão → valentona
- chorão → chorona
- patrão → patroa
- cidadão → cidadã
- santarrão → santarrona

Exceções:

- barão → baronesa
- sultão → sultana
- ladrão → ladra
- cão → cadela

) Mudança da terminação “-eu” por “-eia”:

- europeu → europeia
- plebeu → plebeia
- ateu → ateia
- hebreu → hebreia
- pigmeu → pigmeia

⇨ Observação:

Há substantivos que não seguem esta regra: réu → ré; judeu → judia; ilhéu → ilhoa.

) Acréscimo da terminação "-a" aos substantivos terminados em "-es, -or, -z, -s, -l"

- camponês → camponesa
- juiz → juíza
- cantor → cantora
- escritor → escritora
- bacharel → bacharela

) Acréscimo da terminação "-triz" a certos substantivos terminados em "-or":

- embaixador → embaixatriz
- imperador → imperatriz
- cantor → cantatriz
- ator → atriz
- genitor → genetriz

⇨ Observação:

Admitem-se também os femininos "cantora" e "genitora" – bem mais usuais no português contemporâneo – para os substantivos "cantor" e "genitor", respectivamente.

) Acréscimo da terminação "-ina" a certos substantivos como:

- herói → heroína
- czar → czarina
- felá → felaína

⇨ Observação:

Inúmeros são os procedimentos para a formação do feminino na língua portuguesa, e não há uma regra que consiga abarcar todas as situações. Daí a quantidade exorbitante de substantivos os quais possuem formas totalmente diferentes para indicar o masculino e o feminino. Estes substantivos são denominados de "heterônimos". Segue abaixo uma lista sucinta de tais substantivos (também

denominados de “**biformes**”, diga-se por conveniência) e seus respectivos femininos.

MASCULINO	FEMININO
caxaréu	baleia
bispo	episcopisa
bode	cabra
boi	vaca
burro	besta, mula
cão	cadela
capitão	capitã
cavaleiro	amazona
cavalheiro	dama
cavalo	égua
compadre	comadre
cônego	canonisa, cônega
confrade	confreira
dom	dona
embaixador	embaixadora (funcionária)
embaixador	embaixatriz (esposa do embaixador)
ermitão	ermitoa
frade	freira
frei	sóror ou soror
galo	galinha
general	generala
genro	nora
homem	mulher
jabuti	jabota
javali	javalina
marajá	marani
pacuçu	paca
padrasto	madrasta

padre	madre
padrinho	madrinha
pai	mãe
pardal	pardoca ou pardaloca
parvo	parva
patriarca	matriarca
perdigão	perdiz
prior	prioresa ou priora
rajá	rani
sandeu	sandia
tritão	sereia
tabaréu	tabaroa
varão	varoa ou virago
veado	veada, cerva
zangão	abelha

2.4.1.1.2 Substantivos uniformes

Um outro grande grupo de substantivos possui apenas uma única forma gráfica para designar tanto o masculino quanto o feminino – são os denominados de **UNIFORMES**. Dividem-se em:

) **Sobrecomuns** – são substantivos que possuem uma única forma para o masculino e pa o feminino. Até o artigo que acompanha estes substantivos é comum aos dois gêneros.

- o monstro
- o cadáver
- a criança
- o sujeito
- o defunto
- o ídolo
- o cônjuge
- o carrasco
- a pessoa
- a vítima
- o membro
- a criatura
- o esqueleto
- a testemunha

) **Comuns de dois gêneros** – são substantivos que possuem uma única forma gráfica pa os dois gêneros, mas se faz a distinção do masculino e do feminino pela utilização de artigos “o, a, os, as, um, uns, uma, umas”.

- o/a cliente
- o/a acrobata
- o/a diplomata
- o/a estudante

- o/a artista
- o/a agente
- o/a agiota
- o/a pajem
- o/a nubente
- o/a pedinte
- o/a jornalista
- o/a homicida
- o/a ouvinte
- o/a servente
- o/a motorista
- o/a dentista
- o/a gerente
- o/a jovem
- o/a selvagem
- o/a colega

) **Epicenos** – são substantivos relativos a animais que possuem uma única forma para designar o masculino e o feminino. A distinção entre os sexos se dará pelo acréscimo das palavras “macho” e “fêmea”.

- a cobra macho / a cobra fêmea
- o crocodilo macho / o crocodilo fêmea
- a pulga macho / a pulga fêmea
- a borboleta macho / a borboleta fêmea
- a águia macho / a águia fêmea
- o jacaré macho / o jacaré fêmea
- o tatu macho / o tatu fêmea
- a minhoca macho / a minhoca fêmea

2.4.1.2 Oposição entre o gênero e o sentido

Muitos substantivos mudam de sentido quando têm seu gênero alterado. Diz-se, então, que houve um gênero aparente, já que a outra forma não representa o sexo oposto, mas uma palavra com um significado totalmente diferente do significado da primeira. Observe:

o língua (o intérprete)	**a língua** (órgão do corpo humano)
o caixa (funcionário)	**a caixa** (receptáculo)
o razão (livro mercantil)	**a razão** (faculdade intelectual)
o guarda (policial)	**a guarda** (corporação, proteção, cuidado)
o capital (dinheiro)	**a capital** (cidade sede de governo)
o cisma (separação)	**a cisma** (dúvida)
o vogal (representante)	**a vogal** (letra)
o guia (orientador, pessoa que guia)	**a guia** (documento, correia comprida)
o cura (padre)	**a cura** (restabelecimento da saúde)
o lotação (veículo)	**a lotação** (capacidade)
o moral (ânimo, estado de espírito)	**a moral** (ética, princípios)
o rádio (aparelho)	**a rádio** (estação, emissora)
o crisma (óleo usado em sacramentos)	**a crisma** (sacramento da confirmação)
o águia (pessoa esperta)	**a águia** (ave)

o banana (pessoa mole, palerma)	**a banana** (fruta)
o cabra (pessoa valente)	**a cabra** (animal)
o polícia (policial)	**a polícia** (corporação)
o grama (unidade de peso)	**a grama** (relva)
o estepe (pneu sobressalente)	**a estepe** (vegetação)
o nascente (ponto cardeal leste)	**a nascente** (fonte de água)

2.4.1.3 Mudança de gênero por elipse

Alguns substantivos indicativos de lugares (topônimos) mudam de gênero quando, por metonímia, passam a designar os produtos desses lugares.

Como termos geográficos, esses substantivos são femininos. Ao designar os produtos oriundos de tais lugares, tornam-se nomes comuns masculinos. Um bom exemplo ocorreu com o vocábulo "champagne", que originalmente designa a região da França produtora de bons vinhos espumantes. Hoje, não há quem nunca tenha tomado "**um** champanhe", ou seja, "um **vinho** champanhe". Nestes casos, existe, na verdade, a elipse de um substantivo masculino entre o artigo e o substantivo topônimo. Observe outros casos:

- **Moca** (cidade da Arábia) → **o moca** (tipo de café proveniente da cidade de Moca)
- **Madeira** (ilha situada em Portugal) → **o madeira** (vinho proveniente da ilha Madeira)
- **Borgonha** (região situada na França) → **o borgonha** (vinho produzido na região da Borgonha)
- **Málaga** (região situada na Espanha) → **o málaga** (vinho produzido na região de Málaga)
- **Terra-Nova** (ilha situada no Canadá) → **o terra-nova** (cão oriundo da ilha de Terra-Nova)
- **Holanda** (país situado na Europa) → **o holanda** (fino tecido proveniente da Holanda)
- **Nanquim** (cidade da China) → **o nanquim** (pigmento negro para colorir criado na cidade de Nanquim)
- **Angorá** (antiga cidade da Turquia) → **o angorá** (espécie de gato oriundo da cidade de Angorá – hoje "Ancara")

2.4.1.4 Gênero de alguns substantivos

Há vários substantivos na língua portuguesa que frequentemente suscitam dúvidas quanto ao gênero. Por isso, é bom ficar atento, pois:

) São masculinos

- o apêndice
- o alvará
- o aneurisma
- o champanha
- o charque (carne-seca, jabá)
- o clã
- o cônjuge
- o cós
- o delta
- o dó (pena; nota musical)
- o eclipse
- o estratagema
- o formicida
- o guaraná
- o herpes
- o lança-perfume
- o magazine
- o matiz
- o plasma
- o telefonema
- o tracoma
- o cabo (soldado; rabo, cauda)
- o magma
- o pernoite
- o praça (soldado)
- o proclama (anúncio)

b) São femininos

- a abusão (engano, erro)
- a dinamite
- a acne
- a áspide (serpente)
- a omelete
- a omoplata
- a agravante (circunstância)
- a alface
- a apendicite
- a aguardente
- a cal
- a faringe
- a libido
- a entorse
- a fruta-pão
- a pane
- a mascote
- a gênese
- a couve-flor
- a derme
- a echarpe (agasalho, adorno)
- a ênfase
- a comichão
- a ferrugem
- a matinê
- a sentinela
- a filoxera (tipo de inseto)

2.4.1.4.1 Substantivos que são masculinos ou femininos indistintamente

São substantivos bastante usuais e que podem ser usados tanto como femininos quanto como masculinos.

- o/a sabiá (ave)
- o/a cataplasma
- o/a suéter
- o/a xérox
- a/o usucapião
- o/a diabete (ou diabetes)
- o/a tapa
- o/a ilhós
- o/a laringe

⇨ Observações gerais sobre o gênero dos substantivos:

a) O substantivo “personagem” tanto pode ser usado no feminino “a personagem” quanto no masculino “o personagem”.

b) Os substantivos “modelo” e “manequim”, referindo-se às pessoas que posam em público, têm sido usados na língua contemporânea como substantivos comuns de dois gêneros. A distinção de gênero, portanto, dar-se-á pelo determinante – geralmente o artigo – que acompanha tais palavras. Diz-se, então, “o modelo” para o homem e “a modelo” para a mulher.

c) Alguns substantivos que designam patentes militares como “*general*, *coronel*, *tenen sargento*, *soldado*” apresentam as formas femininas “*generala*, *coronela*, *tenenta*, *sargenta*, *soldada*”, embora sejam estas bastante preteridas na esfera militar, preferindo-se usar tais substantivos como se fossem comuns de dois gêneros “o/a general, o/a coronel, o/a tenente, o/a sargento, o/a soldado”. As patentes “major e cabo” só existem sob a forma masculina.

d) O substantivo “*chefe*” apresenta a forma feminina “*chefa*”. Entretanto, é preferível empregar-se “chefe” como substantivo comum de dois gêneros (o chefe / a chefe) pelo fato de a forma “chefa” trazer consigo certa dose de informalidade.

2.4.2 FLEXÕES DE NÚMERO

O número é capacidade que possuem alguns nomes de indicar um ou mais seres ou coisas. Como o gênero, a flexão de número é uma categoria gramatical. Em português, existem dois números gramaticais: o singular e o plural. O primeiro indica um ser ou um grupo de seres (flor, soldado, avião, ramalhete, exército, esquadrilha); já o segundo, indica mais de um ser ou grupo de seres (flores, soldados, aviões, ramalhetes, exércitos etc.).

2.4.2.1 Regras para a formação do plural dos substantivos

1. Em geral, os substantivos formam o plural com o acréscimo da desinência “-s” a singular. Isso frequentemente ocorre com os substantivos terminados em vogal ou em ditongo:

- casa → casas
- janela → janelas
- pé → pés

- prédio → prédios
- menino → meninos
- livro → livros
- braço → braços
- gramática → gramáticas
- escola → escolas
- mãe → mães
- porta → portas
- estrada → estradas
- rei → reis
- pai → pais
- herói → heróis

2. Os substantivos terminados em "-ão" fazem o plural de três maneiras:

) Alguns simplesmente seguem a regra geral e acrescentam "-s" ao "-ão":

- mão → mãos
- cristão → cristãos
- grão → grãos
- chão → chãos
- irmão → irmãos
- vão → vãos
- pagão → pagãos
- desvão → desvãos
- bênção → bênçãos
- órgão → órgãos
- sótão → sótãos
- cidadão → cidadãos

) Outros trocam o "-ão" por "-ães":

- escrivão → escrivães
- pão → pães
- cão → cães
- capitão → capitães
- alemão → alemães
- tabelião → tabeliães
- capelão → capelães
- afegão → afegães

) Um grande grupo troca o "-ão" por "-ões":

- leão → leões
- limão → limões
- balão → balões
- caixão → caixões
- mamão → mamões
- botão → botões
- canhão → canhões
- nação → nações
- opinião → opiniões
- fração → frações
- coração → corações
- canção → canções
- gavião → gaviões
- anão → anões
- folião → foliões

⇨ Observações:

a) Essas diversas variações para o plural ocorrem em virtude da etimologia das palavras.

b) Alguns substantivos terminados em "-ão" apresentam mais de uma forma para o plural. Observe abaixo:

- aldeão → adeãos e aldeões
- anão → anãos e anões

- ancião → anciãos, anciães e anciões
- guardião → guardiães e guardiões
- verão → verãos e verões
- cirurgião → cirurgiões e cirurgiães
- castelão → castelãos e castelões
- sultão → sultães e sultões
- vilão → vilãos, vilões e vilães
- vulcão → vulcãos e vulcões

3. Os substantivos terminados em "-r, e -z" formam o plural com o acréscimo da terminação "-es", uma vez que a língua não aceita as terminações "-rs e -zs".

- flor → flores
- gravidez → gravidezes
- giz → gizes
- colher → colheres
- faquir → faquires
- cateter → cateteres
- juiz → juízes
- arroz → arrozes
- andar → andares
- dólar → dólares
- colar → colares
- ureter → ureteres
- amor → amores
- mulher → mulheres
- raiz → raízes
- clamor → clamores
- cruz → cruzes

⇨ **Observação:**

Os substantivos "caráter", "júnior" e "sênior" fazem os plurais "caracteres", "juniores" e "seniores", respectivamente, com deslocamento do acento tônico.

4. Os substantivos terminados em "-n" fazem o plural tanto com o acréscimo de "-es" quanto com o acréscimo de "-s".

- próton → prótones ou prótons
- hífen → hífenes ou hifens
- líquen → líquenes ou liquens
- nêutron → nêutrones ou nêutrons
- abdômen → abdômenes ou abdômens
- elétron → elétrones ou elétrons

⇨ **Observação:**

Os substantivos "pólen" e "cânon" fazem os plurais "polens" e "cânones", respectivamente.

5. Os substantivos terminados em "-al, -el, -ol e -ul" trocam o "l" por "is". Observe:

- anel → anéis
- anzol → anzóis
- pastel → pastéis
- farol → faróis
- metal → metais
- laranjal → laranjais
- paul → pauis
- tribunal → tribunais
- canal → canais

⇨ Observações:

a) Nos substantivos “cônsul” e “mal”, a consoante “l” permaneceu intervocálica no plura daí as formas “cônsules” e “males” para os respectivos plurais.

b) O substantivo “mel” faz os plurais “meles” ou “méis”, assim como “mol” faz os plurai “mols” ou “moles”.

6. Os substantivos terminados em “-il” formam o plural de acordo com duas regras

) Se for oxítono, trocará o “-il” por “is”:

- anil → anis
- funil → funis
- barril → barris
- perfil → perfis
- quadril → quadris
- cantil → cantis
- fuzil → fuzis
- canil → canis

) Se for paroxítono, trocará o “-il” por “-eis”:

- fóssil → fósseis
- réptil → répteis
- projétil → projéteis
- têxtil → têxteis
- míssil → mísseis
- tâmil → tâmeis

⇨ Observação:

Em virtude da dupla prosódia dos substantivos “réptil – reptil” e “projétil – projetil”, admitem-se os respectivos plurais “répteis – reptis” e “projéteis – projetis”.

7. Os substantivos terminados em “-m” trocam esta letra por “-ns”. Veja:

- fim → fins
- jardim → jardins
- vintém → vinténs
- bombom → bombons
- som → sons
- refém → reféns
- jejum → jejuns
- bebum → bebuns
- amém → améns

8. Os substantivos terminados em “-s” fazem o plural segundo duas regras:

) Os monossílabos e os oxítonos recebem “-es”:

- gás → gases
- rês → reses
- mês → meses
- deus → deuses
- revés → reveses
- burguês → burgueses

- português → portugueses
- cós → coses
- chinês → chineses

) Os paroxítonos e os proparoxítonos terminados em "-s" são invariáveis:

- o pires → os pires
- o ônibus → os ônibus
- o lápis → os lápis
- o tênis → os tênis
- o vírus → os vírus
- o ourives → os ourives
- o oásis → os oásis
- o alferes → os alferes
- o ônus → os ônus

9. Os substantivos terminados em "-x" são invariáveis.

- o tórax → os tórax
- o ônix → os ônix
- a fênix → as fênix
- uma xérox → duas xérox
- o látex → os látex

⇨ Observação:

Alguns substantivos monossilábicos terminados em "-x", entretanto, admitem também, para a formação do plural, o acréscimo da terminação "-es". É o caso de:

- o fax → os fax ou faxes
- o sax → os sax ou saxes
- o flox → os flox ou floxes
- o fox → os fox ou foxes

2.4.2.1.1 Particularidades sobre o plural dos substantivos

1. Alguns substantivos mudam o timbre da vogal tônica de (ô – fechado) para (ó – aberto) quando postos no plural. É o que se denomina de plural metafônico ou plural com metafonia. Veja alguns exemplos:

(ô) – fechado no singular	(ó) – aberto no plural
caroço	caroços
coro	coros
despojo	despojos
destroço	destroços
foro	foros
fosso	fossos
imposto	impostos
jogo	jogos
miolo	miolos

olho	olhos
osso	ossos
ovo	ovos
poço	poços
posto	postos
povo	povos
reforço	reforços
socorro	socorros
tijolo	tijolos
torto	tortos
troço	troços

Outros substantivos, porém, permanecem com o (ô) fechado quando vão para o plural. Veja:

(ô) – fechado no singular	**(ô) – fechado no plural**
abono	abonos
bolo	bolos
bolso	bolsos
cachorro	cachorros
coco	cocos
dono	donos
dorso	dorsos
encosto	encostos
esposo	esposos
gozo	gozos
lobo	lobos
logro	logros
morro	morros
piolho	piolhos
polvo	polvos
repolho	repolhos

rosto	rostos
sogro	sogros
toldo	toldos

2. Alguns substantivos, quando postos no plural, sofrem alteração semântica, ou seja, mudam o sentido. Observe:

- bem (virtude) → bens (capital, posses)
- ar (atmosfera) → ares (aparência, condições do clima)
- gênero (conjunto) → gêneros (alimentos)
- féria (remuneração) → férias (descanso)
- lua (satélite) → luas (semanas)
- honra (dignidade) → honras (homenagens, título)
- vergonha (humilhação) → vergonhas (órgãos sexuais)
- amor (sentimento) → amores (relações amorosas)

3. Há substantivos que só existem na forma "plural". Veja alguns exemplos:

- as fezes
- as cãs
- as cócegas
- os parabéns
- as cercanias
- os Alpes
- as calendas
- os óculos
- as exéquias
- as núpcias
- os pêsames
- os víveres
- as condolências
- os arredores
- os Andes
- as alvíssaras
- os anais
- as olheiras
- os Pirineus
- as Belas Artes

4. Os nomes de pessoas, os numerais e as letras do alfabeto fazem, geralmente, o plural com o acréscimo do morfema "-s" – obviamente quando se prestam a esta regra. Veja:

- Ele jamais passará na prova dos noves.
- Lá, na festa, encontrarás os Antônios, os Andrés, os Joões, os Junqueiras e tantos outros mais.
- Jamais escreverás corretamente se não conheceres bem os "as", os "bês", os "cês" que compõem as palavras.

⇨ Observação:

Os numerais terminados em "-s" e em "-z" são invariáveis. Ex.: dois, dez, três, seis etc.

5. **Em geral os substantivos apresentam tanto o feminino quanto o masculino. Este o princípio básico. Entretanto, alguns substantivos são, na prática, usados, em quase todos os seus empregos, no singular, embora apresentem flexão de plural como a maioria dos substantivos. Isso ocorre particularmente com:**

a) **substantivos que designam metais:** ouro, prata, ferro, mercúrio, alumínio, cobre.

b) **substantivos que designam produtos animais e vegetais:** leite, mel, açúcar, lã, vinho, arroz.

c) **substantivos que designam artes e ciências:** Budismo, Cristianismo, Lógica, Socialismo, Aritmética.

d) **alguns substantivos abstratos que exprimem virtude ou vício:** preguiça, caridade, confiança, leviandade, liberdade.

2.4.2.2 Plural dos substantivos compostos

Os substantivos compostos apresentam um vasto conjunto de regras especiais para a formação de seus plurais. Vários substantivos fogem das orientações abaixo e apresentam uma forma própria, particular para o seu plural. Por isso, apresentaremos a seguir as regras mais comuns para a flexão de número de tais nomes compostos.

1.ª regra: Substantivos compostos formados por palavras variáveis quanto ao número → ambas as palavras devem ir para o plural. As palavras que formam o composto devem, portanto, ser analisadas se, isoladamente, são suscetíveis de ir para o plural.

- couve-flor (substantivo + substantivo) → couves-flores
- terça-feira (numeral + substantivo) → terças-feiras
- amor-perfeito (substantivo + adjetivo) → amores-perfeitos
- salvo-conduto (adjetivo + substantivo) → salvos-condutos
- ponta-direita (substantivo + adjetivo) → pontas-direitas
- chave-mestra (substantivo + substantivo) → chaves-mestras
- guarda-noturno (substantivo + adjetivo) → guardas-noturnos
- má-língua (adjetivo + substantivo) → más-línguas
- capitão-mor (substantivo + adjetivo) → capitães-mores
- pai-nosso (substantivo + pronome) → pais-nossos
- cirurgião-dentista (substantivo + adjetivo) → cirurgiões-dentistas

2.ª regra: Substantivos compostos formados por palavra invariável mais uma palavra variável → só o segundo elemento deverá ir para o plural.

- abaixo-assinado (advérbio + particípio na função de adjetivo) → abaixo-assinados

- quebra-mar (verbo + substantivo) → quebra-mares
- ave-maria (interjeição + substantivo) → ave-marias
- vice-cônsul (prefixo + substantivo) → vice-cônsules
- infraestrutura (prefixo + substantivo) → infraestruturas
- beija-flor (verbo + substantivo) → beija-flores
- salve-rainha (interjeição + substantivo) → salve-rainhas
- ultrassom (prefixo + substantivo) → ultrassons

3.ª regra: Substantivos compostos unidos por preposição → só o primeiro elemento varia.

- pé de moleque → pés de moleque
- mula sem cabeça → mulas sem cabeça
- pimenta-do-reino → pimentas-do-reino
- amigo da onça → amigos da onça
- joão-de-barro → joões-de-barro
- pôr do sol → pores do sol
- pau a pique → paus a pique
- ama de leite → amas de leite

4.ª regra: Substantivos compostos em que o segundo elemento delimita o primeiro → só o primeiro elemento varia.

- navio-escola → navios-escola
- banana-maçã → bananas-maçã
- caneta-tinteiro → canetas-tinteiro
- erva-mate → ervas-mate
- salário-família → salários-família
- peixe-boi → peixes-boi
- pau-brasil → paus-brasil
- pombo-correio → pombos-correio
- escola-modelo → escolas-modelo

⇨ Observação:

Por se tratar de substantivos compostos formados por palavras variáveis, admite-se também que os compostos acima variem ambos os elementos. Portanto:

- navio-escola → navios-escola ou navios-escolas
- peixe-boi → peixes-boi ou peixes-bois
- pau-brasil → paus-brasil ou paus-brasis
- fruta-pão → frutas-pão ou frutas-pães

5.ª regra: Substantivos compostos formados por palavras repetidas ou palavras onomatopaicas (reprodução de sons das coisas, dos animais) → só o segundo elemento se flexiona.

- reco-reco → reco-recos
- pisca-pisca → pisca-piscas

- ruge-ruge → ruge-ruges
- corre-corre → corre-corres
- pife-pafe → pife-pafes
- quero-quero → quero-queros
- tico-tico → tico-ticos
- bem-me-quer → bem-me-queres
- bem-te-vi → bem-te-vis
- pega-pega → pega-pegas

⇨ Observações:

) Quando as palavras repetidas forem verbos, também é lícita a flexão dos dois elemento

- pisca-pisca → pisca-piscas ou piscas-piscas
- pega-pega → pega-pegas ou pegas-pegas
- corre-corre → corre-corres ou corres-corres

b) São invariáveis os substantivos compostos formados por verbos de sentidos opostos, embora alguns dicionaristas mais modernos insistam em flexionar o último elemento.

- o leva e traz → os leva e traz
- o vai-volta → os vai-volta
- o perde-ganha → os perde-ganha

6.ª regra: Substantivos compostos em que o primeiro elemento for uma das formas "**grão**, **grã**, **ex-**, **dom**, **são** e **bel**" → só o segundo elemento se flexiona.

- grão-duque → grão-duques
- grã-cruz → grã-cruzes
- dom-basiliano → dom-basilianos
- ex-voto → ex-votos
- grão-mestre → grão-mestres
- bel-prazer → bel-prazeres
- são-bento → são-bentos
- são-bernardo → são-bernardos

7.ª regra: São substantivos compostos invariáveis:

- o louva-a-deus → os louva-a-deus (invariável)
- o saca-rolhas → os saca-rolhas (invariável)
- o arco-íris → os arco-íris (invariável)
- o maria vai com as outras → os maria vai com as outras (invariável)

2.4.3 FLEXÕES DE GRAU

Como sabemos, o substantivo é uma classe gramatical que designa os seres em geral. Os seres designados podem se apresentar em tamanhos diversos. À propriedade dos substantivos de indicar a dimensão dos seres dá-se o nome de "flexão de grau". Em

português, há duas flexões de grau: o **aumentativo** e o **diminutivo**. Essas flexões tanto podem ser obtidas com a utilização de sufixos (forma sintética) quanto com a utilização de adjetivos (forma analítica). Estudaremos primeiramente a formação do grau com a utilização de sufixos e prefixos.

1. **Grau aumentativo:** o substantivo se apresenta em tamanho aumentado. Geralmente são utilizados os sufixos "-ão, -arão, -arrão, -zarrão, -eirão, -alhão, -gão". Ex.:

- buraco → buracão
- vaga → vagalhão
- pé → pezão
- amigo → amigão
- casa → casarão
- homem → homenzarrão
- capa → capeirão
- lamaçal → lamarão
- nariz → narigão
- chapéu → chapeirão
- bobo → bobalhão
- dedo → dedão

Há, entretanto, inúmeros substantivos que usam sufixos especiais para a formação do grau aumentativo. Abaixo apresentaremos alguns desses substantivos:

Sufixos	Exemplos
-aça	barcaça, barbaça
-alha	fornalha, muralha
-eirão	vozeirão, boqueirão
-ázio	copázio, balázio
-ona	barrigona, pernona
-orra	cabeçorra, beiçorra
-uça	vinhuça, dentuça
-anha	bocanha, campanha
-eira	fogueira, canseira

2. **Grau diminutivo:** o substantivo se apresenta em tamanho reduzido, diminuto. Para a formação deste grau, sinteticamente, utilizam-se também uma série de sufixos. Os mais usuais são:

Sufixos	Exemplos
-ebre	casebre
-acho	riacho, populacho
-culo	ossículo, corpúsculo
-eco	livreco, boteco

-ete	filete, filmete
-inho	filhinho, galinho
-ita	pedrita, cabrita
-ito	cãozito
-isco	chuvisco, ladrisco
-ola	sacola, rapazola
-ico	burrico, cuvico
-ica	pelica, fraldica
-ilha	presilha, flotilha
-ejo	lugarejo, papelejo
-im	espadim, pistolim
-ulo	glóbulo, nódulo
-eto	folheto, jardineto
-eta	caixeta, abeta
-ote	velhote, caixote

⇨ Observações:

a) Tanto o grau aumentativo quanto o diminutivo apresentam uma forma analítica, feita geralmente com o auxílio dos adjetivos "grande, enorme, imenso e adjetivos semelhantes" e "pequeno, minúsculo e adjetivos semelhantes" respectivamente.

b) Nem sempre o aumentativo e o diminutivo mostram o aumento e a diminuição de um ser. A utilização dos sufixos próprios para o aumentativo e para o diminutivo também pode indicar "desprezo, desproporção, pejoração, grosseria". Observe:

- Era considerada pela cidade como uma mulherzinha. (= mulher ordinária)
- Os silvas eram uma gentalha. (= gente de classe social baixa)
- Era um professorzinho! (= professor qualquer, sem qualificação)
- Aquele padreco era um grande santarrão. (= padre sem valor; falso devoto)

c) Muitos diminutivos são usados para indicar "afetividade, aproximação, carinho". É o caso de "amorzinho, paizinho, amiguinha, coleguinha".

d) O grau aumentativo também é obtido pela repetição do substantivo colocando-lhe n meio a preposição "de". É um processo muito usado na Bíblia. Veja:

- Rei dos reis
- Senhor dos senhores

- Mestre dos mestres
- Santo dos santos

d) Alguns aumentativos e diminutivos são obtidos com o emprego de prefixos. É o que se observa em “minifúndio, maxicasaco, supermercado, minissaia”.

e) Alguns substantivos, pela evolução da língua, perderam o sentido gradual e assumiram valores semânticos autônomos. É o que se verifica, por exemplo, na palavra “portão” que não mais é o aumentativo de “porta”, mas sim um tipo de entrada. Fato idêntico ocorreu com os vocábulos: cartilha, cartão, caldeirão, colchão.

f) No trato familiar, geralmente eivado de bastante afetividade, muitos diminutivos e aumentativos são criados a partir de nomes personativos. Tais criações são denominados de “hipocorísticos”. Observe alguns:

- Antônio = Toninho
- Carlos = Cacá
- Paulo = Paulão
- José = Zezinho
- Maria = Mariinha
- Josefa = Zefinha
- Fátima = Fatinha
- Alexandre = Xandão

2.4.3.1 Plural dos substantivos diminutivos

Para a formação do plural dos substantivos diminutivos deve-se obedecer às seguintes orientações:

1.º → coloca-se o substantivo, sem os sufixos do diminutivo, no plural → **coração** faz **corações**

2.º → retira-se o “-s” do plural deste substantivo → **corações** – “s” fica **coraçõe**

3.º → acrescenta-se o sufixo do diminutivo → **coraçõe** + **zinho** fica coraçõezinho

4.º → acrescenta-se o fonema “-s” que foi retirado → **coraçõezinho + s** fica finalmente “**coraçõezinhos**”

Outros exemplos:

- pãozinho → pãezinhos
- barzinho → barezinhos
- farolzinho → faroizinhos
- paizinho → paizinhos
- papelzinho → papeizinhos
- florzinha → florezinhas
- amorzinho → amorezinhos
- carretelzinho → carreteizinhos

2.5 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (MM) A alternativa em que há **erro** no sentido dos substantivos é:

a) o grama = unidade de medida; a grama = relva
b) o rádio = aparelho receptor; a rádio = estação transmissora
c) o guia = documento; a guia = pessoa que guia
d) o cisma = separação; a cisma = desconfiança
e) o moral = ânimo; a moral = ética

2. (TER-MT) O termo que faz o plural como **cidadão** é:

a) limão
b) órgão
c) guardião
d) espertalhão
e) balão

3. (ESAF-CJF) Assinale a opção em que há substantivos que se referem, respectivamente a **ação** e **sentimento**:

a) homem, passos
b) passado, medo
c) diferença, raízes
d) inteligência, criação
e) trabalho, tristeza

4. (TRT-RJ) Há **erro**, quanto à flexão do substantivo composto, em:

a) Essa medida irá beneficiar as donas de casas.
b) Os surdos-mudos irão participar da olimpíada dos deficientes.
c) Todas as manhãs os beija-flores apareciam no jardim.
d) No Brasil muitos vice-presidentes assumem a presidência da República.
e) Não podemos tolerar os disse me disse neste assunto.

5. (TRT-RJ) Escolha a alternativa cujos gêneros, pela ordem, correspondem aos seguintes vocábulos: **alface**, **grama** (peso), **dó** e **telefonema**.

a) masculino – feminino – masculino – feminino
b) feminino – feminino – masculino – feminino
c) masculino – feminino – masculino – masculino

d) feminino – masculino – masculino – masculino
e) feminino – feminino – masculino – masculino

6. (TCE-RJ) A opção em que as duas palavras formam o plural da mesma maneira é:

a) substituição / nação
b) administração / pão
c) ficção / alemão
d) demonstração / capitão
e) talão / cristão

7. (TEC-RJ) Assinale a opção em que o plural das palavras destacadas é feito da mesma forma;

a) O **escrivão** desacatou aquele **cidadão**.
b) O **salário-família** será pago na **sexta-feira**.
c) O **freguês** antigo tinha uma aparência **simples**.
d) O funcionário encarregado de vistoria era **dócil** e **gentil**.
e) Naquele mundo **pagão**, havia apenas um **cristão**.

8. (Mackenzie-SP) Em qual das alternativas todas as palavras pertencem ao gênero masculino?

a) dinamite, agiota, trema, cal
b) dilema, perdiz, tribo, axioma
c) eclipse, telefonema, dó, aroma
d) estratagema, bílis, omoplata, gengibre
e) sistema, guaraná, rês, anátema

9. (UFBA) Ficou com _____ quando soube que _____ caixa do banco entregara aos ladrões todo o dinheiro _____ clã.

a) o moral abalado – o – do
b) a moral abalada – o – da
c) o moral abalado – a – da
d) a moral abalado – a – do
e) a moral abalada – a – da

10. (ITA-SP) Examinar a frase abaixo, dando atenção aos vocábulos destacados:

*"A **estação emissora** procurava encorajar **o ânimo** daqueles que lutavam contra a **tropa inimiga**."*

A sequência dos sinônimos das palavras destacadas na sentença acima é, pela ordem:

a) o rádio, a moral, a corja
b) a rádio, a moral, a horda
c) a rádio, o moral, a hoste
d) o rádio, o moral, a hoste
e) As alternativas acima não são corretas.

GABARITO

1 – C	2 – B	3 – E
4 – A	5 – D	6 – A
7 – E	8 – C	9 – A
10 – C		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 3

ADJETIVO

3.1 DEFINIÇÃO

É a classe de palavras variáveis que alteram a noção do substantivo atribuindo-lhe qualidades, características, aspectos gerais ou específicos, estados, modos de ser. Resumidamente, o adjetivo é a classe que nomeia as qualidades e os estados atribuídos ao substantivo.

Observe os primeiros exemplos:

- mulher desprestigiada
- porta aberta
- navio quebrado
- casinhas brancas e amarelas

Observe os termos grifados acima. Todos são adjetivos, pois apresentam qualidades e estados dos seres a que se referem.

3.2 CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE OS ADJETIVOS

1. Como se referem a substantivos, os adjetivos – embora alguns sejam invariáveis concordam em gênero e número com o substantivo.

- Havia ideias **falsas** em todos os jornais **brasileiros**.
  adjetivos concordam em gênero e número com os substantivos "ideias" e "jornais"
- Jamais encontraremos **bons** argumentos sem antes visitarmos **longes** pensamentos.
  adjetivos concordam em gênero e número com os substantivos "argumentos" e "pensamentos"

2. O adjetivo também pode aparecer na função de substantivo e vice-versa. Veja:

- Os **feios** também amam.
  adjetivo substantivado
- O **cego** quase caiu no buraco.
  adjetivo substantivado
- O **perverso** não possui escrúpulos.
  adjetivo substantivado
- O **belo** sempre se sobressai
  adjetivo substantivado
- D. Maria tinha um filho **homem**.
  substantivo adjetivado
- Compramos dois rádios-**relógio**.
  substantivo adjetivado

3. Muito frequentemente, o adjetivo aparece sob a forma de uma locução, formada, em geral, pela junção de uma preposição mais um substantivo, referindo-se – obviamente – a um substantivo. É o que se denomina de "locução adjetiva". Observe:

- água **serrana** (*adjetivo simples*) → água **da serra** (*locução adjetiva (preposição + substantivo)*)
- casas **urbanas** (*adjetivo simples*) → asas **da cidade** (*locução adjetiva (preposição + substantivo)*)
- homem **inescrupuloso** (*adjetivo simples*) → homem **sem escrúpulos** (*locução adjetiva (preposição + substantivo)*)
- calor **infernal** (*adjetivo simples*) → calor **dos infernos** (*locução adjetiva (preposição + substantivo)*)

⇨ Observação:

a) Nem sempre é possível transformar uma locução adjetiva em um adjetivo simples. Veja alguns exemplos em que essa transformação não é possível:

- Todos viviam sob um teto **de lona**.
  locução adjetiva
- Comprou um carro **com portas amarelas**.
  locução adjetiva
- João era um homem **de poucas palavras**.
  locução adjetiva
- Ganhou um livro **sem contracapa**.
  locução adjetiva

b) Em raros casos, a locução adjetiva é formada por uma preposição mais um advérbio. Vale ressaltar que as locuções adjetivas equivalem a adjetivos e sempre irão se referir a substantivos. Esta, aliás, é a principal característica dos adjetivos.

- Moravam todos no andar **de cima**.
  ocução adjetiva (preposição + advérbio)
- Compramos o jornal **de hoje**.
  locução adjetiva (preposição + advérbio)

4. É imperioso dizer que o adjetivo também pode ser expresso por meio de uma oração, assim como ocorre com o substantivo: é a denominada "oração

adjetiva", isto é, uma oração que funciona como um adjetivo. Veja abaixo:

- Bebia água **serrana**. → Bebia água **da serra**. → Bebia água **que vinha da serra**.
  adjetivo simples — *locução adjetiva* — *oração adjetiva*
- Todos gostavam do doce **que a vovó preparava**.
  oração adjetiva
- Ninguém esqueceu os avisos **os quais ele deu**.
  oração adjetiva
- Jamais desejei os objetos **cujos donos são corruptos**.
  oração adjetiva
- Maria mora na cidade **onde trabalha**.
  oração adjetiva

⇨ Observação:

A principal característica das orações adjetivas é o fato de elas virem introduzidas por um pronome relativo, por isso são também chamadas de "orações relativas".

5. É importante não se esquecer de que os adjetivos funcionam como determinante para o substantivo. Logo, a presença de uma oração adjetiva, por exemplo, exigirá, por se tratar de um determinante, o acento grave nas palavras que pedem determinação para que haja o fenômeno da crase. Observe:

- Amanhã irei à casa **que me será dada por herança**.
  oração adjetiva = determinante
- Por que tu não ficaste à distância **a qual eu te recomendei?**
  oração adjetiva = determinante

⇨ Observação:

Procure correlacionar este conhecimento com o assunto sobre o emprego do acento grave em sintaxe.

6. Frequentemente, os particípios verbais exercem a função de um adjetivo – são o chamados *adjetivos de base participial*. Em vários casos, tais particípios representam orações adjetivas reduzidas. Observe:

- Ontem eu li um livro **escrito** por um primo. (→ que foi escrito)
  adjetivo de base participial
- Ele é réu **confesso**.
  adjetivo de base participial

Quando chegaram, a água já estava **morta**.
adjetivo de base participial

3.3 FORMAÇÃO DOS ADJETIVOS

Quanto à formação, os adjetivos podem ser:

a) **simples** → feio, branco, palmarense etc.
b) **compostos** → castanho-claro, luso-brasileira, surdo-mudo etc.
c) **primitivos** → belo, feio, bonito, amarelo etc.
d) **derivados** → decoroso, famoso, bonachão etc.

3.3.1 ADJETIVOS PÁTRIOS

Há inúmeros adjetivos que se referem a países, regiões, continentes, estados, povos, raças. Estes adjetivos são denominados de "pátrios ou gentílicos". Vejamos alguns:

Pátrios brasileiros (Estados e cidades)

Alagoas	alagoano
Acre	acriano ou acreano
Água Preta	água-pretense
Amazonas	amazonense
Bahia	baiano
Belém	belenense
Belo Horizonte	belo-horizontino
Brasília	brasiliense
Catende	catendense
Ceará	cearense
Curitiba	curitibano
Espírito Santo	espírito-santense ou capixaba
Fortaleza	fortalezense
Goiânia	goianiense
Goiás	goiano

João Pessoa	pessoense
Juiz de Fora	juiz-forense
Manaus	manauense
Maranhão	maranhense
Mato Grosso	mato-grossense
Mato Grosso do Sul	mato-grossense-do-sul
Minas Gerais	mineiro
Natal	natalense
Palmares	palmarense
Pará	paraense
Paraíba	paraibano
Paraná	paranaense
Pernambuco	pernambucano
Piauí	piauiense
Porto Alegre	porto-alegrense
Recife	recifense
Ribeirão Preto	ribero-pretano
Rio de Janeiro (cidade)	carioca
Rio de Janeiro (Estado)	fluminense
Rio Grande do Norte	norte-rio-grandense, rio-grandense-do-norte ou potiguar
Rio Grande do Sul	rio-grandense-do-sul ou gaúcho
Rondônia	rondoniano ou rondoniense
Roraima	roraimense
Salvador/BA	salvadorense ou soteropolitano
Santa Catarina	catarinense ou barriga-verde
São Paulo (cidade)	paulistano
São Paulo (Estado)	paulista
Sergipe	sergipano ou sergipense
Tocantins	tocantinense
Três Corações	tricordiano

Pátrios estrangeiros

Belém (Jordânia)	belemita
Boston/EUA	bostoniano
Caracas	caraquenho
Congo	congolês
El Salvador	salvadorenho
Estados Unidos	estadunidense, norte-americano ou ianque
Flandres	flamengo
Gália	galo ou gaulês
Galiza	galego
Japão	japonês ou nipônico
Jerusalém	hierosolimita ou hierosolimitano
Lima	Limenho
Lisboa	lisboeta ou lisbonense
Madagascar	malgaxe ou madasgacarense
Madri	madrileno ou madrilense
Manchúria	manchu
Moscou	moscovita
Nova Zelândia	neozelandês
Parma	parmesão
Patagônia	patagão
Porto	portuense
Suíça	suíço
Viana	vianense, vianês

⇨ Observação:

Muitas vezes se utiliza mais de um adjetivo pátrio para se referir a um mesmo substantivo. Neste caso, usam-se as formas latinizadas e reduzidas de tais adjetivos. Observe abaixo:

Adjetivo	Adjetivo correspondente – forma latina reduzida

inglês	anglo-
austríaco	austro-
europeu	euro-
francês	franco-
grego	greco-
espanhol	hispano-
indiano	indo-
italiano	ítalo-
galego	galaico-
português	luso-
japonês	nipo-
chinês	sino-
alemão	teuto- ou germano-
dinamarquês	dano-
finlandês	fino-
belga	belgo-

Portanto, se quisermos dizer que um acordo foi efetuado entre China, Japão e Portugal, por exemplo, diremos:

- acordo **sino-nipo-lusitano**

3.3.2 ADJETIVOS ERUDITOS

São adjetivos que significam “relativo a”, “semelhante a”, “próprio de”. Possuem, na maioria dos casos, uma locução adjetiva correspondente. Vejamos alguns:

Adjetivo erudito	Locução adjetiva correspondente (relativo a...)
acético	vinagre
adamantino	diamante
anular	anel
aracnídeo	aranha
argênteo, argentino, argírico	prata
auricular, ótico	ouvidos

axial	eixo
áureo	ouro
bélico	guerra
biliar	bílis
bucal, oral	boca
canino	cão
capilar	cabelo
caprino	cabra
cardíaco	coração
cefálico	cabeça
celular	célula
cervical	pescoço
circense	circo
cítrico	limão, laranja
columbino	pombo
coreógrafo	dança
digital	dedo
discente	aluno
docente	professor
dorsal	costas
eclesiástico	igreja
ecumênico	universo habitado
edênico	éden
eólico	vento
epidérmico ou cutâneo	pele
episcopal	bispo
equídeo, equino, hípico	cavalo
estelar	estrela
fabril	fábrica
felino, felídeo	gato
feroz, ferino	fera

férreo	ferro
filatélico	selos
filial	filho
fluvial, potâmico	rio
fônico, vocal	voz
formicular	formiga
fraterno ou fraternal	irmão
frontal	frente
gástrico	estômago
glacial	gelo
gutural	garganta
hepático	fígado
herbáceo	erva
hibernal	inverno
ictílico, písceo	peixe
ígneo	fogo
insular	ilha
jurídico	direito
lacrimal	lágrima
lácteo	leite
lacustre	lago
lateral	lado
leonino	leão
leporino	lebre
letal, mortífero	morte
lunar	lua
magistral	mestre
marinho, marítimo	mar
materno ou maternal	mãe
matutino, matinal	manhã

meridional, austral	sul
mnemônico	memória
monetário, numismático	moeda
nasal	nariz
naval	navio, navegação
ocular, óptico, oftálmico	olhos
ofídico	cobra
olímpico	Olimpo, olimpíadas
onírico	sonho
outonal	outono
ovino	ovelha
palustre	brejo
paradisíaco	paraíso
pecuário	gado
pecuniário	dinheiro
pesqueiro	pesca
pétreo	pedra
platônico	Platão
plebeu	plebe
plúmbeo	chumbo
pluvial	chuva
postal	correio
pueril, infantil	criança
pulmonar	pulmão
real	rei
renal	rim
rural	campo
sacarino	açúcar
saponáceo	sabão
senil	velho, velhice

setentrional, boreal	norte
sideral	astro
silvestre	selva
símio, simiesco	macaco
sísmico	terremoto
suíno, porcino	porco
sulfúrico	enxofre
terrestre	terra
torácico	tórax
umbilical	umbigo
vascular	vasos sanguíneos
venoso	veia
vespertino	tarde
vínico, vinário	vinho
viril	homem
vital	vida
vítreo, hialino	vidro

3.4 FLEXÕES DOS ADJETIVOS

Assim como os substantivos, os adjetivos se flexionam em **gênero**, **número** e **grau**.

3.4.1 FLEXÕES DE GÊNERO

Como o adjetivo é a palavra que acompanha o substantivo a fim de qualificá-lo, a flexão em que este se encontra contamina a daquele, ou seja, o adjetivo geralmente se flexiona de acordo com o substantivo que ele determina. Observe:

- acordos feministas
- bolachas gostosas
- filmes anti-heroicos

adjetivos flexionados nos gêneros dos substantivos

Quanto ao gênero, os adjetivos se classificam em: **uniformes** e **biformes**.

) São uniformes os adjetivos que apresentam uma única forma tanto para o masculino

quanto para o feminino.

- lei **federal** / regulamento **federal**
- questão **fácil** / assunto **fácil**
- gente **alegre** / povo **alegre**
- lei **inconstitucional** / decreto **inconstitucional**

b) São biformes os que apresentam uma forma para o feminino e outra para o masculino.

- mulher **bonita** / homem **bonito**
- bolo **gostoso** / torta **gostosa**
- exército **inglês** / questão **inglesa**
- problema **delicado** / solução **delicada**

3.4.1.1 Formação do feminino dos adjetivos biformes

Cumpre a princípio informar que boa parte dos adjetivos se flexiona com base nas regras dos substantivos. Entretanto, salientaremos algumas regras para um melhor estudo. Acompanhe:

a) Os adjetivos terminados em "-eu" (com o "e" fechado) formam o feminino com o acréscimo de "-eia":

- ateu → ateia
- cananeu → cananeia
- galileu → galileia
- europeu → europeia

Exceções:

- sandeu → sandia
- judeu → judia

b) Os adjetivos terminados em "-ês, -ol, -or, -u" formam o feminino pelo simples acréscimo de "-a":

- nu → nua
- cru → crua
- inglês → inglesa
- encantador → encantadora
- jogador → jogadora
- camponês → camponesa
- espanhol → espanhola

c) Os adjetivos terminados em "-ão" formam o feminino ora com o acréscimo de "-ã", ora com o acréscimo de "-ona":

- vão → vã
- ladrão → ladrona ou ladra
- chorão → chorona
- comilão → comilona

d) São invariáveis os adjetivos terminados em:

- -l (exceto "-ol") → cruel, fiel, útil, amável etc.
- -ar, -er → regular, exemplar, mau-caráter, esmoler etc.
- -z → veloz, infeliz, atroz, capaz etc. (Exceção: andaluz → andaluza)
- -m → jovem, ruim, comum, virgem etc. (Exceção: bom → boa)
- -e → forte, inteligente, elegante, leve etc.
- -s (exceto "ês") → simples etc.

⇨ Observações importantes sobre as flexões de gênero:

a) Alguns adjetivos biformes, quando postos no gênero feminino, passam da vogal (ô) fechada para a vogal (ó) aberta. Observe:

ô – fechada (masculino)	ó – aberta (feminino)
perigoso	perigosa
furioso	furiosa
religioso	religiosa
bondoso	bondosa
mimoso	mimosa

b) Outros adjetivos, entretanto, mantêm a mesma vogal (ô) fechada do masculino r feminino.

ô – fechada (masculino)	ô – fechada (feminino)
fosco	fosca
oco	oca
gordo	gorda
moço	moça
solto	solta

c) O adjetivo "só", significando "sozinho", é invariável quanto ao gênero.

- Eles ficaram sós.
- Elas ficaram sós.

3.4.2 FLEXÕES DE NÚMERO

a) Como já dissemos, o adjetivo acompanha o substantivo e com este concorda. Portanto, o adjetivo se flexionará em número de acordo com as regras que se utilizam para a flexão de número dos substantivos.

- vestido azul → vestidos azuis
- prato espanhol → pratos espanhóis
- questão comum → questões comuns
- pensamento vão → pensamentos vãos

b) Nos adjetivos compostos, só o último elemento se flexiona.

- intervenção médico-cirúrgica → intervenções médico-**cirúrgicas**
- acordo luso-latino-americano → acordos luso-latino-**americanos**
- problema sociopolítico → problemas socio**políticos**
- tratado franco-brasileiro → tratados franco-**brasileiros**
- cabelo castanho-escuro → cabelos castanho-**escuros**

c) São invariáveis os adjetivos compostos formados de "cor + de + substantivo". Observe:

- blusa cor-de-rosa → blusas **cor-de-rosa**
- azulejos **cor de musgo**
- suéter cor de café com leite → suéteres **cor de café com leite**

⇨ Observação:

Nos exemplos, há a omissão da preposição "de" entre o primeiro substantivo e a palavra "cor". Logo, também seria gramaticalmente correta a seguinte escrita:

- luvas **de** cor de café
- vestidos **de** cor de chocolate
- meias **de** cor de rosa

Em outras construções, omitem-se as três palavras "de cor de", fazendo com que o substantivo indicativo da cor modifique diretamente o substantivo cuja cor se quer indicar. Ainda neste caso, o substantivo indicativo da cor permanecerá invariável.

- luvas **salmão** → omissão de "de cor de"
- cetim **rosa** → omissão de "de cor de"
- fita **creme** → omissão de "de cor de"
- tecido **laranja** → omissão de "de cor de"

d) São igualmente invariáveis os compostos formados de "adjetivo + substantivo".

- calça amarelo-ouro → calças **amarelo-ouro**
- terno verde-oliva → ternos **verde-oliva**
- tecido vermelho-sangue → tecidos **vermelho-sangue**
- sofá azul-ferrete → sofás **azul-ferrete**

⇨ Observações:

a) Excetuam-se das regras acima os adjetivos "surdo-mudo" e "surda-muda", cujos plurais são, respectivamente, "surdos-mudos" e "surdas-mudas".

b) A despeito de os dicionaristas registrarem – respaldados, diga-se de passagem, pe Vocabulário Ortográfico da língua portuguesa – os plurais "azuis-marinhos" e "azuis-celestes", prefere-se utilizar, no português corrente, estes adjetivos como invariáveis: *calças azul-marinho*, *blusas azul-celeste*.

c) Convém lembrar que, quando o adjetivo é empregado em função adverbial (derivaçã imprópria) – geralmente equivalendo a um advérbio terminado em "-mente" –, permanecerá inflexível, isto é, deverá ser empregado no masculino e na terceira pessoa do singular. Observe abaixo (os termos em negrito são todos "adjetivos adverbializados"):

- Vamos falar **sério**.
- Ouvimos músicas **puro** clássicas.
- A seleção venceu **fácil** o jogo.
- Todos aqui amam **diferente**.
- Elas responderam **seco**.
- Todas falam **fino**.
- A justiça **rápido** se corrompe.
- Elas torciam **forte**.
- As portas **raro** se abriam.
- Eles suavam **frio**.
- Jogamos **fraco** as bolas.
- As alunas juraram **falso**.

> **Dica importante:** É preciso ter-se em mente que a questão de a palavra apresentar esta ou aquela morfologia depende da função (morfológica) exercida na oração. Portanto, é fundamental lembrar que o adjetivo se refere a um substantivo, enquanto o advérbio é um modificador de verbos, adjetivos e advérbios. Portanto, fique atento!

3.4.3 FLEXÕES DE GRAU

As flexões de grau apresentam a intensidade das qualidades atribuídas aos seres. Não se deve, pois, confundir com o grau dos substantivos, já que este tem por função indicar o tamanho dos seres.

Existem dois graus para os adjetivos: o comparativo e o superlativo.

3.4.3.1 O grau comparativo

A principal característica do grau comparativo é a existência de dois seres postos numa relação de confronto. Nesta relação, um dos seres se mostrará "inferior", "superior" ou "igual" ao outro no que se refere à(s) sua(s) qualidade(s). Daí o grau comparativo poder ser:

1. De inferioridade (menos... que ou do que...)

- Os argumentos orais apresentados eram **menos** consistentes **do que** a defesa escrita que fizera no início do processo.
- O presidente do clube era **menos** inteligente **que** seus associados.

2. De igualdade (tão... quanto, quão ou como...)

- Todos os cavalos eram **tão** saudáveis **quanto** as éguas que tínhamos comprado no mês passado.
- Percebemos que as ideias eram **tão** irresponsáveis **quão** seus donos.
- As poltronas do novo avião eram **tão** confortáveis **como** as do ônibus que nos trouxera até Recife.

3. De superioridade (mais... que ou do que...)

- O castelo era **mais** alto **que** a casa daquele empresário.
- Ele era **mais** inteligente **do que** esperto.

⇨ Observações sobre o grau comparativo:

a) O grau comparativo se faz, como se percebeu, de forma analítica. Alguns adjetivos, entretanto, oriundos do latim, apresentam forma sintética para o comparativo. São eles:

Adjetivo	Forma comparativa sintética
bom	melhor
mau	pior
grande	maior
pequeno	menor

alto	superior
baixo	inferior

⇨ Observação:

Quando se comparam, no entanto, características de um mesmo ser, usam-se as formas analíticas destes mesmos adjetivos. Veja:

- A cara era **mais** grande **do que** arejada.
- Ele era **mais** bom **do que** atencioso.

b) Muitas vezes o grau comparativo se manifesta nos substantivos adjetivados. Observe:

- Ele foi **mais** pai **do que** professor.
- João era **mais** vereador **do que** advogado.

c) Nas estruturas comparativas, a conjunção comparativa liga partes da oração de mesma função. Entretanto, em muitos casos, a bem da clareza, o segundo elemento da comparação deve, a despeito de funcionar com objeto direto, vir encabeçado por uma preposição – geralmente a preposição "a" – para evitar ambiguidades.

- "A ela, à presumida mulher, aborreço-a quase tanto como **ao marido**." (Almeida Garrett)
- "Os pés dos gentios hão de logo pulverizá-la como **aos meus pés**". (Camilo)
- "Acusaram-no de haver beneficiado mais a sua família que **ao povo romano**." (Camilo)

d) Quando a conjunção comparativa "como" se refere a um termo que está precedido por uma preposição, deve obrigatoriamente vir acompanhada da mesma preposição.

- "Suspensos os pobres Frades com o embargo, pareceu que achariam amparo **no** Bispo, **como em** quem fora o primeiro autor de sua vinda". (Fr. L. de Souza)
- "E por esta causa tratamos **dele como de** filho de Benfica". (Fr. L. de Souza)
- "Acostumei-me a olhar **para** a morte **como para** o tempo de meus padecimentos." (Filinto Elísio)

e) Nas estruturas comparativas, o verbo da oração comparativa geralmente é elipsado em virtude de ser o mesmo verbo da oração principal (subordinante).

- A filha tem sido tão esperta quanto a mãe. (Leia-se → "... quanto a mãe tem sido

sujeito da oração comparativa

esperta”)

- Apresentaram-se tão bem quanto os alunos da 4.ª série. (Leia-se → “... quanto os alunos da 4.ª série se apresentaram”)

sujeito da oração comparativa

⇨ Observação:

Nestes casos, temos orações comparativas com verbos elípticos ou verbos latentes.

f) Lembre-se de que a preposição “DE”, que introduz as comparações de superioridade e de inferioridade, pode ser elipsada, ocultada. Portanto, podemos dizer corretamente:

- Ela é mais sábia do que o João. /OU/
- Ela é mais sábia que João.
- “Os homens que se chamavam meus amantes valiam menos para mim do que um animal.” (José de Alencar)
- “Mas nada nos dista mais da mente do que a intransigência intelectual e o dogmatismo político.” (Rui Barbosa)
- “Os ministros ficaram cientes da existência de uma influência mais poderosa que a do chefe aparente do Estado.” (Rui Barbosa)
- “A imperturbável seriedade de Estela foi um aguilhão mais, não menos cruel que a gentileza de suas formas.” (Machado de Assis)

3.4.3.2 O grau superlativo

Aqui, os adjetivos expressam o grau mais elevado da característica atribuída ao substantivo. Divide-se em:

1. **Superlativo absoluto** → aqui não se estabelece qualquer comparação com outro ser e o adjetivo intensifica ao máximo a característica atribuída ao substantivo. Pode ser efetivado de duas maneiras:

) De forma analítica (superlativo absoluto analítico) → é obtido com o emprego de um advérbio de intensidade anteposto ao adjetivo. Geralmente se empregam os advérbios “muito, mui, bastante, muitíssimo, excessivamente, exageradamente”.

- A questão era demasiadamente difícil.
- Todos ficaram bastante perplexos.
- Ele era muito respeitado pelos amigos.
- Eram músicas assaz antigas.

) **<u>De forma sintética</u> (superlativo absoluto sintético)** → é obtido com o emprego dos sufixos "-íssimo", "-imo" ou "-érrimo" ao adjetivo.

- Ele sempre demonstrou atitudes benevolentíssimas.
- Era um objeto sacratíssimo.
- O menino era paupérrimo.
- Sempre foi amicíssimo do padre da cidade.

Considerações importantes sobre a formação do superlativo absoluto sintético:

a) Os adjetivos terminados em vogal átona perdem essa vogal ao receber o sufixo d superlativo:

- alto → altíssimo
- belo → belíssimo
- macio → maciíssimo
- agudo → agudíssimo
- justo → justíssimo
- quente → quentíssimo

⇨ **Observação:**

Alguns adjetivos sofrem alterações gráficas quando recebem o sufixo do superlativo. Veja:

- antigo → antiquíssimo
- fraco → fraquíssimo
- pouco → pouquíssimo
- largo → larguíssimo
- rouco → rouquíssimo
- rico → riquíssimo

b) Os adjetivos terminados em "-vel" fazem o superlativo com o acréscimo de "-bilíssimo":

- amável → amabilíssimo
- louvável → louvabilíssimo
- notável → notabilíssimo
- móvel → mobilíssimo
- visível → visibilíssimo
- horrível → horribilíssimo

c) Os adjetivos terminados em "-z" fazem o superlativo sintético com o acréscimo d "-císsimo", ou melhor, trocam o "z" por "c" e recebem o sufixo "íssimo":

- audaz → audacíssimo
- eficaz → eficacíssimo
- feliz → felicíssimo
- falaz → falacíssimo
- veloz → velocíssimo
- contumaz → contumacíssimo

d) A maioria dos adjetivos terminados em "-il" forma o superlativo com o acréscimo de "-imo":

- dócil → docílimo
- difícil → dificílimo
- frágil → fragílimo
- fácil → facílimo
- grácil → gracílimo
- ágil → agílimo
- hábil → habílimo
- senil → senílimo

e) Muitas vezes a formação do superlativo sintético atende a questões etimológicas Assim, os adjetivos que no latim terminavam em "-er" recebem o sufixo "-imo":

- magro (latim, *macer*) → macérrimo
- pobre (latim, *pauper*) → paupérrimo
- áspero (latim, *asper*) → aspérrimo
- negro (latim, *niger*) → nigérrimo

f) Como já dissemos, muitos adjetivos formam o superlativo a partir do superlativo latino. Por isso, há uma série de adjetivos que apresentam uma forma mais erudita e uma forma mais popular, mais usual nos dias atuais. Observe:

Adjetivo	Forma superlativa erudita	Forma superlativa popular
ágil	agílimo	agilíssimo
doce	dulcíssimo	docíssimo
humilde	humílimo	humildíssimo
magro	macérrimo	magríssimo
pobre	paupérrimo	pobríssimo
simples	simplicíssimo	simplíssimo
soberbo	superbíssimo	soberbíssimo

g) No linguajar coloquial, é comum o uso do sufixo "-ésimo", típico da formação de numerais ordinais, para a formação do superlativo. Esta prática, no entanto, não é agasalhada pelo padrão culto da língua. Portanto, formas como "importantésimo, finésima, gostosésima", bastante comuns no falar coloquial, devem ser substituídas pelas suas respectivas formas cultas para o superlativo: "importantíssimo, finíssimo, gostosíssimo".

h) Muitas vezes o grau superlativo sintético é obtido com o emprego de alguns prefixos que intensificam o adjetivo. Logo, formações como "superinteligente", "hiperdesenvolvido", "ultrafino" representam também o superlativo de tais palavras.

Segue abaixo uma lista sucinta dos principais e mais usuais superlativos

portugueses:

Adjetivo	Superlativo absoluto sintético
acre	acérrimo
agudo	acutíssimo
amargo	amaríssimo
amigo	amicíssimo
antigo	antiquíssimo
áspero	aspérrimo
bélico	belicíssimo
benéfico	beneficentíssimo
benévolo	benevolentíssimo
célebre	celebérrimo
cristão	cristianíssimo
cruel	crudelíssimo
doce	dulcíssimo
fiel	fidelíssimo
frio	frigidíssimo
geral	generalíssimo
humilde	humílimo
inimigo	inimicíssimo
magnífico	magnificentíssimo
magro	macérrimo ou magríssimo
maléfico	maleficentíssimo
malévolo	malevolentíssimo
mísero	misérrimo
negro	nigérrimo
nobre	nobilíssimo
pessoal	personalíssimo
pobre	paupérrimo ou pobríssimo
provável	probabilíssimo

público	publicíssimo
pudico	pudicíssimo
sábio	sapientíssimo
sagrado	sacratíssimo
salubre	salubérrimo
são	saníssimo
sério	seriíssimo
simpático	simpaticíssimo
simples	simplicíssimo
soberbo	superbíssimo

2. **Superlativo relativo** → aqui o adjetivo atribuído ao substantivo é intensificado para ma ou para menos e posto numa relação comparativa com outro ser. Pode ser:

a) **Superlativo relativo de superioridade** → é obtido com o emprego dos elementos "**o mais**... **de**... (ou **dentre**...)".

- "Você era **a mais** bonita **das** cabrochas dessa ala." (Chico Buarque)
- Ele sempre foi **o mais** inteligente **dentre** todos os alunos de sua escola.
- Castilho foi **o mais** perfeito **dos** escritores portugueses do século XIX.

b) **Superlativo relativo de inferioridade** → é obtido com o emprego dos elementos "**o menos**... **de**... (**ou dentre**...)".

- Os rapazes observados pelo detetive eram **os menos** informados **de** todos os que ele já investigou.
- Aquela menina deveria ser **a menos** sábia **dentre** seus coleguinhas da sala por causa do problema neurológico.
- Consideram-na **a menos** linda **das** candidatas ao concurso de beleza.

3.5 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (MM) Assinale a alternativa que contém uma correlação **incorreta** entre o adjetivo e a locução correspondente:

a) água **de chuva** – pluvial

b) pele **de marfim** – ebúrnea
c) representante **dos alunos** – docente
d) agilidade **de gato** – felina
e) copo **de prata** – argênteo

2. (ALERJ/FESP) A frase que contém um adjetivo é:

a) A necessidade fez isto do homem.
b) Todos lutam para ter a liberdade.
c) A televisão nos mostra o mundo.
d) Ele usa um topete escandaloso.
e) Gostaria de ficar com você.

3. (TRT-RJ) A forma do superlativo está incorreta na frase da seguinte alternativa:

a) Comíamos tão pouco que ficamos **magríssimos**.
b) Todos o consideravam **sapientíssimo**.
c) Era um leitor compulsivo, **voracíssimo**.
d) Depois da publicação do romance ficou **celebérrimo**.
e) Após o golpe, tornou-se um ditador **cruelíssimo**.

4. (TRT-PR) "O uniforme verde-oliva era mais bonito do que o verde-claro."
Passando a oração para o plural, temos:

a) Os uniformes verdes-olivas eram mais bonitos do que os verdes-claros.
b) Os uniformes verdes-oliva eram mais bonitos do que os verdes-claros.
c) Os uniformes verde-olivas eram mais bonitos do que os verde-claros.
d) Os uniformes verde-oliva eram mais bonitos do que os verde-claros.
e) Os uniformes verde-oliva eram mais bonitos do que os verde-claro.

5. (TRT-PR) "Em algumas regiões o vocabulário é mínimo..."
A forma **mínimo** *corresponde ao:*

a) superlativo absoluto sintético
b) superlativo relativo de superioridade
c) superlativo relativo de inferioridade
d) superlativo absoluto analítico
e) comparativo de inferioridade

6. (TJ-SP) Em qual dos itens há um superlativo relativo?

a) Foi um gesto de péssimas consequências.
b) Aquele professor é ótimo.
c) O dia amanheceu extremamente frio.
d) Ele fez a descoberta mais notável do século!
e) Ele foi muito infeliz naquele lance!

7. (TRF-RJ) Os acordos _____ dispensam interpretações de natureza _____.

a) lusos-brasileiros – filosófico-científica
b) lusos-brasileiro – filosófica-científicas
c) luso-brasileiros – filosófico-científica
d) lusos brasileiros – filosófica-científica
e) luso-brasileiros – filosófica-científicas

8. (CEFET-PR) Em que caso a palavra destacada não tem valor de adjetivo?

a) Um branco, **velho**, pedia esmolas.
b) Um velho, **branco**, pedia esmolas.
c) Era um dia **cinzento**.
d) O sabão usado desbotou o **verde** da camisa.
e) Os viajantes dormiam **tranquilos**.

9. (UFF-RJ) Das frases abaixo, apenas uma apresenta adjetivo no comparativo de superioridade. Assinale-a.

a) A palmeira é a mais alta árvore deste lugar.
b) Guardei as melhores recordações daquele dia.
c) A Lua é menor do que a Terra.
d) Ele é o maior aluno de sua turma.
e) O mais alegre dentre os colegas era Ricardo.

10. (ITA-SP) O plural de **terno azul-claro**, **terno verde-mar** é, respectivamente:

a) ternos azuis-claros, ternos verdes-mares
b) ternos azuis-claros, ternos verde-mares
c) ternos azul-claro, ternos verde-mar

d) ternos azul-claros, ternos verde-mar
e) ternos azuis-claro, ternos verde-mar

GABARITO

1 – C	2 – D	3 – E
4 – D	5 – A	6 – D
7 – C	8 – D	9 – D
10 – D		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 4

ARTIGO

4.1 DEFINIÇÃO

É a classe de palavra variável que, anteposta ao substantivo, determina-o ou indetermina-o.

O artigo, portanto, interfere na extensão semântica do substantivo.

Ademais, pode-se dizer que o artigo serve para destacar de uma classe um ou mais indivíduos. Observe:

- Por favor, pegue um livro para estudar. (Isto é, pegue-se qualquer livro para estudar)
- Por favor, pegue o livro para estudar. (Isto é, deve-se pegar um "determinado" livro para estudar)
- Ele gosta de fruta. (Isto é, ele gosta de qualquer tipo de fruta)
- Ele gosta da fruta. (Isto é, ele gosta daquela fruta, de uma fruta determinada)

4.2 CLASSIFICAÇÃO

Na língua portuguesa os artigos podem ser "definidos" e "indefinidos". São os seguintes os artigos em nossa língua:

	MASCULINOS		FEMININOS	
	SINGULAR	PLURAL	SINGULAR	PLURAL
ARTIGOS DEFINIDOS	**o**	**os**	**a**	**as**
ARTIGOS INDEFINIDOS	**um**	**uns**	**uma**	**umas**

Em muitos casos, os artigos aparecem ora contraídos a preposições, ora combinados com elas. Algumas dessas combinações e contrações já se arcaizaram e não são mais empregadas em nossa língua, como é o exemplo da contração "por + o" e suas variantes.

Observe uma pequena tabela que demonstra esse fenômeno.

PREPOSIÇÕES	ARTIGO DEFINIDO				ARTIGO INDEFINIDO			
	o	**a**	**os**	**as**	**um**	**uma**	**uns**	**umas**
a	ao	à	aos	às	–	–	–	–
de	do	da	dos	das	dum	duma	duns	dumas
em	no	na	nos	nas	num	numa	nuns	numas
per	pelo	pela	pelos	pelas	–	–	–	–
por	polo	pola	polos	polas	–	–	–	–

4.3 EMPREGO DOS ARTIGOS DEFINIDOS

Regra principal:

Em geral, usa-se o artigo definido com os substantivos tomados em sentido determinado, isto é, que tenham qualquer caracterização clara ou implícita.

- **As** ruas daquela cidade estavam repletas de panfletos **do** candidato adversário.
- "João Romão foi, **dos** treze **aos** vinte e cinco anos, empregado de um vendeiro que enriqueceu entre **as** quatro paredes de uma suja e obscura taverna **nos** refolhos do bairro **do** Botafogo." (Aluísio Azevedo)
- "**A** casa apresentava **a** frente **às** colinas." (Bernardo Guimarães)
- "**O** planalto central **do** Brasil desce, **nos** litorais do Sul, em escarpas inteiriças, altas e abruptas." (Euclides da Cunha)

4.3.1 EMPREGOS PARTICULARES DO ARTIGO DEFINIDO

1. Emprega-se o artigo definido antes de nomes próprios de países, regiões, continentes, mares, ilhas, desertos, montes, vulcões, rios, oceanos, lagos, arquipélagos.

- o Paquistão
- os Alpes
- o Atacama (deserto)
- o Saara (deserto)
- o Brasil
- o Atlântico (oceano)
- o Kilauea (vulcão)
- o Himalaia (monte)
- o Ártico
- as Malvinas (ilhas)
- o Pacífico (oceano)
- os Açores

- os Andes
- o Mediterrâneo
- o Ganges

⇨ Observação:

Há países que rejeitam o artigo. Outros o facultam.

- em França / na França
- em África / na África
- Visitamos Roma, na Itália.
- Estivemos em Portugal.
- Chegamos a Curitiba.

2. Emprega-se o artigo definido antes de nomes indicadores de ideias abstratas, como "virtudes e vícios, faculdades e operações da alma, das ciências e das artes".

- Ele sempre amou **a** justiça.
- Ele sempre buscou **a** arquitetura.
- **A** prosperidade é mais perigosa para a alma que **a** adversidade para o corpo.

3. Emprega-se o artigo definido antes de nomes de idiomas.

- Ele fala muito bem o inglês.
- Ainda não domino o alemão.

4. Emprega-se o artigo definido antes de nomes de designam, no singular ou no plural, espécies e gêneros.

- **O** homem é o único ser racional do planeta.
- As orquídeas valem muito no mercado externo.
- **Dos** animais, o cão é o mais doméstico.
- **Os** equinos sempre ajudaram o homem.

5. Emprega-se o artigo definido antes de nomes de pessoas quando são usados no trato familiar para indicar afetividade, quando significam membros da mesma família ou quando tais nomes vêm precedidos de qualificativos.

- **O** Marcos arrebentou na prova de Química.
- Ainda não falamos com **o** Antônio sobre o problema.
- Foi **o** soberbo Afonso que provocou a tragédia.
- **Os** Augustos formam uma fantástica família.

6. Emprega-se o artigo definido antes dos nomes dos pontos cardeais e colaterais, tanto no sentido próprio, como designando regiões.

- Viajaram em direção **ao** Oeste.
- A casa tinha a frente para **o** nascente e os fundos para **o** poente.
- Passaremos rapidamente **pelo** norte do país.
- **O** sul do Brasil sofrerá com as chuvas de inverno.

7. Emprega-se o artigo definido antes dos nomes designativos de festas religiosas e profanas.

- **o** carnaval
- **a** Páscoa
- **o** Natal
- **a** Quaresma
- **o** São João

8. Emprega-se o artigo definido após o pronome indefinido "todo" e suas flexões para reforçar o caráter de totalidade, de inteireza.

- Foram para a festa todos **os** alunos.
- Todas **as** pessoas se retiram abruptamente.

9. É facultativo o emprego do artigo definido antes de pronomes possessivos adjetivos.

- seu livro / o seu livro
- nossas considerações / as nossas considerações
- tuas escolhas / as tuas escolhas
- vosso apartamento / o vosso apartamento

⇨ **Observação:**

Quando o possessivo se refere a substantivo oculto, o emprego do artigo definido se faz obrigatório.

- Se tu não gostas da / de minha comida, como queres que eu goste **da** tua?

10. Emprega-se o artigo definido antes de nomes de sentidos opostos (antíteses):

- Sr. João ficou entre **a** vida e **a** morte.
- Tudo que nasce na terra **o** sol e **a** chuva criam.
- **A** verdade e **a** mentira muitas vezes andam juntas.

11. Emprega-se geralmente o artigo definido antes de obras artísticas e literárias.

- Os Lusíadas
- o Fausto
- a Eneida
- a Ilíada

4.3.2 NÃO SE EMPREGA O ARTIGO DEFINIDO

1. Antes de vocativos:

- Vós, **poderoso rei**, bem sabeis a importância de vossas decisões.
- Quem o chamou aqui, **menino**?

2. Em provérbios, máximas, adágios e definições:

- **Palavra** de rei não volta atrás.
- **Galinha** de olho torto procura **poleiro** cedo.
- **Epizeuxe** ou **reduplicação** é a figura que repete seguidamente a mesma palavra.
- Sempre **afeição** e **amor** são maiores que as coisas amadas.

3. Entre o pronome relativo "cujo" e suas flexões e o substantivo posposto.

- Adquirimos dois livros **cujas capas** são de madeira.

4. Antes da palavra "casa" quando não acompanhada de determinante:

- Vim **de casa**.
- Chegarei **a casa** por volta das 23h.
- Passei **em casa** na parte da manhã.
- Voltarei **para casa** às 22h.
- Entrou **em casa** e nada falou a respeito do problema.

5. Antes dos nomes designativos dos meses do ano:

- "Quando **fevereiro** chegar, saudade já não mata a gente." (Geraldo Azevedo)
- Chegará em **setembro** uma remessa de livros didáticos.

6. Antes de substantivos empregados em sentido geral ou indeterminado:

- Ela nunca foi a **teatro**.
- Jamais pisarei em **estádio** de futebol.
- **Cerveja** sempre é bom para um dia quente de verão.
- Ele gosta de **tortas**.

7. Antes de formas de tratamento:

- Enfim cheguei ao palácio, onde **Sua Majestade** me recebeu com graças.

- Quer dizer que **Vossa Alteza** faz poemas?

8. Antes dos pronomes demonstrativos “este, esse, aquele” e suas variações:

- **Este** carro é muito veloz.
- **Aquela** camisa fica muito bem em você.

9. Antes de locuções nas quais figurem nomes de partes do corpo, de faculdades d espírito, dos sentidos, em geral precedidas das preposições “a” e “de”:

- de mão beijada
- de braço dado
- de olhos fechados
- de mãos dadas
- em segunda mão
- a olhos vistos
- de braços abertos
- de braços cruzados
- de cabeça baixa
- de orelha murcha
- a peito descoberto
- de rosto alegre
- de perna aberta
- de memória
- de cor
- de ouvido

10. Nos superlativos relativos, também chamados de superlativos exclusivos:

- “A mãe falava muito em mim louvando-me extraordinariamente, como o homem mais purc do mundo.” (Drummond)

  E não “... como o homem **o** mais puro do mundo.”

- De todos de nossa sala, o Salathiel era o aluno mais humilde.

  E não “... era o aluno **o** mais humilde.”

11. Em termos coordenados sinônimos ou que designem o mesmo indivíduo:

- A ira, **cólera** ou **furor**, é uma moléstia do espírito.
- O imperador da Alemanha e **rei** da Prússia...

4.4 EMPREGO DOS ARTIGOS INDEFINIDOS

Regra principal:

> Em geral, usa-se o artigo indefinido antes dos nomes tomados em sentido vago e indeterminado.

- “Levou Deus **um** dia em espírito ao Profeta Ezequiel a Jerusalém, e o que viu o Profeta fo **uma** parede ou fachada em que estava **um** ídolo do zelo.” (Pe. Antônio Vieira – Sermões)
- “O presbítero Eurico era o pastor da pobre paróquia de Carteia. Descendente de **uma** antiga família bárbara.” (A. Herculano)
- “*Despontam o dia* com **uns** largos tragos de aguardente, a *teimosa*. E rompem estridulamente os sapateados vivos.” (Euclides da Cunha)
- “Com a morte dele a flauta voltou a ocupar **um** lugar secundário como instrumento musical, a que os doutores em música, quer executantes, quer os críticos eruditos, não dão nenhuma importância.” (Lima Barreto)

⇨ **Observação:**

O emprego do artigo indefinido não deve sobrecarregar a frase. Deve ser omitido sempre que a clareza ou a ênfase não o reclamarem.

4.4.1 OUTRAS ORIENTAÇÕES PARA O USO DOS ARTIGOS INDEFINIDO

1. Não se deve empregar artigo indefinido antes do adjetivo “outro”:

- Deve haver outro governo melhor do que este. (E não “Deve haver *um outro* governo...”)
- Ele sempre lança mão de outros livros para as suas pesquisas. (E não “... mão de *uns outros* livros...”)

2. Por questão de estilo, deve-se evitar o emprego do artigo indefinido antes de apostos explicativos:

- Carlos Drummond de Andrade, poeta brasileiro, foi representante do Modernismo. (E não “..., *um* poeta brasileiro...”)
- “Recife, cidade de Pernambuco, é considerada a ‘Veneza brasileira’”. (E não “..., *uma* cidade de Pernambuco...”)

3. Pode-se antepor o artigo indefinido a um numeral cardinal para indicar aproximação numérica:

- Faz **uns** três anos que ela não dá notícias.
- Havia **umas** dez mil pessoas no show de Roberto Carlos.

4. É importante não confundir os artigos indefinidos “um, uma” com os numerais

“um, uma”. A primeira distinção se dá pela noção de quantidade fixa e exata que estes transmitem, ao passo que aqueles transmitem uma ideia vaga, incerta, indefinida. Em segundo lugar, o artigo indefinido possui plural (uns, umas), enquanto o numeral não o tem – em tese, o plural de “um, uma” (numerais) seria “dois, duas”. Observe os exemplos:

- **Um** cachorro é sempre um bom companheiro para o homem.
  artigo indefinido – equivale a “qualquer, todo”
- Neste quintal, cabe apenas **um** cachorro.
  pronome – trata-se de número, de quantidade exata
- Encontrei-me com **uns** colegas e fizemos **umas** lições de matemática.
  artigos indefinidos – apresentam flexão de plural
- Ontem lemos apenas **um** capítulo do livro de matemática. Hoje precisamos ler no mínimo **dois**.
  numeral – quantidade exata

⇨ Observação:

Em muitas situações, porém, a distinção não é muito fácil de ser feita. Neste caso, é preciso ficar muito atento ao contexto para se perceber qual o real sentido (indefinição ou quantidade exata) que se deseja dar ao vocábulo.

4.5 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (ESAN-SP) Em qual dos casos o artigo denota familiaridade?

   a) O Amazonas é um rio imenso
   b) D. Manuel, o Venturoso, era bastante esperto.
   c) O Antônio comunicou-se com o João.
   d) O professor João Ribeiro está doente.
   e) *Os Lusíadas* são um poema épico.

2. (UFUB-MG) Em uma das frases, o artigo definido está empregado erradamente. Em qual?

   a) A velha Roma está sendo modernizada.
   b) A “Paraíba” é uma bela fragata.
   c) Não reconheço agora a Lisboa do meu tempo.
   d) O gato escaldado tem medo de água fria
   e) O Havre é um porto de muito movimento.

3. (FMU-SP) Observe as frases seguintes e depois escolha a única alternativa **incorreta**.

I. Com a Ana ele vai brigar

II. Com Fred ele não vai discutir.

a) A frase I contém um artigo definido, no feminino e no singular, que semanticamente torna ***Ana*** mais próxima do emissor.

b) A frase I contém um artigo definido, no feminino e no singular, pois antecede um nome próprio de mesmas características morfológicas.

c) No confronto entre a frase I e a frase II pode-se notar a importância do uso estilístico do artigo.

d) A frase II, dispensando o artigo diante do nome próprio, marca o distanciamento entre o referente e o emissor.

e) A frase II, não contendo artigo definido diante do nome próprio, está errada.

4. (ITA-SP) Determine o caso em que o artigo tem valor de qualificativo.

a) Estes são os candidatos de que lhe falei.

b) Procure-o, ele é o médico! Ninguém o supera.

c) Certeza e exatidão, estas qualidades não as tenho

d) Os problemas que o afligem não me deixam descuidado.

e) Muita é a procura; pouca a oferta.

5. (FATEC-SP) Indique o erro quanto ao emprego do artigo.

a) Em certos momentos, as pessoas as mais corajosas se acovardavam.

b) Em certos momentos, as pessoas mais corajosas se acovardavam.

c) Em certos momentos, pessoas as mais corajosas se acovardam.

d) Em certos momentos, pessoas mais corajosas se acovardam.

6. (UM-SP) Assinale a alternativa em que há erro.

a) Li a notícia no *Estado de S. Paulo*.

b) Li a notícia em *O Estado de S. Paulo*.

c) Essa notícia, eu a vi em *A Gazeta*.

d) Vi essa notícia em *A Gazeta*.

e) É em *O Estado de S. Paulo* que li a notícia.

7. (ESAN-SP) Assinale a alternativa correta.

a) Mostraram-me cinco livros. Comprei todos cinco.
b) Mostraram-me cinco livros. Comprei todos cinco livros.
c) Mostraram-me cinco livros. Comprei todos os cinco.
d) Mostraram-me cinco livros. Comprei a todos cinco livros
e) n.d.a

8. (UM-SP) Em qual das alternativas colocaríamos o artigo definido feminino para todos o substantivos?

a) sósia - doente - lança-perfume
b) dó - telefonema - diabetes
c) clã - eclipse - pijama
d) cal - elipse - dinamite
e) champanha - criança - estudante

GABARITO

1 – C	2 – D	3 – E
4 – B	5 – A	6 – A
7 – C	8 – D	

CAPÍTULO 5

NUMERAL

5.1 DEFINIÇÃO

É a palavra variável que, acompanhando ou substituindo o substantivo, transmite uma noção de quantidade ou de ordem numérica.

- **Dois terços** do Congresso Nacional votaram contra a medida.
- João foi aprovado em **centésimo quinquagésimo lugar**.
- **Cinquenta e dois por cento** dos alunos não participarão dos jogos.
- Maria tem o **dobro** dos meus anos.
- Ele permanecerá internado no hospital durante uma **quinzena**.

⇨ Observação:

As palavras grifadas acima são numerais e transmitem, respectivamente, as seguintes noções: fração de um todo, ordem em uma sequência, número percentual, multiplicidade e número coletivo. Todos os termos são, portanto, **numerais propriamente ditos** ou **quantitativos definidos**.

5.2 CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE OS NUMERAIS

1. **Os numerais geralmente são termos adjetivos, ou seja, acompanham o substantivo em função de adjunto adnominal. Daí serem também chamados de "numerais adjetivos". Quando assumem a posição do substantivo, são denominados de "numerais substantivos", à semelhança dos pronomes.**

- No encontro havia dois mestres em Direito Constitucional.
  numeral adjetivo
- Os dois saíram com o professor de natação.
  numeral substantivo

2. **Na leitura dos numerais cardinais, emprega-se a conjunção "e" entre as centenas e as dezenas e entre estas e a unidade.**

- 324.670 = Trezentos **e** vinte e quatro mil seiscentos **e** setenta.
- 4.654.981 = Quatro milhões seiscentos **e** cinquenta **e** quatro mil novecentos **e** oitenta **e** um.

3. **A maioria dos povos usa os numerais de origem arábica (os numerais arábicos, como são conhecidos). Em épocas mais remotas, usavam-se bastante os numerais de origem romana (os numerais romanos). Hoje estes numerais são empregados em raras situações.**

5.3 CLASSIFICAÇÃO DOS NUMERAIS

De acordo com as suas funções, os numerais são classificados em:

a) cardinais
b) ordinais
c) fracionários
d) multiplicativos
e) coletivos

ALGARISMOS		CARDINAIS	ORDINAIS	MULTIPLICATIVOS	FRACIONÁRIOS
ROMANOS	ARÁBICOS				
I	1	um	primeiro		
II	2	dois	segundo	duplo ou dobro	meio, metade
III	3	três	terceiro	triplo ou tríplice	terço
IV	4	quatro	quarto	quádruplo	quarto
V	5	cinco	quinto	quíntuplo	quinto
VI	6	seis	sexto	sêxtuplo	sexto
VII	7	sete	sétimo	séptuplo	sétimo
VIII	8	oito	oitavo	óctuplo	oitavo
IX	9	nove	nono	nônuplo	nono
X	10	dez	décimo	décuplo	décimo
XI	11	onze	undécimo ou décimo primeiro	undécuplo	onze avos ou undécimo

XII	12	doze	duodécimo ou décimo segundo	duodécuplo	doze avos ou duodécimo
XIII	13	treze	décimo terceiro		treze avos
XIV	14	catorze	décimo quarto		catorze avos
XV	15	quinze	décimo quinto		quinze avos
XVI	16	dezesseis	décimo sexto		dezesseis avos
XVII	17	dezessete	décimo sétimo		dezessete avos
XVIII	18	dezoito	décimo oitavo		dezoito avos
XIX	19	dezenove	décimo nono		dezenove avos
XX	20	vinte	vigésimo		vinte avos ou vigésimo
XXX	30	trinta	trigésimo		trinta avos ou trigésimo
XL	40	quarenta	quadragésimo		quarenta avos ou quadragésimo
L	50	cinquenta	quinquagésimo		cinquenta avos ou quinquagésimo
LX	60	sessenta	sexagésimo		sessenta avos ou sexagésimo
LXX	70	setenta	septuagésimo		setenta avos ou septuagésimo
LXXX	80	oitenta	octogésimo		oitenta avos ou octogésimo
XC	90	noventa	nonagésimo		noventa avos ou nonagésimo
C	100	cem	centésimo	cêntuplo	cem avos ou centésimo
CXLIV	144	cento e quarenta e quatro	centésimo quadragésimo quarto		cento e quarenta e quatro avos
CC	200	duzentos	ducentésimo		duzentos avos ou ducentésimo
CCC	300	trezentos	trecentésimo		trezentos avos ou trecentésimo
CD	400	quatrocentos	quadrigentésimo		quatrocentos avos ou

					quadringentésimo
D	500	quinhentos	quingentésimo		quinhentos avos ou quingentésimo
DC	600	seiscentos	seiscentésimo ou sexcentésimo		seiscentos avos ou sexcentésimo
DCC	700	setecentos	septingentésimo		setecentos avos ou septingentésimo
DCCC	800	oitocentos	octingentésimo		oitocentos avos ou octingentésimo
CM	900	novecentos	noningentésimo ou nongentésimo		novecentos avos ou nongentésimo
M	1.000	mil	milésimo		milésimo
MM	2.000	dois mil	dois milésimos		dois mil avos
X	10.000	dez mil	dez milésimos		dez mil avos ou décimo milésimo
C	100.000	cem mil	cem milésimos		cem mil avos ou centésimo milésimo
M	1.000.000	um milhão	milionésimo		milionésimo
M	1.000.000.000	um bilhão	bilionésimo		bilionésimo

5.4 REGRAS GERAIS PARA O EMPREGO DOS NUMERAIS

1. Empregam-se os cardinais para a designação de datas e horas, como também para designar capítulos, parágrafos, folhas ou quaisquer divisões de uma obra.

- Recife, 23 de junho de 2008.
- Em São Paulo, são 23h38min.
- Esse pensamento encontra-se no capítulo 22, na página 49.

⇨ Observações:

a) Pode-se dizer corretamente: a páginas 25, na página 25 ou à página 25; 14 de janeiro, a 14 de janeiro, em 14 de janeiro ou aos 14 de janeiro.

b) Como já se disse, na computação dos dias dos meses empregam-se os numerais

cardinais à exceção do primeiro dia de cada mês, para o qual se emprega o ordinal: primeiro de abril, primeiro de setembro etc.

2. Em alguns contextos, os cardinais são empregados em sentido indefinido.

- Preciso lhe dizer **duas** palavras. (duas = algumas)
- Já lhe disse isso **mil** vezes. (mil = várias)

3. Depois de vinte, a aditiva "e" funde-se com o "e" final daquele cardinal na pronúncia cotidiana; por isso, em alguns escritores clássicos, nota-se a omissão da aditiva.

- "... quarta-feira, **vinte três** de agosto, mandou levantar âncora." (Barros, Dec. I, *apud* Cláudio Brandão)
- "Esteve **vinte quatro** horas sem fala." (Sousa, S. Dom., I, *apud* Cláudio Brandão)

4. "Ambos" e "ambas" são considerados numerais duais, pois sempre se referem a um par de coisas ou de pessoas. Logo, "ambos os dois", "ambos de dois" são expressões pleonásticas e devem ser evitadas em linguagem formal.

- "...porque um nasceu de outro, a não ser que **ambos** formem duas metades de um só." (Machado de Assis)
- "Assim dizendo, o pajé passou o cachimbo ao estrangeiro; e entraram **ambos** na cabana." (José de Alencar)

⇨ Observação:

Quando antepostos a um substantivo, empregam-se "ambos" e "ambas" seguidos geralmente de um artigo definido e mais raramente de um pronome possessivo ou demonstrativo.

- "As monjas saem sucessivamente de **ambos os** lados e vêm ajoelhar aos pés da abadessa." (A. Herculano)
- "Dizendo, fechou por dentro **ambas as portas**, e sentou-se sobre uma arca." (Camilo Castelo Branco)

5. Na designação de reis, papas, soberanos, séculos e partes de uma obra (capítulos, tomos etc.), empregam-se os ordinais até o dez e os cardinais daí por diante. Se o numeral anteceder o substantivo, empregam-se os ordinais.

- Século **sexto**
- Capítulo **segundo**
- João **vinte e três**
- Século **vinte e um**
- Leão **décimo**
- Henrique **quarto**

- Luís **catorze**
- Pedro **primeiro**
- **quarto** século
- **sexto** capítulo
- **décimo primeiro** papa
- **trigésimo** tomo

6. Na designação de artigos de leis, decretos, portarias, regulamentos etc., usam-se os ordinais até nove e os cardinais de dez em diante. Se o numeral vier anteposto, empregam-se os ordinais.

- artigo **segundo**
- inciso **quarto**
- parágrafo **nono**
- artigo **vinte e três**
- inciso **catorze**
- parágrafo **doze**
- **quadragésimo** artigo
- **décimo quinto** inciso
- **sétimo** parágrafo

7. "Cem", forma contraída de "cento", usa-se como adjetivo e é invariável.

- cem páginas
- cem pessoas
- cem homens
- cem animais

8. "Cento" se emprega hoje geralmente como adjetivo na designação dos números entre cem e duzentos, e é invariável.

- Cento e vinte
- cento e cinquenta
- cento e dois

9. Os numerais inteiros são invariáveis, à exceção de "um, dois, ambos, os compostos de –entos e os terminados em -ão (milhão, bilhão, trilhão etc.)".

- Já estavam presentes na sala **vinte** (*invariável*) pessoas.
- O show deve ser visto por **mil** (*invariável*) pessoas.
- Ele comeu cerca de **trinta e quatro** (*invariável*) docinhos.
- Falei com **duas** (*variável*) pessoas hoje.

10. Os numerais coletivos (chamados também de "seriativos") têm grande semelhança com os substantivos coletivos. Diferem destes, porém, por denotarem número rigorosamente delimitado.

- quinzena = 15 dias
- novena = 9 dias
- quinquênio ou lustro = 5 anos
- vintena = grupo de 20
- quarteirão = grupo de 25
- dúzia = grupo de 12
- semestre = 6 meses
- tríduo = 3 dias

- milênio = 1.000 anos

11. Os numerais ordinais se flexionam tanto em gênero quanto em número.

- primeiro passo
- primeiros passos
- primeira leitura
- primeiras leituras

12. Ao lado das grafias "bilhão", "trilhão" e "quatrilhão", existem as menos usuais, mas igualmente corretas, "bilião", "trilião" e "quatrilião". Esses numerais não apresentam flexão de gênero – apresentam-se tão somente sob a forma masculina.

- Ninguém conseguiu acertar todas as questões dentre as 15 milhões de pessoas participantes.

Corrija-se para: "... dentre os 15 milhões de pessoas participantes."

⇨ **Observações:**

Geralmente "milhão, bilhão, trilhão, quatrilhão" vêm acompanhados de um adjunto especificador no plural. Neste caso, o verbo da concordância poderá tanto concordar no singular com os numerais ou ir para o plural para concordar com a especificação.

- Um milhão de pessoas **foi** / ou **foram** ao show.
- Mais de um milhão de dólares **foi gasto** (ou **foram gastos**) para a reconstrução do templo.

5.5 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (TELERJ) Assinale a alternativa em que o numeral tem valor hiperbólico:

a) Naquele estádio havia quinhentas pessoas.
b) Mais de cem milhões de brasileiros choraram.
c) "Com mil demônios" – praguejou ele, diante do acidente fatal.
d) Ele foi o quadragésimo colocado.
e) Cinco oitavos do prêmio couberam a mim.

2. (FVE-SP) Assinale o item em que o numeral ordinal, por extenso, esteja correto:

a) 2.866.º – dois milésimos, octogésimo, sexagésimo sexto
b) 6.222.º – sexto milésimo, ducentésimo, vigésimo segundo
c) 3.478.º – três milésimos, quadringentésimo, septuagésimo oitavo
d) 1.899.º – milésimo, octogésimo, nongentésimo nono
e) 989.º – nonagésimo, octogésimo nono

3. (ITA-SP) Assinale o que estiver correto:

a) Seiscentismo se refere ao século XVI.
b) O algarismo romano da frase anterior se lê: décimo sexto.
c) Duodécuplo significa duas vezes, dodécuplo, doze vezes.
d) Ambos os dois é forma enfática correta.
e) Quadragésimo, quarentena, quadragésima, quaresma só aparentemente se referem a quarenta.

4. (VUNESP) Identifique o caso em que **não** haja expressão numérica de sentido indefinid

a) Ele é duodécuplo colocado.
b) Quer que veja esse filme pela milésima vez?
c) "Na guerra os meus dedos dispararam mil mortes."
d) "A vida tem uma só entrada, a saída é por cem portas."
e) n. d. a.

5. (PUCCAMP-SP) Os ordinais referentes aos números **80**, **300**, **700** e **90** são, respectivamente:

a) octagésimo – trecentésimo – setingentésimo – nongentésimo
b) octogésimo – trecentésimo – setingentésimo – nonagésimo
c) octingentésimo – tricentésimo – septuagésimo – nongentésimo
d) octogésimo – tricentésimo – septuagésimo – nongentésimo
e) n. d. a.

6. (FMU-SP) **Triplo** e **tríplice** são numerais:

a) ordinal o primeiro e multiplicativo o segundo.
b) ambos ordinais.
c) ambos cardinais.

d) ambos multiplicativos.
e) multiplicativo o primeiro e ordinal o segundo.

7. (UFPR) Se a *cinco* vem a corresponder *quinto*, a **onze**, **quarenta**, **cinquenta**, **sessent** e **setenta**, respectivamente, correspondem:

a) undécimo, quadragésimo, cinquentésimo, sexagésimo, septuagésimo
b) décimo primeiro, quaresma, quinquagésimo, sexagésimo, septuagésimo
c) undécimo, quadragésimo, quinquagésimo, sexagenário, septuagésimo
d) décimo primeiro, quadragésimo, quinquagésimo, sexagésimo, septuagésimo
e) undécimo, quadragésimo, quinquagésimo, sexagésimo, septuagésimo

8. (FMU-SP) Sabendo-se que os numerais podem ser cardinais, ordinais, multiplicativos e fracionários, podemos dar os seguintes exemplos:

a) uma (cardinal), primeiro (ordinal), Leão onze (multiplicativo) e meio (fracionário)
b) um (cardinal), milésimo (ordinal), undécuplo (multiplicativo) e meio (fracionário)
c) um (cardinal), primeiro (cardinal), Leão onze (multiplicativo) e meio (fracionário)
d) um (cardinal), primeiro (cardinal), cêntuplo (multiplicativo) e centésimo (fracionário)
e) um cardinal (cardinal), primeiro (ordinal), duplo (multiplicativo), não existindo numera denominado fracionário

9. (Ufam) Assinale o item em que NÃO é correto ler o numeral como vem indicado entre parênteses:

a) Pode-se dizer que no século IX (nono) o português já existia como língua falada.
b) Pigmalião reside na Casa 22 (vinte e duas) do antigo Beco do Saco do Alferes, em Aparecida.
c) Abram o livro, por favor, na página 201 (duzentos e um).
d) O que procuras está no art. 10 (dez) do código que tens aí na mão.
e) O Papa Pio X (décimo), cuja morte teria sido apressada com o advento da Primeira Guerra Mundial, foi canonizado em 1954.

10. (UnB-DF) Assinale a alternativa em que *meio* funciona como advérbio.

a) Só quero meio quilo.
b) Achei-o meio triste.
c) Descobri o meio de acertar.
d) Parou no meio da rua.

e) Comprou um metro e meio.

11. (Fasp) Ele obteve o ... (123.º) lugar.

a) centésimo vigésimo terceiro
b) centésimo trigésimo terceiro
c) cento e vinte trigésimo
d) cento e vigésimo terceiro

12. (FSCS-SP) Associe o sentido ao respectivo numeral coletivo.

(1) período de seis anos ( ) dístico
(2) período de cinco anos ( ) decúria
(3) estrofe de dois versos ( ) sexênio
(4) período de cem anos ( ) centúria
(5) agrupamento de dez coisas ( ) lustro

13. (Acafe-SC) Assinale a alternativa **correta**.

a) Os substantivos *cão*, *tabelião*, *pão*, *alemão* e *cidadão* fazem o plural mudando -ão em -ães.
b) A torre é **altíssima**. A palavra destacada é adjetivo e está no grau superlativo absoluto analítico.
c) Vendi todos **os** livros a **uns** alunos. As palavras destacadas são pronomes definidos.
d) O **dobro** do meu dinheiro é igual à **metade** do teu. As palavras destacadas são numerais multiplicadores.
e) Levaram-**me** o caderno. A palavra destacada é pronome pessoal oblíquo.

GABARITO

1 – C	2 – B	3 – D
4 – A	5 – B	6 – D
7 – E	8 – B	9 – B
10 – B	11 – A	12 – 3, 5, 1, 4, 2
13 – E		

CAPÍTULO 6

PRONOME

Observe o exemplo abaixo:

- Quem poderia comprar todos estes meus livros que eu adquiri numa promoção em São Paulo?

Perceba que todos os elementos grifados acima ou estão no lugar do substantivo ou estão acompanhando um substantivo.

1. O "quem" exerce a função de sujeito da primeira oração; função típica e própria do substantivo.
2. Os elementos "todos", "estes" e "meus" se referem ao substantivo "livros", trazendo respectivamente, as noções de "cada um", de "localização espacial" e de "posse".
3. O elemento "que" retoma e substitui, ao mesmo tempo, o substantivo "livros".
4. Por fim, o elemento "eu" representa o sujeito do verbo "adquirir". Exerce, portanto, função própria do substantivo.

6.1 DEFINIÇÃO

A partir do exemplo dado, podemos dizer que a classe de palavra variável que substitui ou acompanha o substantivo é denominada de **pronome**.

Como o adjetivo, o numeral e o artigo também são classes morfológicas que acompanham o substantivo, podemos afirmar que a grande distinção entre estes e o pronome se dá pelo fato deste último situar o substantivo numa pessoa do discurso.

As pessoas do discurso são:

a) o ser que fala – **1.ª pessoa** (eu e nós)
b) o ser com quem se fala – **2.ª pessoa** (tu e vós)
c) o ser (ou coisa) de que se fala – **3.ª pessoa** (ele e eles)

Logo, é possível também se definir “pronome” como a classe morfológica que substitui e acompanha o substantivo, situando-o numa pessoa do discurso.

6.2 PRONOMES ADJETIVOS E PRONOMES SUBSTANTIVOS

De acordo com as afirmações iniciais, podemos classificar de antemão os pronomes em: **substantivos** e **adjetivos**.

→ **Pronome substantivo**, como o próprio nome já o diz, é aquele que se põe no lugar do substantivo e passa a exercer uma função típica deste.

→ **Pronome adjetivo**, por outro lado, é aquele que acompanha o substantivo, atribuindo-lhe informações acessórias.

Observe:

- **Ele** jamais desconfiou de **nossa** honestidade.
  pronome substantivo *pronome adjetivo*
- O rapaz **o** comprou por **meu** intermédio.
  pronome substantivo *pronome adjetivo*
- **Esses** rapazes jamais visitaram **aquele** vilarejo.
  pronome adjetivo *pronome adjetivo*
- **Alguém** chegou aqui e nos deixou **isto**.
  pronome substantivo *pronome substantivo*

6.3 CLASSIFICAÇÃO DOS PRONOMES

Os pronomes se classificam de acordo com suas funções em:

I. Pronomes pessoais
II. Pronomes demonstrativos
III. Pronomes indefinidos
IV. Pronomes possessivos
V. Pronomes relativos
VI. Pronomes interrogativos

6.3.1 PRONOMES PESSOAIS

São assim denominados os pronomes que indicam diretamente as pessoas

gramaticais: o falante (1.ª pessoa), o ouvinte (2.ª pessoa) e o que não toma parte na conversa (3.ª pessoa). São classificados em **retos**, **oblíquos** e **de tratamento**.

PRONOMES PESSOAIS		
RETOS	**OBLÍQUOS**	
	Átonos	**Tônicos**
EU	ME	MIM, COMIGO
TU	TE	TI, CONTIGO
ELE	O, A, LHE, SE	SI, CONSIGO, ELE, ELA
NÓS	NOS	CONOSCO, NÓS
VÓS	VOS	CONVOSCO, VÓS
ELES	OS, AS, LHES, SE	SI, CONSIGO, ELES, ELAS

6.3.1.1 Emprego dos pronomes pessoais do caso reto (principais regras)

1. **A princípio, convém dizer que os pronomes são denominados de "retos" porque exercem função subjetiva, ou seja, funcionam como sujeito de um verbo. Por outro lado, são denominados de oblíquos os pronomes que exercem função complementar.**

- **Eles** jamais deixarão os juros caírem demais.
  caso reto
- Ainda não **me** comunicaram o fato.
  caso oblíquo
- Todos irão **conosco**, João.
  caso oblíquo
- **Nós** encontrá-**lo**-emos no shopping à tarde.
  caso reto *caso oblíquo*

2. **Importante também perceber que a força de tonicidade do pronome interfere no seu emprego. Os pronomes tônicos, por exemplo, são sempre usados precedidos de uma preposição, fato que não se dá com os átonos, os quais repelem a presença de uma preposição essencial que os reja.**

- Ele sempre gosta de falar de **si**.
  tônico
- Trouxemos dois hambúrgueres para **ti**, Madalena.
  tônico
- A **mim**, não me interessam as objeções do guia.
  tônico
- Deixaram o livro para **eu** ler durante o final de semana.
  átono

⇨ Observação:

No último exemplo, a preposição “para” que antecede o pronome “eu” rege toda a oração de finalidade. Não está regendo, portanto, o pronome, que é átono.

3. Os pronomes do caso reto “eu” e “tu” só aparecem como sujeito, salvo raras exceções. Por isso, os tais pronomes nunca ocorrerão regidos por preposição. Veja:

- Ainda ontem **eu** participei de uma plenária.
  pronome do caso reto, sujeito
- Parece que **tu** ainda não sabes o valor da vida.
  pronome do caso reto, sujeito
- Não há problemas **entre eu** e **tu**, Mário. (**construção errada**)
  os pronomes “eu” e “tu” não admitem ser regidos por preposição

Corrija-se para → Não há problemas **entre mim** e **ti**, Mário.

- Onde está o papel **para mim** imprimir o trabalho? (**construção errada**)

Corrija-se para → Onde está o papel para **eu imprimir** o trabalho? (“eu” é o sujeito do verbo “imprimir”)

- A notícia chegou **até eu**. (**construção errada**)

Corrija-se para → A notícia chegou **até mim**.

- Por favor, não saiam **sem mim**. (A presença da preposição exige que seja usado um pronome tônico)
- Eles saíram sem **eu dar** o dinheiro para o cinema. (O “eu” é o sujeito do verbo “dar”. A preposição “sem” rege a oração)

⇨ Observação:

Os pronomes “eu” e “tu” podem, excepcionalmente, aparecer nas funções de “predicativo” e “vocativo”, respectivamente.

- Por favor, deixe que eu seja **eu**.
  pronome pessoal, predicativo
- “Ó **tu**, meu senhor, ajuda-nos com teus favores!”
  pronome pessoal, vocativo

4. **No português falado no Brasil, o pronome "tu" foi praticamente substituído pelo pronome de tratamento "você". Importante destacar, ademais, que o "você" se refere à 2.ª pessoa do discurso, mas exige o verbo da concordância sempre na 3.ª pessoa do singular.**

- João, você vai conosco ao show?
- Você sabe o segredo dos animais?

⇨ Observação:

Em algumas regiões do Brasil, o falar coloquial emprega o "tu" com o verbo flexionado na terceira pessoa do singular: "Tu foi...", "Tu vai...", "Tu sabe...". Tais construções são, como já se disse, típicas da linguagem coloquial e jamais devem ser empregadas em processos comunicativos que exigem o padrão culto da língua.

5. **Na linguagem oral, é bastante comum a substituição do pronome de primeira pessoa do singular "eu" pelo pronome de primeira pessoa do plural "nós". Essa troca visa dar à mensagem um tom menos arrogante, menos presunçoso. É o que se denomina de "plural de modéstia".**

Em vez de: "**Eu concedo** a medalha de honra ao mérito ao escoteiro João da Silva."

Emprega-se: "**Nós concedemos** a medalha de honra ao mérito ao escoteiro João da Silva."

6. **É bastante comum na linguagem coloquial a substituição do pronome do caso ret "nós" pela forma "a gente" (separado). Tal substituição, repita-se, é típica da linguagem coloquial.**

6.3.1.2 Emprego dos pronomes pessoais do caso oblíquo (principais regras)

1. **Os pronomes "ele, ela, nós, vós, eles e elas", por possuírem força tônica, podem também aparecer em função oblíqua. Neste caso, eles virão obrigatoriamente regidos por uma preposição. Observe a diferença:**

- **Eles** não irão à festa da nossa turma.
  pronome do caso reto, sujeito
- Disseram a **eles** que a festa não se realizará.
  pronome do caso oblíquo tônico, objeto indireto
- **Nós** certamente realizaremos o projeto.
  pronome do caso reto, sujeito
- Atribuíram **a nós** o problema com a gerência.
  pronome do caso oblíquo tônico, objeto indireto
- A mulher do prefeito, parece que viram **a ela** no shopping com um homem suspeito.
  pronome do caso oblíquo tônico, objeto direto preposicionado

⇨ Observações:

a) É construção tipicamente coloquial o emprego dos pronomes "ele, ela, eles, elas" e função complementar desprovidos de preposição.

- Eu vi **ele** no shopping ontem.
  construção coloquial
- Vão levar **ela** para o médico agora.
  construção coloquial

b) Os pronomes "ele, ela, eles, elas", quando funcionam como complemento, podem s contrair com as preposições "de" e "em".

- Todos acreditam **nele**.
- A família depende **dele** para sobreviver.

c) Percebemos, portanto, que, quando há a presença de uma preposição essencial, deve-se – obrigatoriamente – usar os pronomes pessoais tônicos, já que os pronomes átonos são insuscetíveis de virem regidos por preposição. Observe:

- Após **mim**, veio o cortejo.
- Desde **ti** até **mim**, nunca houve mudança significativa na Universidade.
- Pedro fez tudo por **mim** e por **ti**.
- Durante a turbulência, várias malas caíram sobre **mim**.
- Todos se coligaram contra **mim**.
- Diante de **mim**, todos se calaram.

2. Os pronomes "si" e "consigo" são oblíquos tônicos reflexivos e só devem ser usados com referência ao sujeito da oração. Considera-se erro, portanto, construções em que os pronomes "si" e "consigo" não se refiram ao sujeito.

- Os rapazes sempre levam **consigo** um punhado de farinha.
  pronome oblíquo tônico se referindo ao sujeito "os rapazes"
- Ele sempre fala de **si** para os estranhos.
  pronome oblíquo tônico se referindo ao sujeito "ele"
- Paulo e Marcos, o diretor de recursos humanos quer falar **consigo**. (**construção errada**)
  O pronome deve se referir a "Paulo" e a "Marcos".

Corrija-se para → Paulo e Marcos, o diretor de recursos humanos quer falar **com vocês**. (ou "**convosco**")

3. Os pronomes "comigo, contigo, consigo, conosco, convosco" já trazem em si mesmos a preposição "com", pois são o resultado da combinação desta preposição com a formas oblíquas da primeira, da segunda e da terceira pessoa do singular e do plural.

- A minha filha sempre vai **comigo** às pescarias.
- Ao saíres, avisa-nos, pois iremos **contigo**.
- João e Maria irão **conosco**.
- Ela traz **consigo** boas experiências.

⇨ Observação:

Os pronomes "conosco" e "convosco" devem ser substituídos pelas suas formas analíticas "com nós" e "com vós", respectivamente, quando há a presença de um reforço do pronome por meio de adjunto adnominal. Geralmente, esse reforço se dá com os vocábulos "mesmo" e "próprio". Observe:

- Eles irão conosco. **ou**
- Eles irão
  - com nós mesmos.
  - com nós próprios.
  - com nós outros.
  - com nós dois.

4. Os pronomes oblíquos átonos "me, te, se, nos, vos" são empregados como complementos tanto de verbos transitivos diretos quanto de verbos transitivos indiretos. Podem, portanto, funcionar como objeto direto (caso acusativo em latim) ou objeto indireto (caso dativo em latim), a depender da regência verbal.

- Sempre **nos** disse o que fazer nas horas difíceis.
  objeto indireto
- Informaram-**nos** sobre o problema.
  objeto direto
- Eles **se** viram, mas não **se** cumprimentaram.
  objeto direto *objeto direto*
- Parece que vão **me** dizer a verdade.
  objeto indireto
- Eu **vos** louvo pela atitude salvadora que tivestes.
  objeto direto
- Essa notícia **te** deu ânimo para continuar?
  objeto indireto

5. Já os oblíquos "o, a, os, as" são usados como complementos para verbos transitivos diretos e verbos transitivos diretos e indiretos em sua parte direta. Funcionam, pois, como objetos diretos. São, por isso, denominados de pronomes acusativos, já que em latim a função acusativa diz respeito ao objeto direto. Tais pronomes equivalem aos oblíquos tônicos preposicionados "a ele, a ela, a eles, a elas".

- Os jornalistas **o** fotografaram quando descia a serra. (= fotografaram a ele)
- Todos **as** aplaudiam com entusiasmo. (= aplaudiam a elas)

⇨ **Observação:**

Os pronomes "o, a, os, as", quando estão enclíticos a verbos terminados em "-r, -s, -z", assumem as formas "lo, la, los, las" e a forma verbal perde aquelas consoantes. Quando enclíticos a verbos terminados em ditongo nasal, assumem as formas "no, na, nos, nas". Veja:

- Encontraram o homem deitado. = Encontraram-**no** deitado.
- Pegou dinheiro para comprar dois livros. = Pegou dinheiro para comprá-**los**.

6. Os pronomes oblíquos "lhe, lhes" substituem termos que exigem preposição. Quando completam verbos, funcionam como objetos indiretos de verbos transitivos indiretos e de verbos transitivos diretos e indiretos em sua parte indireta. Referem-se, portanto, ao caso dativo do latim. Estes pronomes também equivalem aos oblíquos tônicos preposicionados "a ele, a ela, a eles, a elas".

- Todos **lhe** fizeram grandes elogios. (= fizeram grandes elogios a ela / a ele.)
- Pediram-**lhes** que se mantivessem calados. (= pediram a eles / a elas que se...).

7. Os pronomes "me, te, lhe, nos, vos" podem fazer a vez de legítimos pronomes possessivos. Equivalem, respectivamente, a "meu / minha, teu / tua, seu / sua, dele / dela, nosso / nossa, vosso / vossa e plurais". Observe:

- Ao ver o sumo pontífice, beijou-**lhe** uma das mãos. → Isto é: ... beijou uma de **suas** mãos.
- A velocidade do vento despenteava-**nos** os cabelos. → Isto é: ... despenteava os **nossos** cabelos.

6.3.2 PRONOMES DE TRATAMENTO

Uma divisão interessante dos pronomes pessoais é a dos pronomes de tratamento. São assim denominados porque se usam tais pronomes em referência a certas pessoas consideradas autoridades ou em certos contextos comunicativos quando a formalidade os exige.

Principais pronomes de tratamento e seus respectivos empregos:

Pronome de tratamento	Abreviatura	Emprego
você, vocês	v.	tratamento familiar, informal
senhor, senhores	Sr. Sr.es	tratamento respeitoso
senhorita, senhoritas	Sr.ta, Sr.tas	para mulheres solteiras
senhora, senhoras	Sr.a, Sr.as	tratamento respeitoso
Vossa Senhoria, Vossas Senhorias	V.S.a, V. S.as	para pessoas que exercem cargos importantes
Vossa Excelência, Vossas Excelências	V. Ex.a, V. Ex.as	para autoridades superiores (presidentes, juízes, deputados, senadores, governadores etc.)
Vossa Eminência, Vossas Eminências	V. Em.a, V. Em.as	para cardeais
Vossa Alteza, Vossas Altezas	V.A., VV.AA.	para príncipes, princesas e duques
Vossa Majestade, Vossas Majestades	V.M., VV.MM.	para reis e rainhas
Vossa Meritíssima	Por extenso	juízes
Vossa Magnificência, Vossas Magnificências	V. Mag.a, V. Mag.as	reitores
Vossa Reverendíssima, Vossas Reverendíssimas	V.Rev.ma, V. Rev.mas	sacerdotes religiosos, bispos, padres, pastores

Vossa Santidade	V.S.	papa

Observações sobre os pronomes de tratamento:

a) Os pronomes de tratamento são pronomes que se referem à 2.ª pessoa do discurso. Entretanto, exigem a concordância verbal na 3.ª pessoa. Ademais, devem também ficar na 3.ª pessoa todos os elementos que a tais pronomes se refiram.

- Suas Excelências ainda não **deixaram** os seus despachos.
- Vossa Senhoria **deseja** um pouco de água?
- Vossas Majestades ainda não **inspecionaram** os **seus** cavalos este mês?

b) Tais fórmulas de tratamento só são consideradas pronomes de tratamento quando vêm antecedidas de "Sua" ou "Vossa". Desprovidas de tais partículas, tornam-se, no mais das vezes, meros "substantivos femininos" ou "adjetivos".

- Todos ficaram estupefatos perante a **majestade** *substantivo feminino* do templo.
- Aquele rapaz é um **reverendíssimo** *adjetivo* imbecil.
- É uma **excelência** *substantivo feminino* de pessoa.

c) Emprega-se "Sua" quando nos referimos à pessoa. Por outro lado, empregamos "Voss quando nos dirigimos à pessoa.

- Quando Sua Excelência chegar, avise-lhe, por favor, sobre o problema.
- Vossa Alteza, quer que eu lhe traga o almoço agora?

6.3.3 PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Outra categoria bastante usual na língua portuguesa é a dos pronomes demonstrativos. São denominados demonstrativos porque situam as pessoas ou coisas no tempo ou no espaço, postas em relação às pessoas do discurso. Os pronomes demonstrativos apresentam formas variáveis e invariáveis.

Pronomes demonstrativos			
	Variáveis		**Invariáveis**
	Masculinos	**Femininos**	
1.ª pessoa	este, estes	esta, estas	isto
2.ª pessoa	esse, esses	essa, essas	isso

3.ª pessoa	aquele, aqueles	aquela, aquelas	aquilo

Além dos pronomes acima, são igualmente demonstrativos os seguintes pronomes: “mesmo(s), mesma(s), próprio(s), própria(s), tal, tais, semelhante(s)”.

6.3.3.1 Emprego dos pronomes demonstrativos

O emprego dos pronomes demonstrativos representa um dos pontos mais discutidos pelos estudiosos da língua, já que em muitos escritores encontram-se empregos controvertidos dos tais pronomes. Para facilitar o entendimento, dividimos o emprego dos demonstrativos em relação a três aspectos: localização espacial do referente, localização temporal do referente e localização textual do referente.

I) Quanto à localização espacial do referente temos as seguintes orientações:

a) Empregam-se “este, esta, isto e variações” quando o referente se encontra com ser que fala.

- **Esta** camisa aqui custou-me quarenta reais.
- **Este** livro contém preciosas lições.

b) Emprega-se “esse, essa, isso e variações” quando o referente se encontra próximo, perto de quem fala.

- Quanto custou **essa** camisa que você está usando?
- Meu primo trouxe-me uma caneta **dessas** aí quando foi aos Estados Unidos.

c) Empregam-se “aquele, aquela, aquilo e variações” quando o referente se encont distante do ser que fala.

- **Aquele** menino acolá passou em um concurso para juiz federal.
- **Daquela** ponte para este ponto aqui, são mais ou menos dois quilômetros.

II) Quanto à localização temporal do referente, temos as seguintes orientações:

a) Empregam-se “este, esta, isto e variações” quando se faz referências a um temp presente em relação à pessoa que fala.

- Ainda este ano irei à Europa.
- Nesta tarde resolverei todo o problema com o síndico.

b) Empregam-se "esse, essa, isso e variações" quando se faz referências a um tempo passado ou futuro em relação à pessoa que fala.

- O ano passado marcou minha vida. **Nesse** ano nasceu meu filho.
- Espero que em 2100 o homem tenha encontrado a solução para muitos problemas. **Ness** ano, esperamos não haver mais miséria, violência, abandono.

c) Empregam-se "aquele, aquela, aquilo e variações" quando se faz referências a passado distante em relação ao ser que fala.

- Em 1980, a inflação era galopante. **Naquele** ano, viviam-se os últimos anos do milagre econômico brasileiro.
- Os anos de 1939 a 1945 marcaram a humanidade. Durante **aqueles** anos, desenvolveu-se um dos maiores massacres perpetrados contra a humanidade: o extermínio dos judeus.

III) Quanto à localização textual do referente, temos as seguintes orientações:

a) Empregam-se "esse, essa, isso e variações" para retomar termos e informações mencionados. Tais pronomes funcionarão como "elementos de coesão referencial anafórica".

- A violência assola o país de norte a sul. **Esse** problema inviabiliza muitos negócios comerciais no Brasil.
- Ao coração cabe toda a função de bombeamento sanguíneo. **Esse** órgão bate, quando regular, cerca de 80 vezes por minuto.

b) Empregam-se "este, esta, isto e variações" para antecipar termos e informações que ainda vão ser mencionados. Tais pronomes funcionarão, portanto, como "elementos de coesão referencial catafórica".

- O Brasil precisa disto: educação igualitária – de qualidade – para todos.
- Esta indagação jamais será respondida satisfatoriamente: "Quem nasceu primeiro: o ovo ou a galinha?".

c) Empregam-se "este, esta, isto e variações" para retomar, dentro de um período, termo mais próximo, ou seja, o enunciado em segundo lugar, a fim de se evitar uma possível ambiguidade que os demonstrativos "esse, essa, isso e variações" poderiam gerar. Por outro lado, empregam -se "aquele, aquela, aquilo e variações" para retomar, dentro do período, o termo mais distante, ou seja, o enunciado em primeiro lugar.

- Brasil e Argentina travaram novos acordos comerciais. **Este** exportará carnes nobres e

importará frutas tropicais **daquele**. → este = Argentina / daquele = Brasil.

- Os otimistas não julgam os pessimistas, nem **estes àqueles**, pois ambos convergem para alguma forma de idealismo. → estes = pessimistas / aqueles = otimistas.

d) Empregam-se – indistintamente – os pronomes "esse, essa, isso, este, esta, isto e variações" para retomar termos e ideias anteriormente expressos, mormente quando o elemento retomado se encontra imediatamente atrás de tais pronomes.

- "– Se eu fosse rica, você fugia, metia-se no paquete e ia para a Europa. Dito **isto**, espreitou-me os olhos..." (Assis, Machado. *Dom Casmurro*)

Outras observações acerca dos pronomes demonstrativos:

a) A contração "nisto" (em vez de "nisso") é frequentemente empregada em função circunstancial com o sentido de "nesse momento", "então", "em tal momento".

- A bomba estourou precisamente às 17h. **Nisto**, soaram todos os alarmes da cidade, e as forças armadas entraram em alerta.

b) Os demonstrativos "aquele/aquilo, aquela, aqueles e aquelas" podem aparecer em forma reduzida "o, a, os e as", respectivamente. Estes são usados em função substantiva e são seguidos de preposição ou de uma oração adjetiva encabeçada pelo relativo "que". Eles também aparecem em construções com o verbo "ser".

- Todos sabiam **o** que ele pensava sobre o problema. (... o = aquilo o qual ele pensava...).
  oração adjetiva

- Os que lutam são os que vencem. (os = aqueles)
  oração adjetiva *oração adjetiva*

- Se ele é pobre, eu também **o** sou.
  aquilo

- A classe estava cheia como nunca. **Os** da direita espremiam-se junto à parede enquanto **os** da esquerda sentavam uns no colo dos outros.
  aqueles *aqueles*

⇨ Observação:

O artigo definido, ausente o substantivo, converte-se em pronome demonstrativo, com o sentido de "aquele, aquela, aquilo, isso". Isto ocorre quando o "**o**" vem seguido de preposição, do pronome relativo "que" ou construído com o verbo "ser".

- A minha casa é menos confortável que **a** do vizinho.
  pronome demonstrativo
- Todos entenderam bem **o** que tu disseste.
  pronome demonstrativo
- Se ele é rico, eu também **o** sou.
  pronome demonstrativo

c) Os pronomes "mesmo" e "próprio" serão demonstrativos quando possuírem sentido de "exato", "idêntico", "em pessoa".

- De fato, foi João **mesmo** quem resolveu o problema.
- Éramos nós **mesmos** os responsáveis pela abertura e fechamento da empresa.
- Amanhã tu deverás ir à **mesma** rua em que estiveste na semana passada para falar com o comendador.

d) "Tal" será pronome demonstrativo quando equivaler aos demonstrativos "este, esse, aquele e flexões".

- Temos verdadeiro repúdio a **tal** sujeito.
- **Tal** foi o filme a que assistimos na semana passada.

e) A tradição e o uso consagraram a expressão "isto é" (e nunca "isso é") equivalente a "quer dizer", "significa", quando se vai esclarecer um pensamento, uma ideia.

- A vida é uma incógnita, **isto é**, nunca se sabe a que lugar ela chegará.

f) Como conjunção conclusiva, usa-se, hoje, mais frequentemente "por isso" em ve de "por isto", a despeito de esta última forma não estar errada.

- Sempre estudou com afinco, **por isso** (ou "**por isto**") obteve um bom desconto na mensalidade da escola.

g) "Semelhante" será pronome demonstrativo quando equivaler a "tal".

- Tenha mais cuidado para não cair em **semelhante** erro.

h) É condenável o emprego dos demonstrativos "mesmo(s), mesma(s)" em função substantiva. Tal fato se dá, porque não são próprias de tais pronomes funções como "sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal etc.". Observe abaixo:

- O bandido se evadiu, mas a polícia prendeu **o mesmo** poucas horas depois. (Prefira: "... mas a polícia o prendeu...")

- Encontramos o Ricardo em sua casa de praia. **O mesmo** nos disse que estava descansando um pouco. (Prefira: "... Ele nos disse que...")
- Na casa da Lurdinha há um bravo Pitbull. Joana disse que tinha muito medo **do mesmo**. (Prefira: "... tinha muito medo dele ou do cão.")

6.3.4 PRONOMES INDEFINIDOS

São denominados indefinidos os pronomes que se referem à 3.ª pessoa do discurso quando esta tem sentido vago e indeterminado.

Apresentam-se na língua portuguesa em um bom número – alguns são invariáveis e outros tantos variáveis.

INDEFINIDOS INVARIÁVEIS	INDEFINIDOS VARIÁVEIS
– alguém, ninguém; – tudo, nada; – algo; – cada; – outrem; – mais, menos, demais.	– algum, alguns, alguma, algumas; – nenhum, nenhuns, nenhuma, nenhumas; – todo, toda, todos, todas; – muito, muitos, muita, muitas; – pouco, pouca, poucos, poucas; – certo, certa, certos, certas; – vário, vários, vária, várias; – tanto, tantos, tanta, tantas; – quanto, quantos, quanta, quantas; – um, uns, uma, umas; – bastante, bastantes; – qualquer, quaisquer.

Além dos indefinidos acima, existem as chamadas "locuções pronominais indefinidas", que nada mais são do que a junção de mais de um vocábulo com função de um pronome indefinido. São exemplos dessas locuções: **cada um, cada qual, qualquer outro, quem quer que seja, fosse quem fosse, outro qualquer, todo aquele que, tudo o mais, seja qual for, um ou outro, todo o mundo** etc.

6.3.4.1 Considerações gerais sobre os pronomes indefinidos

1. **Os pronomes e as locuções indefinidos exigem, quando estão no singular, que o verbo da concordância fique também no singular.**

- Cada um dos trabalhadores **conseguiu** aumento este mês.
- Algum dos participantes **se entreteve** bastante com o novo invento.

2. Os pronomes indefinidos podem acompanhar o substantivo – pronomes indefinidos adjetivos – ou substituir o próprio substantivo – pronomes indefinidos substantivos.

- **Ninguém** chegou até agora.
  indefinido substantivo
- **Alguém** nos dirá o que fazer.
  indefinido substantivo
- **Muitos** alunos saíram da sala.
  indefinido adjetivo
- **Muito** trabalho, **pouco** dinheiro.
  indefinidos adjetivos

6.3.4.2 Emprego dos pronomes indefinidos

QUALQUER

"**QUALQUER**" só será pronome indefinido quando vier anteposto ao substantivo – neste caso, equivalerá a "algum(ns) / alguma(s)". Refere-se, portanto, a um indivíduo ou indivíduos tomados indistintamente dentre outros da mesma espécie. Quando posposto, exercerá a função morfológica de adjetivo e apresentará geralmente sentido depreciativo.

- **Qualquer** pessoa consegue fazer isso.
  pronome indefinido
- **Quaisquer** dúvidas, dirijam-se à direção do evento.
  pronome indefinido
- Era uma pessoa **qualquer**.
  adjetivo
- Fez um curso universitário **qualquer**.
  adjetivo

- "Desculpe-me esta franqueza; mas eu prefiro ser franco com você a sê-lo com **qualquer** outra pessoa." (Machado de Assis)
- "Antes de se entregar às fadigas da guerra,
  Dizem que um dia viu **qualquer** cousa do céu:
  E achou tudo vazio..." (Olavo Bilac)

TODO

"**TODO**" é um indefinido, chamado por alguns gramáticos de "coletivo universal". Possui as flexões "toda, todos, todas". É empregado de acordo com as seguintes orientações:

a) É hodierna e frequentemente empregado no singular, sem a presença de artigo definido, com a significação de "qualquer".

- **Todo** homem pode cometer um crime impensadamente.
- "...e ficamos tão felizes que **todo** receio de perigo desapareceu." (Machado de Assis)
- "Era homem de uma honestidade a **toda** prova e de uma primitiva simplicidade no seu modo de viver." (Aluísio Azevedo)

⇨ **Observação:**

Há gramáticos – notadamente os mais antigos – que não aceitam essa acepção do pronome indefinido "todo", pois só admitem o emprego do pronome indefinido "todo" com o sentido de "totalidade".

b) Embora haja posicionamentos contrários, pode também ser empregado no singular e anteposto a substantivo precedido ou não de artigo, significando "totalidade ou cada".

- "**Todo** homem é mortal, mas o homem **todo** não é mortal". (Carlos Drummond de Andrade)
- "Em **todo** o distrito de Oliveira, note bem, em **todo** ele! não há ninguém, absolutamente ninguém, que de longe, muito de longe, se compare ao Cavaleiro em inteligência, caráter, maneiras, saber, e finura política!" (Eça de Queiroz)
- "Por **toda** a parte andava acesa a guerra." (Camões)
- "No soveral havia **todo** o gênero de caça, e Argimiro o Negro (assim se chamava o rico-homem) gostava." (A. Herculano)

⇨ **Observação:**

Há gramáticos que, nesta acepção, só defendem o sentido do pronome "todo" como "cada". Não encontramos, entretanto, apoio nos maiores conhecedores de nossa língua. Para eles, dentre os quais podemos destacar os mestres Manuel Said Ali e Mário Barreto, o pronome "todo", anteposto a um substantivo, pode ou não aparecer com o artigo.

) Emprega-se no singular e posposto a um substantivo para indicar a totalidade das partes.

- Assim que chegamos, ele nos mostrou a casa **toda**. (= a casa em sua totalidade)
- Algumas alergias afetam o corpo **todo**. (= o corpo em sua totalidade)

I) Emprega-se no plural, anteposto ou posposto, para indicar a totalidade numérica.

- Usou **todas** as forças para impedir o avanço da doença.
- “Dita a palavra, apertou-me as mãos com as forças **todas** de um vasto agradecimento, despediu-se e saiu.” (Machado de Assis)

) Emprega-se, acompanhando adjetivo atributivo, com o significado de “em todas a suas partes”, “completamente”, “muito”. Nesta acepção, a palavra “todo” exerce função de advérbio e admite flexão.

- “...na sua dificílima Torre, negra entre os limoeiros e o azul, **toda** envolta no piar e esvoaçar das andorinhas.” (Eça de Queiroz)
- “**Toda** assustada, quis saber o que é que me doía.” (Machado de Assis)
- “O Bento, velho de face rapada e morena, com um lindo cabelo branco **todo** encarapinhado, muito limpo, muito fresco na sua jaqueta de ganga,...” (Eça de Queiroz)

Portanto, fique atento, pois podemos dizer corretamente (saliente-se que a forma flexionada, a qual concorda por atração com o substantivo, é mais comum na linguagem atual):

- A porta está **todo** / **toda** aberta.
- Ela está **todo** / **toda** cheia de alegria.
- Vimos uma casa **todo** / **toda** branca.
- A torta está **todo** / **toda** estragada.

Vejamos outros exemplos em notáveis escritores:

- “D. Felicidade acudiu, **toda** bondosa: — Deixe falar, Sr. Ledesma.” (Eça de Queiroz)
- “E um dia assim! de um sol assim! E assim a esfera
  Toda azul, no esplendor do fim da primavera!” (Olavo Bilac)
- “A capela, completamente cheia, palpitava de curiosidade. Paris elegante estava **todo** ali (Aluízio Azevedo)

TUDO

3. O pronome “TUDO” representa a forma neutra do pronome “TODO”. Pode aparecer tanto como pronome substantivo quanto como pronome adjetivo. Como pronome adjetivo aparece em combinações do tipo “tudo isso, tudo aquilo, tudo o que, tudo o mais etc.”. Geralmente se refere a coisas.

- “Sofrerei **tudo** por amor de ti.” (Camilo Castelo Branco)
- “Vi **tudo** isto, e fiquei satisfeito.” (Camilo Castelo Branco)
- “Gostava que em sua casa houvesse um pouco de **tudo**.” (Aluísio Azevedo)

ALGUM

4. O pronome indefinido "ALGUM" emprega-se de acordo com as seguintes orientações:

) Anteposto ao substantivo assume frequentemente valor positivo de "qualquer, um".

- "Deste modo, viverei o que vivi, e assentarei a mão para **alguma** obra de maior tomo." (Machado de Assis)
- "Folgamos de ver que os *ingleses* já servem para **alguma** coisa entre tão eminentes estadistas." (Rui Barbosa)

) Anteposto ao substantivo, assume também o valor de "certo, um pouco de".

- Por **algum** tempo esperou a projetada expedição de D. Pedro da Cunha, que pretendeu transportar ao Brasil a coroa portuguesa." (José de Alencar)
- "Daqui a **algum** tempo, quando os entrelinhistas tiverem de celebrar as glórias do ministério 10 de março." (Rui Barbosa)

) Com valor negativo, equivale a "nenhum", quando posposto ao substantivo.

- "Mas não o leva à feira anual, nem o aplica em trabalho **algum**; deixa-o morrer de velho. Não lhe pertence." (Euclides da Cunha)
- "Esse biltre sem senso moral **algum**." (Lima Barreto)

CERTO

5. Este vocábulo só será pronome indefinido quando vier anteposto a um substantivo. Posposto ao substantivo, assume valor adjetivo, equivalendo a "verdadeiro, infalível, exato, fiel, que não falta, constante".

- "As outras escravas a contemplavam todas com certo interesse e comiseração." (Bernardo Guimarães)
  pronome indefinido
- "A questão não está em escrever uns versos certos que digam coisas bonitas." (Lima Barreto)
  adjetivo
- "Se não nos enganamos, mui mal-avisados andam certos liberais, acreditando que as reformas sinceras podem captar a boa vontade imperial." (Rui Barbosa)
  pronome indefinido

- “Seguia devagar, mas com um destino certo.” (Raul Pompéia)
  adjetivo

⇨ Observação:

O vocábulo “**CERTO**” apresenta também função circunstancial (adverbial). Neste caso, equivalerá a “certamente”.

- “Ora, direis, ouvir estrelas. **Certo** perdeste o senso.” (Olavo Bilac)

OUTRO

6. É um pronome, cuja indefinição se encontra fora do âmbito do falante e do ouvinte. Tal indefinição o faz equivaler a “alguém, algo”. Geralmente aparece em expressões indefinidas “um ao outro, um do outro, um para o outro”.

- “Um ou **outro** branco, levado pela necessidade de sair, atravessava a rua.” (Aluísio Azevedo)
- “Ele, Alencar, na primeira noite em que a vira, exclamara, mostrando-a a ela e às **outras**, a assinatura.” (Eça de Queiroz)

O vocábulo “outro” também pode ser empregado com valor adjetivo. Neste caso, apresentará o significado de “novo”, “diferente”, “mudado”, “semelhante”, “igual”.

- “Os brasileiros de **outras** latitudes mal o compreendem, mesmo através das lúcidas observações de Bates.” (Euclides da Cunha)

CADA

7. É um pronome indefinido invariável. Designa os seres ou grupos de seres considerados um por um. Geralmente, aparece em expressões indefinidas “cada um, cada qual”.

- “**Cada um** deles trazia à cinta dois pistoletes, um punhal na ilharga do calção, e o arcabuz passado a tiracolo pelo ombro esquerdo.” (José de Alencar)
- **Cada qual** terá a sua recompensa.
- Perdeu muito dinheiro em **cada** aposta que fez.
- “José Roberto e Sebastião Campos serviam às senhoras acompanhando com uma pilhéri **cada** prato que lhes ofereciam.” (Aluísio Azevedo)

6.3.5 PRONOMES POSSESSIVOS

São denominados possessivos os pronomes que estabelecem uma noção de posse em referência às pessoas do discurso (1.ª, 2.ª e 3.ª), isto é, designam a pessoa gramatical a quem pertence o ser.

Pronomes possessivos		
Singular	**1.ª pessoa**	meu, minha, meus, minhas
	2.ª pessoa	teu, tua, teus, tuas
	3.ª pessoa	seu, sua, seus, suas
Plural	**1.ª pessoa**	nosso, nossa, nossos, nossas
	2.ª pessoa	vosso, vossa, vossos, vossas
	3.ª pessoa	seu, sua, seus, suas

6.3.5.1 Emprego dos pronomes possessivos

1. Em geral, os pronomes possessivos adjetivos facultam a anteposição de um artig (determinante).

- Ainda não levei **seu carro** / ou / **o seu carro** para o lava-jato.
- Muitos professores elogiaram **nosso projeto.** / ou / **o nosso projeto.**

2. Quando o pronome possessivo é empregado substantivamente, a presença do artigo ou de outro determinante que o substitua é indispensável.

- Encontrei **meu livro** / ou / **o meu livro**, mas não vi **o teu**.
- Este carro aqui não é mais caro que **o seu**.

3. Na língua portuguesa, os pronomes possessivos concordam com a coisa possuída e não com o possuidor.

- Eu vi todos os alunos e **seu** professor debatendo o assunto da aula no pátio da escola.
  o professor dos alunos
- A garota e e o **seu** cãozinho passeavam pela praça tranquilamente.
  cãozinho da garota

4. Geralmente não se emprega o pronome possessivo antes de nomes que indicam

“partes do corpo” ou “faculdades do espírito”.

- Ontem eu machuquei o joelho. (e não “o meu joelho”)
- João perdeu o senso. (e não “o seu senso”)
- Parece que ele perdeu a vergonha. (e não “perdeu a sua vergonha”)

5. Os pronomes “me, te, lhe, nos, vos, lhes” podem fazer as vezes de possessivos. Neste caso, eles equivalerão aos pronomes possessivos “meu, minha, teu, tua, seu, sua, nosso, vosso, dele, dela etc.”.

- Naquele momento, ferveu-**me** o sangue. (Isto é = ...ferveu o **meu** sangue.)
- O vento assanhava-**nos** os cabelos. (Isto é = O vento assanhava os **nossos** cabelos.)
- Cabelos cacheados moldam-**lhe** o rosto. (Isto é = ...moldam o rosto **dela** / ...moldam o **seu** rosto.)

⇨ **Observação:**

Esta substituição é bastante elegante do ponto de vista estilístico.

6. Os pronomes possessivos são usados, em muitos casos, para indicar afetividade respeito, consideração.

- Sente-se, por favor, **minha** senhora.
- **Meu** ilustríssimo professor, é um grande prazer revê-lo.

7. Os possessivos “seu, sua, seus, suas” podem gerar ambiguidade quando há na estrutura oracional mais de uma terceira pessoa. Neste caso, convém substituí-los por “dele, dela, deles, delas”.

- O governo brasileiro disse ao governo argentino que **suas** exportações melhoraram nos últimos meses. *(Exportações de quem? Do governo brasileiro ou do governo argentino?)*
- João disse a Lana que **sua** prima está doente. *(Prima de quem? De João ou de Lana?)*

⇨ **Observação:**

Para evitar esse processo de ambiguidade, muitos escritores usavam os possessivos “dele, dela, deles, delas” a fim de esclarecer a relação possessória.

- “A **sua** honra **dele** não dependia dos impulsos falsos ou torpes que tivera o coração dela. (Eça de Queiroz)

- “Ele respondia-me, a princípio com animação, depois mais frouxo, torcia a rédea da conversa para o **seu** assunto **dele**, abria um livro, perguntava-me se tinha algum trabalho novo.” (Machado de Assis)

8. Em alguns casos, a mudança de posição do pronome possessivo implicará alteração de sentido do enunciado.

- O meu livro (= posse)
- O livro meu (= minha autoria)
- suas notícias (= notícias dadas por você)
- notícias suas (= notícias sobre você)
- sua fotografia (= fotografia tirada por você)
- fotografia sua (= fotografia que tiraram de você)

9. Empregam-se alguns possessivos no plural com o sentido de “parentes”, “família”.

- Como vão os **seus?** Os **meus** continuam no interior, trabalhando nas lavouras de café.

6.3.6 OS PRONOMES RELATIVOS

São denominados de relativos os pronomes que representam um ser já expresso (antecedente). Entretanto, só isso não basta para caracterizá-los, uma vez que outros pronomes também o fazem. A principal característica do pronome relativo é servir de vínculo gramatical entre duas orações, estabelecendo uma relação de subordinação. Daí serem também chamados tais pronomes de “relativos-conjuntivos”.

Os principais pronomes relativos são:

PRONOMES RELATIVOS	
INVARIÁVEIS	**VARIÁVEIS**
que	o qual, a qual, os quais, as quais
quem	cujo, cuja, cujos, cujas
onde	quanto, quanta, quantos, quantas

⇨ Observação:

Funcionam também como pronomes relativos os vocábulos “como” e “quando”, quando retomam termos anteriormente mencionados.

6.3.6.1 Emprego dos pronomes relativos

QUE

É denominado de “relativo universal”, porque se refere tanto a coisas quanto a pessoas. Seus equivalentes variáveis são “a qual, o qual, as quais, os quais”. O relativo “que” só deve ser substituído por outro relativo em casos específicos.

- “Os soldados **que** tinham seguido a bandeira de Teodomiro tinham-se abalado para o combate.” (A. Herculano)
- “Ó tu, **que** tens de humano o gesto e o peito / ...” (Camões)

QUEM

No português moderno, este pronome só se refere a pessoas ou a cousas personificadas, daí ser chamado de “relativo personativo”. Com antecedente expresso, vem sempre regido por uma preposição.

- “Prezava com fanatismo o Marquês de Pombal, de **quem** sabia muitas anedotas.” (Aluísio Azevedo)
- “Isso não lhe fica bem; há por aí tanta moça bonita, a **quem** o senhor pode fazer a corte...” (Bernardo Guimarães)

⇨ Observação:

Em algumas orações o pronome relativo “quem” pode aparecer sem antecedente expresso. Neste caso, ele equivalerá a “aquele que”. Por equivaler – ao mesmo tempo – a um pronome demonstrativo e a um pronome relativo, o relativo “quem” é denominado de “relativo condensado”.

- Quem com ferro fere com ferro será ferido. (Provérbio)
  pronome relativo condensado → aquele que
- Quem chegou primeiro deve ter visto as modificações mais facilmente.
  pronome relativo condensado → aquele que

ONDE

É denominado de “relativo locativo”, pois só é utilizado para retomar e substituir termos que contenham a noção de “lugar”. Equivale a “em que” e variações (na qual, no qual, nas quais, nos quais). O seu antecedente, portanto, deve indicar “lugar”.

- “Mas os livros dos enciclopedistas, as fontes **onde** a geração seguinte bebera a peçonha que saiu no sangue de noventa e três, não eram de todo ignorados.” (Camilo Castelo Branco)
- “Pádua enxugou os olhos e foi para casa, **onde** viveu prostrado alguns dias, mudo,

fechado na alcova.” (Machado de Assis)

O QUAL, A QUAL, OS QUAIS, AS QUAIS

São os relativos que possuem as variações em gênero e número correspondentes ao pronome relativo “que”. Esses relativos devem obrigatoriamente substituir o “que” quando este provocar ambiguidade, for precedido por uma preposição com mais de uma sílaba ou for eufonicamente melhor.

- “Fortalecem esta tradição as opiniões dos filósofos de todas as idades e nações, **os quais** nunca puderam compreender o homem moral sem pressupor uma primitiva perfeição.” (Camilo Castelo Branco)
- “... os frecheiros lhe disparavam alguns tiros, que vinham bater-lhe na armadura, debaixo **da qual** já manava o sangue de algumas feridas.” (A. Herculano)
- “Seguiu-se um alto silêncio, durante **o qual** estive a pique de entrar na sala, mas outra força maior, outra emoção...” (Machado de Assis)

CUJO, CUJA, CUJOS, CUJAS

São relativos utilizados para substituir termos que expressam noção de posse ou de pertinência. Equivalem a “do qual, da qual, dos quais, das quais, seu, sua, seus suas, dele, dela, deles, delas”. Eles retomam um termo antecedente, mas concordam em gênero e número com o substantivo consequente (ou posposto). Não admitem a posposição de artigo e sempre exercem a função sintática de adjunto adnominal. O relativo “cujo” e suas flexões trazem implícita a preposição “de”.

- Comprei um livro cujas páginas são verdes.

Equivale a ➔
- as páginas do livro
- as páginas dele
- suas páginas
- as páginas do qual

- “Dê um destino qualquer a essa escrava, a **cujos** pés o senhor costuma vilmente prostrar-se: liberte-a, venda-a, faça o que quiser.” (Bernardo Guimarães)
- “O Freitas, em **cuja** casa Ana Rosa tivera o seu último histérico, também se achava presente, com a filha, a sua querida Lindoca.” (Aluísio Azevedo)

QUANTO, QUANTA, QUANTOS, QUANTAS

Estas palavras só serão consideradas pronomes relativos quando vierem antecedidas por um dos seguintes pronomes indefinidos “tudo, todo(a), todos(as)”. Transmitem ideia

acessória de quantidade, de intensidade ou de número.

- "Que os fiéis abandonassem todos os haveres, tudo **quanto** os maculasse com um leve traço da vaidade." (Euclides da Cunha)
- "É perfeitíssima oração sobre todas **quantas** foram feitas ou se puderem fazer a Deus." (Bartolomeu dos Mártires, *apud* Cláudio Brandão)
- "Tudo **quanto** eu pedira e ambicionara,
  Tudo meus dedos e meus olhos calmos
  Gozavam satisfeitos nos seis palmos
  De tua carne saborosa e clara." (Olavo Bilac)

COMO

É denominado de pronome relativo "modal", pois sempre apresenta como antecedente um nome denotador de "modo, maneira, forma". É facilmente substituível por "segundo o qual" ou "pelo qual", "segundo a qual" ou "pela qual".

- Desconfiamos bastante da maneira **como** ele age.
- "E acharás a maneira **como** emendes a vida." (Gil Vicente *apud* Cláudio Brandão)

QUANDO

Será pronome relativo quando possuir como antecedente um substantivo que exprima tempo ou divisões da duração, e nessa hipótese equivalerá a "em que".

- "Era no tempo alegre **quando** entrava / No roubador de Europa / a luz febeia." (Camões)
- Isso ocorreu após a década de 1970, **quando** o movimento ambientalista passou a ter ur discurso mais sólido.

⇨ Observações gerais sobre os pronomes relativos:

a) Os pronomes relativos promovem a chamada "coesão referencial anafórica", pois retomam termos anteriormente mencionados.

b) Para um maior aprofundamento deste tema, sugerimos correlacionar este estudo com o estudo do "pronome relativo preposicionado", que é abordado no capítulo "regência verbal e nominal".

6.3.7 PRONOMES INTERROGATIVOS

São assim denominados os pronomes "**que**, **quem**, **qual** e **quanto**", quando empregados em orações interrogativas diretas e indiretas. Tais pronomes se referem a pessoa ou a coisa desconhecida.

- "**Qual**, de entre tantos Orfeus que a gente por aí vê e ouve, foi o que obrou a maravilha?" (A. Garrett)
- "**Quantos** pobres galileus não fez ele matar sem licença do tetrarca?" (Eça de Queiroz)
- "**Quem** nos derrama a bela claridade?
  Quem tantas trevas sobre o mundo chove?" (Durão *apud* Sousa da Silveira)
- "Quis saber **quem** eram os meus pais?" (Machado de Assis)

⇨ Observações sobre os pronomes interrogativos:

a) O pronome interrogativo "qual" é usado para distinguir uma pessoa, uma coisa ou uma qualidade dentre várias existentes.

- "Dizei-me: qual é mais poderosa, a graça ou a natureza?" (Vieira, *apud* Sousa da Silveira

b) Embora seja condenado por renomados estudiosos da língua portuguesa, o emprego d forma interrogativa "o que" é largamente usado em nossa língua.

- "O que está naquela arca?" (A. Herculano)
- "Reis da terra, o que sois?" (Gonçalves Dias)

6.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (TER-RO) Observe as frases:

I. A língua portuguesa foi a que chegou até _____ através de gerações.
II. Não basta _____ querer que a grafia coincida com a pronúncia; é preciso a reforma.
III. Torna-se muito complicado para _____ acompanhar essa mudança.
IV. Para _____, unificar a grafia é impossível.
V. Deixaram alguns pontos para _____ estudar.
A opção que completa corretamente as frases é:

a) eu – eu – eu – mim – mim
b) eu – eu – mim – eu – mim
c) mim – eu – eu – mim – eu
d) mim – eu – mim – mim – eu
e) mim – a mim – mim – eu – mim

2. (TELERJ) Assinale a opção em que o emprego dos pronomes pessoais está de acordo com a norma culta da língua:

a) Entre o chefe e eu há confiança mútua.
b) Para eu, vencer na empresa é fundamental.
c) Vim falar consigo sobre o debate de amanhã.
d) Já lhe avisei do ocorrido na empresa.
e) esta linha telefônica vai de mim a ti.

3. (TRE-MT) A alternativa em que o emprego do pronome pessoal **não** obedece à norma culta portuguesa é:

a) Fizeram tudo pra eu ir lá.
b) Ninguém lhe ouvia as queixas.
c) O vento traz consigo a tempestade.
d) Trouxemos um presente para si.
e) Não vá sem mim.

4. (TER-MT) A substituição do termo destacado por um pronome pessoal está **correta** em todas as alternativas, **exceto** em:

a) O governo deu ênfase **às questões econômicas**.
O governo deu ênfase **a elas**.
b) Os ministros defenderam **o plano de estabilização**.
Os ministros defenderam-**no**.
c) A companhia recebeu **os avisos**.
A companhia recebeu-**os**.
d) Ele diz **as frases** em tom bem baixo.
Ele diz-**las** em tom bem baixo.
e) Ele se recusa a dar **maiores explicações**.
Ele se recusou a dá-**las**.

5. (TER-MT) A lacuna da frase “A situação _____ aspiro começou a se delinear” é preenchida, de acordo com a norma culta, por:

a) onde
b) cujo
c) a que
d) que

e) a qual

6. (TRT-SP) As mulheres _____ olhos brilham, não são dignas de confiança.
O lugar _____ moro é muito arejado.
É um cidadão _____ honestidade se pode confiar.

a) cujos os – que – em que
b) cujos – em que – em cuja
c) cujos – em que – cuja
d) cujos os – em que – cuja a
e) cujos – que – em cuja

7. (TRT-SP) Assinale a alternativa incorreta quanto ao emprego do pronome pessoal **si**:

a) Madalena queria a mãe junto de si.
b) Quando voltou a si, não se lembrava de nada.
c) Meu filho será confiante em si mesmo.
d) Ofereço esse presente para si.
e) Vivem brigando entre si.

8. (TRT-SP) Assinale a alternativa em que o pronome **lhe** tem valor possessivo:

a) Caiu-lhe nas mãos um belo romance de José de Alencar.
b) Dei-lhe indicações completamente seguras.
c) Basta-lhe uma palavra apenas.
d) Seus amigos escreveram-lhe um singelo poema.
e) Informaram-lhe o resultado da prova realizada ontem.

9. (MPE-SP) Assinale a alternativa em que a junção das duas orações abaixo está correta quanto ao emprego do pronome relativo e à regência do verbo:

I. "Central do Brasil" é o filme.

II. Eu me referi ao diretor do filme "Central do Brasil".

a) "Central do Brasil" é o filme a cujo diretor eu me referi.
b) "Central do Brasil" é o filme que o diretor eu me referi.
c) "Central do Brasil" é o filme sobre cujo diretor eu me referi.
d) "Central do Brasil" é o filme de cujo diretor eu me referi.
e) "Central do Brasil" é o filme de qual diretor eu me referi.

10. (MPU) “Todos têm direito a receber dos órgãos públicos informações de seu interesse particular, ou de interesse coletivo ou geral, que serão prestadas no prazo da lei, sob pena de responsabilidade, ressalvadas aquelas _____ sigilo seja imprescindível à segurança da sociedade e do Estado.”

a) cujo
b) de cujo
c) a cujo
d) sem cujo
e) por cujo

GABARITO

1 – D	2 – E	3 – D
4 – D	5 – C	6 – B
7 – D	8 – A	9 – A
10 – A		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 7

VERBO

7.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Passaremos a estudar um dos assuntos mais longos da gramática normativa – o verbo. Provavelmente você, estudante, deparar-se-á com um sem-número de informações, detalhes, características, exceções etc., etc., os quais fazem deste assunto um dos mais temidos da gramática. Sugerimos, portanto, estudá-lo aos poucos. Saliento: não se trata de um assunto difícil. É apenas um assunto longo e cheio de detalhes. É essencial, portanto, estudá-lo mais de uma vez. Procure também resolver todos os exercícios propostos ao final do capítulo. A resolução vai reforçar seu aprendizado.

Outrossim, é fundamental que você se preocupe bastante com alguns pontos que são frequentemente explorados pelos concursos: emprego dos tempos e dos modos verbais, correlação dos tempos e modos verbais e conjugação verbal – notadamente de alguns verbos.

Como já disse, estude o assunto aos poucos. Anote a data em que estudou cada ponto, pois ela certamente servirá como balizamento para que você saiba o momento certo de revisar o assunto. Sugiro também que correlacione o estudo da "voz passiva" com o assunto "conversão da voz ativa em passiva", estudado em sintaxe de oração.

Vamos lá... Mãos à obra!!

7.2 DEFINIÇÃO

Observe atentamente os períodos abaixo:

- O Brasil **jogará** contra a Argentina no domingo. (→ indica uma ação futura)
- A vida **seria** fácil se não fossem as dificuldades. (→ indica um estado)
- Na próxima madrugada, **nevará** em Caxias do Sul. (→ indica um fato, um fenômeno)
- João **fuma** bastante. (→ indica um fato habitual, frequente)

Todos os termos em negrito acima são verbos.

Em sentido estrito, verbo é, pois, uma palavra variável capaz de exprimir "uma ação, um estado, um fenômeno da natureza ou um fato".

Entretanto, esta definição é viciosa, visto que os substantivos também apresentam caracteres dos mesmos fenômenos. Basta comparar "digerir e digestão", "correr e corrida", "despedaçar e despedaçamento". Portanto, a diferença entre os nomes substantivos e os nomes verbais reside na quantidade de flexões que um e outro apresenta. Por isso, consideramos a melhor definição para "verbo" a que foi proposta pelo professor José Oiticica, em seu "Manual de análise léxica e sintática":

Verbo é o nome flexionado em modo, tempo, número e pessoa, isto é, a palavra variável que apresenta o maior número de flexões na língua portuguesa.

7.3 ELEMENTOS ESTRUTURAIS DO VERBO

São os seguintes os elementos mórficos formadores do verbo: radical, vogal temática, tema e desinências modo-temporal e número-pessoal. Nem todas as formas verbais, contudo, apresentam todos esses elementos. Daí ser importante distinguir minimamente o "radical" da "terminação verbal". Analisemos as formas verbais "cantássemos, venderemos e partíramos".

RADICAL	VOGAL TEMÁTICA	TEMA	DESINÊNCIA MODO-TEMPORAL	DESINÊNCIA NÚMERO-PESSOAL
cant	a	**canta**	sse	mos
vend	e	**vende**	re	mos
part	i	**parti**	ra	mos

7.3.1 RADICAL

É o elemento mórfico verbal principal, pois contém a significação do verbo. Nos verbos, o radical representa a parte imutável, que traz consigo a semântica verbal. Geralmente, obtém-se o radical com a supressão da vogal temática e da desinência do infinitivo "-r". Observe:

- cantar → cant – ar (radical)
- vender → vend – er (radical)
- partir → part – ir (radical)

7.3.2 VOGAL TEMÁTICA

É o elemento mórfico vocálico que se junta ao radical para formar o tema verbal. Nos verbos, a vogal temática situa-se entre o radical e a desinência do infinitivo impessoal "-r". A vogal temática indicará a que conjugação pertence o verbo. Portanto:

a) A vogal temática "-a" indicará os verbos pertencentes à 1.ª conjugação:

- cant**A**r
- am**A**r
- su**A**r
- lav**A**r
- afast**A**r
- habit**A**r

b) A vogal temática "-e" indicará os verbos pertencentes à 2.ª conjugação:

- vend**E**r
- beb**E**r
- cont**E**r
- lamb**E**r
- viv**E**r
- condiz**E**r

c) A vogal temática "-i" indicará os verbos pertencentes à 3.ª conjugação:

- sa**I**r
- part**I**r
- reflet**I**r
- sorr**I**r
- ped**I**r
- agred**I**r

⇨ **Observação:**

No presente do subjuntivo e nos tempos dele derivados, não há vogal temática.

7.3.3 TEMA

É o conjunto formado pelo radical mais a vogal temática. Nos verbos, basta a retirada da desinência do infinitivo impessoal "-r" para se obter o tema.

- falar → $\underbrace{\text{fala}}_{\text{tema}}$ – r
- caber → $\underbrace{\text{cabe}}_{\text{tema}}$ – r
- abrir → $\underbrace{\text{abri}}_{\text{tema}}$ – r

7.3.4 DESINÊNCIAS

São elementos mórficos que se acoplam ao tema ou à forma infinita do verbo para indicar as flexões de modo, tempo, número e pessoal. Há em português duas desinências verbais:

a) Desinência modo-temporal → Indica o modo (indicativo, subjuntivo ou imperativo) e o

tempo (presente, passado ou futuro) em que se encontra o verbo.

- cantá**va**mos → cantá – **VA** – mos (desinência que indica o "pretérito imperfeito do indicativo")
- falá**sse**mos → falá – **SSE** – mos (desinência que indica o "pretérito imperfeito do subjuntivo")
- partir**ía**mos → partir – **ÍA** – mos (desinência que indica o "futuro do pretérito do indicativo"

⇨ **Observação:**

Nem todas as formas verbais apresentam a desinência modo-temporal. Esta desinência inexiste no presente e no pretérito perfeito do indicativo.

b) Desinência número-pessoal → Indica o número (singular ou plural) e a pessoa (1.ª, 2 ou 3.ª) em que o verbo se encontra.

- cantastes → cantas – **TES** (desinência que indica a 2.ª pessoa do plural – vós)
- vendêssemos → vendêsse – **MOS** (desinência que indica a 1.ª pessoa do plural – nós)
- partiriam → partiri – **AM** (desinência que indica a 3.ª pessoa do plural – eles/elas)

7.4 FLEXÕES DO VERBO

Como já vimos em sua definição, o verbo é a palavra em língua portuguesa que apresenta o maior número de flexões. Ao conjunto de flexões de um verbo dá-se o nome de "**conjugação**".

O verbo apresenta as seguintes flexões: pessoa, número, modo e tempo.

7.4.1 FLEXÕES DE PESSOA E DE NÚMERO

Em relação à pessoa, o verbo apresenta as flexões relacionadas ao ser que lhe serve de sujeito. No que diz respeito ao número, o verbo pode-se apresentar tanto no singular (eu, tu e ele/ela) quanto no plural (nós, vós, eles/elas). Logo, teremos as seguintes flexões:

a) 1.ª pessoa – diz respeito ao falante, tanto no singular (eu) quanto no plural (nós)

1.ª PESSOA	
SINGULAR (EU)	PLURAL (NÓS)
canto	cantamos

bebo	bebemos
parto	partimos

b) 2.ª pessoa – diz respeito ao ouvinte, tanto no singular (tu) quanto no plural (vós)

2.ª PESSOA	
SINGULAR (TU)	**PLURAL (VÓS)**
cantas	cantais
bebes	bebeis
partes	partis

c) 3.ª pessoa – diz respeito àquele(s), àquela(s), àquilo de que se fala, tanto no singular (ele/ela) quanto no plural (eles/elas).

3.ª PESSOA	
SINGULAR (ELE/ELA)	**PLURAL (ELES/ELAS)**
canta	cantam
bebe	bebem
parte	partem

7.4.2 FLEXÕES DE MODO

As flexões de modo dizem respeito às formas assumidas pelo verbo para indicarem certos estados de espírito em relação ao fato ou estado expressos por ele, ou seja, mostram a atitude (certeza, dúvida, ordem etc.) da pessoa que fala em relação ao fato anunciado.

Em português, três são os modos verbais: **indicativo, subjuntivo e imperativo**.

Esses modos compõem as chamadas “formas finitas do verbo”, em oposição ao infinitivo, o qual com o gerúndio e o particípio compõem as “formas infinitas do verbo” ou “formas nominais do verbo”, as quais estudaremos mais adiante.

7.4.2.1 Modo indicativo

O modo indicativo é o modo da realidade: serve para enunciar um fato ou um estado verdadeiros ou supostos verdadeiros, em orações independentes ou dependentes, declarativas, interrogativas ou exclamativas, quer afirmando, quer negando.

De acordo com o insigne mestre Augusto Epifânio da Silva Dias, “o indicativo é empregado em todas as orações para as quais não há regra que exija outro modo”.

- “Que acusação **trazeis** contra este homem?” (Rui Barbosa)
- “Quem **canta** seus males **espanta**.” (Provérbio)
- “Em certos pontos não se **encontrava** viva alma na rua; (...); só os pretos **faziam** as compras para o jantar ou **andavam** no ganho.” (Aluísio Azevedo)

7.4.2.2 Modo subjuntivo

O modo subjuntivo (antigo “modo conjuntivo”) é o modo próprio da incerteza, da possibilidade, da dúvida, da futuridade, da vontade, do desejo, da esperança, da suposição, da concessão. De fato, são muitas as ideias significadas pelo subjuntivo.

A despeito de aparecer em orações independentes, o subjuntivo é próprio das orações dependentes, isto é, do processo subordinado, como o próprio nome já o diz – “subjuntivo = latim, *subjunctivus* = que liga, que une, que subordina”.

- “Queimado **sejas** tu e teus enganos /
  Amor escandaloso, mau, cruel.” (Camões)
- “Eu vou para Coimbra logo que **esteja** bom, e a menina da cidade fica em sua casa.” (Camilo Castelo Branco)
- “Não me parece bonito que o nosso Bentinho **ande** metido nos cantos com a filha do Tartaruga.” (Machado de Assis)

Em virtude dos diversos matizes semânticos que manifesta, o subjuntivo pode apresentar-se nos seguintes casos:

a) Subjuntivo optativo – exprime um desejo, um voto, um vaticínio, uma profecia.

- “– Ah! que eu não **sirva** senão para perturbar-lhe o sossego! – murmurou Isaura retirando-se.” (Bernardo Guimarães)
- “Ah, se os que se têm por felizes **reparassem** bem nesta última cláusula.” (Pe. Antônio Vieira)

b) Subjuntivo exortativo – exprime um conselho, uma exortação.

- “**Desprezemos** na terra a morte para alcançarmos no céu a imortalidade.” (Heitor Pinto)
- “**Ore** eu em língua que entendo, e logo o sentido das palavras se fará sentir nos afetos.” (Manuel Bernardes)

c) Subjuntivo invitatório – exprime um convite, uma requisição para comparecimento.

- “**Fujamos** para o deserto / **vivamos** ali sozinhos.” (Gonçalves Dias)
- “Vinde, pois, e **gozemos** dos bens que existem, e **façamos** a toda a pressa uso da criatura como na mocidade.” (Pereira de Figueiredo)

d) Subjuntivo imperativo – expressa ordem, mando, preceito e proibição.

- “**Continuemos** o ato de fé dos cristãos.” (Pe. Antônio Vieira)
- “**Meça-se**, pois, cada um consigo e **ajuste** as suas ações com as suas forças e seu poder.” (Manuel Bernardes)

e) Subjuntivo deprecativo – expressa um pedido, uma súplica.

- “Pelo excessivo amor com que nos amastes, que nos **comuniques** vossa graça, Senhor.” (Pe. Antônio Vieira)
- “Por Deus, que **partas**.” (A. Herculano)

f) Subjuntivo concessivo – expressa uma concessão, uma permissão em relação a um outro fato.

- “**Seja** como for, a 27 de fevereiro de 1641, partiram da Bahia o filho do vice-rei e os seus dois companheiros.” (J. F. Lisboa)
- “**Seja** ou não **seja** aquele o homem, **tenha** as diferenças que quiser e quantas quiser, ele chegará ao ponto da morte.” (Manuel Bernardes)

g) Subjuntivo potencial – exprime um fato possível ou provável. Geralmente aparece co os dubitativos “talvez, quiçá”.

- “Talvez **chore** ao domingo o que ri à quinta-feira.” (Provérbio)
- “Bem, talvez assim lho **ordenassem**.” (A. Herculano)

h) Subjuntivo supositivo – exprime uma hipótese, uma condição, uma suposição. Aparece em orações coordenadas sindéticas alternativas introduzidas pelas conjunções “ou... ou, ora.. ora, quer.. quer..., seja... seja... etc.”.

- “Se não entendeis o que diz, ou o **leiais** ou não **leiais**, ou **rezeis** ou não **rezeis**, tanto importa o vosso breviário aberto como fechado.” (Pe. Antônio Vieira)
- “Os indivíduos que começavam a vida marítima, quer **estivessem** nos primeiros da juventude, quer **fossem** homens feitos, eram, durante quatro anos, livres de todos os tributos e encargos.” (A. Herculano)

7.4.2.3 Modo imperativo

O modo imperativo serve para expressar uma ordem, um preceito, um conselho, uma exortação, um pedido, um convite.

- "Agora **escutai** e **respondei** sinceramente às minhas perguntas." (A. Herculano)
- "**Guardai** o meu sábado, porque ele deve ser santo para vós." (Bíblia Sagrada)
- "O pão nosso de cada dia nos **dai** hoje." (Bíblia Sagrada)

7.4.2.3.1 Formação do modo imperativo

O modo imperativo é por inteiro um modo derivado: ora do presente do indicativo, ora do presente do subjuntivo. São, portanto, estes dois últimos tempos modais que formam o imperativo, o qual se divide em "imperativo afirmativo" e "imperativo negativo".

1. **Imperativo afirmativo** → Forma-se tanto do presente do indicativo ("tu" e "vós" com a retirada da letra "s") quanto do presente do subjuntivo ("você", "nós" e "vocês").

Observe a formação do modo imperativo dos verbos VIVER e IR:

PRESENTE DO INDICATIVO		IMPERATIVO AFIRMATIVO		PRESENTE DO SUBJUNTIVO
vivo		–		viva
vives	→	**VIVE (tu)**		vivas
vive		**VIVA (você)**	←	viva
vivemos		**VIVAMOS (nós)**	←	vivamos
viveis	→	**VIVEI (vós)**		vivais
vivem		**VIVAM (vocês)**	←	vivam

PRESENTE DO INDICATIVO		IMPERATIVO AFIRMATIVO		PRESENTE DO SUBJUNTIVO
vou		–		vá
vais	→	**VAI (tu)**		vás
vai		**VÁ (você)**	←	vá
vamos		**VAMOS (nós)**	←	vamos
ides	→	**IDE (vós)**		vades
vão		**VÃO (vocês)**	←	vão

2. Imperativo negativo → É extraído totalmente do presente do subjuntivo. Conjuga-se com a anteposição do advérbio negativo "não".

PRESENTE DO SUBJUNTIVO		IMPERATIVO NEGATIVO
viva		–
vivas	→	**não VIVAS (tu)**
viva	→	**não VIVA (você)**
vivamos	→	**não VIVAMOS (nós)**
vivais	→	**não VIVAIS (vós)**
vivam	→	**não VIVAM (vocês)**

PRESENTE DO SUBJUNTIVO		IMPERATIVO NEGATIVO
vá		–
vás	→	**não VÁS (tu)**
vá	→	**não VÁ (você)**
vamos	→	**não VAMOS (nós)**
vades	→	**não VADES (vós)**
vão	→	**não VÃO (vocês)**

⇨ Observações importantes:

a) O imperativo, por ser um modo de referência direta à 2.ª pessoa, não apresenta pa a 3.ª pessoa os pronomes "ele, ela, eles, elas". Devemos substituir o pronome da 3.ª pessoa (ele, ela, eles, elas), por "você, vocês" (pessoa com quem ou a quem se fala).

b) O modo imperativo exprime "ordem, súplica, pedido ou convite". Ora, como ninguén vai ordenar, suplicar, pedir ou convidar a si mesmo, não existe a 1.ª pessoa do singular no modo imperativo.

c) Os verbos terminados em "-zer", como "fazer, trazer, dizer" e seus derivados, são abundantes na 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo, já que com tais verbos pode-se dizer indistintamente "**faze** ou **faz**, **traze** ou **traz**, **dize** ou **diz**" etc.

7.4.3 FLEXÕES DE VOZ

Chama-se **voz** o aspecto verbal caracterizado pelo papel que exerce o sujeito em relação à ação expressa.

Em português, o sujeito poderá:

a) praticar a ação → diz-se então que a voz é **ATIVA**;
b) sofrer a ação → diz-se então que a voz é **PASSIVA**;
c) praticar e sofrer a ação → diz-se então que a voz é **REFLEXIVA** ou **MEDIAL**.

7.4.3.1 A voz ativa

É a voz mais comum na língua pátria. É aquela usada frequentemente nos discursos dissertativos por apresentar o fato de forma mais clara, mais objetiva, mais direta. Ela indica que o sujeito é o ser agente, ativo da ação verbal.

- "Esse infeliz moço, contra quem o senhor **solicita** desvairadas violências, **conserva** a honra na altura da sua imensa desgraça." (Camilo C. Branco)
- "O Sol a pino **dardeja** raios de fogo sobre as areias natais; as aves **emudecem**; as plantas **languem**." (José de Alencar)

7.4.3.2 A voz passiva

É a voz verbal usada quando se deseja enfatizar que o sujeito é o objeto da ação verbal.

Há na língua portuguesa duas formas de se expressar a voz passiva:

a) Voz passiva analítica → formada geralmente pelos auxiliares "ser e estar" mais um particípio.

- O carro **foi deixado** na porta da oficina pelo próprio dono.
- Durante muito tempo, a casa **esteve cercada** por policiais.

b) Voz passiva sintética ou pronominal → formada por um verbo transitivo direto ou verbo transitivo direto e indireto associado a um "se".

- **Entregaram-se** os diplomas a todos os formandos.
- **Compraram-se** vários livros para serem doados aos meninos do orfanato.

⇨ Observação:

Para aprofundar o conhecimento sobre a voz passiva, sugerimos consultar, em sintaxe, a parte que trata sobre o agente da passiva.

7.4.3.3 A voz reflexiva ou medial

Ocorre a voz reflexiva quando o sujeito é, ao mesmo tempo, o agente e o paciente da ação verbal. Observe:

- "Leôncio **sentiu-se** esmagado, e arrependeu-se mil e uma vezes de ter provocado tão imprudentemente aquele leviano e estouvado rapaz." (Bernardo Guimarães)
- "A ideia de que ela **se enfeitava** para outro homem irritava-me a ponto que estive para **precipitar-me** e espedaçar, arrancando-lhe do corpo, as galas que a cobriam." (José de Alencar)

A voz reflexiva se divide em "**reflexiva propriamente dita**" – aquela em que o mesmo sujeito que pratica a ação é o seu recebedor, e "**reflexiva recíproca**" – aquela em que a ação é praticada mutuamente pelos seres envolvidos pelo sentido verbal; diz-se, portanto, que, neste último caso, houve ação mútua ou correspondente. Observe:

- A menina **se penteava** em frente ao espelho. = Penteava a si mesma. → **Voz reflexiva propriamente dita**.
- As meninas **se agrediram** durante o jogo. = Agrediram umas às outras. → **Voz reflexiva recíproca**.
- Durante a festa, dois convidados **se suicidaram**. = Suicidaram a si mesmos. → **Voz reflexiva propriamente dita.**
- Na festa, os convidados mal **se cumprimentavam**. = Cumprimentavam uns aos outros. – **Voz reflexiva recíproca.**

7.4.3.4 Possíveis ambiguidades com as vozes passiva e reflexiva

Em algumas situações, o emprego do pronome "se" associado a verbos transitivos pode ocasionar ambiguidade por não se saber se se trata de voz reflexiva ou de voz passiva sintética, notadamente quando o sujeito é animado, isto é, agente. Observe:

- As crianças enganam-se com facilidade.

→ **Pode-se desdobrar em:**

a) As crianças enganam umas às outras com facilidade. (se = pronome reflexivo recíproco)

OU

b) As crianças são enganadas com facilidade. (se = partícula apassivadora)

Vejamos um outro exemplo:

- Aclamou-se ele representante da turma.

→ **Pode-se desdobrar em:**

a) Ele aclamou a si mesmo representante da turma. (se = pronome reflexivo)

OU

b) Ele foi aclamado representante da turma. (se = partícula apassivadora)

Para esses casos, deve-se evitar a construção com o "se" e adotar, se se quiser expressar a voz reflexiva, as expressões "a si mesmo, a mim mesmo, uns aos outros, umas às outras". Caso se queira expressar a voz passiva, deve-se optar pela forma analítica, com verbo auxiliar e particípio.

Igualmente ambíguas são algumas estruturas reflexivas, pois podem tanto expressar voz reflexiva propriamente dita quanto voz reflexiva recíproca. Observe:

- Pedro e João feriram-se.

→ **Pode-se desdobrar em:**

a) Pedro e João feriram um ao outro. (se = pronome reflexivo recíproco)

OU

b) Pedro e João feriram a si próprios. (se = pronome reflexivo propriamente dito)

Assim, os verbos reflexos e recíprocos, em algumas construções, se confundem. Para desfazer possíveis ambiguidades, é necessário juntarem-se ao verbo recíproco as expressões "*reciprocamente, um ao outro, uns aos outros, uma à outra, umas às outras*", e ao verbo reflexivo "*a si próprio, a nós próprios, a vós próprios* etc.".

- "Todavia, os virtuosos nem sequer o imaginavam, porque não perceberiam como, tranquil a consciência e repousada a vida, um coração pode devorar-se a si próprio." (A. Herculano)
- "E sentiu diante dos olhos aquela massa informe de machos e fêmeas, a comichar, a fremir concupiscente, sufocando-se uns aos outros." (Aluísio Azevedo)
- "Dignidade de quem se despreza a si mesma!... O que é este corpo que lhes mostrei há pouco, e que lhes tenho mostrado tantas vezes!" (José de Alencar)
- "Outra coisa ainda: se nos batermos aqui, podemos incomodar-nos reciprocamente; porque pretendo matar-vos, e creio que o mesmo desejo tendes a meu respeito." (José de Alencar)

7.4.4 FLEXÕES DE TEMPO

Os tempos são as épocas da duração em que se realiza a ação ou o fato enunciado pelo verbo. Em português, tais épocas, indicadas por flexões próprias, são três: o presente, o passado (pretérito) e o futuro.

Observe o diagrama abaixo:

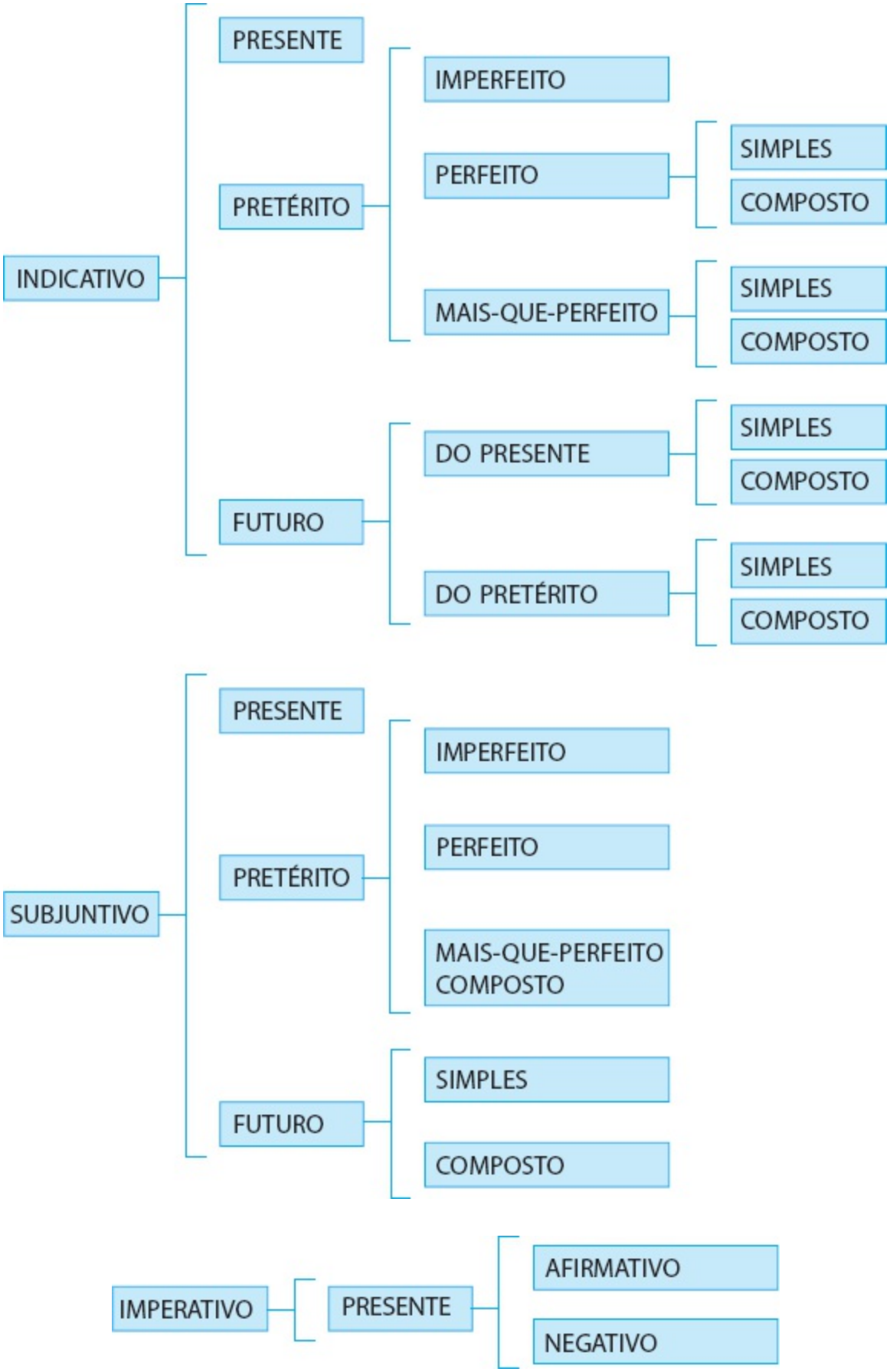

7.4.4.1 Emprego dos tempos verbais simples

Antes de estudarmos os tempos verbais, convém esclarecer que, em nosso português, há tempos primitivos e tempos derivados. Só três tempos em nossa língua são primitivos,

dos quais todos os demais se originam. São eles: **o presente do indicativo** (1.ª e 2.ª pessoas), **o pretérito perfeito do indicativo** (2.ª pessoa) e **o infinitivo impessoal.**

a) Do presente do indicativo derivam:

- Pretérito imperfeito do indicativo → falava, bebia, partia.
- Presente do subjuntivo → fale, beba, parta.
- Imperativo → fala, bebe, parte.

b) Do pretérito perfeito do indicativo derivam:

- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo → falara, bebera, partira.
- Pretérito imperfeito do subjuntivo → falasse, bebesse, partisse.
- Futuro do subjuntivo → falar, beber, partir.

c) Do infinitivo impessoal derivam:

- Futuro do presente do indicativo → falarei, beberei, partirei.
- Futuro do pretérito do indicativo → falaria, beberia, partiria.
- Infinitivo pessoal → falarem, beberem, partirem.
- Gerúndio → falando, bebendo, partindo.
- Particípio → falado, bebido, partido.

7.4.4.1.1 Tempos do modo indicativo

1. Presente do indicativo

A regra geral manda empregar o presente do indicativo para indicar uma ação atual, que se realiza no momento em que se fala.

- O Brasil **joga** contra a Argentina.
- A torcida **grita** o nome do artilheiro.

⇨ Observação:

Em muitas situações, para que não haja confusão entre a designação do que costuma acontecer e o que está acontecendo, é preferível usar-se uma construção perifrástica (locução verbal) composta do verbo “estar” com infinitivo precedido da preposição “a” (construção mais corrente em Portugal) ou com o gerúndio.

- João está a ler (ou lendo). → É melhor do que “João lê.”

Emprega-se também o presente do indicativo:

a) Para indicar uma ação habitual, corriqueira, um fato real, uma verdade – neste caso, é chamado de "presente habitual ou presente iterativo":

- João **fuma**.
- O sol **aquece** a Terra.
- A lei lhe **garante** esse direito.

b) Em narrativas, no lugar do pretérito perfeito, para indicar maior realidade ao fato (é como se o narrador estivesse presente naquele momento presenciando os fatos) – é o denominado "presente histórico":

- Em 1.º de setembro de 1939, Hitler **invade** a Polônia.
- "Napoleão **chega** a Waterloo, **dispõe** as tropas, **trava** combate e **é** vencido". (Napoleão Mendes de Almeida)

c) Para indicar fatos e ideias que, embora situados no passado, podem ser de algum modo considerados presentes:

- Jesus Cristo **considera** a si mesmo o único caminho e a única verdade.
- "São Bernardo **chama** à ociosidade madrasta das virtudes." (A. Herculano)

d) Para indicar uma ação em um futuro próximo (nesse caso vem geralmente cercado de algum adjunto adverbial de tempo):

- Amanhã ele **vai** para a nova escola.
- Na próxima semana, **sigo** para a Europa.
- **Volto** amanhã.

e) Para suavização da mensagem, emprega-se no lugar do imperativo afirmativo:

- Para evitar problemas, o senhor **fica** à espera do médico e **fala** para ele todos os seus incômodos.
- O senhor **aguarda** na recepção a sua chamada.

2. Pretérito perfeito do indicativo

Como regra geral, emprega-se o pretérito perfeito para indicar uma ação que teve início e fim no passado, ou seja, aplicamos este tempo para acontecimentos que se deram como simples momentos históricos.

- "A Espanha romano-germânica **transformou-se** na Espanha rigorosamente moderna no terrível cadinho da conquista árabe." (A. Herculano)
- A libertação dos escravos **foi** um marco para o Brasil.

- “Amou, **perdeu-se**, e **morreu** amando.” (Camilo Castelo Branco)

Emprega-se também o pretérito perfeito:

a) Para noticiar o que é fato consumado no momento em que falamos – é o denominado “pretérito absoluto”:

- O Brasil **ganhou** uma medalha de ouro na natação.
- “Se D. Rita lhe censura a indigna eleição que faz, Simão zomba das genealogias, e mormente do general Caldeirão que **morreu** frito.” (Camilo Castelo Branco)

3. Pretérito imperfeito do indicativo

Como regra geral, emprega-se o pretérito imperfeito do indicativo para exprimir a continuação ou repetição de uma ação que teve início no passado, isto é, o pretérito imperfeito indica uma ação verbal passada, mas inacabada, não concluída – daí o nome “imperfeito”.

- “Antônio Maciel **andava** sem rumo certo, de um pouso para outro, indiferente à vida e aos perigos, alimentando-se mal e ocasionalmente, dormindo ao relento à beira dos caminhos, numa penitência demorada e rude...” (Euclides da Cunha)
- “Campos ainda lhe conheceu a mãe, cujo retrato, encaixilhado com o do pai, **figurava** na sala, e **falava** de ambos com saudades longas e suspiradas.” (Machado de Assis)

Emprega-se também:

a) Em narrativas, para a descrição de cenas, pessoas, fatos ou coisas no passado:

- “Alguns defeitos **tinha**; o mais excelso deles **era** ser guloso, não propriamente glutão; **comia** pouco, mas **estimava** o fino e o raro, e a nossa cozinha, se **era** simples, era menos pobre que a dele.” (Machado de Assis)
- “O magistrado desenrugou a severidade postiça da testa, e confessou tacitamente que **era** brutal e estúpido juiz.” (Camilo Castelo Branco)

b) Em narrativas, para a indicação de tempo, de época, de momento:

- “O ano é que é um tanto remoto, mas eu não hei de trocar as datas à minha vida só para agradar às pessoas que não amam histórias velhas; o ano **era** de 1857.” (Machado de Assis)

c) Para indicar uma ação passada que, simultânea a outra ação também no passado ocorreu em primeiro lugar:

- “Quando ele entrou na sala, tinha acabado, mas **estava** ainda ao piano, ante um folheto

de músicas aberto, a soletrar para si." (Machado de Assis)

- "As sombras doces **vestiam** os campos quando ela chegou à beira do lago." (José de Alencar)

4. Pretérito mais-que-perfeito simples

Como regra geral, emprega-se o pretérito mais-que-perfeito simples para indicar uma ação no passado anterior a outra ação no passado – representa, por assim dizer, o "passado do passado".

- Quando chegou à empresa, o diretor já **saíra**.
- "O general **falara** um pouco alto e os jovens oficiais que estavam próximo olharam-no cor mal disfarçada censura." (Lima Barreto)

Emprega-se também:

a) No lugar do pretérito perfeito em construções descritivas, geralmente para indica uma ação passada em relação às ações passadas perceptíveis pelo contexto:

- "Fisicamente Jorge nunca se **parecera** com ela. **Fora** sempre robusto, de hábitos viris. Tinha os dentes admiráveis de seu pai, os seus ombros fortes. De sua mãe **herdara** a placidez, o gênio manso." (Eça de Queiroz)
- "– Oh! maldição! – **exclamara** Leôncio, arrancando os cabelos em desespero, depois que **ouvira** dos lábios de Álvaro aquele arresto esmagador." (Bernardo Guimarães)

b) Em linguagem literária, no lugar do pretérito imperfeito do subjuntivo e do futuro do subjuntivo:

- "E se Deus não **cortara** a carreira ao sol com a interposição da noite, fervera e abrasara se a terra." (Pe. Antônio Vieira)
- "Senhor, se tu **houveras** estado aqui, não **morrera** meu irmão." (Pe. Antônio Vieira)

c) Em frases exclamativas e optativas (que exprimem desejo), para acentuar-lhes o caráter hipotético, condicionante:

- "Quem **dera** pudesse o homem compreender todos os mistérios da natureza!"
- "– Quero isto limpo! bramava furioso. Está pior que um chiqueiro de porcos! Apre! **Tomara** que a febre amarela os lamba a todos! maldita raça de carcamanos!" (Aluísio Azevedo)

5. Futuro do presente simples

Como regra geral, emprega-se o futuro do presente do indicativo para indicar um fato

posterior (futuro) ao momento em que se fala.

- "**Dir-me-ão** que deste modo, o nosso papel é mais heróico. **Responderei** que o delas é angélico, e, entre anjos e heróis, pelos anjos será sempre o meu voto." (Rui Barbosa)
- "Meu pai diz que me vai encerrar num convento por tua causa. **Sofrerei** tudo por amor de ti. Não me esqueças tu, e **achar-me-ás** no convento, ou no céu, sempre tua do coração, e sempre leal. Parte para Coimbra. Lá **irão** dar as minhas cartas; e na primeira te **direi** em que nome hás de responder à tua pobre Teresa". (Camilo Castelo Branco)

Emprega-se também:

a) No lugar do presente do indicativo, em frases dubitativas (que exprimem dúvida) ou exclamativas:

- "A esta hora quantos não **estarão** com fome!" (Eduardo C. Pereira)
- "Uma palavra, uma emoção fraterna, um olhar de ternura, e... quantos não **serão** redivivos, abençoando-vos?" (Rui Barbosa)

b) Em correlação com o futuro do subjuntivo (ideia condicionante), para indicar fato de realização provável:

- Se o governo diminuir os juros, **comprarei** uma casa para morar.
- "Se o tino do juiz ou do público, como frequentemente sucede, eludir a aplicação da lei, então **desaparecerá** o mal." (Rui Barbosa)

c) Em lugar do imperativo para transmitir à mensagem um caráter mais sugestivo do que imperativo:

- "Não **terás** outros deuses diante de mim." (Bíblia Sagrada)
- "Não **dirás** falso testemunho contra o teu próximo." (Bíblia Sagrada)

d) Em frases interrogativas, para indicar incerteza, dúvida, suposição, probabilidade

- "**Será** que a mente, já desperta / Da noção falsa de viver, / Vê que, pela janela aberta, / Há uma paisagem toda incerta / E um sonho todo a apetecer?" (Fernando Pessoa)
- "Contra as extorsões de que ela for alvo, quem **poderá** medir a resistência?" (Rui Barbosa)

⇨ Observação:

Frequentemente, o futuro do presente do indicativo é substituído por locuções verbais formadas com os auxiliares "haver, ter, ir", seguidos de um infinitivo:

→ **Presente do indicativo do V. Haver + Preposição + Infinitivo:**

- "Neste momento insone e triste / Em que não sei quem **hei de ser**, / Pesa-me o informe real que existe / Na noite antes de amanhecer." (Fernando Pessoa)

→ **Presente do indicativo do V. Ir + Infinitivo:**

- "Considerou por instantes o arraial imenso, embaixo. Desceu devagar a encosta. Daniel **vai penetrar** na furna dos leões... Acompanhemo-lo." (Euclides da Cunha)

→ **Presente do indicativo do V. Ter + Que + Infinitivo:**

- "– Olhe, Senhor Cassi: amanhã, à tarde, não, porque **tenho que ir** à sessão da minha sociedade; mas, se tem pressa, pode vir depois de amanhã, logo pelas sete ou oito horas." (Lima Barreto)

6. Futuro do pretérito

Como regra geral, emprega-se o futuro do pretérito simples para indicar uma ideia hipotética em relação a um fato situado no passado. Geralmente, este tempo aparece em correlação com o pretérito imperfeito do subjuntivo.

- "Mas **incorreríamos** no ridículo de querer tapar o Sol com os dedos, se tentássemos dissimular o industrialismo egoístico, avaro, cobiçoso, que caracterizava a fisionomia do príncipe ligado à sorte da princesa imperial." (Rui Barbosa)
- "O serviço militar **tinha** a natureza de eventual, porque não **havia** entre os visigodos exército permanente." (G. Barros *apud* A. Epiphanio S. Dias)

Emprega-se também:

a) Em orações que denotam indignação ou surpresa:

- Jamais **acusaríamos** você!
- **Seria** possível uma acusação dessas?

b) Para indicar um fato futuro em relação a um outro fato situado no passado:

- "... e protestei que antes disso me **reabilitaria** de minha estúrdia ingenuidade." (José de Alencar)
- "Então ela declarou-lhe que não tivesse medo de nada. Nada **aconteceria** nem a um nem a outro." (Machado de Assis)

c) Em orações que denotam polidez, brandura, cortesia, em substituição ao presen do indicativo:

- – **Poderia** nos dar um minuto, por favor.
- – **Gostaria** de provar a nossa nova sobremesa, madame?

d) Em orações que revelam dúvida, probabilidade, suposição, incerteza, ideia aproximada:

- "– **Serias** capaz de fazer isso, Lúcia?" (José de Alencar)
- "Não fora a natureza, os céus, os pássaros, as águas múrmuras, como **poderíamos** viver?" (Júlio Ribeiro)
- "A cabo da estreita senda da cruz acharia ele, porventura, a vida e o repouso íntimos?" (A. Herculano)

7.4.4.1.2 Tempos do modo subjuntivo

1. Presente do subjuntivo

Em geral, emprega-se o presente do subjuntivo em orações que exprimam dúvida, desejo, fato provável.

- **Queira** Deus que eles **estejam** bem.
- Talvez **fiquem** melhor agora.
- "E talvez não **saiba** que eu estava a beber na fonte quando vossa senhoria, há dois para três anos deu muita pancada nos criados, que era mesmo um rebuliço que parecia o fim do mundo." (Camilo Castelo Branco)
- "– Sabes? talvez eu **tenha** de me ir amanhã embora." (Eça de Queiroz)
- "Se nos embaraçássemos nas imaginosas linhas dessa espécie de topografia psíquica, de que tanto se tem abusado, talvez não os compreendêssemos melhor. **Sejamos** simples copistas." (Euclides da Cunha)

Emprega-se também:

a) Em correlação com o presente do indicativo para indicar fato presente ou futuro:

- Esperamos que eles **cheguem** ainda hoje.
- É profundamente lamentável que eles **fiquem** sem ir à escola.

b) Em correlação com o presente do indicativo para expressar um conselho, uma advertência, uma sugestão:

- "Preciso é que os ouvidos **estejam** bem abertos e a atenção bem apurada, quando se está defronte de uma moça como D. Clementina." (Joaquim M. de Macedo)
- "**Analisemos** o caso. O comandante expedicionário deixara em Queimadas grande parte de munições, para não protelar por mais tempo a marcha..." (Euclides da Cunha)

- “Padre que seja, se for vigário na roça, é preciso que **monte** a cavalo.” (Machado de Assis)

c) Em correlação com tempos do modo indicativo para expressar ideia de concessâ de oposição:

- “Conquanto não **seja** assim, eu tomei a resolução heróica de aproximar os mais peculiare à Bruzundanga dos nossos nomes portugueses...” (Lima Barreto)
- “– Pode ser que não; e ainda que **desconfiem**, não há testemunhas.” (Camilo Castelo Branco)

2. Pretérito imperfeito do subjuntivo

Como regra geral, emprega-se o pretérito imperfeito do subjuntivo, em correlação com o futuro do pretérito do indicativo, para indicar um fato hipotético, provável, suposto.

- “Estas testemunhas referiram que ouviram dizer a Cristo que, se os Judeus **destruíssem** o templo, ele o tornaria a reedificar em três dias.” (Pe. Antônio Vieira)
- “Bem sei que não podes compreender o que é a fé viva de um muçulmano na proteção de Deus: mas eu seria réu do inferno, se **duvidasse** um instante das promessas do Profeta.” (A. Herculano)

Emprega-se também:

a) Em orações subordinadas substantivas, correlacionando-se com tempos do moc indicativo, para expressar “súplica, pedido, requerimento, solicitação”:

- “O Rei de Portugal só queria que nenhum palmo de chão português, baldio ou murado, **jazesse** fora de seu senhorio real.” (Eça de Queiroz)
- Solicitei naquele momento que o **acolhessem** nalgum asilo.
- “Dirigiu-se a Sir Robert Peel, e pediu-lhe que lhe **comunicasse** as ideias segundo as quais ele achava que a reforma deveria ser feita”. (Rui Barbosa)

b) Em orações subordinadas substantivas, correlacionando-se com tempos do moc indicativo, para expressar “ordem, determinação, proibição, deliberação”:

- “Apenas findou o café, mandou pelo Bento avisar os dois moços da horta, o Ricardo e o outro de queixo de cavalo, que o **esperassem** no pátio, armados.” (Eça de Queiroz)
- “Ordenava ela à mucama que **distribuísse** pelas outras uns enfeites e vestidos já usados.” (José de Alencar)

c) Em orações subordinadas substantivas, correlacionando-se com tempos do moc indicativo, para exprimir “aconselhamento, aviso, admoestação, recomendação,

exortação”:

- “E com eles atravessou de novo a Vila até a cocheira do Torto – para recomendar que lh **mandassem** à Torre, às nove horas da manhã, a parelha ruça.” (Eça de Queiroz)
- “Admoestou a certo bispo que se **recolhesse** à sua igreja.” (Manuel Bernardes)

d) Em estilo literário, para expressar a causa em relação a outro fato que lhe servir de efeito:

- “Como eu lhe **dissesse** que a vida tanto podia ser uma ópera, como uma viagem de mar ou uma batalha, abanou a cabeça e replicou: – A vida é uma ópera e uma grande ópera.” (Machado de Assis)
- “Como **fosse** grande arabista, achou no Corão que Maomé declara veneráveis os doidos pela consideração de que Alá lhes tira o juízo para que não pequem.” (Machado de Assis)

e) Para a formação de orações adverbiais (circunstanciais), principalmente, as condicionais e as concessivas:

- “Ah! se agora **chegasses**!
  Se eu **sentisse** bater em minhas faces
  A luz celeste que teus olhos banha (...).” (Olavo Bilac)
- “Não recebia ninguém, vivia num isolamento monacal, embora **fosse** cortês com os vizinhos que o julgavam esquisito e misantropo.” (Lima Barreto)

3. Futuro do subjuntivo

Como regra geral, em correlação com o futuro do presente do indicativo, emprega-se o futuro do subjuntivo em orações subordinadas adverbiais condicionais e temporais, para indicar o tempo ou a condição do fato expresso na oração subordinante.

- Se ele **chegar** a tempo, sairemos ainda hoje.
  fato da oração subordinante (sair)
- Quando ele **comprar** o novo carro, passearemos mais.
  fato da oração subordinante (passear)
- “O desejo que me deu, quando saí de Barbacena, foi simples desejo, sem prazo; irei, não há dúvida, mas lá para diante, quando Deus **quiser**.” (Machado de Assis)
- “Se eu **disser** ‘Há sol nos meus pensamentos’, ninguém compreenderá que os meus pensamentos são tristes.” (Fernando Pessoa)
- “Quando **estiverem** todos adormecidos, o guerreiro branco deixará os campos do Ipu, e os olhos de Iracema, mas não sua alma.” (José de Alencar)

7.4.4.2 Emprego dos tempos verbais compostos

Na língua portuguesa, alguns tempos simples podem ser expressos por meio de uma forma composta, formada pelos verbos auxiliares (ter e haver) mais o particípio do verbo. Tais tempos compostos são, em sentido lato, locuções verbais especiais. Aparecem sob a forma composta:

1. O pretérito perfeito composto do indicativo

Formado pelo "presente do indicativo" mais o particípio de um verbo, o pretérito perfeito composto é empregado para expressar um fato que, tendo-se iniciado no passado, dura ou vem repetindo-se até o presente com a possibilidade ou não de continuar no futuro. Observe:

- Ele **tem feito** muitas obras desde que iniciou o seu governo.
- "Você sabe que eu **tenho tratado** do seu casamento com a Zulmirinha... Lá em casa não se fala agora noutra coisa..." (Aluísio Azevedo)
- "Eu bem **tenho dito** a Jorge! Tantas vezes lho **tenho dito**! Isto é uma rua impossível!" (Eça de Queiroz)

2. O pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo

Formado pelo "pretérito imperfeito do indicativo" mais o particípio de um verbo, o pretérito mais-que-perfeito composto é empregado com a mesma função da sua forma simples: indicar um fato passado em relação a outro fato também no passado ou indicar um fato sucedido antes de outro não enunciado no contexto, mas implícito nele. Observe:

- "Os ingênuos contos sertanejos desde muito lhes **haviam revelado** as estradas fascinadoramente traiçoeiras que levam ao Inferno." (Euclides da Cunha)
- "Lúcia, como vê, parecia adivinhar o que me **tinham dito** o Cunha e Sá para desmenti-los completamente." (José de Alencar)
- Quando lá chegamos, o comendador já **tinha saído**.

3. O futuro do presente composto do indicativo

Formado pelo "futuro do presente do indicativo" mais o particípio de um verbo, o futuro do presente composto indica um fato posterior à época presente, mas já acabado antes de outro fato futuro.

- "Lá, no tumulto dos cortesãos, onde o amor é cálculo ou sentimento grosseiro, **terás achado** quem te chame sua." (A. Herculano)
- Quando ele chegar, já **terei terminado** de resolver a prova.

4. O futuro do pretérito composto do indicativo

Formado pelo "futuro do pretérito simples do indicativo" mais o particípio de um verbo, o futuro do pretérito composto indica um fato posterior a uma época passada a que nos

referimos, mas já acabada antes de outro fato futuro.

- Quanto prazer eles **teriam desfrutado**, se não tivessem pouco dinheiro e pressa para voltar.
- "Se me achasse bonita, já me **teria pedido** a papai..." (Aluísio Azevedo)
- Eu o **haveria esperado**, se ontem eu não tivesse um compromisso.

5. Pretérito perfeito composto do subjuntivo

Formado pelo "presente do subjuntivo" mais o particípio de um verbo, o pretérito perfeito composto do subjuntivo expressa uma hipótese ou um desejo em relação a outro fato situado no futuro.

- "– Provavelmente, ele lá estará, pensou Rubião indo jantar ao Flamengo; duvido que **tenha dado** melhor presente que eu." (Machado de Assis)
- "Desejo que não procedas precipitadamente e que, antes de dizer-me uma palavra, **tenhas medido** todo o alcance que ela deve ter sobre o teu futuro." (José de Alencar)

6. Pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo

Formado pelo "pretérito imperfeito do subjuntivo" mais o particípio de um verbo, o pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo indica um fato hipotético no passado em relação a outro fato hipotético também no passado.

- "Pôs-se a pensar, o que teria sucedido se **tivesse casado** com o primo Basílio." (Eça de Queiroz)
- "Se vossa senhoria **tivesse consentido** que sua filha amasse Simão Botelho Castelo-Branco, teria poupado a vida ao homem sem honra." (Camilo C. Branco)

7. Futuro do subjuntivo composto

Formado pelo "futuro simples do subjuntivo" mais o particípio de um verbo, o futuro do subjuntivo composto indica, à semelhança da forma simples, um fato hipotético no futuro, mas de realização provável, o qual se correlaciona com outro fato também no futuro.

- Quando eu **tiver adquirido** o novo carro, passearei bastante com a minha família.
- Explicaremos as dúvidas dos leitores que não **tiverem entendido** o assunto.

7.4.4.3 As locuções verbais (construções perifrásticas) – emprego dos verbos auxiliares

Também chamadas de "**perífrases verbais**", as locuções verbais servem para denotar ideias acessórias da ação verbal, frequentemente não contempladas pelos tempos simples e compostos. Para tanto, a língua socorre-se de certas combinações de dois verbos,

ficando um deles fixo no infinitivo, no gerúndio ou no particípio, recebendo o outro as flexões de modo, tempo e número.

Para a formação das locuções verbais, a língua lança mão de vários verbos em função auxiliar. Frequentemente são usados, além de outros, os verbos "ser, estar, ficar, ter, haver, ir, vir, parecer, andar".

Dica de estudo: Procure correlacionar este assunto com o assunto "emprego dos tempos compostos" formados com os verbos auxiliares "ter" e "haver".

Vejamos abaixo um rol sucinto dos sentidos transmitidos por algumas locuções verbais, além do emprego dos principais verbos auxiliares:

a) Verbo auxiliar SER mais o PARTICÍPIO → formação de locuções verbais da voz passiva de ação:

- Eles **foram atacados** por várias abelhas enquanto caminhavam pela fazenda.
- Os garotos **são instruídos** pelo mestre.

b) Verbo auxiliar ESTAR mais o PARTICÍPIO → formação de locuções verbais da voz passiva de estado:

- Eles **estão cercados** pela polícia.

c) Verbo auxiliar TER mais preposição DE mais INFINITIVO → formação de locução verbal que denota "obrigação, compromisso, fato infalível":

- O Brasil **tem de** ser um país menos desigual.
- Todos **tiveram de** sair por causa do fogo que já atingia os últimos andares do prédio.

d) Verbos auxiliares "COMEÇAR A, ENTRAR A, PASSAR A" mais INFINITIVO → formação de locuções verbais que indicam momento inicial de uma ação:

- O trem **começou a partir**, e todos, emocionados, despediam-se dos soldados.
- "Afinal, o homem teso rendeu o flexível, e **passou a falar** pausado, com superlativos." (Machado de Assis)

e) Verbos auxiliares "ANDAR, ESTAR, FICAR, IR, VIR" mais GERÚNDIO → formação de locuções verbais que indicam duração, continuação, progressão:

- Já **vem chegando** o inverno com seu frio, suas chuvas.
- Meu amigo, você sabe o que o José **anda fazendo**?

- João **está comprando** uma nova casa na praia.
- Ele sempre **fica olhando** os aviões no aeroporto.

f) Verbos auxiliares "ACABAR, DEIXAR, PARAR" mais preposição DE mais INFINITIV → formação de locuções verbais que indicam momento final, cessação da ação:

- "Comoviam-no o espetáculo dos infelizes que **acabava de encontrar** armados até aos dentes, e o quadro emocionante daquela Tebaida turbulenta." (Euclides da Cunha)
- Todos **deixaram de fazer** a tarefa imposta pela professora por causa do calor excessivo que na sala fazia.
- Assim que viu o comandante, **parou de falar** e começou a andar para trás.

g) Verbo auxiliar "DEVER" mais INFINITIVO → formação de locução verbal que indic necessidade, obrigação:

- "O almirante não **deve falar** assim... A pátria está logo abaixo da humanidade." (Lima Barreto)
- "– Senhor, se é católico, **deve considerar** que a Igreja condena as revoltas..." (Euclides da Cunha)

h) Verbo auxiliar IR mais INFINITIVO → formação de locução verbal que indica uma ação em um futuro próximo:

- "Na sessão que se **vai abrir**, esta Câmara espera demonstrar-vos quanto sabe honrar a soberana esterilidade das instituições constitucionais." (Rui Barbosa)
- "Nada, inda não: Vidinha **vai cantar** uma modinha." (Manuel A. Macedo)

i) Verbo auxiliar IR mais GERÚNDIO → formação de locução verbal que indica uma ação em decurso, em ocorrência, em desenvolvimento gradual:

- "Meu coração é um almirante louco
  que abandonou a profissão do mar
  e que a **vai relembrando** pouco a pouco
  em casa a passear, a passear..." (Fernando Pessoa)
- "Este necessário e inevitável reviramento por que **vai passando** o mundo, há de levar muito tempo." (A. Garrett)

j) Verbo auxiliar HAVER mais preposição DE mais INFINITIVO → formação de locuç verbal que indica futuridade de forma mais enfática. Equivale ao futuro do presente do indicativo em sua forma simples:

- "Mas **hei de** me **ver** vingada, oh! se **hei de**! tão certo como estar eu aqui: os desembargadores lá estão, que me **hão de dar** esse gosto: espero isso em Deus."

(Manuel A. de Almeida)

- "– Os vizinhos **hão de dizer** que estamos doidos, Jorge... – acudiu ela." (Eça de Queiroz)

⇨ Observação:

Em muitas construções, a presença de dois verbos juntos nem sempre indica uma locução verbal. Muitas vezes, temos orações reduzidas de infinitivo, por exemplo, cujo verbo da oração subordinada – no infinitivo – encontra-se próximo do verbo da oração principal – subordinante. Um recurso prático para se evitarem confusões é tentar "desenvolver" o infinitivo da oração subordinada. Embora não seja totalmente seguro, este recurso ajuda bastante. Observe:

- Ainda **falta dar** muitos retoques na obra de arte. (**FALTA DAR** = locução verbal ou verbos autônomos?)

Vamos tentar desenvolver a oração →
"Ainda falta **que se deem muitos retoques na obra de arte**."

Foi possível desenvolver-se a oração.
Temos, então, dois verbos autônomos.

- Ele não **deve comprar** aqueles produtos. (**DEVE COMPRAR** = locução verbal ou verbos autônomos?)

Vamos tentar desenvolver a oração →
"Eles não devem **que comprem aqueles produtos**."

O desenvolvimento toma a construção ilógica.
Não foi possível o desenvolvimento.
Temos, então, uma locução verbal em "deve comprar".

> **Sugestão:** Para ampliar seus conhecimentos sugerimos estudar os assuntos "orações reduzidas" e "concordância com o sujeito oracional" em sintaxe.

7.4.4.4 Correlação dos tempos e dos modos verbais – sequencialização dos tempos (*Consecutio temporum*)

> **Atenção:** Este tópico é muito cobrado pelos concursos em geral. Sugerimos que o estude mais de uma vez.

Em sentido próprio, a correlação de tempos e modos verbais ou sequencialização dos tempos é a dependência entre as formas temporais do verbo de uma oração subordinada e as do verbo da oração subordinante (principal) respectiva, para se indicar **anterioridade**, **simultaneidade** ou **posterioridade**.

Observe:

a) Nós **SABEMOS** que tu **PARTICIPAS** de grupos religiosos extremistas.

A ação de participar é simultânea à ação de saber.

b) Nós **SABEMOS** que tu **PARTICIPAVAS** de grupos religiosos extremistas.

A ação de participar é anterior à ação de saber.

c) Nós **SABEMOS** que tu **PARTICIPARÁS** de grupos religiosos extremistas.

A ação de participar é posterior à ação de saber.

Sabedores de que a correlação nada mais é do que a adequação entre os verbos de um período composto por subordinação, passaremos a estudar as principais correlações entre os tempos e os modos verbais. Salientamos, de imediato, que este estudo não pretende exaurir todas as possibilidades correlacionais em nossa língua, em virtude da quantidade exacerbada de relações possíveis. Destacamos, portanto, as seguintes orientações/relações:

I – Quando o verbo da oração principal for declarativo e se encontrar no presente d indicativo, no futuro do presente do indicativo ou no imperativo, a correlação com o verbo da oração subordinada pode ser feita com todos os tempos do modo indicativo. Observe abaixo:

Eu **sei** (percebo, penso, é verdade)
Eu **direi** (perceberei, pensarei)
Diz (percebe, vê, pensa)

que o governo

protege
protegia
protegeu
tem protegido
tinha protegido
protegera
protegerá
protegeria

o povo.

Outros exemplos:

- "É, todavia, certo que o grãozinho não se **despegou** do cérebro de Quincas Borba, – ner antes, nem depois da moléstia que lentamente o comeu." (Machado de Assis)
- "Mas deves saber que não **posso satisfazer** o teu desejo sem primeiro entender-me con meu pai, que está na corte." (Bernardo Guimarães)
- "Mas os considerados dirão que algum interesse **haverá** nesta circunstância em aparênci mínima." (Machado de Assis)

II – Quando o verbo da oração principal for declarativo e se encontrar em um dos tempos pretéritos do modo indicativo (perfeito, imperfeito ou mais-que-perfeito), a correlação com o verbo da oração subordinada deverá ser feita com o pretérito imperfeito do indicativo, com o pretérito mais-que-perfeito do indicativo ou ainda com o futuro do pretérito do indicativo.

Ele sabia
Ele soube
Ele soubera

que o governo

protegia
protegera (tinha protegido)
protegeria

o povo.

Outros exemplos:

- "Logo que **chegou**, enamorou-se de uma viúva, senhora de condição mediana e parcos meios de vida." (Machado de Assis)
- "E, terminando, dizia-lhe que não **era** 'nos esplendores das salas' ou nos 'bailes febricitantes' que **gostava** de a ver." (Eça de Queiroz)
- "Sempre eu pensara que a traição de Mem Viegas **faria** vivo abalo no ânimo de vosso pai." (A. Herculano)
- "Perguntou D. Quixote como se **chamava**. Respondeu-lhe ela que se **chamava** a Tolosa. (Castilho)

III – Quando o verbo da oração principal expressar vontade, pedido ou permissão e se encontrar no presente do indicativo, no futuro do presente do indicativo ou

no imperativo, a correlação com o verbo da oração subordinada deverá ser feita com o presente do subjuntivo.

Eu quero (peço, permito, ordeno, aconselho)
Eu quererei (pedirei, permitirei, ordenarei)
— que ele **saia** agora.

Outros exemplos:

- "O nosso Camacho não deseja que os rapazes **saiam**; quem é que há de dançar com as moças?" (Machado de Assis)
- "Exorta o Apóstolo a todos a que **tratem** da salvação de suas almas." (Pe. Antônio Vieira
- "...por Jesus Cristo vos rogo que **tranquilizeis** aquela alma." (A. Herculano)

⇨ Observações:

a) Obedecem a esta mesma regra os verbos perceptivos e declarativos empregados em frases negativas, interrogativas e duvidosas.

Não creio (não acredito, não penso)
Não crerei (não acreditarei, não pensarei)
— que ela **venha** amanhã.

b) Seguem também esta correlação os verbos que expressam dúvida, temor, esperança, tais como "duvidar, temer, esperar."

- "Duvido que mamãe **embarque**." (Machado de Assis)
- "Ninguém espera que a oposição **dilucide** agora pormenores da sua política em relação ao Egito." (Rui Barbosa)

IV – Quando o verbo da oração principal expressar vontade, desejo, pedido ou permissão e se encontrar em um dos tempos pretéritos do modo indicativo (perfeito, imperfeito ou mais-que-perfeito), a correlação operar-se-á com o pretérito imperfeito do subjuntivo.

Eu queria (pedia, permitia, ordenava, aconselhava)
Eu quis (pedi, permiti, ordenei, aconselhei)
Eu quisera (pedira, permitira, ordenara, aconselhara)
Eu quereria (pediria, permitiria, ordenaria, aconselharia)
— que ele **saísse** agora.

Outros exemplos:

- “Argimiro jurou que faria o que seu pai e senhor lhe **ordenasse**.” (A. Herculano)
- “A mulher esperou pacientemente que os magistrados **consultassem**, à sua vontade e puridade, do negócio que a todos interessava.” (Almeida Garrett)
- “João amava a Cristo e queria que seus discípulos o **amassem**.” (Pe. Manuel Bernardes)

⇨ Observações gerais sobre a correlação dos tempos e dos modos verbais:

1. Uma das correlações mais comuns na língua portuguesa dá-se entre o futuro do pretérito do indicativo – presente na oração subordinada – e os tempos pretéritos do modo indicativo – perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito.

Eu sabia
Eu soube
Eu soubera
— que ele **chegaria** (ou **iria** chegar) naquela tarde.

2. Há na nossa língua duas correlações bastante cobradas em provas de concursos São elas:

FUTURO DO PRESENTE DO INDICATIVO ⇆ FUTURO DO SUBJUNTIVO
FUTURO DO PRETÉRITO DO INDICATIVO ⇆ PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO

- Quando todos **chegarem** (*fut. subj.*), nós os **receberemos** (*fut. pres. ind.*) com muito carinho.
- Se todos **chegassem** (*pret. impef. subj.*), nós os **receberíamos** (*fut. pret. ind.*) com muito carinho.

Outros exemplos:

- “Se de fato **viéssemos** a nos contentar com o que somos, as inúmeras janelas abertas pela TV não **teriam** a mesma força de atração que as pesquisas demonstrassem.” (Fund. Carlos Chagas)
- “Se não **variassem** de cultura para cultura, as regras de convívio **teriam** alcançado, efetivamente, a chamada validade universal.” (Fund. Carlos Chagas)
- “Quando todos **revirmos** o papel social que nos cabe e nos **dispusermos** a exercê-lo de fato, nenhum caso de impunidade **será** tolerado.” (Fund. Carlos Chagas)

3. Quando na oração subordinada se afirma um fato presente ou que, remontando a passado, ainda continua no presente (fato habitual ou sempre verdadeiro), o verbo desta oração subordinada ficará no presente do indicativo, ainda que o

verbo da oração principal se encontre no passado.

- Em suas pesquisas, Galileu já afirmava que a terra se **move**.
- "Santo Antão dizia que, assim como a substância úmida **dá** nutrimento aos peixes, assim vida solitária **dá** ornamento aos religiosos." (H. Pinto)
- "Dizia certo estadista inglês que o segredo da força dos agitadores **está** na obstinação dos governos." (Rui Barbosa)

4. O verbo HAVER, indicando quanto tempo dura ou durava certa ação, também est sujeito à correlação temporal. Sendo assim:

- A imagem de Jesus Cristo **está** naquele local **há** dois meses.
- A imagem de Jesus Cristo **estava** naquele local **havia** dois meses.
- "Padre Joaquim **era** um modelo de padres, capelão da casa, **havia** trinta e cinco anos." (Camilo Castelo Branco)

5. Nas orações coordenadas, embora não haja a correlação temporal no sentido próprio, existe certa correspondência entre os tempos respectivos, imposta pela época em que ocorre cada um dos fatos nelas expressos.

- "Os cavalos **batem** de peito uns nos outros, as espadas **faíscam** nas espadas, os escudos **retinem** contra os escudos, e os elmos e cervilheiras **rolam** pelo chão." (A. Herculano)
- "**Soltava**-se a gula, **desenfreava**-se a ira, **libertava**-se a injustiça, **desbaratava**-se o riso." (Pe. Antônio Vieira)

5. Para facilitar o estudo acima, podemos resumir assim as principais – e mais cobradas em provas de concursos – correlações de tempo e modo verbais:

TEMPO VERBAL	CORRELACIONA-SE COM	TEMPO VERBAL
PRESENTE DO INDICATIVO	⇄	PRESENTE DO INDICATIVO
PRESENTE DO INDICATIVO	⇄	PRESENTE DO SUBJUNTIVO
PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO	⇄	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO DO INDICATIVO
PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO	⇄	PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO
PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO	⇄	PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO
PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO	⇄	PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO

FUTURO DO PRESENTE DO INDICATIVO	⇄	FUTURO DO SUBJUNTIVO
FUTURO DO PRETÉRITO DO INDICATIVO	⇄	PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO

Observe exemplos de algumas das correlações acima:

- Se não **VARIASSEM** de cultura para cultura, as regras de convívio **TERIAM** alcançado, efetivamente, a chamada validade universal.
- Enquanto os animais **CONTINUAM** regulando-se pela "lei da selva", os homens **ESTÃO** sempre se esforçando para superá-la.
- Mal **APORTARA**, o navio **FOI** submetido a uma rigorosa inspeção da alfândega, em virtude da suspeita da carga contrabandeada que talvez ele **TROUXESSE** em seus porões.
- Não me **PARECE** justo que você **VENHA** agora argumentar com razões que até ontem jamais invocou, revelando um oportunismo que já **ERA** tão conhecido.
- Tão logo **SAIBAMOS** o resultado do teste a que você ontem **SE SUBMETEU**, entraremo em contato, para não prolongar a agonia de sua expectativa.
- Quando **FOREM** levados em contas os fundamentos que o autor preconizou em seu texto nossa educação **GANHARÁ** muito.
- Ainda que chimpanzés **DEMONSTREM** algumas aptidões semelhantes às nossas, nenhuma **EQUIVALE** ao desinteressado altruísmo humano.

7.5 AS FORMAS NOMINAIS DO VERBO – OS VERBOIDES

Além das formas modais do verbo (indicativo, subjuntivo e imperativo), existem três formas que exercem papéis típicos dos nomes (substantivos, adjetivos e advérbios). São elas "o infinitivo", "o gerúndio" e "o particípio".

7.5.1 O INFINITIVO

O infinitivo é uma forma nominal do verbo que tem como característica principal a apresentação de uma ação de modo inteiramente geral, não situada no tempo e sem referência a nenhum sujeito. Em outras palavras, é a forma nominal do verbo que exprime a ação, o fenômeno, o processo, o estado, de modo geral e indeterminado, sobretudo quanto ao momento em que se realizam e quanto à pessoa gramatical do sujeito.

- **Viver** é lutar.
- **Correr** fortalece os ossos.
- É importante **comer** frutas.

Observe como os infinitivos "**viver**, **correr** e **comer**" apresentam as ações de forma geral, sem situá-las no tempo e sem referência a sujeito.

Em português, entretanto, nem sempre encontramos o infinitivo em sua forma intemporal e impessoal. Assim como no galego, temos o infinitivo pessoal, o qual, como o próprio nome já o diz, apresenta sujeito e, em alguns casos, em virtude do contexto, apresenta também o tempo da ação.

- Acredito **terem partido** ontem à tarde. (Sujeito = eles. Tempo = ontem).

7.5.1.1 O infinitivo pessoal ou flexionado

Como já mencionado, o infinito pessoal ou flexionado é, nas línguas oriundas do latim, uma particularidade do português e do galego. Esta forma é caracterizada por apresentar um sujeito para o infinitivo e, em dados contextos, o tempo da ação verbal.

Observe as desinências para a formação do infinitivo flexionado.

INFINITIVO PESSOAL (FLEXIONADO)	
-R	(EU)
-RES	(TU)
-R	(ELE)
-RMOS	(NÓS)
-RDES	(VÓS)
-REM	(ELES)

Acompanhe a conjugação de três verbos no infinitivo pessoal:

INFINITIVO PESSOAL (Verbo SER)	
SE-R	(EU)
SE-RES	(TU)
SE-R	(ELE)
SE-RMOS	(NÓS)
SE-RDES	(VÓS)
SE-REM	(ELES)

INFINITIVO PESSOAL (Verbo ESTAR)	
ESTA-R	(EU)
ESTA-RES	(TU)
ESTA-R	(ELE)
ESTA-RMOS	(NÓS)
ESTA-RDES	(VÓS)
ESTA-REM	(ELES)

INFINITIVO PESSOAL (FLEXIONADO)	
CANTA-R	(EU)
CANTA-RES	(TU)
CANTA-R	(ELE)
CANTA-RMOS	(NÓS)
CANTA-RDES	(VÓS)
CANTA-REM	(ELES)

Alguns exemplos de emprego do infinitivo pessoal:

- "Para **estarem** juntos tinham encontros misteriosos num caloji de uma velha miserável da Rua de São João Batista." (Aluísio Azevedo)

- É aconselhável **estudarmos** isto.
- Os guardas os obrigaram a **entrarem** na casa.
- "Sisebuto forçara os judeus a **converterem**-se." (A. Herculano)
- "Detestáveis ministros tinham também os Stuarts; o que os não eximiu de **serem** punidos, um com perder a vida, o outro a coroa." (Rui Barbosa)

⇨ Observações:

1. O verbo regular apresenta formas idênticas para o infinitivo pessoal e o futuro do subjuntivo. Percebe-se a diferença entre uma e outra forma, na maioria das vezes, por causa da presença das conjunções "se" e "quando" exigidas, geralmente, pelo futuro do subjuntivo. O infinitivo, por sua vez, rejeita a anteposição de conjunções; ele admite, no máximo, a presença de preposições ou locuções prepositivas. Veja:

- "A *infinitivo pessoal* persistirem os sintomas, o médico deverá ser consultado." (Ministério da Saúde)
- "**Se** *futuro do subjuntivo* persistirem os sintomas, o médico deverá ser consultado." (Ministério da Saúde)
- Ao saírem, *infinitivo pessoal* fechem as janelas da casa.
- **Quando** saírem, *futuro do subjuntivo* fechem as janelas da casa.

2. Quando os verbos são irregulares, o infinitivo pessoal é totalmente distinto do futuro do subjuntivo.

- "No caso de *infinitivo pessoal* proporem um diálogo sem pseudodilemas teóricos, retirar-me-ei do recinto."
- Quando *futuro do subjuntivo* propuserem um diálogo sem pseudodilemas teóricos, retirar-me-ei do recinto.

7.5.1.2 Função substantiva do infinitivo

Como já mencionado, o infinitivo faz parte das chamadas "formas nominais do verbo". São nominais porque exercem funções sintáticas próprias dos nomes. O infinitivo, por exemplo, exerce funções próprias do substantivo. Daí poder-se afirmar que o infinitivo é empregado frequentemente "como substantivo".

São funções próprias do substantivo: sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, predicativo, aposto e vocativo. Logo, quando exerce a função de núcleo de um desses termos, o infinitivo se encontra em "papel substantivo" ou em "função substantiva". Observe abaixo alguns exemplos:

- **Viver** é lutar.
  infinitivo como núcleo do sujeito
- Viver é **lutar**.
  infinitivo como núcleo do predicativo

- O verdadeiro herói não teme **morrer** na batalha.
  infinitivo como núcleo do objeto direto
- Ele sempre gostou de **viver** longe das grandes cidades.
  infinitivo como núcleo do objeto indireto
- Ele tinha medo de **ser** o presidente do clube.
  infinitivo como núcleo do complemento nominal
- Só havia uma saída para a crise: **aumentar** os juros para o crédito.
  infinitivo como núcleo do aposto

⇨ Observações:

1. Embora seja raro tal emprego, o infinitivo pode, em algumas situações, apresentar-se em função adjetiva – qualificativa. Nesse uso, é frequente vir o infinitivo preposicionado, notadamente com as preposições "de" ou "por".

- máquina **de escrever**
- ferro **de engomar**
- história **de arrepiar**
- música **de dar sono**
- contas **por saldar**
- capítulos **por ler**
- enigma **por decifrar**
- serviço **por fazer**

2. Emprega-se também o infinitivo em função adverbial (circunstancial). Neste caso, o infinitivo exercerá o núcleo de uma oração subordinada adverbial reduzida e poderá expressar várias circunstâncias.

* "Depois de **fugir** o coelho, toma o vilão o conselho." (Dito popular)
  infinitivo expressa circunstância de tempo
* Comemos para **viver**, não vivemos para **comer**.
  os infinitivos expressam circunstância de fim
- Por **caminhar** descalço, adoeceu dos pés.
  infinitivo expressa circunstância de causa
- A não **haverem** obedecido, não chegariam a viver uma semana.
  infinitivo expressa circunstância de condição
- Melhor é dar a ruins do que **pedir** a bons.
  infinitivo expressa circunstância de comparação

7.5.1.3 Emprego do infinitivo preposicionado

Um dos fatos mais notáveis relativos à morfossintaxe do infinitivo, nas línguas

neolatinas, é a construção de preposições com o infinitivo. Em português, as preposições são empregadas não só com os infinitivos simples, mas também com as orações infinitivas (reduzidas).

- Todos começaram **a falar** sobre o assunto.
  infinitivo simples regido por preposição
- Não veio à festa **por tu saberes a verdade sobre o problema**.
  oração infinitiva regida por preposição

É fato, portanto, que, na língua portuguesa, a construção do infinitivo com a preposição tornou-se tão comum que alguns autores chegaram a empregar infinitivos na função de sujeito precedidos de preposição – situação desabonada pelos grandes estudiosos da nossa língua. Hoje, percebe-se que a tendência é omitir-se a preposição, salvo com alguns verbos. Abaixo, segue um rol não taxativo do emprego do infinitivo preposicionado.

1. **Frequentemente se emprega a preposição "A" antecedendo o infinitivo quando este forma construções perifrásticas (locuções verbais) com os verbos "COMEÇAR, ANTECIPAR-SE, APRESSAR-SE, ENTRAR (=COMEÇAR), CONTINUAR, TORNAR, CHEGAR, PÔR-SE".**

- Os grevistas **começaram a sair** da rodovia por volta das 17h.
- Assim que nós o vimos, **pusemo-nos a chorar** em virtude da forte emoção que o momento propiciava.
- Por causa do problema, a ministra **chegou a falar** com o Presidente da República.
- "Raimundo fechou a janela e recolheu-se à cama. Levantou-se de novo, **tornou a apanhar** a carta e releu-a. Só a assinatura o irritou." (Aluísio Azevedo)

2. **Regido de "POR", exerce o infinitivo a função de um adjetivo, indicando uma ação ou um estado não realizados.**

- homens **por** nascer
- contas **por** saldar
- capítulos **por** ler
- as pessoas **por** vir

3. **Em algumas situações, a preposição rege não o infinitivo simples, senão as orações infinitivas. Neste caso, a oração reduzida de infinitivo terá valor circunstancial (adverbial). Observe:**

- Deixamos a sala um pouco **por** enfadar-nos a conversa.

A preposição rege uma oração reduzida de infinitivo, introduzindo uma circunstância de causa.

A preposição rege uma oração reduzida de infinitivo, introduzindo uma circunstância de condição.

- "**A** permanecerem os sintomas, o médico deverá ser consultado." (Ministério da Saúde)
- Entregou-nos uma nova inscrição **para** arquivarmos no local correto.

A preposição rege uma oração reduzida de infinitivo, introduzindo uma circunstância de finalidade.

4. Emprega-se regido da preposição "DE" o infinitivo que serve de predicativo, equivalendo a um adjetivo.

- É **de** se admirar que ele até agora não tenha faltado com a verdade. (Equivale a "**É admirável**...")
- "Muito é **de** notar a tristeza de um cipreste em tanta altura." (Pe. Antonio Vieira *apud* Cláudio Brandão)
- É **de** se crer que o Governo Federal reduzirá em curto prazo os juros para a casa própria

⇨ **Observação:**

Para um maior aprofundamento, sugerimos que estude o assunto "emprego do infinitivo" em sintaxe.

7.5.2 O GERÚNDIO

O gerúndio, como forma nominal que o é, aparece frequentemente como verbo principal em construções perifrásticas – locuções verbais. Para verificar tal emprego, sugerimos estudar (ou revisar) o assunto "locuções verbais", o qual já foi desenvolvido acima.

No entanto, por proceder do ablativo do gerúndio latino, o gerúndio português é geralmente empregado em função adverbial, equivalendo, portanto, a um advérbio. Logo, em seu emprego mais comum, o gerúndio funcionará como um transmissor de circunstâncias e exercerá o núcleo de uma oração subordinada adverbial, em sua forma reduzida.

Na função adverbial, pode o gerúndio denotar, como já se disse, várias circunstâncias. Nesse emprego, ele é denominado de "gerúndio absoluto". Vejamos alguns exemplos do gerúndio absoluto:

- **Sofrendo** com a perda da mãe, evitava festas e comemorações.
  gerúndio expressando circunstância de causa (→ porque, já que, visto que)
- Não **tendo** condições financeiras, não viaje para fora do país.
  gerúndio expressando circunstância de condição (→ se, caso)

  gerúndio expressando circunstância de concessão (→ embora, apesar de que)
- "Não quiseram, **sendo** letrados, resolver o escrúpulo por si mesmos." (Pe. Antônio Vieira)
- "Quem me manda ser triste, **podendo** viver contente?" (Augusto E. S. Dias)
  gerúndio expressando circunstância de tempo (→ enquanto)

  gerúndio expressando circunstância de meio
- "E das feridas se remediavam as doninhas, **esponjando**-se em uma moita de saramagos." (Bernardes *apud* Cláudio Brandão)

  gerúndio expressando circunstância de modo
- "O céu se abria, **fuzilando** sobre a terra de uma parte e outra." (Godinho *apud* Cláudio Brandão)

  gerúndio expressando circunstância de finalidade (→ a fim de que, para que)
- "Vim para estes ermos, **fugindo** das gentes para quem só anoiteceu e amanheceu." (Pe. Manuel Bernardes)
- "Estas estavam juntas de alto a baixo, **fazendo** um só corpo." (Bíblia Sagrada, Êxodo)
  gerúndio expressando circunstância de consequência (→ de modo que, de maneira que)

Em algumas situações, o fato enunciado pelo gerúndio não é rigorosamente simultâneo a outro, e sim anterior, realizado imediatamente antes ou pouco antes. Corresponde neste caso o gerúndio absoluto a uma oração temporal iniciada por "depois que, logo que". Observe:

- **Chegando** ao centro de convenções, procuramos falar com o organizador do evento.
- **Vendo** que o carro não saía do atoleiro, chamou um trator.

Em outras construções, quando o acontecimento ocorrido em primeiro lugar for enunciado por uma oração explícita, o gerúndio, denotando fato imediato, equivalerá geralmente a uma oração coordenativa iniciada pela conjunção "e". Veja:

- "Recebeu a joia, **entregando**-a depois à esposa." (M. Said Ali)
- "Seguiu-se-lhe o infante D. Pedro, e a este seu irmão D. Henrique, **acabando** a cerimônia com o conde de Barcelos." (F. J. Freire)

Hoje também é bastante comum o emprego do gerúndio precedido da preposição "em" para enunciar fatos vindouros, futuros. Neste caso, o gerúndio equivalerá a uma oração adverbial desenvolvida temporal, introduzida por "logo que, no momento em que". Vejamos:

- Em **chegando** a casa, telefonarei para a diretora da clínica.
  no momento em que chegar, logo que chegar
- Em **amanhecendo**, montaremos no cavalo e partiremos para a cidade grande.
  no momento em que chegar, logo que chegar

⇨ Observações:

1. **Da facilidade que tem o gerúndio de exprimir circunstâncias tão diferentes, como causa, condição, concessão, tempo, finalidade, modo, resulta que o sentido só se pode apurar pelo contexto. É preciso, portanto, ter muito cuidado na classificação do gerúndio, pois frequentemente aparecem estruturas em que o gerúndio é suscetível de duas ou mais interpretações. Observe abaixo:**

- Um homem **tendo** dinheiro não deve passar fome.
  - → que tem dinheiro
  - → quando tem dinheiro
  - → se tem dinheiro

- "Mastigam os cavalos **escumando** os áureos freios com feroz semblante." (Camões)
  - → mastigam escumando
  - → os cavalos que escumam

2. **Para aprofundar o emprego do gerúndio absoluto – em função adverbial –, sugerimos que estude, em sintaxe do período composto, as orações subordinadas adverbiais reduzidas.**

7.5.2.1 O gerúndio em função adjetiva

A despeito de ser condenado por gramáticos de renome, hoje se vê, nos mais diferentes meios, o largo emprego do gerúndio em função adjetiva – gerúndio que se refere a um substantivo. Sabe-se, como já se demonstrou, que a principal função do gerúndio é funcionar como um núcleo adverbial, denotando circunstâncias diversas. Entretanto, já nos escritores clássicos, encontrava-se o emprego do gerúndio em função atributiva – adjetiva.

Observe o excerto abaixo:

- "Não faltam ali os raios, os trêmulos cometas IMITANDO; em vão assopra o vento, a vela INCHANDO; viram ao longe dous navios brandamente c'os ventos NAVEGANDO, que respiram." (Luís Vaz de Camões)

Perceba que já em Camões – nosso mestre dos mestres em língua portuguesa – encontrava-se o emprego do gerúndio em função adjetiva, já que os gerúndios acima equivalem literalmente a “QUE IMITAM”, “QUE INCHA” e “QUE NAVEGAM”.

Por isso, não há razão para hoje se condenar o emprego do gerúndio em função atributiva, adjetiva. Deve-se, é certo, empregá-lo com parcimônia, com cuidado, para se evitarem construções esdrúxulas, estapafúrdias, esquisitas, do tipo “Vi uma mulher **tendo quarenta anos**” em vez de “Vi uma mulher **que tinha quarenta anos**”.

Vejamos outros exemplos do emprego correto do gerúndio em função adjetiva coletados em grandes escritores:

- “– Mas, Sr. José Dias, tenho visto os pequenos **brincando**, e nunca vi nada que faça desconfiar. Basta a idade.” (Machado de Assis)
- “Vieram ter a um vale, pelo qual atravessava a cavalo um donzel pequeno **chorando**.” (Morais *apud* Cláudio Brandão)
- “Os homens parecem-se com meninos **brigando** sobre a metade de uma maçã.” (Manue Bernardes)
- “E o vendeiro empurrou a porta do fundo da estalagem, de onde escapou, como de uma panela **fervendo** que se destapa, uma baforada quente, vozeria tresandante à fermentação de suores e roupa ensaboada **secando** ao sol.” (Aluísio Azevedo)
- “...divergindo apenas no tamanho, tendo todas a mesma conformação, a mesma aparência de vegetais **morrendo**, quase sem troncos,...” (Euclides da Cunha)
- “O galope dos corcéis dá um som áspero de ferro **batendo** em pedra.” (A. Herculano)
- “O leitor, depois deste exórdio, espera encontrar uma lei **abolindo** a tortura.” (Camilo C. Branco)

7.5.2.2 Emprego inadequado do gerúndio – o gerundismo

Para a língua culta, o emprego desmedido – e desnecessário – do gerúndio constitui um erro grave, denominado de “gerundismo”. Estruturas como “vou estar ligando”, “você pode estar respondendo”, “irei estar resolvendo” constituem mal emprego desta forma nominal tão prestimosa em nossa língua. Nessas construções, o tempo da ação passa a ser um futuro contínuo, o que não é indicado para ações que são concluídas em um só ato.

Não que a construção “ir + estar + gerúndio” não possa ser usada. Ela sempre será legítima quando estiver atrelada a outra ação situada no tempo. Logo, construções do tipo “Quando o jogo estiver passando, eu vou estar dormindo” são plenamente possíveis e corretas. Igualmente corretas são as estruturas em que o gerúndio possa indicar ações duradouras, prolongadas no tempo, como, por exemplo, “Amanhã vai estar chovendo” ou “Amanhã vou estar trabalhando o dia todo.”

Observe agora dois exemplos:

- Fique tranquilo, pois eu **vou transmitir** sua solicitação para o nosso chefe. (emprego correto)
  Aqui se faz a referência à ação em si.

- Fique tranquilo, pois eu **vou estar transmitindo** sua solicitação para o nosso chefe. (emprego inadequado)
  Aqui se faz referência não somente à ação, mas também à duração (tempo) da ação. Transmite-se a ideia de que se vai buscar tempo para o cumprimento da ação.

7.5.3 O PARTICÍPIO

Literalmente, particípio é "a palavra que participa da natureza do adjetivo e do verbo". Esta definição explicita o caráter misto do particípio – possui natureza adjetival enquanto modificador de um nome; possui também natureza verbal, pois pode apresentar as flexões de voz, de modo, de tempo e de número próprias dos verbos.

↱ Natureza de adjetivo, pois se refere a um substantivo.

- Foram várias as pessoas **mortas** pelo furacão.

↳ Natureza verbal, pois apresenta as flexões próprias dos verbos.

7.5.3.1 O particípio circunstancial

À semelhança do gerúndio, o particípio pode funcionar como núcleo verbal em orações subordinadas adverbiais, expressando circunstâncias como as de "tempo, causa, condição, concessão". Neste caso, é denominado de "particípio circunstancial absoluto". Observe os exemplos abaixo:

- **Feita** a separação de corpos, as partes tomaram cada uma o seu rumo.
  particípio expressando circunstância de tempo

particípio expressando circunstância de causa

- "**Edificado** então o moço, se lançou aos pés do Santo e lhe pediu perdão." (Manuel Bernardes)

- "**Praticado** por outra pessoa, este ato não mereceria censura." (Cláudio Brandão)
  particípio expressando circunstância de condição

- **Feito** por artista de fama, este quadro não agradou aos que entendem de arte.
  particípio expressando circunstância de concessão

7.5.3.2 Emprego do particípio

Na língua portuguesa contemporânea, o particípio é empregado:

1) Para a formação de orações subordinadas adjetivas reduzidas. Neste caso, o

particípio poderá ser desenvolvido com o uso dos pronomes relativos.

- "Era chegada a vigília dos dois Apóstolos S. Pedro e S. Paulo, tão **celebrados** na Cristandade." (Castilho)
- A porta da igreja, **aberta** com um violento impulso, rompeu-se em um dos lados.

2) Como simples adjetivo (adjetivo de base participial), modificando nomes com os quais concordará em gênero e número. Neste caso, o particípio indicará a passividade do nome modificado.

- mão **ferida**
- filhos **amados**
- meninos **queridos** pelos professores

⇨ Observação:

Por seu valor de adjetivo, os particípios passivos acima podem ser desdobrados em orações adjetivas de sentido passivo: "que foi ferida", "que são amados", "que são queridos".

3) Para a formação de tempos compostos da voz ativa com os verbos auxiliares "te e "haver". Neste caso, o particípio ativo permanecerá invariável.

- Nós teríamos **perecido** não fossem os avisos dos guias.
- Por segurança, eles haviam **deixado** os mantimentos no pé da montanha.
- Se eu soubesse que o filme seria aquele, eu teria **ido** ao cinema.

4) Para a formação de locuções verbais da voz passiva analítica. Geralmente as locuções são formadas com os verbos auxiliares "ser", "estar", "ficar" e "permanecer". Destes verbos auxiliares, o verbo "ser" é indiscutivelmente o mais usado para a formação da locução verbal da voz passiva.

- Durante a viagem, os aviões foram **atingidos** por vários relâmpagos.
- "Este amor foi **desprezado** e **ludibriado**, e, depois, **comprimido** pelo desprezo e pelo ludíbrio no fundo do coração do teu pobre amigo." (A. Herculano)
- Os retirantes vinham **fustigados** pelo sol, pela terra árida e seca.

⇨ Observação:

Conquanto haja a orientação de se empregar o particípio irregular com os verbos "ser" e "estar" para a formação de locuções verbais da voz passiva, o uso tem consagrado o emprego da forma regular do particípio para a formação da passiva. É o caso, por exemplo, dos particípios "imprimido, sujeitado, envolvido, ocultado".

5) Para a formação de orações adverbiais reduzidas. Nesse caso, se o verbo apresentar duplo particípio, usar-se-á tão somente a sua forma irregular. Observe:

- **Assinada** a escritura, o comprador imitiu-se na posse do imóvel.
- **Aceitas** as condições, assinou-se o contrato.
- **Feitas** as contas, constatou-se que havia um tremendo prejuízo.
- "**Entregue** a preocupações artísticas e religiosas, não atenta na desarmonia orgânica de uma sociedade prostituída pela mácula servil." (Rui Barbosa)

7.5.3.3 Verbos com duplo particípio

Há vários verbos em nossa língua que apresentam mais de uma forma para o particípio – são verbos abundantes. Ao lado da forma regular terminada em "-ado" ou "-ido", existe uma forma irregular (reduzida) ou anormal. Observe uma pequena amostra de verbos com duplo particípio.

Infinitivo do verbo	Particípio regular	Particípio irregular
aceitar	aceitado	aceito
acender	acendido	aceso
anexar	anexado	anexo
benzer	benzido	bento
dispersar	dispersado	disperso
eleger	elegido	eleito
emergir	emergido	emerso
encher	enchido	cheio
entregar	entregado	entregue
enxugar	enxugado	enxuto
erigir	erigido	ereto
expressar	expressado	expresso
exprimir	exprimido	expresso
expulsar	expulsado	expulso
extinguir	extinguido	extinto
frigir	frigido	frito
ganhar	ganhado	ganho

imergir	imergido	imerso
imprimir	imprimido	impresso
incluir	incluído	incluso
incorrer	incorrido	incurso
inserir	inserido	inserto
isentar	isentado	isento
limpar	limpado	limpo
matar	matado	morto
morrer	morrido	morto
ocultar	ocultado	oculto
omitir	omitido	omisso
pagar	pagado	pago
pegar	pegado	pego
prender	prendido	preso
romper	rompido	roto
salvar	salvado	salvo
secar	secado	seco
segurar	segurado	seguro
soltar	soltado	solto
submergir	submergido	submerso
suspender	suspendido	suspenso
tingir	tingido	tinto
vagar	vagado	vago

⇨ Observações:

a) Não raro o usuário da língua se deparar com questões do tipo: “Eu tinha aceitado (ou aceito??) o emprego se...”. Para dirimir tal celeuma, vale aprovisionar a seguinte regra: emprega-se o particípio regular com os verbos “ter” e “haver” para a formação de tempos compostos da voz ativa. Já as formas irregulares, quando existem, são empregadas para a formação das locuções verbais da voz passiva.

Observe:

↱ *particípio regular*

- A polícia tem **matado** muitos bandidos no Rio de Janeiro.

↳ *formação de tempo composto da voz ativa*

↱ *particípio irregular*

- Muitos bandidos foram mortos pela polícia no Rio de Janeiro.

↳ *formação de locução verbal da voz passiva*

- "Da civilização romana elas não haviam **aceitado** senão a cultura intelectual e as sublimes teorias morais do cristianismo." (A. Herculano)
- "A mulata convidou-os logo a comer um bocado e beber um trago. A proposta foi **aceita** alegremente." (Aluísio Azevedo)
- "Contam que, em rapaz, foi **aceito** de muitas damas, além de partidário exaltado." (Machado de Assis)
- "Houve mais; supondo que ela o tivesse **aceitado** e casassem, pensava agora no esplêndido enterro que lhe faria." (Machado de Assis)

b) Alguns particípios regulares – *fazido, abrido, cobrido, pagado,* por exemplo – caíram e desuso, sendo hoje usadas, tanto para a voz ativa quanto para a voz passiva, as suas formas irregulares – *feito*, *aberto*, *coberto* e *pago*.

- Ele tem **feito** grandes obras no interior. (ativa)
- Grandes obras foram **feitas** no interior. (passiva)

c) Os particípios irregulares são formas "contratas". Muitas destas formas são usadas ho consoante já se disse, como meros adjetivos: trem "***expresso***", homem "***cego***", mata "***densa***", carga "***pensa***", roupa "***seca***", vinho "***tinto***".

d) Alguns verbos, especialmente da 2.ª e da 3.ª conjugação, nunca tiveram a forma regula de particípio, apresentando apenas a forma irregular. É o caso, por exemplo, de "*dizer / dito, escrever / escrito, vir / vindo*". Os derivados desses verbos, portanto, só possuem naturalmente o particípio irregular: "*desdito, reescrito, provindo*".

e) Em alguns casos, mesmo o verbo apresentando um particípio regular e outro irregular, uma das formas tende a se consolidar pelo uso, tornando a outra arcaica, obsoleta. Podemos citar como exemplos os particípios *"eleito, enchido, envolvido, ocultado, pago, secado, suprimido"* que hoje são empregados tanto para construções da voz ativa quanto para construções da voz passiva. Veja:

- "Uma noite, como o rei examinasse alguns papéis do Estado, perguntou-lhe ela se os impostos eram **pagos** com pontualidade. (Machado de Assis)"

- “É que Pombinha, orçando aliás pelos dezoito anos, não tinha ainda **pago** à natureza o cruento tributo da puberdade,...” (Aluísio Azevedo)
- “A noite tinha estendido o seu manto: as estrelas cintilavam no firmamento, grossas nuvens haviam **ocultado** a face da lua.” (Cassimiro de Abreu)
- “...mas se [os gritos] eram abafados, não eram **suprimidos**, e em certos casos, o própri objeto da experiência exigia que a emissão da voz fosse franca....” (Machado de Assis)

7.5.3.4 Particípio passivo de sentido ativo

Em algumas situações, os particípios assumem sentido ativo, a despeito de apresentarem as flexões típicas da voz passiva. Quando isto ocorre, diz-se que o particípio é **depoente**, isto é, com forma passiva e significação ativa. Observe:

- Ela é uma mulher **agradecida**. → Isto é “Ela é uma mulher que agradece”.
- Ele é um menino **atrevido**. → Isto é “Ele é um menino que se atreve”.
- Ele é um homem **ocupado**. → Isto é “Ele é um homem que se ocupa.”
- É um rapaz **esforçado**. → Isto é “É um rapaz que se esforça.”
- Tem uma filha **parecida** com ele. → Isto é “Tem uma filha que se parece com ele”.
- São crianças **sabidas**. → Isto é “São crianças que sabem muito.”
- São pessoas **comedidas**. → Isto é “São pessoas que têm comedimento.”
- Assumiram atitudes **dissimuladas**. → Isto é “Assumiram atitudes que dissimulam.”

7.6 CLASSIFICAÇÃO MORFOLÓGICA DOS VERBOS

São vários os critérios para a classificação morfológica dos verbos. Estudaremos os principais.

7.6.1 QUANTO À TERMINAÇÃO

Os verbos podem ser de 1.ª CONJUGAÇÃO, de 2.ª CONJUGAÇÃO e de 3.ª CONJUGAÇÃO.

1. São de 1.ª conjugação os verbos que apresentam infinitivo em “AR”. São exemplos de verbos de 1.ª conjugação “amar, falar, bebericar, matar, calar, farfalhar”.
2. São de 2.ª conjugação os verbos que apresentam infinitivo em “ER”. São exemplos de verbos de 2.ª conjugação “beber, fenecer, ler, amanhecer, dever”.
3. São de 3.ª conjugação os verbos que apresentam infinitivo em “IR”. São exemplos de

verbos de 3.ª conjugação “partir, falir, partir, combalir, embair, cair”.

⇨ Observação:

O verbo “pôr”, em virtude de sua etimologia “poer”, pertence à 2.ª conjugação.

7.6.2 QUANTO À FLEXÃO OU À CONJUGAÇÃO

Os verbos podem ser REGULARES, IRREGULARES, DEFECTIVOS, ABUNDANTES e PRONOMINAIS.

1. **Verbo regular** é aquele cujo tema permanece invariável, e a terminação se flexiona de acordo com um tipo geral ou modelo da conjugação, chamado de “paradigma da conjugação.” Como exemplos de verbos regulares, podemos citar: andar, cantar, falar (1.ª conjugação); beber, comer, viver (2.ª conjugação); partir, dividir, produzir (3.ª conjugação).

2. **Verbo irregular** é aquele que não segue o paradigma regular de sua conjugação. O verbo irregular se caracteriza por sofrer alterações em seu tema na sua conjugação. Podemos citar como exemplos de verbos irregulares os verbos “perder, dormir, ter, trazer” etc.

⇨ Observação:

Há dois verbos irregulares na língua portuguesa que, em virtude das profundas mudanças por que passam em suas conjugações, recebem a denominação especial de “**anômalos**”. São os verbos “ser” e “ir”, pois apresentam formas como “sou, fui, era, serei, for” etc.

3. **Verbo defectivo** é aquele que não apresenta todos os modos, tempos ou pessoas próprios dos verbos. Como o próprio nome já diz, é o verbo que apresenta algum “defeito” em sua conjugação. Podemos citar como exemplo de verbos defectivos “precaver, reaver, demolir, falir, prazer, florir, soer, abolir, ruir, carpir, adir, adequar” etc.

⇨ Observação:

Os verbos defectivos serão estudados em parte específica, um pouco mais à frente.

4. **Verbo abundante** é aquele que apresenta mais de uma forma de conjugação para certos tempos, modos ou pessoas. Geralmente, esta abundância se dá no particípio – o qual já foi objeto de estudo. Raros são os verbos que apresentam abundância fora da forma participial. Podemos citar à guisa de exemplo os verbos "construir" (apresenta as formas "construís" ou "constróis") e "comprazer" (apresenta as formas "comprazi-me e comprouve-me").

⇨ Observação:

Para estudar um pouco mais sobre os verbos abundantes, sugerimos que revise o tópico "verbos com duplo particípio".

5. **Verbo pronominal** é aquele que só é conjugado com o auxílio de um pronome pessoal oblíquo, átono. Os pronominais são divididos em:
   a) **Essencialmente pronominais** (são sempre conjugados com o pronome oblíquo): "arrepender-se, queixar-se, dignar-se, abster-se, apoderar-se, suicidar-se, ausentar-se, atrever-se, comportar-se".
   b) **Acidentalmente pronominais** (aqueles que podem ser conjugados com ou sem o auxílio do pronome oblíquo): "ajuntar-se, matar-se, atribuir-se, lembrar-se, debater-se, enganar-se, pentear-se, destinar-se, defender-se".

⇨ Observação:

Veja um pouco mais à frente a conjugação de um verbo pronominal.

7.6.3 QUANTO À FUNÇÃO

Os verbos são classificados em AUXILIARES, PRINCIPAIS e VICÁRIOS.

1. **Verbo auxiliar** é aquele que, empregado ao lado de uma forma nominal do verbo (infinitivo, gerúndio ou particípio), formará as locuções verbais e os tempos compostos. Ademais, é o verbo auxiliar que receberá as flexões de tempo, número e pessoa, uma vez que o verbo principal se encontra em uma forma cristalizada (infinitivo, gerúndio ou particípio). Frequentemente, funcionam como auxiliares os verbos "**ser**, **estar**, **ter** e **haver**". Entretanto, outros verbos podem funcionar como auxiliares, como os verbos "**ir**, **dever**, **poder**, **querer**, **andar**" etc.

- **tenho** feito
- **estávamos** saindo
- **vai** sair
- **hão** de comprar
- **fui** ferido

2. **Verbo principal** é, como o próprio nome já o diz, aquele de significação plena e que funciona como núcleo de uma oração. Geralmente, a noção de verbo principal se sobressai quando se fala em locuções verbais e em tempos compostos, já que estas construções perifrásticas são necessariamente formadas por um verbo auxiliar e um verbo principal.

- **Jogarei** bola amanhã.
- **Chegaremos** cedo.
- Hei de **levar** o produto ainda hoje.

3. **Verbo vicário é aquele empregado em lugar de outro verbo anteriormente enunciado para se evitar sua repetição. É um poderoso recurso de coesão textual, pois torna o texto conciso e elegante. Geralmente são empregados como vicários os verbos "ser" e "fazer".**

- Deveria entregar o processo até as 17h, mas não o **fez**.
- Quase sempre ele não estudava. Quando o **fazia**, **era** para obter alguma vantagem do pai.

7.6.4 QUANTO À SIGNIFICAÇÃO OU AO ASPECTO (SENTIDO EXPRESS

Os verbos podem ser classificados em IMITATIVOS, FREQUENTATIVOS ou ITERATIVOS, INCOATIVOS, AUMENTATIVOS e DIMINUTIVOS.

1. **Verbos imitativos** (chamados também de onomatopaicos) são aqueles que expressan a própria ação dos nomes de que derivam. Observe:

- balançar, balancear → de balança
- serpentear → de serpente
- latinizar → de latim
- patinhar → de pato
- engatinhar → de gato
- judiar → de judeu
- corvejar → de corvo
- gralhar → de gralha

2. **Verbos frequentativos** (chamados também de iterativos) são aqueles que exprimem ação repetida, frequente, reiterada. São verbos geralmente derivados de nomes e até mesmo de verbos com as terminações "-ejar, -ear, -itar, -inhar". Vejamos alguns:

- bravejar → de bravo
- doidejar → de doido
- estalejar → de estalar
- bordejar → de bordo
- cabecear → de cabeça
- pestanejar → de pestana
- saltitar, saltear → de saltar
- passear → de passar
- cravejar → de cravar
- almejar → de alma

3. **Verbos incoativos** são aqueles que indicam o início de uma ação ou de um estado. Observe alguns:

- alvorecer → de alvo
- enraivecer → de raiva
- amarelecer → de amarelo
- amanhecer → de manhã
- começar → de começo
- esclarecer → de claro
- iniciar → de início
- envelhecer → de velho
- florescer → de flor
- madurar → de maduro

4. **Verbos aumentativos** são verbos derivados cuja significação é aumentada ou avivada para mais, geralmente com o auxílio de prefixos.

- recontar → de contar
- estrondear → de estrondar
- repousar → de pousar
- ressoar → de soar
- esmurraçar → de esmurrar
- rever → de ver
- recrescer → de crescer
- tressuar → de suar

5. **Verbos diminutivos** são verbos derivados cuja significação é aumentada ou avivada para menos, geralmente com o emprego de sufixos. Tais verbos transmitem nítida significação de diminuição, de atenuação.

- adocicar → de adoçar
- chuviscar → de chover
- lambiscar → de lamber
- mordiscar → de morder
- bebericar → de beber
- cuspinhar → de cuspir
- namoricar → de namorar
- saltitar → de saltar

7.6.5 QUANTO À FORMAÇÃO

Os verbos são classificados em PRIMITIVOS e DERIVADOS.

1. **Verbo primitivo** é aquele que não foi formado por nenhum outro verbo preexistente.

- pôr
- cantar
- ter
- ver
- vir

2. **Verbo derivado** é aquele que foi formado a partir de outro verbo preexistente.

- depor
- encantar
- deter
- rever
- provir

7.6.6 QUANTO À PRESENÇA OU NÃO DE UM SUJEITO

Os verbos são classificados em PESSOAIS, UNIPESSOAIS e IMPESSOAIS.

1. **Verbo pessoal** é aquele que apresenta sujeito, quer este seja explícito, quer seja implícito.

- Iremos à casa da vovó.
  sujeito = nós
- Os rapazes sairão hoje à noite.
  sujeito = os rapazes
- Nadei por vários minutos.
  sujeito = eu

2. **Verbo unipessoal** é aquele que praticamente só é usado na 3.ª pessoa, ora do singula ora do plural, pois o seu sujeito é necessariamente da 3.ª pessoa. São unipessoais todos os verbos que indicam vozes de animais, como "grunhir, cacarejar, latir, miar, piar" etc. Outros verbos também se apresentam na forma unipessoal, como os verbos "prazer e doer".

3. **Verbo impessoal** é aquele que não possui sujeito para que com este concorde. Por convenção, os verbos impessoais são sempre empregados na 3.ª pessoa do singular. São impessoais, por exemplo, todos os verbos que indicam fenômenos da natureza, como "chover, ventar, relampejar, gear" etc. Outro caso bastante conhecido é o do verbo HAVER no sentido de "existir, acontecer, ocorrer, realizar-se" e do verbo "fazer" quando indica tempo decorrido.

⇨ **Observação:**

Para aprofundar o conhecimento sobre os verbos impessoais, sugerimos que estude, em sintaxe, o tópico sobre as orações sem sujeito.

7.7 VERBOS DEFECTIVOS

Como já mencionamos, verbos defectivos (latim "defectum" = defeituoso, deficiente) são aqueles que não apresentam conjugação completa, pois, em virtude de alguns fatores, tais verbos são faltantes em modos, tempos e pessoas.

Na língua portuguesa, são defectivos os seguintes verbos e/ou grupos verbais:

1. **Todos os verbos impessoais** – verbos que não apresentam sujeito e, portanto, só sã empregados, por convenção, na 3.ª pessoa do singular. São denominados de "verbos

defectivos impessoais".

Convém a esta altura salientar que a defectividade, na língua portuguesa, não é só em relação à ausência do modo, do tempo ou da pessoa por parte de um verbo, mas ela se dá também em relação ao emprego do verbo. Se prestarmos atenção, perceberemos que o verbo HAVER é conjugado em todos os modos, tempos e pessoas. Entretanto, quando é empregado no sentido de "existir, ocorrer, realizar-se, acontecer", só pode ser usado na 3.ª pessoa do singular. Por isso, diz-se que a impessoalidade é um caso de defectividade na língua portuguesa.

2. **Todos os verbos unipessoais** – verbos que, por situações especiais, são conjugados tão somente na 3.ª pessoa do singular ou do plural. Isso ocorre frequentemente com os verbos "convir, acontecer, doer, ocorrer, suceder, importar, constar" e com os verbos que indicam sons dos animais, como "latir, miar, grunhir, mugir, relinchar, cacarejar, silvar, grugulejar etc.".

3. **Verbos que, por questões fonéticas (podem provocar confusão com as formas d outro verbo ou apresentam uma sonoridade reprovável), não apresentam a 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo, nem o presente do subjuntivo. Tais verbos só apresentam as pessoas "tu" e "vós" no imperativo afirmativo, já que o imperativo negativo para eles inexiste.** Pertencem a este grupo os verbos "abolir, banir, carpir (capinar, arrancar), colorir, delinquir, delir (apagar, esvanecer), demolir, exaurir (esgotar, acabar), extorquir, florir, fulgir (brilhar, resplandecer), jungir (juntar, unir, ligar), retorquir (argumentar contrariamente, replicar), soer (costumar, acontecer com frequência), urgir (ser urgente), tinir (soar)".

Observe o fenômeno da defectividade com o verbo "abolir":

PRESENTE DO INDICATIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO	IMPERATIVO	
		AFIRMATIVO	NEGATIVO
–	–	–	–
aboles	–	**abole**	–
abole	–	–	–
abolimos	–	–	–
abolis	–	**aboli**	–
abolem	–	–	–

4. **Verbos que, por questões fonéticas (podem provocar confusão com as formas d outro verbo ou apresentam uma sonoridade reprovável), não apresentam as três pessoas do singular e a 3.ª pessoa do plural do presente de indicativo, nem**

o presente do subjuntivo. No imperativo afirmativo, só apresentam o "vós". Inexiste, por conseguinte, o imperativo negativo. Pertencem a este grupo os verbos "precaver, aguerrir, adequar, empedernir (petrificar), remir (resgatar), fornir (abastecer, prover), falir, embair (iludir, seduzir), adir (acrescentar, adicionar), renhir (disputar, pleitear)".

Observe a conjugação defectiva do verbo "precaver".

PRESENTE DO INDICATIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO	IMPERATIVO	
		AFIRMATIVO	NEGATIVO
–	–	–	–
–	–	–	–
–	–	–	–
precavemos	–	–	–
precaveis	–	**precavei**	–
–	–	–	–

5. **O verbo REAVER.** Este verbo é inteiramente derivado do verbo HAVER, mas só se conjuga nas formas em que o seu primitivo apresenta a letra "V". No presente do indicativo só apresenta a 1.ª e 2.ª pessoas. Logo, não apresenta nenhuma forma do presente do subjuntivo. No imperativo afirmativo, só possui a 2.ª pessoa do plural.

Observe:

PRESENTE DO INDICATIVO DO VERBO "HAVER"	PRESENTE DO INDICATIVO DO VERBO "REAVER"	IMPERATIVO DO VERBO "REAVER"	
		AFIRMATIVO	NEGATIVO
hei	–	–	–
hás	–	–	–
há	–	–	–
havemos	**reavemos**	–	–
haveis	**reaveis**	**reavei**	–
hão	–	–	–

⇨ Observação:

Convém salientar que o verbo reaver apresenta os demais tempos. Observe abaixo toda a conjugação do verbo REAVER:

Reaver

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
-	reavia	reaverei	reaveria	reouve	reouvera
-	reavias	reaverás	reaverias	reouveste	reouveras
-	reavia	reaverá	reaveria	reouve	reouvera
reavemos	reavíamos	reaveremos	reaveríamos	reouvemos	reouvéramos
reaveis	reavíeis	reavereis	reaveríeis	reouvestes	reouvéreis
-	reaviam	reaverão	reaveriam	reouveram	reouveram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
-	reouvesse	reouver	-	reaver	reavendo
-	reouvesses	reouveres	-	reaveres	
-	reouvesse	reouver	-	reaver	**Particípio**
-	reouvéssemos	reouvermos	-	reavermos	reavido
-	reouvésseis	reouverdes	reavei	reaverdes	
-	reouvessem	reouverem	-	reaverem	

⇨ Observações gerais sobre os verbos defectivos:

1. O verbo “computar”, a despeito de ser classificado como verbo regular pelo dicionário Houaiss, é considerado pela maioria dos estudiosos da língua portuguesa como “defectivo” em virtude de sua péssima sonoridade. E, de fato, é assim que ele deve ser classificado, pois ninguém em sã consciência diria “eu computo”, “tu computas”, “ele computa”.

2. O verbo “viger”, bastante usado no meio jurídico, é defectivo, pois só é conjugado nas formas em que ao “G” segue-se a letra “E”. Portanto, tal verbo não apresenta a 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo “eu vijo”. Consequentemente, este verbo não apresentará os tempos derivados do presente do indicativo – presente do subjuntivo e, por conseguinte, o modo imperativo.

Presente do Indicativo

eu	/
tu	viges
ele	vige
nós	vigemos
vós	vigeis
eles	vigem

3. O problema da defectividade verbal deve ser suprido com o emprego de circunlóquios - verbos ou substantivos sinônimos ou de locuções verbais (construções perifrásticas). Observe abaixo algumas sugestões:

a) Eu sempre me **adapto** bem às novas situações. (para o lugar do verbo "adequar")

b) Eles sempre se **previnem** contra o sol. (para o lugar do verbo "precaver")

c) É importante que essas rosas **floresçam** durante o inverno. (para o lugar do verbo "florir")

d) Ele **está abolindo** o fumo de sua vida. (locução com o verbo "abolir")

e) Eu **destruo** tudo o que pode me causar mal. (para o lugar do verbo "demolir")

f) Nós queremos que ele **recupere** o dinheiro perdido. (para o lugar do verbo "reaver"

7.8 PARADIGMAS DE CONJUGAÇÃO VERBAL – CONJUGAÇÃO DE DIVERSOS VERBOS

Sem dúvida, aqui está uma parte da gramática normativa que merece toda a sua atenção. Frequentemente, os concursos cobram dos candidatos a correta conjugação de vários verbos. Portanto, vamos ao conteúdo abaixo. Uma sugestão: estude aos poucos e não se desespere com a quantidade de detalhes. Procure aprovisionar as informações aos poucos. Algumas são essenciais, outras, nem tanto.

Procuramos abaixo selecionar os principais verbos que apresentam dificuldades em suas conjugações.

7.8.1 CONJUGAÇÃO DOS VERBOS AUXILIARES "SER, ESTAR, TER E HAVER"

Ser

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
sou	era	serei	seria	fui	fora
és	eras	serás	serias	foste	foras
é	era	será	seria	foi	fora
somos	éramos	seremos	seríamos	fomos	fôramos
sois	éreis	sereis	seríeis	fostes	fôreis
são	eram	serão	seriam	foram	foram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
seja	fosse	for	–	ser	sendo
sejas	fosses	fores	sê	seres	
seja	fosse	for	seja	ser	**Particípio**
sejamos	fôssemos	formos	sejamos	sermos	sido
sejais	fôsseis	fordes	sede	serdes	
sejam	fossem	forem	sejam	serem	

Estar

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
estou	estava	estarei	estaria	estive	estivera
estás	estavas	estarás	estarias	estiveste	estiveras
está	estava	estará	estaria	esteve	estivera
estamos	estávamos	estaremos	estaríamos	estivemos	estivéramos
estais	estáveis	estareis	estaríeis	estivestes	estivéreis
estão	estavam	estarão	estariam	estiveram	estiveram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**

esteja estejas	estivesse estivesses	estiver estiveres	– está	estar estarem	estando
esteja	estivesse	estiver	esteja	estar	**Particípio**
estejamos	estivéssemos	estivermos	estejamos	estarmos	estado
estejais	estivésseis	estiverdes	estai	estardes	
estejam	estivessem	estiverem	estejam	estarem	

Ter

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
tenho	tinha	terei	teria	tive	tivera
tens	tinhas	terás	terias	tiveste	tiveras
tem	tinha	terá	teria	teve	tivera
temos	tínhamos	teremos	teríamos	tivemos	tivéramos
tendes	tínheis	tereis	teríeis	tivestes	tivéreis
têm	tinham	terão	teriam	tiveram	tiveram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
tenha	tivesse	tiver	–	ter	tendo
tenhas	tivesses	tiveres	tem	teres	
tenha	tivesse	tiver	tenha	ter	**Particípio**
tenhamos	tivéssemos	tivermos	tenhamos	termos	tido
tenhais	tivésseis	tiverdes	tende	terdes	
tenham	tivessem	tiverem	tenham	terem	

Haver

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
hei	havia	haverei	haveria	houve	houvera

hás há	havias havia	haverás haverá	haverias haveria	houveste houve	houveras houvera
havemos	havíamos	haveremos	haveríamos	houvemos	houvéramos
haveis	havíeis	havereis	haveríeis	houvestes	houvéreis
hão	haviam	haverão	haveriam	houveram	houveram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
haja	houvesse	houver	–	haver	havendo
hajas	houvesses	houveres	há	haveres	
haja	houvesse	houver	haja	haver	**Particípio**
hajamos	houvéssemos	houvermos	hajamos	havermos	havido
hajais	houvésseis	houverdes	havei	haverdes	
hajam	houvessem	houverem	hajam	haverem	

⇨ Observações importantes:

a) De forma excepcional, o verbo “ser” apresenta formas anômalas para o “tu” e o “vós Teremos, respectivamente, “sê” e “sede”, pois as segundas pessoas do imperativo do verbo SER foram tiradas de um antigo presente do verbo “SEER” (sees, seedes), do latim “SEDERE”.

7.8.2 CONJUGAÇÃO DE VERBOS DERIVADOS

Há um sem-número de verbos na língua portuguesa que são derivados de outros, ditos “primitivos”. Frequentemente, cobra-se de um candidato a um concurso o conhecimento sobre a conjugação destes verbos. E, em virtude da fonia e da grafia esdrúxulas que alguns apresentam, muitos e frequentes são os erros. É preciso, portanto, ficar atento à regra: **a conjugação do verbo derivado segue a conjugação do seu verbo primitivo**. Logo, basta conjugar o verbo primitivo e lhe acrescentar o prefixo. Observe abaixo a conjugação do verbo “PROPOR”, derivado do verbo “PÔR”.

Propor

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito**	**Futuro do**	**Futuro do**	**Pretérito**	**Pretérito mais-**

	Imperfeito	Presente	Pretérito	Perfeito	que-perfeito
proponho	**pro**punha	**pro**porei	**pro**poria	**pro**pus	**pro**pusera
propões	**pro**punhas	**pro**porás	**pro**porias	**pro**puseste	**pro**puseras
propõe	**pro**punha	**pro**porá	**pro**poria	**pro**pôs	**pro**pusera
propomos	**pro**púnhamos	**pro**poremos	**pro**poríamos	**pro**pusemos	**pro**puséramos
propondes	**pro**púnheis	**pro**poreis	**pro**poríeis	**pro**pusestes	**pro**puséreis
propõem	**pro**punham	**pro**porão	**pro**poriam	**pro**puseram	**pro**puseram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro		Infinitivo flexionado	Gerúndio
proponha	**pro**pusesse	**pro**puser	–	**pro**por	**pro**pondo
proponhas	**pro**pusesses	**pro**puseres	**pro**põe	**pro**pores	
proponha	**pro**pusesse	**pro**puser	**pro**ponha	**pro**por	**Particípio**
proponhamos	**pro**puséssemos	**pro**pusermos	**pro**ponhamos	**pro**pormos	**pro**posto
proponhais	**pro**puséssеis	**pro**puserdes	**pro**ponde	**pro**pordes	
proponham	**pro**pusessem	**pro**puserem	**pro**ponham	**pro**porem	

Perceba que toda a conjugação foi baseada no verbo “pôr”, que é o seu primitivo. Semelhantemente, conjugam-se verbos como:

a) repor, depor, supor, dispor → derivados do verbo “pôr”
b) convir, intervir, advir, provir → derivados do verbo “vir”.
c) ater-se, conter, reter, manter, deter → derivados do verbo “ter”
d) prever, rever, antever, circunver → derivados do verbo “ver”.

7.8.3 CONJUGAÇÃO DOS VERBOS TERMINADOS NOS HIATOS “-AIR, -OER, -UIR”

Estes verbos são interessantes porque frequentemente se veem empregadas formas como “possue, restitue, constitue, róe”. Ora, a 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo apresenta a desinência “i” e jamais “e”, como pensam alguns. Portanto, fique atento à conjugação de verbos como “sair, cair, abstrair, contrair, moer, roer, doer, remoer, possuir, construir, restituir, constituir etc.”.

Veja abaixo a conjugação do verbo “possuir”.

Possuir

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
possuo	possuía	possuirei	possuiria	possuí	possuíra
possuis	possuías	possuirás	possuirias	possuíste	possuíras
possui	possuía	possuirá	possuiria	possuiu	possuíra
possuímos	possuíamos	possuiremos	possuiríamos	possuímos	possuíramos
possuís	possuíeis	possuireis	possuiríeis	possuístes	possuíreis
possuem	possuíam	possuirão	possuiriam	possuíram	possuíram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo Flexionado**	**Gerúndio**
possua	possuísse	possuir	–	possuir	possuindo
possuas	possuísses	possuíres	possui	possuíres	
possua	possuísse	possuir	possua	possuir	**Particípio**
possuamos	possuíssemos	possuirmos	possuamos	possuirmos	possuído
possuais	possuísseis	possuirdes	possuí	possuirdes	
possuam	possuíssem	possuírem	possuam	possuírem	

7.8.4 CONJUGAÇÃO DE VERBOS IRREGULARES

São verbos que, como já se disse, não seguem um paradigma de conjugação. Sofrem, por isso, bruscas alterações em seus radicais. Abaixo, segue a conjugação de três verbos irregulares: “pedir, caber e trazer”.

Pedir

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
peço	pedia	pedirei	pediria	pedi	pedira
pedes	pedias	pedirás	pedirias	pediste	pediras
pede	pedia	pedirá	pediria	pediu	pedira

pedimos	pedíamos	pediremos	pediríamos	pedimos	pedíramos
pedis	pedíeis	pedireis	pediríeis	pedistes	pedíreis
pedem	pediam	pedirão	pediriam	pediram	pediram
SUBJUNTIVO			**IMPERATIVO AFIRMATIVO**	**FORMAS NOMINAIS**	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
peça	pedisse	pedir	–	pedir	pedindo
peças	pedisses	pedires	pede	pedires	
peça	pedisse	pedir	peça	pedir	**Particípio**
peçamos	pedíssemos	pedimos	peçamos	pedirmos	pedido
peçais	pedísseis	pedirdes	pedi	pedirdes	
peçam	pedissem	pedirem	peçam	pedirem	

Caber

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
caibo	cabia	caberei	caberia	coube	coubera
cabes	cabias	caberás	caberias	coubeste	couberas
cabe	cabia	caberá	caberia	coube	coubera
cabemos	cabíamos	caberemos	caberíamos	coubemos	coubéramos
cabeis	cabíeis	cabereis	caberíeis	coubestes	coubéreis
cabem	cabiam	caberão	caberiam	couberam	couberam
SUBJUNTIVO			**IMPERATIVO AFIRMATIVO**	**FORMAS NOMINAIS**	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
caiba	coubesse	couber	–	caber	cabendo
caibas	coubesses	couberes	–	caberes	
caiba	coubesse	couber	–	caber	**Particípio**
caibamos	coubéssemos	coubermos	–	cabermos	cabido
caibais	coubésseis	couberdes	–	caberdes	
caibam	coubessem	couberem	–	caberem	

Trazer

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
tra**go**	trazia	trarei	traria	trouxe	trouxera
trazes	trazias	trarás	trarias	trouxeste	trouxeras
traz	trazia	trará	traria	trouxe	trouxera
trazemos	trazíamos	traremos	traríamos	trouxemos	trouxéramos
trazeis	trazíeis	trareis	traríeis	trouxestes	trouxéreis
trazem	traziam	trarão	trariam	trouxeram	trouxeram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
tra**ga**	trouxesse	trouxer	–	trazer	trazendo
tra**gas**	trouxesses	trouxeres	traz/traze	trazeres	
tra**ga**	trouxesse	trouxer	tra**ga**	trazer	**Particípio**
tra**gamos**	trouxéssemos	trouxermos	tra**gamos**	trazermos	trazido
tra**gais**	trouxésseis	trouxerdes	trazei	trazerdes	
tra**gam**	trouxessem	trouxerem	tra**gam**	trazerem	

7.8.5 CONJUGAÇÃO DE VERBOS PRONOMINAIS

São verbos especiais, porque necessariamente são conjugados com o auxílio de um pronome pessoal do caso oblíquo. São exemplos desses verbos “arrepender-se, queixar-se, apiedar-se”.

Observe abaixo a conjugação do verbo “queixar-se”.

Queixar-se

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
queixo-me	queixava-me	queixar-me-ei	queixar-me-ia	queixei-me	queixara-me

queixas-te	queixavas-te	queixar-te-ás	queixar-te-ias	queixaste-te	queixaras-te
queixa-se	queixava-se	queixar-se-á	queixar-se-ia	queixou-se	queixara-se
queixamo-nos	queixávamo-nos	queixar-nos-emos	queixar-nos-íamos	queixamo-nos	queixáramo-nos
queixais-vos	queixáveis-vos	queixar-vos-eis	queixar-vos-íeis	queixastes-vos	queixáreis-vos
queixam-se	queixavam-se	queixar-se-ão	queixar-se-iam	queixaram-se	queixaram-se

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
me queixe	me queixasse	me queixar	–	queixar-me	queixando-se
te queixes	te queixasses	te queixares	queixa-te	queixares-te	
se queixe	se queixassem	se queixar	queixe-se	queixar-se	**Particípio**
nos queixemos	nos queixássemos	nos queixarmos	queixemo-nos	queixarmo-nos	se queixado
vos queixeis	vos queixásseis	vos queixardes	queixai-vos	queixardes-vos	
se queixem	se queixassem	se queixarem	queixem-se	queixarem-se	

⇨ Observações

Com as formas nominais não flexionadas, o pronome será da mesma categoria número-pessoal do sujeito.

7.8.6 CONJUGAÇÃO DOS VERBOS TERMINADOS NO HIATO "-EAR"

São verbos especiais, porque intercalam, por motivos fonéticos, um "i" intervocálico em sua desinência nas formas rizotônicas (presentes do indicativo e do subjuntivo, salvo nas pessoas "nós" e "vós" e no modo imperativo, exceto também nas pessoas "nós" e "vós"). Acompanhe abaixo a conjugação do verbo "nortear". Observe o acréscimo do "i" nas formas rizotônicas.

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
norte**i**o	norteava	nortearei	nortearia	norteei	norteara
norte**i**as	norteavas	nortearás	nortearias	norteaste	nortearas

norteia norteamos	norteava norteávamos	norteará nortearemos	nortearia nortearíamos	norteou norteamos	norteara norteáramos
norteais	norteáveis	norteareis	nortearíeis	norteastes	norteáreis
norteiam	norteavam	nortearão	nortearíam	nortearam	nortearam

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
norteie	norteasse	nortear	–	nortear	norteando
norteies	norteasses	norteares	norteia	norteares	
norteie	norteasse	nortear	norteie	nortear	**Particípio**
norteemos	norteássemos	nortearmos	norteemos	nortearmos	norteado
norteeis	norteásseis	norteardes	norteai	norteardes	
norteiem	norteassem	nortearem	norteiem	nortearem	

Assim como “nortear”, conjugam-se os verbos “pentear, marear, enfear, cear, chatear, manusear, pleitear, sortear, homenagear, saborear, passear, nortear, veranear, arrear” e todos os outros finalizados em “-ear”.

7.8.7 CONJUGAÇÃO DOS VERBOS TERMINADOS NO HIATO “-IAR”

Todos os verbos terminados em “-iar” seguem o paradigma de conjugação para os verbos da 3.ª conjugação. Isto quer dizer que são regulares. Observe abaixo a conjugação do verbo “variar”.

Variar

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
vario	variava	variarei	variaria	variei	variara
varias	variavas	variarás	variarias	variaste	variaras
varia	variava	variará	variaria	variou	variara
variamos	variávamos	variaremos	variaríamos	variamos	variáramos
variais	variáveis	variareis	variaríeis	variastes	variáreis
variam	variavam	variarão	variariam	variaram	variaram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
varie	variasse	variar	–	variar	variando
varies	variasses	variares	varia	variares	
varie	variasse	variar	varie	variar	**Particípio**
variemos	variássemos	variarmos	variemos	variarmos	variado
varieis	variásseis	variardes	variai	variardes	
variem	variassem	variarem	variem	variarem	

⇨ Observação:

Seis verbos há em nossa língua, os quais fogem ao paradigma acima, pois intercalam um "E" eufônico nas formas rizotônicas. São eles: mediar, ansiar, remediar, incendiar, odiar e intermediar. Para decorá-los, memorize o anagrama M-A-R-I-O – I. Veja:

M ediar
A nsiar
R emediar
I ncendiar
O diar
I ntermediar

Observe agora a conjugação de um desses verbos:

Ansiar

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
anseio	ansiava	ansiarei	ansiaria	ansiei	ansiara
anseias	ansiavas	ansiarás	ansiarias	ansiaste	ansiaras
anseia	ansiava	ansiará	ansiaria	ansiou	ansiara
ansiamos	ansiávamos	ansiaremos	ansiaríamos	ansiamos	ansiáramos
ansiais	ansiáveis	ansiareis	ansiaríeis	ansiastes	ansiáreis
anseiam	ansiavam	ansiarão	ansiariam	ansiaram	ansiaram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
	Pretérito			**Infinitivo**	

Presente	Imperfeito	Futuro		flexionado	Gerúndio
anseie	ansiasse	ansiar	–	ansiar	ansiando
anseies	ansiasses	ansiares	anseia	ansiares	
anseie	ansiasse	ansiar	anseie	ansiar	**Particípio**
ansiemos	ansiássemos	ansiarmos	ansiemos	ansiarmos	ansiado
ansieis	ansiásseis	ansiardes	ansiai	ansiardes	
anseiem	ansiassem	ansiarem	anseiem	ansiarem	

7.8.8 CONJUGAÇÃO DE VERBOS TERMINADOS NOS HIATOS "-OAR" E "-UAR"

Tais verbos merecem destaque porque apresentam a letra "E" em todas as formas do presente do subjuntivo. São frequentes os erros ao se escrever "continui" e "abençoi", por exemplo.

Observe abaixo a conjugação do verbo "abençoar".

Abençoar

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
abençoo	abençoava	abençoarei	abençoaria	abençoei	abençoara
abençoas	abençoavas	abençoarás	abençoarias	abençoaste	abençoaras
abençoa	abençoava	abençoará	abençoaria	abençoou	abençoara
abençoamos	abençoávamos	abençoaremos	abençoaríamos	abençoamos	abençoáramos
abençoais	abençoáveis	abençoareis	abençoaríeis	abençoastes	abençoáreis
abençoam	abençoavam	abençoarão	abençoariam	abençoaram	abençoaram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
abençoe	abençoasse	abençoar	–	abençoar	abençoando
abençoes	abençoasses	abençoares	abençoa	abençoares	
abençoe	abençoasse	abençoar	abençoe	abençoar	**Particípio**
abençoemos	abençoássemos	abençoarmos	abençoemos	abençoarmos	abençoado

abençoeis abençoem	abençoásseis abençoassem	abençoardes abençoarem	abençoai abençoem	abençoardes abençoarem	

⇨ **Observação:**

Os verbos terminados em "-OAR", em virtude das novas regras propostas pelo Acordo Ortográfico de 1990, já não mais recebem acento circunflexo no hiato "OO", o qual se forma na 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo. Por isso, escreveremos corretamente "eu voo, eu abençoo, eu enjoo, eu roo etc.".

7.8.9 CONJUGAÇÃO DOS VERBOS "VER" E "VIR" NO FUTURO DO SUBJUNTIVO

Frequentemente, os concursos cobram o conhecimento sobre a distinção entre as conjugações dos verbos "ver" e "vir" no futuro do subjuntivo. De fato, é importante não se confundir: "quando ou se eu vir" dir-se-á para a 1.ª pessoa do singular do verbo "ver"; ao passo que se empregará "quando ou se eu vier" para a 1.ª pessoa do singular do verbo "vir". Seguem neste mesmo paradigma os verbos derivados desses dois verbos (rever, prever, provir, intervir etc.). Observe abaixo o futuro do subjuntivo dos verbos "ver" e "vir":

Futuro do Subjuntivo do verbo VER

eu	**vir**
tu	vires
ele	vir
nós	virmos
vós	virdes
eles	virem

Futuro do Subjuntivo do verbo VIR

eu	**vier**
tu	vieres
ele	vier
nós	viermos
vós	vierdes

eles vierem

7.8.10 OUTRAS PARTICULARIDADES GRÁFICAS E FONÉTICAS SOBRE VERBOS DA 1.ª CONJUGAÇÃO

1. Os verbos terminados em "**CAR**" (abarcar, alocar, clinicar, dedicar, emboscar etc.) mudam o "c" em "qu" antes de "E". Observe este fenômeno na conjugação do verbo **FICAR**.

Ficar

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
fico	ficava	ficarei	ficaria	fi**qu**ei	ficara
ficas	ficavas	ficarás	ficarias	ficaste	ficaras
fica	ficava	ficará	ficaria	ficou	ficara
ficamos	ficávamos	ficaremos	ficaríamos	ficamos	ficáramos
ficais	ficáveis	ficareis	ficaríeis	ficastes	ficáreis
ficam	ficavam	ficarão	ficariam	ficaram	ficaram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
fi**qu**e	ficasse	ficar	–	ficar	ficando
fi**qu**es	ficasses	ficares	fica	ficares	
fi**qu**e	ficasse	ficar	fi**qu**e	ficar	**Particípio**
fi**qu**emos	ficássemos	ficarmos	fi**qu**emos	ficarmos	ficado
fi**qu**eis	ficásseis	ficardes	ficai	ficardes	
fi**qu**em	ficassem	ficarem	fi**qu**em	ficarem	

2. Os verbos terminados em "**ÇAR**" (abraçar, adoçar, bagunçar, caçar, desembaçar etc.) perdem a cedilha antes de "E". Observe a conjugação do verbo **DISFARÇAR**. Perceba que este fenômeno se dá no presente do subjuntivo e no modo imperativo, nas formas derivadas daquele.

Disfarçar

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
disfarço	disfarçava	disfarçarei	disfarçaria	disfar**c**ei	disfarçara
disfarças	disfarçavas	disfarçarás	disfarçarias	disfarçaste	disfarçaras
disfarça	disfarçava	disfarçará	disfarçaria	disfarçou	disfarçara
disfarçamos	disfarçávamos	disfarçaremos	disfarçaríamos	disfarçamos	disfarçáramos
disfarçais	disfarçáveis	disfarçareis	disfarçaríeis	disfarçastes	disfarçáreis
disfarçam	disfarçavam	disfarçarão	disfarçariam	disfarçaram	disfarçaram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
disfar**c**e	disfarçasse	disfarçar	–	disfarçar	disfarçando
disfar**c**es	disfarçasses	disfarçares	disfarça	disfarçares	
disfar**c**e	disfarçasse	disfarçar	disfar**c**e	disfarçar	**Particípio**
disfar**c**emos	disfarçássemos	disfarçarmos	disfar**c**emos	disfarçarmos	disfarçado
disfar**c**eis	disfarçásseis	disfarçardes	disfarçai	disfarçardes	
disfar**c**em	disfarçassem	disfarçarem	disfar**c**em	disfarçarem	

3. Os verbos terminados em "**GAR**" (abrigar, achegar, advogar, afagar, comungar etc.) recebem "U" antes da letra "E". Observe a conjugação do verbo **CHEGAR** e verifique esta mudança.

Chegar

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
chego	chegava	chegarei	chegaria	cheg**u**ei	chegara
chegas	chegavas	chegarás	chegarias	chegaste	chegaras
chega	chegava	chegará	chegaria	chegou	chegara
chegamos	chegávamos	chegaremos	chegaríamos	chegamos	chegáramos

chegais	chegáveis	chegareis	chegaríeis	chegastes	chegáreis
chegam	chegavam	chegarão	chegariam	chegaram	chegaram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
che**gu**e	chegasse	chegar	–	chegar	chegando
che**gu**es	chegasses	chegares	chega	chegares	
che**gu**e	chegasse	chegar	che**gu**e	chegar	**Particípio**
che**gu**emos	chegássemos	chegarmos	che**gu**emos	chegarmos	chegado
che**gu**eis	chegásseis	chegardes	chegai	chegardes	
che**gu**em	chegassem	chegarem	che**gu**em	chegarem	

4. O verbo **CONSUMAR** (completar, acabar, terminar), muito usual no meio jurídico, segu normalmente o paradigma dos verbos da 1.ª conjugação. Observe abaixo:

Consumar

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
consumo	consumava	consumarei	consumaria	consumei	consumara
consumas	consumavas	consumarás	consumarias	consumaste	consumaras
consuma	consumava	consumará	consumaria	consumou	consumara
consumamos	consumávamos	consumaremos	consumaríamos	consumamos	consumáramos
consumais	consumáveis	consumareis	consumaríeis	consumastes	consumáreis
consumam	consumavam	consumarão	consumariam	consumaram	consumaram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
consume	consumasse	consumar	–	consumar	consumando
consumes	consumasses	consumares	consuma	consumares	
consume	consumasse	consumar	consume	consumar	**Particípio**
consumemos	consumássemos	consumarmos	consumemos	consumarmos	consumado
consumeis	consumásseis	consumardes	consumai	consumardes	

consumem	consumassem	consumarem	consumem	consumarem	

5. O verbo **AVERIGUAR** bem como os verbos ENXAGUAR, AGUAR, APANIGUAR, APAZIGUAR, APROPINGUAR, DESAGUAR, OBLIQUAR apresentam dois paradigmas de conjugação a partir do Acordo Ortográfico de 1990:
   a) Continuam com as formas rizotônicas igualmente acentuadas no "U", mas sem marc gráfica. Exemplo: *averiguo, averiguas, averigua; averigue, averigues, averigue, averiguem; enxaguo, enxaguas, enxagua, enxaguam; enxague, enxagues, enxague, enxaguem etc.*
   b) Apresentam as formas rizotônicas acentuadas fônica e graficamente nas vogais "a" "i", presentes no radical. Exemplo: *averíguo, averíguas, averígua; averígue, averígues, averígue, averíguem; enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam; enxágue, enxágues, enxágue, enxáguem etc.*

7.8.11 OUTRAS PARTICULARIDADES GRÁFICAS E FONÉTICAS SOBRE VERBOS DA 2.ª CONJUGAÇÃO

1. Os verbos terminados em "**GER**" (constranger, desproteger, eleger, proteger, ranger etc.) mudam o "G" em "J" antes de "O e A". Observe a conjugação do verbo REGER e acompanhe esta alteração.

Reger

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
rejo	regia	regerei	regeria	regi	regera
reges	regias	regerás	regerias	regeste	regeras
rege	regia	regerá	regeria	regeu	regera
regemos	regíamos	regeremos	regeríamos	regemos	regêramos
regeis	regíeis	regereis	regeríeis	regestes	regêreis
regem	regiam	regerão	regeriam	regeram	regeram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
reja	regesse	reger	–	reger	regendo

re**j**as	regesses	regeres	rege	regeres	
re**j**a	regesse	reger	re**j**a	reger	**Particípio**
re**j**amos	regêssemos	regermos	re**j**amos	regermos	regido
re**j**ais	regêsseis	regerdes	regei	regerdes	
re**j**am	regessem	regerem	re**j**am	regerem	

2. O verbo **PERDER** muda o “D” em “C” antes de “O e A”. Observe abaixo:

Presente do Indicativo

eu	per**c**o
tu	perdes
ele	perde
nós	perdemos
vós	perdeis
eles	perdem

Presente do Subjuntivo

eu	per**c**a
tu	per**c**as
ele	per**c**a
nós	per**c**amos
vós	per**c**ais
eles	per**c**am

3. O verbo **VALER** muda o “L” em “LH” antes de “O e A”. Observe abaixo:

Presente do Indicativo

eu	va**lh**o
tu	vales
ele	vale
nós	valemos

vós	valeis
eles	valem

Presente do Subjuntivo

eu	va**lh**a
tu	va**lh**as
ele	va**lh**a
nós	va**lh**amos
vós	va**lh**ais
eles	va**lh**am

4. O verbo **DIZER** e seus derivados (contradizer, maldizer, predizer etc.) mudam o “Z” em “G” antes de “O e A”. Ademais, o verbo DIZER admite as formas “DIZE ou DIZ” para a 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo. Observe abaixo:

Presente do Indicativo

eu	di**g**o
tu	dizes
ele	diz
nós	dizemos
vós	dizeis
eles	dizem

Presente do Subjuntivo

eu	di**g**a
tu	di**g**as
ele	di**g**a
nós	di**g**amos
vós	di**g**ais
eles	di**g**am

5. Os verbos **DOER** e **PRAZER** são defectivos unipessoais. Só se conjugam na 3.ª pessoa. Observe abaixo:

Doer

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
–	–	–	–	–	–
–	–	–	–	–	–
dói	doía	doerá	doeria	doeu	doera
–	–	–	–	–	–
–	–	–	–	–	–
doem	doíam	doerão	doeriam	doeram	doeram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
–	–	–	–	–	doendo
–	–	–	–	–	
doa	doesse	doer	–	doer	**Particípio**
–	–	–	–	–	doído
–	–	–	–	–	
doam	doessem	doerem	–	doerem	

Prazer

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
–	–	–	–	–	–
–	–	–	–	–	–
praz	prazia	prazerá	prazeria	prouve	prouvera
–	–	–	–	–	–
–	–	–	–	–	–

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro		Infinitivo flexionado	Gerúndio
–	–	–	–	–	prazendo
–	–	–	–	–	
praza	prouvesse	prouver	praza	prazer	**Particípio**
–	–	–	–	–	prazido
–	–	–	–	–	
prazam	prouvessem	prouverem	prazam	prazerem	

⇨ Observação:

Os verbos “doer-se” (pronominal) e aprazer (derivado do verbo “prazer”) apresentam conjugação completa.

7.8.12 OUTRAS PARTICULARIDADES GRÁFICAS E FONÉTICAS SOBRE VERBOS DA 3.ª CONJUGAÇÃO

1. Os verbos terminados em “**GIR**” (adstringir, coagir, divergir, erigir, fugir, infligir etc.) trocam o “G” em “J” antes de “O e A”. Observe abaixo:

Presente do Indicativo

eu	divir**j**o
tu	diverges
ele	diverge
nós	divergimos
vós	divergis
eles	divergem

Presente do Subjuntivo

eu	divir**j**a
tu	divir**j**as

ele	divir**j**a
nós	divir**j**amos
vós	divir**j**ais
eles	divir**j**am

2. Os verbos PEDIR, IMPEDIR, EXPEDIR, DESPEDIR, MEDIR mudam o “D” em “Ç” ante de “O e A”. Observe abaixo:

Presente do Indicativo

eu	pe**ç**o
tu	pedes
ele	pede
nós	pedimos
vós	pedis
eles	pedem

Presente do Subjuntivo

eu	pe**ç**a
tu	pe**ç**as
ele	pe**ç**a
nós	pe**ç**amos
vós	pe**ç**ais
eles	pe**ç**am

3. Os verbos terminados em “**-ingir**” (atingir, cingir, constringir, infringir, tingir etc.) mudam o “G” em “J” antes das vogais “A e O”. Observe abaixo a conjugação do verbo **FINGIR** e constate essa mudança.

Fingir

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**

finjo finges finge fingimos fingis fingem	fingia fingias fingia fingíamos fingíeis fingiam	fingirei fingirás fingirá fingiremos fingireis fingirão	fingiria fingirias fingiria fingiríamos fingiríeis fingiriam	fingi fingiste fingiu fingimos fingistes fingirem	fingira fingiras fingira fingíramos fingíreis fingiram
SUBJUNTIVO			**IMPERATIVO AFIRMATIVO**	**FORMAS NOMINAIS**	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
finja finjas finja finjamos finjais finjas	fingisse fingisses fingisse fingíssemos fingísseis fingissem	fingir fingires fingir fingirmos fingirdes fingirem	– finge finja finjamos fingi finjam	fingir fingires fingir fingirmos fingirdes fingirem	fingindo **Particípio** fingido

7.9 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (MPE-SP) Passando a frase – Ele não só **criou** aqui o primeiro observatório astronômi das Américas, como **trouxe** cientistas – para o futuro do presente, os verbos destacados assumem, respectivamente, as seguintes formas:

   a) criava – trazia
   b) criaria – traria
   c) criará – trará
   d) criará – trazerá
   e) criara – trouxera

2. (MPE-SP) Assinale a alternativa correta quanto à correlação dos tempos verbais, de acordo com a norma culta.

   a) Se todos estiverem de acordo, eles deixaram a reunião para a semana seguinte.
   b) Logo que você perceber o clima de tensão, não teria agido daquela maneira.
   c) Seria melhor que elas examinassem os documentos com o cuidado necessário
   d) Quero que você dirige a tenção aos mais necessitados.

e) Caso me desencontrasse com ela, deixarei os livros com sua secretária.

3. (TER-RO) Observe a frase:

Se tu _____ que os eleitores chegam para votar, _____ a porta e _____-os entrar.

A opção que completa corretamente a frase é:

a) veres / abre / deixa
b) veres / abra / deixe
c) vires / abra / deixa
d) vires / abre / deixa
e) virdes / abri / deixai

4. (CESPE-MPU) Seguindo as normas gramaticais da língua culta, a sugestão "Seja trabalhador e você também será venturoso", se for expressa na terceira pessoa do plural, tornar-se-á:

a) Sede trabalhadores e vós também sereis venturosos.
b) Sejam trabalhadores e vós também sejais venturosos.
c) Sê trabalhadores e vocês também serão venturosos.
d) Sejam trabalhadores e vocês também serão venturosos.
e) Sejais trabalhadores e vocês também serão venturosos.

5. (TRE-MT) Só está **correta** a forma verbal destacada na frase:

a) Embora ele **esteje** indicado, o Senado ainda o aprovou.
b) Ele **passeiava** diariamente no parque.
c) Quando eles **trouxerem** a permissão, poderão entrar.
d) Se **mantermos** as posições, o inimigo não avançará.
e) Os deputados se **entretiam** com esses discursos.

6. (ALERJ/FESP) "Pois bem, como já disse, o vírus..."

O verbo **dizer** *aparece corretamente conjugado na frase acima. Há* **erro** *na conjugação desse mesmo verbo na seguinte frase:*

a) Dize-me com quem andas e eu te direi quem és.
b) Você dizer que está doente, não acredito.
c) O médico dizia tudo o que sabia sobre a AIDS.

d) Ele queria que eu dissesse onde você estava.

e) É preciso que você diga a verdade.

7. (TRT-ES) Nas frases abaixo, escreva (1) para as formas verbais corretas e (2) para as incorretas:

( ) Nós vimos ontem do pantanal.

( ) Vós rides de mim sem motivo.

( ) Mesmo assim tu me respondestes.

( ) Sempre requeiro os meus direitos.

( ) Esteje pronto às vinte e duas horas.

a) 2, 2,2, 1, 1

b) 1, 2, 1, 2, 1

c) 2, 1, 2, 1, 2

d) 1, 2, 2, 1, 2

e) 2, 1, 1, 2, 1

8. (TRF-RS) Considerando as formas verbais destacadas nas três frases abaixo, a opção com a correta classificação de tempos e modos é, respectivamente:

1. **Toma** *conta da minha bagagem, enquanto eu vou até ali.*

2. "Não **façais** *aos outros o que não quereis que vos façam."*

3. Os astrônomos negam que o Sol **gira** *em torno da Terra.*

a) presente do indicativo / presente do subjuntivo / presente do subjuntivo

b) imperativo afirmativo / imperativo negativo / presente do indicativo

c) imperativo afirmativo / imperativo negativo / presente do subjuntivo

d) imperativo afirmativo / presente do subjuntivo / presente do subjuntivo

e) presente do indicativo / imperativo negativo / presente do subjuntivo

9. (TRF-RJ) Das frases abaixo, a que contém **erro** na flexão verbal é:

a) O acidente ocorreu porque o Rui não conseguiu freiar o carro.

b) Se a comunidade nos provesse do equipamento de que necessitamos para prestar ela mesma esse serviço, todos sairíamos ganhando.

c) Os espíritos se incendeiam toda vez que se fala em fazer justiça.

d) Se a associação se mantivesse coerente com sua própria doutrina, cresceria sua credibilidade.

e) Quem se interpuser entre o Ricardo e a Cristina não contará com o meu apoio.

10. (TRF-RJ) Considerando as formas verbais destacadas nas três frases abaixo, a opção com a correta classificação de tempos e modos é, respectivamente:

1. Pelo menos não ***descumpra*** *suas obrigações.*

2. Talvez ***chova*** *no final do dia.*

3. ***Digita*** *este documento, por gentileza, Teresinha.*

a) imperativo negativo / presente do subjuntivo / imperativo afirmativo

b) presente do subjuntivo / presente do subjuntivo / imperativo afirmativo

c) imperativo negativo / presente do subjuntivo / presente do indicativo

d) presente do subjuntivo / presente do subjuntivo / presente do indicativo

e) imperativo negativo / presente do indicativo / imperativo afirmativo

GABARITO

1 – C	2 – C	3 – D
4 – D	5 – C	6 – B
7 – C	8 – B	9 – A
10 – A		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 8

ADVÉRBIO

8.1 CONCEITO

É a classe de palavras invariáveis que, modificando um verbo, um adjetivo ou outro advérbio, transmitem-lhes alguma circunstância.

Veja alguns exemplos de advérbios e locuções adverbiais:

- "**Hoje** quatro braças de terra, **amanhã** seis, **depois** mais outras, ia o vendeiro conquistando todo o terreno que se estendia **pelos fundos da sua bodega**." (Aluísio Azevedo)
- "A parede oriental da igreja é o muro do quintal de um lado, mas as comunicações foram vedadas **provavelmente** quando a coroa alienou o palácio e o separou assim **perpetuamente** do templo." (A. Garrett)
- "Os meus doentes, senhora condessa, respondeu Carlos, não são **bastante** numerosos para formar uma quadrilha." (Eça de Queiroz)
- "Ao despedir-se da pupila, Lemos apertou-lhe a mão: – Desejo-lhe que seja **muito** e **muito** feliz." (José de Alencar)
- "A história repete-se. Antônio Conselheiro foi um gnóstico bronco. Veremos **mais longe** a exação do símile." (Euclides da Cunha)

⇨ Observações:

a) Em raros casos, encontramos advérbios modificando um substantivo e até mesm uma preposição.

- "A sra. D. Josefa gostava muito do passeio ao pé do rio; até já ouvira dizer que nem em Lisboa havia coisa **assim**." (Eça de Queiroz)
- "Seu tio, naturalmente, lhe comunicara a criancice da prima, **pouco** antes de destinar-lhe a esposa." (Camilo Castelo Branco)

b) A maioria dos advérbios terminados em "-mente" deriva de adjetivos. Quando o adjetivo apresenta formas diferentes para os dois gêneros, o sufixo adverbial "-mente" será acrescido à forma feminina do adjetivo.

- feliz → felizmente
- triste → tristemente
- fácil → facilmente
- fraternal → fraternalmente
- radical → radicalmente
- vaidoso → vaidosamente
- ameaçador → ameaçadoramente
- exclusivo → exclusivamente
- fortuito → fortuitamente
- prático → praticamente

c) É possível transformar muitas expressões e locuções em advérbios – geralmente de "modo" ou de "tempo" –, formados com o sufixo adverbial "-mente". Observe:

- O recurso foi interposto **fora do tempo**. → extemporaneamente, intempestivamente
- Ele aprendia as lições **pouco a pouco**. → gradativamente, paulatinamente
- Ele dança e canta **ao mesmo tempo**. → simultaneamente
- Naquele momento, agiste **com precipitação**. → precipitadamente
- O debate será transmitido **sem interrupção**. → ininterruptamente
- Resolveu a questão **com displicência**. → displicentemente
- Fez tudo **de propósito**. → propositadamente

8.2 CLASSIFICAÇÃO DOS ADVÉRBIOS

Os advérbios são classificados de acordo com a circunstância que expressam. Assim, podem ser classificados em:

a) **de afirmação:** sim, certamente.

b) **de dúvida:** talvez, quiçá, acaso, por ventura, provavelmente, eventualmente.

c) **de frequência:** diariamente, cotidianamente, semanalmente, mensalmente, sucessivamente, raramente, perpetuamente, constantemente etc.

d) **de intensidade (ou "de quantidade"):** muito, assaz, bastante, pouco, excessivamente, demasiadamente, profundamente, meio, todo, completamente, menos, mais, tanto, quão, quanto, quase, algo, bem, mal, apenas, demais, nada.

e) **de tempo:** ainda, agora, amanhã, dantes, cedo, tarde, hoje, logo, outrora, imediatamente, anteriormente, antigamente, posteriormente, depois, antes, precedentemente, então, sempre, ora, anteontem, entrementes, presentemente, atualmente, ainda, afinal, amiúde, nunca, jamais etc.

f) **de modo:** bem, mal, errado, tristemente (e muitos adjetivos adverbializados com o sufixo "-mente"), depressa, devagar, assim, adrede, debalde, melhor, pior etc.

g) **de negação:** não, nunca, jamais, nem, tampouco.

h) **de lugar:** abaixo, acima, arriba, aquém, além, aqui, aí, ali, cá, lá, acolá, avante, atrás, algures (= em algum lugar), alhures (= em outro lugar), nenhures (= em lugar algum), defronte, adiante, detrás, dentro, fora, longe, perto, onde.

⇨ Observação:

A classificação acima é tão somente para efeitos didáticos. Sem dúvida, há inúmeros advérbios que melhor se enquadrariam noutras classificações. É o caso dos advérbios "**adrede, intencionalmente, propositadamente, acinte**" que poderiam ser classificados como "advérbios de intenção".

8.3 LOCUÇÕES ADVERBIAIS

Frequentemente, os advérbios aparecem em português sob a forma locucional – são as denominadas "locuções adverbiais". Tais locuções são um conjunto de palavras, geralmente de núcleo substantivo e geralmente encabeçadas por uma preposição, com valor circunstancial. Como advérbios que são, tais locuções também modificam "verbos, adjetivos e outros advérbios".

Locuções adverbiais

à força, a giros, às cegas, a esmo, a farta, a granel, à porta, à revelia, a seu talante, a cavalo, ao deus dará, à toa, às pressas, a pé, a pique, ao revés, a seu tempo, ao longe, ao vivo, à noite, às tontas, às ocultas, às escondidas, às vezes, ao acaso, com certeza, de repente, de cabo a rabo, de improviso, de cor, de forma alguma, de propósito, de primeiro, de relance, de soslaio, de vez em quando, de sobreaviso, em verdade, de caso pensado, de passagem, de graça, de nenhum modo, de oitiva, entre a cruz e a espada, lado a lado, muitas vezes, nesse meio tempo, em breve, em vão, por atacado, por fora, em cima, por cima, para sempre, por um triz, pouco a pouco, senão quando, sem dúvida, dentro em pouco, ao contrário, passo a passo, pelo contrário, em breve, vez por outra etc.

Observe alguns exemplos:

- **Pela manhã**, costumo beber um pouco de água natural para melhorar o funcionamento intestinal.
- "E só agora notava que todos esses afagos eram sempre ocultos e assustados, feitos como que ilegalmente, **às escondidas**, e quase sempre acompanhados de choro."

(Aluísio Azevedo)

- "E na Sé, ao sair da missa, regalar-se de a ver passar encolhida no seu mantelete preto, escorraçada de todos, enquanto ele, **à porta, de propósito**, conversaria com a mulher do governador civil." (Eça de Queiroz)
- "... já que a perfídia pode abrir as portas das nossas cidades aos africanos, sem que estes tenham de passar **por cima** dos cadáveres de seus irmãos, para se assenhorarem delas." (A. Herculano)
- "As seções avançadas ascendiam, porém, mais rápidas, pelas barrancas, conquistando o terreno, até que outra irrupção repentina do adversário lhes tomasse a frente, ou as aferrasse **de soslaio**." (Euclides da Cunha)
- "O aventureiro apertou convulsivamente o cabo de sua faca, e fechando os olhos e dando um passo **às cegas**, ergueu a mão para desfechar o golpe." (José de Alencar)

⇨ Observações:

a) Em muitas locuções adverbiais, ocorre a elipse do núcleo-substantivo. Observe:

- à direita → elipse do substantivo "mão"
- à esquerda → elipse do substantivo "mão"
- à francesa → elipse do substantivo "moda"
- ao natural → elipse do substantivo "modo"
- às cegas → elipse do substantivo "maneiras"
- à brasileira → elipse do substantivo "maneira"

b) É bastante comum a omissão da preposição nas locuções adverbiais de tempo.

- "Neste tempo, **que as âncoras levaram** Na sombra escura os Mouros escondidos Mansamente as amarras lhe cortavam, Por serem, dando à costa, destruídos." (Camões *apud* Mário Barreto) → (Omissão da preposição "em" antes do relativo "que")
- "Natividade não dormiu **aquela noite** sem obter do marido que a deixasse ir com a irmã à cabocla. (Machado de Assis) *omissão da preposição "em"*
- "Tem dias **que a gente se sente** → (Omissão da preposição "em")
  como quem partiu ou morreu." (Chico Buarque)
- "Pouquíssimas palavras lhe ouvi na meia hora **que se deteve conosco**." (Camilo Castelo Branco)
  omissão da preposição "em"
- "Venho achar realizado aquele projeto em que eu te falei **a última vez que estivemos juntos**." (A. F. de Castilho)
  omissão da preposição "em"

- "**Uma noite que** ela se levantou a recebê-lo sem mais compostura que a que tinha na cama,..." (Manuel Bernardes)
- "**Uma noite**, estando à porta da loja de Manuel Procópio de Freitas, viu entrar um indivíduo, que procurava comprar aguardente." (Aluísio Azevedo)

8.4 ADJETIVOS ADVERBIALIZADOS

Em muitas situações, empregam-se adjetivos em função adverbial. Neste caso, o adjetivo, à semelhança do advérbio, permanecerá invariável.

- Acudiram algumas pessoas que **próximo** se encontravam.
- "A fisionomia de Bento Simões reanimou-se. – Falai **claro** uma vez ao menos, retrucou Ru Soeiro." (José de Alencar)
- "Para não cair foi-lhe preciso agarrar-se **forte** com ambas as mãos ao braço de Álvaro, arrimando-se em seu peito." (Bernardo Guimarães)
- "O tamanho do título como que lhe dobrava a magnificência, posto que, para ligá-lo ao nome, era **demasiado** comprido – esta segunda reflexão foi tio Cosme que a fez." (Machado de Assis)
- "Ao despedir-se, apertou-lhe com força a mão mole, bateu-lhe no ombro com intimidade, e disse **alto** e com ênfase: – Energia, marechal!" (Lima Barreto)

8.5 GRAUS DO ADVÉRBIO

É no mínimo curioso falar-se em "flexão de grau" de uma classe essencialmente invariável como é o advérbio. De fato os advérbios não variam. Excepcionalmente, alguns (especialmente os de "tempo, modo, lugar, intensidade") admitem a flexão de grau, cuja formação é bastante semelhante à do grau dos adjetivos.

COMPARATIVO
- → **de igualdade** = forma-se com o advérbio "tão"
- → **de superioridade** = forma-se com o advérbio "mais"
- → **de inferioridade** = forma-se com o advérbio "menos"

SUPERLATIVO
- **RELATIVO**
  - → **de superioridade** = forma-se com "o mais"
  - → **de inferioridade** = forma-se com "o menos"
- **ABSOLUTO**
  - → **sintético**
  - → **analítico**

Observe os exemplos de flexão de grau do advérbio:

- Fala **tão bem** quanto um professor. (grau comparativo de igualdade)
- Andava **mais depressa** do que a maioria do grupo. (grau comparativo de superioridade)
- Falou **menos prudentemente** do que o orientador dele. (grau comparativo de inferioridade)
- Abordou o assunto **o mais superficialmente** que pôde. (grau superlativo relativo de superioridade)
- Abordou o assunto **o menos superficialmente** que pôde. (grau superlativo relativo de inferioridade)

8.6 ADVÉRBIOS LATINOS

Nos estilos literário e jurídico, é bastante comum a presença de advérbios latinos, isto é, escritos em latim. Busca-se, com a citação de outra língua, conferir maior credibilidade ou dar maior ênfase àquilo que se escreve. Observe alguns desses advérbios:

- ***a posteriori*** = pelo que segue
- ***ab initio*** = desde o início
- ***ad nutum*** = ao arbítrio
- ***ad cautelam*** = por cautela
- ***a priori*** = segundo um princípio anterior
- ***ad hoc*** = eventualmente
- ***ab intestato*** = sem testamento
- ***ad domum*** = em casa

- ***ad judicia*** = para o juízo
- ***data venia*** = com sua licença
- ***ex expositis*** = do que ficou exposto
- ***ex positis*** = do que ficou assentado
- ***ipsu facto*** = em virtude desse fato
- ***lato sensu*** = em sentido amplo
- ***maxime*** = principalmente
- ***retro*** = atrás
- ***sine die*** = indeterminadamente
- ***statu quo*** = no estado em que
- ***sui generis*** = de gênero próprio
- ***ad litem*** = para a lide
- ***ex abrupto*** = repentinamente
- ***ex officio*** = oficialmente
- ***exempli gratia*** = por exemplo
- ***ipsis litteris*** = literalmente
- ***pari passu*** = em igual passo
- ***mutatis mutandis*** = com as devidas mudanças
- ***pro forma*** = por mera formalidade
- ***sic*** = assim
- ***stricto sensu*** = em sentido restrito
- ***verbi gratia*** (abrevia-se "v.g.") = por exemplo

8.7 PARTICULARIDADES SOBRE OS ADVÉRBIOS

1. **Quando se coordena mais de um advérbio terminado em "-mente" (série gradativa), se não houver necessidade de ênfase, só se coloca o sufixo adverbial no último elemento.**

- "Isaías, que foi de todos os profetas o que mais própria e **elegantemente** soube falar, não só intensiva mas **extensivamente**..." (Pe. Antônio Vieira)
- "As mãos do sacerdote deixam muitas vezes umedecida a tela que veste os altares com vestígios do sangue derramado covarde e **vilmente**." (A. Herculano)
- "Conquistai pacífica e **legalmente**, pois, o uso das instituições liberais, reassumi a vossa soberania constitucional, ascendei ao governo de vós mesmos, e sereis felizes moralizados, invencíveis." (Rui Barbosa)
- "Quando se oferece esse ensejo, o chefe, hábil em capitanear, deixar-se-á de reticências e reservas, anunciando valorosa e **lucidamente** uma política, que consubstancie e interprete os sentimentos mal conscientes do povo." (Rui Barbosa)

2. **Há vários vocábulos na língua portuguesa que ora aparecem como advérbios, or como pronomes, adjetivos e numerais. Para se determinar a classe morfológica a que pertencem tais palavras, devem-se levar em conta os seguintes critérios:**

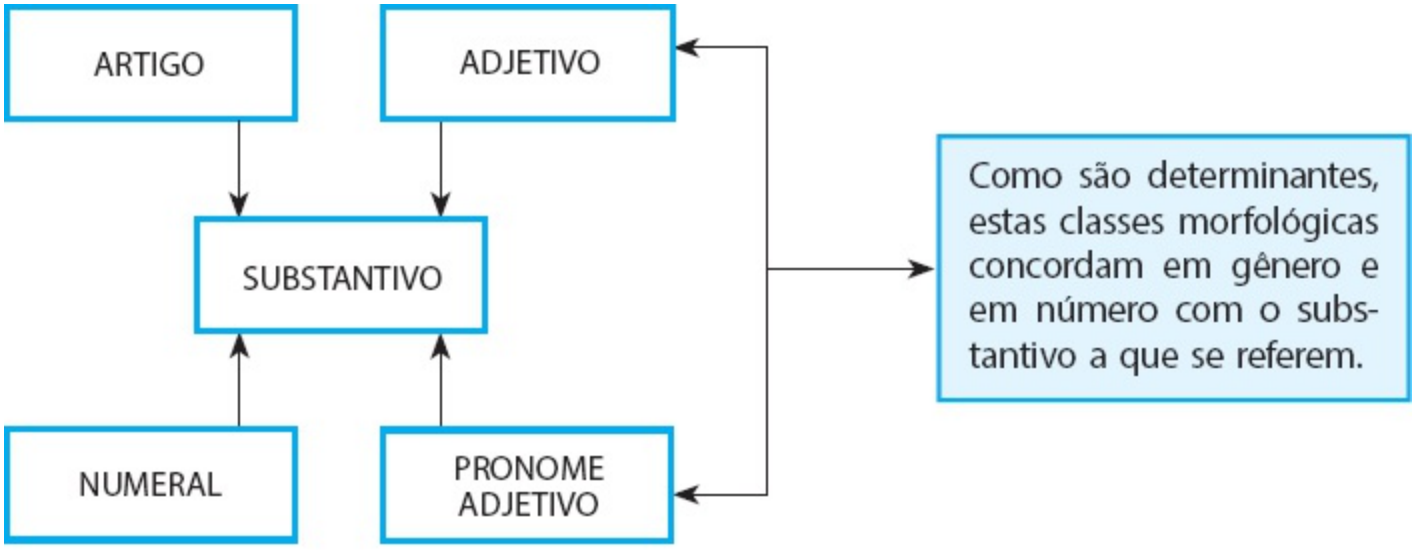

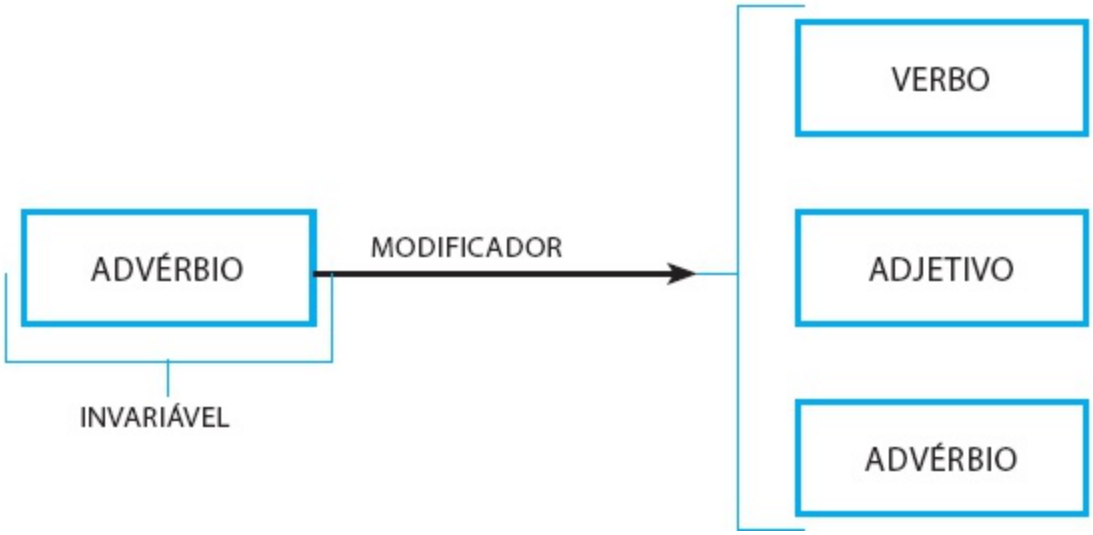

- Ela usa **meias** verdades.
  numeral
- Tomamos **muito** sorvete.
  pronome indefinido
- Já andei por **longes** terras.
  pronome indefinido
- Li os livros **todos** da biblioteca dele.
  pronome indefinido
- O **próximo** capítulo fala sobre o amor.
  adjetivo
- Este mamão é **caro**.
  adjetivo
- Havia **bastantes** alunas no evento.
  pronome indefinido
- Falou **poucas**, mas belas palavras.
  pronome indefinido

- Ele encontra-se **meio** adoentado.
  advérbio
- O sorvete estava **muito** gelado.
  advérbio
- Ele mora **longe**.
  advérbio
- No acidente, ele ficou **todo** ensanguentado.
  advérbio
- Fiquei **próximo** do local do acidente.
  advérbio
- Estas frutas custam **caro**.
  advérbio
- Elas falavam **bastante**.
  advérbio
- Ele falou **pouco**.
  advérbio

3. Alguns advérbios podem construir-se com a conjunção "que": "talvez que, certamente que, sem dúvida que, decerto que, felizmente que".

- “A ameaça só ela a ouviu; e, se eu tivesse sido aviltado no conceito de Teresa pelos insultos do miserável, **talvez que** ela os não repetisse.” (Camilo Castelo Branco)
- “Eu não lhe quero mal, minha senhora, **certamente que** não!” (Eça de Queiroz)
- “Ela riu-se. – **Decerto que** não...
  Basílio disse então, lentamente, fitando o chão: – Ah! Outros tempos!” (Eça de Queiroz)

4. Em linguagem formal, é preferível usar-se “mais bem” e “mais mal” quando são seguidos de um particípio. Quando não, usam-se as formas sintéticas “melhor” e “pior”.

- “Se alguns desses alvitres, ou qualquer outro que se possa imaginar, será **mais bem** aceito aos conservadores do que o plano de cauteloso ensaio esboçado por Mr. Gladstone, (...).” (Rui Barbosa)
- “O nosso opugnador certamente conhece **melhor** do que nós a obra *ex-professo* de Stuart Mill *On representative government.*” (Rui Barbosa)

5. No trato familiar e no trato mais afetivo, é bastante comum a formação do grau diminutivo de alguns advérbios.

- Ele vai aqui **pertinho**.
- Hoje ele acordou **melhorzinho**.
- **Cedinho, cedinho** eu quero partir.
- Dê-me um **pouquinho** de tempo, por favor.

6. A palavra “todo”, quando empregada em função circunstancial (adverbial), concorda frequentemente com o termo a que ela modifica. A despeito de esta flexão ser condenada por alguns puristas da língua, encontramo-la nos maiores conhecedores do idioma português.

- “E ela era bela, de uma beleza **toda** judaica.” (A. Garrett)
- “A santa mulher chega ao marido **toda** envergonhada, e lhe confessa que...”. (F. Castilho *apud* Mário Barreto)
- “O senhor Ricardo levou-me a uma sala espaçosa, e **toda** adornada de cadeiras de almofada.” (Camilo Castelo Branco)
- “...interrompeu ela sorrindo-se, e lançando-se-lhe nos seus braços **toda** vermelha e com os olhos nadando em lágrimas.” (Rebêlo da Silva *apud* Mário Barreto)

7. O advérbio de dúvida “talvez”, anteposto ao verbo, exige que este seja flexionad no modo subjuntivo.

- "**Talvez**, porém, os instintos generosos da nação lhe revelassem essas qualidades subalternas..." (Rui Barbosa)
- "**Talvez** esteja começando o meu delírio. Deixa ver o espelho." (Machado de Assis)

8. Alguns advérbios de lugar são empregados, muitas vezes, em correspondência com alguns pronomes demonstrativos. E equivalem, respectivamente, a:

a) aqui, cá → correspondem ao demonstrativo "este" = neste lugar

b) aí → corresponde ao demonstrativo esse = nesse lugar

c) ali, acolá, lá → correspondem ao demonstrativo "aquele" = naquele lugar

- "Bateu-o, felizmente, a onda impetuosa do Sul. **Aqui**, a aclimação mais pronta, em meio menos adverso, emprestou, cedo, mais vigor aos forasteiros." (Euclides da Cunha)
- "Era ela; **aqui** estava a igreja, **ali** a cadeia, **acolá** a farmácia, donde vinham os medicamentos para o outro Quincas Borba." (Machado de Assis)

9. O "onde" é um pronome relativo que apresenta função sintática de adjunto adverbial de lugar. Daí ser chamado também de "advérbio relativo". Quando o "onde" apresenta antecedente explícito, equivale a "em que". Quando não apresenta antecedente explícito, equivale a "o lugar em que".

- "Verdes mares bravios de minha terra natal, **onde** canta a jandaia nas frondes da carnaúba." (José de Alencar)
- "O esposo da herdeira presuntiva ainda não se deu a conhecer às classes populares, na capital **onde** reside." (Rui Barbosa)

10. Em estruturas que apresentam mais de uma negação, é bastante comum a substituição do advérbio "não" por "nem".

- "**Não** cinco, nem dez, nem vinte contos, mas tudo, o capital inteiro, especificados os bens casas na Corte..." (Machado de Assis)
- "No mesmo sepulcro **não** há porvir de esperança, nem porventura, luz de consolação." (A Herculano)

11. O advérbio "aqui" em algumas ocasiões expressa "tempo".

- "Calaram-se todos, inclinaram-se os bustos, atentos, esperando. Aqui fiquei com medo." (Machado de Assis *apud* Sousa da Silveira)

12. "Além" e "aquém" são advérbios de lugar e significam "da parte de lá" e "da

parte de cá", respectivamente.

- "E hoje quem segue pelo caminho de Queimadas, trilhando um solo abrolhando cactos e pedras, ao divisá-la, das cercanias de Quirinquinquá, duas léguas **aquém**." (Euclides da Cunha)
- "Subitamente, no meio deste silêncio, alguns esculcas e vigias lançados **além** do rio na margem direita, creram perceber um ruído longínquo." (A. Herculano)

13. É importante distinguir o advérbio "só" – que significa "apenas, somente" – do adjetivo "só" – que significa "sozinho(a)".

- *advérbio = somente, apenas*
  "Só ao primeiro magistrado na dinastia incumbe o direito de praticá-los." (Rui Barbosa)
- *adjetivo = sozinha*
  "Ficando só, a nossa amiga foi sentar-se à porta de casa, no jardim." (Machado de Assis)

14. "Assim" é um advérbio de modo. É empregado em muitas construções em função conclusiva, equivalendo a "dessa forma, sendo assim, desse modo, por isso".

- "Bem haja ela, porque **assim** amou a justiça e serviu a causa da verdade!" (Rui Barbosa)
- "As estrelas são muito distintas e muito claras. **Assim** há de ser o estilo da pregação; muito distinto e muito claro." (Pe. Antônio Vieira)

⇨ Observação:

Em algumas situações, o advérbio "assim" pode se referir a um substantivo. É uma rara exceção à regra de que os advérbios modificam "verbos, adjetivos e outros advérbios".

- "Nunca morrer assim! Nunca morrer num dia
  Assim! de um sol **assim**!" (Olavo Bilac)
- "Mas aquela pergunta **assim**, vaga e solta, não pude atinar o que era." (Machado de Assis)

15. É importante também não confundir o advérbio de modo "alerta" com o substantivo "alerta" – este com o sentido de "aviso, sirene".

- "Não fechara a porta, de propósito; estava alerta, ao primeiro rumor saltaria." (Aluísio Azevedo)
  advérbio
- Soaram dois alertas no Corpo de Bombeiros.
  substantivo

16. Nos advérbios em "-mente", derivados de adjetivos com acento agudo ou circunflexo, estes acentos são suprimidos na formação do advérbio. Observe:

- ávido → avidamente
- débil → debilmente
- fácil → facilmente
- ingênuo → ingenuamente
- lúcido → lucidamente
- único → unicamente
- cortês → cortesmente
- só → somente
- espontâneo → espontaneamente

8.8 PALAVRAS E LOCUÇÕES DENOTATIVAS

A Nomenclatura Gramatical Brasileira, provavelmente esteada nas preciosíssimas lições do professor José Oiticica[1], classifica à parte certas palavras e expressões, antes consideradas advérbios. De acordo com as suas significações, tais palavras, chamadas de "denotativas", podem exprimir:

a) Exclusão → apenas, só, somente, exceto, senão, salvo, sequer

- **Só** ela me entende.
- Todos, **senão** Pedro, poderiam ajudá-lo naquele momento.
- **Apenas** nós ficamos lá.

b) Inclusão → também, até, inclusive, ademais, além disso

- **Até** João dançou naquela noite.
- Eu **também** irei.

c) Explicação → isto é, a saber, por exemplo, *verbi gratia*

- "Os coleópteros, **por exemplo**, têm metamorfoses completas." (José Oiticica)
- Entregou-me todos os bens, **isto é**, um caro, uma lancha, e um helicóptero.

d) Designação → eis

- **Eis** o meu maior amor: Jesus Cristo.

e) Correção ou retificação → aliás, digo, ou melhor, isto é

- Na turma éramos quatro bons amigos, **aliás**, cinco.

8.9 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (UFCE) Marque a alternativa que preenche corretamente todas as lacunas numeradas.

Palavra	Classificação morfológica	Processo de formação
gradil	1	derivação sufixal
enferrujar	verbo	2
outrora	3	4

a) (1) substantivo
(2) derivação sufixal
(3) adjetivo
(4) derivação sufixal

b) (1) adjetivo
(2) derivação parassintética
(3) adjetivo
(4) composição

c) (1) adjetivo
(2) derivação sufixal
(3) advérbio
(4) composição

d) (1) substantivo
(2) derivação parassintética
(3) adjetivo
(4) derivação sufixal

e) (1) substantivo
(2) derivação parassintética
(3) advérbio
(4) composição

2. (Ufam) Assinale o item em que a palavra *que* desempenhas a função de advérbio:

a) Que fizeste dos meus livros?
b) Que bonitos olhos tens!
c) Que troféu ainda te falta?
d) Que és muito feliz, eu bem o sei.
e) Quase que você acerta tudo.

3. UFMG) As expressões destacadas correspondem a um adjetivo, exceto em:

a) João Fanhoso anda amanhecendo **sem entusiasmo**.

b) Demorava-se **de propósito** naquele complicado banho.
c) Os bichos **da terra** fugiam em desabalada carreira.
d) Noite fechada sobre aqueles ermos perdidos da caatinga **sem fim**.
e) E ainda me vem com essa conversa de homem **da roça**.

4. (UFV-MG) Em todas as alternativas há dois advérbios, exceto em:

a) Ele permaneceu muito calado.
b) Amanhã, não iremos ao cinema.
c) O menino, ontem, cantou desafinadamente.
d) Tranquilamente, realizou-se, hoje, o jogo.
e) Ela falou calma e sabiamente.

5. (UFC-CE) A opção em que há um advérbio exprimindo circunstância de tempo é:

a) Possivelmente viajarei para São Paulo.
b) Maria teria aproximadamente 15 anos.
c) As tarefas foram executadas concomitantemente.
d) Os resultados chegaram demasiadamente atrasados.

6. (Unimep-SP) Em "... um **aborrecimento** quando **os** vejo e gostaria de **não** vê-los mais" as palavras destacadas são, respectivamente:

a) adjetivo, artigo, advérbio.
b) adjetivo, pronome, pronome.
c) substantivo, pronome, advérbio.
d) substantivo, artigo, pronome.
e) verbo, pronome, preposição.

7. (Cesgranrio-RJ) Assinale a alternativa em que a preposição **com** traduz uma relação de instrumento.

a) "Teria sorte nos outros lugares, com gente estranha."
b) "Com o meu avô cada vez mais perto do fim, o Santa Rosa seria um inferno."
c) "Não fumava, e nenhum livro com força de me prender."
d) "Trancava-me no quarto fugindo do aperreio, matando-as com jornais."
e) "Andavam por cima do papel estendido com outras já pregadas no breu."

8. (PUC-SP) No trecho:

"Os trens **de** *cana apitavam de quando em vez, mas* **não** *davam* **vencimento** *à* **fome** *das moendas", as palavras destacadas correspondem, morfologicamente, pela ordem, a:*

a) preposição, advérbio, verbo, substantivo.
b) conjunção, advérbio, substantivo, adjetivo.
c) preposição, advérbio, adjetivo, adjetivo.
d) preposição, advérbio, verbo, advérbio.
e) preposição, advérbio, substantivo, substantivo.

9. (PUCC-SP) Os seus projetos são os ... elaborados, por isso garantem verbas ... para sua execução e evitam ... -entendidos.

a) melhor – suficientes – mal
b) mais bem – suficientes – mal
c) mais bem – suficiente – mal
d) melhor – suficientes – mau
e) melhor – suficiente – mau

10. (UMC-SP) Em: "uma cerca **de pedra-seca**, do tempo dos escravos" e "Tudo é mato, crescendo **sem regra**.", as locuções destacadas são, respectivamente:

a) adjetiva e adjunto adnominal; adverbial e adjunto adverbial.
b) adverbial e objeto indireto; adjetiva e predicativo.
c) adjetiva e adjunto adverbial; adverbial e adjunto adnominal.
d) adjetiva e complemento nominal; adverbial e adjunto adnominal.
e) adverbial e adjunto adnominal; adjetiva e complemento nominal.

11. (Cesgranrio-RJ) Assinale a alternativa em que a locução destacada tem valor adjetivo.

a) "Comprei móveis e objetos diversos que entrei a utilizar **com receio**."
b) "Azevedo Gondim compôs **sobre ela** dois artigos."
c) "Pediu-me **com voz baixa** cinquenta mil-réis."
d) "Expliquei **em resumo** a prensa, o dínamo, as serras..."
e) "Resolvi abrir o olho para que vizinhos **sem escrúpulos** não se apoderassem do qu era delas."

GABARITO

1 – E	2 – B	3 – B
4 – A	5 – C	6 – C
7 – D	8 – E	9 – B
10 – A	11 – E	

[1] Oiticica, José. *Manual de análise léxica e sintática*. 10. ed. Rio de Janeiro: Paulo de Azevedo Ltda., 1953. p. 50-55.

CAPÍTULO 9

CONJUNÇÃO

9.1 DEFINIÇÃO

É a classe de palavra invariável que liga duas orações entre si, estabelecendo um vínculo de coordenação ou de subordinação.

Observe:

- Os funcionários informaram ao chefe **que** a máquina não estava funcionando bem.
  1.ª oração — 2.ª oração
- **Quando** a moça chegou, todos se levantaram imediatamente.
  1.ª oração — 2.ª oração
- O governo aumentou a taxa de juros **e** diminuiu o acesso ao crédito consignado.
  1.ª oração — 2.ª oração

⇨ Observação:

Em alguns casos, a conjunção pode funcionar como um nexo entre duas palavras de mesma função sintática. É, por exemplo, o que frequentemente ocorre com a conjunção aditiva "E". Observe abaixo:

a) Chegou cedo **e** foi para a cidade a fim de comprar pão. (A conjunção aditiva "e" liga duas orações)

b) João **e** Maria foram ao centro da cidade. (A conjunção aditiva "e" liga duas palavras

9.2 CLASSIFICAÇÃO

Pode-se inicialmente classificar as conjunções quanto à forma. Serão "simples" quando formadas por um único vocábulo (se, e, mas, quando, enquanto etc.). Serão "locucionais" (locuções conjuntivas) quando formadas por mais de um vocábulo (uma vez que, à medida que, para que etc.).

A principal classificação das conjunções, entretanto, leva em conta o significado da conjunção e a possibilidade de ela estabelecer “coordenação” ou “subordinação”. Por este critério, as conjunções são classificadas em:

9.2.1 COORDENATIVAS

As conjunções coordenativas são aquelas que ligam orações que apresentam a mesma função na frase. De acordo com a relação que expressam, as conjunções coordenativas são classificadas em:

1. **ADITIVAS** → Chamadas também de “copulativas” ou “aproximativas”, as conjunções aditivas ligam duas orações, aproximando-as numa relação de soma, de adição.

E, NEM, TAMBÉM, BEM ASSIM, BEM COMO, NÃO SÓ... MAS (TAMBÉM), NÃO SÓ... BEM COMO, QUE (= E).

- “– Pois sim, será; que disso nada sei, **nem** sou lida e sabida como tu...” (A. Garrett)
- “... porque ela se acha mencionada em muitos documentos, **não só** de outras províncias de Espanha, **mas também** de diversos países, como se pode ver em Ducange, à palavra Arapennis.” (A. Herculano)
- “Agora que o trem de ferro
  Acorda o tigre no cerro
  E espanta os caboclos nus,
  Fazei desse ‘rei dos ventos’
  – Ginete dos pensamentos,
  – Arauto da grande luz!...” (Castro Alves)

⇨ Observações sobre as conjunções aditivas:

a) A conjunção “e”, quando une palavras, funciona no mais das vezes como “aproximativa”, isto é, indica mera relação de nexo. Por isso, é comumente suprimida, sem ofensa do sentido, em uma série coordenada e só se expressa entre o penúltimo e o último termo.

- Pedro, João **e** Paulo partiram para o interior de São Paulo em busca de emprego.

b) A conjunção “e” pode ligar duas orações de valores opostos. Neste caso, a conjunção “e” equivalerá a “mas”, uma vez que a 2.ª oração estabelece uma oposição em relação à 1.ª oração.

- “Miguel, Miguel, não tens abelhas, **e** (= mas) vendes mel”. (provérbio)
- “Não era cristão Platão, **e** (= mas) mandava na sua República que nenhum oficial pudesse aprender duas artes.” (Pe. A. Vieira *apud* A. Epiphanio da Silva Dias)

c) A conjunção “e” pode assumir diversos valores em uma estrutura oracional. Observe:

- “Qualquer movimento, **e** será um homem morto.” (A. Filho *apud* Celso Cunha)
  expressa uma conclusão
- “Ia decorá-la **e** transmiti-la ao irmão e à cachorra.” (G. Ramos *apud* Celso Cunha)
  expressa uma finalidade
- Esperei mais algumas palavras. Não vieram – **e** saí desapontado.” (G. Ramos *apud* Celso Cunha)
  expressa uma consequência

d) A conjunção “nem” pode ser tanto aditiva (aproximativa) quanto alternativa (disjuntiva). Quando aditiva, equivale a “e nem” e liga frases negativas. Quando alternativa, ela se repete em cada uma das orações.

- Não fez a tarefa, **nem** preparou o trabalho que a professora pedira.
  conjunção aditiva = e nem
- Hoje, em virtude da doença, **nem** vai ao trabalho, **nem** vai à escola.
  conjunção alternativa

⇨ Observação:

Nem toda repetição da conjunção “nem” irá caracterizar uma alternância, conforme se observa no exemplo abaixo:

- “Sem ele, talvez o Brasil não tivesse derrotado **nem** o complexo de inferioridade de sua sociedade em geral **nem** o racismo velado que se manifestava até no futebol.” (Clóvis Rossi, Folha S. Paulo, 07.04.2002)

→ No exemplo acima, o par “nem... nem...” expressa adição negativa. O segundo “nem” equivale a “e nem”.

e) Na linguagem coloquial, é comum o emprego de “mais” em lugar da conjunção aditiva “e”. Saliente-se que este emprego é desabonado pelo padrão mais formal da linguagem.

- Fernando **mais** Felipe foram comprar algumas cervejas.
  uso coloquial → mais = “e”

f) Algumas conjunções aditivas são frequentemente empregadas em construções paralelas introduzidas geralmente por “não só...”. Tais conjunções encerram verdadeiras construções correlatas.

CONJUNÇÕES CORRELATAS ADITIVAS

- não só... mas também...
- não só... mas ainda...
- não só... senão também...
- não só... senão que...
- não só... bem como...

- "**Não só** a cobiça e o desenfreamento da soldadesca multiplicavam aí as cenas de rapina de violência e de sangue, **mas também** a política dos capitães árabes procurava aumentar a terribilidade desses dramas repetidos para quebrar os ânimos dos godos e persuadi-los à submissão." (A. Herculano)
- "... sabem que Isaura **não só** era dotada de espírito superior, **como também** recebera a mais fina e esmerada educação, não lhe estranharam a distinção das maneiras, a elegância e elevação da linguagem..." (Bernardo Guimarães)

2. **ADVERSATIVAS** → São as conjunções que unem pensamentos ou ideias contrárias, opostas. A principal conjunção adversativa na língua portuguesa é o "MAS". Apresentam também força adversativa os seguintes conectores:

PORÉM, CONTUDO, TODAVIA, ENTRETANTO, NO ENTANTO, SENÃO, QUE (= MAS), AINDA ASSIM

- "É uma lira, **mas** sem cordas; uma primavera, **mas** sem flores; uma coroa de folhas, **mas** sem viço." (Álvares de Azevedo)
- "– Pois o que vais tu ser, homem, **senão** um sujeito às ordens do S. Fulgêncio, do horrendo careca?" (Eça de Queiroz)
- "Bem sei que te rasguei o coração, porque tu me amavas deveras, **mas** já tenho expiado de sobra o mal que te fiz." (Casimiro de Abreu)
- "O firmamento límpido arqueia-se alumiado ainda por um Sol obscurecido, de eclipse. A pressão, **entretanto**, decai vagarosamente, numa descensão contínua, afogando a vida." (Euclides da Cunha)

⇨ Observações sobre as conjunções adversativas:

a) A despeito de serem adversativas, a conjunção "porém" distingue-se de "mas" por indicar oposição mais forte que esta. Ademais, a conjunção "porém" poder ser *pospositiva*, isto é, pode ser posta depois do termo coordenado, ao passo que "mas" é sempre prepositiva, pois sempre vem antes do termo coordenado.

- “A Bruzundanga era um sarcófago de mármore, ouro e pedrarias, em cujo seio, **porém**, o cadáver mal embalsamado do povo apodrecia e fermentava.” (Lima Barreto)
- “Itaquê curvara a cabeça. Ele ouviu brandir a arma; não era, **porém**, aquele o zunido da corda do arco, quando o vergava sua mão possante.” (José de Alencar)

b) A conjunção adversativa “senão” pode apresentar os seguintes sentidos (valores): a não ser, do contrário, caso contrário, mas sim.

- “O braço de Itaquê defendeu sempre a nação tocantim; quer ela ser defendida agora pela palavra daquele, que não tem mais para dar-lhe **senão** (= a não ser) a experiência de sua velhice?” (José de Alencar)
- “Não obteve aplausos nem respeito, **senão** (= mas sim) escárnio e menoscabo.” (A. Houaiss)
- Transmita imediatamente esta mensagem, **senão** (= do contrário, caso contrário) será despedido.
- “A definição do pregador é a vida e o exemplo. Por isso Cristo no Evangelho não o comparou ao semeador, **senão** (= mas sim) ao que semeia.” (Pe. Antônio Vieira)

c) A conjunção “senão” pode juntar-se ao advérbio “quando”, formando a locução adverbial “senão quando”, com o sentido de “de repente, inesperadamente, quando menos se esperava”.

- “**Senão quando**, morre-lhe o padrinho ao Gouveia, e em testamento deixou ao afilhado três contos de réis.” (Machado de Assis)

d) As conjunções “entretanto, no entanto” podem ser empregadas como advérbios de tempo, com o sentido de “nesse tempo, nesse meio termo, nesse ínterim, entrementes”.

- “E sentia-se esvaecer e, pouco a pouco, adormecia e, dali a pouco, roncava. **Entretanto** no castelo tinham dado pela sua falta. Esperaram-no até à noite; esperaram-no uma semana, um mês, um ano, e não o viam voltar.” (A. Herculano)

3. ALTERNATIVAS OU DISJUNTIVAS → São conjunções que ligam ideias e pensamento que se alternam ou que se excluem.

OU, OU... OU, SEJA... SEJA, QUER... QUER, NEM... NEM, ORA... ORA, SEJA... SEJA.

- **Ou** ele vai para a reunião, **ou** eu vou representá-lo.
- **Ora** diz que não foi ele, **ora** diz que participou do crime.

- **Quer** o governo queira, **quer** o governo não queira, todos farão greve.
- **Nem** um **nem** outro participarão do evento.
- "Pois olhe, **quer** me creia, **quer** não, tenho-lhe conhecido mais de uma dúzia de chichisbéus, não falando do padre capelão, que esse ainda agora lhe fornece a garrafeira, à nossa custa, entende-se." (Camilo C. Branco)

⇨ Observações sobre as conjunções alternativas:

a) A alternância (disjunção) efetuada com a conjunção "ou" pode ser "inclusiva", quando os elementos se somam, ou "exclusiva", quando os elementos se excluem. Veja:

- Maçã **ou** mamão fazem bem ao intestino. (alternativa includente)
- João **ou** Pedro ganhará o prêmio de literatura este ano. (alternativa excludente)

b) A alternância efetuada pelo par "ou... ou..." sempre será "excludente".

- **Ou** você fica conosco, **ou** partirá para a casa de sua avó.
- **Ou** o governo aumenta o quantitativo de policiais, **ou** a violência dominará as ruas das grandes cidades.

4. CONCLUSIVAS OU ILATIVAS → São as conjunções que introduzem orações, em um período coordenado, as quais expressam uma conclusão, uma ilação em relação à primeira oração.

LOGO, PORTANTO, POR ISSO, POIS (posposto ao verbo), ENTÃO, ASSIM, POR CONSEQUÊNCIA, CONSEQUENTEMENTE, CONSEGUINTEMENTE.

- Ele estudou todo o assunto, deve **então** saber o sentido da expressão.
- A vida é breve; **por isso** devemos aproveitá-la bastante.
- "Dela depende inteiramente a higiene dos povos e o saneamento dos governos. É, **pois**, garantia conservadora por excelência, contanto que seja plena e ampla." (Rui Barbosa)

5. EXPLICATIVAS → São conjunções que explanam na segunda oração o sentido da primeira oração ou uma explicação para a primeira.

QUE, PORQUE, POIS (anteposto ao verbo), PORQUANTO.

- Não faça caso, **que** aqui estamos para ouvi-lo.
- Isso não é razão para a sua angústia, **porque**, afinal de contas, os negócios têm corrido bem.
- As estrelas giram em torno da Terra, **pois** a Terra tem um movimento de rotação em torno de seu eixo.

9.2.2 SUBORDINATIVAS

As conjunções subordinativas (também chamadas de "circunstanciais") ligam orações que exercem uma função sintática em relação a outra oração denominada de "principal ou subordinante". São dez as conjunções subordinativas:

1. **CAUSAIS** → São conjunções que subordinam ideias em que se exprime a causa, o motivo, a razão de ser da ideia principal.

QUE, PORQUE, PORQUANTO, COMO (no início da oração = JÁ QUE), SE (= JÁ QUE), DESDE QUE, POIS QUE, VISTO QUE, VISTO COMO, UMA VEZ QUE, COMO QUER QUE, DE MODO QUE

- O cavaleiro não se deteve, **que** lhe pareceu haver gente emboscada.
- Velho **que** era, evitava lugares altos e grandes emoções.
- Não ficaremos neste local, **porquanto** nos pretendem roubar.
- **Já que** assim o quis, mandei-o embora.
- **Como** não liberaram o dinheiro, teve de tirar um empréstimo.
- **Se** ela gosta de você, por que não vai procurá-la?

⇨ Observações sobre as conjunções causais:

a) Para que a conjunção "como" seja classificada como "causal", ela precisa vir no início d período e equivaler a "porque, já que".

- Como (= já que) não chegou no tempo estipulado, foi demitido.

b) Nem sempre é fácil a distinção entre uma conjunção causal e uma conjunção explicativa Para observar tal distinção, sugerimos estudar as orações subordinadas adverbiais causais, em sintaxe do período composto.

2. **CONCESSIVAS** → São conjunções que subordinam ideias em que se exprime uma açã contrária, oposta à ideia principal.

QUE, EMBORA, CONQUANTO, AINDA QUE, POSTO QUE, BEM QUE, SE BEM QUE, QUANDO MESMO, POR MAIS QUE, POR MENOS QUE, POR POUCO QUE, MESMO QUE, EM QUE PESE, APESAR DE QUE.

- **Embora** ele estivesse conosco, não poderia ter feito nada para salvar a vida do amigo.
- Não conseguirás tirar toda a sujeira, **quando mesmo** uses água sanitária.
- Tuas palavras, **que** fossem muitas, não atenuariam a dor daquele momento.
- **Por mais que** ele se explicasse, não convenceria o delegado da inocência dele.
- Ficarei na casa, **ainda que** haja opiniões contrárias.

⇨ Observações sobre as conjunções concessivas:

a) Perceba que as conjunções concessivas, ao lado das coordenativas adversativas, promovem as relações de oposição ou de contraste. Por isso, geralmente é possível se trocarem umas pelas outras. É preciso, porém, ficar atento à flexão verbal, já que as orações concessivas desenvolvidas exigem o verbo no modo subjuntivo.

- Resolveu continuar estudando, **mas** sabia que já não mais realizaria o seu sonho.

→ Resolveu continuar estudando, **embora** soubesse que já não mais realizaria o seu sonho.

- **Conquanto** ela deixasse a desejar em suas atitudes morais, Marta jamais abandonou o filho e os seus familiares.

→ Marta jamais abandonou o filho e os seus familiares, **entretanto** ela deixava a desejar em suas atitudes morais.

b) Não confunda a conjunção "conquanto" com a conjunção "porquanto". Esta pode ser causal ou explicativa, enquanto aquela é estritamente concessiva.

- Abandonou a empresa, **porquanto** (*conjunção causal*) não lhe pagaram as férias devidas.
- (*conjunção concessiva*) **Conquanto** tenha abandonado a empresa, não deixou que os filhos passassem fome.

c) Há outros articuladores na língua portuguesa que também expressam oposição concessiva. São eles "a despeito de, malgrado, não obstante".

- Comprou aquele carro usado, **malgrado** os conselhos em contrário que recebeu.
- **A despeito** da vigilância ativa da polícia militar, houve diversos assaltos no último final de semana.

d) Lembre-se de que, no português do Brasil, a conjunção "posto que" só é usada como concessiva, equivalendo a "embora, apesar de que, mesmo que, ainda que". Portanto, é erro crasso usar "posto que" no lugar de "já que, visto que, uma vez que" e vice-versa.

- "Pode crer-se que a intenção do Mateus era ser admirado e invejado, **posto que** ele não a confessasse a nenhuma pessoa." (Machado de Assis)
- "A mulher, **posto que** lhe apontassem já os cabelos brancos, rejubilou com isso." (Aluísio Azevedo)

3. **CONFORMATIVAS** → São conjunções que subordinam ideias em que se exprime a conformidade de um pensamento com o da ideia principal.

COMO, CONFORME, CONSOANTE, SEGUNDO.

- Tudo se anunciou **conforme** previra o astrólogo.
- Os advogados procederam **segundo** ordenava a lei.
- Eles fizeram tudo **consoante** lhes haviam determinado.

4. **CONSECUTIVAS** → São conjunções que subordinam ideias em que se exprime o efeito a consequência, o resultado do pensamento expresso na ideia principal.

QUE (precedido de "TÃO, TAL, TANTO, TAMANHO"), SEM QUE, DE MODO QUE, DE SORTE QUE, DE FORMA QUE, DE MANEIRA QUE.

- Falou tanto **que** ficou rouco.
- Não discute religião **sem que** não se exalte.
- "Deus, oh! Deus, onde estás **que** não respondes?" (Castro Alves)
- Ficou profundamente magoada com a atitude da criança, **de sorte que** não queria mais lecionar naquela turma.
- Viveu a vida sem restrições, **de modo que** o futuro lhe trouxe grandes dissabores.

⇨ Observações sobre as conjunções consecutivas:

a) Em muitas estruturas, os termos de reforço “tão, tal, tanto, tamanho” não aparecem – são elipsados da estrutura.

- Chove **que** é um horror! → Aqui temos a estrutura “Chove **TANTO que** é um horror!”.
- Ele fala **que** incomoda. → Aqui temos a estrutura “Ele fala **TANTO que** incomoda”.

5. CONDICIONAIS → São conjunções que subordinam ideias que exprimem a condição, a hipótese, a probabilidade para a ideia principal do período.

SE, CASO, CONTANTO QUE, SEM QUE, A NÃO SER QUE, SALVO SE, EXCETO SE, A MENOS QUE.

- Participaremos do evento, **salvo se** houver algum empecilho de última hora.
- Irei, **a não ser que** seja impedido por alguém.
- Elaborarei o projeto, **contanto que** ninguém dê palpite.
- Não começaremos a reunião **sem que** ele esteja presente.

6. COMPARATIVAS → São conjunções que estabelecem uma relação de comparação, d analogia com a ideia principal do período.

COMO, ASSIM COMO, TAL E QUAL, TAL QUAL, MAIS QUE OU DO QUE, MENOS QUE OU DO QUE, TANTO QUANTO, FEITO (= COMO).

- Ele é **tão** sábio **quanto** o irmão.
- O herói foi **tão** valente **quão** magnânimo.
- O Brasil foi colônia portuguesa, **assim como** a Argentina foi colônia espanhola.
- “Se mandasse fazer em postas e salgar o Sr. Quintino Bocaiúva, **tal qual** procedeu para com Ratcliff o fundador do império, não faltariam almas para lançar flores ao sangue dessas crueldades infames.” (Rui Barbosa)
- Parecia **mais** calmo **que** de costume.

7. FINAIS → São conjunções que estabelecem uma relação de fim (finalidade) com a idei principal do período.

QUE (= PARA QUE), PORQUE (= PARA QUE), PARA QUE, A FIM DE QUE.

- Fizemos tudo **para que** ele fosse aprovado em um concurso.
- "Tu que as gentes da terra tudo enfreias, **que** não passem o termo limitado." (Camilo C. Branco)
- Estudai **porque** sejais logo aprovado em um concurso.

⇨ Observações sobre as conjunções finais:

a) A conjunção "porque" expressando finalidade está em franco desuso na língua portuguesa contemporânea.

b) "A fim de" é uma locução prepositiva. "A fim de que" é uma locução conjuntiva. Amb indicam finalidade. A primeira emprega-se seguida de um infinitivo, pois se emprega com orações reduzidas. A segunda emprega-se com orações desenvolvidas.

- **A fim de** sair cedo, dormi pouco.
- **A fim de que** saísse cedo, dormiu pouco.

8. PROPORCIONAIS → São as conjunções que estabelecem uma relação de proporcionalidade em relação ao fato contido na oração subordinante.

À MEDIDA QUE, À PROPORÇÃO QUE, AO PASSO QUE, QUANTO MAIS... MAIS, QUANTO MAIS... MENOS, QUANTO MENOS... MAIS, QUANTO MENOS... MENOS.

- **À medida que** ele estuda, **mais** aprende.
- **Quanto mais** trabalha, **mais** acumula dinheiro.
- Os alunos se levantavam, **ao passo que** iam sendo chamados.

⇨ Observações sobre as conjunções proporcionais:

a) Não se esqueça de que "à medida em que" e "na medida que" são expressões que não existem em nossa língua. Surgiram como corruptela da conjunção proporcional "à medida que".

b) É essencial não confundir "à medida que" com "na medida em que". Esta introduz orações causais e equivale a "visto que, já que", enquanto aquela é essencialmente

proporcional e equivale a “à proporção que”.

9. **TEMPORAIS** → São conjunções que estabelecem o momento, o tempo da realização d fato contido na oração subordinante (principal).

ENQUANTO, DESDE QUE, LOGO QUE, ASSIM QUE, MAL (= LOGO QUE), ANTES QUE, DEPOIS QUE, ATÉ QUE, AGORA QUE, QUANDO, SEMPRE QUE, TODA VEZ QUE.

- “Não olhes para o vinho **quando** se mostra vermelho, **quando** resplandece no copo e se escoa suavemente.” (Provérbios 23:31)
- “Minha família, **depois que** lhe falei a seu respeito, está impaciente para conhecê-lo e desde já fica à sua espera.” (Aluísio Azevedo)
- “É a grande resolução que se toma nas grandes dificuldades da vida, **sempre que** é possível espaçá-las.” (Almeida Garret)
- “**Logo que** acabem de comer – continuou ele dirigindo-se ao feitor –, leveas para a colheita do café.” (Bernardo Guimarães)

10. **INTEGRANTES → São as conjunções que introduzem as orações substantivas, isto é, as orações que exercem para a oração principal uma das seguintes funções: sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto e predicativo.**

QUE, SE

- “O certo é **que** um complexo de circunstâncias lhes tem dificultado regime contínuo.” (Euclides da Cunha)
- “Meneses não sabia **se** tinha ou deixava de ter dinheiro.” (Lima Barreto)
- “Pádua obedeceu; confessou **que** acharia forças para cumprir a vontade de minha mãe.” (Machado de Assis)

⇨ Observação sobre as conjunções subordinativas:

Embora não seja reconhecida pela NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira), existe ainda uma conjunção (SEM QUE), que introduz orações que expressam circunstância de modo. Essa conjunção, por isso, é denominada de modal. Vejamos alguns exemplos:

- “Os meninos entraram **sem que** alguém reparasse neles, e foram colocar-se junto do oratório.” (Manuel A. de Almeida)
- “Agora, pensava em como entregar a carta **sem que** ninguém visse, sem escândalo.” (Adolfo Caminha)

9.3 UBIQUIDADE DAS CONJUNÇÕES

Como se sabe, em português, temos praticamente uma só (e importante) conjunção – QUE. As demais são, na maioria dos casos, advérbios que exercem a função conjuntiva ou locuções conjuntivas formadas a partir de verbos, substantivos e advérbios, associados à conjunção “QUE”.

Por isso, muitas conjunções – notadamente a conjunção QUE – podem estabelecer mais de uma relação (mais de um papel) dentro de um período. Quando isso ocorre, diz-se que a conjunção é “ubíqua”, isto é, que a conjunção tem a capacidade de expressar mais de uma relação, mais de um sentido.

Observe abaixo um rol sucinto de algumas conjunções ubíquas.

1 – SE

- Pedro só será aprovado **se** estudar. → **(conjunção condicional)**
- Não sabemos **se** Pedro será aprovado. → **(conjunção integrante)**
- Por que me enviaste para a missão **se** sabias que eu era fraco? → **(conjunção causal)**

2 – QUE

- Rezava **que** rezava, mas não espantava os maus pensamentos. → **(conjunção aditiva)**
- “De outras ovelhas cuidarei, **que** não de vós.” (A. Garrett) → **(conjunção adversativa)**
- Todos desejam **que** tu venhas logo. → **(conjunção integrante)**
- Velho **que** era, evitava lugares altos. → **(conjunção causal)**
- Nunca fui à casa do João, **que** não o achasse estudando. → **(conjunção consecutiva)**
- Não discute sobre futebol **que** não se exalte. → **(conjunção consecutiva)**
- Com o constrangimento, fez-se vermelha **que** nem romã. → **(conjunção comparativa)**
- “Porém cinco sóis já eram passados, **que** dali nós partimos.” (Camões) → **(conjunção temporal)**
- Chegados **que** fomos, todos iniciaram a reunião. → **(conjunção temporal)**
- Agora trata de fazer as coisas, **que** não lhe seja uma manhã inútil. → **(conjunção final)**

3 – COMO

- Ninguém sabe **como** ele aqui chegou. → **(conjunção integrante)**
- **Como** estivesse doente, faltei à aula. → **(conjunção causal)**
- O rosto de Maria é branco **como** a neve. → **(conjunção comparativa)**
- Falou **como** lhe convinha. → **(conjunção modal)**
- **Como** nos orientava o manual, elaboramos o projeto. → **(conjunção conformativa)**
- Falou que estaria com ele na riqueza **como** na pobreza. → **(conjunção aditiva)**

4 – DESDE QUE

- **Desde que** chegue cedo, poderá sair com os amigos. → **(conjunção condicional)**
- **Desde que** chegou, não parou de falar. → **(conjunção temporal)**

5 – QUANDO

- **Quando** falou, todos ficaram emocionados. → **(conjunção temporal)**
- **Quando** a criança chorava, ela cantava e cantava mais alto. → **(conjunção proporcional)**
- Gastaram dez dias a pé, **quando** gastariam cinco se fossem pelo mar. → **(conjunção adversativa)**

6 – E

- Chegou cedo a casa **e** pôs-se a escrever sobre o livro que lera. → **(conjunção aditiva)**
- Estudou bastante para o concurso, **e** não conseguiu nem sequer ficar entre os classificados. → **(conjunção adversativa)**

⇨ Observação final:

Entender o valor que a conjunção está expressando depende exclusivamente do contexto em que ela se encontra. Portanto, vale um conselho: não tente decorar os valores das conjunções. Seu esforço será inócuo. Tente, sim, entender o valor que ela está exprimindo na situação em que foi empregada.

9.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (Fuvest-SP) Nas frases abaixo, cada espaço pontilhado corresponde a uma conjunção retirada.

1. "Porém já inço sóis eram passados ... dali nos partíramos."
2. ... estivesse doente faltei à escola.
3. ... haja maus nem por isso devemos descrer doas bons.
4. Pedro será aprovado ... estude.
5. ... chova sairei de casa.

As conjunções retiradas são, respectivamente:

a) quando, ainda que, sempre que, desde que, como.
b) que, como, embora, desde que, ainda que.
c) como, que, porque, ainda que, desde que.
d) que, ainda que, embora, como, logo que.
e) que, quando, embora, desde que, já que.

2. (UEL-PR) Não gostava muito de novelas policiais; admirava, porém, a técnica de seus autores.

Comece com: *Admirava a técnica...*

a) visto como
b) enquanto
c) conquanto
d) porquanto
e) à medida que

3. (UEL-PR) A serem considerados os resultados, o trabalho foi eficiente.

Comece com: *O trabalho foi eficiente...*

a) desde que
b) ainda que
c) a menos que
d) embora
e) por isso

4. (PUC-SP) Assinale a alternativa que possa substituir, pela ordem, as partículas de transição dos períodos abaixo, sem alterar o significado delas.

"Em **primeiro lugar**, *observemos o avô.* **Igualmente**, *lancemos um olhar para a avó.*

__Também__ o pai deve ser observado. Todos são altos e morenos. __Consequentemente__, a filha também será morena e alta."

a) primeiramente, ademais, além disso, em suma
b) acima de tudo, também, analogamente, finalmente
c) primordialmente, similarmente, segundo, portanto
d) antes de mais nada, da mesma forma, por outro lado, por conseguinte
e) sem dúvida, intencionalmente, pelo contrário, com efeito

5. (Cesgranrio-RJ) Assinale o período em que ocorre a mesma relação significativa indicada pelos termos destacados em "A atividade científica é tão natural **quanto qualquer outra atividade econômica**".

a) Ele era tão aplicado, que em pouco tempo foi promovido.
b) Quanto mais estuda, menos aprende.
c) Tenho tudo quanto quero.
d) Sabia a lição tão bem como eu.
e) Todos estavam exaustos, tanto que se recolheram logo.

6. (Fuvest-SP) "Podem acusar-me: estou com a consciência tranquila." Os dois pontos (:) do período acima poderiam ser substituídos por vírgula, explicitando-se o nexo entre as duas orações pela conjunção:

a) portanto
b) e
c) como
d) pois
e) embora

7. (PUC-SP) Em:

"... ouviram-se amplos bocejos, fortes __como__ o marulhar das ondas..."

A partícula *como* expressa uma ideia de:

a) causa
b) explicação
c) conclusão
d) proporção
e) comparação

8. (Fuvest-SP) “Que não pedes um diálogo de amor, é claro, **desde que impões** a cláusu da meia-idade.”

O segmento destacado poderia ser substituído, sem alteração do sentido da frase, por:

a) desde que imponhas
b) se bem que impões
c) contanto que imponhas
d) conquanto imponhas
e) porquanto impões

9. (PUCC-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que ocorre uso **incorreto** de conjunção.

a) O homem criou a máquina para facilitar sua vida, e contudo ela correspondeu a ess expectativa.
b) Diga-lhe que abra logo a porta, que eu estou com pressa.
c) Ele tinha todas as condições para representar bem os colegas; nem todos lhe reconheciam os méritos, porém.
d) O problema é que ainda não se sabe se ele agiu conforme as normas da empresa.
e) Ao perceber o que tinha feito com seus livros, gritou que parecia um louco.

10. (PUC-SP) Nos trechos:

“Vejo três meninas caindo rápidas, enfunadas, **como** *se dançassem inda” e*
“... e a prima-dona com a longa cauda de lantejoulas riscando o céu **como** *um cometa”,*
as palavras destacadas expressam respectivamente ideias de:

a) comparação, objeto
b) modo, origem
c) modo, comparação
d) comparação, instrumento
e) consequência, consequência

GABARITO

1 – B	2 – C	3 – A
4 – D	5 – D	6 – D

7 – E	8 – E	9 – A
10 – C		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 10

PREPOSIÇÃO

10.1 DEFINIÇÃO

É a categoria gramatical invariável que tem por função ligar entre si duas palavras, subordinando uma à outra, para introduzir determinadas circunstâncias ou indicar posse, referência, origem, atribuição, causa, efeito etc. Portanto, a preposição é a palavra invariável de caráter essencialmente relacional.

Observe:

- Amanhã iremos à casa **de** Maria.
  A preposição "de" subordina "Maria" à "casa".
- A criança se encontra **com** febre.
  A preposição "com" introduz o termo atributivo "com febre".
- Deixá-lo-emos **em** Salvador e partiremos **para** São Paulo.
  As preposições "em" e "para" introduzem as circunstâncias de lugar.

Perceba que a principal "missão" das preposições é, de fato, subordinar um vocábulo ao outro. As palavras ligadas pela preposição chamam-se "**termos**" dela. O primeiro (subordinante ou regente) é chamado de "**antecedente**" e o segundo (subordinado ou regido) é chamado de "**consequente**".

Veja agora estes outros exemplos:

- Joana gosta **de** sair à noite.
  A preposição "de" subordina a oração "sair à noite" ao verbo "gostar".
- Tenho certeza **de** que amanhã Maria chegará.
  A preposição "de" subordina a oração "que amanhã Maria chegará" à "certeza".
- Eles anseiam **por** que a inflação não aumente.
  A preposição "por" subordina a oração "que a inflação não aumente" ao verbo "ansiar".

Observando as orações acima, percebe-se claramente que a preposição também subordina "orações" a certos vocábulos. Vê-se, portanto, que a preposição, à semelhança da conjunção, também subordina orações.

10.2 NEXOS PREPOSITIVOS NÃO REGENCIAIS – VALORES DE ALGUMAS PREPOSIÇÕES

De fato, o emprego da preposição se dá geralmente por questões de regência – subordinação de um termo a outro. Nem sempre, porém, isso ocorre. Em muitos casos, emprega-se a preposição para que ela estabeleça, junto ao núcleo do termo, um determinado valor. É o caso que se dá, por exemplo, com as locuções adverbiais. Perceba que a maioria delas é introduzida por um nexo prepositivo, que não foi oriundo de uma relação regencial. Quando se diz, por exemplo, "*João chegou à noite*", a preposição "a", que introduz a locução adverbial de tempo "à noite", estabelece com o substantivo "noite" uma noção de tempo. A preposição, nesse caso, não foi requisitada pelo verbo da estrutura, uma vez que ele é intransitivo. Foi usada tão somente para estipular / introduzir a relação de tempo.

Observe outros valores estipulados por nexos prepositivos não regenciais:

- Ele sempre fala muito **sobre** política.
  ↳ *assunto*
- Ele veio **de** Caruaru.
  ↳ *lugar, origem, procedência*
- Sairemos hoje **com** Maria.
  ↳ *companhia*
- Falaram **contra** nós dois.
  ↳ *oposição*
- A casa **de** Maria é bonita.
  ↳ *posse*
- Vendeu a casa **por** R$ 20.000,00.
  ↳ *preço*
- Dei-lhe algo **para** beber.
  ↳ *finalidade*
- Comprei um televisor **em** cores.
  ↳ *qualidade, estado*
- Morrer **pela** pátria.
  ↳ *motivação, favor*
- Ele morreu **de** fome.
  ↳ *causa*
- Todos se inclinaram **para** a frente.
  ↳ *direção, lugar*
- Atiraram **para** cima.
  ↳ *direção*
- Viajaremos **durante** as férias.
  ↳ *tempo*
- Nós iremos **de** avião.
  ↳ *meio*
- Fechou o portão **a** cadeado.
  ↳ *instrumento*
- Fez um omelete **com** dois ovos.
  ↳ *matéria*
- Todos ficaram **de** pé.
  ↳ *modo*
- Comprei uma casa **de** campo.
  ↳ *finalidade, destinação*

10.3 CLASSIFICAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES

No português, as preposições são classificadas em "essenciais" (palavras que só desempenham o papel estritamente de preposição) e "acidentais" (palavras de outra classe gramatical que eventualmente se usam como preposições).

a) São essenciais:

a	de	perante
ante	desde	por
após	em	sem
até	entre	sob
com	para	sobre
contra	trás	

b) São acidentais:

conforme (= de acordo com)	fora, afora
consoante (= de acordo com)	exceto
segundo (= de acordo com)	mediante (= por meio de)
como (= na qualidade de)	menos
durante	tirante
salvo	salvante

10.4 LOCUÇÕES PREPOSITIVAS

Em muitos casos, a função prepositiva é exercida por um conjunto de vocábulos que é finalizado por uma preposição. Neste caso, está-se diante das chamadas "**locuções prepositivas**". Geralmente, tais locuções apresentam como núcleo um substantivo ou um advérbio.

Abaixo há um sucinto rol das principais locuções prepositivas.

abaixo de	atrás de	em frente de
acerca de	através de	em lugar de
acima de	de acordo com	em redor de
a fim de	debaixo de	em torno de

além de	defronte de	em vez de
à maneira de	dentro de	fora de
antes de	de per	junto a
até a	depois de	não obstante
ao lado de	devido a	no caso de
ao invés de	diante de	para com
ao redor de	embaixo de	perto de
a par de	em cima de	por causa de
apesar de	em face de	por detrás de
a respeito de	em frente a	por trás de

Observe alguns exemplos:

- "Maldito seja aquele vendeiro de todos os diabos! Fazer-me um cortiço **debaixo das** janelas!..." (Aluísio Azevedo)
- "Duas vacas, guardadas por uma rapariga, apareceram então pelo caminho lodoso que d outro lado do rio, **defronte da** alameda, corre junto de um silvado." (Eça de Queiroz)
- "O olhar fascinado perturbava-se no desequilíbrio das camadas desigualmente aquecidas parecendo varar **através de** um prisma desmedido e intáctil." (Euclides da Cunha)
- "Esta protelação, inexplicável, esta reserva **acerca de** um programa feito, acabado, dependente apenas de uma formalidade elementar." (Rui Barbosa)
- "A cabocla foi sentar-se à mesa redonda que estava no centro da sala, virada para as duas. Pôs os cabelos e os retratos **defronte de** si." (Machado de Assis)

10.5 COMBINAÇÕES E CONTRAÇÕES DAS PREPOSIÇÕES

Observe o exemplo abaixo:

Ele foi um **daqueles** que sempre lutou **pela** pátria.

Veja que os dois termos em negrito aparecem com preposições:

- daqueles → de + aqueles
- pela → per (preposição arcaica) + a

Num período, pode uma preposição unir-se a outra palavra, passando a constituir com ela um só vocábulo. Nessa ligação, se a preposição permanece com todos os seus fonemas, diz-se que há "**combinação**"; se houver perda de fonema para algum dos componentes, diz-se que há "**contração**".

Listaremos abaixo alguns casos comuns de combinação e de contração:

a) Combinação da preposição "a" com os artigos definidos ou os pronomes demonstrativos "o, os" → ao, aos

b) Contração da preposição "a" com os artigos definidos ou os pronomes demonstrativos "a, as" → à, às (crase)

c) Contração da preposição "de" com artigos, certos pronomes e certos advérbios:

- de + o, a, os, as → **do, da, dos, das**
- de + um, uma, outro, outra → **dum, duma, doutro, doutra etc.**
- de + ele, ela, esse, aquele, aquilo, isto, isso (e suas flexões) → **dele, dela, desse, daquele, disto etc.**
- de + aqui, aí, ali, onde, antes → **daqui, daí, donde, dantes etc.**

d) Contração da preposição "em" com artigos e certos pronomes:

- em + o, a, os, as → **no, na, nos, nas**
- em + um, uma, outro, este, esse, aquele (e suas flexões) → **num, numa, noutro, neste, naquele etc.**

e) Contração da antiga preposição "per" (hoje substituída pela sua sinônima "por") com os artigos "o, a, os, as" → pelo, pela, pelos, pelas

⇨ Observação:

Quando rege infinitivos, a preposição não deve se contrair com artigos, advérbios e pronomes (orações reduzidas). Ademais, como geralmente os infinitivos apresentam sujeito próprio, é inadmissível que haja o preposicionamento do sujeito deste infinitivo.

sujeito do infinitivo

- Vamos, pois está na hora **do** ônibus passar. → construção errada. (Corrija-se: na hora **de o** ônibus passar.)

sujeito do infinitivo

- Não saímos de casa **pelo** carro estar quebrado. → construção errada. (Corrija-se: **por o** carro estar quebrado.)

O pronome "ele" é o sujeito do infinitivo.

- Comprei livros a fim **dele** estudar mais. → construção errada. (Corrija-se: a fim **de ele** estudar mais.)

O substantivo "assassino" é o sujeito do infinitivo "ser".

- O crime comoveu a todos **por o** assassino ser muito conhecido. → construção correta

10.6 REPETIÇÃO DAS PREPOSIÇÕES

Sem dúvida, um dos pontos que suscita dúvida diz respeito à repetição da preposição. Em muitas estruturas em que aparece mais de um termo subordinado a um outro termo por meio de uma preposição, a repetição da preposição deve levar em conta as seguintes orientações:

a) Diante de termos subordinados em que o determinante só ocorre perante o primeiro, é de praxe a preposição só aparecer no primeiro termo subordinado.

- "Tratou logo de aprestar a armada, que achou desbaratada **pelas** viagens e guerras de seu antecessor." (J. Freire *apud* Cláudio Brandão)
- "Pudera chamar abelhas aos holandeses **pela** arte e bom governo." (Pe. Antônio Vieira)
- "As aves, dando repouso às asas fatigadas do contínuo voejar **pelos** pomares, prados e balsedos vizinhos, começavam a preludiar seus cantos vespertinos." (Bernardo Guimarães)

⇨ Observação:

É possível, nestes casos, a repetição tanto da preposição quanto do determinante a fim de individualizar e ressaltar cada termo subordinado.

- "Cristo, nosso Salvador, é o verdadeiro Deus **dos** exércitos e **das** vitórias." (Pe. Antônio Vieira)
- "Maria é a divindade **da** inocência, **da** fraqueza e **do** infortúnio." (Camilo C. Branco)
- "Deus me livre de debater matéria tantas vezes disputadas, tantas vezes exaurida **pelos**

que sabem a ciência do mundo e **pelos** que sabem a ciência do céu!" (A. Herculano)

b) É frequente omitir-se a preposição antes do segundo e dos outros termos subordinados quando estes vêm desacompanhados de determinantes.

- "Vós ensinais-me a defender a honra **com** vida, santidade, exemplo e sofrimento." (Tomé de Jesus *apud* Cláudio Brandão)
- "... e lágrimas **de** ternura e religião rebentam de todos os olhos." (Camilo C. Branco)

⇨ **Observação:**

A repetição da preposição, entretanto, far-se-á necessária se se desejar pôr em relevo (ênfase) cada um dos termos subordinados.

- "**Com** espanto e ao mesmo tempo **com** alegria, percebi que se exprimia em romano rústico, o qual, daí a pouco, vi que o moço árabe falava como se fosse a própria linguagem." (A. Herculano)
- "E que **sobre** mirrados, **sobre** afogados, **sobre** comidos, ainda se vejam pisados e perseguidos dos homens..." (Pe. Antônio Vieira)
- "Todas as consciências, todos os caracteres, todas as alavancas morais das grandes causas farão, em torno de S. Ex.ª, um círculo **de** força, **de** inteligência, **de** probidade, **de** patriotismo, **de** desinteresse, **de** concentração intensa, perseverante, intransigente, a que nada resistirá." (Rui Barbosa)

c) Quando os termos subordinados se encontram precedidos por determinantes, é comum exprimir-se a preposição apenas diante do primeiro termo subordinado, omitindo-a para dos demais.

- "Essa noite, nas salas de Manuel, só se conversou **sobre** as boas qualidades e os bons precedentes do estimado cura do Rosário." (Aluísio Azevedo)
- "... suave é o refúgio dessa consolação oferecida pelos fastos de uma época heróica aos que padecem e esperam **contra** a aridez e a corrupção de nossos dias." (Rui Barbosa)
- "**Entre** os esplendores e as harmonias dessa inocente, querida e confortadora solenidade recolhamo-nos uns instantes à obscuridade silenciosa de nosso senso íntimo." (Rui Barbosa)

⇨ **Observação:**

Nestes casos, pode-se também repetir a preposição caso se queira dar mais ênfase a cada um dos termos subordinados.

- "As quatro filhas do Teixeira Azevedo, magrinhas, com os cabelos muito riçados, as

olheiras pisadas, passavam a sua tarde de dia santo, olhando **para** a rua, **para** o ar, **para** as janelas vizinhas." (Eça de Queiroz)

- "Olha para si, **para** as chinelas (umas chinelas de Túnis, que lhe deu recente amigo, Cristiano Palha), **para** a casa, **para** o jardim, **para** a enseada, **para** os morros e **para** o céu." (Machado de Assis)

d) Em sequências formadas de infinitivos, é comum exprimir-se a preposição apena diante do primeiro infinitivo.

- "... foi a Santo Agostinho, como iria a Santo Ambrósio ou a Santo Hilário, e escreveu uma carta enigmática, para confundi-lo, **até** voltar e rir-se do logro." (Machado de Assis)
- "Preparou-se **para** passar os Pireneus e invadir a França." (F. Castilho)
- "**Depois de** gritar, chorar, maldizer, blasfemar, ameaçar, rasgar, quebrar, destruir, Vidinh parou um instante, concentrou-se, meditou, e depois, como tomando uma grande resolução." (Manuel A. de Almeida)

⇨ Observação:

A repetição da preposição antes de cada infinitivo é possível quando se deseja obter ênfase.

- "**Para** soerguer o peso desse véu, **para** lhe arredar a ponta, não será demais o concurso de uma boa vontade..." (Rui Barbosa)
- "... estava olhando da alta torre Tarpeia, recreando-se **em** ver abrasar aqueles nobres e antigos edifícios, e **em** ouvir os tristes clamores..." (H. Pinto *apud* Cláudio Brandão)

e) A repetição da preposição diante de cada termo subordinado deverá ser feita sempre que for necessário conferir maior clareza ao enunciado a fim de se evitar possíveis ambiguidades.

- João lutou **contra** Pedro e Paulo. (Napoleão M. de Almeida)
  João lutou ao mesmo tempo contra Pedro e Paulo.
- João lutou **contra** Pedro e **contra** Paulo. (Napoleão M. de Almeida)
  João lutou contra Pedro e depois contra Paulo.

- "Os descendentes dos Bem-Umeias aplicou todas as atenções **a** construir uma armada capaz de impedir os desembarques dos africanos e **a** reprimir algumas tentativas dos descontentes." (A. Herculano)

f) Em se tratando de locução prepositiva, apresentam-se as seguintes orientações:

→ A locução prepositiva aparece apenas no primeiro termo subordinado:

- “Naquela época, porém, **devido a**o álcool e desgostos íntimos, nos quais predominava a loucura irremediável de um irmão, não era mais que uma triste ruína de homem, amnésico, semi-imbecilizado, a ponto de não poder seguir o fio da mais simples conversa.” (Lima Barreto)
- “Eu – não tomaria outra, **apesar da** legislação e prática então vigente, e que não sei se ainda hoje vige.” (A. Garrett)

→ **A locução prepositiva é repetida para cada termo subordinado:**

- **Por causa da** chuva e **por causa dos** prováveis alagamentos, resolveu adiar a reunião que faria com os membros do partido.
- “Agora podeis falar **diante** dele como **diante de** mim.” (A. Garrett)

→ **A locução prepositiva aparece no primeiro termo subordinado e repete-se a parte final dela para os demais termos subordinados:**

- “A sua casa tinha agora um pessoal complicado de primeiros, segundos e terceiros caixeiros, **além do** guarda-livros, **do** comprador, **do** despachante e **do** caixa.” (Aluísio Azevedo)
- “De cada vez que Afonso ia à quinta predilecta, em cada árvore nova entalhava as letras iniciais dos dois nomes, que ele imaginava, **apesar da** distância e **dos** reveses, atados para sempre com aplauso de Deus.” (Camilo C. Branco)

10.7 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (Fuvest-SP) Ao ligar dois termos de uma oração, a preposição pode expressar, entre outros aspectos, uma relação temporal, espacial ou nocional. Nos versos:

   “Amor total e falho... Puro e impuro...
   Amor de velho adolescente...”
   a preposição de estabelece uma relação nocional.
   Essa mesma relação ocorre em:

   a) “Este fundo **de** hotel é um fim **de** mundo.”
   b) “A quem sonha **de** dia e sonha **de** noite, sabendo todo sonho vão.”
   c) “Depois fui pirata mouro, flagelo **da** Tripolitânia.”
   d) “Chegarei **de** madrugada, quando cantar a seriema.”
   e) “Só os roçados **da** morte compensam aqui cultivar.”

2. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção em que a preposição *com* traduz uma relação de instrumento.

a) “Teria sorte nos outros lugares, com gente estranha.”
b) “Com o meu avô cada vez mais perto do fim, o Santa Rosa seria um inferno.”
c) “Não fumava, e nenhum livro com força de me prender.”
d) “Trancava-me no quarto fugindo do aperreio, matando-as com jornais.”
e) “Andavam por cima do papel estendido com outras já pregadas no breu.”

3. (Unimep-SP) “Depois **a** mãe recolhe as velas, torna **a** guardá-**las** na bolsa.” Os vocábulos destacados são, respectivamente;

a) pronome pessoal oblíquo, preposição, artigo.
b) artigo, preposição, pronome pessoal oblíquo.
c) artigo, pronome demonstrativo, pronome pessoal oblíquo.
d) artigo, preposição, pronome demonstrativo.
e) preposição, pronome demonstrativo, pronome pessoal oblíquo.

4. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção cuja lacuna não pode ser preenchida pela preposição entre parênteses.

a) uma companheira desta, ... cuja figura os mais velhos se comoviam. (*com*)
b) uma companheira desta, ... cuja figura já nos referimos anteriormente. (*a*)
c) uma companheira desta, ... cuja figura havia uma ar de grande dama decadente. (*em*)
d) uma companheira desta, ... cuja figura andara todo o regimento apaixonado. (*por*)
e) uma companheira desta, ... cuja figura as crianças se assustavam. (*de*)

5. (UFU-MG) “... foram intimados **a** comparecer...”, “... não **a** fizeram...”, “... **a** sua oração...”. As três ocorrências de **a** são, respectivamente:

a) preposição, pronome, preposição.
b) artigo, artigo, preposição.
c) pronome, artigo, preposição.
d) preposição, pronome, artigo.
e) artigo, pronome, pronome.

6. (PUC-SP)

“... a folha **de um livro** *retoma.”*
“como **sob o vento** *a árvore que o doa.”*
“e nada finge vento **em folha** *de árvore.”*

As expressões destacadas são introduzidas por preposições. Tais preposições são usadas, nesses versos, com a ideia de:

a) origem, lugar, especificação.
b) especificação, agente causador, lugar.
c) instrumento, especificação, lugar.
d) agente causador, especificação, lugar.
e) lugar, instrumento, origem.

7. (UM-SP) Indique a oração que apresenta locução prepositiva.

a) Havia objetos valiosos sobre a pequena mesa de mármore.
b) À medida que os inimigos se aproximavam, as tropas inglesas recuavam.
c) Seguiu a carreira militar devido à influência do pai.
d) Agiu de caso pensado, quando se afastou de você.
e) De repente, riscou e reescreveu o texto.

8. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da seguinte frase:

"O controle biológico de pragas, ... o texto faz referência, é certamente o mais eficiente e adequado recurso ... os lavradores dispõem para proteger a lavoura sem prejudicar o solo."

a) do qual, com que
b) de que, que
c) que, o qual
d) ao qual, cujos
e) a que, de que

9. (UFV-MG) Assinale a opção cuja sequência completa **corretamente** as frases abaixo.

A lei ... se referiu já foi revogada.
Os problemas ... se lembraram eram muito grandes.
O cargo ... aspiras é muito importante.
O filme ... gostou foi premiado.
O jogo ... assistimos foi movimentado.

a) que, que, que, que, que
b) a que, de que, que, que, a que
c) que, de que, que, de que, que

d) a que, de que, a que, de que, a que
e) a que, que, que, que, a que

10. (Osec-SP) Assinale a frase que **não** está correta.

a) Entre mim e ti tudo acabou.
b) Já lhe disse que entre nós nada é bom.
c) Entre ela e nós existe de tudo.
d) Entre eu e você deve haver respeito.
e) Não é possível haver dúvidas entre eles.

GABARITO

1 – A	2 – D	3 – B
4 – E	5 – D	6 – B
7 – C	8 – E	9 – D
10 – D		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 11

INTERJEIÇÃO

11.1 DEFINIÇÃO

É a palavra invariável que exprime os sentimentos ou as sensações de dor, alegria, surpresa, temor, aversão etc.

De acordo com o professor M. Said Ali, as interjeições representam “a parte menos racional da linguagem, por não traduzirem nenhuma estruturação sintática”.

As interjeições devem ser proferidas em tom de voz diferente daquele que se usa para o vocábulo da linguagem expositiva, por elas representarem brados, gritos ou expressões de dor, alegria, pavor, surpresa etc.

11.2 CLASSIFICAÇÃO

As interjeições são classificadas de acordo com os afetos que exprimem. Teremos, então, as interjeições de:

a) **dor**: *ai!, ui!*

b) **alegria**: *ah!, oh!, oba!, opa! aleluia!*

c) **admiração:** *oh!, ah!, opa!, oba!, puxa!*

d) **animação**: *avante!, coragem!, eia!, vamos!, agora!, ânimo!, força!*

e) **aplauso**: *bis!, bem!, bravo!, viva!, apoiado!, muito bem!, ótimo!, perfeito!*

f) **apelo ou invocação**: *olá!, psiu!, psit!*

g) **desejo**: *oh!, oxalá!, tomara!*

h) **silêncio**: *psiu!, silêncio!*

i) **pavor ou terror**: *ufa!, ui!, uh!, credo!, cruzes!*

j) **espanto ou surpresa**: *ah!, chi!, ué!, uai!, caramba!.*

k) **indignação**: *apre!, chi!, morra!, fora!.*

l) **suspensão**: *basta!, alto!, alto lá!*

m) **advertência**: *cuidado!, atenção!*

n) **descontentamento**: *hum!, hem!, diabo!, mau!*

o) **repulsa**: *safa!, fora!, uf!*

⇨ Observações importantes:

a) É importante frisar que na escrita as interjeições vêm de regra acompanhadas de ponto de exclamação (!).

b) Perceba que algumas interjeições podem ser classificadas em mais de uma categoria. Isso se dá em virtude de a interjeição poder expressar sentimentos vários. A classificação, portanto, deve ser feita de acordo com o contexto em que se encontra a interjeição.

c) Há interjeições denominadas de "imitativas ou onomatopaicas". São aquelas que exprimem os sons das coisas, dos objetos – zás!, chape!, bum!.

d) Assim como outras classes morfológicas, as interjeições podem aparecer sob a forma locucional – são denominadas de "locuções interjetivas". São exemplos dessas locuções:

- **Valha-me Deus!**
- **Ai de mim!**
- **Credo em cruz!**
- **Puxa vida!**
- **Ora, bolas!**
- **Coitado de mim!**
- **Deus me livre!**
- **Essa não!**
- **Raios te partam!**
- **Nossa Senhora!**
- **Virgem Maria!**
- **Muito obrigado!**

e) A interjeição de emprego mais comum na língua portuguesa é "oh!", a qual também se escreve "ó". A primeira é empregada geralmente acompanhada de um ponto de exclamação, enquanto a segunda geralmente dispensa a pontuação. A interjeição "ó" última é empregada geralmente no vocativo para indicar um chamamento, uma invocação. Por outro lado, interjeição "oh!" possui sentido variável, denotando ora alegria, ora espanto, ora aversão, ora desejo, ora chamamento.

III

SINTAXE

CAPÍTULO 1

SINTAXE DE ORAÇÃO – TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO

1.1 CONCEITOS ESSENCIAIS

Antes de tudo, é fundamental apreender o conceito de frase, oração e período.

1.1.1 FRASE

É todo enunciado linguístico capaz de estabelecer um processo de comunicação, ou seja, é todo enunciado que possui sentido completo.

Observe:

- Silêncio!
- Meu Deus, ajude-me!
- O presidente da empresa viajará amanhã para São Paulo.
- Na próxima semana, o resultado do concurso sairá, e todos saberão quem foram os reais ganhadores.

Veja: Não importa o tamanho – frase é tudo que possui sentido completo.

Quanto ao sentido que expressam, as frases podem ser:

a) Declarativas ou expositivas (apresentam uma declaração, um juízo de valor):

- O governo mostra-se lento na resolução do problema da violência.

b) Interrogativas (apresentam uma indagação, uma pergunta, um questionamento):

- Por que ele não chegou ainda?

c) Imperativas (apresentam uma ordem, um mandamento, uma exortação):

- Deixe o ambiente agora.

d) Exclamativas (apresenta uma admiração, uma repulsa, uma surpresa):

- Muito bem!
- Quanto desprezo em suas palavras!

e) Optativas (apresentam um desejo, uma aspiração):

- Que Deus os proteja!
- Oxalá dê tudo certo em sua jornada!

1.1.2 ORAÇÃO

É toda estrutura linguística centrada em um verbo ou uma locução verbal. Podemos afirmar ser toda estrutura que se biparte em sujeito e predicado, e, excepcionalmente, só em predicado, quando a declaração se encerra em si mesma sem referência particular a nenhum ser.

- "Raspou, achou, ganhou!" (Anúncio publicitário)
- Amanhã o governo deve anunciar um novo pacote econômico.

1.1.3 PERÍODO

É a frase formada por uma ou mais orações. Classifica-se, portanto, em:

a) Simples: formado por uma única oração, denominada de oração absoluta. Haverá, por isso, um único verbo ou uma única locução verbal.

- Haveremos de conseguir a aprovação no concurso.
- Ainda existem pessoas honestas neste país?

b) Composto: formado por mais de uma oração. (A classificação desse período encontra-se no capítulo sintaxe de período).

- [Quando o homem chegou], [a polícia já havia levado o corpo].

- [Ela aprecia frutos do mar] [que são pescados em águas mornas].
- [Todos desconfiam] [de que o coordenador foi o culpado pela tragédia].

Concluindo: É fundamental que o estudante da língua portuguesa aprenda a detectar o verbo da estrutura linguística. É a partir dele que toda a sintaxe ganha existência. Ademais, convém saber que: Nem toda frase é uma oração, assim como nem toda oração é uma frase.
Nem todo período é formado por mais de uma oração. O período pode ser simples, como vimos.

1.2 TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO

Gramaticalmente existem dois termos essenciais:

- o sujeito;
- o predicado.

Entretanto, perceberemos ao longo do nosso estudo que o termo essencial por excelência é o predicado, em virtude da possibilidade da existência de uma oração sem sujeito.

1.2.1 SUJEITO

É o termo que representa o ser a respeito de quem se diz alguma coisa, faz-se alguma declaração.

Importante!! Identificar o sujeito é um dos mais importantes conhecimentos de que precisa o estudante da Língua Portuguesa para caminhar bem em sintaxe. Vale salientar que toda a base da concordância verbal está na perfeita harmonização entre o verbo e o seu sujeito. Ora, para que se perfaça essa harmonia, é fundamental que primeiro se identifique o "bendito" sujeito.

A partir de agora, vamos ver várias orações. Procure identificar (e acima de tudo entender) nelas o sujeito do(s) verbo(s).

- Deslizavam montanha abaixo **as águas do desgelo**.

- Ainda devem chegar hoje pela manhã **as correspondências enviadas pelo amigo de Portugal**.
- **Meus ais** incomodavam a muitos no hospital.
- Caso não lhe venham a parecer oportunas **essas medidas**, faça **você** mesmo como quiser.
- Ainda deve ocorrer, nas periferias das grandes cidades, a despeito das medidas repressivas, **muita contestação violenta** por parte dos desempregados.

Não esqueça: O sujeito pode estar localizado em qualquer parte da estrutura oracional. O importante é perceber com quem o verbo está se relacionando e notar a que termo a declaração verbal se refere. Observe as seguintes análises errôneas a respeito do sujeito:

a) Chegaram hoje à tarde **muitas correspondências**. (Achar que o termo em negrito é o objeto direto. Na realidade quem praticou a ação de chegar foram "as correspondências". Logo, é o sujeito da oração.)

b) Ainda existem **pessoas honestas** no Brasil. (Achar que o sujeito é indeterminado só porque o verbo se encontra na 3.ª pessoa do plural. Na realidade quem pensa assim geralmente está preso à definição de sujeito como o termo que pratica a ação. É melhor pensar em sujeito como o ser sobre o qual se faz alguma declaração, se enuncia algo.) Observe:

- Ocorreram **festas** no final de semana.
- Convém o **retorno** imediato dele.
- Agora só importa a **resolução** do problema.
- Ainda faltam quinze **minutos** para o início do show.

Perceba que todos os termos em negrito representam núcleos dos sujeitos. Cuidado para não pensar que eles são objetos diretos tentando fazer a velha perguntinha: "o quê"?

Uma outra informação importante para o nosso aprendizado é a de que o núcleo do sujeito de uma oração é sempre representado por um substantivo ou por um termo substantivado.

Considerações gerais sobre o sujeito:

a) Não se esqueça de que o sujeito da oração não vem regido por preposição, pois, como sabemos, por ser o sujeito um termo subordinante, não se deixa reger por preposição.

Logo, um termo regido por um nexo prepositivo jamais exercerá a função de sujeito. Observe (destacamos o sujeito com a cor laranja; **os elementos sublinhados não representam o sujeito** – geralmente esses elementos funcionam como completivos – objeto direto, objetivo indireto, complemento nominal):

- Ainda cabe aos alunos da 1.ª série (não é o sujeito) **consertar o dano que causaram à escola**. não é o sujeito
- Enreda-se nas tramas das próprias memórias **todo aquele** que não busca abrir, para si mesmo, novos tempos e novas experiências.
- A qualquer pessoa podem ocorrer, neste tempo de radicalismos, **argumentos em favor da mais pessimista expectativa histórica**.
- Se a cada um de nós efetivamente perturbassem **os que agem mal**, a impunidade seria impossível.
- Não ocorre aos bons cidadãos **que os maus** contam com (sujeito oracional) **o silêncio da sociedade** para seguirem sendo o que são.

⇨ Observação:

Fique muito atento! Frequentemente as bancas interpõem esses termos preposicionados entre o sujeito e o verbo a fim de confundir o candidato. Por isso, procure estudar este ponto mais de uma vez, para que você não cometa erros "bobos" quando for identificar o sujeito a fim de efetuar a concordância verbal adequada.

b) Em virtude da regra acima, não se deve, portanto, preposicionar um termo que exerce função sintática de sujeito. Observe:

- Está na hora da onça beber água. (construção errada)

Corrija-se para...

- Está na hora de a onça (sujeito do verbo "beber") beber água.
- Apesar da manifestação ocupar as ruas principais, o trânsito fluía normalmente. (construção errada)

Corrija-se para...

- Apesar de a manifestação (sujeito do verbo "ocupar") ocupar as ruas principais, o trânsito fluía normalmente.
- A fim dele conseguir a aprovação, comprei novos livros. (construção errada)

Corrija-se para...

- A fim **de ele** conseguir a aprovação, comprei novos livros.

⇨ Observação:

Nesses casos, o nexo prepositivo rege a oração, e não o sujeito desta oração.

1.2.1.1 Núcleo do sujeito

O núcleo do sujeito pode ser exercido por:

I – Pronomes pessoais do caso reto

- **Eles** trouxeram o projeto para **eu** avaliar. (Se aparecer alguma dúvida aqui, pare e vá estudar o assunto "pronome", notadamente, os pronomes pessoais.)
- **Nós** ainda iremos ganhar esta maratona.

II – Alguns pronomes pessoais oblíquos (me, te, se, o, a, os, as, nos, vos)

> **Calma!!! Não é difícil!!** É só uma exceção, afinal a função típica desses pronomes é a complementar. Esse caso ocorre geralmente com verbos denominados "sensitivos" e "causativos", como, por exemplo, "mandar, deixar, fazer, ouvir, ver".

- Deixei-**os** sair para diminuir o barulho aqui dentro.

Se desenvolvermos a frase acima, teremos:

- Deixei que **eles** saíssem para diminuir o barulho aqui dentro.

Ora, veja que o pronome obliquo átono – os – transformou-se, quando a oração foi desenvolvida, no pronome tônico do caso reto "eles" que, por sua vez, é, claramente, o sujeito do verbo sair. Logo, o pronome átono "os" na primeira oração – a reduzida – também funciona como sujeito do verbo "sair". Olhe outros exemplos:

- Fizemo-**lo** abandonar o vício em fumar. (= Fizemos com que **ele** abandonasse o vício em fumar.)
- Mandaram-**me** comprar um produto de última geração. (= Mandaram que **eu** comprasse um produto de última geração.)

- Vê-**los** sair mais cedo é uma vitória. (= Ver que **eles** saem mais cedo é uma vitória.)
- Poder deixá-**las** brincar mais um pouco é um prazer. (= Poder deixar que **elas** brinquem mais um pouco é um prazer.)

> **Dica:** Perceba que os pronome oblíquos acima funcionam como sujeitos de verbos no infinitivo, cuja oração desempenha a função de objeto direto para a principal. Veja um último exemplo: Mandar-te-iam deixar o ambiente só porque não estás de paletó? (Veja que a oração "te deixar o ambiente só porque não estás de paletó" exerce a função sintática de objeto direto para o verbo "mandar".)

III –Pronomes pessoais de tratamento

- **Você** não viu o incidente que provocou?
- **Vossa Excelência** não conveio nas condições do acordo.

IV –Substantivo ou palavra com função de substantivo

- Os **prós** e os **contras** foram mencionados logo no início da reunião.
- A **interação** dele com os outros pacientes mostrava claramente a sua recuperação.
- Nem sempre o **belo** é tão belo quanto se mostra.
- A **pequena** fez uma cara de espanto.
- O **mas** é uma conjunção adversativa.

V – Pronomes demonstrativos, indefinidos, relativos ou interrogativos

- — **Quem** bateu à porta?
- — **Alguém** bateu à porta.
- — Não! **Ninguém** bateu à porta?
- **Isso** passou logo. No entanto, **aquilo** demorará mais.

> **Não se esqueça!** Os pronomes indefinidos se referem à 3.ª pessoa do discurso de maneira indefinida, vaga, imprecisa – eles não promovem "sujeito indeterminado". Nada a ver!! Cuidado!!

- Ao longe se via uma mulher **que** comprava presentes. (Observe o pronome relativo “que” desempenhando a função de sujeito ⇨ “Ao longe se via uma mulher a qual comprava presentes”.)

VI –Numeral

- As **duas** conseguiram boas notas na prova.
- Só **uma** deve resolver o problema.

1.2.1.2 Classificação do sujeito

Existem vários critérios para se classificar o sujeito:

1. Um desses critérios leva em conta a quantidade de núcleos do sujeito. Daí dizer-se sujeito “simples” (apenas um núcleo aparece na oração) ou “composto” (mais de um núcleo).
2. Outro considera a possibilidade de o sujeito encontrar-se expresso ou implícito. Nesse caso, classifica-se o sujeito em determinado ou indeterminado.
3. Há também o critério que considera a prática da ação pelo sujeito: quando o sujeito praticante da ação, denomina-se agente ou ativo; ao contrário, quando o sujeito passa a receber a ação expressa pelo verbo, é denominado sujeito passivo ou paciente.
4. Por último, existem orações que não possuem sujeito. Para elas, classifica-se o sujeito como inexistente (expressão condenada por alguns gramáticos) ou, o que nos parece melhor, oração sem sujeito.

Passemos agora ao estudo detalhado dos principais tipos:

I – Sujeito simples

Como já dissemos, é aquele em que apenas um núcleo aparece com a função de sujeito. Este núcleo pode ser exercido por um substantivo ou por qualquer palavra substantivada.

Observe os exemplos extraídos de provas de concursos:

- Os **terrenos** novos nos quais deve se aventurar o **jovem** de hoje são seu grande desafio (Observe bem que as palavras em negrito funcionam como núcleos dos sujeitos dos seus respectivos verbos.)
- Quando não são valorizadas, num jovem, as **qualidades** naturais da mocidade, ele sai prejudicado.

- Quanto aos adolescentes, nenhuma **época** lhes parece tão injusta quanto a nossa.

II – Sujeito composto

É aquele que apresenta mais de um núcleo para o sujeito. Veja:

- No prato ainda constavam, após o almoço, um **bocado** de arroz e um **punhado** de farofa
- Têm existido muita **família** e muitos outros **grupamentos** sociais indignados com a atuação do governo.
- **O bolsa-escola** e **o programa de renda mínima**, instituídos nos últimos anos pelo Governo Federal, devem garantir bons resultados sociais para o Brasil nos próximos anos.

⇨ Observação:

O sujeito dito composto apresenta-se, como já se disse, com mais de um núcleo. Não se trata de mais de um sujeito – é um único sujeito, que é formado com dois ou mais núcleos.

> **Vale a pena:** Dê uma "olhadinha" na forma como se faz a concordância com o sujeito composto.

III –Sujeito oculto / elíptico / desinencial

É aquele sujeito que não se encontra expresso na oração, mas que é facilmente subentendido pela desinência verbal.

- Precisamos comprar um novo carro. (Sujeito = nós)
- Hoje estou aqui para conversarmos um pouco sobre política monetária. (Sujeitos = **eu** para o verbo "estar" e **nós** para o verbo conversar)
- Retira-te agora, criatura miserável! (Sujeito oculto = tu). ⇨ Cuidado neste exemplo: observe que o verbo se encontra no imperativo afirmativo.
- "Adestrai-vos, e conquistai força física e moral." (Olavo Bilac) (Sujeito = vós)

IV –Sujeito indeterminado

No bom jargão dos professores: a partir de agora a atenção precisa ser redobrada. Muitas bancas de concursos exploram o sujeito indeterminado em suas questões de

concordância verbal.

> **Conselho de amigo / Dica de estudo:** Se o amigo estudante não tiver segurança ou não se lembrar direito do assunto "transitividade verbal", sugiro que primeiro faça uma revisão desse assunto para depois adentrar o conteúdo abaixo. Você precisa ter uma boa noção de transitividade para poder identificar o sujeito.

O sujeito indeterminado aparece quando não se deseja ou não se consegue determinar, identificar o autor da ação verbal. Portanto, o que torna indeterminado o sujeito é a intenção ou a situação do falante, que não sabe ou não quer individuar, precisar, apontar o agente, o autor da ação. O conceito de sujeito indeterminado, por isso, tem de partir da intenção ou da ignorância do falante, já que, em português, a maioria das construções apresenta sujeito. Existem duas situações em que um sujeito pode ser ou aparecer indeterminado:

a) Com verbos na 3.ª pessoa do plural, sem fazer referências a nenhum substantivo anteriormente ou posteriormente expresso, nem ao pronome pessoal do caso reto "eles".

Veja:

- **Imitaram** o professor de Português na última aula. (Perceba que não se sabe quem fez a ação de imitar.)
- **Vão** telefonar para você hoje à tarde para tratar de um assunto do seu interesse. (Se não se pode determinar quem praticou a ação, logo o sujeito é indeterminado. O verbo auxiliar da locução verbal – ir + telefonar – encontra-se flexionado na 3.ª pessoa do plural).
- "**Dizem** que sou louco!" (O sujeito do verbo "dizer" é indeterminado.)
- **Consideram**-no o pai da turma pela inteligência e experiência que possui. (O sujeito do verbo "considerar" é indeterminado.)

b) Com verbos intransitivos, transitivos indiretos ou de ligação acompanhados da partícula "se". Essa partícula funcionará como o "índice de indeterminação do sujeito". O mais importante é notar que nesse caso o verbo, obrigatoriamente, permanecerá na 3.ª pessoa do singular.

Exemplos:

- No Brasil, já não mais **se recorre a** confiscos para a obtenção de fluxo de caixa. (Verbo transitivo indireto + se)
- Na apresentação dele, **desconfiava-se dos** acordos que ele propunha. (Verbo transitivo indireto + se)
- Os livros **dos** quais **se precisava** foram doados para uma instituição de caridade. (Cuidado para não dizer "... dos quais se precisavam..." ⇨ O verbo é transitivo indireto e está acompanhado do pronome "se".)
- **Cria-se** mais **nas** palavras do membro do que **nas** palavras do líder espiritual da igreja. (Verbo transitivo indireto + se)
- **Tratava-se de** problemas de difícil resolução. (Verbo transitivo indireto + se)
- **Era-se** mais feliz noutros tempos. (Verbo de ligação + se)
- **Come-se** muito bem em diversas regiões do Brasil. (Verbo intransitivo + se)
- "**Escorrega**-se no sangue, **tropeça**-se sobre cadáveres, mas a luta continua ardentemente acesa." (Visconde de Ouro Preto). (Verbos intransitivos + se)

⇨ Observações:

a) Atente para os termos "a confiscos", "dos acordos", "dos quais", "nas palavras" e "c problemas" dos cinco primeiros exemplos acima. Eles funcionam como objetos indiretos para os seus respectivos verbos.

b) Quem literalmente promove a indeterminação do sujeito é a partícula "se". Se ela fo retirada, passa-se a ter sujeitos ocultos, elípticos.

c) Procure imediatamente correlacionar o estudo do sujeito indeterminado com o estuc do sujeito passivo ou paciente. Muitas questões exploram essa distinção. É básico para um candidato diferenciar um índice de indeterminação do sujeito de uma partícula ou pronome apassivador.

V – Sujeito passivo ou paciente (a partícula ou pronome apassivador)

Dica: Procure correlacionar o conteúdo do sujeito passivo ou paciente com o assunto "a voz passiva".

Um dos casos mais explorados em concursos públicos e vestibulares é a concordância com o sujeito passivo ou paciente. Para que se faça a perfeita harmonização entre o verbo e o seu sujeito, convém primeiro saber identificar esse tipo de sujeito e diferenciá-lo de outros tipos, notadamente do sujeito indeterminado.

Compare:

- Come-se bem no interior de muitas capitais brasileiras. (Sujeito indeterminado ⇨ VI + SE
- Come-se bem, no interior de muitas capitais brasileiras, pratos bastante requintados. (Erro comum!!!) (Sujeito passivo ou paciente = pratos).

Perceba que no primeiro exemplo não se diz o que se come – o verbo, portanto, está empregado como intransitivo. A estrutura apenas faz referências à ação de comer de forma genérica. Logo, indeterminou-se o sujeito. Já no segundo caso, o que se está comendo são "pratos bastante requintados", termo que representa o sujeito da oração. No caso acima, estamos diante de uma voz passiva sintética, formada de um VTD + SE. Logo, o verbo deve obrigatoriamente concordar com este sujeito. A frase correta será:

- **Comem-se** bem, no interior de muitas capitais brasileiras, **pratos** bastante requintados.

Outros exemplos de sujeitos passivos ou pacientes:

- Estão sendo avaliadas pela banca todas as monografias entregues no dia 30. (Sujeito passivo = as monografias. Estamos diante de uma voz passiva analítica.)
- Eleger-se-ão **os novos diretores** do clube no próximo domingo. (Sujeito passivo = os novos diretores. Aqui a voz passiva é sintética.)
- Seria de se esperar que se associassem à moderna tecnologia apenas **os benefícios reais**, que a ela se tributassem tão somente **vantagens inequívocas**. (Sujeitos passivos = os benefícios reais; vantagens inequívocas.)
- Não se delegue às escolas a **missão** exclusiva de preparar os jovens para sua inserção no mercado de trabalho. (Núcleo do sujeito passivo = missão.)
- Não se impute aos adolescentes de hoje **a exclusiva responsabilidade** pelo fato, lastimável, de aspirarem a tão pouco. (Sujeito passivo = a exclusiva responsabilidade.)
- É muito difícil que se cumpram **os propósitos que** se formulam a cada início de ano. (Sujeitos passivos = os propósitos; que – pronome relativo.)

Observe que, nos cinco últimos exemplos, temos a aplicação da fórmula da voz passiva

sintética (também chamada de passiva pronominal):

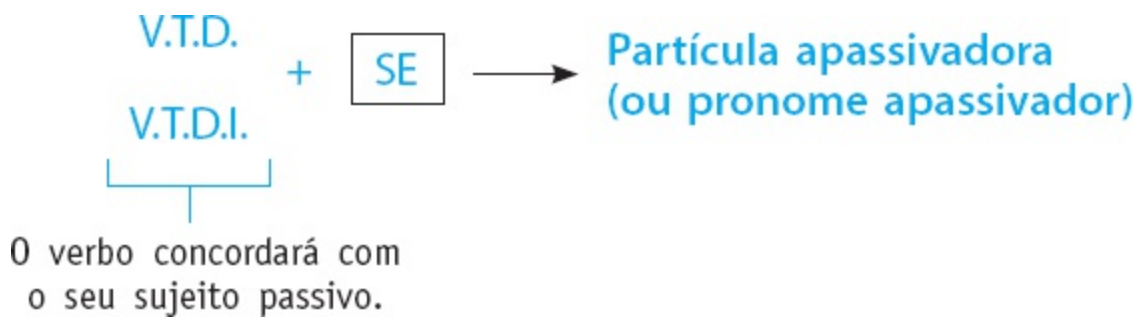

Sugiro que pare por aqui se tiver alguma dúvida e dê uma "estudada" na voz passiva.

Vejamos mais exemplos de emprego da voz passiva sintética (perceba a importância do "SE" para a formação desse tipo de passiva; ademais, observe a concordância do verbo com o seu sujeito passivo):

- Prefiram-se [sujeito passivo: **as falhas da democracia**] às supostas vantagens de qualquer outro regime político. (Fund. Carlos Chagas)
- Assim como ninguém vive sem o préstimo da água, não se superam [sujeito passivo: **os infortúnios**] sem o apoio de um amigo verdadeiro. (Fund. Carlos Chagas)
- Já quase não se veem, numa viagem de ônibus, [sujeito passivo: **passageiros ensimesmados**], olhando vagamente pela janela. (Fund. Carlos Chagas)
- Caso se coloque [sujeito passivo: **a lei**] acima do homem, este reagirá passando a seguir os ditames da natureza. (Fund. Carlos Chagas)
- É preciso que se confira às eleições [sujeito passivo: **uma importância não circunstancial**]. (Fund. Carlos Chagas)

VI –Oração sem sujeito

Em muitas estruturas oracionais, apenas o predicado encontra-se presente, uma vez que não se faz referências a nenhum tipo de ser que porventura pudesse praticar ou receber a ação verbal. Para tanto, empregam-se os verbos impessoais (usados na terceira pessoa do singular). São chamadas de orações sem sujeito. Alguns gramáticos também classificam esse tipo de ocorrência como sendo um "sujeito inexistente", ou mesmo "sujeito zero", nomenclaturas que nos parecem pouco lógicas, pois não se pode denominar de sujeito aquilo que não existe.

Os principais casos de oração sem sujeito são:

1) com verbos que exprimem fenômenos da natureza como "chover, ventar, nevar, coriscar, trovejar, relampejar, chuviscar etc.":

- Ventou muito ontem naquela pequena cidade do interior.
- Neva nas Serras Gaúchas durante os meses de inverno.
- Coriscou bastante ao final do dia.

⇨ Observação:

Se tais verbos forem usados em sentido conotativo (sentido figurado), esses verbos passam a ter um sujeito.

- Choveram balas durante o tiroteio. (Sujeito = balas)

2) com o verbo HAVER no sentido de "existir, ocorrer, realizar-se, acontecer":

Cuidado aqui: Os concursos costumam explorar bastante essa regra.

Em primeiro lugar, observe a diagramação abaixo:

HAVER —sentido de→ **EXISTIR, OCORRER, ACONTECER, REALIZAR-SE**

- Verbo impessoal;
- Fica na 3ª pessoa do singular;
- É verbo transitivo direto;
- Não se converte para a voz passiva.

- São verbos pessoais; logo, devem concordar com seus respectivos sujeitos.

Acompanhe os raciocínios abaixo:

- Ainda **existem** pessoas honestas no Brasil. → Ainda **há** pessoas honestas no Brasil.

(existem: verbo pessoal com sujeito posposto; pessoas: núcleo do sujeito)

(há: verbo impessoal; 3ª pessoa do singular (oração sem sujeito); pessoas: núcleo do objeto direto)

- **Aconteceram** problemas na festa. → **Houve** problemas na festa.

(Aconteceram: verbo pessoal com sujeito posposto; problemas: sujeito)

(Houve: verbo impessoal; 3ª pessoa do singular (oração sem sujeito); problemas: objeto direto)

- Iremos, ainda que **ocorram** empecilhos. (sujeito) → Iremos, ainda que **haja** empecilhos. (objeto direto)
  - ocorram: verbo pessoal com sujeito posposto
  - haja: verbo impessoal; 3ª pessoa do singular
- **Realizar-se-ão** muitos eventos em Recife. (núcleo do sujeito) → **Haverá** muitos eventos em Recife. (núcleo do objeto direto)
  - Realizar-se-ão: verbo pessoal com sujeito posposto
  - Haverá: verbo impessoal; 3ª pessoa do singular

Vejamos outros exemplos do emprego do verbo HAVER nesse sentido:

- "Talvez **haja** algumas versões da teoria citada, mas certamente poucos as conhecem." (FCC)
- "Vozes **houve**, generosas e fortes, que então me defenderam." (Machado de Assis)
- "Quantos mais inventos **haja**, mais impulsivos serão nossos desejos de consumi-los." (FCC)
- "Não se esqueçam de assegurar o monopólio desta nova pasta, enquanto **houver** mosteiros que erguer, e repovoar da milícia celeste." (Rui Barbosa)

⇨ Observações importantes:

a) Em muitas estruturas, o verbo HAVER faz parte de uma locução verbal ou de um tempo verbal composto. É preciso distinguir duas situações para que não se cometam erros:

1ª situação:

VERBO AUXILIAR + VERBO "HAVER"

- VERBO AUXILIAR: O verbo auxiliar ficará na 3ª pessoa do singular
- VERBO "HAVER": O verbo HAVER é impessoal e transmitirá a sua impessoalidade para o verbo auxiliar

Observe abaixo os exemplos da 1ª situação por meio da qual o verbo HAVER forma orações sem sujeito:

- Ainda **deve haver** pessoas honestas no Brasil. (oração sem sujeito)
- Todos os problemas que **podia haver** no processo foram resolvidos pelo MPU.
- "Caso **deixasse de haver** as grandes bibliotecas de hoje, é possível que os homens do futuro não pudessem interpretar plenamente a nossa cultura." (Fund. Carlos Chagas)

- "**Costuma haver**, nos jardins, mais inspiração para a ética dos jardineiros do que para os adeptos da ética de princípios." (Fund. Carlos Chagas)
- "Se **tivesse havido** firmes reações aos descalabros dos canalhas, estes não desfrutariam de um caminho já aplainado." (Fund. Carlos Chagas)
- "Mas entre os mais ilustres **há de haver** sempre um canto para os mais humildes." (Rui Barbosa)

2ª situação:

VERBO "HAVER"	+	VERBO PRINCIPAL
É o verbo auxiliar e se flexionará de acordo com o sujeito do verbo principal.		Sendo pessoal, transmitirá as flexões de número e de pessoa para o verbo auxiliar.

Observe os exemplos da 2ª situação:

- Sempre **hão de existir** pessoas (núcleo do sujeito) dispostas a lutar pela área social.
- "Quantos biólogos (sujeito) **haviam pesquisado** o assunto e talvez não tenham a mesma opinião." (Fund. Carlos Chagas)
- "Os que não gostam de TV jamais (sujeito total ou complexo) **hão de se lamentar** por terem aberto janelas sobre seus próprios devaneios." (Fund. Carlos Chagas)
- "É que se **haviam apagado** quase que ao mesmo tempo as miragens da misteriosa Sabarabuçu e as das Minas de Prata." (Euclides da Cunha)
- "Os infortúnios de um reinado se **hão de atribuir** aos maus conselhos dos ministros." (Rui Barbosa)
- "Sim, **havíamos de ter** um oratório bonito, alto, de jacarandá, com a imagem de Nossa Senhora da Conceição. (...) **Havíamos de acender** uma vela aos sábados..." (Machado de Assis)

b) Lembre-se de que o verbo HAVER, empregado no sentido de "existir, acontecer, ocorrer, realizar-se", é um verbo transitivo direto. Logo, seu objeto direto poderá ser substituído pelos pronomes oblíquos "o, a, os, as", a despeito de essa troca ser pouco eufônica. Veja:

- Houve $\underbrace{\text{problemas}}_{\text{objeto direto}}$ na festa. → Houve-os na festa.
- Haverá **eventos** para discutir o aquecimento global. → Havê-los-á...
- "Era um modo de dar feição monumental às idéias; não **as havendo**, servia a prolongar as frases." (Machado de Assis)
- "O quarto todo era um ninho de Bíblias; **havia-as** às pilhas por cima dos moveis." (Eça de Queiroz)

3) com os verbos "estar, fazer, haver e ir" usados com referência a tempo:

- Já **faz** três anos que do Norte saímos.
- **Havia** dez anos que o Governo Federal prometera a construção de uma nova ponte.
- **Vai** para uns dois meses que ele iniciou o tratamento e, até agora, nenhum resultado adveio.
- **Estava** muito tarde para o grupo deixar o local.

Cuidado: Não se esqueça de que se esses verbos – impessoais – fizerem parte de uma locução verbal como verbo principal, eles impessoalizarão o verbo auxiliar.

- Já **vai fazer** (e não "vão") dez anos que meu avô faleceu.

Não confunda!!

- Já **faz** dez anos que eu viajei para a Europa. (O verbo "fazer" não possui sujeito.)
- Ainda **faltam** dez anos para eu completar bodas de ouro. (O termo "dez anos" é o sujeito do verbo faltar, que é um verbo pessoal.)

Atente para uma construção condenada pelos gramáticos:

- **Há** duas horas **atrás** eu estava no centro da cidade. (O tempo "atrás" é dispensável. A construção é pleonástica, visto que o verbo HAVER na indicação de tempo só é empregado com relação a um tempo passado.)

Corrija-se para:

- Há duas horas eu estava...
- "Eu nasci há dez mil anos".

4) com o verbo "ser" na indicação de tempo (horas, datas):

- **São** duas horas e trinta minutos.
- Hoje **é** dia 11 de setembro.
- **É** meia-noite e meia.
- **Foi** sábado que tudo isso aconteceu.

O verbo “SER” possui uma construção toda particular. Note que ele, a despeito de sua impessoalidade, flexiona-se de acordo com a expressão numérica que o acompanha.

5) com o verbo IR seguido das preposições EM, PARA referindo-se a tempo transcorrido.

- Vai em dez anos que nossa bisavó faleceu.
- Vai para quinze anos que ele conseguiu ser aprovado naquele concurso.

6) com o verbo PASSAR seguido da preposição DE referindo-se também a tempo:

- **Passava das** dez horas da noite quando a polícia chegou.

> **Agora não confunda:** Já passaram (ou “se passaram”) dez horas e ele ainda não deu notícias. (Neste caso, o sujeito do verbo “passar” é o termo “dez horas”).

7) com os verbos “BASTAR” e “CHEGAR” seguidos da preposição DE em construções do tipo:

- “Chega de saudade, a realidade é que...”.
- “Basta de tantas perguntas tolas.”

1.2.1.3 Outras classificações para o sujeito

Acabamos de estudar o que eu chamo de “a clássica classificação do sujeito”. Vimos que ele pode ser “simples, composto, elíptico, indeterminado”, além da figura da “oração sem sujeito”. Entretanto, não devemos estranhar outras classificações para o sujeito. Muitas bancas cobram as denominações abaixo. É importante, portanto, ficar atento, pois muitas vezes nos deparamos com classificações do tipo “sujeito expresso”, “sujeito complexo”, “sujeito implícito”, as quais geram dúvidas nos estudantes. Não há o que temer... Vamos a elas, pois trazem um conhecimento bastante útil para o candidato a um concurso.

1. Sujeito explícito e sujeito implícito

Denomina-se sujeito explícito (também chamado de “expresso”) o sujeito que se acha claro, explícito na oração. Por outro lado, sujeito implícito é aquele que não foi expressamente declarado na oração. Correlacionando-se as duas classificações, teremos:

a) **Sujeito explícito** → é o sujeito simples ou o sujeito composto, pois ambos aparece claramente na oração.

b) **Sujeito implícito** → é o sujeito oculto e o sujeito indeterminado, pois não são declarados na estrutura oracional.

Observe (destacamos os verbos):

- Jamais entraremos em contato com indivíduos que agem à revelia da lei.
  - entraremos → sujeito implícito (nós)
  - agem → sujeito explícito (que)
- Chegaram ontem à noite dois novos navios holandeses ao porto de Suape.
  - Chegaram → sujeito explícito (navios holandeses)

2. Sujeito complexo (total ou ampliado) e sujeito incomplexo (nuclear, gramatical ou inampliado)

O sujeito complexo (total ou ampliado) é aquele modificado por complementos, adjuntos ou atributos. Já o sujeito incomplexo (nuclear, gramatical ou inampliado) é aquele despojado de qualquer modificativo complementar que, porventura, ele possua.

- O **ex-presidente** da empresa brasileira de Correios e Telégrafos viajará para Tóquio.
  - sujeito nuclear: ex-presidente
  - sujeito complexo (total ou ampliado): O ex-presidente da empresa brasileira de Correios e Telégrafos
- O **enfoque** nas soluções únicas dos problemas que enfrentamos empobrece a qualidade mesma do raciocínio. (Fund. Carlos Chagas)
  - sujeito nuclear: enfoque
  - sujeito complexo (total ou ampliado): O enfoque nas soluções únicas dos problemas que enfrentamos
- O **despertar** para a dialética e para as relações contrastantes abre um caminho mais consequente para a reflexão e para a prática. (Fund. Carlos Chagas)
  - sujeito nuclear: despertar
  - sujeito complexo (total ou ampliado): O despertar para a dialética e para as relações contrastantes

- Não deve constar, entre as possibilidades de interpretação de um texto dissertativo-argumentativo, qualquer tipo de **resposta** estereotipada.

  sujeito nuclear

  sujeito complexo (total ou ampliado)

- **Barnabé** sempre foi um exemplo para os cristãos.

  sujeito incomplexo (inampliado)

⇨ Observações:

a) Fique muito atento, pois as noções de sujeito total e de sujeito nuclear são bastante usadas pelas bancas examinadoras quando estas constroem questões de concordância verbal. Como a concordância verbal é feita (salvo exceções) com o sujeito nuclear, as bancas fazem bastante uso da noção do sujeito complexo (total ou lógico) para confundir os candidatos na hora de fazer a concordância verbal. Veja alguns exemplos (destacamos em laranja o sujeito nuclear e o seu verbo, e sublinhamos o sujeito total):

- **Constitui** um dos exemplos de delitos vantajosos o **caso** em que o detentor de um poder abuse de sua autoridade.
- **Estipulam**-se na lei mosaica, como se sabe, **princípios** de interdição.
- **Ocorrem** por conta das reiteradas situações de impunidade muitos **casos** de assalto aos cofres públicos.
- Uma vez que **passem a atrair** toda a nossa atenção, bons **romances** e belas **peças** musicais **afastam** nossa obsessão pela velocidade.

b) Observe agora exemplos em que não houve a devida concordância do verbo com o sujeito. Perceba como o uso do "sujeito complexo ou total" atrapalha a identificação do "sujeito nuclear" (sublinhamos o sujeito total e destacamos – com a cor laranja – o "sujeito nuclear" e o seu verbo):

- "A **incidência** discriminada por grau de intensidade de infestação e idade **mostram** que, entre os seis e oito anos, a parasitose alcança o nível máximo." (ESAF)
- "A **razão** de ser do desemprego como elemento estrutural do capitalismo **derivam** diretamente do antagonismo entre compradores e vendedores da força de trabalho." (ESAF)
- "**Devem agradar** aos ruidosos passageiros toda essa **parafernália** eletrônica, que os dispensa de refletir sobre si mesmos." (Fund. Carlos Chagas)
- "A qualquer pessoa **pode ocorrer**, neste tempo de radicalismos, **argumentos** em favor

da mais pessimista expectativa histórica." (Fund. Carlos Chagas)

⇨ Observação:

Ressalte-se que os quatro últimos exemplos não estão adequados ao padrão culto da língua portuguesa, já que todos contêm erros de concordância verbal. É preciso corrigir a flexão dos verbos para "**mostra**, **deriva**, **deve agradar**, **podem ocorrer**", respectivamente.

3. Sujeito agente (ativo), sujeito paciente (passivo) e sujeito agente e paciente

É denominado de agente (ou ativo) o sujeito que pratica a ação verbal. Por outro lado, é denominado de paciente (ou passivo) o sujeito que recebe a ação verbal. Logo, o sujeito que pratica e recebe a ação verbal, simultaneamente, é denominado de "agente e paciente". Observe:

- Os irmãos Gonçalves compraram três casas no novo condomínio.
  sujeito agente (ativo)
- Três casas foram compradas pelos irmãos Gonçalves no novo condomínio.
  sujeito paciente (passivo)
- Os irmãos Gonçalves se feriram quando examinavam as casas do condomínio.
  sujeito agente e paciente

⇨ Observação:

Para melhorar o entendimento sobre o sujeito agente e o sujeito paciente, sugerimos que você estude a voz passiva e o agente da passiva.

4. Sujeito lógico ou contextual

Denominamos de **sujeito lógico** ou **contextual** aquele que é extraído do contexto ou da lógica de um enunciado ou de um texto. Observe abaixo um excerto de autoria do jornalista Gilberto Dimenstein:

- A pichação é uma das expressões mais visíveis da invisibilidade humana. **São** mais do qu rabiscos. **São** uma forma de estabelecer uma relação de pertencimento com a comunidade – mesmo que por meio da agressão – e, ao mesmo tempo, de dar ao autor um sentido de autoidentidade.

Comentários: Perceba que o sujeito do verbo SER, flexionado no plural em suas duas ocorrências, é o termo lógico ou contextual "expressões" ou "pichações".

→ **“<u>As pichações</u>” ou “<u>As expressões</u>” são mais do que rabiscos.**

→ **“<u>As pichações</u>” ou “<u>As expressões</u>” são uma forma de estabelecer uma relação...**

Vejamos outro exemplo:

“Em um mundo tão complexo, economistas, empresários e governantes precisam saber mais sobre psicologia. Senão, **fracassarão** em motivar os talentos para os objetivos da empresa ou instituição.” *(Revista Veja, 26 de março de 2008 – Entrevista)*

Comentário: Observe que o sujeito oculto do verbo “fracassar” é o termo composto, perceptível pelo contexto e pela lógica, “economistas, empresários e governantes”.

⇨ Observação:

O sujeito contextual ou lógico não deixa de ser um sujeito oculto, desinencial, elíptico; entretanto, não é um simples sujeito oculto, pois é preciso que se saiba, pela análise do contexto, a que termo da estrutura se refere o verbo.

1.2.2 PREDICADO

Como o verbo em geral pertence ao predicado, antes de começar o estudo propriamente desse termo, convém analisar um dos tópicos fundamentais em sintaxe: a transitividade ou a predicação verbal.

Dica: Faça um estudo bem acurado do assunto abaixo. Ele lhe fornecerá os subsídios necessários para a compreensão de diversos outros assuntos da Gramática Normativa. Lembre-se, por exemplo, de que o entendimento da predicação dos verbos é uma das bases da sintaxe de regência. Por isso, é primordial “gastar” um pouco de tempo aqui. Se possível, tenha sempre à mão um bom dicionário. Vamos lá!

1.2.2.1 Predicação (transitividade) verbal

Transitar significa literalmente passar adiante, ir e vir, deslocar-se. Para a Gramática Normativa, o “passar adiante” significa a necessidade de um verbo ou de um nome exigir

um complemento, uma complementação. Aqui nos deteremos na análise e na classificação dos verbos quanto à necessidade ou não de algum complemento. Se o verbo não necessita de complemento, diz-se que ele é de predicação completa, caso contrário será classificado como de predicação incompleta.

Quanto à predicação, os verbos classificam-se em: **intransitivos**, **transitivos** e **de ligação**. Os verbos transitivos se dividem em: **diretos**, **indiretos** e **diretos e indiretos**.

I – Verbos intransitivos

São todos os verbos que, sozinhos, são capazes de transmitir a noção predicativa. Em outras palavras, são verbos que dispensam uma complementação.

Exemplos:

- No último encontro, **ocorreram** fatos dignos de notícia. (O termo "fatos dignos de notícia é o sujeito.)
- A chuva **estiou** na região sul.
- O imigrante **se dirigiu** à embaixada dos Estados Unidos. (Observe que o termo "à embaixada dos Estados Unidos" representa o lugar para onde ele se dirigiu, portanto é um "adjunto adverbial de lugar".)
- Quando nervoso, ele **cospe** compulsivamente.
- **Cessaram** de uma vez por todas as dores que ele sentia pela manhã. (O termo "dores" é o núcleo do sujeito. Não há complemento para o verbo.)

II – Verbos transitivos

São aqueles que precisam de um termo que os complemente para que o sentido se perfaça, para que a compreensão da estrutura seja possível. Dividem-se em:

a) Transitivos diretos: são os verbos que exigem termo complementar sem a obrigatoriedade de uma preposição necessária, ou seja, pedem um complemento desprovido de preposição. O complemento desses verbos denomina-se "objeto direto".

Exemplos:

- Nunca mais ele **angariou** fundos para aquela ONG. ("Fundos" é o objeto direto)
- Muitas lojas do centro da cidade vão **baratear** os preços neste final de semana. (Observe que o verbo "baratear" está como verbo principal em uma locução verbal.)
- Nunca mais eles **viram** os quadros a óleo que **compraram** na Europa. (Observe que os dois verbos são transitivos diretos. O objeto direto do verbo "comprar" é o pronome

relativo “que”).

- Se não **houver** outras razões mais consistentes, eles **substituirão** o contrato.
  VTD OD VTD OD

⇨ Observação:

Tenha muito cuidado ao classificar os verbos. Há muitas “armadilhas”. Uma das mais perigosas é a famosa perguntinha “o quê?”. Infelizmente, muitas vezes, é-nos ensinado que, todas as vezes que fazemos a pergunta “o quê?” ao verbo, este verbo será “transitivo direto”. Acenda a luz “amarela do seu farol”, ou seja, fique alerta, fique atento, para que você não tome um sujeito por um objeto direto. Observe:

- Explodiu nova crise no Oriente Médio.
  VTD??? Tem certeza??

Se fizermos a perguntinha “o quê?” ao verbo “explodir”, teremos a “falsa” resposta de que o termo “nova crise no Oriente Médio” é o objeto direto. Logo, classificaríamos o verbo “explodir” como “transitivo direto”. Terrível engano!! Na realidade, o termo “nova crise no Oriente Médio” é o sujeito para o verbo “explodir”, que, neste caso, é intransitivo. Veja outros exemplos:

- **Ocorreram** enchentes no Amazonas.
  VI sujeito
- **Ocorreu** um grande equívoco.
  VI sujeito
- Depois que **acontecera** aquela miséria.
  VI sujeito
- **Sucedeu** uma grave crise econômica após o ano de 2007.
  VI sujeito
- Do velho telhado, **caíam** grossas gotas de água da chuva.
  VI sujeito

⇨ Observação:

Perceba que todos os verbos acima são intransitivos, e os termos que se encontram pospostos a eles são seus respectivos sujeitos. Para evitar confusões, sugiro que pare um pouco por aqui e vá estudar o termo “objeto direto”. Perceba as diferenças entre ele e o sujeito.

b) Transitivos indiretos: são os verbos que exigem termo complementar regido (introduzido por uma preposição necessária, obrigatória. O complemento desses verbos é

denominado de “objeto indireto”.

Exemplos:

VTI OI OI VTI
- Eles **dependem** agora da sorte para que o produto de que **precisam** chegue a tempo.

- Durante muito tempo aquele povo **guerreou** contra os costumes do Ocidente.
VTI OI

VTI OI
- Não **convém** aos iniciantes na carreira diplomática portar-se de maneira inadequada. (Observe aqui que o sujeito do verbo CONVIR é a oração “portar-se de maneira inadequada”.)

- Sempre **assistia** aos filmes com uma devoção impressionante.
VTI OI

c) Transitivos diretos e indiretos: são verbos que exigem dois tipos de complemento: um sem a preposição e outro com o auxílio de uma preposição. São denominados também de “biobjetivos” ou “bitransitivos”.

Exemplos:

- Ensinaram-lhe todos os preceitos de nossos antepassados?
VTDI OI OD

- O diretor atribuiu o insucesso do grupo à inércia de alguns integrantes.
VTDI OD OI

VTDI OD OI
- O Oficial de Justiça certamente **notificará** amanhã o comerciante sobre a ação interposta contra ele.

⇨ Observação:

Correlacione o estudo desses verbos com o assunto “Introdução à Regência” para observar outros exemplos de verbos intransitivos e transitivos, bem como dos pronomes que exercem a função sintática de complementos.

III – Verbos de ligação

Denominados também de “verbos copulativos” ou “verbos de relação”, são aqueles que, desprovidos de significação, servem como “ponte” entre o sujeito e uma determinada qualidade, denominada de “predicativo”. Geralmente funcionam como “de ligação” os verbos “ser, estar, ficar, parecer, continuar e permanecer.” Outros podem funcionar como

verbos de ligação desde que apareçam como elos entre um sujeito e uma qualidade.

Exemplos:

- Eles **estavam** (VL) extremamente atrasados (pred. sujeito) para a festa.
- O Governo Federal **deve estar** (VL) atento (pred. sujeito) às necessidades da população. (Locução verbal na função de ligação)
- **Pareciam** (VL) todos preocupados (pred. sujeito) com o problema da menina.
- Muitos **andam** (VL) tristes (PS) pela ausência de perspectivas na vida.

> Perceba que nessa estrutura o objetivo da mensagem não é dizer que alguém ou alguma coisa faz a ação de andar, mas sim de que muitos estão / continuam / mostram-se tristes. Daí se tratar de um verbo de ligação.

⇨ Considerações importantes:

a) Não se esqueça de que o estudo da predicação verbal está ligado ao estudo da regênc verbal. E, como a regência depende do contexto, a classificação de um verbo como transitivo ou intransitivo depende da função que ele está exercendo dentro da estrutura oracional. Observe:

- O carro **virou** na esquina com a rua Dom João. (Verbo intransitivo.)
- O carro, ao capotar, **virou** uma banca de jornais que se encontrava em uma calçada. (Verbo transitivo direto.)
- O carro, após a capotagem, **virou** um monte de ferros retorcidos. (Verbo de ligação.)
- Maria, em virtude da pressa, sempre **andava** rápido. (Verbo intransitivo ⇨ ação de "andar".)
- Maria **anda**, nos últimos tempos, preocupada com a situação da família. (Verbo de ligação ⇨ Ela está preocupada.)
- A criança **estava** extremamente doente. (Verbo de ligação.)
- A criança **estava** no hospital desde a segunda-feira. (Verbo intransitivo ⇨ Observe que o termo "no hospital desde a segunda-feira" funciona como o lugar em que a criança se encontra. Portanto, é uma locução adverbial de lugar. Como os advérbios não

completam a significação verbal, mas tão somente transmitem uma circunstância para o verbo, considera-se o verbo ESTAR como “intransitivo”.)

b) Há renomados e respeitáveis gramáticos que classificam verbos como “ir, dirigir-se, chegar, morar, residir, partir, voltar” como “transitivos adverbializados” ou “transitivos circunstanciais”, já que tais verbos são ininteligíveis sem a presença do adjunto adverbial reclamado por eles. Preferimos, entretanto, pô-los no rol dos intransitivos, porquanto entendemos que um adjunto adverbial não poderá funcionar como “complemento verbal”.

c) Há verbos transitivos diretos que reclamam além do objeto direto um qualificador para esse objeto, ou seja, há verbos transitivos diretos que exigem um predicativo para o seu objeto. Tais verbos são denominados de “transobjetivos”. Veja:

- O juiz julgou o réu culpado. ⇨ “JULGAR” é um “transobjetivo”, pois é um transitivo direto que exige um objeto direto acompanhado de um predicativo que, no caso, é o termo “culpado”.
- Muitos o **consideram** (VTD) responsável (predicativo do objeto) pelo crime. (V. “Considerar” é um transobjetivo).

1.2.2.2 Predicativo

Antes de estudar a classificação do predicado, é de fundamental importância identificar o predicativo, quando existente, dentro da estrutura oracional.

Ele representa um dos termos mais interessantes dessa estrutura. Aparece com muita frequência em construções que possuem elementos qualificadores.

O predicativo é a palavra (ou locução) que constitui o núcleo nominal de um predicado. Classifica-se em: predicativo do sujeito e predicativo do objeto.

I – O predicativo do sujeito

É o termo que transmite para o sujeito um estado, um atributo, um modo de ser por meio de um verbo de ligação explícito ou implícito. Veja os exemplos abaixo:

- O aluno parecia (VL) bastante atento (PS) à explicação do professor. (Adjetivo como núcleo do predicativo.)

- O poeta era (VL) a glória (PS) de toda a Pátria. (Substantivo como o núcleo do predicativo.)

- Quem és (VL) tu (PS)? (Pronome pessoal do caso reto como o núcleo do predicativo.)

- Recordar é (VL) viver (PS). (Verbo exercendo a função de núcleo do predicativo.)

- Os integrantes do grupo devem estar (VL) com fome (PS). (Uma locução adjetiva funcionando como predicativo.)

- O triplo de seis é (VL) dezoito (PS). (Numeral como núcleo do predicativo.)

- A verdade é (VL) que o governo não intervirá na economia (PS). (Uma oração funcionando como predicativo)

- Todos deixaram a sala constrangidos (PS) após o desabafo do diretor.

> Perceba que nessa estrutura o verbo de ligação se encontra implícito. Leia: Todos deixaram a sala. Todos estavam constrangidos.

⇨ **Observação:**

Perceba que o predicativo pode ser exercido por diversas classes morfológicas. O importante é perceber a existência (clara ou implícita) do verbo de ligação.

II – O predicativo do objeto

Como o próprio nome já o diz, esse termo se refere ao objeto por meio de um verbo de ligação implícito.

- Os alunos tinham (VTD) o professor de matemática (OD) por um sábio (PO) (ou "como um sábio").

Leia: Os alunos consideravam o professor de matemática. Ele é um sábio (ou "como um sábio").

PO OD
- Estendidas pela rua afora, deixaram as faixas que seriam usadas na campanha eleitoral.

- Um fraco rei faz fraca a forte gente.
VTD PO OD

Nessa estrutura os termos "fraco" e "forte" são adjuntos adnominais de "rei" e "gente", respectivamente. Leia assim: Um fraco rei faz a forte gente "tornar-se / ser / ficar" fraca.

- O avarento geralmente considera o ouro como seu deus.
VTD OD PO

PO VTD
- De semblante caído e sem perspectivas de melhoras, encontrei assim muitas vezes meu melhor amigo.
OD

⇨ **Considerações importantes:**

a) Observe que o predicativo pode vir precedido por uma preposição.

b) O predicativo do objeto geralmente só acontece com verbos transitivos diretos. Raros são os casos de predicativo de um objeto indireto. Uma das poucas exceções, por exemplo, é o verbo "chamar" na acepção de "cognominar, apelidar, tachar, alcunhar".

- Chamaram ao diretor da empresa incompetente (ou de incompetente).
VTI OI PO

c) Veja também que o predicativo pode ser deslocado dentro da estrutura oracional. Para tanto, deverá obrigatoriamente ser virgulado para indicar a sua inversão, uma vez que é um termo pertencente ao predicado.

Exemplos:

- O menino foi levado ao hospital com febre.
  predicativo
- O menino, com febre, foi levado ao hospital.
  predicativo
- Com febre, o menino foi levado ao hospital.
  predicativo

d) É importante também não confundir o predicativo do objeto com o adjunto adnominal – isso é essencial para se evitarem erros de concordância nominal. Para evitar tal equívoco, primeiro estude a função do adjunto adnominal, aprenda a identificá-lo e depois perceba as nuanças as quais envolvem este último termo e o predicativo.

> **Dica:** Procure perceber a concordância do predicativo com o sujeito ou com o objeto a que ele se refere. Muitos certames procuram explorar esse item. Para clarear e consolidar mais esse conteúdo, vá ao assunto "concordância nominal" e leia sobre a concordância do adjetivo-predicativo.

1.2.2.3 Classificação do predicado

Predicado é o termo que expressa a declaração que se faz sobre o sujeito quando a oração é composta pelos dois termos. Se não há sujeito, o predicado representa uma declaração qualquer que se faz.

Exemplos:

- Muitos cidadãos lutam contra a miséria em nosso país.
  predicado
- Havia muitos rebelados nos presídios cariocas.
  predicado

De acordo com a estrutura, o predicado pode ser: verbal, nominal ou verbo-nominal.

1.2.2.3.1 Predicado verbal

É aquele cujo núcleo é representado por um verbo significativo (intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto ou transitivo direto e indireto) e não há a presença de um predicativo:

Exemplos:

predicado verbal

- Alguns **deixaram** a sala mais cedo em virtude do calor. (Verbo transitivo direto)

predicado verbal

- Os dois filhos de Maria **comeram** bastante no almoço. (Verbo intransitivo)

predicado verbal

- Ainda não lhe **ofereceram** uma oportunidade de trabalho. (Verbo transitivo direto e indireto)

> **Dica:** Antes de passar adiante procure consolidar o entendimento sobre a função do predicativo (se possível, releia o tópico sobre o "predicativo"). A identificação do predicativo será condição essencial para a compreensão do predicado nominal e do predicado verbo-nominal.

1.2.2.3.2 Predicado nominal

É aquele em que aparece um "verbo de ligação" mais um "predicativo do sujeito". O núcleo desse tipo de predicado está centrado num nome, o predicativo do sujeito.

Exemplos:

- Todos **ficaram** imóveis diante daquela cena.
  VL pred. suj.

Pred. suj. VL

- Jogadas aos pés dele **estavam** todas as cartas recebidas nos últimos seis meses.

VL PS VL PS

- Muitas vezes, o que **é** barato **sai** caro. (Observe aqui a presença de dois predicados nominais)

1.2.2.3.3 Predicado verbo-nominal (ou misto)

É aquele que possui dois núcleos – um verbo significativo (intransitivo ou transitivo) e um nome (predicativo do sujeito ou do objeto).

Exemplos:

- Os representantes da ONU, exaustos (PS), deixaram (VTD) o salão principal. (Núcleos: um predicativo e um verbo)

- Encontrei (VTD) bem fechadas (PO) a porta do quarto e as janelas da sala.

- A grande prosperidade fez (VTD) o nosso melhor amigo orgulhoso (PO).

- Desabrochavam (VI) belas (PS) as últimas flores da primavera.

- Todos consideravam (VTD) meu pai como o mais sábio dos velhos daquele lugar (PO).

> ⇨ Não se esqueça de que o predicativo do objeto só aparece num predicado verbo-nominal.
>
> ⇨ Lembre-se também de que para se classificar com mais segurança o predicado convém primeiro estudar um pouco o assunto "predicação verbal".

1.3 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (FGV-RJ) Assinale a análise **correta** do termo destacado.

   *"Ao fundo, as pedrinhas claras pareciam **tesouros abandonados**".*

   a) predicativo do sujeito.
   b) adjunto adnominal.
   c) objeto direto.
   d) complemento nominal.
   e) predicativo do objeto direto.

2. (FCC – Técnico Legislativo – Câmara dos Deputados) Não é função da indústria **pensa a educação**.

   A função sintática da oração grifada acima é a mesma do termo, também grifado, na frase:

   a) ... no qual a Terra estava no centro do universo ...

b) ... que contribuíram para a ascensão do mundo burguês.
c) ... num processo que também gerou a onda de inovação ...
d) ... e a possibilidade de darmos o próximo salto.
e) ... nenhum representante da indústria de tecnologia poderia ter sido pioneiro ...

3. (F. Araraquara-SP) O professor **entrou apressado**. O destaque indica:

a) predicado nominal.
b) predicado verbo-nominal.
c) predicado verbal.
d) adjunto adverbial.
e) n.d.a.

4. (UM-SP) "E quando o brotinho lhe **telefonou** dias depois, comunicando que **estudava** o modernismo, e dentro do modernismo sua obra, para o que o professor lhe **sugerira** contato pessoal com o autor, **ficou** assanhadíssimo e paternal ao mesmo tempo."

Os verbos destacados são, respectivamente:

a) transitivo direto, transitivo indireto, de ligação, transitivo direto e indireto.
b) transitivo direto e indireto, transitivo direto, transitivo indireto, de ligação.
c) transitivo indireto, transitivo direto e indireto, transitivo direto, de ligação.
d) transitivo indireto, transitivo direto, transitivo direto e indireto, de ligação.
e) transitivo indireto, transitivo direto e indireto, de ligação, transitivo direto.

5. (PUC-PR) Sobre o exemplo: "A lua brilhou alegre no céu", afirmamos:

*I. O verbo **brilhar** é intransitivo.*
*II. O verbo **brilhar** é transitivo direto.*
*III. O verbo **brilhar** é transitivo indireto.*
IV. O predicado é nominal.
V. O predicado é verbal.
VI. O predicado é verbo-nominal.

a) Estão corretas I e VI.
b) Estão corretas I e V.
c) Estão corretas II e V.
d) Está correta apenas IV.
e) Estão corretas III e VI.

6. (CTA-SP) Assinale a alternativa cujo sujeito **não** é indeterminado.

a) Soa um toque áspero de trompa.
b) Falou-se de tudo na reunião.
c) Precisa-se de carpinteiro.
d) Batem à porta.
e) n.d.a.

7. (UFGO) Em uma das alternativas abaixo, o predicativo inicia o período. Assinale-a.

a) A dificílima viagem será realizada pelo homem.
b) Em suas próprias inexploradas entranhas descobrirá a alegria de conviver.
c) Humanizado tornou-se o sol com a presença humana.
d) Depois da dificílima viagem, o homem ficará satisfeito?
e) O homem procura a si mesmo nas viagens a outros mundos.

8. (FMU-SP) Assinale a alternativa em que aparece um predicado verbo-nominal.

a) Os viajantes chegaram cedo ao destino.
b) Demitiram o secretário da instituição.
c) Nomearam as novas ruas da cidade.
d) Compareceram todos atrasados à reunião.
e) Estava irritado com as brincadeiras.

9. (Osec-SP) Das seguintes orações: “Pede-se silêncio”, “A caverna anoitecia aos poucos “Fazia um calor tremendo naquela tarde”, o sujeito se classifica respectivamente como:

a) indeterminado, inexistente, simples.
b) oculto, simples, inexistente.
c) inexistente, inexistente, inexistente.
d) oculto, inexistente, simples.
e) simples, simples, inexistente.

10. (FEI-SP) Assinale a alternativa em que o termo destacado tenha a função de predicativo do sujeito.

a) “Eu sob a copa da mangueira **altiva**”.
b) “Não sentiram meus lábios **outros lábios**”.

c) “Do tamarindo a flor jaz **entreaberta**”.

d) “Já solta o bogari mais **doce** aroma”.

e) “**Melhor** perfume ao pé da noite exala”.

GABARITO

1 – A	2 – A	3 – B
4 – D	5 – A	6 – A
7 – C	8 – D	9 – E
10 – C		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 2

TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO

Como a própria denominação já denuncia, os termos integrantes aparecem completando, integrando o sentido de outros termos. São fundamentais para o entendimento e a perfeita construção da frase. São eles: o objeto direto e o objeto indireto (complementos verbais), o complemento nominal e o agente da passiva.

2.1 OBJETO DIRETO

É o termo que completa a significação dos verbos transitivos diretos sem o auxílio de uma preposição necessária, obrigatória. Exprime o paciente da ação e se identifica facilmente porque passa a sujeito na voz passiva. Representa o "caso acusativo" do latim.

Exemplos:

- O alimento envenenou boa parte do reino. (OD)
- Ele estreou a produção (OD) sob os protestos da população.
- Os argumentos que (OD) ele utilizou salvaram o réu (OD) da prisão.

> Perceba o pronome relativo "que" na função de objeto direto ⇨ Leia: Ele utilizou os argumentos.

- Houve muitos problemas (OD) na inauguração do comitê.

> Observe que o verbo da estrutura HAVER não possui sujeito, já que está no sentido de EXISTIR. O termo "muitos problemas" é o seu objeto direto.

- O medo era tal que nem sangue (OD) mais eu tinha na face.

⇨ Observações importantes:

a) O objeto direto é frequentemente substituído dentro da frase pelos pronomes oblíquos átonos “o, a, os, as”. Quando o verbo que os precede termina em “-r, -s, -z”, tais pronomes assumem as formas “lo, la, los, las.” Se o verbo terminar em ditongo nasal “-ão, -õe, -am”, por exemplo, os pronomes assumirão as formas eufônicas “no, na, nos, nas”.

Exemplos:

- Deixaram o livro (OD) sobre a mesa de jantar. = Deixaram-no (OD) sobre a mesa de jantar.
- É importante comprar produtos originais (OD). = É importante comprá-los (OD).
- Avisamos o diretor (OD) a tempo. = Avisamo-lo (OD) a tempo.
- Procuraram a menina (OD) por toda parte. = Procuraram-na (OD) por toda parte.
- Eles ainda não disseram (VTD) que o novo diretor assume amanhã. (OD)

Neste último exemplo, o objeto direto é exercido por toda uma oração. Veja mais exemplos em sintaxe de período, orações substantivas.

b) Os pronomes oblíquos átonos “me, te, se, nos, vos” também podem exercer a função d objeto direto. Nesse caso é essencial que se conheça com segurança a regência verbal.

Exemplos:

- Eu te (OD) amo (VTD), minha linda mulher.
- Por que não me (OD) convidaste (VTD) para a festa?
- Acho que o prefeito já não mais vos (OD) considera (VTD).

É muito importante que o estudante da língua portuguesa não confunda o objeto direto com o sujeito. É preciso ter sempre em mente que o objeto direto, salvo raras exceções, é um termo repleto de carga passiva, isto é, é um termo que pode ser convertido para a voz passiva com a função de sujeito. Já o sujeito é um termo que, na voz ativa, sempre

apresentará carga ativa, isto é, representará o termo que praticará, que executará a ação verbal. Observe abaixo:

- Ontem à tarde, chegaram as novas cartas.
  sujeito ou objeto direto??
- Ontem à tarde, enviaram as novas cartas.
  sujeito ou objeto direto??

Para dirimir tal dúvida, tente converter os termos para a voz passiva. Perceba que só no segundo caso (... enviaram as novas cartas) é possível a conversão (... as novas cartas foram enviadas). Ora, neste caso não mais restam dúvidas. Em "Ontem à tarde, chegaram as novas cartas", o termo grifado é o sujeito. Já em "Ontem à tarde, enviaram as novas cartas", o termo grifado é o objeto direto. Neste último período, o sujeito é indeterminado.

Para consolidar tal aprendizado, lembre-se de que:

a) O objeto direto é um termo que só existe nas vozes ativa e reflexiva. Na voz ativa, o objeto direto possui, salvo exceções, carga passiva, isto é, pode ser transposto para a voz passiva na função de sujeito passivo.

- Pedro adquiriu UM NOVO CARRO. (voz ativa → objeto direto com carga passiva)
- UM NOVO CARRO foi adquirido por Pedro. (voz passiva → o objeto direto se torna o sujeito passivo)

b) Na voz ativa, o sujeito possui "carga ativa", isto é, é o agente da ação. Por isso, quand é possível a conversão do sujeito ativo para a voz passiva, este assume o papel de "AGENTE da passiva", ou seja, o termo ativo que, na voz passiva, pratica a ação verbal.

- PEDRO adquiriu um novo carro. (voz ativa → sujeito ativo)
- Um novo carro foi adquirido POR PEDRO. (voz passiva → o sujeito ativo torna-se o agente da passiva)

Dica: Aprofunde esses conhecimentos com o estudo da voz passiva e do agente da passiva.

Vejamos outros exemplos:

- "Do vértice do M cai a espumarada." (Carlos Drummond de Andrade)
  sujeito ativo

- Sobre a laje do prédio, deixaram pilhas de entulhos retirados das telhas.
  objeto direto (pilhas de entulhos foram deixadas...)

- Na última semana, explodiram dois carros-bomba no centro de Bagdá.
  sujeito

- Durante a preparação para o concurso, surgiram grandes problemas para nós.
  sujeito

- Ainda não informaram as mudanças no sistema ao novo diretor.
  objeto direto (as mudanças foram informadas...)

- Compraram vários livros para a inauguração da biblioteca.
  objeto direto (livros foram comprados...)

Concluindo: Temos, portanto, duas grandes características para o objeto direto: a função complementar para verbos transitivos diretos e transitivos diretos e indiretos, e a carga passiva, isto é, a possibilidade de o objeto direto ser convertido para a voz passiva na função de sujeito. Logo, é um termo que, já na voz ativa, apresenta, como dissemos, "carga passiva". Entretanto, poderemos encontrar situações complexas como:

- Pedro matou Paulo. *(Quem é o sujeito da estrutura??)*

Considerações: Nesse caso, a utilização do recurso da "carga passiva" não adiantará, pois tanto podemos dizer "Paulo foi morto por Pedro", como "Pedro foi morto por Paulo". Temos, por conseguinte, um período ambíguo, já que a ação de "matar" pode ser praticada por ambos os substantivos (Pedro e Paulo). Para resolver tal problema, recorreremos a um conhecimento já consolidado – um sujeito não pode vir precedido por preposição. Logo, deve-se preposicionar um dos termos para que ele deixe de ser um possível sujeito e assuma a função de "objeto direto preposicionado".

Assim...

- Pedro matou a Paulo.
  sujeito — OD preposicionado

Veja outros exemplos em que esse desdobramento foi usado (perceba como o emprego da preposição evita que se tome o termo preposicionado como se fosse o sujeito do verbo):

OD preposicionado VTD sujeito

- A cada um de nós sempre incomoda a atitude desleixada de um pai irresponsável.

OD preposicionado VTD sujeito

- Às crianças de orfanatos abandonaram, na maioria das vezes, pais sem escrúpulos.

sujeito VTD OD sujeito OD preposicionado

- "Os otimistas não julguem os pessimistas, nem estes àqueles, pois...". (Fund. Carlos Chagas)

- As ações dos advogados engrandeceram às decisões tomadas pelos diretores.

sujeito VTD OD preposicionado

> **Dica:** Fique muito, mas muito atento às orientações por que acabamos de passar. Frequentemente, as bancas usam essa "confusão" (sujeito *versus* objeto direto) para provocar dúvidas em relação à concordância verbal.

2.1.1 OBJETO DIRETO PREPOSICIONADO

> **Calma!! Não se desespere! Isso não é difícil:** Procure entender as razões que levam o objeto direto a vir precedido de uma preposição. São poucos casos, e alguns são bem utilizados em nosso dia a dia. Vamos lá!

Primeiro, cumpre mais uma vez salientar que o objeto direto preposicionado não surge ao acaso. Ele é fruto de algumas situações especiais em nossa língua. Acompanhe o raciocínio abaixo:

- OD VTD
  Eu tenho certeza de que ele me ama, afirmou a mulher. (me = objeto direto, pronome oblíquo átono)

- VTD OD preposicionado
  Eu tenho certeza de que ele ama a mim, afirmou a mulher. (mim = objeto direto preposicionado, pronome oblíquo tônico).

Veja que no exemplo acima a preposição surgiu porque o pronome utilizado para a complementação foi um oblíquo tônico. Logo, podemos asseverar que todas as vezes que o complemento de um verbo transitivo direto for feito com um pronome oblíquo tônico ele (complemento verbal), obrigatoriamente, será preposicionado. Percebeu? O objeto direto preposicionado surge para certas situações; não é a regra, uma vez que é próprio do

objeto direto não exigir preposição.

Vamos aos casos em que o objeto direto deve vir precedido de uma preposição:

a) quando o objeto direto é um pronome pessoal oblíquo tônico (mim, ti, si, nós, vó ele, eles, ela, elas):

Exemplos:

- Ele idolatrava **a si mesmo** antes de consultar um analista.
  OD preposicionado

- Não pensem eles que irão enganar **a mim** e **a ti**.
  objetos diretos preposicionados

- Agindo assim, poderás **prejudicar** tanto **a ti** como **a nós todos**.
  VTD objetos diretos preposicionados

- "Uma certidão que me desse vinte anos de idade poderia enganar os estranhos, como todos os documentos falsos, mas não **a mim**." (Machado de Assis)
  OD preposicionado

b) quando o objeto direto é representado pelo pronome relativo "quem":

Exemplos:

- Até agora não sabemos **a quem** verdadeiramente ele **ama**.
  OD preposicionado VTD

- Santo Agostinho tornou-se o santo **a quem** Maria das Dores mais **venerava**.
  OD preposicionado VTD

- "— Se você tivesse de escolher entre mim e sua mãe, **a quem** é que **escolhia?**" (Machado de Assis)
  OD preposicionado
  VTD

c) quando, para o bem da clareza (a fim de se evitar uma ambiguidade), deva-se, po meio da preposição, evitar que o objeto direto seja confundido com o sujeito:

Exemplos:

- O filho ama o pai. (Aqui não se pode afirmar com precisão e segurança quem praticou a ação verbal, uma vez que é possível ler a frase tanto na ordem direta quanto na indireta).

Ora, para se evitar tal confusão deve-se preposicionar um dos termos. Veja:

- O filho ama **ao pai**.
  OD preposicionado

- Até agora não se sabe se Paulo realmente **matou** **a Pedro**.
  VTD OD preposicionado

- **Venceram** **aos japoneses** **os americanos**.
  VTD OD preposicionado sujeito

d) quando o objeto direto é representado pelo numeral dual "ambos":

Exemplos:

- No resultado final, acho que vou **aprovar** **a ambos**.
  VTD OD preposicionado

- Em face da dúvida, resolveram **comprar** **a ambas** em vez de levar apenas uma.
  VTD OD preposicionado

e) quando o objeto direto é representado por nomes próprios ou comuns que designem pessoas:

Exemplos:

- É preciso **amar** **a Deus** sobre todas as coisas.
  VTD OD preposicionado

- Judas **traiu** **a Cristo**.
  VTD OD preposicionado

- Os romanos costumavam **adorar** **a Júpiter**.
  VTD OD preposicionado

- Agora, irmãos, **louvemos** **ao Senhor** com uma música especial.
  VTD OD preposicionado

f) quando o objeto direto é representado por pronomes substantivos indefinidos e demonstrativos:

Exemplos:

- Apesar dos conhecimentos, ele jamais **estimulava** **a alguém** com suas palestras.
  VTD OD preposicionado

- Eu **apreciei** mais **a este** do que **àquele**.
  VTD ↳ objetos diretos preposicionados ↲

- Ele **doutrinava** muito mais **àquele jovem rapaz** ali do que **a este** aqui.
  VTD ↳ objetos diretos preposicionados ↲

Em virtude do paralelismo sintático, ambos os objetos diretos foram precedidos por preposição.

g) quando o objeto direto é formado por uma expressão que indica reciprocidade:

Exemplos:

- Deus ordenou que nós nos **amássemos** (VTD) uns **aos outros** (OD preposicionado).
- Elas se **odiavam** (VTD) umas **às outras** (OD preposicionado).

h) quando se deseja dar ênfase ao objeto direto ou, para obter mais clareza, indicar se a parte de um todo:

Exemplos:

- Diante do perigo, os soldados **sacaram** (VTD) **das armas** (OD preposicionado) e apontaram-nas para os manifestantes.
- Parece que ele ainda não **comeu** (VTD) **do bolo** (OD preposicionado).
- Nunca digas "**dessa água** (OD preposicionado) jamais **beberei** (VTD)".

Nestes dois últimos exemplos, alguns autores consideram os verbos como transitivos indiretos. Parece-nos, entretanto, mais lógica a ideia de "objetos diretos preposicionados", uma vez que indicam uma parte do todo. Compare: a) Comer o bolo (todo o bolo); b) Comer do bolo (parte do bolo).

2.1.2 OBJETO DIRETO PLEONÁSTICO

Ocorre quando se deseja pôr em relevo a informação contida no objeto direto. Para tanto, coloca-se o objeto direto no início da frase para depois retomálo — repeti-lo — com um pronome oblíquo. Daí porque este tipo de objeto é denominado de "pleonástico", "enfático" ou "redundante".

Exemplos:

- O homem, criou-o Deus à sua imagem e semelhança.
  OD VTD OD pleonástico

- Todas aquelas informações, os rapazes conseguiram-nas com o uso de propinas.
  OD VTD OD pleonástico

- Os que não falam a verdade, descobre-os o próprio curso da vida.
  OD VTD OD pleonástico

> Não confunda os dois "os" que aparecem na oração. O primeiro é, morfologicamente, um pronome demonstrativo. O segundo é um pronome oblíquo. Para facilitar o entendimento, leia a frase do seguinte modo: "O próprio curso da vida descobre os que não falam a verdade."

2.1.3 OBJETO DIRETO INTERNO OU COGNATO

Há casos em que o objeto direto repete o mesmo sentido contido no radical do verbo. Isso ocorre, geralmente, na linguagem literária, poética, com o intuito de conferir ênfase à mensagem. A esse termo dá-se o nome de "objeto direto interno ou cognato".

Exemplos:

- "E rir meu riso e derramar meu pranto". (Vinicius de Moraes)
  VTD OD interno

- Ele chorava um choro resignado, triste, melancólico.
  VTD OD interno

2.2 OBJETO INDIRETO

É o termo que completa a significação de um verbo transitivo indireto com o auxílio de uma preposição obrigatória. Com os verbos bitransitivos (transitivos diretos e indiretos), o objeto indireto representa o ser a quem (ou "para quem") o objeto direto se destina. Representa o "caso dativo" do latim.

Exemplos:

- Muitos cristãos da Antiguidade **batalhavam** (VTI) **contra os espinhos da carne** (OI).

- As ações do rapaz **incorreram** (VTI) **em grave erro judiciário.** (OI)

- **Enviaram** (VTDI) todas as informações **para o novo diretor** (OI).

- A empresa **deu** (VTDI) uma nova chance **ao empregado** (OI) que se afastou do local de trabalho sem avisar.

- A equipe **necessitava** (VTI) **de que todos deixassem a sala naquele momento** (OI).

> Observe que neste exemplo o "objeto indireto" é exercido por uma oração. Aprofunde esse estudo no capítulo "sintaxe de período".

⇨ Observações importantes:

a) O objeto indireto pode ser substituído pelos pronomes "lhe(s), a ele(s), a ela(s), dele(s dela(s), nele(s), nela(s)":

Exemplos:

- Nos finais de ano, muitas pessoas costumam **escrever** (VTDI) cartas **aos amigos** (OI). (➡ escrever-**lhes** (OI) cartas)

- Não **acreditem** (VTI) **nos falsos profetas** (OI). (➡ Não acreditem **neles** (OI))

- **Das novas orientações** (OI) eles ainda **dependem** (VTI) muito. (➡ Eles dependem **delas** (OI))

- Nunca mais **assistimos** (VTI) **às apresentações** (OI) daquele grupo. (Nunca mais assistimos **a elas** (OI).)

- "E que a sua Deolinda, estanciando nas empinadas serras de S. Gotardo, **lhe** (OI) dissera que seria feliz se morasse no topo duma montanha..." (Camilo)

b) Alguns verbos, mesmo transitivos indiretos, rejeitam a utilização dos pronomes “lhe, lhe para o objeto indireto. Exigem as formas tônicas analíticas “a ele, a ela, a eles, a elas”. Tal fato se dá ora por não ser o objeto de tais verbos personativo, ora se dá por reprovar-lhes a eufonia. São exemplos desse grupo especial os verbos “aceder, aludir, anuir, aspirar (sentido de desejar, almejar), assistir (sentido de ver, presenciar), proceder (sentido de iniciar, começar), visar (sentido de desejar, almejar)”.

- O evento deve ter sido majestoso, pois os diretores **aludiram a ele** na reunião de ontem. (E não “aludiram-lhe”)
- A contagem dos votos se realizará no ginásio de esportes. Os auditores do Tribunal Eleitoral **procederão a ela** exatamente às 18h.

c) Por outro lado, há verbos transitivos indiretos que, por motivo de eufonia, rejeitam os pronomes oblíquos átonos “me, te, se, nos, vos” para o objeto indireto. Exigem os pronomes tônicos preposicionados “a mim, a ti, a si, a nós, a vós” para tal função. São exemplos desse grupo os verbos “aludir, depender, discrepar, dissentir, discordar, equivaler, prescindir”.

- Eles prescindem de mim para a realização do projeto.
- Todos discordam de ti, João.

d) Verbos transitivos indiretos que exigem a preposição “com” não aceitam as formas tônicas “mim, ti, nós, vós”. Para eles, devem ser usados os pronomes tônicos “comigo, contigo, conosco, convosco”.

- A equipe da sala ao lado **competirá conosco**. (e não “competirá com nós”).
- Meu filho, alguém **simpatizou contigo** no colégio? (e não “simpatizou com ti”).

2.2.1 OBJETO INDIRETO PLEONÁSTICO

À semelhança do objeto direto pleonástico, representa a repetição enfática do objeto indireto o qual é retomado com um pronome oblíquo dentro da mesma estrutura oracional.

Exemplos:

- Ao sábio de coração (OI), bastam (VTI)-lhe (OI pleonástico) poucas palavras.
- Aos envolvidos em determinados crimes (OI), a lei preconiza que não lhes (OI pleonástico) convém ausentar-se sem consentimento do juiz.

2.3 COMPLEMENTO NOMINAL

É o termo integrante da oração que completa a significação de alguns nomes, sempre com o auxílio de uma preposição. Há três classes morfológicas que podem exigir complemento nominal: o substantivo, o adjetivo e o advérbio.

Exemplos:

- A nova Constituição do Brasil é bastante acessível (nome) ao leigo (CN). (acessível ➡ adjetivo)
- O amor (nome) a Deus (CN) deve ser incondicional. (amor ➡ substantivo)
- O fumo é prejudicial (nome) à saúde (CN). (prejudicial ➡ adjetivo)
- O interpretador literal sempre procura ser fiel (nome) à letra (CN) da lei. (fiel ➡ adjetivo)
- Todos moravam perto (nome) do centro da cidade (CN). (perto ➡ advérbio)
- O doente apresentava um profundo medo (nome) de seu passado (CN). (medo ➡ substantivo)
- Ele tinha certeza (nome) de que o despacho sairia amanhã (CN). (certeza ➡ substantivo)

Observe neste último exemplo que o complemento nominal é exercido por uma oração denominada de completiva nominal. Aprofunde esse conhecimento na parte de sintaxe de período, orações substantivas.

- —Tenha-me (CN) respeito (nome), gritava o pai para o filho. (respeito ➡ substantivo)

Leia: Tenha respeito a / por mim. Perceba, neste caso, o pronome oblíquo funcionando como “complemento nominal”.

⇨ Considerações importantes:

a) Observe que a preposição sempre se faz presente no complemento nominal. Para observar outros nomes que exigem preposição, estude o assunto "Regência nominal". Veja os nomes e as preposições que eles exigem.

b) Não confunda o complemento nominal com o objeto indireto. Este integra a significação de verbos transitivos indiretos ou transitivos diretos e indiretos, enquanto aquele completa nomes (substantivos, adjetivos e advérbios). Perceba os exemplos abaixo:

- Ele **confia** (VTI) muito **em seu próprio conhecimento** (OI).
- Ele tem muita **confiança** (nome) **em seu próprio conhecimento** (CN).
- O governo **desconfia** (VTI) **da atuação de grupos de esquerda** (OI) para minar-lhe as forças.
- O governo nutre uma profunda **desconfiança** (*nome*) **de que haja a atuação de grupos de esquerda** (*CN*) para minar-lhe as forças.
- Muitos ainda **necessitam** (VTI) **de paz interior** (OI) para viver melhor.
- Muitos têm **necessidade** (nome) **de paz interior** (CN) para viver melhor.

2.4 AGENTE DA PASSIVA

É o termo que na voz passiva analítica pratica a ação verbal, sempre introduzido por uma preposição.

> Antes de estudarmos este termo, vamos aprofundar um pouco o nosso conhecimento sobre a voz passiva, porque entendemos ser este o momento exato para isso.

2.4.1 ESTUDO DA VOZ PASSIVA – CONVERSÃO DA VOZ ATIVA PARA A VOZ PASSIVA

A voz representa a forma como o verbo se apresenta para indicar se o sujeito praticará, sofrerá ou praticará e sofrerá ao mesmo tempo a ação. Como se sabe, são três as vozes do verbo: ativa, passiva e reflexiva. Ocupemo-nos das vozes “ativa” e “passiva” agora.

A voz passiva se divide em: analítica e sintética. Vamos nos deter em estudar a voz passiva analítica, cuja principal característica é a presença de uma locução verbal formada por um verbo auxiliar (geralmente são os verbos “ser” e “estar” que desempenham esse papel) e um verbo principal no particípio.

Observe:

sujeito VTD OD
› O rapaz pegou o livro.
(➡ Voz ativa)

locução verbal
› O livro foi pego pelo rapaz.
sujeito passivo agente da passiva
(➡ Voz passiva)

Não sei se deu para perceber, mas a conversão foi feita da seguinte maneira:

ORDEM DIRETA

CONVERSÃO DA VOZ ATIVA PARA A VOZ PASSIVA		
VOZ ATIVA		VOZ PASSIVA
Sujeito	➡	Agente da passiva
Verbo transitivo direto	➡	Locução verbal (aux. + particípio)
Objeto direto	➡	Sujeito passivo ou paciente

ORDEM DIRETA

Observe as setas para acompanhar a mudança da função sintática dos termos. Veja outros exemplos de conversão da voz ativa para a voz passiva analítica:

VOZ ATIVA	VOZ PASSIVA
Quem o encontrou ontem à noite?	Por quem você (ele) foi encontrado ontem à noite?
O essencial é poder implementar as novas leis.	O essencial é poderem ser implementadas as novas leis.
Jovens, vossos mestres vos trataram bem hoje?	Jovens, vós fostes bem tratados hoje por vossos mestres?
A globalização vem favorecendo a concentração de renda.	A concentração de renda vem sendo favorecida pela globalização.

Platão a comparou ao adestramento de cães de raça.	Ela foi comparada por Platão ao adestramento de cães de raça.
Nós comprometemos de vez a dinâmica do processo.	A dinâmica do processo foi de vez comprometida por nós.
Muito prometem as dietas milagrosas e as intermináveis sessões de ginástica.	Muito é prometido pelas dietas milagrosas e pelas intermináveis sessões de ginástica.
Alguns vêm identificando a ótima forma do corpo com o conceito de saúde.	A ótima forma do corpo vem sendo identificada com o conceito de saúde por alguns.

⇨ Observações importantes:

a) Todos os termos em negrito são agentes da passiva. Perceba que todos vêm introduzidos por uma preposição. Geralmente é a preposição "por" que inicia o agente (ou suas contrações "pelo, pela, pelos, pelas"), mas há agentes da passiva que são introduzidos por outras preposições. Observe:

- Havia muitos carros naquela cidade que eram movidos **a gás**.
  agente da passiva

- O quarto foi invadido **de repórteres, de câmaras**.
  agente da passiva

- O carro era tirado **a quatro juntas de boi**.
  agente da passiva

b) Não se esqueça de que só os verbos transitivos diretos e os verbos transitivos diretos e indiretos podem ser convertidos para a voz passiva. Logo, por exclusão, salvo raras exceções (verbos "obedecer" e "desobedecer", por exemplo), os verbos transitivos indiretos, os verbos intransitivos e os verbos de ligação não são suscetíveis de transcrição para a voz passiva.

Logo:

- Muitos **assistiram** ao espetáculo extasiados. (Voz passiva ➡ Não existe)
  VTI

- Aquele pensamento grego **anda** cada vez mais comprometido. (Voz passiva ➡ Não existe)
  VL

- Sempre que nós **podíamos**, nós **íamos** com ele.
  VI VI

c) Verbos transitivos diretos há, entretanto, que são insusceptíveis de ir para a voz passiva. Tal fato se dá ou porque já apresentam sentido passivo (aguentar, sofrer etc.) — mesmo na voz ativa –, ou porque a eufonia lhes reprova a passagem para a voz passiva (ter, querer, poder, conter etc.).

d) Na conversão da voz ativa para a voz passiva, procure imediatamente o "objeto direto", pois será ele quem irá funcionar como o sujeito da voz passiva. Logo, identificar de forma precisa o "objeto direto" é o primeiro passo para se evitarem erros na transposição para a voz passiva.

e) Geralmente a locução verbal da voz passiva é construída com o verbo auxiliar "ser", formando o que se chama "passiva de ação". Outros verbos, entretanto, podem funcionar como auxiliares para a locução da passiva para acrescentar outras matrizes de sentido. Veja:

A polícia cercou a favela (voz ativa)

a) A favela foi cercada pela polícia. (passiva de ação com o verbo "ser")

b) A favela esteve cercada pela polícia. (passiva de estado com o verbo "estar")

c) A favela ficou cercada pela polícia. (passiva de mudança de estado com o verbo "ficar")

f) Lembre-se de que o verbo auxiliar concordará em "número" e "pessoa" com o sujeito d voz passiva. O particípio passivo, por sua vez, concordará em "gênero" e "número" com esse mesmo sujeito. Observe:

- Todos analisaram a nova lei. (Voz ativa) ⇨ A nova lei **foi analisada** por todos. (Voz passiva)
- Eu analisei as novas leis. (Voz ativa) ⇨ As novas leis **foram analisadas** por mim. (Voz passiva)
- Tu analisaste os novos decretos? (Voz ativa) ⇨ Os novos decretos **foram analisados** po ti? (Voz passiva)

g) Não se esqueça de que o verbo auxiliar da locução da voz passiva será colocado no mesmo "modo" e "tempo" do verbo principal da voz ativa. Logo:

- Ele revisa (Pres. Indic.) o acordo. (Voz ativa) ➡ O acordo é (Pres. Indic.) revisado por ele. (Voz passiva)

- Ele revisou (Pret. Perf. Ind.) o acordo. (Voz ativa) ➡ O acordo foi (Pret. Perf. Ind.) revisado por ele. (Voz passiva)

- Ele revisava (Pret. Imperf. Ind.) o acordo. (Voz ativa) ➡ O acordo era (Pret. Imperf. Ind.) revisado por ele. (Voz passiva)

- Ele revisará (Fut. Pres. Ind.) o acordo. (Voz ativa) ➡ O acordo será (Fut. Pres. Ind.) revisado por ele. (Voz passiva)

h) O verbo "HAVER" no sentido de "existir, acontecer, ocorrer" é insuscetível de transcriçã para a voz passiva em virtude de sua impessoalidade, a despeito de nessa acepção ser "transitivo direto". Logo:

- Sempre houve (VTD) bons legisladores (OD) no Brasil. (Voz passiva ⇨ Impossibilidade)

> Observe que nesta construção a oração não possui sujeito.

i) Não confunda o agente da passiva com o complemento nominal. Este integra o sentido nomes (substantivo, adjetivos e advérbios); aquele pratica a ação dentro de uma voz passiva. Ademais, o agente da passiva pode ser transcrito para a voz ativa com a função de sujeito.

Exemplos:

- O inferno sempre está pavimentado (locução verbal) de boas intenções (agente da passiva). (Voz ativa ⇨ Boas intenções pavimentam o inferno.)

> Observe a presença da locução verbal "estar + pavimentar". O verbo principal encontra-se no "particípio ⇨ pavimentado".

- Ele está ansioso (adjetivo) pela (ou "da") volta de sua amada (complemento nominal). (Não há como converter para a voz passiva.)

- Todos eram responsáveis (adjetivo) pela vida da família (complemento nominal). (Não há como converter para a voz passiva.)

- Muitos cantores foram influenciados pelo movimento hippie. (Voz ativa ⇨ O movimento hippie influenciou muitos cantores.)

j) Lembre-se de que muitas construções da voz passiva analítica apresentam "agente da passiva indeterminado". Isso ocorre quando não convém ou não se quer declará-lo. Neste caso, se se quiser verter a oração passiva com agente indeterminado para a voz ativa, esta também ficará com o seu sujeito indeterminado. Veja:

- O caso foi descoberto recentemente pelo investigador Marcos. (Voz passiva analítica cor agente da passiva determinado) ⇨ Voz ativa = O investigador Marcos recentemente descobriu o caso.
- O caso foi descoberto recentemente. (Voz passiva analítica com agente da passiva indeterminado) ⇨ Voz ativa = **Descobriram recentemente o caso**.
- O voto feminino chegou a ser discutido na constituinte de 1890. (Voz passiva analítica cor agente da passiva indeterminado) ⇨ Voz ativa = **Chegaram a discutir o voto feminino na constituinte de 1890**.

2.5 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (FMU/Fiam-SP) Assinale a alternativa que contenha, respectivamente: um pronome pessoal do caso reto funcionando como sujeito e um pronome pessoal do caso oblíquo funcionando como objeto direto.

   a) Eu comecei a reforma da Natureza por este passarinho.
   b) E mais uma vez me convenci da "tortura" destas coisas.
   c) Todos a ensinavam a respeitar a Natureza.
   d) Ela os ensina a fazer ninhos nas árvores.
   e) Ela não convencia ninguém disso.

2. (FCC) Em: "Chamou-se um **eletricista** para a instalação dos fios" o termo destacado é

   a) objeto direto.
   b) sujeito.
   c) objeto indireto.
   d) agente da passiva.
   e) predicativo do sujeito.

3. (FEI-SP) Assinalar a alternativa que indica a função sintática exercida pelas orações destacadas, nos seguintes períodos:

I. Insistiu em que permanecesse no clube.

II. Não há duvida de que disse a verdade.

III. É preciso que aprendas ser independente.

IV. A verdade é que não saberia viver sem ela.

a) sujeito – objeto direto – complemento nominal – predicativo do sujeito.
b) predicativo do sujeito – complemento nominal – objeto direto – sujeito.
c) sujeito – predicativo do sujeito – objeto indireto – complemento nominal.
d) objeto indireto – complemento nominal – sujeito – predicativo do sujeito.
e) complemento nominal – sujeito – predicativo do sujeito – objeto indireto.

4. (Epamig-MG) Indique a frase que apresenta a palavra "se" como pronome apassivador

a) "Se não chego a tempo..."
b) "Afastou-se o diretor, pisando forte."
c) Apagaram-se as luzes.
d) Precisa-se de responsabilidade.
e) Deu-se pressa em sair.

5. (FOC-SP) No período: "Falsos conceitos, meia ciência por parte de professores, complicação e pedantismo de nomenclatura vazia, tudo isso produziu e produz nos alunos uma sadia aversão pela 'análise lógica'". A expressão **pela análise lógica** é:

a) adjunto adnominal.
b) agente da passiva.
c) complemento nominal.
d) objeto indireto.

6. (UEL-PR) Assinale a alternativa correspondente ao período em que há agente da passiva.

a) O rapaz foi preso por um investigador, compadre do Bertolão.
b) O coração não resistiu à prova.
c) Não o sabíamos doente.
d) Tão grande e forte, não era resistente à bebida.
e) Seu apartamento fora interditado poucas horas depois do crime.

7. (Febasp)

"E agora, José?

A festa **acabou**

A luz **apagou**

O povo **sumiu**

A noite **esfriou**..." (Carlos Drummond de Andrade)

Em relação aos verbos destacados, pode-se afirmar que:

a) os verbos são todos transitivos diretos e estão no pretérito imperfeito.

b) os verbos são todos transitivos diretos, embora o objeto direto não esteja expresso e os verbos estão no pretérito perfeito.

c) o primeiro e o segundo verbos são transitivos diretos e os últimos são transitivos indiretos e estão no pretérito mais-que-perfeito.

d) todos os verbos destacados são intransitivos e estão no pretérito perfeito.

8. (UFU-MG) No período "Quando enxotada por mim foi pousar na vidraça", qual a função sintática de **por mim**?

a) objeto direto.

b) sujeito.

c) objeto indireto.

d) complemento nominal.

e) agente da passiva.

9. (ESPM-SP) Não **me** preocupa o **futuro**. Julgo-me **capaz** de enfrentar qualquer **dificuldade**. Os termos destacados são, respectivamente:

a) sujeito – objeto direto – objeto direto – objeto indireto.

b) objeto indireto – objeto direto – objeto indireto – complemento nominal.

c) objeto direto – objeto direto – predicativo do objeto – adjunto adnominal.

d) objeto indireto – sujeito – sujeito – objeto direto.

e) objeto direto – sujeito – predicativo do objeto – objeto direto.

10. (FMU-SP) Observe os termos destacados:

*Alugam-se **vagas**.*

*Precisa-se **de faxineiros**.*

Paraibana expansiva machucou-se.

Eles exercem, respectivamente, a função sintática de:

a) objeto direto, objeto indireto, objeto direto.
b) sujeito, sujeito, sujeito.
c) sujeito, objeto indireto, objeto direto.
d) sujeito, objeto indireto, sujeito.
e) sujeito, sujeito, objeto direto.

GABARITO

1 – D	2 – B	3 – D
4 – C	5 – C	6 – A
7 – D	8 – E	9 – E
10 – D		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 3

TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO

Após estudar os termos que completam o significado de verbos (objeto direto e objeto indireto) e de nomes (complemento nominal), bem como do agente da passiva, sua missão agora será estudar e compreender os termos que desempenham uma função secundária, ora de caracterização do substantivo, ora para expressar circunstâncias diversas.

São três os termos acessórios da oração: o adjunto adnominal, o adjunto adverbial e o aposto.

3.1 ADJUNTO ADNOMINAL

É o termo acessório da oração que tem por finalidade a caracterização ou a determinação de um substantivo.

Observe nos exemplos abaixo as classes morfológicas que funcionam como adjunto adnominal:

- **Os** rapazes encontraram **uma** mulher perdida.
  artigos
- O **enigmático** sonho levou a **bela** garota ao êxtase.
  adjetivos
- **Nosso** hino é o mais belo. **Aqueles** outros são **nossas** composições.
  pronomes adjetivos
- Havia **dois** bandidos do lado de fora do banco; os outros **três** meliantes renderam o vigilante.
  Numerais adjetivos
- Uma dor **de cabeça** o impediu de assistir ao show **dos alunos**.
  Locuções adjetivas
- Ontem eu fui à casa **que me será dada por herança**.
  Oração adjetiva

⇨ Observações importantes:

a) Lembre-se de que alguns pronomes, classificados geralmente como oblíquos, podem exercer a função sintática de adjunto adnominal. Neste caso, passam literalmente à função morfológica de pronomes possessivos. São eles: me, te, lhe, nos, vos, lhes.

Exemplos:

- Todos que chegavam beijavam-**lhe** as mãos. (⇨ Leia:... beijavam as mãos dele)
  adjunto adnominal

> Não confunda o "lhe" na função de possessivo com o "lhe" na função de objeto indireto ou na função de complemento nominal.

- Aquele susto arrepiou-**nos** os cabelos. (⇨ Leia:... arrepiou os nossos cabelos)
  adjunto adnominal
- adjunto adnominal
  Machucaram-**te** apenas face direita? (⇨ Leia: Machucaram apenas a tua face direita?)
- "Desventurado, o seu coração de fogo queimou-**lhe** o viço da existência ao despertar dos sonhos do amor que o tinham embalado." (A. Herculano)
- "Não **lhe** sei o nome, nem que lho soubera o diria." (Camilo)

b) Não confunda o adjunto adnominal com o complemento nominal quando formado por locução adjetiva e esta locução se referir a um substantivo. Para evitar tal equívoco, sugerimos alguns critérios:

COMPLEMENTO NOMINAL	ADJUNTO ADNOMINAL
Sempre indica o ser passivo (recebedor da ação)	Sempre indica o ser ativo (agente da ação)
Tem por base um verbo transitivo	Não tem por base um verbo transitivo
Não indica posse	Sempre indica posse
Completa geralmente o sentido de um substantivo abstrato.	Completa geralmente o sentido de um substantivo concreto.

Acompanhe os exemplos abaixo e perceba as diferenças:

- A intervenção do diretor provocou indignação na empresa.
  complemento ou adjunto?

> **Questione:** O diretor interveio ou recebeu a intervenção? Óbvio que ele interveio. Logo é o ser ativo, agente da ação. Ademais, podemos dizer: "A intervenção dele provocou

indignação na empresa". Ora, se é a intervenção dele, o termo "do diretor" indica posse. Portanto, não restam mais dúvidas, o termo é um adjunto adnominal.

- A eleição do novo diretor deixou em euforia toda a empresa.
  complemento ou adjunto?

Questione: O diretor está elegendo alguém ou está sendo eleito? Ele está sendo eleito. Logo, indica o ser passivo, recebedor da ação. Podemos dizer: "Eleger o novo diretor". Observe que o substantivo "eleição", neste caso, possui por base um verbo transitivo direto. Logo, o termo "do novo" diretor é um complemento nominal.

Observe outros exemplos:

- O pedido da empresa já foi atendido. (⇨ A empresa fez o pedido. Representa o ser ativo
  adjunto adnominal
- O pedido de socorro foi ouvido ao longe. (⇨ O socorro está sendo pedido. Representa o ser passivo)
  complemento nominal
- O empréstimo do dinheiro salvou a empresa. (⇨ O dinheiro está sendo emprestado. É o ser passivo)
  complemento nominal
- O empréstimo do banco salvou a empresa. (⇨ O banco está emprestando. É o ser ativo.)
  adjunto adnominal
- Os bolinhos de feijão alegravam os meninos na hora do almoço.
  adjunto adnominal
- A plantação de feijão foi devastada por uma praga.
  complemento nominal
- A resposta do entrevistado surpreendeu a todos.
  adjunto adnominal
- A resposta ao entrevistado provocou-lhe tristeza.
  complemento nominal

⇨ Observação:

Perceba que o critério do "ser passivo" (complemento nominal) e do "ser ativo" (adjunto adnominal) praticamente resolve toda a celeuma. Use os outros critérios se ainda restar alguma dúvida.

c) Não confunda também o adjunto adnominal com um predicativo do objeto. Neste último

qualidade atribuída ao objeto é necessária, essencial, logo, não passível de ser retirada da estrutura oracional; fato que não ocorre com o adjunto adnominal que é termo acessório e, como o próprio nome já sugere, pode ser retirado da oração. Para evitar confusões, adote o seguinte procedimento:

- transforme o objeto direto em um pronome oblíquo;
- perceba se o adjetivo que a ele se refere se mantém de forma lógica dentro da estrutura;
- se ele permanecer, será um predicativo; se não for possível a sua manutenção, é porque é um adjunto adnominal.

Observe:

- Resolvi hoje no colégio uma prova difícil. ("Difícil" é um predicativo ou um adjunto do substantivo "prova"?)
- Resolvi-a hoje no colégio. (Observe que o adjetivo "difícil" não se manteve, logo é um "adjunto adnominal").
- Achei a prova muito difícil. ("Difícil" é um predicativo ou um adjunto adnominal do substantivo "prova"?)
- Achei-a muito difícil. (Observe que o adjetivo "difícil" se manteve, logo é um "predicativo do objeto").
- Todos pegaram na biblioteca o livro recomendado pela professora. ("recomendado" = adjunto adnominal).
- Encontraram o livro rasgado. ("rasgado" = predicativo do objeto)

3.2 ADJUNTO ADVERBIAL

É o termo acessório da oração que, com ou sem preposição, refere-se a um verbo, a um adjetivo ou a um advérbio atribuindo-lhes alguma circunstância. Em sintaxe, o adjunto adverbial é exercido pelos advérbios e pelas locuções adverbiais. Este termo representa o "caso ablativo" do latim.

Observe:

adjunto adverbial adjunto adverbial

- Hoje o Presidente da República irá ao Congresso na parte da tarde para a obtenção de apoio.

adjunto adverbial

adjunto adverbial adjunto adverbial

- Raramente o país investe em educação como os outros países da América do Sul.

adjunto adverbial adjunto adverbial

- Muitos hoje em dia morrem de fome por causa da insensibilidade de alguns.

adjunto adverbial

Por expressarem circunstâncias, os adjuntos adverbiais possuem várias classificações. Destacamos as principais:

a) de lugar ⇨ No país do carnaval, só samba quem tem dinheiro.
b) de tempo ⇨ Muitos direitos foram suspensos no tempo da ditadura brasileira.
c) de concessão ⇨ Apesar das circunstâncias, muitos obtiveram o diploma de bachare
d) de assunto ⇨ Eles só falavam sobre a derrota do time.
e) de causa ⇨ Deixou o emprego por moléstia grave. Durante a tempestade, muitas árvores caíram com o vento.
f) de afirmação ⇨ Certamente o presidente da empresa viajará para a Europa.
g) de intensidade ⇨ Falou muito, por isso ficou bastante rouco.
h) de dúvida ⇨ Talvez o time ganhe na próxima partida.
i) de modo ⇨ Deixou às escondidas o local e sorrateiramente entrou no carro que estava aparentemente abandonado.
j) de negação ⇨ De modo algum nós aceitaremos as novas cláusulas. Não compactuaremos desse momento.
k) de matéria ⇨ Construiu a porta de ferro. Fechou todos os buracos com areia e cimento.
l) de meio ⇨ Eles sempre vão de carro à casa dos parentes mais afastados.
m) de finalidade ⇨ Estudam bastante para a obtenção do certificado.
n) de condição ⇨ Não conseguirás viajar sem o passaporte.
o) de companhia ⇨ O Presidente viajará para a Europa com todos os seus ministros.
p) de preço ⇨ Aquela casa custará para nós cem mil dólares.
q) de conformidade ⇨ Eles sempre dançam conforme a música.

⇨ Observação:

Mais uma vez salientamos que esse é apenas um rol exemplificativo. Sem dúvida, há outras circunstâncias que podem ser expressadas pelos advérbios e pelas locuções adverbiais.

⇨ Outras considerações importantes:

a) Não confunda o adjunto adverbial com o agente da passiva quando os termos vierem encabeçados pelas preposições "de, por, pela, pelo, pelas, pelos". Observe:

- Todos estavam oprimidos **pela urgência do caso**. (⇨ Agente da passiva = A urgência do caso oprimia a todos)
- O Ministro estava deixando o caso **por negligência própria**. (⇨ Adjunto adverbial de causa)
- **Por uma denúncia anônima,** ele foi preso. (⇨ Adjunto adverbial de causa)
- Naquele momento, o orador estava sendo ovacionado **por todos os presentes à convenção**. (⇨ Agente da passiva)

b) Observe que o adjunto adverbial tanto pode ser expresso por um advérbio simples com por uma locução adverbial. As locuções adverbiais são, frequentemente, introduzidas por uma preposição.

- Respeite a eles, pois aqueles homem trabalham **de sol a sol**.
- Todos ficaram **em cima da casa** para observar o fenômeno.

c) Lembre-se de que o adjunto adverbial modifica "verbos, adjetivos ou advérbios" atribuindo a eles circunstâncias diversas, enquanto o adjunto adnominal sempre se refere ao substantivo.

3.3 APOSTO

É o termo acessório cuja função é a de esclarecer, explicar, identificar, especificar, resumir um outro termo. O termo a que o aposto se refere sempre será um substantivo ou termo substantivado, uma vez que a função do aposto é típica do substantivo.

Primeiros exemplos:

- O Amazonas, **maior rio navegável do mundo**, está poluído em algumas áreas.
  aposto
- aposto
  Analista de artes e professor de computação, João Antônio aprecia também bons prato

à japonesa.

- Renato Saraiva, procurador do trabalho da 4.ª Região (aposto), escreveu vários livros sobre Direito Trabalhista.

Existem vários tipos de apostos. São eles:

a) Aposto explicativo: é o mais comum. Como o próprio nome já enuncia, explica, esclarec o termo a que se refere. Vem sempre isolado por vírgula(s).

Exemplos:

- Edson Arantes do Nascimento, o rei Pelé (aposto explicativo), consagrou-se como um dos maiores jogadore de todos os tempos.
- Em Pernambuco, um dos grandes produtores de açúcar do Brasil (aposto explicativo), a violência cresce diariamente.
- João Pedro, ajudante de pedreiro (aposto explicativo), recebeu um bom abono de férias da empresa.

b) Aposto resumitivo ou recapitulativo: é aquele que "resume" uma sequência de termos. Geralmente este tipo de aposto resume substantivos que exercem a função de sujeito. O aposto resumitivo é frequentemente exercido por um pronome indefinido.

Exemplos:

- O mar, os céus, a terra, tudo (aposto resumitivo) apregoa a glória de Deus.
- Dançar, nadar, brincar, nada (aposto resumitivo) lhe interessava.

c) Aposto especificativo: é aquele que se refere a um substantivo de sentido geral particularizando-o, especificando-o, indicando-lhe a espécie à qual pertence. Esse tipo de aposto dispensa a pontuação.

Exemplos:

- O iluminista Thomas Hobbes (aposto especificativo), autor de "Leviatã", morreu em 1679.
- O poeta Carlos Drummond de Andrade (aposto especificativo) foi uma das maiores expressões do Modernismo.

Perceba que a base deste tipo de aposto é a especificação, a delimitação. Observe que,

entre tantos poetas, a oração especifica que a informação se refere apenas a Carlos Drummond de Andrade.

- A cidade **de Palmares** fica a cerca de 120Km da cidade **de Recife**.
  aposto especificativo — aposto especificativo
- Meu melhor amigo **Cláudio** é um especialista em eletricidade.
  aposto especificativo
- O mar **Mediterrâneo** foi alvo de muitas disputas na Antiguidade.
  aposto especificativo
- O colégio **Contato** fica na rua **Dom Bosco**.
  aposto especificativo — aposto especificativo

d) Aposto enumerativo: este tipo cria uma enumeração ou indica uma quantidade do termo a que se refere. Este tipo de aposto faz uso frequente dos dois pontos e, mais raramente, da vírgula e do travessão.

Exemplos:

- Para um homem evoluir são necessárias três coisas: **uma grande mulher, uma boa família e a presença de Deus**.
  aposto enumerativo
- Em sua viagem, Mário conheceu dois grandes expoentes da Literatura mundial: **José Saramago e Antonio Candido**.
  aposto enumerativo

e) Aposto de oração: é aquele que sintetiza o conteúdo semântico de toda uma oração. Não se deve confundi-lo com o aposto resumitivo. Este resume termos, aquele faz a síntese de toda uma oração ou orações.

Exemplos:

- A niveladora jogou neve para dentro do jardim, **fato** que o deixou muito irritado.
  aposto de oração
- Muitos sem-terras se aglomeram em frente do Ministério, **sinal** de uma grande manifestação.
  aposto de oração
- Alguns alunos zombavam do professor, **o** que irritou profundamente o diretor do colégio.
  aposto de oração
- Os primeiros a chegar sugeriram que o acampamento fosse levantado à esquerda do lago, **ideia** que muito agradou aos líderes da excursão.
  aposto de oração

⇨ Considerações importantes:

a) Não confunda o aposto especificativo com o adjunto adnominal nem com o complement nominal. Observe:

- A cidade de São Paulo (aposto especificativo) tornou-se a maior metrópole da América Latina.

> O objetivo do termo é especificar uma cidade entre as várias cidades existentes.

- Os moradores de São Paulo (adjunto adnominal) sofrem com os engarrafamentos.

> Já aqui o termo (formado pela locução adjetiva) indica uma qualidade. "Os moradores paulistas" (ou paulistanos).

- A construção de São Paulo (complemento nominal) durou vários séculos.

> Neste último, o termo indica o ser passivo, recebedor da ação.

- O poeta Drummond (aposto especificativo) foi o autor de vários poemas, dentre os quais se destaca
- Os poemas de Drummond (adjunto adnominal) servem de base para muitos poetas de hoje.

b) Há um tipo especial de termo, colocado em aparente aposição – entre vírgulas, geralmente –, que recebe o nome de "aposto circunstancial". Esta classificação é defendida por estudiosos de peso da nossa língua, como os professores Mário Barreto, José Oiticica e Cláudio Brandão. Em nossa análise, corroborando com o professor Adriano da Gama Kury, em seu livro "Novas lições de análise sintática", preferimos classificar este termo não como aposto circunstancial, mas como "predicativo circunstancial", por causa do caráter essencialmente qualificador deste termo.

- "Os castanheiros, **grandes e concentrados**, ouviam subir a seiva." (Eça de Queiroz, apud Adriano G. Kury)
- "Lembra-se como, **em menino**, me tratava?"
- Meu pai, **quando jovem**, era amantíssimo das letras.

3.4 VOCATIVO

É o termo da oração (não entra em nenhuma classificação, uma vez que nem pertence ao sujeito nem ao predicado) cujo objetivo é interpelar, chamar, invocar alguém de forma mais ou menos enfática.

> **Nota:** Na fala o vocativo é pronunciado com entonação enfática. Na escrita é sempre marcado pela presença de algum sinal de pontuação que o isole dentro da estrutura oracional. Geralmente esse papel de isolar o vocativo é exercido pela vírgula.

- Maria, ó Maria, vem logo, não demores.
  vocativos
- Afasta-te daqui, criatura nojenta!
  vocativo
- Tenha cuidado, meu filho, a vida não é fácil.
  vocativo

⇨ Consideração importante:

Não se esqueça de que a pontuação é fundamental para a identificação do vocativo, além, é claro, do objetivo do termo que é, como já vimos, chamar, interpelar. A ausência, o esquecimento, ou mesmo a retirada proposital da pontuação pode alterar completamente a função sintática do termo. Veja:

- sujeito simples
  Carlos Antônio teve a sua dissertação de mestrado aprovada com louvor pela banca examinadora.
- vocativo sujeito
  Carlos, Antônio teve a sua dissertação de mestrado aprovada com louvor pela banca examinadora.
- sujeito vocativo
  Carlos, Antônio, teve a sua dissertação de mestrado aprovada com louvor pela banca examinadora.

3.5 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (Univ. Fed. de Ouro Preto-MG) Dos termos destacados, **só não é** predicativo do sujeit

   a) "Os outros fingiam acreditar, **desconfiados**."

b) “Manarairema esperou **impaciente**.”
c) “... enquanto os homens andavam **ativos**...”
d) “Se eles são **soberbos**, nós também...”
e) “Ninguém almoçou **direito**, receando...”

2. (U. Cuiabá-MT)

“Dois pais conversam sobre o futuro dos filhos:
*– O que seu filho vai ser quando terminar o primeiro grau? – pergunta **um** deles.*
*– Pelo jeito, acho que vai ser **um** velho de barbas brancas... – responde o outro”.*
***Um**, analisando-se morfológica e sintaticamente, é, respectivamente:*

a) artigo indefinido e adjunto adnominal / artigo indefinido e adjunto adnominal.
b) pronome adjetivo e objeto direto / artigo indefinido e objeto direto.
c) pronome substantivo indefinido e sujeito / artigo indefinido e adjunto adnominal.
d) pronome adjetivo definido e adjunto adnominal / numeral cardinal e sujeito.
e) pronome adjetivo definido e adjunto adnominal / numeral cardinal e objeto direto.

3. (UM-SP) “Apesar de vistosa, a construção acelerada **daquele edifício** deixou-**nos insatisfeitos** novamente”.

Os termos em destaque no período são, respectivamente:

a) adjunto adnominal, objeto indireto, adjunto adverbial.
b) complemento nominal, objeto direto, adjunto adverbial.
c) adjunto adnominal, objeto direto, predicativo do objeto.
d) complemento nominal, objeto direto, predicativo do objeto.
e) adjunto adnominal, objeto indireto, adjunto adnominal.

4. (UFSC) Observe os períodos abaixo e assinale a alternativa em que **lhe** é adjunto adnominal.

a) “... anuncio-lhe: Filho, amanhã vai comigo.
b) O peixe caiu-lhe na rede.
c) Ao traidor, não lhe perdoaremos jamais.
d) Comuniquei-lhe o fato ontem pela manhã.
e) Sim, alguém lhe propôs emprego.

5. (Fuvest-SP) Nos enunciados abaixo, há adjuntos adnominais e apenas um complemento nominal. Assinale a alternativa que contém o complemento nominal.

a) faturamento das empresas.
b) ciclo de graves crises.
c) energia desta nação.
d) história do mundo.
e) distribuição de poderes e renda.

6. (Fuvest-SP) Assinalar a oração que começa com um adjunto adverbial de tempo.

a) Com certeza havia um erro no papel do branco.
b) No dia seguinte Fabiano voltou à cidade.
c) Na porta, (...) enganchou as rosetas das esporas...
d) Não deviam tratá-lo assim.
e) O que havia era safadeza.

7. (ESPM-SP) "Fogão Continental 2001 Grand Prix II: nossa homenagem **ao bom gosto** **mulher brasileira**." As expressões destacadas são, respectivamente:

a) sujeito, complemento nominal.
b) complemento nominal, sujeito.
c) adjunto adnominal, objeto direto.
d) complemento nominal, complemento nominal.
e) complemento nominal, adjunto adnominal.

8. (Faap-SP)
"Sete anos de pastor Jacó servia Labão, pai de Raquel, serrana bela".
*Identifique a análise **errada**.*

a) sete anos – adjunto adverbial.
b) de pastor – adjunto adnominal.
c) Jacó – sujeito.
d) pai de Raquel – aposto de Labão.
e) serrana bela – aposto de Raquel.

9. (PUC-SP) "Só pessoas **sem visão** não admitem que, neste setor, existe **oferta** considerada condizente **com a procura**".

*Assinale a alternativa em que se apresenta **corretamente** a função sintática dos termos em destaque, respeitando-se a ordem em que elas ocorrem no período.*

a) adjunto adnominal, objeto direto, complemento nominal.
b) adjunto adverbial, objeto direto, adjunto adnominal.
c) adjunto adnominal, sujeito, complemento nominal.
d) adjunto adverbial, sujeito, complemento nominal.
e) adjunto adnominal, objeto direto, adjunto adnominal.

10. (UEL-PR) “Ainda que surgissem poucos **recursos** para o projeto, todos mostravam-se satisfeitos com a boa vontade **do chefe**”.

As palavras em destaque no período exercem, respectivamente, a função sintática de:

a) objeto direto, complemento nominal.
b) sujeito, objeto indireto.
c) objeto direto, adjunto adnominal.
d) objeto direto, objeto indireto.
e) sujeito, adjunto adnominal.

GABARITO

1 – E	2 – C	3 – D
4 – B	5 – E	6 – B
7 – E	8 – B	9 – C
10 – E		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 4

SINTAXE DO PERÍODO COMPOSTO

Partamos para nosso segundo passo dentro de sintaxe. Nos capítulos anteriores, percebemos a interação entre os termos de uma oração e classificamos a função deles. Neste capítulo, continuaremos a estudar as funções sintáticas estabelecidas não mais agora entre os termos simples de uma oração, mas entre as orações. Logo, não se preocupe: o assunto é fácil. Uma orientação, porém, segue: é importante que as noções do que é um sujeito, um objeto direto, um objeto indireto etc. tenham sido bem assimiladas. Afinal, reiterando o já dito, vamos estudar todos esses termos em forma de orações. Boa viagem!

4.1 CONCEITOS ESSENCIAIS

Como já dissemos, o nosso estudo versa sobre o período. Período é a frase que se estrutura em oração ou orações. Daí o período ser classificado em:

a) Período simples ⇨ formado por uma única oração denominada de oração absoluta.
b) Período composto ⇨ formado por mais de uma oração.

Para a sintaxe de período só interessa o período composto, aquele formado por duas ou mais orações. Para a construção desse período composto, dois processos sintáticos são utilizados:

a) A coordenação ⇨ as orações mantêm uma independência sintática umas das outras, o seja, uma oração não exerce uma função sintática (sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal etc.) para a outra. Há tão somente uma dependência semântica (de sentido) entre as orações do período coordenado.
b) A subordinação ⇨ as orações estão ligadas umas às outras — dependência — não só por um vínculo semântico, mas principalmente por um vínculo sintático, isto é, uma oração vai exercer uma função sintática para a outra. Por isso, uma oração, no período subordinado, só subsistirá se a outra também existir e vice-versa.

É possível também que um período seja formado tanto por orações coordenadas quanto por orações subordinadas. Nesse caso, ele é denominado de *período composto por coordenação e por subordinação, ou período misto* (período complexo).

Primeiros exemplos:

1.ª oração

- O Conselho de Defesa Nacional é órgão de consulta do Presidente da República e atua em casos específicos.

2.ª oração

Período coordenado. Leia: O Conselho de Defesa Nacional é órgão de consulta do Presidente. O Conselho de Defesa Nacional só atua em casos específicos.

1.ª oração

- Quando o Presidente e o Vice-presidente não assumirem o cargo no prazo de dez dias a partir da posse, o cargo será declarado vago.

2.ª oração

Período subordinado. Perceba que uma oração não faz sentido sem a outra e que a primeira indica o tempo para o fato da outra oração.

- Ele disse que amanhã irá ao show se não chover e se não houver aquele engarrafamento que tanto tem infernizado a vida dos paulistanos.

Período misto. Há cinco orações.

No último período acima, observe que há cinco orações: a primeira (*Ele disse*) que é a oração principal; a segunda (*que irá ao show amanhã*), subordinada à primeira; a terceira (*se não chover*) e a quarta (*se não houver aquele engarrafamento*) subordinadas à segunda; e, por fim, a quinta (*que tanto tem infernizado a vida dos paulistanos*), subordinada à quarta. Perceba que entre a terceira e a quarta oração há um processo de coordenação. Por isso, esse período é denominado de período misto.

⇨ Considerações importantes:

a) Para se descobrir quantas orações existem em um período, em geral, basta contar o número de verbos ou de locuções verbais presentes na estrutura. Portanto, ao analisar um período, primeiro destaque os verbos e/ou as locuções verbais.

Observe:

- "Na hipótese de nenhum candidato **alcançar** maioria absoluta na primeira votação, **far-se-á** nova eleição no último domingo de outubro do ano anterior ao término do mandato presidencial vigente, **concorrendo** os dois candidatos mais votados e **considerando**-se eleito, agora em segundo turno, aquele que **obtiver** a maioria dos votos válidos." (CF, art 77, *caput*)

b) Para a construção do período composto, as conjunções, os pronomes relativos, algumas preposições e alguns advérbios possuem papel fundamental. Serão essas classes morfológicas que farão a ligação (funcionarão como uma "ponte") entre as orações. A esses elementos de união a gramática denomina de "conectores" ou "elementos de conexão" ou ainda "articuladores".

Observe:

- **Enquanto** exerce funções típicas, o órgão executivo pratica atos de chefia de estado, chefia de governo e atos de administração. **Quando** atua atipicamente, o órgão executivo legisla **uma vez que** pode emitir medidas provisórias.

Após essas noções introdutórias, estudaremos passo a passo, a formação do período composto tanto por coordenação quanto por subordinação.

Para que o nosso estudo obtenha sucesso, é fundamental que o estudante:

⇨ tenha apreendido as funções dos elementos de conexão, principalmente das conjunções. Logo, se ainda restar alguma dúvida ou se não se lembrar direito do assunto, sugiro que estude "conjunção".

⇨ não procure decorar as conjunções, mas sim apreender-lhes o sentido e, acima de tudo, apreender a relação que a conjunção promove. Observaremos que, muitas vezes, uma mesma conjunção promoverá diversas relações. Portanto, não se desespere! Com o tempo você aprovisionará as diversas relações promovidas pela mesma conjunção.

⇨ não se preocupe demasiadamente com a nomenclatura gramatical: oração subordinada substantiva tal ou qual; oração subordinada adverbial "X", reduzida de infinitivo. A maioria dos institutos elaboradores de provas para concursos (públicos e vestibulares) já não mais questiona essa classificação — querem saber, sim, a relação promovida pela conjunção, pelo pronome relativo, pelos conectores em geral. Esses nomes rebuscados têm assustado e desestimulado até os mais afeitos à Língua Portuguesa. Mais uma vez, portanto, insisto: procure, a partir de agora, entender as relações entre as orações, promovidas pelos conectivos. Bom estudo!

4.2 PERÍODO COMPOSTO POR COORDENAÇÃO

4.2.1 ORAÇÕES COORDENADAS

O período coordenado é aquele em que aparecem orações sintaticamente independentes umas das outras. Saliente-se que a independência é sintática, pois no período coordenado sempre existirá uma dependência semântica (= de sentido), de forma que a retirada de uma oração prejudica o sentido do enunciado. Por isso, diz-se que no período coordenado há vínculo semântico, mas não há vínculo sintático.

Como não existe o vínculo sintático, as orações no período coordenado classificam-se pela presença ou não das conjunções coordenadas. Daí elas serem:

4.2.1.1 Assindéticas

Quando não possuem conjunção, conectivo; apresentam-se justapostas.

Observe:

- Todos saíram mais cedo, foram para um barzinho próximo à faculdade.
  oração assindética — oração assindética

- "Raspou, achou, ganhou." *(Slogan publicitário.)*
  orações assindéticas

4.2.1.2 Sindéticas

Quando se ligam às outras pelas conjunções coordenativas. As conjunções coordenadas são de cinco tipos e podem expressar as relações de "adição, alternância ou disjunção, oposição adversativa, conclusão e explicação".

4.2.1.2.1 Coordenadas aditivas

São aquelas que exprimem adição, soma de pensamentos, acréscimo de ideias, simultaneidade de ações.

> As principais conjunções aditivas são: e, nem, mas também, mas ainda, senão também, bem como, como também, que (= e).

- Muitos deixaram o local consternados **e** foram para a delegacia.
- Os pensamentos não só fazem bem à alma, **mas também** possibilitam a ajuda ao próximo.

- O conferencista discursou sobre a poluição mundial, **como também** falou sobre os efeitos do lixo industrial.
- Não fez o exame hoje **nem** foi ao curso de inglês.
- Estuda **que** estuda, e não consegue aprovação no concurso.

⇨ Observação:

Nem sempre a conjunção "e" funcionará como aditiva. Nas construções abaixo, ela aparece como coordenada adversativa. Perceba:

- Estudou tudo, **e** não passou no exame. (e = mas)
- Trabalhou muito, **e** não obteve sucesso. (e = mas)

4.2.1.2.2 Coordenadas adversativas

São aquelas que promovem oposição, ressalva, contraste. A ideia contida na oração adversativa se contrapõe à da oração assindética.

> As principais conjunções adversativas são: mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, ao passo que, senão (= do contrário, mas sim, porém), antes (= mas, pelo contrário).

- Aprecia frutos do mar, **mas** não gosta de lagosta.
- Não foi ao shopping, **antes** preferiu o velho futebol do sábado à tarde.
- Eu sou pobre, **ao passo que** ele é muito rico.
- Ele gosta muito da praia, **entretanto** não aprecia muito os vendedores ambulantes.
- Não obteve a aprovação desejada, **senão** vaias de todos os lados.

⇨ Observações:

a) A oração adversativa equivale à oração subordinada concessiva, uma vez que ambas promovem as relações de oposição. Observe:

- Ele não bebe, mas fuma muito. ⇨ Embora fume muito, ele não bebe.

b) A conjunção coordenada adversativa pode aparecer deslocada dentro da oração sindética. Quando isso acontece, o emprego da vírgula se torna obrigatório para isolar a conjunção. Veja:

- Sempre apreciou vinhos do porto, **mas** os bebe moderadamente.
- Sempre apreciou vinhos do porto; bebe-os, **porém**, moderadamente. (Conjunção deslocada)
- Sempre apreciou vinhos do porto; bebe-os moderadamente, **contudo**. (Conjunção deslocada)

c) Algumas bancas elaboradoras de provas têm explorado as palavras "entretanto" e "no entanto" não como conjunções adversativas, mas como advérbios de tempo, com o sentido de "entrementes, neste ínterim, nesse momento". Observe os exemplos abaixo:

- Todos velavam o corpo na na sala. nesse ínterim, nesse meio-tempo **Entretanto**, João, o viúvo, conversava longamente no jardim com uma comadre.

> Este advérbio de tempo equivale a "entrementes".

- A música da orquestra penetrou na sala. nesse tempo, nesse momento **No entanto**, todos olhavam de um lado para o outro querendo saber de onde vinha aquela melodia.
- O jogador fora para o Japão a fim de disputar um campeonato. nesse tempo, nesse meio-tempo **Entretanto**, nasceu sua filha, bela e de olhos verdes.

4.2.1.2.3 Coordenadas alternativas

São aquelas que expressam uma alternância, uma disjunção.

> As principais conjunções alternativas são: ou, ou... ou, ora... ora, quer... quer, seja... seja, já... já, talvez... talvez.

- **Ora** o rapaz levantava um braço, **ora** coçava a cabeça, **ora** se espremia na cadeira.
- Responda todo o capítulo do livro **ou** não sairá no intervalo.
- **Quer** ele falasse, **quer** ele ficasse calado, todos o recriminavam.

4.2.1.2.4 Coordenadas conclusivas

São aquelas que exprimem uma conclusão, uma dedução lógica da ideia contida na oração precedente.

> As principais conjunções conclusivas são: logo, pois (posposto ao verbo), portanto, por isso, por conseguinte.

- Ele estuda bastante, **logo** será aprovado em breve.
- A testemunha foi intimada, **por conseguinte** deveria comparecer.
- A empresa não enviou a proposta, **portanto** está fora da licitação.

4.2.1.2.5 Coordenadas explicativas

São aquelas que justificam a informação da oração precedente; fornecem, portanto, uma explicação, um motivo.

> As principais conjunções explicativas são: que, porque, pois (anteposto ao verbo), porquanto.

- Não corra, **que** você pode cair.
- Saia da sala agora, **porque** não aceito malcriações.
- Não desanime, **pois** o ânimo é a alma do negócio.

⇨ Observação:

Não se esqueça de que após orações imperativas (aquelas que dão “ordem” ou fazem um “pedido”), a estrutura que se segue é geralmente explicativa. Veja:

- Não deixe os estudos, **porque** a vida não está fácil.
  oração coordenada explicativa

4.2.2 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

Orações Coordenadas

1. Teimou em contratar os serviços de uma empresa, se bem que não houvesse necessidade.

Comece com: Não havia necessidade...

a) porém
b) ainda que
c) visto que
d) portanto
e) porque

2. (UCDB-MT) “Podemos falar qualquer coisa: estou absolutamente calmo”.

Os dois-pontos do período acima poderiam ser substituídos pela conjunção:

a) e.
b) portanto.
c) logo.
d) pois.
e) mas.

(FCC-PR) As questões de 3 a 8 apresentam um período que você deverá modificar, iniciando-o conforme se sugere, **mas sem alterar a ideia contida no primeiro**. Em consequência, outras partes da frase sofrerão alterações. Assinale a alternativa que contém o elemento adequado ao novo período.

Exemplo:

Abraçou-me com tal ímpeto, que não pude evitá-lo.

Comece com: Não pude evitá-lo...

a) assim
b) quando
c) à medida que
d) então
e) porque

Neste caso, a resposta correta é E, pois a frase transformada seria:

Não pude evitá-lo, porque abraçou-me com grande ímpeto.

3. Espere até tarde, que ele aparecerá.

Comece com: Ele aparecerá...

a) assim que
b) quando
c) para que
d) enquanto
e) portanto

4. Não se preocupe, que breve estarei de volta.
Comece com: Breve estarei...

a) para que
b) logo que
c) porém
d) logo
e) senão

5. Dada a falta de meios, recorreu à caridade.
Comece com: Faltavam-lhe os meios...

a) mas
b) nem
c) quando
d) portanto
e) visto que

6. Não posso atendê-lo, porque não é lícito o que requereu.
Comece com: Requereu o que não é lícito...

a) depois
b) porém
c) em que
d) visto que
e) portanto

7. Como todos tivessem terminado o trabalho, permiti-lhes que saíssem mais cedo.
Comece com: Todos já tinham terminado o trabalho...

a) visto que
b) porque

c) contudo
d) logo
e) a fim de que

8. Insiste em sair sozinho, conquanto mal conheça a cidade.

Comece com: Mal conhece a cidade...

a) por isso
b) então
c) no entanto
d) logo
e) em consequência

9. (PUC-RS) “Todos os dias esvaziava uma garrafa, colocava dentro sua mensagem, e a entregava ao mar. Nunca recebeu resposta. Mas tornou-se alcoólatra”. (Marina Colasanti)

*O conectivo **mas**, que introduz a conclusão do conto – **tornou-se alcoólatra** –, permite a seguinte interpretação:*

I. A personagem tornou-se alcoólatra porque nunca recebeu uma resposta.
II. O fato aconteceu porque a personagem escreveu muitas mensagens.
III. A solidão sem remédio tem sempre como consequência o vício.
IV. Esvaziou muitas garrafas. Enviou muitas mensagens. Não recebeu resposta. Mas, como tinha bebido todos os dias, tornou-se alcoólatra.

*Analise as afirmações e, a seguir, assinale a alternativa **correta**.*

a) Somente a afirmação IV está correta.
b) Somente a afirmação I está correta.
c) Somente as afirmações I e II estão corretas.
d) Somente a afirmação III está correta.
e) Somente as afirmações II e III estão corretas.

10. (PUC-SP) “Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da caatinga rala”. (Graciliano Ramos, Vidas secas)

*É **correto** dizer que:*

a) a primeira e a segunda orações são coordenadas assindéticas.
b) a primeira oração é coordenada assindética e a segunda é adversativa.
c) há sete orações coordenadas no período.
d) há seis orações coordenadas e duas subordinadas.
e) n.d.a.

4.3 PERÍODO COMPOSTO POR SUBORDINAÇÃO

4.3.1 NOÇÕES INTRODUTÓRIAS

Antes de mais nada, é fundamental lembrar que no período composto por coordenação as orações se classificam em assindéticas (sem conectivo) e sindéticas (com conectivo). Já no período composto por subordinação as orações se classificam em:

a) Oração principal ⇨ é aquela que rege a oração subordinada. Não é principal porque contém algo a mais do que a subordinada, mas sim porque possui uma outra oração a qual exercerá uma função sintática em relação àquela.

b) Oração subordinada ⇨ é a oração que exercerá uma função sintática (sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto, predicativo, agente da passiva, adjunto adnominal ou adjunto adverbial) para uma outra oração a qual lhe servirá como oração principal.

Observe:

- Ele pediu que ninguém se atrasasse.
  Or. principal — Or. subordinada
- A lei foi promulgada quando o sol já ia se pôr.
  Or. principal — Or. subordinada
- Vi muitos alunos que estudavam no pátio do colégio.
  Or. principal — Or. subordinada

As orações subordinadas podem exercer funções típicas do substantivo, do adjetivo e do advérbio. Daí serem classificadas em:

a) Subordinadas substantivas ⇨ exercem as funções típicas de um substantivo que são: sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto, predicativo e agente da passiva.

) Subordinadas adjetivas ⇨ exercem uma função típica do adjetivo, qual seja, “adjunto adnominal”.

) Subordinadas adverbiais ⇨ exercem a função típica do advérbio: adjunto adverbial.

4.3.2 ORAÇÕES SUBSTANTIVAS

Antes de entrarmos propriamente no assunto, observe os exemplos abaixo:

- Não convém o retorno dele amanhã. (sujeito) ➡ Não convém que ele retorne amanhã. (sujeito)
- Todos eram favoráveis ao retorno dele amanhã. (complemento nominal) ➡ Todos eram favoráveis a que ele retornasse amanhã. (complemento nominal)
- Todos desejam uma coisa: o retorno dele amanhã. (aposto) ➡ Todos desejam uma coisa: que ele retorne amanhã. (aposto)
- O mais importante era o retorno dele amanhã. (predicativo) ➡ O mais importante era que ele retornasse amanhã. (predicativo)
- Todos querem o retorno dele amanhã. (objeto direto) ➡ Todos querem que ele retorne amanhã. (objeto direto)
- Todos precisam do retorno dele amanhã. (objeto indireto) ➡ Todos precisam de que ele retorne amanhã. (objeto indireto)

Creio que tenha percebido que os termos destacados na coluna da direita são representados na esquerda por orações. Logo, o “sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto, predicativo e agente da passiva” podem aparecer tanto como termos simples como em forma de orações. As orações que exercem tais funções são denominadas de “orações subordinadas substantivas”.

Recapitulando: Elas são subordinadas porque dependem sintaticamente uma da outra, já que uma exercerá uma função sintática para a outra. São denominadas de substantivas porque exercem funções típicas do substantivo, quais sejam: sujeito, objeto direto,

objeto indireto, complemento nominal, aposto, predicativo e agente da passiva.

⇨ Observação importante:

As orações subordinadas substantivas são geralmente introduzidas pelas conjunções integrantes "**QUE**" ou "**SE**". No entanto, outros conectores podem aparecer com uma função integrante. Passemos agora a estudar detalhadamente uma por uma.

4.3.2.1 Substantivas subjetivas

São aquelas que exercem a função sintática de sujeito para a oração principal. Nesse caso, o verbo da oração principal deverá estar na 3.ª pessoa do singular, uma vez que todas as orações subordinadas substantivas subjetivas não passam de sujeitos oracionais. Veja os exemplos:

- Cumpre que todos façam a sua parte.
  subjetiva
- Anunciou-se que o novo pacote do governo entrará em vigor amanhã.
  subjetiva
- "Quem com porcos se mistura farelo come". (Dito popular)
  subjetiva
- Não se sabe como ele conseguiu a vitória.
  subjetiva
- Parece que a situação vai piorar.
  subjetiva
- Foi constatado que a testemunha era falsa.
  subjetiva

⇨ Considerações importantes:

a) Perceba que, quando a oração subordinada é substantiva subjetiva, na oração principa não há sujeito, pois o sujeito da oração principal é a outra (oração subjetiva).

b) Observe que, quando a oração subordinada substantiva for subjetiva, a oração principa apresentará um dos seguintes casos:

– verbo na 3.ª pessoa do singular, na voz ativa, sem menção a sujeito;

– voz passiva sintética (VTD/VTDI + SE)
– voz passiva analítica (locução verbal — v. auxiliar + v. principal no particípio)

4.3.2.2 Substantivas objetivas diretas

São aquelas orações que exercem a função de objeto direto para um verbo transitivo direto ou transitivo direto e indireto que se encontra na oração principal.

VTD objetiva direta
- O governo **anunciou** que as novas medidas só entrarão em vigor no mês de março.

- Que a violência no Brasil possui uma causa social, todos já **sabem**.
  objetiva direta VTD

- A Defesa Civil **desconhece** quantos são os desabrigados.
  VTD objetiva direta

- Nunca **diga**: desta água não beberei.
  VTD objetiva direta

VTDI
- Os diretores **informaram** aos funcionários que a nova escala de trabalho valerá a partir de amanhã.
  objetiva direta

4.3.2.3 Substantivas objetivas indiretas

São as orações que exercerão a função sintática de objeto indireto para um verbo transitivo indireto ou transitivo direto e indireto que se encontra na oração principal. As orações objetivas indiretas são sempre introduzidas por uma preposição.

- Nada **obsta** a que você estude mais esta noite.
  VTI objetiva indireta

- Nunca **se esqueça** de que a vida não é fácil.
  VTI objetiva indireta

- Tudo **depende** de que o avião saia na hora certa.
  VTI objetiva indireta

- **Avisei**-o de que a nova diretoria assumirá na próxima semana.
  VTDI objetiva indireta

⇨ Observação:

Saliente-se, mais uma vez, que as orações objetivas indiretas são introduzidas por uma preposição requerida pela regência de um verbo transitivo indireto ou transitivo direto e indireto. Observe abaixo como se dá esse uso da preposição:

SE DIZEMOS...	DEVEMOS DIZER...
Não dou importância **à** tua intervenção.	Não dou importância **a** que tu intervenhas.
Precisamos **de** sua ajuda.	Precisamos **de** que você ajude.
O diretor se opôs **à** participação dos funcionários.	O diretor se opôs **a** que os funcionários participassem.
Queixou-se **da** ausência dos amigos.	Queixou-se **de** que os amigos estão ausentes.
Insistiu **em** nossa participação no evento.	Insistiu em que nós participássemos do evento.

4.3.2.4 Substantivas completivas nominais

São aquelas que exercem a função de complemento nominal para um nome que se encontra na oração principal. Observe atentamente os exemplos abaixo:

- Ele tem sempre a **impressão** de que vozes do outro mundo o chamam.
  nome — completiva nominal

- Os sem-terras desrespeitaram a **recomendação** de que não invadissem aquela parte da fazenda.
  nome — completiva nominal

- O rapaz mostrava-se profundamente **ansioso** por que sua noiva voltasse.
  nome — completiva nominal

- O Presidente se apresentou bastante **convencido** de que o novo pacote econômico dará certo.
  nome — completiva nominal

⇨ Observações importantes:

a) O complemento nominal é um termo integrante da oração que obrigatoriamente vem regido por uma preposição. Da mesma forma acontece com a oração completiva nominal. Não raro, entretanto, encontram-se em bons escritores exemplos de complementos nominais oracionais com a preposição oculta. Daí se aceitarem como

corretas as seguintes construções:

- Mostrava-se desejoso **de** que ele voltasse amanhã. /ou/ ▸ Mostrava-se desejoso que ele voltasse amanhã.
- O jogador estava certo **de** que ficaria no banco de reservas. /ou/ ▸ O jogador estava certo que ficaria no banco de reservas.
- O orador não tinha dúvidas **de** que o próximo seria ele. /ou/ ▸ O orador não tinha dúvidas que o próximo seria ele.
- "Estou ansioso que ele chegue e que nos ouça." (Camilo Castelo Branco)
- "Não é preciso dizer que também eu ficara em brasas, ansioso que a aula acabasse." (Machado de Assis)
- "Estou certo, disse ele, piscando-me o olho, que dentro de um ano a vocação eclesiástica do nosso Bentinho se manifesta clara e decisiva." (Machado de Assis)
- "Apenas ela dobrava a esquina o conciliábulo juntava-se logo a cochichar. Tinham a certeza que se ia encontrar com o peralta." (Eça de Queiroz)

b) É importante não confundir as orações completivas nominais com as objetivas indiretas Para evitar tal equívoco, consulte a diferença entre o objeto indireto e o complemento nominal.

4.3.2.5 Substantivas predicativas

São as orações que exercem a função de predicativo para a oração principal. Convém notar que na oração principal sempre aparecerá um verbo de ligação — geralmente o verbo "SER" — quando a oração subordinada for classificada como predicativa.

- O fundamental **é** (VL) que ele não desfaleça em sua fé (predicativa).
- Quem menos fala **é** (VL), muitas vezes, quem menos sabe (predicativa).
- Minha maior esperança **era** (VL) que o dinheiro fosse imediatamente liberado (predicativa).
- O certo **seria** (VL) que a lei fosse para todos (predicativa).

4.3.2.6 Substantivas apositivas

Exercem a função de aposto para um substantivo ou termo substantivado presente na oração principal. Geralmente a oração apositiva aparece depois de dois pontos ou, mais raramente, de vírgula.

apositiva
- O pai, preocupado, disse-lhe **isto**: estude bastante para suas provas, meu filho.

- Diga-me agora uma **coisa**, este livro é para concursos públicos?
apositiva

- Uma única **indagação** ficou em discussão: que faria agora ele sem o emprego?
apositiva

⇨ Observação importante:

Não é o fato de conter os dois pontos ou qualquer outro sinal de pontuação que a oração será apositiva. É imprescindível que, primeiro, antes da classificação, perceba-se se a oração efetivamente possui a função de aposto. Observe:

voz passiva analítica
- Na porta da sala **foi escrito** em letras garrafais: "O Senhor é o meu Pastor e nada me faltará."
subordinada substantiva subjetiva

voz passiva sintética
- Na porta da sala **se escreveu** em letras garrafais: "O Senhor é o meu Pastor e nada me faltará."
subordinada substantiva subjetiva

VTD
- Na porta da sala, um painel **avisava** em letras garrafais: "O Senhor é o meu Pastor e nada me faltará."
subordinada substantiva objetiva direta

substantivo
- Na porta da sala, havia um **aviso** em letras garrafais: "O Senhor é o meu Pastor e nada me faltará."
subordinada substantiva apositiva

4.3.2.7 Substantivas agente da passiva

São as orações que exercem a função sintática de agente da passiva. São, assim como o agente da passiva o é, introduzidas por uma das preposições "de, por, pelo, pela, pelos, pelas." Esse tipo de oração não é reconhecido pela NGB — Nomenclatura

Gramatical Brasileira.

- Um dia todos nós seremos julgados por quem nos criou.
  oração agente da passiva
- Este prédio foi construído por quem entende de construção.
  oração agente da passiva

4.3.3 EMPREGO DA CONJUNÇÃO INTEGRANTE NA SEGUNDA ORAÇÃ SUBSTANTIVA COORDENADA

Quando a uma proposição subordinada substantiva, que começa pela conjunção integrante "que", une-se outra proposição subordinada por meio da conjunção coordenativa aditiva "e" ou da conjunção alternativa "ou", pode-se repetir ou não a conjunção integrante. A repetição confere maior clareza ao enunciado, pois evita que se tome a segunda oração como uma oração principal. Por isso, nos grandes escritores, não raro se encontram exemplos em que há a repetição da conjunção integrante.

Suponha que se queira construir um período composto por subordinação a partir do período simples a seguir:

- Pedi ao governo
  - a diminuição dos juros.
  - o aumento do acesso ao crédito.

Teremos então duas possibilidades...

- Pedi ao governo
  - que diminuísse os juros.
  - E
  - que aumentasse o acesso ao crédito.

Ou então...

- Pedi ao governo
  - que diminuísse os juros.
  - E
  - aumentasse o acesso ao crédito. (elipse da conjunção na segunda oração)

Outros exemplos:

- Rogo-te **que** desças ao porto, e lhes saias ao encontro, e os recebas humanamente em tua casa." (Pe. Manuel Bernardes)

- “Quero **que** vejas, **que** ouças, e **que** me digas tudo quanto ele fizer.” (Rebêlo da Silva *apud* Mário Barreto)
- “Disseram-lhe **que** estava em Paris e **que** a família se retirara a uma quinta das margens do Minho.” (Camilo C. Branco)
- “Um dia em que ele, como sempre, cheio de solicitude, perguntava pelo ‘seu doente’ disseram-lhe **que** José estava livre de maior perigo e **que** o restabelecimento seria completo com a viagem à Europa.” (Aluísio Azevedo)
- “Pareceu-lhe **que** era bastante a sua piedade e ela ia de algum modo dar lenitivo ao sofrimento do padrinho.” (Lima Barreto)
- “Era necessário, Sr. Presidente, **que** se estabelecesse a discussão sobre a matéria principal, e **que** os nobres deputados nos dissessem quais são as suas ideias.” (Rui Barbosa)

4.3.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

Orações Subordinadas Substantivas

1. (PUC-SP) “Pode-**se** dizer **que a tarefa crítica é puramente formal**”.

   No texto acima, temos uma oração destacada que é ... e um se que é ... .

   a) substantiva objetiva direta – partícula apassivadora.
   b) substantiva predicativa – índice de indeterminação do sujeito.
   c) relativa – pronome reflexivo.
   d) substantiva subjetiva – partícula apassivadora.
   e) adverbial consecutiva – índice de indeterminação do sujeito.

2. (FCE-SP) “Os homens sempre se esquecem **de que somos todos mortais**”. A oração destacada é:

   a) substantiva completiva nominal.
   b) substantiva objetiva indireta.
   c) substantiva predicativa.
   d) substantiva objetiva direta.
   e) substantiva subjetiva.

3. (UCMG) Há oração subordinada substantiva apositiva em:

a) Na rua perguntou-lhe em tom misterioso: onde poderemos falar à vontade?
b) Ninguém reparou em Olívia: todos andavam como pasmados.
c) As estrelas que vemos parecem grandes olhos curiosos.
d) Em verdade, eu tinha fama e era valsista emérito: não admira que ela me preferisse
e) Sempre desejava a mesma coisa: que a sua presença fosse notada.

4. (Cefet-MG) "Já era noite. Parecia viável **que todos entendessem** que, naquele momento, deviam-se lembrar **de que nada é eternamente assim**. Mas nada acontecia. A verdade é **que todos estavam extasiados** e certos **de que não há prazeres no mundo**".

As orações destacadas são, respectivamente, subordinadas substantivas:

a) subjetiva, subjetiva, subjetiva e completiva nominal.
b) subjetiva, objetiva direta, subjetiva e completiva nominal.
c) objetiva direta, subjetiva, predicativa e objetiva indireta.
d) subjetiva, objetiva indireta, predicativa e completiva nominal.
e) objetiva direta, objetiva indireta, predicativa e objetiva indireta.

5. (FIT-SP) No período "Todos tinham certeza **de que seriam aprovados**", a oração destacada é:

a) substantiva objetiva indireta.
b) substantiva completiva nominal.
c) substantiva apositiva.
d) substantiva subjetiva.
e) n.d.a.

6. (Faap-SP)

"Ouvindo-te dizer: Eu te amo, creio, no momento, que sou amado. No momento anterior e no seguinte como sabê-**lo**."

*O pronome **o** está no lugar da oração:*

a) ouvindo-te.
b) dizer.
c) eu te amo.
d) que sou amado.
e) como saber.

7. (F. Objetivo-SP) No período: “É necessário **que todos se esforcem**”, a oração destacada é:

a) substantiva objetiva direta.
b) substantiva objetiva indireta.
c) substantiva completiva nominal.
d) substantiva subjetiva.
e) substantiva predicativa.

8. (UFAC) No período: “Enfim resolveu o Leão sair para fazer sua pesquisa, verificar **se ainda era o Rei dos Animais**”, a oração em destaque é:

a) subordinada adverbial condicional.
b) subordinada substantiva objetiva indireta.
c) subordinada adverbial concessiva.
d) subordinada substantiva objetiva direta.
e) subordinada substantiva predicativa.

9. (FEI-SP) Assinale a alternativa em que a oração destacada é uma subordinada completiva nominal.

a) Este é o relatório **de que lhe falei ontem**.
b) Lembraram-se **de que a reunião fora adiada**.
c) Insisto **em que partas logo**.
d) Espalhou-se a notícia **de que ele chegou**.

10. (PUCC-SP) A alternativa em que se encontra uma oração subordinada substantiva objetiva direta iniciada com a conjunção **se** é:

a) Só obteremos a aprovação se tivermos encaminhado corretamente os papéis.
b) Haverá racionamento de águas em todo o país, se persistir a seca.
c) Falava como se fosse especialista no assunto.
d) Se um deles entrasse, todos exigiriam entrar também.
e) Queria saber dos irmãos se alguém tinha alguma coisa contra o rapaz.

11. (UFPA) Qual o período em que há oração subordinada substantiva predicativa?

a) Meu desejo é que você passe nos exames vestibulares.
b) Sou favorável a que o aprovem.

c) Desejo-te isto: que sejas feliz.
d) O aluno que estuda consegue superar as dificuldades do vestibular.
e) Lembre-se de que tudo passa neste mundo.

12. (PUC-SP) Nos trechos "... não é impossível **que** a notícia da morte me deixasse algum tranqüilidade, alívio, e um ou dois minutos de prazer" e "Digo-vos **que** as lágrimas eram verdadeiras", a palavra **que** está introduzindo, respectivamente, orações:

a) subordinada substantiva subjetiva, subordinada substantiva objetiva direta.
b) subordinada substantiva objetiva direta, subordinada substantiva objetiva direta.
c) subordinada substantiva subjetiva, subordinada substantiva subjetiva.
d) subordinada substantiva completiva nominal, subordinada adjetiva explicativa.
e) subordinada adjetiva explicativa, subordinada substantiva predicativa.

13. (UFV-MG) As orações subordinadas substantivas que aparecem no período abaixo são todas subjetivas, **exceto**:

a) Decidiu-se que o petróleo subiria de preço.
b) É muito bom que o homem, vez por outra, reflita sobre sua vida.
c) Ignoras quanto custou meu relógio.
d) Perguntou-se ao diretor quando seríamos recebidos.
e) Convinha-nos que você estivesse presente à reunião.

14. (UFU-MG) Na frase "argumentei **que não é justo que o padeiro ganhe festas**", as orações destacadas, introduzidas por **que**, são, respectivamente:

a) ambas subordinadas substantivas objetivas diretas.
b) ambas subordinadas subjetivas.
c) subordinada substantiva objetiva direta e subordinada substantiva subjetiva.
d) subordinada objetiva direta e coordenada assindética.
e) subordinada substantiva objetiva direta e subordinada substantiva predicativa.

15. (PUCC-SP) Assinale a alternativa cuja oração subordinada é substantiva predicativa.

a) Espero que venhas hoje.
b) O aluno que trabalha é bom.
c) Meu desejo é que te formes logo.
d) És tão inteligente como teu pai.

e) n.d.a.

16. (UFMG) Na frase: “Maria do Carmo tinha a certeza **de que estava para ser mãe**”, a oração em destaque é:

a) subordinada substantiva objetiva indireta.
b) subordinada substantiva completiva nominal.
c) subordinada substantiva predicativa.
d) coordenada sindética conclusiva.
e) coordenada sindética explicativa.

17. (FCMSC-SP) A palavra **se** é conjunção subordinada integrante (por introduzir oração subordinada substantiva objetiva direta) em qual das orações seguintes?

a) em qual das orações seguintes?
a) Ele se morria de ciúmes pelo patrão.
b) A Federação arroga-se o direito de cancelar o jogo.
c) O aluno fez-se passar por doutor.
d) Precisa-se de pedreiros.
e) Não sei se o vinho está bom.

18. (Fesp-SP) “Lembro-me **de que ele só usava camisas brancas**”. A oração em destaque é:

a) substantiva completiva nominal.
b) substantiva objetiva indireta.
c) substantiva predicativa.
d) substantiva subjetiva.
e) n.d.a.

19. (F. Objetivo-SP) “A verdade é **que a gente não sabia nada**...”

Classifica-se a segunda oração como:

a) subordinada substantiva objetiva direta.
b) subordinada adverbial conformativa.
c) subordinada substantiva objetiva indireta.
d) subordinada substantiva predicativa.
e) subordinada substantiva apositiva.

20. (UFSCar-SP) Marque a opção que contém oração subordinada substantiva completiva nominal.

a) “Tanto eu como Pascoal tínhamos medo de que o patrão topasse Pedro Barqueiro nas ruas da cidade”.

b) “Era preciso que ninguém desconfiasse do nosso conluio para prendermos o Pedro Barqueiro”.

c) “Para encurtar a história, patrãozinho, achamos Pedro Barqueiro no rancho, que só tinha três divisões: a sala, o quarto dele e a cozinha”.

d) “Quando chegamos, Pedro estava no terreiro debulhando milho, que havia colhido em sua rocinha, ali perto”.

e) “Pascoal me fez um sinalzinho, eu dei a volta e entrei pela porta do fundo para agarrar o Barqueiro pelas costas”.

Continuemos nossa jornada dentro do período composto. Já estudamos as orações coordenadas e as subordinadas substantivas. Espero que a esta altura já saiba discernir entre um período composto por coordenação e um composto por subordinação. É fundamental também ter percebido que as funções sintáticas como o sujeito, o objeto direto, o objeto indireto etc. podem ser expressadas por meio de orações denominadas substantivas. A partir de agora, veremos o adjunto adnominal e o adjunto adverbial em forma de orações. Bons estudos!

4.3.5 ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS

As orações subordinadas adjetivas são aquelas que possuem o valor de um adjetivo; exercem a função sintática de adjunto adnominal de um substantivo ou pronome antecedente.

A principal característica das orações adjetivas é que são introduzidas por um pronome relativo (que, quem, onde, o qual, a qual, os quais, as quais, cujo, cuja, cujos, cujas, quanto, quanta, quantos e quantas). Por isso, as orações adjetivas são também denominadas de “orações relativas”.

4.3.5.1 Emprego e funções sintáticas dos pronomes relativos

Antes de estudarmos as orações adjetivas, convém analisar e conhecer melhor os ditos pronomes relativos. Frequentemente estes pronomes têm sido usados para a construção de inúmeras questões as quais, não raro, embaraçam os candidatos. Neste momento, é importante que o estudante apreenda o emprego de cada um deles bem como a função sintática exercida na oração. Vamos lá!

1. Que ⇨É denominado de “relativo universal”, porque se refere tanto a coisas quanto a pessoas. Seus equivalentes variáveis são “a qual, o qual, as quais, os quais”. O relativo “que” só deve ser substituído por outro relativo em casos específicos. Pode desempenhar as seguintes funções sintáticas:

a) Sujeito:

- Na árvore havia dois papa-capins **que** cantavam melodiosamente.
  papa-capins cantavam melodiosamente

- O país **que** não investe em educação está fadado à miséria social.
  o país não investe em educação

b) Objeto direto:

- Os dois livros **que** aqueles alunos compraram vão ser usados por toda a turma.
  aqueles alunos compraram os dois livros

- As poesias, **que** ao filho mais novo o pai deu, pertenciam a um grande poeta popular.
  o pai deu ao filho mais novo as poesias

c) Objeto indireto:

- Os livros **de que** os alunos precisam já estão à disposição deles na biblioteca.
  os alunos precisam dos livros.

- As ideias **a que** o professor se referiu foram condenadas pela arquidiocese.
  o professor se referiu às ideias

d) Complemento nominal:

- Os insetos **de que** a mulher tinha mais medo eram as baratas.
  a mulher tinha mais medo dos insetos

- A luz acesa era para ele um ritual **por que** mantinha um profundo respeito.
  ele mantinha um profundo respeito pelo ritual

e) Predicativo do sujeito:

- O grande aluno **que um dia eu fui** já não mais existe.
  um dia eu fui um grande aluno

- O cantor **que ele era** deixou saudades.
  ele era cantor

f) Agente da passiva:

- O amigo **por que ele foi traído** viajou para a Europa.
  ele foi traído pelo amigo

- O olhar **por que Mariazinha havia sido dominada** a abandonou no meio do romance.
  Mariazinha havia sido dominada pelo olhar

g) Adjunto adverbial:

- A cidade **em que nasci** fica perto de Recife.
  eu nasci na cidade

- O departamento **a que ele se dirigiu** fica no oitavo andar.
  ele se dirigiu ao departamento

2. Quem ⇨ É denominado de "relativo personativo", pois só se refere a pessoas. Sempre virá precedido de uma preposição.

- O homem **a quem ela se referiu** tornou-se o delegado da cidade. (a quem = objeto indireto)
  ela se referiu ao homem

- O diretor financeiro **com quem nós mantínhamos mais contato** era o Sr. Rodrigo. (com quem = complemento nominal)
  nós mantínhamos mais contato com o diretor financeiro

3. Onde ⇨ É denominado de "relativo locativo", pois só é utilizado para retomar e substitu termos que contenham a noção de "lugar". Equivale a "em que" e variações (na qual, no qual, nas quais, nos quais).

- O templo **onde se prega mais o cristianismo** fica em Roma. (onde = adjunto adverbial de lugar)
  prega-se mais o cristianismo no templo.

- A cidade **onde eu nasci** fica a 123 Km de Recife. (onde = adjunto adverbial de lugar)
  eu nasci na cidade.

4. O qual, a qual, os quais, as quais ⇨ São os relativos que possuem as variações em gênero e número correspondentes ao pronome relativo "que". Esses relativos devem obrigatoriamente substituir o "que" quando este provocar ambiguidade, for precedido por uma preposição com mais de uma sílaba ou for eufonicamente melhor.

- Assisti à cena final daquele filme **que** me deixou bastante emocionado. (Frase ambígua – Quem o emocionou foi a cena ou o filme?)

a cena me deixou bastante emocionado.

- Assisti à cena final daquele filme **a qual** me deixou bastante emocionado. (a qual = sujeito)

corriam águas extremamente poluídas sobre a ponte

- A ponte **sobre a qual** corriam águas extremamente poluídas era pênsil. (sobre a qual = adjunto adverbial de lugar)

a maioria do colegiado votou contra a proposta

- A proposta **contra a qual** a maioria do colegiado votou vai ser objeto de nova apreciação. (contra a qual = objeto indireto)

5. Cujo, cuja, cujos, cujas ⇨ São relativos utilizados para substituir termos que expressam noção de posse. Equivalem a "do qual, da qual, dos quais, das quais, seu, sua, seus, suas, dele, dela, deles, delas". Eles retomam um termo antecedente, mas concordam em gênero e número com o substantivo consequente (ou posposto). Não admitem a posposição de artigo e sempre exercem a função sintática de adjunto adnominal.

os princípios do homem (ou "os seus princípios) não são sólidos

- O homem **cujos** princípios não são sólidos está mais sujeito às intempéries da vida. (cujos = adjunto adnominal)

eu já não mais me lembro dos nomes dos filmes

- Alguns filmes **de cujos** nomes já não mais me lembro imortalizaram muitos artistas. (cujos = adjunto adnominal)

alguns trabalhadores descansavam sob a sombra da árvore

- A árvore **sob cuja sombra** alguns trabalhadores descansavam era centenária. (cuja = adjunto adnominal)

6. Quanto, quanta, quantos, quantas ⇨ Estas palavras só serão consideradas pronomes relativos quando vierem antecedidas por um dos seguintes pronomes indefinidos "tudo, todo (a), todos (as)":

- Doou tudo **quanto** tinha em casa para o abrigo São Francisco. (quanto = objeto direto)
- Nenhuma obra de arte rara de todas **quantas** levei sequer levou algum arranhão. (quanta = objeto direto)

⇨ Consideração importante:

Perceba que o pronome relativo exerce, ao mesmo tempo, uma função conectiva (une, liga, conecta uma oração à outra) e uma função sintática em relação à oração que ele introduz. Além do mais, o conteúdo acima será bastante útil quando estudarmos "regência". Portanto, se restou alguma dúvida, revise o assunto.

Após este estudo, voltemos à análise do adjetivo em forma de oração. Observe o raciocínio abaixo:

- A escola aprecia bastante alunos **estudiosos**.
  adjetivo = adjunto adnominal
- A escola aprecia bastante alunos **que estudam**.
  oração subordinada adjetiva

Perceba que o adjetivo simples (estudiosos) foi substituído pela oração (que estudam). A oração literalmente fica no lugar do adjetivo. Daí porque ser denominada de oração adjetiva.

4.3.5.2 Classificação das orações subordinadas adjetivas

As orações subordinadas adjetivas são classificadas em:

4.3.5.2.1 Restritivas

Restringem, particularizam, limitam a significação do substantivo ou pronome substantivo antecedente. Indicam que a informação prestada pela oração não se aplica ao todo, mas tão somente a uma parte do todo. Geralmente aparecem dentro da estrutura oracional sem virgulação. Ademais, as orações adjetivas restritivas não podem ser retiradas da oração, pois são indispensáveis ao sentido geral do enunciado.

Exemplos:

- O homem que caminhava na calçada da direita olhava-nos com desdém.
  adjetiva restritiva

> Observe que pelo enunciado "há outros homens que caminhavam na calçada esquerda".

- Os que lutam são os que vencem.
  adjetiva restritiva adjetiva restritiva

> Leia da seguinte forma: "Aqueles que lutam são aqueles que vencem". Perceba que não são todos que lutam, logo não são todos que vencem. Por isso, são orações restritivas.

adjetiva restritiva

- Os alunos que permanecerem na quadra após o toque serão suspensos das atividades escolares.

Não serão todos os alunos suspensos das atividades escolares, mas apenas os que permanecerem na quadra após o toque.

- O homem que trabalha não passa necessidade.

adjetiva restritiva

Não são todos os homens que trabalham. Apenas os que trabalham não passam necessidade.

Observe abaixo um recurso prático para não mais se confundir com as orações restritivas:

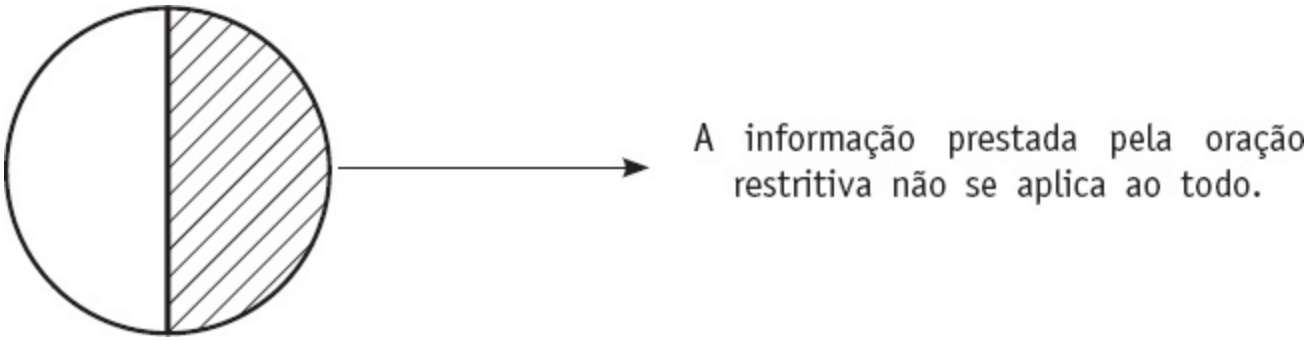

4.3.5.2.2 Explicativas

Explicam, estendem o significado, exprimem o sentido geral do substantivo antecedente. Geralmente o substantivo ou pronome substantivo representa um ser único. As orações adjetivas explicativas possuem um valor aproximado de um aposto explicativo. Podem, portanto, ser retiradas da oração sem prejuízo para o sentido. Aparecem na escrita isoladas por vírgula(s).

Exemplos:

oração subordinada adjetiva explicativa

- Minha mãe, que é uma mulher de seus sessenta anos, vai regularmente à igreja.

oração subordinada adjetiva explicativa

- O sol, que é o centro do nosso sistema, tem perdido calor nas últimas décadas.

oração subordinada adjetiva explicativa

- Jesus Cristo, que representa o maior ícone do cristianismo, deu grandes lições de vida.

- Ela se dirigiu para a mansão da família, onde todos lá a esperavam.
oração subordinada adjetiva explicativa

⇨ Observação:

Perceba que as orações subordinadas adjetivas explicativas se referem a seres únicos, individualizados. Logo, a informação prestada pela oração explicativa se aplica ao substantivo antecedente de forma totalitária. Observe a diagramação abaixo:

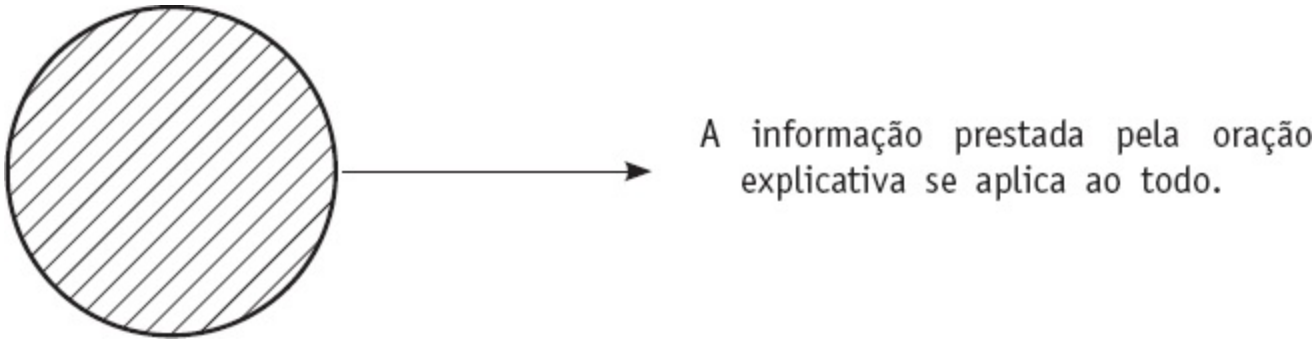

⇨ Consideração importante sobre as orações adjetivas explicativas:

Há orações adjetivas que só podem ser explicativas, pois, como já dissemos, aplicam-se a seres únicos, individualizados. Observe abaixo os exemplos:

- O pai falava irritado com a única filha, que permanecia calada e cabisbaixa.
oração subordinada adjetiva explicativa

oração subordinada adjetiva explicativa

- Sócrates, que foi condenado à ingestão de veneno, não deixou nada do seu pensamento por escrito.

- O avião sobrevoava agora a cidade de São Paulo, que se tornou a maior metrópole da América Latina.
oração subordinada adjetiva explicativa

4.3.5.3 O emprego da vírgula com as orações adjetivas – Distinção entre restriçã e explicação

Como já pudemos estudar acima, as orações adjetivas se classificam em restritivas e explicativas. Entretanto, esta classificação não se dá meramente pelo emprego ou não da vírgula, como pensam muitos estudantes. Ser "restritiva" ou "explicativa" depende, na maioria dos casos, do sentido que se pretende dar ao substantivo antecedente.

Há orações, como já vimos, que só podem ser explicativas ou restritivas. Não há variações. Observe a seguir:

- O homem que fuma (oração adjetiva restritiva) geralmente incomoda os outros.

> Neste período não são todos os homens que fumam. Logo, não são todos que incomodam os outros. Só incomodam aqueles que fumam. Portanto, a oração é essencialmente restritiva.

- O homem, que é mortal (oração adjetiva explicativa), deve sempre buscar as coisas mais nobres e sublimes da vida.

> Já neste período, a informação "que é mortal" se aplica indistintamente a todos os homens. Portanto, a oração é essencialmente explicativa.

Entretanto, há orações adjetivas que podem ser tanto restritivas quanto explicativas, dependendo do sentido que lhes queiramos dar.

> Fique atento!! Muitas questões de provas exploram esse conhecimento. Portanto, estude com atenção.

Observe os exemplos abaixo:

- A empresa tem 300 funcionários que moram em Olinda.
- A empresa tem 300 funcionários, que moram em Olinda.

Perceba que na primeira estrutura — oração adjetiva restritiva — não se pode dizer exatamente quantos funcionários possui a empresa. Sabe-se tão somente que ela possui 300 que residem na cidade de Olinda. Já na segunda estrutura — adjetiva explicativa — a empresa só possui 300 funcionários e todos residem em Olinda. Acompanhe esta

explicação nas diagramações abaixo.

Oração subordinada adjetiva restritiva

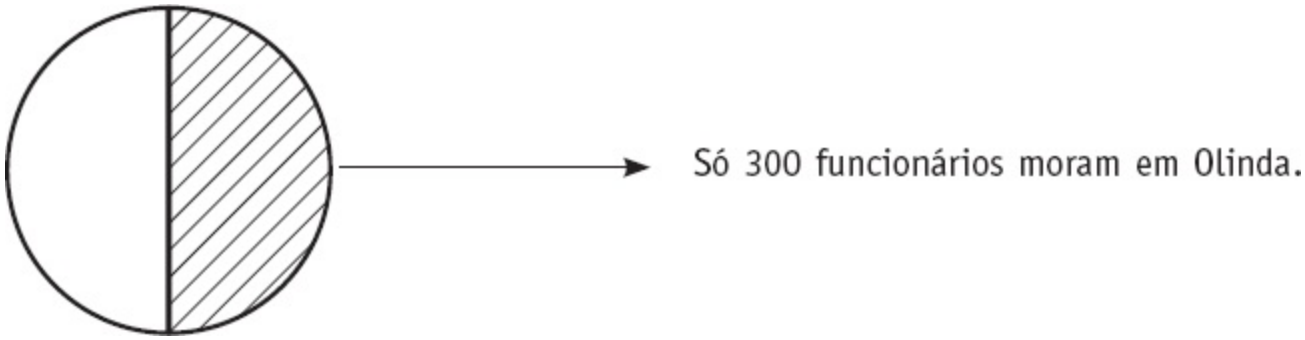

Oração subordinada adjetiva explicativa

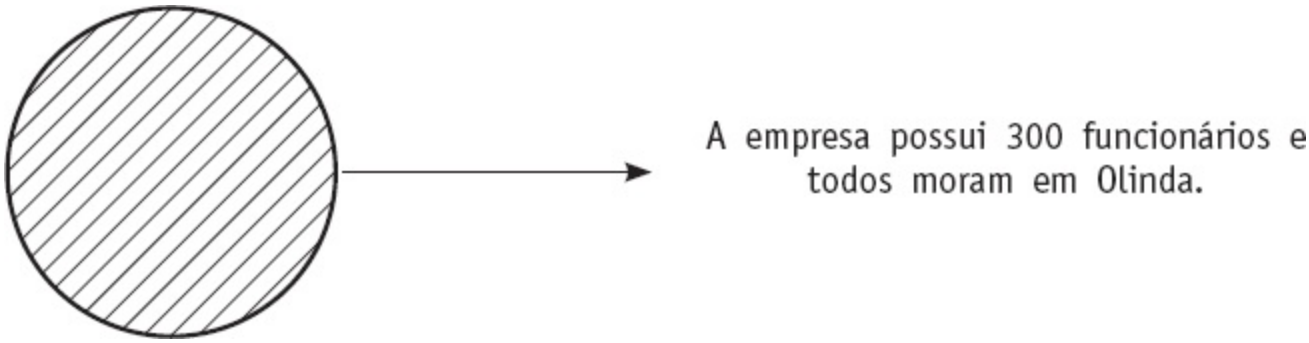

Observe outros exemplos:

- Os discos antigos (adjetiva restritiva) que ele herdou de seu avô estão bem conservados. (Fund. Carlos Chagas)
- Os discos antigos, (adjetiva explicativa) que ele herdou de seu avô, estão bem conservados. (Fund. Carlos Chagas)

No primeiro exemplo, só estão bem conservados os discos antigos que ele herdou de seu avô. No segundo, todos os discos antigos ele herdou de seu avô e todos estão bem conservados.

- Os moradores de rua (adjetiva restritiva) que têm sido vítimas de violência devem ser recolhidos para os abrigos municipais. (Fund. Carlos Chagas)
- Os moradores de rua, (adjetiva explicativa) que têm sido vítimas de violência, devem ser recolhidos para os abrigos municipais. (Fund. Carlos Chagas)

Na primeira frase, só os moradores que têm sido vítimas de violência serão recolhidos aos abrigos. Na segunda, todos serão recolhidos aos abrigos, pois todos têm sido vítimas de violência.

adjetiva restritiva

A lógica da globalização que espolia os mais fracos é fria e calculista. (Fund. Carlos Chagas)

adjetiva explicativa

A lógica da globalização, que espolia os mais fracos, é fria e calculista. (Fund. Carlos Chagas)

Na primeira frase, é fria e calculista apenas a lógica da globalização que espolia os mais fracos. No segundo, toda lógica da globalização é fria e calculista porque espolia os mais fracos.

O autor lamenta a situação dos jovens de hoje que vivem o tempo como uma espécie de presente contínuo.

adjetiva restritiva

O autor lamenta a situação dos jovens de hoje, que vivem o tempo como uma espécie de presente contínuo.

adjetiva explicativa

No primeiro período, o autor só lamenta a situação daqueles jovens que vivem o tempo como uma espécie de presente contínuo. No segundo período, o autor lamenta a situação de todos os jovens, porque todos os jovens vivem o tempo como uma espécie de presente contínuo.

> **Dica:** Procure entender com profundidade a alteração semântica provocada pela retirada ou colocação da(s) vírgula(s) nas orações adjetivas. Certamente você se deparará com uma questão que exigirá esse conhecimento.

4.3.5.4 Omissão do pronome relativo na segunda oração relativa coordenada

Nas orações relativas coordenadas, se a função do relativo é a mesma, é frequente elipsar-se o relativo da segunda oração, principalmente quando a primeira é curta. Observe:

o relativo foi ocultado na 2.ª oração

Ontem conversei com o homem **que** me salvou e me levou ao hospital quando ocorreu o acidente.

sujeito

"Encontrando-se Juliano Apóstata com S. Pigménio, presbítero romano, **que** era cego e depois padeceu martírio, como quem o saudava benevolamente, disse...". (M. Bernardes *apud* Mário Barreto)

- “Ao lado do meu leito estava um padre: era o velho abade **que** me batizara e me ensinara a ler.” (A. Herculano)
- “O que ele via era a mulher que o fascinara e perdera.” (Camilo Castelo Branco)

Se o pronome relativo não desempenhar a mesma função sintática, deve-se repeti-lo obrigatoriamente.

- Ontem conversei com o homem que = sujeito **que** me salvou e que = objeto direto **que** Deus manteve com calma na hora do resgate.
- “A monarquia visigótica procurou imitar do império **que** morrera e **que** ela substituíra.” (A. Herculano)
- “A sua companhia era a ama, **que** o amamentara, e **que** Deus, em recompensa, preservou da terribilíssima enfermidade.” (Camilo Castelo Branco)

4.3.6 ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS

Antes de adentrar o conteúdo, leia a orientação abaixo:

> Neste assunto você se deparará com uma quantidade considerável de orações e de conectivos. Não se desespere! Primeiro, como já dissemos, procure não decorar as conjunções, mas apreender-lhes as funções. Hoje as bancas examinadoras pouco questionam sobre a nomenclatura das orações. Querem, sim, saber as relações (causa, oposição, consequência, finalidade etc.) proporcionadas pelos conectivos. Por isso, não decore; entenda, compreenda! Vamos lá!

As orações subordinadas adverbiais são aquelas que estabelecem circunstâncias várias para um fato contido na oração principal. Elas exercem, portanto, o papel de adjuntos adverbiais. São, na maioria das vezes, introduzidas pelas conjunções subordinativas adverbiais.

Classificam-se em: causais, consecutivas, concessivas, condicionais, comparativas, conformativas, finais, temporais e proporcionais.

4.3.6.1 Causais

São aquelas que estabelecem a causa, o motivo para o fato (efeito) contido na oração principal.

As principais conjunções subordinativas causais são: que, porque, já que, uma vez que, visto que, visto como, pois, como (= já que, visto que), porquanto.

- **Como** o dinheiro não foi liberado a tempo, usei o cheque especial.
  adverbial causal
- **Já que** o contrato assim o determina, assim o farei.
  adverbial causal
- Ele foi duramente punido **porquanto** a falta foi comprovada pelos peritos.
  adverbial causal
- Pueril **que** era, sempre se deixava enganar pelos vendedores de plantão.
  adverbial causal

⇨ Observações:

a) A conjunção "como" só poderá ser utilizada como causal quando a oração subordinada se antepuser à oração principal.

) Nem sempre é fácil distinguir uma oração subordinada causal de uma oração coordenad explicativa. Alguns critérios, porém, podem ajudar:

— A oração subordinada causal pode ser anteposta à oração principal, ou seja, a causa pode iniciar o período. Já a oração explicativa não pode vir anteposta à oração assindética.

— Comumente o verbo da oração coordenada explicativa aparece no imperativo, com indicação de tempo futuro; o que não ocorre com a subordinada causal.

— É sempre possível a redução da oração subordinada causal para o infinitivo, precedido da preposição "por", fato que não ocorre com a coordenada sindética explicativa.

— A oração explicativa, por fazer parte de um período coordenado, em que as orações são independentes, admitem uma pausa forte, marcada geralmente por vírgula ou por dois-pontos. Este fato não se verifica nas adverbiais causais.

Observe:

- Recolhe-te a tua insignificância, porque já atrapalhastes demais. (Coordenada explicativa)

O verbo da oração antecedente está no imperativo. Não é possível se antepor a segunda oração à primeira. Não é possível reduzir a segunda oração para o infinitivo precedido da preposição "por".

- O governo elevou a taxa de juros, porque o consumo aumentou nas grandes cidades. (Subordinada causal)

O verbo da oração antecedente não se encontra no imperativo. É possível iniciar o período com a oração em destaque ("Porque o consumo aumentou nas grandes cidades, o governo elevou a taxa de juros".). É igualmente possível a redução da segunda oração para o infinitivo precedido da preposição "por" ("O governo elevou a taxa de juros, por aumentar o consumo nas grandes cidades".)

4.3.6.2 Consecutivas

Estas orações indicam a consequência, o efeito de um fato (causa) contido na oração principal.

> As principais conjunções subordinativas adverbiais consecutivas são: que (precedido dos termos intensificadores "tão, tal, tanto, tamanho"), que (= sem que), sem que, de modo que, de forma que, de sorte que, de maneira que.

- Falou tanto **que** ficou rouco.
  adverbial consecutiva
- Não vai a um baile de formatura **sem que** não dance a noite toda.
  adverbial consecutiva
- Eles não discutem futebol **que** não se exaltem.
  adverbial consecutiva

> Leia da seguinte forma: Eles não discutem futebol, sem que em consequência não se exaltem.

- Agiu intempestiva e descoordenadamente, Adverbial consecutiva **de forma que** toda a plateia o teve como louco.

⇨ Observação:

Em muitas estruturas consecutivas formadas pela correlação "tão, tal, tanto, tamanho... que...", omite-se o primeiro elemento da correlação. Teremos tão somente a conjunção "que" introduzindo a oração consecutiva.

- Saiu do hospital gritando **que** fazia dó.
  (Leia-se → ... gritando TANTO que fazia dó.)

- “Nisto a menina que estava ali a ouvir-me, rompeu a chorar **que** cortava o coração.” (Camilo Castelo Branco)

(... a chorar TANTO que cortava o coração.”)

- “Os olhos brilham, o prazer arregaça-lhe o focinho, e as pernas voam **que** parecem asas (Machado de Assis)

(... voam TANTO que parecem asas.”)

4.3.6.3 Concessivas

São as orações que indicam uma oposição, um óbice, um empecilho, um “algo” que poderia impedir a realização do fato contido na oração principal. Uma das principais características deste tipo de oração é a presença de um verbo no modo subjuntivo.

> As principais conjunções subordinativas concessivas são: embora, apesar de que, mesmo que, ainda que, que, sem que (= embora não), conquanto, ainda quando, posto que, por mais que, por muito que, por menos que, se bem que.

- Fez todo o exercício **sem que** ninguém o ajudasse. (adverbial concessiva)
- (adverbial concessiva) **Por mais que** o governo se esforce, a violência continua aumentando nas grandes cidades.
- A proposta foi aprovada sem nenhuma alteração, por incrível **que** pareça. (adverbial concessiva)
- O conhecimento, **que** fosse muito, não atenuava, naquele momento, a angústia do rapaz (adverbial concessiva)
- **Nem que** o professor quisesse, ele teria condições de ser aprovado. (adverbial concessiva)
- O responsável pelo desfalque deve ser punido, quem quer **que** seja. (adverbial concessiva)

⇨ Considerações importantes:

a) Não se esqueça de que as subordinadas adverbiais concessivas ao lado das coordenadas adversativas promovem as chamadas “relações de oposição” ou “construções contrastivas”. Observe a seguir:

RELAÇÕES DE OPOSIÇÃO OU CONTRASTIVAS

- ADVERSATIVAS (mas, porém, contudo, todavia, entretanto etc.)
- CONCESSIVAS (embora, apesar de que, mesmo que, ainda que etc.)

b) Não confunda a conjunção "conquanto" com a conjunção "porquanto". Esta introduz orações causais ou explicativas, enquanto aquela é puramente concessiva, equivalendo a "apesar de que, mesmo que, ainda que".

) Há outros conectores que também promovem relações de oposição concessiva, como "a despeito de, não obstante, malgrado".

- **Não obstante** fosse pobre, gostava de vestir-se das melhores grifes da cidade.
- Ele viajou para o Iraque à procura de alguns parentes desaparecidos, **a despeito dos** avisos de que lá é um país muito violento.

d) No dia a dia, não são raros os erros até de bons escritores que confundem "posto que" com "já que, visto que". É preciso ter cuidado! A conjunção "posto que" (em português do Brasil) equivale a "embora, apesar de que, ainda que" – é uma conexão concessiva. Por seu lado, "já que, visto que" são locuções conjuntivas causais, pois introduzem uma causa.

- Ele não deve ser demitido, **já que** goza de estabilidade no emprego. (Equivale a "porque"
- **Posto que** goze de estabilidade no emprego, ele foi demitido. (Equivale a "embora")

4.3.6.4 Condicionais

São orações que estabelecem uma condição para a realização do fato expresso na oração principal.

As principais conjunções subordinativas condicionais são: se, caso, a não ser que, desde que, contanto que, salvo se, sem que (= se não), a menos que.

- **A não ser que** a taxa de juros caia consideravelmente, não adquiriremos mais produtos importados.

  adverbial condicional

- **Caso** o Governador não se manifeste sobre o caso, levaremos o problema às raias

judiciais.

adverbial condicional

- **Contanto que** todos saíssem antes da meia-noite, não se opunha a que a festa fosse na casa dele.

adverbial condicional

> **Cuidado!!**
> Em algumas construções interrogativas o "SE" funcionará não como uma conjunção condicional, mas como uma conjunção causal. Veja:

- Senhor, por que me enviastes para esta missão **se** sabíeis que eu era fraco?

Leia:... já que sabíeis que eu era fraco? (Adverbial causal)

- **Se** ele conhecia a índole do rapaz, por que lhe confiou tamanha quantia?

Leia:... já que / uma vez que ele conhecia a índole do rapaz... (Adverbial causal)

4.3.6.5 Conformativas

São orações que expressam uma conformação (correspondência, concordância, analogia ou identidade de forma, modo, tipo ou caráter) com um fato expresso na oração principal.

> As principais conjunções subordinativas conformativas são: como, segundo, conforme, consoante.

- Elaboramos todo o projeto **como** nos orientava o manual.

Adverbial conformativa

- A vida tem sempre seus perigos, **segundo** já nos dizia Guimarães Rosa.

Adverbial conformativa

- Agimos **conforme** nossas próprias convicções.

Adverbial conformativa

4.3.6.6 Comparativas

São orações subordinadas que estabelecem um processo de comparação entre dois elementos — um elemento estará na oração principal e o outro, na oração subordinada. A comparação poderá ser de igualdade, de superioridade ou de inferioridade. Uma característica interessante das orações adverbiais comparativas é o fato de o verbo da

oração comparativa geralmente se encontrar elíptico, oculto, já que, frequentemente, ele será o mesmo da oração principal.

> As principais conjunções subordinativas comparativas são: como, assim como, tal e qual, tal qual, mais que ou do que, menos que ou do que, tanto quanto, feito (= como).

- Não sei por que saiu correndo desesperadamente, **feito um louco**. (adverbial comparativa)
- Os escoteiros partiram para a selva num só movimento, **qual exército marchando contra o inimigo**. (adverbial comparativa)
- Ele deixou a sala sorrateiramente, **como uma serpente** (adverbial comparativa) que se esgueira no meio dos arbustos.

⇨ Observações:

a) Nas estruturas comparativas, a conjunção comparativa liga partes da oração de mesma função. Entretanto, em muitos casos, a bem da clareza, o segundo elemento da comparação deve, a despeito de funcionar como objeto direto, vir encabeçado por uma preposição — geralmente a preposição "a" — para evitar ambiguidades.

- "A ela, à presumida mulher, aborreço-a quase tanto como **ao marido**." (Almeida Garrett *apud* Mário Barreto)
- "Os pés dos gentios hão de logo pulverizá-la como **aos meus pés**". (Camilo *apud* Mário Barreto)
- "Acusaram-no de haver beneficiado mais a sua família que **ao povo romano**." (Camilo *apud* Mário Barreto)

b) Quando a conjunção comparativa "como" se refere a um termo que está precedido por uma preposição, deve obrigatoriamente vir acompanhada da mesma preposição.

- "Suspensos os pobres Frades com o embargo, pareceu que achariam amparo **no** Bispo, **como em** quem fora o primeiro autor de sua vinda". (Fr. L. de Souza *apud* Mário Barreto)
- "E por esta causa tratamos **dele como de** filho de Benfica". (Fr. L. de Souza *apud* Mário Barreto)

- “Acostumei-me a olhar **para** a morte **como para** o tempo de meus padecimentos.” (Filinto Elísio *apud* Mário Barreto)

⇨ Observação:

Perceba que, nestas estruturas comparativas, o verbo da segunda oração encontra-se elíptico. Por isso, devemos ler, por exemplo:

- “Acostumei-me a olhar para o monte **como (a olhar) para** o tempo de meus padecimentos”.

4.3.6.7 Finais

São orações que indicam a finalidade, o objetivo, o alvo do fato contido na oração principal.

> As principais conjunções subordinativas finais são: que, para que, a fim de que, porque (= para que, a fim de que).

adverbial final

- **A fim de que** ela passasse mais rápido em um concurso, comprei inúmeros livros e apostilas.

- Estudai bastante, **porque** consigais uma boa colocação no concurso.

adverbial final

- **Para que** a criança não se acidentasse, ele comprou um par de joelheiras.

adverbial final

4.3.6.8 Temporais

São as orações subordinadas que expressam o tempo, o momento do fato contido na oração principal.

> As principais conjunções subordinativas temporais são: enquanto, quando, assim que, logo que, mal (= logo que, assim que), desde que, antes que, agora que, depois que, sem que (= antes que).

- **Desde que** chegou, não parou de falar.
  adverbial temporal

- Todos o aplaudiram **mal** terminou sua palestra.
  adverbial temporal

- **Agora que** chegou o verão, aonde pretendes ir com a família?
  adverbial temporal

- **Quando** o meu primeiro amor acabou, meu mundo desfaleceu.
  adverbial temporal

4.3.6.9 Proporcionais

São orações que indicam uma concomitância, uma simultaneidade, uma proporção com o fato expresso na oração principal.

> As principais conjunções subordinativas proporcionais são: à medida que, à proporção que, ao passo que, quanto mais... mais, quanto mais... menos, quanto menos... mais, quanto menos... menos.

adverbial proporcional
- **À medida que** o progresso avança, o meio ambiente sofre com o uso excessivo de seus recursos.

- **Quanto mais** ela estuda mais dúvidas surgem.
  adverbial proporcional

adverbial proporcional
- O caso, **ao passo que** apareciam novas provas, deixava os investigadores mais confusos.

⇨ Observações:

a) Não confunda "à medida que" com "na medida em que". Esta última locução é um articulador de causa, enquanto aquela é uma conjunção proporcional.

- conjunção proporcional
  "E o cocheiro ria; e, **à medida que** o freguês ia demonstrando, ele ia ficando mais familiar." (Machado de Assis)

- causal
  O governo aumentou os juros para o crédito, **na medida em que** busca reduzir o consumo a fim de evitar a inflação.

b) Lembre-se de que “à medida em que” e “na medida que” são locuções que não existem na língua portuguesa.

⇨ Considerações finais sobre as orações adverbiais:

a) Observe a pontuação utilizada com as orações adverbiais. Perceba que, quando antepostas à principal ou intercaladas na principal, a pontuação — geralmente se utiliza a vírgula — é obrigatória.

b) Reiterando o que já se disse, lembre-se de que o mais importante não é decorar todas as orações adverbiais, mas sim apreender as relações proporcionadas pelas conjunções subordinativas adverbiais.

c) Embora não sejam reconhecidas pela NGB – Nomenclatura Gramatical Brasileira –, há orações adverbiais denominadas de “modais”, as quais transmitem uma circunstância de modo. Tais orações geralmente só aparecem sob a forma reduzida, conquanto existam orações modais introduzidas pela locução conjuntiva “sem que”.

- Saiu da sala **sem ser percebido**. (Oração adverbial modal, reduzida de infinitivo)
- “Deixou a sala sem despedir-se do pai.”

> **Dica:** Sugiro que, se você estudou as orações adjetivas e adverbiais em um só momento, descanse um pouco antes de começar o estudo abaixo.

4.3.6.10 Emprego da conjunção nas orações adverbiais coordenadas

Nas estruturas em que se coordena mais de uma oração subordinada adverbial, o emprego da conjunção subordinativa adverbial obedece às seguintes orientações:

a) Repete-se a conjunção nas duas orações coordenadas subordinadas adverbiais:

- O congresso terá início **se** a verba for depositada, e **se** o principal palestrante confirmar sua participação.
- **Desde que** não cheguem atrasados e **desde que** tragam boas notícias, eles serão bem-vindos.

b) Omite-se a conjunção da segunda oração adverbial coordenada:

- conjunção elíptica na segunda adverbial coordenada

  Embora os juros estejam baixos, e a economia externa não dê sinais de sobressaltos,

o consumo se mantém baixo.

- **Uma vez que** está adoentado e não há outro para substituí-lo, cancelou a auditoria que faria na empresa.
- **À medida que** estuda e se mantém atualizado, aumentam as suas chances de passar en um concurso.

c) Repete-se, na segunda oração adverbial coordenada, apenas a parte final da conjunção adverbial, quando esta é expressa por uma locução.

- **Por mais que** faça boas obras e **que** vá à igreja, o temperamento dele o reprova diariamente.
- "Com estes estava o corpo que o metropolitano de Híspalis ajuntara, composto em grand parte dos nobres que haviam deposto a espada **desde que** Roderico subira ao trono e **que** a cingiam de novo nesta guerra de independência." (A. Herculano)
- "— Não marcou dia; prometeu que ia ver; que falaria **logo que** pudesse, e **que** me pegasse com Deus." (Machado de Assis)

4.3.7 ORAÇÕES REDUZIDAS

Mais uma vez, peço: mantenha a calma e não desista! A partir de agora, entretanto, nossa percepção deverá ser aguçada. Não veremos mais as conjunções, as quais nos davam, ao menos, uma pista de que tipo de oração se tratava. Teremos apenas um verbo no infinitivo, no gerúndio ou no particípio, o qual nos indicará a oração subordinada. Deveremos desenvolver este verbo para depois classificar a oração. O procedimento nem sempre será simples e de fácil solução, porém com um pouco de treino (e persistência) você conseguirá. Vamos lá!

Observe:

- É fundamental **que** se creia em Deus. ⇨ É fundamental **crer** em Deus.
- Ele encontrou um cachorrinho **que** foi abandonado pelos donos. ⇨ Ele encontrou um cachorrinho **abandonado** pelos donos.
- Feche todas as janelas quando você sair. ⇨ Feche todas as janelas ao sair.

Percebeu?? Na primeira coluna todas a orações são introduzidas por um conectivo. Já na segunda coluna as orações não mais apresentam o conectivo e o verbo da oração subordinada encontra-se numa forma nominal do verbo (infinitivo, particípio e gerúndio). Portanto, as orações da primeira coluna são chamadas de desenvolvidas enquanto as da segunda, reduzidas.

Portanto, orações reduzidas são aquelas que não apresentam conectivo e cujo verbo está em uma forma nominal.

As reduzidas podem ser de infinitivo, de gerúndio e de particípio. Geralmente o infinitivo aparece como redução para as orações substantivas; o gerúndio, para as adverbiais; e o particípio, para as adjetivas. Nada impede, porém, que se apresentem orações subordinadas reduzidas nas três formas nominais. Apresentaremos agora algumas orações reduzidas e suas respectivas classificações:

4.3.7.1 Subordinadas substantivas reduzidas

- **Lutar** pelo país é um ato de bravura. (Subjetiva, reduzida de infinitivo.)
- É muito difícil **obter** um título de doutorado no Brasil. (Subjetiva, reduzida de infinitivo)
- Todos viram **sair** da sala uma mulher muito esquisita. (Objetiva direta, reduzida de infinitivo)
- Ele tinha certeza de **ser** o melhor da turma. (Completiva nominal, reduzida de infinitivo)
- Não me será um grande esforço **atendê**-lo hoje à tarde. (Subjetiva, reduzida de infinitivo)
- Não se esqueça de **comprar** as verduras. (Objetiva indireta, reduzida de infinitivo)
- Seu maior desejo era **sair** da cidade e **morar** no interior. (Predicativas, reduzidas de infinitivo)

4.3.7.2 Subordinadas adjetivas reduzidas

- Entregou-me a lista dos produtos a **serem** adquiridos antes do final do ano. (Restritiva, reduzida de infinitivo)
- Todos os livros **analisados** por ele foram reprovados pelo MEC. (Restritiva, reduzida de particípio)
- É um rapaz bem intencionado, inteligente, **provindo** da cidade de Palmares. (Explicativa, reduzida de gerúndio)
- Apresentou-me uma tela velha e suja, **pintada** aos sete anos de idade. (Explicativa, reduzida de particípio)

4.3.7.3 Subordinadas adverbiais reduzidas

- Analise bem sua situação antes de **dar** o primeiro passo. (Temporal, reduzida de infinitivo).

- Para **conseguir** uma boa colocação no concurso, é preciso muito tempo de estudo. (Final, reduzida de infinitivo)
- Não saia da sala sem primeiro **falar** com o professor. (Condicional, reduzida de infinitivo)
- Mesmo **estando** triste com o filho, abraçou-o fervorosamente. (Concessiva, reduzida de gerúndio)
- A **permanecerem** os sintomas, o médico deverá ser consultado. (Condicional, reduzida d infinitivo)
- De tanto **comprar** e não **pagar**, teve o nome inscrito no cadastro de inadimplentes. (Causal, reduzida de infinitivo)
- Não **conseguindo** o resultado desejado, pediu demissão e mudou-se para o sul do país. (Causal, reduzida de gerúndio)
- Quebrei o vaso sem **querer**. (Concessiva, reduzida de infinitivo)
- O rapaz estudou tanto para o concurso a ponto de **danificar** a visão. (Consecutiva, reduzida de infinitivo)
- Ele arrumou um novo emprego para poder **sustentá**-la. (Final, reduzida de infinitivo)
- Muito constrangido deve ter ficado o candidato para nem sequer **apanhar** o gabarito da prova. (Consecutiva, reduzida de infinitivo)

⇨ Observação importante:

Em algumas orações reduzidas, a forma nominal do verbo — notadamente o infinitivo — aparece antecedida de uma preposição. Esta combinação "preposição + forma nominal" estabelece relações semânticas bem lógicas. Logo, fica fácil identificar de que tipo de oração se trata. Veja abaixo:

- Preposição "**POR**" + verbo no infinitivo ⇨ oração reduzida causal (indica a causa)
- Preposição "**PARA**" + verbo no infinitivo ⇨ oração reduzida final (indica a finalidade)
- Preposição "**A**" + verbo no infinitivo ⇨ oração reduzida condicional (indica condição, hipótese)
- Contração "**AO**" + verbo no infinitivo ⇨ oração reduzida temporal (indica o tempo)

Exemplos:

adverbial causal, reduzida de infinitivo

- Por sair constantemente à noite, Maria adquiriu uma terrível gripe. ➡ Porque sai constantemente à noite,....

adverbial condicional, reduzida de infinitivo

- A permanecerem estas cláusulas no contrato, jamais o assinarei. ➡ Se permanecerem....

adverbial final, reduzida de infinitivo

- Para driblar a alfândega, escondeu alguns objetos em uma pequena sacola. ➡ Para que driblasse a....

adverbial temporal, reduzida de infinitivo

- Ao caminhar no parque, não deixe de tomar bastante água. ➡ Quando caminhar no parque....

⇨ Considerações finais:

a) Nem toda oração desenvolvida pode ser reduzida, como nem toda oração reduzida poc ser desenvolvida. Há orações que só aparecem sob a forma desenvolvida ou reduzida.

b) E não se esqueça de que o importante neste assunto é absorver a relação que está sendo travada entre as orações e, a partir desse entendimento, classificá-las.

4.4 PROCESSO CORRELACIONAL

Três tipos de orações há, estudadas nos processos de coordenação e subordinação, que, em virtude de características próprias, merecem uma menção à parte: são as chamadas orações correlatas. Denominam-se de "correlatas" as orações em que seus conectivos se distribuem entre uma oração e outra do período. Existe uma espécie de "paradependência", portanto, entre as orações. Observe:

- A rã inchou e estourou. (Temos simples coordenação aditiva)

Se à primeira oração acrescentássemos, por exemplo, o advérbio de intensidade "tanto", já não teria ela o sentido completo ("A rã inchou tanto..."); e desconexo ficaria também o período ("A rã inchou tanto, estourou"). Para consertá-lo, é fundamental a presença da palavra "que" antes da segunda oração ("A rã inchou tanto que estourou").

Dizemos, então, que as palavras "tanto" e "que" são as conjunções correlatas da estrutura.

São classificadas como correlatas algumas orações aditivas, consecutivas e comparativas.

CONJUNÇÕES CORRELATAS ADITIVAS	não só...	mas também...
	não só...	mas ainda...
	não só...	senão também...
	não só...	senão que...
	não só...	bem como...
	assim...	como...

CONJUNÇÕES CORRELATAS CONSECUTIVAS	tal...	que...
	tão...	que...
	tanto ...	que...
	tamanho...	que...

CONJUNÇÕES CORRELATAS COMPARATIVAS	tanto...	quanto ou como...
	tanto mais...	tanto mais...
	quanto mais...	mais...
	quanto menos...	menos...
	quanto mais...	menos...
	quanto menos...	mais...
	mais...	que ou do que...
	menos..	que ou do que...
	melhor...	que ou do que...

- **Tanto** vaiava a um **quanto** aplaudia a outro.
- Nada o pungia **tanto quanto** o sorriso indiferente dela.
- "(...) mas aqui a ponho outra vez, **não só** por significar a totalidade do silêncio, **mas também** porque havia naquela ação do gato e do rato alguma cousa que prendia com ritual." (Machado de Assis)
- "**Não só**, de onde em onde, soltava exclamações sem ligação alguma com a conversa atual, **como também** cerrava os lábios, rilhava os dentes e crispava raivosamente os punhos." (Lima Barreto)

“Nada me pediu, Mariana; mas obriga-me **tanto**, **que** me faz mais infeliz o peso da obrigação.” (Camilo)

⇨ Observação:

Geralmente a análise do processo correlacional se faz em questões que envolvem “paralelismo sintático”, já que a correlação nada mais é do que uma construção paralela.

4.5 CONTAGEM DE ORAÇÕES EM UM PERÍODO MISTO

Em muitos certames, as bancas cobram dos candidatos a contagem das orações em um dado período, formado por subordinação e coordenação (período misto). A missão é bastante simples se nós compreendermos que, em muitas situações, uma mesma oração pode ser subordinada e coordenada ao mesmo tempo.

Observe o período abaixo:

“É importante que os contribuintes percebam que a política tributária é justa, a administração fiscal é proba, sensível e confiável, e os recursos arrecadados são corretamente aplicados.” (Fund. Getúlio Vargas)

– Quantas orações há no período acima? Qual a classificação para elas?

Em primeiro lugar, é fundamental separar as orações. Veja:

1.ª → É importante
2.ª → que os contribuintes percebam
3.ª → que a política tributária é justa
4.ª → (que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável
5.ª → e (que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados.

Descobrimos, logo, que existem cinco orações no período. Mas qual é a principal? Quantas subordinadas há? E as coordenadas? Para isso, vamos atribuir a cada oração uma letra e fazer uma diagramação simples.

1.ª → É importante = **A**
2.ª → que os contribuintes percebam = **B**
3.ª → que a política tributária é justa = **C**
4.ª → (que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável = **D**
5.ª → e (que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados. = **E**

Diagramação:

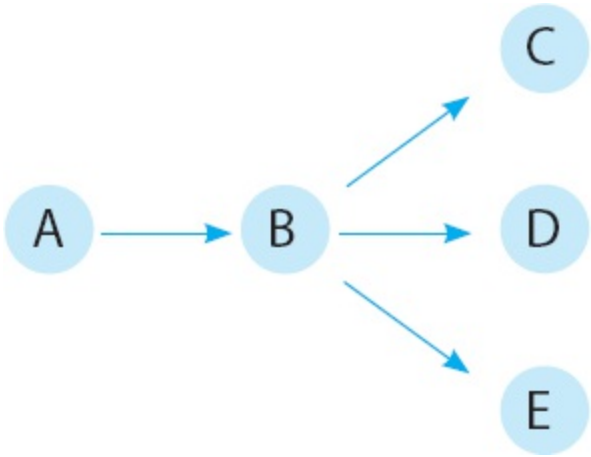

A partir da diagramação acima temos então:

- A oração “A” é a principal do período.
- A oração “B” é subordinada em relação à oração “A”.
- As orações “C”, “D” e “E” são subordinadas em relação à oração “B”.
- As orações “C”, “D” e “E” estão coordenadas entre si.

Conclusão:

Há, no período, uma oração principal (A), quatro subordinadas (B, C, D, E) e três coordenadas entre si (C, D, E).

Veja outro exemplo:

“Já sei, Senhor, que vos haveis de enternecer e que não haveis de ter coração, para ver tais lágrimas e tais estragos.” (Pe. Antonio Vieira)

1.ª oração → Já sei, Senhor, (Oração principal) = A

2.ª oração → que vos haveis de enternecer (Oração subordinada em relação à 1.ª oração) = B

3.ª oração → e que não haveis de ter coração (Oração subordinada em relação à 1.ª oração) = C

4.ª oração → para ver tais lágrimas e tais estragos. (Oração subordinada adverbial final em relação à 3.ª oração) = D

Diagramação:

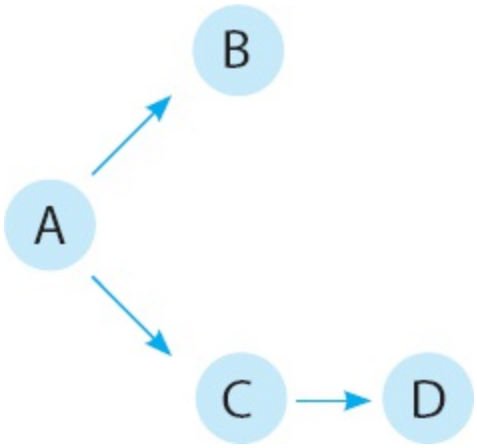

⇨ Observações importantes:

a) As orações C, D e E do primeiro exemplo são EQUIPOLENTES. São denominadas de equipolentes as orações subordinadas da mesma natureza (classificação) e de sentidos coordenados. Observe:

- Desejo **que faças boa viagem** e **sejas bem sucedido nos teus negócios**.

As orações "**que faças boa viagem**" e "(que) **sejas bem sucedido nos teus negócios**" são equipolentes, pois são, simultaneamente, subordinadas objetivas diretas em relação à oração "Desejo" e coordenadas entre si.

b) Em nossa formação escolar, aprendemos a máxima de que "tantos quantos forem os verbos de um período, tantas serão as orações que o comporão". Esta regra, porém, nem sempre funciona, pois podem existir períodos em que haja orações ocultas, elípticas. Estas orações, cujos verbos estão subentendidos por zeugma, são denominadas de ORAÇÕES LATENTES. Observe:

- "A reflexão jurídica sobre o assunto, contudo, não se tem mostrado tão farta quanto aquela encontrada na economia." (Fund. Getúlio Vargas)

– Quantas orações há no período acima? Resposta: TRÊS.

1.ª oração → A reflexão jurídica sobre o assunto, contudo, não se tem mostrado tão farta

2.ª oração → quanto aquela (ORAÇÃO LATENTE) → Equivalente a "quanto aquela se tem mostrado farta"

3.ª oração → encontrada na economia

Temos então:

A 1.ª oração é a principal. A 2.ª oração é subordinada adverbial comparativa com verbo oculto (quanto aquela se tem mostrado farta). A 3.ª oração é subordinada adjetiva

restritiva, reduzida de particípio.

c) Em algumas situações, a oração oculta só é perceptível por meio de uma análise mais acurada do período. É preciso entender bem o período para que se encontre a oração latente (oculta). Observe:

- "Para isto é que os quadros cresceram nas proporções que se sabe". (Rui Barbosa)

Em uma análise superficial do período acima, poder-se-ia pensar que o nosso ilustre mestre Rui Barbosa tivesse cometido um erro de concordância ao deixar o verbo "saber" na 3.ª pessoa do singular. Ocorre que o nosso "Águia de Haia", ao deixar o verbo no singular, faz este verbo concordar com a oração latente (oculta) "que cresceram".

Temos então:

- "Para isto é que os quadros cresceram nas proporções que se sabe **QUE CRESCERAM**"

Observe outros exemplos de períodos que contêm orações latentes (ocultas, elípticas):

- Procedemos como convinha. → Subentende-se "**que procedêssemos**".
- Fizemos o que cumpria. → Subentende-se "**que fizéssemos**".
- Ele caminha tal qual meu irmão. → Subentende-se "**qual meu irmão caminha**".
- "Assim como o Pai ressuscita, e vivifica os mortos, assim o Filho vivifica aos que é sua vontade." (Pe. Manuel Bernardes) → Subentende-se o verbo "**vivificar**".
- "... e nessa hipótese, o mais acertado é deixá-la lá estar os três dias pedidos, e os mais dias que for necessário até sabermos o destino do prussiano." (Camilo Castelo Branco) → Subentende-se "**deixá-la lá estar**".

⇨ Consideração final:

Subentenderem-se essas orações latentes é gramaticalmente indispensável não só para completar-se o sentido, mas também para satisfazer as exigências da análise, dando-se ao verbo o seu verdadeiro sujeito ou o seu objeto. Cumpre por fim observar que tais orações latentes frequentemente ocorrem com as orações adjetivas, com as orações comparativas e com as orações condicionais.

4.6 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

Orações Subordinadas Adjetivas, Adverbiais e Reduzidas

Texto para as questões de 1 a 3.

[1] “Cada pessoa
[2] que chegava
[1] se punha na ponta dos pés,
[3] embora não pudesse ver”.

1. (Faap-SP) Há no texto três orações, e estão numeradas. A primeira – **cada pessoa se punha na ponta dos pés** – chama-se:

a) absoluta.
b) principal.
c) coordenada assindética.
d) coordenada sindética.
e) subordinada.

2. (Faap-SP) A segunda – **que chegava** – é subordinada:

a) substantiva subjetiva.
b) substantiva objetiva direta.
c) adverbial causal.
d) adverbial final.
e) adjetiva.

3. (Faap-SP) A terceira – **embora não pudesse ver** – oferece uma ideia de:

a) causa.
b) fim.
c) condição.
d) concessão.
e) consequência.

4. (Fuvest-SP) No período: “É possível **discernir no seu percurso momentos de rebelc contra a estandardização e o consumo**”, a oração destacada é:

a) subordinada adverbial causal, reduzida de particípio.

b) subordinada objetiva direta, reduzida de infinito.
c) subordinada objetiva direta, reduzida de particípio.
d) subordinada substantiva subjetiva, reduzida de infinito.
e) subordinada substantiva predicativa, reduzida de infinito.

5. (UM-SP) Examine o período: "A soldadela invade o campo da disputa, **enquanto a grit aumenta em berros e assobios rudes**". A oração em destaque é:

a) coordenada sindética temporal.
b) coordenada adverbial temporal.
c) subordinada substantiva temporal.
d) subordinada adjetiva temporal.
e) subordinada adverbial temporal.

6. (F. Cásper Líbero-SP)
"Já que não pude ser feliz, busquei a companhia dessas aves que nasceram livres". No período há:

a) subordinada adverbial causal e subordinada adjetiva.
b) subordinada adverbial concessiva e subordinada adverbial consecutiva.
c) subordinada substantiva objetiva direta e subordinada adjetiva.
d) subordinada substantiva objetiva direta e coordenada sindética adversativa.

7. (FIT-SP) No período "Era tão pequena a cidade, **que um grito ou gargalhada forte a atravessava de ponta a ponta**", a oração em destaque é:

a) subordinada adverbial causal.
b) subordinada adverbial final.
c) subordinada adverbial consecutiva.
d) subordinada adverbial temporal.
e) n.d.a.

8. (Cesgranrio-RJ) Classifique a oração iniciada pela conjunção **que** no período abaixo.

"Era uma fada tão suave e pura que ao vê-la o coração me estremecia". (Francisco Otaviano)

a) oração subordinada adverbial temporal
b) oração subordinada adverbial consecutiva

c) oração coordenada sindética explicativa
d) oração independente
e) n.d.a.

9. (Fuvest-SP) Classifique as orações em destaque do período abaixo.

*"**Ao analisar o desempenho da economia brasileira**, os empresários afirmaram **que os resultados eram bastante razoáveis**, uma vez que a produção não aumentou, mas também não caiu".*

a) principal, subordinada adverbial final
b) subordinada adverbial temporal, subordinada adjetiva restritiva
c) subordinada adverbial temporal, subordinada substantiva objetiva direta
d) subordinada adverbial temporal, subordinada substantiva subjetiva
e) principal, subordinada substantiva objetiva direta

10. (FCMPA-MG) Nos períodos abaixo aparece, entre as orações, uma relação de concessão. Assinale a letra correspondente ao período em que a relação é outra.

a) Embora estivesse doente, fiz tudo o que me era possível.
b) Fiz tudo o que me era possível, apesar de estar doente.
c) Mesmo estando doente, fiz tudo o que me era possível.
d) Fiz tudo o que me era possível, conquanto estivesse doente.
e) Fiz tudo o que era possível, mas estava doente.

11. (UM-SP) Assinale o período que contenha uma oração reduzida com valor de adjetivo.

a) O ônibus parou na rua transversal para assustar passageiros.
b) Correndo assustado, o menino foi chamar o guarda.
c) Os garotos vestindo camisetas velhas reclamavam apenas uma penca de bananas meio amassadas.
d) Faça das entranhas coração para obter, um dia, a rara felicidade dos humanos.
e) Moleques de carrinho dirigiam-se a várias direções, atropelando-se uns aos outros.

12. (Faap-SP)

"Lá a existência é uma aventura
De tal modo inconseqüente
Que Joana a Louca de Espanha
Rainha e falsa demente

Vem a ser contraparente
***Da nora** que nunca tive"*
A oração destacada recebe o nome de oração subordinada adverbial:

a) causal.
b) final.
c) condicional.
d) concessiva.
e) consecutiva.

13. (Cesgranrio-RJ) Assinale o período em que ocorre a mesma relação significativa indicada pelos termos destacados em: "A atividade cientifica é tão natural **quanto qualquer outra atividade econômica**".

a) Ele era tão aplicado, que em pouco tempo foi promovido.
b) Quanto mais estuda, menos aprende.
c) Tenho tudo quanto quero.
d) Sabia a lição tão bem como eu.
e) Todos estavam exaustos, tanto que se recolheram logo.

14. (Uece) Em: "**Ao me deitar**, antes eu tinha posto uma caixa de fósforos num tamborete...", a oração destacada é reduzida:

a) causal.
b) final.
c) temporal.
d) concessiva.

15. (Fesp-SP) Observe:

I. Convém que todos participem.
*II. Fique quieto, **pois está incomodando**.*
*III. Amou daquela vez **como se fosse a última**.*
*IV. Machado de Assis, **que escreveu Dom Casmurro**, fundou a Academia Brasileira de Letras.*

Assinale a alternativa que não corresponde à classificação das orações destacadas.

a) no item I, oração subordinada substantiva subjetiva
b) no item II, oração subordinada sindética explicativa
c) no item III, oração subordinada adverbial comparativa

d) no item IV, oração subordinada adjetiva explicativa
e) no item II, a primeira oração é coordenada assindética

16. (UM-SP)

A. Sua palavra foi a primeira a perder o significado naquele agitado contexto.
B. Tenho necessidade de me apoiares nesta complicada situação.
C. ***Antes de repelir seus mestres****, procure compreendê-los.*

Analisando os períodos A, B e C, concluímos que as frases neles destacadas são três orações reduzidas. Desdobrando-as, obteremos, respectivamente:

a) uma adjetiva, uma substantiva, uma adverbial.
b) uma adjetiva, uma adverbial, uma substantiva.
c) três adverbiais.
d) uma adjetiva, duas adverbiais.
e) uma adverbial, duas adjetivas.

17. (Faap-SP)

"Lá a existência é uma aventura
De tal modo inconseqüente
Que Joana a Louca de Espanha
Rainha e falsa demente
Vem a ser contraparente
Da nora que nunca tive".
A oração ***que nunca tive*** *é:*

a) principal.
b) coordenada.
c) subordinada substantiva.
d) subordinada adverbial.
e) subordinada adjetiva.

18. (Faap-SP) "Não compreendíamos a razão **por que o ladrão não montava a cavalo**".

A oração em destaque é:

a) subordinada adjetiva restritiva.
b) subordinada adjetiva explicativa.
c) subordinada adverbial causal.

d) substantiva objetiva indireta.

e) substantiva completiva nominal.

19. (Uni-Rio-RJ) Assinale o item em que há uma oração, quanto à classificação, idêntica à segunda do período “Pernoitamos depois junto a um açude lamacento, onde patos nadavam”.

a) As virilhas suadas ardiam-me, o chouto do animal sacolejava-me...

b) De onde vinham as figuras desconhecidas para encontrar-nos?

c) Fiz o resto da viagem com um moço alegre, que tentou explicar-me as chaminés do banguês...

d) Os mais graúdos percebiam que a viagem era alegre.

e) Surgiam regatos, cresceram tanto que se transformaram em rios...

20. (UFPA) Há no período uma oração subordinada adjetiva:

a) Ele falou que compraria a casa.

b) Não fale alto, que ela pode ouvir.

c) Vamos embora, que o dia está amanhecendo.

d) Em time que ganha não se mexe.

e) Parece que a prova não está difícil.

GABARITOS

Orações Coordenadas

1 – A	2 – D	3 – E
4 – D	5 – D	6 – E
7 – D	8 – C	9 – A
10 – A		

Orações Subordinadas Substantivas

1 – D	2 – B	3 – E
4 – D	5 – B	6 – D

7 – D	8 – D	9 – D
10 – E	11 – A	12 – A
13 – C	14 – C	15 – C
16 – B	17 – E	18 – B
19 – D	20 – A	

Orações Subordinadas Adjetivas, Adverbiais e Reduzidas

1 – B	2 – E	3 – D
4 – D	5 – E	6 – A
7 – C	8 – B	9 – C
10 – E	11 – C	12 – E
13 – D	14 – C	15 – B
16 – A	17 – E	18 – A
19 – C	20 – D	

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 5

SINTAXE DE CONCORDÂNCIA

Teremos agora uma longa missão, uma missão extensa. Não será uma missão difícil. Mas para terminá-la com sucesso será preciso muita persistência. Uma dica: estude aos poucos. Nós vamos nos deparar com mais de trinta regrinhas de concordância verbal e nominal. É claro que algumas raramente são usadas; outras caem com mais frequência nas provas, porque são bastante usuais na Língua Portuguesa. Logo, procure uma estratégia que lhe seja mais conveniente. E leia! Releia! Leia de novo! Leia novamente! Leia mais uma vez! Observe os exemplos! Será a repetição que fará com que consiga bons resultados. Desejo sucesso para esta missão! Bons estudos!

De fato o assunto "CONCORDÂNCIA" é um dos mais explorados pelas bancas elaboradoras de provas. Portanto, deve sempre ser alvo de nossos estudos.

A "sintaxe de concordância" se preocupa com a perfeita harmonização das palavras dentro de um período. Sendo assim, buscam-se dois tipos de harmonização:

a) A harmonia sintática entre o verbo e o seu sujeito ⇨ **Concordância verbal**

b) A harmonia sintática entre o substantivo e os termos os quais a ele se referem ⇨ **Concordância nominal**

Nesta primeira etapa, trabalharemos a concordância entre o verbo e o seu sujeito. Antes, porém, convém conhecer os três tipos principais de concordância:

a) Concordância gramatical ⇨ é aquela feita com o núcleo do termo.

b) Concordância atrativa ⇨ é aquela efetuada com o núcleo semântico mais próximo.

c) Concordância ideológica ⇨ é aquela efetuada não com o termo, mas com a ideia passada pelo termo.

⇨ **Observe:**

núcleo do sujeito

- O **motivo** simples de tantos atos supostamente cruéis somente anos depois se **manifestou**.

verbo da concordância gramatical

Sujeito — verbo da concordância atrativa

- Um grupo de **pesquisadores** holandeses **iniciarão** um estudo sobre a febre aftosa no Brasil.

Sujeito — verbo da concordância ideológica

- **Uma multidão** avançou sobre o juiz. **Disseram** que já não mais aguentavam tanta roubalheira.

Perceba que neste caso, o sujeito do verbo "dizer" continua sendo "a multidão". Concorda-se com a ideia de que a multidão representa "vários indivíduos, várias pessoas".

- Encontrou um **bom** momento e hora para a realização da reunião.

concordância nominal com o substantivo mais próximo

À exceção de alguns casos, a concordância autorizada pela norma culta é a "gramatical". A nossa preocupação sempre será com o núcleo do termo.

5.1 CONCORDÂNCIA VERBAL

Dica: Não estude este capítulo antes de conhecer bem o sujeito de uma oração. Aqui o nosso objetivo é harmonizar em número (singular ou plural) e em pessoa (1.ª, 2.ª ou 3.ª) o sujeito com o seu verbo. Logo, se você não consegue identificar com segurança o sujeito de uma oração, ou tem dificuldades para fazê-lo, estude o sujeito da oração.

5.1.1 REGRA GERAL

O verbo concorda em número (singular ou plural) e em pessoa (1.ª, 2.ª ou 3.ª) com o seu sujeito simples.

Núcleo do sujeito – 3.ª p. do singular verbo na 3.ª p. do singular

- O **pensamento** dos novos filósofos contemporâneos não **se antepõe** ao pensamento grego.

Verbo na 3.ª p. do plural núcleo do sujeito núcleo do sujeito

- Grandes golpes **sofreram** nossos **antepassados** quando muitas **doenças assolaram** cidades inteiras.

verbo na 3.ª p. do plural

Verbo na 3.ª p. do plural

- Do Norte e Nordeste brasileiro, **advieram**, nas décadas de 60 e 70, muitos **imigrantes** para São Paulo.

núcleo do sujeito na 3.ª p. do plural

5.1.2 SUJEITO FORMADO POR PESSOAS GRAMATICAIS DIFERENTES

Regra: Quando o sujeito é formado por pessoas gramaticais diferentes, obedece-se à seguinte lei de prevalência:

- **1.ª pessoa** + **2.ª pessoa** = 1.ª pessoa do plural (a primeira prevalece sobre a segunda) ⇨ NÓS
- **1.ª pessoa** + **3.ª pessoa** = 1.ª pessoa do plural (a primeira prevalece sobre a terceira) ⇨ NÓS
- **2.ª pessoa** + **3.ª pessoa** = 2.ª pessoa do plural (a segunda prevalece sobre a terceira) ⇨ VÓS

> **Resumindo**: A primeira pessoa prevalece sobre as demais e a segunda pessoa prevalece sobre a terceira.

sujeito composto por pessoas gramaticais diferentes verbo na 1.ª pessoa do plural

- O **Ministro** dos Esportes e **eu**, na próxima semana, **inauguraremos** um novo estádio de futebol.

sujeito composto por pessoas gramaticais diferentes verbo na 2.ª pessoa do plural

- Vossa **tia** e **tu**, quando toda a comitiva chegar, **devíeis** providenciar imediatamente um local para descanso.

sujeito composto por pessoas gramaticais direrentes

- **Tu** e todos os outros **professores** presentes à cerimônia, após o lanche, **comporeis** uma mesa redonda.

verbo na 2.ª pessoa do plural

⇨ Observação importante:

Nos dois últimos exemplos, o verbo também poderia concordar na 3.ª pessoa do plural em virtude da possibilidade de se tratar o "tu" e o "ele" não por "vós", mas sim por "vocês". Logo:

- **Tu** e todos os outros **professores** presentes à cerimônia, após o lanche, **comporeis / comporão** uma mesa redonda.
- O **presidente** do Diretório Acadêmico e **tu**, Roberto, líder de nossa turma, **poderíeis / poderiam** reivindicar melhorias para a Universidade.

5.1.3 REGRAS ESPECIAIS DE CONCORDÂNCIA VERBAL COM O SUJEITO SIMPLES

1. **Quando o sujeito é formado por expressões partitivas (uma parte de, a metade de, o grosso de, um grande número de, uma porção de, a maioria de etc.) o verbo poderá concordar, no singular, com o núcleo dessas expressões ou com o termo da expressão explicativa ou especificativa que as acompanha.**

sujeito
- Boa **parte** dos **inscritos** no último concurso **irá / irão** realizar a prova no centro da cidade.

sujeito
- Grande **número** de **automóveis** **circula / circulam** nas principais capitais brasileiras.

sujeito
- Por incrível que pareça, a **maioria** dos **participantes** **anteviu / anteviram** o resultado da gincana.

2. **Quando o sujeito é formado por numerais percentuais ou fracionários seguidos de uma especificação, o verbo poderá concordar tanto com o numeral quanto com a expressão especificativa.**

Dica: Não se esqueça de que os numerais "zero" e "um" levam o verbo para o singular. Quanto aos numerais fracionários, para a concordância verbal, leva-se em conta o

numerador.

- 32% de todo o **dinheiro** arrecadado (sujeito) — será doado / serão doados — para instituições de caridade.

- 8,6% dos **entrevistados** (sujeito) **alegaram** que não gostam de comprar a prazo.

Neste caso, só o plural para o verbo é possível, pois tanto o núcleo do sujeito quanto o termo da especificação se encontram no plural.

- 1/4 dos **alunos** (sujeito) do ensino médio — prestará / prestarão — vestibular para Medicina.

- Parece que só 2/3 de todo o **grupamento** masculino — requereram / requereu — a dispensa para as festas natalinas.

Resumindo:

- Número no singular + nome no singular ⇨ Verbo no singular
- Número no singular + nome no plural ⇨ Verbo no singular ou no plural
- Número no plural + nome no singular ⇨ Verbo no singular ou no plural

⇨ Observação importante:

Se o numeral vier precedido de algum determinante, a concordância será feita com este determinante. Observe:

- Os 15% restantes do grupo pesquisado (sujeito) **serão** novamente entrevistados na próxima semana.

3. Quando o sujeito é formado por expressões que indicam quantidade aproximada (cerca de

perto de, mais de, menos de, coisa de, obra de, passante de etc.) seguidas de um numeral, o verbo concordará com este numeral que acompanha as expressões.

- Cerca de **duzentas** pessoas **intervieram** no protesto dos sem-terras.
  sujeito
- sujeito
  Perto de **quinze** manifestantes **se aglomeraram** em frente ao Palácio do Planalto.
  Planalto.
- Mais de **vinte** alunos **foram** reprovados neste ano em nossa escola.
  sujeito

4. Com a expressão "Mais de um" o verbo deverá ficar, portanto, no singular.

- A polícia percebeu que mais de **um** bandido **se escondia** na mata.
  sujeito
- sujeito
  Mais de **uma** criança **se entreteve** com o novo brinquedo que fora colocado no salão de jogos.
  no salão de jogos.
- "Mais de um coração de guerreiro **batia** apressado." (A. Herculano)

⇨ Observação:

Caso a expressão "Mais de um" apareça repetida ou venha acompanhada de um verbo que indique reciprocidade, a concordância será feita no plural.

sujeito composto – expressão "mais de um" aparece repetida

- **Mais de um** interventor, **mais de um** advogado, **mais de um** engenheiro **compareceram** ao prédio que ruiu.
- Mais de um deputado **se agrediram** na última sessão plenária.
  sujeito verbo indica reciprocidade

5. Quando o sujeito é um "pronome de tratamento", o verbo concordará obrigatoriamente na terceira pessoa.

– Vossas Excelências ainda não **avaliaram** o meu pedido?
sujeito — verbo na 3.ª pessoa do plural

sujeito
– Se Sua Majestade **quiser**, eu posso lhe entregar todas as cópias do processo, disse o advogado à secretária do rei.

Observe que toda a concordância é feita na terceira pessoa, inclusive os pronomes que se referem ao pronome de tratamento também são utilizados na terceira pessoa.

– Vossa Senhoria **gostaria** de que eu lavasse o seu carro?
sujeito

6. Quando o sujeito é a expressão "um dos que", o verbo poderá concordar, na maioria dos casos, tanto no singular quanto no plural.

Ele foi um dos alunos que mais { se destacou / se destacaram } neste ano.

Certamente a ex-secretária será uma das pessoas que { se arrependerá / se arrependerão } dos erros cometidos.

Aquele mestre foi um dos poucos que { anteviu / anteviram } o incidente com o metrô.

⇨ Observação:

Há casos, entretanto, que só o singular ou só o plural é possível. Geralmente, isso se dá em face da exclusão ou da inclusão perceptível no contexto do período. Observe o exemplo abaixo:

Foi um dos filhos de Sr. João que me **telefonou** hoje pela manhã. (Não há aqui lógica que permita o plural, pois só um dos filhos dele fez a ação de telefonar.)

7. Quando o sujeito é um pronome interrogativo, demonstrativo ou indefinido no plural (quais, quantos, alguns, poucos, muitos, quaisquer etc.), seguido de uma das expressões "de nós" ou "de vós", o verbo poderá concordar tanto com o pronome interrogativo, indefinido ou demonstrativo quanto com os pronomes "nós" ou "vós".

- Certamente muitos de vós proporão / proporeis mudanças para a nossa administração.
- Eles perceberam que quaisquer de nós comprávamos / compravam resolver aquela situação.
- Quantos de vós, após o confisco das poupanças, não interpuseram / interpusestes recurso da decisão.

⇨ Observação importante:

Se o pronome interrogativo, demonstrativo ou indefinido estiver no singular (qual, algum, qualquer etc.), o verbo obrigatoriamente ficará no singular.

- **Quem** de nós, na mesma situação, não **agiria** daquele jeito?
- **Qual** de vós **conhece** o segredo do cofre?
- **Algum** de nós certamente **entregou** o colega à direção da empresa.
- **Cada um** dos que ali estavam **tinha** um forte compromisso com o marxismo.

8. Quando o sujeito é o pronome relativo "QUE", o verbo concordará com o termo antecedente.

- De repente, apareceram muitos companheiros **que** apoiaram de imediato o protesto.

Perceba que neste caso o pronome relativo retoma a palavra precedente e funciona como sujeito para a oração a qual ele mesmo introduz. Observe: Apareceram muitos companheiros. Companheiros apoiaram de imediato o protesto.

- Fomos **nós que** propiciamos todo aquele contratempo.
- Havia muitas **indagações que** nos deixavam confusos.

⇨ Observações:

a) Se houver predicativo na oração, é possível tanto a concordância com o antecedente imediato do relativo "que" quanto com o sujeito da oração antecedente:

- **Nós** sempre fomos os **homens** que comprávamos / compravam os materiais de limpeza da firma.
- "Tu és a flor que **despontaste** livre." (Gonçalves Dias)
- "Não sabeis que eu sou o que **ensinei** a dar benefícios por agravos e favores por injúrias?" (M. Bernardes)
- "Nós somos os galegos que **levamos** a barrica." (Camilo Castelo Branco)

b) Quando o relativo "que" exerce a função de sujeito e o termo que o antecede é formado por dois ou mais substantivos, o "que" pode retomar qualquer um desses substantivos, desde que a lógica da oração adjetiva o permita.

- O preço das ações que se negociou (preço) / se negociaram (ações) na bolsa de valores caiu em razão de uma interferência externa.
- Eles interromperam um processo de atitudes que podia (processo) / podiam (atitudes) resolver o problema.
- A lei das sociedades anônimas **que foi promulgada** (pronome relativo "que" retoma "lei") esta semana será objeto de impugnação.

c) Quando o pronome relativo "que" se referir a um vocativo, considera-se o pronome relativo como se de 2.ª pessoa fosse. Portanto, a concordância verbal deverá ser feita na 2.ª pessoa. Observe:

- "Alma minha gentil, que **te partiste**
tão cedo desta vida descontente." (Camões)
- "Homem, **que me pedes** amor, sabe que eu te detesto." (Epifânio da S. Dias)

d) Quando o pronome relativo "que" vem precedido de "um de, uma de, um dos, uma das' emprega-se hoje preferencialmente o verbo da oração adjetiva no plural. Entretanto, era comum, em muitas obras clássicas, o emprego do verbo no singular. Por isso, as duas formas de concordância são consideradas corretas.

- "Um dos gestos **que melhor exprimem** a minha essência foi a devoção com que corri no domingo próximo a ouvir missa em S. Antônio dos Pobres." (Machado de Assis)
- "E chegando a uma das portas **que davam** para a estalagem, gritou: — Vá de rumor! Nã quero isto aqui! É safar!" (Aluízio Azevedo)
- "Uma das felicidades **que se contava** entre as do tempo presente era acabaremse as comédias em Portugal; mas não foi assim." (Pe. Antonio Vieira)
- "Suspendeu-se a uma das palmeiras **que servia** de esteio à choça, e por um desses

movimentos ágeis...” (José de Alencar)

9. Quando o sujeito é o pronome relativo “QUEM”, o verbo concordará na 3.ª pessoa do singular com este pronome ou com o seu antecedente, desde que se trate dos pronomes pessoais do caso reto (eu, tu, ele, nós, vós, eles.).

- Foste tu quem [comprou / compraste] aquele livro ali?
- Parece que seremos nós quem [responderá / responderemos] pelos prejuízos causados.

⇨ Observação:

Quando o antecedente do pronome “QUEM” não for um pronome do caso reto – repita-se –, só é lícita a concordância na 3.ª pessoa do singular. Veja:

- Foram os próprios colegas de trabalho quem **compôs** a música do aniversário dele.
- Porventura, seriam aqueles dois rapazes quem **promoveu** toda a bagunça?
- “Eu, o Silêncio e a Solidão éramos quem **estava** aí.” (A. Herculano)

10. Quando o sujeito for formado por nomes próprios que só existem no plural (Estados Unidos, Andes, Patos, Minas Gerais, Alagoas, por exemplo), o verbo ficará no singular se estes nomes não vierem precedidos de artigo ou se o artigo estiver no singular. Caso apareça um artigo no plural, a concordância será feita no plural.

- Estados Unidos ainda não **encontrou** uma saída para o Iraque.
- Ilhéus sempre **foi** uma bela cidade para o turismo.
- **O** Marrocos sempre **encanta** os turistas que por lá passam.
- **As** Filipinas se **envolveram** numa sangrenta guerra há muitos anos.
- **Os** Emirados Árabes sempre **exportaram** petróleo.

⇨ Observação:

Caso o nome no plural se refira a uma obra artística ou literária, tanto o singular quanto

o plural são corretos para o verbo da concordância.

- "Os Lusíadas" imortalizaram / imortalizou Luis Vaz de Camões.
- "Os Sertões" de Euclides da Cunhas representaram / representou um marco para a Literatura Brasileira.

11. Quando o sujeito for formado por um substantivo coletivo seguido de uma especificação, o verbo poderá concordar tanto com o coletivo quanto com a especificação.

- Um grupo de arruaceiros invadiu / invadiram várias lojas no centro da cidade.
- Um bando de aves selvagens sobrevoava / sobrevoavam a cidade naquele instante.

Os substantivos "milhão, bilhão, trilhão, quatrilhão" são denominados de "numerais coletivos". Seguem, portanto, a regra de concordância dos coletivos. Ademais, tais numerais coletivos só se flexionam em número. Não apresentam variação de gênero: são sempre masculinos.

- Um milhão de pessoas **foi** (ou **foram**) ao show.
- Cerca de um milhão de turistas **visitará** (ou **visitarão**) a Europa neste ano.
- Mais de um milhão de dólares **foi gasto** (ou **foram gastos**) para a reconstrução do templo.
- Um milhão e meio de chineses já se **adaptou** (ou **adaptaram**) às novas regras do mercado capitalista.
- **Os** 15 milhões de crianças brasileiras que se vacinaram hoje ficarão imunes à doença durante um ano.

12. Os verbos "dar, bater e soar", por serem pessoais, concordam com os seus respectivos sujeitos.

- Já **bateram** nos relógios da cidade as horas necessárias (sujeito) para o início do evento.
- **Soou** uma hora da tarde (sujeito) no sino da igreja.

- Já **vão dar** dez horas (sujeito) e o João ainda não chegou.

⇨ Observações:

1. Não confunda esta regra com a regra dos verbos “estar, fazer, haver, ir” na indicação d tempo transcorrido. Estes verbos são impessoais e ficam na terceira pessoa do singular.
2. Quando o sujeito dos verbos “dar, bater e soar” for a palavra “sino, relógio ou carrilhão o verbo concordará com esse sujeito.

- Já **bateu** onze horas o relógio da sala (sujeito).
- Ainda **vai dar** duas horas da tarde o carrilhão do quarto do meu avô (sujeito).

13. O pronome apassivador “SE” exige que o verbo (transitivo direto ou transitivo direto e indireto) concorde com o seu sujeito passivo.

- **Transmitiram**-se-lhe (VTDI) novas informações (sujeito passivo) sobre o caso investigado pela Polícia Federal.

Lembre-se de que, neste caso, é possível a transformação da passiva sintética em analítica. Veja: “Novas informações lhe foram transmitidas sobre...”.

- **Desfizeram**-se (VTD) todas as dúvidas (sujeito passivo) quando se **apresentaram** (VTD) as novas provas (sujeito passivo).
- **Compraram**-se (VTD) novas ferramentas (sujeito passivo) para a construção do edifício.
- **Entregou**-se (VTDI) a cada um dos formandos em Direito uma carta de apresentação (sujeito passivo) para emprego.

Observe abaixo exemplos, que foram extraídos de provas de concursos públicos, em que NÃO se obedeceu à concordância do verbo com o seu sujeito passivo (destacamos o verbo em cor laranja e sublinhamos o núcleo do sujeito passivo):

- Ainda não se encontraram, para essas duas tendências contraditórias, qualquer possibilidade de harmonização. (→ Corrija-se para "... não se encontrou...")
- A todos esses atos supostamente cruéis, cometidos no reino animal, aplicam-se, acima d bem e do mal, a razão da propagação das espécies. (→ Corrija-se para "..., aplica-se,...)
- Incluem-se entre os inúmeros efeitos da obsessão pela forma física a busca de produtos de consumo, sobretudo os esportivos e os dietéticos. (→ Corrija-se para "Inclui-se...")

14. Os verbos intransitivos, os transitivos indiretos e os de ligação associados a um pronome "SE" ficam na terceira pessoa do singular. O "SE" funcionará como "índice de indeterminação do sujeito".

- Nunca mais se (IIS) falou (VTI) do esfacelamento do império russo.
- Assistiu (VTI)-se (IIS) a muitos filmes nestas férias.
- Em alguns bairros da cidade de Recife, mora (VI)-se (IIS) muito bem.
- Precisa (VTI)-se (IIS) de novos jovens empreendedores que mudem a face do mercado de capitais.

15. Com a expressão "haja vista" – que significa 'tenha-se em vista, leve-se em conta, considere-se' – admitem-se as seguintes concordâncias:

expressão invariável seguida de um artigo ↴

- O Presidente parece preocupado com a situação dos pobres, haja vista os inúmeros investimentos na saúde.

expressão invariável seguida da preposição "a" ↴

- Aquele bairro está se tornando um dos mais violentos, haja vista aos inúmeros assaltos que lá ocorrem.

o verbo "haver" varia para concordar com o substantivo posposto ↴

- Aquele prédio deve apresentar problemas na estrutura, hajam vista as inúmeras reformas que se fizeram.

⇨ Observação:

Nunca se esqueça, porém, de que, com esta expressão, a palavra “vista” é sempre invariável.

5.1.4 REGRAS ESPECIAIS DE CONCORDÂNCIA VERBAL COM O SUJEITO COMPOSTO

Regra geral: O sujeito composto exige o verbo da concordância no plural.

sujeito composto — verbo na 3.ª pessoa do plural

- Todos os argumentos e todas as formas de intervenção **foram utilizados** para mudar o pensamento dele.

sujeito composto

- O líder comunitário e todas as mulheres ofendidas com a ação do marginal **deporão** na delegacia mais próxima.

verbo na 3.ª pessoa do plural

> **Dica:** Deste ponto em diante, estudaremos as regras que, de alguma forma, fogem da regra geral. Não se afobe! Sugiro que, se estiver cansado, pare um pouco. Descanse e volte.
> Procure entender o porquê da regra, não se esquecendo de que a regra maior sempre exige o verbo no plural quando o sujeito é composto. Vamos lá!

1. **Quando o sujeito composto vier posposto ao verbo, é lícito que se concorde com o núcleo mais próximo desse sujeito ou, como nos orienta a regra geral, com ambos os núcleos.**

- Das indagações do novo funcionário **adveio / advieram** uma nova ideia para a equipe e uma nova forma de pensar a empresa.

sujeito composto posposto ao verbo

- Não **convém / convêm** aos iniciantes na carreira advocatícia nem a liberalidade dos anarquistas nem a seriedade dos monges.

sujeito composto posposto ao verbo

sujeito composto posposto ao verbo

- Nenhum resultado **obteve / obtiveram** a reclamação do pai e as advertências da mãe.

⇨ **Observação:**

Quando se exprime reciprocidade, o verbo vai sempre para o plural. Observe:

- "Eram olhos, onde lutavam amor profundo e cólera violenta." (A. Herculano)
- Falamos com a mulher em cujo coração estavam vida e morte.

2. Quando o sujeito composto é formado por núcleos sinônimos, ou quase sinônimos, ou ainda se tais núcleos constituem uma gradação, o verbo poderá concordar tanto no singular quanto no plural.

núcleos sinônimos ou quase sinônimos

- A fama, a glória, o reconhecimento do público **fez** / **fizeram** de Paulo um homem arrogante.

núcleos sinônimos ou quase sinônimos

- Morro, se a misericórdia, o perdão, a graça de Deus não me **acode** / **acodem**.

núcleos do sujeito formam uma gradação

- O desafeiçoado, o insensível, o empedernido nunca se **preocupa** / **preocupam** com a situação dos outros.

núcleos do sujeito formam uma gradação

- O fraco, o debilitado, o sem-forças se **rende** / **rendem** com facilidade às corrupções do mundo.

núcleos sinônimos ou quase sinônimos

- "A largueza e relaxação da vida **escurece** a consciência e **cega** a alma." (Pe. Antônio Vieira, *Sermões*).

⇨ Observações:

a) Tenha muito cuidado com esta regra. Não é qualquer tipo de sujeito composto que possibilitará o verbo no singular. A concordância no singular é possível pela unidade semântica que esses sujeitos representam.

b) Quando a gradação do sujeito for resumida por um termo, só com este termo se fará a concordância. Veja:

termo que resume a gradação

- Um mês, um ano, um século, **uma vida inteira** não **bastava** para esquecer a mágoa que ela me causou.

c) É fundamental também não se esquecer de que a concordância no singular, nesta regra

só é possível, porque há também uma unidade de singular entre os núcleos do sujeito. Basta um dos núcleos vir no plural para que só o plural seja admissível para o verbo da concordância. Veja:

- O rancor, a mágoa, a cólera, a ira, o ódio sempre **fazem / faz** mal ao homem.
  sujeito formado por núcleos sinônimos ou quase sinônimos

Agora...

- O rancor, **as mágoas**, a cólera, a ira, o ódio sempre **fazem** mal ao homem.

3. Quando o sujeito composto é resumido por um pronome indefinido (tudo, toda, nada, ninguém, cada um etc.), o verbo concordará com este pronome resumitivo.

- O mar, os céus, a terra, **tudo** **apregoa** a glória de Deus.
  pronome resumitivo
- Doenças, desemprego, morte na família, **nada** o **fazia** pensar sobre a vida.
  pronome resumitivo
- "No quintal a aroeira e a pitangueira, o poço, a caçamba velha, e o lavadouro, **nada sabia** de mim". (M. Assis)

⇨ Cuidado!! Não se deixe enganar:

OD VTD

- As bolas de sopro, as serpentinas, os confetes tudo **queriam** os organizadores da festa naquele instante.
  sujeito do verbo querer

4. Quando os núcleos do sujeito forem infinitivos não precedidos de determinante, o verbo concordará na terceira pessoa do singular.

Dica: Para aprofundar este conhecimento, confronte esta regra com a regra do sujeito oracional, estudado no final deste capítulo.

- **Fazer** exercícios regulares e **dormir** oito horas diárias **faz** bem à saúde.
  sujeito composto cujos núcleos são infinitivos

- **Fumar e beber** em ambiente de trabalho **é** terminantemente proibido.
  sujeito composto cujos núcleos são infinitivos

- **Viver e sonhar constitui** a alma de nossa existência.
  sujeito composto cujos núcleos são infinitivos

- "**Vê-la e amá-la** foi obra de um minuto." (Machado de Assis)
  sujeito composto cujos núcleos são infinitivos

⇨ Observação:

Se os infinitivos vierem precedidos de determinantes ou se indicarem ideias contrárias, o verbo irá para o plural:

- **O** comer e **o** beber **exigem** de todos nós moderação.
- **Nascer** e **morrer constituem** os limites de nossa vida.

5. Quando os núcleos do sujeito são ligados por "OU", devem-se observar as seguintes orientações:

a) Se houver ideia de exclusão ou de sinonímia ⇨ o verbo concordará com o núcleo do sujeito mais próximo

b) Se houver ideia de inclusão ⇨ o verbo concordará com ambos os núcleos

c) Se houver ideia de retificação ⇨ o verbo concordará com o núcleo do sujeito mais próximo

- Toda a empresa está certa de que ele **ou** tu **serás** o novo presidente.

  a partícula indica exclusão

- Guará **ou** Guaratinguetá sempre **foi** uma excelente cidade para o turismo.

  a partícula indica sinonímia

- João Paulo **ou** André **casará** com a filha do prefeito.

  a partícula indica exclusão

- Laranja **ou** abacaxi após o almoço fazem bem à digestão.

  a partícula indica inclusão

  A partícula indica retificação

- O vencedor **ou** vencedores do concurso **ganharão** também uma bolsa de estudos no exterior.

  a partícula indica exclusão

- O Presidente do grupo **ou** os seus vice-diretores terão aumento neste final de ano.

6. Quando o sujeito é formado pela expressão "um ou outro", o verbo da concordância fica obrigatoriamente no singular.

- Você não dá esmolas, mas um ou outro amigo seu **dá**.
- Acredito que uma ou outra camisa lhe **fica** muito bem.
- Para aquele deputado um ou outro ministério lhe **conviria**.

7. Quando o sujeito é formado pelas expressões "Um e outro" ou "Nem um nem outro", embora haja uma preferência para o plural, a concordância pode ser feita tanto no singular quanto no plural.

- Não adianta correr, pois nem um nem outro **escapará** / **escaparão**.
- Um e outro participante da maratona **alegou** / **alegaram** que houve fraude na competiçãc
- Paula e Joana foram reprovadas nos estudos. Nem uma nem outra **quis** / **quiseram** falar sobre o fato.

- Quando ele caiu em campo, um e outro jogador **tentou** / **tentaram** socorrê-lo, mas foi tarde demais.

Lembrete:
"A esta altura do campeonato", convém não esquecer: os verbos que indicam reciprocidade concordam no plural – 3.ª pessoa.

- Nem um nem outro **se cumprimentaram** à porta do evento.
  ↳ verbo indica reciprocidade. O plural é obrigatório.

  verbo indica reciprocidade. O plural é obrigatório. ↲
- Na última sessão, um e outro parlamentar **se esbofetearam** em virtude da não aprovação da medida.

8. Quando os núcleos do sujeito são unidos por "Nem... nem...", o verbo da concordância poderá ficar tanto no singular quanto no plural.

- Nem o Sport nem o Náutico **ganhará / ganharão** o torneio este ano.
- Nem honra, nem desonra, nem alegria, nem tristeza o **faziam** / **fazia** chorar.

⇨ Observação:

Se houver pronomes pessoais indicando pessoais gramaticais diferentes, o verbo da concordância obedecerá à lei da primazia (1.ª pessoa prevalece sobre as demais; 2.ª pessoa prevalece sobre a terceira).

- Nem eu (1.ª) nem tu (2.ª) **iremos** para o show de rock.
  ↳ 1.ª pessoa do plural prevalece

- Nem o tio João (3.ª) nem tu (2.ª) **deixastes** / **deixaram** o dinheiro para eu comprar a comida. Por que isso aconteceu?
  ↳ 2.ª ou 3.ª pessoa do plural prevalece

9. Quando os núcleos do sujeito são unidos pela preposição "COM", o verbo da concordância poderá ficar no singular ou no plural.

- O amigo **com** os seus melhores colegas **foi** / **foram** tomar satisfações com o outro grupo em virtude do ocorrido.
- Ele ficou sabendo que o bandido **com** vários de seus comparsas **tentariam** / **tentaria** invadir a fábrica à noite.
- O empresariado brasileiro **com** toda a sua assessoria **poderá** / **poderão** perceber a qualquer momento que a economia não vai bem.

⇨ Observação:

Lembre-se de que se o verbo anteceder ao sujeito, ele só poderá concordar com o núcleo mais próximo.

- A nova diretora **com** todos os seus professores **participará** / **participarão** da inauguração do Grêmio acadêmico.
- **Participará** da inauguração do Grêmio acadêmico a nova diretora com todos os seus professores.

10. Quando os núcleos do sujeito vierem unidos pela conjunção "como", embora haja a preferência para o plural, o verbo da concordância poderá ficar no singular ou no plural.

sujeito

- A tarifa de energia elétrica **como** a da água e esgoto **subiu** / **subiram** de preço esta semana.

sujeito

- A criança **como** o adulto só **aprende** / **aprendem** na vida quando se está diante de uma dificuldade.

11. Quando os núcleos do sujeito vierem ligados por conjunções correlatas (Não só... mas também; Não só... bem como; Não só... mas também; Tanto... quanto; Tanto... como etc.), o verbo irá para o plural.

Sujeito

- Não só o Ministro da fazenda, mas também todo o seu séquito irão participar da inauguração das obras.

- Tanto a moça quanto o seu pai homenagearão os professores do curso.
  Sujeito

⇨ Observação:

Há gramáticos que também admitem, para este caso, a concordância no singular. Para estas correlações aditivas – as quais literalmente indicam soma, adição, acréscimo – parece-nos mais lógica, entretanto, a concordância apenas no plural.

- Tanto o leite quanto o pão **subiu** / ou / subiram de preço
- Não só o amigo mais íntimo como também toda a parentela **foi** / ou / **foram** visitá-lo na enfermidade.

> **Ufa!! Quanta regra, hein??!!** Sugiro que descanse um pouco antes de iniciar a próxima etapa. Nossa missão será estudar um verbo que, por suas características, possui uma concordância toda especial, toda particular: o verbo SER. O assunto não é difícil e não são muitas as regras. Mantenha a calma! Continue firme!

5.1.5 CONCORDÂNCIA DO VERBO "SER"

O verbo "SER" é, como já disse, um verbo especial. Para a gramática normativa ele é considerado, quando empregado na função de verbo de ligação, um verbo desprovido de significado, não nocional. Em virtude desse esvaziamento semântico e da busca por uma melhor eufonia, em muitos casos o verbo SER deixará de concordar com o seu sujeito e passará a concordar com o seu predicativo. Observe agora as regras mais comuns para o emprego correto desse verbo:

1. **Quando o sujeito é representado pelos pronomes neutros "tudo, isto, aquilo, o", o verbo SER pode concordar tanto com o seu sujeito quanto com o seu predicativo:**

- Como se sabe, nem tudo na vida **é / são** flores.
- **O** que ele mais admira em você **é / são** seus belos olhos verdes.

2. **Quando o sujeito é formado por um substantivo e o predicativo também é um substantivo, ambos indicando coisas, o verbo SER poderá concordar tanto com o sujeito quanto com o predicativo:**

- A maior parte de todo o problema **era / eram** fricotes da moça.
- A cama dele sempre **foi / foram** restos de jornais velhos.
- 20% dos alunos **foi / foram** o número escolhido para representar a escola nos jogos municipais.

3. **Quando o sujeito for representado por uma pessoa – sujeito personativo –, o verbo SER deverá obrigatoriamente concordar com este sujeito.**

- **Milena era** as alegrias de toda a família.
- A **criancinha** doente **é** as preocupações de seus pais.
- O **deputado foi** só alegrias quando soube que não ia ser cassado.

4. **Quando o verbo SER fizer parte de uma expressão que indica quantidade (peso, medida, preço), ele sempre ficará no singular.**

- Duzentos gramas de presunto **é pouco** para a lasanha.
- Dez mil reais **fora** o bastante para ele comprar um bom automóvel.
- As quarenta árvores plantadas **foi** muito para quem só dispõe de dois hectares de terras inférteis.

5. **Quando o sujeito ou o predicativo é representado por um pronome do caso reto, o verbo SER obrigatoriamente concorda com esse pronome.**

- **Ele** sempre **foi** os olhos da família.
- Nesta terra, o chefe **sois vós**.

- Neste setor da empresa, os responsáveis **somos nós**.
- Eles sabem que **eu serei** os pilares da organização.

⇨ Observação:

Se tanto o sujeito quanto o predicativo forem representados por pronomes do caso reto, o verbo SER concordará obrigatoriamente com o sujeito. Veja:

- Já falei que **eu** não **sou** ele.
- **Nós**, meu senhor, não **somos** eles.

6. Quando o verbo SER fizer parte de locuções que indiquem tempo ou distância, ele obrigatoriamente concordará, embora seja impessoal, com a expressão numérica que acompanhar tais locuções:

- Entre 1964 e 1985 **foram vinte e um** anos de muita repressão.
- Já **devem ser**, pela posição do sol, **umas cinco horas** da tarde.
- **É meio-dia e meia** na cidade de São Paulo e o sol ainda não apareceu.
- Hoje **são dezesseis** de abril.

⇨ Observação:

Neste último exemplo também é lícita a concordância “Hoje é dezesseis de abril”, fazendo o verbo concordar com a palavra implícita “dia”. É óbvio que, se a palavra “dia” vier expressa na frase, o verbo obrigatoriamente concordará com ela. Veja:

- Hoje **é dia** dezesseis de abril.

7. Quando o verbo SER fizer parte da locução expletiva ou de realce “É QUE”, ele permanecerá invariável.

- **É** nas horas difíceis **que** se conhecem os verdadeiros amigos.
- Na realidade os homens **é que** deveriam se amar mais uns aos outros.

8. Quando o sujeito é formado por um pronome interrogativo QUE ou QUEM, o verbo SER concorda obrigatoriamente com o seu predicativo.

- Quem **foram os culpados** por esta desordem?
- Que **horas são** agora, por favor?
- Que **poderiam ser aquelas luzes** ao longe?

Puxa!!! Você conseguiu chegar até aqui!! Parabéns!! Só faltam mais algumas regras para terminar o assunto "concordância verbal". Não desista!! Nossa próxima incumbência será entender a concordância com o sujeito oracional.

5.1.6 A CONCORDÂNCIA COM O SUJEITO ORACIONAL

Um dos pontos bastante explorados pelas bancas examinadoras é a concordância com o sujeito oracional. Acompanhe o desenvolvimento a seguir:

- **São** fundamentais **as assinaturas dos sócios no contrato**.
  Verbo concorda com o sujeito — sujeito simples
- **É** fundamental **que os sócios assinem o contrato**.
  Verbo concorda na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional

Regra geral: O verbo sempre concordará na terceira pessoa do singular com o sujeito oracional.

Observe outros exemplos em que foi feito esse tipo de desdobramento (transformação do período simples em período composto com a formação de um sujeito oracional):

- Foram necessárias todas aquelas mudanças. (período simples)
  sujeito simples
  - Foi necessário **que se fizessem todas aquelas mudanças**. (período composto)
    sujeito oracional

- Espera-se o retorno dele o mais breve possível.
  sujeito simples
  - Espera-se **que ele retorne o mais breve possível**.
    sujeito oracional

- Foi anunciada a construção de uma nova ponte para a nossa cidade.
  sujeito simples
  - Foi anunciado **que uma nova ponte seria construída em nossa cidade**.
    sujeito oracional

⇨ Observação:

Lembre-se de que, em português, os infinitivos e as orações representam o número singular e o gênero masculino. Por isso, o sujeito oracional – que não passa de uma oração que exerce a função sintática de sujeito – exige o verbo da concordância no singular. Ademais, se houver algum adjetivo, este irá para o masculino. Observe, no exemplo abaixo, que o adjetivo participial "considerada" não está concordando com o sujeito oracional.

- "**Vencer a sujeição ao acaso** pode ser **considerada** uma das errôneas preocupações d pensamento filosófico inaugurado na Grécia." (ESAF)

Corrija-se para...

- "Vencer a sujeição ao acaso pode ser **considerado** uma das errôneas..."

Como você já está mais familiarizado com o sujeito oracional, vamos abaixo listar as formas como o sujeito oracional se apresenta.

1.ª FORMA

O sujeito oracional é a oração subordinada substantiva subjetiva, desenvolvida e introduzida, geralmente, pelas conjunções integrantes "que" e "se". Observe os exemplos:

- **É** muito difícil **que se cumpram os propósitos** que, invariavelmente, se formulam a cada início de ano.

- Não se **admite** **que hajam nascido, em quaisquer outras espécies, seres capazes de compor sinfonias**.

- É imprescindível **que se cumpram os acordos firmados em relação à oferta de energia e aos preços adequados, e que se atenda ao aumento da demanda**.
- Urge **que sejam definidas as metas de oferta de energia em quantidade suficiente e preço adequado**, para impulsionar o desenvolvimento do país.

⇨ Observação:

O importante não é apenas identificar o sujeito oracional. Acima de tudo, é essencial perceber que o verbo (destacado em cor laranja) concorda na 3.ª pessoa do singular com o sujeito oracional.

2.ª FORMA

O sujeito oracional manifesta-se por meio de uma estrutura proverbial ou de uma assertiva categórica, introduzidas pelo pronome relativo condensado "QUEM", que equivalerá a "AQUELE QUE". Observe os exemplos abaixo:

- **Quem canta** seus males espanta.
  sujeito oracional para o verbo "espantar"
- **Quem com porcos se mistura** farelo come.
  sujeito oracional para o verbo "comer"
- **Quem com ferro fere** com ferro será ferido.
  sujeito oracional para a locução da voz passiva "será ferido"
- Como obterá aprovação em um concurso público **quem nunca estudou com seriedade**?
  sujeito oracional para o verbo "obter"
- **Quem quiser conhecer os detalhes da vida** estude Filosofia.
  sujeito oracional para o verbo "estudar"

⇨ Observação:

Mais uma vez fique atento à concordância dos verbos "espantar, comer, ferir, obter e estudar", usados nos exemplos acima. Veja que todos estão flexionados na 3.ª pessoa do singular para concordar com seus respectivos sujeitos oracionais.

> Conselho de amigo: Fique muito atento!! O próximo caso é um dos mais explorados nos concursos públicos.

3.ª FORMA

O sujeito oracional é a oração subordinada substantiva subjetiva, reduzida de infinitivo. Observe os exemplos abaixo (destacamos o verbo – que concorda na 3.ª pessoa do singular – e o sujeito oracional):

- Não **convém** aos novos formandos em Direito **agir de forma contrária à Lei**.
  verbo na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional – oração reduzida de infinitivo

- Caso não nos **ocorresse**, naquelas horas, **buscar o auxílio de um guia**, jamais teríamos encontrado o caminho.
  verbo na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional

- Não **compete** aos historiadores **exercer a mera função de arquivistas públicos**.
  verbo na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional

- Não **aprouvesse** aos homens **criar instituições**, certamente viveríamos sob o signo da barbárie.
  verbo na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional

- Em muitos prédios do centro, ainda **resta**, nos andares mais altos, **vender muitas unidades**.
  verbo na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional

- **Faltava** **dar os últimos retoques** para que a festa ficasse pronta.
  verbo na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional

- Quanto aos nossos vizinhos, **cabe**-nos **reconhecê-los como nossos semelhantes**, pois, como nós, são seres únicos.
  verbo na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional

- Muitas pessoas, achando que não lhes **basta** **ouvir os apelos da vocação**, valorizam as vantagens pecuniárias de uma profissão.
  verbo na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional

- Em geral não nos **apetece** **enfrentar os contornos duros do nosso rosto verdadeiro**, mais desconfortáveis que os do construído.
  verbo na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional

Aviso aos navegantes: O próximo caso será um pouco complicado. Sugiro que pare um pouco e descanse a mente (5 minutos é o bastante!). Estude mais de uma vez o caso abaixo; se não entender, consulte o seu professor, o seu orientador.

4.ª FORMA

O sujeito oracional é a oração subordinada substantiva subjetiva, reduzida de infinitivo, e que se encontra posposta e apresenta transitividade incompleta (geralmente o infinitivo é transitivo direto com objeto direto no plural). Observe o exemplo abaixo (destacamos o sujeito oracional em cor laranja):

- Os documentos **que** era preciso **encontrar** resolveriam o problema.

Observe a construção...

1.ª oração: Os documentos resolveriam o problema.

2.ª oração: que (os documentos) encontrar → sujeito oracional para a 3.ª oração

3.ª oração: era preciso

Algumas considerações sobre o exemplo acima:

a) Observe que o pronome relativo "que" é o objeto direto do verbo "encontrar". Como o relativo se refere a "Os documentos", teremos, então: "encontrar os documentos".

b) O verbo "ser" em "era preciso" concorda com o seu sujeito oracional "encontrar os documentos". Logo, teremos: "Encontrar os documentos era preciso". Ocorre que o termo "os documentos", no exemplo, está representado pelo pronome relativo "que".

Vejamos outros exemplos:

verbo "ser" concorda na 3.ª pessoa do singular

- Os navios **que** é essencial **construir** servirão para a defesa do nosso litoral.

sujeito oracional = que (os navios) construir

- O deputado estava preocupado com os votos **que** lhe convinha **arranjar**.

sujeito oracional = que (os votos) arranjar

- As medidas **que** seria oportuno **decretar** poderiam diminuir as exportações.

sujeito oracional = que (as medidas) decretar

verbo "tentar" concorda na 3.ª pessoa do singular com o sujeito oracional

- Fui de encontro às ações **que** se tentava **implantar**.

sujeito oracional passivo = que (as ações) implantar

verbo "caber" concorda na 3.ª pessoa do singular com o sujeito oracional

- Nunca lhe pesou nas costas a dificuldade das funções **que** lhe cabia **desempenhar**.

sujeito oracional = que (as funções) desempenhar

Observações sobre esse último caso:

a) Perceba que, em todos os exemplos, a função sintática do pronome relativo “que” é definida pelo infinitivo, o qual representa o núcleo do sujeito oracional.

b) Nos grandes concursos, algumas bancas exploram este tipo de sujeito oracional. É preciso ter muito cuidado para não se fazerem confusões. Veja abaixo uma análise errada de um período que apresenta sujeito oracional posposto com verbo transitivo direto e objeto direto no plural:

- As subvenções que **são** lícitas obter do governo atrapalham as importações.
  O sujeito do verbo “ser” é a oração “que (as subvenções) obter do governo”

Logo, é preciso corrigir o período acima para...

- As subvenções **que** é lícito **obter do governo** atrapalham as importações.

5.1.7 CONCORDÂNCIA DO VERBO “PARECER”

Outro caso bastante interessante diz respeito à concordância do verbo “parecer”. Isto porque este verbo tem o condão de tanto poder funcionar como verbo auxiliar em uma locução verbal quanto de aparecer como verbo independente, geralmente empregado como intransitivo. Vejamos:

- Maria **está** doente. ➡ Maria **parece** doente.
  Verbo de ligação — verbo de ligação

- Maria **deve estar** doente.
  Locução verbal

- Maria **parece estar** doente.
  - Maria estar doente PARECE.
    (Período composto. Verbos independentes.)
  - Maria parece estar doente.
    (Período simples. Locução verbal “parecer + estar”).

A partir desses primeiros exemplos, chegamos a uma regra:

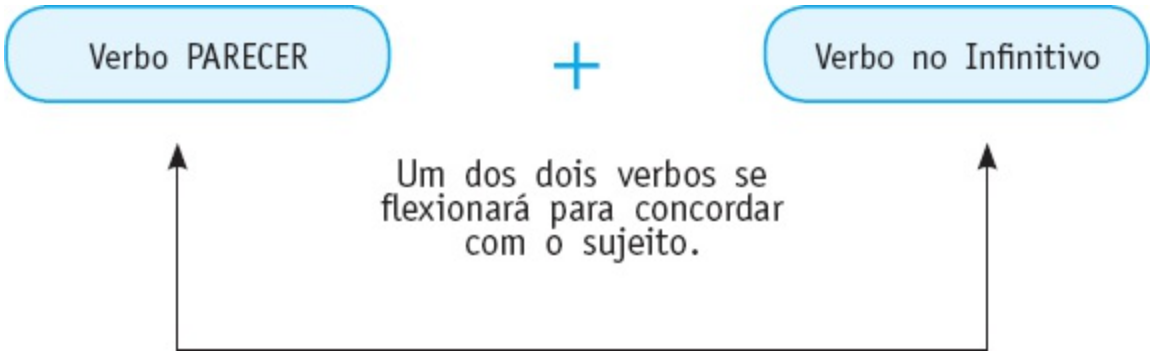

Outros exemplos:

a)

- As estrelas **parecem brilhar**. (Período simples. Locução verbal. Sujeito simples: “As estrelas”.)

OU

- As estrelas **parece brilharem**. (Período composto. Verbos independentes. Sujeito do verbo parecer é oracional: “Brilharem as estrelas”.)

b)

- Alguns animais **parecem andar** como os pássaros, saltitando.

OU

- Alguns animais **parece andarem** como os pássaros, saltitando.

c)

- As lágrimas **pareciam** não a **deixar** viver a vida.

OU

- As lágrimas **parecia** não a **deixarem** viver a vida.

⇨ Observação:

A essa mesma regra obedecem os verbos “ver-se” e “ouvir-se” quando são seguidos de um infinitivo.

- Nunca mais **se ouviu** os acordes do hino de Pernambuco **tocarem**.

OU

- Nunca mais **se ouviram** os acordes do hino de Pernambuco **tocar**.

⇨ Observação:

Não se esqueça de que o sujeito oracional nada mais é do que uma oração subordinada substantiva subjetiva.

5.1.8 CONCORDÂNCIA DOS VERBOS “COSTUMAR, PODER, DEVER, PRECISAR”

Um último caso bastante intrigante de concordância se dá com os verbos “costumar, poder, dever, precisar” em construções passivas seguidas de um infinitivo transitivo direto. Tais verbos poderão tanto formar uma locução verbal com o infinitivo como poderão concordar na 3.ª pessoa do singular com o sujeito oracional formado a partir do infinitivo. Observe o diagrama:

VERBOS	PARTÍCULA	INFINITIVO TRANSITIVO DIRETO	NOME NO PLURAL
COSTUMAR PODER DEVER PRECISAR	SE		
Estes verbos poderão se flexionar, formando uma locução verbal com o infinitivo, ou ficar na 3.ª pessoa do singular para concordar com o sujeito oracional.	Funcionará como partícula apassivadora		

Exemplos:

- Em virtude da lei, não se deve / devem comprar produtos pirateados.
- Se se pudesse / pudessem aprovar mais leis em menos tempo, o país cresceria mais rápido.
- No Brasil, costuma-se / costumam-se vender carros usados para as pessoas mais pobres.
- “Concluo que não se **devem** abolir as loterias.” (Machado de Assis)
- “Mas a V. Ex.ª **pode**-se dizer estas cousas, porque pertence à elite: a desgraça de Portugal é a falta de gente.” (Eça de Queiroz)

Chegamos ao final!! Agora é o momento de praticar. Procure resolver todos os exercícios abaixo.

5.1.9 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

Concordância Verbal

1. (UM-SP) Já ... muitos anos que se alteraram algumas regras de acentuação, mas ...

muitas pessoas que ainda ... ao grafar certas palavras.

a) deve fazer, há, hesitam.
b) devem fazer, tem, excitam.
c) deve fazerem, há, hesita.
d) deve fazer, tem, hesitam.
e) fazem, há, excitam.

2. (FCMSC-SP) Aponte a concordância menos aceitável.

a) Isto são sintomas menos sérios.
b) Aquilo são lembranças de um triste passado.
c) Paula foi os sonhos de toda a família.
d) Aquela jovem tinha duas personalidades.
e) Pedrinho eram as preocupações da família.

3. (TRF 5ª Região – Analista Judiciário – Judiciária) As normas de concordância verbal estão plenamente observadas na frase:

a) O que há de mais terrível nas cenas de violência transmitidas pela TV estão nas reações de indiferença de alguns espectadores.
b) Não se devem responder aos sacrifícios humanos com o cinismo de quem se julga superior.
c) Não se levante contra o pessimista as acusações de imobilismo moral e inconsequência política.
d) Ainda que não houvessem outras razões, o surdo idealismo dos pessimistas bastari para os aceitarmos.
e) Os otimistas não julguem os pessimistas, nem estes àqueles, pois ambos convergem para alguma forma de idealismo.

4. (PUC-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que a concordância verbal esteja correta.

a) Discutiu-se a semana toda os acordos que têm de ser assinados nos próximos dias
b) Poderá haver novas reuniões, mas eles discutem agora sobre que produtos recairão, a partir de janeiro, a taxa de exportação.
c) Entre os dois diretores deveria existir sérias divergências, pois a maior parte dos funcionários nunca os tinha visto juntos.
d) Faltava ainda dez votos, e já se comemoravam os resultados.

e) Eles hão de decidir ainda hoje, pois faz mais de dez horas que estão reunidos naquela sala.

5. (UEL-PR) Já ... uns doze anos que ele não voltava à terra natal, por isso não sabia que lá ... ocorrido mudanças.

a) deviam fazerem, havia.
b) devia fazer, haviam.
c) devia fazer, havia.
d) deviam fazer, haviam.
e) deviam fazer, havia.

6. (FCC – TRT 23ª Região – Analista Judiciário) Quanto às normas de concordância verba a frase inteiramente correta é:

a) Mais gente, assim como o fez a juíza brasileira, deveriam ponderar as sábias palavras que escolheu Disraeli para convocar a ação dos justos.
b) A muitas pessoas incomodam reconhecer que sua omissão diante da barbárie as torna cúmplices silenciosas dos contraventores e criminosos.
c) É comum calarmos diante dos descalabros a que costumam dar destaque o noticiário da imprensa, e acabamos, assim, por consenti-los.
d) Quando não se opõem à ação do homem acanalhado, quando ocorre essa grave omissão, os homens justos deixam de fazer valer seu peso político.
e) Se tivessem havido firmes reações aos descalabros dos canalhas, estes não desfrutariam, com sua falta de escrúpulo, de um caminho já aplainado.

7. (UM-SP) Assinale a oração em que o verbo ***não*** concorda em número e pessoa com o sujeito, ferindo os princípios da concordância.

a) Faltam ainda alguns passos seguros para a aquisição de uma vida pacífica.
b) Existem criações sensatas capazes de superar até as mais espantosas maldades.
c) As desilusões que a perturbam hoje já passaram alguns dias comigo.
d) De sinceras intenções, as pessoas estão saturadas.
e) Exatamente irreais, suas palavras só contem valores supérfluos.

8. (ESAF – AFT) Assinale a opção que corresponde a palavra ou expressão destacada no texto abaixo que foi empregada de acordo com as regras de concordância.

Como nunca antes, a ordem e a cultura do capital mostram inequivocamente o seu rosto inumano, revelam a lógica perversa que as(1) dominam(2) internamente e que,

antes, podiam ser escamoteadas(3) a pretexto do confronto com o socialismo: criam, por um lado, grande riqueza e concentração de poder à custa da devastação da natureza, da exaustão da força de trabalho e de uma estarrecedora pobreza. A utilização crescente da informatização e da robotização criam(4), ao dispensar o trabalho humano, os desempregados estruturais, hoje, totalmente descartáveis. E soma-se(5) aos milhões só nos países do Primeiro Mundo.

(Adaptado de Leonardo Boff. *Depois de 500 anos:* que Brasil queremos? Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 41.)

a) (1)
b) (2)
c) (3)
d) (4)
e) (5)

9. (FCC – TRT 23ª Região – Analista Judiciário) O verbo indicado entre parênteses dever flexionar-se numa forma do ***plural*** para preencher de modo correto a lacuna da frase:

a) Se a cada um de nós efetivamente ..... (**perturbar**) os que agem mal, a impunidade seria impossível.
b) .....-se (**dever**) aos homens de ação o aperfeiçoamento estrutural de uma sociedade.
c) Nas palavras dos piores contraventores ..... (**costumar**) haver insolentes alusões à moralidade.
d) Aos bons cidadãos não ..... (**ocorrer**) que os maus contam com o silêncio da sociedade para seguirem sendo o que são.
e) Aqueles de quem não ..... **(advir)** qualquer reação contra os desonestos acabam estimulando a corrupção.

10. (UEL-PR) Acredito que ... muitas enchentes, pois ... fatos que ... afirmá-lo.

a) haverão – ocorre – permitem.
b) haverá – ocorre – permitem.
c) haverá – ocorrem – permitem.
d) haverão – ocorre – permite.
e) haverão – ocorrem – permite.

11. (FCC – TRF 3ª Região – Analista Judiciário) As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na frase:

a) Não se imputem aos adolescentes de hoje a exclusiva responsabilidade pelo fato, lastimável, de aspirarem a tão pouco.

b) A presença maciça, em nossas telas, de tantas ficções, não nos devem fazer crer que sejamos capazes de sonhar mais do que as gerações passadas.

c) Se aos jovens de hoje coubesse sonhar no ritmo das ficções projetadas em nossas telas, múltiplos e ágeis devaneios se processariam.

d) Ficaram como versões melhoradas da nossa vida acomodada de hoje o vestígio do nossos sonhos de ontem.

e) Ao pretender que se mobilize os estudantes para as exigências do mercado de trabalho, o professor de nossas escolas impede-os de sonhar.

12. (FCC – TRF 3ª Região – Analista Judiciário) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do ***plural*** para preencher corretamente a lacuna da frase:

a) Para que não ..... (**restringir**) o sonho de um jovem, as imposições do mercado de trabalho devem ter sua importância relativizada.

b) Seria essencial que nunca ..... (**faltar**) aos adolescentes, mesmo em nossos dias pragmáticos, a liberdade inclusa nos sonhos.

c) Entre as duas hipóteses que ..... (**examinar**), considera o autor que o elemento comum é redução da capacidade de sonhar.

d) Não se ..... (**delegar**) às escolas a missão exclusiva de preparar os jovens para su inserção no mercado de trabalho.

e) É pena que ..... (**faltar**) aos jovens a referência dos sonhos que seus pais já tenhar alimentado em sua época de adolescentes.

13. (ESAF – AFRFB) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado de O Globo. Assinale a opção que apresenta erro de concordância.

a) Para sustentar um crescimento duradouro nos moldes do registrado no ano passado, a economia brasileira precisa se preparar, multiplicando seus investimentos, que, aliás, parecem deslanchar. Mas leva algum tempo até que atinjam a fase de maturação.

b) Nesse período, seria preferível que a economia crescesse em ritmo moderado, na faixa de 4% a 5% ao ano, para evitar pressões indesejáveis sobre os preços ou uma demanda explosiva por importações, o que poderia comprometer em futuro próximo as contas externas do país.

c) O Brasil felizmente tem uma economia de mercado, na qual controles artificiais não funcionam ou causam enormes distorções. As iniciativas de política econômica para se buscar um equilíbrio conjuntural deve, então, se basear nos conhecidos mecanismos de mercado.

d) No caso do Banco Central, o instrumento que tem mais impacto sobre as expectativas de curto prazo, sem dúvida, é a taxa básica de juros, que estabelece um piso para a remuneração dos títulos públicos e, em consequência, para as demais aplicações financeiras e operações de crédito não subsidiado.

e) Se a taxa de juros precisa agir sozinha na busca desse equilíbrio conjuntural, o aperto monetário pode levar os agentes econômicos a reverem seus planos de investimento, e com isso o ajuste se torna mais moroso, sacrificando emprego e renda.

14. (FCC – TRF 3ª Região– Analista Judiciário) Considerando-se as normas de concordância verbal, há uma ***incorreção*** na frase:

a) Tão rápidos quanto os "cliques" das mágicas maquininhas são o prazer e o enfado que caracterizam as modernas sessões de fotografia.

b) Não é de se crer que todos os produtos com alta tecnologia cheguem a se banalizar, já que a banalidade está nas circunstâncias em que se venham a utilizá-los.

c) Não compete nem aos cientistas nem aos produtores responsabilizar-se pelas consequências da utilização do que nos oferecem.

d) Quantos mais inventos haja, mais impulsivos hão de ser nossos desejos de os consumir, como vem sucedendo no caso dos engenhos eletrônicos.

e) Seria de se esperar que se associassem à moderna tecnologia apenas os benefícios reais, que a ela se tributassem tão somente vantagens inequívocas.

15. (Fatec-SP) Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal.

a) Devem haver outras razões para ele ter desistido.

b) Foi então que começou a chegar um pessoal estranho.

c) Queria voltar a estudar, mas faltava-lhe recursos.

d) Não se admitirá exceções.

e) Basta-lhe dois ou três dias para resolver isso.

16. (FCC – Técnico Legislativo – Câmara dos Deputados) A forma verbal de ***singular*** que também poderia ter sido empregada corretamente no ***plural*** está grifada na frase

a) *... a ordem social era imutável...*

b) *... e a Igreja, junto com o poder absolutista, tinha o monopólio da informação.*

c) *... num processo que também gerou a onda de inovação ...*

d) *... quando isso vai de encontro aos interesses da comunidade...*

e) *... em que ela está inserida.*

17. (UFCE-CE) Complete as seguintes frases observando a concordância verbal e, depois, assinale a opção ***certa***.

1. Como ... haver pessoas tão generosas. (poder – imperf. do ind.)

2. ...-se, muito longe, os sinos da igreja. (ouvir – imperf. do ind.)

3. ... muitos anos que ela não vai a festas. (fazer – pres. do ind.)

4. Eles sempre se ... com dignidade. (haver – perf. do ind.)

5. ...-se muitas pessoas dirigindo-se à matriz. (ver – pres. do ind.)

a) podia, ouviam, faz, houveram, veem.

b) podiam, ouvem, fazem, houveram, vêm.

c) podia, ouvia, faz, havia, veem.

d) pôde, ouve, fazem, houveram, veem.

e) n.d.a.

18. (FCC – Metrô/SP – Supervisor de Linha) Tendo em vista as normas de concordância verbal, é preciso ***corrigir*** a seguinte frase:

a) Podiam-se assistir com prazer às danças das chamas na lareira.

b) Mal haviam decorrido alguns minutos, o líder foi para junto da lareira.

c) Na lareira queimavam-se as achas e produzia-se a dança das chamas.

d) Nenhum dos gestos do líder deixava de ser analisado pelo dono da casa.

e) Não escapava ao liderado o sentido dos gestos produzidos pelo líder.

19. (Unibero-SP) Em todas as alternativas, ***exceto*** em uma, o verbo pode ir para o plural o ficar no singular:

a) Mais de uma pessoa (atingir) a meta.

b) Um bando de andorinhas (pousar) no varal.

c) Pequena parte dos cantores (dar) um agudo.

d) Um grande número de maritacas (grasnar).

20. (FCC – PBGÁS/PB) As normas de concordância verbal e nominal estão inteiramente respeitadas na frase:

a) Diante das imagens que na tela se sucede, o usuário de um computador parece hipnotizado.

b) Principais responsáveis pelos primeiros meios de transporte, a tração animal veio a ser substituída pela dos motores.

c) Se fossem mais intensos por serem mais velozes, nossa reflexão e nossa emoção

estariam hoje num invejável patamar.

d) Uma vez que passe a atrair toda a nossa atenção, bons romances e belas peças musicais afastam nossa obsessão pela velocidade.

e) Aos meninos diante das telas não costuma ocorrer que a velocidade que os preocupa acelera também a passagem da infância.

GABARITO

Concordância Verbal

1 – A	2 – E	3 – E
4 – E	5 – B	6 – D
7 – E	8 – A	9 – A
10 – C	11 – C	12 – A
13 – C	14 – B	15 – B
16 – B	17 – A	18 – A
19 – A	20 – E	

5.2 CONCORDÂNCIA NOMINAL

Deixamos para trás a concordância entre o verbo e o seu sujeito. A partir de agora, nossa preocupação será identificar o substantivo e os termos que a ele se referem. Mais uma vez receba meu apoio. Este assunto, à exceção de uma ou outra regra, é bastante fácil. É preciso, entretanto, ficar bastante atento para perceber a quem o termo está se referindo. Nosso sucesso dependerá desse conhecimento. Bons estudos!!

5.2.1 REGRA GERAL

Observe atentamente o exemplo abaixo:

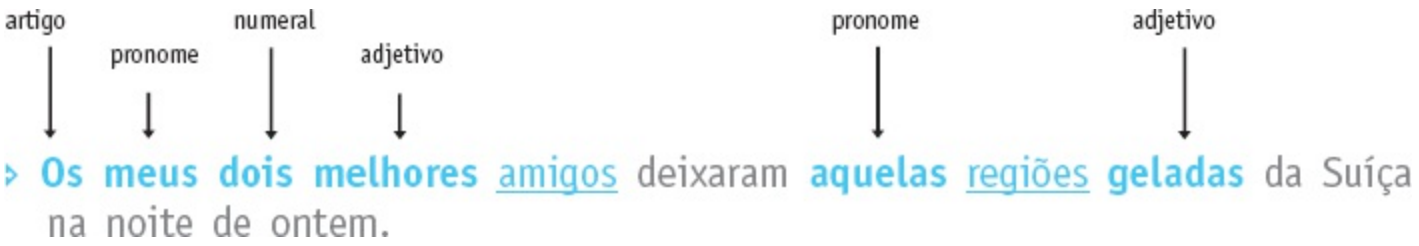

Perceba que os dois substantivos (amigos e regiões) encontram-se cercados por outros termos que se flexionam no gênero e no número dos substantivos. Estamos, portanto, diante da regra geral da concordância nominal:

> O adjetivo, o artigo, o numeral e o pronome adjetivo concordam em gênero e número com o nome a que se referem.

Antes, porém, de iniciarmos as demais regras, convém relembrar:

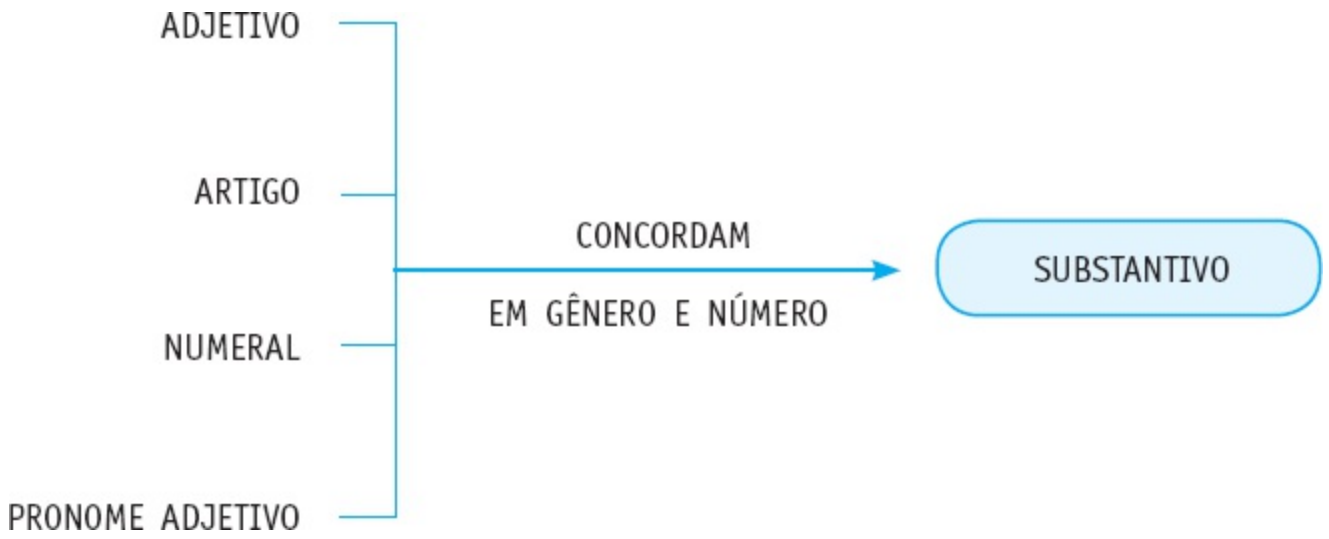

Não se esqueça também da seguinte orientação:

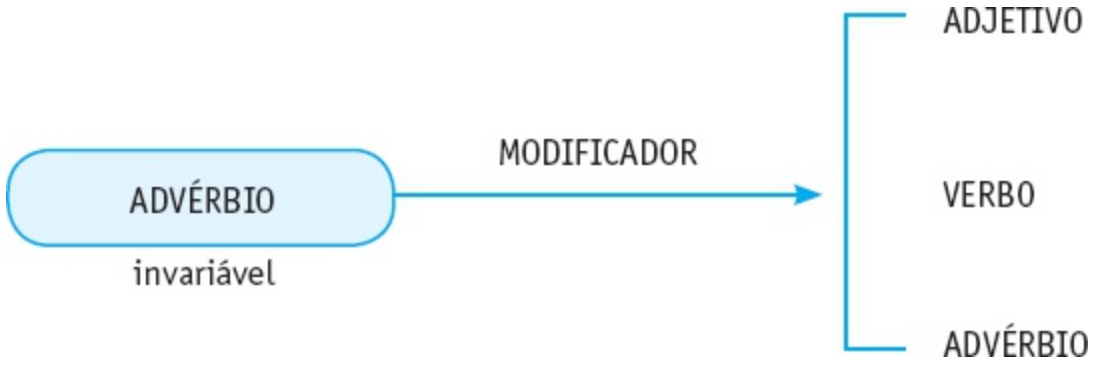

Veja:

- Havia **muito** barulho por causa das pessoas que falavam **muito** alto.
  pronome indefinido — advérbio
- Por sempre andar por **longes** terras sempre morou **longe** de seus familiares.
  adjetivo — advérbio
- Foi considerado o homem **certo** para o cargo porque sempre agiu **certo**.
  adjetivo — advérbio

Logo, nosso cuidado daqui para frente será não confundir um advérbio – classe de palavra invariável – com as classes morfológicas que concordam com o substantivo. Para tanto, observe a quem o termo se refere. Se ele fizer referência a um substantivo, deverá concordar com este; se, por outro lado, ele se referir a um adjetivo, a um verbo ou mesmo a um advérbio, o termo em questão será um advérbio, portanto invariável.

Estudaremos agora as demais regras da concordância nominal. Você perceberá que boa parte das regras diz respeito à concordância do adjetivo. Lembre-se, portanto, de que o adjetivo exerce, basicamente, duas funções sintáticas: adjunto adnominal e predicativo.

5.2.2 PRINCIPAIS CASOS DE CONCORDÂNCIA NOMINAL

1. Com os adjetivos compostos, somente o último elemento varia para concordar com o substantivo a que se refere.

- Ele fez duas intervenções médico-**cirúrgicas**.
- Firmaram dois grandes acordos sino-franco-**lusitanos**.
- As condições sociopolítico-**econômicas** do país não condiziam com os princípios da cultura greco-**latina**.

⇨ Observações:

Lembre-se de que os adjetivos “azul-celeste” e “azul-marinho” são invariáveis.

Já com o adjetivo “surdo-mudo” ambos os elementos variam.

Não se esqueça também de que os adjetivos referentes a cor formados por adjetivo mais um substantivo são invariáveis.

- Compramos duas blusas azul-celeste.
- Falamos com dois surdos-mudos.
- Na formatura, usou duas blusas amarelo-canário.

2. Quando um único adjetivo, na função de adjunto adnominal, refere-se a mais de um substantivo, hão de se observar duas vertentes para a concordância:

a) Se o adjetivo vier anteposto, concordará obrigatoriamente com o substantivo mais próximo:

- Ele possuía **monstruosas** mãos e braços.
- O bufê servia **maravilhosas** tortas e salgados.
- Em sua viagem, passou muitas horas admirando as **magníficas** montanhas e mares do sul.
- **Recuperada** a saúde e o ânimo, ele voltou imediatamente ao seu posto de trabalho.

b) Se o adjetivo vier posposto, poderá concordar tanto com o substantivo mais próximo quanto com os dois substantivos no plural. Neste último caso, se os gêneros dos substantivos forem diferentes, prevalecerá o masculino plural para o adjetivo:

- Após o tsunami, caminhou pelos becos e pelas ruas destruídas / destruídos pela força das águas.
- Em um canto da sala, deixaram um sapato e uma sandália velha. / velhos.
- Ontem à tarde encontrei o aluno e a aluna estudiosa. / estudiosos.
- Divulgará uma notícia e uma nota extraordinária / extraordinárias para relatar o fato à população.

⇨ Observações:

Se, pela lógica, o adjetivo só puder se referir a um substantivo, será com este substantivo que se efetuará a concordância:

- Em sua viagem, alimentou-se de peixe, ovos, saladas e carne **bovina**.
- A cidade sofria por causa do frio e da chuva **torrencial**.

Se o adjetivo, anteposto ou posposto, estiver se referindo a pessoas, obrigatoriamente deverá concordar no plural com ambos os substantivos:

- Ontem assistimos ao show dos **ilustres** Caetano Veloso e Gilberto Gil.

3. Quando, por outro lado, dois ou mais adjetivos estiverem se referindo a um único

substantivo, admitem-se três possibilidades de concordância:

- Sempre estudou profundamente
  - as línguas inglesa, francesa e italiana.
  - a língua inglesa, a francesa e a italiana.
  - a língua inglesa, francesa e italiana.

- Ele analisava todos os dias
  - as leis federal, estadual e municipal.
  - a lei federal, a estadual e a municipal.
  - a lei federal, estadual e municipal.

- Durante os estudos frequentou assiduamente
  - os cursos ginasial e pedagógico.
  - o curso ginasial e o pedagógico.
  - o curso ginasial e pedagógico.

⇨ Observação:

Perceba que, no primeiro caso, o substantivo vai para o plural e omite-se o artigo antes dos adjetivos. No segundo exemplo, o substantivo permanece no singular e coloca-se o artigo a partir do segundo adjetivo. No último exemplo, o substantivo fica no singular e omite-se o artigo dos adjetivos.

4. Quando o adjetivo estiver na função de predicativo de um sujeito composto, há duas possibilidades de concordância:

a) Se vier posposto, o adjetivo concordará obrigatoriamente no plural, prevalecendo o masculino se os gêneros dos substantivos forem diferentes:

- A ideia e o pensamento tornaram-se **obsoletos** em virtude dos novos paradigmas.
- Quase todas as moças e todas as professoras mantiveram-se **caladas** ao longo da apresentação dos meninos.
- Se os prisioneiros e as sentinelas fossem mais **abertos** ao diálogo, os problemas do sistema prisional diminuiriam.

b) Se vier anteposto, o predicativo do sujeito poderá concordar com ambos os núcleos ou com o mais próximo.

- **Jogadas** ao vento estavam as cartas e todos os documentos do escritório.

OU

- **Jogados** ao vento estavam as cartas e todos os documentos do escritório.
- **Satisfeita** com o a situação saiu da sala a secretária e o seu auxiliar.

OU

- **Satisfeitos** com a situação saíram da sala a secretária e o seu auxiliar.
- **Constrangido** por causa do vexame ficou o presidente da empresa e dois dos seus secretários.

OU

- **Constrangidos** por causa do vexame ficaram o presidente da empresa e dois dos seus secretários.

⇨ Observação:

Perceba que a concordância do adjetivo com o núcleo mais próximo exige, se este núcleo estiver no singular, que a concordância verbal também seja feita no singular.

5. Quando o adjetivo estiver na função de predicativo do objeto, devem-se observar as seguintes orientações:

a) O adjetivo predicativo concordará normalmente em gênero e número com o objeto quando este for simples:

- Encontraram todos os documentos do escritório **revirados** pelos bandidos.
- **Abandonadas** à própria sorte, os parentes mais próximos deixaram as filhas de D. Elza.
- Julgaram as moças **incapazes** de exercer o cargo para o qual elas se candidataram.

b) Quando posposto, o adjetivo predicativo concordará no plural e no gênero prevalente com o objeto formado por mais de um núcleo.

- Achou o monarca e a sua esposa **simpáticos**.
- Encontramos o pórtico e a antessala totalmente **sujos** pela poeira do desabamento do prédio vizinho.

- Os funcionários consideram o chefe-de-seção e a sua comitiva **incompetentes**.
- Dois dos reclamantes acusaram a advogada da empresa e o preposto **de omissos e parciais**.

⇨ Observação:

Para facilitar a concordância, transforme os núcleos do objeto direto em um pronome oblíquo átono (o, a, os, as) – observe o gênero de prevalência. Veja:

- Achou o monarca e a sua esposa simpáticos. = Achou-**os** simpáticos.
- Encontramos o pórtico e a antessala totalmente **sujos** pela poeira do desabamento do prédio vizinho. = Encontramo-**los** totalmente **sujos** pela poeira do desabamento do prédio vizinho.
- Os funcionários consideram o chefe-de-seção e a sua comitiva **incompetentes**. = Os funcionários consideram-**nos incompetentes**.
- Dois dos reclamantes acusaram a advogada da empresa e o preposto **de omissos e parciais**. = Dois dos reclamantes acusaram-**nos de omissos e parciais**.

c) Quando anteposto, o adjetivo predicativo do objeto poderá concordar tanto com o núcle mais próximo quanto com todos os núcleos do objeto direto. Neste último caso, deve-se observar, é claro, o gênero prevalente.

- Ao sair, deixe bem fechada / fechados a porta do quarto e os postigos da sala.
- O falecimento da mãe deixou insuportável / insuportáveis o dia e, principalmente, as noites do rapaz.
- Encontrou deitado / deitados no sofá da sala principal o filho e a namorada.

6. Quando o substantivo vem acompanhado de numerais ordinais, ele pode ficar tanto no singular quanto no plural desde que os numerais venham acompanhados de artigo.

- O diretor falou para os alunos da primeira e da segunda série. / séries.
- Escutamos o primeiro e o segundo movimento / movimentos da sinfonia.

- A empresa ocupava o terceiro, o quarto e o quinto andar / andares do edifício.

⇨ Observação:

Se os numerais ordinais vierem desacompanhados de artigo ou se estiverem pospostos, o substantivo obrigatoriamente irá para o plural.

- A empresa ocupava terceiro, quarto e quinto **andares** do edifício.
- A empresa ocupava **os andares** terceiro, quarto e quinto do edifício.

7. O particípio passivo concorda com o seu sujeito passivo em gênero e número.

- Foram **postas** em discussão todas as propostas do novo diretor.
- Novas bolas e alguns enfeites haviam sido **comprados** antecipadamente.
- **Passadas** duas semanas do acidente, eles ainda não estavam recuperados.
- As novas ideias do grupo foram imediatamente **rejeitadas** pelo líder da excursão.

5.2.3 CASOS ESPECIAIS DE CONCORDÂNCIA NOMINAL

1. As palavras "MESMO, PRÓPRIO, LESO, QUITE, OBRIGADO, INCLUSO, ANEXO, QUALQUER" concordam com a palavra a que se referem.

- Elas **próprias** irão resolver o conflito.
- As flores, elas **mesmas** desabrocham para si **próprias**.
- A moça respondeu muito **obrigada**.
- Seguem **anexas** ao processo todas as cópias dos relatórios solicitados.
- Em suas ações, ele cometeu um crime de **lesa**-pátria.
- Todos estavam **quites** com o serviço militar.
- Iam **inclusas** as radiografias que ele tirara numa clínica do interior.

- **Quaisquer** que sejam as suas intenções, nós as rejeitamos antecipadamente.

⇨ Observação:

A expressão “em anexo” é invariável.

2. As palavras “MEIO, BASTANTE, CARO, BARATO, MUITO, POUCO, LONGE” ora funcionam como advérbios – invariáveis, portanto –, ora funcionam como adjetivos, numeral – no caso da palavra “meio” – ou pronomes adjetivos, concordando com o termo a que se referem.

- Paris é uma cidade muito **cara** para quem dispõe de **poucos** recursos.
  adjetivo — pronome adjetivo
- Havia **bastantes** questões **bastante** difíceis na prova de Português.
  pronome adjetivo — advérbio
- Já andei por **longes** terras à procura de um amor que mora **longe**, **muito longe**.
  adjetivo — advérbios
- Aquelas frutas custaram **caro**. Em feira livre, geralmente eu compro frutas **baratas**.
  advérbio — adjetivo
- Segundo Drummond, há portas por que só passam **meias** pessoas.
  numeral
- A mãe permanecia **meio** irrequieta porque o filho ainda não tinha dado notícias.
  advérbio
- **Muitas** pessoas ficaram **meio** irritadas, porque compraram passagens **caras**, mas não embarcaram.
  pronome adjetivo — advérbio — adjetivo
- **Poucas** pessoas conseguem ficar em pé depois que bebem **muito**.
  pronome adjetivo — advérbio
- Já falei **bastantes** vezes que, quando ele falasse, evitasse as **meias** palavras, os **meios** termos.
  pronome adjetivo — numeral — numeral

3. As palavras "MENOS, ALERTA e PSEUDO" são invariáveis. Veja:

- Todos os soldados permaneceram **alerta**.
- Havia **menos** pessoas do que se esperava.
- No exame, encontraram-se bactérias **pseudo**filamentadas.

Não confunda a palavra ALERTA invariável com o substantivo ALERTA. Quando invariável, a palavra ALERTA denota modo, posição, situação. Observe:

- Soaram dois alertas (substantivo) no corpo de bombeiros. Como todos os bombeiros estavam alerta, (palavra invariável) o socorro saiu rápido.

4. A palavra "SÓ" ora funciona como advérbio – invariável – na acepção de "somente, apenas", ora funciona como adjetivo, significando "sozinho". Como adjetivo, concorda com o termo a que se refere.

- Todos permaneceram sós (adjetivo) na sala iluminada.
- Pelo que nós sabemos, ela só (advérbio) vai se for de carro.
- Era só (advérbio) isso que Paula e André esperavam: a família saiu e eles ficaram sós (adjetivo) no apartamento.

⇨ Observação:

A expressão "a sós" é invariável. Significa "sozinho(s), sozinha(s).

- Ele preferiu ficar a sós (expressão invariável) na casa da prima.
- As moças estiveram o tempo todo a sós (expressão invariável) no quarto.

5. Expressões formadas pelo verbo SER mais um ADJETIVO (é bom, é preciso, é proibido, é

permitido, é necessário etc.), obedecem às seguintes regras:

a) Quando o substantivo está empregado em sentido geral, abstrato, não específico – sempre aparece sem artigo, sem determinante – a expressão formada pelo verbo "ser" seguido de um adjetivo permanece invariável.

b) Quando o substantivo vem acompanhado por artigo ou por qualquer outro determinante empregado em sentido específico, não geral, o adjetivo predicativo concorda com o seu sujeito.

adjetivo fica invariável

› Para quem gosta de cinema, é **necessário** presença de filmes nacionais.

substantivo não precedido de artigo ou de determinante

adjetivo fica invariável

› Salsa, segundo os cozinheiros, é **bom** para tempero.

substantivo não precedido de artigo ou de determinante

adjetivo fica invariável

› Na porta se lia o aviso: entrada é **proibido**.

substantivo não precedido de artigo ou de determinante

adjetivo fica invariável

› É **preciso** cautela para abrir um pacote que não lhe pertence.

substantivo não precedido de artigo ou de determinante

adjetivo concorda com o sujeito

› Em muitos países é **proibida** a entrada de cidadãos iraquianos.

substantivo precedido de um determinante

adjetivo concorda com o sujeito

Substantivo precedido de um determinante

› Como você diz que é **proibida** a reflexão sobre a relação entre os homens se reflexões é **necessário** à vida?

adjetivo fica invariável

6. Com as expressões "O MAIS POSSÍVEL / OS MAIS POSSÍVEIS, O MENOS POSSÍVEL / OS MENOS POSSÍVEIS, O PIOR POSSÍVEL / OS PIORES POSSÍVEIS", pode-se deixar o adjetivo e o artigo no singular ou flexionar-se no plural, simultaneamente, o artigo e o adjetivo.

› Eles trouxeram **as mais** geladas cervejas **possíveis**.

- Os argumentos apresentados eram **o mais** inverídicos **possível**.
- Sempre nos recebia com pratos **os** mais requintados **possíveis**.
- Em nossa viagem, passamos por ruas **o mais** esburacadas **possível**.

⇨ Observação:

Há uma terceira possibilidade de concordância em que se deixa apenas a palavra "possível" invariável. O artigo acompanhará o substantivo e o advérbio "mais" ficará posposto a este substantivo. Esta construção é, entretanto, pouco encontrada nos grandes escritores.

- Nós vimos **os** carros **mais** belos **possível** na última feira do automóvel.
- Na casa do tio João, podem-se colher **as** frutas **mais** saborosas **possível**.

7. Com as expressões ALGO DE / NADA DE / POUCO DE / MUITO DE/ UM QUÊ DE / QUE DE o adjetivo que as acompanha poderá tanto concordar com o sujeito quanto ficar invariável.

- Que de tão **sedutor / sedutoras** tinham aquelas garotas?
- As músicas tocadas tinham um quê de **melancólico** / **melancólicas**.
- Nossa vida nada tem de **trágico** / **trágica**.
- Os móveis adquiridos em um brechó pouco tinham de **antigo** / **antigos**.

8. Com a locução pronominal "tal qual", o "tal" concordará com o termo que o antecede enquanto o "qual" concordará com o termo que o sucede.

- Os filhos eram **tais qual** o pai.
- Os gramados da cidade pareciam **tais qual** um grande rio verde.

5.3 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

Concordância Nominal

1. (UM-SP)

I. Os brasileiros somos todos eternos sonhadores.
II. Muito obrigadas! Disseram as moças.
III. Sr. Deputado, V. Ex.ª está enganado.
IV. A pobre senhora ficou meia confusa.
V. São muito estudiosos os alunos e as alunas deste curso.
Há uma concordância inaceitável, de acordo com a gramática normativa:

a) em I e II.
b) em II, III e V.
c) apenas em II.
d) apenas em III.
e) apenas em IV.

2. (F. Cásper Liberto-SP) Faça a concordância.

"V.A. ... hoje, pois ... demais, caro Príncipe."

a) estais cansada, andou.
b) está cansado, andou.
c) estais cansado, andaste.
d) está cansado, andaste.

3. (FMIT-MG) Em todas as frases a concordância se fez corretamente, ***exceto*** em:

a) Os soldados, agora, estão todos atentos.
b) Ela possuía bastante recursos para viajar.
c) As roupas das moças eram as mais belas possíveis.
d) Rosa recebeu o livro e disse: "Muito obrigada".
e) Sairei de São Paulo hoje, ao meio-dia e meia.

4. (UFV-MG) Todas as alternativas abaixo estão corretas quanto à concordância nominal, **exceto***:*

a) Foi acusado de crime de lesa-justiça.
b) As declarações devem seguir anexas ao processo.
c) Eram rapazes os mais elegantes possível.

d) É necessário cautela com os pseudolíderes.

e) Seguiram automóveis, cereais e geladeiras exportados.

5. (UEL-PR) “Ao esforço e à seriedade ... ao estudo é que ... os louvores que ele tem recebido ultimamente.”

a) consagrado, devem ser atribuídos.

b) consagrada, deve ser atribuído.

c) consagrados, devem ser atribuídos.

d) consagradas, deve ser atribuído.

e) consagrados, deve ser atribuído.

6. (UFS-SE) “Já ... 8 horas quando se ... os debates sobre cinema e literatura...”

a) seria – iniciou – brasileira.

b) seria – iniciaram – brasileiras.

c) seria – iniciou – brasileiros.

d) seriam – iniciaram – brasileira.

7. (FCC-SP) Assinale a alternativa em que a concordância verbal e nominal está **correta**.

a) Já é meio-dia e meia; faltam poucos minutos para começar a reunião.

b) Comprei um óculos escuro nesta loja. Consegue-se bons descontos aqui.

c) Vão fazer dez anos que trabalho aqui e ainda é proibido a minha entrada na sala da Diretoria!d) Duzentas gramas de queijo são demais para fazer torta.

e) A gente fomos ao cinema no domingo e lá haviam amigos nossos na fila.

8. (FFCLBH-MG) Em todas as alternativas há problemas de concordância segundo a norr culta da linguagem, **exceto***:*

a) “O embarque de June surpreendeu a maioria das pessoas (aproximadamente 100) que foram ao Aeroporto Internacional do Rio, para a despedida do presidente.” *(Folha de S. Paulo)*

b) Compra-se lotes e casas.

c) “... mesmo assim, ali está a vergonha escancarada da guerra, no quintal de todos que fazem questão de virar o rosto para o outro lado. O problema é este: não há o outro lado quando se domina as novas tecnologias.” *(Folha de S. Paulo)*

d) É proibido a entrada de menores de 18 anos em motéis.

9. (Unisinos-RS) O caso de concordância nominal ***inaceitável*** aparece em:

a) Nunca houve divergências entre mim e ti.
b) Ela tinha o corpo e o rosto arranhados.
c) Recebeu o cravo e a rosa perfumado.
d) Tinha vãs esperanças e temores.
e) É necessário certeza.

10. (UFPel-RS) A alternativa em que são atendidas as normas de concordância da língua culta é:

a) Precisamos ser benevolentes para com nós mesmos.
b) Já tinham bastante motivos para voltar para casa.
c) Que houvesse ou não existido opiniões contraditórias não nos interessava naquele momento.
d) Sr. Ministro, V. Ex.ª sereis recebido com grande entusiasmo pela população.
e) Surgiu, na escuridão da noite, dois vultos enormes.

11. (UCS-RS)

a) Já **fazem** tantos anos assim?
b) Acho que **devem fazer** uns dez anos.
c) Vossas Excelências já **podeis** considerar o projeto aprovado.
d) Escolhe tu mesmo o que julgas ser melhor para **teu** futuro.
e) Escolhe você mesmo o que julgas ser melhor para o **teu** futuro.

12. (FEI-SP) Em qual declaração proibitória ocorre **incorreção** gramatical?

a) É proibida a entrada.
b) Proíbe-se a entrada de estranhos.
c) É proibido entrar.
d) A eles, foi-lhes proibida a entrada.
e) Proibir-se-á, fora do expediente, as entradas de todos os funcionários.

13. (UCS-RS) Nas questões que seguem, assinale a alternativa **correta**.

a) Às vezes **era solicitado** alguns trabalhos extraclasse.
b) Às vezes **era solicitados** alguns trabalhos extraclasse.
c) Às vezes **eram solicitados** alguns trabalhos extraclasse.

d) Às vezes **eram solicitados** alguns trabalhos extraclasse.
e) Às vezes **era solicitado** alguns trabalhos extraclasse.

14. (UFSCar-SP) Aponte a alternativa em que a concordância nominal **não** é adequada.

a) Obrigava sua corpulência e exercício e evolução forçada.
b) Obrigava sua corpulência a exercício e evolução forçados.
c) Obrigava sua corpulência a exercício e evolução forçadas.
d) Obrigava sua corpulência a forçado exercício e evolução.
e) Obrigava sua corpulência a forçada evolução e exercício.

15. (PUCC-SP) Assinale a alternativa em que **meio** funciona como advérbio.

a) Fica no meio do quarto.
b) Quero meio quilo.
c) Está meio triste.
d) Achei o meio de encontrar-te.
e) n.d.a.

16. (PUC-SP) Apenas uma alternativa preenche **corretamente** os espaços existentes na sentença abaixo.

"Não foi ... a pesada suspensão que lhe deram, porque você foi o que ... falhas apresentou; podiam ter pensado em outras penalidades mais ...".

a) justo, menas, cabível.
b) justa, menos, cabível.
c) justa, menos, cabíveis.
d) justo, menos, cabível.
e) justo, menas, cabíveis.

17. (ITA-SP) Assinale a alternativa **correta**.

"... muitos anos que compramos um compêndio e uma gramática ... para estudar a língua e a literatura ...".

a) Faz – volumoso – luso-brasileiras.
b) Deve fazer – volumosos – portuguesa.
c) Fazem – volumosos – portuguesa.
d) Devem fazer – volumosa – portuguesa.

e) Faz – volumosas – luso-brasileira.

18. (Fameca-SP) Observe a concordância:

1. Entrada proibida.
2. É proibido entrada.
3. A entrada é proibida.
4. Entrada é proibido.
5. Para quem a entrada é proibido?

a) A número 5 está incorreta.
b) A 4 e 5 estão erradas.
c) A 2 está errada.
d) Todas estão certas.
e) A 2 e 5 estão erradas.

19. (F. Objetivo-SP) Assinale a alternativa gramaticalmente **correta**.

a) O povo brasileiro anseia por uma constituição digna.
b) Era necessário a permanência do médico no hospital.
c) Aconteceu, durante a discussão do processo, graves distúrbios entre os parlamentares.
d) Sua discrição era digna de elogios, pois todos estavam ao par das dificuldades de se manter secreta a negociação.
e) Não mais se lê bons autores naquela escola.

20. (ITA-SP) Dadas as sentenças:

1. Reparem no que o conferencista está dizendo.
2. Devem haver muitas pessoas revoltadas naquele país.
3. Depois do que você me fez, acho que estamos quite.
Deduzimos que:

a) apenas a sentença n.º 1 está correta.
b) apenas a sentença n.º 2 está correta.
c) apenas a sentença n.º 3 está correta.
d) todas estão corretas.
e) n.d.a.

GABARITO

Concordância Nominal

1 – E	2 – B	3 – B
4 – C	5 – C	6 – D
7 – A	8 – A	9 – C
10 – A	11 – D	12 – E
13 – D	14 – C	15 – C
16 – C	17 – B	18 – A
19 – A	20 – A	

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 6

SINTAXE DE REGÊNCIA

Conversando: Ufa!! Creio que você já venceu a etapa da concordância. Se ainda não estudou o assunto "concordância", não se preocupe: pode estudar "regência" sem problemas, pois os assuntos não são interdependentes.

Teremos pela frente mais uma longa missão – entender as relações de dependência estabelecidas entre o verbo e o seu complemento e o nome e o seu complemento. Precisaremos compreender bem não só o aspecto sintático (função sintática), mas também o aspecto semântico (sentido), os quais envolvem as relações regenciais. Não se afobe! Dizem por aí, com frequência, ser o assunto de regência um dos mais difíceis da gramática. Discordo! Não confunda dificuldade com extensão – o nosso assunto é realmente longo, mas não é difícil. No entanto, para entender bem "regência verbal e nominal", você precisará de alguns outros conhecimentos: saber empregar bem os pronomes pessoais oblíquos, saber utilizar os pronomes relativos e, acima de tudo, conhecer "de cor e salteado" o assunto "transitividade verbal". Talvez por necessitar de outros assuntos, a regência tenha ganhado a fama de ser difícil. Portanto, uma sugestão: antes de continuar lendo o conteúdo abaixo, sugiro que revise os assuntos mencionados acima, se existirem dúvidas. E, então, mãos à obra! E não se esqueça de que a vitória é dos que persistem. Vamos lá!

6.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Inicialmente observe atentamente os exemplos abaixo:

› Após a cirurgia, o rapaz mostrava-se **apto** para todas as atividades.
complemento para o adjetivo "apto"

João **pegou** o dinheiro da indenização e **pagou** a todos os seus credores.
complemento para o verbo "pegar" complemento para o verbo "pagar"

Maria tinha grande **devoção** por aquele santo.
Termo regente Termo regido

Sempre **assistia** às apresentações do filho com grande emoção.
Termo regente Termo regido

O pai sempre **assistia** o filho em suas doenças típicas da infância.
Termo regente Termo regido

Observe que alguns complementos são regidos por preposição e outros não. Nos dois últimos exemplos, houve mudança no sentido do verbo. Portanto, é este o objetivo da regência: estudar as relações de dependência estabelecidas entre um verbo ou um nome e os seus respectivos complementos.

6.2 REGÊNCIA VERBAL

Inicialmente vejamos outros exemplos para que possamos chegar a uma conclusão:

Ele **cumpriu** o seu dever. — VTD
Ele **cumpriu** com o seu dever. — VTI
Alteração da transitividade sem alteração do sentido

Deus **perdoa** o pecado. — VTD
Deus **perdoa** ao pecador. — VTI
Deus **perdoa** o pecado ao pecador. — VTDI
Alteração da transitividade sem alteração do sentido

Eles não **procederam** bem na festa. — VI
As ideias deles não **procederam**. — VI
Mesma transitividade, mas sentidos diferentes.

Eles **precisarão** de ajuda para a confecção do bolo. — VTI

Eles não **precisaram** a hora da festa. — VTD
Alteração da transitividade com alteração do sentido

Observando o comportamento dos verbos em suas transitividades, chegamos a uma

conclusão: a regência verbal depende do contexto em que o verbo se encontra.

Uma das perguntas frequentes que recebo em aula é: “Professor, como vou distinguir uma regência da outra? Como saberei se o verbo estará em tal ou qual sentido?” A resposta está na conclusão acima: o contexto. Será o contexto que denunciará o sentido e consequentemente a regência que o verbo adotará.

Estude agora mais algumas informações importantes para facilitar o entendimento sobre este assunto.

a) Lembre-se de que os verbos transitivos diretos exigem um complemento sem auxílio de uma preposição obrigatória e de que o objeto direto é frequentemente representado pelos pronomes oblíquos “o, a, os, as”. Tais pronomes assumirão as formas “lo, la, los, las”, caso o verbo termine em “r, s, z”, letras estas que serão suprimidas. Por outro lado, se o verbo terminar em ditongo nasal, os oblíquos assumirão as formas “no, na, nos, nas”. Veja:

- Ainda não **encontrou** a fórmula adequada. = Ainda não **a** encontrou.
  VTD OD OD
- É fundamental **adquirir** alguns livros novos. = É fundamental adquiri-**los**.
  VTD OD OD
- Ele **traz** o cachorro consigo. = Ele **o** traz consigo.
  VTD OD OD

b) Lembre-se também de que os pronomes oblíquos “me, te, se, nos, vos” podem exerce tanto a função de objeto direto quanto de objeto indireto. A função sintática deles dependerá da transitividade do verbo.

- Ela **me** ama demasiadamente.
  OD VTD
- Ela **me** pediu um grande favor.
  OI VTDI
- Eles **nos** procuraram ontem para fazer-**nos** algumas reclamações.
  OD VTD VTDI OI
- Era importante **te** encontrar ainda hoje.
  OD VTD
- Quero dizer-**te** tanta coisa, meu amor!
  VTDI OI

c) Não se esqueça de que os pronomes oblíquos “lhe, lhes”, quando completam o sentido de um verbo, sempre serão objetos indiretos de verbos transitivos indiretos ou de verbos transitivos diretos e indiretos. O objeto indireto pode ser substituído não só pelos pronomes “lhe, lhes”, mas também pelas formas tônicas “a ele, a ela, a eles, a

elas”.

- Jamais **entregarei** (VTDI) ao comendador (OI) os documentos. = Jamais entregarei os documentos. — lhe / a ele
- Ele **agradeceu** (VTI) aos familiares (OI) pelo apoio. = Ele agradeceu -lhes / a eles pelo apoio.

⇨ Observação:

No dia a dia, muitos são os erros em virtude do emprego inadequado dos oblíquos “lhe, lhes”. Fique atento para não cometê-los. Veja:

- João, há quanto tempo não **lhe** vejo (VTD)! (O verbo “ver” é transitivo direto. **O correto é** “... não o vejo”.)
- Ele **lhe** ama (VTD) muito, Ana Cláudia. (O verbo “amar” é transitivo direto. **O correto é** “Ele a ama muito”.)
- Ontem eu **lhe** procurei (VTD) o dia todo. (O verbo “procurar” é transitivo direto. **O correto é** “Eu o procurei...”.)

d) Cuidado!! À exceção de alguns verbos como “obedecer, desobedecer”, a voz passiva s existe com “verbos transitivos diretos” e “verbos transitivos diretos e indiretos”. Observe:

- Todas as tentações que o cargo propiciava **foram resistidas** por meu pai. (**Construção errada**)

> O verbo “resistir” é transitivo indireto, não admite a voz passiva

- O jogo **está sendo assistido** por mais de um milhão de telespectadores. (**Construção errada**)

> O verbo “assistir” é transitivo indireto, não admite a voz passiva.

Correções:

- Meu pai resistiu a todas as tentações que o cargo propiciava. (Voz ativa)
- Mais de um milhão de telespectadores estão assistindo ao jogo. (Voz ativa)

e) Lembre-se de que o fato de um verbo ser transitivo direto não impede que os nomes cognatos (de mesma raiz) exijam preposição. Portanto, fique atento e não confunda:

- É preciso **combater** a corrupção no Brasil.
  VTD
- É preciso que se aumente o **combate** à corrupção no Brasil.
  Substantivo cognato com preposição
- Todos devem **amar** a Pátria.
  VTD
- O **amor** à Pátria deve ser incondicional.
  Substantivo cognato com preposição
- O fogo **destruiu** todos os barracos da favela.
  VTD
- A **destruição dos** barracos da favela entristeceu a população.
  Substantivo cognato com preposição
- "Começou [Basílio] imediatamente a **louvar** a sua devoção." (Eça de Queiroz)
  VTD
- "... e entoar com ela hinos de **louvor a**o Todo-poderoso." (Bernardo Guimarães)
  Substantivo cognato com preposição
- "Não **compreendi** então aquelas palavras, nem o tom com que foram proferidas." (José de Alencar)
  VTD
- "Mas este outro incidente não é radicalmente necessário à **compreensão do** capítulo passado e **dos** futuros." (Machado de Assis)
  Substantivo cognato com preposição
- "Mme. Brizard não se fartava de **elogiar** a boa qualidade das fazendas." (Aluísio Azevedo)
  VTD
- "Com isso, e repetidos **elogios aos** outros jornalistas, adquiriu ele uma linda reputação." (Lima Barreto)
  Substantivo cognato com preposição

f) Em outras situações, é comum o nome cognato (de mesma raiz) apresentar regência idêntica à do verbo. Observe:

VERBO	NOME COGNATO
ir **a**	ida **a**
chegar **a**	chegada **a**
crer **em**	crente/crença **em**
depender **de**	dependência **de**
intervir **em**	intervenção **em**
cooperar **com**	cooperação **com**
coexistir **com**	coexistência **com**
inserir **em**	inserido/inserção **em**

g) Muitos verbos possuem formas pronominais (conjugadas com o auxílio de um pronome oblíquo) e não pronominais. Cumpre salientar que a forma pronominal, em muitas situações, exige um complemento com preposição. Observe:

VERBO NÃO PRONOMINAL	VERBO PRONOMINAL
aconselhar	aconselhar-se **com**
alegrar	alegrar-se **com**
aproveitar	aproveitar-se **de**
armar	armar-se **de**
carregar	carregar-se **de**
cercar	cercar-se **de**
comunicar	comunicar-se **com**
defender	defender-se **de**, **contra**
esquecer	esquecer-se **de**
lembrar	lembrar-se **de**
limitar	limitar-se **a**
recordar	recordar-se **de**

6.2.1 REGÊNCIA DE ALGUNS VERBOS – CASOS ESPECIAIS

Em seguida você encontrará uma lista, em ordem alfabética, dos mais comuns verbos utilizados na língua portuguesa com suas respectivas particularidades. Procure estudá-los aos poucos. Prossigamos!!

1. Abraçar

Possui as seguintes regências:

a) É verbo transitivo direto no sentido de “cingir, apertar com os braços”.

- A mãe abraçou o filho pequeno por alguns minutos.
- Quando encontrou o amigo, abraçou-o fortemente.

b) É verbo transitivo direto no sentido de “adotar, seguir, escolher”.

- O advogado abraçou a causa com fervor.
- Os povos bárbaros abraçaram o cristianismo.

⇨ **Observação:**

A forma verbal “abraçar-se” é pronominal transitiva indireta e admite as preposições “a, em, com, contra”.

- A filha se abraçou { à / com a / na / contra a } mãe.

2. Agradar

a) É transitivo direto na acepção de “acariciar, acarinhar, fazer carinho”.

- Com as mãos calosas, a mãe agradava o filho.
- Enquanto conversava, a menina agradava o seu cãozinho.

b) É transitivo indireto, exigindo a preposição “a”, na acepção de “satisfazer, contentar, fazer agrado a”.

- Parece que os bares da cidade não agradaram aos turistas.
- As palavras dele não lhe agradaram?

- “Agradava-lhe também muito a vizinhança, aquela doce quietação de subúrbio adormecido ao sol.” (Eça de Queiroz)

3. Agradecer

a) É transitivo direto quando possui objeto direto de “coisa”. Caso o objeto direto seja representado por “pessoa”, este verbo será transitivo indireto exigindo a preposição “a”.

- Agradeci imensamente aos amigos por causa da atenção que me deram.
- Nós agradecemos os presentes aos presentes à festa.
- O diretor da empresa agradeceu o auxílio que recebeu naquela hora difícil.

⇨ Observação:

Seguem essa mesma regência os verbos “pagar” e “perdoar”, estudados mais à frente.

4. Ajudar

a) Com o sentido essencial de “auxiliar, prestar ajuda” é transitivo direto:

- Joana sempre procurou ajudar os mais próximos da família.
- Marcos, não se preocupe, todos vieram ajudá-lo.

b) Se ao verbo “ajudar” seguir-se um infinitivo transitivo precedido da preposição “a”, rege o verbo ajudar um objeto direto ou objeto indireto indiferentemente.

- Eu sempre [o / lhe] ajudei a comprar os produtos de que precisava.
  (comprar: infinitivo transitivo)
- Ajudaram [- nas / - lhes] a guardar as roupas limpas?
  (guardar: infinitivo transitivo)

c) Se, porém, ao verbo “ajudar” seguir-se um infinitivo intransitivo, só poderá o verbo ajudar reger objeto direto.

- Ninguém **o** ajudou a sair do buraco em que caíra.
  (sair: infinitivo intransitivo)
- Se eu **o** ajudar a viver melhor, será que ele me entenderá?
  (viver: infinitivo intransitivo)

5. Aspirar

Apresenta as seguintes regências:

a) É um verbo transitivo direto na acepção de “respirar, sorver ar, inalar.”

- Na sala, aspirava a poeira dos carpetes imundos.
- O perfume que aspiro traz-me boas recordações.
- No período junino, é bom não aspirar a fumaça das fogueiras.

b) É um verbo transitivo indireto exigindo a preposição “a” na acepção de “desejar, pretender, almejar”. Apesar de transitivo indireto, este verbo rejeita os pronomes “lhe, lhes” para o objeto indireto; aceita apenas as formas tônicas analíticas “a ele, a ela, a eles, a elas”.

- Em sua jornada, sempre aspirou **ao cargo** de gerente da empresa. = “... sempre aspirou **a ele**...”.
- A oportunidade **à qual** ele aspirava finalmente chegou.
- Jamais aspirei a estas honrarias. = “Jamais aspirei a elas”.

6. Assistir

Apresenta quatro regências distintas:

a) É verbo transitivo indireto na acepção de “ver, presenciar, estar atento a”. O objeto indireto deve vir encabeçado pela preposição “a”. À semelhança do verbo “aspirar” no sentido de “desejar”, rejeita os oblíquos “lhe, lhes” para o objeto indireto; aceita apenas as formas “a ele, a ela, a eles, a elas”.

- Nunca mais assisti a um bom jogo de futebol. = Nunca mais assisti a ele.
- A missa a que ela assistiu foi rezada pelo Pe. Paulo Campos.
- Ontem assistimos à inauguração da quadra de esportes.

⇨ Observações:

Este verbo, na linguagem coloquial, é quase sempre usado sem a preposição.

- Ontem eu assisti o jogo.
- Eles irão assistir os comícios em uma cidade vizinha.

Mais uma vez não se esqueça de que este verbo, para a linguagem formal – aquela exigida, por exemplo, para os concursos, as comunicações formais –, é transitivo indireto; não aceita a voz passiva e o objeto indireto de terceira pessoa deverá vir sob a forma dos pronomes “a ele, a ela, a eles, a elas”. Veja:

- A aula será à tarde. Foi ótima a alteração, pois eu vou poder assisti-**la**. (Construção errada)

  Corrija-se para...

- A aula será à tarde. Foi ótima a alteração, pois eu vou poder assistir **a ela**.
- O jogo **está sendo assistido** por vários espectadores. (Construção errada. Não admite voz passiva)

  Corrija-se para...

- Vários espectadores estão assistindo ao jogo.

Vale ressaltar também que os verbos “VER, OLHAR, ESPIAR, ESPREITAR, ENXERGAR, OBSERVAR” são transitivos diretos.

- Ontem eu passei a tarde inteira lhe observando. (Construção errada)

  Corrija-se para...

- Ontem eu passei a tarde inteira o / a observando.

b) No sentido de “ajudar, prestar assistência, auxiliar, socorrer” é indistintamente verbo transitivo direto ou verbo transitivo indireto. Como transitivo indireto exige a preposição “a”.

- Durante o resgate, alguns transeuntes assistiram os / aos familiares das vítimas.
- Na cirurgia, ele foi assistido por um dos melhores cirurgiões da capital pernambucana.
- Deus é bom, porque assiste às / as viúvas.

c) Na acepção de “caber, pertencer direito ou obrigação” é um verbo transitivo indireto e exige a preposição “a”.

- Ao dono do estabelecimento não assiste o direito de reclamar dos clientes mais exigentes
- Este é um direito que assiste a todos os consumidores. = Este é um direito que lhes assiste.
- A eles não devem assistir estas novas cláusulas.

d) No sentido de “morar, residir” (regência pouco usual), é um verbo intransitivo. Exige o acompanhamento de um adjunto adverbial encabeçado pela preposição “em”.

- Hoje já não mais assisto no bairro da Boa Vista.
- A cidade em que ele assiste fica a poucos quilômetros da capital.

7. Atender

Possui as seguintes regências:

a) Com o sentido de “dar ou prestar atenção, ser atencioso, cuidar, servir” é indistintamer transitivo direto ou transitivo indireto. Neste último caso, exige a preposição “a”.

- Ele sempre atende os / aos amigos em sua casa de praia.
- O melhor aluno da sala sempre atendia às / as explicações dos professores.
- Dr. João sempre atende o / ao telefone em seu escritório.

b) Quando significa “atentar, concentrar a atenção”, é um verbo transitivo indireto e exige preposições “a”, “em” ou “para”.

- Faleceu porque não atendeu aos sintomas iniciais da doença.
- Ele sempre atendia para os conselhos dos mais velhos.

⇨ Observação:

Se o complemento desse verbo for um pronome oblíquo átono, obrigatoriamente assumirá a regência transitiva direta.

- O presidente atendeu os / aos grevistas.

Mas apenas...

- O presidente atendeu-os.
  VTD

8. Chamar

Apresenta as seguintes regências:

a) No sentido de “mandar vir, convocar” é um verbo transitivo direto.

- O diretor chamou os empregados para uma reunião de urgência.
- Os meninos, chamei-os, mas até agora não vieram.

b) No sentido de “invocar, clamar”, é um verbo transitivo indireto. O objeto indireto requer preposição “por”.

- Nas horas difíceis, ele costuma chamar por Nossa Senhora das Dores.
- Naquele momento, chamei por Ele, e o Senhor Jesus me ouviu.

⇨ Observação:

Alguns autores consideram a preposição “por” como um recurso de ênfase para o objeto direto que, nesse caso, seria preposicionado. Não nos parece a melhor análise, uma vez que o sentido do verbo é diferente da primeira regência (mandar vir, convocar).

c) Já na acepção de “cognominar, apelidar, alcunhar, qualificar, tachar”, será, indistintamente, verbo transitivo direto ou verbo transitivo indireto. Vem sempre acompanhado de um predicativo do objeto que poderá ou não ser encabeçado por uma preposição. Observe as possibilidades de construção a partir de uma informação dada:

- Ninguém disse que ele é mentiroso. —
  - Ninguém o chamou mentiroso.
  - Ninguém o chamou de mentiroso.
  - Ninguém lhe chamou mentiroso
  - Ninguém lhe chamou de mentiroso.
- Na reunião, chamaram-no (de) incompetente.

OU

- Na reunião, chamaram-lhe (de) incompetente.

⇨ Observação:

Esta é a única regência na Língua Portuguesa (verbo “chamar” na acepção de “cognominar, apelidar, tachar”) que admite um predicativo para um objeto indireto.

9. Chegar / Ir / Dirigir-se

Esses verbos possuem regências idênticas:

No sentido de “atingir um determinado lugar, deslocar-se para” são, no padrão formal da língua, verbos intransitivos. Exigem a presença de um adjunto adverbial de lugar introduzido, obrigatoriamente, pela preposição “a”.

- Os três rapazes chegaram a casa totalmente exaustos.
- O aeroporto a que ele chegou estava com vários voos atrasados.
- Aonde devo me dirigir para obter informações?
- Todos devem ir à festa do amigo hoje à noite.

⇨ Observações:

Na linguagem coloquial, os verbos “chegar” e “ir” são usados com a preposição “em”. Ressalte-se que esta construção não se amolda à linguagem padrão, formal.

- Parece que ele foi no banheiro.

Corrija-se para...

- Parece que ele foi ao banheiro.

- Quando chegar em casa, tomarei um banho.

Corrija-se para...

- Quando eu chegar a casa, tomarei um banho.

No emprego diário, usa-se o verbo “ir”, indistintamente, com as preposições “a” ou “para”. Para o padrão formal da língua, entretanto, “ir a” deve ser usado quando se denota a ideia de “lá não se demorar, de não estabelecer lá a residência”. Já a regência “ir para” indica a intenção de “permanência definitiva, de estabelecer-se a residência no local”.

Assemelham-se aos verbos acima os verbos que indicam estaticidade, já que requerem a presença de adjuntos adverbiais. Entretanto, enquanto os verbos de movimento (chegar, ir, dirigir-se) pedem a preposição “a”, os verbos estáticos (morar, residir, habitar, viver etc.) exigem geralmente a preposição “em”. Observe:

- Nunca mais chegou ninguém a esta cidade. (chegar a...)
- Ele reside em uma velha casa. (residir em...)

10. Custar

Apresenta as seguintes regências:

a) No sentido de “ter preço, valor ou custo” é geralmente um verbo intransitivo. É frequent que, nesta regência, ele venha acompanhado de um adjunto adverbial de preço ou de valor.

- A casa custou vinte mil reais.
- Este candelabro custou muito.

b) É um verbo transitivo direto e indireto na acepção de “trazer como consequência, acarretar” é um verbo transitivo direto e indireto.

- A imprudência custou-lhe lágrimas amargas.
- As vitórias custaram ao time meses e meses de treinamento.

c) Já no sentido de “ser custoso, ser difícil” é um verbo transitivo indireto. O sujeito deste verbo, para o padrão formal da língua, será uma oração subordinada subjetiva, reduzida de infinitivo que poderá ou não vir precedida de uma preposição. O objeto indireto requer a preposição “a”. Observe atentamente os exemplos:

- Os antigos custaram a aceitar que o homem foi à lua. (Construção errada)

Corrija-se para...

- **Custou** aos antigos aceitar que o homem foi à lua.
  VTI OI sujeito = oração reduzida

Corrija-se para...

- **Custa** aos alunos entender a regência deste verbo.
  VTI OI sujeito = oração reduzida
- Já pensou em quanto lhe **custaria** estudar vários anos para concurso?
  OI VTI sujeito = oração reduzida

11. Ensinar

Apresenta as seguintes regências:

a) No sentido de “educar, adestrar”, é verbo transitivo direto.

- No colégio, ele sempre ensinou as crianças pequenas.
- Quando os ensinava, fazia o que sabia de melhor.

b) No sentido de “dar instrução a, transmitir conhecimento a”, é um verbo transitivo direto

indireto; o objeto direto deverá ser “de coisa” e objeto indireto “de pessoa”. Este virá precedido pela preposição “a”.

- Sempre ensinou tudo o que sabia aos seus pupilos.
- Nas horas livres, ensinava-lhes composições clássicas.
- “O Vasques ensinava-lhe as declinações latinas, sobretudo a cartilha...” (Eça de Queiroz)

⇨ Observação:

Quando a coisa ensinada vem expressa por meio de um infinitivo precedido da preposição “a”, admitem-se as seguintes construções:

- Durante muito tempo, ensinou -os / -lhes a caminhar com as próprias pernas. (infinitivo precedido da preposição “a”)

12. Esquecer / Lembrar

a) Os verbos “esquecer” e “lembrar” são transitivos diretos na acepção de “sair da lembrança ou vir à lembrança” respectivamente. Nessa acepção, também podem aparecer como transitivos indiretos pronominais (esquecer-se, lembrar-se). O objeto indireto será precedido da preposição “de”.

- Ele ainda não **esqueceu** (VTD) o acidente (OD).

OU

- Ele ainda não **se esqueceu** (VTI) do acidente (OI).

- Não **esqueça** (VTD), meu bem, o meu amor (OD) por você.

OU

- Não **se esqueça** (VTI), meu bem, do meu amor (OI) por você.

- Ele **lembrou** (VTD) o meu aniversário (OD) na última hora.

OU

VTI OI
- Ele **se lembrou** do meu aniversário na última hora.

⇨ Observação:

Quando transitivos indiretos pronominais, o pronome que acompanha o verbo não possui função sintática. Ele é parte integrante do verbo e acompanha o verbo em todas as conjugações.

- Jamais **nos esquecemos** dos conselhos dados por nosso pai.
- Acho que, quando vós **vos lembrardes** das ideias, já estaremos longe daqui.

b) No sentido de "cair no esquecimento" ou "vir à lembrança" estes verbos apresentam um regência culta, literária e pouco usual. O que é objeto direto e indireto nos exemplos acima passa a ser o sujeito. Os verbos "esquecer" e "lembrar" serão usados como transitivos indiretos.

VTI OI SUJEITO
- **Esqueceram**-nos boa parte dos conselhos dados por nosso chefe. (Isto é ➡ Boa parte dos conselhos dados por nosso chefe caíram no nosso esquecimento.)

VTI OI SUJEITO
- No último instante, **lembraram**-me muitas das lições passadas pelo professor de Direito Constitucional.

> **Ufa!!** Chegamos praticamente à metade de nossa lista de verbos. Sugiro que pare um pouco. Descanse alguns minutos (alguns minutos, viu?!?!) e retorne para sua jornada. Vamos lá... mais uma vez!

13. Haver

É, sem dúvida, um dos verbos mais interessantes da língua portuguesa. Várias são as suas regências. Vejamos:

a) O verbo "HAVER" no sentido de "existir, acontecer, ocorrer, realizar-se" é transitivo direto. Não possui sujeito, devendo ficar na terceira pessoa do singular.

- Houve muitos aventureiros naquela cidade. ⇨ (Existiram muitos aventureiros...)
- Quando há tragédias, muitos setores da sociedade se mobilizam. ⇨ (Quando acontecem tragédias...)

- Tem havido muitas invasões a prédios públicos abandonados nos últimos tempos. (Locução verbal ⇨ perceba que o verbo auxiliar também se torna impessoal).
- Não pode haver honestos em terra de corruptos.
- Vai haver muitos inscritos para o Congresso de Direito de Família.
- Por ser noite, não deveria haver tantas crianças presentes no evento.

b) o verbo HAVER no sentido de "passar-se, ter decorrido (tempo)", é um verbo transitivo direto. Nesta acepção ele também é impessoal, ou seja, não possui sujeito e deve, por convenção, ficar na terceira pessoa do singular.

- Havia duas décadas que não ocorria aquele fenômeno.
- Há três horas que eu a espero.

c) O verbo HAVER é um verbo transitivo direto e indireto quando empregado no sentido d OBTER, CONSEGUIR.

- Os rapazes houveram da direção a autorização para o uso da quadra de esportes. (Leia-se: Os rapazes obtiveram / conseguiram da direção a autorização.)
- De quem houveram esses advogados aquelas terras? (Leia-se: Os advogados obtiveram conseguiram aquelas terras de quem?)

Observe que o verbo HAVER, no caso acima e nos demais casos abaixo, flexiona-se normalmente para concordar com o seu sujeito.

d) O verbo HAVER empregado no sentido de "CONSIDERAR, JULGAR" é um verbo transitivo direto.

- A justiça não houve por verdadeira a confissão do réu. (Leia-se: A justiça não considerou...)
- Os professores haviam-no como o melhor da turma. (Leia-se: Os professores julgavam-no...)

e) O verbo HAVER-SE (pronominal) no sentido de "PORTAR-SE, PROCEDER, COMPORTAR-SE, SAIR-SE BEM OU MAL" é intransitivo. Pede acompanhamento de um adjunto adverbial de modo.

- Os candidatos não se houveram bem na prova. (Leia-se: Os candidatos não se saíram bem...)
- A filha do prefeito sempre se havia de modo inconveniente nas festas de que participava. (Leia-se: A filha do prefeito sempre se comportava de modo inconveniente...)

f) O verbo HAVER é também transitivo direto no sentido de “TER, POSSUIR”.

- Hajamos paz e o mundo certamente melhorará. (Leia-se: Tenhamos paz e...)
- Se houvesses mais coragem, agirias de outra forma. (Leia-se: Se tivesses mais coragem...)

g) O verbo HAVER-SE (Pronominal) no sentido de “AJUSTAR CONTAS, ENTENDER-SE, ARRANJAR-SE” apresenta transitividade indireta – exige a preposição “com”:

- Parece que ele já se houve com todos os credores. (Leia-se: Parece que ele já ajustou contas com...)
- Será complicado se tu não te houveres com aqueles que magoaste. (Leia-se: ...se tu não te entenderes...)

h) O verbo HAVER-SE (Pronominal) no sentido de “DEPARAR-SE, LIDAR, TRATAR” é transitivo indireto. Exige a preposição “com”.

- Sempre que chegava ao escritório, havia-se com a secretária do presidente. (Leia-se:... lidava com...)
- Quando estagiava, havia-se com crianças excepcionais. (Leia-se: Quando estagiava, deparava-se com...)

14. Implicar

Este verbo apresenta as seguintes regências:

a) No sentido de “embirrar, ter implicância com”, é transitivo indireto. O objeto indireto exig a preposição “com”.

- Por que implicas tanto com a tua sogra?
- A pessoa com quem ele sempre implicou tornou-se seu chefe.

b) Será um verbo transitivo direto e indireto, exigindo a preposição “em” para o objeto indireto, na acepção de “envolver-se, comprometer-se, enredar-se, emaranhar-se”.

- A CPI dos bingos implicou o ex-ministro em atividades criminosas.
- Implicaram-no em negócios escusos.

c) No sentido de “ocasionar, trazer como consequência, acarretar” consolidou-se como verbo transitivo direto.

- Cuidado, pois suas atitudes podem implicar sua demissão.
- Liberdade sempre implicou responsabilidade.
- Viver sempre implicará correr riscos.

⇨ Observação:

Nesta acepção "ocasionar, trazer como consequência, acarretar", a evolução trouxe uma regência nova "implicar em", resultante da influência de verbos mais ou menos sinônimos, como "importar em", "redundar em", "reverter em" e "resultar em". Além do mais, é uma tendência da língua, como já vimos, repetir (uso pleonástico) a preposição cognata do prefixo (*assistir a, depender de, empregar em, incidir em, incorrer em*). Embora seja combatida por alguns conservadores, esta regência (usando as palavras do professor Rocha Lima) "está ganhando foros de cidade na língua culta". Logo, hoje são plenamente aceitas, como corretas, as construções abaixo:

- Sua forma de jogar implicou em sua dispensa do time.
- "... a dicionarização de um neologismo...implicará em nova ortografia para o termo enquadrado em tal caso." (Caldas Aulete, Dic. Contemp. da Língua Portuguesa)
- "Casamento implica em responsabilidade." (Celso Cunha, Dic. Prático de Regência Verbal)

15. Importar Eis um verbo bastante interessante, porque apresenta várias regências. Vamos estudar as principais:

a) No sentido de "fazer vir (mercadorias), trazer para dentro" é empregado como transitivo direto.

- Os noivos **importaram** óleos e essências naturais para usar durante a lua de mel.
- Neste ano, ainda pretende **importar** inúmeros objetos fabricados na China.
- No próximo ano, **importaremos** mais frutas frescas e menos carne bovina.

b) No sentido de "dar importância, fazer caso" é um verbo pronominal, transitivo indireto (importar-se) e exige comumente a preposição "com" para o seu complemento, embora as preposições "de" ou "em" também possam ser usadas.

- "... mas eu não me **importo** com isso." (Machado de Assis)
- "Lenita, apressada, correu sem se **importar** com os ramos que lhe açoitavam." (Júlio Ribeiro)

c) Já no sentido de “ser importante, útil ou necessário, ter importância” é empregado tant como intransitivo quanto como transitivo indireto com a preposição “a”. Cumpre salientar que, nesse sentido, o sujeito vem geralmente posposto ao verbo; por isso é importante não o confundir com um objeto direto.

- “Que lhe **importavam** os rios? Eram grandes? Pois que fossem...” (Lima Barreto)
  VTI sujeito
- “Decerto, decerto, pouco **importa** que um visionário se diga messias e filho de Deus.” (Eça de Queiroz)
  VI sujeito
- “Isso pouco **importa**; estou agora bem satisfeita.” (Bernardo Guimarães)
  sujeito VI
- “Pouco **importavam** a ela os móveis cobertos de poeira e de fuligem das locomotivas.” (Adolfo Caminha)
  VTI sujeito

d) No sentido de “acarretar, implicar, resultar, trazer como consequência” pode hoje ser usado tanto como transitivo direto quanto como transitivo indireto com a preposição “em”. Esta última regência foi combatida por muitos puristas da língua, mas hoje se consolidou, conforme se percebe nas palavras do mestre Rui Barbosa: “Esta construção [importar em] na língua viva de hoje se estende ao sentido de acarretar.”

- “Sua imprudência **importou** em descrédito pessoal.” (Celso P. Luft – Dic. Prático de Regência)
- “Toda a restrição à publicidade **importa**, logo, em embaraço de circulação.” (Rui Barbosa
- “Mas essa reconciliação **importava** a entrada triunfal do Cavaleiro na quieta casa do Barrolo...” (Camilo C. Branco)

e) Com o sentido de “atingir o custo de, redundar” deve ser empregado como transitivo indireto com a preposição “em” para o seu complemento.

- A construção da casa importou em vários milhões de dólares.
- “O total dos gastos importou em mil reais.” (Dic. Eletrônico Houaiss)

16. Informar (Alertar / Notificar* / Avisar* / Cientificar* / Anunciar*)*

* Seguem a mesma regência do verbo informar.

a) No sentido de “comunicar, dar esclarecimento” é geralmente usado como verbo transiti

direto e indireto. Admite as seguintes construções:

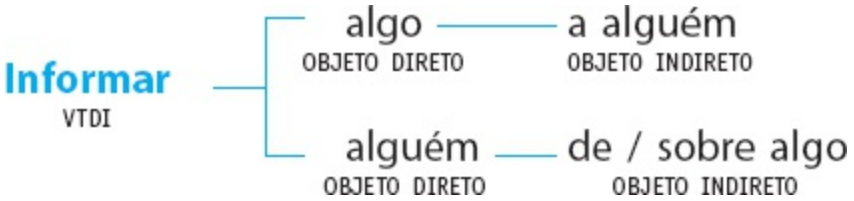

- Nós sempre os informamos sobre os problemas.

OU

- Nós sempre lhes informamos os problemas.
- Avisaram ao dono do estabelecimento ontem à noite o assalto.

OU

- Avisaram o dono do / sobre o assalto.
- Notificaram-lhe que a audiência será na próxima semana.

OU

- Notificaram-no de que a audiência...
- Se ele os alertasse do / sobre o problema, talvez não tivesse tanto prejuízo.
- "Affonso assombrou Villaça anunciando-lhe que decidira vir habitar o Ramalhete!" (Eça de Queiroz)

b) O verbo informar também pode aparecer apenas como transitivo direto na acepção de "dar informações, dar notícias".

- Os jornais são o meio de comunicação que mais **informa** (VTD) o público em geral (OD).

17. Namorar

a) Para a linguagem formal – mais clássica –, este verbo é transitivo direto na acepção de "cortejar, galantear, requestar". Na linguagem mais moderna, entretanto, este verbo tem se consolidado como transitivo indireto, exigindo a preposição "com" para o objeto indireto, à semelhança de "casar, noivar", conforme atestam grandes estudiosos da nossa língua, como os mestres Aurélio Buarque, Antônio Houaiss, Celso Pedro Luft e Antenor Nascentes. Ademais, o substantivo cognato "namoro" admite a preposição "com" para o seu complemento. Por isso, o verbo namorar pode ser usado, modernamente, tanto como transitivo direto quanto como transitivo indireto.

- Havia uma moça em nossa cidade que só namorava os (ou “com os”) rapazes de dinheiro
- A filha do prefeito, o Sr. Joaquim dos Santos namorou-a (ou “com ela”) durante muito tempo.

⇨ Observação:

O verbo “casar” pode ser usado com as seguintes regências:

a) Intransitivo → Maria casou na Europa.

b) Transitivo direto → “Casa o filho quando quiseres, e a filha quando puderes.” (Dito popular)

c) Transitivo indireto com a preposição “com” → Se eu pudesse, eu casaria com Lúcia.

d) Transitivo direto e indireto (pronominal), exigindo a preposição “com” → Ele deve casar se na próxima semana com Maria Joaquina.

18. Necessitar

No sentido de “ter ou sentir necessidade” é indistintamente transitivo direto ou transitivo indireto. Neste último caso, o objeto indireto virá encabeçado pela preposição “de”.

- Ele sempre necessitou da ajuda dos amigos para obter as coisas na vida.

OU

- Ele sempre necessitou a ajuda dos amigos para obter as coisas na vida.
- A ferramenta de que ele necessitou estava com um primo distante.

OU

- A ferramenta que ele precisou estava com um primo distante.

⇨ Observação:

No dia a dia, este verbo tem se consolidado com a regência transitiva indireta “NECESSITAR DE”.

19. Obedecer / Desobedecer

Consolidaram-se em nossa Língua Portuguesa como verbos transitivos indiretos. O objeto indireto requer a preposição “a”.

- Era um grande escritor, pois as palavras sempre lhe obedeciam.
- Nunca desobedeça às regras impostas por seus superiores.
- A pessoa a quem mais ele obedecia era a sua avó.

⇨ Observação:

Embora transitivos indiretos, esses verbos admitem a voz passiva em virtude de seus antigos regimes transitivos diretos.

- Ele era obedecido por todos na empresa.

20. Pagar / Perdoar

Esses verbos possuem uma regência bastante interessante:

a) São transitivos diretos quando o objeto direto é representado por “coisa”.

b) São transitivos indiretos, exigindo a preposição “a” para o objeto indireto, quando este é representado por “pessoa”.

- Sempre **paguei** os meus compromissos em dia. ➡ Sempre **os** paguei em dia.
  VTD — OD de coisa
- Jamais **perdoarei** a sua displicência. ➡ Jamais **a** perdoarei.
  VTD — OD de coisa
- Sempre **paguei** aos meus credores em dia. ➡ Sempre **lhes** paguei em dia.
  VTI — OI de pessoa
- Jamais **perdoarei** a você, Jéssica Roberta. ➡ Jamais **lhe** perdoarei, Jéssica Roberta.
  VTI — OI de pessoa
- Crimes de guerra, como posso perdoá-**los?** ⇨ Aos filhos, sempre se deve perdoar-**lhes**.

c) Também podem ser usados como transitivos diretos e indiretos.

OI VTDI OD
Jamais lhe **perdoarei** aquela falta.

VTDI OD OI
Não **pagarei** um tostão sequer àquele incompetente.

⇨ Observações:

a) Cuidado com esses verbos quando estiverem associados a um "SE". Observe:

Partícula apassivadora
Não se **perdoam** com facilidade erros cometidos propositadamente.
VTD sujeito passivo

Índice de indeterminação do sujeito
Não se **perdoa** com facilidade aos trabalhadores incompetentes e irresponsáveis.
VTI objeto indireto

Sujeito Partícula apassivadora
As contas que ontem pela manhã se **pagaram** já foram remetidas para a contabilidade.
VTD

OI Índice de indeterminação do sujeito
As pessoas às quais ontem pela manhã se **pagou** deixaram a empresa hoje.
VTI

b) O verbo "perdoar" admite a voz passiva.

Eles foram perdoados pelo presidente da empresa.

21. Precisar

Este verbo apresenta duas regências:

a) No sentido de "ter precisão, carecer", tanto pode ser transitivo direto (regência pouco usual) quanto transitivo indireto com a preposição "de".

Nunca mais ele precisou — dinheiro. / de dinheiro.

Quem não tem farinha não precisa — peneira. / de peneira. (Dito popular).

Os livros — que / de que — ele precisava foram emprestados ao filho do Sr. Rubião.

b) É um verbo transitivo direto na acepção de “marcar com precisão, estipular tempo”.

- Os noivos ainda não precisaram a data do casamento.
- O Banco Central ainda não precisou o montante de dinheiro roubado pelos ladrões.

22. Preferir

Apresenta as seguintes regências:

a) Na acepção de “dar preferência ou primazia a, gostar mais de, escolher ou querer ante é transitivo direto e indireto, exige a preposição “a”. Neste sentido, não admite a presença dos termos intensificadores “mais... (do) que...”, por exemplo, já que a própria semântica do verbo, por si só, já indica essa intensificação.

- Aos domingos, Sr. João preferia ficar em casa a ir ao shopping com a família.
- Ele sempre prefere laranja a maçã para o café da manhã.

OU

- Ele sempre prefere a laranja à maçã...
- Quando se trata de estudo, prefiro o dia à noite para fazer qualquer curso.
- Eu prefiro que critiquem a que se mantenham calados, inertes e indiferentes.

⇨ **Observação:**

As construções abaixo são consideradas erradas pela gramática normativa, embora sejam bastante usuais na linguagem cotidiana.

- Prefiro antes comer frutas a beber suco.
- Preferia muito mais estudar do que trabalhar.
- Ele prefere mil vezes arroz com feijão do que macarronada.
- Ele deve preferir correr do que nadar nos finais de semana.

b) Esse verbo também pode ser usado unicamente como transitivo direto também na acepção de “optar, escolher”.

- Entre arroz e macarrão, já disse que prefiro macarrão.
- Ele prefere que todos fiquem até o final da festa.

23. Proceder

Apresenta as seguintes regências:

a) É um verbo intransitivo no sentido de “ter fundamento, mostrar-se verdadeiro”.

- Todas as acusações dela não procediam.
- Como o boato não procedesse, ele foi desconsiderado por todos.

b) É intransitivo na acepção de “comportar-se, portar-se, conduzir-se”. Sempre virá acompanhado de um adjunto adverbial de modo.

- A filha do prefeito não procedeu bem na festa.
- Sr. Joaquim sempre procede com honestidade.

c) É também intransitivo no sentido de “originar-se, provir, derivar”. É sempre acompanhado de um adjunto adverbial de lugar.

- De onde o amigo procede?
- A língua portuguesa procede do latim.

d) É um verbo transitivo indireto, exigindo a preposição “a”, quando empregado no sentido de “dar início, principiar, começar, realizar.”

- O TRE procedeu aos trabalhos de apuração dos votos às 17h.
- O inquérito policial a que ele procedeu perfez 500 páginas.
- A professora procedeu à chamada dos alunos às 14h.

Cuidado com esta última regência do verbo proceder. Observe:

Partícula apassivadora

- **Iniciaram**-se os trabalhos de apuração dos votos.
  VTD — sujeito passivo

Mas...

Índice de indeterminação do sujeito

- **Procedeu**-se aos trabalhos de apuração dos votos.
  VTI — objeto indireto

24. Querer

Apresenta duas regências bastante comuns:

a) No sentido de “ter, possuir, desejar, pretender” é empregado como transitivo direto.

- Ele sempre quis um carro do ano e finalmente conseguiu.
- Manoel sempre queria uma oportunidade a mais, mas não lhe davam.
- Os patrões sempre a queriam de bom humor.

b) É um verbo transitivo indireto, exigindo a preposição “a”, no sentido de “amar, gostar de ter afeto”.

- Ele tinha uma filha a quem muito queria.
- Eu muito lhe quero, minha mãe.
- Eu quero muito bem àquela moça.

25. Responder

Destacam-se as seguintes regências:

a) É transitivo direto e indireto no sentido de responder alguma coisa a alguém:

- Ao ser questionado, respondeu-lhes que aceitaria o contrato sem problemas.
- O professor certamente responderá aos alunos as eventuais dúvidas.
- “Quando perguntei por que motivo ninguém o via há um mês, respondeu-me que estava passando por uma transformação.” (Machado de Assis)

b) É transitivo indireto no sentido de dar a resposta, de responder a uma carta, a uma pergunta, a um questionário etc. Neste caso, exigirá a preposição “a”.

- Responde a todas as perguntas por mais difíceis que sejam.
- Fez-me uma série de perguntas a que não sei responder.
- “Começou São Domingos a levantar as questões, e o demônio ponto por ponto a responder a elas.” (Pe. Antônio Vieira)

26. Simpatizar / Antipatizar

Esses verbos apresentam regências idênticas.

São verbos transitivos indiretos e exigem preposição “com”, significando “ter ou sentir simpatia, agradar-se”. Não são pronominais. Veja:

- Durante muito tempo, ele não simpatizou com o seu chefe.
- A pessoa com quem ele antipatizava foi transferida para outra empresa.
- Se eu simpatizasse com todos os alunos, seria uma professora mais alegre, mais verdadeira.

⇨ Observação:

As construções abaixo são inadmissíveis para o padrão formal, porque tais verbos não são pronominais.

- Ele não se simpatizou com os colegas. (Errado)
- Eu me antipatizei logo com ela. (Errado)

27. Suceder

É um verbo pouco usado, que possui duas regências distintas:

a) É intransitivo no sentido de “ocorrer, acontecer, realizar-se”.

- Durante a festa, sucedeu uma tremenda tromba d’água.
- Sucedeu que o novo governo não baixou os juros como era esperado.

b) É um verbo transitivo indireto na acepção de “seguir-se, sobrevir”. Exige a preposição “ para o objeto indireto.

- João sucedeu a Paulo na direção da empresa.
- Ao labor sucede o descanso.
- O dia sucede à noite.

28. Visar

É um verbo que apresenta várias regências. Veja:

a) É transitivo direto no sentido de “mirar, olhar para”.

- Vise bem o alvo antes de atirar.

- A caça, visei-a com toda a minha precisão.

b) É também um verbo transitivo direto no sentido de “rubricar, pôr o visto”.

- No banco, o gerente costumava não visar os cheques de terceiros.
- A diretora visou os diplomas de todos os formandos.

c) Já no sentido de “desejar, pretender, ter em vista” é largamente usado como transitivo indireto, exigindo a preposição “a”. Como transitivo indireto, rejeita os pronomes “lhe, lhes” para o objeto indireto. Aceita apenas as formas analíticas tônicas “a ele, a ela, a eles, a elas”. Entretanto, nesse sentido (“desejar, pretender, ter em vista”) também pode ser empregado como transitivo direto, embora poucas referências se façam a esta última regência.

- Ele visou acima de tudo o / ao bem de todos os presentes.
- O que eles sempre visaram é o crescimento da empresa.

OU

- Aquilo a que eles sempre visaram é...
- O cargo que / a que ele sempre visou foi preenchido por outro empregado.
- O presidente não visava – / a outro interesse que não fosse o lucro da empresa.

⇨ Observação:

Quando o complemento do verbo “visar” é formado por uma oração reduzida de infinitivo é frequente a supressão da preposição. Veja:

- O contra-ataque visava derrubar as primeiras linhas do exército inimigo.
- Sempre visei alcançar objetivos difíceis para a maioria do povo.

Observação final em relação à regência verbal: Lembre-se de que há uma série de verbos na língua portuguesa que podem ser usados indistintamente como transitivos diretos ou transitivos indiretos sem que isso traga alterações de sentido. Abaixo listamos alguns desses verbos:

a) ABDICAR
- VTD = Ele abdicou o trono em 1890.
- VTI "de" = Ele abdicou do trono em 1890.

b) ALMEJAR
- VTD = Sempre almejou a vaga de gerente.
- VTI "por" = Sempre almejou pela vaga de gerente.

c) ANSIAR
- VTD = Ele anseia a volta do filho.
- VTI "por" = Ele anseia pela volta do filho.

d) ATENDER
- VTD = Ele já atendeu os clientes.
- VTI "a" = Ele já atendeu aos clientes.

e) CONSENTIR
- VTD = Eles consentiram a volta do aluno para a sala.
- VTI "em" = Eles consentiram na volta do aluno para a sala.

f) DEPARAR
- VTD = Deparamos uma bela paisagem em nosso passeio.
- VTI "com" = Deparamos com uma bela paisagem em nosso passeio.

g) GOZAR
- VTD = Todos devem gozar os seus direitos.
- VTI "de" = Todos devem gozar de seus direitos.

h) PRESIDIR
- VTD = Ele presidirá o encontro.
- VTI "a" = Ele presidirá ao encontro.

i) RENUNCIAR
- VTD = Ele renunciou o cargo de diretor.
- VTI "a" = Ele renunciou ao cargo de diretor.

j) SATISFAZER
- VTD = Ele satisfez as exigências.
- VTI "a" = Ele satisfez às exigências.

Outros exemplos:

- "... aquele ente atrofiado pela cobiça e que parecia ter **abdicado** dos seus privilégios e sentimentos de homem..." (Aluísio Azevedo)
- "A República sonhadora do Pacífico abandona, de improviso, os compromissos oriundos

da sua existência autônoma e, **abdicando** a própria altitude política, volve, às recuadas, aos tempos em que ainda não existia." (Euclides da Cunha)

- "Subiu rápido a encosta de onde Roderico **atendia** aos sucessos da batalha." (A. Herculano)
- "Levou a carta do Coronel Carvalho ao deputado, que o **atendeu** muito bem." (Lima Barreto)
- "Mas o fato é que aí estava, que não dormia, e que, pela primeira vez, nos sessenta e sete anos de sua palrada existência, **consentiu** em estar em cena como pessoa muda." (A. Garret)
- "Sofia não **consentiu** que ela as trouxesse." (Machado de Assis)
- "Ó tu, que à mocidade sonhadora
  Do pálido poeta deste flores...
  Se vivi... foi por ti! e de esperança
  De na vida **gozar** de teus amores." (A. de Azevedo)
- "... muito pálida, muito séria, com uma crueldade a reluzir-lhe nos olhos, **gozando** uma alegria de desforra em fustigar aquela carne gorda." (Eça de Queiroz)
- "Outra ocasião **deparou** com o retrato da *cuja.* – "Sim senhor: uma mulher esplêndida! O Luís tinha gosto para mulheres..." (A. Caminha)
- "Além dos serventes de repartições, contínuos de escritórios, podemos **deparar** velhas fabricantes de rendas de bilros, compradores de garrafas vazias..." (Lima Barreto)
- "Enquanto deliberava o parlamento, e era possível conquistar o poder sem compromissos e **presidir** as eleições gerais sem indisposições, ninguém lhe devassou o sigilo." (Rui Barbosa)
- "... outro **preside**, em 1850, ao festim oferecido aos comissários da exposição de 1851, ou à iniciação dos trabalhos de edificação da *Galeria Nacional* em Edimburgo..." (Rui Barbosa)
- "... era também agradecer o restabelecimento de minha mãe, e, visto que digo tudo, fazê lo **renunciar** ao pagamento da minha promessa." (Machado de Assis)
- "... os grandes desprezando as riquezas e vaidades do Mundo; os reis **renunciando** os ceptros e as coroas;..." (Pe. António Vieira)
- "Bentinho há de **satisfazer** os desejos de sua mãe e depois a igreja brasileira tem altos destinos." (Machado de Assis)
- "Entretanto vamos **satisfazer** ao leitor, que há de talvez ter curiosidade de saber onde se meteu o pequeno." (Manuel A. de Almeida)

Ufa!! Misericórdia!! Chegamos ao final do assunto "Regência Verbal". Cansativo, não!!?? Mantenha a calma! E não desanime, pois ainda vamos estudar a regência de alguns nomes. Não se desespere! Lembre-se de que o conhecimento vem aos poucos, mas sempre chega para os persistentes. Leia a relação abaixo mais de uma vez e parta para a resolução dos exercícios. Prossigamos!

6.3 REGÊNCIA NOMINAL

A regência nominal estuda as relações de dependência estabelecidas entre os nomes e os seus complementos. O termo que completa um nome é, por isso, denominado de "complemento nominal".

A complementação de um nome é sempre intermediada por uma preposição. Alguns nomes chegam a aceitar mais de uma preposição, como se verá.

Segue uma lista de substantivos e adjetivos com as respectivas regências:

Acessível **a**	difícil **de**	medo **a, de**
Acostumado **a, com**	digno **de**	misericordioso **com, para como**
Adaptado **a**	entendido **em**	natural **de**
Afável **a, com, para com**	equivalente **a**	necessário **a**
Aflito **com, por**	erudito **em**	negligente **em**
Agradável **a**	escasso **de**	nocivo **a**
Alheio **a, de**	essencial **a**	nocivo **a**
Alienado **de**	estranho **a**	ojeriza **a, por, contra**
Alusão **a**	fácil **de**	paralelo **a**
Amante **de**	falha **de, em**	parco **em, de**
Ambicioso **de**	falta **de**	passível **de**
Analogia **com, entre**	favorável **a**	perito **em**
Análogo **a**	fiel **a**	permissivo **a**
Ansioso **de, para, por**	firme **em**	perpendicular **a**
Apto **a, para**	generoso **com**	pertinaz **em**
Atento **a, em**	grato **a**	possível **de**
Aversão **a, para, por**	hábil **em**	possuído **de**
Ávido **de, por**	habituado **a**	posterior **a**

Benéfico **a**	horror **a**	preferível **a**
Capaz **de, para**	hostil **a**	prejudicial **a**
Certo **de**	idêntico **a**	prestes **a, para**
Compatível **com**	imbuído **em, de**	propenso **a, para**
Compreensível **a**	impossível **de**	propício **a**
Comum **a, de**	impróprio **para**	próximo **a, de**
Constante **de, em**	imune **a, de**	relacionado **com**
Constituído **de, por, com**	incompatível **com**	residente **em**
Contemporâneo **a, de**	inconsequente **com**	responsável **por**
Contíguo **a**	indeciso **em**	rico **de, em**
Contrário **a**	independente **de, em**	seguro **de, em**
Cuidadoso **com**	indiferente **a**	semelhante **a**
Curioso **de, a**	indigno **de**	sensível **a**
Desatento **a**	inepto **para**	sito **em, entre**
Descontente **com**	inerente **a**	suspeito **de, a**
Desejoso **de**	inexorável **a**	transversal **a**
Desfavorável **a**	leal **a**	útil **a, para**
Devoto **a, de**	lento **em**	versado **em**
Diferente **de**	liberal **com**	vizinho **a, de, com**

6.4 O EMPREGO DOS PRONOMES RELATIVOS E AS REGÊNCIAS VERBAL E NOMINAL

Um dos tópicos que mais assustam o estudante da Língua Portuguesa é o emprego dos pronomes relativos. Como se sabe, o pronome relativo substitui um termo da oração, evitando, assim, a repetição enfadonha de vocábulos. No entanto, um problema surge: dependendo da regência do verbo ou do nome com que se esteja trabalhando, o pronome relativo que encabeça a oração adjetiva virá precedido ou não de uma preposição. Logo, estruturas como...

- Os filmes a cujas estreias ele se referiu ontem foram indicados para o Oscar.
- O médico em quem ele mais confia viajou para Europa.
- A ponte sob a qual corriam águas poluídas era pênsil.

Trouxe as frutas de que ele mais gosta.

...causam espanto e muitas vezes indignação a muitos estudantes do português.

Desconhecem, muitas vezes, nossos "aventureiros" do conhecimento que essas construções esdrúxulas nasceram justamente em virtude de uma regência verbal ou nominal.

> Sugiro que você releia e correlacione este assunto com as funções sintáticas dos pronomes relativos.

Antes de darmos mais um passo, relacionarei abaixo os usos dos pronomes relativos. Leia atentamente antes de prosseguir neste ponto.

1. Que ⇨ É denominado de "relativo universal", porque se refere tanto a coisas quanto a pessoas. Seus equivalentes variáveis são "a qual, o qual, as quais, os quais". O relativo "que" só deve ser substituído por outro relativo em casos específicos.
2. Quem ⇨ É denominado de "relativo personativo", pois só se refere a pessoas. Sempr virá precedido de uma preposição.
3. Onde ⇨ É denominado de "relativo locativo", pois só é utilizado para retomar e substituir termos que contenham a noção de "lugar". Equivale a "em que" e variações (na qual, no qual, nas quais, nos quais).
4. O qual, a qual, os quais, as quais ⇨ São os relativos que possuem as variações em gênero e número correspondentes ao pronome relativo "que". Esses relativos devem obrigatoriamente substituir o "que" quando este provocar ambiguidade, for precedido por uma preposição com mais de uma sílaba ou for eufonicamente melhor.
5. Cujo, cuja, cujos, cujas ⇨ São relativos utilizados para substituir termos que expressa noção de posse. Equivalem a "do qual, da qual, dos quais, das quais, seu, sua, seus, suas, dele, dela, deles, delas). Eles retomam um termo antecedente, mas concordam em gênero e número com o substantivo consequente (ou posposto). Não admitem a posposição de artigo e sempre exercem a função sintática de adjunto adnominal.
6. Quanto, quanta, quantos, quantas ⇨ Estas palavras só serão consideradas pronomes relativos quando vierem antecedidas por um dos seguintes pronomes indefinidos "tudo, todo (a), todos (as)":

Continuemos...

Vamos, para facilitar o entendimento, iniciar o nosso estudo construindo períodos compostos por subordinação a partir de dois períodos simples. Não podemos nos esquecer, entretanto, de que se algum nome, verbo ou termo da oração adjetiva (introduzida pelo pronome relativo) exigir preposição, esta será deslocada para preceder o

pronome relativo. Veja:

1. Ele viu um homem. ~~O homem~~ tinha cabelos totalmente brancos.
QUE / O QUAL

Junção dos períodos: Ele viu um homem que tinha cabelos totalmente brancos.

Perceba que o pronome relativo entra no lugar do termo que ele substitui. O artigo não interessa para os pronomes relativos.

2. Ele mora na cidade. Ele trabalha ~~na cidade~~.
ONDE

Junção dos períodos: Ele mora na cidade **onde** trabalha.

Observe que todo o termo "na cidade" foi absorvido pelo pronome relativo "onde". Nessa frase, também estariam corretas as formas "em que" ou "na qual".

3. Comprei um livro. As páginas ~~do livro~~ são todas amarelas.
CUJAS

Junção dos períodos: Comprei um livro **cujas** páginas são todas amarelas.

Observe que o relativo "cujas" substitui toda a relação de posse "do livro". A relação de posse está presa ao substantivo "páginas" que vem antecedido apenas por um artigo, o qual é dispensado pelo relativo.

Observe:

Não se esqueça de que os relativos "cujo, cuja, cujos, cujas" não admitem a posposição de um artigo.

- Comprei um livro cujas **as** páginas são todas amarelas. (Errado)

4. Pedi o prato. Eu gosto muito do ~~prato.~~
DE + ~~O~~ QUE

Junção dos períodos: Pedi o prato de que mais gosto.

Perceba que neste exemplo a preposição "de" obrigatoriamente antecederá o pronome relativo porque ela faz parte da regência do verbo "gostar".

5. A pessoa é o meu pai. Eu dependo muito ~~da pessoa~~.
DE + ~~A~~ QUEM

Junção dos períodos: A pessoa **de quem** mais dependo é meu pai.

A preposição do verbo "depender" acompanhará o pronome relativo.

CONTRA

6. O deputado viajou para a Europa. Eu votei contra ~~as~~ ideias ~~do deputado~~ na última eleição.

CUJAS

Junção dos períodos: O deputado, contra cujas ideias eu votei na última eleição, viajou para a Europa.

A preposição "contra", solicitada pelo verbo "votar" antecede o pronome relativo.

7. A missa foi ministrada pelo Pe. João. Eu assisti ~~à missa~~.

A + ~~A~~ – QUE ou A QUAL

Junção dos períodos: A missa [a que / à qual] eu assisti foi ministrada pelo Pe. João.

8. Encontrei uma mochila velha. Havia cinco moedas de ouro ~~no~~ bolso ~~da mochila velha~~.

EM + ~~O~~ CUJO

Junção dos períodos: Encontrei uma mochila velha em cujo bolso havia cinco moedas de ouro.

9. A estrada foi interditada pela Defesa Social. Nós íamos passar ~~pela estrada~~ em nossa viagem.

POR + QUE

Junção dos períodos: A estrada, por que nós íamos passar em nossa viagem, foi interditada pela Defesa Social.

10. O juiz foi destituído do cargo. Aquele garoto havia ficado sob a tutela ~~do juiz.~~

SOB CUJA

Junção dos períodos: O juiz, sob cuja tutela aquele garoto havia ficado, foi destituído do cargo.

> Não se pode esquecer de que a preposição que é solicitada pela regência de um verbo ou de um nome não pode ser retirada da estrutura oracional. Nos casos acima, a preposição precederá o pronome relativo.

Observe agora alguns **erros** – e suas devidas correções – em construções com os pronomes relativos:

a) A atleta norte-americana, cujo nome o autor não se lembrou, acabou sofrendo um ataq cardíaco.

O verbo “lembrar-se” exige a preposição “de”.

A atleta norte-americana, de cujo nome o autor não se lembrou,....

b) A revelação proporcionou-lhe reflexões profundas através das quais compôs uma argumentação interessante.

Observe que ele compôs uma argumentação “com” as reflexões.

A revelação proporcionou-lhe reflexões profundas com as quais compôs uma argumentação interessante.

) As notícias de que ele fez referências transtornaram aquela pequena cidadezinha do interior.

Perceba que quem “faz referências” sempre as faz “a” alguém.

As notícias a que ele fez referências....

) As peças teatrais que ele ontem assistiu transformaram-lhe o modo de pensar.

O verbo “assistir” exige a preposição “a” neste sentido.

As peças teatrais a que (ou “às quais”) ele ontem assistiu....

) Para Hans Kelsen, de onde se citam vários exemplos, a norma jurídica é o objeto de estudo do Direito.

O antecedente do pronome relativo “onde” não é um “lugar”, mas um nome personativo. Só se emprega o “onde” relativo em referência a lugar.

Para Hans Kelsen, de quem (ou “do qual”) se citam vários exemplos,....

) Não falta aos juristas, a quem contamos para a proposição de leis, conhecimento técnic

O pronome relativo está bem empregado, porém a conjunção que o antecede é inadequada, uma vez que o verbo “contar” exige, neste contexto, a preposição “com”.

Não falta aos jurista, com quem contamos para a proposição de leis,....

) A desonestidade e o egoísmo são defeitos de cujos nenhum contraventor se envergonha

> Emprego inadequado do relativo "cujos", já que não há na estrutura uma relação de "posse". A preposição está correta, pois é solicitada pelo verbo "envergonhar-se".

A desonestidade e o egoísmo são defeitos de que (ou "dos quais") nenhum....

) As fogueiras de que todos testemunhamos nos noticiários da TV constituem um sinal a quem ninguém pode ser insensível.

> Duas orações adjetivas com problemas em suas construções. Na primeira, inexiste a preposição "de" antecedendo o relativo "que", porquanto o verbo "testemunhar" é transitivo direto. Na segunda, emprega-se inadequadamente o relativo "quem" sem antecedente personativo.

As fogueiras que (ou "as quais") todos testemunhamos nos noticiários da TV constituem um sinal a que (ou "ao qual") ninguém pode ser insensível.

6.5 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

Regências Verbal e Nominal

1. (FCC) A frase em que a regência está totalmente de acordo com o padrão culto é:

a) Esperavam encontrar todos os documentos que os estudiosos se apoiaram para descrever a viagem de Colombo.

b) Estavam cientes de que teriam muito a fazer para conseguir os registros de que dependiam.

c) Encontraram-se referências à coerção que marinheiros mais experientes faziam contra os mais novos que trabalhassem mais arduamente.

d) Foram informados que esboços da inóspita região circundada com imensas pedras podiam ser consultados.

e) Havia registro de uma insatisfação em que os insurretos às atitudes arbitrárias de um navegante foram impedidos de lhe inquirir.

2. (FCC) Desde que passou a gozar de um prestígio absoluto, o fator velocidade impôs-se como parâmetro das ações humanas, sobrepondo-se a qualquer outro critério.

Substituem de modo adequado as expressões sublinhadas, respectivamente e sem prejuízo para o sentido da frase acima:

a) desfrutar de um – investiu como – destituindo a
b) a alçar-se num – investiu-se a um – preterindo
c) firmar-se como – determinou-se como – corroborando a
d) favorecer-se de um – consagrou-se a um – eximindo-se de
e) desfrutar de um – firmou-se como – sobrepujando

3. (FCC) *A crescente demanda por produtos agropecuários ...*

Reproduz-se o mesmo tipo de regência que organiza o segmento assinalado acima no trecho também grifado em:

a) *Produzir mais a custos menores ...*
b) *Nos últimos dez anos ...*
c) *Tal desempenho foi considerado inviável ou impossível ...*
d) *Havendo limitada disponibilidade de recursos ...*
e) *O setor agropecuário era estático ...*

4. (FCC) Está correta a forma de **ambos** os elementos sublinhados na frase:

a) Ela não nos disse <u>por que</u> razão tornou-se uma otimista; e se ela tornar ao seu pessimismo, será que nos explicará <u>por quê</u> ?
b) A razão <u>porque</u> muitos se tornam pessimistas está no mundo violento de hoje; <u>por quê</u> outra razão haveriam de se desenganar?
c) "<u>Por que</u> sim": eis como respondem os mais impacientes, quando lhes perguntamos <u>porque</u>, de repente, se tornaram otimistas.
d) Sem mais nem <u>porquê</u>, ele passou a ver o mundo com outros olhos, dizendo que isso aconteceu <u>por que</u> encontrara a verdade na religião.
e) Não sei o <u>por quê</u> do seu pessimismo; <u>porque</u> você não me explica?

5. (FCC) O **New York Times** publicou uma galeria de rostos e nomes, <u>expôs rostos e nomes</u> ao longo de vários números, <u>evocou esses rostos e nomes</u> para que o público não <u>olvidasse esses nomes e rostos</u>.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo- se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) expôs a eles - evocou-lhes - lhes olvidasse

b) expô-los - evocou a eles - olvidasse-os.
c) expôs-lhes - evocou-os - os olvidasse
d) expôs eles - evocou-lhes - olvidasse eles
e) expô-los - evocou-os - os olvidasse

6. (FGV) Assinale a alternativa em que a regência verbal não siga o padrão culto de linguagem.

a) A inscrição no concurso implica a aceitação das normas do edital.
b) Todos os servidores devem obedecer às leis que os regem.
c) Preferiu a poltrona à cadeira.
d) Eu avisei-lhes da necessidade de se revisar o documento.
e) Eles anuíram à decisão.

7. (FCC) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:

a) Há em nosso mundo paisagens belas, <u>em cujas</u> faz bem pousar os olhos.
b) São belas paisagens, <u>cuja</u> sedução nos leva a contemplá-las.
c) Há paisagens <u>aonde</u> nosso olhar se demora prazerosamente.
d) São belezas de um tempo <u>onde</u> o homem não tinha tanta pressa.
e) A reação <u>de que</u> toda beleza nos impõe é a calma da contemplação.

8. (FCC – Metrô/SP – Supervisor de Linha) Ao final do ano vêm as frustrações e, já que não <u>podemos evitar as frustrações</u>, <u>descarregamos essas frustrações</u> nas costas dos outros, <u>atribuindo aos outros</u> a responsabilidade por nossa decepção.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, respectivamente, por:

a) podemos evitar-lhe − descarregamos elas – atribuindo-lhes
b) as podemos evitar – as descarregamos – atribuindo-os
c) as podemos evitar – descarregamo-las – atribuindo-lhes
d) podemos evitá-las – descarregamos-lhes – lhes atribuindo
e) podemos as evitar – as descarregamos – lhes atribuindo

9. (FCC) Está correto o emprego de **ambas** as expressões sublinhadas em:

a) As áreas <u>aonde</u> os homens se concentravam exibiam edifícios <u>em cujos</u> não havia arejamento.
b) Em cortiços de cimento, <u>a que</u> faltavam espaço e arejamento, comprimiam-se

milhões de indivíduos para quem a natureza parecia representar uma ameaça.

c) Esse texto, de cujo o autor era também poeta, promove um típico exercício de imaginação em que muitos autores de ficção são tentados.

d) Os mistérios porque somos atraídos na ficção costumam impressionar os leitores em cujos também não falta a liberdade da imaginação.

e) Os espaços urbanos pelos quais se espanta o imaginário narrador seriam testemunho de uma civilização à qual eram frouxos os laços com a natureza.

10. (FCC) Considere as seguintes frases:

I. É muito restritivo o aspecto da "razoabilidade" dos sonhos, de que o autor do texto analisa no segundo parágrafo.

II. Talvez um dos "dragões" a que se deva dar combate em nossos dias seja o império dos interesses materiais.

III. Os sonhos em cuja perseguição efetivamente nos lançamos podem transformar-se em conquistas objetivas.

Está correto o emprego do elemento sublinhado APENAS em

a) I.

b) II.

c) III.

d) II e III.

e) I e III.

11. (FCC) Devaneios, quem não tem devaneios? Têm devaneios as crianças e os jovens, dão aos devaneios menos crédito os adultos, mas é impossível abolir os devaneios completamente.

Evitam-se as indesejáveis repetições da frase acima substituindo- se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) os tem - Têm-lhes - dão-lhes - abolir-lhes

b) tem eles - Têm-nos - dão-lhes - abolir-lhes

c) os tem - Têm eles - dão-nos - aboli-los

d) tem a eles - Os têm - dão a eles - abolir a eles

e) os tem - Têm-nos - dão-lhes - aboli-los

12. (FCC) Se há iniciativa e astúcia na ação do homem injusto, não há iniciativa e astúcia n bom cidadão que, apesar de indignado, não confere à iniciativa e à astúcia o mesmo valor que o mau reconhece na iniciativa e na astúcia.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os segmentos

sublinhados por, respectivamente,

a) há elas - não as confere - reconhece nelas.
b) as há - não lhes confere - nelas reconhece.
c) as há - não confere-lhes - as reconhece.
d) há as mesmas - não lhes confere - reconhece-lhes.
e) há estas - não as confere - nelas reconhece.

13. (FCC) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:

a) A relação significativa cuja se demonstrou na pesquisa se dá entre o comportament violento e a audiência à TV.
b) A insubordinação básica em que se refere o autor do texto derivaria da insatisfação dos nossos recalcados desejos.
c) A invenção moderna mais astuciosa, de cujos efeitos trata o autor do texto, teria sido não a do cinema, mas a da TV.
d) O hábito do **zapping**, com cujo nos acostumamos, é um dos responsáveis pela abertura rápida de janelas sobre o nosso devaneio.
e) A conclusão de que nossa sala é uma jaula, com que chegou o autor do texto, não deixa de ser bastante provocadora e radical.

14. (FGV) Em *Você se lembra do rosto dela naquele instante?*, obedeceu-se às regras de regência verbal.

Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.

a) Prefiro questões de gramática do que de interpretação.
b) Aspiraram à vaga de piloto da companhia aérea.
c) Os médicos assistiram o paciente.
d) Perdoamos-lhes as dívidas.
e) Pagaram-lhe bem.

15. (FCC) Está correto o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

a) Essa tendência obsessiva, cujo o preço é alto, consome muito dinheiro, além de inspirar um tipo de comportamento que o ridículo é frequente.
b) Essa obsessão é uma prática a que ninguém deveria se orgulhar, embora haja cada vez mais gente que dela se submeta.
c) É a frase de uma época onde os valores tendiam ao equilíbrio e à permanência, ao contrário da nossa, onde tudo é transitório.

d) Custam caro esses produtos e serviços, de cujos dependem os que vivem obcecados ao compromisso de atingirem a perfeição da forma física.

e) O quadro em que o valor da atividade intelectual se encontra em declínio é o mesmo em cujos estreitos limites impera a exaltação absoluta do corpo.

GABARITO

1 – B	2 – E	3 – D
4 – A	5 – E	6 – D
7 – B	8 – C	9 – B
10 – D	11 – E	12 – B
13 – C	14 – A	15 – E

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 7

EMPREGO DO ACENTO GRAVE – CRASE

Em primeiro lugar, espero que você tenha feito bons estudos sobre o assunto "Regência". Espero também que tenha absorvido o "porquê" do assunto. Aconselho que, se possível, dê uma rápida olhada – novamente – nas regências dos principais verbos e nomes; afinal, o assunto que passaremos a abordar está diretamente relacionado à regência verbal e nominal. Caso você ainda não tenha estudado "regência", sugiro que o faça antes de iniciar o conteúdo abaixo. Vamos lá!

Primeiramente, convém não confundir o acento grave com a crase. Esta é fenômeno, ocorrência, fusão, contração, junção; já aquele é o índice, o acento com o qual se marca a existência da crase.

Crase, portanto, é a junção, a contração, a fusão de duas vogais idênticas. Na Língua Portuguesa, restringiu-se o termo à contração, à junção ou à fusão de dois "as", os quais serão representados por um único "a" sobre o qual se coloca o acento grave (`). Isso geralmente ocorre em função da contração, da junção, da fusão da:

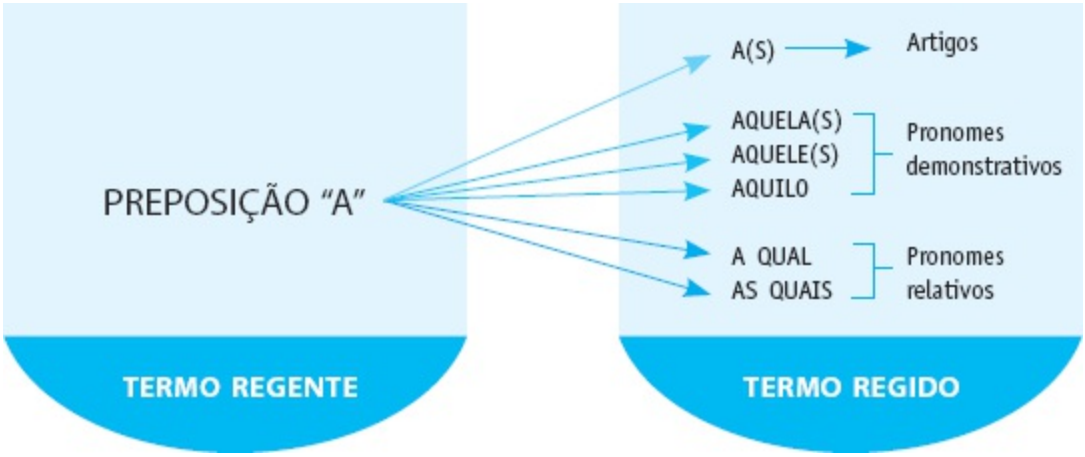

Observe os primeiros exemplos:

- Nunca mais eles se dirigiram à diretoria para fazer reclamações.
  dirigir-se a + a

- Devido à ocorrência de um sinistro, ele não pôde renovar o seguro.
  devido a + a

- O diretor da empresa fez referências àqueles funcionários que não batiam o ponto na hora certa.
  referências a + aqueles

- Eles assistiam àquilo sem nenhuma reação.
  assistir a + aquilo

- A pequena cidade, à qual eles chegaram ontem à noite, fica a cerca de 525 Km da capital pernambucana.
  chegar a + a qual

Após essas primeiras considerações, chegamos a duas importantes conclusões:

1.ª ⇨ À exceção dos demonstrativos "aquele, aqueles", os quais acompanham termos masculinos, só haverá crase diante de nomes femininos. Esta, inclusive, é a principal regra: receberão o acento grave os nomes femininos determinados, cujos termos regentes exijam a preposição "a".

- Todas as crianças voltaram à piscina.
  voltar a + a piscina

- Ninguém deveria ser insensível à dor alheia.
  insensível a + a dor

- É imprescindível aliar-se a teoria à prática.
  aliar-se algo a + a prática

- Ele procedeu à instauração do inquérito imediatamente.
  proceder a + a instauração

2.ª ⇨ Como os artigos e os pronomes demonstrativos exercem geralmente a função de determinantes, só haverá crase diante de um termo determinado, especificado. Portanto, não confunda:

- Ele nunca foi
  - a escola. ➡ Qualquer escola. (substantivo empregado em sentido geral e abstrato)
  - à escola. ➡ Ele não foi àquela escola. (substantivo determinado, especificado)
- É um bom funcionário, mas não vai
  - a reunião. ➡ Não vai a nenhuma reunião.
  - à reunião. ➡ Não vai àquela reunião.
- Ele sempre se empenhou no combate
  - a fome. ➡ Qualquer fome; inespecífica, indefinida (sentido geral)
  - à fome. ➡ No combate àquela fome (específica, determinada)
- Todos os brasileiros têm direito
  - a saúde, a educação, a moradia. (Substantivos sem determinante)
  - à saúde, à educação, à moradia. (Substantivos determinados)

⇨ Observação:

Nos casos acima, só o contexto em que a expressão se encontra é que poderá nos dizer se a palavra está ou não empregada com o sentido "genérico" ou com o sentido "específico".

Nesses quatro últimos exemplos, o "a" (sem o acento grave) que acompanha os substantivos empregados em sentido geral e indeterminado nada mais é do que uma preposição solicitada pelo termo regente.

7.1 A OCORRÊNCIA DA CRASE E A SEMÂNTICA

Em muitos casos, o emprego ou não do acento grave promoverá bruscas alterações de sentido. A crase, portanto, desfará possíveis ambiguidades. É o que ocorre em:

- O frentista sempre cheira
  - a gasolina. ➡ Inalar, respirar.
  - à gasolina. ➡ Feder, catingar, exalar.
- Do seu quarto, ele percebeu que alguém bateu
  - a porta. ➡ Trancou, empurrou com força.
  - à porta. ➡ Bateu na porta, desferiu pancadas.

- Ao chegar ao local, corri imediatamente
  - a cidade. ➡ Percorrer a cidade, rodear a cidade.
  - à cidade. ➡ Ir até à cidade.
- Despediu-se
  - a francesa. ➡ A francesa foi despedida. / OU / A francesa despediu-se, retirou-se.
  - à francesa. ➡ Alguém se despediu à moda francesa, à maneira francesa.
- Enxergo
  - a distância. ➡ Percebo o espaço que separa.
  - à distância. ➡ Vejo distantemente.

Logo, em muitos casos, o emprego do acento grave se deve à necessidade de se conferir ao termo maior clareza, evitando, pois, possíveis ambiguidades.

7.2 MECANISMOS PRÁTICOS PARA VERIFICAÇÃO DA CRASE

Há alguns mecanismos que ajudam o estudante na verificação da ocorrência ou não da crase. Frise-se que eles nos fornecem algumas pistas. Como a crase é decorrente de uma regência, é salutar conhecer bem a regência do termo antes de se colocar o acento grave. Veja alguns desses mecanismos:

) Deve-se trocar o termo regido feminino por um masculino correspondente:

SE APARECER
- **O, OS** (antes do masculino) ➡ Não haverá crase diante do feminino.
- **AO, AOS** (antes do masculino) ➡ Haverá crase diante do feminino.

Veja:

- Ele vai à praia todos os dias.
  ao rio
- Ele sempre visita a região encantada durante as férias.
  o local
- Ricardo nunca obedeceu às ordens de seu pai.
  aos mandamentos
- Chegou à sala e nada falou.
  ao salão

b) Deve-se trocar o termo regente por outro que exija preposição diversa de "a". Po exemplo, os verbos "vir" e "estar":

SE APARECER
- **DE ou EM** (antes do termo regido) ➡ Não haverá crase no "a".
- **DA ou NA** (antes do termo regido) ➡ Haverá crase no "à".

› Nunca mais ele foi à Europa.
Veio da Europa / Esteve na Europa.

› Ele sempre se dirige à Argentina nos meses de novembro e de dezembro.
vem da Argentina /...está na Argentina

› Nunca mais ele foi a Roma.
veio de Roma / esteve em Roma

› Quando ele chegar a Florença, visitará muitos museus.
veio de Florença / esteve em Florença

c) Deve-se trocar o "a(s)" que antecede o termo regido pelo artigo indefinido feminino "uma(s)":

SE APARECER
- **UMA ou UMAS** (antes do termo regido) ➡ Não haverá crase no "a".
- **A UMA ou A UMAS** (antes do termo regido) ➡ Haverá crase no "à".

› Ele se referiu à tia com carinho.
a uma tia

› Ele não disse nada à sogra.
a uma sogra

› A encomenda, ele entregou-a à mulher que estava no balcão da esquerda.
a uma mulher

› Ele achou a mulher a que o amigo teceu bons elogios.
uma mulher

7.3 OCORRÊNCIA DA CRASE

7.3.1 CASOS OBRIGATÓRIOS

1. **Recebe o acento grave o "a" inicial das locuções adverbiais (*à noite, à tarde, à beça, à revelia, à deriva, à farta, à vista, à primeira vista, à hora certa, à esquerda, à direita, à*

toa, à espanhola, à milanesa, à oriental, à ocidental, às vezes, às escondidas, às avessas, às claras, às pressas, à vontade, às ocultas etc.), **prepositivas** (***à custa de, à força de, à beira de, à espera de, à vista de, à guisa de, à semelhança de, à frente de, à razão de, à cata de, à roda de, à mercê de, à base de, à moda de, à maneira de etc.***) **e** **conjuntivas** (***à medida que, à proporção que***), **formadas com palavras femininas.**

- "Estava **à toa** na vida, o meu amor me chamou..." (Chico Buarque)
- Ele permaneceu horas e horas **à espera de** um médico.
- **À medida que** estudava, aprendia todos os macetes da Língua Portuguesa.
- Saiu **às pressas,** porque estava **à beira de** um ataque cardíaco.
- Andamos várias horas **à procura de** um local para beber água.
- O processo foi julgado **à revelia**.

⇨ Observações:

a) O "a" inicial das locuções adverbiais de instrumento não recebe o acento grave, exceto se a locução adverbial provocar ambiguidade.

- A sentinela feriu o inimigo a espada.
- Todos os seus trabalhos, ele sempre os fazia a máquina.
- Todo o atalho foi aberto a foice.

b) Lembre-se de que o acento grave empregado nas locuções adverbiais, prepositivas e conjuntivas não provém de uma relação regencial, mas sim pelo fato de essas locuções virem introduzidas por preposições – no caso, a preposição "A". Sendo assim, a preposição poderá auxiliar na indicação do valor semântico da locução e evitará que se confunda a locução com outro termo da estrutura oracional. Observe e não confunda:

- A noite chegou ao nosso rancho. ≠ À noite ele chegou ao nosso rancho.
  sujeito — locução adverbial de tempo

- A medida que ele usou foi injusta. ≠ À medida que ele estuda, aprende mais.
  sujeito — locução conjuntiva

- A espera do trem deixou-nos tristes. ≠ À espera de João, nós ficamos várias horas.
  sujeito — locução prepositiva

- Impressionou-nos a moda de Vitor Hugo. ≠ Veste-se à moda de Vitor Hugo.
  sujeito — locução prepositiva

- A beira do abismo era um convite ao suicídio, pois ele estava à beira de um ataque de nervos.
  sujeito — locução prepositiva

2. Recebe o acento grave o "a" inicial dos pronomes demonstrativos "aquele(s), aquela(s), aquilo, a(s)" quando o termo regente exigir a preposição "a".

- Habituou-se àquela vida de solteiro sem maiores problemas.
  habituar-se a + aquela

- Jamais iremos àquele local sem a ajuda da polícia.
  Ir a + aquele

Dar algo a + aqueles

- Daremos outra chance àqueles alunos que obtiveram notas baixas nas últimas provas.

- Essa ideia é igual à que meu pai falou ontem.
  Igual a + aquela

- Darei conselhos apenas às que se dispuserem a esperar.
  dar conselhos — a + aquelas

⇨ Observações:

a) Nos dois últimos exemplos acima, temos o encontro/junção da preposição "a" com os pronomes demonstrativos reduzidos "a, as", equivalentes a "aquela" e "aquelas", respectivamente. Observe mais dois exemplos:

- Minha sorte está ligada à do meu país.
  a + aquela

- "A fatalidade astronômica da inclinação da eclíptica, que coloca a Terra em condições biológicas inferiores às de outros planetas..." (Euclides da Cunha)

b) Uma forma bastante prática para descobrir se há crase com os demonstrativos "aquela(s), aquele(s), aquilo" é substituí-los pelos também demonstrativos "esta(s), este(s), isto".

SE APARECER
- ESTA(S), ESTE(S), ISTO (apenas) ➡ Não haverá crase no "aquela(s), aquele(s), aquilo".
- A ESTA(S), A ESTE(S), A ISTO ➡ Haverá crase no "aquela(s), aquele(s), aquilo".

Veja:

- Jamais irás àquela festa.
  a esta

- Àquele comando, todos se levantaram rapidamente.
  a este

- O coronel preferia isto àquilo.
  a isto

- Todos compraram aquelas roupas bem satisfeitos.
  estas

c) Nas locuções adverbiais iniciadas pelos pronomes demonstrativos "aquela(s), aquele(s) aquilo", a crase é obrigatória. Veja:

- Àquela hora, ninguém o ajudaria. (= Naquela hora...)
  locução adverbial

3. Recebe acento grave o "a" das locuções adverbiais "à moda de" e "à maneira de". Frequentemente essas expressões aparecem subentendidas, mas, ainda assim, o acento grave será de rigor sobre o "a".

- Na festa, todos estavam vestidos à Luís XV.
  à moda / à maneira

- À maneira brasileira, ele preparava todos os apetrechos para os estrangeiros.

- Todos apreciavam pratos à japonesa.

⇨ Observação:

Não confunda:

- Fez um discurso
  - **a Fidel Castro.** (para Fidel Castro) ➡ Sem crase.
  - **à Fidel Castro.** (à moda de Fidel Castro) ➡ Com crase.

4. Haverá crase antes de numerais que expressem horas exatas.

- Todos chegaram às 9h30min.
- Às 8 horas ele chegou e somente às 10 horas começou a aula.
- Nosso jogo só terá início às 21h45min.
- O avião aterrará exatamente à uma hora e vinte minutos.

⇨ Observações:

a) Se houver indeterminação para as horas, não haverá crase.

- A mãe o esperava às 18 horas, mas ele só chegou após as 22 horas.
  Hora inexata
- Ele deverá chegar daqui a uma hora.
  Hora inexata

b) Nas correlações, o que determinará a existência ou não do acento grave será a presença de um artigo antecedendo cada termo da correlação. Veja:

- A casa de *shows* funcionará
  - de 8h30 a 11h30. (Aqui só há a presença das preposições.)
  - de + a a + as
    das 8h30 às 11h30. (Aqui cada termo vem antecedido por um artigo.)

c) Em muitas construções, a presença do acento grave alterará completamente o sentido do enunciado. Observe:

- Sairemos daqui a uma hora. (Sem crase ⇨ A hora não está determinada,
  Advérbio de tempo

especificada.)

- Sairemos daqui à uma hora. (Com crase ⇨ A hora foi especificada, determinada.)
  Advérbio de lugar

d) Vale ressaltar que diante de numerais não ocorre a crase quando não expressarem hor exata. Logo:

- O número de aprovados no concurso não chega a vinte.
- O artista se apresentará de 8 a 12 de janeiro no Classic Hall.

5. Se o termo regente exigir a preposição "a", sempre haverá crase diante de nomes locativos (nomes de países, continentes e algumas cidades) que aceitarem a presença de um artigo. Para verificar a existência do artigo, basta substituir o termo regente pelos verbos "vir" ou "estar", por exemplo, conforme demonstrado no início deste capítulo.

- No próximo ano, faremos uma excursão à Argentina.
  vir da / estar na
- Quando ele chegou à Itália, imediatamente ligou para a mãe.
  vir da / estar na
- Você já foi à Bahia? Não?! Mas já foi a Teresina, no Piauí, não foi?
  vir da / estar na — vir de / estar em

⇨ Observação:

Se o nome locativo vier acompanhado de algum adjunto adnominal (determinante), a crase será obrigatória. Perceba:

- Nunca mais eu fui a Roma.
  vir de / estar em
- Nunca mais eu fui à Roma dos grandes imperadores.
  vir da / estar na — termo determinante
- João sempre se dirige a Brasília quando quer resolver algum problema muito sério.
  vir de / estar em
- Sempre que pode, João vai à imponente Brasília dos arrojados projetos arquitetônicos.
  termo determinante — termo determinante

7.3.2 CRASE FACULTATIVA

Para a gramática normativa, são três os casos em que a crase é facultativa. São eles:

1. Diante de pronomes possessivos femininos no singular quando o termo regente exigir a preposição "a".

- Ele desistiu de viajar devido a / à sua doença.
- Jamais ele fez referências a / à tua família.
- Era fundamental que o adolescente não desobedecesse a / à nossa ordem.

⇨ Observações:

a) Se o possessivo estiver no plural, não mais haverá um caso de crase facultativa. Existirão apenas duas formas para se construir a estrutura. Observe:

- Não foram dadas muitas oportunidades de emprego a / às nossas amigas de formatura.
- Ninguém ofendeu a / às vossas irmãs.

b) Caso o possessivo feminino se refira a um substantivo elíptico (oculto), a crase será obrigatória. Veja:

- Ele não se referiu a / à tua proposta, mas sim à minha.
  crase obrigatória
- Aludiram a / à sua opinião sobre o caso. Convém agora que eles façam alusão às nossas.

2. Diante da preposição "até", uma vez que esta preposição pode aparecer sob a forma da locução "até a".

- Emocionado, ele se comoveu
  - até as lágrimas. (até + as lágrimas)
  - até às lágrimas. (até a + as lágrimas)
- Ao ouvir a campainha, imediatamente foi
  - até a porta. (até + a porta)
  - até à porta. (até a + a porta)

Dirigiu-se
- até as autoridades policiais para relatar o caso. (até + as autoridades)
- até às autoridades policiais para relatar o caso. (até a + as autoridades)

⇨ Observações:

a) Não confunda as preposições "até / até a", as quais indicam "deslocamento, movimento ação", com a palavra denotativa de inclusão "até", a qual tem o sentido de "inclusive". Veja:

Preposição

Na formatura, foi **até** — a / à plateia e prestou homenagens à mãe, às professoras, à diretora, **até** à zeladora.

inclusive (crase obrigatória)

b) Como se sabe, para que haja o fenômeno da crase, é indispensável a existência da preposição "a". Fique atento, pois esta preposição não ocorrerá se for usada outra preposição (*ante, após, com, conforme, contra, desde, durante, entre, mediante, para, perante, sob, sobre, segundo,* por exemplo), já que a existência de uma preposição exclui o aparecimento de outra. Traduzindo: não ocorrerá a crase se outra preposição for usada que não seja a preposição "a" (lembre-se de que "até a" é uma locução prepositiva e não a junção de duas preposições). Observe os exemplos abaixo:

- "Não achava outra espécie em que, mediante a (preposição + artigo) intenção, tudo se cumprisse..." (Machado de Assis)
- "— Não admito! O incesto é contra a (preposição + artigo) moral, gritou Lúcia." (José de Alencar)
- "Dominante sobre a (preposição + artigo) várzea que se estende para sudeste, com a linha de cumeadas quase retilínea, o seu enorme paredão..." (Euclides da Cunha)
- " "Desde a (preposição + artigo) entrada dos dois, a casa de Rita esquentou." (Aluísio Azevedo)
- "Custeou o tratamento de ambos; e, quando foi dispensado da comissão da avenida, pouco após a (preposição + artigo) morte de ambos, pouco ou nada tinha." (Lima Barreto)

3. Diante de nomes próprios femininos, quando o termo regente exigir a preposição "a".

Como se sabe, os nomes de pessoas na Língua Portuguesa podem ou não vir antecedidos de um artigo. A colocação do artigo denota afetividade, proximidade, intimidade.

- Em seu discurso, ele fez referências
  - a Joana e a Maria.
  - à Joana e à Maria.
- A / À Fernanda deixou minha gratidão por tudo que ela fez.

7.3.3 CASOS EM QUE NUNCA OCORRE A CRASE

1. Diante de verbos.

- Todos ficaram a observar o evento, a cerca de vinte metros do local.
- Muitos chegaram a comprar o carro, só porque a promoção falava de amor.
- Os advogados estavam dispostos a curtir o bom momento da carreira.

2. Diante de palavras masculinas.

- O quadro foi pintado a óleo.
- Ele sempre comprava a prazo.
- Aquele pacote cheirava a vinho.

3. Diante de pronomes pessoais retos, oblíquos e de tratamento, à exceção de "senhora, senhorita, dona e madame."

- Na solenidade, fizeram menção a ti e a mim, como os melhores alunos que a Universidade já teve.
- O Promotor de Justiça nada disse a Vossa Excelência sobre o problema do processo.
- Refiro-me a você, pois sempre foi o último da sala a cometer deslizes de concordância.
- Jamais convidarão a ele para a festa.

- Recorreram a Sua Majestade no momento de dificuldade.

Mas...

- Entregue tudo à senhora sua mãe, meu filho.
- Não me referi à senhorita, mas à dona Joana que sempre esteve presente aqui nesta escola.

4. Diante de artigos indefinidos.

- Eles chegaram a uma cidadezinha do interior de Pernambuco muito aconchegante.
- Os juízes estavam dispostos a uma nova avaliação do caso.

5. Diante dos pronomes indefinidos, dos interrogativos, dos demonstrativos "este, esta, estes, estas, esse, essa, esses, essas e isso" e dos relativos, à exceção de "a qual e as quais".

- A qual delas você se referiu ontem à noite?
- Esse caso não interessa a ninguém.
- Todos se dirigirem a este lugar quando querem orar.
- Ontem encontramos o João, a cuja esposa devemos muitos favores.
- A menina, a quem ele fez alusão na última reunião, viajou para a Europa.
- Jamais daremos crédito a qualquer criatura que por aqui chegue.
- A missa a que eu assisti foi ministrada pelo Pe. João Alberto.

⇨ Observações:

a) Apesar de serem pronomes indefinidos, ocorrerá a crase diante de "outra e outras" sempre que o termo regente exigir a preposição "a". Veja:

- Foi uma apresentação igual à outra.
- Elas se abraçaram umas às outras.

b) Não confunda a preposição "a" que antecede o pronome relativo "que" com a fusão ent a preposição "a" e o pronome demonstrativo "a(s)" equivalente a "aquela(s)". Observe:

preposição "a" semelhante a + a(quela)

- Esta ideia a que ele se referiu é semelhante à que meu pai nos contou ontem.
- Aquela estrada é paralela à que corta esta cidade aqui.

paralela a + a(quela)

6. Diante de um "a" no singular o qual precede uma palavra no plural; palavra esta usada em sentido geral e indeterminado.

- A direção decidiu fechar, por duas semanas, o museu a visitas.
- Raramente ele vai a festas e a reuniões sociais.
- Não costumava se dirigir a pessoas estranhas.

⇨ Observação:

Fique atento para não confundir as estruturas. Observe:

- Ele nunca está atento a reclamações. (sem acento grave)
  preposição
- Ele nunca está atento às reclamações. (com crase)
  preposição + artigo
- O mesmo raciocínio estende-se a relações pessoais e profissionais. (sem acento grave)
  preposição
- O mesmo raciocínio estende-se às relações pessoais e profissionais. (com crase)
  preposição + artigo

7. Diante de substantivos femininos usados em sentido geral e indeterminado.

- Em minha viagem à Europa, fui apresentado a rei e a rainha.
- Na última festa, todos os alunos prestaram homenagens a mamãe e a papai.
- Ele nunca concorreu a vaga alguma na Universidade.
- Sr. João nunca foi a festa alguma, a reunião alguma.

⇨ Observações:

a) Note que, nos dois primeiros exemplos deste caso, os termos estão acompanhados meramente pela preposição “a”. Não há a presença de artigo. A crase só existirá diante do feminino se ambos os substantivos vierem determinados. Veja:

- Em minha viagem à Europa, fui apresentado ao rei e à rainha.
  substantivos determinados

b) Perceba também que nos dois últimos exemplos deste caso, o que promove o sentido geral e indeterminado dos substantivos é a presença do pronome indefinido. Por isso, inexiste o acento grave.

8. Diante de expressões formadas por palavras repetidas como, por exemplo, “gota a gota, ponta a ponta, dia a dia, frente a frente, uma a uma, cara a cara, corpo a corpo, lado a lado etc.”.

- Toda a fazenda era, de ponta a ponta, um atoalhado branco, de uma neve espessa e muito gélida.
- Tomou o remédio gota a gota.

7.3.4 CASOS ESPECIAIS

1. Ocorrerá crase diante da palavra “casa” sempre que vier acompanhada de determinantes.

Veja:

- Ele se dirigiu à velha casa de seus avós.
  determinantes
- Voltei à casa de meu amigo correndo por causa de um mal-estar.
  determinante
- Amanhã irei à casa que me será dada por herança.
  determinante

⇨ Observação:

Se não houver determinação, não haverá crase diante da palavra “casa”.

- Voltei a casa triste e atirei-me sobre a cama.

- Menino que estuda, volta a casa todos os dias.

2. Ocorrerá crase diante da palavra "terra" quando vier determinada. Quando usada como antônimo de "bordo" a palavra "terra" dispensa determinantes, logo não ocorrerá a crase.

- Eles voltaram a terra (sem determinante) totalmente exaustos.
- Depois de longa viagem, eles desceram a terra (sem determinante).
- Eles foram à terra dos seus antepassados (determinante).
- O casal chegou à terra natal (determinante).

⇨ Observação:

No sentido de "chão, solo" a palavra "terra" admite o artigo. Se o termo regente exigir a preposição "a", a crase será obrigatória. Perceba:

- Nunca jogue lixo à terra. (Nunca jogue lixo **na** terra).
- Os agricultores sempre lançam à terra suas esperanças. (...sempre lançam **na** terra suas esperanças.)

3. Com a palavra "distância", ocorrerá crase sempre que vier acompanhada de determinantes.

- Todos ficaram à distância de vinte metros do local do acidente (determinante).
- Por que você não ficou à distância que eu te recomendei (determinante)??

⇨ Observações:

a) A locução adverbial "a distância" geralmente é empregada sem o acento grave.

- "Teresa ouviu, a distância, o estrépito dum cavalo, quando passou ao patamar da escada." (Camilo C. Branco)

- "— Acudam, acudam! berrava Silvério a distância." (Eça de Queiroz)

b) Entretanto, o acento grave deverá ser empregado em "a distância" sempre que se quis ressaltar o caráter adverbial da locução ou sempre que houver a possibilidade de a locução provocar ambiguidade.

- "Veladas por touceiras inextricáveis de macambiras ou lascas de pedra, não se revelavar à distância." (Euclides da Cunha)
- "Se a via, olhava muito para ela, detinha-se à distância, à porta de uma casa..." (Machad de Assis)

c) Quando a palavra distância vier modificada por pronomes indefinidos (pouca, certa, alguma etc.), a expressão não receberá o acento grave.

- "Já os três fugitivos iam a alguma distância, quando, como tomado de uma idéia súbita, um dos esculcas exclamou: ..." (A. Herculano)
- "Mariana estava agachada entre os pacotes da carga, a pouca distância de Simão." (Camilo C. Branco)

4. Ocorrerá crase com os pronomes relativos "a qual e as quais" sempre que o termo regente exigir a preposição "a".

- Esta é a pessoa **à qual** ele se referiu durante o café da manhã.
  referir-se a + a qual
- As apresentações teatrais **às quais** ele foi assistir renderam-lhe boas gargalhadas.
  assistir a + as quais

⇨ Observação:

Um recurso bastante simples para verificar a ocorrência da crase diante destes relativos é procurar substituí-los pelos masculinos (o qual, os quais) correspondentes:

SE APARECER
- **O QUAL, OS QUAIS** (apenas) ➡ Não haverá crase no "a qual, as quais".
- **AO QUAL, AOS QUAIS** ➡ Haverá crase no "à qual, às quais".

Observe:

- Esta é a professora **à qual** devo todos os meus conhecimentos. (Este é o professor **ao qual** devo...)

- Aquela é a clareira **à qual** foram ter por um atalho aberto a foice. (Aquele é o local **ao qual** foram...)

5. **Como já mencionado, não há crase diante da maioria dos pronomes. Alguns pronomes, no entanto, como "mesma(s), própria(s) e tal" admitem artigo. Se o termo regente exigir a preposição "a", a crase será de rigor.**

- Eles sempre vão à mesma lanchonete quando saem da escola. (Eles sempre vão **ao** mesmo bar...)
- Falaram à tal senhora sobre os desvios de conduta do filho dela. (Eles falaram **ao** tal senhor...)
- Algumas alunas atribuíram **às** próprias amigas a culpa pelo incidente. (Algumas alunas atribuíram **aos** próprios amigos...).

Ufa!!

Chegamos ao final de mais uma etapa. Para muitos, o acento grave ainda é um mistério. Provamos que não. Sugiro que, se possível, releia todas as regras para gravá-las melhor. Tenha sempre em mente os recursos para verificação ou não da ocorrência da crase, pois eles são muito úteis e nos permitem solucionar muitas dúvidas. Agora procure resolver os exercícios para consolidar o conhecimento. Prossigamos para a próxima etapa.

7.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (Unimep-SP) "A exposição .... inauguração assisti mostrou os lindos quadros .... me referi na nossa conversa do outro dia. Amanhã, haverá um leilão na mesma sala .... estão expostos." A alternativa que preenche corretamente é:

a) a cuja, aos quais, em que.
b) a cuja, os quais, na qual.
c) cuja, a que, em que.
d) a qual, aos quais, na qual.
e) à qual, que, que.

2. (Unimep-SP) “.... dois meses que não vejo Paulo. Soube que ele esteve.... beira de uma crise nervosa.... menos de cinco dias do vestibular.” A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:

a) Há, a, a.
b) Há, à, a.
c) Há, à, à.
d) A, a, à.
e) A, à, a.

3. (Fuvest-SP) De.... muito, ele se desinteressou de chegar a ocupar cargo tão importante,.... coisas mais simples na vida e que valem mais que a posse momentânea de certos postos de relevo.... que tantos ambicionam por amor.... ostentação.”

a) a, há, à, à.
b) há, as, a, a.
c) há, há, a, à.
d) a, hão, a, à.
e) há, a, a, a.

4. (Fuvest-SP) O progresso chegou inesperadamente.... subúrbio. Daqui.... poucos anos, nenhum de seus moradores se lembrará mais das casinhas que,.... tão pouco tempo, marcavam a paisagem familiar.

a) aquele, a, a.
b) àquele, à, há.
c) àquele, à, à.
d) àquele, a, há.
e) aquele, à, há.

5. (UEL) .... contragosto, a comissão entregou.... imprensa.... listas dos aprovados.

a) À, a, as.
b) A, à, às.
c) A, à, as.
d) À, a, às.
e) À, à, às.

6. (ITA) Analisando as sentenças:

A vista disso, devemos tomar sérias medidas.
Não fale tal coisa as outras.
Dia a dia a empresa foi crescendo.
Não digo aquilo que me disse.
Deduzimos que:

a) apenas a III não tem crase.
b) as sentenças III e IV não têm crase.
c) todas as sentenças têm crase.
d) nenhuma sentença tem crase.
e) apenas a IV não tem crase.

7. (FCC) O fenômeno .... que aludi é visível .... noite e .... olho nu.

a) a, a, a.
b) a, à, à.
c) a, à, a.
d) à, a, à.
e) à, à, a.

8. (FCC) Já estavam .... poucos metros da clareira, ... qual foram ter por um atalho aber .... foice.

a) à, à, a.
b) a, à, a.
c) a, a, à.
d) à, a, à.
e) à, à, à.

9. (PUC-SP) .... hora, ... chegasse primeiro se entregaria .... condecoração .... fizera jus.

a) Àquela, à que, a, a qual.
b) Àquela, a que, à, a qual.
c) Aquela, à que, a, à qual.
d) Àquela, à que, a, à qual.
e) n. d. a.

10. (UM-SP) Dados os períodos:

I. À força de tanto emagrecer, acabou morrendo.

II. A assistente social prestou assistência as mais necessitadas pessoas.

III. Com a eloquência habitual, falava a qualquer pessoa, sempre disposta a aumentar o prestígio.

Deduz-se que o sinal indicativo da crase está corretamente empregado:

a) apenas no primeiro período.
b) nos períodos I e II.
c) nos períodos II e III.
d) em todos os períodos.
e) nos períodos I e III.

11. (Fuvest) Daqui .... vinte quilômetros, o viajante encontrará, logo .... entrada do grande bosque, uma estátua que .... séculos foi erigida em homenagem .... deusa da floresta.

a) a, à, há, à.
b) há, a, à, a.
c) à, há, à, à.
d) a, à, à, à.
e) há, a, há, a.

12. (PUC) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas:

Viu-se frente .... frente com o inimigo.
Observava, ... distância, o que estava acontecendo.
Não se referira .... nenhuma das presentes.
Desandou ....correr ladeira abaixo.
Chegou .... uma hora da madrugada.

a) à, à, à, à, à.
b) à, à, a, a, à.
c) à, à, à, a, à.
d) a, a, a, a, à.
e) a, a, a, a, a.

13. (FCMSC-SP) Estamos ... poucas horas da cidade ... que vieram ter, ... tempos, nossos avós.

a) a – a – há.

b) há – a – a.
c) há – à – há.
d) à – a – a.
e) a – à – há.

14. (FCC – Metrô/SP – Supervisor de Linha) O uso do sinal de crase justifica-se em **ambas** as ocorrências na seguinte frase:

a) Não tive acesso à carreira de biólogo porque você se dispôs à engravidar.
b) Não nos assiste à prerrogativa de responsabilizarmos justamente àqueles que não têm culpa.
c) Imputamos à culpa aos outros quando achamos inadmissível assumirmos à nossa.
d) Atribuamos à nossa incompetência o fracasso de nossos planos, em vez de associá-lo à responsabilidade alheia.
e) Quando se fica à espera de algo inalcançável, tudo o que se alcança se reduz à um frustração.

15. (UEL-PR) Foi ... Brasília aprender ... artes políticas, mas retornou ... terra natal sem grandes conhecimentos.

a) a – as – à.
b) à – as – a.
c) a – às – à.
d) a – as – a.
e) à – às – à.

16. (FCC – Soldado PM/BA) O uso do sinal da crase é **injustificável** em:

a) Lembrem-se às autoridades de terem sempre em mente o valor da prevenção.
b) Não cabe às pessoas de boa fé repudiar medidas de prevenção ao crime.
c) É penoso assistir às cenas de violência que se multiplicam nas metrópoles.
d) Atribui-se às medidas preventivas uma eficácia maior que a da repressão.
e) À inteligência da prevenção opõem-se aqueles que preferem a força da repressão.

17. (FCMSC-SP) Dê ciência ... todos de que não mais se atenderá ... pedidos que não forem dirigidos ... diretoria.

a) a – a – a.
b) a – à – a.

c) a – a – à.

d) à – à – a.

e) à – a – à.

18. (PUCC-SP) Assinale a alternativa em que há uso **incorreto** do sinal da crase.

a) Toda essa situação se deve à instabilidade da taxa de inflação.

b) Referindo-se à salários do último mês, comentou a inviabilidade de se manter aquel número de funcionários na empresa.

c) Não é à toa que amealhou o dinheiro que tem.

d) Em clima de grande emoção, chegou a tecer elogios inclusive àqueles que sempre c criticaram.

e) Devemos incentivá-los a dar continuidade à sua tarefa de informar a verdade sobre a situação do país.

19. (Fafeod-MG) Indique a alternativa que permite preencher **corretamente** os vazios do texto abaixo.

Aguardava ... carta ... muito tempo e, como não chegasse, ele referia-se ... todo instante ... consequências desastrosas que ... demora tenderia ... provocar.

a) a – a – a – às – a – a.

b) a – há – a – às – a – a.

c) a – há – a – as – a – a.

d) a – à – a – as – a – a.

20. (UFV-MG) Indique a alternativa em que o sinal indicativo de crase é facultativo.

a) Voltou à casa do juiz.

b) Chegou às três horas.

c) Voltou à minha casa.

d) Devolveu as provas àquela aluna.

e) Voltou às pressas.

GABARITO

1 – A	2 – B	3 – C
4 – D	5 – C	6 – B

7 – C	8 – B	9 – D
10 – E	11 – A	12 – D
13 – A	14 – D	15 – A
16 – A	17 – C	18 – B
19 – B	20 – C	

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 8

SINTAXE DE COLOCAÇÃO PRONOMINAL

Estudaremos agora um assunto bem fácil. Por ausência de força tônica, trabalharemos a correta disposição dos pronomes oblíquos átonos dentro da estrutura oracional. Aqui, procure ficar atento, principalmente, aos fatores que atraem o pronome átono, pois esse conhecimento é frequentemente cobrado nas provas. O assunto exigirá de nós um pouco de memória, afinal teremos de apreender as principais regras as quais levam o pronome a ficar em umas das três posições: antes do verbo (próclise), no meio do verbo (mesóclise) e depois do verbo (ênclise). Convém aqui salientar que as regras que estudaremos abaixo se prestam, na maioria das vezes, ao uso formal da língua. No dia a dia e na linguagem coloquial, elas são pouco observadas. Vamos lá!!

Em primeiro lugar, cumpre ressaltar que a colocação pronominal, na Língua Portuguesa, restringe-se praticamente à perfeita disposição dos pronomes oblíquos átonos: me, te, se, o, a, lhe, nos, vos, os, as, lhes.

Tais pronomes podem assumir uma das seguintes posições:

a) Próclise ⇨ pronome oblíquo colocado antes do verbo.
b) Mesóclise ⇨ pronome oblíquo colocado no meio do verbo.
c) Ênclise ⇨ pronome oblíquo colocado depois do verbo.

Primeiros exemplos:

- Ele **me** disse que amanhã faltará a aula.
  pronome proclítico

- Retirá-**lo**-ia do local se eu pudesse.
  pronome mesoclítico

- Entregaram-**nos** todos os documentos hoje pela manhã.
  pronome enclítico

8.1 MÁXIMAS DA COLOCAÇÃO PRONOMINAL

A topologia pronominal possui regras gerais que servem de norte para as demais regras. São elas:

1. Não se inicia período com pronome oblíquo átono.

Observe:

- Te disseram que o juiz julgou improcedente a nossa causa? (Construção errada)

  Corrija-se para...

- Disseram-te que o juiz julgou...

- Lhe passo os documentos do processo hoje à tarde. (Construção errada)

  Corrija-se para...

- Passo-lhe os documentos do processo hoje à tarde.

- Me falem a verdade ou serão expulsos da corporação. (Construção errada)

  Corrija-se para...

- Falem-me a verdade ou serão expulsos da corporação.

2. Não se admite ênclise a um verbo no futuro ou no particípio.

Veja os exemplos:

verbo no futuro do subjuntivo

- Quando ele ajudar-te, não esqueças os demais parentes de tua família. (Construção errada)

Corrija-se para...

- Quando ele te ajudar, não esqueças os demais parentes de tua família.

- Certamente eles dariam-nos tudo se pudessem. (Construção errada)

verbo no futuro do pretérito do indicativo

Corrija-se para...

- Certamente eles nos dariam (ou “dar-nos-iam”) tudo se pudessem.
- Tenho dedicado-me muito ao estudo da Língua Portuguesa. (Construção errada)
  verbo no particípio

Corrija-se para...

- Tenho-me dedicado muito ao estudo da Língua Portuguesa.

> 3. **Em geral, toda ênclise a um verbo no infinitivo é correta, ainda que exista um fator de próclise.**

- A fim de **não** o encontrar, / encontrá-lo, mudei o meu itinerário.
- Para **não** **não** as contrariar, / contrariá-las procurei resolver o problema imediatamente.
- Deixou sua sala para me entregar / entregar-me o prêmio a que fiz jus pelo ótimo desempenho este mês.
- “Proponho firmemente com vossa graça **não ofender-vos** mais.” (M. Bernardes)
- “Basta-lhe os olhos negros e a tristeza, a palidez e o nunca sorrir-se.” (Camilo C. Branco)
- “Ela, encostada à poltrona, passava-lhe os dedos pelos cabelos, muito ao leve e caladinh para não perturbá-lo.” (Machado de Assis, *Quincas Borba*)

8.2 REGRAS GERAIS

8.2.1 PRÓCLISE

O pronome oblíquo átono ficará proclítico ao verbo por causa dos seguintes fatores que o atraem:

> 1) **Palavras de valor negativo (não, nunca, jamais, ninguém, nada, nem [= e nem] etc.).**

- **Jamais** nos consideraremos melhores do que os outros.
- **Não** o permitiram a conversão de real para dólar.

- **Nunca** lhe entristeceu a situação dos pobres no mundo?

⇨ Observação:

Se houver pausa depois da palavra negativa, emprega-se a ênclise.

- **Não,** converta-se ao cristianismo urgentemente.

2) Advérbios e pronomes indefinidos.

- **Aqui** se faz, **aqui** se paga.
- Nem **sempre** se enxergam as disparidades do mundo contemporâneo.
- **Ninguém** nos falou sobre o problema da empresa.
- "Na natureza, **nada** se perde, **nada** se cria, **tudo** se transforma."

⇨ Observação:

Se houver pausa depois do advérbio, o pronome ficará enclítico. Se o verbo estiver no futuro, emprega-se a mesóclise.

- **Enfim,** encontrei-**o** na Estação da Luz.
- **Amanhã,** encontrar-**me**-ei com o Luís Antônio para uma conversa de negócios.

3) Pronomes relativos (que, o qual, a qual, os quais, as quais, cujo, cuja, cujos, cujas, onde, quem etc.).

- As informações, **que** te deram, parece terem mexido com o teu íntimo.
- Aquele é o estádio de futebol **o qual** se fez e **o qual** se construiu em poucos meses.
- Este bar é lugar da cidade **onde** se encontram os melhores pratos da cidade.

4) Pronomes demonstrativos (este, esta, isto, aquele, aquela, aquilo etc.).

- Tudo **aquilo** lhe passou despercebido.
- **Esta** me contou uma versão esquisita do caso. **Aquele** nos disse totalmente o contrário desse aí.

5) Conjunções subordinativas (quando, se, já que, porque, embora, enquanto, como, à medida que etc.).

- **À medida que** se estuda, aprende-se mais.
- **Enquanto** me diziam aquilo, eu permanecia imóvel.
- É muito justo **que** o ampares na velhice.
- **Se** me pagar, farei o trabalho **assim que** me sobrar um tempinho.

6) Verbo no gerúndio precedido da preposição "em".

- **Em** se **tratando** de finanças, procure o sr. João Alberto.
- **Em** se **pensando** em viagens, é sempre bom procurar uma boa empresa de turismo.

7) Conjunção coordenativa alternativa.

- **Ou** se casa comigo, **ou** se casa com o meu primo.
- Deixem-me sair, **ou** me deem a vaga de emprego a qual vim à procura.

8.2.1.1 Outros fatores de próclise

Além desses fatores, a próclise é de rigor:

1) Nas orações exclamativas e nas optativas (orações que exprimem desejo):

- Que Deus te proteja.

- Bons ventos os levem em paz!
- Quanto nos é difícil falar a verdade!
- Que terrível revelação nos fizeste!

2) Nas orações interrogativas em que haja pronomes interrogativos:

- Quem vos falou sobre o problema dela?
- Quanto lhe custou o conserto do carro?

3) Com verbos no infinitivo pessoal precedido de preposição:

- Demiti os dois funcionários por se queixarem demais.
- Deixei-os à vontade para se relacionarem melhor com o professor.

8.2.2 MESÓCLISE

Como já se mencionou, a mesóclise consiste na colocação do pronome oblíquo átono no meio do verbo. Isso ocorre apenas com dois tempos do modo indicativo: o futuro do presente e o futuro do pretérito, pois se trata de dois tempos compostos. O futuro do presente é formado pelo INFINITIVO do verbo mais o PRESENTE DO INDICATIVO do verbo HAVER; já o futuro do pretérito é formado pelo INFINITIVO do verbo mais o pretérito imperfeito do verbo HAVER. Logo, o pronome oblíquo átono será colocado entre um INFINITIVO e o verbo HAVER. Observe:

FUTURO DO PRESENTE (Infinitivo + presente do indicativo do verbo “haver”):

Eu comprar + hei ⇨ comprarei = Hei de comprar
Tu comprar + hás ⇨ comprarás = Hás de comprar
Ele comprar + há ⇨ comprará = Há de comprar
Nós comprar + havemos ⇨ compraremos = Havemos de comprar
Vós comprar + haveis ⇨ comprareis = Haveis de comprar
Eles comprar + hão ⇨ comprarão = Hão de comprar

FUTURO DO PRETÉRITO (Infinitivo + pretérito imperfeito do verbo "haver"):

Eu comprar + havia ⇨ compraria = Havia de comprar
Tu comprar + havias ⇨ comprarias = Havias de comprar
Ele comprar + havia ⇨ compraria = Havia de comprar
Nós comprar + havíamos ⇨ compraríamos = Havíamos de comprar
Vós comprar + havíeis ⇨ compraríeis = Havíeis de comprar
Eles comprar + haviam ⇨ comprariam = Haviam de comprar

Dessa forma, teremos:

- Compraria o carro se eu pudesse. = **Comprá-lo-ia** se eu pudesse. (= Havia de comprá-lo se eu pudesse.)
- Encontrá-lo-á deitado numa rede bem vistosa à varanda da casa grande. (= Há de encontrá-lo deitado...)
- Conceder-lhe-íamos o emprego se ele tivesse competência. (= Havíamos de conceder-lhe o emprego...)
- Estabelecer-nos-emos aqui até que a tempestade passe. (= Havemos de estabelecer-nos aqui até...)
- Jogá-lo-ão na lixeira se todas as tentativas falharem. (= Hão de jogá-lo na lixeira se...)
- "Dir-me-eis que não tendes outro modo de vos sustentar". (Pe. Antônio Vieira)

⇨ Observações:

a) Não havendo palavra atrativa e estando o futuro do presente ou do pretérito no meio de uma oração, será indistinta tanto a próclise quanto a mesóclise. Observe:

- Ele me entregará / OU / entregar-me-á o pacote amanhã pela manhã.
- Ricardo se retiraria / OU / retirar-se-ia da reunião de qualquer jeito.

b) Se houver palavra atrativa antes do futuro, a próclise será obrigatória.

8.2.3 ÊNCLISE

O pronome oblíquo átono ficará enclítico ao verbo nas seguintes circunstâncias:

1) Quando o verbo iniciar o período.

- Conta-me logo tudo que sabes, Marcílio.
- Fazê-lo será um prazer para mim, d. Joana.
- Perceberam-nos assim que chegamos ao local.

2) Com o verbo no gerúndio, desde que não forme locução verbal ou que não esteja precedido da preposição "em" ou de qualquer elemento de atração.

- Não farei mais a reunião, disse ele, **levantando**-se rapidamente.
- Judas aproximou-se de Cristo; beijando-lhe o rosto, denunciou-o aos soldados de Pilatos.

⇨ **Observação:**

Se houver fator de próclise, esta será de rigor. Veja:

- João comprava demasiadamente, **pouco** se importando com o valor das coisas.

3) Com verbos no imperativo afirmativo.

- Deixe a sala agora e entregue-se aos estudos se quiser ser aprovado no final do ano.
- João, escuta-me por alguns minutos, por favor.

4) Com verbos no infinitivo regidos da preposição "a", em se tratando dos pronomes oblíquos vocálicos "o, a, os, as", os quais assumirão, obrigatoriamente, as formas "lo, la, los, las".

- Jamais me recusaria a recebê-los.
- Todos começaram a questioná-las sobre as ideias que defendiam.

- “Acudiu toda a cidade a acompanhá-lo.” (Fr. L. de Sousa)

⇨ Observação:

Não se esqueça de que o infinitivo é uma forma verbal privilegiada. À exceção da regra acima e da próclise com o infinitivo flexionado, diante de um verbo no infinitivo estão corretas tanto a próclise quanto a ênclise, mesmo com a existência de um fator de próclise. Veja:

- Não fizeram absolutamente nada para os deter. / OU / detê-los.
- Tinha um grande desejo de a pegar nos braços. / OU / pegá-la nos braços.
- Para não te incomodar / OU / incomodar-te

8.3 COLOCAÇÃO DOS PRONOMES OBLÍQUOS NAS LOCUÇÕES VERBAIS

A partir de agora, vamos usar o conhecimento acima para posicionar corretamente os pronomes oblíquos dentro das locuções verbais. O assunto não é difícil, mas você precisa estar bem atento às orientações abaixo. Vamos lá!

Primeiramente, vamos relembrar o que é uma locução verbal:

VERBO AUXILIAR + VERBO PRINCIPAL { INFINITIVO / GERÚNDIO / PARTICÍPIO

Dentro de uma locução verbal, o pronome oblíquo poderá assumir uma das seguintes posições:

a) Próclise ao verbo auxiliar ⇨ Colocação sempre possível, exceto se a locução iniciar o período.

b) Ênclise ao verbo auxiliar ⇨ Colocação possível desde que não haja um fator de próclise ou o verbo esteja no futuro.

c) Ênclise ao verbo principal ⇨ Colocação sempre possível em se tratando do infinitivo ou do gerúndio. Gramaticalmente, não se admite ênclise a um verbo no particípio.

d) Pronome oblíquo solto no meio da locução verbal (próclise ao verbo principal) ⇨ Posiçã consolidada pelo uso. Já foi combatida por alguns gramáticos, mas hoje plenamente aceita pelo padrão mais formal da língua em virtude do largo emprego nas situações do dia a dia.

Observe agora, seguindo as orientações acima, as possíveis colocações dos oblíquos nas locuções verbais:

1. Verbo auxiliar + infinitivo:

a) Os homens devem amar uns aos outros. (se)

⇨ Os homens se devem amar uns aos outros. (Próclise ao verbo auxiliar)
⇨ Os homens devem-se amar uns aos outros. (Ênclise ao verbo auxiliar)
⇨ Os homens devem amar-se uns aos outros. (Ênclise ao verbo principal – infinitivo)
⇨ Os homens devem se amar uns aos outros. (Pronome solto no meio da locução)

b) Eu quero dizer muita coisa. (lhe)

⇨ Eu lhe quero dizer muita coisa. (Próclise ao verbo auxiliar)
⇨ Eu quero-lhe dizer muita coisa. (Ênclise ao verbo auxiliar)
⇨ Eu quero dizer-lhe muita coisa. (Ênclise ao verbo principal – infinitivo)
⇨ Eu quero lhe dizer muita coisa. (Pronome solto no meio da locução)

c) Não posso abater com essas calúnias. (me)

⇨ Não me posso abater com essas calúnias. (Próclise ao verbo auxiliar)
⇨ Não posso abater-me com essas calúnias. (Ênclise ao verbo principal – infinitivo)
⇨ Não posso me abater com essas calúnias. (Pronome solto no meio da locução)

2. Verbo auxiliar + gerúndio:

a) Os olhos da personagem foram enchendo de lágrimas. (se)

⇨ Os olhos da personagem se foram enchendo de lágrimas. (Próclise ao verbo auxiliar)
⇨ Os olhos da personagem foram-se enchendo de lágrimas. (Ênclise ao verbo auxiliar)
⇨ Os olhos da personagem foram enchendo-se de lágrimas. (Ênclise ao verbo principal – gerúndio)
⇨ Os olhos da personagem foram se enchendo de lágrimas. (Pronome solto no meio da locução)

b) O empregado afirmou que não estava insultando. (me)

⇨ O empregado afirmou que não me estava insultando. (Próclise ao verbo auxiliar)
⇨ O empregado afirmou que não estava insultando-me. (Ênclise ao verbo principal – gerúndio)
⇨ O empregado afirmou que não estava me insultando. (Pronome solto no meio da locução)

3. Verbo auxiliar + particípio:

a) O time tem dado muitas decepções. (nos)

⇨ O time nos tem dado muitas decepções. (Próclise ao verbo auxiliar)
⇨ O time tem-nos dado muitas decepções. (Ênclise ao verbo auxiliar)
⇨ O time tem nos dado muitas decepções. (Pronome oblíquo solto no meio da locução)

b) E se ele tivesse enganado, o que você faria? (me)

⇨ E se ele me tivesse enganado, o que você faria? (Próclise ao verbo auxiliar)
⇨ E se ele tivesse-me enganado, o que você faria? (Ênclise ao verbo auxiliar)
⇨ E se ele tivesse me enganado, o que você faria? (Pronome oblíquo solto no meio da locução)

c) Onde terá metido aquele menino? (se)

⇨ Onde se terá metido aquele menino? (Próclise ao verbo auxiliar)

⇨ Onde terá se metido aquele menino? (Pronome oblíquo solto no meio da locução)

⇨ **Observações:**

a) Lembre-se de que não se pospõe pronome oblíquo átono a um verbo no particípio.

b) Quando a locução verbal é formada por um verbo auxiliar mais uma preposição e mais o verbo principal, observam-se as mesmas posições elencadas acima à exceção da ênclise ao verbo auxiliar. Veja:

d) Ele há de acostumar em breve com a nova função na empresa. (se)

⇨ Ele se há de acostumar em breve com a nova função na empresa. (Próclise ao verbo auxiliar)

⇨ Ele há de acostumar-se em breve com a nova função na empresa. (Ênclise ao verbo principal – infinitivo)

⇨ Ele há de se acostumar em breve com a nova função na empresa. (Pronome solto entre a preposição e o verbo principal)

8.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (FCC) Quando ..... as provas, ... imediatamente.

a) lhes entregarem, corrijam-as.
b) lhes entregarem, corrijam.
c) lhes entregarem, corrijam-nas.
d) entregarem-lhes, corrijam-as.
e) entregarem-lhes, as corrijam.

2. (FCC) Acredito que todos ..... dizer que não ..... .

a) lhe irão, se precipite.
b) lhe irão, precipite-se.
c) irão-lhe, se precipite.
d) irão lhe, precipite-se.
e) ir-lhe-ão, se precipite.

3. (Santa Casa-SP) Devemos ..... da tempestade.

a) resguardar-mos-nos.
b) resguardar-nos.
c) resguardarmos-nos.
d) resguardarmo-nos.
e) resguarda-nos.

4. (Santa Casa-SP) Há um erro de colocação pronominal em:

a) Sempre a quis como namorada.
b) Os soldados não lhe obedeceram as ordens.
c) Todos me disseram o mesmo.
d) Recusei a ideia que apresentaram-me.
e) Quando a cumprimentaram, ela desmaiou.

5. (UFF-RJ) Numa das frases abaixo, a colocação do pronome pessoal átono não obedec às normas vigentes. Assinale-a.

a) Ter-lhe-iam falado a meu respeito?
b) Tenho prevenido-o várias vezes.
c) Quem nos dará as razões?
d) Nunca nos diriam inverdades.
e) Haviam-no procurado por toda parte.

6. (Faap-SP) Assinale a alternativa em que a colocação pronominal desobedece ao que preceitua a gramática:

a) Há muitas estrelas que nos atraem atenção.
b) Jamais dar-te-ia tantas explicações, se não fosse pessoa de tanto merecimento.
c) A este compete, em se tratando de corpo da pátria, revigorá-lo com o sangue do trabalho.
d) Não o realizaria, entretanto, se a árvore não se mantivesse verde sob a neve.
e) Nenhuma das anteriores.

7. (UM-SP) Assinale a alternativa que apresenta erro de colocação pronominal.

a) Você não devia calar-se.
b) Não lhe darei qualquer informação.
c) O filho não o entendeu.

d) Se apresentar-lhe os pêsames, faça-o discretamente.
e) Ninguém quer aconselhá-lo.

8. (Cesesp-PE) Assinale o único período em que há inadequação na colocação pronomina

a) Nenhuma das questões lhe desagradou.
b) Que Deus me ajude!c) Quanto nos custa manter a calma!d) A prova, fi-la sem afobação.
e) Todos retirar-se-iam cedo.

9. (PUCC-SP) Sabendo-se que solecismos são desvios indevidos de regência, concordância e colocação, indique a alternativa que não apresenta nenhum desses desvios, segundo a norma culta:

a) Liliana, te amo perdidamente.
b) Quando saírem com nós, talvez nos contem o caso.
c) As meninas não devem se preocupar com a maquiagem.
d) Entre mim e você, sempre houve compreensão.
e) Esta revista é para mim ler.

10. (UM-SP) Assinale a alternativa em que o pronome pessoal oblíquo poderia ser colocad em duas outras posições:

a) Deixei de cumprimentá-lo.
b) Eles queriam-me enganar.
c) Não te prejudicarei nunca.
d) Os amigos tinham se retirado.
e) Creio que ele não me dará explicações.

GABARITO

1 – C	2 – A	3 – B
4 – D	5 – B	6 – B
7 – D	8 – E	9 – D
10 – B		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-

io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 9

EMPREGO DOS SINAIS DE PONTUAÇÃO

Em primeiro lugar, quero parabenizá-lo por ter chegado até aqui. Espero que você já tenha estudado os outros pontos deste livro, pois o assunto sobre o qual vamos a partir de agora discorrer depende bastante dos conhecimentos anteriores, principalmente do conhecimento sobre sintaxe de oração e de período. Do entendimento com profundidade da oração e dos seus termos, bem como da relação entre as orações, dependerá o sucesso no que diz respeito ao emprego dos sinais de pontuação, uma vez que esta é, na maioria dos casos, uma necessidade sintática. Por isso, convido-o a estudar – se ainda não o fez – aqueles dois assuntos. Adentrar o mundo da pontuação sem dominar os mecanismos básicos da sintaxe é semelhante a tentar resolver um problema de sistema de inequações do segundo grau sem antes ter estudado a resolução de equações do primeiro grau, ou seja, a possibilidade de insucesso é grande. Se já estudou, convido-o então a dar o próximo passo para o seu engrandecimento: vamos juntos entender a aplicação dos diversos sinais que marcam as pausas, a entonação, a mudança semântica e às vezes a melodia do discurso na nossa língua portuguesa.

9.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A princípio é preciso que se estudem as duas principais razões sobre as quais se assenta a pontuação na língua portuguesa. Chamo a essas razões de “bases” da pontuação.

1.ª BASE:

Pontuar é, no mais das vezes, uma necessidade sintática. Isto quer dizer que, para se pontuar bem, deve-se estar atento às funções sintáticas desempenhadas pelos termos e pelas orações, bem como à localização de tais termos e orações no período. Por isso, são inadmissíveis as seguintes pontuações:

a) O ex-presidente da empresa brasileira de correios e telégrafos, viajará na próxima semana.

Regra: Não se separa o sujeito do seu verbo.

b) Por fim, estudou-se o artigo 5.º da Constituição, que confere, aos brasileiros e aos estrangeiros, certos direitos.

Regra: Não se separa por vírgula o verbo do(s) seu(s) objeto(s).

c) A indignação, de muita gente, não transpõe na maioria dos casos o âmbito das conversas privadas.

Regra: Não se separa o nome do(s) seu(s) adjunto(s).

d) O fato que foi revelado nas investigações foi decisivo, para a elucidação do crime.

Regra: Não se separa por vírgula o nome do seu complemento.

Você perceberá que boa parte das regras sempre se refere às funções sintáticas. Daí afirmamos ser a pontuação uma necessidade sintática.

2.ª BASE:

O emprego dos sinais de pontuação pode alterar o sentido e a função sintática de um termo, ou seja, a pontuação, em muitos casos, implicará alterações semânticas e sintáticas. Observe as alterações de sentido e de função sintática entre os pares a seguir:

a) – Ninguém compreende Maria. ⇨ Maria é uma pessoa difícil de se compreender. O termo "Maria" é o objeto direto.

– Ninguém compreende, Maria. ⇨ Maria passa a ser a interlocutora com quem se fala. O termo "Maria" é agora o vocativo.

b) – O empregado falará brevemente com o novo diretor. ⇨ O vocábulo “brevemente” funciona como advérbio de tempo.

– O empregado falará, brevemente, com o novo diretor. ⇨ O vocábulo “brevemente” funciona como advérbio de modo.

c) **– Quero ver o que você vai fazer agora, que o novo gerente é um casca-grossa.** A oração iniciada pelo “que” possui sentido explicativo. O vocábulo “agora” é um advérbio de tempo.

– Quero ver o que você vai fazer, agora que o novo gerente é um casca-grossa. ⇨ A oração iniciada pelo “agora que” possui valor temporal. A locução “agora que” é uma conjunção temporal.

d) Alguém joga uma moeda para cima, pega-a na mão e pergunta:

— É cara ou coroa?
— É coroa, cara.
— Não! Deu cara, coroa!

Observe as alterações semânticas e sintáticas provocadas pelo emprego da vírgula entre os vocábulos “cara” e “coroa”.

e) – De fato, meu amigo não fala de medo. ⇨ Aqui o amigo não fala sobre o “medo”. “De medo” é objeto indireto.

– De fato, meu amigo não fala, de medo. ⇨ Aqui o amigo não fala porque está com medo. “De medo” é um adjunto adverbial de causa.

f) – Todos foram até a mamãe. ⇨ Aqui “todos” chegaram até a mamãe.

– Todos foram, até a mamãe. ⇨ Aqui “todos” foram, partiram, inclusive “a mamãe”.

g) – “Vota Brasil!” ⇨ Aqui o “Brasil” – sujeito – faz a ação de votar. Observe que o verbo “votar” se encontra no presente do indicativo.

– “Vota, Brasil!” ⇨ Aqui o vocábulo “Brasil” passa a exercer a função de “vocativo”. O verbo “votar” se encontra agora na segunda pessoa do imperativo afirmativo.

Reiterando: O emprego dos sinais de pontuação – notadamente a vírgula – pode provocar alterações do sentido e da função sintática dos termos.

9.2 PRINCIPAIS SINAIS DE PONTUAÇÃO

Pontuar é, antes de mais nada, dividir o discurso, separar-lhe as partes quando for necessário. Clara definição para o que vem a ser "pontuar" nos deixou o ilustre mestre Celso Pedro Luft: "Pontuar bem é ter visão clara da estrutura do pensamento e da frase. Pontuar bem é governar as rédeas da frase. Pontuar bem é ter ordem no pensar e na expressão".

Para que bem se efetue esse domínio, empregam-se os sinais de pontuação os quais se dividem em sinais de pausa e sinais de entonação ou melódicos.

1. Sinais de pausa:

a) a vírgula (,);
b) o ponto (.);
c) o ponto e vírgula (;).

2. Sinais de entonação ou melódicos:

a) os dois-pontos (:);
b) o ponto de exclamação (!);
c) o ponto de interrogação (?);
d) as reticências (...);
e) as aspas (" ");
f) os parênteses (( ));
g) os colchetes ([ ]);
h) o travessão (–).

⇨ Observações:

a) Outros sinais podem, em alguns contextos, ser empregados para a marcação de melodia e entonação (recursos expressivos) como o hífen, o parágrafo, o destaque de letras e palavras (emprego do negrito, por exemplo).

b) Em muitos contextos, encontramos o "emprego cumulativo de sinais de pontuação". Podem combinar-se o ponto de interrogação com o ponto de exclamação e vice-versa; e qualquer dos dois, ou ambos, com as reticências. Podemos também usar as reticências e logo em seguida um ponto de exclamação. Com essas combinações, é

possível se obter as mais variadas expressões, seja para indicar simultaneamente a surpresa ou a dúvida contida numa pergunta, seja a expectativa ou a incerteza do interlocutor, seja o prolongamento das entoações interrogativa e exclamativa – entre tantos outros matizes emocionais.

- "Teve o Lemos outro sobressalto que o fez de novo pular na cadeira.

  - Como?... Tem alguém de olho?" (José de Alencar)

- "– Eu estou bem em toda parte, padre-mestre, disse o pároco, caçando os seus chinelos de ourelo. Olha o seminário!... E em Feirão! Caía-me a chuva na cama." (Eça de Queiroz)

- "Silfos ou gnomos tocam?...

  Roçam nos pinheirais

  Sombras e bafos leves

  De ritmos musicais." (Fernando Pessoa)

9.2.1 EMPREGO DA VÍRGULA (,)

Para estudar o emprego da vírgula, primeiro é preciso entender que ela pode ser usada tanto para isolar termos dentro das orações quanto para separar orações dentro de um período composto. Por isso, dividimos seu emprego em:

9.2.1.1 A vírgula entre os termos de uma oração

Emprega-se a vírgula:

a) Para separar termos coordenados assindéticos (sem ligação por conectivo), de mesma função sintática, que formam, muitas vezes, enumerações.

- Deparamo-nos em nossa viagem com uma paisagem paradisíaca na qual se viam o sol, algumas nuvens, o mar ao longe, alguns coqueiros e duas casas numa restinga.

- "Havia sermonários latinos, um Marco Marullo, três retóricas, muitas teologias morais, um Euclides, comentários de versões literais de Tito Livio e Virgílio." (Camilo Castelo Branco)

- A vida, o infinito, o sol, o mar, tudo é um louvor a Deus.

⇨ Observações:

Quando o último elemento de uma série enumerativa vier precedido da conjunção “e”, a vírgula é dispensada. Neste caso, diz-se que se fez uma “enumeração fechada”, pois o último elemento, introduzido pelo conectivo aditivo “e”, finaliza o pensamento, o que não permite inferir que haja outros elementos não mencionados.

- Na festa, todos saltavam, riam, cantavam e dançavam freneticamente.

Não se deve empregar a vírgula antes das conjunções “e, ou, nem” quando estas ligarem palavras ou mesmo orações de pequena extensão.

- “Todo ele era atenção e interrogação.” (Machado de Assis)
- Nem um nem outro lhe deve ficar obrigado.” (A. Herculano)
- “Com ela ou sem ela, tenho por certa a nossa ida.” (Machado de Assis)

Emprega-se a vírgula antes do “e” quando este vier repetido antes de cada um dos elementos (polissíndeto).

- “Tua irmã é carinhosa, e doce, e meiga, e casta, e consoladora.” (Eça de Queiroz)

b) Para isolar vocativos.

- “Mas olha, meu Telmo, torno a dizer-to: eu não sei como hei de fazer para te dar conselhos.” (A. Garrett)
- Que foi, Madalena, há algum problema na comida?
- “De maneira, cristãos, que temos hoje a maior tentação: queira Deus que tenhamos também a maior vitória.” (Pe. Antonio Vieira)

c) Para separar adjuntos adverbiais locucionais deslocados dentro da estrutura oracional.

- “A morte de Afonso VI, quase no fim da primeira década do século XII, deu origem a acontecimentos ainda mais graves do que os por ele previstos...” (A. Herculano)
- “Desde as quatro horas da tarde, no calor e silêncio do domingo de junho, o Fidalgo da Torre (...) trabalhava.” (Eça de Queiroz)
- “Depois das grandes dores e das lágrimas torrenciais, forma-se também no coração do homem um húmus poderoso...” (José de Alencar)
- “Diante dessa varanda, na claridade forte, pousava a mesa ... .” (Eça de Queiroz)

⇨ Observações essenciais:

Os adjuntos adverbiais formados por um só vocábulo – e mesmo os adjuntos adverbiais locucionais, de pequena extensão – dispensam a vírgula, salvo se se quiser conferir-lhes ênfase.

- Iremos hoje ao shopping.
- Todos em princípio discordam do que ele disse.
- Amanhã de manhã chegarão o Presidente da República e toda a sua comitiva.
- "Logo pela primeira vez o caso intrigou a vizinhança." (Lima Barreto)
- "Esta atitude de resto convém ao bacharel... ." (Eça de Queiroz)

Os adjuntos adverbiais terminados no sufixo "-mente" seguem a regra de pontuação dos adjuntos adverbiais simples: ou não se põe nenhuma vírgula, ou se isola o advérbio com vírgula(s) para conferir-lhe ênfase ou alterar-lhe a semântica.

- "É verdade que a guitarra vinha decentemente embrulhada em papel, mas o vestuário não lhe escondia inteiramente as formas." (Lima Barreto)
- "... uma flor consolaria aquela deserdada; mas na disposição dos seres, infelizmente, a Substância que lá devia ser rosa é aqui na Baixa homem de Estado..." (Eça de Queiroz)
- "Realmente, era graciosa e viva nos gestos, olhos cálidos, boca fina e interrogativa." (Machado de Assis)

d) Para isolar apostos explicativos.

- "Vós fostes o aio e amigo de meu senhor... de meu primeiro marido, o Senhor D. João de Portugal..." (A. Garrett)
- "O Dr. Camargo, médico e velho amigo da casa, foi ter com Estácio." (Machado de Assis
- Recife, cidade cortada por rios, é conhecida como a Veneza brasileira.
- Salomão, filho de Davi, foi um rei sábio.

e) Para isolar o nome do lugar quando seguido de data.

- Palmares, 2 de fevereiro de 2004.

f) Para isolar alguns termos sintáticos – geralmente complementos verbais – posto no início do período (anástrofe), com o intuito de conferir-lhes ênfase, desde

que sejam retomados de forma pleonástica por pronome oblíquo.

- As ideias do nosso presidente, já não mais as defendo.
- Aos amigos do alheio, difícil é perdoar-lhes os prejuízos que causam.

g) Para isolar o predicativo do sujeito deslocado dentro da estrutura oracional quando o verbo não é de ligação.

- Triste com a notícia, o rapaz deixou a sala em silêncio.
- O governo, contente com a redução da inflação, interveio junto ao Banco Central para que este diminua a taxa Selic.
- O professor, desesperado, deixou a sala.

h) Para indicar uma elipse (ocultação), geralmente, de um verbo.

- O Brasil sempre exportou carnes; a Argentina, sapatos e couro; a Venezuela, petróleo. (Elipse do verbo "exportar")
- "A moral legisla para o homem; o direito, para o cidadão." (Tomás Ribeiro apud Artur de A. Tôrres)
- Marcos estuda francês, e João, inglês.

i) Para separar expressões explicativas, conclusivas e retificativas, interpostas na oração, como "isto é, a saber, ou seja, por exemplo, ou melhor, outrossim, com efeito, assim, então, por assim dizer, além disso, ademais etc.".

- "Quaresma fez o "Tangolomango", isto é, vestiu uma velha sobrecasaca do general..." (Lima Barreto)
- "Esta singularidade era um símbolo da união, ou melhor, da comunhão que o dono da casa queria que houvesse durante a ceia..." (José de Alencar)
- "O calor úmido das paragens amazonenses, por exemplo, deprime e exaure." (Euclides d Cunha)

j) Para separar os elementos paralelos nas frases proverbiais.

- O velho a estirar, o diabo a enrugar.
- Dinheiro na mão, amigos no portão.

9.2.1.2 A vírgula entre as orações

a) Para separar orações coordenadas assindéticas.

- "Entregou a espingarda a sinhá Vitória, pôs o filho no cangote, levantou-se, agarrou os bracinhos..." (Graciliano Ramos)
- "Os juazeiros aproximaram-se, recuaram, sumiram-se." (Graciliano Ramos)
- "Deus quer, o homem sonha, a obra nasce." (Fernando Pessoa)
- "E agora, José?
  A festa acabou,
  a luz apagou,
  o povo sumiu,
  a noite esfriou." (C. Drummond)

b) Emprega-se a vírgula para separar as orações coordenadas sindéticas, exceto as introduzidas pelo conectivo aditivo "e".

- "... as duas janelas estavam cerradas, mas sentia-se fora o sol faiscar nas vidraças..." (Eça de Queiroz)
- "Não freqüentava botequins, nem fazia noitadas." (Eça de Queiroz)
- "... ora tinha trabalho que me obrigava a fechar o gabinete, ora saía ao domingo para ir passear pela cidade e arrabaldes o meu mal secreto." (Machado de Assis)
- "Note que é só para fazer mal, porque ele é tão religioso como este lampião." (Machado de Assis)
- Não estudas regularmente, logo és um mau aluno.

⇨ Observações:

A vírgula é de rigor antes do "e" aditivo quando vem repetido antes de cada oração (polissíndeto), quando o "e" possui valor adversativo, ou quando a oração introduzida pelo "e" apresenta sujeito diverso da oração assindética anteposta.

- Preparou-se profundamente para o concurso, e não conseguiu ser aprovado nem na primeira etapa.

> O "e" possui valor adversativo.

- "Cumpriu-se o Mar, e o Império se desfez." (Fernando Pessoa)

Os sujeitos das orações são diferentes.

- “Rita tratou especialmente do coração, e ninguém o faria melhor.” (Machado de Assis)
- *“Rondo-te, e arquejo, e choro, ó cidadela!”* (Olavo Bilac, apud Domingos Paschoal Cegalla)

Boa parte dos conectivos coordenativos admite o deslocamento dentro da oração coordenada de que eles fazem parte. Um bom paradigma nos dão as conjunções coordenativas adversativas (construções possíveis):

- As ideias construídas por ele têm fundamento, mas são inaplicáveis à realidade do dia a dia.

Posição mais comum – conectivo introduz a oração coordenada sindética.
A vírgula deve ser aplicada antes do conectivo.

- As ideias construídas por ele têm fundamento; entretanto, são inaplicáveis à realidade do dia a dia.

pontuação enfática para o conectivo

- As ideias construídas por ele têm fundamento; são inaplicáveis, porém, à realidade do dia a dia.

conectivo deslocado dentro da oração sindética

- As ideias construídas por ele têm fundamento; são inaplicáveis à realidade do dia a dia, no entanto.

conectivo deslocado dentro da oração sindética

Quando a oração assindética é de considerável extensão, pode-se finalizá-la com um ponto. Depois inicia-se a oração sindética com conectivo adequado, o qual poderá ou não ser isolado por uma vírgula.

- “Quis puxar as de Capitu, mas ainda agora a ação não respondeu à intenção. Contudo, achei-me forte e atrevido.” (Machado de Assis)

- “A criação de gado é ali a sorte de trabalho menos impropriada ao homem e à terra. Entretanto não há vislumbrar nas fazendas do sertão a azáfama festiva das estâncias do Sul.” (Euclides da Cunha)

c) Para separar orações subordinadas adjetivas explicativas.

- “Aquele olhar profundo, que parecia despedir os fogos surdos de uma labareda oculta, incutia nela um desassossego íntimo.” (José de Alencar)
- O homem, que é mortal, julga-se às vezes eterno.
- “Eu, que já a achava lindíssima, bradaria que era a mais bela criatura do mundo se o receio me não fizesse discreto.” (Machado de Assis)
- “Qualquer príncipe italiano, cujo principado é menos do que a sua capital, tem residências dez vezes mais magníficas do que esse bocó de Sanjon.” (Lima Barreto)

d) Para separar orações subordinadas adverbiais desenvolvidas quando antepostas à oração principal ou intercaladas nela.

- “Logo que começou a revolver os papéis, a mão do médico tornou-se mais febril.” (Machado de Assis)
- O conselheiro, embora não figurasse em nenhum grande cargo do Estado, ocupava elevado lugar na sociedade. (Machado de Assis)
- A audiência foi, conforme atestaram os advogados, bastante positiva para a defesa.
- “Como pregava gratuitamente, o vigário de Caldelas era chamado por todos os mordomo e confrarias festeiras.” (Camilo Castelo Branco)

e) Para separar as orações reduzidas (de gerúndio, de infinitivo e de particípio) adverbiais e adjetivas quando antepostas à oração principal ou intercaladas nela.

- “Hoje, pensando melhor, acho que servi de alívio.” (Machado de Assis)
- Acabada a balada, retiraram-se os convidados.
- “Provado o roubo, iremos haver a importância dos dois brilhantes ultimamente comprados ao ourives que no-los vendeu.” (Camilo Castelo Branco)
- “A Serra do Grão-Mogol, raiando as lindes da Bahia, é o primeiro espécimen dessas esplêndidas chapadas imitando cordilheiras...” (Euclides da Cunha)
- A lagarta, paralisada pelo veneno da vespa, nada poderá fazer para evitar o seu martírio.

f) Para separar orações intercaladas.

- “Venha, acudiu ele, venha o grande o homem.” (Machado de Assis)
- Cão que ladra, diz o dito popular, não morde.
- “Onde é que se viu, diziam eles, um imperador que só tem dois palácios?” (Lima Barreto)

9.2.1.3 Não se emprega a vírgula

O emprego da vírgula, como já vimos, obedece a critérios bem definidos. Pode ser empregada tanto entre termos de uma oração quanto entre orações. O interessante é notar que boa parte dos casos estudados se refere a estruturas nas quais existem inversões (ordem indireta). Por causa dessas inversões “pontua-se”, emprega-se algum sinal de pontuação para evitar confusões. Logo, a ordem direta, em princípio, dispensa o emprego de sinais de pontuação. Portanto, o estudante da língua-mãe deve estar atento à estrutura do período se quiser empregar bem algum sinal de pontuação. Observe o exemplo abaixo:

- O ex-diretor licenciado da empresa brasileira de correios e telégrafos deverá viajar nas próximas duas semanas.

O período dispensa qualquer sinal de pontuação, porquanto se encontra na ordem direta.

Ademais, não se deve empregar a vírgula:

a) Entre o sujeito e o seu verbo quando juntos, ainda que um preceda ao outro.

- A indignação de muitos estudantes, não transpõe o âmbito das conversas privadas.
- Não é fácil, manter-se o equilíbrio entre o direito e o dever.
- O fato de ter cultivado tantos amigos e granjeado o respeito de todos, é prova suficiente de que ele teve uma vida digna.
- Fica claro, que deve ser pago ao reclamante o valor referente às horas suplementares.

b) Entre o verbo e o(s) seu(s) complemento(s) quando juntos, ainda que um preced ao outro.

- O artigo 273 do CPC garante, ao autor, a antecipação dos efeitos da tutela.
- Deverão ser entregues ao auditor, todas as cópias, devidamente autenticadas.
- São vultosos os prejuízos causados pelos sonegadores e pelos corruptos ao povo brasileiro, com os quais, se indigna o motorista.

- Esclarece o reclamante, que a empresa jamais efetuou qualquer depósito em sua conta vinculada.

c) Entre o nome (substantivo, adjetivo ou advérbio) e o seu complemento quando estão juntos.

- Ele sempre exerceu uma forte influência, na investigação dos casos de corrupção no Brasil.
- Não havia mais dúvidas, de que a vida dele era uma questão de dias.
- Os homens têm-se tornado insensíveis, à dor alheira.

d) Entre o nome (substantivo) e o seu adjunto adnominal.

- A casa e todos os bens, de nossos avós, foram doados para abrigos de idosos.
- Ficou durante um bom tempo impressionado com o nome, do marido dela.

e) Entre o nome e a oração subordinada adjetiva restritiva.

vírgulas inadequadas – a oração adjetiva é restritiva

- O homem, que fuma, aumenta a probabilidade de desenvolver câncer de pulmão.

vírgulas inadequadas – a oração adjetiva é restritiva

- O deputado, que é honesto, possui mais facilidade para se reeleger em uma segunda eleição.

⇨ Observação:

Quando a oração adjetiva restritiva é de certa extensão, é lícito empregar a vírgula ao final dela.

- "As famílias que se estabeleceram naquelas encostas meridionais das longas serranias chamadas pelos antigos Montes Marianos, conservaram por mais tempo os hábitos erradios dos povos pastores." (M. Said Ali – *Gramática Secundária da Língua Portuguesa*)

f) Entre a oração principal e a oração subordinada substantiva, salvo a oração subordinada substantiva apositiva.

- Mostrou-se bastante ansioso, por que o problema logo fosse resolvido.
- O deputado secretamente nos disse, que o Brasil certamente passará por uma crise

financeira em breve.

- Nosso maior problema fora, que ele não admitia ser cuidado por ninguém.

⇨ Observação:

Se a oração subordinada substantiva vier anteposta à oração principal, a vírgula é de rigor.

- Que ele é o presidente, já se sabia; que ele não tem competência, já se sabia também.
- Quando ocorrerá o evento, não se disse.

9.2.2 EMPREGO DO PONTO (.)

É o principal sinal de pontuação empregado para finalizar as proposições declarativas, simples ou compostas, de sentido completo.

- "Os pés do que entrara apenas faziam um rumor sumido no chão de mármore. Vinha descalço. A sua aljarabia ou túnica era de lá grosseiramente tecida, o cinto uma corda de esparto." (A. Herculano)
- "Estava Ângela na janela da sua casa na "rua do Bispo", quando o marido surdiu da esquina da "Praça nova". Reconheceu-o logo pela corpulência redonda." (Camilo Castelo Branco)

O ponto final também é empregado para:

a) Encerrar a oração adversativa assindética de certa extensão, principalmente quando a oração sindética posposta é aditiva ou adversativa e traz uma ideia nova, um pensamento novo em relação à oração assindética.

- "– Quando era mais jovem, em criança, era natural, ele podia passar por criado. Mas voc está ficando moço e ele vai tomando confiança." (Machado de Assis)
- "O mistério que havia entre ambos ninguém o podia entender. E, todavia, a explicação era bem simples: estava no caráter extremamente religioso do califa, na sua velhice e no seu passado de príncipe absoluto." (A. Herculano)

b) Indicar a abreviatura de uma palavra. Neste caso, recebe o nome de "ponto abreviativo

- pág. ou p.
- Cel. (Coronel)
- r. (rua)
- prof. (professor)
- Dr. (doutor)

9.2.3 EMPREGO DO PONTO E VÍRGULA (;)

O ponto e vírgula representa uma pausa maior que a vírgula e menor que o ponto final. Não há regras bem delimitadas para o seu emprego. É comum empregar:

a) Para separar os incisos de leis, decretos, portarias etc.

Art. 3.º Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil:

I – construir uma sociedade livre, justa e solidária;

II – garantir o desenvolvimento nacional;

III – erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais;

IV – promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

b) Para separar orações coordenadas de sentidos opostos.

- A irmã odeia esportes; o irmão ama tudo que exige movimento.
- "O egoísmo vê na revolução um fato que destrói; o gênio contempla na revolução uma idéia que edifica." (Coelho Neto *apud* Jorge Miguel)
- João é um trabalhador; Pedro é um vadio.

c) Para separar orações coordenadas de considerável extensão, principalmente quando em qualquer destas proposições já existe pausa mais fraca assinalada por vírgula.

- A porta ficava à direita da grande coluna de entrada do templo budista; a sala do mestre localizava-se depois dessa porta.
- Nada se comparava ao devaneio sentido naquele momento da sessão de psicoterapia; e contava-me tudo sem restrições.
- À véspera do grande evento, o jovem pianista entregou-se, em seu quarto, ao silêncio e à meditação; e passou as últimas 24 horas em total solidão.
- O governo, depois do confronto com os manifestantes, resolveu negociar; mas os termos da negociação ainda serão analisados pela Procuradoria Regional do Trabalho.

9.2.4 EMPREGO DOS DOIS-PONTOS (:)

Os dois-pontos representam geralmente uma pausa repentina, instantânea, um pouco mais intensa que a vírgula, indicando, na maioria dos casos, uma estrutura incompleta. São empregados para:

a) Separar o verbo de dizer (*dicendi*) do discurso direto (fala) da personagem.

- E a filha, cingindo-lhe ao pescoço, exclamara:
  – E quando vamos? (Camilo Castelo Branco)
- "O romano Aécio teve, porém, piedade de Átila e aos filhos de Teodorico disse: – Ide-vos porque o império está salvo." (A. Herculano)

b) Enunciar uma enumeração.

- Frequentemente lia os clássicos portugueses: Camões, Camilo, Herculano e Quental.
- Durante a aula, anote as seguintes coisas: principais pontos, as principais definições e as principais aplicações.

c) Separar expressões que explicam ou completam o que foi dito anteriormente.

- "Mal, porém, o marido lhe dava as costas, voltava-lhe a fraqueza: vinham-lhe as lágrimas, tornavam as agonias." (Lima Barreto)
- "Olhe que ambas elas têm nomes inspiradores: uma é Berta, a outra é Laura." (Camilo, apud Arthur de A. Torres)
- "Hoje, a cobiça assentou-se no lugar da eqüidade: o juiz vende a consciência no mercado dos poderosos, como as mulheres de Babilônia vendiam a pudicícia nas praças públicas aos que passavam, diante da luz do dia." (Camilo Castelo Branco)
- "A morte não extingue: transforma; não aniquila: renova; não divorcia: aproxima." (Rui Barbosa, apud Jorge Miguel)

d) Indicar uma citação, alheia ou própria.

- Pensamos como Pitágoras: "Educai as crianças e não será preciso castigar os homens".
- "Disse comigo: 'Que importa ao mundo a vida de um pobre truão'"? (A. Herculano)
- Às margens do Ipiranga, bradou D. Pedro I: "Independência ou morte!".

e) Marcar a supressão de uma conjunção (conectivo).

- Penso hoje que a vocação dele era, de fato, o serviço público: sentia-se suficientemente recompensado pela responsabilidade que lhe cabia.

Supressão de conjunção causal (porque, já que, visto que etc.)

- “Tereza não ouviu o remate da brutal apóstrofe: tinha fugido aturdida e envergonhada.” (Camilo Castelo Branco)

Supressão de conjunção causal (porque, já que, visto que etc.)

9.2.5 PONTO DE EXCLAMAÇÃO (!)

É o sinal de pontuação empregado depois de interjeições, palavras ou frases com o intuito de expressar admiração, espanto, surpresa, afeto, cólera, ou seja, estados emotivos.

- “Espanta discrição tamanha na índole de Simão Botelho, e na presumível ignorância de Teresa em coisas materiais da vida, como são um patrimônio!” (Camilo Castelo Branco – Amor de perdição)
- “— O lacaio ficou-se de uma vez! disse o vestido roxo com um movimento de impaciência

  — É verdade! respondeu distraidamente a companheira.” (José de Alencar)
- “Ah! quem pode saber de que outras vidas veio?...

  Quantas vezes, fitando a Via-Láctea, creio

  Todo o mistério ver aberto ao meu olhar!” (Olavo Bilac)

⇨ **Observação:**

Às vezes, aparecem juntos o ponto de exclamação e o ponto de interrogação, imprimindo à frase tanto um caráter exclamativo quanto um caráter interrogativo.

- “É a história. E história assim poderá ouvi-la a olhos enxutos a mulher, a criatura mais bei formada das branduras da piedade, a que por vezes traz consigo do céu um reflexo da divina misericórdia?!” (Camilo Castelo Branco)
- “Como queres que eu vá, triste e sozinho,

  Casando a treva e o frio de meu peito

  Ao frio e à treva que há pelo caminho?!” (Olavo Bilac)

9.2.6 PONTO DE INTERROGAÇÃO (?)

É o sinal de pontuação usado depois de palavras e frases interrogativas.

- “Não haveria castigo que me tirasse semelhante remorso da consciência, fosse de que modo fosse, perpetrado o assassinato. Que acha você?

  — Eu também; mas você sabe o que dizem esses políticos que sobem às alturas com dezenas de assassinatos nas costas?” (Lima Barreto)

- “Não foi preciso romper o sobrescrito, porque vinha aberta.

  — É de meu pai... disse Amâncio.

  — Ah! é do velho Vasconcelos?... Como vai ele?” (Aluísio Azevedo)

- “Lembras-te? Um dia me disseste:

  “Tudo acabou!” E eu exclamei:

  “Se vais partir, por que vieste?” (Olavo Bilac)

⇨ **Observação:**

Nas interrogativas indiretas, o ponto de interrogação é dispensado.

- “Perguntou ao arreeiro se conhecia alguma casa em Viseu onde ele pudesse estar escondido uma noite ou duas, sem receio de ser denunciado.” (Camilo Castelo Branco)

- “Não ficaram estes contentes e procuraram indagar quem era o dono da casa.” (Lima Barreto)

9.2.7 RETICÊNCIAS (...)

É o sinal de pontuação empregado para indicar a supressão de um pensamento, de uma ideia. O emprego das reticências – chamadas também de “pontos de reticência” – procura aproximar ao máximo o leitor do estado de espírito do falante.

- “No seu tempo, dizia o cônego, o pároco era um rapaz franzino, acanhado, cheio de espinhas carnais... “ (Eça de Queiroz)

- “— Vamos, Eugênio. São horas... vamos apartar os bezerros e tocar as vacas para a outra banda.” (Bernardo Guimarães)

- “E os senhores, a serem cá de Lisboa, hão de dizer que sim. Mas nós...” (A. Garret)

⇨ **Observação:**

Às vezes as reticências aparecem combinadas com o ponto de exclamação ou com o

ponto de interrogação.

- “És filho de teu pai!... Não importa.” (A. Herculano)
- “Para que tornar-lhe a morte mais aflitiva pela certeza...?” (Machado de Assis)

9.2.8 ASPAS (“ ”)

As aspas são sinais de pontuação geralmente empregados nas citações ou transcrições para distingui-las da parte restante do discurso. As aspas, portanto, indicarão o início e o fim do discurso alheio.

- Depois de se conservar algum tempo em silêncio, exclamou:

  “Se os mensageiros dos levantados não chegarem até o anoitecer, não falemos mais nisso.” (A. Herculano)
- A maçã parecia um creme! Até a mana Josefa disse: “Está tão boa que parece que foi cozida em água benta!” (Eça de Queiroz)
- Supôs-se naquele tempo um desgraçado, um caipora, quando a verdade era que “mais vale quem Deus ajuda, do que quem cedo madruga”. (Machado de Assis)
- O *Times* dizia o ano passado: “Desorganizado está o partido cujo acordo reduz-se a reconhecer o princípio negativo de que *a função da oposição consiste em opor-se*”. (Rui Barbosa)

Além desse emprego mais frequente das aspas, elas são também usadas para:

a) Enfatizar um termo, uma palavra ou uma expressão dentro da estrutura oraciona

- Os pais sorriam-se cheios de satisfação da ingenuidade do “mestrinho”, como daí em diante o chamavam, e não lhe levavam a mal as suas longas e quotidianas ausências. (Bernardo Guimarães)
- Aprendeu a “artinha” musical na terra do seu nascimento, nos arredores de Diamantina, em cujas festas de igreja a sua flauta brilhara, e era tido por muitos como o primeiro flautista do lugar. (Lima Barreto)
- Margarida já está ficando uma senhora, e você não pode tratar “a ela” agora como no tempo em que brincavam juntos o “esconde-esconde”. (Bernardo Guimarães)

b) Salientar palavras de outras línguas – estrangeirismos – usadas dentro de um período.

- “Diex le volt!” E, barão entre os barões primeiros

Foste, através da Europa, ao Sepulcro ameaçado. (Olavo Bilac)

- Tenho que lá estar

  E acreditem, o cansaço antecipado é tão grande

  Que, se o “Sud Express” soubesse, descarrilava... (Fernando Pessoa)

- Deu-lhe dinheiro para voltar, um chapéu de cortiça, umas perneiras, um cachimbo e uma lata de fumo “Navy Cut”; ... (Lima Barreto)

c) Isolar o discurso de um personagem em textos narrativos. Geralmente isso ocorr quando se trata de discursos únicos, de pouca extensão.

- São retratos que valem por originais. O de minha mãe, estendendo a flor ao marido, parece dizer: “Sou toda sua, meu guapo cavalheiro!” (Machado de Assis)

- Não pude ouvir as palavras que tio Cosme entrou a dizer. Prima Justina exortava: “Prima Glória! Prima Glória!”. José Dias desculpava-se: “Se soubesse, não teria falado, mas falei pela veneração, pela estima, pelo afeto, para cumprir um dever amargo, um dever amaríssimo...” (Machado de Assis)

d) Salientar gírias, arcaísmos e formas populares que fogem do nível da fala usada pelo autor do texto.

- Toda a província o aterrava: via-se lá obscuro, jogando a manilha na Assembleia, morrendo de caquexia. Por isso não “arredava pé”; e esperava, com a tenacidade do plebeu sôfrego, uma clientela rica, uma cadeira na escola, um cupê para as visitas, uma mulher loura com dote. (Eça de Queiroz)

- Passam as “chuvas do caju” em outubro, rápidas, em chuvisqueiros prestes delidos nos ares ardentes, sem deixarem traços; ... (Euclides da Cunha)

e) Indicar – algumas vezes de forma irônica – o emprego de palavras em sentido diverso do que lhe é habitual.

- Cruzamos a povoação em todos os sentidos, procurando rastrear algum vestígio. Confrontar algum sítio onde pudéssemos colocar, pela mais atrevida suposição que fosse, a tenda do nosso Alfageme com as suas espadas bem “corrigidas”, as suas armaduras luzentes e bem postas. (A. Garret)

- Um desses “oficiais” defensores da legalidade era o Capitão Virgulino Ferreira, o Lampião. (Raquel de Queiroz)

⇨ **Observação:**

Quando se quer enfatizar um termo ou expressão que já se encontra entre aspas, devem ser usadas as aspas simples (‘ ’).

- Uma manhã, depois de um grande silêncio de Basílio, recebeu da Bahia uma longa carta, que começava: “Tenho pensado muito e entendo que devemos considerar a nossa inclinação como uma ‘criancice’...” (Eça de Queiroz)

9.2.9 PARÊNTESES (( ))

Os parênteses são frequentemente usados na escrita para isolar termos, palavras, expressões e orações intercalados na estrutura oracional e muitas vezes deslocados dentro dela. Por isso, são empregados para:

a) Isolar – à semelhança do emprego da vírgula e do travessão – termos, notas e orações acessórios, intercalados no período.

- “A entrada ao que me dizem (eu nunca entrei a barra) é um panorama grandioso, rival das Constantinoplas e das Nápoles.” (Eça de Queiroz)
- “Se eu morrer – e ainda bem! – antes desse dia (dia, talvez, inevitável!), deixarei dito a Mafalda que seja sempre o que tua mãe e eu fomos para ti: o coração devotado sem condições.” (Camilo Castelo Branco)
- “Posto que nascido na roça (donde vim com dous anos) e apesar dos costumes do tempo eu não sabia montar, e tinha medo ao cavalo.” (Machado de Assis)
- “Um criado (o espanhol) acendeu o gás. Os outros convivas seguiram o primeiro, escolheram charutos e os que ainda não conheciam o gabinete admiraram os móveis bem-feitos e bem dispostos.” (Machado de Assis)

b) Isolar palavras e expressões de valor explicativo dentro do período à semelhança do emprego da vírgula e do travessão.

- “Chegamos ao Inn (estalagem), triste casa solitária no meio dos campos à borda da estrada.” (A. Garret)
- “Olha para si, para as chinelas (umas chinelas de Túnis, que lhe deu recente amigo, Cristiano Palha), para a asa, para o jardim, para a enseada, para os morros e para o céu; e tudo, desde as chinelas até o céu, tudo entra na mesma sensação de propriedade.” (Machado de Assis)

c) Isolar – à semelhança da vírgula e do travessão – a oração adjetiva explicativa:

- “Se os homens (que, em geral, são maus os homens todos)

Te insultarem a crença, e a cobrirem de apodos,

Que dirás, que farás contra essa gente inculta?" (Olavo Bilac)

- "O vaqueiro separa escrupulosamente a grande maioria de novas cabeças pertencentes ao patrão (nas quais imprime o sinal da fazenda) das poucas, um quarto, que lhe couberam por sorte." (Euclides da Cunha)

d) Indicar o comportamento da(s) personagem(ns) em textos narrativos ou peças escritas para o teatro.

- "Não tem outro defeito; é uma alma lavada, e amiga da sua amiga. Verdade, que, às vezes... (aqui a prelada ergueu-se a escutar nos dormitórios, e fechou por dentro a porta); ..." (Camilo Castelo Branco)

- "Ágata (caindo de joelhos aos pés de Júlio)

"— Mas mata-me! Mata-me, por piedade! Antes a morte, que ver, com esses desprezos, o coração rasgado fibra a fibra!" (Eça de Queiroz)

e) Isolar orações subordinadas reduzidas e desenvolvidas intercaladas.

- "Quando eu referi a Escobar aquela opinião de minha mãe (sem lhe contar as outras naturalmente) vi que o prazer dele foi extraordinário." (Machado de Assis)

- "— De resto, segundo ele, a fêmea era um ente subalterno; o homem deveria aproximar-se dela em certas épocas do ano (como fazem os animais, que compreendem estas coisas melhor que nós), fecundá-la, e afastar-se com tédio." (Eça de Queiroz)

- "O único expediente regular (para revogar uma lei que não se acha de acordo com as necessidades de uma nação) é o remédio que pode provir do Poder Legislativo." (Rui Barbosa)

f) Isolar o advérbio latino "*sic*", que significa "assim", usado quando se quer atesta a fidelidade de um texto transcrito. Geralmente os escritores mais modernos o usam quando há desvio da norma culta no trecho transcrito.

- Nessa altura, entrava em detalhes secretos da vida feminina e aduzia: "foi uma grande tristeza em saber que o doutor R. S. sabe de teus particulares moral" (*sic*). (Lima Barreto)

⇨ Observação:

Como se pode perceber pelas orientações acima, os parênteses também substituem a vírgula e o travessão, embora não seja comum na língua pátria essa substituição. Entretanto, é preciso ter muito cuidado, pois em muitas construções os parênteses (e até

mesmo os travessões) fazem o isolamento exclusivo de um único termo, sendo necessário o uso de uma vírgula após o termo isolado. Vejamos:

- Quando chegou, a reunião já havia começado. (Emprego obrigatório da vírgula para separar a oração adverbial temporal, anteposta à oração principal).
- Quando chegou (ele só chega atrasado), a reunião já havia começado. (Veja que nesse exemplo os parênteses isolam apenas a oração interferente "ele só chega atrasado", sendo necessário o emprego da vírgula para separar a oração subordinada adverbial temporal, anteposta à oração principal.

9.2.10 COLCHETES ([ ])

Os colchetes apresentam emprego semelhante ao dos parênteses. Aliás, os colchetes são considerados como "parênteses em forma angular" ou "parênteses quadrados". O emprego mais largo deste sinal ocorre na matemática, quando os colchetes precedem os parênteses numa equação.

9.2.11 TRAVESSÃO (–)

É o sinal de pontuação representado por um traço de certa extensão, um pouco mais longo que o hífen, que geralmente simboliza pausas dentro da estrutura oracional. Logo, emprega-se para:

a) Substituir a vírgula e até mesmo os parênteses, indicando uma pausa mais extensa, mais profunda, mais enfática.

- "Todo aquele dia lhe aparecia como enevoado, sem contornos, à maneira de um sonho antigo – onde destacava a cara balofa e amarelada do padre, e a figura medonha de uma velha, que estendia a mão adunca, com uma sofreguidão colérica, empurrando, rogando pragas, quando, à porta da igreja, Jorge comovido distribuía patacos." (Eça de Queiroz)
- "Entre quarenta e oito liberais de um lado, que sustentam o projeto, e quarenta e um conservadores do outro, que o combatem, vós – *os nove* – preferis fundir-vos na minoria inimiga do vosso partido, para com essa aliança constituir maioria hostil ao gabinete." (Rui Barbosa)
- "Boas, ou más, justas, ou falsas, liberais, ou revolucionárias, dêem-lhes lá os qualificativo que quiserem (depois os discutiremos), – a verdade é que o que, precisamente, se não podia esperar do redator-chefe desta folha, eram outras opiniões, outras conclusões, outras atitudes, que não as mantidas por ele nestas colunas." (Rui Barbosa – *Obras seletas*)

⇨ **Observação:**

Perceba que o emprego de um sinal de pontuação não elide o emprego de um outro. Prova disso é o último exemplo extraído de um discurso do mestre Rui Barbosa, cujos termos foram publicados em 2 de abril de 1889, em um diário de notícias daquele tempo.

- Quando ele chegou às 9h45min – ele sempre chegava atrasado –, o diretor já fizera os comentários iniciais.

b) Para indicar a mudança de interlocutor nos discursos narrativos.

- "Na varanda achei prima Justina, passeando de um lado para outro. Veio ao patamar e perguntou-me onde estivera.

  — Estive aqui ao pé, conversando com D. Fortunata, e distraí-me. É tarde, não é? Mamãe perguntou por mim?

  — Perguntou, mas eu disse que você já tinha vindo." (Machado de Assis)

9.3 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (Juiz de Direito – TJ/SP) Assinale a alternativa correta quanto à pontuação.

   a) É certo que um acordo, embora, às vezes, possa haver condições não almejadas pelas partes, torna-se mais vantajoso, após anos de litigância, do que a expectativa de uma decisão desfavorável.
   b) É certo, que um acordo, embora às vezes possa haver condições, não almejadas, pelas partes, torna-se mais vantajoso após anos de litigância, do que a expectativa de uma decisão, desfavorável.
   c) É certo, que um acordo, embora, às vezes, possa haver, condições não almejadas pelas partes, torna-se, mais vantajoso, após anos de litigância, do que a expectativa de uma decisão desfavorável.
   d) É certo que um acordo, embora, às vezes, possa haver, condições não almejadas, pelas partes, torna-se mais vantajoso após anos de litigância do que a expectativa de uma decisão desfavorável.

2. (UFRS) Assinale o texto de pontuação **correta**.

   a) Eu, posto que creia no bem não sou daqueles que negam o mal.
   b) Eu, posto que creia, no bem, não sou daqueles, que negam, o mal.
   c) Eu, posto que creia, no bem, não sou daqueles, que negam o mal.

d) Eu, posto que creia no bem, não sou daqueles que negam o mal.
e) Eu, posto que creia no bem, não sou daqueles, que negam o mal.

3. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa em que o texto esteja **corretamente** pontuado.

a) Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo sem chapéu trazendo pela mão, uma menina de quatro anos.
b) Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja, um sujeito baixo, sem chapéu, trazendo pela mão, uma menina de quatro anos.
c) Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo, sem chapéu, trazendo pela mão uma menina de quatro anos.
d) Enquanto eu, fazia comigo mesmo, aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo sem chapéu, trazendo pela mão uma menina de quatro anos.
e) Enquanto eu fazia comigo mesmo, aquela reflexão, entrou na loja, um sujeito baixo, sem chapéu trazendo, pela mão, uma menina de quatro anos.

4. (Cefet-PR) Assinale o item em que o texto está **corretamente** pontuado.

a) Não nego, que ao avistar a cidade natal tive uma sensação nova.
b) Não nego que ao avistar, a cidade natal, tive uma sensação nova.
c) Não nego que, ao avistar, a cidade natal, tive uma sensação nova.
d) Não nego que ao avistar a cidade natal tive uma sensação nova.
e) Não nego que, ao avistar a cidade natal, tive uma sensação nova.

5. (FCC – Soldado PM/BA) Está inteiramente correta a pontuação da seguinte frase:

a) Ao longo do tempo, verificou-se que o homem é capaz de se valer de suas experiências, sobretudo as mais marcantes, para se prevenir contra tudo o que possa vir a representar uma ameaça para ele.
b) Ao longo do tempo verificou-se, que o homem, é capaz de se valer de suas experiências, sobretudo as mais marcantes para se prevenir contra tudo, o que possa vir a representar uma ameaça para ele.
c) Ao longo do tempo, verificou-se que o homem é capaz, de se valer de suas experiências, sobretudo, as mais marcantes, para se prevenir, contra tudo o que possa vir a representar, uma ameaça para ele.
d) Ao longo do tempo verificou-se que, o homem, é capaz de se valer, de suas experiências, sobretudo as mais marcantes para se prevenir contra tudo o que o que possa vir a representar: uma ameaça para ele.
e) Ao longo do tempo, verificou-se, que o homem é capaz de se valer de suas experiências, sobretudo as mais marcantes para se prevenir contra tudo o que

possa vir a representar: uma ameaça para ele.

6. (FMU-SP) Em: “A menina, conforme as ordens recebidas, estudou”:

a) há erro na colocação das vírgulas.
b) a primeira vírgula deve ser omitida.
c) a segunda vírgula deve ser omitida.
d) a forma de colocação das vírgulas está correta.
e) n.d.a.

7. (UM-SP) Os trechos a seguir tiveram sinais de pontuação suprimidos e alterados. Apor aquele cuja pontuação permaneceu gramaticalmente **correta**.

a) A ideia do ministro extraordinário dos Esportes, Édson Arantes do Nascimento, o Pelé de colocar na cadeia “os meninos” que participam de brigas entre torcidas organizadas é para ficar no jargão esportivo, uma “bola fora”.
b) Parece que, o Pelé do milésimo gol, que pedia escola para “esses meninos”, também era bem mais sábio do que o que hoje lhes propõe “cadeia”.
c) Os otimistas olham e dizem: Ah, está meio cheio. Mas os pessimistas, vêem o mesmo copo, a mesma quantidade de água e acham que está meio vazio.
d) A pesquisa, descrita na edição de hoje da revista científica britânica “Nature”, é mai um dado na busca pelos cientistas de compreender os mecanismos moleculares da embriogênese, ou seja, a formação e o desenvolvimento dos seres vivos.
e) Como os bens públicos não podem ser penhorados os precatórios entram em ordem cronológica no orçamento do governo.

8. (FCC – Analista Judiciário – TRF 3.ª Região) É preciso **suprimir** uma ou mais vírgulas seguinte frase:

a) É possível que, em vista da quantidade e de seu poder de sedução, as ficções de nossas telas influenciem nossa conduta de forma determinante.
b) Independentemente do mérito dos professores, as escolas devem, com denodo, estimular os sonhos dos alunos.
c) É uma pena que, hoje em dia, tantos e tantos jovens substituam os sonhos pela preocupação, compreensível, diga-se, de se inserir no mercado de trabalho.
d) O fato de serem, os adolescentes de hoje, tão “razoáveis”, faz com que a decantada rebeldia da juventude dê lugar ao conformismo e à resignação.
e) Se cada época tem os adolescentes que merece, conforme opina o autor, há também os adolescentes que não merecem os adultos de sua época.

9. (Fesb-SP) Assinale a alternativa correspondente ao período de pontuação **correta**.

a) Na espessura do bosque, estava o leito da irara ausente.
b) Na espessura, do bosque; estava o leito, da irara ausente.
c) Na espessura do bosque; estava o leito, da irara, ausente.
d) Na espessura, do bosque estava o leito da irara ausente.
e) Na espessura, do bosque estava, o leito da irara ausente.

10. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa em que o texto está pontuado **corretamente**.

a) Matias, cônego honorário e, pregador efetivo estava compondo um sermão quando começou o idílio psíquico.
b) Matias, cônego honorário e pregador efetivo, estava compondo um sermão, quando começou o idílio psíquico.
c) Matias cônego honorário e pregador efetivo estava compondo um sermão quando começou o idílio psíquico.
d) Matias cônego honorário e pregador efetivo, estava compondo um sermão quando começou o idílio psíquico.
e) Matias, cônego honorário e, pregador efetivo, estava compondo um sermão quando começou o idílio psíquico.

GABARITO

1 – A	2 – D	3 – C
4 – E	5 – A	6 – D
7 – D	8 – D	9 – A
10 – B		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

IV

PARTE ESPECIAL

CAPÍTULO 1

EMPREGO DO INFINITIVO

1.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Sem dúvida nenhuma, estamos aqui diante de um dos assuntos mais complexos da língua portuguesa. Afinal, quem nunca teve dúvidas com estruturas do tipo: “Estas coisas estão aqui para SER (ou SEREM) organizadas pelos funcionários?”.

Neste capítulo, estudaremos as regras que orientam o emprego do infinitivo em português — um assunto geralmente cobrado nos grandes concursos. Salientamos de antemão que aqui não conseguiremos exaurir todas as possíveis aplicações desta forma nominal.

Em primeiro lugar, cumpre dizer que o infinitivo é uma forma nominal do verbo, ou seja, é um nome (no caso, funciona como um “substantivo”) que designa a ação ou estado de modo geral.

- Dançar faz bem aos músculos.
- É importante comer bem para evitar problemas cardíacos.
- É proibido vender bebidas alcoólicas a menores.
- Falar alto prejudica as pregas vocais.

Percebe-se, com os exemplos acima, que as ações verbais fazem abstração do sujeito e do tempo, ou seja, a ação verbal não apresenta o ser que as pratica e não se situa em nenhum tempo (passado, presente ou futuro).

Na língua portuguesa, o infinitivo apresenta-se tanto na forma impessoal (também chamada de “não flexionada”) quanto na forma pessoal (também chamada de “flexionada”).

O infinitivo impessoal é marcado pela desinência “-r”. Já o infinitivo pessoal apresenta as seguintes desinências:

- 1.ª conjugação ⇨ -ar, -ares, -ar, -armos, -ardes, -arem.
- 2.ª conjugação ⇨ -er, -eres, -er, -ermos, -erdes, -erem.

• 3.ª conjugação ⇨ -ir, -ires, -ir, -irmos, -irdes, -irem.

1.ª conjugação	*2.ª conjugação*	*3.ª conjugação*
AMAR	**VENDER**	**PARTIR**
am**ar** (eu)	vend**er** (eu)	part**ir** (eu)
am**ares** (tu)	vend**eres** (tu)	part**ires** (eu)
am**ar** (ele)	vend**er** (ele)	part**ir** (ele)
am**armos** (nós)	vend**ermos** (nós)	part**irmos** (nós)
am**ardes** (vós)	vend**erdes** (vós)	part**irdes** (vós)
am**arem** (eles)	vend**erem** (eles)	part**irem** (eles)

⇨ Observações:

a) Os verbos regulares apresentam a mesma forma para o infinitivo pessoal e o futuro do subjuntivo. A distinção entre um e outro é perceptível no emprego. O futuro do subjuntivo, primeiramente, apresenta um fato duvidoso, eventual ou hipotético no futuro, enquanto o infinitivo não situa a ação no tempo. Ademais, o futuro do subjuntivo admite a anteposição de conjunções subordinadas, como "quando" e "se", ao passo que o infinitivo as rejeita — este admite apenas a anteposição de preposições. Observe abaixo:

- Se ganhar (futuro do subjuntivo) o prêmio, comprarei dois novos livros.
- Adquiri dois bilhetes para ganhar (infinitivo) o prêmio que será sorteado.
- Quando comprarmos (futuro do subjuntivo) o carro, viajaremos para São Paulo.
- O banco liberou o empréstimo para comprarmos (infinitivo) o apartamento.

b) Quando o verbo é irregular, o infinitivo é distinto do futuro do subjuntivo.

infinitivo pessoal, 3.ª pessoa do plural

- A proporem um diálogo sem fundamentação teórica, prefiro contarem piadas sem graça.

futuro do subjuntivo, 3.ª pessoa do plural

- Se eles propuserem um diálogo sem fundamentação teórica, retirar-me-ei do recinto.

futuro do subjuntivo, 3.ª pessoa do plural

- "Um dia quando todos os livros forem queimados por inúteis, há de haver algum, ... , que ensine esta verdade aos homens." (Machado de Assis)

- "Não são só palavras, primo — retorquiu Teresa com gravidade — são sentimentos que merecem a sua estima, por serem verdadeiros." (Camilo Castelo Branco)

infinitivo pessoal, 3.ª pessoa plural

1.2 AS DUAS MÁXIMAS PARA O EMPREGO DO INFINITIVO

Várias são as orientações para o emprego do infinitivo que se encontram nos manuais gramaticais portugueses. Muitas apresentam contradições; outras, verdadeiros equívocos; outras ainda são confusas, difíceis de entender. Em duas orientações, porém, todos são unânimes. Daí por que consideramos essas duas regras como "máximas" para o emprego do infinitivo, e por elas devem se guiar os que pretendem empregar corretamente essa forma nominal.

I – Emprega-se o INFINITIVO IMPESSOAL (NÃO FLEXIONADO) quando a ação por ele expressa não se refere a nenhum agente determinado, ou seja, o infinitivo é essencialmente impessoal.

- Querer é poder.
- Lutar pela pátria é um ato de coragem.
- O maior mandamento é este: amar a Deus sobre todas as coisas e amar o próximo como a si mesmo.
- "Não será aleive atribuir-lhe uma pouca de astúcia ou hipocrisia, se quiserem; perspicácia seria mais correto dizer." (Camilo Castelo Branco)
- "Voar! varrer o céu com as asas poderosas,
  Sobre as nuvens! correr o mar das nebulosas,
  Os continentes de ouro e fogo da amplidão!..." (Olavo Bilac)
- "No meio destas dissertações acadêmico-literárias vem o A. a descobrir que para tudo é

preciso ter fé neste mundo.” (A. Garrett)

II – Emprega-se o INFINITIVO PESSOAL (FLEXIONADO) quando o infinitivo possui sujeito próprio — expresso ou não —, ou seja, o infinitivo é essencialmente pessoal.

- O fazendeiro comprou dois novos cavalos para correrem no pátio da fazenda. (O sujeito do verbo “correr” é o termo elíptico “dois novos cavalos”.)
- É fundamental partires agora, meu filho. (O sujeito do verbo “partir” é o pronome pessoal elíptico “tu”.)
- “Em vez de com eles se animarem os soldados, antes se desanimam e desalentam.” (Pe Antônio Vieira *apud* Theodoro H. Maurer Jr.)
- “Endireitar Oza a arca do Testamento que ia descaindo, por causa dos bois recalcitrarem não parecia grave irreverência.” (Manuel Bernardes *apud* Theodoro H. Maurer Jr.)
- “Que os levasse o diabo os ingleses! Isto não ficava direito sem irem todos eles barra fora.” (Machado de Assis)
- “Cerrai a porta, que há aí alguns vizinhos de andares altos, que já murmuram sermos nós ruins gastadores de tempo.” (Castilho *apud* Souza da Silveira)

⇨ Observação:

Quando o sujeito do infinitivo é o mesmo sujeito do verbo da oração antecedente, a flexão do infinitivo torna-se facultativa. Neste caso, deve-se dar preferência ao infinitivo não flexionado, por ser mais eufônico, mais elegante para o período.

- Tu não tens problemas apesar de **ESTAR** /ou/ **ESTARES** com o rosto turbado.

O sujeito do verbo “estar” é o mesmo sujeito da oração que o antecede: “tu”

- Pedro e João foram acusados de **BOICOTAR** /ou/ **BOICOTAREM** a greve.
- Deixastes a sala para **FAZER** /ou/ **FAZERDES** um comentário com o chefe?
- Nós sempre fomos pontuais em **ELABORAR** /ou/ **ELABORARMOS** os relatórios do seto
- Muitos jovens lutam bastante a fim de **CRIAR** /ou/ **CRIAREM** um mundo melhor.
- Os mais diversos países do planeta vêm buscando formas de **SE APROXIMAR** e **DE INCREMENTAR** /ou/ **SE APROXIMAREM** e **DE INCREMENTAREM** suas relações econômicas, sociais e culturais.

A partir dessas duas orientações, ficamos mais tranquilos quanto ao estudo dos demais casos em que se emprega um ou outro tipo de infinitivo, pois sabemos que os outros casos sempre comportam exceções, o que torna o emprego do infinitivo uma das mais difíceis tarefas para o estudioso da língua portuguesa.

Como tantos outros estudiosos, tentaremos sistematizar alguns outros empregos do infinitivo, sem a menor pretensão, entretanto, de exaurir o assunto.

Além das duas primeiras regras, acima estudadas, emprega-se também o infinitivo nos casos apresentados a seguir.

1.3 INFINITIVO IMPESSOAL

a) Quando apresenta sentido de imperativo.

- "Viver é lutar." (Gonçalves Dias *apud* M. Said Ali)
- "Caminhar! Caminhar!... O deserto primeiro,
  O mar depois... Areia e fogo... Foragida,
  A tua raça corre os desastres da vida,
  Insultada na pátria e odiada no estrangeiro!" (Olavo Bilac)

b) Quando vem regido das preposições "de" ou "em", com sentido passivo — embora apresente forma "ativa" —, completando certos adjetivos, tais como "fácil, difícil, duro, raro, capaz, bom, mau, digno, impossível" e outros.

- "Eu não sou muito difícil em admitir prodígios quando não sei explicar os fenômenos por outro modo." (A. Garrett)
- "O rapaz está caído por alguma das tais francesinhas; e elas que são umas jibóias!... Finas como um alhambre, mas capazes de engolir um homem!..." (José de Alencar)
- "Diante do jockey, sem chapéu, com a face a estoirar de sangue, gritava-lhe que era indigno de estar ali, entre gente decente!" (Eça de Queiroz)

c) Quando vem regido da preposição "para" e apresenta sentido indiscutivelmente passivo.

- "Foi ela que me recomendou aqueles dois quadrinhos, quando andávamos os três, a ver coisas para comprar." (Machado de Assis)
- "— Perderia a fala com o susto — aventou o cabo, e sacudiu-a pelos ombros para lhe desemperrar a língua." (Camilo Castelo Branco)

⇨ Observação:

Nos dois últimos exemplos acima, as estruturas podem ser convertidas para "... coisas para ser compradas." e "... para ser desemperrada a língua dela.", respectivamente.

l) Quando, embora não preposicionado, apresenta sentido claramente passivo.

- "O mesmo dia os viu batizar." (Machado de Assis, apud Gladstone C. de Melo)
- "... nada mais fácil ao sr. professor do que fazer a demonstração prática de tudo isso, levando para a escola diversos frutos, anatomizando-os, e fazendo-os anatomizar pelos seus discípulos." (Castilho *apud* Sousa da Silveira)

⇨ Observação:

Nos dois exemplos acima, os infinitivos podem ser claramente substituídos por "serem batizados" e "serem anatomizados".

e) Quando forma locução verbal (construção perifrástica). Neste caso, funcionarão geralmente, como auxiliares do infinitivo, verbos do tipo "vir, ter, haver, dever, poder, costumar, começar, continuar, tornar, querer, estar, ficar". Muitas destas construções aparecem ligadas por preposições como "a, de, por".

- Afinal vim a saber o que acontecera.
- A construção da igreja está por acabar.
- Parece que vai chover hoje à tarde.
- Tenho de estudar para a prova de amanhã.
- Nada podia fazer sem que ele consentisse.
- Todos costumam sair aos sábados para as baladas.

f) Quando, regido da preposição "a", equivale a um gerúndio em locução verbal co os verbos auxiliares "estar, ficar" entre outros, construção esta muito usual em Portugal.

- Todos os passantes estavam a dormir naquele momento. (Isto é, "estavam dormindo")
- "— Bem dizia eu que aquela janela...
  — É a janela dos rouxinóis...
  — Que lá estão a cantar." (Camilo Castelo Branco)

g) Quando o infinitivo é dependente de verbos como "ver, ouvir, mandar, fazer, deixar" e análogos, numa estrutura em que se empregue um pronome pessoal oblíquo que seja ao mesmo tempo objeto do verbo regente e sujeito do verbo regido.

- E não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal.
- Até agora não me mandaram limpar nada aqui na empresa.
- "O erro de Capitu foi não deixá-los crescer infinitamente, antes diminuir até às dimensões normais, e dar-lhe o movimento do costume." (Machado de Assis)
- "Os mesmos olhos claros e atentos, a mesma boca cheia de graça, as mãos finas, e uma cor viva nas faces que as fazia crer pintadas de sangue." (Machado de Assis)
- "Assim pode ser, mas, ainda agora, neste solene momento, me domina a vontade de fazer-te sentir que eu não podia viver." (Camilo Castelo Branco)

⇨ Observação

Quando o sujeito desses verbos causativos e sensitivos (mandar, deixar, fazer, ver, ouvir, sentir e análogos) é formado por um substantivo, a flexão do infinitivo é facultativa.

- Mandei **os meninos** ENTRAR/ENTRAREM na sala.
- As variações do dólar fizeram os governos latinos AUMENTAR/AUMENTAREM as proteções comerciais.
- Durante a confusão, nós vimos vários manifestantes PULAR/PULAREM a cerca de proteção.

1.4 INFINITIVO PESSOAL

Deve-se empregar o infinitivo pessoal (flexionado):

a) Quando se emprega na 3.ª pessoa do plural para indicar a indeterminação do sujeito.

- "Nunca se pôde saber donde saíra aquela criança; como chegara até o terreiro sem darem por ela." (José de Alencar, apud Sousa da Siveira)
- Tenho a impressão de que deixaram o maçarico aqui para arrombarem a porta de ferro durante a madrugada.

b) Quando a clareza exige, para evitar uma possível ambiguidade, que se indique qual é o sujeito da oração.

- "Ó Netuno, lhe disse, não te espantes
  De Baco nos teus reinos receberes,
  Porque também cos grandes e passantes
  Mostra a Fortuna injusta seus poderes."

(Camões — Os Lusíadas apud Gladstone C. de Melo)

- "Perdoe-te o céu o haveres-me obrigado a sacrificar aos pés desse orgulho o sentimento de amor que se alevantara neste coração." (A. Herculano, apud Gladstone C. de Melo)

c) Quando se quer enfatizar o sujeito da oração infinita.

- Os diretores afirmaram-nos estarem despreparados para participar da reunião naquele momento.
- "E talvez saia assim a flor mais bela, o meu jardineiro afirma que as violetas, para terem um cheiro superior, hão mister de estrume de porco." (Machado de Assis)
- "Ainda na borda do rochedo aprumado sobre a água se enxergavam alguns orifícios profundos, que mostravam terem servido para embeber as traves de ponte lançada para a outra margem, também elevada e penhascosa." (A. Herculano)

d) Quando o infinito, mesmo com sujeito elíptico, precede a oração principal.

- Acusados de boicotarem a greve, Pedro e Paulo foram demitidos da empresa.
- Por teres mais conhecimento em inglês do que o gerente, tu foste escolhido para representar a empresa na reunião.
- Antes de fazerem a reclamação no setor de pessoal, vejam vocês os relatórios do funcionário.

⇨ Observação:

Quando o infinitivo vier precedido do verbo PARECER, pode-se flexionar um ou outro verbo.

- "Ao menos, tu serás minha! — exclamou o amir, lançando a mão ao braço da donzela vestida de branco, a quem o terror desta cena rapidíssima tornara imóvel, como uma dessas estátuas que parecem orar sobre os sepulcros nas catedrais da Idade Média." (A. Herculano)

- “As vagas teorias do socialismo, os sonhos do comunismo não me parecem provar senão a impotência da forma contra o poder da matéria.” (Almeida Garret)
- “... e no horizonte não se vêem senão os topos pardo-azulados das serras do Algarve, que parece fugirem tanto quanto os cavaleiros caminham.” (A. Herculano)
- “... olhos desvairados parecia buscarem o vulto lúgubre e tétrico da forca.” (Rebêlo da Silva, apud Arthur A. Tôrres)

1.5 EMPREGO DO INFINITIVO EM LOCUÇÕES PASSIVAS COM O VERBO “SER”

Eis um ponto em que os alunos têm muitas dúvidas: o emprego correto do infinitivo passivo cuja estrutura apresenta o verbo SER, no infinitivo, e um PARTICÍPIO.

- Trouxe-nos livros com muitas histórias para _____??_____ CONTADAS.
  SER /ou/ SEREM

Sem dúvida, nem sempre é fácil transmitir para o estudante da língua uma orientação consistente, uma vez que o emprego do infinitivo obedece, muitas vezes, a questões de ênfase, colocação etc. Sugerimos, entretanto, as seguintes orientações para o emprego do infinitivo passivo formado com o verbo SER:

a) Emprega-se frequentemente a forma flexionada do verbo SER passivo, quando o sujeito do infinitivo estiver no plural e vier à frente da preposição. Teremos, então, a estrutura: SUJEITO + PREPOSIÇÃO + SEREM + PARTICÍPIO.

- Ontem pegamos os livros a serem analisados durante as férias.
  sujeito + prep. + serem + particípio
- “O homem não tornou cá, nem as pelintronas das filhas, que hão de pôr a cara onde a Sr.ª D. Ângela põe os pés para serem afagados.” (Camilo Castelo Branco)
- Todas as cidades a serem inspecionadas pelo auditor ficam na região Nordeste.
- Não concordamos com os métodos a serem usados na avaliação dos candidatos.

b) Emprega-se preferencialmente a forma flexionada SEREM quando, a despeito de sujeito ser comum entre as orações, este for de número plural.

- “Fizeram bem em partir depressa, porque se se demorassem alguns minutos, corriam o risco de serem devorados pelos olhos dos vizinhos.” (Manuel A. de Almeida)
- “No mesmo ano, os dois passam a viver juntos para serem presos dois anos depois, com adúlteros.” (Camilo Castelo Branco)

- “As criadas, por escrúpulo, eram examinadas em doutrina antes de serem aceitas.” (Eça de Queiroz)
- “Clara recebia aquelas cartas com uma emoção de quem recebe mensagens divinas. Entretanto, eram pessimamente escritas, a ponto de não serem, às vezes, entendidas, tão caprichosa era a ortografia delas.” (Lima Barreto)

c) Emprega-se preferencialmente a forma não flexionada quando o infinitivo passivo do verbo “SER” servir de complemento nominal para adjetivos do tipo “fácil, difícil, capaz, raro, mau, digno etc.”

- Foram questões fáceis de ser respondidas.
- Víamos, naquele local, muitas mulheres dignas de ser louvadas.
- Ensinei a muitos alunos capazes de ser aprovados em quaisquer concursos.

CAPÍTULO 2

FUNÇÕES MORFOLÓGICAS DAS PALAVRAS "QUE", "SE" E "COMO"

Eis aqui um assunto de fundamental importância, pois as bancas com muita frequência cobram este conhecimento. Aqui não trataremos da função sintática desses vocábulos, mas tão somente da função morfológica que desempenham numa determinada estrutura.

Sugiro que estude este ponto mais de uma vez. Preferencialmente, faça-o em dias diferentes para que o conhecimento se consolide mais. Se tiver dificuldades, consulte o seu professor. Vamos lá...

2.1 FUNÇÕES MORFOLÓGICAS PARA PALAVRA "QUE"

Sem dúvida, o vocábulo "QUE" é um dos mais versáteis da nossa língua, porquanto apresenta várias funções. Vejamos...

1. **Substantivo** → quando vem determinada por artigos ou outras classes de palavras, ou quando equivale a "qualquer coisa de". Neste caso, equivalerá a um monossílabo tônico, fato que exigirá o acento circunflexo.

- Ela hoje tem um **quê** de esquisito.
- Aquele **quê** foi mal empregado.
- Um **quê** de mistério cercava o ambiente.
- Pairava no ar um **quê** de tristeza.
- "Os **quês** tornam o estilo áspero e desagradável." (Silveira Bueno)

2. **Pronome indefinido** → quando, vindo antes de substantivos, equivale a "quanto, quant quantos, quantas". Por acompanhar substantivos, é também chamado genericamente de "pronome adjetivo".

- **Que** felicidade tremenda sentia no peito o nosso personagem.

- **Que** saudade eu tenho da minha infância!
- "**Que** gente será? em si diziam:
  Que costumes, **que** lei, **que** rei teriam?" (Camões)

3. **Pronome relativo** → quando for possível ser substituído por "o qual, a qual, os quais, as quais". Neste caso, o "que" apresentará um antecedente o qual retomará.

- Todos leram o livro $\frac{\text{que}}{\text{o qual}}$ tu escreveste.
- A casa em $\frac{\text{que}}{\text{na qual}}$ ele mora fica perto de uma área de risco.

⇨ **Observação:**

Para aprofundar esta função morfológica, sugerimos que estude as orações adjetivas, em sintaxe do período composto.

4. **Pronome interrogativo** → quando aparece em orações interrogativas. Geralmente, nesta função, equivale a "que coisa".

- **Que** disseste naquele momento de raiva?
- "**Que** pretendia? A **que** vinha ali como um salteador noturno?" (A. Herculano)

5. **Advérbio de intensidade** → Quando, vindo antes de adjetivos ou advérbios, equivale a "quão, quanto".

- **Que** bela flor ele te deixou!
- **Que** admiráveis são os desígnios de Deus.
- **Que** perto moras da escola.

6. **Preposição** → quando equivale a "de" ou "para".

- Temos **que** cumprir o nosso dever.
- Ainda há muito **que** fazer para levantar a casa.

7. **Interjeição** → Quando revela admiração, espanto, surpresa e equivale a "oh!". Nesta função, é sempre exclamativo e acentuado.

- **Quê**! Ainda estás aí?

- **Quê**! Já são dez horas da noite!

8. **Partícula expletiva ou de realce** → É empregado para dar ênfase ou realce à estrutu oracional. Geralmente aparece sob a forma "é que". Pode ser retirado da oração sem prejuízo sintático nem semântico.

- "Bravo! que linda **que** está a senhora D. Lenita!" (Júlio Ribeiro)
- "O padre atirou, mas parece que desta vez **que** errou o tiro." (Mário Barreto)
- "Que teimoso **que** ele é." (José de Alencar)
- "**Que** me restituam os meus oficiais e obreiros portugueses..." (A. Herculano)

⇨ Observações:

a) O "que" expletivo geralmente vem acompanhado pelo verbo "ser", formando a expressâ "é que", cujo objetivo é pôr em relevo um ou mais termos da enunciação. Veja alguns exemplos:

- "– Você fura o pano, nada mais; eu **é que** coso, prendo um pedaço ao outro, dou feição aos babados..." (Machado de Assis)
- "Feliz e esperto era o João Romão! esse, sim, senhor! Para esse **é que** havia de ser a vida!..." (Aluísio Azevedo)

b) Em algumas construções, o sujeito se coloca entre o "é" e o "que". Nesse caso, o verb "ser" concordará com esse sujeito. Acompanhe o raciocínio:

- Os gandulas repunham a bola rapidamente. → **(Frase sem ênfase)**
- Os gandulas **é que** repunham a bola rapidamente. → **(Frase com ênfase para o sujeito**
- *O verbo "ser" concorda com o sujeito*
  Eram os gandulas **que** repunham a bola rapidamente. → (Frase com a partição da expressão "é que")
- "As rosas **é que** são belas,
  Os espinhos **é que** picam;
  Mas **são** as rosas **que** caem,
  São os espinhos **que** ficam." (Canção popular)

c) Se entre o verbo "ser" e o "que" se interpuser um termo introduzido por uma preposiçã a expressão expletiva "é que" permanecerá invariável. Observe:

- **É** neles **que** você encontra o carinho necessário à sua sobrevivência emocional.

- **É** pelas ideias defendidas pela ministra **que** o povo votará nela.

9. **Conjunção subordinativa** → quando funciona como elemento conectivo entre uma oração principal e uma oração subordinada. Podem ser:

a) **Conjunção subordinativa integrante** → liga as orações substantivas às suas respectivas orações principais.

- "Custa-me dizer **que** saí de lá encantado." (Machado de Assis)
- "Há poucas esperanças de **que** venham tão cedo a admitir a paz." (Pe. Antônio Vieira)
- Era imprescindível **que** ele se mantivesse calado naquela ocasião.

b) **Conjunção subordinativa causal** → empregada com o sentido de "porque, porquanto já que".

- Velho **que** ele era, evitava grandes emoções.
- Ceamos à lareira **que** a noite estava fria.

c) **Conjunção subordinativa concessiva** → empregada com o sentido de "ainda que, mesmo que".

- Verdadeira **que** fossem tuas palavras, ninguém lhes dará crédito.
- Teus ensinamentos, **que** sejam profundos e arraigados na história, não foram suficientes para aprovar o aluno no exame.

d) **Conjunção subordinativa consecutiva** → empregada com o sentido de "sem que, tal que, tanto que, de tal modo que" etc.

- Não vai a uma praia **que** não tome uma cerveja.
- Falou **que** ficou rouco.

e) **Conjunção subordinativa final (emprego raro hoje em dia)** → empregada com o sentido de "para que, a fim de que".

- "Deitou-vos Deus a bênção **que** crescêsseis e multiplicásseis." (Pe. Antônio Vieira)
- Fez-lhe sinal **que** se calasse.
- Andei devagar, **que** não me ouvissem os passos.

f) Conjunção subordinativa temporal → empregada com o sentido de "logo que, desde que".

- Chegados **que** fomos, todos ficaram em pé e nos aplaudiram freneticamente.
- "Porém já cinco sóis eram passados **que** dali nos partíramos." (Camões)

g) Conjunção subordinativa comparativa → seguida ou não de "nem" e empregada em estruturas de comparação de analogia – algumas vezes com o sentido de "como".

- Ensinas melhor **que** um mestre.
- A caridade é mais bela **que** a fé.
- Ele fala **que nem** papagaio.
- "E os gotejantes jiraus, cobertos de roupa molhada, cintilavam ao sol, **que nem** lagos de metal branco." (Aluísio Azevedo)

10. Conjunção coordenativa → Quando introduz orações sindéticas em um período coordenado. Podem ser:

a) Conjunção coordenativa aditiva → empregada com o sentido de "e".

- Rezava **que** rezava, mas as assombrações não o deixavam.
- Estuda **que** estuda, e não consegue aprovação.

b) Conjunção coordenativa adversativa → seguida de "não" e empregada com o sentid de "mas".

- Outra pessoa, **que** não eu, falará sobre o assunto.
- "De outras ovelhas cuidarei, **que** não de vós." (A. Garrett)

c) Conjunção coordenativa explicativa → Quando revela uma explicação, uma justificação para a oração assindética anteposta.

- Não chores, **que** fico triste.
- Abandone esse vício, **que** ele poderá levá-lo à morte.

2.2 FUNÇÕES MORFOSSINTÁTICAS DA PALAVRA "SE"

Mais uma vez, vamos nos deparar com um vocábulo bastante “largo” em nossa língua, pois possui inúmeras funções morfológicas e sintáticas. Vejamos:

1) **Pronome apassivador** → associado a um verbo transitivo direto ou a um verbo transitivo direto e indireto, forma a voz passiva sintética (também chamada de pronominal). Neste caso, o “se” é chamado de “partícula (ou pronome) apassivador ou apassivante”. Veja:

- Ali não **se** alugavam outras coisas, senão roupas de frio.
- Durante as festas, construíram-**se** novas arquibancadas ao longo da avenida.
- Na fazenda, já **se** tinham vacinado vários bois quando o veterinário chegou.

2) **Índice de indeterminação do sujeito** → quando está associado a verbos intransitivos, transitivos indiretos ou relacionais (verbos de ligação). Vejamos alguns exemplos:

- De fato, não **se** devem assistir a filmes que atentem contra os bons costumes.
- “Entra-**se** na política por vocação legítima; não **se** entra por brincadeira.” (Machado de Assis)
- De fato, na vida não **se** deve morrer por tão pouco.

3) **Sujeito de verbos no infinitivo** → é um caso raro; o “se” funciona como o sujeito de um infinitivo que é núcleo de uma oração reduzida. Veja:

- O cego deixava-**se** levar por seu guia.
- “E ele deixou-**se** estar a contemplá-la, mudo e tranquilo, como um faquir.” (Machado de Assis)

⇨ **Observação:**

Este caso (pronome átono em função subjetiva – como sujeito) só ocorre com o infinitivo dependente de verbos causativos e sensitivos como “deixar, mandar, fazer, ver, ouvir”, embora alguns gramáticos de renome, como o professor Silveira Bueno, não aceitem a existência de um “se” na função de sujeito.

4) **Partícula expletiva ou de realce** → ocorre como mero elemento de realce. Neste cas pode ser retirado da estrutura sem prejuízo gramatical.

- Ele está ansioso por amigo que **se** demora.

- Já **se** passaram tantas horas, e ele não dá notícias.
- Vão-**se** os últimos raios do sol, em um dia ensolarado.
- Naquele momento, o vinho acabou-**se** nos copos de todos.

5) **Parte integrante de verbos essencialmente pronominais** → neste caso, o "se" não apresentará função sintática.

- Todos **se** arrependeram dos atos praticados durante a festa.
- Elas ainda **se** lembram de todos os fatos em seus mínimos detalhes.
- Os alunos muito **se** alegraram com a chegada do novo professor.
- "Condoeu-**se** o juiz, e revelou ao colega as suas averiguações..." (Camilo C. Branco)

6) **Pronome reflexivo, objeto direto** → função bastante comum exercida pelo pronome "se". Neste caso, o "se" indica a reflexibilidade da ação, pois a ação recai sobre o sujeito, enunciado agora no pronome reflexivo "se".

- Hitler **se** matou quando não mais viu possibilidade de implementar suas ações.
- Ao ouvir os tiros, todos **se** esconderam nas proximidades do morro.
- Quando o namorado tocou a campainha, ela **se** vestiu num piscar de olhos.
- "Olhe, um conselho: – Faça-**se** forte aqui, faça-**se** homem." (Raul Pompéia)
- "Mas, espere, tomou o colchoeiro, o senhor feriu-**se**?" (Machado de Assis)

⇨ **Observação:**

Convém citar preciosa lição colhida do insigne mestre Eduardo Carlos Pereira: "Para que haja voz reflexiva, expressa pelo pronome 'se', é indispensável que o núcleo do sujeito seja um substantivo que nomeie um ser capaz de agir: – Ele **se** feriu."

7) **Pronome reflexivo, objeto indireto** → função não muito comum, já que o "se" frequentemente exerce a função reflexiva como "objeto direto". Em tais construções, o "objeto direto" sempre vem claro na estrutura e se percebe nitidamente o "se" reflexivo funcionando como dativo, isto é, como objeto indireto.

- Ele arroga-**se** o direto de trocar a mercadoria além do prazo legal.
- Diante das reclamações, o gerente impôs-**se** a obrigação de nunca mais aceitar cheques de terceiros.

8) **Pronome reflexivo recíproco (morfologicamente), objeto direto** → neste caso, o "s equivalerá a "um ao outro, uma à outra".

- Após o casamento, os noivos **se** abraçaram longamente.
- Na reunião, os diretores **se** esmurraram por causa de uma questão polêmica.
- Não sei como vocês **se** fizeram amigos.

9) **Pronome reflexivo recíproco (morfologicamente), objeto indireto.**

- Os noivos deram-**se** as mãos para o início da cerimônia.
- Os inimigos deram-**se** as costas.
- "Falar aos corações com o seu presumem,
  Como aves que, piando, **se** respondem." (Camilo C. Branco)

10) **Conjunção subordinativa condicional** → quando introduz orações subordinadas condicionais.

- **Se** ele fosse conosco, as coisas seriam mais fáceis.
- Envie um e-mail para nossos atendentes **se** você quiser fazer parte da equipe de vendas.

11) **Conjunção subordinativa integrante** → introduz orações substantivas que traduzem ideia de hipótese, dúvida, incerteza.

- Até agora não sabemos **se** eles virão ou não.
- Só amanhã verei **se** posso ir para a confraternização.
- "Adelaide, meio triste, perguntou-lhe **se** queria jantar." (Adolfo Caminha)

12) **Conjunção subordinativa causal** → empregada em raras construções com o sentido de "já que, visto que".

- **Se** sabias que eu não tinha condições para a missão, por que me enviaste?
- "**Se** a morte sabes dar com fogo e ferro, sabe também dar vida com clemência." (Camões)

2.3 FUNÇÕES MORFOLÓGICAS DA PALAVRA "COMO"

Menos complexas que os empregos de “que” e “se” são as funções morfológicas da palavra “como”. Vamos a elas:

1. **Conjunção subordinativa causal** → neste caso, introduzirá a oração causal e equivalerá a “porque, já que, visto que”.

- **Como** não o deixaram entrar sem o convite, fez uso do telefone e ligou para um amigo de influência.
- “Entretanto, **como** tinha as suas presunções fidalgas, repugnava-lhe ver o filho casado com uma criada preta, ou com uma pobre mulata costureira, ou com uma moça branca lavadeira e analfabeta.” (Lima Barreto)
- “Sucedeu, porém, que, **como** eu estava cansado, fechei os olhos três ou quatro vezes; tanto bastou para que ele interrompesse a leitura e metesse os versos no bolso.” (Machado de Assis)

2. **Conjunção subordinativa conformativa** → neste caso, introduzirá um adjunto adverb oracional de conformidade e equivalerá a “conforme, segundo, consoante”.

- Eu falarei **como** prometi.
- “Ele não tinha, **como** diz o povo, malícia no coração.” (Lima Barreto)

3. **Conjunção subordinativa comparativa** → nesse caso, introduzirá um adjunto adverbi oracional de comparação e equivalerá a “assim como, tal como”.

- Ela era linda **como** as rosas da primavera.
- “Duas opulências, que se realçam **como** a flor em vaso de alabastro; dois esplendores que se refletem, **como** o raio de sol no prisma do diamante.” (José de Alencar)

⇨ Observação:

Não raro, em estruturas subordinadas, a conjunção comparativa “como” aparece junto à conjunção “se”. Neste caso, as ideias adverbiais de “modo” e “condição” se condensam e nasce o nexo adverbial “como se”. Observe:

- Trabalhavam arduamente, **como se** o mundo fosse acabar em poucos dias.

Entenda-se...

→ Trabalhavam arduamente **como (trabalhariam) se** o mundo fosse acabar em poucos

dias.

Outros exemplos:

- “Também a abóbada estava firme, **como se** fora de bronze.” (A. Herculano)
- “A voz da mãe era agora mais perto, **como se** viesse já da porta dos fundos.” (Machado de Assis)
- “O velho parecia pensativo, **como se** adivinhasse que era chegada para ele a hora do martírio.” (A. Herculano)
- “D. Firmina se aproximara. A moça, retribuindo com um afável cortejo ao cumprimento do Alfredo, passou **como se** não se apercebesse de Fernando, e subiu à segunda ordem.” (José de Alencar)
- “Os móveis luziam, **como se** tivessem chegado na véspera da casa do marceneiro.” (Aluísio Azevedo)

4. Verbo → neste caso, indicará uma ação e apresentará predicação completa (intransitivo) ou incompleta (transitivo direto).

- Eu sempre **como** frutas no café da manhã.
- “O mais do tempo é gasto em hortar, jardinar e ler; **como** bem e não durmo mal.” (Machado de Assis)

5. Preposição → emprego bastante comum; neste caso, o “como” poderá:

a) introduzir termos qualificativos (apostos e predicativos), equivalendo a “por, para, de, n qualidade de”.

- “Alistamo-nos *preposição* **como** voluntários num regimento de cavalaria.” (Arnaldo Gama *apud* Mário Barreto)
- “Mancebo, o numeroso clero das paróquias vizinhas considerava-o **como** o mais veneráve entre os seus irmãos no sacerdócio.” (A. Herculano)
- Sempre o tivemos **como** *preposição* o mais sábio da turma.

b) introduzir elementos exemplificativos e significará “por exemplo, a saber”. Observe:

- “À medida que as ciências modernas, **como** a medicina, evoluem, damo-nos conta do

quanto realmente ainda desconhecemos." (A. Houaiss)

6. **Pronome relativo** → quando equivale a "pelo qual, pela qual, segundo o qual, segundo qual"; geralmente apresenta como antecedentes os substantivos "modo, maneira, forma".

- A maneira **como** ela lhes falava assustava a todos.
- Até agora a polícia não sabe o modo **como** o assassino saiu do quarto.
- Falei tudo a ele, menos a forma **como** eles me tratavam durante os finais de semana.

7. **Pronome interrogativo** → quando ao "como" se antepõe a preposição "a" para se saber "o preço, o valor" de determinada coisa ou produto; possui sentido equivalente a "por quanto dinheiro, por qual valor" – é uma forma coloquial e pouco usual nos dias de hoje. Observe:

- Os ovos **a como** são?
- **A como** vendes esses pêssegos aí?

8. **Advérbio interrogativo de modo** → quando equivale a "de que modo?, de que maneira?"

- **Como** chegaste aqui?
- **Como** está a menina?
- **Como** se chama isto aqui?

2.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. Determine a função do QUE nos exemplos a seguir:

a) Sentia-se humilhado com o papel avulso que exercia desde séculos.
b) Que queres tu, perguntou ele?
c) Mandai que as mais afinadas cítaras e alaúdes o recebam!
d) Por acaso, sabes o que ele fez?
e) Mas não quero parecer que me detenho em coisas miúdas.
f) Melhor é que te cales e te retires.
g) Dom Donzel, onde é que está el-rei?

h) Que doce a vida não era
Nessa rizonha manhã.

i) Era tão universal que dotou a poesia com nova metragem.

j) O outro era alfaiate, e ainda maior credor que o primeiro.

k) Que lhe parece tudo isso?

l) Eis as razões com que ele se defende.

2. Determine a função do SE nos exemplos a seguir:

a) A moça escondeu-se atrás da cortina.

b) O general deu-se ares de ditador.

c) Os lutadores esmurravam-se no palanque.

d) O cego deixava-se levar pelo guia.

e) Há coisas que melhor se dizem calando.

f) As crianças lavaram-se nas águas claras do riacho.

g) Dançou-se muito na festa de formatura.

h) Ele muito se arrependera do que fez.

i) Os dois homens cumprimentaram-se friamente.

j) Já se veem os primeiros raios do sol.

k) Todos se apiedaram do mendigo.

l) Depois o vento se foi também.

3. (FGV) Esposamos a ideia de que os sofrimentos atuais possuem uma significação que transcende a crise civilizacional.

Com relação à frase transcrita, analise as afirmativas a seguir:

I. O primeiro que é uma conjunção integrante e serve para articular um complemento oracional ao substantivo abstrato ideia.

II. O segundo que é um pronome interrogativo cujo uso se justifica em razão da seguinte pergunta: que significação transcende a crise civilizacional?

III. As duas ocorrências de que promovem a estruturação do período composto, já que introduzem a oração subordinada substantiva e a subordinada adjetiva, respectivamente.

Assinale:

a) se somente a afirmativa I estiver correta.

b) se somente a afirmativa II estiver correta.

c) se somente a afirmativa III estiver correta.

d) se somente as afirmativas I e III estiverem corretas.

e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

4. (CESGRARIO) Na passagem “Os empresários que não se adequarem à lei em noventa dias poderão ser multados em até 3,2 milhões de reais.”, o termo que apresenta a mesma classe gramatical que em

a) “A lei é tão rigorosa que mesmo ambientes com teto alto e sem paredes,”

b) “Ficou tão difícil fumar que até decidi parar,”

c) “Quem considera a lei exagerada deve saber que São Paulo apenas se alinha a uma tendência mundial.”

d) “Os fumantes americanos têm outro problema com que se preocupar:”

e) “E a maioria não fumante não quer deixar que ela seja reavivada.”

5. (FGV) “Ele percebeu *que* as pessoas *que* possuíam conexões ou relações distantes com outras fora círculo familiar tinham duas vezes mais chances de conseguir uma vaga do *que* pessoas *que* tinham mais conexões próximas apenas no âmbito da família e dos amigos próximos.”

As ocorrências da palavra QUE grifadas no trecho acima classificam-se, respectivamente, como:

a) conjunção integrante, pronome relativo, conjunção subordinativa e pronome relativo.

b) conjunção subordinativa, pronome relativo, conjunção integrante e conjunção subordinativa.

c) pronome relativo, conjunção integrante, pronome relativo e conjunção subordinativa.

d) pronome relativo, conjunção subordinativa, conjunção integrante e pronome relativo.

e) conjunção integrante, conjunção subordinativa, conjunção subordinativa e conjunção subordinativa.

6. (FGV) “Mas não, é a ti *que* vejo na colina”

Assinale a alternativa em que esteja corretamente classificada a palavra destacada nos versos acima.

a) conjunção integrante

b) parte de expressão expletiva

c) pronome relativo

d) conjunção subordinativa

e) pronome indefinido

7. (FGV) “E em que se vai trocando as pernas”

*A palavra **se** no verso acima destacado se classifica como:*

a) partícula apassivadora.
b) parte integrante do verbo.
c) índice de indeterminação do sujeito.
d) pronome reflexivo.
e) conjunção.

8. (FGV) “Mas porque na verdade não me queres mais” (verso 35)

No verso acima, utilizou-se a forma correta porque. Assinale a alternativa em que não se tenha utilizado corretamente uma das quatro formas do porquê.

a) É necessário avaliar por quê, ontem, fomos derrotados.
b) Depois de entender por quê, prosseguiu.
c) Não sei por quê nem como.
d) Não entendemos as privações por que passamos.
e) Deve haver um porquê para nossa derrota.

9. (FGV) “Percebe-*se* que os dois temas [a correlação entre metas e riscos fiscais e o impacto dos déficits públicos sobre as futuras gerações] *se* vinculam à função prospectiva da noção de responsabilidade fiscal. Enquanto o primeiro, normalmente, *se* adstringe a situações futuras próximas, o segundo vincula-se a situações futuras a longo prazo.”

As ocorrências da palavra SE grifadas no trecho acima classificam-se, respectivamente, como:

a) indeterminador do sujeito – pronome reflexivo – parte integrante do verbo
b) indeterminador do sujeito – parte integrante do verbo – pronome reflexivo
c) partícula apassivadora – pronome reflexivo – pronome reflexivo
d) partícula apassivadora – parte integrante do verbo – parte integrante do verbo
e) parte integrante do verbo – partícula apassivadora – partícula apassivadora

GABARITO

1– a) pronome relativo b) pronome interrogativo c) conjunção integrante d) pronome relativo	2– a) pronome reflexivo, objeto direto b) pronome reflexivo, objeto indireto c) pronome reflexivo recíproco, objeto direto d) pronome reflexivo, sujeito do infinitivo

e) conjunção integrante f) conjunção integrante g) partícula expletiva ou de realce h) advérbio de intensidade i) conjunção consecutiva j) conjunção comparativa k) pronome interrogativo l) pronome relativo		e) pronome apassivador f) pronome reflexivo, objeto direto g) índice de indeterminação do sujeito h) parte integrante do verbo i) pronome reflexivo recíproco, objeto direto j) pronome apassivador k) parte integrante do verbo l) partícula expletiva ou de realce	
3 – D	4 – D	5 – A	6 – B
7 – C	8 – A	9 – C	

CAPÍTULO 3

PARTICULARIDADES LÉXICAS E GRAMATICAIS

Em nossa língua, muitos são os detalhes entre palavras e regras gramaticais. Não raro, os alunos se confundem em meio a tantas minúcias. Por isso, não são poucos os que, até hoje, conquanto tenham visto o assunto mais de uma vez, apresentam dúvidas, por exemplo, sobre o emprego dos “porquês”. Quem nunca ficou em dúvida sobre a diferença entre “em vez de” e “ao invés de”? E o “bendito” emprego do relativo “onde”? Quantas vezes você já não ouviu – se não falou – “Maria, você viu aonde eu deixei meu livro?” Não seria “onde”? E o caso do “mal” (com “L”)? Pergunte a alguém o que é o “mal” (com “L”), e ele dirá simplesmente que é o contrário de “bem”. E os outros empregos do “mal” (com “L”) são totalmente esquecidos!

Em virtude dessas dúvidas, resolvemos pôr, em um capítulo especial, algumas dessas particularidades para que o aluno possa melhorar no que diz respeito aos aspectos formais da nossa língua e possa empregar muitos vocábulos e locuções corretamente.

Mas, atenção!! Sugiro que estude o capítulo abaixo aos poucos. Não leia mais do que três particularidades de uma vez. Não tente decorar tudo em uma só vez – aliás, não gosto muito da palavra “decorar”, quando se trata da nossa língua. Prefiro o verbo “entender”. Isso!! Entenda! Compreenda o porquê de cada item e só assim seu estudo será completo.

Para facilitar a sua vida, decidi dividir o conteúdo abaixo em lições. É isso! Dividir em lições – lição 1, lição 2, lição 3, 4, 5 e, assim, sucessivamente. Por quê? Para que você possa acompanhar detidamente cada informação, cada detalhe. Sugiro que coloque ao lado de cada lição a data (dia, mês, ano e hora) em que você a estudou. Dessa maneira, você saberá – eu creio – o momento certo de revisar cada ensinamento. Mais uma vez, advirto: não tente estudar tudo em um só momento – a não ser que esteja pressionado por um concurso. Acredito que o estudo deste capítulo será bem mais proveitoso se for feito aos poucos, gradativamente.

Então: mãos à obra!!

3.1 LIÇÃO 1

3.1.1 EMPREGO DOS PORQUÊS

A princípio, gostaria de fazer um alerta: esta lição é muito – repetimos “muito” – muito cobrada pelos concursos públicos. Leia mais de uma vez, portanto. Vamos às orientações:

1. **Em princípio, vamos fazer uma breve orientação – lembre-se de que sempre se acentuará o monossílabo tônico “que” quando este estiver em final de frase ou quando vier precedido de um determinante – neste último caso, será empregado como substantivo.** Observe:

- Você tem medo de **quê**?
  pronome interrogativo tônico
- Ela hoje tem um **quê** de esquisito.
- Menino, você gosta de **quê**?
  pronome interrogativo tônico
- Havia muitos **quês** no depoimento dela.

2. **Emprega-se o “por que” separado em duas situações básicas: quando puder ser substituído por “pelo qual, pela qual, pelos quais, pelas quais” – neste caso, teremos uma preposição “por” seguida do pronome relativo “que”; quando puder ser substituído por uma das expressões “por qual motivo” ou “por qual razão” – neste caso, teremos a preposição “por” seguida do pronome interrogativo “que”.** Veja:

- Até agora não nos disse **por que** ela faltou à audiência.
  por qual motivo, por qual razão
- Os caminhos **por que** ele sempre andou eram caminhos de morte.
  pelos quais
- Amanhã o governo deve explicar **por que** aumentou a taxa Selic.
  por qual motivo, por qual razão
- **Por que** agiu daquela forma tão arrogante?
  por qual motivo, por qual razão

- Talvez só a miséria pudesse explicar **por que** os homens do século XX vivem aglomerados em cortiços.
  por qual motivo, por qual razão

- O documento **por que** buscávamos foi extraviado durante a mudança.
  pelo qual

- Alguém poderá perguntar: – O autor citou Braudel, **por quê**?
  por qual motivo, por qual razão (com acento por se encontrar em final de frase – monossílabo tônico)

- Diante de tudo isso, você ainda tem coragem de perguntar **por quê**?
  por qual motivo, por qual razão (com acento por se encontrar em final de frase – monossílabo tônico)

- Não elaboraste o pré-projeto até agora **por quê**?
  por qual motivo, por qual razão (com acento por se encontrar em final de frase – monossílabo tônico)

- Os mistérios **por que** somos atraídos na ficção costumam impressionar os leitores de tenra idade.
  pelos quais

- Tudo isso ajuda a esclarecer **por que** certas alterações foram positivas para o meio ambiente.
  por qual motivo, por qual razão

- "Mas **por que** não te metes tu logo por uma vez com o Firmo? **Por que** não te casas cor ele?" (Aluísio Azevedo)

- "Foi nessa ocasião que ela perguntou a minha mãe **por que** é que já não usava as joias do retrato." (Machado de Assis)

- "E eis aqui **por que** o *Diário* é um monarquista exigente, ao passo que a *Gazeta* é um mau republicano." (Rui Barbosa)

Recapitulando:

POR QUE

- **PELO QUAL, PELA QUAL, PELOS QUAIS, PELAS QUAIS**
  (preposição "por" mais pronome relativo "que")
- **POR QUAL MOTIVO, POR QUAL RAZÃO**
  (preposição "por" mais pronome interrogativo "que")

⇨ Observações:

a) A orientação acima resolve praticamente quase todos os casos. É preciso, porém ficar atento a uma situação excepcional: orações subordinadas substantivas objetivas indiretas, cujo verbo transitivo indireto exige a preposição "por". Observe:

- Todos anseiam pela volta de Maria Madalena.

→ Convertendo em oração: "Todos anseiam **por que** Maria Madalena volte".

Neste caso, a substituição, acima proposta, não funciona.

b) É bastante comum empregar-se o "por que" (separado) em interrogativas indiretas (sem o ponto de interrogação) ou interrogativas diretas, como já vimos em vários exemplos acima. Fique atento, pois, em algumas situações, o substantivo "razão, motivo" ou outro qualquer vem expresso na sentença logo após o "por que", situação em que o "por que" (separado) equivalerá a "por qual". Veja:

- Ela sempre quis saber **por que** motivo eu acabei nosso namoro.
  por qual
- Eles trocaram o nosso diretor **por que** funcionário?
  por qual
- Não disse com clareza **por que** razão não irá ao jogo.
  por qual
- Queria saber **por que** razão as estrelas brilham tão alto no céu.
  por qual

3. Emprega-se o "porque" junto quando este funciona como uma conjunção explicativa, causal ou final. Observe:

PORQUE
- → CONJUNÇÃO EXPLICATIVA ➔ Equivale a "pois"
- → CONJUNÇÃO CAUSAL ➔ Equivale a "já que, visto que, uma vez que"
- → CONJUNÇÃO FINAL ➔ Equivale a "para que, a fim de que"

- Não apoio essas iniciativas, **porque** desconfio dos fins a que se destinam.
  conjunção explicativa → equivale a "pois"
- **Porque** não entregou o projeto no prazo, foi cortada da lista de formandos.
  conjunção causal → equivale a "já que, visto que"
- Estudai bastante, **porque** sejais logo aprovados em um concurso público.
  conjunção final → equivale a "para que, a fim de que"
- Deixe a sala agora, **porque** não admito falta de respeito.
  conjunção explicativa → equivale a "pois"

- Será **porque** ele está doente que não veio ao trabalho hoje?
- "Os princípios são invioláveis e imortais. Invioláveis, **porque** têm como asilo a consciência

Imortais, **porque** encerram em si, contra a ação corrosiva dos preconceitos humanos, o caráter, a substância e a energia de uma lei invariável, absoluta e universal." (Rui Barbosa)

- "Não trouxera a navalha, **porque** tinha medo de ser preso, por causa do negócio da Nair do suicídio da mãe dela." (Lima Barreto)
- "Na perspectiva do autor, as prática esotéricas desfrutam de grande popularidade **porqu** satisfariam os interesses individuais de quem a elas recorre." (Fund. Carlos Chagas)
- "Nossas resoluções se perdem **porque** não temos um objetivo predeterminado." (Montaigne)
- "É o que te digo: vou e vou, **porque** devo, **porque** quero, **porque** é do meu direito." (Machado de Assis)

4. Emprega-se "porquê" (junto e com acento) quando este equivale a "motivo, razão". Neste caso, estaremos diante de uma palavra substantivada. Geralmente, este "porquê" vem acompanhado de determinantes (artigos, pronomes indefinidos etc.). Veja:

- Deve haver algum **porquê** (*algum motivo*) para a saída dele do cargo de gerente.
- Ainda não se sabe o **porquê** (*o motivo*) da morte da senhora Linda.
- Certamente há um **porquê** (*um motivo*) para ela ter abandonado o grupo sem dar satisfações.

Ufa!! Chegamos ao final da lição 1. Sugiro que a revise. Depois, descanse um pouco antes de estudar a próxima lição.

3.2 LIÇÃO 2

3.2.1 EMPREGO DE "ONDE" E "AONDE"

Mais uma vez, estamos diante de uma particularidade da nossa língua bastante cobrada em concursos públicos. Logo, é preciso estudar mais de uma vez. Vamos às orientações...

1. Como já dissemos no capítulo sobre o emprego dos pronomes relativos

preposicionados, o relativo "ONDE" é denominado de "pronome relativo locativo", pois só deve ser empregado em substituição a um lugar. Equivale a "em que" e variações – no qual, na qual, nos quais, nas quais. Observe (sublinhamos o antecedente do relativo "onde"):

- Dirigimo-nos à casa da D. Francisca (em que, na qual), **onde** encontramos um grupo de mulheres em oração.
- Em São Paulo, há uma cafeteria (em que, na qual) **onde** se acham excelentes cafés importados.
- Nossos projetos de vida dependem muito do futuro do país (em que, no qual) **onde** vivemos.
- "Rememorava por vezes as mudanças, as alternativas fisiopsíquicas por que tinha passado na fazenda, **onde** não encontrara uma pessoa de sua idade." (Júlio Ribeiro)
- "Verdes mares bravios de minha terra natal, **onde** canta a jandaia nas frondes da carnaúba." (José de Alencar)
- "Correspondendo a pouco mais de um terço da largura total da casa, havia, nos fundos, um puxadito, **onde** estavam a cozinha e uma despensa minúscula." (Lima Barreto)
- "Nunca a sua mão benéfica deixou de estender-se para o lugar **onde** a aflição se assentava." (A. Herculano)

⇨ Observação importante:

Estendem-se à noção de lugar os sentidos de "posição, situação, classe, parte de um livro ou obra, espaço ocupado, localidade, região". Por isso, são corretos também os seguintes empregos do relativo "onde":

- Fizemos o resumo do segundo parágrafo deste capítulo, **onde** havia bons exemplos de cidadania.
- Chegamos à parte final do continente, **onde** já encontramos grandes icebergs.
- "Num centro de civilização como este, **onde** a opulência intelectual da nossa pátria se reflete por tantas faces e tão brilhantemente no jornalismo, ..." (Rui Barbosa)
- "O reto espírito do nosso colega, que ora empunha a balança de Têmis, **onde** estão sendo pesadas oiro e fio as nossas humildes palavras, ponha-lhe numa concha os benefícios..." (Rui Barbosa)

2. **Em muitas situações, o relativo "ONDE" é empregado sem antecedente explícito, isto é, seu antecedente estará latente, oculto. Neste caso, equivalerá a "em que lugar, no lugar em que". Veja:**

- Sempre há boas pessoas onde a gente menos espera.
  no lugar em que

- Não sabemos onde ele se encontra agora.
  em que lugar

- Onde você mora? **Onde** você foi morar?
  em que lugar

- "Bem: mas **onde** estão os efeitos benéficos deste sistema? Nas finanças?" (Rui Barbosa

- "Chove? Nenhuma chuva cai...
  Então **onde** é que eu sinto um dia
  Em que ruído da chuva atrai
  A minha inútil agonia?" (Fernando Pessoa)

- "Se lhe parede que não tenho razão! Esta agência indica **onde** há casas vazias por cinco mil-réis." (Artur Azevedo)

⇨ Observação:

Mesmo sem antecedente expresso, o "onde" só é empregado em situações que indicam lugar.

3. Emprega-se "AONDE" – regido por um nexo prepositivo – quando houver um verbo ou um nome que requeira a preposição "a". Geralmente, equivale a "para onde". Perceba:

- Nós iremos contigo ao lugar a que tu quiseres ir. → Nós iremos contigo ao lugar **aonde** quiseres ir.
  ir "a"

- Por favor, **aonde** eu posso me dirigir para obter informações?
  dirigir-se "a"

- Vocês pretendem chegar **aonde** com tais indagações?
  chegar "a"

- "Era este o costume herdado de seus maiores; que o hóspede mandava na taba **aonde** Tupã o conduzia." (José de Alencar)

- "Força tal não pode ser a do ministro, individualidade flácida, político invertebrado, espécie de medusa marinha, de fibras morais inconsistentes e diáfanas, que flutua à tona de todas as correntes, e vai dar nas praias, **aonde** o leva a ressaca." (Rui Barbosa)

- "– Quem lhe impede que vá a outras partes? Vá **aonde** quiser, mas fique morando conosco." (Machado de Assis)

- "Mas ainda a do semeador do nosso Evangelho não foi a maior. A maior é a que se tem

experimentado na seara **aonde** eu fui." (Pe. Antônio Vieira)

⇨ Observações essenciais sobre o emprego de "onde" e de "aonde":

a) A maioria das nossas dificuldades vem do fato de, em nosso dia a dia, cometermos muitos erros no que diz respeito ao emprego do "aonde" em lugar do "onde" e vice-versa. Vejamos alguns desses problemas:

- Maria, você sabe **aonde** eu deixei meus óculos? (construção incorreta)
  Quem deixa, deixa algo EM algum lugar.

  → Logo... "Maria, você sabe **ONDE** eu deixei meus óculos?".

- Não sabemos **aonde** ele está nesse momento. (construção incorreta)
  Quem está, está EM algum lugar.

  → Logo... "Não sabemos **ONDE** ele está nesse momento."

- **Onde** você vai hoje à tarde? (construção incorreta)
  Quem vai, vai A algum lugar.

  → Logo... "**AONDE** você vai hoje à tarde?"

b) É preciso ter muito cuidado com o emprego do ONDE, pois, como sabemos, ele s deve ser usado para expressar uma noção de lugar. Portanto, para o padrão formal, é inadmissível o emprego do "ONDE" para relações que não sejam de lugar. Observe:

- *A relação que se transmite é a de posse.*
  O Clube dos Oficiais, **onde** o diretor é João da Costa, passará por uma reforma. (Emprego inadequado)

  Correção: O Clube dos Oficiais, **cujo** diretor é João da Costa, passará por uma reforma.

- *A relação que se transmite é a de tempo.*
  Em 1980, **onde** o presidente era João Batista Figueiredo, a inflação era galopante. (Emprego inadequado)

  Correção: Em 1980, **quando** o presidente era João Batista Figueiredo, a inflação era galopante.

- *A relação que se transmite é a de posse.*
  Para Hans Kelsen, **de onde** se citam alguns exemplos, os homens deveriam honrar a justiça. (Emprego inadequado)

  Correção: Para Hans Kelsen, **de quem** (ou "**do qual**") se citam alguns exemplos,...

- É difícil lidar com adolescentes rebeldes, **onde** a causa nem para eles se explicita. (Emprego inadequado)

  Correção: É difícil lidar com adolescentes rebeldes, **cuja** causa nem para eles se explicita.

c) Como já mencionamos, o relativo "onde" – à semelhança do "aonde" – pode vir antecedido por preposições. Lembre-se, entretanto, que o emprego de "aonde" implica a não existência de qualquer outra preposição antes dele. Observe:

- Sem eles, não teríamos **de onde** sair, nem **para onde** nos projetar.
- Sem nossa história e nosso passado, não teríamos **por onde** começar, nem espaço para nos expandirmos.
- "Posto que nascido na roça (**donde** vim com dous anos) e apesar dos costumes do tempo, eu não sabia montar, e tinha medo ao cavalo." (Machado de Assis)
- "E na terra, **por onde** o sonhador passava,
  Iá a roxa corola espalhando as sementes." (Olavo Bilac)
- "... arbúsculos quase sem pega sobre a terra escassa, enredados de esgalhos **de onde** irrompem, solitários, cereus rígidos e silentes..." (Euclides da Cunha)
- "– Quero respirar o ar puro e fresco da tarde; mais nada repliquei. – Leva-me, **para onde** te aprouver." (A. Herculano)

3.3 LIÇÃO 3

3.3.1 EMPREGO DE "SE NÃO" E "SENÃO"

Eis outra particularidade bastante interessante e bastante longa. Embora não seja muito comum em provas, aparece aqui e acolá em certames, geralmente, de nível superior. Sugiro que a leia mais de uma vez, devido à quantidade de pormenores que ela apresenta. Vamos a ela...

a) Emprega-se o "se" e depois o "não" quando estes funcionam, respectivamente, como "conjunção condicional" e "advérbio de negação". Nesse caso, equivalerão, literalmente, a "caso não" ou "quando não" e só devem ser usados em juízos que expressam hipótese, condição, probabilidade. Essa situação representa o emprego mais comum do "se não" separado.

- Se não fizerem o dever logo, não receberão o prêmio que lhes prometi.
  caso não façam
- Que faremos amanhã, se não chegarem os mantimentos para os desabrigados?
  caso não cheguem
- A situação era difícil de resolver, **se não** impossível.
- "E o pobre Miranda, **se não** queria sofrer impertinências da mulher e ouvir sensaborias

defronte dos criados, tinha de dar ao moleque toda a consideração e fazer-lhe humildemente todas as vontades." (Aluísio Azevedo)

- "Entretanto houve um tempo em que, **se não** me engano, tu eras feliz como eu do prazer que me davas." (José de Alencar)

b) Emprega-se "senão", junto, nas seguintes situações:

SENÃO
- (conjunção correlata aditiva) ↔ **mas também**
- (conjunção de oposição adversativa) ↔ **mas sim, do contrário**
- (preposição de exclusão) ↔ **afora, exceto, salvo, a não ser**
- (substantivo) ↔ **problema, mácula, defeito**

- Eram pessoas não só honestas, **senão** também caridosas, prestativas.
  mas também
- O diretor não fazia outra coisa, **senão** criticar.
  a não ser
- Ele nunca possuiu amigos, **senão** bajuladores.
  mas sim
- No processo, não encontramos **senões**.
  defeitos, problemas
- Não comeu o bolo que a esposa fez, **senão** um pedaço de pudim deixado pela sogra.
  mas sim
- Todos, **senão** você, contribuíram com a campanha.
  afora, salvo, exceto
- Ponham, por favor, a criança para dentro da casa, **senão** poderá adoecer severamente.
  do contrário, caso contrário
- Não havia um **senão** em sua produção textual.
  defeito, problema
- Da viagem nada trouxe de importante, **senão** um porta-retratos banhado a ouro.
  salvo, exceto, afora

- "De resto, a não ser de manhã para as aulas, que ia sempre com o Miranda, não arredava pé de casa **senão** em companhia da família." (Aluísio Azevedo)
- "Tinha o coração disposto a aceitar tudo, não por inclinação à harmonia, **senão** por tédio à controvérsia." (Machado de Assis)
- "Parecer-vos-á então que desse panorama indescritível não quis Deus que houvesse

outros contempladores vivos, **senão** vós e o alado músico da alvorada." (Rui Barbosa)

- "A definição do pregador é a vida e o exemplo. Por isso Cristo no Evangelho não o comparou ao semeador, **senão** ao que semeia." (Pe. Antonio Vieira)

⇨ Observações:

a) Há uma situação em que a pontuação faz toda a diferença. Observe:

- Chegue cedo à empresa amanhã, **senão** será demitido.
  do contrário, caso contrário
- Chegue cedo à empresa amanhã; **se não**, será demitido.
  se não (chegar) → juízo hipotético

b) O mesmo procedimento ocorre em situações em que querem alguns autores associar o "se não" à conjunção alternativa "ou", quando, na realidade, tem-se a ocultação por zeugma de um verbo anteriormente mencionado. Veja:

- Ele comprará uma, **se não** duas camisas para as festas do fim de ano.
  se não (comprar) → zeugma do verbo "comprar"
- Levará a mãe, a sogra, as filhas, **se não** todos os membros da família para a festa.
  se não (levar) → zeugma do verbo "levar"
- Ele é muito sabido, **se não** o mais inteligente da turma.
  se não (for) → zeugma do verbo "ser"

3.4 LIÇÃO 4

Nesta lição, estudaremos mais de uma particularidade da nossa língua. Procure lê-las mais de uma vez para consolidar o conhecimento.

3.4.1 EMPREGO DE "TÃO POUCO" E "TAMPOUCO"

a) Emprega-se "tão pouco" quando for equivalente de "muito pouco". Nesse caso, teremos o advérbio de intensidade "tão" seguido do pronome indefinido ou do advérbio "pouco".

- Falaram **tão pouco** durante a palestra que todos ficaram surpresos.
  muito pouco
- No mês passado, a empresa recebeu **tão pouco** dinheiro que teve de recorrer a empréstimos.
  muito pouco

- Infelizmente, nosso filho dorme tão pouco.
  muito pouco

- Parecia muito cuidadoso dos seus estudos e **tão pouco** extravagante e gastador, que nã despendia um vintém fora das necessidades de primeira urgência.

b) "Tampouco" é morfologicamente um advérbio e equivale a "também não, muito menos, nem sequer". Funciona, na estrutura oracional, como um reforço para uma negação feita anteriormente, ou seja, o "tampouco" adicionará uma ideia negativa a uma ideia negativa precedente. Por isso, costuma-se associá-lo a "nem" com o sentido negativo. Como já representa uma negação, é erro grosseiro empregar-se "tampouco não".

- Os alunos não entregaram a prova, **tampouco** fizeram o trabalho que valia nota.
- Jamais irei àquele lugar, **tampouco** deixarei que algum familiar meu vá.
- "Mas os príncipes não aprendem, e **tampouco** aprendem os partidos." (Rui Barbosa)
- "Afinal, convencendo-se de que ela, sem ter ainda morrido, já não vivia para ninguém, ner **tampouco** para si, desabou num fundo entorpecimento apático." (Aluísio Azevedo)
- "... contudo, nunca houve entre eles uma separação profunda nem **tampouco** uma penetração perfeita." (Lima Barreto)

3.4.2 EMPREGO DE "DE ENCONTRO A" E "AO ENCONTRO DE"

Eis uma particularidade bastante simples. Vamos a ela...

a) Emprega-se a expressão "de encontro a" quando se quer transmitir a ideia de "choque, oposição, contrário" – equivale a "contra".

- O motorista perdeu o controle e o carro foi **de encontro ao** poste.
- A decisão do pai foi **de encontros aos** anseios da família.
- "A Serra do Mar tem um notável perfil em nossa história. **De encontro às** suas escarpas embatia, flagílima, a ânsia guerreira dos Cavendish e dos Fenton." (Euclides da Cunha)

b) Já a expressão "ao encontro de" significa "em direção a, a favor de". É usada, geralmente, quando se quer dizer que algo "foi favorável a alguma coisa, foi a favor de".

- Quando os vi de longe, parti ao encontro dos dois.
- Somos bons amigos, afinal minhas ideias sempre foram ao encontro das ideias dele.

- “Embarcou sozinha para os dez dias e noites de viagem, consciente de que podia estar indo **ao encontro da** morte. Tinha dezoito anos.” (Rui Castro)

⇨ **Observação:**

Perceba que essas duas expressões dependem totalmente do contexto. Observe abaixo:

- Somos bons amigos, AFINAL minhas ideias sempre foram **ao encontro das** ideias dele.
- Somos bons amigos, MAS minhas ideias sempre foram **de encontro às** ideias dele.

3.5 LIÇÃO 5

3.5.1 EMPREGO DE “EM VEZ DE” E “AO INVÉS DE”

a) Deve-se empregar a locução prepositiva “em vez de” quando se deseja indicar uma troca, uma substituição de uma coisa por outra. Ela significa, literalmente, “em lugar de”, “em substituição a”. Reitere-se que essa locução é aplicável à maioria das situações em que se deseja expressar troca, substituição, alteração de uma coisa por outra.

- Na festa, resolveu beber cerveja **em vez de** vinho.
- **Em vez de** ir ao cinema, resolveu ir ao teatro.
- “**Em vez de** ficar abatida com a ameaça da larga separação, se vingasse a ideia da Europa, mostrou se satisfeita.” *(Machado de Assis)*

b) Por outro lado, a locução prepositiva “ao invés de” significa “ao inverso de”, “ao contrário de” e só deve ser empregada quando houver na oração elementos ou ideias opostos, contrários.

- O mergulhador imergiu **ao invés de** emergir por causa de um problema no equipamento.
- No velório, a prima do defunto ria **ao invés de** chorar.
- O remédio, **ao invés de** melhorar, piorou a situação do paciente.
- “E volveram rápidos, desapontados, tendo às mãos, **ao invés do** ganho apetecido, o ardor de muitas dúzias de palmatoadas, amargos bolos com que os presenteara aquela gente ingrata.” (Euclides da Cunha)

3.5.2 EMPREGO DE "ACERCA DE", "A CERCA DE" E "HÁ CERCA DE"

Eis outra particularidade da gramática bastante simples. Vejamos...

a) A locução prepositiva mais usual das três é "acerca de"; significa "a respeito de, sobre, quanto a".

- Nada nos disse acerca do (sobre, a respeito de) problema de saúde que vem enfrentando.
- Os pesquisadores fizeram uma interessante descoberta **acerca da** criação de óvulos e espermatozoides a partir de células-tronco.
- "E o diálogo continuou animado, sem que D. Terezinha revelasse à amiga as suas suspeitas **acerca de** João da Mata e Maria do Carmo." (Adolfo Caminha)

b) Nas duas outras construções, temos a associação entre uma preposição ou um verbo e a expressão adverbial de aproximação "cerca de". Observe:

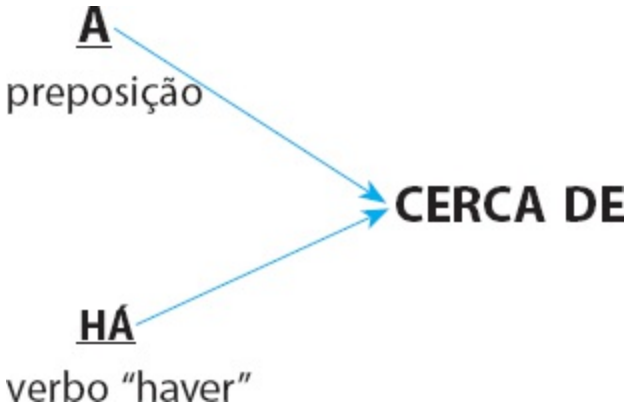

Logo, teremos...

A CERCA DE → a aproximadamente
HÁ CERCA DE → faz aproximadamente

- Quando nós a encontramos, estávamos a cerca de (a aproximadamente) 20Km da fronteira com o Paraguai.
- Os colonizadores chegaram aqui há cerca de (faz aproximadamente) 500 anos.
- Todos permaneceram a cerca de (a aproximadamente) 20m do local do acidente.
- Eles saíram há cerca de (faz aproximadamente) meia hora.

⇨ **Observação:**

Perceba que o “a” da expressão “a cerca de” não recebe o acento grave em virtude de ser tão somente uma preposição seguida de uma expressão adverbial “cerca de”.

3.6 LIÇÃO 6

3.6.1 EMPREGO DE “MAU” E “MAL”

Vamos agora estudar uma lição bastante interessante. É bom ter cuidado para não fazer a simplificação “mau – bom” e “mal – bem”. Observe as orientações a seguir.

a) O “mau” exerce a função de adjetivo e possui como antônimo o adjetivo “bom”. Nesse caso, irá referir-se a substantivos. Como adjetivo que o é, o vocábulo “mau” apresenta todas as flexões típicas das classes variáveis. Veja:

- O **mau** treinador efetuou **más** ações por causa da **má** conduta da coordena-dora que reclamou do **mau** comportamento do time.
- Sempre o **mau** indivíduo colhe **maus** resultados em virtude de suas **más** atitudes.
- Toda **má** sorte tem por traz um **mau** sujeito.
- “... estava cansado de ensinar a meninos, era preciso fazer pela vida noutro meio mais vasto onde as suas qualidades, boas ou **más**, fossem aquilatadas com justiça.” (Adolfo Caminha)

b) Emprega-se “mal” em três funções morfológicas: advérbio, cujo oposto é “bem” conjunção temporal, equivalendo a “logo que, assim que”; e substantivo abstrato, equivalendo a “o mal”, “a maldade”. Observe:

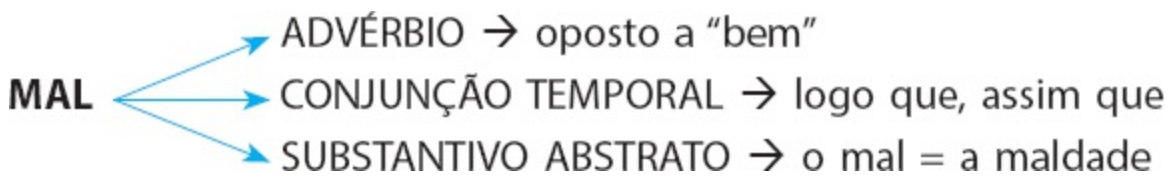

- O time jogou **mal** porque não treinou adequadamente.
  advérbio ↔ oposto a "bem"
- **Mal** ele chegou na sala, todos começaram a rir.
  conjunção temporal ↔ logo que, assim que
- O **mal** sempre atrai o **mal**.
  substantivos ↔ a maldade

- "... e entre os infortúnios que se desfecham tantos e tamanhos, uns após outros, como golpes de um acinte infatigável no **mal**, sobre este desventurado país, suave é o refúgio dessa consolação..." (Rui Barbosa)
- "Não obstante, a energia evolutiva do direito, cuja torrente a resistência **mal** aconselhada avolumou, represando, acaba por triunfar." (Rui Barbosa)
- "Mandava-os fazer de encomenda; mas assim mesmo, **mal** os punha hoje, no dia seguint tinha que os retalhar a navalha." (Lima Barreto)
- "A viúva que **mal** resistira ao golpe da perda do filho, ainda mais se aterrava agora com c isolamento em que ia deixar Aurélia." (José de Alencar)

⇨ Observação:

Fique atento à seguinte distinção:

mau humor	≠	mal-humorado
mau cheiro	≠	malcheiroso
má educação	≠	mal-educado
mau comportamento	≠	malcomportado
mau ensinamento	≠	mal-ensinado
mau entendimento	≠	mal-entendido
má aventura	≠	mal-aventurado
má assombração	≠	mal-assombrado

3.6.2 EMPREGO DE "MAS" E "MAIS"

Eis outra particularidade bastante elementar. Mas é sempre bom revisá-la ou, quem sabe, conhecê-la melhor. Vamos a ela...

a) O "mas" funciona, na maioria das vezes, como conjunção de oposição adversativa; por isso, pode ser tranquilamente trocada por "porém, contudo,

todavia". Em outros casos – um pouco mais raros –, o "mas" fará parte da correlação aditiva "não só..., mas também". Veja:

- Todos participaram do evento, **mas** nem todos ficaram para a confraternização.
  porém, contudo

- Ele sempre foi o melhor da sala, **mas** sempre bagunçou muito.
  porém, contudo

- O governo não só baixou os juros para a casa própria, **mas também** facilitou o crédito.
  correlação aditiva

- "E os que leem o que escreve,
  Na dor lida sentem bem,
  Não as duas que ele teve,
  Mas só a que eles não têm." (Fernando Pessoa)

- "Lembrou-se da mulher, **mas** repeliu logo esta ideia com escrupulosa repugnância. Continuava a odiá-la." (Aluísio Azevedo)

- "Fique então sabendo de que não é só a ela que você faz o obséquio, **mas** também ao marido." (Aluísio Azevedo)

⇨ Observação:

Em algumas situações, o "mas" funciona tão somente como uma palavra denotativa de ênfase ou de situação. Não transmite o sentido de oposição adversativa, por isso não poderá ser substituída por "porém, contudo, todavia." Veja:

- **Mas** quem afinal chegou à nossa festa?

- **Mas** que "belos" políticos nós temos hoje em dia!

b) Já o "mais" funciona ora como advérbio de intensidade, quando modifica verbos adjetivos ou outros advérbios, ora funciona como pronome indefinido, quando se refere a substantivos. Observe:

- Os Silvas sempre dispuseram de **mais** recursos e **mais** informações.
  pronomes indefinidos

- Aqueles alunos precisavam estudar **mais** para poder ingressar em um concurso.
  advérbio de intensidade

- Eles agora sentiram sentiram **mais** vontade vontade de estudar do que antes.
  pronome indefinido

- Ele sempre quis trabalhar **mais** para melhorar a situação financeira da família.
  advérbio de intensidade

- “Desde o palácio até a taberna e o prostíbulo, desde o **mais** esplêndido viver até o vegetar do vulgacho **mais** rude, todos os lugares e todas as condições têm tido o seu romancista.” (A. Herculano)
- “Não ficara ela incólume da ferida que fizera no coração do vizinho: amou-o também, e com **mais** seriedade que a usual nos seus anos.” (Camilo C. Branco)

3.7 LIÇÃO 7

3.7.1 EMPREGO DE “A FIM” E “AFIM”

Eis, mais uma vez, um conhecimento básico, elementar. Vamos a ele...

a) Emprega-se “a fim”, separado (na maioria das vezes você usará esta forma), quando este fizer parte da locução prepositiva “a fim de” ou da locução conjuntiva “a fim de que”. Em ambos os casos, as locuções denotarão “finalidade, objetivo, meta”. Veja:

- Na sala, ninguém estava **a fim de** fazer nada.
- **A fim de que** ela passasse no concurso, comprei novos livros.
- “Não tardam os cavaleiros zenetas que vêm ajuntar-se nas atalaias convosco, **a fim de que** nenhum infiel possa escapar.” (A. Herculano)
- “De feito, a boa velha tentou por diversas vezes escrever seu testamento **a fim de** garant o futuro de sua escravinha.” (Bernardo Guimarães)

⇨ **Observação:**

A locução prepositiva “a fim de” equivale a “para”. Portanto, se tiver alguma dúvida, faça a substituição.

b) Por outro lado, a forma “afim” (junto) é morfologicamente um adjetivo e significa “algo que é semelhante, que é próximo, que possui afinidade”.

- Na grade escolar, Biologia e Química são matérias **afins**.
- João e Pedro tinham temperamentos **afins**.
- Eles são parentes **afins**.

3.7.2 EMPREGO DE "SE QUER" E "SEQUER"

Eis outra particularidade simples da nossa língua, mas que merece toda a nossa atenção, pois de vez em quando aparece aqui e acolá nas provas de alguns certames. Vamos a ela...

a) A forma separada "se quer" é representada pela conjunção condicional "se" seguida do verbo "querer" flexionado na 3.ª pessoa do singular do futuro do subjuntivo. Nesse caso, a expressão "se quer" equivalerá a "se desejar" e ocorrerá em orações hipotéticas, condicionais. Veja:

- **Se quer** passar em um concurso, estude muito.
- "Diga ao cocheiro que pare; ou, **se quer**, pode apear-se no largo da Carioca." (Machado de Assis)
- "– Em porção, o senhor sabe que... É isso... Enfim, **se quer**, mande-os..." (Lima Barreto)

b) Já a forma "sequer" é um advérbio e significa "ao menos, pelo menos, nem mesmo". É frequentemente usado em frases negativas ou de sentido negativo.

- João não veio ao trabalho e nem **sequer** ligou para dizer o que aconteceu.
- "... como é que de um ano para o outro esta necessidade urgente e imediata torna-se tão secundária, tão indiferente, tão remota que nem **sequer** merece ser mencionada na fala do trono?" (Rui Barbosa)
- "Ninguém lhes regateia esse reconhecimento. Ninguém lhes recusaria, **sequer**, o esquecimento do seu passado de escravismo." (Rui Barbosa)
- "Por fim tudo se esgota e a situação não muda. Não há probabilidade **sequer** de chuvas." (Euclides da Cunha)

3.8 LIÇÃO 8

3.8.1 EMPREGO DE "SESSÃO", "SEÇÃO" E "CESSÃO"

Vamos a uma particularidade bastante simples... conhecimento elementar, básico, mas necessário. Estudemo-la, pois...

a) A forma "sessão" significa "espaço de tempo em que se realiza determinada atividade ou parte dela". Pode também ser usada com o sentido de "reunião, assembleia, encontro".

- Na última sessão do Congresso Nacional, votaram-se muitos projetos de lei.
- Eles começaram agora a nova sessão de fotos.
- Todos combinaram assistir a última sessão do cinema.
- O psiquiatra recomendou-lhe várias sessões de terapia.
- "Rubião assistira à sessão em que o ministério Itaboraí pediu os orçamentos." (Machado de Assis)

b) Já a forma "seção", que admite a grafia secção" significa "divisão, subdivisão, departamento, parte de um todo".

- Amanhã iremos à seção de obras e reformas da Prefeitura de Palmares.
- Nós votamos na 37.ª seção da 43.ª zona eleitoral.
- Na terceira seção do segundo capítulo do livro, encontramos vários processos descritivos
- "O país não está mais adiantado que as vítimas desse maligno capricho, quanto às causas que possam justificar o açoite, a que se acha submetida aquela secção do exército brasileiro." (Rui Barbosa)

c) Por sua vez, a palavra "cessão" provém do verbo "ceder" e, logicamente, signifi "ato de ceder, doação, transferência de posse ou de direito".

- João fará a cessão de seus bens para os seus dois irmãos mais velhos.
- O Dr. Pedro fez a cessão dos direitos autorais para uma organização não governamental

3.9 LIÇÃO 9 – EMPREGO DE VÁRIAS EXPRESSÕES E CONEXÕES

Vamos a uma lição longa, mas bastante simples. Vejamos algumas expressões bastante correntes em nosso dia a dia. Fique atento a elas, pois com frequência são cobradas pelas bancas examinadoras.

3.9.1 DISTINÇÃO ENTRE "A PRINCÍPIO" E "EM PRINCÍPIO"

- **A princípio**, quero esclarecer que minha palestra será meramente motivacional.
- "Capitu, **a princípio**, não disse nada. Recolheu os olhos, meteu-os em si e deixou-se estar com as pupilas vagas e surdas, a boca entreaberta, toda parada." (Machado de Assis)
- "**Em princípio**, o subsecretário suportou bem a tempestade; mas tendo adivinhado que o supunham insciente no tupi, irritou-se, encheu-se de uma raiva surda, que se continha dificilmente." (Lima Barreto)
- "De sorte que logo **em princípio** o comandante reconheceu inexequível dar à marcha uma norma capaz de poupar as forças das praças." (Euclides da Cunha)

3.9.2 DISTINÇÃO ENTRE OS CONECTIVOS "PORQUANTO" E "CONQUANTO"

Eis uma lição sobre a qual já falamos no capítulo sobre "sintaxe do período composto", mas é sempre bom relembrar. Leia com atenção, pois o conhecimento abaixo é bastante cobrado em certames pelo país afora.

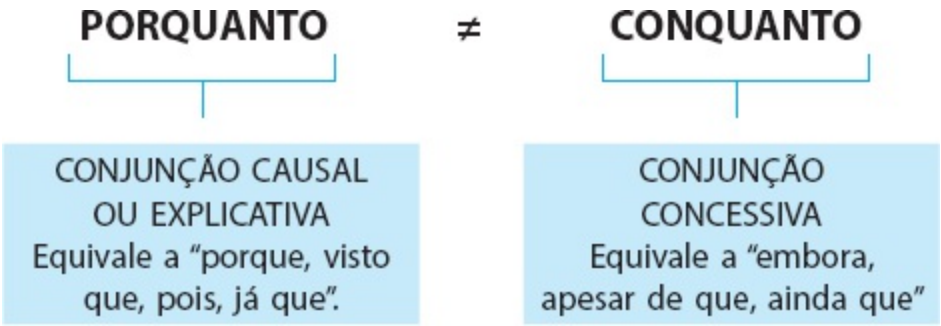

- O governo não reduzirá a taxa Selic, **porquanto** (*porque, já que, pois*) não deseja que haja o aumento do consumo.
- **Conquanto** (*embora, ainda que*) seja bastante rico, veste-se como pobre.
- "É possível, **conquanto** o não creiamos, que esse homem de Estado fosse um miserável cuja desonra espadane ainda sobre aqueles que, iludidos, o sustentaram." (Rui Barbosa)
- "E aqui verás tal ou qual esperteza minha; **porquanto**, ao ler o que vais ler, é provável que o aches menos cru do que esperavas." (Machado de Assis)

3.9.3 DISTINÇÃO ENTRE OS CONECTIVOS "JÁ QUE" E "POSTO QUE"

Mais uma distinção sobre a qual já falamos no assunto "sintaxe de período". Mas nunca é tarde para relembrar, pois ela é bastante cobrada pelas bancas.

JÁ QUE ≠ **POSTO QUE**

JÁ QUE	POSTO QUE
CONJUNÇÃO CAUSAL Equivale a "porque, visto que, pois, uma vez que".	CONJUNÇÃO CONCESSIVA Equivale a "embora, apesar de que, ainda que"

- O reclamante deve ser reintegrado ao posto já que (*porque, visto que*) goza de estabilidade.
- Posto que (*embora, ainda que*) fosse um dos homens mais ricos da cidade, vestia-se como pobre.
- "Gênio político de esfera muito curta, **posto que** de brilhantes talentos jurídicos e parlamentares, o Visconde de Ouro Preto capacitou-se de que o melhor serviço que podia prestar à monarquia era alardear os recursos." (Rui Barbosa)
- "Pois essa que fui ontem continuarei a ser, **já que** Deus não quis que fosse a outra, que viu da primeira vez." (José de Alencar)

3.9.4 DISTINÇÃO ENTRE OS CONECTIVOS "À MEDIDA QUE" E "NA MEDIDA EM QUE"

Observe agora a distinção entre dois conectivos bastante parecidos. É preciso ficar atento, pois são empregados em situações bem distintas. Veja:

À MEDIDA QUE ≠ **NA MEDIDA EM QUE**

À MEDIDA QUE	NA MEDIDA EM QUE
CONJUNÇÃO PROPORCIONAL Equivale a "à proporção que".	ARTICULADOR DE CAUSA Equivale a "já que, visto que, uma vez que".

- Desistiram de continuar a viagem, **na medida em que** as dificuldades para a consecução de uma nova estalagem aumentavam em virtude do evento previsto para a cidade.
- "**À medida que** engolia uma troça, uma pilhéria, vinha-lhe meditar sobre a sua lembrança pesar-lhe todos os aspectos, examiná-la detidamente..." (Lima Barreto)
- "Os anos passaram depois, e **à medida que** vinham, ia-se Estêvão afundando no mar vasto e escuro da multidão anônima." (Machado de Assis)

⇨ **Observação:**

Lembre-se de que as expressões "à medida em que" e "na medida que" não existem em nossa língua. São corruptelas da locução conjuntiva de proporcionalidade "**à medida que**".

3.10 LIÇÃO 10 – EMPREGO DE OUTRAS EXPRESSÕES QUE PROVOCAM DÚVIDAS

Vamos agora a outras lições bastante interessantes. Aqui veremos o emprego de várias expressões que frequentemente suscitam dúvidas. Leiamo-las...

3.10.1 DISTINÇÃO ENTRE "POR ORA" E "POR HORA"

Embora apresentem origem igual – a palavra "hora" –, as expressões apresentam significados diferentes. "Por ora" é equivalente a "por enquanto"; já "por hora" é empregada quando se deseja fazer referências a intervalos de 60 minutos – equivale a "a cada hora, a cada 60 minutos".

- Os benefícios, **por ora**, só serão concedidos aos trabalhadores noturnos.
- Eles ganham R$ 25,00 **por hora**.
- João conseguia ler, **por hora**, cinco capítulos do livro.
- "Nós somos, **por ora**, uma voz, que adverte, e aconselha, enquanto o desengano nos não converter em arma, que acomete, e destrói." (Rui Barbosa)
- "– Ele passou por aqui pondo dez léguas **por hora**." (Manuel A. de Almeida)

3.10.2 EMPREGO DE "O MAIS DAS VEZES" E "AS MAIS DAS VEZES"

Ambas as expressões são corretas para indicar a maioria das vezes que um fato se realiza. Neste contexto, a expressão "a mais das vezes" não existe. Para o professor Mário Barreto, a expressão "as mais das vezes" é mais usual.

- "Temo-las por adiáforas; no geral, suspeitas; **as mais das vezes**, incompletas; quase sempre, traiçoeiras; sempre disparatadas." (Euclides da Cunha)
- "Até nas próprias travessuras do menino, **as mais das vezes** malignas, achava o bom do homem muita graça." (Manuel A. de Almeida)
- "Elas passavam o serão na sala de jantar, em volta do candeeiro, que alumiava a tarefa noturna **o mais das vezes** solitárias." (José de Alencar)

3.10.3 DISTINÇÃO ENTRE "ABAIXO" E "A BAIXO"

Há um grupo de advérbios que são conhecidos pelas formas estranhas – e incoerentes muitas vezes – como são grafados. Não adianta reclamar: a ortografia oficial impõe que seja assim. Observe:

- abaixo
- debaixo
- embaixo
- por baixo
- acima
- de cima
- em cima
- por cima

Nesse grupo, encontramos uma distinção interessante entre o par "abaixo" e "a baixo". O primeiro é advérbio e significa "em local menos elevado, embaixo". Já o segundo é empregado na correlação "de... a...", em que a preposição "a" – equivalente à preposição "para" – fica separada da palavra "baixo". Observe:

- O leite está na prateleira **abaixo** dos pratos de sobremesa.
- Pintamos a parede **de** cima **a baixo**.
- "Nós descoroamos da liberdade aos que de Deus a houveram sacrossanta, e com isso os abatemos ao ínfimo grau da escala criada: até **abaixo** do reino vegetativo." (Rui Barbosa)
- "Há quase sempre alguma coisa impalpável e misteriosa no seio dos acontecimentos, que conspira contra as conspirações, mesmo quando essas vêm **de** cima **a baixo**." (Rui Barbosa)

3.10.4 DISTINÇÃO ENTRE "A PAR" E "AO PAR"

Eis duas expressões bastante interessantes, as quais provocam dúvidas no dia a dia. Emprega-se corretamente a locução prepositiva "**a par de**" quando se quer transmitir o sentido de "*estar ciente, estar informado*", ou ainda com o sentido de "*ao lado de, junto a, comparado com*". Já a expressão "**ao par**" só deve ser empregada com o sentido de "*equivalência monetária, cambial*". Observe:

- O diretor estava a par (*ciente de*) de toda a situação.
- João foi ao colégio a par (*ao lado de*) do irmão.
- "A par (*comparado com*) do último verão, até que este está ameno." (Dicionário Houaiss)
- "eis .... que a subida inesperada do partido conservador, firmando o crédito do Estado, elevou o papel-moeda, deixando o câmbio quase ao par". (Aluísio Azevedo *apud*

Dicionário Aurélio)

- “Tem razão. Dizem que há lá muita coisa esplêndida; não admira, são mais velhos que nós; mas lá chegaremos; e há coisas em que estamos a par deles, e até acima.” (Machado de Assis)

3.10.5 DISTINÇÃO ENTRE “NENHUM” E “NEM UM”

Eis uma dúvida frequente entre os operadores da nossa língua. Fique atento, pois ela apresenta vários detalhes.

O vocábulo “nenhum” (junção de “nem” mais “um”) é um pronome indefinido e opõe-se a “algum”. Já na construção “nem um”, o vocábulo “um” é um numeral (seus equivalentes são, portanto, “dois, três, quatro etc.”).

Lição bastante proveitosa nos deixou o ilustre gramático Napoleão Mendes de Almeida: “**Nenhum** provém da junção de ‘nem + um’, havendo entre aquela forma sintética (nenhum) e esta analítica (nem um) diferença de energia de expressão; a forma analítica é mais forte”. Seguindo a lição do mestre, em muitos casos, pode-se usar tanto “nem um” quanto “nenhum” – o que vai diferir é a ênfase que se deseja conferir ao enunciado.

- Ao partir, João dos Anjos não deixou **nenhum** bem. (→ ... não deixou bem algum.)
- Ao partir, João dos Anjos não deixou **nem um** bem. (→ ... não deixou nem mesmo um bem.)

É preciso sinalizar, entretanto, que a forma analítica “nem um” individualiza o ser, define por unidade e apresenta frequentemente o sentido de “nem mesmo um, nem sequer um”. Observe agora alguns exemplos extraídos de escritores de renome que empregaram a expressão “nem um”.

- “Pois olhe que não é uma criança! Mas **nem um** cabelo branco, **nem um**, **nem um** só!” (Eça de Queiroz)
- “...mas tudo se passava lá dentro, não veio **nem um** suspiro à flor dos lábios.” (A. Garrett)
- “Calma. A noite caiu. **Nem um** pássaro voa.” (Olavo Bilac)
- “Rápido e violento devia ter sido o cometimento, numerosos os cavaleiros inimigos; porqu **nem um** dos atalaias pudera escapar.” (A. Herculano)

Veja agora outros exemplos com a utilização de “nenhum”.

- “**Nenhum** milagre de engenharia lhos substituirá com vantagem.” (Euclides da Cunha)
- “Anhangá turbou sem dúvida o sono de Irapuã, que o trouxe perdido ao bosque da jurema onde **nenhum** guerreiro penetra sem a vontade de Araquém.” (José de Alencar)

- “Para a cidade não trouxeram **nenhum** escravo. Venderam a maioria e os de estimação libertaram.” (Lima Barreto)
- “Seguramente o alienista podia estar em erro, mas **nenhum** interesse alheio à ciência o instigava.” (Machado de Assis)
- “**Nenhum** homem, por exemplo, de mais títulos a interpretar as opiniões desse partido, **nenhum** mais genuinamente representativo das suas disposições do que o Sr. Silveira Martins.” (Rui Barbosa)

Vejamos agora alguns valores que o indefinido “nenhum(a)” pode adquirir em uma oração.

- Distribuiu-se o convite para muitos funcionários, mas **nenhum** foi à confraternização.
  sentido de “ninguém”
- É uma pessoa de **nenhuma** importância.
  sentido de “nulo, inexistente”
- “O cavalo dele, melhor que **nenhum** outro, ganhou a corrida.” (Aurélio)
  sentido de “qualquer”

3.11 LIÇÃO 11 – EMPREGO DE “ESTÁ” E “ESTAR”

Eis um ponto que, por si só, merece uma lição à parte. Não raro, os candidatos sofrem com esta dúvida. De antemão, posso garantir que é bastante fácil – o “grande” problema reside em nossa pronúncia defeituosa. Vamos lá...

Em primeiro lugar, cumpre fazermos as distinções iniciais:

ESTÁ → 3.ª pessoa do singular, do presente do indicativo do verbo “estar”. Logo, emprega-se esta forma quando na estrutura temos um sujeito da 3.ª pessoa do singular, explícito ou implícito (oculto). Observe:

- O governo ainda **está** na contramão do progresso.
- “– Há muito tempo que **está** no Rio de Janeiro? perguntou-me Lúcia depois de uma pausa.” (José de Alencar)
- “A alcova **está** deserta, mas inda com o teu cheiro perfumada, do teu fulgor coberta...” (Olavo Bilac)
- “Se adoecem e a família **está** fora, não os confio a um correspondente... Trato-os aqui, em minha casa.” (Raul Pompéia)

Dica: Se houver alguma dúvida, SUBSTITUA o verbo por outro. Certamente, você perceberá o emprego da 3.ª pessoa do singular. Veja:

- O governo ainda **está** na contramão do progresso.
  permanece, encontra-se, fica
- Não sei se ele **está** na igreja.
  permanece, encontra-se

ESTAR → Infinitivo do verbo. Destacamos dois empregos que suscitam dúvidas:

a) Formação de locuções verbais (verbo auxiliar + infinitivo). Observe:

- O governo ainda **deve estar** na contramão do progresso. (substitua por "*se encontrar, permanecer*").
- Não sei, mas acho que os meninos **podem estar** na igreja. (substitua por "*se encontrar, ficar*")
- "Ele canta que **parece estar** num café concerto, no meio de mulheres de vida airada..." (Lima Barreto)
- "O que é certo é que, não obstante a sorte que tivera aquele seu apaniguado, **costumava estar** na vila." (Euclides da Cunha)

> **Dica:** Lembre-se, mais uma vez, de que, em caso de dúvida, você deve substituir por outro verbo. Se a forma for da 3.ª pessoa do singular, empregar-se-á "está"; se a forma for de infinitivo (-r), empregue, sem medo, "estar".

b) Formação de orações reduzidas de infinitivo com o verbo "ESTAR". Veja:

- João Pedro fez o possível para _____ conosco hoje.
  está ou estar?

Como preencher o espaço acima? Fácil, se perceber que é possível a substituição por "*ficar, permanecer*", por exemplo. Traduzindo: com a substituição fica claro e notório que se trata do emprego de um verbo no infinitivo, o qual exerce o núcleo de uma oração circunstancial (adverbial), reduzida. Portanto, não tenha dúvida:

- João Pedro fez o possível para **ESTAR** conosco hoje.

Vejamos outros exemplos:

- "Eis o que eu vi nessa hora de agonia, depois de **estar** ali alguns não sei se instantes ou séculos." (A. Herculano)
- "Você, com uma filha quase mulher, não tem vergonha de **estar** aqui a servir de

palhaço?!" (Aluísio Azevedo)

- "É preciso mesmo **estar** sob a ação exclusiva de uma ideia fixa, para acreditar que a indenização possa ainda sair a campo." (Rui Barbosa)
- "A verdade certa é que, às duas horas da tarde, aquele advogado andava atrás das moças, em vez de **estar** no foro." (Machado de Assis)

⇨ Observação:

Vale a pena mencionar que esta dúvida (emprego de "está" ou "estar") também se estende a outras situações em nossa língua. Portanto, basta aplicar o conhecimento acima (e ter cuidado com a pronúncia) para resolver as pendências. Veja:

- No final do ano, a empresa vai _____ uma grande festa para os funcionários.
  dá ou dar?

> **Comentário:** Se podemos substituir por "conceder, oferecer", constatamos que se trata do emprego do infinitivo do verbo "dar" numa locução verbal – logo, "... a empresa vai **dar** uma grande festa...".

3.12 LIÇÃO 12 – EMPREGO DE "TER DE" E "TER QUE"

Mais uma lição bastante interessante sobre o emprego de duas expressões que, não raro, provocam dúvidas. Embora no dia a dia sejam usadas de forma indistinta, podemos, ainda assim, traçar algumas orientações. Vejamos:

Emprega-se TER DE (verbo + preposição), seguido de outro verbo no infinitivo, quando se deseja denotar "fato infalível, necessário, obrigatório ou jussivo (imperativo)". Observe os exemplos:

- O Brasil <u>tem de ser</u> um país menos desigual. (Equivale a → "O Brasil tem a obrigação de ser um país...)
- Todos tiveram de sair por causa do fogo que já atingia os últimos andares do prédio.
- "... para se conhecerem os amigos, <u>tinham</u> os homens <u>de morrer</u> primeiro e daí a algum tempo ressuscitar..." (Pe. Antonio Vieira).
- "O Congresso ainda não se dissolveu. <u>Tem de</u> reunir-se ainda." (Rui Barbosa)

Emprega-se, por outro lado, TER QUE (verbo + conjunção integrante), seguido de um verbo no infinitivo, quando se deseja indicar simplesmente "algo para fazer", "algo que ainda não foi feito". Nesse sentido, transmite-se tão somente "mera informação" ou uma

“ação facultativa”. Vejamos:

- “Esses não têm que envenenar a alma de seus filhos com as misérias domésticas do cativeiro (...); não têm que dar, nas suas escolas, em vez da educação cívica, o ensino da opressão perpetuada, não têm que sentir a organização de sua pátria assentada na denegação eterna da liberdade a uma parte indefesa do gênero humano.”
- “É uma mania de seu amigo, Senhor Ricardo, esta de só querer cousas nacionais, e a gente tem que ingerir cada droga, chi!” (Lima Barreto)
- “— O senhor... O senhor só tem que me agradecer uma coisa: é a minha paciência.” (José de Alencar)

⇨ **Observações:**

a) Como já dissemos, no dia a dia, essas expressões são usadas quase indistintamente, uma vez que nem sempre é fácil se fazer a distinção entre o que é “obrigação” do que é “mera informação ou ação facultativa”. De acordo com a professora Maria Helena de Moura Neves, a expressão “TER QUE” é hoje mais usual do que TER DE. Esta última é empregada com mais frequência, segunda a professora, na linguagem literária.

b) Alguns autores preconizam que, na expressão TER QUE, o “que” funciona como pronome relativo sem antecedente explícito. Para os que advogam essa morfologia do “que” como pronome relativo, deveríamos analisar o período da seguinte maneira:

- Não posso sair hoje, pois tenho que estudar. → Equivale a “... tenho (algo) que estudar”.

3.13 LIÇÃO 13 – EMPREGO DE “POSSA SER” E “PODE SER”

Eis aqui duas locuções verbais que frequentemente causam problemas aos usuários da língua. É bastante comum vermos falantes do nosso idioma pronunciando estruturas do tipo “Possa ser que o documento esteja no armário do chefe”, as quais deixam os mais instruídos “de cabelo em pé”. Vamos às orientações...

a) A construção perifrástica “pode ser” (formada pelo presente do indicativo do verbo PODER seguida do verbo SER no infinitivo) deve ser usada quando se deseja obter o sentido de “é possível, é provável”. Portanto...

- PODE SER que o documento esteja no armário do chefe. (e não “possa ser”)
- Não sei ao certo, mas PODE SER que a empresa não aceite as nossas observações.

- PODE SER que eles não consigam retirar o visto para os EUA na próxima semana.

b) Já a locução verbal “possa ser” deve ser usada em orações subordinadas em correlaç geralmente com um verbo no presente do indicativo, presente na oração principal. Essa locução, quando empregada corretamente, apresenta sentido de “venha a ser” ou “seja”.

- É essencial que ele POSSA SER o nosso representante na reunião com a diretoria.
- Não sei ao certo, mas acho que talvez ele POSSA SER o nosso gerente de marketing para o próximo ano.
- Deixamos o contrato sobre a mesa para que o diretor assine e POSSA SER o responsável pela obra.

3.14 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (FCC) *...para entender por que a viagem de Colombo acabou e continua sendo uma metáfora...* No que se refere à grafia, para estar de acordo com o padrão culto, a frase que deve ser preenchida com forma idêntica à destacada acima é:

   a) Alguém poderá perguntar: – O autor citou Braudel, ...?
   b) Gostaria de saber ..... ele se interessou especificamente por essa obra de Braudel acerca do mar Mediterrâneo.
   c) Quem sabe o ..... da citação da obra de Braudel?
   d) Referências são sempre interessantes, ... despertam curiosidade acerca da obra
   e) –... foi a obra que mais o teria impressionado sobre o assunto, respondeu alguém quando indagado sobre o motivo da citação.

2. (CESGRANRIO) É melhor começar a exercitar a linguagem, _____ o seu relacionamento pode acabar mal.

   A pesquisa recentemente realizada pela empresa foi _____ do estresse emocional do trabalhador.

   Expliquei-lhe as exigências do atual mercado _____ ele se adaptasse melhor.

   A sequência que completa corretamente as frases acima é

   a) se não – a cerca – a fim de que
   b) se não – acerca – afim de que
   c) se não – acerca – a fim de que
   d) senão – acerca – a fim de que

e) senão – a cerca – afim de que

3. (CESGRANRIO) As razões _____ não simpatizo com você são muitas.
Não faça críticas negativas, _____ se arrependerá.
O que eu disser poderá ser _____ interpretado.
A opção cuja sequência completa, corretamente, as sentenças acima é

a) por quê – senão – mal
b) por que – senão – mal
c) porquê – se não – mal
d) porque – se não – mau
e) porque – senão – mau

4. (ESAF – Téc. Rec. Federal) Lê-se no Manual de Redação da Presidência da República

> **onde**
> Como pronome relativo significa 'em que (lugar)': A cidade **onde** nasceu.

Com base nessa definição e nas demais funções morfossintáticas que o termo **onde** *pode desempenhar, aponte a frase na qual o emprego de tal termo está incorreto.*

a) (...) o método utilizado pode afastar os auditores, pela falta de estrutura, da descoberta dos grandes esquemas de corrupção. Porque ele está muito voltado a atender à grande novidade inventada por Waldir Pires, os sorteios dos municípios. Ali, faz-se uma auditoria por amostragem, onde pegar um grande esquema dependerá, como tudo num sorteio, da sorte.
b) O Portal de Transparência é até onde a CGU conseguiu tornar possível a sua ideia de tornar público o Sistema Integrado de Administração Financeira (...).
c) "Cultura" é um termo quase infinitamente maleável. (...). Sua origem ou, pelo menos até onde se possa saber, seu sentido primitivo parece se relacionar com a criação, descoberta ou invenção da agricultra (...).
d) Passada a euforia da libertação, muitos ex-escravos regressaram a suas fazendas, ou a fazendas vizinhas; para retomar o trabalho por baixo salário. Dezenas de anos após a abolição, os decendentes de escravos ainda viviam, nas fazendas, uma vida pouco melhor do que a de seus antepassados escravos. Outros dirigiram-se às cidades, como o Rio de Janeiro, onde foram engrossar a grande parcela da população sem emprego fixo.
e) Onde havia dinamismo econômico provocado pela expansão do café, como em São Paulo, os novos empregos, tanto na agricultura como na indústria, foram ocupados

por milhares de imigrantes italianos que o governo atraía para o país. Lá, os ex-escravos foram expulsos ou relegados aos trabalhos mais brutos e mais mal pagos.

*(Fontes: Rudolfo Lago, **Correio Braziliense**, 24/10/2005; Nelson Archer, **Relativismo cultural e multiculturalimo**, FSP, 31/10/2005; José Murilo de Carvalho, **Cidadania no Brasil**: o longo caminho, pág. 52)*

5. (FGV) Perguntei por que ele não tocava mais piano.

Assinale a alternativa correta acerca do uso do porquê na frase acima.

a) A forma está correta, pois corresponde à preposição POR + o pronome relativo QUE.

b) A forma está correta, pois é uma conjunção, sendo, nesse caso, sempre grafada como duas palavras.

c) A forma está correta, pois equivale a "por qual razão", caracterizando uma pergunta indireta.

d) A forma está incorreta, pois a forma com duas palavras só se usa em perguntas. O correto seria PORQUE.

e) A forma está incorreta, pois, embora seja grafada com duas palavras, a forma QUE deveria levar acento circunflexo.

6. (FGV) "Concluída a fusão dos mercados, em vez de rumar para a integração política e consolidar seu protagonismo na cena mundial, a Europa faz da integração um utensílio da exclusão. Claro está que Bruxelas não pode evitar a deriva à direita de certos Estados, mas tampouco necessita servir à regionalização da xenofobia."

A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:

I. A expressão <u>em vez de</u> não poderia ser substituída, no trecho, por <u>ao invés de</u>.

II. Ocorre alteração gramatical ou semântica ao se substituir "Claro está" por "Está claro".

III. Não ocorre alteração gramatical ou semântica ao se substituir "certos Estados" por "Estados certos".

Assinale:

a) se somente o item III estiver correto.

b) se somente o item I estiver correto.

c) se nenhum item estiver correto.

d) se todos os itens estiverem corretos.

e) se somente o item II estiver correto.

7. (FGV) O leitor já viu onde quero chegar.

Assinale a alternativa cuja estrutura seja equivalente semanticamente à apresentada acima, mas que dela se diferencie quanto à adequação da linguagem ao padrão normativo.

a) Já observou o leitor onde quero chegar.
b) O leitor já viu aonde quero chegar.
c) Quero chegar onde o leitor já viu.
d) Em que ponto quero chegar o leitor já viu.
e) O leitor já viu em cujo local quero chegar.

GABARITO

1 – B	2 – D	3 – B
4 – A	5 – C	6 – C
7 – B		

CAPÍTULO 4

A LINGUAGEM FIGURADA – AS FIGURAS DE LINGUAGEM

Em nosso dia a dia, usamos com frequência a denominada linguagem intelectiva para que nos comuniquemos. A linguagem intelectiva é aquela em que os termos geralmente vêm dispostos na sequência "sujeito + predicado + complementos + adjuntos" e trabalha o sentido real, denotativo dos vocábulos, das palavras.

Não basta, porém, que a linguagem seja puramente racional para que o homem se comunique. Em muitas situações comunicativas, lançamos mão de recursos para que a linguagem se torne mais atraente, mais simpática, contribuindo para formar a convicção do leitor ou do ouvinte – é a denominada "linguagem afetiva". O resultado desse uso é uma linguagem mais sensível, mais comparativa, mais emocional, menos racional. Para obter esse efeito, o comunicador lança mão das chamadas **figuras de estilo**, conhecidas também como **figuras de linguagem**.

Figuras são os modos de dizer, alguns dos quais alteram a forma regular das palavras ou das orações, e outros modificam ou omitem o sentido próprio da expressão.

4.1 CLASSIFICAÇÃO DAS FIGURAS DE LINGUAGEM

As figuras de estilo ou de linguagem se classificam em:

a) Figuras de palavras ou tropos;
b) Figuras de pensamento;
c) Figuras de construção ou de sintaxe.

4.1.1 FIGURAS DE PALAVRAS OU TROPOS

São figuras que se caracterizam por alterar o sentido próprio de uma palavra. São elas: metáfora, metonímia, catacrese, perífrase, sinestesia e comparação.

4.1.1.1 Metáfora

A metáfora (de um vocábulo grego que significa “transportar”) é a translação do sentido próprio de uma palavra para outro, por analogia ou por semelhança, ou seja, consiste em usar uma palavra pela outra por força de uma comparação mental. É uma comparação – pelo fato de existirem características pertencentes a um objeto ou ser que se adapta a outro – sem a presença explícita de conectivo comparativo.

- Ela é um anjo de doçura, e ele é um cavalo de grosseria.
- É uma borboleta o coração daquela donzela.
- Muitos jovens perdem a razão quando vivem o fogo de uma paixão.
- O vício toma muitas vezes a máscara da virtude.
- “O Senhor é o meu Pastor e nada me faltará”. (Sl. 23)
- “Coração bobo, coração bola, coração balão
  A gente se ilude dizendo
  Já não há mais coração” (Alceu Valença)
- “O mar é lago sereno
  O céu – um manto azulado
  O mundo – um sonho dourado
  A vida – um hino d’amor.” (Casimiro de Abreu)
- “A vida é o dia de hoje
  A vida é ai que mal soa
  A vida é sombra que foge A vida é nuvem que voa.” (João de Deus)

⇨ **Observação:**

Com a metáfora, buscam-se semelhanças, analogias, características comuns entre os seres postos numa relação comparativa.

4.1.1.2 Metonímia

A metonímia é a substituição do sentido de um vocábulo pelo de outro com o qual está intimamente relacionado. Com a metonímia, o operador da língua troca um vocábulo por outro pelo fato de ambos apresentarem uma contiguidade de sentido, uma coexistência semântica. Quando se diz, por exemplo, que se leu Camões, percebe-se nitidamente a relação entre “Camões” e “obra escrita”. Na realidade, leu-se a “obra” que pertence ao escritor Camões. Observe outro exemplo abaixo:

- Durante a Idade Média, alguns defendiam o trono, outros, o altar.

⇨ Observação:

Perceba que os vocábulos “trono” e “altar” foram empregados em substituição aos vocábulos “realeza” e “religião”, respectivamente.

Várias são as formas de substituição propostas pela metonímia. Vejamos algumas:

a) O autor pela obra:

- Ontem me deleitei com o Machado de Assis.
  a obra

- Sempre viajava na companhia de José Saramago. Em casa, não abandonava Cecília Meireles.
  a obra *a obra*

b) A causa pelo efeito, ou vice-versa:

- Sempre vivi do suor do meu rosto.
  trabalho

- A palidez tomou-lhe conta do rosto quando viu que o avião perdeu altura.
  medo

c) O abstrato pelo concreto e vice-versa:

- A mocidade de hoje parece que perdeu o encanto pela vida.
  os jovens

- Era difícil não se emocionar com aquela beleza trôpega.
  um velho, um idoso

d) O continente pelo conteúdo:

- Eles sempre foram amantes do copo.
  das bebidas

- Eles comeram todo o prato com uma voracidade incrível.
  a comida, o alimento

e) A marca pelo produto:

- Fez a barba com uma gilete.
  lâmina de aço

- Por favor, limpe com uma coca.
  refrigerante à base de folha de coca

f) A parte pelo todo e vice-versa:

- Os ônibus passavam cheios de pernas. (pessoas)
- Muitas chaminés (fábricas, indústrias) dominam São Paulo.

g) O singular pelo plural:

- O homem (os homens) vive há séculos sobre a terra.
- O brasileiro (os brasileiros) é um povo de coragem, de luta, de determinação.

h) O objeto ou sinal pela coisa significada:

- Infelizmente a balança (a justiça) no Brasil não é tão justa quanto é em outros países.
- A toga brasileira (os juízes, os magistrados) ficou incomodada com as palavras do presidente da República.

i) O possuidor pela coisa possuída:

- Uma centena de fuzis (soldados) apoiavam suas decisões.
- Em toda guerra, as armas (os combatentes, os soldados) não dormem nem de dia nem de noite.

j) A matéria pelo objeto:

- Na festa, quebraram todos os cristais. (copos, pratos feitos de cristal)
- A comida foi colocada em porcelanas chinesas. (pratos e recipientes feitos de porcelana chinesa)

⇨ Observação:

a) Não se preocupe tanto em decorar essas formas de substituição. Procure, sim, entender o que é uma metonímia. As bancas raramente (mas raramente mesmo) cobram as relações acima. Elas querem saber tão somente se o estudante sabe identificar o que é um processo metonímico.

b) Muitos autores classificam alguns casos de metonímia como **sinédoque**. Esta, segundo eles, caracteriza-se por substituir “o todo pela parte” ou “a parte pelo todo”, isto é, teremos uma relação do tipo “continente e conteúdo” ou “gênero e espécie”. Achamos a discussão menor, e preferimos englobar todos os casos sob

a denominação genérica de metonímia, porquanto tem sido a figura predominante nos certames hoje.

4.1.1.3 Catacrese

A catacrese é o desvio do significado natural de um vocábulo. Consiste em se empregar um vocábulo já existente e com significação própria em outro sentido, por falta de vocábulo adequado. Em verdade, a catacrese é uma metáfora desgastada, porque busca semelhanças entre seres, objetos, coisas e passa a usar um vocábulo com uma extensão semântica maior do que ele possui – "é o esquecimento ou substituição definitiva do significado de uma palavra por outra", preconiza o ilustre mestre Cândido de Figueiredo.

- O **pé da cadeira** está quebrado.

⇨ Observação:

Busca-se a semelhança entre o "pé humano" (sentido denotativo) e o objeto de madeira que sustenta a cadeira, pé da cadeira (sentido conotativo).

Observe agora outros exemplos:

- Já na terça-feira, todos tiveram de responder à **sabatina** feita pelo professor.
- Furou a **cabeça do dedo** com um alfinete.
- Todos **embarcaram** no avião precisamente às 16 horas.
- O boxeador levou um soco na **boca do estômago**.
- Ficamos passeando bem no **coração da cidade**.
- Colocaram vários **dentes de alho** na buchada que eles prepararam.
- A **asa do avião** ficou danificada por causa da colisão com um pássaro.

4.1.1.4 Perífrase ou antonomásia

É um tipo especial de metonímia que se caracteriza por substituir um ser ou um objeto por uma expressão que facilmente o identifica. Geralmente essa substituição é feita com uma característica marcante do ser ou do objeto. Observe:

- Faz anos que morreu o épico português. *Camões*
- Conheci a Veneza brasileira. *Recife*

Veja outras perífrases:

- **o rei do baião** → por Luís Gonzaga
- **a cidade luz** → por Paris
- **a Suíça pernambucana** → por Garanhuns
- **o poeta dos escravos** → por Castro Alves
- **o país do sol nascente** → por Japão
- **o grande poeta mineiro** → por Drummond
- **o grande orador grego** → por Demosthenes
- **o grande poeta grego** → por Homero
- **o águia de Haia** → por Rui Barbosa
- **o rei da selva** → por leão

4.1.1.5 Sinestesia

Consiste na mistura de sensações perceptíveis por órgãos do sentido diferentes. Busca-se, com isso, oferecer maior expressividade à sensação primitiva, mais forte. Quando se diz, por exemplo, "beijo doce", atribuiu-se à sensação tátil "beijo" uma sensação gustativa "doce" para indicar que a ação primitiva "beijo" é intensificada por uma sensação gustativa "doce". Observe outros exemplos:

- Ela usava um vestido de **cores berrantes**.
- Na reunião, ele usou **ásperas palavras**.
- O locutor do aeroporto possui uma **voz doce e aveludada**.
- O vinho apresentava um **gosto quente, áspero**.
- "Ó sonora **audição colorida** do aroma!" (Alphonsus de Guimaraens)

4.1.1.6 Comparação

É a analogia efetuada entre dois seres ou objetos por meio de conectivos comparativos explícitos a fim de ressaltar a(s) semelhança(s) entre eles. Geralmente são usados os conectivos subordinativos comparativos "como, tal qual, assim como, tão... quanto, tanto... quanto, mais... (do) que, menos... (do) que etc.".

- "Seria meia-noite quando o navio começou a mover-se lentamente, e uma hora depois a

cidade, as praias, e as montanhas sumiam-se na distância, **como** se o mar as fosse engolindo com a voracidade de um monstro." (Adolfo Caminha)

- "E o escândalo, **como** um líquido derramado, ia escorrendo pelas ruas, pelos becos, penetrando por aqui e por ali, invadindo as repartições públicas, os escritórios comerciais, as redações das folhas e as casa particulares." (Aluísio Azevedo)

4.1.2 FIGURAS DE PENSAMENTO

São figuras que se processam no âmbito do pensamente, da ideia que se quer transmitir. São processos de expressão do pensamento, os quais introduzem ideia diferente da que realmente a palavra exprime. São elas:

4.1.2.1 Antítese

É a figura que consiste no emprego de termos ou pensamentos em oposição, de forma que faça sobressair um pelo outro. É um poderoso recurso estilístico, pois ressalta relações de contraste, de oposição entre os termos, entre as ideias. Veja alguns exemplos:

- "Estes edificam, aqueles destroem; estes sobem pelos degraus da honra, aqueles outros descem." (M. Bernardes)
- "Última flor do Lácio, inculta e bela,
  és, a um tempo, esplendor e sepultura." (Olavo Bilac)
- "Vejo um túmulo, entremos:
  Quem sempre a morte achou no lar da vida
  Deve a vida encontrar no lar da morte." (Laurindo Rabelo)
- "Ontem plena liberdade
  A vontade por poder
  Hoje... cum'lo de maldade
  Nem são livres... pra morrer." (Castro Alves)
- "Era o porvir – em frente do passado,
  A liberdade – em face à escravidão." (Castro Alves)

4.1.2.2 Paradoxo ou oximoro

É uma espécie de antítese mais radical, pois trabalha com termos em oposição colocados lado a lado. O contrassenso se dá dentro do mesmo termo, do mesmo verso. Veja:

- “O doutor falava **bobagens** conspícuas.” (Manoel de Barros apud Domingos P. Cegalla)
- “Amor é fogo que **arde** sem se ver,
  É ferida que **dói**, e não se sente;
  É um **contentamento** descontente
  É dor que **desatina** sem doer.” (Camões)
- “Menino do rio,
  calor que provoca arrepio.” (Caetano Veloso)
- “Enfim, transpondo o **Inferno** e o Purgatório, Dante
  Chegara à extrema luz pela mão de Beatriz:
  Triste no sumo bem, **triste** no excelso instante,
  O poeta compreendera **o mal** de ser feliz.” (Olavo Bilac)

4.1.2.3 Ironia

Conhecida também como “antífrase”, é a alteração do sentido próprio de uma palavra ou de uma expressão para o sentido oposto, isto é, a ironia ocorre quando a palavra ou a sentença exprime normalmente o contrário daquilo que queremos dar a entender com ela. O emprego da ironia, em muitas situações, pode revelar sarcasmo, zombaria, chacota, escárnio. Observe:

- Bela coisa você fez, meu filho – conseguiu tirar nota baixa em todos os exames!
- “Moça linda bem tratada
  Três séculos de família
  burra como uma porta.” (Mário de Andrade)
- “A excelente dona Inácia era mestra na arte de judiar das crianças.” (Monteiro Lobato)

4.1.2.4 Eufemismo

Consiste no emprego de palavras ou expressões com o objetivo de diminuir o impacto da mensagem. Em outras palavras, é o abrandamento da força de uma ideia, de uma mensagem. Empregam-se palavras ou expressões mais amenas, mais suaves, mais sutis para evitar o impacto da ideia, da mensagem. Observe:

- **Os funcionários da limpeza pública** entraram em greve. (em vez de “garis, lixeiros”)
- No depoimento, a testemunha **faltou com a verdade**. (em vez de “mentiu”)
- Foi preso pela polícia, porque **enriqueceu por meios ilícitos**. (em vez de “roubou”)
- Descobriram um **tumor maligno** no seio da mulher. (em vez de “câncer”)

- Nossos amigos **não foram felizes** no concurso que fizeram. (em vez de "foram reprovados")
- "Alma minha gentil **que te partiste** Tão cedo desta vida descontente." (Camões)
- "Os amigos que me restam são de data recente; todos os antigos foram estudar **a geologia dos campos santos**." (Machado de Assis *apud* Rocha Lima)

4.1.2.5 Hipérbole

Consiste no emprego de expressões ou palavras com o sentido exagerado, extrapolado. É um outro poderoso recurso expressivo, pois se baseia no exagero da mensagem. Observe:

- Naquele momento, todos nós já estávamos **mortos de fome**.
- Mulher, não te vejo **há séculos**.
- "Abram mais janelas do que todas as janelas que há no mundo." (Fernando Pessoa)
- "Queria gritar setecentas mil vezes..." (Cazuza)
- "Rios te correrão dos olhos, se chorares." (Olavo Bilac)

4.1.2.6 Gradação

Consiste no emprego de palavras ou ideias em progressão ascendente ou descendente a fim de obter um efeito estilístico. Quando apresenta ideias em gradação ascendente, chama-se "clímax"; quando apresenta ideias em gradação descendente, chama-se "anticlímax". Veja alguns exemplos:

- "Que **verbo mais eloquente**, que **eloquência mais sublime**, que **sublimidade mais angélica** do que a sua"? (Alves Mendes *apud* Jorge Miguel)
- "Oh, não aguardes que a madura idade
  Te converta essa flor, essa beleza,
  Em terra, em cinza, em pó, em sombra, em nada." (Gregório de Matos)
- "Parece-me que só neste país ainda não se observa nem se permite esse costume **tão natural, tão próprio, tão eficaz mesmo**, das senhoras pobres empregarem-se no comércio a retalho." (Adolfo Caminha)
- "E o escândalo, como um líquido derramado, ia escorrendo pelas ruas, pelos becos, penetrando por aqui e por ali, **invadindo as repartições públicas, os escritórios comerciais, as redações das folhas e as casa particulares**." (Aluísio Azevedo)

- “Não já lutando, **mas rendido, enfermo, prostrado, desfalecido, morrendo, morto**.” (Pe. Antônio Vieira)

4.1.2.7 Prosopopeia, personificação ou animismo

Consiste em se atribuírem qualidades humanas a seres inanimados, personificando-os. É uma figura bastante comum nas histórias, nos contos infantis. Observe:

- “As estrelas foram chamadas e **disseram**: – Aqui estamos.” (Pe. Antonio Vieira)
- “Debaixo do arco admirável da Ponte das Bandeiras **o rio murmurava** num banzeiro de água pesada e oleosa.” (Mário de Andrade)
- “Dona Cômoda tem três gavetas. E um **ar confortável de senhora rica**. Nas gavetas guarda coisas de outros tempos, só para si. Foi sempre assim, dona Cômoda: gorda, fechada e egoísta.” (Mário Quintana)
- “As rãs do charco **clamavam**:
  – Dai-nos sol! Dai-nos sol!
  Os ralos e a cigarra acompanhavam:
  – Solzinho! Solzinho! Solzinho!” (Aquilino Ribeiro *apud* Jorge Miguel)

4.1.2.8 Apóstrofe ou invocação

Consiste num chamamento, numa invocação, numa interpelação que se faz a alguém. Em outros termos, é uma interrupção que faz o orador ou escritor para dirigir-se, em tom de chamamento, em tom forte, a uma pessoa ou coisa. Representa a figura do vocativo em sintaxe. Veja alguns exemplos:

- “**Lua lua lua**
  por um momento
  meu canto contigo compactua.” (Caetano Veloso)
- “**Deus!, ó Deus!** onde estás que não respondes?” (Castro Alves)
- “Até quando, **ó povo insensato**, haveis de manquejar na Fé, divididos e discordes de vós mesmos em duas partes.” (Pe. Antonio Vieira)

4.1.2.9 Reticência

Consiste na supressão da ideia, do pensamento, deixando à outra pessoa a complementação dessa ideia ou desse pensamento. É também um poderoso recurso de estilo, representado pelos três pontos em sequência (...). Vejamos alguns exemplos:

- “Bem sabes que te não contrario... desejo este casamento, desejo... mas... em primeiro lugar, convém saber se ele é do teu gosto... Vamos..., fala!” (Aluísio Azevedo)

- “Estava ainda com a carta aberta nas mãos, quando viu aparecer o doutor, que vinha por notícias do enfermo; o agente do correio dissera-lhe haver chegado uma carta. Era aquela?
  – É esta, mas...
  – Tem alguma comunicação reservada...?” (Machado de Assis)

- “Na comédia o rei veste como rei, e fala como rei; o lacaio veste como lacaio, e fala com lacaio; o rústico veste como rústico, e fala como rústico; mas um pregador, vestir como religioso e falar como... não o quero dizer, por reverência do lugar.” (Pe. Antonio Vieira)

4.1.3 FIGURAS DE CONSTRUÇÃO OU DE SINTAXE

São denominadas de figuras de construção porque alteram de alguma forma a construção regular da frase, da oração, do período, do verso. Buscam, com essa alteração, conferir maior expressividade, maior elegância à construção textual. São elas:

4.1.3.1 Elipse

É uma das figuras mais usuais na construção textual. Consiste na omissão de um vocábulo, de um verbo ou de uma oração inteira, os quais podem ser facilmente subentendidos no contexto.

Dependendo do termo elipsado, a elipse pode ser: **nominal** (de uma palavra), **verbal** (de um verbo) ou **frástica** (de uma oração, de uma frase). Vejamos alguns exemplos:

- “**Na terra tanta guerra, tanto engano,**
  Tanta necessidade aborrecida!” (Camões)

→ **Nos versos de Camões, temos a elipse do verbo “haver” = “Na terra há tanta guerra, há tanto engano”.**

- “Em Dina matou a formosura a Sichem; **em Dallila matou a Sansão; em Judith matou a Holophernes; em Helena, a toda a Troia; em Lucrecia, a toda a Roma; em Florença, a toda a Espanha**.” (Pe. Antonio Vieira)

→ **No excerto de Vieira, é latente a elipse (nominal, diga-se de passagem) do sujeito “a formosura” nas orações subsequentes: “...em Dallila, a formosura matou a Sansão; em Judith, a formosura matou a Holophernes;...”**

- “É por estas e outras que aborreço os políticos, os políticos sim, **não a política**.” (Rui Barbosa)

→ **Observe a elipse do verbo "aborrecer" na última oração: "..., os políticos sim, não aborreço a política".**

- "Enfim, ele pensava, **como eu**, que tudo que existe é bom." (Machado de Assis)

→ **Elipse do verbo da oração comparativa: "..., como eu pensava,...".**

4.1.3.2 Zeugma

É uma espécie de elipse. É uma figura pela qual uma palavra já exprimida numa oração se subentende na outra, que lhe é análoga ou ligada, isto é, é a ocultação que um termo anteriormente expresso – o termo aparece em uma oração e é ocultado na(s) outra(s). Observe:

- Cada criança escolheu um brinquedo; os meninos pegaram carrinhos, as meninas, bonecas.

→ **Perceba a zeugma do verbo "pegar" na última oração.**

- A um é dada a palavra de sabedoria, a outro, o dom de curar moléstias.

→ **Veja a zeugma da locução de passiva "é dado".**

- "A aurora é o riso do céu, a alegria dos campos, a respiração das flores, a harmonia das aves, a vida e o alento do mundo." (Pe. Antonio Vieira)

→ **Observe a zeugma tanto do sujeito "aurora" quanto do verbo ser "é".**

- "Nossos bosques têm mais vida
  Nossa vida mais amores." (Gonçalves Dias)

→ **Temos no último verso a zeugma do verbo "ter": "... Nossas vidas têm mais amores".**

4.1.3.3 Polissíndeto

É a figura que consiste na repetição intencional de conectivos, geralmente, coordenativos a fim de conferir maior expressividade entre os elementos unidos pelos conectivos. Vejamos:

- Deus criou o sol e a lua e as estrelas. E fez o homem e deu-lhe inteligência e fê-lo chefe da natureza.

- "Uma procissão de rendas e sedas e leques e véus e diamantes e olhos de todas as cores e linguagens." (Machado de Assis)

- “Chego, pego-lhe do braço e o recolho e o enxugo e o aqueço e o agasalho no meu colo. (A. R. dos Santos *apud* Ernesto C. Ribeiro)

4.1.3.4 Assíndeto

É a figura oposta ao polissíndeto. Consiste na supressão dos conectivos entre os termos e orações a fim de tornar a mensagem mais concisa, mais enxuta. Vejamos alguns exemplos:

- Entram todos os fiéis. Louvam, cantam, batem palmas, choram, riem. Tudo em nome de Deus.
- “Range, ri, treme, devasta, insulta e vence.” (Eça de Queiroz)
- “Luciana, inquieta, subia à janela da cozinha, sondava os arredores, bradava com desespero...” (Graciliano Ramos *apud* Rocha Lima)

4.1.3.5 Hipérbato

Consiste na alteração da ordem direta dos termos em uma oração. Em português, a oração geralmente segue a ordem “sujeito + verbo + complementos + adjuntos”. O hipérbato quebra a ligação imediata que as palavras têm umas com as outras, a fim de conferir maior ênfase, maior destaque a determinadas partes da oração. Observe:

- “Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
  De um povo heroico o brado retumbante.” (Hino Nacional Brasileiro)

→ **Na ordem direta, teríamos: “As margens plácidas do Ipiranga ouviram um brado retumbante de um povo heroico.”**

- “... aí se não ouvem essas alegres sinfonias.” (Carneiro Ribeiro)
- “A quem o nascimento fez em Portugal, grande, o valor no Oriente.” (J. Freire *apud* Carneiro Ribeiro)

⇨ Observação:

Quando o hipérbato altera tão profundamente a ordem dos termos na oração que chega a provocar certa confusão entre as partes desta, passa a ser chamado de “sínquise”. Veja:

- “Por ver em que montanhas se dos mares
  Livrou, anda vagando, e em que lugares.” (F. Barreto)

- “Enquanto manda as ninfas amorosas
  Grinaldas na cabeça pôr de rosas.” (Camões)

4.1.3.6 Pleonasmo enfático ou estilístico

É uma figura pela qual se empregam palavras que, se bem não sejam necessárias para a perfeita expressão do pensamento, dão-lhe, todavia, mais força, mais energia. Consiste, literalmente, na repetição de uma ideia já contida em termos e expressões anteriores a fim de aumentar a força da mensagem. Observe:

- “Este crucifixo, vi-o eu com os meus olhos, e está hoje em dia naquele mosteiro.” (H. Pinto)
- “Louvamos em Deus uma excelência, que é mais excelente de todas.” (Pe. Antônio Vieira
- “E rir meu riso
  E derramar meu pranto.” (Vinícius de Moraes)
- “Tantos outros assombros da natureza e prodígios inauditos, vistos com os próprios olhos palpados com as mãos e pisados com os pés.” (Pe. Antônio Vieira)

⇨ Observações:

a) Em algumas situações, o pleonasmo é representado pela repetição, em forma de pronome oblíquo tônico, dos complementos verbais: objeto direto e objeto indireto. Observe:

- “Vi os teus companheiros, mas não te vi a ti.” (M. Said Ali)
- “Ele perseguia as aves e alimárias inocentes: eu perseguia-o a ele.” (A. Herculano)
- “E que me importa a mim isso? Virão um dia a esta nobre terra de Espanha gerações que compreendam as palavras do presbítero.” (A. Herculano)

b) Não confunda este tipo de pleonasmo com o **pleonasmo vicioso**. Este, como o próprio nome já diz, torna a frase deselegante, pobre. Por isso, expressões do tipo “morreu uma morte; vi com os olhos; fui com os meus pés; pescou um peixe” são terríveis pleonasmos. Entretanto, se lhes acrescentarmos uma expressão explicativa, uma circunstância ou um modificativo, desfaremos o pleonasmo. Logo, em “morreu uma morte terrível, sofrida e solitária” não há mais pleonasmo, senão uma forma bastante expressiva de se enunciar um pensamento.

4.1.3.7 Anástrofe

Consiste numa inversão mais simples que o hipérbato – geralmente se inverte apenas sujeito e predicado. Em outras palavras, é uma inversão na sucessão analítica do pensamento, sem quebrar a ligação imediata que as palavras têm umas com as outras.

- "A Dário venceu Alexandre." (Carneiro Ribeiro)
- "Com papas e bolos se enganam os tolos." (Provérbio)
- "Clara era naquele tempo a fama de Dom Duarte de Menezes." (J. Freire)
- "Aberta em parte estava a porta." (A. Garrett)

4.1.3.8 Silepse ou concordância ideológica

Como o próprio nome já denuncia, é uma concordância efetuada não com o termo, mas com a ideia transmitida pelo termo. É preciso ter em mente que, em português, a concordância padrão se dá com o núcleo do sujeito expresso ou implícito. Na silepse, essa concordância é efetuada com o "espírito", com a ideia do termo. Há três tipos de silepse: de **gênero**, de **número** e de **pessoa**. Vamos a elas:

a) **Silepse de gênero:** a concordância é feita com o gênero do termo a que se refere e n com o termo em si. Observe:

- Vossa Excelência é muito justo e generoso.

⇨ **Observação:**

Perceba como os adjetivos não concordam com o pronome de tratamento "Vossa Excelência", mas sim com a ideia de que o pronome de tratamento se refere a um ser masculino.

- De longe, viu o seu **amor**, **vestida** de véu e grinalda. (amor = mulher, esposa)
- A **criança** voltou às aulas, mas a professora não podia com **ele**.
- A **testemunha** prestou depoimento e estava **preocupado** com a possibilidade de haver uma acareação entre **ele** e o réu do processo.

a) **Silepse de número:** a concordância é feita com o número (singular ou plural) que é transmitido pela ideia do termo, e não com o número (singular ou plural) real do termo.

- "Das ovelhas **a maior parte** ao desamparo dos pegureiros **se perderam**." (Lobo *apud* Carneiro Ribeiro)
- "Estavam pegados com ele uma infinidade de homens." (Fr. Luís de Souza)

- “Logo outro dia ao romper da alva se abalou **o exército**, ao som de muitos instrumentos bélicos, e chegando aos muros, **começaram** em torno da fortaleza a arvorar escadas.” (J. Freire)
- “**Povoavam** os degraus **muita sorte de gente**.” (Mário Barreto)

⇨ Observação:

Haverá também silepse de número quando os pronomes “nós” e “vós” forem empregados por “eu” e “tu”, isto é, quando se emprega o plural de modéstia. Nesse caso, o predicativo poderá concordar no singular com a ideia do singular. Veja:

- “Antes sejamos **breve** que **prolixo**.” (J. de Barros)
- “Apesar da benevolência com que fomos **acolhido**, disseram-nos que...” (J. de Castilho)
- “**Chegado**, porém, à conclusão deste livro, por-lhe-emos remate com uma reflexão.” (A. Herculano *apud* Eduardo C. Pereira)

c) Silepse de pessoa: a concordância é feita com a pessoa que se tem em mente, e não com a pessoa (1.ª, 2.ª ou 3.ª) na qual o termo efetivamente se encontra.

- Os brasileiros (*3.ª pessoa*) em geral somos (*1.ª pessoa*) pessoas cordiais.
- “Dizem que os cariocas somos pouco dados aos jardins públicos.” (Machado de Assis)
- “E os dois, ali no quarto, picamos em mil pedaços as trezentas páginas do livro.” (Paulo Setúball *apud* Jorge Miguel)
- “Senhor, os que somos de terra deixamos repouxar os navegantes.” (Fr. Luís de Souza *apud* Artur de A. Torres)

4.1.3.9 Anáfora

Do ponto de vista da retórica, a anáfora consiste na repetição de uma mesma palavra, de um mesmo vocábulo no início de cada oração, de cada período ou de cada verso de uma composição.

- “Quem, senão ela, há de expulsar do templo o renegado, o blasfemo, o profanador, o simoníaco? Quem, senão ela, exterminar da ciência o apedeuta, o plagiário, o charlatão? Quem, senão ela, banir da sociedade o imoral, o corruptor, o libertino? Quem, senão ela, ...” (Rui Barbosa)
- “Com o tempo o prado verde reverdece,
  Com o tempo cai a folha ao bosque umbroso.

Com o tempo pára o rio caudaloso,
Com o tempo o campo pobre se enriquece." (Camões)

- "Vi os navios irem e voltarem.
Vi os infelizes irem e voltarem.
Vi os homens obesos dentro do fogo.
Vi ziguezagues na escuridão." (Jorge de Lima *apud* Roberto M. Mesquita)

4.1.3.10 Anacoluto

Gramaticalmente falando, o anacoluto nada mais é do que "uma frase quebrada", isto é, uma construção interrompida e depois retomada com outra estrutura. Com esta quebra, um dos termos da estrutura oracional geralmente acaba sem função sintática.

Convém aqui reproduzir a definição de um dos nossos maiores mestres, o professor Augusto Epifânio da Silva Dias: "A anacolutia consiste em uma ou mais palavras do princípio de uma oração não se ligarem ao que vem depois, segundo as regras da sintaxe."

O tipo mais frequente de anacoluto é aquele em que um elemento parece que vai ser sujeito da oração e acaba sem função sintática.

Vamos aos exemplos (grifamos os termos que ficaram sem função sintática no período, o que reflete o anacoluto).

- O João Paulo, parece que as coisas não lhe correm bem.
- "As outras, que as asas do anjo Azrael se estendam sobre os seus cadáveres." (A. Herculano)
- "Tua mãe, não há idade nem desgraça que lhe amolde a índole rancorosa." (Camilo C. Branco)
- "A velha hipocrisia, recordo-me dela com vergonha." (Camilo C. Branco)
- A terra em que tu morreres, nessa morrerei." (Pe. Antônio Pereira *apud* Eduardo C. Pereira)
- Os três reis orientais, que vieram adorar o Filho de Deus recém-nascido em Belém, é tradição da igreja que um era preto." (Pe. Antônio Vieira *apud* Eduardo C. Pereira)

⇨ Observação final sobre o anacoluto:

Observe como os termos grifados encontram-se soltos dentro da estrutura oracional – nenhum deles se liga sintaticamente a outro. É justamente esse fenômeno, essa quebra que recebe o nome de anacoluto. Para o ilustre Gramático Carlos Góis, "o anacoluto é uma das belezas mais ornamentais da língua. De geração espontânea na

linguagem do povo, como o provam os adágios e rifões, os escritores e poetas mais autorizados acharam-lhe tal graça, tal efusão, que o transportaram, de flor popular e anônima, a flor de gala e louçania".

4.1.3.11 Aliteração

Consiste na repetição intencional do mesmo som consonantal no início de dois ou mais vocábulos em imediata sucessão para imitar a realidade sonora de certos fenômenos ou para simplesmente conferir ênfase à estrutura. Observe:

- Em nossa viagem, passamos por uma terra feia, fria, mas farta.
- Fumo e fogo resfolga a férrea máquina.
- "Pedro pedreiro penseiro esperando o trem." (Chico Buarque)

4.1.3.12 Repetição

Consiste na repetição das mesmas palavras ou locuções. Esta figura revela que o espírito do escritor se encontra repleto da ideia que o absorve e fortemente o empolga.

- "Abri, abri estas entranhas, vede, vede este coração." (Pe. Antônio Vieira)
- "Fora, fora com essas velhices." (Fr. Luís de Souza)

4.2 VÍCIOS DE LINGUAGEM

Em contraposição às figuras de linguagem, que dão à fala e à escrita graça e elegância, encontramos os vícios de linguagem, os quais são deturpações que a língua sofre em sua pronúncia ou em sua escrita por desconhecimento ou descuido de quem fala.

Quem fala deve sempre prezar por uma linguagem pura, correta e clara. A **pureza** consiste no emprego de palavras e expressões autorizadas pela história da língua e pelo uso dos que melhor falam. Já a **correção** significa a elaboração de construções oracionais e frásticas em conformidade com as regras da sintaxe. E finalmente a **clareza** consiste em empregar palavras e construir frases, cujo sentido facilmente se compreende. Aquele que desrespeita essas virtudes textuais incorre, portanto, nos vícios da linguagem.

Os principais vícios de linguagem são: barbarismo, solecismo, ambiguidade, cacofonia, estrangeirismo, colisão, eco, arcaísmo e hiato.

4.2.1 BARBARISMO

Barbarismo (também chamado de “peregrinismo”) é o emprego de termos estranhos à língua, quer na forma, quer na sua ideia. Em outras palavras, ocorre barbarismo quando se escrevem ou se pronunciam, de forma incorreta, certos vocábulos, ou ainda quando se empregam vocábulos num sentido diverso do que realmente ele representa.

Vejamos alguns exemplos de barbarismos:

- advinhar → por “adivinhar”
- mendingo → por “mendigo”
- mantêga → por “manteiga”
- adevogado → por “advogado”
- sastifeito → por “satisfeito”
- abandonado → por “dissoluto”
- seje → por “seja”
- preguntar → por “perguntar”
- fácio → por “fácil”
- rúbrica → por “rubrica”
- bizarro → por “esquisito”
- brusco → por “precipitado”

4.2.2 SOLECISMO

Genericamente falando, solecismo é qualquer erro de sintaxe. Tal erro pode ser de concordância, de regência ou de colocação pronominal. Vejamos alguns solecismos comuns:

- Eu lhe vi ontem no shopping. → em vez de: “Eu o vi ontem no shopping.”
- Vamos todos assistir o jogo agora. → em vez de: “Vamos todos assistir ao jogo agora.”
- Não fazei mal aos animais. → em vez de: “Não façais mal aos animais.”
- Houveram muitos problemas no processo. → em vez de: “Houve muitos problemas no processo”.
- Incendiou-se a casa que eu morei nela. → em vez de: “Incendiou-se a casa em que eu morei.”
- Me disseram que ela não virá hoje. → em vez de: “Disseram-me que ela não virá hoje.”
- Fomos na cidade hoje pela manhã. → em vez de: “Fomos à cidade hoje pela manhã.”

4.2.3 AMBIGUIDADE (ANFIBOLOGIA OU PLEONASMO VICIOSO)

Ocorre quando uma frase apresenta sentido duplo ou duvidoso, ou seja, quando não se consegue chegar ao sentido exato da frase por apresentar mais de uma interpretação, mais de um sentido. Vejamos alguns exemplos:

- Mãe procura filho sequestrado pela internet. → (Não se sabe se a mãe o procura pela internet ou se o filho foi sequestrado pela internet)

- Regressou a Brasília depois de uma cirurgia, com cerimonial de Chefe de Estado. → (Nã se sabe se o cerimonial foi para a cirurgia ou para o regresso)
- O policial prendeu o ladrão em sua casa. → (Não se sabe se foi na casa do ladrão ou na casa do policial)
- O amor de minha mãe me fortalece. → (Não se sabe se a mãe é amada ou se ela ama, ou seja, não se sabe se ela é agente ou paciente do amor)
- O bom rei ama o povo. → (Não se sabe quem é o sujeito da oração: "o bom rei" ou "o povo")

4.2.4 CACOFONIA OU CACÓFATO

Consiste no encontro de palavras que formem outra de sentido torpe, ridículo ou desagradável. Em algumas situações, a cacofonia é resultante da junção da sílaba terminal de um vocábulo com a palavra ou parte da palavra imediata.

Convém aqui citar o mestre M. Said Ali, para quem "a cacofonia é o encontro de sílabas em que a malícia descobre um novo termo com sentido torpe ou ridículo".

Vejamos alguns exemplos:

- "Al<u>ma minha</u> gentil que te partiste". (Camões)
- Por ser tão tarde, <u>vou-me já</u>.
- A bo<u>ca dela</u> está suja.
- Distribuiremos um <u>por cada</u> visitante.
- Meu coração por <u>ti gela</u>.
- Ele só possui u<u>ma mão</u>.
- Ele nunca agiu <u>como elas</u>.

4.2.5 ESTRANGEIRISMO

Consiste no emprego abusivo de palavras estrangeiras quando há, no idioma pátrio, vocábulo próprio para a situação. Como os estrangeirismos provêm de línguas diversas, alguns autores preferem as denominações "galicismos (provenientes do francês), anglicismos (provenientes do inglês) e germanismos (provenientes do alemão)". Observe alguns:

- **delivery** → por "entrega"
- **meeting** → por "encontro"
- **sale** → por "promoção"
- **feed back** → por "retorno"

- **pic-nic** → por "piquenique"
- **buquet** → por "buquê"
- **chofer** → por "motorista"
- **performance** → por "desempenho"

4.2.6 COLISÃO

Consiste no emprego desagradável de um som consonantal idêntico.

- Vimos um jardim com ro**s**a**s** **s**eca**s**, **s**erena**s** e **s**em **s**emente**s**.
- Não **s**abemos **s**e **s**erão **s**ervida**s** fruta**s** **s**eca**s** nas cerimônia**s**.
- O silêncio da noite era interrom**p**ido **p**elo **p**io do **p**into agourento.

4.2.7 ECO

É a repetição desagradável de fonemas vocálicos no final das palavras, fazendo-as rimar. Observe:

- Neste momento, eu tive um aumento no meu vencimento.
- O instrumento de casamento do sargento ficou no convento no largo de São Bento.
- É sempre válida a disposição para a criação de uma fundação que tenha por função a proteção do cidadão.

4.2.8 ARCAÍSMO

Consiste no emprego de vocábulos ou expressões que são antiquados ou que já caíram em desuso.

- vosmecê → em vez de "você"
- cachete → em vez de "comprimido"
- cristaleira → em vez de "estante"
- velida → em vez de "bela"
- coita → em vez de "dor, aflição"
- bofé → em vez de "boa-fé"

4.2.9 HIATO

Consiste na dissonância produzida pelo encontro de vogais idênticas e sucessivas, especialmente quando se trata de vogais abertas.

- Perdeu-**o o** homem que estava à beira da morte.
- Só vou **à a**ula amanhã de manhã.
- Imperfeição como esta não **a há** nos clássicos.

⇨ Observação:

Cumpre dizer que "colisão", "eco" e "hiato" deixam de constituir vícios de linguagem quando intencionalmente empregados para efeito estilístico.

4.3 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (CESGRANRIO) "A política é a higiene dos países moralmente sadios. A politicalha, a malária dos povos de moralidade estragada."

   As figuras de estilo identificáveis nesse contexto são:

   a) hipérbole e anacoluto.
   b) metáfora e anacoluto.
   c) metonímia e zeugma.
   d) metonímia e hipérbole.
   e) metáfora e zeugma.

2. (UNITAU) Na frase "... consumo das significações no SEIO da comunicação social...", a palavra em destaque é, no plano semântico e estilístico,

   a) denotação e paradoxo.
   b) conotação e sinédoque.
   c) denotação e pleonasmo.
   d) conotação e catacrese.
   e) conotação e antítese.

3. (CESGRANRIO) Observe os períodos abaixo:

   1 – "Vontade de beijar os olhos de minha pátria
   De niná-la, de passar-lhe a mão pelos cabelos".

2 – "Pátria, eu semente que nasci do vento
Eu que não vou e não venho, eu que permaneço".

A partir dos exemplos 1 e 2, indique as respectivas figuras de linguagem:

a) prosopopeia – aliteração.
b) metáfora – gradação.
c) hipérbole – antítese.
d) aliteração – personificação.
e) metonímia – assíndeto.

4. (FAAP) "De repente do riso fez-se o pranto".

Observe que as palavras RISO e PRANTO, nesse soneto, ultrapassam a simples representação mental correspondente a cada um dos signos; convertem-se na significação mesma da alegria ou da felicidade e da tristeza ou da situação infeliz. Trata-se de uma figura de linguagem que consiste na ampliação da área de significação de uma palavra usada em lugar de outra, com apoio numa relação de coexistência ou contiguidade, ou seja:

a) silepse
b) pleonasmo
c) anacoluto
d) metonímia
e) prosopopeia

5. (FAAP) "Silencioso e branco como a bruma".

À repetição das mesmas consoantes em BRANCO e BRUMA em busca da sonoridade, dá-se o nome:

a) assonância
b) aliteração
c) eco
d) trocadilho
e) pleonasmo

6. (FATEC) "Seus óculos eram imperiosos."

Assinale a alternativa onde aparece a mesma figura de linguagem que há na frase acima:

a) "As cidades vinham surgindo na ponte dos nomes."
b) "Nasci na sala do terceiro ano."

c) “O bonde passa cheio de pernas.”

d) “O meu amor, paralisado, pula.”

e) “Não serei o poeta de um mundo caduco.”

7. (FEI) Assinalar a alternativa correta, correspondente às figuras de linguagem, presente nos fragmentos a seguir:

I. “Não te esqueças daquele amor ardente que já nos olhos meus tão puro viste.”

II. “A moral legisla para o homem; o direito, para o cidadão.”

III. “A maioria concordava nos pontos essenciais; nos pormenores porém, discordavam.”

IV. “Isaac a vinte passos, divisando a vulto de um, pára, ergue a mão em viseira, firma os olhos.”

a) anacoluto, hipérbato, hipálage, pleonasmo

b) hipérbato, zeugma, silepse, assíndeto

c) anáfora, polissíndeto, elipse, hipérbato

d) pleonasmo, anacoluto, catacrese, eufemismo

e) hipálage, silepse, polissíndeto, zeugma

8. (FEI) Assinalar a alternativa que contém as figuras de linguagem correspondentes aos períodos a seguir:

I. “Está provado, quem espera nunca alcança”.

II. “Onde queres o lobo sou o irmão”.

III. Ele foi discriminado por sofrer de uma doença contagiosa muito falada atualmente.

IV. Ela quase morreu de tanto estudar para o vestibular.

a) ironia – antítese – eufemismo – hipérbole

b) eufemismo – ironia – hipérbole – antítese

c) antítese – hipérbole – ironia – eufemismo

d) hipérbole – eufemismo – antítese – ironia

e) ironia – hipérbole – eufemismo – antítese

9. (FEI) Assinalar a alternativa que apresenta o vício de linguagem conhecido como solecismo:

a) Não podemos adiar a viagem para depois.

b) Ele entrou de sócio no clube.

c) Fazem dois anos que trabalho aqui.

d) É louvável a fé de teu time.

e) Ele assistiu ao incêndio do prédio.

10. (FUVEST) A prosopopeia, figura que se observa no verso “Sinto o canto da noite na boca do vento”, ocorre em:

a) “A vida é uma ópera e uma grande ópera.”

b) “Ao cabo tão bem chamado, por Camões, de Tormentório, os portugueses apelidaram-no de Boa Esperança.”

c) “Uma talhada de melancia, com seus alegres caroços.”

d) “Oh! eu quero viver, beber perfumes,
Na flor silvestre, que embalsama os ares.”

e) “A felicidade é como a pluma...”

GABARITO

1 – E	2 – D	3 – A
4 – D	5 – B	6 – C
7 – B	8 – A	9 – C
10 – C		

BIBLIOGRAFIA – CONTEÚDO GRAMATICAL

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. 5. ed. São Paulo: Global, 2009.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Dicionário de questões vernáculas*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1996.

_____. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 41. ed. São Paulo: Saraiva, 1997.

ALI, M. Said. *Dificuldades da língua portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Livraria Acadêmica, 1957.

_____. *Gramática elementar da Língua Portuguesa*. 9. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1966.

_____. *Gramática secundária da Língua Portuguêsa*. 7. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1966.

_____. *Investigações filológicas.* 3. ed.. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

ALVES, Ieda Maria. *Neologismo* – Criação lexical. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994.

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.

BARRETO, Mário. *Através do dicionário e da gramática*. 4. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1986.

_____. *De gramática e de linguagem*. 3. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1982.

_____. *Novíssimos estudos da Língua Portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1980.

_____. *Novos estudos da Língua Portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1980.

_____. *Últimos estudos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1986.

BECHARA, Evanildo. *Lições de português pela análise sintática*. 17. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

_____. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

_____ (org.) et al. *Na ponta da língua.* 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. v. 5.

_____. *Na ponta da língua.* 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. v. 6.

_____. *Na ponta da língua.* 1. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. v. 7.

BRANDÃO, Cláudio. *Sintaxe clássica portuguesa*. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade de Minas Gerais, 1963.

BRUNO, Aníbal. *Língua Portuguesa – Gramática e Exercícios*. 28. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1948.

_____. *Nova Gramática da Língua Portuguesa*. 1. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1971.

BUENO, Silveira. *Gramática normativa da Língua Portuguêsa*. 7. ed. São Paulo: Saraiva, 1968.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de lingüística e gramática*. 18. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

CARONE, Flávia de Barros. *Morfossintaxe*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1995.

_____. *Subordinação e coordenação*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1993.

CARVALHO, Alfredo de. *Dicionário de regência nominal portuguesa*. 1. ed. Belo Horizonte: Garnier, 2007.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

_____. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 46. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.

CHEDIAK, Antônio J. *Análise sintática*. 1. ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1955.

CUNHA, Celso e CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007.

CUNHA, J. Alcides. *Método de análise sintática*. 14. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1955.

DIAS, Augusto Ephiphanio da Silva. *Syntaxe histórica portuguesa*. 1. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1918.

ELIA, Hamilton. *Prática da análise sintática*. 9. ed. Rio de Janeiro: J. Ozon Editor, 1966.

ELIA, Hamilton e ELIA, Sílvio. *100 textos errados e corrigidos*. 26. ed. Francisco Alves, 1979.

ELIA, Silvio (org.) et al. *Na ponta da língua.* 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000. v. 1.

FARACO, Carlos Emílio e MOURA, Francisco Marto. *Língua e literatura.* 18. ed. São Paulo: Ática, 1997. v. 3.

FERNANDES, Francisco. *Dicionário de regimes de substantivos e adjetivos*. 26. ed. São Paulo: Globo, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário de verbos e regimes.* 44. ed. São Paulo: Globo, 2003.

_____. *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio*. 4. ed. Editora Positivo.

FIGUEIREDO, Cândido de. *Gramática sintética da língua portuguesa*. 8. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1961.

_____. *O que se não deve dizer.* 7. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1953. v. I.

_____. *O que se não deve dizer.* 6. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1953. v. II.

_____. *O que se não deve dizer.* 3. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1927. v. III.

GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna*. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1974.

GÓIS, Carlos. *Gramática expositiva primária*. 5. ed. Belo Horizonte: Oliveira, Costa e Cia Oficinas Gráficas, 1934.

_____. *Methodo de analyse*. 9. ed. Rio de Janeiro: Oficina gráfica Renato Americano, 1936.

_____. *Sintaxe de regência*. 4. ed. Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves, 1938.

_____. *Syntaxe de concordância*. 6. ed. Rio de Janeiro: Oficina gráfica Renato Americano, 1935.

GOMES, Dr. Alfredo. *Grammatica Portugueza*. 20. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1930.

GOTARDELO, Augusto. *A crase nos bons escritores*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Dois Irmãos Ltda., 1983.

GRAÇA, Heráclito. *Fatos da linguagem.* 3. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa.* 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KURY, Adriano da Gama. *Novas lições de análise sintática*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1993.

_____ et al. *Gramática objetiva da língua portuguesa* – sintaxe. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1977.

LEME, Odilon Soares. *Tirando dúvidas de português*. 1. ed. São Paulo: Ática, 1992.

LIMA, Carlos Henrique da Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 31. ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1992.

_____. *Teoria da análise sintática*. 3. ed. Rio de Janeiro: Acquarone, 1956.

LUFT, Celso Pedro. *A vírgula*. 1. ed. São Paulo: Ática, 1996.

_____. *Decifrando a crase*. São Paulo: Globo, 2005.

_____. *Dicionário prático de regência nominal*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005.

_____. *Dicionário prático de regência verbal*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1997.

_____. *Moderna gramática brasileira*. 1. ed. São Paulo: Globo, 2006.

_____. *Novo guia ortográfico*. 1. ed. São Paulo: Globo, 1996.

MATEUS, Maria Helena Mira et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. 7. ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.

MAURER JR., Theodoro Henrique. *O infinito flexionado português*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1968.

MELO, Gladstone Chaves de. *Gramática fundamental da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Ao Livro Técnico, 2001.

_____. *Novo manual de análise sintática*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Livraria Acadêmica, 1971.

_____ (org.) et al. *Na ponta da língua.* 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000. v. 2.

_____. *Na ponta da língua.* 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000. v. 3.

MELO, J. Nelino. *Análise sintática*. 1. ed. Rio de Janeiro: Melso Soc. Anônima, 1964.

_____. *Estudos práticos de gramática normativa da língua portuguesa.* 2.ed. Rio de Janeiro: Bruno Buccini Editor, 1968.

MESQUITA, Roberto Melo. *Gramática da Língua Portuguesa*. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 1996.

MIGUEL, Jorge. *Curso de língua portuguesa*. 1. ed. São Paulo: Harbra, 1989.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário de dúvidas e dificuldades do idioma nacional*. 3. ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1952.

_____. *O idioma nacional*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Livraria Acadêmica, 1960.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. 1. ed. São Paulo: Unesp, 2000.

_____. *Guia de uso do português*. 1. ed. São Paulo: Unesp, 2003.

OITICICA, José. *Manual de análise léxica e sintática*. 10. ed. refundida. Rio de Janeiro: Editora Paulo de Azevedo Ltda., 1953.

OLIVEIRA, Cândido de. *Análise sintática* – Manual prático. 7. ed. São Paulo: Editora Gráfica Biblos Ltda.

PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramática expositiva*. 109. ed. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1958.

PERINI, Mário A. *Gramática descritiva do português*. 3. ed. São Paulo; Ática, 1998.

RIBEIRO, Ernesto Carneiro. *Serões Grammaticaes*. 6. ed. Bahia: Livraria Progresso Editora, 1956.

RIBEIRO, João. *Grammatica Portugueza*. 34. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1920.

SACCONI, Luiz Antonio. *Dicionário de dúvidas, dificuldades e curiosidades da língua portuguesa*. 1. ed. São Paulo, 2005.

_____. *Nossa gramática contemporânea*. 1. ed. São Paulo: Editora Escala Educacional, 2006.

SILVEIRA, Souza da. *Lições de português*. 9. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1983.

_____. *Sintaxe da preposição "de"*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1951.

_____. *Trechos seletos*. 8. ed. Rio de Janeiro: F. Briguiet e Cia Editores, 1966.

SAVIOLI, Francisco Platão. *Gramática em 44 lições*. 14. ed. São Paulo: Ática, 1998.

TERRA, Ernani. *Curso prático de gramática*. 4. ed. São Paulo: Scipione, 2002.

TÔRRES, Artur de Almeida. *Moderna gramática expositiva da língua portuguesa.* 14. ed. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1962.

Rodrigo Bezerra

Nova Gramática da LÍNGUA PORTUGUESA para Concursos

7.ª edição
Revista e atualizada

- Abordagem profunda e didática
- Plano de estudos e dicas sobre os temas mais cobrados em concursos
- Questões de concursos com gabarito ao final dos capítulos
- Obra em conformidade com o Novo Acordo Ortográfico

gen | EDITORA MÉTODO

Nova Gramática da **LÍNGUA PORTUGUESA** para Concursos

abdr
Respeite o direito autoral

O GEN | Grupo Editorial Nacional reúne as editoras Guanabara Koogan, Santos, Roca, AC Farmacêutica, Forense, Método, LTC, E.P.U. e Forense Universitária, que publicam nas áreas científica, técnica e profissional.

Essas empresas, respeitadas no mercado editorial, construíram catálogos inigualáveis, com obras que têm sido decisivas na formação acadêmica e no aperfeiçoamento de várias gerações de profissionais e de estudantes de Administração, Direito, Enfermagem, Engenharia, Fisioterapia, Medicina, Odontologia, Educação Física e muitas outras ciências, tendo se tornado sinônimo de seriedade e respeito.

Nossa missão é prover o melhor conteúdo científico e distribuí-lo de maneira flexível e conveniente, a preços justos, gerando benefícios e servindo a autores, docentes, livreiros, funcionários, colaboradores e acionistas.

Nosso comportamento ético incondicional e nossa responsabilidade social e ambiental são reforçados pela natureza educacional de nossa atividade, sem comprometer o crescimento contínuo e a rentabilidade do grupo.

Rodrigo Bezerra

Nova Gramática da **LÍNGUA PORTUGUESA** para Concursos

7.ª edição
Revista e atualizada

gen | EDITORA MÉTODO
SÃO PAULO

A EDITORA MÉTODO se responsabiliza pelos vícios do produto no que concerne à sua edição (impressão e apresentação a fim de possibilitar ao consumidor bem manuseá-lo e lê-lo). Nem a editora nem o autor assumem qualquer responsabilidade por eventuais danos ou perdas a pessoa ou bens, decorrentes do uso da presente obra.

Todos os direitos reservados. Nos termos da Lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive através de processos xerográficos, fotocópia e gravação, sem permissão por escrito do autor e do editor.

Impresso no Brasil – *Printed in Brazil*

Direitos exclusivos para o Brasil na língua portuguesa
Copyright © 2015 *by*

EDITORA MÉTODO LTDA.
Uma editora integrante do GEN | Grupo Editorial Nacional
Rua Dona Brígida, 701, Vila Mariana – 04111-081 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 5080-0770 / (21) 3543-0770 – Fax: (11) 5080-0714
metodo@grupogen.com.br | www.editorametodo.com.br

O titular cuja obra seja fraudulentamente reproduzida, divulgada ou de qualquer forma utilizada poderá requerer a apreensão dos exemplares reproduzidos ou a suspensão da divulgação, sem prejuízo da indenização cabível (art. 102 da Lei n. 9.610, de 19.02.1998).

Quem vender, expuser à venda, ocultar, adquirir, distribuir, tiver em depósito ou utilizar obra ou fonograma reproduzidos com fraude, com a finalidade de vender, obter ganho, vantagem, proveito, lucro direto ou indireto, para si ou para outrem, será solidariamente responsável com o contrafator, nos termos dos artigos precedentes, respondendo como contrafatores o importador e o distribuidor em caso de reprodução no exterior (art. 104 da Lei n. 9.610/98).

Capa: Stephanie Rodrigues Matos
Produção digital: Geethik

CIP – Brasil. Catalogação-na-fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Bezerra, Rodrigo

Nova gramática da língua portuguesa para concursos / Rodrigo Bezerra. – 7.ª ed. – Rio de Janeiro : Forense ; São Paulo : Método, 2015.

Inclui bibliografia
ISBN 978-85-309-6107-7

1. Língua portuguesa - Gramática. 2. Língua portuguesa - Gramática - Problemas, questões, exercícios. 3. Serviço público - Brasil - Concursos. I. Título.

10-2768.

CDD: 469.5
CDU: 811.134.336

Ao Deus, a Quem eu sirvo, e à minha querida mãe,
Maria Luzinete, meus agradecimentos.

À minha amada Ana Cláudia e à minha pérola Esther,
esposa e filha, dedico as próximas páginas
com todo o meu amor.

LÍNGUA PORTUGUESA

Última flor do Lácio, inculta e bela,
És, a um tempo, esplendor e sepultura:
Ouro nativo, que na ganga impura
A bruta mina entre os cascalhos vela...

Amo-te assim, desconhecida e obscura,
Tuba de alto clangor, lira singela,
Que tens o trom e o silvo da procela,
E o arrolo da saudade e da ternura!

Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,

Em que da voz materna ouvi: “meu filho!”
E em que Camões chorou, no exílio amargo,
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!

Olavo Bilac

EXCELÊNCIAS DA LÍNGUA PORTUGUÊSA

E que esplêndida língua o Brasil nos deve! Tôdas as raças que passaram por este canto da terra, aqui deixaram a flor e o ideal da sua alma. Desde a povoação céltica e a colonização grega, de que tantos vestígios restam ainda nas nossas províncias do norte, até à invasão dos árabes que envolveram tôda a civilização da península numa etérea poeira de luz e oiro – as imigrações sucessivas e as conquistas supervenientes contribuíram, tôdas à formação desta língua admirável que, sob muitos aspectos, não tem superior no mundo.

Serve a tudo: à epopéia e ao idílio, à lamentosa elegia e ao cântico de guerra.

Passada pelas cordas duma lira, é suave e doce como a voz do amor; assoprada na tuba épica, é vibrante, sonora e grandiosa ou terrível segundo os têrmos que versa, as ações que canta ou os heróis que celebra.

O sol doura-a, ilumina-a, aquece-a; e a nossa paisagem, tão variada e linda, tão florida e perfumada, reflete nela como na superfície clara dos nossos rios, e nas ondas, de tanta côr, que o mar estende por essas praias. Transladada ao sul da América, não perdeu o caráter grave, nem a têmpera máscula, nem o tom de funda, indefinível melancolia que lhe imprimiu a esforçada e trágica aventura de nossos avós; e ainda adquiriu preciosos elementos de encantadora suavidade, de frouxa, dolente e maviosa ternura.

Antônio Cândido – *Discursos*.
Apud Antenor Nascentes, 1960.

Material Suplementar

Este livro conta com Caderno de Questões Digital.

O acesso ao material suplementar é gratuito, bastando que o leitor se cadastre em: http://gen-io.grupogen.com.br

GEN | Informação Online

GEN-IO (GEN | Informação Online) é o repositório de materiais suplementares e de serviços relacionados com livros publicados pelo GEN | Grupo Editorial Nacional, maior conglomerado brasileiro de editoras do ramo científico-técnico-profissional, composto por Guanabara Koogan, Santos, Roca, AC Farmacêutica, Forense, Método, LTC, E.P.U. e Forense Universitária. Os materiais suplementares ficam disponíveis para acesso durante a vigência das edições atuais dos livros a que eles correspondem.

COMO ESTUDAR ESTE LIVRO? ALGUMAS ORIENTAÇÕES...

Durante meus longos anos como professor, uma das perguntas mais frequentes sempre foi (e ainda é) “por onde eu começo, professor?”. Há outras que, menos frequentes, de vez em quando surgem nas salas de aula pelo país afora: “Quais os assuntos mais importantes?” “O que eu preciso decorar para o concurso, professor?” De fato, são perguntas dos que sentem o peso e a importância de uma matéria que sempre foi objeto de estudo desde os tempos mais tenros da nossa existência, mas que – para muitos – ainda hoje constitui um obstáculo, uma incógnita, uma grande dificuldade.

Por conta desses alunos e mesmo dos que já possuem um bom conhecimento em nossa língua, ousei – com toda a humildade – criar um plano de estudos para orientá-los nessa jornada. Saliento que esse plano está baseado em minha experiência pessoal (usei o pleonasmo de forma intencional) como professor, educador e preparador de candidatos para a carreira pública. Procurei contemplar, em nosso plano de estudos, os assuntos mais importantes para um concurso público. Obviamente, outros assuntos, não abordados em nosso plano de estudos, poderão aparecer no edital. Procure estudá-los concomitantemente aos assuntos principais.

Em qualquer caso, sugiro que de antemão converse com o seu professor. Peça também a ele uma orientação, pois certamente é ele quem melhor o conhece e sabe o que é melhor para você. Discuta com ele o nosso plano de estudos. E aceite – sem reservas – as orientações do seu mestre. Ele fará o melhor por você – esteja certo disso.

Para os que há muito não estudam a nossa língua portuguesa, é preciso “começar pelo começo”. Não tente estudar assuntos como “concordância, regência, crase” sem antes ter uma boa base em sintaxe de oração, por exemplo. Não pule a sequência. Quem estuda, por exemplo, sintaxe do período composto sem antes estudar a sintaxe do período simples, ou crase antes de regência, não compreende a lógica da gramática e provavelmente obterá poucos ganhos em sua empreitada. Portanto, vá com calma. A absorção dos conteúdos gramaticais requer tempo. Ademais, o conhecimento “amadurece” em momentos diferentes em cada estudante. Logo, não se desespere. Acredite em você. Faça a sua parte: estude bastante.

Para os mais experientes, aqueles que já vêm estudando a nossa língua portuguesa há mais tempo, sugiro que partam para os conteúdos mais densos. Indubitavelmente, esses assuntos se encontram em sintaxe – oração, período, concordância, regência, crase, colocação pronominal, pontuação. Observem os detalhes e os exemplos com atenção; e, lógico, não se esqueçam de resolver as questões. Sempre obtenham as provas da banca que preparará o seu concurso. Resolvam-nas. Procurem traçar um perfil da banca. Tentem perceber os assuntos mais cobrados, pois as bancas tendem a repeti-los em certames posteriores.

Para os que nutrem por nossa língua uma grande ojeriza (aversão, pavor, antipatia) –

há até os que odeiam a nossa língua portuguesa –, sugiro que a estudem aos poucos. Identifiquem a matéria de que vocês mais gostam e procurem associar o estudo desta disciplina ao estudo da nossa língua portuguesa. Como assim? Antes de se deleitar com a matéria que você ama, estude cerca de 30 minutos da nossa língua portuguesa. Mas faça isso nos três turnos: manhã, tarde e noite. Ao final de um dia, você "engoliu" cerca de uma hora e meia de conteúdo gramatical. Com o passar do tempo, essa forma de estudar a nossa língua ficará muito mais simples e se tornará – creio eu – prazerosa. Traduzindo: dê a você "gotas" diárias de conteúdo gramatical e em breve estará curado de seus problemas com a gramática.

Então, mãos à obra! Não há tempo a perder!

Um grande abraço.

Professor Rodrigo Bezerra

PLANO DE ESTUDOS – LÍNGUA PORTUGUESA

ASSUNTO	ESTUDEI EM (data)	REVISEI EM (data)	RELI EM (data)	RESOLVI EXERCÍCIOS SOBRE O ASSUNTO EM (data)
I – Fonética				
1. Fonética e fonologia				
Considerações: É uma parte da gramática normativa geralmente explorada por concursos em nível médio. Portanto, não perca muito tempo tentando decorar, por exemplo, a classificação das vogais e das consoantes, pois é o tipo de conhecimento que raramente é cobrado em grandes concursos. Leia (rememore) sobre os encontros vocálicos, encontros consonantais, dígrafos e divisão silábica. Frequentemente uma boa leitura já garante um bom aprendizado.				
2. Ortografia oficial				
Considerações: É o tipo de assunto em que a "decoreba" pura e simples pouco resolve. Leia, leia e leia... Não só o assunto, mas tudo o que for proveitoso. Provavelmente você obterá bons resultados. Nesse meio, há, entretanto, um assunto de que você não pode se descuidar: emprego do hífen. Geralmente as bancas cobram esse conhecimento.				
3. Acentuação				
Considerações: É o primeiro assunto com que você deve realmente se preocupar um pouco, pois é recorrente nos concursos de todos os níveis. É preciso ficar atento às regras de acentuação das palavras oxítonas e paroxítonas. Tenha cuidado também com os hiatos. Com o Novo Acordo Ortográfico, vários acentos deixaram de existir. Portanto, tenha cuidado. Vale a pena reler o assunto assim que terminar de estudá-lo pela primeira vez.				
4. Significação das palavras				
Considerações: É um assunto frequentemente cobrado. Bastante tranquilo, você deverá relembrar a diferença entre homônimos e parônimos. Nada de desespero! O assunto é muito fácil. Certamente algumas leituras bastam para um bom aproveitamento.				
II – Morfologia				
1. Estrutura e formação de palavras				
Considerações: É um assunto exigido em alguns concursos. Portanto, antes de estudá-lo, verifique o seu edital. Quando é cobrado, as bancas geralmente se atêm aos processos de formação de palavras. Logo, estude com cuidado a "derivação, a composição e os outros processos de formação de palavras". Não gaste energia tentando decorar as tabelas com radicais, prefixos e sufixos gregos e latinos. Vale a pena, entretanto, ler a correlação entre os prefixos gregos e latinos.				
2. Substantivo				
Considerações: Não se preocupe tanto com alguns tópicos, como, por exemplo, as tabelas de coletivos e de				

gênero dos substantivos. Atenha-se a pontos como "caracterização do substantivo e plural dos substantivos compostos". Em gênero dos substantivos, apenas leia com atenção sobre os substantivos comuns de dois gêneros e os sobrecomuns. Se já estiver em condições, procure estudar as funções sintáticas que são próprias do substantivo.

3. Adjetivo				

Considerações: Não perca tempo em decorar as tabelas sobre as locuções adjetivas, os adjetivos pátrios e os adjetivos eruditos. Estude com afinco as considerações gerais sobre os adjetivos. Fique muito atento ao plural dos adjetivos compostos e, acima de tudo, estude várias vezes os graus do adjetivo – é um assunto recorrente nos concursos. Se estiver em condições, procure estudar o adjetivo em sua forma oracional – vá até o capítulo de sintaxe de oração e estude as orações adjetivas.

4. Artigo				

Considerações: É um assunto com que você não precisa se preocupar muito, pois as regras sobre o emprego dessa classe gramatical não são muito cobradas. Mas é preciso ler o assunto, notadamente os empregos particulares dos artigos definidos e indefinidos.

5. Numeral				

Considerações: Assunto raramente cobrado. Não gaste muitos esforços com este capítulo. Leia as regras que orientam o emprego dos numerais. Isto é suficiente.

6. Pronome				

Considerações: Eis um assunto que não dá para economizar – é um ponto-chave para o seu estudo. Aqui o segredo é estudar tudo. Uma dica: não se preocupe tanto em decorar as tabelas com os pronomes. Preocupe-se em entender o emprego deles. Há dois tipos de pronomes que são extremamente cobrados em certames pelo país afora: os pronomes pessoais e os pronomes relativos. Estude-os mais de uma vez. Fique atento também ao emprego dos pronomes indefinidos e demonstrativos.

7. Verbo				

Considerações: Eis outro assunto bastante longo, mas não se desespere tentando decorar tudo. As bancas costumam ser pontuais, ou seja, há pontos dos quais não dá para se descuidar. Um deles é o emprego dos tempos e modos verbais. É fundamental conhecer o emprego de cada modo e de cada tempo, tanto dos simples quanto dos compostos. Outro assunto muito cobrado são as correlações entre os tempos e os modos verbais. De resto, é essencial dominar os paradigmas de conjugação dos verbos – não se preocupe em decorar todas as conjugações. Procure entender os paradigmas de cada tempo verbal. Fique atento também à conjugação dos verbos defectivos. Frequentemente as bancas lançam mão desse tipo de conhecimento.

8. Advérbio				

Considerações: É um assunto que aparentemente não oferece perigos, mas não se engane: o advérbio é uma classe que provoca "confusões" em concordância nominal. Portanto, procure entendê-lo bem. Tente ler, mais de uma vez, as particularidades de alguns advérbios.

9. Conjunção				

Considerações: É um assunto que terá grande relevância na parte sintática quando se for estudar "sintaxe do período composto". Portanto, não dá para passar por cima. Mas também não se desespere. Não tente decorar todas as conjunções. Procure entender o "papel" delas. O ideal é fazer a conexão com a parte sintática (sintaxe do período composto). Sugiro que leia o assunto umas duas vezes e siga em frente. Quando for estudar "sintaxe do período composto", você deverá voltar a este assunto.

10. Preposição				

Considerações: Eis outro assunto que agora não nos oferece grandes desafios. Lembre-se, porém, de que a preposição será importantíssima para o estudo, em sintaxe, da predicação verbal e das regências verbal e nominal. Portanto, leia o assunto mais de uma vez. Entenda a razão de ser da preposição. O ideal é correlacionar este assunto com o estudo dos termos integrantes da oração e o estudo das regências verbal e nominal.

III – Sintaxe

Orientações gerais: Nesta parte, não dá para economizar: os assuntos são igualmente importantes. Fique atento às regras gerais e aos detalhes – use marca-texto. Leia tudo atentamente. Não pule a sequência, a não ser que esteja pressionado por um concurso de última hora – aqueles em que o candidato se matricula sem saber direito o porquê de ter se matriculado. Além do mais, não tente acelerar, pois aqui é mais importante aprofundar um assunto do que ter uma visão superficial sobre o todo.

1. Sintaxe de oração – Termos essenciais				

Considerações: Eis o que eu chamo de "assunto-chave" – é como um pré-requisito. Ele é a base para os demais assuntos. Aqui vale a máxima: quanto mais melhor. Estude tudo com afinco. E só mude quando se sentir seguro. Cuidado com o termo "sujeito" – ele deverá ser o seu ponto de partida. A partir dele, procure entender os demais termos da estrutura oracional. Há também um ponto-chave: transitividade verbal. É um conteúdo de que você muito precisará para entender outros assuntos. Conselho de amigo/professor: vale a pena estudar este capítulo várias vezes.

2. Termos integrantes da oração				

Considerações: É também um capítulo-chave. Há dois termos integrantes com os quais você precisa ter muito cuidado: objeto direto e complemento nominal. No entanto, nesse capítulo, há um ponto que necessita ser colocado na "corrente sanguínea": o estudo da voz passiva (transformação da ativa para a passiva e vice-versa) e do agente da passiva. É um ponto sempre cobrado pelas bancas organizadoras de concursos. Estude o assunto mais de uma vez.

3. Termos acessórios da oração				

Considerações: Mais uma vez, estamos diante de um capítulo que requer bastante atenção. Tenha cuidado com a distinção entre o adjunto adnominal e o complemento nominal – geralmente as bancas exigem este tipo de conhecimento. Não se descuide do aposto e do adjunto adverbial. Fique atento aos tipos de aposto. Por outro lado, não tente decorar todos os tipos de adjunto adverbial – procure, sim, entender o porquê de o termo ser classificado como adjunto adverbial.

4. Sintaxe do período composto				

Considerações: Se você compreendeu bem as funções sintáticas, certamente não terá problemas com este assunto. Nele você encontrará as mesmas funções sintáticas, exercidas agora por orações. Fique muito atento às orações subordinadas adverbiais. Elas são responsáveis pela maioria das questões. Não tente simplesmente decorar as conjunções – procure entender, acima de tudo, as relações estipuladas por elas.

5. Sintaxe de concordância				

Considerações: Vá com calma aqui. O assunto é muito extenso, mas não é difícil. O tamanho é que o faz difícil. Não se desespere com a quantidade de regras. Em geral, as bancas não costumam cobrar regras muito específicas. Em relação à concordância verbal, fique muito atento às seguintes normas: regra geral (aqui vale

a pena revisar a identificação do sujeito), concordância com o sujeito passivo (partícula apassivadora), emprego do "índice de indeterminação do sujeito", concordância com o sujeito partitivo e coletivo e emprego dos verbos impessoais (notadamente o verbo "haver" no sentido de "existir..."). Obviamente, todas as regras devem ser analisadas e estudadas. Ah, não se esqueça de estudar a concordância com o sujeito oracional, pois é um ponto bastante cobrado. Em relação à concordância nominal, cuidado com a concordância do adjetivo tanto com a função de adjunto adnominal quanto com a função de predicativo.				
6. Sintaxe de regência				
Considerações: Eis outro assunto bastante extenso e bastante importante. Primeiramente, sugiro que releia rapidamente o assunto "predicação verbal" em sintaxe de oração. É preciso também relembrar o termo "complemento nominal". Depois, siga a sequência do assunto (sintaxe de regência) que está na gramática. Há um ponto, entretanto, sobre o qual você precisa se debruçar mais de uma vez: emprego dos pronomes relativos e as regências verbal e nominal.				
7. Emprego do acento grave – Crase				
Considerações: Outro assunto muito importante. É preciso estudar tudo. Se já faz tempo que não vê o assunto, sugiro que estude antes os complementos verbais, o complemento nominal e os adjuntos adverbiais em sintaxe de oração. Ao estudar o emprego do acento grave (crase), fique bastante atento aos casos obrigatórios e facultativos. Ademais, leia várias vezes as situações em que o uso do acento grave não é autorizado (casos em que nunca ocorre a crase).				
8. Sintaxe de colocação pronominal				
Considerações: Fique tranquilo aqui, pois o assunto é bastante fácil. Sugiro que, antes, dê uma olhada, em morfologia, nos pronomes pessoais (retos e oblíquos). Quando iniciar o assunto de colocação pronominal, sempre revise as regras de atração do pronome oblíquo átono (casos de próclise), notadamente a próclise que se dá por causa das conjunções subordinativas e dos pronomes relativos. Leia com atenção sobre a colocação dos pronomes oblíquos nas locuções verbais.				
9. Emprego dos sinais de pontuação				
Considerações: Eis outro "assunto-chave". É preciso ter muito cuidado. Indubitavelmente a vírgula é o "grande desafio". Preocupe-se com as regras de pontuação dos adjuntos adverbiais, das orações subordinadas adverbiais e adjetivas explicativas, das orações coordenadas sindéticas e das orações reduzidas. Procure correlacionar o emprego da vírgula com o emprego do travessão e dos parênteses. É preciso praticar bastante, pois ninguém aprende pontuação só estudando as regras. Por isso, procure resolver diversas questões.				
IV – Parte Especial				
1. Emprego do infinitivo				
Considerações: Fique tranquilo: este não é um assunto muito cobrado pelas bancas. Mas não dá para se descuidar. Sugiro que entenda e aprenda as duas máximas para o emprego do infinitivo. Fique atento à observação que acompanha a segunda máxima. Compreendendo as máximas, ficará mais fácil entender o restante.				
2. Funções morfológicas das palavras que, se e como				
Considerações: Tenha cuidado aqui, pois é um assunto frequente nos concursos em geral. Sua missão será classificar (com segurança) as funções morfológicas do "que" e do "se". As bancas muito raramente				

questionam sobre as funções morfológicas do “como”.				
3. Particularidades léxicas e gramaticais				
Considerações: Eis um capítulo para se estudar aos poucos e em correlação com outros assuntos da gramática normativa. Como afirmo no capítulo, não tente estudar tudo de uma vez. Estude uma ou duas lições por vez.				
4. A linguagem figurada – As figuras de linguagem				
Considerações: É um assunto que aparece aqui e acolá em editais. Portanto, se não estiver no edital, descarte-o. Se estiver, procure estudar as figuras mais importantes, como a metáfora, a metonímia, a perífrase, a catacrese, a antítese, o paradoxo, o eufemismo, a silepse, a ironia e a hipérbole. Leia as demais figuras.				

NOTA DO AUTOR À 7.ª EDIÇÃO

Como das vezes anteriores, convém de imediato destacar que publicamos uma obra em total conformidade com o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Para esta nova edição, incluímos acréscimos de conteúdos na parte da ortografia, da morfologia e na parte da sintaxe. Os maiores acréscimos ocorreram no assunto “pontuação”, com a inserção de regras menos usuais, mas que têm caído em vários concursos públicos pelo país afora. Resolvemos também reescrever algumas regras e orientações, tudo com o intuito de facilitar o entendimento dos estudantes.

Ademais, procuramos trazer para a obra novas questões de concursos públicos, atualizadas, as quais demonstram que os conteúdos deste livro servem para responder à maioria das indagações gramaticais que venham a ser feitas em provas públicas. Portanto, melhoramos ainda mais este trabalho e ofertamos ao mercado de concursos e aos estudantes da Língua Portuguesa em geral uma obra densa que certamente ajudará a melhor compreender o nosso idioma.

SUMÁRIO

I – FONÉTICA

Capítulo 1
FONÉTICA E FONOLOGIA

A nossa língua
1.1 Introdução
1.2 Gramática
1.3 Fonética
1.3.1 Aparelho fonador
1.4 Estudo das vogais e dos encontros vocálicos
1.5 Classificação das vogais
1.5.1 Quanto à zona de articulação
1.5.2 Quanto ao timbre
1.5.3 Quanto ao papel das cavidades bucal e nasal
1.5.4 Quanto à intensidade
1.6 Encontros vocálicos
1.6.1 Ditongos
1.6.2 Hiatos
1.6.3 Tritongos
1.7 Estudo das consoantes, dos encontros consonantais e dos dígrafos
1.7.1 Classificação das consoantes
1.7.1.1 Quanto ao modo de articulação
1.7.1.2 Quanto ao ponto de articulação
1.7.1.3 Quanto ao papel das cordas vocais
1.7.2 Encontros consonantais
1.7.3 Dígrafos
1.7.4 Contagem de letras e fonemas em um vocábulo
1.7.5 Sílaba
1.7.5.1 Classificação dos vocábulos quanto ao número de sílabas
1.7.5.2 Tonicidade
1.7.6 Divisão silábica
1.8 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 2

ORTOGRAFIA OFICIAL

2.1 Letra e alfabeto
2.2 Notações léxicas
2.2.1 Acentos
2.2.1.1 Agudo
2.2.1.2 Circunflexo
2.2.1.3 Grave
2.2.1.4 Til
2.2.2 Cedilha
2.2.3 Apóstrofo
2.2.4 Hífen
2.2.4.1 Empregos do hífen
2.2.4.2 Emprego do hífen com prefixos
2.2.4.3 Não se emprega o hífen
2.3 Orientações ortográficas – emprego de algumas letras
2.3.1 Emprego das letras “E” e “I”
2.3.2 Emprego das letras “O” e “U”
2.3.2.1 Dupla ortografia com os ditongos “OU” e “OI”
2.3.3 Emprego das letras “C” e “Ç”
2.3.3.1 Emprego da letra “C”
2.3.4 Emprego das letras “G” e “J”
2.3.4.1 Emprego da letra “G”
2.3.4.2 Emprego da letra “J”
2.3.5 Emprego da letra “H”
2.3.6 Emprego da letra “S”
2.3.7 Emprego do dígrafo “SS”
2.3.8 Emprego do “SC”
2.3.9 Emprego da letra “Z”
2.3.10 “-ZINHO” ou “-SINHO”
2.3.11 Emprego da letra “X”
2.3.12 Emprego do dígrafo “CH”
2.3.13 Emprego da letra maiúscula e da minúscula
2.3.13.1 Letras maiúsculas
2.3.13.2 Letras minúsculas
2.3.13.3 Emprego facultativo da letra maiúscula e da minúscula
2.3.14 Abreviaturas
2.4 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 3
ACENTUAÇÃO

3.1 Ortofonia
3.1.1 Ortoépia ou ortoepia
3.1.2 Acentuação gráfica
3.1.3 Regras para a acentuação gráfica
3.1.3.1 Monossílabos
3.1.3.2 Oxítonos
3.1.3.3 Paroxítonos
3.1.3.4 Proparoxítonas
3.1.3.5 Acentuação dos hiatos
3.1.3.6 Acentos diferenciais
3.1.3.7 Regra especial – verbos “ter”, “vir” e seus derivados
3.1.3.8 Considerações gerais sobre a acentuação dos vocábulos
3.2 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 4
SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS

4.1 Denotação e conotação
4.2 Homônimos e parônimos
4.2.1 Homônimos
4.2.2 Parônimos
4.3 Formas variantes
4.4 Cognatos
4.5 Sinônimos
4.6 Antônimos
4.7 Polissemia
4.8 Extensão e compreensão das palavras – hiponímia e hiperonímia
4.9 Questões de concursos públicos
Gabarito

II – MORFOLOGIA

INTRODUÇÃO À MORFOLOGIA

Capítulo 1

ESTRUTURA E FORMAÇÃO DE PALAVRAS

1.1 Elementos estruturais da palavra
- 1.1.1 Radicais gregos
- 1.1.2 Radicais latinos
- 1.1.3 Prefixos de origem grega
- 1.1.4 Prefixos de origem latina
- 1.1.5 Correlação entre prefixos latinos e gregos
- 1.1.6 Sufixos nominais
- 1.1.7 Sufixos verbais
- 1.1.8 Os sufixos “IZAR” e “ISAR”
- 1.1.9 Emprego de “-IDADE” e “-IEDADE”
- 1.1.10 Emprego dos sufixos “-ARIA” e “-ERIA”
- 1.1.11 Sufixo adverbial “-MENTE”

1.2 Processos de formação de palavras
- 1.2.1 Derivação
- 1.2.2 Composição
- 1.2.3 Outros processos de formação de palavras
- 1.2.4 Neologismos

1.3 Classificação e flexão das palavras

1.4 Questões de concursos públicos

Gabarito

Capítulo 2

SUBSTANTIVO

2.1 Definição

2.2 Caracterização do substantivo

2.3 Classificação do substantivo

2.4 Flexões dos substantivos
- 2.4.1 Flexões de gênero
  - 2.4.1.1 Formação do feminino
  - 2.4.1.2 Oposição entre o gênero e o sentido
  - 2.4.1.3 Mudança de gênero por elipse
  - 2.4.1.4 Gênero de alguns substantivos
- 2.4.2 Flexões de número
  - 2.4.2.1 Regras para a formação do plural dos substantivos
  - 2.4.2.2 Plural dos substantivos compostos
- 2.4.3 Flexões de grau
  - 2.4.3.1 Plural dos substantivos diminutivos

2.5 Questões de concursos públicos

Gabarito

Capítulo 3
ADJETIVO

3.1 Definição
3.2 Considerações gerais sobre os adjetivos
3.3 Formação dos adjetivos
3.3.1 Adjetivos pátrios
3.3.2 Adjetivos eruditos
3.4 Flexões dos adjetivos
3.4.1 Flexões de gênero
3.4.1.1 Formação do feminino dos adjetivos biformes
3.4.2 Flexões de número
3.4.3 Flexões de grau
3.4.3.1 O grau comparativo
3.4.3.2 O grau superlativo
3.5 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 4
ARTIGO

4.1 Definição
4.2 Classificação
4.3 Emprego dos artigos definidos
4.3.1 Empregos particulares do artigo definido
4.3.2 Não se emprega o artigo definido
4.4 Emprego dos artigos indefinidos
4.4.1 Outras orientações para o uso dos artigos indefinidos
4.5 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 5
NUMERAL

5.1 Definição
5.2 Considerações iniciais sobre os numerais
5.3 Classificação dos numerais
5.4 Regras gerais para o emprego dos numerais
5.5 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 6

PRONOME

6.1 Definição
6.2 Pronomes adjetivos e pronomes substantivos
6.3 Classificação dos pronomes
6.3.1 Pronomes pessoais
6.3.1.1 Emprego dos pronomes pessoais do caso reto (principais regra
6.3.1.2 Emprego dos pronomes pessoais do caso oblíquo (principais regras)
6.3.2 Pronomes de tratamento
6.3.3 Pronomes demonstrativos
6.3.3.1 Emprego dos pronomes demonstrativos
6.3.4 Pronomes indefinidos
6.3.4.1 Considerações gerais sobre os pronomes indefinidos
6.3.4.2 Emprego dos pronomes indefinidos
6.3.5 Pronomes possessivos
6.3.5.1 Emprego dos pronomes possessivos
6.3.6 Os pronomes relativos
6.3.6.1 Emprego dos pronomes relativos
6.3.7 Pronomes interrogativos
6.4 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 7

VERBO

7.1 Considerações iniciais
7.2 Definição
7.3 Elementos estruturais do verbo
7.3.1 Radical
7.3.2 Vogal temática
7.3.3 Tema
7.3.4 Desinências
7.4 Flexões do verbo
7.4.1 Flexões de pessoa e de número
7.4.2 Flexões de modo
7.4.2.1 Modo indicativo
7.4.2.2 Modo subjuntivo
7.4.2.3 Modo imperativo
7.4.3 Flexões de voz

7.4.3.1 A voz ativa
7.4.3.2 A voz passiva
7.4.3.3 A voz reflexiva ou medial
7.4.3.4 Possíveis ambiguidades com as vozes passiva e reflexiva
7.4.4 Flexões de tempo
7.4.4.1 Emprego dos tempos verbais simples
7.4.4.2 Emprego dos tempos verbais compostos
7.4.4.3 As locuções verbais (construções perifrásticas) – emprego dos verbos auxiliares
7.4.4.4 Correlação dos tempos e dos modos verbais – sequencializaçã dos tempos (*Consecutio temporum*)
7.5 As formas nominais do verbo – os verboides
7.5.1 O infinitivo
7.5.1.1 O infinitivo pessoal ou flexionado
7.5.1.2 Função substantiva do infinitivo
7.5.1.3 Emprego do infinitivo preposicionado
7.5.2 O gerúndio
7.5.2.1 O gerúndio em função adjetiva
7.5.2.2 Emprego inadequado do gerúndio – o gerundismo
7.5.3 O particípio
7.5.3.1 O particípio circunstancial
7.5.3.2 Emprego do particípio
7.5.3.3 Verbos com duplo particípio
7.5.3.4 Particípio passivo de sentido ativo
7.6 Classificação morfológica dos verbos
7.6.1 Quanto à terminação
7.6.2 Quanto à flexão ou à conjugação
7.6.3 Quanto à função
7.6.4 Quanto à significação ou ao aspecto (sentido expresso)
7.6.5 Quanto à formação
7.6.6 Quanto à presença ou não de um sujeito
7.7 Verbos defectivos
7.8 Paradigmas de conjugação verbal – conjugação de diversos verbos
7.8.1 Conjugação dos verbos auxiliares “ser, estar, ter e haver”
7.8.2 Conjugação de verbos derivados
7.8.3 Conjugação dos verbos terminados nos hiatos “-air, -oer, -uir”
7.8.4 Conjugação de verbos irregulares
7.8.5 Conjugação de verbos pronominais
7.8.6 Conjugação dos verbos terminados no hiato “-ear”
7.8.7 Conjugação dos verbos terminados no hiato “-iar”

7.8.8 Conjugação de verbos terminados nos hiatos “-oar” e “-uar”
7.8.9 Conjugação dos verbos “ver” e “vir” no futuro do subjuntivo
7.8.10 Outras particularidades gráficas e fonéticas sobre verbos da 1.ª conjugação
7.8.11 Outras particularidades gráficas e fonéticas sobre verbos da 2.ª conjugação
7.8.12 Outras particularidades gráficas e fonéticas sobre verbos da 3.ª conjugação
7.9 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 8
ADVÉRBIO

8.1 Conceito
8.2 Classificação dos advérbios
8.3 Locuções adverbiais
8.4 Adjetivos adverbializados
8.5 Graus do advérbio
8.6 Advérbios latinos
8.7 Particularidades sobre os advérbios
8.8 Palavras e locuções denotativas
8.9 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 9
CONJUNÇÃO

9.1 Definição
9.2 Classificação
9.2.1 Coordenativas
9.2.2 Subordinativas
9.3 Ubiquidade das conjunções
9.4 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 10
PREPOSIÇÃO

10.1 Definição
10.2 Nexos prepositivos não regenciais – valores de algumas preposições
10.3 Classificação das preposições

10.4 Locuções prepositivas
10.5 Combinações e contrações das preposições
10.6 Repetição das preposições
10.7 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 11
INTERJEIÇÃO

11.1 Definição
11.2 Classificação

III – SINTAXE

Capítulo 1
SINTAXE DE ORAÇÃO – TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO

1.1 Conceitos essenciais
1.1.1 Frase
1.1.2 Oração
1.1.3 Período
1.2 Termos essenciais da oração
1.2.1 Sujeito
1.2.1.1 Núcleo do sujeito
1.2.1.2 Classificação do sujeito
1.2.1.3 Outras classificações para o sujeito
1.2.2 Predicado
1.2.2.1 Predicação (transitividade) verbal
1.2.2.2 Predicativo
1.2.2.3 Classificação do predicado
1.3 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 2
TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO

2.1 Objeto direto
2.1.1 Objeto direto preposicionado
2.1.2 Objeto direto pleonástico
2.1.3 Objeto direto interno ou cognato

2.2 Objeto indireto
2.2.1 Objeto indireto pleonástico
2.3 Complemento nominal
2.4 Agente da passiva
2.4.1 Estudo da voz passiva – conversão da voz ativa para a voz passiva
2.5 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 3

TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO

3.1 Adjunto adnominal
3.2 Adjunto adverbial
3.3 Aposto
3.4 Vocativo
3.5 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 4

SINTAXE DO PERÍODO COMPOSTO

4.1 Conceitos essenciais
4.2 Período composto por coordenação
4.2.1 Orações coordenadas
4.2.1.1 Assindéticas
4.2.1.2 Sindéticas
4.2.2 Questões de concursos públicos
4.3 Período composto por subordinação
4.3.1 Noções introdutórias
4.3.2 Orações substantivas
4.3.2.1 Substantivas subjetivas
4.3.2.2 Substantivas objetivas diretas
4.3.2.3 Substantivas objetivas indiretas
4.3.2.4 Substantivas completivas nominais
4.3.2.5 Substantivas predicativas
4.3.2.6 Substantivas apositivas
4.3.2.7 Substantivas agente da passiva
4.3.3 Emprego da conjunção integrante na segunda oração substantiva coordenada
4.3.4 Questões de concursos públicos
4.3.5 Orações subordinadas adjetivas

4.3.5.1 Emprego e funções sintáticas dos pronomes relativos
4.3.5.2 Classificação das orações subordinadas adjetivas
4.3.5.3 O emprego da vírgula com as orações adjetivas – Distinção en restrição e explicação
4.3.5.4 Omissão do pronome relativo na segunda oração relativa coordenada
4.3.6 Orações subordinadas adverbiais
4.3.6.1 Causais
4.3.6.2 Consecutivas
4.3.6.3 Concessivas
4.3.6.4 Condicionais
4.3.6.5 Conformativas
4.3.6.6 Comparativas
4.3.6.7 Finais
4.3.6.8 Temporais
4.3.6.9 Proporcionais
4.3.6.10 Emprego da conjunção nas orações adverbiais coordenadas
4.3.7 Orações reduzidas
4.3.7.1 Subordinadas substantivas reduzidas
4.3.7.2 Subordinadas adjetivas reduzidas
4.3.7.3 Subordinadas adverbiais reduzidas
4.4 Processo correlacional
4.5 Contagem de orações em um período misto
4.6 Questões de concursos públicos
Gabaritos

Capítulo 5
SINTAXE DE CONCORDÂNCIA

5.1 Concordância verbal
5.1.1 Regra geral
5.1.2 Sujeito formado por pessoas gramaticais diferentes
5.1.3 Regras especiais de concordância verbal com o sujeito simples
5.1.4 Regras especiais de concordância verbal com o sujeito composto
5.1.5 Concordância do verbo “ser”
5.1.6 A concordância com o sujeito oracional
5.1.7 Concordância do verbo “parecer”
5.1.8 Concordância dos verbos “costumar, poder, dever, precisar”
5.1.9 Questões de concursos públicos
Gabarito
5.2 Concordância nominal

5.2.1 Regra geral
5.2.2 Principais casos de concordância nominal
5.2.3 Casos especiais de concordância nominal
5.3 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 6
SINTAXE DE REGÊNCIA

6.1 Considerações iniciais
6.2 Regência verbal
6.2.1 Regência de alguns verbos – Casos especiais
6.3 Regência nominal
6.4 O emprego dos pronomes relativos e as regências verbal e nominal
6.5 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 7
EMPREGO DO ACENTO GRAVE – CRASE

7.1 A ocorrência da crase e a semântica
7.2 Mecanismos práticos para verificação da crase
7.3 Ocorrência da crase
7.3.1 Casos obrigatórios
7.3.2 Crase facultativa
7.3.3 Casos em que nunca ocorre a crase
7.3.4 Casos especiais
7.4 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 8
SINTAXE DE COLOCAÇÃO PRONOMINAL

8.1 Máximas da colocação pronominal
8.2 Regras gerais
8.2.1 Próclise
8.2.1.1 Outros fatores de próclise
8.2.2 Mesóclise
8.2.3 Ênclise
8.3 Colocação dos pronomes oblíquos nas locuções verbais
8.4 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 9

EMPREGO DOS SINAIS DE PONTUAÇÃO

9.1 Considerações iniciais
9.2 Principais sinais de pontuação
9.2.1 Emprego da vírgula (,)
9.2.1.1 A vírgula entre os termos de uma oração
9.2.1.2 A vírgula entre as orações
9.2.1.3 Não se emprega a vírgula
9.2.2 Emprego do ponto (.)
9.2.3 Emprego do ponto e vírgula (;)
9.2.4 Emprego dos dois-pontos (:)
9.2.5 Ponto de exclamação (!)
9.2.6 Ponto de interrogação (?)
9.2.7 Reticências (...)
9.2.8 Aspas (“ ”)
9.2.9 Parênteses (( ))
9.2.10 Colchetes ([ ])
9.2.11 Travessão (–)
9.3 Questões de concursos públicos
Gabarito

IV – PARTE ESPECIAL

Capítulo 1

EMPREGO DO INFINITIVO

1.1 Considerações iniciais
1.2 As duas máximas para o emprego do infinitivo
1.3 Infinitivo impessoal
1.4 Infinitivo pessoal
1.5 Emprego do infinitivo em locuções passivas com o verbo “ser”

Capítulo 2

FUNÇÕES MORFOLÓGICAS DAS PALAVRAS “QUE”, “SE” E “COMO”

2.1 Funções morfológicas para palavra “QUE”
2.2 Funções morfossintáticas da palavra “SE”
2.3 Funções morfológicas da palavra “COMO”
2.4 Questões de concursos públicos

Gabarito

Capítulo 3

PARTICULARIDADES LÉXICAS E GRAMATICAIS

3.1 Lição 1
3.1.1 Emprego dos porquês
3.2 Lição 2
3.2.1 Emprego de “onde” e “aonde”
3.3 Lição 3
3.3.1 Emprego de “se não” e “senão”
3.4 Lição 4
3.4.1 Emprego de “tão pouco” e “tampouco”
3.4.2 Emprego de “de encontro a” e “ao encontro de”
3.5 Lição 5
3.5.1 Emprego de “em vez de” e “ao invés de”
3.5.2 Emprego de “acerca de”, “a cerca de” e “há cerca de”
3.6 Lição 6
3.6.1 Emprego de “mau” e “mal”
3.6.2 Emprego de “mas” e “mais”
3.7 Lição 7
3.7.1 Emprego de “a fim” e “afim”
3.7.2 Emprego de “se quer” e “sequer”
3.8 Lição 8
3.8.1 Emprego de “sessão”, “seção” e “cessão”
3.9 Lição 9 – Emprego de várias expressões e conexões
3.9.1 Distinção entre “a princípio” e “em princípio”
3.9.2 Distinção entre os conectivos “porquanto” e “conquanto”
3.9.3 Distinção entre os conectivos “já que” e “posto que”
3.9.4 Distinção entre os conectivos “à medida que” e “na medida em que”
3.10 Lição 10 – Emprego de outras expressões que provocam dúvidas
3.10.1 Distinção entre “por ora” e “por hora”
3.10.2 Emprego de “o mais das vezes” e “as mais das vezes”
3.10.3 Distinção entre “abaixo” e “a baixo”
3.10.4 Distinção entre “a par” e “ao par”
3.10.5 Distinção entre “nenhum” e “nem um”
3.11 Lição 11 – Emprego de “está” e “estar”
3.12 Lição 12 – Emprego de “ter de” e “ter que”
3.13 Lição 13 – Emprego de “possa ser” e “pode ser”
3.14 Questões de concursos públicos

Gabarito

Capítulo 4

A LINGUAGEM FIGURADA – AS FIGURAS DE LINGUAGEM

4.1 Classificação das figuras de linguagem

4.1.1 Figuras de palavras ou tropos

4.1.1.1 Metáfora

4.1.1.2 Metonímia

4.1.1.3 Catacrese

4.1.1.4 Perífrase ou antonomásia

4.1.1.5 Sinestesia

4.1.1.6 Comparação

4.1.2 Figuras de pensamento

4.1.2.1 Antítese

4.1.2.2 Paradoxo ou oximoro

4.1.2.3 Ironia

4.1.2.4 Eufemismo

4.1.2.5 Hipérbole

4.1.2.6 Gradação

4.1.2.7 Prosopopeia, personificação ou animismo

4.1.2.8 Apóstrofe ou invocação

4.1.2.9 Reticência

4.1.3 Figuras de construção ou de sintaxe

4.1.3.1 Elipse

4.1.3.2 Zeugma

4.1.3.3 Polissíndeto

4.1.3.4 Assíndeto

4.1.3.5 Hipérbato

4.1.3.6 Pleonasmo enfático ou estilístico

4.1.3.7 Anástrofe

4.1.3.8 Silepse ou concordância ideológica

4.1.3.9 Anáfora

4.1.3.10 Anacoluto

4.1.3.11 Aliteração

4.1.3.12 Repetição

4.2 Vícios de linguagem

4.2.1 Barbarismo

4.2.2 Solecismo

4.2.3 Ambiguidade (anfibologia ou pleonasmo vicioso)

4.2.4 Cacofonia ou cacófato
4.2.5 Estrangeirismo
4.2.6 Colisão
4.2.7 Eco
4.2.8 Arcaísmo
4.2.9 Hiato
4.3 Questões de concursos públicos
Gabarito

BIBLIOGRAFIA – CONTEÚDO GRAMATICAL

I

FONÉTICA

CAPÍTULO 1

FONÉTICA E FONOLOGIA

A NOSSA LÍNGUA

E verdadeiramente que não tenho a nossa língua por grosseira, nem por bons os argumentos com que alguns querem provar que é essa; antes é branda para deleitar, grave para engrandecer, eficaz para mover, doce para pronunciar, breve para resolver, acomodada às matérias mais importantes da prática e escritura. Para falar é engraçada, com modo senhoril; para cantar é suave, com um certo sentimento que favorece a música; para pregar é substanciosa com uma gravidade que autoriza as razões e as sentenças; para escrever cartas nem tem infinita cópia que dane, nem brevidade estéril que a limite; para histórias nem é tão florida que se derrame, nem tão seca que busque o favor das alheias. A pronunciação não obriga a ferir o céu da boca com aspereza, nem arrancar as palavras com veemência do gargalo.

Escreve-se da maneira que se lê, e assim se fala. Tem de todas as línguas o melhor: a pronunciação da latina, a origem da grega, a familiaridade da castelhana, a brandura da francesa e a elegância da italiana.

Rodrigues Lobo

1.1 INTRODUÇÃO

A gramática normativa ou **expositiva** é o conjunto de normas e regras que nos ensinam a falar e escrever corretamente a nossa língua, ou, por outras palavras, é a sistematização dos fatos contemporâneos de uma língua. Por isso, a gramática normativa é a ciência da linguagem, a qual **linguagem** se entende como sendo o conjunto de sinais pelos quais o homem expressa os seus pensamentos, ou seja, comunica-se.

A comunicação, indispensável a todo homem social, manifesta-se por meio de uma mensagem, para a qual concorrem seis elementos, segundo o linguista Roman Jakobson:

Fig.1 – Processo de comunicação

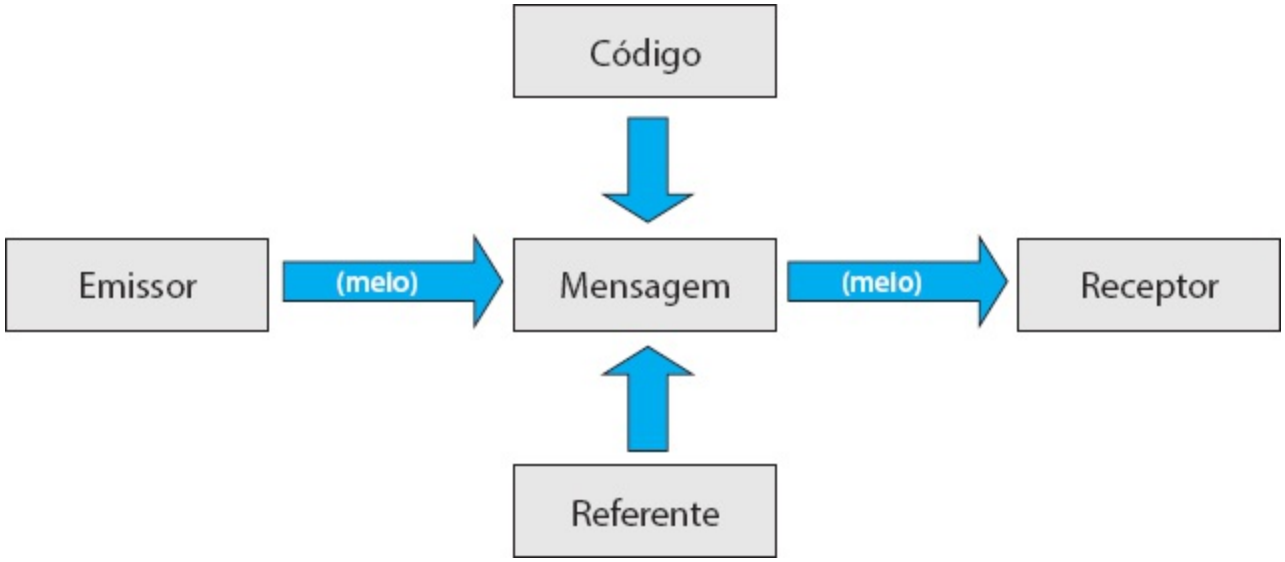

Essa capacidade comunicativa dá-se por meio de um sistema natural de palavras de que se servem os grupamentos humanos para comunicarem seus pensamentos entre si. Esse sistema de signos vocais distintos e significativos é denominado de **língua**. A utilização da língua pelo indivíduo denomina-se **fala**. Por **fala** entende-se a faculdade que tem o homem de se expressar, de se comunicar por meio de palavras. Já a **palavra** é um som oral ou uma combinação de sons orais, que exprime a ideia de alguma coisa. O conjunto de todas as palavras de uma língua forma o seu **vocabulário** ou **léxico**. As palavras, expressão das ideias, combinam-se para formar a **frase**, expressão do pensamento. Quando a frase expressa um sentido completo, forma-se, então, uma **proposição**. É justamente essa sistematização dos fatos da linguagem o objeto de estudo da gramática.

1.2 GRAMÁTICA

Na valorosa definição do mestre Eduardo Carlos Pereira, a Gramática "é a ciência das palavras e suas relações, ou a arte de usar as palavras com acerto na expressão do pensamento".

Em sua divisão mais tradicional, temos:

a) **fonética** – estudo dos fonemas em geral;
b) **morfologia** – estudo das palavras quanto à estrutura e à formação, à classificação à flexão – é o estudo das palavras tomadas isoladamente; e
c) **sintaxe** – estudo das palavras relacionadas umas com as outras em uma oração – a teoria da frase.

Estudaremos a partir de agora a primeira grande divisão da gramática normativa: fonética. A NGB – Nomenclatura Gramatical Brasileira – preferiu a denominação de "fonética" à de "fonologia". Embora alguns autores, como o mestre M. Said Ali, coloquem

esses dois vocábulos praticamente como sinônimos, preferimos – na mesma esteira da NGB –, denominar de “fonética” a parte da gramática normativa que examina os sons e suas mudanças, atendendo à maneira de os pronunciar.

1.3 FONÉTICA

Como já vimos, a fonética é a parte da gramática que estuda a formação, a evolução e a classificação dos sons da língua, sons que tomam o nome especial de ***fonemas***. Aos sentidos de quem fala, apresenta-se a palavra como um todo sonoro e significante. Por isso, os sons, produzidos por quem fala e recebidos por quem ouve, despertam as imagens por meio das quais se dá o entendimento.

A fonética pode ser: descritiva, histórica e sintática. A primeira trata da formação e descrição dos fonemas. A segunda estuda as modificações que sofreram e sofrem os fonemas em suas fases sucessivas, enquanto a terceira estuda as modificações que sofrem os fonemas de certas palavras quando, por influência de outras que a elas se associam, formam um só todo fonético.

Por seu turno, a **fonologia** é o estudo dos fonemas em suas variantes posicionais, combinações e condições prosódicas.

1.3.1 APARELHO FONADOR

Os seres humanos não dispõem de aparelho especial para falar. Utilizam-se, para tanto, do aparelho respiratório e da parte superior do aparelho digestivo. A este conjunto especial de órgãos que contribuem para a produção da fala denomina-se “aparelho fonador” ou simplesmente, como preferem alguns, “órgãos da fala”.

Fig. 2 – Aparelho fonador

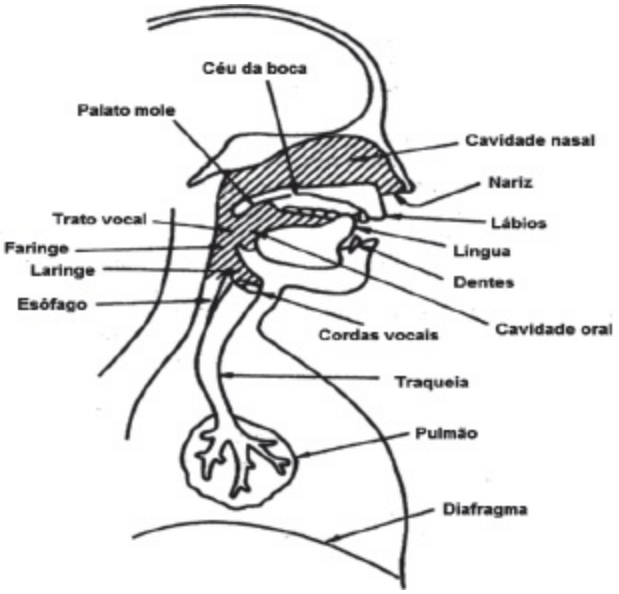

A fala é produzida pela corrente de ar expiratória. Desde o momento em que o indivíduo se dispõe a falar, opera-se em todo o aparelho uma tensão geral: o sopro é emitido com mais vigor do que o sopro da respiração simples; a traqueia toma posições, estreitando e alargando os seus anéis; na laringe, as cordas vocais se preparam e o sopro as faz vibrar; da faringe, a vibração é dirigida, por meio da úvula, ou para a boca, se deve ser oral, ou para as fossas nasais, se deve ser nasalada. Nesta caixa de ressonância, que é a boca e seus pertences (língua, dentes, bochechas e lábios), a vibração se completa, transformando-se em som.

Os sons fundamentais da voz humana denominam-se de "fonemas". Os fonemas, portanto, são as menores unidades sonoras da nossa fala e se classificam em: **vogais**, **semivogais** e **consoantes**.

1.4 ESTUDO DAS VOGAIS E DOS ENCONTROS VOCÁLICOS

São cinco as vogais na nossa língua: a, e, i, o, u. São sons musicais que saem livremente pelo tubo vocal. Constituem, em português, a base das sílabas.

Em certos casos, os fonemas "i, u", representando os fonemas /y/ e /w/ respectivamente, são considerados semivogais sempre que soam juntamente com a vogal de uma sílaba.

1.5 CLASSIFICAÇÃO DAS VOGAIS

a) Quanto à zona de articulação: anteriores, médias e posteriores.

b) Quanto ao timbre: abertas, fechadas e reduzidas.

c) Quanto ao papel das cavidades bucal e nasal: orais e nasais.

d) Quanto à intensidade: átonas e tônicas.

1.5.1 QUANTO À ZONA DE ARTICULAÇÃO

A vogal “a” forma-se com a maior abertura da boca, ficando a língua em posição de quem respira em silêncio (posição média ou neutra). Por isso, a vogal “a” é chamada de “***média***, ***medial*** ou ***central***”.

Se a língua se eleva gradualmente para a frente, formam-se as ***vogais anteriores*** ou ***palatais*** (é, ê, e, i); se se eleva para trás, formam-se as ***vogais posteriores*** ou ***velares*** (ó, ô, o, u). Observe figura abaixo.

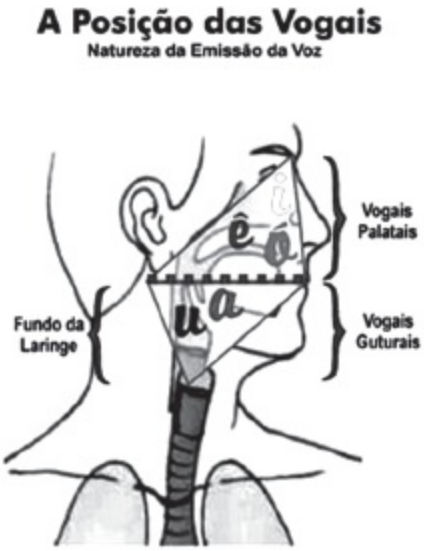

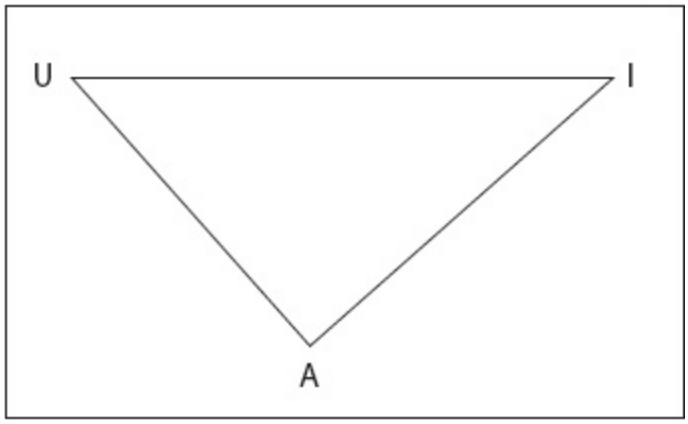

Observe nas figuras acima a distribuição triangular das vogais quanto à zona de articulação.

1.5.2 QUANTO AO TIMBRE

O timbre de uma vogal é dado pela maior ou menor proximidade da língua com o palato. Na vogal aberta, a língua se abaixa: é, ó. Na vogal fechada, a língua se eleva: ê, ô, i, u. Por isso, as vogais são classificadas quanto ao timbre em:

a) **Abertas** → á, é, ó = pá, pé, pó.

b) **Fechadas** → ê, ô: vê, avô.

c) **Reduzidas** → a (bela), e (vale), o (pelo)

⇨ **Observação:**

As vogais reduzidas tomam esse nome por pertencerem a sílabas átonas, sendo, pois, pronunciadas fracamente.

1.5.3 QUANTO AO PAPEL DAS CAVIDADES BUCAL E NASAL

Quanto ao papel das cavidades bucal e nasal, as vogais classificam-se em:

a) Orais → que se formam com o véu palatino levantado, saindo a coluna de ar somer pela boca: a, e, i, o, u.

b) Nasais → que se formam com o abaixamento do véu palatino, distribuindo-se a coluna de ar pela boca e nariz: ã, ẽ, ĩ, õ, ũ.

1.5.4 QUANTO À INTENSIDADE

Quanto à intensidade, as vogais podem ser átonas ou tônicas. A vogal tônica é pronunciada com mais intensidade que as outras. Encontra-se na sílaba tônica da palavra. Excetuando-se as sílabas tônica e subtônica de uma palavra, as demais são chamadas de átonas. As vogais dessas sílabas átonas são também átonas. Observe:

acarajé	**lâmpada**
a – átona	l
c	â – tônica
a – átona	m
r	p
a – átona	a – átona
j	d
é – tônica	a – átona

1.6 ENCONTROS VOCÁLICOS

Encontro vocálico é a sucessão de vogais em um vocábulo – gaiola, Bahia, caule, Uruguai, averiguei. Classificam-se em: *ditongo*, *hiato* e *tritongo*.

1.6.1 DITONGOS

Ditongo (gr. di = duplo, phthonggos = som) é a sucessão de vogal e semivogal, ou vice-versa, na mesma sílaba. Dividem-se em: orais e nasais, crescentes e decrescentes.

São denominados de **crescentes** os ditongos em que a semivogal vem em primeiro

lugar. Teremos, portanto, “ **semivogal** + **vogal**”. Exemplos: glória, vácuo, espécie, oblíqua etc.

São denominados de **decrescentes** os ditongos em que a vogal vem em primeiro lugar. Teremos, portanto, “**vogal** + **semivogal**”. Exemplos: vai, lauda, rei, meu, boi etc.

a) São **orais** aqueles em que o ar sai tão somente pela cavidade bucal. Exemplos: meteu, pai, ouro, série.

b) São **nasais** aqueles em que o ar sai tanto pela cavidade bucal quanto pelas fossas nasais. Exemplos: pão, capitães, cantam, tem.

⇨ Observação:

É importante, neste momento, relembrar uma importante lição: não se deve confundir fonema (= som) com letra. Isto porque há vários ditongos que aparentemente não são ditongos, mas a pronúncia os denuncia – notadamente os ditongos nasais formados por uma vogal seguida da consoante nasal “m”. Observe por exemplo o vocábulo “bem”: aparentemente não temos ditongo, mas, quando o pronunciamos “beĩ”, percebemos que se trata do encontro da vogal “e” com a semivogal “ĩ”. Vejamos outros exemplos:

- sem, amam, andam, escrevem, puseram, deviam, porém, nem.

Vejamos abaixo uma pequena lista dos principais ditongos em nossa língua:

ORAIS

- **ai** → mais, paiol, vaidade, cai, vai, jamais.
- **au** → mau, pau, causa, pauta, mingau, nau.
- **ei** → papéis, réis, rei, móveis, plateia, grei.
- **eu** → céu, réu, chapéu, teu, judeu, perdeu.
- **iu** → viu, partiu, riu, psiu, sorriu.
- **oi** → dói, herói, foi, boi, joio.
- **ou** → dou, sou, ouço, pousar.
- **ui** → fui, gratuito, sanguíneo.

NASAIS

- **ãe** → mãe, pães, alemães, cães.
- **ão** → pão, amarão, balão, mão.
- **am** → amaram, deviam, puseram, escreveram.
- **em** (=ei) → bem, tem, põem, saem, doem, cem.
- **õe** → põe, propões, cordões, corações.
- **ui** → muito, mui.

Nota: Quando a semivogal (também chamada de vogal assilábica) vem depois da vogal, é chamada de "*subjuntiva*"; quando vem antes, é chamada de "*prepositiva*".

⇨ Observação:

Os encontros "IA, IE, IO, UA, UE, UO" em finais átonos, seguidos ou não de "S", classificam-se quer como ditongos, quer como hiatos, uma vez que ambas as emissões existem na língua portuguesa. Entretanto, hoje a preferência é tratá-los como ditongos, por ser a pronúncia ditongal mais eufônica. Observe:

- história → his – tó – ria /ou/ his – tó – ri – a
- série → sé – rie /ou/ sé – ri – e
- hóstia → hós – tia /ou/ hós – ti – a
- tênue → tê – nue /ou/ tê – nu – e
- vácuo → vá – cuo /ou/ vá – cu – o
- pátio → pá – tio /ou/ pá – ti – o

1.6.2 HIATOS

Hiato (do latim, “hiatus” = abertura) é o encontro de duas vogais pronunciadas em duas emissões sonoras distintas, ou seja, é o encontro de duas vogais que se situam em sílabas distintas, por isso são pronunciadas separadamente. Vejamos alguns exemplos:

Isr**ae**l, Mis**ae**l, **ao**rta, s**aú**de, id**ea**l, r**ee**leger, at**eí**sta, d**eí**smo, t**eo**logia, sab**iá**, h**ia**to, ar**ia**no, p**ie**dade, c**ie**nte, m**io**lo, v**io**la, esp**io**nar, c**iú**me, v**iú**va, lag**oa**, p**oe**ta, c**oe**ntro, c**oo**perar, álc**oo**l, t**ua**, s**ua**, pir**ue**ta, jes**uí**ta, r**uí**na, cas**uí**stica, r**ui**m, constit**ui**nte.

1.6.3 TRITONGOS

Tritongo (gr. tri = três, phthonggos = som) é a combinação silábica em que, soando em conjunto com a vogal, existem duas semivogais. Teremos, então, “semivogal + vogal + semivogal” numa mesma sílaba. Vejamos alguns exemplos:

- ORAIS → iguais, Paraguai, Uruguai, minguou, apaziguou, quão
- NASAIS → saguões, enxáguem, dilinquem, mínguam

1.7 ESTUDO DAS CONSOANTES, DOS ENCONTROS CONSONANTAIS E DOS DÍGRAFOS

Buscando esteio nas preciosas palavras do ilustre gramático Gladstone Chaves de Melo, consoante “é um fonema em que predomina a articulação sobre a fonação, o fechamento sobre a abertura, o ruído sobre a musicalidade; fonema que, na língua portuguesa, não pode constituir sozinho uma sílaba, mas, pelo contrário, se agrega necessariamente a uma vogal; fonema, portanto, assilábico”.

Logo, as consoantes são os fonemas produzidos pela corrente expiratória que, ao atravessar a boca, é interceptada no todo ou em parte, isto é, fonemas formados pela corrente expiratória, que encontra obstáculo na aproximação ou contato dos órgãos bucais. São, portanto, sons laríngeos, ou seja, formados na laringe e caracterizados por maior aproximação das partes móveis da boca.

1.7.1 CLASSIFICAÇÃO DAS CONSOANTES

Classificam-se as consoantes:

1) Quanto ao modo de articulação;
2) Quanto ao ponto de articulação;
3) Quanto ao papel das cordas vocais.

1.7.1.1 Quanto ao modo de articulação

De duas maneiras se pode produzir uma consoante: ou fechando-se o canal bucal, ou estreitando-se o canal bucal. Por isso, quanto ao modo de articulação as consoantes podem ser:

1) **oclusivas** → que se formam quando o canal da boca se fecha (oclusão) para em seguida se abrir subitamente, numa verdadeira explosão. Por causa disso, são também chamadas de "explosivas" ou "instantâneas". Como exemplos, temos os fonemas surdos "pê, tê, quê" e os fonemas sonoros "bê, dê, guê".
2) **constritivas** → que se formam pelo estreitamento do canal bucal, saindo a corrente de ar apertada ou constrita. De acordo com a maneira de escoamento do ar, dividem-se em:

   a) Fricativas ou sibilantes → quando há um ruído na fricção: f, s, x [chê], v, z, g [jê
   b) Laterais → quando a corrente de ar escapa pelas laterais da cavidade bucal: l, lh.
   c) Vibrantes → quando o ápice da língua provoca uma tremulação contra os alvéolos: r, rr.

1.7.1.2 Quanto ao ponto de articulação

Quanto ao ponto de articulação, isto é, o lugar onde se produz o fonema, classificam-se as consoantes em:

1. **Bilabiais** → os lábios se tocam e se apertam levemente: p, b, m.
2. **Labiodentais** → contato do lábio inferior com o bordo dos incisivos superiores: f, v.
3. **Linguodentais** → contato da ponta da língua com a parte interna dos incisivos superiores: t, d.
4. **Alveolares** → a língua toca no alvéolo dos dentes, isto é, na altura da raiz dos dent superiores: s, z, r, rr, l, n.
5. **Palatais** → contato da parte anterior da língua com o palato duro: x, g [chiante], lh, nh.
6. **Velares** → contato da parte posterior da língua com o véu palatino: c [k], g [guê], q.

1.7.1.3 Quanto ao papel das cordas vocais

Quanto ao papel das cordas vocais, as consoantes se classificam em surdas e sonoras.

1. **Surdas** → quando não há vibração das cordas vocais: p, t, q, f, s, x.
2. **Sonoras** → quando há vibração das cordas vocais: b, d, g [jê], m, n, nh, l, lh, r, rr.

⇨ Observação:

Para verificarmos, na prática, se há vibração das cordas vocais, devemos tapar os ouvidos durante a articulação do fonema. Se percebermos um zumbido, é sinal de que as cordas vocais vibraram, e os fonemas assim produzidos são sonoros. Caso contrário, os fonemas são surdos, por ausência de vibração.

1.7.2 ENCONTROS CONSONANTAIS

Dá-se o nome de encontro consonantal à sequência de consoantes num vocábulo, ou seja, a contiguidade de duas ou três consoantes efetivamente pronunciadas. Observe:

blusa	pneu	bronco	vidro	atlântico
fluvial	regra	planta	francês	palavra
gnóstico	prato	branco	claro	digno
rítmico	glândula	psicanálise	mnemônico	ptialina

⇨ Observações:

a) Quando as duas consoantes se encontram em uma mesma sílaba, diz-se que o *encontro consonantal é próprio ou perfeito*. Quando as consoantes ficam em sílabas diferentes, diz-se que o é um *encontro consonantal impróprio ou imperfeito*. Observe os exemplos:

- **Encontros consonantais próprios ou perfeitos:** blu-sa, bru-to, cri-vo, fla-ma, gló-ria, pra-to, tra-to, li-vre.
- **Encontros consonantais impróprios ou imperfeitos**: af-ta, ic-tiólogo, rit-mo, ad-jetivo, ab-soluto.

b) Frise-se que o encontro consonantal é avaliado sempre como fonema. Por isso, é importante, mais uma vez, não confundir “fonema” com “letra”. Na palavra, “FIXO”, por exemplo, temos um encontro consonantal representado pela letra “x”, já que ela representa o fonema /*cs*/. É o que também ocorre nos vocábulos “táxi, reflexo, asfixia” entre outros, nos quais a letra “x” representa dois fonemas.

1.7.3 DÍGRAFOS

Chama-se dígrafo (ou digrama) o agrupamento de consoantes o qual representa apenas um som. Mais uma vez, é fundamental não confundir com encontro consonantal. Neste, temos consoantes que representam mais de um fonema; naquele, temos consoantes que representam um único fonema.

São dígrafos:

1. ch, lh, nh = chapéu, malha, palha, ninho, rainha, pilha, alho, trabalho, lhama, sonho, lenha.
2. rr, ss = carro, interromper, terremoto, cassado, massa, passado, ressurgir, prorrogar.
3. gu, qu (antes de "e" e "i") =guerra, que, quatorze, equipagem, distinguir.
4. sc, sç, xc =fascinar, desça, piscina, excelência, excêntrico.

⇨ Observação:

Há também em nossa língua os chamados dígrafos vocálicos, isto é, os que são formados por "*am*, *an*, *em*, *en*, *im*, *in*, *om*, *on*, *um*, *un* (que representam vogais nasais)". Na realidade, temos a formação de uma sílaba nasal pela junção de uma vogal inicial ou medial, seguida de "m" antes de "p" e "b", e "n" antes de qualquer outra consoante. Portanto, as sílabas abaixo sublinhadas representam dígrafos vocálicos:

- limpo
- campo
- também
- santo
- mentira
- tumba
- longe

1.7.4 CONTAGEM DE LETRAS E FONEMAS EM UM VOCÁBULO

Eis um dos pontos bastante cobrados nos concursos em geral. Por isso, fique atento!

Como já mencionamos, é importantíssimo não confundir letra com fonema (som) – são coisas bem diversas. Em princípio, as letras existem para exprimir os sons. É, como já dissemos, uma representação gráfica do som. Logo, é preciso ter cuidado ao se contar as letras e os fonemas (sons) de um vocábulo, pois é preciso ficar muito atento, notadamente com os dígrafos e com os encontros consonantais, para se evitarem erros.

⇨ Observe:

- **camisas**
  - 7 letras
  - 7 fonemas
- **criança**
  - 7 letras
  - 6 fonemas (em "an" temos um dígrafo)
- **tampinha**
  - 8 letras
  - 6 fonemas (temos dois dígrafos)
- **tóxico**
  - 6 letras
  - 7 fonemas (a letra "x" representa o fonema /cs/)
- **constituinte**
  - 12 letras
  - 10 fonemas (existem dois dígrafos vocálicos "on" e "in")
- **menino**
  - 6 letras
  - 6 fonemas

1.7.5 SÍLABA

Recebe o nome de sílaba o fonema ou o conjunto de fonemas produzidos numa só emissão de voz na enunciação de um vocábulo. Veja: **ca-dei-ra; a-ba-ca-xi; co-or-de-na-ção.**

Toda sílaba possui um núcleo ou ápice de sonoridade, que, em português, é necessariamente uma vogal. Daí as sílabas serem classificadas em:

a) **Simples** → quando apresentam uma só vogal. Ex.: dor, sol.
b) **Compostas** → quando apresentam mais de uma vogal. Ex.: caule, pau.
c) **Complexas** → quando apresentam mais de uma consoante. Ex.: triste, flor.
d) **Incomplexas** → quando apresentam apenas uma consoante. Ex.: vá, cá.
e) **Abertas** → quando terminam por vogal. Ex.: ca-na-pé, me-ni-na.

f) **Fechadas ou travadas** → quando terminam por consoante. Ex.: tu-tor, al-mas.

1.7.5.1 Classificação dos vocábulos quanto ao número de sílabas

Em nossa língua, os vocábulos podem também ser classificados em relação à quantidade de sílabas que apresentam. Saliente-se que a quantidade de sílabas é o tempo da prolação de sua vogal.

Quanto ao número de sílabas que possuem, os vocábulos podem ser classificados em: *monossílabos*, *dissílabos*, *trissílabos* e *polissílabos*.

a) **Monossílabos** → possuem uma só sílaba.
Ex.: nó, dó, só, lá, vem, não, sol.

b) **Dissílabos** → possuem duas sílabas.
Ex.: vovó, café, chulé, amém, meio, aí.

c) **Trissílabos** → possuem três sílabas.
Ex.: caneca, menina, moinho, cortejo, lâmpada.

d) **Polissílabas** → possuem quatro ou mais sílabas.
Ex.: macaxeira, brotoeja, Itamaracá, Guaratinguetá.

⇨ Observação:

Alguns gramáticos de renome preferem a denominação "*tetrassílabo*", para os vocábulos com quatro sílabas, e "*polissílabo*" para os vocábulos com mais de quatro sílabas.

1.7.5.2 Tonicidade

Em geral, uma das sílabas do vocábulo se pronuncia com mais força do que as outras – é a denominada sílaba tônica. Tonicidade ou acentuação tônica, portanto, é a pronunciação forte ou intensa de uma sílaba. As demais sílabas que não apresentam a força tônica são chamadas de "atônicas" ou "átonas". Veja alguns exemplos:

- jus – **ti** – ça
  sílaba tônica
- **nú** – me – ro
  sílaba tônica
- me – **ni** – na
  sílaba tônica

Por ser pronunciada mais fortemente do que as outras, diz-se que a sílaba tônica recebe o chamado "acento tônico", denominado também de "acento prosódico". Saliente-se, entretanto, que o acento tônico não consiste na altura ou duração da voz, mas na voz forte ou intensa, a qual salienta a sílaba sobre a qual ele recai.

Cuidado! Não confunda o acento tônico com os acentos gráficos ou sinais diacríticos, pois em várias situações a língua se vale de acentos gráficos para marcar a sílaba tônica a fim de se evitarem problemas de prosódia. Para aprofundar tal conhecimento, sugerimos consultar (e estudar) o assunto "acentuação gráfica".

1.7.6 DIVISÃO SILÁBICA

A divisão de qualquer vocábulo, assinalada pelo hífen, em regra se faz pela soletração, isto é, a divisão leva em conta critérios fonéticos, e não etimológicos. Traduzindo: basta soletrar a palavra e dividi-la como se lê, independente de seus elementos constitutivos etimológicos.

Para que se faça uma correta divisão silábica, é essencial respeitar as seguintes regras:

1. Não se separam as vogais dos ditongos – crescentes e decrescentes – nem as dos tritongos. Observe:

- aurora → **au** – ro – ra
- Paraguai → Pa – ra – g**uai**
- cruéis → cru – **éi**s
- meio → m**ei** – o
- ódio → ó – d**io**
- guaiar → g**uai** – ar
- animais → a – ni – m**ai**s
- Uruguai → U – ru – g**uai**
- iguais → i – g**uai**s
- coisa → c**oi** – sa
- enjeitar → en – j**ei** – tar
- joias → j**oi** – as

⇨ **Observação:**

Embora os encontros "IA, IE, IO, UA, UE, UO" de finais átonos, seguidos ou não de "S", possam ser analisados tanto como ditongos quanto como hiatos, a tendência hoje é considerá-los apenas como ditongos. Por isso, tais grupos vocálicos devem – preferencialmente – permanecer numa mesma sílaba.

- enciclopédia → en – ci – clo – pé – dia
- barbárie → bar – bá – rie
- lírio → lí – rio

2. No interior do vocábulo, sempre se conserva na sílaba anterior a consoante não seguida de vogal. Veja:

- abdicar → ab – di – car
- étnico → ét – ni – co
- dracma → drac – ma
- subpor → sub – por

- subjugar → sub – ju – gar
- occipital → oc – ci – pi – tal
- opção → op – ção
- segmento → seg – men – to

3. Não se separam os encontros consonantais iniciais de sílabas nem os dígrafos "ch, lh, nh". Observe:

- pechinchar → pe – chin – char
- manhã → ma – nhã
- apetrecho → a – pe – tre – cho
- folha → fo – lha
- blusão → blu – são
- brotoeja → bro – to – e – ja

⇨ Observação:

Os encontros "bl" e "br" nem sempre formam grupos articulados perfeitos, isto é, nem sempre permanecem na mesma sílaba. Isto se dá porque em alguns casos o "l" e o "r" são pronunciados separadamente. Veja alguns exemplos:

- sublingual → sub – lin – gual
- sub-rogar → sub – ro – gar
- sublocar → sub – lo – car
- sublinhar → sub – li – nhar
- sub-reptício → sub – rep – tí – cio
- sub-reitor → sub – rei – tor

4. Não se separam os grupos "GU" e "QU" da vogal que os segue, quer esta esteja ou não acompanhada de consoante. Observe:

- ambíguo → am – bí – **gu**o
- quota → **qu**o – ta
- ubíquo → u – bí – **qu**o
- légua → lé – **gu**a
- quebradeira → **qu**e – bra – dei – ra
- guerra → **gu**er – ra
- queijo → **qu**ei – jo
- delinquente → de – lin – **qu**en – te

5. Não se separa a consoante inicial não seguida de vogal, ou seja, a consoante inicial não seguida de vogal permanece na sílaba em que se encontra. Observe:

- pseudônimo → **ps**eu – dô – ni – mo
- gnomo → **gn**o – mo
- pterossauro → **pt**e – ros – sau – ro
- cnêmide → **cn**ê – mi – de
- gnosiologia → **gn**o – sio – lo – gi – a
- pneumático → **pn**eu – má – ti – co

6. Separam-se os dígrafos "RR, SS, SC, SÇ, XS" no interior dos vocábulos, ficando uma consoante numa sílaba e a outra na sílaba imediata. Observe:

- pi**sc**ina → pis – ci – na
- cô**ns**cio → côns – cio
- pre**sc**indir → pres – cin – dir
- e**xc**eção → ex – ce – ção
- co**rr**eição → cor – rei – ção
- e**xc**elente → ex – ce – len – te
- adole**sc**ente → a – do – les – cen – te
- convale**sc**er → con – va – les – cer
- re**sc**indível → res – cin – dí – vel
- re**ss**u**rr**eição → res – sur – rei – ção
- pro**rr**ogação → pror – ro – ga – ção
- e**xs**urgir → ex – sur – gir

7. O "S" dos prefixos "bis-, cis-, des-, dis-, trans-" não se separa quando a sílaba seguinte começa por consoante. Caso a sílaba seguinte comece por vogal, o "S" se desprenderá do prefixo e formará sílaba com esta vogal. Observe:

- transformar → trans – for – mar
- bisneto → bis – ne – to
- descascar → des – cas – car
- cisplatino → cis – pla – ti – no
- discorrer → dis – cor – rer

mas... transatlântico → tran – sa – tlân – ti – co
mas... bisavô → bi – sa – vô
mas... desamor → de – sa – mor
mas... cisandino → ci – san – di – no
mas... disenteria → di – sen – te – ri – a

8. As vogais idênticas e as letras "CC, CÇ" separam-se, ficando uma numa sílaba e outra na sílaba consequente. Veja os exemplos:

- intelecção → in – te – lec – ção
- occipital → oc – ci – pi – tal
- álcool → ál – co – ol
- intersecção → in – ter – sec – ção
- cooperador → co – o – pe – ra – dor
- caatinga → ca – a – tin – ga
- friíssimo → fri – ís – si – mo
- veemente → vê – e – men – te

9. Separam-se as vogais que formam hiatos. Veja:

- saúde → sa – ú – de
- jesuíta → je – su – í – ta
- egoísmo → e – go – ís – mo
- carnaúba → car – na – ú – ba
- viúva → vi – ú – va
- canaãense → ca – na – ã – en – se

⇨ Observação final:

Nas translineações – passagem de uma linha para outra nos textos escritos, quando o fenômeno da separação de um vocábulo ao final de uma linha fica mais evidente –, convém ficar atento às seguintes orientações:

a) Não se deve deixar vogal solta nem na linha antecedente, nem na linha consequente isto é, não se isola sílaba de uma só vogal. Observe:

- **AMÁ – VEL** (e não "A – MÁVEL")
- **ITA – JAÍ** (e não ITAJA – Í ou I – TAJAÍ)

b) Deve-se evitar a separação de vocábulos dissílabos do tipo "aí, caí, saí, lua, rua", em que uma das sílabas é formada apenas por vogal.

c) Na translineação de uma palavra composta ou de uma combinação de palavras em que há um hífen, ou mais, se a partição coincide com o final de um dos elementos ou membros, deve, por clareza gráfica, repetir-se o hífen no início da linha imediata. Observe:

_____terça-feira_____

_____ex-diretor_____

1.8 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (PUCRJ) Um mesmo fonema pode ser grafado de diferentes maneiras. Qual a lista de palavras que exemplifica essa afirmação?

   a) paciente, centro, existência
   b) existência, meses, batizaram
   c) projeto, prejudicando, propõe
   d) quem, quando, psiquiatra
   e) coisa, incomoda, continuidade

2. (PUCSP) As palavras **rapaziada, assustado, borracha** apresentam, respectivamente:

   a) 8 fonemas / 9 letras; 9 fonemas / 9 letras; 5 fonemas / 7 letras
   b) 9 fonemas / 8 letras; 8 fonemas / 9 letras; 5 fonemas / 8 letras
   c) 9 fonemas / 9 letras; 8 fonemas / 9 letras; 6 fonemas / 9 letras
   d) 9 fonemas / 9 letras; 8 fonemas / 9 letras; 6 fonemas / 8 letras
   e) 8 fonemas / 8 letras; 8 fonemas / 9 letras; 5 fonemas / 7 letras

3. (PUCSP) As palavras **folheada, lânguido, antigos, vento** apresentam o seguinte número de fonemas e letras, respectivamente:

   a) 7- 8; 6- 8; 6- 7; 4- 5
   b) 6- 7; 7- 8; 4- 5; 6- 7
   c) 6- 7; 6- 7; 7- 8; 4- 5
   d) 4- 5; 6- 7; 6- 8; 7- 8
   e) 7- 8; 6- 7; 6- 8; 4- 5

4. (Unirio – RJ) Identifique a opção em que a palavra apresenta ao mesmo tempo um

encontro consonantal, um dígrafo consonantal e um ditongo fonético:

a) ninguém
b) coalhou
c) iam
d) nenhum
e) murcham

5. (ACAFE – SC) Assinale, na sequência abaixo, a alternativa em que todas as palavras possuem dígrafos:

a) histórias, impossível, máscaras
b) senhor, disse, achado
c) passarinhos, ergueu, piedade
d) errante, abelhas, janela
e) homem, caverna, velhacos

6. (FFFCMPA) Considere as seguintes afirmações acerca da relação entre letras e fonemas em palavras do texto.

*I – Os segmentos sublinhados em **componente**, **acrescentariam** e **conhecedor** representam um só fonema.*

*II – As letras sublinhadas em **ciência**, **sociocultural** e **adolescentes** representam o mesmo fonema.*

*III – As palavras **holística**, **essencialmente** e **conquistas** têm, cada uma delas, mais letras que fonemas.*

Quais estão corretas?

a) Apenas I.
b) Apenas II.
c) Apenas III.
d) Apenas I e III.
e) I, II e III.

7. (PUCSP) Nas palavras **enquanto, queimar, folhas, hábil, grossa**, constatamos a seguinte sequência de letras e fonemas:

a) 8- 7; 7- 6; 6- 5; 5- 4; 6- 5
b) 7- 6; 6- 5; 5- 5; 5- 5; 5- 5

c) 8- 5; 7- 5; 6- 4; 5- 4; 5- 4
d) 8- 6; 7- 6; 6- 5; 5- 4; 6- 5
e) 8- 5; 7- 6; 6- 5; 5- 5; 5- 5

8. (PUCSP) Assinale a sequência em que todas as palavras estão partidas corretamente.

a) trans-a-tlân-ti-co / fi-el / sub-ro-gar
b) bis-a-vô / du-e-lo / fo-ga-réu
c) sub-lin-gual / bis-ne-to / de-ses-pe-rar
d) des-li-gar / sub-ju-gar / sub-scre-ver
e) cis-an-di-no / es-pé-cie / a-teu

9. (ITA) Dadas as palavras:

1. des-a-len-to
2. sub-es-ti-mar
3. trans-tor-no,
constatamos que a separação silábica está correta:

a) apenas no número 1
b) apenas no número 2
c) apenas no número 3
d) em todas as palavras
e) n.d.a

10. (AMAN) Assinale a opção em que a divisão silábica não está corretamente feita:

a) a-bai-xa-do
b) si-me-tria
c) es-fi-a-pa-da
d) ba-i-nhas
e) ha-vi-a

GABARITO

1 – B	2 – D	3 – A
4 – E	5 – B	6 – D
7 – D	8 – C	9 – C

10 – B		

CAPÍTULO 2

ORTOGRAFIA OFICIAL

Conversando um pouco...
Iniciaremos o estudo de uma importante parte da gramática normativa: a ortografia. Gostaria de salientar que este capítulo deve ser estudado com cuidado. Inevitavelmente, você se deparará com várias regras, orientações, muitas exceções etc., etc. Ficar decorando os pontos talvez não seja a melhor técnica. Por isso, sugiro que estude o capítulo aos poucos, tendo sempre em mente que o melhor remédio para se aprender a escrever os vocábulos corretamente ainda é a leitura. Cremos que só com a leitura habitual o operador da língua conseguirá memorizar – pela apreensão visual – a correta escrita de muitas palavras. Portanto, leia mais! E não deixe, é claro, de, aos poucos, apreender pela norma gramatical algumas orientações ortográficas. Por isso, vamos lá!

Antes de qualquer consideração, convém mencionar que a palavra ORTOGRAFIA é formada por dois radicais gregos (orto + grafia), os quais significam respectivamente "correto" e "escrita". Logo, ortografia é a parte da gramática normativa que se preocupa com a correta representação escrita dos vocábulos em nossa língua.

As dificuldades de escrita que muitas palavras nos oferecem ocorrem em virtude de as palavras em nossa língua obedecerem a dois critérios distintos: ora a grafia do vocábulo está baseada na etimologia, ora a grafia do vocábulo está baseada na fonética.

Como sabemos, os sistemas ortográficos são três: o fonético, o etimológico e o misto. Nossa língua portuguesa faz uso do sistema "misto". Por isso, muitos operadores da língua sentem dificuldade (ou dúvida) em escrever alguns vocábulos.

2.1 LETRA E ALFABETO

Como sabemos, a letra é a representação gráfica de um fonema. Nem sempre, como se demonstra no capítulo de introdução à fonética, esta relação "letra" / "fonema" é perfeita, pois existem fonemas representados por mais de uma letra e vice-versa. O conjunto de todas as letras em nossa língua é denominado de "alfabeto português". Nosso alfabeto é hoje composto por 26 letras, sendo 21 consoantes e 5 vogais. São elas:

a A (á)	j J (jota)	s S (esse ou sê)
b B (bê)	k K (capa ou cá)	t T (tê)
c C (cê)	l L (ele ou lê)	u U (u)
d D (dê)	m M (eme ou mê)	v V (vê)
e E (é ou ê)	n N (ene ou nê)	w W (dáblio)
f F (efe ou fê)	o O (ó)	x X (xis)
g G (gê ou guê)	p P (pê)	y Y (ípsilon ou ipsilone)
h H (agá)	q Q (quê)	z Z (zê)
i I (i)	r R (erre ou rê)	

2.2 NOTAÇÕES LÉXICAS

Além das letras, nossa língua usa uma série de sinais auxiliares a fim de indicar alguns fonemas especiais. Ao conjunto desses sinais gráficos, chamados também de sinais diacríticos (gr. “diacríticos” = apto a distinguir), dá-se o nome de notações léxicas. Esses sinais acessórios da escrita são os seguintes: acentos (agudo, circunflexo e grave), til, apóstrofo, cedilha e hífen.

2.2.1 ACENTOS

Os acentos são notações léxicas empregadas sobre algumas vogais para indicar a sílaba tônica ou para indicar a fusão entre elas. Como já dissemos, temos três tipos de acentos na língua portuguesa: (´) agudo, (^) circunflexo e (`) grave.

2.2.1.1 Agudo

O acento agudo é empregado sobre as vogais para assinalar, quando as regras da acentuação assim exigirem, a tonicidade aberta das vogais “a, e, o” e a tonicidade fechada das vogais “i, u”.

⇨ Observe:

- água
- café
- paletó
- difícil
- baú

2.2.1.2 Circunflexo

O acento circunflexo é usado sobre as vogais “a, e, o”, quando as regras da acentuação exigirem, para indicar o timbre fechado delas.

- quilômetro
- cortês
- repô-lo
- britânico
- constância
- prêmio

2.2.1.3 Grave

O acento grave é usado exclusivamente em português para indicar o fenômeno da crase, isto é, a contração, a fusão de dois “as” (a + a).

- Um dia chegaremos àquela (a + aquela) região.
- Iremos todos à (a + a) casa da tia Zuleide.

⇨ Observação:

Para aprofundar os seus conhecimentos sobre o emprego do acento grave, sugerimos que estude o assunto “Crase” em sintaxe.

2.2.1.4 Til

É uma notação léxica usada para indicar a nasalização das vogais “a, o”, quando houver necessidade.

- órgão
- não
- intenção
- ímã
- põe
- mãe

2.2.2 CEDILHA

É uma notação léxica colocada sob a letra “c”, a fim de se obter o fonema /s/ antes das vogais “a, o, u”. Observe:

- faço
- caçar
- mulçumano
- açúcar
- paçoca
- espaço

2.2.3 APÓSTROFO

O apóstrofo é um sinal empregado para assinalar a supressão de um fonema numa palavra, a fim de se evitarem sons desagradáveis ou mesmo a repetição de um fonema ao se pronunciar o vocábulo. Geralmente ocorre a elisão do “e” da preposição “de”.

- queda d’água
- pau-d’arara
- galinha-d’água
- copo-d’água
- pau-d’água
- estrela-d’alva
- mãe-d’água
- borda-d’água
- pau-d’arco
- pau-d’óleo

Emprega-se também o apóstrofo nas ligações das formas “santo” e “santa”, quando importa representar a elisão das vogais finais “o” e “a”. Observe:

- Sant’Ana
- Sant’Iago
- Sant’Antônio

2.2.4 HÍFEN

É a notação léxica que apresenta maior número de empregos. É frequentemente empregado para unir palavras compostas, prefixos e formas verbais. Observe abaixo algumas orientações que estão respaldadas no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, publicado no ano de 2009.

Como já dissemos, o hífen é a notação léxica que apresenta o maior número de empregos. É frequentemente empregado, por exemplo, para indicar a ênclise dos pronomes oblíquos átonos, para formar vocábulos por derivação prefixal e para unir compostos. Veja:

- fazê-lo
- cachorro-quente
- pré-operatório
- pós-verbal
- pô-las

Quando une vocábulos, o hífen, em muitos casos, servirá como um sinal de conotatividade, pois indicará que os elementos unidos por ele não estão empregados em seus sentidos originais, mas passaram a compor um novo conceito, uma nova ideia. Observe como o emprego do hífen, nesse caso, altera o sentido nos exemplos abaixo:

mesa redonda → mesa em formato circular	≠	**mesa-redonda** → reunião, debate, discussão
casca grossa → casca espessa, grossa	≠	**casca-grossa** → ignorante, bruto, grosso
criado mudo → empregado que não fala	≠	**criado-mudo** → móvel de cabeceira
ferro velho → peça de ferro antiga	≠	**ferro-velho** → estabelecimento que vende coisas velhas
pão duro → pão endurecido, velho	≠	**pão-duro** → sovina, pirangueiro, avaro
calça curta → calça de pequena extensão	≠	**calça-curta** → dominado, inexperiente

2.2.4.1 Empregos do hífen

Para aprofundar o conhecimento, observe agora os principais empregos do hífen:

1) Para indicar a ênclise dos pronomes oblíquos átonos às formas verbais.

- Entregou-me
- Vamos fazê-lo
- Hei de comprá-lo
- Passou-nos o projeto

⇨ Observação:

Não se emprega o hífen nas ligações verbais, formadoras de locuções verbais, com o verbo "haver" + preposição "de".

- hei de vencer
- haveríamos de encontrar
- hás de fazer

2) Em vocábulos compostos, formados por "substantivo + substantivo", nos quais segundo substantivo indique forma, finalidade ou tipo.

- decreto-lei
- ideia-mãe
- café-concerto
- homem-robô
- homem-chave

3) Nas palavras compostas por justaposição que não contêm formas de ligação e cujos elementos constituem uma unidade sintagmática e semântica única e mantêm acento próprio. Em outras palavras, os vocábulos perderam suas significações individuais e passaram a compor um novo conceito, uma nova semântica.

- decreto-lei
- médico-cirurgião
- tenente-coronel
- ano-luz
- arco-íris
- tio-avô
- turma-piloto
- sul-africano
- afro-asiático
- primeiro-ministro
- beija-flor
- luso-brasileiro
- azul-escuro
- conta-gotas
- porto-alegrense
- marca-texto
- caneta-tinteiro
- saca-rolha
- saia-calça
- boas-vindas

4) Nos topônimos compostos iniciados pelos adjetivos "grã-, grão-" ou por forma verbal ou cujos elementos estejam ligados por artigo.

- Grã-Bretanha
- Grão-Pará
- Traga-Mouros
- Abre-Campo
- Baía de Todos-os-Santos
- Trás-os-Montes
- Trinca-Fortes
- Entre-os-Rios

5) Nas palavras compostas que designam espécies botânicas e zoológicas, estejam ou não ligadas por preposição ou qualquer outro elemento.

- couve-flor
- erva-doce
- feijão-verde
- erva-do-chá
- ervilha-de-cheiro
- bem-me-quer
- cobra-d'água
- andorinha-do-mar
- bem-te-vi
- cobra-capelo
- formiga-branca
- lesma-de-conchinha

6) Nos compostos com os advérbios "bem" e "mal", quando estes formam com o

elemento que se lhes segue uma unidade sintagmática e semântica, e tal elemento começa por vogal ou "H".

- bem-aventurado
- bem-estar
- bem-humorado
- mal-estar
- mal-afortunado
- mal-humorado
- mal-intencionado
- mal-assombrado

⇨ Observações:

a) Em muitos compostos, o advérbio "bem" aparece aglutinado com o segundo elemento (forma consolidada pelo uso), quer este tenha ou não vida à parte.

- benfazejo
- benfeito
- benfeitor
- benquerença

b) Em outros vocábulos, o advérbio "bem" pode não se aglutinar com palavras começadas por consoante. Observe:

- bem-criado
- bem-ditoso
- bem-nascido
- bem-visto

> **Consideração importante:** A verdade é que nós não temos uma orientação segura a respeito do emprego do hífen com este advérbio. Nesse caso, não há outra solução: em caso de dúvida, consulte um bom dicionário. Se você é daqueles que escrevem com frequência, sugiro que também tenha sempre à mão o VOLP – Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa.

c) É importante não confundir! Quando o vocábulo não começar por vogal nem por "H", nã haverá hífen com o advérbio "mal". Observe:

- malformação
- malcozido
- malcheiro
- malcriado

Mas escreveremos...

- mal-educado
- mal-afortunado
- mal-encarado
- mal-humorado
- mal-avisado

7) Nos compostos com os elementos "além, aquém, recém, sem".

- além-Atlântico
- além-mar
- além-fronteiras
- aquém-mar
- recém-nascido
- sem-cerimônia
- sem-número
- sem-vergonha

2.2.4.2 Emprego do hífen com prefixos

Nas formações com prefixos ou falsos prefixos só se emprega o hífen nos seguintes

casos:

1) Nas formações em que o segundo elemento começa por "h", ou seja, não import o prefixo: se o segundo elemento iniciar-se por "H", deve-se empregar o hífen. Observe:

- pré-história
- extra-humano
- sub-hepático
- super-homem
- anti-herói
- arqui-hipérbole
- geo-história
- pan-helenismo
- semi-hospitalar
- poli-hidratação

⇨ Observação:

Não se usa, no entanto, o hífen em formações que contêm em geral os prefixos "des-" e "in-", nas quais o segundo elemento perdeu o "h" inicial. Veja:

- desumano
- desumidificar
- inábil
- inumano

2) Nas formações em que o prefixo termina na mesma vogal com que se inicia o segundo elemento. Observe:

- anti-ibérico
- contra-almirante
- infra-axilar
- micro-ondas
- auto-ônibus
- micro-organismo
- anti-imperialista
- anti-inflamatório
- supra-auricular
- arqui-inimigo
- semi-interno
- eletro-ótica

⇨ Observação:

Esta regra não se aplica ao prefixo "re-". Por isso, escrevem-se corretamente sem hífen, por exemplo, os vocábulos "reencarnação, reenvio, reemissão, reempossar, reencontro, reestabelecer etc.".

3) Nas formações com os prefixos "circum-" e "pan-", quando o segundo elemento começar por vogal, "m" ou "n", além do "h" já mencionado.

- circum-escolar
- circum-murado
- circum-navegação
- pan-africano
- pan-mágico
- pan-negritude
- pan-americano

4) Nas formações com os prefixos "hiper-, super-, inter-", quando o segundo elemento iniciar-se por "r", além, é óbvio, do "H" já mencionado.

- super-resistente
- hiper-reativo
- inter-relacionado
- super-revista
- hiper-requintado
- inter-hemisfério
- hiper-rugoso
- super-realismo

- inter-regional
- inter-renal

5) Nas formações com os prefixos “ex-, pós-, pré-, pró-, sota-, soto-, vice-, vizo-”, isto é, esses prefixos sempre serão usados com hífen.

- ex-diretor
- pró-labore
- sota-piloto
- soto-mestre
- vice-presidente
- vizo-rei
- soto-general
- pré-datado
- pós-graduação
- pré-vestibular
- pré-natal
- pró-britânico
- pró-americano
- pós-tônico
- pró-europeu
- vice-diretor

6) Com o prefixo “sub-”, haverá hífen sempre que o vocábulo iniciar-se por “b, h ou r”. Observe:

- sub-base
- sub-bibliotecário
- sub-humano
- sub-hepático
- sub-rogar
- sub-repartição
- sub-bosque
- sub-rotina

⇨ Observação:

Caso não se inicie por “b, h ou r”, não haverá hífen. Veja:

- subepiderme
- sublocatário
- subclasse
- subutilizar

⇨ Observações:

a) Em alguns vocábulos, o prefixo (átono) se incorporou à palavra primitiva, como em “predeterminado, pressupor, propor, pospor, promover, prever”. Por isso, estes vocábulos são escritos sem hífen.

b) Nas formações por sufixação, só se emprega o hífen nos vocábulos terminados por sufixos de origem tupi-guarani que representam formas adjetivas, com “açu, guaçu e mirim”, como, por exemplo, “amoré-guaçu, anajá-mirim, andá-açu, capim-açu, Ceará-Mirim”.

c) Usa-se também o hífen nas ligações de formas pronominais enclíticas ao advérbio “eis” (ei-lo, ei-los) e ainda nas combinações de formas pronominais “o, a, os, as” com os pronomes oblíquos “nos” e “vos”, como, por exemplo, “no-lo”, “vo-los”.

d) O Novo Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa registra tanto “*pro forma*, *pr labore*”, formas latinas, quanto “*pró-forma*, *pró-labore*”, formas aportuguesadas. Portanto, ambas as grafias, sem hífen na forma latina e com hífen na forma aportuguesada, são corretas.

2.2.4.3 Não se emprega o hífen

1) Nos vocábulos derivados por prefixação, cujo prefixo terminar em vogal e o segundo elemento iniciar-se por consoante. Caso o segundo elemento inicie por "r" ou "s", estas consoantes devem ser duplicadas.

- contrarregra
- infrassom
- suprassumo
- antirreligioso
- minissaia
- neorrepublicano
- microcirurgia
- minissérie
- semicírculo
- ultrarromântico
- hipoderme
- semimetal
- extracorpóreo
- supracitado
- neoliberal

2) Nos vocábulos derivados por prefixação, cuja vogal final do prefixo é diferente d vogal inicial do segundo elemento.

- antieconômico
- extraescolar
- extraoficial
- intraocular
- aeroespacial
- semiárido
- agroindustrial
- hidroelétrico
- coeducação
- autoestrada
- plurianual
- antiaéreo

3) Nos vocábulos formados por palavras compostas, cuja noção de composição, er certa medida, se perdeu, uma vez que tais palavras passaram a compor um sentido único, individualizado.

- paraquedas
- mandachuva
- madressilva
- girassol
- pontapé
- madrepérola
- passatempo
- rodapé
- sobremesa
- vaivém
- malmequer
- aguardente

2.3 ORIENTAÇÕES ORTOGRÁFICAS – EMPREGO DE ALGUMAS LETRAS

A partir de agora, vamos estudar o emprego de diversas letras do vocabulário português. Sugerimos que estude o assunto aos poucos para um melhor aprovisionamento do conteúdo. Salientamos, entretanto, que a melhor técnica para se evitarem erros ortográficos ainda é a leitura. Só a leitura, continuada e bem orientada, propiciará uma escrita livre dos problemas ortográficos. Ademais, é preciso que se diga que "ninguém" – repita-se "ninguém" – possui pleno domínio de todos os vocábulos da nossa língua. Daí a importância de o operador da língua pátria sempre possuir à mão um bom dicionário. Será este compêndio vocabular que afastará o erro ortográfico. Por isso, orientamos o nosso aluno para que leia o assunto abaixo não com o intuito de decorar simplesmente, mas principalmente com o intuito de entender o porquê do emprego desta e não daquela letra. A missão não é tão simples. Mas certamente não é impossível. Mãos à obra!!

Inicialmente, tenha cuidado com algumas letras que, frequentemente, impõem dúvida no escritor. Vamos a elas!

Dica: Sugiro que pare um pouco agora. Descanse a mente alguns minutos antes de passar para o próximo ponto. Preferencialmente, releia o assunto acima – emprego do hífen. É um ponto bastante explorado pelas bancas. Por isso, vale a pena olhar novamente, fazer outras anotações. Provavelmente você não obsorverá todas as informações sobre o hífen agora. Anote em algum lugar a data em que você estudou o assunto. Revise-o em poucos dias. Certamente o resultado será bem melhor na próxima vez que estudar o assunto. Quando estiver pronto, passe para o ponto abaixo... Vamos lá...

2.3.1 EMPREGO DAS LETRAS "E" E "I"

Em nossa língua, o emprego do "e" e do "i" é responsável por uma série de equívocos ortográficos. Portanto, é preciso estar atento para se evitarem muitos erros. Observe abaixo uma série de orientações sobre o emprego destas duas letras.

ESCREVE-SE COM "I" E NÃO COM "E":		
• aborígene/aborígine	• alumiar	• ansiar
• antipatia	• ária (música)	• arriar (baixar)
• calidoscópio	• cerimônia	• chilique
• colibri	• corrimão	• crânio
• criação	• criatura	• crioulo
• diferir (adiar)	• disfarce	• digladiar
• dilação (adiamento)	• dilapidar	• discrição (reserva)
• discricionário	• discriminar (discernir)	• disparate
• dispensa (folga)	• displicência	• distorção
• erisipela	• escárnio	• esquisito
• idiossincrasia	• Ifigênia	• imergir (mergulhar)
• imigrar (entrar no país)	• iminente (próximo)	• incinerar
• infestar	• inigualável	• lampião
• meritíssimo	• miscigenação	• pátio
• penicilina	• pião (brinquedo)	• pinicar
• pontiagudo	• privilégio	• réstia
• ridículo	• silvícola	• siri
• tinir	• umbilical	• vadiar (vagabundear)

Lembre-se de que também se emprega a letra “i”:

a) Nas terceiras pessoas do presente do indicativo dos verbos terminados em “-AIR” “-OER” e “-UIR”:

- cai
- sai
- corrói
- possui
- atribui
- constrói
- dói

b) No prefixo grego “anti-”, que indica “ação contrária, oposição”.

- antídoto
- antissepsia
- antimoral
- anti-infeccioso
- anti-horário

c) No paradigma de conjugação dos verbos terminados em “-IAR”, como “variar, estagiar, abreviar, aliciar, assobiar etc.”.

- Eu vario →tu varias, ele varia, nós variamos, vós variais, eles variam.
- Eu estagio → tu estagias, ele estagia, nós estagiamos, vós estagiais, eles estagiam.
- Eu assobio → tu assobias, ele assobia, nós assobiamos, vós assobiais, eles assobiam.

d) Nas terminações em “-ANO” (significando “aquele que pertence a” ou “relativo a nas quais se aplica um “i”, que funcionará como vogal de ligação.

- freudiano
- machadiano
- camoniano
- goethiano
- ciceroniano
- açoriano

⇨ Observação:

Neste último caso, quando o vocábulo termina em “E”, é de rigor a manutenção deste “E”. Observe:

- Daomé → daomeano
- Arqueu → arqueano
- Ageu → ageano
- Galileu → galileano

ESCREVE-SE COM “E” E NÃO COM “I”:		
• acarear	• aéreo	• apear
• área (espaço)	• arrear (enfeitar)	• beduíno
• beneficência	• berilo	• cadeado
• campeão	• campear	• carestia
• cedilha	• cemitério	• confete
• corpóreo	• creolina	• deferir (ceder)

• delação (denúncia)	• descrição (redação)	• desenfreado
• desfrutar	• despensa (depósito)	• desforra
• desfrutar	• destilar	• disenteria
• elucidar	• emergir (vir à tona)	• encrenca
• espaguete	• emigrar (sair do país)	• embutir
• eminência (altura)	• empecilho	• encrenca
• endireitar	• enfezar	• engolir
• enteado	• estrear	• geada
• granjear	• mestiço	• mexerico
• paletó	• páreo	• parêntese (ou parêntesis)
• peão (homem do campo)	• penico (urinol)	• periquito
• petisco	• preá	• recrear (divertir)
• quepe	• sequer	• seringa
• umedecer	• vadear (passar a vau)	• veado

Lembre-se de que também se emprega a letra “e”:

a) Nos ditongos nasais “ãe” e “õe”:

- dispõe
- mãe
- cirurgiães
- alemães
- compõem
- cães

b) No prefixo grego “ante-” que indica “anterioridade”:

- antediluviano
- anterreforma
- antegozo
- antecâmara
- antessala

c) Nas formas dos verbos terminados em “-OAR” e “-UAR”:

- abençoe
- perdoe
- magoe
- atue
- continue
- efetue

d) Nas terceiras pessoas do plural do presente do indicativo de muitos verbos:

- caem
- saem
- destroem
- arguem
- possuem
- constituem

e) No prefixo latino “des-” que indica “oposição, negação, falta ou afastamento,

separação”:

- descortês
- desleal
- descascar
- desamor
- desarmonia

⇨ Observação

Não se esqueça também de que a oposição “e” e “i” é responsável pela distinção entre vários vocábulos. São formas parônimas. Veja:

> **Cuidado aqui**, pois várias bancas exploram este tipo de conhecimento. Portanto, vale a pena ler o ponto mais de uma vez. Use caneta marca-texto.

ESCREVE-SE COM “E”	ESCREVE-SE COM “I”
á**r**ea (espaço, superfície)	á**ri**a (melodia, concerto)
arr**e**ar (pôr arreios)	arr**i**ar (abaixar)
d**e**ferir (conceder)	d**i**ferir (adiar ou ser diferente)
d**e**latar (denunciar)	d**i**latar (distender)
d**e**lação (denúncia)	d**i**lação (adiamento)
d**e**scrição (ato de descrever)	d**i**scrição (ser discreto)
d**e**scriminação (absolvição)	d**i**scriminação (separação)
emergir (vir à tona)	**i**mergir (afundar)
eminente (ilustre)	**i**minente (prestes a ocorrer)
p**e**ão (pedestre)	p**i**ão (brinquedo)
recr**e**ação (diversão)	recr**i**ação (criar novamente)
vad**e**ar (passar a vau)	vad**i**ar (andar à toa)

2.3.2 EMPREGO DAS LETRAS “O” E “U”

Teste o seu vocabulário. Observe abaixo um grupo de palavras escritas com “O” e outro grupo de palavras escritas com “U”. Fique atento, pois não raros são os equívocos ortográficos com estas palavras.

ESCREVE-SE COM “O” E NÃO COM “U”:		

• abolição	• abolir	• agrícola
• amêndoa	• amontoar	• aroeira
• assoar	• bobina	• boate
• bochecho	• boteco	• botequim
• bússola	• chacoalhar	• cobiça
• cochicho	• coelho	• comprido
• comprimento (extensão)	• costume	• cortiça
• coruja	• êmbolo	• encobrir
• engolir	• engolimos (forma verbal)	• esmolambado
• espoliar	• focinho	• goela
• lobisomem	• lombriga	• mocambo
• mochila	• moela	• moleque
• molambo	• moringa	• mosquito
• névoa	• nódoa	• óbolo
• polenta	• poleiro	• polir
• ratoeira	• sapoti	• silvícola
• sortir (abastecer)	• sortido (variado)	• sotaque
• toalete	• tocaia	• tostão
• tribo	• vinícola	• zoada

ESCREVE-SE COM "U" E NÃO COM "O":		
• abulia	• acudir	• anágua
• bueiro	• bônus	• bruxulear
• bugalho	• buliçoso	• bulir
• burburinho	• camundongo	• chuviscar
• cumbuca	• cumprimento (saudação)	• cumprimentar
• cúpula	• curinga (carta de baralho)	• Curitiba
• curtir	• curtição	• cutia (animal)
• curtume	• cutucar	• embutir
• entupir	• estripulia	• esbugalhar
• escapulir	• fuçar	• íngua
• jabuti	• juazeiro	• légua

• manusear	• muamba	• mucama
• mulato	• murmurinho	• mutuca
• pirulito	• rebuliço	• sanduíche
• sinusite	• suar (transpirar)	• supetão
• surripiar	• tábua	• tabuleiro
• tulipa	• urticária	• usufruto
• virulento		

2.3.2.1 Dupla ortografia com os ditongos "OU" e "OI"

Há na língua uma série de vocábulos que tanto podem ser escritos com o ditongo "OU" quanto com o ditongo "OI". É certo que uma das formas sempre será a mais usual, embora ambas estejam corretas. Observe:

- açoite – açoute
- afoito – afouto
- besoiro – besouro
- biscoito – biscouto
- coice – couce
- coisa – cousa
- doido – doudo
- doirar – dourar
- dois – dous
- estoiro – estouro
- loiça – louça
- loiro – louro
- oiço – ouço
- oiro – ouro
- tesoiro – tesouro
- toiro – touro
- toicinho – toucinho

2.3.3 EMPREGO DAS LETRAS "C" E "Ç"

a) Empregam-se as letras "C" ou "Ç" em vocábulos de origem tupi ou africana:

- açaí
- paçoca
- caiçara
- miçanga
- puçá
- araçá
- caçula
- Paraguaçu
- Pajuçara
- piracema
- Iguaçu
- cacimba
- Piracicaba
- Moçambique
- Araci
- Moçoró
- babaçu
- muçum
- Juçara
- Piraçununga

b) Em palavras de origem latina, finalizadas em "t", emprega-se "ç" ou "c", pois há geralmente uma correlação entre o "t" latino e o "ç" ou "c" português.

- absorto → absorção
- ato → ação
- adotar → adoção
- torto → torção
- isento → isenção
- executor → execução
- abster → abstenção
- distinto → distinção
- infrator → infração
- marte → marcial
- extinto → extinção

c) Emprega-se também o "C" ou "Ç" em muitas palavras de origem árabe:

- açafrão
- acicate
- açucena
- açude
- muçulmano
- alface
- açúcar

d) Emprega-se também o "Ç" na correlação: verbo em "TER" substantivo em "TENÇÃO":

- ABSTER → abstenção
- DETER → detenção
- ATER → atenção
- CONTER → contenção
- RETER → retenção

e) Empregam-se também as consoantes "C" e "Ç" nos sufixos "-AÇA, -AÇO, -AÇÃO -ECER, -IÇA, -IÇO, -NÇA, -UÇO".

- carcaça
- cabaça
- bagaço
- anoitecer
- caliça
- chouriço
- festança
- dentuça
- estilhaço
- noviço
- ricaço
- carniça
- criança
- armação
- magriço

f) Emprega-se também o "Ç" ou "C" após vários ditongos. Observe:

- fauce
- feição
- foice
- louça
- traição
- beicinho
- caiçara
- precaução
- traiçoeiro
- bouçar
- calabouço
- coice

2.3.3.1 Emprego da letra "C"

ESCREVE-SE COM "C" OU COM "Ç":		
• absorção	• abstenção	• acaçapar
• açafrão	• açaí	• acelga
• acender (iluminar)	• acessório	• acervo
• acetinar	• aço	• açucena

• açúcar	• adereço	• afocinhar
• alçapão	• alicerçar	• alicerce
• almoço	• ameaçar	• arregaçar
• arruaça	• asserção	• babaçu
• beça	• Berenice	• boçal
• buço	• cabaça	• caçarola
• cacimba	• calção	• caniço
• carapaça	• carcaça	• cê-cedilha
• cela (quarto)	• celibato	• celofane
• cênico	• censo (recenseamento)	• censura
• cereja	• cerração (nevoeiro)	• certame (ou certâmen)
• cerzir (costurar)	• chacina	• chumaço
• cilada	• cintura	• cirrose
• cismar	• concertar (ajustar)	• contorção
• dentuça	• descrição	• disfarce
• dobradiça	• eriçar	• espinhaço
• exceção	• hortaliça	• inchaço
• jaçanã	• licença	• linhaça
• maçada (importunação)	• maçaneta	• maçante
• maciço	• maniçoba	• miçanga
• maçom	• mormaço	• muçarela
• noviço	• ouriço	• paçoca
• palhoça	• pança	• pinçar
• pocilga	• presunção	• rebuliço
• rechaçar	• regaço	• ruço (pardo, grisalho)
• sanção (ato de sancionar)	• sumiço	• tenção (intenção)
• terraço	• tição	• torção
• traça	• vacilar	• viço
• vidraça	• vizinhança	

2.3.4 EMPREGO DAS LETRAS “G” E “J”

Outro conjunto de palavras que frequentemente trazem dúvidas ao operador da língua são os vocábulos escritos com “G” e com “J”. Como os fonemas dessas duas letras são bem parecidos, os equívocos não são raros. Portanto, fique atento às orientações abaixo.

2.3.4.1 Emprego da letra “G”

ESCREVE-SE COM “G” E NÃO COM “J”:		
• adágio	• agenda	• agiota
• algema	• algibeira	• angelim
• angina	• apogeu	• aragem
• auge	• digerir	• digestão
• égide	• egrégio	• estrangeiro
• evangelho	• falange	• ferrugem
• frigir	• fuligem	• garagem
• geada	• gêiser	• geleia
• gêmeo	• gengibre	• gengiva
• gergelim	• geringonça	• gesso
• gesto	• gibi	• gilete
• gim	• girândola	• gíria
• impingem	• megera	• monge
• ogiva	• rabugem	• rabugento
• regurgitar	• rugido	• selvagem
• sugestão	• tangente	• tangível
• tangerina	• tigela	• vagem
• vagina	• vargem	• vertigem
• viagem	• vigência	

Emprega-se a letra G:

a) Nos sufixos “-agem, -igem, -ugem, -ege, -oge”. Observe:

- aragem
- vertigem
- frege
- malandragem
- ferrugem
- micagem
- fuligem
- sege
- viagem
- miragem
- paragoge

⇨ Observação

Usa-se o “G” no substantivo “viagem”, mas se emprega a letra “J” no verbo “viajar” e seus derivados.

- É importante que ele faça uma boa **viagem**. (substantivo)
- É importante que ele **viaje** em segurança. (verbo)

Representam exceções a esta regra: lambujem, pajem e lajem.

b) Nas terminações “-ágio, -égio, -ígio, -ógio, -úgio”. Veja:

- adágio
- pedágio
- estágio
- egrégio
- prodígio
- relógio
- refúgio
- remígio
- fastígio
- necrológio
- colégio
- subterfúgio
- naufrágio
- plágio

c) Nos verbos terminados em “GER” e “GIR”. Observe:

- eleger
- proteger
- fingir
- frigir
- impingir
- mugir
- submergir

d) Geralmente depois da vogal “A”, a qual inicia o vocábulo. Perceba:

- agente
- agiota
- ágio
- agir
- agitar
- agitação
- agenda

⇨ Observação

Representam exceção a esta regra os vocábulos que por origem se escrevem com “J” ou que são derivados de outros, os quais apresentam a letra “J” após a vogal “A”. São bons exemplos: ajeru, ajeitar, ajesuitar.

e) Nos vocábulos derivados, cujas palavras primitivas são grafadas com “G”. Observe:

- exigir → exigência
- impingir → impingem
- tingir → tingido
- afligir → afligem

2.3.4.2 Emprego da letra “J”

ESCREVE-SE COM “J” E NÃO COM “G”:		

• ajeitar	• alforje	• anjinho
• anjo	• berinjela	• cafajeste
• canjica	• canjirão	• cereja
• cerejeira	• cerveja	• cervejeiro
• desajeitado	• enjeitar	• enrijecer
• gajeiro	• gorjear	• gorjeio
• gorjeta	• granjear	• injeção
• interjeição	• jeca	• jeito
• Jeni	• jenipapo	• jequitibá
• Jeremias	• Jericó	• jerimum
• jérsei	• jesuíta	• jiboia
• jirau	• jiu-jitsu	• laje
• laranjeira	• lisonjear	• lojista
• majestade	• manjericão	• Moji
• objeção	• ojeriza	• pajé
• pajem	• Pajeú	• pegajoso
• projeção	• projétil	• rejeição
• rejeitar	• sarjeta	• traje
• trejeito	• ultraje	• varejeira
• varejista		

É comum, portanto, o emprego da letra “J”:

a) Em muitas palavras de origem latina. Observe:

- jeito
- cereja
- majestade
- lájea
- hoje
- jeira

b) Em muitas palavras de origem africana e tupi-guarani. Veja:

- beiju
- caju
- jerimum
- Ubirajara
- jeribá
- jenipapo
- pajé
- mujique
- jiboia
- jirau
- jê
- maracujá
- jequitibá
- jerivá

c) Em palavras derivadas de outras que já têm a letra “J”. Observe:

- laranja → laranjeira, laranjinha
- manjar → manjedoura
- viajar → viajei, viajem (verbos)
- rijo → rijeza, enrijecer
- gorja → gorjeta, gorjear, gorjeio
- encorajar → encoraje, encorajem (verbos)

d) Nas flexões do modo subjuntivo dos verbos terminados em "-jar", como "arranja despejar, sujar, viajar, aleijar, almejar etc.". Veja:

- arranjar → arranje, arranjes, arranje, arranjemos, arranjeis, arranjem.
- despejar → despeje, despejes, despeje, despejemos, despejeis, despejem.

2.3.5 EMPREGO DA LETRA "H"

A princípio, é preciso dizer que a letra H, em início e fim de vocábulo, não representa fonema em nossa língua. Funciona com mero símbolo gráfico, mantendo-se simplesmente em razão da etimologia de muitos vocábulos. Emprega-se a letra H, portanto:

1) No início dos vocábulos em razão da etimologia:

- herói → do latim "*heros*"
- haver → do latim "*habere*"
- humano → do latim "*humanus*"
- hesitação → do latim "*haesitatione*"
- habitar → do latim "*habitare*"
- haste → do latim "*hasta*"
- hipótese → do grego "*hupóthesis*"
- hipotaxe → do grego "*hupótaksis*"

2) No final de algumas interjeições. Observe:

- ah!
- eh!
- ih!
- oh!
- puh!

3) Em compostos unidos por hífen, quando o segundo elemento possui "h" etimológico. Observe:

- pré-histórico
- super-homem
- anti-higiênico
- sobre-humano

4) Como integrante dos dígrafos "ch, nh, lh". Veja:

- chuva
- inhame
- ilha
- chaveiro
- filho
- banha

5) Por tradição, no topônimo BAHIA.

⇨ Observação

O “H” medial que não soa não se escreve, como em “desumano, exausto, filarmônico, inábil, lobisomem, reabilitar, reaver, turboélice”.

Observe agora uma lista com alguns vocábulos, em que se emprega a letra H, os quais podem gerar dúvidas.

ESCREVE-SE COM “H” INICIAL		
• hã	• Habacuque	• hagiografia
• haicai	• Haiti	• hálito
• haltere	• hangar	• harmonia
• harpa	• harpejar	• harpia
• haste	• haurir	• Havana
• Havaí	• haxixe	• hebdomadário
• hebreu	• hectare	• hediondo
• hedonismo	• Hedviges	• hélice
• hemeroteca	• hemisfério	• hemorragia
• hemorroidas	• hendecassílabo	• hepático
• heptassílabo	• hera (planta)	• herbívoro
• hermenêutica	• hermético	• hérnia
• herói	• hertziano	• hesitar
• heureca	• hexagonal	• hexágono
• hiato	• hibernal	• híbrido
• hidra	• hidrato	• hidravião
• hidrogênio	• hiena	• hierarquia
• hieróglifo	• hífen	• higrômetro
• hilaridade	• hilário	• himeneu
• hinário	• hino	• hipérbole
• hipismo	• hipocondria	• hipocrisia
• hipódromo	• hipófise	• hipopótamo
• hipoteca	• hipótese	• hirto
• hispânico	• histeria	• histologia
• hodierno	• holandês	• holofote
• homenagear	• homeopatia	• homicida

• homilia (ou homília)	• homologar	• homogeneidade
• homogêneo	• homônimo	• honesto
• honorários	• honra	• honraria
• hóquei	• horário	• horda
• horizonte	• hormônio	• horóscopo
• horripilar	• horror	• horta
• hortênsia	• horto (jardim)	• hosana
• hóspede	• hospício	• hospitalizar
• hóstia	• hostil	• hotel
• hulha	• humilde	• humor
• húmus		

2.3.6 EMPREGO DA LETRA "S"

1) Na correlação ortográfica, verbos com "ND" formarão substantivos e adjetivos com "NS". Observe:

- pretender → pretensão, pretensioso, despretensioso
- suspender → suspensão, suspensivo
- ascender → ascensão, ascensor, ascensional
- distender → distensão, distensível, distensor

2) Na correlação ortográfica, verbo com "PEL" formará substantivos e adjetivos co "PULS". Observe:

- impelir → impulso, impulsivo, impulsão
- expelir → expulsão, expulsivo, expulsor
- repelir → repulsão, repulsivo
- compelir → compulsão, compulsivo

3) No sufixo erudito "-ense", formador de adjetivos gentílicos. Veja:

- paquistanense
- paraense
- rio-grandense
- vienense
- parisiense

4) É empregada geralmente após ditongos. Observe os inúmeros exemplos:

- aplauso
- causa
- coisa
- lousa
- maisena
- Moisés
- náusea
- paisagem
- pouso
- Sousa
- faisão
- gêiser
- Neusa
- mausoléu

5) Na conjugação dos verbos “PÔR” e “QUERER”. Veja:

- Se eu quisesse; tu quisesses; ele quisesse; nós quiséssemos; vós quisésseis; eles quisessem.
- Eu pus; tu puseste; ele pôs; nós pusemos; vós pusestes; eles puseram.

6) Nos vocábulos formados pelos sufixos “-esa, -isa, -osa, -oso, -ês”, os quais geralmente formam adjetivos a partir de substantivos.

- burguesa
- cortês
- camponês
- poetisa
- sacerdotisa
- gostoso
- cheiroso
- princesa
- marquesa
- orgulhosa
- francês
- amorosa
- diaconisa
- papisa

7) Nos sufixos gregos “-ase, -ese, -ise, -ose”. Observe:

- catálise
- prófase
- catequese
- próclise
- osmose
- metamorfose
- psicanálise

8) Em vocábulos derivados de outros que são escritos com a letra “S”. Veja:

- ausente → ausência, ausente, ausentar
- base → baseado, basear, baseamento
- casa → casar, casamento, casebre
- preso → presídio, presidiário, presidiar
- visão → visionário, visível, visionar

Segue abaixo um rol sucinto de palavras escritas com a letra “S”.

ESCREVE-SE COM “S”	
• abrasar	• escusável
• abusão	• extasiar
• abusar	• formosura
• abuso	• frasear
• adesão	• freguesa
• adesivo	• frisante

- agasalhar
- aliás
- alisar
- amásia
- ambrosia
- amnésia
- analisar
- ananás
- anestesia
- anis
- apesar
- após
- aposentar
- apostasia
- apoteose
- apresar
- apresilhar
- aprisionar
- ardósia
- arrasar
- artesanato
- atrasar
- atrasado
- através
- basebol
- basílica
- besuntar
- brasa
- brisa
- camiseta
- camisola
- camponês
- fuselagem
- fusível
- gasoso
- gris
- grosa
- groselha
- hesitar
- improvisar
- Jerusalém
- jusante
- lesar
- lesão
- lisura
- maisena
- maresia
- medusa
- misantropo
- miséria
- misericórdia
- nasal
- obesidade
- país
- paisano
- paralisar
- parisiense
- parnasiano
- pêsame
- pesquisar
- precisão
- preservar
- prosélito
- raposa

• casebre	• raso
• casaco	• reclusão
• casimira	• rasura
• casuísta	• resina
• casulo	• revés
• catalisar	• revisar
• catequese	• sassafrás
• cesariana	• sinestesia
• cisão	• sinusite
• colisão	• sisudo
• concisão	• sósia
• cortesão	• televisor
• cortesia	• torquês
• crisálida	• tosar
• demasia	• transação
• desinência	• usufruto
• diaconisa	• usura
• divisor	• vaselina
• dose	• vesícula
• entrosar	• viseira
• enviesar	• zeloso

2.3.7 EMPREGO DO DÍGRAFO "SS"

1. Na correlação ortográfica, verbos com "CED" formarão substantivos com "CESS Observe:

- **ced**er → **cess**ão, **cess**ionário
- inter**ced**er → inter**cess**ão, inter**cess**or
- ex**ced**er → ex**cess**ivo, ex**cess**o
- con**ced**er → con**cess**ão, con**cess**ivo
- a**ced**er → a**cess**o, a**cess**ível

2. Na correlação ortográfica, verbos com “GRED” formarão substantivos e adjetivos com “GRESS”. Veja:

- a**gred**ir → a**gress**ão, a**gress**ivo, a**gress**or, a**gress**ividade
- pro**gred**ir → pro**gress**o, pro**gress**ão, pro**gress**ivo
- re**gred**ir → re**gress**ão, re**gress**o, re**gress**ivo
- trans**gred**ir → trans**gress**ão, trans**gress**or

3. Na correlação ortográfica, verbos em “PRIM” formarão substantivos e adjetivos com “PRESS”. Observe:

- com**prim**ir → com**press**ão, com**press**ivo
- ex**prim**ir → ex**press**ão, ex**press**ivo
- im**prim**ir → im**press**ão, im**press**or
- o**prim**ir → o**press**ão, o**press**or
- re**prim**ir → re**press**ão, re**press**or
- de**prim**ir → de**press**ão, de**press**ivo

4. Na correlação, verbos terminados em “TIR” formarão substantivos e adjetivos com “SSÃO”. Confira:

- admi**tir** → admi**ssão**, admi**ssí**vel
- discu**tir** → discu**ssão**
- repercu**tir** → repercu**ssão**, repercu**ssi**vo
- eletrocu**tir** → eletrocu**ssão**

5. Em palavras derivadas por prefixação, cujo prefixo termina em vogal e o vocábul se inicia por “s”. Observe:

- mini + saia → mini**ss**aia
- a + salariar → a**ss**alariar
- ante + sala → ante**ss**ala
- re + surgir → re**ss**urgir
- neo + simbolismo → neo**ss**imbolismo
- a + silábico → a**ss**ilábico
- anti + séptico → anti**ss**éptico
- pseudo + sufixo → pseudo**ss**ufixo
- para + sífilis → para**ss**ífilis

Observe agora uma série de vocábulos em que se emprega o dígrafo “SS”.

ESCREVE-SE COM “SS”	
• acessível	• excesso
• alvíssaras	• fossa
• amassar	• fossilizar

• assar	• gesso
• apressar	• girassol
• argamassa	• imissão
• arremesso	• impressionar
• assear	• massagem
• assédio	• massapé
• asseio	• melissa
• assessor	• missionário
• asserção	• obsessão
• assoprar	• passatempo
• aterrissagem	• passeata
• aterrissar	• pintassilgo
• avesso	• possessão
• bissetriz	• presságio
• bússola	• promessa
• compasso	• ressaca
• concessão	• ressentir
• condessa	• ressonar
• confessionário	• ressuscitar
• confissão	• russo
• demissão	• sanguessuga
• depressa	• sobressalente
• devasso	• sossego
• dissensão	• travesso
• dissídio	• uníssono
• endossar	• vassoura
• escassez	• verossímil
• escasso	

2.3.8 EMPREGO DO “SC”

Em muitos vocábulos, principalmente por razões etimológicas, emprega-se “SC”.

Geralmente são vocábulos eruditos, provenientes do latim. Observe abaixo um quadro sucinto com alguns vocábulos escritos com “SC”.

ESCREVE-SE COM “SC”	
• abscesso	• irascível
• abscissa	• isósceles
• acrescer	• lascívia
• adolescência	• luminescência
• apascentar	• miscelânea
• aquiescência	• miscigenação
• ascendente	• nascença
• ascender (subir)	• obsceno
• ascético (místico)	• oscilação
• concupiscência	• piscina
• condescender	• presciência
• consciência	• prescindir
• convalescença	• prescindível
• descendência	• recrudescer
• descentralização	• remanescente
• discente	• reminiscência
• discernimento	• renascentismo
• disciplina	• rescindir
• efervescência	• rescisão
• fascículo	• ressuscitar
• fascismo	• susceptível
• fascínio	• suscitar
• florescente	• transcendente
• imprescindível	• víscera
• incandescente	• visceral
• intumescer	

2.3.9 EMPREGO DA LETRA “Z”

Geralmente emprega-se a letra Z:

1) Na maioria dos substantivos derivados de adjetivos. Observe:

ADJETIVO		SUBSTANTIVO DERIVADO
ácido	→	acidez
altivo	→	altivez
áspero	→	aspereza
baixo	→	baixeza
certo	→	certeza
belo	→	beleza
claro	→	clareza
delicado	→	delicadeza
embriagado	→	embriaguez
escasso	→	escassez
estúpido	→	estupidez
flácido	→	flacidez
fluido	→	fluidez
fraco	→	fraqueza
grande	→	grandeza
insípido	→	insipidez
largo	→	largueza
ligeiro	→	ligeireza
macio	→	maciez
mesquinho	→	mesquinhez
pálido	→	palidez
rápido	→	rapidez
singelo	→	singeleza
surdo	→	surdez
triste	→	tristeza

2) No sufixo "-IZAR" formador de verbos a partir de substantivos e adjetivos não terminados em "S". Veja:

- agon(ia) + izar → agonizar
- colon(o) + izar → colonizar
- hospital + izar → hospitalizar
- final + izar → finalizar
- suav(e) + izar → suavizar
- símbol(o) + izar → simbolizar
- fiscal + izar → fiscalizar
- cristal + izar → cristalizar
- capital + izar → capitalizar
- amen(o) + izar → amenizar
- ideal + izar → idealizar
- modern(o) + izar → modernizar
- canal + izar → canalizar
- civil + izar → civilizar
- harmoni(a) + izar → harmonizar
- universal + izar → universalizar
- divin(o) + izar → divinizar
- formal + izar → formalizar

⇨ **Observação:**

a) Os substantivos derivados dos verbos acima (com o sufixo "-IZAÇÃO") também são escritos com "Z".

- suavização
- agonização
- colonização
- idealização
- modernização
- finalização
- fiscalização
- harmonização
- formalização
- capitalização

b) Se o vocábulo finalizar com a letra "S", acrescenta-se tão somente o sufixo "-AR Observe:

- a + lis(o) + ar → alisar
- avis(o) + ar → avisar
- pesquis(a) + ar → pesquisar
- catális(e) + ar → catalisar
- anális(e) + ar → analisar
- fris(o) + ar → frisar
- pis(o) + ar → pisar
- divis(a) + ar → divisar

c) Para a regra acima, temos uma exceção: o verbo "catequizar" – escrito com "Z" que é derivado do substantivo "catequese" – escrito com a letra "S".

3) Nos verbos terminados em "-UZIR" e nas suas conjugações:

- conduzir → conduz, conduziu, conduzirá
- deduzir → deduz, deduziu, deduzirá
- produzir → produz, produzia, produziria

2.3.10 "-ZINHO" OU "-SINHO"

Em português, geralmente se fazem confusões, na formação do diminutivo de alguns vocábulos, quanto ao emprego das letras "Z" e "S". Primeiramente, convém dizer que o sufixo para o diminutivo em português é, em geral, o "-INHO". Para usá-lo corretamente, atente para as seguintes orientações:

a) Quando o vocábulo finalizar em "S" ou em "Z", acrescentar-se-á tão somente o sufixo "-INHO". Observe:

- raiz + inha → raizinha
- lápis + inho → lapisinho
- ros(a) + inha → rosinha
- Luís + inho → Luisinho
- chinês + inha → chinesinha
- nariz + inho → narizinho
- Teres(a) + inha → Teresinha
- as(a) + inha → asinha
- princes(a) + inha → princesinha
- mes(a) + inha → mesinha

b) Quando o vocábulo não termina nem em "S" nem em "Z", usa-se a consoante de ligação "Z" entre o vocábulo e o sufixo indicador do diminutivo. Veja:

- amor + z + inho → amorzinho
- flor + z + inha → florzinha
- café + z + inho → cafezinho
- pai + z + inho → paizinho
- só + z + inho → sozinho
- João + z + inho → Joãozinho
- anel + z + inho → anelzinho
- mar + z + inho → marzinho
- mão + z + inha → mãozinha
- pé + z + inho → pezinho
- Maria + z + inha → Mariazinha
- homem + z + inho → homenzinho

⇨ Observações:

a) Perceba que, na última regra, a letra "Z" funciona como consoante de ligação entre o final do vocábulo e o sufixo "-inho(a)", já que os vocábulos sem ela seriam cacofônicos, malsoantes.

b) Com certos vocábulos, admitem-se duas grafias. Observe:

- colherzinha ou colherinha
- hominho ou homenzinho
- dentinho ou dentezinho
- gavetinha ou gavetazinha
- montinho ou montezinho
- florzinha ou florinha
- ovinho ou ovozinho
- campinho ou campozinho
- mulherinha ou mulherzinha
- pastorinho ou pastorzinho

Observe abaixo uma tabela com vocábulos escritos com a letra "Z".

ESCREVE-SE COM "Z"	
• abalizar	• embriaguez
• acidez	• escassez
• agonizar	• espezinhar
• ajuizar	• estupidez
• alazão	• falaz

- algazarra
- algoz
- alteza
- altivez
- amenizar
- amortizar
- apaziguar
- aprazível
- aridez
- assaz
- avestruz
- azar
- azedar
- azeitona
- azucrinar
- baixeza
- baliza
- bambuzal
- bezerro
- buzina
- capataz
- capuz
- chafariz
- cizânia
- coalizão
- conduzir
- contemporizar
- contumaz
- copázio
- coriza
- cozer (cozinhar)
- desazo (descuido)
- fineza
- flacidez
- frigidez
- fugaz
- gazear
- geratriz
- gozo
- indenizar
- intrepidez
- lambuzar
- lhaneza
- loquaz
- mazela
- mazurca
- morbidez
- nudez
- ozônio
- perdiz
- prazerosamente
- prenhez
- quizila
- rapaziada
- razoável
- revezar
- sagaz
- seduzir
- surdez
- topázio
- varizes
- vazante
- verniz
- vileza

• desfaçatez • deslizar (mas alisar) • deslize • dizimar • eficaz	• vizinho • xadrez • ziguezague

2.3.11 EMPREGO DA LETRA "X"

a) Por questões etimológicas, emprega-se o "X" com o som de "S" em vocábulos como:

- expor
- sexta
- êxtase
- sextilha
- auxiliar
- contexto
- próximo
- sintaxe
- extenso
- expectativa
- texto
- aproximar
- extrato
- expor
- têxtil

b) Emprega-se geralmente a letra "X" após ditongo. Veja:

- baixo
- queixada
- eixo
- caixa
- peixe
- seixo
- deixar
- gueixa
- frouxo
- feixe

Exceção: Os vocábulos "guache" e "caucho" – e seus derivados, como "recauchutar, recauchutagem" – são escritos com "CH".

c) Geralmente após a sílaba "me" inicial da palavra emprega-se a letra "X". Observe

- mexerico
- mexida
- mexerucar
- mexilhão
- mexedor
- mexe-mexe
- mexerica
- mexeriqueiro
- mexicano
- mexeriquice

Exceção: O vocábulo "mecha" e seus derivados "mechado, mechagem, mechar".

d) Após a sílaba inicial "en" geralmente se emprega a letra "X". Observe:

- enxada
- enxugar
- enxergar
- enxame
- enxofre
- enxerido
- enxoval
- enxurrada

- enxovalhar
- enxaqueca
- enxadrezar
- enxaguada
- enxaguar
- enxaimel
- enxertar

Exceções: Os vocábulos “encher” (e seus derivados) e enchova (= peixe) são escritos com “CH”. Ocorrerá também uma exceção quando o prefixo “en-” for anexado a um vocábulo iniciado por “CH”, como “enchiqueirar, encharcar, enchumaçar etc.”.

Observe abaixo uma tabela com alguns vocábulos escritos com a letra “X”.

ESCREVE-SE COM “X”	
• abacaxi	• maxixe
• almoxarife	• oxalá
• atarraxar	• praxe
• baixada	• puxar
• baixela	• puxão
• bexiguento	• Quixote
• broxa (pincel)	• relaxar
• bruxulear	• remexer
• buxo (arbusto)	• repuxo
• caixeiro	• rixa
• caixote	• rouxinol
• capixaba	• taxa (imposto)
• caxumba	• trouxa
• coxinilho	• vexame
• elixir	• xá (título de nobreza)
• enfeixar	• xadrez
• enxada	• xampu
• enxaqueca	• xeque (chefe árabe)
• faxina	• xereta
• feixe	• xícara
• graxa	• xilindró
• gueixa	• xilofone
• lagartixa	• xingar

• laxativo • lixa • luxúria • macaxeira	• Xingu • xiquexique • xodó

Não se esqueça de que, em muitos vocábulos, a letra “X”, quando usada no final do vocábulo ou quando empregada entre duas vogais (intervocálica), representa o fonema “KS”. Observe a tabela:

LETRA “X” COM O SOM DE “KS”	
• afluxo • amplexo • anexar • asfixiar • asfixiante • axioma • boxe • caquexia • clímax • complexo • conexão • convexo • córtex • crucifixo • dislexia • doxologia • dúplex • fixação • fixo • flexionar • fluxo • genuflexão • heterodoxia	• látex • léxico • lexicografia • Marx • marxismo • máxime • nexo • ônix • ortodoxia • oxidar • óxido • oxigênio • paradoxal • perplexo • profilaxia • reflexão • refluxo • saxão • saxofone • sexagésimo • sexo • tórax • tóxico

• hexacampeão	• toxicologia
• intoxicar	• uxoricida

Em alguns outros vocábulos, a letra “X” representará o fonema “Z”. Observe abaixo:

LETRA “X” COM O SOM DE “Z”	
• exagero	• existir
• exalar	• êxito
• exame	• êxodo
• exasperar	• exonerar
• executar	• exorcismo
• exemplo	• exortar
• exegese	• exótico
• exercer	• exuberância
• exercício	• exultar
• exército	• exumar
• exibir	• inexistente
• exigir	• inexorável
• exíguo	• exilar

2.3.12 EMPREGO DO DÍGRAFO “CH”

Geralmente se usa o dígrafo “CH” por razões etimológicas. Há inúmeras palavras provenientes do latim, do francês, do espanhol e do italiano as quais são escritas com o dígrafo “CH”. Podemos citar, a título de exemplo, os vocábulos “chave, cheirar, chuva” (do latim); brocha, chalé, chefe, mochila (do francês e do espanhol); charlatão, salsicha, espadachim (do italiano).

Abaixo segue uma tabela com alguns vocábulos escritos com “CH”.

ESCREVE-SE COM “CH”	
• Anchieta	• churrasco
• apetrecho	• chuteira
• belchior	• cochichar
• bochecha	• cochicho

• bochecho • boliche • bombacha • brocha (prego) • broche • bucha • bucho (estômago) • cachaça • cachimbo • cachola • capuchinho • capucho • cartucho (cápsula) • chá (infusão de folhas) • chácara • chafariz • charco • charque • cheque (ord. pagamento) • chimarrão • chiste • chuchu • chucrute • chutar • chumaço	• cocho (recipiente) • colcha • concha • coqueluche • deboche • despachar • encher • espichar • estrebuchar • fachada • ficha • guache • inchar • machucar • mochila • pachorra • pecha • pechincha • rachar • salsicha • tacha (mancha) • tachar (acusar)

2.3.13 EMPREGO DA LETRA MAIÚSCULA E DA MINÚSCULA

Um ponto bastante interessante em nossa língua é o emprego das letras minúsculas e maiúsculas. Embora seja pouco explorado pelas bancas dos concursos, este assunto é bastante útil para o usuário da língua, notadamente para aqueles que trabalham frequentemente com a língua escrita.

Para uma orientação mais segura, procuramos pautar as regras abaixo no Vocabulário

Ortográfico da Língua Portuguesa, edição de 2009, sem exclusão de outras regras óbvias e bastante usuais.

2.3.13.1 Letras maiúsculas

É de praxe o emprego da letra maiúscula:

1) No início de frases, orações ou períodos, versos, citações diretas e logo após o ponto final. Veja:

- "Disse o padre Antônio Vieira: "Estar com Cristo em qualquer lugar...".
- "Longe do estéril turbilhão da rua,
Beneditino, escreve! No aconchego
Do claustro, na paciência e no sossego,
Trabalha, e teima, e lima, e sofre, e sua!
Mas que na forma de disfarce o emprego
Do esforço; e a trama viva se construa
De tal modo, que a imagem fique nua,
Rica mas sóbria, como um templo grego."
(Olavo Bilac)

⇨ Observações:

Muitos poetas usam, à moda espanhola, a minúscula no princípio de cada verso, quando a pontuação o permite, como se vê abaixo em Carlos Drummond de Andrade:

- "É quando, ao despertar, revejo a um canto
a noite acumulada de meus dias,
e sinto que estou vivo, e que não sonho."

2) Nos substantivos próprios de qualquer espécie (antropônimos: nomes de pessoas, alcunhas, patronímicos, cognomes, tribos e castas, seres mitológicos e fabulosos; topônimos: nomes de lugares, cidades, países; designação de comunidades religiosas e políticas).

João da Silva	Dom Quixote	Dom Casmurro	Branca de Neve
Sigmund Freud	Recife	Palmares	Atlântida
Hespéria	Ruanda	Brasil	Olinda
os Pirineus	Alá	Jeová	Testemunhas de Jeová
Vênus	Júpiter	Baco	Igreja Católica
Nação	Estado	Pátria	Raça

⇨ Observação:

a) Os vocábulos “Nação, Estado, Pátria, Raça” devem ser escritos com minúscula quando forem empregados em sentido geral ou indeterminado.

- “O único expediente regular (para revogar uma lei que não se acha de acordo com as necessidades de uma **nação**) é o remédio que pode provir do Poder Legislativo.” (Rui Barbosa)
- “Também me ocorreu aceitar a batalha, no sentido natural, e fazer dela a luta pela **pátria**, por exemplo.” (Machado de Assis)

b) Os substantivos que designam os nomes dos países, estados e cidades devem ser grafados com letra maiúscula, mas seus povos escrevem-se com inicial minúscula, não só quando designam os habitantes ou naturais daquele lugar, mas também quando representam coletivamente uma nação, um povo. Observe:

- o Brasil → os brasileiros
- a Rússia → os russos
- Palmares → os palmarenses
- a Bahia → os baianos
- Pernambuco → os pernambucanos
- a Venezuela → os venezuelanos

3) Nos nomes de festas e festividades. Veja:

- Natal
- Páscoa
- Ramadão
- Todos os Santos

4) Nos nomes que designam a divindade. Observe:

- o Altíssimo
- o Onipotente
- o Todo-Poderoso
- o Criador
- o Rei dos reis

5) Nos pontos cardeais ou equivalentes, quando empregados absolutamente, isto é quando empregados em referência à região. Observe:

- o Nordeste, por nordeste do Brasil
- Meio-Dia, pelo sul da França
- o Norte, por norte de Portugal
- o Ocidente, por ocidente europeu

6) Nos títulos de jornais e periódicos, que retêm o itálico. Observe:

- *O Estado de São Paulo*
- *Jornal do Commercio*
- *Zero Hora*
- *Diário da Manhã*
- *Folha de São Paulo*
- *O Primeiro de Janeiro*

7) Em siglas, símbolos ou abreviaturas internacionais ou nacionalmente reguladas com maiúsculas. Veja:

- VOLP
- FAO
- CPF
- H2O
- Sr.
- V. Ex.ª.
- ONU

8) Nos nomes próprios de eras e de acontecimentos históricos, e épocas notáveis. Observe:

- Segunda Guerra Mundial
- Idade Média
- Renascimento
- Revolução Industrial

9) Nos nomes de repartições, corporações ou agremiações e estabelecimentos públicos ou particulares. Observe:

- Ministério das Relações Institucionais
- Departamento de Defesa
- Academia Pernambucana de Letras
- Imprensa Nacional
- Universidade Federal do Rio de Janeiro
- Presidência da República

2.3.13.2 Letras minúsculas

É de regra empregar-se a letra minúscula:

1) Ordinariamente, em todos os vocábulos da língua portuguesa nos usos corrente para os quais não haja a obrigatoriedade da letra maiúscula.

2) Nos nomes dos dias, dos meses e das estações do ano. Veja:

- segunda-feira
- sábado
- janeiro
- março
- primavera
- verão

3) Nos usos dos pronomes indefinidos "fulano, sicrano e beltrano".

4) Depois do sinal de dois-pontos quando não se tratar de nome próprio ou de citação direta. Observe:

- Só desejo uma coisa em minha vida: paz.
- Bêbado, ele apenas dizia isto: que a vida não vale a pena.
- Sempre foi um homem de bem: auxiliava em todos os abrigos do município.

5) Nos nomes próprios tomados comuns por sinédoque. Observe:

- Ele foi um judas para a turma.
- Rui era o cristo da sala.
- Agia como um dom-quixote.

6) Nos nomes de festas populares ou pagãs. Veja:

- carnaval
- micareta
- as festas juninas
- as bacanais
- as saturnais

2.3.13.3 Emprego facultativo da letra maiúscula e da minúscula

Pode-se empregar tanto a letra maiúscula quanto a minúscula nos seguintes casos:

1) Em palavras usadas na categorização de logradouros públicos, de templos e de edifícios. Observe:

- Rua ou rua Joaquim da Lapa
- Edifício ou edifício Copan
- Igreja ou igreja Presbiteriana
- Avenida ou avenida Agamenon Magalhães
- Largo ou largo de São Francisco
- Palácio ou palácio da Cultura

2) Nos nomes, adjetivos, pronomes e expressões de tratamento ou reverência. Veja

- Santa ou santa Ifigênia
- Bacharel ou bacharel João Carlos
- Cardeal ou cardeal Bembo
- Governador ou governador Eduardo Campos
- Senhor Doutor ou senhor doutor Antônio Carlos Resende
- Padre ou padre Ferdinando Marques

3) Nos nomes que designam domínios do saber, cursos, disciplinas e formas afins. Veja:

- Português ou português
- Belas Artes ou belas artes
- Letras Clássicas ou letras clássicas
- Matemática ou matemática
- Filosofia ou filosofia
- línguas e literaturas modernas ou Línguas e Literaturas modernas

4) Nos títulos que compõem uma citação bibliográfica, exceto no primeiro vocábulo naqueles obrigatoriamente grafados com maiúscula.

- Menino de Engenho ou Menino de engenho
- Árvore e Tambor ou Árvore e tambor
- O Crime do Padre Amaro ou O crime do padre Amaro
- Memórias Póstumas de Brás Cubas ou Memórias póstumas de Brás Cubas

2.3.14 ABREVIATURAS

Em nossa língua portuguesa, certas palavras e locuções, em vez de serem escritas por extenso, são muitas vezes indicadas somente com as iniciais seguidas de ponto ou com as iniciais e mais um número reduzidíssimo de letras seguidas de ponto. Dá-se às palavras e expressões assim representadas o nome de “abreviaturas”.

A escrita das abreviaturas geralmente segue algumas orientações. Vejamo-las:

1) Nas abreviaturas, as letras são frequentemente substituídas por ponto. Este, por sua vez, geralmente só é colocado após a primeira consoante ou após o primeiro encontro consonantal. Perceba:

- f. (feminino)
- adj. (adjetivo)
- compl. (complemento)
- Fr. (Frei)
- dipl. (diploma)

⇨ Observação:

Algumas abreviaturas modernas empregam o ponto depois de vogal. Veja:

- ago. (agosto)
- anu. (anuário)
- Ci. (Ciência)
- litu. (lituano)
- memo. (memorando)

2) As abreviaturas de símbolos científicos (medidas, pesos, distâncias etc.) são escritas sem ponto e sem a letra "s" para indicar o plural. Veja:

- g (grama)
- km (quilômetro)
- K (potássio)
- sen (seno)
- m (metro)
- cm (centímetro)
- l (litro)
- h (hora)
- kg (quilograma)
- min (minuto)

3) Algumas abreviaturas mantêm a(s) última(s) letra(s) do vocábulo postas acima da outras. Observe:

- C.^{el} (Coronel)
- Exma (Excelentíssima)
- Rem.^{te} (remetente)
- V. Ex.ª (Vossa Excelência)

4) Geralmente, quando se deseja expressar o plural de uma abreviatura, acrescenta se tão somente a letra "s". Observe:

- caps. (capítulos)
- fls. (folhas)
- Dr.as (doutoras)
- págs. (páginas)

⇨ Observações:

a) Quando a abreviatura é formada por letras maiúsculas, duplicam-se essas letras pa se expressar o plural. Logo:

- SS.AA (Suas Altezas)
- VV.PP. (Vossas Paternidades)
- VV.MM (Vossas Majestades)

b) Em alguns casos, a duplicação das maiúsculas pode representar superlativos. É o caso de:

- DD (Digníssimo)
- MM (Meritíssimo)
- SS (Santíssimo)

5) O acento gráfico, quando houver, deve ser mantido se recair antes do ponto abreviativo. Veja:

- séc. (século)
- pág. (página)
- téc. (técnica)
- côv. (côvado)
- anún. (anúncio)
- Fís. (Física)
- núm. (número)
- gên. (gênero)
- mús. (música)
- Quím. (Química)

Observe abaixo um rol sucinto com algumas abreviaturas bastante usuais na escrita portuguesa:

a.C ou A.C. = antes de Cristo	A/C = ao(s) cuidado(s)
A.D. = anno Domini (ano do Senhor)	adj. = adjetivo
ad. lit. = ad litteram (ao pé da letra, literalmente)	adv. = advérbio
Aeron. = aeronáutica	Ah = Ampère hora
a.m. = *ante meridiem* (antes do meio-dia)	A.M. = ave-maria
am.º = amigo	ap. ou apart. = apartamento
ár. = árabe	arc.º = arcebispo
asp. ou asp.te = aspirante	assoc. = associação
ativ. = atividade	at.º = atento ou atencioso
at.te = atenciosamente	A.T. = Antigo Testamento
banc. = bancário	B.el = bacharel
B.eis = bacharéis	B.O. = boletim de ocorrência
bras. = brasileiro ou brasileirismo	Bras. = Brasil
cap. = capitão	Cap. = Capital
C.el ou C.el = coronel	Cia. ou C.ia = companhia
Col.º = colégio	Corresp. = correspondência
d.C. ou D.C. = depois de Cristo	DD. = digníssimo
Dec. = Decreto	diác. = diácono
dic. = dicionário	div. = divisão
Dr. = doutor	Drs. = doutores
Dr.a = doutora	Dr.as = doutoras
Ed. = edição	E.D. = espera deferimento
el. = elemento	espec. = especial
etc. = *et cetera*	Ex.a = Excelência
f., fl. ou fol. = folha	fls. ou fols. = folhas
flex. = flexão	F.º = filho

g = grama(s)	g. ou gr. = grau(s)
gen. = general	h = hora(s)
ib. ou ibid. = *ibidem* (no mesmo lugar)	i.e. = *id est* (isto é)
Il.ma = ilustríssima	Il.mo = ilustríssimo
Juríd. = jurídico	Kg = quilograma
lit. = *litteratim* (literalmente)	min = minuto(s)
m = metro(s)	mons. = monsenhor
N.T. = Novo Testamento	P.S. = *post scriptum* (pós-escrito)
seg = segundo(s)	seg. = seguinte
v. = você, veja, verbo, volume	*v.g.* = *verbi gratia* (por exemplo)
V.T. = Velho Testamento	

2.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (FCC) Está correta a grafia de todas as palavras do seguinte comentário sobre o texto

a) Uma das iniciativas encontornáveis da cidadania está em se ezercer a consciência crítica, aplicada aos fatos da realidade.

b) Recusando os privilégios dos que se habituaram a viver em grupos autônomos, o texto propõe o acesso de todos a todas as instâncias sociais.

c) Ninguém deve se ezimir de cobrar do Estado a prezervação do princípio de igualdade como um direito básico da cidadania.

d) Constitue dever de todos manter ou readquirir a crença em que seja possível a vijência social dos princípios da igualdade e da solidariedade.

e) O que se atribue a um cidadão, como direito básico, deve constituir-se em direito básico de todos os cidadãos, indescriminadamente.

2. (FCC) Há palavras cuja grafia exige correção na frase:

a) Incompreensivelmente, dá-se absoluta primazia à experiência, quando se trata do preenchimento de novas vagas.

b) Pretextando a inexperiência dos jovens pretendentes a uma vaga, os empregadores lhes oferecem estágios, com pagamento irrisório.

c) É lamentável que jovens com aptidão e vocação para o trabalho sejam rejeitados er nome de uma experiência a que não podem ter acesso.

d) Diminui paulatinamente o número de novos empregos, o que obriga os jovens candidatos a se submeterem a exigências cada vez mais rigorosas.

e) É evidente o descazo com que o mercado de trabalho trata os recém-formados, frustrando assim suas legítimas pretenções.

3. (ESAF) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia.

Diante da atual mediocridade da representação política, é ***necessária(1)*** *a participação e a organização da sociedade, operando uma profunda mudança em nossa cultura política.* ***Quanto maior(2)*** *o individualismo, mais frágeis são os governos. As regras formais constitucionais não são suficientes para* ***freiar(3)*** *os vícios* ***exacerbados(4)*** *pelo poder. As organizações da sociedade devem ter o poder de vigiar e cobrar prestação de contas. Por isso, em vez de desacreditar da política, devemos agir em corresponsabilidade, com coragem, lucidez e* ***discernimento(5)*** *num grande mutirão para abrir caminho para um país democrático, justo, desenvolvido e pacífico.*

(Adaptado de Dom Geraldo Majella, cardeal Agnelo, Folha de S. Paulo, 21/6/2005)

a) 1

b) 2

c) 3

d) 4

e) 5

4. (FCC) Está correta a grafia de todas as palavras da frase:

a) Malediscente como sempre, não deixa de proferir injúrias, manifestando, além da hostilidade, uma extraordinária vocação para provocar a cisânia entre seus desafetos.

b) Diante de nossa relutância, propôs que fôssemos com ele ao supermercado, emprendêssemos, de modo alheatório, uma pesquisa de preços, e os comparássemos aos da feira.

c) Como não conta com nenhum para-raios, o povoado se alarma tão logo comece a trovejar: na última tempestade, a inscidência de descargas elétricas foi a maior da região.

d) Será necessário intensificar a assistência aos pescadores, por ocasião da reversão das águas do rio – operação esta que certamente beneficiará as hidrelétricas, mas que poderá levar muitos à indigência.

e) Os maltratos recebidos afetaram-na tão profundamente que ela não consegue relaxar: ficaram-lhe os resquícios de um trauma familiar que dificilmente superará sem os subssídios de um tratamento especializado.

5. (FCC) Estão corretos o emprego e a grafia de todas as palavras da frase:

a) É costume discriminar-se os jovens, e a razão maior está em serem jovens, e não em alguns de seus hábitos que fossem em si mesmos pernisciosos.

b) A encorporação de um novo léxico é uma das consequências de todo amplo avanço tecnológico, já que este indus à criação ou recriação de palavras para nomear novos referentes.

c) Um pequeno glossário, capaz de elucidar a nova terminologia da informática, contribui muito para afastar os percalços do caminho dos usuários iniciantes, aturdidos com tanta novidade.

d) Os maus-entendidos são fatais quando ainda não se tem destreza numa nova linguagem, quando ainda não se está familiarizado com um novo vocabulario.

e) Muita gente letrada e idosa aderiu ao uso do computador, considerando-o não um sinal do apocalípse, mas uma ferramenta revolucionária na execução de tarefas, um instrumento útil para qualquer pesquizador.

6. (ESAF) Assinale o trecho do texto que apresenta erro gramatical.

Machado de Assis – Um gênio Brasileiro, de Daniel Piza

a) Na apresentação da biografia de Machado de Assis (1839-1908), o jornalista Danie Piza observa que o autor foi, ao mesmo tempo, uma expressão de sua época e uma exceção a ela.

b) Em seus contos e romances, ele deixou um retrato acurado do Rio de Janeiro do século XIX, mas sua crítica ácida à sociedade brasileira nem sempre foi percebida pelos seus contemporâneos.

c) Piza busca demonstrar que Machado era muito diferente do protagonista de seu último romance, *Memorial de Aires*.

d) O escritor não tinha "tédio a controvérsias", pois, na verdade, participou dos grandes debates públicos de sua época.

e) A ascenção social do mulato no Brasil escravista e a epilepsia estão entre os aspectos de sua vida examinados no livro.

(Adaptado de Revista VEJA, 28 de dezembro de 2005, p. 196)

7. (ESAF – SEFAZ/CE 2007 – Aud. Fiscal) Assinale a opção que contém erro de grafia ou inadequação vocabular. (Artigo extraído, com modificações, do Estatuto dos Funcionários Públicos Civis do Estado do Ceará).

Art. 192 – O funcionário deixará de cumprir ordem de autoridade superior quando:

a) a autoridade de quem emanar a ordem for incompetente;b) não se contiver a ordem na área da competência do órgão a que servir o funcionário seu destinatário, ou

não se referir a nenhuma das atribuições do servidor;

c) for a ordem expendida sem a forma exigida por lei;

d) não tiver a ordem como causa uma necessidade administrativa ou pública, ou visar fins não estipulados na regra de competência da autoridade da qual promanou ou do funcionário a quem se dirige;

e) a ordem configurar abuso ou excesso de poder ou de autoridade;

(http://www.al.ce.gov.br/publicacoes/estatutocivis/estatuto/capitulo_2_t6.htm, pesquisa em 20/10/2006)

8. (FCC – TRT 23.ª região – Analista Judiciário) Estão corretos o emprego e a grafia de todas as palavras da frase:

a) A corrupção só se extingue ou diminue quando os justos intervêm para que as boas causas prevalesçam.

b) Os homens que usufruem de vantagens a que não fazem jus cultivam a hipocrisia de propalar discursos moralizantes.

c) Contra tantos canalhas audases há que haver a reação dos que têm a probidade como um valor inerente ao exercício da cidadania.

d) Há uma inestricável correlação entre a apatia dos bons cidadãos e a desenvoltura com que agem os foras-da-lei.

e) Deprende-se que houve êxito das iniciativas dos homens de bem quando os prevaricadores sentiram cerceada sua área de atuação.

9. (CESGRANRIO – BNDES) O substantivo derivado do verbo está grafado *INCORRETAMENTE* em

a) ascender: ascensão.

b) proteger: proteção.

c) catequizar: catequeze.

d) progredir: progressão.

e) paralisar: paralisia.

10. (FGV – Ministério da Cultura) As dificuldades gráficas constituem um grande entrave à boa comunicação escrita, podendo gerar desvios da intenção de comunicação original.

Assinale a alternativa em que não haja inconsistência gráfica ou semântica.

a) Ele mora há cerca de dez minutos do Centro.

b) Votamos naquele presidente, pois suas ações viriam ao encontro de nossas expectativas.

c) Como tinha corrido muito, chegou espavorido ao trabalho.
d) Embora fosse importante, o evento passou desapercebido.
e) O mandado do deputado será suspenso.

GABARITO

1 – B	2 – E	3 – C
4 – D	5 – C	6 – E
7 – C	8 – B	9 – C
10 – B		

CAPÍTULO 3

ACENTUAÇÃO

3.1 ORTOFONIA

Denomina-se de "**ortofonia**" a parte da Gramática Normativa que trata da correta pronúncia dos vocábulos. Divide-se em "ortoépia ou ortoepia" e "prosódia".

3.1.1 ORTOÉPIA OU ORTOEPIA

Como divisão da ortofonia, a **ortoépia** ou **ortoepia** estuda a correta enunciação dos fonemas (vogais e consoantes) no interior de uma palavra, segundo os padrões da língua culta.

No Brasil, a questão da pronúncia correta ainda é um grande problema, pois não possuímos uma "pronúncia-padrão", fato que ocasiona alguns ruídos comunicativos no território nacional. Não raro, ouvimos alguém pronunciando "bandeija, beneficiência, carangueijo, advinhar, desinteria, impecilho" dentre outros vocábulos igualmente errados.

Cumpre, por isso, assinalar que a correta pronúncia dos vocábulos em nossa língua depende de:

a) uma clara emissão das vogais;
b) uma nítida e exata articulação das consoantes;
c) uma acertada pronúncia da sílaba tônica do vocábulo.

Por isso, a Gramática Normativa dispõe um capítulo inteiro para o estudo de uma série de vocábulos, buscando orientar o estudante da língua a evitar muitos erros. Abaixo, listamos alguns vocábulos frequentemente usados, que podem trazer dúvida para o usuário da língua pátria.

Alerta! Sugiro que leia a tabela abaixo mais de uma vez. Tente apreender a pronúncia e a escrita corretas desses vocábulos, pois geralmente eles aparecem em provas, notadamente nas provas de nível médio.

CERTO	ERRADO
abóbora	abobra
absoluto	abissoluto
adivinhar	advinhar
admissão	adimissão
advogado	adevogado
aleijar	alejar
anteontem	antiontem
armário	armaro
bandeja	bandeija
barganha	berganha
bebedouro	bebedor
beneficência	beneficiência
bicarbonato	bicabornato
bugiganga	buginganga
bússola	bússula
cabeleireiro	cabelereiro
caranguejo	carangueijo
creolina	criolina
descarrilar	descarrilhar
destilar	distilar
disenteria	desinteria
edifício	edifiço
estoura	estóra
estrangeiro	estrangero
estupro	estrupo
etimologia	etmologia
família	famílha
flagrante	fragante

frear	freiar
frustrado	frustado
garfo	galfo
ignorância	iguinorânça
lagarto	largato
louco	loco
mendigo	mendingo
meritíssimo	meretíssimo
mortadela	mortandela
muçulmano	mulçumano
paciência	paciença
pátio	páteo
pneu	peneu
pouco	poco
problema	poblema
proprietário	propietário
psicologia	pissicologia
reivindicar	reinvindicar
salsicha	salchicha
seja	seje
sequer	siquer
superstição	supertição
supetão	sopetão
umbigo	imbigo

3.1.2 ACENTUAÇÃO GRÁFICA

Indubitavelmente, o ponto mais cobrado pelas bancas de concursos em geral é, sem dúvida, a acentuação gráfica de alguns vocábulos. Antes, porém, de estudarmos as regras que regem a acentuação gráfica, vejamos algumas orientações preliminares...

1) Hoje, com o advento do Novo Acordo Ortográfico (1990), existem em português três

acentos gráficos: o agudo (´), o grave (`) e o circunflexo (^). O til não é considerado um acento gráfico, senão um sinal de nasalização.

2) É importante não se esquecer de que todos os vocábulos são acentuados em português – é o chamado "**acento tônico**" (também chamado de "prosódico"), isto é, o acento que é representado pela sílaba mais forte do vocábulo: a sílaba tônica. As demais sílabas são chamadas de atônicas ou, simplesmente, átonas. Observe:

- meNIno
- caDERno
- almoFAda
- CaruaRU
- afirMAR

3) Em português, a sílaba tônica só recai na última, na penúltima ou na antepenúltima sílaba de um vocábulo. Daí os vocábulos serem classificados em três categorias:

a) **oxítonos** (ou agudos) → são os vocábulos cuja sílaba tônica recai na última, como em: café, timidez, papel, sutil, ruim, Nobel, condor, cateter, refém, amém, mister etc.

b) **paroxítonos** → são os vocábulos cuja sílaba tônica recai na penúltima, como em: amizade, beleza, austero, cível, exegese, rubrica, látex, decano, circuito, barbárie, fluido, tulipa, seniores, juniores etc.

c) **proparoxítonos** → são os vocábulos cuja sílaba tônica recai na antepenúltima, como em: lâmpada, ágape, álibi, pântano, ômega, êxodo, aríete, arquétipo, ínterim, horóscopo, êmbolo,

⇨ Observação:

Em português, o conhecimento sobre a sílaba tônica do vocábulo é imprescindível para que não se cometam erros no momento de se acentuar graficamente o vocábulo quando for necessário.

> **Dica:** Sugiro que, antes de entrar no assunto abaixo, faça uma revisão teórica sobre os encontros vocálicos: ditongos, tritongos e hiatos. Essas definições serão bastante importantes.

3.1.3 REGRAS PARA A ACENTUAÇÃO GRÁFICA

Em primeiro lugar, cumpre observar que o objetivo da acentuação gráfica é permitir que todas as palavras sejam lidas corretamente e se evitem os erros de prosódia, denominados de "silabada".

Como já dissemos, é fundamental, em primeiro lugar, identificar a sílaba tônica dos vocábulos. A partir daí, parte-se para a busca da necessidade ou não de se acentuar o vocábulo graficamente.

Vamos às regras sobre a acentuação gráfica na língua portuguesa.

3.1.3.1 Monossílabos

Regra → **Em português, acentuam-se com acento agudo os monossílabos finalizados em "a, e" e "o" abertos e, com acento circunflexo os monossílabos finalizados em "e, o" fechados, seguidos ou não de "s".**

a) A(S) → chá, Brás, pá, gás, más, trás, fás, zás, má.

b) E(S) → lê, crê, rês, fé, pés, dê, mês, três, rés, lés.

c) O(S) → dó, nó, vó, pó, pôs, cós, vós, nós.

3.1.3.2 Oxítonos

1.ª regra → **Em português, acentuam-se com acento agudo os vocábulos oxítonos que terminam em "a, e, o" abertos, e com acento circunflexo os vocábulos que terminam em "e, o" fechados, seguidos ou não de "s".**

a) A(S) → maracujá, cajá, vatapá, maracá, babá, Amapá, Macapá, Itamaracá, agá, alvará.

b) E(S) → rapé, chulé, recém, café, jacaré, dendê, cortês, português, freguês, através convés.

c) O(S) → cocoricó, trisavô, caritó, cipó, complô, propôs, judô, bisavó, cotó, mocotó, bangalô.

2.ª regra → **Em português, acentuam-se com acento agudo o "e" da terminação "em" ou "ens" dos vocábulos oxítonos compostos de mais de uma sílaba.**

- amém
- também
- armazém
- parabéns
- ninguém
- alguém
- vintém
- aquém
- Belém
- Santarém
- reféns
- desdém
- Jerusalém
- harém

⇨ Observação:

Perceba que os monossílabos e os vocábulos paroxítonos terminados em "em" e "ens" não são acentuados.

- cem
- vem
- tem
- trem
- cantem
- dizem
- fazem

3ª regra → **Em português, acentuam-se com acento agudo os vocábulos oxítonos terminados nos ditongos abertos "éi, ói, éu".**

a) ÉI → anéis, coronéis, papéis, fiéis, bacharéis

b) ÓI → anzóis, herói, caubói, dodói, remói

c) ÉU → chapéu, escarcéu, fogaréu, troféu,

⇨ **Observação: Da mesma forma, acentuam-se os monossílabos terminados nesses ditongos: réis, sóis, rói, dói, céu, réu, véu.**

⇨ **Outras considerações sobre a acentuação dos oxítonos:**

a) Perceba que os oxítonos terminados em "z, r, l, i, u" não são acentuados.

- capaz
- timidez
- feliz
- cuscuz
- amar
- suor
- funil
- caracol
- cordial
- caju
- bambu
- bisturi
- abacaxi
- Caruaru
- repus
- Cariri
- vapor
- coronel

b) Com base na regra de acentuação dos oxítonos, acentuam-se as formas verbais oxítonas terminadas em "a, e, o". Observe:

- repor + o → **repô**-lo
- amaria + a → **amá**-la-ia
- dizer + os → **dizê**-los
- julgarão + os → **julgá**-los-ão
- compor + os → **compô**-los
- comprar + os → **comprá**-los

c) Por outro lado, as formas verbais oxítonas terminadas em "i, u" não são acentuadas. Observe:

- partir + o → parti-lo
- vendi-o
- compus + o → compu-lo
- cumpri-lo

d) Com o advento do Novo Acordo Ortográfico de 1990, não mais se acentuam os ditongos "ei, oi" dos vocábulos paroxítonos. Para ficar bem esclarecido: esses ditongos não serão acentuados quando estiverem na penúltima sílaba.

- ideia
- colmeia
- paranoico
- jiboia
- assembleia
- alcateia
- heroico
- boia
- estreia
- europeia
- diarreia
- claraboia
- loio
- dicroico
- geleia

3.1.3.3 Paroxítonos

Os vocábulos paroxítonos são acentuados de acordo com as seguintes regras:

1.ª regra → **Em português, acentuam-se os vocábulos paroxítonos terminados em "ãs, ão, ãos".**

- ímã
- órfãs
- órgão
- órfãos
- dólmã
- ímãs

2.ª regra → **Em português, acentua-se – com acento agudo quando aberta e com acento circunflexo quando fechada – a sílaba tônica dos vocábulos paroxítonos terminados em "i, is, us".**

- beribéri
- bônus
- ônus
- lápis
- táxi
- biquíni
- júri
- íris
- miosótis
- tênis
- oásis
- ânus
- Vênus
- vírus

⇨ Observação:

Os prefixos paroxítonos terminados em "i" não são acentuados. Observe: semi-histórico, anti-higiênico.

3.ª regra → **Em português, acentuam-se os vocábulos paroxítonos terminados em "n, r, x, ps". Usa-se o acento agudo para "a, e, o" abertos e o acento circunflexo para "e, o" fechados.**

- túnel
- alúmen
- córtex
- éter
- aljôfar
- âmbar
- cânon
- fênix
- vômer
- afável
- açúcar
- hífen
- caráter
- fênix
- bíceps
- tríceps
- próton
- íon
- látex
- cóccix
- vulnerável
- âmbar
- difícil
- cônsul
- pólen
- flúor
- tórax
- fórceps

⇨ Observação:

Tenha muito cuidado com a acentuação das palavras "item, itens, hífen e hifens" – estes vocábulos são muito cobrados em provas de concursos. Observe que somente "hífen" recebe acento por ser uma paroxítona terminada em "n". As demais não são acentuadas porque não há regra que autorize a acentuação das paroxítonas terminadas em "ens" nem das paroxítonas terminadas em "em".

4.ª regra → **Em português, acentuam-se os vocábulos paroxítonos terminados em "um, uns".**

- álbum
- médium
- álbuns
- médiuns
- fórum
- fóruns
- lábrum
- árum
- cécum
- factótum
- nátrum

5.ª regra → **Em português, acentuam-se com agudo ou circunflexo se a sílaba for aberta ou fechada respectivamente, os vocábulos paroxítonos terminados em ditongos orais.**

- ágeis
- imóveis
- amêndoa
- Antônio
- jóquei
- variáveis
- superfície
- óleo
- pusésseis
- pênseis
- páscoa
- ginásio
- túneis
- férteis
- petróleo
- história
- régua
- Ásia
- água
- tênue
- vácuo

3.1.3.4 Proparoxítonas

Regra → **Em português, acentuam-se todos os vocábulos proparoxítonos. Com acento agudo, as vogais "a, e, o" abertas. Com acento circunflexo, as vogais fechadas "e, o" e as vogais "a, e, o", quando seguidas de "m" ou "n".**

Como exemplo, transcrevemos abaixo uma parte da famosa música do ilustre compositor Chico Buarque, "Construção". Observe que o último vocábulo de cada verso é formado por uma palavra proparoxítona.

"Amou daquela vez como se fosse a **última**
Beijou sua mulher como se fosse a **última**
E cada filho seu como se fosse o **único**
E atravessou a rua com seu passo **tímido**
Subiu a construção como se fosse **máquina**
Ergueu no patamar quatro paredes **sólidas**
Tijolo com tijolo num desenho **mágico**
Seus olhos embotados de cimento e **lágrima**
Sentou pra descansar como se fosse **sábado**
Comeu feijão com arroz como se fosse um **príncipe**
Bebeu e soluçou como se fosse um **náufrago**
Dançou e gargalhou como se ouvisse **música**
E tropeçou no céu como se fosse um **bêbado**
E flutuou no ar como se fosse um **pássaro**
E se acabou no chão feito um pacote **flácido**
Agonizou no meio do passeio **público**
Morreu na contramão atrapalhando o **tráfego**."

(Chico Buarque)

3.1.3.5 Acentuação dos hiatos

Antes de mais nada, é preciso saber qual a razão dos hiatos. Observe abaixo:

DITONGO	HIATO
doido	doído
cai	caí
sai	saí
contribui	contribuí
sábia	sabiá
bau	baú
saia	saía
ai	aí

Perceba que, na primeira coluna, juntamos as três letras e as pronunciamos em uma única emissão sonora (doi-, cai, sai, -bui, -bia, baú). Já na segunda coluna, pela existência do acento, pronunciamos essas mesmas sílabas em duas emissões sonoras. Percebemos, portanto, que o hiato evita que formemos o ditongo. Daí a principal razão dos hiatos: evitar processos de ditongação, ou seja, evitar que se pronuncie o conjunto das letras de uma única vez, mas separadamente.

Seguindo a regra acima, recebem acento agudo as vogais "i" e "u" tônicas dos vocábulos, seguidas ou não de "s", quando formam hiato com a vogal anterior. Observe:

- faísca
- acaraúba
- caraíba
- macaíra
- saída
- caís
- Luísa
- sanduíche
- graúdo
- saúde
- areísco
- ciúme
- maleína
- heroína
- país
- Luís
- amiúde
- raízes
- abaçaí
- aziúme
- deífico
- piracuí
- juízo
- peúga
- racaída
- baú
- absenteísmo
- babuíno
- egoísta
- jataí
- viúvo
- saía
- miúdo
- baía
- açaí
- balaústre
- jaú
- saúva
- cafeína
- timbaúba
- paraíso
- Esaú

⇨ Observações sobre os hiatos:

a) Não se coloca o acento agudo no "i" e no "u" quando, precedidos de vogal que com eles não forma ditongo, são seguidos de "l, m, n, r, z" que não iniciam sílabas.

- contribuinte
- juiz
- paul
- retribuirdes
- ruim
- Abigail
- constituinte
- cairmos
- ruir
- demiurgo

b) Igualmente não se coloca o acento agudo no "i" e no "u" tônicos dos hiatos quando forem seguidos de "nh".

- rainha
- ladainha
- tainha
- ventoinha
- campainha
- abecoinha

c) Em muitas formas verbais, o "i" e o "u" figuram em hiato com a vogal anterior. Portanto, devem receber acento agudo. Observe:

- eu atraí
- tu atraíste
- eu caí
- tu caíste
- eu saí
- tu saíste
- eu saúdo
- tu saúdas
- eu contribuí
- tu contribuíste
- eu possuí
- tu possuíste

d) Os encontros vocálicos "iu" e "ui", quando precedidos de vogal, sempre formarã ditongos. Essas bases não são acentuadas. Veja:

- atraiu
- contribuiu
- pauis
- constituiu
- destruiu
- saiu
- derruiu
- caiu
- embaiu
- restituiu

e) Levam, porém, acento agudo as vogais tônicas "i" e "u" quando, precedidas de ditongo, formam hiato com a sílaba anterior, como se vê em "Piauí, teiú, teiús, tuiuiú, tuiuiús".

f) Em virtude do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, firmado em 1990, não mais recebem o acento circunflexo os hiatos tônicos "ee" e "oo". Portanto, assim devem ser escritos:

- voo
- coo
- abotoo
- enjoo
- creem
- veem
- leem
- perdoo
- deem
- caçoo
- amaldiçoo
- abençoo
- arrazoo
- doo

3.1.3.6 Acentos diferenciais

Com o advento do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, firmado em 1990, desapareceu a maioria dos acentos diferenciais. Permanecem, entretanto, os seguintes acentos diferenciais:

1) "**Pôde**" (3.ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo) para distinguir da correspondente forma do presente do indicativo "pode".

2) "**Pôr**" (forma verbal infinita) para distinguir da forma homógrafa "por" (preposição).

3) Facultativamente, pode-se grafar "**fôrma**" (substantivo) ou "**forma**" (substantivo, 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo ou 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo).

4) Facultativamente, pode-se grafar "**dêmos**" (1.ª pessoa do plural do presente do subjuntivo) para se distinguir da correspondente forma do pretérito perfeito do indicativo "**demos**".

⇨ Observação:

Logo, os antigos acentos diferenciais, como "pára, pélo, pólo, pêra", por exemplo, não mais existem. Escreveremos, portanto, corretamente:

- Ela não para (verbo) para pensar.
- Eu pelo (verbo) o pelo pelo simples fato de sentir prazer.

3.1.3.7 Regra especial – verbos "ter", "vir" e seus derivados

Há uma regra para a acentuação gráfica que merece atenção à parte. Diz respeito à acentuação dos verbos "ter", "vir" e seus derivados. Tais verbos obedecem às seguintes regras:

1.ª regra → **Acentua-se, com acento circunflexo, a 3.ª pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos "ter" e "vir". Observe:**

PRESENTE DO INDICATIVO VERBOS "TER" e "VIR"	
eu	tenho / venho
tu	tens / vens
ele	tem / vem
nós	temos / vimos
vós	tendes / vindes
eles	**têm / vêm**

2.ª regra → **Acentua-se, com acento agudo, a 3.ª pessoa do singular e com circunflexo a 3.ª pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos derivados de "ter" e "vir", como "abster, ater-se, reter, deter, conter, entreter, manter, advir, convir, intervir, provir, desavir, sobrevir" etc.**

Observe abaixo a conjugação de dois verbos derivados de "ter" e "vir".

PRESENTE DO INDICATIVO VERBOS "CONTER" e "PROVIR"

eu	contenho / provenho
tu	contens / provens
ele	**contém / provém**
nós	contemos / provimos
vós	contendes / provindes
eles	**contêm / provêm**

Dica: Fique muito atento a essas duas últimas regras. Elas são muito cobradas, em concursos públicos, nas questões de concordância verbal. Portanto, a dica é "ficar ligado" no sujeito da oração, especialmente quando este sujeito for oracional, o que exigirá a concordância do verbo na 3.ª pessoa do singular.

Veja agora alguns exemplos (sublinhamos o núcleo do sujeito e destacamos o verbo):

- Todas as provas levantadas pela defesa **contêm** aspectos inconstitucionais.
- A polícia sempre **intervém** nas manifestações populares.
- De lugares abstratos certamente não **provêm** ideias sobre a vida e a existência.
- "O curso do espírito reformista no país acelera-se atualmente; e **convém** acelerá-lo." (Rui Barbosa)
- "Porque a questão, com a complexidade imanente aos fatos concretos, se **atém**, de preferência, a razões secundárias..." (Euclides da Cunha)
- "Todos os críticos se **atêm** a essa questão de metrificação." (Lima Barreto)

3.1.3.8 Considerações gerais sobre a acentuação dos vocábulos

1) Com o Novo Acordo Ortográfico, assinado em 1990, o trema deixa de existir sobr os grupos "GUE, GUI, QUE, QUI". Portanto, os vocábulos que apresentam tais ditongos devem ser escritos sem o trema. Observe:

- linguiça
- arguição
- bilíngue
- aquífero
- cinquenta
- aquicultura
- consequência
- quinquenal
- tranquilo
- quinquênio
- saguim
- equilátero
- frequência
- áqueo
- seriguela
- aguentar
- equidade
- delinquência

⇨ **Observação:**

O trema apenas se conserva em palavras estrangeiras e em palavras derivadas de

nomes estrangeiros, como “hübneriano, Hübner, mülleriano, Müller”.

2) Os verbos “arguir” e “redarguir” dispensam o acento agudo na vogal tônica “u” nas formas rizotônicas. Já os verbos do tipo “aguar, apaniguar, apaziguar, apropinquar, averiguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir” e afins podem ter ou não as vogais “a” ou “i”, presentes nas formas rizotônicas, acentuadas.

- arguo, arguis, argui, arguem; argua, arguas, argua, arguam.
- eu averiguo/averíguo; tu averiguas/averíguas; ele averigua/averígua.

3) Nos advérbios terminados em “-mente”, derivados de adjetivos com acento agudo ou circunflexo, estes acentos são suprimidos. Observe:

- ávido → avidamente
- hábil → habilmente
- lúcido → lucidamente
- débil → debilmente
- espontâneo → espontaneamente
- fácil → facilmente
- só → somente
- ingênuo → ingenuamente
- único → unicamente

4) Nas palavras derivadas que contêm sufixos iniciados por “z” e cujas formas de base apresentam vogal tônica com acento agudo ou circunflexo, estes acentos serão suprimidos. Observe:

- anéis → aneizinhos
- bebê → bebezinho, bebezito
- herói → heroizito
- avô → avozinho
- bênção → bençãozinha
- avó → avozinha
- café → cafezada
- lâmpada → lampadazita
- pêssego → pessegozito

3.2 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (ESAF) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia de palavra.

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio, realizada pelo IBGE, revelou **que(1)** *a renda das famílias parou de cair em 2004, interrompendo uma* **trajetória(2)** *de queda que acontecia desde 1997, e que* **houve(3)** *diminuição do grau de concentração da renda do trabalho. Enquanto a metade da população ocupada* **que(4)** *recebe os menores rendimentos teve ganho real de 3,2%, a outra metade, que tem rendimentos maiores, teve perda de 0,6%. Os resultados da PNAD mostraram, também, que o Brasil melhorou em* **ítens(5)** *como número de trabalhadores ocupados, participação das mulheres no mercado de trabalho, indicadores da área de educação e melhoria das condições de vida.*

*(Trechos adaptados de **Em Questão**, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 379, Brasília, 30 de novembro de 2005)*

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

2. (FJPF) As palavras **argúcia**, **é** e **carajá**, presentes no texto, acentuam-se graficamente em face das mesmas regras que justificam o acento em:

a) fichário, dá-lhe, cipó;
b) pelúcia, têm, cajá;
c) vivência, saí, cá;
d) útil, café, marajá.

3. (CESGRANRIO) O par de palavras que **NÃO** deve ser acentuado, segundo o registro culto e formal da língua, é

a) interim – polen.
b) itens – pudico.
c) juizes – prototipo.
d) economico – refem.
e) heroi – biceps.

4. (CESGRANRIO) A ausência do sinal gráfico de acentuação cria outro sentido para a palavra:

a) trânsito.
b) características.
c) inevitável.
d) infrutíferas.
e) anônimas.

5. (Unifesp) Existem várias palavras que recebem acento gráfico, de acordo com suas regras específicas. Indique a alternativa em que todas as palavras são acentuadas graficamente, segundo a mesma regra.

a) estômago, colégio, fábrica, lâmpada, inflexível.
b) Virgílio, fúria, carícias, matéria, colégio.
c) trópicos, lábios, fúria, máquinas, elétricas.
d) sério, cérebro, Virgílio, sábio, lógico.
e) Ésquilo, carícia, Virgílio, átomos, êmbolo.

6. (PUCCAMP) O texto apresenta diversas palavras em que se pode notar a presença do acento gráfico. Em algumas delas, a ausência do acento provocaria mudança de sentido.

Assinale a alternativa em que todas as palavras mudariam de sentido, caso estivessem sem acento.

a) sóbrio, história, está
b) vários, vítimas, matá-los
c) é, já, país
d) é, está, país
e) têm, matá-los, sóbrio

7. (UFRS). Considere as seguintes afirmações sobre acentuação gráfica no texto.

I – A palavra "teórica" recebe acento gráfico pela mesma regra que preceitua o uso do acento em "lúgubre".
II – Se fosse retirado o acento das palavras "só", "é" e "média", esta alteração provocaria o aparecimento de outras palavras da Língua Portuguesa.
III – A palavra "herói" é acentuada pela mesma regra de "autoritários".
Quais estão corretas?:

a) Apenas I
b) Apenas II
c) Apenas I e III
d) Apenas II e III
e) I, II e III

8. (FGV) Assinale a alternativa correta quanto à acentuação e à grafia de palavras.

a) Temas comuns, como a construção social do mercado, permitem entrevêr as possibilidades de uma saudável relação entre Sociologia e Economia, que não pode se paralizar em virtude de algumas diferenças.
b) Em um de seus estudos mais célebres, Mark Granovetter vêm demonstrar que as pessoas se ligam às outras por laços fortes e laços fracos. Por isso, é

imprecindível que as pessoas consigam entender essas ligações.

c) Alguns temas revigoraram o debate entre a Sociologia e a Economia, sendo responsáveis por compôr um novo cenário. O diálogo deve basear-se nos pontos positivos e comuns e não nas excessões.

d) A falta de dialogo entre Sociologia e Economia perdurou pôr quase três séculos, mas é um quadro que parece estar mudando, sobretudo em função de fragrantes pontos em comum entre as disciplinas.

e) Em meados dos anos 1970, parece que uma leve brisa intervém na falta de comunicação entre sociólogos e economistas, que não mais hesitam em pôr em discussão assuntos inerentes às duas disciplinas.

GABARITO

1 – E	2 – A	3 – B
4 – A	5 – B	6 – D
7 – A	8 – E	

CAPÍTULO 4

SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS

Como já vimos, a palavra é o vocábulo com que expressamos uma ideia. Não é a exteriorização do pensamento, como pensam alguns; é o próprio pensamento. “Ideia” e “palavra” são, portanto, como o verso e o reverso de uma mesma moeda: não é possível conceber a existência de uma face sem a outra. Quando analisamos, por exemplo, a palavra “**leão**”, automaticamente nos vem à cabeça a ideia de um animal feroz, carnívoro, pertencente à família dos felídeos e habitante das planícies africanas. Entretanto, esta não é a única significação para a palavra “leão”. A história das palavras nos mostra que elas estão sujeitas a várias mudanças não só nos elementos fonéticos de que se compõem, mas também relativamente à sua significação. Por isso, o nosso vocábulo “leão” pode também significar “indivíduo de muita força, indivíduo muito irritado, indivíduo conquistador etc.”.

Ao estudo que trata dessas últimas mudanças ou variações de sentido das palavras dá-se a designação de **SEMASIOLOGIA** ou **SEMÂNTICA**.

A palavra é um som articulado, um signo sonoro que nos representa a ideia de um objeto do mundo material, ou de um fato ou de uma noção puramente abstrata. Se em nossa língua tivéssemos uma palavra para cada ideia, para cada noção, tantas seriam elas que certamente não haveria inteligência que não cedesse a peso tão esmagador. Por isso, as palavras substituem-se em seus sentidos, irradiam uns para os outros, encadeiam-se, penetram-se, usurpam os sentidos uns dos outros, auxiliam-se, fundem-se e confundem-se, às vezes, na variedade de suas significações.

4.1 DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO

Como primeira porta de entrada nesse vasto mundo do significado das palavras, comecemos a observá-las sob os conceitos de “**denotação**” e “**conotação**”.

O **sentido denotativo** é aquele dado pelo dicionário. Na denotação o sentido é referencial, próprio, usual ou literal. Já o **sentido conotativo** é o sentido que a palavra ganha no texto por força geralmente de comparações, associações de ideias.

Denotativamente, “**águia**” é ave de rapina; conotativamente é uma pessoa de grande talento, de grande sabedoria, de grande perspicácia. “**Coração**” é órgão muscular dos animais vertebrados que bombeia o sangue para todo o corpo, quando o analisamos em

seu sentido denotativo. Já em seu sentido conotativo, "**coração**" pode representar, entre outros sentidos, "a parte mais central, o âmago, a essência". Quando nos referimos a "**banca**", vem-nos, a princípio, a ideia denotativa de "mesa rústica ou improvisada", mas, quando dizemos que "a **banca** rejeitou o recurso do candidato", estamos nos referindo, conotativamente, a um conjunto de examinadores.

Em nossa língua, inúmeros são os fatores que podem alterar o significado das palavras. Vejamos alguns:

a) **a acentuação** → sábia (pessoa culta, instruída) → sabiá (pássaro).

b) **o timbre** → corte (ô) (palácio) → corte (ó) (incisão)

c) **o gênero** → a coral (cobra) → o coral (coro musical)

d) **o número** → bem (virtude) → bens (o que é propriedade de alguém)

e) **a posição / colocação** → homem grande (alto, avantajado) → grande homem (ilustre, influente)

f) **a regência** → proceder de (originar-se, provir) → proceder a (dar início, começar)

> **Dica:** A conotação é um recurso expressivo amiúde usado em nossa língua. Para entender e aprofundar mais esse assunto, sugerimos o estudo do assunto "figuras de linguagem" ao final desta gramática.

4.2 HOMÔNIMOS E PARÔNIMOS

Quando comparamos as palavras em nossa língua (analogia de forma), podemos classificá-las em três grandes grupos: palavras homônimas, palavras parônimas e palavras cognatas.

4.2.1 HOMÔNIMOS

Como o próprio nome já denuncia, são denominados homônimos (gr. homos = igual, semelhante; onyma = nome) os vocábulos que são iguais na grafia (Ex.: colher – substantivo; colher – verbo) ou na pronúncia (Ex.: apreçar – pôr o preço; apressar – acelerar), ou ainda aqueles que são iguais tanto na grafia quanto na pronúncia (Ex.: livre – adjetivo; livre – verbo). Classificam-se em:

a) Homógrafos heterofônicos = são palavras iguais na escrita e diferentes no timbre ou na intensidade das vogais. Observe alguns exemplos:

- leste (verbo) ≠ leste (substantivo)
- colher (verbo) ≠ colher (substantivo)
- vede (v. ver) ≠ vede (v. vedar)
- sábia (adjetivo) ≠ sabiá (substantivo)
- cara (face) ≠ cará (tubérculo)
- apoio (verbo) ≠ apoio (substantivo)
- providencia (verbo) ≠ providência (substantivo)
- seria (verbo) ≠ séria (adjetivo)
- molho (verbo) ≠ molho (substantivo)
- jogo (verbo) ≠ jogo (substantivo)

b) Homófonos heterográficos = são palavras iguais na pronúncia e diferentes na escrita. Veja alguns exemplos:

- acético (ácido) ≠ ascético (contemplativo)
- acender (atear fogo) ≠ ascender (subir)
- acento (notação léxica) ≠ assento (lugar em que se senta)
- acerto (acordo) ≠ asserto (afirmação)
- apreçar (pôr o preço) ≠ apressar (tornar rápido)
- bucho (estômago) ≠ buxo (planta)
- cela (pequeno quarto) ≠ sela (arreio)
- cegar (tornar cego) ≠ segar (cortar, ceifar)
- cozer (cozinhar) ≠ coser (costurar)
- apreçar (pôr preço) ≠ apressar (acelerar)
- maça (arma) ≠ massa (substância)
- censo (recenseamento) ≠ senso (juízo)
- cerrar (fechar) ≠ serrar (cortar)
- cédula (bilhete) ≠ sédula (cuidadosa)
- cessão (ato de ceder) ≠ sessão (departamento)
- cerração (nevoeiro) ≠ serração (ato de serrar)
- cocho (recipiente) ≠ coxo (aleijado)
- concelho (divisão administrativa) ≠ conselho (aviso)
- empoçar (cair em poço) ≠ empossar (tomar posse)
- laço (nó) ≠ lasso (esgotado, frouxo)
- ruço (pardacento, grisalho) ≠ russo (natural da Rússia)
- tacha (nódoa, mancha) ≠ taxa (preço, tributo)

⇨ **Observação:**

Alguns homônimos apresentam tanto a grafia quanto a pronúncia iguais. São chamados de “homófonos homográficos” ou “homônimos perfeitos”. Observe:

- cedo (verbo) – cedo (advérbio de tempo)
- livre (adjetivo) – livre (v. livrar)
- somem (v. somar) – somem (v. sumir)

4.2.2 PARÔNIMOS

São denominados de parônimos (gr. “*para”* = próximo) os vocábulos que são diversos na significação e parecidos na forma, ou seja, eles são parecidos na escrita e na pronúncia, mas apresentam significação totalmente diversa. Muitas bancas exploram esse tipo de conhecimento na tentativa de confundir o candidato. Por isso, sugiro que leia mais de uma vez a tabela abaixo, na qual são apresentados vários parônimos.

apóstrofe (chamamento)	**apóstrofo** (sinal gráfico)
atuar (agir)	**atoar** (rebocar)
arrolhar (tapar com rolha)	**arrulhar** (produzir arrulhos)
comprimento (extensão)	**cumprimento** (saudação)
céptico (que duvida de tudo)	**séptico** (que provoca infecção)
cavaleiro (que anda a cavalo)	**cavalheiro** (gentil, cordial)
consolar (trazer consolo, aliviar)	**consular** (relativo ao consulado)
deferir (conceder)	**diferir** (adiar, divergir)
denodar (desfazer, desembaraçar)	**denudar** (descobrir, revelar)
descrição (ato de descrever)	**discrição** (reserva em atos e atitudes)
despensa (local para mantimentos)	**dispensa** (licença)
despercebido (desatento)	**desapercebido** (despreparado)
destratar (insultar)	**distratar** (desfazer)
emergir (vir à tona)	**imergir** (mergulhar)
emigrante (aquele que sai de um país)	**imigrante** (quem entra em outro país)
eminente (destacado, ilustre, elevado)	**iminente** (prestes a acontecer)
enervar (irritar, perder a força)	**enevar** (tornar branco como a neve)
enformar (pôr na forma)	**informar** (avisar, alertar)

esbaforido (ofegante)	**espavorido** (apavorado)
estofar (acolchoar)	**estufar** (encher-se, pôr na estufa)
flagrante (evidente)	**fragrante** (perfumado, aromático)
fluir (correr em estado líquido)	**fruir** (desfrutar, aproveitar)
inflação (desvalorização da moeda)	**infração** (desrespeito, violação)
infringir (transgredir)	**infligir** (aplicar)
entender (compreender)	**intender** (dirigir, administrar)
locador (proprietário)	**locatário** (inquilino)
lustre (candelabro)	**lustro** (período de cinco anos; brilho)
mugir (soltar mugidos)	**mungir** (espremer, extrair)
pear (amarrar, prender com peia)	**piar** (dar pios)
pleito (disputa)	**preito** (homenagem)
prescrever (determinar, expirar prazo)	**proscrever** (expulsar, proibir, banir)
ratificar (confirmar)	**retificar** (corrigir)
recrear (divertir)	**recriar** (criar novamente)
soar (emitir som)	**suar** (transpirar)
sustar (suspender)	**suster** (sustentar)
terço (três vezes menor)	**terso** (puro, íntegro)
treplicar (responder a uma réplica)	**triplicar** (aumentar três vezes)
vadear (passar a vau)	**vadiar** (andar à toa)
vultoso (volumoso, importante, grande)	**vultuoso** (congestão na face; inchado)

4.3 FORMAS VARIANTES

Há, em português, várias palavras que apresentam dupla grafia, isto é, podem ser escritas com mais de uma forma. Isto se dá porque o nosso Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa procura registrar (e respeitar) os usos dos diversos níveis e padrões da língua. Saliente, entretanto, que sempre uma das formas é sempre mais usual que a outra.

Portanto, são consideradas corretas ambas as grafias dos seguintes vocábulos abaixo:

- aluguel **ou** aluguer
- coisa **ou** cousa
- malvadez **ou** malvadeza
- marimbondo **ou** maribondo
- pitoresco **ou** pinturesco
- cacaréus **ou** cacarecos

- diabete **ou** diabetes
- percentagem **ou** porcentagem
- derrubar **ou** derribar
- lacrimejar **ou** lagrimejar
- quociente **ou** cociente
- catorze **ou** quatorze
- taverna **ou** taberna
- espécime **ou** espécimen
- nambu **ou** nhambu **ou** inambu **ou** inamu
- assobiar **ou** assoviar
- louro **ou** loiro
- bílis **ou** bile
- bêbado **ou** bêbedo
- chipanzé **ou** chimpanzé
- baralhar **ou** embaralhar
- remoinho **ou** redemoinho
- infarto **ou** enfarte **ou** infarte
- cota **ou** quota
- ridiculizar **ou** ridicularizar
- transpassar **ou** traspassar **ou** trespassar
- mobiliar **ou** mobilhar **ou** mobilar

4.4 COGNATOS

São denominadas de cognatas as palavras que pertencem à mesma família ou grupo morfológico, isto é, são palavras derivadas de uma mesma raiz, de um mesmo radical. Observe:

- **ferro** → ferreiro, ferragem, ferrar, ferradura, ferramenta, férreo, ferraria, aferrolhar, ferrolho
- **pedra** → pedreiro, pedregulho, pedraria, pedreiral, pedregão, pedrinha, pedrês
- **nervo** → nervosismo, nervoso, nervudo, nervura, nerval, nervado, nervino
- **terra** → terraço, terremoto, terrestre, terreiro, térreo, território, territorial, terroso, terreal, terráqueo

Além das palavras homônimas, parônimas e cognatas, quando se analisa o sentido das palavras, muitas apresentam igualdade entre os sentidos. Outras são opostas semanticamente. Daí se poder classificar também as palavras quanto ao significado em **sinônimas** e **antônimas**.

4.5 SINÔNIMOS

São palavras diversas na escrita, mas semelhantes ou idênticas na significação. Há autores que as dividem em “sinônimos perfeitos” e “sinônimos imperfeitos”. Não adotamos essa classificação porque a consideramos falha, uma vez que distinguir o que é “perfeito” do que é “imperfeito” em questões semânticas é assunto assaz controvertido. Observe alguns sinônimos:

- olhar → ver
- lábio → beiço
- entender → compreender

- habitar → morar
- cavalo → corcel
- colóquio → diálogo
- cara → rosto
- bom → misericordioso
- gritar → bradar
- mortal → letal
- oposição → antítese
- bonito → belo

4.6 ANTÔNIMOS

São palavras que apresentam sentidos totalmente opostos. Observe alguns exemplos:

- bonito → feio
- alegre → triste
- ordem → anarquia
- natural → artificial
- simétrico → assimétrico
- ignorância → sabedoria

4.7 POLISSEMIA

Em nossa língua, muitos vocábulos apresentam mais de um significado, o qual só é apreendido quando se analisa o contexto. Quando isto ocorre, dizemos que o vocábulo é "polissêmico".

Inúmeros são os vocábulos polissêmicos. Observe abaixo:

a) Perceba alguns sentidos do vocábulo "manga".

- A **manga** da camisa está suja. (= parte da vestimenta que recobre o braço)
- Todos comeram a **manga**. (= fruta)
- A encanação precisa de uma nova **manga**. (= peça de metal nas encanações)
- A **manga** do candeeiro se queimou. (= tecido que envolve a chama nos candeeiros e lamparinas)

b) Observe agora alguns sentidos de um outro vocábulo: "prato".

- O **prato** é de porcelana. (= peça de louça em que se come)
- O **prato** está delicioso. (= comida, alimento)
- O **prato** da bateria está solto. (= instrumento musical)
- O **prato** está desequilibrado. (= concha de balança)

4.8 EXTENSÃO E COMPREENSÃO DAS PALAVRAS – HIPONÍMIA E HIPERONÍMIA

A extensão de uma palavra é a capacidade que ela tem de se estender a mais ou menos seres. Já a sua compreensão é a capacidade que a palavra nos oferece de assimilar a ideia que ela encerra. Perceber essa distinção é muito importante para a

linguagem, notadamente para a construção dos períodos de um texto. Vejamos a tabela abaixo:

1.ª COLUNA – EXTENSÃO	2.ª COLUNA – COMPREENSÃO
animal	cavalo
flor	margarida
automóvel	Ferrari
homem	João
país	Brasil

Observe que os vocábulos da 1.ª coluna possuem mais extensão semântica do que os vocábulos da 2.ª coluna. Entretanto, os vocábulos da 2.ª coluna apresentam uma compreensão melhor do que os vocábulos da 1.ª coluna, pois aqueles se referem a seres e coisas específicos.

Perceba também que os termos da 1.ª coluna, por serem mais extensos, abrangem outros seres além dos especificados na 2.ª coluna. O vocábulo “animal”, por exemplo, não só envolve “cavalo”, mas também “elefante, leão, cabra, cachorro etc., etc.”. Logo, os vocábulos da 1.ª coluna contêm os da 2.ª coluna. Dizemos, portanto, que os vocábulos da 1.ª coluna são “hiperônimos” dos vocábulos da 2.ª coluna, que são seus “hipônimos”, já que estão contidos naqueles.

É denominado de “**HIPERÔNIMO**” o vocábulo que, num processo de coesão textual (articulação textual), apresenta uma significação mais extensa, mais ampla do que o outro vocábulo com o qual se relaciona intratextualmente.

É denominado de “**HIPÔNIMO**” o vocábulo que, num processo de coesão textual, apresenta um significado menos abrangente, menos amplo do que o outro com o qual se relaciona intratextualmente.

Para melhorar o entendimento sobre **hiperonímia** e **hiponímia**, procure entender essas palavras como “gênero e espécie”, “contém e está contido”.

Portanto, em um texto, poderemos ter:

HIPERÔNIMO	HIPÔNIMO
poeta	Carlos Drummond
roupa	suéter
alimento	feijão
Estado	Rio Grande do Norte
profissão	Professor

4.9 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (FGV) Em que alternativa a expressão entre parênteses poderia substituir a palavra destacada, preservando o sentido original?

   a) " [...] adota como estratégia produtiva as mesmas PRERROGATIVAS da produção em série que já vigoram em outras esferas industriais [...]" (previsões)
   b) " [...] existem também razões de natureza INTRÍNSECA ao meio condicionando a televisão à produção seriada." (externa)
   c) "Diante dessas CONTINGÊNCIAS, a produção televisual se vê permanentemente constrangida a levar em consideração as condições de recepção [...]" (contradições)
   d) " [...] a produção televisual se vê permanentemente CONSTRANGIDA a levar em consideração as condições de recepção [...]" (forçada)
   e) " [...] organizando a mensagem em painéis FRAGMENTÁRIOS e híbridos, como na técnica da colagem." (frágeis)

2. (PUC-SP) Observe, com atenção, nos fragmentos a seguir, as expressões em maiúsculo:

   "... porque Nhô Augusto se erguia e NUM ÁTIMO se vestia."
   "- ...Eu podia ter arresistido, mas era negócio DE HONRA, COM SANGUE só p'ra o dono..."
   "- FEZ NA REGRA, E FEITO!"
   "... as ferraduras tiniram e DERAM FOGO no lajedo..."

   Aponte a alternativa que, respectivamente, substitui as expressões em maiúsculo, do ponto de vista do significado.

   a) Num abrir e fechar de olhos, de pureza, com morte, fez conforme o combinado, faiscaram.
   b) Em parte, de brio, com ferimento, agiu de acordo com o costume, brilharam.
   c) Em curto espaço de tempo, de brio, com morte, agiu de acordo com o costume, faiscaram.
   d) Em parte, de grandeza, com ferimento, desobedeceu às normas, riscaram.
   e) Em curto espaço de tempo, de glória, com resistência, fez conforme o combinado, acenderam.

3. (PUCCAMP) O continente africano, que tantas vezes e por tanto tempo já foi o espelho sombrio e ESPOLIADO dos progressos da civilização ocidental, infelizmente continua SUJEITO A um processo que, no limite, resume-se a uma IMPLOSÃO

CIVILIZATÓRIA.

Os termos em destaque podem ser substituídos, sem prejuízo do sentido do texto, respectivamente, por

a) despojado – vassalo – destruição do progresso.
b) herdeiro – obediente a – extinção da civilização.
c) cheio de restos – tema de – matança de toda uma civilização.
d) roubado - o agente de - devastação de todas as civilizações.
e) privado – submetido a – destruição do próprio cerne da civilização.

4. (UFMG) Em todas as alternativas, o significado das palavras destacadas está corretamente identificado, EXCETO em

a) ... esse ato não consiste numa decisão "QUE VA I E NÃO VOLTA". (que vai e não volta = sem retorno)
b) E também se desencadeia uma inter-relação entre a fonte do poder (a que criou e IMPLANTOU o imposto)... (implantou = implementou)
c) ... pois isto TAMPOUCO explica muita coisa, ou não explica nada. (tampouco = também não)
d) Antes do momento em que se exerce, ele é somente uma CONJECTURA, uma presunção, algo que se acha que vai acontecer. (conjectura = suposição)
e) Antes, tudo está sujeito a fatores no mais das vezes IMPREVISÍVEIS. (imprevisíveis = imprevidentes)

5. (UFU) Assinale a ÚNICA alternativa em que a palavra ou expressão em destaque NÃO está adequadamente interpretada de acordo com seu sentido no texto.

a) "O que existia antes, 'cruzar' animais ou plantas para criar novas raças ou HÍBRIDOS, é coisa bem diferente..." (par. 1) = mistura de espécies diferentes.
b) "(...) mostraram que larvas da borboleta monarca que se alimentam de plantas IMPREGNADAS com o pólen de um tipo de milho transgênico morrem em grandes quantidades." (par. 4)= imbuídas.
c) "(...) os alimentos modificados geneticamente irão solucionar um dos maiores problemas que AFLIGEM a humanidade, a fome." (par. 2)= atormentam.
d) " (...) essa liberdade só pode funcionar se submetida a intensa SUPERVISÃO da comunidade científica..." (par. 5)= inspeção.

6. (UNITAU) Numere a coluna com parênteses de acordo com os significados das palavra da coluna numerada a seguir:

1 – prevaricação
2 – simoníaco
3 – carisma
4 – dogma
5 – anímica
6 – decoro
7 – oligarquia
( ) dignidade, honradez
( ) força divina conferida a alguém
( ) psíquico, relativo à alma
( ) falta com o dever por interesse ou por má fé
( ) venda ilícita de coisas sagradas ou espirituais
( ) governo por poucos e poderosos
( ) ponto fundamental indiscutível de doutrina ou sistema

a) 6, 4, 1, 2, 3, 5, 7.
b) 6, 4, 2, 1, 3, 5, 7.
c) 6, 3, 5, 1, 2, 7, 4.
d) 5, 3, 6, 4, 2, 7, 1.
e) 4, 2, 5, 6, 1, 3, 7.

7. (FUVEST) A palavra SANÇÃO com o significado de RATIFICAÇÃO ocorre apenas em:

a) Aplicar SANÇÕES a grevistas não é direito nem dever de um presidente.
b) Eventual SANÇÃO do presidente à nova lei, aprovada ontem, poderá desagradar a setores de todas as categorias.
c) As SANÇÕES previstas na lei eleitoral não exercem influências significativas sobre a paixão dos militantes.
d) O novo diretor prefere SANÇÕES a diálogos.
e) O contrato prevê SANÇÕES para os inadimplentes.

8. (FUVEST) Agora os parlamentares concluem sua obra com a anuência unânime àquele dispositivo inconstitucional. (“Folha de S. Paulo”, 28.08.1997,1-2)

A paráfrase correta do texto é:

a) A maioria dos parlamentares aprova um certo dispositivo inconstitucional.
b) Os parlamentares, sem exceção, aprovam o dispositivo inconstitucional anteriormente mencionado.
c) Todos os parlamentares reprovam o dispositivo inconstitucional anteriormente

mencionado.

d) A maioria absoluta dos parlamentares boicotou um certo dispositivo inconstitucional.

e) A maioria dos parlamentares conclui sua obra com indiferença à aprovação ou não de um certo dispositivo inconstitucional.

9. (FUVEST) “Busque Amor novas artes, novo engenho”

Assinalar a alternativa que melhor contém o significado das palavras “engenho” e “arte”, no verso transcrito acima:

a) gênio/experiência e inspiração/destreza;

b) índole/recursos e natureza/perícia;

c) talento/invenção e técnica/artifício;

d) inclinação/tendência e engano/dolo;

e) instinto/regras e discernimento/preceitos.

10. (UEL) Os pares acidente/incidente; cheque/xeque; vultoso/vultuoso; verão/estio são, respectivamente:

a) sinônimos, homônimos, parônimos e antônimos.

b) parônimos, homônimos, parônimos e sinônimos.

c) parônimos, parônimos, sinônimos e sinônimos.

d) homônimos, homônimos, parônimos e sinônimos.

e) sinônimos, parônimos, sinônimos e antônimos.

GABARITO

1 – D	2 – C	3 – E
4 – E	5 – B	6 – C
7 – B	8 – B	9 – C
10 – B		

II

MORFOLOGIA

INTRODUÇÃO À MORFOLOGIA

Olá, caro estudante. Depois de conhecermos toda a parte fonética da gramática normativa, passaremos a estudar as palavras e os vocábulos considerando seus valores significativos. Adentraremos, portanto, ao mundo das palavras no que tange às suas estruturas e às suas formas.

Em primeiro lugar, analisaremos a estrutura e a formação das palavras na língua portuguesa. Depois, classificaremos essas palavras em suas respectivas classes e esmiuçaremos as particularidades de cada uma.

Indubitavelmente, é um conhecimento indispensável para todo aquele que deseja compreender, um pouco mais à frente, os relacionamentos sintáticos travados entre essas mesmas palavras e vocábulos. Um conselho: procure entender mais e decorar menos. Isso certamente facilitará a nossa caminhada. Bom proveito!!

CAPÍTULO 1

ESTRUTURA E FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Boa parte das palavras da nossa Língua provém de outras já existentes. Como a Língua é dinâmica, outras palavras foram surgindo a partir da influência tanto do povo como dos escritores. O estudo da formação e da evolução das palavras é responsabilidade da "etimologia".

1.1 ELEMENTOS ESTRUTURAIS DA PALAVRA

Ao se decompor uma palavra, podem-se encontrar nela os seguintes elementos mórficos (elementos que a formam):

I. **RADICAL:** é o elemento primitivo, último e irredutível que encerra a ideia principal do vocábulo. Alguns gramáticos distinguem o radical da raiz. Aqui, preferimos tratar apenas do radical, já que o estudo da raiz de um vocábulo exige profundos conhecimentos etimológicos, o que não é o nosso objetivo neste capítulo.

- terra – terraço – terremoto – terraplanagem – terreiro → perceba que o radical "terr-" se mantém constante nos vocábulos.
- ferro – ferradura – ferreiro – ferrugem – ferrolho → perceba o radical "ferr-" constante nas palavras.

⇨ Observação:

As palavras que possuem um radical comum são denominadas de **palavras "cognatas"**.

Abaixo apresentaremos uma lista sucinta dos principais radicais gregos e latinos.

1.1.1 RADICAIS GREGOS

Radical	Sentido	Exemplo

aero-	ar	*aerofagia, aeronave*
-agogo	que conduz	*demagogo, pedagogo*
-algia	dor em uma região	*cefalalgia, cardialgia*
anemo-	vento	*anemógrafo, anêmona*
antropo-	homem	*antropófago, antropologia*
-arca	que comanda	*monarca, matriarca*
arqueo-	antigo	*arqueologia, arqueografia*
-arquia	governo	*monarquia, oligarquia*
auto-	de si mesmo	*autobiografia, autógrafo*
biblio-	livro	*bibliografia, biblioteca*
bio-	vida	*biologia, biografia*
caco-	mau, disforme	*cacofonia, cacografia*
-cefalo	cabeça	*bicéfalo, microcéfalo*
cito-	cavidade, célula	*citologia, citoplasma*
cosmo-	mundo, universo	*cosmologia, cosmonauta*
-cracia	poder	*democracia, plutocracia*
cromo-	cor	*cromogravura, cromossomo*
crono-	tempo	*cronologia, cronômetro*
dactilo-/datilo-	dedo	*datilografia, dactiloscopia*
deca-	dez	*decaedro, decalitro*
demo-	povo	*democracia, demagogo*
di-	dois	*dipétalo, dígrafo*
-doxo	que opina	*heterodoxo, ortodoxo*
-dromo	lugar para correr	*autódromo, hipódromo*
etno-	povo, raça	*etnografia, etnologia*
-fagia	ato de comer	*disfagia, antropofagia*
-fago	que come	*antropófago, necrófago*
farmaco-	medicamento	*farmacologia, farmacopedia*
filo-	amigo	*filologia, filosofia*
-fobia	medo, aversão, inimizade	*fotofobia, hidrofobia*

-fobo	que odeia	*xenófobo, zoófobo*
fono-	voz, som	*fonógrafo, fonologia*
foto-	luz, fogo	*fotômetro, fotografia*
-gamia	casamento	*poligamia, monogamia*
gastro-	estômago	*gastrite, gastrônomo*
-geneo	que gera	*lacrimogêneo, heterogêneo*
geo-	terra	*geologia, geografia*
-gono	ângulo	*polígono, pentágono*
-grafo	que escreve	*calígrafo, biógrafo*
hemi-	metade	*hemisfério*
hemo-/hemato-	sangue	*hemoglobina, hemograma*
hetero-	outro	*heterodoxo, heterossexual*
hidro-	água	*hidrogênio, hidratar*
hipo-	cavalo	*hipódromo, hipopótamo*
hom(e)o-	semelhante	*homeopatia, homossexual*
iso-	igual	*isonomia, isogameta*
-latria	culto	*idolatria, zoolatria*
macro-	grande, longo	*macróbio, macroeconomia*
mega(lo)	grande	*megalópole, megalomania*
-metria	medida	*antropometria, biometria*
-metro	que mede	*hidrômetro, pentâmetro*
micro-	pequeno	*micróbio, microscópio*
miria-	dez mil, numeroso	*miríade*
miso-	que odeia	*misógino, misantropo*
mito-	fábula	*mitologia, mitomania*
mono-	um só	*monarca, monótono*
-morfo	que tem a forma de	*antropomorfo, polimorfo*
necro-	morto	*necrotério*
-nomo	que regula	*astrônomo, metrônomo*
oftalmo-	olho	*oftalmologista*

onomato-	nome	*onomatopeia, onomatologia*
orto-	correto	*ortografia, ortoepia*
paleo-	antigo, primitivo	*paleontologia, paleoecologia*
pato-	doença	*patogênico, patologia*
piro-	fogo	*pirotecnia, pirogênico*
potamo-	rio	*hipopótamo, potamografia*
proto-	primeiro	*protozoário, protótipo*
psico-	alma, espírito	*psicologia, psicanálise*
-ptero	que tem asas	*díptero, helicóptero*
quilo-	mil	*quilograma*
rino-	nariz	*rinoceronte, rinoplastia*
-scopia	ato de ver	*macroscopia, microscopia*
-scopio	instrumento para ver	*microscópio, datiloscópio*
sidero-	ferro	*siderose, siderurgia*
-sofia	sabedoria	*filosofia, teosofia*
tecno-	arte, ciência	*tecnografia, tecnologia*
tele-	longe	*telefone*
teo-	deus	*teocracia, teólogo*
-terapia	cura	*fisioterapia, psicoterapia*
-tono	tensão, tom	*barítono, monótono*
xeno-	estrangeiro	*xenofobia, xenomania*
zoo-	animal	*zoológico, zoomorfo*

1.1.2 RADICAIS LATINOS

Radical	Sentido	Exemplo
agri-	campo	*agricultura, agricultor*
ambi-	ambos	*ambidestro, ambivalência*
arbori-	árvore	*arborícola, arboriforme*
bis-/bi-	duas vezes	*bisavô, bípede*
calori-	calor	*calorífero, calorimetria*

-cida	que mata	*regicida, inseticida*
-cola	que cultiva, que habita	*vitícola, arborícola*
cruci-	cruz	*crucifixo, cruciforme*
-cultura	ato de cultivar	*apicultura, psicultura*
curvi-	curvo	*curvilíneo, curvirrostro*
equi-	igual	*equidistante, equivalente*
-fero	que contém	*aurífero, calorífero*
ferri-/ferro-	ferro	*ferrífero, ferrovia*
-fico	que faz	*benéfico, frigorífico*
-formi	que tem forma de	*cuneiforme, floriforme*
-fugo	que foge, que faz fugir	*centrífugo, febrífugo*
igni-	fogo	*ignição, ignívomo*
morti-	morte	*mortífero, mortificar*
multi-	muito	*multiforme, multifacetado*
olei-/oleo-	azeite, óleo	*oleoduto, oleígeno*
oni-	todo	*onipresente, onipotente*
-paro	que produz	*maltíparo, ovíparo*
pedi-	pé	*pediforme, pedilúvio*
pisc-	peixe	*piscicultor, pisciforme*
pluri-	muito	*pluriforme, pluripartidário*
-sono	que soa	*díssono, uníssono*
-vomo	que expele	*fumívomo, ignívomo*
-voro	que come	*carnívoro, herbívoro*

II. VOGAL TEMÁTICA: é a vogal que se agrega ao radical preparando-o para receber ur terminação (sufixos ou desinências). À junção do radical com a vogal temática dá-se o nome de TEMA.

RADICAL	VOGAL TEMÁTICA	TEMA
am-	a	ama
vend-	e	vende
part-	i	parti

⇨ Observação:

A vogal temática geralmente aparece nos verbos. Entretanto, alguns nomes podem apresentá-la. Isso ocorre quando a vogal final do vocábulo não se presta a estabelecer a distinção de gênero. Enquanto nos verbos ela se denomina de "vogal temática verbal", nos nomes se chama, portanto, "vogal temática nominal". Veja:

RADICAL	VOGAL TEMÁTICA
cadeir	-a
livr	-o
client	-e

III. AFIXOS: são elementos que se acrescem aos radicais com a finalidade de formar nova palavras. Classificam-se em:

a) **prefixos**: são os afixos que vêm antes do radical.

- **in**-feliz
- **des**-leal
- **anfi**-teatro
- **a**-teu
- **diá**-logo
- **re**-fluir

b) **sufixos**: são os afixos que vêm depois do radical.

- mulher-**aça**
- social-**ismo**
- feliz-**mente**
- leal-**dade**
- caval-**aria**
- formigu-**eiro**

1.1.3 PREFIXOS DE ORIGEM GREGA

Prefixo	Sentido	Exemplo
an-/a-	privação, negação	*ateu, anarquia*
ana-	ação ou movimento inverso	*anáfora, anáfase*
anti-	oposição	*antiaéreo, antípoda*
apo-	afastamento, separação	*apogeu, apóstata*
arqui-/arc-	superioridade	*arquiduque, arqui-inimigo*
dia-/di-	movimento através de	*diocese, diálogo*
dis-	dificuldade	*dispneia, disenteria*
ec-/ex-	movimento para fora	*eclipse, êxodo*
endo-/end-	posição interior	*endométrio, endosmose*

epi-/ep-	posição inferior	*epiderme, epônimo*
eu-/ev-	bem, bom	*eufonia, evangelho*
hiper-	posição superior	*hipérbole, hipertensão*
hipo-	posição inferior	*hipodérmico, hipotensão*
meta-/met-	posterioridade, mudança	*metacarpo, metáfora*
para-/par-	proximidade	*paranasal, parasita*

1.1.4 PREFIXOS DE ORIGEM LATINA

Prefixo	Sentido	Exemplo
ab-/abs-	afastamento, separação	*abdicar, abstrair*
ad-/a-/ar-	aproximação, direção	*adjunto, advérbio, assentir*
ante-	anterioridade	*antebraço, antepor*
circum-	movimento em torno	*circum-adjacente*
de-	movimento de cima para baixo	*decair, decrescer*
des-	separação, ação contrária	*desviar, desfazer*
dis-/di-	separação, movimento	*dissidente*
extra-	posição exterior	*extraoficial, extraviar*
in-/im-/i-/ir-	movimento para dentro	*imigrar, irromper*
in-/im-/i-/ir-	negação, privação	*inativo, impermeável, ilegal*
inter-/entre-	posição intermediária	*internacional, entreabrir*
pre-	anterioridade	*prefácio, preconceito*
pro-	movimento para frente	*progresso, proativo*
re-	movimento para trás	*refluir, refazer*
retro-	movimento mais para trás	*retroceder, retrospectiva*
sub-/sus-/su-/sob-/so-	movimento de baixo para cima	*subclasse, sobpor, suster*
supra-	posição acima, excesso	*supracitado, suprassumo*
trans-/tras-/tres-	movimento para além de	*transpor, transporte*
ultra-	posição além do limite	*ultrapassar, ultravioleta*
vice-/vis-/vizo-	substituição	*vice-reitor, visconde, vizo-rei*

1.1.5 CORRELAÇÃO ENTRE PREFIXOS LATINOS E GREGOS

LATINOS	GREGOS	SIGNIFICADO	EXEMPLOS
Ab-	apo-	afastamento, separação	*abjurar, apostasia*
ad-	para-	junto de, aproximação	*adjunto, parasita*
ambi-	anfi-	duplicidade, em torno de	*ambidestro, anfíbio*
bene-	eu-	bem, bondade, excelência	*benevolente, eufonia*
bi(s)-	di-	dois, duplicidade	*bípede, dípode*
circum-	peri-	em torno de	*circumpolar, perímetro*
contra-	anti-	oposição, contra	*contraveneno, antídoto*
com-, con-	sin-	reunião, simultaneidade	*compartilhar, sincronizar*
ex-	ex-	movimento para fora	*exportar, êxodo*
i-, in-, des-	a-, an-	negação, carência	*infeliz, desonesto, ateu*
in-	en-	posição interna, dentro	*ingerir, encéfalo*
intra-	endo-	para dentro, dentro	*intramuscular, endocarpo*
semi-	hemi-	meio, metade	*semicírculo, hemisfério*
sub-	hipo-	deficiência, inferioridade	*subterrâneo, hipoglicemia*
super-, supra-	epi-, hiper-	superioridade, excesso	*superlotar, hipertrofia*
trans-	dia-	através, por meio de	*transparente, diáfano*

1.1.6 SUFIXOS NOMINAIS

1. Sufixos nominais designativos de coleções

-aria, -eria	pedraria, livraria, cavalaria, loteria, grosseria
-ada	boiada, rapaziada, manada
-edo	figueiredo, vinhedo, arvoredo, lajedo
-al	laranjal, cafezal, bambual, algodoal, canavial
-agem	pelagem, folhagem, plumagem, roupagem
-eiro	braseiro, cancioneiro, berreiro, formigueiro
-alha	cordoalha, parentalha, miuçalha
-ama	dinheirama, courama, mourama

-ame	cordame, vasilhame, raizame, pelame
-ume	cardume, tapume
-ulho	pedregulho, bagulho
-ena	centena, novena, dezena
-io	rapazio, mulherio, gentio
-ia	maresia, penedia, clerezia
-dada	cristandade, humanidade, comunidade, irmandade

⇨ Observações:

a) Em muitas palavras, prefere-se o sufixo "-eria" ao sufixo "-aria": bateria, vozeria, correria, galeria, lavanderia, parceria, leiteria, parceria etc.

b) O sufixo "-eiro" é sufixo substantivo, ou seja, formador de substantivos, indicando o agente. "Brasileiro" era primitivamente o que comerciava com o "pau-brasil", como "mineiro" é o que trabalha em minas. Passando a região a chamar-se "Brasil" e "Minas Gerais", seus derivados passaram naturalmente para a categoria de adjetivos pátrios.

2. Sufixos nominais designativos de aumento (sufixos aumentativos)

-ão	portão, mulherão, grandalhão, comilão, narigão
-rão	chapeirão, vozeirão, casarão, beberrão, santarrão
-aréu	fogaréu, povaréu
-zarrão	homenzarrão, canzarrão
-aço	mestraço, ministraço, poetaço
-aça	barcaça, vidraça
-astro	poetastro, medicastro, criticastro
-ázio	demonázio, copázio, balázio
-anzil	corpanzil
-eiro	cruzeiro
-alho	vergalho, ramalho, espantalho
-alha	muralha, fornalha, gentalha
-orra	cabeçorra

-arra	bocarra, naviarra

⇨ Observação:

O sufixo aumentativo mais comum em português é “-ão”. Nem sempre, porém, este sufixo traz ideia aumentativa, como em “cartão, portão, cordão”.

3. Sufixos nominais designativos de diminuição (sufixos diminutivos)

-inho, -inha	portinha, mocinho, pintinho, menininho, ervinha, pocinha
-zinho, -zinha	cãozinho, montezinho, florzinha, partezinha, poçozinho, ervazinha
-ito, -ita	canito, granito, senhorita, pequenita, florita, franganito
-ete	cavalete, pobrete, ramalhete, archete
-eta	valeta, maleta, lingueta, trombeta, ilheta
-ote	fidalgote, meninote, saiote, velhote
-oto, -ota	picoto, perdigoto, ilhota, velhota, maricota
-ilho, -ilha	vasilha, mantilha, presilha, palmilha
-ino	antonino, pequenino
-im	patim, fortim, flautim, camarim, mulherim
-ulo, -ula	glóbulo, nódulo, fórmula, espátula, célula
-culo, -cula	pendúculo, corpúsculo, partícula, minúscula
-olo, -ola	nucléolo, bolinholo, glorícola, aldeola
-el	cordel, canastrel, fardel, saquitel
-elo, -ela	portelo, colunelo, viela, costela
-elho, -elha	francelho, folhelho, chavelha
-ejo	lugarejo, quintalejo, casalejo
-ebre	casebre
-eco, -eca	livreco, ministreco, padreco, folheca, padreca
-ico, -ica	burrico, abanico, namorico, florica, pelica
-isco	chuvisco, pedrisco, lambrisco
-il	pernil, covil, tamboril
-acho	riacho, populacho, fogacho

-ucho	papelucho, gorducho, pequerrucho
-ilo	codicilo, mamilo

⇨ Observações:

a) O principal sufixo diminutivo em português é "–inho". Em alguns casos, este sufixo pode se ligar diretamente ao radical da palavra. Observe os exemplos abaixo:

- caix(a) → caixinha
- fin(o) → fininho
- ov(o) → ovinho
- braç(o) → bracinho
- camp(o) → campinho
- pedr(a) → pedrinha
- pint(o) → pintinho
- carr(o) → carrinho

b) Em alguns casos, quando a palavra primitiva finaliza em "S", acrescenta-se diretamente sufixo do diminutivo "-inho"; aparece, então, a terminação "-SINHO" com a consoante "S". Observe:

- as(a) → asinha
- princes(a) → princesinha
- adeus → adeusinho
- Teres(a) → Teresinha
- mes(a) → mesinha
- ros(a) → rosinha
- Luís → Luisinho
- Inês → Inesinha

c) Noutros casos, é impraticável a ligação direta do sufixo "-INHO" ao radical da palavra. Nestes casos, usa-se a consoante de ligação "Z" para tornar mais eufônica a ligação. Observe:

- anel + Z + inho → anelzinho
- pai + Z + inho → paizinho
- pé + Z + inho → pezinho
- Maria + Z + inha → Mariazinha
- mãe + Z + inha → mãezinha
- homem + Z + inho → homenzinho
- só + Z + inho → sozinho
- café + Z + inho → cafezinho

d) Muitos vocábulos, em especial na linguagem popular, são construídos indistintamente com os sufixos "-inho" e "-zinho", como, por exemplo, "*florinha ou florzinha, peixinho ou peixezinho, feixinho ou feixezinho, ovinho ou ovozinho, mulherinha ou mulherzinha, dentinho ou dentezinho, hominho ou homenzinho*".

4. Sufixos nominais designativos de agente (ser que pratica alguma ação), profissã ofício

-ário	bibliotecário, bancário, mesário, latifundiário
-eiro	pedreiro, armeiro, livreiro, relojoeiro
-dor, -tor	andador, vendedor, partidor, mergulhador, escritor, cantor, demonstrador
-nte	estudante, negociante, pretendente, presidente, servente, ouvinte

5. Sufixos nominais designativos de ação ou resultado de ação

-ção	formação, armação, fundação, alegação, correção, arguição, punição, estremeção
-mento	armamento, fundamento, casamento, doutoramento, estremecimento, oferecimento, agradecimento, ferimento, sentimento, argumento
-ada	facada, paulada, lançada, badalada, noitada, pincelada, colherada

6. Sufixos nominais designativos de estado

-ura	alvura, brancura, altura, loucura, abertura, bravura, mistura, escritura, postura
-eza, -ez	beleza, presteza, justeza, ligeireza, alteza, braveza, viveza, leveza, viuvez, dobrez
-idade, -dade	brevidade, facilidade, idoneidade, amabilidade, comunidade, latinidade, ruindade, igualdade, crueldade, beldade, bondade
-ice	doidice, velhice, caduquice, mouquice, gulosice, meiguice, doutorice
-ite	laringite, cardite, gastrite, estomatite, hepatite
-ência	prudência, malevolência, continência, assistência
-tura, -dura	nunciatura, abreviatura, quadratura, ditadura

7. Sufixos nominais designativos de naturalidade, origem, relação, título

-ense, -ês	amazonense, mato-grossense, paraense, maranhense, cearense, fluminense, português, francês, chinês, javanês, camponês, montanhês, inglês
-esa, -essa, -isa	baronesa, marquesa, condessa, abadessa, sacerdotisa, profetisa, poetisa
-ano, -ão	italiano, alagoano, sergipano, goiano, baiano, peruano, mexicano, pernambucano, alemão, catalão, lapão, beirão, bretão, saxão, cristão
-ino	bizantino, levantino, argentino, beneditino, florentino, bragantino, alpino, platino
-io	sírio, egípcio, índio
-eno	chileno, madrileno, santareno

-enho	portenho, ferrenho, estremenho
-ista	paulista, santista, nortista
-engo	flamengo, realengo, avoengo, judengo
-ático	asiático, aquático, lunático, indiático
-ico	índico, aristocrático, brasílico, britânico, melancólico, simbólico, pérsico
-aico	judaico, hebraico, caldaico, romaico
-aco	austríaco, siríaco, egipcíaco
-al, -el, -il	estadual, atual, visual, processual, pontual, anual, fiel, cruel, civil, juvenil
-ar	regular, militar, familiar, rudimentar, elementar
-esco	senegalesco, brutesco, dantesco, carnavalesco
-estre	campestre, equestre
-este	celeste, agreste

8. Sufixos nominais designativos de aptidão, tendência, estado, semelhança

-ável, -ével, -ível, -óvel, -úvel	amável, venerável, notável, indelével, visível, terrível, preferível, móvel, imóvel, solúvel, volúvel
-iço	alagadiço, espantadiço, roliço, feitiço, movediço, postiço, quebradiço, sumidiço, chegadiço, encontradiço, esquecidiço
-az	audaz, capaz, loquaz, contumaz
-bundo, -cundo	furibundo, moribundo, iracundo
-ento	barulhento, rabugento, nojento, bulhento
-io	fugidio, escorregadio
-ivo	instrutivo, auditivo, corrosivo, pensativo, executivo
-ório	finório, simplório, difamatório, satisfatório
-oide	esferoide, negroide, ovoide, antropoide

9. Sufixos nominais designativos de superlatividade, abundância, intensidade

-timo, -simo, -rimo, -limo	íntimo, legítimo, justíssimo, integérrimo, agílimo, humílimo, dulcíssimo
-udo	cabeçudo, cabeludo, barbudo, narigudo, beiçudo, linguarudo, peludo, abelhudo

10. Sufixos nominais designativos de lugar

-douro, -doura	matadouro, bebedouro, sangradouro, ancoradouro, manjedoura, sumidouro
-ário, -ária, -eiro, -eira	herbário, erário, ovário, vocabulário, relicário, dicionário, santuário, luminária, penitenciária, agulheiro, carteira, fruteira, pedreira
-ério	cemitério, batistério, necrotério
-ório	dispensatório, cartório, escritório, conservatório, consistório, consultório, purgatório

11. Sufixos nominais designativos de posse, de posse abundante

-oso	caridoso, gostoso, bondoso, preguiçoso, maldoso, medroso
-onho	tristonho, medonho, enfadonho

1.1.7 SUFIXOS VERBAIS

Os sufixos verbais geralmente se agregam ao radical de substantivos e adjetivos a fim de formar verbos. Os principais sufixos verbais em português são:

SUFIXO VERBAL	SENTIDO	EXEMPLOS
-ejar	ação frequente, repetitiva	vicejar, murmurejar, rastejar, gotejar, pestanejar
-ear	ação frequente, repetitiva	saquear, balancear, espernear, golpear, clarear
-ar	prática de ação	começar, deitar, jogar, cantar, telefonar
-ficar	prática de ação	liquidificar, gaseificar, tonificar, petrificar, dignificar
-izar	prática de ação	canalizar, comercializar, organizar, finalizar, canonizar
-entar	relativo à causa (causativo)	apoquentar, amamentar, ornamentar, acrescentar
-ecer	início de ação	amanhecer, enriquecer, envelhecer, empobrecer
-ilhar	ação repetida muitas vezes	dedilhar, pontilhar, fervilhar
-icar	ação pouco intensa	bebericar, namoricar, adocicar, tremelicar
-iscar	ação pouco intensa	lambiscar, namoriscar, petiscar

-inhar	ação pouco intensa	escrevinhar, esfolinhar, espezinhar, cuspinhar

1.1.8 OS SUFIXOS "IZAR" E "ISAR"

a) Não confunda o sufixo verbal "-izar" com a terminação "-isar" de certos verbos, nos qua o "**is**" pertence ao tema de onde se derivam, como, por exemplo, "precisar, analisar, guisar, repisar, eletrolisar". Quando o vocábulo não apresenta a consoante "S" em seu tema, emprega-se o sufixo "-izar" com a consoante "Z". Observe abaixo:

- hospital → hospital**izar**
- canal → canal**izar**
- valor → valor**izar**
- suave → suav**izar**
- imune → imun**izar**
- fértil → fertil**izar**

Agora...

- análise → anal**isar**
- pesquisa → pesqu**isar**
- aviso → av**isar**
- paralisia → paral**isar**
- eletrólise → eletrol**isar**
- guisa → gu**isar**
- revisão → rev**isar**

1.1.9 EMPREGO DE "-IDADE" E "-IEDADE"

Uma dúvida frequente para aqueles que prestam concurso é o emprego das formas "-idade" e "-iedade". Geralmente, as bancas cobram este conhecimento nas questões que envolvem "correção gramatical". Portanto, fique atento às orientações a seguir:

a) Usa-se a terminação "-idade" quando o adjetivo termina em "-ar". Observe:

- singul**ar** → singular**idade**
- complement**ar** → complementar**idade**
- element**ar** → elementar**idade**
- díspar → dispar**idade**
- exempl**ar** → exemplar**idade**
- simil**ar** → similar**idade**

b) Emprega-se, por outro lado, a terminação "-iedade" quanto o adjetivo termina en "-ário" e "-ório". Veja:

- precário → precar**iedade**
- contrário → contrar**iedade**
- voluntário → voluntar**iedade**
- vário → var**iedade**

- contradit<u>ório</u> → contraditor**iedade**
- obrigat<u>ório</u> → obrigator**iedade**
- not<u>ório</u> → notor**iedade**
- arbitr<u>ário</u> → arbitrar**iedade**

⇨ Observação:

Aos adjetivos terminados em "-neo" aplica-se também o sufixo "-idade". Neste caso, retira-se a vogal "o", que finaliza estes adjetivos, e acrescenta -se o sufixo "-idade". Formar-se-á, portanto, o ditongo "EI". Veja:

- espontâ**neo** → espontan**<u>ei</u>dade**
- contemporâ**neo** → contemporan**<u>ei</u>dade**
- temporâ**neo** → temporan**<u>ei</u>dade**
- heterogê**neo** → heterogen**<u>ei</u>dade**
- homogê**neo** → homogen**<u>ei</u>dade**
- simultâ**neo** → simultan**<u>ei</u>dade**
- sucedâ**neo** → sucedan**<u>ei</u>dade**
- momentâ**neo** → momentan**<u>ei</u>dade**

c) Sobre o emprego de "-ZINHO(A)" e "-SINHO(A)", consulte o capítulo "Ortografia"

1.1.10 EMPREGO DOS SUFIXOS "-ARIA" E "-ERIA"

Há, na língua portuguesa, um sem-número de vocábulos formados pelo processo de sufixação. Ocorre que, quando se trata dos sufixos "-eria" e "-aria", não existe muito consenso entre os estudiosos da nossa língua e, em várias situações, admite-se a existência de vocábulos grafados tanto com "-aria" quanto com "-eria". É certo que um deles tem se consolidado como o mais usual (alguns, como "parçaria", são formas arcaicas e desusadas), mas ambos são graficamente corretos. Vejamos alguns deles:

- bijuteria ou bijutaria
- engraxateria ou engraxataria
- joalheria ou joalharia
- vozeria ou vozearia
- leiteria ou leitaria
- lavanderia ou lavandaria
- charcuteria ou charcutaria
- infanteria ou infantaria
- bilheteria ou bilhetaria
- doceria ou doçaria
- selvageria ou selvajaria
- parceria ou parçaria
- loteria ou lotaria
- sorveteria ou sorvetaria
- pedanteria ou pedantaria

⇨ Observação:

Diante de situações de dúvida, não titubeie: consulte um bom dicionário.

1.1.11 SUFIXO ADVERBIAL "-MENTE"

Em português, o único sufixo adverbial é "-mente", o qual se acrescenta ao gênero feminino de adjetivos (quando o adjetivo apresenta esta flexão) para exprimir circunstâncias de modo, tempo, quantidade etc. Observe:

- calmaMENTE
- bondosaMENTE
- felizMENTE
- alegreMENTE

⇨ **Observação:**

Correlacione esta regra com o emprego em sequência de advérbios terminados em "-mente". Esta orientação se encontra no capítulo sobre o "advérbio".

IV. DESINÊNCIAS: são elementos mórficos que se acrescem ao final de um vocábulo e expressam as flexões de gênero, de número, de modo, de tempo e de pessoa. Podem ser:

a) **desinências nominais** → indicam o gênero e o número dos nomes.

RADICAL	DESINÊNCIA DE GÊNERO	DESINÊNCIA DE NÚMERO
macac	o	s
menin	a	s
pat	o	s

b) **desinências verbais** → indicam o modo e o tempo, o número e a pessoa dos verbos.

RADICAL	VOGAL TEMÁTICA	DESINÊNCIA MODO-TEMPORAL	DESINÊNCIA NÚMERO-PESSOAL
am-	a	-sse	-mos
cant-	a	-va	-mos

V. VOGAIS OU CONSOANTES DE LIGAÇÃO: são vogais e consoantes que, desprovidas de significação, são usadas na formação de um vocábulo a fim de facilitar-lhe a pronúncia.

- pau + **l** + ada
- café + **t** + eira
- gas + **ô** + metro
- cha + **l** + eira
- rei + **z** + inho

1.2 PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Antes de tudo, convém estabelecer alguns conceitos:

a) **Palavras primitivas** → são aquelas que não se formaram a partir de um vocábulo preexistente. São também denominadas de "derivantes".

- terra
- pedra
- ferro
- luz
- janela
- carro

b) **Palavras derivadas** → são aquelas formadas a partir de um vocábulo preexistente.

- terraço
- pedreira
- ferrugem
- luzeiro
- janelaço
- carroçaria

c) **Palavras simples** → são aquelas que apresentam um único radical.

- água
- guarda
- perfume
- perna

d) **Palavras compostas** → são aquelas que apresentam dois ou mais radicais.

- água-benta
- guarda-chuva
- lança-perfume
- pernalta

A partir desses conhecimentos, podemos afirmar que, na língua portuguesa, existem dois grandes processos de formação de palavras: derivação e composição.

1.2.1 DERIVAÇÃO

É o processo através do qual se obtém uma palavra nova (derivada) a partir de uma palavra já existente (primitiva). Esse fenômeno se dá, frequentemente, pelo acréscimo de afixos (prefixos ou sufixos). Dessa forma, temos:

1. **Derivação prefixal ou prefixação** → acréscimo de prefixos à palavra primitiva.

- **in**feliz
- **des**leal
- **re**ver
- **des**amor
- **pre**conceito
- **ultra**violeta

2. **Derivação sufixal ou sufixação** → acréscimo de sufixos à palavra primitiva.

- amor**oso**
- feliz**mente**
- bebe**douro**
- mal**dade**
- mel**oso**
- dent**ista**

3. **Derivação sufixal e prefixal** → acréscimo não simultâneo de um prefixo e um sufixo à palavra primitiva.

- **in**feliz**mente**
- **des**leal**dade**
- **des**cortes**ia**
- **in**util**izar**
- **des**nivel**ar**

⇨ Observação:

Perceba que na derivação prefixal e sufixal a retirada de um dos afixos não inutiliza a palavra por completo. Se se retirar o prefixo, a palavra subsiste com o processo de sufixação. Se se retirar o sufixo, a palavra subsistirá com o prefixo. Este é o principal fator para se distinguir este tipo de derivação da parassíntese. Observe:

→ **infelizmente**
- felizmente (sem o prefixo)
- infeliz (sem o sufixo)

4. **Derivação parassintética ou parassíntese** → acréscimo simultâneo de um prefixo e um sufixo à palavra primitiva.

- **a**noit**ecer**
- **a**pedr**ejar**
- **sub**terrâ**neo**
- **es**fri**ar**
- **a**madur**ecer**
- **des**alm**ado**

⇨ Observações:

a) Geralmente a derivação parassintética cria formas verbais a partir de substantivos e adjetivos. Veja abaixo:

- **enriquecer** → formada a partir do adjetivo "rico"
- **ajoelhar** → formada a partir do substantivo "joelho"
- **empalhar** → formada a partir do substantivo "palha"
- **endoidecer** → formada a partir do adjetivo "doido"
- **embarcar** → formada a partir do substantivo "barco"
- **amanhecer** → formada a partir do substantivo "manhã"

b) Não confunda a derivação prefixal e sufixal com a parassintética. Nesta, o acréscimo de afixos se dá de maneira simultânea, de modo que a retirada de um deles (sufixo ou prefixo) acarretará o desaparecimento da palavra.

5. **Derivação regressiva** → formação de substantivos denotadores de ação através de u processo de redução verbal. Substitui-se a terminação de um verbo pelas desinências "-a, -e, -o". Este tipo de derivação também é chamado de "**deverbal**", "**pós-verbal**" ou "**retrógrada**".

VERBO (primitivo)	SUBSTANTIVO (derivado)
abalar	abalo
afagar	afago
alcançar	alcance
buscar	busca
castigar	castigo
combater	combate
comprar	compra
enlaçar	enlace
gritar	grito
jogar	jogo
pescar	pesca

⇨ Observações:

a) Não se esqueça de que o processo comum de formação é a criação de verbos a partir de substantivos e adjetivos. A derivação regressiva, portanto, promove o processo inverso.

b) Convém mais uma vez salientar que a derivação regressiva forma substantivos indicativos de ação. Logo, "ajuda", "saque", "caça", por exemplo, são substantivos derivados dos verbos "ajudar", "sacar" e "caçar", respectivamente, porque indicam ação. Por outro lado, os substantivos "âncora", "perfume", "alimento", os quais não indicam ação, mas objetos, coisas, são palavras primitivas que dão origem aos verbos "ancorar", "perfumar" e "alimentar".

6. **Derivação imprópria ou conversão** → ocorre pela mudança da classe gramatical de uma palavra. Na maioria dos casos, substantivos se tornam adjetivos e vice-versa, adjetivos se transformam em advérbios e vice-versa, infinitivos se tornam substantivos, ou palavras invariáveis passam a ser substantivos.

› Ao longo da reunião, ele explicou **os prós** e **os contras** da questão. (palavras invariáveis substantivadas)

- Os **bons** sempre superam os **maus**. (adjetivos substantivados)
- Comprei um lindo rádio-**relógio** no centro da cidade de São Paulo. (substantivo adjetivado)
- Quando criança, pintava o **sete** na ausência dos pais. (numeral substantivado)
- **Esperar** é uma arte que todos deveriam exercitar. (infinitivo substantivado)
- Todos na sessão falavam **alto**. (adjetivo adverbializado)

1.2.2 COMPOSIÇÃO

É o processo por meio do qual duas ou mais palavras, ou dois ou mais radicais, se associam para formar uma nova palavra. Dois são os processos de composição na língua portuguesa:

1. **Composição por aglutinação** → ocorre quando há supressão ou perda de elementos fonéticos entre as palavras que se unem.

- perna + alta = **pernalta**
- boca + aberta = **boquiaberta**
- perna + longo = **pernilongo**
- plano + alto = **planalto**
- Santo + Antônio = **santantônio**
- cabeça + baixa = **cabisbaixo**
- fonte + seca = **Fonseca**
- plena + mar = **preamar**
- puxa + avante = **puxavante**
- pedra + óleo = **petróleo**
- em + boa + hora = **embora**
- filho + de + algo = **fidalgo**
- água + ardente = **aguardente**
- hidro + elétrico = **hidrelétrico**
- vinho + acre = **vinagre**

2. **Composição por justaposição** → ocorre quando as palavras se juntam sem que haja alteração mórfica nelas.

- passa + tempo = **passatempo**
- mal + me + quer = **malmequer**
- sempre + viva = **sempre-viva**
- porco + espinho = **porco-espinho**
- gira + sol = **girassol**
- guarda + chuva = **guarda-chuva**
- vai + vém = **vaivém**
- verde + mar = **verde-mar**
- vara + pau = **varapau**
- mata + borrão = **mata-borrão**
- obra + prima = **obra-prima**

1.2.3 OUTROS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Ao lado dos dois grandes processos de formação de palavras da língua portuguesa (derivação e composição), há outros igualmente importantes. São eles:

1. **Redução ou abreviação vocabular** → ocorre pela redução de um vocábulo a um mínimo semântico significativo, ou seja, reduz-se uma palavra ao máximo sempre mantendo seu sentido original.

- **auto** → redução de "automóvel"
- **extra** → redução de "extraordinário"
- **cinema** → redução de cinematógrafo
- **foto** → redução de fotografia
- **pneu** → redução de pneumático
- **curta** → redução de curta-metragem
- **zoo** → redução de zoológico
- **quilo** → redução de "quilograma"
- **cine** → redução de "cinema"
- **pólio** → redução de "poliomielite"
- **moto** → redução de motocicleta
- **pornô** → redução de pornografia
- **Zé** → redução de José
- **metrô** → redução de metropolitano

2. **Hibridismo** → ocorre quando a palavra é formada por elementos provenientes de línguas diferentes.

- automóvel = auto (grego) + móvel (latim)
- televisão = tele (grego) + visão (latim)
- abreugrafia = abreu (português) + grafia (grego)
- alcoômetro = álcool (árabe) + metro (grego)
- burocracia = buro (francês) + cracia (grego)
- monocultura = mono (grego) + cultura (latim)
- sambódromo = samba (português) + dromo (grego)
- goiabeira = goia (tupi) + beira (português)
- sociologia = socio (latim) + logia (grego)
- asmático = asma (português) + ico (latim)

3. **Onomatopeia ou onomatopaica** → ocorre quando se formam palavras que buscam representar os sons dos seres, das coisas, da natureza.

- vapt-vupt!
- miau!
- grunhir
- estralejar
- tique-taque
- tartamudear
- zigue-zague!
- tinir
- toc-toc!
- latir
- au! au!
- grugulhejar
- bummm!
- espocar
- zás!
- piar

- arrulhar
- rosnar

⇨ **Observação:**

Todos os verbos que indicam os sons dos animais são onomatopaicos. Logo, “coaxar (rã), chiar (insetos), estridular (cigarra), grasnar (pato), mugir (boi), palrar (papagaio), rugir (leão), uivar (lobo), zurrar (burro)” são alguns exemplos de verbos onomatopaicos.

4. **Siglonimização** → é o processo de formação das siglas. A sigla é a abreviatura formada com as letras iniciais das palavras de um nome ou um título. Observe abaixo algumas siglas.

- **FGTS** = Fundo de Garantia pelo Tempo de Serviço
- **CPF** = Cadastro de Pessoas Físicas
- **MEC** = Ministério da Educação e Cultura
- **CEP** = Código de Endereçamento Postal
- **DNER** = Departamento Nacional de Estradas e Rodagens
- **SENAC** = Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
- **IBOPE** = Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística
- **IBGE** = Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- **SENAI** = Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
- **UNESCO** = United Nations Educational Scientific and Cultural Organization
- **ONU** = Organização das Nações Unidas
- **OEA** = Organização dos Estados Americanos
- **PT** = Partido dos Trabalhadores

1.2.4 NEOLOGISMOS

A língua não é algo morto, sem vida. Em todo tempo, por causa da evolução dos seres e da evolução do campo do conhecimento, o acervo lexical de um povo se modifica – palavras deixam de ser usadas e tornam-se arcaicas, e palavras novas são criadas. A esse processo de criação lexical dá-se o nome de **neologismo**.

O nosso idioma, estruturalmente formado do latim, tem herdado empréstimos lexicais de outros sistemas linguísticos desde o início de sua formação. Por isso, em nossa língua encontramos tantos vocábulos provenientes das diversas influências (celta, fenícia, basca, bárbara, árabe, africana, tupi, espanhola, inglesa, italiana, francesa etc.).

Hoje, em virtude da globalização econômico-financeira, nossa língua portuguesa tem

recebido bastantes empréstimos linguísticos oriundos da língua inglesa.

Cumpre de antemão frisar que, para a formação de um neologismo, na maioria dos casos, são usados os mesmos processos utilizados para a formação de muitas palavras em nossa língua: derivação e composição.

Observe alguns exemplos de neologismos em nossa língua (alguns ainda não foram registrados pelos dicionaristas, mas são bastante usados):

- deletar = apagar
- clicar = dar cliques com o mouse
- bebemorar = junção de beber e comemorar
- indescartável = que não pode ser descartável
- microcurso = curso de pequena extensão
- lulistas = partidários do presidente Lula
- pistolagem = ações com o uso da pistola, da força

1.3 CLASSIFICAÇÃO E FLEXÃO DAS PALAVRAS

Na língua portuguesa, a palavra pode ser analisada pela função que exerce em relação às outras palavras, ou pelo valor que, isoladamente, ela possui. No primeiro caso, temos a análise sintática, a qual será fruto de nosso estudo em capítulo próprio. Já a segunda, diz respeito à análise (ou classificação) morfológica.

Morfologia (gr. “morphê” = forma, “logos” = tratado) é a parte da “lexicologia” que estuda a palavra em seu elemento imaterial, isto é, em sua ideia ou significação. A morfologia das palavras pode ser estudada em duas partes:

a) **Taxonomia** (gr. “taxis” = arranjo, classificação; “nomos” = lei) estuda as diversas classes de palavras e as suas propriedades em relação à ideia que expressam.
b) **Etimologia** (gr. “etimo” = origem; “logia” = estudo) estuda a origem e a evolução da palavras.

Nos próximos dez capítulos, estudaremos a classificação morfológica das palavras em nossa língua, isto é, o valor que cada uma possui por si mesma, independentemente das demais palavras.

Há em nossa língua dez classes de palavras: substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome, verbo, advérbio, conjunção, preposição e interjeição.

Observe abaixo um quadro-resumo dessas dez classes:

CLASSE DE PALAVRA	DEFINIÇÃO	EXEMPLOS

	(CARACTERÍSTICAS)	
1. Substantivo	Classe de palavra variável que dá nome aos seres em geral.	casa – terra – rosto – planta – martelo – João – papelão
2. Adjetivo	Classe de palavra variável que modifica um substantivo, atribuindo-lhe uma qualidade, um estado, um modo de ser.	bom – ruim – alto – péssimo – belo – feio – gostoso
3. Artigo	Classe de palavra variável que acompanha um substantivo, determinando-o ou indeterminando-o.	o – a – o – as – uma – um – umas – uns
4. Numeral	Classe de palavra variável que indica quantidade ou ordem dos seres.	dois – três – primeiro – décimo – um terço – triplo
5. Pronome	Classe de palavra variável que substitui ou acompanha o substantivo.	meu – nós – alguém – que – cujo – Vossa Excelência
6. Verbo	Classe de palavra variável que indica um processo em relação ao tempo. Este processo pode ser uma ação, um estado, uma mudança de estado ou um fenômeno da natureza.	andar – chover – dormir – correr – nadar – ser – ventar – fugir – tornar-se
7. Advérbio	Classe de palavra invariável que modifica um verbo, um adjetivo ou até outro advérbio, atribuindo-lhes circunstâncias diversas.	cedo – tarde – amanhã – não – talvez – jamais – sim
8. Conjunção	Classe de palavra invariável que liga orações ou termos dentro de uma oração.	embora – mas – já que – conquanto – a fim de que
9. Preposição	Classe de palavra invariável que liga termos de uma oração ou, mais raramente, orações.	a – de – por – com – sob
10. Interjeição	Classe de palavra invariável que exprime emoções ou sentimentos.	ah! – puxa! – ai! – ufa!

⇨ Observação:

Convém salientar que classificar uma palavra é, antes de tudo, entender o sentido e a função que cada uma exerce em uma dada sentença. Sempre será imperfeita a classificação que se funde meramente na forma ou na estrutura do vocábulo. Logo, a

chave para uma boa classificação é a análise de cada uma em seu contexto oracional. Observe abaixo alguns exemplos que demonstram a variação da classificação de um mesmo vocábulo.

- Eles são homens **sábios**. *adjetivo*
- Os **sábios** vivem melhor. *substantivo*
- Joana é um ser **baixo**. *adjetivo*
- É importante falar **baixo**. *advérbio*
- O **filósofo** é o amigo da sabedoria. *substantivo*
- Luis XV era um rei-**filósofo**. *adjetivo*
- Esta **tarde** foi inesquecível. *substantivo*
- Saímos muito **tarde**. *advérbio*
- Por favor, não **tarde**. *verbo*
- Ficou **meio** chateada. *advérbio*
- Ficou sem **meios** para se suster. *substantivo*
- Comprou **meia** fruta. *numeral*
- Meus olhos veem **claro**. *advérbio*
- Tinha um **claro** talento. *adjetivo*
- Ficamos num **claro** da floresta. *substantivo*
- Esforço-me **porque** sejas aprovada. *conj. final*
- Estudo **porque** é importante. *conj. causal*
- Não nos disse o **porquê** do problema. *substantivo*
- **Fora** isso, peça-me o que quiser. *preposição*
- Ficou **fora** da casa. *advérbio*
- Ele **fora** para o interior do Estado. *verbo*
- Ela **nada** bem. *verbo*
- Ela não dirá **nada**. *pronome indefinido*
- Isto não é **nada** agradável. *advérbio*
- **O** menino estuda. *artigo*
- Eu **o** considero muito. *pronome oblíquo*
- Já sabemos **o** que sucedeu. *pronome demonstrativo*

1.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (TRT-ES) Assinale o item no qual os prefixos destacados **não** têm o mesmo sentido:

   a) carta **a**nônima – homem **in**capaz
   b) **hemi**sfério sul – raiz **semi**morta
   c) nuvem **diá**fana – película **trans**lúcida
   d) rua **para**lela – autor **con**temporâneo

e) **perí**metro urbano – área **circun**vizinha

2. (ESAF-MPU) Assinale a opção na qual os componentes destacados das palavras não têm a mesma significação:

a) **hiper**tensão – **super**mercado
b) **a**teu – **an**arquia
c) **bí**pede – **di**ssílabo
d) **anfí**bio – **ambi**destro
e) **ante**por – **anti**aéreo

3. (BB) Assinale a opção em que há erro na explicação da palavra destacada:

a) **heliofobia** – horror à luz do sol
b) **rinalgia** – dor de nariz
c) **xilografia** – arte de gravar em pedra
d) **etnologia** – estudo das raças
e) **misantropia** – aversão à sociedade

4. (FATEC-SP) Nas palavras **poliglota**, **tecnocracia**, **acrópole**, **demagogo** e **geografia** encontramos elementos que têm as seguintes significações, respectivamente:

a) garganta – ciência – cidade – conduzo – terra
b) língua – governo – civilização – enganar – terra
c) muitas – deus – alto – povo – planeta
d) língua – governo – alto – povo – terra
e) muitas – poder – cidade – diabo – tratado

5. (Mackenzie-SP) Assinale a alternativa em que não há relação entre duas colunas quant ao significado do prefixo:

a) abdicar = afastamento
b) adjacente = posição em frente
c) antedatar = anterioridade
d) ambidestro = duplicidade
e) biscoito = repetição

6. (FATEC-SP) O prefixo e o sufixo que compõem a palavra **despenteada** encontram

similar de sentido em:

a) imaginava
b) deslealdade
c) dissílabo
d) infelicidade
e) impossibilitado

7. (CESGRANRIO-RJ) Assinale o par de vocábulos cujos prefixos apresentam significaçã equivalente à dos elementos iniciais de **impessoal** e **predeterminado**:

a) amoral – epidérmico
b) antiaéreo – hipertenso
c) disforme – ultrapassado
d) contraindicado – transatlântico
e) desumano – antediluviano

8. (UFRJ) Assinale a alternativa cujo prefixo **sub**- tem o sentido de posteridade:

a) sublinhar
b) subsequente
c) subdesenvolvimento
d) subjacente
e) submisso

9. (Mackenzie-SP) Dentre as alternativas abaixo, assinale aquela em que ocorrem dois prefixos que dão ideia de negação:

a) impune, acéfalo
b) pressupor, ambíguo
c) anarquia, decair
d) importar, soterrar
e) ilegal, refazer

10. (ITA-SP) Considere as seguintes significações:

"nove ângulos" – "governo de poucos"
"som agradável" – "dor de cabeça"
Escolha a alternativa cujas palavras traduzem os significados apresentados acima.

a) pentágono, plutocracia; eufonia, mialgia
b) eneágono, oligarquia; eufonia, cefalalgia
c) nonangular, democracia; cacofonia, dispineia
d) eneágono, aristocracia; sinfonia, cefalalgia
e) hendecágono, monarquia; sonoplastia, cefaleia

GABARITO

1 – D	2 – E	3 – C
4 – D	5 – B	6 – E
7 – E	8 – B	9 – A
10 – B		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 2

SUBSTANTIVO

2.1 DEFINIÇÃO

É a classe de palavra variável com a qual se denomina os seres em geral.

Aqui, a palavra “ser” precisa ser entendida não só como aquilo que possui uma existência concreta (pedra, homem, carro, lua), mas também como aquilo que possui uma existência imaginária (Saci, fada, Minotauro), abstrata (fé, alegria, tristeza), ou mesmo de comprovação discutível (anjo, alma, inferno).

Por isso, classificam-se como substantivos as coisas, os sentimentos, as qualidades, as ações, os estados considerados em si mesmos.

Observe os primeiros exemplos:

beleza	morte	vida	vingança	casamento	vento
cobre	água	árvore	sonho	Terra	símbolo
pureza	revolução	átomo	eletricidade	caderno	uva

2.2 CARACTERIZAÇÃO DO SUBSTANTIVO

Nem sempre é fácil para um estudante da língua portuguesa identificar com segurança um substantivo. Por isso, para fazê-lo, convém observar duas características fundamentais:

1. O substantivo é uma classe de palavras que geralmente vem acompanhada de outras palavras, as quais a determinam. Daí dizermos que um substantivo frequentemente se encontra acompanhado de determinantes. Funcionam como determinantes “os artigos, os adjetivos, os pronomes adjetivos e os numerais”. Logo, quase todas as palavras na língua portuguesa podem ser usadas como substantivos.

   Veja:

- Havia dois **entrevistadores** engraçados que faziam umas **perguntas** bobas.
  determinante *determinantes*

- Alguns **homens** nunca conseguirão implementar mais que três **ideias** ao longo da **vida**.
  determinante *determinantes*

- Não aguentava mais os teus **ais**, as tuas **lamúrias**, os teus "**não-sei-pra-que-isso**".
  determinantes *determinantes*

2. O substantivo é a classe morfológica que "privativamente" exerce as funções sintáticas de: **sujeito**, **objeto direto**, **objeto indireto**, **complemento nominal**, **agente da passiva**, **aposto** e **vocativo**. Logo, palavras que exercem tais funções serão substantivos ou substantivadas.

   Observe:

- Os noivos disseram "**sim**!" diante de toda a igreja.
  objeto direto = palavra substantivada

- Não viva o **ontem**; procure amar o **hoje**.
  objetos diretos = palavras substantivadas

- Os **feios** também amam.
  sujeito = palavra substantivada

- **Viver** já é, por si só, um presente de Deus.
  sujeito = palavra substantivada

- Ninguém sabe os **porquês** da ausência dele.
  objeto direto = palavra substantivada

- Precisaremos dos **dois** para o nosso projeto.
  objeto indireto = palavra substantivada

- Ao chegar, foi enxotado pela **multidão**.
  agente da passiva = substantivo

- Não tinha precisão do **dinheiro** público.
  complemento nominal = substantivo

- Precisamos muito disto: **paz** na terra entre os homens de boa vontade.
  aposto = substantivo

⇨ Observações importantes:

a) Não confunda um substantivo com uma palavra substantivada. Enquanto esta se encontra exercendo uma função típica do substantivo, aquele é o próprio substantivo por natureza. A palavra "nobre" é um adjetivo por natureza. No entanto, ao dizermos "Os **nobres** sempre dominaram o mundo", temos um adjetivo substantivado, ou seja, uma palavra substantivada, pois ela exerce a função de sujeito e está acompanhada de um determinante.

b) Não se esqueça de que alguns substantivos também podem exercer o papel de

"adjetivo" pelo processo de derivação imprópria ou conversão, estudado no capítulo sobre a formação das palavras. Veja:

- O homem-**morcego** sempre foi um sucesso do cinema.
  Substantivo exercendo a função de adjetivo.
- Minha avó sempre dizia que vivia em um mundo **cão**.
  Substantivo exercendo a função de adjetivo.

c) O substantivo, como a maioria das classes morfológicas, pode ser expresso por meio d uma oração, denominada de "**oração substantiva**". Já que o substantivo exerce funções como "sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal", a oração substantiva exercerá também – obviamente – uma dessas funções. Observe:

- Tinha receio de que os juros inviabilizassem seus negócios.
  oração substantiva – complemento nominal
- Sempre aspirou a que todos fossem contemplados com a sorte da loteria.
  oração substantiva – objeto indireto
- Seria fundamental que eles se amassem mais.
  oração substantiva – sujeito
- João argumentou que aquilo fora dito por seu pai há muitos anos.
  oração substantiva – objeto direto

⇨ **Observação:**

Para aprofundar este último ponto, estude, em sintaxe, as orações substantivas.

d) Convém salientar também que é um substantivo o núcleo de boa parte das locuções adjetivas, adverbiais, prepositivas e conjuntivas. Por isso, o substantivo é uma das classes gramaticais mais importantes. Veja:

- à espera de = núcleo de uma locução prepositiva
- casaco de couro = núcleo de uma locução adjetiva
- a fim de que = núcleo de uma locução conjuntiva
- à tarde = núcleo de uma locução adverbial

2.3 CLASSIFICAÇÃO DO SUBSTANTIVO

Os substantivos podem ser classificados em: **concretos, abstratos, próprios, comuns, simples, compostos, primitivos, derivados e coletivos**.

1. **Concretos e abstratos:** Os primeiros indicam os seres que possuem existência própria independente dos demais seres, não importando se são reais ou imaginários. Já os segundos indicam os seres que dependem da existência de outros seres para existirem. Estes últimos indicam qualidades, ações ou estados.

- mesa – faca – lápis – apontador – lua – terra – mar – lampião – fada = são exemplos de substantivos concretos
- pânico – medo – tristeza – bondade – sonho – conhecimento – saudade = são exemplos de substantivos abstratos

2. **Próprios e comuns:** Os próprios designam um ser específico, determinado entre os outros de sua espécie. Já os comuns designam os seres de uma espécie de forma genérica.

- rua – casa – flor – carro – aliança – cidade – rio = são substantivos comuns
- Pedro – Brasil – Nova Iorque – São Francisco – Jesus Cristo = são substantivos próprios

3. **Simples e compostos:** São simples os substantivos formados por um só elemento, um só radical. Já os compostos são constituídos por mais de um radical ou elemento formador.

- terra – fruta – cavalo – pau = são substantivos simples
- terra-cozida – fruta-pão – cavalo-vapor – pau-brasil = são substantivos compostos

4. **Primitivos e derivados:** Os primitivos são aqueles substantivos que não resultam de nenhuma outra palavra preexistente. Já os derivados, como o próprio nome já o denuncia, são os substantivos oriundos de outras palavras, ditas primitivas.

- terra – pedra – mar – luz – folha = são substantivos primitivos
- terraplanagem – pedreira – maremoto – luzeiro – folhagem = são substantivos derivados

5. **Coletivos:** São os substantivos que, no singular, indicam uma coleção, um agrupamento um conjunto de seres da mesma espécie. Observe abaixo uma tabela com os principais coletivos:

academia	de literatos, de artistas, de sábios etc.
acervo	de bens patrimoniais, de obras de arte etc.
álbum	de fotografias, de selos
alcateia	de lobos
antologia	de trechos literários

armada	de navios de guerra
arquipélago	de ilhas
assembleia	de pessoas reunidas
associação	de pessoas reunidas sob o mesmo estatuto
atilho	de espigas de milho
atlas	de mapas
bagagem	de objetos de viagem
baixela	de utensílios de mesa
banca	de examinadores
bandeira	de garimpeiros, de exploradores
bando	de crianças, de aves, de ciganos etc.
baralho	de cartas
batalhão	de soldados
bateria	de peças de artilharia, de utensílios de cozinha
biblioteca	de livros
boiada	de bois
brigada	de pessoas voltas para a execução de um serviço
cabido	de cônegos de uma catedral
cacaria	de cacos
cacho	de uvas, de bananas etc.
cáfila	de camelos
câmara	de deputados
cambada	de vadios, de malvados etc.
capoeira	de aves, de mato
caravana	de viajantes, de peregrinos, de mercadorias etc.
cardume	de peixes
cartuchame	de cartuchos
catálogo	de livros, de plantas, de objetos para a venda etc.
choldra	de malfeitores, de desordeiros, de pessoas ordinárias etc.
chusma	de gente, de criados, de papéis

clientela	de clientes
código	de leis reunidas
coleção	de livros, de poesias, de selos etc.
coletânea	de objetos reunidos
coligação	de pessoas, de organizações
colmeia	de cortiços de abelhas
comboio	de meios de transporte, de animais etc
conciliábulo	de feiticeiros
concílio	de bispos, de prelados, de pastores
conclave	de cardeais
confederação	de estados
confraria	de pessoas religiosas reunidas
congregação	de professores, de membros de uma determinada religião
congresso	de sábios, de diplomatas, de deputados
conselho	de ministros, de professores
constelação	de estrelas
cordilheira	de montanhas
corja	de canalhas, de vadios, de malfeitores
coro	de pessoas reunidas para cantar
discoteca	de discos
doutrina	de conhecimentos
elenco	de atores, de artistas
enxoval	de roupas e adornos
esquadra	de navios
fato	de cabras
fauna	de animais de uma região
feixe	de lenha, de capim, de varas
fornada	de pães, de tijolos etc.
frotas	de navios, de ônibus etc.
galeria	de quadros, de estátuas
grei	de fiéis reunidos

grêmio	de intelectuais, de artistas etc.
irmandade	de membros de associações religiosas
júri	de jurados
legião	de soldados, de anjos, de demônios
lustro	de cinco anos
maço	de papéis, de cartas, de cigarros
manada	de bois, de elefantes etc.
maquinaria	de máquinas
matilha	de cães
miríade	de insetos
molho	de chaves, de capim
ninhada	de filhotes de aves
nuvem	de gafanhotos, de mosquitos etc.
orquestra	de músicos
parlamento	de casas legislativas
patrulha	de soldados em ronda
penca	de bananas, de uvas, de laranjas
petrecho	de armamentos
pilha	de livros, de moedas, de pratos
pinacoteca	de quadros, de telas
piquete	de grevistas
plêiade	de grupo de homens sábios, célebres
prole	de filhos de um casal
quadrilha	de ladrões, de bandidos
ralé	de pessoas ordinárias
ramalhete	de flores
rancho	de soldados, de trabalhadores, de gente
rebanho	de ovelhas, de cabras
renque	de coisas ou pessoas na mesma linha
repertório	de peças teatrais, de músicas
resma	de papel (quinhentas folhas)

réstia	de cebola, de alho
revoada	de aves
rol ou ror	de pessoas, de testemunhas
seleta	de trechos literários escolhidos
sínodo	de párocos, de religiosos reunidos
súcia	de velhacos, de patifes
tripulação	de tripulantes de um navio, de um avião
tropel	de cavaleiros
tropilha	de cavalos
trouxa	de roupas
turma	de estudantes, de trabalhadores etc.
vara	de porcos
viveiro	de aves, de plantas

⇨ Algumas observações sobre os substantivos coletivos:

a) É importante frisar que os substantivos coletivos podem ser **específicos (determinados)** ou **genéricos (indeterminados)**. Dizer, por exemplo, "ramalhete de flores", "cardume de peixes", "esquadra de navios" consiste numa redundância, pois os coletivos aqui usados se referem – especificamente – a "flores, peixes e navios", respectivamente. Por outro lado, não se comete redundância quando se criam especificações para coletivos do tipo "grupo, bando, congresso, coleção", uma vez que estes podem ser utilizados para indicar mais de um ser. Por isso, os primeiros são denominados de específicos e os segundos de genéricos. Veja:

- O **grupo** de estudantes deixou a sala.
- Um **grupo** de deputados inspecionará a obra.
- Um **bando** de aves sobrevoa a cidade.
- Um **bando** de ladrões assaltou um banco hoje pela manhã.
- A **coleção** de selos foi furtada.
- A **coleção** de poesias do Mário impressiona a todos.

⇨ Observação:

Nestes exemplos, os substantivos “grupo, bando e coleção” requereram especificações por se tratar de coletivos inespecíficos ou genéricos.

b) Quando se trata de coletivos genéricos ou inespecíficos, a concordância do verbo pode se dar tanto com o núcleo do termo quanto com a sua especificação.

- Uma equipe de jogadores — auxiliará / ou / auxiliarão — os trabalhos de seleção dos melhores atletas da escola.

) Os substantivos “parte, metade, maioria, minoria”, que designam fração de um todo, são denominados de “<u>coletivos partitivos</u>”; distinguem-se, portanto, dos outros denominados de “<u>coletivos gerais</u>”.

) Há coletivos que são denominados de <u>numéricos</u>, pois representam quantidades numéricas exatas. Exemplos:

- **par** → conjunto com dois elementos
- **lustro** → período de cinco anos
- **novênio** → período de nove anos
- **sextilha** → estrofe de seis versos
- **tríade** → grupo de três pessoas
- **septênio** → período de sete anos
- **semana** → período de sete dias
- **dúzia** → conjunto de doze elementos
- **milhar** → conjunto de mil coisas
- **semestre** → período de seis meses
- **trezena** → período de treze dias
- **trindade** → reunião de três pessoas
- **quinquídio** → período de cinco dias
- **quindênio** → período de quinze dias
- **cento** → conjunto com cem elementos
- **terceto** → estrofe de três versos / reunião de três pessoas

) Muitos coletivos são formados pelo processo de sufixação. Eis abaixo os sufixos mais comuns para a formação de coletivos.

- **-ada** → boiada, manada, brigada
- **-alha** → parentalha, clericalha
- **-ama** → dinheirama, boiama
- **-aria** → livraria, artilharia
- **-eiro** → formigueiro, abelheiro
- **-agem** → folhagem, carruagem
- **-al** → cabedal, bananal
- **-ame** → cordame, enxame
- **-dade** → cristandade, diversidade
- **-edo** → arvoredo, vinhedo

2.4 FLEXÕES DOS SUBSTANTIVOS

Como palavras variáveis que são, os substantivos se flexionam em: **gênero**, **número** e **grau**.

2.4.1 FLEXÕES DE GÊNERO

Em primeiro lugar, é importante dizer que o gênero é uma classificação puramente gramatical. Segundo o gênero, os substantivos são agrupados em **masculinos** e **femininos**.

Em tese, são masculinos todos os substantivos aos quais se pode antepor o artigo definido masculino "o(s)". Por outro lado, são femininos todos os que admitem o artigo definido feminino "a(s)".

São masculinos	São femininos
o cordão – os sapatos – os lençóis – o azeite	a fralda – a sandália – a leoa – a patroa – a câmera
o cidadão – o ator – o imperador – o compadre	a internet – a libélula – a freira – a mãe – a dama

2.4.1.1 Formação do feminino

2.4.1.1.1 Substantivos biformes

A maioria dos substantivos na língua portuguesa apresenta formas distintas para o masculino e para o feminino – são denominados de "**BIFORMES**". Para os substantivos desse grupo, o feminino geralmente se forma a partir da(o):

) Mudança da terminação "-o" por "-a":

- filho → filha
- aluno → aluna
- menino → menina
- garoto → garota
- aluno → aluna

) Mudança da terminação "-e" por "-a":

- elefante → elefanta
- monge → monja
- parente → parenta
- mestre → mestra

- presidente → presidenta

) Mudança das terminações “-e” e “-a” por “-essa, -esa, -isa”.

- sacerdote → sacerdotisa
- diácono → diaconisa
- barão → baronesa
- abade → abadessa
- príncipe → princesa
- profeta → profetisa
- conde → condessa
- prior → prioresa

l) Mudança da terminação “-ão” por “-ã, -oa, -ona”.

- alemão → alemã
- irmão → irmã
- leitão → leitoa
- valentão → valentona
- chorão → chorona
- patrão → patroa
- cidadão → cidadã
- santarrão → santarrona

Exceções:

- barão → baronesa
- sultão → sultana
- ladrão → ladra
- cão → cadela

) Mudança da terminação “-eu” por “-eia”:

- europeu → europeia
- plebeu → plebeia
- ateu → ateia
- hebreu → hebreia
- pigmeu → pigmeia

⇨ Observação:

Há substantivos que não seguem esta regra: réu → ré; judeu → judia; ilhéu → ilhoa.

) Acréscimo da terminação "-a" aos substantivos terminados em "-es, -or, -z, -s, -l"

- camponês → camponesa
- juiz → juíza
- cantor → cantora
- escritor → escritora
- bacharel → bacharela

) Acréscimo da terminação "-triz" a certos substantivos terminados em "-or":

- embaixador → embaixatriz
- imperador → imperatriz
- cantor → cantatriz
- ator → atriz
- genitor → genetriz

⇨ Observação:

Admitem-se também os femininos "cantora" e "genitora" – bem mais usuais no português contemporâneo – para os substantivos "cantor" e "genitor", respectivamente.

) Acréscimo da terminação "-ina" a certos substantivos como:

- herói → heroína
- czar → czarina
- felá → felaína

⇨ Observação:

Inúmeros são os procedimentos para a formação do feminino na língua portuguesa, e não há uma regra que consiga abarcar todas as situações. Daí a quantidade exorbitante de substantivos os quais possuem formas totalmente diferentes para indicar o masculino e o feminino. Estes substantivos são denominados de "heterônimos". Segue abaixo uma lista sucinta de tais substantivos (também

denominados de “**biformes**”, diga-se por conveniência) e seus respectivos femininos.

MASCULINO	FEMININO
caxaréu	baleia
bispo	episcopisa
bode	cabra
boi	vaca
burro	besta, mula
cão	cadela
capitão	capitã
cavaleiro	amazona
cavalheiro	dama
cavalo	égua
compadre	comadre
cônego	canonisa, cônega
confrade	confreira
dom	dona
embaixador	embaixadora (funcionária)
embaixador	embaixatriz (esposa do embaixador)
ermitão	ermitoa
frade	freira
frei	sóror ou soror
galo	galinha
general	generala
genro	nora
homem	mulher
jabuti	jabota
javali	javalina
marajá	marani
pacuçu	paca
padrasto	madrasta

padre	madre
padrinho	madrinha
pai	mãe
pardal	pardoca ou pardaloca
parvo	parva
patriarca	matriarca
perdigão	perdiz
prior	prioresa ou priora
rajá	rani
sandeu	sandia
tritão	sereia
tabaréu	tabaroa
varão	varoa ou virago
veado	veada, cerva
zangão	abelha

2.4.1.1.2 Substantivos uniformes

Um outro grande grupo de substantivos possui apenas uma única forma gráfica para designar tanto o masculino quanto o feminino – são os denominados de **UNIFORMES**. Dividem-se em:

) **Sobrecomuns** – são substantivos que possuem uma única forma para o masculino e pa o feminino. Até o artigo que acompanha estes substantivos é comum aos dois gêneros.

- o monstro
- o cadáver
- a criança
- o sujeito
- o defunto
- o ídolo
- o cônjuge
- o carrasco
- a pessoa
- a vítima
- o membro
- a criatura
- o esqueleto
- a testemunha

) **Comuns de dois gêneros** – são substantivos que possuem uma única forma gráfica pa os dois gêneros, mas se faz a distinção do masculino e do feminino pela utilização de artigos “o, a, os, as, um, uns, uma, umas”.

- o/a cliente
- o/a acrobata
- o/a diplomata
- o/a estudante

- o/a artista
- o/a agente
- o/a agiota
- o/a pajem
- o/a nubente
- o/a pedinte
- o/a jornalista
- o/a homicida
- o/a ouvinte
- o/a servente
- o/a motorista
- o/a dentista
- o/a gerente
- o/a jovem
- o/a selvagem
- o/a colega

) **Epicenos** – são substantivos relativos a animais que possuem uma única forma para designar o masculino e o feminino. A distinção entre os sexos se dará pelo acréscimo das palavras “macho” e “fêmea”.

- a cobra macho / a cobra fêmea
- o crocodilo macho / o crocodilo fêmea
- a pulga macho / a pulga fêmea
- a borboleta macho / a borboleta fêmea
- a águia macho / a águia fêmea
- o jacaré macho / o jacaré fêmea
- o tatu macho / o tatu fêmea
- a minhoca macho / a minhoca fêmea

2.4.1.2 Oposição entre o gênero e o sentido

Muitos substantivos mudam de sentido quando têm seu gênero alterado. Diz-se, então, que houve um gênero aparente, já que a outra forma não representa o sexo oposto, mas uma palavra com um significado totalmente diferente do significado da primeira. Observe:

o língua (o intérprete)	**a língua** (órgão do corpo humano)
o caixa (funcionário)	**a caixa** (receptáculo)
o razão (livro mercantil)	**a razão** (faculdade intelectual)
o guarda (policial)	**a guarda** (corporação, proteção, cuidado)
o capital (dinheiro)	**a capital** (cidade sede de governo)
o cisma (separação)	**a cisma** (dúvida)
o vogal (representante)	**a vogal** (letra)
o guia (orientador, pessoa que guia)	**a guia** (documento, correia comprida)
o cura (padre)	**a cura** (restabelecimento da saúde)
o lotação (veículo)	**a lotação** (capacidade)
o moral (ânimo, estado de espírito)	**a moral** (ética, princípios)
o rádio (aparelho)	**a rádio** (estação, emissora)
o crisma (óleo usado em sacramentos)	**a crisma** (sacramento da confirmação)
o águia (pessoa esperta)	**a águia** (ave)

o banana (pessoa mole, palerma)	**a banana** (fruta)
o cabra (pessoa valente)	**a cabra** (animal)
o polícia (policial)	**a polícia** (corporação)
o grama (unidade de peso)	**a grama** (relva)
o estepe (pneu sobressalente)	**a estepe** (vegetação)
o nascente (ponto cardeal leste)	**a nascente** (fonte de água)

2.4.1.3 Mudança de gênero por elipse

Alguns substantivos indicativos de lugares (topônimos) mudam de gênero quando, por metonímia, passam a designar os produtos desses lugares.

Como termos geográficos, esses substantivos são femininos. Ao designar os produtos oriundos de tais lugares, tornam-se nomes comuns masculinos. Um bom exemplo ocorreu com o vocábulo "champagne", que originalmente designa a região da França produtora de bons vinhos espumantes. Hoje, não há quem nunca tenha tomado "**um** champanhe", ou seja, "um **vinho** champanhe". Nestes casos, existe, na verdade, a elipse de um substantivo masculino entre o artigo e o substantivo topônimo. Observe outros casos:

- **Moca** (cidade da Arábia) → **o moca** (tipo de café proveniente da cidade de Moca)
- **Madeira** (ilha situada em Portugal) → **o madeira** (vinho proveniente da ilha Madeira)
- **Borgonha** (região situada na França) → **o borgonha** (vinho produzido na região da Borgonha)
- **Málaga** (região situada na Espanha) → **o málaga** (vinho produzido na região de Málaga)
- **Terra-Nova** (ilha situada no Canadá) → **o terra-nova** (cão oriundo da ilha de Terra-Nova)
- **Holanda** (país situado na Europa) → **o holanda** (fino tecido proveniente da Holanda)
- **Nanquim** (cidade da China) → **o nanquim** (pigmento negro para colorir criado na cidade de Nanquim)
- **Angorá** (antiga cidade da Turquia) → **o angorá** (espécie de gato oriundo da cidade de Angorá – hoje "Ancara")

2.4.1.4 Gênero de alguns substantivos

Há vários substantivos na língua portuguesa que frequentemente suscitam dúvidas quanto ao gênero. Por isso, é bom ficar atento, pois:

) São masculinos

- o apêndice
- o alvará
- o aneurisma
- o champanha
- o charque (carne-seca, jabá)
- o clã
- o cônjuge
- o cós
- o delta
- o dó (pena; nota musical)
- o eclipse
- o estratagema
- o formicida
- o guaraná
- o herpes
- o lança-perfume
- o magazine
- o matiz
- o plasma
- o telefonema
- o tracoma
- o cabo (soldado; rabo, cauda)
- o magma
- o pernoite
- o praça (soldado)
- o proclama (anúncio)

b) São femininos

- a abusão (engano, erro)
- a dinamite
- a acne
- a áspide (serpente)
- a omelete
- a omoplata
- a agravante (circunstância)
- a alface
- a apendicite
- a aguardente
- a cal
- a faringe
- a libido
- a entorse
- a fruta-pão
- a pane
- a mascote
- a gênese
- a couve-flor
- a derme
- a echarpe (agasalho, adorno)
- a ênfase
- a comichão
- a ferrugem
- a matinê
- a sentinela
- a filoxera (tipo de inseto)

2.4.1.4.1 Substantivos que são masculinos ou femininos indistintamente

São substantivos bastante usuais e que podem ser usados tanto como femininos quanto como masculinos.

- o/a sabiá (ave)
- o/a cataplasma
- o/a suéter
- o/a xérox
- a/o usucapião
- o/a diabete (ou diabetes)
- o/a tapa
- o/a ilhós
- o/a laringe

⇨ Observações gerais sobre o gênero dos substantivos:

a) O substantivo “personagem” tanto pode ser usado no feminino “a personagem” quanto no masculino “o personagem”.

b) Os substantivos “modelo” e “manequim”, referindo-se às pessoas que posam em público, têm sido usados na língua contemporânea como substantivos comuns de dois gêneros. A distinção de gênero, portanto, dar-se-á pelo determinante – geralmente o artigo – que acompanha tais palavras. Diz-se, então, “o modelo” para o homem e “a modelo” para a mulher.

c) Alguns substantivos que designam patentes militares como “*general*, *coronel*, *tenen sargento*, *soldado*” apresentam as formas femininas “*generala*, *coronela*, *tenenta*, *sargenta*, *soldada*”, embora sejam estas bastante preteridas na esfera militar, preferindo-se usar tais substantivos como se fossem comuns de dois gêneros “o/a general, o/a coronel, o/a tenente, o/a sargento, o/a soldado”. As patentes “major e cabo” só existem sob a forma masculina.

d) O substantivo “*chefe*” apresenta a forma feminina “*chefa*”. Entretanto, é preferível empregar-se “chefe” como substantivo comum de dois gêneros (o chefe / a chefe) pelo fato de a forma “chefa” trazer consigo certa dose de informalidade.

2.4.2 FLEXÕES DE NÚMERO

O número é capacidade que possuem alguns nomes de indicar um ou mais seres ou coisas. Como o gênero, a flexão de número é uma categoria gramatical. Em português, existem dois números gramaticais: o singular e o plural. O primeiro indica um ser ou um grupo de seres (flor, soldado, avião, ramalhete, exército, esquadrilha); já o segundo, indica mais de um ser ou grupo de seres (flores, soldados, aviões, ramalhetes, exércitos etc.).

2.4.2.1 Regras para a formação do plural dos substantivos

1. Em geral, os substantivos formam o plural com o acréscimo da desinência “-s” a singular. Isso frequentemente ocorre com os substantivos terminados em vogal ou em ditongo:

- casa → casas
- janela → janelas
- pé → pés

- prédio → prédios
- menino → meninos
- livro → livros
- braço → braços
- gramática → gramáticas
- escola → escolas
- mãe → mães
- porta → portas
- estrada → estradas
- rei → reis
- pai → pais
- herói → heróis

2. Os substantivos terminados em "-ão" fazem o plural de três maneiras:

) Alguns simplesmente seguem a regra geral e acrescentam "-s" ao "-ão":

- mão → mãos
- cristão → cristãos
- grão → grãos
- chão → chãos
- irmão → irmãos
- vão → vãos
- pagão → pagãos
- desvão → desvãos
- bênção → bênçãos
- órgão → órgãos
- sótão → sótãos
- cidadão → cidadãos

) Outros trocam o "-ão" por "-ães":

- escrivão → escrivães
- pão → pães
- cão → cães
- capitão → capitães
- alemão → alemães
- tabelião → tabeliães
- capelão → capelães
- afegão → afegães

) Um grande grupo troca o "-ão" por "-ões":

- leão → leões
- limão → limões
- balão → balões
- caixão → caixões
- mamão → mamões
- botão → botões
- canhão → canhões
- nação → nações
- opinião → opiniões
- fração → frações
- coração → corações
- canção → canções
- gavião → gaviões
- anão → anões
- folião → foliões

⇨ Observações:

a) Essas diversas variações para o plural ocorrem em virtude da etimologia das palavras.

b) Alguns substantivos terminados em "-ão" apresentam mais de uma forma para o plural. Observe abaixo:

- aldeão → adeãos e aldeões
- anão → anãos e anões

- ancião → anciãos, anciães e anciões
- guardião → guardiães e guardiões
- verão → verãos e verões
- cirurgião → cirurgiões e cirurgiães
- castelão → castelãos e castelões
- sultão → sultães e sultões
- vilão → vilãos, vilões e vilães
- vulcão → vulcãos e vulcões

3. Os substantivos terminados em "-r, e -z" formam o plural com o acréscimo da terminação "-es", uma vez que a língua não aceita as terminações "-rs e -zs".

- flor → flores
- gravidez → gravidezes
- giz → gizes
- colher → colheres
- faquir → faquires
- cateter → cateteres
- juiz → juízes
- arroz → arrozes
- andar → andares
- dólar → dólares
- colar → colares
- ureter → ureteres
- amor → amores
- mulher → mulheres
- raiz → raízes
- clamor → clamores
- cruz → cruzes

⇨ **Observação:**

Os substantivos "caráter", "júnior" e "sênior" fazem os plurais "caracteres", "juniores" e "seniores", respectivamente, com deslocamento do acento tônico.

4. Os substantivos terminados em "-n" fazem o plural tanto com o acréscimo de "-es" quanto com o acréscimo de "-s".

- próton → prótones ou prótons
- hífen → hífenes ou hifens
- líquen → líquenes ou liquens
- nêutron → nêutrones ou nêutrons
- abdômen → abdômenes ou abdômens
- elétron → elétrones ou elétrons

⇨ **Observação:**

Os substantivos "pólen" e "cânon" fazem os plurais "polens" e "cânones", respectivamente.

5. Os substantivos terminados em "-al, -el, -ol e -ul" trocam o "l" por "is". Observe:

- anel → anéis
- anzol → anzóis
- pastel → pastéis
- farol → faróis
- metal → metais
- laranjal → laranjais
- paul → pauis
- tribunal → tribunais
- canal → canais

⇨ Observações:

a) Nos substantivos “cônsul” e “mal”, a consoante “l” permaneceu intervocálica no plura daí as formas “cônsules” e “males” para os respectivos plurais.

b) O substantivo “mel” faz os plurais “meles” ou “méis”, assim como “mol” faz os plurai “mols” ou “moles”.

6. Os substantivos terminados em “-il” formam o plural de acordo com duas regras

) Se for oxítono, trocará o “-il” por “is”:

- anil → anis
- funil → funis
- barril → barris
- perfil → perfis
- quadril → quadris
- cantil → cantis
- fuzil → fuzis
- canil → canis

) Se for paroxítono, trocará o “-il” por “-eis”:

- fóssil → fósseis
- réptil → répteis
- projétil → projéteis
- têxtil → têxteis
- míssil → mísseis
- tâmil → tâmeis

⇨ Observação:

Em virtude da dupla prosódia dos substantivos “réptil – reptil” e “projétil – projetil”, admitem-se os respectivos plurais “répteis – reptis” e “projéteis – projetis”.

7. Os substantivos terminados em “-m” trocam esta letra por “-ns”. Veja:

- fim → fins
- jardim → jardins
- vintém → vinténs
- bombom → bombons
- som → sons
- refém → reféns
- jejum → jejuns
- bebum → bebuns
- amém → améns

8. Os substantivos terminados em “-s” fazem o plural segundo duas regras:

) Os monossílabos e os oxítonos recebem “-es”:

- gás → gases
- rês → reses
- mês → meses
- deus → deuses
- revés → reveses
- burguês → burgueses

- português → portugueses
- cós → coses
- chinês → chineses

) Os paroxítonos e os proparoxítonos terminados em "-s" são invariáveis:

- o pires → os pires
- o ônibus → os ônibus
- o lápis → os lápis
- o tênis → os tênis
- o vírus → os vírus
- o ourives → os ourives
- o oásis → os oásis
- o alferes → os alferes
- o ônus → os ônus

9. Os substantivos terminados em "-x" são invariáveis.

- o tórax → os tórax
- o ônix → os ônix
- a fênix → as fênix
- uma xérox → duas xérox
- o látex → os látex

⇨ Observação:

Alguns substantivos monossilábicos terminados em "-x", entretanto, admitem também, para a formação do plural, o acréscimo da terminação "-es". É o caso de:

- o fax → os fax ou faxes
- o sax → os sax ou saxes
- o flox → os flox ou floxes
- o fox → os fox ou foxes

2.4.2.1.1 Particularidades sobre o plural dos substantivos

1. Alguns substantivos mudam o timbre da vogal tônica de (ô – fechado) para (ó – aberto) quando postos no plural. É o que se denomina de plural metafônico ou plural com metafonia. Veja alguns exemplos:

(ô) – fechado no singular	(ó) – aberto no plural
caroço	caroços
coro	coros
despojo	despojos
destroço	destroços
foro	foros
fosso	fossos
imposto	impostos
jogo	jogos
miolo	miolos

olho	olhos
osso	ossos
ovo	ovos
poço	poços
posto	postos
povo	povos
reforço	reforços
socorro	socorros
tijolo	tijolos
torto	tortos
troço	troços

Outros substantivos, porém, permanecem com o (ô) fechado quando vão para o plural. Veja:

(ô) – fechado no singular	**(ô) – fechado no plural**
abono	abonos
bolo	bolos
bolso	bolsos
cachorro	cachorros
coco	cocos
dono	donos
dorso	dorsos
encosto	encostos
esposo	esposos
gozo	gozos
lobo	lobos
logro	logros
morro	morros
piolho	piolhos
polvo	polvos
repolho	repolhos

rosto	rostos
sogro	sogros
toldo	toldos

2. Alguns substantivos, quando postos no plural, sofrem alteração semântica, ou seja, mudam o sentido. Observe:

- bem (virtude) → bens (capital, posses)
- ar (atmosfera) → ares (aparência, condições do clima)
- gênero (conjunto) → gêneros (alimentos)
- féria (remuneração) → férias (descanso)
- lua (satélite) → luas (semanas)
- honra (dignidade) → honras (homenagens, título)
- vergonha (humilhação) → vergonhas (órgãos sexuais)
- amor (sentimento) → amores (relações amorosas)

3. Há substantivos que só existem na forma "plural". Veja alguns exemplos:

- as fezes
- as cãs
- as cócegas
- os parabéns
- as cercanias
- os Alpes
- as calendas
- os óculos
- as exéquias
- as núpcias
- os pêsames
- os víveres
- as condolências
- os arredores
- os Andes
- as alvíssaras
- os anais
- as olheiras
- os Pirineus
- as Belas Artes

4. Os nomes de pessoas, os numerais e as letras do alfabeto fazem, geralmente, o plural com o acréscimo do morfema "-s" – obviamente quando se prestam a esta regra. Veja:

- Ele jamais passará na prova dos noves.
- Lá, na festa, encontrarás os Antônios, os Andrés, os Joões, os Junqueiras e tantos outros mais.
- Jamais escreverás corretamente se não conheceres bem os "as", os "bês", os "cês" que compõem as palavras.

⇨ Observação:

Os numerais terminados em "-s" e em "-z" são invariáveis. Ex.: dois, dez, três, seis etc.

5. **Em geral os substantivos apresentam tanto o feminino quanto o masculino. Este o princípio básico. Entretanto, alguns substantivos são, na prática, usados, em quase todos os seus empregos, no singular, embora apresentem flexão de plural como a maioria dos substantivos. Isso ocorre particularmente com:**

a) **substantivos que designam metais:** ouro, prata, ferro, mercúrio, alumínio, cobre.

b) **substantivos que designam produtos animais e vegetais:** leite, mel, açúcar, lã, vinho, arroz.

c) **substantivos que designam artes e ciências:** Budismo, Cristianismo, Lógica, Socialismo, Aritmética.

d) **alguns substantivos abstratos que exprimem virtude ou vício:** preguiça, caridade, confiança, leviandade, liberdade.

2.4.2.2 Plural dos substantivos compostos

Os substantivos compostos apresentam um vasto conjunto de regras especiais para a formação de seus plurais. Vários substantivos fogem das orientações abaixo e apresentam uma forma própria, particular para o seu plural. Por isso, apresentaremos a seguir as regras mais comuns para a flexão de número de tais nomes compostos.

1.ª regra: Substantivos compostos formados por palavras variáveis quanto ao número → ambas as palavras devem ir para o plural. As palavras que formam o composto devem, portanto, ser analisadas se, isoladamente, são suscetíveis de ir para o plural.

- couve-flor (substantivo + substantivo) → couves-flores
- terça-feira (numeral + substantivo) → terças-feiras
- amor-perfeito (substantivo + adjetivo) → amores-perfeitos
- salvo-conduto (adjetivo + substantivo) → salvos-condutos
- ponta-direita (substantivo + adjetivo) → pontas-direitas
- chave-mestra (substantivo + substantivo) → chaves-mestras
- guarda-noturno (substantivo + adjetivo) → guardas-noturnos
- má-língua (adjetivo + substantivo) → más-línguas
- capitão-mor (substantivo + adjetivo) → capitães-mores
- pai-nosso (substantivo + pronome) → pais-nossos
- cirurgião-dentista (substantivo + adjetivo) → cirurgiões-dentistas

2.ª regra: Substantivos compostos formados por palavra invariável mais uma palavra variável → só o segundo elemento deverá ir para o plural.

- abaixo-assinado (advérbio + particípio na função de adjetivo) → abaixo-assinados

- quebra-mar (verbo + substantivo) → quebra-mares
- ave-maria (interjeição + substantivo) → ave-marias
- vice-cônsul (prefixo + substantivo) → vice-cônsules
- infraestrutura (prefixo + substantivo) → infraestruturas
- beija-flor (verbo + substantivo) → beija-flores
- salve-rainha (interjeição + substantivo) → salve-rainhas
- ultrassom (prefixo + substantivo) → ultrassons

3.ª regra: Substantivos compostos unidos por preposição → só o primeiro elemento varia.

- pé de moleque → pés de moleque
- mula sem cabeça → mulas sem cabeça
- pimenta-do-reino → pimentas-do-reino
- amigo da onça → amigos da onça
- joão-de-barro → joões-de-barro
- pôr do sol → pores do sol
- pau a pique → paus a pique
- ama de leite → amas de leite

4.ª regra: Substantivos compostos em que o segundo elemento delimita o primeiro → só o primeiro elemento varia.

- navio-escola → navios-escola
- banana-maçã → bananas-maçã
- caneta-tinteiro → canetas-tinteiro
- erva-mate → ervas-mate
- salário-família → salários-família
- peixe-boi → peixes-boi
- pau-brasil → paus-brasil
- pombo-correio → pombos-correio
- escola-modelo → escolas-modelo

⇨ Observação:

Por se tratar de substantivos compostos formados por palavras variáveis, admite-se também que os compostos acima variem ambos os elementos. Portanto:

- navio-escola → navios-escola ou navios-escolas
- peixe-boi → peixes-boi ou peixes-bois
- pau-brasil → paus-brasil ou paus-brasis
- fruta-pão → frutas-pão ou frutas-pães

5.ª regra: Substantivos compostos formados por palavras repetidas ou palavras onomatopaicas (reprodução de sons das coisas, dos animais) → só o segundo elemento se flexiona.

- reco-reco → reco-recos
- pisca-pisca → pisca-piscas

- ruge-ruge → ruge-ruges
- corre-corre → corre-corres
- pife-pafe → pife-pafes
- quero-quero → quero-queros
- tico-tico → tico-ticos
- bem-me-quer → bem-me-queres
- bem-te-vi → bem-te-vis
- pega-pega → pega-pegas

⇨ Observações:

) Quando as palavras repetidas forem verbos, também é lícita a flexão dos dois elemento

- pisca-pisca → pisca-piscas ou piscas-piscas
- pega-pega → pega-pegas ou pegas-pegas
- corre-corre → corre-corres ou corres-corres

b) São invariáveis os substantivos compostos formados por verbos de sentidos opostos, embora alguns dicionaristas mais modernos insistam em flexionar o último elemento.

- o leva e traz → os leva e traz
- o vai-volta → os vai-volta
- o perde-ganha → os perde-ganha

6.ª regra: Substantivos compostos em que o primeiro elemento for uma das formas "**grão**, **grã**, **ex-**, **dom**, **são** e **bel**" → só o segundo elemento se flexiona.

- grão-duque → grão-duques
- grã-cruz → grã-cruzes
- dom-basiliano → dom-basilianos
- ex-voto → ex-votos
- grão-mestre → grão-mestres
- bel-prazer → bel-prazeres
- são-bento → são-bentos
- são-bernardo → são-bernardos

7.ª regra: São substantivos compostos invariáveis:

- o louva-a-deus → os louva-a-deus (invariável)
- o saca-rolhas → os saca-rolhas (invariável)
- o arco-íris → os arco-íris (invariável)
- o maria vai com as outras → os maria vai com as outras (invariável)

2.4.3 FLEXÕES DE GRAU

Como sabemos, o substantivo é uma classe gramatical que designa os seres em geral. Os seres designados podem se apresentar em tamanhos diversos. À propriedade dos substantivos de indicar a dimensão dos seres dá-se o nome de "flexão de grau". Em

português, há duas flexões de grau: o **aumentativo** e o **diminutivo**. Essas flexões tanto podem ser obtidas com a utilização de sufixos (forma sintética) quanto com a utilização de adjetivos (forma analítica). Estudaremos primeiramente a formação do grau com a utilização de sufixos e prefixos.

1. **Grau aumentativo:** o substantivo se apresenta em tamanho aumentado. Geralmente são utilizados os sufixos "-ão, -arão, -arrão, -zarrão, -eirão, -alhão, -gão". Ex.:

- buraco → buracão
- vaga → vagalhão
- pé → pezão
- amigo → amigão
- casa → casarão
- homem → homenzarrão
- capa → capeirão
- lamaçal → lamarão
- nariz → narigão
- chapéu → chapeirão
- bobo → bobalhão
- dedo → dedão

Há, entretanto, inúmeros substantivos que usam sufixos especiais para a formação do grau aumentativo. Abaixo apresentaremos alguns desses substantivos:

Sufixos	Exemplos
-aça	barcaça, barbaça
-alha	fornalha, muralha
-eirão	vozeirão, boqueirão
-ázio	copázio, balázio
-ona	barrigona, pernona
-orra	cabeçorra, beiçorra
-uça	vinhuça, dentuça
-anha	bocanha, campanha
-eira	fogueira, canseira

2. **Grau diminutivo:** o substantivo se apresenta em tamanho reduzido, diminuto. Para a formação deste grau, sinteticamente, utilizam-se também uma série de sufixos. Os mais usuais são:

Sufixos	Exemplos
-ebre	casebre
-acho	riacho, populacho
-culo	ossículo, corpúsculo
-eco	livreco, boteco

-ete	filete, filmete
-inho	filhinho, galinho
-ita	pedrita, cabrita
-ito	cãozito
-isco	chuvisco, ladrisco
-ola	sacola, rapazola
-ico	burrico, cuvico
-ica	pelica, fraldica
-ilha	presilha, flotilha
-ejo	lugarejo, papelejo
-im	espadim, pistolim
-ulo	glóbulo, nódulo
-eto	folheto, jardineto
-eta	caixeta, abeta
-ote	velhote, caixote

⇨ Observações:

a) Tanto o grau aumentativo quanto o diminutivo apresentam uma forma analítica, feita geralmente com o auxílio dos adjetivos "grande, enorme, imenso e adjetivos semelhantes" e "pequeno, minúsculo e adjetivos semelhantes" respectivamente.

b) Nem sempre o aumentativo e o diminutivo mostram o aumento e a diminuição de um ser. A utilização dos sufixos próprios para o aumentativo e para o diminutivo também pode indicar "desprezo, desproporção, pejoração, grosseria". Observe:

- Era considerada pela cidade como uma mulherzinha. (= mulher ordinária)
- Os silvas eram uma gentalha. (= gente de classe social baixa)
- Era um professorzinho! (= professor qualquer, sem qualificação)
- Aquele padreco era um grande santarrão. (= padre sem valor; falso devoto)

c) Muitos diminutivos são usados para indicar "afetividade, aproximação, carinho". É o caso de "amorzinho, paizinho, amiguinha, coleguinha".

d) O grau aumentativo também é obtido pela repetição do substantivo colocando-lhe n meio a preposição "de". É um processo muito usado na Bíblia. Veja:

- Rei dos reis
- Senhor dos senhores

- Mestre dos mestres
- Santo dos santos

d) Alguns aumentativos e diminutivos são obtidos com o emprego de prefixos. É o que se observa em “minifúndio, maxicasaco, supermercado, minissaia”.

e) Alguns substantivos, pela evolução da língua, perderam o sentido gradual e assumiram valores semânticos autônomos. É o que se verifica, por exemplo, na palavra “portão” que não mais é o aumentativo de “porta”, mas sim um tipo de entrada. Fato idêntico ocorreu com os vocábulos: cartilha, cartão, caldeirão, colchão.

f) No trato familiar, geralmente eivado de bastante afetividade, muitos diminutivos e aumentativos são criados a partir de nomes personativos. Tais criações são denominados de “hipocorísticos”. Observe alguns:

- Antônio = Toninho
- Carlos = Cacá
- Paulo = Paulão
- José = Zezinho
- Maria = Mariinha
- Josefa = Zefinha
- Fátima = Fatinha
- Alexandre = Xandão

2.4.3.1 Plural dos substantivos diminutivos

Para a formação do plural dos substantivos diminutivos deve-se obedecer às seguintes orientações:

1.º → coloca-se o substantivo, sem os sufixos do diminutivo, no plural → **coração** faz **corações**

2.º → retira-se o “-s” do plural deste substantivo → **corações** – “s” fica **coraçõe**

3.º → acrescenta-se o sufixo do diminutivo → **coraçõe** + **zinho** fica coraçõezinho

4.º → acrescenta-se o fonema “-s” que foi retirado → **coraçõezinho + s** fica finalmente “**coraçõezinhos**”

Outros exemplos:

- pãozinho → pãezinhos
- barzinho → barezinhos
- farolzinho → faroizinhos
- paizinho → paizinhos
- papelzinho → papeizinhos
- florzinha → florezinhas
- amorzinho → amorezinhos
- carretelzinho → carreteizinhos

2.5 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (MM) A alternativa em que há **erro** no sentido dos substantivos é:

a) o grama = unidade de medida; a grama = relva
b) o rádio = aparelho receptor; a rádio = estação transmissora
c) o guia = documento; a guia = pessoa que guia
d) o cisma = separação; a cisma = desconfiança
e) o moral = ânimo; a moral = ética

2. (TER-MT) O termo que faz o plural como **cidadão** é:

a) limão
b) órgão
c) guardião
d) espertalhão
e) balão

3. (ESAF-CJF) Assinale a opção em que há substantivos que se referem, respectivamente a **ação** e **sentimento**:

a) homem, passos
b) passado, medo
c) diferença, raízes
d) inteligência, criação
e) trabalho, tristeza

4. (TRT-RJ) Há **erro**, quanto à flexão do substantivo composto, em:

a) Essa medida irá beneficiar as donas de casas.
b) Os surdos-mudos irão participar da olimpíada dos deficientes.
c) Todas as manhãs os beija-flores apareciam no jardim.
d) No Brasil muitos vice-presidentes assumem a presidência da República.
e) Não podemos tolerar os disse me disse neste assunto.

5. (TRT-RJ) Escolha a alternativa cujos gêneros, pela ordem, correspondem aos seguintes vocábulos: **alface**, **grama** (peso), **dó** e **telefonema**.

a) masculino – feminino – masculino – feminino
b) feminino – feminino – masculino – feminino
c) masculino – feminino – masculino – masculino

d) feminino – masculino – masculino – masculino
e) feminino – feminino – masculino – masculino

6. (TCE-RJ) A opção em que as duas palavras formam o plural da mesma maneira é:

a) substituição / nação
b) administração / pão
c) ficção / alemão
d) demonstração / capitão
e) talão / cristão

7. (TEC-RJ) Assinale a opção em que o plural das palavras destacadas é feito da mesma forma;

a) O **escrivão** desacatou aquele **cidadão**.
b) O **salário-família** será pago na **sexta-feira**.
c) O **freguês** antigo tinha uma aparência **simples**.
d) O funcionário encarregado de vistoria era **dócil** e **gentil**.
e) Naquele mundo **pagão**, havia apenas um **cristão**.

8. (Mackenzie-SP) Em qual das alternativas todas as palavras pertencem ao gênero masculino?

a) dinamite, agiota, trema, cal
b) dilema, perdiz, tribo, axioma
c) eclipse, telefonema, dó, aroma
d) estratagema, bílis, omoplata, gengibre
e) sistema, guaraná, rês, anátema

9. (UFBA) Ficou com _____ quando soube que _____ caixa do banco entregara aos ladrões todo o dinheiro _____ clã.

a) o moral abalado – o – do
b) a moral abalada – o – da
c) o moral abalado – a – da
d) a moral abalado – a – do
e) a moral abalada – a – da

10. (ITA-SP) Examinar a frase abaixo, dando atenção aos vocábulos destacados:

*"A **estação emissora** procurava encorajar **o ânimo** daqueles que lutavam contra a **tropa inimiga**."*

A sequência dos sinônimos das palavras destacadas na sentença acima é, pela ordem:

a) o rádio, a moral, a corja
b) a rádio, a moral, a horda
c) a rádio, o moral, a hoste
d) o rádio, o moral, a hoste
e) As alternativas acima não são corretas.

GABARITO

1 – C	2 – B	3 – E
4 – A	5 – D	6 – A
7 – E	8 – C	9 – A
10 – C		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 3

ADJETIVO

3.1 DEFINIÇÃO

É a classe de palavras variáveis que alteram a noção do substantivo atribuindo-lhe qualidades, características, aspectos gerais ou específicos, estados, modos de ser. Resumidamente, o adjetivo é a classe que nomeia as qualidades e os estados atribuídos ao substantivo.

Observe os primeiros exemplos:

- mulher desprestigiada
- porta aberta
- navio quebrado
- casinhas brancas e amarelas

Observe os termos grifados acima. Todos são adjetivos, pois apresentam qualidades e estados dos seres a que se referem.

3.2 CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE OS ADJETIVOS

1. Como se referem a substantivos, os adjetivos – embora alguns sejam invariáveis concordam em gênero e número com o substantivo.

- Havia ideias **falsas** em todos os jornais **brasileiros**.
  adjetivos concordam em gênero e número com os substantivos "ideias" e "jornais"
- Jamais encontraremos **bons** argumentos sem antes visitarmos **longes** pensamentos.
  adjetivos concordam em gênero e número com os substantivos "argumentos" e "pensamentos"

2. O adjetivo também pode aparecer na função de substantivo e vice-versa. Veja:

- Os **feios** também amam.
  adjetivo substantivado
- O **cego** quase caiu no buraco.
  adjetivo substantivado
- O **perverso** não possui escrúpulos.
  adjetivo substantivado
- O **belo** sempre se sobressai
  adjetivo substantivado
- D. Maria tinha um filho **homem**.
  substantivo adjetivado
- Compramos dois rádios-**relógio**.
  substantivo adjetivado

3. Muito frequentemente, o adjetivo aparece sob a forma de uma locução, formada, em geral, pela junção de uma preposição mais um substantivo, referindo-se – obviamente – a um substantivo. É o que se denomina de "locução adjetiva". Observe:

- água **serrana** (*adjetivo simples*) → água **da serra** (*locução adjetiva (preposição + substantivo)*)
- casas **urbanas** (*adjetivo simples*) → asas **da cidade** (*locução adjetiva (preposição + substantivo)*)
- homem **inescrupuloso** (*adjetivo simples*) → homem **sem escrúpulos** (*locução adjetiva (preposição + substantivo)*)
- calor **infernal** (*adjetivo simples*) → calor **dos infernos** (*locução adjetiva (preposição + substantivo)*)

⇨ Observação:

a) Nem sempre é possível transformar uma locução adjetiva em um adjetivo simples. Veja alguns exemplos em que essa transformação não é possível:

- Todos viviam sob um teto **de lona**.
  locução adjetiva
- Comprou um carro **com portas amarelas**.
  locução adjetiva
- João era um homem **de poucas palavras**.
  locução adjetiva
- Ganhou um livro **sem contracapa**.
  locução adjetiva

b) Em raros casos, a locução adjetiva é formada por uma preposição mais um advérbio. Vale ressaltar que as locuções adjetivas equivalem a adjetivos e sempre irão se referir a substantivos. Esta, aliás, é a principal característica dos adjetivos.

- Moravam todos no andar **de cima**.
  ocução adjetiva (preposição + advérbio)
- Compramos o jornal **de hoje**.
  locução adjetiva (preposição + advérbio)

4. É imperioso dizer que o adjetivo também pode ser expresso por meio de uma oração, assim como ocorre com o substantivo: é a denominada "oração

adjetiva", isto é, uma oração que funciona como um adjetivo. Veja abaixo:

- Bebia água **serrana**. → Bebia água **da serra**. → Bebia água **que vinha da serra**.
  adjetivo simples — *locução adjetiva* — *oração adjetiva*
- Todos gostavam do doce **que a vovó preparava**.
  oração adjetiva
- Ninguém esqueceu os avisos **os quais ele deu**.
  oração adjetiva
- Jamais desejei os objetos **cujos donos são corruptos**.
  oração adjetiva
- Maria mora na cidade **onde trabalha**.
  oração adjetiva

⇨ Observação:

A principal característica das orações adjetivas é o fato de elas virem introduzidas por um pronome relativo, por isso são também chamadas de "orações relativas".

5. É importante não se esquecer de que os adjetivos funcionam como determinante para o substantivo. Logo, a presença de uma oração adjetiva, por exemplo, exigirá, por se tratar de um determinante, o acento grave nas palavras que pedem determinação para que haja o fenômeno da crase. Observe:

- Amanhã irei à casa **que me será dada por herança**.
  oração adjetiva = determinante
- Por que tu não ficaste à distância **a qual eu te recomendei?**
  oração adjetiva = determinante

⇨ Observação:

Procure correlacionar este conhecimento com o assunto sobre o emprego do acento grave em sintaxe.

6. Frequentemente, os particípios verbais exercem a função de um adjetivo – são o chamados *adjetivos de base participial*. Em vários casos, tais particípios representam orações adjetivas reduzidas. Observe:

- Ontem eu li um livro **escrito** por um primo. (→ que foi escrito)
  adjetivo de base participial
- Ele é réu **confesso**.
  adjetivo de base participial

Quando chegaram, a água já estava **morta**.
adjetivo de base participial

3.3 FORMAÇÃO DOS ADJETIVOS

Quanto à formação, os adjetivos podem ser:

a) **simples** → feio, branco, palmarense etc.
b) **compostos** → castanho-claro, luso-brasileira, surdo-mudo etc.
c) **primitivos** → belo, feio, bonito, amarelo etc.
d) **derivados** → decoroso, famoso, bonachão etc.

3.3.1 ADJETIVOS PÁTRIOS

Há inúmeros adjetivos que se referem a países, regiões, continentes, estados, povos, raças. Estes adjetivos são denominados de "pátrios ou gentílicos". Vejamos alguns:

Pátrios brasileiros (Estados e cidades)

Alagoas	alagoano
Acre	acriano ou acreano
Água Preta	água-pretense
Amazonas	amazonense
Bahia	baiano
Belém	belenense
Belo Horizonte	belo-horizontino
Brasília	brasiliense
Catende	catendense
Ceará	cearense
Curitiba	curitibano
Espírito Santo	espírito-santense ou capixaba
Fortaleza	fortalezense
Goiânia	goianiense
Goiás	goiano

João Pessoa	pessoense
Juiz de Fora	juiz-forense
Manaus	manauense
Maranhão	maranhense
Mato Grosso	mato-grossense
Mato Grosso do Sul	mato-grossense-do-sul
Minas Gerais	mineiro
Natal	natalense
Palmares	palmarense
Pará	paraense
Paraíba	paraibano
Paraná	paranaense
Pernambuco	pernambucano
Piauí	piauiense
Porto Alegre	porto-alegrense
Recife	recifense
Ribeirão Preto	ribero-pretano
Rio de Janeiro (cidade)	carioca
Rio de Janeiro (Estado)	fluminense
Rio Grande do Norte	norte-rio-grandense, rio-grandense-do-norte ou potiguar
Rio Grande do Sul	rio-grandense-do-sul ou gaúcho
Rondônia	rondoniano ou rondoniense
Roraima	roraimense
Salvador/BA	salvadorense ou soteropolitano
Santa Catarina	catarinense ou barriga-verde
São Paulo (cidade)	paulistano
São Paulo (Estado)	paulista
Sergipe	sergipano ou sergipense
Tocantins	tocantinense
Três Corações	tricordiano

Pátrios estrangeiros

Belém (Jordânia)	belemita
Boston/EUA	bostoniano
Caracas	caraquenho
Congo	congolês
El Salvador	salvadorenho
Estados Unidos	estadunidense, norte-americano ou ianque
Flandres	flamengo
Gália	galo ou gaulês
Galiza	galego
Japão	japonês ou nipônico
Jerusalém	hierosolimita ou hierosolimitano
Lima	Limenho
Lisboa	lisboeta ou lisbonense
Madagascar	malgaxe ou madasgacarense
Madri	madrileno ou madrilense
Manchúria	manchu
Moscou	moscovita
Nova Zelândia	neozelandês
Parma	parmesão
Patagônia	patagão
Porto	portuense
Suíça	suíço
Viana	vianense, vianês

⇨ Observação:

Muitas vezes se utiliza mais de um adjetivo pátrio para se referir a um mesmo substantivo. Neste caso, usam-se as formas latinizadas e reduzidas de tais adjetivos. Observe abaixo:

Adjetivo	Adjetivo correspondente – forma latina reduzida

inglês	anglo-
austríaco	austro-
europeu	euro-
francês	franco-
grego	greco-
espanhol	hispano-
indiano	indo-
italiano	ítalo-
galego	galaico-
português	luso-
japonês	nipo-
chinês	sino-
alemão	teuto- ou germano-
dinamarquês	dano-
finlandês	fino-
belga	belgo-

Portanto, se quisermos dizer que um acordo foi efetuado entre China, Japão e Portugal, por exemplo, diremos:

- acordo **sino-nipo-lusitano**

3.3.2 ADJETIVOS ERUDITOS

São adjetivos que significam “relativo a”, “semelhante a”, “próprio de”. Possuem, na maioria dos casos, uma locução adjetiva correspondente. Vejamos alguns:

Adjetivo erudito	Locução adjetiva correspondente (relativo a...)
acético	vinagre
adamantino	diamante
anular	anel
aracnídeo	aranha
argênteo, argentino, argírico	prata
auricular, ótico	ouvidos

axial	eixo
áureo	ouro
bélico	guerra
biliar	bílis
bucal, oral	boca
canino	cão
capilar	cabelo
caprino	cabra
cardíaco	coração
cefálico	cabeça
celular	célula
cervical	pescoço
circense	circo
cítrico	limão, laranja
columbino	pombo
coreógrafo	dança
digital	dedo
discente	aluno
docente	professor
dorsal	costas
eclesiástico	igreja
ecumênico	universo habitado
edênico	éden
eólico	vento
epidérmico ou cutâneo	pele
episcopal	bispo
equídeo, equino, hípico	cavalo
estelar	estrela
fabril	fábrica
felino, felídeo	gato
feroz, ferino	fera

férreo	ferro
filatélico	selos
filial	filho
fluvial, potâmico	rio
fônico, vocal	voz
formicular	formiga
fraterno ou fraternal	irmão
frontal	frente
gástrico	estômago
glacial	gelo
gutural	garganta
hepático	fígado
herbáceo	erva
hibernal	inverno
ictílico, písceo	peixe
ígneo	fogo
insular	ilha
jurídico	direito
lacrimal	lágrima
lácteo	leite
lacustre	lago
lateral	lado
leonino	leão
leporino	lebre
letal, mortífero	morte
lunar	lua
magistral	mestre
marinho, marítimo	mar
materno ou maternal	mãe
matutino, matinal	manhã

meridional, austral	sul
mnemônico	memória
monetário, numismático	moeda
nasal	nariz
naval	navio, navegação
ocular, óptico, oftálmico	olhos
ofídico	cobra
olímpico	Olimpo, olimpíadas
onírico	sonho
outonal	outono
ovino	ovelha
palustre	brejo
paradisíaco	paraíso
pecuário	gado
pecuniário	dinheiro
pesqueiro	pesca
pétreo	pedra
platônico	Platão
plebeu	plebe
plúmbeo	chumbo
pluvial	chuva
postal	correio
pueril, infantil	criança
pulmonar	pulmão
real	rei
renal	rim
rural	campo
sacarino	açúcar
saponáceo	sabão
senil	velho, velhice

setentrional, boreal	norte
sideral	astro
silvestre	selva
símio, simiesco	macaco
sísmico	terremoto
suíno, porcino	porco
sulfúrico	enxofre
terrestre	terra
torácico	tórax
umbilical	umbigo
vascular	vasos sanguíneos
venoso	veia
vespertino	tarde
vínico, vinário	vinho
viril	homem
vital	vida
vítreo, hialino	vidro

3.4 FLEXÕES DOS ADJETIVOS

Assim como os substantivos, os adjetivos se flexionam em **gênero**, **número** e **grau**.

3.4.1 FLEXÕES DE GÊNERO

Como o adjetivo é a palavra que acompanha o substantivo a fim de qualificá-lo, a flexão em que este se encontra contamina a daquele, ou seja, o adjetivo geralmente se flexiona de acordo com o substantivo que ele determina. Observe:

- acordos feministas
- bolachas gostosas
- filmes anti-heroicos

adjetivos flexionados nos gêneros dos substantivos

Quanto ao gênero, os adjetivos se classificam em: **uniformes** e **biformes**.

) São uniformes os adjetivos que apresentam uma única forma tanto para o masculino

quanto para o feminino.

- lei **federal** / regulamento **federal**
- questão **fácil** / assunto **fácil**
- gente **alegre** / povo **alegre**
- lei **inconstitucional** / decreto **inconstitucional**

b) São biformes os que apresentam uma forma para o feminino e outra para o masculino.

- mulher **bonita** / homem **bonito**
- bolo **gostoso** / torta **gostosa**
- exército **inglês** / questão **inglesa**
- problema **delicado** / solução **delicada**

3.4.1.1 Formação do feminino dos adjetivos biformes

Cumpre a princípio informar que boa parte dos adjetivos se flexiona com base nas regras dos substantivos. Entretanto, salientaremos algumas regras para um melhor estudo. Acompanhe:

a) Os adjetivos terminados em "-eu" (com o "e" fechado) formam o feminino com o acréscimo de "-eia":

- ateu → ateia
- cananeu → cananeia
- galileu → galileia
- europeu → europeia

Exceções:

- sandeu → sandia
- judeu → judia

b) Os adjetivos terminados em "-ês, -ol, -or, -u" formam o feminino pelo simples acréscimo de "-a":

- nu → nua
- cru → crua
- inglês → inglesa
- encantador → encantadora
- jogador → jogadora
- camponês → camponesa
- espanhol → espanhola

c) Os adjetivos terminados em "-ão" formam o feminino ora com o acréscimo de "-ã", ora com o acréscimo de "-ona":

- vão → vã
- ladrão → ladrona ou ladra
- chorão → chorona
- comilão → comilona

d) São invariáveis os adjetivos terminados em:

- -l (exceto "-ol") → cruel, fiel, útil, amável etc.
- -ar, -er → regular, exemplar, mau-caráter, esmoler etc.
- -z → veloz, infeliz, atroz, capaz etc. (Exceção: andaluz → andaluza)
- -m → jovem, ruim, comum, virgem etc. (Exceção: bom → boa)
- -e → forte, inteligente, elegante, leve etc.
- -s (exceto "ês") → simples etc.

⇨ Observações importantes sobre as flexões de gênero:

a) Alguns adjetivos biformes, quando postos no gênero feminino, passam da vogal (ô) fechada para a vogal (ó) aberta. Observe:

ô – fechada (masculino)	ó – aberta (feminino)
perigoso	perigosa
furioso	furiosa
religioso	religiosa
bondoso	bondosa
mimoso	mimosa

b) Outros adjetivos, entretanto, mantêm a mesma vogal (ô) fechada do masculino r feminino.

ô – fechada (masculino)	ô – fechada (feminino)
fosco	fosca
oco	oca
gordo	gorda
moço	moça
solto	solta

c) O adjetivo "só", significando "sozinho", é invariável quanto ao gênero.

- Eles ficaram sós.
- Elas ficaram sós.

3.4.2 FLEXÕES DE NÚMERO

a) Como já dissemos, o adjetivo acompanha o substantivo e com este concorda. Portanto, o adjetivo se flexionará em número de acordo com as regras que se utilizam para a flexão de número dos substantivos.

- vestido azul → vestidos azuis
- prato espanhol → pratos espanhóis
- questão comum → questões comuns
- pensamento vão → pensamentos vãos

b) Nos adjetivos compostos, só o último elemento se flexiona.

- intervenção médico-cirúrgica → intervenções médico-**cirúrgicas**
- acordo luso-latino-americano → acordos luso-latino-**americanos**
- problema sociopolítico → problemas socio**políticos**
- tratado franco-brasileiro → tratados franco-**brasileiros**
- cabelo castanho-escuro → cabelos castanho-**escuros**

c) São invariáveis os adjetivos compostos formados de "cor + de + substantivo". Observe:

- blusa cor-de-rosa → blusas **cor-de-rosa**
- azulejos **cor de musgo**
- suéter cor de café com leite → suéteres **cor de café com leite**

⇨ Observação:

Nos exemplos, há a omissão da preposição "de" entre o primeiro substantivo e a palavra "cor". Logo, também seria gramaticalmente correta a seguinte escrita:

- luvas **de** cor de café
- vestidos **de** cor de chocolate
- meias **de** cor de rosa

Em outras construções, omitem-se as três palavras "de cor de", fazendo com que o substantivo indicativo da cor modifique diretamente o substantivo cuja cor se quer indicar. Ainda neste caso, o substantivo indicativo da cor permanecerá invariável.

- luvas **salmão** → omissão de "de cor de"
- cetim **rosa** → omissão de "de cor de"
- fita **creme** → omissão de "de cor de"
- tecido **laranja** → omissão de "de cor de"

d) São igualmente invariáveis os compostos formados de "adjetivo + substantivo".

- calça amarelo-ouro → calças **amarelo-ouro**
- terno verde-oliva → ternos **verde-oliva**
- tecido vermelho-sangue → tecidos **vermelho-sangue**
- sofá azul-ferrete → sofás **azul-ferrete**

⇨ Observações:

a) Excetuam-se das regras acima os adjetivos "surdo-mudo" e "surda-muda", cujos plurais são, respectivamente, "surdos-mudos" e "surdas-mudas".

b) A despeito de os dicionaristas registrarem – respaldados, diga-se de passagem, pe Vocabulário Ortográfico da língua portuguesa – os plurais "azuis-marinhos" e "azuis-celestes", prefere-se utilizar, no português corrente, estes adjetivos como invariáveis: *calças azul-marinho*, *blusas azul-celeste*.

c) Convém lembrar que, quando o adjetivo é empregado em função adverbial (derivaçã imprópria) – geralmente equivalendo a um advérbio terminado em "-mente" –, permanecerá inflexível, isto é, deverá ser empregado no masculino e na terceira pessoa do singular. Observe abaixo (os termos em negrito são todos "adjetivos adverbializados"):

- Vamos falar **sério**.
- Ouvimos músicas **puro** clássicas.
- A seleção venceu **fácil** o jogo.
- Todos aqui amam **diferente**.
- Elas responderam **seco**.
- Todas falam **fino**.
- A justiça **rápido** se corrompe.
- Elas torciam **forte**.
- As portas **raro** se abriam.
- Eles suavam **frio**.
- Jogamos **fraco** as bolas.
- As alunas juraram **falso**.

> **Dica importante:** É preciso ter-se em mente que a questão de a palavra apresentar esta ou aquela morfologia depende da função (morfológica) exercida na oração. Portanto, é fundamental lembrar que o adjetivo se refere a um substantivo, enquanto o advérbio é um modificador de verbos, adjetivos e advérbios. Portanto, fique atento!

3.4.3 FLEXÕES DE GRAU

As flexões de grau apresentam a intensidade das qualidades atribuídas aos seres. Não se deve, pois, confundir com o grau dos substantivos, já que este tem por função indicar o tamanho dos seres.

Existem dois graus para os adjetivos: o comparativo e o superlativo.

3.4.3.1 O grau comparativo

A principal característica do grau comparativo é a existência de dois seres postos numa relação de confronto. Nesta relação, um dos seres se mostrará "inferior", "superior" ou "igual" ao outro no que se refere à(s) sua(s) qualidade(s). Daí o grau comparativo poder ser:

1. De inferioridade (menos... que ou do que...)

- Os argumentos orais apresentados eram **menos** consistentes **do que** a defesa escrita que fizera no início do processo.
- O presidente do clube era **menos** inteligente **que** seus associados.

2. De igualdade (tão... quanto, quão ou como...)

- Todos os cavalos eram **tão** saudáveis **quanto** as éguas que tínhamos comprado no mês passado.
- Percebemos que as ideias eram **tão** irresponsáveis **quão** seus donos.
- As poltronas do novo avião eram **tão** confortáveis **como** as do ônibus que nos trouxera até Recife.

3. De superioridade (mais... que ou do que...)

- O castelo era **mais** alto **que** a casa daquele empresário.
- Ele era **mais** inteligente **do que** esperto.

⇨ Observações sobre o grau comparativo:

a) O grau comparativo se faz, como se percebeu, de forma analítica. Alguns adjetivos, entretanto, oriundos do latim, apresentam forma sintética para o comparativo. São eles:

Adjetivo	Forma comparativa sintética
bom	melhor
mau	pior
grande	maior
pequeno	menor

alto	superior
baixo	inferior

⇨ Observação:

Quando se comparam, no entanto, características de um mesmo ser, usam-se as formas analíticas destes mesmos adjetivos. Veja:

- A cara era **mais** grande **do que** arejada.
- Ele era **mais** bom **do que** atencioso.

b) Muitas vezes o grau comparativo se manifesta nos substantivos adjetivados. Observe:

- Ele foi **mais** pai **do que** professor.
- João era **mais** vereador **do que** advogado.

c) Nas estruturas comparativas, a conjunção comparativa liga partes da oração de mesma função. Entretanto, em muitos casos, a bem da clareza, o segundo elemento da comparação deve, a despeito de funcionar com objeto direto, vir encabeçado por uma preposição – geralmente a preposição "a" – para evitar ambiguidades.

- "A ela, à presumida mulher, aborreço-a quase tanto como **ao marido**." (Almeida Garrett)
- "Os pés dos gentios hão de logo pulverizá-la como **aos meus pés**". (Camilo)
- "Acusaram-no de haver beneficiado mais a sua família que **ao povo romano**." (Camilo)

d) Quando a conjunção comparativa "como" se refere a um termo que está precedido por uma preposição, deve obrigatoriamente vir acompanhada da mesma preposição.

- "Suspensos os pobres Frades com o embargo, pareceu que achariam amparo **no** Bispo, **como em** quem fora o primeiro autor de sua vinda". (Fr. L. de Souza)
- "E por esta causa tratamos **dele como de** filho de Benfica". (Fr. L. de Souza)
- "Acostumei-me a olhar **para** a morte **como para** o tempo de meus padecimentos." (Filinto Elísio)

e) Nas estruturas comparativas, o verbo da oração comparativa geralmente é elipsado em virtude de ser o mesmo verbo da oração principal (subordinante).

- A filha tem sido tão esperta quanto a mãe. (Leia-se → "... quanto a mãe tem sido

sujeito da oração comparativa

esperta”)

- Apresentaram-se tão bem quanto os alunos da 4.ª série. (Leia-se → “... quanto os alunos da 4.ª série se apresentaram”)

sujeito da oração comparativa

⇨ Observação:

Nestes casos, temos orações comparativas com verbos elípticos ou verbos latentes.

f) Lembre-se de que a preposição “DE”, que introduz as comparações de superioridade e de inferioridade, pode ser elipsada, ocultada. Portanto, podemos dizer corretamente:

- Ela é mais sábia do que o João. /OU/
- Ela é mais sábia que João.
- “Os homens que se chamavam meus amantes valiam menos para mim do que um animal.” (José de Alencar)
- “Mas nada nos dista mais da mente do que a intransigência intelectual e o dogmatismo político.” (Rui Barbosa)
- “Os ministros ficaram cientes da existência de uma influência mais poderosa que a do chefe aparente do Estado.” (Rui Barbosa)
- “A imperturbável seriedade de Estela foi um aguilhão mais, não menos cruel que a gentileza de suas formas.” (Machado de Assis)

3.4.3.2 O grau superlativo

Aqui, os adjetivos expressam o grau mais elevado da característica atribuída ao substantivo. Divide-se em:

1. **Superlativo absoluto** → aqui não se estabelece qualquer comparação com outro ser e o adjetivo intensifica ao máximo a característica atribuída ao substantivo. Pode ser efetivado de duas maneiras:

) De forma analítica (superlativo absoluto analítico) → é obtido com o emprego de um advérbio de intensidade anteposto ao adjetivo. Geralmente se empregam os advérbios “muito, mui, bastante, muitíssimo, excessivamente, exageradamente”.

- A questão era demasiadamente difícil.
- Todos ficaram bastante perplexos.
- Ele era muito respeitado pelos amigos.
- Eram músicas assaz antigas.

) **<u>De forma sintética</u> (superlativo absoluto sintético)** → é obtido com o emprego dos sufixos "-íssimo", "-imo" ou "-érrimo" ao adjetivo.

- Ele sempre demonstrou atitudes benevolentíssimas.
- Era um objeto sacratíssimo.
- O menino era paupérrimo.
- Sempre foi amicíssimo do padre da cidade.

Considerações importantes sobre a formação do superlativo absoluto sintético:

a) Os adjetivos terminados em vogal átona perdem essa vogal ao receber o sufixo d superlativo:

- alto → altíssimo
- belo → belíssimo
- macio → maciíssimo
- agudo → agudíssimo
- justo → justíssimo
- quente → quentíssimo

⇨ **Observação:**

Alguns adjetivos sofrem alterações gráficas quando recebem o sufixo do superlativo. Veja:

- antigo → antiquíssimo
- fraco → fraquíssimo
- pouco → pouquíssimo
- largo → larguíssimo
- rouco → rouquíssimo
- rico → riquíssimo

b) Os adjetivos terminados em "-vel" fazem o superlativo com o acréscimo de "-bilíssimo":

- amável → amabilíssimo
- louvável → louvabilíssimo
- notável → notabilíssimo
- móvel → mobilíssimo
- visível → visibilíssimo
- horrível → horribilíssimo

c) Os adjetivos terminados em "-z" fazem o superlativo sintético com o acréscimo d "-císsimo", ou melhor, trocam o "z" por "c" e recebem o sufixo "íssimo":

- audaz → audacíssimo
- eficaz → eficacíssimo
- feliz → felicíssimo
- falaz → falacíssimo
- veloz → velocíssimo
- contumaz → contumacíssimo

d) A maioria dos adjetivos terminados em "-il" forma o superlativo com o acréscimo de "-imo":

- dócil → docílimo
- difícil → dificílimo
- frágil → fragílimo
- fácil → facílimo
- grácil → gracílimo
- ágil → agílimo
- hábil → habílimo
- senil → senílimo

e) Muitas vezes a formação do superlativo sintético atende a questões etimológicas Assim, os adjetivos que no latim terminavam em "-er" recebem o sufixo "-imo":

- magro (latim, *macer*) → macérrimo
- pobre (latim, *pauper*) → paupérrimo
- áspero (latim, *asper*) → aspérrimo
- negro (latim, *niger*) → nigérrimo

f) Como já dissemos, muitos adjetivos formam o superlativo a partir do superlativo latino. Por isso, há uma série de adjetivos que apresentam uma forma mais erudita e uma forma mais popular, mais usual nos dias atuais. Observe:

Adjetivo	Forma superlativa erudita	Forma superlativa popular
ágil	agílimo	agilíssimo
doce	dulcíssimo	docíssimo
humilde	humílimo	humildíssimo
magro	macérrimo	magríssimo
pobre	paupérrimo	pobríssimo
simples	simplicíssimo	simplíssimo
soberbo	superbíssimo	soberbíssimo

g) No linguajar coloquial, é comum o uso do sufixo "-ésimo", típico da formação de numerais ordinais, para a formação do superlativo. Esta prática, no entanto, não é agasalhada pelo padrão culto da língua. Portanto, formas como "importantésimo, finésima, gostosésima", bastante comuns no falar coloquial, devem ser substituídas pelas suas respectivas formas cultas para o superlativo: "importantíssimo, finíssimo, gostosíssimo".

h) Muitas vezes o grau superlativo sintético é obtido com o emprego de alguns prefixos que intensificam o adjetivo. Logo, formações como "superinteligente", "hiperdesenvolvido", "ultrafino" representam também o superlativo de tais palavras.

Segue abaixo uma lista sucinta dos principais e mais usuais superlativos

portugueses:

Adjetivo	Superlativo absoluto sintético
acre	acérrimo
agudo	acutíssimo
amargo	amaríssimo
amigo	amicíssimo
antigo	antiquíssimo
áspero	aspérrimo
bélico	belicíssimo
benéfico	beneficentíssimo
benévolo	benevolentíssimo
célebre	celebérrimo
cristão	cristianíssimo
cruel	crudelíssimo
doce	dulcíssimo
fiel	fidelíssimo
frio	frigidíssimo
geral	generalíssimo
humilde	humílimo
inimigo	inimicíssimo
magnífico	magnificentíssimo
magro	macérrimo ou magríssimo
maléfico	maleficentíssimo
malévolo	malevolentíssimo
mísero	misérrimo
negro	nigérrimo
nobre	nobilíssimo
pessoal	personalíssimo
pobre	paupérrimo ou pobríssimo
provável	probabilíssimo

público	publicíssimo
pudico	pudicíssimo
sábio	sapientíssimo
sagrado	sacratíssimo
salubre	salubérrimo
são	saníssimo
sério	seriíssimo
simpático	simpaticíssimo
simples	simplicíssimo
soberbo	superbíssimo

2. **Superlativo relativo** → aqui o adjetivo atribuído ao substantivo é intensificado para ma ou para menos e posto numa relação comparativa com outro ser. Pode ser:

a) **Superlativo relativo de superioridade** → é obtido com o emprego dos elementos "**o mais**... **de**... (ou **dentre**...)".

- "Você era **a mais** bonita **das** cabrochas dessa ala." (Chico Buarque)
- Ele sempre foi **o mais** inteligente **dentre** todos os alunos de sua escola.
- Castilho foi **o mais** perfeito **dos** escritores portugueses do século XIX.

b) **Superlativo relativo de inferioridade** → é obtido com o emprego dos elementos "**o menos**... **de**... (**ou dentre**...)".

- Os rapazes observados pelo detetive eram **os menos** informados **de** todos os que ele já investigou.
- Aquela menina deveria ser **a menos** sábia **dentre** seus coleguinhas da sala por causa do problema neurológico.
- Consideram-na **a menos** linda **das** candidatas ao concurso de beleza.

3.5 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (MM) Assinale a alternativa que contém uma correlação **incorreta** entre o adjetivo e a locução correspondente:

a) água **de chuva** – pluvial

b) pele **de marfim** – ebúrnea
c) representante **dos alunos** – docente
d) agilidade **de gato** – felina
e) copo **de prata** – argênteo

2. (ALERJ/FESP) A frase que contém um adjetivo é:

a) A necessidade fez isto do homem.
b) Todos lutam para ter a liberdade.
c) A televisão nos mostra o mundo.
d) Ele usa um topete escandaloso.
e) Gostaria de ficar com você.

3. (TRT-RJ) A forma do superlativo está incorreta na frase da seguinte alternativa:

a) Comíamos tão pouco que ficamos **magríssimos**.
b) Todos o consideravam **sapientíssimo**.
c) Era um leitor compulsivo, **voracíssimo**.
d) Depois da publicação do romance ficou **celebérrimo**.
e) Após o golpe, tornou-se um ditador **cruelíssimo**.

4. (TRT-PR) "O uniforme verde-oliva era mais bonito do que o verde-claro."
Passando a oração para o plural, temos:

a) Os uniformes verdes-olivas eram mais bonitos do que os verdes-claros.
b) Os uniformes verdes-oliva eram mais bonitos do que os verdes-claros.
c) Os uniformes verde-olivas eram mais bonitos do que os verde-claros.
d) Os uniformes verde-oliva eram mais bonitos do que os verde-claros.
e) Os uniformes verde-oliva eram mais bonitos do que os verde-claro.

5. (TRT-PR) "Em algumas regiões o vocabulário é mínimo..."
A forma **mínimo** *corresponde ao:*

a) superlativo absoluto sintético
b) superlativo relativo de superioridade
c) superlativo relativo de inferioridade
d) superlativo absoluto analítico
e) comparativo de inferioridade

6. (TJ-SP) Em qual dos itens há um superlativo relativo?

a) Foi um gesto de péssimas consequências.
b) Aquele professor é ótimo.
c) O dia amanheceu extremamente frio.
d) Ele fez a descoberta mais notável do século!
e) Ele foi muito infeliz naquele lance!

7. (TRF-RJ) Os acordos _____ dispensam interpretações de natureza _____.

a) lusos-brasileiros – filosófico-científica
b) lusos-brasileiro – filosófica-científicas
c) luso-brasileiros – filosófico-científica
d) lusos brasileiros – filosófica-científica
e) luso-brasileiros – filosófica-científicas

8. (CEFET-PR) Em que caso a palavra destacada não tem valor de adjetivo?

a) Um branco, **velho**, pedia esmolas.
b) Um velho, **branco**, pedia esmolas.
c) Era um dia **cinzento**.
d) O sabão usado desbotou o **verde** da camisa.
e) Os viajantes dormiam **tranquilos**.

9. (UFF-RJ) Das frases abaixo, apenas uma apresenta adjetivo no comparativo de superioridade. Assinale-a.

a) A palmeira é a mais alta árvore deste lugar.
b) Guardei as melhores recordações daquele dia.
c) A Lua é menor do que a Terra.
d) Ele é o maior aluno de sua turma.
e) O mais alegre dentre os colegas era Ricardo.

10. (ITA-SP) O plural de **terno azul-claro**, **terno verde-mar** é, respectivamente:

a) ternos azuis-claros, ternos verdes-mares
b) ternos azuis-claros, ternos verde-mares
c) ternos azul-claro, ternos verde-mar

d) ternos azul-claros, ternos verde-mar
e) ternos azuis-claro, ternos verde-mar

GABARITO

1 – C	2 – D	3 – E
4 – D	5 – A	6 – D
7 – C	8 – D	9 – D
10 – D		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 4

ARTIGO

4.1 DEFINIÇÃO

É a classe de palavra variável que, anteposta ao substantivo, determina-o ou indetermina-o.

O artigo, portanto, interfere na extensão semântica do substantivo.

Ademais, pode-se dizer que o artigo serve para destacar de uma classe um ou mais indivíduos. Observe:

- Por favor, pegue um livro para estudar. (Isto é, pegue-se qualquer livro para estudar)
- Por favor, pegue o livro para estudar. (Isto é, deve-se pegar um "determinado" livro para estudar)
- Ele gosta de fruta. (Isto é, ele gosta de qualquer tipo de fruta)
- Ele gosta da fruta. (Isto é, ele gosta daquela fruta, de uma fruta determinada)

4.2 CLASSIFICAÇÃO

Na língua portuguesa os artigos podem ser "definidos" e "indefinidos". São os seguintes os artigos em nossa língua:

	MASCULINOS		FEMININOS	
	SINGULAR	PLURAL	SINGULAR	PLURAL
ARTIGOS DEFINIDOS	**o**	**os**	**a**	**as**
ARTIGOS INDEFINIDOS	**um**	**uns**	**uma**	**umas**

Em muitos casos, os artigos aparecem ora contraídos a preposições, ora combinados com elas. Algumas dessas combinações e contrações já se arcaizaram e não são mais empregadas em nossa língua, como é o exemplo da contração "por + o" e suas variantes.

Observe uma pequena tabela que demonstra esse fenômeno.

PREPOSIÇÕES	ARTIGO DEFINIDO				ARTIGO INDEFINIDO			
	o	**a**	**os**	**as**	**um**	**uma**	**uns**	**umas**
a	ao	à	aos	às	–	–	–	–
de	do	da	dos	das	dum	duma	duns	dumas
em	no	na	nos	nas	num	numa	nuns	numas
per	pelo	pela	pelos	pelas	–	–	–	–
por	polo	pola	polos	polas	–	–	–	–

4.3 EMPREGO DOS ARTIGOS DEFINIDOS

Regra principal:

Em geral, usa-se o artigo definido com os substantivos tomados em sentido determinado, isto é, que tenham qualquer caracterização clara ou implícita.

- **As** ruas daquela cidade estavam repletas de panfletos **do** candidato adversário.
- "João Romão foi, **dos** treze **aos** vinte e cinco anos, empregado de um vendeiro que enriqueceu entre **as** quatro paredes de uma suja e obscura taverna **nos** refolhos do bairro **do** Botafogo." (Aluísio Azevedo)
- "**A** casa apresentava **a** frente **às** colinas." (Bernardo Guimarães)
- "**O** planalto central **do** Brasil desce, **nos** litorais do Sul, em escarpas inteiriças, altas e abruptas." (Euclides da Cunha)

4.3.1 EMPREGOS PARTICULARES DO ARTIGO DEFINIDO

1. Emprega-se o artigo definido antes de nomes próprios de países, regiões, continentes, mares, ilhas, desertos, montes, vulcões, rios, oceanos, lagos, arquipélagos.

- o Paquistão
- os Alpes
- o Atacama (deserto)
- o Saara (deserto)
- o Brasil
- o Atlântico (oceano)
- o Kilauea (vulcão)
- o Himalaia (monte)
- o Ártico
- as Malvinas (ilhas)
- o Pacífico (oceano)
- os Açores

- os Andes
- o Mediterrâneo
- o Ganges

⇨ Observação:

Há países que rejeitam o artigo. Outros o facultam.

- em França / na França
- em África / na África
- Visitamos Roma, na Itália.
- Estivemos em Portugal.
- Chegamos a Curitiba.

2. Emprega-se o artigo definido antes de nomes indicadores de ideias abstratas, como "virtudes e vícios, faculdades e operações da alma, das ciências e das artes".

- Ele sempre amou **a** justiça.
- Ele sempre buscou **a** arquitetura.
- **A** prosperidade é mais perigosa para a alma que **a** adversidade para o corpo.

3. Emprega-se o artigo definido antes de nomes de idiomas.

- Ele fala muito bem o inglês.
- Ainda não domino o alemão.

4. Emprega-se o artigo definido antes de nomes de designam, no singular ou no plural, espécies e gêneros.

- **O** homem é o único ser racional do planeta.
- As orquídeas valem muito no mercado externo.
- **Dos** animais, o cão é o mais doméstico.
- **Os** equinos sempre ajudaram o homem.

5. Emprega-se o artigo definido antes de nomes de pessoas quando são usados no trato familiar para indicar afetividade, quando significam membros da mesma família ou quando tais nomes vêm precedidos de qualificativos.

- **O** Marcos arrebentou na prova de Química.
- Ainda não falamos com **o** Antônio sobre o problema.
- Foi **o** soberbo Afonso que provocou a tragédia.
- **Os** Augustos formam uma fantástica família.

6. Emprega-se o artigo definido antes dos nomes dos pontos cardeais e colaterais, tanto no sentido próprio, como designando regiões.

- Viajaram em direção **ao** Oeste.
- A casa tinha a frente para **o** nascente e os fundos para **o** poente.
- Passaremos rapidamente **pelo** norte do país.
- **O** sul do Brasil sofrerá com as chuvas de inverno.

7. Emprega-se o artigo definido antes dos nomes designativos de festas religiosas e profanas.

- **o** carnaval
- **a** Páscoa
- **o** Natal
- **a** Quaresma
- **o** São João

8. Emprega-se o artigo definido após o pronome indefinido "todo" e suas flexões para reforçar o caráter de totalidade, de inteireza.

- Foram para a festa todos **os** alunos.
- Todas **as** pessoas se retiram abruptamente.

9. É facultativo o emprego do artigo definido antes de pronomes possessivos adjetivos.

- seu livro / o seu livro
- nossas considerações / as nossas considerações
- tuas escolhas / as tuas escolhas
- vosso apartamento / o vosso apartamento

⇨ **Observação:**

Quando o possessivo se refere a substantivo oculto, o emprego do artigo definido se faz obrigatório.

- Se tu não gostas da / de minha comida, como queres que eu goste **da** tua?

10. Emprega-se o artigo definido antes de nomes de sentidos opostos (antíteses):

- Sr. João ficou entre **a** vida e **a** morte.
- Tudo que nasce na terra **o** sol e **a** chuva criam.
- **A** verdade e **a** mentira muitas vezes andam juntas.

11. Emprega-se geralmente o artigo definido antes de obras artísticas e literárias.

- Os Lusíadas
- o Fausto
- a Eneida
- a Ilíada

4.3.2 NÃO SE EMPREGA O ARTIGO DEFINIDO

1. Antes de vocativos:

- Vós, **poderoso rei**, bem sabeis a importância de vossas decisões.
- Quem o chamou aqui, **menino**?

2. Em provérbios, máximas, adágios e definições:

- **Palavra** de rei não volta atrás.
- **Galinha** de olho torto procura **poleiro** cedo.
- **Epizeuxe** ou **reduplicação** é a figura que repete seguidamente a mesma palavra.
- Sempre **afeição** e **amor** são maiores que as coisas amadas.

3. Entre o pronome relativo "cujo" e suas flexões e o substantivo posposto.

- Adquirimos dois livros **cujas capas** são de madeira.

4. Antes da palavra "casa" quando não acompanhada de determinante:

- Vim **de casa**.
- Chegarei **a casa** por volta das 23h.
- Passei **em casa** na parte da manhã.
- Voltarei **para casa** às 22h.
- Entrou **em casa** e nada falou a respeito do problema.

5. Antes dos nomes designativos dos meses do ano:

- "Quando **fevereiro** chegar, saudade já não mata a gente." (Geraldo Azevedo)
- Chegará em **setembro** uma remessa de livros didáticos.

6. Antes de substantivos empregados em sentido geral ou indeterminado:

- Ela nunca foi a **teatro**.
- Jamais pisarei em **estádio** de futebol.
- **Cerveja** sempre é bom para um dia quente de verão.
- Ele gosta de **tortas**.

7. Antes de formas de tratamento:

- Enfim cheguei ao palácio, onde **Sua Majestade** me recebeu com graças.

- Quer dizer que **Vossa Alteza** faz poemas?

8. Antes dos pronomes demonstrativos “este, esse, aquele” e suas variações:

- **Este** carro é muito veloz.
- **Aquela** camisa fica muito bem em você.

9. Antes de locuções nas quais figurem nomes de partes do corpo, de faculdades d espírito, dos sentidos, em geral precedidas das preposições “a” e “de”:

- de mão beijada
- de braço dado
- de olhos fechados
- de mãos dadas
- em segunda mão
- a olhos vistos
- de braços abertos
- de braços cruzados
- de cabeça baixa
- de orelha murcha
- a peito descoberto
- de rosto alegre
- de perna aberta
- de memória
- de cor
- de ouvido

10. Nos superlativos relativos, também chamados de superlativos exclusivos:

- “A mãe falava muito em mim louvando-me extraordinariamente, como o homem mais purc do mundo.” (Drummond)

  E não “... como o homem **o** mais puro do mundo.”

- De todos de nossa sala, o Salathiel era o aluno mais humilde.

  E não “... era o aluno **o** mais humilde.”

11. Em termos coordenados sinônimos ou que designem o mesmo indivíduo:

- A ira, **cólera** ou **furor**, é uma moléstia do espírito.
- O imperador da Alemanha e **rei** da Prússia...

4.4 EMPREGO DOS ARTIGOS INDEFINIDOS

Regra principal:

> Em geral, usa-se o artigo indefinido antes dos nomes tomados em sentido vago e indeterminado.

- “Levou Deus **um** dia em espírito ao Profeta Ezequiel a Jerusalém, e o que viu o Profeta fo **uma** parede ou fachada em que estava **um** ídolo do zelo.” (Pe. Antônio Vieira – Sermões)
- “O presbítero Eurico era o pastor da pobre paróquia de Carteia. Descendente de **uma** antiga família bárbara.” (A. Herculano)
- “*Despontam o dia* com **uns** largos tragos de aguardente, a *teimosa*. E rompem estridulamente os sapateados vivos.” (Euclides da Cunha)
- “Com a morte dele a flauta voltou a ocupar **um** lugar secundário como instrumento musical, a que os doutores em música, quer executantes, quer os críticos eruditos, não dão nenhuma importância.” (Lima Barreto)

⇨ **Observação:**

O emprego do artigo indefinido não deve sobrecarregar a frase. Deve ser omitido sempre que a clareza ou a ênfase não o reclamarem.

4.4.1 OUTRAS ORIENTAÇÕES PARA O USO DOS ARTIGOS INDEFINIDO

1. Não se deve empregar artigo indefinido antes do adjetivo “outro”:

- Deve haver outro governo melhor do que este. (E não “Deve haver *um outro* governo...”)
- Ele sempre lança mão de outros livros para as suas pesquisas. (E não “... mão de *uns outros* livros...”)

2. Por questão de estilo, deve-se evitar o emprego do artigo indefinido antes de apostos explicativos:

- Carlos Drummond de Andrade, poeta brasileiro, foi representante do Modernismo. (E não “..., *um* poeta brasileiro...”)
- “Recife, cidade de Pernambuco, é considerada a ‘Veneza brasileira’”. (E não “..., *uma* cidade de Pernambuco...”)

3. Pode-se antepor o artigo indefinido a um numeral cardinal para indicar aproximação numérica:

- Faz **uns** três anos que ela não dá notícias.
- Havia **umas** dez mil pessoas no show de Roberto Carlos.

4. É importante não confundir os artigos indefinidos “um, uma” com os numerais

“um, uma”. A primeira distinção se dá pela noção de quantidade fixa e exata que estes transmitem, ao passo que aqueles transmitem uma ideia vaga, incerta, indefinida. Em segundo lugar, o artigo indefinido possui plural (uns, umas), enquanto o numeral não o tem – em tese, o plural de “um, uma” (numerais) seria “dois, duas”. Observe os exemplos:

- **Um** cachorro é sempre um bom companheiro para o homem.
  artigo indefinido – equivale a “qualquer, todo”
- Neste quintal, cabe apenas **um** cachorro.
  pronome – trata-se de número, de quantidade exata
- Encontrei-me com **uns** colegas e fizemos **umas** lições de matemática.
  artigos indefinidos – apresentam flexão de plural
- Ontem lemos apenas **um** capítulo do livro de matemática. Hoje precisamos ler no mínimo **dois**.
  numeral – quantidade exata

⇨ Observação:

Em muitas situações, porém, a distinção não é muito fácil de ser feita. Neste caso, é preciso ficar muito atento ao contexto para se perceber qual o real sentido (indefinição ou quantidade exata) que se deseja dar ao vocábulo.

4.5 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (ESAN-SP) Em qual dos casos o artigo denota familiaridade?

   a) O Amazonas é um rio imenso
   b) D. Manuel, o Venturoso, era bastante esperto.
   c) O Antônio comunicou-se com o João.
   d) O professor João Ribeiro está doente.
   e) *Os Lusíadas* são um poema épico.

2. (UFUB-MG) Em uma das frases, o artigo definido está empregado erradamente. Em qual?

   a) A velha Roma está sendo modernizada.
   b) A “Paraíba” é uma bela fragata.
   c) Não reconheço agora a Lisboa do meu tempo.
   d) O gato escaldado tem medo de água fria
   e) O Havre é um porto de muito movimento.

3. (FMU-SP) Observe as frases seguintes e depois escolha a única alternativa **incorreta**.

I. Com a Ana ele vai brigar

II. Com Fred ele não vai discutir.

a) A frase I contém um artigo definido, no feminino e no singular, que semanticamente torna ***Ana*** mais próxima do emissor.

b) A frase I contém um artigo definido, no feminino e no singular, pois antecede um nome próprio de mesmas características morfológicas.

c) No confronto entre a frase I e a frase II pode-se notar a importância do uso estilístico do artigo.

d) A frase II, dispensando o artigo diante do nome próprio, marca o distanciamento entre o referente e o emissor.

e) A frase II, não contendo artigo definido diante do nome próprio, está errada.

4. (ITA-SP) Determine o caso em que o artigo tem valor de qualificativo.

a) Estes são os candidatos de que lhe falei.

b) Procure-o, ele é o médico! Ninguém o supera.

c) Certeza e exatidão, estas qualidades não as tenho

d) Os problemas que o afligem não me deixam descuidado.

e) Muita é a procura; pouca a oferta.

5. (FATEC-SP) Indique o erro quanto ao emprego do artigo.

a) Em certos momentos, as pessoas as mais corajosas se acovardavam.

b) Em certos momentos, as pessoas mais corajosas se acovardavam.

c) Em certos momentos, pessoas as mais corajosas se acovardam.

d) Em certos momentos, pessoas mais corajosas se acovardam.

6. (UM-SP) Assinale a alternativa em que há erro.

a) Li a notícia no *Estado de S. Paulo*.

b) Li a notícia em *O Estado de S. Paulo*.

c) Essa notícia, eu a vi em *A Gazeta*.

d) Vi essa notícia em *A Gazeta*.

e) É em *O Estado de S. Paulo* que li a notícia.

7. (ESAN-SP) Assinale a alternativa correta.

a) Mostraram-me cinco livros. Comprei todos cinco.
b) Mostraram-me cinco livros. Comprei todos cinco livros.
c) Mostraram-me cinco livros. Comprei todos os cinco.
d) Mostraram-me cinco livros. Comprei a todos cinco livros
e) n.d.a

8. (UM-SP) Em qual das alternativas colocaríamos o artigo definido feminino para todos o substantivos?

a) sósia - doente - lança-perfume
b) dó - telefonema - diabetes
c) clã - eclipse - pijama
d) cal - elipse - dinamite
e) champanha - criança - estudante

GABARITO

1 – C	2 – D	3 – E
4 – B	5 – A	6 – A
7 – C	8 – D	

CAPÍTULO 5

NUMERAL

5.1 DEFINIÇÃO

É a palavra variável que, acompanhando ou substituindo o substantivo, transmite uma noção de quantidade ou de ordem numérica.

- **Dois terços** do Congresso Nacional votaram contra a medida.
- João foi aprovado em **centésimo quinquagésimo lugar**.
- **Cinquenta e dois por cento** dos alunos não participarão dos jogos.
- Maria tem o **dobro** dos meus anos.
- Ele permanecerá internado no hospital durante uma **quinzena**.

⇨ Observação:

As palavras grifadas acima são numerais e transmitem, respectivamente, as seguintes noções: fração de um todo, ordem em uma sequência, número percentual, multiplicidade e número coletivo. Todos os termos são, portanto, **numerais propriamente ditos** ou **quantitativos definidos**.

5.2 CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE OS NUMERAIS

1. **Os numerais geralmente são termos adjetivos, ou seja, acompanham o substantivo em função de adjunto adnominal. Daí serem também chamados de "numerais adjetivos". Quando assumem a posição do substantivo, são denominados de "numerais substantivos", à semelhança dos pronomes.**

- No encontro havia dois mestres em Direito Constitucional.
  numeral adjetivo
- Os dois saíram com o professor de natação.
  numeral substantivo

2. **Na leitura dos numerais cardinais, emprega-se a conjunção "e" entre as centenas e as dezenas e entre estas e a unidade.**

- 324.670 = Trezentos **e** vinte e quatro mil seiscentos **e** setenta.
- 4.654.981 = Quatro milhões seiscentos **e** cinquenta **e** quatro mil novecentos **e** oitenta **e** um.

3. **A maioria dos povos usa os numerais de origem arábica (os numerais arábicos, como são conhecidos). Em épocas mais remotas, usavam-se bastante os numerais de origem romana (os numerais romanos). Hoje estes numerais são empregados em raras situações.**

5.3 CLASSIFICAÇÃO DOS NUMERAIS

De acordo com as suas funções, os numerais são classificados em:

a) cardinais
b) ordinais
c) fracionários
d) multiplicativos
e) coletivos

ALGARISMOS		CARDINAIS	ORDINAIS	MULTIPLICATIVOS	FRACIONÁRIOS
ROMANOS	ARÁBICOS				
I	1	um	primeiro		
II	2	dois	segundo	duplo ou dobro	meio, metade
III	3	três	terceiro	triplo ou tríplice	terço
IV	4	quatro	quarto	quádruplo	quarto
V	5	cinco	quinto	quíntuplo	quinto
VI	6	seis	sexto	sêxtuplo	sexto
VII	7	sete	sétimo	séptuplo	sétimo
VIII	8	oito	oitavo	óctuplo	oitavo
IX	9	nove	nono	nônuplo	nono
X	10	dez	décimo	décuplo	décimo
XI	11	onze	undécimo ou décimo primeiro	undécuplo	onze avos ou undécimo

XII	12	doze	duodécimo ou décimo segundo	duodécuplo	doze avos ou duodécimo
XIII	13	treze	décimo terceiro		treze avos
XIV	14	catorze	décimo quarto		catorze avos
XV	15	quinze	décimo quinto		quinze avos
XVI	16	dezesseis	décimo sexto		dezesseis avos
XVII	17	dezessete	décimo sétimo		dezessete avos
XVIII	18	dezoito	décimo oitavo		dezoito avos
XIX	19	dezenove	décimo nono		dezenove avos
XX	20	vinte	vigésimo		vinte avos ou vigésimo
XXX	30	trinta	trigésimo		trinta avos ou trigésimo
XL	40	quarenta	quadragésimo		quarenta avos ou quadragésimo
L	50	cinquenta	quinquagésimo		cinquenta avos ou quinquagésimo
LX	60	sessenta	sexagésimo		sessenta avos ou sexagésimo
LXX	70	setenta	septuagésimo		setenta avos ou septuagésimo
LXXX	80	oitenta	octogésimo		oitenta avos ou octogésimo
XC	90	noventa	nonagésimo		noventa avos ou nonagésimo
C	100	cem	centésimo	cêntuplo	cem avos ou centésimo
CXLIV	144	cento e quarenta e quatro	centésimo quadragésimo quarto		cento e quarenta e quatro avos
CC	200	duzentos	ducentésimo		duzentos avos ou ducentésimo
CCC	300	trezentos	trecentésimo		trezentos avos ou trecentésimo
CD	400	quatrocentos	quadrigentésimo		quatrocentos avos ou

					quadringentésimo
D	500	quinhentos	quingentésimo		quinhentos avos ou quingentésimo
DC	600	seiscentos	seiscentésimo ou sexcentésimo		seiscentos avos ou sexcentésimo
DCC	700	setecentos	septingentésimo		setecentos avos ou septingentésimo
DCCC	800	oitocentos	octingentésimo		oitocentos avos ou octingentésimo
CM	900	novecentos	noningentésimo ou nongentésimo		novecentos avos ou nongentésimo
M	1.000	mil	milésimo		milésimo
MM	2.000	dois mil	dois milésimos		dois mil avos
X	10.000	dez mil	dez milésimos		dez mil avos ou décimo milésimo
C	100.000	cem mil	cem milésimos		cem mil avos ou centésimo milésimo
M	1.000.000	um milhão	milionésimo		milionésimo
M	1.000.000.000	um bilhão	bilionésimo		bilionésimo

5.4 REGRAS GERAIS PARA O EMPREGO DOS NUMERAIS

1. Empregam-se os cardinais para a designação de datas e horas, como também para designar capítulos, parágrafos, folhas ou quaisquer divisões de uma obra.

- Recife, 23 de junho de 2008.
- Em São Paulo, são 23h38min.
- Esse pensamento encontra-se no capítulo 22, na página 49.

⇨ Observações:

a) Pode-se dizer corretamente: a páginas 25, na página 25 ou à página 25; 14 de janeiro, a 14 de janeiro, em 14 de janeiro ou aos 14 de janeiro.

b) Como já se disse, na computação dos dias dos meses empregam-se os numerais

cardinais à exceção do primeiro dia de cada mês, para o qual se emprega o ordinal: primeiro de abril, primeiro de setembro etc.

2. Em alguns contextos, os cardinais são empregados em sentido indefinido.

- Preciso lhe dizer **duas** palavras. (duas = algumas)
- Já lhe disse isso **mil** vezes. (mil = várias)

3. Depois de vinte, a aditiva "e" funde-se com o "e" final daquele cardinal na pronúncia cotidiana; por isso, em alguns escritores clássicos, nota-se a omissão da aditiva.

- "... quarta-feira, **vinte três** de agosto, mandou levantar âncora." (Barros, Dec. I, *apud* Cláudio Brandão)
- "Esteve **vinte quatro** horas sem fala." (Sousa, S. Dom., I, *apud* Cláudio Brandão)

4. "Ambos" e "ambas" são considerados numerais duais, pois sempre se referem a um par de coisas ou de pessoas. Logo, "ambos os dois", "ambos de dois" são expressões pleonásticas e devem ser evitadas em linguagem formal.

- "...porque um nasceu de outro, a não ser que **ambos** formem duas metades de um só." (Machado de Assis)
- "Assim dizendo, o pajé passou o cachimbo ao estrangeiro; e entraram **ambos** na cabana." (José de Alencar)

⇨ Observação:

Quando antepostos a um substantivo, empregam-se "ambos" e "ambas" seguidos geralmente de um artigo definido e mais raramente de um pronome possessivo ou demonstrativo.

- "As monjas saem sucessivamente de **ambos os** lados e vêm ajoelhar aos pés da abadessa." (A. Herculano)
- "Dizendo, fechou por dentro **ambas as portas**, e sentou-se sobre uma arca." (Camilo Castelo Branco)

5. Na designação de reis, papas, soberanos, séculos e partes de uma obra (capítulos, tomos etc.), empregam-se os ordinais até o dez e os cardinais daí por diante. Se o numeral anteceder o substantivo, empregam-se os ordinais.

- Século **sexto**
- Capítulo **segundo**
- João **vinte e três**
- Século **vinte e um**
- Leão **décimo**
- Henrique **quarto**

- Luís **catorze**
- Pedro **primeiro**
- **quarto** século
- **sexto** capítulo
- **décimo primeiro** papa
- **trigésimo** tomo

6. Na designação de artigos de leis, decretos, portarias, regulamentos etc., usam-se os ordinais até nove e os cardinais de dez em diante. Se o numeral vier anteposto, empregam-se os ordinais.

- artigo **segundo**
- inciso **quarto**
- parágrafo **nono**
- artigo **vinte e três**
- inciso **catorze**
- parágrafo **doze**
- **quadragésimo** artigo
- **décimo quinto** inciso
- **sétimo** parágrafo

7. "Cem", forma contraída de "cento", usa-se como adjetivo e é invariável.

- cem páginas
- cem pessoas
- cem homens
- cem animais

8. "Cento" se emprega hoje geralmente como adjetivo na designação dos números entre cem e duzentos, e é invariável.

- Cento e vinte
- cento e cinquenta
- cento e dois

9. Os numerais inteiros são invariáveis, à exceção de "um, dois, ambos, os compostos de –entos e os terminados em -ão (milhão, bilhão, trilhão etc.)".

- Já estavam presentes na sala **vinte** (*invariável*) pessoas.
- O show deve ser visto por **mil** (*invariável*) pessoas.
- Ele comeu cerca de **trinta e quatro** (*invariável*) docinhos.
- Falei com **duas** (*variável*) pessoas hoje.

10. Os numerais coletivos (chamados também de "seriativos") têm grande semelhança com os substantivos coletivos. Diferem destes, porém, por denotarem número rigorosamente delimitado.

- quinzena = 15 dias
- novena = 9 dias
- quinquênio ou lustro = 5 anos
- vintena = grupo de 20
- quarteirão = grupo de 25
- dúzia = grupo de 12
- semestre = 6 meses
- tríduo = 3 dias

- milênio = 1.000 anos

11. Os numerais ordinais se flexionam tanto em gênero quanto em número.

- primeiro passo
- primeiros passos
- primeira leitura
- primeiras leituras

12. Ao lado das grafias "bilhão", "trilhão" e "quatrilhão", existem as menos usuais, mas igualmente corretas, "bilião", "trilião" e "quatrilião". Esses numerais não apresentam flexão de gênero – apresentam-se tão somente sob a forma masculina.

- Ninguém conseguiu acertar todas as questões dentre as 15 milhões de pessoas participantes.

Corrija-se para: "... dentre os 15 milhões de pessoas participantes."

⇨ **Observações:**

Geralmente "milhão, bilhão, trilhão, quatrilhão" vêm acompanhados de um adjunto especificador no plural. Neste caso, o verbo da concordância poderá tanto concordar no singular com os numerais ou ir para o plural para concordar com a especificação.

- Um milhão de pessoas **foi** / ou **foram** ao show.
- Mais de um milhão de dólares **foi gasto** (ou **foram gastos**) para a reconstrução do templo.

5.5 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (TELERJ) Assinale a alternativa em que o numeral tem valor hiperbólico:

a) Naquele estádio havia quinhentas pessoas.
b) Mais de cem milhões de brasileiros choraram.
c) "Com mil demônios" – praguejou ele, diante do acidente fatal.
d) Ele foi o quadragésimo colocado.
e) Cinco oitavos do prêmio couberam a mim.

2. (FVE-SP) Assinale o item em que o numeral ordinal, por extenso, esteja correto:

a) 2.866.º – dois milésimos, octogésimo, sexagésimo sexto
b) 6.222.º – sexto milésimo, ducentésimo, vigésimo segundo
c) 3.478.º – três milésimos, quadringentésimo, septuagésimo oitavo
d) 1.899.º – milésimo, octogésimo, nongentésimo nono
e) 989.º – nonagésimo, octogésimo nono

3. (ITA-SP) Assinale o que estiver correto:

a) Seiscentismo se refere ao século XVI.
b) O algarismo romano da frase anterior se lê: décimo sexto.
c) Duodécuplo significa duas vezes, dodécuplo, doze vezes.
d) Ambos os dois é forma enfática correta.
e) Quadragésimo, quarentena, quadragésima, quaresma só aparentemente se referem a quarenta.

4. (VUNESP) Identifique o caso em que **não** haja expressão numérica de sentido indefinid

a) Ele é duodécuplo colocado.
b) Quer que veja esse filme pela milésima vez?
c) "Na guerra os meus dedos dispararam mil mortes."
d) "A vida tem uma só entrada, a saída é por cem portas."
e) n. d. a.

5. (PUCCAMP-SP) Os ordinais referentes aos números **80**, **300**, **700** e **90** são, respectivamente:

a) octagésimo – trecentésimo – setingentésimo – nongentésimo
b) octogésimo – trecentésimo – setingentésimo – nonagésimo
c) octingentésimo – tricentésimo – septuagésimo – nongentésimo
d) octogésimo – tricentésimo – septuagésimo – nongentésimo
e) n. d. a.

6. (FMU-SP) **Triplo** e **tríplice** são numerais:

a) ordinal o primeiro e multiplicativo o segundo.
b) ambos ordinais.
c) ambos cardinais.

d) ambos multiplicativos.
e) multiplicativo o primeiro e ordinal o segundo.

7. (UFPR) Se a *cinco* vem a corresponder *quinto*, a **onze**, **quarenta**, **cinquenta**, **sessent** e **setenta**, respectivamente, correspondem:

a) undécimo, quadragésimo, cinquentésimo, sexagésimo, septuagésimo
b) décimo primeiro, quaresma, quinquagésimo, sexagésimo, septuagésimo
c) undécimo, quadragésimo, quinquagésimo, sexagenário, septuagésimo
d) décimo primeiro, quadragésimo, quinquagésimo, sexagésimo, septuagésimo
e) undécimo, quadragésimo, quinquagésimo, sexagésimo, septuagésimo

8. (FMU-SP) Sabendo-se que os numerais podem ser cardinais, ordinais, multiplicativos e fracionários, podemos dar os seguintes exemplos:

a) uma (cardinal), primeiro (ordinal), Leão onze (multiplicativo) e meio (fracionário)
b) um (cardinal), milésimo (ordinal), undécuplo (multiplicativo) e meio (fracionário)
c) um (cardinal), primeiro (cardinal), Leão onze (multiplicativo) e meio (fracionário)
d) um (cardinal), primeiro (cardinal), cêntuplo (multiplicativo) e centésimo (fracionário)
e) um cardinal (cardinal), primeiro (ordinal), duplo (multiplicativo), não existindo numera denominado fracionário

9. (Ufam) Assinale o item em que NÃO é correto ler o numeral como vem indicado entre parênteses:

a) Pode-se dizer que no século IX (nono) o português já existia como língua falada.
b) Pigmalião reside na Casa 22 (vinte e duas) do antigo Beco do Saco do Alferes, em Aparecida.
c) Abram o livro, por favor, na página 201 (duzentos e um).
d) O que procuras está no art. 10 (dez) do código que tens aí na mão.
e) O Papa Pio X (décimo), cuja morte teria sido apressada com o advento da Primeira Guerra Mundial, foi canonizado em 1954.

10. (UnB-DF) Assinale a alternativa em que *meio* funciona como advérbio.

a) Só quero meio quilo.
b) Achei-o meio triste.
c) Descobri o meio de acertar.
d) Parou no meio da rua.

e) Comprou um metro e meio.

11. (Fasp) Ele obteve o ... (123.º) lugar.

a) centésimo vigésimo terceiro
b) centésimo trigésimo terceiro
c) cento e vinte trigésimo
d) cento e vigésimo terceiro

12. (FSCS-SP) Associe o sentido ao respectivo numeral coletivo.

(1) período de seis anos ( ) dístico
(2) período de cinco anos ( ) decúria
(3) estrofe de dois versos ( ) sexênio
(4) período de cem anos ( ) centúria
(5) agrupamento de dez coisas ( ) lustro

13. (Acafe-SC) Assinale a alternativa **correta**.

a) Os substantivos *cão*, *tabelião*, *pão*, *alemão* e *cidadão* fazem o plural mudando -ão em -ães.
b) A torre é **altíssima**. A palavra destacada é adjetivo e está no grau superlativo absoluto analítico.
c) Vendi todos **os** livros a **uns** alunos. As palavras destacadas são pronomes definidos.
d) O **dobro** do meu dinheiro é igual à **metade** do teu. As palavras destacadas são numerais multiplicadores.
e) Levaram-**me** o caderno. A palavra destacada é pronome pessoal oblíquo.

GABARITO

1 – C	2 – B	3 – D
4 – A	5 – B	6 – D
7 – E	8 – B	9 – B
10 – B	11 – A	12 – 3, 5, 1, 4, 2
13 – E		

CAPÍTULO 6

PRONOME

Observe o exemplo abaixo:

- Quem poderia comprar todos estes meus livros que eu adquiri numa promoção em São Paulo?

Perceba que todos os elementos grifados acima ou estão no lugar do substantivo ou estão acompanhando um substantivo.

1. O "quem" exerce a função de sujeito da primeira oração; função típica e própria do substantivo.
2. Os elementos "todos", "estes" e "meus" se referem ao substantivo "livros", trazendo respectivamente, as noções de "cada um", de "localização espacial" e de "posse".
3. O elemento "que" retoma e substitui, ao mesmo tempo, o substantivo "livros".
4. Por fim, o elemento "eu" representa o sujeito do verbo "adquirir". Exerce, portanto, função própria do substantivo.

6.1 DEFINIÇÃO

A partir do exemplo dado, podemos dizer que a classe de palavra variável que substitui ou acompanha o substantivo é denominada de **pronome**.

Como o adjetivo, o numeral e o artigo também são classes morfológicas que acompanham o substantivo, podemos afirmar que a grande distinção entre estes e o pronome se dá pelo fato deste último situar o substantivo numa pessoa do discurso.

As pessoas do discurso são:

a) o ser que fala – **1.ª pessoa** (eu e nós)
b) o ser com quem se fala – **2.ª pessoa** (tu e vós)
c) o ser (ou coisa) de que se fala – **3.ª pessoa** (ele e eles)

Logo, é possível também se definir “pronome” como a classe morfológica que substitui e acompanha o substantivo, situando-o numa pessoa do discurso.

6.2 PRONOMES ADJETIVOS E PRONOMES SUBSTANTIVOS

De acordo com as afirmações iniciais, podemos classificar de antemão os pronomes em: **substantivos** e **adjetivos**.

→ **Pronome substantivo**, como o próprio nome já o diz, é aquele que se põe no lugar do substantivo e passa a exercer uma função típica deste.

→ **Pronome adjetivo**, por outro lado, é aquele que acompanha o substantivo, atribuindo-lhe informações acessórias.

Observe:

- **Ele** jamais desconfiou de **nossa** honestidade.
  pronome substantivo *pronome adjetivo*
- O rapaz **o** comprou por **meu** intermédio.
  pronome substantivo *pronome adjetivo*
- **Esses** rapazes jamais visitaram **aquele** vilarejo.
  pronome adjetivo *pronome adjetivo*
- **Alguém** chegou aqui e nos deixou **isto**.
  pronome substantivo *pronome substantivo*

6.3 CLASSIFICAÇÃO DOS PRONOMES

Os pronomes se classificam de acordo com suas funções em:

I. Pronomes pessoais
II. Pronomes demonstrativos
III. Pronomes indefinidos
IV. Pronomes possessivos
V. Pronomes relativos
VI. Pronomes interrogativos

6.3.1 PRONOMES PESSOAIS

São assim denominados os pronomes que indicam diretamente as pessoas

gramaticais: o falante (1.ª pessoa), o ouvinte (2.ª pessoa) e o que não toma parte na conversa (3.ª pessoa). São classificados em **retos**, **oblíquos** e **de tratamento**.

PRONOMES PESSOAIS		
RETOS	**OBLÍQUOS**	
	Átonos	**Tônicos**
EU	ME	MIM, COMIGO
TU	TE	TI, CONTIGO
ELE	O, A, LHE, SE	SI, CONSIGO, ELE, ELA
NÓS	NOS	CONOSCO, NÓS
VÓS	VOS	CONVOSCO, VÓS
ELES	OS, AS, LHES, SE	SI, CONSIGO, ELES, ELAS

6.3.1.1 Emprego dos pronomes pessoais do caso reto (principais regras)

1. **A princípio, convém dizer que os pronomes são denominados de "retos" porque exercem função subjetiva, ou seja, funcionam como sujeito de um verbo. Por outro lado, são denominados de oblíquos os pronomes que exercem função complementar.**

- **Eles** jamais deixarão os juros caírem demais.
  caso reto
- Ainda não **me** comunicaram o fato.
  caso oblíquo
- Todos irão **conosco**, João.
  caso oblíquo
- **Nós** encontrá-**lo**-emos no shopping à tarde.
  caso reto *caso oblíquo*

2. **Importante também perceber que a força de tonicidade do pronome interfere no seu emprego. Os pronomes tônicos, por exemplo, são sempre usados precedidos de uma preposição, fato que não se dá com os átonos, os quais repelem a presença de uma preposição essencial que os reja.**

- Ele sempre gosta de falar de **si**.
  tônico
- Trouxemos dois hambúrgueres para **ti**, Madalena.
  tônico
- A **mim**, não me interessam as objeções do guia.
  tônico
- Deixaram o livro para **eu** ler durante o final de semana.
  átono

⇨ Observação:

No último exemplo, a preposição “para” que antecede o pronome “eu” rege toda a oração de finalidade. Não está regendo, portanto, o pronome, que é átono.

3. Os pronomes do caso reto “eu” e “tu” só aparecem como sujeito, salvo raras exceções. Por isso, os tais pronomes nunca ocorrerão regidos por preposição. Veja:

- Ainda ontem **eu** participei de uma plenária.
  pronome do caso reto, sujeito
- Parece que **tu** ainda não sabes o valor da vida.
  pronome do caso reto, sujeito
- Não há problemas **entre eu** e **tu**, Mário. (**construção errada**)
  os pronomes “eu” e “tu” não admitem ser regidos por preposição

Corrija-se para → Não há problemas **entre mim** e **ti**, Mário.

- Onde está o papel **para mim** imprimir o trabalho? (**construção errada**)

Corrija-se para → Onde está o papel para **eu imprimir** o trabalho? (“eu” é o sujeito do verbo “imprimir”)

- A notícia chegou **até eu**. (**construção errada**)

Corrija-se para → A notícia chegou **até mim**.

- Por favor, não saiam **sem mim**. (A presença da preposição exige que seja usado um pronome tônico)
- Eles saíram sem **eu dar** o dinheiro para o cinema. (O “eu” é o sujeito do verbo “dar”. A preposição “sem” rege a oração)

⇨ Observação:

Os pronomes “eu” e “tu” podem, excepcionalmente, aparecer nas funções de “predicativo” e “vocativo”, respectivamente.

- Por favor, deixe que eu seja **eu**.
  pronome pessoal, predicativo
- “Ó **tu**, meu senhor, ajuda-nos com teus favores!”
  pronome pessoal, vocativo

4. **No português falado no Brasil, o pronome "tu" foi praticamente substituído pelo pronome de tratamento "você". Importante destacar, ademais, que o "você" se refere à 2.ª pessoa do discurso, mas exige o verbo da concordância sempre na 3.ª pessoa do singular.**

- João, você vai conosco ao show?
- Você sabe o segredo dos animais?

⇨ Observação:

Em algumas regiões do Brasil, o falar coloquial emprega o "tu" com o verbo flexionado na terceira pessoa do singular: "Tu foi...", "Tu vai...", "Tu sabe...". Tais construções são, como já se disse, típicas da linguagem coloquial e jamais devem ser empregadas em processos comunicativos que exigem o padrão culto da língua.

5. **Na linguagem oral, é bastante comum a substituição do pronome de primeira pessoa do singular "eu" pelo pronome de primeira pessoa do plural "nós". Essa troca visa dar à mensagem um tom menos arrogante, menos presunçoso. É o que se denomina de "plural de modéstia".**

Em vez de: "**Eu concedo** a medalha de honra ao mérito ao escoteiro João da Silva."

Emprega-se: "**Nós concedemos** a medalha de honra ao mérito ao escoteiro João da Silva."

6. **É bastante comum na linguagem coloquial a substituição do pronome do caso ret "nós" pela forma "a gente" (separado). Tal substituição, repita-se, é típica da linguagem coloquial.**

6.3.1.2 Emprego dos pronomes pessoais do caso oblíquo (principais regras)

1. **Os pronomes "ele, ela, nós, vós, eles e elas", por possuírem força tônica, podem também aparecer em função oblíqua. Neste caso, eles virão obrigatoriamente regidos por uma preposição. Observe a diferença:**

- **Eles** não irão à festa da nossa turma.
  pronome do caso reto, sujeito
- Disseram a **eles** que a festa não se realizará.
  pronome do caso oblíquo tônico, objeto indireto
- **Nós** certamente realizaremos o projeto.
  pronome do caso reto, sujeito
- Atribuíram **a nós** o problema com a gerência.
  pronome do caso oblíquo tônico, objeto indireto
- A mulher do prefeito, parece que viram **a ela** no shopping com um homem suspeito.
  pronome do caso oblíquo tônico, objeto direto preposicionado

⇨ Observações:

a) É construção tipicamente coloquial o emprego dos pronomes "ele, ela, eles, elas" e função complementar desprovidos de preposição.

- Eu vi **ele** no shopping ontem.
  construção coloquial
- Vão levar **ela** para o médico agora.
  construção coloquial

b) Os pronomes "ele, ela, eles, elas", quando funcionam como complemento, podem s contrair com as preposições "de" e "em".

- Todos acreditam **nele**.
- A família depende **dele** para sobreviver.

c) Percebemos, portanto, que, quando há a presença de uma preposição essencial, deve-se – obrigatoriamente – usar os pronomes pessoais tônicos, já que os pronomes átonos são insuscetíveis de virem regidos por preposição. Observe:

- Após **mim**, veio o cortejo.
- Desde **ti** até **mim**, nunca houve mudança significativa na Universidade.
- Pedro fez tudo por **mim** e por **ti**.
- Durante a turbulência, várias malas caíram sobre **mim**.
- Todos se coligaram contra **mim**.
- Diante de **mim**, todos se calaram.

2. Os pronomes "si" e "consigo" são oblíquos tônicos reflexivos e só devem ser usados com referência ao sujeito da oração. Considera-se erro, portanto, construções em que os pronomes "si" e "consigo" não se refiram ao sujeito.

- Os rapazes sempre levam **consigo** um punhado de farinha.
  pronome oblíquo tônico se referindo ao sujeito "os rapazes"
- Ele sempre fala de **si** para os estranhos.
  pronome oblíquo tônico se referindo ao sujeito "ele"
- Paulo e Marcos, o diretor de recursos humanos quer falar **consigo**. (**construção errada**)
  O pronome deve se referir a "Paulo" e a "Marcos".

Corrija-se para → Paulo e Marcos, o diretor de recursos humanos quer falar **com vocês**. (ou "**convosco**")

3. Os pronomes "comigo, contigo, consigo, conosco, convosco" já trazem em si mesmos a preposição "com", pois são o resultado da combinação desta preposição com a formas oblíquas da primeira, da segunda e da terceira pessoa do singular e do plural.

- A minha filha sempre vai **comigo** às pescarias.
- Ao saíres, avisa-nos, pois iremos **contigo**.
- João e Maria irão **conosco**.
- Ela traz **consigo** boas experiências.

⇨ Observação:

Os pronomes "conosco" e "convosco" devem ser substituídos pelas suas formas analíticas "com nós" e "com vós", respectivamente, quando há a presença de um reforço do pronome por meio de adjunto adnominal. Geralmente, esse reforço se dá com os vocábulos "mesmo" e "próprio". Observe:

- Eles irão conosco. **ou**
- Eles irão
  - com nós mesmos.
  - com nós próprios.
  - com nós outros.
  - com nós dois.

4. Os pronomes oblíquos átonos "me, te, se, nos, vos" são empregados como complementos tanto de verbos transitivos diretos quanto de verbos transitivos indiretos. Podem, portanto, funcionar como objeto direto (caso acusativo em latim) ou objeto indireto (caso dativo em latim), a depender da regência verbal.

- Sempre **nos** disse o que fazer nas horas difíceis.
  objeto indireto
- Informaram-**nos** sobre o problema.
  objeto direto
- Eles **se** viram, mas não **se** cumprimentaram.
  objeto direto *objeto direto*
- Parece que vão **me** dizer a verdade.
  objeto indireto
- Eu **vos** louvo pela atitude salvadora que tivestes.
  objeto direto
- Essa notícia **te** deu ânimo para continuar?
  objeto indireto

5. Já os oblíquos "o, a, os, as" são usados como complementos para verbos transitivos diretos e verbos transitivos diretos e indiretos em sua parte direta. Funcionam, pois, como objetos diretos. São, por isso, denominados de pronomes acusativos, já que em latim a função acusativa diz respeito ao objeto direto. Tais pronomes equivalem aos oblíquos tônicos preposicionados "a ele, a ela, a eles, a elas".

- Os jornalistas **o** fotografaram quando descia a serra. (= fotografaram a ele)
- Todos **as** aplaudiam com entusiasmo. (= aplaudiam a elas)

⇨ **Observação:**

Os pronomes "o, a, os, as", quando estão enclíticos a verbos terminados em "-r, -s, -z", assumem as formas "lo, la, los, las" e a forma verbal perde aquelas consoantes. Quando enclíticos a verbos terminados em ditongo nasal, assumem as formas "no, na, nos, nas". Veja:

- Encontraram o homem deitado. = Encontraram-**no** deitado.
- Pegou dinheiro para comprar dois livros. = Pegou dinheiro para comprá-**los**.

6. Os pronomes oblíquos "lhe, lhes" substituem termos que exigem preposição. Quando completam verbos, funcionam como objetos indiretos de verbos transitivos indiretos e de verbos transitivos diretos e indiretos em sua parte indireta. Referem-se, portanto, ao caso dativo do latim. Estes pronomes também equivalem aos oblíquos tônicos preposicionados "a ele, a ela, a eles, a elas".

- Todos **lhe** fizeram grandes elogios. (= fizeram grandes elogios a ela / a ele.)
- Pediram-**lhes** que se mantivessem calados. (= pediram a eles / a elas que se...).

7. Os pronomes "me, te, lhe, nos, vos" podem fazer a vez de legítimos pronomes possessivos. Equivalem, respectivamente, a "meu / minha, teu / tua, seu / sua, dele / dela, nosso / nossa, vosso / vossa e plurais". Observe:

- Ao ver o sumo pontífice, beijou-**lhe** uma das mãos. → Isto é: ... beijou uma de **suas** mãos.
- A velocidade do vento despenteava-**nos** os cabelos. → Isto é: ... despenteava os **nossos** cabelos.

6.3.2 PRONOMES DE TRATAMENTO

Uma divisão interessante dos pronomes pessoais é a dos pronomes de tratamento. São assim denominados porque se usam tais pronomes em referência a certas pessoas consideradas autoridades ou em certos contextos comunicativos quando a formalidade os exige.

Principais pronomes de tratamento e seus respectivos empregos:

Pronome de tratamento	Abreviatura	Emprego
você, vocês	v.	tratamento familiar, informal
senhor, senhores	Sr. Sr.es	tratamento respeitoso
senhorita, senhoritas	Sr.ta, Sr.tas	para mulheres solteiras
senhora, senhoras	Sr.a, Sr.as	tratamento respeitoso
Vossa Senhoria, Vossas Senhorias	V.S.a, V. S.as	para pessoas que exercem cargos importantes
Vossa Excelência, Vossas Excelências	V. Ex.a, V. Ex.as	para autoridades superiores (presidentes, juízes, deputados, senadores, governadores etc.)
Vossa Eminência, Vossas Eminências	V. Em.a, V. Em.as	para cardeais
Vossa Alteza, Vossas Altezas	V.A., VV.AA.	para príncipes, princesas e duques
Vossa Majestade, Vossas Majestades	V.M., VV.MM.	para reis e rainhas
Vossa Meritíssima	Por extenso	juízes
Vossa Magnificência, Vossas Magnificências	V. Mag.a, V. Mag.as	reitores
Vossa Reverendíssima, Vossas Reverendíssimas	V.Rev.ma, V. Rev.mas	sacerdotes religiosos, bispos, padres, pastores

Vossa Santidade	V.S.	papa

Observações sobre os pronomes de tratamento:

a) Os pronomes de tratamento são pronomes que se referem à 2.ª pessoa do discurso. Entretanto, exigem a concordância verbal na 3.ª pessoa. Ademais, devem também ficar na 3.ª pessoa todos os elementos que a tais pronomes se refiram.

- Suas Excelências ainda não **deixaram** os seus despachos.
- Vossa Senhoria **deseja** um pouco de água?
- Vossas Majestades ainda não **inspecionaram** os **seus** cavalos este mês?

b) Tais fórmulas de tratamento só são consideradas pronomes de tratamento quando vêm antecedidas de "Sua" ou "Vossa". Desprovidas de tais partículas, tornam-se, no mais das vezes, meros "substantivos femininos" ou "adjetivos".

- Todos ficaram estupefatos perante a **majestade** *substantivo feminino* do templo.
- Aquele rapaz é um **reverendíssimo** *adjetivo* imbecil.
- É uma **excelência** *substantivo feminino* de pessoa.

c) Emprega-se "Sua" quando nos referimos à pessoa. Por outro lado, empregamos "Voss quando nos dirigimos à pessoa.

- Quando Sua Excelência chegar, avise-lhe, por favor, sobre o problema.
- Vossa Alteza, quer que eu lhe traga o almoço agora?

6.3.3 PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Outra categoria bastante usual na língua portuguesa é a dos pronomes demonstrativos. São denominados demonstrativos porque situam as pessoas ou coisas no tempo ou no espaço, postas em relação às pessoas do discurso. Os pronomes demonstrativos apresentam formas variáveis e invariáveis.

Pronomes demonstrativos			
	Variáveis		**Invariáveis**
	Masculinos	**Femininos**	
1.ª pessoa	este, estes	esta, estas	isto
2.ª pessoa	esse, esses	essa, essas	isso

3.ª pessoa	aquele, aqueles	aquela, aquelas	aquilo

Além dos pronomes acima, são igualmente demonstrativos os seguintes pronomes: “mesmo(s), mesma(s), próprio(s), própria(s), tal, tais, semelhante(s)”.

6.3.3.1 Emprego dos pronomes demonstrativos

O emprego dos pronomes demonstrativos representa um dos pontos mais discutidos pelos estudiosos da língua, já que em muitos escritores encontram-se empregos controvertidos dos tais pronomes. Para facilitar o entendimento, dividimos o emprego dos demonstrativos em relação a três aspectos: localização espacial do referente, localização temporal do referente e localização textual do referente.

I) Quanto à localização espacial do referente temos as seguintes orientações:

a) Empregam-se “este, esta, isto e variações” quando o referente se encontra com ser que fala.

- **Esta** camisa aqui custou-me quarenta reais.
- **Este** livro contém preciosas lições.

b) Emprega-se “esse, essa, isso e variações” quando o referente se encontra próximo, perto de quem fala.

- Quanto custou **essa** camisa que você está usando?
- Meu primo trouxe-me uma caneta **dessas** aí quando foi aos Estados Unidos.

c) Empregam-se “aquele, aquela, aquilo e variações” quando o referente se encont distante do ser que fala.

- **Aquele** menino acolá passou em um concurso para juiz federal.
- **Daquela** ponte para este ponto aqui, são mais ou menos dois quilômetros.

II) Quanto à localização temporal do referente, temos as seguintes orientações:

a) Empregam-se “este, esta, isto e variações” quando se faz referências a um temp presente em relação à pessoa que fala.

- Ainda este ano irei à Europa.
- Nesta tarde resolverei todo o problema com o síndico.

b) Empregam-se "esse, essa, isso e variações" quando se faz referências a um tempo passado ou futuro em relação à pessoa que fala.

- O ano passado marcou minha vida. **Nesse** ano nasceu meu filho.
- Espero que em 2100 o homem tenha encontrado a solução para muitos problemas. **Ness** ano, esperamos não haver mais miséria, violência, abandono.

c) Empregam-se "aquele, aquela, aquilo e variações" quando se faz referências a passado distante em relação ao ser que fala.

- Em 1980, a inflação era galopante. **Naquele** ano, viviam-se os últimos anos do milagre econômico brasileiro.
- Os anos de 1939 a 1945 marcaram a humanidade. Durante **aqueles** anos, desenvolveu-se um dos maiores massacres perpetrados contra a humanidade: o extermínio dos judeus.

III) Quanto à localização textual do referente, temos as seguintes orientações:

a) Empregam-se "esse, essa, isso e variações" para retomar termos e informações mencionados. Tais pronomes funcionarão como "elementos de coesão referencial anafórica".

- A violência assola o país de norte a sul. **Esse** problema inviabiliza muitos negócios comerciais no Brasil.
- Ao coração cabe toda a função de bombeamento sanguíneo. **Esse** órgão bate, quando regular, cerca de 80 vezes por minuto.

b) Empregam-se "este, esta, isto e variações" para antecipar termos e informações que ainda vão ser mencionados. Tais pronomes funcionarão, portanto, como "elementos de coesão referencial catafórica".

- O Brasil precisa disto: educação igualitária – de qualidade – para todos.
- Esta indagação jamais será respondida satisfatoriamente: "Quem nasceu primeiro: o ovo ou a galinha?".

c) Empregam-se "este, esta, isto e variações" para retomar, dentro de um período, termo mais próximo, ou seja, o enunciado em segundo lugar, a fim de se evitar uma possível ambiguidade que os demonstrativos "esse, essa, isso e variações" poderiam gerar. Por outro lado, empregam -se "aquele, aquela, aquilo e variações" para retomar, dentro do período, o termo mais distante, ou seja, o enunciado em primeiro lugar.

- Brasil e Argentina travaram novos acordos comerciais. **Este** exportará carnes nobres e

importará frutas tropicais **daquele**. → este = Argentina / daquele = Brasil.

- Os otimistas não julgam os pessimistas, nem **estes àqueles**, pois ambos convergem para alguma forma de idealismo. → estes = pessimistas / aqueles = otimistas.

d) Empregam-se – indistintamente – os pronomes "esse, essa, isso, este, esta, isto e variações" para retomar termos e ideias anteriormente expressos, mormente quando o elemento retomado se encontra imediatamente atrás de tais pronomes.

- "– Se eu fosse rica, você fugia, metia-se no paquete e ia para a Europa. Dito **isto**, espreitou-me os olhos..." (Assis, Machado. *Dom Casmurro*)

Outras observações acerca dos pronomes demonstrativos:

a) A contração "nisto" (em vez de "nisso") é frequentemente empregada em função circunstancial com o sentido de "nesse momento", "então", "em tal momento".

- A bomba estourou precisamente às 17h. **Nisto**, soaram todos os alarmes da cidade, e as forças armadas entraram em alerta.

b) Os demonstrativos "aquele/aquilo, aquela, aqueles e aquelas" podem aparecer em forma reduzida "o, a, os e as", respectivamente. Estes são usados em função substantiva e são seguidos de preposição ou de uma oração adjetiva encabeçada pelo relativo "que". Eles também aparecem em construções com o verbo "ser".

- Todos sabiam **o** que ele pensava sobre o problema. (... o = aquilo o qual ele pensava...).
  oração adjetiva

- Os que lutam são os que vencem. (os = aqueles)
  oração adjetiva *oração adjetiva*

- Se ele é pobre, eu também **o** sou.
  aquilo

- A classe estava cheia como nunca. **Os** da direita espremiam-se junto à parede enquanto **os** da esquerda sentavam uns no colo dos outros.
  aqueles *aqueles*

⇨ Observação:

O artigo definido, ausente o substantivo, converte-se em pronome demonstrativo, com o sentido de "aquele, aquela, aquilo, isso". Isto ocorre quando o "**o**" vem seguido de preposição, do pronome relativo "que" ou construído com o verbo "ser".

- A minha casa é menos confortável que **a** do vizinho.
  pronome demonstrativo
- Todos entenderam bem **o** que tu disseste.
  pronome demonstrativo
- Se ele é rico, eu também **o** sou.
  pronome demonstrativo

c) Os pronomes "mesmo" e "próprio" serão demonstrativos quando possuírem sentido de "exato", "idêntico", "em pessoa".

- De fato, foi João **mesmo** quem resolveu o problema.
- Éramos nós **mesmos** os responsáveis pela abertura e fechamento da empresa.
- Amanhã tu deverás ir à **mesma** rua em que estiveste na semana passada para falar com o comendador.

d) "Tal" será pronome demonstrativo quando equivaler aos demonstrativos "este, esse, aquele e flexões".

- Temos verdadeiro repúdio a **tal** sujeito.
- **Tal** foi o filme a que assistimos na semana passada.

e) A tradição e o uso consagraram a expressão "isto é" (e nunca "isso é") equivalente a "quer dizer", "significa", quando se vai esclarecer um pensamento, uma ideia.

- A vida é uma incógnita, **isto é**, nunca se sabe a que lugar ela chegará.

f) Como conjunção conclusiva, usa-se, hoje, mais frequentemente "por isso" em ve de "por isto", a despeito de esta última forma não estar errada.

- Sempre estudou com afinco, **por isso** (ou "**por isto**") obteve um bom desconto na mensalidade da escola.

g) "Semelhante" será pronome demonstrativo quando equivaler a "tal".

- Tenha mais cuidado para não cair em **semelhante** erro.

h) É condenável o emprego dos demonstrativos "mesmo(s), mesma(s)" em função substantiva. Tal fato se dá, porque não são próprias de tais pronomes funções como "sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal etc.". Observe abaixo:

- O bandido se evadiu, mas a polícia prendeu **o mesmo** poucas horas depois. (Prefira: "... mas a polícia o prendeu...")

- Encontramos o Ricardo em sua casa de praia. **O mesmo** nos disse que estava descansando um pouco. (Prefira: "... Ele nos disse que...")
- Na casa da Lurdinha há um bravo Pitbull. Joana disse que tinha muito medo **do mesmo**. (Prefira: "... tinha muito medo dele ou do cão.")

6.3.4 PRONOMES INDEFINIDOS

São denominados indefinidos os pronomes que se referem à 3.ª pessoa do discurso quando esta tem sentido vago e indeterminado.

Apresentam-se na língua portuguesa em um bom número – alguns são invariáveis e outros tantos variáveis.

INDEFINIDOS INVARIÁVEIS	INDEFINIDOS VARIÁVEIS
– alguém, ninguém; – tudo, nada; – algo; – cada; – outrem; – mais, menos, demais.	– algum, alguns, alguma, algumas; – nenhum, nenhuns, nenhuma, nenhumas; – todo, toda, todos, todas; – muito, muitos, muita, muitas; – pouco, pouca, poucos, poucas; – certo, certa, certos, certas; – vário, vários, vária, várias; – tanto, tantos, tanta, tantas; – quanto, quantos, quanta, quantas; – um, uns, uma, umas; – bastante, bastantes; – qualquer, quaisquer.

Além dos indefinidos acima, existem as chamadas "locuções pronominais indefinidas", que nada mais são do que a junção de mais de um vocábulo com função de um pronome indefinido. São exemplos dessas locuções: **cada um, cada qual, qualquer outro, quem quer que seja, fosse quem fosse, outro qualquer, todo aquele que, tudo o mais, seja qual for, um ou outro, todo o mundo** etc.

6.3.4.1 Considerações gerais sobre os pronomes indefinidos

1. **Os pronomes e as locuções indefinidos exigem, quando estão no singular, que o verbo da concordância fique também no singular.**

- Cada um dos trabalhadores **conseguiu** aumento este mês.
- Algum dos participantes **se entreteve** bastante com o novo invento.

2. Os pronomes indefinidos podem acompanhar o substantivo – pronomes indefinidos adjetivos – ou substituir o próprio substantivo – pronomes indefinidos substantivos.

- **Ninguém** chegou até agora.
  indefinido substantivo
- **Alguém** nos dirá o que fazer.
  indefinido substantivo
- **Muitos** alunos saíram da sala.
  indefinido adjetivo
- **Muito** trabalho, **pouco** dinheiro.
  indefinidos adjetivos

6.3.4.2 Emprego dos pronomes indefinidos

QUALQUER

"**QUALQUER**" só será pronome indefinido quando vier anteposto ao substantivo – neste caso, equivalerá a "algum(ns) / alguma(s)". Refere-se, portanto, a um indivíduo ou indivíduos tomados indistintamente dentre outros da mesma espécie. Quando posposto, exercerá a função morfológica de adjetivo e apresentará geralmente sentido depreciativo.

- **Qualquer** pessoa consegue fazer isso.
  pronome indefinido
- **Quaisquer** dúvidas, dirijam-se à direção do evento.
  pronome indefinido
- Era uma pessoa **qualquer**.
  adjetivo
- Fez um curso universitário **qualquer**.
  adjetivo

- "Desculpe-me esta franqueza; mas eu prefiro ser franco com você a sê-lo com **qualquer** outra pessoa." (Machado de Assis)
- "Antes de se entregar às fadigas da guerra,
  Dizem que um dia viu **qualquer** cousa do céu:
  E achou tudo vazio..." (Olavo Bilac)

TODO

"**TODO**" é um indefinido, chamado por alguns gramáticos de "coletivo universal". Possui as flexões "toda, todos, todas". É empregado de acordo com as seguintes orientações:

a) É hodierna e frequentemente empregado no singular, sem a presença de artigo definido, com a significação de "qualquer".

- **Todo** homem pode cometer um crime impensadamente.
- "...e ficamos tão felizes que **todo** receio de perigo desapareceu." (Machado de Assis)
- "Era homem de uma honestidade a **toda** prova e de uma primitiva simplicidade no seu modo de viver." (Aluísio Azevedo)

⇨ **Observação:**

Há gramáticos – notadamente os mais antigos – que não aceitam essa acepção do pronome indefinido "todo", pois só admitem o emprego do pronome indefinido "todo" com o sentido de "totalidade".

b) Embora haja posicionamentos contrários, pode também ser empregado no singular e anteposto a substantivo precedido ou não de artigo, significando "totalidade ou cada".

- "**Todo** homem é mortal, mas o homem **todo** não é mortal". (Carlos Drummond de Andrade)
- "Em **todo** o distrito de Oliveira, note bem, em **todo** ele! não há ninguém, absolutamente ninguém, que de longe, muito de longe, se compare ao Cavaleiro em inteligência, caráter, maneiras, saber, e finura política!" (Eça de Queiroz)
- "Por **toda** a parte andava acesa a guerra." (Camões)
- "No soveral havia **todo** o gênero de caça, e Argimiro o Negro (assim se chamava o rico-homem) gostava." (A. Herculano)

⇨ **Observação:**

Há gramáticos que, nesta acepção, só defendem o sentido do pronome "todo" como "cada". Não encontramos, entretanto, apoio nos maiores conhecedores de nossa língua. Para eles, dentre os quais podemos destacar os mestres Manuel Said Ali e Mário Barreto, o pronome "todo", anteposto a um substantivo, pode ou não aparecer com o artigo.

) Emprega-se no singular e posposto a um substantivo para indicar a totalidade das partes.

- Assim que chegamos, ele nos mostrou a casa **toda**. (= a casa em sua totalidade)
- Algumas alergias afetam o corpo **todo**. (= o corpo em sua totalidade)

I) Emprega-se no plural, anteposto ou posposto, para indicar a totalidade numérica.

- Usou **todas** as forças para impedir o avanço da doença.
- “Dita a palavra, apertou-me as mãos com as forças **todas** de um vasto agradecimento, despediu-se e saiu.” (Machado de Assis)

) Emprega-se, acompanhando adjetivo atributivo, com o significado de “em todas a suas partes”, “completamente”, “muito”. Nesta acepção, a palavra “todo” exerce função de advérbio e admite flexão.

- “...na sua dificílima Torre, negra entre os limoeiros e o azul, **toda** envolta no piar e esvoaçar das andorinhas.” (Eça de Queiroz)
- “**Toda** assustada, quis saber o que é que me doía.” (Machado de Assis)
- “O Bento, velho de face rapada e morena, com um lindo cabelo branco **todo** encarapinhado, muito limpo, muito fresco na sua jaqueta de ganga,...” (Eça de Queiroz)

Portanto, fique atento, pois podemos dizer corretamente (saliente-se que a forma flexionada, a qual concorda por atração com o substantivo, é mais comum na linguagem atual):

- A porta está **todo** / **toda** aberta.
- Ela está **todo** / **toda** cheia de alegria.
- Vimos uma casa **todo** / **toda** branca.
- A torta está **todo** / **toda** estragada.

Vejamos outros exemplos em notáveis escritores:

- “D. Felicidade acudiu, **toda** bondosa: — Deixe falar, Sr. Ledesma.” (Eça de Queiroz)
- “E um dia assim! de um sol assim! E assim a esfera
  Toda azul, no esplendor do fim da primavera!” (Olavo Bilac)
- “A capela, completamente cheia, palpitava de curiosidade. Paris elegante estava **todo** ali (Aluízio Azevedo)

TUDO

3. O pronome “TUDO” representa a forma neutra do pronome “TODO”. Pode aparecer tanto como pronome substantivo quanto como pronome adjetivo. Como pronome adjetivo aparece em combinações do tipo “tudo isso, tudo aquilo, tudo o que, tudo o mais etc.”. Geralmente se refere a coisas.

- “Sofrerei **tudo** por amor de ti.” (Camilo Castelo Branco)
- “Vi **tudo** isto, e fiquei satisfeito.” (Camilo Castelo Branco)
- “Gostava que em sua casa houvesse um pouco de **tudo**.” (Aluísio Azevedo)

ALGUM

4. O pronome indefinido "ALGUM" emprega-se de acordo com as seguintes orientações:

) Anteposto ao substantivo assume frequentemente valor positivo de "qualquer, um".

- "Deste modo, viverei o que vivi, e assentarei a mão para **alguma** obra de maior tomo." (Machado de Assis)
- "Folgamos de ver que os *ingleses* já servem para **alguma** coisa entre tão eminentes estadistas." (Rui Barbosa)

) Anteposto ao substantivo, assume também o valor de "certo, um pouco de".

- Por **algum** tempo esperou a projetada expedição de D. Pedro da Cunha, que pretendeu transportar ao Brasil a coroa portuguesa." (José de Alencar)
- "Daqui a **algum** tempo, quando os entrelinhistas tiverem de celebrar as glórias do ministério 10 de março." (Rui Barbosa)

) Com valor negativo, equivale a "nenhum", quando posposto ao substantivo.

- "Mas não o leva à feira anual, nem o aplica em trabalho **algum**; deixa-o morrer de velho. Não lhe pertence." (Euclides da Cunha)
- "Esse biltre sem senso moral **algum**." (Lima Barreto)

CERTO

5. Este vocábulo só será pronome indefinido quando vier anteposto a um substantivo. Posposto ao substantivo, assume valor adjetivo, equivalendo a "verdadeiro, infalível, exato, fiel, que não falta, constante".

- "As outras escravas a contemplavam todas com certo interesse e comiseração." (Bernardo Guimarães)
  pronome indefinido
- "A questão não está em escrever uns versos certos que digam coisas bonitas." (Lima Barreto)
  adjetivo
- "Se não nos enganamos, mui mal-avisados andam certos liberais, acreditando que as reformas sinceras podem captar a boa vontade imperial." (Rui Barbosa)
  pronome indefinido

- “Seguia devagar, mas com um destino certo.” (Raul Pompéia)
  adjetivo

⇨ Observação:

O vocábulo “**CERTO**” apresenta também função circunstancial (adverbial). Neste caso, equivalerá a “certamente”.

- “Ora, direis, ouvir estrelas. **Certo** perdeste o senso.” (Olavo Bilac)

OUTRO

6. É um pronome, cuja indefinição se encontra fora do âmbito do falante e do ouvinte. Tal indefinição o faz equivaler a “alguém, algo”. Geralmente aparece em expressões indefinidas “um ao outro, um do outro, um para o outro”.

- “Um ou **outro** branco, levado pela necessidade de sair, atravessava a rua.” (Aluísio Azevedo)
- “Ele, Alencar, na primeira noite em que a vira, exclamara, mostrando-a a ela e às **outras**, a assinatura.” (Eça de Queiroz)

O vocábulo “outro” também pode ser empregado com valor adjetivo. Neste caso, apresentará o significado de “novo”, “diferente”, “mudado”, “semelhante”, “igual”.

- “Os brasileiros de **outras** latitudes mal o compreendem, mesmo através das lúcidas observações de Bates.” (Euclides da Cunha)

CADA

7. É um pronome indefinido invariável. Designa os seres ou grupos de seres considerados um por um. Geralmente, aparece em expressões indefinidas “cada um, cada qual”.

- “**Cada um** deles trazia à cinta dois pistoletes, um punhal na ilharga do calção, e o arcabuz passado a tiracolo pelo ombro esquerdo.” (José de Alencar)
- **Cada qual** terá a sua recompensa.
- Perdeu muito dinheiro em **cada** aposta que fez.
- “José Roberto e Sebastião Campos serviam às senhoras acompanhando com uma pilhéri **cada** prato que lhes ofereciam.” (Aluísio Azevedo)

6.3.5 PRONOMES POSSESSIVOS

São denominados possessivos os pronomes que estabelecem uma noção de posse em referência às pessoas do discurso (1.ª, 2.ª e 3.ª), isto é, designam a pessoa gramatical a quem pertence o ser.

Pronomes possessivos		
Singular	**1.ª pessoa**	meu, minha, meus, minhas
	2.ª pessoa	teu, tua, teus, tuas
	3.ª pessoa	seu, sua, seus, suas
Plural	**1.ª pessoa**	nosso, nossa, nossos, nossas
	2.ª pessoa	vosso, vossa, vossos, vossas
	3.ª pessoa	seu, sua, seus, suas

6.3.5.1 Emprego dos pronomes possessivos

1. Em geral, os pronomes possessivos adjetivos facultam a anteposição de um artig (determinante).

- Ainda não levei **seu carro** / ou / **o seu carro** para o lava-jato.
- Muitos professores elogiaram **nosso projeto.** / ou / **o nosso projeto.**

2. Quando o pronome possessivo é empregado substantivamente, a presença do artigo ou de outro determinante que o substitua é indispensável.

- Encontrei **meu livro** / ou / **o meu livro**, mas não vi **o teu**.
- Este carro aqui não é mais caro que **o seu**.

3. Na língua portuguesa, os pronomes possessivos concordam com a coisa possuída e não com o possuidor.

- Eu vi todos os alunos e **seu** professor debatendo o assunto da aula no pátio da escola.
  o professor dos alunos
- A garota e e o **seu** cãozinho passeavam pela praça tranquilamente.
  cãozinho da garota

4. Geralmente não se emprega o pronome possessivo antes de nomes que indicam

“partes do corpo” ou “faculdades do espírito”.

- Ontem eu machuquei o joelho. (e não “o meu joelho”)
- João perdeu o senso. (e não “o seu senso”)
- Parece que ele perdeu a vergonha. (e não “perdeu a sua vergonha”)

5. Os pronomes “me, te, lhe, nos, vos, lhes” podem fazer as vezes de possessivos. Neste caso, eles equivalerão aos pronomes possessivos “meu, minha, teu, tua, seu, sua, nosso, vosso, dele, dela etc.”.

- Naquele momento, ferveu-**me** o sangue. (Isto é = ...ferveu o **meu** sangue.)
- O vento assanhava-**nos** os cabelos. (Isto é = O vento assanhava os **nossos** cabelos.)
- Cabelos cacheados moldam-**lhe** o rosto. (Isto é = ...moldam o rosto **dela** / ...moldam o **seu** rosto.)

⇨ **Observação:**

Esta substituição é bastante elegante do ponto de vista estilístico.

6. Os pronomes possessivos são usados, em muitos casos, para indicar afetividade respeito, consideração.

- Sente-se, por favor, **minha** senhora.
- **Meu** ilustríssimo professor, é um grande prazer revê-lo.

7. Os possessivos “seu, sua, seus, suas” podem gerar ambiguidade quando há na estrutura oracional mais de uma terceira pessoa. Neste caso, convém substituí-los por “dele, dela, deles, delas”.

- O governo brasileiro disse ao governo argentino que **suas** exportações melhoraram nos últimos meses. *(Exportações de quem? Do governo brasileiro ou do governo argentino?)*
- João disse a Lana que **sua** prima está doente. *(Prima de quem? De João ou de Lana?)*

⇨ **Observação:**

Para evitar esse processo de ambiguidade, muitos escritores usavam os possessivos “dele, dela, deles, delas” a fim de esclarecer a relação possessória.

- “A **sua** honra **dele** não dependia dos impulsos falsos ou torpes que tivera o coração dela. (Eça de Queiroz)

- “Ele respondia-me, a princípio com animação, depois mais frouxo, torcia a rédea da conversa para o **seu** assunto **dele**, abria um livro, perguntava-me se tinha algum trabalho novo.” (Machado de Assis)

8. Em alguns casos, a mudança de posição do pronome possessivo implicará alteração de sentido do enunciado.

- O meu livro (= posse)
- O livro meu (= minha autoria)
- suas notícias (= notícias dadas por você)
- notícias suas (= notícias sobre você)
- sua fotografia (= fotografia tirada por você)
- fotografia sua (= fotografia que tiraram de você)

9. Empregam-se alguns possessivos no plural com o sentido de “parentes”, “família”.

- Como vão os **seus?** Os **meus** continuam no interior, trabalhando nas lavouras de café.

6.3.6 OS PRONOMES RELATIVOS

São denominados de relativos os pronomes que representam um ser já expresso (antecedente). Entretanto, só isso não basta para caracterizá-los, uma vez que outros pronomes também o fazem. A principal característica do pronome relativo é servir de vínculo gramatical entre duas orações, estabelecendo uma relação de subordinação. Daí serem também chamados tais pronomes de “relativos-conjuntivos”.

Os principais pronomes relativos são:

PRONOMES RELATIVOS	
INVARIÁVEIS	**VARIÁVEIS**
que	o qual, a qual, os quais, as quais
quem	cujo, cuja, cujos, cujas
onde	quanto, quanta, quantos, quantas

⇨ Observação:

Funcionam também como pronomes relativos os vocábulos “como” e “quando”, quando retomam termos anteriormente mencionados.

6.3.6.1 Emprego dos pronomes relativos

QUE

É denominado de “relativo universal”, porque se refere tanto a coisas quanto a pessoas. Seus equivalentes variáveis são “a qual, o qual, as quais, os quais”. O relativo “que” só deve ser substituído por outro relativo em casos específicos.

- “Os soldados **que** tinham seguido a bandeira de Teodomiro tinham-se abalado para o combate.” (A. Herculano)
- “Ó tu, **que** tens de humano o gesto e o peito / ...” (Camões)

QUEM

No português moderno, este pronome só se refere a pessoas ou a cousas personificadas, daí ser chamado de “relativo personativo”. Com antecedente expresso, vem sempre regido por uma preposição.

- “Prezava com fanatismo o Marquês de Pombal, de **quem** sabia muitas anedotas.” (Aluísio Azevedo)
- “Isso não lhe fica bem; há por aí tanta moça bonita, a **quem** o senhor pode fazer a corte...” (Bernardo Guimarães)

⇨ Observação:

Em algumas orações o pronome relativo “quem” pode aparecer sem antecedente expresso. Neste caso, ele equivalerá a “aquele que”. Por equivaler – ao mesmo tempo – a um pronome demonstrativo e a um pronome relativo, o relativo “quem” é denominado de “relativo condensado”.

- Quem com ferro fere com ferro será ferido. (Provérbio)
  pronome relativo condensado → aquele que
- Quem chegou primeiro deve ter visto as modificações mais facilmente.
  pronome relativo condensado → aquele que

ONDE

É denominado de “relativo locativo”, pois só é utilizado para retomar e substituir termos que contenham a noção de “lugar”. Equivale a “em que” e variações (na qual, no qual, nas quais, nos quais). O seu antecedente, portanto, deve indicar “lugar”.

- “Mas os livros dos enciclopedistas, as fontes **onde** a geração seguinte bebera a peçonha que saiu no sangue de noventa e três, não eram de todo ignorados.” (Camilo Castelo Branco)
- “Pádua enxugou os olhos e foi para casa, **onde** viveu prostrado alguns dias, mudo,

fechado na alcova.” (Machado de Assis)

O QUAL, A QUAL, OS QUAIS, AS QUAIS

São os relativos que possuem as variações em gênero e número correspondentes ao pronome relativo “que”. Esses relativos devem obrigatoriamente substituir o “que” quando este provocar ambiguidade, for precedido por uma preposição com mais de uma sílaba ou for eufonicamente melhor.

- “Fortalecem esta tradição as opiniões dos filósofos de todas as idades e nações, **os quais** nunca puderam compreender o homem moral sem pressupor uma primitiva perfeição.” (Camilo Castelo Branco)
- “... os frecheiros lhe disparavam alguns tiros, que vinham bater-lhe na armadura, debaixo **da qual** já manava o sangue de algumas feridas.” (A. Herculano)
- “Seguiu-se um alto silêncio, durante **o qual** estive a pique de entrar na sala, mas outra força maior, outra emoção...” (Machado de Assis)

CUJO, CUJA, CUJOS, CUJAS

São relativos utilizados para substituir termos que expressam noção de posse ou de pertinência. Equivalem a “do qual, da qual, dos quais, das quais, seu, sua, seus suas, dele, dela, deles, delas”. Eles retomam um termo antecedente, mas concordam em gênero e número com o substantivo consequente (ou posposto). Não admitem a posposição de artigo e sempre exercem a função sintática de adjunto adnominal. O relativo “cujo” e suas flexões trazem implícita a preposição “de”.

- Comprei um livro cujas páginas são verdes.

Equivale a ➔
- as páginas do livro
- as páginas dele
- suas páginas
- as páginas do qual

- “Dê um destino qualquer a essa escrava, a **cujos** pés o senhor costuma vilmente prostrar-se: liberte-a, venda-a, faça o que quiser.” (Bernardo Guimarães)
- “O Freitas, em **cuja** casa Ana Rosa tivera o seu último histérico, também se achava presente, com a filha, a sua querida Lindoca.” (Aluísio Azevedo)

QUANTO, QUANTA, QUANTOS, QUANTAS

Estas palavras só serão consideradas pronomes relativos quando vierem antecedidas por um dos seguintes pronomes indefinidos “tudo, todo(a), todos(as)”. Transmitem ideia

acessória de quantidade, de intensidade ou de número.

- "Que os fiéis abandonassem todos os haveres, tudo **quanto** os maculasse com um leve traço da vaidade." (Euclides da Cunha)
- "É perfeitíssima oração sobre todas **quantas** foram feitas ou se puderem fazer a Deus." (Bartolomeu dos Mártires, *apud* Cláudio Brandão)
- "Tudo **quanto** eu pedira e ambicionara,
  Tudo meus dedos e meus olhos calmos
  Gozavam satisfeitos nos seis palmos
  De tua carne saborosa e clara." (Olavo Bilac)

COMO

É denominado de pronome relativo "modal", pois sempre apresenta como antecedente um nome denotador de "modo, maneira, forma". É facilmente substituível por "segundo o qual" ou "pelo qual", "segundo a qual" ou "pela qual".

- Desconfiamos bastante da maneira **como** ele age.
- "E acharás a maneira **como** emendes a vida." (Gil Vicente *apud* Cláudio Brandão)

QUANDO

Será pronome relativo quando possuir como antecedente um substantivo que exprima tempo ou divisões da duração, e nessa hipótese equivalerá a "em que".

- "Era no tempo alegre **quando** entrava / No roubador de Europa / a luz febeia." (Camões)
- Isso ocorreu após a década de 1970, **quando** o movimento ambientalista passou a ter ur discurso mais sólido.

⇨ Observações gerais sobre os pronomes relativos:

a) Os pronomes relativos promovem a chamada "coesão referencial anafórica", pois retomam termos anteriormente mencionados.

b) Para um maior aprofundamento deste tema, sugerimos correlacionar este estudo com o estudo do "pronome relativo preposicionado", que é abordado no capítulo "regência verbal e nominal".

6.3.7 PRONOMES INTERROGATIVOS

São assim denominados os pronomes "**que**, **quem**, **qual** e **quanto**", quando empregados em orações interrogativas diretas e indiretas. Tais pronomes se referem a pessoa ou a coisa desconhecida.

- "**Qual**, de entre tantos Orfeus que a gente por aí vê e ouve, foi o que obrou a maravilha?" (A. Garrett)
- "**Quantos** pobres galileus não fez ele matar sem licença do tetrarca?" (Eça de Queiroz)
- "**Quem** nos derrama a bela claridade?
  Quem tantas trevas sobre o mundo chove?" (Durão *apud* Sousa da Silveira)
- "Quis saber **quem** eram os meus pais?" (Machado de Assis)

⇨ Observações sobre os pronomes interrogativos:

a) O pronome interrogativo "qual" é usado para distinguir uma pessoa, uma coisa ou uma qualidade dentre várias existentes.

- "Dizei-me: qual é mais poderosa, a graça ou a natureza?" (Vieira, *apud* Sousa da Silveira

b) Embora seja condenado por renomados estudiosos da língua portuguesa, o emprego d forma interrogativa "o que" é largamente usado em nossa língua.

- "O que está naquela arca?" (A. Herculano)
- "Reis da terra, o que sois?" (Gonçalves Dias)

6.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (TER-RO) Observe as frases:

I. A língua portuguesa foi a que chegou até _____ através de gerações.
II. Não basta _____ querer que a grafia coincida com a pronúncia; é preciso a reforma.
III. Torna-se muito complicado para _____ acompanhar essa mudança.
IV. Para _____, unificar a grafia é impossível.
V. Deixaram alguns pontos para _____ estudar.
A opção que completa corretamente as frases é:

a) eu – eu – eu – mim – mim
b) eu – eu – mim – eu – mim
c) mim – eu – eu – mim – eu
d) mim – eu – mim – mim – eu
e) mim – a mim – mim – eu – mim

2. (TELERJ) Assinale a opção em que o emprego dos pronomes pessoais está de acordo com a norma culta da língua:

a) Entre o chefe e eu há confiança mútua.
b) Para eu, vencer na empresa é fundamental.
c) Vim falar consigo sobre o debate de amanhã.
d) Já lhe avisei do ocorrido na empresa.
e) esta linha telefônica vai de mim a ti.

3. (TRE-MT) A alternativa em que o emprego do pronome pessoal **não** obedece à norma culta portuguesa é:

a) Fizeram tudo pra eu ir lá.
b) Ninguém lhe ouvia as queixas.
c) O vento traz consigo a tempestade.
d) Trouxemos um presente para si.
e) Não vá sem mim.

4. (TER-MT) A substituição do termo destacado por um pronome pessoal está **correta** em todas as alternativas, **exceto** em:

a) O governo deu ênfase **às questões econômicas**.
O governo deu ênfase **a elas**.
b) Os ministros defenderam **o plano de estabilização**.
Os ministros defenderam-**no**.
c) A companhia recebeu **os avisos**.
A companhia recebeu-**os**.
d) Ele diz **as frases** em tom bem baixo.
Ele diz-**las** em tom bem baixo.
e) Ele se recusa a dar **maiores explicações**.
Ele se recusou a dá-**las**.

5. (TER-MT) A lacuna da frase “A situação _____ aspiro começou a se delinear” é preenchida, de acordo com a norma culta, por:

a) onde
b) cujo
c) a que
d) que

e) a qual

6. (TRT-SP) As mulheres _____ olhos brilham, não são dignas de confiança.
O lugar _____ moro é muito arejado.
É um cidadão _____ honestidade se pode confiar.

a) cujos os – que – em que
b) cujos – em que – em cuja
c) cujos – em que – cuja
d) cujos os – em que – cuja a
e) cujos – que – em cuja

7. (TRT-SP) Assinale a alternativa incorreta quanto ao emprego do pronome pessoal **si**:

a) Madalena queria a mãe junto de si.
b) Quando voltou a si, não se lembrava de nada.
c) Meu filho será confiante em si mesmo.
d) Ofereço esse presente para si.
e) Vivem brigando entre si.

8. (TRT-SP) Assinale a alternativa em que o pronome **lhe** tem valor possessivo:

a) Caiu-lhe nas mãos um belo romance de José de Alencar.
b) Dei-lhe indicações completamente seguras.
c) Basta-lhe uma palavra apenas.
d) Seus amigos escreveram-lhe um singelo poema.
e) Informaram-lhe o resultado da prova realizada ontem.

9. (MPE-SP) Assinale a alternativa em que a junção das duas orações abaixo está correta quanto ao emprego do pronome relativo e à regência do verbo:

I. "Central do Brasil" é o filme.

II. Eu me referi ao diretor do filme "Central do Brasil".

a) "Central do Brasil" é o filme a cujo diretor eu me referi.
b) "Central do Brasil" é o filme que o diretor eu me referi.
c) "Central do Brasil" é o filme sobre cujo diretor eu me referi.
d) "Central do Brasil" é o filme de cujo diretor eu me referi.
e) "Central do Brasil" é o filme de qual diretor eu me referi.

10. (MPU) “Todos têm direito a receber dos órgãos públicos informações de seu interesse particular, ou de interesse coletivo ou geral, que serão prestadas no prazo da lei, sob pena de responsabilidade, ressalvadas aquelas _____ sigilo seja imprescindível à segurança da sociedade e do Estado.”

a) cujo
b) de cujo
c) a cujo
d) sem cujo
e) por cujo

GABARITO

1 – D	2 – E	3 – D
4 – D	5 – C	6 – B
7 – D	8 – A	9 – A
10 – A		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 7

VERBO

7.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Passaremos a estudar um dos assuntos mais longos da gramática normativa – o verbo. Provavelmente você, estudante, deparar-se-á com um sem-número de informações, detalhes, características, exceções etc., etc., os quais fazem deste assunto um dos mais temidos da gramática. Sugerimos, portanto, estudá-lo aos poucos. Saliento: não se trata de um assunto difícil. É apenas um assunto longo e cheio de detalhes. É essencial, portanto, estudá-lo mais de uma vez. Procure também resolver todos os exercícios propostos ao final do capítulo. A resolução vai reforçar seu aprendizado.

Outrossim, é fundamental que você se preocupe bastante com alguns pontos que são frequentemente explorados pelos concursos: emprego dos tempos e dos modos verbais, correlação dos tempos e modos verbais e conjugação verbal – notadamente de alguns verbos.

Como já disse, estude o assunto aos poucos. Anote a data em que estudou cada ponto, pois ela certamente servirá como balizamento para que você saiba o momento certo de revisar o assunto. Sugiro também que correlacione o estudo da "voz passiva" com o assunto "conversão da voz ativa em passiva", estudado em sintaxe de oração.

Vamos lá... Mãos à obra!!

7.2 DEFINIÇÃO

Observe atentamente os períodos abaixo:

- O Brasil **jogará** contra a Argentina no domingo. (→ indica uma ação futura)
- A vida **seria** fácil se não fossem as dificuldades. (→ indica um estado)
- Na próxima madrugada, **nevará** em Caxias do Sul. (→ indica um fato, um fenômeno)
- João **fuma** bastante. (→ indica um fato habitual, frequente)

Todos os termos em negrito acima são verbos.

Em sentido estrito, verbo é, pois, uma palavra variável capaz de exprimir "uma ação, um estado, um fenômeno da natureza ou um fato".

Entretanto, esta definição é viciosa, visto que os substantivos também apresentam caracteres dos mesmos fenômenos. Basta comparar "digerir e digestão", "correr e corrida", "despedaçar e despedaçamento". Portanto, a diferença entre os nomes substantivos e os nomes verbais reside na quantidade de flexões que um e outro apresenta. Por isso, consideramos a melhor definição para "verbo" a que foi proposta pelo professor José Oiticica, em seu "Manual de análise léxica e sintática":

Verbo é o nome flexionado em modo, tempo, número e pessoa, isto é, a palavra variável que apresenta o maior número de flexões na língua portuguesa.

7.3 ELEMENTOS ESTRUTURAIS DO VERBO

São os seguintes os elementos mórficos formadores do verbo: radical, vogal temática, tema e desinências modo-temporal e número-pessoal. Nem todas as formas verbais, contudo, apresentam todos esses elementos. Daí ser importante distinguir minimamente o "radical" da "terminação verbal". Analisemos as formas verbais "cantássemos, venderemos e partíramos".

RADICAL	VOGAL TEMÁTICA	TEMA	DESINÊNCIA MODO-TEMPORAL	DESINÊNCIA NÚMERO-PESSOAL
cant	a	**canta**	sse	mos
vend	e	**vende**	re	mos
part	i	**parti**	ra	mos

7.3.1 RADICAL

É o elemento mórfico verbal principal, pois contém a significação do verbo. Nos verbos, o radical representa a parte imutável, que traz consigo a semântica verbal. Geralmente, obtém-se o radical com a supressão da vogal temática e da desinência do infinitivo "-r". Observe:

- cantar → cant – ar (radical)
- vender → vend – er (radical)
- partir → part – ir (radical)

7.3.2 VOGAL TEMÁTICA

É o elemento mórfico vocálico que se junta ao radical para formar o tema verbal. Nos verbos, a vogal temática situa-se entre o radical e a desinência do infinitivo impessoal "-r". A vogal temática indicará a que conjugação pertence o verbo. Portanto:

a) A vogal temática "-a" indicará os verbos pertencentes à 1.ª conjugação:

- cant**A**r
- am**A**r
- su**A**r
- lav**A**r
- afast**A**r
- habit**A**r

b) A vogal temática "-e" indicará os verbos pertencentes à 2.ª conjugação:

- vend**E**r
- beb**E**r
- cont**E**r
- lamb**E**r
- viv**E**r
- condiz**E**r

c) A vogal temática "-i" indicará os verbos pertencentes à 3.ª conjugação:

- sa**I**r
- part**I**r
- reflet**I**r
- sorr**I**r
- ped**I**r
- agred**I**r

⇨ **Observação:**

No presente do subjuntivo e nos tempos dele derivados, não há vogal temática.

7.3.3 TEMA

É o conjunto formado pelo radical mais a vogal temática. Nos verbos, basta a retirada da desinência do infinitivo impessoal "-r" para se obter o tema.

- falar → $\underbrace{\text{fala}}_{\text{tema}}$ – r
- caber → $\underbrace{\text{cabe}}_{\text{tema}}$ – r
- abrir → $\underbrace{\text{abri}}_{\text{tema}}$ – r

7.3.4 DESINÊNCIAS

São elementos mórficos que se acoplam ao tema ou à forma infinita do verbo para indicar as flexões de modo, tempo, número e pessoal. Há em português duas desinências verbais:

a) Desinência modo-temporal → Indica o modo (indicativo, subjuntivo ou imperativo) e o

tempo (presente, passado ou futuro) em que se encontra o verbo.

- cantá**va**mos → cantá – **VA** – mos (desinência que indica o "pretérito imperfeito do indicativo")
- falá**sse**mos → falá – **SSE** – mos (desinência que indica o "pretérito imperfeito do subjuntivo")
- partir**ía**mos → partir – **ÍA** – mos (desinência que indica o "futuro do pretérito do indicativo"

⇨ **Observação:**

Nem todas as formas verbais apresentam a desinência modo-temporal. Esta desinência inexiste no presente e no pretérito perfeito do indicativo.

b) Desinência número-pessoal → Indica o número (singular ou plural) e a pessoa (1.ª, 2 ou 3.ª) em que o verbo se encontra.

- cantastes → cantas – **TES** (desinência que indica a 2.ª pessoa do plural – vós)
- vendêssemos → vendêsse – **MOS** (desinência que indica a 1.ª pessoa do plural – nós)
- partiriam → partiri – **AM** (desinência que indica a 3.ª pessoa do plural – eles/elas)

7.4 FLEXÕES DO VERBO

Como já vimos em sua definição, o verbo é a palavra em língua portuguesa que apresenta o maior número de flexões. Ao conjunto de flexões de um verbo dá-se o nome de "**conjugação**".

O verbo apresenta as seguintes flexões: pessoa, número, modo e tempo.

7.4.1 FLEXÕES DE PESSOA E DE NÚMERO

Em relação à pessoa, o verbo apresenta as flexões relacionadas ao ser que lhe serve de sujeito. No que diz respeito ao número, o verbo pode-se apresentar tanto no singular (eu, tu e ele/ela) quanto no plural (nós, vós, eles/elas). Logo, teremos as seguintes flexões:

a) 1.ª pessoa – diz respeito ao falante, tanto no singular (eu) quanto no plural (nós)

1.ª PESSOA	
SINGULAR (EU)	PLURAL (NÓS)
canto	cantamos

bebo	bebemos
parto	partimos

b) 2.ª pessoa – diz respeito ao ouvinte, tanto no singular (tu) quanto no plural (vós)

2.ª PESSOA	
SINGULAR (TU)	**PLURAL (VÓS)**
cantas	cantais
bebes	bebeis
partes	partis

c) 3.ª pessoa – diz respeito àquele(s), àquela(s), àquilo de que se fala, tanto no singular (ele/ela) quanto no plural (eles/elas).

3.ª PESSOA	
SINGULAR (ELE/ELA)	**PLURAL (ELES/ELAS)**
canta	cantam
bebe	bebem
parte	partem

7.4.2 FLEXÕES DE MODO

As flexões de modo dizem respeito às formas assumidas pelo verbo para indicarem certos estados de espírito em relação ao fato ou estado expressos por ele, ou seja, mostram a atitude (certeza, dúvida, ordem etc.) da pessoa que fala em relação ao fato anunciado.

Em português, três são os modos verbais: **indicativo, subjuntivo e imperativo**.

Esses modos compõem as chamadas “formas finitas do verbo”, em oposição ao infinitivo, o qual com o gerúndio e o particípio compõem as “formas infinitas do verbo” ou “formas nominais do verbo”, as quais estudaremos mais adiante.

7.4.2.1 Modo indicativo

O modo indicativo é o modo da realidade: serve para enunciar um fato ou um estado verdadeiros ou supostos verdadeiros, em orações independentes ou dependentes, declarativas, interrogativas ou exclamativas, quer afirmando, quer negando.

De acordo com o insigne mestre Augusto Epifânio da Silva Dias, “o indicativo é empregado em todas as orações para as quais não há regra que exija outro modo”.

- “Que acusação **trazeis** contra este homem?” (Rui Barbosa)
- “Quem **canta** seus males **espanta**.” (Provérbio)
- “Em certos pontos não se **encontrava** viva alma na rua; (...); só os pretos **faziam** as compras para o jantar ou **andavam** no ganho.” (Aluísio Azevedo)

7.4.2.2 Modo subjuntivo

O modo subjuntivo (antigo “modo conjuntivo”) é o modo próprio da incerteza, da possibilidade, da dúvida, da futuridade, da vontade, do desejo, da esperança, da suposição, da concessão. De fato, são muitas as ideias significadas pelo subjuntivo.

A despeito de aparecer em orações independentes, o subjuntivo é próprio das orações dependentes, isto é, do processo subordinado, como o próprio nome já o diz – “subjuntivo = latim, *subjunctivus* = que liga, que une, que subordina”.

- “Queimado **sejas** tu e teus enganos /
  Amor escandaloso, mau, cruel.” (Camões)
- “Eu vou para Coimbra logo que **esteja** bom, e a menina da cidade fica em sua casa.” (Camilo Castelo Branco)
- “Não me parece bonito que o nosso Bentinho **ande** metido nos cantos com a filha do Tartaruga.” (Machado de Assis)

Em virtude dos diversos matizes semânticos que manifesta, o subjuntivo pode apresentar-se nos seguintes casos:

a) Subjuntivo optativo – exprime um desejo, um voto, um vaticínio, uma profecia.

- “– Ah! que eu não **sirva** senão para perturbar-lhe o sossego! – murmurou Isaura retirando-se.” (Bernardo Guimarães)
- “Ah, se os que se têm por felizes **reparassem** bem nesta última cláusula.” (Pe. Antônio Vieira)

b) Subjuntivo exortativo – exprime um conselho, uma exortação.

- “**Desprezemos** na terra a morte para alcançarmos no céu a imortalidade.” (Heitor Pinto)
- “**Ore** eu em língua que entendo, e logo o sentido das palavras se fará sentir nos afetos.” (Manuel Bernardes)

c) Subjuntivo invitatório – exprime um convite, uma requisição para comparecimento.

- “**Fujamos** para o deserto / **vivamos** ali sozinhos.” (Gonçalves Dias)
- “Vinde, pois, e **gozemos** dos bens que existem, e **façamos** a toda a pressa uso da criatura como na mocidade.” (Pereira de Figueiredo)

d) Subjuntivo imperativo – expressa ordem, mando, preceito e proibição.

- “**Continuemos** o ato de fé dos cristãos.” (Pe. Antônio Vieira)
- “**Meça-se**, pois, cada um consigo e **ajuste** as suas ações com as suas forças e seu poder.” (Manuel Bernardes)

e) Subjuntivo deprecativo – expressa um pedido, uma súplica.

- “Pelo excessivo amor com que nos amastes, que nos **comuniques** vossa graça, Senhor.” (Pe. Antônio Vieira)
- “Por Deus, que **partas**.” (A. Herculano)

f) Subjuntivo concessivo – expressa uma concessão, uma permissão em relação a um outro fato.

- “**Seja** como for, a 27 de fevereiro de 1641, partiram da Bahia o filho do vice-rei e os seus dois companheiros.” (J. F. Lisboa)
- “**Seja** ou não **seja** aquele o homem, **tenha** as diferenças que quiser e quantas quiser, ele chegará ao ponto da morte.” (Manuel Bernardes)

g) Subjuntivo potencial – exprime um fato possível ou provável. Geralmente aparece co os dubitativos “talvez, quiçá”.

- “Talvez **chore** ao domingo o que ri à quinta-feira.” (Provérbio)
- “Bem, talvez assim lho **ordenassem**.” (A. Herculano)

h) Subjuntivo supositivo – exprime uma hipótese, uma condição, uma suposição. Aparece em orações coordenadas sindéticas alternativas introduzidas pelas conjunções “ou... ou, ora.. ora, quer.. quer..., seja... seja... etc.”.

- “Se não entendeis o que diz, ou o **leiais** ou não **leiais**, ou **rezeis** ou não **rezeis**, tanto importa o vosso breviário aberto como fechado.” (Pe. Antônio Vieira)
- “Os indivíduos que começavam a vida marítima, quer **estivessem** nos primeiros da juventude, quer **fossem** homens feitos, eram, durante quatro anos, livres de todos os tributos e encargos.” (A. Herculano)

7.4.2.3 Modo imperativo

O modo imperativo serve para expressar uma ordem, um preceito, um conselho, uma exortação, um pedido, um convite.

- "Agora **escutai** e **respondei** sinceramente às minhas perguntas." (A. Herculano)
- "**Guardai** o meu sábado, porque ele deve ser santo para vós." (Bíblia Sagrada)
- "O pão nosso de cada dia nos **dai** hoje." (Bíblia Sagrada)

7.4.2.3.1 Formação do modo imperativo

O modo imperativo é por inteiro um modo derivado: ora do presente do indicativo, ora do presente do subjuntivo. São, portanto, estes dois últimos tempos modais que formam o imperativo, o qual se divide em "imperativo afirmativo" e "imperativo negativo".

1. **Imperativo afirmativo** → Forma-se tanto do presente do indicativo ("tu" e "vós" com a retirada da letra "s") quanto do presente do subjuntivo ("você", "nós" e "vocês").

Observe a formação do modo imperativo dos verbos VIVER e IR:

PRESENTE DO INDICATIVO		IMPERATIVO AFIRMATIVO		PRESENTE DO SUBJUNTIVO
vivo		–		viva
vives	→	**VIVE (tu)**		vivas
vive		**VIVA (você)**	←	viva
vivemos		**VIVAMOS (nós)**	←	vivamos
viveis	→	**VIVEI (vós)**		vivais
vivem		**VIVAM (vocês)**	←	vivam

PRESENTE DO INDICATIVO		IMPERATIVO AFIRMATIVO		PRESENTE DO SUBJUNTIVO
vou		–		vá
vais	→	**VAI (tu)**		vás
vai		**VÁ (você)**	←	vá
vamos		**VAMOS (nós)**	←	vamos
ides	→	**IDE (vós)**		vades
vão		**VÃO (vocês)**	←	vão

2. Imperativo negativo → É extraído totalmente do presente do subjuntivo. Conjuga-se com a anteposição do advérbio negativo "não".

PRESENTE DO SUBJUNTIVO		IMPERATIVO NEGATIVO
viva		–
vivas	→	**não VIVAS (tu)**
viva	→	**não VIVA (você)**
vivamos	→	**não VIVAMOS (nós)**
vivais	→	**não VIVAIS (vós)**
vivam	→	**não VIVAM (vocês)**

PRESENTE DO SUBJUNTIVO		IMPERATIVO NEGATIVO
vá		–
vás	→	**não VÁS (tu)**
vá	→	**não VÁ (você)**
vamos	→	**não VAMOS (nós)**
vades	→	**não VADES (vós)**
vão	→	**não VÃO (vocês)**

⇨ Observações importantes:

a) O imperativo, por ser um modo de referência direta à 2.ª pessoa, não apresenta pa a 3.ª pessoa os pronomes "ele, ela, eles, elas". Devemos substituir o pronome da 3.ª pessoa (ele, ela, eles, elas), por "você, vocês" (pessoa com quem ou a quem se fala).

b) O modo imperativo exprime "ordem, súplica, pedido ou convite". Ora, como ninguén vai ordenar, suplicar, pedir ou convidar a si mesmo, não existe a 1.ª pessoa do singular no modo imperativo.

c) Os verbos terminados em "-zer", como "fazer, trazer, dizer" e seus derivados, são abundantes na 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo, já que com tais verbos pode-se dizer indistintamente "**faze** ou **faz**, **traze** ou **traz**, **dize** ou **diz**" etc.

7.4.3 FLEXÕES DE VOZ

Chama-se **voz** o aspecto verbal caracterizado pelo papel que exerce o sujeito em relação à ação expressa.

Em português, o sujeito poderá:

a) praticar a ação → diz-se então que a voz é **ATIVA**;
b) sofrer a ação → diz-se então que a voz é **PASSIVA**;
c) praticar e sofrer a ação → diz-se então que a voz é **REFLEXIVA** ou **MEDIAL**.

7.4.3.1 A voz ativa

É a voz mais comum na língua pátria. É aquela usada frequentemente nos discursos dissertativos por apresentar o fato de forma mais clara, mais objetiva, mais direta. Ela indica que o sujeito é o ser agente, ativo da ação verbal.

- "Esse infeliz moço, contra quem o senhor **solicita** desvairadas violências, **conserva** a honra na altura da sua imensa desgraça." (Camilo C. Branco)
- "O Sol a pino **dardeja** raios de fogo sobre as areias natais; as aves **emudecem**; as plantas **languem**." (José de Alencar)

7.4.3.2 A voz passiva

É a voz verbal usada quando se deseja enfatizar que o sujeito é o objeto da ação verbal.

Há na língua portuguesa duas formas de se expressar a voz passiva:

a) Voz passiva analítica → formada geralmente pelos auxiliares "ser e estar" mais um particípio.

- O carro **foi deixado** na porta da oficina pelo próprio dono.
- Durante muito tempo, a casa **esteve cercada** por policiais.

b) Voz passiva sintética ou pronominal → formada por um verbo transitivo direto ou verbo transitivo direto e indireto associado a um "se".

- **Entregaram-se** os diplomas a todos os formandos.
- **Compraram-se** vários livros para serem doados aos meninos do orfanato.

⇨ Observação:

Para aprofundar o conhecimento sobre a voz passiva, sugerimos consultar, em sintaxe, a parte que trata sobre o agente da passiva.

7.4.3.3 A voz reflexiva ou medial

Ocorre a voz reflexiva quando o sujeito é, ao mesmo tempo, o agente e o paciente da ação verbal. Observe:

- "Leôncio **sentiu-se** esmagado, e arrependeu-se mil e uma vezes de ter provocado tão imprudentemente aquele leviano e estouvado rapaz." (Bernardo Guimarães)
- "A ideia de que ela **se enfeitava** para outro homem irritava-me a ponto que estive para **precipitar-me** e espedaçar, arrancando-lhe do corpo, as galas que a cobriam." (José de Alencar)

A voz reflexiva se divide em "**reflexiva propriamente dita**" – aquela em que o mesmo sujeito que pratica a ação é o seu recebedor, e "**reflexiva recíproca**" – aquela em que a ação é praticada mutuamente pelos seres envolvidos pelo sentido verbal; diz-se, portanto, que, neste último caso, houve ação mútua ou correspondente. Observe:

- A menina **se penteava** em frente ao espelho. = Penteava a si mesma. → **Voz reflexiva propriamente dita**.
- As meninas **se agrediram** durante o jogo. = Agrediram umas às outras. → **Voz reflexiva recíproca**.
- Durante a festa, dois convidados **se suicidaram**. = Suicidaram a si mesmos. → **Voz reflexiva propriamente dita.**
- Na festa, os convidados mal **se cumprimentavam**. = Cumprimentavam uns aos outros. – **Voz reflexiva recíproca.**

7.4.3.4 Possíveis ambiguidades com as vozes passiva e reflexiva

Em algumas situações, o emprego do pronome "se" associado a verbos transitivos pode ocasionar ambiguidade por não se saber se se trata de voz reflexiva ou de voz passiva sintética, notadamente quando o sujeito é animado, isto é, agente. Observe:

- As crianças enganam-se com facilidade.

→ **Pode-se desdobrar em:**

a) As crianças enganam umas às outras com facilidade. (se = pronome reflexivo recíproco)

OU

b) As crianças são enganadas com facilidade. (se = partícula apassivadora)

Vejamos um outro exemplo:

- Aclamou-se ele representante da turma.

→ **Pode-se desdobrar em:**

a) Ele aclamou a si mesmo representante da turma. (se = pronome reflexivo)

OU

b) Ele foi aclamado representante da turma. (se = partícula apassivadora)

Para esses casos, deve-se evitar a construção com o "se" e adotar, se se quiser expressar a voz reflexiva, as expressões "a si mesmo, a mim mesmo, uns aos outros, umas às outras". Caso se queira expressar a voz passiva, deve-se optar pela forma analítica, com verbo auxiliar e particípio.

Igualmente ambíguas são algumas estruturas reflexivas, pois podem tanto expressar voz reflexiva propriamente dita quanto voz reflexiva recíproca. Observe:

- Pedro e João feriram-se.

→ **Pode-se desdobrar em:**

a) Pedro e João feriram um ao outro. (se = pronome reflexivo recíproco)

OU

b) Pedro e João feriram a si próprios. (se = pronome reflexivo propriamente dito)

Assim, os verbos reflexos e recíprocos, em algumas construções, se confundem. Para desfazer possíveis ambiguidades, é necessário juntarem-se ao verbo recíproco as expressões "*reciprocamente, um ao outro, uns aos outros, uma à outra, umas às outras*", e ao verbo reflexivo "*a si próprio, a nós próprios, a vós próprios* etc.".

- "Todavia, os virtuosos nem sequer o imaginavam, porque não perceberiam como, tranquil a consciência e repousada a vida, um coração pode devorar-se a si próprio." (A. Herculano)
- "E sentiu diante dos olhos aquela massa informe de machos e fêmeas, a comichar, a fremir concupiscente, sufocando-se uns aos outros." (Aluísio Azevedo)
- "Dignidade de quem se despreza a si mesma!... O que é este corpo que lhes mostrei há pouco, e que lhes tenho mostrado tantas vezes!" (José de Alencar)
- "Outra coisa ainda: se nos batermos aqui, podemos incomodar-nos reciprocamente; porque pretendo matar-vos, e creio que o mesmo desejo tendes a meu respeito." (José de Alencar)

7.4.4 FLEXÕES DE TEMPO

Os tempos são as épocas da duração em que se realiza a ação ou o fato enunciado pelo verbo. Em português, tais épocas, indicadas por flexões próprias, são três: o presente, o passado (pretérito) e o futuro.

Observe o diagrama abaixo:

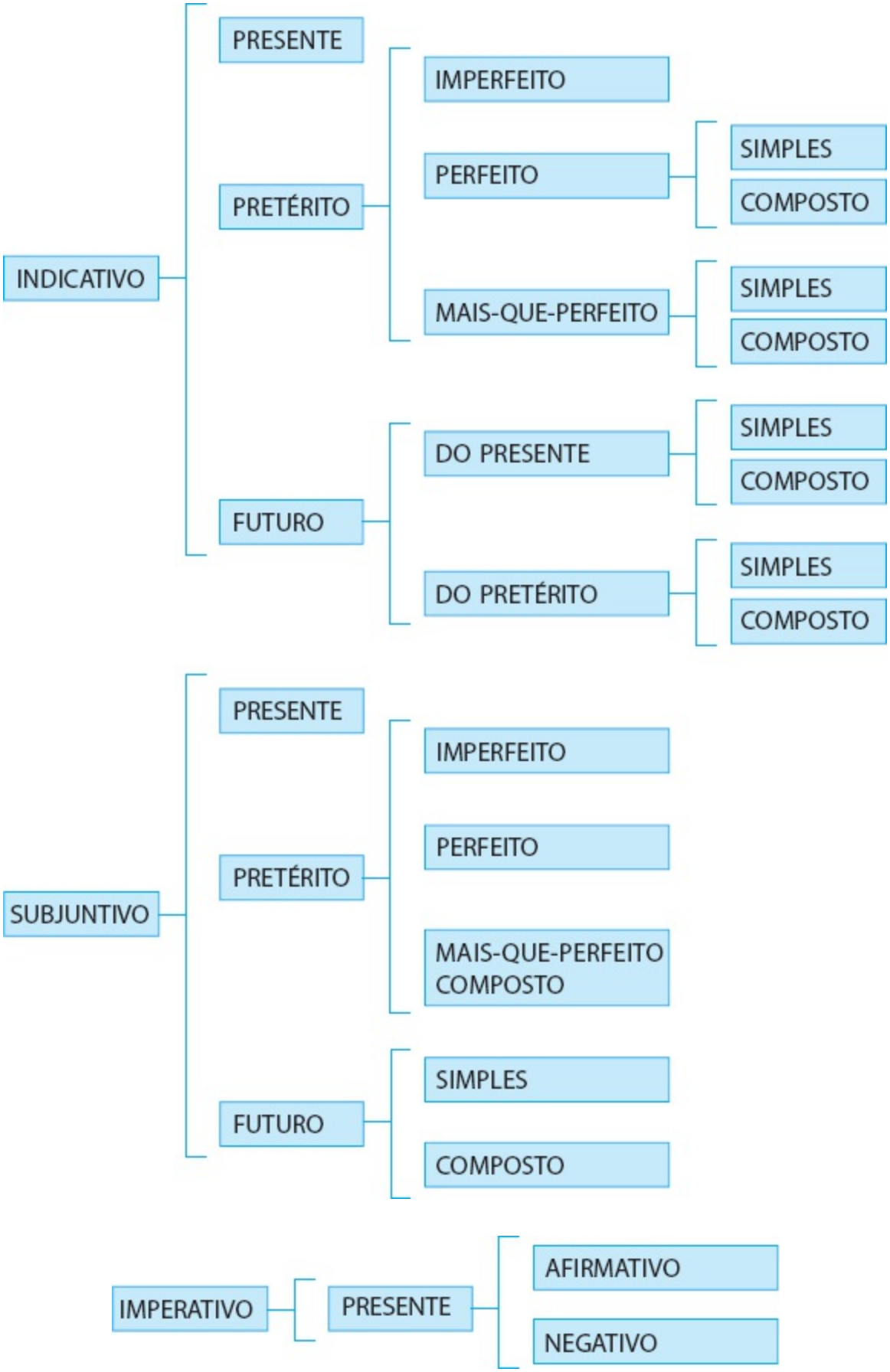

7.4.4.1 Emprego dos tempos verbais simples

Antes de estudarmos os tempos verbais, convém esclarecer que, em nosso português, há tempos primitivos e tempos derivados. Só três tempos em nossa língua são primitivos,

dos quais todos os demais se originam. São eles: **o presente do indicativo** (1.ª e 2.ª pessoas), **o pretérito perfeito do indicativo** (2.ª pessoa) e **o infinitivo impessoal.**

a) Do presente do indicativo derivam:

- Pretérito imperfeito do indicativo → falava, bebia, partia.
- Presente do subjuntivo → fale, beba, parta.
- Imperativo → fala, bebe, parte.

b) Do pretérito perfeito do indicativo derivam:

- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo → falara, bebera, partira.
- Pretérito imperfeito do subjuntivo → falasse, bebesse, partisse.
- Futuro do subjuntivo → falar, beber, partir.

c) Do infinitivo impessoal derivam:

- Futuro do presente do indicativo → falarei, beberei, partirei.
- Futuro do pretérito do indicativo → falaria, beberia, partiria.
- Infinitivo pessoal → falarem, beberem, partirem.
- Gerúndio → falando, bebendo, partindo.
- Particípio → falado, bebido, partido.

7.4.4.1.1 Tempos do modo indicativo

1. Presente do indicativo

A regra geral manda empregar o presente do indicativo para indicar uma ação atual, que se realiza no momento em que se fala.

- O Brasil **joga** contra a Argentina.
- A torcida **grita** o nome do artilheiro.

⇨ Observação:

Em muitas situações, para que não haja confusão entre a designação do que costuma acontecer e o que está acontecendo, é preferível usar-se uma construção perifrástica (locução verbal) composta do verbo “estar” com infinitivo precedido da preposição “a” (construção mais corrente em Portugal) ou com o gerúndio.

- João está a ler (ou lendo). → É melhor do que “João lê.”

Emprega-se também o presente do indicativo:

a) Para indicar uma ação habitual, corriqueira, um fato real, uma verdade – neste caso, é chamado de "presente habitual ou presente iterativo":

- João **fuma**.
- O sol **aquece** a Terra.
- A lei lhe **garante** esse direito.

b) Em narrativas, no lugar do pretérito perfeito, para indicar maior realidade ao fato (é como se o narrador estivesse presente naquele momento presenciando os fatos) – é o denominado "presente histórico":

- Em 1.º de setembro de 1939, Hitler **invade** a Polônia.
- "Napoleão **chega** a Waterloo, **dispõe** as tropas, **trava** combate e **é** vencido". (Napoleão Mendes de Almeida)

c) Para indicar fatos e ideias que, embora situados no passado, podem ser de algum modo considerados presentes:

- Jesus Cristo **considera** a si mesmo o único caminho e a única verdade.
- "São Bernardo **chama** à ociosidade madrasta das virtudes." (A. Herculano)

d) Para indicar uma ação em um futuro próximo (nesse caso vem geralmente cercado de algum adjunto adverbial de tempo):

- Amanhã ele **vai** para a nova escola.
- Na próxima semana, **sigo** para a Europa.
- **Volto** amanhã.

e) Para suavização da mensagem, emprega-se no lugar do imperativo afirmativo:

- Para evitar problemas, o senhor **fica** à espera do médico e **fala** para ele todos os seus incômodos.
- O senhor **aguarda** na recepção a sua chamada.

2. Pretérito perfeito do indicativo

Como regra geral, emprega-se o pretérito perfeito para indicar uma ação que teve início e fim no passado, ou seja, aplicamos este tempo para acontecimentos que se deram como simples momentos históricos.

- "A Espanha romano-germânica **transformou-se** na Espanha rigorosamente moderna no terrível cadinho da conquista árabe." (A. Herculano)
- A libertação dos escravos **foi** um marco para o Brasil.

- “Amou, **perdeu-se**, e **morreu** amando.” (Camilo Castelo Branco)

Emprega-se também o pretérito perfeito:

a) Para noticiar o que é fato consumado no momento em que falamos – é o denominado “pretérito absoluto”:

- O Brasil **ganhou** uma medalha de ouro na natação.
- “Se D. Rita lhe censura a indigna eleição que faz, Simão zomba das genealogias, e mormente do general Caldeirão que **morreu** frito.” (Camilo Castelo Branco)

3. Pretérito imperfeito do indicativo

Como regra geral, emprega-se o pretérito imperfeito do indicativo para exprimir a continuação ou repetição de uma ação que teve início no passado, isto é, o pretérito imperfeito indica uma ação verbal passada, mas inacabada, não concluída – daí o nome “imperfeito”.

- “Antônio Maciel **andava** sem rumo certo, de um pouso para outro, indiferente à vida e aos perigos, alimentando-se mal e ocasionalmente, dormindo ao relento à beira dos caminhos, numa penitência demorada e rude...” (Euclides da Cunha)
- “Campos ainda lhe conheceu a mãe, cujo retrato, encaixilhado com o do pai, **figurava** na sala, e **falava** de ambos com saudades longas e suspiradas.” (Machado de Assis)

Emprega-se também:

a) Em narrativas, para a descrição de cenas, pessoas, fatos ou coisas no passado:

- “Alguns defeitos **tinha**; o mais excelso deles **era** ser guloso, não propriamente glutão; **comia** pouco, mas **estimava** o fino e o raro, e a nossa cozinha, se **era** simples, era menos pobre que a dele.” (Machado de Assis)
- “O magistrado desenrugou a severidade postiça da testa, e confessou tacitamente que **era** brutal e estúpido juiz.” (Camilo Castelo Branco)

b) Em narrativas, para a indicação de tempo, de época, de momento:

- “O ano é que é um tanto remoto, mas eu não hei de trocar as datas à minha vida só para agradar às pessoas que não amam histórias velhas; o ano **era** de 1857.” (Machado de Assis)

c) Para indicar uma ação passada que, simultânea a outra ação também no passado ocorreu em primeiro lugar:

- “Quando ele entrou na sala, tinha acabado, mas **estava** ainda ao piano, ante um folheto

de músicas aberto, a soletrar para si." (Machado de Assis)

- "As sombras doces **vestiam** os campos quando ela chegou à beira do lago." (José de Alencar)

4. Pretérito mais-que-perfeito simples

Como regra geral, emprega-se o pretérito mais-que-perfeito simples para indicar uma ação no passado anterior a outra ação no passado – representa, por assim dizer, o "passado do passado".

- Quando chegou à empresa, o diretor já **saíra**.
- "O general **falara** um pouco alto e os jovens oficiais que estavam próximo olharam-no cor mal disfarçada censura." (Lima Barreto)

Emprega-se também:

a) No lugar do pretérito perfeito em construções descritivas, geralmente para indica uma ação passada em relação às ações passadas perceptíveis pelo contexto:

- "Fisicamente Jorge nunca se **parecera** com ela. **Fora** sempre robusto, de hábitos viris. Tinha os dentes admiráveis de seu pai, os seus ombros fortes. De sua mãe **herdara** a placidez, o gênio manso." (Eça de Queiroz)
- "– Oh! maldição! – **exclamara** Leôncio, arrancando os cabelos em desespero, depois que **ouvira** dos lábios de Álvaro aquele arresto esmagador." (Bernardo Guimarães)

b) Em linguagem literária, no lugar do pretérito imperfeito do subjuntivo e do futuro do subjuntivo:

- "E se Deus não **cortara** a carreira ao sol com a interposição da noite, fervera e abrasara se a terra." (Pe. Antônio Vieira)
- "Senhor, se tu **houveras** estado aqui, não **morrera** meu irmão." (Pe. Antônio Vieira)

c) Em frases exclamativas e optativas (que exprimem desejo), para acentuar-lhes o caráter hipotético, condicionante:

- "Quem **dera** pudesse o homem compreender todos os mistérios da natureza!"
- "– Quero isto limpo! bramava furioso. Está pior que um chiqueiro de porcos! Apre! **Tomara** que a febre amarela os lamba a todos! maldita raça de carcamanos!" (Aluísio Azevedo)

5. Futuro do presente simples

Como regra geral, emprega-se o futuro do presente do indicativo para indicar um fato

posterior (futuro) ao momento em que se fala.

- "**Dir-me-ão** que deste modo, o nosso papel é mais heróico. **Responderei** que o delas é angélico, e, entre anjos e heróis, pelos anjos será sempre o meu voto." (Rui Barbosa)
- "Meu pai diz que me vai encerrar num convento por tua causa. **Sofrerei** tudo por amor de ti. Não me esqueças tu, e **achar-me-ás** no convento, ou no céu, sempre tua do coração, e sempre leal. Parte para Coimbra. Lá **irão** dar as minhas cartas; e na primeira te **direi** em que nome hás de responder à tua pobre Teresa". (Camilo Castelo Branco)

Emprega-se também:

a) No lugar do presente do indicativo, em frases dubitativas (que exprimem dúvida) ou exclamativas:

- "A esta hora quantos não **estarão** com fome!" (Eduardo C. Pereira)
- "Uma palavra, uma emoção fraterna, um olhar de ternura, e... quantos não **serão** redivivos, abençoando-vos?" (Rui Barbosa)

b) Em correlação com o futuro do subjuntivo (ideia condicionante), para indicar fato de realização provável:

- Se o governo diminuir os juros, **comprarei** uma casa para morar.
- "Se o tino do juiz ou do público, como frequentemente sucede, eludir a aplicação da lei, então **desaparecerá** o mal." (Rui Barbosa)

c) Em lugar do imperativo para transmitir à mensagem um caráter mais sugestivo do que imperativo:

- "Não **terás** outros deuses diante de mim." (Bíblia Sagrada)
- "Não **dirás** falso testemunho contra o teu próximo." (Bíblia Sagrada)

d) Em frases interrogativas, para indicar incerteza, dúvida, suposição, probabilidade

- "**Será** que a mente, já desperta / Da noção falsa de viver, / Vê que, pela janela aberta, / Há uma paisagem toda incerta / E um sonho todo a apetecer?" (Fernando Pessoa)
- "Contra as extorsões de que ela for alvo, quem **poderá** medir a resistência?" (Rui Barbosa)

⇨ Observação:

Frequentemente, o futuro do presente do indicativo é substituído por locuções verbais formadas com os auxiliares "haver, ter, ir", seguidos de um infinitivo:

→ **Presente do indicativo do V. Haver + Preposição + Infinitivo:**

- "Neste momento insone e triste / Em que não sei quem **hei de ser**, / Pesa-me o informe real que existe / Na noite antes de amanhecer." (Fernando Pessoa)

→ **Presente do indicativo do V. Ir + Infinitivo:**

- "Considerou por instantes o arraial imenso, embaixo. Desceu devagar a encosta. Daniel **vai penetrar** na furna dos leões... Acompanhemo-lo." (Euclides da Cunha)

→ **Presente do indicativo do V. Ter + Que + Infinitivo:**

- "– Olhe, Senhor Cassi: amanhã, à tarde, não, porque **tenho que ir** à sessão da minha sociedade; mas, se tem pressa, pode vir depois de amanhã, logo pelas sete ou oito horas." (Lima Barreto)

6. Futuro do pretérito

Como regra geral, emprega-se o futuro do pretérito simples para indicar uma ideia hipotética em relação a um fato situado no passado. Geralmente, este tempo aparece em correlação com o pretérito imperfeito do subjuntivo.

- "Mas **incorreríamos** no ridículo de querer tapar o Sol com os dedos, se tentássemos dissimular o industrialismo egoístico, avaro, cobiçoso, que caracterizava a fisionomia do príncipe ligado à sorte da princesa imperial." (Rui Barbosa)
- "O serviço militar **tinha** a natureza de eventual, porque não **havia** entre os visigodos exército permanente." (G. Barros *apud* A. Epiphanio S. Dias)

Emprega-se também:

a) Em orações que denotam indignação ou surpresa:

- Jamais **acusaríamos** você!
- **Seria** possível uma acusação dessas?

b) Para indicar um fato futuro em relação a um outro fato situado no passado:

- "... e protestei que antes disso me **reabilitaria** de minha estúrdia ingenuidade." (José de Alencar)
- "Então ela declarou-lhe que não tivesse medo de nada. Nada **aconteceria** nem a um nem a outro." (Machado de Assis)

c) Em orações que denotam polidez, brandura, cortesia, em substituição ao presen do indicativo:

- – **Poderia** nos dar um minuto, por favor.
- – **Gostaria** de provar a nossa nova sobremesa, madame?

d) Em orações que revelam dúvida, probabilidade, suposição, incerteza, ideia aproximada:

- "– **Serias** capaz de fazer isso, Lúcia?" (José de Alencar)
- "Não fora a natureza, os céus, os pássaros, as águas múrmuras, como **poderíamos** viver?" (Júlio Ribeiro)
- "A cabo da estreita senda da cruz acharia ele, porventura, a vida e o repouso íntimos?" (A. Herculano)

7.4.4.1.2 Tempos do modo subjuntivo

1. Presente do subjuntivo

Em geral, emprega-se o presente do subjuntivo em orações que exprimam dúvida, desejo, fato provável.

- **Queira** Deus que eles **estejam** bem.
- Talvez **fiquem** melhor agora.
- "E talvez não **saiba** que eu estava a beber na fonte quando vossa senhoria, há dois para três anos deu muita pancada nos criados, que era mesmo um rebuliço que parecia o fim do mundo." (Camilo Castelo Branco)
- "– Sabes? talvez eu **tenha** de me ir amanhã embora." (Eça de Queiroz)
- "Se nos embaraçássemos nas imaginosas linhas dessa espécie de topografia psíquica, de que tanto se tem abusado, talvez não os compreendêssemos melhor. **Sejamos** simples copistas." (Euclides da Cunha)

Emprega-se também:

a) Em correlação com o presente do indicativo para indicar fato presente ou futuro:

- Esperamos que eles **cheguem** ainda hoje.
- É profundamente lamentável que eles **fiquem** sem ir à escola.

b) Em correlação com o presente do indicativo para expressar um conselho, uma advertência, uma sugestão:

- "Preciso é que os ouvidos **estejam** bem abertos e a atenção bem apurada, quando se está defronte de uma moça como D. Clementina." (Joaquim M. de Macedo)
- "**Analisemos** o caso. O comandante expedicionário deixara em Queimadas grande parte de munições, para não protelar por mais tempo a marcha..." (Euclides da Cunha)

- “Padre que seja, se for vigário na roça, é preciso que **monte** a cavalo.” (Machado de Assis)

c) Em correlação com tempos do modo indicativo para expressar ideia de concessâ de oposição:

- “Conquanto não **seja** assim, eu tomei a resolução heróica de aproximar os mais peculiare à Bruzundanga dos nossos nomes portugueses...” (Lima Barreto)
- “– Pode ser que não; e ainda que **desconfiem**, não há testemunhas.” (Camilo Castelo Branco)

2. Pretérito imperfeito do subjuntivo

Como regra geral, emprega-se o pretérito imperfeito do subjuntivo, em correlação com o futuro do pretérito do indicativo, para indicar um fato hipotético, provável, suposto.

- “Estas testemunhas referiram que ouviram dizer a Cristo que, se os Judeus **destruíssem** o templo, ele o tornaria a reedificar em três dias.” (Pe. Antônio Vieira)
- “Bem sei que não podes compreender o que é a fé viva de um muçulmano na proteção de Deus: mas eu seria réu do inferno, se **duvidasse** um instante das promessas do Profeta.” (A. Herculano)

Emprega-se também:

a) Em orações subordinadas substantivas, correlacionando-se com tempos do moc indicativo, para expressar “súplica, pedido, requerimento, solicitação”:

- “O Rei de Portugal só queria que nenhum palmo de chão português, baldio ou murado, **jazesse** fora de seu senhorio real.” (Eça de Queiroz)
- Solicitei naquele momento que o **acolhessem** nalgum asilo.
- “Dirigiu-se a Sir Robert Peel, e pediu-lhe que lhe **comunicasse** as ideias segundo as quais ele achava que a reforma deveria ser feita”. (Rui Barbosa)

b) Em orações subordinadas substantivas, correlacionando-se com tempos do moc indicativo, para expressar “ordem, determinação, proibição, deliberação”:

- “Apenas findou o café, mandou pelo Bento avisar os dois moços da horta, o Ricardo e o outro de queixo de cavalo, que o **esperassem** no pátio, armados.” (Eça de Queiroz)
- “Ordenava ela à mucama que **distribuísse** pelas outras uns enfeites e vestidos já usados.” (José de Alencar)

c) Em orações subordinadas substantivas, correlacionando-se com tempos do moc indicativo, para exprimir “aconselhamento, aviso, admoestação, recomendação,

exortação”:

- “E com eles atravessou de novo a Vila até a cocheira do Torto – para recomendar que lh **mandassem** à Torre, às nove horas da manhã, a parelha ruça.” (Eça de Queiroz)
- “Admoestou a certo bispo que se **recolhesse** à sua igreja.” (Manuel Bernardes)

d) Em estilo literário, para expressar a causa em relação a outro fato que lhe servir de efeito:

- “Como eu lhe **dissesse** que a vida tanto podia ser uma ópera, como uma viagem de mar ou uma batalha, abanou a cabeça e replicou: – A vida é uma ópera e uma grande ópera.” (Machado de Assis)
- “Como **fosse** grande arabista, achou no Corão que Maomé declara veneráveis os doidos pela consideração de que Alá lhes tira o juízo para que não pequem.” (Machado de Assis)

e) Para a formação de orações adverbiais (circunstanciais), principalmente, as condicionais e as concessivas:

- “Ah! se agora **chegasses**!
  Se eu **sentisse** bater em minhas faces
  A luz celeste que teus olhos banha (...).” (Olavo Bilac)
- “Não recebia ninguém, vivia num isolamento monacal, embora **fosse** cortês com os vizinhos que o julgavam esquisito e misantropo.” (Lima Barreto)

3. Futuro do subjuntivo

Como regra geral, em correlação com o futuro do presente do indicativo, emprega-se o futuro do subjuntivo em orações subordinadas adverbiais condicionais e temporais, para indicar o tempo ou a condição do fato expresso na oração subordinante.

- Se ele **chegar** a tempo, sairemos ainda hoje.
  fato da oração subordinante (sair)
- Quando ele **comprar** o novo carro, passearemos mais.
  fato da oração subordinante (passear)
- “O desejo que me deu, quando saí de Barbacena, foi simples desejo, sem prazo; irei, não há dúvida, mas lá para diante, quando Deus **quiser**.” (Machado de Assis)
- “Se eu **disser** ‘Há sol nos meus pensamentos’, ninguém compreenderá que os meus pensamentos são tristes.” (Fernando Pessoa)
- “Quando **estiverem** todos adormecidos, o guerreiro branco deixará os campos do Ipu, e os olhos de Iracema, mas não sua alma.” (José de Alencar)

7.4.4.2 Emprego dos tempos verbais compostos

Na língua portuguesa, alguns tempos simples podem ser expressos por meio de uma forma composta, formada pelos verbos auxiliares (ter e haver) mais o particípio do verbo. Tais tempos compostos são, em sentido lato, locuções verbais especiais. Aparecem sob a forma composta:

1. O pretérito perfeito composto do indicativo

Formado pelo "presente do indicativo" mais o particípio de um verbo, o pretérito perfeito composto é empregado para expressar um fato que, tendo-se iniciado no passado, dura ou vem repetindo-se até o presente com a possibilidade ou não de continuar no futuro. Observe:

- Ele **tem feito** muitas obras desde que iniciou o seu governo.
- "Você sabe que eu **tenho tratado** do seu casamento com a Zulmirinha... Lá em casa não se fala agora noutra coisa..." (Aluísio Azevedo)
- "Eu bem **tenho dito** a Jorge! Tantas vezes lho **tenho dito**! Isto é uma rua impossível!" (Eça de Queiroz)

2. O pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo

Formado pelo "pretérito imperfeito do indicativo" mais o particípio de um verbo, o pretérito mais-que-perfeito composto é empregado com a mesma função da sua forma simples: indicar um fato passado em relação a outro fato também no passado ou indicar um fato sucedido antes de outro não enunciado no contexto, mas implícito nele. Observe:

- "Os ingênuos contos sertanejos desde muito lhes **haviam revelado** as estradas fascinadoramente traiçoeiras que levam ao Inferno." (Euclides da Cunha)
- "Lúcia, como vê, parecia adivinhar o que me **tinham dito** o Cunha e Sá para desmenti-los completamente." (José de Alencar)
- Quando lá chegamos, o comendador já **tinha saído**.

3. O futuro do presente composto do indicativo

Formado pelo "futuro do presente do indicativo" mais o particípio de um verbo, o futuro do presente composto indica um fato posterior à época presente, mas já acabado antes de outro fato futuro.

- "Lá, no tumulto dos cortesãos, onde o amor é cálculo ou sentimento grosseiro, **terás achado** quem te chame sua." (A. Herculano)
- Quando ele chegar, já **terei terminado** de resolver a prova.

4. O futuro do pretérito composto do indicativo

Formado pelo "futuro do pretérito simples do indicativo" mais o particípio de um verbo, o futuro do pretérito composto indica um fato posterior a uma época passada a que nos

referimos, mas já acabada antes de outro fato futuro.

- Quanto prazer eles **teriam desfrutado**, se não tivessem pouco dinheiro e pressa para voltar.
- "Se me achasse bonita, já me **teria pedido** a papai..." (Aluísio Azevedo)
- Eu o **haveria esperado**, se ontem eu não tivesse um compromisso.

5. Pretérito perfeito composto do subjuntivo

Formado pelo "presente do subjuntivo" mais o particípio de um verbo, o pretérito perfeito composto do subjuntivo expressa uma hipótese ou um desejo em relação a outro fato situado no futuro.

- "– Provavelmente, ele lá estará, pensou Rubião indo jantar ao Flamengo; duvido que **tenha dado** melhor presente que eu." (Machado de Assis)
- "Desejo que não procedas precipitadamente e que, antes de dizer-me uma palavra, **tenhas medido** todo o alcance que ela deve ter sobre o teu futuro." (José de Alencar)

6. Pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo

Formado pelo "pretérito imperfeito do subjuntivo" mais o particípio de um verbo, o pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo indica um fato hipotético no passado em relação a outro fato hipotético também no passado.

- "Pôs-se a pensar, o que teria sucedido se **tivesse casado** com o primo Basílio." (Eça de Queiroz)
- "Se vossa senhoria **tivesse consentido** que sua filha amasse Simão Botelho Castelo-Branco, teria poupado a vida ao homem sem honra." (Camilo C. Branco)

7. Futuro do subjuntivo composto

Formado pelo "futuro simples do subjuntivo" mais o particípio de um verbo, o futuro do subjuntivo composto indica, à semelhança da forma simples, um fato hipotético no futuro, mas de realização provável, o qual se correlaciona com outro fato também no futuro.

- Quando eu **tiver adquirido** o novo carro, passearei bastante com a minha família.
- Explicaremos as dúvidas dos leitores que não **tiverem entendido** o assunto.

7.4.4.3 As locuções verbais (construções perifrásticas) – emprego dos verbos auxiliares

Também chamadas de "**perífrases verbais**", as locuções verbais servem para denotar ideias acessórias da ação verbal, frequentemente não contempladas pelos tempos simples e compostos. Para tanto, a língua socorre-se de certas combinações de dois verbos,

ficando um deles fixo no infinitivo, no gerúndio ou no particípio, recebendo o outro as flexões de modo, tempo e número.

Para a formação das locuções verbais, a língua lança mão de vários verbos em função auxiliar. Frequentemente são usados, além de outros, os verbos "ser, estar, ficar, ter, haver, ir, vir, parecer, andar".

Dica de estudo: Procure correlacionar este assunto com o assunto "emprego dos tempos compostos" formados com os verbos auxiliares "ter" e "haver".

Vejamos abaixo um rol sucinto dos sentidos transmitidos por algumas locuções verbais, além do emprego dos principais verbos auxiliares:

a) Verbo auxiliar SER mais o PARTICÍPIO → formação de locuções verbais da voz passiva de ação:

- Eles **foram atacados** por várias abelhas enquanto caminhavam pela fazenda.
- Os garotos **são instruídos** pelo mestre.

b) Verbo auxiliar ESTAR mais o PARTICÍPIO → formação de locuções verbais da voz passiva de estado:

- Eles **estão cercados** pela polícia.

c) Verbo auxiliar TER mais preposição DE mais INFINITIVO → formação de locução verbal que denota "obrigação, compromisso, fato infalível":

- O Brasil **tem de** ser um país menos desigual.
- Todos **tiveram de** sair por causa do fogo que já atingia os últimos andares do prédio.

d) Verbos auxiliares "COMEÇAR A, ENTRAR A, PASSAR A" mais INFINITIVO → formação de locuções verbais que indicam momento inicial de uma ação:

- O trem **começou a partir**, e todos, emocionados, despediam-se dos soldados.
- "Afinal, o homem teso rendeu o flexível, e **passou a falar** pausado, com superlativos." (Machado de Assis)

e) Verbos auxiliares "ANDAR, ESTAR, FICAR, IR, VIR" mais GERÚNDIO → formação de locuções verbais que indicam duração, continuação, progressão:

- Já **vem chegando** o inverno com seu frio, suas chuvas.
- Meu amigo, você sabe o que o José **anda fazendo**?

- João **está comprando** uma nova casa na praia.
- Ele sempre **fica olhando** os aviões no aeroporto.

f) Verbos auxiliares "ACABAR, DEIXAR, PARAR" mais preposição DE mais INFINITIV → formação de locuções verbais que indicam momento final, cessação da ação:

- "Comoviam-no o espetáculo dos infelizes que **acabava de encontrar** armados até aos dentes, e o quadro emocionante daquela Tebaida turbulenta." (Euclides da Cunha)
- Todos **deixaram de fazer** a tarefa imposta pela professora por causa do calor excessivo que na sala fazia.
- Assim que viu o comandante, **parou de falar** e começou a andar para trás.

g) Verbo auxiliar "DEVER" mais INFINITIVO → formação de locução verbal que indic necessidade, obrigação:

- "O almirante não **deve falar** assim... A pátria está logo abaixo da humanidade." (Lima Barreto)
- "– Senhor, se é católico, **deve considerar** que a Igreja condena as revoltas..." (Euclides da Cunha)

h) Verbo auxiliar IR mais INFINITIVO → formação de locução verbal que indica uma ação em um futuro próximo:

- "Na sessão que se **vai abrir**, esta Câmara espera demonstrar-vos quanto sabe honrar a soberana esterilidade das instituições constitucionais." (Rui Barbosa)
- "Nada, inda não: Vidinha **vai cantar** uma modinha." (Manuel A. Macedo)

i) Verbo auxiliar IR mais GERÚNDIO → formação de locução verbal que indica uma ação em decurso, em ocorrência, em desenvolvimento gradual:

- "Meu coração é um almirante louco
  que abandonou a profissão do mar
  e que a **vai relembrando** pouco a pouco
  em casa a passear, a passear..." (Fernando Pessoa)
- "Este necessário e inevitável reviramento por que **vai passando** o mundo, há de levar muito tempo." (A. Garrett)

j) Verbo auxiliar HAVER mais preposição DE mais INFINITIVO → formação de locuç verbal que indica futuridade de forma mais enfática. Equivale ao futuro do presente do indicativo em sua forma simples:

- "Mas **hei de** me **ver** vingada, oh! se **hei de**! tão certo como estar eu aqui: os desembargadores lá estão, que me **hão de dar** esse gosto: espero isso em Deus."

(Manuel A. de Almeida)

- "– Os vizinhos **hão de dizer** que estamos doidos, Jorge... – acudiu ela." (Eça de Queiroz)

⇨ Observação:

Em muitas construções, a presença de dois verbos juntos nem sempre indica uma locução verbal. Muitas vezes, temos orações reduzidas de infinitivo, por exemplo, cujo verbo da oração subordinada – no infinitivo – encontra-se próximo do verbo da oração principal – subordinante. Um recurso prático para se evitarem confusões é tentar "desenvolver" o infinitivo da oração subordinada. Embora não seja totalmente seguro, este recurso ajuda bastante. Observe:

- Ainda **falta dar** muitos retoques na obra de arte. (**FALTA DAR** = locução verbal ou verbos autônomos?)

Vamos tentar desenvolver a oração →
"Ainda falta **que se deem muitos retoques na obra de arte**."

Foi possível desenvolver-se a oração.
Temos, então, dois verbos autônomos.

- Ele não **deve comprar** aqueles produtos. (**DEVE COMPRAR** = locução verbal ou verbos autônomos?)

Vamos tentar desenvolver a oração →
"Eles não devem **que comprem aqueles produtos**."

O desenvolvimento toma a construção ilógica.
Não foi possível o desenvolvimento.
Temos, então, uma locução verbal em "deve comprar".

> **Sugestão:** Para ampliar seus conhecimentos sugerimos estudar os assuntos "orações reduzidas" e "concordância com o sujeito oracional" em sintaxe.

7.4.4.4 Correlação dos tempos e dos modos verbais – sequencialização dos tempos (*Consecutio temporum*)

> **Atenção:** Este tópico é muito cobrado pelos concursos em geral. Sugerimos que o estude mais de uma vez.

Em sentido próprio, a correlação de tempos e modos verbais ou sequencialização dos tempos é a dependência entre as formas temporais do verbo de uma oração subordinada e as do verbo da oração subordinante (principal) respectiva, para se indicar **anterioridade**, **simultaneidade** ou **posterioridade**.

Observe:

a) Nós **SABEMOS** que tu **PARTICIPAS** de grupos religiosos extremistas.

A ação de participar é simultânea à ação de saber.

b) Nós **SABEMOS** que tu **PARTICIPAVAS** de grupos religiosos extremistas.

A ação de participar é anterior à ação de saber.

c) Nós **SABEMOS** que tu **PARTICIPARÁS** de grupos religiosos extremistas.

A ação de participar é posterior à ação de saber.

Sabedores de que a correlação nada mais é do que a adequação entre os verbos de um período composto por subordinação, passaremos a estudar as principais correlações entre os tempos e os modos verbais. Salientamos, de imediato, que este estudo não pretende exaurir todas as possibilidades correlacionais em nossa língua, em virtude da quantidade exacerbada de relações possíveis. Destacamos, portanto, as seguintes orientações/relações:

I – Quando o verbo da oração principal for declarativo e se encontrar no presente d indicativo, no futuro do presente do indicativo ou no imperativo, a correlação com o verbo da oração subordinada pode ser feita com todos os tempos do modo indicativo. Observe abaixo:

Eu **sei** (percebo, penso, é verdade)
Eu **direi** (perceberei, pensarei)
Diz (percebe, vê, pensa)

que o governo

protege
protegia
protegeu
tem protegido
tinha protegido
protegera
protegerá
protegeria

o povo.

Outros exemplos:

- "É, todavia, certo que o grãozinho não se **despegou** do cérebro de Quincas Borba, – ner antes, nem depois da moléstia que lentamente o comeu." (Machado de Assis)
- "Mas deves saber que não **posso satisfazer** o teu desejo sem primeiro entender-me con meu pai, que está na corte." (Bernardo Guimarães)
- "Mas os considerados dirão que algum interesse **haverá** nesta circunstância em aparênci mínima." (Machado de Assis)

II – Quando o verbo da oração principal for declarativo e se encontrar em um dos tempos pretéritos do modo indicativo (perfeito, imperfeito ou mais-que-perfeito), a correlação com o verbo da oração subordinada deverá ser feita com o pretérito imperfeito do indicativo, com o pretérito mais-que-perfeito do indicativo ou ainda com o futuro do pretérito do indicativo.

Ele sabia
Ele soube
Ele soubera

que o governo

protegia
protegera (tinha protegido)
protegeria

o povo.

Outros exemplos:

- "Logo que **chegou**, enamorou-se de uma viúva, senhora de condição mediana e parcos meios de vida." (Machado de Assis)
- "E, terminando, dizia-lhe que não **era** 'nos esplendores das salas' ou nos 'bailes febricitantes' que **gostava** de a ver." (Eça de Queiroz)
- "Sempre eu pensara que a traição de Mem Viegas **faria** vivo abalo no ânimo de vosso pai." (A. Herculano)
- "Perguntou D. Quixote como se **chamava**. Respondeu-lhe ela que se **chamava** a Tolosa. (Castilho)

III – Quando o verbo da oração principal expressar vontade, pedido ou permissão e se encontrar no presente do indicativo, no futuro do presente do indicativo ou

no imperativo, a correlação com o verbo da oração subordinada deverá ser feita com o presente do subjuntivo.

Eu quero (peço, permito, ordeno, aconselho)
Eu quererei (pedirei, permitirei, ordenarei)
— que ele **saia** agora.

Outros exemplos:

- "O nosso Camacho não deseja que os rapazes **saiam**; quem é que há de dançar com as moças?" (Machado de Assis)
- "Exorta o Apóstolo a todos a que **tratem** da salvação de suas almas." (Pe. Antônio Vieira
- "...por Jesus Cristo vos rogo que **tranquilizeis** aquela alma." (A. Herculano)

⇨ Observações:

a) Obedecem a esta mesma regra os verbos perceptivos e declarativos empregados em frases negativas, interrogativas e duvidosas.

Não creio (não acredito, não penso)
Não crerei (não acreditarei, não pensarei)
— que ela **venha** amanhã.

b) Seguem também esta correlação os verbos que expressam dúvida, temor, esperança, tais como "duvidar, temer, esperar."

- "Duvido que mamãe **embarque**." (Machado de Assis)
- "Ninguém espera que a oposição **dilucide** agora pormenores da sua política em relação ao Egito." (Rui Barbosa)

IV – Quando o verbo da oração principal expressar vontade, desejo, pedido ou permissão e se encontrar em um dos tempos pretéritos do modo indicativo (perfeito, imperfeito ou mais-que-perfeito), a correlação operar-se-á com o pretérito imperfeito do subjuntivo.

Eu queria (pedia, permitia, ordenava, aconselhava)
Eu quis (pedi, permiti, ordenei, aconselhei)
Eu quisera (pedira, permitira, ordenara, aconselhara)
Eu quereria (pediria, permitiria, ordenaria, aconselharia)
— que ele **saísse** agora.

Outros exemplos:

- “Argimiro jurou que faria o que seu pai e senhor lhe **ordenasse**.” (A. Herculano)
- “A mulher esperou pacientemente que os magistrados **consultassem**, à sua vontade e puridade, do negócio que a todos interessava.” (Almeida Garrett)
- “João amava a Cristo e queria que seus discípulos o **amassem**.” (Pe. Manuel Bernardes)

⇨ Observações gerais sobre a correlação dos tempos e dos modos verbais:

1. Uma das correlações mais comuns na língua portuguesa dá-se entre o futuro do pretérito do indicativo – presente na oração subordinada – e os tempos pretéritos do modo indicativo – perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito.

Eu sabia
Eu soube
Eu soubera
— que ele **chegaria** (ou **iria** chegar) naquela tarde.

2. Há na nossa língua duas correlações bastante cobradas em provas de concursos São elas:

FUTURO DO PRESENTE DO INDICATIVO ⇆ FUTURO DO SUBJUNTIVO
FUTURO DO PRETÉRITO DO INDICATIVO ⇆ PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO

- Quando todos **chegarem** (*fut. subj.*), nós os **receberemos** (*fut. pres. ind.*) com muito carinho.
- Se todos **chegassem** (*pret. impef. subj.*), nós os **receberíamos** (*fut. pret. ind.*) com muito carinho.

Outros exemplos:

- “Se de fato **viéssemos** a nos contentar com o que somos, as inúmeras janelas abertas pela TV não **teriam** a mesma força de atração que as pesquisas demonstrassem.” (Fund. Carlos Chagas)
- “Se não **variassem** de cultura para cultura, as regras de convívio **teriam** alcançado, efetivamente, a chamada validade universal.” (Fund. Carlos Chagas)
- “Quando todos **revirmos** o papel social que nos cabe e nos **dispusermos** a exercê-lo de fato, nenhum caso de impunidade **será** tolerado.” (Fund. Carlos Chagas)

3. Quando na oração subordinada se afirma um fato presente ou que, remontando a passado, ainda continua no presente (fato habitual ou sempre verdadeiro), o verbo desta oração subordinada ficará no presente do indicativo, ainda que o

verbo da oração principal se encontre no passado.

- Em suas pesquisas, Galileu já afirmava que a terra se **move**.
- "Santo Antão dizia que, assim como a substância úmida **dá** nutrimento aos peixes, assim vida solitária **dá** ornamento aos religiosos." (H. Pinto)
- "Dizia certo estadista inglês que o segredo da força dos agitadores **está** na obstinação dos governos." (Rui Barbosa)

4. O verbo HAVER, indicando quanto tempo dura ou durava certa ação, também est sujeito à correlação temporal. Sendo assim:

- A imagem de Jesus Cristo **está** naquele local **há** dois meses.
- A imagem de Jesus Cristo **estava** naquele local **havia** dois meses.
- "Padre Joaquim **era** um modelo de padres, capelão da casa, **havia** trinta e cinco anos." (Camilo Castelo Branco)

5. Nas orações coordenadas, embora não haja a correlação temporal no sentido próprio, existe certa correspondência entre os tempos respectivos, imposta pela época em que ocorre cada um dos fatos nelas expressos.

- "Os cavalos **batem** de peito uns nos outros, as espadas **faíscam** nas espadas, os escudos **retinem** contra os escudos, e os elmos e cervilheiras **rolam** pelo chão." (A. Herculano)
- "**Soltava**-se a gula, **desenfreava**-se a ira, **libertava**-se a injustiça, **desbaratava**-se o riso." (Pe. Antônio Vieira)

5. Para facilitar o estudo acima, podemos resumir assim as principais – e mais cobradas em provas de concursos – correlações de tempo e modo verbais:

TEMPO VERBAL	CORRELACIONA-SE COM	TEMPO VERBAL
PRESENTE DO INDICATIVO	⇄	PRESENTE DO INDICATIVO
PRESENTE DO INDICATIVO	⇄	PRESENTE DO SUBJUNTIVO
PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO	⇄	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO DO INDICATIVO
PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO	⇄	PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO
PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO	⇄	PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO
PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO	⇄	PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO

FUTURO DO PRESENTE DO INDICATIVO	⇄	FUTURO DO SUBJUNTIVO
FUTURO DO PRETÉRITO DO INDICATIVO	⇄	PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO

Observe exemplos de algumas das correlações acima:

- Se não **VARIASSEM** de cultura para cultura, as regras de convívio **TERIAM** alcançado, efetivamente, a chamada validade universal.
- Enquanto os animais **CONTINUAM** regulando-se pela "lei da selva", os homens **ESTÃO** sempre se esforçando para superá-la.
- Mal **APORTARA**, o navio **FOI** submetido a uma rigorosa inspeção da alfândega, em virtude da suspeita da carga contrabandeada que talvez ele **TROUXESSE** em seus porões.
- Não me **PARECE** justo que você **VENHA** agora argumentar com razões que até ontem jamais invocou, revelando um oportunismo que já **ERA** tão conhecido.
- Tão logo **SAIBAMOS** o resultado do teste a que você ontem **SE SUBMETEU**, entraremo em contato, para não prolongar a agonia de sua expectativa.
- Quando **FOREM** levados em contas os fundamentos que o autor preconizou em seu texto nossa educação **GANHARÁ** muito.
- Ainda que chimpanzés **DEMONSTREM** algumas aptidões semelhantes às nossas, nenhuma **EQUIVALE** ao desinteressado altruísmo humano.

7.5 AS FORMAS NOMINAIS DO VERBO – OS VERBOIDES

Além das formas modais do verbo (indicativo, subjuntivo e imperativo), existem três formas que exercem papéis típicos dos nomes (substantivos, adjetivos e advérbios). São elas "o infinitivo", "o gerúndio" e "o particípio".

7.5.1 O INFINITIVO

O infinitivo é uma forma nominal do verbo que tem como característica principal a apresentação de uma ação de modo inteiramente geral, não situada no tempo e sem referência a nenhum sujeito. Em outras palavras, é a forma nominal do verbo que exprime a ação, o fenômeno, o processo, o estado, de modo geral e indeterminado, sobretudo quanto ao momento em que se realizam e quanto à pessoa gramatical do sujeito.

- **Viver** é lutar.
- **Correr** fortalece os ossos.
- É importante **comer** frutas.

Observe como os infinitivos "**viver**, **correr** e **comer**" apresentam as ações de forma geral, sem situá-las no tempo e sem referência a sujeito.

Em português, entretanto, nem sempre encontramos o infinitivo em sua forma intemporal e impessoal. Assim como no galego, temos o infinitivo pessoal, o qual, como o próprio nome já o diz, apresenta sujeito e, em alguns casos, em virtude do contexto, apresenta também o tempo da ação.

- Acredito **terem partido** ontem à tarde. (Sujeito = eles. Tempo = ontem).

7.5.1.1 O infinitivo pessoal ou flexionado

Como já mencionado, o infinito pessoal ou flexionado é, nas línguas oriundas do latim, uma particularidade do português e do galego. Esta forma é caracterizada por apresentar um sujeito para o infinitivo e, em dados contextos, o tempo da ação verbal.

Observe as desinências para a formação do infinitivo flexionado.

INFINITIVO PESSOAL (FLEXIONADO)	
-R	(EU)
-RES	(TU)
-R	(ELE)
-RMOS	(NÓS)
-RDES	(VÓS)
-REM	(ELES)

Acompanhe a conjugação de três verbos no infinitivo pessoal:

INFINITIVO PESSOAL (Verbo SER)	
SE-R	(EU)
SE-RES	(TU)
SE-R	(ELE)
SE-RMOS	(NÓS)
SE-RDES	(VÓS)
SE-REM	(ELES)

INFINITIVO PESSOAL (Verbo ESTAR)	
ESTA-R	(EU)
ESTA-RES	(TU)
ESTA-R	(ELE)
ESTA-RMOS	(NÓS)
ESTA-RDES	(VÓS)
ESTA-REM	(ELES)

INFINITIVO PESSOAL (FLEXIONADO)	
CANTA-R	(EU)
CANTA-RES	(TU)
CANTA-R	(ELE)
CANTA-RMOS	(NÓS)
CANTA-RDES	(VÓS)
CANTA-REM	(ELES)

Alguns exemplos de emprego do infinitivo pessoal:

- "Para **estarem** juntos tinham encontros misteriosos num caloji de uma velha miserável da Rua de São João Batista." (Aluísio Azevedo)

- É aconselhável **estudarmos** isto.
- Os guardas os obrigaram a **entrarem** na casa.
- "Sisebuto forçara os judeus a **converterem**-se." (A. Herculano)
- "Detestáveis ministros tinham também os Stuarts; o que os não eximiu de **serem** punidos, um com perder a vida, o outro a coroa." (Rui Barbosa)

⇨ Observações:

1. O verbo regular apresenta formas idênticas para o infinitivo pessoal e o futuro do subjuntivo. Percebe-se a diferença entre uma e outra forma, na maioria das vezes, por causa da presença das conjunções "se" e "quando" exigidas, geralmente, pelo futuro do subjuntivo. O infinitivo, por sua vez, rejeita a anteposição de conjunções; ele admite, no máximo, a presença de preposições ou locuções prepositivas. Veja:

- "A *infinitivo pessoal* persistirem os sintomas, o médico deverá ser consultado." (Ministério da Saúde)
- "**Se** *futuro do subjuntivo* persistirem os sintomas, o médico deverá ser consultado." (Ministério da Saúde)
- Ao saírem, *infinitivo pessoal* fechem as janelas da casa.
- **Quando** saírem, *futuro do subjuntivo* fechem as janelas da casa.

2. Quando os verbos são irregulares, o infinitivo pessoal é totalmente distinto do futuro do subjuntivo.

- "No caso de *infinitivo pessoal* proporem um diálogo sem pseudodilemas teóricos, retirar-me-ei do recinto."
- Quando *futuro do subjuntivo* propuserem um diálogo sem pseudodilemas teóricos, retirar-me-ei do recinto.

7.5.1.2 Função substantiva do infinitivo

Como já mencionado, o infinitivo faz parte das chamadas "formas nominais do verbo". São nominais porque exercem funções sintáticas próprias dos nomes. O infinitivo, por exemplo, exerce funções próprias do substantivo. Daí poder-se afirmar que o infinitivo é empregado frequentemente "como substantivo".

São funções próprias do substantivo: sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, predicativo, aposto e vocativo. Logo, quando exerce a função de núcleo de um desses termos, o infinitivo se encontra em "papel substantivo" ou em "função substantiva". Observe abaixo alguns exemplos:

- **Viver** é lutar.
  infinitivo como núcleo do sujeito
- Viver é **lutar**.
  infinitivo como núcleo do predicativo

- O verdadeiro herói não teme **morrer** na batalha.
  infinitivo como núcleo do objeto direto
- Ele sempre gostou de **viver** longe das grandes cidades.
  infinitivo como núcleo do objeto indireto
- Ele tinha medo de **ser** o presidente do clube.
  infinitivo como núcleo do complemento nominal
- Só havia uma saída para a crise: **aumentar** os juros para o crédito.
  infinitivo como núcleo do aposto

⇨ Observações:

1. Embora seja raro tal emprego, o infinitivo pode, em algumas situações, apresentar-se em função adjetiva – qualificativa. Nesse uso, é frequente vir o infinitivo preposicionado, notadamente com as preposições "de" ou "por".

- máquina **de escrever**
- ferro **de engomar**
- história **de arrepiar**
- música **de dar sono**
- contas **por saldar**
- capítulos **por ler**
- enigma **por decifrar**
- serviço **por fazer**

2. Emprega-se também o infinitivo em função adverbial (circunstancial). Neste caso, o infinitivo exercerá o núcleo de uma oração subordinada adverbial reduzida e poderá expressar várias circunstâncias.

* "Depois de **fugir** o coelho, toma o vilão o conselho." (Dito popular)
  infinitivo expressa circunstância de tempo
* Comemos para **viver**, não vivemos para **comer**.
  os infinitivos expressam circunstância de fim
- Por **caminhar** descalço, adoeceu dos pés.
  infinitivo expressa circunstância de causa
- A não **haverem** obedecido, não chegariam a viver uma semana.
  infinitivo expressa circunstância de condição
- Melhor é dar a ruins do que **pedir** a bons.
  infinitivo expressa circunstância de comparação

7.5.1.3 Emprego do infinitivo preposicionado

Um dos fatos mais notáveis relativos à morfossintaxe do infinitivo, nas línguas

neolatinas, é a construção de preposições com o infinitivo. Em português, as preposições são empregadas não só com os infinitivos simples, mas também com as orações infinitivas (reduzidas).

- Todos começaram **a falar** sobre o assunto.
  infinitivo simples regido por preposição
- Não veio à festa **por tu saberes a verdade sobre o problema**.
  oração infinitiva regida por preposição

É fato, portanto, que, na língua portuguesa, a construção do infinitivo com a preposição tornou-se tão comum que alguns autores chegaram a empregar infinitivos na função de sujeito precedidos de preposição – situação desabonada pelos grandes estudiosos da nossa língua. Hoje, percebe-se que a tendência é omitir-se a preposição, salvo com alguns verbos. Abaixo, segue um rol não taxativo do emprego do infinitivo preposicionado.

1. **Frequentemente se emprega a preposição "A" antecedendo o infinitivo quando este forma construções perifrásticas (locuções verbais) com os verbos "COMEÇAR, ANTECIPAR-SE, APRESSAR-SE, ENTRAR (=COMEÇAR), CONTINUAR, TORNAR, CHEGAR, PÔR-SE".**

- Os grevistas **começaram a sair** da rodovia por volta das 17h.
- Assim que nós o vimos, **pusemo-nos a chorar** em virtude da forte emoção que o momento propiciava.
- Por causa do problema, a ministra **chegou a falar** com o Presidente da República.
- "Raimundo fechou a janela e recolheu-se à cama. Levantou-se de novo, **tornou a apanhar** a carta e releu-a. Só a assinatura o irritou." (Aluísio Azevedo)

2. **Regido de "POR", exerce o infinitivo a função de um adjetivo, indicando uma ação ou um estado não realizados.**

- homens **por** nascer
- contas **por** saldar
- capítulos **por** ler
- as pessoas **por** vir

3. **Em algumas situações, a preposição rege não o infinitivo simples, senão as orações infinitivas. Neste caso, a oração reduzida de infinitivo terá valor circunstancial (adverbial). Observe:**

- Deixamos a sala um pouco **por** enfadar-nos a conversa.

A preposição rege uma oração reduzida de infinitivo, introduzindo uma circunstância de causa.

A preposição rege uma oração reduzida de infinitivo, introduzindo uma circunstância de condição.

- "**A** permanecerem os sintomas, o médico deverá ser consultado." (Ministério da Saúde)
- Entregou-nos uma nova inscrição **para** arquivarmos no local correto.

A preposição rege uma oração reduzida de infinitivo, introduzindo uma circunstância de finalidade.

4. Emprega-se regido da preposição "DE" o infinitivo que serve de predicativo, equivalendo a um adjetivo.

- É **de** se admirar que ele até agora não tenha faltado com a verdade. (Equivale a "**É admirável**...")
- "Muito é **de** notar a tristeza de um cipreste em tanta altura." (Pe. Antonio Vieira *apud* Cláudio Brandão)
- É **de** se crer que o Governo Federal reduzirá em curto prazo os juros para a casa própria

⇨ **Observação:**

Para um maior aprofundamento, sugerimos que estude o assunto "emprego do infinitivo" em sintaxe.

7.5.2 O GERÚNDIO

O gerúndio, como forma nominal que o é, aparece frequentemente como verbo principal em construções perifrásticas – locuções verbais. Para verificar tal emprego, sugerimos estudar (ou revisar) o assunto "locuções verbais", o qual já foi desenvolvido acima.

No entanto, por proceder do ablativo do gerúndio latino, o gerúndio português é geralmente empregado em função adverbial, equivalendo, portanto, a um advérbio. Logo, em seu emprego mais comum, o gerúndio funcionará como um transmissor de circunstâncias e exercerá o núcleo de uma oração subordinada adverbial, em sua forma reduzida.

Na função adverbial, pode o gerúndio denotar, como já se disse, várias circunstâncias. Nesse emprego, ele é denominado de "gerúndio absoluto". Vejamos alguns exemplos do gerúndio absoluto:

- **Sofrendo** com a perda da mãe, evitava festas e comemorações.
  gerúndio expressando circunstância de causa (→ porque, já que, visto que)
- Não **tendo** condições financeiras, não viaje para fora do país.
  gerúndio expressando circunstância de condição (→ se, caso)

  gerúndio expressando circunstância de concessão (→ embora, apesar de que)
- "Não quiseram, **sendo** letrados, resolver o escrúpulo por si mesmos." (Pe. Antônio Vieira)
- "Quem me manda ser triste, **podendo** viver contente?" (Augusto E. S. Dias)
  gerúndio expressando circunstância de tempo (→ enquanto)

  gerúndio expressando circunstância de meio
- "E das feridas se remediavam as doninhas, **esponjando**-se em uma moita de saramagos." (Bernardes *apud* Cláudio Brandão)

  gerúndio expressando circunstância de modo
- "O céu se abria, **fuzilando** sobre a terra de uma parte e outra." (Godinho *apud* Cláudio Brandão)

  gerúndio expressando circunstância de finalidade (→ a fim de que, para que)
- "Vim para estes ermos, **fugindo** das gentes para quem só anoiteceu e amanheceu." (Pe. Manuel Bernardes)
- "Estas estavam juntas de alto a baixo, **fazendo** um só corpo." (Bíblia Sagrada, Êxodo)
  gerúndio expressando circunstância de consequência (→ de modo que, de maneira que)

Em algumas situações, o fato enunciado pelo gerúndio não é rigorosamente simultâneo a outro, e sim anterior, realizado imediatamente antes ou pouco antes. Corresponde neste caso o gerúndio absoluto a uma oração temporal iniciada por "depois que, logo que". Observe:

- **Chegando** ao centro de convenções, procuramos falar com o organizador do evento.
- **Vendo** que o carro não saía do atoleiro, chamou um trator.

Em outras construções, quando o acontecimento ocorrido em primeiro lugar for enunciado por uma oração explícita, o gerúndio, denotando fato imediato, equivalerá geralmente a uma oração coordenativa iniciada pela conjunção "e". Veja:

- "Recebeu a joia, **entregando**-a depois à esposa." (M. Said Ali)
- "Seguiu-se-lhe o infante D. Pedro, e a este seu irmão D. Henrique, **acabando** a cerimônia com o conde de Barcelos." (F. J. Freire)

Hoje também é bastante comum o emprego do gerúndio precedido da preposição "em" para enunciar fatos vindouros, futuros. Neste caso, o gerúndio equivalerá a uma oração adverbial desenvolvida temporal, introduzida por "logo que, no momento em que". Vejamos:

- Em **chegando** a casa, telefonarei para a diretora da clínica.
  no momento em que chegar, logo que chegar
- Em **amanhecendo**, montaremos no cavalo e partiremos para a cidade grande.
  no momento em que chegar, logo que chegar

⇨ Observações:

1. **Da facilidade que tem o gerúndio de exprimir circunstâncias tão diferentes, como causa, condição, concessão, tempo, finalidade, modo, resulta que o sentido só se pode apurar pelo contexto. É preciso, portanto, ter muito cuidado na classificação do gerúndio, pois frequentemente aparecem estruturas em que o gerúndio é suscetível de duas ou mais interpretações. Observe abaixo:**

- Um homem **tendo** dinheiro não deve passar fome.
  - → que tem dinheiro
  - → quando tem dinheiro
  - → se tem dinheiro

- "Mastigam os cavalos **escumando** os áureos freios com feroz semblante." (Camões)
  - → mastigam escumando
  - → os cavalos que escumam

2. **Para aprofundar o emprego do gerúndio absoluto – em função adverbial –, sugerimos que estude, em sintaxe do período composto, as orações subordinadas adverbiais reduzidas.**

7.5.2.1 O gerúndio em função adjetiva

A despeito de ser condenado por gramáticos de renome, hoje se vê, nos mais diferentes meios, o largo emprego do gerúndio em função adjetiva – gerúndio que se refere a um substantivo. Sabe-se, como já se demonstrou, que a principal função do gerúndio é funcionar como um núcleo adverbial, denotando circunstâncias diversas. Entretanto, já nos escritores clássicos, encontrava-se o emprego do gerúndio em função atributiva – adjetiva.

Observe o excerto abaixo:

- "Não faltam ali os raios, os trêmulos cometas IMITANDO; em vão assopra o vento, a vela INCHANDO; viram ao longe dous navios brandamente c'os ventos NAVEGANDO, que respiram." (Luís Vaz de Camões)

Perceba que já em Camões – nosso mestre dos mestres em língua portuguesa – encontrava-se o emprego do gerúndio em função adjetiva, já que os gerúndios acima equivalem literalmente a “QUE IMITAM”, “QUE INCHA” e “QUE NAVEGAM”.

Por isso, não há razão para hoje se condenar o emprego do gerúndio em função atributiva, adjetiva. Deve-se, é certo, empregá-lo com parcimônia, com cuidado, para se evitarem construções esdrúxulas, estapafúrdias, esquisitas, do tipo “Vi uma mulher **tendo quarenta anos**” em vez de “Vi uma mulher **que tinha quarenta anos**”.

Vejamos outros exemplos do emprego correto do gerúndio em função adjetiva coletados em grandes escritores:

- “– Mas, Sr. José Dias, tenho visto os pequenos **brincando**, e nunca vi nada que faça desconfiar. Basta a idade.” (Machado de Assis)
- “Vieram ter a um vale, pelo qual atravessava a cavalo um donzel pequeno **chorando**.” (Morais *apud* Cláudio Brandão)
- “Os homens parecem-se com meninos **brigando** sobre a metade de uma maçã.” (Manue Bernardes)
- “E o vendeiro empurrou a porta do fundo da estalagem, de onde escapou, como de uma panela **fervendo** que se destapa, uma baforada quente, vozeria tresandante à fermentação de suores e roupa ensaboada **secando** ao sol.” (Aluísio Azevedo)
- “...divergindo apenas no tamanho, tendo todas a mesma conformação, a mesma aparência de vegetais **morrendo**, quase sem troncos,...” (Euclides da Cunha)
- “O galope dos corcéis dá um som áspero de ferro **batendo** em pedra.” (A. Herculano)
- “O leitor, depois deste exórdio, espera encontrar uma lei **abolindo** a tortura.” (Camilo C. Branco)

7.5.2.2 Emprego inadequado do gerúndio – o gerundismo

Para a língua culta, o emprego desmedido – e desnecessário – do gerúndio constitui um erro grave, denominado de “gerundismo”. Estruturas como “vou estar ligando”, “você pode estar respondendo”, “irei estar resolvendo” constituem mal emprego desta forma nominal tão prestimosa em nossa língua. Nessas construções, o tempo da ação passa a ser um futuro contínuo, o que não é indicado para ações que são concluídas em um só ato.

Não que a construção “ir + estar + gerúndio” não possa ser usada. Ela sempre será legítima quando estiver atrelada a outra ação situada no tempo. Logo, construções do tipo “Quando o jogo estiver passando, eu vou estar dormindo” são plenamente possíveis e corretas. Igualmente corretas são as estruturas em que o gerúndio possa indicar ações duradouras, prolongadas no tempo, como, por exemplo, “Amanhã vai estar chovendo” ou “Amanhã vou estar trabalhando o dia todo.”

Observe agora dois exemplos:

- Fique tranquilo, pois eu **vou transmitir** sua solicitação para o nosso chefe. (emprego correto)
  Aqui se faz a referência à ação em si.

- Fique tranquilo, pois eu **vou estar transmitindo** sua solicitação para o nosso chefe. (emprego inadequado)
  Aqui se faz referência não somente à ação, mas também à duração (tempo) da ação. Transmite-se a ideia de que se vai buscar tempo para o cumprimento da ação.

7.5.3 O PARTICÍPIO

Literalmente, particípio é "a palavra que participa da natureza do adjetivo e do verbo". Esta definição explicita o caráter misto do particípio – possui natureza adjetival enquanto modificador de um nome; possui também natureza verbal, pois pode apresentar as flexões de voz, de modo, de tempo e de número próprias dos verbos.

↱ Natureza de adjetivo, pois se refere a um substantivo.

- Foram várias as pessoas **mortas** pelo furacão.

↳ Natureza verbal, pois apresenta as flexões próprias dos verbos.

7.5.3.1 O particípio circunstancial

À semelhança do gerúndio, o particípio pode funcionar como núcleo verbal em orações subordinadas adverbiais, expressando circunstâncias como as de "tempo, causa, condição, concessão". Neste caso, é denominado de "particípio circunstancial absoluto". Observe os exemplos abaixo:

- **Feita** a separação de corpos, as partes tomaram cada uma o seu rumo.
  particípio expressando circunstância de tempo

particípio expressando circunstância de causa

- "**Edificado** então o moço, se lançou aos pés do Santo e lhe pediu perdão." (Manuel Bernardes)

- "**Praticado** por outra pessoa, este ato não mereceria censura." (Cláudio Brandão)
  particípio expressando circunstância de condição

- **Feito** por artista de fama, este quadro não agradou aos que entendem de arte.
  particípio expressando circunstância de concessão

7.5.3.2 Emprego do particípio

Na língua portuguesa contemporânea, o particípio é empregado:

1) Para a formação de orações subordinadas adjetivas reduzidas. Neste caso, o

particípio poderá ser desenvolvido com o uso dos pronomes relativos.

- "Era chegada a vigília dos dois Apóstolos S. Pedro e S. Paulo, tão **celebrados** na Cristandade." (Castilho)
- A porta da igreja, **aberta** com um violento impulso, rompeu-se em um dos lados.

2) Como simples adjetivo (adjetivo de base participial), modificando nomes com os quais concordará em gênero e número. Neste caso, o particípio indicará a passividade do nome modificado.

- mão **ferida**
- filhos **amados**
- meninos **queridos** pelos professores

⇨ Observação:

Por seu valor de adjetivo, os particípios passivos acima podem ser desdobrados em orações adjetivas de sentido passivo: "que foi ferida", "que são amados", "que são queridos".

3) Para a formação de tempos compostos da voz ativa com os verbos auxiliares "te e "haver". Neste caso, o particípio ativo permanecerá invariável.

- Nós teríamos **perecido** não fossem os avisos dos guias.
- Por segurança, eles haviam **deixado** os mantimentos no pé da montanha.
- Se eu soubesse que o filme seria aquele, eu teria **ido** ao cinema.

4) Para a formação de locuções verbais da voz passiva analítica. Geralmente as locuções são formadas com os verbos auxiliares "ser", "estar", "ficar" e "permanecer". Destes verbos auxiliares, o verbo "ser" é indiscutivelmente o mais usado para a formação da locução verbal da voz passiva.

- Durante a viagem, os aviões foram **atingidos** por vários relâmpagos.
- "Este amor foi **desprezado** e **ludibriado**, e, depois, **comprimido** pelo desprezo e pelo ludíbrio no fundo do coração do teu pobre amigo." (A. Herculano)
- Os retirantes vinham **fustigados** pelo sol, pela terra árida e seca.

⇨ Observação:

Conquanto haja a orientação de se empregar o particípio irregular com os verbos "ser" e "estar" para a formação de locuções verbais da voz passiva, o uso tem consagrado o emprego da forma regular do particípio para a formação da passiva. É o caso, por exemplo, dos particípios "imprimido, sujeitado, envolvido, ocultado".

5) Para a formação de orações adverbiais reduzidas. Nesse caso, se o verbo apresentar duplo particípio, usar-se-á tão somente a sua forma irregular. Observe:

- **Assinada** a escritura, o comprador imitiu-se na posse do imóvel.
- **Aceitas** as condições, assinou-se o contrato.
- **Feitas** as contas, constatou-se que havia um tremendo prejuízo.
- "**Entregue** a preocupações artísticas e religiosas, não atenta na desarmonia orgânica de uma sociedade prostituída pela mácula servil." (Rui Barbosa)

7.5.3.3 Verbos com duplo particípio

Há vários verbos em nossa língua que apresentam mais de uma forma para o particípio – são verbos abundantes. Ao lado da forma regular terminada em "-ado" ou "-ido", existe uma forma irregular (reduzida) ou anormal. Observe uma pequena amostra de verbos com duplo particípio.

Infinitivo do verbo	Particípio regular	Particípio irregular
aceitar	aceitado	aceito
acender	acendido	aceso
anexar	anexado	anexo
benzer	benzido	bento
dispersar	dispersado	disperso
eleger	elegido	eleito
emergir	emergido	emerso
encher	enchido	cheio
entregar	entregado	entregue
enxugar	enxugado	enxuto
erigir	erigido	ereto
expressar	expressado	expresso
exprimir	exprimido	expresso
expulsar	expulsado	expulso
extinguir	extinguido	extinto
frigir	frigido	frito
ganhar	ganhado	ganho

imergir	imergido	imerso
imprimir	imprimido	impresso
incluir	incluído	incluso
incorrer	incorrido	incurso
inserir	inserido	inserto
isentar	isentado	isento
limpar	limpado	limpo
matar	matado	morto
morrer	morrido	morto
ocultar	ocultado	oculto
omitir	omitido	omisso
pagar	pagado	pago
pegar	pegado	pego
prender	prendido	preso
romper	rompido	roto
salvar	salvado	salvo
secar	secado	seco
segurar	segurado	seguro
soltar	soltado	solto
submergir	submergido	submerso
suspender	suspendido	suspenso
tingir	tingido	tinto
vagar	vagado	vago

⇨ Observações:

a) Não raro o usuário da língua se deparar com questões do tipo: “Eu tinha aceitado (ou aceito??) o emprego se...”. Para dirimir tal celeuma, vale aprovisionar a seguinte regra: emprega-se o particípio regular com os verbos “ter” e “haver” para a formação de tempos compostos da voz ativa. Já as formas irregulares, quando existem, são empregadas para a formação das locuções verbais da voz passiva.

Observe:

↱ *particípio regular*

- A polícia tem **matado** muitos bandidos no Rio de Janeiro.

↳ *formação de tempo composto da voz ativa*

↱ *particípio irregular*

- Muitos bandidos foram mortos pela polícia no Rio de Janeiro.

↳ *formação de locução verbal da voz passiva*

- "Da civilização romana elas não haviam **aceitado** senão a cultura intelectual e as sublimes teorias morais do cristianismo." (A. Herculano)
- "A mulata convidou-os logo a comer um bocado e beber um trago. A proposta foi **aceita** alegremente." (Aluísio Azevedo)
- "Contam que, em rapaz, foi **aceito** de muitas damas, além de partidário exaltado." (Machado de Assis)
- "Houve mais; supondo que ela o tivesse **aceitado** e casassem, pensava agora no esplêndido enterro que lhe faria." (Machado de Assis)

b) Alguns particípios regulares – *fazido, abrido, cobrido, pagado,* por exemplo – caíram e desuso, sendo hoje usadas, tanto para a voz ativa quanto para a voz passiva, as suas formas irregulares – *feito*, *aberto*, *coberto* e *pago*.

- Ele tem **feito** grandes obras no interior. (ativa)
- Grandes obras foram **feitas** no interior. (passiva)

c) Os particípios irregulares são formas "contratas". Muitas destas formas são usadas ho consoante já se disse, como meros adjetivos: trem "***expresso***", homem "***cego***", mata "***densa***", carga "***pensa***", roupa "***seca***", vinho "***tinto***".

d) Alguns verbos, especialmente da 2.ª e da 3.ª conjugação, nunca tiveram a forma regula de particípio, apresentando apenas a forma irregular. É o caso, por exemplo, de "*dizer / dito, escrever / escrito, vir / vindo*". Os derivados desses verbos, portanto, só possuem naturalmente o particípio irregular: "*desdito, reescrito, provindo*".

e) Em alguns casos, mesmo o verbo apresentando um particípio regular e outro irregular, uma das formas tende a se consolidar pelo uso, tornando a outra arcaica, obsoleta. Podemos citar como exemplos os particípios *"eleito, enchido, envolvido, ocultado, pago, secado, suprimido"* que hoje são empregados tanto para construções da voz ativa quanto para construções da voz passiva. Veja:

- "Uma noite, como o rei examinasse alguns papéis do Estado, perguntou-lhe ela se os impostos eram **pagos** com pontualidade. (Machado de Assis)"

- “É que Pombinha, orçando aliás pelos dezoito anos, não tinha ainda **pago** à natureza o cruento tributo da puberdade,...” (Aluísio Azevedo)
- “A noite tinha estendido o seu manto: as estrelas cintilavam no firmamento, grossas nuvens haviam **ocultado** a face da lua.” (Cassimiro de Abreu)
- “...mas se [os gritos] eram abafados, não eram **suprimidos**, e em certos casos, o própri objeto da experiência exigia que a emissão da voz fosse franca....” (Machado de Assis)

7.5.3.4 Particípio passivo de sentido ativo

Em algumas situações, os particípios assumem sentido ativo, a despeito de apresentarem as flexões típicas da voz passiva. Quando isto ocorre, diz-se que o particípio é **depoente**, isto é, com forma passiva e significação ativa. Observe:

- Ela é uma mulher **agradecida**. → Isto é “Ela é uma mulher que agradece”.
- Ele é um menino **atrevido**. → Isto é “Ele é um menino que se atreve”.
- Ele é um homem **ocupado**. → Isto é “Ele é um homem que se ocupa.”
- É um rapaz **esforçado**. → Isto é “É um rapaz que se esforça.”
- Tem uma filha **parecida** com ele. → Isto é “Tem uma filha que se parece com ele”.
- São crianças **sabidas**. → Isto é “São crianças que sabem muito.”
- São pessoas **comedidas**. → Isto é “São pessoas que têm comedimento.”
- Assumiram atitudes **dissimuladas**. → Isto é “Assumiram atitudes que dissimulam.”

7.6 CLASSIFICAÇÃO MORFOLÓGICA DOS VERBOS

São vários os critérios para a classificação morfológica dos verbos. Estudaremos os principais.

7.6.1 QUANTO À TERMINAÇÃO

Os verbos podem ser de 1.ª CONJUGAÇÃO, de 2.ª CONJUGAÇÃO e de 3.ª CONJUGAÇÃO.

1. São de 1.ª conjugação os verbos que apresentam infinitivo em “AR”. São exemplos de verbos de 1.ª conjugação “amar, falar, bebericar, matar, calar, farfalhar”.
2. São de 2.ª conjugação os verbos que apresentam infinitivo em “ER”. São exemplos de verbos de 2.ª conjugação “beber, fenecer, ler, amanhecer, dever”.
3. São de 3.ª conjugação os verbos que apresentam infinitivo em “IR”. São exemplos de

verbos de 3.ª conjugação “partir, falir, partir, combalir, embair, cair”.

⇨ Observação:

O verbo “pôr”, em virtude de sua etimologia “poer”, pertence à 2.ª conjugação.

7.6.2 QUANTO À FLEXÃO OU À CONJUGAÇÃO

Os verbos podem ser REGULARES, IRREGULARES, DEFECTIVOS, ABUNDANTES e PRONOMINAIS.

1. **Verbo regular** é aquele cujo tema permanece invariável, e a terminação se flexiona de acordo com um tipo geral ou modelo da conjugação, chamado de “paradigma da conjugação.” Como exemplos de verbos regulares, podemos citar: andar, cantar, falar (1.ª conjugação); beber, comer, viver (2.ª conjugação); partir, dividir, produzir (3.ª conjugação).

2. **Verbo irregular** é aquele que não segue o paradigma regular de sua conjugação. O verbo irregular se caracteriza por sofrer alterações em seu tema na sua conjugação. Podemos citar como exemplos de verbos irregulares os verbos “perder, dormir, ter, trazer” etc.

⇨ Observação:

Há dois verbos irregulares na língua portuguesa que, em virtude das profundas mudanças por que passam em suas conjugações, recebem a denominação especial de “**anômalos**”. São os verbos “ser” e “ir”, pois apresentam formas como “sou, fui, era, serei, for” etc.

3. **Verbo defectivo** é aquele que não apresenta todos os modos, tempos ou pessoas próprios dos verbos. Como o próprio nome já diz, é o verbo que apresenta algum “defeito” em sua conjugação. Podemos citar como exemplo de verbos defectivos “precaver, reaver, demolir, falir, prazer, florir, soer, abolir, ruir, carpir, adir, adequar” etc.

⇨ Observação:

Os verbos defectivos serão estudados em parte específica, um pouco mais à frente.

4. **Verbo abundante** é aquele que apresenta mais de uma forma de conjugação para certos tempos, modos ou pessoas. Geralmente, esta abundância se dá no particípio – o qual já foi objeto de estudo. Raros são os verbos que apresentam abundância fora da forma participial. Podemos citar à guisa de exemplo os verbos "construir" (apresenta as formas "construís" ou "constróis") e "comprazer" (apresenta as formas "comprazi-me e comprouve-me").

⇨ Observação:

Para estudar um pouco mais sobre os verbos abundantes, sugerimos que revise o tópico "verbos com duplo particípio".

5. **Verbo pronominal** é aquele que só é conjugado com o auxílio de um pronome pessoal oblíquo, átono. Os pronominais são divididos em:
   a) **Essencialmente pronominais** (são sempre conjugados com o pronome oblíquo): "arrepender-se, queixar-se, dignar-se, abster-se, apoderar-se, suicidar-se, ausentar-se, atrever-se, comportar-se".
   b) **Acidentalmente pronominais** (aqueles que podem ser conjugados com ou sem o auxílio do pronome oblíquo): "ajuntar-se, matar-se, atribuir-se, lembrar-se, debater-se, enganar-se, pentear-se, destinar-se, defender-se".

⇨ Observação:

Veja um pouco mais à frente a conjugação de um verbo pronominal.

7.6.3 QUANTO À FUNÇÃO

Os verbos são classificados em AUXILIARES, PRINCIPAIS e VICÁRIOS.

1. **Verbo auxiliar** é aquele que, empregado ao lado de uma forma nominal do verbo (infinitivo, gerúndio ou particípio), formará as locuções verbais e os tempos compostos. Ademais, é o verbo auxiliar que receberá as flexões de tempo, número e pessoa, uma vez que o verbo principal se encontra em uma forma cristalizada (infinitivo, gerúndio ou particípio). Frequentemente, funcionam como auxiliares os verbos "**ser**, **estar**, **ter** e **haver**". Entretanto, outros verbos podem funcionar como auxiliares, como os verbos "**ir**, **dever**, **poder**, **querer**, **andar**" etc.

- **tenho** feito
- **estávamos** saindo
- **vai** sair
- **hão** de comprar
- **fui** ferido

2. **Verbo principal** é, como o próprio nome já o diz, aquele de significação plena e que funciona como núcleo de uma oração. Geralmente, a noção de verbo principal se sobressai quando se fala em locuções verbais e em tempos compostos, já que estas construções perifrásticas são necessariamente formadas por um verbo auxiliar e um verbo principal.

- **Jogarei** bola amanhã.
- **Chegaremos** cedo.
- Hei de **levar** o produto ainda hoje.

3. **Verbo vicário é aquele empregado em lugar de outro verbo anteriormente enunciado para se evitar sua repetição. É um poderoso recurso de coesão textual, pois torna o texto conciso e elegante. Geralmente são empregados como vicários os verbos "ser" e "fazer".**

- Deveria entregar o processo até as 17h, mas não o **fez**.
- Quase sempre ele não estudava. Quando o **fazia**, **era** para obter alguma vantagem do pai.

7.6.4 QUANTO À SIGNIFICAÇÃO OU AO ASPECTO (SENTIDO EXPRESS

Os verbos podem ser classificados em IMITATIVOS, FREQUENTATIVOS ou ITERATIVOS, INCOATIVOS, AUMENTATIVOS e DIMINUTIVOS.

1. **Verbos imitativos** (chamados também de onomatopaicos) são aqueles que expressan a própria ação dos nomes de que derivam. Observe:

- balançar, balancear → de balança
- serpentear → de serpente
- latinizar → de latim
- patinhar → de pato
- engatinhar → de gato
- judiar → de judeu
- corvejar → de corvo
- gralhar → de gralha

2. **Verbos frequentativos** (chamados também de iterativos) são aqueles que exprimem ação repetida, frequente, reiterada. São verbos geralmente derivados de nomes e até mesmo de verbos com as terminações "-ejar, -ear, -itar, -inhar". Vejamos alguns:

- bravejar → de bravo
- doidejar → de doido
- estalejar → de estalar
- bordejar → de bordo
- cabecear → de cabeça
- pestanejar → de pestana
- saltitar, saltear → de saltar
- passear → de passar
- cravejar → de cravar
- almejar → de alma

3. **Verbos incoativos** são aqueles que indicam o início de uma ação ou de um estado. Observe alguns:

- alvorecer → de alvo
- enraivecer → de raiva
- amarelecer → de amarelo
- amanhecer → de manhã
- começar → de começo
- esclarecer → de claro
- iniciar → de início
- envelhecer → de velho
- florescer → de flor
- madurar → de maduro

4. **Verbos aumentativos** são verbos derivados cuja significação é aumentada ou avivada para mais, geralmente com o auxílio de prefixos.

- recontar → de contar
- estrondear → de estrondar
- repousar → de pousar
- ressoar → de soar
- esmurraçar → de esmurrar
- rever → de ver
- recrescer → de crescer
- tressuar → de suar

5. **Verbos diminutivos** são verbos derivados cuja significação é aumentada ou avivada para menos, geralmente com o emprego de sufixos. Tais verbos transmitem nítida significação de diminuição, de atenuação.

- adocicar → de adoçar
- chuviscar → de chover
- lambiscar → de lamber
- mordiscar → de morder
- bebericar → de beber
- cuspinhar → de cuspir
- namoricar → de namorar
- saltitar → de saltar

7.6.5 QUANTO À FORMAÇÃO

Os verbos são classificados em PRIMITIVOS e DERIVADOS.

1. **Verbo primitivo** é aquele que não foi formado por nenhum outro verbo preexistente.

- pôr
- cantar
- ter
- ver
- vir

2. **Verbo derivado** é aquele que foi formado a partir de outro verbo preexistente.

- depor
- encantar
- deter
- rever
- provir

7.6.6 QUANTO À PRESENÇA OU NÃO DE UM SUJEITO

Os verbos são classificados em PESSOAIS, UNIPESSOAIS e IMPESSOAIS.

1. **Verbo pessoal** é aquele que apresenta sujeito, quer este seja explícito, quer seja implícito.

- Iremos à casa da vovó.
  sujeito = nós
- Os rapazes sairão hoje à noite.
  sujeito = os rapazes
- Nadei por vários minutos.
  sujeito = eu

2. **Verbo unipessoal** é aquele que praticamente só é usado na 3.ª pessoa, ora do singula ora do plural, pois o seu sujeito é necessariamente da 3.ª pessoa. São unipessoais todos os verbos que indicam vozes de animais, como "grunhir, cacarejar, latir, miar, piar" etc. Outros verbos também se apresentam na forma unipessoal, como os verbos "prazer e doer".

3. **Verbo impessoal** é aquele que não possui sujeito para que com este concorde. Por convenção, os verbos impessoais são sempre empregados na 3.ª pessoa do singular. São impessoais, por exemplo, todos os verbos que indicam fenômenos da natureza, como "chover, ventar, relampejar, gear" etc. Outro caso bastante conhecido é o do verbo HAVER no sentido de "existir, acontecer, ocorrer, realizar-se" e do verbo "fazer" quando indica tempo decorrido.

⇨ **Observação:**

Para aprofundar o conhecimento sobre os verbos impessoais, sugerimos que estude, em sintaxe, o tópico sobre as orações sem sujeito.

7.7 VERBOS DEFECTIVOS

Como já mencionamos, verbos defectivos (latim "defectum" = defeituoso, deficiente) são aqueles que não apresentam conjugação completa, pois, em virtude de alguns fatores, tais verbos são faltantes em modos, tempos e pessoas.

Na língua portuguesa, são defectivos os seguintes verbos e/ou grupos verbais:

1. **Todos os verbos impessoais** – verbos que não apresentam sujeito e, portanto, só sã empregados, por convenção, na 3.ª pessoa do singular. São denominados de "verbos

defectivos impessoais".

Convém a esta altura salientar que a defectividade, na língua portuguesa, não é só em relação à ausência do modo, do tempo ou da pessoa por parte de um verbo, mas ela se dá também em relação ao emprego do verbo. Se prestarmos atenção, perceberemos que o verbo HAVER é conjugado em todos os modos, tempos e pessoas. Entretanto, quando é empregado no sentido de "existir, ocorrer, realizar-se, acontecer", só pode ser usado na 3.ª pessoa do singular. Por isso, diz-se que a impessoalidade é um caso de defectividade na língua portuguesa.

2. **Todos os verbos unipessoais** – verbos que, por situações especiais, são conjugados tão somente na 3.ª pessoa do singular ou do plural. Isso ocorre frequentemente com os verbos "convir, acontecer, doer, ocorrer, suceder, importar, constar" e com os verbos que indicam sons dos animais, como "latir, miar, grunhir, mugir, relinchar, cacarejar, silvar, grugulejar etc.".

3. **Verbos que, por questões fonéticas (podem provocar confusão com as formas d outro verbo ou apresentam uma sonoridade reprovável), não apresentam a 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo, nem o presente do subjuntivo. Tais verbos só apresentam as pessoas "tu" e "vós" no imperativo afirmativo, já que o imperativo negativo para eles inexiste.** Pertencem a este grupo os verbos "abolir, banir, carpir (capinar, arrancar), colorir, delinquir, delir (apagar, esvanecer), demolir, exaurir (esgotar, acabar), extorquir, florir, fulgir (brilhar, resplandecer), jungir (juntar, unir, ligar), retorquir (argumentar contrariamente, replicar), soer (costumar, acontecer com frequência), urgir (ser urgente), tinir (soar)".

Observe o fenômeno da defectividade com o verbo "abolir":

PRESENTE DO INDICATIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO	IMPERATIVO	
		AFIRMATIVO	NEGATIVO
–	–	–	–
aboles	–	**abole**	–
abole	–	–	–
abolimos	–	–	–
abolis	–	**aboli**	–
abolem	–	–	–

4. **Verbos que, por questões fonéticas (podem provocar confusão com as formas d outro verbo ou apresentam uma sonoridade reprovável), não apresentam as três pessoas do singular e a 3.ª pessoa do plural do presente de indicativo, nem**

o presente do subjuntivo. No imperativo afirmativo, só apresentam o "vós". Inexiste, por conseguinte, o imperativo negativo. Pertencem a este grupo os verbos "precaver, aguerrir, adequar, empedernir (petrificar), remir (resgatar), fornir (abastecer, prover), falir, embair (iludir, seduzir), adir (acrescentar, adicionar), renhir (disputar, pleitear)".

Observe a conjugação defectiva do verbo "precaver".

PRESENTE DO INDICATIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO	IMPERATIVO	
		AFIRMATIVO	NEGATIVO
–	–	–	–
–	–	–	–
–	–	–	–
precavemos	–	–	–
precaveis	–	**precavei**	–
–	–	–	–

5. **O verbo REAVER.** Este verbo é inteiramente derivado do verbo HAVER, mas só se conjuga nas formas em que o seu primitivo apresenta a letra "V". No presente do indicativo só apresenta a 1.ª e 2.ª pessoas. Logo, não apresenta nenhuma forma do presente do subjuntivo. No imperativo afirmativo, só possui a 2.ª pessoa do plural.

Observe:

PRESENTE DO INDICATIVO DO VERBO "HAVER"	PRESENTE DO INDICATIVO DO VERBO "REAVER"	IMPERATIVO DO VERBO "REAVER"	
		AFIRMATIVO	NEGATIVO
hei	–	–	–
hás	–	–	–
há	–	–	–
havemos	**reavemos**	–	–
haveis	**reaveis**	**reavei**	–
hão	–	–	–

⇨ Observação:

Convém salientar que o verbo reaver apresenta os demais tempos. Observe abaixo toda a conjugação do verbo REAVER:

Reaver

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
-	reavia	reaverei	reaveria	reouve	reouvera
-	reavias	reaverás	reaverias	reouveste	reouveras
-	reavia	reaverá	reaveria	reouve	reouvera
reavemos	reavíamos	reaveremos	reaveríamos	reouvemos	reouvéramos
reaveis	reavíeis	reavereis	reaveríeis	reouvestes	reouvéreis
-	reaviam	reaverão	reaveriam	reouveram	reouveram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
-	reouvesse	reouver	-	reaver	reavendo
-	reouvesses	reouveres	-	reaveres	
-	reouvesse	reouver	-	reaver	**Particípio**
-	reouvéssemos	reouvermos	-	reavermos	reavido
-	reouvésseis	reouverdes	reavei	reaverdes	
-	reouvessem	reouverem	-	reaverem	

⇨ Observações gerais sobre os verbos defectivos:

1. O verbo “computar”, a despeito de ser classificado como verbo regular pelo dicionário Houaiss, é considerado pela maioria dos estudiosos da língua portuguesa como “defectivo” em virtude de sua péssima sonoridade. E, de fato, é assim que ele deve ser classificado, pois ninguém em sã consciência diria “eu computo”, “tu computas”, “ele computa”.

2. O verbo “viger”, bastante usado no meio jurídico, é defectivo, pois só é conjugado nas formas em que ao “G” segue-se a letra “E”. Portanto, tal verbo não apresenta a 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo “eu vijo”. Consequentemente, este verbo não apresentará os tempos derivados do presente do indicativo – presente do subjuntivo e, por conseguinte, o modo imperativo.

Presente do Indicativo

eu	/
tu	viges
ele	vige
nós	vigemos
vós	vigeis
eles	vigem

3. O problema da defectividade verbal deve ser suprido com o emprego de circunlóquios - verbos ou substantivos sinônimos ou de locuções verbais (construções perifrásticas). Observe abaixo algumas sugestões:

a) Eu sempre me **adapto** bem às novas situações. (para o lugar do verbo "adequar")

b) Eles sempre se **previnem** contra o sol. (para o lugar do verbo "precaver")

c) É importante que essas rosas **floresçam** durante o inverno. (para o lugar do verbo "florir")

d) Ele **está abolindo** o fumo de sua vida. (locução com o verbo "abolir")

e) Eu **destruo** tudo o que pode me causar mal. (para o lugar do verbo "demolir")

f) Nós queremos que ele **recupere** o dinheiro perdido. (para o lugar do verbo "reaver"

7.8 PARADIGMAS DE CONJUGAÇÃO VERBAL – CONJUGAÇÃO DE DIVERSOS VERBOS

Sem dúvida, aqui está uma parte da gramática normativa que merece toda a sua atenção. Frequentemente, os concursos cobram dos candidatos a correta conjugação de vários verbos. Portanto, vamos ao conteúdo abaixo. Uma sugestão: estude aos poucos e não se desespere com a quantidade de detalhes. Procure aprovisionar as informações aos poucos. Algumas são essenciais, outras, nem tanto.

Procuramos abaixo selecionar os principais verbos que apresentam dificuldades em suas conjugações.

7.8.1 CONJUGAÇÃO DOS VERBOS AUXILIARES "SER, ESTAR, TER E HAVER"

Ser

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
sou	era	serei	seria	fui	fora
és	eras	serás	serias	foste	foras
é	era	será	seria	foi	fora
somos	éramos	seremos	seríamos	fomos	fôramos
sois	éreis	sereis	seríeis	fostes	fôreis
são	eram	serão	seriam	foram	foram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
seja	fosse	for	–	ser	sendo
sejas	fosses	fores	sê	seres	
seja	fosse	for	seja	ser	**Particípio**
sejamos	fôssemos	formos	sejamos	sermos	sido
sejais	fôsseis	fordes	sede	serdes	
sejam	fossem	forem	sejam	serem	

Estar

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
estou	estava	estarei	estaria	estive	estivera
estás	estavas	estarás	estarias	estiveste	estiveras
está	estava	estará	estaria	esteve	estivera
estamos	estávamos	estaremos	estaríamos	estivemos	estivéramos
estais	estáveis	estareis	estaríeis	estivestes	estivéreis
estão	estavam	estarão	estariam	estiveram	estiveram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**

esteja estejas	estivesse estivesses	estiver estiveres	– está	estar estarem	estando
esteja	estivesse	estiver	esteja	estar	**Particípio**
estejamos	estivéssemos	estivermos	estejamos	estarmos	estado
estejais	estivésseis	estiverdes	estai	estardes	
estejam	estivessem	estiverem	estejam	estarem	

Ter

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
tenho	tinha	terei	teria	tive	tivera
tens	tinhas	terás	terias	tiveste	tiveras
tem	tinha	terá	teria	teve	tivera
temos	tínhamos	teremos	teríamos	tivemos	tivéramos
tendes	tínheis	tereis	teríeis	tivestes	tivéreis
têm	tinham	terão	teriam	tiveram	tiveram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
tenha	tivesse	tiver	–	ter	tendo
tenhas	tivesses	tiveres	tem	teres	
tenha	tivesse	tiver	tenha	ter	**Particípio**
tenhamos	tivéssemos	tivermos	tenhamos	termos	tido
tenhais	tivésseis	tiverdes	tende	terdes	
tenham	tivessem	tiverem	tenham	terem	

Haver

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
hei	havia	haverei	haveria	houve	houvera

hás há	havias havia	haverás haverá	haverias haveria	houveste houve	houveras houvera
havemos	havíamos	haveremos	haveríamos	houvemos	houvéramos
haveis	havíeis	havereis	haveríeis	houvestes	houvéreis
hão	haviam	haverão	haveriam	houveram	houveram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
haja	houvesse	houver	–	haver	havendo
hajas	houvesses	houveres	há	haveres	
haja	houvesse	houver	haja	haver	**Particípio**
hajamos	houvéssemos	houvermos	hajamos	havermos	havido
hajais	houvésseis	houverdes	havei	haverdes	
hajam	houvessem	houverem	hajam	haverem	

⇨ Observações importantes:

a) De forma excepcional, o verbo “ser” apresenta formas anômalas para o “tu” e o “vós Teremos, respectivamente, “sê” e “sede”, pois as segundas pessoas do imperativo do verbo SER foram tiradas de um antigo presente do verbo “SEER” (sees, seedes), do latim “SEDERE”.

7.8.2 CONJUGAÇÃO DE VERBOS DERIVADOS

Há um sem-número de verbos na língua portuguesa que são derivados de outros, ditos “primitivos”. Frequentemente, cobra-se de um candidato a um concurso o conhecimento sobre a conjugação destes verbos. E, em virtude da fonia e da grafia esdrúxulas que alguns apresentam, muitos e frequentes são os erros. É preciso, portanto, ficar atento à regra: **a conjugação do verbo derivado segue a conjugação do seu verbo primitivo**. Logo, basta conjugar o verbo primitivo e lhe acrescentar o prefixo. Observe abaixo a conjugação do verbo “PROPOR”, derivado do verbo “PÔR”.

Propor

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito**	**Futuro do**	**Futuro do**	**Pretérito**	**Pretérito mais-**

	Imperfeito	Presente	Pretérito	Perfeito	que-perfeito
proponho	**pro**punha	**pro**porei	**pro**poria	**pro**pus	**pro**pusera
propões	**pro**punhas	**pro**porás	**pro**porias	**pro**puseste	**pro**puseras
propõe	**pro**punha	**pro**porá	**pro**poria	**pro**pôs	**pro**pusera
propomos	**pro**púnhamos	**pro**poremos	**pro**poríamos	**pro**pusemos	**pro**puséramos
propondes	**pro**púnheis	**pro**poreis	**pro**poríeis	**pro**pusestes	**pro**puséreis
propõem	**pro**punham	**pro**porão	**pro**poriam	**pro**puseram	**pro**puseram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro		Infinitivo flexionado	Gerúndio
proponha	**pro**pusesse	**pro**puser	–	**pro**por	**pro**pondo
proponhas	**pro**pusesses	**pro**puseres	**pro**põe	**pro**pores	
proponha	**pro**pusesse	**pro**puser	**pro**ponha	**pro**por	**Particípio**
proponhamos	**pro**puséssemos	**pro**pusermos	**pro**ponhamos	**pro**pormos	**pro**posto
proponhais	**pro**puséssеis	**pro**puserdes	**pro**ponde	**pro**pordes	
proponham	**pro**pusessem	**pro**puserem	**pro**ponham	**pro**porem	

Perceba que toda a conjugação foi baseada no verbo “pôr”, que é o seu primitivo. Semelhantemente, conjugam-se verbos como:

a) repor, depor, supor, dispor → derivados do verbo “pôr”
b) convir, intervir, advir, provir → derivados do verbo “vir”.
c) ater-se, conter, reter, manter, deter → derivados do verbo “ter”
d) prever, rever, antever, circunver → derivados do verbo “ver”.

7.8.3 CONJUGAÇÃO DOS VERBOS TERMINADOS NOS HIATOS “-AIR, -OER, -UIR”

Estes verbos são interessantes porque frequentemente se veem empregadas formas como “possue, restitue, constitue, róe”. Ora, a 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo apresenta a desinência “i” e jamais “e”, como pensam alguns. Portanto, fique atento à conjugação de verbos como “sair, cair, abstrair, contrair, moer, roer, doer, remoer, possuir, construir, restituir, constituir etc.”.

Veja abaixo a conjugação do verbo “possuir”.

Possuir

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
possuo	possuía	possuirei	possuiria	possuí	possuíra
possuis	possuías	possuirás	possuirias	possuíste	possuíras
possui	possuía	possuirá	possuiria	possuiu	possuíra
possuímos	possuíamos	possuiremos	possuiríamos	possuímos	possuíramos
possuís	possuíeis	possuireis	possuiríeis	possuístes	possuíreis
possuem	possuíam	possuirão	possuiriam	possuíram	possuíram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo Flexionado**	**Gerúndio**
possua	possuísse	possuir	–	possuir	possuindo
possuas	possuísses	possuíres	possui	possuíres	
possua	possuísse	possuir	possua	possuir	**Particípio**
possuamos	possuíssemos	possuirmos	possuamos	possuirmos	possuído
possuais	possuísseis	possuirdes	possuí	possuirdes	
possuam	possuíssem	possuírem	possuam	possuírem	

7.8.4 CONJUGAÇÃO DE VERBOS IRREGULARES

São verbos que, como já se disse, não seguem um paradigma de conjugação. Sofrem, por isso, bruscas alterações em seus radicais. Abaixo, segue a conjugação de três verbos irregulares: “pedir, caber e trazer”.

Pedir

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
peço	pedia	pedirei	pediria	pedi	pedira
pedes	pedias	pedirás	pedirias	pediste	pediras
pede	pedia	pedirá	pediria	pediu	pedira

pedimos	pedíamos	pediremos	pediríamos	pedimos	pedíramos
pedis	pedíeis	pedireis	pediríeis	pedistes	pedíreis
pedem	pediam	pedirão	pediriam	pediram	pediram
SUBJUNTIVO			**IMPERATIVO AFIRMATIVO**	**FORMAS NOMINAIS**	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
peça	pedisse	pedir	–	pedir	pedindo
peças	pedisses	pedires	pede	pedires	
peça	pedisse	pedir	peça	pedir	**Particípio**
peçamos	pedíssemos	pedimos	peçamos	pedirmos	pedido
peçais	pedísseis	pedirdes	pedi	pedirdes	
peçam	pedissem	pedirem	peçam	pedirem	

Caber

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
caibo	cabia	caberei	caberia	coube	coubera
cabes	cabias	caberás	caberias	coubeste	couberas
cabe	cabia	caberá	caberia	coube	coubera
cabemos	cabíamos	caberemos	caberíamos	coubemos	coubéramos
cabeis	cabíeis	cabereis	caberíeis	coubestes	coubéreis
cabem	cabiam	caberão	caberiam	couberam	couberam
SUBJUNTIVO			**IMPERATIVO AFIRMATIVO**	**FORMAS NOMINAIS**	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
caiba	coubesse	couber	–	caber	cabendo
caibas	coubesses	couberes	–	caberes	
caiba	coubesse	couber	–	caber	**Particípio**
caibamos	coubéssemos	coubermos	–	cabermos	cabido
caibais	coubésseis	couberdes	–	caberdes	
caibam	coubessem	couberem	–	caberem	

Trazer

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
tra**go**	trazia	trarei	traria	trouxe	trouxera
trazes	trazias	trarás	trarias	trouxeste	trouxeras
traz	trazia	trará	traria	trouxe	trouxera
trazemos	trazíamos	traremos	traríamos	trouxemos	trouxéramos
trazeis	trazíeis	trareis	traríeis	trouxestes	trouxéreis
trazem	traziam	trarão	trariam	trouxeram	trouxeram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
tra**ga**	trouxesse	trouxer	–	trazer	trazendo
tra**gas**	trouxesses	trouxeres	traz/traze	trazeres	
tra**ga**	trouxesse	trouxer	tra**ga**	trazer	**Particípio**
tra**gamos**	trouxéssemos	trouxermos	tra**gamos**	trazermos	trazido
tra**gais**	trouxésseis	trouxerdes	trazei	trazerdes	
tra**gam**	trouxessem	trouxerem	tra**gam**	trazerem	

7.8.5 CONJUGAÇÃO DE VERBOS PRONOMINAIS

São verbos especiais, porque necessariamente são conjugados com o auxílio de um pronome pessoal do caso oblíquo. São exemplos desses verbos “arrepender-se, queixar-se, apiedar-se”.

Observe abaixo a conjugação do verbo “queixar-se”.

Queixar-se

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
queixo-me	queixava-me	queixar-me-ei	queixar-me-ia	queixei-me	queixara-me

queixas-te	queixavas-te	queixar-te-ás	queixar-te-ias	queixaste-te	queixaras-te
queixa-se	queixava-se	queixar-se-á	queixar-se-ia	queixou-se	queixara-se
queixamo-nos	queixávamo-nos	queixar-nos-emos	queixar-nos-íamos	queixamo-nos	queixáramo-nos
queixais-vos	queixáveis-vos	queixar-vos-eis	queixar-vos-íeis	queixastes-vos	queixáreis-vos
queixam-se	queixavam-se	queixar-se-ão	queixar-se-iam	queixaram-se	queixaram-se

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
me queixe	me queixasse	me queixar	–	queixar-me	queixando-se
te queixes	te queixasses	te queixares	queixa-te	queixares-te	
se queixe	se queixassem	se queixar	queixe-se	queixar-se	**Particípio**
nos queixemos	nos queixássemos	nos queixarmos	queixemo-nos	queixarmo-nos	se queixado
vos queixeis	vos queixásseis	vos queixardes	queixai-vos	queixardes-vos	
se queixem	se queixassem	se queixarem	queixem-se	queixarem-se	

⇨ Observações

Com as formas nominais não flexionadas, o pronome será da mesma categoria número-pessoal do sujeito.

7.8.6 CONJUGAÇÃO DOS VERBOS TERMINADOS NO HIATO "-EAR"

São verbos especiais, porque intercalam, por motivos fonéticos, um "i" intervocálico em sua desinência nas formas rizotônicas (presentes do indicativo e do subjuntivo, salvo nas pessoas "nós" e "vós" e no modo imperativo, exceto também nas pessoas "nós" e "vós"). Acompanhe abaixo a conjugação do verbo "nortear". Observe o acréscimo do "i" nas formas rizotônicas.

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
norte**i**o	norteava	nortearei	nortearia	norteei	norteara
norte**i**as	norteavas	nortearás	nortearias	norteaste	nortearas

norteia norteamos	norteava norteávamos	norteará nortearemos	nortearia nortearíamos	norteou norteamos	norteara norteáramos
norteais	norteáveis	norteareis	nortearíeis	norteastes	norteáreis
norteiam	norteavam	nortearão	nortearíam	nortearam	nortearam

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
norteie	norteasse	nortear	–	nortear	norteando
norteies	norteasses	norteares	norteia	norteares	
norteie	norteasse	nortear	norteie	nortear	**Particípio**
norteemos	norteássemos	nortearmos	norteemos	nortearmos	norteado
norteeis	norteásseis	norteardes	norteai	norteardes	
norteiem	norteassem	nortearem	norteiem	nortearem	

Assim como “nortear”, conjugam-se os verbos “pentear, marear, enfear, cear, chatear, manusear, pleitear, sortear, homenagear, saborear, passear, nortear, veranear, arrear” e todos os outros finalizados em “-ear”.

7.8.7 CONJUGAÇÃO DOS VERBOS TERMINADOS NO HIATO “-IAR”

Todos os verbos terminados em “-iar” seguem o paradigma de conjugação para os verbos da 3.ª conjugação. Isto quer dizer que são regulares. Observe abaixo a conjugação do verbo “variar”.

Variar

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
vario	variava	variarei	variaria	variei	variara
varias	variavas	variarás	variarias	variaste	variaras
varia	variava	variará	variaria	variou	variara
variamos	variávamos	variaremos	variaríamos	variamos	variáramos
variais	variáveis	variareis	variaríeis	variastes	variáreis
variam	variavam	variarão	variariam	variaram	variaram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
varie	variasse	variar	–	variar	variando
varies	variasses	variares	varia	variares	
varie	variasse	variar	varie	variar	**Particípio**
variemos	variássemos	variarmos	variemos	variarmos	variado
varieis	variásseis	variardes	variai	variardes	
variem	variassem	variarem	variem	variarem	

⇨ Observação:

Seis verbos há em nossa língua, os quais fogem ao paradigma acima, pois intercalam um "E" eufônico nas formas rizotônicas. São eles: mediar, ansiar, remediar, incendiar, odiar e intermediar. Para decorá-los, memorize o anagrama M-A-R-I-O – I. Veja:

M ediar
A nsiar
R emediar
I ncendiar
O diar
I ntermediar

Observe agora a conjugação de um desses verbos:

Ansiar

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
anseio	ansiava	ansiarei	ansiaria	ansiei	ansiara
anseias	ansiavas	ansiarás	ansiarias	ansiaste	ansiaras
anseia	ansiava	ansiará	ansiaria	ansiou	ansiara
ansiamos	ansiávamos	ansiaremos	ansiaríamos	ansiamos	ansiáramos
ansiais	ansiáveis	ansiareis	ansiaríeis	ansiastes	ansiáreis
anseiam	ansiavam	ansiarão	ansiariam	ansiaram	ansiaram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
	Pretérito			**Infinitivo**	

Presente	Imperfeito	Futuro		flexionado	Gerúndio
anseie	ansiasse	ansiar	–	ansiar	ansiando
anseies	ansiasses	ansiares	anseia	ansiares	
anseie	ansiasse	ansiar	anseie	ansiar	**Particípio**
ansiemos	ansiássemos	ansiarmos	ansiemos	ansiarmos	ansiado
ansieis	ansiásseis	ansiardes	ansiai	ansiardes	
anseiem	ansiassem	ansiarem	anseiem	ansiarem	

7.8.8 CONJUGAÇÃO DE VERBOS TERMINADOS NOS HIATOS "-OAR" E "-UAR"

Tais verbos merecem destaque porque apresentam a letra "E" em todas as formas do presente do subjuntivo. São frequentes os erros ao se escrever "continui" e "abençoi", por exemplo.

Observe abaixo a conjugação do verbo "abençoar".

Abençoar

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
abençoo	abençoava	abençoarei	abençoaria	abençoei	abençoara
abençoas	abençoavas	abençoarás	abençoarias	abençoaste	abençoaras
abençoa	abençoava	abençoará	abençoaria	abençoou	abençoara
abençoamos	abençoávamos	abençoaremos	abençoaríamos	abençoamos	abençoáramos
abençoais	abençoáveis	abençoareis	abençoaríeis	abençoastes	abençoáreis
abençoam	abençoavam	abençoarão	abençoariam	abençoaram	abençoaram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
abençoe	abençoasse	abençoar	–	abençoar	abençoando
abençoes	abençoasses	abençoares	abençoa	abençoares	
abençoe	abençoasse	abençoar	abençoe	abençoar	**Particípio**
abençoemos	abençoássemos	abençoarmos	abençoemos	abençoarmos	abençoado

abençoeis abençoem	abençoásseis abençoassem	abençoardes abençoarem	abençoai abençoem	abençoardes abençoarem	

⇨ **Observação:**

Os verbos terminados em "-OAR", em virtude das novas regras propostas pelo Acordo Ortográfico de 1990, já não mais recebem acento circunflexo no hiato "OO", o qual se forma na 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo. Por isso, escreveremos corretamente "eu voo, eu abençoo, eu enjoo, eu roo etc.".

7.8.9 CONJUGAÇÃO DOS VERBOS "VER" E "VIR" NO FUTURO DO SUBJUNTIVO

Frequentemente, os concursos cobram o conhecimento sobre a distinção entre as conjugações dos verbos "ver" e "vir" no futuro do subjuntivo. De fato, é importante não se confundir: "quando ou se eu vir" dir-se-á para a 1.ª pessoa do singular do verbo "ver"; ao passo que se empregará "quando ou se eu vier" para a 1.ª pessoa do singular do verbo "vir". Seguem neste mesmo paradigma os verbos derivados desses dois verbos (rever, prever, provir, intervir etc.). Observe abaixo o futuro do subjuntivo dos verbos "ver" e "vir":

Futuro do Subjuntivo do verbo VER

eu	**vir**
tu	vires
ele	vir
nós	virmos
vós	virdes
eles	virem

Futuro do Subjuntivo do verbo VIR

eu	**vier**
tu	vieres
ele	vier
nós	viermos
vós	vierdes

eles vierem

7.8.10 OUTRAS PARTICULARIDADES GRÁFICAS E FONÉTICAS SOBRE VERBOS DA 1.ª CONJUGAÇÃO

1. Os verbos terminados em "**CAR**" (abarcar, alocar, clinicar, dedicar, emboscar etc.) mudam o "c" em "qu" antes de "E". Observe este fenômeno na conjugação do verbo **FICAR**.

Ficar

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
fico	ficava	ficarei	ficaria	fi**qu**ei	ficara
ficas	ficavas	ficarás	ficarias	ficaste	ficaras
fica	ficava	ficará	ficaria	ficou	ficara
ficamos	ficávamos	ficaremos	ficaríamos	ficamos	ficáramos
ficais	ficáveis	ficareis	ficaríeis	ficastes	ficáreis
ficam	ficavam	ficarão	ficariam	ficaram	ficaram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
fi**qu**e	ficasse	ficar	–	ficar	ficando
fi**qu**es	ficasses	ficares	fica	ficares	
fi**qu**e	ficasse	ficar	fi**qu**e	ficar	**Particípio**
fi**qu**emos	ficássemos	ficarmos	fi**qu**emos	ficarmos	ficado
fi**qu**eis	ficásseis	ficardes	ficai	ficardes	
fi**qu**em	ficassem	ficarem	fi**qu**em	ficarem	

2. Os verbos terminados em "**ÇAR**" (abraçar, adoçar, bagunçar, caçar, desembaçar etc.) perdem a cedilha antes de "E". Observe a conjugação do verbo **DISFARÇAR**. Perceba que este fenômeno se dá no presente do subjuntivo e no modo imperativo, nas formas derivadas daquele.

Disfarçar

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
disfarço	disfarçava	disfarçarei	disfarçaria	disfar**c**ei	disfarçara
disfarças	disfarçavas	disfarçarás	disfarçarias	disfarçaste	disfarçaras
disfarça	disfarçava	disfarçará	disfarçaria	disfarçou	disfarçara
disfarçamos	disfarçávamos	disfarçaremos	disfarçaríamos	disfarçamos	disfarçáramos
disfarçais	disfarçáveis	disfarçareis	disfarçaríeis	disfarçastes	disfarçáreis
disfarçam	disfarçavam	disfarçarão	disfarçariam	disfarçaram	disfarçaram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
disfar**c**e	disfarçasse	disfarçar	–	disfarçar	disfarçando
disfar**c**es	disfarçasses	disfarçares	disfarça	disfarçares	
disfar**c**e	disfarçasse	disfarçar	disfar**c**e	disfarçar	**Particípio**
disfar**c**emos	disfarçássemos	disfarçarmos	disfar**c**emos	disfarçarmos	disfarçado
disfar**c**eis	disfarçásseis	disfarçardes	disfarçai	disfarçardes	
disfar**c**em	disfarçassem	disfarçarem	disfar**c**em	disfarçarem	

3. Os verbos terminados em "**GAR**" (abrigar, achegar, advogar, afagar, comungar etc.) recebem "U" antes da letra "E". Observe a conjugação do verbo **CHEGAR** e verifique esta mudança.

Chegar

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
chego	chegava	chegarei	chegaria	cheg**u**ei	chegara
chegas	chegavas	chegarás	chegarias	chegaste	chegaras
chega	chegava	chegará	chegaria	chegou	chegara
chegamos	chegávamos	chegaremos	chegaríamos	chegamos	chegáramos

chegais	chegáveis	chegareis	chegaríeis	chegastes	chegáreis
chegam	chegavam	chegarão	chegariam	chegaram	chegaram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
che**gu**e	chegasse	chegar	–	chegar	chegando
che**gu**es	chegasses	chegares	chega	chegares	
che**gu**e	chegasse	chegar	che**gu**e	chegar	**Particípio**
che**gu**emos	chegássemos	chegarmos	che**gu**emos	chegarmos	chegado
che**gu**eis	chegásseis	chegardes	chegai	chegardes	
che**gu**em	chegassem	chegarem	che**gu**em	chegarem	

4. O verbo **CONSUMAR** (completar, acabar, terminar), muito usual no meio jurídico, segu normalmente o paradigma dos verbos da 1.ª conjugação. Observe abaixo:

Consumar

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
consumo	consumava	consumarei	consumaria	consumei	consumara
consumas	consumavas	consumarás	consumarias	consumaste	consumaras
consuma	consumava	consumará	consumaria	consumou	consumara
consumamos	consumávamos	consumaremos	consumaríamos	consumamos	consumáramos
consumais	consumáveis	consumareis	consumaríeis	consumastes	consumáreis
consumam	consumavam	consumarão	consumariam	consumaram	consumaram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
consume	consumasse	consumar	–	consumar	consumando
consumes	consumasses	consumares	consuma	consumares	
consume	consumasse	consumar	consume	consumar	**Particípio**
consumemos	consumássemos	consumarmos	consumemos	consumarmos	consumado
consumeis	consumásseis	consumardes	consumai	consumardes	

consumem	consumassem	consumarem	consumem	consumarem	

5. O verbo **AVERIGUAR** bem como os verbos ENXAGUAR, AGUAR, APANIGUAR, APAZIGUAR, APROPINGUAR, DESAGUAR, OBLIQUAR apresentam dois paradigmas de conjugação a partir do Acordo Ortográfico de 1990:
   a) Continuam com as formas rizotônicas igualmente acentuadas no "U", mas sem marc gráfica. Exemplo: *averiguo, averiguas, averigua; averigue, averigues, averigue, averiguem; enxaguo, enxaguas, enxagua, enxaguam; enxague, enxagues, enxague, enxaguem etc.*
   b) Apresentam as formas rizotônicas acentuadas fônica e graficamente nas vogais "a" "i", presentes no radical. Exemplo: *averíguo, averíguas, averígua; averígue, averígues, averígue, averíguem; enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam; enxágue, enxágues, enxágue, enxáguem etc.*

7.8.11 OUTRAS PARTICULARIDADES GRÁFICAS E FONÉTICAS SOBRE VERBOS DA 2.ª CONJUGAÇÃO

1. Os verbos terminados em "**GER**" (constranger, desproteger, eleger, proteger, ranger etc.) mudam o "G" em "J" antes de "O e A". Observe a conjugação do verbo REGER e acompanhe esta alteração.

Reger

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
rejo	regia	regerei	regeria	regi	regera
reges	regias	regerás	regerias	regeste	regeras
rege	regia	regerá	regeria	regeu	regera
regemos	regíamos	regeremos	regeríamos	regemos	regêramos
regeis	regíeis	regereis	regeríeis	regestes	regêreis
regem	regiam	regerão	regeriam	regeram	regeram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
reja	regesse	reger	–	reger	regendo

re**j**as	regesses	regeres	rege	regeres	
re**j**a	regesse	reger	re**j**a	reger	**Particípio**
re**j**amos	regêssemos	regermos	re**j**amos	regermos	regido
re**j**ais	regêsseis	regerdes	regei	regerdes	
re**j**am	regessem	regerem	re**j**am	regerem	

2. O verbo **PERDER** muda o “D” em “C” antes de “O e A”. Observe abaixo:

Presente do Indicativo

eu	per**c**o
tu	perdes
ele	perde
nós	perdemos
vós	perdeis
eles	perdem

Presente do Subjuntivo

eu	per**c**a
tu	per**c**as
ele	per**c**a
nós	per**c**amos
vós	per**c**ais
eles	per**c**am

3. O verbo **VALER** muda o “L” em “LH” antes de “O e A”. Observe abaixo:

Presente do Indicativo

eu	va**lh**o
tu	vales
ele	vale
nós	valemos

vós	valeis
eles	valem

Presente do Subjuntivo

eu	va**lh**a
tu	va**lh**as
ele	va**lh**a
nós	va**lh**amos
vós	va**lh**ais
eles	va**lh**am

4. O verbo **DIZER** e seus derivados (contradizer, maldizer, predizer etc.) mudam o “Z” em “G” antes de “O e A”. Ademais, o verbo DIZER admite as formas “DIZE ou DIZ” para a 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo. Observe abaixo:

Presente do Indicativo

eu	di**g**o
tu	dizes
ele	diz
nós	dizemos
vós	dizeis
eles	dizem

Presente do Subjuntivo

eu	di**g**a
tu	di**g**as
ele	di**g**a
nós	di**g**amos
vós	di**g**ais
eles	di**g**am

5. Os verbos **DOER** e **PRAZER** são defectivos unipessoais. Só se conjugam na 3.ª pessoa. Observe abaixo:

Doer

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
–	–	–	–	–	–
–	–	–	–	–	–
dói	doía	doerá	doeria	doeu	doera
–	–	–	–	–	–
–	–	–	–	–	–
doem	doíam	doerão	doeriam	doeram	doeram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
–	–	–	–	–	doendo
–	–	–	–	–	
doa	doesse	doer	–	doer	**Particípio**
–	–	–	–	–	doído
–	–	–	–	–	
doam	doessem	doerem	–	doerem	

Prazer

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
–	–	–	–	–	–
–	–	–	–	–	–
praz	prazia	prazerá	prazeria	prouve	prouvera
–	–	–	–	–	–
–	–	–	–	–	–

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro		Infinitivo flexionado	Gerúndio
–	–	–	–	–	prazendo
–	–	–	–	–	
praza	prouvesse	prouver	praza	prazer	**Particípio**
–	–	–	–	–	prazido
–	–	–	–	–	
prazam	prouvessem	prouverem	prazam	prazerem	

⇨ Observação:

Os verbos “doer-se” (pronominal) e aprazer (derivado do verbo “prazer”) apresentam conjugação completa.

7.8.12 OUTRAS PARTICULARIDADES GRÁFICAS E FONÉTICAS SOBRE VERBOS DA 3.ª CONJUGAÇÃO

1. Os verbos terminados em “**GIR**” (adstringir, coagir, divergir, erigir, fugir, infligir etc.) trocam o “G” em “J” antes de “O e A”. Observe abaixo:

Presente do Indicativo

eu	divir**j**o
tu	diverges
ele	diverge
nós	divergimos
vós	divergis
eles	divergem

Presente do Subjuntivo

eu	divir**j**a
tu	divir**j**as

ele	divir**j**a
nós	divir**j**amos
vós	divir**j**ais
eles	divir**j**am

2. Os verbos PEDIR, IMPEDIR, EXPEDIR, DESPEDIR, MEDIR mudam o “D” em “Ç” ante de “O e A”. Observe abaixo:

Presente do Indicativo

eu	pe**ç**o
tu	pedes
ele	pede
nós	pedimos
vós	pedis
eles	pedem

Presente do Subjuntivo

eu	pe**ç**a
tu	pe**ç**as
ele	pe**ç**a
nós	pe**ç**amos
vós	pe**ç**ais
eles	pe**ç**am

3. Os verbos terminados em “**-ingir**” (atingir, cingir, constringir, infringir, tingir etc.) mudam o “G” em “J” antes das vogais “A e O”. Observe abaixo a conjugação do verbo **FINGIR** e constate essa mudança.

Fingir

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**

finjo finges finge fingimos fingis fingem	fingia fingias fingia fingíamos fingíeis fingiam	fingirei fingirás fingirá fingiremos fingireis fingirão	fingiria fingirias fingiria fingiríamos fingiríeis fingiriam	fingi fingiste fingiu fingimos fingistes fingirem	fingira fingiras fingira fingíramos fingíreis fingiram
SUBJUNTIVO			**IMPERATIVO AFIRMATIVO**	**FORMAS NOMINAIS**	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
finja finjas finja finjamos finjais finjas	fingisse fingisses fingisse fingíssemos fingísseis fingissem	fingir fingires fingir fingirmos fingirdes fingirem	– finge finja finjamos fingi finjam	fingir fingires fingir fingirmos fingirdes fingirem	fingindo **Particípio** fingido

7.9 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (MPE-SP) Passando a frase – Ele não só **criou** aqui o primeiro observatório astronômi das Américas, como **trouxe** cientistas – para o futuro do presente, os verbos destacados assumem, respectivamente, as seguintes formas:

   a) criava – trazia
   b) criaria – traria
   c) criará – trará
   d) criará – trazerá
   e) criara – trouxera

2. (MPE-SP) Assinale a alternativa correta quanto à correlação dos tempos verbais, de acordo com a norma culta.

   a) Se todos estiverem de acordo, eles deixaram a reunião para a semana seguinte.
   b) Logo que você perceber o clima de tensão, não teria agido daquela maneira.
   c) Seria melhor que elas examinassem os documentos com o cuidado necessário
   d) Quero que você dirige a tenção aos mais necessitados.

e) Caso me desencontrasse com ela, deixarei os livros com sua secretária.

3. (TER-RO) Observe a frase:

Se tu _____ que os eleitores chegam para votar, _____ a porta e _____-os entrar.

A opção que completa corretamente a frase é:

a) veres / abre / deixa
b) veres / abra / deixe
c) vires / abra / deixa
d) vires / abre / deixa
e) virdes / abri / deixai

4. (CESPE-MPU) Seguindo as normas gramaticais da língua culta, a sugestão "Seja trabalhador e você também será venturoso", se for expressa na terceira pessoa do plural, tornar-se-á:

a) Sede trabalhadores e vós também sereis venturosos.
b) Sejam trabalhadores e vós também sejais venturosos.
c) Sê trabalhadores e vocês também serão venturosos.
d) Sejam trabalhadores e vocês também serão venturosos.
e) Sejais trabalhadores e vocês também serão venturosos.

5. (TRE-MT) Só está **correta** a forma verbal destacada na frase:

a) Embora ele **esteje** indicado, o Senado ainda o aprovou.
b) Ele **passeiava** diariamente no parque.
c) Quando eles **trouxerem** a permissão, poderão entrar.
d) Se **mantermos** as posições, o inimigo não avançará.
e) Os deputados se **entretiam** com esses discursos.

6. (ALERJ/FESP) "Pois bem, como já disse, o vírus..."

O verbo **dizer** *aparece corretamente conjugado na frase acima. Há* **erro** *na conjugação desse mesmo verbo na seguinte frase:*

a) Dize-me com quem andas e eu te direi quem és.
b) Você dizer que está doente, não acredito.
c) O médico dizia tudo o que sabia sobre a AIDS.

d) Ele queria que eu dissesse onde você estava.

e) É preciso que você diga a verdade.

7. (TRT-ES) Nas frases abaixo, escreva (1) para as formas verbais corretas e (2) para as incorretas:

( ) Nós vimos ontem do pantanal.

( ) Vós rides de mim sem motivo.

( ) Mesmo assim tu me respondestes.

( ) Sempre requeiro os meus direitos.

( ) Esteje pronto às vinte e duas horas.

a) 2, 2,2, 1, 1

b) 1, 2, 1, 2, 1

c) 2, 1, 2, 1, 2

d) 1, 2, 2, 1, 2

e) 2, 1, 1, 2, 1

8. (TRF-RS) Considerando as formas verbais destacadas nas três frases abaixo, a opção com a correta classificação de tempos e modos é, respectivamente:

1. **Toma** *conta da minha bagagem, enquanto eu vou até ali.*

2. "Não **façais** *aos outros o que não quereis que vos façam."*

3. Os astrônomos negam que o Sol **gira** *em torno da Terra.*

a) presente do indicativo / presente do subjuntivo / presente do subjuntivo

b) imperativo afirmativo / imperativo negativo / presente do indicativo

c) imperativo afirmativo / imperativo negativo / presente do subjuntivo

d) imperativo afirmativo / presente do subjuntivo / presente do subjuntivo

e) presente do indicativo / imperativo negativo / presente do subjuntivo

9. (TRF-RJ) Das frases abaixo, a que contém **erro** na flexão verbal é:

a) O acidente ocorreu porque o Rui não conseguiu freiar o carro.

b) Se a comunidade nos provesse do equipamento de que necessitamos para prestar ela mesma esse serviço, todos sairíamos ganhando.

c) Os espíritos se incendeiam toda vez que se fala em fazer justiça.

d) Se a associação se mantivesse coerente com sua própria doutrina, cresceria sua credibilidade.

e) Quem se interpuser entre o Ricardo e a Cristina não contará com o meu apoio.

10. (TRF-RJ) Considerando as formas verbais destacadas nas três frases abaixo, a opção com a correta classificação de tempos e modos é, respectivamente:

1. Pelo menos não ***descumpra*** *suas obrigações.*

2. Talvez ***chova*** *no final do dia.*

3. ***Digita*** *este documento, por gentileza, Teresinha.*

a) imperativo negativo / presente do subjuntivo / imperativo afirmativo

b) presente do subjuntivo / presente do subjuntivo / imperativo afirmativo

c) imperativo negativo / presente do subjuntivo / presente do indicativo

d) presente do subjuntivo / presente do subjuntivo / presente do indicativo

e) imperativo negativo / presente do indicativo / imperativo afirmativo

GABARITO

1 – C	2 – C	3 – D
4 – D	5 – C	6 – B
7 – C	8 – B	9 – A
10 – A		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 8

ADVÉRBIO

8.1 CONCEITO

É a classe de palavras invariáveis que, modificando um verbo, um adjetivo ou outro advérbio, transmitem-lhes alguma circunstância.

Veja alguns exemplos de advérbios e locuções adverbiais:

- "**Hoje** quatro braças de terra, **amanhã** seis, **depois** mais outras, ia o vendeiro conquistando todo o terreno que se estendia **pelos fundos da sua bodega**." (Aluísio Azevedo)
- "A parede oriental da igreja é o muro do quintal de um lado, mas as comunicações foram vedadas **provavelmente** quando a coroa alienou o palácio e o separou assim **perpetuamente** do templo." (A. Garrett)
- "Os meus doentes, senhora condessa, respondeu Carlos, não são **bastante** numerosos para formar uma quadrilha." (Eça de Queiroz)
- "Ao despedir-se da pupila, Lemos apertou-lhe a mão: – Desejo-lhe que seja **muito** e **muito** feliz." (José de Alencar)
- "A história repete-se. Antônio Conselheiro foi um gnóstico bronco. Veremos **mais longe** a exação do símile." (Euclides da Cunha)

⇨ Observações:

a) Em raros casos, encontramos advérbios modificando um substantivo e até mesm uma preposição.

- "A sra. D. Josefa gostava muito do passeio ao pé do rio; até já ouvira dizer que nem em Lisboa havia coisa **assim**." (Eça de Queiroz)
- "Seu tio, naturalmente, lhe comunicara a criancice da prima, **pouco** antes de destinar-lhe a esposa." (Camilo Castelo Branco)

b) A maioria dos advérbios terminados em "-mente" deriva de adjetivos. Quando o adjetivo apresenta formas diferentes para os dois gêneros, o sufixo adverbial "-mente" será acrescido à forma feminina do adjetivo.

- feliz → felizmente
- triste → tristemente
- fácil → facilmente
- fraternal → fraternalmente
- radical → radicalmente
- vaidoso → vaidosamente
- ameaçador → ameaçadoramente
- exclusivo → exclusivamente
- fortuito → fortuitamente
- prático → praticamente

c) É possível transformar muitas expressões e locuções em advérbios – geralmente de "modo" ou de "tempo" –, formados com o sufixo adverbial "-mente". Observe:

- O recurso foi interposto **fora do tempo**. → extemporaneamente, intempestivamente
- Ele aprendia as lições **pouco a pouco**. → gradativamente, paulatinamente
- Ele dança e canta **ao mesmo tempo**. → simultaneamente
- Naquele momento, agiste **com precipitação**. → precipitadamente
- O debate será transmitido **sem interrupção**. → ininterruptamente
- Resolveu a questão **com displicência**. → displicentemente
- Fez tudo **de propósito**. → propositadamente

8.2 CLASSIFICAÇÃO DOS ADVÉRBIOS

Os advérbios são classificados de acordo com a circunstância que expressam. Assim, podem ser classificados em:

a) **de afirmação:** sim, certamente.

b) **de dúvida:** talvez, quiçá, acaso, por ventura, provavelmente, eventualmente.

c) **de frequência:** diariamente, cotidianamente, semanalmente, mensalmente, sucessivamente, raramente, perpetuamente, constantemente etc.

d) **de intensidade (ou "de quantidade"):** muito, assaz, bastante, pouco, excessivamente, demasiadamente, profundamente, meio, todo, completamente, menos, mais, tanto, quão, quanto, quase, algo, bem, mal, apenas, demais, nada.

e) **de tempo:** ainda, agora, amanhã, dantes, cedo, tarde, hoje, logo, outrora, imediatamente, anteriormente, antigamente, posteriormente, depois, antes, precedentemente, então, sempre, ora, anteontem, entrementes, presentemente, atualmente, ainda, afinal, amiúde, nunca, jamais etc.

f) **de modo:** bem, mal, errado, tristemente (e muitos adjetivos adverbializados com o sufixo "-mente"), depressa, devagar, assim, adrede, debalde, melhor, pior etc.

g) **de negação:** não, nunca, jamais, nem, tampouco.

h) **de lugar:** abaixo, acima, arriba, aquém, além, aqui, aí, ali, cá, lá, acolá, avante, atrás, algures (= em algum lugar), alhures (= em outro lugar), nenhures (= em lugar algum), defronte, adiante, detrás, dentro, fora, longe, perto, onde.

⇨ Observação:

A classificação acima é tão somente para efeitos didáticos. Sem dúvida, há inúmeros advérbios que melhor se enquadrariam noutras classificações. É o caso dos advérbios "**adrede, intencionalmente, propositadamente, acinte**" que poderiam ser classificados como "advérbios de intenção".

8.3 LOCUÇÕES ADVERBIAIS

Frequentemente, os advérbios aparecem em português sob a forma locucional – são as denominadas "locuções adverbiais". Tais locuções são um conjunto de palavras, geralmente de núcleo substantivo e geralmente encabeçadas por uma preposição, com valor circunstancial. Como advérbios que são, tais locuções também modificam "verbos, adjetivos e outros advérbios".

Locuções adverbiais

à força, a giros, às cegas, a esmo, a farta, a granel, à porta, à revelia, a seu talante, a cavalo, ao deus dará, à toa, às pressas, a pé, a pique, ao revés, a seu tempo, ao longe, ao vivo, à noite, às tontas, às ocultas, às escondidas, às vezes, ao acaso, com certeza, de repente, de cabo a rabo, de improviso, de cor, de forma alguma, de propósito, de primeiro, de relance, de soslaio, de vez em quando, de sobreaviso, em verdade, de caso pensado, de passagem, de graça, de nenhum modo, de oitiva, entre a cruz e a espada, lado a lado, muitas vezes, nesse meio tempo, em breve, em vão, por atacado, por fora, em cima, por cima, para sempre, por um triz, pouco a pouco, senão quando, sem dúvida, dentro em pouco, ao contrário, passo a passo, pelo contrário, em breve, vez por outra etc.

Observe alguns exemplos:

- **Pela manhã**, costumo beber um pouco de água natural para melhorar o funcionamento intestinal.
- "E só agora notava que todos esses afagos eram sempre ocultos e assustados, feitos como que ilegalmente, **às escondidas**, e quase sempre acompanhados de choro."

(Aluísio Azevedo)

- "E na Sé, ao sair da missa, regalar-se de a ver passar encolhida no seu mantelete preto, escorraçada de todos, enquanto ele, **à porta, de propósito**, conversaria com a mulher do governador civil." (Eça de Queiroz)
- "... já que a perfídia pode abrir as portas das nossas cidades aos africanos, sem que estes tenham de passar **por cima** dos cadáveres de seus irmãos, para se assenhorarem delas." (A. Herculano)
- "As seções avançadas ascendiam, porém, mais rápidas, pelas barrancas, conquistando o terreno, até que outra irrupção repentina do adversário lhes tomasse a frente, ou as aferrasse **de soslaio**." (Euclides da Cunha)
- "O aventureiro apertou convulsivamente o cabo de sua faca, e fechando os olhos e dando um passo **às cegas**, ergueu a mão para desfechar o golpe." (José de Alencar)

⇨ Observações:

a) Em muitas locuções adverbiais, ocorre a elipse do núcleo-substantivo. Observe:

- à direita → elipse do substantivo "mão"
- à esquerda → elipse do substantivo "mão"
- à francesa → elipse do substantivo "moda"
- ao natural → elipse do substantivo "modo"
- às cegas → elipse do substantivo "maneiras"
- à brasileira → elipse do substantivo "maneira"

b) É bastante comum a omissão da preposição nas locuções adverbiais de tempo.

- "Neste tempo, **que as âncoras levaram** Na sombra escura os Mouros escondidos Mansamente as amarras lhe cortavam, Por serem, dando à costa, destruídos." (Camões *apud* Mário Barreto) → (Omissão da preposição "em" antes do relativo "que")
- "Natividade não dormiu **aquela noite** sem obter do marido que a deixasse ir com a irmã à cabocla. (Machado de Assis) *omissão da preposição "em"*
- "Tem dias **que a gente se sente** → (Omissão da preposição "em")
  como quem partiu ou morreu." (Chico Buarque)
- "Pouquíssimas palavras lhe ouvi na meia hora **que se deteve conosco**." (Camilo Castelo Branco)
  omissão da preposição "em"
- "Venho achar realizado aquele projeto em que eu te falei **a última vez que estivemos juntos**." (A. F. de Castilho)
  omissão da preposição "em"

- "**Uma noite que** ela se levantou a recebê-lo sem mais compostura que a que tinha na cama,..." (Manuel Bernardes)
- "**Uma noite**, estando à porta da loja de Manuel Procópio de Freitas, viu entrar um indivíduo, que procurava comprar aguardente." (Aluísio Azevedo)

8.4 ADJETIVOS ADVERBIALIZADOS

Em muitas situações, empregam-se adjetivos em função adverbial. Neste caso, o adjetivo, à semelhança do advérbio, permanecerá invariável.

- Acudiram algumas pessoas que **próximo** se encontravam.
- "A fisionomia de Bento Simões reanimou-se. – Falai **claro** uma vez ao menos, retrucou Ru Soeiro." (José de Alencar)
- "Para não cair foi-lhe preciso agarrar-se **forte** com ambas as mãos ao braço de Álvaro, arrimando-se em seu peito." (Bernardo Guimarães)
- "O tamanho do título como que lhe dobrava a magnificência, posto que, para ligá-lo ao nome, era **demasiado** comprido – esta segunda reflexão foi tio Cosme que a fez." (Machado de Assis)
- "Ao despedir-se, apertou-lhe com força a mão mole, bateu-lhe no ombro com intimidade, e disse **alto** e com ênfase: – Energia, marechal!" (Lima Barreto)

8.5 GRAUS DO ADVÉRBIO

É no mínimo curioso falar-se em "flexão de grau" de uma classe essencialmente invariável como é o advérbio. De fato os advérbios não variam. Excepcionalmente, alguns (especialmente os de "tempo, modo, lugar, intensidade") admitem a flexão de grau, cuja formação é bastante semelhante à do grau dos adjetivos.

COMPARATIVO
- → **de igualdade** = forma-se com o advérbio "tão"
- → **de superioridade** = forma-se com o advérbio "mais"
- → **de inferioridade** = forma-se com o advérbio "menos"

SUPERLATIVO
- **RELATIVO**
  - → **de superioridade** = forma-se com "o mais"
  - → **de inferioridade** = forma-se com "o menos"
- **ABSOLUTO**
  - → **sintético**
  - → **analítico**

Observe os exemplos de flexão de grau do advérbio:

- Fala **tão bem** quanto um professor. (grau comparativo de igualdade)
- Andava **mais depressa** do que a maioria do grupo. (grau comparativo de superioridade)
- Falou **menos prudentemente** do que o orientador dele. (grau comparativo de inferioridade)
- Abordou o assunto **o mais superficialmente** que pôde. (grau superlativo relativo de superioridade)
- Abordou o assunto **o menos superficialmente** que pôde. (grau superlativo relativo de inferioridade)

8.6 ADVÉRBIOS LATINOS

Nos estilos literário e jurídico, é bastante comum a presença de advérbios latinos, isto é, escritos em latim. Busca-se, com a citação de outra língua, conferir maior credibilidade ou dar maior ênfase àquilo que se escreve. Observe alguns desses advérbios:

- ***a posteriori*** = pelo que segue
- ***ab initio*** = desde o início
- ***ad nutum*** = ao arbítrio
- ***ad cautelam*** = por cautela
- ***a priori*** = segundo um princípio anterior
- ***ad hoc*** = eventualmente
- ***ab intestato*** = sem testamento
- ***ad domum*** = em casa

- ***ad judicia*** = para o juízo
- ***data venia*** = com sua licença
- ***ex expositis*** = do que ficou exposto
- ***ex positis*** = do que ficou assentado
- ***ipsu facto*** = em virtude desse fato
- ***lato sensu*** = em sentido amplo
- ***maxime*** = principalmente
- ***retro*** = atrás
- ***sine die*** = indeterminadamente
- ***statu quo*** = no estado em que
- ***sui generis*** = de gênero próprio
- ***ad litem*** = para a lide
- ***ex abrupto*** = repentinamente
- ***ex officio*** = oficialmente
- ***exempli gratia*** = por exemplo
- ***ipsis litteris*** = literalmente
- ***pari passu*** = em igual passo
- ***mutatis mutandis*** = com as devidas mudanças
- ***pro forma*** = por mera formalidade
- ***sic*** = assim
- ***stricto sensu*** = em sentido restrito
- ***verbi gratia*** (abrevia-se "v.g.") = por exemplo

8.7 PARTICULARIDADES SOBRE OS ADVÉRBIOS

1. **Quando se coordena mais de um advérbio terminado em "-mente" (série gradativa), se não houver necessidade de ênfase, só se coloca o sufixo adverbial no último elemento.**

- "Isaías, que foi de todos os profetas o que mais própria e **elegantemente** soube falar, não só intensiva mas **extensivamente**..." (Pe. Antônio Vieira)
- "As mãos do sacerdote deixam muitas vezes umedecida a tela que veste os altares com vestígios do sangue derramado covarde e **vilmente**." (A. Herculano)
- "Conquistai pacífica e **legalmente**, pois, o uso das instituições liberais, reassumi a vossa soberania constitucional, ascendei ao governo de vós mesmos, e sereis felizes moralizados, invencíveis." (Rui Barbosa)
- "Quando se oferece esse ensejo, o chefe, hábil em capitanear, deixar-se-á de reticências e reservas, anunciando valorosa e **lucidamente** uma política, que consubstancie e interprete os sentimentos mal conscientes do povo." (Rui Barbosa)

2. **Há vários vocábulos na língua portuguesa que ora aparecem como advérbios, or como pronomes, adjetivos e numerais. Para se determinar a classe morfológica a que pertencem tais palavras, devem-se levar em conta os seguintes critérios:**

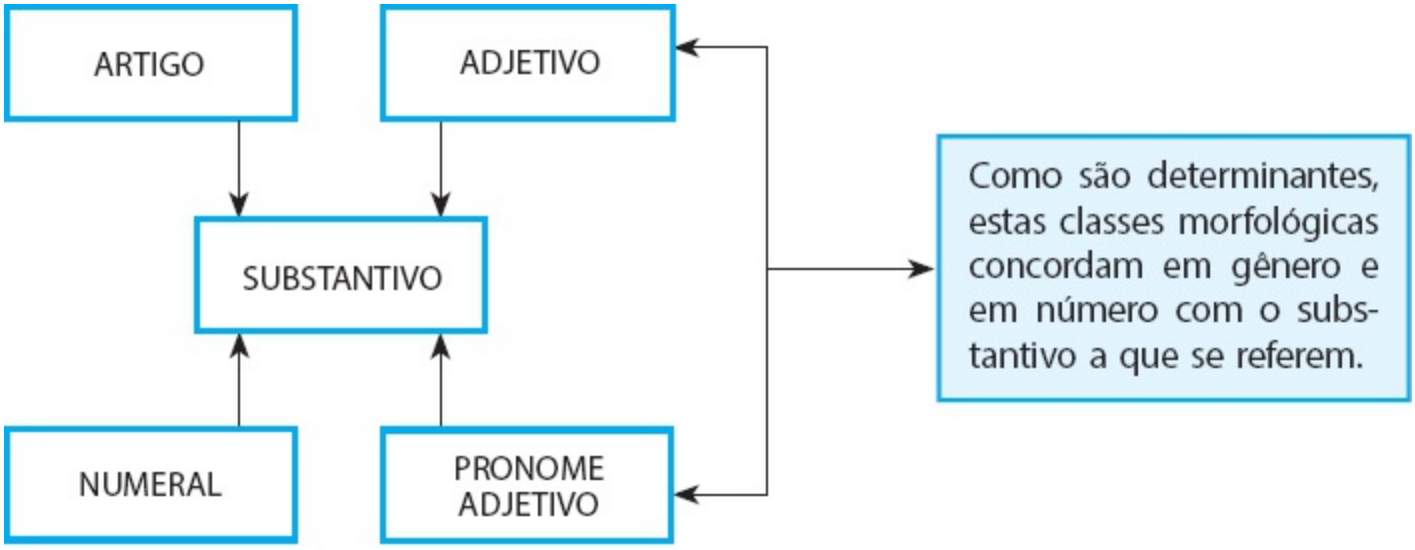

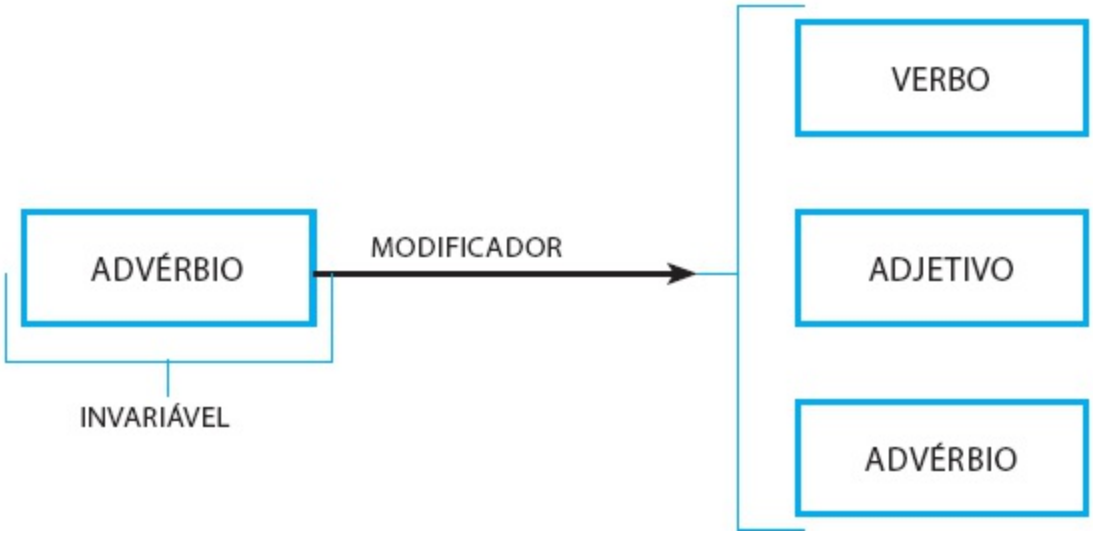

- Ela usa **meias** verdades.
  numeral
- Tomamos **muito** sorvete.
  pronome indefinido
- Já andei por **longes** terras.
  pronome indefinido
- Li os livros **todos** da biblioteca dele.
  pronome indefinido
- O **próximo** capítulo fala sobre o amor.
  adjetivo
- Este mamão é **caro**.
  adjetivo
- Havia **bastantes** alunas no evento.
  pronome indefinido
- Falou **poucas**, mas belas palavras.
  pronome indefinido

- Ele encontra-se **meio** adoentado.
  advérbio
- O sorvete estava **muito** gelado.
  advérbio
- Ele mora **longe**.
  advérbio
- No acidente, ele ficou **todo** ensanguentado.
  advérbio
- Fiquei **próximo** do local do acidente.
  advérbio
- Estas frutas custam **caro**.
  advérbio
- Elas falavam **bastante**.
  advérbio
- Ele falou **pouco**.
  advérbio

3. Alguns advérbios podem construir-se com a conjunção "que": "talvez que, certamente que, sem dúvida que, decerto que, felizmente que".

- “A ameaça só ela a ouviu; e, se eu tivesse sido aviltado no conceito de Teresa pelos insultos do miserável, **talvez que** ela os não repetisse.” (Camilo Castelo Branco)
- “Eu não lhe quero mal, minha senhora, **certamente que** não!” (Eça de Queiroz)
- “Ela riu-se. – **Decerto que** não...
  Basílio disse então, lentamente, fitando o chão: – Ah! Outros tempos!” (Eça de Queiroz)

4. Em linguagem formal, é preferível usar-se “mais bem” e “mais mal” quando são seguidos de um particípio. Quando não, usam-se as formas sintéticas “melhor” e “pior”.

- “Se alguns desses alvitres, ou qualquer outro que se possa imaginar, será **mais bem** aceito aos conservadores do que o plano de cauteloso ensaio esboçado por Mr. Gladstone, (...).” (Rui Barbosa)
- “O nosso opugnador certamente conhece **melhor** do que nós a obra *ex-professo* de Stuart Mill *On representative government.*” (Rui Barbosa)

5. No trato familiar e no trato mais afetivo, é bastante comum a formação do grau diminutivo de alguns advérbios.

- Ele vai aqui **pertinho**.
- Hoje ele acordou **melhorzinho**.
- **Cedinho, cedinho** eu quero partir.
- Dê-me um **pouquinho** de tempo, por favor.

6. A palavra “todo”, quando empregada em função circunstancial (adverbial), concorda frequentemente com o termo a que ela modifica. A despeito de esta flexão ser condenada por alguns puristas da língua, encontramo-la nos maiores conhecedores do idioma português.

- “E ela era bela, de uma beleza **toda** judaica.” (A. Garrett)
- “A santa mulher chega ao marido **toda** envergonhada, e lhe confessa que...”. (F. Castilho *apud* Mário Barreto)
- “O senhor Ricardo levou-me a uma sala espaçosa, e **toda** adornada de cadeiras de almofada.” (Camilo Castelo Branco)
- “...interrompeu ela sorrindo-se, e lançando-se-lhe nos seus braços **toda** vermelha e com os olhos nadando em lágrimas.” (Rebêlo da Silva *apud* Mário Barreto)

7. O advérbio de dúvida “talvez”, anteposto ao verbo, exige que este seja flexionad no modo subjuntivo.

- "**Talvez**, porém, os instintos generosos da nação lhe revelassem essas qualidades subalternas..." (Rui Barbosa)
- "**Talvez** esteja começando o meu delírio. Deixa ver o espelho." (Machado de Assis)

8. Alguns advérbios de lugar são empregados, muitas vezes, em correspondência com alguns pronomes demonstrativos. E equivalem, respectivamente, a:

a) aqui, cá → correspondem ao demonstrativo "este" = neste lugar

b) aí → corresponde ao demonstrativo esse = nesse lugar

c) ali, acolá, lá → correspondem ao demonstrativo "aquele" = naquele lugar

- "Bateu-o, felizmente, a onda impetuosa do Sul. **Aqui**, a aclimação mais pronta, em meio menos adverso, emprestou, cedo, mais vigor aos forasteiros." (Euclides da Cunha)
- "Era ela; **aqui** estava a igreja, **ali** a cadeia, **acolá** a farmácia, donde vinham os medicamentos para o outro Quincas Borba." (Machado de Assis)

9. O "onde" é um pronome relativo que apresenta função sintática de adjunto adverbial de lugar. Daí ser chamado também de "advérbio relativo". Quando o "onde" apresenta antecedente explícito, equivale a "em que". Quando não apresenta antecedente explícito, equivale a "o lugar em que".

- "Verdes mares bravios de minha terra natal, **onde** canta a jandaia nas frondes da carnaúba." (José de Alencar)
- "O esposo da herdeira presuntiva ainda não se deu a conhecer às classes populares, na capital **onde** reside." (Rui Barbosa)

10. Em estruturas que apresentam mais de uma negação, é bastante comum a substituição do advérbio "não" por "nem".

- "**Não** cinco, nem dez, nem vinte contos, mas tudo, o capital inteiro, especificados os bens casas na Corte..." (Machado de Assis)
- "No mesmo sepulcro **não** há porvir de esperança, nem porventura, luz de consolação." (A Herculano)

11. O advérbio "aqui" em algumas ocasiões expressa "tempo".

- "Calaram-se todos, inclinaram-se os bustos, atentos, esperando. Aqui fiquei com medo." (Machado de Assis *apud* Sousa da Silveira)

12. "Além" e "aquém" são advérbios de lugar e significam "da parte de lá" e "da

parte de cá", respectivamente.

- "E hoje quem segue pelo caminho de Queimadas, trilhando um solo abrolhando cactos e pedras, ao divisá-la, das cercanias de Quirinquinquá, duas léguas **aquém**." (Euclides da Cunha)
- "Subitamente, no meio deste silêncio, alguns esculcas e vigias lançados **além** do rio na margem direita, creram perceber um ruído longínquo." (A. Herculano)

13. É importante distinguir o advérbio "só" – que significa "apenas, somente" – do adjetivo "só" – que significa "sozinho(a)".

- *advérbio = somente, apenas*
  "Só ao primeiro magistrado na dinastia incumbe o direito de praticá-los." (Rui Barbosa)
- *adjetivo = sozinha*
  "Ficando só, a nossa amiga foi sentar-se à porta de casa, no jardim." (Machado de Assis)

14. "Assim" é um advérbio de modo. É empregado em muitas construções em função conclusiva, equivalendo a "dessa forma, sendo assim, desse modo, por isso".

- "Bem haja ela, porque **assim** amou a justiça e serviu a causa da verdade!" (Rui Barbosa)
- "As estrelas são muito distintas e muito claras. **Assim** há de ser o estilo da pregação; muito distinto e muito claro." (Pe. Antônio Vieira)

⇨ Observação:

Em algumas situações, o advérbio "assim" pode se referir a um substantivo. É uma rara exceção à regra de que os advérbios modificam "verbos, adjetivos e outros advérbios".

- "Nunca morrer assim! Nunca morrer num dia
  Assim! de um sol **assim**!" (Olavo Bilac)
- "Mas aquela pergunta **assim**, vaga e solta, não pude atinar o que era." (Machado de Assis)

15. É importante também não confundir o advérbio de modo "alerta" com o substantivo "alerta" – este com o sentido de "aviso, sirene".

- "Não fechara a porta, de propósito; estava alerta, ao primeiro rumor saltaria." (Aluísio Azevedo)
  advérbio
- Soaram dois alertas no Corpo de Bombeiros.
  substantivo

16. Nos advérbios em "-mente", derivados de adjetivos com acento agudo ou circunflexo, estes acentos são suprimidos na formação do advérbio. Observe:

- ávido → avidamente
- débil → debilmente
- fácil → facilmente
- ingênuo → ingenuamente
- lúcido → lucidamente
- único → unicamente
- cortês → cortesmente
- só → somente
- espontâneo → espontaneamente

8.8 PALAVRAS E LOCUÇÕES DENOTATIVAS

A Nomenclatura Gramatical Brasileira, provavelmente esteada nas preciosíssimas lições do professor José Oiticica[1], classifica à parte certas palavras e expressões, antes consideradas advérbios. De acordo com as suas significações, tais palavras, chamadas de "denotativas", podem exprimir:

a) Exclusão → apenas, só, somente, exceto, senão, salvo, sequer

- **Só** ela me entende.
- Todos, **senão** Pedro, poderiam ajudá-lo naquele momento.
- **Apenas** nós ficamos lá.

b) Inclusão → também, até, inclusive, ademais, além disso

- **Até** João dançou naquela noite.
- Eu **também** irei.

c) Explicação → isto é, a saber, por exemplo, *verbi gratia*

- "Os coleópteros, **por exemplo**, têm metamorfoses completas." (José Oiticica)
- Entregou-me todos os bens, **isto é**, um caro, uma lancha, e um helicóptero.

d) Designação → eis

- **Eis** o meu maior amor: Jesus Cristo.

e) Correção ou retificação → aliás, digo, ou melhor, isto é

- Na turma éramos quatro bons amigos, **aliás**, cinco.

8.9 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (UFCE) Marque a alternativa que preenche corretamente todas as lacunas numeradas.

Palavra	Classificação morfológica	Processo de formação
gradil	1	derivação sufixal
enferrujar	verbo	2
outrora	3	4

a) (1) substantivo
(2) derivação sufixal
(3) adjetivo
(4) derivação sufixal

b) (1) adjetivo
(2) derivação parassintética
(3) adjetivo
(4) composição

c) (1) adjetivo
(2) derivação sufixal
(3) advérbio
(4) composição

d) (1) substantivo
(2) derivação parassintética
(3) adjetivo
(4) derivação sufixal

e) (1) substantivo
(2) derivação parassintética
(3) advérbio
(4) composição

2. (Ufam) Assinale o item em que a palavra *que* desempenhas a função de advérbio:

a) Que fizeste dos meus livros?
b) Que bonitos olhos tens!
c) Que troféu ainda te falta?
d) Que és muito feliz, eu bem o sei.
e) Quase que você acerta tudo.

3. UFMG) As expressões destacadas correspondem a um adjetivo, exceto em:

a) João Fanhoso anda amanhecendo **sem entusiasmo**.

b) Demorava-se **de propósito** naquele complicado banho.
c) Os bichos **da terra** fugiam em desabalada carreira.
d) Noite fechada sobre aqueles ermos perdidos da caatinga **sem fim**.
e) E ainda me vem com essa conversa de homem **da roça**.

4. (UFV-MG) Em todas as alternativas há dois advérbios, exceto em:

a) Ele permaneceu muito calado.
b) Amanhã, não iremos ao cinema.
c) O menino, ontem, cantou desafinadamente.
d) Tranquilamente, realizou-se, hoje, o jogo.
e) Ela falou calma e sabiamente.

5. (UFC-CE) A opção em que há um advérbio exprimindo circunstância de tempo é:

a) Possivelmente viajarei para São Paulo.
b) Maria teria aproximadamente 15 anos.
c) As tarefas foram executadas concomitantemente.
d) Os resultados chegaram demasiadamente atrasados.

6. (Unimep-SP) Em "... um **aborrecimento** quando **os** vejo e gostaria de **não** vê-los mais" as palavras destacadas são, respectivamente:

a) adjetivo, artigo, advérbio.
b) adjetivo, pronome, pronome.
c) substantivo, pronome, advérbio.
d) substantivo, artigo, pronome.
e) verbo, pronome, preposição.

7. (Cesgranrio-RJ) Assinale a alternativa em que a preposição **com** traduz uma relação de instrumento.

a) "Teria sorte nos outros lugares, com gente estranha."
b) "Com o meu avô cada vez mais perto do fim, o Santa Rosa seria um inferno."
c) "Não fumava, e nenhum livro com força de me prender."
d) "Trancava-me no quarto fugindo do aperreio, matando-as com jornais."
e) "Andavam por cima do papel estendido com outras já pregadas no breu."

8. (PUC-SP) No trecho:

"Os trens **de** *cana apitavam de quando em vez, mas* **não** *davam* **vencimento** *à* **fome** *das moendas", as palavras destacadas correspondem, morfologicamente, pela ordem, a:*

a) preposição, advérbio, verbo, substantivo.
b) conjunção, advérbio, substantivo, adjetivo.
c) preposição, advérbio, adjetivo, adjetivo.
d) preposição, advérbio, verbo, advérbio.
e) preposição, advérbio, substantivo, substantivo.

9. (PUCC-SP) Os seus projetos são os ... elaborados, por isso garantem verbas ... para sua execução e evitam ... -entendidos.

a) melhor – suficientes – mal
b) mais bem – suficientes – mal
c) mais bem – suficiente – mal
d) melhor – suficientes – mau
e) melhor – suficiente – mau

10. (UMC-SP) Em: "uma cerca **de pedra-seca**, do tempo dos escravos" e "Tudo é mato, crescendo **sem regra**.", as locuções destacadas são, respectivamente:

a) adjetiva e adjunto adnominal; adverbial e adjunto adverbial.
b) adverbial e objeto indireto; adjetiva e predicativo.
c) adjetiva e adjunto adverbial; adverbial e adjunto adnominal.
d) adjetiva e complemento nominal; adverbial e adjunto adnominal.
e) adverbial e adjunto adnominal; adjetiva e complemento nominal.

11. (Cesgranrio-RJ) Assinale a alternativa em que a locução destacada tem valor adjetivo.

a) "Comprei móveis e objetos diversos que entrei a utilizar **com receio**."
b) "Azevedo Gondim compôs **sobre ela** dois artigos."
c) "Pediu-me **com voz baixa** cinquenta mil-réis."
d) "Expliquei **em resumo** a prensa, o dínamo, as serras..."
e) "Resolvi abrir o olho para que vizinhos **sem escrúpulos** não se apoderassem do qu era delas."

GABARITO

1 – E	2 – B	3 – B
4 – A	5 – C	6 – C
7 – D	8 – E	9 – B
10 – A	11 – E	

[1] Oiticica, José. *Manual de análise léxica e sintática*. 10. ed. Rio de Janeiro: Paulo de Azevedo Ltda., 1953. p. 50-55.

CAPÍTULO 9

CONJUNÇÃO

9.1 DEFINIÇÃO

É a classe de palavra invariável que liga duas orações entre si, estabelecendo um vínculo de coordenação ou de subordinação.

Observe:

- Os funcionários informaram ao chefe **que** a máquina não estava funcionando bem.
  1.ª oração — 2.ª oração
- **Quando** a moça chegou, todos se levantaram imediatamente.
  1.ª oração — 2.ª oração
- O governo aumentou a taxa de juros **e** diminuiu o acesso ao crédito consignado.
  1.ª oração — 2.ª oração

⇨ Observação:

Em alguns casos, a conjunção pode funcionar como um nexo entre duas palavras de mesma função sintática. É, por exemplo, o que frequentemente ocorre com a conjunção aditiva "E". Observe abaixo:

a) Chegou cedo **e** foi para a cidade a fim de comprar pão. (A conjunção aditiva "e" liga duas orações)

b) João **e** Maria foram ao centro da cidade. (A conjunção aditiva "e" liga duas palavras

9.2 CLASSIFICAÇÃO

Pode-se inicialmente classificar as conjunções quanto à forma. Serão "simples" quando formadas por um único vocábulo (se, e, mas, quando, enquanto etc.). Serão "locucionais" (locuções conjuntivas) quando formadas por mais de um vocábulo (uma vez que, à medida que, para que etc.).

A principal classificação das conjunções, entretanto, leva em conta o significado da conjunção e a possibilidade de ela estabelecer “coordenação” ou “subordinação”. Por este critério, as conjunções são classificadas em:

9.2.1 COORDENATIVAS

As conjunções coordenativas são aquelas que ligam orações que apresentam a mesma função na frase. De acordo com a relação que expressam, as conjunções coordenativas são classificadas em:

1. **ADITIVAS** → Chamadas também de “copulativas” ou “aproximativas”, as conjunções aditivas ligam duas orações, aproximando-as numa relação de soma, de adição.

E, NEM, TAMBÉM, BEM ASSIM, BEM COMO, NÃO SÓ... MAS (TAMBÉM), NÃO SÓ... BEM COMO, QUE (= E).

- “– Pois sim, será; que disso nada sei, **nem** sou lida e sabida como tu...” (A. Garrett)
- “... porque ela se acha mencionada em muitos documentos, **não só** de outras províncias de Espanha, **mas também** de diversos países, como se pode ver em Ducange, à palavra Arapennis.” (A. Herculano)
- “Agora que o trem de ferro
  Acorda o tigre no cerro
  E espanta os caboclos nus,
  Fazei desse ‘rei dos ventos’
  – Ginete dos pensamentos,
  – Arauto da grande luz!...” (Castro Alves)

⇨ Observações sobre as conjunções aditivas:

a) A conjunção “e”, quando une palavras, funciona no mais das vezes como “aproximativa”, isto é, indica mera relação de nexo. Por isso, é comumente suprimida, sem ofensa do sentido, em uma série coordenada e só se expressa entre o penúltimo e o último termo.

- Pedro, João **e** Paulo partiram para o interior de São Paulo em busca de emprego.

b) A conjunção “e” pode ligar duas orações de valores opostos. Neste caso, a conjunção “e” equivalerá a “mas”, uma vez que a 2.ª oração estabelece uma oposição em relação à 1.ª oração.

- “Miguel, Miguel, não tens abelhas, **e** (= mas) vendes mel”. (provérbio)
- “Não era cristão Platão, **e** (= mas) mandava na sua República que nenhum oficial pudesse aprender duas artes.” (Pe. A. Vieira *apud* A. Epiphanio da Silva Dias)

c) A conjunção “e” pode assumir diversos valores em uma estrutura oracional. Observe:

- “Qualquer movimento, **e** será um homem morto.” (A. Filho *apud* Celso Cunha)
  expressa uma conclusão
- “Ia decorá-la **e** transmiti-la ao irmão e à cachorra.” (G. Ramos *apud* Celso Cunha)
  expressa uma finalidade
- Esperei mais algumas palavras. Não vieram – **e** saí desapontado.” (G. Ramos *apud* Celso Cunha)
  expressa uma consequência

d) A conjunção “nem” pode ser tanto aditiva (aproximativa) quanto alternativa (disjuntiva). Quando aditiva, equivale a “e nem” e liga frases negativas. Quando alternativa, ela se repete em cada uma das orações.

- Não fez a tarefa, **nem** preparou o trabalho que a professora pedira.
  conjunção aditiva = e nem
- Hoje, em virtude da doença, **nem** vai ao trabalho, **nem** vai à escola.
  conjunção alternativa

⇨ Observação:

Nem toda repetição da conjunção “nem” irá caracterizar uma alternância, conforme se observa no exemplo abaixo:

- “Sem ele, talvez o Brasil não tivesse derrotado **nem** o complexo de inferioridade de sua sociedade em geral **nem** o racismo velado que se manifestava até no futebol.” (Clóvis Rossi, Folha S. Paulo, 07.04.2002)

→ No exemplo acima, o par “nem... nem...” expressa adição negativa. O segundo “nem” equivale a “e nem”.

e) Na linguagem coloquial, é comum o emprego de “mais” em lugar da conjunção aditiva “e”. Saliente-se que este emprego é desabonado pelo padrão mais formal da linguagem.

- Fernando **mais** Felipe foram comprar algumas cervejas.
  uso coloquial → mais = “e”

f) Algumas conjunções aditivas são frequentemente empregadas em construções paralelas introduzidas geralmente por “não só...”. Tais conjunções encerram verdadeiras construções correlatas.

CONJUNÇÕES CORRELATAS ADITIVAS

- não só... mas também...
- não só... mas ainda...
- não só... senão também...
- não só... senão que...
- não só... bem como...

- "**Não só** a cobiça e o desenfreamento da soldadesca multiplicavam aí as cenas de rapina de violência e de sangue, **mas também** a política dos capitães árabes procurava aumentar a terribilidade desses dramas repetidos para quebrar os ânimos dos godos e persuadi-los à submissão." (A. Herculano)
- "... sabem que Isaura **não só** era dotada de espírito superior, **como também** recebera a mais fina e esmerada educação, não lhe estranharam a distinção das maneiras, a elegância e elevação da linguagem..." (Bernardo Guimarães)

2. **ADVERSATIVAS** → São as conjunções que unem pensamentos ou ideias contrárias, opostas. A principal conjunção adversativa na língua portuguesa é o "MAS". Apresentam também força adversativa os seguintes conectores:

PORÉM, CONTUDO, TODAVIA, ENTRETANTO, NO ENTANTO, SENÃO, QUE (= MAS), AINDA ASSIM

- "É uma lira, **mas** sem cordas; uma primavera, **mas** sem flores; uma coroa de folhas, **mas** sem viço." (Álvares de Azevedo)
- "– Pois o que vais tu ser, homem, **senão** um sujeito às ordens do S. Fulgêncio, do horrendo careca?" (Eça de Queiroz)
- "Bem sei que te rasguei o coração, porque tu me amavas deveras, **mas** já tenho expiado de sobra o mal que te fiz." (Casimiro de Abreu)
- "O firmamento límpido arqueia-se alumiado ainda por um Sol obscurecido, de eclipse. A pressão, **entretanto**, decai vagarosamente, numa descensão contínua, afogando a vida." (Euclides da Cunha)

⇨ Observações sobre as conjunções adversativas:

a) A despeito de serem adversativas, a conjunção "porém" distingue-se de "mas" por indicar oposição mais forte que esta. Ademais, a conjunção "porém" poder ser *pospositiva*, isto é, pode ser posta depois do termo coordenado, ao passo que "mas" é sempre prepositiva, pois sempre vem antes do termo coordenado.

- “A Bruzundanga era um sarcófago de mármore, ouro e pedrarias, em cujo seio, **porém**, o cadáver mal embalsamado do povo apodrecia e fermentava.” (Lima Barreto)
- “Itaquê curvara a cabeça. Ele ouviu brandir a arma; não era, **porém**, aquele o zunido da corda do arco, quando o vergava sua mão possante.” (José de Alencar)

b) A conjunção adversativa “senão” pode apresentar os seguintes sentidos (valores): a não ser, do contrário, caso contrário, mas sim.

- “O braço de Itaquê defendeu sempre a nação tocantim; quer ela ser defendida agora pela palavra daquele, que não tem mais para dar-lhe **senão** (= a não ser) a experiência de sua velhice?” (José de Alencar)
- “Não obteve aplausos nem respeito, **senão** (= mas sim) escárnio e menoscabo.” (A. Houaiss)
- Transmita imediatamente esta mensagem, **senão** (= do contrário, caso contrário) será despedido.
- “A definição do pregador é a vida e o exemplo. Por isso Cristo no Evangelho não o comparou ao semeador, **senão** (= mas sim) ao que semeia.” (Pe. Antônio Vieira)

c) A conjunção “senão” pode juntar-se ao advérbio “quando”, formando a locução adverbial “senão quando”, com o sentido de “de repente, inesperadamente, quando menos se esperava”.

- “**Senão quando**, morre-lhe o padrinho ao Gouveia, e em testamento deixou ao afilhado três contos de réis.” (Machado de Assis)

d) As conjunções “entretanto, no entanto” podem ser empregadas como advérbios de tempo, com o sentido de “nesse tempo, nesse meio termo, nesse ínterim, entrementes”.

- “E sentia-se esvaecer e, pouco a pouco, adormecia e, dali a pouco, roncava. **Entretanto** no castelo tinham dado pela sua falta. Esperaram-no até à noite; esperaram-no uma semana, um mês, um ano, e não o viam voltar.” (A. Herculano)

3. ALTERNATIVAS OU DISJUNTIVAS → São conjunções que ligam ideias e pensamento que se alternam ou que se excluem.

OU, OU... OU, SEJA... SEJA, QUER... QUER, NEM... NEM, ORA... ORA, SEJA... SEJA.

- **Ou** ele vai para a reunião, **ou** eu vou representá-lo.
- **Ora** diz que não foi ele, **ora** diz que participou do crime.

- **Quer** o governo queira, **quer** o governo não queira, todos farão greve.
- **Nem** um **nem** outro participarão do evento.
- "Pois olhe, **quer** me creia, **quer** não, tenho-lhe conhecido mais de uma dúzia de chichisbéus, não falando do padre capelão, que esse ainda agora lhe fornece a garrafeira, à nossa custa, entende-se." (Camilo C. Branco)

⇨ Observações sobre as conjunções alternativas:

a) A alternância (disjunção) efetuada com a conjunção "ou" pode ser "inclusiva", quando os elementos se somam, ou "exclusiva", quando os elementos se excluem. Veja:

- Maçã **ou** mamão fazem bem ao intestino. (alternativa includente)
- João **ou** Pedro ganhará o prêmio de literatura este ano. (alternativa excludente)

b) A alternância efetuada pelo par "ou... ou..." sempre será "excludente".

- **Ou** você fica conosco, **ou** partirá para a casa de sua avó.
- **Ou** o governo aumenta o quantitativo de policiais, **ou** a violência dominará as ruas das grandes cidades.

4. CONCLUSIVAS OU ILATIVAS → São as conjunções que introduzem orações, em um período coordenado, as quais expressam uma conclusão, uma ilação em relação à primeira oração.

LOGO, PORTANTO, POR ISSO, POIS (posposto ao verbo), ENTÃO, ASSIM, POR CONSEQUÊNCIA, CONSEQUENTEMENTE, CONSEGUINTEMENTE.

- Ele estudou todo o assunto, deve **então** saber o sentido da expressão.
- A vida é breve; **por isso** devemos aproveitá-la bastante.
- "Dela depende inteiramente a higiene dos povos e o saneamento dos governos. É, **pois**, garantia conservadora por excelência, contanto que seja plena e ampla." (Rui Barbosa)

5. EXPLICATIVAS → São conjunções que explanam na segunda oração o sentido da primeira oração ou uma explicação para a primeira.

QUE, PORQUE, POIS (anteposto ao verbo), PORQUANTO.

- Não faça caso, **que** aqui estamos para ouvi-lo.
- Isso não é razão para a sua angústia, **porque**, afinal de contas, os negócios têm corrido bem.
- As estrelas giram em torno da Terra, **pois** a Terra tem um movimento de rotação em torno de seu eixo.

9.2.2 SUBORDINATIVAS

As conjunções subordinativas (também chamadas de "circunstanciais") ligam orações que exercem uma função sintática em relação a outra oração denominada de "principal ou subordinante". São dez as conjunções subordinativas:

1. **CAUSAIS** → São conjunções que subordinam ideias em que se exprime a causa, o motivo, a razão de ser da ideia principal.

QUE, PORQUE, PORQUANTO, COMO (no início da oração = JÁ QUE), SE (= JÁ QUE), DESDE QUE, POIS QUE, VISTO QUE, VISTO COMO, UMA VEZ QUE, COMO QUER QUE, DE MODO QUE

- O cavaleiro não se deteve, **que** lhe pareceu haver gente emboscada.
- Velho **que** era, evitava lugares altos e grandes emoções.
- Não ficaremos neste local, **porquanto** nos pretendem roubar.
- **Já que** assim o quis, mandei-o embora.
- **Como** não liberaram o dinheiro, teve de tirar um empréstimo.
- **Se** ela gosta de você, por que não vai procurá-la?

⇨ Observações sobre as conjunções causais:

a) Para que a conjunção "como" seja classificada como "causal", ela precisa vir no início d período e equivaler a "porque, já que".

- Como (= já que) não chegou no tempo estipulado, foi demitido.

b) Nem sempre é fácil a distinção entre uma conjunção causal e uma conjunção explicativa Para observar tal distinção, sugerimos estudar as orações subordinadas adverbiais causais, em sintaxe do período composto.

2. **CONCESSIVAS** → São conjunções que subordinam ideias em que se exprime uma açã contrária, oposta à ideia principal.

QUE, EMBORA, CONQUANTO, AINDA QUE, POSTO QUE, BEM QUE, SE BEM QUE, QUANDO MESMO, POR MAIS QUE, POR MENOS QUE, POR POUCO QUE, MESMO QUE, EM QUE PESE, APESAR DE QUE.

- **Embora** ele estivesse conosco, não poderia ter feito nada para salvar a vida do amigo.
- Não conseguirás tirar toda a sujeira, **quando mesmo** uses água sanitária.
- Tuas palavras, **que** fossem muitas, não atenuariam a dor daquele momento.
- **Por mais que** ele se explicasse, não convenceria o delegado da inocência dele.
- Ficarei na casa, **ainda que** haja opiniões contrárias.

⇨ Observações sobre as conjunções concessivas:

a) Perceba que as conjunções concessivas, ao lado das coordenativas adversativas, promovem as relações de oposição ou de contraste. Por isso, geralmente é possível se trocarem umas pelas outras. É preciso, porém, ficar atento à flexão verbal, já que as orações concessivas desenvolvidas exigem o verbo no modo subjuntivo.

- Resolveu continuar estudando, **mas** sabia que já não mais realizaria o seu sonho.

→ Resolveu continuar estudando, **embora** soubesse que já não mais realizaria o seu sonho.

- **Conquanto** ela deixasse a desejar em suas atitudes morais, Marta jamais abandonou o filho e os seus familiares.

→ Marta jamais abandonou o filho e os seus familiares, **entretanto** ela deixava a desejar em suas atitudes morais.

b) Não confunda a conjunção "conquanto" com a conjunção "porquanto". Esta pode ser causal ou explicativa, enquanto aquela é estritamente concessiva.

- Abandonou a empresa, **porquanto** (*conjunção causal*) não lhe pagaram as férias devidas.
- (*conjunção concessiva*) **Conquanto** tenha abandonado a empresa, não deixou que os filhos passassem fome.

c) Há outros articuladores na língua portuguesa que também expressam oposição concessiva. São eles "a despeito de, malgrado, não obstante".

- Comprou aquele carro usado, **malgrado** os conselhos em contrário que recebeu.
- **A despeito** da vigilância ativa da polícia militar, houve diversos assaltos no último final de semana.

d) Lembre-se de que, no português do Brasil, a conjunção "posto que" só é usada como concessiva, equivalendo a "embora, apesar de que, mesmo que, ainda que". Portanto, é erro crasso usar "posto que" no lugar de "já que, visto que, uma vez que" e vice-versa.

- "Pode crer-se que a intenção do Mateus era ser admirado e invejado, **posto que** ele não a confessasse a nenhuma pessoa." (Machado de Assis)
- "A mulher, **posto que** lhe apontassem já os cabelos brancos, rejubilou com isso." (Aluísio Azevedo)

3. **CONFORMATIVAS** → São conjunções que subordinam ideias em que se exprime a conformidade de um pensamento com o da ideia principal.

COMO, CONFORME, CONSOANTE, SEGUNDO.

- Tudo se anunciou **conforme** previra o astrólogo.
- Os advogados procederam **segundo** ordenava a lei.
- Eles fizeram tudo **consoante** lhes haviam determinado.

4. **CONSECUTIVAS** → São conjunções que subordinam ideias em que se exprime o efeito a consequência, o resultado do pensamento expresso na ideia principal.

QUE (precedido de "TÃO, TAL, TANTO, TAMANHO"), SEM QUE, DE MODO QUE, DE SORTE QUE, DE FORMA QUE, DE MANEIRA QUE.

- Falou tanto **que** ficou rouco.
- Não discute religião **sem que** não se exalte.
- "Deus, oh! Deus, onde estás **que** não respondes?" (Castro Alves)
- Ficou profundamente magoada com a atitude da criança, **de sorte que** não queria mais lecionar naquela turma.
- Viveu a vida sem restrições, **de modo que** o futuro lhe trouxe grandes dissabores.

⇨ Observações sobre as conjunções consecutivas:

a) Em muitas estruturas, os termos de reforço “tão, tal, tanto, tamanho” não aparecem – são elipsados da estrutura.

- Chove **que** é um horror! → Aqui temos a estrutura “Chove **TANTO que** é um horror!”.
- Ele fala **que** incomoda. → Aqui temos a estrutura “Ele fala **TANTO que** incomoda”.

5. CONDICIONAIS → São conjunções que subordinam ideias que exprimem a condição, a hipótese, a probabilidade para a ideia principal do período.

SE, CASO, CONTANTO QUE, SEM QUE, A NÃO SER QUE, SALVO SE, EXCETO SE, A MENOS QUE.

- Participaremos do evento, **salvo se** houver algum empecilho de última hora.
- Irei, **a não ser que** seja impedido por alguém.
- Elaborarei o projeto, **contanto que** ninguém dê palpite.
- Não começaremos a reunião **sem que** ele esteja presente.

6. COMPARATIVAS → São conjunções que estabelecem uma relação de comparação, d analogia com a ideia principal do período.

COMO, ASSIM COMO, TAL E QUAL, TAL QUAL, MAIS QUE OU DO QUE, MENOS QUE OU DO QUE, TANTO QUANTO, FEITO (= COMO).

- Ele é **tão** sábio **quanto** o irmão.
- O herói foi **tão** valente **quão** magnânimo.
- O Brasil foi colônia portuguesa, **assim como** a Argentina foi colônia espanhola.
- “Se mandasse fazer em postas e salgar o Sr. Quintino Bocaiúva, **tal qual** procedeu para com Ratcliff o fundador do império, não faltariam almas para lançar flores ao sangue dessas crueldades infames.” (Rui Barbosa)
- Parecia **mais** calmo **que** de costume.

7. FINAIS → São conjunções que estabelecem uma relação de fim (finalidade) com a idei principal do período.

QUE (= PARA QUE), PORQUE (= PARA QUE), PARA QUE, A FIM DE QUE.

- Fizemos tudo **para que** ele fosse aprovado em um concurso.
- "Tu que as gentes da terra tudo enfreias, **que** não passem o termo limitado." (Camilo C. Branco)
- Estudai **porque** sejais logo aprovado em um concurso.

⇨ Observações sobre as conjunções finais:

a) A conjunção "porque" expressando finalidade está em franco desuso na língua portuguesa contemporânea.

b) "A fim de" é uma locução prepositiva. "A fim de que" é uma locução conjuntiva. Amb indicam finalidade. A primeira emprega-se seguida de um infinitivo, pois se emprega com orações reduzidas. A segunda emprega-se com orações desenvolvidas.

- **A fim de** sair cedo, dormi pouco.
- **A fim de que** saísse cedo, dormiu pouco.

8. PROPORCIONAIS → São as conjunções que estabelecem uma relação de proporcionalidade em relação ao fato contido na oração subordinante.

À MEDIDA QUE, À PROPORÇÃO QUE, AO PASSO QUE, QUANTO MAIS... MAIS, QUANTO MAIS... MENOS, QUANTO MENOS... MAIS, QUANTO MENOS... MENOS.

- **À medida que** ele estuda, **mais** aprende.
- **Quanto mais** trabalha, **mais** acumula dinheiro.
- Os alunos se levantavam, **ao passo que** iam sendo chamados.

⇨ Observações sobre as conjunções proporcionais:

a) Não se esqueça de que "à medida em que" e "na medida que" são expressões que não existem em nossa língua. Surgiram como corruptela da conjunção proporcional "à medida que".

b) É essencial não confundir "à medida que" com "na medida em que". Esta introduz orações causais e equivale a "visto que, já que", enquanto aquela é essencialmente

proporcional e equivale a “à proporção que”.

9. **TEMPORAIS** → São conjunções que estabelecem o momento, o tempo da realização d fato contido na oração subordinante (principal).

ENQUANTO, DESDE QUE, LOGO QUE, ASSIM QUE, MAL (= LOGO QUE), ANTES QUE, DEPOIS QUE, ATÉ QUE, AGORA QUE, QUANDO, SEMPRE QUE, TODA VEZ QUE.

- “Não olhes para o vinho **quando** se mostra vermelho, **quando** resplandece no copo e se escoa suavemente.” (Provérbios 23:31)
- “Minha família, **depois que** lhe falei a seu respeito, está impaciente para conhecê-lo e desde já fica à sua espera.” (Aluísio Azevedo)
- “É a grande resolução que se toma nas grandes dificuldades da vida, **sempre que** é possível espaçá-las.” (Almeida Garret)
- “**Logo que** acabem de comer – continuou ele dirigindo-se ao feitor –, leveas para a colheita do café.” (Bernardo Guimarães)

10. **INTEGRANTES → São as conjunções que introduzem as orações substantivas, isto é, as orações que exercem para a oração principal uma das seguintes funções: sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto e predicativo.**

QUE, SE

- “O certo é **que** um complexo de circunstâncias lhes tem dificultado regime contínuo.” (Euclides da Cunha)
- “Meneses não sabia **se** tinha ou deixava de ter dinheiro.” (Lima Barreto)
- “Pádua obedeceu; confessou **que** acharia forças para cumprir a vontade de minha mãe.” (Machado de Assis)

⇨ Observação sobre as conjunções subordinativas:

Embora não seja reconhecida pela NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira), existe ainda uma conjunção (SEM QUE), que introduz orações que expressam circunstância de modo. Essa conjunção, por isso, é denominada de modal. Vejamos alguns exemplos:

- “Os meninos entraram **sem que** alguém reparasse neles, e foram colocar-se junto do oratório.” (Manuel A. de Almeida)
- “Agora, pensava em como entregar a carta **sem que** ninguém visse, sem escândalo.” (Adolfo Caminha)

9.3 UBIQUIDADE DAS CONJUNÇÕES

Como se sabe, em português, temos praticamente uma só (e importante) conjunção – QUE. As demais são, na maioria dos casos, advérbios que exercem a função conjuntiva ou locuções conjuntivas formadas a partir de verbos, substantivos e advérbios, associados à conjunção “QUE”.

Por isso, muitas conjunções – notadamente a conjunção QUE – podem estabelecer mais de uma relação (mais de um papel) dentro de um período. Quando isso ocorre, diz-se que a conjunção é “ubíqua”, isto é, que a conjunção tem a capacidade de expressar mais de uma relação, mais de um sentido.

Observe abaixo um rol sucinto de algumas conjunções ubíquas.

1 – SE

- Pedro só será aprovado **se** estudar. → **(conjunção condicional)**
- Não sabemos **se** Pedro será aprovado. → **(conjunção integrante)**
- Por que me enviaste para a missão **se** sabias que eu era fraco? → **(conjunção causal)**

2 – QUE

- Rezava **que** rezava, mas não espantava os maus pensamentos. → **(conjunção aditiva)**
- “De outras ovelhas cuidarei, **que** não de vós.” (A. Garrett) → **(conjunção adversativa)**
- Todos desejam **que** tu venhas logo. → **(conjunção integrante)**
- Velho **que** era, evitava lugares altos. → **(conjunção causal)**
- Nunca fui à casa do João, **que** não o achasse estudando. → **(conjunção consecutiva)**
- Não discute sobre futebol **que** não se exalte. → **(conjunção consecutiva)**
- Com o constrangimento, fez-se vermelha **que** nem romã. → **(conjunção comparativa)**
- “Porém cinco sóis já eram passados, **que** dali nós partimos.” (Camões) → **(conjunção temporal)**
- Chegados **que** fomos, todos iniciaram a reunião. → **(conjunção temporal)**
- Agora trata de fazer as coisas, **que** não lhe seja uma manhã inútil. → **(conjunção final)**

3 – COMO

- Ninguém sabe **como** ele aqui chegou. → **(conjunção integrante)**
- **Como** estivesse doente, faltei à aula. → **(conjunção causal)**
- O rosto de Maria é branco **como** a neve. → **(conjunção comparativa)**
- Falou **como** lhe convinha. → **(conjunção modal)**
- **Como** nos orientava o manual, elaboramos o projeto. → **(conjunção conformativa)**
- Falou que estaria com ele na riqueza **como** na pobreza. → **(conjunção aditiva)**

4 – DESDE QUE

- **Desde que** chegue cedo, poderá sair com os amigos. → **(conjunção condicional)**
- **Desde que** chegou, não parou de falar. → **(conjunção temporal)**

5 – QUANDO

- **Quando** falou, todos ficaram emocionados. → **(conjunção temporal)**
- **Quando** a criança chorava, ela cantava e cantava mais alto. → **(conjunção proporcional)**
- Gastaram dez dias a pé, **quando** gastariam cinco se fossem pelo mar. → **(conjunção adversativa)**

6 – E

- Chegou cedo a casa **e** pôs-se a escrever sobre o livro que lera. → **(conjunção aditiva)**
- Estudou bastante para o concurso, **e** não conseguiu nem sequer ficar entre os classificados. → **(conjunção adversativa)**

⇨ Observação final:

Entender o valor que a conjunção está expressando depende exclusivamente do contexto em que ela se encontra. Portanto, vale um conselho: não tente decorar os valores das conjunções. Seu esforço será inócuo. Tente, sim, entender o valor que ela está exprimindo na situação em que foi empregada.

9.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (Fuvest-SP) Nas frases abaixo, cada espaço pontilhado corresponde a uma conjunção retirada.

1. "Porém já inço sóis eram passados ... dali nos partíramos."
2. ... estivesse doente faltei à escola.
3. ... haja maus nem por isso devemos descrer doas bons.
4. Pedro será aprovado ... estude.
5. ... chova sairei de casa.

As conjunções retiradas são, respectivamente:

a) quando, ainda que, sempre que, desde que, como.
b) que, como, embora, desde que, ainda que.
c) como, que, porque, ainda que, desde que.
d) que, ainda que, embora, como, logo que.
e) que, quando, embora, desde que, já que.

2. (UEL-PR) Não gostava muito de novelas policiais; admirava, porém, a técnica de seus autores.

Comece com: *Admirava a técnica...*

a) visto como
b) enquanto
c) conquanto
d) porquanto
e) à medida que

3. (UEL-PR) A serem considerados os resultados, o trabalho foi eficiente.

Comece com: *O trabalho foi eficiente...*

a) desde que
b) ainda que
c) a menos que
d) embora
e) por isso

4. (PUC-SP) Assinale a alternativa que possa substituir, pela ordem, as partículas de transição dos períodos abaixo, sem alterar o significado delas.

"Em **primeiro lugar**, *observemos o avô.* **Igualmente**, *lancemos um olhar para a avó.*

__Também__ o pai deve ser observado. Todos são altos e morenos. __Consequentemente__, a filha também será morena e alta."

a) primeiramente, ademais, além disso, em suma
b) acima de tudo, também, analogamente, finalmente
c) primordialmente, similarmente, segundo, portanto
d) antes de mais nada, da mesma forma, por outro lado, por conseguinte
e) sem dúvida, intencionalmente, pelo contrário, com efeito

5. (Cesgranrio-RJ) Assinale o período em que ocorre a mesma relação significativa indicada pelos termos destacados em "A atividade científica é tão natural **quanto qualquer outra atividade econômica**".

a) Ele era tão aplicado, que em pouco tempo foi promovido.
b) Quanto mais estuda, menos aprende.
c) Tenho tudo quanto quero.
d) Sabia a lição tão bem como eu.
e) Todos estavam exaustos, tanto que se recolheram logo.

6. (Fuvest-SP) "Podem acusar-me: estou com a consciência tranquila." Os dois pontos (:) do período acima poderiam ser substituídos por vírgula, explicitando-se o nexo entre as duas orações pela conjunção:

a) portanto
b) e
c) como
d) pois
e) embora

7. (PUC-SP) Em:

"... ouviram-se amplos bocejos, fortes __como__ o marulhar das ondas..."

A partícula *como* expressa uma ideia de:

a) causa
b) explicação
c) conclusão
d) proporção
e) comparação

8. (Fuvest-SP) “Que não pedes um diálogo de amor, é claro, **desde que impões** a cláusu da meia-idade.”

O segmento destacado poderia ser substituído, sem alteração do sentido da frase, por:

a) desde que imponhas
b) se bem que impões
c) contanto que imponhas
d) conquanto imponhas
e) porquanto impões

9. (PUCC-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que ocorre uso **incorreto** de conjunção.

a) O homem criou a máquina para facilitar sua vida, e contudo ela correspondeu a ess expectativa.
b) Diga-lhe que abra logo a porta, que eu estou com pressa.
c) Ele tinha todas as condições para representar bem os colegas; nem todos lhe reconheciam os méritos, porém.
d) O problema é que ainda não se sabe se ele agiu conforme as normas da empresa.
e) Ao perceber o que tinha feito com seus livros, gritou que parecia um louco.

10. (PUC-SP) Nos trechos:

“Vejo três meninas caindo rápidas, enfunadas, **como** *se dançassem inda” e*
“... e a prima-dona com a longa cauda de lantejoulas riscando o céu **como** *um cometa”,*
as palavras destacadas expressam respectivamente ideias de:

a) comparação, objeto
b) modo, origem
c) modo, comparação
d) comparação, instrumento
e) consequência, consequência

GABARITO

1 – B	2 – C	3 – A
4 – D	5 – D	6 – D

7 – E	8 – E	9 – A
10 – C		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 10

PREPOSIÇÃO

10.1 DEFINIÇÃO

É a categoria gramatical invariável que tem por função ligar entre si duas palavras, subordinando uma à outra, para introduzir determinadas circunstâncias ou indicar posse, referência, origem, atribuição, causa, efeito etc. Portanto, a preposição é a palavra invariável de caráter essencialmente relacional.

Observe:

- Amanhã iremos à casa **de** Maria.
  A preposição "de" subordina "Maria" à "casa".
- A criança se encontra **com** febre.
  A preposição "com" introduz o termo atributivo "com febre".
- Deixá-lo-emos **em** Salvador e partiremos **para** São Paulo.
  As preposições "em" e "para" introduzem as circunstâncias de lugar.

Perceba que a principal "missão" das preposições é, de fato, subordinar um vocábulo ao outro. As palavras ligadas pela preposição chamam-se "**termos**" dela. O primeiro (subordinante ou regente) é chamado de "**antecedente**" e o segundo (subordinado ou regido) é chamado de "**consequente**".

Veja agora estes outros exemplos:

- Joana gosta **de** sair à noite.
  A preposição "de" subordina a oração "sair à noite" ao verbo "gostar".
- Tenho certeza **de** que amanhã Maria chegará.
  A preposição "de" subordina a oração "que amanhã Maria chegará" à "certeza".
- Eles anseiam **por** que a inflação não aumente.
  A preposição "por" subordina a oração "que a inflação não aumente" ao verbo "ansiar".

Observando as orações acima, percebe-se claramente que a preposição também subordina "orações" a certos vocábulos. Vê-se, portanto, que a preposição, à semelhança da conjunção, também subordina orações.

10.2 NEXOS PREPOSITIVOS NÃO REGENCIAIS – VALORES DE ALGUMAS PREPOSIÇÕES

De fato, o emprego da preposição se dá geralmente por questões de regência – subordinação de um termo a outro. Nem sempre, porém, isso ocorre. Em muitos casos, emprega-se a preposição para que ela estabeleça, junto ao núcleo do termo, um determinado valor. É o caso que se dá, por exemplo, com as locuções adverbiais. Perceba que a maioria delas é introduzida por um nexo prepositivo, que não foi oriundo de uma relação regencial. Quando se diz, por exemplo, "*João chegou à noite*", a preposição "a", que introduz a locução adverbial de tempo "à noite", estabelece com o substantivo "noite" uma noção de tempo. A preposição, nesse caso, não foi requisitada pelo verbo da estrutura, uma vez que ele é intransitivo. Foi usada tão somente para estipular / introduzir a relação de tempo.

Observe outros valores estipulados por nexos prepositivos não regenciais:

- Ele sempre fala muito **sobre** política.
  ↳ *assunto*
- Ele veio **de** Caruaru.
  ↳ *lugar, origem, procedência*
- Sairemos hoje **com** Maria.
  ↳ *companhia*
- Falaram **contra** nós dois.
  ↳ *oposição*
- A casa **de** Maria é bonita.
  ↳ *posse*
- Vendeu a casa **por** R$ 20.000,00.
  ↳ *preço*
- Dei-lhe algo **para** beber.
  ↳ *finalidade*
- Comprei um televisor **em** cores.
  ↳ *qualidade, estado*
- Morrer **pela** pátria.
  ↳ *motivação, favor*
- Ele morreu **de** fome.
  ↳ *causa*
- Todos se inclinaram **para** a frente.
  ↳ *direção, lugar*
- Atiraram **para** cima.
  ↳ *direção*
- Viajaremos **durante** as férias.
  ↳ *tempo*
- Nós iremos **de** avião.
  ↳ *meio*
- Fechou o portão **a** cadeado.
  ↳ *instrumento*
- Fez um omelete **com** dois ovos.
  ↳ *matéria*
- Todos ficaram **de** pé.
  ↳ *modo*
- Comprei uma casa **de** campo.
  ↳ *finalidade, destinação*

10.3 CLASSIFICAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES

No português, as preposições são classificadas em "essenciais" (palavras que só desempenham o papel estritamente de preposição) e "acidentais" (palavras de outra classe gramatical que eventualmente se usam como preposições).

a) São essenciais:

a	de	perante
ante	desde	por
após	em	sem
até	entre	sob
com	para	sobre
contra	trás	

b) São acidentais:

conforme (= de acordo com)	fora, afora
consoante (= de acordo com)	exceto
segundo (= de acordo com)	mediante (= por meio de)
como (= na qualidade de)	menos
durante	tirante
salvo	salvante

10.4 LOCUÇÕES PREPOSITIVAS

Em muitos casos, a função prepositiva é exercida por um conjunto de vocábulos que é finalizado por uma preposição. Neste caso, está-se diante das chamadas "**locuções prepositivas**". Geralmente, tais locuções apresentam como núcleo um substantivo ou um advérbio.

Abaixo há um sucinto rol das principais locuções prepositivas.

abaixo de	atrás de	em frente de
acerca de	através de	em lugar de
acima de	de acordo com	em redor de
a fim de	debaixo de	em torno de

além de	defronte de	em vez de
à maneira de	dentro de	fora de
antes de	de per	junto a
até a	depois de	não obstante
ao lado de	devido a	no caso de
ao invés de	diante de	para com
ao redor de	embaixo de	perto de
a par de	em cima de	por causa de
apesar de	em face de	por detrás de
a respeito de	em frente a	por trás de

Observe alguns exemplos:

- "Maldito seja aquele vendeiro de todos os diabos! Fazer-me um cortiço **debaixo das** janelas!..." (Aluísio Azevedo)
- "Duas vacas, guardadas por uma rapariga, apareceram então pelo caminho lodoso que d outro lado do rio, **defronte da** alameda, corre junto de um silvado." (Eça de Queiroz)
- "O olhar fascinado perturbava-se no desequilíbrio das camadas desigualmente aquecidas parecendo varar **através de** um prisma desmedido e intáctil." (Euclides da Cunha)
- "Esta protelação, inexplicável, esta reserva **acerca de** um programa feito, acabado, dependente apenas de uma formalidade elementar." (Rui Barbosa)
- "A cabocla foi sentar-se à mesa redonda que estava no centro da sala, virada para as duas. Pôs os cabelos e os retratos **defronte de** si." (Machado de Assis)

10.5 COMBINAÇÕES E CONTRAÇÕES DAS PREPOSIÇÕES

Observe o exemplo abaixo:

Ele foi um **daqueles** que sempre lutou **pela** pátria.

Veja que os dois termos em negrito aparecem com preposições:

- daqueles → de + aqueles
- pela → per (preposição arcaica) + a

Num período, pode uma preposição unir-se a outra palavra, passando a constituir com ela um só vocábulo. Nessa ligação, se a preposição permanece com todos os seus fonemas, diz-se que há "**combinação**"; se houver perda de fonema para algum dos componentes, diz-se que há "**contração**".

Listaremos abaixo alguns casos comuns de combinação e de contração:

a) Combinação da preposição "a" com os artigos definidos ou os pronomes demonstrativos "o, os" → ao, aos

b) Contração da preposição "a" com os artigos definidos ou os pronomes demonstrativos "a, as" → à, às (crase)

c) Contração da preposição "de" com artigos, certos pronomes e certos advérbios:

- de + o, a, os, as → **do, da, dos, das**
- de + um, uma, outro, outra → **dum, duma, doutro, doutra etc.**
- de + ele, ela, esse, aquele, aquilo, isto, isso (e suas flexões) → **dele, dela, desse, daquele, disto etc.**
- de + aqui, aí, ali, onde, antes → **daqui, daí, donde, dantes etc.**

d) Contração da preposição "em" com artigos e certos pronomes:

- em + o, a, os, as → **no, na, nos, nas**
- em + um, uma, outro, este, esse, aquele (e suas flexões) → **num, numa, noutro, neste, naquele etc.**

e) Contração da antiga preposição "per" (hoje substituída pela sua sinônima "por") com os artigos "o, a, os, as" → pelo, pela, pelos, pelas

⇨ Observação:

Quando rege infinitivos, a preposição não deve se contrair com artigos, advérbios e pronomes (orações reduzidas). Ademais, como geralmente os infinitivos apresentam sujeito próprio, é inadmissível que haja o preposicionamento do sujeito deste infinitivo.

sujeito do infinitivo

- Vamos, pois está na hora **do** ônibus passar. → construção errada. (Corrija-se: na hora **de o** ônibus passar.)

sujeito do infinitivo

- Não saímos de casa **pelo** carro estar quebrado. → construção errada. (Corrija-se: **por o** carro estar quebrado.)

O pronome "ele" é o sujeito do infinitivo.

- Comprei livros a fim **dele** estudar mais. → construção errada. (Corrija-se: a fim **de ele** estudar mais.)

O substantivo "assassino" é o sujeito do infinitivo "ser".

- O crime comoveu a todos **por o** assassino ser muito conhecido. → construção correta

10.6 REPETIÇÃO DAS PREPOSIÇÕES

Sem dúvida, um dos pontos que suscita dúvida diz respeito à repetição da preposição. Em muitas estruturas em que aparece mais de um termo subordinado a um outro termo por meio de uma preposição, a repetição da preposição deve levar em conta as seguintes orientações:

a) Diante de termos subordinados em que o determinante só ocorre perante o primeiro, é de praxe a preposição só aparecer no primeiro termo subordinado.

- "Tratou logo de aprestar a armada, que achou desbaratada **pelas** viagens e guerras de seu antecessor." (J. Freire *apud* Cláudio Brandão)
- "Pudera chamar abelhas aos holandeses **pela** arte e bom governo." (Pe. Antônio Vieira)
- "As aves, dando repouso às asas fatigadas do contínuo voejar **pelos** pomares, prados e balsedos vizinhos, começavam a preludiar seus cantos vespertinos." (Bernardo Guimarães)

⇨ Observação:

É possível, nestes casos, a repetição tanto da preposição quanto do determinante a fim de individualizar e ressaltar cada termo subordinado.

- "Cristo, nosso Salvador, é o verdadeiro Deus **dos** exércitos e **das** vitórias." (Pe. Antônio Vieira)
- "Maria é a divindade **da** inocência, **da** fraqueza e **do** infortúnio." (Camilo C. Branco)
- "Deus me livre de debater matéria tantas vezes disputadas, tantas vezes exaurida **pelos**

que sabem a ciência do mundo e **pelos** que sabem a ciência do céu!" (A. Herculano)

b) É frequente omitir-se a preposição antes do segundo e dos outros termos subordinados quando estes vêm desacompanhados de determinantes.

- "Vós ensinais-me a defender a honra **com** vida, santidade, exemplo e sofrimento." (Tomé de Jesus *apud* Cláudio Brandão)
- "... e lágrimas **de** ternura e religião rebentam de todos os olhos." (Camilo C. Branco)

⇨ **Observação:**

A repetição da preposição, entretanto, far-se-á necessária se se desejar pôr em relevo (ênfase) cada um dos termos subordinados.

- "**Com** espanto e ao mesmo tempo **com** alegria, percebi que se exprimia em romano rústico, o qual, daí a pouco, vi que o moço árabe falava como se fosse a própria linguagem." (A. Herculano)
- "E que **sobre** mirrados, **sobre** afogados, **sobre** comidos, ainda se vejam pisados e perseguidos dos homens..." (Pe. Antônio Vieira)
- "Todas as consciências, todos os caracteres, todas as alavancas morais das grandes causas farão, em torno de S. Ex.ª, um círculo **de** força, **de** inteligência, **de** probidade, **de** patriotismo, **de** desinteresse, **de** concentração intensa, perseverante, intransigente, a que nada resistirá." (Rui Barbosa)

c) Quando os termos subordinados se encontram precedidos por determinantes, é comum exprimir-se a preposição apenas diante do primeiro termo subordinado, omitindo-a para dos demais.

- "Essa noite, nas salas de Manuel, só se conversou **sobre** as boas qualidades e os bons precedentes do estimado cura do Rosário." (Aluísio Azevedo)
- "... suave é o refúgio dessa consolação oferecida pelos fastos de uma época heróica aos que padecem e esperam **contra** a aridez e a corrupção de nossos dias." (Rui Barbosa)
- "**Entre** os esplendores e as harmonias dessa inocente, querida e confortadora solenidade recolhamo-nos uns instantes à obscuridade silenciosa de nosso senso íntimo." (Rui Barbosa)

⇨ **Observação:**

Nestes casos, pode-se também repetir a preposição caso se queira dar mais ênfase a cada um dos termos subordinados.

- "As quatro filhas do Teixeira Azevedo, magrinhas, com os cabelos muito riçados, as

olheiras pisadas, passavam a sua tarde de dia santo, olhando **para** a rua, **para** o ar, **para** as janelas vizinhas." (Eça de Queiroz)

- "Olha para si, **para** as chinelas (umas chinelas de Túnis, que lhe deu recente amigo, Cristiano Palha), **para** a casa, **para** o jardim, **para** a enseada, **para** os morros e **para** o céu." (Machado de Assis)

d) Em sequências formadas de infinitivos, é comum exprimir-se a preposição apena diante do primeiro infinitivo.

- "... foi a Santo Agostinho, como iria a Santo Ambrósio ou a Santo Hilário, e escreveu uma carta enigmática, para confundi-lo, **até** voltar e rir-se do logro." (Machado de Assis)
- "Preparou-se **para** passar os Pireneus e invadir a França." (F. Castilho)
- "**Depois de** gritar, chorar, maldizer, blasfemar, ameaçar, rasgar, quebrar, destruir, Vidinh parou um instante, concentrou-se, meditou, e depois, como tomando uma grande resolução." (Manuel A. de Almeida)

⇨ Observação:

A repetição da preposição antes de cada infinitivo é possível quando se deseja obter ênfase.

- "**Para** soerguer o peso desse véu, **para** lhe arredar a ponta, não será demais o concurso de uma boa vontade..." (Rui Barbosa)
- "... estava olhando da alta torre Tarpeia, recreando-se **em** ver abrasar aqueles nobres e antigos edifícios, e **em** ouvir os tristes clamores..." (H. Pinto *apud* Cláudio Brandão)

e) A repetição da preposição diante de cada termo subordinado deverá ser feita sempre que for necessário conferir maior clareza ao enunciado a fim de se evitar possíveis ambiguidades.

- João lutou **contra** Pedro e Paulo. (Napoleão M. de Almeida)
  João lutou ao mesmo tempo contra Pedro e Paulo.
- João lutou **contra** Pedro e **contra** Paulo. (Napoleão M. de Almeida)
  João lutou contra Pedro e depois contra Paulo.

- "Os descendentes dos Bem-Umeias aplicou todas as atenções **a** construir uma armada capaz de impedir os desembarques dos africanos e **a** reprimir algumas tentativas dos descontentes." (A. Herculano)

f) Em se tratando de locução prepositiva, apresentam-se as seguintes orientações:

→ A locução prepositiva aparece apenas no primeiro termo subordinado:

- “Naquela época, porém, **devido a**o álcool e desgostos íntimos, nos quais predominava a loucura irremediável de um irmão, não era mais que uma triste ruína de homem, amnésico, semi-imbecilizado, a ponto de não poder seguir o fio da mais simples conversa.” (Lima Barreto)
- “Eu – não tomaria outra, **apesar da** legislação e prática então vigente, e que não sei se ainda hoje vige.” (A. Garrett)

→ **A locução prepositiva é repetida para cada termo subordinado:**

- **Por causa da** chuva e **por causa dos** prováveis alagamentos, resolveu adiar a reunião que faria com os membros do partido.
- “Agora podeis falar **diante** dele como **diante de** mim.” (A. Garrett)

→ **A locução prepositiva aparece no primeiro termo subordinado e repete-se a parte final dela para os demais termos subordinados:**

- “A sua casa tinha agora um pessoal complicado de primeiros, segundos e terceiros caixeiros, **além do** guarda-livros, **do** comprador, **do** despachante e **do** caixa.” (Aluísio Azevedo)
- “De cada vez que Afonso ia à quinta predilecta, em cada árvore nova entalhava as letras iniciais dos dois nomes, que ele imaginava, **apesar da** distância e **dos** reveses, atados para sempre com aplauso de Deus.” (Camilo C. Branco)

10.7 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (Fuvest-SP) Ao ligar dois termos de uma oração, a preposição pode expressar, entre outros aspectos, uma relação temporal, espacial ou nocional. Nos versos:

   “Amor total e falho... Puro e impuro...
   Amor de velho adolescente...”
   a preposição de estabelece uma relação nocional.
   Essa mesma relação ocorre em:

   a) “Este fundo **de** hotel é um fim **de** mundo.”
   b) “A quem sonha **de** dia e sonha **de** noite, sabendo todo sonho vão.”
   c) “Depois fui pirata mouro, flagelo **da** Tripolitânia.”
   d) “Chegarei **de** madrugada, quando cantar a seriema.”
   e) “Só os roçados **da** morte compensam aqui cultivar.”

2. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção em que a preposição *com* traduz uma relação de instrumento.

a) “Teria sorte nos outros lugares, com gente estranha.”
b) “Com o meu avô cada vez mais perto do fim, o Santa Rosa seria um inferno.”
c) “Não fumava, e nenhum livro com força de me prender.”
d) “Trancava-me no quarto fugindo do aperreio, matando-as com jornais.”
e) “Andavam por cima do papel estendido com outras já pregadas no breu.”

3. (Unimep-SP) “Depois **a** mãe recolhe as velas, torna **a** guardá-**las** na bolsa.” Os vocábulos destacados são, respectivamente;

a) pronome pessoal oblíquo, preposição, artigo.
b) artigo, preposição, pronome pessoal oblíquo.
c) artigo, pronome demonstrativo, pronome pessoal oblíquo.
d) artigo, preposição, pronome demonstrativo.
e) preposição, pronome demonstrativo, pronome pessoal oblíquo.

4. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção cuja lacuna não pode ser preenchida pela preposição entre parênteses.

a) uma companheira desta, ... cuja figura os mais velhos se comoviam. (*com*)
b) uma companheira desta, ... cuja figura já nos referimos anteriormente. (*a*)
c) uma companheira desta, ... cuja figura havia uma ar de grande dama decadente. (*em*)
d) uma companheira desta, ... cuja figura andara todo o regimento apaixonado. (*por*)
e) uma companheira desta, ... cuja figura as crianças se assustavam. (*de*)

5. (UFU-MG) “... foram intimados **a** comparecer...”, “... não **a** fizeram...”, “... **a** sua oração...”. As três ocorrências de **a** são, respectivamente:

a) preposição, pronome, preposição.
b) artigo, artigo, preposição.
c) pronome, artigo, preposição.
d) preposição, pronome, artigo.
e) artigo, pronome, pronome.

6. (PUC-SP)

“... a folha **de um livro** *retoma.”*
“como **sob o vento** *a árvore que o doa.”*
“e nada finge vento **em folha** *de árvore.”*

As expressões destacadas são introduzidas por preposições. Tais preposições são usadas, nesses versos, com a ideia de:

a) origem, lugar, especificação.
b) especificação, agente causador, lugar.
c) instrumento, especificação, lugar.
d) agente causador, especificação, lugar.
e) lugar, instrumento, origem.

7. (UM-SP) Indique a oração que apresenta locução prepositiva.

a) Havia objetos valiosos sobre a pequena mesa de mármore.
b) À medida que os inimigos se aproximavam, as tropas inglesas recuavam.
c) Seguiu a carreira militar devido à influência do pai.
d) Agiu de caso pensado, quando se afastou de você.
e) De repente, riscou e reescreveu o texto.

8. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da seguinte frase:

"O controle biológico de pragas, ... o texto faz referência, é certamente o mais eficiente e adequado recurso ... os lavradores dispõem para proteger a lavoura sem prejudicar o solo."

a) do qual, com que
b) de que, que
c) que, o qual
d) ao qual, cujos
e) a que, de que

9. (UFV-MG) Assinale a opção cuja sequência completa **corretamente** as frases abaixo.

A lei ... se referiu já foi revogada.
Os problemas ... se lembraram eram muito grandes.
O cargo ... aspiras é muito importante.
O filme ... gostou foi premiado.
O jogo ... assistimos foi movimentado.

a) que, que, que, que, que
b) a que, de que, que, que, a que
c) que, de que, que, de que, que

d) a que, de que, a que, de que, a que
e) a que, que, que, que, a que

10. (Osec-SP) Assinale a frase que **não** está correta.

a) Entre mim e ti tudo acabou.
b) Já lhe disse que entre nós nada é bom.
c) Entre ela e nós existe de tudo.
d) Entre eu e você deve haver respeito.
e) Não é possível haver dúvidas entre eles.

GABARITO

1 – A	2 – D	3 – B
4 – E	5 – D	6 – B
7 – C	8 – E	9 – D
10 – D		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 11

INTERJEIÇÃO

11.1 DEFINIÇÃO

É a palavra invariável que exprime os sentimentos ou as sensações de dor, alegria, surpresa, temor, aversão etc.

De acordo com o professor M. Said Ali, as interjeições representam “a parte menos racional da linguagem, por não traduzirem nenhuma estruturação sintática”.

As interjeições devem ser proferidas em tom de voz diferente daquele que se usa para o vocábulo da linguagem expositiva, por elas representarem brados, gritos ou expressões de dor, alegria, pavor, surpresa etc.

11.2 CLASSIFICAÇÃO

As interjeições são classificadas de acordo com os afetos que exprimem. Teremos, então, as interjeições de:

a) **dor**: *ai!, ui!*

b) **alegria**: *ah!, oh!, oba!, opa! aleluia!*

c) **admiração:** *oh!, ah!, opa!, oba!, puxa!*

d) **animação**: *avante!, coragem!, eia!, vamos!, agora!, ânimo!, força!*

e) **aplauso**: *bis!, bem!, bravo!, viva!, apoiado!, muito bem!, ótimo!, perfeito!*

f) **apelo ou invocação**: *olá!, psiu!, psit!*

g) **desejo**: *oh!, oxalá!, tomara!*

h) **silêncio**: *psiu!, silêncio!*

i) **pavor ou terror**: *ufa!, ui!, uh!, credo!, cruzes!*

j) **espanto ou surpresa**: *ah!, chi!, ué!, uai!, caramba!.*

k) **indignação**: *apre!, chi!, morra!, fora!.*

l) **suspensão**: *basta!, alto!, alto lá!*

m) **advertência**: *cuidado!, atenção!*

n) **descontentamento**: *hum!, hem!, diabo!, mau!*

o) **repulsa**: *safa!, fora!, uf!*

⇨ Observações importantes:

a) É importante frisar que na escrita as interjeições vêm de regra acompanhadas de ponto de exclamação (!).

b) Perceba que algumas interjeições podem ser classificadas em mais de uma categoria. Isso se dá em virtude de a interjeição poder expressar sentimentos vários. A classificação, portanto, deve ser feita de acordo com o contexto em que se encontra a interjeição.

c) Há interjeições denominadas de "imitativas ou onomatopaicas". São aquelas que exprimem os sons das coisas, dos objetos – zás!, chape!, bum!.

d) Assim como outras classes morfológicas, as interjeições podem aparecer sob a forma locucional – são denominadas de "locuções interjetivas". São exemplos dessas locuções:

- **Valha-me Deus!**
- **Ai de mim!**
- **Credo em cruz!**
- **Puxa vida!**
- **Ora, bolas!**
- **Coitado de mim!**
- **Deus me livre!**
- **Essa não!**
- **Raios te partam!**
- **Nossa Senhora!**
- **Virgem Maria!**
- **Muito obrigado!**

e) A interjeição de emprego mais comum na língua portuguesa é "oh!", a qual também se escreve "ó". A primeira é empregada geralmente acompanhada de um ponto de exclamação, enquanto a segunda geralmente dispensa a pontuação. A interjeição "ó" última é empregada geralmente no vocativo para indicar um chamamento, uma invocação. Por outro lado, interjeição "oh!" possui sentido variável, denotando ora alegria, ora espanto, ora aversão, ora desejo, ora chamamento.

III

SINTAXE

CAPÍTULO 1

SINTAXE DE ORAÇÃO – TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO

1.1 CONCEITOS ESSENCIAIS

Antes de tudo, é fundamental apreender o conceito de frase, oração e período.

1.1.1 FRASE

É todo enunciado linguístico capaz de estabelecer um processo de comunicação, ou seja, é todo enunciado que possui sentido completo.

Observe:

- Silêncio!
- Meu Deus, ajude-me!
- O presidente da empresa viajará amanhã para São Paulo.
- Na próxima semana, o resultado do concurso sairá, e todos saberão quem foram os reais ganhadores.

Veja: Não importa o tamanho – frase é tudo que possui sentido completo.

Quanto ao sentido que expressam, as frases podem ser:

a) Declarativas ou expositivas (apresentam uma declaração, um juízo de valor):

- O governo mostra-se lento na resolução do problema da violência.

b) Interrogativas (apresentam uma indagação, uma pergunta, um questionamento):

- Por que ele não chegou ainda?

c) Imperativas (apresentam uma ordem, um mandamento, uma exortação):

- Deixe o ambiente agora.

d) Exclamativas (apresenta uma admiração, uma repulsa, uma surpresa):

- Muito bem!
- Quanto desprezo em suas palavras!

e) Optativas (apresentam um desejo, uma aspiração):

- Que Deus os proteja!
- Oxalá dê tudo certo em sua jornada!

1.1.2 ORAÇÃO

É toda estrutura linguística centrada em um verbo ou uma locução verbal. Podemos afirmar ser toda estrutura que se biparte em sujeito e predicado, e, excepcionalmente, só em predicado, quando a declaração se encerra em si mesma sem referência particular a nenhum ser.

- "Raspou, achou, ganhou!" (Anúncio publicitário)
- Amanhã o governo deve anunciar um novo pacote econômico.

1.1.3 PERÍODO

É a frase formada por uma ou mais orações. Classifica-se, portanto, em:

a) Simples: formado por uma única oração, denominada de oração absoluta. Haverá, por isso, um único verbo ou uma única locução verbal.

- Haveremos de conseguir a aprovação no concurso.
- Ainda existem pessoas honestas neste país?

b) Composto: formado por mais de uma oração. (A classificação desse período encontra-se no capítulo sintaxe de período).

- [Quando o homem chegou], [a polícia já havia levado o corpo].

- [Ela aprecia frutos do mar] [que são pescados em águas mornas].
- [Todos desconfiam] [de que o coordenador foi o culpado pela tragédia].

Concluindo: É fundamental que o estudante da língua portuguesa aprenda a detectar o verbo da estrutura linguística. É a partir dele que toda a sintaxe ganha existência. Ademais, convém saber que: Nem toda frase é uma oração, assim como nem toda oração é uma frase.
Nem todo período é formado por mais de uma oração. O período pode ser simples, como vimos.

1.2 TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO

Gramaticalmente existem dois termos essenciais:

- o sujeito;
- o predicado.

Entretanto, perceberemos ao longo do nosso estudo que o termo essencial por excelência é o predicado, em virtude da possibilidade da existência de uma oração sem sujeito.

1.2.1 SUJEITO

É o termo que representa o ser a respeito de quem se diz alguma coisa, faz-se alguma declaração.

Importante!! Identificar o sujeito é um dos mais importantes conhecimentos de que precisa o estudante da Língua Portuguesa para caminhar bem em sintaxe. Vale salientar que toda a base da concordância verbal está na perfeita harmonização entre o verbo e o seu sujeito. Ora, para que se perfaça essa harmonia, é fundamental que primeiro se identifique o "bendito" sujeito.

A partir de agora, vamos ver várias orações. Procure identificar (e acima de tudo entender) nelas o sujeito do(s) verbo(s).

- Deslizavam montanha abaixo **as águas do desgelo**.

- Ainda devem chegar hoje pela manhã **as correspondências enviadas pelo amigo de Portugal**.
- **Meus ais** incomodavam a muitos no hospital.
- Caso não lhe venham a parecer oportunas **essas medidas**, faça **você** mesmo como quiser.
- Ainda deve ocorrer, nas periferias das grandes cidades, a despeito das medidas repressivas, **muita contestação violenta** por parte dos desempregados.

Não esqueça: O sujeito pode estar localizado em qualquer parte da estrutura oracional. O importante é perceber com quem o verbo está se relacionando e notar a que termo a declaração verbal se refere. Observe as seguintes análises errôneas a respeito do sujeito:

a) Chegaram hoje à tarde **muitas correspondências**. (Achar que o termo em negrito é o objeto direto. Na realidade quem praticou a ação de chegar foram "as correspondências". Logo, é o sujeito da oração.)

b) Ainda existem **pessoas honestas** no Brasil. (Achar que o sujeito é indeterminado só porque o verbo se encontra na 3.ª pessoa do plural. Na realidade quem pensa assim geralmente está preso à definição de sujeito como o termo que pratica a ação. É melhor pensar em sujeito como o ser sobre o qual se faz alguma declaração, se enuncia algo.) Observe:

- Ocorreram **festas** no final de semana.
- Convém o **retorno** imediato dele.
- Agora só importa a **resolução** do problema.
- Ainda faltam quinze **minutos** para o início do show.

Perceba que todos os termos em negrito representam núcleos dos sujeitos. Cuidado para não pensar que eles são objetos diretos tentando fazer a velha perguntinha: "o quê"?

Uma outra informação importante para o nosso aprendizado é a de que o núcleo do sujeito de uma oração é sempre representado por um substantivo ou por um termo substantivado.

Considerações gerais sobre o sujeito:

a) Não se esqueça de que o sujeito da oração não vem regido por preposição, pois, como sabemos, por ser o sujeito um termo subordinante, não se deixa reger por preposição.

Logo, um termo regido por um nexo prepositivo jamais exercerá a função de sujeito. Observe (destacamos o sujeito com a cor laranja; **os elementos sublinhados não representam o sujeito** – geralmente esses elementos funcionam como completivos – objeto direto, objetivo indireto, complemento nominal):

- Ainda cabe aos alunos da 1.ª série (não é o sujeito) **consertar o dano que causaram à escola**. não é o sujeito
- Enreda-se nas tramas das próprias memórias **todo aquele** que não busca abrir, para si mesmo, novos tempos e novas experiências.
- A qualquer pessoa podem ocorrer, neste tempo de radicalismos, **argumentos em favor da mais pessimista expectativa histórica**.
- Se a cada um de nós efetivamente perturbassem **os que agem mal**, a impunidade seria impossível.
- Não ocorre aos bons cidadãos **que os maus** contam com (sujeito oracional) **o silêncio da sociedade** para seguirem sendo o que são.

⇨ Observação:

Fique muito atento! Frequentemente as bancas interpõem esses termos preposicionados entre o sujeito e o verbo a fim de confundir o candidato. Por isso, procure estudar este ponto mais de uma vez, para que você não cometa erros "bobos" quando for identificar o sujeito a fim de efetuar a concordância verbal adequada.

b) Em virtude da regra acima, não se deve, portanto, preposicionar um termo que exerce função sintática de sujeito. Observe:

- Está na hora da onça beber água. (construção errada)

Corrija-se para...

- Está na hora de a onça (sujeito do verbo "beber") beber água.
- Apesar da manifestação ocupar as ruas principais, o trânsito fluía normalmente. (construção errada)

Corrija-se para...

- Apesar de a manifestação (sujeito do verbo "ocupar") ocupar as ruas principais, o trânsito fluía normalmente.
- A fim dele conseguir a aprovação, comprei novos livros. (construção errada)

Corrija-se para...

- A fim **de ele** conseguir a aprovação, comprei novos livros.

⇨ Observação:

Nesses casos, o nexo prepositivo rege a oração, e não o sujeito desta oração.

1.2.1.1 Núcleo do sujeito

O núcleo do sujeito pode ser exercido por:

I – Pronomes pessoais do caso reto

- **Eles** trouxeram o projeto para **eu** avaliar. (Se aparecer alguma dúvida aqui, pare e vá estudar o assunto "pronome", notadamente, os pronomes pessoais.)
- **Nós** ainda iremos ganhar esta maratona.

II – Alguns pronomes pessoais oblíquos (me, te, se, o, a, os, as, nos, vos)

> **Calma!!! Não é difícil!!** É só uma exceção, afinal a função típica desses pronomes é a complementar. Esse caso ocorre geralmente com verbos denominados "sensitivos" e "causativos", como, por exemplo, "mandar, deixar, fazer, ouvir, ver".

- Deixei-**os** sair para diminuir o barulho aqui dentro.

Se desenvolvermos a frase acima, teremos:

- Deixei que **eles** saíssem para diminuir o barulho aqui dentro.

Ora, veja que o pronome obliquo átono – os – transformou-se, quando a oração foi desenvolvida, no pronome tônico do caso reto "eles" que, por sua vez, é, claramente, o sujeito do verbo sair. Logo, o pronome átono "os" na primeira oração – a reduzida – também funciona como sujeito do verbo "sair". Olhe outros exemplos:

- Fizemo-**lo** abandonar o vício em fumar. (= Fizemos com que **ele** abandonasse o vício em fumar.)
- Mandaram-**me** comprar um produto de última geração. (= Mandaram que **eu** comprasse um produto de última geração.)

- Vê-**los** sair mais cedo é uma vitória. (= Ver que **eles** saem mais cedo é uma vitória.)
- Poder deixá-**las** brincar mais um pouco é um prazer. (= Poder deixar que **elas** brinquem mais um pouco é um prazer.)

> **Dica:** Perceba que os pronome oblíquos acima funcionam como sujeitos de verbos no infinitivo, cuja oração desempenha a função de objeto direto para a principal. Veja um último exemplo: Mandar-te-iam deixar o ambiente só porque não estás de paletó? (Veja que a oração "te deixar o ambiente só porque não estás de paletó" exerce a função sintática de objeto direto para o verbo "mandar".)

III –Pronomes pessoais de tratamento

- **Você** não viu o incidente que provocou?
- **Vossa Excelência** não conveio nas condições do acordo.

IV –Substantivo ou palavra com função de substantivo

- Os **prós** e os **contras** foram mencionados logo no início da reunião.
- A **interação** dele com os outros pacientes mostrava claramente a sua recuperação.
- Nem sempre o **belo** é tão belo quanto se mostra.
- A **pequena** fez uma cara de espanto.
- O **mas** é uma conjunção adversativa.

V – Pronomes demonstrativos, indefinidos, relativos ou interrogativos

- — **Quem** bateu à porta?
- — **Alguém** bateu à porta.
- — Não! **Ninguém** bateu à porta?
- **Isso** passou logo. No entanto, **aquilo** demorará mais.

> **Não se esqueça!** Os pronomes indefinidos se referem à 3.ª pessoa do discurso de maneira indefinida, vaga, imprecisa – eles não promovem "sujeito indeterminado". Nada a ver!! Cuidado!!

- Ao longe se via uma mulher **que** comprava presentes. (Observe o pronome relativo “que” desempenhando a função de sujeito ⇨ “Ao longe se via uma mulher a qual comprava presentes”.)

VI –Numeral

- As **duas** conseguiram boas notas na prova.
- Só **uma** deve resolver o problema.

1.2.1.2 Classificação do sujeito

Existem vários critérios para se classificar o sujeito:

1. Um desses critérios leva em conta a quantidade de núcleos do sujeito. Daí dizer-se sujeito “simples” (apenas um núcleo aparece na oração) ou “composto” (mais de um núcleo).
2. Outro considera a possibilidade de o sujeito encontrar-se expresso ou implícito. Nesse caso, classifica-se o sujeito em determinado ou indeterminado.
3. Há também o critério que considera a prática da ação pelo sujeito: quando o sujeito praticante da ação, denomina-se agente ou ativo; ao contrário, quando o sujeito passa a receber a ação expressa pelo verbo, é denominado sujeito passivo ou paciente.
4. Por último, existem orações que não possuem sujeito. Para elas, classifica-se o sujeito como inexistente (expressão condenada por alguns gramáticos) ou, o que nos parece melhor, oração sem sujeito.

Passemos agora ao estudo detalhado dos principais tipos:

I – Sujeito simples

Como já dissemos, é aquele em que apenas um núcleo aparece com a função de sujeito. Este núcleo pode ser exercido por um substantivo ou por qualquer palavra substantivada.

Observe os exemplos extraídos de provas de concursos:

- Os **terrenos** novos nos quais deve se aventurar o **jovem** de hoje são seu grande desafio (Observe bem que as palavras em negrito funcionam como núcleos dos sujeitos dos seus respectivos verbos.)
- Quando não são valorizadas, num jovem, as **qualidades** naturais da mocidade, ele sai prejudicado.

- Quanto aos adolescentes, nenhuma **época** lhes parece tão injusta quanto a nossa.

II – Sujeito composto

É aquele que apresenta mais de um núcleo para o sujeito. Veja:

- No prato ainda constavam, após o almoço, um **bocado** de arroz e um **punhado** de farofa
- Têm existido muita **família** e muitos outros **grupamentos** sociais indignados com a atuação do governo.
- **O bolsa-escola** e **o programa de renda mínima**, instituídos nos últimos anos pelo Governo Federal, devem garantir bons resultados sociais para o Brasil nos próximos anos.

⇨ Observação:

O sujeito dito composto apresenta-se, como já se disse, com mais de um núcleo. Não se trata de mais de um sujeito – é um único sujeito, que é formado com dois ou mais núcleos.

> **Vale a pena:** Dê uma "olhadinha" na forma como se faz a concordância com o sujeito composto.

III –Sujeito oculto / elíptico / desinencial

É aquele sujeito que não se encontra expresso na oração, mas que é facilmente subentendido pela desinência verbal.

- Precisamos comprar um novo carro. (Sujeito = nós)
- Hoje estou aqui para conversarmos um pouco sobre política monetária. (Sujeitos = **eu** para o verbo "estar" e **nós** para o verbo conversar)
- Retira-te agora, criatura miserável! (Sujeito oculto = tu). ⇨ Cuidado neste exemplo: observe que o verbo se encontra no imperativo afirmativo.
- "Adestrai-vos, e conquistai força física e moral." (Olavo Bilac) (Sujeito = vós)

IV –Sujeito indeterminado

No bom jargão dos professores: a partir de agora a atenção precisa ser redobrada. Muitas bancas de concursos exploram o sujeito indeterminado em suas questões de

concordância verbal.

> **Conselho de amigo / Dica de estudo:** Se o amigo estudante não tiver segurança ou não se lembrar direito do assunto "transitividade verbal", sugiro que primeiro faça uma revisão desse assunto para depois adentrar o conteúdo abaixo. Você precisa ter uma boa noção de transitividade para poder identificar o sujeito.

O sujeito indeterminado aparece quando não se deseja ou não se consegue determinar, identificar o autor da ação verbal. Portanto, o que torna indeterminado o sujeito é a intenção ou a situação do falante, que não sabe ou não quer individuar, precisar, apontar o agente, o autor da ação. O conceito de sujeito indeterminado, por isso, tem de partir da intenção ou da ignorância do falante, já que, em português, a maioria das construções apresenta sujeito. Existem duas situações em que um sujeito pode ser ou aparecer indeterminado:

a) Com verbos na 3.ª pessoa do plural, sem fazer referências a nenhum substantivo anteriormente ou posteriormente expresso, nem ao pronome pessoal do caso reto "eles".

Veja:

- **Imitaram** o professor de Português na última aula. (Perceba que não se sabe quem fez a ação de imitar.)
- **Vão** telefonar para você hoje à tarde para tratar de um assunto do seu interesse. (Se não se pode determinar quem praticou a ação, logo o sujeito é indeterminado. O verbo auxiliar da locução verbal – ir + telefonar – encontra-se flexionado na 3.ª pessoa do plural).
- "**Dizem** que sou louco!" (O sujeito do verbo "dizer" é indeterminado.)
- **Consideram**-no o pai da turma pela inteligência e experiência que possui. (O sujeito do verbo "considerar" é indeterminado.)

b) Com verbos intransitivos, transitivos indiretos ou de ligação acompanhados da partícula "se". Essa partícula funcionará como o "índice de indeterminação do sujeito". O mais importante é notar que nesse caso o verbo, obrigatoriamente, permanecerá na 3.ª pessoa do singular.

Exemplos:

- No Brasil, já não mais **se recorre a** confiscos para a obtenção de fluxo de caixa. (Verbo transitivo indireto + se)
- Na apresentação dele, **desconfiava-se dos** acordos que ele propunha. (Verbo transitivo indireto + se)
- Os livros **dos** quais **se precisava** foram doados para uma instituição de caridade. (Cuidado para não dizer "... dos quais se precisavam..." ⇨ O verbo é transitivo indireto e está acompanhado do pronome "se".)
- **Cria-se** mais **nas** palavras do membro do que **nas** palavras do líder espiritual da igreja. (Verbo transitivo indireto + se)
- **Tratava-se de** problemas de difícil resolução. (Verbo transitivo indireto + se)
- **Era-se** mais feliz noutros tempos. (Verbo de ligação + se)
- **Come-se** muito bem em diversas regiões do Brasil. (Verbo intransitivo + se)
- "**Escorrega**-se no sangue, **tropeça**-se sobre cadáveres, mas a luta continua ardentemente acesa." (Visconde de Ouro Preto). (Verbos intransitivos + se)

⇨ Observações:

a) Atente para os termos "a confiscos", "dos acordos", "dos quais", "nas palavras" e "c problemas" dos cinco primeiros exemplos acima. Eles funcionam como objetos indiretos para os seus respectivos verbos.

b) Quem literalmente promove a indeterminação do sujeito é a partícula "se". Se ela fo retirada, passa-se a ter sujeitos ocultos, elípticos.

c) Procure imediatamente correlacionar o estudo do sujeito indeterminado com o estuc do sujeito passivo ou paciente. Muitas questões exploram essa distinção. É básico para um candidato diferenciar um índice de indeterminação do sujeito de uma partícula ou pronome apassivador.

V – Sujeito passivo ou paciente (a partícula ou pronome apassivador)

Dica: Procure correlacionar o conteúdo do sujeito passivo ou paciente com o assunto "a voz passiva".

Um dos casos mais explorados em concursos públicos e vestibulares é a concordância com o sujeito passivo ou paciente. Para que se faça a perfeita harmonização entre o verbo e o seu sujeito, convém primeiro saber identificar esse tipo de sujeito e diferenciá-lo de outros tipos, notadamente do sujeito indeterminado.

Compare:

- Come-se bem no interior de muitas capitais brasileiras. (Sujeito indeterminado ⇨ VI + SE
- Come-se bem, no interior de muitas capitais brasileiras, pratos bastante requintados. (Erro comum!!!) (Sujeito passivo ou paciente = pratos).

Perceba que no primeiro exemplo não se diz o que se come – o verbo, portanto, está empregado como intransitivo. A estrutura apenas faz referências à ação de comer de forma genérica. Logo, indeterminou-se o sujeito. Já no segundo caso, o que se está comendo são "pratos bastante requintados", termo que representa o sujeito da oração. No caso acima, estamos diante de uma voz passiva sintética, formada de um VTD + SE. Logo, o verbo deve obrigatoriamente concordar com este sujeito. A frase correta será:

- **Comem-se** bem, no interior de muitas capitais brasileiras, **pratos** bastante requintados.

Outros exemplos de sujeitos passivos ou pacientes:

- Estão sendo avaliadas pela banca todas as monografias entregues no dia 30. (Sujeito passivo = as monografias. Estamos diante de uma voz passiva analítica.)
- Eleger-se-ão **os novos diretores** do clube no próximo domingo. (Sujeito passivo = os novos diretores. Aqui a voz passiva é sintética.)
- Seria de se esperar que se associassem à moderna tecnologia apenas **os benefícios reais**, que a ela se tributassem tão somente **vantagens inequívocas**. (Sujeitos passivos = os benefícios reais; vantagens inequívocas.)
- Não se delegue às escolas a **missão** exclusiva de preparar os jovens para sua inserção no mercado de trabalho. (Núcleo do sujeito passivo = missão.)
- Não se impute aos adolescentes de hoje **a exclusiva responsabilidade** pelo fato, lastimável, de aspirarem a tão pouco. (Sujeito passivo = a exclusiva responsabilidade.)
- É muito difícil que se cumpram **os propósitos que** se formulam a cada início de ano. (Sujeitos passivos = os propósitos; que – pronome relativo.)

Observe que, nos cinco últimos exemplos, temos a aplicação da fórmula da voz passiva

sintética (também chamada de passiva pronominal):

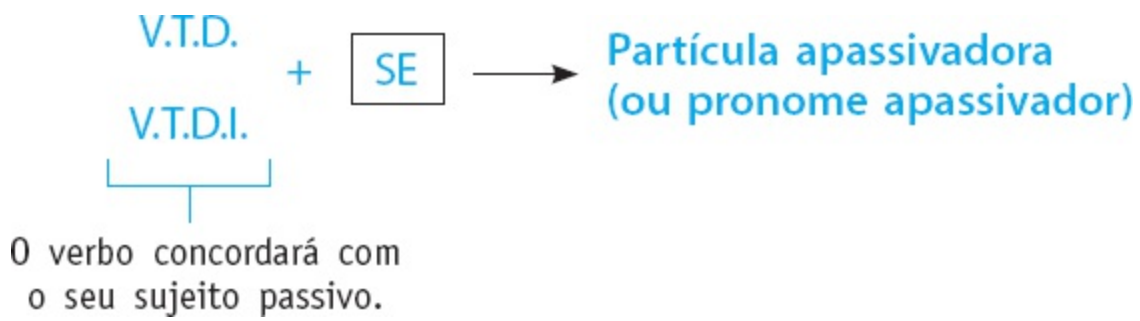

Sugiro que pare por aqui se tiver alguma dúvida e dê uma "estudada" na voz passiva.

Vejamos mais exemplos de emprego da voz passiva sintética (perceba a importância do "SE" para a formação desse tipo de passiva; ademais, observe a concordância do verbo com o seu sujeito passivo):

- Prefiram-se [sujeito passivo: **as falhas da democracia**] às supostas vantagens de qualquer outro regime político. (Fund. Carlos Chagas)
- Assim como ninguém vive sem o préstimo da água, não se superam [sujeito passivo: **os infortúnios**] sem o apoio de um amigo verdadeiro. (Fund. Carlos Chagas)
- Já quase não se veem, numa viagem de ônibus, [sujeito passivo: **passageiros ensimesmados**], olhando vagamente pela janela. (Fund. Carlos Chagas)
- Caso se coloque [sujeito passivo: **a lei**] acima do homem, este reagirá passando a seguir os ditames da natureza. (Fund. Carlos Chagas)
- É preciso que se confira às eleições [sujeito passivo: **uma importância não circunstancial**]. (Fund. Carlos Chagas)

VI –Oração sem sujeito

Em muitas estruturas oracionais, apenas o predicado encontra-se presente, uma vez que não se faz referências a nenhum tipo de ser que porventura pudesse praticar ou receber a ação verbal. Para tanto, empregam-se os verbos impessoais (usados na terceira pessoa do singular). São chamadas de orações sem sujeito. Alguns gramáticos também classificam esse tipo de ocorrência como sendo um "sujeito inexistente", ou mesmo "sujeito zero", nomenclaturas que nos parecem pouco lógicas, pois não se pode denominar de sujeito aquilo que não existe.

Os principais casos de oração sem sujeito são:

1) com verbos que exprimem fenômenos da natureza como "chover, ventar, nevar, coriscar, trovejar, relampejar, chuviscar etc.":

- Ventou muito ontem naquela pequena cidade do interior.
- Neva nas Serras Gaúchas durante os meses de inverno.
- Coriscou bastante ao final do dia.

⇨ Observação:

Se tais verbos forem usados em sentido conotativo (sentido figurado), esses verbos passam a ter um sujeito.

- Choveram balas durante o tiroteio. (Sujeito = balas)

2) com o verbo HAVER no sentido de "existir, ocorrer, realizar-se, acontecer":

Cuidado aqui: Os concursos costumam explorar bastante essa regra.

Em primeiro lugar, observe a diagramação abaixo:

HAVER —sentido de→ **EXISTIR, OCORRER, ACONTECER, REALIZAR-SE**

- Verbo impessoal;
- Fica na 3ª pessoa do singular;
- É verbo transitivo direto;
- Não se converte para a voz passiva.

- São verbos pessoais; logo, devem concordar com seus respectivos sujeitos.

Acompanhe os raciocínios abaixo:

- Ainda **existem** pessoas honestas no Brasil. → Ainda **há** pessoas honestas no Brasil.

(existem: verbo pessoal com sujeito posposto; pessoas: núcleo do sujeito)

(há: verbo impessoal; 3ª pessoa do singular (oração sem sujeito); pessoas: núcleo do objeto direto)

- **Aconteceram** problemas na festa. → **Houve** problemas na festa.

(Aconteceram: verbo pessoal com sujeito posposto; problemas: sujeito)

(Houve: verbo impessoal; 3ª pessoa do singular (oração sem sujeito); problemas: objeto direto)

- Iremos, ainda que **ocorram** empecilhos. (sujeito) → Iremos, ainda que **haja** empecilhos. (objeto direto)
  - ocorram: verbo pessoal com sujeito posposto
  - haja: verbo impessoal; 3ª pessoa do singular
- **Realizar-se-ão** muitos eventos em Recife. (núcleo do sujeito) → **Haverá** muitos eventos em Recife. (núcleo do objeto direto)
  - Realizar-se-ão: verbo pessoal com sujeito posposto
  - Haverá: verbo impessoal; 3ª pessoa do singular

Vejamos outros exemplos do emprego do verbo HAVER nesse sentido:

- "Talvez **haja** algumas versões da teoria citada, mas certamente poucos as conhecem." (FCC)
- "Vozes **houve**, generosas e fortes, que então me defenderam." (Machado de Assis)
- "Quantos mais inventos **haja**, mais impulsivos serão nossos desejos de consumi-los." (FCC)
- "Não se esqueçam de assegurar o monopólio desta nova pasta, enquanto **houver** mosteiros que erguer, e repovoar da milícia celeste." (Rui Barbosa)

⇨ Observações importantes:

a) Em muitas estruturas, o verbo HAVER faz parte de uma locução verbal ou de um tempo verbal composto. É preciso distinguir duas situações para que não se cometam erros:

1ª situação:

VERBO AUXILIAR + VERBO "HAVER"

- VERBO AUXILIAR: O verbo auxiliar ficará na 3ª pessoa do singular
- VERBO "HAVER": O verbo HAVER é impessoal e transmitirá a sua impessoalidade para o verbo auxiliar

Observe abaixo os exemplos da 1ª situação por meio da qual o verbo HAVER forma orações sem sujeito:

- Ainda **deve haver** pessoas honestas no Brasil. (oração sem sujeito)
- Todos os problemas que **podia haver** no processo foram resolvidos pelo MPU.
- "Caso **deixasse de haver** as grandes bibliotecas de hoje, é possível que os homens do futuro não pudessem interpretar plenamente a nossa cultura." (Fund. Carlos Chagas)

- "**Costuma haver**, nos jardins, mais inspiração para a ética dos jardineiros do que para os adeptos da ética de princípios." (Fund. Carlos Chagas)
- "Se **tivesse havido** firmes reações aos descalabros dos canalhas, estes não desfrutariam de um caminho já aplainado." (Fund. Carlos Chagas)
- "Mas entre os mais ilustres **há de haver** sempre um canto para os mais humildes." (Rui Barbosa)

2ª situação:

VERBO "HAVER"	+	VERBO PRINCIPAL
É o verbo auxiliar e se flexionará de acordo com o sujeito do verbo principal.		Sendo pessoal, transmitirá as flexões de número e de pessoa para o verbo auxiliar.

Observe os exemplos da 2ª situação:

- Sempre **hão de existir** pessoas (núcleo do sujeito) dispostas a lutar pela área social.
- "Quantos biólogos (sujeito) **haviam pesquisado** o assunto e talvez não tenham a mesma opinião." (Fund. Carlos Chagas)
- "Os que não gostam de TV jamais (sujeito total ou complexo) **hão de se lamentar** por terem aberto janelas sobre seus próprios devaneios." (Fund. Carlos Chagas)
- "É que se **haviam apagado** quase que ao mesmo tempo as miragens da misteriosa Sabarabuçu e as das Minas de Prata." (Euclides da Cunha)
- "Os infortúnios de um reinado se **hão de atribuir** aos maus conselhos dos ministros." (Rui Barbosa)
- "Sim, **havíamos de ter** um oratório bonito, alto, de jacarandá, com a imagem de Nossa Senhora da Conceição. (...) **Havíamos de acender** uma vela aos sábados..." (Machado de Assis)

b) Lembre-se de que o verbo HAVER, empregado no sentido de "existir, acontecer, ocorrer, realizar-se", é um verbo transitivo direto. Logo, seu objeto direto poderá ser substituído pelos pronomes oblíquos "o, a, os, as", a despeito de essa troca ser pouco eufônica. Veja:

- Houve $\underbrace{\text{problemas}}_{\text{objeto direto}}$ na festa. → Houve-os na festa.
- Haverá **eventos** para discutir o aquecimento global. → Havê-los-á...
- "Era um modo de dar feição monumental às idéias; não **as havendo**, servia a prolongar as frases." (Machado de Assis)
- "O quarto todo era um ninho de Bíblias; **havia-as** às pilhas por cima dos moveis." (Eça de Queiroz)

3) com os verbos "estar, fazer, haver e ir" usados com referência a tempo:

- Já **faz** três anos que do Norte saímos.
- **Havia** dez anos que o Governo Federal prometera a construção de uma nova ponte.
- **Vai** para uns dois meses que ele iniciou o tratamento e, até agora, nenhum resultado adveio.
- **Estava** muito tarde para o grupo deixar o local.

Cuidado: Não se esqueça de que se esses verbos – impessoais – fizerem parte de uma locução verbal como verbo principal, eles impessoalizarão o verbo auxiliar.

- Já **vai fazer** (e não "vão") dez anos que meu avô faleceu.

Não confunda!!

- Já **faz** dez anos que eu viajei para a Europa. (O verbo "fazer" não possui sujeito.)
- Ainda **faltam** dez anos para eu completar bodas de ouro. (O termo "dez anos" é o sujeito do verbo faltar, que é um verbo pessoal.)

Atente para uma construção condenada pelos gramáticos:

- **Há** duas horas **atrás** eu estava no centro da cidade. (O tempo "atrás" é dispensável. A construção é pleonástica, visto que o verbo HAVER na indicação de tempo só é empregado com relação a um tempo passado.)

Corrija-se para:

- Há duas horas eu estava...
- "Eu nasci há dez mil anos".

4) com o verbo "ser" na indicação de tempo (horas, datas):

- **São** duas horas e trinta minutos.
- Hoje **é** dia 11 de setembro.
- **É** meia-noite e meia.
- **Foi** sábado que tudo isso aconteceu.

O verbo “SER” possui uma construção toda particular. Note que ele, a despeito de sua impessoalidade, flexiona-se de acordo com a expressão numérica que o acompanha.

5) com o verbo IR seguido das preposições EM, PARA referindo-se a tempo transcorrido.

- Vai em dez anos que nossa bisavó faleceu.
- Vai para quinze anos que ele conseguiu ser aprovado naquele concurso.

6) com o verbo PASSAR seguido da preposição DE referindo-se também a tempo:

- **Passava das** dez horas da noite quando a polícia chegou.

> **Agora não confunda:** Já passaram (ou “se passaram”) dez horas e ele ainda não deu notícias. (Neste caso, o sujeito do verbo “passar” é o termo “dez horas”).

7) com os verbos “BASTAR” e “CHEGAR” seguidos da preposição DE em construções do tipo:

- “Chega de saudade, a realidade é que...”.
- “Basta de tantas perguntas tolas.”

1.2.1.3 Outras classificações para o sujeito

Acabamos de estudar o que eu chamo de “a clássica classificação do sujeito”. Vimos que ele pode ser “simples, composto, elíptico, indeterminado”, além da figura da “oração sem sujeito”. Entretanto, não devemos estranhar outras classificações para o sujeito. Muitas bancas cobram as denominações abaixo. É importante, portanto, ficar atento, pois muitas vezes nos deparamos com classificações do tipo “sujeito expresso”, “sujeito complexo”, “sujeito implícito”, as quais geram dúvidas nos estudantes. Não há o que temer... Vamos a elas, pois trazem um conhecimento bastante útil para o candidato a um concurso.

1. Sujeito explícito e sujeito implícito

Denomina-se sujeito explícito (também chamado de “expresso”) o sujeito que se acha claro, explícito na oração. Por outro lado, sujeito implícito é aquele que não foi expressamente declarado na oração. Correlacionando-se as duas classificações, teremos:

a) **Sujeito explícito** → é o sujeito simples ou o sujeito composto, pois ambos aparece claramente na oração.

b) **Sujeito implícito** → é o sujeito oculto e o sujeito indeterminado, pois não são declarados na estrutura oracional.

Observe (destacamos os verbos):

- Jamais entraremos em contato com indivíduos que agem à revelia da lei.
  - entraremos → sujeito implícito (nós)
  - agem → sujeito explícito (que)
- Chegaram ontem à noite dois novos navios holandeses ao porto de Suape.
  - Chegaram → sujeito explícito (navios holandeses)

2. Sujeito complexo (total ou ampliado) e sujeito incomplexo (nuclear, gramatical ou inampliado)

O sujeito complexo (total ou ampliado) é aquele modificado por complementos, adjuntos ou atributos. Já o sujeito incomplexo (nuclear, gramatical ou inampliado) é aquele despojado de qualquer modificativo complementar que, porventura, ele possua.

- O **ex-presidente** da empresa brasileira de Correios e Telégrafos viajará para Tóquio.
  - sujeito nuclear: ex-presidente
  - sujeito complexo (total ou ampliado): O ex-presidente da empresa brasileira de Correios e Telégrafos
- O **enfoque** nas soluções únicas dos problemas que enfrentamos empobrece a qualidade mesma do raciocínio. (Fund. Carlos Chagas)
  - sujeito nuclear: enfoque
  - sujeito complexo (total ou ampliado): O enfoque nas soluções únicas dos problemas que enfrentamos
- O **despertar** para a dialética e para as relações contrastantes abre um caminho mais consequente para a reflexão e para a prática. (Fund. Carlos Chagas)
  - sujeito nuclear: despertar
  - sujeito complexo (total ou ampliado): O despertar para a dialética e para as relações contrastantes

- Não deve constar, entre as possibilidades de interpretação de um texto dissertativo-argumentativo, qualquer tipo de **resposta** estereotipada.

  sujeito nuclear

  sujeito complexo (total ou ampliado)

- **Barnabé** sempre foi um exemplo para os cristãos.

  sujeito incomplexo (inampliado)

⇨ Observações:

a) Fique muito atento, pois as noções de sujeito total e de sujeito nuclear são bastante usadas pelas bancas examinadoras quando estas constroem questões de concordância verbal. Como a concordância verbal é feita (salvo exceções) com o sujeito nuclear, as bancas fazem bastante uso da noção do sujeito complexo (total ou lógico) para confundir os candidatos na hora de fazer a concordância verbal. Veja alguns exemplos (destacamos em laranja o sujeito nuclear e o seu verbo, e sublinhamos o sujeito total):

- **Constitui** um dos exemplos de delitos vantajosos o **caso** em que o detentor de um poder abuse de sua autoridade.
- **Estipulam**-se na lei mosaica, como se sabe, **princípios** de interdição.
- **Ocorrem** por conta das reiteradas situações de impunidade muitos **casos** de assalto aos cofres públicos.
- Uma vez que **passem a atrair** toda a nossa atenção, bons **romances** e belas **peças** musicais **afastam** nossa obsessão pela velocidade.

b) Observe agora exemplos em que não houve a devida concordância do verbo com o sujeito. Perceba como o uso do "sujeito complexo ou total" atrapalha a identificação do "sujeito nuclear" (sublinhamos o sujeito total e destacamos – com a cor laranja – o "sujeito nuclear" e o seu verbo):

- "A **incidência** discriminada por grau de intensidade de infestação e idade **mostram** que, entre os seis e oito anos, a parasitose alcança o nível máximo." (ESAF)
- "A **razão** de ser do desemprego como elemento estrutural do capitalismo **derivam** diretamente do antagonismo entre compradores e vendedores da força de trabalho." (ESAF)
- "**Devem agradar** aos ruidosos passageiros toda essa **parafernália** eletrônica, que os dispensa de refletir sobre si mesmos." (Fund. Carlos Chagas)
- "A qualquer pessoa **pode ocorrer**, neste tempo de radicalismos, **argumentos** em favor

da mais pessimista expectativa histórica." (Fund. Carlos Chagas)

⇨ Observação:

Ressalte-se que os quatro últimos exemplos não estão adequados ao padrão culto da língua portuguesa, já que todos contêm erros de concordância verbal. É preciso corrigir a flexão dos verbos para "**mostra**, **deriva**, **deve agradar**, **podem ocorrer**", respectivamente.

3. Sujeito agente (ativo), sujeito paciente (passivo) e sujeito agente e paciente

É denominado de agente (ou ativo) o sujeito que pratica a ação verbal. Por outro lado, é denominado de paciente (ou passivo) o sujeito que recebe a ação verbal. Logo, o sujeito que pratica e recebe a ação verbal, simultaneamente, é denominado de "agente e paciente". Observe:

- Os irmãos Gonçalves compraram três casas no novo condomínio.
  sujeito agente (ativo)
- Três casas foram compradas pelos irmãos Gonçalves no novo condomínio.
  sujeito paciente (passivo)
- Os irmãos Gonçalves se feriram quando examinavam as casas do condomínio.
  sujeito agente e paciente

⇨ Observação:

Para melhorar o entendimento sobre o sujeito agente e o sujeito paciente, sugerimos que você estude a voz passiva e o agente da passiva.

4. Sujeito lógico ou contextual

Denominamos de **sujeito lógico** ou **contextual** aquele que é extraído do contexto ou da lógica de um enunciado ou de um texto. Observe abaixo um excerto de autoria do jornalista Gilberto Dimenstein:

- A pichação é uma das expressões mais visíveis da invisibilidade humana. **São** mais do qu rabiscos. **São** uma forma de estabelecer uma relação de pertencimento com a comunidade – mesmo que por meio da agressão – e, ao mesmo tempo, de dar ao autor um sentido de autoidentidade.

Comentários: Perceba que o sujeito do verbo SER, flexionado no plural em suas duas ocorrências, é o termo lógico ou contextual "expressões" ou "pichações".

→ **“<u>As pichações</u>” ou “<u>As expressões</u>” são mais do que rabiscos.**

→ **“<u>As pichações</u>” ou “<u>As expressões</u>” são uma forma de estabelecer uma relação...**

Vejamos outro exemplo:

“Em um mundo tão complexo, economistas, empresários e governantes precisam saber mais sobre psicologia. Senão, **fracassarão** em motivar os talentos para os objetivos da empresa ou instituição.” *(Revista Veja, 26 de março de 2008 – Entrevista)*

Comentário: Observe que o sujeito oculto do verbo “fracassar” é o termo composto, perceptível pelo contexto e pela lógica, “economistas, empresários e governantes”.

⇨ Observação:

O sujeito contextual ou lógico não deixa de ser um sujeito oculto, desinencial, elíptico; entretanto, não é um simples sujeito oculto, pois é preciso que se saiba, pela análise do contexto, a que termo da estrutura se refere o verbo.

1.2.2 PREDICADO

Como o verbo em geral pertence ao predicado, antes de começar o estudo propriamente desse termo, convém analisar um dos tópicos fundamentais em sintaxe: a transitividade ou a predicação verbal.

Dica: Faça um estudo bem acurado do assunto abaixo. Ele lhe fornecerá os subsídios necessários para a compreensão de diversos outros assuntos da Gramática Normativa. Lembre-se, por exemplo, de que o entendimento da predicação dos verbos é uma das bases da sintaxe de regência. Por isso, é primordial “gastar” um pouco de tempo aqui. Se possível, tenha sempre à mão um bom dicionário. Vamos lá!

1.2.2.1 Predicação (transitividade) verbal

Transitar significa literalmente passar adiante, ir e vir, deslocar-se. Para a Gramática Normativa, o “passar adiante” significa a necessidade de um verbo ou de um nome exigir

um complemento, uma complementação. Aqui nos deteremos na análise e na classificação dos verbos quanto à necessidade ou não de algum complemento. Se o verbo não necessita de complemento, diz-se que ele é de predicação completa, caso contrário será classificado como de predicação incompleta.

Quanto à predicação, os verbos classificam-se em: **intransitivos**, **transitivos** e **de ligação**. Os verbos transitivos se dividem em: **diretos**, **indiretos** e **diretos e indiretos**.

I – Verbos intransitivos

São todos os verbos que, sozinhos, são capazes de transmitir a noção predicativa. Em outras palavras, são verbos que dispensam uma complementação.

Exemplos:

- No último encontro, **ocorreram** fatos dignos de notícia. (O termo "fatos dignos de notícia é o sujeito.)
- A chuva **estiou** na região sul.
- O imigrante **se dirigiu** à embaixada dos Estados Unidos. (Observe que o termo "à embaixada dos Estados Unidos" representa o lugar para onde ele se dirigiu, portanto é um "adjunto adverbial de lugar".)
- Quando nervoso, ele **cospe** compulsivamente.
- **Cessaram** de uma vez por todas as dores que ele sentia pela manhã. (O termo "dores" é o núcleo do sujeito. Não há complemento para o verbo.)

II – Verbos transitivos

São aqueles que precisam de um termo que os complemente para que o sentido se perfaça, para que a compreensão da estrutura seja possível. Dividem-se em:

a) Transitivos diretos: são os verbos que exigem termo complementar sem a obrigatoriedade de uma preposição necessária, ou seja, pedem um complemento desprovido de preposição. O complemento desses verbos denomina-se "objeto direto".

Exemplos:

- Nunca mais ele **angariou** fundos para aquela ONG. ("Fundos" é o objeto direto)
- Muitas lojas do centro da cidade vão **baratear** os preços neste final de semana. (Observe que o verbo "baratear" está como verbo principal em uma locução verbal.)
- Nunca mais eles **viram** os quadros a óleo que **compraram** na Europa. (Observe que os dois verbos são transitivos diretos. O objeto direto do verbo "comprar" é o pronome

relativo “que”).

- Se não **houver** outras razões mais consistentes, eles **substituirão** o contrato.
  VTD OD VTD OD

⇨ Observação:

Tenha muito cuidado ao classificar os verbos. Há muitas “armadilhas”. Uma das mais perigosas é a famosa perguntinha “o quê?”. Infelizmente, muitas vezes, é-nos ensinado que, todas as vezes que fazemos a pergunta “o quê?” ao verbo, este verbo será “transitivo direto”. Acenda a luz “amarela do seu farol”, ou seja, fique alerta, fique atento, para que você não tome um sujeito por um objeto direto. Observe:

- Explodiu nova crise no Oriente Médio.
  VTD??? Tem certeza??

Se fizermos a perguntinha “o quê?” ao verbo “explodir”, teremos a “falsa” resposta de que o termo “nova crise no Oriente Médio” é o objeto direto. Logo, classificaríamos o verbo “explodir” como “transitivo direto”. Terrível engano!! Na realidade, o termo “nova crise no Oriente Médio” é o sujeito para o verbo “explodir”, que, neste caso, é intransitivo. Veja outros exemplos:

- **Ocorreram** enchentes no Amazonas.
  VI sujeito
- **Ocorreu** um grande equívoco.
  VI sujeito
- Depois que **acontecera** aquela miséria.
  VI sujeito
- **Sucedeu** uma grave crise econômica após o ano de 2007.
  VI sujeito
- Do velho telhado, **caíam** grossas gotas de água da chuva.
  VI sujeito

⇨ Observação:

Perceba que todos os verbos acima são intransitivos, e os termos que se encontram pospostos a eles são seus respectivos sujeitos. Para evitar confusões, sugiro que pare um pouco por aqui e vá estudar o termo “objeto direto”. Perceba as diferenças entre ele e o sujeito.

b) Transitivos indiretos: são os verbos que exigem termo complementar regido (introduzido por uma preposição necessária, obrigatória. O complemento desses verbos é

denominado de “objeto indireto”.

Exemplos:

VTI OI OI VTI
- Eles **dependem** agora da sorte para que o produto de que **precisam** chegue a tempo.

- Durante muito tempo aquele povo **guerreou** contra os costumes do Ocidente.
VTI OI

VTI OI
- Não **convém** aos iniciantes na carreira diplomática portar-se de maneira inadequada. (Observe aqui que o sujeito do verbo CONVIR é a oração “portar-se de maneira inadequada”.)

- Sempre **assistia** aos filmes com uma devoção impressionante.
VTI OI

c) Transitivos diretos e indiretos: são verbos que exigem dois tipos de complemento: um sem a preposição e outro com o auxílio de uma preposição. São denominados também de “biobjetivos” ou “bitransitivos”.

Exemplos:

- Ensinaram-lhe todos os preceitos de nossos antepassados?
VTDI OI OD

- O diretor atribuiu o insucesso do grupo à inércia de alguns integrantes.
VTDI OD OI

VTDI OD OI
- O Oficial de Justiça certamente **notificará** amanhã o comerciante sobre a ação interposta contra ele.

⇨ Observação:

Correlacione o estudo desses verbos com o assunto “Introdução à Regência” para observar outros exemplos de verbos intransitivos e transitivos, bem como dos pronomes que exercem a função sintática de complementos.

III – Verbos de ligação

Denominados também de “verbos copulativos” ou “verbos de relação”, são aqueles que, desprovidos de significação, servem como “ponte” entre o sujeito e uma determinada qualidade, denominada de “predicativo”. Geralmente funcionam como “de ligação” os verbos “ser, estar, ficar, parecer, continuar e permanecer.” Outros podem funcionar como

verbos de ligação desde que apareçam como elos entre um sujeito e uma qualidade.

Exemplos:

- Eles **estavam** (VL) extremamente atrasados (pred. sujeito) para a festa.
- O Governo Federal **deve estar** (VL) atento (pred. sujeito) às necessidades da população. (Locução verbal na função de ligação)
- **Pareciam** (VL) todos preocupados (pred. sujeito) com o problema da menina.
- Muitos **andam** (VL) tristes (PS) pela ausência de perspectivas na vida.

> Perceba que nessa estrutura o objetivo da mensagem não é dizer que alguém ou alguma coisa faz a ação de andar, mas sim de que muitos estão / continuam / mostram-se tristes. Daí se tratar de um verbo de ligação.

⇨ Considerações importantes:

a) Não se esqueça de que o estudo da predicação verbal está ligado ao estudo da regênc verbal. E, como a regência depende do contexto, a classificação de um verbo como transitivo ou intransitivo depende da função que ele está exercendo dentro da estrutura oracional. Observe:

- O carro **virou** na esquina com a rua Dom João. (Verbo intransitivo.)
- O carro, ao capotar, **virou** uma banca de jornais que se encontrava em uma calçada. (Verbo transitivo direto.)
- O carro, após a capotagem, **virou** um monte de ferros retorcidos. (Verbo de ligação.)
- Maria, em virtude da pressa, sempre **andava** rápido. (Verbo intransitivo ⇨ ação de "andar".)
- Maria **anda**, nos últimos tempos, preocupada com a situação da família. (Verbo de ligação ⇨ Ela está preocupada.)
- A criança **estava** extremamente doente. (Verbo de ligação.)
- A criança **estava** no hospital desde a segunda-feira. (Verbo intransitivo ⇨ Observe que o termo "no hospital desde a segunda-feira" funciona como o lugar em que a criança se encontra. Portanto, é uma locução adverbial de lugar. Como os advérbios não

completam a significação verbal, mas tão somente transmitem uma circunstância para o verbo, considera-se o verbo ESTAR como “intransitivo”.)

b) Há renomados e respeitáveis gramáticos que classificam verbos como “ir, dirigir-se, chegar, morar, residir, partir, voltar” como “transitivos adverbializados” ou “transitivos circunstanciais”, já que tais verbos são ininteligíveis sem a presença do adjunto adverbial reclamado por eles. Preferimos, entretanto, pô-los no rol dos intransitivos, porquanto entendemos que um adjunto adverbial não poderá funcionar como “complemento verbal”.

c) Há verbos transitivos diretos que reclamam além do objeto direto um qualificador para esse objeto, ou seja, há verbos transitivos diretos que exigem um predicativo para o seu objeto. Tais verbos são denominados de “transobjetivos”. Veja:

- O juiz julgou o réu culpado. ⇨ “JULGAR” é um “transobjetivo”, pois é um transitivo direto que exige um objeto direto acompanhado de um predicativo que, no caso, é o termo “culpado”.
- Muitos o **consideram** (VTD) responsável (predicativo do objeto) pelo crime. (V. “Considerar” é um transobjetivo).

1.2.2.2 Predicativo

Antes de estudar a classificação do predicado, é de fundamental importância identificar o predicativo, quando existente, dentro da estrutura oracional.

Ele representa um dos termos mais interessantes dessa estrutura. Aparece com muita frequência em construções que possuem elementos qualificadores.

O predicativo é a palavra (ou locução) que constitui o núcleo nominal de um predicado. Classifica-se em: predicativo do sujeito e predicativo do objeto.

I – O predicativo do sujeito

É o termo que transmite para o sujeito um estado, um atributo, um modo de ser por meio de um verbo de ligação explícito ou implícito. Veja os exemplos abaixo:

- O aluno parecia (VL) bastante atento (PS) à explicação do professor. (Adjetivo como núcleo do predicativo.)

- O poeta era (VL) a glória (PS) de toda a Pátria. (Substantivo como o núcleo do predicativo.)

- Quem és (VL) tu (PS)? (Pronome pessoal do caso reto como o núcleo do predicativo.)

- Recordar é (VL) viver (PS). (Verbo exercendo a função de núcleo do predicativo.)

- Os integrantes do grupo devem estar (VL) com fome (PS). (Uma locução adjetiva funcionando como predicativo.)

- O triplo de seis é (VL) dezoito (PS). (Numeral como núcleo do predicativo.)

- A verdade é (VL) que o governo não intervirá na economia (PS). (Uma oração funcionando como predicativo)

- Todos deixaram a sala constrangidos (PS) após o desabafo do diretor.

> Perceba que nessa estrutura o verbo de ligação se encontra implícito. Leia: Todos deixaram a sala. Todos estavam constrangidos.

⇨ **Observação:**

Perceba que o predicativo pode ser exercido por diversas classes morfológicas. O importante é perceber a existência (clara ou implícita) do verbo de ligação.

II – O predicativo do objeto

Como o próprio nome já o diz, esse termo se refere ao objeto por meio de um verbo de ligação implícito.

- Os alunos tinham (VTD) o professor de matemática (OD) por um sábio (PO) (ou "como um sábio").

Leia: Os alunos consideravam o professor de matemática. Ele é um sábio (ou "como um sábio").

PO OD
- Estendidas pela rua afora, deixaram as faixas que seriam usadas na campanha eleitoral.

- Um fraco rei faz fraca a forte gente.
VTD PO OD

Nessa estrutura os termos "fraco" e "forte" são adjuntos adnominais de "rei" e "gente", respectivamente. Leia assim: Um fraco rei faz a forte gente "tornar-se / ser / ficar" fraca.

- O avarento geralmente considera o ouro como seu deus.
VTD OD PO

PO VTD
- De semblante caído e sem perspectivas de melhoras, encontrei assim muitas vezes meu melhor amigo.
OD

⇨ **Considerações importantes:**

a) Observe que o predicativo pode vir precedido por uma preposição.

b) O predicativo do objeto geralmente só acontece com verbos transitivos diretos. Raros são os casos de predicativo de um objeto indireto. Uma das poucas exceções, por exemplo, é o verbo "chamar" na acepção de "cognominar, apelidar, tachar, alcunhar".

- Chamaram ao diretor da empresa incompetente (ou de incompetente).
VTI OI PO

c) Veja também que o predicativo pode ser deslocado dentro da estrutura oracional. Para tanto, deverá obrigatoriamente ser virgulado para indicar a sua inversão, uma vez que é um termo pertencente ao predicado.

Exemplos:

- O menino foi levado ao hospital com febre.
  predicativo
- O menino, com febre, foi levado ao hospital.
  predicativo
- Com febre, o menino foi levado ao hospital.
  predicativo

d) É importante também não confundir o predicativo do objeto com o adjunto adnominal – isso é essencial para se evitarem erros de concordância nominal. Para evitar tal equívoco, primeiro estude a função do adjunto adnominal, aprenda a identificá-lo e depois perceba as nuanças as quais envolvem este último termo e o predicativo.

> **Dica:** Procure perceber a concordância do predicativo com o sujeito ou com o objeto a que ele se refere. Muitos certames procuram explorar esse item. Para clarear e consolidar mais esse conteúdo, vá ao assunto "concordância nominal" e leia sobre a concordância do adjetivo-predicativo.

1.2.2.3 Classificação do predicado

Predicado é o termo que expressa a declaração que se faz sobre o sujeito quando a oração é composta pelos dois termos. Se não há sujeito, o predicado representa uma declaração qualquer que se faz.

Exemplos:

- Muitos cidadãos lutam contra a miséria em nosso país.
  predicado
- Havia muitos rebelados nos presídios cariocas.
  predicado

De acordo com a estrutura, o predicado pode ser: verbal, nominal ou verbo-nominal.

1.2.2.3.1 Predicado verbal

É aquele cujo núcleo é representado por um verbo significativo (intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto ou transitivo direto e indireto) e não há a presença de um predicativo:

Exemplos:

predicado verbal

- Alguns **deixaram** a sala mais cedo em virtude do calor. (Verbo transitivo direto)

predicado verbal

- Os dois filhos de Maria **comeram** bastante no almoço. (Verbo intransitivo)

predicado verbal

- Ainda não lhe **ofereceram** uma oportunidade de trabalho. (Verbo transitivo direto e indireto)

> **Dica:** Antes de passar adiante procure consolidar o entendimento sobre a função do predicativo (se possível, releia o tópico sobre o "predicativo"). A identificação do predicativo será condição essencial para a compreensão do predicado nominal e do predicado verbo-nominal.

1.2.2.3.2 Predicado nominal

É aquele em que aparece um "verbo de ligação" mais um "predicativo do sujeito". O núcleo desse tipo de predicado está centrado num nome, o predicativo do sujeito.

Exemplos:

- Todos **ficaram** imóveis diante daquela cena.
  VL pred. suj.

Pred. suj. VL

- Jogadas aos pés dele **estavam** todas as cartas recebidas nos últimos seis meses.

VL PS VL PS

- Muitas vezes, o que **é** barato **sai** caro. (Observe aqui a presença de dois predicados nominais)

1.2.2.3.3 Predicado verbo-nominal (ou misto)

É aquele que possui dois núcleos – um verbo significativo (intransitivo ou transitivo) e um nome (predicativo do sujeito ou do objeto).

Exemplos:

- Os representantes da ONU, exaustos (PS), deixaram (VTD) o salão principal. (Núcleos: um predicativo e um verbo)

- Encontrei (VTD) bem fechadas (PO) a porta do quarto e as janelas da sala.

- A grande prosperidade fez (VTD) o nosso melhor amigo orgulhoso (PO).

- Desabrochavam (VI) belas (PS) as últimas flores da primavera.

- Todos consideravam (VTD) meu pai como o mais sábio dos velhos daquele lugar (PO).

> ⇨ Não se esqueça de que o predicativo do objeto só aparece num predicado verbo-nominal.
>
> ⇨ Lembre-se também de que para se classificar com mais segurança o predicado convém primeiro estudar um pouco o assunto "predicação verbal".

1.3 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (FGV-RJ) Assinale a análise **correta** do termo destacado.

   *"Ao fundo, as pedrinhas claras pareciam **tesouros abandonados**".*

   a) predicativo do sujeito.
   b) adjunto adnominal.
   c) objeto direto.
   d) complemento nominal.
   e) predicativo do objeto direto.

2. (FCC – Técnico Legislativo – Câmara dos Deputados) Não é função da indústria **pensa a educação**.

   A função sintática da oração grifada acima é a mesma do termo, também grifado, na frase:

   a) ... no qual a Terra estava no centro do universo ...

b) ... que contribuíram para a ascensão do mundo burguês.
c) ... num processo que também gerou a onda de inovação ...
d) ... e a possibilidade de darmos o próximo salto.
e) ... nenhum representante da indústria de tecnologia poderia ter sido pioneiro ...

3. (F. Araraquara-SP) O professor **entrou apressado**. O destaque indica:

a) predicado nominal.
b) predicado verbo-nominal.
c) predicado verbal.
d) adjunto adverbial.
e) n.d.a.

4. (UM-SP) "E quando o brotinho lhe **telefonou** dias depois, comunicando que **estudava** o modernismo, e dentro do modernismo sua obra, para o que o professor lhe **sugerira** contato pessoal com o autor, **ficou** assanhadíssimo e paternal ao mesmo tempo."

Os verbos destacados são, respectivamente:

a) transitivo direto, transitivo indireto, de ligação, transitivo direto e indireto.
b) transitivo direto e indireto, transitivo direto, transitivo indireto, de ligação.
c) transitivo indireto, transitivo direto e indireto, transitivo direto, de ligação.
d) transitivo indireto, transitivo direto, transitivo direto e indireto, de ligação.
e) transitivo indireto, transitivo direto e indireto, de ligação, transitivo direto.

5. (PUC-PR) Sobre o exemplo: "A lua brilhou alegre no céu", afirmamos:

*I. O verbo **brilhar** é intransitivo.*
*II. O verbo **brilhar** é transitivo direto.*
*III. O verbo **brilhar** é transitivo indireto.*
IV. O predicado é nominal.
V. O predicado é verbal.
VI. O predicado é verbo-nominal.

a) Estão corretas I e VI.
b) Estão corretas I e V.
c) Estão corretas II e V.
d) Está correta apenas IV.
e) Estão corretas III e VI.

6. (CTA-SP) Assinale a alternativa cujo sujeito **não** é indeterminado.

a) Soa um toque áspero de trompa.
b) Falou-se de tudo na reunião.
c) Precisa-se de carpinteiro.
d) Batem à porta.
e) n.d.a.

7. (UFGO) Em uma das alternativas abaixo, o predicativo inicia o período. Assinale-a.

a) A dificílima viagem será realizada pelo homem.
b) Em suas próprias inexploradas entranhas descobrirá a alegria de conviver.
c) Humanizado tornou-se o sol com a presença humana.
d) Depois da dificílima viagem, o homem ficará satisfeito?
e) O homem procura a si mesmo nas viagens a outros mundos.

8. (FMU-SP) Assinale a alternativa em que aparece um predicado verbo-nominal.

a) Os viajantes chegaram cedo ao destino.
b) Demitiram o secretário da instituição.
c) Nomearam as novas ruas da cidade.
d) Compareceram todos atrasados à reunião.
e) Estava irritado com as brincadeiras.

9. (Osec-SP) Das seguintes orações: “Pede-se silêncio”, “A caverna anoitecia aos poucos “Fazia um calor tremendo naquela tarde”, o sujeito se classifica respectivamente como:

a) indeterminado, inexistente, simples.
b) oculto, simples, inexistente.
c) inexistente, inexistente, inexistente.
d) oculto, inexistente, simples.
e) simples, simples, inexistente.

10. (FEI-SP) Assinale a alternativa em que o termo destacado tenha a função de predicativo do sujeito.

a) “Eu sob a copa da mangueira **altiva**”.
b) “Não sentiram meus lábios **outros lábios**”.

c) “Do tamarindo a flor jaz **entreaberta**”.

d) “Já solta o bogari mais **doce** aroma”.

e) “**Melhor** perfume ao pé da noite exala”.

GABARITO

1 – A	2 – A	3 – B
4 – D	5 – A	6 – A
7 – C	8 – D	9 – E
10 – C		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 2

TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO

Como a própria denominação já denuncia, os termos integrantes aparecem completando, integrando o sentido de outros termos. São fundamentais para o entendimento e a perfeita construção da frase. São eles: o objeto direto e o objeto indireto (complementos verbais), o complemento nominal e o agente da passiva.

2.1 OBJETO DIRETO

É o termo que completa a significação dos verbos transitivos diretos sem o auxílio de uma preposição necessária, obrigatória. Exprime o paciente da ação e se identifica facilmente porque passa a sujeito na voz passiva. Representa o "caso acusativo" do latim.

Exemplos:

- O alimento envenenou boa parte do reino. (OD)
- Ele estreou a produção (OD) sob os protestos da população.
- Os argumentos que (OD) ele utilizou salvaram o réu (OD) da prisão.

> Perceba o pronome relativo "que" na função de objeto direto ⇨ Leia: Ele utilizou os argumentos.

- Houve muitos problemas (OD) na inauguração do comitê.

> Observe que o verbo da estrutura HAVER não possui sujeito, já que está no sentido de EXISTIR. O termo "muitos problemas" é o seu objeto direto.

- O medo era tal que nem sangue (OD) mais eu tinha na face.

⇨ Observações importantes:

a) O objeto direto é frequentemente substituído dentro da frase pelos pronomes oblíquos átonos “o, a, os, as”. Quando o verbo que os precede termina em “-r, -s, -z”, tais pronomes assumem as formas “lo, la, los, las.” Se o verbo terminar em ditongo nasal “-ão, -õe, -am”, por exemplo, os pronomes assumirão as formas eufônicas “no, na, nos, nas”.

Exemplos:

- Deixaram o livro (OD) sobre a mesa de jantar. = Deixaram-no (OD) sobre a mesa de jantar.
- É importante comprar produtos originais (OD). = É importante comprá-los (OD).
- Avisamos o diretor (OD) a tempo. = Avisamo-lo (OD) a tempo.
- Procuraram a menina (OD) por toda parte. = Procuraram-na (OD) por toda parte.
- Eles ainda não disseram (VTD) que o novo diretor assume amanhã. (OD)

Neste último exemplo, o objeto direto é exercido por toda uma oração. Veja mais exemplos em sintaxe de período, orações substantivas.

b) Os pronomes oblíquos átonos “me, te, se, nos, vos” também podem exercer a função d objeto direto. Nesse caso é essencial que se conheça com segurança a regência verbal.

Exemplos:

- Eu te (OD) amo (VTD), minha linda mulher.
- Por que não me (OD) convidaste (VTD) para a festa?
- Acho que o prefeito já não mais vos (OD) considera (VTD).

É muito importante que o estudante da língua portuguesa não confunda o objeto direto com o sujeito. É preciso ter sempre em mente que o objeto direto, salvo raras exceções, é um termo repleto de carga passiva, isto é, é um termo que pode ser convertido para a voz passiva com a função de sujeito. Já o sujeito é um termo que, na voz ativa, sempre

apresentará carga ativa, isto é, representará o termo que praticará, que executará a ação verbal. Observe abaixo:

- Ontem à tarde, chegaram as novas cartas.
  sujeito ou objeto direto??
- Ontem à tarde, enviaram as novas cartas.
  sujeito ou objeto direto??

Para dirimir tal dúvida, tente converter os termos para a voz passiva. Perceba que só no segundo caso (... enviaram as novas cartas) é possível a conversão (... as novas cartas foram enviadas). Ora, neste caso não mais restam dúvidas. Em "Ontem à tarde, chegaram as novas cartas", o termo grifado é o sujeito. Já em "Ontem à tarde, enviaram as novas cartas", o termo grifado é o objeto direto. Neste último período, o sujeito é indeterminado.

Para consolidar tal aprendizado, lembre-se de que:

a) O objeto direto é um termo que só existe nas vozes ativa e reflexiva. Na voz ativa, o objeto direto possui, salvo exceções, carga passiva, isto é, pode ser transposto para a voz passiva na função de sujeito passivo.

- Pedro adquiriu UM NOVO CARRO. (voz ativa → objeto direto com carga passiva)
- UM NOVO CARRO foi adquirido por Pedro. (voz passiva → o objeto direto se torna o sujeito passivo)

b) Na voz ativa, o sujeito possui "carga ativa", isto é, é o agente da ação. Por isso, quand é possível a conversão do sujeito ativo para a voz passiva, este assume o papel de "AGENTE da passiva", ou seja, o termo ativo que, na voz passiva, pratica a ação verbal.

- PEDRO adquiriu um novo carro. (voz ativa → sujeito ativo)
- Um novo carro foi adquirido POR PEDRO. (voz passiva → o sujeito ativo torna-se o agente da passiva)

Dica: Aprofunde esses conhecimentos com o estudo da voz passiva e do agente da passiva.

Vejamos outros exemplos:

- "Do vértice do M cai a espumarada." (Carlos Drummond de Andrade)
  sujeito ativo

- Sobre a laje do prédio, deixaram pilhas de entulhos retirados das telhas.
  objeto direto (pilhas de entulhos foram deixadas...)

- Na última semana, explodiram dois carros-bomba no centro de Bagdá.
  sujeito

- Durante a preparação para o concurso, surgiram grandes problemas para nós.
  sujeito

- Ainda não informaram as mudanças no sistema ao novo diretor.
  objeto direto (as mudanças foram informadas...)

- Compraram vários livros para a inauguração da biblioteca.
  objeto direto (livros foram comprados...)

Concluindo: Temos, portanto, duas grandes características para o objeto direto: a função complementar para verbos transitivos diretos e transitivos diretos e indiretos, e a carga passiva, isto é, a possibilidade de o objeto direto ser convertido para a voz passiva na função de sujeito. Logo, é um termo que, já na voz ativa, apresenta, como dissemos, "carga passiva". Entretanto, poderemos encontrar situações complexas como:

- Pedro matou Paulo. *(Quem é o sujeito da estrutura??)*

Considerações: Nesse caso, a utilização do recurso da "carga passiva" não adiantará, pois tanto podemos dizer "Paulo foi morto por Pedro", como "Pedro foi morto por Paulo". Temos, por conseguinte, um período ambíguo, já que a ação de "matar" pode ser praticada por ambos os substantivos (Pedro e Paulo). Para resolver tal problema, recorreremos a um conhecimento já consolidado – um sujeito não pode vir precedido por preposição. Logo, deve-se preposicionar um dos termos para que ele deixe de ser um possível sujeito e assuma a função de "objeto direto preposicionado".

Assim...

- Pedro matou a Paulo.
  sujeito — OD preposicionado

Veja outros exemplos em que esse desdobramento foi usado (perceba como o emprego da preposição evita que se tome o termo preposicionado como se fosse o sujeito do verbo):

OD preposicionado VTD sujeito

- A cada um de nós sempre incomoda a atitude desleixada de um pai irresponsável.

OD preposicionado VTD sujeito

- Às crianças de orfanatos abandonaram, na maioria das vezes, pais sem escrúpulos.

sujeito VTD OD sujeito OD preposicionado

- "Os otimistas não julguem os pessimistas, nem estes àqueles, pois...". (Fund. Carlos Chagas)

- As ações dos advogados engrandeceram às decisões tomadas pelos diretores.

sujeito VTD OD preposicionado

> **Dica:** Fique muito, mas muito atento às orientações por que acabamos de passar. Frequentemente, as bancas usam essa "confusão" (sujeito *versus* objeto direto) para provocar dúvidas em relação à concordância verbal.

2.1.1 OBJETO DIRETO PREPOSICIONADO

> **Calma!! Não se desespere! Isso não é difícil:** Procure entender as razões que levam o objeto direto a vir precedido de uma preposição. São poucos casos, e alguns são bem utilizados em nosso dia a dia. Vamos lá!

Primeiro, cumpre mais uma vez salientar que o objeto direto preposicionado não surge ao acaso. Ele é fruto de algumas situações especiais em nossa língua. Acompanhe o raciocínio abaixo:

- OD VTD
  Eu tenho certeza de que ele me ama, afirmou a mulher. (me = objeto direto, pronome oblíquo átono)

- VTD OD preposicionado
  Eu tenho certeza de que ele ama a mim, afirmou a mulher. (mim = objeto direto preposicionado, pronome oblíquo tônico).

Veja que no exemplo acima a preposição surgiu porque o pronome utilizado para a complementação foi um oblíquo tônico. Logo, podemos asseverar que todas as vezes que o complemento de um verbo transitivo direto for feito com um pronome oblíquo tônico ele (complemento verbal), obrigatoriamente, será preposicionado. Percebeu? O objeto direto preposicionado surge para certas situações; não é a regra, uma vez que é próprio do

objeto direto não exigir preposição.

Vamos aos casos em que o objeto direto deve vir precedido de uma preposição:

a) quando o objeto direto é um pronome pessoal oblíquo tônico (mim, ti, si, nós, vó ele, eles, ela, elas):

Exemplos:

- Ele idolatrava **a si mesmo** antes de consultar um analista.
  OD preposicionado

- Não pensem eles que irão enganar **a mim** e **a ti**.
  objetos diretos preposicionados

- Agindo assim, poderás **prejudicar** tanto **a ti** como **a nós todos**.
  VTD objetos diretos preposicionados

- "Uma certidão que me desse vinte anos de idade poderia enganar os estranhos, como todos os documentos falsos, mas não **a mim**." (Machado de Assis)
  OD preposicionado

b) quando o objeto direto é representado pelo pronome relativo "quem":

Exemplos:

- Até agora não sabemos **a quem** verdadeiramente ele **ama**.
  OD preposicionado VTD

- Santo Agostinho tornou-se o santo **a quem** Maria das Dores mais **venerava**.
  OD preposicionado VTD

- "— Se você tivesse de escolher entre mim e sua mãe, **a quem** é que **escolhia?**" (Machado de Assis)
  OD preposicionado
  VTD

c) quando, para o bem da clareza (a fim de se evitar uma ambiguidade), deva-se, po meio da preposição, evitar que o objeto direto seja confundido com o sujeito:

Exemplos:

- O filho ama o pai. (Aqui não se pode afirmar com precisão e segurança quem praticou a ação verbal, uma vez que é possível ler a frase tanto na ordem direta quanto na indireta).

Ora, para se evitar tal confusão deve-se preposicionar um dos termos. Veja:

- O filho ama **ao pai**.
  OD preposicionado

- Até agora não se sabe se Paulo realmente **matou** **a Pedro**.
  VTD OD preposicionado

- **Venceram** **aos japoneses** **os americanos**.
  VTD OD preposicionado sujeito

d) quando o objeto direto é representado pelo numeral dual "ambos":

Exemplos:

- No resultado final, acho que vou **aprovar** **a ambos**.
  VTD OD preposicionado

- Em face da dúvida, resolveram **comprar** **a ambas** em vez de levar apenas uma.
  VTD OD preposicionado

e) quando o objeto direto é representado por nomes próprios ou comuns que designem pessoas:

Exemplos:

- É preciso **amar** **a Deus** sobre todas as coisas.
  VTD OD preposicionado

- Judas **traiu** **a Cristo**.
  VTD OD preposicionado

- Os romanos costumavam **adorar** **a Júpiter**.
  VTD OD preposicionado

- Agora, irmãos, **louvemos** **ao Senhor** com uma música especial.
  VTD OD preposicionado

f) quando o objeto direto é representado por pronomes substantivos indefinidos e demonstrativos:

Exemplos:

- Apesar dos conhecimentos, ele jamais **estimulava** **a alguém** com suas palestras.
  VTD OD preposicionado

- Eu **apreciei** mais **a este** do que **àquele**.
  VTD ↳ objetos diretos preposicionados ↲

- Ele **doutrinava** muito mais **àquele jovem rapaz** ali do que **a este** aqui.
  VTD ↳ objetos diretos preposicionados ↲

Em virtude do paralelismo sintático, ambos os objetos diretos foram precedidos por preposição.

g) quando o objeto direto é formado por uma expressão que indica reciprocidade:

Exemplos:

- Deus ordenou que nós nos **amássemos** (VTD) uns **aos outros** (OD preposicionado).
- Elas se **odiavam** (VTD) umas **às outras** (OD preposicionado).

h) quando se deseja dar ênfase ao objeto direto ou, para obter mais clareza, indicar se a parte de um todo:

Exemplos:

- Diante do perigo, os soldados **sacaram** (VTD) **das armas** (OD preposicionado) e apontaram-nas para os manifestantes.
- Parece que ele ainda não **comeu** (VTD) **do bolo** (OD preposicionado).
- Nunca digas "**dessa água** (OD preposicionado) jamais **beberei** (VTD)".

Nestes dois últimos exemplos, alguns autores consideram os verbos como transitivos indiretos. Parece-nos, entretanto, mais lógica a ideia de "objetos diretos preposicionados", uma vez que indicam uma parte do todo. Compare: a) Comer o bolo (todo o bolo); b) Comer do bolo (parte do bolo).

2.1.2 OBJETO DIRETO PLEONÁSTICO

Ocorre quando se deseja pôr em relevo a informação contida no objeto direto. Para tanto, coloca-se o objeto direto no início da frase para depois retomálo — repeti-lo — com um pronome oblíquo. Daí porque este tipo de objeto é denominado de "pleonástico", "enfático" ou "redundante".

Exemplos:

- O homem, criou-o Deus à sua imagem e semelhança.
  OD VTD OD pleonástico

- Todas aquelas informações, os rapazes conseguiram-nas com o uso de propinas.
  OD VTD OD pleonástico

- Os que não falam a verdade, descobre-os o próprio curso da vida.
  OD VTD OD pleonástico

> Não confunda os dois "os" que aparecem na oração. O primeiro é, morfologicamente, um pronome demonstrativo. O segundo é um pronome oblíquo. Para facilitar o entendimento, leia a frase do seguinte modo: "O próprio curso da vida descobre os que não falam a verdade."

2.1.3 OBJETO DIRETO INTERNO OU COGNATO

Há casos em que o objeto direto repete o mesmo sentido contido no radical do verbo. Isso ocorre, geralmente, na linguagem literária, poética, com o intuito de conferir ênfase à mensagem. A esse termo dá-se o nome de "objeto direto interno ou cognato".

Exemplos:

- "E rir meu riso e derramar meu pranto". (Vinicius de Moraes)
  VTD OD interno

- Ele chorava um choro resignado, triste, melancólico.
  VTD OD interno

2.2 OBJETO INDIRETO

É o termo que completa a significação de um verbo transitivo indireto com o auxílio de uma preposição obrigatória. Com os verbos bitransitivos (transitivos diretos e indiretos), o objeto indireto representa o ser a quem (ou "para quem") o objeto direto se destina. Representa o "caso dativo" do latim.

Exemplos:

- Muitos cristãos da Antiguidade **batalhavam** (VTI) **contra os espinhos da carne** (OI).

- As ações do rapaz **incorreram** (VTI) **em grave erro judiciário.** (OI)

- **Enviaram** (VTDI) todas as informações **para o novo diretor** (OI).

- A empresa **deu** (VTDI) uma nova chance **ao empregado** (OI) que se afastou do local de trabalho sem avisar.

- A equipe **necessitava** (VTI) **de que todos deixassem a sala naquele momento** (OI).

> Observe que neste exemplo o "objeto indireto" é exercido por uma oração. Aprofunde esse estudo no capítulo "sintaxe de período".

⇨ Observações importantes:

a) O objeto indireto pode ser substituído pelos pronomes "lhe(s), a ele(s), a ela(s), dele(s dela(s), nele(s), nela(s)":

Exemplos:

- Nos finais de ano, muitas pessoas costumam **escrever** (VTDI) cartas **aos amigos** (OI). (➡ escrever-**lhes** (OI) cartas)

- Não **acreditem** (VTI) **nos falsos profetas** (OI). (➡ Não acreditem **neles** (OI))

- **Das novas orientações** (OI) eles ainda **dependem** (VTI) muito. (➡ Eles dependem **delas** (OI))

- Nunca mais **assistimos** (VTI) **às apresentações** (OI) daquele grupo. (Nunca mais assistimos **a elas** (OI).)

- "E que a sua Deolinda, estanciando nas empinadas serras de S. Gotardo, **lhe** (OI) dissera que seria feliz se morasse no topo duma montanha..." (Camilo)

b) Alguns verbos, mesmo transitivos indiretos, rejeitam a utilização dos pronomes “lhe, lhe para o objeto indireto. Exigem as formas tônicas analíticas “a ele, a ela, a eles, a elas”. Tal fato se dá ora por não ser o objeto de tais verbos personativo, ora se dá por reprovar-lhes a eufonia. São exemplos desse grupo especial os verbos “aceder, aludir, anuir, aspirar (sentido de desejar, almejar), assistir (sentido de ver, presenciar), proceder (sentido de iniciar, começar), visar (sentido de desejar, almejar)”.

- O evento deve ter sido majestoso, pois os diretores **aludiram a ele** na reunião de ontem. (E não “aludiram-lhe”)
- A contagem dos votos se realizará no ginásio de esportes. Os auditores do Tribunal Eleitoral **procederão a ela** exatamente às 18h.

c) Por outro lado, há verbos transitivos indiretos que, por motivo de eufonia, rejeitam os pronomes oblíquos átonos “me, te, se, nos, vos” para o objeto indireto. Exigem os pronomes tônicos preposicionados “a mim, a ti, a si, a nós, a vós” para tal função. São exemplos desse grupo os verbos “aludir, depender, discrepar, dissentir, discordar, equivaler, prescindir”.

- Eles prescindem de mim para a realização do projeto.
- Todos discordam de ti, João.

d) Verbos transitivos indiretos que exigem a preposição “com” não aceitam as formas tônicas “mim, ti, nós, vós”. Para eles, devem ser usados os pronomes tônicos “comigo, contigo, conosco, convosco”.

- A equipe da sala ao lado **competirá conosco**. (e não “competirá com nós”).
- Meu filho, alguém **simpatizou contigo** no colégio? (e não “simpatizou com ti”).

2.2.1 OBJETO INDIRETO PLEONÁSTICO

À semelhança do objeto direto pleonástico, representa a repetição enfática do objeto indireto o qual é retomado com um pronome oblíquo dentro da mesma estrutura oracional.

Exemplos:

- Ao sábio de coração (OI), bastam (VTI)-lhe (OI pleonástico) poucas palavras.
- Aos envolvidos em determinados crimes (OI), a lei preconiza que não lhes (OI pleonástico) convém ausentar-se sem consentimento do juiz.

2.3 COMPLEMENTO NOMINAL

É o termo integrante da oração que completa a significação de alguns nomes, sempre com o auxílio de uma preposição. Há três classes morfológicas que podem exigir complemento nominal: o substantivo, o adjetivo e o advérbio.

Exemplos:

- A nova Constituição do Brasil é bastante acessível (nome) ao leigo (CN). (acessível ➡ adjetivo)
- O amor (nome) a Deus (CN) deve ser incondicional. (amor ➡ substantivo)
- O fumo é prejudicial (nome) à saúde (CN). (prejudicial ➡ adjetivo)
- O interpretador literal sempre procura ser fiel (nome) à letra (CN) da lei. (fiel ➡ adjetivo)
- Todos moravam perto (nome) do centro da cidade (CN). (perto ➡ advérbio)
- O doente apresentava um profundo medo (nome) de seu passado (CN). (medo ➡ substantivo)
- Ele tinha certeza (nome) de que o despacho sairia amanhã (CN). (certeza ➡ substantivo)

Observe neste último exemplo que o complemento nominal é exercido por uma oração denominada de completiva nominal. Aprofunde esse conhecimento na parte de sintaxe de período, orações substantivas.

- —Tenha-me (CN) respeito (nome), gritava o pai para o filho. (respeito ➡ substantivo)

Leia: Tenha respeito a / por mim. Perceba, neste caso, o pronome oblíquo funcionando como “complemento nominal”.

⇨ Considerações importantes:

a) Observe que a preposição sempre se faz presente no complemento nominal. Para observar outros nomes que exigem preposição, estude o assunto "Regência nominal". Veja os nomes e as preposições que eles exigem.

b) Não confunda o complemento nominal com o objeto indireto. Este integra a significação de verbos transitivos indiretos ou transitivos diretos e indiretos, enquanto aquele completa nomes (substantivos, adjetivos e advérbios). Perceba os exemplos abaixo:

- Ele **confia** (VTI) muito **em seu próprio conhecimento** (OI).
- Ele tem muita **confiança** (nome) **em seu próprio conhecimento** (CN).
- O governo **desconfia** (VTI) **da atuação de grupos de esquerda** (OI) para minar-lhe as forças.
- O governo nutre uma profunda **desconfiança** (*nome*) **de que haja a atuação de grupos de esquerda** (*CN*) para minar-lhe as forças.
- Muitos ainda **necessitam** (VTI) **de paz interior** (OI) para viver melhor.
- Muitos têm **necessidade** (nome) **de paz interior** (CN) para viver melhor.

2.4 AGENTE DA PASSIVA

É o termo que na voz passiva analítica pratica a ação verbal, sempre introduzido por uma preposição.

> Antes de estudarmos este termo, vamos aprofundar um pouco o nosso conhecimento sobre a voz passiva, porque entendemos ser este o momento exato para isso.

2.4.1 ESTUDO DA VOZ PASSIVA – CONVERSÃO DA VOZ ATIVA PARA A VOZ PASSIVA

A voz representa a forma como o verbo se apresenta para indicar se o sujeito praticará, sofrerá ou praticará e sofrerá ao mesmo tempo a ação. Como se sabe, são três as vozes do verbo: ativa, passiva e reflexiva. Ocupemo-nos das vozes “ativa” e “passiva” agora.

A voz passiva se divide em: analítica e sintética. Vamos nos deter em estudar a voz passiva analítica, cuja principal característica é a presença de uma locução verbal formada por um verbo auxiliar (geralmente são os verbos “ser” e “estar” que desempenham esse papel) e um verbo principal no particípio.

Observe:

sujeito VTD OD
› O rapaz pegou o livro.
(➡ Voz ativa)

locução verbal
› O livro foi pego pelo rapaz.
sujeito passivo agente da passiva
(➡ Voz passiva)

Não sei se deu para perceber, mas a conversão foi feita da seguinte maneira:

ORDEM DIRETA

CONVERSÃO DA VOZ ATIVA PARA A VOZ PASSIVA		
VOZ ATIVA		VOZ PASSIVA
Sujeito	➡	Agente da passiva
Verbo transitivo direto	➡	Locução verbal (aux. + particípio)
Objeto direto	➡	Sujeito passivo ou paciente

ORDEM DIRETA

Observe as setas para acompanhar a mudança da função sintática dos termos. Veja outros exemplos de conversão da voz ativa para a voz passiva analítica:

VOZ ATIVA	VOZ PASSIVA
Quem o encontrou ontem à noite?	Por quem você (ele) foi encontrado ontem à noite?
O essencial é poder implementar as novas leis.	O essencial é poderem ser implementadas as novas leis.
Jovens, vossos mestres vos trataram bem hoje?	Jovens, vós fostes bem tratados hoje por vossos mestres?
A globalização vem favorecendo a concentração de renda.	A concentração de renda vem sendo favorecida pela globalização.

Platão a comparou ao adestramento de cães de raça.	Ela foi comparada por Platão ao adestramento de cães de raça.
Nós comprometemos de vez a dinâmica do processo.	A dinâmica do processo foi de vez comprometida por nós.
Muito prometem as dietas milagrosas e as intermináveis sessões de ginástica.	Muito é prometido pelas dietas milagrosas e pelas intermináveis sessões de ginástica.
Alguns vêm identificando a ótima forma do corpo com o conceito de saúde.	A ótima forma do corpo vem sendo identificada com o conceito de saúde por alguns.

⇨ Observações importantes:

a) Todos os termos em negrito são agentes da passiva. Perceba que todos vêm introduzidos por uma preposição. Geralmente é a preposição "por" que inicia o agente (ou suas contrações "pelo, pela, pelos, pelas"), mas há agentes da passiva que são introduzidos por outras preposições. Observe:

- Havia muitos carros naquela cidade que eram movidos **a gás**.
  agente da passiva

- O quarto foi invadido **de repórteres, de câmaras**.
  agente da passiva

- O carro era tirado **a quatro juntas de boi**.
  agente da passiva

b) Não se esqueça de que só os verbos transitivos diretos e os verbos transitivos diretos e indiretos podem ser convertidos para a voz passiva. Logo, por exclusão, salvo raras exceções (verbos "obedecer" e "desobedecer", por exemplo), os verbos transitivos indiretos, os verbos intransitivos e os verbos de ligação não são suscetíveis de transcrição para a voz passiva.

Logo:

- Muitos **assistiram** ao espetáculo extasiados. (Voz passiva ➡ Não existe)
  VTI

- Aquele pensamento grego **anda** cada vez mais comprometido. (Voz passiva ➡ Não existe)
  VL

- Sempre que nós **podíamos**, nós **íamos** com ele.
  VI VI

c) Verbos transitivos diretos há, entretanto, que são insusceptíveis de ir para a voz passiva. Tal fato se dá ou porque já apresentam sentido passivo (aguentar, sofrer etc.) — mesmo na voz ativa –, ou porque a eufonia lhes reprova a passagem para a voz passiva (ter, querer, poder, conter etc.).

d) Na conversão da voz ativa para a voz passiva, procure imediatamente o "objeto direto", pois será ele quem irá funcionar como o sujeito da voz passiva. Logo, identificar de forma precisa o "objeto direto" é o primeiro passo para se evitarem erros na transposição para a voz passiva.

e) Geralmente a locução verbal da voz passiva é construída com o verbo auxiliar "ser", formando o que se chama "passiva de ação". Outros verbos, entretanto, podem funcionar como auxiliares para a locução da passiva para acrescentar outras matrizes de sentido. Veja:

A polícia cercou a favela (voz ativa)

a) A favela foi cercada pela polícia. (passiva de ação com o verbo "ser")

b) A favela esteve cercada pela polícia. (passiva de estado com o verbo "estar")

c) A favela ficou cercada pela polícia. (passiva de mudança de estado com o verbo "ficar")

f) Lembre-se de que o verbo auxiliar concordará em "número" e "pessoa" com o sujeito d voz passiva. O particípio passivo, por sua vez, concordará em "gênero" e "número" com esse mesmo sujeito. Observe:

- Todos analisaram a nova lei. (Voz ativa) ⇨ A nova lei **foi analisada** por todos. (Voz passiva)
- Eu analisei as novas leis. (Voz ativa) ⇨ As novas leis **foram analisadas** por mim. (Voz passiva)
- Tu analisaste os novos decretos? (Voz ativa) ⇨ Os novos decretos **foram analisados** po ti? (Voz passiva)

g) Não se esqueça de que o verbo auxiliar da locução da voz passiva será colocado no mesmo "modo" e "tempo" do verbo principal da voz ativa. Logo:

- Ele revisa (Pres. Indic.) o acordo. (Voz ativa) ➡ O acordo é (Pres. Indic.) revisado por ele. (Voz passiva)

- Ele revisou (Pret. Perf. Ind.) o acordo. (Voz ativa) ➡ O acordo foi (Pret. Perf. Ind.) revisado por ele. (Voz passiva)

- Ele revisava (Pret. Imperf. Ind.) o acordo. (Voz ativa) ➡ O acordo era (Pret. Imperf. Ind.) revisado por ele. (Voz passiva)

- Ele revisará (Fut. Pres. Ind.) o acordo. (Voz ativa) ➡ O acordo será (Fut. Pres. Ind.) revisado por ele. (Voz passiva)

h) O verbo "HAVER" no sentido de "existir, acontecer, ocorrer" é insuscetível de transcriçã para a voz passiva em virtude de sua impessoalidade, a despeito de nessa acepção ser "transitivo direto". Logo:

- Sempre houve (VTD) bons legisladores (OD) no Brasil. (Voz passiva ⇨ Impossibilidade)

> Observe que nesta construção a oração não possui sujeito.

i) Não confunda o agente da passiva com o complemento nominal. Este integra o sentido nomes (substantivo, adjetivos e advérbios); aquele pratica a ação dentro de uma voz passiva. Ademais, o agente da passiva pode ser transcrito para a voz ativa com a função de sujeito.

Exemplos:

- O inferno sempre está pavimentado (locução verbal) de boas intenções (agente da passiva). (Voz ativa ⇨ Boas intenções pavimentam o inferno.)

> Observe a presença da locução verbal "estar + pavimentar". O verbo principal encontra-se no "particípio ⇨ pavimentado".

- Ele está ansioso (adjetivo) pela (ou "da") volta de sua amada (complemento nominal). (Não há como converter para a voz passiva.)

- Todos eram responsáveis (adjetivo) pela vida da família (complemento nominal). (Não há como converter para a voz passiva.)

- Muitos cantores foram influenciados pelo movimento hippie. (Voz ativa ⇨ O movimento hippie influenciou muitos cantores.)

j) Lembre-se de que muitas construções da voz passiva analítica apresentam "agente da passiva indeterminado". Isso ocorre quando não convém ou não se quer declará-lo. Neste caso, se se quiser verter a oração passiva com agente indeterminado para a voz ativa, esta também ficará com o seu sujeito indeterminado. Veja:

- O caso foi descoberto recentemente pelo investigador Marcos. (Voz passiva analítica cor agente da passiva determinado) ⇨ Voz ativa = O investigador Marcos recentemente descobriu o caso.
- O caso foi descoberto recentemente. (Voz passiva analítica com agente da passiva indeterminado) ⇨ Voz ativa = **Descobriram recentemente o caso**.
- O voto feminino chegou a ser discutido na constituinte de 1890. (Voz passiva analítica cor agente da passiva indeterminado) ⇨ Voz ativa = **Chegaram a discutir o voto feminino na constituinte de 1890**.

2.5 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (FMU/Fiam-SP) Assinale a alternativa que contenha, respectivamente: um pronome pessoal do caso reto funcionando como sujeito e um pronome pessoal do caso oblíquo funcionando como objeto direto.

   a) Eu comecei a reforma da Natureza por este passarinho.
   b) E mais uma vez me convenci da "tortura" destas coisas.
   c) Todos a ensinavam a respeitar a Natureza.
   d) Ela os ensina a fazer ninhos nas árvores.
   e) Ela não convencia ninguém disso.

2. (FCC) Em: "Chamou-se um **eletricista** para a instalação dos fios" o termo destacado é

   a) objeto direto.
   b) sujeito.
   c) objeto indireto.
   d) agente da passiva.
   e) predicativo do sujeito.

3. (FEI-SP) Assinalar a alternativa que indica a função sintática exercida pelas orações destacadas, nos seguintes períodos:

I. Insistiu em que permanecesse no clube.

II. Não há duvida de que disse a verdade.

III. É preciso que aprendas ser independente.

IV. A verdade é que não saberia viver sem ela.

a) sujeito – objeto direto – complemento nominal – predicativo do sujeito.
b) predicativo do sujeito – complemento nominal – objeto direto – sujeito.
c) sujeito – predicativo do sujeito – objeto indireto – complemento nominal.
d) objeto indireto – complemento nominal – sujeito – predicativo do sujeito.
e) complemento nominal – sujeito – predicativo do sujeito – objeto indireto.

4. (Epamig-MG) Indique a frase que apresenta a palavra "se" como pronome apassivador

a) "Se não chego a tempo..."
b) "Afastou-se o diretor, pisando forte."
c) Apagaram-se as luzes.
d) Precisa-se de responsabilidade.
e) Deu-se pressa em sair.

5. (FOC-SP) No período: "Falsos conceitos, meia ciência por parte de professores, complicação e pedantismo de nomenclatura vazia, tudo isso produziu e produz nos alunos uma sadia aversão pela 'análise lógica'". A expressão **pela análise lógica** é:

a) adjunto adnominal.
b) agente da passiva.
c) complemento nominal.
d) objeto indireto.

6. (UEL-PR) Assinale a alternativa correspondente ao período em que há agente da passiva.

a) O rapaz foi preso por um investigador, compadre do Bertolão.
b) O coração não resistiu à prova.
c) Não o sabíamos doente.
d) Tão grande e forte, não era resistente à bebida.
e) Seu apartamento fora interditado poucas horas depois do crime.

7. (Febasp)

"E agora, José?

A festa **acabou**

A luz **apagou**

O povo **sumiu**

A noite **esfriou**..." (Carlos Drummond de Andrade)

Em relação aos verbos destacados, pode-se afirmar que:

a) os verbos são todos transitivos diretos e estão no pretérito imperfeito.

b) os verbos são todos transitivos diretos, embora o objeto direto não esteja expresso e os verbos estão no pretérito perfeito.

c) o primeiro e o segundo verbos são transitivos diretos e os últimos são transitivos indiretos e estão no pretérito mais-que-perfeito.

d) todos os verbos destacados são intransitivos e estão no pretérito perfeito.

8. (UFU-MG) No período "Quando enxotada por mim foi pousar na vidraça", qual a função sintática de **por mim**?

a) objeto direto.

b) sujeito.

c) objeto indireto.

d) complemento nominal.

e) agente da passiva.

9. (ESPM-SP) Não **me** preocupa o **futuro**. Julgo-me **capaz** de enfrentar qualquer **dificuldade**. Os termos destacados são, respectivamente:

a) sujeito – objeto direto – objeto direto – objeto indireto.

b) objeto indireto – objeto direto – objeto indireto – complemento nominal.

c) objeto direto – objeto direto – predicativo do objeto – adjunto adnominal.

d) objeto indireto – sujeito – sujeito – objeto direto.

e) objeto direto – sujeito – predicativo do objeto – objeto direto.

10. (FMU-SP) Observe os termos destacados:

*Alugam-se **vagas**.*

*Precisa-se **de faxineiros**.*

Paraibana expansiva machucou-se.

Eles exercem, respectivamente, a função sintática de:

a) objeto direto, objeto indireto, objeto direto.
b) sujeito, sujeito, sujeito.
c) sujeito, objeto indireto, objeto direto.
d) sujeito, objeto indireto, sujeito.
e) sujeito, sujeito, objeto direto.

GABARITO

1 – D	2 – B	3 – D
4 – C	5 – C	6 – A
7 – D	8 – E	9 – E
10 – D		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 3

TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO

Após estudar os termos que completam o significado de verbos (objeto direto e objeto indireto) e de nomes (complemento nominal), bem como do agente da passiva, sua missão agora será estudar e compreender os termos que desempenham uma função secundária, ora de caracterização do substantivo, ora para expressar circunstâncias diversas.

São três os termos acessórios da oração: o adjunto adnominal, o adjunto adverbial e o aposto.

3.1 ADJUNTO ADNOMINAL

É o termo acessório da oração que tem por finalidade a caracterização ou a determinação de um substantivo.

Observe nos exemplos abaixo as classes morfológicas que funcionam como adjunto adnominal:

- **Os** rapazes encontraram **uma** mulher perdida.
  artigos
- O **enigmático** sonho levou a **bela** garota ao êxtase.
  adjetivos
- **Nosso** hino é o mais belo. **Aqueles** outros são **nossas** composições.
  pronomes adjetivos
- Havia **dois** bandidos do lado de fora do banco; os outros **três** meliantes renderam o vigilante.
  Numerais adjetivos
- Uma dor **de cabeça** o impediu de assistir ao show **dos alunos**.
  Locuções adjetivas
- Ontem eu fui à casa **que me será dada por herança**.
  Oração adjetiva

⇨ Observações importantes:

a) Lembre-se de que alguns pronomes, classificados geralmente como oblíquos, podem exercer a função sintática de adjunto adnominal. Neste caso, passam literalmente à função morfológica de pronomes possessivos. São eles: me, te, lhe, nos, vos, lhes.

Exemplos:

- Todos que chegavam beijavam-**lhe** as mãos. (⇨ Leia:... beijavam as mãos dele)
  adjunto adnominal

> Não confunda o "lhe" na função de possessivo com o "lhe" na função de objeto indireto ou na função de complemento nominal.

- Aquele susto arrepiou-**nos** os cabelos. (⇨ Leia:... arrepiou os nossos cabelos)
  adjunto adnominal
- adjunto adnominal
  Machucaram-**te** apenas face direita? (⇨ Leia: Machucaram apenas a tua face direita?)
- "Desventurado, o seu coração de fogo queimou-**lhe** o viço da existência ao despertar dos sonhos do amor que o tinham embalado." (A. Herculano)
- "Não **lhe** sei o nome, nem que lho soubera o diria." (Camilo)

b) Não confunda o adjunto adnominal com o complemento nominal quando formado por locução adjetiva e esta locução se referir a um substantivo. Para evitar tal equívoco, sugerimos alguns critérios:

COMPLEMENTO NOMINAL	ADJUNTO ADNOMINAL
Sempre indica o ser passivo (recebedor da ação)	Sempre indica o ser ativo (agente da ação)
Tem por base um verbo transitivo	Não tem por base um verbo transitivo
Não indica posse	Sempre indica posse
Completa geralmente o sentido de um substantivo abstrato.	Completa geralmente o sentido de um substantivo concreto.

Acompanhe os exemplos abaixo e perceba as diferenças:

- A intervenção do diretor provocou indignação na empresa.
  complemento ou adjunto?

> **Questione:** O diretor interveio ou recebeu a intervenção? Óbvio que ele interveio. Logo é o ser ativo, agente da ação. Ademais, podemos dizer: "A intervenção dele provocou

indignação na empresa". Ora, se é a intervenção dele, o termo "do diretor" indica posse. Portanto, não restam mais dúvidas, o termo é um adjunto adnominal.

- A eleição do novo diretor deixou em euforia toda a empresa.
  complemento ou adjunto?

Questione: O diretor está elegendo alguém ou está sendo eleito? Ele está sendo eleito. Logo, indica o ser passivo, recebedor da ação. Podemos dizer: "Eleger o novo diretor". Observe que o substantivo "eleição", neste caso, possui por base um verbo transitivo direto. Logo, o termo "do novo" diretor é um complemento nominal.

Observe outros exemplos:

- O pedido da empresa já foi atendido. (⇨ A empresa fez o pedido. Representa o ser ativo
  adjunto adnominal
- O pedido de socorro foi ouvido ao longe. (⇨ O socorro está sendo pedido. Representa o ser passivo)
  complemento nominal
- O empréstimo do dinheiro salvou a empresa. (⇨ O dinheiro está sendo emprestado. É o ser passivo)
  complemento nominal
- O empréstimo do banco salvou a empresa. (⇨ O banco está emprestando. É o ser ativo.)
  adjunto adnominal
- Os bolinhos de feijão alegravam os meninos na hora do almoço.
  adjunto adnominal
- A plantação de feijão foi devastada por uma praga.
  complemento nominal
- A resposta do entrevistado surpreendeu a todos.
  adjunto adnominal
- A resposta ao entrevistado provocou-lhe tristeza.
  complemento nominal

⇨ Observação:

Perceba que o critério do "ser passivo" (complemento nominal) e do "ser ativo" (adjunto adnominal) praticamente resolve toda a celeuma. Use os outros critérios se ainda restar alguma dúvida.

c) Não confunda também o adjunto adnominal com um predicativo do objeto. Neste último

qualidade atribuída ao objeto é necessária, essencial, logo, não passível de ser retirada da estrutura oracional; fato que não ocorre com o adjunto adnominal que é termo acessório e, como o próprio nome já sugere, pode ser retirado da oração. Para evitar confusões, adote o seguinte procedimento:

- transforme o objeto direto em um pronome oblíquo;
- perceba se o adjetivo que a ele se refere se mantém de forma lógica dentro da estrutura;
- se ele permanecer, será um predicativo; se não for possível a sua manutenção, é porque é um adjunto adnominal.

Observe:

- Resolvi hoje no colégio uma prova difícil. ("Difícil" é um predicativo ou um adjunto do substantivo "prova"?)
- Resolvi-a hoje no colégio. (Observe que o adjetivo "difícil" não se manteve, logo é um "adjunto adnominal").
- Achei a prova muito difícil. ("Difícil" é um predicativo ou um adjunto adnominal do substantivo "prova"?)
- Achei-a muito difícil. (Observe que o adjetivo "difícil" se manteve, logo é um "predicativo do objeto").
- Todos pegaram na biblioteca o livro recomendado pela professora. ("recomendado" = adjunto adnominal).
- Encontraram o livro rasgado. ("rasgado" = predicativo do objeto)

3.2 ADJUNTO ADVERBIAL

É o termo acessório da oração que, com ou sem preposição, refere-se a um verbo, a um adjetivo ou a um advérbio atribuindo-lhes alguma circunstância. Em sintaxe, o adjunto adverbial é exercido pelos advérbios e pelas locuções adverbiais. Este termo representa o "caso ablativo" do latim.

Observe:

adjunto adverbial adjunto adverbial

- Hoje o Presidente da República irá ao Congresso na parte da tarde para a obtenção de apoio.

adjunto adverbial

adjunto adverbial adjunto adverbial

- Raramente o país investe em educação como os outros países da América do Sul.

adjunto adverbial adjunto adverbial

- Muitos hoje em dia morrem de fome por causa da insensibilidade de alguns.

adjunto adverbial

Por expressarem circunstâncias, os adjuntos adverbiais possuem várias classificações. Destacamos as principais:

a) de lugar ⇨ No país do carnaval, só samba quem tem dinheiro.
b) de tempo ⇨ Muitos direitos foram suspensos no tempo da ditadura brasileira.
c) de concessão ⇨ Apesar das circunstâncias, muitos obtiveram o diploma de bachare
d) de assunto ⇨ Eles só falavam sobre a derrota do time.
e) de causa ⇨ Deixou o emprego por moléstia grave. Durante a tempestade, muitas árvores caíram com o vento.
f) de afirmação ⇨ Certamente o presidente da empresa viajará para a Europa.
g) de intensidade ⇨ Falou muito, por isso ficou bastante rouco.
h) de dúvida ⇨ Talvez o time ganhe na próxima partida.
i) de modo ⇨ Deixou às escondidas o local e sorrateiramente entrou no carro que estava aparentemente abandonado.
j) de negação ⇨ De modo algum nós aceitaremos as novas cláusulas. Não compactuaremos desse momento.
k) de matéria ⇨ Construiu a porta de ferro. Fechou todos os buracos com areia e cimento.
l) de meio ⇨ Eles sempre vão de carro à casa dos parentes mais afastados.
m) de finalidade ⇨ Estudam bastante para a obtenção do certificado.
n) de condição ⇨ Não conseguirás viajar sem o passaporte.
o) de companhia ⇨ O Presidente viajará para a Europa com todos os seus ministros.
p) de preço ⇨ Aquela casa custará para nós cem mil dólares.
q) de conformidade ⇨ Eles sempre dançam conforme a música.

⇨ Observação:

Mais uma vez salientamos que esse é apenas um rol exemplificativo. Sem dúvida, há outras circunstâncias que podem ser expressadas pelos advérbios e pelas locuções adverbiais.

⇨ Outras considerações importantes:

a) Não confunda o adjunto adverbial com o agente da passiva quando os termos vierem encabeçados pelas preposições "de, por, pela, pelo, pelas, pelos". Observe:

- Todos estavam oprimidos **pela urgência do caso**. (⇨ Agente da passiva = A urgência do caso oprimia a todos)
- O Ministro estava deixando o caso **por negligência própria**. (⇨ Adjunto adverbial de causa)
- **Por uma denúncia anônima,** ele foi preso. (⇨ Adjunto adverbial de causa)
- Naquele momento, o orador estava sendo ovacionado **por todos os presentes à convenção**. (⇨ Agente da passiva)

b) Observe que o adjunto adverbial tanto pode ser expresso por um advérbio simples com por uma locução adverbial. As locuções adverbiais são, frequentemente, introduzidas por uma preposição.

- Respeite a eles, pois aqueles homem trabalham **de sol a sol**.
- Todos ficaram **em cima da casa** para observar o fenômeno.

c) Lembre-se de que o adjunto adverbial modifica "verbos, adjetivos ou advérbios" atribuindo a eles circunstâncias diversas, enquanto o adjunto adnominal sempre se refere ao substantivo.

3.3 APOSTO

É o termo acessório cuja função é a de esclarecer, explicar, identificar, especificar, resumir um outro termo. O termo a que o aposto se refere sempre será um substantivo ou termo substantivado, uma vez que a função do aposto é típica do substantivo.

Primeiros exemplos:

- O Amazonas, **maior rio navegável do mundo**, está poluído em algumas áreas.
  aposto
- aposto
  Analista de artes e professor de computação, João Antônio aprecia também bons prato

à japonesa.

- Renato Saraiva, procurador do trabalho da 4.ª Região (aposto), escreveu vários livros sobre Direito Trabalhista.

Existem vários tipos de apostos. São eles:

a) Aposto explicativo: é o mais comum. Como o próprio nome já enuncia, explica, esclarec o termo a que se refere. Vem sempre isolado por vírgula(s).

Exemplos:

- Edson Arantes do Nascimento, o rei Pelé (aposto explicativo), consagrou-se como um dos maiores jogadore de todos os tempos.
- Em Pernambuco, um dos grandes produtores de açúcar do Brasil (aposto explicativo), a violência cresce diariamente.
- João Pedro, ajudante de pedreiro (aposto explicativo), recebeu um bom abono de férias da empresa.

b) Aposto resumitivo ou recapitulativo: é aquele que "resume" uma sequência de termos. Geralmente este tipo de aposto resume substantivos que exercem a função de sujeito. O aposto resumitivo é frequentemente exercido por um pronome indefinido.

Exemplos:

- O mar, os céus, a terra, tudo (aposto resumitivo) apregoa a glória de Deus.
- Dançar, nadar, brincar, nada (aposto resumitivo) lhe interessava.

c) Aposto especificativo: é aquele que se refere a um substantivo de sentido geral particularizando-o, especificando-o, indicando-lhe a espécie à qual pertence. Esse tipo de aposto dispensa a pontuação.

Exemplos:

- O iluminista Thomas Hobbes (aposto especificativo), autor de "Leviatã", morreu em 1679.
- O poeta Carlos Drummond de Andrade (aposto especificativo) foi uma das maiores expressões do Modernismo.

Perceba que a base deste tipo de aposto é a especificação, a delimitação. Observe que,

entre tantos poetas, a oração especifica que a informação se refere apenas a Carlos Drummond de Andrade.

- A cidade **de Palmares** fica a cerca de 120Km da cidade **de Recife**.
  aposto especificativo — aposto especificativo
- Meu melhor amigo **Cláudio** é um especialista em eletricidade.
  aposto especificativo
- O mar **Mediterrâneo** foi alvo de muitas disputas na Antiguidade.
  aposto especificativo
- O colégio **Contato** fica na rua **Dom Bosco**.
  aposto especificativo — aposto especificativo

d) Aposto enumerativo: este tipo cria uma enumeração ou indica uma quantidade do termo a que se refere. Este tipo de aposto faz uso frequente dos dois pontos e, mais raramente, da vírgula e do travessão.

Exemplos:

- Para um homem evoluir são necessárias três coisas: **uma grande mulher, uma boa família e a presença de Deus**.
  aposto enumerativo
- Em sua viagem, Mário conheceu dois grandes expoentes da Literatura mundial: **José Saramago e Antonio Candido**.
  aposto enumerativo

e) Aposto de oração: é aquele que sintetiza o conteúdo semântico de toda uma oração. Não se deve confundi-lo com o aposto resumitivo. Este resume termos, aquele faz a síntese de toda uma oração ou orações.

Exemplos:

- A niveladora jogou neve para dentro do jardim, **fato** que o deixou muito irritado.
  aposto de oração
- Muitos sem-terras se aglomeram em frente do Ministério, **sinal** de uma grande manifestação.
  aposto de oração
- Alguns alunos zombavam do professor, **o** que irritou profundamente o diretor do colégio.
  aposto de oração
- Os primeiros a chegar sugeriram que o acampamento fosse levantado à esquerda do lago, **ideia** que muito agradou aos líderes da excursão.
  aposto de oração

⇨ Considerações importantes:

a) Não confunda o aposto especificativo com o adjunto adnominal nem com o complement nominal. Observe:

- A cidade de São Paulo (aposto especificativo) tornou-se a maior metrópole da América Latina.

> O objetivo do termo é especificar uma cidade entre as várias cidades existentes.

- Os moradores de São Paulo (adjunto adnominal) sofrem com os engarrafamentos.

> Já aqui o termo (formado pela locução adjetiva) indica uma qualidade. "Os moradores paulistas" (ou paulistanos).

- A construção de São Paulo (complemento nominal) durou vários séculos.

> Neste último, o termo indica o ser passivo, recebedor da ação.

- O poeta Drummond (aposto especificativo) foi o autor de vários poemas, dentre os quais se destaca
- Os poemas de Drummond (adjunto adnominal) servem de base para muitos poetas de hoje.

b) Há um tipo especial de termo, colocado em aparente aposição – entre vírgulas, geralmente –, que recebe o nome de "aposto circunstancial". Esta classificação é defendida por estudiosos de peso da nossa língua, como os professores Mário Barreto, José Oiticica e Cláudio Brandão. Em nossa análise, corroborando com o professor Adriano da Gama Kury, em seu livro "Novas lições de análise sintática", preferimos classificar este termo não como aposto circunstancial, mas como "predicativo circunstancial", por causa do caráter essencialmente qualificador deste termo.

- "Os castanheiros, **grandes e concentrados**, ouviam subir a seiva." (Eça de Queiroz, apud Adriano G. Kury)
- "Lembra-se como, **em menino**, me tratava?"
- Meu pai, **quando jovem**, era amantíssimo das letras.

3.4 VOCATIVO

É o termo da oração (não entra em nenhuma classificação, uma vez que nem pertence ao sujeito nem ao predicado) cujo objetivo é interpelar, chamar, invocar alguém de forma mais ou menos enfática.

> **Nota:** Na fala o vocativo é pronunciado com entonação enfática. Na escrita é sempre marcado pela presença de algum sinal de pontuação que o isole dentro da estrutura oracional. Geralmente esse papel de isolar o vocativo é exercido pela vírgula.

- Maria, ó Maria, vem logo, não demores.
  vocativos
- Afasta-te daqui, criatura nojenta!
  vocativo
- Tenha cuidado, meu filho, a vida não é fácil.
  vocativo

⇨ Consideração importante:

Não se esqueça de que a pontuação é fundamental para a identificação do vocativo, além, é claro, do objetivo do termo que é, como já vimos, chamar, interpelar. A ausência, o esquecimento, ou mesmo a retirada proposital da pontuação pode alterar completamente a função sintática do termo. Veja:

- sujeito simples
  Carlos Antônio teve a sua dissertação de mestrado aprovada com louvor pela banca examinadora.
- vocativo sujeito
  Carlos, Antônio teve a sua dissertação de mestrado aprovada com louvor pela banca examinadora.
- sujeito vocativo
  Carlos, Antônio, teve a sua dissertação de mestrado aprovada com louvor pela banca examinadora.

3.5 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (Univ. Fed. de Ouro Preto-MG) Dos termos destacados, **só não é** predicativo do sujeit

   a) "Os outros fingiam acreditar, **desconfiados**."

b) “Manarairema esperou **impaciente**.”
c) “... enquanto os homens andavam **ativos**...”
d) “Se eles são **soberbos**, nós também...”
e) “Ninguém almoçou **direito**, receando...”

2. (U. Cuiabá-MT)

“Dois pais conversam sobre o futuro dos filhos:
*– O que seu filho vai ser quando terminar o primeiro grau? – pergunta **um** deles.*
*– Pelo jeito, acho que vai ser **um** velho de barbas brancas... – responde o outro”.*
***Um**, analisando-se morfológica e sintaticamente, é, respectivamente:*

a) artigo indefinido e adjunto adnominal / artigo indefinido e adjunto adnominal.
b) pronome adjetivo e objeto direto / artigo indefinido e objeto direto.
c) pronome substantivo indefinido e sujeito / artigo indefinido e adjunto adnominal.
d) pronome adjetivo definido e adjunto adnominal / numeral cardinal e sujeito.
e) pronome adjetivo definido e adjunto adnominal / numeral cardinal e objeto direto.

3. (UM-SP) “Apesar de vistosa, a construção acelerada **daquele edifício** deixou-**nos insatisfeitos** novamente”.

Os termos em destaque no período são, respectivamente:

a) adjunto adnominal, objeto indireto, adjunto adverbial.
b) complemento nominal, objeto direto, adjunto adverbial.
c) adjunto adnominal, objeto direto, predicativo do objeto.
d) complemento nominal, objeto direto, predicativo do objeto.
e) adjunto adnominal, objeto indireto, adjunto adnominal.

4. (UFSC) Observe os períodos abaixo e assinale a alternativa em que **lhe** é adjunto adnominal.

a) “... anuncio-lhe: Filho, amanhã vai comigo.
b) O peixe caiu-lhe na rede.
c) Ao traidor, não lhe perdoaremos jamais.
d) Comuniquei-lhe o fato ontem pela manhã.
e) Sim, alguém lhe propôs emprego.

5. (Fuvest-SP) Nos enunciados abaixo, há adjuntos adnominais e apenas um complemento nominal. Assinale a alternativa que contém o complemento nominal.

a) faturamento das empresas.
b) ciclo de graves crises.
c) energia desta nação.
d) história do mundo.
e) distribuição de poderes e renda.

6. (Fuvest-SP) Assinalar a oração que começa com um adjunto adverbial de tempo.

a) Com certeza havia um erro no papel do branco.
b) No dia seguinte Fabiano voltou à cidade.
c) Na porta, (...) enganchou as rosetas das esporas...
d) Não deviam tratá-lo assim.
e) O que havia era safadeza.

7. (ESPM-SP) "Fogão Continental 2001 Grand Prix II: nossa homenagem **ao bom gosto** **mulher brasileira**." As expressões destacadas são, respectivamente:

a) sujeito, complemento nominal.
b) complemento nominal, sujeito.
c) adjunto adnominal, objeto direto.
d) complemento nominal, complemento nominal.
e) complemento nominal, adjunto adnominal.

8. (Faap-SP)
"Sete anos de pastor Jacó servia Labão, pai de Raquel, serrana bela".
*Identifique a análise **errada**.*

a) sete anos – adjunto adverbial.
b) de pastor – adjunto adnominal.
c) Jacó – sujeito.
d) pai de Raquel – aposto de Labão.
e) serrana bela – aposto de Raquel.

9. (PUC-SP) "Só pessoas **sem visão** não admitem que, neste setor, existe **oferta** considerada condizente **com a procura**".

*Assinale a alternativa em que se apresenta **corretamente** a função sintática dos termos em destaque, respeitando-se a ordem em que elas ocorrem no período.*

a) adjunto adnominal, objeto direto, complemento nominal.
b) adjunto adverbial, objeto direto, adjunto adnominal.
c) adjunto adnominal, sujeito, complemento nominal.
d) adjunto adverbial, sujeito, complemento nominal.
e) adjunto adnominal, objeto direto, adjunto adnominal.

10. (UEL-PR) “Ainda que surgissem poucos **recursos** para o projeto, todos mostravam-se satisfeitos com a boa vontade **do chefe**”.

As palavras em destaque no período exercem, respectivamente, a função sintática de:

a) objeto direto, complemento nominal.
b) sujeito, objeto indireto.
c) objeto direto, adjunto adnominal.
d) objeto direto, objeto indireto.
e) sujeito, adjunto adnominal.

GABARITO

1 – E	2 – C	3 – D
4 – B	5 – E	6 – B
7 – E	8 – B	9 – C
10 – E		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 4

SINTAXE DO PERÍODO COMPOSTO

Partamos para nosso segundo passo dentro de sintaxe. Nos capítulos anteriores, percebemos a interação entre os termos de uma oração e classificamos a função deles. Neste capítulo, continuaremos a estudar as funções sintáticas estabelecidas não mais agora entre os termos simples de uma oração, mas entre as orações. Logo, não se preocupe: o assunto é fácil. Uma orientação, porém, segue: é importante que as noções do que é um sujeito, um objeto direto, um objeto indireto etc. tenham sido bem assimiladas. Afinal, reiterando o já dito, vamos estudar todos esses termos em forma de orações. Boa viagem!

4.1 CONCEITOS ESSENCIAIS

Como já dissemos, o nosso estudo versa sobre o período. Período é a frase que se estrutura em oração ou orações. Daí o período ser classificado em:

a) Período simples ⇨ formado por uma única oração denominada de oração absoluta.
b) Período composto ⇨ formado por mais de uma oração.

Para a sintaxe de período só interessa o período composto, aquele formado por duas ou mais orações. Para a construção desse período composto, dois processos sintáticos são utilizados:

a) A coordenação ⇨ as orações mantêm uma independência sintática umas das outras, o seja, uma oração não exerce uma função sintática (sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal etc.) para a outra. Há tão somente uma dependência semântica (de sentido) entre as orações do período coordenado.
b) A subordinação ⇨ as orações estão ligadas umas às outras — dependência — não só por um vínculo semântico, mas principalmente por um vínculo sintático, isto é, uma oração vai exercer uma função sintática para a outra. Por isso, uma oração, no período subordinado, só subsistirá se a outra também existir e vice-versa.

É possível também que um período seja formado tanto por orações coordenadas quanto por orações subordinadas. Nesse caso, ele é denominado de *período composto por coordenação e por subordinação, ou período misto* (período complexo).

Primeiros exemplos:

1.ª oração

- O Conselho de Defesa Nacional é órgão de consulta do Presidente da República e atua em casos específicos.

2.ª oração

Período coordenado. Leia: O Conselho de Defesa Nacional é órgão de consulta do Presidente. O Conselho de Defesa Nacional só atua em casos específicos.

1.ª oração

- Quando o Presidente e o Vice-presidente não assumirem o cargo no prazo de dez dias a partir da posse, o cargo será declarado vago.

2.ª oração

Período subordinado. Perceba que uma oração não faz sentido sem a outra e que a primeira indica o tempo para o fato da outra oração.

- Ele disse que amanhã irá ao show se não chover e se não houver aquele engarrafamento que tanto tem infernizado a vida dos paulistanos.

Período misto. Há cinco orações.

No último período acima, observe que há cinco orações: a primeira (*Ele disse*) que é a oração principal; a segunda (*que irá ao show amanhã*), subordinada à primeira; a terceira (*se não chover*) e a quarta (*se não houver aquele engarrafamento*) subordinadas à segunda; e, por fim, a quinta (*que tanto tem infernizado a vida dos paulistanos*), subordinada à quarta. Perceba que entre a terceira e a quarta oração há um processo de coordenação. Por isso, esse período é denominado de período misto.

⇨ Considerações importantes:

a) Para se descobrir quantas orações existem em um período, em geral, basta contar o número de verbos ou de locuções verbais presentes na estrutura. Portanto, ao analisar um período, primeiro destaque os verbos e/ou as locuções verbais.

Observe:

- "Na hipótese de nenhum candidato **alcançar** maioria absoluta na primeira votação, **far-se-á** nova eleição no último domingo de outubro do ano anterior ao término do mandato presidencial vigente, **concorrendo** os dois candidatos mais votados e **considerando**-se eleito, agora em segundo turno, aquele que **obtiver** a maioria dos votos válidos." (CF, art 77, *caput*)

b) Para a construção do período composto, as conjunções, os pronomes relativos, algumas preposições e alguns advérbios possuem papel fundamental. Serão essas classes morfológicas que farão a ligação (funcionarão como uma "ponte") entre as orações. A esses elementos de união a gramática denomina de "conectores" ou "elementos de conexão" ou ainda "articuladores".

Observe:

- **Enquanto** exerce funções típicas, o órgão executivo pratica atos de chefia de estado, chefia de governo e atos de administração. **Quando** atua atipicamente, o órgão executivo legisla **uma vez que** pode emitir medidas provisórias.

Após essas noções introdutórias, estudaremos passo a passo, a formação do período composto tanto por coordenação quanto por subordinação.

Para que o nosso estudo obtenha sucesso, é fundamental que o estudante:

⇨ tenha apreendido as funções dos elementos de conexão, principalmente das conjunções. Logo, se ainda restar alguma dúvida ou se não se lembrar direito do assunto, sugiro que estude "conjunção".

⇨ não procure decorar as conjunções, mas sim apreender-lhes o sentido e, acima de tudo, apreender a relação que a conjunção promove. Observaremos que, muitas vezes, uma mesma conjunção promoverá diversas relações. Portanto, não se desespere! Com o tempo você aprovisionará as diversas relações promovidas pela mesma conjunção.

⇨ não se preocupe demasiadamente com a nomenclatura gramatical: oração subordinada substantiva tal ou qual; oração subordinada adverbial "X", reduzida de infinitivo. A maioria dos institutos elaboradores de provas para concursos (públicos e vestibulares) já não mais questiona essa classificação — querem saber, sim, a relação promovida pela conjunção, pelo pronome relativo, pelos conectores em geral. Esses nomes rebuscados têm assustado e desestimulado até os mais afeitos à Língua Portuguesa. Mais uma vez, portanto, insisto: procure, a partir de agora, entender as relações entre as orações, promovidas pelos conectivos. Bom estudo!

4.2 PERÍODO COMPOSTO POR COORDENAÇÃO

4.2.1 ORAÇÕES COORDENADAS

O período coordenado é aquele em que aparecem orações sintaticamente independentes umas das outras. Saliente-se que a independência é sintática, pois no período coordenado sempre existirá uma dependência semântica (= de sentido), de forma que a retirada de uma oração prejudica o sentido do enunciado. Por isso, diz-se que no período coordenado há vínculo semântico, mas não há vínculo sintático.

Como não existe o vínculo sintático, as orações no período coordenado classificam-se pela presença ou não das conjunções coordenadas. Daí elas serem:

4.2.1.1 Assindéticas

Quando não possuem conjunção, conectivo; apresentam-se justapostas.

Observe:

- Todos saíram mais cedo, foram para um barzinho próximo à faculdade.
  oração assindética — oração assindética

- "Raspou, achou, ganhou." *(Slogan publicitário.)*
  orações assindéticas

4.2.1.2 Sindéticas

Quando se ligam às outras pelas conjunções coordenativas. As conjunções coordenadas são de cinco tipos e podem expressar as relações de "adição, alternância ou disjunção, oposição adversativa, conclusão e explicação".

4.2.1.2.1 Coordenadas aditivas

São aquelas que exprimem adição, soma de pensamentos, acréscimo de ideias, simultaneidade de ações.

> As principais conjunções aditivas são: e, nem, mas também, mas ainda, senão também, bem como, como também, que (= e).

- Muitos deixaram o local consternados **e** foram para a delegacia.
- Os pensamentos não só fazem bem à alma, **mas também** possibilitam a ajuda ao próximo.

- O conferencista discursou sobre a poluição mundial, **como também** falou sobre os efeitos do lixo industrial.
- Não fez o exame hoje **nem** foi ao curso de inglês.
- Estuda **que** estuda, e não consegue aprovação no concurso.

⇨ Observação:

Nem sempre a conjunção "e" funcionará como aditiva. Nas construções abaixo, ela aparece como coordenada adversativa. Perceba:

- Estudou tudo, **e** não passou no exame. (e = mas)
- Trabalhou muito, **e** não obteve sucesso. (e = mas)

4.2.1.2.2 Coordenadas adversativas

São aquelas que promovem oposição, ressalva, contraste. A ideia contida na oração adversativa se contrapõe à da oração assindética.

> As principais conjunções adversativas são: mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, ao passo que, senão (= do contrário, mas sim, porém), antes (= mas, pelo contrário).

- Aprecia frutos do mar, **mas** não gosta de lagosta.
- Não foi ao shopping, **antes** preferiu o velho futebol do sábado à tarde.
- Eu sou pobre, **ao passo que** ele é muito rico.
- Ele gosta muito da praia, **entretanto** não aprecia muito os vendedores ambulantes.
- Não obteve a aprovação desejada, **senão** vaias de todos os lados.

⇨ Observações:

a) A oração adversativa equivale à oração subordinada concessiva, uma vez que ambas promovem as relações de oposição. Observe:

- Ele não bebe, mas fuma muito. ⇨ Embora fume muito, ele não bebe.

b) A conjunção coordenada adversativa pode aparecer deslocada dentro da oração sindética. Quando isso acontece, o emprego da vírgula se torna obrigatório para isolar a conjunção. Veja:

- Sempre apreciou vinhos do porto, **mas** os bebe moderadamente.
- Sempre apreciou vinhos do porto; bebe-os, **porém**, moderadamente. (Conjunção deslocada)
- Sempre apreciou vinhos do porto; bebe-os moderadamente, **contudo**. (Conjunção deslocada)

c) Algumas bancas elaboradoras de provas têm explorado as palavras "entretanto" e "no entanto" não como conjunções adversativas, mas como advérbios de tempo, com o sentido de "entrementes, neste ínterim, nesse momento". Observe os exemplos abaixo:

- Todos velavam o corpo na na sala. nesse ínterim, nesse meio-tempo **Entretanto**, João, o viúvo, conversava longamente no jardim com uma comadre.

> Este advérbio de tempo equivale a "entrementes".

- A música da orquestra penetrou na sala. nesse tempo, nesse momento **No entanto**, todos olhavam de um lado para o outro querendo saber de onde vinha aquela melodia.
- O jogador fora para o Japão a fim de disputar um campeonato. nesse tempo, nesse meio-tempo **Entretanto**, nasceu sua filha, bela e de olhos verdes.

4.2.1.2.3 Coordenadas alternativas

São aquelas que expressam uma alternância, uma disjunção.

> As principais conjunções alternativas são: ou, ou... ou, ora... ora, quer... quer, seja... seja, já... já, talvez... talvez.

- **Ora** o rapaz levantava um braço, **ora** coçava a cabeça, **ora** se espremia na cadeira.
- Responda todo o capítulo do livro **ou** não sairá no intervalo.
- **Quer** ele falasse, **quer** ele ficasse calado, todos o recriminavam.

4.2.1.2.4 Coordenadas conclusivas

São aquelas que exprimem uma conclusão, uma dedução lógica da ideia contida na oração precedente.

> As principais conjunções conclusivas são: logo, pois (posposto ao verbo), portanto, por isso, por conseguinte.

- Ele estuda bastante, **logo** será aprovado em breve.
- A testemunha foi intimada, **por conseguinte** deveria comparecer.
- A empresa não enviou a proposta, **portanto** está fora da licitação.

4.2.1.2.5 Coordenadas explicativas

São aquelas que justificam a informação da oração precedente; fornecem, portanto, uma explicação, um motivo.

> As principais conjunções explicativas são: que, porque, pois (anteposto ao verbo), porquanto.

- Não corra, **que** você pode cair.
- Saia da sala agora, **porque** não aceito malcriações.
- Não desanime, **pois** o ânimo é a alma do negócio.

⇨ Observação:

Não se esqueça de que após orações imperativas (aquelas que dão “ordem” ou fazem um “pedido”), a estrutura que se segue é geralmente explicativa. Veja:

- Não deixe os estudos, **porque** a vida não está fácil.
  oração coordenada explicativa

4.2.2 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

Orações Coordenadas

1. Teimou em contratar os serviços de uma empresa, se bem que não houvesse necessidade.

Comece com: Não havia necessidade...

a) porém
b) ainda que
c) visto que
d) portanto
e) porque

2. (UCDB-MT) “Podemos falar qualquer coisa: estou absolutamente calmo”.

Os dois-pontos do período acima poderiam ser substituídos pela conjunção:

a) e.
b) portanto.
c) logo.
d) pois.
e) mas.

(FCC-PR) As questões de 3 a 8 apresentam um período que você deverá modificar, iniciando-o conforme se sugere, **mas sem alterar a ideia contida no primeiro**. Em consequência, outras partes da frase sofrerão alterações. Assinale a alternativa que contém o elemento adequado ao novo período.

Exemplo:

Abraçou-me com tal ímpeto, que não pude evitá-lo.

Comece com: Não pude evitá-lo...

a) assim
b) quando
c) à medida que
d) então
e) porque

Neste caso, a resposta correta é E, pois a frase transformada seria:

Não pude evitá-lo, porque abraçou-me com grande ímpeto.

3. Espere até tarde, que ele aparecerá.

Comece com: Ele aparecerá...

a) assim que
b) quando
c) para que
d) enquanto
e) portanto

4. Não se preocupe, que breve estarei de volta.
Comece com: Breve estarei...

a) para que
b) logo que
c) porém
d) logo
e) senão

5. Dada a falta de meios, recorreu à caridade.
Comece com: Faltavam-lhe os meios...

a) mas
b) nem
c) quando
d) portanto
e) visto que

6. Não posso atendê-lo, porque não é lícito o que requereu.
Comece com: Requereu o que não é lícito...

a) depois
b) porém
c) em que
d) visto que
e) portanto

7. Como todos tivessem terminado o trabalho, permiti-lhes que saíssem mais cedo.
Comece com: Todos já tinham terminado o trabalho...

a) visto que
b) porque

c) contudo
d) logo
e) a fim de que

8. Insiste em sair sozinho, conquanto mal conheça a cidade.

Comece com: Mal conhece a cidade...

a) por isso
b) então
c) no entanto
d) logo
e) em consequência

9. (PUC-RS) “Todos os dias esvaziava uma garrafa, colocava dentro sua mensagem, e a entregava ao mar. Nunca recebeu resposta. Mas tornou-se alcoólatra”. (Marina Colasanti)

*O conectivo **mas**, que introduz a conclusão do conto – **tornou-se alcoólatra** –, permite a seguinte interpretação:*

I. A personagem tornou-se alcoólatra porque nunca recebeu uma resposta.
II. O fato aconteceu porque a personagem escreveu muitas mensagens.
III. A solidão sem remédio tem sempre como consequência o vício.
IV. Esvaziou muitas garrafas. Enviou muitas mensagens. Não recebeu resposta. Mas, como tinha bebido todos os dias, tornou-se alcoólatra.

*Analise as afirmações e, a seguir, assinale a alternativa **correta**.*

a) Somente a afirmação IV está correta.
b) Somente a afirmação I está correta.
c) Somente as afirmações I e II estão corretas.
d) Somente a afirmação III está correta.
e) Somente as afirmações II e III estão corretas.

10. (PUC-SP) “Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da caatinga rala”. (Graciliano Ramos, Vidas secas)

*É **correto** dizer que:*

a) a primeira e a segunda orações são coordenadas assindéticas.
b) a primeira oração é coordenada assindética e a segunda é adversativa.
c) há sete orações coordenadas no período.
d) há seis orações coordenadas e duas subordinadas.
e) n.d.a.

4.3 PERÍODO COMPOSTO POR SUBORDINAÇÃO

4.3.1 NOÇÕES INTRODUTÓRIAS

Antes de mais nada, é fundamental lembrar que no período composto por coordenação as orações se classificam em assindéticas (sem conectivo) e sindéticas (com conectivo). Já no período composto por subordinação as orações se classificam em:

a) Oração principal ⇨ é aquela que rege a oração subordinada. Não é principal porque contém algo a mais do que a subordinada, mas sim porque possui uma outra oração a qual exercerá uma função sintática em relação àquela.

b) Oração subordinada ⇨ é a oração que exercerá uma função sintática (sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto, predicativo, agente da passiva, adjunto adnominal ou adjunto adverbial) para uma outra oração a qual lhe servirá como oração principal.

Observe:

- Ele pediu que ninguém se atrasasse.
  Or. principal — Or. subordinada
- A lei foi promulgada quando o sol já ia se pôr.
  Or. principal — Or. subordinada
- Vi muitos alunos que estudavam no pátio do colégio.
  Or. principal — Or. subordinada

As orações subordinadas podem exercer funções típicas do substantivo, do adjetivo e do advérbio. Daí serem classificadas em:

a) Subordinadas substantivas ⇨ exercem as funções típicas de um substantivo que são: sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto, predicativo e agente da passiva.

) Subordinadas adjetivas ⇨ exercem uma função típica do adjetivo, qual seja, “adjunto adnominal”.

) Subordinadas adverbiais ⇨ exercem a função típica do advérbio: adjunto adverbial.

4.3.2 ORAÇÕES SUBSTANTIVAS

Antes de entrarmos propriamente no assunto, observe os exemplos abaixo:

- Não convém o retorno dele amanhã. (sujeito) ➡ Não convém que ele retorne amanhã. (sujeito)
- Todos eram favoráveis ao retorno dele amanhã. (complemento nominal) ➡ Todos eram favoráveis a que ele retornasse amanhã. (complemento nominal)
- Todos desejam uma coisa: o retorno dele amanhã. (aposto) ➡ Todos desejam uma coisa: que ele retorne amanhã. (aposto)
- O mais importante era o retorno dele amanhã. (predicativo) ➡ O mais importante era que ele retornasse amanhã. (predicativo)
- Todos querem o retorno dele amanhã. (objeto direto) ➡ Todos querem que ele retorne amanhã. (objeto direto)
- Todos precisam do retorno dele amanhã. (objeto indireto) ➡ Todos precisam de que ele retorne amanhã. (objeto indireto)

Creio que tenha percebido que os termos destacados na coluna da direita são representados na esquerda por orações. Logo, o “sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto, predicativo e agente da passiva” podem aparecer tanto como termos simples como em forma de orações. As orações que exercem tais funções são denominadas de “orações subordinadas substantivas”.

Recapitulando: Elas são subordinadas porque dependem sintaticamente uma da outra, já que uma exercerá uma função sintática para a outra. São denominadas de substantivas porque exercem funções típicas do substantivo, quais sejam: sujeito, objeto direto,

objeto indireto, complemento nominal, aposto, predicativo e agente da passiva.

⇨ Observação importante:

As orações subordinadas substantivas são geralmente introduzidas pelas conjunções integrantes "**QUE**" ou "**SE**". No entanto, outros conectores podem aparecer com uma função integrante. Passemos agora a estudar detalhadamente uma por uma.

4.3.2.1 Substantivas subjetivas

São aquelas que exercem a função sintática de sujeito para a oração principal. Nesse caso, o verbo da oração principal deverá estar na 3.ª pessoa do singular, uma vez que todas as orações subordinadas substantivas subjetivas não passam de sujeitos oracionais. Veja os exemplos:

- Cumpre que todos façam a sua parte.
  subjetiva
- Anunciou-se que o novo pacote do governo entrará em vigor amanhã.
  subjetiva
- "Quem com porcos se mistura farelo come". (Dito popular)
  subjetiva
- Não se sabe como ele conseguiu a vitória.
  subjetiva
- Parece que a situação vai piorar.
  subjetiva
- Foi constatado que a testemunha era falsa.
  subjetiva

⇨ Considerações importantes:

a) Perceba que, quando a oração subordinada é substantiva subjetiva, na oração principa não há sujeito, pois o sujeito da oração principal é a outra (oração subjetiva).

b) Observe que, quando a oração subordinada substantiva for subjetiva, a oração principa apresentará um dos seguintes casos:

– verbo na 3.ª pessoa do singular, na voz ativa, sem menção a sujeito;

– voz passiva sintética (VTD/VTDI + SE)
– voz passiva analítica (locução verbal — v. auxiliar + v. principal no particípio)

4.3.2.2 Substantivas objetivas diretas

São aquelas orações que exercem a função de objeto direto para um verbo transitivo direto ou transitivo direto e indireto que se encontra na oração principal.

VTD objetiva direta
- O governo **anunciou** que as novas medidas só entrarão em vigor no mês de março.

- Que a violência no Brasil possui uma causa social, todos já **sabem**.
  objetiva direta VTD

- A Defesa Civil **desconhece** quantos são os desabrigados.
  VTD objetiva direta

- Nunca **diga**: desta água não beberei.
  VTD objetiva direta

VTDI
- Os diretores **informaram** aos funcionários que a nova escala de trabalho valerá a partir de amanhã.
  objetiva direta

4.3.2.3 Substantivas objetivas indiretas

São as orações que exercerão a função sintática de objeto indireto para um verbo transitivo indireto ou transitivo direto e indireto que se encontra na oração principal. As orações objetivas indiretas são sempre introduzidas por uma preposição.

- Nada **obsta** a que você estude mais esta noite.
  VTI objetiva indireta

- Nunca **se esqueça** de que a vida não é fácil.
  VTI objetiva indireta

- Tudo **depende** de que o avião saia na hora certa.
  VTI objetiva indireta

- **Avisei**-o de que a nova diretoria assumirá na próxima semana.
  VTDI objetiva indireta

⇨ Observação:

Saliente-se, mais uma vez, que as orações objetivas indiretas são introduzidas por uma preposição requerida pela regência de um verbo transitivo indireto ou transitivo direto e indireto. Observe abaixo como se dá esse uso da preposição:

SE DIZEMOS...	DEVEMOS DIZER...
Não dou importância **à** tua intervenção.	Não dou importância **a** que tu intervenhas.
Precisamos **de** sua ajuda.	Precisamos **de** que você ajude.
O diretor se opôs **à** participação dos funcionários.	O diretor se opôs **a** que os funcionários participassem.
Queixou-se **da** ausência dos amigos.	Queixou-se **de** que os amigos estão ausentes.
Insistiu **em** nossa participação no evento.	Insistiu em que nós participássemos do evento.

4.3.2.4 Substantivas completivas nominais

São aquelas que exercem a função de complemento nominal para um nome que se encontra na oração principal. Observe atentamente os exemplos abaixo:

- Ele tem sempre a **impressão** de que vozes do outro mundo o chamam.
  nome — completiva nominal

- Os sem-terras desrespeitaram a **recomendação** de que não invadissem aquela parte da fazenda.
  nome — completiva nominal

- O rapaz mostrava-se profundamente **ansioso** por que sua noiva voltasse.
  nome — completiva nominal

- O Presidente se apresentou bastante **convencido** de que o novo pacote econômico dará certo.
  nome — completiva nominal

⇨ Observações importantes:

a) O complemento nominal é um termo integrante da oração que obrigatoriamente vem regido por uma preposição. Da mesma forma acontece com a oração completiva nominal. Não raro, entretanto, encontram-se em bons escritores exemplos de complementos nominais oracionais com a preposição oculta. Daí se aceitarem como

corretas as seguintes construções:

- Mostrava-se desejoso **de** que ele voltasse amanhã. /ou/ ▸ Mostrava-se desejoso que ele voltasse amanhã.
- O jogador estava certo **de** que ficaria no banco de reservas. /ou/ ▸ O jogador estava certo que ficaria no banco de reservas.
- O orador não tinha dúvidas **de** que o próximo seria ele. /ou/ ▸ O orador não tinha dúvidas que o próximo seria ele.
- "Estou ansioso que ele chegue e que nos ouça." (Camilo Castelo Branco)
- "Não é preciso dizer que também eu ficara em brasas, ansioso que a aula acabasse." (Machado de Assis)
- "Estou certo, disse ele, piscando-me o olho, que dentro de um ano a vocação eclesiástica do nosso Bentinho se manifesta clara e decisiva." (Machado de Assis)
- "Apenas ela dobrava a esquina o conciliábulo juntava-se logo a cochichar. Tinham a certeza que se ia encontrar com o peralta." (Eça de Queiroz)

b) É importante não confundir as orações completivas nominais com as objetivas indiretas Para evitar tal equívoco, consulte a diferença entre o objeto indireto e o complemento nominal.

4.3.2.5 Substantivas predicativas

São as orações que exercem a função de predicativo para a oração principal. Convém notar que na oração principal sempre aparecerá um verbo de ligação — geralmente o verbo "SER" — quando a oração subordinada for classificada como predicativa.

- O fundamental **é** (VL) que ele não desfaleça em sua fé (predicativa).
- Quem menos fala **é** (VL), muitas vezes, quem menos sabe (predicativa).
- Minha maior esperança **era** (VL) que o dinheiro fosse imediatamente liberado (predicativa).
- O certo **seria** (VL) que a lei fosse para todos (predicativa).

4.3.2.6 Substantivas apositivas

Exercem a função de aposto para um substantivo ou termo substantivado presente na oração principal. Geralmente a oração apositiva aparece depois de dois pontos ou, mais raramente, de vírgula.

apositiva
- O pai, preocupado, disse-lhe **isto**: estude bastante para suas provas, meu filho.

- Diga-me agora uma **coisa**, este livro é para concursos públicos?
apositiva

- Uma única **indagação** ficou em discussão: que faria agora ele sem o emprego?
apositiva

⇨ Observação importante:

Não é o fato de conter os dois pontos ou qualquer outro sinal de pontuação que a oração será apositiva. É imprescindível que, primeiro, antes da classificação, perceba-se se a oração efetivamente possui a função de aposto. Observe:

voz passiva analítica
- Na porta da sala **foi escrito** em letras garrafais: "O Senhor é o meu Pastor e nada me faltará."
subordinada substantiva subjetiva

voz passiva sintética
- Na porta da sala **se escreveu** em letras garrafais: "O Senhor é o meu Pastor e nada me faltará."
subordinada substantiva subjetiva

VTD
- Na porta da sala, um painel **avisava** em letras garrafais: "O Senhor é o meu Pastor e nada me faltará."
subordinada substantiva objetiva direta

substantivo
- Na porta da sala, havia um **aviso** em letras garrafais: "O Senhor é o meu Pastor e nada me faltará."
subordinada substantiva apositiva

4.3.2.7 Substantivas agente da passiva

São as orações que exercem a função sintática de agente da passiva. São, assim como o agente da passiva o é, introduzidas por uma das preposições "de, por, pelo, pela, pelos, pelas." Esse tipo de oração não é reconhecido pela NGB — Nomenclatura

Gramatical Brasileira.

- Um dia todos nós seremos julgados por quem nos criou.
  oração agente da passiva
- Este prédio foi construído por quem entende de construção.
  oração agente da passiva

4.3.3 EMPREGO DA CONJUNÇÃO INTEGRANTE NA SEGUNDA ORAÇÃ SUBSTANTIVA COORDENADA

Quando a uma proposição subordinada substantiva, que começa pela conjunção integrante "que", une-se outra proposição subordinada por meio da conjunção coordenativa aditiva "e" ou da conjunção alternativa "ou", pode-se repetir ou não a conjunção integrante. A repetição confere maior clareza ao enunciado, pois evita que se tome a segunda oração como uma oração principal. Por isso, nos grandes escritores, não raro se encontram exemplos em que há a repetição da conjunção integrante.

Suponha que se queira construir um período composto por subordinação a partir do período simples a seguir:

- Pedi ao governo
  - a diminuição dos juros.
  - o aumento do acesso ao crédito.

Teremos então duas possibilidades...

- Pedi ao governo
  - que diminuísse os juros.
  - E
  - que aumentasse o acesso ao crédito.

Ou então...

- Pedi ao governo
  - que diminuísse os juros.
  - E
  - aumentasse o acesso ao crédito. (elipse da conjunção na segunda oração)

Outros exemplos:

- Rogo-te **que** desças ao porto, e lhes saias ao encontro, e os recebas humanamente em tua casa." (Pe. Manuel Bernardes)

- “Quero **que** vejas, **que** ouças, e **que** me digas tudo quanto ele fizer.” (Rebêlo da Silva *apud* Mário Barreto)
- “Disseram-lhe **que** estava em Paris e **que** a família se retirara a uma quinta das margens do Minho.” (Camilo C. Branco)
- “Um dia em que ele, como sempre, cheio de solicitude, perguntava pelo ‘seu doente’ disseram-lhe **que** José estava livre de maior perigo e **que** o restabelecimento seria completo com a viagem à Europa.” (Aluísio Azevedo)
- “Pareceu-lhe **que** era bastante a sua piedade e ela ia de algum modo dar lenitivo ao sofrimento do padrinho.” (Lima Barreto)
- “Era necessário, Sr. Presidente, **que** se estabelecesse a discussão sobre a matéria principal, e **que** os nobres deputados nos dissessem quais são as suas ideias.” (Rui Barbosa)

4.3.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

Orações Subordinadas Substantivas

1. (PUC-SP) “Pode-**se** dizer **que a tarefa crítica é puramente formal**”.

   No texto acima, temos uma oração destacada que é ... e um se que é ... .

   a) substantiva objetiva direta – partícula apassivadora.
   b) substantiva predicativa – índice de indeterminação do sujeito.
   c) relativa – pronome reflexivo.
   d) substantiva subjetiva – partícula apassivadora.
   e) adverbial consecutiva – índice de indeterminação do sujeito.

2. (FCE-SP) “Os homens sempre se esquecem **de que somos todos mortais**”. A oração destacada é:

   a) substantiva completiva nominal.
   b) substantiva objetiva indireta.
   c) substantiva predicativa.
   d) substantiva objetiva direta.
   e) substantiva subjetiva.

3. (UCMG) Há oração subordinada substantiva apositiva em:

a) Na rua perguntou-lhe em tom misterioso: onde poderemos falar à vontade?
b) Ninguém reparou em Olívia: todos andavam como pasmados.
c) As estrelas que vemos parecem grandes olhos curiosos.
d) Em verdade, eu tinha fama e era valsista emérito: não admira que ela me preferisse
e) Sempre desejava a mesma coisa: que a sua presença fosse notada.

4. (Cefet-MG) "Já era noite. Parecia viável **que todos entendessem** que, naquele momento, deviam-se lembrar **de que nada é eternamente assim**. Mas nada acontecia. A verdade é **que todos estavam extasiados** e certos **de que não há prazeres no mundo**".

As orações destacadas são, respectivamente, subordinadas substantivas:

a) subjetiva, subjetiva, subjetiva e completiva nominal.
b) subjetiva, objetiva direta, subjetiva e completiva nominal.
c) objetiva direta, subjetiva, predicativa e objetiva indireta.
d) subjetiva, objetiva indireta, predicativa e completiva nominal.
e) objetiva direta, objetiva indireta, predicativa e objetiva indireta.

5. (FIT-SP) No período "Todos tinham certeza **de que seriam aprovados**", a oração destacada é:

a) substantiva objetiva indireta.
b) substantiva completiva nominal.
c) substantiva apositiva.
d) substantiva subjetiva.
e) n.d.a.

6. (Faap-SP)

"Ouvindo-te dizer: Eu te amo, creio, no momento, que sou amado. No momento anterior e no seguinte como sabê-**lo**."

*O pronome **o** está no lugar da oração:*

a) ouvindo-te.
b) dizer.
c) eu te amo.
d) que sou amado.
e) como saber.

7. (F. Objetivo-SP) No período: “É necessário **que todos se esforcem**”, a oração destacada é:

a) substantiva objetiva direta.
b) substantiva objetiva indireta.
c) substantiva completiva nominal.
d) substantiva subjetiva.
e) substantiva predicativa.

8. (UFAC) No período: “Enfim resolveu o Leão sair para fazer sua pesquisa, verificar **se ainda era o Rei dos Animais**”, a oração em destaque é:

a) subordinada adverbial condicional.
b) subordinada substantiva objetiva indireta.
c) subordinada adverbial concessiva.
d) subordinada substantiva objetiva direta.
e) subordinada substantiva predicativa.

9. (FEI-SP) Assinale a alternativa em que a oração destacada é uma subordinada completiva nominal.

a) Este é o relatório **de que lhe falei ontem**.
b) Lembraram-se **de que a reunião fora adiada**.
c) Insisto **em que partas logo**.
d) Espalhou-se a notícia **de que ele chegou**.

10. (PUCC-SP) A alternativa em que se encontra uma oração subordinada substantiva objetiva direta iniciada com a conjunção **se** é:

a) Só obteremos a aprovação se tivermos encaminhado corretamente os papéis.
b) Haverá racionamento de águas em todo o país, se persistir a seca.
c) Falava como se fosse especialista no assunto.
d) Se um deles entrasse, todos exigiriam entrar também.
e) Queria saber dos irmãos se alguém tinha alguma coisa contra o rapaz.

11. (UFPA) Qual o período em que há oração subordinada substantiva predicativa?

a) Meu desejo é que você passe nos exames vestibulares.
b) Sou favorável a que o aprovem.

c) Desejo-te isto: que sejas feliz.
d) O aluno que estuda consegue superar as dificuldades do vestibular.
e) Lembre-se de que tudo passa neste mundo.

12. (PUC-SP) Nos trechos "... não é impossível **que** a notícia da morte me deixasse algum tranqüilidade, alívio, e um ou dois minutos de prazer" e "Digo-vos **que** as lágrimas eram verdadeiras", a palavra **que** está introduzindo, respectivamente, orações:

a) subordinada substantiva subjetiva, subordinada substantiva objetiva direta.
b) subordinada substantiva objetiva direta, subordinada substantiva objetiva direta.
c) subordinada substantiva subjetiva, subordinada substantiva subjetiva.
d) subordinada substantiva completiva nominal, subordinada adjetiva explicativa.
e) subordinada adjetiva explicativa, subordinada substantiva predicativa.

13. (UFV-MG) As orações subordinadas substantivas que aparecem no período abaixo são todas subjetivas, **exceto**:

a) Decidiu-se que o petróleo subiria de preço.
b) É muito bom que o homem, vez por outra, reflita sobre sua vida.
c) Ignoras quanto custou meu relógio.
d) Perguntou-se ao diretor quando seríamos recebidos.
e) Convinha-nos que você estivesse presente à reunião.

14. (UFU-MG) Na frase "argumentei **que não é justo que o padeiro ganhe festas**", as orações destacadas, introduzidas por **que**, são, respectivamente:

a) ambas subordinadas substantivas objetivas diretas.
b) ambas subordinadas subjetivas.
c) subordinada substantiva objetiva direta e subordinada substantiva subjetiva.
d) subordinada objetiva direta e coordenada assindética.
e) subordinada substantiva objetiva direta e subordinada substantiva predicativa.

15. (PUCC-SP) Assinale a alternativa cuja oração subordinada é substantiva predicativa.

a) Espero que venhas hoje.
b) O aluno que trabalha é bom.
c) Meu desejo é que te formes logo.
d) És tão inteligente como teu pai.

e) n.d.a.

16. (UFMG) Na frase: “Maria do Carmo tinha a certeza **de que estava para ser mãe**”, a oração em destaque é:

a) subordinada substantiva objetiva indireta.
b) subordinada substantiva completiva nominal.
c) subordinada substantiva predicativa.
d) coordenada sindética conclusiva.
e) coordenada sindética explicativa.

17. (FCMSC-SP) A palavra **se** é conjunção subordinada integrante (por introduzir oração subordinada substantiva objetiva direta) em qual das orações seguintes?

a) em qual das orações seguintes?
a) Ele se morria de ciúmes pelo patrão.
b) A Federação arroga-se o direito de cancelar o jogo.
c) O aluno fez-se passar por doutor.
d) Precisa-se de pedreiros.
e) Não sei se o vinho está bom.

18. (Fesp-SP) “Lembro-me **de que ele só usava camisas brancas**”. A oração em destaque é:

a) substantiva completiva nominal.
b) substantiva objetiva indireta.
c) substantiva predicativa.
d) substantiva subjetiva.
e) n.d.a.

19. (F. Objetivo-SP) “A verdade é **que a gente não sabia nada**...”

Classifica-se a segunda oração como:

a) subordinada substantiva objetiva direta.
b) subordinada adverbial conformativa.
c) subordinada substantiva objetiva indireta.
d) subordinada substantiva predicativa.
e) subordinada substantiva apositiva.

20. (UFSCar-SP) Marque a opção que contém oração subordinada substantiva completiva nominal.

a) “Tanto eu como Pascoal tínhamos medo de que o patrão topasse Pedro Barqueiro nas ruas da cidade”.

b) “Era preciso que ninguém desconfiasse do nosso conluio para prendermos o Pedro Barqueiro”.

c) “Para encurtar a história, patrãozinho, achamos Pedro Barqueiro no rancho, que só tinha três divisões: a sala, o quarto dele e a cozinha”.

d) “Quando chegamos, Pedro estava no terreiro debulhando milho, que havia colhido em sua rocinha, ali perto”.

e) “Pascoal me fez um sinalzinho, eu dei a volta e entrei pela porta do fundo para agarrar o Barqueiro pelas costas”.

Continuemos nossa jornada dentro do período composto. Já estudamos as orações coordenadas e as subordinadas substantivas. Espero que a esta altura já saiba discernir entre um período composto por coordenação e um composto por subordinação. É fundamental também ter percebido que as funções sintáticas como o sujeito, o objeto direto, o objeto indireto etc. podem ser expressadas por meio de orações denominadas substantivas. A partir de agora, veremos o adjunto adnominal e o adjunto adverbial em forma de orações. Bons estudos!

4.3.5 ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS

As orações subordinadas adjetivas são aquelas que possuem o valor de um adjetivo; exercem a função sintática de adjunto adnominal de um substantivo ou pronome antecedente.

A principal característica das orações adjetivas é que são introduzidas por um pronome relativo (que, quem, onde, o qual, a qual, os quais, as quais, cujo, cuja, cujos, cujas, quanto, quanta, quantos e quantas). Por isso, as orações adjetivas são também denominadas de “orações relativas”.

4.3.5.1 Emprego e funções sintáticas dos pronomes relativos

Antes de estudarmos as orações adjetivas, convém analisar e conhecer melhor os ditos pronomes relativos. Frequentemente estes pronomes têm sido usados para a construção de inúmeras questões as quais, não raro, embaraçam os candidatos. Neste momento, é importante que o estudante apreenda o emprego de cada um deles bem como a função sintática exercida na oração. Vamos lá!

1. Que ⇨É denominado de “relativo universal”, porque se refere tanto a coisas quanto a pessoas. Seus equivalentes variáveis são “a qual, o qual, as quais, os quais”. O relativo “que” só deve ser substituído por outro relativo em casos específicos. Pode desempenhar as seguintes funções sintáticas:

a) Sujeito:

- Na árvore havia dois papa-capins **que** cantavam melodiosamente.
  papa-capins cantavam melodiosamente

- O país **que** não investe em educação está fadado à miséria social.
  o país não investe em educação

b) Objeto direto:

- Os dois livros **que** aqueles alunos compraram vão ser usados por toda a turma.
  aqueles alunos compraram os dois livros

- As poesias, **que** ao filho mais novo o pai deu, pertenciam a um grande poeta popular.
  o pai deu ao filho mais novo as poesias

c) Objeto indireto:

- Os livros **de que** os alunos precisam já estão à disposição deles na biblioteca.
  os alunos precisam dos livros.

- As ideias **a que** o professor se referiu foram condenadas pela arquidiocese.
  o professor se referiu às ideias

d) Complemento nominal:

- Os insetos **de que** a mulher tinha mais medo eram as baratas.
  a mulher tinha mais medo dos insetos

- A luz acesa era para ele um ritual **por que** mantinha um profundo respeito.
  ele mantinha um profundo respeito pelo ritual

e) Predicativo do sujeito:

- O grande aluno **que um dia eu fui** já não mais existe.
  um dia eu fui um grande aluno

- O cantor **que ele era** deixou saudades.
  ele era cantor

f) Agente da passiva:

- O amigo **por que ele foi traído** viajou para a Europa.
  ele foi traído pelo amigo

- O olhar **por que Mariazinha havia sido dominada** a abandonou no meio do romance.
  Mariazinha havia sido dominada pelo olhar

g) Adjunto adverbial:

- A cidade **em que nasci** fica perto de Recife.
  eu nasci na cidade

- O departamento **a que ele se dirigiu** fica no oitavo andar.
  ele se dirigiu ao departamento

2. Quem ⇨ É denominado de "relativo personativo", pois só se refere a pessoas. Sempre virá precedido de uma preposição.

- O homem **a quem ela se referiu** tornou-se o delegado da cidade. (a quem = objeto indireto)
  ela se referiu ao homem

- O diretor financeiro **com quem nós mantínhamos mais contato** era o Sr. Rodrigo. (com quem = complemento nominal)
  nós mantínhamos mais contato com o diretor financeiro

3. Onde ⇨ É denominado de "relativo locativo", pois só é utilizado para retomar e substitu termos que contenham a noção de "lugar". Equivale a "em que" e variações (na qual, no qual, nas quais, nos quais).

- O templo **onde se prega mais o cristianismo** fica em Roma. (onde = adjunto adverbial de lugar)
  prega-se mais o cristianismo no templo.

- A cidade **onde eu nasci** fica a 123 Km de Recife. (onde = adjunto adverbial de lugar)
  eu nasci na cidade.

4. O qual, a qual, os quais, as quais ⇨ São os relativos que possuem as variações em gênero e número correspondentes ao pronome relativo "que". Esses relativos devem obrigatoriamente substituir o "que" quando este provocar ambiguidade, for precedido por uma preposição com mais de uma sílaba ou for eufonicamente melhor.

- Assisti à cena final daquele filme **que** me deixou bastante emocionado. (Frase ambígua – Quem o emocionou foi a cena ou o filme?)

a cena me deixou bastante emocionado.

- Assisti à cena final daquele filme **a qual** me deixou bastante emocionado. (a qual = sujeito)

corriam águas extremamente poluídas sobre a ponte

- A ponte **sobre a qual** corriam águas extremamente poluídas era pênsil. (sobre a qual = adjunto adverbial de lugar)

a maioria do colegiado votou contra a proposta

- A proposta **contra a qual** a maioria do colegiado votou vai ser objeto de nova apreciação. (contra a qual = objeto indireto)

5. Cujo, cuja, cujos, cujas ⇨ São relativos utilizados para substituir termos que expressam noção de posse. Equivalem a "do qual, da qual, dos quais, das quais, seu, sua, seus, suas, dele, dela, deles, delas". Eles retomam um termo antecedente, mas concordam em gênero e número com o substantivo consequente (ou posposto). Não admitem a posposição de artigo e sempre exercem a função sintática de adjunto adnominal.

os princípios do homem (ou "os seus princípios) não são sólidos

- O homem **cujos** princípios não são sólidos está mais sujeito às intempéries da vida. (cujos = adjunto adnominal)

eu já não mais me lembro dos nomes dos filmes

- Alguns filmes **de cujos** nomes já não mais me lembro imortalizaram muitos artistas. (cujos = adjunto adnominal)

alguns trabalhadores descansavam sob a sombra da árvore

- A árvore **sob cuja sombra** alguns trabalhadores descansavam era centenária. (cuja = adjunto adnominal)

6. Quanto, quanta, quantos, quantas ⇨ Estas palavras só serão consideradas pronomes relativos quando vierem antecedidas por um dos seguintes pronomes indefinidos "tudo, todo (a), todos (as)":

- Doou tudo **quanto** tinha em casa para o abrigo São Francisco. (quanto = objeto direto)
- Nenhuma obra de arte rara de todas **quantas** levei sequer levou algum arranhão. (quanta = objeto direto)

⇨ Consideração importante:

Perceba que o pronome relativo exerce, ao mesmo tempo, uma função conectiva (une, liga, conecta uma oração à outra) e uma função sintática em relação à oração que ele introduz. Além do mais, o conteúdo acima será bastante útil quando estudarmos "regência". Portanto, se restou alguma dúvida, revise o assunto.

Após este estudo, voltemos à análise do adjetivo em forma de oração. Observe o raciocínio abaixo:

- A escola aprecia bastante alunos **estudiosos**.
  adjetivo = adjunto adnominal
- A escola aprecia bastante alunos **que estudam**.
  oração subordinada adjetiva

Perceba que o adjetivo simples (estudiosos) foi substituído pela oração (que estudam). A oração literalmente fica no lugar do adjetivo. Daí porque ser denominada de oração adjetiva.

4.3.5.2 Classificação das orações subordinadas adjetivas

As orações subordinadas adjetivas são classificadas em:

4.3.5.2.1 Restritivas

Restringem, particularizam, limitam a significação do substantivo ou pronome substantivo antecedente. Indicam que a informação prestada pela oração não se aplica ao todo, mas tão somente a uma parte do todo. Geralmente aparecem dentro da estrutura oracional sem virgulação. Ademais, as orações adjetivas restritivas não podem ser retiradas da oração, pois são indispensáveis ao sentido geral do enunciado.

Exemplos:

- O homem que caminhava na calçada da direita olhava-nos com desdém.
  adjetiva restritiva

> Observe que pelo enunciado "há outros homens que caminhavam na calçada esquerda".

- Os que lutam são os que vencem.
  adjetiva restritiva adjetiva restritiva

> Leia da seguinte forma: "Aqueles que lutam são aqueles que vencem". Perceba que não são todos que lutam, logo não são todos que vencem. Por isso, são orações restritivas.

adjetiva restritiva

- Os alunos que permanecerem na quadra após o toque serão suspensos das atividades escolares.

Não serão todos os alunos suspensos das atividades escolares, mas apenas os que permanecerem na quadra após o toque.

- O homem que trabalha não passa necessidade.

adjetiva restritiva

Não são todos os homens que trabalham. Apenas os que trabalham não passam necessidade.

Observe abaixo um recurso prático para não mais se confundir com as orações restritivas:

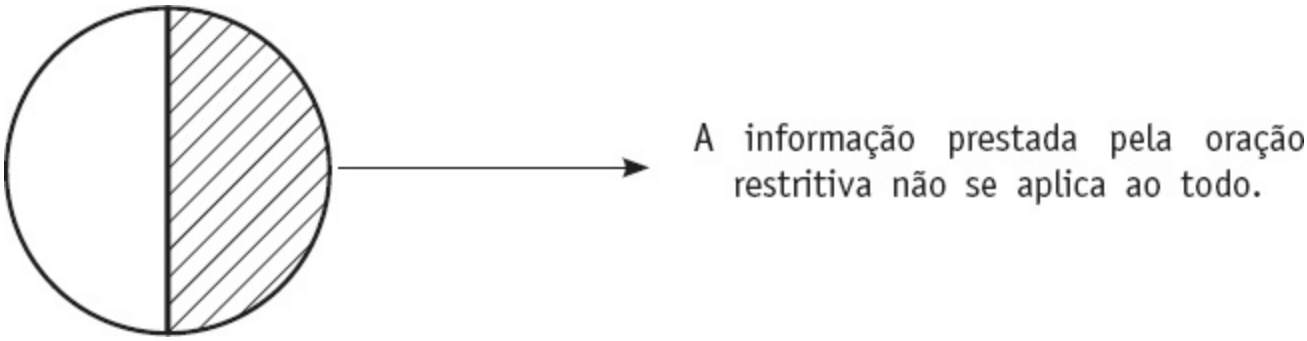

4.3.5.2.2 Explicativas

Explicam, estendem o significado, exprimem o sentido geral do substantivo antecedente. Geralmente o substantivo ou pronome substantivo representa um ser único. As orações adjetivas explicativas possuem um valor aproximado de um aposto explicativo. Podem, portanto, ser retiradas da oração sem prejuízo para o sentido. Aparecem na escrita isoladas por vírgula(s).

Exemplos:

oração subordinada adjetiva explicativa

- Minha mãe, que é uma mulher de seus sessenta anos, vai regularmente à igreja.

oração subordinada adjetiva explicativa

- O sol, que é o centro do nosso sistema, tem perdido calor nas últimas décadas.

oração subordinada adjetiva explicativa

- Jesus Cristo, que representa o maior ícone do cristianismo, deu grandes lições de vida.

- Ela se dirigiu para a mansão da família, onde todos lá a esperavam.
oração subordinada adjetiva explicativa

⇨ Observação:

Perceba que as orações subordinadas adjetivas explicativas se referem a seres únicos, individualizados. Logo, a informação prestada pela oração explicativa se aplica ao substantivo antecedente de forma totalitária. Observe a diagramação abaixo:

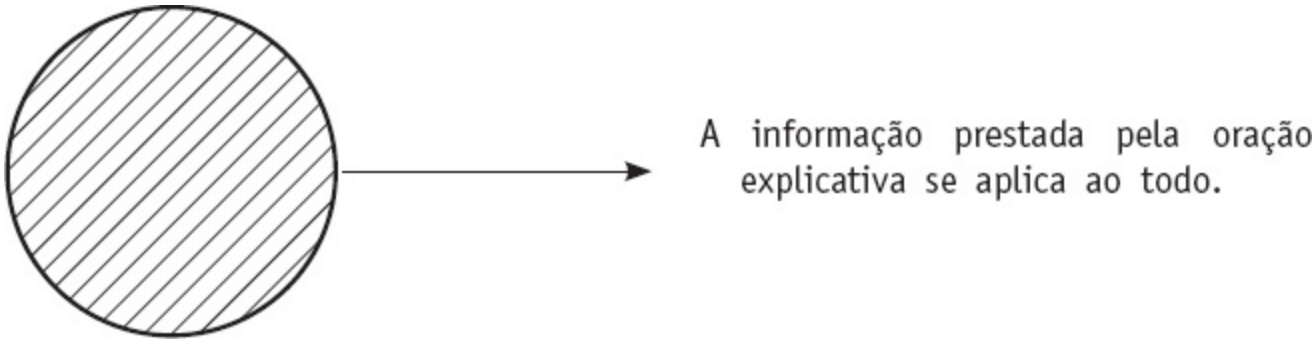

⇨ Consideração importante sobre as orações adjetivas explicativas:

Há orações adjetivas que só podem ser explicativas, pois, como já dissemos, aplicam-se a seres únicos, individualizados. Observe abaixo os exemplos:

- O pai falava irritado com a única filha, que permanecia calada e cabisbaixa.
oração subordinada adjetiva explicativa

oração subordinada adjetiva explicativa

- Sócrates, que foi condenado à ingestão de veneno, não deixou nada do seu pensamento por escrito.

- O avião sobrevoava agora a cidade de São Paulo, que se tornou a maior metrópole da América Latina.
oração subordinada adjetiva explicativa

4.3.5.3 O emprego da vírgula com as orações adjetivas – Distinção entre restriçã e explicação

Como já pudemos estudar acima, as orações adjetivas se classificam em restritivas e explicativas. Entretanto, esta classificação não se dá meramente pelo emprego ou não da vírgula, como pensam muitos estudantes. Ser "restritiva" ou "explicativa" depende, na maioria dos casos, do sentido que se pretende dar ao substantivo antecedente.

Há orações, como já vimos, que só podem ser explicativas ou restritivas. Não há variações. Observe a seguir:

- O homem que fuma (oração adjetiva restritiva) geralmente incomoda os outros.

> Neste período não são todos os homens que fumam. Logo, não são todos que incomodam os outros. Só incomodam aqueles que fumam. Portanto, a oração é essencialmente restritiva.

- O homem, que é mortal (oração adjetiva explicativa), deve sempre buscar as coisas mais nobres e sublimes da vida.

> Já neste período, a informação "que é mortal" se aplica indistintamente a todos os homens. Portanto, a oração é essencialmente explicativa.

Entretanto, há orações adjetivas que podem ser tanto restritivas quanto explicativas, dependendo do sentido que lhes queiramos dar.

> Fique atento!! Muitas questões de provas exploram esse conhecimento. Portanto, estude com atenção.

Observe os exemplos abaixo:

- A empresa tem 300 funcionários que moram em Olinda.
- A empresa tem 300 funcionários, que moram em Olinda.

Perceba que na primeira estrutura — oração adjetiva restritiva — não se pode dizer exatamente quantos funcionários possui a empresa. Sabe-se tão somente que ela possui 300 que residem na cidade de Olinda. Já na segunda estrutura — adjetiva explicativa — a empresa só possui 300 funcionários e todos residem em Olinda. Acompanhe esta

explicação nas diagramações abaixo.

Oração subordinada adjetiva restritiva

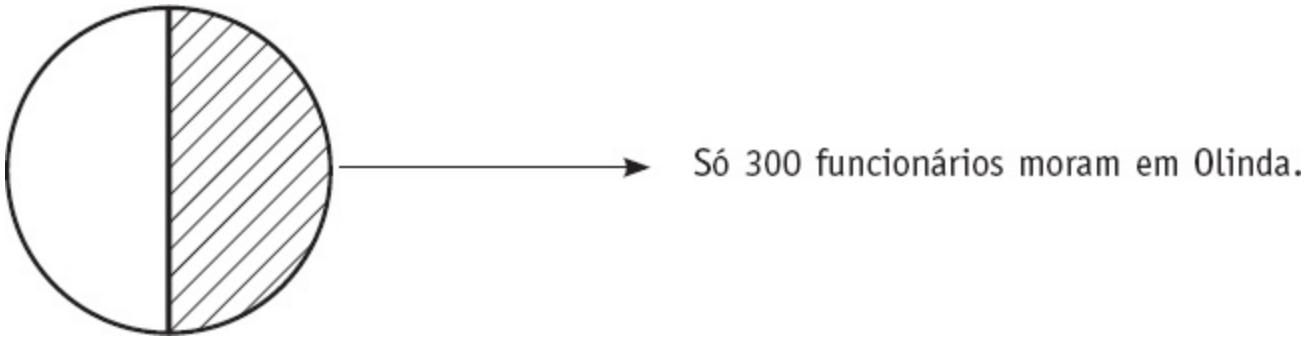

Oração subordinada adjetiva explicativa

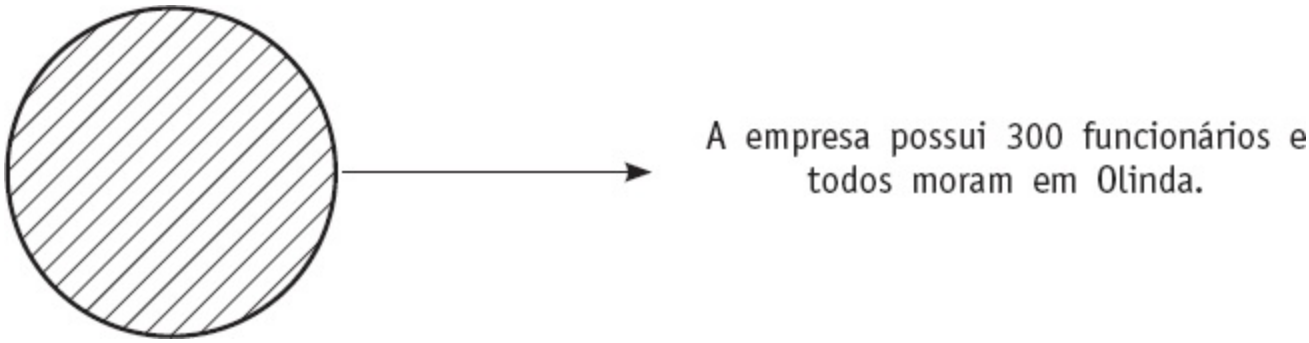

Observe outros exemplos:

- Os discos antigos (adjetiva restritiva) que ele herdou de seu avô estão bem conservados. (Fund. Carlos Chagas)
- Os discos antigos, (adjetiva explicativa) que ele herdou de seu avô, estão bem conservados. (Fund. Carlos Chagas)

No primeiro exemplo, só estão bem conservados os discos antigos que ele herdou de seu avô. No segundo, todos os discos antigos ele herdou de seu avô e todos estão bem conservados.

- Os moradores de rua (adjetiva restritiva) que têm sido vítimas de violência devem ser recolhidos para os abrigos municipais. (Fund. Carlos Chagas)
- Os moradores de rua, (adjetiva explicativa) que têm sido vítimas de violência, devem ser recolhidos para os abrigos municipais. (Fund. Carlos Chagas)

Na primeira frase, só os moradores que têm sido vítimas de violência serão recolhidos aos abrigos. Na segunda, todos serão recolhidos aos abrigos, pois todos têm sido vítimas de violência.

adjetiva restritiva

A lógica da globalização que espolia os mais fracos é fria e calculista. (Fund. Carlos Chagas)

adjetiva explicativa

A lógica da globalização, que espolia os mais fracos, é fria e calculista. (Fund. Carlos Chagas)

Na primeira frase, é fria e calculista apenas a lógica da globalização que espolia os mais fracos. No segundo, toda lógica da globalização é fria e calculista porque espolia os mais fracos.

O autor lamenta a situação dos jovens de hoje que vivem o tempo como uma espécie de presente contínuo.

adjetiva restritiva

O autor lamenta a situação dos jovens de hoje, que vivem o tempo como uma espécie de presente contínuo.

adjetiva explicativa

No primeiro período, o autor só lamenta a situação daqueles jovens que vivem o tempo como uma espécie de presente contínuo. No segundo período, o autor lamenta a situação de todos os jovens, porque todos os jovens vivem o tempo como uma espécie de presente contínuo.

> **Dica:** Procure entender com profundidade a alteração semântica provocada pela retirada ou colocação da(s) vírgula(s) nas orações adjetivas. Certamente você se deparará com uma questão que exigirá esse conhecimento.

4.3.5.4 Omissão do pronome relativo na segunda oração relativa coordenada

Nas orações relativas coordenadas, se a função do relativo é a mesma, é frequente elipsar-se o relativo da segunda oração, principalmente quando a primeira é curta. Observe:

o relativo foi ocultado na 2.ª oração

Ontem conversei com o homem **que** me salvou e me levou ao hospital quando ocorreu o acidente.

sujeito

"Encontrando-se Juliano Apóstata com S. Pigménio, presbítero romano, **que** era cego e depois padeceu martírio, como quem o saudava benevolamente, disse...". (M. Bernardes *apud* Mário Barreto)

- “Ao lado do meu leito estava um padre: era o velho abade **que** me batizara e me ensinara a ler.” (A. Herculano)
- “O que ele via era a mulher que o fascinara e perdera.” (Camilo Castelo Branco)

Se o pronome relativo não desempenhar a mesma função sintática, deve-se repeti-lo obrigatoriamente.

- Ontem conversei com o homem que = sujeito **que** me salvou e que = objeto direto **que** Deus manteve com calma na hora do resgate.
- “A monarquia visigótica procurou imitar do império **que** morrera e **que** ela substituíra.” (A. Herculano)
- “A sua companhia era a ama, **que** o amamentara, e **que** Deus, em recompensa, preservou da terribilíssima enfermidade.” (Camilo Castelo Branco)

4.3.6 ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS

Antes de adentrar o conteúdo, leia a orientação abaixo:

> Neste assunto você se deparará com uma quantidade considerável de orações e de conectivos. Não se desespere! Primeiro, como já dissemos, procure não decorar as conjunções, mas apreender-lhes as funções. Hoje as bancas examinadoras pouco questionam sobre a nomenclatura das orações. Querem, sim, saber as relações (causa, oposição, consequência, finalidade etc.) proporcionadas pelos conectivos. Por isso, não decore; entenda, compreenda! Vamos lá!

As orações subordinadas adverbiais são aquelas que estabelecem circunstâncias várias para um fato contido na oração principal. Elas exercem, portanto, o papel de adjuntos adverbiais. São, na maioria das vezes, introduzidas pelas conjunções subordinativas adverbiais.

Classificam-se em: causais, consecutivas, concessivas, condicionais, comparativas, conformativas, finais, temporais e proporcionais.

4.3.6.1 Causais

São aquelas que estabelecem a causa, o motivo para o fato (efeito) contido na oração principal.

As principais conjunções subordinativas causais são: que, porque, já que, uma vez que, visto que, visto como, pois, como (= já que, visto que), porquanto.

- **Como** o dinheiro não foi liberado a tempo, usei o cheque especial.
  adverbial causal
- **Já que** o contrato assim o determina, assim o farei.
  adverbial causal
- Ele foi duramente punido **porquanto** a falta foi comprovada pelos peritos.
  adverbial causal
- Pueril **que** era, sempre se deixava enganar pelos vendedores de plantão.
  adverbial causal

⇨ Observações:

a) A conjunção "como" só poderá ser utilizada como causal quando a oração subordinada se antepuser à oração principal.

) Nem sempre é fácil distinguir uma oração subordinada causal de uma oração coordenad explicativa. Alguns critérios, porém, podem ajudar:

— A oração subordinada causal pode ser anteposta à oração principal, ou seja, a causa pode iniciar o período. Já a oração explicativa não pode vir anteposta à oração assindética.

— Comumente o verbo da oração coordenada explicativa aparece no imperativo, com indicação de tempo futuro; o que não ocorre com a subordinada causal.

— É sempre possível a redução da oração subordinada causal para o infinitivo, precedido da preposição "por", fato que não ocorre com a coordenada sindética explicativa.

— A oração explicativa, por fazer parte de um período coordenado, em que as orações são independentes, admitem uma pausa forte, marcada geralmente por vírgula ou por dois-pontos. Este fato não se verifica nas adverbiais causais.

Observe:

- Recolhe-te a tua insignificância, porque já atrapalhastes demais. (Coordenada explicativa)

O verbo da oração antecedente está no imperativo. Não é possível se antepor a segunda oração à primeira. Não é possível reduzir a segunda oração para o infinitivo precedido da preposição "por".

- O governo elevou a taxa de juros, porque o consumo aumentou nas grandes cidades. (Subordinada causal)

O verbo da oração antecedente não se encontra no imperativo. É possível iniciar o período com a oração em destaque ("Porque o consumo aumentou nas grandes cidades, o governo elevou a taxa de juros".). É igualmente possível a redução da segunda oração para o infinitivo precedido da preposição "por" ("O governo elevou a taxa de juros, por aumentar o consumo nas grandes cidades".)

4.3.6.2 Consecutivas

Estas orações indicam a consequência, o efeito de um fato (causa) contido na oração principal.

> As principais conjunções subordinativas adverbiais consecutivas são: que (precedido dos termos intensificadores "tão, tal, tanto, tamanho"), que (= sem que), sem que, de modo que, de forma que, de sorte que, de maneira que.

- Falou tanto **que** ficou rouco.
  adverbial consecutiva
- Não vai a um baile de formatura **sem que** não dance a noite toda.
  adverbial consecutiva
- Eles não discutem futebol **que** não se exaltem.
  adverbial consecutiva

> Leia da seguinte forma: Eles não discutem futebol, sem que em consequência não se exaltem.

- Agiu intempestiva e descoordenadamente, Adverbial consecutiva **de forma que** toda a plateia o teve como louco.

⇨ Observação:

Em muitas estruturas consecutivas formadas pela correlação "tão, tal, tanto, tamanho... que...", omite-se o primeiro elemento da correlação. Teremos tão somente a conjunção "que" introduzindo a oração consecutiva.

- Saiu do hospital gritando **que** fazia dó.
  (Leia-se → ... gritando TANTO que fazia dó.)

- “Nisto a menina que estava ali a ouvir-me, rompeu a chorar **que** cortava o coração.” (Camilo Castelo Branco)

(... a chorar TANTO que cortava o coração.”)

- “Os olhos brilham, o prazer arregaça-lhe o focinho, e as pernas voam **que** parecem asas (Machado de Assis)

(... voam TANTO que parecem asas.”)

4.3.6.3 Concessivas

São as orações que indicam uma oposição, um óbice, um empecilho, um “algo” que poderia impedir a realização do fato contido na oração principal. Uma das principais características deste tipo de oração é a presença de um verbo no modo subjuntivo.

> As principais conjunções subordinativas concessivas são: embora, apesar de que, mesmo que, ainda que, que, sem que (= embora não), conquanto, ainda quando, posto que, por mais que, por muito que, por menos que, se bem que.

- Fez todo o exercício **sem que** ninguém o ajudasse. (adverbial concessiva)
- (adverbial concessiva) **Por mais que** o governo se esforce, a violência continua aumentando nas grandes cidades.
- A proposta foi aprovada sem nenhuma alteração, por incrível **que** pareça. (adverbial concessiva)
- O conhecimento, **que** fosse muito, não atenuava, naquele momento, a angústia do rapaz (adverbial concessiva)
- **Nem que** o professor quisesse, ele teria condições de ser aprovado. (adverbial concessiva)
- O responsável pelo desfalque deve ser punido, quem quer **que** seja. (adverbial concessiva)

⇨ Considerações importantes:

a) Não se esqueça de que as subordinadas adverbiais concessivas ao lado das coordenadas adversativas promovem as chamadas “relações de oposição” ou “construções contrastivas”. Observe a seguir:

RELAÇÕES DE OPOSIÇÃO OU CONTRASTIVAS

- ADVERSATIVAS (mas, porém, contudo, todavia, entretanto etc.)
- CONCESSIVAS (embora, apesar de que, mesmo que, ainda que etc.)

b) Não confunda a conjunção "conquanto" com a conjunção "porquanto". Esta introduz orações causais ou explicativas, enquanto aquela é puramente concessiva, equivalendo a "apesar de que, mesmo que, ainda que".

) Há outros conectores que também promovem relações de oposição concessiva, como "a despeito de, não obstante, malgrado".

- **Não obstante** fosse pobre, gostava de vestir-se das melhores grifes da cidade.
- Ele viajou para o Iraque à procura de alguns parentes desaparecidos, **a despeito dos** avisos de que lá é um país muito violento.

d) No dia a dia, não são raros os erros até de bons escritores que confundem "posto que" com "já que, visto que". É preciso ter cuidado! A conjunção "posto que" (em português do Brasil) equivale a "embora, apesar de que, ainda que" – é uma conexão concessiva. Por seu lado, "já que, visto que" são locuções conjuntivas causais, pois introduzem uma causa.

- Ele não deve ser demitido, **já que** goza de estabilidade no emprego. (Equivale a "porque"
- **Posto que** goze de estabilidade no emprego, ele foi demitido. (Equivale a "embora")

4.3.6.4 Condicionais

São orações que estabelecem uma condição para a realização do fato expresso na oração principal.

As principais conjunções subordinativas condicionais são: se, caso, a não ser que, desde que, contanto que, salvo se, sem que (= se não), a menos que.

- **A não ser que** a taxa de juros caia consideravelmente, não adquiriremos mais produtos importados.

  adverbial condicional

- **Caso** o Governador não se manifeste sobre o caso, levaremos o problema às raias

judiciais.

adverbial condicional

- **Contanto que** todos saíssem antes da meia-noite, não se opunha a que a festa fosse na casa dele.

adverbial condicional

> **Cuidado!!**
> Em algumas construções interrogativas o "SE" funcionará não como uma conjunção condicional, mas como uma conjunção causal. Veja:

- Senhor, por que me enviastes para esta missão **se** sabíeis que eu era fraco?

Leia:... já que sabíeis que eu era fraco? (Adverbial causal)

- **Se** ele conhecia a índole do rapaz, por que lhe confiou tamanha quantia?

Leia:... já que / uma vez que ele conhecia a índole do rapaz... (Adverbial causal)

4.3.6.5 Conformativas

São orações que expressam uma conformação (correspondência, concordância, analogia ou identidade de forma, modo, tipo ou caráter) com um fato expresso na oração principal.

> As principais conjunções subordinativas conformativas são: como, segundo, conforme, consoante.

- Elaboramos todo o projeto **como** nos orientava o manual.

Adverbial conformativa

- A vida tem sempre seus perigos, **segundo** já nos dizia Guimarães Rosa.

Adverbial conformativa

- Agimos **conforme** nossas próprias convicções.

Adverbial conformativa

4.3.6.6 Comparativas

São orações subordinadas que estabelecem um processo de comparação entre dois elementos — um elemento estará na oração principal e o outro, na oração subordinada. A comparação poderá ser de igualdade, de superioridade ou de inferioridade. Uma característica interessante das orações adverbiais comparativas é o fato de o verbo da

oração comparativa geralmente se encontrar elíptico, oculto, já que, frequentemente, ele será o mesmo da oração principal.

> As principais conjunções subordinativas comparativas são: como, assim como, tal e qual, tal qual, mais que ou do que, menos que ou do que, tanto quanto, feito (= como).

- Não sei por que saiu correndo desesperadamente, **feito um louco**. (adverbial comparativa)
- Os escoteiros partiram para a selva num só movimento, **qual exército marchando contra o inimigo**. (adverbial comparativa)
- Ele deixou a sala sorrateiramente, **como uma serpente** (adverbial comparativa) que se esgueira no meio dos arbustos.

⇨ Observações:

a) Nas estruturas comparativas, a conjunção comparativa liga partes da oração de mesma função. Entretanto, em muitos casos, a bem da clareza, o segundo elemento da comparação deve, a despeito de funcionar como objeto direto, vir encabeçado por uma preposição — geralmente a preposição "a" — para evitar ambiguidades.

- "A ela, à presumida mulher, aborreço-a quase tanto como **ao marido**." (Almeida Garrett *apud* Mário Barreto)
- "Os pés dos gentios hão de logo pulverizá-la como **aos meus pés**". (Camilo *apud* Mário Barreto)
- "Acusaram-no de haver beneficiado mais a sua família que **ao povo romano**." (Camilo *apud* Mário Barreto)

b) Quando a conjunção comparativa "como" se refere a um termo que está precedido por uma preposição, deve obrigatoriamente vir acompanhada da mesma preposição.

- "Suspensos os pobres Frades com o embargo, pareceu que achariam amparo **no** Bispo, **como em** quem fora o primeiro autor de sua vinda". (Fr. L. de Souza *apud* Mário Barreto)
- "E por esta causa tratamos **dele como de** filho de Benfica". (Fr. L. de Souza *apud* Mário Barreto)

- “Acostumei-me a olhar **para** a morte **como para** o tempo de meus padecimentos.” (Filinto Elísio *apud* Mário Barreto)

⇨ Observação:

Perceba que, nestas estruturas comparativas, o verbo da segunda oração encontra-se elíptico. Por isso, devemos ler, por exemplo:

- “Acostumei-me a olhar para o monte **como (a olhar) para** o tempo de meus padecimentos”.

4.3.6.7 Finais

São orações que indicam a finalidade, o objetivo, o alvo do fato contido na oração principal.

> As principais conjunções subordinativas finais são: que, para que, a fim de que, porque (= para que, a fim de que).

adverbial final

- **A fim de que** ela passasse mais rápido em um concurso, comprei inúmeros livros e apostilas.

- Estudai bastante, **porque** consigais uma boa colocação no concurso.

adverbial final

- **Para que** a criança não se acidentasse, ele comprou um par de joelheiras.

adverbial final

4.3.6.8 Temporais

São as orações subordinadas que expressam o tempo, o momento do fato contido na oração principal.

> As principais conjunções subordinativas temporais são: enquanto, quando, assim que, logo que, mal (= logo que, assim que), desde que, antes que, agora que, depois que, sem que (= antes que).

- **Desde que** chegou, não parou de falar.
  adverbial temporal

- Todos o aplaudiram **mal** terminou sua palestra.
  adverbial temporal

- **Agora que** chegou o verão, aonde pretendes ir com a família?
  adverbial temporal

- **Quando** o meu primeiro amor acabou, meu mundo desfaleceu.
  adverbial temporal

4.3.6.9 Proporcionais

São orações que indicam uma concomitância, uma simultaneidade, uma proporção com o fato expresso na oração principal.

> As principais conjunções subordinativas proporcionais são: à medida que, à proporção que, ao passo que, quanto mais... mais, quanto mais... menos, quanto menos... mais, quanto menos... menos.

adverbial proporcional
- **À medida que** o progresso avança, o meio ambiente sofre com o uso excessivo de seus recursos.

- **Quanto mais** ela estuda mais dúvidas surgem.
  adverbial proporcional

adverbial proporcional
- O caso, **ao passo que** apareciam novas provas, deixava os investigadores mais confusos.

⇨ Observações:

a) Não confunda "à medida que" com "na medida em que". Esta última locução é um articulador de causa, enquanto aquela é uma conjunção proporcional.

- conjunção proporcional
  "E o cocheiro ria; e, **à medida que** o freguês ia demonstrando, ele ia ficando mais familiar." (Machado de Assis)

- causal
  O governo aumentou os juros para o crédito, **na medida em que** busca reduzir o consumo a fim de evitar a inflação.

b) Lembre-se de que “à medida em que” e “na medida que” são locuções que não existem na língua portuguesa.

⇨ Considerações finais sobre as orações adverbiais:

a) Observe a pontuação utilizada com as orações adverbiais. Perceba que, quando antepostas à principal ou intercaladas na principal, a pontuação — geralmente se utiliza a vírgula — é obrigatória.

b) Reiterando o que já se disse, lembre-se de que o mais importante não é decorar todas as orações adverbiais, mas sim apreender as relações proporcionadas pelas conjunções subordinativas adverbiais.

c) Embora não sejam reconhecidas pela NGB – Nomenclatura Gramatical Brasileira –, há orações adverbiais denominadas de “modais”, as quais transmitem uma circunstância de modo. Tais orações geralmente só aparecem sob a forma reduzida, conquanto existam orações modais introduzidas pela locução conjuntiva “sem que”.

- Saiu da sala **sem ser percebido**. (Oração adverbial modal, reduzida de infinitivo)
- “Deixou a sala sem despedir-se do pai.”

> **Dica:** Sugiro que, se você estudou as orações adjetivas e adverbiais em um só momento, descanse um pouco antes de começar o estudo abaixo.

4.3.6.10 Emprego da conjunção nas orações adverbiais coordenadas

Nas estruturas em que se coordena mais de uma oração subordinada adverbial, o emprego da conjunção subordinativa adverbial obedece às seguintes orientações:

a) Repete-se a conjunção nas duas orações coordenadas subordinadas adverbiais:

- O congresso terá início **se** a verba for depositada, e **se** o principal palestrante confirmar sua participação.
- **Desde que** não cheguem atrasados e **desde que** tragam boas notícias, eles serão bem-vindos.

b) Omite-se a conjunção da segunda oração adverbial coordenada:

- conjunção elíptica na segunda adverbial coordenada

  Embora os juros estejam baixos, e a economia externa não dê sinais de sobressaltos,

o consumo se mantém baixo.

- **Uma vez que** está adoentado e não há outro para substituí-lo, cancelou a auditoria que faria na empresa.
- **À medida que** estuda e se mantém atualizado, aumentam as suas chances de passar en um concurso.

c) Repete-se, na segunda oração adverbial coordenada, apenas a parte final da conjunção adverbial, quando esta é expressa por uma locução.

- **Por mais que** faça boas obras e **que** vá à igreja, o temperamento dele o reprova diariamente.
- "Com estes estava o corpo que o metropolitano de Híspalis ajuntara, composto em grand parte dos nobres que haviam deposto a espada **desde que** Roderico subira ao trono e **que** a cingiam de novo nesta guerra de independência." (A. Herculano)
- "— Não marcou dia; prometeu que ia ver; que falaria **logo que** pudesse, e **que** me pegasse com Deus." (Machado de Assis)

4.3.7 ORAÇÕES REDUZIDAS

Mais uma vez, peço: mantenha a calma e não desista! A partir de agora, entretanto, nossa percepção deverá ser aguçada. Não veremos mais as conjunções, as quais nos davam, ao menos, uma pista de que tipo de oração se tratava. Teremos apenas um verbo no infinitivo, no gerúndio ou no particípio, o qual nos indicará a oração subordinada. Deveremos desenvolver este verbo para depois classificar a oração. O procedimento nem sempre será simples e de fácil solução, porém com um pouco de treino (e persistência) você conseguirá. Vamos lá!

Observe:

- É fundamental **que** se creia em Deus. ⇨ É fundamental **crer** em Deus.
- Ele encontrou um cachorrinho **que** foi abandonado pelos donos. ⇨ Ele encontrou um cachorrinho **abandonado** pelos donos.
- Feche todas as janelas quando você sair. ⇨ Feche todas as janelas ao sair.

Percebeu?? Na primeira coluna todas a orações são introduzidas por um conectivo. Já na segunda coluna as orações não mais apresentam o conectivo e o verbo da oração subordinada encontra-se numa forma nominal do verbo (infinitivo, particípio e gerúndio). Portanto, as orações da primeira coluna são chamadas de desenvolvidas enquanto as da segunda, reduzidas.

Portanto, orações reduzidas são aquelas que não apresentam conectivo e cujo verbo está em uma forma nominal.

As reduzidas podem ser de infinitivo, de gerúndio e de particípio. Geralmente o infinitivo aparece como redução para as orações substantivas; o gerúndio, para as adverbiais; e o particípio, para as adjetivas. Nada impede, porém, que se apresentem orações subordinadas reduzidas nas três formas nominais. Apresentaremos agora algumas orações reduzidas e suas respectivas classificações:

4.3.7.1 Subordinadas substantivas reduzidas

- **Lutar** pelo país é um ato de bravura. (Subjetiva, reduzida de infinitivo.)
- É muito difícil **obter** um título de doutorado no Brasil. (Subjetiva, reduzida de infinitivo)
- Todos viram **sair** da sala uma mulher muito esquisita. (Objetiva direta, reduzida de infinitivo)
- Ele tinha certeza de **ser** o melhor da turma. (Completiva nominal, reduzida de infinitivo)
- Não me será um grande esforço **atendê**-lo hoje à tarde. (Subjetiva, reduzida de infinitivo)
- Não se esqueça de **comprar** as verduras. (Objetiva indireta, reduzida de infinitivo)
- Seu maior desejo era **sair** da cidade e **morar** no interior. (Predicativas, reduzidas de infinitivo)

4.3.7.2 Subordinadas adjetivas reduzidas

- Entregou-me a lista dos produtos a **serem** adquiridos antes do final do ano. (Restritiva, reduzida de infinitivo)
- Todos os livros **analisados** por ele foram reprovados pelo MEC. (Restritiva, reduzida de particípio)
- É um rapaz bem intencionado, inteligente, **provindo** da cidade de Palmares. (Explicativa, reduzida de gerúndio)
- Apresentou-me uma tela velha e suja, **pintada** aos sete anos de idade. (Explicativa, reduzida de particípio)

4.3.7.3 Subordinadas adverbiais reduzidas

- Analise bem sua situação antes de **dar** o primeiro passo. (Temporal, reduzida de infinitivo).

- Para **conseguir** uma boa colocação no concurso, é preciso muito tempo de estudo. (Final, reduzida de infinitivo)
- Não saia da sala sem primeiro **falar** com o professor. (Condicional, reduzida de infinitivo)
- Mesmo **estando** triste com o filho, abraçou-o fervorosamente. (Concessiva, reduzida de gerúndio)
- A **permanecerem** os sintomas, o médico deverá ser consultado. (Condicional, reduzida d infinitivo)
- De tanto **comprar** e não **pagar**, teve o nome inscrito no cadastro de inadimplentes. (Causal, reduzida de infinitivo)
- Não **conseguindo** o resultado desejado, pediu demissão e mudou-se para o sul do país. (Causal, reduzida de gerúndio)
- Quebrei o vaso sem **querer**. (Concessiva, reduzida de infinitivo)
- O rapaz estudou tanto para o concurso a ponto de **danificar** a visão. (Consecutiva, reduzida de infinitivo)
- Ele arrumou um novo emprego para poder **sustentá**-la. (Final, reduzida de infinitivo)
- Muito constrangido deve ter ficado o candidato para nem sequer **apanhar** o gabarito da prova. (Consecutiva, reduzida de infinitivo)

⇨ Observação importante:

Em algumas orações reduzidas, a forma nominal do verbo — notadamente o infinitivo — aparece antecedida de uma preposição. Esta combinação "preposição + forma nominal" estabelece relações semânticas bem lógicas. Logo, fica fácil identificar de que tipo de oração se trata. Veja abaixo:

- Preposição "**POR**" + verbo no infinitivo ⇨ oração reduzida causal (indica a causa)
- Preposição "**PARA**" + verbo no infinitivo ⇨ oração reduzida final (indica a finalidade)
- Preposição "**A**" + verbo no infinitivo ⇨ oração reduzida condicional (indica condição, hipótese)
- Contração "**AO**" + verbo no infinitivo ⇨ oração reduzida temporal (indica o tempo)

Exemplos:

adverbial causal, reduzida de infinitivo

- Por sair constantemente à noite, Maria adquiriu uma terrível gripe. ➡ Porque sai constantemente à noite,....

adverbial condicional, reduzida de infinitivo

- A permanecerem estas cláusulas no contrato, jamais o assinarei. ➡ Se permanecerem....

adverbial final, reduzida de infinitivo

- Para driblar a alfândega, escondeu alguns objetos em uma pequena sacola. ➡ Para que driblasse a....

adverbial temporal, reduzida de infinitivo

- Ao caminhar no parque, não deixe de tomar bastante água. ➡ Quando caminhar no parque....

⇨ Considerações finais:

a) Nem toda oração desenvolvida pode ser reduzida, como nem toda oração reduzida poc ser desenvolvida. Há orações que só aparecem sob a forma desenvolvida ou reduzida.

b) E não se esqueça de que o importante neste assunto é absorver a relação que está sendo travada entre as orações e, a partir desse entendimento, classificá-las.

4.4 PROCESSO CORRELACIONAL

Três tipos de orações há, estudadas nos processos de coordenação e subordinação, que, em virtude de características próprias, merecem uma menção à parte: são as chamadas orações correlatas. Denominam-se de "correlatas" as orações em que seus conectivos se distribuem entre uma oração e outra do período. Existe uma espécie de "paradependência", portanto, entre as orações. Observe:

- A rã inchou e estourou. (Temos simples coordenação aditiva)

Se à primeira oração acrescentássemos, por exemplo, o advérbio de intensidade "tanto", já não teria ela o sentido completo ("A rã inchou tanto..."); e desconexo ficaria também o período ("A rã inchou tanto, estourou"). Para consertá-lo, é fundamental a presença da palavra "que" antes da segunda oração ("A rã inchou tanto que estourou").

Dizemos, então, que as palavras "tanto" e "que" são as conjunções correlatas da estrutura.

São classificadas como correlatas algumas orações aditivas, consecutivas e comparativas.

CONJUNÇÕES CORRELATAS ADITIVAS	não só...	mas também...
	não só...	mas ainda...
	não só...	senão também...
	não só...	senão que...
	não só...	bem como...
	assim...	como...

CONJUNÇÕES CORRELATAS CONSECUTIVAS	tal...	que...
	tão...	que...
	tanto ...	que...
	tamanho...	que...

CONJUNÇÕES CORRELATAS COMPARATIVAS	tanto...	quanto ou como...
	tanto mais...	tanto mais...
	quanto mais...	mais...
	quanto menos...	menos...
	quanto mais...	menos...
	quanto menos...	mais...
	mais...	que ou do que...
	menos..	que ou do que...
	melhor...	que ou do que...

- **Tanto** vaiava a um **quanto** aplaudia a outro.
- Nada o pungia **tanto quanto** o sorriso indiferente dela.
- "(...) mas aqui a ponho outra vez, **não só** por significar a totalidade do silêncio, **mas também** porque havia naquela ação do gato e do rato alguma cousa que prendia com ritual." (Machado de Assis)
- "**Não só**, de onde em onde, soltava exclamações sem ligação alguma com a conversa atual, **como também** cerrava os lábios, rilhava os dentes e crispava raivosamente os punhos." (Lima Barreto)

“Nada me pediu, Mariana; mas obriga-me **tanto**, **que** me faz mais infeliz o peso da obrigação.” (Camilo)

⇨ Observação:

Geralmente a análise do processo correlacional se faz em questões que envolvem “paralelismo sintático”, já que a correlação nada mais é do que uma construção paralela.

4.5 CONTAGEM DE ORAÇÕES EM UM PERÍODO MISTO

Em muitos certames, as bancas cobram dos candidatos a contagem das orações em um dado período, formado por subordinação e coordenação (período misto). A missão é bastante simples se nós compreendermos que, em muitas situações, uma mesma oração pode ser subordinada e coordenada ao mesmo tempo.

Observe o período abaixo:

“É importante que os contribuintes percebam que a política tributária é justa, a administração fiscal é proba, sensível e confiável, e os recursos arrecadados são corretamente aplicados.” (Fund. Getúlio Vargas)

– Quantas orações há no período acima? Qual a classificação para elas?

Em primeiro lugar, é fundamental separar as orações. Veja:

1.ª → É importante
2.ª → que os contribuintes percebam
3.ª → que a política tributária é justa
4.ª → (que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável
5.ª → e (que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados.

Descobrimos, logo, que existem cinco orações no período. Mas qual é a principal? Quantas subordinadas há? E as coordenadas? Para isso, vamos atribuir a cada oração uma letra e fazer uma diagramação simples.

1.ª → É importante = **A**
2.ª → que os contribuintes percebam = **B**
3.ª → que a política tributária é justa = **C**
4.ª → (que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável = **D**
5.ª → e (que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados. = **E**

Diagramação:

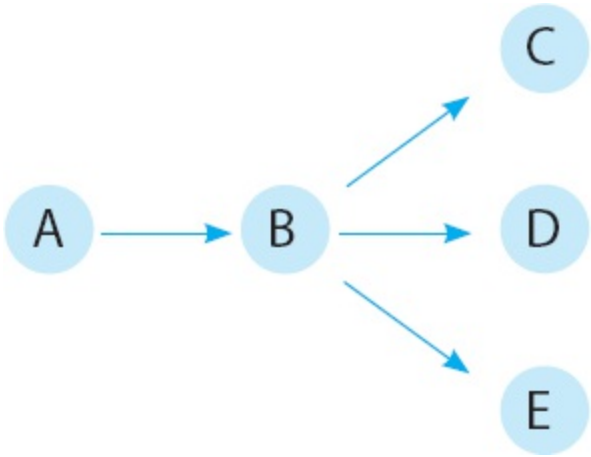

A partir da diagramação acima temos então:

- A oração “A” é a principal do período.
- A oração “B” é subordinada em relação à oração “A”.
- As orações “C”, “D” e “E” são subordinadas em relação à oração “B”.
- As orações “C”, “D” e “E” estão coordenadas entre si.

Conclusão:

Há, no período, uma oração principal (A), quatro subordinadas (B, C, D, E) e três coordenadas entre si (C, D, E).

Veja outro exemplo:

“Já sei, Senhor, que vos haveis de enternecer e que não haveis de ter coração, para ver tais lágrimas e tais estragos.” (Pe. Antonio Vieira)

1.ª oração → Já sei, Senhor, (Oração principal) = A

2.ª oração → que vos haveis de enternecer (Oração subordinada em relação à 1.ª oração) = B

3.ª oração → e que não haveis de ter coração (Oração subordinada em relação à 1.ª oração) = C

4.ª oração → para ver tais lágrimas e tais estragos. (Oração subordinada adverbial final em relação à 3.ª oração) = D

Diagramação:

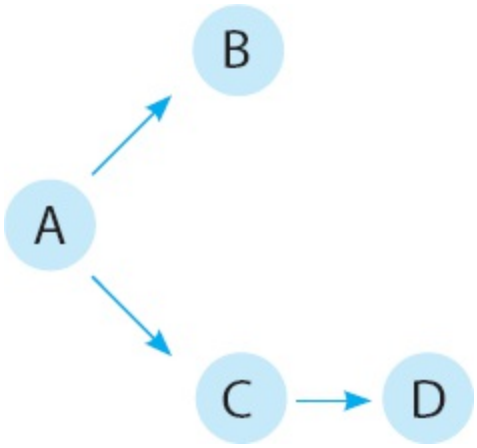

⇨ Observações importantes:

a) As orações C, D e E do primeiro exemplo são EQUIPOLENTES. São denominadas de equipolentes as orações subordinadas da mesma natureza (classificação) e de sentidos coordenados. Observe:

- Desejo **que faças boa viagem** e **sejas bem sucedido nos teus negócios**.

As orações "**que faças boa viagem**" e "(que) **sejas bem sucedido nos teus negócios**" são equipolentes, pois são, simultaneamente, subordinadas objetivas diretas em relação à oração "Desejo" e coordenadas entre si.

b) Em nossa formação escolar, aprendemos a máxima de que "tantos quantos forem os verbos de um período, tantas serão as orações que o comporão". Esta regra, porém, nem sempre funciona, pois podem existir períodos em que haja orações ocultas, elípticas. Estas orações, cujos verbos estão subentendidos por zeugma, são denominadas de ORAÇÕES LATENTES. Observe:

- "A reflexão jurídica sobre o assunto, contudo, não se tem mostrado tão farta quanto aquela encontrada na economia." (Fund. Getúlio Vargas)

– Quantas orações há no período acima? Resposta: TRÊS.

1.ª oração → A reflexão jurídica sobre o assunto, contudo, não se tem mostrado tão farta

2.ª oração → quanto aquela (ORAÇÃO LATENTE) → Equivalente a "quanto aquela se tem mostrado farta"

3.ª oração → encontrada na economia

Temos então:

A 1.ª oração é a principal. A 2.ª oração é subordinada adverbial comparativa com verbo oculto (quanto aquela se tem mostrado farta). A 3.ª oração é subordinada adjetiva

restritiva, reduzida de particípio.

c) Em algumas situações, a oração oculta só é perceptível por meio de uma análise mais acurada do período. É preciso entender bem o período para que se encontre a oração latente (oculta). Observe:

- "Para isto é que os quadros cresceram nas proporções que se sabe". (Rui Barbosa)

Em uma análise superficial do período acima, poder-se-ia pensar que o nosso ilustre mestre Rui Barbosa tivesse cometido um erro de concordância ao deixar o verbo "saber" na 3.ª pessoa do singular. Ocorre que o nosso "Águia de Haia", ao deixar o verbo no singular, faz este verbo concordar com a oração latente (oculta) "que cresceram".

Temos então:

- "Para isto é que os quadros cresceram nas proporções que se sabe **QUE CRESCERAM**"

Observe outros exemplos de períodos que contêm orações latentes (ocultas, elípticas):

- Procedemos como convinha. → Subentende-se "**que procedêssemos**".
- Fizemos o que cumpria. → Subentende-se "**que fizéssemos**".
- Ele caminha tal qual meu irmão. → Subentende-se "**qual meu irmão caminha**".
- "Assim como o Pai ressuscita, e vivifica os mortos, assim o Filho vivifica aos que é sua vontade." (Pe. Manuel Bernardes) → Subentende-se o verbo "**vivificar**".
- "... e nessa hipótese, o mais acertado é deixá-la lá estar os três dias pedidos, e os mais dias que for necessário até sabermos o destino do prussiano." (Camilo Castelo Branco) → Subentende-se "**deixá-la lá estar**".

⇨ Consideração final:

Subentenderem-se essas orações latentes é gramaticalmente indispensável não só para completar-se o sentido, mas também para satisfazer as exigências da análise, dando-se ao verbo o seu verdadeiro sujeito ou o seu objeto. Cumpre por fim observar que tais orações latentes frequentemente ocorrem com as orações adjetivas, com as orações comparativas e com as orações condicionais.

4.6 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

Orações Subordinadas Adjetivas, Adverbiais e Reduzidas

Texto para as questões de 1 a 3.

[1] “Cada pessoa
[2] que chegava
[1] se punha na ponta dos pés,
[3] embora não pudesse ver”.

1. (Faap-SP) Há no texto três orações, e estão numeradas. A primeira – **cada pessoa se punha na ponta dos pés** – chama-se:

a) absoluta.
b) principal.
c) coordenada assindética.
d) coordenada sindética.
e) subordinada.

2. (Faap-SP) A segunda – **que chegava** – é subordinada:

a) substantiva subjetiva.
b) substantiva objetiva direta.
c) adverbial causal.
d) adverbial final.
e) adjetiva.

3. (Faap-SP) A terceira – **embora não pudesse ver** – oferece uma ideia de:

a) causa.
b) fim.
c) condição.
d) concessão.
e) consequência.

4. (Fuvest-SP) No período: “É possível **discernir no seu percurso momentos de rebelc contra a estandardização e o consumo**”, a oração destacada é:

a) subordinada adverbial causal, reduzida de particípio.

b) subordinada objetiva direta, reduzida de infinito.
c) subordinada objetiva direta, reduzida de particípio.
d) subordinada substantiva subjetiva, reduzida de infinito.
e) subordinada substantiva predicativa, reduzida de infinito.

5. (UM-SP) Examine o período: "A soldadela invade o campo da disputa, **enquanto a grit aumenta em berros e assobios rudes**". A oração em destaque é:

a) coordenada sindética temporal.
b) coordenada adverbial temporal.
c) subordinada substantiva temporal.
d) subordinada adjetiva temporal.
e) subordinada adverbial temporal.

6. (F. Cásper Líbero-SP)
"Já que não pude ser feliz, busquei a companhia dessas aves que nasceram livres". No período há:

a) subordinada adverbial causal e subordinada adjetiva.
b) subordinada adverbial concessiva e subordinada adverbial consecutiva.
c) subordinada substantiva objetiva direta e subordinada adjetiva.
d) subordinada substantiva objetiva direta e coordenada sindética adversativa.

7. (FIT-SP) No período "Era tão pequena a cidade, **que um grito ou gargalhada forte a atravessava de ponta a ponta**", a oração em destaque é:

a) subordinada adverbial causal.
b) subordinada adverbial final.
c) subordinada adverbial consecutiva.
d) subordinada adverbial temporal.
e) n.d.a.

8. (Cesgranrio-RJ) Classifique a oração iniciada pela conjunção **que** no período abaixo.

"Era uma fada tão suave e pura que ao vê-la o coração me estremecia". (Francisco Otaviano)

a) oração subordinada adverbial temporal
b) oração subordinada adverbial consecutiva

c) oração coordenada sindética explicativa
d) oração independente
e) n.d.a.

9. (Fuvest-SP) Classifique as orações em destaque do período abaixo.

*"**Ao analisar o desempenho da economia brasileira**, os empresários afirmaram **que os resultados eram bastante razoáveis**, uma vez que a produção não aumentou, mas também não caiu".*

a) principal, subordinada adverbial final
b) subordinada adverbial temporal, subordinada adjetiva restritiva
c) subordinada adverbial temporal, subordinada substantiva objetiva direta
d) subordinada adverbial temporal, subordinada substantiva subjetiva
e) principal, subordinada substantiva objetiva direta

10. (FCMPA-MG) Nos períodos abaixo aparece, entre as orações, uma relação de concessão. Assinale a letra correspondente ao período em que a relação é outra.

a) Embora estivesse doente, fiz tudo o que me era possível.
b) Fiz tudo o que me era possível, apesar de estar doente.
c) Mesmo estando doente, fiz tudo o que me era possível.
d) Fiz tudo o que me era possível, conquanto estivesse doente.
e) Fiz tudo o que era possível, mas estava doente.

11. (UM-SP) Assinale o período que contenha uma oração reduzida com valor de adjetivo.

a) O ônibus parou na rua transversal para assustar passageiros.
b) Correndo assustado, o menino foi chamar o guarda.
c) Os garotos vestindo camisetas velhas reclamavam apenas uma penca de bananas meio amassadas.
d) Faça das entranhas coração para obter, um dia, a rara felicidade dos humanos.
e) Moleques de carrinho dirigiam-se a várias direções, atropelando-se uns aos outros.

12. (Faap-SP)

"Lá a existência é uma aventura
De tal modo inconseqüente
Que Joana a Louca de Espanha
Rainha e falsa demente

Vem a ser contraparente
***Da nora** que nunca tive"*
A oração destacada recebe o nome de oração subordinada adverbial:

a) causal.
b) final.
c) condicional.
d) concessiva.
e) consecutiva.

13. (Cesgranrio-RJ) Assinale o período em que ocorre a mesma relação significativa indicada pelos termos destacados em: "A atividade cientifica é tão natural **quanto qualquer outra atividade econômica**".

a) Ele era tão aplicado, que em pouco tempo foi promovido.
b) Quanto mais estuda, menos aprende.
c) Tenho tudo quanto quero.
d) Sabia a lição tão bem como eu.
e) Todos estavam exaustos, tanto que se recolheram logo.

14. (Uece) Em: "**Ao me deitar**, antes eu tinha posto uma caixa de fósforos num tamborete...", a oração destacada é reduzida:

a) causal.
b) final.
c) temporal.
d) concessiva.

15. (Fesp-SP) Observe:

I. Convém que todos participem.
*II. Fique quieto, **pois está incomodando**.*
*III. Amou daquela vez **como se fosse a última**.*
*IV. Machado de Assis, **que escreveu Dom Casmurro**, fundou a Academia Brasileira de Letras.*

Assinale a alternativa que não corresponde à classificação das orações destacadas.

a) no item I, oração subordinada substantiva subjetiva
b) no item II, oração subordinada sindética explicativa
c) no item III, oração subordinada adverbial comparativa

d) no item IV, oração subordinada adjetiva explicativa
e) no item II, a primeira oração é coordenada assindética

16. (UM-SP)

A. Sua palavra foi a primeira a perder o significado naquele agitado contexto.
B. Tenho necessidade de me apoiares nesta complicada situação.
C. ***Antes de repelir seus mestres****, procure compreendê-los.*

Analisando os períodos A, B e C, concluímos que as frases neles destacadas são três orações reduzidas. Desdobrando-as, obteremos, respectivamente:

a) uma adjetiva, uma substantiva, uma adverbial.
b) uma adjetiva, uma adverbial, uma substantiva.
c) três adverbiais.
d) uma adjetiva, duas adverbiais.
e) uma adverbial, duas adjetivas.

17. (Faap-SP)

"Lá a existência é uma aventura
De tal modo inconseqüente
Que Joana a Louca de Espanha
Rainha e falsa demente
Vem a ser contraparente
Da nora que nunca tive".
A oração ***que nunca tive*** *é:*

a) principal.
b) coordenada.
c) subordinada substantiva.
d) subordinada adverbial.
e) subordinada adjetiva.

18. (Faap-SP) "Não compreendíamos a razão **por que o ladrão não montava a cavalo**".

A oração em destaque é:

a) subordinada adjetiva restritiva.
b) subordinada adjetiva explicativa.
c) subordinada adverbial causal.

d) substantiva objetiva indireta.

e) substantiva completiva nominal.

19. (Uni-Rio-RJ) Assinale o item em que há uma oração, quanto à classificação, idêntica à segunda do período “Pernoitamos depois junto a um açude lamacento, onde patos nadavam”.

a) As virilhas suadas ardiam-me, o chouto do animal sacolejava-me...

b) De onde vinham as figuras desconhecidas para encontrar-nos?

c) Fiz o resto da viagem com um moço alegre, que tentou explicar-me as chaminés do banguês...

d) Os mais graúdos percebiam que a viagem era alegre.

e) Surgiam regatos, cresceram tanto que se transformaram em rios...

20. (UFPA) Há no período uma oração subordinada adjetiva:

a) Ele falou que compraria a casa.

b) Não fale alto, que ela pode ouvir.

c) Vamos embora, que o dia está amanhecendo.

d) Em time que ganha não se mexe.

e) Parece que a prova não está difícil.

GABARITOS

Orações Coordenadas

1 – A	2 – D	3 – E
4 – D	5 – D	6 – E
7 – D	8 – C	9 – A
10 – A		

Orações Subordinadas Substantivas

1 – D	2 – B	3 – E
4 – D	5 – B	6 – D

7 – D	8 – D	9 – D
10 – E	11 – A	12 – A
13 – C	14 – C	15 – C
16 – B	17 – E	18 – B
19 – D	20 – A	

Orações Subordinadas Adjetivas, Adverbiais e Reduzidas

1 – B	2 – E	3 – D
4 – D	5 – E	6 – A
7 – C	8 – B	9 – C
10 – E	11 – C	12 – E
13 – D	14 – C	15 – B
16 – A	17 – E	18 – A
19 – C	20 – D	

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 5

SINTAXE DE CONCORDÂNCIA

Teremos agora uma longa missão, uma missão extensa. Não será uma missão difícil. Mas para terminá-la com sucesso será preciso muita persistência. Uma dica: estude aos poucos. Nós vamos nos deparar com mais de trinta regrinhas de concordância verbal e nominal. É claro que algumas raramente são usadas; outras caem com mais frequência nas provas, porque são bastante usuais na Língua Portuguesa. Logo, procure uma estratégia que lhe seja mais conveniente. E leia! Releia! Leia de novo! Leia novamente! Leia mais uma vez! Observe os exemplos! Será a repetição que fará com que consiga bons resultados. Desejo sucesso para esta missão! Bons estudos!

De fato o assunto "CONCORDÂNCIA" é um dos mais explorados pelas bancas elaboradoras de provas. Portanto, deve sempre ser alvo de nossos estudos.

A "sintaxe de concordância" se preocupa com a perfeita harmonização das palavras dentro de um período. Sendo assim, buscam-se dois tipos de harmonização:

a) A harmonia sintática entre o verbo e o seu sujeito ⇨ **Concordância verbal**

b) A harmonia sintática entre o substantivo e os termos os quais a ele se referem ⇨ **Concordância nominal**

Nesta primeira etapa, trabalharemos a concordância entre o verbo e o seu sujeito. Antes, porém, convém conhecer os três tipos principais de concordância:

a) Concordância gramatical ⇨ é aquela feita com o núcleo do termo.

b) Concordância atrativa ⇨ é aquela efetuada com o núcleo semântico mais próximo.

c) Concordância ideológica ⇨ é aquela efetuada não com o termo, mas com a ideia passada pelo termo.

⇨ **Observe:**

núcleo do sujeito

- O **motivo** simples de tantos atos supostamente cruéis somente anos depois se **manifestou**.

verbo da concordância gramatical

Sujeito — verbo da concordância atrativa

- Um grupo de **pesquisadores** holandeses **iniciarão** um estudo sobre a febre aftosa no Brasil.

Sujeito — verbo da concordância ideológica

- **Uma multidão** avançou sobre o juiz. **Disseram** que já não mais aguentavam tanta roubalheira.

Perceba que neste caso, o sujeito do verbo "dizer" continua sendo "a multidão". Concorda-se com a ideia de que a multidão representa "vários indivíduos, várias pessoas".

- Encontrou um **bom** momento e hora para a realização da reunião.

concordância nominal com o substantivo mais próximo

À exceção de alguns casos, a concordância autorizada pela norma culta é a "gramatical". A nossa preocupação sempre será com o núcleo do termo.

5.1 CONCORDÂNCIA VERBAL

Dica: Não estude este capítulo antes de conhecer bem o sujeito de uma oração. Aqui o nosso objetivo é harmonizar em número (singular ou plural) e em pessoa (1.ª, 2.ª ou 3.ª) o sujeito com o seu verbo. Logo, se você não consegue identificar com segurança o sujeito de uma oração, ou tem dificuldades para fazê-lo, estude o sujeito da oração.

5.1.1 REGRA GERAL

O verbo concorda em número (singular ou plural) e em pessoa (1.ª, 2.ª ou 3.ª) com o seu sujeito simples.

Núcleo do sujeito – 3.ª p. do singular verbo na 3.ª p. do singular

- O **pensamento** dos novos filósofos contemporâneos não **se antepõe** ao pensamento grego.

Verbo na 3.ª p. do plural núcleo do sujeito núcleo do sujeito

- Grandes golpes **sofreram** nossos **antepassados** quando muitas **doenças assolaram** cidades inteiras.

verbo na 3.ª p. do plural

Verbo na 3.ª p. do plural

- Do Norte e Nordeste brasileiro, **advieram**, nas décadas de 60 e 70, muitos **imigrantes** para São Paulo.

núcleo do sujeito na 3.ª p. do plural

5.1.2 SUJEITO FORMADO POR PESSOAS GRAMATICAIS DIFERENTES

Regra: Quando o sujeito é formado por pessoas gramaticais diferentes, obedece-se à seguinte lei de prevalência:

- **1.ª pessoa** + **2.ª pessoa** = 1.ª pessoa do plural (a primeira prevalece sobre a segunda) ⇨ NÓS
- **1.ª pessoa** + **3.ª pessoa** = 1.ª pessoa do plural (a primeira prevalece sobre a terceira) ⇨ NÓS
- **2.ª pessoa** + **3.ª pessoa** = 2.ª pessoa do plural (a segunda prevalece sobre a terceira) ⇨ VÓS

> **Resumindo**: A primeira pessoa prevalece sobre as demais e a segunda pessoa prevalece sobre a terceira.

sujeito composto por pessoas gramaticais diferentes verbo na 1.ª pessoa do plural

- O **Ministro** dos Esportes e **eu**, na próxima semana, **inauguraremos** um novo estádio de futebol.

sujeito composto por pessoas gramaticais diferentes verbo na 2.ª pessoa do plural

- Vossa **tia** e **tu**, quando toda a comitiva chegar, **devíeis** providenciar imediatamente um local para descanso.

sujeito composto por pessoas gramaticais direrentes

- **Tu** e todos os outros **professores** presentes à cerimônia, após o lanche, **comporeis** uma mesa redonda.

verbo na 2.ª pessoa do plural

⇨ Observação importante:

Nos dois últimos exemplos, o verbo também poderia concordar na 3.ª pessoa do plural em virtude da possibilidade de se tratar o "tu" e o "ele" não por "vós", mas sim por "vocês". Logo:

- **Tu** e todos os outros **professores** presentes à cerimônia, após o lanche, **comporeis / comporão** uma mesa redonda.
- O **presidente** do Diretório Acadêmico e **tu**, Roberto, líder de nossa turma, **poderíeis / poderiam** reivindicar melhorias para a Universidade.

5.1.3 REGRAS ESPECIAIS DE CONCORDÂNCIA VERBAL COM O SUJEITO SIMPLES

1. **Quando o sujeito é formado por expressões partitivas (uma parte de, a metade de, o grosso de, um grande número de, uma porção de, a maioria de etc.) o verbo poderá concordar, no singular, com o núcleo dessas expressões ou com o termo da expressão explicativa ou especificativa que as acompanha.**

sujeito
- Boa **parte** dos **inscritos** no último concurso **irá / irão** realizar a prova no centro da cidade.

sujeito
- Grande **número** de **automóveis** **circula / circulam** nas principais capitais brasileiras.

sujeito
- Por incrível que pareça, a **maioria** dos **participantes** **anteviu / anteviram** o resultado da gincana.

2. **Quando o sujeito é formado por numerais percentuais ou fracionários seguidos de uma especificação, o verbo poderá concordar tanto com o numeral quanto com a expressão especificativa.**

Dica: Não se esqueça de que os numerais "zero" e "um" levam o verbo para o singular. Quanto aos numerais fracionários, para a concordância verbal, leva-se em conta o

numerador.

- 32% de todo o **dinheiro** arrecadado (sujeito) — será doado / serão doados — para instituições de caridade.

- 8,6% dos **entrevistados** (sujeito) **alegaram** que não gostam de comprar a prazo.

Neste caso, só o plural para o verbo é possível, pois tanto o núcleo do sujeito quanto o termo da especificação se encontram no plural.

- 1/4 dos **alunos** (sujeito) do ensino médio — prestará / prestarão — vestibular para Medicina.

- Parece que só 2/3 de todo o **grupamento** masculino — requereram / requereu — a dispensa para as festas natalinas.

Resumindo:

- Número no singular + nome no singular ⇨ Verbo no singular
- Número no singular + nome no plural ⇨ Verbo no singular ou no plural
- Número no plural + nome no singular ⇨ Verbo no singular ou no plural

⇨ Observação importante:

Se o numeral vier precedido de algum determinante, a concordância será feita com este determinante. Observe:

- Os 15% restantes do grupo pesquisado (sujeito) **serão** novamente entrevistados na próxima semana.

3. Quando o sujeito é formado por expressões que indicam quantidade aproximada (cerca de

perto de, mais de, menos de, coisa de, obra de, passante de etc.) seguidas de um numeral, o verbo concordará com este numeral que acompanha as expressões.

- Cerca de **duzentas** pessoas **intervieram** no protesto dos sem-terras.
  sujeito
- sujeito
  Perto de **quinze** manifestantes **se aglomeraram** em frente ao Palácio do Planalto.
  Planalto.
- Mais de **vinte** alunos **foram** reprovados neste ano em nossa escola.
  sujeito

4. Com a expressão "Mais de um" o verbo deverá ficar, portanto, no singular.

- A polícia percebeu que mais de **um** bandido **se escondia** na mata.
  sujeito
- sujeito
  Mais de **uma** criança **se entreteve** com o novo brinquedo que fora colocado no salão de jogos.
  no salão de jogos.
- "Mais de um coração de guerreiro **batia** apressado." (A. Herculano)

⇨ Observação:

Caso a expressão "Mais de um" apareça repetida ou venha acompanhada de um verbo que indique reciprocidade, a concordância será feita no plural.

sujeito composto – expressão "mais de um" aparece repetida

- **Mais de um** interventor, **mais de um** advogado, **mais de um** engenheiro **compareceram** ao prédio que ruiu.
- Mais de um deputado **se agrediram** na última sessão plenária.
  sujeito verbo indica reciprocidade

5. Quando o sujeito é um "pronome de tratamento", o verbo concordará obrigatoriamente na terceira pessoa.

– Vossas Excelências ainda não **avaliaram** o meu pedido?
sujeito — verbo na 3.ª pessoa do plural

sujeito
– Se Sua Majestade **quiser**, eu posso lhe entregar todas as cópias do processo, disse o advogado à secretária do rei.

Observe que toda a concordância é feita na terceira pessoa, inclusive os pronomes que se referem ao pronome de tratamento também são utilizados na terceira pessoa.

– Vossa Senhoria **gostaria** de que eu lavasse o seu carro?
sujeito

6. Quando o sujeito é a expressão "um dos que", o verbo poderá concordar, na maioria dos casos, tanto no singular quanto no plural.

Ele foi um dos alunos que mais { se destacou / se destacaram } neste ano.

Certamente a ex-secretária será uma das pessoas que { se arrependerá / se arrependerão } dos erros cometidos.

Aquele mestre foi um dos poucos que { anteviu / anteviram } o incidente com o metrô.

⇨ Observação:

Há casos, entretanto, que só o singular ou só o plural é possível. Geralmente, isso se dá em face da exclusão ou da inclusão perceptível no contexto do período. Observe o exemplo abaixo:

Foi um dos filhos de Sr. João que me **telefonou** hoje pela manhã. (Não há aqui lógica que permita o plural, pois só um dos filhos dele fez a ação de telefonar.)

7. Quando o sujeito é um pronome interrogativo, demonstrativo ou indefinido no plural (quais, quantos, alguns, poucos, muitos, quaisquer etc.), seguido de uma das expressões "de nós" ou "de vós", o verbo poderá concordar tanto com o pronome interrogativo, indefinido ou demonstrativo quanto com os pronomes "nós" ou "vós".

- Certamente muitos de vós proporão / proporeis mudanças para a nossa administração.
- Eles perceberam que quaisquer de nós comprávamos / compravam resolver aquela situação.
- Quantos de vós, após o confisco das poupanças, não interpuseram / interpusestes recurso da decisão.

⇨ Observação importante:

Se o pronome interrogativo, demonstrativo ou indefinido estiver no singular (qual, algum, qualquer etc.), o verbo obrigatoriamente ficará no singular.

- **Quem** de nós, na mesma situação, não **agiria** daquele jeito?
- **Qual** de vós **conhece** o segredo do cofre?
- **Algum** de nós certamente **entregou** o colega à direção da empresa.
- **Cada um** dos que ali estavam **tinha** um forte compromisso com o marxismo.

8. Quando o sujeito é o pronome relativo "QUE", o verbo concordará com o termo antecedente.

- De repente, apareceram muitos companheiros **que** apoiaram de imediato o protesto.

Perceba que neste caso o pronome relativo retoma a palavra precedente e funciona como sujeito para a oração a qual ele mesmo introduz. Observe: Apareceram muitos companheiros. Companheiros apoiaram de imediato o protesto.

- Fomos **nós que** propiciamos todo aquele contratempo.
- Havia muitas **indagações que** nos deixavam confusos.

⇨ Observações:

a) Se houver predicativo na oração, é possível tanto a concordância com o antecedente imediato do relativo "que" quanto com o sujeito da oração antecedente:

- **Nós** sempre fomos os **homens** que comprávamos / compravam os materiais de limpeza da firma.
- "Tu és a flor que **despontaste** livre." (Gonçalves Dias)
- "Não sabeis que eu sou o que **ensinei** a dar benefícios por agravos e favores por injúrias?" (M. Bernardes)
- "Nós somos os galegos que **levamos** a barrica." (Camilo Castelo Branco)

b) Quando o relativo "que" exerce a função de sujeito e o termo que o antecede é formado por dois ou mais substantivos, o "que" pode retomar qualquer um desses substantivos, desde que a lógica da oração adjetiva o permita.

- O preço das ações que se negociou (preço) / se negociaram (ações) na bolsa de valores caiu em razão de uma interferência externa.
- Eles interromperam um processo de atitudes que podia (processo) / podiam (atitudes) resolver o problema.
- A lei das sociedades anônimas **que foi promulgada** (pronome relativo "que" retoma "lei") esta semana será objeto de impugnação.

c) Quando o pronome relativo "que" se referir a um vocativo, considera-se o pronome relativo como se de 2.ª pessoa fosse. Portanto, a concordância verbal deverá ser feita na 2.ª pessoa. Observe:

- "Alma minha gentil, que **te partiste**
tão cedo desta vida descontente." (Camões)
- "Homem, **que me pedes** amor, sabe que eu te detesto." (Epifânio da S. Dias)

d) Quando o pronome relativo "que" vem precedido de "um de, uma de, um dos, uma das' emprega-se hoje preferencialmente o verbo da oração adjetiva no plural. Entretanto, era comum, em muitas obras clássicas, o emprego do verbo no singular. Por isso, as duas formas de concordância são consideradas corretas.

- "Um dos gestos **que melhor exprimem** a minha essência foi a devoção com que corri no domingo próximo a ouvir missa em S. Antônio dos Pobres." (Machado de Assis)
- "E chegando a uma das portas **que davam** para a estalagem, gritou: — Vá de rumor! Nã quero isto aqui! É safar!" (Aluízio Azevedo)
- "Uma das felicidades **que se contava** entre as do tempo presente era acabaremse as comédias em Portugal; mas não foi assim." (Pe. Antonio Vieira)
- "Suspendeu-se a uma das palmeiras **que servia** de esteio à choça, e por um desses

movimentos ágeis...” (José de Alencar)

9. Quando o sujeito é o pronome relativo “QUEM”, o verbo concordará na 3.ª pessoa do singular com este pronome ou com o seu antecedente, desde que se trate dos pronomes pessoais do caso reto (eu, tu, ele, nós, vós, eles.).

- Foste tu quem [comprou / compraste] aquele livro ali?
- Parece que seremos nós quem [responderá / responderemos] pelos prejuízos causados.

⇨ Observação:

Quando o antecedente do pronome “QUEM” não for um pronome do caso reto – repita-se –, só é lícita a concordância na 3.ª pessoa do singular. Veja:

- Foram os próprios colegas de trabalho quem **compôs** a música do aniversário dele.
- Porventura, seriam aqueles dois rapazes quem **promoveu** toda a bagunça?
- “Eu, o Silêncio e a Solidão éramos quem **estava** aí.” (A. Herculano)

10. Quando o sujeito for formado por nomes próprios que só existem no plural (Estados Unidos, Andes, Patos, Minas Gerais, Alagoas, por exemplo), o verbo ficará no singular se estes nomes não vierem precedidos de artigo ou se o artigo estiver no singular. Caso apareça um artigo no plural, a concordância será feita no plural.

- Estados Unidos ainda não **encontrou** uma saída para o Iraque.
- Ilhéus sempre **foi** uma bela cidade para o turismo.
- **O** Marrocos sempre **encanta** os turistas que por lá passam.
- **As** Filipinas se **envolveram** numa sangrenta guerra há muitos anos.
- **Os** Emirados Árabes sempre **exportaram** petróleo.

⇨ Observação:

Caso o nome no plural se refira a uma obra artística ou literária, tanto o singular quanto

o plural são corretos para o verbo da concordância.

- "Os Lusíadas" imortalizaram / imortalizou Luis Vaz de Camões.
- "Os Sertões" de Euclides da Cunhas representaram / representou um marco para a Literatura Brasileira.

11. Quando o sujeito for formado por um substantivo coletivo seguido de uma especificação, o verbo poderá concordar tanto com o coletivo quanto com a especificação.

- Um grupo de arruaceiros invadiu / invadiram várias lojas no centro da cidade.
- Um bando de aves selvagens sobrevoava / sobrevoavam a cidade naquele instante.

Os substantivos "milhão, bilhão, trilhão, quatrilhão" são denominados de "numerais coletivos". Seguem, portanto, a regra de concordância dos coletivos. Ademais, tais numerais coletivos só se flexionam em número. Não apresentam variação de gênero: são sempre masculinos.

- Um milhão de pessoas **foi** (ou **foram**) ao show.
- Cerca de um milhão de turistas **visitará** (ou **visitarão**) a Europa neste ano.
- Mais de um milhão de dólares **foi gasto** (ou **foram gastos**) para a reconstrução do templo.
- Um milhão e meio de chineses já se **adaptou** (ou **adaptaram**) às novas regras do mercado capitalista.
- **Os** 15 milhões de crianças brasileiras que se vacinaram hoje ficarão imunes à doença durante um ano.

12. Os verbos "dar, bater e soar", por serem pessoais, concordam com os seus respectivos sujeitos.

- Já **bateram** nos relógios da cidade as horas necessárias (sujeito) para o início do evento.
- **Soou** uma hora da tarde (sujeito) no sino da igreja.

- Já **vão dar** dez horas (sujeito) e o João ainda não chegou.

⇨ Observações:

1. Não confunda esta regra com a regra dos verbos “estar, fazer, haver, ir” na indicação d tempo transcorrido. Estes verbos são impessoais e ficam na terceira pessoa do singular.
2. Quando o sujeito dos verbos “dar, bater e soar” for a palavra “sino, relógio ou carrilhão o verbo concordará com esse sujeito.

- Já **bateu** onze horas o relógio da sala (sujeito).
- Ainda **vai dar** duas horas da tarde o carrilhão do quarto do meu avô (sujeito).

13. O pronome apassivador “SE” exige que o verbo (transitivo direto ou transitivo direto e indireto) concorde com o seu sujeito passivo.

- **Transmitiram**-se-lhe (VTDI) novas informações (sujeito passivo) sobre o caso investigado pela Polícia Federal.

Lembre-se de que, neste caso, é possível a transformação da passiva sintética em analítica. Veja: “Novas informações lhe foram transmitidas sobre...”.

- **Desfizeram**-se (VTD) todas as dúvidas (sujeito passivo) quando se **apresentaram** (VTD) as novas provas (sujeito passivo).
- **Compraram**-se (VTD) novas ferramentas (sujeito passivo) para a construção do edifício.
- **Entregou**-se (VTDI) a cada um dos formandos em Direito uma carta de apresentação (sujeito passivo) para emprego.

Observe abaixo exemplos, que foram extraídos de provas de concursos públicos, em que NÃO se obedeceu à concordância do verbo com o seu sujeito passivo (destacamos o verbo em cor laranja e sublinhamos o núcleo do sujeito passivo):

- Ainda não se encontraram, para essas duas tendências contraditórias, qualquer possibilidade de harmonização. (→ Corrija-se para "... não se encontrou...")
- A todos esses atos supostamente cruéis, cometidos no reino animal, aplicam-se, acima d bem e do mal, a razão da propagação das espécies. (→ Corrija-se para "..., aplica-se,...)
- Incluem-se entre os inúmeros efeitos da obsessão pela forma física a busca de produtos de consumo, sobretudo os esportivos e os dietéticos. (→ Corrija-se para "Inclui-se...")

14. Os verbos intransitivos, os transitivos indiretos e os de ligação associados a um pronome "SE" ficam na terceira pessoa do singular. O "SE" funcionará como "índice de indeterminação do sujeito".

- Nunca mais se (IIS) falou (VTI) do esfacelamento do império russo.
- Assistiu (VTI)-se (IIS) a muitos filmes nestas férias.
- Em alguns bairros da cidade de Recife, mora (VI)-se (IIS) muito bem.
- Precisa (VTI)-se (IIS) de novos jovens empreendedores que mudem a face do mercado de capitais.

15. Com a expressão "haja vista" – que significa 'tenha-se em vista, leve-se em conta, considere-se' – admitem-se as seguintes concordâncias:

expressão invariável seguida de um artigo ↴

- O Presidente parece preocupado com a situação dos pobres, haja vista os inúmeros investimentos na saúde.

expressão invariável seguida da preposição "a" ↴

- Aquele bairro está se tornando um dos mais violentos, haja vista aos inúmeros assaltos que lá ocorrem.

o verbo "haver" varia para concordar com o substantivo posposto ↴

- Aquele prédio deve apresentar problemas na estrutura, hajam vista as inúmeras reformas que se fizeram.

⇨ Observação:

Nunca se esqueça, porém, de que, com esta expressão, a palavra “vista” é sempre invariável.

5.1.4 REGRAS ESPECIAIS DE CONCORDÂNCIA VERBAL COM O SUJEITO COMPOSTO

Regra geral: O sujeito composto exige o verbo da concordância no plural.

sujeito composto — verbo na 3.ª pessoa do plural

- Todos os argumentos e todas as formas de intervenção **foram utilizados** para mudar o pensamento dele.

sujeito composto

- O líder comunitário e todas as mulheres ofendidas com a ação do marginal **deporão** na delegacia mais próxima.

verbo na 3.ª pessoa do plural

> **Dica:** Deste ponto em diante, estudaremos as regras que, de alguma forma, fogem da regra geral. Não se afobe! Sugiro que, se estiver cansado, pare um pouco. Descanse e volte.
> Procure entender o porquê da regra, não se esquecendo de que a regra maior sempre exige o verbo no plural quando o sujeito é composto. Vamos lá!

1. **Quando o sujeito composto vier posposto ao verbo, é lícito que se concorde com o núcleo mais próximo desse sujeito ou, como nos orienta a regra geral, com ambos os núcleos.**

- Das indagações do novo funcionário **adveio / advieram** uma nova ideia para a equipe e uma nova forma de pensar a empresa.

sujeito composto posposto ao verbo

- Não **convém / convêm** aos iniciantes na carreira advocatícia nem a liberalidade dos anarquistas nem a seriedade dos monges.

sujeito composto posposto ao verbo

sujeito composto posposto ao verbo

- Nenhum resultado **obteve / obtiveram** a reclamação do pai e as advertências da mãe.

⇨ **Observação:**

Quando se exprime reciprocidade, o verbo vai sempre para o plural. Observe:

- "Eram olhos, onde lutavam amor profundo e cólera violenta." (A. Herculano)
- Falamos com a mulher em cujo coração estavam vida e morte.

2. Quando o sujeito composto é formado por núcleos sinônimos, ou quase sinônimos, ou ainda se tais núcleos constituem uma gradação, o verbo poderá concordar tanto no singular quanto no plural.

núcleos sinônimos ou quase sinônimos

- A fama, a glória, o reconhecimento do público **fez** / **fizeram** de Paulo um homem arrogante.

núcleos sinônimos ou quase sinônimos

- Morro, se a misericórdia, o perdão, a graça de Deus não me **acode** / **acodem**.

núcleos do sujeito formam uma gradação

- O desafeiçoado, o insensível, o empedernido nunca se **preocupa** / **preocupam** com a situação dos outros.

núcleos do sujeito formam uma gradação

- O fraco, o debilitado, o sem-forças se **rende** / **rendem** com facilidade às corrupções do mundo.

núcleos sinônimos ou quase sinônimos

- "A largueza e relaxação da vida **escurece** a consciência e **cega** a alma." (Pe. Antônio Vieira, *Sermões*).

⇨ Observações:

a) Tenha muito cuidado com esta regra. Não é qualquer tipo de sujeito composto que possibilitará o verbo no singular. A concordância no singular é possível pela unidade semântica que esses sujeitos representam.

b) Quando a gradação do sujeito for resumida por um termo, só com este termo se fará a concordância. Veja:

termo que resume a gradação

- Um mês, um ano, um século, **uma vida inteira** não **bastava** para esquecer a mágoa que ela me causou.

c) É fundamental também não se esquecer de que a concordância no singular, nesta regra

só é possível, porque há também uma unidade de singular entre os núcleos do sujeito. Basta um dos núcleos vir no plural para que só o plural seja admissível para o verbo da concordância. Veja:

- O rancor, a mágoa, a cólera, a ira, o ódio sempre **fazem / faz** mal ao homem.
  sujeito formado por núcleos sinônimos ou quase sinônimos

Agora...

- O rancor, **as mágoas**, a cólera, a ira, o ódio sempre **fazem** mal ao homem.

3. Quando o sujeito composto é resumido por um pronome indefinido (tudo, toda, nada, ninguém, cada um etc.), o verbo concordará com este pronome resumitivo.

- O mar, os céus, a terra, **tudo** **apregoa** a glória de Deus.
  pronome resumitivo
- Doenças, desemprego, morte na família, **nada** o **fazia** pensar sobre a vida.
  pronome resumitivo
- "No quintal a aroeira e a pitangueira, o poço, a caçamba velha, e o lavadouro, **nada sabia** de mim". (M. Assis)

⇨ Cuidado!! Não se deixe enganar:

OD VTD

- As bolas de sopro, as serpentinas, os confetes tudo **queriam** os organizadores da festa naquele instante.
  sujeito do verbo querer

4. Quando os núcleos do sujeito forem infinitivos não precedidos de determinante, o verbo concordará na terceira pessoa do singular.

Dica: Para aprofundar este conhecimento, confronte esta regra com a regra do sujeito oracional, estudado no final deste capítulo.

- **Fazer** exercícios regulares e **dormir** oito horas diárias **faz** bem à saúde.
  sujeito composto cujos núcleos são infinitivos

- **Fumar e beber** em ambiente de trabalho **é** terminantemente proibido.
  sujeito composto cujos núcleos são infinitivos

- **Viver e sonhar constitui** a alma de nossa existência.
  sujeito composto cujos núcleos são infinitivos

- "**Vê-la e amá-la** foi obra de um minuto." (Machado de Assis)
  sujeito composto cujos núcleos são infinitivos

⇨ Observação:

Se os infinitivos vierem precedidos de determinantes ou se indicarem ideias contrárias, o verbo irá para o plural:

- **O** comer e **o** beber **exigem** de todos nós moderação.
- **Nascer** e **morrer constituem** os limites de nossa vida.

5. Quando os núcleos do sujeito são ligados por "OU", devem-se observar as seguintes orientações:

a) Se houver ideia de exclusão ou de sinonímia ⇨ o verbo concordará com o núcleo do sujeito mais próximo

b) Se houver ideia de inclusão ⇨ o verbo concordará com ambos os núcleos

c) Se houver ideia de retificação ⇨ o verbo concordará com o núcleo do sujeito mais próximo

- Toda a empresa está certa de que ele **ou** tu **serás** o novo presidente.

  a partícula indica exclusão

- Guará **ou** Guaratinguetá sempre **foi** uma excelente cidade para o turismo.

  a partícula indica sinonímia

- João Paulo **ou** André **casará** com a filha do prefeito.

  a partícula indica exclusão

- Laranja **ou** abacaxi após o almoço fazem bem à digestão.

  a partícula indica inclusão

  A partícula indica retificação

- O vencedor **ou** vencedores do concurso **ganharão** também uma bolsa de estudos no exterior.

  a partícula indica exclusão

- O Presidente do grupo **ou** os seus vice-diretores terão aumento neste final de ano.

6. Quando o sujeito é formado pela expressão "um ou outro", o verbo da concordância fica obrigatoriamente no singular.

- Você não dá esmolas, mas um ou outro amigo seu **dá**.
- Acredito que uma ou outra camisa lhe **fica** muito bem.
- Para aquele deputado um ou outro ministério lhe **conviria**.

7. Quando o sujeito é formado pelas expressões "Um e outro" ou "Nem um nem outro", embora haja uma preferência para o plural, a concordância pode ser feita tanto no singular quanto no plural.

- Não adianta correr, pois nem um nem outro **escapará** / **escaparão**.
- Um e outro participante da maratona **alegou** / **alegaram** que houve fraude na competiçãc
- Paula e Joana foram reprovadas nos estudos. Nem uma nem outra **quis** / **quiseram** falar sobre o fato.

- Quando ele caiu em campo, um e outro jogador **tentou** / **tentaram** socorrê-lo, mas foi tarde demais.

Lembrete:
"A esta altura do campeonato", convém não esquecer: os verbos que indicam reciprocidade concordam no plural – 3.ª pessoa.

- Nem um nem outro **se cumprimentaram** à porta do evento.
  ↳ verbo indica reciprocidade. O plural é obrigatório.

  verbo indica reciprocidade. O plural é obrigatório. ↲
- Na última sessão, um e outro parlamentar **se esbofetearam** em virtude da não aprovação da medida.

8. Quando os núcleos do sujeito são unidos por "Nem... nem...", o verbo da concordância poderá ficar tanto no singular quanto no plural.

- Nem o Sport nem o Náutico **ganhará / ganharão** o torneio este ano.
- Nem honra, nem desonra, nem alegria, nem tristeza o **faziam** / **fazia** chorar.

⇨ Observação:

Se houver pronomes pessoais indicando pessoais gramaticais diferentes, o verbo da concordância obedecerá à lei da primazia (1.ª pessoa prevalece sobre as demais; 2.ª pessoa prevalece sobre a terceira).

- Nem eu (1.ª) nem tu (2.ª) **iremos** para o show de rock.
  ↳ 1.ª pessoa do plural prevalece

- Nem o tio João (3.ª) nem tu (2.ª) **deixastes** / **deixaram** o dinheiro para eu comprar a comida. Por que isso aconteceu?
  ↳ 2.ª ou 3.ª pessoa do plural prevalece

9. Quando os núcleos do sujeito são unidos pela preposição "COM", o verbo da concordância poderá ficar no singular ou no plural.

- O amigo **com** os seus melhores colegas **foi** / **foram** tomar satisfações com o outro grupo em virtude do ocorrido.
- Ele ficou sabendo que o bandido **com** vários de seus comparsas **tentariam** / **tentaria** invadir a fábrica à noite.
- O empresariado brasileiro **com** toda a sua assessoria **poderá** / **poderão** perceber a qualquer momento que a economia não vai bem.

⇨ Observação:

Lembre-se de que se o verbo anteceder ao sujeito, ele só poderá concordar com o núcleo mais próximo.

- A nova diretora **com** todos os seus professores **participará** / **participarão** da inauguração do Grêmio acadêmico.
- **Participará** da inauguração do Grêmio acadêmico a nova diretora com todos os seus professores.

10. Quando os núcleos do sujeito vierem unidos pela conjunção "como", embora haja a preferência para o plural, o verbo da concordância poderá ficar no singular ou no plural.

sujeito

- A tarifa de energia elétrica **como** a da água e esgoto **subiu** / **subiram** de preço esta semana.

sujeito

- A criança **como** o adulto só **aprende** / **aprendem** na vida quando se está diante de uma dificuldade.

11. Quando os núcleos do sujeito vierem ligados por conjunções correlatas (Não só... mas também; Não só... bem como; Não só... mas também; Tanto... quanto; Tanto... como etc.), o verbo irá para o plural.

Sujeito

- Não só o Ministro da fazenda, mas também todo o seu séquito irão participar da inauguração das obras.

- Tanto a moça quanto o seu pai homenagearão os professores do curso.
  Sujeito

⇨ Observação:

Há gramáticos que também admitem, para este caso, a concordância no singular. Para estas correlações aditivas – as quais literalmente indicam soma, adição, acréscimo – parece-nos mais lógica, entretanto, a concordância apenas no plural.

- Tanto o leite quanto o pão **subiu** / ou / subiram de preço
- Não só o amigo mais íntimo como também toda a parentela **foi** / ou / **foram** visitá-lo na enfermidade.

> **Ufa!! Quanta regra, hein??!!** Sugiro que descanse um pouco antes de iniciar a próxima etapa. Nossa missão será estudar um verbo que, por suas características, possui uma concordância toda especial, toda particular: o verbo SER. O assunto não é difícil e não são muitas as regras. Mantenha a calma! Continue firme!

5.1.5 CONCORDÂNCIA DO VERBO "SER"

O verbo "SER" é, como já disse, um verbo especial. Para a gramática normativa ele é considerado, quando empregado na função de verbo de ligação, um verbo desprovido de significado, não nocional. Em virtude desse esvaziamento semântico e da busca por uma melhor eufonia, em muitos casos o verbo SER deixará de concordar com o seu sujeito e passará a concordar com o seu predicativo. Observe agora as regras mais comuns para o emprego correto desse verbo:

1. **Quando o sujeito é representado pelos pronomes neutros "tudo, isto, aquilo, o", o verbo SER pode concordar tanto com o seu sujeito quanto com o seu predicativo:**

- Como se sabe, nem tudo na vida **é / são** flores.
- **O** que ele mais admira em você **é / são** seus belos olhos verdes.

2. **Quando o sujeito é formado por um substantivo e o predicativo também é um substantivo, ambos indicando coisas, o verbo SER poderá concordar tanto com o sujeito quanto com o predicativo:**

- A maior parte de todo o problema **era / eram** fricotes da moça.
- A cama dele sempre **foi / foram** restos de jornais velhos.
- 20% dos alunos **foi / foram** o número escolhido para representar a escola nos jogos municipais.

3. **Quando o sujeito for representado por uma pessoa – sujeito personativo –, o verbo SER deverá obrigatoriamente concordar com este sujeito.**

- **Milena era** as alegrias de toda a família.
- A **criancinha** doente **é** as preocupações de seus pais.
- O **deputado foi** só alegrias quando soube que não ia ser cassado.

4. **Quando o verbo SER fizer parte de uma expressão que indica quantidade (peso, medida, preço), ele sempre ficará no singular.**

- Duzentos gramas de presunto **é pouco** para a lasanha.
- Dez mil reais **fora** o bastante para ele comprar um bom automóvel.
- As quarenta árvores plantadas **foi** muito para quem só dispõe de dois hectares de terras inférteis.

5. **Quando o sujeito ou o predicativo é representado por um pronome do caso reto, o verbo SER obrigatoriamente concorda com esse pronome.**

- **Ele** sempre **foi** os olhos da família.
- Nesta terra, o chefe **sois vós**.

- Neste setor da empresa, os responsáveis **somos nós**.
- Eles sabem que **eu serei** os pilares da organização.

⇨ Observação:

Se tanto o sujeito quanto o predicativo forem representados por pronomes do caso reto, o verbo SER concordará obrigatoriamente com o sujeito. Veja:

- Já falei que **eu** não **sou** ele.
- **Nós**, meu senhor, não **somos** eles.

6. Quando o verbo SER fizer parte de locuções que indiquem tempo ou distância, ele obrigatoriamente concordará, embora seja impessoal, com a expressão numérica que acompanhar tais locuções:

- Entre 1964 e 1985 **foram vinte e um** anos de muita repressão.
- Já **devem ser**, pela posição do sol, **umas cinco horas** da tarde.
- **É meio-dia e meia** na cidade de São Paulo e o sol ainda não apareceu.
- Hoje **são dezesseis** de abril.

⇨ Observação:

Neste último exemplo também é lícita a concordância “Hoje é dezesseis de abril”, fazendo o verbo concordar com a palavra implícita “dia”. É óbvio que, se a palavra “dia” vier expressa na frase, o verbo obrigatoriamente concordará com ela. Veja:

- Hoje **é dia** dezesseis de abril.

7. Quando o verbo SER fizer parte da locução expletiva ou de realce “É QUE”, ele permanecerá invariável.

- **É** nas horas difíceis **que** se conhecem os verdadeiros amigos.
- Na realidade os homens **é que** deveriam se amar mais uns aos outros.

8. Quando o sujeito é formado por um pronome interrogativo QUE ou QUEM, o verbo SER concorda obrigatoriamente com o seu predicativo.

- Quem **foram os culpados** por esta desordem?
- Que **horas são** agora, por favor?
- Que **poderiam ser aquelas luzes** ao longe?

Puxa!!! Você conseguiu chegar até aqui!! Parabéns!! Só faltam mais algumas regras para terminar o assunto "concordância verbal". Não desista!! Nossa próxima incumbência será entender a concordância com o sujeito oracional.

5.1.6 A CONCORDÂNCIA COM O SUJEITO ORACIONAL

Um dos pontos bastante explorados pelas bancas examinadoras é a concordância com o sujeito oracional. Acompanhe o desenvolvimento a seguir:

- **São** fundamentais **as assinaturas dos sócios no contrato**.
  Verbo concorda com o sujeito — sujeito simples
- **É** fundamental **que os sócios assinem o contrato**.
  Verbo concorda na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional

Regra geral: O verbo sempre concordará na terceira pessoa do singular com o sujeito oracional.

Observe outros exemplos em que foi feito esse tipo de desdobramento (transformação do período simples em período composto com a formação de um sujeito oracional):

- Foram necessárias todas aquelas mudanças. (período simples)
  sujeito simples
  - Foi necessário **que se fizessem todas aquelas mudanças**. (período composto)
    sujeito oracional

- Espera-se o retorno dele o mais breve possível.
  sujeito simples
  - Espera-se **que ele retorne o mais breve possível**.
    sujeito oracional

- Foi anunciada a construção de uma nova ponte para a nossa cidade.
  sujeito simples
  - Foi anunciado **que uma nova ponte seria construída em nossa cidade**.
    sujeito oracional

⇨ Observação:

Lembre-se de que, em português, os infinitivos e as orações representam o número singular e o gênero masculino. Por isso, o sujeito oracional – que não passa de uma oração que exerce a função sintática de sujeito – exige o verbo da concordância no singular. Ademais, se houver algum adjetivo, este irá para o masculino. Observe, no exemplo abaixo, que o adjetivo participial "considerada" não está concordando com o sujeito oracional.

- "**Vencer a sujeição ao acaso** pode ser **considerada** uma das errôneas preocupações d pensamento filosófico inaugurado na Grécia." (ESAF)

Corrija-se para...

- "Vencer a sujeição ao acaso pode ser **considerado** uma das errôneas..."

Como você já está mais familiarizado com o sujeito oracional, vamos abaixo listar as formas como o sujeito oracional se apresenta.

1.ª FORMA

O sujeito oracional é a oração subordinada substantiva subjetiva, desenvolvida e introduzida, geralmente, pelas conjunções integrantes "que" e "se". Observe os exemplos:

- **É** muito difícil **que se cumpram os propósitos** que, invariavelmente, se formulam a cada início de ano.

- Não se **admite** **que hajam nascido, em quaisquer outras espécies, seres capazes de compor sinfonias**.

- É imprescindível **que se cumpram os acordos firmados em relação à oferta de energia e aos preços adequados, e que se atenda ao aumento da demanda**.
- Urge **que sejam definidas as metas de oferta de energia em quantidade suficiente e preço adequado**, para impulsionar o desenvolvimento do país.

⇨ Observação:

O importante não é apenas identificar o sujeito oracional. Acima de tudo, é essencial perceber que o verbo (destacado em cor laranja) concorda na 3.ª pessoa do singular com o sujeito oracional.

2.ª FORMA

O sujeito oracional manifesta-se por meio de uma estrutura proverbial ou de uma assertiva categórica, introduzidas pelo pronome relativo condensado "QUEM", que equivalerá a "AQUELE QUE". Observe os exemplos abaixo:

- **Quem canta** seus males espanta.
  sujeito oracional para o verbo "espantar"
- **Quem com porcos se mistura** farelo come.
  sujeito oracional para o verbo "comer"
- **Quem com ferro fere** com ferro será ferido.
  sujeito oracional para a locução da voz passiva "será ferido"
- Como obterá aprovação em um concurso público **quem nunca estudou com seriedade**?
  sujeito oracional para o verbo "obter"
- **Quem quiser conhecer os detalhes da vida** estude Filosofia.
  sujeito oracional para o verbo "estudar"

⇨ Observação:

Mais uma vez fique atento à concordância dos verbos "espantar, comer, ferir, obter e estudar", usados nos exemplos acima. Veja que todos estão flexionados na 3.ª pessoa do singular para concordar com seus respectivos sujeitos oracionais.

> Conselho de amigo: Fique muito atento!! O próximo caso é um dos mais explorados nos concursos públicos.

3.ª FORMA

O sujeito oracional é a oração subordinada substantiva subjetiva, reduzida de infinitivo. Observe os exemplos abaixo (destacamos o verbo – que concorda na 3.ª pessoa do singular – e o sujeito oracional):

- Não **convém** aos novos formandos em Direito **agir de forma contrária à Lei**.
  verbo na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional – oração reduzida de infinitivo

- Caso não nos **ocorresse**, naquelas horas, **buscar o auxílio de um guia**, jamais teríamos encontrado o caminho.
  verbo na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional

- Não **compete** aos historiadores **exercer a mera função de arquivistas públicos**.
  verbo na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional

- Não **aprouvesse** aos homens **criar instituições**, certamente viveríamos sob o signo da barbárie.
  verbo na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional

- Em muitos prédios do centro, ainda **resta**, nos andares mais altos, **vender muitas unidades**.
  verbo na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional

- **Faltava** **dar os últimos retoques** para que a festa ficasse pronta.
  verbo na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional

- Quanto aos nossos vizinhos, **cabe**-nos **reconhecê-los como nossos semelhantes**, pois, como nós, são seres únicos.
  verbo na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional

- Muitas pessoas, achando que não lhes **basta** **ouvir os apelos da vocação**, valorizam as vantagens pecuniárias de uma profissão.
  verbo na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional

- Em geral não nos **apetece** **enfrentar os contornos duros do nosso rosto verdadeiro**, mais desconfortáveis que os do construído.
  verbo na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional

Aviso aos navegantes: O próximo caso será um pouco complicado. Sugiro que pare um pouco e descanse a mente (5 minutos é o bastante!). Estude mais de uma vez o caso abaixo; se não entender, consulte o seu professor, o seu orientador.

4.ª FORMA

O sujeito oracional é a oração subordinada substantiva subjetiva, reduzida de infinitivo, e que se encontra posposta e apresenta transitividade incompleta (geralmente o infinitivo é transitivo direto com objeto direto no plural). Observe o exemplo abaixo (destacamos o sujeito oracional em cor laranja):

- Os documentos **que** era preciso **encontrar** resolveriam o problema.

Observe a construção...

1.ª oração: Os documentos resolveriam o problema.

2.ª oração: que (os documentos) encontrar → sujeito oracional para a 3.ª oração

3.ª oração: era preciso

Algumas considerações sobre o exemplo acima:

a) Observe que o pronome relativo "que" é o objeto direto do verbo "encontrar". Como o relativo se refere a "Os documentos", teremos, então: "encontrar os documentos".

b) O verbo "ser" em "era preciso" concorda com o seu sujeito oracional "encontrar os documentos". Logo, teremos: "Encontrar os documentos era preciso". Ocorre que o termo "os documentos", no exemplo, está representado pelo pronome relativo "que".

Vejamos outros exemplos:

verbo "ser" concorda na 3.ª pessoa do singular

- Os navios **que** é essencial **construir** servirão para a defesa do nosso litoral.

sujeito oracional = que (os navios) construir

- O deputado estava preocupado com os votos **que** lhe convinha **arranjar**.

sujeito oracional = que (os votos) arranjar

- As medidas **que** seria oportuno **decretar** poderiam diminuir as exportações.

sujeito oracional = que (as medidas) decretar

verbo "tentar" concorda na 3.ª pessoa do singular com o sujeito oracional

- Fui de encontro às ações **que** se tentava **implantar**.

sujeito oracional passivo = que (as ações) implantar

verbo "caber" concorda na 3.ª pessoa do singular com o sujeito oracional

- Nunca lhe pesou nas costas a dificuldade das funções **que** lhe cabia **desempenhar**.

sujeito oracional = que (as funções) desempenhar

Observações sobre esse último caso:

a) Perceba que, em todos os exemplos, a função sintática do pronome relativo “que” é definida pelo infinitivo, o qual representa o núcleo do sujeito oracional.

b) Nos grandes concursos, algumas bancas exploram este tipo de sujeito oracional. É preciso ter muito cuidado para não se fazerem confusões. Veja abaixo uma análise errada de um período que apresenta sujeito oracional posposto com verbo transitivo direto e objeto direto no plural:

- As subvenções que **são** lícitas obter do governo atrapalham as importações.
  O sujeito do verbo “ser” é a oração “que (as subvenções) obter do governo”

Logo, é preciso corrigir o período acima para...

- As subvenções **que** é lícito **obter do governo** atrapalham as importações.

5.1.7 CONCORDÂNCIA DO VERBO “PARECER”

Outro caso bastante interessante diz respeito à concordância do verbo “parecer”. Isto porque este verbo tem o condão de tanto poder funcionar como verbo auxiliar em uma locução verbal quanto de aparecer como verbo independente, geralmente empregado como intransitivo. Vejamos:

- Maria **está** doente. ➡ Maria **parece** doente.
  Verbo de ligação — verbo de ligação

- Maria **deve estar** doente.
  Locução verbal

- Maria **parece estar** doente.
  - Maria estar doente PARECE.
    (Período composto. Verbos independentes.)
  - Maria parece estar doente.
    (Período simples. Locução verbal “parecer + estar”).

A partir desses primeiros exemplos, chegamos a uma regra:

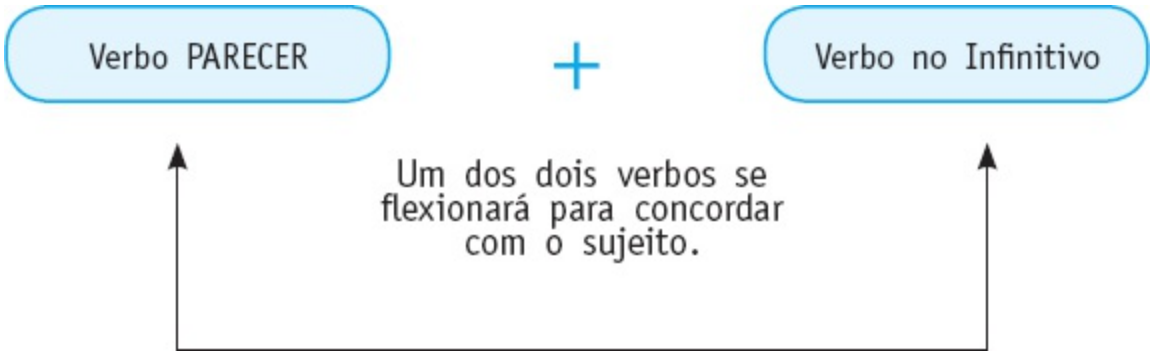

Outros exemplos:

a)

- As estrelas **parecem brilhar**. (Período simples. Locução verbal. Sujeito simples: “As estrelas”.)

OU

- As estrelas **parece brilharem**. (Período composto. Verbos independentes. Sujeito do verbo parecer é oracional: “Brilharem as estrelas”.)

b)

- Alguns animais **parecem andar** como os pássaros, saltitando.

OU

- Alguns animais **parece andarem** como os pássaros, saltitando.

c)

- As lágrimas **pareciam** não a **deixar** viver a vida.

OU

- As lágrimas **parecia** não a **deixarem** viver a vida.

⇨ Observação:

A essa mesma regra obedecem os verbos “ver-se” e “ouvir-se” quando são seguidos de um infinitivo.

- Nunca mais **se ouviu** os acordes do hino de Pernambuco **tocarem**.

OU

- Nunca mais **se ouviram** os acordes do hino de Pernambuco **tocar**.

⇨ Observação:

Não se esqueça de que o sujeito oracional nada mais é do que uma oração subordinada substantiva subjetiva.

5.1.8 CONCORDÂNCIA DOS VERBOS “COSTUMAR, PODER, DEVER, PRECISAR”

Um último caso bastante intrigante de concordância se dá com os verbos “costumar, poder, dever, precisar” em construções passivas seguidas de um infinitivo transitivo direto. Tais verbos poderão tanto formar uma locução verbal com o infinitivo como poderão concordar na 3.ª pessoa do singular com o sujeito oracional formado a partir do infinitivo. Observe o diagrama:

VERBOS	PARTÍCULA	INFINITIVO TRANSITIVO DIRETO	NOME NO PLURAL
COSTUMAR PODER DEVER PRECISAR	SE		
Estes verbos poderão se flexionar, formando uma locução verbal com o infinitivo, ou ficar na 3.ª pessoa do singular para concordar com o sujeito oracional.	Funcionará como partícula apassivadora		

Exemplos:

- Em virtude da lei, não se deve / devem comprar produtos pirateados.
- Se se pudesse / pudessem aprovar mais leis em menos tempo, o país cresceria mais rápido.
- No Brasil, costuma-se / costumam-se vender carros usados para as pessoas mais pobres.
- “Concluo que não se **devem** abolir as loterias.” (Machado de Assis)
- “Mas a V. Ex.ª **pode**-se dizer estas cousas, porque pertence à elite: a desgraça de Portugal é a falta de gente.” (Eça de Queiroz)

Chegamos ao final!! Agora é o momento de praticar. Procure resolver todos os exercícios abaixo.

5.1.9 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

Concordância Verbal

1. (UM-SP) Já ... muitos anos que se alteraram algumas regras de acentuação, mas ...

muitas pessoas que ainda ... ao grafar certas palavras.

a) deve fazer, há, hesitam.
b) devem fazer, tem, excitam.
c) deve fazerem, há, hesita.
d) deve fazer, tem, hesitam.
e) fazem, há, excitam.

2. (FCMSC-SP) Aponte a concordância menos aceitável.

a) Isto são sintomas menos sérios.
b) Aquilo são lembranças de um triste passado.
c) Paula foi os sonhos de toda a família.
d) Aquela jovem tinha duas personalidades.
e) Pedrinho eram as preocupações da família.

3. (TRF 5ª Região – Analista Judiciário – Judiciária) As normas de concordância verbal estão plenamente observadas na frase:

a) O que há de mais terrível nas cenas de violência transmitidas pela TV estão nas reações de indiferença de alguns espectadores.
b) Não se devem responder aos sacrifícios humanos com o cinismo de quem se julga superior.
c) Não se levante contra o pessimista as acusações de imobilismo moral e inconsequência política.
d) Ainda que não houvessem outras razões, o surdo idealismo dos pessimistas bastari para os aceitarmos.
e) Os otimistas não julguem os pessimistas, nem estes àqueles, pois ambos convergem para alguma forma de idealismo.

4. (PUC-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que a concordância verbal esteja correta.

a) Discutiu-se a semana toda os acordos que têm de ser assinados nos próximos dias
b) Poderá haver novas reuniões, mas eles discutem agora sobre que produtos recairão, a partir de janeiro, a taxa de exportação.
c) Entre os dois diretores deveria existir sérias divergências, pois a maior parte dos funcionários nunca os tinha visto juntos.
d) Faltava ainda dez votos, e já se comemoravam os resultados.

e) Eles hão de decidir ainda hoje, pois faz mais de dez horas que estão reunidos naquela sala.

5. (UEL-PR) Já ... uns doze anos que ele não voltava à terra natal, por isso não sabia que lá ... ocorrido mudanças.

a) deviam fazerem, havia.
b) devia fazer, haviam.
c) devia fazer, havia.
d) deviam fazer, haviam.
e) deviam fazer, havia.

6. (FCC – TRT 23ª Região – Analista Judiciário) Quanto às normas de concordância verba a frase inteiramente correta é:

a) Mais gente, assim como o fez a juíza brasileira, deveriam ponderar as sábias palavras que escolheu Disraeli para convocar a ação dos justos.
b) A muitas pessoas incomodam reconhecer que sua omissão diante da barbárie as torna cúmplices silenciosas dos contraventores e criminosos.
c) É comum calarmos diante dos descalabros a que costumam dar destaque o noticiário da imprensa, e acabamos, assim, por consenti-los.
d) Quando não se opõem à ação do homem acanalhado, quando ocorre essa grave omissão, os homens justos deixam de fazer valer seu peso político.
e) Se tivessem havido firmes reações aos descalabros dos canalhas, estes não desfrutariam, com sua falta de escrúpulo, de um caminho já aplainado.

7. (UM-SP) Assinale a oração em que o verbo ***não*** concorda em número e pessoa com o sujeito, ferindo os princípios da concordância.

a) Faltam ainda alguns passos seguros para a aquisição de uma vida pacífica.
b) Existem criações sensatas capazes de superar até as mais espantosas maldades.
c) As desilusões que a perturbam hoje já passaram alguns dias comigo.
d) De sinceras intenções, as pessoas estão saturadas.
e) Exatamente irreais, suas palavras só contem valores supérfluos.

8. (ESAF – AFT) Assinale a opção que corresponde a palavra ou expressão destacada no texto abaixo que foi empregada de acordo com as regras de concordância.

Como nunca antes, a ordem e a cultura do capital mostram inequivocamente o seu rosto inumano, revelam a lógica perversa que as(1) dominam(2) internamente e que,

antes, podiam ser escamoteadas(3) a pretexto do confronto com o socialismo: criam, por um lado, grande riqueza e concentração de poder à custa da devastação da natureza, da exaustão da força de trabalho e de uma estarrecedora pobreza. A utilização crescente da informatização e da robotização criam(4), ao dispensar o trabalho humano, os desempregados estruturais, hoje, totalmente descartáveis. E soma-se(5) aos milhões só nos países do Primeiro Mundo.

(Adaptado de Leonardo Boff. *Depois de 500 anos:* que Brasil queremos? Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 41.)

a) (1)
b) (2)
c) (3)
d) (4)
e) (5)

9. (FCC – TRT 23ª Região – Analista Judiciário) O verbo indicado entre parênteses dever flexionar-se numa forma do ***plural*** para preencher de modo correto a lacuna da frase:

a) Se a cada um de nós efetivamente ..... (**perturbar**) os que agem mal, a impunidade seria impossível.
b) .....-se (**dever**) aos homens de ação o aperfeiçoamento estrutural de uma sociedade.
c) Nas palavras dos piores contraventores ..... (**costumar**) haver insolentes alusões à moralidade.
d) Aos bons cidadãos não ..... (**ocorrer**) que os maus contam com o silêncio da sociedade para seguirem sendo o que são.
e) Aqueles de quem não ..... **(advir)** qualquer reação contra os desonestos acabam estimulando a corrupção.

10. (UEL-PR) Acredito que ... muitas enchentes, pois ... fatos que ... afirmá-lo.

a) haverão – ocorre – permitem.
b) haverá – ocorre – permitem.
c) haverá – ocorrem – permitem.
d) haverão – ocorre – permite.
e) haverão – ocorrem – permite.

11. (FCC – TRF 3ª Região – Analista Judiciário) As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na frase:

a) Não se imputem aos adolescentes de hoje a exclusiva responsabilidade pelo fato, lastimável, de aspirarem a tão pouco.

b) A presença maciça, em nossas telas, de tantas ficções, não nos devem fazer crer que sejamos capazes de sonhar mais do que as gerações passadas.

c) Se aos jovens de hoje coubesse sonhar no ritmo das ficções projetadas em nossas telas, múltiplos e ágeis devaneios se processariam.

d) Ficaram como versões melhoradas da nossa vida acomodada de hoje o vestígio do nossos sonhos de ontem.

e) Ao pretender que se mobilize os estudantes para as exigências do mercado de trabalho, o professor de nossas escolas impede-os de sonhar.

12. (FCC – TRF 3ª Região – Analista Judiciário) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do ***plural*** para preencher corretamente a lacuna da frase:

a) Para que não ..... (**restringir**) o sonho de um jovem, as imposições do mercado de trabalho devem ter sua importância relativizada.

b) Seria essencial que nunca ..... (**faltar**) aos adolescentes, mesmo em nossos dias pragmáticos, a liberdade inclusa nos sonhos.

c) Entre as duas hipóteses que ..... (**examinar**), considera o autor que o elemento comum é redução da capacidade de sonhar.

d) Não se ..... (**delegar**) às escolas a missão exclusiva de preparar os jovens para su inserção no mercado de trabalho.

e) É pena que ..... (**faltar**) aos jovens a referência dos sonhos que seus pais já tenhar alimentado em sua época de adolescentes.

13. (ESAF – AFRFB) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado de O Globo. Assinale a opção que apresenta erro de concordância.

a) Para sustentar um crescimento duradouro nos moldes do registrado no ano passado, a economia brasileira precisa se preparar, multiplicando seus investimentos, que, aliás, parecem deslanchar. Mas leva algum tempo até que atinjam a fase de maturação.

b) Nesse período, seria preferível que a economia crescesse em ritmo moderado, na faixa de 4% a 5% ao ano, para evitar pressões indesejáveis sobre os preços ou uma demanda explosiva por importações, o que poderia comprometer em futuro próximo as contas externas do país.

c) O Brasil felizmente tem uma economia de mercado, na qual controles artificiais não funcionam ou causam enormes distorções. As iniciativas de política econômica para se buscar um equilíbrio conjuntural deve, então, se basear nos conhecidos mecanismos de mercado.

d) No caso do Banco Central, o instrumento que tem mais impacto sobre as expectativas de curto prazo, sem dúvida, é a taxa básica de juros, que estabelece um piso para a remuneração dos títulos públicos e, em consequência, para as demais aplicações financeiras e operações de crédito não subsidiado.

e) Se a taxa de juros precisa agir sozinha na busca desse equilíbrio conjuntural, o aperto monetário pode levar os agentes econômicos a reverem seus planos de investimento, e com isso o ajuste se torna mais moroso, sacrificando emprego e renda.

14. (FCC – TRF 3ª Região– Analista Judiciário) Considerando-se as normas de concordância verbal, há uma ***incorreção*** na frase:

a) Tão rápidos quanto os "cliques" das mágicas maquininhas são o prazer e o enfado que caracterizam as modernas sessões de fotografia.

b) Não é de se crer que todos os produtos com alta tecnologia cheguem a se banalizar, já que a banalidade está nas circunstâncias em que se venham a utilizá-los.

c) Não compete nem aos cientistas nem aos produtores responsabilizar-se pelas consequências da utilização do que nos oferecem.

d) Quantos mais inventos haja, mais impulsivos hão de ser nossos desejos de os consumir, como vem sucedendo no caso dos engenhos eletrônicos.

e) Seria de se esperar que se associassem à moderna tecnologia apenas os benefícios reais, que a ela se tributassem tão somente vantagens inequívocas.

15. (Fatec-SP) Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal.

a) Devem haver outras razões para ele ter desistido.

b) Foi então que começou a chegar um pessoal estranho.

c) Queria voltar a estudar, mas faltava-lhe recursos.

d) Não se admitirá exceções.

e) Basta-lhe dois ou três dias para resolver isso.

16. (FCC – Técnico Legislativo – Câmara dos Deputados) A forma verbal de ***singular*** que também poderia ter sido empregada corretamente no ***plural*** está grifada na frase

a) *... a ordem social era imutável...*

b) *... e a Igreja, junto com o poder absolutista, tinha o monopólio da informação.*

c) *... num processo que também gerou a onda de inovação ...*

d) *... quando isso vai de encontro aos interesses da comunidade...*

e) *... em que ela está inserida.*

17. (UFCE-CE) Complete as seguintes frases observando a concordância verbal e, depois, assinale a opção ***certa***.

1. Como ... haver pessoas tão generosas. (poder – imperf. do ind.)

2. ...-se, muito longe, os sinos da igreja. (ouvir – imperf. do ind.)

3. ... muitos anos que ela não vai a festas. (fazer – pres. do ind.)

4. Eles sempre se ... com dignidade. (haver – perf. do ind.)

5. ...-se muitas pessoas dirigindo-se à matriz. (ver – pres. do ind.)

a) podia, ouviam, faz, houveram, veem.

b) podiam, ouvem, fazem, houveram, vêm.

c) podia, ouvia, faz, havia, veem.

d) pôde, ouve, fazem, houveram, veem.

e) n.d.a.

18. (FCC – Metrô/SP – Supervisor de Linha) Tendo em vista as normas de concordância verbal, é preciso ***corrigir*** a seguinte frase:

a) Podiam-se assistir com prazer às danças das chamas na lareira.

b) Mal haviam decorrido alguns minutos, o líder foi para junto da lareira.

c) Na lareira queimavam-se as achas e produzia-se a dança das chamas.

d) Nenhum dos gestos do líder deixava de ser analisado pelo dono da casa.

e) Não escapava ao liderado o sentido dos gestos produzidos pelo líder.

19. (Unibero-SP) Em todas as alternativas, ***exceto*** em uma, o verbo pode ir para o plural o ficar no singular:

a) Mais de uma pessoa (atingir) a meta.

b) Um bando de andorinhas (pousar) no varal.

c) Pequena parte dos cantores (dar) um agudo.

d) Um grande número de maritacas (grasnar).

20. (FCC – PBGÁS/PB) As normas de concordância verbal e nominal estão inteiramente respeitadas na frase:

a) Diante das imagens que na tela se sucede, o usuário de um computador parece hipnotizado.

b) Principais responsáveis pelos primeiros meios de transporte, a tração animal veio a ser substituída pela dos motores.

c) Se fossem mais intensos por serem mais velozes, nossa reflexão e nossa emoção

estariam hoje num invejável patamar.

d) Uma vez que passe a atrair toda a nossa atenção, bons romances e belas peças musicais afastam nossa obsessão pela velocidade.

e) Aos meninos diante das telas não costuma ocorrer que a velocidade que os preocupa acelera também a passagem da infância.

GABARITO

Concordância Verbal

1 – A	2 – E	3 – E
4 – E	5 – B	6 – D
7 – E	8 – A	9 – A
10 – C	11 – C	12 – A
13 – C	14 – B	15 – B
16 – B	17 – A	18 – A
19 – A	20 – E	

5.2 CONCORDÂNCIA NOMINAL

Deixamos para trás a concordância entre o verbo e o seu sujeito. A partir de agora, nossa preocupação será identificar o substantivo e os termos que a ele se referem. Mais uma vez receba meu apoio. Este assunto, à exceção de uma ou outra regra, é bastante fácil. É preciso, entretanto, ficar bastante atento para perceber a quem o termo está se referindo. Nosso sucesso dependerá desse conhecimento. Bons estudos!!

5.2.1 REGRA GERAL

Observe atentamente o exemplo abaixo:

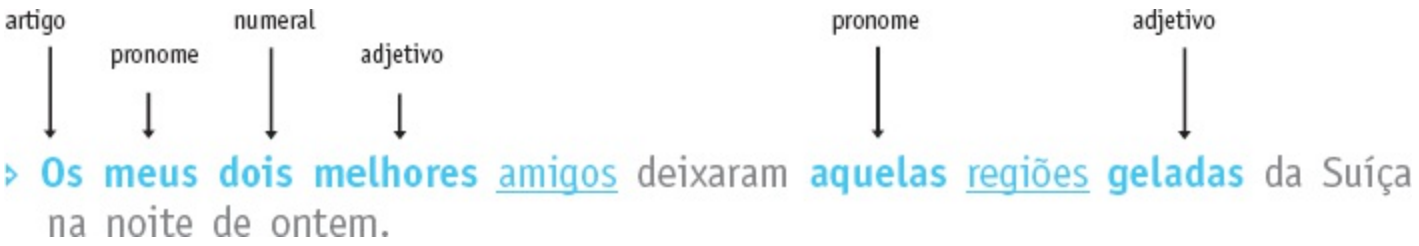

Perceba que os dois substantivos (amigos e regiões) encontram-se cercados por outros termos que se flexionam no gênero e no número dos substantivos. Estamos, portanto, diante da regra geral da concordância nominal:

> O adjetivo, o artigo, o numeral e o pronome adjetivo concordam em gênero e número com o nome a que se referem.

Antes, porém, de iniciarmos as demais regras, convém relembrar:

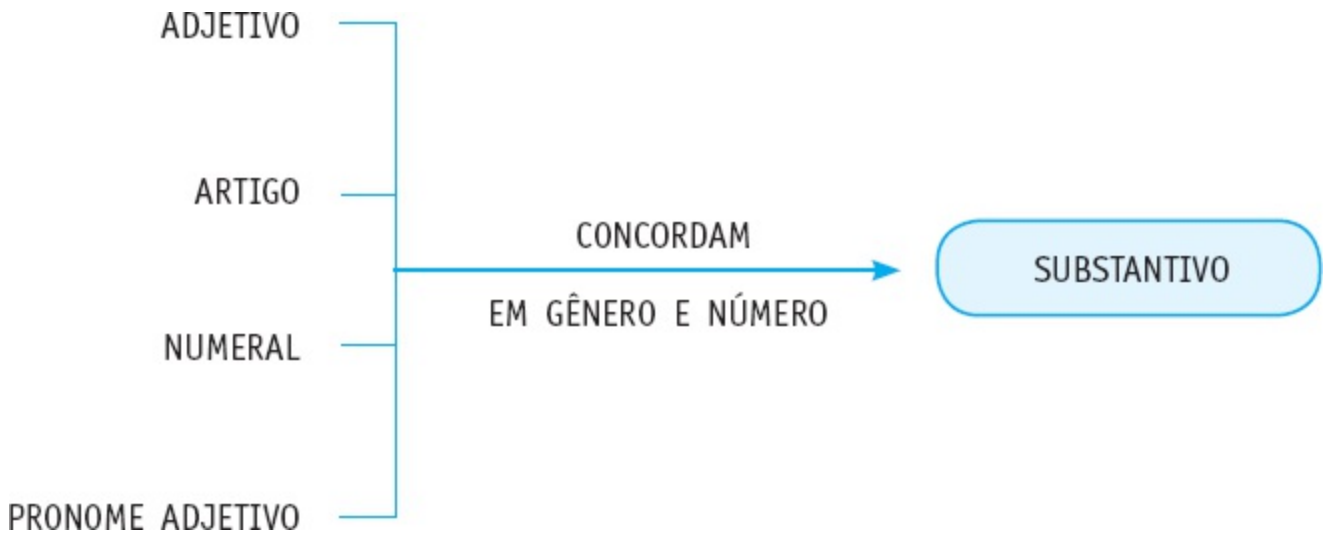

Não se esqueça também da seguinte orientação:

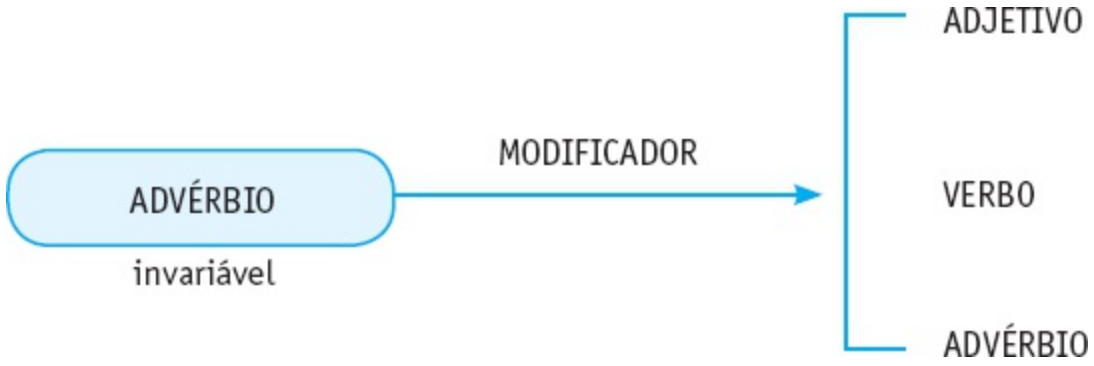

Veja:

- Havia **muito** barulho por causa das pessoas que falavam **muito** alto.
  pronome indefinido — advérbio
- Por sempre andar por **longes** terras sempre morou **longe** de seus familiares.
  adjetivo — advérbio
- Foi considerado o homem **certo** para o cargo porque sempre agiu **certo**.
  adjetivo — advérbio

Logo, nosso cuidado daqui para frente será não confundir um advérbio – classe de palavra invariável – com as classes morfológicas que concordam com o substantivo. Para tanto, observe a quem o termo se refere. Se ele fizer referência a um substantivo, deverá concordar com este; se, por outro lado, ele se referir a um adjetivo, a um verbo ou mesmo a um advérbio, o termo em questão será um advérbio, portanto invariável.

Estudaremos agora as demais regras da concordância nominal. Você perceberá que boa parte das regras diz respeito à concordância do adjetivo. Lembre-se, portanto, de que o adjetivo exerce, basicamente, duas funções sintáticas: adjunto adnominal e predicativo.

5.2.2 PRINCIPAIS CASOS DE CONCORDÂNCIA NOMINAL

1. Com os adjetivos compostos, somente o último elemento varia para concordar com o substantivo a que se refere.

- Ele fez duas intervenções médico-**cirúrgicas**.
- Firmaram dois grandes acordos sino-franco-**lusitanos**.
- As condições sociopolítico-**econômicas** do país não condiziam com os princípios da cultura greco-**latina**.

⇨ Observações:

Lembre-se de que os adjetivos “azul-celeste” e “azul-marinho” são invariáveis.

Já com o adjetivo “surdo-mudo” ambos os elementos variam.

Não se esqueça também de que os adjetivos referentes a cor formados por adjetivo mais um substantivo são invariáveis.

- Compramos duas blusas azul-celeste.
- Falamos com dois surdos-mudos.
- Na formatura, usou duas blusas amarelo-canário.

2. Quando um único adjetivo, na função de adjunto adnominal, refere-se a mais de um substantivo, hão de se observar duas vertentes para a concordância:

a) Se o adjetivo vier anteposto, concordará obrigatoriamente com o substantivo mais próximo:

- Ele possuía **monstruosas** mãos e braços.
- O bufê servia **maravilhosas** tortas e salgados.
- Em sua viagem, passou muitas horas admirando as **magníficas** montanhas e mares do sul.
- **Recuperada** a saúde e o ânimo, ele voltou imediatamente ao seu posto de trabalho.

b) Se o adjetivo vier posposto, poderá concordar tanto com o substantivo mais próximo quanto com os dois substantivos no plural. Neste último caso, se os gêneros dos substantivos forem diferentes, prevalecerá o masculino plural para o adjetivo:

- Após o tsunami, caminhou pelos becos e pelas ruas destruídas / destruídos pela força das águas.
- Em um canto da sala, deixaram um sapato e uma sandália velha. / velhos.
- Ontem à tarde encontrei o aluno e a aluna estudiosa. / estudiosos.
- Divulgará uma notícia e uma nota extraordinária / extraordinárias para relatar o fato à população.

⇨ Observações:

Se, pela lógica, o adjetivo só puder se referir a um substantivo, será com este substantivo que se efetuará a concordância:

- Em sua viagem, alimentou-se de peixe, ovos, saladas e carne **bovina**.
- A cidade sofria por causa do frio e da chuva **torrencial**.

Se o adjetivo, anteposto ou posposto, estiver se referindo a pessoas, obrigatoriamente deverá concordar no plural com ambos os substantivos:

- Ontem assistimos ao show dos **ilustres** Caetano Veloso e Gilberto Gil.

3. Quando, por outro lado, dois ou mais adjetivos estiverem se referindo a um único

substantivo, admitem-se três possibilidades de concordância:

- Sempre estudou profundamente
  - as línguas inglesa, francesa e italiana.
  - a língua inglesa, a francesa e a italiana.
  - a língua inglesa, francesa e italiana.

- Ele analisava todos os dias
  - as leis federal, estadual e municipal.
  - a lei federal, a estadual e a municipal.
  - a lei federal, estadual e municipal.

- Durante os estudos frequentou assiduamente
  - os cursos ginasial e pedagógico.
  - o curso ginasial e o pedagógico.
  - o curso ginasial e pedagógico.

⇨ Observação:

Perceba que, no primeiro caso, o substantivo vai para o plural e omite-se o artigo antes dos adjetivos. No segundo exemplo, o substantivo permanece no singular e coloca-se o artigo a partir do segundo adjetivo. No último exemplo, o substantivo fica no singular e omite-se o artigo dos adjetivos.

4. Quando o adjetivo estiver na função de predicativo de um sujeito composto, há duas possibilidades de concordância:

a) Se vier posposto, o adjetivo concordará obrigatoriamente no plural, prevalecendo o masculino se os gêneros dos substantivos forem diferentes:

- A ideia e o pensamento tornaram-se **obsoletos** em virtude dos novos paradigmas.
- Quase todas as moças e todas as professoras mantiveram-se **caladas** ao longo da apresentação dos meninos.
- Se os prisioneiros e as sentinelas fossem mais **abertos** ao diálogo, os problemas do sistema prisional diminuiriam.

b) Se vier anteposto, o predicativo do sujeito poderá concordar com ambos os núcleos ou com o mais próximo.

- **Jogadas** ao vento estavam as cartas e todos os documentos do escritório.

OU

- **Jogados** ao vento estavam as cartas e todos os documentos do escritório.
- **Satisfeita** com o a situação saiu da sala a secretária e o seu auxiliar.

OU

- **Satisfeitos** com a situação saíram da sala a secretária e o seu auxiliar.
- **Constrangido** por causa do vexame ficou o presidente da empresa e dois dos seus secretários.

OU

- **Constrangidos** por causa do vexame ficaram o presidente da empresa e dois dos seus secretários.

⇨ Observação:

Perceba que a concordância do adjetivo com o núcleo mais próximo exige, se este núcleo estiver no singular, que a concordância verbal também seja feita no singular.

5. Quando o adjetivo estiver na função de predicativo do objeto, devem-se observar as seguintes orientações:

a) O adjetivo predicativo concordará normalmente em gênero e número com o objeto quando este for simples:

- Encontraram todos os documentos do escritório **revirados** pelos bandidos.
- **Abandonadas** à própria sorte, os parentes mais próximos deixaram as filhas de D. Elza.
- Julgaram as moças **incapazes** de exercer o cargo para o qual elas se candidataram.

b) Quando posposto, o adjetivo predicativo concordará no plural e no gênero prevalente com o objeto formado por mais de um núcleo.

- Achou o monarca e a sua esposa **simpáticos**.
- Encontramos o pórtico e a antessala totalmente **sujos** pela poeira do desabamento do prédio vizinho.

- Os funcionários consideram o chefe-de-seção e a sua comitiva **incompetentes**.
- Dois dos reclamantes acusaram a advogada da empresa e o preposto **de omissos e parciais**.

⇨ Observação:

Para facilitar a concordância, transforme os núcleos do objeto direto em um pronome oblíquo átono (o, a, os, as) – observe o gênero de prevalência. Veja:

- Achou o monarca e a sua esposa simpáticos. = Achou-**os** simpáticos.
- Encontramos o pórtico e a antessala totalmente **sujos** pela poeira do desabamento do prédio vizinho. = Encontramo-**los** totalmente **sujos** pela poeira do desabamento do prédio vizinho.
- Os funcionários consideram o chefe-de-seção e a sua comitiva **incompetentes**. = Os funcionários consideram-**nos incompetentes**.
- Dois dos reclamantes acusaram a advogada da empresa e o preposto **de omissos e parciais**. = Dois dos reclamantes acusaram-**nos de omissos e parciais**.

c) Quando anteposto, o adjetivo predicativo do objeto poderá concordar tanto com o núcle mais próximo quanto com todos os núcleos do objeto direto. Neste último caso, deve-se observar, é claro, o gênero prevalente.

- Ao sair, deixe bem fechada / fechados a porta do quarto e os postigos da sala.
- O falecimento da mãe deixou insuportável / insuportáveis o dia e, principalmente, as noites do rapaz.
- Encontrou deitado / deitados no sofá da sala principal o filho e a namorada.

6. Quando o substantivo vem acompanhado de numerais ordinais, ele pode ficar tanto no singular quanto no plural desde que os numerais venham acompanhados de artigo.

- O diretor falou para os alunos da primeira e da segunda série. / séries.
- Escutamos o primeiro e o segundo movimento / movimentos da sinfonia.

- A empresa ocupava o terceiro, o quarto e o quinto andar / andares do edifício.

⇨ Observação:

Se os numerais ordinais vierem desacompanhados de artigo ou se estiverem pospostos, o substantivo obrigatoriamente irá para o plural.

- A empresa ocupava terceiro, quarto e quinto **andares** do edifício.
- A empresa ocupava **os andares** terceiro, quarto e quinto do edifício.

7. O particípio passivo concorda com o seu sujeito passivo em gênero e número.

- Foram **postas** em discussão todas as propostas do novo diretor.
- Novas bolas e alguns enfeites haviam sido **comprados** antecipadamente.
- **Passadas** duas semanas do acidente, eles ainda não estavam recuperados.
- As novas ideias do grupo foram imediatamente **rejeitadas** pelo líder da excursão.

5.2.3 CASOS ESPECIAIS DE CONCORDÂNCIA NOMINAL

1. As palavras "MESMO, PRÓPRIO, LESO, QUITE, OBRIGADO, INCLUSO, ANEXO, QUALQUER" concordam com a palavra a que se referem.

- Elas **próprias** irão resolver o conflito.
- As flores, elas **mesmas** desabrocham para si **próprias**.
- A moça respondeu muito **obrigada**.
- Seguem **anexas** ao processo todas as cópias dos relatórios solicitados.
- Em suas ações, ele cometeu um crime de **lesa**-pátria.
- Todos estavam **quites** com o serviço militar.
- Iam **inclusas** as radiografias que ele tirara numa clínica do interior.

- **Quaisquer** que sejam as suas intenções, nós as rejeitamos antecipadamente.

⇨ Observação:

A expressão “em anexo” é invariável.

2. As palavras “MEIO, BASTANTE, CARO, BARATO, MUITO, POUCO, LONGE” ora funcionam como advérbios – invariáveis, portanto –, ora funcionam como adjetivos, numeral – no caso da palavra “meio” – ou pronomes adjetivos, concordando com o termo a que se referem.

- Paris é uma cidade muito **cara** para quem dispõe de **poucos** recursos.
  adjetivo — pronome adjetivo
- Havia **bastantes** questões **bastante** difíceis na prova de Português.
  pronome adjetivo — advérbio
- Já andei por **longes** terras à procura de um amor que mora **longe**, **muito longe**.
  adjetivo — advérbios
- Aquelas frutas custaram **caro**. Em feira livre, geralmente eu compro frutas **baratas**.
  advérbio — adjetivo
- Segundo Drummond, há portas por que só passam **meias** pessoas.
  numeral
- A mãe permanecia **meio** irrequieta porque o filho ainda não tinha dado notícias.
  advérbio
- **Muitas** pessoas ficaram **meio** irritadas, porque compraram passagens **caras**, mas não embarcaram.
  pronome adjetivo — advérbio — adjetivo
- **Poucas** pessoas conseguem ficar em pé depois que bebem **muito**.
  pronome adjetivo — advérbio
- Já falei **bastantes** vezes que, quando ele falasse, evitasse as **meias** palavras, os **meios** termos.
  pronome adjetivo — numeral — numeral

3. As palavras "MENOS, ALERTA e PSEUDO" são invariáveis. Veja:

- Todos os soldados permaneceram **alerta**.
- Havia **menos** pessoas do que se esperava.
- No exame, encontraram-se bactérias **pseudo**filamentadas.

Não confunda a palavra ALERTA invariável com o substantivo ALERTA. Quando invariável, a palavra ALERTA denota modo, posição, situação. Observe:

- Soaram dois alertas (substantivo) no corpo de bombeiros. Como todos os bombeiros estavam alerta, (palavra invariável) o socorro saiu rápido.

4. A palavra "SÓ" ora funciona como advérbio – invariável – na acepção de "somente, apenas", ora funciona como adjetivo, significando "sozinho". Como adjetivo, concorda com o termo a que se refere.

- Todos permaneceram sós (adjetivo) na sala iluminada.
- Pelo que nós sabemos, ela só (advérbio) vai se for de carro.
- Era só (advérbio) isso que Paula e André esperavam: a família saiu e eles ficaram sós (adjetivo) no apartamento.

⇨ Observação:

A expressão "a sós" é invariável. Significa "sozinho(s), sozinha(s).

- Ele preferiu ficar a sós (expressão invariável) na casa da prima.
- As moças estiveram o tempo todo a sós (expressão invariável) no quarto.

5. Expressões formadas pelo verbo SER mais um ADJETIVO (é bom, é preciso, é proibido, é

permitido, é necessário etc.), obedecem às seguintes regras:

a) Quando o substantivo está empregado em sentido geral, abstrato, não específico – sempre aparece sem artigo, sem determinante – a expressão formada pelo verbo "ser" seguido de um adjetivo permanece invariável.

b) Quando o substantivo vem acompanhado por artigo ou por qualquer outro determinante empregado em sentido específico, não geral, o adjetivo predicativo concorda com o seu sujeito.

adjetivo fica invariável

› Para quem gosta de cinema, é **necessário** presença de filmes nacionais.

substantivo não precedido de artigo ou de determinante

adjetivo fica invariável

› Salsa, segundo os cozinheiros, é **bom** para tempero.

substantivo não precedido de artigo ou de determinante

adjetivo fica invariável

› Na porta se lia o aviso: entrada é **proibido**.

substantivo não precedido de artigo ou de determinante

adjetivo fica invariável

› É **preciso** cautela para abrir um pacote que não lhe pertence.

substantivo não precedido de artigo ou de determinante

adjetivo concorda com o sujeito

› Em muitos países é **proibida** a entrada de cidadãos iraquianos.

substantivo precedido de um determinante

adjetivo concorda com o sujeito

Substantivo precedido de um determinante

› Como você diz que é **proibida** a reflexão sobre a relação entre os homens se reflexões é **necessário** à vida?

adjetivo fica invariável

6. Com as expressões "O MAIS POSSÍVEL / OS MAIS POSSÍVEIS, O MENOS POSSÍVEL / OS MENOS POSSÍVEIS, O PIOR POSSÍVEL / OS PIORES POSSÍVEIS", pode-se deixar o adjetivo e o artigo no singular ou flexionar-se no plural, simultaneamente, o artigo e o adjetivo.

› Eles trouxeram **as mais** geladas cervejas **possíveis**.

- Os argumentos apresentados eram **o mais** inverídicos **possível**.
- Sempre nos recebia com pratos **os** mais requintados **possíveis**.
- Em nossa viagem, passamos por ruas **o mais** esburacadas **possível**.

⇨ Observação:

Há uma terceira possibilidade de concordância em que se deixa apenas a palavra "possível" invariável. O artigo acompanhará o substantivo e o advérbio "mais" ficará posposto a este substantivo. Esta construção é, entretanto, pouco encontrada nos grandes escritores.

- Nós vimos **os** carros **mais** belos **possível** na última feira do automóvel.
- Na casa do tio João, podem-se colher **as** frutas **mais** saborosas **possível**.

7. Com as expressões ALGO DE / NADA DE / POUCO DE / MUITO DE/ UM QUÊ DE / QUE DE o adjetivo que as acompanha poderá tanto concordar com o sujeito quanto ficar invariável.

- Que de tão **sedutor / sedutoras** tinham aquelas garotas?
- As músicas tocadas tinham um quê de **melancólico** / **melancólicas**.
- Nossa vida nada tem de **trágico** / **trágica**.
- Os móveis adquiridos em um brechó pouco tinham de **antigo** / **antigos**.

8. Com a locução pronominal "tal qual", o "tal" concordará com o termo que o antecede enquanto o "qual" concordará com o termo que o sucede.

- Os filhos eram **tais qual** o pai.
- Os gramados da cidade pareciam **tais qual** um grande rio verde.

5.3 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

Concordância Nominal

1. (UM-SP)

I. Os brasileiros somos todos eternos sonhadores.
II. Muito obrigadas! Disseram as moças.
III. Sr. Deputado, V. Ex.ª está enganado.
IV. A pobre senhora ficou meia confusa.
V. São muito estudiosos os alunos e as alunas deste curso.
Há uma concordância inaceitável, de acordo com a gramática normativa:

a) em I e II.
b) em II, III e V.
c) apenas em II.
d) apenas em III.
e) apenas em IV.

2. (F. Cásper Liberto-SP) Faça a concordância.

"V.A. ... hoje, pois ... demais, caro Príncipe."

a) estais cansada, andou.
b) está cansado, andou.
c) estais cansado, andaste.
d) está cansado, andaste.

3. (FMIT-MG) Em todas as frases a concordância se fez corretamente, ***exceto*** em:

a) Os soldados, agora, estão todos atentos.
b) Ela possuía bastante recursos para viajar.
c) As roupas das moças eram as mais belas possíveis.
d) Rosa recebeu o livro e disse: "Muito obrigada".
e) Sairei de São Paulo hoje, ao meio-dia e meia.

4. (UFV-MG) Todas as alternativas abaixo estão corretas quanto à concordância nominal, **exceto***:*

a) Foi acusado de crime de lesa-justiça.
b) As declarações devem seguir anexas ao processo.
c) Eram rapazes os mais elegantes possível.

d) É necessário cautela com os pseudolíderes.

e) Seguiram automóveis, cereais e geladeiras exportados.

5. (UEL-PR) “Ao esforço e à seriedade ... ao estudo é que ... os louvores que ele tem recebido ultimamente.”

a) consagrado, devem ser atribuídos.

b) consagrada, deve ser atribuído.

c) consagrados, devem ser atribuídos.

d) consagradas, deve ser atribuído.

e) consagrados, deve ser atribuído.

6. (UFS-SE) “Já ... 8 horas quando se ... os debates sobre cinema e literatura...”

a) seria – iniciou – brasileira.

b) seria – iniciaram – brasileiras.

c) seria – iniciou – brasileiros.

d) seriam – iniciaram – brasileira.

7. (FCC-SP) Assinale a alternativa em que a concordância verbal e nominal está **correta**.

a) Já é meio-dia e meia; faltam poucos minutos para começar a reunião.

b) Comprei um óculos escuro nesta loja. Consegue-se bons descontos aqui.

c) Vão fazer dez anos que trabalho aqui e ainda é proibido a minha entrada na sala da Diretoria!d) Duzentas gramas de queijo são demais para fazer torta.

e) A gente fomos ao cinema no domingo e lá haviam amigos nossos na fila.

8. (FFCLBH-MG) Em todas as alternativas há problemas de concordância segundo a norr culta da linguagem, **exceto***:*

a) “O embarque de June surpreendeu a maioria das pessoas (aproximadamente 100) que foram ao Aeroporto Internacional do Rio, para a despedida do presidente.” *(Folha de S. Paulo)*

b) Compra-se lotes e casas.

c) “... mesmo assim, ali está a vergonha escancarada da guerra, no quintal de todos que fazem questão de virar o rosto para o outro lado. O problema é este: não há o outro lado quando se domina as novas tecnologias.” *(Folha de S. Paulo)*

d) É proibido a entrada de menores de 18 anos em motéis.

9. (Unisinos-RS) O caso de concordância nominal ***inaceitável*** aparece em:

a) Nunca houve divergências entre mim e ti.
b) Ela tinha o corpo e o rosto arranhados.
c) Recebeu o cravo e a rosa perfumado.
d) Tinha vãs esperanças e temores.
e) É necessário certeza.

10. (UFPel-RS) A alternativa em que são atendidas as normas de concordância da língua culta é:

a) Precisamos ser benevolentes para com nós mesmos.
b) Já tinham bastante motivos para voltar para casa.
c) Que houvesse ou não existido opiniões contraditórias não nos interessava naquele momento.
d) Sr. Ministro, V. Ex.ª sereis recebido com grande entusiasmo pela população.
e) Surgiu, na escuridão da noite, dois vultos enormes.

11. (UCS-RS)

a) Já **fazem** tantos anos assim?
b) Acho que **devem fazer** uns dez anos.
c) Vossas Excelências já **podeis** considerar o projeto aprovado.
d) Escolhe tu mesmo o que julgas ser melhor para **teu** futuro.
e) Escolhe você mesmo o que julgas ser melhor para o **teu** futuro.

12. (FEI-SP) Em qual declaração proibitória ocorre **incorreção** gramatical?

a) É proibida a entrada.
b) Proíbe-se a entrada de estranhos.
c) É proibido entrar.
d) A eles, foi-lhes proibida a entrada.
e) Proibir-se-á, fora do expediente, as entradas de todos os funcionários.

13. (UCS-RS) Nas questões que seguem, assinale a alternativa **correta**.

a) Às vezes **era solicitado** alguns trabalhos extraclasse.
b) Às vezes **era solicitados** alguns trabalhos extraclasse.
c) Às vezes **eram solicitados** alguns trabalhos extraclasse.

d) Às vezes **eram solicitados** alguns trabalhos extraclasse.
e) Às vezes **era solicitado** alguns trabalhos extraclasse.

14. (UFSCar-SP) Aponte a alternativa em que a concordância nominal **não** é adequada.

a) Obrigava sua corpulência e exercício e evolução forçada.
b) Obrigava sua corpulência a exercício e evolução forçados.
c) Obrigava sua corpulência a exercício e evolução forçadas.
d) Obrigava sua corpulência a forçado exercício e evolução.
e) Obrigava sua corpulência a forçada evolução e exercício.

15. (PUCC-SP) Assinale a alternativa em que **meio** funciona como advérbio.

a) Fica no meio do quarto.
b) Quero meio quilo.
c) Está meio triste.
d) Achei o meio de encontrar-te.
e) n.d.a.

16. (PUC-SP) Apenas uma alternativa preenche **corretamente** os espaços existentes na sentença abaixo.

"Não foi ... a pesada suspensão que lhe deram, porque você foi o que ... falhas apresentou; podiam ter pensado em outras penalidades mais ...".

a) justo, menas, cabível.
b) justa, menos, cabível.
c) justa, menos, cabíveis.
d) justo, menos, cabível.
e) justo, menas, cabíveis.

17. (ITA-SP) Assinale a alternativa **correta**.

"... muitos anos que compramos um compêndio e uma gramática ... para estudar a língua e a literatura ...".

a) Faz – volumoso – luso-brasileiras.
b) Deve fazer – volumosos – portuguesa.
c) Fazem – volumosos – portuguesa.
d) Devem fazer – volumosa – portuguesa.

e) Faz – volumosas – luso-brasileira.

18. (Fameca-SP) Observe a concordância:

1. Entrada proibida.
2. É proibido entrada.
3. A entrada é proibida.
4. Entrada é proibido.
5. Para quem a entrada é proibido?

a) A número 5 está incorreta.
b) A 4 e 5 estão erradas.
c) A 2 está errada.
d) Todas estão certas.
e) A 2 e 5 estão erradas.

19. (F. Objetivo-SP) Assinale a alternativa gramaticalmente **correta**.

a) O povo brasileiro anseia por uma constituição digna.
b) Era necessário a permanência do médico no hospital.
c) Aconteceu, durante a discussão do processo, graves distúrbios entre os parlamentares.
d) Sua discrição era digna de elogios, pois todos estavam ao par das dificuldades de se manter secreta a negociação.
e) Não mais se lê bons autores naquela escola.

20. (ITA-SP) Dadas as sentenças:

1. Reparem no que o conferencista está dizendo.
2. Devem haver muitas pessoas revoltadas naquele país.
3. Depois do que você me fez, acho que estamos quite.
Deduzimos que:

a) apenas a sentença n.º 1 está correta.
b) apenas a sentença n.º 2 está correta.
c) apenas a sentença n.º 3 está correta.
d) todas estão corretas.
e) n.d.a.

GABARITO

Concordância Nominal

1 – E	2 – B	3 – B
4 – C	5 – C	6 – D
7 – A	8 – A	9 – C
10 – A	11 – D	12 – E
13 – D	14 – C	15 – C
16 – C	17 – B	18 – A
19 – A	20 – A	

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 6

SINTAXE DE REGÊNCIA

Conversando: Ufa!! Creio que você já venceu a etapa da concordância. Se ainda não estudou o assunto "concordância", não se preocupe: pode estudar "regência" sem problemas, pois os assuntos não são interdependentes.

Teremos pela frente mais uma longa missão – entender as relações de dependência estabelecidas entre o verbo e o seu complemento e o nome e o seu complemento. Precisaremos compreender bem não só o aspecto sintático (função sintática), mas também o aspecto semântico (sentido), os quais envolvem as relações regenciais. Não se afobe! Dizem por aí, com frequência, ser o assunto de regência um dos mais difíceis da gramática. Discordo! Não confunda dificuldade com extensão – o nosso assunto é realmente longo, mas não é difícil. No entanto, para entender bem "regência verbal e nominal", você precisará de alguns outros conhecimentos: saber empregar bem os pronomes pessoais oblíquos, saber utilizar os pronomes relativos e, acima de tudo, conhecer "de cor e salteado" o assunto "transitividade verbal". Talvez por necessitar de outros assuntos, a regência tenha ganhado a fama de ser difícil. Portanto, uma sugestão: antes de continuar lendo o conteúdo abaixo, sugiro que revise os assuntos mencionados acima, se existirem dúvidas. E, então, mãos à obra! E não se esqueça de que a vitória é dos que persistem. Vamos lá!

6.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Inicialmente observe atentamente os exemplos abaixo:

› Após a cirurgia, o rapaz mostrava-se **apto** para todas as atividades.
complemento para o adjetivo "apto"

João **pegou** o dinheiro da indenização e **pagou** a todos os seus credores.
complemento para o verbo "pegar" complemento para o verbo "pagar"

Maria tinha grande **devoção** por aquele santo.
Termo regente Termo regido

Sempre **assistia** às apresentações do filho com grande emoção.
Termo regente Termo regido

O pai sempre **assistia** o filho em suas doenças típicas da infância.
Termo regente Termo regido

Observe que alguns complementos são regidos por preposição e outros não. Nos dois últimos exemplos, houve mudança no sentido do verbo. Portanto, é este o objetivo da regência: estudar as relações de dependência estabelecidas entre um verbo ou um nome e os seus respectivos complementos.

6.2 REGÊNCIA VERBAL

Inicialmente vejamos outros exemplos para que possamos chegar a uma conclusão:

Ele **cumpriu** o seu dever. — VTD
Ele **cumpriu** com o seu dever. — VTI
Alteração da transitividade sem alteração do sentido

Deus **perdoa** o pecado. — VTD
Deus **perdoa** ao pecador. — VTI
Deus **perdoa** o pecado ao pecador. — VTDI
Alteração da transitividade sem alteração do sentido

Eles não **procederam** bem na festa. — VI
As ideias deles não **procederam**. — VI
Mesma transitividade, mas sentidos diferentes.

Eles **precisarão** de ajuda para a confecção do bolo. — VTI

Eles não **precisaram** a hora da festa. — VTD
Alteração da transitividade com alteração do sentido

Observando o comportamento dos verbos em suas transitividades, chegamos a uma

conclusão: a regência verbal depende do contexto em que o verbo se encontra.

Uma das perguntas frequentes que recebo em aula é: “Professor, como vou distinguir uma regência da outra? Como saberei se o verbo estará em tal ou qual sentido?” A resposta está na conclusão acima: o contexto. Será o contexto que denunciará o sentido e consequentemente a regência que o verbo adotará.

Estude agora mais algumas informações importantes para facilitar o entendimento sobre este assunto.

a) Lembre-se de que os verbos transitivos diretos exigem um complemento sem auxílio de uma preposição obrigatória e de que o objeto direto é frequentemente representado pelos pronomes oblíquos “o, a, os, as”. Tais pronomes assumirão as formas “lo, la, los, las”, caso o verbo termine em “r, s, z”, letras estas que serão suprimidas. Por outro lado, se o verbo terminar em ditongo nasal, os oblíquos assumirão as formas “no, na, nos, nas”. Veja:

- Ainda não **encontrou** a fórmula adequada. = Ainda não **a** encontrou.
  VTD OD OD
- É fundamental **adquirir** alguns livros novos. = É fundamental adquiri-**los**.
  VTD OD OD
- Ele **traz** o cachorro consigo. = Ele **o** traz consigo.
  VTD OD OD

b) Lembre-se também de que os pronomes oblíquos “me, te, se, nos, vos” podem exerce tanto a função de objeto direto quanto de objeto indireto. A função sintática deles dependerá da transitividade do verbo.

- Ela **me** ama demasiadamente.
  OD VTD
- Ela **me** pediu um grande favor.
  OI VTDI
- Eles **nos** procuraram ontem para fazer-**nos** algumas reclamações.
  OD VTD VTDI OI
- Era importante **te** encontrar ainda hoje.
  OD VTD
- Quero dizer-**te** tanta coisa, meu amor!
  VTDI OI

c) Não se esqueça de que os pronomes oblíquos “lhe, lhes”, quando completam o sentido de um verbo, sempre serão objetos indiretos de verbos transitivos indiretos ou de verbos transitivos diretos e indiretos. O objeto indireto pode ser substituído não só pelos pronomes “lhe, lhes”, mas também pelas formas tônicas “a ele, a ela, a eles, a

elas”.

- Jamais **entregarei** (VTDI) ao comendador (OI) os documentos. = Jamais entregarei os documentos. — lhe / a ele
- Ele **agradeceu** (VTI) aos familiares (OI) pelo apoio. = Ele agradeceu -lhes / a eles pelo apoio.

⇨ Observação:

No dia a dia, muitos são os erros em virtude do emprego inadequado dos oblíquos “lhe, lhes”. Fique atento para não cometê-los. Veja:

- João, há quanto tempo não **lhe** vejo (VTD)! (O verbo “ver” é transitivo direto. **O correto é** “... não o vejo”.)
- Ele **lhe** ama (VTD) muito, Ana Cláudia. (O verbo “amar” é transitivo direto. **O correto é** “Ele a ama muito”.)
- Ontem eu **lhe** procurei (VTD) o dia todo. (O verbo “procurar” é transitivo direto. **O correto é** “Eu o procurei...”.)

d) Cuidado!! À exceção de alguns verbos como “obedecer, desobedecer”, a voz passiva s existe com “verbos transitivos diretos” e “verbos transitivos diretos e indiretos”. Observe:

- Todas as tentações que o cargo propiciava **foram resistidas** por meu pai. (**Construção errada**)

> O verbo “resistir” é transitivo indireto, não admite a voz passiva

- O jogo **está sendo assistido** por mais de um milhão de telespectadores. (**Construção errada**)

> O verbo “assistir” é transitivo indireto, não admite a voz passiva.

Correções:

- Meu pai resistiu a todas as tentações que o cargo propiciava. (Voz ativa)
- Mais de um milhão de telespectadores estão assistindo ao jogo. (Voz ativa)

e) Lembre-se de que o fato de um verbo ser transitivo direto não impede que os nomes cognatos (de mesma raiz) exijam preposição. Portanto, fique atento e não confunda:

- É preciso **combater** a corrupção no Brasil.
  VTD
- É preciso que se aumente o **combate** à corrupção no Brasil.
  Substantivo cognato com preposição
- Todos devem **amar** a Pátria.
  VTD
- O **amor** à Pátria deve ser incondicional.
  Substantivo cognato com preposição
- O fogo **destruiu** todos os barracos da favela.
  VTD
- A **destruição dos** barracos da favela entristeceu a população.
  Substantivo cognato com preposição
- "Começou [Basílio] imediatamente a **louvar** a sua devoção." (Eça de Queiroz)
  VTD
- "... e entoar com ela hinos de **louvor a**o Todo-poderoso." (Bernardo Guimarães)
  Substantivo cognato com preposição
- "Não **compreendi** então aquelas palavras, nem o tom com que foram proferidas." (José de Alencar)
  VTD
- "Mas este outro incidente não é radicalmente necessário à **compreensão do** capítulo passado e **dos** futuros." (Machado de Assis)
  Substantivo cognato com preposição
- "Mme. Brizard não se fartava de **elogiar** a boa qualidade das fazendas." (Aluísio Azevedo)
  VTD
- "Com isso, e repetidos **elogios aos** outros jornalistas, adquiriu ele uma linda reputação." (Lima Barreto)
  Substantivo cognato com preposição

f) Em outras situações, é comum o nome cognato (de mesma raiz) apresentar regência idêntica à do verbo. Observe:

VERBO	NOME COGNATO
ir **a**	ida **a**
chegar **a**	chegada **a**
crer **em**	crente/crença **em**
depender **de**	dependência **de**
intervir **em**	intervenção **em**
cooperar **com**	cooperação **com**
coexistir **com**	coexistência **com**
inserir **em**	inserido/inserção **em**

g) Muitos verbos possuem formas pronominais (conjugadas com o auxílio de um pronome oblíquo) e não pronominais. Cumpre salientar que a forma pronominal, em muitas situações, exige um complemento com preposição. Observe:

VERBO NÃO PRONOMINAL	VERBO PRONOMINAL
aconselhar	aconselhar-se **com**
alegrar	alegrar-se **com**
aproveitar	aproveitar-se **de**
armar	armar-se **de**
carregar	carregar-se **de**
cercar	cercar-se **de**
comunicar	comunicar-se **com**
defender	defender-se **de**, **contra**
esquecer	esquecer-se **de**
lembrar	lembrar-se **de**
limitar	limitar-se **a**
recordar	recordar-se **de**

6.2.1 REGÊNCIA DE ALGUNS VERBOS – CASOS ESPECIAIS

Em seguida você encontrará uma lista, em ordem alfabética, dos mais comuns verbos utilizados na língua portuguesa com suas respectivas particularidades. Procure estudá-los aos poucos. Prossigamos!!

1. Abraçar

Possui as seguintes regências:

a) É verbo transitivo direto no sentido de “cingir, apertar com os braços”.

- A mãe abraçou o filho pequeno por alguns minutos.
- Quando encontrou o amigo, abraçou-o fortemente.

b) É verbo transitivo direto no sentido de “adotar, seguir, escolher”.

- O advogado abraçou a causa com fervor.
- Os povos bárbaros abraçaram o cristianismo.

⇨ **Observação:**

A forma verbal “abraçar-se” é pronominal transitiva indireta e admite as preposições “a, em, com, contra”.

- A filha se abraçou { à / com a / na / contra a } mãe.

2. Agradar

a) É transitivo direto na acepção de “acariciar, acarinhar, fazer carinho”.

- Com as mãos calosas, a mãe agradava o filho.
- Enquanto conversava, a menina agradava o seu cãozinho.

b) É transitivo indireto, exigindo a preposição “a”, na acepção de “satisfazer, contentar, fazer agrado a”.

- Parece que os bares da cidade não agradaram aos turistas.
- As palavras dele não lhe agradaram?

- “Agradava-lhe também muito a vizinhança, aquela doce quietação de subúrbio adormecido ao sol.” (Eça de Queiroz)

3. Agradecer

a) É transitivo direto quando possui objeto direto de “coisa”. Caso o objeto direto seja representado por “pessoa”, este verbo será transitivo indireto exigindo a preposição “a”.

- Agradeci imensamente aos amigos por causa da atenção que me deram.
- Nós agradecemos os presentes aos presentes à festa.
- O diretor da empresa agradeceu o auxílio que recebeu naquela hora difícil.

⇨ Observação:

Seguem essa mesma regência os verbos “pagar” e “perdoar”, estudados mais à frente.

4. Ajudar

a) Com o sentido essencial de “auxiliar, prestar ajuda” é transitivo direto:

- Joana sempre procurou ajudar os mais próximos da família.
- Marcos, não se preocupe, todos vieram ajudá-lo.

b) Se ao verbo “ajudar” seguir-se um infinitivo transitivo precedido da preposição “a”, rege o verbo ajudar um objeto direto ou objeto indireto indiferentemente.

- Eu sempre [o / lhe] ajudei a comprar os produtos de que precisava.
  (comprar: infinitivo transitivo)
- Ajudaram [- nas / - lhes] a guardar as roupas limpas?
  (guardar: infinitivo transitivo)

c) Se, porém, ao verbo “ajudar” seguir-se um infinitivo intransitivo, só poderá o verbo ajudar reger objeto direto.

- Ninguém **o** ajudou a sair do buraco em que caíra.
  (sair: infinitivo intransitivo)
- Se eu **o** ajudar a viver melhor, será que ele me entenderá?
  (viver: infinitivo intransitivo)

5. Aspirar

Apresenta as seguintes regências:

a) É um verbo transitivo direto na acepção de “respirar, sorver ar, inalar.”

- Na sala, aspirava a poeira dos carpetes imundos.
- O perfume que aspiro traz-me boas recordações.
- No período junino, é bom não aspirar a fumaça das fogueiras.

b) É um verbo transitivo indireto exigindo a preposição “a” na acepção de “desejar, pretender, almejar”. Apesar de transitivo indireto, este verbo rejeita os pronomes “lhe, lhes” para o objeto indireto; aceita apenas as formas tônicas analíticas “a ele, a ela, a eles, a elas”.

- Em sua jornada, sempre aspirou **ao cargo** de gerente da empresa. = “... sempre aspirou **a ele**...”.
- A oportunidade **à qual** ele aspirava finalmente chegou.
- Jamais aspirei a estas honrarias. = “Jamais aspirei a elas”.

6. Assistir

Apresenta quatro regências distintas:

a) É verbo transitivo indireto na acepção de “ver, presenciar, estar atento a”. O objeto indireto deve vir encabeçado pela preposição “a”. À semelhança do verbo “aspirar” no sentido de “desejar”, rejeita os oblíquos “lhe, lhes” para o objeto indireto; aceita apenas as formas “a ele, a ela, a eles, a elas”.

- Nunca mais assisti a um bom jogo de futebol. = Nunca mais assisti a ele.
- A missa a que ela assistiu foi rezada pelo Pe. Paulo Campos.
- Ontem assistimos à inauguração da quadra de esportes.

⇨ Observações:

Este verbo, na linguagem coloquial, é quase sempre usado sem a preposição.

- Ontem eu assisti o jogo.
- Eles irão assistir os comícios em uma cidade vizinha.

Mais uma vez não se esqueça de que este verbo, para a linguagem formal – aquela exigida, por exemplo, para os concursos, as comunicações formais –, é transitivo indireto; não aceita a voz passiva e o objeto indireto de terceira pessoa deverá vir sob a forma dos pronomes “a ele, a ela, a eles, a elas”. Veja:

- A aula será à tarde. Foi ótima a alteração, pois eu vou poder assisti-**la**. (Construção errada)

  Corrija-se para...

- A aula será à tarde. Foi ótima a alteração, pois eu vou poder assistir **a ela**.
- O jogo **está sendo assistido** por vários espectadores. (Construção errada. Não admite voz passiva)

  Corrija-se para...

- Vários espectadores estão assistindo ao jogo.

Vale ressaltar também que os verbos “VER, OLHAR, ESPIAR, ESPREITAR, ENXERGAR, OBSERVAR” são transitivos diretos.

- Ontem eu passei a tarde inteira lhe observando. (Construção errada)

  Corrija-se para...

- Ontem eu passei a tarde inteira o / a observando.

b) No sentido de “ajudar, prestar assistência, auxiliar, socorrer” é indistintamente verbo transitivo direto ou verbo transitivo indireto. Como transitivo indireto exige a preposição “a”.

- Durante o resgate, alguns transeuntes assistiram os / aos familiares das vítimas.
- Na cirurgia, ele foi assistido por um dos melhores cirurgiões da capital pernambucana.
- Deus é bom, porque assiste às / as viúvas.

c) Na acepção de “caber, pertencer direito ou obrigação” é um verbo transitivo indireto e exige a preposição “a”.

- Ao dono do estabelecimento não assiste o direito de reclamar dos clientes mais exigentes
- Este é um direito que assiste a todos os consumidores. = Este é um direito que lhes assiste.
- A eles não devem assistir estas novas cláusulas.

d) No sentido de “morar, residir” (regência pouco usual), é um verbo intransitivo. Exige o acompanhamento de um adjunto adverbial encabeçado pela preposição “em”.

- Hoje já não mais assisto no bairro da Boa Vista.
- A cidade em que ele assiste fica a poucos quilômetros da capital.

7. Atender

Possui as seguintes regências:

a) Com o sentido de “dar ou prestar atenção, ser atencioso, cuidar, servir” é indistintamer transitivo direto ou transitivo indireto. Neste último caso, exige a preposição “a”.

- Ele sempre atende os / aos amigos em sua casa de praia.
- O melhor aluno da sala sempre atendia às / as explicações dos professores.
- Dr. João sempre atende o / ao telefone em seu escritório.

b) Quando significa “atentar, concentrar a atenção”, é um verbo transitivo indireto e exige preposições “a”, “em” ou “para”.

- Faleceu porque não atendeu aos sintomas iniciais da doença.
- Ele sempre atendia para os conselhos dos mais velhos.

⇨ Observação:

Se o complemento desse verbo for um pronome oblíquo átono, obrigatoriamente assumirá a regência transitiva direta.

- O presidente atendeu os / aos grevistas.

Mas apenas...

- O presidente atendeu-os.
  VTD

8. Chamar

Apresenta as seguintes regências:

a) No sentido de “mandar vir, convocar” é um verbo transitivo direto.

- O diretor chamou os empregados para uma reunião de urgência.
- Os meninos, chamei-os, mas até agora não vieram.

b) No sentido de “invocar, clamar”, é um verbo transitivo indireto. O objeto indireto requer preposição “por”.

- Nas horas difíceis, ele costuma chamar por Nossa Senhora das Dores.
- Naquele momento, chamei por Ele, e o Senhor Jesus me ouviu.

⇨ Observação:

Alguns autores consideram a preposição “por” como um recurso de ênfase para o objeto direto que, nesse caso, seria preposicionado. Não nos parece a melhor análise, uma vez que o sentido do verbo é diferente da primeira regência (mandar vir, convocar).

c) Já na acepção de “cognominar, apelidar, alcunhar, qualificar, tachar”, será, indistintamente, verbo transitivo direto ou verbo transitivo indireto. Vem sempre acompanhado de um predicativo do objeto que poderá ou não ser encabeçado por uma preposição. Observe as possibilidades de construção a partir de uma informação dada:

- Ninguém disse que ele é mentiroso. —
  - Ninguém o chamou mentiroso.
  - Ninguém o chamou de mentiroso.
  - Ninguém lhe chamou mentiroso
  - Ninguém lhe chamou de mentiroso.
- Na reunião, chamaram-no (de) incompetente.

OU

- Na reunião, chamaram-lhe (de) incompetente.

⇨ Observação:

Esta é a única regência na Língua Portuguesa (verbo “chamar” na acepção de “cognominar, apelidar, tachar”) que admite um predicativo para um objeto indireto.

9. Chegar / Ir / Dirigir-se

Esses verbos possuem regências idênticas:

No sentido de “atingir um determinado lugar, deslocar-se para” são, no padrão formal da língua, verbos intransitivos. Exigem a presença de um adjunto adverbial de lugar introduzido, obrigatoriamente, pela preposição “a”.

- Os três rapazes chegaram a casa totalmente exaustos.
- O aeroporto a que ele chegou estava com vários voos atrasados.
- Aonde devo me dirigir para obter informações?
- Todos devem ir à festa do amigo hoje à noite.

⇨ Observações:

Na linguagem coloquial, os verbos “chegar” e “ir” são usados com a preposição “em”. Ressalte-se que esta construção não se amolda à linguagem padrão, formal.

- Parece que ele foi no banheiro.

Corrija-se para...

- Parece que ele foi ao banheiro.

- Quando chegar em casa, tomarei um banho.

Corrija-se para...

- Quando eu chegar a casa, tomarei um banho.

No emprego diário, usa-se o verbo “ir”, indistintamente, com as preposições “a” ou “para”. Para o padrão formal da língua, entretanto, “ir a” deve ser usado quando se denota a ideia de “lá não se demorar, de não estabelecer lá a residência”. Já a regência “ir para” indica a intenção de “permanência definitiva, de estabelecer-se a residência no local”.

Assemelham-se aos verbos acima os verbos que indicam estaticidade, já que requerem a presença de adjuntos adverbiais. Entretanto, enquanto os verbos de movimento (chegar, ir, dirigir-se) pedem a preposição “a”, os verbos estáticos (morar, residir, habitar, viver etc.) exigem geralmente a preposição “em”. Observe:

- Nunca mais chegou ninguém a esta cidade. (chegar a...)
- Ele reside em uma velha casa. (residir em...)

10. Custar

Apresenta as seguintes regências:

a) No sentido de “ter preço, valor ou custo” é geralmente um verbo intransitivo. É frequent que, nesta regência, ele venha acompanhado de um adjunto adverbial de preço ou de valor.

- A casa custou vinte mil reais.
- Este candelabro custou muito.

b) É um verbo transitivo direto e indireto na acepção de “trazer como consequência, acarretar” é um verbo transitivo direto e indireto.

- A imprudência custou-lhe lágrimas amargas.
- As vitórias custaram ao time meses e meses de treinamento.

c) Já no sentido de “ser custoso, ser difícil” é um verbo transitivo indireto. O sujeito deste verbo, para o padrão formal da língua, será uma oração subordinada subjetiva, reduzida de infinitivo que poderá ou não vir precedida de uma preposição. O objeto indireto requer a preposição “a”. Observe atentamente os exemplos:

- Os antigos custaram a aceitar que o homem foi à lua. (Construção errada)

Corrija-se para...

- **Custou** aos antigos aceitar que o homem foi à lua.
  VTI OI sujeito = oração reduzida

Corrija-se para...

- **Custa** aos alunos entender a regência deste verbo.
  VTI OI sujeito = oração reduzida
- Já pensou em quanto lhe **custaria** estudar vários anos para concurso?
  OI VTI sujeito = oração reduzida

11. Ensinar

Apresenta as seguintes regências:

a) No sentido de “educar, adestrar”, é verbo transitivo direto.

- No colégio, ele sempre ensinou as crianças pequenas.
- Quando os ensinava, fazia o que sabia de melhor.

b) No sentido de “dar instrução a, transmitir conhecimento a”, é um verbo transitivo direto

indireto; o objeto direto deverá ser “de coisa” e objeto indireto “de pessoa”. Este virá precedido pela preposição “a”.

- Sempre ensinou tudo o que sabia aos seus pupilos.
- Nas horas livres, ensinava-lhes composições clássicas.
- “O Vasques ensinava-lhe as declinações latinas, sobretudo a cartilha...” (Eça de Queiroz)

⇨ Observação:

Quando a coisa ensinada vem expressa por meio de um infinitivo precedido da preposição “a”, admitem-se as seguintes construções:

- Durante muito tempo, ensinou -os / -lhes a caminhar com as próprias pernas. (infinitivo precedido da preposição “a”)

12. Esquecer / Lembrar

a) Os verbos “esquecer” e “lembrar” são transitivos diretos na acepção de “sair da lembrança ou vir à lembrança” respectivamente. Nessa acepção, também podem aparecer como transitivos indiretos pronominais (esquecer-se, lembrar-se). O objeto indireto será precedido da preposição “de”.

- Ele ainda não **esqueceu** (VTD) o acidente (OD).

OU

- Ele ainda não **se esqueceu** (VTI) do acidente (OI).

- Não **esqueça** (VTD), meu bem, o meu amor (OD) por você.

OU

- Não **se esqueça** (VTI), meu bem, do meu amor (OI) por você.

- Ele **lembrou** (VTD) o meu aniversário (OD) na última hora.

OU

VTI OI
- Ele **se lembrou** do meu aniversário na última hora.

⇨ Observação:

Quando transitivos indiretos pronominais, o pronome que acompanha o verbo não possui função sintática. Ele é parte integrante do verbo e acompanha o verbo em todas as conjugações.

- Jamais **nos esquecemos** dos conselhos dados por nosso pai.
- Acho que, quando vós **vos lembrardes** das ideias, já estaremos longe daqui.

b) No sentido de "cair no esquecimento" ou "vir à lembrança" estes verbos apresentam um regência culta, literária e pouco usual. O que é objeto direto e indireto nos exemplos acima passa a ser o sujeito. Os verbos "esquecer" e "lembrar" serão usados como transitivos indiretos.

VTI OI SUJEITO
- **Esqueceram**-nos boa parte dos conselhos dados por nosso chefe. (Isto é ➡ Boa parte dos conselhos dados por nosso chefe caíram no nosso esquecimento.)

VTI OI SUJEITO
- No último instante, **lembraram**-me muitas das lições passadas pelo professor de Direito Constitucional.

> **Ufa!!** Chegamos praticamente à metade de nossa lista de verbos. Sugiro que pare um pouco. Descanse alguns minutos (alguns minutos, viu?!?!) e retorne para sua jornada. Vamos lá... mais uma vez!

13. Haver

É, sem dúvida, um dos verbos mais interessantes da língua portuguesa. Várias são as suas regências. Vejamos:

a) O verbo "HAVER" no sentido de "existir, acontecer, ocorrer, realizar-se" é transitivo direto. Não possui sujeito, devendo ficar na terceira pessoa do singular.

- Houve muitos aventureiros naquela cidade. ⇨ (Existiram muitos aventureiros...)
- Quando há tragédias, muitos setores da sociedade se mobilizam. ⇨ (Quando acontecem tragédias...)

- Tem havido muitas invasões a prédios públicos abandonados nos últimos tempos. (Locução verbal ⇨ perceba que o verbo auxiliar também se torna impessoal).
- Não pode haver honestos em terra de corruptos.
- Vai haver muitos inscritos para o Congresso de Direito de Família.
- Por ser noite, não deveria haver tantas crianças presentes no evento.

b) o verbo HAVER no sentido de "passar-se, ter decorrido (tempo)", é um verbo transitivo direto. Nesta acepção ele também é impessoal, ou seja, não possui sujeito e deve, por convenção, ficar na terceira pessoa do singular.

- Havia duas décadas que não ocorria aquele fenômeno.
- Há três horas que eu a espero.

c) O verbo HAVER é um verbo transitivo direto e indireto quando empregado no sentido d OBTER, CONSEGUIR.

- Os rapazes houveram da direção a autorização para o uso da quadra de esportes. (Leia-se: Os rapazes obtiveram / conseguiram da direção a autorização.)
- De quem houveram esses advogados aquelas terras? (Leia-se: Os advogados obtiveram conseguiram aquelas terras de quem?)

Observe que o verbo HAVER, no caso acima e nos demais casos abaixo, flexiona-se normalmente para concordar com o seu sujeito.

d) O verbo HAVER empregado no sentido de "CONSIDERAR, JULGAR" é um verbo transitivo direto.

- A justiça não houve por verdadeira a confissão do réu. (Leia-se: A justiça não considerou...)
- Os professores haviam-no como o melhor da turma. (Leia-se: Os professores julgavam-no...)

e) O verbo HAVER-SE (pronominal) no sentido de "PORTAR-SE, PROCEDER, COMPORTAR-SE, SAIR-SE BEM OU MAL" é intransitivo. Pede acompanhamento de um adjunto adverbial de modo.

- Os candidatos não se houveram bem na prova. (Leia-se: Os candidatos não se saíram bem...)
- A filha do prefeito sempre se havia de modo inconveniente nas festas de que participava. (Leia-se: A filha do prefeito sempre se comportava de modo inconveniente...)

f) O verbo HAVER é também transitivo direto no sentido de “TER, POSSUIR”.

- Hajamos paz e o mundo certamente melhorará. (Leia-se: Tenhamos paz e...)
- Se houvesses mais coragem, agirias de outra forma. (Leia-se: Se tivesses mais coragem...)

g) O verbo HAVER-SE (Pronominal) no sentido de “AJUSTAR CONTAS, ENTENDER-SE, ARRANJAR-SE” apresenta transitividade indireta – exige a preposição “com”:

- Parece que ele já se houve com todos os credores. (Leia-se: Parece que ele já ajustou contas com...)
- Será complicado se tu não te houveres com aqueles que magoaste. (Leia-se: ...se tu não te entenderes...)

h) O verbo HAVER-SE (Pronominal) no sentido de “DEPARAR-SE, LIDAR, TRATAR” é transitivo indireto. Exige a preposição “com”.

- Sempre que chegava ao escritório, havia-se com a secretária do presidente. (Leia-se:... lidava com...)
- Quando estagiava, havia-se com crianças excepcionais. (Leia-se: Quando estagiava, deparava-se com...)

14. Implicar

Este verbo apresenta as seguintes regências:

a) No sentido de “embirrar, ter implicância com”, é transitivo indireto. O objeto indireto exig a preposição “com”.

- Por que implicas tanto com a tua sogra?
- A pessoa com quem ele sempre implicou tornou-se seu chefe.

b) Será um verbo transitivo direto e indireto, exigindo a preposição “em” para o objeto indireto, na acepção de “envolver-se, comprometer-se, enredar-se, emaranhar-se”.

- A CPI dos bingos implicou o ex-ministro em atividades criminosas.
- Implicaram-no em negócios escusos.

c) No sentido de “ocasionar, trazer como consequência, acarretar” consolidou-se como verbo transitivo direto.

- Cuidado, pois suas atitudes podem implicar sua demissão.
- Liberdade sempre implicou responsabilidade.
- Viver sempre implicará correr riscos.

⇨ Observação:

Nesta acepção "ocasionar, trazer como consequência, acarretar", a evolução trouxe uma regência nova "implicar em", resultante da influência de verbos mais ou menos sinônimos, como "importar em", "redundar em", "reverter em" e "resultar em". Além do mais, é uma tendência da língua, como já vimos, repetir (uso pleonástico) a preposição cognata do prefixo (*assistir a, depender de, empregar em, incidir em, incorrer em*). Embora seja combatida por alguns conservadores, esta regência (usando as palavras do professor Rocha Lima) "está ganhando foros de cidade na língua culta". Logo, hoje são plenamente aceitas, como corretas, as construções abaixo:

- Sua forma de jogar implicou em sua dispensa do time.
- "... a dicionarização de um neologismo...implicará em nova ortografia para o termo enquadrado em tal caso." (Caldas Aulete, Dic. Contemp. da Língua Portuguesa)
- "Casamento implica em responsabilidade." (Celso Cunha, Dic. Prático de Regência Verbal)

15. Importar Eis um verbo bastante interessante, porque apresenta várias regências. Vamos estudar as principais:

a) No sentido de "fazer vir (mercadorias), trazer para dentro" é empregado como transitivo direto.

- Os noivos **importaram** óleos e essências naturais para usar durante a lua de mel.
- Neste ano, ainda pretende **importar** inúmeros objetos fabricados na China.
- No próximo ano, **importaremos** mais frutas frescas e menos carne bovina.

b) No sentido de "dar importância, fazer caso" é um verbo pronominal, transitivo indireto (importar-se) e exige comumente a preposição "com" para o seu complemento, embora as preposições "de" ou "em" também possam ser usadas.

- "... mas eu não me **importo** com isso." (Machado de Assis)
- "Lenita, apressada, correu sem se **importar** com os ramos que lhe açoitavam." (Júlio Ribeiro)

c) Já no sentido de “ser importante, útil ou necessário, ter importância” é empregado tant como intransitivo quanto como transitivo indireto com a preposição “a”. Cumpre salientar que, nesse sentido, o sujeito vem geralmente posposto ao verbo; por isso é importante não o confundir com um objeto direto.

- “Que lhe **importavam** os rios? Eram grandes? Pois que fossem...” (Lima Barreto)
  VTI sujeito
- “Decerto, decerto, pouco **importa** que um visionário se diga messias e filho de Deus.” (Eça de Queiroz)
  VI sujeito
- “Isso pouco **importa**; estou agora bem satisfeita.” (Bernardo Guimarães)
  sujeito VI
- “Pouco **importavam** a ela os móveis cobertos de poeira e de fuligem das locomotivas.” (Adolfo Caminha)
  VTI sujeito

d) No sentido de “acarretar, implicar, resultar, trazer como consequência” pode hoje ser usado tanto como transitivo direto quanto como transitivo indireto com a preposição “em”. Esta última regência foi combatida por muitos puristas da língua, mas hoje se consolidou, conforme se percebe nas palavras do mestre Rui Barbosa: “Esta construção [importar em] na língua viva de hoje se estende ao sentido de acarretar.”

- “Sua imprudência **importou** em descrédito pessoal.” (Celso P. Luft – Dic. Prático de Regência)
- “Toda a restrição à publicidade **importa**, logo, em embaraço de circulação.” (Rui Barbosa
- “Mas essa reconciliação **importava** a entrada triunfal do Cavaleiro na quieta casa do Barrolo...” (Camilo C. Branco)

e) Com o sentido de “atingir o custo de, redundar” deve ser empregado como transitivo indireto com a preposição “em” para o seu complemento.

- A construção da casa importou em vários milhões de dólares.
- “O total dos gastos importou em mil reais.” (Dic. Eletrônico Houaiss)

16. Informar (Alertar / Notificar* / Avisar* / Cientificar* / Anunciar*)*

* Seguem a mesma regência do verbo informar.

a) No sentido de “comunicar, dar esclarecimento” é geralmente usado como verbo transiti

direto e indireto. Admite as seguintes construções:

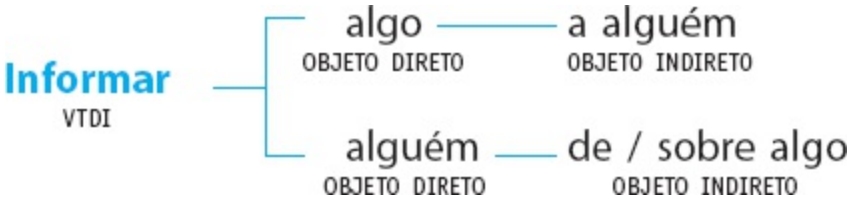

- Nós sempre os informamos sobre os problemas.

OU

- Nós sempre lhes informamos os problemas.
- Avisaram ao dono do estabelecimento ontem à noite o assalto.

OU

- Avisaram o dono do / sobre o assalto.
- Notificaram-lhe que a audiência será na próxima semana.

OU

- Notificaram-no de que a audiência...
- Se ele os alertasse do / sobre o problema, talvez não tivesse tanto prejuízo.
- "Affonso assombrou Villaça anunciando-lhe que decidira vir habitar o Ramalhete!" (Eça de Queiroz)

b) O verbo informar também pode aparecer apenas como transitivo direto na acepção de "dar informações, dar notícias".

- Os jornais são o meio de comunicação que mais **informa** (VTD) o público em geral (OD).

17. Namorar

a) Para a linguagem formal – mais clássica –, este verbo é transitivo direto na acepção de "cortejar, galantear, requestar". Na linguagem mais moderna, entretanto, este verbo tem se consolidado como transitivo indireto, exigindo a preposição "com" para o objeto indireto, à semelhança de "casar, noivar", conforme atestam grandes estudiosos da nossa língua, como os mestres Aurélio Buarque, Antônio Houaiss, Celso Pedro Luft e Antenor Nascentes. Ademais, o substantivo cognato "namoro" admite a preposição "com" para o seu complemento. Por isso, o verbo namorar pode ser usado, modernamente, tanto como transitivo direto quanto como transitivo indireto.

- Havia uma moça em nossa cidade que só namorava os (ou “com os”) rapazes de dinheiro
- A filha do prefeito, o Sr. Joaquim dos Santos namorou-a (ou “com ela”) durante muito tempo.

⇨ Observação:

O verbo “casar” pode ser usado com as seguintes regências:

a) Intransitivo → Maria casou na Europa.

b) Transitivo direto → “Casa o filho quando quiseres, e a filha quando puderes.” (Dito popular)

c) Transitivo indireto com a preposição “com” → Se eu pudesse, eu casaria com Lúcia.

d) Transitivo direto e indireto (pronominal), exigindo a preposição “com” → Ele deve casar se na próxima semana com Maria Joaquina.

18. Necessitar

No sentido de “ter ou sentir necessidade” é indistintamente transitivo direto ou transitivo indireto. Neste último caso, o objeto indireto virá encabeçado pela preposição “de”.

- Ele sempre necessitou da ajuda dos amigos para obter as coisas na vida.

OU

- Ele sempre necessitou a ajuda dos amigos para obter as coisas na vida.
- A ferramenta de que ele necessitou estava com um primo distante.

OU

- A ferramenta que ele precisou estava com um primo distante.

⇨ Observação:

No dia a dia, este verbo tem se consolidado com a regência transitiva indireta “NECESSITAR DE”.

19. Obedecer / Desobedecer

Consolidaram-se em nossa Língua Portuguesa como verbos transitivos indiretos. O objeto indireto requer a preposição “a”.

- Era um grande escritor, pois as palavras sempre lhe obedeciam.
- Nunca desobedeça às regras impostas por seus superiores.
- A pessoa a quem mais ele obedecia era a sua avó.

⇨ Observação:

Embora transitivos indiretos, esses verbos admitem a voz passiva em virtude de seus antigos regimes transitivos diretos.

- Ele era obedecido por todos na empresa.

20. Pagar / Perdoar

Esses verbos possuem uma regência bastante interessante:

a) São transitivos diretos quando o objeto direto é representado por “coisa”.

b) São transitivos indiretos, exigindo a preposição “a” para o objeto indireto, quando este é representado por “pessoa”.

- Sempre **paguei** os meus compromissos em dia. ➡ Sempre **os** paguei em dia.
  VTD — OD de coisa
- Jamais **perdoarei** a sua displicência. ➡ Jamais **a** perdoarei.
  VTD — OD de coisa
- Sempre **paguei** aos meus credores em dia. ➡ Sempre **lhes** paguei em dia.
  VTI — OI de pessoa
- Jamais **perdoarei** a você, Jéssica Roberta. ➡ Jamais **lhe** perdoarei, Jéssica Roberta.
  VTI — OI de pessoa
- Crimes de guerra, como posso perdoá-**los?** ⇨ Aos filhos, sempre se deve perdoar-**lhes**.

c) Também podem ser usados como transitivos diretos e indiretos.

OI VTDI OD
Jamais lhe **perdoarei** aquela falta.

VTDI OD OI
Não **pagarei** um tostão sequer àquele incompetente.

⇨ Observações:

a) Cuidado com esses verbos quando estiverem associados a um "SE". Observe:

Partícula apassivadora
Não se **perdoam** com facilidade erros cometidos propositadamente.
VTD sujeito passivo

Índice de indeterminação do sujeito
Não se **perdoa** com facilidade aos trabalhadores incompetentes e irresponsáveis.
VTI objeto indireto

Sujeito Partícula apassivadora
As contas que ontem pela manhã se **pagaram** já foram remetidas para a contabilidade.
VTD

OI Índice de indeterminação do sujeito
As pessoas às quais ontem pela manhã se **pagou** deixaram a empresa hoje.
VTI

b) O verbo "perdoar" admite a voz passiva.

Eles foram perdoados pelo presidente da empresa.

21. Precisar

Este verbo apresenta duas regências:

a) No sentido de "ter precisão, carecer", tanto pode ser transitivo direto (regência pouco usual) quanto transitivo indireto com a preposição "de".

Nunca mais ele precisou — dinheiro. / de dinheiro.

Quem não tem farinha não precisa — peneira. / de peneira. (Dito popular).

Os livros — que / de que — ele precisava foram emprestados ao filho do Sr. Rubião.

b) É um verbo transitivo direto na acepção de “marcar com precisão, estipular tempo”.

- Os noivos ainda não precisaram a data do casamento.
- O Banco Central ainda não precisou o montante de dinheiro roubado pelos ladrões.

22. Preferir

Apresenta as seguintes regências:

a) Na acepção de “dar preferência ou primazia a, gostar mais de, escolher ou querer ante é transitivo direto e indireto, exige a preposição “a”. Neste sentido, não admite a presença dos termos intensificadores “mais... (do) que...”, por exemplo, já que a própria semântica do verbo, por si só, já indica essa intensificação.

- Aos domingos, Sr. João preferia ficar em casa a ir ao shopping com a família.
- Ele sempre prefere laranja a maçã para o café da manhã.

OU

- Ele sempre prefere a laranja à maçã...
- Quando se trata de estudo, prefiro o dia à noite para fazer qualquer curso.
- Eu prefiro que critiquem a que se mantenham calados, inertes e indiferentes.

⇨ **Observação:**

As construções abaixo são consideradas erradas pela gramática normativa, embora sejam bastante usuais na linguagem cotidiana.

- Prefiro antes comer frutas a beber suco.
- Preferia muito mais estudar do que trabalhar.
- Ele prefere mil vezes arroz com feijão do que macarronada.
- Ele deve preferir correr do que nadar nos finais de semana.

b) Esse verbo também pode ser usado unicamente como transitivo direto também na acepção de “optar, escolher”.

- Entre arroz e macarrão, já disse que prefiro macarrão.
- Ele prefere que todos fiquem até o final da festa.

23. Proceder

Apresenta as seguintes regências:

a) É um verbo intransitivo no sentido de “ter fundamento, mostrar-se verdadeiro”.

- Todas as acusações dela não procediam.
- Como o boato não procedesse, ele foi desconsiderado por todos.

b) É intransitivo na acepção de “comportar-se, portar-se, conduzir-se”. Sempre virá acompanhado de um adjunto adverbial de modo.

- A filha do prefeito não procedeu bem na festa.
- Sr. Joaquim sempre procede com honestidade.

c) É também intransitivo no sentido de “originar-se, provir, derivar”. É sempre acompanhado de um adjunto adverbial de lugar.

- De onde o amigo procede?
- A língua portuguesa procede do latim.

d) É um verbo transitivo indireto, exigindo a preposição “a”, quando empregado no sentido de “dar início, principiar, começar, realizar.”

- O TRE procedeu aos trabalhos de apuração dos votos às 17h.
- O inquérito policial a que ele procedeu perfez 500 páginas.
- A professora procedeu à chamada dos alunos às 14h.

Cuidado com esta última regência do verbo proceder. Observe:

Partícula apassivadora

- **Iniciaram**-se os trabalhos de apuração dos votos.
  VTD — sujeito passivo

Mas...

Índice de indeterminação do sujeito

- **Procedeu**-se aos trabalhos de apuração dos votos.
  VTI — objeto indireto

24. Querer

Apresenta duas regências bastante comuns:

a) No sentido de “ter, possuir, desejar, pretender” é empregado como transitivo direto.

- Ele sempre quis um carro do ano e finalmente conseguiu.
- Manoel sempre queria uma oportunidade a mais, mas não lhe davam.
- Os patrões sempre a queriam de bom humor.

b) É um verbo transitivo indireto, exigindo a preposição “a”, no sentido de “amar, gostar de ter afeto”.

- Ele tinha uma filha a quem muito queria.
- Eu muito lhe quero, minha mãe.
- Eu quero muito bem àquela moça.

25. Responder

Destacam-se as seguintes regências:

a) É transitivo direto e indireto no sentido de responder alguma coisa a alguém:

- Ao ser questionado, respondeu-lhes que aceitaria o contrato sem problemas.
- O professor certamente responderá aos alunos as eventuais dúvidas.
- “Quando perguntei por que motivo ninguém o via há um mês, respondeu-me que estava passando por uma transformação.” (Machado de Assis)

b) É transitivo indireto no sentido de dar a resposta, de responder a uma carta, a uma pergunta, a um questionário etc. Neste caso, exigirá a preposição “a”.

- Responde a todas as perguntas por mais difíceis que sejam.
- Fez-me uma série de perguntas a que não sei responder.
- “Começou São Domingos a levantar as questões, e o demônio ponto por ponto a responder a elas.” (Pe. Antônio Vieira)

26. Simpatizar / Antipatizar

Esses verbos apresentam regências idênticas.

São verbos transitivos indiretos e exigem preposição “com”, significando “ter ou sentir simpatia, agradar-se”. Não são pronominais. Veja:

- Durante muito tempo, ele não simpatizou com o seu chefe.
- A pessoa com quem ele antipatizava foi transferida para outra empresa.
- Se eu simpatizasse com todos os alunos, seria uma professora mais alegre, mais verdadeira.

⇨ Observação:

As construções abaixo são inadmissíveis para o padrão formal, porque tais verbos não são pronominais.

- Ele não se simpatizou com os colegas. (Errado)
- Eu me antipatizei logo com ela. (Errado)

27. Suceder

É um verbo pouco usado, que possui duas regências distintas:

a) É intransitivo no sentido de “ocorrer, acontecer, realizar-se”.

- Durante a festa, sucedeu uma tremenda tromba d’água.
- Sucedeu que o novo governo não baixou os juros como era esperado.

b) É um verbo transitivo indireto na acepção de “seguir-se, sobrevir”. Exige a preposição “ para o objeto indireto.

- João sucedeu a Paulo na direção da empresa.
- Ao labor sucede o descanso.
- O dia sucede à noite.

28. Visar

É um verbo que apresenta várias regências. Veja:

a) É transitivo direto no sentido de “mirar, olhar para”.

- Vise bem o alvo antes de atirar.

- A caça, visei-a com toda a minha precisão.

b) É também um verbo transitivo direto no sentido de “rubricar, pôr o visto”.

- No banco, o gerente costumava não visar os cheques de terceiros.
- A diretora visou os diplomas de todos os formandos.

c) Já no sentido de “desejar, pretender, ter em vista” é largamente usado como transitivo indireto, exigindo a preposição “a”. Como transitivo indireto, rejeita os pronomes “lhe, lhes” para o objeto indireto. Aceita apenas as formas analíticas tônicas “a ele, a ela, a eles, a elas”. Entretanto, nesse sentido (“desejar, pretender, ter em vista”) também pode ser empregado como transitivo direto, embora poucas referências se façam a esta última regência.

- Ele visou acima de tudo o / ao bem de todos os presentes.
- O que eles sempre visaram é o crescimento da empresa.

OU

- Aquilo a que eles sempre visaram é...
- O cargo que / a que ele sempre visou foi preenchido por outro empregado.
- O presidente não visava – / a outro interesse que não fosse o lucro da empresa.

⇨ Observação:

Quando o complemento do verbo “visar” é formado por uma oração reduzida de infinitivo é frequente a supressão da preposição. Veja:

- O contra-ataque visava derrubar as primeiras linhas do exército inimigo.
- Sempre visei alcançar objetivos difíceis para a maioria do povo.

Observação final em relação à regência verbal: Lembre-se de que há uma série de verbos na língua portuguesa que podem ser usados indistintamente como transitivos diretos ou transitivos indiretos sem que isso traga alterações de sentido. Abaixo listamos alguns desses verbos:

a) ABDICAR
- VTD = Ele abdicou o trono em 1890.
- VTI "de" = Ele abdicou do trono em 1890.

b) ALMEJAR
- VTD = Sempre almejou a vaga de gerente.
- VTI "por" = Sempre almejou pela vaga de gerente.

c) ANSIAR
- VTD = Ele anseia a volta do filho.
- VTI "por" = Ele anseia pela volta do filho.

d) ATENDER
- VTD = Ele já atendeu os clientes.
- VTI "a" = Ele já atendeu aos clientes.

e) CONSENTIR
- VTD = Eles consentiram a volta do aluno para a sala.
- VTI "em" = Eles consentiram na volta do aluno para a sala.

f) DEPARAR
- VTD = Deparamos uma bela paisagem em nosso passeio.
- VTI "com" = Deparamos com uma bela paisagem em nosso passeio.

g) GOZAR
- VTD = Todos devem gozar os seus direitos.
- VTI "de" = Todos devem gozar de seus direitos.

h) PRESIDIR
- VTD = Ele presidirá o encontro.
- VTI "a" = Ele presidirá ao encontro.

i) RENUNCIAR
- VTD = Ele renunciou o cargo de diretor.
- VTI "a" = Ele renunciou ao cargo de diretor.

j) SATISFAZER
- VTD = Ele satisfez as exigências.
- VTI "a" = Ele satisfez às exigências.

Outros exemplos:

- "... aquele ente atrofiado pela cobiça e que parecia ter **abdicado** dos seus privilégios e sentimentos de homem..." (Aluísio Azevedo)
- "A República sonhadora do Pacífico abandona, de improviso, os compromissos oriundos

da sua existência autônoma e, **abdicando** a própria altitude política, volve, às recuadas, aos tempos em que ainda não existia." (Euclides da Cunha)

- "Subiu rápido a encosta de onde Roderico **atendia** aos sucessos da batalha." (A. Herculano)
- "Levou a carta do Coronel Carvalho ao deputado, que o **atendeu** muito bem." (Lima Barreto)
- "Mas o fato é que aí estava, que não dormia, e que, pela primeira vez, nos sessenta e sete anos de sua palrada existência, **consentiu** em estar em cena como pessoa muda." (A. Garret)
- "Sofia não **consentiu** que ela as trouxesse." (Machado de Assis)
- "Ó tu, que à mocidade sonhadora
  Do pálido poeta deste flores...
  Se vivi... foi por ti! e de esperança
  De na vida **gozar** de teus amores." (A. de Azevedo)
- "... muito pálida, muito séria, com uma crueldade a reluzir-lhe nos olhos, **gozando** uma alegria de desforra em fustigar aquela carne gorda." (Eça de Queiroz)
- "Outra ocasião **deparou** com o retrato da *cuja.* – "Sim senhor: uma mulher esplêndida! O Luís tinha gosto para mulheres..." (A. Caminha)
- "Além dos serventes de repartições, contínuos de escritórios, podemos **deparar** velhas fabricantes de rendas de bilros, compradores de garrafas vazias..." (Lima Barreto)
- "Enquanto deliberava o parlamento, e era possível conquistar o poder sem compromissos e **presidir** as eleições gerais sem indisposições, ninguém lhe devassou o sigilo." (Rui Barbosa)
- "... outro **preside**, em 1850, ao festim oferecido aos comissários da exposição de 1851, ou à iniciação dos trabalhos de edificação da *Galeria Nacional* em Edimburgo..." (Rui Barbosa)
- "... era também agradecer o restabelecimento de minha mãe, e, visto que digo tudo, fazê lo **renunciar** ao pagamento da minha promessa." (Machado de Assis)
- "... os grandes desprezando as riquezas e vaidades do Mundo; os reis **renunciando** os ceptros e as coroas;..." (Pe. António Vieira)
- "Bentinho há de **satisfazer** os desejos de sua mãe e depois a igreja brasileira tem altos destinos." (Machado de Assis)
- "Entretanto vamos **satisfazer** ao leitor, que há de talvez ter curiosidade de saber onde se meteu o pequeno." (Manuel A. de Almeida)

Ufa!! Misericórdia!! Chegamos ao final do assunto "Regência Verbal". Cansativo, não!!?? Mantenha a calma! E não desanime, pois ainda vamos estudar a regência de alguns nomes. Não se desespere! Lembre-se de que o conhecimento vem aos poucos, mas sempre chega para os persistentes. Leia a relação abaixo mais de uma vez e parta para a resolução dos exercícios. Prossigamos!

6.3 REGÊNCIA NOMINAL

A regência nominal estuda as relações de dependência estabelecidas entre os nomes e os seus complementos. O termo que completa um nome é, por isso, denominado de "complemento nominal".

A complementação de um nome é sempre intermediada por uma preposição. Alguns nomes chegam a aceitar mais de uma preposição, como se verá.

Segue uma lista de substantivos e adjetivos com as respectivas regências:

Acessível **a**	difícil **de**	medo **a, de**
Acostumado **a, com**	digno **de**	misericordioso **com, para como**
Adaptado **a**	entendido **em**	natural **de**
Afável **a, com, para com**	equivalente **a**	necessário **a**
Aflito **com, por**	erudito **em**	negligente **em**
Agradável **a**	escasso **de**	nocivo **a**
Alheio **a, de**	essencial **a**	nocivo **a**
Alienado **de**	estranho **a**	ojeriza **a, por, contra**
Alusão **a**	fácil **de**	paralelo **a**
Amante **de**	falha **de, em**	parco **em, de**
Ambicioso **de**	falta **de**	passível **de**
Analogia **com, entre**	favorável **a**	perito **em**
Análogo **a**	fiel **a**	permissivo **a**
Ansioso **de, para, por**	firme **em**	perpendicular **a**
Apto **a, para**	generoso **com**	pertinaz **em**
Atento **a, em**	grato **a**	possível **de**
Aversão **a, para, por**	hábil **em**	possuído **de**
Ávido **de, por**	habituado **a**	posterior **a**

Benéfico **a**	horror **a**	preferível **a**
Capaz **de, para**	hostil **a**	prejudicial **a**
Certo **de**	idêntico **a**	prestes **a, para**
Compatível **com**	imbuído **em, de**	propenso **a, para**
Compreensível **a**	impossível **de**	propício **a**
Comum **a, de**	impróprio **para**	próximo **a, de**
Constante **de, em**	imune **a, de**	relacionado **com**
Constituído **de, por, com**	incompatível **com**	residente **em**
Contemporâneo **a, de**	inconsequente **com**	responsável **por**
Contíguo **a**	indeciso **em**	rico **de, em**
Contrário **a**	independente **de, em**	seguro **de, em**
Cuidadoso **com**	indiferente **a**	semelhante **a**
Curioso **de, a**	indigno **de**	sensível **a**
Desatento **a**	inepto **para**	sito **em, entre**
Descontente **com**	inerente **a**	suspeito **de, a**
Desejoso **de**	inexorável **a**	transversal **a**
Desfavorável **a**	leal **a**	útil **a, para**
Devoto **a, de**	lento **em**	versado **em**
Diferente **de**	liberal **com**	vizinho **a, de, com**

6.4 O EMPREGO DOS PRONOMES RELATIVOS E AS REGÊNCIAS VERBAL E NOMINAL

Um dos tópicos que mais assustam o estudante da Língua Portuguesa é o emprego dos pronomes relativos. Como se sabe, o pronome relativo substitui um termo da oração, evitando, assim, a repetição enfadonha de vocábulos. No entanto, um problema surge: dependendo da regência do verbo ou do nome com que se esteja trabalhando, o pronome relativo que encabeça a oração adjetiva virá precedido ou não de uma preposição. Logo, estruturas como...

- Os filmes a cujas estreias ele se referiu ontem foram indicados para o Oscar.
- O médico em quem ele mais confia viajou para Europa.
- A ponte sob a qual corriam águas poluídas era pênsil.

Trouxe as frutas de que ele mais gosta.

...causam espanto e muitas vezes indignação a muitos estudantes do português.

Desconhecem, muitas vezes, nossos "aventureiros" do conhecimento que essas construções esdrúxulas nasceram justamente em virtude de uma regência verbal ou nominal.

> Sugiro que você releia e correlacione este assunto com as funções sintáticas dos pronomes relativos.

Antes de darmos mais um passo, relacionarei abaixo os usos dos pronomes relativos. Leia atentamente antes de prosseguir neste ponto.

1. Que ⇨ É denominado de "relativo universal", porque se refere tanto a coisas quanto a pessoas. Seus equivalentes variáveis são "a qual, o qual, as quais, os quais". O relativo "que" só deve ser substituído por outro relativo em casos específicos.
2. Quem ⇨ É denominado de "relativo personativo", pois só se refere a pessoas. Sempr virá precedido de uma preposição.
3. Onde ⇨ É denominado de "relativo locativo", pois só é utilizado para retomar e substituir termos que contenham a noção de "lugar". Equivale a "em que" e variações (na qual, no qual, nas quais, nos quais).
4. O qual, a qual, os quais, as quais ⇨ São os relativos que possuem as variações em gênero e número correspondentes ao pronome relativo "que". Esses relativos devem obrigatoriamente substituir o "que" quando este provocar ambiguidade, for precedido por uma preposição com mais de uma sílaba ou for eufonicamente melhor.
5. Cujo, cuja, cujos, cujas ⇨ São relativos utilizados para substituir termos que expressa noção de posse. Equivalem a "do qual, da qual, dos quais, das quais, seu, sua, seus, suas, dele, dela, deles, delas). Eles retomam um termo antecedente, mas concordam em gênero e número com o substantivo consequente (ou posposto). Não admitem a posposição de artigo e sempre exercem a função sintática de adjunto adnominal.
6. Quanto, quanta, quantos, quantas ⇨ Estas palavras só serão consideradas pronomes relativos quando vierem antecedidas por um dos seguintes pronomes indefinidos "tudo, todo (a), todos (as)":

Continuemos...

Vamos, para facilitar o entendimento, iniciar o nosso estudo construindo períodos compostos por subordinação a partir de dois períodos simples. Não podemos nos esquecer, entretanto, de que se algum nome, verbo ou termo da oração adjetiva (introduzida pelo pronome relativo) exigir preposição, esta será deslocada para preceder o

pronome relativo. Veja:

1. Ele viu um homem. ~~O homem~~ tinha cabelos totalmente brancos.
QUE / O QUAL

Junção dos períodos: Ele viu um homem que tinha cabelos totalmente brancos.

Perceba que o pronome relativo entra no lugar do termo que ele substitui. O artigo não interessa para os pronomes relativos.

2. Ele mora na cidade. Ele trabalha ~~na cidade~~.
ONDE

Junção dos períodos: Ele mora na cidade **onde** trabalha.

Observe que todo o termo "na cidade" foi absorvido pelo pronome relativo "onde". Nessa frase, também estariam corretas as formas "em que" ou "na qual".

3. Comprei um livro. As páginas ~~do livro~~ são todas amarelas.
CUJAS

Junção dos períodos: Comprei um livro **cujas** páginas são todas amarelas.

Observe que o relativo "cujas" substitui toda a relação de posse "do livro". A relação de posse está presa ao substantivo "páginas" que vem antecedido apenas por um artigo, o qual é dispensado pelo relativo.

Observe:

Não se esqueça de que os relativos "cujo, cuja, cujos, cujas" não admitem a posposição de um artigo.

- Comprei um livro cujas **as** páginas são todas amarelas. (Errado)

4. Pedi o prato. Eu gosto muito do ~~prato.~~
DE + ~~O~~ QUE

Junção dos períodos: Pedi o prato de que mais gosto.

Perceba que neste exemplo a preposição "de" obrigatoriamente antecederá o pronome relativo porque ela faz parte da regência do verbo "gostar".

5. A pessoa é o meu pai. Eu dependo muito ~~da pessoa~~.
DE + ~~A~~ QUEM

Junção dos períodos: A pessoa **de quem** mais dependo é meu pai.

A preposição do verbo "depender" acompanhará o pronome relativo.

CONTRA

6. O deputado viajou para a Europa. Eu votei contra ~~as~~ ideias ~~do deputado~~ na última eleição.

CUJAS

Junção dos períodos: O deputado, contra cujas ideias eu votei na última eleição, viajou para a Europa.

A preposição "contra", solicitada pelo verbo "votar" antecede o pronome relativo.

7. A missa foi ministrada pelo Pe. João. Eu assisti ~~à missa~~.

A + ~~A~~ – QUE ou A QUAL

Junção dos períodos: A missa [a que / à qual] eu assisti foi ministrada pelo Pe. João.

8. Encontrei uma mochila velha. Havia cinco moedas de ouro ~~no~~ bolso ~~da mochila velha~~.

EM + ~~O~~ CUJO

Junção dos períodos: Encontrei uma mochila velha em cujo bolso havia cinco moedas de ouro.

9. A estrada foi interditada pela Defesa Social. Nós íamos passar ~~pela estrada~~ em nossa viagem.

POR + QUE

Junção dos períodos: A estrada, por que nós íamos passar em nossa viagem, foi interditada pela Defesa Social.

10. O juiz foi destituído do cargo. Aquele garoto havia ficado sob a tutela ~~do juiz.~~

SOB CUJA

Junção dos períodos: O juiz, sob cuja tutela aquele garoto havia ficado, foi destituído do cargo.

> Não se pode esquecer de que a preposição que é solicitada pela regência de um verbo ou de um nome não pode ser retirada da estrutura oracional. Nos casos acima, a preposição precederá o pronome relativo.

Observe agora alguns **erros** – e suas devidas correções – em construções com os pronomes relativos:

a) A atleta norte-americana, cujo nome o autor não se lembrou, acabou sofrendo um ataq cardíaco.

O verbo “lembrar-se” exige a preposição “de”.

A atleta norte-americana, de cujo nome o autor não se lembrou,....

b) A revelação proporcionou-lhe reflexões profundas através das quais compôs uma argumentação interessante.

Observe que ele compôs uma argumentação “com” as reflexões.

A revelação proporcionou-lhe reflexões profundas com as quais compôs uma argumentação interessante.

) As notícias de que ele fez referências transtornaram aquela pequena cidadezinha do interior.

Perceba que quem “faz referências” sempre as faz “a” alguém.

As notícias a que ele fez referências....

) As peças teatrais que ele ontem assistiu transformaram-lhe o modo de pensar.

O verbo “assistir” exige a preposição “a” neste sentido.

As peças teatrais a que (ou “às quais”) ele ontem assistiu....

) Para Hans Kelsen, de onde se citam vários exemplos, a norma jurídica é o objeto de estudo do Direito.

O antecedente do pronome relativo “onde” não é um “lugar”, mas um nome personativo. Só se emprega o “onde” relativo em referência a lugar.

Para Hans Kelsen, de quem (ou “do qual”) se citam vários exemplos,....

) Não falta aos juristas, a quem contamos para a proposição de leis, conhecimento técnic

O pronome relativo está bem empregado, porém a conjunção que o antecede é inadequada, uma vez que o verbo “contar” exige, neste contexto, a preposição “com”.

Não falta aos jurista, com quem contamos para a proposição de leis,....

) A desonestidade e o egoísmo são defeitos de cujos nenhum contraventor se envergonha

> Emprego inadequado do relativo "cujos", já que não há na estrutura uma relação de "posse". A preposição está correta, pois é solicitada pelo verbo "envergonhar-se".

A desonestidade e o egoísmo são defeitos de que (ou "dos quais") nenhum....

) As fogueiras de que todos testemunhamos nos noticiários da TV constituem um sinal a quem ninguém pode ser insensível.

> Duas orações adjetivas com problemas em suas construções. Na primeira, inexiste a preposição "de" antecedendo o relativo "que", porquanto o verbo "testemunhar" é transitivo direto. Na segunda, emprega-se inadequadamente o relativo "quem" sem antecedente personativo.

As fogueiras que (ou "as quais") todos testemunhamos nos noticiários da TV constituem um sinal a que (ou "ao qual") ninguém pode ser insensível.

6.5 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

Regências Verbal e Nominal

1. (FCC) A frase em que a regência está totalmente de acordo com o padrão culto é:

a) Esperavam encontrar todos os documentos que os estudiosos se apoiaram para descrever a viagem de Colombo.

b) Estavam cientes de que teriam muito a fazer para conseguir os registros de que dependiam.

c) Encontraram-se referências à coerção que marinheiros mais experientes faziam contra os mais novos que trabalhassem mais arduamente.

d) Foram informados que esboços da inóspita região circundada com imensas pedras podiam ser consultados.

e) Havia registro de uma insatisfação em que os insurretos às atitudes arbitrárias de um navegante foram impedidos de lhe inquirir.

2. (FCC) Desde que passou a gozar de um prestígio absoluto, o fator velocidade impôs-se como parâmetro das ações humanas, sobrepondo-se a qualquer outro critério.

Substituem de modo adequado as expressões sublinhadas, respectivamente e sem prejuízo para o sentido da frase acima:

a) desfrutar de um – investiu como – destituindo a
b) a alçar-se num – investiu-se a um – preterindo
c) firmar-se como – determinou-se como – corroborando a
d) favorecer-se de um – consagrou-se a um – eximindo-se de
e) desfrutar de um – firmou-se como – sobrepujando

3. (FCC) *A crescente demanda por produtos agropecuários ...*

Reproduz-se o mesmo tipo de regência que organiza o segmento assinalado acima no trecho também grifado em:

a) *Produzir mais a custos menores ...*
b) *Nos últimos dez anos ...*
c) *Tal desempenho foi considerado inviável ou impossível ...*
d) *Havendo limitada disponibilidade de recursos ...*
e) *O setor agropecuário era estático ...*

4. (FCC) Está correta a forma de **ambos** os elementos sublinhados na frase:

a) Ela não nos disse <u>por que</u> razão tornou-se uma otimista; e se ela tornar ao seu pessimismo, será que nos explicará <u>por quê</u> ?
b) A razão <u>porque</u> muitos se tornam pessimistas está no mundo violento de hoje; <u>por quê</u> outra razão haveriam de se desenganar?
c) "<u>Por que</u> sim": eis como respondem os mais impacientes, quando lhes perguntamos <u>porque</u>, de repente, se tornaram otimistas.
d) Sem mais nem <u>porquê</u>, ele passou a ver o mundo com outros olhos, dizendo que isso aconteceu <u>por que</u> encontrara a verdade na religião.
e) Não sei o <u>por quê</u> do seu pessimismo; <u>porque</u> você não me explica?

5. (FCC) O **New York Times** publicou uma galeria de rostos e nomes, <u>expôs rostos e nomes</u> ao longo de vários números, <u>evocou esses rostos e nomes</u> para que o público não <u>olvidasse esses nomes e rostos</u>.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo- se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) expôs a eles - evocou-lhes - lhes olvidasse

b) expô-los - evocou a eles - olvidasse-os.
c) expôs-lhes - evocou-os - os olvidasse
d) expôs eles - evocou-lhes - olvidasse eles
e) expô-los - evocou-os - os olvidasse

6. (FGV) Assinale a alternativa em que a regência verbal não siga o padrão culto de linguagem.

a) A inscrição no concurso implica a aceitação das normas do edital.
b) Todos os servidores devem obedecer às leis que os regem.
c) Preferiu a poltrona à cadeira.
d) Eu avisei-lhes da necessidade de se revisar o documento.
e) Eles anuíram à decisão.

7. (FCC) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:

a) Há em nosso mundo paisagens belas, <u>em cujas</u> faz bem pousar os olhos.
b) São belas paisagens, <u>cuja</u> sedução nos leva a contemplá-las.
c) Há paisagens <u>aonde</u> nosso olhar se demora prazerosamente.
d) São belezas de um tempo <u>onde</u> o homem não tinha tanta pressa.
e) A reação <u>de que</u> toda beleza nos impõe é a calma da contemplação.

8. (FCC – Metrô/SP – Supervisor de Linha) Ao final do ano vêm as frustrações e, já que não <u>podemos evitar as frustrações</u>, <u>descarregamos essas frustrações</u> nas costas dos outros, <u>atribuindo aos outros</u> a responsabilidade por nossa decepção.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, respectivamente, por:

a) podemos evitar-lhe − descarregamos elas – atribuindo-lhes
b) as podemos evitar – as descarregamos – atribuindo-os
c) as podemos evitar – descarregamo-las – atribuindo-lhes
d) podemos evitá-las – descarregamos-lhes – lhes atribuindo
e) podemos as evitar – as descarregamos – lhes atribuindo

9. (FCC) Está correto o emprego de **ambas** as expressões sublinhadas em:

a) As áreas <u>aonde</u> os homens se concentravam exibiam edifícios <u>em cujos</u> não havia arejamento.
b) Em cortiços de cimento, <u>a que</u> faltavam espaço e arejamento, comprimiam-se

milhões de indivíduos para quem a natureza parecia representar uma ameaça.

c) Esse texto, de cujo o autor era também poeta, promove um típico exercício de imaginação em que muitos autores de ficção são tentados.

d) Os mistérios porque somos atraídos na ficção costumam impressionar os leitores em cujos também não falta a liberdade da imaginação.

e) Os espaços urbanos pelos quais se espanta o imaginário narrador seriam testemunho de uma civilização à qual eram frouxos os laços com a natureza.

10. (FCC) Considere as seguintes frases:

I. É muito restritivo o aspecto da "razoabilidade" dos sonhos, de que o autor do texto analisa no segundo parágrafo.

II. Talvez um dos "dragões" a que se deva dar combate em nossos dias seja o império dos interesses materiais.

III. Os sonhos em cuja perseguição efetivamente nos lançamos podem transformar-se em conquistas objetivas.

Está correto o emprego do elemento sublinhado APENAS em

a) I.

b) II.

c) III.

d) II e III.

e) I e III.

11. (FCC) Devaneios, quem não tem devaneios? Têm devaneios as crianças e os jovens, dão aos devaneios menos crédito os adultos, mas é impossível abolir os devaneios completamente.

Evitam-se as indesejáveis repetições da frase acima substituindo- se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) os tem - Têm-lhes - dão-lhes - abolir-lhes

b) tem eles - Têm-nos - dão-lhes - abolir-lhes

c) os tem - Têm eles - dão-nos - aboli-los

d) tem a eles - Os têm - dão a eles - abolir a eles

e) os tem - Têm-nos - dão-lhes - aboli-los

12. (FCC) Se há iniciativa e astúcia na ação do homem injusto, não há iniciativa e astúcia n bom cidadão que, apesar de indignado, não confere à iniciativa e à astúcia o mesmo valor que o mau reconhece na iniciativa e na astúcia.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os segmentos

sublinhados por, respectivamente,

a) há elas - não as confere - reconhece nelas.
b) as há - não lhes confere - nelas reconhece.
c) as há - não confere-lhes - as reconhece.
d) há as mesmas - não lhes confere - reconhece-lhes.
e) há estas - não as confere - nelas reconhece.

13. (FCC) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:

a) A relação significativa cuja se demonstrou na pesquisa se dá entre o comportament violento e a audiência à TV.
b) A insubordinação básica em que se refere o autor do texto derivaria da insatisfação dos nossos recalcados desejos.
c) A invenção moderna mais astuciosa, de cujos efeitos trata o autor do texto, teria sido não a do cinema, mas a da TV.
d) O hábito do **zapping**, com cujo nos acostumamos, é um dos responsáveis pela abertura rápida de janelas sobre o nosso devaneio.
e) A conclusão de que nossa sala é uma jaula, com que chegou o autor do texto, não deixa de ser bastante provocadora e radical.

14. (FGV) Em *Você se lembra do rosto dela naquele instante?*, obedeceu-se às regras de regência verbal.

Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.

a) Prefiro questões de gramática do que de interpretação.
b) Aspiraram à vaga de piloto da companhia aérea.
c) Os médicos assistiram o paciente.
d) Perdoamos-lhes as dívidas.
e) Pagaram-lhe bem.

15. (FCC) Está correto o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

a) Essa tendência obsessiva, cujo o preço é alto, consome muito dinheiro, além de inspirar um tipo de comportamento que o ridículo é frequente.
b) Essa obsessão é uma prática a que ninguém deveria se orgulhar, embora haja cada vez mais gente que dela se submeta.
c) É a frase de uma época onde os valores tendiam ao equilíbrio e à permanência, ao contrário da nossa, onde tudo é transitório.

d) Custam caro esses produtos e serviços, de cujos dependem os que vivem obcecados ao compromisso de atingirem a perfeição da forma física.

e) O quadro em que o valor da atividade intelectual se encontra em declínio é o mesmo em cujos estreitos limites impera a exaltação absoluta do corpo.

GABARITO

1 – B	2 – E	3 – D
4 – A	5 – E	6 – D
7 – B	8 – C	9 – B
10 – D	11 – E	12 – B
13 – C	14 – A	15 – E

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 7

EMPREGO DO ACENTO GRAVE – CRASE

Em primeiro lugar, espero que você tenha feito bons estudos sobre o assunto "Regência". Espero também que tenha absorvido o "porquê" do assunto. Aconselho que, se possível, dê uma rápida olhada – novamente – nas regências dos principais verbos e nomes; afinal, o assunto que passaremos a abordar está diretamente relacionado à regência verbal e nominal. Caso você ainda não tenha estudado "regência", sugiro que o faça antes de iniciar o conteúdo abaixo. Vamos lá!

Primeiramente, convém não confundir o acento grave com a crase. Esta é fenômeno, ocorrência, fusão, contração, junção; já aquele é o índice, o acento com o qual se marca a existência da crase.

Crase, portanto, é a junção, a contração, a fusão de duas vogais idênticas. Na Língua Portuguesa, restringiu-se o termo à contração, à junção ou à fusão de dois "as", os quais serão representados por um único "a" sobre o qual se coloca o acento grave (`). Isso geralmente ocorre em função da contração, da junção, da fusão da:

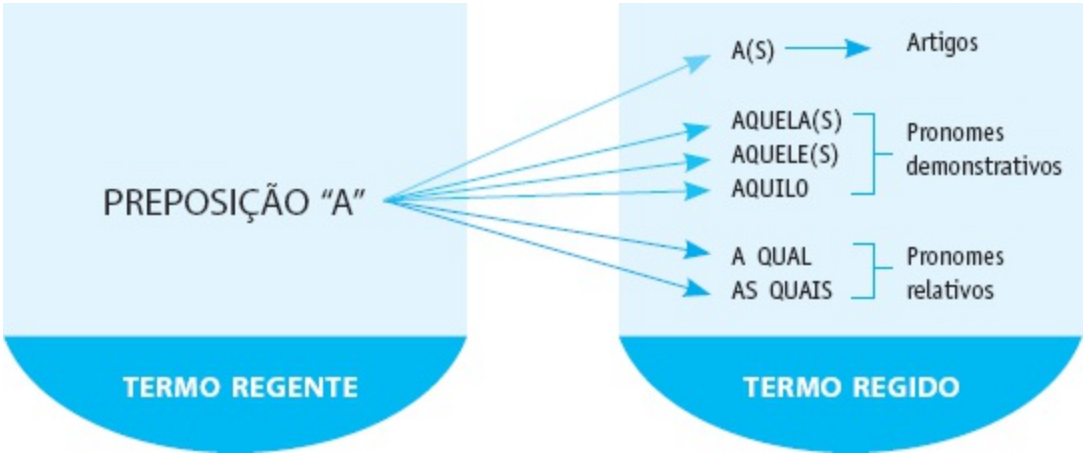

Observe os primeiros exemplos:

- Nunca mais eles se dirigiram à diretoria para fazer reclamações.
  dirigir-se a + a

- Devido à ocorrência de um sinistro, ele não pôde renovar o seguro.
  devido a + a

- O diretor da empresa fez referências àqueles funcionários que não batiam o ponto na hora certa.
  referências a + aqueles

- Eles assistiam àquilo sem nenhuma reação.
  assistir a + aquilo

- A pequena cidade, à qual eles chegaram ontem à noite, fica a cerca de 525 Km da capital pernambucana.
  chegar a + a qual

Após essas primeiras considerações, chegamos a duas importantes conclusões:

1.ª ⇨ À exceção dos demonstrativos "aquele, aqueles", os quais acompanham termos masculinos, só haverá crase diante de nomes femininos. Esta, inclusive, é a principal regra: receberão o acento grave os nomes femininos determinados, cujos termos regentes exijam a preposição "a".

- Todas as crianças voltaram à piscina.
  voltar a + a piscina

- Ninguém deveria ser insensível à dor alheia.
  insensível a + a dor

- É imprescindível aliar-se a teoria à prática.
  aliar-se algo a + a prática

- Ele procedeu à instauração do inquérito imediatamente.
  proceder a + a instauração

2.ª ⇨ Como os artigos e os pronomes demonstrativos exercem geralmente a função de determinantes, só haverá crase diante de um termo determinado, especificado. Portanto, não confunda:

- Ele nunca foi
  - a escola. ➡ Qualquer escola. (substantivo empregado em sentido geral e abstrato)
  - à escola. ➡ Ele não foi àquela escola. (substantivo determinado, especificado)
- É um bom funcionário, mas não vai
  - a reunião. ➡ Não vai a nenhuma reunião.
  - à reunião. ➡ Não vai àquela reunião.
- Ele sempre se empenhou no combate
  - a fome. ➡ Qualquer fome; inespecífica, indefinida (sentido geral)
  - à fome. ➡ No combate àquela fome (específica, determinada)
- Todos os brasileiros têm direito
  - a saúde, a educação, a moradia. (Substantivos sem determinante)
  - à saúde, à educação, à moradia. (Substantivos determinados)

⇨ Observação:

Nos casos acima, só o contexto em que a expressão se encontra é que poderá nos dizer se a palavra está ou não empregada com o sentido "genérico" ou com o sentido "específico".

Nesses quatro últimos exemplos, o "a" (sem o acento grave) que acompanha os substantivos empregados em sentido geral e indeterminado nada mais é do que uma preposição solicitada pelo termo regente.

7.1 A OCORRÊNCIA DA CRASE E A SEMÂNTICA

Em muitos casos, o emprego ou não do acento grave promoverá bruscas alterações de sentido. A crase, portanto, desfará possíveis ambiguidades. É o que ocorre em:

- O frentista sempre cheira
  - a gasolina. ➡ Inalar, respirar.
  - à gasolina. ➡ Feder, catingar, exalar.
- Do seu quarto, ele percebeu que alguém bateu
  - a porta. ➡ Trancou, empurrou com força.
  - à porta. ➡ Bateu na porta, desferiu pancadas.

- Ao chegar ao local, corri imediatamente
  - a cidade. ➡ Percorrer a cidade, rodear a cidade.
  - à cidade. ➡ Ir até à cidade.
- Despediu-se
  - a francesa. ➡ A francesa foi despedida. / OU / A francesa despediu-se, retirou-se.
  - à francesa. ➡ Alguém se despediu à moda francesa, à maneira francesa.
- Enxergo
  - a distância. ➡ Percebo o espaço que separa.
  - à distância. ➡ Vejo distantemente.

Logo, em muitos casos, o emprego do acento grave se deve à necessidade de se conferir ao termo maior clareza, evitando, pois, possíveis ambiguidades.

7.2 MECANISMOS PRÁTICOS PARA VERIFICAÇÃO DA CRASE

Há alguns mecanismos que ajudam o estudante na verificação da ocorrência ou não da crase. Frise-se que eles nos fornecem algumas pistas. Como a crase é decorrente de uma regência, é salutar conhecer bem a regência do termo antes de se colocar o acento grave. Veja alguns desses mecanismos:

) Deve-se trocar o termo regido feminino por um masculino correspondente:

SE APARECER
- **O, OS** (antes do masculino) ➡ Não haverá crase diante do feminino.
- **AO, AOS** (antes do masculino) ➡ Haverá crase diante do feminino.

Veja:

- Ele vai à praia todos os dias.
  ao rio
- Ele sempre visita a região encantada durante as férias.
  o local
- Ricardo nunca obedeceu às ordens de seu pai.
  aos mandamentos
- Chegou à sala e nada falou.
  ao salão

b) Deve-se trocar o termo regente por outro que exija preposição diversa de "a". Po exemplo, os verbos "vir" e "estar":

SE APARECER
- **DE ou EM** (antes do termo regido) ➡ Não haverá crase no "a".
- **DA ou NA** (antes do termo regido) ➡ Haverá crase no "à".

› Nunca mais ele foi à Europa.
Veio da Europa / Esteve na Europa.

› Ele sempre se dirige à Argentina nos meses de novembro e de dezembro.
vem da Argentina /...está na Argentina

› Nunca mais ele foi a Roma.
veio de Roma / esteve em Roma

› Quando ele chegar a Florença, visitará muitos museus.
veio de Florença / esteve em Florença

c) Deve-se trocar o "a(s)" que antecede o termo regido pelo artigo indefinido feminino "uma(s)":

SE APARECER
- **UMA ou UMAS** (antes do termo regido) ➡ Não haverá crase no "a".
- **A UMA ou A UMAS** (antes do termo regido) ➡ Haverá crase no "à".

› Ele se referiu à tia com carinho.
a uma tia

› Ele não disse nada à sogra.
a uma sogra

› A encomenda, ele entregou-a à mulher que estava no balcão da esquerda.
a uma mulher

› Ele achou a mulher a que o amigo teceu bons elogios.
uma mulher

7.3 OCORRÊNCIA DA CRASE

7.3.1 CASOS OBRIGATÓRIOS

1. **Recebe o acento grave o "a" inicial das locuções adverbiais (*à noite, à tarde, à beça, à revelia, à deriva, à farta, à vista, à primeira vista, à hora certa, à esquerda, à direita, à*

toa, à espanhola, à milanesa, à oriental, à ocidental, às vezes, às escondidas, às avessas, às claras, às pressas, à vontade, às ocultas etc.), **prepositivas** (***à custa de, à força de, à beira de, à espera de, à vista de, à guisa de, à semelhança de, à frente de, à razão de, à cata de, à roda de, à mercê de, à base de, à moda de, à maneira de etc.***) **e** **conjuntivas** (***à medida que, à proporção que***), **formadas com palavras femininas.**

- "Estava **à toa** na vida, o meu amor me chamou..." (Chico Buarque)
- Ele permaneceu horas e horas **à espera de** um médico.
- **À medida que** estudava, aprendia todos os macetes da Língua Portuguesa.
- Saiu **às pressas,** porque estava **à beira de** um ataque cardíaco.
- Andamos várias horas **à procura de** um local para beber água.
- O processo foi julgado **à revelia**.

⇨ Observações:

a) O "a" inicial das locuções adverbiais de instrumento não recebe o acento grave, exceto se a locução adverbial provocar ambiguidade.

- A sentinela feriu o inimigo a espada.
- Todos os seus trabalhos, ele sempre os fazia a máquina.
- Todo o atalho foi aberto a foice.

b) Lembre-se de que o acento grave empregado nas locuções adverbiais, prepositivas e conjuntivas não provém de uma relação regencial, mas sim pelo fato de essas locuções virem introduzidas por preposições – no caso, a preposição "A". Sendo assim, a preposição poderá auxiliar na indicação do valor semântico da locução e evitará que se confunda a locução com outro termo da estrutura oracional. Observe e não confunda:

- A noite chegou ao nosso rancho. ≠ À noite ele chegou ao nosso rancho.
  sujeito — locução adverbial de tempo

- A medida que ele usou foi injusta. ≠ À medida que ele estuda, aprende mais.
  sujeito — locução conjuntiva

- A espera do trem deixou-nos tristes. ≠ À espera de João, nós ficamos várias horas.
  sujeito — locução prepositiva

- Impressionou-nos a moda de Vitor Hugo. ≠ Veste-se à moda de Vitor Hugo.
  sujeito — locução prepositiva

- A beira do abismo era um convite ao suicídio, pois ele estava à beira de um ataque de nervos.
  sujeito — locução prepositiva

2. Recebe o acento grave o "a" inicial dos pronomes demonstrativos "aquele(s), aquela(s), aquilo, a(s)" quando o termo regente exigir a preposição "a".

- Habituou-se àquela vida de solteiro sem maiores problemas.
  habituar-se a + aquela

- Jamais iremos àquele local sem a ajuda da polícia.
  Ir a + aquele

Dar algo a + aqueles

- Daremos outra chance àqueles alunos que obtiveram notas baixas nas últimas provas.

- Essa ideia é igual à que meu pai falou ontem.
  Igual a + aquela

- Darei conselhos apenas às que se dispuserem a esperar.
  dar conselhos — a + aquelas

⇨ Observações:

a) Nos dois últimos exemplos acima, temos o encontro/junção da preposição "a" com os pronomes demonstrativos reduzidos "a, as", equivalentes a "aquela" e "aquelas", respectivamente. Observe mais dois exemplos:

- Minha sorte está ligada à do meu país.
  a + aquela

- "A fatalidade astronômica da inclinação da eclíptica, que coloca a Terra em condições biológicas inferiores às de outros planetas..." (Euclides da Cunha)

b) Uma forma bastante prática para descobrir se há crase com os demonstrativos "aquela(s), aquele(s), aquilo" é substituí-los pelos também demonstrativos "esta(s), este(s), isto".

SE APARECER
- ESTA(S), ESTE(S), ISTO (apenas) ➡ Não haverá crase no "aquela(s), aquele(s), aquilo".
- A ESTA(S), A ESTE(S), A ISTO ➡ Haverá crase no "aquela(s), aquele(s), aquilo".

Veja:

- Jamais irás àquela festa.
  a esta

- Àquele comando, todos se levantaram rapidamente.
  a este

- O coronel preferia isto àquilo.
  a isto

- Todos compraram aquelas roupas bem satisfeitos.
  estas

c) Nas locuções adverbiais iniciadas pelos pronomes demonstrativos "aquela(s), aquele(s) aquilo", a crase é obrigatória. Veja:

- Àquela hora, ninguém o ajudaria. (= Naquela hora...)
  locução adverbial

3. Recebe acento grave o "a" das locuções adverbiais "à moda de" e "à maneira de". Frequentemente essas expressões aparecem subentendidas, mas, ainda assim, o acento grave será de rigor sobre o "a".

- Na festa, todos estavam vestidos à Luís XV.
  à moda / à maneira

- À maneira brasileira, ele preparava todos os apetrechos para os estrangeiros.

- Todos apreciavam pratos à japonesa.

⇨ Observação:

Não confunda:

- Fez um discurso
  - **a Fidel Castro.** (para Fidel Castro) ➡ Sem crase.
  - **à Fidel Castro.** (à moda de Fidel Castro) ➡ Com crase.

4. Haverá crase antes de numerais que expressem horas exatas.

- Todos chegaram às 9h30min.
- Às 8 horas ele chegou e somente às 10 horas começou a aula.
- Nosso jogo só terá início às 21h45min.
- O avião aterrará exatamente à uma hora e vinte minutos.

⇨ Observações:

a) Se houver indeterminação para as horas, não haverá crase.

- A mãe o esperava às 18 horas, mas ele só chegou após as 22 horas.
  Hora inexata
- Ele deverá chegar daqui a uma hora.
  Hora inexata

b) Nas correlações, o que determinará a existência ou não do acento grave será a presença de um artigo antecedendo cada termo da correlação. Veja:

- A casa de *shows* funcionará
  - de 8h30 a 11h30. (Aqui só há a presença das preposições.)
  - de + a a + as
    das 8h30 às 11h30. (Aqui cada termo vem antecedido por um artigo.)

c) Em muitas construções, a presença do acento grave alterará completamente o sentido do enunciado. Observe:

- Sairemos daqui a uma hora. (Sem crase ⇨ A hora não está determinada,
  Advérbio de tempo

especificada.)

- Sairemos daqui à uma hora. (Com crase ⇨ A hora foi especificada, determinada.)
  Advérbio de lugar

d) Vale ressaltar que diante de numerais não ocorre a crase quando não expressarem hor exata. Logo:

- O número de aprovados no concurso não chega a vinte.
- O artista se apresentará de 8 a 12 de janeiro no Classic Hall.

5. Se o termo regente exigir a preposição "a", sempre haverá crase diante de nomes locativos (nomes de países, continentes e algumas cidades) que aceitarem a presença de um artigo. Para verificar a existência do artigo, basta substituir o termo regente pelos verbos "vir" ou "estar", por exemplo, conforme demonstrado no início deste capítulo.

- No próximo ano, faremos uma excursão à Argentina.
  vir da / estar na
- Quando ele chegou à Itália, imediatamente ligou para a mãe.
  vir da / estar na
- Você já foi à Bahia? Não?! Mas já foi a Teresina, no Piauí, não foi?
  vir da / estar na — vir de / estar em

⇨ Observação:

Se o nome locativo vier acompanhado de algum adjunto adnominal (determinante), a crase será obrigatória. Perceba:

- Nunca mais eu fui a Roma.
  vir de / estar em
- Nunca mais eu fui à Roma dos grandes imperadores.
  vir da / estar na — termo determinante
- João sempre se dirige a Brasília quando quer resolver algum problema muito sério.
  vir de / estar em
- Sempre que pode, João vai à imponente Brasília dos arrojados projetos arquitetônicos.
  termo determinante — termo determinante

7.3.2 CRASE FACULTATIVA

Para a gramática normativa, são três os casos em que a crase é facultativa. São eles:

1. Diante de pronomes possessivos femininos no singular quando o termo regente exigir a preposição "a".

- Ele desistiu de viajar devido a / à sua doença.
- Jamais ele fez referências a / à tua família.
- Era fundamental que o adolescente não desobedecesse a / à nossa ordem.

⇨ Observações:

a) Se o possessivo estiver no plural, não mais haverá um caso de crase facultativa. Existirão apenas duas formas para se construir a estrutura. Observe:

- Não foram dadas muitas oportunidades de emprego a / às nossas amigas de formatura.
- Ninguém ofendeu a / às vossas irmãs.

b) Caso o possessivo feminino se refira a um substantivo elíptico (oculto), a crase será obrigatória. Veja:

- Ele não se referiu a / à tua proposta, mas sim à minha.
  crase obrigatória
- Aludiram a / à sua opinião sobre o caso. Convém agora que eles façam alusão às nossas.

2. Diante da preposição "até", uma vez que esta preposição pode aparecer sob a forma da locução "até a".

- Emocionado, ele se comoveu
  - até as lágrimas. (até + as lágrimas)
  - até às lágrimas. (até a + as lágrimas)
- Ao ouvir a campainha, imediatamente foi
  - até a porta. (até + a porta)
  - até à porta. (até a + a porta)

Dirigiu-se
- até as autoridades policiais para relatar o caso. (até + as autoridades)
- até às autoridades policiais para relatar o caso. (até a + as autoridades)

⇨ Observações:

a) Não confunda as preposições "até / até a", as quais indicam "deslocamento, movimento ação", com a palavra denotativa de inclusão "até", a qual tem o sentido de "inclusive". Veja:

Preposição

Na formatura, foi **até** — a / à plateia e prestou homenagens à mãe, às professoras, à diretora, **até** à zeladora.

inclusive (crase obrigatória)

b) Como se sabe, para que haja o fenômeno da crase, é indispensável a existência da preposição "a". Fique atento, pois esta preposição não ocorrerá se for usada outra preposição (*ante, após, com, conforme, contra, desde, durante, entre, mediante, para, perante, sob, sobre, segundo,* por exemplo), já que a existência de uma preposição exclui o aparecimento de outra. Traduzindo: não ocorrerá a crase se outra preposição for usada que não seja a preposição "a" (lembre-se de que "até a" é uma locução prepositiva e não a junção de duas preposições). Observe os exemplos abaixo:

- "Não achava outra espécie em que, mediante a (preposição + artigo) intenção, tudo se cumprisse..." (Machado de Assis)
- "— Não admito! O incesto é contra a (preposição + artigo) moral, gritou Lúcia." (José de Alencar)
- "Dominante sobre a (preposição + artigo) várzea que se estende para sudeste, com a linha de cumeadas quase retilínea, o seu enorme paredão..." (Euclides da Cunha)
- " "Desde a (preposição + artigo) entrada dos dois, a casa de Rita esquentou." (Aluísio Azevedo)
- "Custeou o tratamento de ambos; e, quando foi dispensado da comissão da avenida, pouco após a (preposição + artigo) morte de ambos, pouco ou nada tinha." (Lima Barreto)

3. Diante de nomes próprios femininos, quando o termo regente exigir a preposição "a".

Como se sabe, os nomes de pessoas na Língua Portuguesa podem ou não vir antecedidos de um artigo. A colocação do artigo denota afetividade, proximidade, intimidade.

- Em seu discurso, ele fez referências
  - a Joana e a Maria.
  - à Joana e à Maria.
- A / À Fernanda deixou minha gratidão por tudo que ela fez.

7.3.3 CASOS EM QUE NUNCA OCORRE A CRASE

1. Diante de verbos.

- Todos ficaram a observar o evento, a cerca de vinte metros do local.
- Muitos chegaram a comprar o carro, só porque a promoção falava de amor.
- Os advogados estavam dispostos a curtir o bom momento da carreira.

2. Diante de palavras masculinas.

- O quadro foi pintado a óleo.
- Ele sempre comprava a prazo.
- Aquele pacote cheirava a vinho.

3. Diante de pronomes pessoais retos, oblíquos e de tratamento, à exceção de "senhora, senhorita, dona e madame."

- Na solenidade, fizeram menção a ti e a mim, como os melhores alunos que a Universidade já teve.
- O Promotor de Justiça nada disse a Vossa Excelência sobre o problema do processo.
- Refiro-me a você, pois sempre foi o último da sala a cometer deslizes de concordância.
- Jamais convidarão a ele para a festa.

- Recorreram a Sua Majestade no momento de dificuldade.

Mas...

- Entregue tudo à senhora sua mãe, meu filho.
- Não me referi à senhorita, mas à dona Joana que sempre esteve presente aqui nesta escola.

4. Diante de artigos indefinidos.

- Eles chegaram a uma cidadezinha do interior de Pernambuco muito aconchegante.
- Os juízes estavam dispostos a uma nova avaliação do caso.

5. Diante dos pronomes indefinidos, dos interrogativos, dos demonstrativos "este, esta, estes, estas, esse, essa, esses, essas e isso" e dos relativos, à exceção de "a qual e as quais".

- A qual delas você se referiu ontem à noite?
- Esse caso não interessa a ninguém.
- Todos se dirigirem a este lugar quando querem orar.
- Ontem encontramos o João, a cuja esposa devemos muitos favores.
- A menina, a quem ele fez alusão na última reunião, viajou para a Europa.
- Jamais daremos crédito a qualquer criatura que por aqui chegue.
- A missa a que eu assisti foi ministrada pelo Pe. João Alberto.

⇨ Observações:

a) Apesar de serem pronomes indefinidos, ocorrerá a crase diante de "outra e outras" sempre que o termo regente exigir a preposição "a". Veja:

- Foi uma apresentação igual à outra.
- Elas se abraçaram umas às outras.

b) Não confunda a preposição "a" que antecede o pronome relativo "que" com a fusão ent a preposição "a" e o pronome demonstrativo "a(s)" equivalente a "aquela(s)". Observe:

preposição "a" semelhante a + a(quela)

- Esta ideia a que ele se referiu é semelhante à que meu pai nos contou ontem.
- Aquela estrada é paralela à que corta esta cidade aqui.

paralela a + a(quela)

6. Diante de um "a" no singular o qual precede uma palavra no plural; palavra esta usada em sentido geral e indeterminado.

- A direção decidiu fechar, por duas semanas, o museu a visitas.
- Raramente ele vai a festas e a reuniões sociais.
- Não costumava se dirigir a pessoas estranhas.

⇨ Observação:

Fique atento para não confundir as estruturas. Observe:

- Ele nunca está atento a reclamações. (sem acento grave)
  preposição
- Ele nunca está atento às reclamações. (com crase)
  preposição + artigo
- O mesmo raciocínio estende-se a relações pessoais e profissionais. (sem acento grave)
  preposição
- O mesmo raciocínio estende-se às relações pessoais e profissionais. (com crase)
  preposição + artigo

7. Diante de substantivos femininos usados em sentido geral e indeterminado.

- Em minha viagem à Europa, fui apresentado a rei e a rainha.
- Na última festa, todos os alunos prestaram homenagens a mamãe e a papai.
- Ele nunca concorreu a vaga alguma na Universidade.
- Sr. João nunca foi a festa alguma, a reunião alguma.

⇨ Observações:

a) Note que, nos dois primeiros exemplos deste caso, os termos estão acompanhados meramente pela preposição “a”. Não há a presença de artigo. A crase só existirá diante do feminino se ambos os substantivos vierem determinados. Veja:

- Em minha viagem à Europa, fui apresentado ao rei e à rainha.
  substantivos determinados

b) Perceba também que nos dois últimos exemplos deste caso, o que promove o sentido geral e indeterminado dos substantivos é a presença do pronome indefinido. Por isso, inexiste o acento grave.

8. Diante de expressões formadas por palavras repetidas como, por exemplo, “gota a gota, ponta a ponta, dia a dia, frente a frente, uma a uma, cara a cara, corpo a corpo, lado a lado etc.”.

- Toda a fazenda era, de ponta a ponta, um atoalhado branco, de uma neve espessa e muito gélida.
- Tomou o remédio gota a gota.

7.3.4 CASOS ESPECIAIS

1. Ocorrerá crase diante da palavra “casa” sempre que vier acompanhada de determinantes.

Veja:

- Ele se dirigiu à velha casa de seus avós.
  determinantes
- Voltei à casa de meu amigo correndo por causa de um mal-estar.
  determinante
- Amanhã irei à casa que me será dada por herança.
  determinante

⇨ Observação:

Se não houver determinação, não haverá crase diante da palavra “casa”.

- Voltei a casa triste e atirei-me sobre a cama.

- Menino que estuda, volta a casa todos os dias.

2. Ocorrerá crase diante da palavra "terra" quando vier determinada. Quando usada como antônimo de "bordo" a palavra "terra" dispensa determinantes, logo não ocorrerá a crase.

- Eles voltaram a terra (sem determinante) totalmente exaustos.
- Depois de longa viagem, eles desceram a terra (sem determinante).
- Eles foram à terra dos seus antepassados (determinante).
- O casal chegou à terra natal (determinante).

⇨ Observação:

No sentido de "chão, solo" a palavra "terra" admite o artigo. Se o termo regente exigir a preposição "a", a crase será obrigatória. Perceba:

- Nunca jogue lixo à terra. (Nunca jogue lixo **na** terra).
- Os agricultores sempre lançam à terra suas esperanças. (...sempre lançam **na** terra suas esperanças.)

3. Com a palavra "distância", ocorrerá crase sempre que vier acompanhada de determinantes.

- Todos ficaram à distância de vinte metros do local do acidente (determinante).
- Por que você não ficou à distância que eu te recomendei (determinante)??

⇨ Observações:

a) A locução adverbial "a distância" geralmente é empregada sem o acento grave.

- "Teresa ouviu, a distância, o estrépito dum cavalo, quando passou ao patamar da escada." (Camilo C. Branco)

- "— Acudam, acudam! berrava Silvério a distância." (Eça de Queiroz)

b) Entretanto, o acento grave deverá ser empregado em "a distância" sempre que se quis ressaltar o caráter adverbial da locução ou sempre que houver a possibilidade de a locução provocar ambiguidade.

- "Veladas por touceiras inextricáveis de macambiras ou lascas de pedra, não se revelavar à distância." (Euclides da Cunha)
- "Se a via, olhava muito para ela, detinha-se à distância, à porta de uma casa..." (Machad de Assis)

c) Quando a palavra distância vier modificada por pronomes indefinidos (pouca, certa, alguma etc.), a expressão não receberá o acento grave.

- "Já os três fugitivos iam a alguma distância, quando, como tomado de uma idéia súbita, um dos esculcas exclamou: ..." (A. Herculano)
- "Mariana estava agachada entre os pacotes da carga, a pouca distância de Simão." (Camilo C. Branco)

4. Ocorrerá crase com os pronomes relativos "a qual e as quais" sempre que o termo regente exigir a preposição "a".

- Esta é a pessoa **à qual** ele se referiu durante o café da manhã.
  referir-se a + a qual
- As apresentações teatrais **às quais** ele foi assistir renderam-lhe boas gargalhadas.
  assistir a + as quais

⇨ Observação:

Um recurso bastante simples para verificar a ocorrência da crase diante destes relativos é procurar substituí-los pelos masculinos (o qual, os quais) correspondentes:

SE APARECER
- **O QUAL, OS QUAIS** (apenas) ➡ Não haverá crase no "a qual, as quais".
- **AO QUAL, AOS QUAIS** ➡ Haverá crase no "à qual, às quais".

Observe:

- Esta é a professora **à qual** devo todos os meus conhecimentos. (Este é o professor **ao qual** devo...)

- Aquela é a clareira **à qual** foram ter por um atalho aberto a foice. (Aquele é o local **ao qual** foram...)

5. **Como já mencionado, não há crase diante da maioria dos pronomes. Alguns pronomes, no entanto, como "mesma(s), própria(s) e tal" admitem artigo. Se o termo regente exigir a preposição "a", a crase será de rigor.**

- Eles sempre vão à mesma lanchonete quando saem da escola. (Eles sempre vão **ao** mesmo bar...)
- Falaram à tal senhora sobre os desvios de conduta do filho dela. (Eles falaram **ao** tal senhor...)
- Algumas alunas atribuíram **às** próprias amigas a culpa pelo incidente. (Algumas alunas atribuíram **aos** próprios amigos...).

Ufa!!

Chegamos ao final de mais uma etapa. Para muitos, o acento grave ainda é um mistério. Provamos que não. Sugiro que, se possível, releia todas as regras para gravá-las melhor. Tenha sempre em mente os recursos para verificação ou não da ocorrência da crase, pois eles são muito úteis e nos permitem solucionar muitas dúvidas. Agora procure resolver os exercícios para consolidar o conhecimento. Prossigamos para a próxima etapa.

7.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (Unimep-SP) "A exposição .... inauguração assisti mostrou os lindos quadros .... me referi na nossa conversa do outro dia. Amanhã, haverá um leilão na mesma sala .... estão expostos." A alternativa que preenche corretamente é:

a) a cuja, aos quais, em que.
b) a cuja, os quais, na qual.
c) cuja, a que, em que.
d) a qual, aos quais, na qual.
e) à qual, que, que.

2. (Unimep-SP) “.... dois meses que não vejo Paulo. Soube que ele esteve.... beira de uma crise nervosa.... menos de cinco dias do vestibular.” A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:

a) Há, a, a.
b) Há, à, a.
c) Há, à, à.
d) A, a, à.
e) A, à, a.

3. (Fuvest-SP) De.... muito, ele se desinteressou de chegar a ocupar cargo tão importante,.... coisas mais simples na vida e que valem mais que a posse momentânea de certos postos de relevo.... que tantos ambicionam por amor.... ostentação.”

a) a, há, à, à.
b) há, as, a, a.
c) há, há, a, à.
d) a, hão, a, à.
e) há, a, a, a.

4. (Fuvest-SP) O progresso chegou inesperadamente.... subúrbio. Daqui.... poucos anos, nenhum de seus moradores se lembrará mais das casinhas que,.... tão pouco tempo, marcavam a paisagem familiar.

a) aquele, a, a.
b) àquele, à, há.
c) àquele, à, à.
d) àquele, a, há.
e) aquele, à, há.

5. (UEL) .... contragosto, a comissão entregou.... imprensa.... listas dos aprovados.

a) À, a, as.
b) A, à, às.
c) A, à, as.
d) À, a, às.
e) À, à, às.

6. (ITA) Analisando as sentenças:

A vista disso, devemos tomar sérias medidas.
Não fale tal coisa as outras.
Dia a dia a empresa foi crescendo.
Não digo aquilo que me disse.
Deduzimos que:

a) apenas a III não tem crase.
b) as sentenças III e IV não têm crase.
c) todas as sentenças têm crase.
d) nenhuma sentença tem crase.
e) apenas a IV não tem crase.

7. (FCC) O fenômeno .... que aludi é visível .... noite e .... olho nu.

a) a, a, a.
b) a, à, à.
c) a, à, a.
d) à, a, à.
e) à, à, a.

8. (FCC) Já estavam .... poucos metros da clareira, ... qual foram ter por um atalho aber .... foice.

a) à, à, a.
b) a, à, a.
c) a, a, à.
d) à, a, à.
e) à, à, à.

9. (PUC-SP) .... hora, ... chegasse primeiro se entregaria .... condecoração .... fizera jus.

a) Àquela, à que, a, a qual.
b) Àquela, a que, à, a qual.
c) Aquela, à que, a, à qual.
d) Àquela, à que, a, à qual.
e) n. d. a.

10. (UM-SP) Dados os períodos:

I. À força de tanto emagrecer, acabou morrendo.

II. A assistente social prestou assistência as mais necessitadas pessoas.

III. Com a eloquência habitual, falava a qualquer pessoa, sempre disposta a aumentar o prestígio.

Deduz-se que o sinal indicativo da crase está corretamente empregado:

a) apenas no primeiro período.
b) nos períodos I e II.
c) nos períodos II e III.
d) em todos os períodos.
e) nos períodos I e III.

11. (Fuvest) Daqui .... vinte quilômetros, o viajante encontrará, logo .... entrada do grande bosque, uma estátua que .... séculos foi erigida em homenagem .... deusa da floresta.

a) a, à, há, à.
b) há, a, à, a.
c) à, há, à, à.
d) a, à, à, à.
e) há, a, há, a.

12. (PUC) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas:

Viu-se frente .... frente com o inimigo.
Observava, ... distância, o que estava acontecendo.
Não se referira .... nenhuma das presentes.
Desandou ....correr ladeira abaixo.
Chegou .... uma hora da madrugada.

a) à, à, à, à, à.
b) à, à, a, a, à.
c) à, à, à, a, à.
d) a, a, a, a, à.
e) a, a, a, a, a.

13. (FCMSC-SP) Estamos ... poucas horas da cidade ... que vieram ter, ... tempos, nossos avós.

a) a – a – há.

b) há – a – a.
c) há – à – há.
d) à – a – a.
e) a – à – há.

14. (FCC – Metrô/SP – Supervisor de Linha) O uso do sinal de crase justifica-se em **ambas** as ocorrências na seguinte frase:

a) Não tive acesso à carreira de biólogo porque você se dispôs à engravidar.
b) Não nos assiste à prerrogativa de responsabilizarmos justamente àqueles que não têm culpa.
c) Imputamos à culpa aos outros quando achamos inadmissível assumirmos à nossa.
d) Atribuamos à nossa incompetência o fracasso de nossos planos, em vez de associá-lo à responsabilidade alheia.
e) Quando se fica à espera de algo inalcançável, tudo o que se alcança se reduz à um frustração.

15. (UEL-PR) Foi ... Brasília aprender ... artes políticas, mas retornou ... terra natal sem grandes conhecimentos.

a) a – as – à.
b) à – as – a.
c) a – às – à.
d) a – as – a.
e) à – às – à.

16. (FCC – Soldado PM/BA) O uso do sinal da crase é **injustificável** em:

a) Lembrem-se às autoridades de terem sempre em mente o valor da prevenção.
b) Não cabe às pessoas de boa fé repudiar medidas de prevenção ao crime.
c) É penoso assistir às cenas de violência que se multiplicam nas metrópoles.
d) Atribui-se às medidas preventivas uma eficácia maior que a da repressão.
e) À inteligência da prevenção opõem-se aqueles que preferem a força da repressão.

17. (FCMSC-SP) Dê ciência ... todos de que não mais se atenderá ... pedidos que não forem dirigidos ... diretoria.

a) a – a – a.
b) a – à – a.

c) a – a – à.

d) à – à – a.

e) à – a – à.

18. (PUCC-SP) Assinale a alternativa em que há uso **incorreto** do sinal da crase.

a) Toda essa situação se deve à instabilidade da taxa de inflação.

b) Referindo-se à salários do último mês, comentou a inviabilidade de se manter aquel número de funcionários na empresa.

c) Não é à toa que amealhou o dinheiro que tem.

d) Em clima de grande emoção, chegou a tecer elogios inclusive àqueles que sempre c criticaram.

e) Devemos incentivá-los a dar continuidade à sua tarefa de informar a verdade sobre a situação do país.

19. (Fafeod-MG) Indique a alternativa que permite preencher **corretamente** os vazios do texto abaixo.

Aguardava ... carta ... muito tempo e, como não chegasse, ele referia-se ... todo instante ... consequências desastrosas que ... demora tenderia ... provocar.

a) a – a – a – às – a – a.

b) a – há – a – às – a – a.

c) a – há – a – as – a – a.

d) a – à – a – as – a – a.

20. (UFV-MG) Indique a alternativa em que o sinal indicativo de crase é facultativo.

a) Voltou à casa do juiz.

b) Chegou às três horas.

c) Voltou à minha casa.

d) Devolveu as provas àquela aluna.

e) Voltou às pressas.

GABARITO

1 – A	2 – B	3 – C
4 – D	5 – C	6 – B

7 – C	8 – B	9 – D
10 – E	11 – A	12 – D
13 – A	14 – D	15 – A
16 – A	17 – C	18 – B
19 – B	20 – C	

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 8

SINTAXE DE COLOCAÇÃO PRONOMINAL

Estudaremos agora um assunto bem fácil. Por ausência de força tônica, trabalharemos a correta disposição dos pronomes oblíquos átonos dentro da estrutura oracional. Aqui, procure ficar atento, principalmente, aos fatores que atraem o pronome átono, pois esse conhecimento é frequentemente cobrado nas provas. O assunto exigirá de nós um pouco de memória, afinal teremos de apreender as principais regras as quais levam o pronome a ficar em umas das três posições: antes do verbo (próclise), no meio do verbo (mesóclise) e depois do verbo (ênclise). Convém aqui salientar que as regras que estudaremos abaixo se prestam, na maioria das vezes, ao uso formal da língua. No dia a dia e na linguagem coloquial, elas são pouco observadas. Vamos lá!!

Em primeiro lugar, cumpre ressaltar que a colocação pronominal, na Língua Portuguesa, restringe-se praticamente à perfeita disposição dos pronomes oblíquos átonos: me, te, se, o, a, lhe, nos, vos, os, as, lhes.

Tais pronomes podem assumir uma das seguintes posições:

a) Próclise ⇨ pronome oblíquo colocado antes do verbo.
b) Mesóclise ⇨ pronome oblíquo colocado no meio do verbo.
c) Ênclise ⇨ pronome oblíquo colocado depois do verbo.

Primeiros exemplos:

- Ele **me** disse que amanhã faltará a aula.
  pronome proclítico

- Retirá-**lo**-ia do local se eu pudesse.
  pronome mesoclítico

- Entregaram-**nos** todos os documentos hoje pela manhã.
  pronome enclítico

8.1 MÁXIMAS DA COLOCAÇÃO PRONOMINAL

A topologia pronominal possui regras gerais que servem de norte para as demais regras. São elas:

1. Não se inicia período com pronome oblíquo átono.

Observe:

- Te disseram que o juiz julgou improcedente a nossa causa? (Construção errada)

  Corrija-se para...

- Disseram-te que o juiz julgou...

- Lhe passo os documentos do processo hoje à tarde. (Construção errada)

  Corrija-se para...

- Passo-lhe os documentos do processo hoje à tarde.

- Me falem a verdade ou serão expulsos da corporação. (Construção errada)

  Corrija-se para...

- Falem-me a verdade ou serão expulsos da corporação.

2. Não se admite ênclise a um verbo no futuro ou no particípio.

Veja os exemplos:

verbo no futuro do subjuntivo

- Quando ele ajudar-te, não esqueças os demais parentes de tua família. (Construção errada)

Corrija-se para...

- Quando ele te ajudar, não esqueças os demais parentes de tua família.

- Certamente eles dariam-nos tudo se pudessem. (Construção errada)

verbo no futuro do pretérito do indicativo

Corrija-se para...

- Certamente eles nos dariam (ou “dar-nos-iam”) tudo se pudessem.
- Tenho dedicado-me muito ao estudo da Língua Portuguesa. (Construção errada)
  verbo no particípio

Corrija-se para...

- Tenho-me dedicado muito ao estudo da Língua Portuguesa.

> 3. **Em geral, toda ênclise a um verbo no infinitivo é correta, ainda que exista um fator de próclise.**

- A fim de **não** o encontrar, / encontrá-lo, mudei o meu itinerário.
- Para **não** **não** as contrariar, / contrariá-las procurei resolver o problema imediatamente.
- Deixou sua sala para me entregar / entregar-me o prêmio a que fiz jus pelo ótimo desempenho este mês.
- “Proponho firmemente com vossa graça **não ofender-vos** mais.” (M. Bernardes)
- “Basta-lhe os olhos negros e a tristeza, a palidez e o nunca sorrir-se.” (Camilo C. Branco)
- “Ela, encostada à poltrona, passava-lhe os dedos pelos cabelos, muito ao leve e caladinh para não perturbá-lo.” (Machado de Assis, *Quincas Borba*)

8.2 REGRAS GERAIS

8.2.1 PRÓCLISE

O pronome oblíquo átono ficará proclítico ao verbo por causa dos seguintes fatores que o atraem:

> 1) **Palavras de valor negativo (não, nunca, jamais, ninguém, nada, nem [= e nem] etc.).**

- **Jamais** nos consideraremos melhores do que os outros.
- **Não** o permitiram a conversão de real para dólar.

- **Nunca** lhe entristeceu a situação dos pobres no mundo?

⇨ Observação:

Se houver pausa depois da palavra negativa, emprega-se a ênclise.

- **Não,** converta-se ao cristianismo urgentemente.

2) Advérbios e pronomes indefinidos.

- **Aqui** se faz, **aqui** se paga.
- Nem **sempre** se enxergam as disparidades do mundo contemporâneo.
- **Ninguém** nos falou sobre o problema da empresa.
- "Na natureza, **nada** se perde, **nada** se cria, **tudo** se transforma."

⇨ Observação:

Se houver pausa depois do advérbio, o pronome ficará enclítico. Se o verbo estiver no futuro, emprega-se a mesóclise.

- **Enfim,** encontrei-**o** na Estação da Luz.
- **Amanhã,** encontrar-**me**-ei com o Luís Antônio para uma conversa de negócios.

3) Pronomes relativos (que, o qual, a qual, os quais, as quais, cujo, cuja, cujos, cujas, onde, quem etc.).

- As informações, **que** te deram, parece terem mexido com o teu íntimo.
- Aquele é o estádio de futebol **o qual** se fez e **o qual** se construiu em poucos meses.
- Este bar é lugar da cidade **onde** se encontram os melhores pratos da cidade.

4) Pronomes demonstrativos (este, esta, isto, aquele, aquela, aquilo etc.).

- Tudo **aquilo** lhe passou despercebido.
- **Esta** me contou uma versão esquisita do caso. **Aquele** nos disse totalmente o contrário desse aí.

5) Conjunções subordinativas (quando, se, já que, porque, embora, enquanto, como, à medida que etc.).

- **À medida que** se estuda, aprende-se mais.
- **Enquanto** me diziam aquilo, eu permanecia imóvel.
- É muito justo **que** o ampares na velhice.
- **Se** me pagar, farei o trabalho **assim que** me sobrar um tempinho.

6) Verbo no gerúndio precedido da preposição "em".

- **Em** se **tratando** de finanças, procure o sr. João Alberto.
- **Em** se **pensando** em viagens, é sempre bom procurar uma boa empresa de turismo.

7) Conjunção coordenativa alternativa.

- **Ou** se casa comigo, **ou** se casa com o meu primo.
- Deixem-me sair, **ou** me deem a vaga de emprego a qual vim à procura.

8.2.1.1 Outros fatores de próclise

Além desses fatores, a próclise é de rigor:

1) Nas orações exclamativas e nas optativas (orações que exprimem desejo):

- Que Deus te proteja.

- Bons ventos os levem em paz!
- Quanto nos é difícil falar a verdade!
- Que terrível revelação nos fizeste!

2) Nas orações interrogativas em que haja pronomes interrogativos:

- Quem vos falou sobre o problema dela?
- Quanto lhe custou o conserto do carro?

3) Com verbos no infinitivo pessoal precedido de preposição:

- Demiti os dois funcionários por se queixarem demais.
- Deixei-os à vontade para se relacionarem melhor com o professor.

8.2.2 MESÓCLISE

Como já se mencionou, a mesóclise consiste na colocação do pronome oblíquo átono no meio do verbo. Isso ocorre apenas com dois tempos do modo indicativo: o futuro do presente e o futuro do pretérito, pois se trata de dois tempos compostos. O futuro do presente é formado pelo INFINITIVO do verbo mais o PRESENTE DO INDICATIVO do verbo HAVER; já o futuro do pretérito é formado pelo INFINITIVO do verbo mais o pretérito imperfeito do verbo HAVER. Logo, o pronome oblíquo átono será colocado entre um INFINITIVO e o verbo HAVER. Observe:

FUTURO DO PRESENTE (Infinitivo + presente do indicativo do verbo “haver”):

Eu comprar + hei ⇨ comprarei = Hei de comprar
Tu comprar + hás ⇨ comprarás = Hás de comprar
Ele comprar + há ⇨ comprará = Há de comprar
Nós comprar + havemos ⇨ compraremos = Havemos de comprar
Vós comprar + haveis ⇨ comprareis = Haveis de comprar
Eles comprar + hão ⇨ comprarão = Hão de comprar

FUTURO DO PRETÉRITO (Infinitivo + pretérito imperfeito do verbo "haver"):

Eu comprar + havia ⇨ compraria = Havia de comprar
Tu comprar + havias ⇨ comprarias = Havias de comprar
Ele comprar + havia ⇨ compraria = Havia de comprar
Nós comprar + havíamos ⇨ compraríamos = Havíamos de comprar
Vós comprar + havíeis ⇨ compraríeis = Havíeis de comprar
Eles comprar + haviam ⇨ comprariam = Haviam de comprar

Dessa forma, teremos:

- Compraria o carro se eu pudesse. = **Comprá-lo-ia** se eu pudesse. (= Havia de comprá-lo se eu pudesse.)
- Encontrá-lo-á deitado numa rede bem vistosa à varanda da casa grande. (= Há de encontrá-lo deitado...)
- Conceder-lhe-íamos o emprego se ele tivesse competência. (= Havíamos de conceder-lhe o emprego...)
- Estabelecer-nos-emos aqui até que a tempestade passe. (= Havemos de estabelecer-nos aqui até...)
- Jogá-lo-ão na lixeira se todas as tentativas falharem. (= Hão de jogá-lo na lixeira se...)
- "Dir-me-eis que não tendes outro modo de vos sustentar". (Pe. Antônio Vieira)

⇨ Observações:

a) Não havendo palavra atrativa e estando o futuro do presente ou do pretérito no meio de uma oração, será indistinta tanto a próclise quanto a mesóclise. Observe:

- Ele me entregará / OU / entregar-me-á o pacote amanhã pela manhã.
- Ricardo se retiraria / OU / retirar-se-ia da reunião de qualquer jeito.

b) Se houver palavra atrativa antes do futuro, a próclise será obrigatória.

8.2.3 ÊNCLISE

O pronome oblíquo átono ficará enclítico ao verbo nas seguintes circunstâncias:

1) Quando o verbo iniciar o período.

- Conta-me logo tudo que sabes, Marcílio.
- Fazê-lo será um prazer para mim, d. Joana.
- Perceberam-nos assim que chegamos ao local.

2) Com o verbo no gerúndio, desde que não forme locução verbal ou que não esteja precedido da preposição "em" ou de qualquer elemento de atração.

- Não farei mais a reunião, disse ele, **levantando**-se rapidamente.
- Judas aproximou-se de Cristo; beijando-lhe o rosto, denunciou-o aos soldados de Pilatos.

⇨ **Observação:**

Se houver fator de próclise, esta será de rigor. Veja:

- João comprava demasiadamente, **pouco** se importando com o valor das coisas.

3) Com verbos no imperativo afirmativo.

- Deixe a sala agora e entregue-se aos estudos se quiser ser aprovado no final do ano.
- João, escuta-me por alguns minutos, por favor.

4) Com verbos no infinitivo regidos da preposição "a", em se tratando dos pronomes oblíquos vocálicos "o, a, os, as", os quais assumirão, obrigatoriamente, as formas "lo, la, los, las".

- Jamais me recusaria a recebê-los.
- Todos começaram a questioná-las sobre as ideias que defendiam.

- “Acudiu toda a cidade a acompanhá-lo.” (Fr. L. de Sousa)

⇨ Observação:

Não se esqueça de que o infinitivo é uma forma verbal privilegiada. À exceção da regra acima e da próclise com o infinitivo flexionado, diante de um verbo no infinitivo estão corretas tanto a próclise quanto a ênclise, mesmo com a existência de um fator de próclise. Veja:

- Não fizeram absolutamente nada para os deter. / OU / detê-los.
- Tinha um grande desejo de a pegar nos braços. / OU / pegá-la nos braços.
- Para não te incomodar / OU / incomodar-te

8.3 COLOCAÇÃO DOS PRONOMES OBLÍQUOS NAS LOCUÇÕES VERBAIS

A partir de agora, vamos usar o conhecimento acima para posicionar corretamente os pronomes oblíquos dentro das locuções verbais. O assunto não é difícil, mas você precisa estar bem atento às orientações abaixo. Vamos lá!

Primeiramente, vamos relembrar o que é uma locução verbal:

VERBO AUXILIAR + VERBO PRINCIPAL { INFINITIVO / GERÚNDIO / PARTICÍPIO

Dentro de uma locução verbal, o pronome oblíquo poderá assumir uma das seguintes posições:

a) Próclise ao verbo auxiliar ⇨ Colocação sempre possível, exceto se a locução iniciar o período.

b) Ênclise ao verbo auxiliar ⇨ Colocação possível desde que não haja um fator de próclise ou o verbo esteja no futuro.

c) Ênclise ao verbo principal ⇨ Colocação sempre possível em se tratando do infinitivo ou do gerúndio. Gramaticalmente, não se admite ênclise a um verbo no particípio.

d) Pronome oblíquo solto no meio da locução verbal (próclise ao verbo principal) ⇨ Posiçã consolidada pelo uso. Já foi combatida por alguns gramáticos, mas hoje plenamente aceita pelo padrão mais formal da língua em virtude do largo emprego nas situações do dia a dia.

Observe agora, seguindo as orientações acima, as possíveis colocações dos oblíquos nas locuções verbais:

1. Verbo auxiliar + infinitivo:

a) Os homens devem amar uns aos outros. (se)

⇨ Os homens se devem amar uns aos outros. (Próclise ao verbo auxiliar)
⇨ Os homens devem-se amar uns aos outros. (Ênclise ao verbo auxiliar)
⇨ Os homens devem amar-se uns aos outros. (Ênclise ao verbo principal – infinitivo)
⇨ Os homens devem se amar uns aos outros. (Pronome solto no meio da locução)

b) Eu quero dizer muita coisa. (lhe)

⇨ Eu lhe quero dizer muita coisa. (Próclise ao verbo auxiliar)
⇨ Eu quero-lhe dizer muita coisa. (Ênclise ao verbo auxiliar)
⇨ Eu quero dizer-lhe muita coisa. (Ênclise ao verbo principal – infinitivo)
⇨ Eu quero lhe dizer muita coisa. (Pronome solto no meio da locução)

c) Não posso abater com essas calúnias. (me)

⇨ Não me posso abater com essas calúnias. (Próclise ao verbo auxiliar)
⇨ Não posso abater-me com essas calúnias. (Ênclise ao verbo principal – infinitivo)
⇨ Não posso me abater com essas calúnias. (Pronome solto no meio da locução)

2. Verbo auxiliar + gerúndio:

a) Os olhos da personagem foram enchendo de lágrimas. (se)

⇨ Os olhos da personagem se foram enchendo de lágrimas. (Próclise ao verbo auxiliar)
⇨ Os olhos da personagem foram-se enchendo de lágrimas. (Ênclise ao verbo auxiliar)
⇨ Os olhos da personagem foram enchendo-se de lágrimas. (Ênclise ao verbo principal – gerúndio)
⇨ Os olhos da personagem foram se enchendo de lágrimas. (Pronome solto no meio da locução)

b) O empregado afirmou que não estava insultando. (me)

⇨ O empregado afirmou que não me estava insultando. (Próclise ao verbo auxiliar)
⇨ O empregado afirmou que não estava insultando-me. (Ênclise ao verbo principal – gerúndio)
⇨ O empregado afirmou que não estava me insultando. (Pronome solto no meio da locução)

3. Verbo auxiliar + particípio:

a) O time tem dado muitas decepções. (nos)

⇨ O time nos tem dado muitas decepções. (Próclise ao verbo auxiliar)
⇨ O time tem-nos dado muitas decepções. (Ênclise ao verbo auxiliar)
⇨ O time tem nos dado muitas decepções. (Pronome oblíquo solto no meio da locução)

b) E se ele tivesse enganado, o que você faria? (me)

⇨ E se ele me tivesse enganado, o que você faria? (Próclise ao verbo auxiliar)
⇨ E se ele tivesse-me enganado, o que você faria? (Ênclise ao verbo auxiliar)
⇨ E se ele tivesse me enganado, o que você faria? (Pronome oblíquo solto no meio da locução)

c) Onde terá metido aquele menino? (se)

⇨ Onde se terá metido aquele menino? (Próclise ao verbo auxiliar)

⇨ Onde terá se metido aquele menino? (Pronome oblíquo solto no meio da locução)

⇨ **Observações:**

a) Lembre-se de que não se pospõe pronome oblíquo átono a um verbo no particípio.

b) Quando a locução verbal é formada por um verbo auxiliar mais uma preposição e mais o verbo principal, observam-se as mesmas posições elencadas acima à exceção da ênclise ao verbo auxiliar. Veja:

d) Ele há de acostumar em breve com a nova função na empresa. (se)

⇨ Ele se há de acostumar em breve com a nova função na empresa. (Próclise ao verbo auxiliar)

⇨ Ele há de acostumar-se em breve com a nova função na empresa. (Ênclise ao verbo principal – infinitivo)

⇨ Ele há de se acostumar em breve com a nova função na empresa. (Pronome solto entre a preposição e o verbo principal)

8.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (FCC) Quando ..... as provas, ... imediatamente.

a) lhes entregarem, corrijam-as.
b) lhes entregarem, corrijam.
c) lhes entregarem, corrijam-nas.
d) entregarem-lhes, corrijam-as.
e) entregarem-lhes, as corrijam.

2. (FCC) Acredito que todos ..... dizer que não ..... .

a) lhe irão, se precipite.
b) lhe irão, precipite-se.
c) irão-lhe, se precipite.
d) irão lhe, precipite-se.
e) ir-lhe-ão, se precipite.

3. (Santa Casa-SP) Devemos ..... da tempestade.

a) resguardar-mos-nos.
b) resguardar-nos.
c) resguardarmos-nos.
d) resguardarmo-nos.
e) resguarda-nos.

4. (Santa Casa-SP) Há um erro de colocação pronominal em:

a) Sempre a quis como namorada.
b) Os soldados não lhe obedeceram as ordens.
c) Todos me disseram o mesmo.
d) Recusei a ideia que apresentaram-me.
e) Quando a cumprimentaram, ela desmaiou.

5. (UFF-RJ) Numa das frases abaixo, a colocação do pronome pessoal átono não obedec às normas vigentes. Assinale-a.

a) Ter-lhe-iam falado a meu respeito?
b) Tenho prevenido-o várias vezes.
c) Quem nos dará as razões?
d) Nunca nos diriam inverdades.
e) Haviam-no procurado por toda parte.

6. (Faap-SP) Assinale a alternativa em que a colocação pronominal desobedece ao que preceitua a gramática:

a) Há muitas estrelas que nos atraem atenção.
b) Jamais dar-te-ia tantas explicações, se não fosse pessoa de tanto merecimento.
c) A este compete, em se tratando de corpo da pátria, revigorá-lo com o sangue do trabalho.
d) Não o realizaria, entretanto, se a árvore não se mantivesse verde sob a neve.
e) Nenhuma das anteriores.

7. (UM-SP) Assinale a alternativa que apresenta erro de colocação pronominal.

a) Você não devia calar-se.
b) Não lhe darei qualquer informação.
c) O filho não o entendeu.

d) Se apresentar-lhe os pêsames, faça-o discretamente.
e) Ninguém quer aconselhá-lo.

8. (Cesesp-PE) Assinale o único período em que há inadequação na colocação pronomina

a) Nenhuma das questões lhe desagradou.
b) Que Deus me ajude!c) Quanto nos custa manter a calma!d) A prova, fi-la sem afobação.
e) Todos retirar-se-iam cedo.

9. (PUCC-SP) Sabendo-se que solecismos são desvios indevidos de regência, concordância e colocação, indique a alternativa que não apresenta nenhum desses desvios, segundo a norma culta:

a) Liliana, te amo perdidamente.
b) Quando saírem com nós, talvez nos contem o caso.
c) As meninas não devem se preocupar com a maquiagem.
d) Entre mim e você, sempre houve compreensão.
e) Esta revista é para mim ler.

10. (UM-SP) Assinale a alternativa em que o pronome pessoal oblíquo poderia ser colocad em duas outras posições:

a) Deixei de cumprimentá-lo.
b) Eles queriam-me enganar.
c) Não te prejudicarei nunca.
d) Os amigos tinham se retirado.
e) Creio que ele não me dará explicações.

GABARITO

1 – C	2 – A	3 – B
4 – D	5 – B	6 – B
7 – D	8 – E	9 – D
10 – B		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-

io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 9

EMPREGO DOS SINAIS DE PONTUAÇÃO

Em primeiro lugar, quero parabenizá-lo por ter chegado até aqui. Espero que você já tenha estudado os outros pontos deste livro, pois o assunto sobre o qual vamos a partir de agora discorrer depende bastante dos conhecimentos anteriores, principalmente do conhecimento sobre sintaxe de oração e de período. Do entendimento com profundidade da oração e dos seus termos, bem como da relação entre as orações, dependerá o sucesso no que diz respeito ao emprego dos sinais de pontuação, uma vez que esta é, na maioria dos casos, uma necessidade sintática. Por isso, convido-o a estudar – se ainda não o fez – aqueles dois assuntos. Adentrar o mundo da pontuação sem dominar os mecanismos básicos da sintaxe é semelhante a tentar resolver um problema de sistema de inequações do segundo grau sem antes ter estudado a resolução de equações do primeiro grau, ou seja, a possibilidade de insucesso é grande. Se já estudou, convido-o então a dar o próximo passo para o seu engrandecimento: vamos juntos entender a aplicação dos diversos sinais que marcam as pausas, a entonação, a mudança semântica e às vezes a melodia do discurso na nossa língua portuguesa.

9.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A princípio é preciso que se estudem as duas principais razões sobre as quais se assenta a pontuação na língua portuguesa. Chamo a essas razões de “bases” da pontuação.

1.ª BASE:

Pontuar é, no mais das vezes, uma necessidade sintática. Isto quer dizer que, para se pontuar bem, deve-se estar atento às funções sintáticas desempenhadas pelos termos e pelas orações, bem como à localização de tais termos e orações no período. Por isso, são inadmissíveis as seguintes pontuações:

a) O ex-presidente da empresa brasileira de correios e telégrafos, viajará na próxima semana.

Regra: Não se separa o sujeito do seu verbo.

b) Por fim, estudou-se o artigo 5.º da Constituição, que confere, aos brasileiros e aos estrangeiros, certos direitos.

Regra: Não se separa por vírgula o verbo do(s) seu(s) objeto(s).

c) A indignação, de muita gente, não transpõe na maioria dos casos o âmbito das conversas privadas.

Regra: Não se separa o nome do(s) seu(s) adjunto(s).

d) O fato que foi revelado nas investigações foi decisivo, para a elucidação do crime.

Regra: Não se separa por vírgula o nome do seu complemento.

Você perceberá que boa parte das regras sempre se refere às funções sintáticas. Daí afirmamos ser a pontuação uma necessidade sintática.

2.ª BASE:

O emprego dos sinais de pontuação pode alterar o sentido e a função sintática de um termo, ou seja, a pontuação, em muitos casos, implicará alterações semânticas e sintáticas. Observe as alterações de sentido e de função sintática entre os pares a seguir:

a) – Ninguém compreende Maria. ⇨ Maria é uma pessoa difícil de se compreender. O termo "Maria" é o objeto direto.

– Ninguém compreende, Maria. ⇨ Maria passa a ser a interlocutora com quem se fala. O termo "Maria" é agora o vocativo.

b) – O empregado falará brevemente com o novo diretor. ⇨ O vocábulo “brevemente” funciona como advérbio de tempo.

– O empregado falará, brevemente, com o novo diretor. ⇨ O vocábulo “brevemente” funciona como advérbio de modo.

c) **– Quero ver o que você vai fazer agora, que o novo gerente é um casca-grossa.** A oração iniciada pelo “que” possui sentido explicativo. O vocábulo “agora” é um advérbio de tempo.

– Quero ver o que você vai fazer, agora que o novo gerente é um casca-grossa. ⇨ A oração iniciada pelo “agora que” possui valor temporal. A locução “agora que” é uma conjunção temporal.

d) Alguém joga uma moeda para cima, pega-a na mão e pergunta:

— É cara ou coroa?
— É coroa, cara.
— Não! Deu cara, coroa!

Observe as alterações semânticas e sintáticas provocadas pelo emprego da vírgula entre os vocábulos “cara” e “coroa”.

e) – De fato, meu amigo não fala de medo. ⇨ Aqui o amigo não fala sobre o “medo”. “De medo” é objeto indireto.

– De fato, meu amigo não fala, de medo. ⇨ Aqui o amigo não fala porque está com medo. “De medo” é um adjunto adverbial de causa.

f) – Todos foram até a mamãe. ⇨ Aqui “todos” chegaram até a mamãe.

– Todos foram, até a mamãe. ⇨ Aqui “todos” foram, partiram, inclusive “a mamãe”.

g) – “Vota Brasil!” ⇨ Aqui o “Brasil” – sujeito – faz a ação de votar. Observe que o verbo “votar” se encontra no presente do indicativo.

– “Vota, Brasil!” ⇨ Aqui o vocábulo “Brasil” passa a exercer a função de “vocativo”. O verbo “votar” se encontra agora na segunda pessoa do imperativo afirmativo.

Reiterando: O emprego dos sinais de pontuação – notadamente a vírgula – pode provocar alterações do sentido e da função sintática dos termos.

9.2 PRINCIPAIS SINAIS DE PONTUAÇÃO

Pontuar é, antes de mais nada, dividir o discurso, separar-lhe as partes quando for necessário. Clara definição para o que vem a ser "pontuar" nos deixou o ilustre mestre Celso Pedro Luft: "Pontuar bem é ter visão clara da estrutura do pensamento e da frase. Pontuar bem é governar as rédeas da frase. Pontuar bem é ter ordem no pensar e na expressão".

Para que bem se efetue esse domínio, empregam-se os sinais de pontuação os quais se dividem em sinais de pausa e sinais de entonação ou melódicos.

1. Sinais de pausa:

a) a vírgula (,);
b) o ponto (.);
c) o ponto e vírgula (;).

2. Sinais de entonação ou melódicos:

a) os dois-pontos (:);
b) o ponto de exclamação (!);
c) o ponto de interrogação (?);
d) as reticências (...);
e) as aspas (" ");
f) os parênteses (( ));
g) os colchetes ([ ]);
h) o travessão (–).

⇨ Observações:

a) Outros sinais podem, em alguns contextos, ser empregados para a marcação de melodia e entonação (recursos expressivos) como o hífen, o parágrafo, o destaque de letras e palavras (emprego do negrito, por exemplo).

b) Em muitos contextos, encontramos o "emprego cumulativo de sinais de pontuação". Podem combinar-se o ponto de interrogação com o ponto de exclamação e vice-versa; e qualquer dos dois, ou ambos, com as reticências. Podemos também usar as reticências e logo em seguida um ponto de exclamação. Com essas combinações, é

possível se obter as mais variadas expressões, seja para indicar simultaneamente a surpresa ou a dúvida contida numa pergunta, seja a expectativa ou a incerteza do interlocutor, seja o prolongamento das entoações interrogativa e exclamativa – entre tantos outros matizes emocionais.

- "Teve o Lemos outro sobressalto que o fez de novo pular na cadeira.

  - Como?... Tem alguém de olho?" (José de Alencar)

- "– Eu estou bem em toda parte, padre-mestre, disse o pároco, caçando os seus chinelos de ourelo. Olha o seminário!... E em Feirão! Caía-me a chuva na cama." (Eça de Queiroz)

- "Silfos ou gnomos tocam?...

  Roçam nos pinheirais

  Sombras e bafos leves

  De ritmos musicais." (Fernando Pessoa)

9.2.1 EMPREGO DA VÍRGULA (,)

Para estudar o emprego da vírgula, primeiro é preciso entender que ela pode ser usada tanto para isolar termos dentro das orações quanto para separar orações dentro de um período composto. Por isso, dividimos seu emprego em:

9.2.1.1 A vírgula entre os termos de uma oração

Emprega-se a vírgula:

a) Para separar termos coordenados assindéticos (sem ligação por conectivo), de mesma função sintática, que formam, muitas vezes, enumerações.

- Deparamo-nos em nossa viagem com uma paisagem paradisíaca na qual se viam o sol, algumas nuvens, o mar ao longe, alguns coqueiros e duas casas numa restinga.

- "Havia sermonários latinos, um Marco Marullo, três retóricas, muitas teologias morais, um Euclides, comentários de versões literais de Tito Livio e Virgílio." (Camilo Castelo Branco)

- A vida, o infinito, o sol, o mar, tudo é um louvor a Deus.

⇨ Observações:

Quando o último elemento de uma série enumerativa vier precedido da conjunção “e”, a vírgula é dispensada. Neste caso, diz-se que se fez uma “enumeração fechada”, pois o último elemento, introduzido pelo conectivo aditivo “e”, finaliza o pensamento, o que não permite inferir que haja outros elementos não mencionados.

- Na festa, todos saltavam, riam, cantavam e dançavam freneticamente.

Não se deve empregar a vírgula antes das conjunções “e, ou, nem” quando estas ligarem palavras ou mesmo orações de pequena extensão.

- “Todo ele era atenção e interrogação.” (Machado de Assis)
- Nem um nem outro lhe deve ficar obrigado.” (A. Herculano)
- “Com ela ou sem ela, tenho por certa a nossa ida.” (Machado de Assis)

Emprega-se a vírgula antes do “e” quando este vier repetido antes de cada um dos elementos (polissíndeto).

- “Tua irmã é carinhosa, e doce, e meiga, e casta, e consoladora.” (Eça de Queiroz)

b) Para isolar vocativos.

- “Mas olha, meu Telmo, torno a dizer-to: eu não sei como hei de fazer para te dar conselhos.” (A. Garrett)
- Que foi, Madalena, há algum problema na comida?
- “De maneira, cristãos, que temos hoje a maior tentação: queira Deus que tenhamos também a maior vitória.” (Pe. Antonio Vieira)

c) Para separar adjuntos adverbiais locucionais deslocados dentro da estrutura oracional.

- “A morte de Afonso VI, quase no fim da primeira década do século XII, deu origem a acontecimentos ainda mais graves do que os por ele previstos...” (A. Herculano)
- “Desde as quatro horas da tarde, no calor e silêncio do domingo de junho, o Fidalgo da Torre (...) trabalhava.” (Eça de Queiroz)
- “Depois das grandes dores e das lágrimas torrenciais, forma-se também no coração do homem um húmus poderoso...” (José de Alencar)
- “Diante dessa varanda, na claridade forte, pousava a mesa ... .” (Eça de Queiroz)

⇨ Observações essenciais:

Os adjuntos adverbiais formados por um só vocábulo – e mesmo os adjuntos adverbiais locucionais, de pequena extensão – dispensam a vírgula, salvo se se quiser conferir-lhes ênfase.

- Iremos hoje ao shopping.
- Todos em princípio discordam do que ele disse.
- Amanhã de manhã chegarão o Presidente da República e toda a sua comitiva.
- "Logo pela primeira vez o caso intrigou a vizinhança." (Lima Barreto)
- "Esta atitude de resto convém ao bacharel... ." (Eça de Queiroz)

Os adjuntos adverbiais terminados no sufixo "-mente" seguem a regra de pontuação dos adjuntos adverbiais simples: ou não se põe nenhuma vírgula, ou se isola o advérbio com vírgula(s) para conferir-lhe ênfase ou alterar-lhe a semântica.

- "É verdade que a guitarra vinha decentemente embrulhada em papel, mas o vestuário não lhe escondia inteiramente as formas." (Lima Barreto)
- "... uma flor consolaria aquela deserdada; mas na disposição dos seres, infelizmente, a Substância que lá devia ser rosa é aqui na Baixa homem de Estado..." (Eça de Queiroz)
- "Realmente, era graciosa e viva nos gestos, olhos cálidos, boca fina e interrogativa." (Machado de Assis)

d) Para isolar apostos explicativos.

- "Vós fostes o aio e amigo de meu senhor... de meu primeiro marido, o Senhor D. João de Portugal..." (A. Garrett)
- "O Dr. Camargo, médico e velho amigo da casa, foi ter com Estácio." (Machado de Assis
- Recife, cidade cortada por rios, é conhecida como a Veneza brasileira.
- Salomão, filho de Davi, foi um rei sábio.

e) Para isolar o nome do lugar quando seguido de data.

- Palmares, 2 de fevereiro de 2004.

f) Para isolar alguns termos sintáticos – geralmente complementos verbais – posto no início do período (anástrofe), com o intuito de conferir-lhes ênfase, desde

que sejam retomados de forma pleonástica por pronome oblíquo.

- As ideias do nosso presidente, já não mais as defendo.
- Aos amigos do alheio, difícil é perdoar-lhes os prejuízos que causam.

g) Para isolar o predicativo do sujeito deslocado dentro da estrutura oracional quando o verbo não é de ligação.

- Triste com a notícia, o rapaz deixou a sala em silêncio.
- O governo, contente com a redução da inflação, interveio junto ao Banco Central para que este diminua a taxa Selic.
- O professor, desesperado, deixou a sala.

h) Para indicar uma elipse (ocultação), geralmente, de um verbo.

- O Brasil sempre exportou carnes; a Argentina, sapatos e couro; a Venezuela, petróleo. (Elipse do verbo "exportar")
- "A moral legisla para o homem; o direito, para o cidadão." (Tomás Ribeiro apud Artur de A. Tôrres)
- Marcos estuda francês, e João, inglês.

i) Para separar expressões explicativas, conclusivas e retificativas, interpostas na oração, como "isto é, a saber, ou seja, por exemplo, ou melhor, outrossim, com efeito, assim, então, por assim dizer, além disso, ademais etc.".

- "Quaresma fez o "Tangolomango", isto é, vestiu uma velha sobrecasaca do general..." (Lima Barreto)
- "Esta singularidade era um símbolo da união, ou melhor, da comunhão que o dono da casa queria que houvesse durante a ceia..." (José de Alencar)
- "O calor úmido das paragens amazonenses, por exemplo, deprime e exaure." (Euclides d Cunha)

j) Para separar os elementos paralelos nas frases proverbiais.

- O velho a estirar, o diabo a enrugar.
- Dinheiro na mão, amigos no portão.

9.2.1.2 A vírgula entre as orações

a) Para separar orações coordenadas assindéticas.

- "Entregou a espingarda a sinhá Vitória, pôs o filho no cangote, levantou-se, agarrou os bracinhos..." (Graciliano Ramos)
- "Os juazeiros aproximaram-se, recuaram, sumiram-se." (Graciliano Ramos)
- "Deus quer, o homem sonha, a obra nasce." (Fernando Pessoa)
- "E agora, José?
  A festa acabou,
  a luz apagou,
  o povo sumiu,
  a noite esfriou." (C. Drummond)

b) Emprega-se a vírgula para separar as orações coordenadas sindéticas, exceto as introduzidas pelo conectivo aditivo "e".

- "... as duas janelas estavam cerradas, mas sentia-se fora o sol faiscar nas vidraças..." (Eça de Queiroz)
- "Não freqüentava botequins, nem fazia noitadas." (Eça de Queiroz)
- "... ora tinha trabalho que me obrigava a fechar o gabinete, ora saía ao domingo para ir passear pela cidade e arrabaldes o meu mal secreto." (Machado de Assis)
- "Note que é só para fazer mal, porque ele é tão religioso como este lampião." (Machado de Assis)
- Não estudas regularmente, logo és um mau aluno.

⇨ Observações:

A vírgula é de rigor antes do "e" aditivo quando vem repetido antes de cada oração (polissíndeto), quando o "e" possui valor adversativo, ou quando a oração introduzida pelo "e" apresenta sujeito diverso da oração assindética anteposta.

- Preparou-se profundamente para o concurso, e não conseguiu ser aprovado nem na primeira etapa.

> O "e" possui valor adversativo.

- "Cumpriu-se o Mar, e o Império se desfez." (Fernando Pessoa)

Os sujeitos das orações são diferentes.

- “Rita tratou especialmente do coração, e ninguém o faria melhor.” (Machado de Assis)
- *“Rondo-te, e arquejo, e choro, ó cidadela!”* (Olavo Bilac, apud Domingos Paschoal Cegalla)

Boa parte dos conectivos coordenativos admite o deslocamento dentro da oração coordenada de que eles fazem parte. Um bom paradigma nos dão as conjunções coordenativas adversativas (construções possíveis):

- As ideias construídas por ele têm fundamento, mas são inaplicáveis à realidade do dia a dia.

Posição mais comum – conectivo introduz a oração coordenada sindética.
A vírgula deve ser aplicada antes do conectivo.

- As ideias construídas por ele têm fundamento; entretanto, são inaplicáveis à realidade do dia a dia.

pontuação enfática para o conectivo

- As ideias construídas por ele têm fundamento; são inaplicáveis, porém, à realidade do dia a dia.

conectivo deslocado dentro da oração sindética

- As ideias construídas por ele têm fundamento; são inaplicáveis à realidade do dia a dia, no entanto.

conectivo deslocado dentro da oração sindética

Quando a oração assindética é de considerável extensão, pode-se finalizá-la com um ponto. Depois inicia-se a oração sindética com conectivo adequado, o qual poderá ou não ser isolado por uma vírgula.

- “Quis puxar as de Capitu, mas ainda agora a ação não respondeu à intenção. Contudo, achei-me forte e atrevido.” (Machado de Assis)

- “A criação de gado é ali a sorte de trabalho menos impropriada ao homem e à terra. Entretanto não há vislumbrar nas fazendas do sertão a azáfama festiva das estâncias do Sul.” (Euclides da Cunha)

c) Para separar orações subordinadas adjetivas explicativas.

- “Aquele olhar profundo, que parecia despedir os fogos surdos de uma labareda oculta, incutia nela um desassossego íntimo.” (José de Alencar)
- O homem, que é mortal, julga-se às vezes eterno.
- “Eu, que já a achava lindíssima, bradaria que era a mais bela criatura do mundo se o receio me não fizesse discreto.” (Machado de Assis)
- “Qualquer príncipe italiano, cujo principado é menos do que a sua capital, tem residências dez vezes mais magníficas do que esse bocó de Sanjon.” (Lima Barreto)

d) Para separar orações subordinadas adverbiais desenvolvidas quando antepostas à oração principal ou intercaladas nela.

- “Logo que começou a revolver os papéis, a mão do médico tornou-se mais febril.” (Machado de Assis)
- O conselheiro, embora não figurasse em nenhum grande cargo do Estado, ocupava elevado lugar na sociedade. (Machado de Assis)
- A audiência foi, conforme atestaram os advogados, bastante positiva para a defesa.
- “Como pregava gratuitamente, o vigário de Caldelas era chamado por todos os mordomo e confrarias festeiras.” (Camilo Castelo Branco)

e) Para separar as orações reduzidas (de gerúndio, de infinitivo e de particípio) adverbiais e adjetivas quando antepostas à oração principal ou intercaladas nela.

- “Hoje, pensando melhor, acho que servi de alívio.” (Machado de Assis)
- Acabada a balada, retiraram-se os convidados.
- “Provado o roubo, iremos haver a importância dos dois brilhantes ultimamente comprados ao ourives que no-los vendeu.” (Camilo Castelo Branco)
- “A Serra do Grão-Mogol, raiando as lindes da Bahia, é o primeiro espécimen dessas esplêndidas chapadas imitando cordilheiras...” (Euclides da Cunha)
- A lagarta, paralisada pelo veneno da vespa, nada poderá fazer para evitar o seu martírio.

f) Para separar orações intercaladas.

- “Venha, acudiu ele, venha o grande o homem.” (Machado de Assis)
- Cão que ladra, diz o dito popular, não morde.
- “Onde é que se viu, diziam eles, um imperador que só tem dois palácios?” (Lima Barreto)

9.2.1.3 Não se emprega a vírgula

O emprego da vírgula, como já vimos, obedece a critérios bem definidos. Pode ser empregada tanto entre termos de uma oração quanto entre orações. O interessante é notar que boa parte dos casos estudados se refere a estruturas nas quais existem inversões (ordem indireta). Por causa dessas inversões “pontua-se”, emprega-se algum sinal de pontuação para evitar confusões. Logo, a ordem direta, em princípio, dispensa o emprego de sinais de pontuação. Portanto, o estudante da língua-mãe deve estar atento à estrutura do período se quiser empregar bem algum sinal de pontuação. Observe o exemplo abaixo:

- O ex-diretor licenciado da empresa brasileira de correios e telégrafos deverá viajar nas próximas duas semanas.

O período dispensa qualquer sinal de pontuação, porquanto se encontra na ordem direta.

Ademais, não se deve empregar a vírgula:

a) Entre o sujeito e o seu verbo quando juntos, ainda que um preceda ao outro.

- A indignação de muitos estudantes, não transpõe o âmbito das conversas privadas.
- Não é fácil, manter-se o equilíbrio entre o direito e o dever.
- O fato de ter cultivado tantos amigos e granjeado o respeito de todos, é prova suficiente de que ele teve uma vida digna.
- Fica claro, que deve ser pago ao reclamante o valor referente às horas suplementares.

b) Entre o verbo e o(s) seu(s) complemento(s) quando juntos, ainda que um preced ao outro.

- O artigo 273 do CPC garante, ao autor, a antecipação dos efeitos da tutela.
- Deverão ser entregues ao auditor, todas as cópias, devidamente autenticadas.
- São vultosos os prejuízos causados pelos sonegadores e pelos corruptos ao povo brasileiro, com os quais, se indigna o motorista.

- Esclarece o reclamante, que a empresa jamais efetuou qualquer depósito em sua conta vinculada.

c) Entre o nome (substantivo, adjetivo ou advérbio) e o seu complemento quando estão juntos.

- Ele sempre exerceu uma forte influência, na investigação dos casos de corrupção no Brasil.
- Não havia mais dúvidas, de que a vida dele era uma questão de dias.
- Os homens têm-se tornado insensíveis, à dor alheira.

d) Entre o nome (substantivo) e o seu adjunto adnominal.

- A casa e todos os bens, de nossos avós, foram doados para abrigos de idosos.
- Ficou durante um bom tempo impressionado com o nome, do marido dela.

e) Entre o nome e a oração subordinada adjetiva restritiva.

vírgulas inadequadas – a oração adjetiva é restritiva

- O homem, que fuma, aumenta a probabilidade de desenvolver câncer de pulmão.

vírgulas inadequadas – a oração adjetiva é restritiva

- O deputado, que é honesto, possui mais facilidade para se reeleger em uma segunda eleição.

⇨ Observação:

Quando a oração adjetiva restritiva é de certa extensão, é lícito empregar a vírgula ao final dela.

- "As famílias que se estabeleceram naquelas encostas meridionais das longas serranias chamadas pelos antigos Montes Marianos, conservaram por mais tempo os hábitos erradios dos povos pastores." (M. Said Ali – *Gramática Secundária da Língua Portuguesa*)

f) Entre a oração principal e a oração subordinada substantiva, salvo a oração subordinada substantiva apositiva.

- Mostrou-se bastante ansioso, por que o problema logo fosse resolvido.
- O deputado secretamente nos disse, que o Brasil certamente passará por uma crise

financeira em breve.

- Nosso maior problema fora, que ele não admitia ser cuidado por ninguém.

⇨ Observação:

Se a oração subordinada substantiva vier anteposta à oração principal, a vírgula é de rigor.

- Que ele é o presidente, já se sabia; que ele não tem competência, já se sabia também.
- Quando ocorrerá o evento, não se disse.

9.2.2 EMPREGO DO PONTO (.)

É o principal sinal de pontuação empregado para finalizar as proposições declarativas, simples ou compostas, de sentido completo.

- "Os pés do que entrara apenas faziam um rumor sumido no chão de mármore. Vinha descalço. A sua aljarabia ou túnica era de lá grosseiramente tecida, o cinto uma corda de esparto." (A. Herculano)
- "Estava Ângela na janela da sua casa na "rua do Bispo", quando o marido surdiu da esquina da "Praça nova". Reconheceu-o logo pela corpulência redonda." (Camilo Castelo Branco)

O ponto final também é empregado para:

a) Encerrar a oração adversativa assindética de certa extensão, principalmente quando a oração sindética posposta é aditiva ou adversativa e traz uma ideia nova, um pensamento novo em relação à oração assindética.

- "– Quando era mais jovem, em criança, era natural, ele podia passar por criado. Mas voc está ficando moço e ele vai tomando confiança." (Machado de Assis)
- "O mistério que havia entre ambos ninguém o podia entender. E, todavia, a explicação era bem simples: estava no caráter extremamente religioso do califa, na sua velhice e no seu passado de príncipe absoluto." (A. Herculano)

b) Indicar a abreviatura de uma palavra. Neste caso, recebe o nome de "ponto abreviativo

- pág. ou p.
- Cel. (Coronel)
- r. (rua)
- prof. (professor)
- Dr. (doutor)

9.2.3 EMPREGO DO PONTO E VÍRGULA (;)

O ponto e vírgula representa uma pausa maior que a vírgula e menor que o ponto final. Não há regras bem delimitadas para o seu emprego. É comum empregar:

a) Para separar os incisos de leis, decretos, portarias etc.

Art. 3.º Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil:

I – construir uma sociedade livre, justa e solidária;

II – garantir o desenvolvimento nacional;

III – erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais;

IV – promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

b) Para separar orações coordenadas de sentidos opostos.

- A irmã odeia esportes; o irmão ama tudo que exige movimento.
- "O egoísmo vê na revolução um fato que destrói; o gênio contempla na revolução uma idéia que edifica." (Coelho Neto *apud* Jorge Miguel)
- João é um trabalhador; Pedro é um vadio.

c) Para separar orações coordenadas de considerável extensão, principalmente quando em qualquer destas proposições já existe pausa mais fraca assinalada por vírgula.

- A porta ficava à direita da grande coluna de entrada do templo budista; a sala do mestre localizava-se depois dessa porta.
- Nada se comparava ao devaneio sentido naquele momento da sessão de psicoterapia; e contava-me tudo sem restrições.
- À véspera do grande evento, o jovem pianista entregou-se, em seu quarto, ao silêncio e à meditação; e passou as últimas 24 horas em total solidão.
- O governo, depois do confronto com os manifestantes, resolveu negociar; mas os termos da negociação ainda serão analisados pela Procuradoria Regional do Trabalho.

9.2.4 EMPREGO DOS DOIS-PONTOS (:)

Os dois-pontos representam geralmente uma pausa repentina, instantânea, um pouco mais intensa que a vírgula, indicando, na maioria dos casos, uma estrutura incompleta. São empregados para:

a) Separar o verbo de dizer (*dicendi*) do discurso direto (fala) da personagem.

- E a filha, cingindo-lhe ao pescoço, exclamara:
  – E quando vamos? (Camilo Castelo Branco)
- "O romano Aécio teve, porém, piedade de Átila e aos filhos de Teodorico disse: – Ide-vos porque o império está salvo." (A. Herculano)

b) Enunciar uma enumeração.

- Frequentemente lia os clássicos portugueses: Camões, Camilo, Herculano e Quental.
- Durante a aula, anote as seguintes coisas: principais pontos, as principais definições e as principais aplicações.

c) Separar expressões que explicam ou completam o que foi dito anteriormente.

- "Mal, porém, o marido lhe dava as costas, voltava-lhe a fraqueza: vinham-lhe as lágrimas, tornavam as agonias." (Lima Barreto)
- "Olhe que ambas elas têm nomes inspiradores: uma é Berta, a outra é Laura." (Camilo, apud Arthur de A. Torres)
- "Hoje, a cobiça assentou-se no lugar da eqüidade: o juiz vende a consciência no mercado dos poderosos, como as mulheres de Babilônia vendiam a pudicícia nas praças públicas aos que passavam, diante da luz do dia." (Camilo Castelo Branco)
- "A morte não extingue: transforma; não aniquila: renova; não divorcia: aproxima." (Rui Barbosa, apud Jorge Miguel)

d) Indicar uma citação, alheia ou própria.

- Pensamos como Pitágoras: "Educai as crianças e não será preciso castigar os homens".
- "Disse comigo: 'Que importa ao mundo a vida de um pobre truão'"? (A. Herculano)
- Às margens do Ipiranga, bradou D. Pedro I: "Independência ou morte!".

e) Marcar a supressão de uma conjunção (conectivo).

- Penso hoje que a vocação dele era, de fato, o serviço público: sentia-se suficientemente recompensado pela responsabilidade que lhe cabia.

Supressão de conjunção causal (porque, já que, visto que etc.)

- “Tereza não ouviu o remate da brutal apóstrofe: tinha fugido aturdida e envergonhada.” (Camilo Castelo Branco)

Supressão de conjunção causal (porque, já que, visto que etc.)

9.2.5 PONTO DE EXCLAMAÇÃO (!)

É o sinal de pontuação empregado depois de interjeições, palavras ou frases com o intuito de expressar admiração, espanto, surpresa, afeto, cólera, ou seja, estados emotivos.

- “Espanta discrição tamanha na índole de Simão Botelho, e na presumível ignorância de Teresa em coisas materiais da vida, como são um patrimônio!” (Camilo Castelo Branco – Amor de perdição)
- “— O lacaio ficou-se de uma vez! disse o vestido roxo com um movimento de impaciência

  — É verdade! respondeu distraidamente a companheira.” (José de Alencar)
- “Ah! quem pode saber de que outras vidas veio?...

  Quantas vezes, fitando a Via-Láctea, creio

  Todo o mistério ver aberto ao meu olhar!” (Olavo Bilac)

⇨ **Observação:**

Às vezes, aparecem juntos o ponto de exclamação e o ponto de interrogação, imprimindo à frase tanto um caráter exclamativo quanto um caráter interrogativo.

- “É a história. E história assim poderá ouvi-la a olhos enxutos a mulher, a criatura mais bei formada das branduras da piedade, a que por vezes traz consigo do céu um reflexo da divina misericórdia?!” (Camilo Castelo Branco)
- “Como queres que eu vá, triste e sozinho,

  Casando a treva e o frio de meu peito

  Ao frio e à treva que há pelo caminho?!” (Olavo Bilac)

9.2.6 PONTO DE INTERROGAÇÃO (?)

É o sinal de pontuação usado depois de palavras e frases interrogativas.

- “Não haveria castigo que me tirasse semelhante remorso da consciência, fosse de que modo fosse, perpetrado o assassinato. Que acha você?

  — Eu também; mas você sabe o que dizem esses políticos que sobem às alturas com dezenas de assassinatos nas costas?” (Lima Barreto)

- “Não foi preciso romper o sobrescrito, porque vinha aberta.

  — É de meu pai... disse Amâncio.

  — Ah! é do velho Vasconcelos?... Como vai ele?” (Aluísio Azevedo)

- “Lembras-te? Um dia me disseste:

  “Tudo acabou!” E eu exclamei:

  “Se vais partir, por que vieste?” (Olavo Bilac)

⇨ **Observação:**

Nas interrogativas indiretas, o ponto de interrogação é dispensado.

- “Perguntou ao arreeiro se conhecia alguma casa em Viseu onde ele pudesse estar escondido uma noite ou duas, sem receio de ser denunciado.” (Camilo Castelo Branco)

- “Não ficaram estes contentes e procuraram indagar quem era o dono da casa.” (Lima Barreto)

9.2.7 RETICÊNCIAS (...)

É o sinal de pontuação empregado para indicar a supressão de um pensamento, de uma ideia. O emprego das reticências – chamadas também de “pontos de reticência” – procura aproximar ao máximo o leitor do estado de espírito do falante.

- “No seu tempo, dizia o cônego, o pároco era um rapaz franzino, acanhado, cheio de espinhas carnais... “ (Eça de Queiroz)

- “— Vamos, Eugênio. São horas... vamos apartar os bezerros e tocar as vacas para a outra banda.” (Bernardo Guimarães)

- “E os senhores, a serem cá de Lisboa, hão de dizer que sim. Mas nós...” (A. Garret)

⇨ **Observação:**

Às vezes as reticências aparecem combinadas com o ponto de exclamação ou com o

ponto de interrogação.

- “És filho de teu pai!... Não importa.” (A. Herculano)
- “Para que tornar-lhe a morte mais aflitiva pela certeza...?” (Machado de Assis)

9.2.8 ASPAS (“ ”)

As aspas são sinais de pontuação geralmente empregados nas citações ou transcrições para distingui-las da parte restante do discurso. As aspas, portanto, indicarão o início e o fim do discurso alheio.

- Depois de se conservar algum tempo em silêncio, exclamou:

  “Se os mensageiros dos levantados não chegarem até o anoitecer, não falemos mais nisso.” (A. Herculano)
- A maçã parecia um creme! Até a mana Josefa disse: “Está tão boa que parece que foi cozida em água benta!” (Eça de Queiroz)
- Supôs-se naquele tempo um desgraçado, um caipora, quando a verdade era que “mais vale quem Deus ajuda, do que quem cedo madruga”. (Machado de Assis)
- O *Times* dizia o ano passado: “Desorganizado está o partido cujo acordo reduz-se a reconhecer o princípio negativo de que *a função da oposição consiste em opor-se*”. (Rui Barbosa)

Além desse emprego mais frequente das aspas, elas são também usadas para:

a) Enfatizar um termo, uma palavra ou uma expressão dentro da estrutura oraciona

- Os pais sorriam-se cheios de satisfação da ingenuidade do “mestrinho”, como daí em diante o chamavam, e não lhe levavam a mal as suas longas e quotidianas ausências. (Bernardo Guimarães)
- Aprendeu a “artinha” musical na terra do seu nascimento, nos arredores de Diamantina, em cujas festas de igreja a sua flauta brilhara, e era tido por muitos como o primeiro flautista do lugar. (Lima Barreto)
- Margarida já está ficando uma senhora, e você não pode tratar “a ela” agora como no tempo em que brincavam juntos o “esconde-esconde”. (Bernardo Guimarães)

b) Salientar palavras de outras línguas – estrangeirismos – usadas dentro de um período.

- “Diex le volt!” E, barão entre os barões primeiros

Foste, através da Europa, ao Sepulcro ameaçado. (Olavo Bilac)

- Tenho que lá estar

  E acreditem, o cansaço antecipado é tão grande

  Que, se o “Sud Express” soubesse, descarrilava... (Fernando Pessoa)

- Deu-lhe dinheiro para voltar, um chapéu de cortiça, umas perneiras, um cachimbo e uma lata de fumo “Navy Cut”; ... (Lima Barreto)

c) Isolar o discurso de um personagem em textos narrativos. Geralmente isso ocorr quando se trata de discursos únicos, de pouca extensão.

- São retratos que valem por originais. O de minha mãe, estendendo a flor ao marido, parece dizer: “Sou toda sua, meu guapo cavalheiro!” (Machado de Assis)

- Não pude ouvir as palavras que tio Cosme entrou a dizer. Prima Justina exortava: “Prima Glória! Prima Glória!”. José Dias desculpava-se: “Se soubesse, não teria falado, mas falei pela veneração, pela estima, pelo afeto, para cumprir um dever amargo, um dever amaríssimo...” (Machado de Assis)

d) Salientar gírias, arcaísmos e formas populares que fogem do nível da fala usada pelo autor do texto.

- Toda a província o aterrava: via-se lá obscuro, jogando a manilha na Assembleia, morrendo de caquexia. Por isso não “arredava pé”; e esperava, com a tenacidade do plebeu sôfrego, uma clientela rica, uma cadeira na escola, um cupê para as visitas, uma mulher loura com dote. (Eça de Queiroz)

- Passam as “chuvas do caju” em outubro, rápidas, em chuvisqueiros prestes delidos nos ares ardentes, sem deixarem traços; ... (Euclides da Cunha)

e) Indicar – algumas vezes de forma irônica – o emprego de palavras em sentido diverso do que lhe é habitual.

- Cruzamos a povoação em todos os sentidos, procurando rastrear algum vestígio. Confrontar algum sítio onde pudéssemos colocar, pela mais atrevida suposição que fosse, a tenda do nosso Alfageme com as suas espadas bem “corrigidas”, as suas armaduras luzentes e bem postas. (A. Garret)

- Um desses “oficiais” defensores da legalidade era o Capitão Virgulino Ferreira, o Lampião. (Raquel de Queiroz)

⇨ **Observação:**

Quando se quer enfatizar um termo ou expressão que já se encontra entre aspas, devem ser usadas as aspas simples (‘ ’).

- Uma manhã, depois de um grande silêncio de Basílio, recebeu da Bahia uma longa carta, que começava: “Tenho pensado muito e entendo que devemos considerar a nossa inclinação como uma ‘criancice’...” (Eça de Queiroz)

9.2.9 PARÊNTESES (( ))

Os parênteses são frequentemente usados na escrita para isolar termos, palavras, expressões e orações intercalados na estrutura oracional e muitas vezes deslocados dentro dela. Por isso, são empregados para:

a) Isolar – à semelhança do emprego da vírgula e do travessão – termos, notas e orações acessórios, intercalados no período.

- “A entrada ao que me dizem (eu nunca entrei a barra) é um panorama grandioso, rival das Constantinoplas e das Nápoles.” (Eça de Queiroz)
- “Se eu morrer – e ainda bem! – antes desse dia (dia, talvez, inevitável!), deixarei dito a Mafalda que seja sempre o que tua mãe e eu fomos para ti: o coração devotado sem condições.” (Camilo Castelo Branco)
- “Posto que nascido na roça (donde vim com dous anos) e apesar dos costumes do tempo eu não sabia montar, e tinha medo ao cavalo.” (Machado de Assis)
- “Um criado (o espanhol) acendeu o gás. Os outros convivas seguiram o primeiro, escolheram charutos e os que ainda não conheciam o gabinete admiraram os móveis bem-feitos e bem dispostos.” (Machado de Assis)

b) Isolar palavras e expressões de valor explicativo dentro do período à semelhança do emprego da vírgula e do travessão.

- “Chegamos ao Inn (estalagem), triste casa solitária no meio dos campos à borda da estrada.” (A. Garret)
- “Olha para si, para as chinelas (umas chinelas de Túnis, que lhe deu recente amigo, Cristiano Palha), para a asa, para o jardim, para a enseada, para os morros e para o céu; e tudo, desde as chinelas até o céu, tudo entra na mesma sensação de propriedade.” (Machado de Assis)

c) Isolar – à semelhança da vírgula e do travessão – a oração adjetiva explicativa:

- “Se os homens (que, em geral, são maus os homens todos)

Te insultarem a crença, e a cobrirem de apodos,

Que dirás, que farás contra essa gente inculta?" (Olavo Bilac)

- "O vaqueiro separa escrupulosamente a grande maioria de novas cabeças pertencentes ao patrão (nas quais imprime o sinal da fazenda) das poucas, um quarto, que lhe couberam por sorte." (Euclides da Cunha)

d) Indicar o comportamento da(s) personagem(ns) em textos narrativos ou peças escritas para o teatro.

- "Não tem outro defeito; é uma alma lavada, e amiga da sua amiga. Verdade, que, às vezes... (aqui a prelada ergueu-se a escutar nos dormitórios, e fechou por dentro a porta); ..." (Camilo Castelo Branco)

- "Ágata (caindo de joelhos aos pés de Júlio)

"— Mas mata-me! Mata-me, por piedade! Antes a morte, que ver, com esses desprezos, o coração rasgado fibra a fibra!" (Eça de Queiroz)

e) Isolar orações subordinadas reduzidas e desenvolvidas intercaladas.

- "Quando eu referi a Escobar aquela opinião de minha mãe (sem lhe contar as outras naturalmente) vi que o prazer dele foi extraordinário." (Machado de Assis)

- "— De resto, segundo ele, a fêmea era um ente subalterno; o homem deveria aproximar-se dela em certas épocas do ano (como fazem os animais, que compreendem estas coisas melhor que nós), fecundá-la, e afastar-se com tédio." (Eça de Queiroz)

- "O único expediente regular (para revogar uma lei que não se acha de acordo com as necessidades de uma nação) é o remédio que pode provir do Poder Legislativo." (Rui Barbosa)

f) Isolar o advérbio latino "*sic*", que significa "assim", usado quando se quer atesta a fidelidade de um texto transcrito. Geralmente os escritores mais modernos o usam quando há desvio da norma culta no trecho transcrito.

- Nessa altura, entrava em detalhes secretos da vida feminina e aduzia: "foi uma grande tristeza em saber que o doutor R. S. sabe de teus particulares moral" (*sic*). (Lima Barreto)

⇨ Observação:

Como se pode perceber pelas orientações acima, os parênteses também substituem a vírgula e o travessão, embora não seja comum na língua pátria essa substituição. Entretanto, é preciso ter muito cuidado, pois em muitas construções os parênteses (e até

mesmo os travessões) fazem o isolamento exclusivo de um único termo, sendo necessário o uso de uma vírgula após o termo isolado. Vejamos:

- Quando chegou, a reunião já havia começado. (Emprego obrigatório da vírgula para separar a oração adverbial temporal, anteposta à oração principal).
- Quando chegou (ele só chega atrasado), a reunião já havia começado. (Veja que nesse exemplo os parênteses isolam apenas a oração interferente "ele só chega atrasado", sendo necessário o emprego da vírgula para separar a oração subordinada adverbial temporal, anteposta à oração principal.

9.2.10 COLCHETES ([ ])

Os colchetes apresentam emprego semelhante ao dos parênteses. Aliás, os colchetes são considerados como "parênteses em forma angular" ou "parênteses quadrados". O emprego mais largo deste sinal ocorre na matemática, quando os colchetes precedem os parênteses numa equação.

9.2.11 TRAVESSÃO (–)

É o sinal de pontuação representado por um traço de certa extensão, um pouco mais longo que o hífen, que geralmente simboliza pausas dentro da estrutura oracional. Logo, emprega-se para:

a) Substituir a vírgula e até mesmo os parênteses, indicando uma pausa mais extensa, mais profunda, mais enfática.

- "Todo aquele dia lhe aparecia como enevoado, sem contornos, à maneira de um sonho antigo – onde destacava a cara balofa e amarelada do padre, e a figura medonha de uma velha, que estendia a mão adunca, com uma sofreguidão colérica, empurrando, rogando pragas, quando, à porta da igreja, Jorge comovido distribuía patacos." (Eça de Queiroz)
- "Entre quarenta e oito liberais de um lado, que sustentam o projeto, e quarenta e um conservadores do outro, que o combatem, vós – *os nove* – preferis fundir-vos na minoria inimiga do vosso partido, para com essa aliança constituir maioria hostil ao gabinete." (Rui Barbosa)
- "Boas, ou más, justas, ou falsas, liberais, ou revolucionárias, dêem-lhes lá os qualificativo que quiserem (depois os discutiremos), – a verdade é que o que, precisamente, se não podia esperar do redator-chefe desta folha, eram outras opiniões, outras conclusões, outras atitudes, que não as mantidas por ele nestas colunas." (Rui Barbosa – *Obras seletas*)

⇨ **Observação:**

Perceba que o emprego de um sinal de pontuação não elide o emprego de um outro. Prova disso é o último exemplo extraído de um discurso do mestre Rui Barbosa, cujos termos foram publicados em 2 de abril de 1889, em um diário de notícias daquele tempo.

- Quando ele chegou às 9h45min – ele sempre chegava atrasado –, o diretor já fizera os comentários iniciais.

b) Para indicar a mudança de interlocutor nos discursos narrativos.

- "Na varanda achei prima Justina, passeando de um lado para outro. Veio ao patamar e perguntou-me onde estivera.

  — Estive aqui ao pé, conversando com D. Fortunata, e distraí-me. É tarde, não é? Mamãe perguntou por mim?

  — Perguntou, mas eu disse que você já tinha vindo." (Machado de Assis)

9.3 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (Juiz de Direito – TJ/SP) Assinale a alternativa correta quanto à pontuação.

   a) É certo que um acordo, embora, às vezes, possa haver condições não almejadas pelas partes, torna-se mais vantajoso, após anos de litigância, do que a expectativa de uma decisão desfavorável.
   b) É certo, que um acordo, embora às vezes possa haver condições, não almejadas, pelas partes, torna-se mais vantajoso após anos de litigância, do que a expectativa de uma decisão, desfavorável.
   c) É certo, que um acordo, embora, às vezes, possa haver, condições não almejadas pelas partes, torna-se, mais vantajoso, após anos de litigância, do que a expectativa de uma decisão desfavorável.
   d) É certo que um acordo, embora, às vezes, possa haver, condições não almejadas, pelas partes, torna-se mais vantajoso após anos de litigância do que a expectativa de uma decisão desfavorável.

2. (UFRS) Assinale o texto de pontuação **correta**.

   a) Eu, posto que creia no bem não sou daqueles que negam o mal.
   b) Eu, posto que creia, no bem, não sou daqueles, que negam, o mal.
   c) Eu, posto que creia, no bem, não sou daqueles, que negam o mal.

d) Eu, posto que creia no bem, não sou daqueles que negam o mal.
e) Eu, posto que creia no bem, não sou daqueles, que negam o mal.

3. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa em que o texto esteja **corretamente** pontuado.

a) Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo sem chapéu trazendo pela mão, uma menina de quatro anos.
b) Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja, um sujeito baixo, sem chapéu, trazendo pela mão, uma menina de quatro anos.
c) Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo, sem chapéu, trazendo pela mão uma menina de quatro anos.
d) Enquanto eu, fazia comigo mesmo, aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo sem chapéu, trazendo pela mão uma menina de quatro anos.
e) Enquanto eu fazia comigo mesmo, aquela reflexão, entrou na loja, um sujeito baixo, sem chapéu trazendo, pela mão, uma menina de quatro anos.

4. (Cefet-PR) Assinale o item em que o texto está **corretamente** pontuado.

a) Não nego, que ao avistar a cidade natal tive uma sensação nova.
b) Não nego que ao avistar, a cidade natal, tive uma sensação nova.
c) Não nego que, ao avistar, a cidade natal, tive uma sensação nova.
d) Não nego que ao avistar a cidade natal tive uma sensação nova.
e) Não nego que, ao avistar a cidade natal, tive uma sensação nova.

5. (FCC – Soldado PM/BA) Está inteiramente correta a pontuação da seguinte frase:

a) Ao longo do tempo, verificou-se que o homem é capaz de se valer de suas experiências, sobretudo as mais marcantes, para se prevenir contra tudo o que possa vir a representar uma ameaça para ele.
b) Ao longo do tempo verificou-se, que o homem, é capaz de se valer de suas experiências, sobretudo as mais marcantes para se prevenir contra tudo, o que possa vir a representar uma ameaça para ele.
c) Ao longo do tempo, verificou-se que o homem é capaz, de se valer de suas experiências, sobretudo, as mais marcantes, para se prevenir, contra tudo o que possa vir a representar, uma ameaça para ele.
d) Ao longo do tempo verificou-se que, o homem, é capaz de se valer, de suas experiências, sobretudo as mais marcantes para se prevenir contra tudo o que o que possa vir a representar: uma ameaça para ele.
e) Ao longo do tempo, verificou-se, que o homem é capaz de se valer de suas experiências, sobretudo as mais marcantes para se prevenir contra tudo o que

possa vir a representar: uma ameaça para ele.

6. (FMU-SP) Em: “A menina, conforme as ordens recebidas, estudou”:

a) há erro na colocação das vírgulas.
b) a primeira vírgula deve ser omitida.
c) a segunda vírgula deve ser omitida.
d) a forma de colocação das vírgulas está correta.
e) n.d.a.

7. (UM-SP) Os trechos a seguir tiveram sinais de pontuação suprimidos e alterados. Apor aquele cuja pontuação permaneceu gramaticalmente **correta**.

a) A ideia do ministro extraordinário dos Esportes, Édson Arantes do Nascimento, o Pelé de colocar na cadeia “os meninos” que participam de brigas entre torcidas organizadas é para ficar no jargão esportivo, uma “bola fora”.
b) Parece que, o Pelé do milésimo gol, que pedia escola para “esses meninos”, também era bem mais sábio do que o que hoje lhes propõe “cadeia”.
c) Os otimistas olham e dizem: Ah, está meio cheio. Mas os pessimistas, vêem o mesmo copo, a mesma quantidade de água e acham que está meio vazio.
d) A pesquisa, descrita na edição de hoje da revista científica britânica “Nature”, é mai um dado na busca pelos cientistas de compreender os mecanismos moleculares da embriogênese, ou seja, a formação e o desenvolvimento dos seres vivos.
e) Como os bens públicos não podem ser penhorados os precatórios entram em ordem cronológica no orçamento do governo.

8. (FCC – Analista Judiciário – TRF 3.ª Região) É preciso **suprimir** uma ou mais vírgulas seguinte frase:

a) É possível que, em vista da quantidade e de seu poder de sedução, as ficções de nossas telas influenciem nossa conduta de forma determinante.
b) Independentemente do mérito dos professores, as escolas devem, com denodo, estimular os sonhos dos alunos.
c) É uma pena que, hoje em dia, tantos e tantos jovens substituam os sonhos pela preocupação, compreensível, diga-se, de se inserir no mercado de trabalho.
d) O fato de serem, os adolescentes de hoje, tão “razoáveis”, faz com que a decantada rebeldia da juventude dê lugar ao conformismo e à resignação.
e) Se cada época tem os adolescentes que merece, conforme opina o autor, há também os adolescentes que não merecem os adultos de sua época.

9. (Fesb-SP) Assinale a alternativa correspondente ao período de pontuação **correta**.

a) Na espessura do bosque, estava o leito da irara ausente.
b) Na espessura, do bosque; estava o leito, da irara ausente.
c) Na espessura do bosque; estava o leito, da irara, ausente.
d) Na espessura, do bosque estava o leito da irara ausente.
e) Na espessura, do bosque estava, o leito da irara ausente.

10. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa em que o texto está pontuado **corretamente**.

a) Matias, cônego honorário e, pregador efetivo estava compondo um sermão quando começou o idílio psíquico.
b) Matias, cônego honorário e pregador efetivo, estava compondo um sermão, quando começou o idílio psíquico.
c) Matias cônego honorário e pregador efetivo estava compondo um sermão quando começou o idílio psíquico.
d) Matias cônego honorário e pregador efetivo, estava compondo um sermão quando começou o idílio psíquico.
e) Matias, cônego honorário e, pregador efetivo, estava compondo um sermão quando começou o idílio psíquico.

GABARITO

1 – A	2 – D	3 – C
4 – E	5 – A	6 – D
7 – D	8 – D	9 – A
10 – B		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

IV

PARTE ESPECIAL

CAPÍTULO 1

EMPREGO DO INFINITIVO

1.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Sem dúvida nenhuma, estamos aqui diante de um dos assuntos mais complexos da língua portuguesa. Afinal, quem nunca teve dúvidas com estruturas do tipo: “Estas coisas estão aqui para SER (ou SEREM) organizadas pelos funcionários?”.

Neste capítulo, estudaremos as regras que orientam o emprego do infinitivo em português — um assunto geralmente cobrado nos grandes concursos. Salientamos de antemão que aqui não conseguiremos exaurir todas as possíveis aplicações desta forma nominal.

Em primeiro lugar, cumpre dizer que o infinitivo é uma forma nominal do verbo, ou seja, é um nome (no caso, funciona como um “substantivo”) que designa a ação ou estado de modo geral.

- Dançar faz bem aos músculos.
- É importante comer bem para evitar problemas cardíacos.
- É proibido vender bebidas alcoólicas a menores.
- Falar alto prejudica as pregas vocais.

Percebe-se, com os exemplos acima, que as ações verbais fazem abstração do sujeito e do tempo, ou seja, a ação verbal não apresenta o ser que as pratica e não se situa em nenhum tempo (passado, presente ou futuro).

Na língua portuguesa, o infinitivo apresenta-se tanto na forma impessoal (também chamada de “não flexionada”) quanto na forma pessoal (também chamada de “flexionada”).

O infinitivo impessoal é marcado pela desinência “-r”. Já o infinitivo pessoal apresenta as seguintes desinências:

- 1.ª conjugação ⇨ -ar, -ares, -ar, -armos, -ardes, -arem.
- 2.ª conjugação ⇨ -er, -eres, -er, -ermos, -erdes, -erem.

• 3.ª conjugação ⇨ -ir, -ires, -ir, -irmos, -irdes, -irem.

1.ª conjugação	*2.ª conjugação*	*3.ª conjugação*
AMAR	**VENDER**	**PARTIR**
am**ar** (eu)	vend**er** (eu)	part**ir** (eu)
am**ares** (tu)	vend**eres** (tu)	part**ires** (eu)
am**ar** (ele)	vend**er** (ele)	part**ir** (ele)
am**armos** (nós)	vend**ermos** (nós)	part**irmos** (nós)
am**ardes** (vós)	vend**erdes** (vós)	part**irdes** (vós)
am**arem** (eles)	vend**erem** (eles)	part**irem** (eles)

⇨ Observações:

a) Os verbos regulares apresentam a mesma forma para o infinitivo pessoal e o futuro do subjuntivo. A distinção entre um e outro é perceptível no emprego. O futuro do subjuntivo, primeiramente, apresenta um fato duvidoso, eventual ou hipotético no futuro, enquanto o infinitivo não situa a ação no tempo. Ademais, o futuro do subjuntivo admite a anteposição de conjunções subordinadas, como "quando" e "se", ao passo que o infinitivo as rejeita — este admite apenas a anteposição de preposições. Observe abaixo:

- Se ganhar (futuro do subjuntivo) o prêmio, comprarei dois novos livros.
- Adquiri dois bilhetes para ganhar (infinitivo) o prêmio que será sorteado.
- Quando comprarmos (futuro do subjuntivo) o carro, viajaremos para São Paulo.
- O banco liberou o empréstimo para comprarmos (infinitivo) o apartamento.

b) Quando o verbo é irregular, o infinitivo é distinto do futuro do subjuntivo.

infinitivo pessoal, 3.ª pessoa do plural

- A proporem um diálogo sem fundamentação teórica, prefiro contarem piadas sem graça.

futuro do subjuntivo, 3.ª pessoa do plural

- Se eles propuserem um diálogo sem fundamentação teórica, retirar-me-ei do recinto.

futuro do subjuntivo, 3.ª pessoa do plural

- "Um dia quando todos os livros forem queimados por inúteis, há de haver algum, ... , que ensine esta verdade aos homens." (Machado de Assis)

- "Não são só palavras, primo — retorquiu Teresa com gravidade — são sentimentos que merecem a sua estima, por serem verdadeiros." (Camilo Castelo Branco)

infinitivo pessoal, 3.ª pessoa plural

1.2 AS DUAS MÁXIMAS PARA O EMPREGO DO INFINITIVO

Várias são as orientações para o emprego do infinitivo que se encontram nos manuais gramaticais portugueses. Muitas apresentam contradições; outras, verdadeiros equívocos; outras ainda são confusas, difíceis de entender. Em duas orientações, porém, todos são unânimes. Daí por que consideramos essas duas regras como "máximas" para o emprego do infinitivo, e por elas devem se guiar os que pretendem empregar corretamente essa forma nominal.

I – Emprega-se o INFINITIVO IMPESSOAL (NÃO FLEXIONADO) quando a ação por ele expressa não se refere a nenhum agente determinado, ou seja, o infinitivo é essencialmente impessoal.

- Querer é poder.
- Lutar pela pátria é um ato de coragem.
- O maior mandamento é este: amar a Deus sobre todas as coisas e amar o próximo como a si mesmo.
- "Não será aleive atribuir-lhe uma pouca de astúcia ou hipocrisia, se quiserem; perspicácia seria mais correto dizer." (Camilo Castelo Branco)
- "Voar! varrer o céu com as asas poderosas,
  Sobre as nuvens! correr o mar das nebulosas,
  Os continentes de ouro e fogo da amplidão!..." (Olavo Bilac)
- "No meio destas dissertações acadêmico-literárias vem o A. a descobrir que para tudo é

preciso ter fé neste mundo.” (A. Garrett)

II – Emprega-se o INFINITIVO PESSOAL (FLEXIONADO) quando o infinitivo possui sujeito próprio — expresso ou não —, ou seja, o infinitivo é essencialmente pessoal.

- O fazendeiro comprou dois novos cavalos para correrem no pátio da fazenda. (O sujeito do verbo “correr” é o termo elíptico “dois novos cavalos”.)
- É fundamental partires agora, meu filho. (O sujeito do verbo “partir” é o pronome pessoal elíptico “tu”.)
- “Em vez de com eles se animarem os soldados, antes se desanimam e desalentam.” (Pe Antônio Vieira *apud* Theodoro H. Maurer Jr.)
- “Endireitar Oza a arca do Testamento que ia descaindo, por causa dos bois recalcitrarem não parecia grave irreverência.” (Manuel Bernardes *apud* Theodoro H. Maurer Jr.)
- “Que os levasse o diabo os ingleses! Isto não ficava direito sem irem todos eles barra fora.” (Machado de Assis)
- “Cerrai a porta, que há aí alguns vizinhos de andares altos, que já murmuram sermos nós ruins gastadores de tempo.” (Castilho *apud* Souza da Silveira)

⇨ Observação:

Quando o sujeito do infinitivo é o mesmo sujeito do verbo da oração antecedente, a flexão do infinitivo torna-se facultativa. Neste caso, deve-se dar preferência ao infinitivo não flexionado, por ser mais eufônico, mais elegante para o período.

- Tu não tens problemas apesar de **ESTAR** /ou/ **ESTARES** com o rosto turbado.

O sujeito do verbo “estar” é o mesmo sujeito da oração que o antecede: “tu”

- Pedro e João foram acusados de **BOICOTAR** /ou/ **BOICOTAREM** a greve.
- Deixastes a sala para **FAZER** /ou/ **FAZERDES** um comentário com o chefe?
- Nós sempre fomos pontuais em **ELABORAR** /ou/ **ELABORARMOS** os relatórios do seto
- Muitos jovens lutam bastante a fim de **CRIAR** /ou/ **CRIAREM** um mundo melhor.
- Os mais diversos países do planeta vêm buscando formas de **SE APROXIMAR** e **DE INCREMENTAR** /ou/ **SE APROXIMAREM** e **DE INCREMENTAREM** suas relações econômicas, sociais e culturais.

A partir dessas duas orientações, ficamos mais tranquilos quanto ao estudo dos demais casos em que se emprega um ou outro tipo de infinitivo, pois sabemos que os outros casos sempre comportam exceções, o que torna o emprego do infinitivo uma das mais difíceis tarefas para o estudioso da língua portuguesa.

Como tantos outros estudiosos, tentaremos sistematizar alguns outros empregos do infinitivo, sem a menor pretensão, entretanto, de exaurir o assunto.

Além das duas primeiras regras, acima estudadas, emprega-se também o infinitivo nos casos apresentados a seguir.

1.3 INFINITIVO IMPESSOAL

a) Quando apresenta sentido de imperativo.

- "Viver é lutar." (Gonçalves Dias *apud* M. Said Ali)
- "Caminhar! Caminhar!... O deserto primeiro,
  O mar depois... Areia e fogo... Foragida,
  A tua raça corre os desastres da vida,
  Insultada na pátria e odiada no estrangeiro!" (Olavo Bilac)

b) Quando vem regido das preposições "de" ou "em", com sentido passivo — embora apresente forma "ativa" —, completando certos adjetivos, tais como "fácil, difícil, duro, raro, capaz, bom, mau, digno, impossível" e outros.

- "Eu não sou muito difícil em admitir prodígios quando não sei explicar os fenômenos por outro modo." (A. Garrett)
- "O rapaz está caído por alguma das tais francesinhas; e elas que são umas jibóias!... Finas como um alhambre, mas capazes de engolir um homem!..." (José de Alencar)
- "Diante do jockey, sem chapéu, com a face a estoirar de sangue, gritava-lhe que era indigno de estar ali, entre gente decente!" (Eça de Queiroz)

c) Quando vem regido da preposição "para" e apresenta sentido indiscutivelmente passivo.

- "Foi ela que me recomendou aqueles dois quadrinhos, quando andávamos os três, a ver coisas para comprar." (Machado de Assis)
- "— Perderia a fala com o susto — aventou o cabo, e sacudiu-a pelos ombros para lhe desemperrar a língua." (Camilo Castelo Branco)

⇨ Observação:

Nos dois últimos exemplos acima, as estruturas podem ser convertidas para "... coisas para ser compradas." e "... para ser desemperrada a língua dela.", respectivamente.

l) Quando, embora não preposicionado, apresenta sentido claramente passivo.

- "O mesmo dia os viu batizar." (Machado de Assis, apud Gladstone C. de Melo)
- "... nada mais fácil ao sr. professor do que fazer a demonstração prática de tudo isso, levando para a escola diversos frutos, anatomizando-os, e fazendo-os anatomizar pelos seus discípulos." (Castilho *apud* Sousa da Silveira)

⇨ Observação:

Nos dois exemplos acima, os infinitivos podem ser claramente substituídos por "serem batizados" e "serem anatomizados".

e) Quando forma locução verbal (construção perifrástica). Neste caso, funcionarão geralmente, como auxiliares do infinitivo, verbos do tipo "vir, ter, haver, dever, poder, costumar, começar, continuar, tornar, querer, estar, ficar". Muitas destas construções aparecem ligadas por preposições como "a, de, por".

- Afinal vim a saber o que acontecera.
- A construção da igreja está por acabar.
- Parece que vai chover hoje à tarde.
- Tenho de estudar para a prova de amanhã.
- Nada podia fazer sem que ele consentisse.
- Todos costumam sair aos sábados para as baladas.

f) Quando, regido da preposição "a", equivale a um gerúndio em locução verbal co os verbos auxiliares "estar, ficar" entre outros, construção esta muito usual em Portugal.

- Todos os passantes estavam a dormir naquele momento. (Isto é, "estavam dormindo")
- "— Bem dizia eu que aquela janela...
  — É a janela dos rouxinóis...
  — Que lá estão a cantar." (Camilo Castelo Branco)

g) Quando o infinitivo é dependente de verbos como "ver, ouvir, mandar, fazer, deixar" e análogos, numa estrutura em que se empregue um pronome pessoal oblíquo que seja ao mesmo tempo objeto do verbo regente e sujeito do verbo regido.

- E não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal.
- Até agora não me mandaram limpar nada aqui na empresa.
- "O erro de Capitu foi não deixá-los crescer infinitamente, antes diminuir até às dimensões normais, e dar-lhe o movimento do costume." (Machado de Assis)
- "Os mesmos olhos claros e atentos, a mesma boca cheia de graça, as mãos finas, e uma cor viva nas faces que as fazia crer pintadas de sangue." (Machado de Assis)
- "Assim pode ser, mas, ainda agora, neste solene momento, me domina a vontade de fazer-te sentir que eu não podia viver." (Camilo Castelo Branco)

⇨ Observação

Quando o sujeito desses verbos causativos e sensitivos (mandar, deixar, fazer, ver, ouvir, sentir e análogos) é formado por um substantivo, a flexão do infinitivo é facultativa.

- Mandei **os meninos** ENTRAR/ENTRAREM na sala.
- As variações do dólar fizeram os governos latinos AUMENTAR/AUMENTAREM as proteções comerciais.
- Durante a confusão, nós vimos vários manifestantes PULAR/PULAREM a cerca de proteção.

1.4 INFINITIVO PESSOAL

Deve-se empregar o infinitivo pessoal (flexionado):

a) Quando se emprega na 3.ª pessoa do plural para indicar a indeterminação do sujeito.

- "Nunca se pôde saber donde saíra aquela criança; como chegara até o terreiro sem darem por ela." (José de Alencar, apud Sousa da Siveira)
- Tenho a impressão de que deixaram o maçarico aqui para arrombarem a porta de ferro durante a madrugada.

b) Quando a clareza exige, para evitar uma possível ambiguidade, que se indique qual é o sujeito da oração.

- "Ó Netuno, lhe disse, não te espantes
  De Baco nos teus reinos receberes,
  Porque também cos grandes e passantes
  Mostra a Fortuna injusta seus poderes."

(Camões — Os Lusíadas apud Gladstone C. de Melo)

- "Perdoe-te o céu o haveres-me obrigado a sacrificar aos pés desse orgulho o sentimento de amor que se alevantara neste coração." (A. Herculano, apud Gladstone C. de Melo)

c) Quando se quer enfatizar o sujeito da oração infinita.

- Os diretores afirmaram-nos estarem despreparados para participar da reunião naquele momento.
- "E talvez saia assim a flor mais bela, o meu jardineiro afirma que as violetas, para terem um cheiro superior, hão mister de estrume de porco." (Machado de Assis)
- "Ainda na borda do rochedo aprumado sobre a água se enxergavam alguns orifícios profundos, que mostravam terem servido para embeber as traves de ponte lançada para a outra margem, também elevada e penhascosa." (A. Herculano)

d) Quando o infinito, mesmo com sujeito elíptico, precede a oração principal.

- Acusados de boicotarem a greve, Pedro e Paulo foram demitidos da empresa.
- Por teres mais conhecimento em inglês do que o gerente, tu foste escolhido para representar a empresa na reunião.
- Antes de fazerem a reclamação no setor de pessoal, vejam vocês os relatórios do funcionário.

⇨ Observação:

Quando o infinitivo vier precedido do verbo PARECER, pode-se flexionar um ou outro verbo.

- "Ao menos, tu serás minha! — exclamou o amir, lançando a mão ao braço da donzela vestida de branco, a quem o terror desta cena rapidíssima tornara imóvel, como uma dessas estátuas que parecem orar sobre os sepulcros nas catedrais da Idade Média." (A. Herculano)

- “As vagas teorias do socialismo, os sonhos do comunismo não me parecem provar senão a impotência da forma contra o poder da matéria.” (Almeida Garret)
- “... e no horizonte não se vêem senão os topos pardo-azulados das serras do Algarve, que parece fugirem tanto quanto os cavaleiros caminham.” (A. Herculano)
- “... olhos desvairados parecia buscarem o vulto lúgubre e tétrico da forca.” (Rebêlo da Silva, apud Arthur A. Tôrres)

1.5 EMPREGO DO INFINITIVO EM LOCUÇÕES PASSIVAS COM O VERBO “SER”

Eis um ponto em que os alunos têm muitas dúvidas: o emprego correto do infinitivo passivo cuja estrutura apresenta o verbo SER, no infinitivo, e um PARTICÍPIO.

- Trouxe-nos livros com muitas histórias para _____??_____ CONTADAS.
  SER /ou/ SEREM

Sem dúvida, nem sempre é fácil transmitir para o estudante da língua uma orientação consistente, uma vez que o emprego do infinitivo obedece, muitas vezes, a questões de ênfase, colocação etc. Sugerimos, entretanto, as seguintes orientações para o emprego do infinitivo passivo formado com o verbo SER:

a) Emprega-se frequentemente a forma flexionada do verbo SER passivo, quando o sujeito do infinitivo estiver no plural e vier à frente da preposição. Teremos, então, a estrutura: SUJEITO + PREPOSIÇÃO + SEREM + PARTICÍPIO.

- Ontem pegamos os livros a serem analisados durante as férias.
  sujeito + prep. + serem + particípio
- “O homem não tornou cá, nem as pelintronas das filhas, que hão de pôr a cara onde a Sr.ª D. Ângela põe os pés para serem afagados.” (Camilo Castelo Branco)
- Todas as cidades a serem inspecionadas pelo auditor ficam na região Nordeste.
- Não concordamos com os métodos a serem usados na avaliação dos candidatos.

b) Emprega-se preferencialmente a forma flexionada SEREM quando, a despeito de sujeito ser comum entre as orações, este for de número plural.

- “Fizeram bem em partir depressa, porque se se demorassem alguns minutos, corriam o risco de serem devorados pelos olhos dos vizinhos.” (Manuel A. de Almeida)
- “No mesmo ano, os dois passam a viver juntos para serem presos dois anos depois, com adúlteros.” (Camilo Castelo Branco)

- “As criadas, por escrúpulo, eram examinadas em doutrina antes de serem aceitas.” (Eça de Queiroz)
- “Clara recebia aquelas cartas com uma emoção de quem recebe mensagens divinas. Entretanto, eram pessimamente escritas, a ponto de não serem, às vezes, entendidas, tão caprichosa era a ortografia delas.” (Lima Barreto)

c) Emprega-se preferencialmente a forma não flexionada quando o infinitivo passivo do verbo “SER” servir de complemento nominal para adjetivos do tipo “fácil, difícil, capaz, raro, mau, digno etc.”

- Foram questões fáceis de ser respondidas.
- Víamos, naquele local, muitas mulheres dignas de ser louvadas.
- Ensinei a muitos alunos capazes de ser aprovados em quaisquer concursos.

CAPÍTULO 2

FUNÇÕES MORFOLÓGICAS DAS PALAVRAS "QUE", "SE" E "COMO"

Eis aqui um assunto de fundamental importância, pois as bancas com muita frequência cobram este conhecimento. Aqui não trataremos da função sintática desses vocábulos, mas tão somente da função morfológica que desempenham numa determinada estrutura.

Sugiro que estude este ponto mais de uma vez. Preferencialmente, faça-o em dias diferentes para que o conhecimento se consolide mais. Se tiver dificuldades, consulte o seu professor. Vamos lá...

2.1 FUNÇÕES MORFOLÓGICAS PARA PALAVRA "QUE"

Sem dúvida, o vocábulo "QUE" é um dos mais versáteis da nossa língua, porquanto apresenta várias funções. Vejamos...

1. **Substantivo** → quando vem determinada por artigos ou outras classes de palavras, ou quando equivale a "qualquer coisa de". Neste caso, equivalerá a um monossílabo tônico, fato que exigirá o acento circunflexo.

- Ela hoje tem um **quê** de esquisito.
- Aquele **quê** foi mal empregado.
- Um **quê** de mistério cercava o ambiente.
- Pairava no ar um **quê** de tristeza.
- "Os **quês** tornam o estilo áspero e desagradável." (Silveira Bueno)

2. **Pronome indefinido** → quando, vindo antes de substantivos, equivale a "quanto, quant quantos, quantas". Por acompanhar substantivos, é também chamado genericamente de "pronome adjetivo".

- **Que** felicidade tremenda sentia no peito o nosso personagem.

- **Que** saudade eu tenho da minha infância!
- "**Que** gente será? em si diziam:
  Que costumes, **que** lei, **que** rei teriam?" (Camões)

3. **Pronome relativo** → quando for possível ser substituído por "o qual, a qual, os quais, as quais". Neste caso, o "que" apresentará um antecedente o qual retomará.

- Todos leram o livro $\frac{\text{que}}{\text{o qual}}$ tu escreveste.
- A casa em $\frac{\text{que}}{\text{na qual}}$ ele mora fica perto de uma área de risco.

⇨ **Observação:**

Para aprofundar esta função morfológica, sugerimos que estude as orações adjetivas, em sintaxe do período composto.

4. **Pronome interrogativo** → quando aparece em orações interrogativas. Geralmente, nesta função, equivale a "que coisa".

- **Que** disseste naquele momento de raiva?
- "**Que** pretendia? A **que** vinha ali como um salteador noturno?" (A. Herculano)

5. **Advérbio de intensidade** → Quando, vindo antes de adjetivos ou advérbios, equivale a "quão, quanto".

- **Que** bela flor ele te deixou!
- **Que** admiráveis são os desígnios de Deus.
- **Que** perto moras da escola.

6. **Preposição** → quando equivale a "de" ou "para".

- Temos **que** cumprir o nosso dever.
- Ainda há muito **que** fazer para levantar a casa.

7. **Interjeição** → Quando revela admiração, espanto, surpresa e equivale a "oh!". Nesta função, é sempre exclamativo e acentuado.

- **Quê**! Ainda estás aí?

- **Quê**! Já são dez horas da noite!

8. **Partícula expletiva ou de realce** → É empregado para dar ênfase ou realce à estrutu oracional. Geralmente aparece sob a forma "é que". Pode ser retirado da oração sem prejuízo sintático nem semântico.

- "Bravo! que linda **que** está a senhora D. Lenita!" (Júlio Ribeiro)
- "O padre atirou, mas parece que desta vez **que** errou o tiro." (Mário Barreto)
- "Que teimoso **que** ele é." (José de Alencar)
- "**Que** me restituam os meus oficiais e obreiros portugueses..." (A. Herculano)

⇨ Observações:

a) O "que" expletivo geralmente vem acompanhado pelo verbo "ser", formando a expressâ "é que", cujo objetivo é pôr em relevo um ou mais termos da enunciação. Veja alguns exemplos:

- "– Você fura o pano, nada mais; eu **é que** coso, prendo um pedaço ao outro, dou feição aos babados..." (Machado de Assis)
- "Feliz e esperto era o João Romão! esse, sim, senhor! Para esse **é que** havia de ser a vida!..." (Aluísio Azevedo)

b) Em algumas construções, o sujeito se coloca entre o "é" e o "que". Nesse caso, o verb "ser" concordará com esse sujeito. Acompanhe o raciocínio:

- Os gandulas repunham a bola rapidamente. → **(Frase sem ênfase)**
- Os gandulas **é que** repunham a bola rapidamente. → **(Frase com ênfase para o sujeito**
- *O verbo "ser" concorda com o sujeito*
  Eram os gandulas **que** repunham a bola rapidamente. → (Frase com a partição da expressão "é que")
- "As rosas **é que** são belas,
  Os espinhos **é que** picam;
  Mas **são** as rosas **que** caem,
  São os espinhos **que** ficam." (Canção popular)

c) Se entre o verbo "ser" e o "que" se interpuser um termo introduzido por uma preposiçã a expressão expletiva "é que" permanecerá invariável. Observe:

- **É** neles **que** você encontra o carinho necessário à sua sobrevivência emocional.

- **É** pelas ideias defendidas pela ministra **que** o povo votará nela.

9. **Conjunção subordinativa** → quando funciona como elemento conectivo entre uma oração principal e uma oração subordinada. Podem ser:

a) **Conjunção subordinativa integrante** → liga as orações substantivas às suas respectivas orações principais.

- "Custa-me dizer **que** saí de lá encantado." (Machado de Assis)
- "Há poucas esperanças de **que** venham tão cedo a admitir a paz." (Pe. Antônio Vieira)
- Era imprescindível **que** ele se mantivesse calado naquela ocasião.

b) **Conjunção subordinativa causal** → empregada com o sentido de "porque, porquanto já que".

- Velho **que** ele era, evitava grandes emoções.
- Ceamos à lareira **que** a noite estava fria.

c) **Conjunção subordinativa concessiva** → empregada com o sentido de "ainda que, mesmo que".

- Verdadeira **que** fossem tuas palavras, ninguém lhes dará crédito.
- Teus ensinamentos, **que** sejam profundos e arraigados na história, não foram suficientes para aprovar o aluno no exame.

d) **Conjunção subordinativa consecutiva** → empregada com o sentido de "sem que, tal que, tanto que, de tal modo que" etc.

- Não vai a uma praia **que** não tome uma cerveja.
- Falou **que** ficou rouco.

e) **Conjunção subordinativa final (emprego raro hoje em dia)** → empregada com o sentido de "para que, a fim de que".

- "Deitou-vos Deus a bênção **que** crescêsseis e multiplicásseis." (Pe. Antônio Vieira)
- Fez-lhe sinal **que** se calasse.
- Andei devagar, **que** não me ouvissem os passos.

f) Conjunção subordinativa temporal → empregada com o sentido de "logo que, desde que".

- Chegados **que** fomos, todos ficaram em pé e nos aplaudiram freneticamente.
- "Porém já cinco sóis eram passados **que** dali nos partíramos." (Camões)

g) Conjunção subordinativa comparativa → seguida ou não de "nem" e empregada em estruturas de comparação de analogia – algumas vezes com o sentido de "como".

- Ensinas melhor **que** um mestre.
- A caridade é mais bela **que** a fé.
- Ele fala **que nem** papagaio.
- "E os gotejantes jiraus, cobertos de roupa molhada, cintilavam ao sol, **que nem** lagos de metal branco." (Aluísio Azevedo)

10. Conjunção coordenativa → Quando introduz orações sindéticas em um período coordenado. Podem ser:

a) Conjunção coordenativa aditiva → empregada com o sentido de "e".

- Rezava **que** rezava, mas as assombrações não o deixavam.
- Estuda **que** estuda, e não consegue aprovação.

b) Conjunção coordenativa adversativa → seguida de "não" e empregada com o sentid de "mas".

- Outra pessoa, **que** não eu, falará sobre o assunto.
- "De outras ovelhas cuidarei, **que** não de vós." (A. Garrett)

c) Conjunção coordenativa explicativa → Quando revela uma explicação, uma justificação para a oração assindética anteposta.

- Não chores, **que** fico triste.
- Abandone esse vício, **que** ele poderá levá-lo à morte.

2.2 FUNÇÕES MORFOSSINTÁTICAS DA PALAVRA "SE"

Mais uma vez, vamos nos deparar com um vocábulo bastante “largo” em nossa língua, pois possui inúmeras funções morfológicas e sintáticas. Vejamos:

1) **Pronome apassivador** → associado a um verbo transitivo direto ou a um verbo transitivo direto e indireto, forma a voz passiva sintética (também chamada de pronominal). Neste caso, o “se” é chamado de “partícula (ou pronome) apassivador ou apassivante”. Veja:

- Ali não **se** alugavam outras coisas, senão roupas de frio.
- Durante as festas, construíram-**se** novas arquibancadas ao longo da avenida.
- Na fazenda, já **se** tinham vacinado vários bois quando o veterinário chegou.

2) **Índice de indeterminação do sujeito** → quando está associado a verbos intransitivos, transitivos indiretos ou relacionais (verbos de ligação). Vejamos alguns exemplos:

- De fato, não **se** devem assistir a filmes que atentem contra os bons costumes.
- “Entra-**se** na política por vocação legítima; não **se** entra por brincadeira.” (Machado de Assis)
- De fato, na vida não **se** deve morrer por tão pouco.

3) **Sujeito de verbos no infinitivo** → é um caso raro; o “se” funciona como o sujeito de um infinitivo que é núcleo de uma oração reduzida. Veja:

- O cego deixava-**se** levar por seu guia.
- “E ele deixou-**se** estar a contemplá-la, mudo e tranquilo, como um faquir.” (Machado de Assis)

⇨ **Observação:**

Este caso (pronome átono em função subjetiva – como sujeito) só ocorre com o infinitivo dependente de verbos causativos e sensitivos como “deixar, mandar, fazer, ver, ouvir”, embora alguns gramáticos de renome, como o professor Silveira Bueno, não aceitem a existência de um “se” na função de sujeito.

4) **Partícula expletiva ou de realce** → ocorre como mero elemento de realce. Neste cas pode ser retirado da estrutura sem prejuízo gramatical.

- Ele está ansioso por amigo que **se** demora.

- Já **se** passaram tantas horas, e ele não dá notícias.
- Vão-**se** os últimos raios do sol, em um dia ensolarado.
- Naquele momento, o vinho acabou-**se** nos copos de todos.

5) **Parte integrante de verbos essencialmente pronominais** → neste caso, o "se" não apresentará função sintática.

- Todos **se** arrependeram dos atos praticados durante a festa.
- Elas ainda **se** lembram de todos os fatos em seus mínimos detalhes.
- Os alunos muito **se** alegraram com a chegada do novo professor.
- "Condoeu-**se** o juiz, e revelou ao colega as suas averiguações..." (Camilo C. Branco)

6) **Pronome reflexivo, objeto direto** → função bastante comum exercida pelo pronome "se". Neste caso, o "se" indica a reflexibilidade da ação, pois a ação recai sobre o sujeito, enunciado agora no pronome reflexivo "se".

- Hitler **se** matou quando não mais viu possibilidade de implementar suas ações.
- Ao ouvir os tiros, todos **se** esconderam nas proximidades do morro.
- Quando o namorado tocou a campainha, ela **se** vestiu num piscar de olhos.
- "Olhe, um conselho: – Faça-**se** forte aqui, faça-**se** homem." (Raul Pompéia)
- "Mas, espere, tomou o colchoeiro, o senhor feriu-**se**?" (Machado de Assis)

⇨ **Observação:**

Convém citar preciosa lição colhida do insigne mestre Eduardo Carlos Pereira: "Para que haja voz reflexiva, expressa pelo pronome 'se', é indispensável que o núcleo do sujeito seja um substantivo que nomeie um ser capaz de agir: – Ele **se** feriu."

7) **Pronome reflexivo, objeto indireto** → função não muito comum, já que o "se" frequentemente exerce a função reflexiva como "objeto direto". Em tais construções, o "objeto direto" sempre vem claro na estrutura e se percebe nitidamente o "se" reflexivo funcionando como dativo, isto é, como objeto indireto.

- Ele arroga-**se** o direto de trocar a mercadoria além do prazo legal.
- Diante das reclamações, o gerente impôs-**se** a obrigação de nunca mais aceitar cheques de terceiros.

8) **Pronome reflexivo recíproco (morfologicamente), objeto direto** → neste caso, o "s equivalerá a "um ao outro, uma à outra".

- Após o casamento, os noivos **se** abraçaram longamente.
- Na reunião, os diretores **se** esmurraram por causa de uma questão polêmica.
- Não sei como vocês **se** fizeram amigos.

9) **Pronome reflexivo recíproco (morfologicamente), objeto indireto.**

- Os noivos deram-**se** as mãos para o início da cerimônia.
- Os inimigos deram-**se** as costas.
- "Falar aos corações com o seu presumem,
  Como aves que, piando, **se** respondem." (Camilo C. Branco)

10) **Conjunção subordinativa condicional** → quando introduz orações subordinadas condicionais.

- **Se** ele fosse conosco, as coisas seriam mais fáceis.
- Envie um e-mail para nossos atendentes **se** você quiser fazer parte da equipe de vendas.

11) **Conjunção subordinativa integrante** → introduz orações substantivas que traduzem ideia de hipótese, dúvida, incerteza.

- Até agora não sabemos **se** eles virão ou não.
- Só amanhã verei **se** posso ir para a confraternização.
- "Adelaide, meio triste, perguntou-lhe **se** queria jantar." (Adolfo Caminha)

12) **Conjunção subordinativa causal** → empregada em raras construções com o sentido de "já que, visto que".

- **Se** sabias que eu não tinha condições para a missão, por que me enviaste?
- "**Se** a morte sabes dar com fogo e ferro, sabe também dar vida com clemência." (Camões)

2.3 FUNÇÕES MORFOLÓGICAS DA PALAVRA "COMO"

Menos complexas que os empregos de “que” e “se” são as funções morfológicas da palavra “como”. Vamos a elas:

1. **Conjunção subordinativa causal** → neste caso, introduzirá a oração causal e equivalerá a “porque, já que, visto que”.

- **Como** não o deixaram entrar sem o convite, fez uso do telefone e ligou para um amigo de influência.
- “Entretanto, **como** tinha as suas presunções fidalgas, repugnava-lhe ver o filho casado com uma criada preta, ou com uma pobre mulata costureira, ou com uma moça branca lavadeira e analfabeta.” (Lima Barreto)
- “Sucedeu, porém, que, **como** eu estava cansado, fechei os olhos três ou quatro vezes; tanto bastou para que ele interrompesse a leitura e metesse os versos no bolso.” (Machado de Assis)

2. **Conjunção subordinativa conformativa** → neste caso, introduzirá um adjunto adverb oracional de conformidade e equivalerá a “conforme, segundo, consoante”.

- Eu falarei **como** prometi.
- “Ele não tinha, **como** diz o povo, malícia no coração.” (Lima Barreto)

3. **Conjunção subordinativa comparativa** → nesse caso, introduzirá um adjunto adverbi oracional de comparação e equivalerá a “assim como, tal como”.

- Ela era linda **como** as rosas da primavera.
- “Duas opulências, que se realçam **como** a flor em vaso de alabastro; dois esplendores que se refletem, **como** o raio de sol no prisma do diamante.” (José de Alencar)

⇨ Observação:

Não raro, em estruturas subordinadas, a conjunção comparativa “como” aparece junto à conjunção “se”. Neste caso, as ideias adverbiais de “modo” e “condição” se condensam e nasce o nexo adverbial “como se”. Observe:

- Trabalhavam arduamente, **como se** o mundo fosse acabar em poucos dias.

Entenda-se...

→ Trabalhavam arduamente **como (trabalhariam) se** o mundo fosse acabar em poucos

dias.

Outros exemplos:

- “Também a abóbada estava firme, **como se** fora de bronze.” (A. Herculano)
- “A voz da mãe era agora mais perto, **como se** viesse já da porta dos fundos.” (Machado de Assis)
- “O velho parecia pensativo, **como se** adivinhasse que era chegada para ele a hora do martírio.” (A. Herculano)
- “D. Firmina se aproximara. A moça, retribuindo com um afável cortejo ao cumprimento do Alfredo, passou **como se** não se apercebesse de Fernando, e subiu à segunda ordem.” (José de Alencar)
- “Os móveis luziam, **como se** tivessem chegado na véspera da casa do marceneiro.” (Aluísio Azevedo)

4. Verbo → neste caso, indicará uma ação e apresentará predicação completa (intransitivo) ou incompleta (transitivo direto).

- Eu sempre **como** frutas no café da manhã.
- “O mais do tempo é gasto em hortar, jardinar e ler; **como** bem e não durmo mal.” (Machado de Assis)

5. Preposição → emprego bastante comum; neste caso, o “como” poderá:

a) introduzir termos qualificativos (apostos e predicativos), equivalendo a “por, para, de, n qualidade de”.

- “Alistamo-nos *preposição* **como** voluntários num regimento de cavalaria.” (Arnaldo Gama *apud* Mário Barreto)
- “Mancebo, o numeroso clero das paróquias vizinhas considerava-o **como** o mais veneráve entre os seus irmãos no sacerdócio.” (A. Herculano)
- Sempre o tivemos **como** *preposição* o mais sábio da turma.

b) introduzir elementos exemplificativos e significará “por exemplo, a saber”. Observe:

- “À medida que as ciências modernas, **como** a medicina, evoluem, damo-nos conta do

quanto realmente ainda desconhecemos." (A. Houaiss)

6. **Pronome relativo** → quando equivale a "pelo qual, pela qual, segundo o qual, segundo qual"; geralmente apresenta como antecedentes os substantivos "modo, maneira, forma".

- A maneira **como** ela lhes falava assustava a todos.
- Até agora a polícia não sabe o modo **como** o assassino saiu do quarto.
- Falei tudo a ele, menos a forma **como** eles me tratavam durante os finais de semana.

7. **Pronome interrogativo** → quando ao "como" se antepõe a preposição "a" para se saber "o preço, o valor" de determinada coisa ou produto; possui sentido equivalente a "por quanto dinheiro, por qual valor" – é uma forma coloquial e pouco usual nos dias de hoje. Observe:

- Os ovos **a como** são?
- **A como** vendes esses pêssegos aí?

8. **Advérbio interrogativo de modo** → quando equivale a "de que modo?, de que maneira?"

- **Como** chegaste aqui?
- **Como** está a menina?
- **Como** se chama isto aqui?

2.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. Determine a função do QUE nos exemplos a seguir:

a) Sentia-se humilhado com o papel avulso que exercia desde séculos.
b) Que queres tu, perguntou ele?
c) Mandai que as mais afinadas cítaras e alaúdes o recebam!
d) Por acaso, sabes o que ele fez?
e) Mas não quero parecer que me detenho em coisas miúdas.
f) Melhor é que te cales e te retires.
g) Dom Donzel, onde é que está el-rei?

h) Que doce a vida não era
Nessa rizonha manhã.

i) Era tão universal que dotou a poesia com nova metragem.

j) O outro era alfaiate, e ainda maior credor que o primeiro.

k) Que lhe parece tudo isso?

l) Eis as razões com que ele se defende.

2. Determine a função do SE nos exemplos a seguir:

a) A moça escondeu-se atrás da cortina.

b) O general deu-se ares de ditador.

c) Os lutadores esmurravam-se no palanque.

d) O cego deixava-se levar pelo guia.

e) Há coisas que melhor se dizem calando.

f) As crianças lavaram-se nas águas claras do riacho.

g) Dançou-se muito na festa de formatura.

h) Ele muito se arrependera do que fez.

i) Os dois homens cumprimentaram-se friamente.

j) Já se veem os primeiros raios do sol.

k) Todos se apiedaram do mendigo.

l) Depois o vento se foi também.

3. (FGV) Esposamos a ideia de que os sofrimentos atuais possuem uma significação que transcende a crise civilizacional.

Com relação à frase transcrita, analise as afirmativas a seguir:

I. O primeiro que é uma conjunção integrante e serve para articular um complemento oracional ao substantivo abstrato ideia.

II. O segundo que é um pronome interrogativo cujo uso se justifica em razão da seguinte pergunta: que significação transcende a crise civilizacional?

III. As duas ocorrências de que promovem a estruturação do período composto, já que introduzem a oração subordinada substantiva e a subordinada adjetiva, respectivamente.

Assinale:

a) se somente a afirmativa I estiver correta.

b) se somente a afirmativa II estiver correta.

c) se somente a afirmativa III estiver correta.

d) se somente as afirmativas I e III estiverem corretas.

e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

4. (CESGRARIO) Na passagem “Os empresários que não se adequarem à lei em noventa dias poderão ser multados em até 3,2 milhões de reais.”, o termo que apresenta a mesma classe gramatical que em

a) “A lei é tão rigorosa que mesmo ambientes com teto alto e sem paredes,”

b) “Ficou tão difícil fumar que até decidi parar,”

c) “Quem considera a lei exagerada deve saber que São Paulo apenas se alinha a uma tendência mundial.”

d) “Os fumantes americanos têm outro problema com que se preocupar:”

e) “E a maioria não fumante não quer deixar que ela seja reavivada.”

5. (FGV) “Ele percebeu *que* as pessoas *que* possuíam conexões ou relações distantes com outras fora círculo familiar tinham duas vezes mais chances de conseguir uma vaga do *que* pessoas *que* tinham mais conexões próximas apenas no âmbito da família e dos amigos próximos.”

As ocorrências da palavra QUE grifadas no trecho acima classificam-se, respectivamente, como:

a) conjunção integrante, pronome relativo, conjunção subordinativa e pronome relativo.

b) conjunção subordinativa, pronome relativo, conjunção integrante e conjunção subordinativa.

c) pronome relativo, conjunção integrante, pronome relativo e conjunção subordinativa.

d) pronome relativo, conjunção subordinativa, conjunção integrante e pronome relativo.

e) conjunção integrante, conjunção subordinativa, conjunção subordinativa e conjunção subordinativa.

6. (FGV) “Mas não, é a ti *que* vejo na colina”

Assinale a alternativa em que esteja corretamente classificada a palavra destacada nos versos acima.

a) conjunção integrante

b) parte de expressão expletiva

c) pronome relativo

d) conjunção subordinativa

e) pronome indefinido

7. (FGV) “E em que se vai trocando as pernas”

*A palavra **se** no verso acima destacado se classifica como:*

a) partícula apassivadora.
b) parte integrante do verbo.
c) índice de indeterminação do sujeito.
d) pronome reflexivo.
e) conjunção.

8. (FGV) “Mas porque na verdade não me queres mais” (verso 35)

No verso acima, utilizou-se a forma correta porque. Assinale a alternativa em que não se tenha utilizado corretamente uma das quatro formas do porquê.

a) É necessário avaliar por quê, ontem, fomos derrotados.
b) Depois de entender por quê, prosseguiu.
c) Não sei por quê nem como.
d) Não entendemos as privações por que passamos.
e) Deve haver um porquê para nossa derrota.

9. (FGV) “Percebe-*se* que os dois temas [a correlação entre metas e riscos fiscais e o impacto dos déficits públicos sobre as futuras gerações] *se* vinculam à função prospectiva da noção de responsabilidade fiscal. Enquanto o primeiro, normalmente, *se* adstringe a situações futuras próximas, o segundo vincula-se a situações futuras a longo prazo.”

As ocorrências da palavra SE grifadas no trecho acima classificam-se, respectivamente, como:

a) indeterminador do sujeito – pronome reflexivo – parte integrante do verbo
b) indeterminador do sujeito – parte integrante do verbo – pronome reflexivo
c) partícula apassivadora – pronome reflexivo – pronome reflexivo
d) partícula apassivadora – parte integrante do verbo – parte integrante do verbo
e) parte integrante do verbo – partícula apassivadora – partícula apassivadora

GABARITO

1– a) pronome relativo b) pronome interrogativo c) conjunção integrante d) pronome relativo	2– a) pronome reflexivo, objeto direto b) pronome reflexivo, objeto indireto c) pronome reflexivo recíproco, objeto direto d) pronome reflexivo, sujeito do infinitivo

e) conjunção integrante f) conjunção integrante g) partícula expletiva ou de realce h) advérbio de intensidade i) conjunção consecutiva j) conjunção comparativa k) pronome interrogativo l) pronome relativo		e) pronome apassivador f) pronome reflexivo, objeto direto g) índice de indeterminação do sujeito h) parte integrante do verbo i) pronome reflexivo recíproco, objeto direto j) pronome apassivador k) parte integrante do verbo l) partícula expletiva ou de realce	
3 – D	4 – D	5 – A	6 – B
7 – C	8 – A	9 – C	

CAPÍTULO 3

PARTICULARIDADES LÉXICAS E GRAMATICAIS

Em nossa língua, muitos são os detalhes entre palavras e regras gramaticais. Não raro, os alunos se confundem em meio a tantas minúcias. Por isso, não são poucos os que, até hoje, conquanto tenham visto o assunto mais de uma vez, apresentam dúvidas, por exemplo, sobre o emprego dos “porquês”. Quem nunca ficou em dúvida sobre a diferença entre “em vez de” e “ao invés de”? E o “bendito” emprego do relativo “onde”? Quantas vezes você já não ouviu – se não falou – “Maria, você viu aonde eu deixei meu livro?” Não seria “onde”? E o caso do “mal” (com “L”)? Pergunte a alguém o que é o “mal” (com “L”), e ele dirá simplesmente que é o contrário de “bem”. E os outros empregos do “mal” (com “L”) são totalmente esquecidos!

Em virtude dessas dúvidas, resolvemos pôr, em um capítulo especial, algumas dessas particularidades para que o aluno possa melhorar no que diz respeito aos aspectos formais da nossa língua e possa empregar muitos vocábulos e locuções corretamente.

Mas, atenção!! Sugiro que estude o capítulo abaixo aos poucos. Não leia mais do que três particularidades de uma vez. Não tente decorar tudo em uma só vez – aliás, não gosto muito da palavra “decorar”, quando se trata da nossa língua. Prefiro o verbo “entender”. Isso!! Entenda! Compreenda o porquê de cada item e só assim seu estudo será completo.

Para facilitar a sua vida, decidi dividir o conteúdo abaixo em lições. É isso! Dividir em lições – lição 1, lição 2, lição 3, 4, 5 e, assim, sucessivamente. Por quê? Para que você possa acompanhar detidamente cada informação, cada detalhe. Sugiro que coloque ao lado de cada lição a data (dia, mês, ano e hora) em que você a estudou. Dessa maneira, você saberá – eu creio – o momento certo de revisar cada ensinamento. Mais uma vez, advirto: não tente estudar tudo em um só momento – a não ser que esteja pressionado por um concurso. Acredito que o estudo deste capítulo será bem mais proveitoso se for feito aos poucos, gradativamente.

Então: mãos à obra!!

3.1 LIÇÃO 1

3.1.1 EMPREGO DOS PORQUÊS

A princípio, gostaria de fazer um alerta: esta lição é muito – repetimos “muito” – muito cobrada pelos concursos públicos. Leia mais de uma vez, portanto. Vamos às orientações:

1. **Em princípio, vamos fazer uma breve orientação – lembre-se de que sempre se acentuará o monossílabo tônico “que” quando este estiver em final de frase ou quando vier precedido de um determinante – neste último caso, será empregado como substantivo.** Observe:

- Você tem medo de **quê**?
  pronome interrogativo tônico
- Ela hoje tem um **quê** de esquisito.
- Menino, você gosta de **quê**?
  pronome interrogativo tônico
- Havia muitos **quês** no depoimento dela.

2. **Emprega-se o “por que” separado em duas situações básicas: quando puder ser substituído por “pelo qual, pela qual, pelos quais, pelas quais” – neste caso, teremos uma preposição “por” seguida do pronome relativo “que”; quando puder ser substituído por uma das expressões “por qual motivo” ou “por qual razão” – neste caso, teremos a preposição “por” seguida do pronome interrogativo “que”.** Veja:

- Até agora não nos disse **por que** ela faltou à audiência.
  por qual motivo, por qual razão
- Os caminhos **por que** ele sempre andou eram caminhos de morte.
  pelos quais
- Amanhã o governo deve explicar **por que** aumentou a taxa Selic.
  por qual motivo, por qual razão
- **Por que** agiu daquela forma tão arrogante?
  por qual motivo, por qual razão

- Talvez só a miséria pudesse explicar **por que** os homens do século XX vivem aglomerados em cortiços.
  por qual motivo, por qual razão

- O documento **por que** buscávamos foi extraviado durante a mudança.
  pelo qual

- Alguém poderá perguntar: – O autor citou Braudel, **por quê**?
  por qual motivo, por qual razão (com acento por se encontrar em final de frase – monossílabo tônico)

- Diante de tudo isso, você ainda tem coragem de perguntar **por quê**?
  por qual motivo, por qual razão (com acento por se encontrar em final de frase – monossílabo tônico)

- Não elaboraste o pré-projeto até agora **por quê**?
  por qual motivo, por qual razão (com acento por se encontrar em final de frase – monossílabo tônico)

- Os mistérios **por que** somos atraídos na ficção costumam impressionar os leitores de tenra idade.
  pelos quais

- Tudo isso ajuda a esclarecer **por que** certas alterações foram positivas para o meio ambiente.
  por qual motivo, por qual razão

- "Mas **por que** não te metes tu logo por uma vez com o Firmo? **Por que** não te casas cor ele?" (Aluísio Azevedo)

- "Foi nessa ocasião que ela perguntou a minha mãe **por que** é que já não usava as joias do retrato." (Machado de Assis)

- "E eis aqui **por que** o *Diário* é um monarquista exigente, ao passo que a *Gazeta* é um mau republicano." (Rui Barbosa)

Recapitulando:

POR QUE

- **PELO QUAL, PELA QUAL, PELOS QUAIS, PELAS QUAIS**
  (preposição "por" mais pronome relativo "que")
- **POR QUAL MOTIVO, POR QUAL RAZÃO**
  (preposição "por" mais pronome interrogativo "que")

⇨ Observações:

a) A orientação acima resolve praticamente quase todos os casos. É preciso, porém ficar atento a uma situação excepcional: orações subordinadas substantivas objetivas indiretas, cujo verbo transitivo indireto exige a preposição "por". Observe:

- Todos anseiam pela volta de Maria Madalena.

→ Convertendo em oração: "Todos anseiam **por que** Maria Madalena volte".

Neste caso, a substituição, acima proposta, não funciona.

b) É bastante comum empregar-se o "por que" (separado) em interrogativas indiretas (sem o ponto de interrogação) ou interrogativas diretas, como já vimos em vários exemplos acima. Fique atento, pois, em algumas situações, o substantivo "razão, motivo" ou outro qualquer vem expresso na sentença logo após o "por que", situação em que o "por que" (separado) equivalerá a "por qual". Veja:

- Ela sempre quis saber **por que** motivo eu acabei nosso namoro.
  por qual
- Eles trocaram o nosso diretor **por que** funcionário?
  por qual
- Não disse com clareza **por que** razão não irá ao jogo.
  por qual
- Queria saber **por que** razão as estrelas brilham tão alto no céu.
  por qual

3. Emprega-se o "porque" junto quando este funciona como uma conjunção explicativa, causal ou final. Observe:

PORQUE
- → CONJUNÇÃO EXPLICATIVA ➔ Equivale a "pois"
- → CONJUNÇÃO CAUSAL ➔ Equivale a "já que, visto que, uma vez que"
- → CONJUNÇÃO FINAL ➔ Equivale a "para que, a fim de que"

- Não apoio essas iniciativas, **porque** desconfio dos fins a que se destinam.
  conjunção explicativa → equivale a "pois"
- **Porque** não entregou o projeto no prazo, foi cortada da lista de formandos.
  conjunção causal → equivale a "já que, visto que"
- Estudai bastante, **porque** sejais logo aprovados em um concurso público.
  conjunção final → equivale a "para que, a fim de que"
- Deixe a sala agora, **porque** não admito falta de respeito.
  conjunção explicativa → equivale a "pois"

- Será **porque** ele está doente que não veio ao trabalho hoje?
- "Os princípios são invioláveis e imortais. Invioláveis, **porque** têm como asilo a consciência

Imortais, **porque** encerram em si, contra a ação corrosiva dos preconceitos humanos, o caráter, a substância e a energia de uma lei invariável, absoluta e universal." (Rui Barbosa)

- "Não trouxera a navalha, **porque** tinha medo de ser preso, por causa do negócio da Nair do suicídio da mãe dela." (Lima Barreto)
- "Na perspectiva do autor, as prática esotéricas desfrutam de grande popularidade **porqu** satisfariam os interesses individuais de quem a elas recorre." (Fund. Carlos Chagas)
- "Nossas resoluções se perdem **porque** não temos um objetivo predeterminado." (Montaigne)
- "É o que te digo: vou e vou, **porque** devo, **porque** quero, **porque** é do meu direito." (Machado de Assis)

4. Emprega-se "porquê" (junto e com acento) quando este equivale a "motivo, razão". Neste caso, estaremos diante de uma palavra substantivada. Geralmente, este "porquê" vem acompanhado de determinantes (artigos, pronomes indefinidos etc.). Veja:

- Deve haver algum **porquê** (*algum motivo*) para a saída dele do cargo de gerente.
- Ainda não se sabe o **porquê** (*o motivo*) da morte da senhora Linda.
- Certamente há um **porquê** (*um motivo*) para ela ter abandonado o grupo sem dar satisfações.

Ufa!! Chegamos ao final da lição 1. Sugiro que a revise. Depois, descanse um pouco antes de estudar a próxima lição.

3.2 LIÇÃO 2

3.2.1 EMPREGO DE "ONDE" E "AONDE"

Mais uma vez, estamos diante de uma particularidade da nossa língua bastante cobrada em concursos públicos. Logo, é preciso estudar mais de uma vez. Vamos às orientações...

1. Como já dissemos no capítulo sobre o emprego dos pronomes relativos

preposicionados, o relativo "ONDE" é denominado de "pronome relativo locativo", pois só deve ser empregado em substituição a um lugar. Equivale a "em que" e variações – no qual, na qual, nos quais, nas quais. Observe (sublinhamos o antecedente do relativo "onde"):

- Dirigimo-nos à casa da D. Francisca (em que, na qual), **onde** encontramos um grupo de mulheres em oração.
- Em São Paulo, há uma cafeteria (em que, na qual) **onde** se acham excelentes cafés importados.
- Nossos projetos de vida dependem muito do futuro do país (em que, no qual) **onde** vivemos.
- "Rememorava por vezes as mudanças, as alternativas fisiopsíquicas por que tinha passado na fazenda, **onde** não encontrara uma pessoa de sua idade." (Júlio Ribeiro)
- "Verdes mares bravios de minha terra natal, **onde** canta a jandaia nas frondes da carnaúba." (José de Alencar)
- "Correspondendo a pouco mais de um terço da largura total da casa, havia, nos fundos, um puxadito, **onde** estavam a cozinha e uma despensa minúscula." (Lima Barreto)
- "Nunca a sua mão benéfica deixou de estender-se para o lugar **onde** a aflição se assentava." (A. Herculano)

⇨ Observação importante:

Estendem-se à noção de lugar os sentidos de "posição, situação, classe, parte de um livro ou obra, espaço ocupado, localidade, região". Por isso, são corretos também os seguintes empregos do relativo "onde":

- Fizemos o resumo do segundo parágrafo deste capítulo, **onde** havia bons exemplos de cidadania.
- Chegamos à parte final do continente, **onde** já encontramos grandes icebergs.
- "Num centro de civilização como este, **onde** a opulência intelectual da nossa pátria se reflete por tantas faces e tão brilhantemente no jornalismo, ..." (Rui Barbosa)
- "O reto espírito do nosso colega, que ora empunha a balança de Têmis, **onde** estão sendo pesadas oiro e fio as nossas humildes palavras, ponha-lhe numa concha os benefícios..." (Rui Barbosa)

2. **Em muitas situações, o relativo "ONDE" é empregado sem antecedente explícito, isto é, seu antecedente estará latente, oculto. Neste caso, equivalerá a "em que lugar, no lugar em que". Veja:**

- Sempre há boas pessoas onde a gente menos espera.
  no lugar em que

- Não sabemos onde ele se encontra agora.
  em que lugar

- Onde você mora? **Onde** você foi morar?
  em que lugar

- "Bem: mas **onde** estão os efeitos benéficos deste sistema? Nas finanças?" (Rui Barbosa

- "Chove? Nenhuma chuva cai...
  Então **onde** é que eu sinto um dia
  Em que ruído da chuva atrai
  A minha inútil agonia?" (Fernando Pessoa)

- "Se lhe parede que não tenho razão! Esta agência indica **onde** há casas vazias por cinco mil-réis." (Artur Azevedo)

⇨ Observação:

Mesmo sem antecedente expresso, o "onde" só é empregado em situações que indicam lugar.

3. Emprega-se "AONDE" – regido por um nexo prepositivo – quando houver um verbo ou um nome que requeira a preposição "a". Geralmente, equivale a "para onde". Perceba:

- Nós iremos contigo ao lugar a que tu quiseres ir. → Nós iremos contigo ao lugar **aonde** quiseres ir.
  ir "a"

- Por favor, **aonde** eu posso me dirigir para obter informações?
  dirigir-se "a"

- Vocês pretendem chegar **aonde** com tais indagações?
  chegar "a"

- "Era este o costume herdado de seus maiores; que o hóspede mandava na taba **aonde** Tupã o conduzia." (José de Alencar)

- "Força tal não pode ser a do ministro, individualidade flácida, político invertebrado, espécie de medusa marinha, de fibras morais inconsistentes e diáfanas, que flutua à tona de todas as correntes, e vai dar nas praias, **aonde** o leva a ressaca." (Rui Barbosa)

- "– Quem lhe impede que vá a outras partes? Vá **aonde** quiser, mas fique morando conosco." (Machado de Assis)

- "Mas ainda a do semeador do nosso Evangelho não foi a maior. A maior é a que se tem

experimentado na seara **aonde** eu fui." (Pe. Antônio Vieira)

⇨ Observações essenciais sobre o emprego de "onde" e de "aonde":

a) A maioria das nossas dificuldades vem do fato de, em nosso dia a dia, cometermos muitos erros no que diz respeito ao emprego do "aonde" em lugar do "onde" e vice-versa. Vejamos alguns desses problemas:

- Maria, você sabe **aonde** eu deixei meus óculos? (construção incorreta)
  Quem deixa, deixa algo EM algum lugar.

  → Logo... "Maria, você sabe **ONDE** eu deixei meus óculos?".

- Não sabemos **aonde** ele está nesse momento. (construção incorreta)
  Quem está, está EM algum lugar.

  → Logo... "Não sabemos **ONDE** ele está nesse momento."

- **Onde** você vai hoje à tarde? (construção incorreta)
  Quem vai, vai A algum lugar.

  → Logo... "**AONDE** você vai hoje à tarde?"

b) É preciso ter muito cuidado com o emprego do ONDE, pois, como sabemos, ele s deve ser usado para expressar uma noção de lugar. Portanto, para o padrão formal, é inadmissível o emprego do "ONDE" para relações que não sejam de lugar. Observe:

- *A relação que se transmite é a de posse.*
  O Clube dos Oficiais, **onde** o diretor é João da Costa, passará por uma reforma. (Emprego inadequado)

  Correção: O Clube dos Oficiais, **cujo** diretor é João da Costa, passará por uma reforma.

- *A relação que se transmite é a de tempo.*
  Em 1980, **onde** o presidente era João Batista Figueiredo, a inflação era galopante. (Emprego inadequado)

  Correção: Em 1980, **quando** o presidente era João Batista Figueiredo, a inflação era galopante.

- *A relação que se transmite é a de posse.*
  Para Hans Kelsen, **de onde** se citam alguns exemplos, os homens deveriam honrar a justiça. (Emprego inadequado)

  Correção: Para Hans Kelsen, **de quem** (ou "**do qual**") se citam alguns exemplos,...

- É difícil lidar com adolescentes rebeldes, **onde** a causa nem para eles se explicita. (Emprego inadequado)

  Correção: É difícil lidar com adolescentes rebeldes, **cuja** causa nem para eles se explicita.

c) Como já mencionamos, o relativo "onde" – à semelhança do "aonde" – pode vir antecedido por preposições. Lembre-se, entretanto, que o emprego de "aonde" implica a não existência de qualquer outra preposição antes dele. Observe:

- Sem eles, não teríamos **de onde** sair, nem **para onde** nos projetar.
- Sem nossa história e nosso passado, não teríamos **por onde** começar, nem espaço para nos expandirmos.
- "Posto que nascido na roça (**donde** vim com dous anos) e apesar dos costumes do tempo, eu não sabia montar, e tinha medo ao cavalo." (Machado de Assis)
- "E na terra, **por onde** o sonhador passava,
  Iá a roxa corola espalhando as sementes." (Olavo Bilac)
- "... arbúsculos quase sem pega sobre a terra escassa, enredados de esgalhos **de onde** irrompem, solitários, cereus rígidos e silentes..." (Euclides da Cunha)
- "– Quero respirar o ar puro e fresco da tarde; mais nada repliquei. – Leva-me, **para onde** te aprouver." (A. Herculano)

3.3 LIÇÃO 3

3.3.1 EMPREGO DE "SE NÃO" E "SENÃO"

Eis outra particularidade bastante interessante e bastante longa. Embora não seja muito comum em provas, aparece aqui e acolá em certames, geralmente, de nível superior. Sugiro que a leia mais de uma vez, devido à quantidade de pormenores que ela apresenta. Vamos a ela...

a) Emprega-se o "se" e depois o "não" quando estes funcionam, respectivamente, como "conjunção condicional" e "advérbio de negação". Nesse caso, equivalerão, literalmente, a "caso não" ou "quando não" e só devem ser usados em juízos que expressam hipótese, condição, probabilidade. Essa situação representa o emprego mais comum do "se não" separado.

- Se não fizerem o dever logo, não receberão o prêmio que lhes prometi.
  caso não façam
- Que faremos amanhã, se não chegarem os mantimentos para os desabrigados?
  caso não cheguem
- A situação era difícil de resolver, **se não** impossível.
- "E o pobre Miranda, **se não** queria sofrer impertinências da mulher e ouvir sensaborias

defronte dos criados, tinha de dar ao moleque toda a consideração e fazer-lhe humildemente todas as vontades." (Aluísio Azevedo)

- "Entretanto houve um tempo em que, **se não** me engano, tu eras feliz como eu do prazer que me davas." (José de Alencar)

b) Emprega-se "senão", junto, nas seguintes situações:

SENÃO
- (conjunção correlata aditiva) ↔ **mas também**
- (conjunção de oposição adversativa) ↔ **mas sim, do contrário**
- (preposição de exclusão) ↔ **afora, exceto, salvo, a não ser**
- (substantivo) ↔ **problema, mácula, defeito**

- Eram pessoas não só honestas, **senão** também caridosas, prestativas.
  mas também
- O diretor não fazia outra coisa, **senão** criticar.
  a não ser
- Ele nunca possuiu amigos, **senão** bajuladores.
  mas sim
- No processo, não encontramos **senões**.
  defeitos, problemas
- Não comeu o bolo que a esposa fez, **senão** um pedaço de pudim deixado pela sogra.
  mas sim
- Todos, **senão** você, contribuíram com a campanha.
  afora, salvo, exceto
- Ponham, por favor, a criança para dentro da casa, **senão** poderá adoecer severamente.
  do contrário, caso contrário
- Não havia um **senão** em sua produção textual.
  defeito, problema
- Da viagem nada trouxe de importante, **senão** um porta-retratos banhado a ouro.
  salvo, exceto, afora

- "De resto, a não ser de manhã para as aulas, que ia sempre com o Miranda, não arredava pé de casa **senão** em companhia da família." (Aluísio Azevedo)
- "Tinha o coração disposto a aceitar tudo, não por inclinação à harmonia, **senão** por tédio à controvérsia." (Machado de Assis)
- "Parecer-vos-á então que desse panorama indescritível não quis Deus que houvesse

outros contempladores vivos, **senão** vós e o alado músico da alvorada." (Rui Barbosa)

- "A definição do pregador é a vida e o exemplo. Por isso Cristo no Evangelho não o comparou ao semeador, **senão** ao que semeia." (Pe. Antonio Vieira)

⇨ Observações:

a) Há uma situação em que a pontuação faz toda a diferença. Observe:

- Chegue cedo à empresa amanhã, **senão** será demitido.
  do contrário, caso contrário
- Chegue cedo à empresa amanhã; **se não**, será demitido.
  se não (chegar) → juízo hipotético

b) O mesmo procedimento ocorre em situações em que querem alguns autores associar o "se não" à conjunção alternativa "ou", quando, na realidade, tem-se a ocultação por zeugma de um verbo anteriormente mencionado. Veja:

- Ele comprará uma, **se não** duas camisas para as festas do fim de ano.
  se não (comprar) → zeugma do verbo "comprar"
- Levará a mãe, a sogra, as filhas, **se não** todos os membros da família para a festa.
  se não (levar) → zeugma do verbo "levar"
- Ele é muito sabido, **se não** o mais inteligente da turma.
  se não (for) → zeugma do verbo "ser"

3.4 LIÇÃO 4

Nesta lição, estudaremos mais de uma particularidade da nossa língua. Procure lê-las mais de uma vez para consolidar o conhecimento.

3.4.1 EMPREGO DE "TÃO POUCO" E "TAMPOUCO"

a) Emprega-se "tão pouco" quando for equivalente de "muito pouco". Nesse caso, teremos o advérbio de intensidade "tão" seguido do pronome indefinido ou do advérbio "pouco".

- Falaram **tão pouco** durante a palestra que todos ficaram surpresos.
  muito pouco
- No mês passado, a empresa recebeu **tão pouco** dinheiro que teve de recorrer a empréstimos.
  muito pouco

- Infelizmente, nosso filho dorme tão pouco.
  muito pouco

- Parecia muito cuidadoso dos seus estudos e **tão pouco** extravagante e gastador, que nã despendia um vintém fora das necessidades de primeira urgência.

b) "Tampouco" é morfologicamente um advérbio e equivale a "também não, muito menos, nem sequer". Funciona, na estrutura oracional, como um reforço para uma negação feita anteriormente, ou seja, o "tampouco" adicionará uma ideia negativa a uma ideia negativa precedente. Por isso, costuma-se associá-lo a "nem" com o sentido negativo. Como já representa uma negação, é erro grosseiro empregar-se "tampouco não".

- Os alunos não entregaram a prova, **tampouco** fizeram o trabalho que valia nota.
- Jamais irei àquele lugar, **tampouco** deixarei que algum familiar meu vá.
- "Mas os príncipes não aprendem, e **tampouco** aprendem os partidos." (Rui Barbosa)
- "Afinal, convencendo-se de que ela, sem ter ainda morrido, já não vivia para ninguém, ner **tampouco** para si, desabou num fundo entorpecimento apático." (Aluísio Azevedo)
- "... contudo, nunca houve entre eles uma separação profunda nem **tampouco** uma penetração perfeita." (Lima Barreto)

3.4.2 EMPREGO DE "DE ENCONTRO A" E "AO ENCONTRO DE"

Eis uma particularidade bastante simples. Vamos a ela...

a) Emprega-se a expressão "de encontro a" quando se quer transmitir a ideia de "choque, oposição, contrário" – equivale a "contra".

- O motorista perdeu o controle e o carro foi **de encontro ao** poste.
- A decisão do pai foi **de encontros aos** anseios da família.
- "A Serra do Mar tem um notável perfil em nossa história. **De encontro às** suas escarpas embatia, flagílima, a ânsia guerreira dos Cavendish e dos Fenton." (Euclides da Cunha)

b) Já a expressão "ao encontro de" significa "em direção a, a favor de". É usada, geralmente, quando se quer dizer que algo "foi favorável a alguma coisa, foi a favor de".

- Quando os vi de longe, parti ao encontro dos dois.
- Somos bons amigos, afinal minhas ideias sempre foram ao encontro das ideias dele.

- “Embarcou sozinha para os dez dias e noites de viagem, consciente de que podia estar indo **ao encontro da** morte. Tinha dezoito anos.” (Rui Castro)

⇨ **Observação:**

Perceba que essas duas expressões dependem totalmente do contexto. Observe abaixo:

- Somos bons amigos, AFINAL minhas ideias sempre foram **ao encontro das** ideias dele.
- Somos bons amigos, MAS minhas ideias sempre foram **de encontro às** ideias dele.

3.5 LIÇÃO 5

3.5.1 EMPREGO DE “EM VEZ DE” E “AO INVÉS DE”

a) Deve-se empregar a locução prepositiva “em vez de” quando se deseja indicar uma troca, uma substituição de uma coisa por outra. Ela significa, literalmente, “em lugar de”, “em substituição a”. Reitere-se que essa locução é aplicável à maioria das situações em que se deseja expressar troca, substituição, alteração de uma coisa por outra.

- Na festa, resolveu beber cerveja **em vez de** vinho.
- **Em vez de** ir ao cinema, resolveu ir ao teatro.
- “**Em vez de** ficar abatida com a ameaça da larga separação, se vingasse a ideia da Europa, mostrou se satisfeita.” *(Machado de Assis)*

b) Por outro lado, a locução prepositiva “ao invés de” significa “ao inverso de”, “ao contrário de” e só deve ser empregada quando houver na oração elementos ou ideias opostos, contrários.

- O mergulhador imergiu **ao invés de** emergir por causa de um problema no equipamento.
- No velório, a prima do defunto ria **ao invés de** chorar.
- O remédio, **ao invés de** melhorar, piorou a situação do paciente.
- “E volveram rápidos, desapontados, tendo às mãos, **ao invés do** ganho apetecido, o ardor de muitas dúzias de palmatoadas, amargos bolos com que os presenteara aquela gente ingrata.” (Euclides da Cunha)

3.5.2 EMPREGO DE "ACERCA DE", "A CERCA DE" E "HÁ CERCA DE"

Eis outra particularidade da gramática bastante simples. Vejamos...

a) A locução prepositiva mais usual das três é "acerca de"; significa "a respeito de, sobre, quanto a".

- Nada nos disse acerca do (sobre, a respeito de) problema de saúde que vem enfrentando.
- Os pesquisadores fizeram uma interessante descoberta **acerca da** criação de óvulos e espermatozoides a partir de células-tronco.
- "E o diálogo continuou animado, sem que D. Terezinha revelasse à amiga as suas suspeitas **acerca de** João da Mata e Maria do Carmo." (Adolfo Caminha)

b) Nas duas outras construções, temos a associação entre uma preposição ou um verbo e a expressão adverbial de aproximação "cerca de". Observe:

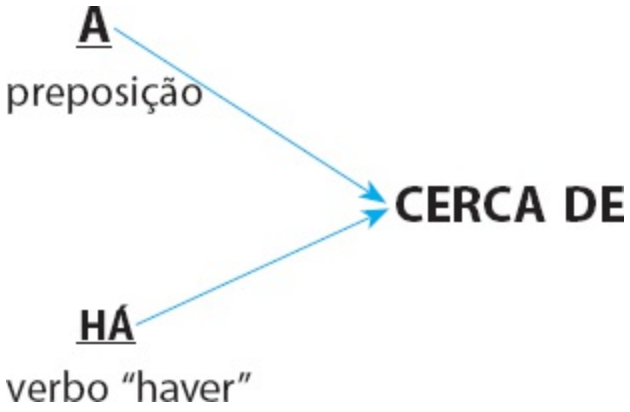

Logo, teremos...

A CERCA DE → a aproximadamente
HÁ CERCA DE → faz aproximadamente

- Quando nós a encontramos, estávamos a cerca de (a aproximadamente) 20Km da fronteira com o Paraguai.
- Os colonizadores chegaram aqui há cerca de (faz aproximadamente) 500 anos.
- Todos permaneceram a cerca de (a aproximadamente) 20m do local do acidente.
- Eles saíram há cerca de (faz aproximadamente) meia hora.

⇨ **Observação:**

Perceba que o “a” da expressão “a cerca de” não recebe o acento grave em virtude de ser tão somente uma preposição seguida de uma expressão adverbial “cerca de”.

3.6 LIÇÃO 6

3.6.1 EMPREGO DE “MAU” E “MAL”

Vamos agora estudar uma lição bastante interessante. É bom ter cuidado para não fazer a simplificação “mau – bom” e “mal – bem”. Observe as orientações a seguir.

a) O “mau” exerce a função de adjetivo e possui como antônimo o adjetivo “bom”. Nesse caso, irá referir-se a substantivos. Como adjetivo que o é, o vocábulo “mau” apresenta todas as flexões típicas das classes variáveis. Veja:

- O **mau** treinador efetuou **más** ações por causa da **má** conduta da coordena-dora que reclamou do **mau** comportamento do time.
- Sempre o **mau** indivíduo colhe **maus** resultados em virtude de suas **más** atitudes.
- Toda **má** sorte tem por traz um **mau** sujeito.
- “... estava cansado de ensinar a meninos, era preciso fazer pela vida noutro meio mais vasto onde as suas qualidades, boas ou **más**, fossem aquilatadas com justiça.” (Adolfo Caminha)

b) Emprega-se “mal” em três funções morfológicas: advérbio, cujo oposto é “bem” conjunção temporal, equivalendo a “logo que, assim que”; e substantivo abstrato, equivalendo a “o mal”, “a maldade”. Observe:

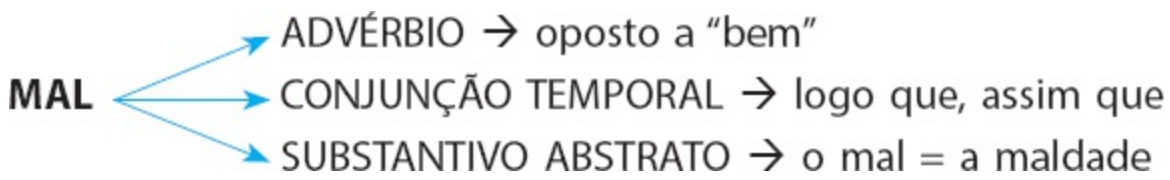

- O time jogou **mal** porque não treinou adequadamente.
  advérbio ↔ oposto a "bem"
- **Mal** ele chegou na sala, todos começaram a rir.
  conjunção temporal ↔ logo que, assim que
- O **mal** sempre atrai o **mal**.
  substantivos ↔ a maldade

- "... e entre os infortúnios que se desfecham tantos e tamanhos, uns após outros, como golpes de um acinte infatigável no **mal**, sobre este desventurado país, suave é o refúgio dessa consolação..." (Rui Barbosa)
- "Não obstante, a energia evolutiva do direito, cuja torrente a resistência **mal** aconselhada avolumou, represando, acaba por triunfar." (Rui Barbosa)
- "Mandava-os fazer de encomenda; mas assim mesmo, **mal** os punha hoje, no dia seguint tinha que os retalhar a navalha." (Lima Barreto)
- "A viúva que **mal** resistira ao golpe da perda do filho, ainda mais se aterrava agora com c isolamento em que ia deixar Aurélia." (José de Alencar)

⇨ Observação:

Fique atento à seguinte distinção:

mau humor	≠	mal-humorado
mau cheiro	≠	malcheiroso
má educação	≠	mal-educado
mau comportamento	≠	malcomportado
mau ensinamento	≠	mal-ensinado
mau entendimento	≠	mal-entendido
má aventura	≠	mal-aventurado
má assombração	≠	mal-assombrado

3.6.2 EMPREGO DE "MAS" E "MAIS"

Eis outra particularidade bastante elementar. Mas é sempre bom revisá-la ou, quem sabe, conhecê-la melhor. Vamos a ela...

a) O "mas" funciona, na maioria das vezes, como conjunção de oposição adversativa; por isso, pode ser tranquilamente trocada por "porém, contudo,

todavia". Em outros casos – um pouco mais raros –, o "mas" fará parte da correlação aditiva "não só..., mas também". Veja:

- Todos participaram do evento, **mas** nem todos ficaram para a confraternização.
  porém, contudo

- Ele sempre foi o melhor da sala, **mas** sempre bagunçou muito.
  porém, contudo

- O governo não só baixou os juros para a casa própria, **mas também** facilitou o crédito.
  correlação aditiva

- "E os que leem o que escreve,
  Na dor lida sentem bem,
  Não as duas que ele teve,
  Mas só a que eles não têm." (Fernando Pessoa)

- "Lembrou-se da mulher, **mas** repeliu logo esta ideia com escrupulosa repugnância. Continuava a odiá-la." (Aluísio Azevedo)

- "Fique então sabendo de que não é só a ela que você faz o obséquio, **mas** também ao marido." (Aluísio Azevedo)

⇨ Observação:

Em algumas situações, o "mas" funciona tão somente como uma palavra denotativa de ênfase ou de situação. Não transmite o sentido de oposição adversativa, por isso não poderá ser substituída por "porém, contudo, todavia." Veja:

- **Mas** quem afinal chegou à nossa festa?

- **Mas** que "belos" políticos nós temos hoje em dia!

b) Já o "mais" funciona ora como advérbio de intensidade, quando modifica verbos adjetivos ou outros advérbios, ora funciona como pronome indefinido, quando se refere a substantivos. Observe:

- Os Silvas sempre dispuseram de **mais** recursos e **mais** informações.
  pronomes indefinidos

- Aqueles alunos precisavam estudar **mais** para poder ingressar em um concurso.
  advérbio de intensidade

- Eles agora sentiram sentiram **mais** vontade vontade de estudar do que antes.
  pronome indefinido

- Ele sempre quis trabalhar **mais** para melhorar a situação financeira da família.
  advérbio de intensidade

- “Desde o palácio até a taberna e o prostíbulo, desde o **mais** esplêndido viver até o vegetar do vulgacho **mais** rude, todos os lugares e todas as condições têm tido o seu romancista.” (A. Herculano)
- “Não ficara ela incólume da ferida que fizera no coração do vizinho: amou-o também, e com **mais** seriedade que a usual nos seus anos.” (Camilo C. Branco)

3.7 LIÇÃO 7

3.7.1 EMPREGO DE “A FIM” E “AFIM”

Eis, mais uma vez, um conhecimento básico, elementar. Vamos a ele...

a) Emprega-se “a fim”, separado (na maioria das vezes você usará esta forma), quando este fizer parte da locução prepositiva “a fim de” ou da locução conjuntiva “a fim de que”. Em ambos os casos, as locuções denotarão “finalidade, objetivo, meta”. Veja:

- Na sala, ninguém estava **a fim de** fazer nada.
- **A fim de que** ela passasse no concurso, comprei novos livros.
- “Não tardam os cavaleiros zenetas que vêm ajuntar-se nas atalaias convosco, **a fim de que** nenhum infiel possa escapar.” (A. Herculano)
- “De feito, a boa velha tentou por diversas vezes escrever seu testamento **a fim de** garant o futuro de sua escravinha.” (Bernardo Guimarães)

⇨ **Observação:**

A locução prepositiva “a fim de” equivale a “para”. Portanto, se tiver alguma dúvida, faça a substituição.

b) Por outro lado, a forma “afim” (junto) é morfologicamente um adjetivo e significa “algo que é semelhante, que é próximo, que possui afinidade”.

- Na grade escolar, Biologia e Química são matérias **afins**.
- João e Pedro tinham temperamentos **afins**.
- Eles são parentes **afins**.

3.7.2 EMPREGO DE "SE QUER" E "SEQUER"

Eis outra particularidade simples da nossa língua, mas que merece toda a nossa atenção, pois de vez em quando aparece aqui e acolá nas provas de alguns certames. Vamos a ela...

a) A forma separada "se quer" é representada pela conjunção condicional "se" seguida do verbo "querer" flexionado na 3.ª pessoa do singular do futuro do subjuntivo. Nesse caso, a expressão "se quer" equivalerá a "se desejar" e ocorrerá em orações hipotéticas, condicionais. Veja:

- **Se quer** passar em um concurso, estude muito.
- "Diga ao cocheiro que pare; ou, **se quer**, pode apear-se no largo da Carioca." (Machado de Assis)
- "– Em porção, o senhor sabe que... É isso... Enfim, **se quer**, mande-os..." (Lima Barreto)

b) Já a forma "sequer" é um advérbio e significa "ao menos, pelo menos, nem mesmo". É frequentemente usado em frases negativas ou de sentido negativo.

- João não veio ao trabalho e nem **sequer** ligou para dizer o que aconteceu.
- "... como é que de um ano para o outro esta necessidade urgente e imediata torna-se tão secundária, tão indiferente, tão remota que nem **sequer** merece ser mencionada na fala do trono?" (Rui Barbosa)
- "Ninguém lhes regateia esse reconhecimento. Ninguém lhes recusaria, **sequer**, o esquecimento do seu passado de escravismo." (Rui Barbosa)
- "Por fim tudo se esgota e a situação não muda. Não há probabilidade **sequer** de chuvas." (Euclides da Cunha)

3.8 LIÇÃO 8

3.8.1 EMPREGO DE "SESSÃO", "SEÇÃO" E "CESSÃO"

Vamos a uma particularidade bastante simples... conhecimento elementar, básico, mas necessário. Estudemo-la, pois...

a) A forma "sessão" significa "espaço de tempo em que se realiza determinada atividade ou parte dela". Pode também ser usada com o sentido de "reunião, assembleia, encontro".

- Na última sessão do Congresso Nacional, votaram-se muitos projetos de lei.
- Eles começaram agora a nova sessão de fotos.
- Todos combinaram assistir a última sessão do cinema.
- O psiquiatra recomendou-lhe várias sessões de terapia.
- "Rubião assistira à sessão em que o ministério Itaboraí pediu os orçamentos." (Machado de Assis)

b) Já a forma "seção", que admite a grafia secção" significa "divisão, subdivisão, departamento, parte de um todo".

- Amanhã iremos à seção de obras e reformas da Prefeitura de Palmares.
- Nós votamos na 37.ª seção da 43.ª zona eleitoral.
- Na terceira seção do segundo capítulo do livro, encontramos vários processos descritivos
- "O país não está mais adiantado que as vítimas desse maligno capricho, quanto às causas que possam justificar o açoite, a que se acha submetida aquela secção do exército brasileiro." (Rui Barbosa)

c) Por sua vez, a palavra "cessão" provém do verbo "ceder" e, logicamente, signifi "ato de ceder, doação, transferência de posse ou de direito".

- João fará a cessão de seus bens para os seus dois irmãos mais velhos.
- O Dr. Pedro fez a cessão dos direitos autorais para uma organização não governamental

3.9 LIÇÃO 9 – EMPREGO DE VÁRIAS EXPRESSÕES E CONEXÕES

Vamos a uma lição longa, mas bastante simples. Vejamos algumas expressões bastante correntes em nosso dia a dia. Fique atento a elas, pois com frequência são cobradas pelas bancas examinadoras.

3.9.1 DISTINÇÃO ENTRE "A PRINCÍPIO" E "EM PRINCÍPIO"

- **A princípio**, quero esclarecer que minha palestra será meramente motivacional.
- "Capitu, **a princípio**, não disse nada. Recolheu os olhos, meteu-os em si e deixou-se estar com as pupilas vagas e surdas, a boca entreaberta, toda parada." (Machado de Assis)
- "**Em princípio**, o subsecretário suportou bem a tempestade; mas tendo adivinhado que o supunham insciente no tupi, irritou-se, encheu-se de uma raiva surda, que se continha dificilmente." (Lima Barreto)
- "De sorte que logo **em princípio** o comandante reconheceu inexequível dar à marcha uma norma capaz de poupar as forças das praças." (Euclides da Cunha)

3.9.2 DISTINÇÃO ENTRE OS CONECTIVOS "PORQUANTO" E "CONQUANTO"

Eis uma lição sobre a qual já falamos no capítulo sobre "sintaxe do período composto", mas é sempre bom relembrar. Leia com atenção, pois o conhecimento abaixo é bastante cobrado em certames pelo país afora.

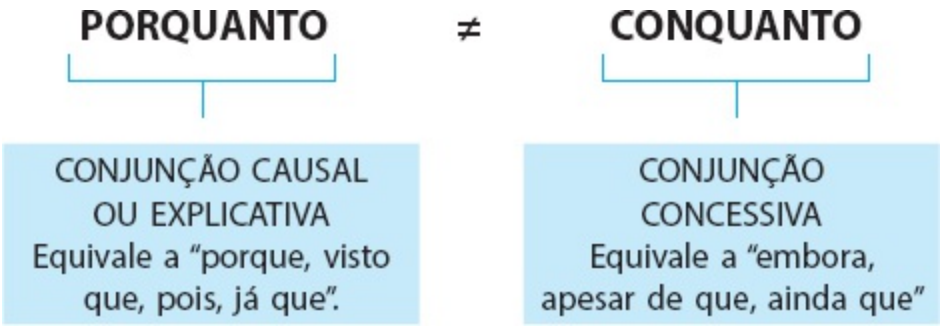

- O governo não reduzirá a taxa Selic, **porquanto** (*porque, já que, pois*) não deseja que haja o aumento do consumo.
- **Conquanto** (*embora, ainda que*) seja bastante rico, veste-se como pobre.
- "É possível, **conquanto** o não creiamos, que esse homem de Estado fosse um miserável cuja desonra espadane ainda sobre aqueles que, iludidos, o sustentaram." (Rui Barbosa)
- "E aqui verás tal ou qual esperteza minha; **porquanto**, ao ler o que vais ler, é provável que o aches menos cru do que esperavas." (Machado de Assis)

3.9.3 DISTINÇÃO ENTRE OS CONECTIVOS "JÁ QUE" E "POSTO QUE"

Mais uma distinção sobre a qual já falamos no assunto "sintaxe de período". Mas nunca é tarde para relembrar, pois ela é bastante cobrada pelas bancas.

JÁ QUE ≠ **POSTO QUE**

JÁ QUE	POSTO QUE
CONJUNÇÃO CAUSAL Equivale a "porque, visto que, pois, uma vez que".	CONJUNÇÃO CONCESSIVA Equivale a "embora, apesar de que, ainda que"

- O reclamante deve ser reintegrado ao posto já que (*porque, visto que*) goza de estabilidade.
- Posto que (*embora, ainda que*) fosse um dos homens mais ricos da cidade, vestia-se como pobre.
- "Gênio político de esfera muito curta, **posto que** de brilhantes talentos jurídicos e parlamentares, o Visconde de Ouro Preto capacitou-se de que o melhor serviço que podia prestar à monarquia era alardear os recursos." (Rui Barbosa)
- "Pois essa que fui ontem continuarei a ser, **já que** Deus não quis que fosse a outra, que viu da primeira vez." (José de Alencar)

3.9.4 DISTINÇÃO ENTRE OS CONECTIVOS "À MEDIDA QUE" E "NA MEDIDA EM QUE"

Observe agora a distinção entre dois conectivos bastante parecidos. É preciso ficar atento, pois são empregados em situações bem distintas. Veja:

À MEDIDA QUE ≠ **NA MEDIDA EM QUE**

À MEDIDA QUE	NA MEDIDA EM QUE
CONJUNÇÃO PROPORCIONAL Equivale a "à proporção que".	ARTICULADOR DE CAUSA Equivale a "já que, visto que, uma vez que".

- Desistiram de continuar a viagem, **na medida em que** as dificuldades para a consecução de uma nova estalagem aumentavam em virtude do evento previsto para a cidade.
- "**À medida que** engolia uma troça, uma pilhéria, vinha-lhe meditar sobre a sua lembrança pesar-lhe todos os aspectos, examiná-la detidamente..." (Lima Barreto)
- "Os anos passaram depois, e **à medida que** vinham, ia-se Estêvão afundando no mar vasto e escuro da multidão anônima." (Machado de Assis)

⇨ **Observação:**

Lembre-se de que as expressões "à medida em que" e "na medida que" não existem em nossa língua. São corruptelas da locução conjuntiva de proporcionalidade "**à medida que**".

3.10 LIÇÃO 10 – EMPREGO DE OUTRAS EXPRESSÕES QUE PROVOCAM DÚVIDAS

Vamos agora a outras lições bastante interessantes. Aqui veremos o emprego de várias expressões que frequentemente suscitam dúvidas. Leiamo-las...

3.10.1 DISTINÇÃO ENTRE "POR ORA" E "POR HORA"

Embora apresentem origem igual – a palavra "hora" –, as expressões apresentam significados diferentes. "Por ora" é equivalente a "por enquanto"; já "por hora" é empregada quando se deseja fazer referências a intervalos de 60 minutos – equivale a "a cada hora, a cada 60 minutos".

- Os benefícios, **por ora**, só serão concedidos aos trabalhadores noturnos.
- Eles ganham R$ 25,00 **por hora**.
- João conseguia ler, **por hora**, cinco capítulos do livro.
- "Nós somos, **por ora**, uma voz, que adverte, e aconselha, enquanto o desengano nos não converter em arma, que acomete, e destrói." (Rui Barbosa)
- "– Ele passou por aqui pondo dez léguas **por hora**." (Manuel A. de Almeida)

3.10.2 EMPREGO DE "O MAIS DAS VEZES" E "AS MAIS DAS VEZES"

Ambas as expressões são corretas para indicar a maioria das vezes que um fato se realiza. Neste contexto, a expressão "a mais das vezes" não existe. Para o professor Mário Barreto, a expressão "as mais das vezes" é mais usual.

- "Temo-las por adiáforas; no geral, suspeitas; **as mais das vezes**, incompletas; quase sempre, traiçoeiras; sempre disparatadas." (Euclides da Cunha)
- "Até nas próprias travessuras do menino, **as mais das vezes** malignas, achava o bom do homem muita graça." (Manuel A. de Almeida)
- "Elas passavam o serão na sala de jantar, em volta do candeeiro, que alumiava a tarefa noturna **o mais das vezes** solitárias." (José de Alencar)

3.10.3 DISTINÇÃO ENTRE "ABAIXO" E "A BAIXO"

Há um grupo de advérbios que são conhecidos pelas formas estranhas – e incoerentes muitas vezes – como são grafados. Não adianta reclamar: a ortografia oficial impõe que seja assim. Observe:

- abaixo
- debaixo
- embaixo
- por baixo
- acima
- de cima
- em cima
- por cima

Nesse grupo, encontramos uma distinção interessante entre o par "abaixo" e "a baixo". O primeiro é advérbio e significa "em local menos elevado, embaixo". Já o segundo é empregado na correlação "de... a...", em que a preposição "a" – equivalente à preposição "para" – fica separada da palavra "baixo". Observe:

- O leite está na prateleira **abaixo** dos pratos de sobremesa.
- Pintamos a parede **de** cima **a baixo**.
- "Nós descoroamos da liberdade aos que de Deus a houveram sacrossanta, e com isso os abatemos ao ínfimo grau da escala criada: até **abaixo** do reino vegetativo." (Rui Barbosa)
- "Há quase sempre alguma coisa impalpável e misteriosa no seio dos acontecimentos, que conspira contra as conspirações, mesmo quando essas vêm **de** cima **a baixo**." (Rui Barbosa)

3.10.4 DISTINÇÃO ENTRE "A PAR" E "AO PAR"

Eis duas expressões bastante interessantes, as quais provocam dúvidas no dia a dia. Emprega-se corretamente a locução prepositiva "**a par de**" quando se quer transmitir o sentido de "*estar ciente, estar informado*", ou ainda com o sentido de "*ao lado de, junto a, comparado com*". Já a expressão "**ao par**" só deve ser empregada com o sentido de "*equivalência monetária, cambial*". Observe:

- O diretor estava a par (*ciente de*) de toda a situação.
- João foi ao colégio a par (*ao lado de*) do irmão.
- "A par (*comparado com*) do último verão, até que este está ameno." (Dicionário Houaiss)
- "eis .... que a subida inesperada do partido conservador, firmando o crédito do Estado, elevou o papel-moeda, deixando o câmbio quase ao par". (Aluísio Azevedo *apud*

Dicionário Aurélio)

- “Tem razão. Dizem que há lá muita coisa esplêndida; não admira, são mais velhos que nós; mas lá chegaremos; e há coisas em que estamos a par deles, e até acima.” (Machado de Assis)

3.10.5 DISTINÇÃO ENTRE “NENHUM” E “NEM UM”

Eis uma dúvida frequente entre os operadores da nossa língua. Fique atento, pois ela apresenta vários detalhes.

O vocábulo “nenhum” (junção de “nem” mais “um”) é um pronome indefinido e opõe-se a “algum”. Já na construção “nem um”, o vocábulo “um” é um numeral (seus equivalentes são, portanto, “dois, três, quatro etc.”).

Lição bastante proveitosa nos deixou o ilustre gramático Napoleão Mendes de Almeida: “**Nenhum** provém da junção de ‘nem + um’, havendo entre aquela forma sintética (nenhum) e esta analítica (nem um) diferença de energia de expressão; a forma analítica é mais forte”. Seguindo a lição do mestre, em muitos casos, pode-se usar tanto “nem um” quanto “nenhum” – o que vai diferir é a ênfase que se deseja conferir ao enunciado.

- Ao partir, João dos Anjos não deixou **nenhum** bem. (→ ... não deixou bem algum.)
- Ao partir, João dos Anjos não deixou **nem um** bem. (→ ... não deixou nem mesmo um bem.)

É preciso sinalizar, entretanto, que a forma analítica “nem um” individualiza o ser, define por unidade e apresenta frequentemente o sentido de “nem mesmo um, nem sequer um”. Observe agora alguns exemplos extraídos de escritores de renome que empregaram a expressão “nem um”.

- “Pois olhe que não é uma criança! Mas **nem um** cabelo branco, **nem um**, **nem um** só!” (Eça de Queiroz)
- “...mas tudo se passava lá dentro, não veio **nem um** suspiro à flor dos lábios.” (A. Garrett)
- “Calma. A noite caiu. **Nem um** pássaro voa.” (Olavo Bilac)
- “Rápido e violento devia ter sido o cometimento, numerosos os cavaleiros inimigos; porqu **nem um** dos atalaias pudera escapar.” (A. Herculano)

Veja agora outros exemplos com a utilização de “nenhum”.

- “**Nenhum** milagre de engenharia lhos substituirá com vantagem.” (Euclides da Cunha)
- “Anhangá turbou sem dúvida o sono de Irapuã, que o trouxe perdido ao bosque da jurema onde **nenhum** guerreiro penetra sem a vontade de Araquém.” (José de Alencar)

- “Para a cidade não trouxeram **nenhum** escravo. Venderam a maioria e os de estimação libertaram.” (Lima Barreto)
- “Seguramente o alienista podia estar em erro, mas **nenhum** interesse alheio à ciência o instigava.” (Machado de Assis)
- “**Nenhum** homem, por exemplo, de mais títulos a interpretar as opiniões desse partido, **nenhum** mais genuinamente representativo das suas disposições do que o Sr. Silveira Martins.” (Rui Barbosa)

Vejamos agora alguns valores que o indefinido “nenhum(a)” pode adquirir em uma oração.

- Distribuiu-se o convite para muitos funcionários, mas **nenhum** foi à confraternização.
  sentido de “ninguém”
- É uma pessoa de **nenhuma** importância.
  sentido de “nulo, inexistente”
- “O cavalo dele, melhor que **nenhum** outro, ganhou a corrida.” (Aurélio)
  sentido de “qualquer”

3.11 LIÇÃO 11 – EMPREGO DE “ESTÁ” E “ESTAR”

Eis um ponto que, por si só, merece uma lição à parte. Não raro, os candidatos sofrem com esta dúvida. De antemão, posso garantir que é bastante fácil – o “grande” problema reside em nossa pronúncia defeituosa. Vamos lá...

Em primeiro lugar, cumpre fazermos as distinções iniciais:

ESTÁ → 3.ª pessoa do singular, do presente do indicativo do verbo “estar”. Logo, emprega-se esta forma quando na estrutura temos um sujeito da 3.ª pessoa do singular, explícito ou implícito (oculto). Observe:

- O governo ainda **está** na contramão do progresso.
- “– Há muito tempo que **está** no Rio de Janeiro? perguntou-me Lúcia depois de uma pausa.” (José de Alencar)
- “A alcova **está** deserta, mas inda com o teu cheiro perfumada, do teu fulgor coberta...” (Olavo Bilac)
- “Se adoecem e a família **está** fora, não os confio a um correspondente... Trato-os aqui, em minha casa.” (Raul Pompéia)

Dica: Se houver alguma dúvida, SUBSTITUA o verbo por outro. Certamente, você perceberá o emprego da 3.ª pessoa do singular. Veja:

- O governo ainda **está** na contramão do progresso.
  permanece, encontra-se, fica
- Não sei se ele **está** na igreja.
  permanece, encontra-se

ESTAR → Infinitivo do verbo. Destacamos dois empregos que suscitam dúvidas:

a) Formação de locuções verbais (verbo auxiliar + infinitivo). Observe:

- O governo ainda **deve estar** na contramão do progresso. (substitua por "*se encontrar, permanecer*").
- Não sei, mas acho que os meninos **podem estar** na igreja. (substitua por "*se encontrar, ficar*")
- "Ele canta que **parece estar** num café concerto, no meio de mulheres de vida airada..." (Lima Barreto)
- "O que é certo é que, não obstante a sorte que tivera aquele seu apaniguado, **costumava estar** na vila." (Euclides da Cunha)

> **Dica:** Lembre-se, mais uma vez, de que, em caso de dúvida, você deve substituir por outro verbo. Se a forma for da 3.ª pessoa do singular, empregar-se-á "está"; se a forma for de infinitivo (-r), empregue, sem medo, "estar".

b) Formação de orações reduzidas de infinitivo com o verbo "ESTAR". Veja:

- João Pedro fez o possível para _____ conosco hoje.
  está ou estar?

Como preencher o espaço acima? Fácil, se perceber que é possível a substituição por "*ficar, permanecer*", por exemplo. Traduzindo: com a substituição fica claro e notório que se trata do emprego de um verbo no infinitivo, o qual exerce o núcleo de uma oração circunstancial (adverbial), reduzida. Portanto, não tenha dúvida:

- João Pedro fez o possível para **ESTAR** conosco hoje.

Vejamos outros exemplos:

- "Eis o que eu vi nessa hora de agonia, depois de **estar** ali alguns não sei se instantes ou séculos." (A. Herculano)
- "Você, com uma filha quase mulher, não tem vergonha de **estar** aqui a servir de

palhaço?!" (Aluísio Azevedo)

- "É preciso mesmo **estar** sob a ação exclusiva de uma ideia fixa, para acreditar que a indenização possa ainda sair a campo." (Rui Barbosa)
- "A verdade certa é que, às duas horas da tarde, aquele advogado andava atrás das moças, em vez de **estar** no foro." (Machado de Assis)

⇨ Observação:

Vale a pena mencionar que esta dúvida (emprego de "está" ou "estar") também se estende a outras situações em nossa língua. Portanto, basta aplicar o conhecimento acima (e ter cuidado com a pronúncia) para resolver as pendências. Veja:

- No final do ano, a empresa vai _____ uma grande festa para os funcionários.
  dá ou dar?

> **Comentário:** Se podemos substituir por "conceder, oferecer", constatamos que se trata do emprego do infinitivo do verbo "dar" numa locução verbal – logo, "... a empresa vai **dar** uma grande festa...".

3.12 LIÇÃO 12 – EMPREGO DE "TER DE" E "TER QUE"

Mais uma lição bastante interessante sobre o emprego de duas expressões que, não raro, provocam dúvidas. Embora no dia a dia sejam usadas de forma indistinta, podemos, ainda assim, traçar algumas orientações. Vejamos:

Emprega-se TER DE (verbo + preposição), seguido de outro verbo no infinitivo, quando se deseja denotar "fato infalível, necessário, obrigatório ou jussivo (imperativo)". Observe os exemplos:

- O Brasil <u>tem de ser</u> um país menos desigual. (Equivale a → "O Brasil tem a obrigação de ser um país...)
- Todos tiveram de sair por causa do fogo que já atingia os últimos andares do prédio.
- "... para se conhecerem os amigos, <u>tinham</u> os homens <u>de morrer</u> primeiro e daí a algum tempo ressuscitar..." (Pe. Antonio Vieira).
- "O Congresso ainda não se dissolveu. <u>Tem de</u> reunir-se ainda." (Rui Barbosa)

Emprega-se, por outro lado, TER QUE (verbo + conjunção integrante), seguido de um verbo no infinitivo, quando se deseja indicar simplesmente "algo para fazer", "algo que ainda não foi feito". Nesse sentido, transmite-se tão somente "mera informação" ou uma

“ação facultativa”. Vejamos:

- “Esses não têm que envenenar a alma de seus filhos com as misérias domésticas do cativeiro (...); não têm que dar, nas suas escolas, em vez da educação cívica, o ensino da opressão perpetuada, não têm que sentir a organização de sua pátria assentada na denegação eterna da liberdade a uma parte indefesa do gênero humano.”
- “É uma mania de seu amigo, Senhor Ricardo, esta de só querer cousas nacionais, e a gente tem que ingerir cada droga, chi!” (Lima Barreto)
- “— O senhor... O senhor só tem que me agradecer uma coisa: é a minha paciência.” (José de Alencar)

⇨ **Observações:**

a) Como já dissemos, no dia a dia, essas expressões são usadas quase indistintamente, uma vez que nem sempre é fácil se fazer a distinção entre o que é “obrigação” do que é “mera informação ou ação facultativa”. De acordo com a professora Maria Helena de Moura Neves, a expressão “TER QUE” é hoje mais usual do que TER DE. Esta última é empregada com mais frequência, segunda a professora, na linguagem literária.

b) Alguns autores preconizam que, na expressão TER QUE, o “que” funciona como pronome relativo sem antecedente explícito. Para os que advogam essa morfologia do “que” como pronome relativo, deveríamos analisar o período da seguinte maneira:

- Não posso sair hoje, pois tenho que estudar. → Equivale a “... tenho (algo) que estudar”.

3.13 LIÇÃO 13 – EMPREGO DE “POSSA SER” E “PODE SER”

Eis aqui duas locuções verbais que frequentemente causam problemas aos usuários da língua. É bastante comum vermos falantes do nosso idioma pronunciando estruturas do tipo “Possa ser que o documento esteja no armário do chefe”, as quais deixam os mais instruídos “de cabelo em pé”. Vamos às orientações...

a) A construção perifrástica “pode ser” (formada pelo presente do indicativo do verbo PODER seguida do verbo SER no infinitivo) deve ser usada quando se deseja obter o sentido de “é possível, é provável”. Portanto...

- PODE SER que o documento esteja no armário do chefe. (e não “possa ser”)
- Não sei ao certo, mas PODE SER que a empresa não aceite as nossas observações.

- PODE SER que eles não consigam retirar o visto para os EUA na próxima semana.

b) Já a locução verbal “possa ser” deve ser usada em orações subordinadas em correlaç geralmente com um verbo no presente do indicativo, presente na oração principal. Essa locução, quando empregada corretamente, apresenta sentido de “venha a ser” ou “seja”.

- É essencial que ele POSSA SER o nosso representante na reunião com a diretoria.
- Não sei ao certo, mas acho que talvez ele POSSA SER o nosso gerente de marketing para o próximo ano.
- Deixamos o contrato sobre a mesa para que o diretor assine e POSSA SER o responsável pela obra.

3.14 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (FCC) *...para entender por que a viagem de Colombo acabou e continua sendo uma metáfora...* No que se refere à grafia, para estar de acordo com o padrão culto, a frase que deve ser preenchida com forma idêntica à destacada acima é:

   a) Alguém poderá perguntar: – O autor citou Braudel, ...?
   b) Gostaria de saber ..... ele se interessou especificamente por essa obra de Braudel acerca do mar Mediterrâneo.
   c) Quem sabe o ..... da citação da obra de Braudel?
   d) Referências são sempre interessantes, ... despertam curiosidade acerca da obra
   e) –... foi a obra que mais o teria impressionado sobre o assunto, respondeu alguém quando indagado sobre o motivo da citação.

2. (CESGRANRIO) É melhor começar a exercitar a linguagem, _____ o seu relacionamento pode acabar mal.

   A pesquisa recentemente realizada pela empresa foi _____ do estresse emocional do trabalhador.

   Expliquei-lhe as exigências do atual mercado _____ ele se adaptasse melhor.

   A sequência que completa corretamente as frases acima é

   a) se não – a cerca – a fim de que
   b) se não – acerca – afim de que
   c) se não – acerca – a fim de que
   d) senão – acerca – a fim de que

e) senão – a cerca – afim de que

3. (CESGRANRIO) As razões _____ não simpatizo com você são muitas.
Não faça críticas negativas, _____ se arrependerá.
O que eu disser poderá ser _____ interpretado.
A opção cuja sequência completa, corretamente, as sentenças acima é

a) por quê – senão – mal
b) por que – senão – mal
c) porquê – se não – mal
d) porque – se não – mau
e) porque – senão – mau

4. (ESAF – Téc. Rec. Federal) Lê-se no Manual de Redação da Presidência da República

> **onde**
> Como pronome relativo significa 'em que (lugar)': A cidade **onde** nasceu.

Com base nessa definição e nas demais funções morfossintáticas que o termo **onde** *pode desempenhar, aponte a frase na qual o emprego de tal termo está incorreto.*

a) (...) o método utilizado pode afastar os auditores, pela falta de estrutura, da descoberta dos grandes esquemas de corrupção. Porque ele está muito voltado a atender à grande novidade inventada por Waldir Pires, os sorteios dos municípios. Ali, faz-se uma auditoria por amostragem, onde pegar um grande esquema dependerá, como tudo num sorteio, da sorte.
b) O Portal de Transparência é até onde a CGU conseguiu tornar possível a sua ideia de tornar público o Sistema Integrado de Administração Financeira (...).
c) "Cultura" é um termo quase infinitamente maleável. (...). Sua origem ou, pelo menos até onde se possa saber, seu sentido primitivo parece se relacionar com a criação, descoberta ou invenção da agricultra (...).
d) Passada a euforia da libertação, muitos ex-escravos regressaram a suas fazendas, ou a fazendas vizinhas; para retomar o trabalho por baixo salário. Dezenas de anos após a abolição, os decendentes de escravos ainda viviam, nas fazendas, uma vida pouco melhor do que a de seus antepassados escravos. Outros dirigiram-se às cidades, como o Rio de Janeiro, onde foram engrossar a grande parcela da população sem emprego fixo.
e) Onde havia dinamismo econômico provocado pela expansão do café, como em São Paulo, os novos empregos, tanto na agricultura como na indústria, foram ocupados

por milhares de imigrantes italianos que o governo atraía para o país. Lá, os ex-escravos foram expulsos ou relegados aos trabalhos mais brutos e mais mal pagos.

*(Fontes: Rudolfo Lago, **Correio Braziliense**, 24/10/2005; Nelson Archer, **Relativismo cultural e multiculturalimo**, FSP, 31/10/2005; José Murilo de Carvalho, **Cidadania no Brasil**: o longo caminho, pág. 52)*

5. (FGV) Perguntei por que ele não tocava mais piano.

Assinale a alternativa correta acerca do uso do porquê na frase acima.

a) A forma está correta, pois corresponde à preposição POR + o pronome relativo QUE.

b) A forma está correta, pois é uma conjunção, sendo, nesse caso, sempre grafada como duas palavras.

c) A forma está correta, pois equivale a "por qual razão", caracterizando uma pergunta indireta.

d) A forma está incorreta, pois a forma com duas palavras só se usa em perguntas. O correto seria PORQUE.

e) A forma está incorreta, pois, embora seja grafada com duas palavras, a forma QUE deveria levar acento circunflexo.

6. (FGV) "Concluída a fusão dos mercados, em vez de rumar para a integração política e consolidar seu protagonismo na cena mundial, a Europa faz da integração um utensílio da exclusão. Claro está que Bruxelas não pode evitar a deriva à direita de certos Estados, mas tampouco necessita servir à regionalização da xenofobia."

A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:

I. A expressão <u>em vez de</u> não poderia ser substituída, no trecho, por <u>ao invés de</u>.

II. Ocorre alteração gramatical ou semântica ao se substituir "Claro está" por "Está claro".

III. Não ocorre alteração gramatical ou semântica ao se substituir "certos Estados" por "Estados certos".

Assinale:

a) se somente o item III estiver correto.

b) se somente o item I estiver correto.

c) se nenhum item estiver correto.

d) se todos os itens estiverem corretos.

e) se somente o item II estiver correto.

7. (FGV) O leitor já viu onde quero chegar.

Assinale a alternativa cuja estrutura seja equivalente semanticamente à apresentada acima, mas que dela se diferencie quanto à adequação da linguagem ao padrão normativo.

a) Já observou o leitor onde quero chegar.
b) O leitor já viu aonde quero chegar.
c) Quero chegar onde o leitor já viu.
d) Em que ponto quero chegar o leitor já viu.
e) O leitor já viu em cujo local quero chegar.

GABARITO

1 – B	2 – D	3 – B
4 – A	5 – C	6 – C
7 – B		

CAPÍTULO 4

A LINGUAGEM FIGURADA – AS FIGURAS DE LINGUAGEM

Em nosso dia a dia, usamos com frequência a denominada linguagem intelectiva para que nos comuniquemos. A linguagem intelectiva é aquela em que os termos geralmente vêm dispostos na sequência "sujeito + predicado + complementos + adjuntos" e trabalha o sentido real, denotativo dos vocábulos, das palavras.

Não basta, porém, que a linguagem seja puramente racional para que o homem se comunique. Em muitas situações comunicativas, lançamos mão de recursos para que a linguagem se torne mais atraente, mais simpática, contribuindo para formar a convicção do leitor ou do ouvinte – é a denominada "linguagem afetiva". O resultado desse uso é uma linguagem mais sensível, mais comparativa, mais emocional, menos racional. Para obter esse efeito, o comunicador lança mão das chamadas **figuras de estilo**, conhecidas também como **figuras de linguagem**.

Figuras são os modos de dizer, alguns dos quais alteram a forma regular das palavras ou das orações, e outros modificam ou omitem o sentido próprio da expressão.

4.1 CLASSIFICAÇÃO DAS FIGURAS DE LINGUAGEM

As figuras de estilo ou de linguagem se classificam em:

a) Figuras de palavras ou tropos;
b) Figuras de pensamento;
c) Figuras de construção ou de sintaxe.

4.1.1 FIGURAS DE PALAVRAS OU TROPOS

São figuras que se caracterizam por alterar o sentido próprio de uma palavra. São elas: metáfora, metonímia, catacrese, perífrase, sinestesia e comparação.

4.1.1.1 Metáfora

A metáfora (de um vocábulo grego que significa “transportar”) é a translação do sentido próprio de uma palavra para outro, por analogia ou por semelhança, ou seja, consiste em usar uma palavra pela outra por força de uma comparação mental. É uma comparação – pelo fato de existirem características pertencentes a um objeto ou ser que se adapta a outro – sem a presença explícita de conectivo comparativo.

- Ela é um anjo de doçura, e ele é um cavalo de grosseria.
- É uma borboleta o coração daquela donzela.
- Muitos jovens perdem a razão quando vivem o fogo de uma paixão.
- O vício toma muitas vezes a máscara da virtude.
- “O Senhor é o meu Pastor e nada me faltará”. (Sl. 23)
- “Coração bobo, coração bola, coração balão
  A gente se ilude dizendo
  Já não há mais coração” (Alceu Valença)
- “O mar é lago sereno
  O céu – um manto azulado
  O mundo – um sonho dourado
  A vida – um hino d’amor.” (Casimiro de Abreu)
- “A vida é o dia de hoje
  A vida é ai que mal soa
  A vida é sombra que foge A vida é nuvem que voa.” (João de Deus)

⇨ **Observação:**

Com a metáfora, buscam-se semelhanças, analogias, características comuns entre os seres postos numa relação comparativa.

4.1.1.2 Metonímia

A metonímia é a substituição do sentido de um vocábulo pelo de outro com o qual está intimamente relacionado. Com a metonímia, o operador da língua troca um vocábulo por outro pelo fato de ambos apresentarem uma contiguidade de sentido, uma coexistência semântica. Quando se diz, por exemplo, que se leu Camões, percebe-se nitidamente a relação entre “Camões” e “obra escrita”. Na realidade, leu-se a “obra” que pertence ao escritor Camões. Observe outro exemplo abaixo:

- Durante a Idade Média, alguns defendiam o trono, outros, o altar.

⇨ Observação:

Perceba que os vocábulos “trono” e “altar” foram empregados em substituição aos vocábulos “realeza” e “religião”, respectivamente.

Várias são as formas de substituição propostas pela metonímia. Vejamos algumas:

a) O autor pela obra:

- Ontem me deleitei com o Machado de Assis.
  a obra

- Sempre viajava na companhia de José Saramago. Em casa, não abandonava Cecília Meireles.
  a obra *a obra*

b) A causa pelo efeito, ou vice-versa:

- Sempre vivi do suor do meu rosto.
  trabalho

- A palidez tomou-lhe conta do rosto quando viu que o avião perdeu altura.
  medo

c) O abstrato pelo concreto e vice-versa:

- A mocidade de hoje parece que perdeu o encanto pela vida.
  os jovens

- Era difícil não se emocionar com aquela beleza trôpega.
  um velho, um idoso

d) O continente pelo conteúdo:

- Eles sempre foram amantes do copo.
  das bebidas

- Eles comeram todo o prato com uma voracidade incrível.
  a comida, o alimento

e) A marca pelo produto:

- Fez a barba com uma gilete.
  lâmina de aço

- Por favor, limpe com uma coca.
  refrigerante à base de folha de coca

f) A parte pelo todo e vice-versa:

- Os ônibus passavam cheios de pernas. (pessoas)
- Muitas chaminés (fábricas, indústrias) dominam São Paulo.

g) O singular pelo plural:

- O homem (os homens) vive há séculos sobre a terra.
- O brasileiro (os brasileiros) é um povo de coragem, de luta, de determinação.

h) O objeto ou sinal pela coisa significada:

- Infelizmente a balança (a justiça) no Brasil não é tão justa quanto é em outros países.
- A toga brasileira (os juízes, os magistrados) ficou incomodada com as palavras do presidente da República.

i) O possuidor pela coisa possuída:

- Uma centena de fuzis (soldados) apoiavam suas decisões.
- Em toda guerra, as armas (os combatentes, os soldados) não dormem nem de dia nem de noite.

j) A matéria pelo objeto:

- Na festa, quebraram todos os cristais. (copos, pratos feitos de cristal)
- A comida foi colocada em porcelanas chinesas. (pratos e recipientes feitos de porcelana chinesa)

⇨ Observação:

a) Não se preocupe tanto em decorar essas formas de substituição. Procure, sim, entender o que é uma metonímia. As bancas raramente (mas raramente mesmo) cobram as relações acima. Elas querem saber tão somente se o estudante sabe identificar o que é um processo metonímico.

b) Muitos autores classificam alguns casos de metonímia como **sinédoque**. Esta, segundo eles, caracteriza-se por substituir “o todo pela parte” ou “a parte pelo todo”, isto é, teremos uma relação do tipo “continente e conteúdo” ou “gênero e espécie”. Achamos a discussão menor, e preferimos englobar todos os casos sob

a denominação genérica de metonímia, porquanto tem sido a figura predominante nos certames hoje.

4.1.1.3 Catacrese

A catacrese é o desvio do significado natural de um vocábulo. Consiste em se empregar um vocábulo já existente e com significação própria em outro sentido, por falta de vocábulo adequado. Em verdade, a catacrese é uma metáfora desgastada, porque busca semelhanças entre seres, objetos, coisas e passa a usar um vocábulo com uma extensão semântica maior do que ele possui – "é o esquecimento ou substituição definitiva do significado de uma palavra por outra", preconiza o ilustre mestre Cândido de Figueiredo.

- O **pé da cadeira** está quebrado.

⇨ Observação:

Busca-se a semelhança entre o "pé humano" (sentido denotativo) e o objeto de madeira que sustenta a cadeira, pé da cadeira (sentido conotativo).

Observe agora outros exemplos:

- Já na terça-feira, todos tiveram de responder à **sabatina** feita pelo professor.
- Furou a **cabeça do dedo** com um alfinete.
- Todos **embarcaram** no avião precisamente às 16 horas.
- O boxeador levou um soco na **boca do estômago**.
- Ficamos passeando bem no **coração da cidade**.
- Colocaram vários **dentes de alho** na buchada que eles prepararam.
- A **asa do avião** ficou danificada por causa da colisão com um pássaro.

4.1.1.4 Perífrase ou antonomásia

É um tipo especial de metonímia que se caracteriza por substituir um ser ou um objeto por uma expressão que facilmente o identifica. Geralmente essa substituição é feita com uma característica marcante do ser ou do objeto. Observe:

- Faz anos que morreu o épico português. *Camões*
- Conheci a Veneza brasileira. *Recife*

Veja outras perífrases:

- **o rei do baião** → por Luís Gonzaga
- **a cidade luz** → por Paris
- **a Suíça pernambucana** → por Garanhuns
- **o poeta dos escravos** → por Castro Alves
- **o país do sol nascente** → por Japão
- **o grande poeta mineiro** → por Drummond
- **o grande orador grego** → por Demosthenes
- **o grande poeta grego** → por Homero
- **o águia de Haia** → por Rui Barbosa
- **o rei da selva** → por leão

4.1.1.5 Sinestesia

Consiste na mistura de sensações perceptíveis por órgãos do sentido diferentes. Busca-se, com isso, oferecer maior expressividade à sensação primitiva, mais forte. Quando se diz, por exemplo, "beijo doce", atribuiu-se à sensação tátil "beijo" uma sensação gustativa "doce" para indicar que a ação primitiva "beijo" é intensificada por uma sensação gustativa "doce". Observe outros exemplos:

- Ela usava um vestido de **cores berrantes**.
- Na reunião, ele usou **ásperas palavras**.
- O locutor do aeroporto possui uma **voz doce e aveludada**.
- O vinho apresentava um **gosto quente, áspero**.
- "Ó sonora **audição colorida** do aroma!" (Alphonsus de Guimaraens)

4.1.1.6 Comparação

É a analogia efetuada entre dois seres ou objetos por meio de conectivos comparativos explícitos a fim de ressaltar a(s) semelhança(s) entre eles. Geralmente são usados os conectivos subordinativos comparativos "como, tal qual, assim como, tão... quanto, tanto... quanto, mais... (do) que, menos... (do) que etc.".

- "Seria meia-noite quando o navio começou a mover-se lentamente, e uma hora depois a

cidade, as praias, e as montanhas sumiam-se na distância, **como** se o mar as fosse engolindo com a voracidade de um monstro." (Adolfo Caminha)

- "E o escândalo, **como** um líquido derramado, ia escorrendo pelas ruas, pelos becos, penetrando por aqui e por ali, invadindo as repartições públicas, os escritórios comerciais, as redações das folhas e as casa particulares." (Aluísio Azevedo)

4.1.2 FIGURAS DE PENSAMENTO

São figuras que se processam no âmbito do pensamente, da ideia que se quer transmitir. São processos de expressão do pensamento, os quais introduzem ideia diferente da que realmente a palavra exprime. São elas:

4.1.2.1 Antítese

É a figura que consiste no emprego de termos ou pensamentos em oposição, de forma que faça sobressair um pelo outro. É um poderoso recurso estilístico, pois ressalta relações de contraste, de oposição entre os termos, entre as ideias. Veja alguns exemplos:

- "Estes edificam, aqueles destroem; estes sobem pelos degraus da honra, aqueles outros descem." (M. Bernardes)
- "Última flor do Lácio, inculta e bela,
  és, a um tempo, esplendor e sepultura." (Olavo Bilac)
- "Vejo um túmulo, entremos:
  Quem sempre a morte achou no lar da vida
  Deve a vida encontrar no lar da morte." (Laurindo Rabelo)
- "Ontem plena liberdade
  A vontade por poder
  Hoje... cum'lo de maldade
  Nem são livres... pra morrer." (Castro Alves)
- "Era o porvir – em frente do passado,
  A liberdade – em face à escravidão." (Castro Alves)

4.1.2.2 Paradoxo ou oximoro

É uma espécie de antítese mais radical, pois trabalha com termos em oposição colocados lado a lado. O contrassenso se dá dentro do mesmo termo, do mesmo verso. Veja:

- “O doutor falava **bobagens** conspícuas.” (Manoel de Barros apud Domingos P. Cegalla)
- “Amor é fogo que **arde** sem se ver,
  É ferida que **dói**, e não se sente;
  É um **contentamento** descontente
  É dor que **desatina** sem doer.” (Camões)
- “Menino do rio,
  calor que provoca arrepio.” (Caetano Veloso)
- “Enfim, transpondo o **Inferno** e o Purgatório, Dante
  Chegara à extrema luz pela mão de Beatriz:
  Triste no sumo bem, **triste** no excelso instante,
  O poeta compreendera **o mal** de ser feliz.” (Olavo Bilac)

4.1.2.3 Ironia

Conhecida também como “antífrase”, é a alteração do sentido próprio de uma palavra ou de uma expressão para o sentido oposto, isto é, a ironia ocorre quando a palavra ou a sentença exprime normalmente o contrário daquilo que queremos dar a entender com ela. O emprego da ironia, em muitas situações, pode revelar sarcasmo, zombaria, chacota, escárnio. Observe:

- Bela coisa você fez, meu filho – conseguiu tirar nota baixa em todos os exames!
- “Moça linda bem tratada
  Três séculos de família
  burra como uma porta.” (Mário de Andrade)
- “A excelente dona Inácia era mestra na arte de judiar das crianças.” (Monteiro Lobato)

4.1.2.4 Eufemismo

Consiste no emprego de palavras ou expressões com o objetivo de diminuir o impacto da mensagem. Em outras palavras, é o abrandamento da força de uma ideia, de uma mensagem. Empregam-se palavras ou expressões mais amenas, mais suaves, mais sutis para evitar o impacto da ideia, da mensagem. Observe:

- **Os funcionários da limpeza pública** entraram em greve. (em vez de “garis, lixeiros”)
- No depoimento, a testemunha **faltou com a verdade**. (em vez de “mentiu”)
- Foi preso pela polícia, porque **enriqueceu por meios ilícitos**. (em vez de “roubou”)
- Descobriram um **tumor maligno** no seio da mulher. (em vez de “câncer”)

- Nossos amigos **não foram felizes** no concurso que fizeram. (em vez de "foram reprovados")
- "Alma minha gentil **que te partiste** Tão cedo desta vida descontente." (Camões)
- "Os amigos que me restam são de data recente; todos os antigos foram estudar **a geologia dos campos santos**." (Machado de Assis *apud* Rocha Lima)

4.1.2.5 Hipérbole

Consiste no emprego de expressões ou palavras com o sentido exagerado, extrapolado. É um outro poderoso recurso expressivo, pois se baseia no exagero da mensagem. Observe:

- Naquele momento, todos nós já estávamos **mortos de fome**.
- Mulher, não te vejo **há séculos**.
- "Abram mais janelas do que todas as janelas que há no mundo." (Fernando Pessoa)
- "Queria gritar setecentas mil vezes..." (Cazuza)
- "Rios te correrão dos olhos, se chorares." (Olavo Bilac)

4.1.2.6 Gradação

Consiste no emprego de palavras ou ideias em progressão ascendente ou descendente a fim de obter um efeito estilístico. Quando apresenta ideias em gradação ascendente, chama-se "clímax"; quando apresenta ideias em gradação descendente, chama-se "anticlímax". Veja alguns exemplos:

- "Que **verbo mais eloquente**, que **eloquência mais sublime**, que **sublimidade mais angélica** do que a sua"? (Alves Mendes *apud* Jorge Miguel)
- "Oh, não aguardes que a madura idade
  Te converta essa flor, essa beleza,
  Em terra, em cinza, em pó, em sombra, em nada." (Gregório de Matos)
- "Parece-me que só neste país ainda não se observa nem se permite esse costume **tão natural, tão próprio, tão eficaz mesmo**, das senhoras pobres empregarem-se no comércio a retalho." (Adolfo Caminha)
- "E o escândalo, como um líquido derramado, ia escorrendo pelas ruas, pelos becos, penetrando por aqui e por ali, **invadindo as repartições públicas, os escritórios comerciais, as redações das folhas e as casa particulares**." (Aluísio Azevedo)

- “Não já lutando, **mas rendido, enfermo, prostrado, desfalecido, morrendo, morto**.” (Pe. Antônio Vieira)

4.1.2.7 Prosopopeia, personificação ou animismo

Consiste em se atribuírem qualidades humanas a seres inanimados, personificando-os. É uma figura bastante comum nas histórias, nos contos infantis. Observe:

- “As estrelas foram chamadas e **disseram**: – Aqui estamos.” (Pe. Antonio Vieira)
- “Debaixo do arco admirável da Ponte das Bandeiras **o rio murmurava** num banzeiro de água pesada e oleosa.” (Mário de Andrade)
- “Dona Cômoda tem três gavetas. E um **ar confortável de senhora rica**. Nas gavetas guarda coisas de outros tempos, só para si. Foi sempre assim, dona Cômoda: gorda, fechada e egoísta.” (Mário Quintana)
- “As rãs do charco **clamavam**:
  – Dai-nos sol! Dai-nos sol!
  Os ralos e a cigarra acompanhavam:
  – Solzinho! Solzinho! Solzinho!” (Aquilino Ribeiro *apud* Jorge Miguel)

4.1.2.8 Apóstrofe ou invocação

Consiste num chamamento, numa invocação, numa interpelação que se faz a alguém. Em outros termos, é uma interrupção que faz o orador ou escritor para dirigir-se, em tom de chamamento, em tom forte, a uma pessoa ou coisa. Representa a figura do vocativo em sintaxe. Veja alguns exemplos:

- “**Lua lua lua**
  por um momento
  meu canto contigo compactua.” (Caetano Veloso)
- “**Deus!, ó Deus!** onde estás que não respondes?” (Castro Alves)
- “Até quando, **ó povo insensato**, haveis de manquejar na Fé, divididos e discordes de vós mesmos em duas partes.” (Pe. Antonio Vieira)

4.1.2.9 Reticência

Consiste na supressão da ideia, do pensamento, deixando à outra pessoa a complementação dessa ideia ou desse pensamento. É também um poderoso recurso de estilo, representado pelos três pontos em sequência (...). Vejamos alguns exemplos:

- “Bem sabes que te não contrario... desejo este casamento, desejo... mas... em primeiro lugar, convém saber se ele é do teu gosto... Vamos..., fala!” (Aluísio Azevedo)

- “Estava ainda com a carta aberta nas mãos, quando viu aparecer o doutor, que vinha por notícias do enfermo; o agente do correio dissera-lhe haver chegado uma carta. Era aquela?
  – É esta, mas...
  – Tem alguma comunicação reservada...?” (Machado de Assis)

- “Na comédia o rei veste como rei, e fala como rei; o lacaio veste como lacaio, e fala com lacaio; o rústico veste como rústico, e fala como rústico; mas um pregador, vestir como religioso e falar como... não o quero dizer, por reverência do lugar.” (Pe. Antonio Vieira)

4.1.3 FIGURAS DE CONSTRUÇÃO OU DE SINTAXE

São denominadas de figuras de construção porque alteram de alguma forma a construção regular da frase, da oração, do período, do verso. Buscam, com essa alteração, conferir maior expressividade, maior elegância à construção textual. São elas:

4.1.3.1 Elipse

É uma das figuras mais usuais na construção textual. Consiste na omissão de um vocábulo, de um verbo ou de uma oração inteira, os quais podem ser facilmente subentendidos no contexto.

Dependendo do termo elipsado, a elipse pode ser: **nominal** (de uma palavra), **verbal** (de um verbo) ou **frástica** (de uma oração, de uma frase). Vejamos alguns exemplos:

- “**Na terra tanta guerra, tanto engano,**
  Tanta necessidade aborrecida!” (Camões)

→ **Nos versos de Camões, temos a elipse do verbo “haver” = “Na terra há tanta guerra, há tanto engano”.**

- “Em Dina matou a formosura a Sichem; **em Dallila matou a Sansão; em Judith matou a Holophernes; em Helena, a toda a Troia; em Lucrecia, a toda a Roma; em Florença, a toda a Espanha**.” (Pe. Antonio Vieira)

→ **No excerto de Vieira, é latente a elipse (nominal, diga-se de passagem) do sujeito “a formosura” nas orações subsequentes: “...em Dallila, a formosura matou a Sansão; em Judith, a formosura matou a Holophernes;...”**

- “É por estas e outras que aborreço os políticos, os políticos sim, **não a política**.” (Rui Barbosa)

→ **Observe a elipse do verbo "aborrecer" na última oração: "..., os políticos sim, não aborreço a política".**

- "Enfim, ele pensava, **como eu**, que tudo que existe é bom." (Machado de Assis)

→ **Elipse do verbo da oração comparativa: "..., como eu pensava,...".**

4.1.3.2 Zeugma

É uma espécie de elipse. É uma figura pela qual uma palavra já exprimida numa oração se subentende na outra, que lhe é análoga ou ligada, isto é, é a ocultação que um termo anteriormente expresso – o termo aparece em uma oração e é ocultado na(s) outra(s). Observe:

- Cada criança escolheu um brinquedo; os meninos pegaram carrinhos, as meninas, bonecas.

→ **Perceba a zeugma do verbo "pegar" na última oração.**

- A um é dada a palavra de sabedoria, a outro, o dom de curar moléstias.

→ **Veja a zeugma da locução de passiva "é dado".**

- "A aurora é o riso do céu, a alegria dos campos, a respiração das flores, a harmonia das aves, a vida e o alento do mundo." (Pe. Antonio Vieira)

→ **Observe a zeugma tanto do sujeito "aurora" quanto do verbo ser "é".**

- "Nossos bosques têm mais vida
  Nossa vida mais amores." (Gonçalves Dias)

→ **Temos no último verso a zeugma do verbo "ter": "... Nossas vidas têm mais amores".**

4.1.3.3 Polissíndeto

É a figura que consiste na repetição intencional de conectivos, geralmente, coordenativos a fim de conferir maior expressividade entre os elementos unidos pelos conectivos. Vejamos:

- Deus criou o sol e a lua e as estrelas. E fez o homem e deu-lhe inteligência e fê-lo chefe da natureza.

- "Uma procissão de rendas e sedas e leques e véus e diamantes e olhos de todas as cores e linguagens." (Machado de Assis)

- “Chego, pego-lhe do braço e o recolho e o enxugo e o aqueço e o agasalho no meu colo. (A. R. dos Santos *apud* Ernesto C. Ribeiro)

4.1.3.4 Assíndeto

É a figura oposta ao polissíndeto. Consiste na supressão dos conectivos entre os termos e orações a fim de tornar a mensagem mais concisa, mais enxuta. Vejamos alguns exemplos:

- Entram todos os fiéis. Louvam, cantam, batem palmas, choram, riem. Tudo em nome de Deus.
- “Range, ri, treme, devasta, insulta e vence.” (Eça de Queiroz)
- “Luciana, inquieta, subia à janela da cozinha, sondava os arredores, bradava com desespero...” (Graciliano Ramos *apud* Rocha Lima)

4.1.3.5 Hipérbato

Consiste na alteração da ordem direta dos termos em uma oração. Em português, a oração geralmente segue a ordem “sujeito + verbo + complementos + adjuntos”. O hipérbato quebra a ligação imediata que as palavras têm umas com as outras, a fim de conferir maior ênfase, maior destaque a determinadas partes da oração. Observe:

- “Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
  De um povo heroico o brado retumbante.” (Hino Nacional Brasileiro)

→ **Na ordem direta, teríamos: “As margens plácidas do Ipiranga ouviram um brado retumbante de um povo heroico.”**

- “... aí se não ouvem essas alegres sinfonias.” (Carneiro Ribeiro)
- “A quem o nascimento fez em Portugal, grande, o valor no Oriente.” (J. Freire *apud* Carneiro Ribeiro)

⇨ Observação:

Quando o hipérbato altera tão profundamente a ordem dos termos na oração que chega a provocar certa confusão entre as partes desta, passa a ser chamado de “sínquise”. Veja:

- “Por ver em que montanhas se dos mares
  Livrou, anda vagando, e em que lugares.” (F. Barreto)

- “Enquanto manda as ninfas amorosas
  Grinaldas na cabeça pôr de rosas.” (Camões)

4.1.3.6 Pleonasmo enfático ou estilístico

É uma figura pela qual se empregam palavras que, se bem não sejam necessárias para a perfeita expressão do pensamento, dão-lhe, todavia, mais força, mais energia. Consiste, literalmente, na repetição de uma ideia já contida em termos e expressões anteriores a fim de aumentar a força da mensagem. Observe:

- “Este crucifixo, vi-o eu com os meus olhos, e está hoje em dia naquele mosteiro.” (H. Pinto)
- “Louvamos em Deus uma excelência, que é mais excelente de todas.” (Pe. Antônio Vieira
- “E rir meu riso
  E derramar meu pranto.” (Vinícius de Moraes)
- “Tantos outros assombros da natureza e prodígios inauditos, vistos com os próprios olhos palpados com as mãos e pisados com os pés.” (Pe. Antônio Vieira)

⇨ Observações:

a) Em algumas situações, o pleonasmo é representado pela repetição, em forma de pronome oblíquo tônico, dos complementos verbais: objeto direto e objeto indireto. Observe:

- “Vi os teus companheiros, mas não te vi a ti.” (M. Said Ali)
- “Ele perseguia as aves e alimárias inocentes: eu perseguia-o a ele.” (A. Herculano)
- “E que me importa a mim isso? Virão um dia a esta nobre terra de Espanha gerações que compreendam as palavras do presbítero.” (A. Herculano)

b) Não confunda este tipo de pleonasmo com o **pleonasmo vicioso**. Este, como o próprio nome já diz, torna a frase deselegante, pobre. Por isso, expressões do tipo “morreu uma morte; vi com os olhos; fui com os meus pés; pescou um peixe” são terríveis pleonasmos. Entretanto, se lhes acrescentarmos uma expressão explicativa, uma circunstância ou um modificativo, desfaremos o pleonasmo. Logo, em “morreu uma morte terrível, sofrida e solitária” não há mais pleonasmo, senão uma forma bastante expressiva de se enunciar um pensamento.

4.1.3.7 Anástrofe

Consiste numa inversão mais simples que o hipérbato – geralmente se inverte apenas sujeito e predicado. Em outras palavras, é uma inversão na sucessão analítica do pensamento, sem quebrar a ligação imediata que as palavras têm umas com as outras.

- "A Dário venceu Alexandre." (Carneiro Ribeiro)
- "Com papas e bolos se enganam os tolos." (Provérbio)
- "Clara era naquele tempo a fama de Dom Duarte de Menezes." (J. Freire)
- "Aberta em parte estava a porta." (A. Garrett)

4.1.3.8 Silepse ou concordância ideológica

Como o próprio nome já denuncia, é uma concordância efetuada não com o termo, mas com a ideia transmitida pelo termo. É preciso ter em mente que, em português, a concordância padrão se dá com o núcleo do sujeito expresso ou implícito. Na silepse, essa concordância é efetuada com o "espírito", com a ideia do termo. Há três tipos de silepse: de **gênero**, de **número** e de **pessoa**. Vamos a elas:

a) **Silepse de gênero:** a concordância é feita com o gênero do termo a que se refere e n com o termo em si. Observe:

- Vossa Excelência é muito justo e generoso.

⇨ **Observação:**

Perceba como os adjetivos não concordam com o pronome de tratamento "Vossa Excelência", mas sim com a ideia de que o pronome de tratamento se refere a um ser masculino.

- De longe, viu o seu **amor**, **vestida** de véu e grinalda. (amor = mulher, esposa)
- A **criança** voltou às aulas, mas a professora não podia com **ele**.
- A **testemunha** prestou depoimento e estava **preocupado** com a possibilidade de haver uma acareação entre **ele** e o réu do processo.

a) **Silepse de número:** a concordância é feita com o número (singular ou plural) que é transmitido pela ideia do termo, e não com o número (singular ou plural) real do termo.

- "Das ovelhas **a maior parte** ao desamparo dos pegureiros **se perderam**." (Lobo *apud* Carneiro Ribeiro)
- "Estavam pegados com ele uma infinidade de homens." (Fr. Luís de Souza)

- “Logo outro dia ao romper da alva se abalou **o exército**, ao som de muitos instrumentos bélicos, e chegando aos muros, **começaram** em torno da fortaleza a arvorar escadas.” (J. Freire)
- “**Povoavam** os degraus **muita sorte de gente**.” (Mário Barreto)

⇨ Observação:

Haverá também silepse de número quando os pronomes “nós” e “vós” forem empregados por “eu” e “tu”, isto é, quando se emprega o plural de modéstia. Nesse caso, o predicativo poderá concordar no singular com a ideia do singular. Veja:

- “Antes sejamos **breve** que **prolixo**.” (J. de Barros)
- “Apesar da benevolência com que fomos **acolhido**, disseram-nos que...” (J. de Castilho)
- “**Chegado**, porém, à conclusão deste livro, por-lhe-emos remate com uma reflexão.” (A. Herculano *apud* Eduardo C. Pereira)

c) Silepse de pessoa: a concordância é feita com a pessoa que se tem em mente, e não com a pessoa (1.ª, 2.ª ou 3.ª) na qual o termo efetivamente se encontra.

- Os brasileiros (*3.ª pessoa*) em geral somos (*1.ª pessoa*) pessoas cordiais.
- “Dizem que os cariocas somos pouco dados aos jardins públicos.” (Machado de Assis)
- “E os dois, ali no quarto, picamos em mil pedaços as trezentas páginas do livro.” (Paulo Setúball *apud* Jorge Miguel)
- “Senhor, os que somos de terra deixamos repouxar os navegantes.” (Fr. Luís de Souza *apud* Artur de A. Torres)

4.1.3.9 Anáfora

Do ponto de vista da retórica, a anáfora consiste na repetição de uma mesma palavra, de um mesmo vocábulo no início de cada oração, de cada período ou de cada verso de uma composição.

- “Quem, senão ela, há de expulsar do templo o renegado, o blasfemo, o profanador, o simoníaco? Quem, senão ela, exterminar da ciência o apedeuta, o plagiário, o charlatão? Quem, senão ela, banir da sociedade o imoral, o corruptor, o libertino? Quem, senão ela, ...” (Rui Barbosa)
- “Com o tempo o prado verde reverdece,
  Com o tempo cai a folha ao bosque umbroso.

Com o tempo pára o rio caudaloso,
Com o tempo o campo pobre se enriquece." (Camões)

- "Vi os navios irem e voltarem.
Vi os infelizes irem e voltarem.
Vi os homens obesos dentro do fogo.
Vi ziguezagues na escuridão." (Jorge de Lima *apud* Roberto M. Mesquita)

4.1.3.10 Anacoluto

Gramaticalmente falando, o anacoluto nada mais é do que "uma frase quebrada", isto é, uma construção interrompida e depois retomada com outra estrutura. Com esta quebra, um dos termos da estrutura oracional geralmente acaba sem função sintática.

Convém aqui reproduzir a definição de um dos nossos maiores mestres, o professor Augusto Epifânio da Silva Dias: "A anacolutia consiste em uma ou mais palavras do princípio de uma oração não se ligarem ao que vem depois, segundo as regras da sintaxe."

O tipo mais frequente de anacoluto é aquele em que um elemento parece que vai ser sujeito da oração e acaba sem função sintática.

Vamos aos exemplos (grifamos os termos que ficaram sem função sintática no período, o que reflete o anacoluto).

- O João Paulo, parece que as coisas não lhe correm bem.
- "As outras, que as asas do anjo Azrael se estendam sobre os seus cadáveres." (A. Herculano)
- "Tua mãe, não há idade nem desgraça que lhe amolde a índole rancorosa." (Camilo C. Branco)
- "A velha hipocrisia, recordo-me dela com vergonha." (Camilo C. Branco)
- A terra em que tu morreres, nessa morrerei." (Pe. Antônio Pereira *apud* Eduardo C. Pereira)
- Os três reis orientais, que vieram adorar o Filho de Deus recém-nascido em Belém, é tradição da igreja que um era preto." (Pe. Antônio Vieira *apud* Eduardo C. Pereira)

⇨ Observação final sobre o anacoluto:

Observe como os termos grifados encontram-se soltos dentro da estrutura oracional – nenhum deles se liga sintaticamente a outro. É justamente esse fenômeno, essa quebra que recebe o nome de anacoluto. Para o ilustre Gramático Carlos Góis, "o anacoluto é uma das belezas mais ornamentais da língua. De geração espontânea na

linguagem do povo, como o provam os adágios e rifões, os escritores e poetas mais autorizados acharam-lhe tal graça, tal efusão, que o transportaram, de flor popular e anônima, a flor de gala e louçania".

4.1.3.11 Aliteração

Consiste na repetição intencional do mesmo som consonantal no início de dois ou mais vocábulos em imediata sucessão para imitar a realidade sonora de certos fenômenos ou para simplesmente conferir ênfase à estrutura. Observe:

- Em nossa viagem, passamos por uma terra feia, fria, mas farta.
- Fumo e fogo resfolga a férrea máquina.
- "Pedro pedreiro penseiro esperando o trem." (Chico Buarque)

4.1.3.12 Repetição

Consiste na repetição das mesmas palavras ou locuções. Esta figura revela que o espírito do escritor se encontra repleto da ideia que o absorve e fortemente o empolga.

- "Abri, abri estas entranhas, vede, vede este coração." (Pe. Antônio Vieira)
- "Fora, fora com essas velhices." (Fr. Luís de Souza)

4.2 VÍCIOS DE LINGUAGEM

Em contraposição às figuras de linguagem, que dão à fala e à escrita graça e elegância, encontramos os vícios de linguagem, os quais são deturpações que a língua sofre em sua pronúncia ou em sua escrita por desconhecimento ou descuido de quem fala.

Quem fala deve sempre prezar por uma linguagem pura, correta e clara. A **pureza** consiste no emprego de palavras e expressões autorizadas pela história da língua e pelo uso dos que melhor falam. Já a **correção** significa a elaboração de construções oracionais e frásticas em conformidade com as regras da sintaxe. E finalmente a **clareza** consiste em empregar palavras e construir frases, cujo sentido facilmente se compreende. Aquele que desrespeita essas virtudes textuais incorre, portanto, nos vícios da linguagem.

Os principais vícios de linguagem são: barbarismo, solecismo, ambiguidade, cacofonia, estrangeirismo, colisão, eco, arcaísmo e hiato.

4.2.1 BARBARISMO

Barbarismo (também chamado de “peregrinismo”) é o emprego de termos estranhos à língua, quer na forma, quer na sua ideia. Em outras palavras, ocorre barbarismo quando se escrevem ou se pronunciam, de forma incorreta, certos vocábulos, ou ainda quando se empregam vocábulos num sentido diverso do que realmente ele representa.

Vejamos alguns exemplos de barbarismos:

- advinhar → por “adivinhar”
- mendingo → por “mendigo”
- mantêga → por “manteiga”
- adevogado → por “advogado”
- sastifeito → por “satisfeito”
- abandonado → por “dissoluto”
- seje → por “seja”
- preguntar → por “perguntar”
- fácio → por “fácil”
- rúbrica → por “rubrica”
- bizarro → por “esquisito”
- brusco → por “precipitado”

4.2.2 SOLECISMO

Genericamente falando, solecismo é qualquer erro de sintaxe. Tal erro pode ser de concordância, de regência ou de colocação pronominal. Vejamos alguns solecismos comuns:

- Eu lhe vi ontem no shopping. → em vez de: “Eu o vi ontem no shopping.”
- Vamos todos assistir o jogo agora. → em vez de: “Vamos todos assistir ao jogo agora.”
- Não fazei mal aos animais. → em vez de: “Não façais mal aos animais.”
- Houveram muitos problemas no processo. → em vez de: “Houve muitos problemas no processo”.
- Incendiou-se a casa que eu morei nela. → em vez de: “Incendiou-se a casa em que eu morei.”
- Me disseram que ela não virá hoje. → em vez de: “Disseram-me que ela não virá hoje.”
- Fomos na cidade hoje pela manhã. → em vez de: “Fomos à cidade hoje pela manhã.”

4.2.3 AMBIGUIDADE (ANFIBOLOGIA OU PLEONASMO VICIOSO)

Ocorre quando uma frase apresenta sentido duplo ou duvidoso, ou seja, quando não se consegue chegar ao sentido exato da frase por apresentar mais de uma interpretação, mais de um sentido. Vejamos alguns exemplos:

- Mãe procura filho sequestrado pela internet. → (Não se sabe se a mãe o procura pela internet ou se o filho foi sequestrado pela internet)

- Regressou a Brasília depois de uma cirurgia, com cerimonial de Chefe de Estado. → (Nã se sabe se o cerimonial foi para a cirurgia ou para o regresso)
- O policial prendeu o ladrão em sua casa. → (Não se sabe se foi na casa do ladrão ou na casa do policial)
- O amor de minha mãe me fortalece. → (Não se sabe se a mãe é amada ou se ela ama, ou seja, não se sabe se ela é agente ou paciente do amor)
- O bom rei ama o povo. → (Não se sabe quem é o sujeito da oração: "o bom rei" ou "o povo")

4.2.4 CACOFONIA OU CACÓFATO

Consiste no encontro de palavras que formem outra de sentido torpe, ridículo ou desagradável. Em algumas situações, a cacofonia é resultante da junção da sílaba terminal de um vocábulo com a palavra ou parte da palavra imediata.

Convém aqui citar o mestre M. Said Ali, para quem "a cacofonia é o encontro de sílabas em que a malícia descobre um novo termo com sentido torpe ou ridículo".

Vejamos alguns exemplos:

- "Al<u>ma minha</u> gentil que te partiste". (Camões)
- Por ser tão tarde, <u>vou-me já</u>.
- A bo<u>ca dela</u> está suja.
- Distribuiremos um <u>por cada</u> visitante.
- Meu coração por <u>ti gela</u>.
- Ele só possui u<u>ma mão</u>.
- Ele nunca agiu <u>como elas</u>.

4.2.5 ESTRANGEIRISMO

Consiste no emprego abusivo de palavras estrangeiras quando há, no idioma pátrio, vocábulo próprio para a situação. Como os estrangeirismos provêm de línguas diversas, alguns autores preferem as denominações "galicismos (provenientes do francês), anglicismos (provenientes do inglês) e germanismos (provenientes do alemão)". Observe alguns:

- **delivery** → por "entrega"
- **meeting** → por "encontro"
- **sale** → por "promoção"
- **feed back** → por "retorno"

- **pic-nic** → por "piquenique"
- **buquet** → por "buquê"
- **chofer** → por "motorista"
- **performance** → por "desempenho"

4.2.6 COLISÃO

Consiste no emprego desagradável de um som consonantal idêntico.

- Vimos um jardim com ro**s**a**s** **s**eca**s**, **s**erena**s** e **s**em **s**emente**s**.
- Não **s**abemos **s**e **s**erão **s**ervida**s** fruta**s** **s**eca**s** nas cerimônia**s**.
- O silêncio da noite era interrom**p**ido **p**elo **p**io do **p**into agourento.

4.2.7 ECO

É a repetição desagradável de fonemas vocálicos no final das palavras, fazendo-as rimar. Observe:

- Neste momento, eu tive um aumento no meu vencimento.
- O instrumento de casamento do sargento ficou no convento no largo de São Bento.
- É sempre válida a disposição para a criação de uma fundação que tenha por função a proteção do cidadão.

4.2.8 ARCAÍSMO

Consiste no emprego de vocábulos ou expressões que são antiquados ou que já caíram em desuso.

- vosmecê → em vez de "você"
- cachete → em vez de "comprimido"
- cristaleira → em vez de "estante"
- velida → em vez de "bela"
- coita → em vez de "dor, aflição"
- bofé → em vez de "boa-fé"

4.2.9 HIATO

Consiste na dissonância produzida pelo encontro de vogais idênticas e sucessivas, especialmente quando se trata de vogais abertas.

- Perdeu-**o o** homem que estava à beira da morte.
- Só vou **à a**ula amanhã de manhã.
- Imperfeição como esta não **a há** nos clássicos.

⇨ Observação:

Cumpre dizer que "colisão", "eco" e "hiato" deixam de constituir vícios de linguagem quando intencionalmente empregados para efeito estilístico.

4.3 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (CESGRANRIO) "A política é a higiene dos países moralmente sadios. A politicalha, a malária dos povos de moralidade estragada."

   As figuras de estilo identificáveis nesse contexto são:

   a) hipérbole e anacoluto.
   b) metáfora e anacoluto.
   c) metonímia e zeugma.
   d) metonímia e hipérbole.
   e) metáfora e zeugma.

2. (UNITAU) Na frase "... consumo das significações no SEIO da comunicação social...", a palavra em destaque é, no plano semântico e estilístico,

   a) denotação e paradoxo.
   b) conotação e sinédoque.
   c) denotação e pleonasmo.
   d) conotação e catacrese.
   e) conotação e antítese.

3. (CESGRANRIO) Observe os períodos abaixo:

   1 – "Vontade de beijar os olhos de minha pátria
   De niná-la, de passar-lhe a mão pelos cabelos".

2 – "Pátria, eu semente que nasci do vento
Eu que não vou e não venho, eu que permaneço".

A partir dos exemplos 1 e 2, indique as respectivas figuras de linguagem:

a) prosopopeia – aliteração.
b) metáfora – gradação.
c) hipérbole – antítese.
d) aliteração – personificação.
e) metonímia – assíndeto.

4. (FAAP) "De repente do riso fez-se o pranto".

Observe que as palavras RISO e PRANTO, nesse soneto, ultrapassam a simples representação mental correspondente a cada um dos signos; convertem-se na significação mesma da alegria ou da felicidade e da tristeza ou da situação infeliz. Trata-se de uma figura de linguagem que consiste na ampliação da área de significação de uma palavra usada em lugar de outra, com apoio numa relação de coexistência ou contiguidade, ou seja:

a) silepse
b) pleonasmo
c) anacoluto
d) metonímia
e) prosopopeia

5. (FAAP) "Silencioso e branco como a bruma".

À repetição das mesmas consoantes em BRANCO e BRUMA em busca da sonoridade, dá-se o nome:

a) assonância
b) aliteração
c) eco
d) trocadilho
e) pleonasmo

6. (FATEC) "Seus óculos eram imperiosos."

Assinale a alternativa onde aparece a mesma figura de linguagem que há na frase acima:

a) "As cidades vinham surgindo na ponte dos nomes."
b) "Nasci na sala do terceiro ano."

c) “O bonde passa cheio de pernas.”

d) “O meu amor, paralisado, pula.”

e) “Não serei o poeta de um mundo caduco.”

7. (FEI) Assinalar a alternativa correta, correspondente às figuras de linguagem, presente nos fragmentos a seguir:

I. “Não te esqueças daquele amor ardente que já nos olhos meus tão puro viste.”

II. “A moral legisla para o homem; o direito, para o cidadão.”

III. “A maioria concordava nos pontos essenciais; nos pormenores porém, discordavam.”

IV. “Isaac a vinte passos, divisando a vulto de um, pára, ergue a mão em viseira, firma os olhos.”

a) anacoluto, hipérbato, hipálage, pleonasmo

b) hipérbato, zeugma, silepse, assíndeto

c) anáfora, polissíndeto, elipse, hipérbato

d) pleonasmo, anacoluto, catacrese, eufemismo

e) hipálage, silepse, polissíndeto, zeugma

8. (FEI) Assinalar a alternativa que contém as figuras de linguagem correspondentes aos períodos a seguir:

I. “Está provado, quem espera nunca alcança”.

II. “Onde queres o lobo sou o irmão”.

III. Ele foi discriminado por sofrer de uma doença contagiosa muito falada atualmente.

IV. Ela quase morreu de tanto estudar para o vestibular.

a) ironia – antítese – eufemismo – hipérbole

b) eufemismo – ironia – hipérbole – antítese

c) antítese – hipérbole – ironia – eufemismo

d) hipérbole – eufemismo – antítese – ironia

e) ironia – hipérbole – eufemismo – antítese

9. (FEI) Assinalar a alternativa que apresenta o vício de linguagem conhecido como solecismo:

a) Não podemos adiar a viagem para depois.

b) Ele entrou de sócio no clube.

c) Fazem dois anos que trabalho aqui.

d) É louvável a fé de teu time.

e) Ele assistiu ao incêndio do prédio.

10. (FUVEST) A prosopopeia, figura que se observa no verso “Sinto o canto da noite na boca do vento”, ocorre em:

a) “A vida é uma ópera e uma grande ópera.”

b) “Ao cabo tão bem chamado, por Camões, de Tormentório, os portugueses apelidaram-no de Boa Esperança.”

c) “Uma talhada de melancia, com seus alegres caroços.”

d) “Oh! eu quero viver, beber perfumes,
Na flor silvestre, que embalsama os ares.”

e) “A felicidade é como a pluma...”

GABARITO

1 – E	2 – D	3 – A
4 – D	5 – B	6 – C
7 – B	8 – A	9 – C
10 – C		

BIBLIOGRAFIA – CONTEÚDO GRAMATICAL

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. 5. ed. São Paulo: Global, 2009.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Dicionário de questões vernáculas*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1996.

_____. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 41. ed. São Paulo: Saraiva, 1997.

ALI, M. Said. *Dificuldades da língua portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Livraria Acadêmica, 1957.

_____. *Gramática elementar da Língua Portuguesa*. 9. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1966.

_____. *Gramática secundária da Língua Portuguêsa*. 7. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1966.

_____. *Investigações filológicas.* 3. ed.. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

ALVES, Ieda Maria. *Neologismo* – Criação lexical. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994.

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.

BARRETO, Mário. *Através do dicionário e da gramática*. 4. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1986.

_____. *De gramática e de linguagem*. 3. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1982.

_____. *Novíssimos estudos da Língua Portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1980.

_____. *Novos estudos da Língua Portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1980.

_____. *Últimos estudos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1986.

BECHARA, Evanildo. *Lições de português pela análise sintática*. 17. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

_____. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

_____ (org.) et al. *Na ponta da língua.* 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. v. 5.

_____. *Na ponta da língua.* 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. v. 6.

_____. *Na ponta da língua.* 1. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. v. 7.

BRANDÃO, Cláudio. *Sintaxe clássica portuguesa*. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade de Minas Gerais, 1963.

BRUNO, Aníbal. *Língua Portuguesa – Gramática e Exercícios*. 28. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1948.

_____. *Nova Gramática da Língua Portuguesa*. 1. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1971.

BUENO, Silveira. *Gramática normativa da Língua Portuguêsa*. 7. ed. São Paulo: Saraiva, 1968.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de lingüística e gramática*. 18. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

CARONE, Flávia de Barros. *Morfossintaxe*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1995.

_____. *Subordinação e coordenação*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1993.

CARVALHO, Alfredo de. *Dicionário de regência nominal portuguesa*. 1. ed. Belo Horizonte: Garnier, 2007.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

_____. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 46. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.

CHEDIAK, Antônio J. *Análise sintática*. 1. ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1955.

CUNHA, Celso e CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007.

CUNHA, J. Alcides. *Método de análise sintática*. 14. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1955.

DIAS, Augusto Ephiphanio da Silva. *Syntaxe histórica portuguesa*. 1. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1918.

ELIA, Hamilton. *Prática da análise sintática*. 9. ed. Rio de Janeiro: J. Ozon Editor, 1966.

ELIA, Hamilton e ELIA, Sílvio. *100 textos errados e corrigidos*. 26. ed. Francisco Alves, 1979.

ELIA, Silvio (org.) et al. *Na ponta da língua.* 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000. v. 1.

FARACO, Carlos Emílio e MOURA, Francisco Marto. *Língua e literatura.* 18. ed. São Paulo: Ática, 1997. v. 3.

FERNANDES, Francisco. *Dicionário de regimes de substantivos e adjetivos*. 26. ed. São Paulo: Globo, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário de verbos e regimes.* 44. ed. São Paulo: Globo, 2003.

_____. *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio*. 4. ed. Editora Positivo.

FIGUEIREDO, Cândido de. *Gramática sintética da língua portuguesa*. 8. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1961.

_____. *O que se não deve dizer.* 7. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1953. v. I.

_____. *O que se não deve dizer.* 6. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1953. v. II.

_____. *O que se não deve dizer.* 3. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1927. v. III.

GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna*. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1974.

GÓIS, Carlos. *Gramática expositiva primária*. 5. ed. Belo Horizonte: Oliveira, Costa e Cia Oficinas Gráficas, 1934.

_____. *Methodo de analyse*. 9. ed. Rio de Janeiro: Oficina gráfica Renato Americano, 1936.

_____. *Sintaxe de regência*. 4. ed. Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves, 1938.

_____. *Syntaxe de concordância*. 6. ed. Rio de Janeiro: Oficina gráfica Renato Americano, 1935.

GOMES, Dr. Alfredo. *Grammatica Portugueza*. 20. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1930.

GOTARDELO, Augusto. *A crase nos bons escritores*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Dois Irmãos Ltda., 1983.

GRAÇA, Heráclito. *Fatos da linguagem.* 3. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa.* 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KURY, Adriano da Gama. *Novas lições de análise sintática*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1993.

_____ et al. *Gramática objetiva da língua portuguesa* – sintaxe. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1977.

LEME, Odilon Soares. *Tirando dúvidas de português*. 1. ed. São Paulo: Ática, 1992.

LIMA, Carlos Henrique da Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 31. ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1992.

_____. *Teoria da análise sintática*. 3. ed. Rio de Janeiro: Acquarone, 1956.

LUFT, Celso Pedro. *A vírgula*. 1. ed. São Paulo: Ática, 1996.

_____. *Decifrando a crase*. São Paulo: Globo, 2005.

_____. *Dicionário prático de regência nominal*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005.

_____. *Dicionário prático de regência verbal*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1997.

_____. *Moderna gramática brasileira*. 1. ed. São Paulo: Globo, 2006.

_____. *Novo guia ortográfico*. 1. ed. São Paulo: Globo, 1996.

MATEUS, Maria Helena Mira et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. 7. ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.

MAURER JR., Theodoro Henrique. *O infinito flexionado português*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1968.

MELO, Gladstone Chaves de. *Gramática fundamental da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Ao Livro Técnico, 2001.

_____. *Novo manual de análise sintática*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Livraria Acadêmica, 1971.

_____ (org.) et al. *Na ponta da língua.* 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000. v. 2.

_____. *Na ponta da língua.* 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000. v. 3.

MELO, J. Nelino. *Análise sintática*. 1. ed. Rio de Janeiro: Melso Soc. Anônima, 1964.

_____. *Estudos práticos de gramática normativa da língua portuguesa.* 2.ed. Rio de Janeiro: Bruno Buccini Editor, 1968.

MESQUITA, Roberto Melo. *Gramática da Língua Portuguesa*. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 1996.

MIGUEL, Jorge. *Curso de língua portuguesa*. 1. ed. São Paulo: Harbra, 1989.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário de dúvidas e dificuldades do idioma nacional*. 3. ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1952.

_____. *O idioma nacional*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Livraria Acadêmica, 1960.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. 1. ed. São Paulo: Unesp, 2000.

_____. *Guia de uso do português*. 1. ed. São Paulo: Unesp, 2003.

OITICICA, José. *Manual de análise léxica e sintática*. 10. ed. refundida. Rio de Janeiro: Editora Paulo de Azevedo Ltda., 1953.

OLIVEIRA, Cândido de. *Análise sintática* – Manual prático. 7. ed. São Paulo: Editora Gráfica Biblos Ltda.

PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramática expositiva*. 109. ed. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1958.

PERINI, Mário A. *Gramática descritiva do português*. 3. ed. São Paulo; Ática, 1998.

RIBEIRO, Ernesto Carneiro. *Serões Grammaticaes*. 6. ed. Bahia: Livraria Progresso Editora, 1956.

RIBEIRO, João. *Grammatica Portugueza*. 34. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1920.

SACCONI, Luiz Antonio. *Dicionário de dúvidas, dificuldades e curiosidades da língua portuguesa*. 1. ed. São Paulo, 2005.

_____. *Nossa gramática contemporânea*. 1. ed. São Paulo: Editora Escala Educacional, 2006.

SILVEIRA, Souza da. *Lições de português*. 9. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1983.

_____. *Sintaxe da preposição "de"*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1951.

_____. *Trechos seletos*. 8. ed. Rio de Janeiro: F. Briguiet e Cia Editores, 1966.

SAVIOLI, Francisco Platão. *Gramática em 44 lições*. 14. ed. São Paulo: Ática, 1998.

TERRA, Ernani. *Curso prático de gramática*. 4. ed. São Paulo: Scipione, 2002.

TÔRRES, Artur de Almeida. *Moderna gramática expositiva da língua portuguesa.* 14. ed. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1962.

Rodrigo Bezerra

Nova Gramática da LÍNGUA PORTUGUESA para Concursos

7.ª edição
Revista e atualizada

- Abordagem profunda e didática
- Plano de estudos e dicas sobre os temas mais cobrados em concursos
- Questões de concursos com gabarito ao final dos capítulos
- Obra em conformidade com o Novo Acordo Ortográfico

gen | EDITORA MÉTODO

Nova Gramática da **LÍNGUA PORTUGUESA** para Concursos

abdr
Respeite o direito autoral

O GEN | Grupo Editorial Nacional reúne as editoras Guanabara Koogan, Santos, Roca, AC Farmacêutica, Forense, Método, LTC, E.P.U. e Forense Universitária, que publicam nas áreas científica, técnica e profissional.

Essas empresas, respeitadas no mercado editorial, construíram catálogos inigualáveis, com obras que têm sido decisivas na formação acadêmica e no aperfeiçoamento de várias gerações de profissionais e de estudantes de Administração, Direito, Enfermagem, Engenharia, Fisioterapia, Medicina, Odontologia, Educação Física e muitas outras ciências, tendo se tornado sinônimo de seriedade e respeito.

Nossa missão é prover o melhor conteúdo científico e distribuí-lo de maneira flexível e conveniente, a preços justos, gerando benefícios e servindo a autores, docentes, livreiros, funcionários, colaboradores e acionistas.

Nosso comportamento ético incondicional e nossa responsabilidade social e ambiental são reforçados pela natureza educacional de nossa atividade, sem comprometer o crescimento contínuo e a rentabilidade do grupo.

Rodrigo Bezerra

Nova Gramática da **LÍNGUA PORTUGUESA** para Concursos

7.ª edição
Revista e atualizada

gen | EDITORA MÉTODO
SÃO PAULO

A EDITORA MÉTODO se responsabiliza pelos vícios do produto no que concerne à sua edição (impressão e apresentação a fim de possibilitar ao consumidor bem manuseá-lo e lê-lo). Nem a editora nem o autor assumem qualquer responsabilidade por eventuais danos ou perdas a pessoa ou bens, decorrentes do uso da presente obra.

Todos os direitos reservados. Nos termos da Lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive através de processos xerográficos, fotocópia e gravação, sem permissão por escrito do autor e do editor.

Impresso no Brasil – *Printed in Brazil*

Direitos exclusivos para o Brasil na língua portuguesa
Copyright © 2015 *by*

EDITORAMÉTODO LTDA.
Uma editora integrante do GEN | Grupo Editorial Nacional
Rua Dona Brígida, 701, Vila Mariana – 04111-081 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 5080-0770 / (21) 3543-0770 – Fax: (11) 5080-0714
metodo@grupogen.com.br | www.editorametodo.com.br

O titular cuja obra seja fraudulentamente reproduzida, divulgada ou de qualquer forma utilizada poderá requerer a apreensão dos exemplares reproduzidos ou a suspensão da divulgação, sem prejuízo da indenização cabível (art. 102 da Lei n. 9.610, de 19.02.1998).

Quem vender, expuser à venda, ocultar, adquirir, distribuir, tiver em depósito ou utilizar obra ou fonograma reproduzidos com fraude, com a finalidade de vender, obter ganho, vantagem, proveito, lucro direto ou indireto, para si ou para outrem, será solidariamente responsável com o contrafator, nos termos dos artigos precedentes, respondendo como contrafatores o importador e o distribuidor em caso de reprodução no exterior (art. 104 da Lei n. 9.610/98).

Capa: Stephanie Rodrigues Matos
Produção digital: Geethik

CIP – Brasil. Catalogação-na-fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Bezerra, Rodrigo

Nova gramática da língua portuguesa para concursos / Rodrigo Bezerra. – 7.ª ed. – Rio de Janeiro : Forense ; São Paulo : Método, 2015.

Inclui bibliografia
ISBN 978-85-309-6107-7

1. Língua portuguesa - Gramática. 2. Língua portuguesa - Gramática - Problemas, questões, exercícios. 3. Serviço público - Brasil - Concursos. I. Título.

10-2768.

CDD: 469.5
CDU: 811.134.336

Ao Deus, a Quem eu sirvo, e à minha querida mãe,
Maria Luzinete, meus agradecimentos.

À minha amada Ana Cláudia e à minha pérola Esther,
esposa e filha, dedico as próximas páginas
com todo o meu amor.

Última flor do Lácio, inculta e bela,
És, a um tempo, esplendor e sepultura:
Ouro nativo, que na ganga impura
A bruta mina entre os cascalhos vela...

Amo-te assim, desconhecida e obscura,
Tuba de alto clangor, lira singela,
Que tens o trom e o silvo da procela,
E o arrolo da saudade e da ternura!

Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,

Em que da voz materna ouvi: “meu filho!”
E em que Camões chorou, no exílio amargo,
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!

Olavo Bilac

EXCELÊNCIAS DA LÍNGUA PORTUGUÊSA

E que esplêndida língua o Brasil nos deve! Tôdas as raças que passaram por este canto da terra, aqui deixaram a flor e o ideal da sua alma. Desde a povoação céltica e a colonização grega, de que tantos vestígios restam ainda nas nossas províncias do norte, até à invasão dos árabes que envolveram tôda a civilização da península numa etérea poeira de luz e oiro – as imigrações sucessivas e as conquistas supervenientes contribuíram, tôdas à formação desta língua admirável que, sob muitos aspectos, não tem superior no mundo.

Serve a tudo: à epopéia e ao idílio, à lamentosa elegia e ao cântico de guerra.

Passada pelas cordas duma lira, é suave e doce como a voz do amor; assoprada na tuba épica, é vibrante, sonora e grandiosa ou terrível segundo os têrmos que versa, as ações que canta ou os heróis que celebra.

O sol doura-a, ilumina-a, aquece-a; e a nossa paisagem, tão variada e linda, tão florida e perfumada, reflete nela como na superfície clara dos nossos rios, e nas ondas, de tanta côr, que o mar estende por essas praias. Transladada ao sul da América, não perdeu o caráter grave, nem a têmpera máscula, nem o tom de funda, indefinível melancolia que lhe imprimiu a esforçada e trágica aventura de nossos avós; e ainda adquiriu preciosos elementos de encantadora suavidade, de frouxa, dolente e maviosa ternura.

Antônio Cândido – *Discursos*.
Apud Antenor Nascentes, 1960.

Material Suplementar

Este livro conta com Caderno de Questões Digital.

O acesso ao material suplementar é gratuito, bastando que o leitor se cadastre em: http://gen-io.grupogen.com.br

GEN | Informação Online

GEN-IO (GEN | Informação Online) é o repositório de materiais suplementares e de serviços relacionados com livros publicados pelo GEN | Grupo Editorial Nacional, maior conglomerado brasileiro de editoras do ramo científico-técnico-profissional, composto por Guanabara Koogan, Santos, Roca, AC Farmacêutica, Forense, Método, LTC, E.P.U. e Forense Universitária. Os materiais suplementares ficam disponíveis para acesso durante a vigência das edições atuais dos livros a que eles correspondem.

COMO ESTUDAR ESTE LIVRO? ALGUMAS ORIENTAÇÕES...

Durante meus longos anos como professor, uma das perguntas mais frequentes sempre foi (e ainda é) “por onde eu começo, professor?”. Há outras que, menos frequentes, de vez em quando surgem nas salas de aula pelo país afora: “Quais os assuntos mais importantes?” “O que eu preciso decorar para o concurso, professor?” De fato, são perguntas dos que sentem o peso e a importância de uma matéria que sempre foi objeto de estudo desde os tempos mais tenros da nossa existência, mas que – para muitos – ainda hoje constitui um obstáculo, uma incógnita, uma grande dificuldade.

Por conta desses alunos e mesmo dos que já possuem um bom conhecimento em nossa língua, ousei – com toda a humildade – criar um plano de estudos para orientá-los nessa jornada. Saliento que esse plano está baseado em minha experiência pessoal (usei o pleonasmo de forma intencional) como professor, educador e preparador de candidatos para a carreira pública. Procurei contemplar, em nosso plano de estudos, os assuntos mais importantes para um concurso público. Obviamente, outros assuntos, não abordados em nosso plano de estudos, poderão aparecer no edital. Procure estudá-los concomitantemente aos assuntos principais.

Em qualquer caso, sugiro que de antemão converse com o seu professor. Peça também a ele uma orientação, pois certamente é ele quem melhor o conhece e sabe o que é melhor para você. Discuta com ele o nosso plano de estudos. E aceite – sem reservas – as orientações do seu mestre. Ele fará o melhor por você – esteja certo disso.

Para os que há muito não estudam a nossa língua portuguesa, é preciso “começar pelo começo”. Não tente estudar assuntos como “concordância, regência, crase” sem antes ter uma boa base em sintaxe de oração, por exemplo. Não pule a sequência. Quem estuda, por exemplo, sintaxe do período composto sem antes estudar a sintaxe do período simples, ou crase antes de regência, não compreende a lógica da gramática e provavelmente obterá poucos ganhos em sua empreitada. Portanto, vá com calma. A absorção dos conteúdos gramaticais requer tempo. Ademais, o conhecimento “amadurece” em momentos diferentes em cada estudante. Logo, não se desespere. Acredite em você. Faça a sua parte: estude bastante.

Para os mais experientes, aqueles que já vêm estudando a nossa língua portuguesa há mais tempo, sugiro que partam para os conteúdos mais densos. Indubitavelmente, esses assuntos se encontram em sintaxe – oração, período, concordância, regência, crase, colocação pronominal, pontuação. Observem os detalhes e os exemplos com atenção; e, lógico, não se esqueçam de resolver as questões. Sempre obtenham as provas da banca que preparará o seu concurso. Resolvam-nas. Procurem traçar um perfil da banca. Tentem perceber os assuntos mais cobrados, pois as bancas tendem a repeti-los em certames posteriores.

Para os que nutrem por nossa língua uma grande ojeriza (aversão, pavor, antipatia) – há até os que odeiam a nossa língua portuguesa –, sugiro que a estudem aos poucos.

Identifiquem a matéria de que vocês mais gostam e procurem associar o estudo desta disciplina ao estudo da nossa língua portuguesa. Como assim? Antes de se deleitar com a matéria que você ama, estude cerca de 30 minutos da nossa língua portuguesa. Mas faça isso nos três turnos: manhã, tarde e noite. Ao final de um dia, você “engoliu” cerca de uma hora e meia de conteúdo gramatical. Com o passar do tempo, essa forma de estudar a nossa língua ficará muito mais simples e se tornará – creio eu – prazerosa. Traduzindo: dê a você “gotas” diárias de conteúdo gramatical e em breve estará curado de seus problemas com a gramática.

Então, mãos à obra! Não há tempo a perder!

Um grande abraço.

Professor Rodrigo Bezerra

PLANO DE ESTUDOS – LÍNGUA PORTUGUESA

ASSUNTO	ESTUDEI EM (data)	REVISEI EM (data)	RELI EM (data)	RESOLVI EXERCÍCIOS SOBRE O ASSUNTO EM (data)
I – Fonética				
1. Fonética e fonologia				
Considerações: É uma parte da gramática normativa geralmente explorada por concursos em nível médio. Portanto, não perca muito tempo tentando decorar, por exemplo, a classificação das vogais e das consoantes, pois é o tipo de conhecimento que raramente é cobrado em grandes concursos. Leia (rememore) sobre os encontros vocálicos, encontros consonantais, dígrafos e divisão silábica. Frequentemente uma boa leitura já garante um bom aprendizado.				
2. Ortografia oficial				
Considerações: É o tipo de assunto em que a "decoreba" pura e simples pouco resolve. Leia, leia e leia... Não só o assunto, mas tudo o que for proveitoso. Provavelmente você obterá bons resultados. Nesse meio, há, entretanto, um assunto de que você não pode se descuidar: emprego do hífen. Geralmente as bancas cobram esse conhecimento.				
3. Acentuação				
Considerações: É o primeiro assunto com que você deve realmente se preocupar um pouco, pois é recorrente nos concursos de todos os níveis. É preciso ficar atento às regras de acentuação das palavras oxítonas e paroxítonas. Tenha cuidado também com os hiatos. Com o Novo Acordo Ortográfico, vários acentos deixaram de existir. Portanto, tenha cuidado. Vale a pena reler o assunto assim que terminar de estudá-lo pela primeira vez.				
4. Significação das palavras				
Considerações: É um assunto frequentemente cobrado. Bastante tranquilo, você deverá relembrar a diferença entre homônimos e parônimos. Nada de desespero! O assunto é muito fácil. Certamente algumas leituras bastam para um bom aproveitamento.				
II – Morfologia				
1. Estrutura e formação de palavras				
Considerações: É um assunto exigido em alguns concursos. Portanto, antes de estudá-lo, verifique o seu edital. Quando é cobrado, as bancas geralmente se atêm aos processos de formação de palavras. Logo, estude com cuidado a "derivação, a composição e os outros processos de formação de palavras". Não gaste energia tentando decorar as tabelas com radicais, prefixos e sufixos gregos e latinos. Vale a pena, entretanto, ler a correlação entre os prefixos gregos e latinos.				
2. Substantivo				
Considerações: Não se preocupe tanto com alguns tópicos, como, por exemplo, as tabelas de coletivos e de gênero dos substantivos. Atenha-se a pontos como "caracterização do substantivo e plural dos substantivos compostos". Em gênero dos substantivos, apenas leia com atenção sobre os substantivos comuns de dois gêneros e os sobrecomuns. Se já estiver em condições, procure estudar as funções sintáticas que são próprias do substantivo.				
3. Adjetivo				

Considerações: Não perca tempo em decorar as tabelas sobre as locuções adjetivas, os adjetivos pátrios e os adjetivos eruditos. Estude com afinco as considerações gerais sobre os adjetivos. Fique muito atento ao plural dos adjetivos compostos e, acima de tudo, estude várias vezes os graus do adjetivo – é um assunto recorrente nos concursos. Se estiver em condições, procure estudar o adjetivo em sua forma oracional – vá até o capítulo de sintaxe de oração e estude as orações adjetivas.				
4. Artigo				
Considerações: É um assunto com que você não precisa se preocupar muito, pois as regras sobre o emprego dessa classe gramatical não são muito cobradas. Mas é preciso ler o assunto, notadamente os empregos particulares dos artigos definidos e indefinidos.				
5. Numeral				
Considerações: Assunto raramente cobrado. Não gaste muitos esforços com este capítulo. Leia as regras que orientam o emprego dos numerais. Isto é suficiente.				
6. Pronome				
Considerações: Eis um assunto que não dá para economizar – é um ponto-chave para o seu estudo. Aqui o segredo é estudar tudo. Uma dica: não se preocupe tanto em decorar as tabelas com os pronomes. Preocupe-se em entender o emprego deles. Há dois tipos de pronomes que são extremamente cobrados em certames pelo país afora: os pronomes pessoais e os pronomes relativos. Estude-os mais de uma vez. Fique atento também ao emprego dos pronomes indefinidos e demonstrativos.				
7. Verbo				
Considerações: Eis outro assunto bastante longo, mas não se desespere tentando decorar tudo. As bancas costumam ser pontuais, ou seja, há pontos dos quais não dá para se descuidar. Um deles é o emprego dos tempos e modos verbais. É fundamental conhecer o emprego de cada modo e de cada tempo, tanto dos simples quanto dos compostos. Outro assunto muito cobrado são as correlações entre os tempos e os modos verbais. De resto, é essencial dominar os paradigmas de conjugação dos verbos – não se preocupe em decorar todas as conjugações. Procure entender os paradigmas de cada tempo verbal. Fique atento também à conjugação dos verbos defectivos. Frequentemente as bancas lançam mão desse tipo de conhecimento.				
8. Advérbio				
Considerações: É um assunto que aparentemente não oferece perigos, mas não se engane: o advérbio é uma classe que provoca "confusões" em concordância nominal. Portanto, procure entendê-lo bem. Tente ler, mais de uma vez, as particularidades de alguns advérbios.				
9. Conjunção				
Considerações: É um assunto que terá grande relevância na parte sintática quando se for estudar "sintaxe do período composto". Portanto, não dá para passar por cima. Mas também não se desespere. Não tente decorar todas as conjunções. Procure entender o "papel" delas. O ideal é fazer a conexão com a parte sintática (sintaxe do período composto). Sugiro que leia o assunto umas duas vezes e siga em frente. Quando for estudar "sintaxe do período composto", você deverá voltar a este assunto.				
10. Preposição				
Considerações: Eis outro assunto que agora não nos oferece grandes desafios. Lembre-se, porém, de que a preposição será importantíssima para o estudo, em sintaxe, da predicação verbal e das regências verbal e nominal. Portanto, leia o assunto mais de uma vez. Entenda a razão de ser da preposição. O ideal é correlacionar este assunto com o estudo dos termos integrantes da oração e o estudo das regências verbal e nominal.				
III – Sintaxe				
Orientações gerais: Nesta parte, não dá para economizar: os assuntos são igualmente importantes. Fique atento às regras gerais e aos				

detalhes – use marca-texto. Leia tudo atentamente. Não pule a sequência, a não ser que esteja pressionado por um concurso de última hora – aqueles em que o candidato se matricula sem saber direito o porquê de ter se matriculado. Além do mais, não tente acelerar, pois aqui é mais importante aprofundar um assunto do que ter uma visão superficial sobre o todo.				
1. Sintaxe de oração – Termos essenciais				
Considerações: Eis o que eu chamo de "assunto-chave" – é como um pré-requisito. Ele é a base para os demais assuntos. Aqui vale a máxima: quanto mais melhor. Estude tudo com afinco. E só mude quando se sentir seguro. Cuidado com o termo "sujeito" – ele deverá ser o seu ponto de partida. A partir dele, procure entender os demais termos da estrutura oracional. Há também um ponto-chave: transitividade verbal. É um conteúdo de que você muito precisará para entender outros assuntos. Conselho de amigo/professor: vale a pena estudar este capítulo várias vezes.				
2. Termos integrantes da oração				
Considerações: É também um capítulo-chave. Há dois termos integrantes com os quais você precisa ter muito cuidado: objeto direto e complemento nominal. No entanto, nesse capítulo, há um ponto que necessita ser colocado na "corrente sanguínea": o estudo da voz passiva (transformação da ativa para a passiva e vice-versa) e do agente da passiva. É um ponto sempre cobrado pelas bancas organizadoras de concursos. Estude o assunto mais de uma vez.				
3. Termos acessórios da oração				
Considerações: Mais uma vez, estamos diante de um capítulo que requer bastante atenção. Tenha cuidado com a distinção entre o adjunto adnominal e o complemento nominal – geralmente as bancas exigem este tipo de conhecimento. Não se descuide do aposto e do adjunto adverbial. Fique atento aos tipos de aposto. Por outro lado, não tente decorar todos os tipos de adjunto adverbial – procure, sim, entender o porquê de o termo ser classificado como adjunto adverbial.				
4. Sintaxe do período composto				
Considerações: Se você compreendeu bem as funções sintáticas, certamente não terá problemas com este assunto. Nele você encontrará as mesmas funções sintáticas, exercidas agora por orações. Fique muito atento às orações subordinadas adverbiais. Elas são responsáveis pela maioria das questões. Não tente simplesmente decorar as conjunções – procure entender, acima de tudo, as relações estipuladas por elas.				
5. Sintaxe de concordância				
Considerações: Vá com calma aqui. O assunto é muito extenso, mas não é difícil. O tamanho é que o faz difícil. Não se desespere com a quantidade de regras. Em geral, as bancas não costumam cobrar regras muito específicas. Em relação à concordância verbal, fique muito atento às seguintes normas: regra geral (aqui vale a pena revisar a identificação do sujeito), concordância com o sujeito passivo (partícula apassivadora), emprego do "índice de indeterminação do sujeito", concordância com o sujeito partitivo e coletivo e emprego dos verbos impessoais (notadamente o verbo "haver" no sentido de "existir..."). Obviamente, todas as regras devem ser analisadas e estudadas. Ah, não se esqueça de estudar a concordância com o sujeito oracional, pois é um ponto bastante cobrado. Em relação à concordância nominal, cuidado com a concordância do adjetivo tanto com a função de adjunto adnominal quanto com a função de predicativo.				
6. Sintaxe de regência				
Considerações: Eis outro assunto bastante extenso e bastante importante. Primeiramente, sugiro que releia rapidamente o assunto "predicação verbal" em sintaxe de oração. É preciso também relembrar o termo "complemento nominal". Depois, siga a sequência do assunto (sintaxe de regência) que está na gramática. Há um ponto, entretanto, sobre o qual você precisa se debruçar mais de uma vez: emprego dos pronomes relativos e as regências verbal e nominal.				
7. Emprego do acento grave – Crase				
Considerações: Outro assunto muito importante. É preciso estudar tudo. Se já faz tempo que não vê o assunto, sugiro que estude antes				

os complementos verbais, o complemento nominal e os adjuntos adverbiais em sintaxe de oração. Ao estudar o emprego do acento grave (crase), fique bastante atento aos casos obrigatórios e facultativos. Ademais, leia várias vezes as situações em que o uso do acento grave não é autorizado (casos em que nunca ocorre a crase).

8. Sintaxe de colocação pronominal				

Considerações: Fique tranquilo aqui, pois o assunto é bastante fácil. Sugiro que, antes, dê uma olhada, em morfologia, nos pronomes pessoais (retos e oblíquos). Quando iniciar o assunto de colocação pronominal, sempre revise as regras de atração do pronome oblíquo átono (casos de próclise), notadamente a próclise que se dá por causa das conjunções subordinativas e dos pronomes relativos. Leia com atenção sobre a colocação dos pronomes oblíquos nas locuções verbais.

9. Emprego dos sinais de pontuação				

Considerações: Eis outro "assunto-chave". É preciso ter muito cuidado. Indubitavelmente a vírgula é o "grande desafio". Preocupe-se com as regras de pontuação dos adjuntos adverbiais, das orações subordinadas adverbiais e adjetivas explicativas, das orações coordenadas sindéticas e das orações reduzidas. Procure correlacionar o emprego da vírgula com o emprego do travessão e dos parênteses. É preciso praticar bastante, pois ninguém aprende pontuação só estudando as regras. Por isso, procure resolver diversas questões.

IV – Parte Especial

1. Emprego do infinitivo				

Considerações: Fique tranquilo: este não é um assunto muito cobrado pelas bancas. Mas não dá para se descuidar. Sugiro que entenda e aprenda as duas máximas para o emprego do infinitivo. Fique atento à observação que acompanha a segunda máxima. Compreendendo as máximas, ficará mais fácil entender o restante.

2. Funções morfológicas das palavras que, se e como				

Considerações: Tenha cuidado aqui, pois é um assunto frequente nos concursos em geral. Sua missão será classificar (com segurança) as funções morfológicas do "que" e do "se". As bancas muito raramente questionam sobre as funções morfológicas do "como".

3. Particularidades léxicas e gramaticais				

Considerações: Eis um capítulo para se estudar aos poucos e em correlação com outros assuntos da gramática normativa. Como afirmo no capítulo, não tente estudar tudo de uma vez. Estude uma ou duas lições por vez.

4. A linguagem figurada – As figuras de linguagem				

Considerações: É um assunto que aparece aqui e acolá em editais. Portanto, se não estiver no edital, descarte-o. Se estiver, procure estudar as figuras mais importantes, como a metáfora, a metonímia, a perífrase, a catacrese, a antítese, o paradoxo, o eufemismo, a silepse, a ironia e a hipérbole. Leia as demais figuras.

NOTA DO AUTOR À 7.ª EDIÇÃO

Como das vezes anteriores, convém de imediato destacar que publicamos uma obra em total conformidade com o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Para esta nova edição, incluímos acréscimos de conteúdos na parte da ortografia, da morfologia e na parte da sintaxe. Os maiores acréscimos ocorreram no assunto "pontuação", com a inserção de regras menos usuais, mas que têm caído em vários concursos públicos pelo país afora. Resolvemos também reescrever algumas regras e orientações, tudo com o intuito de facilitar o entendimento dos estudantes.

Ademais, procuramos trazer para a obra novas questões de concursos públicos, atualizadas, as quais demonstram que os conteúdos deste livro servem para responder à maioria das indagações gramaticais que venham a ser feitas em provas públicas. Portanto, melhoramos ainda mais este trabalho e ofertamos ao mercado de concursos e aos estudantes da Língua Portuguesa em geral uma obra densa que certamente ajudará a melhor compreender o nosso idioma.

SUMÁRIO

I – FONÉTICA

Capítulo 1
FONÉTICA E FONOLOGIA

A nossa língua
1.1 Introdução
1.2 Gramática
1.3 Fonética
1.3.1 Aparelho fonador
1.4 Estudo das vogais e dos encontros vocálicos
1.5 Classificação das vogais
1.5.1 Quanto à zona de articulação
1.5.2 Quanto ao timbre
1.5.3 Quanto ao papel das cavidades bucal e nasal
1.5.4 Quanto à intensidade
1.6 Encontros vocálicos
1.6.1 Ditongos
1.6.2 Hiatos
1.6.3 Tritongos
1.7 Estudo das consoantes, dos encontros consonantais e dos dígrafos
1.7.1 Classificação das consoantes
1.7.1.1 Quanto ao modo de articulação
1.7.1.2 Quanto ao ponto de articulação
1.7.1.3 Quanto ao papel das cordas vocais
1.7.2 Encontros consonantais
1.7.3 Dígrafos
1.7.4 Contagem de letras e fonemas em um vocábulo
1.7.5 Sílaba
1.7.5.1 Classificação dos vocábulos quanto ao número de sílabas
1.7.5.2 Tonicidade
1.7.6 Divisão silábica
1.8 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 2

ORTOGRAFIA OFICIAL

2.1 Letra e alfabeto
2.2 Notações léxicas
2.2.1 Acentos
2.2.1.1 Agudo
2.2.1.2 Circunflexo
2.2.1.3 Grave
2.2.1.4 Til
2.2.2 Cedilha
2.2.3 Apóstrofo
2.2.4 Hífen
2.2.4.1 Empregos do hífen
2.2.4.2 Emprego do hífen com prefixos
2.2.4.3 Não se emprega o hífen
2.3 Orientações ortográficas – emprego de algumas letras
2.3.1 Emprego das letras “E” e “I”
2.3.2 Emprego das letras “O” e “U”
2.3.2.1 Dupla ortografia com os ditongos “OU” e “OI”
2.3.3 Emprego das letras “C” e “Ç”
2.3.3.1 Emprego da letra “C”
2.3.4 Emprego das letras “G” e “J”
2.3.4.1 Emprego da letra “G”
2.3.4.2 Emprego da letra “J”
2.3.5 Emprego da letra “H”
2.3.6 Emprego da letra “S”
2.3.7 Emprego do dígrafo “SS”
2.3.8 Emprego do “SC”
2.3.9 Emprego da letra “Z”
2.3.10 “-ZINHO” ou “-SINHO”
2.3.11 Emprego da letra “X”
2.3.12 Emprego do dígrafo “CH”
2.3.13 Emprego da letra maiúscula e da minúscula
2.3.13.1 Letras maiúsculas
2.3.13.2 Letras minúsculas
2.3.13.3 Emprego facultativo da letra maiúscula e da minúscula
2.3.14 Abreviaturas
2.4 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 3
ACENTUAÇÃO

3.1 Ortofonia
3.1.1 Ortoépia ou ortoepia
3.1.2 Acentuação gráfica
3.1.3 Regras para a acentuação gráfica
3.1.3.1 Monossílabos
3.1.3.2 Oxítonos
3.1.3.3 Paroxítonos
3.1.3.4 Proparoxítonas
3.1.3.5 Acentuação dos hiatos
3.1.3.6 Acentos diferenciais
3.1.3.7 Regra especial – verbos “ter”, “vir” e seus derivados
3.1.3.8 Considerações gerais sobre a acentuação dos vocábulos
3.2 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 4
SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS

4.1 Denotação e conotação
4.2 Homônimos e parônimos
4.2.1 Homônimos
4.2.2 Parônimos
4.3 Formas variantes
4.4 Cognatos
4.5 Sinônimos
4.6 Antônimos
4.7 Polissemia
4.8 Extensão e compreensão das palavras – hiponímia e hiperonímia
4.9 Questões de concursos públicos
Gabarito

II – MORFOLOGIA

INTRODUÇÃO À MORFOLOGIA

Capítulo 1

ESTRUTURA E FORMAÇÃO DE PALAVRAS

1.1 Elementos estruturais da palavra
- 1.1.1 Radicais gregos
- 1.1.2 Radicais latinos
- 1.1.3 Prefixos de origem grega
- 1.1.4 Prefixos de origem latina
- 1.1.5 Correlação entre prefixos latinos e gregos
- 1.1.6 Sufixos nominais
- 1.1.7 Sufixos verbais
- 1.1.8 Os sufixos “IZAR” e “ISAR”
- 1.1.9 Emprego de “-IDADE” e “-IEDADE”
- 1.1.10 Emprego dos sufixos “-ARIA” e “-ERIA”
- 1.1.11 Sufixo adverbial “-MENTE”

1.2 Processos de formação de palavras
- 1.2.1 Derivação
- 1.2.2 Composição
- 1.2.3 Outros processos de formação de palavras
- 1.2.4 Neologismos

1.3 Classificação e flexão das palavras

1.4 Questões de concursos públicos

Gabarito

Capítulo 2

SUBSTANTIVO

2.1 Definição

2.2 Caracterização do substantivo

2.3 Classificação do substantivo

2.4 Flexões dos substantivos
- 2.4.1 Flexões de gênero
  - 2.4.1.1 Formação do feminino
  - 2.4.1.2 Oposição entre o gênero e o sentido
  - 2.4.1.3 Mudança de gênero por elipse
  - 2.4.1.4 Gênero de alguns substantivos
- 2.4.2 Flexões de número
  - 2.4.2.1 Regras para a formação do plural dos substantivos
  - 2.4.2.2 Plural dos substantivos compostos
- 2.4.3 Flexões de grau
  - 2.4.3.1 Plural dos substantivos diminutivos

2.5 Questões de concursos públicos

Gabarito

Capítulo 3
ADJETIVO

3.1 Definição
3.2 Considerações gerais sobre os adjetivos
3.3 Formação dos adjetivos
3.3.1 Adjetivos pátrios
3.3.2 Adjetivos eruditos
3.4 Flexões dos adjetivos
3.4.1 Flexões de gênero
3.4.1.1 Formação do feminino dos adjetivos biformes
3.4.2 Flexões de número
3.4.3 Flexões de grau
3.4.3.1 O grau comparativo
3.4.3.2 O grau superlativo
3.5 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 4
ARTIGO

4.1 Definição
4.2 Classificação
4.3 Emprego dos artigos definidos
4.3.1 Empregos particulares do artigo definido
4.3.2 Não se emprega o artigo definido
4.4 Emprego dos artigos indefinidos
4.4.1 Outras orientações para o uso dos artigos indefinidos
4.5 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 5
NUMERAL

5.1 Definição
5.2 Considerações iniciais sobre os numerais
5.3 Classificação dos numerais
5.4 Regras gerais para o emprego dos numerais
5.5 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 6

PRONOME

6.1 Definição
6.2 Pronomes adjetivos e pronomes substantivos
6.3 Classificação dos pronomes
6.3.1 Pronomes pessoais
6.3.1.1 Emprego dos pronomes pessoais do caso reto (principais regras)
6.3.1.2 Emprego dos pronomes pessoais do caso oblíquo (principais regras)
6.3.2 Pronomes de tratamento
6.3.3 Pronomes demonstrativos
6.3.3.1 Emprego dos pronomes demonstrativos
6.3.4 Pronomes indefinidos
6.3.4.1 Considerações gerais sobre os pronomes indefinidos
6.3.4.2 Emprego dos pronomes indefinidos
6.3.5 Pronomes possessivos
6.3.5.1 Emprego dos pronomes possessivos
6.3.6 Os pronomes relativos
6.3.6.1 Emprego dos pronomes relativos
6.3.7 Pronomes interrogativos
6.4 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 7

VERBO

7.1 Considerações iniciais
7.2 Definição
7.3 Elementos estruturais do verbo
7.3.1 Radical
7.3.2 Vogal temática
7.3.3 Tema
7.3.4 Desinências
7.4 Flexões do verbo
7.4.1 Flexões de pessoa e de número
7.4.2 Flexões de modo
7.4.2.1 Modo indicativo
7.4.2.2 Modo subjuntivo
7.4.2.3 Modo imperativo

7.4.3 Flexões de voz
7.4.3.1 A voz ativa
7.4.3.2 A voz passiva
7.4.3.3 A voz reflexiva ou medial
7.4.3.4 Possíveis ambiguidades com as vozes passiva e reflexiva
7.4.4 Flexões de tempo
7.4.4.1 Emprego dos tempos verbais simples
7.4.4.2 Emprego dos tempos verbais compostos
7.4.4.3 As locuções verbais (construções perifrásticas) – emprego dos verbos auxiliares
7.4.4.4 Correlação dos tempos e dos modos verbais – sequencialização dos tempos (*Consecutio temporum*)
7.5 As formas nominais do verbo – os verboides
7.5.1 O infinitivo
7.5.1.1 O infinitivo pessoal ou flexionado
7.5.1.2 Função substantiva do infinitivo
7.5.1.3 Emprego do infinitivo preposicionado
7.5.2 O gerúndio
7.5.2.1 O gerúndio em função adjetiva
7.5.2.2 Emprego inadequado do gerúndio – o gerundismo
7.5.3 O particípio
7.5.3.1 O particípio circunstancial
7.5.3.2 Emprego do particípio
7.5.3.3 Verbos com duplo particípio
7.5.3.4 Particípio passivo de sentido ativo
7.6 Classificação morfológica dos verbos
7.6.1 Quanto à terminação
7.6.2 Quanto à flexão ou à conjugação
7.6.3 Quanto à função
7.6.4 Quanto à significação ou ao aspecto (sentido expresso)
7.6.5 Quanto à formação
7.6.6 Quanto à presença ou não de um sujeito
7.7 Verbos defectivos
7.8 Paradigmas de conjugação verbal – conjugação de diversos verbos
7.8.1 Conjugação dos verbos auxiliares “ser, estar, ter e haver”
7.8.2 Conjugação de verbos derivados
7.8.3 Conjugação dos verbos terminados nos hiatos “-air, -oer, -uir”
7.8.4 Conjugação de verbos irregulares
7.8.5 Conjugação de verbos pronominais
7.8.6 Conjugação dos verbos terminados no hiato “-ear”

7.8.7 Conjugação dos verbos terminados no hiato “-iar”
7.8.8 Conjugação de verbos terminados nos hiatos “-oar” e “-uar”
7.8.9 Conjugação dos verbos “ver” e “vir” no futuro do subjuntivo
7.8.10 Outras particularidades gráficas e fonéticas sobre verbos da 1.ª conjugação
7.8.11 Outras particularidades gráficas e fonéticas sobre verbos da 2.ª conjugação
7.8.12 Outras particularidades gráficas e fonéticas sobre verbos da 3.ª conjugação
7.9 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 8
ADVÉRBIO

8.1 Conceito
8.2 Classificação dos advérbios
8.3 Locuções adverbiais
8.4 Adjetivos adverbializados
8.5 Graus do advérbio
8.6 Advérbios latinos
8.7 Particularidades sobre os advérbios
8.8 Palavras e locuções denotativas
8.9 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 9
CONJUNÇÃO

9.1 Definição
9.2 Classificação
9.2.1 Coordenativas
9.2.2 Subordinativas
9.3 Ubiquidade das conjunções
9.4 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 10
PREPOSIÇÃO

10.1 Definição
10.2 Nexos prepositivos não regenciais – valores de algumas preposições

10.3 Classificação das preposições
10.4 Locuções prepositivas
10.5 Combinações e contrações das preposições
10.6 Repetição das preposições
10.7 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 11
INTERJEIÇÃO

11.1 Definição
11.2 Classificação

III – SINTAXE

Capítulo 1
SINTAXE DE ORAÇÃO – TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO

1.1 Conceitos essenciais
1.1.1 Frase
1.1.2 Oração
1.1.3 Período
1.2 Termos essenciais da oração
1.2.1 Sujeito
1.2.1.1 Núcleo do sujeito
1.2.1.2 Classificação do sujeito
1.2.1.3 Outras classificações para o sujeito
1.2.2 Predicado
1.2.2.1 Predicação (transitividade) verbal
1.2.2.2 Predicativo
1.2.2.3 Classificação do predicado
1.3 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 2
TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO

2.1 Objeto direto
2.1.1 Objeto direto preposicionado
2.1.2 Objeto direto pleonástico

2.1.3 Objeto direto interno ou cognato
2.2 Objeto indireto
2.2.1 Objeto indireto pleonástico
2.3 Complemento nominal
2.4 Agente da passiva
2.4.1 Estudo da voz passiva – conversão da voz ativa para a voz passiva
2.5 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 3
TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO

3.1 Adjunto adnominal
3.2 Adjunto adverbial
3.3 Aposto
3.4 Vocativo
3.5 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 4
SINTAXE DO PERÍODO COMPOSTO

4.1 Conceitos essenciais
4.2 Período composto por coordenação
4.2.1 Orações coordenadas
4.2.1.1 Assindéticas
4.2.1.2 Sindéticas
4.2.2 Questões de concursos públicos
4.3 Período composto por subordinação
4.3.1 Noções introdutórias
4.3.2 Orações substantivas
4.3.2.1 Substantivas subjetivas
4.3.2.2 Substantivas objetivas diretas
4.3.2.3 Substantivas objetivas indiretas
4.3.2.4 Substantivas completivas nominais
4.3.2.5 Substantivas predicativas
4.3.2.6 Substantivas apositivas
4.3.2.7 Substantivas agente da passiva
4.3.3 Emprego da conjunção integrante na segunda oração substantiva coordenada
4.3.4 Questões de concursos públicos

4.3.5 Orações subordinadas adjetivas
4.3.5.1 Emprego e funções sintáticas dos pronomes relativos
4.3.5.2 Classificação das orações subordinadas adjetivas
4.3.5.3 O emprego da vírgula com as orações adjetivas – Distinção entre restrição e explicação
4.3.5.4 Omissão do pronome relativo na segunda oração relativa coordenada
4.3.6 Orações subordinadas adverbiais
4.3.6.1 Causais
4.3.6.2 Consecutivas
4.3.6.3 Concessivas
4.3.6.4 Condicionais
4.3.6.5 Conformativas
4.3.6.6 Comparativas
4.3.6.7 Finais
4.3.6.8 Temporais
4.3.6.9 Proporcionais
4.3.6.10 Emprego da conjunção nas orações adverbiais coordenadas
4.3.7 Orações reduzidas
4.3.7.1 Subordinadas substantivas reduzidas
4.3.7.2 Subordinadas adjetivas reduzidas
4.3.7.3 Subordinadas adverbiais reduzidas
4.4 Processo correlacional
4.5 Contagem de orações em um período misto
4.6 Questões de concursos públicos
Gabaritos

Capítulo 5
SINTAXE DE CONCORDÂNCIA

5.1 Concordância verbal
5.1.1 Regra geral
5.1.2 Sujeito formado por pessoas gramaticais diferentes
5.1.3 Regras especiais de concordância verbal com o sujeito simples
5.1.4 Regras especiais de concordância verbal com o sujeito composto
5.1.5 Concordância do verbo “ser”
5.1.6 A concordância com o sujeito oracional
5.1.7 Concordância do verbo “parecer”
5.1.8 Concordância dos verbos “costumar, poder, dever, precisar”
5.1.9 Questões de concursos públicos
Gabarito

5.2 Concordância nominal
5.2.1 Regra geral
5.2.2 Principais casos de concordância nominal
5.2.3 Casos especiais de concordância nominal
5.3 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 6
SINTAXE DE REGÊNCIA

6.1 Considerações iniciais
6.2 Regência verbal
6.2.1 Regência de alguns verbos – Casos especiais
6.3 Regência nominal
6.4 O emprego dos pronomes relativos e as regências verbal e nominal
6.5 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 7
EMPREGO DO ACENTO GRAVE – CRASE

7.1 A ocorrência da crase e a semântica
7.2 Mecanismos práticos para verificação da crase
7.3 Ocorrência da crase
7.3.1 Casos obrigatórios
7.3.2 Crase facultativa
7.3.3 Casos em que nunca ocorre a crase
7.3.4 Casos especiais
7.4 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 8
SINTAXE DE COLOCAÇÃO PRONOMINAL

8.1 Máximas da colocação pronominal
8.2 Regras gerais
8.2.1 Próclise
8.2.1.1 Outros fatores de próclise
8.2.2 Mesóclise
8.2.3 Ênclise
8.3 Colocação dos pronomes oblíquos nas locuções verbais
8.4 Questões de concursos públicos

Gabarito

Capítulo 9
EMPREGO DOS SINAIS DE PONTUAÇÃO

9.1 Considerações iniciais
9.2 Principais sinais de pontuação
9.2.1 Emprego da vírgula (,)
9.2.1.1 A vírgula entre os termos de uma oração
9.2.1.2 A vírgula entre as orações
9.2.1.3 Não se emprega a vírgula
9.2.2 Emprego do ponto (.)
9.2.3 Emprego do ponto e vírgula (;)
9.2.4 Emprego dos dois-pontos (:)
9.2.5 Ponto de exclamação (!)
9.2.6 Ponto de interrogação (?)
9.2.7 Reticências (...)
9.2.8 Aspas (“ ”)
9.2.9 Parênteses (( ))
9.2.10 Colchetes ([ ])
9.2.11 Travessão (–)
9.3 Questões de concursos públicos
Gabarito

IV – PARTE ESPECIAL

Capítulo 1
EMPREGO DO INFINITIVO

1.1 Considerações iniciais
1.2 As duas máximas para o emprego do infinitivo
1.3 Infinitivo impessoal
1.4 Infinitivo pessoal
1.5 Emprego do infinitivo em locuções passivas com o verbo “ser”

Capítulo 2
FUNÇÕES MORFOLÓGICAS DAS PALAVRAS “QUE”, “SE” E “COMO”

2.1 Funções morfológicas para palavra “QUE”
2.2 Funções morfossintáticas da palavra “SE”

2.3 Funções morfológicas da palavra “COMO”
2.4 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 3

PARTICULARIDADES LÉXICAS E GRAMATICAIS

3.1 Lição 1
3.1.1 Emprego dos porquês
3.2 Lição 2
3.2.1 Emprego de “onde” e “aonde”
3.3 Lição 3
3.3.1 Emprego de “se não” e “senão”
3.4 Lição 4
3.4.1 Emprego de “tão pouco” e “tampouco”
3.4.2 Emprego de “de encontro a” e “ao encontro de”
3.5 Lição 5
3.5.1 Emprego de “em vez de” e “ao invés de”
3.5.2 Emprego de “acerca de”, “a cerca de” e “há cerca de”
3.6 Lição 6
3.6.1 Emprego de “mau” e “mal”
3.6.2 Emprego de “mas” e “mais”
3.7 Lição 7
3.7.1 Emprego de “a fim” e “afim”
3.7.2 Emprego de “se quer” e “sequer”
3.8 Lição 8
3.8.1 Emprego de “sessão”, “seção” e “cessão”
3.9 Lição 9 – Emprego de várias expressões e conexões
3.9.1 Distinção entre “a princípio” e “em princípio”
3.9.2 Distinção entre os conectivos “porquanto” e “conquanto”
3.9.3 Distinção entre os conectivos “já que” e “posto que”
3.9.4 Distinção entre os conectivos “à medida que” e “na medida em que”
3.10 Lição 10 – Emprego de outras expressões que provocam dúvidas
3.10.1 Distinção entre “por ora” e “por hora”
3.10.2 Emprego de “o mais das vezes” e “as mais das vezes”
3.10.3 Distinção entre “abaixo” e “a baixo”
3.10.4 Distinção entre “a par” e “ao par”
3.10.5 Distinção entre “nenhum” e “nem um”
3.11 Lição 11 – Emprego de “está” e “estar”
3.12 Lição 12 – Emprego de “ter de” e “ter que”

3.13 Lição 13 – Emprego de “possa ser” e “pode ser”
3.14 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 4

A LINGUAGEM FIGURADA – AS FIGURAS DE LINGUAGEM

4.1 Classificação das figuras de linguagem
4.1.1 Figuras de palavras ou tropos
4.1.1.1 Metáfora
4.1.1.2 Metonímia
4.1.1.3 Catacrese
4.1.1.4 Perífrase ou antonomásia
4.1.1.5 Sinestesia
4.1.1.6 Comparação
4.1.2 Figuras de pensamento
4.1.2.1 Antítese
4.1.2.2 Paradoxo ou oximoro
4.1.2.3 Ironia
4.1.2.4 Eufemismo
4.1.2.5 Hipérbole
4.1.2.6 Gradação
4.1.2.7 Prosopopeia, personificação ou animismo
4.1.2.8 Apóstrofe ou invocação
4.1.2.9 Reticência
4.1.3 Figuras de construção ou de sintaxe
4.1.3.1 Elipse
4.1.3.2 Zeugma
4.1.3.3 Polissíndeto
4.1.3.4 Assíndeto
4.1.3.5 Hipérbato
4.1.3.6 Pleonasmo enfático ou estilístico
4.1.3.7 Anástrofe
4.1.3.8 Silepse ou concordância ideológica
4.1.3.9 Anáfora
4.1.3.10 Anacoluto
4.1.3.11 Aliteração
4.1.3.12 Repetição
4.2 Vícios de linguagem
4.2.1 Barbarismo

4.2.2 Solecismo
4.2.3 Ambiguidade (anfibologia ou pleonasmo vicioso)
4.2.4 Cacofonia ou cacófato
4.2.5 Estrangeirismo
4.2.6 Colisão
4.2.7 Eco
4.2.8 Arcaísmo
4.2.9 Hiato
4.3 Questões de concursos públicos
Gabarito

BIBLIOGRAFIA – CONTEÚDO GRAMATICAL

I

FONÉTICA

CAPÍTULO 1

FONÉTICA E FONOLOGIA

A NOSSA LÍNGUA

E verdadeiramente que não tenho a nossa língua por grosseira, nem por bons os argumentos com que alguns querem provar que é essa; antes é branda para deleitar, grave para engrandecer, eficaz para mover, doce para pronunciar, breve para resolver, acomodada às matérias mais importantes da prática e escritura. Para falar é engraçada, com modo senhoril; para cantar é suave, com um certo sentimento que favorece a música; para pregar é substanciosa com uma gravidade que autoriza as razões e as sentenças; para escrever cartas nem tem infinita cópia que dane, nem brevidade estéril que a limite; para histórias nem é tão florida que se derrame, nem tão seca que busque o favor das alheias. A pronunciação não obriga a ferir o céu da boca com aspereza, nem arrancar as palavras com veemência do gargalo.

Escreve-se da maneira que se lê, e assim se fala. Tem de todas as línguas o melhor: a pronunciação da latina, a origem da grega, a familiaridade da castelhana, a brandura da francesa e a elegância da italiana.

Rodrigues Lobo

1.1 INTRODUÇÃO

A gramática normativa ou **expositiva** é o conjunto de normas e regras que nos ensinam a falar e escrever corretamente a nossa língua, ou, por outras palavras, é a sistematização dos fatos contemporâneos de uma língua. Por isso, a gramática normativa é a ciência da linguagem, a qual **linguagem** se entende como sendo o conjunto de sinais pelos quais o homem expressa os seus pensamentos, ou seja, comunica-se.

A comunicação, indispensável a todo homem social, manifesta-se por meio de uma mensagem, para a qual concorrem seis elementos, segundo o linguista Roman Jakobson:

Fig.1 – Processo de comunicação

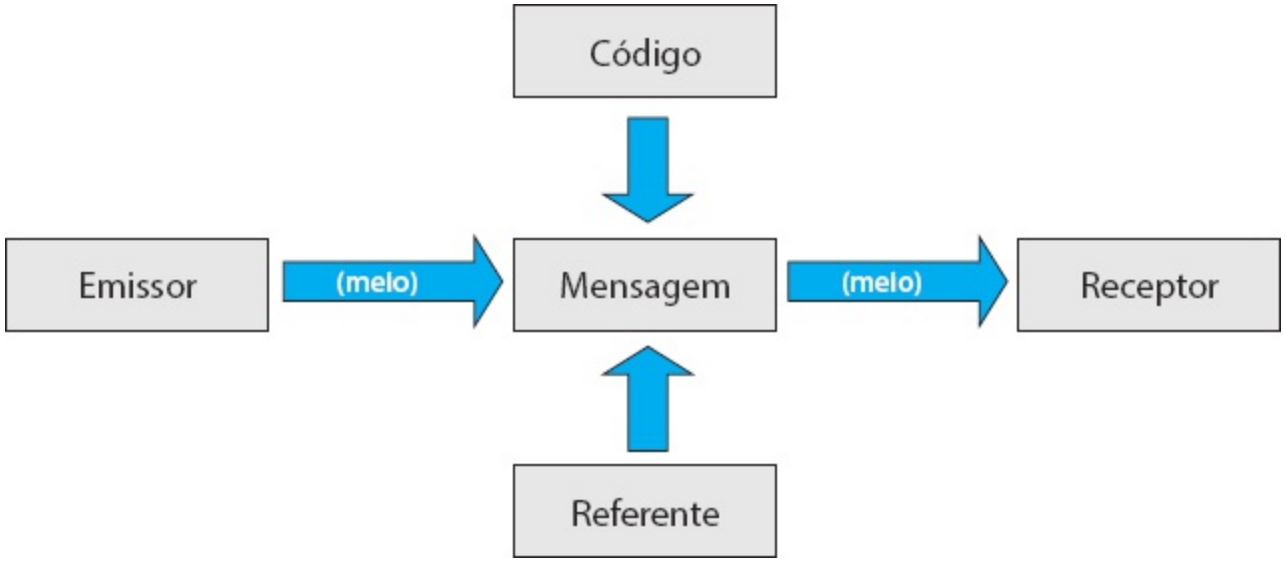

Essa capacidade comunicativa dá-se por meio de um sistema natural de palavras de que se servem os grupamentos humanos para comunicarem seus pensamentos entre si. Esse sistema de signos vocais distintos e significativos é denominado de **língua**. A utilização da língua pelo indivíduo denomina-se **fala**. Por **fala** entende-se a faculdade que tem o homem de se expressar, de se comunicar por meio de palavras. Já a **palavra** é um som oral ou uma combinação de sons orais, que exprime a ideia de alguma coisa. O conjunto de todas as palavras de uma língua forma o seu **vocabulário** ou **léxico**. As palavras, expressão das ideias, combinam-se para formar a **frase**, expressão do pensamento. Quando a frase expressa um sentido completo, forma-se, então, uma **proposição**. É justamente essa sistematização dos fatos da linguagem o objeto de estudo da gramática.

1.2 GRAMÁTICA

Na valorosa definição do mestre Eduardo Carlos Pereira, a Gramática "é a ciência das palavras e suas relações, ou a arte de usar as palavras com acerto na expressão do pensamento".

Em sua divisão mais tradicional, temos:

a) **fonética** – estudo dos fonemas em geral;

b) **morfologia** – estudo das palavras quanto à estrutura e à formação, à classificação e à flexão – é o estudo das palavras tomadas isoladamente; e

c) **sintaxe** – estudo das palavras relacionadas umas com as outras em uma oração – é a teoria da frase.

Estudaremos a partir de agora a primeira grande divisão da gramática normativa: fonética. A NGB – Nomenclatura Gramatical Brasileira – preferiu a denominação de "fonética" à de "fonologia". Embora alguns autores, como o mestre M. Said Ali, coloquem

esses dois vocábulos praticamente como sinônimos, preferimos – na mesma esteira da NGB –, denominar de “fonética” a parte da gramática normativa que examina os sons e suas mudanças, atendendo à maneira de os pronunciar.

1.3 FONÉTICA

Como já vimos, a fonética é a parte da gramática que estuda a formação, a evolução e a classificação dos sons da língua, sons que tomam o nome especial de ***fonemas***. Aos sentidos de quem fala, apresenta-se a palavra como um todo sonoro e significante. Por isso, os sons, produzidos por quem fala e recebidos por quem ouve, despertam as imagens por meio das quais se dá o entendimento.

A fonética pode ser: descritiva, histórica e sintática. A primeira trata da formação e descrição dos fonemas. A segunda estuda as modificações que sofreram e sofrem os fonemas em suas fases sucessivas, enquanto a terceira estuda as modificações que sofrem os fonemas de certas palavras quando, por influência de outras que a elas se associam, formam um só todo fonético.

Por seu turno, a **fonologia** é o estudo dos fonemas em suas variantes posicionais, combinações e condições prosódicas.

1.3.1 APARELHO FONADOR

Os seres humanos não dispõem de aparelho especial para falar. Utilizam-se, para tanto, do aparelho respiratório e da parte superior do aparelho digestivo. A este conjunto especial de órgãos que contribuem para a produção da fala denomina-se “aparelho fonador” ou simplesmente, como preferem alguns, “órgãos da fala”.

Fig. 2 – Aparelho fonador

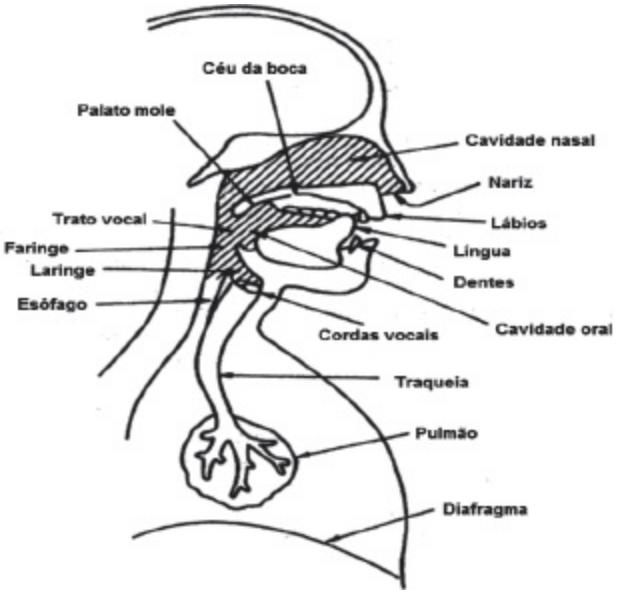

A fala é produzida pela corrente de ar expiratória. Desde o momento em que o indivíduo se dispõe a falar, opera-se em todo o aparelho uma tensão geral: o sopro é emitido com mais vigor do que o sopro da respiração simples; a traqueia toma posições, estreitando e alargando os seus anéis; na laringe, as cordas vocais se preparam e o sopro as faz vibrar; da faringe, a vibração é dirigida, por meio da úvula, ou para a boca, se deve ser oral, ou para as fossas nasais, se deve ser nasalada. Nesta caixa de ressonância, que é a boca e seus pertences (língua, dentes, bochechas e lábios), a vibração se completa, transformando-se em som.

Os sons fundamentais da voz humana denominam-se de “fonemas”. Os fonemas, portanto, são as menores unidades sonoras da nossa fala e se classificam em: **vogais**, **semivogais** e **consoantes**.

1.4 ESTUDO DAS VOGAIS E DOS ENCONTROS VOCÁLICOS

São cinco as vogais na nossa língua: a, e, i, o, u. São sons musicais que saem livremente pelo tubo vocal. Constituem, em português, a base das sílabas.

Em certos casos, os fonemas “i, u”, representando os fonemas /y/ e /w/ respectivamente, são considerados semivogais sempre que soam juntamente com a vogal de uma sílaba.

1.5 CLASSIFICAÇÃO DAS VOGAIS

a) Quanto à zona de articulação: anteriores, médias e posteriores.

b) Quanto ao timbre: abertas, fechadas e reduzidas.

c) Quanto ao papel das cavidades bucal e nasal: orais e nasais.

d) Quanto à intensidade: átonas e tônicas.

1.5.1 QUANTO À ZONA DE ARTICULAÇÃO

A vogal “a” forma-se com a maior abertura da boca, ficando a língua em posição de quem respira em silêncio (posição média ou neutra). Por isso, a vogal “a” é chamada de “***média***, ***medial*** ou ***central***”.

Se a língua se eleva gradualmente para a frente, formam-se as ***vogais anteriores*** ou ***palatais*** (é, ê, e, i); se se eleva para trás, formam-se as ***vogais posteriores*** ou ***velares*** (ó, ô, o, u). Observe figura abaixo.

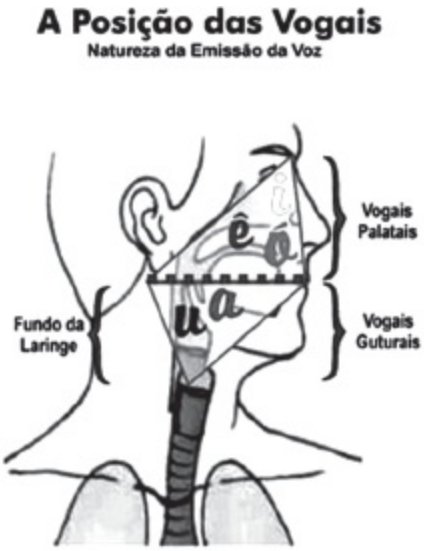

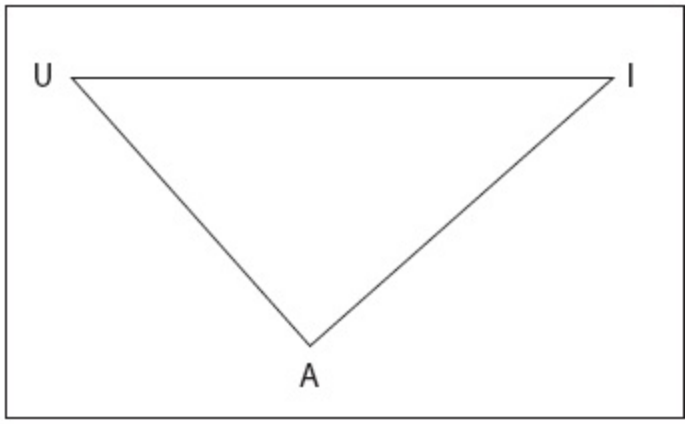

Observe nas figuras acima a distribuição triangular das vogais quanto à zona de articulação.

1.5.2 QUANTO AO TIMBRE

O timbre de uma vogal é dado pela maior ou menor proximidade da língua com o palato. Na vogal aberta, a língua se abaixa: é, ó. Na vogal fechada, a língua se eleva: ê, ô, i, u. Por isso, as vogais são classificadas quanto ao timbre em:

a) **Abertas** → á, é, ó = pá, pé, pó.

b) **Fechadas** → ê, ô: vê, avô.

c) **Reduzidas** → a (bela), e (vale), o (pelo)

⇨ **Observação:**

As vogais reduzidas tomam esse nome por pertencerem a sílabas átonas, sendo, pois, pronunciadas fracamente.

1.5.3 QUANTO AO PAPEL DAS CAVIDADES BUCAL E NASAL

Quanto ao papel das cavidades bucal e nasal, as vogais classificam-se em:

a) Orais → que se formam com o véu palatino levantado, saindo a coluna de ar somente pela boca: a, e, i, o, u.

b) Nasais → que se formam com o abaixamento do véu palatino, distribuindo-se a coluna de ar pela boca e nariz: ã, ẽ, ĩ, õ, ũ.

1.5.4 QUANTO À INTENSIDADE

Quanto à intensidade, as vogais podem ser átonas ou tônicas. A vogal tônica é pronunciada com mais intensidade que as outras. Encontra-se na sílaba tônica da palavra. Excetuando-se as sílabas tônica e subtônica de uma palavra, as demais são chamadas de átonas. As vogais dessas sílabas átonas são também átonas. Observe:

acarajé	**lâmpada**
a – átona	l
c	â – tônica
a – átona	m
r	p
a – átona	a – átona
j	d
é – tônica	a – átona

1.6 ENCONTROS VOCÁLICOS

Encontro vocálico é a sucessão de vogais em um vocábulo – gaiola, Bahia, caule, Uruguai, averiguei. Classificam-se em: *ditongo*, *hiato* e *tritongo*.

1.6.1 DITONGOS

Ditongo (gr. di = duplo, phthonggos = som) é a sucessão de vogal e semivogal, ou vice-versa, na mesma sílaba. Dividem-se em: orais e nasais, crescentes e decrescentes.

São denominados de **crescentes** os ditongos em que a semivogal vem em primeiro

lugar. Teremos, portanto, “**semivogal** + **vogal**”. Exemplos: glória, vácuo, espécie, oblíqua etc.

São denominados de **decrescentes** os ditongos em que a vogal vem em primeiro lugar. Teremos, portanto, “**vogal** + **semivogal**”. Exemplos: vai, lauda, rei, meu, boi etc.

a) São **orais** aqueles em que o ar sai tão somente pela cavidade bucal. Exemplos: meu, teu, pai, ouro, série.

b) São **nasais** aqueles em que o ar sai tanto pela cavidade bucal quanto pelas fossas nasais. Exemplos: pão, capitães, cantam, tem.

⇨ **Observação:**

É importante, neste momento, relembrar uma importante lição: não se deve confundir fonema (= som) com letra. Isto porque há vários ditongos que aparentemente não são ditongos, mas a pronúncia os denuncia – notadamente os ditongos nasais formados por uma vogal seguida da consoante nasal “m”. Observe por exemplo o vocábulo “bem”: aparentemente não temos ditongo, mas, quando o pronunciamos “beĩ”, percebemos que se trata do encontro da vogal “e” com a semivogal “ĩ”. Vejamos outros exemplos:

- sem, amam, andam, escrevem, puseram, deviam, porém, nem.

Vejamos abaixo uma pequena lista dos principais ditongos em nossa língua:

ORAIS

- **ai** → mais, paiol, vaidade, cai, vai, jamais.
- **au** → mau, pau, causa, pauta, mingau, nau.
- **ei** → papéis, réis, rei, móveis, plateia, grei.
- **eu** → céu, réu, chapéu, teu, judeu, perdeu.
- **iu** → viu, partiu, riu, psiu, sorriu.
- **oi** → dói, herói, foi, boi, joio.
- **ou** → dou, sou, ouço, pousar.
- **ui** → fui, gratuito, sanguíneo.

NASAIS

- **ãe** → mãe, pães, alemães, cães.
- **ão** → pão, amarão, balão, mão.
- **am** → amaram, deviam, puseram, escreveram.
- **em** (=ei) → bem, tem, põem, saem, doem, cem.
- **õe** → põe, propões, cordões, corações.
- **ui** → muito, mui.

Nota: Quando a semivogal (também chamada de vogal assilábica) vem depois da vogal, é chamada de "*subjuntiva*"; quando vem antes, é chamada de "*prepositiva*".

⇨ **Observação:**

Os encontros "IA, IE, IO, UA, UE, UO" em finais átonos, seguidos ou não de "S", classificam-se quer como ditongos, quer como hiatos, uma vez que ambas as emissões existem na língua portuguesa. Entretanto, hoje a preferência é tratá-los como ditongos, por ser a pronúncia ditongal mais eufônica. Observe:

- história → his – tó – ria /ou/ his – tó – ri – a
- série → sé – rie /ou/ sé – ri – e
- hóstia → hós – tia /ou/ hós – ti – a
- tênue → tê – nue /ou/ tê – nu – e
- vácuo → vá – cuo /ou/ vá – cu – o
- pátio → pá – tio /ou/ pá – ti – o

1.6.2 HIATOS

Hiato (do latim, “hiatus” = abertura) é o encontro de duas vogais pronunciadas em duas emissões sonoras distintas, ou seja, é o encontro de duas vogais que se situam em sílabas distintas, por isso são pronunciadas separadamente. Vejamos alguns exemplos:

Isr**ae**l, Mis**ae**l, **ao**rta, s**aú**de, id**ea**l, r**ee**leger, at**eí**sta, d**eí**smo, t**eo**logia, sab**iá**, h**ia**to, ar**ia**no, p**ie**dade, c**ie**nte, m**io**lo, v**io**la, esp**io**nar, c**iú**me, v**iú**va, lag**oa**, p**oe**ta, c**oe**ntro, c**oo**perar, álc**oo**l, t**ua**, s**ua**, pir**ue**ta, jes**uí**ta, r**uí**na, cas**uí**stica, r**ui**m, constit**ui**nte.

1.6.3 TRITONGOS

Tritongo (gr. tri = três, phthonggos = som) é a combinação silábica em que, soando em conjunto com a vogal, existem duas semivogais. Teremos, então, “semivogal + vogal + semivogal” numa mesma sílaba. Vejamos alguns exemplos:

- ORAIS → iguais, Paraguai, Uruguai, minguou, apaziguou, quão
- NASAIS → saguões, enxáguem, dilinquem, mínguam

1.7 ESTUDO DAS CONSOANTES, DOS ENCONTROS CONSONANTAIS E DOS DÍGRAFOS

Buscando esteio nas preciosas palavras do ilustre gramático Gladstone Chaves de Melo, consoante “é um fonema em que predomina a articulação sobre a fonação, o fechamento sobre a abertura, o ruído sobre a musicalidade; fonema que, na língua portuguesa, não pode constituir sozinho uma sílaba, mas, pelo contrário, se agrega necessariamente a uma vogal; fonema, portanto, assilábico”.

Logo, as consoantes são os fonemas produzidos pela corrente expiratória que, ao atravessar a boca, é interceptada no todo ou em parte, isto é, fonemas formados pela corrente expiratória, que encontra obstáculo na aproximação ou contato dos órgãos bucais. São, portanto, sons laríngeos, ou seja, formados na laringe e caracterizados por maior aproximação das partes móveis da boca.

1.7.1 CLASSIFICAÇÃO DAS CONSOANTES

Classificam-se as consoantes:

1) Quanto ao modo de articulação;
2) Quanto ao ponto de articulação;
3) Quanto ao papel das cordas vocais.

1.7.1.1 Quanto ao modo de articulação

De duas maneiras se pode produzir uma consoante: ou fechando-se o canal bucal, ou estreitando-se o canal bucal. Por isso, quanto ao modo de articulação as consoantes podem ser:

1) **oclusivas** → que se formam quando o canal da boca se fecha (oclusão) para em seguida se abrir subitamente, numa verdadeira explosão. Por causa disso, são também chamadas de "explosivas" ou "instantâneas". Como exemplos, temos os fonemas surdos "pê, tê, quê" e os fonemas sonoros "bê, dê, guê".
2) **constritivas** → que se formam pelo estreitamento do canal bucal, saindo a corrente de ar apertada ou constrita. De acordo com a maneira de escoamento do ar, dividem-se em:

   a) Fricativas ou sibilantes → quando há um ruído na fricção: f, s, x [chê], v, z, g [jê].
   b) Laterais → quando a corrente de ar escapa pelas laterais da cavidade bucal: l, lh.
   c) Vibrantes → quando o ápice da língua provoca uma tremulação contra os alvéolos: r, rr.

1.7.1.2 Quanto ao ponto de articulação

Quanto ao ponto de articulação, isto é, o lugar onde se produz o fonema, classificam-se as consoantes em:

1. **Bilabiais** → os lábios se tocam e se apertam levemente: p, b, m.
2. **Labiodentais** → contato do lábio inferior com o bordo dos incisivos superiores: f, v.
3. **Linguodentais** → contato da ponta da língua com a parte interna dos incisivos superiores: t, d.
4. **Alveolares** → a língua toca no alvéolo dos dentes, isto é, na altura da raiz dos dentes superiores: s, z, r, rr, l, n.
5. **Palatais** → contato da parte anterior da língua com o palato duro: x, g [chiante], lh, nh.
6. **Velares** → contato da parte posterior da língua com o véu palatino: c [k], g [guê], q.

1.7.1.3 Quanto ao papel das cordas vocais

Quanto ao papel das cordas vocais, as consoantes se classificam em surdas e

sonoras.

1. **Surdas** → quando não há vibração das cordas vocais: p, t, q, f, s, x.
2. **Sonoras** → quando há vibração das cordas vocais: b, d, g [jê], m, n, nh, l, lh, r, rr.

⇨ **Observação:**

Para verificarmos, na prática, se há vibração das cordas vocais, devemos tapar os ouvidos durante a articulação do fonema. Se percebermos um zumbido, é sinal de que as cordas vocais vibraram, e os fonemas assim produzidos são sonoros. Caso contrário, os fonemas são surdos, por ausência de vibração.

1.7.2 ENCONTROS CONSONANTAIS

Dá-se o nome de encontro consonantal à sequência de consoantes num vocábulo, ou seja, a contiguidade de duas ou três consoantes efetivamente pronunciadas. Observe:

blusa	pneu	bronco	vidro	atlântico
fluvial	regra	planta	francês	palavra
gnóstico	prato	branco	claro	digno
rítmico	glândula	psicanálise	mnemônico	ptialina

⇨ **Observações:**

a) Quando as duas consoantes se encontram em uma mesma sílaba, diz-se que o *encontro consonantal é próprio ou perfeito*. Quando as consoantes ficam em sílabas diferentes, diz-se que o é um *encontro consonantal impróprio ou imperfeito*. Observe os exemplos:

- **Encontros consonantais próprios ou perfeitos:** blu-sa, bru-to, cri-vo, fla-ma, gló-ria, pra-to, tra-to, li-vre.
- **Encontros consonantais impróprios ou imperfeitos**: af-ta, ic-tiólogo, rit-mo, ad-jetivo, ab-soluto.

b) Frise-se que o encontro consonantal é avaliado sempre como fonema. Por isso, é importante, mais uma vez, não confundir “fonema” com “letra”. Na palavra, “FIXO”, por exemplo, temos um encontro consonantal representado pela letra “x”, já que ela representa o fonema /*cs*/. É o que também ocorre nos vocábulos “táxi, reflexo, asfixia” entre outros, nos quais a letra “x” representa dois fonemas.

1.7.3 DÍGRAFOS

Chama-se dígrafo (ou digrama) o agrupamento de consoantes o qual representa apenas um som. Mais uma vez, é fundamental não confundir com encontro consonantal. Neste, temos consoantes que representam mais de um fonema; naquele, temos consoantes que representam um único fonema.

São dígrafos:

1. ch, lh, nh = chapéu, malha, palha, ninho, rainha, pilha, alho, trabalho, lhama, sonho, lenha.
2. rr, ss = carro, interromper, terremoto, cassado, massa, passado, ressurgir, prorrogar.
3. gu, qu (antes de "e" e "i") =guerra, que, quatorze, equipagem, distinguir.
4. sc, sç, xc =fascinar, desça, piscina, excelência, excêntrico.

⇨ **Observação:**

Há também em nossa língua os chamados dígrafos vocálicos, isto é, os que são formados por "*am*, *an*, *em*, *en*, *im*, *in*, *om*, *on*, *um*, *un* (que representam vogais nasais)". Na realidade, temos a formação de uma sílaba nasal pela junção de uma vogal inicial ou medial, seguida de "m" antes de "p" e "b", e "n" antes de qualquer outra consoante. Portanto, as sílabas abaixo sublinhadas representam dígrafos vocálicos:

- l<u>im</u>po
- c<u>am</u>po
- t<u>am</u>bém
- s<u>an</u>to
- m<u>en</u>tira
- t<u>um</u>ba
- l<u>on</u>ge

1.7.4 CONTAGEM DE LETRAS E FONEMAS EM UM VOCÁBULO

Eis um dos pontos bastante cobrados nos concursos em geral. Por isso, fique atento!

Como já mencionamos, é importantíssimo não confundir letra com fonema (som) – são coisas bem diversas. Em princípio, as letras existem para exprimir os sons. É, como já dissemos, uma representação gráfica do som. Logo, é preciso ter cuidado ao se contar as letras e os fonemas (sons) de um vocábulo, pois é preciso ficar muito atento, notadamente com os dígrafos e com os encontros consonantais, para se evitarem erros.

⇨ **Observe:**

- **camisas**
  - 7 letras
  - 7 fonemas
- **criança**
  - 7 letras
  - 6 fonemas (em "an" temos um dígrafo)
- **tampinha**
  - 8 letras
  - 6 fonemas (temos dois dígrafos)
- **tóxico**
  - 6 letras
  - 7 fonemas (a letra "x" representa o fonema /cs/)
- **constituinte**
  - 12 letras
  - 10 fonemas (existem dois dígrafos vocálicos "on" e "in")
- **menino**
  - 6 letras
  - 6 fonemas

1.7.5 SÍLABA

Recebe o nome de sílaba o fonema ou o conjunto de fonemas produzidos numa só emissão de voz na enunciação de um vocábulo. Veja: **ca-dei-ra; a-ba-ca-xi; co-or-de-na-ção.**

Toda sílaba possui um núcleo ou ápice de sonoridade, que, em português, é necessariamente uma vogal. Daí as sílabas serem classificadas em:

a) **Simples** → quando apresentam uma só vogal. Ex.: dor, sol.
b) **Compostas** → quando apresentam mais de uma vogal. Ex.: caule, pau.
c) **Complexas** → quando apresentam mais de uma consoante. Ex.: triste, flor.
d) **Incomplexas** → quando apresentam apenas uma consoante. Ex.: vá, cá.
e) **Abertas** → quando terminam por vogal. Ex.: ca-na-pé, me-ni-na.

f) **Fechadas ou travadas** → quando terminam por consoante. Ex.: tu-tor, al-mas.

1.7.5.1 Classificação dos vocábulos quanto ao número de sílabas

Em nossa língua, os vocábulos podem também ser classificados em relação à quantidade de sílabas que apresentam. Saliente-se que a quantidade de sílabas é o tempo da prolação de sua vogal.

Quanto ao número de sílabas que possuem, os vocábulos podem ser classificados em: *monossílabos*, *dissílabos*, *trissílabos* e *polissílabos*.

a) **Monossílabos** → possuem uma só sílaba.
Ex.: nó, dó, só, lá, vem, não, sol.

b) **Dissílabos** → possuem duas sílabas.
Ex.: vovó, café, chulé, amém, meio, aí.

c) **Trissílabos** → possuem três sílabas.
Ex.: caneca, menina, moinho, cortejo, lâmpada.

d) **Polissílabas** → possuem quatro ou mais sílabas.
Ex.: macaxeira, brotoeja, Itamaracá, Guaratinguetá.

⇨ **Observação:**

Alguns gramáticos de renome preferem a denominação "*tetrassílabo*", para os vocábulos com quatro sílabas, e "*polissílabo*" para os vocábulos com mais de quatro sílabas.

1.7.5.2 Tonicidade

Em geral, uma das sílabas do vocábulo se pronuncia com mais força do que as outras – é a denominada sílaba tônica. Tonicidade ou acentuação tônica, portanto, é a pronunciação forte ou intensa de uma sílaba. As demais sílabas que não apresentam a força tônica são chamadas de "atônicas" ou "átonas". Veja alguns exemplos:

- jus – **ti** – ça
  sílaba tônica
- **nú** – me – ro
  sílaba tônica
- me – **ni** – na
  sílaba tônica

Por ser pronunciada mais fortemente do que as outras, diz-se que a sílaba tônica recebe o chamado "acento tônico", denominado também de "acento prosódico". Saliente-se, entretanto, que o acento tônico não consiste na altura ou duração da voz, mas na voz forte ou intensa, a qual salienta a sílaba sobre a qual ele recai.

Cuidado! Não confunda o acento tônico com os acentos gráficos ou sinais diacríticos, pois em várias situações a língua se vale de acentos gráficos para marcar a sílaba tônica a fim de se evitarem problemas de prosódia. Para aprofundar tal conhecimento, sugerimos consultar (e estudar) o assunto "acentuação gráfica".

1.7.6 DIVISÃO SILÁBICA

A divisão de qualquer vocábulo, assinalada pelo hífen, em regra se faz pela soletração, isto é, a divisão leva em conta critérios fonéticos, e não etimológicos. Traduzindo: basta soletrar a palavra e dividi-la como se lê, independente de seus elementos constitutivos etimológicos.

Para que se faça uma correta divisão silábica, é essencial respeitar as seguintes regras:

1. Não se separam as vogais dos ditongos – crescentes e decrescentes – nem as dos tritongos. Observe:

- aurora → **au** – ro – ra
- Paraguai → Pa – ra – g**uai**
- cruéis → cru – **éi**s
- meio → m**ei** – o
- ódio → ó – d**io**
- guaiar → g**uai** – ar
- animais → a – ni – m**ai**s
- Uruguai → U – ru – g**uai**
- iguais → i – g**uai**s
- coisa → c**oi** – sa
- enjeitar → en – j**ei** – tar
- joias → j**oi** – as

⇨ **Observação:**

Embora os encontros "IA, IE, IO, UA, UE, UO" de finais átonos, seguidos ou não de "S", possam ser analisados tanto como ditongos quanto como hiatos, a tendência hoje é considerá-los apenas como ditongos. Por isso, tais grupos vocálicos devem – preferencialmente – permanecer numa mesma sílaba.

- enciclopédia → en – ci – clo – pé – dia
- barbárie → bar – bá – rie
- lírio → lí – rio

2. No interior do vocábulo, sempre se conserva na sílaba anterior a consoante não seguida de vogal. Veja:

- abdicar → ab – di – car
- étnico → ét – ni – co
- dracma → drac – ma
- subpor → sub – por

- subjugar → sub – ju – gar
- occipital → oc – ci – pi – tal
- opção → op – ção
- segmento → seg – men – to

3. Não se separam os encontros consonantais iniciais de sílabas nem os dígrafos "ch, lh, nh". Observe:

- pechinchar → pe – chin – char
- manhã → ma – nhã
- apetrecho → a – pe – tre – cho
- folha → fo – lha
- blusão → blu – são
- brotoeja → bro – to – e – ja

⇨ **Observação:**

Os encontros "bl" e "br" nem sempre formam grupos articulados perfeitos, isto é, nem sempre permanecem na mesma sílaba. Isto se dá porque em alguns casos o "l" e o "r" são pronunciados separadamente. Veja alguns exemplos:

- sublingual → sub – lin – gual
- sub-rogar → sub – ro – gar
- sublocar → sub – lo – car
- sublinhar → sub – li – nhar
- sub-reptício → sub – rep – tí – cio
- sub-reitor → sub – rei – tor

4. Não se separam os grupos "GU" e "QU" da vogal que os segue, quer esta esteja ou não acompanhada de consoante. Observe:

- ambíguo → am – bí – **gu**o
- quota → **qu**o – ta
- ubíquo → u – bí – **qu**o
- légua → lé – **gu**a
- quebradeira → **qu**e – bra – dei – ra
- guerra → **gu**er – ra
- queijo → **qu**ei – jo
- delinquente → de – lin – **qu**en – te

5. Não se separa a consoante inicial não seguida de vogal, ou seja, a consoante inicial não seguida de vogal permanece na sílaba em que se encontra. Observe:

- pseudônimo → **ps**eu – dô – ni – mo
- gnomo → **gn**o – mo
- pterossauro → **pt**e – ros – sau – ro
- cnêmide → **cn**ê – mi – de
- gnosiologia → **gn**o – sio – lo – gi – a
- pneumático → **pn**eu – má – ti – co

6. Separam-se os dígrafos "RR, SS, SC, SÇ, XS" no interior dos vocábulos, ficando uma consoante numa sílaba e a outra na sílaba imediata. Observe:

- pi**sc**ina → pis – ci – na
- cô**ns**cio → côns – cio
- pre**sc**indir → pres – cin – dir
- e**xc**eção → ex – ce – ção
- co**rr**eição → cor – rei – ção
- adole**sc**ente → a – do – les – cen – te
- convale**sc**er → con – va – les – cer
- re**sc**indível → res – cin – dí – vel
- re**ss**u**rr**eição → res – sur – rei – ção
- pro**rr**ogação → pror – ro – ga – ção

- excelente → ex – ce – len – te
- exsurgir → ex – sur – gir

7. O "S" dos prefixos "bis-, cis-, des-, dis-, trans-" não se separa quando a sílaba seguinte começa por consoante. Caso a sílaba seguinte comece por vogal, o "S" se desprenderá do prefixo e formará sílaba com esta vogal. Observe:

- transformar → trans – for – mar
- *mas...* transatlântico → tran – sa – tlân – ti – co
- bisneto → bis – ne – to
- *mas...* bisavô → bi – sa – vô
- descascar → des – cas – car
- *mas...* desamor → de – sa – mor
- cisplatino → cis – pla – ti – no
- *mas...* cisandino → ci – san – di – no
- discorrer → dis – cor – rer
- *mas...* disenteria → di – sen – te – ri – a

8. As vogais idênticas e as letras "CC, CÇ" separam-se, ficando uma numa sílaba e a outra na sílaba consequente. Veja os exemplos:

- intelecção → in – te – lec – ção
- cooperador → co – o – pe – ra – dor
- occipital → oc – ci – pi – tal
- caatinga → ca – a – tin – ga
- álcool → ál – co – ol
- friíssimo → fri – ís – si – mo
- intersecção → in – ter – sec – ção
- veemente → vê – e – men – te

9. Separam-se as vogais que formam hiatos. Veja:

- saúde → sa – ú – de
- carnaúba → car – na – ú – ba
- jesuíta → je – su – í – ta
- viúva → vi – ú – va
- egoísmo → e – go – ís – mo
- canaãense → ca – na – ã – en – se

⇨ Observação final:

Nas translineações – passagem de uma linha para outra nos textos escritos, quando o fenômeno da separação de um vocábulo ao final de uma linha fica mais evidente –, convém ficar atento às seguintes orientações:

a) Não se deve deixar vogal solta nem na linha antecedente, nem na linha consequente, isto é, não se isola sílaba de uma só vogal. Observe:

- **AMÁ – VEL** (e não "A – MÁVEL")
- **ITA – JAÍ** (e não ITAJA – Í ou I – TAJAÍ)

b) Deve-se evitar a separação de vocábulos dissílabos do tipo "aí, caí, saí, lua, rua", em que uma das sílabas é formada apenas por vogal.

c) Na translineação de uma palavra composta ou de uma combinação de palavras em que há um hífen, ou mais, se a partição coincide com o final de um dos elementos ou membros, deve, por clareza gráfica, repetir-se o hífen no início da linha imediata. Observe:

_____terça-
feira_____

_____ex-
diretor_____

1.8 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (PUCRJ) Um mesmo fonema pode ser grafado de diferentes maneiras. Qual a lista de palavras que exemplifica essa afirmação?

a) paciente, centro, existência
b) existência, meses, batizaram
c) projeto, prejudicando, propõe
d) quem, quando, psiquiatra
e) coisa, incomoda, continuidade

2. (PUCSP) As palavras **rapaziada, assustado, borracha** apresentam, respectivamente:

a) 8 fonemas / 9 letras; 9 fonemas / 9 letras; 5 fonemas / 7 letras
b) 9 fonemas / 8 letras; 8 fonemas / 9 letras; 5 fonemas / 8 letras
c) 9 fonemas / 9 letras; 8 fonemas / 9 letras; 6 fonemas / 9 letras
d) 9 fonemas / 9 letras; 8 fonemas / 9 letras; 6 fonemas / 8 letras
e) 8 fonemas / 8 letras; 8 fonemas / 9 letras; 5 fonemas / 7 letras

3. (PUCSP) As palavras **folheada, lânguido, antigos, vento** apresentam o seguinte número de fonemas e letras, respectivamente:

a) 7- 8; 6- 8; 6- 7; 4- 5
b) 6- 7; 7- 8; 4- 5; 6- 7
c) 6- 7; 6- 7; 7- 8; 4- 5

d) 4- 5; 6- 7; 6- 8; 7- 8

e) 7- 8; 6- 7; 6- 8; 4- 5

4. (Unirio – RJ) Identifique a opção em que a palavra apresenta ao mesmo tempo um encontro consonantal, um dígrafo consonantal e um ditongo fonético:

a) ninguém

b) coalhou

c) iam

d) nenhum

e) murcham

5. (ACAFE – SC) Assinale, na sequência abaixo, a alternativa em que todas as palavras possuem dígrafos:

a) histórias, impossível, máscaras

b) senhor, disse, achado

c) passarinhos, ergueu, piedade

d) errante, abelhas, janela

e) homem, caverna, velhacos

6. (FFFCMPA) Considere as seguintes afirmações acerca da relação entre letras e fonemas em palavras do texto.

*I – Os segmentos sublinhados em **<u>com</u>pon<u>en</u>te**, **acre<u>sc</u>entariam** e **co<u>nh</u>ecedor** representam um só fonema.*

*II – As letras sublinhadas em **<u>c</u>iên<u>c</u>ia**, **socio<u>c</u>ultural** e **adole<u>sc</u>entes** representam o mesmo fonema.*

*III – As palavras **holística**, **essencialmente** e **conquistas** têm, cada uma delas, mais letras que fonemas.*

Quais estão corretas?

a) Apenas I.

b) Apenas II.

c) Apenas III.

d) Apenas I e III.

e) I, II e III.

7. (PUCSP) Nas palavras **enquanto, queimar, folhas, hábil, grossa**, constatamos a

seguinte sequência de letras e fonemas:

a) 8- 7; 7- 6; 6- 5; 5- 4; 6- 5
b) 7- 6; 6- 5; 5- 5; 5- 5; 5- 5
c) 8- 5; 7- 5; 6- 4; 5- 4; 5- 4
d) 8- 6; 7- 6; 6- 5; 5- 4; 6- 5
e) 8- 5; 7- 6; 6- 5; 5- 5; 5- 5

8. (PUCSP) Assinale a sequência em que todas as palavras estão partidas corretamente.

a) trans-a-tlân-ti-co / fi-el / sub-ro-gar
b) bis-a-vô / du-e-lo / fo-ga-réu
c) sub-lin-gual / bis-ne-to / de-ses-pe-rar
d) des-li-gar / sub-ju-gar / sub-scre-ver
e) cis-an-di-no / es-pé-cie / a-teu

9. (ITA) Dadas as palavras:

1. des-a-len-to
2. sub-es-ti-mar
3. trans-tor-no,
constatamos que a separação silábica está correta:

a) apenas no número 1
b) apenas no número 2
c) apenas no número 3
d) em todas as palavras
e) n.d.a

10. (AMAN) Assinale a opção em que a divisão silábica não está corretamente feita:

a) a-bai-xa-do
b) si-me-tria
c) es-fi-a-pa-da
d) ba-i-nhas
e) ha-vi-a

GABARITO

1 – B	2 – D	3 – A
4 – E	5 – B	6 – D
7 – D	8 – C	9 – C
10 – B		

CAPÍTULO 2

ORTOGRAFIA OFICIAL

Conversando um pouco...
Iniciaremos o estudo de uma importante parte da gramática normativa: a ortografia. Gostaria de salientar que este capítulo deve ser estudado com cuidado. Inevitavelmente, você se deparará com várias regras, orientações, muitas exceções etc., etc. Ficar decorando os pontos talvez não seja a melhor técnica. Por isso, sugiro que estude o capítulo aos poucos, tendo sempre em mente que o melhor remédio para se aprender a escrever os vocábulos corretamente ainda é a leitura. Cremos que só com a leitura habitual o operador da língua conseguirá memorizar – pela apreensão visual – a correta escrita de muitas palavras. Portanto, leia mais! E não deixe, é claro, de, aos poucos, apreender pela norma gramatical algumas orientações ortográficas. Por isso, vamos lá!

Antes de qualquer consideração, convém mencionar que a palavra ORTOGRAFIA é formada por dois radicais gregos (orto + grafia), os quais significam respectivamente "correto" e "escrita". Logo, ortografia é a parte da gramática normativa que se preocupa com a correta representação escrita dos vocábulos em nossa língua.

As dificuldades de escrita que muitas palavras nos oferecem ocorrem em virtude de as palavras em nossa língua obedecerem a dois critérios distintos: ora a grafia do vocábulo está baseada na etimologia, ora a grafia do vocábulo está baseada na fonética.

Como sabemos, os sistemas ortográficos são três: o fonético, o etimológico e o misto. Nossa língua portuguesa faz uso do sistema "misto". Por isso, muitos operadores da língua sentem dificuldade (ou dúvida) em escrever alguns vocábulos.

2.1 LETRA E ALFABETO

Como sabemos, a letra é a representação gráfica de um fonema. Nem sempre, como se demonstra no capítulo de introdução à fonética, esta relação "letra" / "fonema" é perfeita, pois existem fonemas representados por mais de uma letra e vice-versa. O conjunto de todas as letras em nossa língua é denominado de "alfabeto português". Nosso alfabeto é hoje composto por 26 letras, sendo 21 consoantes e 5 vogais. São elas:

a A (á) j J (jota) s S (esse ou sê)

b B (bê)	k K (capa ou cá)	t T (tê)
c C (cê)	l L (ele ou lê)	u U (u)
d D (dê)	m M (eme ou mê)	v V (vê)
e E (é ou ê)	n N (ene ou nê)	w W (dáblio)
f F (efe ou fê)	o O (ó)	x X (xis)
g G (gê ou guê)	p P (pê)	y Y (ípsilon ou ipsilone)
h H (agá)	q Q (quê)	z Z (zê)
i I (i)	r R (erre ou rê)	

2.2 NOTAÇÕES LÉXICAS

Além das letras, nossa língua usa uma série de sinais auxiliares a fim de indicar alguns fonemas especiais. Ao conjunto desses sinais gráficos, chamados também de sinais diacríticos (gr. “diacríticos” = apto a distinguir), dá-se o nome de notações léxicas. Esses sinais acessórios da escrita são os seguintes: acentos (agudo, circunflexo e grave), til, apóstrofo, cedilha e hífen.

2.2.1 ACENTOS

Os acentos são notações léxicas empregadas sobre algumas vogais para indicar a sílaba tônica ou para indicar a fusão entre elas. Como já dissemos, temos três tipos de acentos na língua portuguesa: (´) agudo, (^) circunflexo e (`) grave.

2.2.1.1 Agudo

O acento agudo é empregado sobre as vogais para assinalar, quando as regras da acentuação assim exigirem, a tonicidade aberta das vogais “a, e, o” e a tonicidade fechada das vogais “i, u”.

⇨ **Observe:**

- água
- café
- paletó
- difícil
- baú

2.2.1.2 Circunflexo

O acento circunflexo é usado sobre as vogais “a, e, o”, quando as regras da acentuação exigirem, para indicar o timbre fechado delas.

- quilômetro
- cortês
- repô-lo
- britânico
- constância
- prêmio

2.2.1.3 Grave

O acento grave é usado exclusivamente em português para indicar o fenômeno da crase, isto é, a contração, a fusão de dois “as” (a + a).

- Um dia chegaremos àquela (a + aquela) região.
- Iremos todos à (a + a) casa da tia Zuleide.

⇨ **Observação:**

Para aprofundar os seus conhecimentos sobre o emprego do acento grave, sugerimos que estude o assunto “Crase” em sintaxe.

2.2.1.4 Til

É uma notação léxica usada para indicar a nasalização das vogais “a, o”, quando houver necessidade.

- órgão
- não
- intenção
- ímã
- põe
- mãe

2.2.2 CEDILHA

É uma notação léxica colocada sob a letra “c”, a fim de se obter o fonema /s/ antes das vogais “a, o, u”. Observe:

- faço
- caçar
- mulçumano
- açúcar
- paçoca
- espaço

2.2.3 APÓSTROFO

O apóstrofo é um sinal empregado para assinalar a supressão de um fonema numa palavra, a fim de se evitarem sons desagradáveis ou mesmo a repetição de um fonema ao se pronunciar o vocábulo. Geralmente ocorre a elisão do “e” da preposição “de”.

- queda d’água
- pau-d’arara
- galinha-d’água
- copo-d’água
- pau-d’água
- estrela-d’alva
- mãe-d’água
- borda-d’água
- pau-d’arco
- pau-d’óleo

Emprega-se também o apóstrofo nas ligações das formas “santo” e “santa”, quando importa representar a elisão das vogais finais “o” e “a”. Observe:

- Sant’Ana
- Sant’Iago
- Sant’Antônio

2.2.4 HÍFEN

É a notação léxica que apresenta maior número de empregos. É frequentemente empregado para unir palavras compostas, prefixos e formas verbais. Observe abaixo algumas orientações que estão respaldadas no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, publicado no ano de 2009.

Como já dissemos, o hífen é a notação léxica que apresenta o maior número de empregos. É frequentemente empregado, por exemplo, para indicar a ênclise dos pronomes oblíquos átonos, para formar vocábulos por derivação prefixal e para unir compostos. Veja:

- fazê-lo
- cachorro-quente
- pré-operatório
- pós-verbal
- pô-las

Quando une vocábulos, o hífen, em muitos casos, servirá como um sinal de conotatividade, pois indicará que os elementos unidos por ele não estão empregados em seus sentidos originais, mas passaram a compor um novo conceito, uma nova ideia. Observe como o emprego do hífen, nesse caso, altera o sentido nos exemplos abaixo:

mesa redonda → mesa em formato circular	≠	**mesa-redonda** → reunião, debate, discussão
casca grossa → casca espessa, grossa	≠	**casca-grossa** → ignorante, bruto, grosso
criado mudo → empregado que não fala	≠	**criado-mudo** → móvel de cabeceira
ferro velho → peça de ferro antiga	≠	**ferro-velho** → estabelecimento que vende coisas velhas
pão duro → pão endurecido, velho	≠	**pão-duro** → sovina, pirangueiro, avaro
calça curta → calça de pequena extensão	≠	**calça-curta** → dominado, inexperiente

2.2.4.1 Empregos do hífen

Para aprofundar o conhecimento, observe agora os principais empregos do hífen:

1) Para indicar a ênclise dos pronomes oblíquos átonos às formas verbais.

- Entregou-me
- Vamos fazê-lo
- Hei de comprá-lo
- Passou-nos o projeto

⇨ **Observação:**

Não se emprega o hífen nas ligações verbais, formadoras de locuções verbais, com o verbo "haver" + preposição "de".

- hei de vencer
- haveríamos de encontrar
- hás de fazer

2) Em vocábulos compostos, formados por "substantivo + substantivo", nos quais o segundo substantivo indique forma, finalidade ou tipo.

- decreto-lei
- ideia-mãe
- café-concerto
- homem-robô
- homem-chave

3) Nas palavras compostas por justaposição que não contêm formas de ligação e cujos elementos constituem uma unidade sintagmática e semântica única e mantêm acento próprio. Em outras palavras, os vocábulos perderam suas significações individuais e passaram a compor um novo conceito, uma nova semântica.

- decreto-lei
- médico-cirurgião
- tenente-coronel
- ano-luz
- arco-íris
- tio-avô
- turma-piloto
- sul-africano
- afro-asiático
- primeiro-ministro
- beija-flor
- luso-brasileiro
- azul-escuro
- conta-gotas
- porto-alegrense
- marca-texto
- caneta-tinteiro
- saca-rolha
- saia-calça
- boas-vindas

4) Nos topônimos compostos iniciados pelos adjetivos "grã-, grão-" ou por forma verbal ou cujos elementos estejam ligados por artigo.

- Grã-Bretanha
- Grão-Pará
- Traga-Mouros
- Abre-Campo
- Baía de Todos-os-Santos
- Trás-os-Montes
- Trinca-Fortes
- Entre-os-Rios

5) Nas palavras compostas que designam espécies botânicas e zoológicas, estejam ou não ligadas por preposição ou qualquer outro elemento.

- couve-flor
- erva-doce
- feijão-verde
- erva-do-chá
- ervilha-de-cheiro
- bem-me-quer

- cobra-d'água
- andorinha-do-mar
- bem-te-vi
- cobra-capelo
- formiga-branca
- lesma-de-conchinha

6) Nos compostos com os advérbios "bem" e "mal", quando estes formam com o elemento que se lhes segue uma unidade sintagmática e semântica, e tal elemento começa por vogal ou "H".

- bem-aventurado
- bem-estar
- bem-humorado
- mal-estar
- mal-afortunado
- mal-humorado
- mal-intencionado
- mal-assombrado

⇨ **Observações:**

a) Em muitos compostos, o advérbio "bem" aparece aglutinado com o segundo elemento (forma consolidada pelo uso), quer este tenha ou não vida à parte.

- benfazejo
- benfeito
- benfeitor
- benquerença

b) Em outros vocábulos, o advérbio "bem" pode não se aglutinar com palavras começadas por consoante. Observe:

- bem-criado
- bem-ditoso
- bem-nascido
- bem-visto

Consideração importante: A verdade é que nós não temos uma orientação segura a respeito do emprego do hífen com este advérbio. Nesse caso, não há outra solução: em caso de dúvida, consulte um bom dicionário. Se você é daqueles que escrevem com frequência, sugiro que também tenha sempre à mão o VOLP – Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa.

c) É importante não confundir! Quando o vocábulo não começar por vogal nem por "H", não haverá hífen com o advérbio "mal". Observe:

- malformação
- malcozido
- malcheiro
- malcriado

Mas escreveremos...

- mal-educado
- mal-afortunado
- mal-encarado
- mal-humorado
- mal-avisado

7) Nos compostos com os elementos "além, aquém, recém, sem".

- além-Atlântico
- além-mar
- além-fronteiras
- aquém-mar
- recém-nascido
- sem-cerimônia
- sem-número
- sem-vergonha

2.2.4.2 Emprego do hífen com prefixos

Nas formações com prefixos ou falsos prefixos só se emprega o hífen nos seguintes casos:

1) Nas formações em que o segundo elemento começa por "h", ou seja, não importa o prefixo: se o segundo elemento iniciar-se por "H", deve-se empregar o hífen. Observe:

- pré-história
- extra-humano
- sub-hepático
- super-homem
- anti-herói
- arqui-hipérbole
- geo-história
- pan-helenismo
- semi-hospitalar
- poli-hidratação

⇨ **Observação:**

Não se usa, no entanto, o hífen em formações que contêm em geral os prefixos "des-" e "in-", nas quais o segundo elemento perdeu o "h" inicial. Veja:

- desumano
- desumidificar
- inábil
- inumano

2) Nas formações em que o prefixo termina na mesma vogal com que se inicia o segundo elemento. Observe:

- anti-ibérico
- contra-almirante
- infra-axilar
- micro-ondas
- auto-ônibus
- micro-organismo
- anti-imperialista
- anti-inflamatório
- supra-auricular
- arqui-inimigo
- semi-interno
- eletro-ótica

⇨ **Observação:**

Esta regra não se aplica ao prefixo "re-". Por isso, escrevem-se corretamente sem hífen, por exemplo, os vocábulos "reencarnação, reenvio, reemissão, reempossar, reencontro, reestabelecer etc.".

3) Nas formações com os prefixos "circum-" e "pan-", quando o segundo elemento começar por vogal, "m" ou "n", além do "h" já mencionado.

- circum-escolar
- circum-murado
- circum-navegação
- pan-africano
- pan-mágico
- pan-negritude
- pan-americano

4) Nas formações com os prefixos "hiper-, super-, inter-", quando o segundo elemento iniciar-se por "r", além, é óbvio, do "H" já mencionado.

- super-resistente
- hiper-reativo
- inter-relacionado
- super-revista
- hiper-requintado
- inter-hemisfério
- hiper-rugoso
- super-realismo
- inter-regional
- inter-renal

5) Nas formações com os prefixos "ex-, pós-, pré-, pró-, sota-, soto-, vice-, vizo-", isto é, esses prefixos sempre serão usados com hífen.

- ex-diretor
- pró-labore
- sota-piloto
- soto-mestre
- vice-presidente
- vizo-rei
- soto-general
- pré-datado
- pós-graduação
- pré-vestibular
- pré-natal
- pró-britânico
- pró-americano
- pós-tônico
- pró-europeu
- vice-diretor

6) Com o prefixo "sub-", haverá hífen sempre que o vocábulo iniciar-se por "b, h ou r". Observe:

- sub-base
- sub-bibliotecário
- sub-humano
- sub-hepático
- sub-rogar
- sub-repartição
- sub-bosque
- sub-rotina

⇨ **Observação:**

Caso não se inicie por "b, h ou r", não haverá hífen. Veja:

- subepiderme
- sublocatário
- subclasse
- subutilizar

⇨ **Observações:**

a) Em alguns vocábulos, o prefixo (átono) se incorporou à palavra primitiva, como em "predeterminado, pressupor, propor, pospor, promover, prever". Por isso, estes vocábulos são escritos sem hífen.

b) Nas formações por sufixação, só se emprega o hífen nos vocábulos terminados por sufixos de origem tupi-guarani que representam formas adjetivas, com "açu, guaçu e mirim", como, por exemplo, "amoré-guaçu, anajá-mirim, andá-açu, capim-açu, Ceará-Mirim".

c) Usa-se também o hífen nas ligações de formas pronominais enclíticas ao advérbio "eis" (ei-lo, ei-los) e ainda nas combinações de formas pronominais "o, a, os, as" com os pronomes oblíquos "nos" e "vos", como, por exemplo, "no-lo", "vo-los".

d) O Novo Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa registra tanto "*pro forma*,

pro labore", formas latinas, quanto "*pró-forma*, *pró-labore*", formas aportuguesadas. Portanto, ambas as grafias, sem hífen na forma latina e com hífen na forma aportuguesada, são corretas.

2.2.4.3 Não se emprega o hífen

1) Nos vocábulos derivados por prefixação, cujo prefixo terminar em vogal e o segundo elemento iniciar-se por consoante. Caso o segundo elemento inicie por "r" ou "s", estas consoantes devem ser duplicadas.

- contrarregra
- infrassom
- suprassumo
- antirreligioso
- minissaia
- neorrepublicano
- microcirurgia
- minissérie
- semicírculo
- ultrarromântico
- hipoderme
- semimetal
- extracorpóreo
- supracitado
- neoliberal

2) Nos vocábulos derivados por prefixação, cuja vogal final do prefixo é diferente da vogal inicial do segundo elemento.

- antieconômico
- extraescolar
- extraoficial
- intraocular
- aeroespacial
- semiárido
- agroindustrial
- hidroelétrico
- coeducação
- autoestrada
- plurianual
- antiaéreo

3) Nos vocábulos formados por palavras compostas, cuja noção de composição, em certa medida, se perdeu, uma vez que tais palavras passaram a compor um sentido único, individualizado.

- paraquedas
- mandachuva
- madressilva
- girassol
- pontapé
- madrepérola
- passatempo
- rodapé
- sobremesa
- vaivém
- malmequer
- aguardente

2.3 ORIENTAÇÕES ORTOGRÁFICAS – EMPREGO DE ALGUMAS LETRAS

A partir de agora, vamos estudar o emprego de diversas letras do vocabulário português. Sugerimos que estude o assunto aos poucos para um melhor aprovisionamento do conteúdo. Salientamos, entretanto, que a melhor técnica para se evitarem erros ortográficos ainda é a leitura. Só a leitura, continuada e bem orientada, propiciará uma escrita livre dos problemas ortográficos. Ademais, é preciso que se diga que "ninguém" – repita-se "ninguém" – possui pleno domínio de todos os vocábulos da nossa língua. Daí a importância de o operador da língua pátria sempre possuir à mão um bom dicionário. Será

este compêndio vocabular que afastará o erro ortográfico. Por isso, orientamos o nosso aluno para que leia o assunto abaixo não com o intuito de decorar simplesmente, mas principalmente com o intuito de entender o porquê do emprego desta e não daquela letra. A missão não é tão simples. Mas certamente não é impossível. Mãos à obra!!

Inicialmente, tenha cuidado com algumas letras que, frequentemente, impõem dúvida no escritor. Vamos a elas!

Dica: Sugiro que pare um pouco agora. Descanse a mente alguns minutos antes de passar para o próximo ponto. Preferencialmente, releia o assunto acima – emprego do hífen. É um ponto bastante explorado pelas bancas. Por isso, vale a pena olhar novamente, fazer outras anotações. Provavelmente você não obsorverá todas as informações sobre o hífen agora. Anote em algum lugar a data em que você estudou o assunto. Revise-o em poucos dias. Certamente o resultado será bem melhor na próxima vez que estudar o assunto. Quando estiver pronto, passe para o ponto abaixo... Vamos lá...

2.3.1 EMPREGO DAS LETRAS "E" E "I"

Em nossa língua, o emprego do "e" e do "i" é responsável por uma série de equívocos ortográficos. Portanto, é preciso estar atento para se evitarem muitos erros. Observe abaixo uma série de orientações sobre o emprego destas duas letras.

ESCREVE-SE COM "I" E NÃO COM "E":		
• aborígene/aborígine	• alumiar	• ansiar
• antipatia	• ária (música)	• arriar (baixar)
• calidoscópio	• cerimônia	• chilique
• colibri	• corrimão	• crânio
• criação	• criatura	• crioulo
• diferir (adiar)	• disfarce	• digladiar
• dilação (adiamento)	• dilapidar	• discrição (reserva)
• discricionário	• discriminar (discernir)	• disparate
• dispensa (folga)	• displicência	• distorção
• erisipela	• escárnio	• esquisito
• idiossincrasia	• Ifigênia	• imergir (mergulhar)
• imigrar (entrar no país)	• iminente (próximo)	• incinerar
• infestar	• inigualável	• lampião

• meritíssimo	• miscigenação	• pátio
• penicilina	• pião (brinquedo)	• pinicar
• pontiagudo	• privilégio	• réstia
• ridículo	• silvícola	• siri
• tinir	• umbilical	• vadiar (vagabundear)

Lembre-se de que também se emprega a letra “i”:

a) Nas terceiras pessoas do presente do indicativo dos verbos terminados em “-AIR”, “-OER” e “-UIR”:

- cai
- sai
- corrói
- possui
- atribui
- constrói
- dói

b) No prefixo grego “anti-”, que indica “ação contrária, oposição”.

- antídoto
- antissepsia
- antimoral
- anti-infeccioso
- anti-horário

c) No paradigma de conjugação dos verbos terminados em “-IAR”, como “variar, estagiar, abreviar, aliciar, assobiar etc.”.

- Eu vario →tu varias, ele varia, nós variamos, vós variais, eles variam.
- Eu estagio → tu estagias, ele estagia, nós estagiamos, vós estagiais, eles estagiam.
- Eu assobio → tu assobias, ele assobia, nós assobiamos, vós assobiais, eles assobiam.

d) Nas terminações em “-ANO” (significando “aquele que pertence a” ou “relativo a”) nas quais se aplica um “i”, que funcionará como vogal de ligação.

- freudiano
- machadiano
- camoniano
- goethiano
- ciceroniano
- açoriano

⇨ **Observação:**

Neste último caso, quando o vocábulo termina em “E”, é de rigor a manutenção deste “E”. Observe:

- Daomé → daomeano
- Arqueu → arqueano
- Ageu → ageano
- Galileu → galileano

ESCREVE-SE COM "E" E NÃO COM "I":		
• acarear	• aéreo	• apear
• área (espaço)	• arrear (enfeitar)	• beduíno
• beneficência	• berilo	• cadeado
• campeão	• campear	• carestia
• cedilha	• cemitério	• confete
• corpóreo	• creolina	• deferir (ceder)
• delação (denúncia)	• descrição (redação)	• desenfreado
• desfrutar	• despensa (depósito)	• desforra
• desfrutar	• destilar	• disenteria
• elucidar	• emergir (vir à tona)	• encrenca
• espaguete	• emigrar (sair do país)	• embutir
• eminência (altura)	• empecilho	• encrenca
• endireitar	• enfezar	• engolir
• enteado	• estrear	• geada
• granjear	• mestiço	• mexerico
• paletó	• páreo	• parêntese (ou parêntesis)
• peão (homem do campo)	• penico (urinol)	• periquito
• petisco	• preá	• recrear (divertir)
• quepe	• sequer	• seringa
• umedecer	• vadear (passar a vau)	• veado

Lembre-se de que também se emprega a letra "e":

a) Nos ditongos nasais "ãe" e "õe":

- dispõ**e**
- mã**e**
- cirurgiã**e**s
- alemã**e**s
- compõ**e**m
- cã**e**s

b) No prefixo grego "ante-" que indica "anterioridade":

- ant**e**diluviano
- ant**e**rreforma
- ant**e**gozo
- ant**e**câmara
- ant**e**ssala

c) Nas formas dos verbos terminados em "-OAR" e "-UAR":

- abençoe
- perdoe
- magoe
- atue
- continue
- efetue

d) Nas terceiras pessoas do plural do presente do indicativo de muitos verbos:

- caem
- saem
- destroem
- arguem
- possuem
- constituem

e) No prefixo latino "des-" que indica "oposição, negação, falta ou afastamento, separação":

- descortês
- desleal
- descascar
- desamor
- desarmonia

⇨ Observação

Não se esqueça também de que a oposição "e" e "i" é responsável pela distinção entre vários vocábulos. São formas parônimas. Veja:

Cuidado aqui, pois várias bancas exploram este tipo de conhecimento. Portanto, vale a pena ler o ponto mais de uma vez. Use caneta marca-texto.

ESCREVE-SE COM "E"	ESCREVE-SE COM "I"
área (espaço, superfície)	ária (melodia, concerto)
arrear (pôr arreios)	arriar (abaixar)
deferir (conceder)	diferir (adiar ou ser diferente)
delatar (denunciar)	dilatar (distender)
delação (denúncia)	dilação (adiamento)
descrição (ato de descrever)	discrição (ser discreto)
descriminação (absolvição)	discriminação (separação)
emergir (vir à tona)	imergir (afundar)
eminente (ilustre)	iminente (prestes a ocorrer)
peão (pedestre)	pião (brinquedo)

recr**e**ação (diversão)	recr**i**ação (criar novamente)
vad**e**ar (passar a vau)	vad**i**ar (andar à toa)

2.3.2 EMPREGO DAS LETRAS "O" E "U"

Teste o seu vocabulário. Observe abaixo um grupo de palavras escritas com "O" e outro grupo de palavras escritas com "U". Fique atento, pois não raros são os equívocos ortográficos com estas palavras.

ESCREVE-SE COM "O" E NÃO COM "U":		
• abolição	• abolir	• agrícola
• amêndoa	• amontoar	• aroeira
• assoar	• bobina	• boate
• bochecho	• boteco	• botequim
• bússola	• chacoalhar	• cobiça
• cochicho	• coelho	• comprido
• comprimento (extensão)	• costume	• cortiça
• coruja	• êmbolo	• encobrir
• engolir	• engolimos (forma verbal)	• esmolambado
• espoliar	• focinho	• goela
• lobisomem	• lombriga	• mocambo
• mochila	• moela	• moleque
• molambo	• moringa	• mosquito
• névoa	• nódoa	• óbolo
• polenta	• poleiro	• polir
• ratoeira	• sapoti	• silvícola
• sortir (abastecer)	• sortido (variado)	• sotaque
• toalete	• tocaia	• tostão
• tribo	• vinícola	• zoada

ESCREVE-SE COM "U" E NÃO COM "O":		
• abulia	• acudir	• anágua

• bueiro	• bônus	• bruxulear
• bugalho	• buliçoso	• bulir
• burburinho	• camundongo	• chuviscar
• cumbuca	• cumprimento (saudação)	• cumprimentar
• cúpula	• curinga (carta de baralho)	• Curitiba
• curtir	• curtição	• cutia (animal)
• curtume	• cutucar	• embutir
• entupir	• estripulia	• esbugalhar
• escapulir	• fuçar	• íngua
• jabuti	• juazeiro	• légua
• manusear	• muamba	• mucama
• mulato	• murmurinho	• mutuca
• pirulito	• rebuliço	• sanduíche
• sinusite	• suar (transpirar)	• supetão
• surripiar	• tábua	• tabuleiro
• tulipa	• urticária	• usufruto
• virulento		

2.3.2.1 Dupla ortografia com os ditongos "OU" e "OI"

Há na língua uma série de vocábulos que tanto podem ser escritos com o ditongo "OU" quanto com o ditongo "OI". É certo que uma das formas sempre será a mais usual, embora ambas estejam corretas. Observe:

- açoite – açoute
- afoito – afouto
- besoiro – besouro
- biscoito – biscouto
- coice – couce
- coisa – cousa
- doido – doudo
- doirar – dourar
- dois – dous
- estoiro – estouro
- loiça – louça
- loiro – louro
- oiço – ouço
- oiro – ouro
- tesoiro – tesouro
- toiro – touro
- toicinho – toucinho

2.3.3 EMPREGO DAS LETRAS "C" E "Ç"

a) Empregam-se as letras "C" ou "Ç" em vocábulos de origem tupi ou africana:

- açaí
- araçá
- Iguaçu
- Moçoró
- paçoca
- caçula
- cacimba
- babaçu
- caiçara
- Paraguaçu
- Piracicaba
- muçum
- miçanga
- Pajuçara
- Moçambique
- Juçara
- puçá
- piracema
- Araci
- Piraçununga

b) Em palavras de origem latina, finalizadas em "t", emprega-se "ç" ou "c", pois há geralmente uma correlação entre o "t" latino e o "ç" ou "c" português.

- absorto → absorção
- ato → ação
- adotar → adoção
- torto → torção
- isento → isenção
- executor → execução
- abster → abstenção
- distinto → distinção
- infrator → infração
- marte → marcial
- extinto → extinção

c) Emprega-se também o "C" ou "Ç" em muitas palavras de origem árabe:

- açafrão
- acicate
- açucena
- açude
- muçulmano
- alface
- açúcar

d) Emprega-se também o "Ç" na correlação: verbo em "TER" substantivo em "TENÇÃO":

- ABSTER → abstenção
- DETER → detenção
- ATER → atenção
- CONTER → contenção
- RETER → retenção

e) Empregam-se também as consoantes "C" e "Ç" nos sufixos "-AÇA, -AÇO, -AÇÃO, -ECER, -IÇA, -IÇO, -NÇA, -UÇO".

- carcaça
- cabaça
- bagaço
- anoitecer
- caliça
- chouriço
- festança
- dentuça
- estilhaço
- noviço
- ricaço
- carniça
- criança
- armação
- magriço

f) Emprega-se também o "Ç" ou "C" após vários ditongos. Observe:

- fauce
- feição
- foice
- louça
- traição
- beicinho
- caiçara
- precaução
- traiçoeiro
- bouçar
- calabouço
- coice

2.3.3.1 Emprego da letra "C"

ESCREVE-SE COM "C" OU COM "Ç":		
• absorção	• abstenção	• acaçapar
• açafrão	• açaí	• acelga
• acender (iluminar)	• acessório	• acervo
• acetinar	• aço	• açucena
• açúcar	• adereço	• afocinhar
• alçapão	• alicerçar	• alicerce
• almoço	• ameaçar	• arregaçar
• arruaça	• asserção	• babaçu
• beça	• Berenice	• boçal
• buço	• cabaça	• caçarola
• cacimba	• calção	• caniço
• carapaça	• carcaça	• cê-cedilha
• cela (quarto)	• celibato	• celofane
• cênico	• censo (recenseamento)	• censura
• cereja	• cerração (nevoeiro)	• certame (ou certâmen)
• cerzir (costurar)	• chacina	• chumaço
• cilada	• cintura	• cirrose
• cismar	• concertar (ajustar)	• contorção
• dentuça	• descrição	• disfarce
• dobradiça	• eriçar	• espinhaço
• exceção	• hortaliça	• inchaço
• jaçanã	• licença	• linhaça
• maçada (importunação)	• maçaneta	• maçante
• maciço	• maniçoba	• miçanga

• maçom	• mormaço	• muçarela
• noviço	• ouriço	• paçoca
• palhoça	• pança	• pinçar
• pocilga	• presunção	• rebuliço
• rechaçar	• regaço	• ruço (pardo, grisalho)
• sanção (ato de sancionar)	• sumiço	• tenção (intenção)
• terraço	• tição	• torção
• traça	• vacilar	• viço
• vidraça	• vizinhança	

2.3.4 EMPREGO DAS LETRAS "G" E "J"

Outro conjunto de palavras que frequentemente trazem dúvidas ao operador da língua são os vocábulos escritos com "G" e com "J". Como os fonemas dessas duas letras são bem parecidos, os equívocos não são raros. Portanto, fique atento às orientações abaixo.

2.3.4.1 Emprego da letra "G"

ESCREVE-SE COM "G" E NÃO COM "J":		
• adágio	• agenda	• agiota
• algema	• algibeira	• angelim
• angina	• apogeu	• aragem
• auge	• digerir	• digestão
• égide	• egrégio	• estrangeiro
• evangelho	• falange	• ferrugem
• frigir	• fuligem	• garagem
• geada	• gêiser	• geleia
• gêmeo	• gengibre	• gengiva
• gergelim	• geringonça	• gesso
• gesto	• gibi	• gilete
• gim	• girândola	• gíria
• impingem	• megera	• monge

• ogiva	• rabugem	• rabugento
• regurgitar	• rugido	• selvagem
• sugestão	• tangente	• tangível
• tangerina	• tigela	• vagem
• vagina	• vargem	• vertigem
• viagem	• vigência	

Emprega-se a letra G:

a) Nos sufixos "-agem, -igem, -ugem, -ege, -oge". Observe:

- aragem
- malandragem
- fuligem
- miragem
- vertigem
- ferrugem
- sege
- paragoge
- frege
- micagem
- viagem

⇨ Observação

Usa-se o "G" no substantivo "viagem", mas se emprega a letra "J" no verbo "viajar" e seus derivados.

- É importante que ele faça uma boa **viagem**. (substantivo)
- É importante que ele **viaje** em segurança. (verbo)

Representam exceções a esta regra: lambujem, pajem e lajem.

b) Nas terminações "-ágio, -égio, -ígio, -ógio, -úgio". Veja:

- adágio
- pedágio
- estágio
- egrégio
- prodígio
- relógio
- refúgio
- remígio
- fastígio
- necrológio
- colégio
- subterfúgio
- naufrágio
- plágio

c) Nos verbos terminados em "GER" e "GIR". Observe:

- eleger
- proteger
- fingir
- frigir
- impingir
- mugir
- submergir

d) Geralmente depois da vogal "A", a qual inicia o vocábulo. Perceba:

- agente
- agiota
- ágio
- agir
- agitar
- agitação
- agenda

⇨ Observação

Representam exceção a esta regra os vocábulos que por origem se escrevem com “J” ou que são derivados de outros, os quais apresentam a letra “J” após a vogal “A”. São bons exemplos: ajeru, ajeitar, ajesuitar.

e) Nos vocábulos derivados, cujas palavras primitivas são grafadas com “G”. Observe:

- exigir → exigência
- impingir → impingem
- tingir → tingido
- afligir → afligem

2.3.4.2 Emprego da letra “J”

ESCREVE-SE COM “J” E NÃO COM “G”:		
• ajeitar	• alforje	• anjinho
• anjo	• berinjela	• cafajeste
• canjica	• canjirão	• cereja
• cerejeira	• cerveja	• cervejeiro
• desajeitado	• enjeitar	• enrijecer
• gajeiro	• gorjear	• gorjeio
• gorjeta	• granjear	• injeção
• interjeição	• jeca	• jeito
• Jeni	• jenipapo	• jequitibá
• Jeremias	• Jericó	• jerimum
• jérsei	• jesuíta	• jiboia
• jirau	• jiu-jitsu	• laje
• laranjeira	• lisonjear	• lojista
• majestade	• manjericão	• Moji
• objeção	• ojeriza	• pajé
• pajem	• Pajeú	• pegajoso

• projeção • rejeitar • trejeito • varejista	• projétil • sarjeta • ultraje	• rejeição • traje • varejeira

É comum, portanto, o emprego da letra "J":

a) Em muitas palavras de origem latina. Observe:

- jeito
- cereja
- majestade
- lájea
- hoje
- jeira

b) Em muitas palavras de origem africana e tupi-guarani. Veja:

- beiju
- caju
- jerimum
- Ubirajara
- jeribá
- jenipapo
- pajé
- mujique
- jiboia
- jirau
- jê
- maracujá
- jequitibá
- jerivá

c) Em palavras derivadas de outras que já têm a letra "J". Observe:

- laranja → laranjeira, laranjinha
- manjar → manjedoura
- viajar → viajei, viajem (verbos)
- rijo → rijeza, enrijecer
- gorja → gorjeta, gorjear, gorjeio
- encorajar → encoraje, encorajem (verbos)

d) Nas flexões do modo subjuntivo dos verbos terminados em "-jar", como "arranjar, despejar, sujar, viajar, aleijar, almejar etc.". Veja:

- arranjar → arranje, arranjes, arranje, arranjemos, arranjeis, arranjem.
- despejar → despeje, despejes, despeje, despejemos, despejeis, despejem.

2.3.5 EMPREGO DA LETRA "H"

A princípio, é preciso dizer que a letra H, em início e fim de vocábulo, não representa fonema em nossa língua. Funciona com mero símbolo gráfico, mantendo-se simplesmente em razão da etimologia de muitos vocábulos. Emprega-se a letra H, portanto:

1) No início dos vocábulos em razão da etimologia:

- herói → do latim "*heros*"
- habitar → do latim "*habitare*"

- haver → do latim "*habere*"
- humano → do latim "*humanus*"
- hesitação → do latim "*haesitatione*"
- haste → do latim "*hasta*"
- hipótese → do grego "*hupóthesis*"
- hipotaxe → do grego "*hupótaksis*"

2) No final de algumas interjeições. Observe:

- ah!
- eh!
- ih!
- oh!
- puh!

3) Em compostos unidos por hífen, quando o segundo elemento possui "h" etimológico. Observe:

- pré-histórico
- super-homem
- anti-higiênico
- sobre-humano

4) Como integrante dos dígrafos "ch, nh, lh". Veja:

- chuva
- inhame
- ilha
- chaveiro
- filho
- banha

5) Por tradição, no topônimo BAHIA.

⇨ Observação

O "H" medial que não soa não se escreve, como em "desumano, exausto, filarmônico, inábil, lobisomem, reabilitar, reaver, turboélice".

Observe agora uma lista com alguns vocábulos, em que se emprega a letra H, os quais podem gerar dúvidas.

ESCREVE-SE COM "H" INICIAL		
• hã	• Habacuque	• hagiografia
• haicai	• Haiti	• hálito
• haltere	• hangar	• harmonia
• harpa	• harpejar	• harpia
• haste	• haurir	• Havana
• Havaí	• haxixe	• hebdomadário
• hebreu	• hectare	• hediondo
• hedonismo	• Hedviges	• hélice
• hemeroteca	• hemisfério	• hemorragia

• hemorroidas	• hendecassílabo	• hepático
• heptassílabo	• hera (planta)	• herbívoro
• hermenêutica	• hermético	• hérnia
• herói	• hertziano	• hesitar
• heureca	• hexagonal	• hexágono
• hiato	• hibernal	• híbrido
• hidra	• hidrato	• hidravião
• hidrogênio	• hiena	• hierarquia
• hieróglifo	• hífen	• higrômetro
• hilaridade	• hilário	• himeneu
• hinário	• hino	• hipérbole
• hipismo	• hipocondria	• hipocrisia
• hipódromo	• hipófise	• hipopótamo
• hipoteca	• hipótese	• hirto
• hispânico	• histeria	• histologia
• hodierno	• holandês	• holofote
• homenagear	• homeopatia	• homicida
• homilia (ou homília)	• homologar	• homogeneidade
• homogêneo	• homônimo	• honesto
• honorários	• honra	• honraria
• hóquei	• horário	• horda
• horizonte	• hormônio	• horóscopo
• horripilar	• horror	• horta
• hortênsia	• horto (jardim)	• hosana
• hóspede	• hospício	• hospitalizar
• hóstia	• hostil	• hotel
• hulha	• humilde	• humor
• húmus		

2.3.6 EMPREGO DA LETRA “S”

1) Na correlação ortográfica, verbos com “ND” formarão substantivos e adjetivos com “NS”. Observe:

- pretender → pretensão, pretensioso, despretensioso
- suspender → suspensão, suspensivo
- ascender → ascensão, ascensor, ascensional
- distender → distensão, distensível, distensor

2) Na correlação ortográfica, verbo com “PEL” formará substantivos e adjetivos com “PULS”. Observe:

- impelir → impulso, impulsivo, impulsão
- expelir → expulsão, expulsivo, expulsor
- repelir → repulsão, repulsivo
- compelir → compulsão, compulsivo

3) No sufixo erudito “-ense”, formador de adjetivos gentílicos. Veja:

- paquistanense
- paraense
- rio-grandense
- vienense
- parisiense

4) É empregada geralmente após ditongos. Observe os inúmeros exemplos:

- aplauso
- causa
- coisa
- lousa
- maisena
- Moisés
- náusea
- paisagem
- pouso
- Sousa
- faisão
- gêiser
- Neusa
- mausoléu

5) Na conjugação dos verbos “PÔR” e “QUERER”. Veja:

- Se eu quisesse; tu quisesses; ele quisesse; nós quiséssemos; vós quisésseis; eles quisessem.
- Eu pus; tu puseste; ele pôs; nós pusemos; vós pusestes; eles puseram.

6) Nos vocábulos formados pelos sufixos “-esa, -isa, -osa, -oso, -ês”, os quais geralmente formam adjetivos a partir de substantivos.

- burguesa
- cortês
- camponês
- poetisa
- sacerdotisa
- gostoso
- cheiroso
- princesa
- marquesa
- orgulhosa
- francês
- amorosa
- diaconisa
- papisa

7) Nos sufixos gregos “-ase, -ese, -ise, -ose”. Observe:

- catálise
- prófase
- catequese
- próclise
- osmose
- metamorfose
- psicanálise

8) Em vocábulos derivados de outros que são escritos com a letra “S”. Veja:

- ausente → ausência, ausente, ausentar
- base → baseado, basear, baseamento
- casa → casar, casamento, casebre
- preso → presídio, presidiário, presidiar
- visão → visionário, visível, visionar

Segue abaixo um rol sucinto de palavras escritas com a letra “S”.

ESCREVE-SE COM “S”	
• abrasar	• escusável
• abusão	• extasiar
• abusar	• formosura
• abuso	• frasear
• adesão	• freguesa
• adesivo	• frisante
• agasalhar	• fuselagem
• aliás	• fusível
• alisar	• gasoso
• amásia	• gris
• ambrosia	• grosa
• amnésia	• groselha
• analisar	• hesitar
• ananás	• improvisar
• anestesia	• Jerusalém
• anis	• jusante
• apesar	• lesar
• após	• lesão
• aposentar	• lisura

- apostasia
- apoteose
- apresar
- apresilhar
- aprisionar
- ardósia
- arrasar
- artesanato
- atrasar
- atrasado
- através
- basebol
- basílica
- besuntar
- brasa
- brisa
- camiseta
- camisola
- camponês
- casebre
- casaco
- casimira
- casuísta
- casulo
- catalisar
- catequese
- cesariana
- cisão
- colisão
- concisão
- maisena
- maresia
- medusa
- misantropo
- miséria
- misericórdia
- nasal
- obesidade
- país
- paisano
- paralisar
- parisiense
- parnasiano
- pêsame
- pesquisar
- precisão
- preservar
- prosélito
- raposa
- raso
- reclusão
- rasura
- resina
- revés
- revisar
- sassafrás
- sinestesia
- sinusite
- sisudo
- sósia

• cortesão	• televisor
• cortesia	• torquês
• crisálida	• tosar
• demasia	• transação
• desinência	• usufruto
• diaconisa	• usura
• divisor	• vaselina
• dose	• vesícula
• entrosar	• viseira
• enviesar	• zeloso

2.3.7 EMPREGO DO DÍGRAFO "SS"

1. Na correlação ortográfica, verbos com "CED" formarão substantivos com "CESS". Observe:

- **ced**er → **cess**ão, **cess**ionário
- inter**ced**er → inter**cess**ão, inter**cess**or
- ex**ced**er → ex**cess**ivo, ex**cess**o
- con**ced**er → con**cess**ão, con**cess**ivo
- a**ced**er → a**cess**o, a**cess**ível

2. Na correlação ortográfica, verbos com "GRED" formarão substantivos e adjetivos com "GRESS". Veja:

- a**gred**ir → a**gress**ão, a**gress**ivo, a**gress**or, a**gress**ividade
- pro**gred**ir → pro**gress**o, pro**gress**ão, pro**gress**ivo
- re**gred**ir → re**gress**ão, re**gress**o, re**gress**ivo
- trans**gred**ir → trans**gress**ão, trans**gress**or

3. Na correlação ortográfica, verbos em "PRIM" formarão substantivos e adjetivos com "PRESS". Observe:

- com**prim**ir → com**press**ão, com**press**ivo
- ex**prim**ir → ex**press**ão, ex**press**ivo
- im**prim**ir → im**press**ão, im**press**or

- o**prim**ir → o**press**ão, o**press**or
- re**prim**ir → re**press**ão, re**press**or
- de**prim**ir → de**press**ão, de**press**ivo

4. Na correlação, verbos terminados em "TIR" formarão substantivos e adjetivos com "SSÃO". Confira:

- admi**tir** → admi**ssão**, admi**ssí**vel
- discu**tir** → discu**ssão**
- repercu**tir** → repercu**ssão**, repercu**ssi**vo
- eletrocu**tir** → eletrocu**ssão**

5. Em palavras derivadas por prefixação, cujo prefixo termina em vogal e o vocábulo se inicia por "s". Observe:

- mini + saia → mini**ss**aia
- a + salariar → a**ss**alariar
- ante + sala → ante**ss**ala
- re + surgir → re**ss**urgir
- neo + simbolismo → neo**ss**imbolismo
- a + silábico → a**ss**ilábico
- anti + séptico → anti**ss**éptico
- pseudo + sufixo → pseudo**ss**ufixo
- para + sífilis → para**ss**ífilis

Observe agora uma série de vocábulos em que se emprega o dígrafo "SS".

ESCREVE-SE COM "SS"	
• acessível	• excesso
• alvíssaras	• fossa
• amassar	• fossilizar
• assar	• gesso
• apressar	• girassol
• argamassa	• imissão
• arremesso	• impressionar
• assear	• massagem
• assédio	• massapé
• asseio	• melissa
• assessor	• missionário
• asserção	• obsessão

• assoprar	• passatempo
• aterrissagem	• passeata
• aterrissar	• pintassilgo
• avesso	• possessão
• bissetriz	• presságio
• bússola	• promessa
• compasso	• ressaca
• concessão	• ressentir
• condessa	• ressonar
• confessionário	• ressuscitar
• confissão	• russo
• demissão	• sanguessuga
• depressa	• sobressalente
• devasso	• sossego
• dissensão	• travesso
• dissídio	• uníssono
• endossar	• vassoura
• escassez	• verossímil
• escasso	

2.3.8 EMPREGO DO "SC"

Em muitos vocábulos, principalmente por razões etimológicas, emprega-se "SC". Geralmente são vocábulos eruditos, provenientes do latim. Observe abaixo um quadro sucinto com alguns vocábulos escritos com "SC".

ESCREVE-SE COM "SC"	
• abscesso	• irascível
• abscissa	• isósceles
• acrescer	• lascívia
• adolescência	• luminescência
• apascentar	• miscelânea

• aquiescência	• miscigenação
• ascendente	• nascença
• ascender (subir)	• obsceno
• ascético (místico)	• oscilação
• concupiscência	• piscina
• condescender	• presciência
• consciência	• prescindir
• convalescença	• prescindível
• descendência	• recrudescer
• descentralização	• remanescente
• discente	• reminiscência
• discernimento	• renascentismo
• disciplina	• rescindir
• efervescência	• rescisão
• fascículo	• ressuscitar
• fascismo	• susceptível
• fascínio	• suscitar
• florescente	• transcendente
• imprescindível	• víscera
• incandescente	• visceral
• intumescer	

2.3.9 EMPREGO DA LETRA "Z"

Geralmente emprega-se a letra Z:

1) Na maioria dos substantivos derivados de adjetivos. Observe:

ADJETIVO		SUBSTANTIVO DERIVADO
ácido	→	acidez
altivo	→	altivez
áspero	→	aspereza

baixo	→	baixeza
certo	→	certeza
belo	→	beleza
claro	→	clareza
delicado	→	delicadeza
embriagado	→	embriaguez
escasso	→	escassez
estúpido	→	estupidez
flácido	→	flacidez
fluido	→	fluidez
fraco	→	fraqueza
grande	→	grandeza
insípido	→	insipidez
largo	→	largueza
ligeiro	→	ligeireza
macio	→	maciez
mesquinho	→	mesquinhez
pálido	→	palidez
rápido	→	rapidez
singelo	→	singeleza
surdo	→	surdez
triste	→	tristeza

2) No sufixo "-IZAR" formador de verbos a partir de substantivos e adjetivos não terminados em "S". Veja:

- agon(ia) + izar → agonizar
- colon(o) + izar → colonizar
- hospital + izar → hospitalizar
- final + izar → finalizar
- suav(e) + izar → suavizar
- símbol(o) + izar → simbolizar
- fiscal + izar → fiscalizar
- amen(o) + izar → amenizar
- ideal + izar → idealizar
- modern(o) + izar → modernizar
- canal + izar → canalizar
- civil + izar → civilizar
- harmoni(a) + izar → harmonizar
- universal + izar → universalizar

- cristal + izar → cristalizar
- capital + izar → capitalizar
- divin(o) + izar → divinizar
- formal + izar → formalizar

⇨ **Observação:**

a) Os substantivos derivados dos verbos acima (com o sufixo "-IZAÇÃO") também são escritos com "Z".

- suavização
- modernização
- formalização
- agonização
- finalização
- capitalização
- colonização
- fiscalização
- idealização
- harmonização

b) Se o vocábulo finalizar com a letra "S", acrescenta-se tão somente o sufixo "-AR". Observe:

- a + lis(o) + ar → alisar
- avis(o) + ar → avisar
- pesquis(a) + ar → pesquisar
- catális(e) + ar → catalisar
- anális(e) + ar → analisar
- fris(o) + ar → frisar
- pis(o) + ar → pisar
- divis(a) + ar → divisar

c) Para a regra acima, temos uma exceção: o verbo "catequizar" – escrito com "Z" – que é derivado do substantivo "catequese" – escrito com a letra "S".

3) Nos verbos terminados em "-UZIR" e nas suas conjugações:

- conduzir → conduz, conduziu, conduzirá
- deduzir → deduz, deduziu, deduzirá
- produzir → produz, produzia, produziria

2.3.10 "-ZINHO" OU "-SINHO"

Em português, geralmente se fazem confusões, na formação do diminutivo de alguns vocábulos, quanto ao emprego das letras "Z" e "S". Primeiramente, convém dizer que o sufixo para o diminutivo em português é, em geral, o "-INHO". Para usá-lo corretamente, atente para as seguintes orientações:

a) Quando o vocábulo finalizar em "S" ou em "Z", acrescentar-se-á tão somente o sufixo "-INHO". Observe:

- raiz + inha → raizinha
- lápis + inho → lapisinho
- nariz + inho → narizinho
- Teres(a) + inha → Teresinha

- ros(a) + inha → rosinha
- Luís + inho → Luisinho
- chinês + inha → chinesinha
- as(a) + inha → asinha
- princes(a) + inha → princesinha
- mes(a) + inha → mesinha

b) Quando o vocábulo não termina nem em "S" nem em "Z", usa-se a consoante de ligação "Z" entre o vocábulo e o sufixo indicador do diminutivo. Veja:

- amor + z + inho → amorzinho
- flor + z + inha → florzinha
- café + z + inho → cafezinho
- pai + z + inho → paizinho
- só + z + inho → sozinho
- João + z + inho → Joãozinho
- anel + z + inho → anelzinho
- mar + z + inho → marzinho
- mão + z + inha → mãozinha
- pé + z + inho → pezinho
- Maria + z + inha → Mariazinha
- homem + z + inho → homenzinho

⇨ Observações:

a) Perceba que, na última regra, a letra "Z" funciona como consoante de ligação entre o final do vocábulo e o sufixo "-inho(a)", já que os vocábulos sem ela seriam cacofônicos, malsoantes.

b) Com certos vocábulos, admitem-se duas grafias. Observe:

- colherzinha ou colherinha
- hominho ou homenzinho
- dentinho ou dentezinho
- gavetinha ou gavetazinha
- montinho ou montezinho
- florzinha ou florinha
- ovinho ou ovozinho
- campinho ou campozinho
- mulherinha ou mulherzinha
- pastorinho ou pastorzinho

Observe abaixo uma tabela com vocábulos escritos com a letra "Z".

ESCREVE-SE COM "Z"	
• abalizar	• embriaguez
• acidez	• escassez
• agonizar	• espezinhar
• ajuizar	• estupidez
• alazão	• falaz
• algazarra	• fineza
• algoz	• flacidez

- alteza
- altivez
- amenizar
- amortizar
- apaziguar
- aprazível
- aridez
- assaz
- avestruz
- azar
- azedar
- azeitona
- azucrinar
- baixeza
- baliza
- bambuzal
- bezerro
- buzina
- capataz
- capuz
- chafariz
- cizânia
- coalizão
- conduzir
- contemporizar
- contumaz
- copázio
- coriza
- cozer (cozinhar)
- desazo (descuido)
- frigidez
- fugaz
- gazear
- geratriz
- gozo
- indenizar
- intrepidez
- lambuzar
- lhaneza
- loquaz
- mazela
- mazurca
- morbidez
- nudez
- ozônio
- perdiz
- prazerosamente
- prenhez
- quizila
- rapaziada
- razoável
- revezar
- sagaz
- seduzir
- surdez
- topázio
- varizes
- vazante
- verniz
- vileza

• desfaçatez • deslizar (mas alisar) • deslize • dizimar • eficaz	• vizinho • xadrez • ziguezague

2.3.11 EMPREGO DA LETRA "X"

a) Por questões etimológicas, emprega-se o "X" com o som de "S" em vocábulos como:

- expor
- sexta
- êxtase
- sextilha
- auxiliar
- contexto
- próximo
- sintaxe
- extenso
- expectativa
- texto
- aproximar
- extrato
- expor
- têxtil

b) Emprega-se geralmente a letra "X" após ditongo. Veja:

- baixo
- queixada
- eixo
- caixa
- peixe
- seixo
- deixar
- gueixa
- frouxo
- feixe

Exceção: Os vocábulos "guache" e "caucho" – e seus derivados, como "recauchutar, recauchutagem" – são escritos com "CH".

c) Geralmente após a sílaba "me" inicial da palavra emprega-se a letra "X". Observe:

- mexerico
- mexida
- mexerucar
- mexilhão
- mexedor
- mexe-mexe
- mexerica
- mexeriqueiro
- mexicano
- mexeriquice

Exceção: O vocábulo "mecha" e seus derivados "mechado, mechagem, mechar".

d) Após a sílaba inicial "en" geralmente se emprega a letra "X". Observe:

- enxada
- enxergar
- enxofre
- enxoval
- enxugar
- enxame
- enxerido
- enxurrada
- enxovalhar
- enxaqueca
- enxadrezar
- enxaguada
- enxaguar
- enxaimel
- enxertar

Exceções: Os vocábulos "encher" (e seus derivados) e enchova (= peixe) são escritos com "CH". Ocorrerá também uma exceção quando o prefixo "en-" for anexado a um vocábulo iniciado por "CH", como "enchiqueirar, encharcar, enchumaçar etc.".

Observe abaixo uma tabela com alguns vocábulos escritos com a letra "X".

ESCREVE-SE COM "X"	
• abacaxi	• maxixe
• almoxarife	• oxalá
• atarraxar	• praxe
• baixada	• puxar
• baixela	• puxão
• bexiguento	• Quixote
• broxa (pincel)	• relaxar
• bruxulear	• remexer
• buxo (arbusto)	• repuxo
• caixeiro	• rixa
• caixote	• rouxinol
• capixaba	• taxa (imposto)
• caxumba	• trouxa
• coxinilho	• vexame
• elixir	• xá (título de nobreza)
• enfeixar	• xadrez
• enxada	• xampu
• enxaqueca	• xeque (chefe árabe)
• faxina	• xereta
• feixe	• xícara

• graxa	• xilindró
• gueixa	• xilofone
• lagartixa	• xingar
• laxativo	• Xingu
• lixa	• xiquexique
• luxúria	• xodó
• macaxeira	

Não se esqueça de que, em muitos vocábulos, a letra “X”, quando usada no final do vocábulo ou quando empregada entre duas vogais (intervocálica), representa o fonema “KS”. Observe a tabela:

LETRA “X” COM O SOM DE “KS”	
• afluxo	• látex
• amplexo	• léxico
• anexar	• lexicografia
• asfixiar	• Marx
• asfixiante	• marxismo
• axioma	• máxime
• boxe	• nexo
• caquexia	• ônix
• clímax	• ortodoxia
• complexo	• oxidar
• conexão	• óxido
• convexo	• oxigênio
• córtex	• paradoxal
• crucifixo	• perplexo
• dislexia	• profilaxia
• doxologia	• reflexão
• dúplex	• refluxo
• fixação	• saxão
• fixo	• saxofone

• flexionar	• sexagésimo
• fluxo	• sexo
• genuflexão	• tórax
• heterodoxia	• tóxico
• hexacampeão	• toxicologia
• intoxicar	• uxoricida

Em alguns outros vocábulos, a letra “X” representará o fonema “Z”. Observe abaixo:

LETRA “X” COM O SOM DE “Z”	
• exagero	• existir
• exalar	• êxito
• exame	• êxodo
• exasperar	• exonerar
• executar	• exorcismo
• exemplo	• exortar
• exegese	• exótico
• exercer	• exuberância
• exercício	• exultar
• exército	• exumar
• exibir	• inexistente
• exigir	• inexorável
• exíguo	• exilar

2.3.12 EMPREGO DO DÍGRAFO “CH”

Geralmente se usa o dígrafo “CH” por razões etimológicas. Há inúmeras palavras provenientes do latim, do francês, do espanhol e do italiano as quais são escritas com o dígrafo “CH”. Podemos citar, a título de exemplo, os vocábulos “chave, cheirar, chuva” (do latim); brocha, chalé, chefe, mochila (do francês e do espanhol); charlatão, salsicha, espadachim (do italiano).

Abaixo segue uma tabela com alguns vocábulos escritos com “CH”.

ESCREVE-SE COM "CH"	
• Anchieta	• churrasco
• apetrecho	• chuteira
• belchior	• cochichar
• bochecha	• cochicho
• bochecho	• cocho (recipiente)
• boliche	• colcha
• bombacha	• concha
• brocha (prego)	• coqueluche
• broche	• deboche
• bucha	• despachar
• bucho (estômago)	• encher
• cachaça	• espichar
• cachimbo	• estrebuchar
• cachola	• fachada
• capuchinho	• ficha
• capucho	• guache
• cartucho (cápsula)	• inchar
• chá (infusão de folhas)	• machucar
• chácara	• mochila
• chafariz	• pachorra
• charco	• pecha
• charque	• pechincha
• cheque (ord. pagamento)	• rachar
• chimarrão	• salsicha
• chiste	• tacha (mancha)
• chuchu	• tachar (acusar)
• chucrute	
• chutar	
• chumaço	

2.3.13 EMPREGO DA LETRA MAIÚSCULA E DA MINÚSCULA

Um ponto bastante interessante em nossa língua é o emprego das letras minúsculas e maiúsculas. Embora seja pouco explorado pelas bancas dos concursos, este assunto é bastante útil para o usuário da língua, notadamente para aqueles que trabalham frequentemente com a língua escrita.

Para uma orientação mais segura, procuramos pautar as regras abaixo no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, edição de 2009, sem exclusão de outras regras óbvias e bastante usuais.

2.3.13.1 Letras maiúsculas

É de praxe o emprego da letra maiúscula:

1) No início de frases, orações ou períodos, versos, citações diretas e logo após o ponto final. Veja:

- "Disse o padre Antônio Vieira: "Estar com Cristo em qualquer lugar...".
- "Longe do estéril turbilhão da rua,
Beneditino, escreve! No aconchego
Do claustro, na paciência e no sossego,
Trabalha, e teima, e lima, e sofre, e sua!
Mas que na forma de disfarce o emprego
Do esforço; e a trama viva se construa
De tal modo, que a imagem fique nua,
Rica mas sóbria, como um templo grego."
(Olavo Bilac)

⇨ **Observações:**

Muitos poetas usam, à moda espanhola, a minúscula no princípio de cada verso, quando a pontuação o permite, como se vê abaixo em Carlos Drummond de Andrade:

- "É quando, ao despertar, revejo a um canto
a noite acumulada de meus dias,
e sinto que estou vivo, e que não sonho."

2) Nos substantivos próprios de qualquer espécie (antropônimos: nomes de pessoas, alcunhas, patronímicos, cognomes, tribos e castas, seres mitológicos e fabulosos; topônimos: nomes de lugares, cidades, países; designação de comunidades religiosas e políticas).

- João da Silva
- Dom Quixote
- Dom Casmurro
- Branca de Neve

- Sigmund Freud
- Recife
- Palmares
- Atlântida
- Hespéria
- Ruanda
- Brasil
- Olinda
- os Pirineus
- Alá
- Jeová
- Testemunhas de Jeová
- Vênus
- Júpiter
- Baco
- Igreja Católica
- Nação
- Estado
- Pátria
- Raça

⇨ **Observação:**

a) Os vocábulos “Nação, Estado, Pátria, Raça” devem ser escritos com minúscula quando forem empregados em sentido geral ou indeterminado.

- “O único expediente regular (para revogar uma lei que não se acha de acordo com as necessidades de uma **nação**) é o remédio que pode provir do Poder Legislativo.” (Rui Barbosa)
- “Também me ocorreu aceitar a batalha, no sentido natural, e fazer dela a luta pela **pátria**, por exemplo.” (Machado de Assis)

b) Os substantivos que designam os nomes dos países, estados e cidades devem ser grafados com letra maiúscula, mas seus povos escrevem-se com inicial minúscula, não só quando designam os habitantes ou naturais daquele lugar, mas também quando representam coletivamente uma nação, um povo. Observe:

- o Brasil → os brasileiros
- a Bahia → os baianos
- a Rússia → os russos
- Pernambuco → os pernambucanos
- Palmares → os palmarenses
- a Venezuela → os venezuelanos

3) Nos nomes de festas e festividades. Veja:

- Natal
- Páscoa
- Ramadão
- Todos os Santos

4) Nos nomes que designam a divindade. Observe:

- o Altíssimo
- o Todo-Poderoso
- o Rei dos reis
- o Onipotente
- o Criador

5) Nos pontos cardeais ou equivalentes, quando empregados absolutamente, isto é, quando empregados em referência à região. Observe:

- o Nordeste, por nordeste do Brasil
- o Norte, por norte de Portugal
- Meio-Dia, pelo sul da França
- o Ocidente, por ocidente europeu

6) Nos títulos de jornais e periódicos, que retêm o itálico. Observe:

- *O Estado de São Paulo*
- *Zero Hora*
- *Folha de São Paulo*

- *Jornal do Commercio*
- *Diário da Manhã*
- *O Primeiro de Janeiro*

7) Em siglas, símbolos ou abreviaturas internacionais ou nacionalmente reguladas com maiúsculas. Veja:

- VOLP
- FAO
- CPF
- H2O
- Sr.
- V. Ex.ª.
- ONU

8) Nos nomes próprios de eras e de acontecimentos históricos, e épocas notáveis. Observe:

- Segunda Guerra Mundial
- Idade Média
- Renascimento
- Revolução Industrial

9) Nos nomes de repartições, corporações ou agremiações e estabelecimentos públicos ou particulares. Observe:

- Ministério das Relações Institucionais
- Departamento de Defesa
- Academia Pernambucana de Letras
- Imprensa Nacional
- Universidade Federal do Rio de Janeiro
- Presidência da República

2.3.13.2 Letras minúsculas

É de regra empregar-se a letra minúscula:

1) Ordinariamente, em todos os vocábulos da língua portuguesa nos usos correntes para os quais não haja a obrigatoriedade da letra maiúscula.

2) Nos nomes dos dias, dos meses e das estações do ano. Veja:

- segunda-feira
- sábado
- janeiro
- março
- primavera
- verão

3) Nos usos dos pronomes indefinidos “fulano, sicrano e beltrano”.

4) Depois do sinal de dois-pontos quando não se tratar de nome próprio ou de citação direta. Observe:

- Só desejo uma coisa em minha vida: paz.
- Bêbado, ele apenas dizia isto: que a vida não vale a pena.
- Sempre foi um homem de bem: auxiliava em todos os abrigos do município.

5) Nos nomes próprios tomados comuns por sinédoque. Observe:

- Ele foi um judas para a turma.
- Rui era o cristo da sala.

- Agia como um dom-quixote.

6) Nos nomes de festas populares ou pagãs. Veja:

- carnaval
- micareta
- as festas juninas
- as bacanais
- as saturnais

2.3.13.3 Emprego facultativo da letra maiúscula e da minúscula

Pode-se empregar tanto a letra maiúscula quanto a minúscula nos seguintes casos:

1) Em palavras usadas na categorização de logradouros públicos, de templos e de edifícios. Observe:

- Rua ou rua Joaquim da Lapa
- Avenida ou avenida Agamenon Magalhães
- Edifício ou edifício Copan
- Largo ou largo de São Francisco
- Igreja ou igreja Presbiteriana
- Palácio ou palácio da Cultura

2) Nos nomes, adjetivos, pronomes e expressões de tratamento ou reverência. Veja:

- Santa ou santa Ifigênia
- Governador ou governador Eduardo Campos
- Bacharel ou bacharel João Carlos
- Senhor Doutor ou senhor doutor Antônio Carlos Resende
- Cardeal ou cardeal Bembo
- Padre ou padre Ferdinando Marques

3) Nos nomes que designam domínios do saber, cursos, disciplinas e formas afins. Veja:

- Português ou português
- Matemática ou matemática
- Belas Artes ou belas artes
- Filosofia ou filosofia
- Letras Clássicas ou letras clássicas
- línguas e literaturas modernas ou Línguas e Literaturas modernas

4) Nos títulos que compõem uma citação bibliográfica, exceto no primeiro vocábulo e naqueles obrigatoriamente grafados com maiúscula.

- Menino de Engenho ou Menino de engenho
- Árvore e Tambor ou Árvore e tambor
- O Crime do Padre Amaro ou O crime do padre Amaro
- Memórias Póstumas de Brás Cubas ou Memórias póstumas de Brás Cubas

2.3.14 ABREVIATURAS

Em nossa língua portuguesa, certas palavras e locuções, em vez de serem escritas por extenso, são muitas vezes indicadas somente com as iniciais seguidas de ponto ou com as iniciais e mais um número reduzidíssimo de letras seguidas de ponto. Dá-se às palavras e expressões assim representadas o nome de "abreviaturas".

A escrita das abreviaturas geralmente segue algumas orientações. Vejamo-las:

1) Nas abreviaturas, as letras são frequentemente substituídas por ponto. Este, por sua vez, geralmente só é colocado após a primeira consoante ou após o primeiro encontro consonantal. Perceba:

- f. (feminino)
- adj. (adjetivo)
- compl. (complemento)
- Fr. (Frei)
- dipl. (diploma)

⇨ **Observação:**

Algumas abreviaturas modernas empregam o ponto depois de vogal. Veja:

- ago. (agosto)
- anu. (anuário)
- Ci. (Ciência)
- litu. (lituano)
- memo. (memorando)

2) As abreviaturas de símbolos científicos (medidas, pesos, distâncias etc.) são escritas sem ponto e sem a letra "s" para indicar o plural. Veja:

- g (grama)
- km (quilômetro)
- K (potássio)
- sen (seno)
- m (metro)
- cm (centímetro)
- l (litro)
- h (hora)
- kg (quilograma)
- min (minuto)

3) Algumas abreviaturas mantêm a(s) última(s) letra(s) do vocábulo postas acima das outras. Observe:

- C.^{el} (Coronel)
- Exma (Excelentíssima)
- Rem.^{te} (remetente)
- V. Ex.ª (Vossa Excelência)

4) Geralmente, quando se deseja expressar o plural de uma abreviatura, acrescenta-se tão somente a letra "s". Observe:

- caps. (capítulos)
- fls. (folhas)
- Dr.as (doutoras)
- págs. (páginas)

⇨ **Observações:**

a) Quando a abreviatura é formada por letras maiúsculas, duplicam-se essas letras para se expressar o plural. Logo:

- SS.AA (Suas Altezas)
- VV.PP. (Vossas Paternidades)
- VV.MM (Vossas Majestades)

b) Em alguns casos, a duplicação das maiúsculas pode representar superlativos. É o caso de:

- DD (Digníssimo)
- MM (Meritíssimo)
- SS (Santíssimo)

5) O acento gráfico, quando houver, deve ser mantido se recair antes do ponto abreviativo. Veja:

- séc. (século)
- pág. (página)
- téc. (técnica)
- côv. (côvado)
- anún. (anúncio)
- Fís. (Física)
- núm. (número)
- gên. (gênero)
- mús. (música)
- Quím. (Química)

Observe abaixo um rol sucinto com algumas abreviaturas bastante usuais na escrita portuguesa:

a.C ou A.C. = antes de Cristo	A/C = ao(s) cuidado(s)
A.D. = anno Domini (ano do Senhor)	adj. = adjetivo
ad. lit. = ad litteram (ao pé da letra, literalmente)	adv. = advérbio
Aeron. = aeronáutica	Ah = Ampère hora
a.m. = *ante meridiem* (antes do meio-dia)	A.M. = ave-maria
am.º = amigo	ap. ou apart. = apartamento
ár. = árabe	arc.º = arcebispo
asp. ou asp.te = aspirante	assoc. = associação
ativ. = atividade	at.º = atento ou atencioso
at.te = atenciosamente	A.T. = Antigo Testamento
banc. = bancário	B.el = bacharel
B.eis = bacharéis	B.O. = boletim de ocorrência
bras. = brasileiro ou brasileirismo	Bras. = Brasil
cap. = capitão	Cap. = Capital
C.el ou C.el = coronel	Cia. ou C.ia = companhia
Col.º = colégio	Corresp. = correspondência

d.C. ou D.C. = depois de Cristo	DD. = digníssimo
Dec. = Decreto	diác. = diácono
dic. = dicionário	div. = divisão
Dr. = doutor	Drs. = doutores
Dr.ª = doutora	Dr.ªs = doutoras
Ed. = edição	E.D. = espera deferimento
el. = elemento	espec. = especial
etc. = *et cetera*	Ex.ª = Excelência
f., fl. ou fol. = folha	fls. ou fols. = folhas
flex. = flexão	F.º = filho
g = grama(s)	g. ou gr. = grau(s)
gen. = general	h = hora(s)
ib. ou ibid. = *ibidem* (no mesmo lugar)	i.e. = *id est* (isto é)
Il.ma = ilustríssima	Il.mo = ilustríssimo
Juríd. = jurídico	Kg = quilograma
lit. = *litteratim* (literalmente)	min = minuto(s)
m = metro(s)	mons. = monsenhor
N.T. = Novo Testamento	P.S. = *post scriptum* (pós-escrito)
seg = segundo(s)	seg. = seguinte
v. = você, veja, verbo, volume	*v.g.* = *verbi gratia* (por exemplo)
V.T. = Velho Testamento	

2.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (FCC) Está correta a grafia de todas as palavras do seguinte comentário sobre o texto:

   a) Uma das iniciativas encontornáveis da cidadania está em se ezercer a consciência crítica, aplicada aos fatos da realidade.

   b) Recusando os privilégios dos que se habituaram a viver em grupos autônomos, o texto propõe o acesso de todos a todas as instâncias sociais.

c) Ninguém deve se ezimir de cobrar do Estado a prezervação do princípio de igualdade como um direito básico da cidadania.

d) Constitue dever de todos manter ou readquirir a crença em que seja possível a vijência social dos princípios da igualdade e da solidariedade.

e) O que se atribue a um cidadão, como direito básico, deve constituir-se em direito básico de todos os cidadãos, indescriminadamente.

2. (FCC) Há palavras cuja grafia exige correção na frase:

a) Incompreensivelmente, dá-se absoluta primazia à experiência, quando se trata do preenchimento de novas vagas.

b) Pretextando a inexperiência dos jovens pretendentes a uma vaga, os empregadores lhes oferecem estágios, com pagamento irrisório.

c) É lamentável que jovens com aptidão e vocação para o trabalho sejam rejeitados em nome de uma experiência a que não podem ter acesso.

d) Diminui paulatinamente o número de novos empregos, o que obriga os jovens candidatos a se submeterem a exigências cada vez mais rigorosas.

e) É evidente o descazo com que o mercado de trabalho trata os recém-formados, frustrando assim suas legítimas pretenções.

3. (ESAF) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia.

*Diante da atual mediocridade da representação política, é **necessária(1)** a participação e a organização da sociedade, operando uma profunda mudança em nossa cultura política. **Quanto maior(2)** o individualismo, mais frágeis são os governos. As regras formais constitucionais não são suficientes para **freiar(3)** os vícios **exacerbados(4)** pelo poder. As organizações da sociedade devem ter o poder de vigiar e cobrar prestação de contas. Por isso, em vez de desacreditar da política, devemos agir em corresponsabilidade, com coragem, lucidez e **discernimento(5)** num grande mutirão para abrir caminho para um país democrático, justo, desenvolvido e pacífico.*

(Adaptado de Dom Geraldo Majella, cardeal Agnelo, Folha de S. Paulo, 21/6/2005)

a) 1

b) 2

c) 3

d) 4

e) 5

4. (FCC) Está correta a grafia de todas as palavras da frase:

a) Malediscente como sempre, não deixa de proferir injúrias, manifestando, além da hostilidade, uma extraordinária vocação para provocar a cisânia entre seus desafetos.

b) Diante de nossa relutância, propôs que fôssemos com ele ao supermercado, emprendêssemos, de modo alheatório, uma pesquisa de preços, e os comparássemos aos da feira.

c) Como não conta com nenhum para-raios, o povoado se alarma tão logo comece a trovejar: na última tempestade, a inscidência de descargas elétricas foi a maior da região.

d) Será necessário intensificar a assistência aos pescadores, por ocasião da reversão das águas do rio – operação esta que certamente beneficiará as hidrelétricas, mas que poderá levar muitos à indigência.

e) Os maltratos recebidos afetaram-na tão profundamente que ela não consegue relaxar: ficaram-lhe os resquícios de um trauma familiar que dificilmente superará sem os subssídios de um tratamento especializado.

5. (FCC) Estão corretos o emprego e a grafia de todas as palavras da frase:

a) É costume discriminar-se os jovens, e a razão maior está em serem jovens, e não em alguns de seus hábitos que fossem em si mesmos pernisciosos.

b) A encorporação de um novo léxico é uma das consequências de todo amplo avanço tecnológico, já que este indus à criação ou recriação de palavras para nomear novos referentes.

c) Um pequeno glossário, capaz de elucidar a nova terminologia da informática, contribui muito para afastar os percalços do caminho dos usuários iniciantes, aturdidos com tanta novidade.

d) Os maus-entendidos são fatais quando ainda não se tem destreza numa nova linguagem, quando ainda não se está familiarizado com um novo vocabulario.

e) Muita gente letrada e idosa aderiu ao uso do computador, considerando-o não um sinal do apocalípse, mas uma ferramenta revolucionária na execução de tarefas, um instrumento útil para qualquer pesquizador.

6. (ESAF) Assinale o trecho do texto que apresenta erro gramatical.

Machado de Assis – Um gênio Brasileiro, de Daniel Piza

a) Na apresentação da biografia de Machado de Assis (1839-1908), o jornalista Daniel Piza observa que o autor foi, ao mesmo tempo, uma expressão de sua época e uma exceção a ela.

b) Em seus contos e romances, ele deixou um retrato acurado do Rio de Janeiro do século XIX, mas sua crítica ácida à sociedade brasileira nem sempre foi percebida

pelos seus contemporâneos.

c) Piza busca demonstrar que Machado era muito diferente do protagonista de seu último romance, *Memorial de Aires*.

d) O escritor não tinha "tédio a controvérsias", pois, na verdade, participou dos grandes debates públicos de sua época.

e) A ascenção social do mulato no Brasil escravista e a epilepsia estão entre os aspectos de sua vida examinados no livro.

(Adaptado de Revista VEJA, 28 de dezembro de 2005, p. 196)

7. (ESAF – SEFAZ/CE 2007 – Aud. Fiscal) Assinale a opção que contém erro de grafia ou inadequação vocabular. (Artigo extraído, com modificações, do Estatuto dos Funcionários Públicos Civis do Estado do Ceará).

Art. 192 – O funcionário deixará de cumprir ordem de autoridade superior quando:

a) a autoridade de quem emanar a ordem for incompetente;b) não se contiver a ordem na área da competência do órgão a que servir o funcionário seu destinatário, ou não se referir a nenhuma das atribuições do servidor;

c) for a ordem expendida sem a forma exigida por lei;

d) não tiver a ordem como causa uma necessidade administrativa ou pública, ou visar a fins não estipulados na regra de competência da autoridade da qual promanou ou do funcionário a quem se dirige;

e) a ordem configurar abuso ou excesso de poder ou de autoridade;

(http://www.al.ce.gov.br/publicacoes/estatutocivis/estatuto/capitulo_2_t6.htm, pesquisa em 20/10/2006)

8. (FCC – TRT 23.ª região – Analista Judiciário) Estão corretos o emprego e a grafia de todas as palavras da frase:

a) A corrupção só se extingue ou diminue quando os justos intervêm para que as boas causas prevalesçam.

b) Os homens que usufruem de vantagens a que não fazem jus cultivam a hipocrisia de propalar discursos moralizantes.

c) Contra tantos canalhas audases há que haver a reação dos que têm a probidade como um valor inerente ao exercício da cidadania.

d) Há uma inestricável correlação entre a apatia dos bons cidadãos e a desenvoltura com que agem os foras-da-lei.

e) Deprende-se que houve êxito das iniciativas dos homens de bem quando os prevaricadores sentiram cerceada sua área de atuação.

9. (CESGRANRIO – BNDES) O substantivo derivado do verbo está grafado *INCORRETAMENTE* em

a) ascender: ascensão.
b) proteger: proteção.
c) catequizar: catequeze.
d) progredir: progressão.
e) paralisar: paralisia.

10. (FGV – Ministério da Cultura) As dificuldades gráficas constituem um grande entrave à boa comunicação escrita, podendo gerar desvios da intenção de comunicação original.

Assinale a alternativa em que não haja inconsistência gráfica ou semântica.

a) Ele mora há cerca de dez minutos do Centro.
b) Votamos naquele presidente, pois suas ações viriam ao encontro de nossas expectativas.
c) Como tinha corrido muito, chegou espavorido ao trabalho.
d) Embora fosse importante, o evento passou desapercebido.
e) O mandado do deputado será suspenso.

GABARITO

1 – B	2 – E	3 – C
4 – D	5 – C	6 – E
7 – C	8 – B	9 – C
10 – B		

CAPÍTULO 3

ACENTUAÇÃO

3.1 ORTOFONIA

Denomina-se de "**ortofonia**" a parte da Gramática Normativa que trata da correta pronúncia dos vocábulos. Divide-se em "ortoépia ou ortoepia" e "prosódia".

3.1.1 ORTOÉPIA OU ORTOEPIA

Como divisão da ortofonia, a **ortoépia** ou **ortoepia** estuda a correta enunciação dos fonemas (vogais e consoantes) no interior de uma palavra, segundo os padrões da língua culta.

No Brasil, a questão da pronúncia correta ainda é um grande problema, pois não possuímos uma "pronúncia-padrão", fato que ocasiona alguns ruídos comunicativos no território nacional. Não raro, ouvimos alguém pronunciando "bandeija, beneficiência, carangueijo, advinhar, desinteria, impecilho" dentre outros vocábulos igualmente errados.

Cumpre, por isso, assinalar que a correta pronúncia dos vocábulos em nossa língua depende de:

a) uma clara emissão das vogais;
b) uma nítida e exata articulação das consoantes;
c) uma acertada pronúncia da sílaba tônica do vocábulo.

Por isso, a Gramática Normativa dispõe um capítulo inteiro para o estudo de uma série de vocábulos, buscando orientar o estudante da língua a evitar muitos erros. Abaixo, listamos alguns vocábulos frequentemente usados, que podem trazer dúvida para o usuário da língua pátria.

Alerta! Sugiro que leia a tabela abaixo mais de uma vez. Tente apreender a pronúncia e a escrita corretas desses vocábulos, pois geralmente eles aparecem em provas, notadamente nas provas de nível médio.

CERTO	ERRADO
abóbora	abobra
absoluto	abissoluto
adivinhar	advinhar
admissão	adimissão
advogado	adevogado
aleijar	alejar
anteontem	antiontem
armário	armaro
bandeja	bandeija
barganha	berganha
bebedouro	bebedor
beneficência	beneficiência
bicarbonato	bicabornato
bugiganga	buginganga
bússola	bússula
cabeleireiro	cabelereiro
caranguejo	carangueijo
creolina	criolina
descarrilar	descarrilhar
destilar	distilar
disenteria	desinteria
edifício	edifiço
estoura	estóra
estrangeiro	estrangero
estupro	estrupo
etimologia	etmologia
família	famílha
flagrante	fragante
frear	freiar

frustrado	frustado
garfo	galfo
ignorância	iguinorânça
lagarto	largato
louco	loco
mendigo	mendingo
meritíssimo	meretíssimo
mortadela	mortandela
muçulmano	mulçumano
paciência	paciença
pátio	páteo
pneu	peneu
pouco	poco
problema	poblema
proprietário	propietário
psicologia	pissicologia
reivindicar	reinvindicar
salsicha	salchicha
seja	seje
sequer	siquer
superstição	supertição
supetão	sopetão
umbigo	imbigo

3.1.2 ACENTUAÇÃO GRÁFICA

Indubitavelmente, o ponto mais cobrado pelas bancas de concursos em geral é, sem dúvida, a acentuação gráfica de alguns vocábulos. Antes, porém, de estudarmos as regras que regem a acentuação gráfica, vejamos algumas orientações preliminares...

1) Hoje, com o advento do Novo Acordo Ortográfico (1990), existem em português três

acentos gráficos: o agudo (´), o grave (`) e o circunflexo (^). O til não é considerado um acento gráfico, senão um sinal de nasalização.

2) É importante não se esquecer de que todos os vocábulos são acentuados em português – é o chamado "**acento tônico**" (também chamado de "prosódico"), isto é, o acento que é representado pela sílaba mais forte do vocábulo: a sílaba tônica. As demais sílabas são chamadas de atônicas ou, simplesmente, átonas. Observe:

- meNIno
- caDERno
- almoFAda
- CaruaRU
- afirMAR

3) Em português, a sílaba tônica só recai na última, na penúltima ou na antepenúltima sílaba de um vocábulo. Daí os vocábulos serem classificados em três categorias:

a) **oxítonos** (ou agudos) → são os vocábulos cuja sílaba tônica recai na última, como em: café, timidez, papel, sutil, ruim, Nobel, condor, cateter, refém, amém, mister etc.

b) **paroxítonos** → são os vocábulos cuja sílaba tônica recai na penúltima, como em: amizade, beleza, austero, cível, exegese, rubrica, látex, decano, circuito, barbárie, fluido, tulipa, seniores, juniores etc.

c) **proparoxítonos** → são os vocábulos cuja sílaba tônica recai na antepenúltima, como em: lâmpada, ágape, álibi, pântano, ômega, êxodo, aríete, arquétipo, ínterim, horóscopo, êmbolo,

⇨ **Observação:**

Em português, o conhecimento sobre a sílaba tônica do vocábulo é imprescindível para que não se cometam erros no momento de se acentuar graficamente o vocábulo quando for necessário.

Dica: Sugiro que, antes de entrar no assunto abaixo, faça uma revisão teórica sobre os encontros vocálicos: ditongos, tritongos e hiatos. Essas definições serão bastante importantes.

3.1.3 REGRAS PARA A ACENTUAÇÃO GRÁFICA

Em primeiro lugar, cumpre observar que o objetivo da acentuação gráfica é permitir que todas as palavras sejam lidas corretamente e se evitem os erros de prosódia, denominados de "silabada".

Como já dissemos, é fundamental, em primeiro lugar, identificar a sílaba tônica dos vocábulos. A partir daí, parte-se para a busca da necessidade ou não de se acentuar o vocábulo graficamente.

Vamos às regras sobre a acentuação gráfica na língua portuguesa.

3.1.3.1 Monossílabos

Regra → **Em português, acentuam-se com acento agudo os monossílabos finalizados em "a, e" e "o" abertos e, com acento circunflexo os monossílabos finalizados em "e, o" fechados, seguidos ou não de "s".**

a) A(S) → chá, Brás, pá, gás, más, trás, fás, zás, má.

b) E(S) → lê, crê, rês, fé, pés, dê, mês, três, rés, lés.

c) O(S) → dó, nó, vó, pó, pôs, cós, vós, nós.

3.1.3.2 Oxítonos

1.ª regra → **Em português, acentuam-se com acento agudo os vocábulos oxítonos que terminam em "a, e, o" abertos, e com acento circunflexo os vocábulos que terminam em "e, o" fechados, seguidos ou não de "s".**

a) A(S) → maracujá, cajá, vatapá, maracá, babá, Amapá, Macapá, Itamaracá, agá, alvará.

b) E(S) → rapé, chulé, recém, café, jacaré, dendê, cortês, português, freguês, através, convés.

c) O(S) → cocoricó, trisavô, caritó, cipó, complô, propôs, judô, bisavó, cotó, mocotó, bangalô.

2.ª regra → **Em português, acentuam-se com acento agudo o "e" da terminação "em" ou "ens" dos vocábulos oxítonos compostos de mais de uma sílaba.**

- amém
- também
- armazém
- parabéns
- ninguém
- alguém
- vintém
- aquém
- Belém
- Santarém
- reféns
- desdém
- Jerusalém
- harém

⇨ **Observação:**

Perceba que os monossílabos e os vocábulos paroxítonos terminados em "em" e "ens" não são acentuados.

- cem
- vem
- tem
- trem
- cantem
- dizem
- fazem

3ª regra → Em português, acentuam-se com acento agudo os vocábulos oxítonos terminados nos ditongos abertos "éi, ói, éu".

a) ÉI → anéis, coronéis, papéis, fiéis, bacharéis

b) ÓI → anzóis, herói, caubói, dodói, remói

c) ÉU → chapéu, escarcéu, fogaréu, troféu,

⇨ **Observação: Da mesma forma, acentuam-se os monossílabos terminados nesses ditongos: réis, sóis, rói, dói, céu, réu, véu.**

⇨ **Outras considerações sobre a acentuação dos oxítonos:**

a) Perceba que os oxítonos terminados em "z, r, l, i, u" não são acentuados.

- capaz
- timidez
- feliz
- cuscuz
- amar
- suor
- funil
- caracol
- cordial
- caju
- bambu
- bisturi
- abacaxi
- Caruaru
- repus
- Cariri
- vapor
- coronel

b) Com base na regra de acentuação dos oxítonos, acentuam-se as formas verbais oxítonas terminadas em "a, e, o". Observe:

- repor + o → **repô**-lo
- amaria + a → **amá**-la-ia
- dizer + os → **dizê**-los
- julgarão + os → **julgá**-los-ão
- compor + os → **compô**-los
- comprar + os → **comprá**-los

c) Por outro lado, as formas verbais oxítonas terminadas em "i, u" não são acentuadas. Observe:

- partir + o → parti-lo
- vendi-o
- compus + o → compu-lo
- cumpri-lo

d) Com o advento do Novo Acordo Ortográfico de 1990, não mais se acentuam os ditongos "ei, oi" dos vocábulos paroxítonos. Para ficar bem esclarecido: esses ditongos não serão acentuados quando estiverem na penúltima sílaba.

- ideia
- colmeia
- paranoico
- jiboia
- assembleia
- alcateia
- heroico
- boia
- estreia
- europeia
- diarreia
- claraboia
- loio
- dicroico
- geleia

3.1.3.3 Paroxítonos

Os vocábulos paroxítonos são acentuados de acordo com as seguintes regras:

1.ª regra → **Em português, acentuam-se os vocábulos paroxítonos terminados em "ã, ãs, ão, ãos".**

- ímã
- órfãs
- órgão
- órfãos
- dólmã
- ímãs

2.ª regra → **Em português, acentua-se – com acento agudo quando aberta e com acento circunflexo quando fechada – a sílaba tônica dos vocábulos paroxítonos terminados em "i, is, us".**

- beribéri
- bônus
- ônus
- lápis
- táxi
- biquíni
- júri
- íris
- miosótis
- tênis
- oásis
- ânus
- Vênus
- vírus

⇨ **Observação:**

Os prefixos paroxítonos terminados em "i" não são acentuados. Observe: semi-histórico, anti-higiênico.

3.ª regra → **Em português, acentuam-se os vocábulos paroxítonos terminados em "l, n, r, x, ps". Usa-se o acento agudo para "a, e, o" abertos e o acento circunflexo para "e, o" fechados.**

- túnel
- alúmen
- córtex
- éter
- aljôfar
- âmbar
- cânon
- fênix
- vômer
- afável
- açúcar
- hífen
- caráter
- fênix
- bíceps
- tríceps
- próton
- íon
- látex
- cóccix
- vulnerável
- âmbar
- difícil
- cônsul
- pólen
- flúor
- tórax
- fórceps

⇨ **Observação:**

Tenha muito cuidado com a acentuação das palavras "item, itens, hífen e hifens" – estes vocábulos são muito cobrados em provas de concursos. Observe que somente "hífen" recebe acento por ser uma paroxítona terminada em "n". As demais não são acentuadas porque não há regra que autorize a acentuação das paroxítonas terminadas em "ens" nem das paroxítonas terminadas em "em".

4.ª regra → **Em português, acentuam-se os vocábulos paroxítonos terminados em "um, uns".**

- álbum
- médium
- álbuns
- médiuns
- fórum
- fóruns
- lábrum
- árum
- cécum
- factótum
- nátrum

5.ª regra → **Em português, acentuam-se com agudo ou circunflexo se a sílaba for aberta ou fechada respectivamente, os vocábulos paroxítonos terminados em ditongos orais.**

- ágeis
- jóquei
- pusésseis
- túneis
- história
- água
- imóveis
- variáveis
- pênseis
- férteis
- régua
- tênue
- amêndoa
- superfície
- páscoa
- petróleo
- Ásia
- vácuo
- Antônio
- óleo
- ginásio

3.1.3.4 Proparoxítonas

Regra → **Em português, acentuam-se todos os vocábulos proparoxítonos. Com acento agudo, as vogais "a, e, o" abertas. Com acento circunflexo, as vogais fechadas "e, o" e as vogais "a, e, o", quando seguidas de "m" ou "n".**

Como exemplo, transcrevemos abaixo uma parte da famosa música do ilustre compositor Chico Buarque, "Construção". Observe que o último vocábulo de cada verso é formado por uma palavra proparoxítona.

"Amou daquela vez como se fosse a **última**
Beijou sua mulher como se fosse a **última**
E cada filho seu como se fosse o **único**
E atravessou a rua com seu passo **tímido**
Subiu a construção como se fosse **máquina**
Ergueu no patamar quatro paredes **sólidas**
Tijolo com tijolo num desenho **mágico**
Seus olhos embotados de cimento e **lágrima**
Sentou pra descansar como se fosse **sábado**
Comeu feijão com arroz como se fosse um **príncipe**
Bebeu e soluçou como se fosse um **náufrago**
Dançou e gargalhou como se ouvisse **música**
E tropeçou no céu como se fosse um **bêbado**
E flutuou no ar como se fosse um **pássaro**
E se acabou no chão feito um pacote **flácido**
Agonizou no meio do passeio **público**
Morreu na contramão atrapalhando o **tráfego**."

(Chico Buarque)

3.1.3.5 Acentuação dos hiatos

Antes de mais nada, é preciso saber qual a razão dos hiatos. Observe abaixo:

DITONGO	HIATO
doido	doído
cai	caí
sai	saí
contribui	contribuí
sábia	sabiá
bau	baú
saia	saía
ai	aí

Perceba que, na primeira coluna, juntamos as três letras e as pronunciamos em uma única emissão sonora (doi-, cai, sai, -bui, -bia, baú). Já na segunda coluna, pela existência do acento, pronunciamos essas mesmas sílabas em duas emissões sonoras. Percebemos, portanto, que o hiato evita que formemos o ditongo. Daí a principal razão dos hiatos: evitar processos de ditongação, ou seja, evitar que se pronuncie o conjunto das letras de uma única vez, mas separadamente.

Seguindo a regra acima, recebem acento agudo as vogais "i" e "u" tônicas dos vocábulos, seguidas ou não de "s", quando formam hiato com a vogal anterior. Observe:

- faísca
- acaraúba
- caraíba
- macaíra
- saída
- caís
- Luísa
- sanduíche
- graúdo
- saúde
- areísco
- ciúme
- maleína
- heroína
- país
- Luís
- amiúde
- raízes
- abaçaí
- aziúme
- deífico
- piracuí
- juízo
- peúga
- racaída
- baú
- absenteísmo
- babuíno
- egoísta
- jataí
- viúvo
- saía
- miúdo
- baía
- açaí
- balaústre
- jaú
- saúva
- cafeína
- timbaúba
- paraíso
- Esaú

⇨ **Observações sobre os hiatos:**

a) Não se coloca o acento agudo no "i" e no "u" quando, precedidos de vogal que com eles não forma ditongo, são seguidos de "l, m, n, r, z" que não iniciam sílabas.

- contribuinte
- juiz
- paul
- retribuirdes
- ruim
- Abigail
- constituinte
- cairmos
- ruir
- demiurgo

b) Igualmente não se coloca o acento agudo no "i" e no "u" tônicos dos hiatos quando forem seguidos de "nh".

- rainha
- ladainha
- tainha
- ventoinha
- campainha
- abecoinha

c) Em muitas formas verbais, o "i" e o "u" figuram em hiato com a vogal anterior. Portanto, devem receber acento agudo. Observe:

- eu atraí
- tu atraíste
- eu caí
- tu caíste
- eu saí
- tu saíste
- eu saúdo
- tu saúdas
- eu contribuí
- tu contribuíste
- eu possuí
- tu possuíste

d) Os encontros vocálicos "iu" e "ui", quando precedidos de vogal, sempre formarão ditongos. Essas bases não são acentuadas. Veja:

- atraiu
- contribuiu
- pauis
- constituiu
- destruiu
- saiu
- derruiu
- caiu
- embaiu
- restituiu

e) Levam, porém, acento agudo as vogais tônicas "i" e "u" quando, precedidas de ditongo, formam hiato com a sílaba anterior, como se vê em "Piauí, teiú, teiús, tuiuiú, tuiuiús".

f) Em virtude do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, firmado em 1990, não mais recebem o acento circunflexo os hiatos tônicos "ee" e "oo". Portanto, assim devem ser escritos:

- voo
- coo
- abotoo
- enjoo
- creem
- veem
- leem
- perdoo
- deem
- caçoo
- amaldiçoo
- abençoo
- arrazoo
- doo

3.1.3.6 Acentos diferenciais

Com o advento do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, firmado em 1990, desapareceu a maioria dos acentos diferenciais. Permanecem, entretanto, os seguintes acentos diferenciais:

1) "**Pôde**" (3.ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo) para distinguir da correspondente forma do presente do indicativo "pode".

2) “**Pôr**” (forma verbal infinita) para distinguir da forma homógrafa “por” (preposição).

3) Facultativamente, pode-se grafar “**fôrma**” (substantivo) ou “**forma**” (substantivo, 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo ou 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo).

4) Facultativamente, pode-se grafar “**dêmos**” (1.ª pessoa do plural do presente do subjuntivo) para se distinguir da correspondente forma do pretérito perfeito do indicativo “**demos**”.

⇨ **Observação:**

Logo, os antigos acentos diferenciais, como “pára, pélo, pólo, pêra”, por exemplo, não mais existem. Escreveremos, portanto, corretamente:

- Ela não para (verbo) para pensar.
- Eu pelo (verbo) o pelo pelo simples fato de sentir prazer.

3.1.3.7 Regra especial – verbos “ter”, “vir” e seus derivados

Há uma regra para a acentuação gráfica que merece atenção à parte. Diz respeito à acentuação dos verbos “ter”, “vir” e seus derivados. Tais verbos obedecem às seguintes regras:

1.ª regra → **Acentua-se, com acento circunflexo, a 3.ª pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos “ter” e “vir”. Observe:**

PRESENTE DO INDICATIVO VERBOS “TER” e “VIR”	
eu	tenho / venho
tu	tens / vens
ele	tem / vem
nós	temos / vimos
vós	tendes / vindes
eles	**têm / vêm**

2.ª regra → **Acentua-se, com acento agudo, a 3.ª pessoa do singular e com circunflexo a 3.ª pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos derivados de “ter” e “vir”, como “abster, ater-se, reter, deter, conter, entreter, manter, advir, convir, intervir, provir, desavir, sobrevir” etc.**

Observe abaixo a conjugação de dois verbos derivados de “ter” e “vir”.

PRESENTE DO INDICATIVO VERBOS “CONTER” e “PROVIR”	
eu	contenho / provenho
tu	contens / provens
ele	**contém / provém**
nós	contemos / provimos
vós	contendes / provindes
eles	**contêm / provêm**

Dica: Fique muito atento a essas duas últimas regras. Elas são muito cobradas, em concursos públicos, nas questões de concordância verbal. Portanto, a dica é “ficar ligado” no sujeito da oração, especialmente quando este sujeito for oracional, o que exigirá a concordância do verbo na 3.ª pessoa do singular.

Veja agora alguns exemplos (sublinhamos o núcleo do sujeito e destacamos o verbo):

- Todas as provas levantadas pela defesa **contêm** aspectos inconstitucionais.
- A polícia sempre **intervém** nas manifestações populares.
- De lugares abstratos certamente não **provêm** ideias sobre a vida e a existência.
- “O curso do espírito reformista no país acelera-se atualmente; e **convém** acelerá-lo.” (Rui Barbosa)
- “Porque a questão, com a complexidade imanente aos fatos concretos, se **atém**, de preferência, a razões secundárias...” (Euclides da Cunha)
- “Todos os críticos se **atêm** a essa questão de metrificação.” (Lima Barreto)

3.1.3.8 Considerações gerais sobre a acentuação dos vocábulos

1) Com o Novo Acordo Ortográfico, assinado em 1990, o trema deixa de existir sobre os grupos “GUE, GUI, QUE, QUI”. Portanto, os vocábulos que apresentam tais ditongos devem ser escritos sem o trema. Observe:

- linguiça
- arguição
- bilíngue
- aquífero
- cinquenta
- aquicultura
- consequência
- quinquenal
- tranquilo
- quinquênio
- saguim
- equilátero
- frequência
- áqueo
- seriguela
- aguentar
- equidade
- delinquência

⇨ **Observação:**

O trema apenas se conserva em palavras estrangeiras e em palavras derivadas de nomes estrangeiros, como “hübneriano, Hübner, mülleriano, Müller”.

2) Os verbos “arguir” e “redarguir” dispensam o acento agudo na vogal tônica “u” nas formas rizotônicas. Já os verbos do tipo “aguar, apaniguar, apaziguar, apropinquar, averiguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir” e afins podem ter ou não as vogais “a” ou “i”, presentes nas formas rizotônicas, acentuadas.

- arguo, arguis, argui, arguem; argua, arguas, argua, arguam.
- eu averiguo/averíguo; tu averiguas/averíguas; ele averigua/averígua.

3) Nos advérbios terminados em “-mente”, derivados de adjetivos com acento agudo ou circunflexo, estes acentos são suprimidos. Observe:

- ávido → avidamente
- hábil → habilmente
- lúcido → lucidamente
- débil → debilmente
- espontâneo → espontaneamente
- fácil → facilmente
- só → somente
- ingênuo → ingenuamente
- único → unicamente

4) Nas palavras derivadas que contêm sufixos iniciados por “z” e cujas formas de base apresentam vogal tônica com acento agudo ou circunflexo, estes acentos serão suprimidos. Observe:

- anéis → aneizinhos
- bebê → bebezinho, bebezito
- herói → heroizito
- avô → avozinho
- bênção → bençãozinha
- avó → avozinha
- café → cafezada
- lâmpada → lampadazita
- pêssego → pessegozito

3.2 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (ESAF) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia de palavra.

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio, realizada pelo IBGE, revelou **que(1)** *a renda das famílias parou de cair em 2004, interrompendo uma* **trajetória(2)** *de queda que acontecia desde 1997, e que* **houve(3)** *diminuição do grau de concentração da renda do trabalho. Enquanto a metade da população ocupada* **que(4)** *recebe os menores rendimentos teve ganho real de 3,2%, a outra metade,*

que tem rendimentos maiores, teve perda de 0,6%. Os resultados da PNAD mostraram, também, que o Brasil melhorou em **itens(5)** *como número de trabalhadores ocupados, participação das mulheres no mercado de trabalho, indicadores da área de educação e melhoria das condições de vida.*

(Trechos adaptados de ***Em Questão****, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 379, Brasília, 30 de novembro de 2005)*

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

2. (FJPF) As palavras **argúcia**, **é** e **carajá**, presentes no texto, acentuam-se graficamente em face das mesmas regras que justificam o acento em:

a) fichário, dá-lhe, cipó;
b) pelúcia, têm, cajá;
c) vivência, saí, cá;
d) útil, café, marajá.

3. (CESGRANRIO) O par de palavras que **NÃO** deve ser acentuado, segundo o registro culto e formal da língua, é

a) interim – polen.
b) itens – pudico.
c) juizes – prototipo.
d) economico – refem.
e) heroi – biceps.

4. (CESGRANRIO) A ausência do sinal gráfico de acentuação cria outro sentido para a palavra:

a) trânsito.
b) características.
c) inevitável.
d) infrutíferas.
e) anônimas.

5. (Unifesp) Existem várias palavras que recebem acento gráfico, de acordo com suas regras específicas. Indique a alternativa em que todas as palavras são acentuadas graficamente, segundo a mesma regra.

a) estômago, colégio, fábrica, lâmpada, inflexível.
b) Virgílio, fúria, carícias, matéria, colégio.
c) trópicos, lábios, fúria, máquinas, elétricas.
d) sério, cérebro, Virgílio, sábio, lógico.
e) Ésquilo, carícia, Virgílio, átomos, êmbolo.

6. (PUCCAMP) O texto apresenta diversas palavras em que se pode notar a presença do acento gráfico. Em algumas delas, a ausência do acento provocaria mudança de sentido.

Assinale a alternativa em que todas as palavras mudariam de sentido, caso estivessem sem acento.

a) sóbrio, história, está
b) vários, vítimas, matá-los
c) é, já, país
d) é, está, país
e) têm, matá-los, sóbrio

7. (UFRS). Considere as seguintes afirmações sobre acentuação gráfica no texto.

I – A palavra "teórica" recebe acento gráfico pela mesma regra que preceitua o uso do acento em "lúgubre".
II – Se fosse retirado o acento das palavras "só", "é" e "média", esta alteração provocaria o aparecimento de outras palavras da Língua Portuguesa.
III – A palavra "herói" é acentuada pela mesma regra de "autoritários".
Quais estão corretas?:

a) Apenas I
b) Apenas II
c) Apenas I e III
d) Apenas II e III
e) I, II e III

8. (FGV) Assinale a alternativa correta quanto à acentuação e à grafia de palavras.

a) Temas comuns, como a construção social do mercado, permitem entrevêr as possibilidades de uma saudável relação entre Sociologia e Economia, que não

pode se paralizar em virtude de algumas diferenças.

b) Em um de seus estudos mais célebres, Mark Granovetter vêm demonstrar que as pessoas se ligam às outras por laços fortes e laços fracos. Por isso, é imprecindível que as pessoas consigam entender essas ligações.

c) Alguns temas revigoraram o debate entre a Sociologia e a Economia, sendo responsáveis por compôr um novo cenário. O diálogo deve basear-se nos pontos positivos e comuns e não nas excessões.

d) A falta de dialogo entre Sociologia e Economia perdurou pôr quase três séculos, mas é um quadro que parece estar mudando, sobretudo em função de fragrantes pontos em comum entre as disciplinas.

e) Em meados dos anos 1970, parece que uma leve brisa intervém na falta de comunicação entre sociólogos e economistas, que não mais hesitam em pôr em discussão assuntos inerentes às duas disciplinas.

GABARITO

1 – E	2 – A	3 – B
4 – A	5 – B	6 – D
7 – A	8 – E	

CAPÍTULO 4

SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS

Como já vimos, a palavra é o vocábulo com que expressamos uma ideia. Não é a exteriorização do pensamento, como pensam alguns; é o próprio pensamento. “Ideia” e “palavra” são, portanto, como o verso e o reverso de uma mesma moeda: não é possível conceber a existência de uma face sem a outra. Quando analisamos, por exemplo, a palavra “**leão**”, automaticamente nos vem à cabeça a ideia de um animal feroz, carnívoro, pertencente à família dos felídeos e habitante das planícies africanas. Entretanto, esta não é a única significação para a palavra “leão”. A história das palavras nos mostra que elas estão sujeitas a várias mudanças não só nos elementos fonéticos de que se compõem, mas também relativamente à sua significação. Por isso, o nosso vocábulo “leão” pode também significar “indivíduo de muita força, indivíduo muito irritado, indivíduo conquistador etc.”.

Ao estudo que trata dessas últimas mudanças ou variações de sentido das palavras dá-se a designação de **SEMASIOLOGIA** ou **SEMÂNTICA**.

A palavra é um som articulado, um signo sonoro que nos representa a ideia de um objeto do mundo material, ou de um fato ou de uma noção puramente abstrata. Se em nossa língua tivéssemos uma palavra para cada ideia, para cada noção, tantas seriam elas que certamente não haveria inteligência que não cedesse a peso tão esmagador. Por isso, as palavras substituem-se em seus sentidos, irradiam uns para os outros, encadeiam-se, penetram-se, usurpam os sentidos uns dos outros, auxiliam-se, fundem-se e confundem-se, às vezes, na variedade de suas significações.

4.1 DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO

Como primeira porta de entrada nesse vasto mundo do significado das palavras, comecemos a observá-las sob os conceitos de “**denotação**” e “**conotação**”.

O **sentido denotativo** é aquele dado pelo dicionário. Na denotação o sentido é referencial, próprio, usual ou literal. Já o **sentido conotativo** é o sentido que a palavra ganha no texto por força geralmente de comparações, associações de ideias.

Denotativamente, “**águia**” é ave de rapina; conotativamente é uma pessoa de grande talento, de grande sabedoria, de grande perspicácia. “**Coração**” é órgão muscular dos animais vertebrados que bombeia o sangue para todo o corpo, quando o analisamos em

seu sentido denotativo. Já em seu sentido conotativo, "**coração**" pode representar, entre outros sentidos, "a parte mais central, o âmago, a essência". Quando nos referimos a "**banca**", vem-nos, a princípio, a ideia denotativa de "mesa rústica ou improvisada", mas, quando dizemos que "a **banca** rejeitou o recurso do candidato", estamos nos referindo, conotativamente, a um conjunto de examinadores.

Em nossa língua, inúmeros são os fatores que podem alterar o significado das palavras. Vejamos alguns:

a) **a acentuação** → sábia (pessoa culta, instruída) → sabiá (pássaro).

b) **o timbre** → corte (ô) (palácio) → corte (ó) (incisão)

c) **o gênero** → a coral (cobra) → o coral (coro musical)

d) **o número** → bem (virtude) → bens (o que é propriedade de alguém)

e) **a posição / colocação** → homem grande (alto, avantajado) → grande homem (ilustre, influente)

f) **a regência** → proceder de (originar-se, provir) → proceder a (dar início, começar)

Dica: A conotação é um recurso expressivo amiúde usado em nossa língua. Para entender e aprofundar mais esse assunto, sugerimos o estudo do assunto "figuras de linguagem" ao final desta gramática.

4.2 HOMÔNIMOS E PARÔNIMOS

Quando comparamos as palavras em nossa língua (analogia de forma), podemos classificá-las em três grandes grupos: palavras homônimas, palavras parônimas e palavras cognatas.

4.2.1 HOMÔNIMOS

Como o próprio nome já denuncia, são denominados homônimos (gr. homos = igual, semelhante; onyma = nome) os vocábulos que são iguais na grafia (Ex.: colher – substantivo; colher – verbo) ou na pronúncia (Ex.: apreçar – pôr o preço; apressar – acelerar), ou ainda aqueles que são iguais tanto na grafia quanto na pronúncia (Ex.: livre – adjetivo; livre – verbo). Classificam-se em:

a) Homógrafos heterofônicos = são palavras iguais na escrita e diferentes no timbre ou na intensidade das vogais. Observe alguns exemplos:

- leste (verbo) ≠ leste (substantivo)

- colher (verbo) ≠ colher (substantivo)
- vede (v. ver) ≠ vede (v. vedar)
- sábia (adjetivo) ≠ sabiá (substantivo)
- cara (face) ≠ cará (tubérculo)
- apoio (verbo) ≠ apoio (substantivo)
- providencia (verbo) ≠ providência (substantivo)
- seria (verbo) ≠ séria (adjetivo)
- molho (verbo) ≠ molho (substantivo)
- jogo (verbo) ≠ jogo (substantivo)

b) Homófonos heterográficos = são palavras iguais na pronúncia e diferentes na escrita. Veja alguns exemplos:

- acético (ácido) ≠ ascético (contemplativo)
- acender (atear fogo) ≠ ascender (subir)
- acento (notação léxica) ≠ assento (lugar em que se senta)
- acerto (acordo) ≠ asserto (afirmação)
- apreçar (pôr o preço) ≠ apressar (tornar rápido)
- bucho (estômago) ≠ buxo (planta)
- cela (pequeno quarto) ≠ sela (arreio)
- cegar (tornar cego) ≠ segar (cortar, ceifar)
- cozer (cozinhar) ≠ coser (costurar)
- apreçar (pôr preço) ≠ apressar (acelerar)
- maça (arma) ≠ massa (substância)
- censo (recenseamento) ≠ senso (juízo)
- cerrar (fechar) ≠ serrar (cortar)
- cédula (bilhete) ≠ sédula (cuidadosa)
- cessão (ato de ceder) ≠ sessão (departamento)
- cerração (nevoeiro) ≠ serração (ato de serrar)
- cocho (recipiente) ≠ coxo (aleijado)
- concelho (divisão administrativa) ≠ conselho (aviso)
- empoçar (cair em poço) ≠ empossar (tomar posse)
- laço (nó) ≠ lasso (esgotado, frouxo)
- ruço (pardacento, grisalho) ≠ russo (natural da Rússia)
- tacha (nódoa, mancha) ≠ taxa (preço, tributo)

⇨ **Observação:**

Alguns homônimos apresentam tanto a grafia quanto a pronúncia iguais. São chamados de “homófonos homográficos” ou “homônimos perfeitos”. Observe:

- cedo (verbo) – cedo (advérbio de tempo)
- livre (adjetivo) – livre (v. livrar)
- somem (v. somar) – somem (v. sumir)

4.2.2 PARÔNIMOS

São denominados de parônimos (gr. “*para”* = próximo) os vocábulos que são diversos na significação e parecidos na forma, ou seja, eles são parecidos na escrita e na pronúncia, mas apresentam significação totalmente diversa. Muitas bancas exploram esse tipo de conhecimento na tentativa de confundir o candidato. Por isso, sugiro que leia mais de uma vez a tabela abaixo, na qual são apresentados vários parônimos.

apóstrofe (chamamento)	**apóstrofo** (sinal gráfico)
atuar (agir)	**atoar** (rebocar)
arrolhar (tapar com rolha)	**arrulhar** (produzir arrulhos)
comprimento (extensão)	**cumprimento** (saudação)
céptico (que duvida de tudo)	**séptico** (que provoca infecção)
cavaleiro (que anda a cavalo)	**cavalheiro** (gentil, cordial)
consolar (trazer consolo, aliviar)	**consular** (relativo ao consulado)
deferir (conceder)	**diferir** (adiar, divergir)
denodar (desfazer, desembaraçar)	**denudar** (descobrir, revelar)
descrição (ato de descrever)	**discrição** (reserva em atos e atitudes)
despensa (local para mantimentos)	**dispensa** (licença)
despercebido (desatento)	**desapercebido** (despreparado)
destratar (insultar)	**distratar** (desfazer)
emergir (vir à tona)	**imergir** (mergulhar)
emigrante (aquele que sai de um país)	**imigrante** (quem entra em outro país)
eminente (destacado, ilustre, elevado)	**iminente** (prestes a acontecer)
enervar (irritar, perder a força)	**enevar** (tornar branco como a neve)
enformar (pôr na forma)	**informar** (avisar, alertar)

esbaforido (ofegante)	**espavorido** (apavorado)
estofar (acolchoar)	**estufar** (encher-se, pôr na estufa)
flagrante (evidente)	**fragrante** (perfumado, aromático)
fluir (correr em estado líquido)	**fruir** (desfrutar, aproveitar)
inflação (desvalorização da moeda)	**infração** (desrespeito, violação)
infringir (transgredir)	**infligir** (aplicar)
entender (compreender)	**intender** (dirigir, administrar)
locador (proprietário)	**locatário** (inquilino)
lustre (candelabro)	**lustro** (período de cinco anos; brilho)
mugir (soltar mugidos)	**mungir** (espremer, extrair)
pear (amarrar, prender com peia)	**piar** (dar pios)
pleito (disputa)	**preito** (homenagem)
prescrever (determinar, expirar prazo)	**proscrever** (expulsar, proibir, banir)
ratificar (confirmar)	**retificar** (corrigir)
recrear (divertir)	**recriar** (criar novamente)
soar (emitir som)	**suar** (transpirar)
sustar (suspender)	**suster** (sustentar)
terço (três vezes menor)	**terso** (puro, íntegro)
treplicar (responder a uma réplica)	**triplicar** (aumentar três vezes)
vadear (passar a vau)	**vadiar** (andar à toa)
vultoso (volumoso, importante, grande)	**vultuoso** (congestão na face; inchado)

4.3 FORMAS VARIANTES

Há, em português, várias palavras que apresentam dupla grafia, isto é, podem ser escritas com mais de uma forma. Isto se dá porque o nosso Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa procura registrar (e respeitar) os usos dos diversos níveis e padrões da língua. Saliente, entretanto, que sempre uma das formas é sempre mais usual que a outra.

Portanto, são consideradas corretas ambas as grafias dos seguintes vocábulos abaixo:

- aluguel **ou** aluguer
- coisa **ou** cousa
- marimbondo **ou** maribondo
- pitoresco **ou** pinturesco

- malvadez **ou** malvadeza
- diabete **ou** diabetes
- percentagem **ou** porcentagem
- derrubar **ou** derribar
- lacrimejar **ou** lagrimejar
- quociente **ou** cociente
- catorze **ou** quatorze
- taverna **ou** taberna
- espécime **ou** espécimen
- nambu **ou** nhambu **ou** inambu **ou** inamu
- assobiar **ou** assoviar
- louro **ou** loiro
- cacaréus **ou** cacarecos
- bílis **ou** bile
- bêbado **ou** bêbedo
- chipanzé **ou** chimpanzé
- baralhar **ou** embaralhar
- remoinho **ou** redemoinho
- infarto **ou** enfarte **ou** infarte
- cota **ou** quota
- ridiculizar **ou** ridicularizar
- transpassar **ou** traspassar **ou** trespassar
- mobiliar **ou** mobilhar **ou** mobilar

4.4 COGNATOS

São denominadas de cognatas as palavras que pertencem à mesma família ou grupo morfológico, isto é, são palavras derivadas de uma mesma raiz, de um mesmo radical. Observe:

- **ferro** → ferreiro, ferragem, ferrar, ferradura, ferramenta, férreo, ferraria, aferrolhar, ferrolho
- **pedra** → pedreiro, pedregulho, pedraria, pedreiral, pedregão, pedrinha, pedrês
- **nervo** → nervosismo, nervoso, nervudo, nervura, nerval, nervado, nervino
- **terra** → terraço, terremoto, terrestre, terreiro, térreo, território, territorial, terroso, terreal, terráqueo

Além das palavras homônimas, parônimas e cognatas, quando se analisa o sentido das palavras, muitas apresentam igualdade entre os sentidos. Outras são opostas semanticamente. Daí se poder classificar também as palavras quanto ao significado em **sinônimas** e **antônimas**.

4.5 SINÔNIMOS

São palavras diversas na escrita, mas semelhantes ou idênticas na significação. Há autores que as dividem em “sinônimos perfeitos” e “sinônimos imperfeitos”. Não adotamos essa classificação porque a consideramos falha, uma vez que distinguir o que é “perfeito” do que é “imperfeito” em questões semânticas é assunto assaz controvertido. Observe alguns sinônimos:

- olhar → ver
- habitar → morar
- cavalo → corcel
- colóquio → diálogo
- lábio → beiço
- cara → rosto
- bom → misericordioso
- gritar → bradar
- entender → compreender
- mortal → letal
- oposição → antítese
- bonito → belo

4.6 ANTÔNIMOS

São palavras que apresentam sentidos totalmente opostos. Observe alguns exemplos:

- bonito → feio
- alegre → triste
- ordem → anarquia
- natural → artificial
- simétrico → assimétrico
- ignorância → sabedoria

4.7 POLISSEMIA

Em nossa língua, muitos vocábulos apresentam mais de um significado, o qual só é apreendido quando se analisa o contexto. Quando isto ocorre, dizemos que o vocábulo é "polissêmico".

Inúmeros são os vocábulos polissêmicos. Observe abaixo:

a) Perceba alguns sentidos do vocábulo "manga".

- A **manga** da camisa está suja. (= parte da vestimenta que recobre o braço)
- Todos comeram a **manga**. (= fruta)
- A encanação precisa de uma nova **manga**. (= peça de metal nas encanações)
- A **manga** do candeeiro se queimou. (= tecido que envolve a chama nos candeeiros e lamparinas)

b) Observe agora alguns sentidos de um outro vocábulo: "prato".

- O **prato** é de porcelana. (= peça de louça em que se come)
- O **prato** está delicioso. (= comida, alimento)
- O **prato** da bateria está solto. (= instrumento musical)
- O **prato** está desequilibrado. (= concha de balança)

4.8 EXTENSÃO E COMPREENSÃO DAS PALAVRAS – HIPONÍMIA E HIPERONÍMIA

A extensão de uma palavra é a capacidade que ela tem de se estender a mais ou

menos seres. Já a sua compreensão é a capacidade que a palavra nos oferece de assimilar a ideia que ela encerra. Perceber essa distinção é muito importante para a linguagem, notadamente para a construção dos períodos de um texto. Vejamos a tabela abaixo:

1.ª COLUNA – EXTENSÃO	2.ª COLUNA – COMPREENSÃO
animal	cavalo
flor	margarida
automóvel	Ferrari
homem	João
país	Brasil

Observe que os vocábulos da 1.ª coluna possuem mais extensão semântica do que os vocábulos da 2.ª coluna. Entretanto, os vocábulos da 2.ª coluna apresentam uma compreensão melhor do que os vocábulos da 1.ª coluna, pois aqueles se referem a seres e coisas específicos.

Perceba também que os termos da 1.ª coluna, por serem mais extensos, abrangem outros seres além dos especificados na 2.ª coluna. O vocábulo “animal”, por exemplo, não só envolve “cavalo”, mas também “elefante, leão, cabra, cachorro etc., etc.”. Logo, os vocábulos da 1.ª coluna contêm os da 2.ª coluna. Dizemos, portanto, que os vocábulos da 1.ª coluna são “hiperônimos” dos vocábulos da 2.ª coluna, que são seus “hipônimos”, já que estão contidos naqueles.

É denominado de “**HIPERÔNIMO**” o vocábulo que, num processo de coesão textual (articulação textual), apresenta uma significação mais extensa, mais ampla do que o outro vocábulo com o qual se relaciona intratextualmente.

É denominado de “**HIPÔNIMO**” o vocábulo que, num processo de coesão textual, apresenta um significado menos abrangente, menos amplo do que o outro com o qual se relaciona intratextualmente.

Para melhorar o entendimento sobre **hiperonímia** e **hiponímia**, procure entender essas palavras como “gênero e espécie”, “contém e está contido”.

Portanto, em um texto, poderemos ter:

HIPERÔNIMO	HIPÔNIMO
poeta	Carlos Drummond
roupa	suéter
alimento	feijão
Estado	Rio Grande do Norte
profissão	Professor

4.9 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (FGV) Em que alternativa a expressão entre parênteses poderia substituir a palavra destacada, preservando o sentido original?

   a) " [...] adota como estratégia produtiva as mesmas PRERROGATIVAS da produção em série que já vigoram em outras esferas industriais [...]" (previsões)
   b) " [...] existem também razões de natureza INTRÍNSECA ao meio condicionando a televisão à produção seriada." (externa)
   c) "Diante dessas CONTINGÊNCIAS, a produção televisual se vê permanentemente constrangida a levar em consideração as condições de recepção [...]" (contradições)
   d) " [...] a produção televisual se vê permanentemente CONSTRANGIDA a levar em consideração as condições de recepção [...]" (forçada)
   e) " [...] organizando a mensagem em painéis FRAGMENTÁRIOS e híbridos, como na técnica da colagem." (frágeis)

2. (PUC-SP) Observe, com atenção, nos fragmentos a seguir, as expressões em maiúsculo:

   "... porque Nhô Augusto se erguia e NUM ÁTIMO se vestia."
   "- ...Eu podia ter arresistido, mas era negócio DE HONRA, COM SANGUE só p'ra o dono..."
   "- FEZ NA REGRA, E FEITO!"
   "... as ferraduras tiniram e DERAM FOGO no lajedo..."

   Aponte a alternativa que, respectivamente, substitui as expressões em maiúsculo, do ponto de vista do significado.

   a) Num abrir e fechar de olhos, de pureza, com morte, fez conforme o combinado, faiscaram.
   b) Em parte, de brio, com ferimento, agiu de acordo com o costume, brilharam.
   c) Em curto espaço de tempo, de brio, com morte, agiu de acordo com o costume, faiscaram.
   d) Em parte, de grandeza, com ferimento, desobedeceu às normas, riscaram.
   e) Em curto espaço de tempo, de glória, com resistência, fez conforme o combinado, acenderam.

3. (PUCCAMP) O continente africano, que tantas vezes e por tanto tempo já foi o

espelho sombrio e ESPOLIADO dos progressos da civilização ocidental, infelizmente continua SUJEITO A um processo que, no limite, resume-se a uma IMPLOSÃO CIVILIZATÓRIA.

Os termos em destaque podem ser substituídos, sem prejuízo do sentido do texto, respectivamente, por

a) despojado – vassalo – destruição do progresso.
b) herdeiro – obediente a – extinção da civilização.
c) cheio de restos – tema de – matança de toda uma civilização.
d) roubado - o agente de - devastação de todas as civilizações.
e) privado – submetido a – destruição do próprio cerne da civilização.

4. (UFMG) Em todas as alternativas, o significado das palavras destacadas está corretamente identificado, EXCETO em

a) ... esse ato não consiste numa decisão "QUE VA I E NÃO VOLTA". (que vai e não volta = sem retorno)
b) E também se desencadeia uma inter-relação entre a fonte do poder (a que criou e IMPLANTOU o imposto)... (implantou = implementou)
c) ... pois isto TAMPOUCO explica muita coisa, ou não explica nada. (tampouco = também não)
d) Antes do momento em que se exerce, ele é somente uma CONJECTURA, uma presunção, algo que se acha que vai acontecer. (conjectura = suposição)
e) Antes, tudo está sujeito a fatores no mais das vezes IMPREVISÍVEIS. (imprevisíveis = imprevidentes)

5. (UFU) Assinale a ÚNICA alternativa em que a palavra ou expressão em destaque NÃO está adequadamente interpretada de acordo com seu sentido no texto.

a) "O que existia antes, 'cruzar' animais ou plantas para criar novas raças ou HÍBRIDOS, é coisa bem diferente..." (par. 1) = mistura de espécies diferentes.
b) "(...) mostraram que larvas da borboleta monarca que se alimentam de plantas IMPREGNADAS com o pólen de um tipo de milho transgênico morrem em grandes quantidades." (par. 4)= imbuídas.
c) "(...) os alimentos modificados geneticamente irão solucionar um dos maiores problemas que AFLIGEM a humanidade, a fome." (par. 2)= atormentam.
d) " (...) essa liberdade só pode funcionar se submetida a intensa SUPERVISÃO da comunidade científica..." (par. 5)= inspeção.

6. (UNITAU) Numere a coluna com parênteses de acordo com os significados das

palavras da coluna numerada a seguir:

1 – prevaricação
2 – simoníaco
3 – carisma
4 – dogma
5 – anímica
6 – decoro
7 – oligarquia
( ) dignidade, honradez
( ) força divina conferida a alguém
( ) psíquico, relativo à alma
( ) falta com o dever por interesse ou por má fé
( ) venda ilícita de coisas sagradas ou espirituais
( ) governo por poucos e poderosos
( ) ponto fundamental indiscutível de doutrina ou sistema

a) 6, 4, 1, 2, 3, 5, 7.
b) 6, 4, 2, 1, 3, 5, 7.
c) 6, 3, 5, 1, 2, 7, 4.
d) 5, 3, 6, 4, 2, 7, 1.
e) 4, 2, 5, 6, 1, 3, 7.

7. (FUVEST) A palavra SANÇÃO com o significado de RATIFICAÇÃO ocorre apenas em:

a) Aplicar SANÇÕES a grevistas não é direito nem dever de um presidente.
b) Eventual SANÇÃO do presidente à nova lei, aprovada ontem, poderá desagradar a setores de todas as categorias.
c) As SANÇÕES previstas na lei eleitoral não exercem influências significativas sobre a paixão dos militantes.
d) O novo diretor prefere SANÇÕES a diálogos.
e) O contrato prevê SANÇÕES para os inadimplentes.

8. (FUVEST) Agora os parlamentares concluem sua obra com a anuência unânime àquele dispositivo inconstitucional. (“Folha de S. Paulo”, 28.08.1997,1-2)

A paráfrase correta do texto é:

a) A maioria dos parlamentares aprova um certo dispositivo inconstitucional.
b) Os parlamentares, sem exceção, aprovam o dispositivo inconstitucional

anteriormente mencionado.

c) Todos os parlamentares reprovam o dispositivo inconstitucional anteriormente mencionado.

d) A maioria absoluta dos parlamentares boicotou um certo dispositivo inconstitucional.

e) A maioria dos parlamentares conclui sua obra com indiferença à aprovação ou não de um certo dispositivo inconstitucional.

9. (FUVEST) “Busque Amor novas artes, novo engenho”

Assinalar a alternativa que melhor contém o significado das palavras “engenho” e “arte”, no verso transcrito acima:

a) gênio/experiência e inspiração/destreza;

b) índole/recursos e natureza/perícia;

c) talento/invenção e técnica/artifício;

d) inclinação/tendência e engano/dolo;

e) instinto/regras e discernimento/preceitos.

10. (UEL) Os pares acidente/incidente; cheque/xeque; vultoso/vultuoso; verão/estio são, respectivamente:

a) sinônimos, homônimos, parônimos e antônimos.

b) parônimos, homônimos, parônimos e sinônimos.

c) parônimos, parônimos, sinônimos e sinônimos.

d) homônimos, homônimos, parônimos e sinônimos.

e) sinônimos, parônimos, sinônimos e antônimos.

GABARITO

1 – D	2 – C	3 – E
4 – E	5 – B	6 – C
7 – B	8 – B	9 – C
10 – B		

II

MORFOLOGIA

INTRODUÇÃO À MORFOLOGIA

Olá, caro estudante. Depois de conhecermos toda a parte fonética da gramática normativa, passaremos a estudar as palavras e os vocábulos considerando seus valores significativos. Adentraremos, portanto, ao mundo das palavras no que tange às suas estruturas e às suas formas.

Em primeiro lugar, analisaremos a estrutura e a formação das palavras na língua portuguesa. Depois, classificaremos essas palavras em suas respectivas classes e esmiuçaremos as particularidades de cada uma.

Indubitavelmente, é um conhecimento indispensável para todo aquele que deseja compreender, um pouco mais à frente, os relacionamentos sintáticos travados entre essas mesmas palavras e vocábulos. Um conselho: procure entender mais e decorar menos. Isso certamente facilitará a nossa caminhada. Bom proveito!!

CAPÍTULO 1

ESTRUTURA E FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Boa parte das palavras da nossa Língua provém de outras já existentes. Como a Língua é dinâmica, outras palavras foram surgindo a partir da influência tanto do povo como dos escritores. O estudo da formação e da evolução das palavras é responsabilidade da "etimologia".

1.1 ELEMENTOS ESTRUTURAIS DA PALAVRA

Ao se decompor uma palavra, podem-se encontrar nela os seguintes elementos mórficos (elementos que a formam):

I. RADICAL: é o elemento primitivo, último e irredutível que encerra a ideia principal do vocábulo. Alguns gramáticos distinguem o radical da raiz. Aqui, preferimos tratar apenas do radical, já que o estudo da raiz de um vocábulo exige profundos conhecimentos etimológicos, o que não é o nosso objetivo neste capítulo.

- terra – terraço – terremoto – terraplanagem – terreiro → perceba que o radical "terr-" se mantém constante nos vocábulos.
- ferro – ferradura – ferreiro – ferrugem – ferrolho → perceba o radical "ferr-" constante nas palavras.

⇨ **Observação:**

As palavras que possuem um radical comum são denominadas de **palavras "cognatas"**.

Abaixo apresentaremos uma lista sucinta dos principais radicais gregos e latinos.

1.1.1 RADICAIS GREGOS

Radical	Sentido	Exemplo
aero-	ar	*aerofagia, aeronave*
-agogo	que conduz	*demagogo, pedagogo*
-algia	dor em uma região	*cefalalgia, cardialgia*
anemo-	vento	*anemógrafo, anêmona*
antropo-	homem	*antropófago, antropologia*
-arca	que comanda	*monarca, matriarca*
arqueo-	antigo	*arqueologia, arqueografia*
-arquia	governo	*monarquia, oligarquia*
auto-	de si mesmo	*autobiografia, autógrafo*
biblio-	livro	*bibliografia, biblioteca*
bio-	vida	*biologia, biografia*
caco-	mau, disforme	*cacofonia, cacografia*
-cefalo	cabeça	*bicéfalo, microcéfalo*
cito-	cavidade, célula	*citologia, citoplasma*
cosmo-	mundo, universo	*cosmologia, cosmonauta*
-cracia	poder	*democracia, plutocracia*
cromo-	cor	*cromogravura, cromossomo*
crono-	tempo	*cronologia, cronômetro*
dactilo-/datilo-	dedo	*datilografia, dactiloscopia*
deca-	dez	*decaedro, decalitro*
demo-	povo	*democracia, demagogo*
di-	dois	*dipétalo, dígrafo*
-doxo	que opina	*heterodoxo, ortodoxo*
-dromo	lugar para correr	*autódromo, hipódromo*
etno-	povo, raça	*etnografia, etnologia*
-fagia	ato de comer	*disfagia, antropofagia*
-fago	que come	*antropófago, necrófago*
farmaco-	medicamento	*farmacologia, farmacopedia*
filo-	amigo	*filologia, filosofia*

-fobia	medo, aversão, inimizade	*fotofobia, hidrofobia*
-fobo	que odeia	*xenófobo, zoófobo*
fono-	voz, som	*fonógrafo, fonologia*
foto-	luz, fogo	*fotômetro, fotografia*
-gamia	casamento	*poligamia, monogamia*
gastro-	estômago	*gastrite, gastrônomo*
-geneo	que gera	*lacrimogêneo, heterogêneo*
geo-	terra	*geologia, geografia*
-gono	ângulo	*polígono, pentágono*
-grafo	que escreve	*calígrafo, biógrafo*
hemi-	metade	*hemisfério*
hemo-/hemato-	sangue	*hemoglobina, hemograma*
hetero-	outro	*heterodoxo, heterossexual*
hidro-	água	*hidrogênio, hidratar*
hipo-	cavalo	*hipódromo, hipopótamo*
hom(e)o-	semelhante	*homeopatia, homossexual*
iso-	igual	*isonomia, isogameta*
-latria	culto	*idolatria, zoolatria*
macro-	grande, longo	*macróbio, macroeconomia*
mega(lo)	grande	*megalópole, megalomania*
-metria	medida	*antropometria, biometria*
-metro	que mede	*hidrômetro, pentâmetro*
micro-	pequeno	*micróbio, microscópio*
miria-	dez mil, numeroso	*miríade*
miso-	que odeia	*misógino, misantropo*
mito-	fábula	*mitologia, mitomania*
mono-	um só	*monarca, monótono*
-morfo	que tem a forma de	*antropomorfo, polimorfo*
necro-	morto	*necrotério*

-nomo	que regula	*astrônomo, metrônomo*
oftalmo-	olho	*oftalmologista*
onomato-	nome	*onomatopeia, onomatologia*
orto-	correto	*ortografia, ortoépia*
paleo-	antigo, primitivo	*paleontologia, paleoecologia*
pato-	doença	*patogênico, patologia*
piro-	fogo	*pirotecnia, pirogênico*
potamo-	rio	*hipopótamo, potamografia*
proto-	primeiro	*protozoário, protótipo*
psico-	alma, espírito	*psicologia, psicanálise*
-ptero	que tem asas	*díptero, helicóptero*
quilo-	mil	*quilograma*
rino-	nariz	*rinoceronte, rinoplastia*
-scopia	ato de ver	*macroscopia, microscopia*
-scopio	instrumento para ver	*microscópio, datiloscópio*
sidero-	ferro	*siderose, siderurgia*
-sofia	sabedoria	*filosofia, teosofia*
tecno-	arte, ciência	*tecnografia, tecnologia*
tele-	longe	*telefone*
teo-	deus	*teocracia, teólogo*
-terapia	cura	*fisioterapia, psicoterapia*
-tono	tensão, tom	*barítono, monótono*
xeno-	estrangeiro	*xenofobia, xenomania*
zoo-	animal	*zoológico, zoomorfo*

1.1.2 RADICAIS LATINOS

Radical	Sentido	Exemplo
agri-	campo	*agricultura, agricultor*
ambi-	ambos	*ambidestro, ambivalência*

arbori-	árvore	*arborícola, arboriforme*
bis-/bi-	duas vezes	*bisavô, bípede*
calori-	calor	*calorífero, calorimetria*
-cida	que mata	*regicida, inseticida*
-cola	que cultiva, que habita	*vitícola, arborícola*
cruci-	cruz	*crucifixo, cruciforme*
-cultura	ato de cultivar	*apicultura, psicultura*
curvi-	curvo	*curvilíneo, curvirrostro*
equi-	igual	*equidistante, equivalente*
-fero	que contém	*aurífero, calorífero*
ferri-/ferro-	ferro	*ferrífero, ferrovia*
-fico	que faz	*benéfico, frigorífico*
-formi	que tem forma de	*cuneiforme, floriforme*
-fugo	que foge, que faz fugir	*centrífugo, febrífugo*
igni-	fogo	*ignição, ignívomo*
morti-	morte	*mortífero, mortificar*
multi-	muito	*multiforme, multifacetado*
olei-/oleo-	azeite, óleo	*oleoduto, oleígeno*
oni-	todo	*onipresente, onipotente*
-paro	que produz	*maltíparo, ovíparo*
pedi-	pé	*pediforme, pedilúvio*
pisc-	peixe	*piscicultor, pisciforme*
pluri-	muito	*pluriforme, pluripartidário*
-sono	que soa	*díssono, uníssono*
-vomo	que expele	*fumívomo, ignívomo*
-voro	que come	*carnívoro, herbívoro*

II. VOGAL TEMÁTICA: é a vogal que se agrega ao radical preparando-o para receber uma terminação (sufixos ou desinências). À junção do radical com a vogal temática dá-se o nome de TEMA.

RADICAL	VOGAL TEMÁTICA	TEMA
am-	a	ama
vend-	e	vende
part-	i	parti

⇨ **Observação:**

A vogal temática geralmente aparece nos verbos. Entretanto, alguns nomes podem apresentá-la. Isso ocorre quando a vogal final do vocábulo não se presta a estabelecer a distinção de gênero. Enquanto nos verbos ela se denomina de "vogal temática verbal", nos nomes se chama, portanto, "vogal temática nominal". Veja:

RADICAL	VOGAL TEMÁTICA
cadeir	-a
livr	-o
client	-e

III. AFIXOS: são elementos que se acrescem aos radicais com a finalidade de formar novas palavras. Classificam-se em:

a) **prefixos**: são os afixos que vêm antes do radical.

- **in-**feliz
- **des-**leal
- **anfi-**teatro
- **a-**teu
- **diá-**logo
- **re-**fluir

b) **sufixos**: são os afixos que vêm depois do radical.

- mulher**-aça**
- social-**ismo**
- feliz**-mente**
- leal-**dade**
- caval**-aria**
- formigu**-eiro**

1.1.3 PREFIXOS DE ORIGEM GREGA

Prefixo	Sentido	Exemplo
an-/a-	privação, negação	*ateu, anarquia*
ana-	ação ou movimento inverso	*anáfora, anáfase*
anti-	oposição	*antiaéreo, antípoda*
apo-	afastamento, separação	*apogeu, apóstata*

arqui-/arc-	superioridade	*arquiduque, arqui-inimigo*
dia-/di-	movimento através de	*diocese, diálogo*
dis-	dificuldade	*dispneia, disenteria*
ec-/ex-	movimento para fora	*eclipse, êxodo*
endo-/end-	posição interior	*endométrio, endosmose*
epi-/ep-	posição inferior	*epiderme, epônimo*
eu-/ev-	bem, bom	*eufonia, evangelho*
hiper-	posição superior	*hipérbole, hipertensão*
hipo-	posição inferior	*hipodérmico, hipotensão*
meta-/met-	posterioridade, mudança	*metacarpo, metáfora*
para-/par-	proximidade	*paranasal, parasita*

1.1.4 PREFIXOS DE ORIGEM LATINA

Prefixo	Sentido	Exemplo
ab-/abs-	afastamento, separação	*abdicar, abstrair*
ad-/a-/ar-	aproximação, direção	*adjunto, advérbio, assentir*
ante-	anterioridade	*antebraço, antepor*
circum-	movimento em torno	*circum-adjacente*
de-	movimento de cima para baixo	*decair, decrescer*
des-	separação, ação contrária	*desviar, desfazer*
dis-/di-	separação, movimento	*dissidente*
extra-	posição exterior	*extraoficial, extraviar*
in-/im-/i-/ir-	movimento para dentro	*imigrar, irromper*
in-/im-/i-/ir-	negação, privação	*inativo, impermeável, ilegal*
inter-/entre-	posição intermediária	*internacional, entreabrir*
pre-	anterioridade	*prefácio, preconceito*
pro-	movimento para frente	*progresso, proativo*
re-	movimento para trás	*refluir, refazer*
retro-	movimento mais para trás	*retroceder, retrospectiva*

sub-/sus-/su-/sob-/so-	movimento de baixo para cima	*subclasse, sobpor, suster*
supra-	posição acima, excesso	*supracitado, suprassumo*
trans-/tras-/tres-	movimento para além de	*transpor, transporte*
ultra-	posição além do limite	*ultrapassar, ultravioleta*
vice-/vis-/vizo-	substituição	*vice-reitor, visconde, vizo-rei*

1.1.5 CORRELAÇÃO ENTRE PREFIXOS LATINOS E GREGOS

LATINOS	GREGOS	SIGNIFICADO	EXEMPLOS
Ab-	apo-	afastamento, separação	*abjurar, apostasia*
ad-	para-	junto de, aproximação	*adjunto, parasita*
ambi-	anfi-	duplicidade, em torno de	*ambidestro, anfíbio*
bene-	eu-	bem, bondade, excelência	*benevolente, eufonia*
bi(s)-	di-	dois, duplicidade	*bípede, dípode*
circum-	peri-	em torno de	*circumpolar, perímetro*
contra-	anti-	oposição, contra	*contraveneno, antídoto*
com-, con-	sin-	reunião, simultaneidade	*compartilhar, sincronizar*
ex-	ex-	movimento para fora	*exportar, êxodo*
i-, in-, des-	a-, an-	negação, carência	*infeliz, desonesto, ateu*
in-	en-	posição interna, dentro	*ingerir, encéfalo*
intra-	endo-	para dentro, dentro	*intramuscular, endocarpo*
semi-	hemi-	meio, metade	*semicírculo, hemisfério*
sub-	hipo-	deficiência, inferioridade	*subterrâneo, hipoglicemia*
super-, supra-	epi-, hiper-	superioridade, excesso	*superlotar, hipertrofia*
trans-	dia-	através, por meio de	*transparente, diáfano*

1.1.6 SUFIXOS NOMINAIS

1. Sufixos nominais designativos de coleções

-aria, -eria	pedraria, livraria, cavalaria, loteria, grosseria

-ada	boiada, rapaziada, manada
-edo	figueiredo, vinhedo, arvoredo, lajedo
-al	laranjal, cafezal, bambual, algodoal, canavial
-agem	pelagem, folhagem, plumagem, roupagem
-eiro	braseiro, cancioneiro, berreiro, formigueiro
-alha	cordoalha, parentalha, miuçalha
-ama	dinheirama, courama, mourama
-ame	cordame, vasilhame, raizame, pelame
-ume	cardume, tapume
-ulho	pedregulho, bagulho
-ena	centena, novena, dezena
-io	rapazio, mulherio, gentio
-ia	maresia, penedia, clerezia
-dada	cristandade, humanidade, comunidade, irmandade

⇨ Observações:

a) Em muitas palavras, prefere-se o sufixo "-eria" ao sufixo "-aria": bateria, vozeria, correria, galeria, lavanderia, parceria, leiteria, parceria etc.

b) O sufixo "-eiro" é sufixo substantivo, ou seja, formador de substantivos, indicando o agente. "Brasileiro" era primitivamente o que comerciava com o "pau-brasil", como "mineiro" é o que trabalha em minas. Passando a região a chamar-se "Brasil" e "Minas Gerais", seus derivados passaram naturalmente para a categoria de adjetivos pátrios.

2. Sufixos nominais designativos de aumento (sufixos aumentativos)

-ão	portão, mulherão, grandalhão, comilão, narigão
-rão	chapeirão, vozeirão, casarão, beberrão, santarrão
-aréu	fogaréu, povaréu
-zarrão	homenzarrão, canzarrão
-aço	mestraço, ministraço, poetaço
-aça	barcaça, vidraça

-astro	poetastro, medicastro, criticastro
-ázio	demonázio, copázio, balázio
-anzil	corpanzil
-eiro	cruzeiro
-alho	vergalho, ramalho, espantalho
-alha	muralha, fornalha, gentalha
-orra	cabeçorra
-arra	bocarra, naviarra

⇨ **Observação:**

O sufixo aumentativo mais comum em português é "-ão". Nem sempre, porém, este sufixo traz ideia aumentativa, como em "cartão, portão, cordão".

3. Sufixos nominais designativos de diminuição (sufixos diminutivos)

-inho, -inha	portinha, mocinho, pintinho, menininho, ervinha, pocinha
-zinho, -zinha	cãozinho, montezinho, florzinha, partezinha, poçozinho, ervazinha
-ito, -ita	canito, granito, senhorita, pequenita, florita, franganito
-ete	cavalete, pobrete, ramalhete, archete
-eta	valeta, maleta, lingueta, trombeta, ilheta
-ote	fidalgote, meninote, saiote, velhote
-oto, -ota	picoto, perdigoto, ilhota, velhota, maricota
-ilho, -ilha	vasilha, mantilha, presilha, palmilha
-ino	antonino, pequenino
-im	patim, fortim, flautim, camarim, mulherim
-ulo, -ula	glóbulo, nódulo, fórmula, espátula, célula
-culo, -cula	pendúculo, corpúsculo, partícula, minúscula
-olo, -ola	nucléolo, bolinholo, glorícola, aldeola
-el	cordel, canastrel, fardel, saquitel
-elo, -ela	portelo, colunelo, viela, costela
-elho, -elha	francelho, folhelho, chavelha

-ejo	lugarejo, quintalejo, casalejo
-ebre	casebre
-eco, -eca	livreco, ministreco, padreco, folheca, padreca
-ico, -ica	burrico, abanico, namorico, florica, pelica
-isco	chuvisco, pedrisco, lambrisco
-il	pernil, covil, tamboril
-acho	riacho, populacho, fogacho
-ucho	papelucho, gorducho, pequerrucho
-ilo	codicilo, mamilo

⇨ Observações:

a) O principal sufixo diminutivo em português é "–inho". Em alguns casos, este sufixo pode-se ligar diretamente ao radical da palavra. Observe os exemplos abaixo:

- caix(a) → caixinha
- fin(o) → fininho
- ov(o) → ovinho
- braç(o) → bracinho
- camp(o) → campinho
- pedr(a) → pedrinha
- pint(o) → pintinho
- carr(o) → carrinho

b) Em alguns casos, quando a palavra primitiva finaliza em "S", acrescenta-se diretamente o sufixo do diminutivo "-inho"; aparece, então, a terminação "-SINHO" com a consoante "S". Observe:

- as(a) → asinha
- princes(a) → princesinha
- adeus → adeusinho
- Teres(a) → Teresinha
- mes(a) → mesinha
- ros(a) → rosinha
- Luís → Luisinho
- Inês → Inesinha

c) Noutros casos, é impraticável a ligação direta do sufixo "-INHO" ao radical da palavra. Nestes casos, usa-se a consoante de ligação "Z" para tornar mais eufônica a ligação. Observe:

- anel + Z + inho → anelzinho
- pai + Z + inho → paizinho
- mãe + Z + inha → mãezinha
- homem + Z + inho → homenzinho

- pé + Z + inho → pezinho
- só + Z + inho → sozinho
- Maria + Z + inha → Mariazinha
- café + Z + inho → cafezinho

d) Muitos vocábulos, em especial na linguagem popular, são construídos indistintamente com os sufixos "-inho" e "-zinho", como, por exemplo, "*florinha ou florzinha, peixinho ou peixezinho, feixinho ou feixezinho, ovinho ou ovozinho, mulherinha ou mulherzinha, dentinho ou dentezinho, hominho ou homenzinho*".

4. Sufixos nominais designativos de agente (ser que pratica alguma ação), profissão, ofício

-ário	bibliotecário, bancário, mesário, latifundiário
-eiro	pedreiro, armeiro, livreiro, relojoeiro
-dor, -tor	andador, vendedor, partidor, mergulhador, escritor, cantor, demonstrador
-nte	estudante, negociante, pretendente, presidente, servente, ouvinte

5. Sufixos nominais designativos de ação ou resultado de ação

-ção	formação, armação, fundação, alegação, correção, arguição, punição, estremeção
-mento	armamento, fundamento, casamento, doutoramento, estremecimento, oferecimento, agradecimento, ferimento, sentimento, argumento
-ada	facada, paulada, lançada, badalada, noitada, pincelada, colherada

6. Sufixos nominais designativos de estado

-ura	alvura, brancura, altura, loucura, abertura, bravura, mistura, escritura, postura
-eza, -ez	beleza, presteza, justeza, ligeireza, alteza, braveza, viveza, leveza, viuvez, dobrez
-idade, -dade	brevidade, facilidade, idoneidade, amabilidade, comunidade, latinidade, ruindade, igualdade, crueldade, beldade, bondade
-ice	doidice, velhice, caduquice, mouquice, gulosice, meiguice, doutorice
-ite	laringite, cardite, gastrite, estomatite, hepatite
-ência	prudência, malevolência, continência, assistência
-tura, -dura	nunciatura, abreviatura, quadratura, ditadura

7. Sufixos nominais designativos de naturalidade, origem, relação, título

	amazonense, mato-grossense, paraense, maranhense, cearense, fluminense,

-ense, -ês	português, francês, chinês, javanês, camponês, montanhês, inglês
-esa, -essa, -isa	baronesa, marquesa, condessa, abadessa, sacerdotisa, profetisa, poetisa
-ano, -ão	italiano, alagoano, sergipano, goiano, baiano, peruano, mexicano, pernambucano, alemão, catalão, lapão, beirão, bretão, saxão, cristão
-ino	bizantino, levantino, argentino, beneditino, florentino, bragantino, alpino, platino
-io	sírio, egípcio, índio
-eno	chileno, madrileno, santareno
-enho	portenho, ferrenho, estremenho
-ista	paulista, santista, nortista
-engo	flamengo, realengo, avoengo, judengo
-ático	asiático, aquático, lunático, indiático
-ico	índico, aristocrático, brasílico, britânico, melancólico, simbólico, pérsico
-aico	judaico, hebraico, caldaico, romaico
-aco	austríaco, siríaco, egipcíaco
-al, -el, -il	estadual, atual, visual, processual, pontual, anual, fiel, cruel, civil, juvenil
-ar	regular, militar, familiar, rudimentar, elementar
-esco	senegalesco, brutesco, dantesco, carnavalesco
-estre	campestre, equestre
-este	celeste, agreste

8. Sufixos nominais designativos de aptidão, tendência, estado, semelhança

-ável, -ével, -ível, -óvel, -úvel	amável, venerável, notável, indelével, visível, terrível, preferível, móvel, imóvel, solúvel, volúvel
-iço	alagadiço, espantadiço, roliço, feitiço, movediço, postiço, quebradiço, sumidiço, chegadiço, encontradiço, esquecidiço
-az	audaz, capaz, loquaz, contumaz
-bundo, -cundo	furibundo, moribundo, iracundo
-ento	barulhento, rabugento, nojento, bulhento
-io	fugidio, escorregadio
-ivo	instrutivo, auditivo, corrosivo, pensativo, executivo

-ório	finório, simplório, difamatório, satisfatório
-oide	esferoide, negroide, ovoide, antropoide

9. Sufixos nominais designativos de superlatividade, abundância, intensidade

-timo, -simo, -rimo, -limo	íntimo, legítimo, justíssimo, integérrimo, agílimo, humílimo, dulcíssimo
-udo	cabeçudo, cabeludo, barbudo, narigudo, beiçudo, linguarudo, peludo, abelhudo

10. Sufixos nominais designativos de lugar

-douro, -doura	matadouro, bebedouro, sangradouro, ancoradouro, manjedoura, sumidouro
-ário, -ária, -eiro, -eira	herbário, erário, ovário, vocabulário, relicário, dicionário, santuário, luminária, penitenciária, agulheiro, carteira, fruteira, pedreira
-ério	cemitério, batistério, necrotério
-ório	dispensatório, cartório, escritório, conservatório, consistório, consultório, purgatório

11. Sufixos nominais designativos de posse, de posse abundante

-oso	caridoso, gostoso, bondoso, preguiçoso, maldoso, medroso
-onho	tristonho, medonho, enfadonho

1.1.7 SUFIXOS VERBAIS

Os sufixos verbais geralmente se agregam ao radical de substantivos e adjetivos a fim de formar verbos. Os principais sufixos verbais em português são:

SUFIXO VERBAL	SENTIDO	EXEMPLOS
-ejar	ação frequente, repetitiva	vicejar, murmurejar, rastejar, gotejar, pestanejar
-ear	ação frequente, repetitiva	saquear, balancear, espernear, golpear, clarear
-ar	prática de ação	começar, deitar, jogar, cantar, telefonar
-ficar	prática de ação	liquidificar, gaseificar, tonificar, petrificar, dignificar
-izar	prática de ação	canalizar, comercializar, organizar, finalizar, canonizar
-entar	relativo à causa (causativo)	apoquentar, amamentar, ornamentar, acrescentar
-ecer	início de ação	amanhecer, enriquecer, envelhecer, empobrecer
-ilhar	ação repetida muitas vezes	dedilhar, pontilhar, fervilhar

-icar	ação pouco intensa	bebericar, namoricar, adocicar, tremelicar
-iscar	ação pouco intensa	lambiscar, namoriscar, petiscar
-inhar	ação pouco intensa	escrevinhar, esfolinhar, espezinhar, cuspinhar

1.1.8 OS SUFIXOS "IZAR" E "ISAR"

a) Não confunda o sufixo verbal "-izar" com a terminação "-isar" de certos verbos, nos quais o "**is**" pertence ao tema de onde se derivam, como, por exemplo, "precisar, analisar, guisar, repisar, eletrolisar". Quando o vocábulo não apresenta a consoante "S" em seu tema, emprega-se o sufixo "-izar" com a consoante "Z". Observe abaixo:

- hospital → hospital**izar**
- canal → canal**izar**
- valor → valor**izar**
- suave → suav**izar**
- imune → imun**izar**
- fértil → fertil**izar**

Agora...

- análise → anal**isar**
- aviso → av**isar**
- eletrólise → eletrol**isar**
- revisão → rev**isar**
- pesquisa → pesqu**isar**
- paralisia → paral**isar**
- guisa → gu**isar**

1.1.9 EMPREGO DE "-IDADE" E "-IEDADE"

Uma dúvida frequente para aqueles que prestam concurso é o emprego das formas "-idade" e "-iedade". Geralmente, as bancas cobram este conhecimento nas questões que envolvem "correção gramatical". Portanto, fique atento às orientações a seguir:

a) Usa-se a terminação "-idade" quando o adjetivo termina em "-ar". Observe:

- singul**ar** → singular**idade**
- element**ar** → elementar**idade**
- exempl**ar** → exemplar**idade**
- complement**ar** → complementar**idade**
- díspar → dispar**idade**
- simil**ar** → similar**idade**

b) Emprega-se, por outro lado, a terminação "-iedade" quanto o adjetivo termina em "-ário" e "-ório". Veja:

- precário → precar**iedade**
- voluntário → voluntar**iedade**
- contraditório → contraditor**iedade**
- obrigatório → obrigator**iedade**
- contrário → contrar**iedade**
- vário → var**iedade**
- notório → notor**iedade**
- arbitrário → arbitrar**iedade**

⇨ **Observação:**

Aos adjetivos terminados em "-neo" aplica-se também o sufixo "-idade". Neste caso, retira-se a vogal "o", que finaliza estes adjetivos, e acrescenta -se o sufixo "-idade". Formar-se-á, portanto, o ditongo "EI". Veja:

- espontâ**neo** → espontan**eidade**
- contemporâ**neo** → contemporan**eidade**
- temporâ**neo** → temporan**eidade**
- heterogê**neo** → heterogen**eidade**
- homogê**neo** → homogen**eidade**
- simultâ**neo** → simultan**eidade**
- sucedâ**neo** → sucedan**eidade**
- momentâ**neo** → momentan**eidade**

c) Sobre o emprego de "-ZINHO(A)" e "-SINHO(A)", consulte o capítulo "Ortografia".

1.1.10 EMPREGO DOS SUFIXOS "-ARIA" E "-ERIA"

Há, na língua portuguesa, um sem-número de vocábulos formados pelo processo de sufixação. Ocorre que, quando se trata dos sufixos "-eria" e "-aria", não existe muito consenso entre os estudiosos da nossa língua e, em várias situações, admite-se a existência de vocábulos grafados tanto com "-aria" quanto com "-eria". É certo que um deles tem se consolidado como o mais usual (alguns, como "parçaria", são formas arcaicas e desusadas), mas ambos são graficamente corretos. Vejamos alguns deles:

- bijuteria ou bijutaria
- engraxateria ou engraxataria
- joalheria ou joalharia
- vozeria ou vozearia
- leiteria ou leitaria
- lavanderia ou lavandaria
- charcuteria ou charcutaria
- infanteria ou infantaria
- bilheteria ou bilhetaria
- doceria ou doçaria
- selvageria ou selvajaria
- parceria ou parçaria
- loteria ou lotaria
- sorveteria ou sorvetaria
- pedanteria ou pedantaria

⇨ **Observação:**

Diante de situações de dúvida, não titubeie: consulte um bom dicionário.

1.1.11 SUFIXO ADVERBIAL "-MENTE"

Em português, o único sufixo adverbial é "-mente", o qual se acrescenta ao gênero feminino de adjetivos (quando o adjetivo apresenta esta flexão) para exprimir circunstâncias de modo, tempo, quantidade etc. Observe:

- calmaMENTE
- bondosaMENTE
- felizMENTE
- alegreMENTE

⇨ **Observação:**

Correlacione esta regra com o emprego em sequência de advérbios terminados em "-mente". Esta orientação se encontra no capítulo sobre o "advérbio".

IV. **DESINÊNCIAS:** são elementos mórficos que se acrescem ao final de um vocábulo e expressam as flexões de gênero, de número, de modo, de tempo e de pessoa. Podem ser:

a) **desinências nominais** → indicam o gênero e o número dos nomes.

RADICAL	DESINÊNCIA DE GÊNERO	DESINÊNCIA DE NÚMERO
macac	o	s
menin	a	s
pat	o	s

b) **desinências verbais** → indicam o modo e o tempo, o número e a pessoa dos verbos.

RADICAL	VOGAL TEMÁTICA	DESINÊNCIA MODO-TEMPORAL	DESINÊNCIA NÚMERO-PESSOAL
am-	a	-sse	-mos
cant-	a	-va	-mos

V. **VOGAIS OU CONSOANTES DE LIGAÇÃO**: são vogais e consoantes que, desprovidas de significação, são usadas na formação de um vocábulo a fim de facilitar-lhe a pronúncia.

- pau + **l** + ada
- café + **t** + eira
- gas + **ô** + metro
- cha + **l** + eira
- rei + **z** + inho

1.2 PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Antes de tudo, convém estabelecer alguns conceitos:

a) **Palavras primitivas** → são aquelas que não se formaram a partir de um vocábulo preexistente. São também denominadas de "derivantes".

- terra
- pedra
- ferro
- luz
- janela
- carro

b) **Palavras derivadas** → são aquelas formadas a partir de um vocábulo preexistente.

- terraço
- pedreira
- ferrugem
- luzeiro
- janelaço
- carroçaria

c) **Palavras simples** → são aquelas que apresentam um único radical.

- água
- guarda
- perfume
- perna

d) **Palavras compostas** → são aquelas que apresentam dois ou mais radicais.

- água-benta
- guarda-chuva
- lança-perfume
- pernalta

A partir desses conhecimentos, podemos afirmar que, na língua portuguesa, existem dois grandes processos de formação de palavras: derivação e composição.

1.2.1 DERIVAÇÃO

É o processo através do qual se obtém uma palavra nova (derivada) a partir de uma palavra já existente (primitiva). Esse fenômeno se dá, frequentemente, pelo acréscimo de afixos (prefixos ou sufixos). Dessa forma, temos:

1. **Derivação prefixal ou prefixação** → acréscimo de prefixos à palavra primitiva.

- **in**feliz
- **des**leal
- **re**ver
- **des**amor
- **pre**conceito
- **ultra**violeta

2. **Derivação sufixal ou sufixação** → acréscimo de sufixos à palavra primitiva.

- amor**oso**
- feliz**mente**
- bebe**douro**
- mal**dade**
- mel**oso**
- dent**ista**

3. **Derivação sufixal e prefixal** → acréscimo <u>não simultâneo</u> de um prefixo e um sufixo à palavra primitiva.

- **in**feliz**mente**
- **des**leal**dade**
- **des**cortes**ia**
- **in**util**izar**
- **des**nivel**ar**

⇨ **Observação:**

Perceba que na derivação prefixal e sufixal a retirada de um dos afixos não inutiliza a palavra por completo. Se se retirar o prefixo, a palavra subsiste com o processo de sufixação. Se se retirar o sufixo, a palavra subsistirá com o prefixo. Este é o principal fator para se distinguir este tipo de derivação da parassíntese. Observe:

→ **infelizmente**
- felizmente (sem o prefixo)
- infeliz (sem o sufixo)

4. **Derivação parassintética ou parassíntese** → acréscimo <u>simultâneo</u> de um prefixo e um sufixo à palavra primitiva.

- a**noite**cer
- a**pedre**jar
- **sub**terrâ**neo**
- **es**fri**ar**
- a**madure**cer
- **des**alm**ado**

⇨ **Observações:**

a) Geralmente a derivação parassintética cria formas verbais a partir de substantivos e adjetivos. Veja abaixo:

- **enriquecer** → formada a partir do adjetivo “rico”
- **ajoelhar** → formada a partir do substantivo “joelho”
- **empalhar** → formada a partir do substantivo “palha”
- **endoidecer** → formada a partir do adjetivo “doido”
- **embarcar** → formada a partir do substantivo “barco”
- **amanhecer** → formada a partir do substantivo “manhã”

b) Não confunda a derivação prefixal e sufixal com a parassintética. Nesta, o acréscimo dos afixos se dá de maneira simultânea, de modo que a retirada de um deles (sufixo ou prefixo) acarretará o desaparecimento da palavra.

5. **Derivação regressiva** → formação de substantivos denotadores de ação através de um processo de redução verbal. Substitui-se a terminação de um verbo pelas desinências "-a, -e, -o". Este tipo de derivação também é chamado de "**deverbal**", "**pós-verbal**" ou "**retrógrada**".

VERBO (primitivo)	SUBSTANTIVO (derivado)
abalar	abalo
afagar	afago
alcançar	alcance
buscar	busca
castigar	castigo
combater	combate
comprar	compra
enlaçar	enlace
gritar	grito
jogar	jogo
pescar	pesca

⇨ **Observações:**

a) Não se esqueça de que o processo comum de formação é a criação de verbos a partir de substantivos e adjetivos. A derivação regressiva, portanto, promove o processo inverso.

b) Convém mais uma vez salientar que a derivação regressiva forma substantivos indicativos de ação. Logo, "ajuda", "saque", "caça", por exemplo, são substantivos derivados dos verbos "ajudar", "sacar" e "caçar", respectivamente, porque indicam ação. Por outro lado, os substantivos "âncora", "perfume", "alimento", os quais não indicam ação, mas objetos, coisas, são palavras primitivas que dão origem aos verbos "ancorar", "perfumar" e "alimentar".

6. **Derivação imprópria ou conversão** → ocorre pela mudança da classe gramatical de uma palavra. Na maioria dos casos, substantivos se tornam adjetivos e vice-versa,

adjetivos se transformam em advérbios e vice-versa, infinitivos se tornam substantivos, ou palavras invariáveis passam a ser substantivos.

- Ao longo da reunião, ele explicou **os prós** e **os contras** da questão. (palavras invariáveis substantivadas)
- Os **bons** sempre superam os **maus**. (adjetivos substantivados)
- Comprei um lindo rádio-**relógio** no centro da cidade de São Paulo. (substantivo adjetivado)
- Quando criança, pintava o **sete** na ausência dos pais. (numeral substantivado)
- **Esperar** é uma arte que todos deveriam exercitar. (infinitivo substantivado)
- Todos na sessão falavam **alto**. (adjetivo adverbializado)

1.2.2 COMPOSIÇÃO

É o processo por meio do qual duas ou mais palavras, ou dois ou mais radicais, se associam para formar uma nova palavra. Dois são os processos de composição na língua portuguesa:

1. **Composição por aglutinação** → ocorre quando há supressão ou perda de elementos fonéticos entre as palavras que se unem.

- perna + alta = **pernalta**
- boca + aberta = **boquiaberta**
- perna + longo = **pernilongo**
- plano + alto = **planalto**
- Santo + Antônio = **santantônio**
- cabeça + baixa = **cabisbaixo**
- fonte + seca = **Fonseca**
- plena + mar = **preamar**
- puxa + avante = **puxavante**
- pedra + óleo = **petróleo**
- em + boa + hora = **embora**
- filho + de + algo = **fidalgo**
- água + ardente = **aguardente**
- hidro + elétrico = **hidrelétrico**
- vinho + acre = **vinagre**

2. **Composição por justaposição** → ocorre quando as palavras se juntam sem que haja alteração mórfica nelas.

- passa + tempo = **passatempo**
- mal + me + quer = **malmequer**
- sempre + viva = **sempre-viva**
- porco + espinho = **porco-espinho**
- vai + vém = **vaivém**
- verde + mar = **verde-mar**
- vara + pau = **varapau**
- mata + borrão = **mata-borrão**

- gira + sol = **girassol**
- guarda + chuva = **guarda-chuva**
- obra + prima = **obra-prima**

1.2.3 OUTROS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Ao lado dos dois grandes processos de formação de palavras da língua portuguesa (derivação e composição), há outros igualmente importantes. São eles:

1. **Redução ou abreviação vocabular** → ocorre pela redução de um vocábulo a um mínimo semântico significativo, ou seja, reduz-se uma palavra ao máximo sempre mantendo seu sentido original.

- **auto** → redução de "automóvel"
- **extra** → redução de "extraordinário"
- **cinema** → redução de cinematógrafo
- **foto** → redução de fotografia
- **pneu** → redução de pneumático
- **curta** → redução de curta-metragem
- **zoo** → redução de zoológico
- **quilo** → redução de "quilograma"
- **cine** → redução de "cinema"
- **pólio** → redução de "poliomielite"
- **moto** → redução de motocicleta
- **pornô** → redução de pornografia
- **Zé** → redução de José
- **metrô** → redução de metropolitano

2. **Hibridismo** → ocorre quando a palavra é formada por elementos provenientes de línguas diferentes.

- automóvel = auto (grego) + móvel (latim)
- televisão = tele (grego) + visão (latim)
- abreugrafia = abreu (português) + grafia (grego)
- alcoômetro = álcool (árabe) + metro (grego)
- burocracia = buro (francês) + cracia (grego)
- monocultura = mono (grego) + cultura (latim)
- sambódromo = samba (português) + dromo (grego)
- goiabeira = goia (tupi) + beira (português)
- sociologia = socio (latim) + logia (grego)
- asmático = asma (português) + ico (latim)

3. **Onomatopeia ou onomatopaica** → ocorre quando se formam palavras que buscam

representar os sons dos seres, das coisas, da natureza.

- vapt-vupt!
- tique-taque
- toc-toc!
- bummm!
- miau!
- tartamudear
- latir
- espocar
- grunhir
- zigue-zague!
- au! au!
- zás!
- estralejar
- tinir
- grugulhejar
- piar
- arrulhar
- rosnar

⇨ **Observação:**

Todos os verbos que indicam os sons dos animais são onomatopaicos. Logo, "coaxar (rã), chiar (insetos), estridular (cigarra), grasnar (pato), mugir (boi), palrar (papagaio), rugir (leão), uivar (lobo), zurrar (burro)" são alguns exemplos de verbos onomatopaicos.

4. **Siglonimização** → é o processo de formação das siglas. A sigla é a abreviatura formada com as letras iniciais das palavras de um nome ou um título. Observe abaixo algumas siglas.

- **FGTS** = Fundo de Garantia pelo Tempo de Serviço
- **CPF** = Cadastro de Pessoas Físicas
- **MEC** = Ministério da Educação e Cultura
- **CEP** = Código de Endereçamento Postal
- **DNER** = Departamento Nacional de Estradas e Rodagens
- **SENAC** = Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
- **IBOPE** = Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística
- **IBGE** = Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- **SENAI** = Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
- **UNESCO** = United Nations Educational Scientific and Cultural Organization
- **ONU** = Organização das Nações Unidas
- **OEA** = Organização dos Estados Americanos
- **PT** = Partido dos Trabalhadores

1.2.4 NEOLOGISMOS

A língua não é algo morto, sem vida. Em todo tempo, por causa da evolução dos seres e da evolução do campo do conhecimento, o acervo lexical de um povo se modifica –

palavras deixam de ser usadas e tornam-se arcaicas, e palavras novas são criadas. A esse processo de criação lexical dá-se o nome de **neologismo**.

O nosso idioma, estruturalmente formado do latim, tem herdado empréstimos lexicais de outros sistemas linguísticos desde o início de sua formação. Por isso, em nossa língua encontramos tantos vocábulos provenientes das diversas influências (celta, fenícia, basca, bárbara, árabe, africana, tupi, espanhola, inglesa, italiana, francesa etc.).

Hoje, em virtude da globalização econômico-financeira, nossa língua portuguesa tem recebido bastantes empréstimos linguísticos oriundos da língua inglesa.

Cumpre de antemão frisar que, para a formação de um neologismo, na maioria dos casos, são usados os mesmos processos utilizados para a formação de muitas palavras em nossa língua: derivação e composição.

Observe alguns exemplos de neologismos em nossa língua (alguns ainda não foram registrados pelos dicionaristas, mas são bastante usados):

- deletar = apagar
- clicar = dar cliques com o mouse
- bebemorar = junção de beber e comemorar
- indescartável = que não pode ser descartável
- microcurso = curso de pequena extensão
- lulistas = partidários do presidente Lula
- pistolagem = ações com o uso da pistola, da força

1.3 CLASSIFICAÇÃO E FLEXÃO DAS PALAVRAS

Na língua portuguesa, a palavra pode ser analisada pela função que exerce em relação às outras palavras, ou pelo valor que, isoladamente, ela possui. No primeiro caso, temos a análise sintática, a qual será fruto de nosso estudo em capítulo próprio. Já a segunda, diz respeito à análise (ou classificação) morfológica.

Morfologia (gr. “morphê” = forma, “logos” = tratado) é a parte da “lexicologia” que estuda a palavra em seu elemento imaterial, isto é, em sua ideia ou significação. A morfologia das palavras pode ser estudada em duas partes:

a) **Taxonomia** (gr. “taxis” = arranjo, classificação; “nomos” = lei) estuda as diversas classes de palavras e as suas propriedades em relação à ideia que expressam.

b) **Etimologia** (gr. “etimo” = origem; “logia” = estudo) estuda a origem e a evolução das palavras.

Nos próximos dez capítulos, estudaremos a classificação morfológica das palavras em nossa língua, isto é, o valor que cada uma possui por si mesma, independentemente das demais palavras.

Há em nossa língua dez classes de palavras: substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome, verbo, advérbio, conjunção, preposição e interjeição.

Observe abaixo um quadro-resumo dessas dez classes:

CLASSE DE PALAVRA	DEFINIÇÃO (CARACTERÍSTICAS)	EXEMPLOS
1. Substantivo	Classe de palavra variável que dá nome aos seres em geral.	casa – terra – rosto – planta – martelo – João – papelão
2. Adjetivo	Classe de palavra variável que modifica um substantivo, atribuindo-lhe uma qualidade, um estado, um modo de ser.	bom – ruim – alto – péssimo – belo – feio – gostoso
3. Artigo	Classe de palavra variável que acompanha um substantivo, determinando-o ou indeterminando-o.	o – a – o – as – uma – um – umas – uns
4. Numeral	Classe de palavra variável que indica quantidade ou ordem dos seres.	dois – três – primeiro – décimo – um terço – triplo
5. Pronome	Classe de palavra variável que substitui ou acompanha o substantivo.	meu – nós – alguém – que – cujo – Vossa Excelência
6. Verbo	Classe de palavra variável que indica um processo em relação ao tempo. Este processo pode ser uma ação, um estado, uma mudança de estado ou um fenômeno da natureza.	andar – chover – dormir – correr – nadar – ser – ventar – fugir – tornar-se
7. Advérbio	Classe de palavra invariável que modifica um verbo, um adjetivo ou até outro advérbio, atribuindo-lhes circunstâncias diversas.	cedo – tarde – amanhã – não – talvez – jamais – sim
8. Conjunção	Classe de palavra invariável que liga orações ou termos dentro de uma oração.	embora – mas – já que – conquanto – a fim de que
9. Preposição	Classe de palavra invariável que liga termos de uma oração ou, mais raramente, orações.	a – de – por – com – sob
10. Interjeição	Classe de palavra invariável que exprime emoções ou sentimentos.	ah! – puxa! – ai! – ufa!

⇨ **Observação:**

Convém salientar que classificar uma palavra é, antes de tudo, entender o sentido e a função que cada uma exerce em uma dada sentença. Sempre será imperfeita a classificação que se funde meramente na forma ou na estrutura do vocábulo. Logo, a chave para uma boa classificação é a análise de cada uma em seu contexto oracional. Observe abaixo alguns exemplos que demonstram a variação da classificação de um mesmo vocábulo.

- Eles são homens **sábios**. *adjetivo*
- Os **sábios** vivem melhor. *substantivo*
- Joana é um ser **baixo**. *adjetivo*
- É importante falar **baixo**. *advérbio*
- O **filósofo** é o amigo da sabedoria. *substantivo*
- Luis XV era um rei-**filósofo**. *adjetivo*
- Esta **tarde** foi inesquecível. *substantivo*
- Saímos muito **tarde**. *advérbio*
- Por favor, não **tarde**. *verbo*
- Ficou **meio** chateada. *advérbio*
- Ficou sem **meios** para se suster. *substantivo*
- Comprou **meia** fruta. *numeral*
- Meus olhos veem **claro**. *advérbio*
- Tinha um **claro** talento. *adjetivo*
- Ficamos num **claro** da floresta. *substantivo*
- Esforço-me **porque** sejas aprovada. *conj. final*
- Estudo **porque** é importante. *conj. causal*
- Não nos disse o **porquê** do problema. *substantivo*
- **Fora** isso, peça-me o que quiser. *preposição*
- Ficou **fora** da casa. *advérbio*
- Ele **fora** para o interior do Estado. *verbo*
- Ela **nada** bem. *verbo*
- Ela não dirá **nada**. *pronome indefinido*
- Isto não é **nada** agradável. *advérbio*
- **O** menino estuda. *artigo*
- Eu **o** considero muito. *pronome oblíquo*
- Já sabemos **o** que sucedeu. *pronome demonstrativo*

1.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (TRT-ES) Assinale o item no qual os prefixos destacados **não** têm o mesmo sentido:

a) carta **a**nônima – homem **in**capaz

b) **hemi**sfério sul – raiz **semi**morta

c) nuvem **diá**fana – película **trans**lúcida
d) rua **para**lela – autor **con**temporâneo
e) **perí**metro urbano – área **circun**vizinha

2. (ESAF-MPU) Assinale a opção na qual os componentes destacados das palavras não têm a mesma significação:

a) **hiper**tensão – **super**mercado
b) **a**teu – **an**arquia
c) **bí**pede – **di**ssílabo
d) **anfí**bio – **ambi**destro
e) **ante**por – **anti**aéreo

3. (BB) Assinale a opção em que há erro na explicação da palavra destacada:

a) **heliofobia** – horror à luz do sol
b) **rinalgia** – dor de nariz
c) **xilografia** – arte de gravar em pedra
d) **etnologia** – estudo das raças
e) **misantropia** – aversão à sociedade

4. (FATEC-SP) Nas palavras **poliglota**, **tecnocracia**, **acrópole**, **demagogo** e **geografia** encontramos elementos que têm as seguintes significações, respectivamente:

a) garganta – ciência – cidade – conduzo – terra
b) língua – governo – civilização – enganar – terra
c) muitas – deus – alto – povo – planeta
d) língua – governo – alto – povo – terra
e) muitas – poder – cidade – diabo – tratado

5. (Mackenzie-SP) Assinale a alternativa em que não há relação entre duas colunas quanto ao significado do prefixo:

a) abdicar = afastamento
b) adjacente = posição em frente
c) antedatar = anterioridade
d) ambidestro = duplicidade
e) biscoito = repetição

6. (FATEC-SP) O prefixo e o sufixo que compõem a palavra **despenteada** encontram similar de sentido em:

a) imaginava
b) deslealdade
c) dissílabo
d) infelicidade
e) impossibilitado

7. (CESGRANRIO-RJ) Assinale o par de vocábulos cujos prefixos apresentam significação equivalente à dos elementos iniciais de **impessoal** e **predeterminado**:

a) amoral – epidérmico
b) antiaéreo – hipertenso
c) disforme – ultrapassado
d) contraindicado – transatlântico
e) desumano – antediluviano

8. (UFRJ) Assinale a alternativa cujo prefixo **sub**- tem o sentido de posteridade:

a) sublinhar
b) subsequente
c) subdesenvolvimento
d) subjacente
e) submisso

9. (Mackenzie-SP) Dentre as alternativas abaixo, assinale aquela em que ocorrem dois prefixos que dão ideia de negação:

a) impune, acéfalo
b) pressupor, ambíguo
c) anarquia, decair
d) importar, soterrar
e) ilegal, refazer

10. (ITA-SP) Considere as seguintes significações:

"nove ângulos" – "governo de poucos"
"som agradável" – "dor de cabeça"

Escolha a alternativa cujas palavras traduzem os significados apresentados acima.

a) pentágono, plutocracia; eufonia, mialgia
b) eneágono, oligarquia; eufonia, cefalalgia
c) nonangular, democracia; cacofonia, dispineia
d) eneágono, aristocracia; sinfonia, cefalalgia
e) hendecágono, monarquia; sonoplastia, cefaleia

GABARITO

1 – D	2 – E	3 – C
4 – D	5 – B	6 – E
7 – E	8 – B	9 – A
10 – B		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 2

SUBSTANTIVO

2.1 DEFINIÇÃO

É a classe de palavra variável com a qual se denomina os seres em geral.

Aqui, a palavra “ser” precisa ser entendida não só como aquilo que possui uma existência concreta (pedra, homem, carro, lua), mas também como aquilo que possui uma existência imaginária (Saci, fada, Minotauro), abstrata (fé, alegria, tristeza), ou mesmo de comprovação discutível (anjo, alma, inferno).

Por isso, classificam-se como substantivos as coisas, os sentimentos, as qualidades, as ações, os estados considerados em si mesmos.

Observe os primeiros exemplos:

beleza	morte	vida	vingança	casamento	vento
cobre	água	árvore	sonho	Terra	símbolo
pureza	revolução	átomo	eletricidade	caderno	uva

2.2 CARACTERIZAÇÃO DO SUBSTANTIVO

Nem sempre é fácil para um estudante da língua portuguesa identificar com segurança um substantivo. Por isso, para fazê-lo, convém observar duas características fundamentais:

1. O substantivo é uma classe de palavras que geralmente vem acompanhada de outras palavras, as quais a determinam. Daí dizermos que um substantivo frequentemente se encontra acompanhado de determinantes. Funcionam como determinantes “os artigos, os adjetivos, os pronomes adjetivos e os numerais”. Logo, quase todas as palavras na língua portuguesa podem ser usadas como substantivos.

   Veja:

- Havia dois **entrevistadores** engraçados que faziam umas **perguntas** bobas.
  determinante *determinantes*

- Alguns **homens** nunca conseguirão implementar mais que três **ideias** ao longo da **vida**.
  determinante *determinantes*

- Não aguentava mais os teus **ais**, as tuas **lamúrias**, os teus "**não-sei-pra-que-isso**".
  determinantes *determinantes*

2. O substantivo é a classe morfológica que "privativamente" exerce as funções sintáticas de: **sujeito**, **objeto direto**, **objeto indireto**, **complemento nominal**, **agente da passiva**, **aposto** e **vocativo**. Logo, palavras que exercem tais funções serão substantivos ou substantivadas.

   Observe:

- Os noivos disseram "**sim**!" diante de toda a igreja.
  objeto direto = palavra substantivada

- Não viva o **ontem**; procure amar o **hoje**.
  objetos diretos = palavras substantivadas

- Os **feios** também amam.
  sujeito = palavra substantivada

- **Viver** já é, por si só, um presente de Deus.
  sujeito = palavra substantivada

- Ninguém sabe os **porquês** da ausência dele.
  objeto direto = palavra substantivada

- Precisaremos dos **dois** para o nosso projeto.
  objeto indireto = palavra substantivada

- Ao chegar, foi enxotado pela **multidão**.
  agente da passiva = substantivo

- Não tinha precisão do **dinheiro** público.
  complemento nominal = substantivo

- Precisamos muito disto: **paz** na terra entre os homens de boa vontade.
  aposto = substantivo

⇨ Observações importantes:

a) Não confunda um substantivo com uma palavra substantivada. Enquanto esta se encontra exercendo uma função típica do substantivo, aquele é o próprio substantivo por natureza. A palavra "nobre" é um adjetivo por natureza. No entanto, ao dizermos "Os **nobres** sempre dominaram o mundo", temos um adjetivo substantivado, ou seja, uma palavra substantivada, pois ela exerce a função de sujeito e está acompanhada de um determinante.

b) Não se esqueça de que alguns substantivos também podem exercer o papel de

"adjetivo" pelo processo de derivação imprópria ou conversão, estudado no capítulo sobre a formação das palavras. Veja:

- O homem-**morcego** sempre foi um sucesso do cinema.
  Substantivo exercendo a função de adjetivo.
- Minha avó sempre dizia que vivia em um mundo **cão**.
  Substantivo exercendo a função de adjetivo.

c) O substantivo, como a maioria das classes morfológicas, pode ser expresso por meio de uma oração, denominada de "**oração substantiva**". Já que o substantivo exerce funções como "sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal", a oração substantiva exercerá também – obviamente – uma dessas funções. Observe:

- Tinha receio de que os juros inviabilizassem seus negócios.
  oração substantiva – complemento nominal
- Sempre aspirou a que todos fossem contemplados com a sorte da loteria.
  oração substantiva – objeto indireto
- Seria fundamental que eles se amassem mais.
  oração substantiva – sujeito
- João argumentou que aquilo fora dito por seu pai há muitos anos.
  oração substantiva – objeto direto

⇨ **Observação:**

Para aprofundar este último ponto, estude, em sintaxe, as orações substantivas.

d) Convém salientar também que é um substantivo o núcleo de boa parte das locuções adjetivas, adverbiais, prepositivas e conjuntivas. Por isso, o substantivo é uma das classes gramaticais mais importantes. Veja:

- à espera de = núcleo de uma locução prepositiva
- casaco de couro = núcleo de uma locução adjetiva
- a fim de que = núcleo de uma locução conjuntiva
- à tarde = núcleo de uma locução adverbial

2.3 CLASSIFICAÇÃO DO SUBSTANTIVO

Os substantivos podem ser classificados em: **concretos, abstratos, próprios, comuns, simples, compostos, primitivos, derivados e coletivos**.

1. **Concretos e abstratos:** Os primeiros indicam os seres que possuem existência própria independente dos demais seres, não importando se são reais ou imaginários. Já os segundos indicam os seres que dependem da existência de outros seres para existirem. Estes últimos indicam qualidades, ações ou estados.

- mesa – faca – lápis – apontador – lua – terra – mar – lampião – fada = são exemplos de substantivos concretos
- pânico – medo – tristeza – bondade – sonho – conhecimento – saudade = são exemplos de substantivos abstratos

2. **Próprios e comuns:** Os próprios designam um ser específico, determinado entre os outros de sua espécie. Já os comuns designam os seres de uma espécie de forma genérica.

- rua – casa – flor – carro – aliança – cidade – rio = são substantivos comuns
- Pedro – Brasil – Nova Iorque – São Francisco – Jesus Cristo = são substantivos próprios

3. **Simples e compostos:** São simples os substantivos formados por um só elemento, um só radical. Já os compostos são constituídos por mais de um radical ou elemento formador.

- terra – fruta – cavalo – pau = são substantivos simples
- terra-cozida – fruta-pão – cavalo-vapor – pau-brasil = são substantivos compostos

4. **Primitivos e derivados:** Os primitivos são aqueles substantivos que não resultam de nenhuma outra palavra preexistente. Já os derivados, como o próprio nome já o denuncia, são os substantivos oriundos de outras palavras, ditas primitivas.

- terra – pedra – mar – luz – folha = são substantivos primitivos
- terraplanagem – pedreira – maremoto – luzeiro – folhagem = são substantivos derivados

5. **Coletivos:** São os substantivos que, no singular, indicam uma coleção, um agrupamento, um conjunto de seres da mesma espécie. Observe abaixo uma tabela com os principais coletivos:

academia	de literatos, de artistas, de sábios etc.
acervo	de bens patrimoniais, de obras de arte etc.
álbum	de fotografias, de selos
alcateia	de lobos
antologia	de trechos literários

armada	de navios de guerra
arquipélago	de ilhas
assembleia	de pessoas reunidas
associação	de pessoas reunidas sob o mesmo estatuto
atilho	de espigas de milho
atlas	de mapas
bagagem	de objetos de viagem
baixela	de utensílios de mesa
banca	de examinadores
bandeira	de garimpeiros, de exploradores
bando	de crianças, de aves, de ciganos etc.
baralho	de cartas
batalhão	de soldados
bateria	de peças de artilharia, de utensílios de cozinha
biblioteca	de livros
boiada	de bois
brigada	de pessoas voltas para a execução de um serviço
cabido	de cônegos de uma catedral
cacaria	de cacos
cacho	de uvas, de bananas etc.
cáfila	de camelos
câmara	de deputados
cambada	de vadios, de malvados etc.
capoeira	de aves, de mato
caravana	de viajantes, de peregrinos, de mercadorias etc.
cardume	de peixes
cartuchame	de cartuchos
catálogo	de livros, de plantas, de objetos para a venda etc.
choldra	de malfeitores, de desordeiros, de pessoas ordinárias etc.
chusma	de gente, de criados, de papéis

clientela	de clientes
código	de leis reunidas
coleção	de livros, de poesias, de selos etc.
coletânea	de objetos reunidos
coligação	de pessoas, de organizações
colmeia	de cortiços de abelhas
comboio	de meios de transporte, de animais etc
conciliábulo	de feiticeiros
concílio	de bispos, de prelados, de pastores
conclave	de cardeais
confederação	de estados
confraria	de pessoas religiosas reunidas
congregação	de professores, de membros de uma determinada religião
congresso	de sábios, de diplomatas, de deputados
conselho	de ministros, de professores
constelação	de estrelas
cordilheira	de montanhas
corja	de canalhas, de vadios, de malfeitores
coro	de pessoas reunidas para cantar
discoteca	de discos
doutrina	de conhecimentos
elenco	de atores, de artistas
enxoval	de roupas e adornos
esquadra	de navios
fato	de cabras
fauna	de animais de uma região
feixe	de lenha, de capim, de varas
fornada	de pães, de tijolos etc.
frotas	de navios, de ônibus etc.

galeria	de quadros, de estátuas
grei	de fiéis reunidos
grêmio	de intelectuais, de artistas etc.
irmandade	de membros de associações religiosas
júri	de jurados
legião	de soldados, de anjos, de demônios
lustro	de cinco anos
maço	de papéis, de cartas, de cigarros
manada	de bois, de elefantes etc.
maquinaria	de máquinas
matilha	de cães
miríade	de insetos
molho	de chaves, de capim
ninhada	de filhotes de aves
nuvem	de gafanhotos, de mosquitos etc.
orquestra	de músicos
parlamento	de casas legislativas
patrulha	de soldados em ronda
penca	de bananas, de uvas, de laranjas
petrecho	de armamentos
pilha	de livros, de moedas, de pratos
pinacoteca	de quadros, de telas
piquete	de grevistas
plêiade	de grupo de homens sábios, célebres
prole	de filhos de um casal
quadrilha	de ladrões, de bandidos
ralé	de pessoas ordinárias
ramalhete	de flores
rancho	de soldados, de trabalhadores, de gente
rebanho	de ovelhas, de cabras

renque	de coisas ou pessoas na mesma linha
repertório	de peças teatrais, de músicas
resma	de papel (quinhentas folhas)
réstia	de cebola, de alho
revoada	de aves
rol ou ror	de pessoas, de testemunhas
seleta	de trechos literários escolhidos
sínodo	de párocos, de religiosos reunidos
súcia	de velhacos, de patifes
tripulação	de tripulantes de um navio, de um avião
tropel	de cavaleiros
tropilha	de cavalos
trouxa	de roupas
turma	de estudantes, de trabalhadores etc.
vara	de porcos
viveiro	de aves, de plantas

⇨ Algumas observações sobre os substantivos coletivos:

a) É importante frisar que os substantivos coletivos podem ser **específicos (determinados)** ou **genéricos (indeterminados)**. Dizer, por exemplo, “ramalhete de flores”, “cardume de peixes”, “esquadra de navios” consiste numa redundância, pois os coletivos aqui usados se referem – especificamente – a “flores, peixes e navios”, respectivamente. Por outro lado, não se comete redundância quando se criam especificações para coletivos do tipo “grupo, bando, congresso, coleção”, uma vez que estes podem ser utilizados para indicar mais de um ser. Por isso, os primeiros são denominados de específicos e os segundos de genéricos. Veja:

- O **grupo** de estudantes deixou a sala.
- Um **grupo** de deputados inspecionará a obra.
- Um **bando** de aves sobrevoa a cidade.
- Um **bando** de ladrões assaltou um banco hoje pela manhã.

- A **coleção** de selos foi furtada.
- A **coleção** de poesias do Mário impressiona a todos.

⇨ **Observação:**

Nestes exemplos, os substantivos “grupo, bando e coleção” requereram especificações por se tratar de coletivos inespecíficos ou genéricos.

b) Quando se trata de coletivos genéricos ou inespecíficos, a concordância do verbo pode-se dar tanto com o núcleo do termo quanto com a sua especificação.

- Uma equipe de jogadores auxiliará / ou / auxiliarão os trabalhos de seleção dos melhores atletas da escola.

) Os substantivos “parte, metade, maioria, minoria”, que designam fração de um todo, são denominados de “<u>coletivos partitivos</u>”; distinguem-se, portanto, dos outros denominados de “<u>coletivos gerais</u>”.

) Há coletivos que são denominados de <u>numéricos</u>, pois representam quantidades numéricas exatas. Exemplos:

- **par** → conjunto com dois elementos
- **lustro** → período de cinco anos
- **novênio** → período de nove anos
- **sextilha** → estrofe de seis versos
- **tríade** → grupo de três pessoas
- **septênio** → período de sete anos
- **semana** → período de sete dias
- **dúzia** → conjunto de doze elementos
- **milhar** → conjunto de mil coisas
- **semestre** → período de seis meses
- **trezena** → período de treze dias
- **trindade** → reunião de três pessoas
- **quinquídio** → período de cinco dias
- **quindênio** → período de quinze dias
- **cento** → conjunto com cem elementos
- **terceto** → estrofe de três versos / reunião de três pessoas

) Muitos coletivos são formados pelo processo de sufixação. Eis abaixo os sufixos mais comuns para a formação de coletivos.

- **-ada** → boiada, manada, brigada
- **-alha** → parentalha, clericalha
- **-agem** → folhagem, carruagem
- **-al** → cabedal, bananal

- **-ama** → dinheirama, boiama
- **-aria** → livraria, artilharia
- **-eiro** → formigueiro, abelheiro
- **-ame** → cordame, enxame
- **-dade** → cristandade, diversidade
- **-edo** → arvoredo, vinhedo

2.4 FLEXÕES DOS SUBSTANTIVOS

Como palavras variáveis que são, os substantivos se flexionam em: **gênero**, **número** e **grau**.

2.4.1 FLEXÕES DE GÊNERO

Em primeiro lugar, é importante dizer que o gênero é uma classificação puramente gramatical. Segundo o gênero, os substantivos são agrupados em **masculinos** e **femininos**.

Em tese, são masculinos todos os substantivos aos quais se pode antepor o artigo definido masculino "o(s)". Por outro lado, são femininos todos os que admitem o artigo definido feminino "a(s)".

São masculinos	São femininos
o cordão – os sapatos – os lençóis – o azeite	a fralda – a sandália – a leoa – a patroa – a câmera
o cidadão – o ator – o imperador – o compadre	a internet – a libélula – a freira – a mãe – a dama

2.4.1.1 Formação do feminino

2.4.1.1.1 Substantivos biformes

A maioria dos substantivos na língua portuguesa apresenta formas distintas para o masculino e para o feminino – são denominados de "**BIFORMES**". Para os substantivos desse grupo, o feminino geralmente se forma a partir da(o):

) Mudança da terminação "-o" por "-a":

- filho → filha
- aluno → aluna
- menino → menina
- garoto → garota

- aluno → aluna

) Mudança da terminação “-e” por “-a”:

- elefante → elefanta
- monge → monja
- parente → parenta
- mestre → mestra
- presidente → presidenta

) Mudança das terminações “-e” e “-a” por “-essa, -esa, -isa”.

- sacerdote → sacerdotisa
- diácono → diaconisa
- barão → baronesa
- abade → abadessa
- príncipe → princesa
- profeta → profetisa
- conde → condessa
- prior → prioresa

) Mudança da terminação “-ão” por “-ã, -oa, -ona”.

- alemão → alemã
- irmão → irmã
- leitão → leitoa
- valentão → valentona
- chorão → chorona
- patrão → patroa
- cidadão → cidadã
- santarrão → santarrona

Exceções:

- barão → baronesa
- sultão → sultana
- ladrão → ladra
- cão → cadela

) Mudança da terminação “-eu” por “-eia”:

- europeu → europeia
- plebeu → plebeia
- ateu → ateia
- hebreu → hebreia
- pigmeu → pigmeia

⇨ **Observação:**

Há substantivos que não seguem esta regra: réu → ré; judeu → judia; ilhéu → ilhoa.

) Acréscimo da terminação “-a” aos substantivos terminados em “-es, -or, -z, -s, -l”:

- camponês → camponesa
- juiz → juíza
- cantor → cantora
- escritor → escritora
- bacharel → bacharela

) Acréscimo da terminação “-triz” a certos substantivos terminados em “-or”:

- embaixador → embaixatriz
- imperador → imperatriz
- cantor → cantatriz
- ator → atriz
- genitor → genetriz

⇨ **Observação:**

Admitem-se também os femininos “cantora” e “genitora” – bem mais usuais no português contemporâneo – para os substantivos “cantor” e “genitor”, respectivamente.

) Acréscimo da terminação “-ina” a certos substantivos como:

- herói → heroína

- czar → czarina
- felá → felaína

⇨ **Observação:**

Inúmeros são os procedimentos para a formação do feminino na língua portuguesa, e não há uma regra que consiga abarcar todas as situações. Daí a quantidade exorbitante de substantivos os quais possuem formas totalmente diferentes para indicar o masculino e o feminino. Estes substantivos são denominados de "heterônimos". Segue abaixo uma lista sucinta de tais substantivos (também denominados de "**biformes**", diga-se por conveniência) e seus respectivos femininos.

MASCULINO	FEMININO
caxaréu	baleia
bispo	episcopisa
bode	cabra
boi	vaca
burro	besta, mula
cão	cadela
capitão	capitã
cavaleiro	amazona
cavalheiro	dama
cavalo	égua
compadre	comadre
cônego	canonisa, cônega
confrade	confreira
dom	dona
embaixador	embaixadora (funcionária)
embaixador	embaixatriz (esposa do embaixador)
ermitão	ermitoa
frade	freira
frei	sóror ou soror
galo	galinha

general	generala
genro	nora
homem	mulher
jabuti	jabota
javali	javalina
marajá	marani
pacuçu	paca
padrasto	madrasta
padre	madre
padrinho	madrinha
pai	mãe
pardal	pardoca ou pardaloca
parvo	parva
patriarca	matriarca
perdigão	perdiz
prior	prioresa ou priora
rajá	rani
sandeu	sandia
tritão	sereia
tabaréu	tabaroa
varão	varoa ou virago
veado	veada, cerva
zangão	abelha

2.4.1.1.2 Substantivos uniformes

Um outro grande grupo de substantivos possui apenas uma única forma gráfica para designar tanto o masculino quanto o feminino – são os denominados de **UNIFORMES**. Dividem-se em:

) **Sobrecomuns** – são substantivos que possuem uma única forma para o masculino e para o feminino. Até o artigo que acompanha estes substantivos é comum aos dois

gêneros.

- o monstro
- o cadáver
- a criança
- o sujeito
- o defunto
- o ídolo
- o cônjuge
- o carrasco
- a pessoa
- a vítima
- o membro
- a criatura
- o esqueleto
- a testemunha

) **Comuns de dois gêneros** – são substantivos que possuem uma única forma gráfica para os dois gêneros, mas se faz a distinção do masculino e do feminino pela utilização de artigos “o, a, os, as, um, uns, uma, umas”.

- o/a cliente
- o/a acrobata
- o/a diplomata
- o/a estudante
- o/a artista
- o/a agente
- o/a agiota
- o/a pajem
- o/a nubente
- o/a pedinte
- o/a jornalista
- o/a homicida
- o/a ouvinte
- o/a servente
- o/a motorista
- o/a dentista
- o/a gerente
- o/a jovem
- o/a selvagem
- o/a colega

) **Epicenos** – são substantivos relativos a animais que possuem uma única forma para designar o masculino e o feminino. A distinção entre os sexos se dará pelo acréscimo das palavras “macho” e “fêmea”.

- a cobra macho / a cobra fêmea
- o crocodilo macho / o crocodilo fêmea
- a pulga macho / a pulga fêmea
- a borboleta macho / a borboleta fêmea
- a águia macho / a águia fêmea
- o jacaré macho / o jacaré fêmea
- o tatu macho / o tatu fêmea
- a minhoca macho / a minhoca fêmea

2.4.1.2 Oposição entre o gênero e o sentido

Muitos substantivos mudam de sentido quando têm seu gênero alterado. Diz-se, então, que houve um gênero aparente, já que a outra forma não representa o sexo oposto, mas uma palavra com um significado totalmente diferente do significado da primeira. Observe:

o língua (o intérprete)	**a língua** (órgão do corpo humano)
o caixa (funcionário)	**a caixa** (receptáculo)
o razão (livro mercantil)	**a razão** (faculdade intelectual)
o guarda (policial)	**a guarda** (corporação, proteção, cuidado)

o capital (dinheiro)	**a capital** (cidade sede de governo)
o cisma (separação)	**a cisma** (dúvida)
o vogal (representante)	**a vogal** (letra)
o guia (orientador, pessoa que guia)	**a guia** (documento, correia comprida)
o cura (padre)	**a cura** (restabelecimento da saúde)
o lotação (veículo)	**a lotação** (capacidade)
o moral (ânimo, estado de espírito)	**a moral** (ética, princípios)
o rádio (aparelho)	**a rádio** (estação, emissora)
o crisma (óleo usado em sacramentos)	**a crisma** (sacramento da confirmação)
o águia (pessoa esperta)	**a águia** (ave)
o banana (pessoa mole, palerma)	**a banana** (fruta)
o cabra (pessoa valente)	**a cabra** (animal)
o polícia (policial)	**a polícia** (corporação)
o grama (unidade de peso)	**a grama** (relva)
o estepe (pneu sobressalente)	**a estepe** (vegetação)
o nascente (ponto cardeal leste)	**a nascente** (fonte de água)

2.4.1.3 Mudança de gênero por elipse

Alguns substantivos indicativos de lugares (topônimos) mudam de gênero quando, por metonímia, passam a designar os produtos desses lugares.

Como termos geográficos, esses substantivos são femininos. Ao designar os produtos oriundos de tais lugares, tornam-se nomes comuns masculinos. Um bom exemplo ocorreu com o vocábulo “champagne”, que originalmente designa a região da França produtora de bons vinhos espumantes. Hoje, não há quem nunca tenha tomado “**um** champanhe”, ou seja, “um **vinho** champanhe”. Nestes casos, existe, na verdade, a elipse de um substantivo masculino entre o artigo e o substantivo topônimo. Observe outros casos:

- **Moca** (cidade da Arábia) → **o moca** (tipo de café proveniente da cidade de Moca)
- **Madeira** (ilha situada em Portugal) → **o madeira** (vinho proveniente da ilha Madeira)
- **Borgonha** (região situada na França) → **o borgonha** (vinho produzido na região da Borgonha)
- **Málaga** (região situada na Espanha) → **o málaga** (vinho produzido na região de Málaga)
- **Terra-Nova** (ilha situada no Canadá) → **o terra-nova** (cão oriundo da ilha de Terra-Nova)

- **Holanda** (país situado na Europa) → **o holanda** (fino tecido proveniente da Holanda)
- **Nanquim** (cidade da China) → **o nanquim** (pigmento negro para colorir criado na cidade de Nanquim)
- **Angorá** (antiga cidade da Turquia) → **o angorá** (espécie de gato oriundo da cidade de Angorá – hoje "Ancara")

2.4.1.4 Gênero de alguns substantivos

Há vários substantivos na língua portuguesa que frequentemente suscitam dúvidas quanto ao gênero. Por isso, é bom ficar atento, pois:

) São masculinos

- o apêndice
- o alvará
- o aneurisma
- o champanha
- o charque (carne-seca, jabá)
- o clã
- o cônjuge
- o cós
- o delta
- o dó (pena; nota musical)
- o eclipse
- o estratagema
- o formicida
- o guaraná
- o herpes
- o lança-perfume
- o magazine
- o matiz
- o plasma
- o telefonema
- o tracoma
- o cabo (soldado; rabo, cauda)
- o magma
- o pernoite
- o praça (soldado)
- o proclama (anúncio)

) São femininos

- a abusão (engano, erro)
- a dinamite
- a acne
- a áspide (serpente)
- a omelete
- a fruta-pão
- a pane
- a mascote
- a gênese
- a couve-flor

- a omoplata
- a agravante (circunstância)
- a alface
- a apendicite
- a aguardente
- a cal
- a faringe
- a libido
- a entorse
- a derme
- a echarpe (agasalho, adorno)
- a ênfase
- a comichão
- a ferrugem
- a matinê
- a sentinela
- a filoxera (tipo de inseto)

2.4.1.4.1 Substantivos que são masculinos ou femininos indistintamente

São substantivos bastante usuais e que podem ser usados tanto como femininos quanto como masculinos.

- o/a sabiá (ave)
- o/a xérox
- o/a tapa
- o/a cataplasma
- a/o usucapião
- o/a ilhós
- o/a suéter
- o/a diabete (ou diabetes)
- o/a laringe

⇨ Observações gerais sobre o gênero dos substantivos:

a) O substantivo “personagem” tanto pode ser usado no feminino “a personagem” quanto no masculino “o personagem”.

b) Os substantivos “modelo” e “manequim”, referindo-se às pessoas que posam em público, têm sido usados na língua contemporânea como substantivos comuns de dois gêneros. A distinção de gênero, portanto, dar-se-á pelo determinante – geralmente o artigo – que acompanha tais palavras. Diz-se, então, “o modelo” para o homem e “a modelo” para a mulher.

c) Alguns substantivos que designam patentes militares como “*general*, *coronel*, *tenente*, *sargento*, *soldado*” apresentam as formas femininas “*generala*, *coronela*, *tenenta*, *sargenta*, *soldada*”, embora sejam estas bastante preteridas na esfera militar, preferindo-se usar tais substantivos como se fossem comuns de dois gêneros “o/a general, o/a coronel, o/a tenente, o/a sargento, o/a soldado”. As patentes “major e cabo” só existem sob a forma masculina.

d) O substantivo “*chefe*” apresenta a forma feminina “*chefa*”. Entretanto, é preferível empregar-se “chefe” como substantivo comum de dois gêneros (o chefe / a chefe) pelo fato de a forma “chefa” trazer consigo certa dose de informalidade.

2.4.2 FLEXÕES DE NÚMERO

O número é capacidade que possuem alguns nomes de indicar um ou mais seres ou coisas. Como o gênero, a flexão de número é uma categoria gramatical. Em português, existem dois números gramaticais: o singular e o plural. O primeiro indica um ser ou um grupo de seres (flor, soldado, avião, ramalhete, exército, esquadrilha); já o segundo, indica mais de um ser ou grupo de seres (flores, soldados, aviões, ramalhetes, exércitos etc.).

2.4.2.1 Regras para a formação do plural dos substantivos

1. Em geral, os substantivos formam o plural com o acréscimo da desinência "-s" ao singular. Isso frequentemente ocorre com os substantivos terminados em vogal ou em ditongo:

- casa → casas
- janela → janelas
- pé → pés
- prédio → prédios
- menino → meninos
- livro → livros
- braço → braços
- gramática → gramáticas
- escola → escolas
- mãe → mães
- porta → portas
- estrada → estradas
- rei → reis
- pai → pais
- herói → heróis

2. Os substantivos terminados em "-ão" fazem o plural de três maneiras:

) Alguns simplesmente seguem a regra geral e acrescentam "-s" ao "-ão":

- mão → mãos
- cristão → cristãos
- grão → grãos
- chão → chãos
- irmão → irmãos
- vão → vãos
- pagão → pagãos
- desvão → desvãos
- bênção → bênçãos
- órgão → órgãos
- sótão → sótãos
- cidadão → cidadãos

) Outros trocam o "-ão" por "-ães":

- escrivão → escrivães
- pão → pães
- cão → cães
- capitão → capitães
- alemão → alemães
- tabelião → tabeliães
- capelão → capelães
- afegão → afegães

) Um grande grupo troca o "-ão" por "-ões":

- leão → leões
- limão → limões
- balão → balões
- caixão → caixões
- mamão → mamões
- botão → botões
- canhão → canhões
- nação → nações
- opinião → opiniões
- fração → frações
- coração → corações
- canção → canções
- gavião → gaviões
- anão → anões
- folião → foliões

⇨ **Observações:**

a) Essas diversas variações para o plural ocorrem em virtude da etimologia das palavras.

b) Alguns substantivos terminados em "-ão" apresentam mais de uma forma para o plural. Observe abaixo:

- aldeão → adeãos e aldeões
- anão → anãos e anões
- ancião → anciãos, anciães e anciões
- castelão → castelãos e castelões
- guardião → guardiães e guardiões
- sultão → sultães e sultões
- verão → verãos e verões
- vilão → vilãos, vilões e vilães
- cirurgião → cirurgiões e cirurgiães
- vulcão → vulcãos e vulcões

3. Os substantivos terminados em "-r, e -z" formam o plural com o acréscimo da terminação "-es", uma vez que a língua não aceita as terminações "-rs e -zs".

- flor → flores
- juiz → juízes
- amor → amores
- gravidez → gravidezes
- arroz → arrozes
- mulher → mulheres
- giz → gizes
- andar → andares
- raiz → raízes
- colher → colheres
- dólar → dólares
- clamor → clamores
- faquir → faquires
- colar → colares
- cruz → cruzes
- cateter → cateteres
- ureter → ureteres

⇨ **Observação:**

Os substantivos "caráter", "júnior" e "sênior" fazem os plurais "caracteres", "juniores" e "seniores", respectivamente, com deslocamento do acento tônico.

4. Os substantivos terminados em "-n" fazem o plural tanto com o acréscimo de "-es" quanto com o acréscimo de "-s".

- próton → prótones ou prótons
- hífen → hífenes ou hifens
- líquen → líquenes ou liquens
- nêutron → nêutrones ou nêutrons
- abdômen → abdômenes ou abdômens
- elétron → elétrones ou elétrons

⇨ **Observação:**

Os substantivos “pólen” e “cânon” fazem os plurais “polens” e “cânones”, respectivamente.

5. Os substantivos terminados em “-al, -el, -ol e -ul” trocam o “l” por “is”. Observe:

- anel → anéis
- anzol → anzóis
- pastel → pastéis
- farol → faróis
- metal → metais
- laranjal → laranjais
- paul → pauis
- tribunal → tribunais
- canal → canais

⇨ **Observações:**

a) Nos substantivos “cônsul” e “mal”, a consoante “l” permaneceu intervocálica no plural, daí as formas “cônsules” e “males” para os respectivos plurais.

b) O substantivo “mel” faz os plurais “meles” ou “méis”, assim como “mol” faz os plurais “mols” ou “moles”.

6. Os substantivos terminados em “-il” formam o plural de acordo com duas regras:

) Se for oxítono, trocará o “-il” por “is”:

- anil → anis
- perfil → perfis
- fuzil → fuzis
- funil → funis
- quadril → quadris
- canil → canis
- barril → barris
- cantil → cantis

) Se for paroxítono, trocará o “-il” por “-eis”:

- fóssil → fósseis
- têxtil → têxteis
- réptil → répteis
- míssil → mísseis
- projétil → projéteis
- tâmil → tâmeis

⇨ **Observação:**

Em virtude da dupla prosódia dos substantivos “réptil – reptil” e “projétil – projetil”, admitem-se os respectivos plurais “répteis – reptis” e “projéteis – projetis”.

7. Os substantivos terminados em “-m” trocam esta letra por “-ns”. Veja:

- fim → fins
- jardim → jardins
- vintém → vinténs
- bombom → bombons
- som → sons
- refém → reféns
- jejum → jejuns
- bebum → bebuns
- amém → améns

8. Os substantivos terminados em “-s” fazem o plural segundo duas regras:

) Os monossílabos e os oxítonos recebem “-es”:

- gás → gases
- rês → reses
- mês → meses
- deus → deuses
- revés → reveses
- burguês → burgueses
- português → portugueses
- cós → coses
- chinês → chineses

) Os paroxítonos e os proparoxítonos terminados em “-s” são invariáveis:

- o pires → os pires
- o ônibus → os ônibus
- o lápis → os lápis
- o tênis → os tênis
- o vírus → os vírus
- o ourives → os ourives
- o oásis → os oásis
- o alferes → os alferes
- o ônus → os ônus

9. Os substantivos terminados em “-x” são invariáveis.

- o tórax → os tórax
- o ônix → os ônix
- a fênix → as fênix
- uma xérox → duas xérox
- o látex → os látex

⇨ **Observação:**

Alguns substantivos monossilábicos terminados em “-x”, entretanto, admitem também, para a formação do plural, o acréscimo da terminação “-es”. É o caso de:

- o fax → os fax ou faxes
- o sax → os sax ou saxes
- o flox → os flox ou floxes
- o fox → os fox ou foxes

2.4.2.1.1 *Particularidades sobre o plural dos substantivos*

1. Alguns substantivos mudam o timbre da vogal tônica de (ô – fechado) para (ó – aberto) quando postos no plural. É o que se denomina de plural metafônico ou plural com metafonia. Veja alguns exemplos:

(ô) – fechado no singular	(ó) – aberto no plural
caroço	caroços
coro	coros
despojo	despojos
destroço	destroços
foro	foros
fosso	fossos
imposto	impostos
jogo	jogos
miolo	miolos
olho	olhos
osso	ossos
ovo	ovos
poço	poços
posto	postos
povo	povos
reforço	reforços
socorro	socorros
tijolo	tijolos
torto	tortos
troço	troços

Outros substantivos, porém, permanecem com o (ô) fechado quando vão para o plural. Veja:

(ô) – fechado no singular	(ô) – fechado no plural
abono	abonos

bolo	bolos
bolso	bolsos
cachorro	cachorros
coco	cocos
dono	donos
dorso	dorsos
encosto	encostos
esposo	esposos
gozo	gozos
lobo	lobos
logro	logros
morro	morros
piolho	piolhos
polvo	polvos
repolho	repolhos
rosto	rostos
sogro	sogros
toldo	toldos

2. Alguns substantivos, quando postos no plural, sofrem alteração semântica, ou seja, mudam o sentido. Observe:

- bem (virtude) → bens (capital, posses)
- ar (atmosfera) → ares (aparência, condições do clima)
- gênero (conjunto) → gêneros (alimentos)
- féria (remuneração) → férias (descanso)
- lua (satélite) → luas (semanas)
- honra (dignidade) → honras (homenagens, título)
- vergonha (humilhação) → vergonhas (órgãos sexuais)
- amor (sentimento) → amores (relações amorosas)

3. Há substantivos que só existem na forma "plural". Veja alguns exemplos:

- as fezes
- as cãs
- as cócegas
- os parabéns
- as cercanias
- os Alpes
- as calendas
- os óculos
- as exéquias
- as núpcias
- os pêsames
- os víveres
- as condolências
- os arredores
- os Andes
- as alvíssaras
- os anais
- as olheiras
- os Pirineus
- as Belas Artes

4. Os nomes de pessoas, os numerais e as letras do alfabeto fazem, geralmente, o plural com o acréscimo do morfema "-s" – obviamente quando se prestam a esta regra. Veja:

- Ele jamais passará na prova dos noves.
- Lá, na festa, encontrarás os Antônios, os Andrés, os Joões, os Junqueiras e tantos outros mais.
- Jamais escreverás corretamente se não conheceres bem os "as", os "bês", os "cês" que compõem as palavras.

⇨ **Observação:**

Os numerais terminados em "-s" e em "-z" são invariáveis. Ex.: dois, dez, três, seis etc.

5. Em geral os substantivos apresentam tanto o feminino quanto o masculino. Este é o princípio básico. Entretanto, alguns substantivos são, na prática, usados, em quase todos os seus empregos, no singular, embora apresentem flexão de plural como a maioria dos substantivos. Isso ocorre particularmente com:

a) **substantivos que designam metais:** ouro, prata, ferro, mercúrio, alumínio, cobre.

b) **substantivos que designam produtos animais e vegetais:** leite, mel, açúcar, lã, vinho, arroz.

c) **substantivos que designam artes e ciências:** Budismo, Cristianismo, Lógica, Socialismo, Aritmética.

d) **alguns substantivos abstratos que exprimem virtude ou vício:** preguiça, caridade, confiança, leviandade, liberdade.

2.4.2.2 Plural dos substantivos compostos

Os substantivos compostos apresentam um vasto conjunto de regras especiais para a formação de seus plurais. Vários substantivos fogem das orientações abaixo e apresentam uma forma própria, particular para o seu plural. Por isso, apresentaremos a seguir as

regras mais comuns para a flexão de número de tais nomes compostos.

1.ª regra: Substantivos compostos formados por palavras variáveis quanto ao número → ambas as palavras devem ir para o plural. As palavras que formam o composto devem, portanto, ser analisadas se, isoladamente, são suscetíveis de ir para o plural.

- couve-flor (substantivo + substantivo) → couves-flores
- terça-feira (numeral + substantivo) → terças-feiras
- amor-perfeito (substantivo + adjetivo) → amores-perfeitos
- salvo-conduto (adjetivo + substantivo) → salvos-condutos
- ponta-direita (substantivo + adjetivo) → pontas-direitas
- chave-mestra (substantivo + substantivo) → chaves-mestras
- guarda-noturno (substantivo + adjetivo) → guardas-noturnos
- má-língua (adjetivo + substantivo) → más-línguas
- capitão-mor (substantivo + adjetivo) → capitães-mores
- pai-nosso (substantivo + pronome) → pais-nossos
- cirurgião-dentista (substantivo + adjetivo) → cirurgiões-dentistas

2.ª regra: Substantivos compostos formados por palavra invariável mais uma palavra variável → só o segundo elemento deverá ir para o plural.

- abaixo-assinado (advérbio + particípio na função de adjetivo) → abaixo-assinados
- quebra-mar (verbo + substantivo) → quebra-mares
- ave-maria (interjeição + substantivo) → ave-marias
- vice-cônsul (prefixo + substantivo) → vice-cônsules
- infraestrutura (prefixo + substantivo) → infraestruturas
- beija-flor (verbo + substantivo) → beija-flores
- salve-rainha (interjeição + substantivo) → salve-rainhas
- ultrassom (prefixo + substantivo) → ultrassons

3.ª regra: Substantivos compostos unidos por preposição → só o primeiro elemento varia.

- pé de moleque → pés de moleque
- mula sem cabeça → mulas sem cabeça
- pimenta-do-reino → pimentas-do-reino
- amigo da onça → amigos da onça
- joão-de-barro → joões-de-barro
- pôr do sol → pores do sol
- pau a pique → paus a pique
- ama de leite → amas de leite

4.ª regra: Substantivos compostos em que o segundo elemento delimita o primeiro → só o primeiro elemento varia.

- navio-escola → navios-escola
- banana-maçã → bananas-maçã
- caneta-tinteiro → canetas-tinteiro
- erva-mate → ervas-mate
- salário-família → salários-família
- peixe-boi → peixes-boi
- pau-brasil → paus-brasil
- pombo-correio → pombos-correio
- escola-modelo → escolas-modelo

⇨ **Observação:**

Por se tratar de substantivos compostos formados por palavras variáveis, admite-se também que os compostos acima variem ambos os elementos. Portanto:

- navio-escola → navios-escola ou navios-escolas
- peixe-boi → peixes-boi ou peixes-bois
- pau-brasil → paus-brasil ou paus-brasis
- fruta-pão → frutas-pão ou frutas-pães

5.ª regra: Substantivos compostos formados por palavras repetidas ou palavras onomatopaicas (reprodução de sons das coisas, dos animais) → só o segundo elemento se flexiona.

- reco-reco → reco-recos
- ruge-ruge → ruge-ruges
- corre-corre → corre-corres
- pife-pafe → pife-pafes
- quero-quero → quero-queros
- pisca-pisca → pisca-piscas
- tico-tico → tico-ticos
- bem-me-quer → bem-me-queres
- bem-te-vi → bem-te-vis
- pega-pega → pega-pegas

⇨ **Observações:**

) Quando as palavras repetidas forem verbos, também é lícita a flexão dos dois elementos.

- pisca-pisca → pisca-piscas ou piscas-piscas
- pega-pega → pega-pegas ou pegas-pegas
- corre-corre → corre-corres ou corres-corres

b) São invariáveis os substantivos compostos formados por verbos de sentidos opostos, embora alguns dicionaristas mais modernos insistam em flexionar o último elemento.

- o leva e traz → os leva e traz
- o perde-ganha → os perde-ganha
- o vai-volta → os vai-volta

6.ª regra: Substantivos compostos em que o primeiro elemento for uma das formas "**grão**, **grã**, **ex-**, **dom**, **são** e **bel**" → só o segundo elemento se flexiona.

- grão-duque → grão-duques
- grão-mestre → grão-mestres
- grã-cruz → grã-cruzes
- bel-prazer → bel-prazeres
- dom-basiliano → dom-basilianos
- são-bento → são-bentos
- ex-voto → ex-votos
- são-bernardo → são-bernardos

7.ª regra: São substantivos compostos invariáveis:

- o louva-a-deus → os louva-a-deus (invariável)
- o saca-rolhas → os saca-rolhas (invariável)
- o arco-íris → os arco-íris (invariável)
- o maria vai com as outras → os maria vai com as outras (invariável)

2.4.3 FLEXÕES DE GRAU

Como sabemos, o substantivo é uma classe gramatical que designa os seres em geral. Os seres designados podem se apresentar em tamanhos diversos. À propriedade dos substantivos de indicar a dimensão dos seres dá-se o nome de "flexão de grau". Em português, há duas flexões de grau: o **aumentativo** e o **diminutivo**. Essas flexões tanto podem ser obtidas com a utilização de sufixos (forma sintética) quanto com a utilização de adjetivos (forma analítica). Estudaremos primeiramente a formação do grau com a utilização de sufixos e prefixos.

1. **Grau aumentativo:** o substantivo se apresenta em tamanho aumentado. Geralmente são utilizados os sufixos "-ão, -arão, -arrão, -zarrão, -eirão, -alhão, -gão". Ex.:

- buraco → buracão
- casa → casarão
- nariz → narigão
- vaga → vagalhão
- homem → homenzarrão
- chapéu → chapeirão
- pé → pezão
- capa → capeirão
- bobo → bobalhão
- amigo → amigão
- lamaçal → lamarão
- dedo → dedão

Há, entretanto, inúmeros substantivos que usam sufixos especiais para a formação do

grau aumentativo. Abaixo apresentaremos alguns desses substantivos:

Sufixos	Exemplos
-aça	barcaça, barbaça
-alha	fornalha, muralha
-eirão	vozeirão, boqueirão
-ázio	copázio, balázio
-ona	barrigona, pernona
-orra	cabeçorra, beiçorra
-uça	vinhuça, dentuça
-anha	bocanha, campanha
-eira	fogueira, canseira

2. **Grau diminutivo:** o substantivo se apresenta em tamanho reduzido, diminuto. Para a formação deste grau, sinteticamente, utilizam-se também uma série de sufixos. Os mais usuais são:

Sufixos	Exemplos
-ebre	casebre
-acho	riacho, populacho
-culo	ossículo, corpúsculo
-eco	livreco, boteco
-ete	filete, filmete
-inho	filhinho, galinho
-ita	pedrita, cabrita
-ito	cãozito
-isco	chuvisco, ladrisco
-ola	sacola, rapazola
-ico	burrico, cuvico
-ica	pelica, fraldica
-ilha	presilha, flotilha
-ejo	lugarejo, papelejo

-im	espadim, pistolim
-ulo	glóbulo, nódulo
-eto	folheto, jardineto
-eta	caixeta, abeta
-ote	velhote, caixote

⇨ Observações:

a) Tanto o grau aumentativo quanto o diminutivo apresentam uma forma analítica, feita geralmente com o auxílio dos adjetivos "grande, enorme, imenso e adjetivos semelhantes" e "pequeno, minúsculo e adjetivos semelhantes" respectivamente.

b) Nem sempre o aumentativo e o diminutivo mostram o aumento e a diminuição de um ser. A utilização dos sufixos próprios para o aumentativo e para o diminutivo também pode indicar "desprezo, desproporção, pejoração, grosseria". Observe:

- Era considerada pela cidade como uma mulherzinha. (= mulher ordinária)
- Os silvas eram uma gentalha. (= gente de classe social baixa)
- Era um professorzinho! (= professor qualquer, sem qualificação)
- Aquele padreco era um grande santarrão. (= padre sem valor; falso devoto)

c) Muitos diminutivos são usados para indicar "afetividade, aproximação, carinho". É o caso de "amorzinho, paizinho, amiguinha, coleguinha".

d) O grau aumentativo também é obtido pela repetição do substantivo colocando-lhe no meio a preposição "de". É um processo muito usado na Bíblia. Veja:

- Rei dos reis
- Senhor dos senhores
- Mestre dos mestres
- Santo dos santos

d) Alguns aumentativos e diminutivos são obtidos com o emprego de prefixos. É o que se observa em "minifúndio, maxicasaco, supermercado, minissaia".

e) Alguns substantivos, pela evolução da língua, perderam o sentido gradual e assumiram valores semânticos autônomos. É o que se verifica, por exemplo, na palavra "portão" que não mais é o aumentativo de "porta", mas sim um tipo de entrada. Fato idêntico ocorreu com os vocábulos: cartilha, cartão, caldeirão, colchão.

f) No trato familiar, geralmente eivado de bastante afetividade, muitos diminutivos e aumentativos são criados a partir de nomes personativos. Tais criações são denominados de "hipocorísticos". Observe alguns:

- Antônio = Toninho
- Carlos = Cacá
- Paulo = Paulão

- José = Zezinho
- Maria = Mariinha
- Josefa = Zefinha
- Fátima = Fatinha
- Alexandre = Xandão

2.4.3.1 Plural dos substantivos diminutivos

Para a formação do plural dos substantivos diminutivos deve-se obedecer às seguintes orientações:

1.º → coloca-se o substantivo, sem os sufixos do diminutivo, no plural → **coração** faz **corações**

2.º → retira-se o "-s" do plural deste substantivo → **corações** – "s" fica **coraçõe**

3.º → acrescenta-se o sufixo do diminutivo → **coraçõe** + **zinho** fica coraçõezinho

4.º → acrescenta-se o fonema "-s" que foi retirado → **coraçõezinho + s** fica finalmente "**coraçõezinhos**"

Outros exemplos:

- pãozinho → pãezinhos
- barzinho → barezinhos
- farolzinho → faroizinhos
- paizinho → paizinhos
- papelzinho → papeizinhos
- florzinha → florezinhas
- amorzinho → amorezinhos
- carretelzinho → carreteizinhos

2.5 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (MM) A alternativa em que há **erro** no sentido dos substantivos é:

   a) o grama = unidade de medida; a grama = relva
   b) o rádio = aparelho receptor; a rádio = estação transmissora
   c) o guia = documento; a guia = pessoa que guia
   d) o cisma = separação; a cisma = desconfiança
   e) o moral = ânimo; a moral = ética

2. (TER-MT) O termo que faz o plural como **cidadão** é:

   a) limão
   b) órgão

c) guardião
d) espertalhão
e) balão

3. (ESAF-CJF) Assinale a opção em que há substantivos que se referem, respectivamente, a **ação** e **sentimento**:

a) homem, passos
b) passado, medo
c) diferença, raízes
d) inteligência, criação
e) trabalho, tristeza

4. (TRT-RJ) Há **erro**, quanto à flexão do substantivo composto, em:

a) Essa medida irá beneficiar as donas de casas.
b) Os surdos-mudos irão participar da olimpíada dos deficientes.
c) Todas as manhãs os beija-flores apareciam no jardim.
d) No Brasil muitos vice-presidentes assumem a presidência da República.
e) Não podemos tolerar os disse me disse neste assunto.

5. (TRT-RJ) Escolha a alternativa cujos gêneros, pela ordem, correspondem aos seguintes vocábulos: **alface**, **grama** (peso), **dó** e **telefonema**.

a) masculino – feminino – masculino – feminino
b) feminino – feminino – masculino – feminino
c) masculino – feminino – masculino – masculino
d) feminino – masculino – masculino – masculino
e) feminino – feminino – masculino – masculino

6. (TCE-RJ) A opção em que as duas palavras formam o plural da mesma maneira é:

a) substituição / nação
b) administração / pão
c) ficção / alemão
d) demonstração / capitão
e) talão / cristão

7. (TEC-RJ) Assinale a opção em que o plural das palavras destacadas é feito da mesma forma;

a) O **escrivão** desacatou aquele **cidadão**.
b) O **salário-família** será pago na **sexta-feira**.
c) O **freguês** antigo tinha uma aparência **simples**.
d) O funcionário encarregado de vistoria era **dócil** e **gentil**.
e) Naquele mundo **pagão**, havia apenas um **cristão**.

8. (Mackenzie-SP) Em qual das alternativas todas as palavras pertencem ao gênero masculino?

a) dinamite, agiota, trema, cal
b) dilema, perdiz, tribo, axioma
c) eclipse, telefonema, dó, aroma
d) estratagema, bílis, omoplata, gengibre
e) sistema, guaraná, rês, anátema

9. (UFBA) Ficou com _____ quando soube que _____ caixa do banco entregara aos ladrões todo o dinheiro _____ clã.

a) o moral abalado – o – do
b) a moral abalada – o – da
c) o moral abalado – a – da
d) a moral abalado – a – do
e) a moral abalada – a – da

10. (ITA-SP) Examinar a frase abaixo, dando atenção aos vocábulos destacados:

*"A **estação emissora** procurava encorajar **o ânimo** daqueles que lutavam contra a **tropa inimiga**."*

A sequência dos sinônimos das palavras destacadas na sentença acima é, pela ordem:

a) o rádio, a moral, a corja
b) a rádio, a moral, a horda
c) a rádio, o moral, a hoste
d) o rádio, o moral, a hoste
e) As alternativas acima não são corretas.

GABARITO

1 – C	2 – B	3 – E
4 – A	5 – D	6 – A
7 – E	8 – C	9 – A
10 – C		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 3

ADJETIVO

3.1 DEFINIÇÃO

É a classe de palavras variáveis que alteram a noção do substantivo atribuindo-lhe qualidades, características, aspectos gerais ou específicos, estados, modos de ser. Resumidamente, o adjetivo é a classe que nomeia as qualidades e os estados atribuídos ao substantivo.

Observe os primeiros exemplos:

- mulher desprestigiada
- porta aberta
- navio quebrado
- casinhas brancas e amarelas

Observe os termos grifados acima. Todos são adjetivos, pois apresentam qualidades e estados dos seres a que se referem.

3.2 CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE OS ADJETIVOS

1. Como se referem a substantivos, os adjetivos – embora alguns sejam invariáveis – concordam em gênero e número com o substantivo.

- Havia ideias **falsas** em todos os jornais **brasileiros**.
  adjetivos concordam em gênero e número com os substantivos "ideias" e "jornais"
- Jamais encontraremos **bons** argumentos sem antes visitarmos **longes** pensamentos.
  adjetivos concordam em gênero e número com os substantivos "argumentos" e "pensamentos"

2. O adjetivo também pode aparecer na função de substantivo e vice-versa. Veja:

- Os **feios** também amam.
  adjetivo substantivado
- O **cego** quase caiu no buraco.
  adjetivo substantivado
- O **perverso** não possui escrúpulos.
  adjetivo substantivado
- O **belo** sempre se sobressai
  adjetivo substantivado
- D. Maria tinha um filho **homem**.
  substantivo adjetivado
- Compramos dois rádios-**relógio**.
  substantivo adjetivado

3. Muito frequentemente, o adjetivo aparece sob a forma de uma locução, formada, em geral, pela junção de uma preposição mais um substantivo, referindo-se – obviamente – a um substantivo. É o que se denomina de "locução adjetiva". Observe:

- água **serrana** (*adjetivo simples*) → água **da serra** (*locução adjetiva (preposição + substantivo)*)
- casas **urbanas** (*adjetivo simples*) → asas **da cidade** (*locução adjetiva (preposição + substantivo)*)
- homem **inescrupuloso** (*adjetivo simples*) → homem **sem escrúpulos** (*locução adjetiva (preposição + substantivo)*)
- calor **infernal** (*adjetivo simples*) → calor **dos infernos** (*locução adjetiva (preposição + substantivo)*)

⇨ **Observação:**

a) Nem sempre é possível transformar uma locução adjetiva em um adjetivo simples. Veja alguns exemplos em que essa transformação não é possível:

- Todos viviam sob um teto **de lona**.
  locução adjetiva
- Comprou um carro **com portas amarelas**.
  locução adjetiva
- João era um homem **de poucas palavras**.
  locução adjetiva
- Ganhou um livro **sem contracapa**.
  locução adjetiva

b) Em raros casos, a locução adjetiva é formada por uma preposição mais um advérbio. Vale ressaltar que as locuções adjetivas equivalem a adjetivos e sempre irão se referir a substantivos. Esta, aliás, é a principal característica dos adjetivos.

- Moravam todos no andar **de cima**.
  ocução adjetiva (preposição + advérbio)
- Compramos o jornal **de hoje**.
  locução adjetiva (preposição + advérbio)

4. É imperioso dizer que o adjetivo também pode ser expresso por meio de uma oração, assim como ocorre com o substantivo: é a denominada "oração

adjetiva", isto é, uma oração que funciona como um adjetivo. Veja abaixo:

- Bebia água **serrana**. → Bebia água **da serra**. → Bebia água **que vinha da serra**.
  adjetivo simples — *locução adjetiva* — *oração adjetiva*
- Todos gostavam do doce **que a vovó preparava**.
  oração adjetiva
- Ninguém esqueceu os avisos **os quais ele deu**.
  oração adjetiva
- Jamais desejei os objetos **cujos donos são corruptos**.
  oração adjetiva
- Maria mora na cidade **onde trabalha**.
  oração adjetiva

⇨ **Observação:**

A principal característica das orações adjetivas é o fato de elas virem introduzidas por um pronome relativo, por isso são também chamadas de "orações relativas".

5. É importante não se esquecer de que os adjetivos funcionam como determinantes para o substantivo. Logo, a presença de uma oração adjetiva, por exemplo, exigirá, por se tratar de um determinante, o acento grave nas palavras que pedem determinação para que haja o fenômeno da crase. Observe:

- Amanhã irei à casa **que me será dada por herança**.
  oração adjetiva = determinante
- Por que tu não ficaste à distância **a qual eu te recomendei?**
  oração adjetiva = determinante

⇨ **Observação:**

Procure correlacionar este conhecimento com o assunto sobre o emprego do acento grave em sintaxe.

6. Frequentemente, os particípios verbais exercem a função de um adjetivo – são os chamados *adjetivos de base participial*. Em vários casos, tais particípios representam orações adjetivas reduzidas. Observe:

- Ontem eu li um livro **escrito** por um primo. (→ que foi escrito)
  adjetivo de base participial
- Ele é réu **confesso**.
  adjetivo de base participial

Quando chegaram, a água já estava **morta**.
adjetivo de base participial

3.3 FORMAÇÃO DOS ADJETIVOS

Quanto à formação, os adjetivos podem ser:

a) **simples** → feio, branco, palmarense etc.
b) **compostos** → castanho-claro, luso-brasileira, surdo-mudo etc.
c) **primitivos** → belo, feio, bonito, amarelo etc.
d) **derivados** → decoroso, famoso, bonachão etc.

3.3.1 ADJETIVOS PÁTRIOS

Há inúmeros adjetivos que se referem a países, regiões, continentes, estados, povos, raças. Estes adjetivos são denominados de "pátrios ou gentílicos". Vejamos alguns:

Pátrios brasileiros (Estados e cidades)

Alagoas	alagoano
Acre	acriano ou acreano
Água Preta	água-pretense
Amazonas	amazonense
Bahia	baiano
Belém	belenense
Belo Horizonte	belo-horizontino
Brasília	brasiliense
Catende	catendense
Ceará	cearense
Curitiba	curitibano
Espírito Santo	espírito-santense ou capixaba
Fortaleza	fortalezense
Goiânia	goianiense

Goiás	goiano
João Pessoa	pessoense
Juiz de Fora	juiz-forense
Manaus	manauense
Maranhão	maranhense
Mato Grosso	mato-grossense
Mato Grosso do Sul	mato-grossense-do-sul
Minas Gerais	mineiro
Natal	natalense
Palmares	palmarense
Pará	paraense
Paraíba	paraibano
Paraná	paranaense
Pernambuco	pernambucano
Piauí	piauiense
Porto Alegre	porto-alegrense
Recife	recifense
Ribeirão Preto	ribero-pretano
Rio de Janeiro (cidade)	carioca
Rio de Janeiro (Estado)	fluminense
Rio Grande do Norte	norte-rio-grandense, rio-grandense-do-norte ou potiguar
Rio Grande do Sul	rio-grandense-do-sul ou gaúcho
Rondônia	rondoniano ou rondoniense
Roraima	roraimense
Salvador/BA	salvadorense ou soteropolitano
Santa Catarina	catarinense ou barriga-verde
São Paulo (cidade)	paulistano
São Paulo (Estado)	paulista
Sergipe	sergipano ou sergipense
Tocantins	tocantinense

Três Corações	tricordiano

Pátrios estrangeiros

Belém (Jordânia)	belemita
Boston/EUA	bostoniano
Caracas	caraquenho
Congo	congolês
El Salvador	salvadorenho
Estados Unidos	estadunidense, norte-americano ou ianque
Flandres	flamengo
Gália	galo ou gaulês
Galiza	galego
Japão	japonês ou nipônico
Jerusalém	hierosolimita ou hierosolimitano
Lima	Limenho
Lisboa	lisboeta ou lisbonense
Madagascar	malgaxe ou madasgacarense
Madri	madrileno ou madrilense
Manchúria	manchu
Moscou	moscovita
Nova Zelândia	neozelandês
Parma	parmesão
Patagônia	patagão
Porto	portuense
Suíça	suíço
Viana	vianense, vianês

⇨ **Observação:**

Muitas vezes se utiliza mais de um adjetivo pátrio para se referir a um mesmo substantivo. Neste caso, usam-se as formas latinizadas e reduzidas de tais adjetivos.

Observe abaixo:

Adjetivo	Adjetivo correspondente – forma latina reduzida
inglês	anglo-
austríaco	austro-
europeu	euro-
francês	franco-
grego	greco-
espanhol	hispano-
indiano	indo-
italiano	ítalo-
galego	galaico-
português	luso-
japonês	nipo-
chinês	sino-
alemão	teuto- ou germano-
dinamarquês	dano-
finlandês	fino-
belga	belgo-

Portanto, se quisermos dizer que um acordo foi efetuado entre China, Japão e Portugal, por exemplo, diremos:

- acordo **sino-nipo-lusitano**

3.3.2 ADJETIVOS ERUDITOS

São adjetivos que significam “relativo a”, “semelhante a”, “próprio de”. Possuem, na maioria dos casos, uma locução adjetiva correspondente. Vejamos alguns:

Adjetivo erudito	Locução adjetiva correspondente (relativo a...)
acético	vinagre
adamantino	diamante
anular	anel

aracnídeo	aranha
argênteo, argentino, argírico	prata
auricular, ótico	ouvidos
axial	eixo
áureo	ouro
bélico	guerra
biliar	bílis
bucal, oral	boca
canino	cão
capilar	cabelo
caprino	cabra
cardíaco	coração
cefálico	cabeça
celular	célula
cervical	pescoço
circense	circo
cítrico	limão, laranja
columbino	pombo
coreógrafo	dança
digital	dedo
discente	aluno
docente	professor
dorsal	costas
eclesiástico	igreja
ecumênico	universo habitado
edênico	éden
eólico	vento
epidérmico ou cutâneo	pele
episcopal	bispo
equídeo, equino, hípico	cavalo

estelar	estrela
fabril	fábrica
felino, felídeo	gato
feroz, ferino	fera
férreo	ferro
filatélico	selos
filial	filho
fluvial, potâmico	rio
fônico, vocal	voz
formicular	formiga
fraterno ou fraternal	irmão
frontal	frente
gástrico	estômago
glacial	gelo
gutural	garganta
hepático	fígado
herbáceo	erva
hibernal	inverno
ictílico, písceo	peixe
ígneo	fogo
insular	ilha
jurídico	direito
lacrimal	lágrima
lácteo	leite
lacustre	lago
lateral	lado
leonino	leão
leporino	lebre
letal, mortífero	morte

lunar	lua
magistral	mestre
marinho, marítimo	mar
materno ou maternal	mãe
matutino, matinal	manhã
meridional, austral	sul
mnemônico	memória
monetário, numismático	moeda
nasal	nariz
naval	navio, navegação
ocular, óptico, oftálmico	olhos
ofídico	cobra
olímpico	Olimpo, olimpíadas
onírico	sonho
outonal	outono
ovino	ovelha
palustre	brejo
paradisíaco	paraíso
pecuário	gado
pecuniário	dinheiro
pesqueiro	pesca
pétreo	pedra
platônico	Platão
plebeu	plebe
plúmbeo	chumbo
pluvial	chuva
postal	correio
pueril, infantil	criança
pulmonar	pulmão

real	rei
renal	rim
rural	campo
sacarino	açúcar
saponáceo	sabão
senil	velho, velhice
setentrional, boreal	norte
sideral	astro
silvestre	selva
símio, simiesco	macaco
sísmico	terremoto
suíno, porcino	porco
sulfúrico	enxofre
terrestre	terra
torácico	tórax
umbilical	umbigo
vascular	vasos sanguíneos
venoso	veia
vespertino	tarde
vínico, vinário	vinho
viril	homem
vital	vida
vítreo, hialino	vidro

3.4 FLEXÕES DOS ADJETIVOS

Assim como os substantivos, os adjetivos se flexionam em **gênero**, **número** e **grau**.

3.4.1 FLEXÕES DE GÊNERO

Como o adjetivo é a palavra que acompanha o substantivo a fim de qualificá-lo, a flexão em que este se encontra contamina a daquele, ou seja, o adjetivo geralmente se flexiona de acordo com o substantivo que ele determina. Observe:

- acordos feministas
- bolachas gostosas
- filmes anti-heroicos

adjetivos flexionados nos gêneros dos substantivos

Quanto ao gênero, os adjetivos se classificam em: **uniformes** e **biformes**.

) São uniformes os adjetivos que apresentam uma única forma tanto para o masculino quanto para o feminino.

- lei **federal** / regulamento **federal**
- questão **fácil** / assunto **fácil**
- gente **alegre** / povo **alegre**
- lei **inconstitucional** / decreto **inconstitucional**

b) São biformes os que apresentam uma forma para o feminino e outra para o masculino.

- mulher **bonita** / homem **bonito**
- bolo **gostoso** / torta **gostosa**
- exército **inglês** / questão **inglesa**
- problema **delicado** / solução **delicada**

3.4.1.1 Formação do feminino dos adjetivos biformes

Cumpre a princípio informar que boa parte dos adjetivos se flexiona com base nas regras dos substantivos. Entretanto, salientaremos algumas regras para um melhor estudo. Acompanhe:

a) Os adjetivos terminados em "-eu" (com o "e" fechado) formam o feminino com o acréscimo de "-eia":

- ateu → ateia
- cananeu → cananeia
- galileu → galileia
- europeu → europeia

Exceções:

- sandeu → sandia
- judeu → judia

b) Os adjetivos terminados em "-ês, -ol, -or, -u" formam o feminino pelo simples acréscimo de "-a":

- nu → nua
- cru → crua
- inglês → inglesa
- encantador → encantadora
- jogador → jogadora
- camponês → camponesa
- espanhol → espanhola

c) Os adjetivos terminados em "-ão" formam o feminino ora com o acréscimo de "-ã", ora com o acréscimo de "-ona":

- vão → vã
- ladrão → ladrona ou ladra
- chorão → chorona
- comilão → comilona

d) São invariáveis os adjetivos terminados em:

- -l (exceto "-ol") → cruel, fiel, útil, amável etc.
- -ar, -er → regular, exemplar, mau-caráter, esmoler etc.
- -z → veloz, infeliz, atroz, capaz etc. (Exceção: andaluz → andaluza)
- -m → jovem, ruim, comum, virgem etc. (Exceção: bom → boa)
- -e → forte, inteligente, elegante, leve etc.
- -s (exceto "ês") → simples etc.

⇨ Observações importantes sobre as flexões de gênero:

a) Alguns adjetivos biformes, quando postos no gênero feminino, passam da vogal (ô) fechada para a vogal (ó) aberta. Observe:

ô – fechada (masculino)	ó – aberta (feminino)
perigoso	perigosa
furioso	furiosa
religioso	religiosa
bondoso	bondosa
mimoso	mimosa

b) Outros adjetivos, entretanto, mantêm a mesma vogal (ô) fechada do masculino no feminino.

ô – fechada (masculino)	ô – fechada (feminino)

fosco	fosca
oco	oca
gordo	gorda
moço	moça
solto	solta

c) O adjetivo "só", significando "sozinho", é invariável quanto ao gênero.

- Eles ficaram sós.
- Elas ficaram sós.

3.4.2 FLEXÕES DE NÚMERO

a) Como já dissemos, o adjetivo acompanha o substantivo e com este concorda. Portanto, o adjetivo se flexionará em número de acordo com as regras que se utilizam para a flexão de número dos substantivos.

- vestido azul → vestidos azuis
- prato espanhol → pratos espanhóis
- questão comum → questões comuns
- pensamento vão → pensamentos vãos

b) Nos adjetivos compostos, só o último elemento se flexiona.

- intervenção médico-cirúrgica → intervenções médico-**cirúrgicas**
- acordo luso-latino-americano → acordos luso-latino-**americanos**
- problema sociopolítico → problemas socio**políticos**
- tratado franco-brasileiro → tratados franco-**brasileiros**
- cabelo castanho-escuro → cabelos castanho-**escuros**

c) São invariáveis os adjetivos compostos formados de "cor + de + substantivo". Observe:

- blusa cor-de-rosa → blusas **cor-de-rosa**
- azulejos **cor de musgo**
- suéter cor de café com leite → suéteres **cor de café com leite**

⇨ **Observação:**

Nos exemplos, há a omissão da preposição "de" entre o primeiro substantivo e a palavra "cor". Logo, também seria gramaticalmente correta a seguinte escrita:

- luvas **de** cor de café
- vestidos **de** cor de chocolate
- meias **de** cor de rosa

Em outras construções, omitem-se as três palavras “de cor de”, fazendo com que o substantivo indicativo da cor modifique diretamente o substantivo cuja cor se quer indicar. Ainda neste caso, o substantivo indicativo da cor permanecerá invariável.

- luvas **salmão** → omissão de “de cor de”
- cetim **rosa** → omissão de “de cor de”
- fita **creme** → omissão de “de cor de”
- tecido **laranja** → omissão de “de cor de”

d) São igualmente invariáveis os compostos formados de “adjetivo + substantivo”.

- calça amarelo-ouro → calças **amarelo-ouro**
- terno verde-oliva → ternos **verde-oliva**
- tecido vermelho-sangue → tecidos **vermelho-sangue**
- sofá azul-ferrete → sofás **azul-ferrete**

⇨ **Observações:**

a) Excetuam-se das regras acima os adjetivos “surdo-mudo” e “surda-muda”, cujos plurais são, respectivamente, “surdos-mudos” e “surdas-mudas”.

b) A despeito de os dicionaristas registrarem – respaldados, diga-se de passagem, pelo Vocabulário Ortográfico da língua portuguesa – os plurais “azuis-marinhos” e “azuis-celestes”, prefere-se utilizar, no português corrente, estes adjetivos como invariáveis: *calças azul-marinho*, *blusas azul-celeste*.

c) Convém lembrar que, quando o adjetivo é empregado em função adverbial (derivação imprópria) – geralmente equivalendo a um advérbio terminado em “-mente” –, permanecerá inflexível, isto é, deverá ser empregado no masculino e na terceira pessoa do singular. Observe abaixo (os termos em negrito são todos “adjetivos adverbializados”):

- Vamos falar **sério**.
- Ouvimos músicas **puro** clássicas.
- A seleção venceu **fácil** o jogo.
- Todos aqui amam **diferente**.
- Elas responderam **seco**.
- Todas falam **fino**.
- A justiça **rápido** se corrompe.
- Elas torciam **forte**.
- As portas **raro** se abriam.
- Eles suavam **frio**.
- Jogamos **fraco** as bolas.
- As alunas juraram **falso**.

Dica importante: É preciso ter-se em mente que a questão de a palavra apresentar esta ou aquela morfologia depende da função (morfológica) exercida na oração. Portanto, é fundamental lembrar que o adjetivo se refere a um substantivo, enquanto o advérbio é um modificador de verbos, adjetivos e advérbios. Portanto, fique atento!

3.4.3 FLEXÕES DE GRAU

As flexões de grau apresentam a intensidade das qualidades atribuídas aos seres. Não se deve, pois, confundir com o grau dos substantivos, já que este tem por função indicar o tamanho dos seres.

Existem dois graus para os adjetivos: o comparativo e o superlativo.

3.4.3.1 O grau comparativo

A principal característica do grau comparativo é a existência de dois seres postos numa relação de confronto. Nesta relação, um dos seres se mostrará "inferior", "superior" ou "igual" ao outro no que se refere à(s) sua(s) qualidade(s). Daí o grau comparativo poder ser:

1. De inferioridade (menos... que ou do que...)

- Os argumentos orais apresentados eram **menos** consistentes **do que** a defesa escrita que fizera no início do processo.
- O presidente do clube era **menos** inteligente **que** seus associados.

2. De igualdade (tão... quanto, quão ou como...)

- Todos os cavalos eram **tão** saudáveis **quanto** as éguas que tínhamos comprado no mês passado.
- Percebemos que as ideias eram **tão** irresponsáveis **quão** seus donos.
- As poltronas do novo avião eram **tão** confortáveis **como** as do ônibus que nos trouxera até Recife.

3. De superioridade (mais... que ou do que...)

- O castelo era **mais** alto **que** a casa daquele empresário.
- Ele era **mais** inteligente **do que** esperto.

⇨ **Observações sobre o grau comparativo:**

a) O grau comparativo se faz, como se percebeu, de forma analítica. Alguns adjetivos, entretanto, oriundos do latim, apresentam forma sintética para o comparativo. São eles:

Adjetivo	Forma comparativa sintética
bom	melhor
mau	pior
grande	maior
pequeno	menor
alto	superior
baixo	inferior

⇨ **Observação:**

Quando se comparam, no entanto, características de um mesmo ser, usam-se as formas analíticas destes mesmos adjetivos. Veja:

- A cara era **mais** grande **do que** arejada.
- Ele era **mais** bom **do que** atencioso.

b) Muitas vezes o grau comparativo se manifesta nos substantivos adjetivados. Observe:

- Ele foi **mais** pai **do que** professor.
- João era **mais** vereador **do que** advogado.

c) Nas estruturas comparativas, a conjunção comparativa liga partes da oração de mesma função. Entretanto, em muitos casos, a bem da clareza, o segundo elemento da comparação deve, a despeito de funcionar com objeto direto, vir encabeçado por uma preposição – geralmente a preposição "a" – para evitar ambiguidades.

- "A ela, à presumida mulher, aborreço-a quase tanto como **ao marido**." (Almeida Garrett)
- "Os pés dos gentios hão de logo pulverizá-la como **aos meus pés**". (Camilo)
- "Acusaram-no de haver beneficiado mais a sua família que **ao povo romano**." (Camilo)

d) Quando a conjunção comparativa "como" se refere a um termo que está precedido por uma preposição, deve obrigatoriamente vir acompanhada da mesma preposição.

- "Suspensos os pobres Frades com o embargo, pareceu que achariam amparo **no** Bispo, **como em** quem fora o primeiro autor de sua vinda". (Fr. L. de Souza)
- "E por esta causa tratamos **dele como de** filho de Benfica". (Fr. L. de Souza)
- "Acostumei-me a olhar **para** a morte **como para** o tempo de meus padecimentos." (Filinto Elísio)

e) Nas estruturas comparativas, o verbo da oração comparativa geralmente é elipsado em virtude de ser o mesmo verbo da oração principal (subordinante).

- A filha tem sido tão esperta quanto a mãe. (Leia-se → "... quanto a mãe tem sido esperta")
  sujeito da oração comparativa
- Apresentaram-se tão bem quanto os alunos da 4.ª série. (Leia-se → "... quanto os alunos da 4.ª série se apresentaram")
  sujeito da oração comparativa

⇨ **Observação:**

Nestes casos, temos orações comparativas com verbos elípticos ou verbos latentes.

f) Lembre-se de que a preposição "DE", que introduz as comparações de superioridade e de inferioridade, pode ser elipsada, ocultada. Portanto, podemos dizer corretamente:

- Ela é mais sábia do que o João. /OU/
- Ela é mais sábia que João.

- "Os homens que se chamavam meus amantes valiam menos para mim do que um animal." (José de Alencar)
- "Mas nada nos dista mais da mente do que a intransigência intelectual e o dogmatismo político." (Rui Barbosa)
- "Os ministros ficaram cientes da existência de uma influência mais poderosa que a do chefe aparente do Estado." (Rui Barbosa)
- "A imperturbável seriedade de Estela foi um aguilhão mais, não menos cruel que a gentileza de suas formas." (Machado de Assis)

3.4.3.2 O grau superlativo

Aqui, os adjetivos expressam o grau mais elevado da característica atribuída ao substantivo. Divide-se em:

1. **Superlativo absoluto** → aqui não se estabelece qualquer comparação com outro ser

e o adjetivo intensifica ao máximo a característica atribuída ao substantivo. Pode ser efetivado de duas maneiras:

) **<u>De forma analítica</u> (superlativo absoluto analítico)** → é obtido com o emprego de um advérbio de intensidade anteposto ao adjetivo. Geralmente se empregam os advérbios "muito, mui, bastante, muitíssimo, excessivamente, exageradamente".

- A questão era demasiadamente difícil.
- Todos ficaram bastante perplexos.
- Ele era muito respeitado pelos amigos.
- Eram músicas assaz antigas.

) **<u>De forma sintética</u> (superlativo absoluto sintético)** → é obtido com o emprego dos sufixos "-íssimo", "-imo" ou "-érrimo" ao adjetivo.

- Ele sempre demonstrou atitudes benevolentíssimas.
- Era um objeto sacratíssimo.
- O menino era paupérrimo.
- Sempre foi amicíssimo do padre da cidade.

Considerações importantes sobre a formação do superlativo absoluto sintético:

a) Os adjetivos terminados em vogal átona perdem essa vogal ao receber o sufixo do superlativo:

- alto → altíssimo
- belo → belíssimo
- macio → maciíssimo
- agudo → agudíssimo
- justo → justíssimo
- quente → quentíssimo

⇨ **Observação:**

Alguns adjetivos sofrem alterações gráficas quando recebem o sufixo do superlativo. Veja:

- antigo → antiquíssimo
- fraco → fraquíssimo
- pouco → pouquíssimo
- largo → larguíssimo
- rouco → rouquíssimo
- rico → riquíssimo

b) Os adjetivos terminados em "-vel" fazem o superlativo com o acréscimo de "-bilíssimo":

- amável → amabilíssimo
- louvável → louvabilíssimo
- notável → notabilíssimo
- móvel → mobilíssimo

- visível → visibilíssimo
- horrível → horribilíssimo

c) Os adjetivos terminados em "-z" fazem o superlativo sintético com o acréscimo de "-císsimo", ou melhor, trocam o "z" por "c" e recebem o sufixo "íssimo":

- audaz → audacíssimo
- eficaz → eficacíssimo
- feliz → felicíssimo
- falaz → falacíssimo
- veloz → velocíssimo
- contumaz → contumacíssimo

d) A maioria dos adjetivos terminados em "-il" forma o superlativo com o acréscimo de "-imo":

- dócil → docílimo
- fácil → facílimo
- hábil → habílimo
- difícil → dificílimo
- grácil → gracílimo
- senil → senílimo
- frágil → fragílimo
- ágil → agílimo

e) Muitas vezes a formação do superlativo sintético atende a questões etimológicas. Assim, os adjetivos que no latim terminavam em "-er" recebem o sufixo "-imo":

- magro (latim, *macer*) → macérrimo
- pobre (latim, *pauper*) → paupérrimo
- áspero (latim, *asper*) → aspérrimo
- negro (latim, *niger*) → nigérrimo

f) Como já dissemos, muitos adjetivos formam o superlativo a partir do superlativo latino. Por isso, há uma série de adjetivos que apresentam uma forma mais erudita e uma forma mais popular, mais usual nos dias atuais. Observe:

Adjetivo	Forma superlativa erudita	Forma superlativa popular
ágil	agílimo	agilíssimo
doce	dulcíssimo	docíssimo
humilde	humílimo	humildíssimo
magro	macérrimo	magríssimo
pobre	paupérrimo	pobríssimo
simples	simplicíssimo	simplíssimo
soberbo	superbíssimo	soberbíssimo

g) No linguajar coloquial, é comum o uso do sufixo "-ésimo", típico da formação de numerais ordinais, para a formação do superlativo. Esta prática, no entanto, não é agasalhada pelo padrão culto da língua. Portanto, formas como "importantésimo, finésima, gostosésima", bastante comuns no falar coloquial, devem ser substituídas pelas suas respectivas formas cultas para o superlativo: "importantíssimo, finíssimo, gostosíssimo".

h) Muitas vezes o grau superlativo sintético é obtido com o emprego de alguns prefixos que intensificam o adjetivo. Logo, formações como "superinteligente", "hiperdesenvolvido", "ultrafino" representam também o superlativo de tais palavras.

Segue abaixo uma lista sucinta dos principais e mais usuais superlativos portugueses:

Adjetivo	Superlativo absoluto sintético
acre	acérrimo
agudo	acutíssimo
amargo	amaríssimo
amigo	amicíssimo
antigo	antiquíssimo
áspero	aspérrimo
bélico	belicíssimo
benéfico	beneficentíssimo
benévolo	benevolentíssimo
célebre	celebérrimo
cristão	cristianíssimo
cruel	crudelíssimo
doce	dulcíssimo
fiel	fidelíssimo
frio	frigidíssimo
geral	generalíssimo
humilde	humílimo
inimigo	inimicíssimo

magnífico	magnificentíssimo
magro	macérrimo ou magríssimo
maléfico	maleficentíssimo
malévolo	malevolentíssimo
mísero	misérrimo
negro	nigérrimo
nobre	nobilíssimo
pessoal	personalíssimo
pobre	paupérrimo ou pobríssimo
provável	probabilíssimo
público	publicíssimo
pudico	pudicíssimo
sábio	sapientíssimo
sagrado	sacratíssimo
salubre	salubérrimo
são	saníssimo
sério	seriíssimo
simpático	simpaticíssimo
simples	simplicíssimo
soberbo	superbíssimo

2. **Superlativo relativo** → aqui o adjetivo atribuído ao substantivo é intensificado para mais ou para menos e posto numa relação comparativa com outro ser. Pode ser:

a) **Superlativo relativo de superioridade** → é obtido com o emprego dos elementos "**o mais**... **de**... (ou **dentre**...)".

- "Você era **a mais** bonita **das** cabrochas dessa ala." (Chico Buarque)
- Ele sempre foi **o mais** inteligente **dentre** todos os alunos de sua escola.
- Castilho foi **o mais** perfeito **dos** escritores portugueses do século XIX.

b) **Superlativo relativo de inferioridade** → é obtido com o emprego dos elementos "**o menos**... **de**... (**ou dentre**...)".

- Os rapazes observados pelo detetive eram **os menos** informados **de** todos os que ele já investigou.
- Aquela menina deveria ser **a menos** sábia **dentre** seus coleguinhas da sala por causa do problema neurológico.
- Consideram-na **a menos** linda **das** candidatas ao concurso de beleza.

3.5 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (MM) Assinale a alternativa que contém uma correlação **incorreta** entre o adjetivo e a locução correspondente:

   a) água **de chuva** – pluvial
   b) pele **de marfim** – ebúrnea
   c) representante **dos alunos** – docente
   d) agilidade **de gato** – felina
   e) copo **de prata** – argênteo

2. (ALERJ/FESP) A frase que contém um adjetivo é:

   a) A necessidade fez isto do homem.
   b) Todos lutam para ter a liberdade.
   c) A televisão nos mostra o mundo.
   d) Ele usa um topete escandaloso.
   e) Gostaria de ficar com você.

3. (TRT-RJ) A forma do superlativo está incorreta na frase da seguinte alternativa:

   a) Comíamos tão pouco que ficamos **magríssimos**.
   b) Todos o consideravam **sapientíssimo**.
   c) Era um leitor compulsivo, **voracíssimo**.
   d) Depois da publicação do romance ficou **celebérrimo**.
   e) Após o golpe, tornou-se um ditador **cruelíssimo**.

4. (TRT-PR) “O uniforme verde-oliva era mais bonito do que o verde-claro.”
   Passando a oração para o plural, temos:

   a) Os uniformes verdes-olivas eram mais bonitos do que os verdes-claros.

b) Os uniformes verdes-oliva eram mais bonitos do que os verdes-claros.
c) Os uniformes verde-olivas eram mais bonitos do que os verde-claros.
d) Os uniformes verde-oliva eram mais bonitos do que os verde-claros.
e) Os uniformes verde-oliva eram mais bonitos do que os verde-claro.

5. (TRT-PR) “Em algumas regiões o vocabulário é mínimo...”
A forma **mínimo** *corresponde ao:*

a) superlativo absoluto sintético
b) superlativo relativo de superioridade
c) superlativo relativo de inferioridade
d) superlativo absoluto analítico
e) comparativo de inferioridade

6. (TJ-SP) Em qual dos itens há um superlativo relativo?

a) Foi um gesto de péssimas consequências.
b) Aquele professor é ótimo.
c) O dia amanheceu extremamente frio.
d) Ele fez a descoberta mais notável do século!
e) Ele foi muito infeliz naquele lance!

7. (TRF-RJ) Os acordos _____ dispensam interpretações de natureza _____.

a) lusos-brasileiros – filosófico-científica
b) lusos-brasileiro – filosófica-científicas
c) luso-brasileiros – filosófico-científica
d) lusos brasileiros – filosófica-científica
e) luso-brasileiros – filosófica-científicas

8. (CEFET-PR) Em que caso a palavra destacada não tem valor de adjetivo?

a) Um branco, **velho**, pedia esmolas.
b) Um velho, **branco**, pedia esmolas.
c) Era um dia **cinzento**.
d) O sabão usado desbotou o **verde** da camisa.
e) Os viajantes dormiam **tranquilos**.

9. (UFF-RJ) Das frases abaixo, apenas uma apresenta adjetivo no comparativo de superioridade. Assinale-a.

a) A palmeira é a mais alta árvore deste lugar.
b) Guardei as melhores recordações daquele dia.
c) A Lua é menor do que a Terra.
d) Ele é o maior aluno de sua turma.
e) O mais alegre dentre os colegas era Ricardo.

10. (ITA-SP) O plural de **terno azul-claro**, **terno verde-mar** é, respectivamente:

a) ternos azuis-claros, ternos verdes-mares
b) ternos azuis-claros, ternos verde-mares
c) ternos azul-claro, ternos verde-mar
d) ternos azul-claros, ternos verde-mar
e) ternos azuis-claro, ternos verde-mar

GABARITO

1 – C	2 – D	3 – E
4 – D	5 – A	6 – D
7 – C	8 – D	9 – D
10 – D		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 4

ARTIGO

4.1 DEFINIÇÃO

É a classe de palavra variável que, anteposta ao substantivo, determina-o ou indetermina-o.

O artigo, portanto, interfere na extensão semântica do substantivo.

Ademais, pode-se dizer que o artigo serve para destacar de uma classe um ou mais indivíduos. Observe:

- Por favor, pegue um livro para estudar. (Isto é, pegue-se qualquer livro para estudar)
- Por favor, pegue o livro para estudar. (Isto é, deve-se pegar um "determinado" livro para estudar)
- Ele gosta de fruta. (Isto é, ele gosta de qualquer tipo de fruta)
- Ele gosta da fruta. (Isto é, ele gosta daquela fruta, de uma fruta determinada)

4.2 CLASSIFICAÇÃO

Na língua portuguesa os artigos podem ser "definidos" e "indefinidos". São os seguintes os artigos em nossa língua:

	MASCULINOS		FEMININOS	
	SINGULAR	PLURAL	SINGULAR	PLURAL
ARTIGOS DEFINIDOS	**o**	**os**	**a**	**as**
ARTIGOS INDEFINIDOS	**um**	**uns**	**uma**	**umas**

Em muitos casos, os artigos aparecem ora contraídos a preposições, ora combinados com elas. Algumas dessas combinações e contrações já se arcaizaram e não são mais empregadas em nossa língua, como é o exemplo da contração "por + o" e suas variantes. Observe uma pequena tabela que demonstra esse fenômeno.

PREPOSIÇÕES	ARTIGO DEFINIDO				ARTIGO INDEFINIDO			
	o	a	os	as	um	uma	uns	umas
a	ao	à	aos	às	–	–	–	–
de	do	da	dos	das	dum	duma	duns	dumas
em	no	na	nos	nas	num	numa	nuns	numas
per	pelo	pela	pelos	pelas	–	–	–	–
por	polo	pola	polos	polas	–	–	–	–

4.3 EMPREGO DOS ARTIGOS DEFINIDOS

Regra principal:

Em geral, usa-se o artigo definido com os substantivos tomados em sentido determinado, isto é, que tenham qualquer caracterização clara ou implícita.

- **As** ruas daquela cidade estavam repletas de panfletos **do** candidato adversário.
- "João Romão foi, **dos** treze **aos** vinte e cinco anos, empregado de um vendeiro que enriqueceu entre **as** quatro paredes de uma suja e obscura taverna **nos** refolhos do bairro **do** Botafogo." (Aluísio Azevedo)
- "**A** casa apresentava **a** frente **às** colinas." (Bernardo Guimarães)
- "**O** planalto central **do** Brasil desce, **nos** litorais do Sul, em escarpas inteiriças, altas e abruptas." (Euclides da Cunha)

4.3.1 EMPREGOS PARTICULARES DO ARTIGO DEFINIDO

1. Emprega-se o artigo definido antes de nomes próprios de países, regiões, continentes, mares, ilhas, desertos, montes, vulcões, rios, oceanos, lagos, arquipélagos.

- o Paquistão
- os Alpes
- o Atacama (deserto)
- o Saara (deserto)
- o Brasil
- o Atlântico (oceano)
- o Kilauea (vulcão)
- o Himalaia (monte)
- o Ártico
- as Malvinas (ilhas)
- o Pacífico (oceano)
- os Açores

- os Andes
- o Mediterrâneo
- o Ganges

⇨ **Observação:**

Há países que rejeitam o artigo. Outros o facultam.

- em França / na França
- em África / na África
- Visitamos Roma, na Itália.
- Estivemos em Portugal.
- Chegamos a Curitiba.

2. Emprega-se o artigo definido antes de nomes indicadores de ideias abstratas, como "virtudes e vícios, faculdades e operações da alma, das ciências e das artes".

- Ele sempre amou **a** justiça.
- Ele sempre buscou **a** arquitetura.
- **A** prosperidade é mais perigosa para a alma que **a** adversidade para o corpo.

3. Emprega-se o artigo definido antes de nomes de idiomas.

- Ele fala muito bem o inglês.
- Ainda não domino o alemão.

4. Emprega-se o artigo definido antes de nomes de designam, no singular ou no plural, espécies e gêneros.

- **O** homem é o único ser racional do planeta.
- As orquídeas valem muito no mercado externo.
- **Dos** animais, o cão é o mais doméstico.
- **Os** equinos sempre ajudaram o homem.

5. Emprega-se o artigo definido antes de nomes de pessoas quando são usados no trato familiar para indicar afetividade, quando significam membros da mesma família ou quando tais nomes vêm precedidos de qualificativos.

- **O** Marcos arrebentou na prova de Química.
- Ainda não falamos com **o** Antônio sobre o problema.
- Foi **o** soberbo Afonso que provocou a tragédia.
- **Os** Augustos formam uma fantástica família.

6. Emprega-se o artigo definido antes dos nomes dos pontos cardeais e colaterais, tanto no sentido próprio, como designando regiões.

- Viajaram em direção **ao** Oeste.
- A casa tinha a frente para **o** nascente e os fundos para **o** poente.
- Passaremos rapidamente **pelo** norte do país.
- **O** sul do Brasil sofrerá com as chuvas de inverno.

7. Emprega-se o artigo definido antes dos nomes designativos de festas religiosas e profanas.

- **o** carnaval
- **a** Páscoa
- **o** Natal
- **a** Quaresma
- **o** São João

8. Emprega-se o artigo definido após o pronome indefinido "todo" e suas flexões para reforçar o caráter de totalidade, de inteireza.

- Foram para a festa todos **os** alunos.
- Todas **as** pessoas se retiram abruptamente.

9. É facultativo o emprego do artigo definido antes de pronomes possessivos adjetivos.

- seu livro / o seu livro
- nossas considerações / as nossas considerações
- tuas escolhas / as tuas escolhas
- vosso apartamento / o vosso apartamento

⇨ **Observação:**

Quando o possessivo se refere a substantivo oculto, o emprego do artigo definido se faz obrigatório.

- Se tu não gostas da / de minha comida, como queres que eu goste **da** tua?

10. Emprega-se o artigo definido antes de nomes de sentidos opostos (antíteses):

- Sr. João ficou entre **a** vida e **a** morte.
- Tudo que nasce na terra **o** sol e **a** chuva criam.
- **A** verdade e **a** mentira muitas vezes andam juntas.

11. Emprega-se geralmente o artigo definido antes de obras artísticas e literárias.

- Os Lusíadas
- o Fausto
- a Eneida
- a Ilíada

4.3.2 NÃO SE EMPREGA O ARTIGO DEFINIDO

1. Antes de vocativos:

- Vós, **poderoso rei**, bem sabeis a importância de vossas decisões.
- Quem o chamou aqui, **menino**?

2. Em provérbios, máximas, adágios e definições:

- **Palavra** de rei não volta atrás.
- **Galinha** de olho torto procura **poleiro** cedo.
- **Epizeuxe** ou **reduplicação** é a figura que repete seguidamente a mesma palavra.
- Sempre **afeição** e **amor** são maiores que as coisas amadas.

3. Entre o pronome relativo "cujo" e suas flexões e o substantivo posposto.

- Adquirimos dois livros **cujas capas** são de madeira.

4. Antes da palavra "casa" quando não acompanhada de determinante:

- Vim **de casa**.
- Chegarei **a casa** por volta das 23h.
- Passei **em casa** na parte da manhã.
- Voltarei **para casa** às 22h.
- Entrou **em casa** e nada falou a respeito do problema.

5. Antes dos nomes designativos dos meses do ano:

- "Quando **fevereiro** chegar, saudade já não mata a gente." (Geraldo Azevedo)
- Chegará em **setembro** uma remessa de livros didáticos.

6. Antes de substantivos empregados em sentido geral ou indeterminado:

- Ela nunca foi a **teatro**.
- Jamais pisarei em **estádio** de futebol.
- **Cerveja** sempre é bom para um dia quente de verão.
- Ele gosta de **tortas**.

7. Antes de formas de tratamento:

- Enfim cheguei ao palácio, onde **Sua Majestade** me recebeu com graças.

- Quer dizer que **Vossa Alteza** faz poemas?

8. Antes dos pronomes demonstrativos “este, esse, aquele” e suas variações:

- **Este** carro é muito veloz.
- **Aquela** camisa fica muito bem em você.

9. Antes de locuções nas quais figurem nomes de partes do corpo, de faculdades do espírito, dos sentidos, em geral precedidas das preposições “a” e “de”:

- de mão beijada
- de braço dado
- de olhos fechados
- de mãos dadas
- em segunda mão
- a olhos vistos
- de braços abertos
- de braços cruzados
- de cabeça baixa
- de orelha murcha
- a peito descoberto
- de rosto alegre
- de perna aberta
- de memória
- de cor
- de ouvido

10. Nos superlativos relativos, também chamados de superlativos exclusivos:

- “A mãe falava muito em mim louvando-me extraordinariamente, como o homem mais puro do mundo.” (Drummond)

  E não “... como o homem **o** mais puro do mundo.”

- De todos de nossa sala, o Salathiel era o aluno mais humilde.

  E não “... era o aluno **o** mais humilde.”

11. Em termos coordenados sinônimos ou que designem o mesmo indivíduo:

- A ira, **cólera** ou **furor**, é uma moléstia do espírito.
- O imperador da Alemanha e **rei** da Prússia...

4.4 EMPREGO DOS ARTIGOS INDEFINIDOS

Regra principal:

> Em geral, usa-se o artigo indefinido antes dos nomes tomados em sentido vago e indeterminado.

- “Levou Deus **um dia** em espírito ao Profeta Ezequiel a Jerusalém, e o que viu o Profeta

foi **uma** parede ou fachada em que estava **um** ídolo do zelo." (Pe. Antônio Vieira – Sermões)

- "O presbítero Eurico era o pastor da pobre paróquia de Carteia. Descendente de **uma** antiga família bárbara." (A. Herculano)
- "*Despontam o dia* com **uns** largos tragos de aguardente, a *teimosa*. E rompem estridulamente os sapateados vivos." (Euclides da Cunha)
- "Com a morte dele a flauta voltou a ocupar **um** lugar secundário como instrumento musical, a que os doutores em música, quer executantes, quer os críticos eruditos, não dão nenhuma importância." (Lima Barreto)

⇨ **Observação:**

O emprego do artigo indefinido não deve sobrecarregar a frase. Deve ser omitido sempre que a clareza ou a ênfase não o reclamarem.

4.4.1 OUTRAS ORIENTAÇÕES PARA O USO DOS ARTIGOS INDEFINIDOS

1. Não se deve empregar artigo indefinido antes do adjetivo "outro":

- Deve haver outro governo melhor do que este. (E não "Deve haver *um outro* governo...")
- Ele sempre lança mão de outros livros para as suas pesquisas. (E não "... mão de *uns outros* livros...")

2. Por questão de estilo, deve-se evitar o emprego do artigo indefinido antes de apostos explicativos:

- Carlos Drummond de Andrade, poeta brasileiro, foi representante do Modernismo. (E não "..., *um* poeta brasileiro...")
- "Recife, cidade de Pernambuco, é considerada a 'Veneza brasileira'". (E não "..., *uma* cidade de Pernambuco...")

3. Pode-se antepor o artigo indefinido a um numeral cardinal para indicar aproximação numérica:

- Faz **uns** três anos que ela não dá notícias.
- Havia **umas** dez mil pessoas no show de Roberto Carlos.

4. É importante não confundir os artigos indefinidos "um, uma" com os numerais "um, uma". A primeira distinção se dá pela noção de quantidade fixa e exata que

estes transmitem, ao passo que aqueles transmitem uma ideia vaga, incerta, indefinida. Em segundo lugar, o artigo indefinido possui plural (uns, umas), enquanto o numeral não o tem – em tese, o plural de "um, uma" (numerais) seria "dois, duas". Observe os exemplos:

- **Um** cachorro é sempre um bom companheiro para o homem.
  artigo indefinido – equivale a "qualquer, todo"
- Neste quintal, cabe apenas **um** cachorro.
  pronome – trata-se de número, de quantidade exata
- Encontrei-me com **uns** colegas e fizemos **umas** lições de matemática.
  artigos indefinidos – apresentam flexão de plural
- Ontem lemos apenas **um** capítulo do livro de matemática. Hoje precisamos ler no mínimo **dois**.
  numeral – quantidade exata

⇨ **Observação:**

Em muitas situações, porém, a distinção não é muito fácil de ser feita. Neste caso, é preciso ficar muito atento ao contexto para se perceber qual o real sentido (indefinição ou quantidade exata) que se deseja dar ao vocábulo.

4.5 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (ESAN-SP) Em qual dos casos o artigo denota familiaridade?

   a) O Amazonas é um rio imenso
   b) D. Manuel, o Venturoso, era bastante esperto.
   c) O Antônio comunicou-se com o João.
   d) O professor João Ribeiro está doente.
   e) *Os Lusíadas* são um poema épico.

2. (UFUB-MG) Em uma das frases, o artigo definido está empregado erradamente. Em qual?

   a) A velha Roma está sendo modernizada.
   b) A "Paraíba" é uma bela fragata.
   c) Não reconheço agora a Lisboa do meu tempo.
   d) O gato escaldado tem medo de água fria
   e) O Havre é um porto de muito movimento.

3. (FMU-SP) Observe as frases seguintes e depois escolha a única alternativa **incorreta**.

I. Com a Ana ele vai brigar

II. Com Fred ele não vai discutir.

a) A frase I contém um artigo definido, no feminino e no singular, que semanticamente torna ***Ana*** mais próxima do emissor.

b) A frase I contém um artigo definido, no feminino e no singular, pois antecede um nome próprio de mesmas características morfológicas.

c) No confronto entre a frase I e a frase II pode-se notar a importância do uso estilístico do artigo.

d) A frase II, dispensando o artigo diante do nome próprio, marca o distanciamento entre o referente e o emissor.

e) A frase II, não contendo artigo definido diante do nome próprio, está errada.

4. (ITA-SP) Determine o caso em que o artigo tem valor de qualificativo.

a) Estes são os candidatos de que lhe falei.

b) Procure-o, ele é o médico! Ninguém o supera.

c) Certeza e exatidão, estas qualidades não as tenho

d) Os problemas que o afligem não me deixam descuidado.

e) Muita é a procura; pouca a oferta.

5. (FATEC-SP) Indique o erro quanto ao emprego do artigo.

a) Em certos momentos, as pessoas as mais corajosas se acovardavam.

b) Em certos momentos, as pessoas mais corajosas se acovardavam.

c) Em certos momentos, pessoas as mais corajosas se acovardam.

d) Em certos momentos, pessoas mais corajosas se acovardam.

6. (UM-SP) Assinale a alternativa em que há erro.

a) Li a notícia no *Estado de S. Paulo*.

b) Li a notícia em *O Estado de S. Paulo*.

c) Essa notícia, eu a vi em *A Gazeta*.

d) Vi essa notícia em *A Gazeta*.

e) É em *O Estado de S. Paulo* que li a notícia.

7. (ESAN-SP) Assinale a alternativa correta.

a) Mostraram-me cinco livros. Comprei todos cinco.
b) Mostraram-me cinco livros. Comprei todos cinco livros.
c) Mostraram-me cinco livros. Comprei todos os cinco.
d) Mostraram-me cinco livros. Comprei a todos cinco livros
e) n.d.a

8. (UM-SP) Em qual das alternativas colocaríamos o artigo definido feminino para todos os substantivos?

a) sósia - doente - lança-perfume
b) dó - telefonema - diabetes
c) clã - eclipse - pijama
d) cal - elipse - dinamite
e) champanha - criança - estudante

GABARITO

1 – C	2 – D	3 – E
4 – B	5 – A	6 – A
7 – C	8 – D	

CAPÍTULO 5

NUMERAL

5.1 DEFINIÇÃO

É a palavra variável que, acompanhando ou substituindo o substantivo, transmite uma noção de quantidade ou de ordem numérica.

- **Dois terços** do Congresso Nacional votaram contra a medida.
- João foi aprovado em **centésimo quinquagésimo lugar**.
- **Cinquenta e dois por cento** dos alunos não participarão dos jogos.
- Maria tem o **dobro** dos meus anos.
- Ele permanecerá internado no hospital durante uma **quinzena**.

⇨ **Observação:**

As palavras grifadas acima são numerais e transmitem, respectivamente, as seguintes noções: fração de um todo, ordem em uma sequência, número percentual, multiplicidade e número coletivo. Todos os termos são, portanto, **numerais propriamente ditos** ou **quantitativos definidos**.

5.2 CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE OS NUMERAIS

1. **Os numerais geralmente são termos adjetivos, ou seja, acompanham o substantivo em função de adjunto adnominal. Daí serem também chamados de "numerais adjetivos". Quando assumem a posição do substantivo, são denominados de "numerais substantivos", à semelhança dos pronomes.**

- No encontro havia dois mestres em Direito Constitucional.
  numeral adjetivo
- Os dois saíram com o professor de natação.
  numeral substantivo

2. **Na leitura dos numerais cardinais, emprega-se a conjunção "e" entre as centenas e as dezenas e entre estas e a unidade.**

- 324.670 = Trezentos **e** vinte e quatro mil seiscentos **e** setenta.
- 4.654.981 = Quatro milhões seiscentos **e** cinquenta **e** quatro mil novecentos **e** oitenta **e** um.

3. **A maioria dos povos usa os numerais de origem arábica (os numerais arábicos, como são conhecidos). Em épocas mais remotas, usavam-se bastante os numerais de origem romana (os numerais romanos). Hoje estes numerais são empregados em raras situações.**

5.3 CLASSIFICAÇÃO DOS NUMERAIS

De acordo com as suas funções, os numerais são classificados em:

a) cardinais
b) ordinais
c) fracionários
d) multiplicativos
e) coletivos

ALGARISMOS		CARDINAIS	ORDINAIS	MULTIPLICATIVOS	FRACIONÁRIOS	COLETIVOS
ROMANOS	ARÁBICOS					
I	1	um	primeiro			
II	2	dois	segundo	duplo ou dobro	meio, metade	par ou casal
III	3	três	terceiro	triplo ou tríplice	terço	
IV	4	quatro	quarto	quádruplo	quarto	
V	5	cinco	quinto	quíntuplo	quinto	
VI	6	seis	sexto	sêxtuplo	sexto	
VII	7	sete	sétimo	séptuplo	sétimo	
VIII	8	oito	oitavo	óctuplo	oitavo	
IX	9	nove	nono	nônuplo	nono	novena
X	10	dez	décimo	décuplo	décimo	dezena
			undécimo ou		onze avos ou	

XI	11	onze	décimo primeiro	undécuplo	undécimo	onzena
XII	12	doze	duodécimo ou décimo segundo	duodécuplo	doze avos ou duodécimo	dúzia
XIII	13	treze	décimo terceiro		treze avos	
XIV	14	catorze	décimo quarto		catorze avos	
XV	15	quinze	décimo quinto		quinze avos	quinzena
XVI	16	dezesseis	décimo sexto		dezesseis avos	
XVII	17	dezessete	décimo sétimo		dezessete avos	
XVIII	18	dezoito	décimo oitavo		dezoito avos	
XIX	19	dezenove	décimo nono		dezenove avos	
XX	20	vinte	vigésimo		vinte avos ou vigésimo	
XXX	30	trinta	trigésimo		trinta avos ou trigésimo	trintena
XL	40	quarenta	quadragésimo		quarenta avos ou quadragésimo	quarentena
L	50	cinquenta	quinquagésimo		cinquenta avos ou quinquagésimo	
LX	60	sessenta	sexagésimo		sessenta avos ou sexagésimo	
LXX	70	setenta	septuagésimo		setenta avos ou septuagésimo	
LXXX	80	oitenta	octogésimo		oitenta avos ou octogésimo	
XC	90	noventa	nonagésimo		noventa avos ou nonagésimo	
C	100	cem	centésimo	cêntuplo	cem avos ou centésimo	centena
CXLIV	144	cento e quarenta e quatro	centésimo quadragésimo quarto		cento e quarenta e quatro avos	grosa
CC	200	duzentos	ducentésimo		duzentos avos ou ducentésimo	
CCC	300	trezentos	trecentésimo		trezentos avos ou trecentésimo	

CD	400	quatrocentos	quadrigentésimo		quatrocentos avos ou quadringentésimo	
D	500	quinhentos	quingentésimo		quinhentos avos ou quingentésimo	
DC	600	seiscentos	seiscentésimo ou sexcentésimo		seiscentos avos ou sexcentésimo	
DCC	700	setecentos	septingentésimo		setecentos avos ou septingentésimo	
DCCC	800	oitocentos	octingentésimo		oitocentos avos ou octingentésimo	
CM	900	novecentos	noningentésimo ou nongentésimo		novecentos avos ou nongentésimo	
M	1.000	mil	milésimo		milésimo	milheiro ou milhar
MM	2.000	dois mil	dois milésimos		dois mil avos	
X	10.000	dez mil	dez milésimos		dez mil avos ou décimo milésimo	
C	100.000	cem mil	cem milésimos		cem mil avos ou centésimo milésimo	
M	1.000.000	um milhão	milionésimo		milionésimo	
M	1.000.000.000	um bilhão	bilionésimo		bilionésimo	

5.4 REGRAS GERAIS PARA O EMPREGO DOS NUMERAIS

1. Empregam-se os cardinais para a designação de datas e horas, como também para designar capítulos, parágrafos, folhas ou quaisquer divisões de uma obra.

- Recife, 23 de junho de 2008.
- Em São Paulo, são 23h38min.
- Esse pensamento encontra-se no capítulo 22, na página 49.

⇨ **Observações:**

a) Pode-se dizer corretamente: a páginas 25, na página 25 ou à página 25; 14 de

janeiro, a 14 de janeiro, em 14 de janeiro ou aos 14 de janeiro.

b) Como já se disse, na computação dos dias dos meses empregam-se os numerais cardinais à exceção do primeiro dia de cada mês, para o qual se emprega o ordinal: primeiro de abril, primeiro de setembro etc.

2. Em alguns contextos, os cardinais são empregados em sentido indefinido.

- Preciso lhe dizer **duas** palavras. (duas = algumas)
- Já lhe disse isso **mil** vezes. (mil = várias)

3. Depois de vinte, a aditiva "e" funde-se com o "e" final daquele cardinal na pronúncia cotidiana; por isso, em alguns escritores clássicos, nota-se a omissão da aditiva.

- "... quarta-feira, **vinte três** de agosto, mandou levantar âncora." (Barros, Dec. I, *apud* Cláudio Brandão)
- "Esteve **vinte quatro** horas sem fala." (Sousa, S. Dom., I, *apud* Cláudio Brandão)

4. "Ambos" e "ambas" são considerados numerais duais, pois sempre se referem a um par de coisas ou de pessoas. Logo, "ambos os dois", "ambos de dois" são expressões pleonásticas e devem ser evitadas em linguagem formal.

- "...porque um nasceu de outro, a não ser que **ambos** formem duas metades de um só." (Machado de Assis)
- "Assim dizendo, o pajé passou o cachimbo ao estrangeiro; e entraram **ambos** na cabana." (José de Alencar)

⇨ **Observação:**

Quando antepostos a um substantivo, empregam-se "ambos" e "ambas" seguidos geralmente de um artigo definido e mais raramente de um pronome possessivo ou demonstrativo.

- "As monjas saem sucessivamente de **ambos os** lados e vêm ajoelhar aos pés da abadessa." (A. Herculano)
- "Dizendo, fechou por dentro **ambas as portas**, e sentou-se sobre uma arca." (Camilo Castelo Branco)

5. Na designação de reis, papas, soberanos, séculos e partes de uma obra (capítulos, tomos etc.), empregam-se os ordinais até o dez e os cardinais daí por diante. Se o numeral anteceder o substantivo, empregam-se os ordinais.

- Século **sexto**
- Capítulo **segundo**
- João **vinte e três**
- Século **vinte e um**
- Leão **décimo**
- Henrique **quarto**
- Luís **catorze**
- Pedro **primeiro**
- **quarto** século
- **sexto** capítulo
- **décimo primeiro** papa
- **trigésimo** tomo

6. Na designação de artigos de leis, decretos, portarias, regulamentos etc., usam-se os ordinais até nove e os cardinais de dez em diante. Se o numeral vier anteposto, empregam-se os ordinais.

- artigo **segundo**
- inciso **quarto**
- parágrafo **nono**
- artigo **vinte e três**
- inciso **catorze**
- parágrafo **doze**
- **quadragésimo** artigo
- **décimo quinto** inciso
- **sétimo** parágrafo

7. "Cem", forma contraída de "cento", usa-se como adjetivo e é invariável.

- cem páginas
- cem pessoas
- cem homens
- cem animais

8. "Cento" se emprega hoje geralmente como adjetivo na designação dos números entre cem e duzentos, e é invariável.

- Cento e vinte
- cento e cinquenta
- cento e dois

9. Os numerais inteiros são invariáveis, à exceção de "um, dois, ambos, os compostos de –entos e os terminados em -ão (milhão, bilhão, trilhão etc.)".

- Já estavam presentes na sala **vinte** (*invariável*) pessoas.
- O show deve ser visto por **mil** (*invariável*) pessoas.
- Ele comeu cerca de **trinta e quatro** (*invariável*) docinhos.
- Falei com **duas** (*variável*) pessoas hoje.

10. Os numerais coletivos (chamados também de "seriativos") têm grande semelhança com os substantivos coletivos. Diferem destes, porém, por denotarem número rigorosamente delimitado.

- quinzena = 15 dias
- novena = 9 dias
- quinquênio ou lustro = 5 anos
- vintena = grupo de 20

- quarteirão = grupo de 25
- dúzia = grupo de 12
- semestre = 6 meses
- tríduo = 3 dias
- milênio = 1.000 anos

11. Os numerais ordinais se flexionam tanto em gênero quanto em número.

- primeiro passo
- primeira leitura
- primeiros passos
- primeiras leituras

12. Ao lado das grafias "bilhão", "trilhão" e "quatrilhão", existem as menos usuais, mas igualmente corretas, "bilião", "trilião" e "quatrilião". Esses numerais não apresentam flexão de gênero – apresentam-se tão somente sob a forma masculina.

- Ninguém conseguiu acertar todas as questões dentre as 15 milhões de pessoas participantes.

Corrija-se para: "... dentre os 15 milhões de pessoas participantes."

⇨ **Observações:**

Geralmente "milhão, bilhão, trilhão, quatrilhão" vêm acompanhados de um adjunto especificador no plural. Neste caso, o verbo da concordância poderá tanto concordar no singular com os numerais ou ir para o plural para concordar com a especificação.

- Um milhão de pessoas { **foi** / ou / **foram** } ao show.
- Mais de um milhão de dólares **foi gasto** (ou **foram gastos**) para a reconstrução do templo.

5.5 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (TELERJ) Assinale a alternativa em que o numeral tem valor hiperbólico:

a) Naquele estádio havia quinhentas pessoas.
b) Mais de cem milhões de brasileiros choraram.
c) "Com mil demônios" – praguejou ele, diante do acidente fatal.
d) Ele foi o quadragésimo colocado.

e) Cinco oitavos do prêmio couberam a mim.

2. (FVE-SP) Assinale o item em que o numeral ordinal, por extenso, esteja correto:

a) 2.866.º – dois milésimos, octogésimo, sexagésimo sexto
b) 6.222.º – sexto milésimo, ducentésimo, vigésimo segundo
c) 3.478.º – três milésimos, quadringentésimo, septuagésimo oitavo
d) 1.899.º – milésimo, octogésimo, nongentésimo nono
e) 989.º – nonagésimo, octogésimo nono

3. (ITA-SP) Assinale o que estiver correto:

a) Seiscentismo se refere ao século XVI.
b) O algarismo romano da frase anterior se lê: décimo sexto.
c) Duodécuplo significa duas vezes, dodécuplo, doze vezes.
d) Ambos os dois é forma enfática correta.
e) Quadragésimo, quarentena, quadragésima, quaresma só aparentemente se referem a quarenta.

4. (VUNESP) Identifique o caso em que **não** haja expressão numérica de sentido indefinido:

a) Ele é duodécuplo colocado.
b) Quer que veja esse filme pela milésima vez?
c) “Na guerra os meus dedos dispararam mil mortes.”
d) “A vida tem uma só entrada, a saída é por cem portas.”
e) n. d. a.

5. (PUCCAMP-SP) Os ordinais referentes aos números **80**, **300**, **700** e **90** são, respectivamente:

a) octagésimo – trecentésimo – setingentésimo – nongentésimo
b) octogésimo – trecentésimo – setingentésimo – nonagésimo
c) octingentésimo – tricentésimo – septuagésimo – nongentésimo
d) octogésimo – tricentésimo – septuagésimo – nongentésimo
e) n. d. a.

6. (FMU-SP) **Triplo** e **tríplice** são numerais:

a) ordinal o primeiro e multiplicativo o segundo.
b) ambos ordinais.
c) ambos cardinais.
d) ambos multiplicativos.
e) multiplicativo o primeiro e ordinal o segundo.

7. (UFPR) Se a *cinco* vem a corresponder *quinto*, a **onze**, **quarenta**, **cinquenta**, **sessenta** e **setenta**, respectivamente, correspondem:

a) undécimo, quadragésimo, cinquentésimo, sexagésimo, septuagésimo
b) décimo primeiro, quaresma, quinquagésimo, sexagésimo, septuagésimo
c) undécimo, quadragésimo, quinquagésimo, sexagenário, septuagésimo
d) décimo primeiro, quadragésimo, quinquagésimo, sexagésimo, septuagésimo
e) undécimo, quadragésimo, quinquagésimo, sexagésimo, septuagésimo

8. (FMU-SP) Sabendo-se que os numerais podem ser cardinais, ordinais, multiplicativos e fracionários, podemos dar os seguintes exemplos:

a) uma (cardinal), primeiro (ordinal), Leão onze (multiplicativo) e meio (fracionário)
b) um (cardinal), milésimo (ordinal), undécuplo (multiplicativo) e meio (fracionário)
c) um (cardinal), primeiro (cardinal), Leão onze (multiplicativo) e meio (fracionário)
d) um (cardinal), primeiro (cardinal), cêntuplo (multiplicativo) e centésimo (fracionário)
e) um cardinal (cardinal), primeiro (ordinal), duplo (multiplicativo), não existindo numeral denominado fracionário

9. (Ufam) Assinale o item em que NÃO é correto ler o numeral como vem indicado entre parênteses:

a) Pode-se dizer que no século IX (nono) o português já existia como língua falada.
b) Pigmalião reside na Casa 22 (vinte e duas) do antigo Beco do Saco do Alferes, em Aparecida.
c) Abram o livro, por favor, na página 201 (duzentos e um).
d) O que procuras está no art. 10 (dez) do código que tens aí na mão.
e) O Papa Pio X (décimo), cuja morte teria sido apressada com o advento da Primeira Guerra Mundial, foi canonizado em 1954.

10. (UnB-DF) Assinale a alternativa em que *meio* funciona como advérbio.

a) Só quero meio quilo.

b) Achei-o meio triste.
c) Descobri o meio de acertar.
d) Parou no meio da rua.
e) Comprou um metro e meio.

11. (Fasp) Ele obteve o ... (123.º) lugar.

a) centésimo vigésimo terceiro
b) centésimo trigésimo terceiro
c) cento e vinte trigésimo
d) cento e vigésimo terceiro

12. (FSCS-SP) Associe o sentido ao respectivo numeral coletivo.

(1) período de seis anos ( ) dístico
(2) período de cinco anos ( ) decúria
(3) estrofe de dois versos ( ) sexênio
(4) período de cem anos ( ) centúria
(5) agrupamento de dez coisas ( ) lustro

13. (Acafe-SC) Assinale a alternativa **correta**.

a) Os substantivos *cão*, *tabelião*, *pão*, *alemão* e *cidadão* fazem o plural mudando -ão em -ães.
b) A torre é **altíssima**. A palavra destacada é adjetivo e está no grau superlativo absoluto analítico.
c) Vendi todos **os** livros a **uns** alunos. As palavras destacadas são pronomes definidos.
d) O **dobro** do meu dinheiro é igual à **metade** do teu. As palavras destacadas são numerais multiplicadores.
e) Levaram-**me** o caderno. A palavra destacada é pronome pessoal oblíquo.

GABARITO

1 – C	2 – B	3 – D
4 – A	5 – B	6 – D
7 – E	8 – B	9 – B

10 – B	11 – A	12 – 3, 5, 1, 4, 2
13 – E		

CAPÍTULO 6

PRONOME

Observe o exemplo abaixo:

- Quem poderia comprar todos estes meus livros que eu adquiri numa promoção em São Paulo?

Perceba que todos os elementos grifados acima ou estão no lugar do substantivo ou estão acompanhando um substantivo.

1. O "quem" exerce a função de sujeito da primeira oração; função típica e própria do substantivo.
2. Os elementos "todos", "estes" e "meus" se referem ao substantivo "livros", trazendo, respectivamente, as noções de "cada um", de "localização espacial" e de "posse".
3. O elemento "que" retoma e substitui, ao mesmo tempo, o substantivo "livros".
4. Por fim, o elemento "eu" representa o sujeito do verbo "adquirir". Exerce, portanto, função própria do substantivo.

6.1 DEFINIÇÃO

A partir do exemplo dado, podemos dizer que a classe de palavra variável que substitui ou acompanha o substantivo é denominada de **pronome**.

Como o adjetivo, o numeral e o artigo também são classes morfológicas que acompanham o substantivo, podemos afirmar que a grande distinção entre estes e o pronome se dá pelo fato deste último situar o substantivo numa pessoa do discurso.

As pessoas do discurso são:

a) o ser que fala – **1.ª pessoa** (eu e nós)

b) o ser com quem se fala – **2.ª pessoa** (tu e vós)

c) o ser (ou coisa) de que se fala – **3.ª pessoa** (ele e eles)

Logo, é possível também se definir "pronome" como a classe morfológica que substitui e acompanha o substantivo, situando-o numa pessoa do discurso.

6.2 PRONOMES ADJETIVOS E PRONOMES SUBSTANTIVOS

De acordo com as afirmações iniciais, podemos classificar de antemão os pronomes em: **substantivos** e **adjetivos**.

→ **Pronome substantivo**, como o próprio nome já o diz, é aquele que se põe no lugar do substantivo e passa a exercer uma função típica deste.

→ **Pronome adjetivo**, por outro lado, é aquele que acompanha o substantivo, atribuindo-lhe informações acessórias.

Observe:

- **Ele** jamais desconfiou de **nossa** honestidade.
  pronome substantivo *pronome adjetivo*
- O rapaz **o** comprou por **meu** intermédio.
  pronome substantivo *pronome adjetivo*
- **Esses** rapazes jamais visitaram **aquele** vilarejo.
  pronome adjetivo *pronome adjetivo*
- **Alguém** chegou aqui e nos deixou **isto**.
  pronome substantivo *pronome substantivo*

6.3 CLASSIFICAÇÃO DOS PRONOMES

Os pronomes se classificam de acordo com suas funções em:

I. Pronomes pessoais
II. Pronomes demonstrativos
III. Pronomes indefinidos
IV. Pronomes possessivos
V. Pronomes relativos
VI. Pronomes interrogativos

6.3.1 PRONOMES PESSOAIS

São assim denominados os pronomes que indicam diretamente as pessoas gramaticais: o falante (1.ª pessoa), o ouvinte (2.ª pessoa) e o que não toma parte na conversa (3.ª pessoa). São classificados em **retos**, **oblíquos** e **de tratamento**.

PRONOMES PESSOAIS		
RETOS	OBLÍQUOS	
	Átonos	Tônicos
EU	ME	MIM, COMIGO
TU	TE	TI, CONTIGO
ELE	O, A, LHE, SE	SI, CONSIGO, ELE, ELA
NÓS	NOS	CONOSCO, NÓS
VÓS	VOS	CONVOSCO, VÓS
ELES	OS, AS, LHES, SE	SI, CONSIGO, ELES, ELAS

6.3.1.1 Emprego dos pronomes pessoais do caso reto (principais regras)

1. A princípio, convém dizer que os pronomes são denominados de "retos" porque exercem função subjetiva, ou seja, funcionam como sujeito de um verbo. Por outro lado, são denominados de oblíquos os pronomes que exercem função complementar.

- **Eles** jamais deixarão os juros caírem demais.
  caso reto
- Ainda não **me** comunicaram o fato.
  caso oblíquo
- Todos irão **conosco**, João.
  caso oblíquo
- **Nós** encontrá-**lo**-emos no shopping à tarde.
  caso reto *caso oblíquo*

2. Importante também perceber que a força de tonicidade do pronome interfere no seu emprego. Os pronomes tônicos, por exemplo, são sempre usados precedidos de uma preposição, fato que não se dá com os átonos, os quais repelem a presença de uma preposição essencial que os reja.

- Ele sempre gosta de falar de **si**.
  tônico
- Trouxemos dois hambúrgueres para **ti**, Madalena.
  tônico

- A **mim**, não me interessam as objeções do guia.
  tônico
- Deixaram o livro para **eu** ler durante o final de semana.
  átono

⇨ **Observação:**

No último exemplo, a preposição "para" que antecede o pronome "eu" rege toda a oração de finalidade. Não está regendo, portanto, o pronome, que é átono.

3. Os pronomes do caso reto "eu" e "tu" só aparecem como sujeito, salvo raras exceções. Por isso, os tais pronomes nunca ocorrerão regidos por preposição. Veja:

- Ainda ontem **eu** participei de uma plenária.
  pronome do caso reto, sujeito
- Parece que **tu** ainda não sabes o valor da vida.
  pronome do caso reto, sujeito
- Não há problemas **entre eu** e **tu**, Mário. (**construção errada**)
  os pronomes "eu" e "tu" não admitem ser regidos por preposição

Corrija-se para → Não há problemas **entre mim** e **ti**, Mário.

- Onde está o papel **para mim** imprimir o trabalho? (**construção errada**)

Corrija-se para → Onde está o papel para **eu imprimir** o trabalho? ("eu" é o sujeito do verbo "imprimir")

- A notícia chegou **até eu**. (**construção errada**)

Corrija-se para → A notícia chegou **até mim**.

- Por favor, não saiam **sem mim**. (A presença da preposição exige que seja usado um pronome tônico)
- Eles saíram sem **eu dar** o dinheiro para o cinema. (O "eu" é o sujeito do verbo "dar". A preposição "sem" rege a oração)

⇨ **Observação:**

Os pronomes "eu" e "tu" podem, excepcionalmente, aparecer nas funções de "predicativo" e "vocativo", respectivamente.

- Por favor, deixe que eu seja **eu**.
  pronome pessoal, predicativo
- "Ó **tu**, meu senhor, ajuda-nos com teus favores!"
  pronome pessoal, vocativo

4. No português falado no Brasil, o pronome "tu" foi praticamente substituído pelo pronome de tratamento "você". Importante destacar, ademais, que o "você" se refere à 2.ª pessoa do discurso, mas exige o verbo da concordância sempre na 3.ª pessoa do singular.

- João, você vai conosco ao show?
- Você sabe o segredo dos animais?

⇨ **Observação:**

Em algumas regiões do Brasil, o falar coloquial emprega o "tu" com o verbo flexionado na terceira pessoa do singular: "Tu foi...", "Tu vai...", "Tu sabe...". Tais construções são, como já se disse, típicas da linguagem coloquial e jamais devem ser empregadas em processos comunicativos que exigem o padrão culto da língua.

5. Na linguagem oral, é bastante comum a substituição do pronome de primeira pessoa do singular "eu" pelo pronome de primeira pessoa do plural "nós". Essa troca visa dar à mensagem um tom menos arrogante, menos presunçoso. É o que se denomina de "plural de modéstia".

Em vez de: "**Eu concedo** a medalha de honra ao mérito ao escoteiro João da Silva."

Emprega-se: "**Nós concedemos** a medalha de honra ao mérito ao escoteiro João da Silva."

6. É bastante comum na linguagem coloquial a substituição do pronome do caso reto "nós" pela forma "a gente" (separado). Tal substituição, repita-se, é típica da linguagem coloquial.

6.3.1.2 Emprego dos pronomes pessoais do caso oblíquo (principais regras)

1. Os pronomes "ele, ela, nós, vós, eles e elas", por possuírem força tônica, podem também aparecer em função oblíqua. Neste caso, eles virão obrigatoriamente regidos por uma preposição. Observe a diferença:

- **Eles** não irão à festa da nossa turma.
  pronome do caso reto, sujeito
- Disseram a **eles** que a festa não se realizará.
  pronome do caso oblíquo tônico, objeto indireto
- **Nós** certamente realizaremos o projeto.
  pronome do caso reto, sujeito
- Atribuíram **a nós** o problema com a gerência.
  pronome do caso oblíquo tônico, objeto indireto
- A mulher do prefeito, parece que viram **a ela** no shopping com um homem suspeito.
  pronome do caso oblíquo tônico, objeto direto preposicionado

⇨ **Observações:**

a) É construção tipicamente coloquial o emprego dos pronomes "ele, ela, eles, elas" em função complementar desprovidos de preposição.

- Eu vi **ele** no shopping ontem.
  construção coloquial
- Vão levar **ela** para o médico agora.
  construção coloquial

b) Os pronomes "ele, ela, eles, elas", quando funcionam como complemento, podem se contrair com as preposições "de" e "em".

- Todos acreditam **nele**.
- A família depende **dele** para sobreviver.

c) Percebemos, portanto, que, quando há a presença de uma preposição essencial, deve-se – obrigatoriamente – usar os pronomes pessoais tônicos, já que os pronomes átonos são insuscetíveis de virem regidos por preposição. Observe:

- Após **mim**, veio o cortejo.
- Desde **ti** até **mim**, nunca houve mudança significativa na Universidade.
- Pedro fez tudo por **mim** e por **ti**.
- Durante a turbulência, várias malas caíram sobre **mim**.
- Todos se coligaram contra **mim**.
- Diante de **mim**, todos se calaram.

2. Os pronomes "si" e "consigo" são oblíquos tônicos reflexivos e só devem ser usados com referência ao sujeito da oração. Considera-se erro, portanto, construções em que os pronomes "si" e "consigo" não se refiram ao sujeito.

- Os rapazes sempre levam **consigo** um punhado de farinha.
  pronome oblíquo tônico se referindo ao sujeito "os rapazes"
- Ele sempre fala de **si** para os estranhos.
  pronome oblíquo tônico se referindo ao sujeito "ele"
- Paulo e Marcos, o diretor de recursos humanos quer falar **consigo**. (**construção errada**)
  O pronome deve se referir a "Paulo" e a "Marcos".

Corrija-se para → Paulo e Marcos, o diretor de recursos humanos quer falar **com vocês**. (ou "**convosco**")

3. Os pronomes "comigo, contigo, consigo, conosco, convosco" já trazem em si mesmos a preposição "com", pois são o resultado da combinação desta preposição com a formas oblíquas da primeira, da segunda e da terceira pessoa do singular e do plural.

- A minha filha sempre vai **comigo** às pescarias.
- Ao saíres, avisa-nos, pois iremos **contigo**.
- João e Maria irão **conosco**.
- Ela traz **consigo** boas experiências.

⇨ **Observação:**

Os pronomes "conosco" e "convosco" devem ser substituídos pelas suas formas analíticas "com nós" e "com vós", respectivamente, quando há a presença de um reforço do pronome por meio de adjunto adnominal. Geralmente, esse reforço se dá com os vocábulos "mesmo" e "próprio". Observe:

- Eles irão conosco. **ou**
- Eles irão
  - com nós mesmos.
  - com nós próprios.
  - com nós outros.
  - com nós dois.

4. Os pronomes oblíquos átonos "me, te, se, nos, vos" são empregados como complementos tanto de verbos transitivos diretos quanto de verbos transitivos indiretos. Podem, portanto, funcionar como objeto direto (caso acusativo em latim) ou objeto indireto (caso dativo em latim), a depender da regência verbal.

- Sempre **nos** disse o que fazer nas horas difíceis.
  objeto indireto
- Informaram-**nos** sobre o problema.
  objeto direto
- Eles **se** viram, mas não **se** cumprimentaram.
  objeto direto *objeto direto*
- Parece que vão **me** dizer a verdade.
  objeto indireto
- Eu **vos** louvo pela atitude salvadora que tivestes.
  objeto direto
- Essa notícia **te** deu ânimo para continuar?
  objeto indireto

5. Já os oblíquos "o, a, os, as" são usados como complementos para verbos transitivos diretos e verbos transitivos diretos e indiretos em sua parte direta. Funcionam, pois, como objetos diretos. São, por isso, denominados de pronomes acusativos, já que em latim a função acusativa diz respeito ao objeto direto. Tais pronomes equivalem aos oblíquos tônicos preposicionados "a ele, a ela, a eles, a elas".

- Os jornalistas **o** fotografaram quando descia a serra. (= fotografaram a ele)
- Todos **as** aplaudiam com entusiasmo. (= aplaudiam a elas)

⇨ **Observação:**

Os pronomes "o, a, os, as", quando estão enclíticos a verbos terminados em "-r, -s, -z", assumem as formas "lo, la, los, las" e a forma verbal perde aquelas consoantes. Quando enclíticos a verbos terminados em ditongo nasal, assumem as formas "no, na, nos, nas". Veja:

- Encontraram o homem deitado. = Encontraram-**no** deitado.
- Pegou dinheiro para comprar dois livros. = Pegou dinheiro para comprá-**los**.

6. Os pronomes oblíquos "lhe, lhes" substituem termos que exigem preposição. Quando completam verbos, funcionam como objetos indiretos de verbos transitivos indiretos e de verbos transitivos diretos e indiretos em sua parte indireta. Referem-se, portanto, ao caso dativo do latim. Estes pronomes também equivalem aos oblíquos tônicos preposicionados "a ele, a ela, a eles, a elas".

- Todos **lhe** fizeram grandes elogios. (= fizeram grandes elogios a ela / a ele.)
- Pediram-**lhes** que se mantivessem calados. (= pediram a eles / a elas que se...).

7. Os pronomes “me, te, lhe, nos, vos” podem fazer a vez de legítimos pronomes possessivos. Equivalem, respectivamente, a “meu / minha, teu / tua, seu / sua, dele / dela, nosso / nossa, vosso / vossa e plurais”. Observe:

- Ao ver o sumo pontífice, beijou-**lhe** uma das mãos. → Isto é: ... beijou uma de **suas** mãos.
- A velocidade do vento despenteava-**nos** os cabelos. → Isto é: ... despenteava os **nossos** cabelos.

6.3.2 PRONOMES DE TRATAMENTO

Uma divisão interessante dos pronomes pessoais é a dos pronomes de tratamento. São assim denominados porque se usam tais pronomes em referência a certas pessoas consideradas autoridades ou em certos contextos comunicativos quando a formalidade os exige.

Principais pronomes de tratamento e seus respectivos empregos:

Pronome de tratamento	Abreviatura	Emprego
você, vocês	v.	tratamento familiar, informal
senhor, senhores	Sr. Sr.es	tratamento respeitoso
senhorita, senhoritas	Sr.ta, Sr.tas	para mulheres solteiras
senhora, senhoras	Sr.a, Sr.as	tratamento respeitoso
Vossa Senhoria, Vossas Senhorias	V.S.a, V. S.as	para pessoas que exercem cargos importantes
Vossa Excelência, Vossas Excelências	V. Ex.a, V. Ex.as	para autoridades superiores (presidentes, juízes, deputados, senadores, governadores etc.)
Vossa Eminência, Vossas Eminências	V. Em.a, V. Em.as	para cardeais
Vossa Alteza, Vossas Altezas	V.A., VV.AA.	para príncipes, princesas e duques
Vossa Majestade, Vossas Majestades	V.M., VV.MM.	para reis e rainhas
Vossa Meritíssima	Por extenso	juízes
Vossa Magnificência, Vossas Magnificências	V. Mag.a, V. Mag.as	reitores
Vossa Reverendíssima, Vossas Reverendíssimas	V.Rev.ma, V. Rev.mas	sacerdotes religiosos, bispos, padres, pastores
Vossa Santidade	V.S.	papa

Observações sobre os pronomes de tratamento:

a) Os pronomes de tratamento são pronomes que se referem à 2.ª pessoa do discurso. Entretanto, exigem a concordância verbal na 3.ª pessoa. Ademais, devem também ficar na 3.ª pessoa todos os elementos que a tais pronomes se refiram.

- Suas Excelências ainda não **deixaram** os seus despachos.
- Vossa Senhoria **deseja** um pouco de água?
- Vossas Majestades ainda não **inspecionaram** os **seus** cavalos este mês?

b) Tais fórmulas de tratamento só são consideradas pronomes de tratamento quando vêm antecedidas de "Sua" ou "Vossa". Desprovidas de tais partículas, tornam-se, no mais das vezes, meros "substantivos femininos" ou "adjetivos".

- Todos ficaram estupefatos perante a **majestade** (*substantivo feminino*) do templo.
- Aquele rapaz é um **reverendíssimo** (*adjetivo*) imbecil.
- É uma **excelência** (*substantivo feminino*) de pessoa.

c) Emprega-se "Sua" quando nos referimos à pessoa. Por outro lado, empregamos "Vossa" quando nos dirigimos à pessoa.

- Quando Sua Excelência chegar, avise-lhe, por favor, sobre o problema.
- Vossa Alteza, quer que eu lhe traga o almoço agora?

6.3.3 PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Outra categoria bastante usual na língua portuguesa é a dos pronomes demonstrativos. São denominados demonstrativos porque situam as pessoas ou coisas no tempo ou no espaço, postas em relação às pessoas do discurso. Os pronomes demonstrativos apresentam formas variáveis e invariáveis.

Pronomes demonstrativos			
	Variáveis		Invariáveis
	Masculinos	Femininos	
1.ª pessoa	este, estes	esta, estas	isto
2.ª pessoa	esse, esses	essa, essas	isso
3.ª pessoa	aquele, aqueles	aquela, aquelas	aquilo

Além dos pronomes acima, são igualmente demonstrativos os seguintes pronomes: “mesmo(s), mesma(s), próprio(s), própria(s), tal, tais, semelhante(s)”.

6.3.3.1 Emprego dos pronomes demonstrativos

O emprego dos pronomes demonstrativos representa um dos pontos mais discutidos pelos estudiosos da língua, já que em muitos escritores encontram-se empregos controvertidos dos tais pronomes. Para facilitar o entendimento, dividimos o emprego dos demonstrativos em relação a três aspectos: localização espacial do referente, localização temporal do referente e localização textual do referente.

I) Quanto à localização espacial do referente temos as seguintes orientações:

a) Empregam-se “este, esta, isto e variações” quando o referente se encontra com o ser que fala.

- **Esta** camisa aqui custou-me quarenta reais.
- **Este** livro contém preciosas lições.

b) Emprega-se “esse, essa, isso e variações” quando o referente se encontra próximo, perto de quem fala.

- Quanto custou **essa** camisa que você está usando?
- Meu primo trouxe-me uma caneta **dessas** aí quando foi aos Estados Unidos.

c) Empregam-se “aquele, aquela, aquilo e variações” quando o referente se encontra distante do ser que fala.

- **Aquele** menino acolá passou em um concurso para juiz federal.
- **Daquela** ponte para este ponto aqui, são mais ou menos dois quilômetros.

II) Quanto à localização temporal do referente, temos as seguintes orientações:

a) Empregam-se “este, esta, isto e variações” quando se faz referências a um tempo presente em relação à pessoa que fala.

- Ainda este ano irei à Europa.
- Nesta tarde resolverei todo o problema com o síndico.

b) Empregam-se “esse, essa, isso e variações” quando se faz referências a um tempo passado ou futuro em relação à pessoa que fala.

- O ano passado marcou minha vida. **Nesse** ano nasceu meu filho.
- Espero que em 2100 o homem tenha encontrado a solução para muitos problemas. **Nesse** ano, esperamos não haver mais miséria, violência, abandono.

c) Empregam-se "aquele, aquela, aquilo e variações" quando se faz referências a passado distante em relação ao ser que fala.

- Em 1980, a inflação era galopante. **Naquele** ano, viviam-se os últimos anos do milagre econômico brasileiro.
- Os anos de 1939 a 1945 marcaram a humanidade. Durante **aqueles** anos, desenvolveu-se um dos maiores massacres perpetrados contra a humanidade: o extermínio dos judeus.

III) Quanto à localização textual do referente, temos as seguintes orientações:

a) Empregam-se "esse, essa, isso e variações" para retomar termos e informações já mencionados. Tais pronomes funcionarão como "elementos de coesão referencial anafórica".

- A violência assola o país de norte a sul. **Esse** problema inviabiliza muitos negócios comerciais no Brasil.
- Ao coração cabe toda a função de bombeamento sanguíneo. **Esse** órgão bate, quando regular, cerca de 80 vezes por minuto.

b) Empregam-se "este, esta, isto e variações" para antecipar termos e informações que ainda vão ser mencionados. Tais pronomes funcionarão, portanto, como "elementos de coesão referencial catafórica".

- O Brasil precisa disto: educação igualitária – de qualidade – para todos.
- Esta indagação jamais será respondida satisfatoriamente: "Quem nasceu primeiro: o ovo ou a galinha?".

c) Empregam-se "este, esta, isto e variações" para retomar, dentro de um período, o termo mais próximo, ou seja, o enunciado em segundo lugar, a fim de se evitar uma possível ambiguidade que os demonstrativos "esse, essa, isso e variações" poderiam gerar. Por outro lado, empregam -se "aquele, aquela, aquilo e variações" para retomar, dentro do período, o termo mais distante, ou seja, o enunciado em primeiro lugar.

- Brasil e Argentina travaram novos acordos comerciais. **Este** exportará carnes nobres e importará frutas tropicais **daquele**. → este = Argentina / daquele = Brasil.
- Os otimistas não julgam os pessimistas, nem **estes àqueles**, pois ambos convergem

para alguma forma de idealismo. → estes = pessimistas / aqueles = otimistas.

d) Empregam-se – indistintamente – os pronomes “esse, essa, isso, este, esta, isto e variações” para retomar termos e ideias anteriormente expressos, mormente quando o elemento retomado se encontra imediatamente atrás de tais pronomes.

- “– Se eu fosse rica, você fugia, metia-se no paquete e ia para a Europa. Dito **isto**, espreitou-me os olhos...” (Assis, Machado. *Dom Casmurro*)

Outras observações acerca dos pronomes demonstrativos:

a) A contração “nisto” (em vez de “nisso”) é frequentemente empregada em função circunstancial com o sentido de “nesse momento”, “então”, “em tal momento”.

- A bomba estourou precisamente às 17h. **Nisto**, soaram todos os alarmes da cidade, e as forças armadas entraram em alerta.

b) Os demonstrativos “aquele/aquilo, aquela, aqueles e aquelas” podem aparecer em forma reduzida “o, a, os e as”, respectivamente. Estes são usados em função substantiva e são seguidos de preposição ou de uma oração adjetiva encabeçada pelo relativo “que”. Eles também aparecem em construções com o verbo “ser”.

- Todos sabiam **o** que ele pensava sobre o problema. (... o = aquilo o qual ele pensava...).
  oração adjetiva

- Os que lutam são os que vencem. (os = aqueles)
  oração adjetiva *oração adjetiva*

- Se ele é pobre, eu também **o** sou.
  aquilo

- A classe estava cheia como nunca. **Os** da direita espremiam-se junto à parede enquanto **os** da esquerda sentavam uns no colo dos outros.
  aqueles *aqueles*

⇨ **Observação:**

O artigo definido, ausente o substantivo, converte-se em pronome demonstrativo, com o sentido de “aquele, aquela, aquilo, isso”. Isto ocorre quando o “**o**” vem seguido de preposição, do pronome relativo “que” ou construído com o verbo “ser”.

- A minha casa é menos confortável que **a** do vizinho.
  pronome demonstrativo
- Todos entenderam bem **o** que tu disseste.
  pronome demonstrativo
- Se ele é rico, eu também **o** sou.
  pronome demonstrativo

c) Os pronomes "mesmo" e "próprio" serão demonstrativos quando possuírem sentido de "exato", "idêntico", "em pessoa".

- De fato, foi João **mesmo** quem resolveu o problema.
- Éramos nós **mesmos** os responsáveis pela abertura e fechamento da empresa.
- Amanhã tu deverás ir à **mesma** rua em que estiveste na semana passada para falar com o comendador.

d) "Tal" será pronome demonstrativo quando equivaler aos demonstrativos "este, esse, aquele e flexões".

- Temos verdadeiro repúdio a **tal** sujeito.
- **Tal** foi o filme a que assistimos na semana passada.

e) A tradição e o uso consagraram a expressão "isto é" (e nunca "isso é") equivalente a "quer dizer", "significa", quando se vai esclarecer um pensamento, uma ideia.

- A vida é uma incógnita, **isto é**, nunca se sabe a que lugar ela chegará.

f) Como conjunção conclusiva, usa-se, hoje, mais frequentemente "por isso" em vez de "por isto", a despeito de esta última forma não estar errada.

- Sempre estudou com afinco, **por isso** (ou "**por isto**") obteve um bom desconto na mensalidade da escola.

g) "Semelhante" será pronome demonstrativo quando equivaler a "tal".

- Tenha mais cuidado para não cair em **semelhante** erro.

h) É condenável o emprego dos demonstrativos "mesmo(s), mesma(s)" em função substantiva. Tal fato se dá, porque não são próprias de tais pronomes funções como "sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal etc.". Observe abaixo:

- O bandido se evadiu, mas a polícia prendeu **o mesmo** poucas horas depois. (Prefira: "... mas a polícia o prendeu...")

- Encontramos o Ricardo em sua casa de praia. **O mesmo** nos disse que estava descansando um pouco. (Prefira: "... Ele nos disse que...")
- Na casa da Lurdinha há um bravo Pitbull. Joana disse que tinha muito medo **do mesmo**. (Prefira: "... tinha muito medo dele ou do cão.")

6.3.4 PRONOMES INDEFINIDOS

São denominados indefinidos os pronomes que se referem à 3.ª pessoa do discurso quando esta tem sentido vago e indeterminado.

Apresentam-se na língua portuguesa em um bom número – alguns são invariáveis e outros tantos variáveis.

INDEFINIDOS INVARIÁVEIS	INDEFINIDOS VARIÁVEIS
– alguém, ninguém; – tudo, nada; – algo; – cada; – outrem; – mais, menos, demais.	– algum, alguns, alguma, algumas; – nenhum, nenhuns, nenhuma, nenhumas; – todo, toda, todos, todas; – muito, muitos, muita, muitas; – pouco, pouca, poucos, poucas; – certo, certa, certos, certas; – vário, vários, vária, várias; – tanto, tantos, tanta, tantas; – quanto, quantos, quanta, quantas; – um, uns, uma, umas; – bastante, bastantes; – qualquer, quaisquer.

Além dos indefinidos acima, existem as chamadas "locuções pronominais indefinidas", que nada mais são do que a junção de mais de um vocábulo com função de um pronome indefinido. São exemplos dessas locuções: **cada um, cada qual, qualquer outro, quem quer que seja, fosse quem fosse, outro qualquer, todo aquele que, tudo o mais, seja qual for, um ou outro, todo o mundo** etc.

6.3.4.1 Considerações gerais sobre os pronomes indefinidos

1. Os pronomes e as locuções indefinidos exigem, quando estão no singular, que o verbo da concordância fique também no singular.

- Cada um dos trabalhadores **conseguiu** aumento este mês.
- Algum dos participantes **se entreteve** bastante com o novo invento.

2. Os pronomes indefinidos podem acompanhar o substantivo – pronomes indefinidos adjetivos – ou substituir o próprio substantivo – pronomes indefinidos substantivos.

- **Ninguém** chegou até agora.
  indefinido substantivo
- **Alguém** nos dirá o que fazer.
  indefinido substantivo
- **Muitos** alunos saíram da sala.
  indefinido adjetivo
- **Muito** trabalho, **pouco** dinheiro.
  indefinidos adjetivos

6.3.4.2 Emprego dos pronomes indefinidos

QUALQUER

"**QUALQUER**" só será pronome indefinido quando vier anteposto ao substantivo – neste caso, equivalerá a "algum(ns) / alguma(s)". Refere-se, portanto, a um indivíduo ou indivíduos tomados indistintamente dentre outros da mesma espécie. Quando posposto, exercerá a função morfológica de adjetivo e apresentará geralmente sentido depreciativo.

- **Qualquer** pessoa consegue fazer isso.
  pronome indefinido
- **Quaisquer** dúvidas, dirijam-se à direção do evento.
  pronome indefinido
- Era uma pessoa **qualquer**.
  adjetivo
- Fez um curso universitário **qualquer**.
  adjetivo

- "Desculpe-me esta franqueza; mas eu prefiro ser franco com você a sê-lo com **qualquer** outra pessoa." (Machado de Assis)
- "Antes de se entregar às fadigas da guerra,
  Dizem que um dia viu **qualquer** cousa do céu:
  E achou tudo vazio..." (Olavo Bilac)

TODO

"**TODO**" é um indefinido, chamado por alguns gramáticos de "coletivo universal". Possui as flexões "toda, todos, todas". É empregado de acordo com as seguintes orientações:

a) É hodierna e frequentemente empregado no singular, sem a presença de artigo definido, com a significação de "qualquer".

- **Todo** homem pode cometer um crime impensadamente.
- "...e ficamos tão felizes que **todo** receio de perigo desapareceu." (Machado de Assis)
- "Era homem de uma honestidade a **toda** prova e de uma primitiva simplicidade no seu modo de viver." (Aluísio Azevedo)

⇨ **Observação:**

Há gramáticos – notadamente os mais antigos – que não aceitam essa acepção do pronome indefinido "todo", pois só admitem o emprego do pronome indefinido "todo" com o sentido de "totalidade".

b) Embora haja posicionamentos contrários, pode também ser empregado no singular e anteposto a substantivo precedido ou não de artigo, significando "totalidade ou cada".

- "**Todo** homem é mortal, mas o homem **todo** não é mortal". (Carlos Drummond de Andrade)
- "Em **todo** o distrito de Oliveira, note bem, em **todo** ele! não há ninguém, absolutamente ninguém, que de longe, muito de longe, se compare ao Cavaleiro em inteligência, caráter, maneiras, saber, e finura política!" (Eça de Queiroz)
- "Por **toda** a parte andava acesa a guerra." (Camões)
- "No soveral havia **todo** o gênero de caça, e Argimiro o Negro (assim se chamava o rico-homem) gostava." (A. Herculano)

⇨ **Observação:**

Há gramáticos que, nesta acepção, só defendem o sentido do pronome "todo" como "cada". Não encontramos, entretanto, apoio nos maiores conhecedores de nossa língua. Para eles, dentre os quais podemos destacar os mestres Manuel Said Ali e Mário Barreto, o pronome "todo", anteposto a um substantivo, pode ou não aparecer com o artigo.

) Emprega-se no singular e posposto a um substantivo para indicar a totalidade das partes.

- Assim que chegamos, ele nos mostrou a casa **toda**. (= a casa em sua totalidade)
- Algumas alergias afetam o corpo **todo**. (= o corpo em sua totalidade)

) Emprega-se no plural, anteposto ou posposto, para indicar a totalidade numérica.

- Usou **todas** as forças para impedir o avanço da doença.
- "Dita a palavra, apertou-me as mãos com as forças **todas** de um vasto agradecimento, despediu-se e saiu." (Machado de Assis)

) Emprega-se, acompanhando adjetivo atributivo, com o significado de "em todas as suas partes", "completamente", "muito". Nesta acepção, a palavra "todo" exerce função de advérbio e admite flexão.

- "...na sua dificílima Torre, negra entre os limoeiros e o azul, **toda** envolta no piar e esvoaçar das andorinhas." (Eça de Queiroz)
- "**Toda** assustada, quis saber o que é que me doía." (Machado de Assis)
- "O Bento, velho de face rapada e morena, com um lindo cabelo branco **todo** encarapinhado, muito limpo, muito fresco na sua jaqueta de ganga,..." (Eça de Queiroz)

Portanto, fique atento, pois podemos dizer corretamente (saliente-se que a forma flexionada, a qual concorda por atração com o substantivo, é mais comum na linguagem atual):

- A porta está **todo** / **toda** aberta.
- Ela está **todo** / **toda** cheia de alegria.
- Vimos uma casa **todo** / **toda** branca.
- A torta está **todo** / **toda** estragada.

Vejamos outros exemplos em notáveis escritores:

- "D. Felicidade acudiu, **toda** bondosa: — Deixe falar, Sr. Ledesma." (Eça de Queiroz)
- "E um dia assim! de um sol assim! E assim a esfera
  Toda azul, no esplendor do fim da primavera!" (Olavo Bilac)
- "A capela, completamente cheia, palpitava de curiosidade. Paris elegante estava **todo** ali." (Aluízio Azevedo)

TUDO

3. O pronome "TUDO" representa a forma neutra do pronome "TODO". Pode aparecer tanto como pronome substantivo quanto como pronome adjetivo. Como pronome adjetivo aparece em combinações do tipo "tudo isso, tudo aquilo, tudo o que, tudo o mais etc.". Geralmente se refere a coisas.

- "Sofrerei **tudo** por amor de ti." (Camilo Castelo Branco)
- "Vi **tudo** isto, e fiquei satisfeito." (Camilo Castelo Branco)
- "Gostava que em sua casa houvesse um pouco de **tudo**." (Aluísio Azevedo)

ALGUM

4. O pronome indefinido "ALGUM" emprega-se de acordo com as seguintes orientações:

) Anteposto ao substantivo assume frequentemente valor positivo de "qualquer, um".

- "Deste modo, viverei o que vivi, e assentarei a mão para **alguma** obra de maior tomo." (Machado de Assis)
- "Folgamos de ver que os *ingleses* já servem para **alguma** coisa entre tão eminentes estadistas." (Rui Barbosa)

) Anteposto ao substantivo, assume também o valor de "certo, um pouco de".

- Por **algum** tempo esperou a projetada expedição de D. Pedro da Cunha, que pretendeu transportar ao Brasil a coroa portuguesa." (José de Alencar)
- "Daqui a **algum** tempo, quando os entrelinhistas tiverem de celebrar as glórias do ministério 10 de março." (Rui Barbosa)

) Com valor negativo, equivale a "nenhum", quando posposto ao substantivo.

- "Mas não o leva à feira anual, nem o aplica em trabalho **algum**; deixa-o morrer de velho. Não lhe pertence." (Euclides da Cunha)
- "Esse biltre sem senso moral **algum**." (Lima Barreto)

CERTO

5. Este vocábulo só será pronome indefinido quando vier anteposto a um substantivo. Posposto ao substantivo, assume valor adjetivo, equivalendo a "verdadeiro, infalível, exato, fiel, que não falta, constante".

- "As outras escravas a contemplavam todas com certo interesse e comiseração." (Bernardo Guimarães)
  pronome indefinido
- "A questão não está em escrever uns versos certos que digam coisas bonitas." (Lima Barreto)
  adjetivo
- "Se não nos enganamos, mui mal-avisados andam certos liberais, acreditando que as reformas sinceras podem captar a boa vontade imperial." (Rui Barbosa)
  pronome indefinido

- “Seguia devagar, mas com um destino certo.” (Raul Pompéia)
  adjetivo

⇨ **Observação:**

O vocábulo “**CERTO**” apresenta também função circunstancial (adverbial). Neste caso, equivalerá a “certamente”.

- “Ora, direis, ouvir estrelas. **Certo** perdeste o senso.” (Olavo Bilac)

OUTRO

6. É um pronome, cuja indefinição se encontra fora do âmbito do falante e do ouvinte. Tal indefinição o faz equivaler a “alguém, algo”. Geralmente aparece em expressões indefinidas “um ao outro, um do outro, um para o outro”.

- “Um ou **outro** branco, levado pela necessidade de sair, atravessava a rua.” (Aluísio Azevedo)
- “Ele, Alencar, na primeira noite em que a vira, exclamara, mostrando-a a ela e às **outras**, a assinatura.” (Eça de Queiroz)

O vocábulo “outro” também pode ser empregado com valor adjetivo. Neste caso, apresentará o significado de “novo”, “diferente”, “mudado”, “semelhante”, “igual”.

- “Os brasileiros de **outras** latitudes mal o compreendem, mesmo através das lúcidas observações de Bates.” (Euclides da Cunha)

CADA

7. É um pronome indefinido invariável. Designa os seres ou grupos de seres considerados um por um. Geralmente, aparece em expressões indefinidas “cada um, cada qual”.

- “**Cada um** deles trazia à cinta dois pistoletes, um punhal na ilharga do calção, e o arcabuz passado a tiracolo pelo ombro esquerdo.” (José de Alencar)
- **Cada qual** terá a sua recompensa.
- Perdeu muito dinheiro em **cada** aposta que fez.
- “José Roberto e Sebastião Campos serviam às senhoras acompanhando com uma pilhéria **cada** prato que lhes ofereciam.” (Aluísio Azevedo)

6.3.5 PRONOMES POSSESSIVOS

São denominados possessivos os pronomes que estabelecem uma noção de posse em referência às pessoas do discurso (1.ª, 2.ª e 3.ª), isto é, designam a pessoa gramatical a quem pertence o ser.

Pronomes possessivos		
Singular	**1.ª pessoa**	meu, minha, meus, minhas
	2.ª pessoa	teu, tua, teus, tuas
	3.ª pessoa	seu, sua, seus, suas
Plural	**1.ª pessoa**	nosso, nossa, nossos, nossas
	2.ª pessoa	vosso, vossa, vossos, vossas
	3.ª pessoa	seu, sua, seus, suas

6.3.5.1 Emprego dos pronomes possessivos

1. Em geral, os pronomes possessivos adjetivos facultam a anteposição de um artigo (determinante).

- Ainda não levei **seu carro** ou **o seu carro** para o lava-jato.
- Muitos professores elogiaram **nosso projeto.** ou **o nosso projeto.**

2. Quando o pronome possessivo é empregado substantivamente, a presença do artigo ou de outro determinante que o substitua é indispensável.

- Encontrei **meu livro** ou **o meu livro**, mas não vi **o teu**.
- Este carro aqui não é mais caro que **o seu**.

3. Na língua portuguesa, os pronomes possessivos concordam com a coisa possuída e não com o possuidor.

- Eu vi todos os alunos e **seu** professor debatendo o assunto da aula no pátio da escola.
  o professor dos alunos
- A garota e e o **seu** cãozinho passeavam pela praça tranquilamente.
  cãozinho da garota

4. Geralmente não se emprega o pronome possessivo antes de nomes que indicam

“partes do corpo” ou “faculdades do espírito”.

- Ontem eu machuquei o joelho. (e não “o meu joelho”)
- João perdeu o senso. (e não “o seu senso”)
- Parece que ele perdeu a vergonha. (e não “perdeu a sua vergonha”)

5. Os pronomes “me, te, lhe, nos, vos, lhes” podem fazer as vezes de possessivos. Neste caso, eles equivalerão aos pronomes possessivos “meu, minha, teu, tua, seu, sua, nosso, vosso, dele, dela etc.”.

- Naquele momento, ferveu-**me** o sangue. (Isto é = ...ferveu o **meu** sangue.)
- O vento assanhava-**nos** os cabelos. (Isto é = O vento assanhava os **nossos** cabelos.)
- Cabelos cacheados moldam-**lhe** o rosto. (Isto é = ...moldam o rosto **dela** / ...moldam o **seu** rosto.)

⇨ **Observação:**

Esta substituição é bastante elegante do ponto de vista estilístico.

6. Os pronomes possessivos são usados, em muitos casos, para indicar afetividade, respeito, consideração.

- Sente-se, por favor, **minha** senhora.
- **Meu** ilustríssimo professor, é um grande prazer revê-lo.

7. Os possessivos “seu, sua, seus, suas” podem gerar ambiguidade quando há na estrutura oracional mais de uma terceira pessoa. Neste caso, convém substituí-los por “dele, dela, deles, delas”.

- O governo brasileiro disse ao governo argentino que **suas** exportações melhoraram nos últimos meses. *(Exportações de quem? Do governo brasileiro ou do governo argentino?)*
- João disse a Lana que **sua** prima está doente. *(Prima de quem? De João ou de Lana?)*

⇨ **Observação:**

Para evitar esse processo de ambiguidade, muitos escritores usavam os possessivos “dele, dela, deles, delas” a fim de esclarecer a relação possessória.

- “A **sua** honra **dele** não dependia dos impulsos falsos ou torpes que tivera o coração dela.” (Eça de Queiroz)

- “Ele respondia-me, a princípio com animação, depois mais frouxo, torcia a rédea da conversa para o **seu** assunto **dele**, abria um livro, perguntava-me se tinha algum trabalho novo.” (Machado de Assis)

8. Em alguns casos, a mudança de posição do pronome possessivo implicará alteração de sentido do enunciado.

- O meu livro (= posse)
- O livro meu (= minha autoria)
- suas notícias (= notícias dadas por você)
- notícias suas (= notícias sobre você)
- sua fotografia (= fotografia tirada por você)
- fotografia sua (= fotografia que tiraram de você)

9. Empregam-se alguns possessivos no plural com o sentido de “parentes”, “família”.

- Como vão os **seus?** Os **meus** continuam no interior, trabalhando nas lavouras de café.

6.3.6 OS PRONOMES RELATIVOS

São denominados de relativos os pronomes que representam um ser já expresso (antecedente). Entretanto, só isso não basta para caracterizá-los, uma vez que outros pronomes também o fazem. A principal característica do pronome relativo é servir de vínculo gramatical entre duas orações, estabelecendo uma relação de subordinação. Daí serem também chamados tais pronomes de “relativos-conjuntivos”.

Os principais pronomes relativos são:

PRONOMES RELATIVOS	
INVARIÁVEIS	**VARIÁVEIS**
que	o qual, a qual, os quais, as quais
quem	cujo, cuja, cujos, cujas
onde	quanto, quanta, quantos, quantas

⇨ **Observação:**

Funcionam também como pronomes relativos os vocábulos “como” e “quando”, quando retomam termos anteriormente mencionados.

6.3.6.1 Emprego dos pronomes relativos

QUE

É denominado de “relativo universal”, porque se refere tanto a coisas quanto a pessoas. Seus equivalentes variáveis são “a qual, o qual, as quais, os quais”. O relativo “que” só deve ser substituído por outro relativo em casos específicos.

- “Os soldados **que** tinham seguido a bandeira de Teodomiro tinham-se abalado para o combate.” (A. Herculano)
- “Ó tu, **que** tens de humano o gesto e o peito / ...” (Camões)

QUEM

No português moderno, este pronome só se refere a pessoas ou a cousas personificadas, daí ser chamado de “relativo personativo”. Com antecedente expresso, vem sempre regido por uma preposição.

- “Prezava com fanatismo o Marquês de Pombal, de **quem** sabia muitas anedotas.” (Aluísio Azevedo)
- “Isso não lhe fica bem; há por aí tanta moça bonita, a **quem** o senhor pode fazer a corte...” (Bernardo Guimarães)

⇨ **Observação:**

Em algumas orações o pronome relativo “quem” pode aparecer sem antecedente expresso. Neste caso, ele equivalerá a “aquele que”. Por equivaler – ao mesmo tempo – a um pronome demonstrativo e a um pronome relativo, o relativo “quem” é denominado de “relativo condensado”.

- **Quem** com ferro fere com ferro será ferido. (Provérbio)
  pronome relativo condensado → aquele que
- **Quem** chegou primeiro deve ter visto as modificações mais facilmente.
  pronome relativo condensado → aquele que

ONDE

É denominado de “relativo locativo”, pois só é utilizado para retomar e substituir termos que contenham a noção de “lugar”. Equivale a “em que” e variações (na qual, no qual, nas quais, nos quais). O seu antecedente, portanto, deve indicar “lugar”.

- “Mas os livros dos enciclopedistas, as fontes **onde** a geração seguinte bebera a peçonha que saiu no sangue de noventa e três, não eram de todo ignorados.” (Camilo Castelo Branco)
- “Pádua enxugou os olhos e foi para casa, **onde** viveu prostrado alguns dias, mudo,

fechado na alcova.” (Machado de Assis)

O QUAL, A QUAL, OS QUAIS, AS QUAIS

São os relativos que possuem as variações em gênero e número correspondentes ao pronome relativo “que”. Esses relativos devem obrigatoriamente substituir o “que” quando este provocar ambiguidade, for precedido por uma preposição com mais de uma sílaba ou for eufonicamente melhor.

- “Fortalecem esta tradição as opiniões dos filósofos de todas as idades e nações, **os quais** nunca puderam compreender o homem moral sem pressupor uma primitiva perfeição.” (Camilo Castelo Branco)
- “... os frecheiros lhe disparavam alguns tiros, que vinham bater-lhe na armadura, debaixo **da qual** já manava o sangue de algumas feridas.” (A. Herculano)
- “Seguiu-se um alto silêncio, durante **o qual** estive a pique de entrar na sala, mas outra força maior, outra emoção...” (Machado de Assis)

CUJO, CUJA, CUJOS, CUJAS

São relativos utilizados para substituir termos que expressam noção de posse ou de pertinência. Equivalem a “do qual, da qual, dos quais, das quais, seu, sua, seus suas, dele, dela, deles, delas”. Eles retomam um termo antecedente, mas concordam em gênero e número com o substantivo consequente (ou posposto). Não admitem a posposição de artigo e sempre exercem a função sintática de adjunto adnominal. O relativo “cujo” e suas flexões trazem implícita a preposição “de”.

- Comprei um livro cujas páginas são verdes.

Equivale a ➔
- as páginas do livro
- as páginas dele
- suas páginas
- as páginas do qual

- “Dê um destino qualquer a essa escrava, a **cujos** pés o senhor costuma vilmente prostrar-se: liberte-a, venda-a, faça o que quiser.” (Bernardo Guimarães)
- “O Freitas, em **cuja** casa Ana Rosa tivera o seu último histérico, também se achava presente, com a filha, a sua querida Lindoca.” (Aluísio Azevedo)

QUANTO, QUANTA, QUANTOS, QUANTAS

Estas palavras só serão consideradas pronomes relativos quando vierem antecedidas por um dos seguintes pronomes indefinidos “tudo, todo(a), todos(as)”. Transmitem ideia

acessória de quantidade, de intensidade ou de número.

- "Que os fiéis abandonassem todos os haveres, tudo **quanto** os maculasse com um leve traço da vaidade." (Euclides da Cunha)
- "É perfeitíssima oração sobre todas **quantas** foram feitas ou se puderem fazer a Deus." (Bartolomeu dos Mártires, *apud* Cláudio Brandão)
- "Tudo **quanto** eu pedira e ambicionara,
  Tudo meus dedos e meus olhos calmos
  Gozavam satisfeitos nos seis palmos
  De tua carne saborosa e clara." (Olavo Bilac)

COMO

É denominado de pronome relativo "modal", pois sempre apresenta como antecedente um nome denotador de "modo, maneira, forma". É facilmente substituível por "segundo o qual" ou "pelo qual", "segundo a qual" ou "pela qual".

- Desconfiamos bastante da maneira **como** ele age.
- "E acharás a maneira **como** emendes a vida." (Gil Vicente *apud* Cláudio Brandão)

QUANDO

Será pronome relativo quando possuir como antecedente um substantivo que exprima tempo ou divisões da duração, e nessa hipótese equivalerá a "em que".

- "Era no tempo alegre **quando** entrava / No roubador de Europa / a luz febeia." (Camões)
- Isso ocorreu após a década de 1970, **quando** o movimento ambientalista passou a ter um discurso mais sólido.

⇨ Observações gerais sobre os pronomes relativos:

a) Os pronomes relativos promovem a chamada "coesão referencial anafórica", pois retomam termos anteriormente mencionados.

b) Para um maior aprofundamento deste tema, sugerimos correlacionar este estudo com o estudo do "pronome relativo preposicionado", que é abordado no capítulo "regência verbal e nominal".

6.3.7 PRONOMES INTERROGATIVOS

São assim denominados os pronomes "**que**, **quem**, **qual** e **quanto**", quando empregados em orações interrogativas diretas e indiretas. Tais pronomes se referem a pessoa ou a coisa desconhecida.

- "**Qual**, de entre tantos Orfeus que a gente por aí vê e ouve, foi o que obrou a maravilha?" (A. Garrett)
- "**Quantos** pobres galileus não fez ele matar sem licença do tetrarca?" (Eça de Queiroz)
- "**Quem** nos derrama a bela claridade?
  Quem tantas trevas sobre o mundo chove?" (Durão *apud* Sousa da Silveira)
- "Quis saber **quem** eram os meus pais?" (Machado de Assis)

⇨ **Observações sobre os pronomes interrogativos:**

a) O pronome interrogativo "qual" é usado para distinguir uma pessoa, uma coisa ou uma qualidade dentre várias existentes.

- "Dizei-me: qual é mais poderosa, a graça ou a natureza?" (Vieira, *apud* Sousa da Silveira)

b) Embora seja condenado por renomados estudiosos da língua portuguesa, o emprego da forma interrogativa "o que" é largamente usado em nossa língua.

- "O que está naquela arca?" (A. Herculano)
- "Reis da terra, o que sois?" (Gonçalves Dias)

6.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (TER-RO) Observe as frases:

I. A língua portuguesa foi a que chegou até _____ através de gerações.
II. Não basta _____ querer que a grafia coincida com a pronúncia; é preciso a reforma.
III. Torna-se muito complicado para _____ acompanhar essa mudança.
IV. Para _____, unificar a grafia é impossível.
V. Deixaram alguns pontos para _____ estudar.
A opção que completa corretamente as frases é:

a) eu – eu – eu – mim – mim
b) eu – eu – mim – eu – mim
c) mim – eu – eu – mim – eu
d) mim – eu – mim – mim – eu
e) mim – a mim – mim – eu – mim

2. (TELERJ) Assinale a opção em que o emprego dos pronomes pessoais está de acordo com a norma culta da língua:

a) Entre o chefe e eu há confiança mútua.
b) Para eu, vencer na empresa é fundamental.
c) Vim falar consigo sobre o debate de amanhã.
d) Já lhe avisei do ocorrido na empresa.
e) esta linha telefônica vai de mim a ti.

3. (TRE-MT) A alternativa em que o emprego do pronome pessoal **não** obedece à norma culta portuguesa é:

a) Fizeram tudo pra eu ir lá.
b) Ninguém lhe ouvia as queixas.
c) O vento traz consigo a tempestade.
d) Trouxemos um presente para si.
e) Não vá sem mim.

4. (TER-MT) A substituição do termo destacado por um pronome pessoal está **correta** em todas as alternativas, **exceto** em:

a) O governo deu ênfase **às questões econômicas**.
O governo deu ênfase **a elas**.
b) Os ministros defenderam **o plano de estabilização**.
Os ministros defenderam-**no**.
c) A companhia recebeu **os avisos**.
A companhia recebeu-**os**.
d) Ele diz **as frases** em tom bem baixo.
Ele diz-**las** em tom bem baixo.
e) Ele se recusa a dar **maiores explicações**.
Ele se recusou a dá-**las**.

5. (TER-MT) A lacuna da frase “A situação _____ aspiro começou a se delinear” é preenchida, de acordo com a norma culta, por:

a) onde
b) cujo
c) a que
d) que

e) a qual

6. (TRT-SP) As mulheres _____ olhos brilham, não são dignas de confiança.
O lugar _____ moro é muito arejado.
É um cidadão _____ honestidade se pode confiar.

a) cujos os – que – em que
b) cujos – em que – em cuja
c) cujos – em que – cuja
d) cujos os – em que – cuja a
e) cujos – que – em cuja

7. (TRT-SP) Assinale a alternativa incorreta quanto ao emprego do pronome pessoal **si**:

a) Madalena queria a mãe junto de si.
b) Quando voltou a si, não se lembrava de nada.
c) Meu filho será confiante em si mesmo.
d) Ofereço esse presente para si.
e) Vivem brigando entre si.

8. (TRT-SP) Assinale a alternativa em que o pronome **lhe** tem valor possessivo:

a) Caiu-lhe nas mãos um belo romance de José de Alencar.
b) Dei-lhe indicações completamente seguras.
c) Basta-lhe uma palavra apenas.
d) Seus amigos escreveram-lhe um singelo poema.
e) Informaram-lhe o resultado da prova realizada ontem.

9. (MPE-SP) Assinale a alternativa em que a junção das duas orações abaixo está correta quanto ao emprego do pronome relativo e à regência do verbo:

I. "Central do Brasil" é o filme.

II. Eu me referi ao diretor do filme "Central do Brasil".

a) "Central do Brasil" é o filme a cujo diretor eu me referi.
b) "Central do Brasil" é o filme que o diretor eu me referi.
c) "Central do Brasil" é o filme sobre cujo diretor eu me referi.
d) "Central do Brasil" é o filme de cujo diretor eu me referi.
e) "Central do Brasil" é o filme de qual diretor eu me referi.

10. (MPU) “Todos têm direito a receber dos órgãos públicos informações de seu interesse particular, ou de interesse coletivo ou geral, que serão prestadas no prazo da lei, sob pena de responsabilidade, ressalvadas aquelas _____ sigilo seja imprescindível à segurança da sociedade e do Estado.”

a) cujo
b) de cujo
c) a cujo
d) sem cujo
e) por cujo

GABARITO

1 – D	2 – E	3 – D
4 – D	5 – C	6 – B
7 – D	8 – A	9 – A
10 – A		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 7

VERBO

7.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Passaremos a estudar um dos assuntos mais longos da gramática normativa – o verbo. Provavelmente você, estudante, deparar-se-á com um sem-número de informações, detalhes, características, exceções etc., etc., os quais fazem deste assunto um dos mais temidos da gramática. Sugerimos, portanto, estudá-lo aos poucos. Saliento: não se trata de um assunto difícil. É apenas um assunto longo e cheio de detalhes. É essencial, portanto, estudá-lo mais de uma vez. Procure também resolver todos os exercícios propostos ao final do capítulo. A resolução vai reforçar seu aprendizado.

Outrossim, é fundamental que você se preocupe bastante com alguns pontos que são frequentemente explorados pelos concursos: emprego dos tempos e dos modos verbais, correlação dos tempos e modos verbais e conjugação verbal – notadamente de alguns verbos.

Como já disse, estude o assunto aos poucos. Anote a data em que estudou cada ponto, pois ela certamente servirá como balizamento para que você saiba o momento certo de revisar o assunto. Sugiro também que correlacione o estudo da "voz passiva" com o assunto "conversão da voz ativa em passiva", estudado em sintaxe de oração.

Vamos lá... Mãos à obra!!

7.2 DEFINIÇÃO

Observe atentamente os períodos abaixo:

- O Brasil **jogará** contra a Argentina no domingo. (→ indica uma ação futura)
- A vida **seria** fácil se não fossem as dificuldades. (→ indica um estado)
- Na próxima madrugada, **nevará** em Caxias do Sul. (→ indica um fato, um fenômeno)
- João **fuma** bastante. (→ indica um fato habitual, frequente)

Todos os termos em negrito acima são verbos.

Em sentido estrito, verbo é, pois, uma palavra variável capaz de exprimir "uma ação, um estado, um fenômeno da natureza ou um fato".

Entretanto, esta definição é viciosa, visto que os substantivos também apresentam caracteres dos mesmos fenômenos. Basta comparar "digerir e digestão", "correr e corrida", "despedaçar e despedaçamento". Portanto, a diferença entre os nomes substantivos e os nomes verbais reside na quantidade de flexões que um e outro apresenta. Por isso, consideramos a melhor definição para "verbo" a que foi proposta pelo professor José Oiticica, em seu "Manual de análise léxica e sintática":

Verbo é o nome flexionado em modo, tempo, número e pessoa, isto é, a palavra variável que apresenta o maior número de flexões na língua portuguesa.

7.3 ELEMENTOS ESTRUTURAIS DO VERBO

São os seguintes os elementos mórficos formadores do verbo: radical, vogal temática, tema e desinências modo-temporal e número-pessoal. Nem todas as formas verbais, contudo, apresentam todos esses elementos. Daí ser importante distinguir minimamente o "radical" da "terminação verbal". Analisemos as formas verbais "cantássemos, venderemos e partíramos".

RADICAL	VOGAL TEMÁTICA	TEMA	DESINÊNCIA MODO-TEMPORAL	DESINÊNCIA NÚMERO-PESSOAL
cant	a	**canta**	sse	mos
vend	e	**vende**	re	mos
part	i	**parti**	ra	mos

7.3.1 RADICAL

É o elemento mórfico verbal principal, pois contém a significação do verbo. Nos verbos, o radical representa a parte imutável, que traz consigo a semântica verbal. Geralmente, obtém-se o radical com a supressão da vogal temática e da desinência do infinitivo "-r". Observe:

- cantar → cant (radical) – ar
- vender → vend (radical) – er
- partir → part (radical) – ir

7.3.2 VOGAL TEMÁTICA

É o elemento mórfico vocálico que se junta ao radical para formar o tema verbal. Nos verbos, a vogal temática situa-se entre o radical e a desinência do infinitivo impessoal "-r". A vogal temática indicará a que conjugação pertence o verbo. Portanto:

a) A vogal temática "-a" indicará os verbos pertencentes à 1.ª conjugação:

- cant**A**r
- am**A**r
- su**A**r
- lav**A**r
- afast**A**r
- habit**A**r

b) A vogal temática "-e" indicará os verbos pertencentes à 2.ª conjugação:

- vend**E**r
- beb**E**r
- cont**E**r
- lamb**E**r
- viv**E**r
- condiz**E**r

c) A vogal temática "-i" indicará os verbos pertencentes à 3.ª conjugação:

- sa**I**r
- part**I**r
- reflet**I**r
- sorr**I**r
- ped**I**r
- agred**I**r

⇨ **Observação:**

No presente do subjuntivo e nos tempos dele derivados, não há vogal temática.

7.3.3 TEMA

É o conjunto formado pelo radical mais a vogal temática. Nos verbos, basta a retirada da desinência do infinitivo impessoal "-r" para se obter o tema.

- falar → $\underbrace{\text{fala}}_{\text{tema}}$ – r
- caber → $\underbrace{\text{cabe}}_{\text{tema}}$ – r
- abrir → $\underbrace{\text{abri}}_{\text{tema}}$ – r

7.3.4 DESINÊNCIAS

São elementos mórficos que se acoplam ao tema ou à forma infinita do verbo para indicar as flexões de modo, tempo, número e pessoal. Há em português duas desinências verbais:

a) Desinência modo-temporal → Indica o modo (indicativo, subjuntivo ou imperativo) e o tempo (presente, passado ou futuro) em que se encontra o verbo.

- cantá**va**mos → cantá – **VA** – mos (desinência que indica o "pretérito imperfeito do indicativo")
- falá**sse**mos → falá – **SSE** – mos (desinência que indica o "pretérito imperfeito do subjuntivo")
- partir**ía**mos → partir – **ÍA** – mos (desinência que indica o "futuro do pretérito do indicativo")

⇨ **Observação:**

Nem todas as formas verbais apresentam a desinência modo-temporal. Esta desinência inexiste no presente e no pretérito perfeito do indicativo.

b) Desinência número-pessoal → Indica o número (singular ou plural) e a pessoa (1.ª, 2.ª ou 3.ª) em que o verbo se encontra.

- cantastes → cantas – **TES** (desinência que indica a 2.ª pessoa do plural – vós)
- vendêssemos → vendêsse – **MOS** (desinência que indica a 1.ª pessoa do plural – nós)
- partiriam → partiri – **AM** (desinência que indica a 3.ª pessoa do plural – eles/elas)

7.4 FLEXÕES DO VERBO

Como já vimos em sua definição, o verbo é a palavra em língua portuguesa que apresenta o maior número de flexões. Ao conjunto de flexões de um verbo dá-se o nome de "**conjugação**".

O verbo apresenta as seguintes flexões: pessoa, número, modo e tempo.

7.4.1 FLEXÕES DE PESSOA E DE NÚMERO

Em relação à pessoa, o verbo apresenta as flexões relacionadas ao ser que lhe serve de sujeito. No que diz respeito ao número, o verbo pode-se apresentar tanto no singular (eu, tu e ele/ela) quanto no plural (nós, vós, eles/elas). Logo, teremos as seguintes flexões:

a) 1.ª pessoa – diz respeito ao falante, tanto no singular (eu) quanto no plural (nós).

1.ª PESSOA	

SINGULAR (EU)	PLURAL (NÓS)
canto	cantamos
bebo	bebemos
parto	partimos

b) 2.ª pessoa – diz respeito ao ouvinte, tanto no singular (tu) quanto no plural (vós).

2.ª PESSOA	
SINGULAR (TU)	PLURAL (VÓS)
cantas	cantais
bebes	bebeis
partes	partis

c) 3.ª pessoa – diz respeito àquele(s), àquela(s), àquilo de que se fala, tanto no singular (ele/ela) quanto no plural (eles/elas).

3.ª PESSOA	
SINGULAR (ELE/ELA)	PLURAL (ELES/ELAS)
canta	cantam
bebe	bebem
parte	partem

7.4.2 FLEXÕES DE MODO

As flexões de modo dizem respeito às formas assumidas pelo verbo para indicarem certos estados de espírito em relação ao fato ou estado expressos por ele, ou seja, mostram a atitude (certeza, dúvida, ordem etc.) da pessoa que fala em relação ao fato anunciado.

Em português, três são os modos verbais: **indicativo, subjuntivo e imperativo**.

Esses modos compõem as chamadas “formas finitas do verbo”, em oposição ao infinitivo, o qual com o gerúndio e o particípio compõem as “formas infinitas do verbo” ou “formas nominais do verbo”, as quais estudaremos mais adiante.

7.4.2.1 Modo indicativo

O modo indicativo é o modo da realidade: serve para enunciar um fato ou um estado verdadeiros ou supostos verdadeiros, em orações independentes ou dependentes, declarativas, interrogativas ou exclamativas, quer afirmando, quer negando.

De acordo com o insigne mestre Augusto Epifânio da Silva Dias, "o indicativo é empregado em todas as orações para as quais não há regra que exija outro modo".

- "Que acusação **trazeis** contra este homem?" (Rui Barbosa)
- "Quem **canta** seus males **espanta**." (Provérbio)
- "Em certos pontos não se **encontrava** viva alma na rua; (...); só os pretos **faziam** as compras para o jantar ou **andavam** no ganho." (Aluísio Azevedo)

7.4.2.2 Modo subjuntivo

O modo subjuntivo (antigo "modo conjuntivo") é o modo próprio da incerteza, da possibilidade, da dúvida, da futuridade, da vontade, do desejo, da esperança, da suposição, da concessão. De fato, são muitas as ideias significadas pelo subjuntivo.

A despeito de aparecer em orações independentes, o subjuntivo é próprio das orações dependentes, isto é, do processo subordinado, como o próprio nome já o diz – "subjuntivo = latim, *subjunctivus* = que liga, que une, que subordina".

- "Queimado **sejas** tu e teus enganos /
  Amor escandaloso, mau, cruel." (Camões)
- "Eu vou para Coimbra logo que **esteja** bom, e a menina da cidade fica em sua casa." (Camilo Castelo Branco)
- "Não me parece bonito que o nosso Bentinho **ande** metido nos cantos com a filha do Tartaruga." (Machado de Assis)

Em virtude dos diversos matizes semânticos que manifesta, o subjuntivo pode apresentar-se nos seguintes casos:

a) Subjuntivo optativo – exprime um desejo, um voto, um vaticínio, uma profecia.

- "– Ah! que eu não **sirva** senão para perturbar-lhe o sossego! – murmurou Isaura retirando-se." (Bernardo Guimarães)
- "Ah, se os que se têm por felizes **reparassem** bem nesta última cláusula." (Pe. Antônio Vieira)

b) Subjuntivo exortativo – exprime um conselho, uma exortação.

- "**Desprezemos** na terra a morte para alcançarmos no céu a imortalidade." (Heitor Pinto)
- "**Ore** eu em língua que entendo, e logo o sentido das palavras se fará sentir nos afetos."

(Manuel Bernardes)

c) **Subjuntivo invitatório** – exprime um convite, uma requisição para comparecimento.

- "**Fujamos** para o deserto / **vivamos** ali sozinhos." (Gonçalves Dias)
- "Vinde, pois, e **gozemos** dos bens que existem, e **façamos** a toda a pressa uso da criatura como na mocidade." (Pereira de Figueiredo)

d) **Subjuntivo imperativo** – expressa ordem, mando, preceito e proibição.

- "**Continuemos** o ato de fé dos cristãos." (Pe. Antônio Vieira)
- "**Meça-se**, pois, cada um consigo e **ajuste** as suas ações com as suas forças e seu poder." (Manuel Bernardes)

e) **Subjuntivo deprecativo** – expressa um pedido, uma súplica.

- "Pelo excessivo amor com que nos amastes, que nos **comuniques** vossa graça, Senhor." (Pe. Antônio Vieira)
- "Por Deus, que **partas**." (A. Herculano)

f) **Subjuntivo concessivo** – expressa uma concessão, uma permissão em relação a um outro fato.

- "**Seja** como for, a 27 de fevereiro de 1641, partiram da Bahia o filho do vice-rei e os seus dois companheiros." (J. F. Lisboa)
- "**Seja** ou não **seja** aquele o homem, **tenha** as diferenças que quiser e quantas quiser, ele chegará ao ponto da morte." (Manuel Bernardes)

g) **Subjuntivo potencial** – exprime um fato possível ou provável. Geralmente aparece com os dubitativos "talvez, quiçá".

- "Talvez **chore** ao domingo o que ri à quinta-feira." (Provérbio)
- "Bem, talvez assim lho **ordenassem**." (A. Herculano)

h) **Subjuntivo supositivo** – exprime uma hipótese, uma condição, uma suposição. Aparece em orações coordenadas sindéticas alternativas introduzidas pelas conjunções "ou... ou, ora.. ora, quer.. quer..., seja... seja... etc.".

- "Se não entendeis o que diz, ou o **leiais** ou não **leiais**, ou **rezeis** ou não **rezeis**, tanto importa o vosso breviário aberto como fechado." (Pe. Antônio Vieira)
- "Os indivíduos que começavam a vida marítima, quer **estivessem** nos primeiros da

juventude, quer **fossem** homens feitos, eram, durante quatro anos, livres de todos os tributos e encargos." (A. Herculano)

7.4.2.3 Modo imperativo

O modo imperativo serve para expressar uma ordem, um preceito, um conselho, uma exortação, um pedido, um convite.

- "Agora **escutai** e **respondei** sinceramente às minhas perguntas." (A. Herculano)
- "**Guardai** o meu sábado, porque ele deve ser santo para vós." (Bíblia Sagrada)
- "O pão nosso de cada dia nos **dai** hoje." (Bíblia Sagrada)

7.4.2.3.1 Formação do modo imperativo

O modo imperativo é por inteiro um modo derivado: ora do presente do indicativo, ora do presente do subjuntivo. São, portanto, estes dois últimos tempos modais que formam o imperativo, o qual se divide em "imperativo afirmativo" e "imperativo negativo".

1. **Imperativo afirmativo** → Forma-se tanto do presente do indicativo ("tu" e "vós" com a retirada da letra "s") quanto do presente do subjuntivo ("você", "nós" e "vocês").

Observe a formação do modo imperativo dos verbos VIVER e IR:

PRESENTE DO INDICATIVO		IMPERATIVO AFIRMATIVO		PRESENTE DO SUBJUNTIVO
vivo		–		viva
vives	→	**VIVE (tu)**		vivas
vive		**VIVA (você)**	←	viva
vivemos		**VIVAMOS (nós)**	←	vivamos
viveis	→	**VIVEI (vós)**		vivais
vivem		**VIVAM (vocês)**	←	vivam

PRESENTE DO INDICATIVO		IMPERATIVO AFIRMATIVO		PRESENTE DO SUBJUNTIVO
vou		–		vá
vais	→	**VAI (tu)**		vás
vai		**VÁ (você)**	←	vá
vamos		**VAMOS (nós)**	←	vamos
ides	→	**IDE (vós)**		vades

vão		**VÃO (vocês)**	←	vão

2. Imperativo negativo → É extraído totalmente do presente do subjuntivo. Conjuga-se com a anteposição do advérbio negativo "não".

PRESENTE DO SUBJUNTIVO		IMPERATIVO NEGATIVO
viva		–
vivas	→	**não VIVAS (tu)**
viva	→	**não VIVA (você)**
vivamos	→	**não VIVAMOS (nós)**
vivais	→	**não VIVAIS (vós)**
vivam	→	**não VIVAM (vocês)**

PRESENTE DO SUBJUNTIVO		IMPERATIVO NEGATIVO
vá		–
vás	→	**não VÁS (tu)**
vá	→	**não VÁ (você)**
vamos	→	**não VAMOS (nós)**
vades	→	**não VADES (vós)**
vão	→	**não VÃO (vocês)**

⇨ Observações importantes:

a) O imperativo, por ser um modo de referência direta à 2.ª pessoa, não apresenta para a 3.ª pessoa os pronomes "ele, ela, eles, elas". Devemos substituir o pronome da 3.ª pessoa (ele, ela, eles, elas), por "você, vocês" (pessoa com quem ou a quem se fala).

b) O modo imperativo exprime "ordem, súplica, pedido ou convite". Ora, como ninguém vai ordenar, suplicar, pedir ou convidar a si mesmo, não existe a 1.ª pessoa do singular no modo imperativo.

c) Os verbos terminados em "-zer", como "fazer, trazer, dizer" e seus derivados, são abundantes na 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo, já que com tais verbos pode-se dizer indistintamente "**faze** ou **faz**, **traze** ou **traz**, **dize** ou **diz**" etc.

7.4.3 FLEXÕES DE VOZ

Chama-se **voz** o aspecto verbal caracterizado pelo papel que exerce o sujeito em relação à ação expressa.

Em português, o sujeito poderá:

a) praticar a ação → diz-se então que a voz é **ATIVA**;
b) sofrer a ação → diz-se então que a voz é **PASSIVA**;
c) praticar e sofrer a ação → diz-se então que a voz é **REFLEXIVA** ou **MEDIAL**.

7.4.3.1 A voz ativa

É a voz mais comum na língua pátria. É aquela usada frequentemente nos discursos dissertativos por apresentar o fato de forma mais clara, mais objetiva, mais direta. Ela indica que o sujeito é o ser agente, ativo da ação verbal.

- "Esse infeliz moço, contra quem o senhor **solicita** desvairadas violências, **conserva** a honra na altura da sua imensa desgraça." (Camilo C. Branco)
- "O Sol a pino **dardeja** raios de fogo sobre as areias natais; as aves **emudecem**; as plantas **languem**." (José de Alencar)

7.4.3.2 A voz passiva

É a voz verbal usada quando se deseja enfatizar que o sujeito é o objeto da ação verbal.

Há na língua portuguesa duas formas de se expressar a voz passiva:

a) **Voz passiva analítica** → formada geralmente pelos auxiliares "ser e estar" mais um particípio.

- O carro **foi deixado** na porta da oficina pelo próprio dono.
- Durante muito tempo, a casa **esteve cercada** por policiais.

b) **Voz passiva sintética ou pronominal** → formada por um verbo transitivo direto ou verbo transitivo direto e indireto associado a um "se".

- **Entregaram-se** os diplomas a todos os formandos.
- **Compraram-se** vários livros para serem doados aos meninos do orfanato.

⇨ **Observação:**

Para aprofundar o conhecimento sobre a voz passiva, sugerimos consultar, em sintaxe, a parte que trata sobre o agente da passiva.

7.4.3.3 A voz reflexiva ou medial

Ocorre a voz reflexiva quando o sujeito é, ao mesmo tempo, o agente e o paciente da ação verbal. Observe:

- "Leôncio **sentiu-se** esmagado, e arrependeu-se mil e uma vezes de ter provocado tão imprudentemente aquele leviano e estouvado rapaz." (Bernardo Guimarães)
- "A ideia de que ela **se enfeitava** para outro homem irritava-me a ponto que estive para **precipitar-me** e espedaçar, arrancando-lhe do corpo, as galas que a cobriam." (José de Alencar)

A voz reflexiva se divide em "**reflexiva propriamente dita**" – aquela em que o mesmo sujeito que pratica a ação é o seu recebedor, e "**reflexiva recíproca**" – aquela em que a ação é praticada mutuamente pelos seres envolvidos pelo sentido verbal; diz-se, portanto, que, neste último caso, houve ação mútua ou correspondente. Observe:

- A menina **se penteava** em frente ao espelho. = Penteava a si mesma. → **Voz reflexiva propriamente dita**.
- As meninas **se agrediram** durante o jogo. = Agrediram umas às outras. → **Voz reflexiva recíproca**.
- Durante a festa, dois convidados **se suicidaram**. = Suicidaram a si mesmos. → **Voz reflexiva propriamente dita.**
- Na festa, os convidados mal **se cumprimentavam**. = Cumprimentavam uns aos outros. → **Voz reflexiva recíproca.**

7.4.3.4 Possíveis ambiguidades com as vozes passiva e reflexiva

Em algumas situações, o emprego do pronome "se" associado a verbos transitivos pode ocasionar ambiguidade por não se saber se se trata de voz reflexiva ou de voz passiva sintética, notadamente quando o sujeito é animado, isto é, agente. Observe:

- As crianças enganam-se com facilidade.

→ **Pode-se desdobrar em:**

a) As crianças enganam umas às outras com facilidade. (se = pronome reflexivo recíproco)

OU

b) As crianças são enganadas com facilidade. (se = partícula apassivadora)

Vejamos um outro exemplo:

- Aclamou-se ele representante da turma.

→ **Pode-se desdobrar em:**

a) Ele aclamou a si mesmo representante da turma. (se = pronome reflexivo)

OU

b) Ele foi aclamado representante da turma. (se = partícula apassivadora)

Para esses casos, deve-se evitar a construção com o "se" e adotar, se se quiser expressar a voz reflexiva, as expressões "a si mesmo, a mim mesmo, uns aos outros, umas às outras". Caso se queira expressar a voz passiva, deve-se optar pela forma analítica, com verbo auxiliar e particípio.

Igualmente ambíguas são algumas estruturas reflexivas, pois podem tanto expressar voz reflexiva propriamente dita quanto voz reflexiva recíproca. Observe:

- Pedro e João feriram-se.

→ **Pode-se desdobrar em:**

a) Pedro e João feriram um ao outro. (se = pronome reflexivo recíproco)

OU

b) Pedro e João feriram a si próprios. (se = pronome reflexivo propriamente dito)

Assim, os verbos reflexos e recíprocos, em algumas construções, se confundem. Para desfazer possíveis ambiguidades, é necessário juntarem-se ao verbo recíproco as expressões "*reciprocamente, um ao outro, uns aos outros, uma à outra, umas às outras*", e ao verbo reflexivo "*a si próprio, a nós próprios, a vós próprios* etc.".

- "Todavia, os virtuosos nem sequer o imaginavam, porque não perceberiam como, tranquila a consciência e repousada a vida, um coração pode devorar-se a si próprio." (A. Herculano)
- "E sentiu diante dos olhos aquela massa informe de machos e fêmeas, a comichar, a fremir concupiscente, sufocando-se uns aos outros." (Aluísio Azevedo)
- "Dignidade de quem se despreza a si mesma!... O que é este corpo que lhes mostrei há pouco, e que lhes tenho mostrado tantas vezes!" (José de Alencar)
- "Outra coisa ainda: se nos batermos aqui, podemos incomodar-nos reciprocamente; porque pretendo matar-vos, e creio que o mesmo desejo tendes a meu respeito." (José de Alencar)

7.4.4 FLEXÕES DE TEMPO

Os tempos são as épocas da duração em que se realiza a ação ou o fato enunciado pelo verbo. Em português, tais épocas, indicadas por flexões próprias, são três: o presente, o passado (pretérito) e o futuro.

Observe o diagrama abaixo:

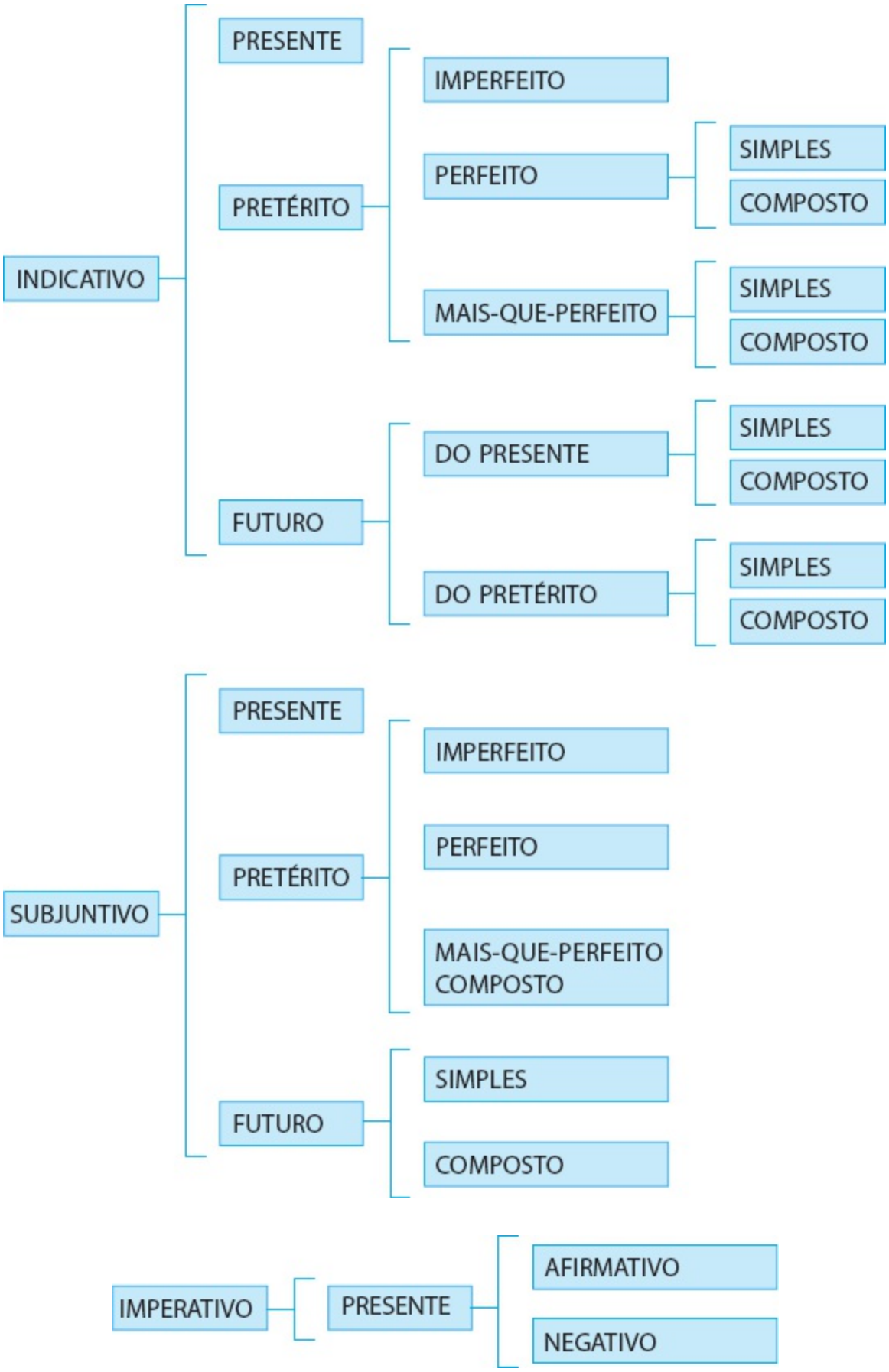

7.4.4.1 Emprego dos tempos verbais simples

Antes de estudarmos os tempos verbais, convém esclarecer que, em nosso português, há tempos primitivos e tempos derivados. Só três tempos em nossa língua são primitivos, dos quais todos os demais se originam. São eles: **o presente do indicativo** (1.ª e 2.ª pessoas), **o pretérito perfeito do indicativo** (2.ª pessoa) e **o infinitivo impessoal.**

a) Do presente do indicativo derivam:

- Pretérito imperfeito do indicativo → falava, bebia, partia.
- Presente do subjuntivo → fale, beba, parta.
- Imperativo → fala, bebe, parte.

b) Do pretérito perfeito do indicativo derivam:

- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo → falara, bebera, partira.
- Pretérito imperfeito do subjuntivo → falasse, bebesse, partisse.
- Futuro do subjuntivo → falar, beber, partir.

c) Do infinitivo impessoal derivam:

- Futuro do presente do indicativo → falarei, beberei, partirei.
- Futuro do pretérito do indicativo → falaria, beberia, partiria.
- Infinitivo pessoal → falarem, beberem, partirem.
- Gerúndio → falando, bebendo, partindo.
- Particípio → falado, bebido, partido.

7.4.4.1.1 Tempos do modo indicativo

1. Presente do indicativo

A regra geral manda empregar o presente do indicativo para indicar uma ação atual, que se realiza no momento em que se fala.

- O Brasil **joga** contra a Argentina.
- A torcida **grita** o nome do artilheiro.

⇨ **Observação:**

Em muitas situações, para que não haja confusão entre a designação do que costuma acontecer e o que está acontecendo, é preferível usar-se uma construção perifrástica (locução verbal) composta do verbo “estar” com infinitivo precedido da preposição “a”

(construção mais corrente em Portugal) ou com o gerúndio.

- João está a ler (ou lendo). → É melhor do que "João lê."

Emprega-se também o presente do indicativo:

a) Para indicar uma ação habitual, corriqueira, um fato real, uma verdade – neste caso, é chamado de "presente habitual ou presente iterativo":

- João **fuma**.
- O sol **aquece** a Terra.
- A lei lhe **garante** esse direito.

b) Em narrativas, no lugar do pretérito perfeito, para indicar maior realidade ao fato (é como se o narrador estivesse presente naquele momento presenciando os fatos) – é o denominado "presente histórico":

- Em 1.º de setembro de 1939, Hitler **invade** a Polônia.
- "Napoleão **chega** a Waterloo, **dispõe** as tropas, **trava** combate e **é** vencido". (Napoleão Mendes de Almeida)

c) Para indicar fatos e ideias que, embora situados no passado, podem ser de algum modo considerados presentes:

- Jesus Cristo **considera** a si mesmo o único caminho e a única verdade.
- "São Bernardo **chama** à ociosidade madrasta das virtudes." (A. Herculano)

d) Para indicar uma ação em um futuro próximo (nesse caso vem geralmente cercado de algum adjunto adverbial de tempo):

- Amanhã ele **vai** para a nova escola.
- Na próxima semana, **sigo** para a Europa.
- **Volto** amanhã.

e) Para suavização da mensagem, emprega-se no lugar do imperativo afirmativo:

- Para evitar problemas, o senhor **fica** à espera do médico e **fala** para ele todos os seus incômodos.
- O senhor **aguarda** na recepção a sua chamada.

2. Pretérito perfeito do indicativo

Como regra geral, emprega-se o pretérito perfeito para indicar uma ação que teve início e fim no passado, ou seja, aplicamos este tempo para acontecimentos que se deram como simples momentos históricos.

- “A Espanha romano-germânica **transformou-se** na Espanha rigorosamente moderna no terrível cadinho da conquista árabe.” (A. Herculano)
- A libertação dos escravos **foi** um marco para o Brasil.
- “Amou, **perdeu-se**, e **morreu** amando.” (Camilo Castelo Branco)

Emprega-se também o pretérito perfeito:

a) Para noticiar o que é fato consumado no momento em que falamos – é o denominado “pretérito absoluto”:

- O Brasil **ganhou** uma medalha de ouro na natação.
- “Se D. Rita lhe censura a indigna eleição que faz, Simão zomba das genealogias, e mormente do general Caldeirão que **morreu** frito.” (Camilo Castelo Branco)

3. Pretérito imperfeito do indicativo

Como regra geral, emprega-se o pretérito imperfeito do indicativo para exprimir a continuação ou repetição de uma ação que teve início no passado, isto é, o pretérito imperfeito indica uma ação verbal passada, mas inacabada, não concluída – daí o nome “imperfeito”.

- “Antônio Maciel **andava** sem rumo certo, de um pouso para outro, indiferente à vida e aos perigos, alimentando-se mal e ocasionalmente, dormindo ao relento à beira dos caminhos, numa penitência demorada e rude...” (Euclides da Cunha)
- “Campos ainda lhe conheceu a mãe, cujo retrato, encaixilhado com o do pai, **figurava** na sala, e **falava** de ambos com saudades longas e suspiradas.” (Machado de Assis)

Emprega-se também:

a) Em narrativas, para a descrição de cenas, pessoas, fatos ou coisas no passado:

- “Alguns defeitos **tinha**; o mais excelso deles **era** ser guloso, não propriamente glutão; **comia** pouco, mas **estimava** o fino e o raro, e a nossa cozinha, se **era** simples, era menos pobre que a dele.” (Machado de Assis)
- “O magistrado desenrugou a severidade postiça da testa, e confessou tacitamente que **era** brutal e estúpido juiz.” (Camilo Castelo Branco)

b) Em narrativas, para a indicação de tempo, de época, de momento:

- “O ano é que é um tanto remoto, mas eu não hei de trocar as datas à minha vida só para agradar às pessoas que não amam histórias velhas; o ano **era** de 1857.” (Machado de Assis)

c) Para indicar uma ação passada que, simultânea a outra ação também no passado, ocorreu em primeiro lugar:

- "Quando ele entrou na sala, tinha acabado, mas **estava** ainda ao piano, ante um folheto de músicas aberto, a soletrar para si." (Machado de Assis)
- "As sombras doces **vestiam** os campos quando ela chegou à beira do lago." (José de Alencar)

4. Pretérito mais-que-perfeito simples

Como regra geral, emprega-se o pretérito mais-que-perfeito simples para indicar uma ação no passado anterior a outra ação no passado – representa, por assim dizer, o "passado do passado".

- Quando chegou à empresa, o diretor já **saíra**.
- "O general **falara** um pouco alto e os jovens oficiais que estavam próximo olharam-no com mal disfarçada censura." (Lima Barreto)

Emprega-se também:

a) No lugar do pretérito perfeito em construções descritivas, geralmente para indicar uma ação passada em relação às ações passadas perceptíveis pelo contexto:

- "Fisicamente Jorge nunca se **parecera** com ela. **Fora** sempre robusto, de hábitos viris. Tinha os dentes admiráveis de seu pai, os seus ombros fortes. De sua mãe **herdara** a placidez, o gênio manso." (Eça de Queiroz)
- "– Oh! maldição! – **exclamara** Leôncio, arrancando os cabelos em desespero, depois que **ouvira** dos lábios de Álvaro aquele arresto esmagador." (Bernardo Guimarães)

b) Em linguagem literária, no lugar do pretérito imperfeito do subjuntivo e do futuro do subjuntivo:

- "E se Deus não **cortara** a carreira ao sol com a interposição da noite, fervera e abrasara-se a terra." (Pe. Antônio Vieira)
- "Senhor, se tu **houveras** estado aqui, não **morrera** meu irmão." (Pe. Antônio Vieira)

c) Em frases exclamativas e optativas (que exprimem desejo), para acentuar-lhes o caráter hipotético, condicionante:

- "Quem **dera** pudesse o homem compreender todos os mistérios da natureza!"
- "– Quero isto limpo! bramava furioso. Está pior que um chiqueiro de porcos! Apre! **Tomara** que a febre amarela os lamba a todos! maldita raça de carcamanos!" (Aluísio Azevedo)

5. Futuro do presente simples

Como regra geral, emprega-se o futuro do presente do indicativo para indicar um fato posterior (futuro) ao momento em que se fala.

- "**Dir-me-ão** que deste modo, o nosso papel é mais heróico. **Responderei** que o delas é angélico, e, entre anjos e heróis, pelos anjos será sempre o meu voto." (Rui Barbosa)
- "Meu pai diz que me vai encerrar num convento por tua causa. **Sofrerei** tudo por amor de ti. Não me esqueças tu, e **achar-me-ás** no convento, ou no céu, sempre tua do coração, e sempre leal. Parte para Coimbra. Lá **irão** dar as minhas cartas; e na primeira te **direi** em que nome hás de responder à tua pobre Teresa". (Camilo Castelo Branco)

Emprega-se também:

a) No lugar do presente do indicativo, em frases dubitativas (que exprimem dúvida) ou exclamativas:

- "A esta hora quantos não **estarão** com fome!" (Eduardo C. Pereira)
- "Uma palavra, uma emoção fraterna, um olhar de ternura, e... quantos não **serão** redivivos, abençoando-vos?" (Rui Barbosa)

b) Em correlação com o futuro do subjuntivo (ideia condicionante), para indicar fatos de realização provável:

- Se o governo diminuir os juros, **comprarei** uma casa para morar.
- "Se o tino do juiz ou do público, como frequentemente sucede, eludir a aplicação da lei, então **desaparecerá** o mal." (Rui Barbosa)

c) Em lugar do imperativo para transmitir à mensagem um caráter mais sugestivo do que imperativo:

- "Não **terás** outros deuses diante de mim." (Bíblia Sagrada)
- "Não **dirás** falso testemunho contra o teu próximo." (Bíblia Sagrada)

d) Em frases interrogativas, para indicar incerteza, dúvida, suposição, probabilidade:

- "**Será** que a mente, já desperta / Da noção falsa de viver, / Vê que, pela janela aberta, / Há uma paisagem toda incerta / E um sonho todo a apetecer?" (Fernando Pessoa)
- "Contra as extorsões de que ela for alvo, quem **poderá** medir a resistência?" (Rui Barbosa)

⇨ **Observação:**

Frequentemente, o futuro do presente do indicativo é substituído por locuções verbais formadas com os auxiliares “haver, ter, ir”, seguidos de um infinitivo:

→ **Presente do indicativo do V. Haver + Preposição + Infinitivo:**

- “Neste momento insone e triste / Em que não sei quem **hei de ser**, / Pesa-me o informe real que existe / Na noite antes de amanhecer.” (Fernando Pessoa)

→ **Presente do indicativo do V. Ir + Infinitivo:**

- “Considerou por instantes o arraial imenso, embaixo. Desceu devagar a encosta. Daniel **vai penetrar** na furna dos leões... Acompanhemo-lo.” (Euclides da Cunha)

→ **Presente do indicativo do V. Ter + Que + Infinitivo:**

- “– Olhe, Senhor Cassi: amanhã, à tarde, não, porque **tenho que ir** à sessão da minha sociedade; mas, se tem pressa, pode vir depois de amanhã, logo pelas sete ou oito horas.” (Lima Barreto)

6. Futuro do pretérito

Como regra geral, emprega-se o futuro do pretérito simples para indicar uma ideia hipotética em relação a um fato situado no passado. Geralmente, este tempo aparece em correlação com o pretérito imperfeito do subjuntivo.

- “Mas **incorreríamos** no ridículo de querer tapar o Sol com os dedos, se tentássemos dissimular o industrialismo egoístico, avaro, cobiçoso, que caracterizava a fisionomia do príncipe ligado à sorte da princesa imperial.” (Rui Barbosa)
- “O serviço militar **tinha** a natureza de eventual, porque não **havia** entre os visigodos exército permanente.” (G. Barros *apud* A. Epiphanio S. Dias)

Emprega-se também:

a) Em orações que denotam indignação ou surpresa:

- Jamais **acusaríamos** você!
- **Seria** possível uma acusação dessas?

b) Para indicar um fato futuro em relação a um outro fato situado no passado:

- “... e protestei que antes disso me **reabilitaria** de minha estúrdia ingenuidade.” (José de Alencar)
- “Então ela declarou-lhe que não tivesse medo de nada. Nada **aconteceria** nem a um nem a outro.” (Machado de Assis)

c) Em orações que denotam polidez, brandura, cortesia, em substituição ao presente do indicativo:

- – **Poderia** nos dar um minuto, por favor.
- – **Gostaria** de provar a nossa nova sobremesa, madame?

d) Em orações que revelam dúvida, probabilidade, suposição, incerteza, ideia aproximada:

- "– **Serias** capaz de fazer isso, Lúcia?" (José de Alencar)
- "Não fora a natureza, os céus, os pássaros, as águas múrmuras, como **poderíamos** viver?" (Júlio Ribeiro)
- "A cabo da estreita senda da cruz acharia ele, porventura, a vida e o repouso íntimos?" (A. Herculano)

7.4.4.1.2 Tempos do modo subjuntivo

1. Presente do subjuntivo

Em geral, emprega-se o presente do subjuntivo em orações que exprimam dúvida, desejo, fato provável.

- **Queira** Deus que eles **estejam** bem.
- Talvez **fiquem** melhor agora.
- "E talvez não **saiba** que eu estava a beber na fonte quando vossa senhoria, há dois para três anos, deu muita pancada nos criados, que era mesmo um rebuliço que parecia o fim do mundo." (Camilo Castelo Branco)
- "– Sabes? talvez eu **tenha** de me ir amanhã embora." (Eça de Queiroz)
- "Se nos embaraçássemos nas imaginosas linhas dessa espécie de topografia psíquica, de que tanto se tem abusado, talvez não os compreendêssemos melhor. **Sejamos** simples copistas." (Euclides da Cunha)

Emprega-se também:

a) Em correlação com o presente do indicativo para indicar fato presente ou futuro:

- Esperamos que eles **cheguem** ainda hoje.
- É profundamente lamentável que eles **fiquem** sem ir à escola.

b) Em correlação com o presente do indicativo para expressar um conselho, uma advertência, uma sugestão:

- "Preciso é que os ouvidos **estejam** bem abertos e a atenção bem apurada, quando se

está defronte de uma moça como D. Clementina." (Joaquim M. de Macedo)

- "**Analisemos** o caso. O comandante expedicionário deixara em Queimadas grande parte de munições, para não protelar por mais tempo a marcha..." (Euclides da Cunha)
- "Padre que seja, se for vigário na roça, é preciso que **monte** a cavalo." (Machado de Assis)

c) Em correlação com tempos do modo indicativo para expressar ideia de concessão, de oposição:

- "Conquanto não **seja** assim, eu tomei a resolução heróica de aproximar os mais peculiares à Bruzundanga dos nossos nomes portugueses..." (Lima Barreto)
- "– Pode ser que não; e ainda que **desconfiem**, não há testemunhas." (Camilo Castelo Branco)

2. Pretérito imperfeito do subjuntivo

Como regra geral, emprega-se o pretérito imperfeito do subjuntivo, em correlação com o futuro do pretérito do indicativo, para indicar um fato hipotético, provável, suposto.

- "Estas testemunhas referiram que ouviram dizer a Cristo que, se os Judeus **destruíssem** o templo, ele o tornaria a reedificar em três dias." (Pe. Antônio Vieira)
- "Bem sei que não podes compreender o que é a fé viva de um muçulmano na proteção de Deus: mas eu seria réu do inferno, se **duvidasse** um instante das promessas do Profeta." (A. Herculano)

Emprega-se também:

a) Em orações subordinadas substantivas, correlacionando-se com tempos do modo indicativo, para expressar "súplica, pedido, requerimento, solicitação":

- "O Rei de Portugal só queria que nenhum palmo de chão português, baldio ou murado, **jazesse** fora de seu senhorio real." (Eça de Queiroz)
- Solicitei naquele momento que o **acolhessem** nalgum asilo.
- "Dirigiu-se a Sir Robert Peel, e pediu-lhe que lhe **comunicasse** as ideias segundo as quais ele achava que a reforma deveria ser feita". (Rui Barbosa)

b) Em orações subordinadas substantivas, correlacionando-se com tempos do modo indicativo, para expressar "ordem, determinação, proibição, deliberação":

- "Apenas findou o café, mandou pelo Bento avisar os dois moços da horta, o Ricardo e o outro de queixo de cavalo, que o **esperassem** no pátio, armados." (Eça de Queiroz)
- "Ordenava ela à mucama que **distribuísse** pelas outras uns enfeites e vestidos já

usados." (José de Alencar)

c) Em orações subordinadas substantivas, correlacionando-se com tempos do modo indicativo, para exprimir "aconselhamento, aviso, admoestação, recomendação, exortação":

- "E com eles atravessou de novo a Vila até a cocheira do Torto – para recomendar que lhe **mandassem** à Torre, às nove horas da manhã, a parelha ruça." (Eça de Queiroz)
- "Admoestou a certo bispo que se **recolhesse** à sua igreja." (Manuel Bernardes)

d) Em estilo literário, para expressar a causa em relação a outro fato que lhe servirá de efeito:

- "Como eu lhe **dissesse** que a vida tanto podia ser uma ópera, como uma viagem de mar ou uma batalha, abanou a cabeça e replicou: – A vida é uma ópera e uma grande ópera." (Machado de Assis)
- "Como **fosse** grande arabista, achou no Corão que Maomé declara veneráveis os doidos, pela consideração de que Alá lhes tira o juízo para que não pequem." (Machado de Assis)

e) Para a formação de orações adverbiais (circunstanciais), principalmente, as condicionais e as concessivas:

- "Ah! se agora **chegasses**!
  Se eu **sentisse** bater em minhas faces
  A luz celeste que teus olhos banha (...)." (Olavo Bilac)
- "Não recebia ninguém, vivia num isolamento monacal, embora **fosse** cortês com os vizinhos que o julgavam esquisito e misantropo." (Lima Barreto)

3. Futuro do subjuntivo

Como regra geral, em correlação com o futuro do presente do indicativo, emprega-se o futuro do subjuntivo em orações subordinadas adverbiais condicionais e temporais, para indicar o tempo ou a condição do fato expresso na oração subordinante.

- Se ele **chegar** a tempo, sairemos ainda hoje.
  fato da oração subordinante (sair)
- Quando ele **comprar** o novo carro, passearemos mais.
  fato da oração subordinante (passear)
- "O desejo que me deu, quando saí de Barbacena, foi simples desejo, sem prazo; irei, não há dúvida, mas lá para diante, quando Deus **quiser**." (Machado de Assis)
- "Se eu **disser** 'Há sol nos meus pensamentos', ninguém compreenderá que os meus pensamentos são tristes." (Fernando Pessoa)
- "Quando **estiverem** todos adormecidos, o guerreiro branco deixará os campos do Ipu, e

os olhos de Iracema, mas não sua alma.” (José de Alencar)

7.4.4.2 Emprego dos tempos verbais compostos

Na língua portuguesa, alguns tempos simples podem ser expressos por meio de uma forma composta, formada pelos verbos auxiliares (ter e haver) mais o particípio do verbo. Tais tempos compostos são, em sentido lato, locuções verbais especiais. Aparecem sob a forma composta:

1. O pretérito perfeito composto do indicativo

Formado pelo “presente do indicativo” mais o particípio de um verbo, o pretérito perfeito composto é empregado para expressar um fato que, tendo-se iniciado no passado, dura ou vem repetindo-se até o presente com a possibilidade ou não de continuar no futuro. Observe:

- Ele **tem feito** muitas obras desde que iniciou o seu governo.
- “Você sabe que eu **tenho tratado** do seu casamento com a Zulmirinha... Lá em casa não se fala agora noutra coisa...” (Aluísio Azevedo)
- “Eu bem **tenho dito** a Jorge! Tantas vezes lho **tenho dito**! Isto é uma rua impossível!” (Eça de Queiroz)

2. O pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo

Formado pelo “pretérito imperfeito do indicativo” mais o particípio de um verbo, o pretérito mais-que-perfeito composto é empregado com a mesma função da sua forma simples: indicar um fato passado em relação a outro fato também no passado ou indicar um fato sucedido antes de outro não enunciado no contexto, mas implícito nele. Observe:

- “Os ingênuos contos sertanejos desde muito lhes **haviam revelado** as estradas fascinadoramente traiçoeiras que levam ao Inferno.” (Euclides da Cunha)
- “Lúcia, como vê, parecia adivinhar o que me **tinham dito** o Cunha e Sá para desmenti-los completamente.” (José de Alencar)
- Quando lá chegamos, o comendador já **tinha saído**.

3. O futuro do presente composto do indicativo

Formado pelo “futuro do presente do indicativo” mais o particípio de um verbo, o futuro do presente composto indica um fato posterior à época presente, mas já acabado antes de outro fato futuro.

- “Lá, no tumulto dos cortesãos, onde o amor é cálculo ou sentimento grosseiro, **terás achado** quem te chame sua.” (A. Herculano)

- Quando ele chegar, já **terei terminado** de resolver a prova.

4. O futuro do pretérito composto do indicativo

Formado pelo “futuro do pretérito simples do indicativo” mais o particípio de um verbo, o futuro do pretérito composto indica um fato posterior a uma época passada a que nos referimos, mas já acabada antes de outro fato futuro.

- Quanto prazer eles **teriam desfrutado**, se não tivessem pouco dinheiro e pressa para voltar.
- “Se me achasse bonita, já me **teria pedido** a papai...” (Aluísio Azevedo)
- Eu o **haveria esperado**, se ontem eu não tivesse um compromisso.

5. Pretérito perfeito composto do subjuntivo

Formado pelo “presente do subjuntivo” mais o particípio de um verbo, o pretérito perfeito composto do subjuntivo expressa uma hipótese ou um desejo em relação a outro fato situado no futuro.

- “– Provavelmente, ele lá estará, pensou Rubião indo jantar ao Flamengo; duvido que **tenha dado** melhor presente que eu.” (Machado de Assis)
- “Desejo que não procedas precipitadamente e que, antes de dizer-me uma palavra, **tenhas medido** todo o alcance que ela deve ter sobre o teu futuro.” (José de Alencar)

6. Pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo

Formado pelo “pretérito imperfeito do subjuntivo” mais o particípio de um verbo, o pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo indica um fato hipotético no passado em relação a outro fato hipotético também no passado.

- “Pôs-se a pensar, o que teria sucedido se **tivesse casado** com o primo Basílio.” (Eça de Queiroz)
- “Se vossa senhoria **tivesse consentido** que sua filha amasse Simão Botelho Castelo-Branco, teria poupado a vida ao homem sem honra.” (Camilo C. Branco)

7. Futuro do subjuntivo composto

Formado pelo “futuro simples do subjuntivo” mais o particípio de um verbo, o futuro do subjuntivo composto indica, à semelhança da forma simples, um fato hipotético no futuro, mas de realização provável, o qual se correlaciona com outro fato também no futuro.

- Quando eu **tiver adquirido** o novo carro, passearei bastante com a minha família.
- Explicaremos as dúvidas dos leitores que não **tiverem entendido** o assunto.

7.4.4.3 As locuções verbais (construções perifrásticas) – emprego dos verbos auxiliares

Também chamadas de "**perífrases verbais**", as locuções verbais servem para denotar ideias acessórias da ação verbal, frequentemente não contempladas pelos tempos simples e compostos. Para tanto, a língua socorre-se de certas combinações de dois verbos, ficando um deles fixo no infinitivo, no gerúndio ou no particípio, recebendo o outro as flexões de modo, tempo e número.

Para a formação das locuções verbais, a língua lança mão de vários verbos em função auxiliar. Frequentemente são usados, além de outros, os verbos "ser, estar, ficar, ter, haver, ir, vir, parecer, andar".

Dica de estudo: Procure correlacionar este assunto com o assunto "emprego dos tempos compostos" formados com os verbos auxiliares "ter" e "haver".

Vejamos abaixo um rol sucinto dos sentidos transmitidos por algumas locuções verbais, além do emprego dos principais verbos auxiliares:

a) Verbo auxiliar SER mais o PARTICÍPIO → formação de locuções verbais da voz passiva de ação:

- Eles **foram atacados** por várias abelhas enquanto caminhavam pela fazenda.
- Os garotos **são instruídos** pelo mestre.

b) Verbo auxiliar ESTAR mais o PARTICÍPIO → formação de locuções verbais da voz passiva de estado:

- Eles **estão cercados** pela polícia.

c) Verbo auxiliar TER mais preposição DE mais INFINITIVO → formação de locução verbal que denota "obrigação, compromisso, fato infalível":

- O Brasil **tem de** ser um país menos desigual.
- Todos **tiveram de** sair por causa do fogo que já atingia os últimos andares do prédio.

d) Verbos auxiliares "COMEÇAR A, ENTRAR A, PASSAR A" mais INFINITIVO → formação de locuções verbais que indicam momento inicial de uma ação:

- O trem **começou a partir**, e todos, emocionados, despediam-se dos soldados.
- "Afinal, o homem teso rendeu o flexível, e **passou a falar** pausado, com superlativos." (Machado de Assis)

e) Verbos auxiliares "ANDAR, ESTAR, FICAR, IR, VIR" mais GERÚNDIO → formação de locuções verbais que indicam duração, continuação, progressão:

- Já **vem chegando** o inverno com seu frio, suas chuvas.
- Meu amigo, você sabe o que o José **anda fazendo**?
- João **está comprando** uma nova casa na praia.
- Ele sempre **fica olhando** os aviões no aeroporto.

f) Verbos auxiliares "ACABAR, DEIXAR, PARAR" mais preposição DE mais INFINITIVO → formação de locuções verbais que indicam momento final, cessação da ação:

- "Comoviam-no o espetáculo dos infelizes que **acabava de encontrar** armados até aos dentes, e o quadro emocionante daquela Tebaida turbulenta." (Euclides da Cunha)
- Todos **deixaram de fazer** a tarefa imposta pela professora por causa do calor excessivo que na sala fazia.
- Assim que viu o comandante, **parou de falar** e começou a andar para trás.

g) Verbo auxiliar "DEVER" mais INFINITIVO → formação de locução verbal que indica necessidade, obrigação:

- "O almirante não **deve falar** assim... A pátria está logo abaixo da humanidade." (Lima Barreto)
- "– Senhor, se é católico, **deve considerar** que a Igreja condena as revoltas..." (Euclides da Cunha)

h) Verbo auxiliar IR mais INFINITIVO → formação de locução verbal que indica uma ação em um futuro próximo:

- "Na sessão que se **vai abrir**, esta Câmara espera demonstrar-vos quanto sabe honrar a soberana esterilidade das instituições constitucionais." (Rui Barbosa)
- "Nada, inda não: Vidinha **vai cantar** uma modinha." (Manuel A. Macedo)

i) Verbo auxiliar IR mais GERÚNDIO → formação de locução verbal que indica uma ação em decurso, em ocorrência, em desenvolvimento gradual:

- "Meu coração é um almirante louco
  que abandonou a profissão do mar
  e que a **vai relembrando** pouco a pouco
  em casa a passear, a passear..." (Fernando Pessoa)
- "Este necessário e inevitável reviramento por que **vai passando** o mundo, há de levar muito tempo." (A. Garrett)

j) Verbo auxiliar HAVER mais preposição DE mais INFINITIVO → formação de locução verbal que indica futuridade de forma mais enfática. Equivale ao futuro do presente do indicativo em sua forma simples:

- "Mas **hei de** me **ver** vingada, oh! se **hei de**! tão certo como estar eu aqui: os desembargadores lá estão, que me **hão de dar** esse gosto: espero isso em Deus." (Manuel A. de Almeida)
- "– Os vizinhos **hão de dizer** que estamos doidos, Jorge... – acudiu ela." (Eça de Queiroz)

⇨ **Observação:**

Em muitas construções, a presença de dois verbos juntos nem sempre indica uma locução verbal. Muitas vezes, temos orações reduzidas de infinitivo, por exemplo, cujo verbo da oração subordinada – no infinitivo – encontra-se próximo do verbo da oração principal – subordinante. Um recurso prático para se evitarem confusões é tentar "desenvolver" o infinitivo da oração subordinada. Embora não seja totalmente seguro, este recurso ajuda bastante. Observe:

- Ainda **falta dar** muitos retoques na obra de arte. (**FALTA DAR** = locução verbal ou verbos autônomos?)

Vamos tentar desenvolver a oração →
"Ainda falta **que se deem muitos retoques na obra de arte**."

Foi possível desenvolver-se a oração.
Temos, então, dois verbos autônomos.

- Ele não **deve comprar** aqueles produtos. (**DEVE COMPRAR** = locução verbal ou verbos autônomos?)

Vamos tentar desenvolver a oração →
"Eles não devem **que comprem aqueles produtos**."

O desenvolvimento toma a construção ilógica.
Não foi possível o desenvolvimento.
Temos, então, uma locução verbal em "deve comprar".

Sugestão: Para ampliar seus conhecimentos sugerimos estudar os assuntos "orações reduzidas" e "concordância com o sujeito oracional" em sintaxe.

7.4.4.4 Correlação dos tempos e dos modos verbais – sequencialização dos tempos (*Consecutio temporum*)

Atenção: Este tópico é muito cobrado pelos concursos em geral. Sugerimos que o estude mais de uma vez.

Em sentido próprio, a correlação de tempos e modos verbais ou sequencialização dos tempos é a dependência entre as formas temporais do verbo de uma oração subordinada e as do verbo da oração subordinante (principal) respectiva, para se indicar **anterioridade**, **simultaneidade** ou **posterioridade**.

Observe:

a) Nós **SABEMOS** que tu **PARTICIPAS** de grupos religiosos extremistas.

A ação de participar é simultânea à ação de saber.

b) Nós **SABEMOS** que tu **PARTICIPAVAS** de grupos religiosos extremistas.

A ação de participar é anterior à ação de saber.

c) Nós **SABEMOS** que tu **PARTICIPARÁS** de grupos religiosos extremistas.

A ação de participar é posterior à ação de saber.

Sabedores de que a correlação nada mais é do que a adequação entre os verbos de um período composto por subordinação, passaremos a estudar as principais correlações entre os tempos e os modos verbais. Salientamos, de imediato, que este estudo não pretende exaurir todas as possibilidades correlacionais em nossa língua, em virtude da quantidade exacerbada de relações possíveis. Destacamos, portanto, as seguintes orientações/relações:

I – Quando o verbo da oração principal for declarativo e se encontrar no presente do indicativo, no futuro do presente do indicativo ou no imperativo, a correlação com o verbo da oração subordinada pode ser feita com todos os tempos do modo indicativo. Observe abaixo:

Eu **sei** (percebo, penso, é verdade)
Eu **direi** (perceberei, pensarei)
Diz (percebe, vê, pensa)

que o governo

protege
protegia
protegeu
tem protegido
tinha protegido
protegera
protegerá
protegeria

o povo.

Outros exemplos:

- "É, todavia, certo que o grãozinho não se **despegou** do cérebro de Quincas Borba, – nem antes, nem depois da moléstia que lentamente o comeu." (Machado de Assis)
- "Mas deves saber que não **posso satisfazer** o teu desejo sem primeiro entender-me com meu pai, que está na corte." (Bernardo Guimarães)
- "Mas os considerados dirão que algum interesse **haverá** nesta circunstância em aparência mínima." (Machado de Assis)

II – Quando o verbo da oração principal for declarativo e se encontrar em um dos tempos pretéritos do modo indicativo (perfeito, imperfeito ou mais-que-perfeito), a correlação com o verbo da oração subordinada deverá ser feita com o pretérito imperfeito do indicativo, com o pretérito mais-que-perfeito do indicativo ou ainda com o futuro do pretérito do indicativo.

Ele sabia
Ele soube
Ele soubera

que o governo

protegia
protegera (tinha protegido)
protegeria

o povo.

Outros exemplos:

- "Logo que **chegou**, enamorou-se de uma viúva, senhora de condição mediana e parcos meios de vida." (Machado de Assis)
- "E, terminando, dizia-lhe que não **era** 'nos esplendores das salas' ou nos 'bailes febricitantes' que **gostava** de a ver." (Eça de Queiroz)
- "Sempre eu pensara que a traição de Mem Viegas **faria** vivo abalo no ânimo de vosso pai." (A. Herculano)
- "Perguntou D. Quixote como se **chamava**. Respondeu-lhe ela que se **chamava** a Tolosa." (Castilho)

III – Quando o verbo da oração principal expressar vontade, pedido ou permissão e se encontrar no presente do indicativo, no futuro do presente do indicativo ou

no imperativo, a correlação com o verbo da oração subordinada deverá ser feita com o presente do subjuntivo.

Eu quero (peço, permito, ordeno, aconselho)
Eu quererei (pedirei, permitirei, ordenarei)
— que ele **saia** agora.

Outros exemplos:

- "O nosso Camacho não deseja que os rapazes **saiam**; quem é que há de dançar com as moças?" (Machado de Assis)
- "Exorta o Apóstolo a todos a que **tratem** da salvação de suas almas." (Pe. Antônio Vieira)
- "...por Jesus Cristo vos rogo que **tranquilizeis** aquela alma." (A. Herculano)

⇨ **Observações:**

a) Obedecem a esta mesma regra os verbos perceptivos e declarativos empregados em frases negativas, interrogativas e duvidosas.

Não creio (não acredito, não penso)
Não crerei (não acreditarei, não pensarei)
— que ela **venha** amanhã.

b) Seguem também esta correlação os verbos que expressam dúvida, temor, esperança, tais como "duvidar, temer, esperar."

- "Duvido que mamãe **embarque**." (Machado de Assis)
- "Ninguém espera que a oposição **dilucide** agora pormenores da sua política em relação ao Egito." (Rui Barbosa)

IV – Quando o verbo da oração principal expressar vontade, desejo, pedido ou permissão e se encontrar em um dos tempos pretéritos do modo indicativo (perfeito, imperfeito ou mais-que-perfeito), a correlação operar-se-á com o pretérito imperfeito do subjuntivo.

Eu queria (pedia, permitia, ordenava, aconselhava)
Eu quis (pedi, permiti, ordenei, aconselhei)
Eu quisera (pedira, permitira, ordenara, aconselhara)
Eu quereria (pediria, permitiria, ordenaria, aconselharia)
— que ele **saísse** agora.

Outros exemplos:

- "Argimiro jurou que faria o que seu pai e senhor lhe **ordenasse**." (A. Herculano)
- "A mulher esperou pacientemente que os magistrados **consultassem**, à sua vontade e puridade, do negócio que a todos interessava." (Almeida Garrett)
- "João amava a Cristo e queria que seus discípulos o **amassem**." (Pe. Manuel Bernardes)

⇨ Observações gerais sobre a correlação dos tempos e dos modos verbais:

1. Uma das correlações mais comuns na língua portuguesa dá-se entre o futuro do pretérito do indicativo – presente na oração subordinada – e os tempos pretéritos do modo indicativo – perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito.

Eu sabia
Eu soube
Eu soubera
} que ele **chegaria** (ou **iria** chegar) naquela tarde.

2. Há na nossa língua duas correlações bastante cobradas em provas de concursos. São elas:

FUTURO DO PRESENTE DO INDICATIVO ⇆ FUTURO DO SUBJUNTIVO
FUTURO DO PRETÉRITO DO INDICATIVO ⇆ PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO

- Quando todos **chegarem** (*fut. subj.*), nós os **receberemos** (*fut. pres. ind.*) com muito carinho.
- Se todos **chegassem** (*pret. impef. subj.*), nós os **receberíamos** (*fut. pret. ind.*) com muito carinho.

Outros exemplos:

- "Se de fato **viéssemos** a nos contentar com o que somos, as inúmeras janelas abertas pela TV não **teriam** a mesma força de atração que as pesquisas demonstrassem." (Fund. Carlos Chagas)
- "Se não **variassem** de cultura para cultura, as regras de convívio **teriam** alcançado, efetivamente, a chamada validade universal." (Fund. Carlos Chagas)
- "Quando todos **revirmos** o papel social que nos cabe e nos **dispusermos** a exercê-lo de fato, nenhum caso de impunidade **será** tolerado." (Fund. Carlos Chagas)

3. Quando na oração subordinada se afirma um fato presente ou que, remontando

ao passado, ainda continua no presente (fato habitual ou sempre verdadeiro), o verbo desta oração subordinada ficará no presente do indicativo, ainda que o verbo da oração principal se encontre no passado.

- Em suas pesquisas, Galileu já afirmava que a terra se **move**.
- "Santo Antão dizia que, assim como a substância úmida **dá** nutrimento aos peixes, assim a vida solitária **dá** ornamento aos religiosos." (H. Pinto)
- "Dizia certo estadista inglês que o segredo da força dos agitadores **está** na obstinação dos governos." (Rui Barbosa)

4. O verbo HAVER, indicando quanto tempo dura ou durava certa ação, também está sujeito à correlação temporal. Sendo assim:

- A imagem de Jesus Cristo **está** naquele local **há** dois meses.
- A imagem de Jesus Cristo **estava** naquele local **havia** dois meses.
- "Padre Joaquim **era** um modelo de padres, capelão da casa, **havia** trinta e cinco anos." (Camilo Castelo Branco)

5. Nas orações coordenadas, embora não haja a correlação temporal no sentido próprio, existe certa correspondência entre os tempos respectivos, imposta pela época em que ocorre cada um dos fatos nelas expressos.

- "Os cavalos **batem** de peito uns nos outros, as espadas **faíscam** nas espadas, os escudos **retinem** contra os escudos, e os elmos e cervilheiras **rolam** pelo chão." (A. Herculano)
- "**Soltava**-se a gula, **desenfreava**-se a ira, **libertava**-se a injustiça, **desbaratava**-se o riso." (Pe. Antônio Vieira)

5. Para facilitar o estudo acima, podemos resumir assim as principais – e mais cobradas em provas de concursos – correlações de tempo e modo verbais:

TEMPO VERBAL	CORRELACIONA-SE COM	TEMPO VERBAL
PRESENTE DO INDICATIVO	⇄	PRESENTE DO INDICATIVO
PRESENTE DO INDICATIVO	⇄	PRESENTE DO SUBJUNTIVO
PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO	⇄	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO DO INDICATIVO
PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO	⇄	PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO
PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO	⇄	PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO
PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO	⇄	PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO

FUTURO DO PRESENTE DO INDICATIVO	⇄	FUTURO DO SUBJUNTIVO
FUTURO DO PRETÉRITO DO INDICATIVO	⇄	PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO

Observe exemplos de algumas das correlações acima:

- Se não **VARIASSEM** de cultura para cultura, as regras de convívio **TERIAM** alcançado, efetivamente, a chamada validade universal.
- Enquanto os animais **CONTINUAM** regulando-se pela "lei da selva", os homens **ESTÃO** sempre se esforçando para superá-la.
- Mal **APORTARA**, o navio **FOI** submetido a uma rigorosa inspeção da alfândega, em virtude da suspeita da carga contrabandeada que talvez ele **TROUXESSE** em seus porões.
- Não me **PARECE** justo que você **VENHA** agora argumentar com razões que até ontem jamais invocou, revelando um oportunismo que já **ERA** tão conhecido.
- Tão logo **SAIBAMOS** o resultado do teste a que você ontem **SE SUBMETEU**, entraremos em contato, para não prolongar a agonia de sua expectativa.
- Quando **FOREM** levados em contas os fundamentos que o autor preconizou em seu texto, nossa educação **GANHARÁ** muito.
- Ainda que chimpanzés **DEMONSTREM** algumas aptidões semelhantes às nossas, nenhuma **EQUIVALE** ao desinteressado altruísmo humano.

7.5 AS FORMAS NOMINAIS DO VERBO – OS VERBOIDES

Além das formas modais do verbo (indicativo, subjuntivo e imperativo), existem três formas que exercem papéis típicos dos nomes (substantivos, adjetivos e advérbios). São elas "o infinitivo", "o gerúndio" e "o particípio".

7.5.1 O INFINITIVO

O infinitivo é uma forma nominal do verbo que tem como característica principal a apresentação de uma ação de modo inteiramente geral, não situada no tempo e sem referência a nenhum sujeito. Em outras palavras, é a forma nominal do verbo que exprime a ação, o fenômeno, o processo, o estado, de modo geral e indeterminado, sobretudo quanto ao momento em que se realizam e quanto à pessoa gramatical do sujeito.

- **Viver** é lutar.
- **Correr** fortalece os ossos.
- É importante **comer** frutas.

Observe como os infinitivos "**viver**, **correr** e **comer**" apresentam as ações de forma geral, sem situá-las no tempo e sem referência a sujeito.

Em português, entretanto, nem sempre encontramos o infinitivo em sua forma intemporal e impessoal. Assim como no galego, temos o infinitivo pessoal, o qual, como o próprio nome já o diz, apresenta sujeito e, em alguns casos, em virtude do contexto, apresenta também o tempo da ação.

- Acredito **terem partido** ontem à tarde. (Sujeito = eles. Tempo = ontem).

7.5.1.1 O infinitivo pessoal ou flexionado

Como já mencionado, o infinito pessoal ou flexionado é, nas línguas oriundas do latim, uma particularidade do português e do galego. Esta forma é caracterizada por apresentar um sujeito para o infinitivo e, em dados contextos, o tempo da ação verbal.

Observe as desinências para a formação do infinitivo flexionado.

INFINITIVO PESSOAL (FLEXIONADO)	
-R	(EU)
-RES	(TU)
-R	(ELE)
-RMOS	(NÓS)
-RDES	(VÓS)
-REM	(ELES)

Acompanhe a conjugação de três verbos no infinitivo pessoal:

INFINITIVO PESSOAL (Verbo SER)	
SE-R	(EU)
SE-RES	(TU)
SE-R	(ELE)
SE-RMOS	(NÓS)
SE-RDES	(VÓS)
SE-REM	(ELES)

INFINITIVO PESSOAL (Verbo ESTAR)	
ESTA-R	(EU)
ESTA-RES	(TU)
ESTA-R	(ELE)
ESTA-RMOS	(NÓS)
ESTA-RDES	(VÓS)
ESTA-REM	(ELES)

INFINITIVO PESSOAL (FLEXIONADO)	
CANTA-R	(EU)
CANTA-RES	(TU)
CANTA-R	(ELE)
CANTA-RMOS	(NÓS)
CANTA-RDES	(VÓS)
CANTA-REM	(ELES)

Alguns exemplos de emprego do infinitivo pessoal:

- "Para **estarem** juntos tinham encontros misteriosos num caloji de uma velha miserável da Rua de São João Batista." (Aluísio Azevedo)
- É aconselhável **estudarmos** isto.

- Os guardas os obrigaram a **entrarem** na casa.
- "Sisebuto forçara os judeus a **converterem**-se." (A. Herculano)
- "Detestáveis ministros tinham também os Stuarts; o que os não eximiu de **serem** punidos, um com perder a vida, o outro a coroa." (Rui Barbosa)

⇨ **Observações:**

1. **O verbo regular apresenta formas idênticas para o infinitivo pessoal e o futuro do subjuntivo. Percebe-se a diferença entre uma e outra forma, na maioria das vezes, por causa da presença das conjunções "se" e "quando" exigidas, geralmente, pelo futuro do subjuntivo. O infinitivo, por sua vez, rejeita a anteposição de conjunções; ele admite, no máximo, a presença de preposições ou locuções prepositivas. Veja:**

- "A *infinitivo pessoal* persistirem os sintomas, o médico deverá ser consultado." (Ministério da Saúde)
- "**Se** *futuro do subjuntivo* persistirem os sintomas, o médico deverá ser consultado." (Ministério da Saúde)
- Ao saírem, *infinitivo pessoal* fechem as janelas da casa.
- **Quando** saírem, *futuro do subjuntivo* fechem as janelas da casa.

2. **Quando os verbos são irregulares, o infinitivo pessoal é totalmente distinto do futuro do subjuntivo.**

- "No caso de *infinitivo pessoal* proporem um diálogo sem pseudodilemas teóricos, retirar-me-ei do recinto."
- Quando *futuro do subjuntivo* propuserem um diálogo sem pseudodilemas teóricos, retirar-me-ei do recinto.

7.5.1.2 Função substantiva do infinitivo

Como já mencionado, o infinitivo faz parte das chamadas "formas nominais do verbo". São nominais porque exercem funções sintáticas próprias dos nomes. O infinitivo, por exemplo, exerce funções próprias do substantivo. Daí poder-se afirmar que o infinitivo é empregado frequentemente "como substantivo".

São funções próprias do substantivo: sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, predicativo, aposto e vocativo. Logo, quando exerce a função de núcleo de um desses termos, o infinitivo se encontra em "papel substantivo" ou em "função substantiva". Observe abaixo alguns exemplos:

- **Viver** é lutar.
  infinitivo como núcleo do sujeito
- Viver é **lutar**.
  infinitivo como núcleo do predicativo

- O verdadeiro herói não teme **morrer** na batalha.
  infinitivo como núcleo do objeto direto
- Ele sempre gostou de **viver** longe das grandes cidades.
  infinitivo como núcleo do objeto indireto
- Ele tinha medo de **ser** o presidente do clube.
  infinitivo como núcleo do complemento nominal
- Só havia uma saída para a crise: **aumentar** os juros para o crédito.
  infinitivo como núcleo do aposto

⇨ **Observações:**

1. **Embora seja raro tal emprego, o infinitivo pode, em algumas situações, apresentar-se em função adjetiva – qualificativa. Nesse uso, é frequente vir o infinitivo preposicionado, notadamente com as preposições "de" ou "por".**

- máquina **de escrever**
- ferro **de engomar**
- história **de arrepiar**
- música **de dar sono**
- contas **por saldar**
- capítulos **por ler**
- enigma **por decifrar**
- serviço **por fazer**

2. **Emprega-se também o infinitivo em função adverbial (circunstancial). Neste caso, o infinitivo exercerá o núcleo de uma oração subordinada adverbial reduzida e poderá expressar várias circunstâncias.**

* "Depois de **fugir** o coelho, toma o vilão o conselho." (Dito popular)
  infinitivo expressa circunstância de tempo
* Comemos para **viver**, não vivemos para **comer**.
  os infinitivos expressam circunstância de fim
- Por **caminhar** descalço, adoeceu dos pés.
  infinitivo expressa circunstância de causa
- A não **haverem** obedecido, não chegariam a viver uma semana.
  infinitivo expressa circunstância de condição
- Melhor é dar a ruins do que **pedir** a bons.
  infinitivo expressa circunstância de comparação

7.5.1.3 Emprego do infinitivo preposicionado

Um dos fatos mais notáveis relativos à morfossintaxe do infinitivo, nas línguas neolatinas, é a construção de preposições com o infinitivo. Em português, as preposições são empregadas não só com os infinitivos simples, mas também com as orações infinitivas (reduzidas).

- Todos começaram **a falar** sobre o assunto.
  infinitivo simples regido por preposição
- Não veio à festa **por tu saberes a verdade sobre o problema**.
  oração infinitiva regida por preposição

É fato, portanto, que, na língua portuguesa, a construção do infinitivo com a preposição tornou-se tão comum que alguns autores chegaram a empregar infinitivos na função de sujeito precedidos de preposição – situação desabonada pelos grandes estudiosos da nossa língua. Hoje, percebe-se que a tendência é omitir-se a preposição, salvo com alguns verbos. Abaixo, segue um rol não taxativo do emprego do infinitivo preposicionado.

1. **Frequentemente se emprega a preposição "A" antecedendo o infinitivo quando este forma construções perifrásticas (locuções verbais) com os verbos "COMEÇAR, ANTECIPAR-SE, APRESSAR-SE, ENTRAR (=COMEÇAR), CONTINUAR, TORNAR, CHEGAR, PÔR-SE".**

- Os grevistas **começaram a sair** da rodovia por volta das 17h.
- Assim que nós o vimos, **pusemo-nos a chorar** em virtude da forte emoção que o momento propiciava.
- Por causa do problema, a ministra **chegou a falar** com o Presidente da República.
- "Raimundo fechou a janela e recolheu-se à cama. Levantou-se de novo, **tornou a apanhar** a carta e releu-a. Só a assinatura o irritou." (Aluísio Azevedo)

2. **Regido de "POR", exerce o infinitivo a função de um adjetivo, indicando uma ação ou um estado não realizados.**

- homens **por** nascer
- capítulos **por** ler
- contas **por** saldar
- as pessoas **por** vir

3. **Em algumas situações, a preposição rege não o infinitivo simples, senão as orações infinitivas. Neste caso, a oração reduzida de infinitivo terá valor circunstancial (adverbial). Observe:**

- Deixamos a sala um pouco **por** enfadar-nos a conversa.

A preposição rege uma oração reduzida de infinitivo, introduzindo uma circunstância de causa.

A preposição rege uma oração reduzida de infinitivo, introduzindo uma circunstância de condição.

- "**A** permanecerem os sintomas, o médico deverá ser consultado." (Ministério da Saúde)
- Entregou-nos uma nova inscrição **para** arquivarmos no local correto.

A preposição rege uma oração reduzida de infinitivo, introduzindo uma circunstância de finalidade.

4. Emprega-se regido da preposição "DE" o infinitivo que serve de predicativo, equivalendo a um adjetivo.

- É **de** se admirar que ele até agora não tenha faltado com a verdade. (Equivale a "**É admirável**...")
- "Muito é **de** notar a tristeza de um cipreste em tanta altura." (Pe. Antonio Vieira *apud* Cláudio Brandão)
- É **de** se crer que o Governo Federal reduzirá em curto prazo os juros para a casa própria.

⇨ **Observação:**

Para um maior aprofundamento, sugerimos que estude o assunto "emprego do infinitivo" em sintaxe.

7.5.2 O GERÚNDIO

O gerúndio, como forma nominal que o é, aparece frequentemente como verbo principal em construções perifrásticas – locuções verbais. Para verificar tal emprego, sugerimos estudar (ou revisar) o assunto "locuções verbais", o qual já foi desenvolvido acima.

No entanto, por proceder do ablativo do gerúndio latino, o gerúndio português é geralmente empregado em função adverbial, equivalendo, portanto, a um advérbio. Logo, em seu emprego mais comum, o gerúndio funcionará como um transmissor de circunstâncias e exercerá o núcleo de uma oração subordinada adverbial, em sua forma reduzida.

Na função adverbial, pode o gerúndio denotar, como já se disse, várias circunstâncias. Nesse emprego, ele é denominado de "gerúndio absoluto". Vejamos alguns exemplos do gerúndio absoluto:

- **Sofrendo** com a perda da mãe, evitava festas e comemorações.
  gerúndio expressando circunstância de causa (→ porque, já que, visto que)
- Não **tendo** condições financeiras, não viaje para fora do país.
  gerúndio expressando circunstância de condição (→ se, caso)

  gerúndio expressando circunstância de concessão (→ embora, apesar de que)
- "Não quiseram, **sendo** letrados, resolver o escrúpulo por si mesmos." (Pe. Antônio Vieira)
- "Quem me manda ser triste, **podendo** viver contente?" (Augusto E. S. Dias)
  gerúndio expressando circunstância de tempo (→ enquanto)

  gerúndio expressando circunstância de meio
- "E das feridas se remediavam as doninhas, **esponjando**-se em uma moita de saramagos." (Bernardes *apud* Cláudio Brandão)

  gerúndio expressando circunstância de modo
- "O céu se abria, **fuzilando** sobre a terra de uma parte e outra." (Godinho *apud* Cláudio Brandão)

  gerúndio expressando circunstância de finalidade (→ a fim de que, para que)
- "Vim para estes ermos, **fugindo** das gentes para quem só anoiteceu e amanheceu." (Pe. Manuel Bernardes)
- "Estas estavam juntas de alto a baixo, **fazendo** um só corpo." (Bíblia Sagrada, Êxodo) *gerúndio expressando circunstância de consequência (→ de modo que, de maneira que)*

Em algumas situações, o fato enunciado pelo gerúndio não é rigorosamente simultâneo a outro, e sim anterior, realizado imediatamente antes ou pouco antes. Corresponde neste caso o gerúndio absoluto a uma oração temporal iniciada por "depois que, logo que". Observe:

- **Chegando** ao centro de convenções, procuramos falar com o organizador do evento.
- **Vendo** que o carro não saía do atoleiro, chamou um trator.

Em outras construções, quando o acontecimento ocorrido em primeiro lugar for enunciado por uma oração explícita, o gerúndio, denotando fato imediato, equivalerá geralmente a uma oração coordenativa iniciada pela conjunção "e". Veja:

- "Recebeu a joia, **entregando**-a depois à esposa." (M. Said Ali)
- "Seguiu-se-lhe o infante D. Pedro, e a este seu irmão D. Henrique, **acabando** a cerimônia com o conde de Barcelos." (F. J. Freire)

Hoje também é bastante comum o emprego do gerúndio precedido da preposição "em" para enunciar fatos vindouros, futuros. Neste caso, o gerúndio equivalerá a uma oração adverbial desenvolvida temporal, introduzida por "logo que, no momento em que". Vejamos:

- Em **chegando** a casa, telefonarei para a diretora da clínica.
  no momento em que chegar, logo que chegar
- Em **amanhecendo**, montaremos no cavalo e partiremos para a cidade grande.
  no momento em que chegar, logo que chegar

⇨ **Observações:**

1. **Da facilidade que tem o gerúndio de exprimir circunstâncias tão diferentes, como causa, condição, concessão, tempo, finalidade, modo, resulta que o sentido só se pode apurar pelo contexto. É preciso, portanto, ter muito cuidado na classificação do gerúndio, pois frequentemente aparecem estruturas em que o gerúndio é suscetível de duas ou mais interpretações. Observe abaixo:**

- Um homem **tendo** dinheiro não deve passar fome.
  - → que tem dinheiro
  - → quando tem dinheiro
  - → se tem dinheiro

- "Mastigam os cavalos **escumando** os áureos freios com feroz semblante." (Camões)
  - → mastigam escumando
  - → os cavalos que escumam

2. **Para aprofundar o emprego do gerúndio absoluto – em função adverbial –, sugerimos que estude, em sintaxe do período composto, as orações subordinadas adverbiais reduzidas.**

7.5.2.1 O gerúndio em função adjetiva

A despeito de ser condenado por gramáticos de renome, hoje se vê, nos mais diferentes meios, o largo emprego do gerúndio em função adjetiva – gerúndio que se refere a um substantivo. Sabe-se, como já se demonstrou, que a principal função do gerúndio é funcionar como um núcleo adverbial, denotando circunstâncias diversas. Entretanto, já nos escritores clássicos, encontrava-se o emprego do gerúndio em função atributiva – adjetiva.

Observe o excerto abaixo:

- "Não faltam ali os raios, os trêmulos cometas IMITANDO; em vão assopra o vento, a vela INCHANDO; viram ao longe dous navios brandamente c'os ventos NAVEGANDO, que respiram." (Luís Vaz de Camões)

Perceba que já em Camões – nosso mestre dos mestres em língua portuguesa – encontrava-se o emprego do gerúndio em função adjetiva, já que os gerúndios acima equivalem literalmente a “QUE IMITAM”, “QUE INCHA” e “QUE NAVEGAM”.

Por isso, não há razão para hoje se condenar o emprego do gerúndio em função atributiva, adjetiva. Deve-se, é certo, empregá-lo com parcimônia, com cuidado, para se evitarem construções esdrúxulas, estapafúrdias, esquisitas, do tipo “Vi uma mulher **tendo quarenta anos**” em vez de “Vi uma mulher **que tinha quarenta anos**”.

Vejamos outros exemplos do emprego correto do gerúndio em função adjetiva coletados em grandes escritores:

- “– Mas, Sr. José Dias, tenho visto os pequenos **brincando**, e nunca vi nada que faça desconfiar. Basta a idade.” (Machado de Assis)
- “Vieram ter a um vale, pelo qual atravessava a cavalo um donzel pequeno **chorando**.” (Morais *apud* Cláudio Brandão)
- “Os homens parecem-se com meninos **brigando** sobre a metade de uma maçã.” (Manuel Bernardes)
- “E o vendeiro empurrou a porta do fundo da estalagem, de onde escapou, como de uma panela **fervendo** que se destapa, uma baforada quente, vozeria tresandante à fermentação de suores e roupa ensaboada **secando** ao sol.” (Aluísio Azevedo)
- “...divergindo apenas no tamanho, tendo todas a mesma conformação, a mesma aparência de vegetais **morrendo**, quase sem troncos,...” (Euclides da Cunha)
- “O galope dos corcéis dá um som áspero de ferro **batendo** em pedra.” (A. Herculano)
- “O leitor, depois deste exórdio, espera encontrar uma lei **abolindo** a tortura.” (Camilo C. Branco)

7.5.2.2 Emprego inadequado do gerúndio – o gerundismo

Para a língua culta, o emprego desmedido – e desnecessário – do gerúndio constitui um erro grave, denominado de “gerundismo”. Estruturas como “vou estar ligando”, “você pode estar respondendo”, “irei estar resolvendo” constituem mal emprego desta forma nominal tão prestimosa em nossa língua. Nessas construções, o tempo da ação passa a ser um futuro contínuo, o que não é indicado para ações que são concluídas em um só ato.

Não que a construção “ir + estar + gerúndio” não possa ser usada. Ela sempre será legítima quando estiver atrelada a outra ação situada no tempo. Logo, construções do tipo “Quando o jogo estiver passando, eu vou estar dormindo” são plenamente possíveis e corretas. Igualmente corretas são as estruturas em que o gerúndio possa indicar ações duradouras, prolongadas no tempo, como, por exemplo, “Amanhã vai estar chovendo” ou “Amanhã vou estar trabalhando o dia todo.”

Observe agora dois exemplos:

- Fique tranquilo, pois eu **vou transmitir** sua solicitação para o nosso chefe. (emprego correto)
  Aqui se faz a referência à ação em si.

- Fique tranquilo, pois eu **vou estar transmitindo** sua solicitação para o nosso chefe. (emprego inadequado)
  Aqui se faz referência não somente à ação, mas também à duração (tempo) da ação. Transmite-se a ideia de que se vai buscar tempo para o cumprimento da ação.

7.5.3 O PARTICÍPIO

Literalmente, particípio é "a palavra que participa da natureza do adjetivo e do verbo". Esta definição explicita o caráter misto do particípio – possui natureza adjetival enquanto modificador de um nome; possui também natureza verbal, pois pode apresentar as flexões de voz, de modo, de tempo e de número próprias dos verbos.

↱ Natureza de adjetivo, pois se refere a um substantivo.

- Foram várias as pessoas **mortas** pelo furacão.

↳ Natureza verbal, pois apresenta as flexões próprias dos verbos.

7.5.3.1 O particípio circunstancial

À semelhança do gerúndio, o particípio pode funcionar como núcleo verbal em orações subordinadas adverbiais, expressando circunstâncias como as de "tempo, causa, condição, concessão". Neste caso, é denominado de "particípio circunstancial absoluto". Observe os exemplos abaixo:

- **Feita** a separação de corpos, as partes tomaram cada uma o seu rumo.
  particípio expressando circunstância de tempo

particípio expressando circunstância de causa

- "**Edificado** então o moço, se lançou aos pés do Santo e lhe pediu perdão." (Manuel Bernardes)

- "**Praticado** por outra pessoa, este ato não mereceria censura." (Cláudio Brandão)
  particípio expressando circunstância de condição

- **Feito** por artista de fama, este quadro não agradou aos que entendem de arte.
  particípio expressando circunstância de concessão

7.5.3.2 Emprego do particípio

Na língua portuguesa contemporânea, o particípio é empregado:

1) Para a formação de orações subordinadas adjetivas reduzidas. Neste caso, o

particípio poderá ser desenvolvido com o uso dos pronomes relativos.

- "Era chegada a vigília dos dois Apóstolos S. Pedro e S. Paulo, tão **celebrados** na Cristandade." (Castilho)
- A porta da igreja, **aberta** com um violento impulso, rompeu-se em um dos lados.

2) Como simples adjetivo (adjetivo de base participial), modificando nomes com os quais concordará em gênero e número. Neste caso, o particípio indicará a passividade do nome modificado.

- mão **ferida**
- filhos **amados**
- meninos **queridos** pelos professores

⇨ **Observação:**

Por seu valor de adjetivo, os particípios passivos acima podem ser desdobrados em orações adjetivas de sentido passivo: "que foi ferida", "que são amados", "que são queridos".

3) Para a formação de tempos compostos da voz ativa com os verbos auxiliares "ter" e "haver". Neste caso, o particípio ativo permanecerá invariável.

- Nós teríamos **perecido** não fossem os avisos dos guias.
- Por segurança, eles haviam **deixado** os mantimentos no pé da montanha.
- Se eu soubesse que o filme seria aquele, eu teria **ido** ao cinema.

4) Para a formação de locuções verbais da voz passiva analítica. Geralmente as locuções são formadas com os verbos auxiliares "ser", "estar", "ficar" e "permanecer". Destes verbos auxiliares, o verbo "ser" é indiscutivelmente o mais usado para a formação da locução verbal da voz passiva.

- Durante a viagem, os aviões foram **atingidos** por vários relâmpagos.
- "Este amor foi **desprezado** e **ludibriado**, e, depois, **comprimido** pelo desprezo e pelo ludíbrio no fundo do coração do teu pobre amigo." (A. Herculano)
- Os retirantes vinham **fustigados** pelo sol, pela terra árida e seca.

⇨ **Observação:**

Conquanto haja a orientação de se empregar o particípio irregular com os verbos "ser" e "estar" para a formação de locuções verbais da voz passiva, o uso tem consagrado o emprego da forma regular do particípio para a formação da passiva. É o caso, por exemplo, dos particípios "imprimido, sujeitado, envolvido, ocultado".

5) Para a formação de orações adverbiais reduzidas. Nesse caso, se o verbo apresentar duplo particípio, usar-se-á tão somente a sua forma irregular. Observe:

- **Assinada** a escritura, o comprador imitiu-se na posse do imóvel.
- **Aceitas** as condições, assinou-se o contrato.
- **Feitas** as contas, constatou-se que havia um tremendo prejuízo.
- "**Entregue** a preocupações artísticas e religiosas, não atenta na desarmonia orgânica de uma sociedade prostituída pela mácula servil." (Rui Barbosa)

7.5.3.3 Verbos com duplo particípio

Há vários verbos em nossa língua que apresentam mais de uma forma para o particípio – são verbos abundantes. Ao lado da forma regular terminada em "-ado" ou "-ido", existe uma forma irregular (reduzida) ou anormal. Observe uma pequena amostra de verbos com duplo particípio.

Infinitivo do verbo	Particípio regular	Particípio irregular
aceitar	aceitado	aceito
acender	acendido	aceso
anexar	anexado	anexo
benzer	benzido	bento
dispersar	dispersado	disperso
eleger	elegido	eleito
emergir	emergido	emerso
encher	enchido	cheio
entregar	entregado	entregue
enxugar	enxugado	enxuto
erigir	erigido	ereto
expressar	expressado	expresso
exprimir	exprimido	expresso
expulsar	expulsado	expulso
extinguir	extinguido	extinto
frigir	frigido	frito

ganhar	ganhado	ganho
imergir	imergido	imerso
imprimir	imprimido	impresso
incluir	incluído	incluso
incorrer	incorrido	incurso
inserir	inserido	inserto
isentar	isentado	isento
limpar	limpado	limpo
matar	matado	morto
morrer	morrido	morto
ocultar	ocultado	oculto
omitir	omitido	omisso
pagar	pagado	pago
pegar	pegado	pego
prender	prendido	preso
romper	rompido	roto
salvar	salvado	salvo
secar	secado	seco
segurar	segurado	seguro
soltar	soltado	solto
submergir	submergido	submerso
suspender	suspendido	suspenso
tingir	tingido	tinto
vagar	vagado	vago

⇨ Observações:

a) Não raro o usuário da língua se deparar com questões do tipo: “Eu tinha aceitado (ou aceito??) o emprego se...”. Para dirimir tal celeuma, vale aprovisionar a seguinte regra: emprega-se o particípio regular com os verbos “ter” e “haver” para a formação de tempos compostos da voz ativa. Já as formas irregulares, quando existem, são

empregadas para a formação das locuções verbais da voz passiva.

Observe:

↱ *particípio regular*

- A polícia tem **matado** muitos bandidos no Rio de Janeiro.

↳ *formação de tempo composto da voz ativa*

↱ *particípio irregular*

- Muitos bandidos foram mortos pela polícia no Rio de Janeiro.

↳ *formação de locução verbal da voz passiva*

- "Da civilização romana elas não haviam **aceitado** senão a cultura intelectual e as sublimes teorias morais do cristianismo." (A. Herculano)
- "A mulata convidou-os logo a comer um bocado e beber um trago. A proposta foi **aceita** alegremente." (Aluísio Azevedo)
- "Contam que, em rapaz, foi **aceito** de muitas damas, além de partidário exaltado." (Machado de Assis)
- "Houve mais; supondo que ela o tivesse **aceitado** e casassem, pensava agora no esplêndido enterro que lhe faria." (Machado de Assis)

b) Alguns particípios regulares – *fazido, abrido, cobrido, pagado,* por exemplo – caíram em desuso, sendo hoje usadas, tanto para a voz ativa quanto para a voz passiva, as suas formas irregulares – *feito*, *aberto*, *coberto* e *pago*.

- Ele tem **feito** grandes obras no interior. (ativa)
- Grandes obras foram **feitas** no interior. (passiva)

c) Os particípios irregulares são formas "contratas". Muitas destas formas são usadas hoje, consoante já se disse, como meros adjetivos: trem "***expresso***", homem "***cego***", mata "***densa***", carga "***pensa***", roupa "***seca***", vinho "***tinto***".

d) Alguns verbos, especialmente da 2.ª e da 3.ª conjugação, nunca tiveram a forma regular de particípio, apresentando apenas a forma irregular. É o caso, por exemplo, de "*dizer / dito, escrever / escrito, vir / vindo*". Os derivados desses verbos, portanto, só possuem naturalmente o particípio irregular: "*desdito, reescrito, provindo*".

e) Em alguns casos, mesmo o verbo apresentando um particípio regular e outro irregular, uma das formas tende a se consolidar pelo uso, tornando a outra arcaica, obsoleta. Podemos citar como exemplos os particípios *"eleito, enchido, envolvido, ocultado, pago, secado, suprimido"* que hoje são empregados tanto para construções da voz ativa quanto para construções da voz passiva. Veja:

- “Uma noite, como o rei examinasse alguns papéis do Estado, perguntou-lhe ela se os impostos eram **pagos** com pontualidade. (Machado de Assis)”
- “É que Pombinha, orçando aliás pelos dezoito anos, não tinha ainda **pago** à natureza o cruento tributo da puberdade,...” (Aluísio Azevedo)
- “A noite tinha estendido o seu manto: as estrelas cintilavam no firmamento, grossas nuvens haviam **ocultado** a face da lua.” (Cassimiro de Abreu)
- “...mas se [os gritos] eram abafados, não eram **suprimidos**, e em certos casos, o próprio objeto da experiência exigia que a emissão da voz fosse franca....” (Machado de Assis)

7.5.3.4 Particípio passivo de sentido ativo

Em algumas situações, os particípios assumem sentido ativo, a despeito de apresentarem as flexões típicas da voz passiva. Quando isto ocorre, diz-se que o particípio é **depoente**, isto é, com forma passiva e significação ativa. Observe:

- Ela é uma mulher **agradecida**. → Isto é “Ela é uma mulher que agradece”.
- Ele é um menino **atrevido**. → Isto é “Ele é um menino que se atreve”.
- Ele é um homem **ocupado**. → Isto é “Ele é um homem que se ocupa.”
- É um rapaz **esforçado**. → Isto é “É um rapaz que se esforça.”
- Tem uma filha **parecida** com ele. → Isto é “Tem uma filha que se parece com ele”.
- São crianças **sabidas**. → Isto é “São crianças que sabem muito.”
- São pessoas **comedidas**. → Isto é “São pessoas que têm comedimento.”
- Assumiram atitudes **dissimuladas**. → Isto é “Assumiram atitudes que dissimulam.”

7.6 CLASSIFICAÇÃO MORFOLÓGICA DOS VERBOS

São vários os critérios para a classificação morfológica dos verbos. Estudaremos os principais.

7.6.1 QUANTO À TERMINAÇÃO

Os verbos podem ser de 1.ª CONJUGAÇÃO, de 2.ª CONJUGAÇÃO e de 3.ª CONJUGAÇÃO.

1. São de 1.ª conjugação os verbos que apresentam infinitivo em “AR”. São exemplos de verbos de 1.ª conjugação “amar, falar, bebericar, matar, calar, farfalhar”.

2. São de 2.ª conjugação os verbos que apresentam infinitivo em “ER”. São exemplos de verbos de 2.ª conjugação “beber, fenecer, ler, amanhecer, dever”.

3. São de 3.ª conjugação os verbos que apresentam infinitivo em “IR”. São exemplos de verbos de 3.ª conjugação “partir, falir, partir, combalir, embair, cair”.

⇨ **Observação:**

O verbo “pôr”, em virtude de sua etimologia “poer”, pertence à 2.ª conjugação.

7.6.2 QUANTO À FLEXÃO OU À CONJUGAÇÃO

Os verbos podem ser REGULARES, IRREGULARES, DEFECTIVOS, ABUNDANTES e PRONOMINAIS.

1. **Verbo regular** é aquele cujo tema permanece invariável, e a terminação se flexiona de acordo com um tipo geral ou modelo da conjugação, chamado de “paradigma da conjugação.” Como exemplos de verbos regulares, podemos citar: andar, cantar, falar (1.ª conjugação); beber, comer, viver (2.ª conjugação); partir, dividir, produzir (3.ª conjugação).

2. **Verbo irregular** é aquele que não segue o paradigma regular de sua conjugação. O verbo irregular se caracteriza por sofrer alterações em seu tema na sua conjugação. Podemos citar como exemplos de verbos irregulares os verbos “perder, dormir, ter, trazer” etc.

⇨ **Observação:**

Há dois verbos irregulares na língua portuguesa que, em virtude das profundas mudanças por que passam em suas conjugações, recebem a denominação especial de “**anômalos**”. São os verbos “ser” e “ir”, pois apresentam formas como “sou, fui, era, serei, for” etc.

3. **Verbo defectivo** é aquele que não apresenta todos os modos, tempos ou pessoas próprios dos verbos. Como o próprio nome já diz, é o verbo que apresenta algum “defeito” em sua conjugação. Podemos citar como exemplo de verbos defectivos “precaver, reaver, demolir, falir, prazer, florir, soer, abolir, ruir, carpir, adir, adequar” etc.

⇨ **Observação:**

Os verbos defectivos serão estudados em parte específica, um pouco mais à frente.

4. **Verbo abundante** é aquele que apresenta mais de uma forma de conjugação para certos tempos, modos ou pessoas. Geralmente, esta abundância se dá no particípio – o qual já foi objeto de estudo. Raros são os verbos que apresentam abundância fora da forma participial. Podemos citar à guisa de exemplo os verbos "construir" (apresenta as formas "construís" ou "constróis") e "comprazer" (apresenta as formas "comprazi-me e comprouve-me").

⇨ **Observação:**

Para estudar um pouco mais sobre os verbos abundantes, sugerimos que revise o tópico "verbos com duplo particípio".

5. **Verbo pronominal** é aquele que só é conjugado com o auxílio de um pronome pessoal oblíquo, átono. Os pronominais são divididos em:
   a) **Essencialmente pronominais** (são sempre conjugados com o pronome oblíquo): "arrepender-se, queixar-se, dignar-se, abster-se, apoderar-se, suicidar-se, ausentar-se, atrever-se, comportar-se".
   b) **Acidentalmente pronominais** (aqueles que podem ser conjugados com ou sem o auxílio do pronome oblíquo): "ajuntar-se, matar-se, atribuir-se, lembrar-se, debater-se, enganar-se, pentear-se, destinar-se, defender-se".

⇨ **Observação:**

Veja um pouco mais à frente a conjugação de um verbo pronominal.

7.6.3 QUANTO À FUNÇÃO

Os verbos são classificados em AUXILIARES, PRINCIPAIS e VICÁRIOS.

1. **Verbo auxiliar** é aquele que, empregado ao lado de uma forma nominal do verbo (infinitivo, gerúndio ou particípio), formará as locuções verbais e os tempos compostos. Ademais, é o verbo auxiliar que receberá as flexões de tempo, número e pessoa, uma vez que o verbo principal se encontra em uma forma cristalizada (infinitivo, gerúndio ou particípio). Frequentemente, funcionam como auxiliares os verbos "**ser**, **estar**, **ter** e **haver**". Entretanto, outros verbos podem funcionar como auxiliares, como os verbos "**ir**, **dever**, **poder**, **querer**, **andar**" etc.

▹ **tenho** feito ▹ **estávamos** saindo ▹ **vai** sair

- **hão** de comprar
- **fui** ferido

2. **Verbo principal** é, como o próprio nome já o diz, aquele de significação plena e que funciona como núcleo de uma oração. Geralmente, a noção de verbo principal se sobressai quando se fala em locuções verbais e em tempos compostos, já que estas construções perifrásticas são necessariamente formadas por um verbo auxiliar e um verbo principal.

- **Jogarei** bola amanhã.
- Hei de **levar** o produto ainda hoje.
- **Chegaremos** cedo.

3. **Verbo vicário é aquele empregado em lugar de outro verbo anteriormente enunciado para se evitar sua repetição. É um poderoso recurso de coesão textual, pois torna o texto conciso e elegante. Geralmente são empregados como vicários os verbos "ser" e "fazer".**

- Deveria entregar o processo até as 17h, mas não o **fez**.
- Quase sempre ele não estudava. Quando o **fazia**, **era** para obter alguma vantagem do pai.

7.6.4 QUANTO À SIGNIFICAÇÃO OU AO ASPECTO (SENTIDO EXPRESSO)

Os verbos podem ser classificados em IMITATIVOS, FREQUENTATIVOS ou ITERATIVOS, INCOATIVOS, AUMENTATIVOS e DIMINUTIVOS.

1. **Verbos imitativos** (chamados também de onomatopaicos) são aqueles que expressam a própria ação dos nomes de que derivam. Observe:

- balançar, balancear → de balança
- engatinhar → de gato
- serpentear → de serpente
- judiar → de judeu
- latinizar → de latim
- corvejar → de corvo
- patinhar → de pato
- gralhar → de gralha

2. **Verbos frequentativos** (chamados também de iterativos) são aqueles que exprimem ação repetida, frequente, reiterada. São verbos geralmente derivados de nomes e até mesmo de verbos com as terminações "-ejar, -ear, -itar, -inhar". Vejamos alguns:

- bravejar → de bravo
- pestanejar → de pestana
- doidejar → de doido
- saltitar, saltear → de saltar
- estalejar → de estalar
- passear → de passar

- bordejar → de bordo
- cabecear → de cabeça
- cravejar → de cravar
- almejar → de alma

3. **Verbos incoativos** são aqueles que indicam o início de uma ação ou de um estado. Observe alguns:

- alvorecer → de alvo
- enraivecer → de raiva
- amarelecer → de amarelo
- amanhecer → de manhã
- começar → de começo
- esclarecer → de claro
- iniciar → de início
- envelhecer → de velho
- florescer → de flor
- madurar → de maduro

4. **Verbos aumentativos** são verbos derivados cuja significação é aumentada ou avivada para mais, geralmente com o auxílio de prefixos.

- recontar → de contar
- estrondear → de estrondar
- repousar → de pousar
- ressoar → de soar
- esmurraçar → de esmurrar
- rever → de ver
- recrescer → de crescer
- tressuar → de suar

5. **Verbos diminutivos** são verbos derivados cuja significação é aumentada ou avivada para menos, geralmente com o emprego de sufixos. Tais verbos transmitem nítida significação de diminuição, de atenuação.

- adocicar → de adoçar
- chuviscar → de chover
- lambiscar → de lamber
- mordiscar → de morder
- bebericar → de beber
- cuspinhar → de cuspir
- namoricar → de namorar
- saltitar → de saltar

7.6.5 QUANTO À FORMAÇÃO

Os verbos são classificados em PRIMITIVOS e DERIVADOS.

1. **Verbo primitivo** é aquele que não foi formado por nenhum outro verbo preexistente.

- pôr
- cantar
- ter
- ver
- vir

2. **Verbo derivado** é aquele que foi formado a partir de outro verbo preexistente.

- depor
- encantar
- deter
- rever
- provir

7.6.6 QUANTO À PRESENÇA OU NÃO DE UM SUJEITO

Os verbos são classificados em PESSOAIS, UNIPESSOAIS e IMPESSOAIS.

1. **Verbo pessoal** é aquele que apresenta sujeito, quer este seja explícito, quer seja implícito.

- **Iremos** à casa da vovó.
  sujeito = nós
- Os rapazes **sairão** hoje à noite.
  sujeito = os rapazes
- **Nadei** por vários minutos.
  sujeito = eu

2. **Verbo unipessoal** é aquele que praticamente só é usado na 3.ª pessoa, ora do singular, ora do plural, pois o seu sujeito é necessariamente da 3.ª pessoa. São unipessoais todos os verbos que indicam vozes de animais, como "grunhir, cacarejar, latir, miar, piar" etc. Outros verbos também se apresentam na forma unipessoal, como os verbos "prazer e doer".

3. **Verbo impessoal** é aquele que não possui sujeito para que com este concorde. Por convenção, os verbos impessoais são sempre empregados na 3.ª pessoa do singular. São impessoais, por exemplo, todos os verbos que indicam fenômenos da natureza, como "chover, ventar, relampejar, gear" etc. Outro caso bastante conhecido é o do verbo HAVER no sentido de "existir, acontecer, ocorrer, realizar-se" e do verbo "fazer" quando indica tempo decorrido.

⇨ **Observação:**

Para aprofundar o conhecimento sobre os verbos impessoais, sugerimos que estude, em sintaxe, o tópico sobre as orações sem sujeito.

7.7 VERBOS DEFECTIVOS

Como já mencionamos, verbos defectivos (latim "defectum" = defeituoso, deficiente) são aqueles que não apresentam conjugação completa, pois, em virtude de alguns fatores, tais verbos são faltantes em modos, tempos e pessoas.

Na língua portuguesa, são defectivos os seguintes verbos e/ou grupos verbais:

1. **Todos os verbos impessoais** – verbos que não apresentam sujeito e, portanto, só são empregados, por convenção, na 3.ª pessoa do singular. São denominados de "verbos defectivos impessoais".

Convém a esta altura salientar que a defectividade, na língua portuguesa, não é só em relação à ausência do modo, do tempo ou da pessoa por parte de um verbo, mas ela se dá também em relação ao emprego do verbo. Se prestarmos atenção, perceberemos que o verbo HAVER é conjugado em todos os modos, tempos e pessoas. Entretanto, quando é empregado no sentido de "existir, ocorrer, realizar-se, acontecer", só pode ser usado na 3.ª pessoa do singular. Por isso, diz-se que a impessoalidade é um caso de defectividade na língua portuguesa.

2. **Todos os verbos unipessoais** – verbos que, por situações especiais, são conjugados tão somente na 3.ª pessoa do singular ou do plural. Isso ocorre frequentemente com os verbos "convir, acontecer, doer, ocorrer, suceder, importar, constar" e com os verbos que indicam sons dos animais, como "latir, miar, grunhir, mugir, relinchar, cacarejar, silvar, grugulejar etc.".

3. **Verbos que, por questões fonéticas (podem provocar confusão com as formas de outro verbo ou apresentam uma sonoridade reprovável), não apresentam a 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo, nem o presente do subjuntivo. Tais verbos só apresentam as pessoas "tu" e "vós" no imperativo afirmativo, já que o imperativo negativo para eles inexiste.** Pertencem a este grupo os verbos "abolir, banir, carpir (capinar, arrancar), colorir, delinquir, delir (apagar, esvanecer), demolir, exaurir (esgotar, acabar), extorquir, florir, fulgir (brilhar, resplandecer), jungir (juntar, unir, ligar), retorquir (argumentar contrariamente, replicar), soer (costumar, acontecer com frequência), urgir (ser urgente), tinir (soar)".

Observe o fenômeno da defectividade com o verbo "abolir":

PRESENTE DO INDICATIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO	IMPERATIVO	
		AFIRMATIVO	NEGATIVO
–	–	–	–
aboles	–	**abole**	–
abole	–	–	–
abolimos	–	–	–
abolis	–	**aboli**	–
abolem	–	–	–

4. **Verbos que, por questões fonéticas (podem provocar confusão com as formas de outro verbo ou apresentam uma sonoridade reprovável), não apresentam as três pessoas do singular e a 3.ª pessoa do plural do presente de indicativo, nem o presente do subjuntivo. No imperativo afirmativo, só apresentam o "vós". Inexiste, por conseguinte, o imperativo negativo.** Pertencem a este grupo os verbos "precaver, aguerrir, adequar, empedernir (petrificar), remir (resgatar), fornir (abastecer, prover), falir, embair (iludir, seduzir), adir (acrescentar, adicionar), renhir (disputar, pleitear)".

Observe a conjugação defectiva do verbo "precaver".

PRESENTE DO INDICATIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO	IMPERATIVO	
		AFIRMATIVO	NEGATIVO
–	–	–	–
–	–	–	–
–	–	–	–
precavemos	–	–	–
precaveis	–	**precavei**	–
–	–	–	–

5. **O verbo REAVER.** Este verbo é inteiramente derivado do verbo HAVER, mas só se conjuga nas formas em que o seu primitivo apresenta a letra "V". No presente do indicativo só apresenta a 1.ª e 2.ª pessoas. Logo, não apresenta nenhuma forma do presente do subjuntivo. No imperativo afirmativo, só possui a 2.ª pessoa do plural.

Observe:

PRESENTE DO INDICATIVO DO VERBO "HAVER"	PRESENTE DO INDICATIVO DO VERBO "REAVER"	IMPERATIVO DO VERBO "REAVER"	
		AFIRMATIVO	NEGATIVO
hei	–	–	–
hás	–	–	–
há	–	–	–
havemos	**reavemos**	–	–
haveis	**reaveis**	**reavei**	–
hão	–	–	–

⇨ **Observação:**

Convém salientar que o verbo reaver apresenta os demais tempos. Observe abaixo toda a conjugação do verbo REAVER:

Reaver

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
-	reavia	reaverei	reaveria	reouve	reouvera
-	reavias	reaverás	reaverias	reouveste	reouveras
-	reavia	reaverá	reaveria	reouve	reouvera
reavemos	reavíamos	reaveremos	reaveríamos	reouvemos	reouvéramos
reaveis	reavíeis	reavereis	reaveríeis	reouvestes	reouvéreis
-	reaviam	reaverão	reaveriam	reouveram	reouveram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
-	reouvesse	reouver	-	reaver	reavendo
-	reouvesses	reouveres	-	reaveres	
-	reouvesse	reouver	-	reaver	**Particípio**
-	reouvéssemos	reouvermos	-	reavermos	reavido
-	reouvésseis	reouverdes	reavei	reaverdes	
-	reouvessem	reouverem	-	reaverem	

⇨ Observações gerais sobre os verbos defectivos:

1. O verbo “computar”, a despeito de ser classificado como verbo regular pelo dicionário Houaiss, é considerado pela maioria dos estudiosos da língua portuguesa como “defectivo” em virtude de sua péssima sonoridade. E, de fato, é assim que ele deve ser classificado, pois ninguém em sã consciência diria “eu computo”, “tu computas”, “ele computa”.

2. O verbo “viger”, bastante usado no meio jurídico, é defectivo, pois só é conjugado nas formas em que ao “G” segue-se a letra “E”. Portanto, tal verbo não apresenta a 1.ª

pessoa do singular do presente do indicativo “eu vijo”. Consequentemente, este verbo não apresentará os tempos derivados do presente do indicativo – presente do subjuntivo e, por conseguinte, o modo imperativo.

Presente do Indicativo

eu	/
tu	viges
ele	vige
nós	vigemos
vós	vigeis
eles	vigem

3. O problema da defectividade verbal deve ser suprido com o emprego de circunlóquios – verbos ou substantivos sinônimos ou de locuções verbais (construções perifrásticas). Observe abaixo algumas sugestões:

a) Eu sempre me **adapto** bem às novas situações. (para o lugar do verbo “adequar”)

b) Eles sempre se **previnem** contra o sol. (para o lugar do verbo “precaver”)

c) É importante que essas rosas **floresçam** durante o inverno. (para o lugar do verbo “florir”)

d) Ele **está abolindo** o fumo de sua vida. (locução com o verbo “abolir”)

e) Eu **destruo** tudo o que pode me causar mal. (para o lugar do verbo “demolir”)

f) Nós queremos que ele **recupere** o dinheiro perdido. (para o lugar do verbo “reaver”)

7.8 PARADIGMAS DE CONJUGAÇÃO VERBAL – CONJUGAÇÃO DE DIVERSOS VERBOS

Sem dúvida, aqui está uma parte da gramática normativa que merece toda a sua atenção. Frequentemente, os concursos cobram dos candidatos a correta conjugação de vários verbos. Portanto, vamos ao conteúdo abaixo. Uma sugestão: estude aos poucos e não se desespere com a quantidade de detalhes. Procure aprovisionar as informações aos poucos. Algumas são essenciais, outras, nem tanto.

Procuramos abaixo selecionar os principais verbos que apresentam dificuldades em suas conjugações.

7.8.1 CONJUGAÇÃO DOS VERBOS AUXILIARES "SER, ESTAR, TER E HAVER"

Ser

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
sou	era	serei	seria	fui	fora
és	eras	serás	serias	foste	foras
é	era	será	seria	foi	fora
somos	éramos	seremos	seríamos	fomos	fôramos
sois	éreis	sereis	seríeis	fostes	fôreis
são	eram	serão	seriam	foram	foram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
seja	fosse	for	–	ser	sendo
sejas	fosses	fores	sê	seres	
seja	fosse	for	seja	ser	**Particípio**
sejamos	fôssemos	formos	sejamos	sermos	sido
sejais	fôsseis	fordes	sede	serdes	
sejam	fossem	forem	sejam	serem	

Estar

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
estou	estava	estarei	estaria	estive	estivera
estás	estavas	estarás	estarias	estiveste	estiveras
está	estava	estará	estaria	esteve	estivera
estamos	estávamos	estaremos	estaríamos	estivemos	estivéramos
estais	estáveis	estareis	estaríeis	estivestes	estivéreis

estão	estavam	estarão	estariam	estiveram	estiveram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
esteja	estivesse	estiver	–	estar	estando
estejas	estivesses	estiveres	está	estarem	
esteja	estivesse	estiver	esteja	estar	**Particípio**
estejamos	estivéssemos	estivermos	estejamos	estarmos	estado
estejais	estivésseis	estiverdes	estai	estardes	
estejam	estivessem	estiverem	estejam	estarem	

Ter

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
tenho	tinha	terei	teria	tive	tivera
tens	tinhas	terás	terias	tiveste	tiveras
tem	tinha	terá	teria	teve	tivera
temos	tínhamos	teremos	teríamos	tivemos	tivéramos
tendes	tínheis	tereis	teríeis	tivestes	tivéreis
têm	tinham	terão	teriam	tiveram	tiveram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
tenha	tivesse	tiver	–	ter	tendo
tenhas	tivesses	tiveres	tem	teres	
tenha	tivesse	tiver	tenha	ter	**Particípio**
tenhamos	tivéssemos	tivermos	tenhamos	termos	tido
tenhais	tivésseis	tiverdes	tende	terdes	
tenham	tivessem	tiverem	tenham	terem	

Haver

INDICATIVO					
Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro do Presente	Futuro do Pretérito	Pretérito Perfeito	Pretérito mais-que-perfeito
hei	havia	haverei	haveria	houve	houvera
hás	havias	haverás	haverias	houveste	houveras
há	havia	haverá	haveria	houve	houvera
havemos	havíamos	haveremos	haveríamos	houvemos	houvéramos
haveis	havíeis	havereis	haveríeis	houvestes	houvéreis
hão	haviam	haverão	haveriam	houveram	houveram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro		Infinitivo flexionado	Gerúndio
haja	houvesse	houver	–	haver	havendo
hajas	houvesses	houveres	há	haveres	
haja	houvesse	houver	haja	haver	**Particípio**
hajamos	houvéssemos	houvermos	hajamos	havermos	havido
hajais	houvésseis	houverdes	havei	haverdes	
hajam	houvessem	houverem	hajam	haverem	

⇨ **Observações importantes:**

a) De forma excepcional, o verbo “ser” apresenta formas anômalas para o “tu” e o “vós”. Teremos, respectivamente, “sê” e “sede”, pois as segundas pessoas do imperativo do verbo SER foram tiradas de um antigo presente do verbo “SEER” (sees, seedes), do latim “SEDERE”.

7.8.2 CONJUGAÇÃO DE VERBOS DERIVADOS

Há um sem-número de verbos na língua portuguesa que são derivados de outros, ditos “primitivos”. Frequentemente, cobra-se de um candidato a um concurso o conhecimento sobre a conjugação destes verbos. E, em virtude da fonia e da grafia esdrúxulas que alguns apresentam, muitos e frequentes são os erros. É preciso, portanto, ficar atento à regra: **a conjugação do verbo derivado segue a conjugação do seu verbo primitivo**.

Logo, basta conjugar o verbo primitivo e lhe acrescentar o prefixo. Observe abaixo a conjugação do verbo “PROPOR”, derivado do verbo “PÔR”.

Propor

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
proponho	**pro**punha	**pro**porei	**pro**poria	**pro**pus	**pro**pusera
propões	**pro**punhas	**pro**porás	**pro**porias	**pro**puseste	**pro**puseras
propõe	**pro**punha	**pro**porá	**pro**poria	**pro**pôs	**pro**pusera
propomos	**pro**púnhamos	**pro**poremos	**pro**poríamos	**pro**pusemos	**pro**puséramos
propondes	**pro**púnheis	**pro**poreis	**pro**poríeis	**pro**pusestes	**pro**puséreis
propõem	**pro**punham	**pro**porão	**pro**poriam	**pro**puseram	**pro**puseram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
proponha	**pro**pusesse	**pro**puser	–	**pro**por	**pro**pondo
proponhas	**pro**pusesses	**pro**puseres	**pro**põe	**pro**pores	
proponha	**pro**pusesse	**pro**puser	**pro**ponha	**pro**por	**Particípio**
proponhamos	**pro**puséssemos	**pro**pusermos	**pro**ponhamos	**pro**pormos	**pro**posto
proponhais	**pro**puséssеis	**pro**puserdes	**pro**ponde	**pro**pordes	
proponham	**pro**pusessem	**pro**puserem	**pro**ponham	**pro**porem	

Perceba que toda a conjugação foi baseada no verbo “pôr”, que é o seu primitivo. Semelhantemente, conjugam-se verbos como:

a) repor, depor, supor, dispor → derivados do verbo “pôr”
b) convir, intervir, advir, provir → derivados do verbo “vir”.
c) ater-se, conter, reter, manter, deter → derivados do verbo “ter”
d) prever, rever, antever, circunver → derivados do verbo “ver”.

7.8.3 CONJUGAÇÃO DOS VERBOS TERMINADOS NOS HIATOS “-AIR, -OER, -UIR”

Estes verbos são interessantes porque frequentemente se veem empregadas formas como “possue, restitue, constitue, róe”. Ora, a 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo apresenta a desinência “i” e jamais “e”, como pensam alguns. Portanto, fique atento à conjugação de verbos como “sair, cair, abstrair, contrair, moer, roer, doer, remoer, possuir, construir, restituir, constituir etc.”.

Veja abaixo a conjugação do verbo “possuir”.

Possuir

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
possuo	possuía	possuirei	possuiria	possuí	possuíra
possuis	possuías	possuirás	possuirias	possuíste	possuíras
possui	possuía	possuirá	possuiria	possuiu	possuíra
possuímos	possuíamos	possuiremos	possuiríamos	possuímos	possuíramos
possuís	possuíeis	possuireis	possuiríeis	possuístes	possuíreis
possuem	possuíam	possuirão	possuiriam	possuíram	possuíram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo Flexionado**	**Gerúndio**
possua	possuísse	possuir	–	possuir	possuindo
possuas	possuísses	possuíres	possui	possuíres	
possua	possuísse	possuir	possua	possuir	**Particípio**
possuamos	possuíssemos	possuirmos	possuamos	possuirmos	possuído
possuais	possuísseis	possuirdes	possuí	possuirdes	
possuam	possuíssem	possuírem	possuam	possuírem	

7.8.4 CONJUGAÇÃO DE VERBOS IRREGULARES

São verbos que, como já se disse, não seguem um paradigma de conjugação. Sofrem, por isso, bruscas alterações em seus radicais. Abaixo, segue a conjugação de três verbos irregulares: “pedir, caber e trazer”.

Pedir

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
peço	pedia	pedirei	pediria	pedi	pedira
pedes	pedias	pedirás	pedirias	pediste	pediras
pede	pedia	pedirá	pediria	pediu	pedira
pedimos	pedíamos	pediremos	pediríamos	pedimos	pedíramos
pedis	pedíeis	pedireis	pediríeis	pedistes	pedíreis
pedem	pediam	pedirão	pediriam	pediram	pediram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
peça	pedisse	pedir	–	pedir	pedindo
peças	pedisses	pedires	pede	pedires	
peça	pedisse	pedir	peça	pedir	**Particípio**
peçamos	pedíssemos	pedimos	peçamos	pedirmos	pedido
peçais	pedísseis	pedirdes	pedi	pedirdes	
peçam	pedissem	pedirem	peçam	pedirem	

Caber

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
caibo	cabia	caberei	caberia	coube	coubera
cabes	cabias	caberás	caberias	coubeste	couberas
cabe	cabia	caberá	caberia	coube	coubera
cabemos	cabíamos	caberemos	caberíamos	coubemos	coubéramos
cabeis	cabíeis	cabereis	caberíeis	coubestes	coubéreis
cabem	cabiam	caberão	caberiam	couberam	couberam

SUBJUNTIVO				FORMAS NOMINAIS	

Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro	IMPERATIVO AFIRMATIVO	Infinitivo flexionado	Gerúndio
caiba	coubesse	couber	–	caber	cabendo
caibas	coubesses	couberes	–	caberes	
caiba	coubesse	couber	–	caber	**Particípio**
caibamos	coubéssemos	coubermos	–	cabermos	cabido
caibais	coubésseis	couberdes	–	caberdes	
caibam	coubessem	couberem	–	caberem	

Trazer

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
tra**g**o	trazia	trarei	traria	trouxe	trouxera
trazes	trazias	trarás	trarias	trouxeste	trouxeras
traz	trazia	trará	traria	trouxe	trouxera
trazemos	trazíamos	traremos	traríamos	trouxemos	trouxéramos
trazeis	trazíeis	trareis	traríeis	trouxestes	trouxéreis
trazem	traziam	trarão	trariam	trouxeram	trouxeram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
tra**g**a	trouxesse	trouxer	–	trazer	trazendo
tra**g**as	trouxesses	trouxeres	traz/traze	trazeres	
tra**g**a	trouxesse	trouxer	tra**g**a	trazer	**Particípio**
tra**g**amos	trouxéssemos	trouxermos	tra**g**amos	trazermos	trazido
tra**g**ais	trouxésseis	trouxerdes	trazei	trazerdes	
tra**g**am	trouxessem	trouxerem	tra**g**am	trazerem	

7.8.5 CONJUGAÇÃO DE VERBOS PRONOMINAIS

São verbos especiais, porque necessariamente são conjugados com o auxílio de um pronome pessoal do caso oblíquo. São exemplos desses verbos “arrepender-se, queixar-se, apiedar-se”.

Observe abaixo a conjugação do verbo “queixar-se”.

Queixar-se

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
queixo-me	queixava-me	queixar-me-ei	queixar-me-ia	queixei-me	queixara-me
queixas-te	queixavas-te	queixar-te-ás	queixar-te-ias	queixaste-te	queixaras-te
queixa-se	queixava-se	queixar-se-á	queixar-se-ia	queixou-se	queixara-se
queixamo-nos	queixávamo-nos	queixar-nos-emos	queixar-nos-íamos	queixamo-nos	queixáramo-nos
queixais-vos	queixáveis-vos	queixar-vos-eis	queixar-vos-íeis	queixastes-vos	queixáreis-vos
queixam-se	queixavam-se	queixar-se-ão	queixar-se-iam	queixaram-se	queixaram-se

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
me queixe	me queixasse	me queixar	–	queixar-me	queixando-se
te queixes	te queixasses	te queixares	queixa-te	queixares-te	
se queixe	se queixassem	se queixar	queixe-se	queixar-se	**Particípio**
nos queixemos	nos queixássemos	nos queixarmos	queixemo-nos	queixarmo-nos	se queixado
vos queixeis	vos queixásseis	vos queixardes	queixai-vos	queixardes-vos	
se queixem	se queixassem	se queixarem	queixem-se	queixarem-se	

⇨ **Observações**

Com as formas nominais não flexionadas, o pronome será da mesma categoria número-pessoal do sujeito.

7.8.6 CONJUGAÇÃO DOS VERBOS TERMINADOS NO HIATO “-EAR”

São verbos especiais, porque intercalam, por motivos fonéticos, um “i” intervocálico em

sua desinência nas formas rizotônicas (presentes do indicativo e do subjuntivo, salvo nas pessoas “nós” e “vós” e no modo imperativo, exceto também nas pessoas “nós” e “vós”). Acompanhe abaixo a conjugação do verbo “nortear”. Observe o acréscimo do “i” nas formas rizotônicas.

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
norteio	norteava	nortearei	nortearia	norteei	norteara
norteias	norteavas	nortearás	nortearias	norteaste	nortearas
norteia	norteava	norteará	nortearia	norteou	norteara
norteamos	norteávamos	nortearemos	nortearíamos	norteamos	norteáramos
norteais	norteáveis	nortearеis	nortearíeis	norteastes	norteáreis
norteiam	norteavam	nortearão	nortearíam	nortearam	nortearam

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
norteie	norteasse	nortear	–	nortear	norteando
norteies	norteasses	norteares	norteia	norteares	
norteie	norteasse	nortear	norteie	nortear	**Particípio**
norteemos	norteássemos	nortearmos	norteemos	nortearmos	norteado
norteeis	norteásseis	norteardes	norteai	norteardes	
norteiem	norteassem	nortearem	norteiem	nortearem	

Assim como “nortear”, conjugam-se os verbos “pentear, marear, enfear, cear, chatear, manusear, pleitear, sortear, homenagear, saborear, passear, nortear, veranear, arrear” e todos os outros finalizados em “-ear”.

7.8.7 CONJUGAÇÃO DOS VERBOS TERMINADOS NO HIATO “-IAR”

Todos os verbos terminados em “-iar” seguem o paradigma de conjugação para os verbos da 3.ª conjugação. Isto quer dizer que são regulares. Observe abaixo a conjugação do verbo “variar”.

Variar

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
vario	variava	variarei	variaria	variei	variara
varias	variavas	variarás	variarias	variaste	variaras
varia	variava	variará	variaria	variou	variara
variamos	variávamos	variaremos	variaríamos	variamos	variáramos
variais	variáveis	variareis	variaríeis	variastes	variáreis
variam	variavam	variarão	variariam	variaram	variaram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
varie	variasse	variar	–	variar	variando
varies	variasses	variares	varia	variares	
varie	variasse	variar	varie	variar	**Particípio**
variemos	variássemos	variarmos	variemos	variarmos	variado
varieis	variásseis	variardes	variai	variardes	
variem	variassem	variarem	variem	variarem	

⇨ **Observação:**

Seis verbos há em nossa língua, os quais fogem ao paradigma acima, pois intercalam um "E" eufônico nas formas rizotônicas. São eles: mediar, ansiar, remediar, incendiar, odiar e intermediar. Para decorá-los, memorize o anagrama M-A-R-I-O – I. Veja:

M ediar
A nsiar
R emediar
I ncendiar
O diar
I ntermediar

Observe agora a conjugação de um desses verbos:

Ansiar

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
anseio	ansiava	ansiarei	ansiaria	ansiei	ansiara
anseias	ansiavas	ansiarás	ansiarias	ansiaste	ansiaras
anseia	ansiava	ansiará	ansiaria	ansiou	ansiara
ansiamos	ansiávamos	ansiaremos	ansiaríamos	ansiamos	ansiáramos
ansiais	ansiáveis	ansiareis	ansiaríeis	ansiastes	ansiáreis
anseiam	ansiavam	ansiarão	ansiariam	ansiaram	ansiaram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
anseie	ansiasse	ansiar	–	ansiar	ansiando
anseies	ansiasses	ansiares	anseia	ansiares	
anseie	ansiasse	ansiar	anseie	ansiar	**Particípio**
ansiemos	ansiássemos	ansiarmos	ansiemos	ansiarmos	ansiado
ansieis	ansiásseis	ansiardes	ansiai	ansiardes	
anseiem	ansiassem	ansiarem	anseiem	ansiarem	

7.8.8 CONJUGAÇÃO DE VERBOS TERMINADOS NOS HIATOS “-OAR” E “-UAR”

Tais verbos merecem destaque porque apresentam a letra “E” em todas as formas do presente do subjuntivo. São frequentes os erros ao se escrever “continui” e “abençoi”, por exemplo.

Observe abaixo a conjugação do verbo “abençoar”.

Abençoar

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
abençoo	abençoava	abençoarei	abençoaria	abençoei	abençoara
abençoas	abençoavas	abençoarás	abençoarias	abençoaste	abençoaras

abençoa	abençoava	abençoará	abençoaria	abençoou	abençoara
abençoamos	abençoávamos	abençoaremos	abençoaríamos	abençoamos	abençoáramos
abençoais	abençoáveis	abençoareis	abençoaríeis	abençoastes	abençoáreis
abençoam	abençoavam	abençoarão	abençoariam	abençoaram	abençoaram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
abençoe	abençoasse	abençoar	–	abençoar	abençoando
abençoes	abençoasses	abençoares	abençoa	abençoares	
abençoe	abençoasse	abençoar	abençoe	abençoar	**Particípio**
abençoemos	abençoássemos	abençoarmos	abençoemos	abençoarmos	abençoado
abençoeis	abençoásseis	abençoardes	abençoai	abençoardes	
abençoem	abençoassem	abençoarem	abençoem	abençoarem	

⇨ **Observação:**

Os verbos terminados em "-OAR", em virtude das novas regras propostas pelo Acordo Ortográfico de 1990, já não mais recebem acento circunflexo no hiato "OO", o qual se forma na 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo. Por isso, escreveremos corretamente "eu voo, eu abençoo, eu enjoo, eu roo etc.".

7.8.9 CONJUGAÇÃO DOS VERBOS "VER" E "VIR" NO FUTURO DO SUBJUNTIVO

Frequentemente, os concursos cobram o conhecimento sobre a distinção entre as conjugações dos verbos "ver" e "vir" no futuro do subjuntivo. De fato, é importante não se confundir: "quando ou se eu vir" dir-se-á para a 1.ª pessoa do singular do verbo "ver"; ao passo que se empregará "quando ou se eu vier" para a 1.ª pessoa do singular do verbo "vir". Seguem neste mesmo paradigma os verbos derivados desses dois verbos (rever, prever, provir, intervir etc.). Observe abaixo o futuro do subjuntivo dos verbos "ver" e "vir":

Futuro do Subjuntivo do verbo VER

eu	**vir**
tu	vires

ele	vir
nós	virmos
vós	virdes
eles	virem

Futuro do Subjuntivo do verbo VIR

eu	**vier**
tu	vieres
ele	vier
nós	viermos
vós	vierdes
eles	vierem

7.8.10 OUTRAS PARTICULARIDADES GRÁFICAS E FONÉTICAS SOBRE VERBOS DA 1.ª CONJUGAÇÃO

1. Os verbos terminados em "**CAR**" (abarcar, alocar, clinicar, dedicar, emboscar etc.) mudam o "c" em "qu" antes de "E". Observe este fenômeno na conjugação do verbo **FICAR**.

Ficar

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
fico	ficava	ficarei	ficaria	fi**qu**ei	ficara
ficas	ficavas	ficarás	ficarias	ficaste	ficaras
fica	ficava	ficará	ficaria	ficou	ficara
ficamos	ficávamos	ficaremos	ficaríamos	ficamos	ficáramos
ficais	ficáveis	ficareis	ficaríeis	ficastes	ficáreis
ficam	ficavam	ficarão	ficariam	ficaram	ficaram
SUBJUNTIVO			**IMPERATIVO**	**FORMAS NOMINAIS**	

Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro	AFIRMATIVO	Infinitivo flexionado	Gerúndio
fi**qu**e	ficasse	ficar	–	ficar	ficando
fi**qu**es	ficasses	ficares	fica	ficares	
fi**qu**e	ficasse	ficar	fi**qu**e	ficar	**Particípio**
fi**qu**emos	ficássemos	ficarmos	fi**qu**emos	ficarmos	ficado
fi**qu**eis	ficásseis	ficardes	ficai	ficardes	
fi**qu**em	ficassem	ficarem	fi**qu**em	ficarem	

2. Os verbos terminados em "**ÇAR**" (abraçar, adoçar, bagunçar, caçar, desembaçar etc.) perdem a cedilha antes de "E". Observe a conjugação do verbo **DISFARÇAR**. Perceba que este fenômeno se dá no presente do subjuntivo e no modo imperativo, nas formas derivadas daquele.

Disfarçar

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
disfarço	disfarçava	disfarçarei	disfarçaria	disfar**c**ei	disfarçara
disfarças	disfarçavas	disfarçarás	disfarçarias	disfarçaste	disfarçaras
disfarça	disfarçava	disfarçará	disfarçaria	disfarçou	disfarçara
disfarçamos	disfarçávamos	disfarçaremos	disfarçaríamos	disfarçamos	disfarçáramos
disfarçais	disfarçáveis	disfarçareis	disfarçaríeis	disfarçastes	disfarçáreis
disfarçam	disfarçavam	disfarçarão	disfarçariam	disfarçaram	disfarçaram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
disfar**c**e	disfarçasse	disfarçar	–	disfarçar	disfarçando
disfar**c**es	disfarçasses	disfarçares	disfarça	disfarçares	
disfar**c**e	disfarçasse	disfarçar	disfar**c**e	disfarçar	**Particípio**
disfar**c**emos	disfarçássemos	disfarçarmos	disfar**c**emos	disfarçarmos	disfarçado
disfar**c**eis	disfarçásseis	disfarçardes	disfarçai	disfarçardes	

disfar**ce**m	disfarçassem	disfarçarem	disfar**ce**m	disfarçarem	

3. Os verbos terminados em "**GAR**" (abrigar, achegar, advogar, afagar, comungar etc.) recebem "U" antes da letra "E". Observe a conjugação do verbo **CHEGAR** e verifique esta mudança.

Chegar

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
chego	chegava	chegarei	chegaria	cheg**u**ei	chegara
chegas	chegavas	chegarás	chegarias	chegaste	chegaras
chega	chegava	chegará	chegaria	chegou	chegara
chegamos	chegávamos	chegaremos	chegaríamos	chegamos	chegáramos
chegais	chegáveis	chegareis	chegaríeis	chegastes	chegáreis
chegam	chegavam	chegarão	chegariam	chegaram	chegaram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
cheg**u**e	chegasse	chegar	–	chegar	chegando
cheg**u**es	chegasses	chegares	chega	chegares	
cheg**u**e	chegasse	chegar	cheg**u**e	chegar	**Particípio**
cheg**u**emos	chegássemos	chegarmos	cheg**u**emos	chegarmos	chegado
cheg**u**eis	chegásseis	chegardes	chegai	chegardes	
cheg**u**em	chegassem	chegarem	cheg**u**em	chegarem	

4. O verbo **CONSUMAR** (completar, acabar, terminar), muito usual no meio jurídico, segue normalmente o paradigma dos verbos da 1.ª conjugação. Observe abaixo:

Consumar

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-**

					que-perfeito
consumo	consumava	consumarei	consumaria	consumei	consumara
consumas	consumavas	consumarás	consumarias	consumaste	consumaras
consuma	consumava	consumará	consumaria	consumou	consumara
consumamos	consumávamos	consumaremos	consumaríamos	consumamos	consumáramos
consumais	consumáveis	consumareis	consumaríeis	consumastes	consumáreis
consumam	consumavam	consumarão	consumariam	consumaram	consumaram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro		Infinitivo flexionado	Gerúndio
consume	consumasse	consumar	–	consumar	consumando
consumes	consumasses	consumares	consuma	consumares	
consume	consumasse	consumar	consume	consumar	Particípio
consumemos	consumássemos	consumarmos	consumemos	consumarmos	consumado
consumeis	consumásseis	consumardes	consumai	consumardes	
consumem	consumassem	consumarem	consumem	consumarem	

5. O verbo **AVERIGUAR** bem como os verbos ENXAGUAR, AGUAR, APANIGUAR, APAZIGUAR, APROPINGUAR, DESAGUAR, OBLIQUAR apresentam dois paradigmas de conjugação a partir do Acordo Ortográfico de 1990:
   a) Continuam com as formas rizotônicas igualmente acentuadas no "U", mas sem marca gráfica. Exemplo: *averiguo, averiguas, averigua; averigue, averigues, averigue, averiguem; enxaguo, enxaguas, enxagua, enxaguam; enxague, enxagues, enxague, enxaguem etc.*
   b) Apresentam as formas rizotônicas acentuadas fônica e graficamente nas vogais "a" e "i", presentes no radical. Exemplo: *averíguo, averíguas, averígua; averígue, averígues, averígue, averíguem; enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam; enxágue, enxágues, enxágue, enxáguem etc.*

7.8.11 OUTRAS PARTICULARIDADES GRÁFICAS E FONÉTICAS SOBRE VERBOS DA 2.ª CONJUGAÇÃO

1. Os verbos terminados em "**GER**" (constranger, desproteger, eleger, proteger, ranger etc.) mudam o "G" em "J" antes de "O e A". Observe a conjugação do verbo REGER e acompanhe esta alteração.

Reger

INDICATIVO					
Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro do Presente	Futuro do Pretérito	Pretérito Perfeito	Pretérito mais-que-perfeito
re**j**o	regia	regerei	regeria	regi	regera
reges	regias	regerás	regerias	regeste	regeras
rege	regia	regerá	regeria	regeu	regera
regemos	regíamos	regeremos	regeríamos	regemos	regêramos
regeis	regíeis	regereis	regeríeis	regestes	regêreis
regem	regiam	regerão	regeriam	regeram	regeram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro		Infinitivo flexionado	Gerúndio
re**j**a	regesse	reger	–	reger	regendo
re**j**as	regesses	regeres	rege	regeres	
re**j**a	regesse	reger	re**j**a	reger	**Particípio**
re**j**amos	regêssemos	regermos	re**j**amos	regermos	regido
re**j**ais	regêsseis	regerdes	regei	regerdes	
re**j**am	regessem	regerem	re**j**am	regerem	

2. O verbo **PERDER** muda o “D” em “C” antes de “O e A”. Observe abaixo:

Presente do Indicativo

eu	perco
tu	perdes
ele	perde
nós	perdemos
vós	perdeis
eles	perdem

Presente do Subjuntivo

eu	per**c**a
tu	per**c**as
ele	per**c**a
nós	per**c**amos
vós	per**c**ais
eles	per**c**am

3. O verbo **VALER** muda o “L” em “LH” antes de “O e A”. Observe abaixo:

Presente do Indicativo

eu	va**lh**o
tu	vales
ele	vale
nós	valemos
vós	valeis
eles	valem

Presente do Subjuntivo

eu	va**lh**a
tu	va**lh**as
ele	va**lh**a
nós	va**lh**amos
vós	va**lh**ais
eles	va**lh**am

4. O verbo **DIZER** e seus derivados (contradizer, maldizer, predizer etc.) mudam o “Z” em “G” antes de “O e A”. Ademais, o verbo DIZER admite as formas “DIZE ou DIZ” para a 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo. Observe abaixo:

Presente do Indicativo

eu	di**g**o

tu	dizes
ele	diz
nós	dizemos
vós	dizeis
eles	dizem

Presente do Subjuntivo

eu	di**g**a
tu	di**g**as
ele	di**g**a
nós	di**g**amos
vós	di**g**ais
eles	di**g**am

5. Os verbos **DOER** e **PRAZER** são defectivos unipessoais. Só se conjugam na 3.ª pessoa. Observe abaixo:

Doer

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
–	–	–	–	–	–
–	–	–	–	–	–
dói	doía	doerá	doeria	doeu	doera
–	–	–	–	–	–
–	–	–	–	–	–
doem	doíam	doerão	doeriam	doeram	doeram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
–	–	–	–	–	doendo

– doa – – doam	– doesse – – doessem	– doer – – doerem	– – – – –	– doer – – doerem	**Particípio** doído

Prazer

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
– – praz – – prazem	– – prazia – – praziam	– – prazerá – – prazerão	– – prazeria – – prazeriam	– – prouve – – prouveram	– – prouvera – – prouveram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
– – praza – – prazam	– – prouvesse – – prouvessem	– – prouver – – prouverem	– – praza – – prazam	– – prazer – – prazerem	prazendo **Particípio** prazido

⇨ **Observação:**

Os verbos “doer-se” (pronominal) e aprazer (derivado do verbo “prazer”) apresentam conjugação completa.

7.8.12 OUTRAS PARTICULARIDADES GRÁFICAS E FONÉTICAS SOBRE VERBOS DA 3.ª CONJUGAÇÃO

1. Os verbos terminados em "**GIR**" (adstringir, coagir, divergir, erigir, fugir, infligir etc.) trocam o "G" em "J" antes de "O e A". Observe abaixo:

Presente do Indicativo

eu	divir**j**o
tu	diverges
ele	diverge
nós	divergimos
vós	divergis
eles	divergem

Presente do Subjuntivo

eu	divir**j**a
tu	divir**j**as
ele	divir**j**a
nós	divir**j**amos
vós	divir**j**ais
eles	divir**j**am

2. Os verbos PEDIR, IMPEDIR, EXPEDIR, DESPEDIR, MEDIR mudam o "D" em "Ç" antes de "O e A". Observe abaixo:

Presente do Indicativo

eu	pe**ç**o
tu	pedes
ele	pede
nós	pedimos
vós	pedis

eles	pedem

Presente do Subjuntivo

eu	peça
tu	peças
ele	peça
nós	peçamos
vós	peçais
eles	peçam

3. Os verbos terminados em "**-ingir**" (atingir, cingir, constringir, infringir, tingir etc.) mudam o "G" em "J" antes das vogais "A e O". Observe abaixo a conjugação do verbo **FINGIR** e constate essa mudança.

Fingir

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
finjo	fingia	fingirei	fingiria	fingi	fingira
finges	fingias	fingirás	fingirias	fingiste	fingiras
finge	fingia	fingirá	fingiria	fingiu	fingira
fingimos	fingíamos	fingiremos	fingiríamos	fingimos	fingíramos
fingis	fingíeis	fingireis	fingiríeis	fingistes	fingíreis
fingem	fingiam	fingirão	fingiriam	fingirem	fingiram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
finja	fingisse	fingir	–	fingir	fingindo
finjas	fingisses	fingires	finge	fingires	
finja	fingisse	fingir	finja	fingir	**Particípio**
finjamos	fingíssemos	fingirmos	finjamos	fingirmos	fingido

finjais finjas	fingísseis fingissem	fingirdes fingirem	fingi finjam	fingirdes fingirem	

7.9 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (MPE-SP) Passando a frase – Ele não só **criou** aqui o primeiro observatório astronômico das Américas, como **trouxe** cientistas – para o futuro do presente, os verbos destacados assumem, respectivamente, as seguintes formas:

   a) criava – trazia
   b) criaria – traria
   c) criará – trará
   d) criará – trazerá
   e) criara – trouxera

2. (MPE-SP) Assinale a alternativa correta quanto à correlação dos tempos verbais, de acordo com a norma culta.

   a) Se todos estiverem de acordo, eles deixaram a reunião para a semana seguinte.
   b) Logo que você perceber o clima de tensão, não teria agido daquela maneira.
   c) Seria melhor que elas examinassem os documentos com o cuidado necessário
   d) Quero que você dirige a tenção aos mais necessitados.
   e) Caso me desencontrasse com ela, deixarei os livros com sua secretária.

3. (TER-RO) Observe a frase:

   Se tu _____ que os eleitores chegam para votar, _____ a porta e _____-os entrar.
   A opção que completa corretamente a frase é:

   a) veres / abre / deixa
   b) veres / abra / deixe
   c) vires / abra / deixa
   d) vires / abre / deixa
   e) virdes / abri / deixai

4. (CESPE-MPU) Seguindo as normas gramaticais da língua culta, a sugestão “Seja trabalhador e você também será venturoso”, se for expressa na terceira pessoa do

plural, tornar-se-á:

a) Sede trabalhadores e vós também sereis venturosos.
b) Sejam trabalhadores e vós também sejais venturosos.
c) Sê trabalhadores e vocês também serão venturosos.
d) Sejam trabalhadores e vocês também serão venturosos.
e) Sejais trabalhadores e vocês também serão venturosos.

5. (TRE-MT) Só está **correta** a forma verbal destacada na frase:

a) Embora ele **esteje** indicado, o Senado ainda o aprovou.
b) Ele **passeiava** diariamente no parque.
c) Quando eles **trouxerem** a permissão, poderão entrar.
d) Se **mantermos** as posições, o inimigo não avançará.
e) Os deputados se **entretiam** com esses discursos.

6. (ALERJ/FESP) "Pois bem, como já disse, o vírus..."

O verbo **dizer** *aparece corretamente conjugado na frase acima. Há* **erro** *na conjugação desse mesmo verbo na seguinte frase:*

a) Dize-me com quem andas e eu te direi quem és.
b) Você dizer que está doente, não acredito.
c) O médico dizia tudo o que sabia sobre a AIDS.
d) Ele queria que eu dissesse onde você estava.
e) É preciso que você diga a verdade.

7. (TRT-ES) Nas frases abaixo, escreva (1) para as formas verbais corretas e (2) para as incorretas:

( ) Nós vimos ontem do pantanal.
( ) Vós rides de mim sem motivo.
( ) Mesmo assim tu me respondestes.
( ) Sempre requeiro os meus direitos.
( ) Esteje pronto às vinte e duas horas.

a) 2, 2,2, 1, 1
b) 1, 2, 1, 2, 1
c) 2, 1, 2, 1, 2
d) 1, 2, 2, 1, 2

e) 2, 1, 1, 2, 1

8. (TRF-RS) Considerando as formas verbais destacadas nas três frases abaixo, a opção com a correta classificação de tempos e modos é, respectivamente:

1. **Toma** *conta da minha bagagem, enquanto eu vou até ali.*

2. "Não **façais** *aos outros o que não quereis que vos façam."*

3. Os astrônomos negam que o Sol **gira** *em torno da Terra.*

a) presente do indicativo / presente do subjuntivo / presente do subjuntivo
b) imperativo afirmativo / imperativo negativo / presente do indicativo
c) imperativo afirmativo / imperativo negativo / presente do subjuntivo
d) imperativo afirmativo / presente do subjuntivo / presente do subjuntivo
e) presente do indicativo / imperativo negativo / presente do subjuntivo

9. (TRF-RJ) Das frases abaixo, a que contém **erro** na flexão verbal é:

a) O acidente ocorreu porque o Rui não conseguiu freiar o carro.
b) Se a comunidade nos provesse do equipamento de que necessitamos para prestar a ela mesma esse serviço, todos sairíamos ganhando.
c) Os espíritos se incendeiam toda vez que se fala em fazer justiça.
d) Se a associação se mantivesse coerente com sua própria doutrina, cresceria sua credibilidade.
e) Quem se interpuser entre o Ricardo e a Cristina não contará com o meu apoio.

10. (TRF-RJ) Considerando as formas verbais destacadas nas três frases abaixo, a opção com a correta classificação de tempos e modos é, respectivamente:

1. Pelo menos não **descumpra** *suas obrigações.*

2. Talvez **chova** *no final do dia.*

3. **Digita** *este documento, por gentileza, Teresinha.*

a) imperativo negativo / presente do subjuntivo / imperativo afirmativo
b) presente do subjuntivo / presente do subjuntivo / imperativo afirmativo
c) imperativo negativo / presente do subjuntivo / presente do indicativo
d) presente do subjuntivo / presente do subjuntivo / presente do indicativo
e) imperativo negativo / presente do indicativo / imperativo afirmativo

GABARITO

1 – C	2 – C	3 – D
4 – D	5 – C	6 – B
7 – C	8 – B	9 – A
10 – A		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 8

ADVÉRBIO

8.1 CONCEITO

É a classe de palavras invariáveis que, modificando um verbo, um adjetivo ou outro advérbio, transmitem-lhes alguma circunstância.

Veja alguns exemplos de advérbios e locuções adverbiais:

- "**Hoje** quatro braças de terra, **amanhã** seis, **depois** mais outras, ia o vendeiro conquistando todo o terreno que se estendia **pelos fundos da sua bodega**." (Aluísio Azevedo)
- "A parede oriental da igreja é o muro do quintal de um lado, mas as comunicações foram vedadas **provavelmente** quando a coroa alienou o palácio e o separou assim **perpetuamente** do templo." (A. Garrett)
- "Os meus doentes, senhora condessa, respondeu Carlos, não são **bastante** numerosos para formar uma quadrilha." (Eça de Queiroz)
- "Ao despedir-se da pupila, Lemos apertou-lhe a mão: – Desejo-lhe que seja **muito** e **muito** feliz." (José de Alencar)
- "A história repete-se. Antônio Conselheiro foi um gnóstico bronco. Veremos **mais longe** a exação do símile." (Euclides da Cunha)

⇨ **Observações:**

a) Em raros casos, encontramos advérbios modificando um substantivo e até mesmo uma preposição.

- "A sra. D. Josefa gostava muito do passeio ao pé do rio; até já ouvira dizer que nem em Lisboa havia coisa **assim**." (Eça de Queiroz)
- "Seu tio, naturalmente, lhe comunicara a criancice da prima, **pouco** antes de destinar-lhe a esposa." (Camilo Castelo Branco)

b) A maioria dos advérbios terminados em "-mente" deriva de adjetivos. Quando o adjetivo apresenta formas diferentes para os dois gêneros, o sufixo adverbial "-mente" será acrescido à forma feminina do adjetivo.

- feliz → felizmente
- triste → tristemente
- fácil → facilmente
- fraternal → fraternalmente
- radical → radicalmente
- vaidoso → vaidosamente
- ameaçador → ameaçadoramente
- exclusivo → exclusivamente
- fortuito → fortuitamente
- prático → praticamente

c) É possível transformar muitas expressões e locuções em advérbios – geralmente de "modo" ou de "tempo" –, formados com o sufixo adverbial "-mente". Observe:

- O recurso foi interposto **fora do tempo**. → extemporaneamente, intempestivamente
- Ele aprendia as lições **pouco a pouco**. → gradativamente, paulatinamente
- Ele dança e canta **ao mesmo tempo**. → simultaneamente
- Naquele momento, agiste **com precipitação**. → precipitadamente
- O debate será transmitido **sem interrupção**. → ininterruptamente
- Resolveu a questão **com displicência**. → displicentemente
- Fez tudo **de propósito**. → propositadamente

8.2 CLASSIFICAÇÃO DOS ADVÉRBIOS

Os advérbios são classificados de acordo com a circunstância que expressam. Assim, podem ser classificados em:

a) **de afirmação:** sim, certamente.

b) **de dúvida:** talvez, quiçá, acaso, por ventura, provavelmente, eventualmente.

c) **de frequência:** diariamente, cotidianamente, semanalmente, mensalmente, sucessivamente, raramente, perpetuamente, constantemente etc.

d) **de intensidade (ou "de quantidade"):** muito, assaz, bastante, pouco, excessivamente, demasiadamente, profundamente, meio, todo, completamente, menos, mais, tanto, quão, quanto, quase, algo, bem, mal, apenas, demais, nada.

e) **de tempo:** ainda, agora, amanhã, dantes, cedo, tarde, hoje, logo, outrora, imediatamente, anteriormente, antigamente, posteriormente, depois, antes, precedentemente, então, sempre, ora, anteontem, entrementes, presentemente,

atualmente, ainda, afinal, amiúde, nunca, jamais etc.

f) **de modo:** bem, mal, errado, tristemente (e muitos adjetivos adverbializados com o sufixo "-mente"), depressa, devagar, assim, adrede, debalde, melhor, pior etc.

g) **de negação:** não, nunca, jamais, nem, tampouco.

h) **de lugar:** abaixo, acima, arriba, aquém, além, aqui, aí, ali, cá, lá, acolá, avante, atrás, algures (= em algum lugar), alhures (= em outro lugar), nenhures (= em lugar algum), defronte, adiante, detrás, dentro, fora, longe, perto, onde.

⇨ **Observação:**

A classificação acima é tão somente para efeitos didáticos. Sem dúvida, há inúmeros advérbios que melhor se enquadrariam noutras classificações. É o caso dos advérbios "**adrede, intencionalmente, propositadamente, acinte**" que poderiam ser classificados como "advérbios de intenção".

8.3 LOCUÇÕES ADVERBIAIS

Frequentemente, os advérbios aparecem em português sob a forma locucional – são as denominadas "locuções adverbiais". Tais locuções são um conjunto de palavras, geralmente de núcleo substantivo e geralmente encabeçadas por uma preposição, com valor circunstancial. Como advérbios que são, tais locuções também modificam "verbos, adjetivos e outros advérbios".

Locuções adverbiais

à força, a giros, às cegas, a esmo, a farta, a granel, à porta, à revelia, a seu talante, a cavalo, ao deus dará, à toa, às pressas, a pé, a pique, ao revés, a seu tempo, ao longe, ao vivo, à noite, às tontas, às ocultas, às escondidas, às vezes, ao acaso, com certeza, de repente, de cabo a rabo, de improviso, de cor, de forma alguma, de propósito, de primeiro, de relance, de soslaio, de vez em quando, de sobreaviso, em verdade, de caso pensado, de passagem, de graça, de nenhum modo, de oitiva, entre a cruz e a espada, lado a lado, muitas vezes, nesse meio tempo, em breve, em vão, por atacado, por fora, em cima, por cima, para sempre, por um triz, pouco a pouco, senão quando, sem dúvida, dentro em pouco, ao contrário, passo a passo, pelo contrário, em breve, vez por outra etc.

Observe alguns exemplos:

- **Pela manhã**, costumo beber um pouco de água natural para melhorar o funcionamento intestinal.
- "E só agora notava que todos esses afagos eram sempre ocultos e assustados, feitos como que ilegalmente, **às escondidas**, e quase sempre acompanhados de choro." (Aluísio Azevedo)

- “E na Sé, ao sair da missa, regalar-se de a ver passar encolhida no seu mantelete preto, escorraçada de todos, enquanto ele, **à porta, de propósito**, conversaria com a mulher do governador civil.” (Eça de Queiroz)
- “... já que a perfídia pode abrir as portas das nossas cidades aos africanos, sem que estes tenham de passar **por cima** dos cadáveres de seus irmãos, para se assenhorarem delas.” (A. Herculano)
- “As seções avançadas ascendiam, porém, mais rápidas, pelas barrancas, conquistando o terreno, até que outra irrupção repentina do adversário lhes tomasse a frente, ou as aferrasse **de soslaio**.” (Euclides da Cunha)
- “O aventureiro apertou convulsivamente o cabo de sua faca, e fechando os olhos e dando um passo **às cegas**, ergueu a mão para desfechar o golpe.” (José de Alencar)

⇨ Observações:

a) Em muitas locuções adverbiais, ocorre a elipse do núcleo-substantivo. Observe:

- à direita → elipse do substantivo “mão”
- à esquerda → elipse do substantivo “mão”
- à francesa → elipse do substantivo “moda”
- ao natural → elipse do substantivo “modo”
- às cegas → elipse do substantivo “maneiras”
- à brasileira → elipse do substantivo “maneira”

b) É bastante comum a omissão da preposição nas locuções adverbiais de tempo.

- “Neste tempo, **que as âncoras levaram** Na sombra escura os Mouros escondidos Mansamente as amarras lhe cortavam, Por serem, dando à costa, destruídos.” (Camões *apud* Mário Barreto) → (Omissão da preposição “em” antes do relativo “que”)
- “Natividade não dormiu **aquela noite** sem obter do marido que a deixasse ir com a irmã à cabocla.” (Machado de Assis) *omissão da preposição “em”*
- “Tem dias **que a gente se sente** → (Omissão da preposição “em”)
  como quem partiu ou morreu.” (Chico Buarque)
- “Pouquíssimas palavras lhe ouvi na meia hora **que se deteve conosco**.” (Camilo Castelo Branco)
  omissão da preposição “em”
- “Venho achar realizado aquele projeto em que eu te falei **a última vez que estivemos juntos**.” (A. F. de Castilho)
  omissão da preposição “em”
- “**Uma noite que** ela se levantou a recebê-lo sem mais compostura que a que tinha na cama,...”

(Manuel Bernardes)

- "**Uma noite**, estando à porta da loja de Manuel Procópio de Freitas, viu entrar um indivíduo, que procurava comprar aguardente." (Aluísio Azevedo)

8.4 ADJETIVOS ADVERBIALIZADOS

Em muitas situações, empregam-se adjetivos em função adverbial. Neste caso, o adjetivo, à semelhança do advérbio, permanecerá invariável.

- Acudiram algumas pessoas que **próximo** se encontravam.
- "A fisionomia de Bento Simões reanimou-se. – Falai **claro** uma vez ao menos, retrucou Rui Soeiro." (José de Alencar)
- "Para não cair foi-lhe preciso agarrar-se **forte** com ambas as mãos ao braço de Álvaro, arrimando-se em seu peito." (Bernardo Guimarães)
- "O tamanho do título como que lhe dobrava a magnificência, posto que, para ligá-lo ao nome, era **demasiado** comprido – esta segunda reflexão foi tio Cosme que a fez." (Machado de Assis)
- "Ao despedir-se, apertou-lhe com força a mão mole, bateu-lhe no ombro com intimidade, e disse **alto** e com ênfase: – Energia, marechal!" (Lima Barreto)

8.5 GRAUS DO ADVÉRBIO

É no mínimo curioso falar-se em "flexão de grau" de uma classe essencialmente invariável como é o advérbio. De fato os advérbios não variam. Excepcionalmente, alguns (especialmente os de "tempo, modo, lugar, intensidade") admitem a flexão de grau, cuja formação é bastante semelhante à do grau dos adjetivos.

COMPARATIVO
- → **de igualdade** = forma-se com o advérbio "tão"
- → **de superioridade** = forma-se com o advérbio "mais"
- → **de inferioridade** = forma-se com o advérbio "menos"

SUPERLATIVO
- **RELATIVO**
  - → **de superioridade** = forma-se com "o mais"
  - → **de inferioridade** = forma-se com "o menos"
- **ABSOLUTO**
  - → **sintético**
  - → **analítico**

Observe os exemplos de flexão de grau do advérbio:

- Fala **tão bem** quanto um professor. (grau comparativo de igualdade)
- Andava **mais depressa** do que a maioria do grupo. (grau comparativo de superioridade)
- Falou **menos prudentemente** do que o orientador dele. (grau comparativo de inferioridade)
- Abordou o assunto **o mais superficialmente** que pôde. (grau superlativo relativo de superioridade)
- Abordou o assunto **o menos superficialmente** que pôde. (grau superlativo relativo de inferioridade)

8.6 ADVÉRBIOS LATINOS

Nos estilos literário e jurídico, é bastante comum a presença de advérbios latinos, isto é, escritos em latim. Busca-se, com a citação de outra língua, conferir maior credibilidade ou dar maior ênfase àquilo que se escreve. Observe alguns desses advérbios:

- ***a posteriori*** = pelo que segue
- ***ab initio*** = desde o início
- ***ad nutum*** = ao arbítrio
- ***ad cautelam*** = por cautela
- ***a priori*** = segundo um princípio anterior
- ***ad hoc*** = eventualmente
- ***ab intestato*** = sem testamento
- ***ad domum*** = em casa

- ***ad judicia*** = para o juízo
- ***data venia*** = com sua licença
- ***ex expositis*** = do que ficou exposto
- ***ex positis*** = do que ficou assentado
- ***ipsu facto*** = em virtude desse fato
- ***lato sensu*** = em sentido amplo
- ***maxime*** = principalmente
- ***retro*** = atrás
- ***sine die*** = indeterminadamente
- ***statu quo*** = no estado em que
- ***sui generis*** = de gênero próprio
- ***ad litem*** = para a lide
- ***ex abrupto*** = repentinamente
- ***ex officio*** = oficialmente
- ***exempli gratia*** = por exemplo
- ***ipsis litteris*** = literalmente
- ***pari passu*** = em igual passo
- ***mutatis mutandis*** = com as devidas mudanças
- ***pro forma*** = por mera formalidade
- ***sic*** = assim
- ***stricto sensu*** = em sentido restrito
- ***verbi gratia*** (abrevia-se "v.g.") = por exemplo

8.7 PARTICULARIDADES SOBRE OS ADVÉRBIOS

1. Quando se coordena mais de um advérbio terminado em "-mente" (série gradativa), se não houver necessidade de ênfase, só se coloca o sufixo adverbial no último elemento.

- "Isaías, que foi de todos os profetas o que mais própria e **elegantemente** soube falar, não só intensiva mas **extensivamente**..." (Pe. Antônio Vieira)
- "As mãos do sacerdote deixam muitas vezes umedecida a tela que veste os altares com vestígios do sangue derramado covarde e **vilmente**." (A. Herculano)
- "Conquistai pacífica e **legalmente**, pois, o uso das instituições liberais, reassumi a vossa soberania constitucional, ascendei ao governo de vós mesmos, e sereis felizes moralizados, invencíveis." (Rui Barbosa)
- "Quando se oferece esse ensejo, o chefe, hábil em capitanear, deixar-se-á de reticências e reservas, anunciando valorosa e **lucidamente** uma política, que consubstancie e interprete os sentimentos mal conscientes do povo." (Rui Barbosa)

2. Há vários vocábulos na língua portuguesa que ora aparecem como advérbios, ora como pronomes, adjetivos e numerais. Para se determinar a classe morfológica a que pertencem tais palavras, devem-se levar em conta os seguintes critérios:

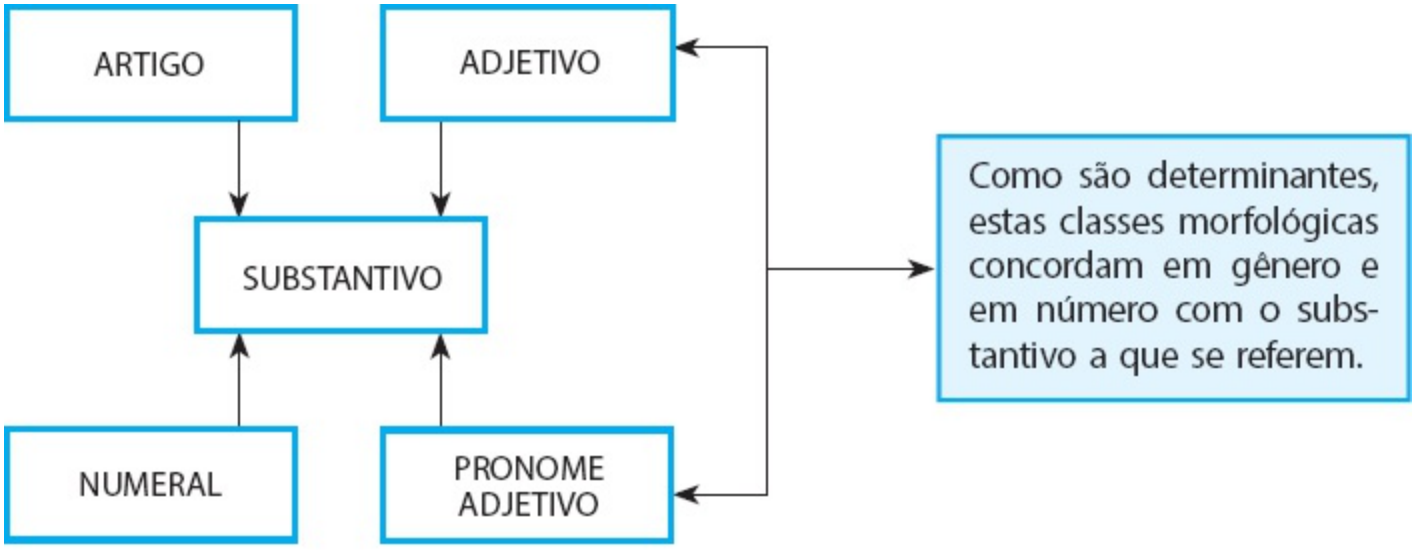

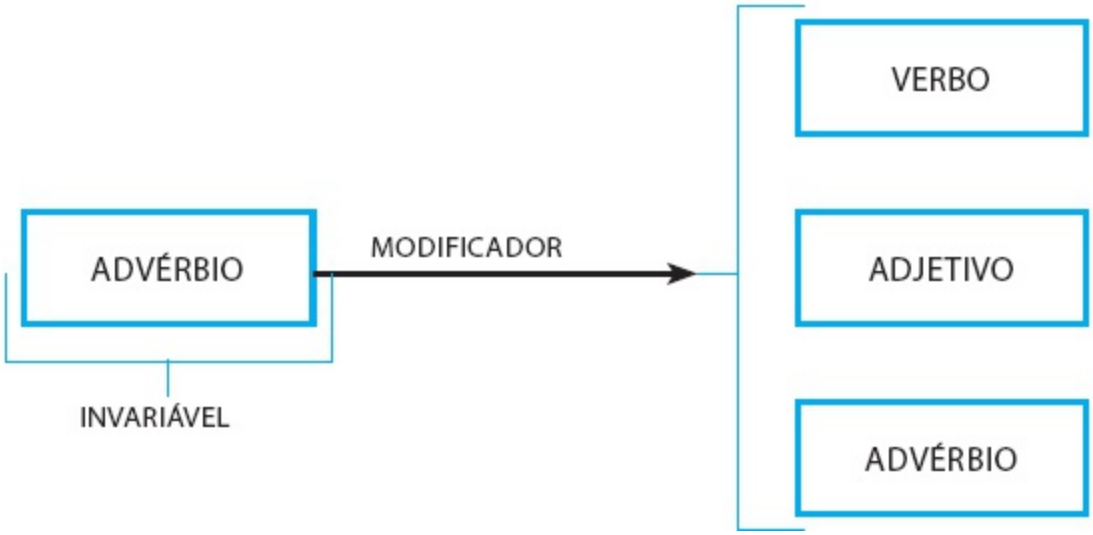

- Ela usa **meias** verdades.
  numeral
- Tomamos **muito** sorvete.
  pronome indefinido
- Já andei por **longes** terras.
  pronome indefinido
- Li os livros **todos** da biblioteca dele.
  pronome indefinido
- O **próximo** capítulo fala sobre o amor.
  adjetivo
- Este mamão é **caro**.
  adjetivo
- Havia **bastantes** alunas no evento.
  pronome indefinido
- Falou **poucas**, mas belas palavras.
  pronome indefinido

- Ele encontra-se **meio** adoentado.
  advérbio
- O sorvete estava **muito** gelado.
  advérbio
- Ele mora **longe**.
  advérbio
- No acidente, ele ficou **todo** ensanguentado.
  advérbio
- Fiquei **próximo** do local do acidente.
  advérbio
- Estas frutas custam **caro**.
  advérbio
- Elas falavam **bastante**.
  advérbio
- Ele falou **pouco**.
  advérbio

3. Alguns advérbios podem construir-se com a conjunção "que": "talvez que, certamente que, sem dúvida que, decerto que, felizmente que".

- “A ameaça só ela a ouviu; e, se eu tivesse sido aviltado no conceito de Teresa pelos insultos do miserável, **talvez que** ela os não repetisse.” (Camilo Castelo Branco)
- “Eu não lhe quero mal, minha senhora, **certamente que** não!” (Eça de Queiroz)
- “Ela riu-se. – **Decerto que** não...
  Basílio disse então, lentamente, fitando o chão: – Ah! Outros tempos!” (Eça de Queiroz)

4. Em linguagem formal, é preferível usar-se “mais bem” e “mais mal” quando são seguidos de um particípio. Quando não, usam-se as formas sintéticas “melhor” e “pior”.

- “Se alguns desses alvitres, ou qualquer outro que se possa imaginar, será **mais bem** aceito aos conservadores do que o plano de cauteloso ensaio esboçado por Mr. Gladstone, (...).” (Rui Barbosa)
- “O nosso opugnador certamente conhece **melhor** do que nós a obra *ex-professo* de Stuart Mill *On representative government.*” (Rui Barbosa)

5. No trato familiar e no trato mais afetivo, é bastante comum a formação do grau diminutivo de alguns advérbios.

- Ele vai aqui **pertinho**.
- Hoje ele acordou **melhorzinho**.
- **Cedinho, cedinho** eu quero partir.
- Dê-me um **pouquinho** de tempo, por favor.

6. A palavra “todo”, quando empregada em função circunstancial (adverbial), concorda frequentemente com o termo a que ela modifica. A despeito de esta flexão ser condenada por alguns puristas da língua, encontramo-la nos maiores conhecedores do idioma português.

- “E ela era bela, de uma beleza **toda** judaica.” (A. Garrett)
- “A santa mulher chega ao marido **toda** envergonhada, e lhe confessa que...”. (F. Castilho *apud* Mário Barreto)
- “O senhor Ricardo levou-me a uma sala espaçosa, e **toda** adornada de cadeiras de almofada.” (Camilo Castelo Branco)
- “...interrompeu ela sorrindo-se, e lançando-se-lhe nos seus braços **toda** vermelha e com os olhos nadando em lágrimas.” (Rebêlo da Silva *apud* Mário Barreto)

7. O advérbio de dúvida “talvez”, anteposto ao verbo, exige que este seja flexionado no modo subjuntivo.

- "**Talvez**, porém, os instintos generosos da nação lhe revelassem essas qualidades subalternas..." (Rui Barbosa)
- "**Talvez** esteja começando o meu delírio. Deixa ver o espelho." (Machado de Assis)

8. Alguns advérbios de lugar são empregados, muitas vezes, em correspondência com alguns pronomes demonstrativos. E equivalem, respectivamente, a:

a) aqui, cá → correspondem ao demonstrativo "este" = neste lugar

b) aí → corresponde ao demonstrativo esse = nesse lugar

c) ali, acolá, lá → correspondem ao demonstrativo "aquele" = naquele lugar

- "Bateu-o, felizmente, a onda impetuosa do Sul. **Aqui**, a aclimação mais pronta, em meio menos adverso, emprestou, cedo, mais vigor aos forasteiros." (Euclides da Cunha)
- "Era ela; **aqui** estava a igreja, **ali** a cadeia, **acolá** a farmácia, donde vinham os medicamentos para o outro Quincas Borba." (Machado de Assis)

9. O "onde" é um pronome relativo que apresenta função sintática de adjunto adverbial de lugar. Daí ser chamado também de "advérbio relativo". Quando o "onde" apresenta antecedente explícito, equivale a "em que". Quando não apresenta antecedente explícito, equivale a "o lugar em que".

- "Verdes mares bravios de minha terra natal, **onde** canta a jandaia nas frondes da carnaúba." (José de Alencar)
- "O esposo da herdeira presuntiva ainda não se deu a conhecer às classes populares, na capital **onde** reside." (Rui Barbosa)

10. Em estruturas que apresentam mais de uma negação, é bastante comum a substituição do advérbio "não" por "nem".

- "**Não** cinco, nem dez, nem vinte contos, mas tudo, o capital inteiro, especificados os bens, casas na Corte..." (Machado de Assis)
- "No mesmo sepulcro **não** há porvir de esperança, nem porventura, luz de consolação." (A. Herculano)

11. O advérbio "aqui" em algumas ocasiões expressa "tempo".

- "Calaram-se todos, inclinaram-se os bustos, atentos, esperando. Aqui fiquei com medo." (Machado de Assis *apud* Sousa da Silveira)

12. "Além" e "aquém" são advérbios de lugar e significam "da parte de lá" e "da

parte de cá", respectivamente.

- "E hoje quem segue pelo caminho de Queimadas, trilhando um solo abrolhando cactos e pedras, ao divisá-la, das cercanias de Quirinquinquá, duas léguas **aquém**." (Euclides da Cunha)
- "Subitamente, no meio deste silêncio, alguns esculcas e vigias lançados **além** do rio na margem direita, creram perceber um ruído longínquo." (A. Herculano)

13. É importante distinguir o advérbio "só" – que significa "apenas, somente" – do adjetivo "só" – que significa "sozinho(a)".

- *advérbio = somente, apenas*
  "Só ao primeiro magistrado na dinastia incumbe o direito de praticá-los." (Rui Barbosa)
- *adjetivo = sozinha*
  "Ficando só, a nossa amiga foi sentar-se à porta de casa, no jardim." (Machado de Assis)

14. "Assim" é um advérbio de modo. É empregado em muitas construções em função conclusiva, equivalendo a "dessa forma, sendo assim, desse modo, por isso".

- "Bem haja ela, porque **assim** amou a justiça e serviu a causa da verdade!" (Rui Barbosa)
- "As estrelas são muito distintas e muito claras. **Assim** há de ser o estilo da pregação; muito distinto e muito claro." (Pe. Antônio Vieira)

⇨ **Observação:**

Em algumas situações, o advérbio "assim" pode se referir a um substantivo. É uma rara exceção à regra de que os advérbios modificam "verbos, adjetivos e outros advérbios".

- "Nunca morrer assim! Nunca morrer num dia
  Assim! de um sol **assim**!" (Olavo Bilac)
- "Mas aquela pergunta **assim**, vaga e solta, não pude atinar o que era." (Machado de Assis)

15. É importante também não confundir o advérbio de modo "alerta" com o substantivo "alerta" – este com o sentido de "aviso, sirene".

- "Não fechara a porta, de propósito; estava alerta, *advérbio* ao primeiro rumor saltaria." (Aluísio Azevedo)
- Soaram dois alertas *substantivo* no Corpo de Bombeiros.

16. Nos advérbios em "-mente", derivados de adjetivos com acento agudo ou circunflexo, estes acentos são suprimidos na formação do advérbio. Observe:

- ávido → avidamente
- débil → debilmente
- fácil → facilmente
- ingênuo → ingenuamente
- lúcido → lucidamente
- único → unicamente
- cortês → cortesmente
- só → somente
- espontâneo → espontaneamente

8.8 PALAVRAS E LOCUÇÕES DENOTATIVAS

A Nomenclatura Gramatical Brasileira, provavelmente esteada nas preciosíssimas lições do professor José Oiticica[1], classifica à parte certas palavras e expressões, antes consideradas advérbios. De acordo com as suas significações, tais palavras, chamadas de "denotativas", podem exprimir:

a) Exclusão → apenas, só, somente, exceto, senão, salvo, sequer

- **Só** ela me entende.
- Todos, **senão** Pedro, poderiam ajudá-lo naquele momento.
- **Apenas** nós ficamos lá.

b) Inclusão → também, até, inclusive, ademais, além disso

- **Até** João dançou naquela noite.
- Eu **também** irei.

c) Explicação → isto é, a saber, por exemplo, *verbi gratia*

- "Os coleópteros, **por exemplo**, têm metamorfoses completas." (José Oiticica)
- Entregou-me todos os bens, **isto é**, um caro, uma lancha, e um helicóptero.

d) Designação → eis

- **Eis** o meu maior amor: Jesus Cristo.

e) Correção ou retificação → aliás, digo, ou melhor, isto é

- Na turma éramos quatro bons amigos, **aliás**, cinco.

8.9 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (UFCE) Marque a alternativa que preenche corretamente todas as lacunas numeradas.

Palavra	Classificação morfológica	Processo de formação
gradil	1	derivação sufixal
enferrujar	verbo	2
outrora	3	4

a) (1) substantivo
(2) derivação sufixal
(3) adjetivo
(4) derivação sufixal

b) (1) adjetivo
(2) derivação parassintética
(3) adjetivo
(4) composição

c) (1) adjetivo
(2) derivação sufixal
(3) advérbio
(4) composição

d) (1) substantivo
(2) derivação parassintética
(3) adjetivo
(4) derivação sufixal

e) (1) substantivo
(2) derivação parassintética
(3) advérbio
(4) composição

2. (Ufam) Assinale o item em que a palavra *que* desempenhas a função de advérbio:

a) Que fizeste dos meus livros?
b) Que bonitos olhos tens!
c) Que troféu ainda te falta?
d) Que és muito feliz, eu bem o sei.
e) Quase que você acerta tudo.

3. UFMG) As expressões destacadas correspondem a um adjetivo, exceto em:

a) João Fanhoso anda amanhecendo **sem entusiasmo**.

b) Demorava-se **de propósito** naquele complicado banho.
c) Os bichos **da terra** fugiam em desabalada carreira.
d) Noite fechada sobre aqueles ermos perdidos da caatinga **sem fim**.
e) E ainda me vem com essa conversa de homem **da roça**.

4. (UFV-MG) Em todas as alternativas há dois advérbios, exceto em:

a) Ele permaneceu muito calado.
b) Amanhã, não iremos ao cinema.
c) O menino, ontem, cantou desafinadamente.
d) Tranquilamente, realizou-se, hoje, o jogo.
e) Ela falou calma e sabiamente.

5. (UFC-CE) A opção em que há um advérbio exprimindo circunstância de tempo é:

a) Possivelmente viajarei para São Paulo.
b) Maria teria aproximadamente 15 anos.
c) As tarefas foram executadas concomitantemente.
d) Os resultados chegaram demasiadamente atrasados.

6. (Unimep-SP) Em "... um **aborrecimento** quando **os** vejo e gostaria de **não** vê-los mais" as palavras destacadas são, respectivamente:

a) adjetivo, artigo, advérbio.
b) adjetivo, pronome, pronome.
c) substantivo, pronome, advérbio.
d) substantivo, artigo, pronome.
e) verbo, pronome, preposição.

7. (Cesgranrio-RJ) Assinale a alternativa em que a preposição **com** traduz uma relação de instrumento.

a) "Teria sorte nos outros lugares, com gente estranha."
b) "Com o meu avô cada vez mais perto do fim, o Santa Rosa seria um inferno."
c) "Não fumava, e nenhum livro com força de me prender."
d) "Trancava-me no quarto fugindo do aperreio, matando-as com jornais."
e) "Andavam por cima do papel estendido com outras já pregadas no breu."

8. (PUC-SP) No trecho:

"Os trens **de** *cana apitavam de quando em vez, mas* **não** *davam* **vencimento** *à* **fome** *das moendas", as palavras destacadas correspondem, morfologicamente, pela ordem, a:*

a) preposição, advérbio, verbo, substantivo.
b) conjunção, advérbio, substantivo, adjetivo.
c) preposição, advérbio, adjetivo, adjetivo.
d) preposição, advérbio, verbo, advérbio.
e) preposição, advérbio, substantivo, substantivo.

9. (PUCC-SP) Os seus projetos são os ... elaborados, por isso garantem verbas ... para sua execução e evitam ... -entendidos.

a) melhor – suficientes – mal
b) mais bem – suficientes – mal
c) mais bem – suficiente – mal
d) melhor – suficientes – mau
e) melhor – suficiente – mau

10. (UMC-SP) Em: "uma cerca **de pedra-seca**, do tempo dos escravos" e "Tudo é mato, crescendo **sem regra**.", as locuções destacadas são, respectivamente:

a) adjetiva e adjunto adnominal; adverbial e adjunto adverbial.
b) adverbial e objeto indireto; adjetiva e predicativo.
c) adjetiva e adjunto adverbial; adverbial e adjunto adnominal.
d) adjetiva e complemento nominal; adverbial e adjunto adnominal.
e) adverbial e adjunto adnominal; adjetiva e complemento nominal.

11. (Cesgranrio-RJ) Assinale a alternativa em que a locução destacada tem valor adjetivo.

a) "Comprei móveis e objetos diversos que entrei a utilizar **com receio**."
b) "Azevedo Gondim compôs **sobre ela** dois artigos."
c) "Pediu-me **com voz baixa** cinquenta mil-réis."
d) "Expliquei **em resumo** a prensa, o dínamo, as serras..."
e) "Resolvi abrir o olho para que vizinhos **sem escrúpulos** não se apoderassem do que era delas."

GABARITO

1 – E	2 – B	3 – B
4 – A	5 – C	6 – C
7 – D	8 – E	9 – B
10 – A	11 – E	

[1] Oiticica, José. *Manual de análise léxica e sintática*. 10. ed. Rio de Janeiro: Paulo de Azevedo Ltda., 1953. p. 50-55.

CAPÍTULO 9

CONJUNÇÃO

9.1 DEFINIÇÃO

É a classe de palavra invariável que liga duas orações entre si, estabelecendo um vínculo de coordenação ou de subordinação.

Observe:

- Os funcionários informaram ao chefe **que** a máquina não estava funcionando bem.
  1.ª oração — 2.ª oração
- **Quando** a moça chegou, todos se levantaram imediatamente.
  1.ª oração — 2.ª oração
- O governo aumentou a taxa de juros **e** diminuiu o acesso ao crédito consignado.
  1.ª oração — 2.ª oração

⇨ **Observação:**

Em alguns casos, a conjunção pode funcionar como um nexo entre duas palavras de mesma função sintática. É, por exemplo, o que frequentemente ocorre com a conjunção aditiva "E". Observe abaixo:

a) Chegou cedo **e** foi para a cidade a fim de comprar pão. (A conjunção aditiva "e" liga duas orações)

b) João **e** Maria foram ao centro da cidade. (A conjunção aditiva "e" liga duas palavras)

9.2 CLASSIFICAÇÃO

Pode-se inicialmente classificar as conjunções quanto à forma. Serão "simples" quando formadas por um único vocábulo (se, e, mas, quando, enquanto etc.). Serão "locucionais" (locuções conjuntivas) quando formadas por mais de um vocábulo (uma vez que, à medida

que, para que etc.).

A principal classificação das conjunções, entretanto, leva em conta o significado da conjunção e a possibilidade de ela estabelecer "coordenação" ou "subordinação". Por este critério, as conjunções são classificadas em:

9.2.1 COORDENATIVAS

As conjunções coordenativas são aquelas que ligam orações que apresentam a mesma função na frase. De acordo com a relação que expressam, as conjunções coordenativas são classificadas em:

1. **ADITIVAS** → Chamadas também de "copulativas" ou "aproximativas", as conjunções aditivas ligam duas orações, aproximando-as numa relação de soma, de adição.

E, NEM, TAMBÉM, BEM ASSIM, BEM COMO, NÃO SÓ... MAS (TAMBÉM), NÃO SÓ... BEM COMO, QUE (= E).

- "– Pois sim, será; que disso nada sei, **nem** sou lida e sabida como tu..." (A. Garrett)
- "... porque ela se acha mencionada em muitos documentos, **não só** de outras províncias de Espanha, **mas também** de diversos países, como se pode ver em Ducange, à palavra Arapennis." (A. Herculano)
- "Agora que o trem de ferro
  Acorda o tigre no cerro
  E espanta os caboclos nus,
  Fazei desse 'rei dos ventos'
  – Ginete dos pensamentos,
  – Arauto da grande luz!..." (Castro Alves)

⇨ **Observações sobre as conjunções aditivas:**

a) A conjunção "e", quando une palavras, funciona no mais das vezes como "aproximativa", isto é, indica mera relação de nexo. Por isso, é comumente suprimida, sem ofensa do sentido, em uma série coordenada e só se expressa entre o penúltimo e o último termo.

- Pedro, João **e** Paulo partiram para o interior de São Paulo em busca de emprego.

b) A conjunção "e" pode ligar duas orações de valores opostos. Neste caso, a conjunção "e" equivalerá a "mas", uma vez que a 2.ª oração estabelece uma oposição em relação à 1.ª oração.

- “Miguel, Miguel, não tens abelhas, **e** (= mas) vendes mel”. (provérbio)
- “Não era cristão Platão, **e** (= mas) mandava na sua República que nenhum oficial pudesse aprender duas artes.” (Pe. A. Vieira *apud* A. Epiphanio da Silva Dias)

c) A conjunção “e” pode assumir diversos valores em uma estrutura oracional. Observe:

- “Qualquer movimento, **e** será um homem morto.” (A. Filho *apud* Celso Cunha)
  expressa uma conclusão
- “Ia decorá-la **e** transmiti-la ao irmão e à cachorra.” (G. Ramos *apud* Celso Cunha)
  expressa uma finalidade
- Esperei mais algumas palavras. Não vieram – **e** saí desapontado.” (G. Ramos *apud* Celso Cunha)
  expressa uma consequência

d) A conjunção “nem” pode ser tanto aditiva (aproximativa) quanto alternativa (disjuntiva). Quando aditiva, equivale a “e nem” e liga frases negativas. Quando alternativa, ela se repete em cada uma das orações.

- Não fez a tarefa, **nem** preparou o trabalho que a professora pedira.
  conjunção aditiva = e nem
- Hoje, em virtude da doença, **nem** vai ao trabalho, **nem** vai à escola.
  conjunção alternativa

⇨ **Observação:**

Nem toda repetição da conjunção “nem” irá caracterizar uma alternância, conforme se observa no exemplo abaixo:

- “Sem ele, talvez o Brasil não tivesse derrotado **nem** o complexo de inferioridade de sua sociedade em geral **nem** o racismo velado que se manifestava até no futebol.” (Clóvis Rossi, Folha S. Paulo, 07.04.2002)

→ No exemplo acima, o par “nem... nem...” expressa adição negativa. O segundo “nem” equivale a “e nem”.

) Na linguagem coloquial, é comum o emprego de “mais” em lugar da conjunção aditiva “e”. Saliente-se que este emprego é desabonado pelo padrão mais formal da linguagem.

- Fernando **mais** Felipe foram comprar algumas cervejas.
  uso coloquial → mais = “e”

f) Algumas conjunções aditivas são frequentemente empregadas em construções paralelas, introduzidas geralmente por “não só...”. Tais conjunções encerram verdadeiras construções correlatas.

CONJUNÇÕES CORRELATAS ADITIVAS

- não só... mas também...
- não só... mas ainda...
- não só... senão também...
- não só... senão que...
- não só... bem como...

- "**Não só** a cobiça e o desenfreamento da soldadesca multiplicavam aí as cenas de rapina, de violência e de sangue, **mas também** a política dos capitães árabes procurava aumentar a terribilidade desses dramas repetidos para quebrar os ânimos dos godos e persuadi-los à submissão." (A. Herculano)
- "... sabem que Isaura **não só** era dotada de espírito superior, **como também** recebera a mais fina e esmerada educação, não lhe estranharam a distinção das maneiras, a elegância e elevação da linguagem..." (Bernardo Guimarães)

2. **ADVERSATIVAS** → São as conjunções que unem pensamentos ou ideias contrárias, opostas. A principal conjunção adversativa na língua portuguesa é o "MAS". Apresentam também força adversativa os seguintes conectores:

PORÉM, CONTUDO, TODAVIA, ENTRETANTO, NO ENTANTO, SENÃO, QUE (= MAS), AINDA ASSIM

- "É uma lira, **mas** sem cordas; uma primavera, **mas** sem flores; uma coroa de folhas, **mas** sem viço." (Álvares de Azevedo)
- "– Pois o que vais tu ser, homem, **senão** um sujeito às ordens do S. Fulgêncio, do horrendo careca?" (Eça de Queiroz)
- "Bem sei que te rasguei o coração, porque tu me amavas deveras, **mas** já tenho expiado de sobra o mal que te fiz." (Casimiro de Abreu)
- "O firmamento límpido arqueia-se alumiado ainda por um Sol obscurecido, de eclipse. A pressão, **entretanto**, decai vagarosamente, numa descensão contínua, afogando a vida." (Euclides da Cunha)

⇨ **Observações sobre as conjunções adversativas:**

a) **A despeito de serem adversativas, a conjunção "porém" distingue-se de "mas" por indicar oposição mais forte que esta. Ademais, a conjunção "porém" poder ser *pospositiva*, isto é, pode ser posta depois do termo coordenado, ao passo que "mas" é sempre prepositiva, pois sempre vem antes do termo coordenado.**

- "A Bruzundanga era um sarcófago de mármore, ouro e pedrarias, em cujo seio, **porém**,

o cadáver mal embalsamado do povo apodrecia e fermentava." (Lima Barreto)

- "Itaquê curvara a cabeça. Ele ouviu brandir a arma; não era, **porém**, aquele o zunido da corda do arco, quando o vergava sua mão possante." (José de Alencar)

b) A conjunção adversativa "senão" pode apresentar os seguintes sentidos (valores): a não ser, do contrário, caso contrário, mas sim.

- "O braço de Itaquê defendeu sempre a nação tocantim; quer ela ser defendida agora pela palavra daquele, que não tem mais para dar-lhe **senão** (= a não ser) a experiência de sua velhice?" (José de Alencar)
- "Não obteve aplausos nem respeito, **senão** (= mas sim) escárnio e menoscabo." (A. Houaiss)
- Transmita imediatamente esta mensagem, **senão** (= do contrário, caso contrário) será despedido.
- "A definição do pregador é a vida e o exemplo. Por isso Cristo no Evangelho não o comparou ao semeador, **senão** (= mas sim) ao que semeia." (Pe. Antônio Vieira)

c) A conjunção "senão" pode juntar-se ao advérbio "quando", formando a locução adverbial "senão quando", com o sentido de "de repente, inesperadamente, quando menos se esperava".

- "**Senão quando**, morre-lhe o padrinho ao Gouveia, e em testamento deixou ao afilhado três contos de réis." (Machado de Assis)

d) As conjunções "entretanto, no entanto" podem ser empregadas como advérbios de tempo, com o sentido de "nesse tempo, nesse meio termo, nesse ínterim, entrementes".

- "E sentia-se esvaecer e, pouco a pouco, adormecia e, dali a pouco, roncava. **Entretanto**, no castelo tinham dado pela sua falta. Esperaram-no até à noite; esperaram-no uma semana, um mês, um ano, e não o viam voltar." (A. Herculano)

3. ALTERNATIVAS OU DISJUNTIVAS → São conjunções que ligam ideias e pensamentos que se alternam ou que se excluem.

OU, OU... OU, SEJA... SEJA, QUER... QUER, NEM... NEM, ORA... ORA, SEJA... SEJA.

- **Ou** ele vai para a reunião, **ou** eu vou representá-lo.
- **Ora** diz que não foi ele, **ora** diz que participou do crime.
- **Quer** o governo queira, **quer** o governo não queira, todos farão greve.

- **Nem** um **nem** outro participarão do evento.
- "Pois olhe, **quer** me creia, **quer** não, tenho-lhe conhecido mais de uma dúzia de chichisbéus, não falando do padre capelão, que esse ainda agora lhe fornece a garrafeira, à nossa custa, entende-se." (Camilo C. Branco)

⇨ **Observações sobre as conjunções alternativas:**

a) A alternância (disjunção) efetuada com a conjunção "ou" pode ser "inclusiva", quando os elementos se somam, ou "exclusiva", quando os elementos se excluem. Veja:

- Maçã **ou** mamão fazem bem ao intestino. (alternativa includente)
- João **ou** Pedro ganhará o prêmio de literatura este ano. (alternativa excludente)

b) A alternância efetuada pelo par "ou... ou..." sempre será "excludente".

- **Ou** você fica conosco, **ou** partirá para a casa de sua avó.
- **Ou** o governo aumenta o quantitativo de policiais, **ou** a violência dominará as ruas das grandes cidades.

4. **CONCLUSIVAS OU ILATIVAS** → São as conjunções que introduzem orações, em um período coordenado, as quais expressam uma conclusão, uma ilação em relação à primeira oração.

LOGO, PORTANTO, POR ISSO, POIS (posposto ao verbo), ENTÃO, ASSIM, POR CONSEQUÊNCIA, CONSEQUENTEMENTE, CONSEGUINTEMENTE.

- Ele estudou todo o assunto, deve **então** saber o sentido da expressão.
- A vida é breve; **por isso** devemos aproveitá-la bastante.
- "Dela depende inteiramente a higiene dos povos e o saneamento dos governos. É, **pois**, a garantia conservadora por excelência, contanto que seja plena e ampla." (Rui Barbosa)

5. **EXPLICATIVAS** → São conjunções que explanam na segunda oração o sentido da primeira oração ou uma explicação para a primeira.

QUE, PORQUE, POIS (anteposto ao verbo), PORQUANTO.

- Não faça caso, **que** aqui estamos para ouvi-lo.
- Isso não é razão para a sua angústia, **porque**, afinal de contas, os negócios têm corrido bem.
- As estrelas giram em torno da Terra, **pois** a Terra tem um movimento de rotação em torno de seu eixo.

9.2.2 SUBORDINATIVAS

As conjunções subordinativas (também chamadas de "circunstanciais") ligam orações que exercem uma função sintática em relação a outra oração denominada de "principal ou subordinante". São dez as conjunções subordinativas:

1. **CAUSAIS** → São conjunções que subordinam ideias em que se exprime a causa, o motivo, a razão de ser da ideia principal.

QUE, PORQUE, PORQUANTO, COMO (no início da oração = JÁ QUE), SE (= JÁ QUE), DESDE QUE, POIS QUE, VISTO QUE, VISTO COMO, UMA VEZ QUE, COMO QUER QUE, DE MODO QUE

- O cavaleiro não se deteve, **que** lhe pareceu haver gente emboscada.
- Velho **que** era, evitava lugares altos e grandes emoções.
- Não ficaremos neste local, **porquanto** nos pretendem roubar.
- **Já que** assim o quis, mandei-o embora.
- **Como** não liberaram o dinheiro, teve de tirar um empréstimo.
- **Se** ela gosta de você, por que não vai procurá-la?

⇨ **Observações sobre as conjunções causais:**

a) Para que a conjunção "como" seja classificada como "causal", ela precisa vir no início do período e equivaler a "porque, já que".

- Como (= já que) não chegou no tempo estipulado, foi demitido.

b) Nem sempre é fácil a distinção entre uma conjunção causal e uma conjunção explicativa. Para observar tal distinção, sugerimos estudar as orações subordinadas adverbiais causais, em sintaxe do período composto.

2. **CONCESSIVAS** → São conjunções que subordinam ideias em que se exprime uma ação contrária, oposta à ideia principal.

QUE, EMBORA, CONQUANTO, AINDA QUE, POSTO QUE, BEM QUE, SE BEM QUE, QUANDO MESMO, POR MAIS QUE, POR MENOS QUE, POR POUCO QUE, MESMO QUE, EM QUE PESE, APESAR DE QUE.

- **Embora** ele estivesse conosco, não poderia ter feito nada para salvar a vida do amigo.
- Não conseguirás tirar toda a sujeira, **quando mesmo** uses água sanitária.
- Tuas palavras, **que** fossem muitas, não atenuariam a dor daquele momento.
- **Por mais que** ele se explicasse, não convenceria o delegado da inocência dele.
- Ficarei na casa, **ainda que** haja opiniões contrárias.

⇨ **Observações sobre as conjunções concessivas:**

a) Perceba que as conjunções concessivas, ao lado das coordenativas adversativas, promovem as relações de oposição ou de contraste. Por isso, geralmente é possível se trocarem umas pelas outras. É preciso, porém, ficar atento à flexão verbal, já que as orações concessivas desenvolvidas exigem o verbo no modo subjuntivo.

- Resolveu continuar estudando, **mas** sabia que já não mais realizaria o seu sonho.

→ Resolveu continuar estudando, **embora** soubesse que já não mais realizaria o seu sonho.

- **Conquanto** ela deixasse a desejar em suas atitudes morais, Marta jamais abandonou o filho e os seus familiares.

→ Marta jamais abandonou o filho e os seus familiares, **entretanto** ela deixava a desejar em suas atitudes morais.

b) Não confunda a conjunção "conquanto" com a conjunção "porquanto". Esta pode ser causal ou explicativa, enquanto aquela é estritamente concessiva.

- Abandonou a empresa, **porquanto** (*conjunção causal*) não lhe pagaram as férias devidas.
- (*conjunção concessiva*) **Conquanto** tenha abandonado a empresa, não deixou que os filhos passassem fome.

c) Há outros articuladores na língua portuguesa que também expressam oposição concessiva. São eles "a despeito de, malgrado, não obstante".

- Comprou aquele carro usado, **malgrado** os conselhos em contrário que recebeu.
- **A despeito** da vigilância ativa da polícia militar, houve diversos assaltos no último final de semana.

d) Lembre-se de que, no português do Brasil, a conjunção "posto que" só é usada como concessiva, equivalendo a "embora, apesar de que, mesmo que, ainda que". Portanto, é erro crasso usar "posto que" no lugar de "já que, visto que, uma vez que" e vice-versa.

- "Pode crer-se que a intenção do Mateus era ser admirado e invejado, **posto que** ele não a confessasse a nenhuma pessoa." (Machado de Assis)
- "A mulher, **posto que** lhe apontassem já os cabelos brancos, rejubilou com isso." (Aluísio Azevedo)

3. **CONFORMATIVAS** → São conjunções que subordinam ideias em que se exprime a conformidade de um pensamento com o da ideia principal.

COMO, CONFORME, CONSOANTE, SEGUNDO.

- Tudo se anunciou **conforme** previra o astrólogo.
- Os advogados procederam **segundo** ordenava a lei.
- Eles fizeram tudo **consoante** lhes haviam determinado.

4. **CONSECUTIVAS** → São conjunções que subordinam ideias em que se exprime o efeito, a consequência, o resultado do pensamento expresso na ideia principal.

QUE (precedido de "TÃO, TAL, TANTO, TAMANHO"), SEM QUE, DE MODO QUE, DE SORTE QUE, DE FORMA QUE, DE MANEIRA QUE.

- Falou tanto **que** ficou rouco.
- Não discute religião **sem que** não se exalte.
- "Deus, oh! Deus, onde estás **que** não respondes?" (Castro Alves)
- Ficou profundamente magoada com a atitude da criança, **de sorte que** não queria mais lecionar naquela turma.
- Viveu a vida sem restrições, **de modo que** o futuro lhe trouxe grandes dissabores.

⇨ **Observações sobre as conjunções consecutivas:**

a) Em muitas estruturas, os termos de reforço “tão, tal, tanto, tamanho” não aparecem – são elipsados da estrutura.

- Chove **que** é um horror! → Aqui temos a estrutura “Chove **TANTO que** é um horror!”.
- Ele fala **que** incomoda. → Aqui temos a estrutura “Ele fala **TANTO que** incomoda”.

5. **CONDICIONAIS** → São conjunções que subordinam ideias que exprimem a condição, a hipótese, a probabilidade para a ideia principal do período.

SE, CASO, CONTANTO QUE, SEM QUE, A NÃO SER QUE, SALVO SE, EXCETO SE, A MENOS QUE.

- Participaremos do evento, **salvo se** houver algum empecilho de última hora.
- Irei, **a não ser que** seja impedido por alguém.
- Elaborarei o projeto, **contanto que** ninguém dê palpite.
- Não começaremos a reunião **sem que** ele esteja presente.

6. **COMPARATIVAS** → São conjunções que estabelecem uma relação de comparação, de analogia com a ideia principal do período.

COMO, ASSIM COMO, TAL E QUAL, TAL QUAL, MAIS QUE OU DO QUE, MENOS QUE OU DO QUE, TANTO QUANTO, FEITO (= COMO).

- Ele é **tão** sábio **quanto** o irmão.
- O herói foi **tão** valente **quão** magnânimo.
- O Brasil foi colônia portuguesa, **assim como** a Argentina foi colônia espanhola.
- “Se mandasse fazer em postas e salgar o Sr. Quintino Bocaiúva, **tal qual** procedeu para com Ratcliff o fundador do império, não faltariam almas para lançar flores ao sangue dessas crueldades infames.” (Rui Barbosa)
- Parecia **mais** calmo **que** de costume.

7. **FINAIS** → São conjunções que estabelecem uma relação de fim (finalidade) com a ideia principal do período.

QUE (= PARA QUE), PORQUE (= PARA QUE), PARA QUE, A FIM DE QUE.

- Fizemos tudo **para que** ele fosse aprovado em um concurso.
- "Tu que as gentes da terra tudo enfreias, **que** não passem o termo limitado." (Camilo C. Branco)
- Estudai **porque** sejais logo aprovado em um concurso.

⇨ **Observações sobre as conjunções finais:**

a) A conjunção "porque" expressando finalidade está em franco desuso na língua portuguesa contemporânea.

b) "A fim de" é uma locução prepositiva. "A fim de que" é uma locução conjuntiva. Ambas indicam finalidade. A primeira emprega-se seguida de um infinitivo, pois se emprega com orações reduzidas. A segunda emprega-se com orações desenvolvidas.

- **A fim de** sair cedo, dormi pouco.
- **A fim de que** saísse cedo, dormiu pouco.

8. PROPORCIONAIS → São as conjunções que estabelecem uma relação de proporcionalidade em relação ao fato contido na oração subordinante.

À MEDIDA QUE, À PROPORÇÃO QUE, AO PASSO QUE, QUANTO MAIS... MAIS, QUANTO MAIS... MENOS, QUANTO MENOS... MAIS, QUANTO MENOS... MENOS.

- **À medida que** ele estuda, **mais** aprende.
- **Quanto mais** trabalha, **mais** acumula dinheiro.
- Os alunos se levantavam, **ao passo que** iam sendo chamados.

⇨ **Observações sobre as conjunções proporcionais:**

a) Não se esqueça de que "à medida em que" e "na medida que" são expressões que não existem em nossa língua. Surgiram como corruptela da conjunção proporcional "à medida que".

b) É essencial não confundir "à medida que" com "na medida em que". Esta introduz orações causais e equivale a "visto que, já que", enquanto aquela é essencialmente proporcional e equivale a "à proporção que".

9. **TEMPORAIS** → São conjunções que estabelecem o momento, o tempo da realização do fato contido na oração subordinante (principal).

ENQUANTO, DESDE QUE, LOGO QUE, ASSIM QUE, MAL (= LOGO QUE), ANTES QUE, DEPOIS QUE, ATÉ QUE, AGORA QUE, QUANDO, SEMPRE QUE, TODA VEZ QUE.

- "Não olhes para o vinho **quando** se mostra vermelho, **quando** resplandece no copo e se escoa suavemente." (Provérbios 23:31)
- "Minha família, **depois que** lhe falei a seu respeito, está impaciente para conhecê-lo e desde já fica à sua espera." (Aluísio Azevedo)
- "É a grande resolução que se toma nas grandes dificuldades da vida, **sempre que** é possível espaçá-las." (Almeida Garret)
- "**Logo que** acabem de comer – continuou ele dirigindo-se ao feitor –, leveas para a colheita do café." (Bernardo Guimarães)

10. **INTEGRANTES → São as conjunções que introduzem as orações substantivas, isto é, as orações que exercem para a oração principal uma das seguintes funções: sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto e predicativo.**

QUE, SE

- "O certo é **que** um complexo de circunstâncias lhes tem dificultado regime contínuo." (Euclides da Cunha)
- "Meneses não sabia **se** tinha ou deixava de ter dinheiro." (Lima Barreto)
- "Pádua obedeceu; confessou **que** acharia forças para cumprir a vontade de minha mãe." (Machado de Assis)

⇨ **Observação sobre as conjunções subordinativas:**

Embora não seja reconhecida pela NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira), existe ainda uma conjunção (SEM QUE), que introduz orações que expressam circunstância de modo. Essa conjunção, por isso, é denominada de modal. Vejamos alguns exemplos:

- "Os meninos entraram **sem que** alguém reparasse neles, e foram colocar-se junto do oratório." (Manuel A. de Almeida)

- “Agora, pensava em como entregar a carta **sem que** ninguém visse, sem escândalo.” (Adolfo Caminha)

9.3 UBIQUIDADE DAS CONJUNÇÕES

Como se sabe, em português, temos praticamente uma só (e importante) conjunção – QUE. As demais são, na maioria dos casos, advérbios que exercem a função conjuntiva ou locuções conjuntivas formadas a partir de verbos, substantivos e advérbios, associados à conjunção “QUE”.

Por isso, muitas conjunções – notadamente a conjunção QUE – podem estabelecer mais de uma relação (mais de um papel) dentro de um período. Quando isso ocorre, diz-se que a conjunção é “ubíqua”, isto é, que a conjunção tem a capacidade de expressar mais de uma relação, mais de um sentido.

Observe abaixo um rol sucinto de algumas conjunções ubíquas.

1 – SE

- Pedro só será aprovado **se** estudar. → **(conjunção condicional)**
- Não sabemos **se** Pedro será aprovado. → **(conjunção integrante)**
- Por que me enviaste para a missão **se** sabias que eu era fraco? → **(conjunção causal)**

2 – QUE

- Rezava **que** rezava, mas não espantava os maus pensamentos. → **(conjunção aditiva)**
- “De outras ovelhas cuidarei, **que** não de vós.” (A. Garrett) → **(conjunção adversativa)**
- Todos desejam **que** tu venhas logo. → **(conjunção integrante)**
- Velho **que** era, evitava lugares altos. → **(conjunção causal)**
- Nunca fui à casa do João, **que** não o achasse estudando. → **(conjunção consecutiva)**
- Não discute sobre futebol **que** não se exalte. → **(conjunção consecutiva)**
- Com o constrangimento, fez-se vermelha **que** nem romã. → **(conjunção comparativa)**
- “Porém cinco sóis já eram passados, **que** dali nós partimos.” (Camões) → **(conjunção temporal)**
- Chegados **que** fomos, todos iniciaram a reunião. → **(conjunção temporal)**
- Agora trata de fazer as coisas, **que** não lhe seja uma manhã inútil. → **(conjunção final)**

3 – COMO

- Ninguém sabe **como** ele aqui chegou. → **(conjunção integrante)**
- **Como** estivesse doente, faltei à aula. → **(conjunção causal)**
- O rosto de Maria é branco **como** a neve. → **(conjunção comparativa)**
- Falou **como** lhe convinha. → **(conjunção modal)**
- **Como** nos orientava o manual, elaboramos o projeto. → **(conjunção conformativa)**
- Falou que estaria com ele na riqueza **como** na pobreza. → **(conjunção aditiva)**

4 – DESDE QUE

- **Desde que** chegue cedo, poderá sair com os amigos. → **(conjunção condicional)**
- **Desde que** chegou, não parou de falar. → **(conjunção temporal)**

5 – QUANDO

- **Quando** falou, todos ficaram emocionados. → **(conjunção temporal)**
- **Quando** a criança chorava, ela cantava e cantava mais alto. → **(conjunção proporcional)**
- Gastaram dez dias a pé, **quando** gastariam cinco se fossem pelo mar. → **(conjunção adversativa)**

6 – E

- Chegou cedo a casa **e** pôs-se a escrever sobre o livro que lera. → **(conjunção aditiva)**
- Estudou bastante para o concurso, **e** não conseguiu nem sequer ficar entre os classificados. → **(conjunção adversativa)**

⇨ **Observação final:**

Entender o valor que a conjunção está expressando depende exclusivamente do contexto em que ela se encontra. Portanto, vale um conselho: não tente decorar os valores das conjunções. Seu esforço será inócuo. Tente, sim, entender o valor que ela está exprimindo na situação em que foi empregada.

9.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (Fuvest-SP) Nas frases abaixo, cada espaço pontilhado corresponde a uma conjunção retirada.

1. "Porém já inço sóis eram passados ... dali nos partíramos."
2. ... estivesse doente faltei à escola.
3. ... haja maus nem por isso devemos descrer doas bons.
4. Pedro será aprovado ... estude.
5. ... chova sairei de casa.

As conjunções retiradas são, respectivamente:

a) quando, ainda que, sempre que, desde que, como.
b) que, como, embora, desde que, ainda que.
c) como, que, porque, ainda que, desde que.
d) que, ainda que, embora, como, logo que.
e) que, quando, embora, desde que, já que.

2. (UEL-PR) Não gostava muito de novelas policiais; admirava, porém, a técnica de seus autores.

Comece com: *Admirava a técnica...*

a) visto como
b) enquanto
c) conquanto
d) porquanto
e) à medida que

3. (UEL-PR) A serem considerados os resultados, o trabalho foi eficiente.

Comece com: *O trabalho foi eficiente...*

a) desde que
b) ainda que
c) a menos que
d) embora
e) por isso

4. (PUC-SP) Assinale a alternativa que possa substituir, pela ordem, as partículas de transição dos períodos abaixo, sem alterar o significado delas.

"Em **primeiro lugar**, *observemos o avô.* **Igualmente**, *lancemos um olhar para a avó.*

__Também__ o pai deve ser observado. Todos são altos e morenos. __Consequentemente__, a filha também será morena e alta."

a) primeiramente, ademais, além disso, em suma
b) acima de tudo, também, analogamente, finalmente
c) primordialmente, similarmente, segundo, portanto
d) antes de mais nada, da mesma forma, por outro lado, por conseguinte
e) sem dúvida, intencionalmente, pelo contrário, com efeito

5. (Cesgranrio-RJ) Assinale o período em que ocorre a mesma relação significativa indicada pelos termos destacados em "A atividade científica é tão natural **quanto qualquer outra atividade econômica**".

a) Ele era tão aplicado, que em pouco tempo foi promovido.
b) Quanto mais estuda, menos aprende.
c) Tenho tudo quanto quero.
d) Sabia a lição tão bem como eu.
e) Todos estavam exaustos, tanto que se recolheram logo.

6. (Fuvest-SP) "Podem acusar-me: estou com a consciência tranquila." Os dois pontos (:) do período acima poderiam ser substituídos por vírgula, explicitando-se o nexo entre as duas orações pela conjunção:

a) portanto
b) e
c) como
d) pois
e) embora

7. (PUC-SP) Em:

"... ouviram-se amplos bocejos, fortes __como__ o marulhar das ondas..."

A partícula *como* expressa uma ideia de:

a) causa
b) explicação
c) conclusão
d) proporção
e) comparação

8. (Fuvest-SP) “Que não pedes um diálogo de amor, é claro, **desde que impões** a cláusula da meia-idade.”

O segmento destacado poderia ser substituído, sem alteração do sentido da frase, por:

a) desde que imponhas
b) se bem que impões
c) contanto que imponhas
d) conquanto imponhas
e) porquanto impões

9. (PUCC-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que ocorre uso **incorreto** de conjunção.

a) O homem criou a máquina para facilitar sua vida, e contudo ela correspondeu a essa expectativa.
b) Diga-lhe que abra logo a porta, que eu estou com pressa.
c) Ele tinha todas as condições para representar bem os colegas; nem todos lhe reconheciam os méritos, porém.
d) O problema é que ainda não se sabe se ele agiu conforme as normas da empresa.
e) Ao perceber o que tinha feito com seus livros, gritou que parecia um louco.

10. (PUC-SP) Nos trechos:

“Vejo três meninas caindo rápidas, enfunadas, **como** *se dançassem inda” e*
“... e a prima-dona com a longa cauda de lantejoulas riscando o céu **como** *um cometa”,*
as palavras destacadas expressam respectivamente ideias de:

a) comparação, objeto
b) modo, origem
c) modo, comparação
d) comparação, instrumento
e) consequência, consequência

GABARITO

1 – B	2 – C	3 – A

4 – D	5 – D	6 – D
7 – E	8 – E	9 – A
10 – C		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 10

PREPOSIÇÃO

10.1 DEFINIÇÃO

É a categoria gramatical invariável que tem por função ligar entre si duas palavras, subordinando uma à outra, para introduzir determinadas circunstâncias ou indicar posse, referência, origem, atribuição, causa, efeito etc. Portanto, a preposição é a palavra invariável de caráter essencialmente relacional.

Observe:

- Amanhã iremos à casa **de** Maria.
  A preposição "de" subordina "Maria" à "casa".
- A criança se encontra **com** febre.
  A preposição "com" introduz o termo atributivo "com febre".
- Deixá-lo-emos **em** Salvador e partiremos **para** São Paulo.
  As preposições "em" e "para" introduzem as circunstâncias de lugar.

Perceba que a principal "missão" das preposições é, de fato, subordinar um vocábulo ao outro. As palavras ligadas pela preposição chamam-se "**termos**" dela. O primeiro (subordinante ou regente) é chamado de "**antecedente**" e o segundo (subordinado ou regido) é chamado de "**consequente**".

Veja agora estes outros exemplos:

- Joana gosta **de** sair à noite.
  A preposição "de" subordina a oração "sair à noite" ao verbo "gostar".
- Tenho certeza **de** que amanhã Maria chegará.
  A preposição "de" subordina a oração "que amanhã Maria chegará" à "certeza".
- Eles anseiam **por** que a inflação não aumente.
  A preposição "por" subordina a oração "que a inflação não aumente" ao verbo "ansiar".

Observando as orações acima, percebe-se claramente que a preposição também subordina "orações" a certos vocábulos. Vê-se, portanto, que a preposição, à semelhança da conjunção, também subordina orações.

10.2 NEXOS PREPOSITIVOS NÃO REGENCIAIS – VALORES DE ALGUMAS PREPOSIÇÕES

De fato, o emprego da preposição se dá geralmente por questões de regência – subordinação de um termo a outro. Nem sempre, porém, isso ocorre. Em muitos casos, emprega-se a preposição para que ela estabeleça, junto ao núcleo do termo, um determinado valor. É o caso que se dá, por exemplo, com as locuções adverbiais. Perceba que a maioria delas é introduzida por um nexo prepositivo, que não foi oriundo de uma relação regencial. Quando se diz, por exemplo, "*João chegou à noite*", a preposição "a", que introduz a locução adverbial de tempo "à noite", estabelece com o substantivo "noite" uma noção de tempo. A preposição, nesse caso, não foi requisitada pelo verbo da estrutura, uma vez que ele é intransitivo. Foi usada tão somente para estipular / introduzir a relação de tempo.

Observe outros valores estipulados por nexos prepositivos não regenciais:

- Ele sempre fala muito **sobre** política.
  ↳ *assunto*
- Ele morreu **de** fome.
  ↳ *causa*
- Ele veio **de** Caruaru.
  ↳ *lugar, origem, procedência*
- Todos se inclinaram **para** a frente.
  ↳ *direção, lugar*
- Sairemos hoje **com** Maria.
  ↳ *companhia*
- Atiraram **para** cima.
  ↳ *direção*
- Falaram **contra** nós dois.
  ↳ *oposição*
- Viajaremos **durante** as férias.
  ↳ *tempo*
- A casa **de** Maria é bonita.
  ↳ *posse*
- Nós iremos **de** avião.
  ↳ *meio*
- Vendeu a casa **por** R$ 20.000,00.
  ↳ *preço*
- Fechou o portão **a** cadeado.
  ↳ *instrumento*
- Dei-lhe algo **para** beber.
  ↳ *finalidade*
- Fez um omelete **com** dois ovos.
  ↳ *matéria*
- Comprei um televisor **em** cores.
  ↳ *qualidade, estado*
- Todos ficaram **de** pé.
  ↳ *modo*
- Morrer **pela** pátria.
  ↳ *motivação, favor*
- Comprei uma casa **de** campo.
  ↳ *finalidade, destinação*

10.3 CLASSIFICAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES

No português, as preposições são classificadas em "essenciais" (palavras que só desempenham o papel estritamente de preposição) e "acidentais" (palavras de outra classe gramatical que eventualmente se usam como preposições).

a) São essenciais:

a	de	perante
ante	desde	por
após	em	sem
até	entre	sob
com	para	sobre
contra	trás	

b) São acidentais:

conforme (= de acordo com)	fora, afora
consoante (= de acordo com)	exceto
segundo (= de acordo com)	mediante (= por meio de)
como (= na qualidade de)	menos
durante	tirante
salvo	salvante

10.4 LOCUÇÕES PREPOSITIVAS

Em muitos casos, a função prepositiva é exercida por um conjunto de vocábulos que é finalizado por uma preposição. Neste caso, está-se diante das chamadas "**locuções prepositivas**". Geralmente, tais locuções apresentam como núcleo um substantivo ou um advérbio.

Abaixo há um sucinto rol das principais locuções prepositivas.

abaixo de	atrás de	em frente de
acerca de	através de	em lugar de
acima de	de acordo com	em redor de

a fim de	debaixo de	em torno de
além de	defronte de	em vez de
à maneira de	dentro de	fora de
antes de	de per	junto a
até a	depois de	não obstante
ao lado de	devido a	no caso de
ao invés de	diante de	para com
ao redor de	embaixo de	perto de
a par de	em cima de	por causa de
apesar de	em face de	por detrás de
a respeito de	em frente a	por trás de

Observe alguns exemplos:

- "Maldito seja aquele vendeiro de todos os diabos! Fazer-me um cortiço **debaixo das** janelas!..." (Aluísio Azevedo)
- "Duas vacas, guardadas por uma rapariga, apareceram então pelo caminho lodoso que do outro lado do rio, **defronte da** alameda, corre junto de um silvado." (Eça de Queiroz)
- "O olhar fascinado perturbava-se no desequilíbrio das camadas desigualmente aquecidas, parecendo varar **através de** um prisma desmedido e intáctil." (Euclides da Cunha)
- "Esta protelação, inexplicável, esta reserva **acerca de** um programa feito, acabado, dependente apenas de uma formalidade elementar." (Rui Barbosa)
- "A cabocla foi sentar-se à mesa redonda que estava no centro da sala, virada para as duas. Pôs os cabelos e os retratos **defronte de** si." (Machado de Assis)

10.5 COMBINAÇÕES E CONTRAÇÕES DAS PREPOSIÇÕES

Observe o exemplo abaixo:

Ele foi um **daqueles** que sempre lutou **pela** pátria.

Veja que os dois termos em negrito aparecem com preposições:

- daqueles → de + aqueles
- pela → per (preposição arcaica) + a

Num período, pode uma preposição unir-se a outra palavra, passando a constituir com ela um só vocábulo. Nessa ligação, se a preposição permanece com todos os seus fonemas, diz-se que há "**combinação**"; se houver perda de fonema para algum dos componentes, diz-se que há "**contração**".

Listaremos abaixo alguns casos comuns de combinação e de contração:

a) Combinação da preposição "a" com os artigos definidos ou os pronomes demonstrativos "o, os" → ao, aos

b) Contração da preposição "a" com os artigos definidos ou os pronomes demonstrativos "a, as" → à, às (crase)

c) Contração da preposição "de" com artigos, certos pronomes e certos advérbios:

- de + o, a, os, as → **do, da, dos, das**
- de + um, uma, outro, outra → **dum, duma, doutro, doutra etc.**
- de + ele, ela, esse, aquele, aquilo, isto, isso (e suas flexões) → **dele, dela, desse, daquele, disto etc.**
- de + aqui, aí, ali, onde, antes → **daqui, daí, donde, dantes etc.**

d) Contração da preposição "em" com artigos e certos pronomes:

- em + o, a, os, as → **no, na, nos, nas**
- em + um, uma, outro, este, esse, aquele (e suas flexões) → **num, numa, noutro, neste, naquele etc.**

e) Contração da antiga preposição "per" (hoje substituída pela sua sinônima "por") com os artigos "o, a, os, as" → pelo, pela, pelos, pelas

⇨ **Observação:**

Quando rege infinitivos, a preposição não deve se contrair com artigos, advérbios e pronomes (orações reduzidas). Ademais, como geralmente os infinitivos apresentam sujeito próprio, é inadmissível que haja o preposicionamento do sujeito deste infinitivo.

sujeito do infinitivo

- Vamos, pois está na hora **do** ônibus passar. → construção errada. (Corrija-se: na hora **de o** ônibus passar.)

sujeito do infinitivo

- Não saímos de casa **pelo** carro estar quebrado. → construção errada. (Corrija-se: **por o** carro estar quebrado.)

O pronome "ele" é o sujeito do infinitivo.

- Comprei livros a fim **dele** estudar mais. → construção errada. (Corrija-se: a fim **de ele** estudar mais.)

O substantivo "assassino" é o sujeito do infinitivo "ser".

- O crime comoveu a todos **por o** assassino ser muito conhecido. → construção correta

10.6 REPETIÇÃO DAS PREPOSIÇÕES

Sem dúvida, um dos pontos que suscita dúvida diz respeito à repetição da preposição. Em muitas estruturas em que aparece mais de um termo subordinado a um outro termo por meio de uma preposição, a repetição da preposição deve levar em conta as seguintes orientações:

a) Diante de termos subordinados em que o determinante só ocorre perante o primeiro, é de praxe a preposição só aparecer no primeiro termo subordinado.

- "Tratou logo de aprestar a armada, que achou desbaratada **pelas** viagens e guerras de seu antecessor." (J. Freire *apud* Cláudio Brandão)
- "Pudera chamar abelhas aos holandeses **pela** arte e bom governo." (Pe. Antônio Vieira)
- "As aves, dando repouso às asas fatigadas do contínuo voejar **pelos** pomares, prados e balsedos vizinhos, começavam a preludiar seus cantos vespertinos." (Bernardo Guimarães)

⇨ **Observação:**

É possível, nestes casos, a repetição tanto da preposição quanto do determinante a fim de individualizar e ressaltar cada termo subordinado.

- "Cristo, nosso Salvador, é o verdadeiro Deus **dos** exércitos e **das** vitórias." (Pe. Antônio Vieira)
- "Maria é a divindade **da** inocência, **da** fraqueza e **do** infortúnio." (Camilo C. Branco)
- "Deus me livre de debater matéria tantas vezes disputadas, tantas vezes exaurida **pelos**

que sabem a ciência do mundo e **pelos** que sabem a ciência do céu!" (A. Herculano)

b) É frequente omitir-se a preposição antes do segundo e dos outros termos subordinados quando estes vêm desacompanhados de determinantes.

- "Vós ensinais-me a defender a honra **com** vida, santidade, exemplo e sofrimento." (Tomé de Jesus *apud* Cláudio Brandão)
- "... e lágrimas **de** ternura e religião rebentam de todos os olhos." (Camilo C. Branco)

⇨ **Observação:**

A repetição da preposição, entretanto, far-se-á necessária se se desejar pôr em relevo (ênfase) cada um dos termos subordinados.

- "**Com** espanto e ao mesmo tempo **com** alegria, percebi que se exprimia em romano rústico, o qual, daí a pouco, vi que o moço árabe falava como se fosse a própria linguagem." (A. Herculano)
- "E que **sobre** mirrados, **sobre** afogados, **sobre** comidos, ainda se vejam pisados e perseguidos dos homens..." (Pe. Antônio Vieira)
- "Todas as consciências, todos os caracteres, todas as alavancas morais das grandes causas farão, em torno de S. Ex.ª, um círculo **de** força, **de** inteligência, **de** probidade, **de** patriotismo, **de** desinteresse, **de** concentração intensa, perseverante, intransigente, a que nada resistirá." (Rui Barbosa)

c) Quando os termos subordinados se encontram precedidos por determinantes, é comum exprimir-se a preposição apenas diante do primeiro termo subordinado, omitindo-a para dos demais.

- "Essa noite, nas salas de Manuel, só se conversou **sobre** as boas qualidades e os bons precedentes do estimado cura do Rosário." (Aluísio Azevedo)
- "... suave é o refúgio dessa consolação oferecida pelos fastos de uma época heróica aos que padecem e esperam **contra** a aridez e a corrupção de nossos dias." (Rui Barbosa)
- "**Entre** os esplendores e as harmonias dessa inocente, querida e confortadora solenidade, recolhamo-nos uns instantes à obscuridade silenciosa de nosso senso íntimo." (Rui Barbosa)

⇨ **Observação:**

Nestes casos, pode-se também repetir a preposição caso se queira dar mais ênfase a cada um dos termos subordinados.

- “As quatro filhas do Teixeira Azevedo, magrinhas, com os cabelos muito riçados, as olheiras pisadas, passavam a sua tarde de dia santo, olhando **para** a rua, **para** o ar, **para** as janelas vizinhas.” (Eça de Queiroz)
- “Olha para si, **para** as chinelas (umas chinelas de Túnis, que lhe deu recente amigo, Cristiano Palha), **para** a casa, **para** o jardim, **para** a enseada, **para** os morros e **para** o céu.” (Machado de Assis)

d) Em sequências formadas de infinitivos, é comum exprimir-se a preposição apenas diante do primeiro infinitivo.

- “... foi a Santo Agostinho, como iria a Santo Ambrósio ou a Santo Hilário, e escreveu uma carta enigmática, para confundi-lo, **até** voltar e rir-se do logro.” (Machado de Assis)
- “Preparou-se **para** passar os Pireneus e invadir a França.” (F. Castilho)
- “**Depois de** gritar, chorar, maldizer, blasfemar, ameaçar, rasgar, quebrar, destruir, Vidinha parou um instante, concentrou-se, meditou, e depois, como tomando uma grande resolução.” (Manuel A. de Almeida)

⇨ **Observação:**

A repetição da preposição antes de cada infinitivo é possível quando se deseja obter ênfase.

- “**Para** soerguer o peso desse véu, **para** lhe arredar a ponta, não será demais o concurso de uma boa vontade...” (Rui Barbosa)
- “... estava olhando da alta torre Tarpeia, recreando-se **em** ver abrasar aqueles nobres e antigos edifícios, e **em** ouvir os tristes clamores...” (H. Pinto *apud* Cláudio Brandão)

e) A repetição da preposição diante de cada termo subordinado deverá ser feita sempre que for necessário conferir maior clareza ao enunciado a fim de se evitar possíveis ambiguidades.

- João lutou **contra** Pedro e Paulo. (Napoleão M. de Almeida)
  João lutou ao mesmo tempo contra Pedro e Paulo.
- João lutou **contra** Pedro e **contra** Paulo. (Napoleão M. de Almeida)
  João lutou contra Pedro e depois contra Paulo.

- “Os descendentes dos Bem-Umeias aplicou todas as atenções **a** construir uma armada capaz de impedir os desembarques dos africanos e **a** reprimir algumas tentativas dos descontentes.” (A. Herculano)

f) Em se tratando de locução prepositiva, apresentam-se as seguintes orientações:

→ **A locução prepositiva aparece apenas no primeiro termo subordinado:**

- "Naquela época, porém, **devido a**o álcool e desgostos íntimos, nos quais predominava a loucura irremediável de um irmão, não era mais que uma triste ruína de homem, amnésico, semi-imbecilizado, a ponto de não poder seguir o fio da mais simples conversa." (Lima Barreto)
- "Eu – não tomaria outra, **apesar da** legislação e prática então vigente, e que não sei se ainda hoje vige." (A. Garrett)

→ **A locução prepositiva é repetida para cada termo subordinado:**

- **Por causa da** chuva e **por causa dos** prováveis alagamentos, resolveu adiar a reunião que faria com os membros do partido.
- "Agora podeis falar **diante** dele como **diante de** mim." (A. Garrett)

→ **A locução prepositiva aparece no primeiro termo subordinado e repete-se a parte final dela para os demais termos subordinados:**

- "A sua casa tinha agora um pessoal complicado de primeiros, segundos e terceiros caixeiros, **além do** guarda-livros, **do** comprador, **do** despachante e **do** caixa." (Aluísio Azevedo)
- "De cada vez que Afonso ia à quinta predilecta, em cada árvore nova entalhava as letras iniciais dos dois nomes, que ele imaginava, **apesar da** distância e **dos** reveses, atados para sempre com aplauso de Deus." (Camilo C. Branco)

10.7 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (Fuvest-SP) Ao ligar dois termos de uma oração, a preposição pode expressar, entre outros aspectos, uma relação temporal, espacial ou nocional. Nos versos:

   "Amor total e falho... Puro e impuro...
   Amor de velho adolescente..."
   a preposição de estabelece uma relação nocional.
   Essa mesma relação ocorre em:

   a) "Este fundo **de** hotel é um fim **de** mundo."
   b) "A quem sonha **de** dia e sonha **de** noite, sabendo todo sonho vão."
   c) "Depois fui pirata mouro, flagelo **da** Tripolitânia."
   d) "Chegarei **de** madrugada, quando cantar a seriema."
   e) "Só os roçados **da** morte compensam aqui cultivar."

2. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção em que a preposição *com* traduz uma relação de instrumento.

a) “Teria sorte nos outros lugares, com gente estranha.”
b) “Com o meu avô cada vez mais perto do fim, o Santa Rosa seria um inferno.”
c) “Não fumava, e nenhum livro com força de me prender.”
d) “Trancava-me no quarto fugindo do aperreio, matando-as com jornais.”
e) “Andavam por cima do papel estendido com outras já pregadas no breu.”

3. (Unimep-SP) “Depois **a** mãe recolhe as velas, torna **a** guardá-**las** na bolsa.” Os vocábulos destacados são, respectivamente;

a) pronome pessoal oblíquo, preposição, artigo.
b) artigo, preposição, pronome pessoal oblíquo.
c) artigo, pronome demonstrativo, pronome pessoal oblíquo.
d) artigo, preposição, pronome demonstrativo.
e) preposição, pronome demonstrativo, pronome pessoal oblíquo.

4. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção cuja lacuna não pode ser preenchida pela preposição entre parênteses.

a) uma companheira desta, ... cuja figura os mais velhos se comoviam. (*com*)
b) uma companheira desta, ... cuja figura já nos referimos anteriormente. (*a*)
c) uma companheira desta, ... cuja figura havia uma ar de grande dama decadente. (*em*)
d) uma companheira desta, ... cuja figura andara todo o regimento apaixonado. (*por*)
e) uma companheira desta, ... cuja figura as crianças se assustavam. (*de*)

5. (UFU-MG) “... foram intimados **a** comparecer...”, “... não **a** fizeram...”, “... **a** sua oração...”. As três ocorrências de **a** são, respectivamente:

a) preposição, pronome, preposição.
b) artigo, artigo, preposição.
c) pronome, artigo, preposição.
d) preposição, pronome, artigo.
e) artigo, pronome, pronome.

6. (PUC-SP)

"... a folha **de um livro** *retoma."*

"como **sob o vento** *a árvore que o doa."*

"e nada finge vento **em folha** *de árvore."*

As expressões destacadas são introduzidas por preposições. Tais preposições são usadas, nesses versos, com a ideia de:

a) origem, lugar, especificação.
b) especificação, agente causador, lugar.
c) instrumento, especificação, lugar.
d) agente causador, especificação, lugar.
e) lugar, instrumento, origem.

7. (UM-SP) Indique a oração que apresenta locução prepositiva.

a) Havia objetos valiosos sobre a pequena mesa de mármore.
b) À medida que os inimigos se aproximavam, as tropas inglesas recuavam.
c) Seguiu a carreira militar devido à influência do pai.
d) Agiu de caso pensado, quando se afastou de você.
e) De repente, riscou e reescreveu o texto.

8. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da seguinte frase:

"O controle biológico de pragas, ... o texto faz referência, é certamente o mais eficiente e adequado recurso ... os lavradores dispõem para proteger a lavoura sem prejudicar o solo."

a) do qual, com que
b) de que, que
c) que, o qual
d) ao qual, cujos
e) a que, de que

9. (UFV-MG) Assinale a opção cuja sequência completa **corretamente** as frases abaixo.

A lei ... se referiu já foi revogada.

Os problemas ... se lembraram eram muito grandes.

O cargo ... aspiras é muito importante.

O filme ... gostou foi premiado.

O jogo ... assistimos foi movimentado.

a) que, que, que, que, que
b) a que, de que, que, que, a que
c) que, de que, que, de que, que
d) a que, de que, a que, de que, a que
e) a que, que, que, que, a que

10. (Osec-SP) Assinale a frase que **não** está correta.

a) Entre mim e ti tudo acabou.
b) Já lhe disse que entre nós nada é bom.
c) Entre ela e nós existe de tudo.
d) Entre eu e você deve haver respeito.
e) Não é possível haver dúvidas entre eles.

GABARITO

1 – A	2 – D	3 – B
4 – E	5 – D	6 – B
7 – C	8 – E	9 – D
10 – D		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 11

INTERJEIÇÃO

11.1 DEFINIÇÃO

É a palavra invariável que exprime os sentimentos ou as sensações de dor, alegria, surpresa, temor, aversão etc.

De acordo com o professor M. Said Ali, as interjeições representam “a parte menos racional da linguagem, por não traduzirem nenhuma estruturação sintática”.

As interjeições devem ser proferidas em tom de voz diferente daquele que se usa para o vocábulo da linguagem expositiva, por elas representarem brados, gritos ou expressões de dor, alegria, pavor, surpresa etc.

11.2 CLASSIFICAÇÃO

As interjeições são classificadas de acordo com os afetos que exprimem. Teremos, então, as interjeições de:

a) **dor**: *ai!, ui!*
b) **alegria**: *ah!, oh!, oba!, opa! aleluia!*
c) **admiração:** *oh!, ah!, opa!, oba!, puxa!*
d) **animação**: *avante!, coragem!, eia!, vamos!, agora!, ânimo!, força!*
e) **aplauso**: *bis!, bem!, bravo!, viva!, apoiado!, muito bem!, ótimo!, perfeito!*
f) **apelo ou invocação**: *olá!, psiu!, psit!*
g) **desejo**: *oh!, oxalá!, tomara!*
h) **silêncio**: *psiu!, silêncio!*
i) **pavor ou terror**: *ufa!, ui!, uh!, credo!, cruzes!*
j) **espanto ou surpresa**: *ah!, chi!, ué!, uai!, caramba!.*
k) **indignação**: *apre!, chi!, morra!, fora!.*
l) **suspensão**: *basta!, alto!, alto lá!*

m) **advertência**: *cuidado!, atenção!*

n) **descontentamento**: *hum!, hem!, diabo!, mau!*

o) **repulsa**: *safa!, fora!, uf!*

⇨ Observações importantes:

a) É importante frisar que na escrita as interjeições vêm de regra acompanhadas de ponto de exclamação (!).

b) Perceba que algumas interjeições podem ser classificadas em mais de uma categoria. Isso se dá em virtude de a interjeição poder expressar sentimentos vários. A classificação, portanto, deve ser feita de acordo com o contexto em que se encontra a interjeição.

c) Há interjeições denominadas de "imitativas ou onomatopaicas". São aquelas que exprimem os sons das coisas, dos objetos – zás!, chape!, bum!.

d) Assim como outras classes morfológicas, as interjeições podem aparecer sob a forma locucional – são denominadas de "locuções interjetivas". São exemplos dessas locuções:

- **Valha-me Deus!**
- **Ora, bolas!**
- **Raios te partam!**
- **Ai de mim!**
- **Coitado de mim!**
- **Nossa Senhora!**
- **Credo em cruz!**
- **Deus me livre!**
- **Virgem Maria!**
- **Puxa vida!**
- **Essa não!**
- **Muito obrigado!**

e) A interjeição de emprego mais comum na língua portuguesa é "oh!", a qual também se escreve "ó". A primeira é empregada geralmente acompanhada de um ponto de exclamação, enquanto a segunda geralmente dispensa a pontuação. A interjeição "ó" última é empregada geralmente no vocativo para indicar um chamamento, uma invocação. Por outro lado, interjeição "oh!" possui sentido variável, denotando ora alegria, ora espanto, ora aversão, ora desejo, ora chamamento.

III

SINTAXE

CAPÍTULO 1

SINTAXE DE ORAÇÃO – TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO

1.1 CONCEITOS ESSENCIAIS

Antes de tudo, é fundamental apreender o conceito de frase, oração e período.

1.1.1 FRASE

É todo enunciado linguístico capaz de estabelecer um processo de comunicação, ou seja, é todo enunciado que possui sentido completo.

Observe:

- Silêncio!
- Meu Deus, ajude-me!
- O presidente da empresa viajará amanhã para São Paulo.
- Na próxima semana, o resultado do concurso sairá, e todos saberão quem foram os reais ganhadores.

Veja: Não importa o tamanho – frase é tudo que possui sentido completo.

Quanto ao sentido que expressam, as frases podem ser:

a) Declarativas ou expositivas (apresentam uma declaração, um juízo de valor):

- O governo mostra-se lento na resolução do problema da violência.

b) Interrogativas (apresentam uma indagação, uma pergunta, um questionamento):

- Por que ele não chegou ainda?

c) Imperativas (apresentam uma ordem, um mandamento, uma exortação):

- Deixe o ambiente agora.

d) Exclamativas (apresenta uma admiração, uma repulsa, uma surpresa):

- Muito bem!
- Quanto desprezo em suas palavras!

e) Optativas (apresentam um desejo, uma aspiração):

- Que Deus os proteja!
- Oxalá dê tudo certo em sua jornada!

1.1.2 ORAÇÃO

É toda estrutura linguística centrada em um verbo ou uma locução verbal. Podemos afirmar ser toda estrutura que se biparte em sujeito e predicado, e, excepcionalmente, só em predicado, quando a declaração se encerra em si mesma sem referência particular a nenhum ser.

- "Raspou, achou, ganhou!" (Anúncio publicitário)
- Amanhã o governo deve anunciar um novo pacote econômico.

1.1.3 PERÍODO

É a frase formada por uma ou mais orações. Classifica-se, portanto, em:

a) Simples: formado por uma única oração, denominada de oração absoluta. Haverá, por isso, um único verbo ou uma única locução verbal.

- Haveremos de conseguir a aprovação no concurso.
- Ainda existem pessoas honestas neste país?

b) Composto: formado por mais de uma oração. (A classificação desse período encontra-se no capítulo sintaxe de período).

- [Quando o homem chegou], [a polícia já havia levado o corpo].

- [Ela aprecia frutos do mar] [que são pescados em águas mornas].
- [Todos desconfiam] [de que o coordenador foi o culpado pela tragédia].

Concluindo: É fundamental que o estudante da língua portuguesa aprenda a detectar o verbo da estrutura linguística. É a partir dele que toda a sintaxe ganha existência. Ademais, convém saber que: Nem toda frase é uma oração, assim como nem toda oração é uma frase.
Nem todo período é formado por mais de uma oração. O período pode ser simples, como vimos.

1.2 TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO

Gramaticalmente existem dois termos essenciais:

- o sujeito;
- o predicado.

Entretanto, perceberemos ao longo do nosso estudo que o termo essencial por excelência é o predicado, em virtude da possibilidade da existência de uma oração sem sujeito.

1.2.1 SUJEITO

É o termo que representa o ser a respeito de quem se diz alguma coisa, faz-se alguma declaração.

Importante!! Identificar o sujeito é um dos mais importantes conhecimentos de que precisa o estudante da Língua Portuguesa para caminhar bem em sintaxe. Vale salientar que toda a base da concordância verbal está na perfeita harmonização entre o verbo e o seu sujeito. Ora, para que se perfaça essa harmonia, é fundamental que primeiro se identifique o "bendito" sujeito.

A partir de agora, vamos ver várias orações. Procure identificar (e acima de tudo entender) nelas o sujeito do(s) verbo(s).

- Deslizavam montanha abaixo **as águas do desgelo**.
- Ainda devem chegar hoje pela manhã **as correspondências enviadas pelo amigo de Portugal**.

- **Meus ais** incomodavam a muitos no hospital.
- Caso não lhe venham a parecer oportunas **essas medidas**, faça **você** mesmo como quiser.
- Ainda deve ocorrer, nas periferias das grandes cidades, a despeito das medidas repressivas, **muita contestação violenta** por parte dos desempregados.

Não esqueça: O sujeito pode estar localizado em qualquer parte da estrutura oracional. O importante é perceber com quem o verbo está se relacionando e notar a que termo a declaração verbal se refere. Observe as seguintes análises errôneas a respeito do sujeito:

a) Chegaram hoje à tarde **muitas correspondências**. (Achar que o termo em negrito é o objeto direto. Na realidade quem praticou a ação de chegar foram "as correspondências". Logo, é o sujeito da oração.)

b) Ainda existem **pessoas honestas** no Brasil. (Achar que o sujeito é indeterminado só porque o verbo se encontra na 3.ª pessoa do plural. Na realidade quem pensa assim geralmente está preso à definição de sujeito como o termo que pratica a ação. É melhor pensar em sujeito como o ser sobre o qual se faz alguma declaração, se enuncia algo.) Observe:

- Ocorreram **festas** no final de semana.
- Convém o **retorno** imediato dele.
- Agora só importa a **resolução** do problema.
- Ainda faltam quinze **minutos** para o início do show.

Perceba que todos os termos em negrito representam núcleos dos sujeitos. Cuidado para não pensar que eles são objetos diretos tentando fazer a velha perguntinha: "o quê"?

Uma outra informação importante para o nosso aprendizado é a de que o núcleo do sujeito de uma oração é sempre representado por um substantivo ou por um termo substantivado.

Considerações gerais sobre o sujeito:

a) Não se esqueça de que o sujeito da oração não vem regido por preposição, pois, como sabemos, por ser o sujeito um termo subordinante, não se deixa reger por preposição. Logo, um termo regido por um nexo prepositivo jamais exercerá a função de sujeito. Observe (destacamos o sujeito com a cor laranja; **os elementos sublinhados não representam o sujeito** – geralmente esses elementos funcionam como completivos – objeto direto, objetivo indireto, complemento nominal):

- Ainda cabe aos alunos da 1.ª série **consertar o dano que causaram à escola**. não é

não é o sujeito

o sujeito

- Enreda-se nas tramas das próprias memórias **todo aquele** que não busca abrir, para si mesmo, novos tempos e novas experiências.

- A qualquer pessoa podem ocorrer, neste tempo de radicalismos, **argumentos em favor da mais pessimista expectativa histórica**.

- Se a cada um de nós efetivamente perturbassem **os que agem mal**, a impunidade seria impossível.

- Não ocorre aos bons cidadãos **que os maus** sujeito oracional **contam com o silêncio da sociedade** para seguirem sendo o que são.

⇨ **Observação:**

Fique muito atento! Frequentemente as bancas interpõem esses termos preposicionados entre o sujeito e o verbo a fim de confundir o candidato. Por isso, procure estudar este ponto mais de uma vez, para que você não cometa erros "bobos" quando for identificar o sujeito a fim de efetuar a concordância verbal adequada.

b) Em virtude da regra acima, não se deve, portanto, preposicionar um termo que exerce a função sintática de sujeito. Observe:

- Está na hora da onça beber água. (construção errada)

Corrija-se para...

- Está na hora de a onça beber água.
  sujeito do verbo "beber"

- Apesar da manifestação ocupar as ruas principais, o trânsito fluía normalmente. (construção errada)

  Corrija-se para...

- Apesar de a manifestação ocupar as ruas principais, o trânsito fluía normalmente.
  sujeito do verbo "ocupar"

- A fim dele conseguir a aprovação, comprei novos livros. (construção errada)

Corrija-se para...

- A fim **de ele** conseguir a aprovação, comprei novos livros.

⇨ **Observação:**

Nesses casos, o nexo prepositivo rege a oração, e não o sujeito desta oração.

1.2.1.1 Núcleo do sujeito

O núcleo do sujeito pode ser exercido por:

I – Pronomes pessoais do caso reto

- **Eles** trouxeram o projeto para **eu** avaliar. (Se aparecer alguma dúvida aqui, pare e vá estudar o assunto "pronome", notadamente, os pronomes pessoais.)
- **Nós** ainda iremos ganhar esta maratona.

II – Alguns pronomes pessoais oblíquos (me, te, se, o, a, os, as, nos, vos)

> **Calma!!! Não é difícil!!** É só uma exceção, afinal a função típica desses pronomes é a complementar. Esse caso ocorre geralmente com verbos denominados "sensitivos" e "causativos", como, por exemplo, "mandar, deixar, fazer, ouvir, ver".

- Deixei-**os** sair para diminuir o barulho aqui dentro.

Se desenvolvermos a frase acima, teremos:

- Deixei que **eles** saíssem para diminuir o barulho aqui dentro.

Ora, veja que o pronome obliquo átono – os – transformou-se, quando a oração foi desenvolvida, no pronome tônico do caso reto "eles" que, por sua vez, é, claramente, o sujeito do verbo sair. Logo, o pronome átono "os" na primeira oração – a reduzida – também funciona como sujeito do verbo "sair". Olhe outros exemplos:

- Fizemo-**lo** abandonar o vício em fumar. (= Fizemos com que **ele** abandonasse o vício em fumar.)
- Mandaram-**me** comprar um produto de última geração. (= Mandaram que **eu** comprasse um produto de última geração.)
- Vê-**los** sair mais cedo é uma vitória. (= Ver que **eles** saem mais cedo é uma vitória.)
- Poder deixá-**las** brincar mais um pouco é um prazer. (= Poder deixar que **elas** brinquem mais um pouco é um prazer.)

Dica: Perceba que os pronome oblíquos acima funcionam como sujeitos de verbos no infinitivo, cuja oração desempenha a função de objeto direto para a principal. Veja um último exemplo: Mandar-te-iam deixar o ambiente só porque não estás de paletó? (Veja que a oração "te deixar o ambiente só porque não estás de paletó" exerce a função sintática de objeto direto para o verbo "mandar".)

III –Pronomes pessoais de tratamento

- **Você** não viu o incidente que provocou?
- **Vossa Excelência** não conveio nas condições do acordo.

IV –Substantivo ou palavra com função de substantivo

- Os **prós** e os **contras** foram mencionados logo no início da reunião.
- A **interação** dele com os outros pacientes mostrava claramente a sua recuperação.
- Nem sempre o **belo** é tão belo quanto se mostra.
- A **pequena** fez uma cara de espanto.
- O **mas** é uma conjunção adversativa.

V – Pronomes demonstrativos, indefinidos, relativos ou interrogativos

- — **Quem** bateu à porta?
- — **Alguém** bateu à porta.
- — Não! **Ninguém** bateu à porta?
- **Isso** passou logo. No entanto, **aquilo** demorará mais.

Não se esqueça! Os pronomes indefinidos se referem à 3.ª pessoa do discurso de maneira indefinida, vaga, imprecisa – eles não promovem "sujeito indeterminado". Nada a ver!! Cuidado!!

- Ao longe se via uma mulher **que** comprava presentes. (Observe o pronome relativo "que" desempenhando a função de sujeito ⇨ "Ao longe se via uma mulher a qual comprava presentes".)

VI –Numeral

- As **duas** conseguiram boas notas na prova.
- Só **uma** deve resolver o problema.

1.2.1.2 Classificação do sujeito

Existem vários critérios para se classificar o sujeito:

1. Um desses critérios leva em conta a quantidade de núcleos do sujeito. Daí dizer-se sujeito "simples" (apenas um núcleo aparece na oração) ou "composto" (mais de um núcleo).
2. Outro considera a possibilidade de o sujeito encontrar-se expresso ou implícito. Nesse caso, classifica-se o sujeito em determinado ou indeterminado.
3. Há também o critério que considera a prática da ação pelo sujeito: quando o sujeito é praticante da ação, denomina-se agente ou ativo; ao contrário, quando o sujeito passa a receber a ação expressa pelo verbo, é denominado sujeito passivo ou paciente.
4. Por último, existem orações que não possuem sujeito. Para elas, classifica-se o sujeito como inexistente (expressão condenada por alguns gramáticos) ou, o que nos parece melhor, oração sem sujeito.

Passemos agora ao estudo detalhado dos principais tipos:

I – Sujeito simples

Como já dissemos, é aquele em que apenas um núcleo aparece com a função de sujeito. Este núcleo pode ser exercido por um substantivo ou por qualquer palavra substantivada.

Observe os exemplos extraídos de provas de concursos:

- Os **terrenos** novos nos quais deve se aventurar o **jovem** de hoje são seu grande desafio. (Observe bem que as palavras em negrito funcionam como núcleos dos sujeitos dos seus respectivos verbos.)
- Quando não são valorizadas, num jovem, as **qualidades** naturais da mocidade, ele sai prejudicado.
- Quanto aos adolescentes, nenhuma **época** lhes parece tão injusta quanto a nossa.

II – Sujeito composto

É aquele que apresenta mais de um núcleo para o sujeito. Veja:

- No prato ainda constavam, após o almoço, um **bocado** de arroz e um **punhado** de farofa.
- Têm existido muita **família** e muitos outros **grupamentos** sociais indignados com a atuação do governo.
- **O bolsa-escola** e **o programa de renda mínima**, instituídos nos últimos anos pelo Governo Federal, devem garantir bons resultados sociais para o Brasil nos próximos anos.

⇨ **Observação:**

O sujeito dito composto apresenta-se, como já se disse, com mais de um núcleo. Não se trata de mais de um sujeito – é um único sujeito, que é formado com dois ou mais núcleos.

Vale a pena: Dê uma "olhadinha" na forma como se faz a concordância com o sujeito composto.

III –Sujeito oculto / elíptico / desinencial

É aquele sujeito que não se encontra expresso na oração, mas que é facilmente subentendido pela desinência verbal.

- Precisamos comprar um novo carro. (Sujeito = nós)
- Hoje estou aqui para conversarmos um pouco sobre política monetária. (Sujeitos = **eu** para o verbo "estar" e **nós** para o verbo conversar)
- Retira-te agora, criatura miserável! (Sujeito oculto = tu). ⇨ Cuidado neste exemplo: observe que o verbo se encontra no imperativo afirmativo.
- "Adestrai-vos, e conquistai força física e moral." (Olavo Bilac) (Sujeito = vós)

IV –Sujeito indeterminado

No bom jargão dos professores: a partir de agora a atenção precisa ser redobrada. Muitas bancas de concursos exploram o sujeito indeterminado em suas questões de concordância verbal.

Conselho de amigo / Dica de estudo: Se o amigo estudante não tiver segurança ou não se lembrar direito do assunto "transitividade verbal", sugiro que primeiro faça uma revisão desse assunto para depois adentrar o conteúdo

abaixo. Você precisa ter uma boa noção de transitividade para poder identificar o sujeito.

O sujeito indeterminado aparece quando não se deseja ou não se consegue determinar, identificar o autor da ação verbal. Portanto, o que torna indeterminado o sujeito é a intenção ou a situação do falante, que não sabe ou não quer individuar, precisar, apontar o agente, o autor da ação. O conceito de sujeito indeterminado, por isso, tem de partir da intenção ou da ignorância do falante, já que, em português, a maioria das construções apresenta sujeito. Existem duas situações em que um sujeito pode ser ou aparecer indeterminado:

a) Com verbos na 3.ª pessoa do plural, sem fazer referências a nenhum substantivo anteriormente ou posteriormente expresso, nem ao pronome pessoal do caso reto "eles".

Veja:

- **Imitaram** o professor de Português na última aula. (Perceba que não se sabe quem fez a ação de imitar.)
- **Vão** telefonar para você hoje à tarde para tratar de um assunto do seu interesse. (Se não se pode determinar quem praticou a ação, logo o sujeito é indeterminado. O verbo auxiliar da locução verbal – ir + telefonar – encontra-se flexionado na 3.ª pessoa do plural).
- "**Dizem** que sou louco!" (O sujeito do verbo "dizer" é indeterminado.)
- **Consideram**-no o pai da turma pela inteligência e experiência que possui. (O sujeito do verbo "considerar" é indeterminado.)

b) Com verbos intransitivos, transitivos indiretos ou de ligação acompanhados da partícula "se". Essa partícula funcionará como o "índice de indeterminação do sujeito". O mais importante é notar que nesse caso o verbo, obrigatoriamente, permanecerá na 3.ª pessoa do singular.

Exemplos:

- No Brasil, já não mais **se recorre a** confiscos para a obtenção de fluxo de caixa. (Verbo transitivo indireto + se)
- Na apresentação dele, **desconfiava-se dos** acordos que ele propunha. (Verbo transitivo indireto + se)
- Os livros **dos** quais **se precisava** foram doados para uma instituição de caridade. (Cuidado para não dizer "... dos quais se precisavam..." ⇨ O verbo é transitivo indireto e está acompanhado do pronome "se".)
- **Cria-se** mais **nas** palavras do membro do que **nas** palavras do líder espiritual da igreja. (Verbo transitivo indireto + se)
- **Tratava-se de** problemas de difícil resolução. (Verbo transitivo indireto + se)
- **Era-se** mais feliz noutros tempos. (Verbo de ligação + se)
- **Come-se** muito bem em diversas regiões do Brasil. (Verbo intransitivo + se)
- "**Escorrega**-se no sangue, **tropeça**-se sobre cadáveres, mas a luta continua ardentemente acesa." (Visconde de Ouro Preto). (Verbos intransitivos + se)

⇨ **Observações:**

a) Atente para os termos "a confiscos", "dos acordos", "dos quais", "nas palavras" e "de problemas" dos cinco primeiros exemplos acima. Eles funcionam como objetos indiretos para os seus respectivos verbos.

b) Quem literalmente promove a indeterminação do sujeito é a partícula "se". Se ela for retirada, passa-se a ter sujeitos ocultos, elípticos.

c) Procure imediatamente correlacionar o estudo do sujeito indeterminado com o estudo do sujeito passivo ou paciente. Muitas questões exploram essa distinção. É básico para um candidato diferenciar um índice de indeterminação do sujeito de uma partícula ou pronome apassivador.

V – Sujeito passivo ou paciente (a partícula ou pronome apassivador)

Dica: Procure correlacionar o conteúdo do sujeito passivo ou paciente com o assunto "a voz passiva".

Um dos casos mais explorados em concursos públicos e vestibulares é a concordância com o sujeito passivo ou paciente. Para que se faça a perfeita harmonização entre o verbo e o seu sujeito, convém primeiro saber identificar esse tipo de sujeito e diferenciá-lo de outros tipos, notadamente do sujeito indeterminado.

Compare:

- Come-se bem no interior de muitas capitais brasileiras. (Sujeito indeterminado ⇨ VI + SE)
- Come-se bem, no interior de muitas capitais brasileiras, pratos bastante requintados. (Erro comum!!!) (Sujeito passivo ou paciente = pratos).

Perceba que no primeiro exemplo não se diz o que se come – o verbo, portanto, está empregado como intransitivo. A estrutura apenas faz referências à ação de comer de forma genérica. Logo, indeterminou-se o sujeito. Já no segundo caso, o que se está comendo são "pratos bastante requintados", termo que representa o sujeito da oração. No caso acima, estamos diante de uma voz passiva sintética, formada de um VTD + SE. Logo, o verbo deve obrigatoriamente concordar com este sujeito. A frase correta será:

- **Comem-se** bem, no interior de muitas capitais brasileiras, **pratos** bastante requintados.

Outros exemplos de sujeitos passivos ou pacientes:

- Estão sendo avaliadas pela banca todas as monografias entregues no dia 30. (Sujeito passivo = as monografias. Estamos diante de uma voz passiva analítica.)
- Eleger-se-ão **os novos diretores** do clube no próximo domingo. (Sujeito passivo = os novos diretores. Aqui a voz passiva é sintética.)
- Seria de se esperar que se associassem à moderna tecnologia apenas **os benefícios reais**, que a ela se tributassem tão somente **vantagens inequívocas**. (Sujeitos passivos = os benefícios reais; vantagens inequívocas.)
- Não se delegue às escolas a **missão** exclusiva de preparar os jovens para sua inserção no mercado de trabalho. (Núcleo do sujeito passivo = missão.)
- Não se impute aos adolescentes de hoje **a exclusiva responsabilidade** pelo fato, lastimável, de aspirarem a tão pouco. (Sujeito passivo = a exclusiva responsabilidade.)
- É muito difícil que se cumpram **os propósitos que** se formulam a cada início de ano. (Sujeitos passivos = os propósitos; que – pronome relativo.)

Observe que, nos cinco últimos exemplos, temos a aplicação da fórmula da voz passiva sintética (também chamada de passiva pronominal):

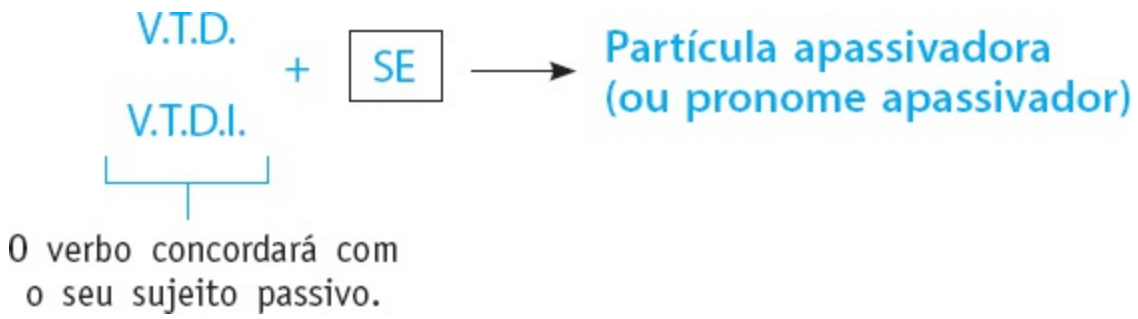

Sugiro que pare por aqui se tiver alguma dúvida e dê uma “estudada” na voz passiva.

Vejamos mais exemplos de emprego da voz passiva sintética (perceba a importância do “SE” para a formação desse tipo de passiva; ademais, observe a concordância do verbo com o seu sujeito passivo):

- Prefiram-se [sujeito passivo: **as falhas da democracia**] às supostas vantagens de qualquer outro regime político. (Fund. Carlos Chagas)
- Assim como ninguém vive sem o préstimo da água, não se superam [sujeito passivo: **os infortúnios**] sem o apoio de um amigo verdadeiro. (Fund. Carlos Chagas)
- Já quase não se veem, numa viagem de ônibus, [sujeito passivo: **passageiros ensimesmados**], olhando vagamente pela janela. (Fund. Carlos Chagas)
- Caso se coloque [sujeito passivo: **a lei**] acima do homem, este reagirá passando a seguir os ditames da natureza. (Fund. Carlos Chagas)
- É preciso que se confira às eleições [sujeito passivo: **uma importância não circunstancial**]. (Fund. Carlos Chagas)

VI –Oração sem sujeito

Em muitas estruturas oracionais, apenas o predicado encontra-se presente, uma vez que não se faz referências a nenhum tipo de ser que porventura pudesse praticar ou receber a ação verbal. Para tanto, empregam-se os verbos impessoais (usados na terceira pessoa do singular). São chamadas de orações sem sujeito. Alguns gramáticos também classificam esse tipo de ocorrência como sendo um “sujeito inexistente”, ou mesmo “sujeito zero”, nomenclaturas que nos parecem pouco lógicas, pois não se pode denominar de sujeito aquilo que não existe.

Os principais casos de oração sem sujeito são:

1) com verbos que exprimem fenômenos da natureza como “chover, ventar, nevar,

coriscar, trovejar, relampejar, chuviscar etc.”:

- Ventou muito ontem naquela pequena cidade do interior.
- Neva nas Serras Gaúchas durante os meses de inverno.
- Coriscou bastante ao final do dia.

⇨ **Observação:**

Se tais verbos forem usados em sentido conotativo (sentido figurado), esses verbos passam a ter um sujeito.

- Choveram balas durante o tiroteio. (Sujeito = balas)

2) com o verbo HAVER no sentido de “existir, ocorrer, realizar-se, acontecer”:

Cuidado aqui: Os concursos costumam explorar bastante essa regra.

Em primeiro lugar, observe a diagramação abaixo:

HAVER —sentido de→ **EXISTIR, OCORRER, ACONTECER, REALIZAR-SE**

- Verbo impessoal;
- Fica na 3ª pessoa do singular;
- É verbo transitivo direto;
- Não se converte para a voz passiva.

- São verbos pessoais; logo, devem concordar com seus respectivos sujeitos.

Acompanhe os raciocínios abaixo:

- Ainda **existem** [pessoas] honestas no Brasil. → Ainda **há** [pessoas] honestas no Brasil.

  verbo pessoal com sujeito posposto — núcleo do sujeito

  verbo impessoal; 3ª pessoa do singular (oração sem sujeito) — núcleo do objeto direto

- **Aconteceram** [problemas] na festa. → **Houve** [problemas] na festa.

  verbo pessoal com sujeito posposto — sujeito

  verbo impessoal; 3ª pessoa do singular (oração sem sujeito) — objeto direto

- Iremos, ainda que **ocorram** empecilhos. (sujeito) → Iremos, ainda que **haja** empecilhos. (objeto direto)
  - ocorram: verbo pessoal com sujeito posposto
  - haja: verbo impessoal; 3ª pessoa do singular
- **Realizar-se-ão** muitos eventos em Recife. (núcleo do sujeito) → **Haverá** muitos eventos em Recife. (núcleo do objeto direto)
  - Realizar-se-ão: verbo pessoal com sujeito posposto
  - Haverá: verbo impessoal; 3ª pessoa do singular

Vejamos outros exemplos do emprego do verbo HAVER nesse sentido:

- "Talvez **haja** algumas versões da teoria citada, mas certamente poucos as conhecem." (FCC)
- "Vozes **houve**, generosas e fortes, que então me defenderam." (Machado de Assis)
- "Quantos mais inventos **haja**, mais impulsivos serão nossos desejos de consumi-los." (FCC)
- "Não se esqueçam de assegurar o monopólio desta nova pasta, enquanto **houver** mosteiros que erguer, e repovoar da milícia celeste." (Rui Barbosa)

⇨ Observações importantes:

a) Em muitas estruturas, o verbo HAVER faz parte de uma locução verbal ou de um tempo verbal composto. É preciso distinguir duas situações para que não se cometam erros:

1ª situação:

VERBO AUXILIAR + VERBO "HAVER"

- VERBO AUXILIAR: O verbo auxiliar ficará na 3ª pessoa do singular
- VERBO "HAVER": O verbo HAVER é impessoal e transmitirá a sua impessoalidade para o verbo auxiliar

Observe abaixo os exemplos da 1ª situação por meio da qual o verbo HAVER forma orações sem sujeito:

- Ainda **deve haver** pessoas honestas no Brasil. (oração sem sujeito)
- Todos os problemas que **podia haver** no processo foram resolvidos pelo MPU.
- "Caso **deixasse de haver** as grandes bibliotecas de hoje, é possível que os homens do

futuro não pudessem interpretar plenamente a nossa cultura." (Fund. Carlos Chagas)

- "**Costuma haver**, nos jardins, mais inspiração para a ética dos jardineiros do que para os adeptos da ética de princípios." (Fund. Carlos Chagas)
- "Se **tivesse havido** firmes reações aos descalabros dos canalhas, estes não desfrutariam de um caminho já aplainado." (Fund. Carlos Chagas)
- "Mas entre os mais ilustres **há de haver** sempre um canto para os mais humildes." (Rui Barbosa)

2ª situação:

VERBO "HAVER" + VERBO PRINCIPAL

É o verbo auxiliar e se flexionará de acordo com o sujeito do verbo principal.

Sendo pessoal, transmitirá as flexões de número e de pessoa para o verbo auxiliar.

Observe os exemplos da 2ª situação:

- Sempre **hão de existir** pessoas (núcleo do sujeito) dispostas a lutar pela área social.
- "Quantos biólogos (sujeito) **haviam pesquisado** o assunto e talvez não tenham a mesma opinião." (Fund. Carlos Chagas)
- "Os que não gostam de TV jamais (sujeito total ou complexo) **hão de se lamentar** por terem aberto janelas sobre seus próprios devaneios." (Fund. Carlos Chagas)
- "É que se **haviam apagado** quase que ao mesmo tempo as miragens da misteriosa Sabarabuçu e as das Minas de Prata." (Euclides da Cunha)
- "Os infortúnios de um reinado se **hão de atribuir** aos maus conselhos dos ministros." (Rui Barbosa)
- "Sim, **havíamos de ter** um oratório bonito, alto, de jacarandá, com a imagem de Nossa Senhora da Conceição. (...) **Havíamos de acender** uma vela aos sábados..." (Machado de Assis)

b) Lembre-se de que o verbo HAVER, empregado no sentido de "existir, acontecer, ocorrer, realizar-se", é um verbo transitivo direto. Logo, seu objeto direto poderá ser

substituído pelos pronomes oblíquos “o, a, os, as”, a despeito de essa troca ser pouco eufônica. Veja:

- Houve **problemas** na festa. → Houve-os na festa.
  objeto direto
- Haverá **eventos** para discutir o aquecimento global. → Havê-los-á...
- “Era um modo de dar feição monumental às idéias; não **as havendo**, servia a prolongar as frases.” (Machado de Assis)
- “O quarto todo era um ninho de Bíblias; **havia-as** às pilhas por cima dos moveis.” (Eça de Queiroz)

3) com os verbos “estar, fazer, haver e ir” usados com referência a tempo:

- Já **faz** três anos que do Norte saímos.
- **Havia** dez anos que o Governo Federal prometera a construção de uma nova ponte.
- **Vai** para uns dois meses que ele iniciou o tratamento e, até agora, nenhum resultado adveio.
- **Estava** muito tarde para o grupo deixar o local.

Cuidado: Não se esqueça de que se esses verbos – impessoais – fizerem parte de uma locução verbal como verbo principal, eles impessoalizarão o verbo auxiliar.

- Já **vai fazer** (e não “vão”) dez anos que meu avô faleceu.

Não confunda!!

- Já **faz** dez anos que eu viajei para a Europa. (O verbo “fazer” não possui sujeito.)
- Ainda **faltam** dez anos para eu completar bodas de ouro. (O termo “dez anos” é o sujeito do verbo faltar, que é um verbo pessoal.)

Atente para uma construção condenada pelos gramáticos:

- **Há** duas horas **atrás** eu estava no centro da cidade. (O tempo “atrás” é dispensável. A construção é pleonástica, visto que o verbo HAVER na indicação de tempo só é empregado com relação a um tempo passado.)

Corrija-se para:

- Há duas horas eu estava...
- “Eu nasci há dez mil anos”.

4) com o verbo "ser" na indicação de tempo (horas, datas):

- **São** duas horas e trinta minutos.
- Hoje **é** dia 11 de setembro.
- **É** meia-noite e meia.
- **Foi** sábado que tudo isso aconteceu.

O verbo "SER" possui uma construção toda particular. Note que ele, a despeito de sua impessoalidade, flexiona-se de acordo com a expressão numérica que o acompanha.

5) com o verbo IR seguido das preposições EM, PARA referindo-se a tempo transcorrido.

- Vai em dez anos que nossa bisavó faleceu.
- Vai para quinze anos que ele conseguiu ser aprovado naquele concurso.

6) com o verbo PASSAR seguido da preposição DE referindo-se também a tempo:

- **Passava das** dez horas da noite quando a polícia chegou.

> **Agora não confunda:** Já passaram (ou "se passaram") dez horas e ele ainda não deu notícias. (Neste caso, o sujeito do verbo "passar" é o termo "dez horas").

7) com os verbos "BASTAR" e "CHEGAR" seguidos da preposição DE em construções do tipo:

- "Chega de saudade, a realidade é que...".
- "Basta de tantas perguntas tolas."

1.2.1.3 Outras classificações para o sujeito

Acabamos de estudar o que eu chamo de "a clássica classificação do sujeito". Vimos que ele pode ser "simples, composto, elíptico, indeterminado", além da figura da "oração sem sujeito". Entretanto, não devemos estranhar outras classificações para o sujeito. Muitas bancas cobram as denominações abaixo. É importante, portanto, ficar atento, pois muitas vezes nos deparamos com classificações do tipo "sujeito expresso", "sujeito complexo", "sujeito implícito", as quais geram dúvidas nos estudantes. Não há o que

temer... Vamos a elas, pois trazem um conhecimento bastante útil para o candidato a um concurso.

1. Sujeito explícito e sujeito implícito

Denomina-se sujeito explícito (também chamado de “expresso”) o sujeito que se acha claro, explícito na oração. Por outro lado, sujeito implícito é aquele que não foi expressamente declarado na oração. Correlacionando-se as duas classificações, teremos:

a) **Sujeito explícito** → é o sujeito simples ou o sujeito composto, pois ambos aparecem claramente na oração.

b) **Sujeito implícito** → é o sujeito oculto e o sujeito indeterminado, pois não são declarados na estrutura oracional.

Observe (destacamos os verbos):

- Jamais entraremos em contato com indivíduos que agem à revelia da lei.
  - entraremos → sujeito implícito (nós)
  - agem → sujeito explícito (que)
- Chegaram ontem à noite dois novos navios holandeses ao porto de Suape.
  - Chegaram → sujeito explícito (navios holandeses)

2. Sujeito complexo (total ou ampliado) e sujeito incomplexo (nuclear, gramatical ou inampliado)

O sujeito complexo (total ou ampliado) é aquele modificado por complementos, adjuntos ou atributos. Já o sujeito incomplexo (nuclear, gramatical ou inampliado) é aquele despojado de qualquer modificativo complementar que, porventura, ele possua.

- O **ex-presidente** da empresa brasileira de Correios e Telégrafos viajará para Tóquio.
  - sujeito nuclear: ex-presidente
  - sujeito complexo (total ou ampliado): O ex-presidente da empresa brasileira de Correios e Telégrafos
- O **enfoque** nas soluções únicas dos problemas que enfrentamos empobrece a qualidade mesma do raciocínio. (Fund. Carlos Chagas)
  - sujeito nuclear: enfoque
  - sujeito complexo (total ou ampliado): O enfoque nas soluções únicas dos problemas que enfrentamos
- O **despertar** para a dialética e para as relações contrastantes abre um caminho mais consequente para a reflexão e para a prática. (Fund. Carlos Chagas)
  - sujeito nuclear: despertar
  - sujeito complexo (total ou ampliado): O despertar para a dialética e para as relações contrastantes

- Não deve constar, entre as possibilidades de interpretação de um texto dissertativo-argumentativo, qualquer tipo de **resposta** estereotipada.

  sujeito nuclear

  sujeito complexo (total ou ampliado)

- **Barnabé** sempre foi um exemplo para os cristãos.

  sujeito incomplexo (inampliado)

⇨ Observações:

a) Fique muito atento, pois as noções de sujeito total e de sujeito nuclear são bastante usadas pelas bancas examinadoras quando estas constroem questões de concordância verbal. Como a concordância verbal é feita (salvo exceções) com o sujeito nuclear, as bancas fazem bastante uso da noção do sujeito complexo (total ou lógico) para confundir os candidatos na hora de fazer a concordância verbal. Veja alguns exemplos (destacamos em laranja o sujeito nuclear e o seu verbo, e sublinhamos o sujeito total):

- **Constitui** um dos exemplos de delitos vantajosos o **caso** em que o detentor de um poder abuse de sua autoridade.
- **Estipulam**-se na lei mosaica, como se sabe, **princípios** de interdição.
- **Ocorrem** por conta das reiteradas situações de impunidade muitos **casos** de assalto aos cofres públicos.
- Uma vez que **passem a atrair** toda a nossa atenção, bons **romances** e belas **peças** musicais **afastam** nossa obsessão pela velocidade.

b) Observe agora exemplos em que não houve a devida concordância do verbo com o sujeito. Perceba como o uso do "sujeito complexo ou total" atrapalha a identificação do "sujeito nuclear" (sublinhamos o sujeito total e destacamos – com a cor laranja – o "sujeito nuclear" e o seu verbo):

- "A **incidência** discriminada por grau de intensidade de infestação e idade **mostram** que, entre os seis e oito anos, a parasitose alcança o nível máximo." (ESAF)
- "A **razão** de ser do desemprego como elemento estrutural do capitalismo **derivam** diretamente do antagonismo entre compradores e vendedores da força de trabalho." (ESAF)
- "**Devem agradar** aos ruidosos passageiros toda essa **parafernália** eletrônica, que os dispensa de refletir sobre si mesmos." (Fund. Carlos Chagas)
- "A qualquer pessoa **pode ocorrer**, neste tempo de radicalismos, **argumentos** em favor

da mais pessimista expectativa histórica." (Fund. Carlos Chagas)

⇨ **Observação:**

Ressalte-se que os quatro últimos exemplos não estão adequados ao padrão culto da língua portuguesa, já que todos contêm erros de concordância verbal. É preciso corrigir a flexão dos verbos para "**mostra**, **deriva**, **deve agradar**, **podem ocorrer**", respectivamente.

3. Sujeito agente (ativo), sujeito paciente (passivo) e sujeito agente e paciente

É denominado de agente (ou ativo) o sujeito que pratica a ação verbal. Por outro lado, é denominado de paciente (ou passivo) o sujeito que recebe a ação verbal. Logo, o sujeito que pratica e recebe a ação verbal, simultaneamente, é denominado de "agente e paciente". Observe:

- Os irmãos Gonçalves compraram três casas no novo condomínio.
  sujeito agente (ativo)
- Três casas foram compradas pelos irmãos Gonçalves no novo condomínio.
  sujeito paciente (passivo)
- Os irmãos Gonçalves se feriram quando examinavam as casas do condomínio.
  sujeito agente e paciente

⇨ **Observação:**

Para melhorar o entendimento sobre o sujeito agente e o sujeito paciente, sugerimos que você estude a voz passiva e o agente da passiva.

4. Sujeito lógico ou contextual

Denominamos de **sujeito lógico** ou **contextual** aquele que é extraído do contexto ou da lógica de um enunciado ou de um texto. Observe abaixo um excerto de autoria do jornalista Gilberto Dimenstein:

- A pichação é uma das expressões mais visíveis da invisibilidade humana. **São** mais do que rabiscos. **São** uma forma de estabelecer uma relação de pertencimento com a comunidade – mesmo que por meio da agressão – e, ao mesmo tempo, de dar ao autor um sentido de autoidentidade.

Comentários: Perceba que o sujeito do verbo SER, flexionado no plural em suas duas ocorrências, é o termo lógico ou contextual "expressões" ou "pichações".

→ **“<u>As pichações</u>” ou “<u>As expressões</u>” são mais do que rabiscos.**

→ **“<u>As pichações</u>” ou “<u>As expressões</u>” são uma forma de estabelecer uma relação...**

Vejamos outro exemplo:

“Em um mundo tão complexo, economistas, empresários e governantes precisam saber mais sobre psicologia. Senão, **fracassarão** em motivar os talentos para os objetivos da empresa ou instituição.” *(Revista Veja, 26 de março de 2008 – Entrevista)*

Comentário: Observe que o sujeito oculto do verbo “fracassar” é o termo composto, perceptível pelo contexto e pela lógica, “economistas, empresários e governantes”.

⇨ **Observação:**

O sujeito contextual ou lógico não deixa de ser um sujeito oculto, desinencial, elíptico; entretanto, não é um simples sujeito oculto, pois é preciso que se saiba, pela análise do contexto, a que termo da estrutura se refere o verbo.

1.2.2 PREDICADO

Como o verbo em geral pertence ao predicado, antes de começar o estudo propriamente desse termo, convém analisar um dos tópicos fundamentais em sintaxe: a transitividade ou a predicação verbal.

Dica: Faça um estudo bem acurado do assunto abaixo. Ele lhe fornecerá os subsídios necessários para a compreensão de diversos outros assuntos da Gramática Normativa. Lembre-se, por exemplo, de que o entendimento da predicação dos verbos é uma das bases da sintaxe de regência. Por isso, é primordial “gastar” um pouco de tempo aqui. Se possível, tenha sempre à mão um bom dicionário. Vamos lá!

1.2.2.1 Predicação (transitividade) verbal

Transitar significa literalmente passar adiante, ir e vir, deslocar-se. Para a Gramática Normativa, o “passar adiante” significa a necessidade de um verbo ou de um nome exigir um complemento, uma complementação. Aqui nos deteremos na análise e na classificação

dos verbos quanto à necessidade ou não de algum complemento. Se o verbo não necessita de complemento, diz-se que ele é de predicação completa, caso contrário será classificado como de predicação incompleta.

Quanto à predicação, os verbos classificam-se em: **intransitivos**, **transitivos** e **de ligação**. Os verbos transitivos se dividem em: **diretos**, **indiretos** e **diretos e indiretos**.

I – Verbos intransitivos

São todos os verbos que, sozinhos, são capazes de transmitir a noção predicativa. Em outras palavras, são verbos que dispensam uma complementação.

Exemplos:

- No último encontro, **ocorreram** fatos dignos de notícia. (O termo "fatos dignos de notícia" é o sujeito.)
- A chuva **estiou** na região sul.
- O imigrante **se dirigiu** à embaixada dos Estados Unidos. (Observe que o termo "à embaixada dos Estados Unidos" representa o lugar para onde ele se dirigiu, portanto é um "adjunto adverbial de lugar".)
- Quando nervoso, ele **cospe** compulsivamente.
- **Cessaram** de uma vez por todas as dores que ele sentia pela manhã. (O termo "dores" é o núcleo do sujeito. Não há complemento para o verbo.)

II – Verbos transitivos

São aqueles que precisam de um termo que os complemente para que o sentido se perfaça, para que a compreensão da estrutura seja possível. Dividem-se em:

a) Transitivos diretos: são os verbos que exigem termo complementar sem a obrigatoriedade de uma preposição necessária, ou seja, pedem um complemento desprovido de preposição. O complemento desses verbos denomina-se "objeto direto".

Exemplos:

- Nunca mais ele **angariou** fundos para aquela ONG. ("Fundos" é o objeto direto)
- Muitas lojas do centro da cidade vão **baratear** os preços neste final de semana. (Observe que o verbo "baratear" está como verbo principal em uma locução verbal.)
- Nunca mais eles **viram** os quadros a óleo que **compraram** na Europa. (Observe que os dois verbos são transitivos diretos. O objeto direto do verbo "comprar" é o pronome relativo "que").

- Se não **houver** outras razões mais consistentes, eles **substituirão** o contrato.
  VTD OD VTD OD

⇨ **Observação:**

Tenha muito cuidado ao classificar os verbos. Há muitas “armadilhas”. Uma das mais perigosas é a famosa perguntinha “o quê?”. Infelizmente, muitas vezes, é-nos ensinado que, todas as vezes que fazemos a pergunta “o quê?” ao verbo, este verbo será “transitivo direto”. Acenda a luz “amarela do seu farol”, ou seja, fique alerta, fique atento, para que você não tome um sujeito por um objeto direto. Observe:

- Explodiu nova crise no Oriente Médio.
  VTD??? Tem certeza??

Se fizermos a perguntinha “o quê?” ao verbo “explodir”, teremos a “falsa” resposta de que o termo “nova crise no Oriente Médio” é o objeto direto. Logo, classificaríamos o verbo “explodir” como “transitivo direto”. Terrível engano!! Na realidade, o termo “nova crise no Oriente Médio” é o sujeito para o verbo “explodir”, que, neste caso, é intransitivo. Veja outros exemplos:

- **Ocorreram** enchentes no Amazonas.
  VI sujeito
- **Ocorreu** um grande equívoco.
  VI sujeito
- Depois que **acontecera** aquela miséria.
  VI sujeito
- **Sucedeu** uma grave crise econômica após o ano de 2007.
  VI sujeito
- Do velho telhado, **caíam** grossas gotas de água da chuva.
  VI sujeito

⇨ **Observação:**

Perceba que todos os verbos acima são intransitivos, e os termos que se encontram pospostos a eles são seus respectivos sujeitos. Para evitar confusões, sugiro que pare um pouco por aqui e vá estudar o termo “objeto direto”. Perceba as diferenças entre ele e o sujeito.

b) Transitivos indiretos: são os verbos que exigem termo complementar regido (introduzido) por uma preposição necessária, obrigatória. O complemento desses verbos é denominado de “objeto indireto”.

Exemplos:

- Eles **dependem** (VTI) agora da sorte (OI) para que o produto de que (OI) **precisam** (VTI) chegue a tempo.

- Durante muito tempo aquele povo **guerreou** (VTI) contra os costumes do Ocidente (OI).

- Não **convém** (VTI) aos iniciantes na carreira diplomática (OI) portar-se de maneira inadequada. (Observe aqui que o sujeito do verbo CONVIR é a oração "portar-se de maneira inadequada".)

- Sempre **assistia** (VTI) aos filmes (OI) com uma devoção impressionante.

c) Transitivos diretos e indiretos: são verbos que exigem dois tipos de complemento: um sem a preposição e outro com o auxílio de uma preposição. São denominados também de "biobjetivos" ou "bitransitivos".

Exemplos:

- Ensinaram-lhe (VTDI, OI) todos os preceitos (OD) de nossos antepassados?

- O diretor atribuiu (VTDI) o insucesso do grupo (OD) à inércia de alguns integrantes (OI).

- O Oficial de Justiça certamente **notificará** (VTDI) amanhã o comerciante (OD) sobre a ação interposta contra ele (OI).

⇨ **Observação:**

Correlacione o estudo desses verbos com o assunto "Introdução à Regência" para observar outros exemplos de verbos intransitivos e transitivos, bem como dos pronomes que exercem a função sintática de complementos.

III – Verbos de ligação

Denominados também de "verbos copulativos" ou "verbos de relação", são aqueles que, desprovidos de significação, servem como "ponte" entre o sujeito e uma determinada qualidade, denominada de "predicativo". Geralmente funcionam como "de ligação" os verbos "ser, estar, ficar, parecer, continuar e permanecer." Outros podem funcionar como verbos de ligação desde que apareçam como elos entre um sujeito e uma qualidade.

Exemplos:

- Eles **estavam** (VL) extremamente atrasados (pred. sujeito) para a festa.
- O Governo Federal **deve estar** (VL) atento (pred. sujeito) às necessidades da população. (Locução verbal na função de ligação)
- **Pareciam** (VL) todos preocupados (pred. sujeito) com o problema da menina.
- Muitos **andam** (VL) tristes (PS) pela ausência de perspectivas na vida.

> Perceba que nessa estrutura o objetivo da mensagem não é dizer que alguém ou alguma coisa faz a ação de andar, mas sim de que muitos estão / continuam / mostram-se tristes. Daí se tratar de um verbo de ligação.

⇨ Considerações importantes:

a) Não se esqueça de que o estudo da predicação verbal está ligado ao estudo da regência verbal. E, como a regência depende do contexto, a classificação de um verbo como transitivo ou intransitivo depende da função que ele está exercendo dentro da estrutura oracional. Observe:

- O carro **virou** na esquina com a rua Dom João. (Verbo intransitivo.)
- O carro, ao capotar, **virou** uma banca de jornais que se encontrava em uma calçada. (Verbo transitivo direto.)
- O carro, após a capotagem, **virou** um monte de ferros retorcidos. (Verbo de ligação.)
- Maria, em virtude da pressa, sempre **andava** rápido. (Verbo intransitivo ⇨ ação de "andar".)
- Maria **anda**, nos últimos tempos, preocupada com a situação da família. (Verbo de ligação ⇨ Ela está preocupada.)
- A criança **estava** extremamente doente. (Verbo de ligação.)
- A criança **estava** no hospital desde a segunda-feira. (Verbo intransitivo ⇨ Observe que o termo "no hospital desde a segunda-feira" funciona como o lugar em que a criança se encontra. Portanto, é uma locução adverbial de lugar. Como os advérbios não completam a significação verbal, mas tão somente transmitem uma circunstância para o verbo, considera-se o verbo ESTAR como "intransitivo".)

b) Há renomados e respeitáveis gramáticos que classificam verbos como “ir, dirigir-se, chegar, morar, residir, partir, voltar” como “transitivos adverbializados” ou “transitivos circunstanciais”, já que tais verbos são ininteligíveis sem a presença do adjunto adverbial reclamado por eles. Preferimos, entretanto, pô-los no rol dos intransitivos, porquanto entendemos que um adjunto adverbial não poderá funcionar como “complemento verbal”.

c) Há verbos transitivos diretos que reclamam além do objeto direto um qualificador para esse objeto, ou seja, há verbos transitivos diretos que exigem um predicativo para o seu objeto. Tais verbos são denominados de “transobjetivos”. Veja:

- O juiz julgou o réu culpado. ⇨ “JULGAR” é um “transobjetivo”, pois é um transitivo direto que exige um objeto direto acompanhado de um predicativo que, no caso, é o termo “culpado”.
- VTD predicativo do objeto
  Muitos o **consideram** responsável pelo crime. (V. “Considerar” é um transobjetivo).

1.2.2.2 Predicativo

Antes de estudar a classificação do predicado, é de fundamental importância identificar o predicativo, quando existente, dentro da estrutura oracional.

Ele representa um dos termos mais interessantes dessa estrutura. Aparece com muita frequência em construções que possuem elementos qualificadores.

O predicativo é a palavra (ou locução) que constitui o núcleo nominal de um predicado. Classifica-se em: predicativo do sujeito e predicativo do objeto.

I – O predicativo do sujeito

É o termo que transmite para o sujeito um estado, um atributo, um modo de ser por meio de um verbo de ligação explícito ou implícito. Veja os exemplos abaixo:

- O aluno parecia (VL) bastante atento (PS) à explicação do professor. (Adjetivo como núcleo do predicativo.)

- O poeta era (VL) a glória (PS) de toda a Pátria. (Substantivo como o núcleo do predicativo.)

- Quem és (VL) tu (PS)? (Pronome pessoal do caso reto como o núcleo do predicativo.)

- Recordar é (VL) viver (PS). (Verbo exercendo a função de núcleo do predicativo.)

- Os integrantes do grupo devem estar (VL) com fome (PS). (Uma locução adjetiva funcionando como predicativo.)

- O triplo de seis é (VL) dezoito (PS). (Numeral como núcleo do predicativo.)

- A verdade é (VL) que o governo não intervirá na economia (PS). (Uma oração funcionando como predicativo)

- Todos deixaram a sala constrangidos (PS) após o desabafo do diretor.

Perceba que nessa estrutura o verbo de ligação se encontra implícito. Leia: Todos deixaram a sala. Todos estavam constrangidos.

⇨ **Observação:**

Perceba que o predicativo pode ser exercido por diversas classes morfológicas. O importante é perceber a existência (clara ou implícita) do verbo de ligação.

II – O predicativo do objeto

Como o próprio nome já o diz, esse termo se refere ao objeto por meio de um verbo de ligação implícito.

- Os alunos tinham (VTD) o professor de matemática (OD) por um sábio (PO) (ou "como um sábio").

Leia: Os alunos consideravam o professor de matemática. Ele é um sábio (ou "como um sábio").

PO OD
- Estendidas pela rua afora, deixaram as faixas que seriam usadas na campanha eleitoral.

- Um fraco rei faz fraca a forte gente.
VTD PO OD

Nessa estrutura os termos "fraco" e "forte" são adjuntos adnominais de "rei" e "gente", respectivamente. Leia assim: Um fraco rei faz a forte gente "tornar-se / ser / ficar" fraca.

- O avarento geralmente considera o ouro como seu deus.
VTD OD PO

PO VTD
- De semblante caído e sem perspectivas de melhoras, encontrei assim muitas vezes meu melhor amigo.
OD

⇨ Considerações importantes:

a) Observe que o predicativo pode vir precedido por uma preposição.

b) O predicativo do objeto geralmente só acontece com verbos transitivos diretos. Raros são os casos de predicativo de um objeto indireto. Uma das poucas exceções, por exemplo, é o verbo "chamar" na acepção de "cognominar, apelidar, tachar, alcunhar".

- Chamaram ao diretor da empresa incompetente (ou de incompetente).
VTI OI PO

c) Veja também que o predicativo pode ser deslocado dentro da estrutura oracional. Para tanto, deverá obrigatoriamente ser virgulado para indicar a sua inversão, uma vez que é um termo pertencente ao predicado.

Exemplos:

- O menino foi levado ao hospital com febre.
predicativo

- O menino, com febre, foi levado ao hospital.
predicativo

- Com febre, o menino foi levado ao hospital.
predicativo

d) É importante também não confundir o predicativo do objeto com o adjunto adnominal – isso é essencial para se evitarem erros de concordância nominal. Para evitar tal equívoco, primeiro estude a função do adjunto adnominal, aprenda a identificá-lo e depois perceba as nuanças as quais envolvem este último termo e o predicativo.

> **Dica:** Procure perceber a concordância do predicativo com o sujeito ou com o objeto a que ele se refere. Muitos certames procuram explorar esse item. Para clarear e consolidar mais esse conteúdo, vá ao assunto "concordância nominal" e leia sobre a concordância do adjetivo-predicativo.

1.2.2.3 Classificação do predicado

Predicado é o termo que expressa a declaração que se faz sobre o sujeito quando a oração é composta pelos dois termos. Se não há sujeito, o predicado representa uma declaração qualquer que se faz.

Exemplos:

- Muitos cidadãos lutam contra a miséria em nosso país.
  predicado
- Havia muitos rebelados nos presídios cariocas.
  predicado

De acordo com a estrutura, o predicado pode ser: verbal, nominal ou verbo-nominal.

1.2.2.3.1 Predicado verbal

É aquele cujo núcleo é representado por um verbo significativo (intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto ou transitivo direto e indireto) e não há a presença de um predicativo:

Exemplos:

- Alguns **deixaram** a sala mais cedo em virtude do calor. (Verbo transitivo direto)
  predicado verbal
- Os dois filhos de Maria **comeram** bastante no almoço. (Verbo intransitivo)
  predicado verbal
- Ainda não lhe **ofereceram** uma oportunidade de trabalho. (Verbo transitivo direto e indireto)

Dica: Antes de passar adiante procure consolidar o entendimento sobre a função do predicativo (se possível, releia o tópico sobre o "predicativo"). A identificação do predicativo será condição essencial para a compreensão do predicado nominal e do predicado verbo-nominal.

1.2.2.3.2 Predicado nominal

É aquele em que aparece um "verbo de ligação" mais um "predicativo do sujeito". O núcleo desse tipo de predicado está centrado num nome, o predicativo do sujeito.

Exemplos:

- Todos **ficaram** (VL) imóveis (pred. suj.) diante daquela cena.
- Jogadas (Pred. suj.) aos pés dele **estavam** (VL) todas as cartas recebidas nos últimos seis meses.
- Muitas vezes, o que **é** (VL) barato (PS) **sai** (VL) caro (PS). (Observe aqui a presença de dois predicados nominais)

1.2.2.3.3 Predicado verbo-nominal (ou misto)

É aquele que possui dois núcleos – um verbo significativo (intransitivo ou transitivo) e um nome (predicativo do sujeito ou do objeto).

Exemplos:

- Os representantes da ONU, **exaustos** (PS), **deixaram** (VTD) o salão principal. (Núcleos: um predicativo e um verbo)
- **Encontrei** (VTD) bem **fechadas** (PO) a porta do quarto e as janelas da sala.
- A grande prosperidade **fez** (VTD) o nosso melhor amigo **orgulhoso** (PO).
- **Desabrochavam** (VI) **belas** (PS) as últimas flores da primavera.
- Todos **consideravam** (VTD) meu pai **como o mais sábio dos velhos daquele lugar** (PO).

⇨ Não se esqueça de que o predicativo do objeto só aparece num predicado verbo-nominal.

⇨ Lembre-se também de que para se classificar com mais segurança o predicado convém primeiro estudar um pouco o assunto "predicação verbal".

1.3 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (FGV-RJ) Assinale a análise **correta** do termo destacado.

   *"Ao fundo, as pedrinhas claras pareciam **tesouros abandonados**".*

   a) predicativo do sujeito.
   b) adjunto adnominal.
   c) objeto direto.
   d) complemento nominal.
   e) predicativo do objeto direto.

2. (FCC – Técnico Legislativo – Câmara dos Deputados) Não é função da indústria **pensar a educação**.

   A função sintática da oração grifada acima é a mesma do termo, também grifado, na frase:

   a) ... no qual a Terra estava no centro do universo ...
   b) ... que contribuíram para a ascensão do mundo burguês.
   c) ... num processo que também gerou a onda de inovação ...
   d) ... e a possibilidade de darmos o próximo salto.
   e) ... nenhum representante da indústria de tecnologia poderia ter sido pioneiro ...

3. (F. Araraquara-SP) O professor **entrou apressado**. O destaque indica:

   a) predicado nominal.
   b) predicado verbo-nominal.
   c) predicado verbal.
   d) adjunto adverbial.
   e) n.d.a.

4. (UM-SP) “E quando o brotinho lhe **telefonou** dias depois, comunicando que **estudava** o modernismo, e dentro do modernismo sua obra, para o que o professor lhe **sugerira** contato pessoal com o autor, **ficou** assanhadíssimo e paternal ao mesmo tempo.”

Os verbos destacados são, respectivamente:

a) transitivo direto, transitivo indireto, de ligação, transitivo direto e indireto.
b) transitivo direto e indireto, transitivo direto, transitivo indireto, de ligação.
c) transitivo indireto, transitivo direto e indireto, transitivo direto, de ligação.
d) transitivo indireto, transitivo direto, transitivo direto e indireto, de ligação.
e) transitivo indireto, transitivo direto e indireto, de ligação, transitivo direto.

5. (PUC-PR) Sobre o exemplo: “A lua brilhou alegre no céu”, afirmamos:

*I. O verbo **brilhar** é intransitivo.*
*II. O verbo **brilhar** é transitivo direto.*
*III. O verbo **brilhar** é transitivo indireto.*
IV. O predicado é nominal.
V. O predicado é verbal.
VI. O predicado é verbo-nominal.

a) Estão corretas I e VI.
b) Estão corretas I e V.
c) Estão corretas II e V.
d) Está correta apenas IV.
e) Estão corretas III e VI.

6. (CTA-SP) Assinale a alternativa cujo sujeito **não** é indeterminado.

a) Soa um toque áspero de trompa.
b) Falou-se de tudo na reunião.
c) Precisa-se de carpinteiro.
d) Batem à porta.
e) n.d.a.

7. (UFGO) Em uma das alternativas abaixo, o predicativo inicia o período. Assinale-a.

a) A dificílima viagem será realizada pelo homem.
b) Em suas próprias inexploradas entranhas descobrirá a alegria de conviver.
c) Humanizado tornou-se o sol com a presença humana.

d) Depois da dificílima viagem, o homem ficará satisfeito?
e) O homem procura a si mesmo nas viagens a outros mundos.

8. (FMU-SP) Assinale a alternativa em que aparece um predicado verbo-nominal.

a) Os viajantes chegaram cedo ao destino.
b) Demitiram o secretário da instituição.
c) Nomearam as novas ruas da cidade.
d) Compareceram todos atrasados à reunião.
e) Estava irritado com as brincadeiras.

9. (Osec-SP) Das seguintes orações: “Pede-se silêncio”, “A caverna anoitecia aos poucos”, “Fazia um calor tremendo naquela tarde”, o sujeito se classifica respectivamente como:

a) indeterminado, inexistente, simples.
b) oculto, simples, inexistente.
c) inexistente, inexistente, inexistente.
d) oculto, inexistente, simples.
e) simples, simples, inexistente.

10. (FEI-SP) Assinale a alternativa em que o termo destacado tenha a função de predicativo do sujeito.

a) “Eu sob a copa da mangueira **altiva**”.
b) “Não sentiram meus lábios **outros lábios**”.
c) “Do tamarindo a flor jaz **entreaberta**”.
d) “Já solta o bogari mais **doce** aroma”.
e) “**Melhor** perfume ao pé da noite exala”.

GABARITO

1 – A	2 – A	3 – B
4 – D	5 – A	6 – A
7 – C	8 – D	9 – E
10 – C		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 2

TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO

Como a própria denominação já denuncia, os termos integrantes aparecem completando, integrando o sentido de outros termos. São fundamentais para o entendimento e a perfeita construção da frase. São eles: o objeto direto e o objeto indireto (complementos verbais), o complemento nominal e o agente da passiva.

2.1 OBJETO DIRETO

É o termo que completa a significação dos verbos transitivos diretos sem o auxílio de uma preposição necessária, obrigatória. Exprime o paciente da ação e se identifica facilmente porque passa a sujeito na voz passiva. Representa o "caso acusativo" do latim.

Exemplos:

- O alimento envenenou boa parte do reino. (OD)
- Ele estreou a produção (OD) sob os protestos da população.
- Os argumentos que (OD) ele utilizou salvaram o réu (OD) da prisão.

> Perceba o pronome relativo "que" na função de objeto direto ⇨ Leia: Ele utilizou os argumentos.

- Houve muitos problemas (OD) na inauguração do comitê.

> Observe que o verbo da estrutura HAVER não possui sujeito, já que está no sentido de EXISTIR. O termo "muitos problemas" é o seu objeto direto.

- O medo era tal que nem sangue (OD) mais eu tinha na face.

⇨ **Observações importantes:**

a) O objeto direto é frequentemente substituído dentro da frase pelos pronomes oblíquos átonos “o, a, os, as”. Quando o verbo que os precede termina em “-r, -s, -z”, tais pronomes assumem as formas “lo, la, los, las.” Se o verbo terminar em ditongo nasal “-ão, -õe, -am”, por exemplo, os pronomes assumirão as formas eufônicas “no, na, nos, nas”.

Exemplos:

- Deixaram o livro (OD) sobre a mesa de jantar. = Deixaram-no (OD) sobre a mesa de jantar.
- É importante comprar produtos originais (OD). = É importante comprá-los (OD).
- Avisamos o diretor (OD) a tempo. = Avisamo-lo (OD) a tempo.
- Procuraram a menina (OD) por toda parte. = Procuraram-na (OD) por toda parte.
- Eles ainda não disseram (VTD) que o novo diretor assume amanhã. (OD)

Neste último exemplo, o objeto direto é exercido por toda uma oração. Veja mais exemplos em sintaxe de período, orações substantivas.

b) Os pronomes oblíquos átonos “me, te, se, nos, vos” também podem exercer a função de objeto direto. Nesse caso é essencial que se conheça com segurança a regência verbal.

Exemplos:

- Eu te (OD) amo (VTD), minha linda mulher.
- Por que não me (OD) convidaste (VTD) para a festa?
- Acho que o prefeito já não mais vos (OD) considera (VTD).

É muito importante que o estudante da língua portuguesa não confunda o objeto direto com o sujeito. É preciso ter sempre em mente que o objeto direto, salvo raras exceções, é um termo repleto de carga passiva, isto é, é um termo que pode ser convertido para a voz passiva com a função de sujeito. Já o sujeito é um termo que, na voz ativa, sempre apresentará carga ativa, isto é, representará o termo que praticará, que executará a ação verbal. Observe abaixo:

- Ontem à tarde, chegaram as novas cartas.
  sujeito ou objeto direto??
- Ontem à tarde, enviaram as novas cartas.
  sujeito ou objeto direto??

Para dirimir tal dúvida, tente converter os termos para a voz passiva. Perceba que só no segundo caso (... enviaram as novas cartas) é possível a conversão (... as novas cartas foram enviadas). Ora, neste caso não mais restam dúvidas. Em "Ontem à tarde, chegaram as novas cartas", o termo grifado é o sujeito. Já em "Ontem à tarde, enviaram as novas cartas", o termo grifado é o objeto direto. Neste último período, o sujeito é indeterminado.

Para consolidar tal aprendizado, lembre-se de que:

a) O objeto direto é um termo que só existe nas vozes ativa e reflexiva. Na voz ativa, o objeto direto possui, salvo exceções, carga passiva, isto é, pode ser transposto para a voz passiva na função de sujeito passivo.

- Pedro adquiriu UM NOVO CARRO. (voz ativa → objeto direto com carga passiva)
- UM NOVO CARRO foi adquirido por Pedro. (voz passiva → o objeto direto se torna o sujeito passivo)

b) Na voz ativa, o sujeito possui "carga ativa", isto é, é o agente da ação. Por isso, quando é possível a conversão do sujeito ativo para a voz passiva, este assume o papel de "AGENTE da passiva", ou seja, o termo ativo que, na voz passiva, pratica a ação verbal.

- PEDRO adquiriu um novo carro. (voz ativa → sujeito ativo)
- Um novo carro foi adquirido POR PEDRO. (voz passiva → o sujeito ativo torna-se o agente da passiva)

Dica: Aprofunde esses conhecimentos com o estudo da voz passiva e do agente da passiva.

Vejamos outros exemplos:

- "Do vértice do M cai a espumarada." (Carlos Drummond de Andrade)
  sujeito ativo

- Sobre a laje do prédio, deixaram pilhas de entulhos retirados das telhas.
  objeto direto (pilhas de entulhos foram deixadas...)

- Na última semana, explodiram dois carros-bomba no centro de Bagdá.
  sujeito

- Durante a preparação para o concurso, surgiram grandes problemas para nós.
  sujeito

- Ainda não informaram as mudanças no sistema ao novo diretor.
  objeto direto (as mudanças foram informadas...)

- Compraram vários livros para a inauguração da biblioteca.
  objeto direto (livros foram comprados...)

Concluindo: Temos, portanto, duas grandes características para o objeto direto: a função complementar para verbos transitivos diretos e transitivos diretos e indiretos, e a carga passiva, isto é, a possibilidade de o objeto direto ser convertido para a voz passiva na função de sujeito. Logo, é um termo que, já na voz ativa, apresenta, como dissemos, "carga passiva". Entretanto, poderemos encontrar situações complexas como:

- Pedro matou Paulo. *(Quem é o sujeito da estrutura??)*

Considerações: Nesse caso, a utilização do recurso da "carga passiva" não adiantará, pois tanto podemos dizer "Paulo foi morto por Pedro", como "Pedro foi morto por Paulo". Temos, por conseguinte, um período ambíguo, já que a ação de "matar" pode ser praticada por ambos os substantivos (Pedro e Paulo). Para resolver tal problema, recorreremos a um conhecimento já consolidado – um sujeito não pode vir precedido por preposição. Logo, deve-se preposicionar um dos termos para que ele deixe de ser um possível sujeito e assuma a função de "objeto direto preposicionado".

Assim...

- Pedro matou a Paulo.
  sujeito — OD preposicionado

Veja outros exemplos em que esse desdobramento foi usado (perceba como o emprego da preposição evita que se tome o termo preposicionado como se fosse o sujeito do verbo):

OD preposicionado VTD sujeito

- A cada um de nós sempre incomoda a atitude desleixada de um pai irresponsável.

OD preposicionado VTD sujeito

- Às crianças de orfanatos abandonaram, na maioria das vezes, pais sem escrúpulos.

sujeito VTD OD sujeito OD preposicionado

- "Os otimistas não julguem os pessimistas, nem estes àqueles, pois...". (Fund. Carlos Chagas)

- As ações dos advogados engrandeceram às decisões tomadas pelos diretores.

sujeito VTD OD preposicionado

Dica: Fique muito, mas muito atento às orientações por que acabamos de passar. Frequentemente, as bancas usam essa "confusão" (sujeito *versus* objeto direto) para provocar dúvidas em relação à concordância verbal.

2.1.1 OBJETO DIRETO PREPOSICIONADO

Calma!! Não se desespere! Isso não é difícil: Procure entender as razões que levam o objeto direto a vir precedido de uma preposição. São poucos casos, e alguns são bem utilizados em nosso dia a dia. Vamos lá!

Primeiro, cumpre mais uma vez salientar que o objeto direto preposicionado não surge ao acaso. Ele é fruto de algumas situações especiais em nossa língua. Acompanhe o raciocínio abaixo:

OD VTD

- Eu tenho certeza de que ele me ama, afirmou a mulher. (me = objeto direto, pronome oblíquo átono)

VTD OD preposicionado

- Eu tenho certeza de que ele ama a mim, afirmou a mulher. (mim = objeto direto preposicionado, pronome oblíquo tônico).

Veja que no exemplo acima a preposição surgiu porque o pronome utilizado para a complementação foi um oblíquo tônico. Logo, podemos asseverar que todas as vezes que o complemento de um verbo transitivo direto for feito com um pronome oblíquo tônico ele (complemento verbal), obrigatoriamente, será preposicionado. Percebeu? O objeto direto preposicionado surge para certas situações; não é a regra, uma vez que é próprio do objeto direto não exigir preposição.

Vamos aos casos em que o objeto direto deve vir precedido de uma preposição:

a) quando o objeto direto é um pronome pessoal oblíquo tônico (mim, ti, si, nós, vós, ele, eles, ela, elas):

Exemplos:

- Ele idolatrava **a si mesmo** antes de consultar um analista.
  OD preposicionado

- Não pensem eles que irão enganar **a mim** e **a ti**.
  objetos diretos preposicionados

- Agindo assim, poderás **prejudicar** tanto **a ti** como **a nós todos**.
  VTD objetos diretos preposicionados

- "Uma certidão que me desse vinte anos de idade poderia enganar os estranhos, como todos os documentos falsos, mas não **a mim**." (Machado de Assis)
  OD preposicionado

b) quando o objeto direto é representado pelo pronome relativo "quem":

Exemplos:

- Até agora não sabemos **a quem** verdadeiramente ele **ama**.
  OD preposicionado VTD

- Santo Agostinho tornou-se o santo **a quem** Maria das Dores mais **venerava**.
  OD preposicionado VTD

- "— Se você tivesse de escolher entre mim e sua mãe, **a quem** é que **escolhia?**" (Machado de Assis)
  OD preposicionado
  VTD

c) quando, para o bem da clareza (a fim de se evitar uma ambiguidade), deva-se, por meio da preposição, evitar que o objeto direto seja confundido com o sujeito:

Exemplos:

- O filho ama o pai. (Aqui não se pode afirmar com precisão e segurança quem praticou a ação verbal, uma vez que é possível ler a frase tanto na ordem direta quanto na indireta).

Ora, para se evitar tal confusão deve-se preposicionar um dos termos. Veja:

- O filho ama **ao pai**.
  OD preposicionado

- Até agora não se sabe se Paulo realmente **matou** **a Pedro**.
  VTD OD preposicionado

- **Venceram** **aos japoneses** **os americanos**.
  VTD OD preposicionado sujeito

d) quando o objeto direto é representado pelo numeral dual "ambos":

Exemplos:

- No resultado final, acho que vou **aprovar** **a ambos**.
  VTD OD preposicionado

- Em face da dúvida, resolveram **comprar** **a ambas** em vez de levar apenas uma.
  VTD OD preposicionado

e) quando o objeto direto é representado por nomes próprios ou comuns que designem pessoas:

Exemplos:

- É preciso **amar** **a Deus** sobre todas as coisas.
  VTD OD preposicionado

- Judas **traiu** **a Cristo**.
  VTD OD preposicionado

- Os romanos costumavam **adorar** **a Júpiter**.
  VTD OD preposicionado

- Agora, irmãos, **louvemos** **ao Senhor** com uma música especial.
  VTD OD preposicionado

f) quando o objeto direto é representado por pronomes substantivos indefinidos e demonstrativos:

Exemplos:

- Apesar dos conhecimentos, ele jamais **estimulava** **a alguém** com suas palestras.
  VTD OD preposicionado

- Eu **apreciei** mais **a este** do que **àquele**.
  VTD objetos diretos preposicionados

- Ele **doutrinava** muito mais **àquele jovem rapaz** ali do que **a este** aqui.
  VTD objetos diretos preposicionados

Em virtude do paralelismo sintático, ambos os objetos diretos foram precedidos por preposição.

g) quando o objeto direto é formado por uma expressão que indica reciprocidade:

Exemplos:

- Deus ordenou que nós nos **amássemos** (VTD) uns **aos outros** (OD preposicionado).
- Elas se **odiavam** (VTD) umas **às outras** (OD preposicionado).

h) quando se deseja dar ênfase ao objeto direto ou, para obter mais clareza, indicar-se a parte de um todo:

Exemplos:

- Diante do perigo, os soldados **sacaram** (VTD) **das armas** (OD preposicionado) e apontaram-nas para os manifestantes.
- Parece que ele ainda não **comeu** (VTD) **do bolo** (OD preposicionado).
- Nunca digas "**dessa água** (OD preposicionado) jamais **beberei** (VTD)".

Nestes dois últimos exemplos, alguns autores consideram os verbos como transitivos indiretos. Parece-nos, entretanto, mais lógica a ideia de "objetos diretos preposicionados", uma vez que indicam uma parte do todo. Compare: a) Comer o bolo (todo o bolo); b) Comer do bolo (parte do bolo).

2.1.2 OBJETO DIRETO PLEONÁSTICO

Ocorre quando se deseja pôr em relevo a informação contida no objeto direto. Para tanto, coloca-se o objeto direto no início da frase para depois retomálo — repeti-lo — com um pronome oblíquo. Daí porque este tipo de objeto é denominado de "pleonástico", "enfático" ou "redundante".

Exemplos:

- O homem, criou-o Deus à sua imagem e semelhança.
  OD VTD OD pleonástico

- Todas aquelas informações, os rapazes conseguiram-nas com o uso de propinas.
  OD VTD OD pleonástico

- Os que não falam a verdade, descobre-os o próprio curso da vida.
  OD VTD OD pleonástico

Não confunda os dois "os" que aparecem na oração. O primeiro é, morfologicamente, um pronome demonstrativo. O segundo é um pronome oblíquo. Para facilitar o entendimento, leia a frase do seguinte modo: "O próprio curso da vida descobre os que não falam a verdade."

2.1.3 OBJETO DIRETO INTERNO OU COGNATO

Há casos em que o objeto direto repete o mesmo sentido contido no radical do verbo. Isso ocorre, geralmente, na linguagem literária, poética, com o intuito de conferir ênfase à mensagem. A esse termo dá-se o nome de "objeto direto interno ou cognato".

Exemplos:

- "E rir meu riso e derramar meu pranto". (Vinicius de Moraes)
  VTD OD interno

- Ele chorava um choro resignado, triste, melancólico.
  VTD OD interno

2.2 OBJETO INDIRETO

É o termo que completa a significação de um verbo transitivo indireto com o auxílio de uma preposição obrigatória. Com os verbos bitransitivos (transitivos diretos e indiretos), o objeto indireto representa o ser a quem (ou "para quem") o objeto direto se destina. Representa o "caso dativo" do latim.

Exemplos:

- Muitos cristãos da Antiguidade **batalhavam** (VTI) **contra os espinhos da carne** (OI).

- As ações do rapaz **incorreram** (VTI) **em grave erro judiciário.** (OI)

- **Enviaram** (VTDI) todas as informações **para o novo diretor** (OI).

- A empresa **deu** (VTDI) uma nova chance **ao empregado** (OI) que se afastou do local de trabalho sem avisar.

- A equipe **necessitava** (VTI) **de que todos deixassem a sala naquele momento** (OI).

> Observe que neste exemplo o "objeto indireto" é exercido por uma oração. Aprofunde esse estudo no capítulo "sintaxe de período".

⇨ Observações importantes:

a) O objeto indireto pode ser substituído pelos pronomes "lhe(s), a ele(s), a ela(s), dele(s), dela(s), nele(s), nela(s)":

Exemplos:

- Nos finais de ano, muitas pessoas costumam **escrever** (VTDI) cartas **aos amigos** (OI). (➡ escrever-**lhes** (OI) cartas)

- Não **acreditem** (VTI) **nos falsos profetas** (OI). (➡ Não acreditem **neles** (OI))

- **Das novas orientações** (OI) eles ainda **dependem** (VTI) muito. (➡ Eles dependem **delas** (OI))

- Nunca mais **assistimos** (VTI) **às apresentações** (OI) daquele grupo. (Nunca mais assistimos **a elas** (OI).)

- "E que a sua Deolinda, estanciando nas empinadas serras de S. Gotardo, **lhe** (OI) dissera que seria feliz se morasse no topo duma montanha..." (Camilo)

b) Alguns verbos, mesmo transitivos indiretos, rejeitam a utilização dos pronomes “lhe, lhes” para o objeto indireto. Exigem as formas tônicas analíticas “a ele, a ela, a eles, a elas”. Tal fato se dá ora por não ser o objeto de tais verbos personativo, ora se dá por reprovar-lhes a eufonia. São exemplos desse grupo especial os verbos “aceder, aludir, anuir, aspirar (sentido de desejar, almejar), assistir (sentido de ver, presenciar), proceder (sentido de iniciar, começar), visar (sentido de desejar, almejar)”.

- O evento deve ter sido majestoso, pois os diretores **aludiram a ele** na reunião de ontem. (E não “aludiram-lhe”)
- A contagem dos votos se realizará no ginásio de esportes. Os auditores do Tribunal Eleitoral **procederão a ela** exatamente às 18h.

c) Por outro lado, há verbos transitivos indiretos que, por motivo de eufonia, rejeitam os pronomes oblíquos átonos “me, te, se, nos, vos” para o objeto indireto. Exigem os pronomes tônicos preposicionados “a mim, a ti, a si, a nós, a vós” para tal função. São exemplos desse grupo os verbos “aludir, depender, discrepar, dissentir, discordar, equivaler, prescindir”.

- Eles prescindem de mim para a realização do projeto.
- Todos discordam de ti, João.

d) Verbos transitivos indiretos que exigem a preposição “com” não aceitam as formas tônicas “mim, ti, nós, vós”. Para eles, devem ser usados os pronomes tônicos “comigo, contigo, conosco, convosco”.

- A equipe da sala ao lado **competirá conosco**. (e não “competirá com nós”).
- Meu filho, alguém **simpatizou contigo** no colégio? (e não “simpatizou com ti”).

2.2.1 OBJETO INDIRETO PLEONÁSTICO

À semelhança do objeto direto pleonástico, representa a repetição enfática do objeto indireto o qual é retomado com um pronome oblíquo dentro da mesma estrutura oracional.

Exemplos:

- Ao sábio de coração (OI), bastam (VTI)-lhe (OI pleonástico) poucas palavras.
- Aos envolvidos em determinados crimes (OI), a lei preconiza que não lhes (OI pleonástico) convém ausentar-se sem consentimento do juiz.

2.3 COMPLEMENTO NOMINAL

É o termo integrante da oração que completa a significação de alguns nomes, sempre com o auxílio de uma preposição. Há três classes morfológicas que podem exigir complemento nominal: o substantivo, o adjetivo e o advérbio.

Exemplos:

- A nova Constituição do Brasil é bastante acessível (nome) ao leigo (CN). (acessível ➡ adjetivo)
- O amor (nome) a Deus (CN) deve ser incondicional. (amor ➡ substantivo)
- O fumo é prejudicial (nome) à saúde (CN). (prejudicial ➡ adjetivo)
- O interpretador literal sempre procura ser fiel (nome) à letra (CN) da lei. (fiel ➡ adjetivo)
- Todos moravam perto (nome) do centro da cidade (CN). (perto ➡ advérbio)
- O doente apresentava um profundo medo (nome) de seu passado (CN). (medo ➡ substantivo)
- Ele tinha certeza (nome) de que o despacho sairia amanhã (CN). (certeza ➡ substantivo)

Observe neste último exemplo que o complemento nominal é exercido por uma oração denominada de completiva nominal. Aprofunde esse conhecimento na parte de sintaxe de período, orações substantivas.

- —Tenha-me (CN) respeito (nome), gritava o pai para o filho. (respeito ➡ substantivo)

Leia: Tenha respeito a / por mim. Perceba, neste caso, o pronome oblíquo funcionando como "complemento nominal".

⇨ Considerações importantes:

a) Observe que a preposição sempre se faz presente no complemento nominal. Para observar outros nomes que exigem preposição, estude o assunto “Regência nominal”. Veja os nomes e as preposições que eles exigem.

b) Não confunda o complemento nominal com o objeto indireto. Este integra a significação de verbos transitivos indiretos ou transitivos diretos e indiretos, enquanto aquele completa nomes (substantivos, adjetivos e advérbios). Perceba os exemplos abaixo:

- Ele **confia** (VTI) muito **em seu próprio conhecimento** (OI).
- Ele tem muita **confiança** (nome) **em seu próprio conhecimento** (CN).
- O governo **desconfia** (VTI) **da atuação de grupos de esquerda** (OI) para minar-lhe as forças.
- O governo nutre uma profunda **desconfiança** (*nome*) **de que haja a atuação de grupos de esquerda** (*CN*) para minar-lhe as forças.
- Muitos ainda **necessitam** (VTI) **de paz interior** (OI) para viver melhor.
- Muitos têm **necessidade** (nome) **de paz interior** (CN) para viver melhor.

2.4 AGENTE DA PASSIVA

É o termo que na voz passiva analítica pratica a ação verbal, sempre introduzido por uma preposição.

Antes de estudarmos este termo, vamos aprofundar um pouco o nosso conhecimento sobre a voz passiva, porque entendemos ser este o momento exato para isso.

2.4.1 ESTUDO DA VOZ PASSIVA – CONVERSÃO DA VOZ ATIVA PARA A VOZ PASSIVA

A voz representa a forma como o verbo se apresenta para indicar se o sujeito praticará, sofrerá ou praticará e sofrerá ao mesmo tempo a ação. Como se sabe, são três as vozes do verbo: ativa, passiva e reflexiva. Ocupemo-nos das vozes “ativa” e “passiva” agora.

A voz passiva se divide em: analítica e sintética. Vamos nos deter em estudar a voz passiva analítica, cuja principal característica é a presença de uma locução verbal formada por um verbo auxiliar (geralmente são os verbos “ser” e “estar” que desempenham esse papel) e um verbo principal no particípio.

Observe:

sujeito VTD OD
› O rapaz pegou o livro.
(➡ Voz ativa)

locução verbal
› O livro foi pego pelo rapaz.
sujeito passivo agente da passiva
(➡ Voz passiva)

Não sei se deu para perceber, mas a conversão foi feita da seguinte maneira:

ORDEM DIRETA

CONVERSÃO DA VOZ ATIVA PARA A VOZ PASSIVA		
VOZ ATIVA		VOZ PASSIVA
Sujeito	➡	Agente da passiva
Verbo transitivo direto	➡	Locução verbal (aux. + particípio)
Objeto direto	➡	Sujeito passivo ou paciente

ORDEM DIRETA

Observe as setas para acompanhar a mudança da função sintática dos termos. Veja outros exemplos de conversão da voz ativa para a voz passiva analítica:

VOZ ATIVA	VOZ PASSIVA
Quem o encontrou ontem à noite?	Por quem você (ele) foi encontrado ontem à noite?
O essencial é poder implementar as novas leis.	O essencial é poderem ser implementadas as novas leis.
Jovens, vossos mestres vos trataram bem hoje?	Jovens, vós fostes bem tratados hoje por vossos mestres?
A globalização vem favorecendo a concentração de renda.	A concentração de renda vem sendo favorecida pela globalização.
Platão a comparou ao adestramento de cães de raça.	Ela foi comparada por Platão ao adestramento de cães de raça.
Nós comprometemos de vez a dinâmica do processo.	A dinâmica do processo foi de vez comprometida por nós.

Muito prometem as dietas milagrosas e as intermináveis sessões de ginástica.	Muito é prometido pelas dietas milagrosas e pelas intermináveis sessões de ginástica.
Alguns vêm identificando a ótima forma do corpo com o conceito de saúde.	A ótima forma do corpo vem sendo identificada com o conceito de saúde por alguns.

⇨ Observações importantes:

a) Todos os termos em negrito são agentes da passiva. Perceba que todos vêm introduzidos por uma preposição. Geralmente é a preposição "por" que inicia o agente (ou suas contrações "pelo, pela, pelos, pelas"), mas há agentes da passiva que são introduzidos por outras preposições. Observe:

- Havia muitos carros naquela cidade que eram movidos **a gás**.
  agente da passiva

- O quarto foi invadido **de repórteres, de câmaras**.
  agente da passiva

- O carro era tirado **a quatro juntas de boi**.
  agente da passiva

b) Não se esqueça de que só os verbos transitivos diretos e os verbos transitivos diretos e indiretos podem ser convertidos para a voz passiva. Logo, por exclusão, salvo raras exceções (verbos "obedecer" e "desobedecer", por exemplo), os verbos transitivos indiretos, os verbos intransitivos e os verbos de ligação não são suscetíveis de transcrição para a voz passiva.

Logo:

- Muitos **assistiram** ao espetáculo extasiados. (Voz passiva ➡ Não existe)
  VTI

- Aquele pensamento grego **anda** cada vez mais comprometido. (Voz passiva ➡ Não existe)
  VL

- Sempre que nós **podíamos**, nós **íamos** com ele.
  VI VI

c) Verbos transitivos diretos há, entretanto, que são insusceptíveis de ir para a voz passiva. Tal fato se dá ou porque já apresentam sentido passivo (aguentar, sofrer etc.) — mesmo na voz ativa –, ou porque a eufonia lhes reprova a passagem para a voz

passiva (ter, querer, poder, conter etc.).

d) Na conversão da voz ativa para a voz passiva, procure imediatamente o “objeto direto”, pois será ele quem irá funcionar como o sujeito da voz passiva. Logo, identificar de forma precisa o “objeto direto” é o primeiro passo para se evitarem erros na transposição para a voz passiva.

e) Geralmente a locução verbal da voz passiva é construída com o verbo auxiliar “ser”, formando o que se chama “passiva de ação”. Outros verbos, entretanto, podem funcionar como auxiliares para a locução da passiva para acrescentar outras matrizes de sentido. Veja:

A polícia cercou a favela (voz ativa)

a) A favela foi cercada pela polícia. (passiva de ação com o verbo “ser”)

b) A favela esteve cercada pela polícia. (passiva de estado com o verbo “estar”)

c) A favela ficou cercada pela polícia. (passiva de mudança de estado com o verbo “ficar”)

f) Lembre-se de que o verbo auxiliar concordará em “número” e “pessoa” com o sujeito da voz passiva. O particípio passivo, por sua vez, concordará em “gênero” e “número” com esse mesmo sujeito. Observe:

- Todos analisaram a nova lei. (Voz ativa) ⇨ A nova lei **foi analisada** por todos. (Voz passiva)
- Eu analisei as novas leis. (Voz ativa) ⇨ As novas leis **foram analisadas** por mim. (Voz passiva)
- Tu analisaste os novos decretos? (Voz ativa) ⇨ Os novos decretos **foram analisados** por ti? (Voz passiva)

g) Não se esqueça de que o verbo auxiliar da locução da voz passiva será colocado no mesmo “modo” e “tempo” do verbo principal da voz ativa. Logo:

- Ele revisa (Pres. Indic.) o acordo. (Voz ativa) ➡ O acordo é (Pres. Indic.) revisado por ele. (Voz passiva)

- Ele revisou (Pret. Perf. Ind.) o acordo. (Voz ativa) ➡ O acordo foi (Pret. Perf. Ind.) revisado por ele. (Voz passiva)

- Ele revisava (Pret. Imperf. Ind.) o acordo. (Voz ativa) ➡ O acordo era (Pret. Imperf. Ind.) revisado por ele. (Voz passiva)

- Ele revisará (Fut. Pres. Ind.) o acordo. (Voz ativa) ➡ O acordo será (Fut. Pres. Ind.) revisado por ele. (Voz passiva)

h) O verbo "HAVER" no sentido de "existir, acontecer, ocorrer" é insuscetível de transcrição para a voz passiva em virtude de sua impessoalidade, a despeito de nessa acepção ser "transitivo direto". Logo:

- Sempre houve (VTD) bons legisladores (OD) no Brasil. (Voz passiva ⇨ Impossibilidade)

> Observe que nesta construção a oração não possui sujeito.

i) Não confunda o agente da passiva com o complemento nominal. Este integra o sentido de nomes (substantivo, adjetivos e advérbios); aquele pratica a ação dentro de uma voz passiva. Ademais, o agente da passiva pode ser transcrito para a voz ativa com a função de sujeito.

Exemplos:

- O inferno sempre está pavimentado (locução verbal) de boas intenções (agente da passiva). (Voz ativa ⇨ Boas intenções pavimentam o inferno.)

> Observe a presença da locução verbal "estar + pavimentar". O verbo principal encontra-se no "particípio ⇨ pavimentado".

- Ele está ansioso (adjetivo) pela (ou "da") volta de sua amada (complemento nominal). (Não há como converter para a voz passiva.)

- Todos eram responsáveis (adjetivo) pela vida da família (complemento nominal). (Não há como converter para a voz passiva.)

- Muitos cantores foram influenciados pelo movimento hippie. (Voz ativa ⇨ O movimento hippie influenciou muitos cantores.)

  (locução verbal: foram influenciados; agente da passiva: pelo movimento hippie)

j) Lembre-se de que muitas construções da voz passiva analítica apresentam "agente da passiva indeterminado". Isso ocorre quando não convém ou não se quer declará-lo. Neste caso, se se quiser verter a oração passiva com agente indeterminado para a voz ativa, esta também ficará com o seu sujeito indeterminado. Veja:

- O caso foi descoberto recentemente pelo investigador Marcos. (Voz passiva analítica com agente da passiva determinado) ⇨ Voz ativa = O investigador Marcos recentemente descobriu o caso.
- O caso foi descoberto recentemente. (Voz passiva analítica com agente da passiva indeterminado) ⇨ Voz ativa = **Descobriram recentemente o caso**.
- O voto feminino chegou a ser discutido na constituinte de 1890. (Voz passiva analítica com agente da passiva indeterminado) ⇨ Voz ativa = **Chegaram a discutir o voto feminino na constituinte de 1890**.

2.5 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (FMU/Fiam-SP) Assinale a alternativa que contenha, respectivamente: um pronome pessoal do caso reto funcionando como sujeito e um pronome pessoal do caso oblíquo funcionando como objeto direto.

   a) Eu comecei a reforma da Natureza por este passarinho.
   b) E mais uma vez me convenci da "tortura" destas coisas.
   c) Todos a ensinavam a respeitar a Natureza.
   d) Ela os ensina a fazer ninhos nas árvores.
   e) Ela não convencia ninguém disso.

2. (FCC) Em: "Chamou-se um **eletricista** para a instalação dos fios" o termo destacado é:

   a) objeto direto.
   b) sujeito.
   c) objeto indireto.
   d) agente da passiva.
   e) predicativo do sujeito.

3. (FEI-SP) Assinalar a alternativa que indica a função sintática exercida pelas orações destacadas, nos seguintes períodos:

I. Insistiu em que permanecesse no clube.

II. Não há duvida de que disse a verdade.

III. É preciso que aprendas ser independente.

IV. A verdade é que não saberia viver sem ela.

a) sujeito – objeto direto – complemento nominal – predicativo do sujeito.
b) predicativo do sujeito – complemento nominal – objeto direto – sujeito.
c) sujeito – predicativo do sujeito – objeto indireto – complemento nominal.
d) objeto indireto – complemento nominal – sujeito – predicativo do sujeito.
e) complemento nominal – sujeito – predicativo do sujeito – objeto indireto.

4. (Epamig-MG) Indique a frase que apresenta a palavra "se" como pronome apassivador:

a) "Se não chego a tempo..."
b) "Afastou-se o diretor, pisando forte."
c) Apagaram-se as luzes.
d) Precisa-se de responsabilidade.
e) Deu-se pressa em sair.

5. (FOC-SP) No período: "Falsos conceitos, meia ciência por parte de professores, complicação e pedantismo de nomenclatura vazia, tudo isso produziu e produz nos alunos uma sadia aversão pela 'análise lógica'". A expressão **pela análise lógica** é:

a) adjunto adnominal.
b) agente da passiva.
c) complemento nominal.
d) objeto indireto.

6. (UEL-PR) Assinale a alternativa correspondente ao período em que há agente da passiva.

a) O rapaz foi preso por um investigador, compadre do Bertolão.
b) O coração não resistiu à prova.
c) Não o sabíamos doente.
d) Tão grande e forte, não era resistente à bebida.
e) Seu apartamento fora interditado poucas horas depois do crime.

7. (Febasp)

"E agora, José?
A festa **acabou**
A luz **apagou**
O povo **sumiu**
A noite **esfriou**..." (Carlos Drummond de Andrade)

Em relação aos verbos destacados, pode-se afirmar que:

a) os verbos são todos transitivos diretos e estão no pretérito imperfeito.
b) os verbos são todos transitivos diretos, embora o objeto direto não esteja expresso; e os verbos estão no pretérito perfeito.
c) o primeiro e o segundo verbos são transitivos diretos e os últimos são transitivos indiretos e estão no pretérito mais-que-perfeito.
d) todos os verbos destacados são intransitivos e estão no pretérito perfeito.

8. (UFU-MG) No período "Quando enxotada por mim foi pousar na vidraça", qual a função sintática de **por mim**?

a) objeto direto.
b) sujeito.
c) objeto indireto.
d) complemento nominal.
e) agente da passiva.

9. (ESPM-SP) Não **me** preocupa o **futuro**. Julgo-me **capaz** de enfrentar qualquer **dificuldade**. Os termos destacados são, respectivamente:

a) sujeito – objeto direto – objeto direto – objeto indireto.
b) objeto indireto – objeto direto – objeto indireto – complemento nominal.
c) objeto direto – objeto direto – predicativo do objeto – adjunto adnominal.
d) objeto indireto – sujeito – sujeito – objeto direto.
e) objeto direto – sujeito – predicativo do objeto – objeto direto.

10. (FMU-SP) Observe os termos destacados:

*Alugam-se **vagas**.*
*Precisa-se **de faxineiros**.*
Paraibana expansiva machucou-se.
Eles exercem, respectivamente, a função sintática de:

a) objeto direto, objeto indireto, objeto direto.
b) sujeito, sujeito, sujeito.
c) sujeito, objeto indireto, objeto direto.
d) sujeito, objeto indireto, sujeito.
e) sujeito, sujeito, objeto direto.

GABARITO

1 – D	2 – B	3 – D
4 – C	5 – C	6 – A
7 – D	8 – E	9 – E
10 – D		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 3

TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO

Após estudar os termos que completam o significado de verbos (objeto direto e objeto indireto) e de nomes (complemento nominal), bem como do agente da passiva, sua missão agora será estudar e compreender os termos que desempenham uma função secundária, ora de caracterização do substantivo, ora para expressar circunstâncias diversas.

São três os termos acessórios da oração: o adjunto adnominal, o adjunto adverbial e o aposto.

3.1 ADJUNTO ADNOMINAL

É o termo acessório da oração que tem por finalidade a caracterização ou a determinação de um substantivo.

Observe nos exemplos abaixo as classes morfológicas que funcionam como adjunto adnominal:

- **Os** rapazes encontraram **uma** mulher perdida.
  artigos
- O **enigmático** sonho levou a **bela** garota ao êxtase.
  adjetivos
- **Nosso** hino é o mais belo. **Aqueles** outros são **nossas** composições.
  pronomes adjetivos
- Havia **dois** bandidos do lado de fora do banco; os outros **três** meliantes renderam o vigilante.
  Numerais adjetivos
- Uma dor **de cabeça** o impediu de assistir ao show **dos alunos**.
  Locuções adjetivas
- Ontem eu fui à casa **que me será dada por herança**.
  Oração adjetiva

⇨ Observações importantes:

a) Lembre-se de que alguns pronomes, classificados geralmente como oblíquos, podem exercer a função sintática de adjunto adnominal. Neste caso, passam literalmente à função morfológica de pronomes possessivos. São eles: me, te, lhe, nos, vos, lhes.

Exemplos:

- Todos que chegavam beijavam-**lhe** as mãos. (⇨ Leia:... beijavam as mãos dele)
  adjunto adnominal

> Não confunda o "lhe" na função de possessivo com o "lhe" na função de objeto indireto ou na função de complemento nominal.

- Aquele susto arrepiou-**nos** os cabelos. (⇨ Leia:... arrepiou os nossos cabelos)
  adjunto adnominal
- adjunto adnominal
  Machucaram-**te** apenas face direita? (⇨ Leia: Machucaram apenas a tua face direita?)
- "Desventurado, o seu coração de fogo queimou-**lhe** o viço da existência ao despertar dos sonhos do amor que o tinham embalado." (A. Herculano)
- "Não **lhe** sei o nome, nem que lho soubera o diria." (Camilo)

b) Não confunda o adjunto adnominal com o complemento nominal quando formado por locução adjetiva e esta locução se referir a um substantivo. Para evitar tal equívoco, sugerimos alguns critérios:

COMPLEMENTO NOMINAL	ADJUNTO ADNOMINAL
Sempre indica o ser passivo (recebedor da ação)	Sempre indica o ser ativo (agente da ação)
Tem por base um verbo transitivo	Não tem por base um verbo transitivo
Não indica posse	Sempre indica posse
Completa geralmente o sentido de um substantivo abstrato.	Completa geralmente o sentido de um substantivo concreto.

Acompanhe os exemplos abaixo e perceba as diferenças:

- A intervenção do diretor provocou indignação na empresa.
  complemento ou adjunto?

> **Questione:** O diretor interveio ou recebeu a intervenção? Óbvio que ele interveio. Logo é o ser ativo, agente da ação. Ademais, podemos dizer: "A intervenção dele provocou indignação na empresa". Ora, se é a intervenção dele, o termo "do diretor" indica posse. Portanto, não restam mais dúvidas, o termo é um adjunto adnominal.

- A eleição do novo diretor deixou em euforia toda a empresa.
  complemento ou adjunto?

> **Questione:** O diretor está elegendo alguém ou está sendo eleito? Ele está sendo eleito. Logo, indica o ser passivo, recebedor da ação. Podemos dizer: "Eleger o novo diretor". Observe que o substantivo "eleição", neste caso, possui por base um verbo transitivo direto. Logo, o termo "do novo" diretor é um complemento nominal.

Observe outros exemplos:

- O pedido da empresa já foi atendido. (⇨ A empresa fez o pedido. Representa o ser ativo)
  adjunto adnominal
- O pedido de socorro foi ouvido ao longe. (⇨ O socorro está sendo pedido. Representa o ser passivo)
  complemento nominal
- O empréstimo do dinheiro salvou a empresa. (⇨ O dinheiro está sendo emprestado. É o ser passivo)
  complemento nominal
- O empréstimo do banco salvou a empresa. (⇨ O banco está emprestando. É o ser ativo.)
  adjunto adnominal
- Os bolinhos de feijão alegravam os meninos na hora do almoço.
  adjunto adnominal
- A plantação de feijão foi devastada por uma praga.
  complemento nominal
- A resposta do entrevistado surpreendeu a todos.
  adjunto adnominal
- A resposta ao entrevistado provocou-lhe tristeza.
  complemento nominal

⇨ Observação:

Perceba que o critério do "ser passivo" (complemento nominal) e do "ser ativo" (adjunto adnominal) praticamente resolve toda a celeuma. Use os outros critérios se ainda restar alguma dúvida.

c) Não confunda também o adjunto adnominal com um predicativo do objeto. Neste último, a qualidade atribuída ao objeto é necessária, essencial, logo, não passível de ser retirada da estrutura oracional; fato que não ocorre com o adjunto adnominal que é

termo acessório e, como o próprio nome já sugere, pode ser retirado da oração. Para evitar confusões, adote o seguinte procedimento:

- transforme o objeto direto em um pronome oblíquo;
- perceba se o adjetivo que a ele se refere se mantém de forma lógica dentro da estrutura;
- se ele permanecer, será um predicativo; se não for possível a sua manutenção, é porque é um adjunto adnominal.

Observe:

- Resolvi hoje no colégio uma prova difícil. (“Difícil” é um predicativo ou um adjunto do substantivo “prova”?)
- Resolvi-a hoje no colégio. (Observe que o adjetivo “difícil” não se manteve, logo é um “adjunto adnominal”).
- Achei a prova muito difícil. (“Difícil” é um predicativo ou um adjunto adnominal do substantivo “prova”?)
- Achei-a muito difícil. (Observe que o adjetivo “difícil” se manteve, logo é um “predicativo do objeto”).
- Todos pegaram na biblioteca o livro recomendado pela professora. (“recomendado” = adjunto adnominal).
- Encontraram o livro rasgado. (“rasgado” = predicativo do objeto)

3.2 ADJUNTO ADVERBIAL

É o termo acessório da oração que, com ou sem preposição, refere-se a um verbo, a um adjetivo ou a um advérbio atribuindo-lhes alguma circunstância. Em sintaxe, o adjunto adverbial é exercido pelos advérbios e pelas locuções adverbiais. Este termo representa o “caso ablativo” do latim.

Observe:

adjunto adverbial adjunto adverbial

- Hoje o Presidente da República irá ao Congresso na parte da tarde para a obtenção de apoio.

adjunto adverbial

adjunto adverbial adjunto adverbial

- Raramente o país investe em educação como os outros países da América do Sul.

adjunto adverbial adjunto adverbial

- Muitos hoje em dia morrem de fome por causa da insensibilidade de alguns.

adjunto adverbial

Por expressarem circunstâncias, os adjuntos adverbiais possuem várias classificações. Destacamos as principais:

a) de lugar ⇨ No país do carnaval, só samba quem tem dinheiro.
b) de tempo ⇨ Muitos direitos foram suspensos no tempo da ditadura brasileira.
c) de concessão ⇨ Apesar das circunstâncias, muitos obtiveram o diploma de bacharel.
d) de assunto ⇨ Eles só falavam sobre a derrota do time.
e) de causa ⇨ Deixou o emprego por moléstia grave. Durante a tempestade, muitas árvores caíram com o vento.
f) de afirmação ⇨ Certamente o presidente da empresa viajará para a Europa.
g) de intensidade ⇨ Falou muito, por isso ficou bastante rouco.
h) de dúvida ⇨ Talvez o time ganhe na próxima partida.
i) de modo ⇨ Deixou às escondidas o local e sorrateiramente entrou no carro que estava aparentemente abandonado.
j) de negação ⇨ De modo algum nós aceitaremos as novas cláusulas. Não compactuaremos desse momento.
k) de matéria ⇨ Construiu a porta de ferro. Fechou todos os buracos com areia e cimento.
l) de meio ⇨ Eles sempre vão de carro à casa dos parentes mais afastados.
m) de finalidade ⇨ Estudam bastante para a obtenção do certificado.
n) de condição ⇨ Não conseguirás viajar sem o passaporte.
o) de companhia ⇨ O Presidente viajará para a Europa com todos os seus ministros.
p) de preço ⇨ Aquela casa custará para nós cem mil dólares.
q) de conformidade ⇨ Eles sempre dançam conforme a música.

⇨ **Observação:**

Mais uma vez salientamos que esse é apenas um rol exemplificativo. Sem dúvida, há outras circunstâncias que podem ser expressadas pelos advérbios e pelas locuções adverbiais.

⇨ **Outras considerações importantes:**

a) Não confunda o adjunto adverbial com o agente da passiva quando os termos vierem encabeçados pelas preposições "de, por, pela, pelo, pelas, pelos". Observe:

- Todos estavam oprimidos **pela urgência do caso**. (⇨ Agente da passiva = A urgência do caso oprimia a todos)
- O Ministro estava deixando o caso **por negligência própria**. (⇨ Adjunto adverbial de causa)
- **Por uma denúncia anônima,** ele foi preso. (⇨ Adjunto adverbial de causa)
- Naquele momento, o orador estava sendo ovacionado **por todos os presentes à convenção**. (⇨ Agente da passiva)

b) Observe que o adjunto adverbial tanto pode ser expresso por um advérbio simples como por uma locução adverbial. As locuções adverbiais são, frequentemente, introduzidas por uma preposição.

- Respeite a eles, pois aqueles homem trabalham **de sol a sol**.
- Todos ficaram **em cima da casa** para observar o fenômeno.

c) Lembre-se de que o adjunto adverbial modifica "verbos, adjetivos ou advérbios" atribuindo a eles circunstâncias diversas, enquanto o adjunto adnominal sempre se refere ao substantivo.

3.3 APOSTO

É o termo acessório cuja função é a de esclarecer, explicar, identificar, especificar, resumir um outro termo. O termo a que o aposto se refere sempre será um substantivo ou termo substantivado, uma vez que a função do aposto é típica do substantivo.

Primeiros exemplos:

- O Amazonas, **maior rio navegável do mundo**, está poluído em algumas áreas.
  aposto

- aposto
  Analista de artes e professor de computação, João Antônio aprecia também bons pratos à japonesa.
- aposto
  Renato Saraiva, procurador do trabalho da 4.ª Região, escreveu vários livros sobre Direito Trabalhista.

Existem vários tipos de apostos. São eles:

a) Aposto explicativo: é o mais comum. Como o próprio nome já enuncia, explica, esclarece o termo a que se refere. Vem sempre isolado por vírgula(s).

Exemplos:

- aposto explicativo
  Edson Arantes do Nascimento, o rei Pelé, consagrou-se como um dos maiores jogadores de todos os tempos.
- aposto explicativo
  Em Pernambuco, um dos grandes produtores de açúcar do Brasil, a violência cresce diariamente.
- João Pedro, ajudante de pedreiro, recebeu um bom abono de férias da empresa.
  aposto explicativo

b) Aposto resumitivo ou recapitulativo: é aquele que "resume" uma sequência de termos. Geralmente este tipo de aposto resume substantivos que exercem a função de sujeito. O aposto resumitivo é frequentemente exercido por um pronome indefinido.

Exemplos:

- O mar, os céus, a terra, tudo apregoa a glória de Deus.
  aposto resumitivo
- Dançar, nadar, brincar, nada lhe interessava.
  aposto resumitivo

c) Aposto especificativo: é aquele que se refere a um substantivo de sentido geral particularizando-o, especificando-o, indicando-lhe a espécie à qual pertence. Esse tipo de aposto dispensa a pontuação.

Exemplos:

- O iluminista Thomas Hobbes, autor de "Leviatã", morreu em 1679.
  aposto especificativo
- aposto especificativo
  O poeta Carlos Drummond de Andrade foi uma das maiores expressões do Modernismo.

Perceba que a base deste tipo de aposto é a especificação, a delimitação. Observe que, entre tantos poetas, a oração especifica que a informação se refere apenas a Carlos Drummond de Andrade.

- A cidade **de Palmares** fica a cerca de 120Km da cidade **de Recife**.
  aposto especificativo — aposto especificativo
- Meu melhor amigo **Cláudio** é um especialista em eletricidade.
  aposto especificativo
- O mar **Mediterrâneo** foi alvo de muitas disputas na Antiguidade.
  aposto especificativo
- O colégio **Contato** fica na rua **Dom Bosco**.
  aposto especificativo — aposto especificativo

d) Aposto enumerativo: este tipo cria uma enumeração ou indica uma quantidade do termo a que se refere. Este tipo de aposto faz uso frequente dos dois pontos e, mais raramente, da vírgula e do travessão.

Exemplos:

- Para um homem evoluir são necessárias três coisas: **uma grande mulher, uma boa família e a presença de Deus**.
  aposto enumerativo
- Em sua viagem, Mário conheceu dois grandes expoentes da Literatura mundial: **José Saramago e Antonio Candido**.
  aposto enumerativo

e) Aposto de oração: é aquele que sintetiza o conteúdo semântico de toda uma oração. Não se deve confundi-lo com o aposto resumitivo. Este resume termos, aquele faz a síntese de toda uma oração ou orações.

Exemplos:

- A niveladora jogou neve para dentro do jardim, **fato** que o deixou muito irritado.
  aposto de oração
- Muitos sem-terras se aglomeram em frente do Ministério, **sinal** de uma grande manifestação.
  aposto de oração
- Alguns alunos zombavam do professor, **o** que irritou profundamente o diretor do colégio.
  aposto de oração
- Os primeiros a chegar sugeriram que o acampamento fosse levantado à esquerda do lago, **ideia** que muito agradou aos líderes da excursão.
  aposto de oração

⇨ Considerações importantes:

a) Não confunda o aposto especificativo com o adjunto adnominal nem com o complemento nominal. Observe:

- A cidade de São Paulo (aposto especificativo) tornou-se a maior metrópole da América Latina.

> O objetivo do termo é especificar uma cidade entre as várias cidades existentes.

- Os moradores de São Paulo (adjunto adnominal) sofrem com os engarrafamentos.

> Já aqui o termo (formado pela locução adjetiva) indica uma qualidade. "Os moradores paulistas" (ou paulistanos).

- A construção de São Paulo (complemento nominal) durou vários séculos.

> Neste último, o termo indica o ser passivo, recebedor da ação.

- O poeta Drummond (aposto especificativo) foi o autor de vários poemas, dentre os quais se destaca
- Os poemas de Drummond (adjunto adnominal) servem de base para muitos poetas de hoje.

b) Há um tipo especial de termo, colocado em aparente aposição – entre vírgulas, geralmente –, que recebe o nome de "aposto circunstancial". Esta classificação é defendida por estudiosos de peso da nossa língua, como os professores Mário Barreto, José Oiticica e Cláudio Brandão. Em nossa análise, corroborando com o professor Adriano da Gama Kury, em seu livro "Novas lições de análise sintática", preferimos classificar este termo não como aposto circunstancial, mas como "predicativo circunstancial", por causa do caráter essencialmente qualificador deste termo.

- "Os castanheiros, **grandes e concentrados**, ouviam subir a seiva." (Eça de Queiroz, apud Adriano G. Kury)
- "Lembra-se como, **em menino**, me tratava?"
- Meu pai, **quando jovem**, era amantíssimo das letras.

3.4 VOCATIVO

É o termo da oração (não entra em nenhuma classificação, uma vez que nem pertence ao sujeito nem ao predicado) cujo objetivo é interpelar, chamar, invocar alguém de forma mais ou menos enfática.

> **Nota:** Na fala o vocativo é pronunciado com entonação enfática. Na escrita é sempre marcado pela presença de algum sinal de pontuação que o isole dentro da estrutura oracional. Geralmente esse papel de isolar o vocativo é exercido pela vírgula.

- Maria, ó Maria, vem logo, não demores.
  vocativos
- Afasta-te daqui, criatura nojenta!
  vocativo
- Tenha cuidado, meu filho, a vida não é fácil.
  vocativo

⇨ Consideração importante:

Não se esqueça de que a pontuação é fundamental para a identificação do vocativo, além, é claro, do objetivo do termo que é, como já vimos, chamar, interpelar. A ausência, o esquecimento, ou mesmo a retirada proposital da pontuação pode alterar completamente a função sintática do termo. Veja:

- sujeito simples
  Carlos Antônio teve a sua dissertação de mestrado aprovada com louvor pela banca examinadora.
- vocativo sujeito
  Carlos, Antônio teve a sua dissertação de mestrado aprovada com louvor pela banca examinadora.
- sujeito vocativo
  Carlos, Antônio, teve a sua dissertação de mestrado aprovada com louvor pela banca examinadora.

3.5 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (Univ. Fed. de Ouro Preto-MG) Dos termos destacados, **só não é** predicativo do sujeito:

a) “Os outros fingiam acreditar, **desconfiados**.”
b) “Manarairema esperou **impaciente**.”
c) “... enquanto os homens andavam **ativos**...”
d) “Se eles são **soberbos**, nós também...”
e) “Ninguém almoçou **direito**, receando...”

2. (U. Cuiabá-MT)
“Dois pais conversam sobre o futuro dos filhos:
*– O que seu filho vai ser quando terminar o primeiro grau? – pergunta **um** deles.*
*– Pelo jeito, acho que vai ser **um** velho de barbas brancas... – responde o outro”.*
***Um**, analisando-se morfológica e sintaticamente, é, respectivamente:*

a) artigo indefinido e adjunto adnominal / artigo indefinido e adjunto adnominal.
b) pronome adjetivo e objeto direto / artigo indefinido e objeto direto.
c) pronome substantivo indefinido e sujeito / artigo indefinido e adjunto adnominal.
d) pronome adjetivo definido e adjunto adnominal / numeral cardinal e sujeito.
e) pronome adjetivo definido e adjunto adnominal / numeral cardinal e objeto direto.

3. (UM-SP) “Apesar de vistosa, a construção acelerada **daquele edifício** deixou-**nos insatisfeitos** novamente”.
Os termos em destaque no período são, respectivamente:

a) adjunto adnominal, objeto indireto, adjunto adverbial.
b) complemento nominal, objeto direto, adjunto adverbial.
c) adjunto adnominal, objeto direto, predicativo do objeto.
d) complemento nominal, objeto direto, predicativo do objeto.
e) adjunto adnominal, objeto indireto, adjunto adnominal.

4. (UFSC) Observe os períodos abaixo e assinale a alternativa em que **lhe** é adjunto adnominal.

a) “... anuncio-lhe: Filho, amanhã vai comigo.
b) O peixe caiu-lhe na rede.
c) Ao traidor, não lhe perdoaremos jamais.
d) Comuniquei-lhe o fato ontem pela manhã.
e) Sim, alguém lhe propôs emprego.

5. (Fuvest-SP) Nos enunciados abaixo, há adjuntos adnominais e apenas um

complemento nominal. Assinale a alternativa que contém o complemento nominal.

a) faturamento das empresas.
b) ciclo de graves crises.
c) energia desta nação.
d) história do mundo.
e) distribuição de poderes e renda.

6. (Fuvest-SP) Assinalar a oração que começa com um adjunto adverbial de tempo.

a) Com certeza havia um erro no papel do branco.
b) No dia seguinte Fabiano voltou à cidade.
c) Na porta, (...) enganchou as rosetas das esporas...
d) Não deviam tratá-lo assim.
e) O que havia era safadeza.

7. (ESPM-SP) "Fogão Continental 2001 Grand Prix II: nossa homenagem **ao bom gosto da mulher brasileira**." As expressões destacadas são, respectivamente:

a) sujeito, complemento nominal.
b) complemento nominal, sujeito.
c) adjunto adnominal, objeto direto.
d) complemento nominal, complemento nominal.
e) complemento nominal, adjunto adnominal.

8. (Faap-SP)
"Sete anos de pastor Jacó servia Labão, pai de Raquel, serrana bela".
*Identifique a análise **errada**.*

a) sete anos – adjunto adverbial.
b) de pastor – adjunto adnominal.
c) Jacó – sujeito.
d) pai de Raquel – aposto de Labão.
e) serrana bela – aposto de Raquel.

9. (PUC-SP) "Só pessoas **sem visão** não admitem que, neste setor, existe **oferta** considerada condizente **com a procura**".

*Assinale a alternativa em que se apresenta **corretamente** a função sintática dos*

termos em destaque, respeitando-se a ordem em que elas ocorrem no período.

a) adjunto adnominal, objeto direto, complemento nominal.
b) adjunto adverbial, objeto direto, adjunto adnominal.
c) adjunto adnominal, sujeito, complemento nominal.
d) adjunto adverbial, sujeito, complemento nominal.
e) adjunto adnominal, objeto direto, adjunto adnominal.

10. (UEL-PR) "Ainda que surgissem poucos **recursos** para o projeto, todos mostravam-se satisfeitos com a boa vontade **do chefe**".

As palavras em destaque no período exercem, respectivamente, a função sintática de:

a) objeto direto, complemento nominal.
b) sujeito, objeto indireto.
c) objeto direto, adjunto adnominal.
d) objeto direto, objeto indireto.
e) sujeito, adjunto adnominal.

GABARITO

1 – E	2 – C	3 – D
4 – B	5 – E	6 – B
7 – E	8 – B	9 – C
10 – E		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 4

SINTAXE DO PERÍODO COMPOSTO

Partamos para nosso segundo passo dentro de sintaxe. Nos capítulos anteriores, percebemos a interação entre os termos de uma oração e classificamos a função deles. Neste capítulo, continuaremos a estudar as funções sintáticas estabelecidas não mais agora entre os termos simples de uma oração, mas entre as orações. Logo, não se preocupe: o assunto é fácil. Uma orientação, porém, segue: é importante que as noções do que é um sujeito, um objeto direto, um objeto indireto etc. tenham sido bem assimiladas. Afinal, reiterando o já dito, vamos estudar todos esses termos em forma de orações. Boa viagem!

4.1 CONCEITOS ESSENCIAIS

Como já dissemos, o nosso estudo versa sobre o período. Período é a frase que se estrutura em oração ou orações. Daí o período ser classificado em:

a) Período simples ⇨ formado por uma única oração denominada de oração absoluta.
b) Período composto ⇨ formado por mais de uma oração.

Para a sintaxe de período só interessa o período composto, aquele formado por duas ou mais orações. Para a construção desse período composto, dois processos sintáticos são utilizados:

a) A coordenação ⇨ as orações mantêm uma independência sintática umas das outras, ou seja, uma oração não exerce uma função sintática (sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal etc.) para a outra. Há tão somente uma dependência semântica (de sentido) entre as orações do período coordenado.
b) A subordinação ⇨ as orações estão ligadas umas às outras — dependência — não só por um vínculo semântico, mas principalmente por um vínculo sintático, isto é, uma oração vai exercer uma função sintática para a outra. Por isso, uma oração, no período subordinado, só subsistirá se a outra também existir e vice-versa.

É possível também que um período seja formado tanto por orações coordenadas quanto por orações subordinadas. Nesse caso, ele é denominado de *período composto por coordenação e por subordinação, ou período misto* (período complexo).

Primeiros exemplos:

1.ª oração

- O Conselho de Defesa Nacional é órgão de consulta do Presidente da República e atua em casos específicos.

2.ª oração

Período coordenado. Leia: O Conselho de Defesa Nacional é órgão de consulta do Presidente. O Conselho de Defesa Nacional só atua em casos específicos.

1.ª oração

- Quando o Presidente e o Vice-presidente não assumirem o cargo no prazo de dez dias a partir da posse, o cargo será declarado vago.

2.ª oração

Período subordinado. Perceba que uma oração não faz sentido sem a outra e que a primeira indica o tempo para o fato da outra oração.

- Ele disse que amanhã irá ao show se não chover e se não houver aquele engarrafamento que tanto tem infernizado a vida dos paulistanos.

Período misto. Há cinco orações.

No último período acima, observe que há cinco orações: a primeira (*Ele disse*) que é a oração principal; a segunda (*que irá ao show amanhã*), subordinada à primeira; a terceira (*se não chover*) e a quarta (*se não houver aquele engarrafamento*) subordinadas à segunda; e, por fim, a quinta (*que tanto tem infernizado a vida dos paulistanos*), subordinada à quarta. Perceba que entre a terceira e a quarta oração há um processo de coordenação. Por isso, esse período é denominado de período misto.

⇨ Considerações importantes:

a) Para se descobrir quantas orações existem em um período, em geral, basta contar o número de verbos ou de locuções verbais presentes na estrutura. Portanto, ao analisar um período, primeiro destaque os verbos e/ou as locuções verbais.

Observe:

- "Na hipótese de nenhum candidato **alcançar** maioria absoluta na primeira votação, **far-se-á** nova eleição no último domingo de outubro do ano anterior ao término do mandato presidencial vigente, **concorrendo** os dois candidatos mais votados e **considerando**-se eleito, agora em segundo turno, aquele que **obtiver** a maioria dos votos válidos." (CF, art 77, *caput*)

b) Para a construção do período composto, as conjunções, os pronomes relativos, algumas preposições e alguns advérbios possuem papel fundamental. Serão essas classes morfológicas que farão a ligação (funcionarão como uma "ponte") entre as orações. A esses elementos de união a gramática denomina de "conectores" ou "elementos de conexão" ou ainda "articuladores".

Observe:

- **Enquanto** exerce funções típicas, o órgão executivo pratica atos de chefia de estado, chefia de governo e atos de administração. **Quando** atua atipicamente, o órgão executivo legisla **uma vez que** pode emitir medidas provisórias.

Após essas noções introdutórias, estudaremos passo a passo, a formação do período composto tanto por coordenação quanto por subordinação.

Para que o nosso estudo obtenha sucesso, é fundamental que o estudante:

⇨ tenha apreendido as funções dos elementos de conexão, principalmente das conjunções. Logo, se ainda restar alguma dúvida ou se não se lembrar direito do assunto, sugiro que estude "conjunção".

⇨ não procure decorar as conjunções, mas sim apreender-lhes o sentido e, acima de tudo, apreender a relação que a conjunção promove. Observaremos que, muitas vezes, uma mesma conjunção promoverá diversas relações. Portanto, não se desespere! Com o tempo você aprovisionará as diversas relações promovidas pela mesma conjunção.

⇨ não se preocupe demasiadamente com a nomenclatura gramatical: oração subordinada substantiva tal ou qual; oração subordinada adverbial "X", reduzida de infinitivo. A maioria dos institutos elaboradores de provas para concursos (públicos e vestibulares) já não mais questiona essa classificação — querem saber, sim, a relação promovida pela conjunção, pelo pronome relativo, pelos conectores em geral. Esses nomes rebuscados têm assustado e desestimulado até os mais afeitos à Língua Portuguesa. Mais uma vez, portanto, insisto: procure, a partir de agora, entender as relações entre as orações, promovidas pelos conectivos. Bom estudo!

4.2 PERÍODO COMPOSTO POR COORDENAÇÃO

4.2.1 ORAÇÕES COORDENADAS

O período coordenado é aquele em que aparecem orações sintaticamente independentes umas das outras. Saliente-se que a independência é sintática, pois no período coordenado sempre existirá uma dependência semântica (= de sentido), de forma que a retirada de uma oração prejudica o sentido do enunciado. Por isso, diz-se que no período coordenado há vínculo semântico, mas não há vínculo sintático.

Como não existe o vínculo sintático, as orações no período coordenado classificam-se pela presença ou não das conjunções coordenadas. Daí elas serem:

4.2.1.1 Assindéticas

Quando não possuem conjunção, conectivo; apresentam-se justapostas.

Observe:

- Todos saíram mais cedo, foram para um barzinho próximo à faculdade.
  oração assindética — oração assindética

- "Raspou, achou, ganhou." *(Slogan publicitário.)*
  orações assindéticas

4.2.1.2 Sindéticas

Quando se ligam às outras pelas conjunções coordenativas. As conjunções coordenadas são de cinco tipos e podem expressar as relações de "adição, alternância ou disjunção, oposição adversativa, conclusão e explicação".

4.2.1.2.1 Coordenadas aditivas

São aquelas que exprimem adição, soma de pensamentos, acréscimo de ideias, simultaneidade de ações.

> As principais conjunções aditivas são: e, nem, mas também, mas ainda, senão também, bem como, como também, que (= e).

- Muitos deixaram o local consternados **e** foram para a delegacia.

- Os pensamentos não só fazem bem à alma, **mas também** possibilitam a ajuda ao próximo.
- O conferencista discursou sobre a poluição mundial, **como também** falou sobre os efeitos do lixo industrial.
- Não fez o exame hoje **nem** foi ao curso de inglês.
- Estuda **que** estuda, e não consegue aprovação no concurso.

⇨ **Observação:**

Nem sempre a conjunção "e" funcionará como aditiva. Nas construções abaixo, ela aparece como coordenada adversativa. Perceba:

- Estudou tudo, **e** não passou no exame. (e = mas)
- Trabalhou muito, **e** não obteve sucesso. (e = mas)

4.2.1.2.2 Coordenadas adversativas

São aquelas que promovem oposição, ressalva, contraste. A ideia contida na oração adversativa se contrapõe à da oração assindética.

> As principais conjunções adversativas são: mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, ao passo que, senão (= do contrário, mas sim, porém), antes (= mas, pelo contrário).

- Aprecia frutos do mar, **mas** não gosta de lagosta.
- Não foi ao shopping, **antes** preferiu o velho futebol do sábado à tarde.
- Eu sou pobre, **ao passo que** ele é muito rico.
- Ele gosta muito da praia, **entretanto** não aprecia muito os vendedores ambulantes.
- Não obteve a aprovação desejada, **senão** vaias de todos os lados.

⇨ **Observações:**

a) A oração adversativa equivale à oração subordinada concessiva, uma vez que ambas promovem as relações de oposição. Observe:

- Ele não bebe, mas fuma muito. ⇨ Embora fume muito, ele não bebe.

b) A conjunção coordenada adversativa pode aparecer deslocada dentro da oração sindética. Quando isso acontece, o emprego da vírgula se torna obrigatório para isolar a conjunção. Veja:

- Sempre apreciou vinhos do porto, **mas** os bebe moderadamente.
- Sempre apreciou vinhos do porto; bebe-os, **porém**, moderadamente. (Conjunção deslocada)
- Sempre apreciou vinhos do porto; bebe-os moderadamente, **contudo**. (Conjunção deslocada)

c) Algumas bancas elaboradoras de provas têm explorado as palavras "entretanto" e "no entanto" não como conjunções adversativas, mas como advérbios de tempo, com o sentido de "entrementes, neste ínterim, nesse momento". Observe os exemplos abaixo:

- Todos velavam o corpo na na sala. nesse ínterim, nesse meio-tempo **Entretanto**, João, o viúvo, conversava longamente no jardim com uma comadre.

> Este advérbio de tempo equivale a "entrementes".

- A música da orquestra penetrou na sala. nesse tempo, nesse momento **No entanto**, todos olhavam de um lado para o outro querendo saber de onde vinha aquela melodia.
- O jogador fora para o Japão a fim de disputar um campeonato. nesse tempo, nesse meio-tempo **Entretanto**, nasceu sua filha, bela e de olhos verdes.

4.2.1.2.3 Coordenadas alternativas

São aquelas que expressam uma alternância, uma disjunção.

> As principais conjunções alternativas são: ou, ou... ou, ora... ora, quer... quer, seja... seja, já... já, talvez... talvez.

- **Ora** o rapaz levantava um braço, **ora** coçava a cabeça, **ora** se espremia na cadeira.
- Responda todo o capítulo do livro **ou** não sairá no intervalo.
- **Quer** ele falasse, **quer** ele ficasse calado, todos o recriminavam.

4.2.1.2.4 Coordenadas conclusivas

São aquelas que exprimem uma conclusão, uma dedução lógica da ideia contida na oração precedente.

> As principais conjunções conclusivas são: logo, pois (posposto ao verbo), portanto, por isso, por conseguinte.

- Ele estuda bastante, **logo** será aprovado em breve.
- A testemunha foi intimada, **por conseguinte** deveria comparecer.
- A empresa não enviou a proposta, **portanto** está fora da licitação.

4.2.1.2.5 Coordenadas explicativas

São aquelas que justificam a informação da oração precedente; fornecem, portanto, uma explicação, um motivo.

> As principais conjunções explicativas são: que, porque, pois (anteposto ao verbo), porquanto.

- Não corra, **que** você pode cair.
- Saia da sala agora, **porque** não aceito malcriações.
- Não desanime, **pois** o ânimo é a alma do negócio.

⇨ **Observação:**

Não se esqueça de que após orações imperativas (aquelas que dão "ordem" ou fazem um "pedido"), a estrutura que se segue é geralmente explicativa. Veja:

- Não deixe os estudos, **porque** a vida não está fácil.
  oração coordenada explicativa

4.2.2 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

Orações Coordenadas

1. Teimou em contratar os serviços de uma empresa, se bem que não houvesse necessidade.

Comece com: Não havia necessidade...

a) porém
b) ainda que
c) visto que
d) portanto
e) porque

2. (UCDB-MT) “Podemos falar qualquer coisa: estou absolutamente calmo”.

Os dois-pontos do período acima poderiam ser substituídos pela conjunção:

a) e.
b) portanto.
c) logo.
d) pois.
e) mas.

(FCC-PR) As questões de 3 a 8 apresentam um período que você deverá modificar, iniciando-o conforme se sugere, **mas sem alterar a ideia contida no primeiro**. Em consequência, outras partes da frase sofrerão alterações. Assinale a alternativa que contém o elemento adequado ao novo período.

Exemplo:

Abraçou-me com tal ímpeto, que não pude evitá-lo.

Comece com: Não pude evitá-lo...

a) assim
b) quando
c) à medida que
d) então
e) porque

Neste caso, a resposta correta é E, pois a frase transformada seria:

Não pude evitá-lo, porque abraçou-me com grande ímpeto.

3. Espere até tarde, que ele aparecerá.

Comece com: Ele aparecerá...

a) assim que
b) quando
c) para que
d) enquanto
e) portanto

4. Não se preocupe, que breve estarei de volta.
Comece com: Breve estarei...

a) para que
b) logo que
c) porém
d) logo
e) senão

5. Dada a falta de meios, recorreu à caridade.
Comece com: Faltavam-lhe os meios...

a) mas
b) nem
c) quando
d) portanto
e) visto que

6. Não posso atendê-lo, porque não é lícito o que requereu.
Comece com: Requereu o que não é lícito...

a) depois
b) porém
c) em que
d) visto que
e) portanto

7. Como todos tivessem terminado o trabalho, permiti-lhes que saíssem mais cedo.
Comece com: Todos já tinham terminado o trabalho...

a) visto que
b) porque

c) contudo
d) logo
e) a fim de que

8. Insiste em sair sozinho, conquanto mal conheça a cidade.

Comece com: Mal conhece a cidade...

a) por isso
b) então
c) no entanto
d) logo
e) em consequência

9. (PUC-RS) "Todos os dias esvaziava uma garrafa, colocava dentro sua mensagem, e a entregava ao mar. Nunca recebeu resposta. Mas tornou-se alcoólatra". (Marina Colasanti)

*O conectivo **mas**, que introduz a conclusão do conto – **tornou-se alcoólatra** –, permite a seguinte interpretação:*

I. A personagem tornou-se alcoólatra porque nunca recebeu uma resposta.
II. O fato aconteceu porque a personagem escreveu muitas mensagens.
III. A solidão sem remédio tem sempre como consequência o vício.
IV. Esvaziou muitas garrafas. Enviou muitas mensagens. Não recebeu resposta. Mas, como tinha bebido todos os dias, tornou-se alcoólatra.

*Analise as afirmações e, a seguir, assinale a alternativa **correta**.*

a) Somente a afirmação IV está correta.
b) Somente a afirmação I está correta.
c) Somente as afirmações I e II estão corretas.
d) Somente a afirmação III está correta.
e) Somente as afirmações II e III estão corretas.

10. (PUC-SP) "Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da caatinga rala". (Graciliano Ramos, Vidas secas)

*É **correto** dizer que:*

a) a primeira e a segunda orações são coordenadas assindéticas.
b) a primeira oração é coordenada assindética e a segunda é adversativa.
c) há sete orações coordenadas no período.
d) há seis orações coordenadas e duas subordinadas.
e) n.d.a.

4.3 PERÍODO COMPOSTO POR SUBORDINAÇÃO

4.3.1 NOÇÕES INTRODUTÓRIAS

Antes de mais nada, é fundamental lembrar que no período composto por coordenação as orações se classificam em assindéticas (sem conectivo) e sindéticas (com conectivo). Já no período composto por subordinação as orações se classificam em:

a) Oração principal ⇨ é aquela que rege a oração subordinada. Não é principal porque contém algo a mais do que a subordinada, mas sim porque possui uma outra oração a qual exercerá uma função sintática em relação àquela.

b) Oração subordinada ⇨ é a oração que exercerá uma função sintática (sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto, predicativo, agente da passiva, adjunto adnominal ou adjunto adverbial) para uma outra oração a qual lhe servirá como oração principal.

Observe:

- Ele pediu que ninguém se atrasasse.
  Or. principal — Or. subordinada
- A lei foi promulgada quando o sol já ia se pôr.
  Or. principal — Or. subordinada
- Vi muitos alunos que estudavam no pátio do colégio.
  Or. principal — Or. subordinada

As orações subordinadas podem exercer funções típicas do substantivo, do adjetivo e do advérbio. Daí serem classificadas em:

a) Subordinadas substantivas ⇨ exercem as funções típicas de um substantivo que são: sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto, predicativo e agente da passiva.

) Subordinadas adjetivas ⇨ exercem uma função típica do adjetivo, qual seja, “adjunto adnominal”.

) Subordinadas adverbiais ⇨ exercem a função típica do advérbio: adjunto adverbial.

4.3.2 ORAÇÕES SUBSTANTIVAS

Antes de entrarmos propriamente no assunto, observe os exemplos abaixo:

- Não convém o retorno dele amanhã. (sujeito) ➡ Não convém que ele retorne amanhã. (sujeito)
- Todos eram favoráveis ao retorno dele amanhã. (complemento nominal) ➡ Todos eram favoráveis a que ele retornasse amanhã. (complemento nominal)
- Todos desejam uma coisa: o retorno dele amanhã. (aposto) ➡ Todos desejam uma coisa: que ele retorne amanhã. (aposto)
- O mais importante era o retorno dele amanhã. (predicativo) ➡ O mais importante era que ele retornasse amanhã. (predicativo)
- Todos querem o retorno dele amanhã. (objeto direto) ➡ Todos querem que ele retorne amanhã. (objeto direto)
- Todos precisam do retorno dele amanhã. (objeto indireto) ➡ Todos precisam de que ele retorne amanhã. (objeto indireto)

Creio que tenha percebido que os termos destacados na coluna da direita são representados na esquerda por orações. Logo, o “sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto, predicativo e agente da passiva” podem aparecer tanto como termos simples como em forma de orações. As orações que exercem tais funções são denominadas de “orações subordinadas substantivas”.

Recapitulando: Elas são subordinadas porque dependem sintaticamente uma da outra, já que uma exercerá uma função sintática para a outra. São denominadas de substantivas porque exercem funções típicas do substantivo, quais sejam: sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto, predicativo e agente da passiva.

⇨ Observação importante:

As orações subordinadas substantivas são geralmente introduzidas pelas conjunções integrantes "**QUE**" ou "**SE**". No entanto, outros conectores podem aparecer com uma função integrante. Passemos agora a estudar detalhadamente uma por uma.

4.3.2.1 Substantivas subjetivas

São aquelas que exercem a função sintática de sujeito para a oração principal. Nesse caso, o verbo da oração principal deverá estar na 3.ª pessoa do singular, uma vez que todas as orações subordinadas substantivas subjetivas não passam de sujeitos oracionais. Veja os exemplos:

- Cumpre que todos façam a sua parte.
  subjetiva
- Anunciou-se que o novo pacote do governo entrará em vigor amanhã.
  subjetiva
- "Quem com porcos se mistura farelo come". (Dito popular)
  subjetiva
- Não se sabe como ele conseguiu a vitória.
  subjetiva
- Parece que a situação vai piorar.
  subjetiva
- Foi constatado que a testemunha era falsa.
  subjetiva

⇨ Considerações importantes:

a) Perceba que, quando a oração subordinada é substantiva subjetiva, na oração principal não há sujeito, pois o sujeito da oração principal é a outra (oração subjetiva).

b) Observe que, quando a oração subordinada substantiva for subjetiva, a oração principal apresentará um dos seguintes casos:

– verbo na 3.ª pessoa do singular, na voz ativa, sem menção a sujeito;
– voz passiva sintética (VTD/VTDI + SE)

– voz passiva analítica (locução verbal — v. auxiliar + v. principal no particípio)

4.3.2.2 Substantivas objetivas diretas

São aquelas orações que exercem a função de objeto direto para um verbo transitivo direto ou transitivo direto e indireto que se encontra na oração principal.

VTD objetiva direta
- O governo **anunciou** que as novas medidas só entrarão em vigor no mês de março.

- Que a violência no Brasil possui uma causa social, todos já **sabem**.
  objetiva direta VTD

- A Defesa Civil **desconhece** quantos são os desabrigados.
  VTD objetiva direta

- Nunca **diga**: desta água não beberei.
  VTD objetiva direta

VTDI
- Os diretores **informaram** aos funcionários que a nova escala de trabalho valerá a partir de amanhã.
  objetiva direta

4.3.2.3 Substantivas objetivas indiretas

São as orações que exercerão a função sintática de objeto indireto para um verbo transitivo indireto ou transitivo direto e indireto que se encontra na oração principal. As orações objetivas indiretas são sempre introduzidas por uma preposição.

- Nada **obsta** a que você estude mais esta noite.
  VTI objetiva indireta

- Nunca **se esqueça** de que a vida não é fácil.
  VTI objetiva indireta

- Tudo **depende** de que o avião saia na hora certa.
  VTI objetiva indireta

- **Avisei**-o de que a nova diretoria assumirá na próxima semana.
  VTDI objetiva indireta

⇨ Observação:

Saliente-se, mais uma vez, que as orações objetivas indiretas são introduzidas por uma preposição requerida pela regência de um verbo transitivo indireto ou transitivo direto e indireto. Observe abaixo como se dá esse uso da preposição:

SE DIZEMOS...	DEVEMOS DIZER...
Não dou importância **à** tua intervenção.	Não dou importância **a** que tu intervenhas.
Precisamos **de** sua ajuda.	Precisamos **de** que você ajude.
O diretor se opôs **à** participação dos funcionários.	O diretor se opôs **a** que os funcionários participassem.
Queixou-se **da** ausência dos amigos.	Queixou-se **de** que os amigos estão ausentes.
Insistiu **em** nossa participação no evento.	Insistiu em que nós participássemos do evento.

4.3.2.4 Substantivas completivas nominais

São aquelas que exercem a função de complemento nominal para um nome que se encontra na oração principal. Observe atentamente os exemplos abaixo:

- Ele tem sempre a **impressão** de que vozes do outro mundo o chamam.
  nome — completiva nominal
- Os sem-terras desrespeitaram a **recomendação** de que não invadissem aquela parte da fazenda.
  nome — completiva nominal
- O rapaz mostrava-se profundamente **ansioso** por que sua noiva voltasse.
  nome — completiva nominal
- O Presidente se apresentou bastante **convencido** de que o novo pacote econômico dará certo.
  nome — completiva nominal

⇨ Observações importantes:

a) O complemento nominal é um termo integrante da oração que obrigatoriamente vem regido por uma preposição. Da mesma forma acontece com a oração completiva nominal. Não raro, entretanto, encontram-se em bons escritores exemplos de complementos nominais oracionais com a preposição oculta. Daí se aceitarem como

corretas as seguintes construções:

- Mostrava-se desejoso **de** que ele voltasse amanhã. /ou/ ▸ Mostrava-se desejoso que ele voltasse amanhã.
- O jogador estava certo **de** que ficaria no banco de reservas. /ou/ ▸ O jogador estava certo que ficaria no banco de reservas.
- O orador não tinha dúvidas **de** que o próximo seria ele. /ou/ ▸ O orador não tinha dúvidas que o próximo seria ele.
- "Estou ansioso que ele chegue e que nos ouça." (Camilo Castelo Branco)
- "Não é preciso dizer que também eu ficara em brasas, ansioso que a aula acabasse." (Machado de Assis)
- "Estou certo, disse ele, piscando-me o olho, que dentro de um ano a vocação eclesiástica do nosso Bentinho se manifesta clara e decisiva." (Machado de Assis)
- "Apenas ela dobrava a esquina o conciliábulo juntava-se logo a cochichar. Tinham a certeza que se ia encontrar com o peralta." (Eça de Queiroz)

b) É importante não confundir as orações completivas nominais com as objetivas indiretas. Para evitar tal equívoco, consulte a diferença entre o objeto indireto e o complemento nominal.

4.3.2.5 Substantivas predicativas

São as orações que exercem a função de predicativo para a oração principal. Convém notar que na oração principal sempre aparecerá um verbo de ligação — geralmente o verbo "SER" — quando a oração subordinada for classificada como predicativa.

- O fundamental **é** (VL) que ele não desfaleça em sua fé (predicativa).
- Quem menos fala **é** (VL), muitas vezes, quem menos sabe (predicativa).
- Minha maior esperança **era** (VL) que o dinheiro fosse imediatamente liberado (predicativa).
- O certo **seria** (VL) que a lei fosse para todos (predicativa).

4.3.2.6 Substantivas apositivas

Exercem a função de aposto para um substantivo ou termo substantivado presente na oração principal. Geralmente a oração apositiva aparece depois de dois pontos ou, mais raramente, de vírgula.

apositiva

- O pai, preocupado, disse-lhe **isto**: estude bastante para suas provas, meu filho.

- Diga-me agora uma **coisa**, este livro é para concursos públicos?
  apositiva

- Uma única **indagação** ficou em discussão: que faria agora ele sem o emprego?
  apositiva

⇨ **Observação importante:**

Não é o fato de conter os dois pontos ou qualquer outro sinal de pontuação que a oração será apositiva. É imprescindível que, primeiro, antes da classificação, perceba-se se a oração efetivamente possui a função de aposto. Observe:

voz passiva analítica

- Na porta da sala **foi escrito** em letras garrafais: "O Senhor é o meu Pastor e nada me faltará."
  subordinada substantiva subjetiva

voz passiva sintética

- Na porta da sala **se escreveu** em letras garrafais: "O Senhor é o meu Pastor e nada me faltará."
  subordinada substantiva subjetiva

VTD

- Na porta da sala, um painel **avisava** em letras garrafais: "O Senhor é o meu Pastor e nada me faltará."
  subordinada substantiva objetiva direta

substantivo

- Na porta da sala, havia um **aviso** em letras garrafais: "O Senhor é o meu Pastor e nada me faltará."
  subordinada substantiva apositiva

4.3.2.7 Substantivas agente da passiva

São as orações que exercem a função sintática de agente da passiva. São, assim como o agente da passiva o é, introduzidas por uma das preposições "de, por, pelo, pela, pelos, pelas." Esse tipo de oração não é reconhecido pela NGB — Nomenclatura

Gramatical Brasileira.

- Um dia todos nós seremos julgados por quem nos criou.
  oração agente da passiva

- Este prédio foi construído por quem entende de construção.
  oração agente da passiva

4.3.3 EMPREGO DA CONJUNÇÃO INTEGRANTE NA SEGUNDA ORAÇÃO SUBSTANTIVA COORDENADA

Quando a uma proposição subordinada substantiva, que começa pela conjunção integrante "que", une-se outra proposição subordinada por meio da conjunção coordenativa aditiva "e" ou da conjunção alternativa "ou", pode-se repetir ou não a conjunção integrante. A repetição confere maior clareza ao enunciado, pois evita que se tome a segunda oração como uma oração principal. Por isso, nos grandes escritores, não raro se encontram exemplos em que há a repetição da conjunção integrante.

Suponha que se queira construir um período composto por subordinação a partir do período simples a seguir:

- Pedi ao governo
  - a diminuição dos juros.
  - o aumento do acesso ao crédito.

Teremos então duas possibilidades...

- Pedi ao governo
  - que diminuísse os juros.
  - E
  - que aumentasse o acesso ao crédito.

Ou então...

- Pedi ao governo
  - que diminuísse os juros.
  - E
  - aumentasse o acesso ao crédito. (elipse da conjunção na segunda oração)

Outros exemplos:

- Rogo-te **que** desças ao porto, e lhes saias ao encontro, e os recebas humanamente em tua casa." (Pe. Manuel Bernardes)

- “Quero **que** vejas, **que** ouças, e **que** me digas tudo quanto ele fizer.” (Rebêlo da Silva *apud* Mário Barreto)
- “Disseram-lhe **que** estava em Paris e **que** a família se retirara a uma quinta das margens do Minho.” (Camilo C. Branco)
- “Um dia em que ele, como sempre, cheio de solicitude, perguntava pelo ‘seu doente’ disseram-lhe **que** José estava livre de maior perigo e **que** o restabelecimento seria completo com a viagem à Europa.” (Aluísio Azevedo)
- “Pareceu-lhe **que** era bastante a sua piedade e ela ia de algum modo dar lenitivo ao sofrimento do padrinho.” (Lima Barreto)
- “Era necessário, Sr. Presidente, **que** se estabelecesse a discussão sobre a matéria principal, e **que** os nobres deputados nos dissessem quais são as suas ideias.” (Rui Barbosa)

4.3.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

Orações Subordinadas Substantivas

1. (PUC-SP) “Pode-**se** dizer **que a tarefa crítica é puramente formal**”.

   No texto acima, temos uma oração destacada que é ... e um se que é ... .

   a) substantiva objetiva direta – partícula apassivadora.
   b) substantiva predicativa – índice de indeterminação do sujeito.
   c) relativa – pronome reflexivo.
   d) substantiva subjetiva – partícula apassivadora.
   e) adverbial consecutiva – índice de indeterminação do sujeito.

2. (FCE-SP) “Os homens sempre se esquecem **de que somos todos mortais**”. A oração destacada é:

   a) substantiva completiva nominal.
   b) substantiva objetiva indireta.
   c) substantiva predicativa.
   d) substantiva objetiva direta.
   e) substantiva subjetiva.

3. (UCMG) Há oração subordinada substantiva apositiva em:

a) Na rua perguntou-lhe em tom misterioso: onde poderemos falar à vontade?
b) Ninguém reparou em Olívia: todos andavam como pasmados.
c) As estrelas que vemos parecem grandes olhos curiosos.
d) Em verdade, eu tinha fama e era valsista emérito: não admira que ela me preferisse.
e) Sempre desejava a mesma coisa: que a sua presença fosse notada.

4. (Cefet-MG) "Já era noite. Parecia viável **que todos entendessem** que, naquele momento, deviam-se lembrar **de que nada é eternamente assim**. Mas nada acontecia. A verdade é **que todos estavam extasiados** e certos **de que não há prazeres no mundo**".

As orações destacadas são, respectivamente, subordinadas substantivas:

a) subjetiva, subjetiva, subjetiva e completiva nominal.
b) subjetiva, objetiva direta, subjetiva e completiva nominal.
c) objetiva direta, subjetiva, predicativa e objetiva indireta.
d) subjetiva, objetiva indireta, predicativa e completiva nominal.
e) objetiva direta, objetiva indireta, predicativa e objetiva indireta.

5. (FIT-SP) No período "Todos tinham certeza **de que seriam aprovados**", a oração destacada é:

a) substantiva objetiva indireta.
b) substantiva completiva nominal.
c) substantiva apositiva.
d) substantiva subjetiva.
e) n.d.a.

6. (Faap-SP)

"Ouvindo-te dizer: Eu te amo, creio, no momento, que sou amado. No momento anterior e no seguinte como sabê-**lo**."

*O pronome **o** está no lugar da oração:*

a) ouvindo-te.
b) dizer.
c) eu te amo.
d) que sou amado.
e) como saber.

7. (F. Objetivo-SP) No período: “É necessário **que todos se esforcem**”, a oração destacada é:

a) substantiva objetiva direta.
b) substantiva objetiva indireta.
c) substantiva completiva nominal.
d) substantiva subjetiva.
e) substantiva predicativa.

8. (UFAC) No período: “Enfim resolveu o Leão sair para fazer sua pesquisa, verificar **se ainda era o Rei dos Animais**”, a oração em destaque é:

a) subordinada adverbial condicional.
b) subordinada substantiva objetiva indireta.
c) subordinada adverbial concessiva.
d) subordinada substantiva objetiva direta.
e) subordinada substantiva predicativa.

9. (FEI-SP) Assinale a alternativa em que a oração destacada é uma subordinada completiva nominal.

a) Este é o relatório **de que lhe falei ontem**.
b) Lembraram-se **de que a reunião fora adiada**.
c) Insisto **em que partas logo**.
d) Espalhou-se a notícia **de que ele chegou**.

10. (PUCC-SP) A alternativa em que se encontra uma oração subordinada substantiva objetiva direta iniciada com a conjunção **se** é:

a) Só obteremos a aprovação se tivermos encaminhado corretamente os papéis.
b) Haverá racionamento de águas em todo o país, se persistir a seca.
c) Falava como se fosse especialista no assunto.
d) Se um deles entrasse, todos exigiriam entrar também.
e) Queria saber dos irmãos se alguém tinha alguma coisa contra o rapaz.

11. (UFPA) Qual o período em que há oração subordinada substantiva predicativa?

a) Meu desejo é que você passe nos exames vestibulares.
b) Sou favorável a que o aprovem.

c) Desejo-te isto: que sejas feliz.
d) O aluno que estuda consegue superar as dificuldades do vestibular.
e) Lembre-se de que tudo passa neste mundo.

12. (PUC-SP) Nos trechos "... não é impossível **que** a notícia da morte me deixasse alguma tranqüilidade, alívio, e um ou dois minutos de prazer" e "Digo-vos **que** as lágrimas eram verdadeiras", a palavra **que** está introduzindo, respectivamente, orações:

a) subordinada substantiva subjetiva, subordinada substantiva objetiva direta.
b) subordinada substantiva objetiva direta, subordinada substantiva objetiva direta.
c) subordinada substantiva subjetiva, subordinada substantiva subjetiva.
d) subordinada substantiva completiva nominal, subordinada adjetiva explicativa.
e) subordinada adjetiva explicativa, subordinada substantiva predicativa.

13. (UFV-MG) As orações subordinadas substantivas que aparecem no período abaixo são todas subjetivas, **exceto**:

a) Decidiu-se que o petróleo subiria de preço.
b) É muito bom que o homem, vez por outra, reflita sobre sua vida.
c) Ignoras quanto custou meu relógio.
d) Perguntou-se ao diretor quando seríamos recebidos.
e) Convinha-nos que você estivesse presente à reunião.

14. (UFU-MG) Na frase "argumentei **que não é justo que o padeiro ganhe festas**", as orações destacadas, introduzidas por **que**, são, respectivamente:

a) ambas subordinadas substantivas objetivas diretas.
b) ambas subordinadas subjetivas.
c) subordinada substantiva objetiva direta e subordinada substantiva subjetiva.
d) subordinada objetiva direta e coordenada assindética.
e) subordinada substantiva objetiva direta e subordinada substantiva predicativa.

15. (PUCC-SP) Assinale a alternativa cuja oração subordinada é substantiva predicativa.

a) Espero que venhas hoje.
b) O aluno que trabalha é bom.
c) Meu desejo é que te formes logo.

d) És tão inteligente como teu pai.
e) n.d.a.

16. (UFMG) Na frase: “Maria do Carmo tinha a certeza **de que estava para ser mãe**”, a oração em destaque é:

a) subordinada substantiva objetiva indireta.
b) subordinada substantiva completiva nominal.
c) subordinada substantiva predicativa.
d) coordenada sindética conclusiva.
e) coordenada sindética explicativa.

17. (FCMSC-SP) A palavra **se** é conjunção subordinada integrante (por introduzir oração subordinada substantiva objetiva direta) em qual das orações seguintes?

a) em qual das orações seguintes?
a) Ele se morria de ciúmes pelo patrão.
b) A Federação arroga-se o direito de cancelar o jogo.
c) O aluno fez-se passar por doutor.
d) Precisa-se de pedreiros.
e) Não sei se o vinho está bom.

18. (Fesp-SP) “Lembro-me **de que ele só usava camisas brancas**”. A oração em destaque é:

a) substantiva completiva nominal.
b) substantiva objetiva indireta.
c) substantiva predicativa.
d) substantiva subjetiva.
e) n.d.a.

19. (F. Objetivo-SP) “A verdade é **que a gente não sabia nada**...”

Classifica-se a segunda oração como:

a) subordinada substantiva objetiva direta.
b) subordinada adverbial conformativa.
c) subordinada substantiva objetiva indireta.
d) subordinada substantiva predicativa.

e) subordinada substantiva apositiva.

20. (UFSCar-SP) Marque a opção que contém oração subordinada substantiva completiva nominal.

a) “Tanto eu como Pascoal tínhamos medo de que o patrão topasse Pedro Barqueiro nas ruas da cidade”.
b) “Era preciso que ninguém desconfiasse do nosso conluio para prendermos o Pedro Barqueiro”.
c) “Para encurtar a história, patrãozinho, achamos Pedro Barqueiro no rancho, que só tinha três divisões: a sala, o quarto dele e a cozinha”.
d) “Quando chegamos, Pedro estava no terreiro debulhando milho, que havia colhido em sua rocinha, ali perto”.
e) “Pascoal me fez um sinalzinho, eu dei a volta e entrei pela porta do fundo para agarrar o Barqueiro pelas costas”.

Continuemos nossa jornada dentro do período composto. Já estudamos as orações coordenadas e as subordinadas substantivas. Espero que a esta altura já saiba discernir entre um período composto por coordenação e um composto por subordinação. É fundamental também ter percebido que as funções sintáticas como o sujeito, o objeto direto, o objeto indireto etc. podem ser expressadas por meio de orações denominadas substantivas. A partir de agora, veremos o adjunto adnominal e o adjunto adverbial em forma de orações. Bons estudos!

4.3.5 ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS

As orações subordinadas adjetivas são aquelas que possuem o valor de um adjetivo; exercem a função sintática de adjunto adnominal de um substantivo ou pronome antecedente.

A principal característica das orações adjetivas é que são introduzidas por um pronome relativo (que, quem, onde, o qual, a qual, os quais, as quais, cujo, cuja, cujos, cujas, quanto, quanta, quantos e quantas). Por isso, as orações adjetivas são também denominadas de “orações relativas”.

4.3.5.1 Emprego e funções sintáticas dos pronomes relativos

Antes de estudarmos as orações adjetivas, convém analisar e conhecer melhor os ditos pronomes relativos. Frequentemente estes pronomes têm sido usados para a construção de inúmeras questões as quais, não raro, embaraçam os candidatos. Neste momento, é importante que o estudante apreenda o emprego de cada um deles bem como a função

sintática exercida na oração. Vamos lá!

1. Que ⇨É denominado de “relativo universal”, porque se refere tanto a coisas quanto a pessoas. Seus equivalentes variáveis são “a qual, o qual, as quais, os quais”. O relativo “que” só deve ser substituído por outro relativo em casos específicos. Pode desempenhar as seguintes funções sintáticas:

a) Sujeito:

- Na árvore havia dois papa-capins **que** cantavam melodiosamente.
  papa-capins cantavam melodiosamente

- O país **que** não investe em educação está fadado à miséria social.
  o país não investe em educação

b) Objeto direto:

- Os dois livros **que** aqueles alunos compraram vão ser usados por toda a turma.
  aqueles alunos compraram os dois livros

- As poesias, **que** ao filho mais novo o pai deu, pertenciam a um grande poeta popular.
  o pai deu ao filho mais novo as poesias

c) Objeto indireto:

- Os livros **de que** os alunos precisam já estão à disposição deles na biblioteca.
  os alunos precisam dos livros.

- As ideias **a que** o professor se referiu foram condenadas pela arquidiocese.
  o professor se referiu às ideias

d) Complemento nominal:

- Os insetos **de que** a mulher tinha mais medo eram as baratas.
  a mulher tinha mais medo dos insetos

- A luz acesa era para ele um ritual **por que** mantinha um profundo respeito.
  ele mantinha um profundo respeito pelo ritual

e) Predicativo do sujeito:

- O grande aluno **que um dia eu fui** já não mais existe.
  um dia eu fui um grande aluno

- O cantor **que ele era** deixou saudades.
  ele era cantor

f) Agente da passiva:

- O amigo **por que ele foi traído** viajou para a Europa.
  ele foi traído pelo amigo

- O olhar **por que Mariazinha havia sido dominada** a abandonou no meio do romance.
  Mariazinha havia sido dominada pelo olhar

g) Adjunto adverbial:

- A cidade **em que nasci** fica perto de Recife.
  eu nasci na cidade

- O departamento **a que ele se dirigiu** fica no oitavo andar.
  ele se dirigiu ao departamento

2. Quem ⇨ É denominado de "relativo personativo", pois só se refere a pessoas. Sempre virá precedido de uma preposição.

- O homem **a quem ela se referiu** tornou-se o delegado da cidade. (a quem = objeto indireto)
  ela se referiu ao homem

- O diretor financeiro **com quem nós mantínhamos mais contato** era o Sr. Rodrigo. (com quem = complemento nominal)
  nós mantínhamos mais contato com o diretor financeiro

3. Onde ⇨ É denominado de "relativo locativo", pois só é utilizado para retomar e substituir termos que contenham a noção de "lugar". Equivale a "em que" e variações (na qual, no qual, nas quais, nos quais).

- O templo **onde se prega mais o cristianismo** fica em Roma. (onde = adjunto adverbial de lugar)
  prega-se mais o cristianismo no templo.

- A cidade **onde eu nasci** fica a 123 Km de Recife. (onde = adjunto adverbial de lugar)
  eu nasci na cidade.

4. O qual, a qual, os quais, as quais ⇨ São os relativos que possuem as variações em gênero e número correspondentes ao pronome relativo "que". Esses relativos devem obrigatoriamente substituir o "que" quando este provocar ambiguidade, for precedido por uma preposição com mais de uma sílaba ou for eufonicamente melhor.

- Assisti à cena final daquele filme **que** me deixou bastante emocionado. (Frase ambígua — Quem o emocionou foi a cena ou o filme?)

a cena me deixou bastante emocionado.

- Assisti à cena final daquele filme **a qual** me deixou bastante emocionado. (a qual = sujeito)

corriam águas extremamente poluídas sobre a ponte

- A ponte **sobre a qual** corriam águas extremamente poluídas era pênsil. (sobre a qual = adjunto adverbial de lugar)

a maioria do colegiado votou contra a proposta

- A proposta **contra a qual** a maioria do colegiado votou vai ser objeto de nova apreciação. (contra a qual = objeto indireto)

5. Cujo, cuja, cujos, cujas ⇨ São relativos utilizados para substituir termos que expressam noção de posse. Equivalem a "do qual, da qual, dos quais, das quais, seu, sua, seus, suas, dele, dela, deles, delas". Eles retomam um termo antecedente, mas concordam em gênero e número com o substantivo consequente (ou posposto). Não admitem a posposição de artigo e sempre exercem a função sintática de adjunto adnominal.

os princípios do homem (ou "os seus princípios) não são sólidos

- O homem **cujos** princípios não são sólidos está mais sujeito às intempéries da vida. (cujos = adjunto adnominal)

eu já não mais me lembro dos nomes dos filmes

- Alguns filmes **de cujos** nomes já não mais me lembro imortalizaram muitos artistas. (cujos = adjunto adnominal)

alguns trabalhadores descansavam sob a sombra da árvore

- A árvore **sob cuja sombra** alguns trabalhadores descansavam era centenária. (cuja = adjunto adnominal)

6. Quanto, quanta, quantos, quantas ⇨ Estas palavras só serão consideradas pronomes relativos quando vierem antecedidas por um dos seguintes pronomes indefinidos "tudo, todo (a), todos (as)":

- Doou tudo **quanto** tinha em casa para o abrigo São Francisco. (quanto = objeto direto)
- Nenhuma obra de arte rara de todas **quantas** levei sequer levou algum arranhão.

(quantas = objeto direto)

⇨ Consideração importante:

Perceba que o pronome relativo exerce, ao mesmo tempo, uma função conectiva (une, liga, conecta uma oração à outra) e uma função sintática em relação à oração que ele introduz. Além do mais, o conteúdo acima será bastante útil quando estudarmos "regência". Portanto, se restou alguma dúvida, revise o assunto.

Após este estudo, voltemos à análise do adjetivo em forma de oração. Observe o raciocínio abaixo:

- A escola aprecia bastante alunos **estudiosos**.
  adjetivo = adjunto adnominal
- A escola aprecia bastante alunos **que estudam**.
  oração subordinada adjetiva

Perceba que o adjetivo simples (estudiosos) foi substituído pela oração (que estudam). A oração literalmente fica no lugar do adjetivo. Daí porque ser denominada de oração adjetiva.

4.3.5.2 Classificação das orações subordinadas adjetivas

As orações subordinadas adjetivas são classificadas em:

4.3.5.2.1 Restritivas

Restringem, particularizam, limitam a significação do substantivo ou pronome substantivo antecedente. Indicam que a informação prestada pela oração não se aplica ao todo, mas tão somente a uma parte do todo. Geralmente aparecem dentro da estrutura oracional sem virgulação. Ademais, as orações adjetivas restritivas não podem ser retiradas da oração, pois são indispensáveis ao sentido geral do enunciado.

Exemplos:

- O homem que caminhava na calçada da direita olhava-nos com desdém.
  adjetiva restritiva

> Observe que pelo enunciado "há outros homens que caminhavam na calçada esquerda".

- Os que lutam são os que vencem.
  adjetiva restritiva adjetiva restritiva

Leia da seguinte forma: "Aqueles que lutam são aqueles que vencem". Perceba que não são todos que lutam, logo não são todos que vencem. Por isso, são orações restritivas.

adjetiva restritiva

- Os alunos que permanecerem na quadra após o toque serão suspensos das atividades escolares.

Não serão todos os alunos suspensos das atividades escolares, mas apenas os que permanecerem na quadra após o toque.

- O homem que trabalha não passa necessidade.

adjetiva restritiva

Não são todos os homens que trabalham. Apenas os que trabalham não passam necessidade.

Observe abaixo um recurso prático para não mais se confundir com as orações restritivas:

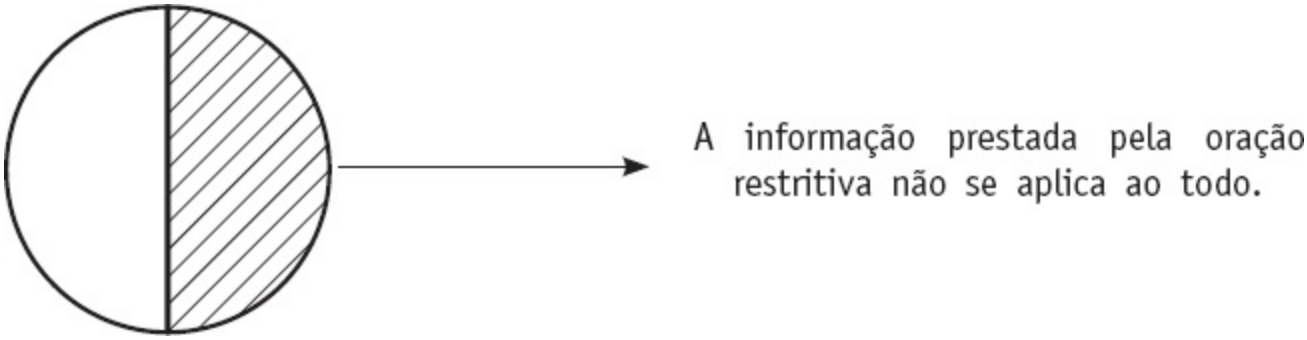

4.3.5.2.2 Explicativas

Explicam, estendem o significado, exprimem o sentido geral do substantivo antecedente. Geralmente o substantivo ou pronome substantivo representa um ser único. As orações adjetivas explicativas possuem um valor aproximado de um aposto explicativo. Podem, portanto, ser retiradas da oração sem prejuízo para o sentido. Aparecem na escrita isoladas por vírgula(s).

Exemplos:

oração subordinada adjetiva explicativa

- Minha mãe, que é uma mulher de seus sessenta anos, vai regularmente à igreja.

oração subordinada adjetiva explicativa

- O sol, que é o centro do nosso sistema, tem perdido calor nas últimas décadas.

oração subordinada adjetiva explicativa

- Jesus Cristo, que representa o maior ícone do cristianismo, deu grandes lições de vida.

- Ela se dirigiu para a mansão da família, onde todos lá a esperavam.
  oração subordinada adjetiva explicativa

⇨ Observação:

Perceba que as orações subordinadas adjetivas explicativas se referem a seres únicos, individualizados. Logo, a informação prestada pela oração explicativa se aplica ao substantivo antecedente de forma totalitária. Observe a diagramação abaixo:

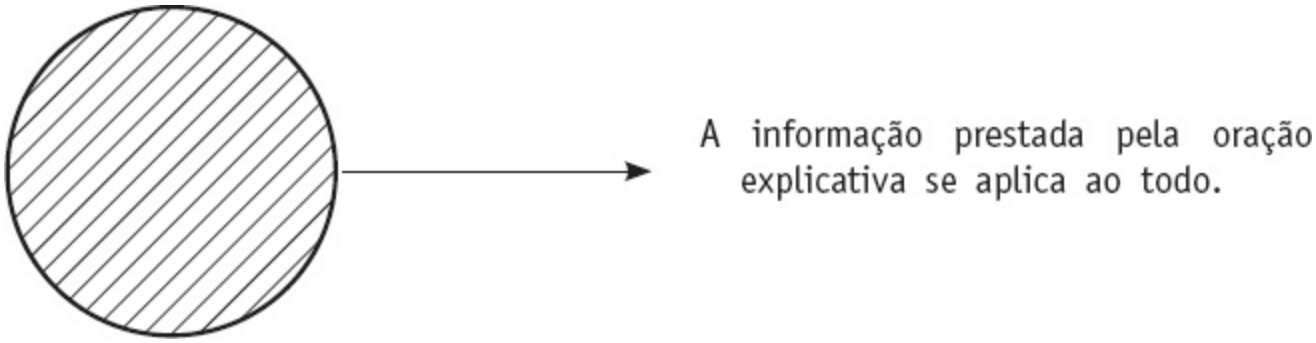

⇨ Consideração importante sobre as orações adjetivas explicativas:

Há orações adjetivas que só podem ser explicativas, pois, como já dissemos, aplicam-se a seres únicos, individualizados. Observe abaixo os exemplos:

- O pai falava irritado com a única filha, que permanecia calada e cabisbaixa.
  oração subordinada adjetiva explicativa

oração subordinada adjetiva explicativa

- Sócrates, que foi condenado à ingestão de veneno, não deixou nada do seu pensamento por escrito.

- O avião sobrevoava agora a cidade de São Paulo, que se tornou a maior metrópole da América Latina.
  oração subordinada adjetiva explicativa

4.3.5.3 O emprego da vírgula com as orações adjetivas – Distinção entre restrição e explicação

Como já pudemos estudar acima, as orações adjetivas se classificam em restritivas e explicativas. Entretanto, esta classificação não se dá meramente pelo emprego ou não da vírgula, como pensam muitos estudantes. Ser "restritiva" ou "explicativa" depende, na maioria dos casos, do sentido que se pretende dar ao substantivo antecedente.

Há orações, como já vimos, que só podem ser explicativas ou restritivas. Não há variações. Observe a seguir:

- O homem que fuma (oração adjetiva restritiva) geralmente incomoda os outros.

> Neste período não são todos os homens que fumam. Logo, não são todos que incomodam os outros. Só incomodam aqueles que fumam. Portanto, a oração é essencialmente restritiva.

- O homem, (oração adjetiva explicativa) que é mortal, deve sempre buscar as coisas mais nobres e sublimes da vida.

> Já neste período, a informação "que é mortal" se aplica indistintamente a todos os homens. Portanto, a oração é essencialmente explicativa.

Entretanto, há orações adjetivas que podem ser tanto restritivas quanto explicativas, dependendo do sentido que lhes queiramos dar.

> Fique atento!! Muitas questões de provas exploram esse conhecimento. Portanto, estude com atenção.

Observe os exemplos abaixo:

- A empresa tem 300 funcionários que moram em Olinda.
- A empresa tem 300 funcionários, que moram em Olinda.

Perceba que na primeira estrutura — oração adjetiva restritiva — não se pode dizer exatamente quantos funcionários possui a empresa. Sabe-se tão somente que ela possui 300 que residem na cidade de Olinda. Já na segunda estrutura — adjetiva explicativa — a empresa só possui 300 funcionários e todos residem em Olinda. Acompanhe esta explicação nas diagramações abaixo.

Oração subordinada adjetiva restritiva

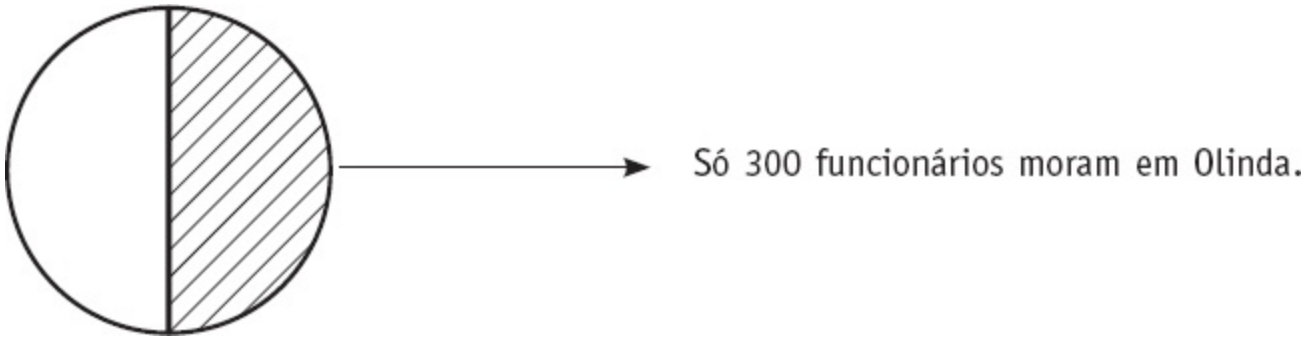

Oração subordinada adjetiva explicativa

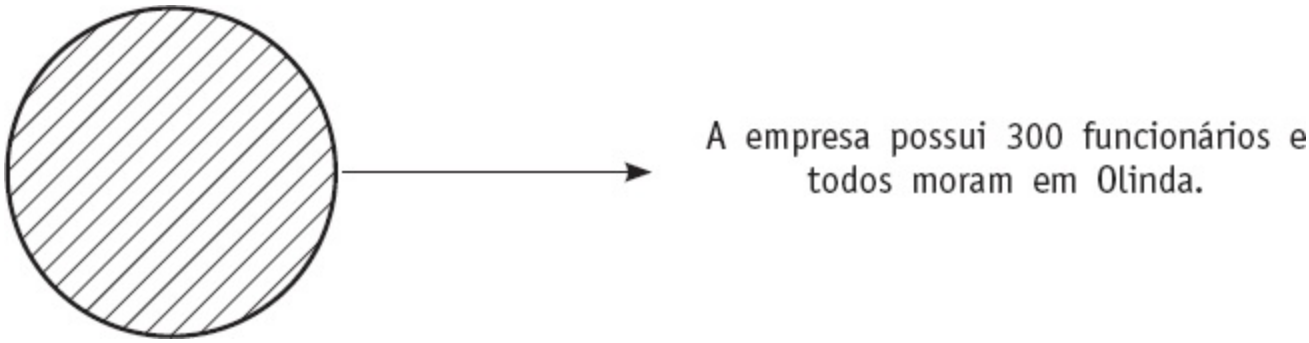

Observe outros exemplos:

adjetiva restritiva

- Os discos antigos que ele herdou de seu avô estão bem conservados. (Fund. Carlos Chagas)

adjetiva explicativa

- Os discos antigos, que ele herdou de seu avô, estão bem conservados. (Fund. Carlos Chagas)

No primeiro exemplo, só estão bem conservados os discos antigos que ele herdou de seu avô. No segundo, todos os discos antigos ele herdou de seu avô e todos estão bem conservados.

adjetiva restritiva

- Os moradores de rua que têm sido vítimas de violência devem ser recolhidos para os abrigos municipais. (Fund. Carlos Chagas)

adjetiva explicativa

- Os moradores de rua, que têm sido vítimas de violência, devem ser recolhidos para os abrigos municipais. (Fund. Carlos Chagas)

Na primeira frase, só os moradores que têm sido vítimas de violência serão recolhidos aos abrigos. Na segunda, todos serão recolhidos aos abrigos, pois todos têm sido vítimas de violência.

adjetiva restritiva

- A lógica da globalização que espolia os mais fracos é fria e calculista. (Fund. Carlos Chagas)

adjetiva explicativa

- A lógica da globalização, que espolia os mais fracos, é fria e calculista. (Fund. Carlos

Chagas)

Na primeira frase, é fria e calculista apenas a lógica da globalização que espolia os mais fracos. No segundo, toda lógica da globalização é fria e calculista porque espolia os mais fracos.

- O autor lamenta a situação dos jovens de hoje que vivem o tempo como uma espécie de presente contínuo.
  adjetiva restritiva

- O autor lamenta a situação dos jovens de hoje, que vivem o tempo como uma espécie de presente contínuo.
  adjetiva explicativa

No primeiro período, o autor só lamenta a situação daqueles jovens que vivem o tempo como uma espécie de presente contínuo. No segundo período, o autor lamenta a situação de todos os jovens, porque todos os jovens vivem o tempo como uma espécie de presente contínuo.

> **Dica:** Procure entender com profundidade a alteração semântica provocada pela retirada ou colocação da(s) vírgula(s) nas orações adjetivas. Certamente você se deparará com uma questão que exigirá esse conhecimento.

4.3.5.4 Omissão do pronome relativo na segunda oração relativa coordenada

Nas orações relativas coordenadas, se a função do relativo é a mesma, é frequente elipsar-se o relativo da segunda oração, principalmente quando a primeira é curta. Observe:

- o relativo foi ocultado na 2.ª oração
  Ontem conversei com o homem que me salvou e me levou ao hospital quando ocorreu o acidente.
  sujeito

- "Encontrando-se Juliano Apóstata com S. Pigménio, presbítero romano, **que** era cego e depois padeceu martírio, como quem o saudava benevolamente, disse...". (M. Bernardes *apud* Mário Barreto)

- "Ao lado do meu leito estava um padre: era o velho abade **que** me batizara e me ensinara a ler." (A. Herculano)

- "O que ele via era a mulher que o fascinara e perdera." (Camilo Castelo Branco)

Se o pronome relativo não desempenhar a mesma função sintática, deve-se repeti-lo obrigatoriamente.

- Ontem conversei com o homem que (que = sujeito) me salvou e que (que = objeto direto) Deus manteve com calma na hora do resgate.
- "A monarquia visigótica procurou imitar do império **que** morrera e **que** ela substituíra." (A. Herculano)
- "A sua companhia era a ama, **que** o amamentara, e **que** Deus, em recompensa, preservou da terribilíssima enfermidade." (Camilo Castelo Branco)

4.3.6 ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS

Antes de adentrar o conteúdo, leia a orientação abaixo:

> Neste assunto você se deparará com uma quantidade considerável de orações e de conectivos. Não se desespere! Primeiro, como já dissemos, procure não decorar as conjunções, mas apreender-lhes as funções. Hoje as bancas examinadoras pouco questionam sobre a nomenclatura das orações. Querem, sim, saber as relações (causa, oposição, consequência, finalidade etc.) proporcionadas pelos conectivos. Por isso, não decore; entenda, compreenda! Vamos lá!

As orações subordinadas adverbiais são aquelas que estabelecem circunstâncias várias para um fato contido na oração principal. Elas exercem, portanto, o papel de adjuntos adverbiais. São, na maioria das vezes, introduzidas pelas conjunções subordinativas adverbiais.

Classificam-se em: causais, consecutivas, concessivas, condicionais, comparativas, conformativas, finais, temporais e proporcionais.

4.3.6.1 Causais

São aquelas que estabelecem a causa, o motivo para o fato (efeito) contido na oração principal.

> As principais conjunções subordinativas causais são: que, porque, já que, uma vez que, visto que, visto como, pois, como (= já que, visto que), porquanto.

- **Como** o dinheiro não foi liberado a tempo, usei o cheque especial.
  adverbial causal

- **Já que** o contrato assim o determina, assim o farei.
  adverbial causal

- Ele foi duramente punido **porquanto** a falta foi comprovada pelos peritos.
  adverbial causal

- Pueril **que** era, sempre se deixava enganar pelos vendedores de plantão.
  adverbial causal

⇨ **Observações:**

a) A conjunção "como" só poderá ser utilizada como causal quando a oração subordinada se antepuser à oração principal.

) Nem sempre é fácil distinguir uma oração subordinada causal de uma oração coordenada explicativa. Alguns critérios, porém, podem ajudar:

— A oração subordinada causal pode ser anteposta à oração principal, ou seja, a causal pode iniciar o período. Já a oração explicativa não pode vir anteposta à oração assindética.

— Comumente o verbo da oração coordenada explicativa aparece no imperativo, com indicação de tempo futuro; o que não ocorre com a subordinada causal.

— É sempre possível a redução da oração subordinada causal para o infinitivo, precedido da preposição "por", fato que não ocorre com a coordenada sindética explicativa.

— A oração explicativa, por fazer parte de um período coordenado, em que as orações são independentes, admitem uma pausa forte, marcada geralmente por vírgula ou por dois-pontos. Este fato não se verifica nas adverbiais causais.

Observe:

- Recolhe-te a tua insignificância, porque já atrapalhastes demais. (Coordenada explicativa)

O verbo da oração antecedente está no imperativo. Não é possível se antepor a segunda oração à primeira. Não é possível reduzir a segunda oração para o infinitivo precedido da preposição "por".

- O governo elevou a taxa de juros, porque o consumo aumentou nas grandes cidades. (Subordinada causal)

O verbo da oração antecedente não se encontra no imperativo. É possível iniciar o

período com a oração em destaque ("Porque o consumo aumentou nas grandes cidades, o governo elevou a taxa de juros".). É igualmente possível a redução da segunda oração para o infinitivo precedido da preposição "por" ("O governo elevou a taxa de juros, por aumentar o consumo nas grandes cidades".)

4.3.6.2 Consecutivas

Estas orações indicam a consequência, o efeito de um fato (causa) contido na oração principal.

> As principais conjunções subordinativas adverbiais consecutivas são: que (precedido dos termos intensificadores "tão, tal, tanto, tamanho"), que (= sem que), sem que, de modo que, de forma que, de sorte que, de maneira que.

- Falou tanto que ficou rouco.
  adverbial consecutiva
- Não vai a um baile de formatura sem que não dance a noite toda.
  adverbial consecutiva
- Eles não discutem futebol que não se exaltem.
  adverbial consecutiva

> Leia da seguinte forma: Eles não discutem futebol, sem que em consequência não se exaltem.

- Agiu intempestiva e descoordenadamente, de forma que toda a plateia o teve como louco.
  Adverbial consecutiva

⇨ Observação:

Em muitas estruturas consecutivas formadas pela correlação "tão, tal, tanto, tamanho... que...", omite-se o primeiro elemento da correlação. Teremos tão somente a conjunção "que" introduzindo a oração consecutiva.

- Saiu do hospital gritando **que** fazia dó.
  (Leia-se → ... gritando TANTO que fazia dó.)
- "Nisto a menina que estava ali a ouvir-me, rompeu a chorar **que** cortava o coração." (Camilo Castelo Branco)
  (... a chorar TANTO que cortava o coração.")
- "Os olhos brilham, o prazer arregaça-lhe o focinho, e as pernas voam **que** parecem

asas.” (Machado de Assis)

(... voam TANTO que parecem asas.”)

4.3.6.3 Concessivas

São as orações que indicam uma oposição, um óbice, um empecilho, um “algo” que poderia impedir a realização do fato contido na oração principal. Uma das principais características deste tipo de oração é a presença de um verbo no modo subjuntivo.

> As principais conjunções subordinativas concessivas são: embora, apesar de que, mesmo que, ainda que, que, sem que (= embora não), conquanto, ainda quando, posto que, por mais que, por muito que, por menos que, se bem que.

- Fez todo o exercício **sem que** ninguém o ajudasse. (adverbial concessiva)
- **Por mais que** o governo se esforce, (adverbial concessiva) a violência continua aumentando nas grandes cidades.
- A proposta foi aprovada sem nenhuma alteração, por incrível **que** pareça. (adverbial concessiva)
- O conhecimento, **que** fosse muito, (adverbial concessiva) não atenuava, naquele momento, a angústia do rapaz.
- **Nem que** o professor quisesse, (adverbial concessiva) ele teria condições de ser aprovado.
- O responsável pelo desfalque deve ser punido, quem quer **que** seja. (adverbial concessiva)

⇨ Considerações importantes:

a) Não se esqueça de que as subordinadas adverbiais concessivas ao lado das coordenadas adversativas promovem as chamadas “relações de oposição” ou “construções contrastivas”. Observe a seguir:

RELAÇÕES DE OPOSIÇÃO OU CONTRASTIVAS

- ADVERSATIVAS (mas, porém, contudo, todavia, entretanto etc.)
- CONCESSIVAS (embora, apesar de que, mesmo que, ainda que etc.)

b) Não confunda a conjunção "conquanto" com a conjunção "porquanto". Esta introduz orações causais ou explicativas, enquanto aquela é puramente concessiva, equivalendo a "apesar de que, mesmo que, ainda que".

) Há outros conectores que também promovem relações de oposição concessiva, como "a despeito de, não obstante, malgrado".

- **Não obstante** fosse pobre, gostava de vestir-se das melhores grifes da cidade.
- Ele viajou para o Iraque à procura de alguns parentes desaparecidos, **a despeito dos** avisos de que lá é um país muito violento.

d) No dia a dia, não são raros os erros até de bons escritores que confundem "posto que" com "já que, visto que". É preciso ter cuidado! A conjunção "posto que" (em português do Brasil) equivale a "embora, apesar de que, ainda que" – é uma conexão concessiva. Por seu lado, "já que, visto que" são locuções conjuntivas causais, pois introduzem uma causa.

- Ele não deve ser demitido, **já que** goza de estabilidade no emprego. (Equivale a "porque")
- **Posto que** goze de estabilidade no emprego, ele foi demitido. (Equivale a "embora")

4.3.6.4 Condicionais

São orações que estabelecem uma condição para a realização do fato expresso na oração principal.

As principais conjunções subordinativas condicionais são: se, caso, a não ser que, desde que, contanto que, salvo se, sem que (= se não), a menos que.

- **A não ser que** a taxa de juros caia consideravelmente, não adquiriremos mais produtos importados.

adverbial condicional

- **Caso** o Governador não se manifeste sobre o caso, levaremos o problema às raias judiciais.
  adverbial condicional
- **Contanto que** todos saíssem antes da meia-noite, não se opunha a que a festa fosse na casa dele.
  adverbial condicional

> **Cuidado!!**
> Em algumas construções interrogativas o "SE" funcionará não como uma conjunção condicional, mas como uma conjunção causal. Veja:

- Senhor, por que me enviastes para esta missão **se** sabíeis que eu era fraco?
  Leia:... já que sabíeis que eu era fraco? (Adverbial causal)
- **Se** ele conhecia a índole do rapaz, por que lhe confiou tamanha quantia?
  Leia:... já que / uma vez que ele conhecia a índole do rapaz... (Adverbial causal)

4.3.6.5 Conformativas

São orações que expressam uma conformação (correspondência, concordância, analogia ou identidade de forma, modo, tipo ou caráter) com um fato expresso na oração principal.

> As principais conjunções subordinativas conformativas são: como, segundo, conforme, consoante.

- Elaboramos todo o projeto **como** nos orientava o manual.
  Adverbial conformativa
- A vida tem sempre seus perigos, **segundo** já nos dizia Guimarães Rosa.
  Adverbial conformativa
- Agimos **conforme** nossas próprias convicções.
  Adverbial conformativa

4.3.6.6 Comparativas

São orações subordinadas que estabelecem um processo de comparação entre dois elementos — um elemento estará na oração principal e o outro, na oração subordinada. A comparação poderá ser de igualdade, de superioridade ou de inferioridade. Uma característica interessante das orações adverbiais comparativas é o fato de o verbo da

oração comparativa geralmente se encontrar elíptico, oculto, já que, frequentemente, ele será o mesmo da oração principal.

> As principais conjunções subordinativas comparativas são: como, assim como, tal e qual, tal qual, mais que ou do que, menos que ou do que, tanto quanto, feito (= como).

- Não sei por que saiu correndo desesperadamente, **feito um louco**. (adverbial comparativa)
- Os escoteiros partiram para a selva num só movimento, **qual exército marchando contra o inimigo**. (adverbial comparativa)
- Ele deixou a sala sorrateiramente, **como uma serpente** (adverbial comparativa) que se esgueira no meio dos arbustos.

⇨ Observações:

a) Nas estruturas comparativas, a conjunção comparativa liga partes da oração de mesma função. Entretanto, em muitos casos, a bem da clareza, o segundo elemento da comparação deve, a despeito de funcionar como objeto direto, vir encabeçado por uma preposição — geralmente a preposição "a" — para evitar ambiguidades.

- "A ela, à presumida mulher, aborreço-a quase tanto como **ao marido**." (Almeida Garrett *apud* Mário Barreto)
- "Os pés dos gentios hão de logo pulverizá-la como **aos meus pés**". (Camilo *apud* Mário Barreto)
- "Acusaram-no de haver beneficiado mais a sua família que **ao povo romano**." (Camilo *apud* Mário Barreto)

b) Quando a conjunção comparativa "como" se refere a um termo que está precedido por uma preposição, deve obrigatoriamente vir acompanhada da mesma preposição.

- "Suspensos os pobres Frades com o embargo, pareceu que achariam amparo **no** Bispo, **como em** quem fora o primeiro autor de sua vinda". (Fr. L. de Souza *apud* Mário Barreto)
- "E por esta causa tratamos **dele como de** filho de Benfica". (Fr. L. de Souza *apud* Mário Barreto)

- “Acostumei-me a olhar **para** a morte **como para** o tempo de meus padecimentos.” (Filinto Elísio *apud* Mário Barreto)

⇨ **Observação:**

Perceba que, nestas estruturas comparativas, o verbo da segunda oração encontra-se elíptico. Por isso, devemos ler, por exemplo:

- “Acostumei-me a olhar para o monte **como (a olhar) para** o tempo de meus padecimentos”.

4.3.6.7 Finais

São orações que indicam a finalidade, o objetivo, o alvo do fato contido na oração principal.

> As principais conjunções subordinativas finais são: que, para que, a fim de que, porque (= para que, a fim de que).

- adverbial final
  A fim de que ela passasse mais rápido em um concurso, comprei inúmeros livros e apostilas.
- Estudai bastante, **porque** consigais uma boa colocação no concurso.
  adverbial final
- **Para que** a criança não se acidentasse, ele comprou um par de joelheiras.
  adverbial final

4.3.6.8 Temporais

São as orações subordinadas que expressam o tempo, o momento do fato contido na oração principal.

> As principais conjunções subordinativas temporais são: enquanto, quando, assim que, logo que, mal (= logo que, assim que), desde que, antes que, agora que, depois que, sem que (= antes que).

- **Desde que** chegou, não parou de falar.
  adverbial temporal

- Todos o aplaudiram **mal** terminou sua palestra.
  adverbial temporal

- **Agora que** chegou o verão, aonde pretendes ir com a família?
  adverbial temporal

- **Quando** o meu primeiro amor acabou, meu mundo desfaleceu.
  adverbial temporal

4.3.6.9 Proporcionais

São orações que indicam uma concomitância, uma simultaneidade, uma proporção com o fato expresso na oração principal.

> As principais conjunções subordinativas proporcionais são: à medida que, à proporção que, ao passo que, quanto mais... mais, quanto mais... menos, quanto menos... mais, quanto menos... menos.

adverbial proporcional

- **À medida que** o progresso avança, o meio ambiente sofre com o uso excessivo de seus recursos.

- **Quanto mais** ela estuda mais dúvidas surgem.
  adverbial proporcional

adverbial proporcional

- O caso, **ao passo que** apareciam novas provas, deixava os investigadores mais confusos.

⇨ Observações:

a) Não confunda "à medida que" com "na medida em que". Esta última locução é um articulador de causa, enquanto aquela é uma conjunção proporcional.

- conjunção proporcional
  "E o cocheiro ria; e, **à medida que** o freguês ia demonstrando, ele ia ficando mais familiar." (Machado de Assis)

- causal
  O governo aumentou os juros para o crédito, **na medida em que** busca reduzir o consumo a fim de evitar a inflação.

b) Lembre-se de que “à medida em que” e “na medida que” são locuções que não existem na língua portuguesa.

⇨ Considerações finais sobre as orações adverbiais:

a) Observe a pontuação utilizada com as orações adverbiais. Perceba que, quando antepostas à principal ou intercaladas na principal, a pontuação — geralmente se utiliza a vírgula — é obrigatória.

b) Reiterando o que já se disse, lembre-se de que o mais importante não é decorar todas as orações adverbiais, mas sim apreender as relações proporcionadas pelas conjunções subordinativas adverbiais.

c) Embora não sejam reconhecidas pela NGB – Nomenclatura Gramatical Brasileira –, há orações adverbiais denominadas de “modais”, as quais transmitem uma circunstância de modo. Tais orações geralmente só aparecem sob a forma reduzida, conquanto existam orações modais introduzidas pela locução conjuntiva “sem que”.

- Saiu da sala **sem ser percebido**. (Oração adverbial modal, reduzida de infinitivo)
- “Deixou a sala sem despedir-se do pai.”

> **Dica:** Sugiro que, se você estudou as orações adjetivas e adverbiais em um só momento, descanse um pouco antes de começar o estudo abaixo.

4.3.6.10 Emprego da conjunção nas orações adverbiais coordenadas

Nas estruturas em que se coordena mais de uma oração subordinada adverbial, o emprego da conjunção subordinativa adverbial obedece às seguintes orientações:

a) Repete-se a conjunção nas duas orações coordenadas subordinadas adverbiais:

- O congresso terá início **se** a verba for depositada, e **se** o principal palestrante confirmar sua participação.
- **Desde que** não cheguem atrasados e **desde que** tragam boas notícias, eles serão bem-vindos.

b) Omite-se a conjunção da segunda oração adverbial coordenada:

conjunção elíptica na segunda adverbial coordenada

- **Embora** os juros estejam baixos, e a economia externa não dê sinais de sobressaltos, o consumo se mantém baixo.
- **Uma vez que** está adoentado e não há outro para substituí-lo, cancelou a auditoria que faria na empresa.
- **À medida que** estuda e se mantém atualizado, aumentam as suas chances de passar em um concurso.

c) Repete-se, na segunda oração adverbial coordenada, apenas a parte final da conjunção adverbial, quando esta é expressa por uma locução.

- **Por mais que** faça boas obras e **que** vá à igreja, o temperamento dele o reprova diariamente.
- "Com estes estava o corpo que o metropolitano de Híspalis ajuntara, composto em grande parte dos nobres que haviam deposto a espada **desde que** Roderico subira ao trono e **que** a cingiam de novo nesta guerra de independência." (A. Herculano)
- "— Não marcou dia; prometeu que ia ver; que falaria **logo que** pudesse, e **que** me pegasse com Deus." (Machado de Assis)

4.3.7 ORAÇÕES REDUZIDAS

Mais uma vez, peço: mantenha a calma e não desista! A partir de agora, entretanto, nossa percepção deverá ser aguçada. Não veremos mais as conjunções, as quais nos davam, ao menos, uma pista de que tipo de oração se tratava. Teremos apenas um verbo no infinitivo, no gerúndio ou no particípio, o qual nos indicará a oração subordinada. Deveremos desenvolver este verbo para depois classificar a oração. O procedimento nem sempre será simples e de fácil solução, porém com um pouco de treino (e persistência) você conseguirá. Vamos lá!

Observe:

- É fundamental **que** se creia em Deus. ⇨ É fundamental **crer** em Deus.
- Ele encontrou um cachorrinho **que** foi abandonado pelos donos. ⇨ Ele encontrou um cachorrinho **abandonado** pelos donos.
- Feche todas as janelas quando você sair. ⇨ Feche todas as janelas ao sair.

Percebeu?? Na primeira coluna todas a orações são introduzidas por um conectivo. Já na segunda coluna as orações não mais apresentam o conectivo e o verbo da oração subordinada encontra-se numa forma nominal do verbo (infinitivo, particípio e gerúndio).

Portanto, as orações da primeira coluna são chamadas de desenvolvidas enquanto as da segunda, reduzidas.

Portanto, orações reduzidas são aquelas que não apresentam conectivo e cujo verbo está em uma forma nominal.

As reduzidas podem ser de infinitivo, de gerúndio e de particípio. Geralmente o infinitivo aparece como redução para as orações substantivas; o gerúndio, para as adverbiais; e o particípio, para as adjetivas. Nada impede, porém, que se apresentem orações subordinadas reduzidas nas três formas nominais. Apresentaremos agora algumas orações reduzidas e suas respectivas classificações:

4.3.7.1 Subordinadas substantivas reduzidas

- **Lutar** pelo país é um ato de bravura. (Subjetiva, reduzida de infinitivo.)
- É muito difícil **obter** um título de doutorado no Brasil. (Subjetiva, reduzida de infinitivo)
- Todos viram **sair** da sala uma mulher muito esquisita. (Objetiva direta, reduzida de infinitivo)
- Ele tinha certeza de **ser** o melhor da turma. (Completiva nominal, reduzida de infinitivo)
- Não me será um grande esforço **atendê**-lo hoje à tarde. (Subjetiva, reduzida de infinitivo)
- Não se esqueça de **comprar** as verduras. (Objetiva indireta, reduzida de infinitivo)
- Seu maior desejo era **sair** da cidade e **morar** no interior. (Predicativas, reduzidas de infinitivo)

4.3.7.2 Subordinadas adjetivas reduzidas

- Entregou-me a lista dos produtos a **serem** adquiridos antes do final do ano. (Restritiva, reduzida de infinitivo)
- Todos os livros **analisados** por ele foram reprovados pelo MEC. (Restritiva, reduzida de particípio)
- É um rapaz bem intencionado, inteligente, **provindo** da cidade de Palmares. (Explicativa, reduzida de gerúndio)
- Apresentou-me uma tela velha e suja, **pintada** aos sete anos de idade. (Explicativa, reduzida de particípio)

4.3.7.3 Subordinadas adverbiais reduzidas

- Analise bem sua situação antes de **dar** o primeiro passo. (Temporal, reduzida de infinitivo).
- Para **conseguir** uma boa colocação no concurso, é preciso muito tempo de estudo. (Final, reduzida de infinitivo)
- Não saia da sala sem primeiro **falar** com o professor. (Condicional, reduzida de infinitivo)
- Mesmo **estando** triste com o filho, abraçou-o fervorosamente. (Concessiva, reduzida de gerúndio)
- A **permanecerem** os sintomas, o médico deverá ser consultado. (Condicional, reduzida de infinitivo)
- De tanto **comprar** e não **pagar**, teve o nome inscrito no cadastro de inadimplentes. (Causal, reduzida de infinitivo)
- Não **conseguindo** o resultado desejado, pediu demissão e mudou-se para o sul do país. (Causal, reduzida de gerúndio)
- Quebrei o vaso sem **querer**. (Concessiva, reduzida de infinitivo)
- O rapaz estudou tanto para o concurso a ponto de **danificar** a visão. (Consecutiva, reduzida de infinitivo)
- Ele arrumou um novo emprego para poder **sustentá**-la. (Final, reduzida de infinitivo)
- Muito constrangido deve ter ficado o candidato para nem sequer **apanhar** o gabarito da prova. (Consecutiva, reduzida de infinitivo)

⇨ Observação importante:

Em algumas orações reduzidas, a forma nominal do verbo — notadamente o infinitivo — aparece antecedida de uma preposição. Esta combinação "preposição + forma nominal" estabelece relações semânticas bem lógicas. Logo, fica fácil identificar de que tipo de oração se trata. Veja abaixo:

- Preposição "**POR**" + verbo no infinitivo ⇨ oração reduzida causal (indica a causa)
- Preposição "**PARA**" + verbo no infinitivo ⇨ oração reduzida final (indica a finalidade)
- Preposição "**A**" + verbo no infinitivo ⇨ oração reduzida condicional (indica condição, hipótese)
- Contração "**AO**" + verbo no infinitivo ⇨ oração reduzida temporal (indica o tempo)

Exemplos:

adverbial causal, reduzida de infinitivo

- Por sair constantemente à noite, Maria adquiriu uma terrível gripe. ➡ Porque sai constantemente à noite,....

adverbial condicional, reduzida de infinitivo

- A permanecerem estas cláusulas no contrato, jamais o assinarei. ➡ Se permanecerem....

adverbial final, reduzida de infinitivo

- Para driblar a alfândega, escondeu alguns objetos em uma pequena sacola. ➡ Para que driblasse a....

adverbial temporal, reduzida de infinitivo

- Ao caminhar no parque, não deixe de tomar bastante água. ➡ Quando caminhar no parque....

⇨ **Considerações finais:**

a) Nem toda oração desenvolvida pode ser reduzida, como nem toda oração reduzida pode ser desenvolvida. Há orações que só aparecem sob a forma desenvolvida ou reduzida.

b) E não se esqueça de que o importante neste assunto é absorver a relação que está sendo travada entre as orações e, a partir desse entendimento, classificá-las.

4.4 PROCESSO CORRELACIONAL

Três tipos de orações há, estudadas nos processos de coordenação e subordinação, que, em virtude de características próprias, merecem uma menção à parte: são as chamadas orações correlatas. Denominam-se de "correlatas" as orações em que seus conectivos se distribuem entre uma oração e outra do período. Existe uma espécie de "paradependência", portanto, entre as orações. Observe:

- A rã inchou e estourou. (Temos simples coordenação aditiva)

Se à primeira oração acrescentássemos, por exemplo, o advérbio de intensidade "tanto", já não teria ela o sentido completo ("A rã inchou tanto..."); e desconexo ficaria também o período ("A rã inchou tanto, estourou"). Para consertá-lo, é fundamental a presença da palavra "que" antes da segunda oração ("A rã inchou tanto que estourou").

Dizemos, então, que as palavras "tanto" e "que" são as conjunções correlatas da estrutura.

São classificadas como correlatas algumas orações aditivas, consecutivas e

comparativas.

CONJUNÇÕES CORRELATAS ADITIVAS	não só...	mas também...
	não só...	mas ainda...
	não só...	senão também...
	não só...	senão que...
	não só...	bem como...
	assim...	como...

CONJUNÇÕES CORRELATAS CONSECUTIVAS	tal...	que...
	tão...	que...
	tanto ...	que...
	tamanho...	que...

CONJUNÇÕES CORRELATAS COMPARATIVAS	tanto...	quanto ou como...
	tanto mais...	tanto mais...
	quanto mais...	mais...
	quanto menos...	menos...
	quanto mais...	menos...
	quanto menos...	mais...
	mais...	que ou do que...
	menos..	que ou do que...
	melhor...	que ou do que...

- **Tanto** vaiava a um **quanto** aplaudia a outro.
- Nada o pungia **tanto quanto** o sorriso indiferente dela.
- "(...) mas aqui a ponho outra vez, **não só** por significar a totalidade do silêncio, **mas também** porque havia naquela ação do gato e do rato alguma cousa que prendia com ritual." (Machado de Assis)
- "**Não só**, de onde em onde, soltava exclamações sem ligação alguma com a conversa

atual, **como também** cerrava os lábios, rilhava os dentes e crispava raivosamente os punhos.” (Lima Barreto)

- “Nada me pediu, Mariana; mas obriga-me **tanto**, **que** me faz mais infeliz o peso da obrigação.” (Camilo)

⇨ **Observação:**

Geralmente a análise do processo correlacional se faz em questões que envolvem “paralelismo sintático”, já que a correlação nada mais é do que uma construção paralela.

4.5 CONTAGEM DE ORAÇÕES EM UM PERÍODO MISTO

Em muitos certames, as bancas cobram dos candidatos a contagem das orações em um dado período, formado por subordinação e coordenação (período misto). A missão é bastante simples se nós compreendermos que, em muitas situações, uma mesma oração pode ser subordinada e coordenada ao mesmo tempo.

Observe o período abaixo:

“É importante que os contribuintes percebam que a política tributária é justa, a administração fiscal é proba, sensível e confiável, e os recursos arrecadados são corretamente aplicados.” (Fund. Getúlio Vargas)

– Quantas orações há no período acima? Qual a classificação para elas?

Em primeiro lugar, é fundamental separar as orações. Veja:

1.ª → É importante
2.ª → que os contribuintes percebam
3.ª → que a política tributária é justa
4.ª → (que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável
5.ª → e (que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados.

Descobrimos, logo, que existem cinco orações no período. Mas qual é a principal? Quantas subordinadas há? E as coordenadas? Para isso, vamos atribuir a cada oração uma letra e fazer uma diagramação simples.

1.ª → É importante = **A**
2.ª → que os contribuintes percebam = **B**
3.ª → que a política tributária é justa = **C**

4.ª → (que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável = **D**

5.ª → e (que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados. = **E**

Diagramação:

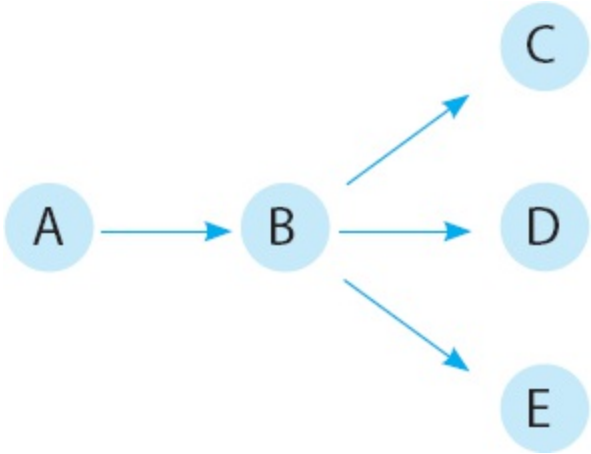

A partir da diagramação acima temos então:

- A oração "A" é a principal do período.
- A oração "B" é subordinada em relação à oração "A".
- As orações "C", "D" e "E" são subordinadas em relação à oração "B".
- As orações "C", "D" e "E" estão coordenadas entre si.

Conclusão:

Há, no período, uma oração principal (A), quatro subordinadas (B, C, D, E) e três coordenadas entre si (C, D, E).

Veja outro exemplo:

"Já sei, Senhor, que vos haveis de enternecer e que não haveis de ter coração, para ver tais lágrimas e tais estragos." (Pe. Antonio Vieira)

1.ª oração → Já sei, Senhor, (Oração principal) = A

2.ª oração → que vos haveis de enternecer (Oração subordinada em relação à 1.ª oração) = B

3.ª oração → e que não haveis de ter coração (Oração subordinada em relação à 1.ª oração) = C

4.ª oração → para ver tais lágrimas e tais estragos. (Oração subordinada adverbial final em relação à 3.ª oração) = D

Diagramação:

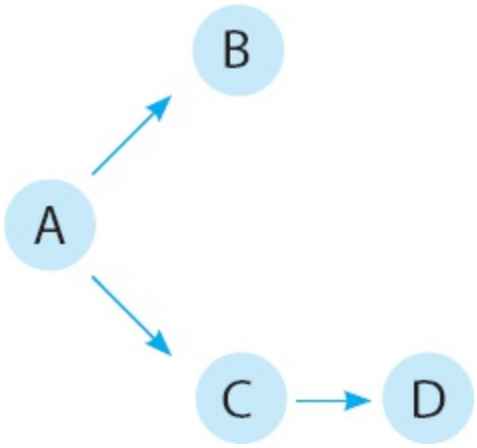

⇨ **Observações importantes:**

a) As orações C, D e E do primeiro exemplo são EQUIPOLENTES. São denominadas de equipolentes as orações subordinadas da mesma natureza (classificação) e de sentidos coordenados. Observe:

- Desejo **que faças boa viagem** e **sejas bem sucedido nos teus negócios**.

As orações "**que faças boa viagem**" e "(que) **sejas bem sucedido nos teus negócios**" são equipolentes, pois são, simultaneamente, subordinadas objetivas diretas em relação à oração "Desejo" e coordenadas entre si.

b) Em nossa formação escolar, aprendemos a máxima de que "tantos quantos forem os verbos de um período, tantas serão as orações que o comporão". Esta regra, porém, nem sempre funciona, pois podem existir períodos em que haja orações ocultas, elípticas. Estas orações, cujos verbos estão subentendidos por zeugma, são denominadas de ORAÇÕES LATENTES. Observe:

- "A reflexão jurídica sobre o assunto, contudo, não se tem mostrado tão farta quanto aquela encontrada na economia." (Fund. Getúlio Vargas)

– Quantas orações há no período acima? Resposta: TRÊS.

1.ª oração → A reflexão jurídica sobre o assunto, contudo, não se tem mostrado tão farta

2.ª oração → quanto aquela (ORAÇÃO LATENTE) → Equivalente a "quanto aquela se tem mostrado farta"

3.ª oração → encontrada na economia

Temos então:

A 1.ª oração é a principal. A 2.ª oração é subordinada adverbial comparativa com verbo oculto (quanto aquela se tem mostrado farta). A 3.ª oração é subordinada adjetiva

restritiva, reduzida de particípio.

c) Em algumas situações, a oração oculta só é perceptível por meio de uma análise mais acurada do período. É preciso entender bem o período para que se encontre a oração latente (oculta). Observe:

- "Para isto é que os quadros cresceram nas proporções que se sabe". (Rui Barbosa)

Em uma análise superficial do período acima, poder-se-ia pensar que o nosso ilustre mestre Rui Barbosa tivesse cometido um erro de concordância ao deixar o verbo "saber" na 3.ª pessoa do singular. Ocorre que o nosso "Águia de Haia", ao deixar o verbo no singular, faz este verbo concordar com a oração latente (oculta) "que cresceram".

Temos então:

- "Para isto é que os quadros cresceram nas proporções que se sabe **QUE CRESCERAM**".

Observe outros exemplos de períodos que contêm orações latentes (ocultas, elípticas):

- Procedemos como convinha. → Subentende-se "**que procedêssemos**".
- Fizemos o que cumpria. → Subentende-se "**que fizéssemos**".
- Ele caminha tal qual meu irmão. → Subentende-se "**qual meu irmão caminha**".
- "Assim como o Pai ressuscita, e vivifica os mortos, assim o Filho vivifica aos que é sua vontade." (Pe. Manuel Bernardes) → Subentende-se o verbo "**vivificar**".
- "... e nessa hipótese, o mais acertado é deixá-la lá estar os três dias pedidos, e os mais dias que for necessário até sabermos o destino do prussiano." (Camilo Castelo Branco) → Subentende-se "**deixá-la lá estar**".

⇨ **Consideração final:**

Subentenderem-se essas orações latentes é gramaticalmente indispensável não só para completar-se o sentido, mas também para satisfazer as exigências da análise, dando-se ao verbo o seu verdadeiro sujeito ou o seu objeto. Cumpre por fim observar que tais orações latentes frequentemente ocorrem com as orações adjetivas, com as orações comparativas e com as orações condicionais.

4.6 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

Orações Subordinadas Adjetivas, Adverbiais e Reduzidas

Texto para as questões de 1 a 3.

[1] “Cada pessoa
[2] que chegava
[1] se punha na ponta dos pés,
[3] embora não pudesse ver”.

1. (Faap-SP) Há no texto três orações, e estão numeradas. A primeira – **cada pessoa se punha na ponta dos pés** – chama-se:

a) absoluta.
b) principal.
c) coordenada assindética.
d) coordenada sindética.
e) subordinada.

2. (Faap-SP) A segunda – **que chegava** – é subordinada:

a) substantiva subjetiva.
b) substantiva objetiva direta.
c) adverbial causal.
d) adverbial final.
e) adjetiva.

3. (Faap-SP) A terceira – **embora não pudesse ver** – oferece uma ideia de:

a) causa.
b) fim.
c) condição.
d) concessão.
e) consequência.

4. (Fuvest-SP) No período: “É possível **discernir no seu percurso momentos de rebeldia contra a estandardização e o consumo**”, a oração destacada é:

a) subordinada adverbial causal, reduzida de particípio.

b) subordinada objetiva direta, reduzida de infinito.
c) subordinada objetiva direta, reduzida de particípio.
d) subordinada substantiva subjetiva, reduzida de infinito.
e) subordinada substantiva predicativa, reduzida de infinito.

5. (UM-SP) Examine o período: "A soldadela invade o campo da disputa, **enquanto a grita aumenta em berros e assobios rudes**". A oração em destaque é:

a) coordenada sindética temporal.
b) coordenada adverbial temporal.
c) subordinada substantiva temporal.
d) subordinada adjetiva temporal.
e) subordinada adverbial temporal.

6. (F. Cásper Líbero-SP)
"Já que não pude ser feliz, busquei a companhia dessas aves que nasceram livres". No período há:

a) subordinada adverbial causal e subordinada adjetiva.
b) subordinada adverbial concessiva e subordinada adverbial consecutiva.
c) subordinada substantiva objetiva direta e subordinada adjetiva.
d) subordinada substantiva objetiva direta e coordenada sindética adversativa.

7. (FIT-SP) No período "Era tão pequena a cidade, **que um grito ou gargalhada forte a atravessava de ponta a ponta**", a oração em destaque é:

a) subordinada adverbial causal.
b) subordinada adverbial final.
c) subordinada adverbial consecutiva.
d) subordinada adverbial temporal.
e) n.d.a.

8. (Cesgranrio-RJ) Classifique a oração iniciada pela conjunção **que** no período abaixo.

"Era uma fada tão suave e pura que ao vê-la o coração me estremecia". (Francisco Otaviano)

a) oração subordinada adverbial temporal
b) oração subordinada adverbial consecutiva

c) oração coordenada sindética explicativa
d) oração independente
e) n.d.a.

9. (Fuvest-SP) Classifique as orações em destaque do período abaixo.

*"**Ao analisar o desempenho da economia brasileira**, os empresários afirmaram **que os resultados eram bastante razoáveis**, uma vez que a produção não aumentou, mas também não caiu".*

a) principal, subordinada adverbial final
b) subordinada adverbial temporal, subordinada adjetiva restritiva
c) subordinada adverbial temporal, subordinada substantiva objetiva direta
d) subordinada adverbial temporal, subordinada substantiva subjetiva
e) principal, subordinada substantiva objetiva direta

10. (FCMPA-MG) Nos períodos abaixo aparece, entre as orações, uma relação de concessão. Assinale a letra correspondente ao período em que a relação é outra.

a) Embora estivesse doente, fiz tudo o que me era possível.
b) Fiz tudo o que me era possível, apesar de estar doente.
c) Mesmo estando doente, fiz tudo o que me era possível.
d) Fiz tudo o que me era possível, conquanto estivesse doente.
e) Fiz tudo o que era possível, mas estava doente.

11. (UM-SP) Assinale o período que contenha uma oração reduzida com valor de adjetivo.

a) O ônibus parou na rua transversal para assustar passageiros.
b) Correndo assustado, o menino foi chamar o guarda.
c) Os garotos vestindo camisetas velhas reclamavam apenas uma penca de bananas meio amassadas.
d) Faça das entranhas coração para obter, um dia, a rara felicidade dos humanos.
e) Moleques de carrinho dirigiam-se a várias direções, atropelando-se uns aos outros.

12. (Faap-SP)

"Lá a existência é uma aventura
De tal modo inconseqüente
Que Joana a Louca de Espanha
Rainha e falsa demente

Vem a ser contraparente
***Da nora** que nunca tive"*
A oração destacada recebe o nome de oração subordinada adverbial:

a) causal.
b) final.
c) condicional.
d) concessiva.
e) consecutiva.

13. (Cesgranrio-RJ) Assinale o período em que ocorre a mesma relação significativa indicada pelos termos destacados em: "A atividade cientifica é tão natural **quanto qualquer outra atividade econômica**".

a) Ele era tão aplicado, que em pouco tempo foi promovido.
b) Quanto mais estuda, menos aprende.
c) Tenho tudo quanto quero.
d) Sabia a lição tão bem como eu.
e) Todos estavam exaustos, tanto que se recolheram logo.

14. (Uece) Em: "**Ao me deitar**, antes eu tinha posto uma caixa de fósforos num tamborete...", a oração destacada é reduzida:

a) causal.
b) final.
c) temporal.
d) concessiva.

15. (Fesp-SP) Observe:

I. Convém que todos participem.
*II. Fique quieto, **pois está incomodando**.*
*III. Amou daquela vez **como se fosse a última**.*
*IV. Machado de Assis, **que escreveu Dom Casmurro**, fundou a Academia Brasileira de Letras.*

Assinale a alternativa que não corresponde à classificação das orações destacadas.

a) no item I, oração subordinada substantiva subjetiva
b) no item II, oração subordinada sindética explicativa
c) no item III, oração subordinada adverbial comparativa

d) no item IV, oração subordinada adjetiva explicativa
e) no item II, a primeira oração é coordenada assindética

16. (UM-SP)

A. Sua palavra foi a primeira a perder o significado naquele agitado contexto.
B. Tenho necessidade de me apoiares nesta complicada situação.
C. ***Antes de repelir seus mestres****, procure compreendê-los.*

Analisando os períodos A, B e C, concluímos que as frases neles destacadas são três orações reduzidas. Desdobrando-as, obteremos, respectivamente:

a) uma adjetiva, uma substantiva, uma adverbial.
b) uma adjetiva, uma adverbial, uma substantiva.
c) três adverbiais.
d) uma adjetiva, duas adverbiais.
e) uma adverbial, duas adjetivas.

17. (Faap-SP)

"Lá a existência é uma aventura
De tal modo inconseqüente
Que Joana a Louca de Espanha
Rainha e falsa demente
Vem a ser contraparente
Da nora que nunca tive".
A oração ***que nunca tive*** *é:*

a) principal.
b) coordenada.
c) subordinada substantiva.
d) subordinada adverbial.
e) subordinada adjetiva.

18. (Faap-SP) "Não compreendíamos a razão **por que o ladrão não montava a cavalo**".

A oração em destaque é:

a) subordinada adjetiva restritiva.
b) subordinada adjetiva explicativa.
c) subordinada adverbial causal.

d) substantiva objetiva indireta.

e) substantiva completiva nominal.

19. (Uni-Rio-RJ) Assinale o item em que há uma oração, quanto à classificação, idêntica à segunda do período “Pernoitamos depois junto a um açude lamacento, onde patos nadavam”.

a) As virilhas suadas ardiam-me, o chouto do animal sacolejava-me...

b) De onde vinham as figuras desconhecidas para encontrar-nos?

c) Fiz o resto da viagem com um moço alegre, que tentou explicar-me as chaminés dos banguês...

d) Os mais graúdos percebiam que a viagem era alegre.

e) Surgiam regatos, cresceram tanto que se transformaram em rios...

20. (UFPA) Há no período uma oração subordinada adjetiva:

a) Ele falou que compraria a casa.

b) Não fale alto, que ela pode ouvir.

c) Vamos embora, que o dia está amanhecendo.

d) Em time que ganha não se mexe.

e) Parece que a prova não está difícil.

GABARITOS

Orações Coordenadas

1 – A	2 – D	3 – E
4 – D	5 – D	6 – E
7 – D	8 – C	9 – A
10 – A		

Orações Subordinadas Substantivas

1 – D	2 – B	3 – E
4 – D	5 – B	6 – D

7 – D	8 – D	9 – D
10 – E	11 – A	12 – A
13 – C	14 – C	15 – C
16 – B	17 – E	18 – B
19 – D	20 – A	

Orações Subordinadas Adjetivas, Adverbiais e Reduzidas

1 – B	2 – E	3 – D
4 – D	5 – E	6 – A
7 – C	8 – B	9 – C
10 – E	11 – C	12 – E
13 – D	14 – C	15 – B
16 – A	17 – E	18 – A
19 – C	20 – D	

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 5

SINTAXE DE CONCORDÂNCIA

Teremos agora uma longa missão, uma missão extensa. Não será uma missão difícil. Mas para terminá-la com sucesso será preciso muita persistência. Uma dica: estude aos poucos. Nós vamos nos deparar com mais de trinta regrinhas de concordância verbal e nominal. É claro que algumas raramente são usadas; outras caem com mais frequência nas provas, porque são bastante usuais na Língua Portuguesa. Logo, procure uma estratégia que lhe seja mais conveniente. E leia! Releia! Leia de novo! Leia novamente! Leia mais uma vez! Observe os exemplos! Será a repetição que fará com que consiga bons resultados. Desejo sucesso para esta missão! Bons estudos!

De fato o assunto "CONCORDÂNCIA" é um dos mais explorados pelas bancas elaboradoras de provas. Portanto, deve sempre ser alvo de nossos estudos.

A "sintaxe de concordância" se preocupa com a perfeita harmonização das palavras dentro de um período. Sendo assim, buscam-se dois tipos de harmonização:

a) A harmonia sintática entre o verbo e o seu sujeito ⇨ **Concordância verbal**

b) A harmonia sintática entre o substantivo e os termos os quais a ele se referem ⇨ **Concordância nominal**

Nesta primeira etapa, trabalharemos a concordância entre o verbo e o seu sujeito. Antes, porém, convém conhecer os três tipos principais de concordância:

a) Concordância gramatical ⇨ é aquela feita com o núcleo do termo.

b) Concordância atrativa ⇨ é aquela efetuada com o núcleo semântico mais próximo.

c) Concordância ideológica ⇨ é aquela efetuada não com o termo, mas com a ideia passada pelo termo.

⇨ **Observe:**

núcleo do sujeito

- O **motivo** simples de tantos atos supostamente cruéis somente anos depois se **manifestou**.

verbo da concordância gramatical

Sujeito — verbo da concordância atrativa

- Um grupo de **pesquisadores** holandeses **iniciarão** um estudo sobre a febre aftosa no Brasil.

Sujeito — verbo da concordância ideológica

- **Uma multidão** avançou sobre o juiz. **Disseram** que já não mais aguentavam tanta roubalheira.

Perceba que neste caso, o sujeito do verbo "dizer" continua sendo "a multidão". Concorda-se com a ideia de que a multidão representa "vários indivíduos, várias pessoas".

- Encontrou um **bom** momento e hora para a realização da reunião.

concordância nominal com o substantivo mais próximo

À exceção de alguns casos, a concordância autorizada pela norma culta é a "gramatical". A nossa preocupação sempre será com o núcleo do termo.

5.1 CONCORDÂNCIA VERBAL

Dica: Não estude este capítulo antes de conhecer bem o sujeito de uma oração. Aqui o nosso objetivo é harmonizar em número (singular ou plural) e em pessoa (1.ª, 2.ª ou 3.ª) o sujeito com o seu verbo. Logo, se você não consegue identificar com segurança o sujeito de uma oração, ou tem dificuldades para fazê-lo, estude o sujeito da oração.

5.1.1 REGRA GERAL

O verbo concorda em número (singular ou plural) e em pessoa (1.ª, 2.ª ou 3.ª) com o seu sujeito simples.

Núcleo do sujeito – 3.ª p. do singular verbo na 3.ª p. do singular

- O **pensamento** dos novos filósofos contemporâneos não **se antepõe** ao pensamento grego.

Verbo na 3.ª p. do plural núcleo do sujeito núcleo do sujeito

- Grandes golpes **sofreram** nossos **antepassados** quando muitas **doenças assolaram** cidades inteiras.

verbo na 3.ª p. do plural

Verbo na 3.ª p. do plural

- Do Norte e Nordeste brasileiro, **advieram**, nas décadas de 60 e 70, muitos **imigrantes** para São Paulo.

núcleo do sujeito na 3.ª p. do plural

5.1.2 SUJEITO FORMADO POR PESSOAS GRAMATICAIS DIFERENTES

Regra: Quando o sujeito é formado por pessoas gramaticais diferentes, obedece-se à seguinte lei de prevalência:

- **1.ª pessoa** + **2.ª pessoa** = 1.ª pessoa do plural (a primeira prevalece sobre a segunda) ⇨ NÓS
- **1.ª pessoa** + **3.ª pessoa** = 1.ª pessoa do plural (a primeira prevalece sobre a terceira) ⇨ NÓS
- **2.ª pessoa** + **3.ª pessoa** = 2.ª pessoa do plural (a segunda prevalece sobre a terceira) ⇨ VÓS

Resumindo: A primeira pessoa prevalece sobre as demais e a segunda pessoa prevalece sobre a terceira.

sujeito composto por pessoas gramaticais diferentes verbo na 1.ª pessoa do plural

- O **Ministro** dos Esportes e **eu**, na próxima semana, **inauguraremos** um novo estádio de futebol.

sujeito composto por pessoas gramaticais diferentes verbo na 2.ª pessoa do plural

- Vossa **tia** e **tu**, quando toda a comitiva chegar, **devíeis** providenciar imediatamente um local para descanso.

sujeito composto por pessoas gramaticais direrentes

- **Tu** e todos os outros **professores** presentes à cerimônia, após o lanche, **comporeis** uma mesa redonda.

verbo na 2.ª pessoa do plural

⇨ **Observação importante:**

Nos dois últimos exemplos, o verbo também poderia concordar na 3.ª pessoa do plural em virtude da possibilidade de se tratar o "tu" e o "ele" não por "vós", mas sim por "vocês". Logo:

- **Tu** e todos os outros **professores** presentes à cerimônia, após o lanche, **comporeis / comporão** uma mesa redonda.
- O **presidente** do Diretório Acadêmico e **tu**, Roberto, líder de nossa turma, **poderíeis / poderiam** reivindicar melhorias para a Universidade.

5.1.3 REGRAS ESPECIAIS DE CONCORDÂNCIA VERBAL COM O SUJEITO SIMPLES

1. **Quando o sujeito é formado por expressões partitivas (uma parte de, a metade de, o grosso de, um grande número de, uma porção de, a maioria de etc.) o verbo poderá concordar, no singular, com o núcleo dessas expressões ou com o termo da expressão explicativa ou especificativa que as acompanha.**

sujeito
- Boa **parte** dos **inscritos** no último concurso **irá / irão** realizar a prova no centro da cidade.

sujeito
- Grande **número** de **automóveis** **circula / circulam** nas principais capitais brasileiras.

sujeito
- Por incrível que pareça, a **maioria** dos **participantes** **anteviu / anteviram** o resultado da gincana.

2. **Quando o sujeito é formado por numerais percentuais ou fracionários seguidos de uma especificação, o verbo poderá concordar tanto com o numeral quanto com a expressão especificativa.**

Dica: Não se esqueça de que os numerais "zero" e "um" levam o verbo para o singular. Quanto aos numerais fracionários, para a concordância verbal, leva-se em conta o numerador.

- 32% de todo o **dinheiro** arrecadado (sujeito) — será doado / serão doados — para instituições de caridade.

- 8,6% dos **entrevistados** (sujeito) **alegaram** que não gostam de comprar a prazo.

Neste caso, só o plural para o verbo é possível, pois tanto o núcleo do sujeito quanto o termo da especificação se encontram no plural.

- 1/4 dos **alunos** (sujeito) do ensino médio — prestará / prestarão — vestibular para Medicina.

- Parece que só 2/3 de todo o **grupamento** masculino — requereram / requereu — a dispensa para as festas natalinas.

Resumindo:

- Número no singular + nome no singular ⇨ Verbo no singular
- Número no singular + nome no plural ⇨ Verbo no singular ou no plural
- Número no plural + nome no singular ⇨ Verbo no singular ou no plural

⇨ Observação importante:

Se o numeral vier precedido de algum determinante, a concordância será feita com este determinante. Observe:

- Os 15% restantes do grupo pesquisado (sujeito) **serão** novamente entrevistados na próxima semana.

3. **Quando o sujeito é formado por expressões que indicam quantidade aproximada (cerca de, perto de, mais de, menos de, coisa de, obra de, passante de etc.) seguidas de um numeral, o verbo concordará com este numeral que acompanha as expressões.**

- Cerca de **duzentas** pessoas **intervieram** no protesto dos sem-terras.
  sujeito

- Perto de **quinze** manifestantes **se aglomeraram** em frente ao Palácio do Planalto.
  sujeito

- Mais de **vinte** alunos **foram** reprovados neste ano em nossa escola.
  sujeito

4. Com a expressão "Mais de um" o verbo deverá ficar, portanto, no singular.

- A polícia percebeu que mais de **um** bandido **se escondia** na mata.
  sujeito

- Mais de **uma** criança **se entreteve** com o novo brinquedo que fora colocado no salão de jogos.
  sujeito

- "Mais de um coração de guerreiro **batia** apressado." (A. Herculano)

⇨ **Observação:**

Caso a expressão "Mais de um" apareça repetida ou venha acompanhada de um verbo que indique reciprocidade, a concordância será feita no plural.

sujeito composto – expressão "mais de um" aparece repetida

- **Mais de um** interventor, **mais de um** advogado, **mais de um** engenheiro **compareceram** ao prédio que ruiu.

- Mais de um deputado **se agrediram** na última sessão plenária.
  sujeito — verbo indica reciprocidade

5. Quando o sujeito é um "pronome de tratamento", o verbo concordará obrigatoriamente na terceira pessoa.

- – Vossas Excelências ainda não **avaliaram** o meu pedido?
  sujeito — verbo na 3.ª pessoa do plural

- – Se Sua Majestade **quiser**, eu posso lhe entregar todas as cópias do processo, disse o advogado à secretária do rei.
  sujeito

Observe que toda a concordância é feita na terceira pessoa, inclusive os pronomes que se referem ao pronome de tratamento também são utilizados na terceira pessoa.

- – Vossa Senhoria **gostaria** de que eu lavasse o seu carro?
  sujeito

6. Quando o sujeito é a expressão "um dos que", o verbo poderá concordar, na maioria dos casos, tanto no singular quanto no plural.

- Ele foi um dos alunos que mais { se destacou / se destacaram } neste ano.
- Certamente a ex-secretária será uma das pessoas que { se arrependerá / se arrependerão } dos erros cometidos.
- Aquele mestre foi um dos poucos que { anteviu / anteviram } o incidente com o metrô.

⇨ **Observação:**

Há casos, entretanto, que só o singular ou só o plural é possível. Geralmente, isso se dá em face da exclusão ou da inclusão perceptível no contexto do período. Observe o exemplo abaixo:

- Foi um dos filhos de Sr. João que me **telefonou** hoje pela manhã. (Não há aqui lógica que permita o plural, pois só um dos filhos dele fez a ação de telefonar.)

7. Quando o sujeito é um pronome interrogativo, demonstrativo ou indefinido no plural (quais, quantos, alguns, poucos, muitos, quaisquer etc.), seguido de uma das expressões "de nós" ou "de vós", o verbo poderá concordar tanto com o pronome interrogativo, indefinido ou demonstrativo quanto com os pronomes "nós" ou "vós".

- Certamente muitos de vós { proporão / proporeis } mudanças para a nossa administração.
- Eles perceberam que quaisquer de nós { comprávamos / compravam } resolver aquela situação.

- Quantos de vós, após o confisco das poupanças, não interpuseram / interpusestes recurso da decisão.

⇨ Observação importante:

Se o pronome interrogativo, demonstrativo ou indefinido estiver no singular (qual, algum, qualquer etc.), o verbo obrigatoriamente ficará no singular.

- **Quem** de nós, na mesma situação, não **agiria** daquele jeito?
- **Qual** de vós **conhece** o segredo do cofre?
- **Algum** de nós certamente **entregou** o colega à direção da empresa.
- **Cada um** dos que ali estavam **tinha** um forte compromisso com o marxismo.

8. Quando o sujeito é o pronome relativo "QUE", o verbo concordará com o termo antecedente.

- De repente, apareceram muitos companheiros **que** apoiaram de imediato o protesto.

Perceba que neste caso o pronome relativo retoma a palavra precedente e funciona como sujeito para a oração a qual ele mesmo introduz. Observe: Apareceram muitos companheiros. Companheiros apoiaram de imediato o protesto.

- Fomos **nós que** propiciamos todo aquele contratempo.
- Havia muitas **indagações que** nos deixavam confusos.

⇨ Observações:

a) Se houver predicativo na oração, é possível tanto a concordância com o antecedente imediato do relativo "que" quanto com o sujeito da oração antecedente:

- **Nós** sempre fomos os **homens** que comprávamos / compravam os materiais de limpeza da firma.
- "Tu és a flor que **despontaste** livre." (Gonçalves Dias)
- "Não sabeis que eu sou o que **ensinei** a dar benefícios por agravos e favores por injúrias?" (M. Bernardes)
- "Nós somos os galegos que **levamos** a barrica." (Camilo Castelo Branco)

b) Quando o relativo “que” exerce a função de sujeito e o termo que o antecede é formado por dois ou mais substantivos, o “que” pode retomar qualquer um desses substantivos, desde que a lógica da oração adjetiva o permita.

- O preço das ações que [se negociou (preço) / se negociaram (ações)] na bolsa de valores caiu em razão de uma interferência externa.
- Eles interromperam um processo de atitudes que [podia (processo) / podiam (atitudes)] resolver o problema.
- A lei das sociedades anônimas pronome relativo “que” retoma “lei” **que foi promulgada** esta semana será objeto de impugnação.

c) Quando o pronome relativo “que” se referir a um vocativo, considera-se o pronome relativo como se de 2.ª pessoa fosse. Portanto, a concordância verbal deverá ser feita na 2.ª pessoa. Observe:

- “Alma minha gentil, que **te partiste**
tão cedo desta vida descontente.” (Camões)
- “Homem, **que me pedes** amor, sabe que eu te detesto.” (Epifânio da S. Dias)

d) Quando o pronome relativo “que” vem precedido de “um de, uma de, um dos, uma das”, emprega-se hoje preferencialmente o verbo da oração adjetiva no plural. Entretanto, era comum, em muitas obras clássicas, o emprego do verbo no singular. Por isso, as duas formas de concordância são consideradas corretas.

- “Um dos gestos **que melhor exprimem** a minha essência foi a devoção com que corri no domingo próximo a ouvir missa em S. Antônio dos Pobres.” (Machado de Assis)
- “E chegando a uma das portas **que davam** para a estalagem, gritou: — Vá de rumor! Não quero isto aqui! É safar!” (Aluízio Azevedo)
- “Uma das felicidades **que se contava** entre as do tempo presente era acabaremse as comédias em Portugal; mas não foi assim.” (Pe. Antonio Vieira)
- “Suspendeu-se a uma das palmeiras **que servia** de esteio à choça, e por um desses movimentos ágeis...” (José de Alencar)

9. Quando o sujeito é o pronome relativo “QUEM”, o verbo concordará na 3.ª pessoa do singular com este pronome ou com o seu antecedente, desde que se trate dos pronomes pessoais do caso reto (eu, tu, ele, nós, vós, eles.).

- Foste tu quem [comprou / compraste] aquele livro ali?
- Parece que seremos nós quem [responderá / responderemos] pelos prejuízos causados.

⇨ Observação:

Quando o antecedente do pronome "QUEM" não for um pronome do caso reto – repita-se –, só é lícita a concordância na 3.ª pessoa do singular. Veja:

- Foram os próprios colegas de trabalho quem **compôs** a música do aniversário dele.
- Porventura, seriam aqueles dois rapazes quem **promoveu** toda a bagunça?
- "Eu, o Silêncio e a Solidão éramos quem **estava** aí." (A. Herculano)

10. Quando o sujeito for formado por nomes próprios que só existem no plural (Estados Unidos, Andes, Patos, Minas Gerais, Alagoas, por exemplo), o verbo ficará no singular se estes nomes não vierem precedidos de artigo ou se o artigo estiver no singular. Caso apareça um artigo no plural, a concordância será feita no plural.

- Estados Unidos ainda não **encontrou** uma saída para o Iraque.
- Ilhéus sempre **foi** uma bela cidade para o turismo.
- **O** Marrocos sempre **encanta** os turistas que por lá passam.
- **As** Filipinas se **envolveram** numa sangrenta guerra há muitos anos.
- **Os** Emirados Árabes sempre **exportaram** petróleo.

⇨ Observação:

Caso o nome no plural se refira a uma obra artística ou literária, tanto o singular quanto o plural são corretos para o verbo da concordância.

- "Os Lusíadas" [imortalizaram / imortalizou] Luis Vaz de Camões.
- "Os Sertões" de Euclides da Cunhas [representaram / representou] um marco para a Literatura Brasileira.

11. Quando o sujeito for formado por um substantivo coletivo seguido de uma especificação, o verbo poderá concordar tanto com o coletivo quanto com a especificação.

- Um grupo de arruaceiros invadiu / invadiram várias lojas no centro da cidade.
- Um bando de aves selvagens sobrevoava / sobrevoavam a cidade naquele instante.

Os substantivos "milhão, bilhão, trilhão, quatrilhão" são denominados de "numerais coletivos". Seguem, portanto, a regra de concordância dos coletivos. Ademais, tais numerais coletivos só se flexionam em número. Não apresentam variação de gênero: são sempre masculinos.

- Um milhão de pessoas **foi** (ou **foram**) ao show.
- Cerca de um milhão de turistas **visitará** (ou **visitarão**) a Europa neste ano.
- Mais de um milhão de dólares **foi gasto** (ou **foram gastos**) para a reconstrução do templo.
- Um milhão e meio de chineses já se **adaptou** (ou **adaptaram**) às novas regras do mercado capitalista.
- **Os** 15 milhões de crianças brasileiras que se vacinaram hoje ficarão imunes à doença durante um ano.

12. Os verbos "dar, bater e soar", por serem pessoais, concordam com os seus respectivos sujeitos.

- Já **bateram** nos relógios da cidade as horas necessárias (sujeito) para o início do evento.
- **Soou** uma hora da tarde (sujeito) no sino da igreja.
- Já **vão dar** dez horas (sujeito) e o João ainda não chegou.

⇨ **Observações:**

1. Não confunda esta regra com a regra dos verbos "estar, fazer, haver, ir" na indicação de tempo transcorrido. Estes verbos são impessoais e ficam na terceira pessoa do singular.

2. Quando o sujeito dos verbos “dar, bater e soar” for a palavra “sino, relógio ou carrilhão”, o verbo concordará com esse sujeito.

- Já **bateu** onze horas o relógio da sala.
  sujeito

- Ainda **vai dar** duas horas da tarde o carrilhão do quarto do meu avô.
  sujeito

13. O pronome apassivador “SE” exige que o verbo (transitivo direto ou transitivo direto e indireto) concorde com o seu sujeito passivo.

VTDI sujeito passivo
- **Transmitiram**-se-lhe novas informações sobre o caso investigado pela Polícia Federal.

Lembre-se de que, neste caso, é possível a transformação da passiva sintética em analítica. Veja: “Novas informações lhe foram transmitidas sobre...”.

- **Desfizeram**-se todas as dúvidas quando se **apresentaram** as novas provas.
  VTD sujeito passivo VTD sujeito passivo

- **Compraram**-se novas ferramentas para a construção do edifício.
  VTD sujeito passivo

VTDI sujeito passivo
- **Entregou**-se a cada um dos formandos em Direito uma carta de apresentação para emprego.

Observe abaixo exemplos, que foram extraídos de provas de concursos públicos, em que NÃO se obedeceu à concordância do verbo com o seu sujeito passivo (destacamos o verbo em cor laranja e sublinhamos o núcleo do sujeito passivo):

- Ainda não se encontraram, para essas duas tendências contraditórias, qualquer possibilidade de harmonização. (→ Corrija-se para “... não se encontrou...”)

- A todos esses atos supostamente cruéis, cometidos no reino animal, aplicam-se, acima do bem e do mal, a razão da propagação das espécies. (→ Corrija-se para “..., aplica-se,...)

- Incluem-se entre os inúmeros efeitos da obsessão pela forma física a busca de produtos de consumo, sobretudo os esportivos e os dietéticos. (→ Corrija-se para “Inclui-se...”)

14. Os verbos intransitivos, os transitivos indiretos e os de ligação associados a um pronome "SE" ficam na terceira pessoa do singular. O "SE" funcionará como "índice de indeterminação do sujeito".

- Nunca mais se falou do esfacelamento do império russo.
  IIS VTI
- Assistiu-se a muitos filmes nestas férias.
  VTI IIS
- Em alguns bairros da cidade de Recife, mora-se muito bem.
  VI IIS
- Precisa-se de novos jovens empreendedores que mudem a face do mercado de capitais.
  VTI IIS

15. Com a expressão "haja vista" – que significa 'tenha-se em vista, leve-se em conta, considere-se' – admitem-se as seguintes concordâncias:

expressão invariável seguida de um artigo ↴

- O Presidente parece preocupado com a situação dos pobres, haja vista os inúmeros investimentos na saúde.

expressão invariável seguida da preposição "a" ↴

- Aquele bairro está se tornando um dos mais violentos, haja vista aos inúmeros assaltos que lá ocorrem.

o verbo "haver" varia para concordar com o substantivo posposto ↴

- Aquele prédio deve apresentar problemas na estrutura, hajam vista as inúmeras reformas que se fizeram.

⇨ **Observação:**

Nunca se esqueça, porém, de que, com esta expressão, a palavra "vista" é sempre invariável.

5.1.4 REGRAS ESPECIAIS DE CONCORDÂNCIA VERBAL COM O SUJEITO COMPOSTO

Regra geral: O sujeito composto exige o verbo da concordância no plural.

sujeito composto — verbo na 3.ª pessoa do plural

- Todos os argumentos e todas as formas de intervenção **foram utilizados** para mudar o pensamento dele.

sujeito composto

- O líder comunitário e todas as mulheres ofendidas com a ação do marginal **deporão** na delegacia mais próxima.

verbo na 3.ª pessoa do plural

Dica: Deste ponto em diante, estudaremos as regras que, de alguma forma, fogem da regra geral. Não se afobe! Sugiro que, se estiver cansado, pare um pouco. Descanse e volte.
Procure entender o porquê da regra, não se esquecendo de que a regra maior sempre exige o verbo no plural quando o sujeito é composto. Vamos lá!

1. **Quando o sujeito composto vier posposto ao verbo, é lícito que se concorde com o núcleo mais próximo desse sujeito ou, como nos orienta a regra geral, com ambos os núcleos.**

- Das indagações do novo funcionário **adveio / advieram** uma nova ideia para a equipe e uma nova forma de pensar a empresa.

sujeito composto posposto ao verbo

- Não **convém / convêm** aos iniciantes na carreira advocatícia nem a liberalidade dos anarquistas nem a seriedade dos monges.

sujeito composto posposto ao verbo

sujeito composto posposto ao verbo

- Nenhum resultado **obteve / obtiveram** a reclamação do pai e as advertências da mãe.

⇨ Observação:

Quando se exprime reciprocidade, o verbo vai sempre para o plural. Observe:

- "Eram olhos, onde lutavam amor profundo e cólera violenta." (A. Herculano)
- Falamos com a mulher em cujo coração estavam vida e morte.

2. **Quando o sujeito composto é formado por núcleos sinônimos, ou quase sinônimos, ou ainda se tais núcleos constituem uma gradação, o verbo poderá concordar tanto no singular quanto no plural.**

núcleos sinônimos ou quase sinônimos

- A fama, a glória, o reconhecimento do público **fez** / **fizeram** de Paulo um homem arrogante.

núcleos sinônimos ou quase sinônimos

- Morro, se a misericórdia, o perdão, a graça de Deus não me **acode** / **acodem**.

núcleos do sujeito formam uma gradação

- O desafeiçoado, o insensível, o empedernido nunca se **preocupa** / **preocupam** com a situação dos outros.

núcleos do sujeito formam uma gradação

- O fraco, o debilitado, o sem-forças se **rende** / **rendem** com facilidade às corrupções do mundo.

núcleos sinônimos ou quase sinônimos

- "A largueza e relaxação da vida **escurece** a consciência e **cega** a alma." (Pe. Antônio Vieira, *Sermões*).

⇨ **Observações:**

a) Tenha muito cuidado com esta regra. Não é qualquer tipo de sujeito composto que possibilitará o verbo no singular. A concordância no singular é possível pela unidade semântica que esses sujeitos representam.

b) Quando a gradação do sujeito for resumida por um termo, só com este termo se fará a concordância. Veja:

termo que resume a gradação

- Um mês, um ano, um século, **uma vida inteira** não **bastava** para esquecer a mágoa que ela me causou.

c) É fundamental também não se esquecer de que a concordância no singular, nesta regra, só é possível, porque há também uma unidade de singular entre os núcleos do sujeito. Basta um dos núcleos vir no plural para que só o plural seja admissível para o verbo da concordância. Veja:

- O rancor, a mágoa, a cólera, a ira, o ódio sempre **fazem** / **faz** mal ao homem.

sujeito formado por núcleos sinônimos ou quase sinônimos

Agora...

- O rancor, **as mágoas**, a cólera, a ira, o ódio sempre **fazem** mal ao homem.

3. **Quando o sujeito composto é resumido por um pronome indefinido (tudo, toda, nada, ninguém, cada um etc.), o verbo concordará com este pronome resumitivo.**

- O mar, os céus, a terra, **tudo** **apregoa** a glória de Deus.
  pronome resumitivo
- Doenças, desemprego, morte na família, **nada** o **fazia** pensar sobre a vida.
  pronome resumitivo
- "No quintal a aroeira e a pitangueira, o poço, a caçamba velha, e o lavadouro, **nada** **sabia** de mim". (M. Assis)

⇨ Cuidado!! Não se deixe enganar:

OD VTD

- As bolas de sopro, as serpentinas, os confetes tudo **queriam** os organizadores da festa naquele instante.
  sujeito do verbo querer

4. **Quando os núcleos do sujeito forem infinitivos não precedidos de determinante, o verbo concordará na terceira pessoa do singular.**

Dica: Para aprofundar este conhecimento, confronte esta regra com a regra do sujeito oracional, estudado no final deste capítulo.

- **Fazer** exercícios regulares e **dormir** oito horas diárias **faz** bem à saúde.
  sujeito composto cujos núcleos são infinitivos
- **Fumar e beber** em ambiente de trabalho **é** terminantemente proibido.
  sujeito composto cujos núcleos são infinitivos
- **Viver e sonhar** **constitui** a alma de nossa existência.
  sujeito composto cujos núcleos são infinitivos
- "**Vê-la e amá-la** foi obra de um minuto." (Machado de Assis)
  sujeito composto cujos núcleos são infinitivos

⇨ **Observação:**

Se os infinitivos vierem precedidos de determinantes ou se indicarem ideias contrárias,

o verbo irá para o plural:

- O comer e o beber **exigem** de todos nós moderação.
- **Nascer e morrer constituem** os limites de nossa vida.

5. Quando os núcleos do sujeito são ligados por "OU", devem-se observar as seguintes orientações:

a) Se houver ideia de exclusão ou de sinonímia ⇨ o verbo concordará com o núcleo do sujeito mais próximo

b) Se houver ideia de inclusão ⇨ o verbo concordará com ambos os núcleos

c) Se houver ideia de retificação ⇨ o verbo concordará com o núcleo do sujeito mais próximo

- Toda a empresa está certa de que ele **ou** tu **serás** o novo presidente.
  a partícula indica exclusão

- Guará **ou** Guaratinguetá sempre **foi** uma excelente cidade para o turismo.
  a partícula indica sinonímia

- João Paulo **ou** André **casará** com a filha do prefeito.
  a partícula indica exclusão

- Laranja **ou** abacaxi após o almoço fazem bem à digestão.
  a partícula indica inclusão

  A partícula indica retificação

- O vencedor **ou** vencedores do concurso **ganharão** também uma bolsa de estudos no exterior.

  a partícula indica exclusão

- O Presidente do grupo **ou** os seus vice-diretores terão aumento neste final de ano.

6. Quando o sujeito é formado pela expressão "um ou outro", o verbo da concordância fica obrigatoriamente no singular.

- Você não dá esmolas, mas um ou outro amigo seu **dá**.

- Acredito que uma ou outra camisa lhe **fica** muito bem.
- Para aquele deputado um ou outro ministério lhe **conviria**.

7. Quando o sujeito é formado pelas expressões "Um e outro" ou "Nem um nem outro", embora haja uma preferência para o plural, a concordância pode ser feita tanto no singular quanto no plural.

- Não adianta correr, pois nem um nem outro **escapará** / **escaparão**.
- Um e outro participante da maratona **alegou** / **alegaram** que houve fraude na competição.
- Paula e Joana foram reprovadas nos estudos. Nem uma nem outra **quis** / **quiseram** falar sobre o fato.
- Quando ele caiu em campo, um e outro jogador **tentou** / **tentaram** socorrê-lo, mas foi tarde demais.

Lembrete:
"A esta altura do campeonato", convém não esquecer: os verbos que indicam reciprocidade concordam no plural – 3.ª pessoa.

- Nem um nem outro **se cumprimentaram** à porta do evento.
  verbo indica reciprocidade. O plural é obrigatório.

  verbo indica reciprocidade. O plural é obrigatório.
- Na última sessão, um e outro parlamentar **se esbofetearam** em virtude da não aprovação da medida.

8. Quando os núcleos do sujeito são unidos por "Nem... nem...", o verbo da concordância poderá ficar tanto no singular quanto no plural.

- Nem o Sport nem o Náutico **ganhará / ganharão** o torneio este ano.
- Nem honra, nem desonra, nem alegria, nem tristeza o **faziam** / **fazia** chorar.

⇨ **Observação:**

Se houver pronomes pessoais indicando pessoais gramaticais diferentes, o verbo da concordância obedecerá à lei da primazia (1.ª pessoa prevalece sobre as demais; 2.ª pessoa prevalece sobre a terceira).

- Nem eu nem tu **iremos** para o show de rock.
  1.ª + 2.ª — 1.ª pessoa do plural prevalece

- Nem o tio João nem tu **deixastes** / **deixaram** o dinheiro para eu comprar a comida. Por que isso aconteceu?
  3.ª + 2.ª — 2.ª ou 3.ª pessoa do plural prevalece

9. Quando os núcleos do sujeito são unidos pela preposição "COM", o verbo da concordância poderá ficar no singular ou no plural.

- O amigo **com** os seus melhores colegas **foi** / **foram** tomar satisfações com o outro grupo em virtude do ocorrido.
- Ele ficou sabendo que o bandido **com** vários de seus comparsas **tentariam** / **tentaria** invadir a fábrica à noite.
- O empresariado brasileiro **com** toda a sua assessoria **poderá** / **poderão** perceber a qualquer momento que a economia não vai bem.

⇨ **Observação:**

Lembre-se de que se o verbo anteceder ao sujeito, ele só poderá concordar com o núcleo mais próximo.

- A nova diretora **com** todos os seus professores **participará** / **participarão** da inauguração do Grêmio acadêmico.
- **Participará** da inauguração do Grêmio acadêmico a nova diretora com todos os seus professores.

10. Quando os núcleos do sujeito vierem unidos pela conjunção "como", embora haja a preferência para o plural, o verbo da concordância poderá ficar no singular ou no plural.

sujeito

- A tarifa de energia elétrica **como** a da água e esgoto **subiu** / **subiram** de preço esta semana.

sujeito

- A criança **como** o adulto só **aprende** / **aprendem** na vida quando se está diante de uma dificuldade.

11. Quando os núcleos do sujeito vierem ligados por conjunções correlatas (Não só... mas também; Não só... bem como; Não só... mas também; Tanto... quanto; Tanto... como etc.), o verbo irá para o plural.

Sujeito

- **Não só** o Ministro da fazenda, **mas também** todo o seu séquito **irão** participar da inauguração das obras.

- **Tanto** a moça **quanto** o seu pai **homenagearão** os professores do curso.

Sujeito

⇨ Observação:

Há gramáticos que também admitem, para este caso, a concordância no singular. Para estas correlações aditivas – as quais literalmente indicam soma, adição, acréscimo – parece-nos mais lógica, entretanto, a concordância apenas no plural.

- Tanto o leite quanto o pão **subiu** / ou / subiram de preço
- Não só o amigo mais íntimo como também toda a parentela **foi** / ou / **foram** visitá-lo na enfermidade.

Ufa!! Quanta regra, hein??!! Sugiro que descanse um pouco antes de iniciar a próxima etapa. Nossa missão será estudar um verbo que, por suas características, possui uma concordância toda especial, toda particular: o verbo SER. O assunto não é difícil e não são muitas as regras. Mantenha a calma! Continue firme!

5.1.5 CONCORDÂNCIA DO VERBO "SER"

O verbo "SER" é, como já disse, um verbo especial. Para a gramática normativa ele é considerado, quando empregado na função de verbo de ligação, um verbo desprovido de significado, não nocional. Em virtude desse esvaziamento semântico e da busca por uma

melhor eufonia, em muitos casos o verbo SER deixará de concordar com o seu sujeito e passará a concordar com o seu predicativo. Observe agora as regras mais comuns para o emprego correto desse verbo:

1. **Quando o sujeito é representado pelos pronomes neutros "tudo, isto, aquilo, o", o verbo SER pode concordar tanto com o seu sujeito quanto com o seu predicativo:**

- Como se sabe, nem tudo na vida **é / são** flores.
- **O** que ele mais admira em você **é / são** seus belos olhos verdes.

2. **Quando o sujeito é formado por um substantivo e o predicativo também é um substantivo, ambos indicando coisas, o verbo SER poderá concordar tanto com o sujeito quanto com o predicativo:**

- A maior parte de todo o problema **era / eram** fricotes da moça.
- A cama dele sempre **foi / foram** restos de jornais velhos.
- 20% dos alunos **foi / foram** o número escolhido para representar a escola nos jogos municipais.

3. **Quando o sujeito for representado por uma pessoa – sujeito personativo –, o verbo SER deverá obrigatoriamente concordar com este sujeito.**

- **Milena era** as alegrias de toda a família.
- A **criancinha** doente **é** as preocupações de seus pais.
- O **deputado foi** só alegrias quando soube que não ia ser cassado.

4. **Quando o verbo SER fizer parte de uma expressão que indica quantidade (peso, medida, preço), ele sempre ficará no singular.**

- Duzentos gramas de presunto **é pouco** para a lasanha.

- Dez mil reais **fora** o bastante para ele comprar um bom automóvel.
- As quarenta árvores plantadas **foi** muito para quem só dispõe de dois hectares de terras inférteis.

5. Quando o sujeito ou o predicativo é representado por um pronome do caso reto, o verbo SER obrigatoriamente concorda com esse pronome.

- **Ele** sempre **foi** os olhos da família.
- Nesta terra, o chefe **sois vós**.
- Neste setor da empresa, os responsáveis **somos nós**.
- Eles sabem que **eu serei** os pilares da organização.

⇨ **Observação:**

Se tanto o sujeito quanto o predicativo forem representados por pronomes do caso reto, o verbo SER concordará obrigatoriamente com o sujeito. Veja:

- Já falei que **eu** não **sou** ele.
- **Nós**, meu senhor, não **somos** eles.

6. Quando o verbo SER fizer parte de locuções que indiquem tempo ou distância, ele obrigatoriamente concordará, embora seja impessoal, com a expressão numérica que acompanhar tais locuções:

- Entre 1964 e 1985 **foram vinte e um** anos de muita repressão.
- Já **devem ser**, pela posição do sol, **umas cinco horas** da tarde.
- **É meio-dia e meia** na cidade de São Paulo e o sol ainda não apareceu.
- Hoje **são dezesseis** de abril.

⇨ **Observação:**

Neste último exemplo também é lícita a concordância “Hoje é dezesseis de abril”, fazendo o verbo concordar com a palavra implícita “dia”. É óbvio que, se a palavra “dia”

vier expressa na frase, o verbo obrigatoriamente concordará com ela. Veja:

- Hoje **é dia** dezesseis de abril.

7. Quando o verbo SER fizer parte da locução expletiva ou de realce "É QUE", ele permanecerá invariável.

- **É** nas horas difíceis **que** se conhecem os verdadeiros amigos.
- Na realidade os homens **é que** deveriam se amar mais uns aos outros.

8. Quando o sujeito é formado por um pronome interrogativo QUE ou QUEM, o verbo SER concorda obrigatoriamente com o seu predicativo.

- Quem **foram os culpados** por esta desordem?
- Que **horas são** agora, por favor?
- Que **poderiam ser aquelas luzes** ao longe?

Puxa!!! Você conseguiu chegar até aqui!! Parabéns!! Só faltam mais algumas regras para terminar o assunto "concordância verbal". Não desista!! Nossa próxima incumbência será entender a concordância com o sujeito oracional.

5.1.6 A CONCORDÂNCIA COM O SUJEITO ORACIONAL

Um dos pontos bastante explorados pelas bancas examinadoras é a concordância com o sujeito oracional. Acompanhe o desenvolvimento a seguir:

- São fundamentais as assinaturas dos sócios no contrato.
  Verbo concorda com o sujeito — sujeito simples
- É fundamental que os sócios assinem o contrato.
  Verbo concorda na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional

Regra geral: O verbo sempre concordará na terceira pessoa do singular com o sujeito oracional.

Observe outros exemplos em que foi feito esse tipo de desdobramento (transformação do período simples em período composto com a formação de um sujeito oracional):

- Foram necessárias todas aquelas mudanças. (período simples)
  sujeito simples
  - Foi necessário **que se fizessem todas aquelas mudanças**. (período composto)
    sujeito oracional

- Espera-se o retorno dele o mais breve possível.
  sujeito simples
  - Espera-se **que ele retorne o mais breve possível**.
    sujeito oracional

- Foi anunciada a construção de uma nova ponte para a nossa cidade.
  sujeito simples
  - Foi anunciado **que uma nova ponte seria construída em nossa cidade**.
    sujeito oracional

⇨ **Observação:**

Lembre-se de que, em português, os infinitivos e as orações representam o número singular e o gênero masculino. Por isso, o sujeito oracional – que não passa de uma oração que exerce a função sintática de sujeito – exige o verbo da concordância no singular. Ademais, se houver algum adjetivo, este irá para o masculino. Observe, no exemplo abaixo, que o adjetivo participial "considerada" não está concordando com o sujeito oracional.

- "**Vencer a sujeição ao acaso** pode ser **considerada** uma das errôneas preocupações do pensamento filosófico inaugurado na Grécia." (ESAF)

Corrija-se para...

- "Vencer a sujeição ao acaso pode ser **considerado** uma das errôneas..."

Como você já está mais familiarizado com o sujeito oracional, vamos abaixo listar as formas como o sujeito oracional se apresenta.

1.ª FORMA

O sujeito oracional é a oração subordinada substantiva subjetiva, desenvolvida e introduzida, geralmente, pelas conjunções integrantes "que" e "se". Observe os exemplos:

- **É** muito difícil **que se cumpram os propósitos** que, invariavelmente, se formulam a cada início de ano.

- Não se **admite** **que hajam nascido, em quaisquer outras espécies, seres capazes de compor sinfonias**.
- **É** imprescindível **que se cumpram os acordos firmados em relação à oferta de energia e aos preços adequados, e que se atenda ao aumento da demanda**.
- **Urge** **que sejam definidas as metas de oferta de energia em quantidade suficiente e preço adequado**, para impulsionar o desenvolvimento do país.

⇨ **Observação:**

O importante não é apenas identificar o sujeito oracional. Acima de tudo, é essencial perceber que o verbo (destacado em cor laranja) concorda na 3.ª pessoa do singular com o sujeito oracional.

2.ª FORMA

O sujeito oracional manifesta-se por meio de uma estrutura proverbial ou de uma assertiva categórica, introduzidas pelo pronome relativo condensado "QUEM", que equivalerá a "AQUELE QUE". Observe os exemplos abaixo:

- **Quem canta** seus males espanta.
  sujeito oracional para o verbo "espantar"
- **Quem com porcos se mistura** farelo come.
  sujeito oracional para o verbo "comer"
- **Quem com ferro fere** com ferro será ferido.
  sujeito oracional para a locução da voz passiva "será ferido"
- Como obterá aprovação em um concurso público **quem nunca estudou com seriedade**?
  sujeito oracional para o verbo "obter"
- **Quem quiser conhecer os detalhes da vida** estude Filosofia.
  sujeito oracional para o verbo "estudar"

⇨ **Observação:**

Mais uma vez fique atento à concordância dos verbos "espantar, comer, ferir, obter e estudar", usados nos exemplos acima. Veja que todos estão flexionados na 3.ª pessoa do singular para concordar com seus respectivos sujeitos oracionais.

Conselho de amigo: Fique muito atento!! O próximo caso é um dos mais explorados nos concursos públicos.

3.ª FORMA

O sujeito oracional é a oração subordinada substantiva subjetiva, reduzida de infinitivo. Observe os exemplos abaixo (destacamos o verbo – que concorda na 3.ª pessoa do singular – e o sujeito oracional):

- Não **convém** aos novos formandos em Direito **agir de forma contrária à Lei**.
  verbo na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional – oração reduzida de infinitivo

- Caso não nos **ocorresse**, naquelas horas, **buscar o auxílio de um guia**, jamais teríamos encontrado o caminho.
  verbo na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional

- Não **compete** aos historiadores **exercer a mera função de arquivistas públicos**.
  verbo na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional

- Não **aprouvesse** aos homens **criar instituições**, certamente viveríamos sob o signo da barbárie.
  verbo na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional

- Em muitos prédios do centro, ainda **resta**, nos andares mais altos, **vender muitas unidades**.
  verbo na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional

- **Faltava** **dar os últimos retoques** para que a festa ficasse pronta.
  verbo na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional

- Quanto aos nossos vizinhos, **cabe**-nos **reconhecê-los como nossos semelhantes**, pois, como nós, são seres únicos.
  verbo na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional

- Muitas pessoas, achando que não lhes **basta** **ouvir os apelos da vocação**, valorizam as vantagens pecuniárias de uma profissão.
  verbo na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional

- Em geral não nos **apetece** **enfrentar os contornos duros do nosso rosto verdadeiro**, mais desconfortáveis que os do construído.
  verbo na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional

Aviso aos navegantes: O próximo caso será um pouco complicado. Sugiro que pare um pouco e descanse a mente (5 minutos é o bastante!). Estude mais de uma vez o caso abaixo; se não entender, consulte o seu professor, o seu orientador.

4.ª FORMA

O sujeito oracional é a oração subordinada substantiva subjetiva, reduzida de infinitivo, e que se encontra posposta e apresenta transitividade incompleta (geralmente o infinitivo é transitivo direto com objeto direto no plural). Observe o exemplo abaixo (destacamos o sujeito oracional em cor laranja):

- Os documentos **que** era preciso **encontrar** resolveriam o problema.

Observe a construção...

1.ª oração: Os documentos resolveriam o problema.

2.ª oração: que (os documentos) encontrar → sujeito oracional para a 3.ª oração

3.ª oração: era preciso

Algumas considerações sobre o exemplo acima:

a) Observe que o pronome relativo "que" é o objeto direto do verbo "encontrar". Como o relativo se refere a "Os documentos", teremos, então: "encontrar os documentos".

b) O verbo "ser" em "era preciso" concorda com o seu sujeito oracional "encontrar os documentos". Logo, teremos: "Encontrar os documentos era preciso". Ocorre que o termo "os documentos", no exemplo, está representado pelo pronome relativo "que".

Vejamos outros exemplos:

verbo "ser" concorda na 3.ª pessoa do singular

- Os navios **que é essencial construir** servirão para a defesa do nosso litoral.
  sujeito oracional = que (os navios) construir

- O deputado estava preocupado com os votos **que lhe convinha arranjar**.
  sujeito oracional = que (os votos) arranjar

- As medidas **que seria oportuno decretar** poderiam diminuir as exportações.
  sujeito oracional = que (as medidas) decretar

verbo "tentar" concorda na 3.ª pessoa do singular com o sujeito oracional

- Fui de encontro às ações **que se tentava implantar**.
  sujeito oracional passivo = que (as ações) implantar

verbo "caber" concorda na 3.ª pessoa do singular com o sujeito oracional

- Nunca lhe pesou nas costas a dificuldade das funções **que lhe cabia desempenhar**.
  sujeito oracional = que (as funções) desempenhar

Observações sobre esse último caso:

a) Perceba que, em todos os exemplos, a função sintática do pronome relativo "que" é definida pelo infinitivo, o qual representa o núcleo do sujeito oracional.

b) Nos grandes concursos, algumas bancas exploram este tipo de sujeito oracional. É preciso ter muito cuidado para não se fazerem confusões. Veja abaixo uma análise errada de um período que apresenta sujeito oracional posposto com verbo transitivo direto e objeto direto no plural:

- As subvenções **que são lícitas obter do governo** atrapalham as importações.
  O sujeito do verbo "ser" é a oração "que (as subvenções) obter do governo"

Logo, é preciso corrigir o período acima para...

- As subvenções **que** é lícito **obter do governo** atrapalham as importações.

5.1.7 CONCORDÂNCIA DO VERBO "PARECER"

Outro caso bastante interessante diz respeito à concordância do verbo "parecer". Isto porque este verbo tem o condão de tanto poder funcionar como verbo auxiliar em uma locução verbal quanto de aparecer como verbo independente, geralmente empregado como intransitivo. Vejamos:

- Maria **está** doente. ➡ Maria **parece** doente.
  Verbo de ligação — verbo de ligação

- Maria **deve estar** doente.
  Locução verbal

- Maria **parece estar** doente.
  - Maria estar doente PARECE.
    (Período composto. Verbos independentes.)
  - Maria parece estar doente.
    (Período simples. Locução verbal "parecer + estar").

A partir desses primeiros exemplos, chegamos a uma regra:

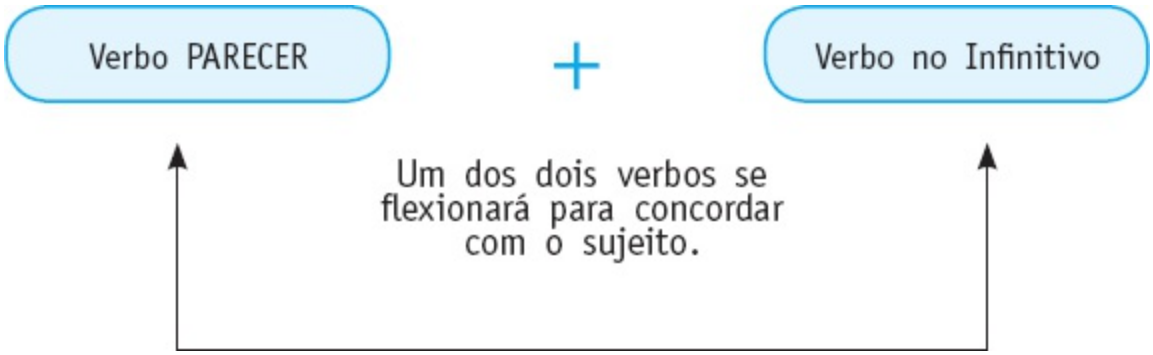

Outros exemplos:

a)

- As estrelas **parecem brilhar**. (Período simples. Locução verbal. Sujeito simples: "As estrelas".)

OU

- As estrelas **parece brilharem**. (Período composto. Verbos independentes. Sujeito do verbo parecer é oracional: "Brilharem as estrelas".)

b)

- Alguns animais **parecem andar** como os pássaros, saltitando.

OU

- Alguns animais **parece andarem** como os pássaros, saltitando.

c)

- As lágrimas **pareciam** não a **deixar** viver a vida.

OU

- As lágrimas **parecia** não a **deixarem** viver a vida.

⇨ **Observação:**

A essa mesma regra obedecem os verbos “ver-se” e “ouvir-se” quando são seguidos de um infinitivo.

- Nunca mais **se ouviu** os acordes do hino de Pernambuco **tocarem**.

OU

- Nunca mais **se ouviram** os acordes do hino de Pernambuco **tocar**.

⇨ **Observação:**

Não se esqueça de que o sujeito oracional nada mais é do que uma oração subordinada substantiva subjetiva.

5.1.8 CONCORDÂNCIA DOS VERBOS “COSTUMAR, PODER, DEVER, PRECISAR”

Um último caso bastante intrigante de concordância se dá com os verbos “costumar, poder, dever, precisar” em construções passivas seguidas de um infinitivo transitivo direto. Tais verbos poderão tanto formar uma locução verbal com o infinitivo como poderão concordar na 3.ª pessoa do singular com o sujeito oracional formado a partir do infinitivo. Observe o diagrama:

VERBOS	PARTÍCULA	INFINITIVO TRANSITIVO DIRETO	NOME NO PLURAL
COSTUMAR PODER DEVER PRECISAR	SE		
Estes verbos poderão se flexionar, formando uma locução verbal com o infinitivo, ou ficar na 3.ª pessoa do singular para concordar com o sujeito oracional.	Funcionará como partícula apassivadora		

Exemplos:

- Em virtude da lei, não se { deve / devem } comprar produtos pirateados.
- Se se { pudesse / pudessem } aprovar mais leis em menos tempo, o país cresceria mais rápido.

- No Brasil, [costuma-se / costumam-se] vender carros usados para as pessoas mais pobres.
- "Concluo que não se **devem** abolir as loterias." (Machado de Assis)
- "Mas a V. Ex.ª **pode**-se dizer estas cousas, porque pertence à elite: a desgraça de Portugal é a falta de gente." (Eça de Queiroz)

Chegamos ao final!! Agora é o momento de praticar. Procure resolver todos os exercícios abaixo.

5.1.9 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

Concordância Verbal

1. (UM-SP) Já ... muitos anos que se alteraram algumas regras de acentuação, mas ... muitas pessoas que ainda ... ao grafar certas palavras.

   a) deve fazer, há, hesitam.
   b) devem fazer, tem, excitam.
   c) deve fazerem, há, hesita.
   d) deve fazer, tem, hesitam.
   e) fazem, há, excitam.

2. (FCMSC-SP) Aponte a concordância menos aceitável.

   a) Isto são sintomas menos sérios.
   b) Aquilo são lembranças de um triste passado.
   c) Paula foi os sonhos de toda a família.
   d) Aquela jovem tinha duas personalidades.
   e) Pedrinho eram as preocupações da família.

3. (TRF 5ª Região – Analista Judiciário – Judiciária) As normas de concordância verbal estão plenamente observadas na frase:

   a) O que há de mais terrível nas cenas de violência transmitidas pela TV estão nas reações de indiferença de alguns espectadores.
   b) Não se devem responder aos sacrifícios humanos com o cinismo de quem se julga superior.

c) Não se levante contra o pessimista as acusações de imobilismo moral e inconsequência política.

d) Ainda que não houvessem outras razões, o surdo idealismo dos pessimistas bastaria para os aceitarmos.

e) Os otimistas não julguem os pessimistas, nem estes àqueles, pois ambos convergem para alguma forma de idealismo.

4. (PUC-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que a concordância verbal esteja correta.

a) Discutiu-se a semana toda os acordos que têm de ser assinados nos próximos dias.

b) Poderá haver novas reuniões, mas eles discutem agora sobre que produtos recairão, a partir de janeiro, a taxa de exportação.

c) Entre os dois diretores deveria existir sérias divergências, pois a maior parte dos funcionários nunca os tinha visto juntos.

d) Faltava ainda dez votos, e já se comemoravam os resultados.

e) Eles hão de decidir ainda hoje, pois faz mais de dez horas que estão reunidos naquela sala.

5. (UEL-PR) Já ... uns doze anos que ele não voltava à terra natal, por isso não sabia que lá ... ocorrido mudanças.

a) deviam fazerem, havia.

b) devia fazer, haviam.

c) devia fazer, havia.

d) deviam fazer, haviam.

e) deviam fazer, havia.

6. (FCC – TRT 23ª Região – Analista Judiciário) Quanto às normas de concordância verbal, a frase inteiramente correta é:

a) Mais gente, assim como o fez a juíza brasileira, deveriam ponderar as sábias palavras que escolheu Disraeli para convocar a ação dos justos.

b) A muitas pessoas incomodam reconhecer que sua omissão diante da barbárie as torna cúmplices silenciosas dos contraventores e criminosos.

c) É comum calarmos diante dos descalabros a que costumam dar destaque o noticiário da imprensa, e acabamos, assim, por consenti-los.

d) Quando não se opõem à ação do homem acanalhado, quando ocorre essa grave omissão, os homens justos deixam de fazer valer seu peso político.

e) Se tivessem havido firmes reações aos descalabros dos canalhas, estes não desfrutariam, com sua falta de escrúpulo, de um caminho já aplainado.

7. (UM-SP) Assinale a oração em que o verbo ***não*** concorda em número e pessoa com o sujeito, ferindo os princípios da concordância.

a) Faltam ainda alguns passos seguros para a aquisição de uma vida pacífica.
b) Existem criações sensatas capazes de superar até as mais espantosas maldades.
c) As desilusões que a perturbam hoje já passaram alguns dias comigo.
d) De sinceras intenções, as pessoas estão saturadas.
e) Exatamente irreais, suas palavras só contem valores supérfluos.

8. (ESAF – AFT) Assinale a opção que corresponde a palavra ou expressão destacada no texto abaixo que foi empregada de acordo com as regras de concordância.

Como nunca antes, a ordem e a cultura do capital mostram inequivocamente o seu rosto inumano, revelam a lógica perversa que as(1) dominam(2) internamente e que, antes, podiam ser escamoteadas(3) a pretexto do confronto com o socialismo: criam, por um lado, grande riqueza e concentração de poder à custa da devastação da natureza, da exaustão da força de trabalho e de uma estarrecedora pobreza. A utilização crescente da informatização e da robotização criam(4), ao dispensar o trabalho humano, os desempregados estruturais, hoje, totalmente descartáveis. E soma-se(5) aos milhões só nos países do Primeiro Mundo.

(Adaptado de Leonardo Boff. *Depois de 500 anos:* que Brasil queremos? Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 41.)

a) (1)
b) (2)
c) (3)
d) (4)
e) (5)

9. (FCC – TRT 23ª Região – Analista Judiciário) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do ***plural*** para preencher de modo correto a lacuna da frase:

a) Se a cada um de nós efetivamente ..... (**perturbar**) os que agem mal, a impunidade seria impossível.
b) .....-se (**dever**) aos homens de ação o aperfeiçoamento estrutural de uma sociedade.
c) Nas palavras dos piores contraventores ..... (**costumar**) haver insolentes

alusões à moralidade.

d) Aos bons cidadãos não ..... (**ocorrer**) que os maus contam com o silêncio da sociedade para seguirem sendo o que são.

e) Aqueles de quem não ..... **(advir)** qualquer reação contra os desonestos acabam estimulando a corrupção.

10. (UEL-PR) Acredito que ... muitas enchentes, pois ... fatos que ... afirmá-lo.

a) haverão – ocorre – permitem.

b) haverá – ocorre – permitem.

c) haverá – ocorrem – permitem.

d) haverão – ocorre – permite.

e) haverão – ocorrem – permite.

11. (FCC – TRF 3ª Região – Analista Judiciário) As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na frase:

a) Não se imputem aos adolescentes de hoje a exclusiva responsabilidade pelo fato, lastimável, de aspirarem a tão pouco.

b) A presença maciça, em nossas telas, de tantas ficções, não nos devem fazer crer que sejamos capazes de sonhar mais do que as gerações passadas.

c) Se aos jovens de hoje coubesse sonhar no ritmo das ficções projetadas em nossas telas, múltiplos e ágeis devaneios se processariam.

d) Ficaram como versões melhoradas da nossa vida acomodada de hoje o vestígio dos nossos sonhos de ontem.

e) Ao pretender que se mobilize os estudantes para as exigências do mercado de trabalho, o professor de nossas escolas impede-os de sonhar.

12. (FCC – TRF 3ª Região – Analista Judiciário) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do ***plural*** para preencher corretamente a lacuna da frase:

a) Para que não ..... (**restringir**) o sonho de um jovem, as imposições do mercado de trabalho devem ter sua importância relativizada.

b) Seria essencial que nunca ..... (**faltar**) aos adolescentes, mesmo em nossos dias pragmáticos, a liberdade inclusa nos sonhos.

c) Entre as duas hipóteses que ..... (**examinar**), considera o autor que o elemento comum é redução da capacidade de sonhar.

d) Não se ..... (**delegar**) às escolas a missão exclusiva de preparar os jovens para sua inserção no mercado de trabalho.

e) É pena que ..... (**faltar**) aos jovens a referência dos sonhos que seus pais já tenham alimentado em sua época de adolescentes.

13. (ESAF – AFRFB) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado de O Globo. Assinale a opção que apresenta erro de concordância.

a) Para sustentar um crescimento duradouro nos moldes do registrado no ano passado, a economia brasileira precisa se preparar, multiplicando seus investimentos, que, aliás, parecem deslanchar. Mas leva algum tempo até que atinjam a fase de maturação.

b) Nesse período, seria preferível que a economia crescesse em ritmo moderado, na faixa de 4% a 5% ao ano, para evitar pressões indesejáveis sobre os preços ou uma demanda explosiva por importações, o que poderia comprometer em futuro próximo as contas externas do país.

c) O Brasil felizmente tem uma economia de mercado, na qual controles artificiais não funcionam ou causam enormes distorções. As iniciativas de política econômica para se buscar um equilíbrio conjuntural deve, então, se basear nos conhecidos mecanismos de mercado.

d) No caso do Banco Central, o instrumento que tem mais impacto sobre as expectativas de curto prazo, sem dúvida, é a taxa básica de juros, que estabelece um piso para a remuneração dos títulos públicos e, em consequência, para as demais aplicações financeiras e operações de crédito não subsidiado.

e) Se a taxa de juros precisa agir sozinha na busca desse equilíbrio conjuntural, o aperto monetário pode levar os agentes econômicos a reverem seus planos de investimento, e com isso o ajuste se torna mais moroso, sacrificando emprego e renda.

14. (FCC – TRF 3ª Região– Analista Judiciário) Considerando-se as normas de concordância verbal, há uma ***incorreção*** na frase:

a) Tão rápidos quanto os “cliques” das mágicas maquininhas são o prazer e o enfado que caracterizam as modernas sessões de fotografia.

b) Não é de se crer que todos os produtos com alta tecnologia cheguem a se banalizar, já que a banalidade está nas circunstâncias em que se venham a utilizá-los.

c) Não compete nem aos cientistas nem aos produtores responsabilizar-se pelas consequências da utilização do que nos oferecem.

d) Quantos mais inventos haja, mais impulsivos hão de ser nossos desejos de os consumir, como vem sucedendo no caso dos engenhos eletrônicos.

e) Seria de se esperar que se associassem à moderna tecnologia apenas os benefícios reais, que a ela se tributassem tão somente vantagens inequívocas.

15. (Fatec-SP) Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal.

a) Devem haver outras razões para ele ter desistido.
b) Foi então que começou a chegar um pessoal estranho.
c) Queria voltar a estudar, mas faltava-lhe recursos.
d) Não se admitirá exceções.
e) Basta-lhe dois ou três dias para resolver isso.

16. (FCC – Técnico Legislativo – Câmara dos Deputados) A forma verbal de ***singular*** que também poderia ter sido empregada corretamente no ***plural*** está grifada na frase

a) *... a ordem social era imutável...*
b) *... e a Igreja, junto com o poder absolutista, tinha o monopólio da informação.*
c) *... num processo que também gerou a onda de inovação ...*
d) *... quando isso vai de encontro aos interesses da comunidade...*
e) *... em que ela está inserida.*

17. (UFCE-CE) Complete as seguintes frases observando a concordância verbal e, depois, assinale a opção ***certa***.

1. Como ... haver pessoas tão generosas. (poder – imperf. do ind.)
2. ...-se, muito longe, os sinos da igreja. (ouvir – imperf. do ind.)
3. ... muitos anos que ela não vai a festas. (fazer – pres. do ind.)
4. Eles sempre se ... com dignidade. (haver – perf. do ind.)
5. ...-se muitas pessoas dirigindo-se à matriz. (ver – pres. do ind.)

a) podia, ouviam, faz, houveram, veem.
b) podiam, ouvem, fazem, houveram, vêm.
c) podia, ouvia, faz, havia, veem.
d) pôde, ouve, fazem, houveram, veem.
e) n.d.a.

18. (FCC – Metrô/SP – Supervisor de Linha) Tendo em vista as normas de concordância verbal, é preciso ***corrigir*** a seguinte frase:

a) Podiam-se assistir com prazer às danças das chamas na lareira.
b) Mal haviam decorrido alguns minutos, o líder foi para junto da lareira.
c) Na lareira queimavam-se as achas e produzia-se a dança das chamas.
d) Nenhum dos gestos do líder deixava de ser analisado pelo dono da casa.

e) Não escapava ao liderado o sentido dos gestos produzidos pelo líder.

19. (Unibero-SP) Em todas as alternativas, ***exceto*** em uma, o verbo pode ir para o plural ou ficar no singular:

a) Mais de uma pessoa (atingir) a meta.
b) Um bando de andorinhas (pousar) no varal.
c) Pequena parte dos cantores (dar) um agudo.
d) Um grande número de maritacas (grasnar).

20. (FCC – PBGÁS/PB) As normas de concordância verbal e nominal estão inteiramente respeitadas na frase:

a) Diante das imagens que na tela se sucede, o usuário de um computador parece hipnotizado.
b) Principais responsáveis pelos primeiros meios de transporte, a tração animal veio a ser substituída pela dos motores.
c) Se fossem mais intensos por serem mais velozes, nossa reflexão e nossa emoção estariam hoje num invejável patamar.
d) Uma vez que passe a atrair toda a nossa atenção, bons romances e belas peças musicais afastam nossa obsessão pela velocidade.
e) Aos meninos diante das telas não costuma ocorrer que a velocidade que os preocupa acelera também a passagem da infância.

GABARITO

Concordância Verbal

1 – A	2 – E	3 – E
4 – E	5 – B	6 – D
7 – E	8 – A	9 – A
10 – C	11 – C	12 – A
13 – C	14 – B	15 – B
16 – B	17 – A	18 – A
19 – A	20 – E	

5.2 CONCORDÂNCIA NOMINAL

Deixamos para trás a concordância entre o verbo e o seu sujeito. A partir de agora, nossa preocupação será identificar o substantivo e os termos que a ele se referem. Mais uma vez receba meu apoio. Este assunto, à exceção de uma ou outra regra, é bastante fácil. É preciso, entretanto, ficar bastante atento para perceber a quem o termo está se referindo. Nosso sucesso dependerá desse conhecimento. Bons estudos!!

5.2.1 REGRA GERAL

Observe atentamente o exemplo abaixo:

Perceba que os dois substantivos (amigos e regiões) encontram-se cercados por outros termos que se flexionam no gênero e no número dos substantivos. Estamos, portanto, diante da regra geral da concordância nominal:

> O adjetivo, o artigo, o numeral e o pronome adjetivo concordam em gênero e número com o nome a que se referem.

Antes, porém, de iniciarmos as demais regras, convém relembrar:

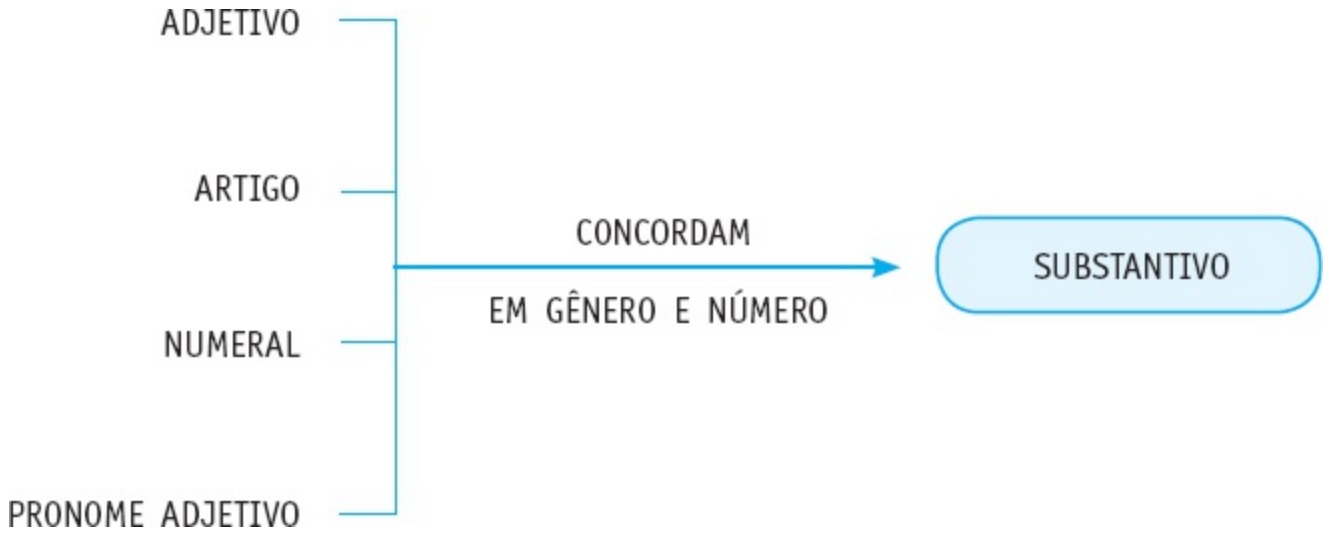

Não se esqueça também da seguinte orientação:

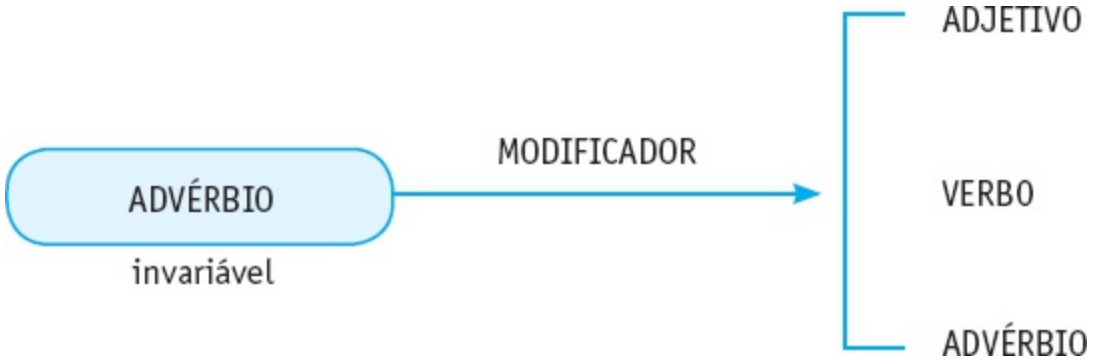

Veja:

- Havia **muito** barulho por causa das pessoas que falavam **muito** alto.
  pronome indefinido — advérbio
- Por sempre andar por **longes** terras sempre morou **longe** de seus familiares.
  adjetivo — advérbio
- Foi considerado o homem **certo** para o cargo porque sempre agiu **certo**.
  adjetivo — advérbio

Logo, nosso cuidado daqui para frente será não confundir um advérbio – classe de palavra invariável – com as classes morfológicas que concordam com o substantivo. Para tanto, observe a quem o termo se refere. Se ele fizer referência a um substantivo, deverá concordar com este; se, por outro lado, ele se referir a um adjetivo, a um verbo ou mesmo a um advérbio, o termo em questão será um advérbio, portanto invariável.

Estudaremos agora as demais regras da concordância nominal. Você perceberá que boa parte das regras diz respeito à concordância do adjetivo. Lembre-se, portanto, de que o adjetivo exerce, basicamente, duas funções sintáticas: adjunto adnominal e predicativo.

5.2.2 PRINCIPAIS CASOS DE CONCORDÂNCIA NOMINAL

1. **Com os adjetivos compostos, somente o último elemento varia para concordar com o substantivo a que se refere.**

- Ele fez duas intervenções médico-**cirúrgicas**.
- Firmaram dois grandes acordos sino-franco-**lusitanos**.
- As condições sociopolítico-**econômicas** do país não condiziam com os princípios da

cultura greco-**latina**.

⇨ Observações:

Lembre-se de que os adjetivos “azul-celeste” e “azul-marinho” são invariáveis.
Já com o adjetivo “surdo-mudo” ambos os elementos variam.

Não se esqueça também de que os adjetivos referentes a cor formados por adjetivo mais um substantivo são invariáveis.

- Compramos duas blusas azul-celeste.
- Falamos com dois surdos-mudos.
- Na formatura, usou duas blusas amarelo-canário.

2. Quando um único adjetivo, na função de adjunto adnominal, refere-se a mais de um substantivo, hão de se observar duas vertentes para a concordância:

a) Se o adjetivo vier anteposto, concordará obrigatoriamente com o substantivo mais próximo:

- Ele possuía **monstruosas** mãos e braços.
- O bufê servia **maravilhosas** tortas e salgados.
- Em sua viagem, passou muitas horas admirando as **magníficas** montanhas e mares do sul.
- **Recuperada** a saúde e o ânimo, ele voltou imediatamente ao seu posto de trabalho.

b) Se o adjetivo vier posposto, poderá concordar tanto com o substantivo mais próximo quanto com os dois substantivos no plural. Neste último caso, se os gêneros dos substantivos forem diferentes, prevalecerá o masculino plural para o adjetivo:

- Após o tsunami, caminhou pelos becos e pelas ruas { destruídas / destruídos } pela força das águas.
- Em um canto da sala, deixaram um sapato e uma sandália { velha. / velhos. }
- Ontem à tarde encontrei o aluno e a aluna { estudiosa. / estudiosos. }

- Divulgará uma notícia e uma nota
  - extraordinária
  - extraordinárias

  para relatar o fato à população.

⇨ Observações:

Se, pela lógica, o adjetivo só puder se referir a um substantivo, será com este substantivo que se efetuará a concordância:

- Em sua viagem, alimentou-se de peixe, ovos, saladas e carne **bovina**.
- A cidade sofria por causa do frio e da chuva **torrencial**.

Se o adjetivo, anteposto ou posposto, estiver se referindo a pessoas, obrigatoriamente deverá concordar no plural com ambos os substantivos:

- Ontem assistimos ao show dos **ilustres** Caetano Veloso e Gilberto Gil.

3. Quando, por outro lado, dois ou mais adjetivos estiverem se referindo a um único substantivo, admitem-se três possibilidades de concordância:

- Sempre estudou profundamente
  - as línguas inglesa, francesa e italiana.
  - a língua inglesa, a francesa e a italiana.
  - a língua inglesa, francesa e italiana.
- Ele analisava todos os dias
  - as leis federal, estadual e municipal.
  - a lei federal, a estadual e a municipal.
  - a lei federal, estadual e municipal.
- Durante os estudos frequentou assiduamente
  - os cursos ginasial e pedagógico.
  - o curso ginasial e o pedagógico.
  - o curso ginasial e pedagógico.

⇨ Observação:

Perceba que, no primeiro caso, o substantivo vai para o plural e omite-se o artigo antes dos adjetivos. No segundo exemplo, o substantivo permanece no singular e coloca-se o artigo a partir do segundo adjetivo. No último exemplo, o substantivo fica no singular e omite-se o artigo dos adjetivos.

4. Quando o adjetivo estiver na função de predicativo de um sujeito composto, há duas possibilidades de concordância:

a) Se vier posposto, o adjetivo concordará obrigatoriamente no plural, prevalecendo o masculino se os gêneros dos substantivos forem diferentes:

- A ideia e o pensamento tornaram-se **obsoletos** em virtude dos novos paradigmas.
- Quase todas as moças e todas as professoras mantiveram-se **caladas** ao longo da apresentação dos meninos.
- Se os prisioneiros e as sentinelas fossem mais **abertos** ao diálogo, os problemas do sistema prisional diminuiriam.

b) Se vier anteposto, o predicativo do sujeito poderá concordar com ambos os núcleos ou com o mais próximo.

- **Jogadas** ao vento estavam as cartas e todos os documentos do escritório.

OU

- **Jogados** ao vento estavam as cartas e todos os documentos do escritório.
- **Satisfeita** com o a situação saiu da sala a secretária e o seu auxiliar.

OU

- **Satisfeitos** com a situação saíram da sala a secretária e o seu auxiliar.
- **Constrangido** por causa do vexame ficou o presidente da empresa e dois dos seus secretários.

OU

- **Constrangidos** por causa do vexame ficaram o presidente da empresa e dois dos seus secretários.

⇨ **Observação:**

Perceba que a concordância do adjetivo com o núcleo mais próximo exige, se este núcleo estiver no singular, que a concordância verbal também seja feita no singular.

5. Quando o adjetivo estiver na função de predicativo do objeto, devem-se observar as seguintes orientações:

a) O adjetivo predicativo concordará normalmente em gênero e número com o objeto quando este for simples:

- Encontraram todos os documentos do escritório **revirados** pelos bandidos.
- **Abandonadas** à própria sorte, os parentes mais próximos deixaram as filhas de D. Elza.
- Julgaram as moças **incapazes** de exercer o cargo para o qual elas se candidataram.

b) Quando posposto, o adjetivo predicativo concordará no plural e no gênero prevalente com o objeto formado por mais de um núcleo.

- Achou o monarca e a sua esposa **simpáticos**.
- Encontramos o pórtico e a antessala totalmente **sujos** pela poeira do desabamento do prédio vizinho.
- Os funcionários consideram o chefe-de-seção e a sua comitiva **incompetentes**.
- Dois dos reclamantes acusaram a advogada da empresa e o preposto **de omissos e parciais**.

⇨ **Observação:**

Para facilitar a concordância, transforme os núcleos do objeto direto em um pronome oblíquo átono (o, a, os, as) – observe o gênero de prevalência. Veja:

- Achou o monarca e a sua esposa simpáticos. = Achou-**os** simpáticos.
- Encontramos o pórtico e a antessala totalmente **sujos** pela poeira do desabamento do prédio vizinho. = Encontramo-**los** totalmente **sujos** pela poeira do desabamento do prédio vizinho.
- Os funcionários consideram o chefe-de-seção e a sua comitiva **incompetentes**. = Os funcionários consideram-**nos incompetentes**.
- Dois dos reclamantes acusaram a advogada da empresa e o preposto **de omissos e parciais**. = Dois dos reclamantes acusaram-**nos de omissos e parciais**.

c) Quando anteposto, o adjetivo predicativo do objeto poderá concordar tanto com o núcleo mais próximo quanto com todos os núcleos do objeto direto. Neste último caso, deve-se observar, é claro, o gênero prevalente.

- Ao sair, deixe bem fechada / fechados a porta do quarto e os postigos da sala.

- O falecimento da mãe deixou insuportável / insuportáveis o dia e, principalmente, as noites do rapaz.
- Encontrou deitado / deitados no sofá da sala principal o filho e a namorada.

6. Quando o substantivo vem acompanhado de numerais ordinais, ele pode ficar tanto no singular quanto no plural desde que os numerais venham acompanhados de artigo.

- O diretor falou para os alunos da primeira e da segunda série. / séries.
- Escutamos o primeiro e o segundo movimento / movimentos da sinfonia.
- A empresa ocupava o terceiro, o quarto e o quinto andar / andares do edifício.

⇨ **Observação:**

Se os numerais ordinais vierem desacompanhados de artigo ou se estiverem pospostos, o substantivo obrigatoriamente irá para o plural.

- A empresa ocupava terceiro, quarto e quinto **andares** do edifício.
- A empresa ocupava **os andares** terceiro, quarto e quinto do edifício.

7. O particípio passivo concorda com o seu sujeito passivo em gênero e número.

- Foram **postas** em discussão todas as propostas do novo diretor.
- Novas bolas e alguns enfeites haviam sido **comprados** antecipadamente.
- **Passadas** duas semanas do acidente, eles ainda não estavam recuperados.
- As novas ideias do grupo foram imediatamente **rejeitadas** pelo líder da excursão.

5.2.3 CASOS ESPECIAIS DE CONCORDÂNCIA NOMINAL

1. As palavras "MESMO, PRÓPRIO, LESO, QUITE, OBRIGADO, INCLUSO, ANEXO, QUALQUER" concordam com a palavra a que se referem.

- Elas **próprias** irão resolver o conflito.
- As flores, elas **mesmas** desabrocham para si **próprias**.
- A moça respondeu muito **obrigada**.
- Seguem **anexas** ao processo todas as cópias dos relatórios solicitados.
- Em suas ações, ele cometeu um crime de **lesa**-pátria.
- Todos estavam **quites** com o serviço militar.
- Iam **inclusas** as radiografias que ele tirara numa clínica do interior.
- **Quaisquer** que sejam as suas intenções, nós as rejeitamos antecipadamente.

⇨ **Observação:**

A expressão "em anexo" é invariável.

2. As palavras "MEIO, BASTANTE, CARO, BARATO, MUITO, POUCO, LONGE" ora funcionam como advérbios – invariáveis, portanto –, ora funcionam como adjetivos, numeral – no caso da palavra "meio" – ou pronomes adjetivos, concordando com o termo a que se referem.

- Paris é uma cidade muito **cara** (adjetivo) para quem dispõe de **poucos** (pronome adjetivo) recursos.
- Havia **bastantes** (pronome adjetivo) questões **bastante** (advérbio) difíceis na prova de Português.
- Já andei por **longes** (adjetivo) terras à procura de um amor que mora **longe, muito longe** (advérbios).
- Aquelas frutas custaram **caro** (advérbio). Em feira livre, geralmente eu compro frutas **baratas** (adjetivo).

- Segundo Drummond, há portas por que só passam **meias** pessoas.
  numeral

- A mãe permanecia **meio** irrequieta porque o filho ainda não tinha dado notícias.
  advérbio

- **Muitas** pessoas ficaram **meio** irritadas, porque compraram passagens **caras**, mas não embarcaram.
  pronome adjetivo — advérbio — adjetivo

- **Poucas** pessoas conseguem ficar em pé depois que bebem **muito**.
  pronome adjetivo — advérbio

- Já falei **bastantes** vezes que, quando ele falasse, evitasse as **meias** palavras, os **meios** termos.
  pronome adjetivo — numeral — numeral

3. As palavras "MENOS, ALERTA e PSEUDO" são invariáveis. Veja:

- Todos os soldados permaneceram **alerta**.
- Havia **menos** pessoas do que se esperava.
- No exame, encontraram-se bactérias **pseudo**filamentadas.

Não confunda a palavra ALERTA invariável com o substantivo ALERTA. Quando invariável, a palavra ALERTA denota modo, posição, situação. Observe:

- Soaram dois **alertas** (substantivo) no corpo de bombeiros. Como todos os bombeiros estavam **alerta**, (palavra invariável) o socorro saiu rápido.

4. A palavra "SÓ" ora funciona como advérbio – invariável – na acepção de "somente, apenas", ora funciona como adjetivo, significando "sozinho". Como adjetivo, concorda com o termo a que se refere.

- Todos permaneceram **sós** (adjetivo) na sala iluminada.
- Pelo que nós sabemos, ela **só** (advérbio) vai se for de carro.

advérbio adjetivo

- Era **só** isso que Paula e André esperavam: a família saiu e eles ficaram **sós** no apartamento.

⇨ **Observação:**

A expressão “a sós” é invariável. Significa “sozinho(s), sozinha(s).

- Ele preferiu ficar **a sós** na casa da prima.
  expressão invariável

- As moças estiveram o tempo todo **a sós** no quarto.
  expressão invariável

5. Expressões formadas pelo verbo SER mais um ADJETIVO (é bom, é preciso, é proibido, é permitido, é necessário etc.), obedecem às seguintes regras:

a) Quando o substantivo está empregado em sentido geral, abstrato, não específico – sempre aparece sem artigo, sem determinante – a expressão formada pelo verbo “ser” seguido de um adjetivo permanece invariável.

b) Quando o substantivo vem acompanhado por artigo ou por qualquer outro determinante, empregado em sentido específico, não geral, o adjetivo predicativo concorda com o seu sujeito.

adjetivo fica invariável

- Para quem gosta de cinema, é **necessário** presença de filmes nacionais.
  substantivo não precedido de artigo ou de determinante

adjetivo fica invariável

- Salsa, segundo os cozinheiros, é **bom** para tempero.
  substantivo não precedido de artigo ou de determinante

adjetivo fica invariável

- Na porta se lia o aviso: entrada é **proibido**.
  substantivo não precedido de artigo ou de determinante

adjetivo fica invariável

- É **preciso** cautela para abrir um pacote que não lhe pertence.
  substantivo não precedido de artigo ou de determinante

adjetivo concorda com o sujeito

- Em muitos países é **proibida** a entrada de cidadãos iraquianos.
  substantivo precedido de um determinante

adjetivo concorda com o sujeito — Substantivo precedido de um determinante

- Como você diz que é **proibida** a reflexão sobre a relação entre os homens se reflexões é **necessário** à vida?
  adjetivo fica invariável

6. Com as expressões "O MAIS POSSÍVEL / OS MAIS POSSÍVEIS, O MENOS POSSÍVEL / OS MENOS POSSÍVEIS, O PIOR POSSÍVEL / OS PIORES POSSÍVEIS", pode-se deixar o adjetivo e o artigo no singular ou flexionar-se no plural, simultaneamente, o artigo e o adjetivo.

- Eles trouxeram **as mais** geladas cervejas **possíveis**.
- Os argumentos apresentados eram **o mais** inverídicos **possível**.
- Sempre nos recebia com pratos **os** mais requintados **possíveis**.
- Em nossa viagem, passamos por ruas **o mais** esburacadas **possível**.

⇨ **Observação:**

Há uma terceira possibilidade de concordância em que se deixa apenas a palavra "possível" invariável. O artigo acompanhará o substantivo e o advérbio "mais" ficará posposto a este substantivo. Esta construção é, entretanto, pouco encontrada nos grandes

escritores.

- Nós vimos **os** carros **mais** belos **possível** na última feira do automóvel.
- Na casa do tio João, podem-se colher **as** frutas **mais** saborosas **possível**.

7. Com as expressões ALGO DE / NADA DE / POUCO DE / MUITO DE/ UM QUÊ DE / QUE DE o adjetivo que as acompanha poderá tanto concordar com o sujeito quanto ficar invariável.

- Que de tão **sedutor / sedutoras** tinham aquelas garotas?
- As músicas tocadas tinham um quê de **melancólico** / **melancólicas**.
- Nossa vida nada tem de **trágico** / **trágica**.
- Os móveis adquiridos em um brechó pouco tinham de **antigo** / **antigos**.

8. Com a locução pronominal "tal qual", o "tal" concordará com o termo que o antecede enquanto o "qual" concordará com o termo que o sucede.

- Os filhos eram **tais qual** o pai.
- Os gramados da cidade pareciam **tais qual** um grande rio verde.

5.3 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

Concordância Nominal

1. (UM-SP)

I. Os brasileiros somos todos eternos sonhadores.
II. Muito obrigadas! Disseram as moças.
III. Sr. Deputado, V. Ex.ª está enganado.
IV. A pobre senhora ficou meia confusa.
V. São muito estudiosos os alunos e as alunas deste curso.
Há uma concordância inaceitável, de acordo com a gramática normativa:

a) em I e II.

b) em II, III e V.
c) apenas em II.
d) apenas em III.
e) apenas em IV.

2. (F. Cásper Liberto-SP) Faça a concordância.

"V.A. ... hoje, pois ... demais, caro Príncipe."

a) estais cansada, andou.
b) está cansado, andou.
c) estais cansado, andaste.
d) está cansado, andaste.

3. (FMIT-MG) Em todas as frases a concordância se fez corretamente, ***exceto*** em:

a) Os soldados, agora, estão todos atentos.
b) Ela possuía bastante recursos para viajar.
c) As roupas das moças eram as mais belas possíveis.
d) Rosa recebeu o livro e disse: "Muito obrigada".
e) Sairei de São Paulo hoje, ao meio-dia e meia.

4. (UFV-MG) Todas as alternativas abaixo estão corretas quanto à concordância nominal, **exceto***:*

a) Foi acusado de crime de lesa-justiça.
b) As declarações devem seguir anexas ao processo.
c) Eram rapazes os mais elegantes possível.
d) É necessário cautela com os pseudolíderes.
e) Seguiram automóveis, cereais e geladeiras exportados.

5. (UEL-PR) "Ao esforço e à seriedade ... ao estudo é que ... os louvores que ele tem recebido ultimamente."

a) consagrado, devem ser atribuídos.
b) consagrada, deve ser atribuído.
c) consagrados, devem ser atribuídos.
d) consagradas, deve ser atribuído.
e) consagrados, deve ser atribuído.

6. (UFS-SE) “Já ... 8 horas quando se ... os debates sobre cinema e literatura...”

a) seria – iniciou – brasileira.
b) seria – iniciaram – brasileiras.
c) seria – iniciou – brasileiros.
d) seriam – iniciaram – brasileira.

7. (FCC-SP) Assinale a alternativa em que a concordância verbal e nominal está **correta**.

a) Já é meio-dia e meia; faltam poucos minutos para começar a reunião.
b) Comprei um óculos escuro nesta loja. Consegue-se bons descontos aqui.
c) Vão fazer dez anos que trabalho aqui e ainda é proibido a minha entrada na sala da Diretoria!d) Duzentas gramas de queijo são demais para fazer torta.
e) A gente fomos ao cinema no domingo e lá haviam amigos nossos na fila.

8. (FFCLBH-MG) Em todas as alternativas há problemas de concordância segundo a norma culta da linguagem, **exceto***:*

a) “O embarque de June surpreendeu a maioria das pessoas (aproximadamente 100) que foram ao Aeroporto Internacional do Rio, para a despedida do presidente.” *(Folha de S. Paulo)*
b) Compra-se lotes e casas.
c) “... mesmo assim, ali está a vergonha escancarada da guerra, no quintal de todos que fazem questão de virar o rosto para o outro lado. O problema é este: não há o outro lado quando se domina as novas tecnologias.” *(Folha de S. Paulo)*
d) É proibido a entrada de menores de 18 anos em motéis.

9. (Unisinos-RS) O caso de concordância nominal ***inaceitável*** aparece em:

a) Nunca houve divergências entre mim e ti.
b) Ela tinha o corpo e o rosto arranhados.
c) Recebeu o cravo e a rosa perfumado.
d) Tinha vãs esperanças e temores.
e) É necessário certeza.

10. (UFPel-RS) A alternativa em que são atendidas as normas de concordância da língua culta é:

a) Precisamos ser benevolentes para com nós mesmos.
b) Já tinham bastante motivos para voltar para casa.

c) Que houvesse ou não existido opiniões contraditórias não nos interessava naquele momento.
d) Sr. Ministro, V. Ex.ª sereis recebido com grande entusiasmo pela população.
e) Surgiu, na escuridão da noite, dois vultos enormes.

11. (UCS-RS)

a) Já **fazem** tantos anos assim?
b) Acho que **devem fazer** uns dez anos.
c) Vossas Excelências já **podeis** considerar o projeto aprovado.
d) Escolhe tu mesmo o que julgas ser melhor para **teu** futuro.
e) Escolhe você mesmo o que julgas ser melhor para o **teu** futuro.

12. (FEI-SP) Em qual declaração proibitória ocorre **incorreção** gramatical?

a) É proibida a entrada.
b) Proíbe-se a entrada de estranhos.
c) É proibido entrar.
d) A eles, foi-lhes proibida a entrada.
e) Proibir-se-á, fora do expediente, as entradas de todos os funcionários.

13. (UCS-RS) Nas questões que seguem, assinale a alternativa **correta**.

a) Às vezes **era solicitado** alguns trabalhos extraclasse.
b) Às vezes **era solicitados** alguns trabalhos extraclasse.
c) Às vezes **eram solicitados** alguns trabalhos extraclasse.
d) Às vezes **eram solicitados** alguns trabalhos extraclasse.
e) Às vezes **era solicitado** alguns trabalhos extraclasse.

14. (UFSCar-SP) Aponte a alternativa em que a concordância nominal **não** é adequada.

a) Obrigava sua corpulência e exercício e evolução forçada.
b) Obrigava sua corpulência a exercício e evolução forçados.
c) Obrigava sua corpulência a exercício e evolução forçadas.
d) Obrigava sua corpulência a forçado exercício e evolução.
e) Obrigava sua corpulência a forçada evolução e exercício.

15. (PUCC-SP) Assinale a alternativa em que **meio** funciona como advérbio.

a) Fica no meio do quarto.
b) Quero meio quilo.
c) Está meio triste.
d) Achei o meio de encontrar-te.
e) n.d.a.

16. (PUC-SP) Apenas uma alternativa preenche **corretamente** os espaços existentes na sentença abaixo.

"Não foi ... a pesada suspensão que lhe deram, porque você foi o que ... falhas apresentou; podiam ter pensado em outras penalidades mais ...".

a) justo, menas, cabível.
b) justa, menos, cabível.
c) justa, menos, cabíveis.
d) justo, menos, cabível.
e) justo, menas, cabíveis.

17. (ITA-SP) Assinale a alternativa **correta**.

"... muitos anos que compramos um compêndio e uma gramática ... para estudar a língua e a literatura ...".

a) Faz – volumoso – luso-brasileiras.
b) Deve fazer – volumosos – portuguesa.
c) Fazem – volumosos – portuguesa.
d) Devem fazer – volumosa – portuguesa.
e) Faz – volumosas – luso-brasileira.

18. (Fameca-SP) Observe a concordância:

1. Entrada proibida.
2. É proibido entrada.
3. A entrada é proibida.
4. Entrada é proibido.
5. Para quem a entrada é proibido?

a) A número 5 está incorreta.
b) A 4 e 5 estão erradas.
c) A 2 está errada.

d) Todas estão certas.

e) A 2 e 5 estão erradas.

19. (F. Objetivo-SP) Assinale a alternativa gramaticalmente **correta**.

a) O povo brasileiro anseia por uma constituição digna.

b) Era necessário a permanência do médico no hospital.

c) Aconteceu, durante a discussão do processo, graves distúrbios entre os parlamentares.

d) Sua discrição era digna de elogios, pois todos estavam ao par das dificuldades de se manter secreta a negociação.

e) Não mais se lê bons autores naquela escola.

20. (ITA-SP) Dadas as sentenças:

1. Reparem no que o conferencista está dizendo.

2. Devem haver muitas pessoas revoltadas naquele país.

3. Depois do que você me fez, acho que estamos quite.

Deduzimos que:

a) apenas a sentença n.º 1 está correta.

b) apenas a sentença n.º 2 está correta.

c) apenas a sentença n.º 3 está correta.

d) todas estão corretas.

e) n.d.a.

GABARITO

Concordância Nominal

1 – E	2 – B	3 – B
4 – C	5 – C	6 – D
7 – A	8 – A	9 – C
10 – A	11 – D	12 – E
13 – D	14 – C	15 – C
16 – C	17 – B	18 – A
19 – A	20 – A	

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 6

SINTAXE DE REGÊNCIA

Conversando: Ufa!! Creio que você já venceu a etapa da concordância. Se ainda não estudou o assunto "concordância", não se preocupe: pode estudar "regência" sem problemas, pois os assuntos não são interdependentes.

Teremos pela frente mais uma longa missão – entender as relações de dependência estabelecidas entre o verbo e o seu complemento e o nome e o seu complemento. Precisaremos compreender bem não só o aspecto sintático (função sintática), mas também o aspecto semântico (sentido), os quais envolvem as relações regenciais. Não se afobe! Dizem por aí, com frequência, ser o assunto de regência um dos mais difíceis da gramática. Discordo! Não confunda dificuldade com extensão – o nosso assunto é realmente longo, mas não é difícil. No entanto, para entender bem "regência verbal e nominal", você precisará de alguns outros conhecimentos: saber empregar bem os pronomes pessoais oblíquos, saber utilizar os pronomes relativos e, acima de tudo, conhecer "de cor e salteado" o assunto "transitividade verbal". Talvez por necessitar de outros assuntos, a regência tenha ganhado a fama de ser difícil. Portanto, uma sugestão: antes de continuar lendo o conteúdo abaixo, sugiro que revise os assuntos mencionados acima, se existirem dúvidas. E, então, mãos à obra! E não se esqueça de que a vitória é dos que persistem. Vamos lá!

6.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Inicialmente observe atentamente os exemplos abaixo:

- Após a cirurgia, o rapaz mostrava-se **apto** para todas as atividades.
  complemento para o adjetivo "apto"

João **pegou** o dinheiro da indenização e **pagou** a todos os seus credores.
complemento para o verbo "pegar" complemento para o verbo "pagar"

Maria tinha grande **devoção** por aquele santo.
Termo regente Termo regido

Sempre **assistia** às apresentações do filho com grande emoção.
Termo regente Termo regido

O pai sempre **assistia** o filho em suas doenças típicas da infância.
Termo regente Termo regido

Observe que alguns complementos são regidos por preposição e outros não. Nos dois últimos exemplos, houve mudança no sentido do verbo. Portanto, é este o objetivo da regência: estudar as relações de dependência estabelecidas entre um verbo ou um nome e os seus respectivos complementos.

6.2 REGÊNCIA VERBAL

Inicialmente vejamos outros exemplos para que possamos chegar a uma conclusão:

Ele **cumpriu** o seu dever. Ele **cumpriu** com o seu dever.
VTD VTI
Alteração da transitividade sem alteração do sentido

VTD VTI
Deus **perdoa** o pecado. Deus **perdoa** ao pecador.
Deus **perdoa** o pecado ao pecador.
VTDI
Alteração da transitividade sem alteração do sentido

Eles não **procederam** bem na festa. As ideias deles não **procederam**.
VI VI
Mesma transitividade, mas sentidos diferentes.

VTI
Eles **precisarão** de ajuda para a confecção do bolo.

Eles não **precisaram** a hora da festa.
VTD
Alteração da transitividade com alteração do sentido

Observando o comportamento dos verbos em suas transitividades, chegamos a uma

conclusão: a regência verbal depende do contexto em que o verbo se encontra.

Uma das perguntas frequentes que recebo em aula é: “Professor, como vou distinguir uma regência da outra? Como saberei se o verbo estará em tal ou qual sentido?” A resposta está na conclusão acima: o contexto. Será o contexto que denunciará o sentido e consequentemente a regência que o verbo adotará.

Estude agora mais algumas informações importantes para facilitar o entendimento sobre este assunto.

a) Lembre-se de que os verbos transitivos diretos exigem um complemento sem auxílio de uma preposição obrigatória e de que o objeto direto é frequentemente representado pelos pronomes oblíquos “o, a, os, as”. Tais pronomes assumirão as formas “lo, la, los, las”, caso o verbo termine em “r, s, z”, letras estas que serão suprimidas. Por outro lado, se o verbo terminar em ditongo nasal, os oblíquos assumirão as formas “no, na, nos, nas”. Veja:

- Ainda não **encontrou** a fórmula adequada. = Ainda não **a** encontrou.
  VTD OD OD
- É fundamental **adquirir** alguns livros novos. = É fundamental adquiri-**los**.
  VTD OD OD
- Ele **traz** o cachorro consigo. = Ele **o** traz consigo.
  VTD OD OD

b) Lembre-se também de que os pronomes oblíquos “me, te, se, nos, vos” podem exercer tanto a função de objeto direto quanto de objeto indireto. A função sintática deles dependerá da transitividade do verbo.

- Ela **me** ama demasiadamente.
  OD VTD
- Ela **me** pediu um grande favor.
  OI VTDI
- Eles **nos** procuraram ontem para fazer-**nos** algumas reclamações.
  OD VTD VTDI OI
- Era importante **te** encontrar ainda hoje.
  OD VTD
- Quero dizer-**te** tanta coisa, meu amor!
  VTDI OI

c) Não se esqueça de que os pronomes oblíquos “lhe, lhes”, quando completam o sentido de um verbo, sempre serão objetos indiretos de verbos transitivos indiretos ou de verbos transitivos diretos e indiretos. O objeto indireto pode ser substituído não só pelos pronomes “lhe, lhes”, mas também pelas formas tônicas “a ele, a ela, a eles, a

elas”.

- Jamais **entregarei** (VTDI) ao comendador (OI) os documentos. = Jamais entregarei os documentos. — lhe / a ele

- Ele **agradeceu** (VTI) aos familiares (OI) pelo apoio. = Ele agradeceu -lhes / a eles pelo apoio.

⇨ Observação:

No dia a dia, muitos são os erros em virtude do emprego inadequado dos oblíquos “lhe, lhes”. Fique atento para não cometê-los. Veja:

- João, há quanto tempo não **lhe** vejo (VTD)! (O verbo “ver” é transitivo direto. **O correto é** “... não o vejo”.)
- Ele **lhe** ama (VTD) muito, Ana Cláudia. (O verbo “amar” é transitivo direto. **O correto é** “Ele a ama muito”.)
- Ontem eu **lhe** procurei (VTD) o dia todo. (O verbo “procurar” é transitivo direto. **O correto é** “Eu o procurei...”.)

d) Cuidado!! À exceção de alguns verbos como “obedecer, desobedecer”, a voz passiva só existe com “verbos transitivos diretos” e “verbos transitivos diretos e indiretos”. Observe:

- Todas as tentações que o cargo propiciava **foram resistidas** por meu pai. (**Construção errada**)

> O verbo “resistir” é transitivo indireto, não admite a voz passiva

- O jogo **está sendo assistido** por mais de um milhão de telespectadores. (**Construção errada**)

> O verbo “assistir” é transitivo indireto, não admite a voz passiva.

Correções:

- Meu pai resistiu a todas as tentações que o cargo propiciava. (Voz ativa)
- Mais de um milhão de telespectadores estão assistindo ao jogo. (Voz ativa)

e) Lembre-se de que o fato de um verbo ser transitivo direto não impede que os nomes cognatos (de mesma raiz) exijam preposição. Portanto, fique atento e não confunda:

- É preciso **combater** a corrupção no Brasil.
  VTD
- É preciso que se aumente o **combate** à corrupção no Brasil.
  Substantivo cognato com preposição
- Todos devem **amar** a Pátria.
  VTD
- O **amor** à Pátria deve ser incondicional.
  Substantivo cognato com preposição
- O fogo **destruiu** todos os barracos da favela.
  VTD
- A **destruição dos** barracos da favela entristeceu a população.
  Substantivo cognato com preposição
- "Começou [Basílio] imediatamente a **louvar** a sua devoção." (Eça de Queiroz)
  VTD
- "... e entoar com ela hinos de **louvor a**o Todo-poderoso." (Bernardo Guimarães)
  Substantivo cognato com preposição
- "Não **compreendi** então aquelas palavras, nem o tom com que foram proferidas." (José de Alencar)
  VTD
- "Mas este outro incidente não é radicalmente necessário à **compreensão do** capítulo passado e **dos** futuros." (Machado de Assis)
  Substantivo cognato com preposição
- "Mme. Brizard não se fartava de **elogiar** a boa qualidade das fazendas." (Aluísio Azevedo)
  VTD
- "Com isso, e repetidos **elogios aos** outros jornalistas, adquiriu ele uma linda reputação." (Lima Barreto)
  Substantivo cognato com preposição

f) Em outras situações, é comum o nome cognato (de mesma raiz) apresentar regência idêntica à do verbo. Observe:

VERBO	NOME COGNATO
ir **a**	ida **a**
chegar **a**	chegada **a**
crer **em**	crente/crença **em**
depender **de**	dependência **de**
intervir **em**	intervenção **em**
cooperar **com**	cooperação **com**
coexistir **com**	coexistência **com**
inserir **em**	inserido/inserção **em**

g) Muitos verbos possuem formas pronominais (conjugadas com o auxílio de um pronome oblíquo) e não pronominais. Cumpre salientar que a forma pronominal, em muitas situações, exige um complemento com preposição. Observe:

VERBO NÃO PRONOMINAL	VERBO PRONOMINAL
aconselhar	aconselhar-se **com**
alegrar	alegrar-se **com**
aproveitar	aproveitar-se **de**
armar	armar-se **de**
carregar	carregar-se **de**
cercar	cercar-se **de**
comunicar	comunicar-se **com**
defender	defender-se **de**, **contra**
esquecer	esquecer-se **de**
lembrar	lembrar-se **de**
limitar	limitar-se **a**
recordar	recordar-se **de**

6.2.1 REGÊNCIA DE ALGUNS VERBOS – CASOS ESPECIAIS

Em seguida você encontrará uma lista, em ordem alfabética, dos mais comuns verbos utilizados na língua portuguesa com suas respectivas particularidades. Procure estudá-los aos poucos. Prossigamos!!

1. Abraçar

Possui as seguintes regências:

a) É verbo transitivo direto no sentido de “cingir, apertar com os braços”.

- A mãe abraçou o filho pequeno por alguns minutos.
- Quando encontrou o amigo, abraçou-o fortemente.

b) É verbo transitivo direto no sentido de “adotar, seguir, escolher”.

- O advogado abraçou a causa com fervor.
- Os povos bárbaros abraçaram o cristianismo.

⇨ **Observação:**

A forma verbal “abraçar-se” é pronominal transitiva indireta e admite as preposições “a, em, com, contra”.

- A filha se abraçou à / com a / na / contra a mãe.

2. Agradar

a) É transitivo direto na acepção de “acariciar, acarinhar, fazer carinho”.

- Com as mãos calosas, a mãe agradava o filho.
- Enquanto conversava, a menina agradava o seu cãozinho.

b) É transitivo indireto, exigindo a preposição “a”, na acepção de “satisfazer, contentar, fazer agrado a”.

- Parece que os bares da cidade não agradaram aos turistas.
- As palavras dele não lhe agradaram?
- “Agradava-lhe também muito a vizinhança, aquela doce quietação de subúrbio

adormecido ao sol.” (Eça de Queiroz)

3. Agradecer

a) É transitivo direto quando possui objeto direto de “coisa”. Caso o objeto direto seja representado por “pessoa”, este verbo será transitivo indireto exigindo a preposição “a”.

- Agradeci imensamente aos amigos por causa da atenção que me deram.
- Nós agradecemos os presentes aos presentes à festa.
- O diretor da empresa agradeceu o auxílio que recebeu naquela hora difícil.

⇨ **Observação:**

Seguem essa mesma regência os verbos “pagar” e “perdoar”, estudados mais à frente.

4. Ajudar

a) Com o sentido essencial de “auxiliar, prestar ajuda” é transitivo direto:

- Joana sempre procurou ajudar os mais próximos da família.
- Marcos, não se preocupe, todos vieram ajudá-lo.

b) Se ao verbo “ajudar” seguir-se um infinitivo transitivo precedido da preposição “a”, regerá o verbo ajudar um objeto direto ou objeto indireto indiferentemente.

- Eu sempre [o / lhe] ajudei a comprar os produtos de que precisava.
  infinitivo transitivo
- Ajudaram [- nas / - lhes] a guardar as roupas limpas?
  infinitivo transitivo

c) Se, porém, ao verbo “ajudar” seguir-se um infinitivo intransitivo, só poderá o verbo ajudar reger objeto direto.

- Ninguém **o** ajudou a sair do buraco em que caíra.
  infinitivo intransitivo
- Se eu **o** ajudar a viver melhor, será que ele me entenderá?
  infinitivo intransitivo

5. Aspirar

Apresenta as seguintes regências:

a) É um verbo transitivo direto na acepção de “respirar, sorver ar, inalar.”

- Na sala, aspirava a poeira dos carpetes imundos.
- O perfume que aspiro traz-me boas recordações.
- No período junino, é bom não aspirar a fumaça das fogueiras.

b) É um verbo transitivo indireto exigindo a preposição “a” na acepção de “desejar, pretender, almejar”. Apesar de transitivo indireto, este verbo rejeita os pronomes “lhe, lhes” para o objeto indireto; aceita apenas as formas tônicas analíticas “a ele, a ela, a eles, a elas”.

- Em sua jornada, sempre aspirou **ao cargo** de gerente da empresa. = “... sempre aspirou **a ele**...”.
- A oportunidade **à qual** ele aspirava finalmente chegou.
- Jamais aspirei a estas honrarias. = “Jamais aspirei a elas”.

6. Assistir

Apresenta quatro regências distintas:

a) É verbo transitivo indireto na acepção de “ver, presenciar, estar atento a”. O objeto indireto deve vir encabeçado pela preposição “a”. À semelhança do verbo “aspirar” no sentido de “desejar”, rejeita os oblíquos “lhe, lhes” para o objeto indireto; aceita apenas as formas “a ele, a ela, a eles, a elas”.

- Nunca mais assisti a um bom jogo de futebol. = Nunca mais assisti a ele.
- A missa a que ela assistiu foi rezada pelo Pe. Paulo Campos.
- Ontem assistimos à inauguração da quadra de esportes.

⇨ **Observações:**

Este verbo, na linguagem coloquial, é quase sempre usado sem a preposição.

- Ontem eu assisti o jogo.
- Eles irão assistir os comícios em uma cidade vizinha.

Mais uma vez não se esqueça de que este verbo, para a linguagem formal – aquela exigida, por exemplo, para os concursos, as comunicações formais –, é transitivo indireto; não aceita a voz passiva e o objeto indireto de terceira pessoa deverá vir sob a forma dos pronomes “a ele, a ela, a eles, a elas”. Veja:

- A aula será à tarde. Foi ótima a alteração, pois eu vou poder assisti-**la**. (Construção errada)

  Corrija-se para...

- A aula será à tarde. Foi ótima a alteração, pois eu vou poder assistir **a ela**.
- O jogo **está sendo assistido** por vários espectadores. (Construção errada. Não admite voz passiva)

  Corrija-se para...

- Vários espectadores estão assistindo ao jogo.

Vale ressaltar também que os verbos “VER, OLHAR, ESPIAR, ESPREITAR, ENXERGAR, OBSERVAR” são transitivos diretos.

- Ontem eu passei a tarde inteira lhe observando. (Construção errada)

  Corrija-se para...

- Ontem eu passei a tarde inteira o / a observando.

b) No sentido de “ajudar, prestar assistência, auxiliar, socorrer” é indistintamente verbo transitivo direto ou verbo transitivo indireto. Como transitivo indireto exige a preposição “a”.

- Durante o resgate, alguns transeuntes assistiram os / aos familiares das vítimas.
- Na cirurgia, ele foi assistido por um dos melhores cirurgiões da capital pernambucana.
- Deus é bom, porque assiste às / as viúvas.

c) Na acepção de “caber, pertencer direito ou obrigação” é um verbo transitivo indireto e exige a preposição “a”.

- Ao dono do estabelecimento não assiste o direito de reclamar dos clientes mais exigentes.
- Este é um direito que assiste a todos os consumidores. = Este é um direito que lhes assiste.

- A eles não devem assistir estas novas cláusulas.

d) No sentido de “morar, residir” (regência pouco usual), é um verbo intransitivo. Exige o acompanhamento de um adjunto adverbial encabeçado pela preposição “em”.

- Hoje já não mais assisto no bairro da Boa Vista.
- A cidade em que ele assiste fica a poucos quilômetros da capital.

7. Atender

Possui as seguintes regências:

a) Com o sentido de “dar ou prestar atenção, ser atencioso, cuidar, servir” é indistintamente transitivo direto ou transitivo indireto. Neste último caso, exige a preposição “a”.

- Ele sempre atende os / aos amigos em sua casa de praia.
- O melhor aluno da sala sempre atendia às / as explicações dos professores.
- Dr. João sempre atende o / ao telefone em seu escritório.

b) Quando significa “atentar, concentrar a atenção”, é um verbo transitivo indireto e exige as preposições “a”, “em” ou “para”.

- Faleceu porque não atendeu aos sintomas iniciais da doença.
- Ele sempre atendia para os conselhos dos mais velhos.

⇨ **Observação:**

Se o complemento desse verbo for um pronome oblíquo átono, obrigatoriamente assumirá a regência transitiva direta.

- O presidente atendeu os / aos grevistas.

Mas apenas...

- O presidente atendeu-os.
  VTD

8. Chamar

Apresenta as seguintes regências:

a) No sentido de “mandar vir, convocar” é um verbo transitivo direto.

- O diretor chamou os empregados para uma reunião de urgência.
- Os meninos, chamei-os, mas até agora não vieram.

b) No sentido de “invocar, clamar”, é um verbo transitivo indireto. O objeto indireto requer a preposição “por”.

- Nas horas difíceis, ele costuma chamar por Nossa Senhora das Dores.
- Naquele momento, chamei por Ele, e o Senhor Jesus me ouviu.

⇨ **Observação:**

Alguns autores consideram a preposição “por” como um recurso de ênfase para o objeto direto que, nesse caso, seria preposicionado. Não nos parece a melhor análise, uma vez que o sentido do verbo é diferente da primeira regência (mandar vir, convocar).

c) Já na acepção de “cognominar, apelidar, alcunhar, qualificar, tachar”, será, indistintamente, verbo transitivo direto ou verbo transitivo indireto. Vem sempre acompanhado de um predicativo do objeto que poderá ou não ser encabeçado por uma preposição. Observe as possibilidades de construção a partir de uma informação dada:

- Ninguém disse que ele é mentiroso. —
  - Ninguém o chamou mentiroso.
  - Ninguém o chamou de mentiroso.
  - Ninguém lhe chamou mentiroso
  - Ninguém lhe chamou de mentiroso.
- Na reunião, chamaram-no (de) incompetente.

OU

- Na reunião, chamaram-lhe (de) incompetente.

⇨ **Observação:**

Esta é a única regência na Língua Portuguesa (verbo “chamar” na acepção de “cognominar, apelidar, tachar”) que admite um predicativo para um objeto indireto.

9. Chegar / Ir / Dirigir-se

Esses verbos possuem regências idênticas:

No sentido de “atingir um determinado lugar, deslocar-se para” são, no padrão formal da língua, verbos intransitivos. Exigem a presença de um adjunto adverbial de lugar introduzido, obrigatoriamente, pela preposição “a”.

- Os três rapazes chegaram a casa totalmente exaustos.
- O aeroporto a que ele chegou estava com vários voos atrasados.
- Aonde devo me dirigir para obter informações?
- Todos devem ir à festa do amigo hoje à noite.

⇨ **Observações:**

Na linguagem coloquial, os verbos “chegar” e “ir” são usados com a preposição “em”. Ressalte-se que esta construção não se amolda à linguagem padrão, formal.

- Parece que ele foi no banheiro.

Corrija-se para...

- Parece que ele foi ao banheiro.

- Quando chegar em casa, tomarei um banho.

Corrija-se para...

- Quando eu chegar a casa, tomarei um banho.

No emprego diário, usa-se o verbo “ir”, indistintamente, com as preposições “a” ou “para”. Para o padrão formal da língua, entretanto, “ir a” deve ser usado quando se denota a ideia de “lá não se demorar, de não estabelecer lá a residência”. Já a regência “ir para” indica a intenção de “permanência definitiva, de estabelecer-se a residência no local”.

Assemelham-se aos verbos acima os verbos que indicam estaticidade, já que requerem a presença de adjuntos adverbiais. Entretanto, enquanto os verbos de movimento (chegar, ir, dirigir-se) pedem a preposição “a”, os verbos estáticos (morar, residir, habitar, viver etc.) exigem geralmente a preposição “em”. Observe:

- Nunca mais chegou ninguém a esta cidade. (chegar a...)
- Ele reside em uma velha casa. (residir em...)

10. Custar

Apresenta as seguintes regências:

a) No sentido de “ter preço, valor ou custo” é geralmente um verbo intransitivo. É frequente que, nesta regência, ele venha acompanhado de um adjunto adverbial de preço ou de valor.

- A casa custou vinte mil reais.
- Este candelabro custou muito.

b) É um verbo transitivo direto e indireto na acepção de “trazer como consequência, acarretar” é um verbo transitivo direto e indireto.

- A imprudência custou-lhe lágrimas amargas.
- As vitórias custaram ao time meses e meses de treinamento.

c) Já no sentido de “ser custoso, ser difícil” é um verbo transitivo indireto. O sujeito deste verbo, para o padrão formal da língua, será uma oração subordinada subjetiva, reduzida de infinitivo que poderá ou não vir precedida de uma preposição. O objeto indireto requer a preposição “a”. Observe atentamente os exemplos:

- Os antigos custaram a aceitar que o homem foi à lua. (Construção errada)

Corrija-se para...

- **Custou** aos antigos aceitar que o homem foi à lua.
  VTI OI sujeito = oração reduzida

Corrija-se para...

- **Custa** aos alunos entender a regência deste verbo.
  VTI OI sujeito = oração reduzida

- Já pensou em quanto lhe **custaria** estudar vários anos para concurso?
  OI VTI sujeito = oração reduzida

11. Ensinar

Apresenta as seguintes regências:

a) No sentido de “educar, adestrar”, é verbo transitivo direto.

- No colégio, ele sempre ensinou as crianças pequenas.
- Quando os ensinava, fazia o que sabia de melhor.

b) No sentido de “dar instrução a, transmitir conhecimento a”, é um verbo transitivo direto e indireto; o objeto direto deverá ser “de coisa” e objeto indireto “de pessoa”. Este virá precedido pela preposição “a”.

- Sempre ensinou tudo o que sabia aos seus pupilos.
- Nas horas livres, ensinava-lhes composições clássicas.
- “O Vasques ensinava-lhe as declinações latinas, sobretudo a cartilha...” (Eça de Queiroz)

⇨ **Observação:**

Quando a coisa ensinada vem expressa por meio de um infinitivo precedido da preposição “a”, admitem-se as seguintes construções:

- Durante muito tempo, ensinou -os / -lhes a caminhar com as próprias pernas.
  infinitivo precedido da preposição “a”

12. Esquecer / Lembrar

a) Os verbos “esquecer” e “lembrar” são transitivos diretos na acepção de “sair da lembrança ou vir à lembrança” respectivamente. Nessa acepção, também podem aparecer como transitivos indiretos pronominais (esquecer-se, lembrar-se). O objeto indireto será precedido da preposição “de”.

- Ele ainda não **esqueceu** (VTD) o acidente (OD).

OU

- Ele ainda não **se esqueceu** (VTI) do acidente (OI).

- Não **esqueça** (VTD), meu bem, o meu amor (OD) por você.

OU

- Não **se esqueça** (VTI), meu bem, do meu amor (OI) por você.

VTD OD
- Ele **lembrou** o meu aniversário na última hora.

OU

VTI OI
- Ele **se lembrou** do meu aniversário na última hora.

⇨ **Observação:**

Quando transitivos indiretos pronominais, o pronome que acompanha o verbo não possui função sintática. Ele é parte integrante do verbo e acompanha o verbo em todas as conjugações.

- Jamais **nos esquecemos** dos conselhos dados por nosso pai.
- Acho que, quando vós **vos lembrardes** das ideias, já estaremos longe daqui.

b) No sentido de "cair no esquecimento" ou "vir à lembrança" estes verbos apresentam uma regência culta, literária e pouco usual. O que é objeto direto e indireto nos exemplos acima passa a ser o sujeito. Os verbos "esquecer" e "lembrar" serão usados como transitivos indiretos.

VTI OI SUJEITO
- **Esqueceram**-nos boa parte dos conselhos dados por nosso chefe. (Isto é ➡ Boa parte dos conselhos dados por nosso chefe caíram no nosso esquecimento.)

VTI OI SUJEITO
- No último instante, **lembraram**-me muitas das lições passadas pelo professor de Direito Constitucional.

Ufa!! Chegamos praticamente à metade de nossa lista de verbos. Sugiro que pare um pouco. Descanse alguns minutos (alguns minutos, viu?!?!) e retorne para sua jornada. Vamos lá... mais uma vez!

13. Haver

É, sem dúvida, um dos verbos mais interessantes da língua portuguesa. Várias são as suas regências. Vejamos:

a) O verbo "HAVER" no sentido de "existir, acontecer, ocorrer, realizar-se" é transitivo direto. Não possui sujeito, devendo ficar na terceira pessoa do singular.

- Houve muitos aventureiros naquela cidade. ⇨ (Existiram muitos aventureiros...)
- Quando há tragédias, muitos setores da sociedade se mobilizam. ⇨ (Quando acontecem tragédias...)
- Tem havido muitas invasões a prédios públicos abandonados nos últimos tempos. (Locução verbal ⇨ perceba que o verbo auxiliar também se torna impessoal).
- Não pode haver honestos em terra de corruptos.
- Vai haver muitos inscritos para o Congresso de Direito de Família.
- Por ser noite, não deveria haver tantas crianças presentes no evento.

b) o verbo HAVER no sentido de "passar-se, ter decorrido (tempo)", é um verbo transitivo direto. Nesta acepção ele também é impessoal, ou seja, não possui sujeito e deve, por convenção, ficar na terceira pessoa do singular.

- Havia duas décadas que não ocorria aquele fenômeno.
- Há três horas que eu a espero.

c) O verbo HAVER é um verbo transitivo direto e indireto quando empregado no sentido de OBTER, CONSEGUIR.

- Os rapazes houveram da direção a autorização para o uso da quadra de esportes. (Leia-se: Os rapazes obtiveram / conseguiram da direção a autorização.)
- De quem houveram esses advogados aquelas terras? (Leia-se: Os advogados obtiveram / conseguiram aquelas terras de quem?)

Observe que o verbo HAVER, no caso acima e nos demais casos abaixo, flexiona-se normalmente para concordar com o seu sujeito.

d) O verbo HAVER empregado no sentido de "CONSIDERAR, JULGAR" é um verbo transitivo direto.

- A justiça não houve por verdadeira a confissão do réu. (Leia-se: A justiça não considerou...)
- Os professores haviam-no como o melhor da turma. (Leia-se: Os professores julgavam-no...)

e) O verbo HAVER-SE (pronominal) no sentido de "PORTAR-SE, PROCEDER, COMPORTAR-SE, SAIR-SE BEM OU MAL" é intransitivo. Pede acompanhamento de um adjunto adverbial de modo.

- Os candidatos não se houveram bem na prova. (Leia-se: Os candidatos não se saíram

bem...)

- A filha do prefeito sempre se havia de modo inconveniente nas festas de que participava. (Leia-se: A filha do prefeito sempre se comportava de modo inconveniente...)

f) O verbo HAVER é também transitivo direto no sentido de “TER, POSSUIR”.

- Hajamos paz e o mundo certamente melhorará. (Leia-se: Tenhamos paz e...)
- Se houvesses mais coragem, agirias de outra forma. (Leia-se: Se tivesses mais coragem...)

g) O verbo HAVER-SE (Pronominal) no sentido de “AJUSTAR CONTAS, ENTENDER-SE, ARRANJAR-SE” apresenta transitividade indireta – exige a preposição “com”:

- Parece que ele já se houve com todos os credores. (Leia-se: Parece que ele já ajustou contas com...)
- Será complicado se tu não te houveres com aqueles que magoaste. (Leia-se: ...se tu não te entenderes...)

h) O verbo HAVER-SE (Pronominal) no sentido de “DEPARAR-SE, LIDAR, TRATAR” é transitivo indireto. Exige a preposição “com”.

- Sempre que chegava ao escritório, havia-se com a secretária do presidente. (Leia-se:... lidava com...)
- Quando estagiava, havia-se com crianças excepcionais. (Leia-se: Quando estagiava, deparava-se com...)

14. Implicar

Este verbo apresenta as seguintes regências:

a) No sentido de “embirrar, ter implicância com”, é transitivo indireto. O objeto indireto exige a preposição “com”.

- Por que implicas tanto com a tua sogra?
- A pessoa com quem ele sempre implicou tornou-se seu chefe.

b) Será um verbo transitivo direto e indireto, exigindo a preposição “em” para o objeto indireto, na acepção de “envolver-se, comprometer-se, enredar-se, emaranhar-se”.

- A CPI dos bingos implicou o ex-ministro em atividades criminosas.
- Implicaram-no em negócios escusos.

c) No sentido de “ocasionar, trazer como consequência, acarretar” consolidou-se como verbo transitivo direto.

- Cuidado, pois suas atitudes podem implicar sua demissão.
- Liberdade sempre implicou responsabilidade.
- Viver sempre implicará correr riscos.

⇨ **Observação:**

Nesta acepção “ocasionar, trazer como consequência, acarretar”, a evolução trouxe uma regência nova “implicar em”, resultante da influência de verbos mais ou menos sinônimos, como “importar em”, “redundar em”, “reverter em” e “resultar em”. Além do mais, é uma tendência da língua, como já vimos, repetir (uso pleonástico) a preposição cognata do prefixo (*assistir a, depender de, empregar em, incidir em, incorrer em*). Embora seja combatida por alguns conservadores, esta regência (usando as palavras do professor Rocha Lima) “está ganhando foros de cidade na língua culta”. Logo, hoje são plenamente aceitas, como corretas, as construções abaixo:

- Sua forma de jogar implicou em sua dispensa do time.
- “... a dicionarização de um neologismo...implicará em nova ortografia para o termo enquadrado em tal caso.” (Caldas Aulete, Dic. Contemp. da Língua Portuguesa)
- “Casamento implica em responsabilidade.” (Celso Cunha, Dic. Prático de Regência Verbal)

15. Importar Eis um verbo bastante interessante, porque apresenta várias regências. Vamos estudar as principais:

a) No sentido de “fazer vir (mercadorias), trazer para dentro” é empregado como transitivo direto.

- Os noivos **importaram** óleos e essências naturais para usar durante a lua de mel.
- Neste ano, ainda pretende **importar** inúmeros objetos fabricados na China.
- No próximo ano, **importaremos** mais frutas frescas e menos carne bovina.

b) No sentido de “dar importância, fazer caso” é um verbo pronominal, transitivo indireto (importar-se) e exige comumente a preposição “com” para o seu complemento, embora as preposições “de” ou “em” também possam ser usadas.

- “... mas eu não me **importo** com isso.” (Machado de Assis)

- “Lenita, apressada, correu sem se **importar** com os ramos que lhe açoitavam.” (Júlio Ribeiro)

c) Já no sentido de “ser importante, útil ou necessário, ter importância” é empregado tanto como intransitivo quanto como transitivo indireto com a preposição “a”. Cumpre salientar que, nesse sentido, o sujeito vem geralmente posposto ao verbo; por isso é importante não o confundir com um objeto direto.

- “Que lhe **importavam** os rios? Eram grandes? Pois que fossem...” (Lima Barreto)
  VTI sujeito

- “Decerto, decerto, pouco **importa** que um visionário se diga messias e filho de Deus.” (Eça de Queiroz)
  VI sujeito

- “Isso pouco **importa**; estou agora bem satisfeita.” (Bernardo Guimarães)
  sujeito VI

- “Pouco **importavam** a ela os móveis cobertos de poeira e de fuligem das locomotivas.” (Adolfo Caminha)
  VTI sujeito

d) No sentido de “acarretar, implicar, resultar, trazer como consequência” pode hoje ser usado tanto como transitivo direto quanto como transitivo indireto com a preposição “em”. Esta última regência foi combatida por muitos puristas da língua, mas hoje se consolidou, conforme se percebe nas palavras do mestre Rui Barbosa: “Esta construção [importar em] na língua viva de hoje se estende ao sentido de acarretar.”

- “Sua imprudência **importou** em descrédito pessoal.” (Celso P. Luft – Dic. Prático de Regência)

- “Toda a restrição à publicidade **importa**, logo, em embaraço de circulação.” (Rui Barbosa)

- “Mas essa reconciliação **importava** a entrada triunfal do Cavaleiro na quieta casa do Barrolo...” (Camilo C. Branco)

e) Com o sentido de “atingir o custo de, redundar” deve ser empregado como transitivo indireto com a preposição “em” para o seu complemento.

- A construção da casa importou em vários milhões de dólares.

- “O total dos gastos importou em mil reais.” (Dic. Eletrônico Houaiss)

16. Informar (Alertar / Notificar* / Avisar* / Cientificar* / Anunciar*)*

* Seguem a mesma regência do verbo informar.

a) No sentido de "comunicar, dar esclarecimento" é geralmente usado como verbo transitivo direto e indireto. Admite as seguintes construções:

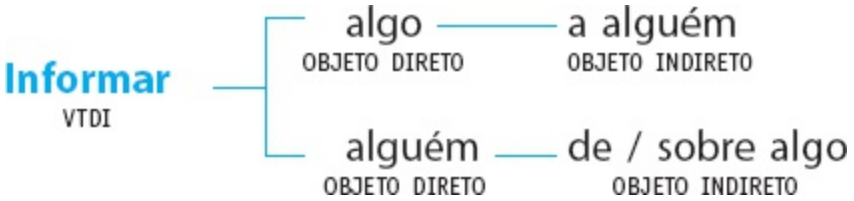

- Nós sempre os informamos sobre os problemas.

  OU

- Nós sempre lhes informamos os problemas.
- Avisaram ao dono do estabelecimento ontem à noite o assalto.

  OU

- Avisaram o dono do / sobre o assalto.
- Notificaram-lhe que a audiência será na próxima semana.

  OU

- Notificaram-no de que a audiência...
- Se ele os alertasse do / sobre o problema, talvez não tivesse tanto prejuízo.
- "Affonso assombrou Villaça anunciando-lhe que decidira vir habitar o Ramalhete!" (Eça de Queiroz)

b) O verbo informar também pode aparecer apenas como transitivo direto na acepção de "dar informações, dar notícias".

- Os jornais são o meio de comunicação que mais **informa** (VTD) o público em geral (OD).

17. Namorar

a) Para a linguagem formal – mais clássica –, este verbo é transitivo direto na acepção de "cortejar, galantear, requestar". Na linguagem mais moderna, entretanto, este verbo

tem se consolidado como transitivo indireto, exigindo a preposição “com” para o objeto indireto, à semelhança de “casar, noivar”, conforme atestam grandes estudiosos da nossa língua, como os mestres Aurélio Buarque, Antônio Houaiss, Celso Pedro Luft e Antenor Nascentes. Ademais, o substantivo cognato “namoro” admite a preposição “com” para o seu complemento. Por isso, o verbo namorar pode ser usado, modernamente, tanto como transitivo direto quanto como transitivo indireto.

- Havia uma moça em nossa cidade que só namorava os (ou “com os”) rapazes de dinheiro.
- A filha do prefeito, o Sr. Joaquim dos Santos namorou-a (ou “com ela”) durante muito tempo.

⇨ **Observação:**

O verbo “casar” pode ser usado com as seguintes regências:

a) Intransitivo → Maria casou na Europa.

b) Transitivo direto → “Casa o filho quando quiseres, e a filha quando puderes.” (Dito popular)

c) Transitivo indireto com a preposição “com” → Se eu pudesse, eu casaria com Lúcia.

d) Transitivo direto e indireto (pronominal), exigindo a preposição “com” → Ele deve casar-se na próxima semana com Maria Joaquina.

18. Necessitar

No sentido de “ter ou sentir necessidade” é indistintamente transitivo direto ou transitivo indireto. Neste último caso, o objeto indireto virá encabeçado pela preposição “de”.

- Ele sempre necessitou da ajuda dos amigos para obter as coisas na vida.

OU

- Ele sempre necessitou a ajuda dos amigos para obter as coisas na vida.
- A ferramenta de que ele necessitou estava com um primo distante.

OU

- A ferramenta que ele precisou estava com um primo distante.

⇨ **Observação:**

No dia a dia, este verbo tem se consolidado com a regência transitiva indireta "NECESSITAR DE".

19. Obedecer / Desobedecer

Consolidaram-se em nossa Língua Portuguesa como verbos transitivos indiretos. O objeto indireto requer a preposição "a".

- Era um grande escritor, pois as palavras sempre lhe obedeciam.
- Nunca desobedeça às regras impostas por seus superiores.
- A pessoa a quem mais ele obedecia era a sua avó.

⇨ **Observação:**

Embora transitivos indiretos, esses verbos admitem a voz passiva em virtude de seus antigos regimes transitivos diretos.

- Ele era obedecido por todos na empresa.

20. Pagar / Perdoar

Esses verbos possuem uma regência bastante interessante:

a) São transitivos diretos quando o objeto direto é representado por "coisa".

b) São transitivos indiretos, exigindo a preposição "a" para o objeto indireto, quando este é representado por "pessoa".

- Sempre **paguei** os meus compromissos em dia. ➡ Sempre **os** paguei em dia.
  VTD — OD de coisa
- Jamais **perdoarei** a sua displicência. ➡ Jamais **a** perdoarei.
  VTD — OD de coisa
- Sempre **paguei** aos meus credores em dia. ➡ Sempre **lhes** paguei em dia.
  VTI — OI de pessoa
- Jamais **perdoarei** a você, Jéssica Roberta. ➡ Jamais **lhe** perdoarei, Jéssica Roberta.
  VTI — OI de pessoa

- Crimes de guerra, como posso perdoá-**los?** ⇨ Aos filhos, sempre se deve perdoar-**lhes**.

c) Também podem ser usados como transitivos diretos e indiretos.

OI VTDI OD
- Jamais lhe **perdoarei** aquela falta.

VTDI OD OI
- Não **pagarei** um tostão sequer àquele incompetente.

⇨ **Observações:**

a) Cuidado com esses verbos quando estiverem associados a um "SE". Observe:

Partícula apassivadora
- Não se **perdoam** com facilidade erros cometidos propositadamente.
VTD sujeito passivo

Índice de indeterminação do sujeito
- Não se **perdoa** com facilidade aos trabalhadores incompetentes e irresponsáveis.
VTI objeto indireto

Sujeito Partícula apassivadora
- As contas que ontem pela manhã se **pagaram** já foram remetidas para a contabilidade.
VTD

OI Índice de indeterminação do sujeito
- As pessoas às quais ontem pela manhã se **pagou** deixaram a empresa hoje.
VTI

b) O verbo "perdoar" admite a voz passiva.

- Eles foram perdoados pelo presidente da empresa.

21. Precisar

Este verbo apresenta duas regências:

a) No sentido de "ter precisão, carecer", tanto pode ser transitivo direto (regência pouco usual) quanto transitivo indireto com a preposição "de".

- Nunca mais ele precisou
  - dinheiro.
  - de dinheiro.

- Quem não tem farinha não precisa { peneira. / de peneira. } (Dito popular).
- Os livros { que / de que } ele precisava foram emprestados ao filho do Sr. Rubião.

b) É um verbo transitivo direto na acepção de “marcar com precisão, estipular tempo”.

- Os noivos ainda não precisaram a data do casamento.
- O Banco Central ainda não precisou o montante de dinheiro roubado pelos ladrões.

22. Preferir

Apresenta as seguintes regências:

a) Na acepção de “dar preferência ou primazia a, gostar mais de, escolher ou querer antes” é transitivo direto e indireto, exige a preposição “a”. Neste sentido, não admite a presença dos termos intensificadores “mais... (do) que...”, por exemplo, já que a própria semântica do verbo, por si só, já indica essa intensificação.

- Aos domingos, Sr. João preferia ficar em casa a ir ao shopping com a família.
- Ele sempre prefere laranja a maçã para o café da manhã.

OU

- Ele sempre prefere a laranja à maçã...
- Quando se trata de estudo, prefiro o dia à noite para fazer qualquer curso.
- Eu prefiro que critiquem a que se mantenham calados, inertes e indiferentes.

⇨ **Observação:**

As construções abaixo são consideradas erradas pela gramática normativa, embora sejam bastante usuais na linguagem cotidiana.

- Prefiro antes comer frutas a beber suco.
- Preferia muito mais estudar do que trabalhar.
- Ele prefere mil vezes arroz com feijão do que macarronada.
- Ele deve preferir correr do que nadar nos finais de semana.

b) Esse verbo também pode ser usado unicamente como transitivo direto também na acepção de “optar, escolher”.

- Entre arroz e macarrão, já disse que prefiro macarrão.
- Ele prefere que todos fiquem até o final da festa.

23. Proceder

Apresenta as seguintes regências:

a) É um verbo intransitivo no sentido de “ter fundamento, mostrar-se verdadeiro”.

- Todas as acusações dela não procediam.
- Como o boato não procedesse, ele foi desconsiderado por todos.

b) É intransitivo na acepção de “comportar-se, portar-se, conduzir-se”. Sempre virá acompanhado de um adjunto adverbial de modo.

- A filha do prefeito não procedeu bem na festa.
- Sr. Joaquim sempre procede com honestidade.

c) É também intransitivo no sentido de “originar-se, provir, derivar”. É sempre acompanhado de um adjunto adverbial de lugar.

- De onde o amigo procede?
- A língua portuguesa procede do latim.

d) É um verbo transitivo indireto, exigindo a preposição “a”, quando empregado no sentido de “dar início, principiar, começar, realizar.”

- O TRE procedeu aos trabalhos de apuração dos votos às 17h.
- O inquérito policial a que ele procedeu perfez 500 páginas.
- A professora procedeu à chamada dos alunos às 14h.

Cuidado com esta última regência do verbo proceder. Observe:

- Partícula apassivadora
  Iniciaram-se os trabalhos de apuração dos votos.
  VTD — sujeito passivo

Mas...

Índice de indeterminação do sujeito

- Procedeu-se aos trabalhos de apuração dos votos.

VTI — objeto indireto

24. Querer

Apresenta duas regências bastante comuns:

a) No sentido de “ter, possuir, desejar, pretender” é empregado como transitivo direto.

- Ele sempre quis um carro do ano e finalmente conseguiu.
- Manoel sempre queria uma oportunidade a mais, mas não lhe davam.
- Os patrões sempre a queriam de bom humor.

b) É um verbo transitivo indireto, exigindo a preposição “a”, no sentido de “amar, gostar de, ter afeto”.

- Ele tinha uma filha a quem muito queria.
- Eu muito lhe quero, minha mãe.
- Eu quero muito bem àquela moça.

25. Responder

Destacam-se as seguintes regências:

a) É transitivo direto e indireto no sentido de responder alguma coisa a alguém:

- Ao ser questionado, respondeu-lhes que aceitaria o contrato sem problemas.
- O professor certamente responderá aos alunos as eventuais dúvidas.
- “Quando perguntei por que motivo ninguém o via há um mês, respondeu-me que estava passando por uma transformação.” (Machado de Assis)

b) É transitivo indireto no sentido de dar a resposta, de responder a uma carta, a uma pergunta, a um questionário etc. Neste caso, exigirá a preposição “a”.

- Responde a todas as perguntas por mais difíceis que sejam.
- Fez-me uma série de perguntas a que não sei responder.
- “Começou São Domingos a levantar as questões, e o demônio ponto por ponto a

responder a elas.” (Pe. Antônio Vieira)

26. Simpatizar / Antipatizar

Esses verbos apresentam regências idênticas.

São verbos transitivos indiretos e exigem preposição “com”, significando “ter ou sentir simpatia, agradar-se”. Não são pronominais. Veja:

- Durante muito tempo, ele não simpatizou com o seu chefe.
- A pessoa com quem ele antipatizava foi transferida para outra empresa.
- Se eu simpatizasse com todos os alunos, seria uma professora mais alegre, mais verdadeira.

⇨ **Observação:**

As construções abaixo são inadmissíveis para o padrão formal, porque tais verbos não são pronominais.

- Ele não se simpatizou com os colegas. (Errado)
- Eu me antipatizei logo com ela. (Errado)

27. Suceder

É um verbo pouco usado, que possui duas regências distintas:

a) É intransitivo no sentido de “ocorrer, acontecer, realizar-se”.

- Durante a festa, sucedeu uma tremenda tromba d’água.
- Sucedeu que o novo governo não baixou os juros como era esperado.

b) É um verbo transitivo indireto na acepção de “seguir-se, sobrevir”. Exige a preposição “a” para o objeto indireto.

- João sucedeu a Paulo na direção da empresa.
- Ao labor sucede o descanso.
- O dia sucede à noite.

28. Visar

É um verbo que apresenta várias regências. Veja:

a) É transitivo direto no sentido de “mirar, olhar para”.

- Vise bem o alvo antes de atirar.
- A caça, visei-a com toda a minha precisão.

b) É também um verbo transitivo direto no sentido de “rubricar, pôr o visto”.

- No banco, o gerente costumava não visar os cheques de terceiros.
- A diretora visou os diplomas de todos os formandos.

c) Já no sentido de “desejar, pretender, ter em vista” é largamente usado como transitivo indireto, exigindo a preposição “a”. Como transitivo indireto, rejeita os pronomes “lhe, lhes” para o objeto indireto. Aceita apenas as formas analíticas tônicas “a ele, a ela, a eles, a elas”. Entretanto, nesse sentido (“desejar, pretender, ter em vista”) também pode ser empregado como transitivo direto, embora poucas referências se façam a esta última regência.

- Ele visou acima de tudo [o / ao] bem de todos os presentes.
- O que eles sempre visaram é o crescimento da empresa.

OU

- Aquilo a que eles sempre visaram é...
- O cargo [que / a que] ele sempre visou foi preenchido por outro empregado.
- O presidente não visava [– / a] outro interesse que não fosse o lucro da empresa.

⇨ **Observação:**

Quando o complemento do verbo “visar” é formado por uma oração reduzida de infinitivo é frequente a supressão da preposição. Veja:

- O contra-ataque visava derrubar as primeiras linhas do exército inimigo.
- Sempre visei alcançar objetivos difíceis para a maioria do povo.

Observação final em relação à regência verbal: Lembre-se de que há uma série de

verbos na língua portuguesa que podem ser usados indistintamente como transitivos diretos ou transitivos indiretos sem que isso traga alterações de sentido. Abaixo listamos alguns desses verbos:

a) ABDICAR
- VTD = Ele abdicou o trono em 1890.
- VTI "de" = Ele abdicou do trono em 1890.

b) ALMEJAR
- VTD = Sempre almejou a vaga de gerente.
- VTI "por" = Sempre almejou pela vaga de gerente.

c) ANSIAR
- VTD = Ele anseia a volta do filho.
- VTI "por" = Ele anseia pela volta do filho.

d) ATENDER
- VTD = Ele já atendeu os clientes.
- VTI "a" = Ele já atendeu aos clientes.

e) CONSENTIR
- VTD = Eles consentiram a volta do aluno para a sala.
- VTI "em" = Eles consentiram na volta do aluno para a sala.

f) DEPARAR
- VTD = Deparamos uma bela paisagem em nosso passeio.
- VTI "com" = Deparamos com uma bela paisagem em nosso passeio.

g) GOZAR
- VTD = Todos devem gozar os seus direitos.
- VTI "de" = Todos devem gozar de seus direitos.

h) PRESIDIR
- VTD = Ele presidirá o encontro.
- VTI "a" = Ele presidirá ao encontro.

i) RENUNCIAR
- VTD = Ele renunciou o cargo de diretor.
- VTI "a" = Ele renunciou ao cargo de diretor.

j) SATISFAZER
- VTD = Ele satisfez as exigências.
- VTI "a" = Ele satisfez às exigências.

Outros exemplos:

- "... aquele ente atrofiado pela cobiça e que parecia ter **abdicado** dos seus privilégios e sentimentos de homem..." (Aluísio Azevedo)
- "A República sonhadora do Pacífico abandona, de improviso, os compromissos oriundos da sua existência autônoma e, **abdicando** a própria altitude política, volve, às recuadas, aos tempos em que ainda não existia." (Euclides da Cunha)
- "Subiu rápido a encosta de onde Roderico **atendia** aos sucessos da batalha." (A. Herculano)
- "Levou a carta do Coronel Carvalho ao deputado, que o **atendeu** muito bem." (Lima Barreto)
- "Mas o fato é que aí estava, que não dormia, e que, pela primeira vez, nos sessenta e sete anos de sua palrada existência, **consentiu** em estar em cena como pessoa muda." (A. Garret)
- "Sofia não **consentiu** que ela as trouxesse." (Machado de Assis)
- "Ó tu, que à mocidade sonhadora
  Do pálido poeta deste flores...
  Se vivi... foi por ti! e de esperança
  De na vida **gozar** de teus amores." (A. de Azevedo)
- "... muito pálida, muito séria, com uma crueldade a reluzir-lhe nos olhos, **gozando** uma alegria de desforra em fustigar aquela carne gorda." (Eça de Queiroz)
- "Outra ocasião **deparou** com o retrato da *cuja.* – "Sim senhor: uma mulher esplêndida! O Luís tinha gosto para mulheres..." (A. Caminha)
- "Além dos serventes de repartições, contínuos de escritórios, podemos **deparar** velhas fabricantes de rendas de bilros, compradores de garrafas vazias..." (Lima Barreto)
- "Enquanto deliberava o parlamento, e era possível conquistar o poder sem compromissos, e **presidir** as eleições gerais sem indisposições, ninguém lhe devassou o sigilo." (Rui Barbosa)
- "... outro **preside**, em 1850, ao festim oferecido aos comissários da exposição de 1851, ou à iniciação dos trabalhos de edificação da *Galeria Nacional* em Edimburgo..." (Rui Barbosa)
- "... era também agradecer o restabelecimento de minha mãe, e, visto que digo tudo, fazê-lo **renunciar** ao pagamento da minha promessa." (Machado de Assis)
- "... os grandes desprezando as riquezas e vaidades do Mundo; os reis **renunciando** os ceptros e as coroas;..." (Pe. António Vieira)
- "Bentinho há de **satisfazer** os desejos de sua mãe e depois a igreja brasileira tem altos destinos." (Machado de Assis)

“Entretanto vamos **satisfazer** ao leitor, que há de talvez ter curiosidade de saber onde se meteu o pequeno.” (Manuel A. de Almeida)

Ufa!! Misericórdia!! Chegamos ao final do assunto “Regência Verbal”. Cansativo, não!!?? Mantenha a calma! E não desanime, pois ainda vamos estudar a regência de alguns nomes. Não se desespere! Lembre-se de que o conhecimento vem aos poucos, mas sempre chega para os persistentes. Leia a relação abaixo mais de uma vez e parta para a resolução dos exercícios. Prossigamos!

6.3 REGÊNCIA NOMINAL

A regência nominal estuda as relações de dependência estabelecidas entre os nomes e os seus complementos. O termo que completa um nome é, por isso, denominado de “complemento nominal”.

A complementação de um nome é sempre intermediada por uma preposição. Alguns nomes chegam a aceitar mais de uma preposição, como se verá.

Segue uma lista de substantivos e adjetivos com as respectivas regências:

Acessível **a**	difícil **de**	medo **a, de**
Acostumado **a, com**	digno **de**	misericordioso **com, para como**
Adaptado **a**	entendido **em**	natural **de**
Afável **a, com, para com**	equivalente **a**	necessário **a**
Aflito **com, por**	erudito **em**	negligente **em**
Agradável **a**	escasso **de**	nocivo **a**
Alheio **a, de**	essencial **a**	nocivo **a**
Alienado **de**	estranho **a**	ojeriza **a, por, contra**
Alusão **a**	fácil **de**	paralelo **a**
Amante **de**	falha **de, em**	parco **em, de**
Ambicioso **de**	falta **de**	passível **de**
Analogia **com, entre**	favorável **a**	perito **em**
Análogo **a**	fiel **a**	permissivo **a**
Ansioso **de, para, por**	firme **em**	perpendicular **a**
Apto **a, para**	generoso **com**	pertinaz **em**

Atento **a, em**	grato **a**	possível **de**
Aversão **a, para, por**	hábil **em**	possuído **de**
Ávido **de, por**	habituado **a**	posterior **a**
Benéfico **a**	horror **a**	preferível **a**
Capaz **de, para**	hostil **a**	prejudicial **a**
Certo **de**	idêntico **a**	prestes **a, para**
Compatível **com**	imbuído **em, de**	propenso **a, para**
Compreensível **a**	impossível **de**	propício **a**
Comum **a, de**	impróprio **para**	próximo **a, de**
Constante **de, em**	imune **a, de**	relacionado **com**
Constituído **de, por, com**	incompatível **com**	residente **em**
Contemporâneo **a, de**	inconsequente **com**	responsável **por**
Contíguo **a**	indeciso **em**	rico **de, em**
Contrário **a**	independente **de, em**	seguro **de, em**
Cuidadoso **com**	indiferente **a**	semelhante **a**
Curioso **de, a**	indigno **de**	sensível **a**
Desatento **a**	inepto **para**	sito **em, entre**
Descontente **com**	inerente **a**	suspeito **de, a**
Desejoso **de**	inexorável **a**	transversal **a**
Desfavorável **a**	leal **a**	útil **a, para**
Devoto **a, de**	lento **em**	versado **em**
Diferente **de**	liberal **com**	vizinho **a, de, com**

6.4 O EMPREGO DOS PRONOMES RELATIVOS E AS REGÊNCIAS VERBAL E NOMINAL

Um dos tópicos que mais assustam o estudante da Língua Portuguesa é o emprego dos pronomes relativos. Como se sabe, o pronome relativo substitui um termo da oração, evitando, assim, a repetição enfadonha de vocábulos. No entanto, um problema surge: dependendo da regência do verbo ou do nome com que se esteja trabalhando, o pronome relativo que encabeça a oração adjetiva virá precedido ou não de uma preposição. Logo,

estruturas como...

- Os filmes a cujas estreias ele se referiu ontem foram indicados para o Oscar.
- O médico em quem ele mais confia viajou para Europa.
- A ponte sob a qual corriam águas poluídas era pênsil.
- Trouxe as frutas de que ele mais gosta.

...causam espanto e muitas vezes indignação a muitos estudantes do português.

Desconhecem, muitas vezes, nossos "aventureiros" do conhecimento que essas construções esdrúxulas nasceram justamente em virtude de uma regência verbal ou nominal.

Sugiro que você releia e correlacione este assunto com as funções sintáticas dos pronomes relativos.

Antes de darmos mais um passo, relacionarei abaixo os usos dos pronomes relativos. Leia atentamente antes de prosseguir neste ponto.

1. Que ⇨ É denominado de "relativo universal", porque se refere tanto a coisas quanto a pessoas. Seus equivalentes variáveis são "a qual, o qual, as quais, os quais". O relativo "que" só deve ser substituído por outro relativo em casos específicos.
2. Quem ⇨ É denominado de "relativo personativo", pois só se refere a pessoas. Sempre virá precedido de uma preposição.
3. Onde ⇨ É denominado de "relativo locativo", pois só é utilizado para retomar e substituir termos que contenham a noção de "lugar". Equivale a "em que" e variações (na qual, no qual, nas quais, nos quais).
4. O qual, a qual, os quais, as quais ⇨ São os relativos que possuem as variações em gênero e número correspondentes ao pronome relativo "que". Esses relativos devem obrigatoriamente substituir o "que" quando este provocar ambiguidade, for precedido por uma preposição com mais de uma sílaba ou for eufonicamente melhor.
5. Cujo, cuja, cujos, cujas ⇨ São relativos utilizados para substituir termos que expressam noção de posse. Equivalem a "do qual, da qual, dos quais, das quais, seu, sua, seus, suas, dele, dela, deles, delas). Eles retomam um termo antecedente, mas concordam em gênero e número com o substantivo consequente (ou posposto). Não admitem a posposição de artigo e sempre exercem a função sintática de adjunto adnominal.
6. Quanto, quanta, quantos, quantas ⇨ Estas palavras só serão consideradas pronomes relativos quando vierem antecedidas por um dos seguintes pronomes indefinidos "tudo, todo (a), todos (as)":

Continuemos...

Vamos, para facilitar o entendimento, iniciar o nosso estudo construindo períodos compostos por subordinação a partir de dois períodos simples. Não podemos nos esquecer, entretanto, de que se algum nome, verbo ou termo da oração adjetiva (introduzida pelo pronome relativo) exigir preposição, esta será deslocada para preceder o pronome relativo. Veja:

1. Ele viu um homem. ~~O homem~~ tinha cabelos totalmente brancos.
QUE / O QUAL

Junção dos períodos: Ele viu um homem que tinha cabelos totalmente brancos.

Perceba que o pronome relativo entra no lugar do termo que ele substitui. O artigo não interessa para os pronomes relativos.

2. Ele mora na cidade. Ele trabalha ~~na cidade~~.
ONDE

Junção dos períodos: Ele mora na cidade **onde** trabalha.

Observe que todo o termo "na cidade" foi absorvido pelo pronome relativo "onde". Nessa frase, também estariam corretas as formas "em que" ou "na qual".

3. Comprei um livro. As páginas ~~do livro~~ são todas amarelas.
CUJAS

Junção dos períodos: Comprei um livro **cujas** páginas são todas amarelas.

Observe que o relativo "cujas" substitui toda a relação de posse "do livro". A relação de posse está presa ao substantivo "páginas" que vem antecedido apenas por um artigo, o qual é dispensado pelo relativo.

Observe:

Não se esqueça de que os relativos "cujo, cuja, cujos, cujas" não admitem a posposição de um artigo.

- Comprei um livro cujas **as** páginas são todas amarelas. (Errado)

4. Pedi o prato. Eu gosto muito do ~~prato.~~
DE + ~~O~~ QUE

Junção dos períodos: Pedi o prato de que mais gosto.

Perceba que neste exemplo a preposição "de" obrigatoriamente antecederá o pronome relativo porque ela faz parte da regência do verbo "gostar".

5. A pessoa é o meu pai. Eu dependo muito ~~da pessoa~~.

DE + ~~A~~ QUEM

Junção dos períodos: A pessoa **de quem** mais dependo é meu pai.

A preposição do verbo “depender” acompanhará o pronome relativo.

CONTRA

6. O deputado viajou para a Europa. Eu votei contra ~~as~~ ideias ~~do deputado~~ na última eleição.

CUJAS

Junção dos períodos: O deputado, contra cujas ideias eu votei na última eleição, viajou para a Europa.

A preposição “contra”, solicitada pelo verbo “votar” antecede o pronome relativo.

7. A missa foi ministrada pelo Pe. João. Eu assisti ~~à missa~~.

A + ~~A~~ – QUE ou A QUAL

Junção dos períodos: A missa { a que / à qual } eu assisti foi ministrada pelo Pe. João.

8. Encontrei uma mochila velha. Havia cinco moedas de ouro ~~no~~ bolso ~~da mochila velha~~.

EM + ~~O~~ CUJO

Junção dos períodos: Encontrei uma mochila velha em cujo bolso havia cinco moedas de ouro.

9. A estrada foi interditada pela Defesa Social. Nós íamos passar ~~pela estrada~~ em nossa viagem.

POR + QUE

Junção dos períodos: A estrada, por que nós íamos passar em nossa viagem, foi interditada pela Defesa Social.

10. O juiz foi destituído do cargo. Aquele garoto havia ficado sob a tutela ~~do juiz.~~

SOB CUJA

Junção dos períodos: O juiz, sob cuja tutela aquele garoto havia ficado, foi destituído do cargo.

Não se pode esquecer de que a preposição que é solicitada pela regência de um verbo ou de um nome não pode ser retirada da estrutura oracional. Nos casos acima, a preposição precederá o pronome relativo.

Observe agora alguns **erros** – e suas devidas correções – em construções com os pronomes relativos:

a) A atleta norte-americana, cujo nome o autor não se lembrou, acabou sofrendo um ataque cardíaco.

> O verbo "lembrar-se" exige a preposição "de".

A atleta norte-americana, de cujo nome o autor não se lembrou,....

b) A revelação proporcionou-lhe reflexões profundas através das quais compôs uma argumentação interessante.

> Observe que ele compôs uma argumentação "com" as reflexões.

A revelação proporcionou-lhe reflexões profundas com as quais compôs uma argumentação interessante.

) As notícias de que ele fez referências transtornaram aquela pequena cidadezinha do interior.

> Perceba que quem "faz referências" sempre as faz "a" alguém.

As notícias a que ele fez referências....

) As peças teatrais que ele ontem assistiu transformaram-lhe o modo de pensar.

> O verbo "assistir" exige a preposição "a" neste sentido.

As peças teatrais a que (ou "às quais") ele ontem assistiu....

) Para Hans Kelsen, de onde se citam vários exemplos, a norma jurídica é o objeto de estudo do Direito.

> O antecedente do pronome relativo "onde" não é um "lugar", mas um nome personativo. Só se emprega o "onde" relativo em referência a lugar.

Para Hans Kelsen, de quem (ou "do qual") se citam vários exemplos,....

) Não falta aos juristas, a quem contamos para a proposição de leis, conhecimento técnico.

O pronome relativo está bem empregado, porém a conjunção que o antecede é inadequada, uma vez que o verbo "contar" exige, neste contexto, a preposição "com".

Não falta aos jurista, com quem contamos para a proposição de leis,....

) A desonestidade e o egoísmo são defeitos de cujos nenhum contraventor se envergonha.

Emprego inadequado do relativo "cujos", já que não há na estrutura uma relação de "posse". A preposição está correta, pois é solicitada pelo verbo "envergonhar-se".

A desonestidade e o egoísmo são defeitos de que (ou "dos quais") nenhum....

) As fogueiras de que todos testemunhamos nos noticiários da TV constituem um sinal a quem ninguém pode ser insensível.

Duas orações adjetivas com problemas em suas construções. Na primeira, inexiste a preposição "de" antecedendo o relativo "que", porquanto o verbo "testemunhar" é transitivo direto. Na segunda, emprega-se inadequadamente o relativo "quem" sem antecedente personativo.

As fogueiras que (ou "as quais") todos testemunhamos nos noticiários da TV constituem um sinal a que (ou "ao qual") ninguém pode ser insensível.

6.5 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

Regências Verbal e Nominal

1. (FCC) A frase em que a regência está totalmente de acordo com o padrão culto é:

a) Esperavam encontrar todos os documentos que os estudiosos se apoiaram para descrever a viagem de Colombo.

b) Estavam cientes de que teriam muito a fazer para conseguir os registros de que dependiam.

c) Encontraram-se referências à coerção que marinheiros mais experientes faziam contra os mais novos que trabalhassem mais arduamente.

d) Foram informados que esboços da inóspita região circundada com imensas pedras podiam ser consultados.

e) Havia registro de uma insatisfação em que os insurretos às atitudes arbitrárias de um navegante foram impedidos de lhe inquirir.

2. (FCC) Desde que passou a gozar de um prestígio absoluto, o fator velocidade impôs-se como parâmetro das ações humanas, sobrepondo-se a qualquer outro critério.

Substituem de modo adequado as expressões sublinhadas, respectivamente e sem prejuízo para o sentido da frase acima:

a) desfrutar de um – investiu como – destituindo a

b) a alçar-se num – investiu-se a um – preterindo

c) firmar-se como – determinou-se como – corroborando a

d) favorecer-se de um – consagrou-se a um – eximindo-se de

e) desfrutar de um – firmou-se como – sobrepujando

3. (FCC) *A crescente demanda por produtos agropecuários ...*

Reproduz-se o mesmo tipo de regência que organiza o segmento assinalado acima no trecho também grifado em:

a) *Produzir mais a custos menores ...*

b) *Nos últimos dez anos ...*

c) *Tal desempenho foi considerado inviável ou impossível ...*

d) *Havendo limitada disponibilidade de recursos ...*

e) *O setor agropecuário era estático ...*

4. (FCC) Está correta a forma de **ambos** os elementos sublinhados na frase:

a) Ela não nos disse <u>por que</u> razão tornou-se uma otimista; e se ela tornar ao seu pessimismo, será que nos explicará <u>por quê</u> ?

b) A razão <u>porque</u> muitos se tornam pessimistas está no mundo violento de hoje; <u>por quê</u> outra razão haveriam de se desenganar?

c) "<u>Por que</u> sim": eis como respondem os mais impacientes, quando lhes perguntamos <u>porque</u>, de repente, se tornaram otimistas.

d) Sem mais nem <u>porquê</u>, ele passou a ver o mundo com outros olhos, dizendo que isso aconteceu <u>por que</u> encontrara a verdade na religião.

e) Não sei o <u>por quê</u> do seu pessimismo; <u>porque</u> você não me explica?

5. (FCC) O **New York Times** publicou uma galeria de rostos e nomes, expôs rostos e nomes ao longo de vários números, evocou esses rostos e nomes para que o público não olvidasse esses nomes e rostos.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo- se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) expôs a eles - evocou-lhes - lhes olvidasse
b) expô-los - evocou a eles - olvidasse-os.
c) expôs-lhes - evocou-os - os olvidasse
d) expôs eles - evocou-lhes - olvidasse eles
e) expô-los - evocou-os - os olvidasse

6. (FGV) Assinale a alternativa em que a regência verbal não siga o padrão culto de linguagem.

a) A inscrição no concurso implica a aceitação das normas do edital.
b) Todos os servidores devem obedecer às leis que os regem.
c) Preferiu a poltrona à cadeira.
d) Eu avisei-lhes da necessidade de se revisar o documento.
e) Eles anuíram à decisão.

7. (FCC) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:

a) Há em nosso mundo paisagens belas, em cujas faz bem pousar os olhos.
b) São belas paisagens, cuja sedução nos leva a contemplá-las.
c) Há paisagens aonde nosso olhar se demora prazerosamente.
d) São belezas de um tempo onde o homem não tinha tanta pressa.
e) A reação de que toda beleza nos impõe é a calma da contemplação.

8. (FCC – Metrô/SP – Supervisor de Linha) Ao final do ano vêm as frustrações e, já que não podemos evitar as frustrações, descarregamos essas frustrações nas costas dos outros, atribuindo aos outros a responsabilidade por nossa decepção.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, respectivamente, por:

a) podemos evitar-lhe − descarregamos elas – atribuindo-lhes
b) as podemos evitar – as descarregamos – atribuindo-os
c) as podemos evitar – descarregamo-las – atribuindo-lhes
d) podemos evitá-las – descarregamos-lhes – lhes atribuindo

e) podemos as evitar – as descarregamos – lhes atribuindo

9. (FCC) Está correto o emprego de **ambas** as expressões sublinhadas em:

a) As áreas aonde os homens se concentravam exibiam edifícios em cujos não havia arejamento.

b) Em cortiços de cimento, a que faltavam espaço e arejamento, comprimiam-se milhões de indivíduos para quem a natureza parecia representar uma ameaça.

c) Esse texto, de cujo o autor era também poeta, promove um típico exercício de imaginação em que muitos autores de ficção são tentados.

d) Os mistérios porque somos atraídos na ficção costumam impressionar os leitores em cujos também não falta a liberdade da imaginação.

e) Os espaços urbanos pelos quais se espanta o imaginário narrador seriam testemunho de uma civilização à qual eram frouxos os laços com a natureza.

10. (FCC) Considere as seguintes frases:

I. É muito restritivo o aspecto da "razoabilidade" dos sonhos, de que o autor do texto analisa no segundo parágrafo.

II. Talvez um dos "dragões" a que se deva dar combate em nossos dias seja o império dos interesses materiais.

III. Os sonhos em cuja perseguição efetivamente nos lançamos podem transformar-se em conquistas objetivas.

Está correto o emprego do elemento sublinhado APENAS em

a) I.

b) II.

c) III.

d) II e III.

e) I e III.

11. (FCC) Devaneios, quem não tem devaneios? Têm devaneios as crianças e os jovens, dão aos devaneios menos crédito os adultos, mas é impossível abolir os devaneios completamente.

Evitam-se as indesejáveis repetições da frase acima substituindo- se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) os tem - Têm-lhes - dão-lhes - abolir-lhes

b) tem eles - Têm-nos - dão-lhes - abolir-lhes

c) os tem - Têm eles - dão-nos - aboli-los

d) tem a eles - Os têm - dão a eles - abolir a eles

e) os tem - Têm-nos - dão-lhes - aboli-los

12. (FCC) Se há iniciativa e astúcia na ação do homem injusto, não há iniciativa e astúcia no bom cidadão que, apesar de indignado, não confere à iniciativa e à astúcia o mesmo valor que o mau reconhece na iniciativa e na astúcia.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os segmentos sublinhados por, respectivamente,

a) há elas - não as confere - reconhece nelas.

b) as há - não lhes confere - nelas reconhece.

c) as há - não confere-lhes - as reconhece.

d) há as mesmas - não lhes confere - reconhece-lhes.

e) há estas - não as confere - nelas reconhece.

13. (FCC) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:

a) A relação significativa cuja se demonstrou na pesquisa se dá entre o comportamento violento e a audiência à TV.

b) A insubordinação básica em que se refere o autor do texto derivaria da insatisfação dos nossos recalcados desejos.

c) A invenção moderna mais astuciosa, de cujos efeitos trata o autor do texto, teria sido não a do cinema, mas a da TV.

d) O hábito do **zapping**, com cujo nos acostumamos, é um dos responsáveis pela abertura rápida de janelas sobre o nosso devaneio.

e) A conclusão de que nossa sala é uma jaula, com que chegou o autor do texto, não deixa de ser bastante provocadora e radical.

14. (FGV) Em *Você se lembra do rosto dela naquele instante?*, obedeceu-se às regras de regência verbal.

Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.

a) Prefiro questões de gramática do que de interpretação.

b) Aspiraram à vaga de piloto da companhia aérea.

c) Os médicos assistiram o paciente.

d) Perdoamos-lhes as dívidas.

e) Pagaram-lhe bem.

15. (FCC) Está correto o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

a) Essa tendência obsessiva, cujo o preço é alto, consome muito dinheiro, além de inspirar um tipo de comportamento que o ridículo é frequente.

b) Essa obsessão é uma prática a que ninguém deveria se orgulhar, embora haja cada vez mais gente que dela se submeta.

c) É a frase de uma época onde os valores tendiam ao equilíbrio e à permanência, ao contrário da nossa, onde tudo é transitório.

d) Custam caro esses produtos e serviços, de cujos dependem os que vivem obcecados ao compromisso de atingirem a perfeição da forma física.

e) O quadro em que o valor da atividade intelectual se encontra em declínio é o mesmo em cujos estreitos limites impera a exaltação absoluta do corpo.

GABARITO

1 – B	2 – E	3 – D
4 – A	5 – E	6 – D
7 – B	8 – C	9 – B
10 – D	11 – E	12 – B
13 – C	14 – A	15 – E

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 7

EMPREGO DO ACENTO GRAVE – CRASE

Em primeiro lugar, espero que você tenha feito bons estudos sobre o assunto "Regência". Espero também que tenha absorvido o "porquê" do assunto. Aconselho que, se possível, dê uma rápida olhada – novamente – nas regências dos principais verbos e nomes; afinal, o assunto que passaremos a abordar está diretamente relacionado à regência verbal e nominal. Caso você ainda não tenha estudado "regência", sugiro que o faça antes de iniciar o conteúdo abaixo. Vamos lá!

Primeiramente, convém não confundir o acento grave com a crase. Esta é fenômeno, ocorrência, fusão, contração, junção; já aquele é o índice, o acento com o qual se marca a existência da crase.

Crase, portanto, é a junção, a contração, a fusão de duas vogais idênticas. Na Língua Portuguesa, restringiu-se o termo à contração, à junção ou à fusão de dois "as", os quais serão representados por um único "a" sobre o qual se coloca o acento grave (`). Isso geralmente ocorre em função da contração, da junção, da fusão da:

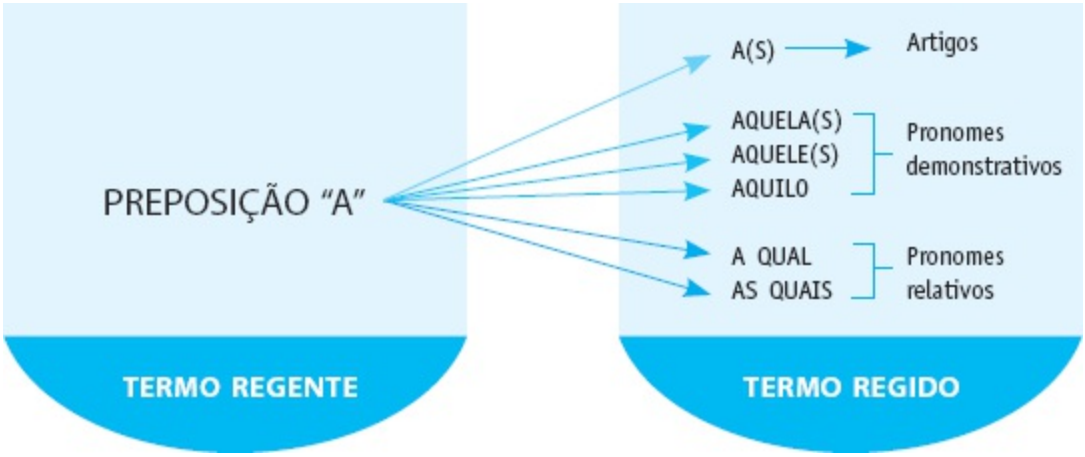

Observe os primeiros exemplos:

- Nunca mais eles se dirigiram à diretoria para fazer reclamações.
  dirigir-se a + a

- Devido à ocorrência de um sinistro, ele não pôde renovar o seguro.
  devido a + a

- O diretor da empresa fez referências àqueles funcionários que não batiam o ponto na hora certa.
  referências a + aqueles

- Eles assistiam àquilo sem nenhuma reação.
  assistir a + aquilo

- A pequena cidade, à qual eles chegaram ontem à noite, fica a cerca de 525 Km da capital pernambucana.
  chegar a + a qual

Após essas primeiras considerações, chegamos a duas importantes conclusões:

1.ª ⇨ À exceção dos demonstrativos "aquele, aqueles", os quais acompanham termos masculinos, só haverá crase diante de nomes femininos. Esta, inclusive, é a principal regra: receberão o acento grave os nomes femininos determinados, cujos termos regentes exijam a preposição "a".

- Todas as crianças voltaram à piscina.
  voltar a + a piscina

- Ninguém deveria ser insensível à dor alheia.
  insensível a + a dor

- É imprescindível aliar-se a teoria à prática.
  aliar-se algo a + a prática

- Ele procedeu à instauração do inquérito imediatamente.
  proceder a + a instauração

2.ª ⇨ Como os artigos e os pronomes demonstrativos exercem geralmente a função de determinantes, só haverá crase diante de um termo determinado, especificado. Portanto, não confunda:

- Ele nunca foi
  - a escola. ➡ Qualquer escola. (substantivo empregado em sentido geral e abstrato)
  - à escola. ➡ Ele não foi àquela escola. (substantivo determinado, especificado)
- É um bom funcionário, mas não vai
  - a reunião. ➡ Não vai a nenhuma reunião.
  - à reunião. ➡ Não vai àquela reunião.
- Ele sempre se empenhou no combate
  - a fome. ➡ Qualquer fome; inespecífica, indefinida (sentido geral)
  - à fome. ➡ No combate àquela fome (específica, determinada)
- Todos os brasileiros têm direito
  - a saúde, a educação, a moradia. (Substantivos sem determinante)
  - à saúde, à educação, à moradia. (Substantivos determinados)

⇨ **Observação:**

Nos casos acima, só o contexto em que a expressão se encontra é que poderá nos dizer se a palavra está ou não empregada com o sentido "genérico" ou com o sentido "específico".

Nesses quatro últimos exemplos, o "a" (sem o acento grave) que acompanha os substantivos empregados em sentido geral e indeterminado nada mais é do que uma preposição solicitada pelo termo regente.

7.1 A OCORRÊNCIA DA CRASE E A SEMÂNTICA

Em muitos casos, o emprego ou não do acento grave promoverá bruscas alterações de sentido. A crase, portanto, desfará possíveis ambiguidades. É o que ocorre em:

- O frentista sempre cheira
  - a gasolina. ➡ Inalar, respirar.
  - à gasolina. ➡ Feder, catingar, exalar.
- Do seu quarto, ele percebeu que alguém bateu
  - a porta. ➡ Trancou, empurrou com força.
  - à porta. ➡ Bateu na porta, desferiu pancadas.

- Ao chegar ao local, corri imediatamente
  - a cidade. ➡ Percorrer a cidade, rodear a cidade.
  - à cidade. ➡ Ir até à cidade.
- Despediu-se
  - a francesa. ➡ A francesa foi despedida. / OU / A francesa despediu-se, retirou-se.
  - à francesa. ➡ Alguém se despediu à moda francesa, à maneira francesa.
- Enxergo
  - a distância. ➡ Percebo o espaço que separa.
  - à distância. ➡ Vejo distantemente.

Logo, em muitos casos, o emprego do acento grave se deve à necessidade de se conferir ao termo maior clareza, evitando, pois, possíveis ambiguidades.

7.2 MECANISMOS PRÁTICOS PARA VERIFICAÇÃO DA CRASE

Há alguns mecanismos que ajudam o estudante na verificação da ocorrência ou não da crase. Frise-se que eles nos fornecem algumas pistas. Como a crase é decorrente de uma regência, é salutar conhecer bem a regência do termo antes de se colocar o acento grave. Veja alguns desses mecanismos:

) **Deve-se trocar o termo regido feminino por um masculino correspondente:**

SE APARECER
- **O, OS** (antes do masculino) ➡ Não haverá crase diante do feminino.
- **AO, AOS** (antes do masculino) ➡ Haverá crase diante do feminino.

Veja:

- Ele vai à praia todos os dias.
  ao rio
- Ele sempre visita a região encantada durante as férias.
  o local
- Ricardo nunca obedeceu às ordens de seu pai.
  aos mandamentos
- Chegou à sala e nada falou.
  ao salão

b) Deve-se trocar o termo regente por outro que exija preposição diversa de "a". Por exemplo, os verbos "vir" e "estar":

SE APARECER
- **DE ou EM** (antes do termo regido) ➡ Não haverá crase no "a".
- **DA ou NA** (antes do termo regido) ➡ Haverá crase no "à".

- Nunca mais ele foi à Europa.
  Veio da Europa / Esteve na Europa.
- Ele sempre se dirige à Argentina nos meses de novembro e de dezembro.
  vem da Argentina /...está na Argentina
- Nunca mais ele foi a Roma.
  veio de Roma / esteve em Roma
- Quando ele chegar a Florença, visitará muitos museus.
  veio de Florença / esteve em Florença

c) Deve-se trocar o "a(s)" que antecede o termo regido pelo artigo indefinido feminino "uma(s)":

SE APARECER
- **UMA ou UMAS** (antes do termo regido) ➡ Não haverá crase no "a".
- **A UMA ou A UMAS** (antes do termo regido) ➡ Haverá crase no "à".

- Ele se referiu à tia com carinho.
  a uma tia
- Ele não disse nada à sogra.
  a uma sogra
- A encomenda, ele entregou-a à mulher que estava no balcão da esquerda.
  a uma mulher
- Ele achou a mulher a que o amigo teceu bons elogios.
  uma mulher

7.3 OCORRÊNCIA DA CRASE

7.3.1 CASOS OBRIGATÓRIOS

1. **Recebe o acento grave o "a" inicial das locuções adverbiais** ***(à noite, à tarde, à beça, à revelia, à deriva, à farta, à vista, à primeira vista, à hora certa, à esquerda, à direita, à toa, à espanhola, à milanesa, à***

oriental, à ocidental, às vezes, às escondidas, às avessas, às claras, às pressas, à vontade, às ocultas etc.), **prepositivas** (***à custa de, à força de, à beira de, à espera de, à vista de, à guisa de, à semelhança de, à frente de, à razão de, à cata de, à roda de, à mercê de, à base de, à moda de, à maneira de etc.***) **e** **conjuntivas** (***à medida que, à proporção que***), **formadas com palavras femininas.**

- "Estava **à toa** na vida, o meu amor me chamou..." (Chico Buarque)
- Ele permaneceu horas e horas **à espera de** um médico.
- **À medida que** estudava, aprendia todos os macetes da Língua Portuguesa.
- Saiu **às pressas,** porque estava **à beira de** um ataque cardíaco.
- Andamos várias horas **à procura de** um local para beber água.
- O processo foi julgado **à revelia**.

⇨ **Observações:**

a) O "a" inicial das locuções adverbiais de instrumento não recebe o acento grave, exceto se a locução adverbial provocar ambiguidade.

- A sentinela feriu o inimigo a espada.
- Todos os seus trabalhos, ele sempre os fazia a máquina.
- Todo o atalho foi aberto a foice.

b) Lembre-se de que o acento grave empregado nas locuções adverbiais, prepositivas e conjuntivas não provém de uma relação regencial, mas sim pelo fato de essas locuções virem introduzidas por preposições – no caso, a preposição "A". Sendo assim, a preposição poderá auxiliar na indicação do valor semântico da locução e evitará que se confunda a locução com outro termo da estrutura oracional. Observe e não confunda:

- A noite chegou ao nosso rancho. ≠ À noite ele chegou ao nosso rancho.
  sujeito — locução adverbial de tempo

- A medida que ele usou foi injusta. ≠ À medida que ele estuda, aprende mais.
  sujeito — locução conjuntiva

- A espera do trem deixou-nos tristes. ≠ À espera de João, nós ficamos várias horas.
  sujeito — locução prepositiva

- Impressionou-nos a moda de Vitor Hugo. ≠ Veste-se à moda de Vitor Hugo.
  sujeito — locução prepositiva

- A beira do abismo era um convite ao suicídio, pois ele estava à beira de um ataque de nervos.
  sujeito — locução prepositiva

2. Recebe o acento grave o "a" inicial dos pronomes demonstrativos "aquele(s), aquela(s), aquilo, a(s)" quando o termo regente exigir a preposição "a".

- Habituou-se àquela vida de solteiro sem maiores problemas.
  habituar-se a + aquela

- Jamais iremos àquele local sem a ajuda da polícia.
  Ir a + aquele

Dar algo a + aqueles

- Daremos outra chance àqueles alunos que obtiveram notas baixas nas últimas provas.

- Essa ideia é igual à que meu pai falou ontem.
  Igual a + aquela

- Darei conselhos apenas às que se dispuserem a esperar.
  dar conselhos — a + aquelas

⇨ Observações:

a) Nos dois últimos exemplos acima, temos o encontro/junção da preposição "a" com os pronomes demonstrativos reduzidos "a, as", equivalentes a "aquela" e "aquelas", respectivamente. Observe mais dois exemplos:

- Minha sorte está ligada à do meu país.
  a + aquela

- "A fatalidade astronômica da inclinação da eclíptica, que coloca a Terra em condições biológicas inferiores às de outros planetas..." (Euclides da Cunha)

b) Uma forma bastante prática para descobrir se há crase com os demonstrativos "aquela(s), aquele(s), aquilo" é substituí-los pelos também demonstrativos "esta(s), este(s), isto".

SE APARECER
- **ESTA(S), ESTE(S), ISTO** (apenas) ➡ Não haverá crase no "aquela(s), aquele(s), aquilo".
- **A ESTA(S), A ESTE(S), A ISTO** ➡ Haverá crase no "aquela(s), aquele(s), aquilo".

Veja:

- Jamais irás àquela festa.
  a esta

- Àquele comando, todos se levantaram rapidamente.
  a este

- O coronel preferia isto àquilo.
  a isto

- Todos compraram aquelas roupas bem satisfeitos.
  estas

c) Nas locuções adverbiais iniciadas pelos pronomes demonstrativos "aquela(s), aquele(s), aquilo", a crase é obrigatória. Veja:

- Àquela hora, ninguém o ajudaria. (= Naquela hora...)
  locução adverbial

3. Recebe acento grave o "a" das locuções adverbiais "à moda de" e "à maneira de". Frequentemente essas expressões aparecem subentendidas, mas, ainda assim, o acento grave será de rigor sobre o "a".

- Na festa, todos estavam vestidos à Luís XV.
  à moda / à maneira

- À maneira brasileira, ele preparava todos os apetrechos para os estrangeiros.

- Todos apreciavam pratos à japonesa.

⇨ Observação:

Não confunda:

- Fez um discurso
  - **a Fidel Castro.** (para Fidel Castro) ➡ Sem crase.
  - **à Fidel Castro.** (à moda de Fidel Castro) ➡ Com crase.

4. Haverá crase antes de numerais que expressem horas exatas.

- Todos chegaram às 9h30min.
- Às 8 horas ele chegou e somente às 10 horas começou a aula.
- Nosso jogo só terá início às 21h45min.
- O avião aterrará exatamente à uma hora e vinte minutos.

⇨ Observações:

a) Se houver indeterminação para as horas, não haverá crase.

- A mãe o esperava às 18 horas, mas ele só chegou após as 22 horas.
  Hora inexata
- Ele deverá chegar daqui a uma hora.
  Hora inexata

b) Nas correlações, o que determinará a existência ou não do acento grave será a presença de um artigo antecedendo cada termo da correlação. Veja:

- A casa de *shows* funcionará
  - de 8h30 a 11h30. (Aqui só há a presença das preposições.)
  - de + a a + as
    das 8h30 às 11h30. (Aqui cada termo vem antecedido por um artigo.)

c) Em muitas construções, a presença do acento grave alterará completamente o sentido do enunciado. Observe:

- Sairemos daqui a uma hora. (Sem crase ⇨ A hora não está determinada, especificada.)
  Advérbio de tempo

Advérbio de lugar

Sairemos daqui à uma hora. (Com crase ⇨ A hora foi especificada, determinada.)

d) Vale ressaltar que diante de numerais não ocorre a crase quando não expressarem hora exata. Logo:

- O número de aprovados no concurso não chega a vinte.
- O artista se apresentará de 8 a 12 de janeiro no Classic Hall.

5. Se o termo regente exigir a preposição "a", sempre haverá crase diante de nomes locativos (nomes de países, continentes e algumas cidades) que aceitarem a presença de um artigo. Para verificar a existência do artigo, basta substituir o termo regente pelos verbos "vir" ou "estar", por exemplo, conforme demonstrado no início deste capítulo.

- No próximo ano, faremos uma excursão à Argentina.
  vir da / estar na
- Quando ele chegou à Itália, imediatamente ligou para a mãe.
  vir da / estar na
- Você já foi à Bahia? Não?! Mas já foi a Teresina, no Piauí, não foi?
  vir da / estar na — vir de / estar em

⇨ **Observação:**

Se o nome locativo vier acompanhado de algum adjunto adnominal (determinante), a crase será obrigatória. Perceba:

- Nunca mais eu fui a Roma.
  vir de / estar em
- Nunca mais eu fui à Roma dos grandes imperadores.
  vir da / estar na — termo determinante
- João sempre se dirige a Brasília quando quer resolver algum problema muito sério.
  vir de / estar em
- Sempre que pode, João vai à imponente Brasília dos arrojados projetos arquitetônicos.
  termo determinante — termo determinante

7.3.2 CRASE FACULTATIVA

Para a gramática normativa, são três os casos em que a crase é facultativa. São eles:

1. Diante de pronomes possessivos femininos no singular quando o termo regente exigir a preposição "a".

- Ele desistiu de viajar devido a / à sua doença.
- Jamais ele fez referências a / à tua família.
- Era fundamental que o adolescente não desobedecesse a / à nossa ordem.

⇨ **Observações:**

a) Se o possessivo estiver no plural, não mais haverá um caso de crase facultativa. Existirão apenas duas formas para se construir a estrutura. Observe:

- Não foram dadas muitas oportunidades de emprego a / às nossas amigas de formatura.
- Ninguém ofendeu a / às vossas irmãs.

b) Caso o possessivo feminino se refira a um substantivo elíptico (oculto), a crase será obrigatória. Veja:

- Ele não se referiu a / à tua proposta, mas sim à minha.
  crase obrigatória
- Aludiram a / à sua opinião sobre o caso. Convém agora que eles façam alusão às nossas.

2. Diante da preposição "até", uma vez que esta preposição pode aparecer sob a forma da locução "até a".

- Emocionado, ele se comoveu
  - até as lágrimas. (até + as lágrimas)
  - até às lágrimas. (até a + as lágrimas)
- Ao ouvir a campainha, imediatamente foi
  - até a porta. (até + a porta)
  - até à porta. (até a + a porta)

Dirigiu-se
- até as autoridades policiais para relatar o caso. (até + as autoridades)
- até às autoridades policiais para relatar o caso. (até a + as autoridades)

⇨ Observações:

a) Não confunda as preposições "até / até a", as quais indicam "deslocamento, movimento, ação", com a palavra denotativa de inclusão "até", a qual tem o sentido de "inclusive". Veja:

Na formatura, foi **até** (Preposição) a / à plateia e prestou homenagens à mãe, às professoras, à diretora, **até** (inclusive (crase obrigatória)) à zeladora.

b) Como se sabe, para que haja o fenômeno da crase, é indispensável a existência da preposição "a". Fique atento, pois esta preposição não ocorrerá se for usada outra preposição (*ante, após, com, conforme, contra, desde, durante, entre, mediante, para, perante, sob, sobre, segundo,* por exemplo), já que a existência de uma preposição exclui o aparecimento de outra. Traduzindo: não ocorrerá a crase se outra preposição for usada que não seja a preposição "a" (lembre-se de que "até a" é uma locução prepositiva e não a junção de duas preposições). Observe os exemplos abaixo:

- "Não achava outra espécie em que, mediante a (preposição + artigo) intenção, tudo se cumprisse..." (Machado de Assis)
- "— Não admito! O incesto é contra a (preposição + artigo) moral, gritou Lúcia." (José de Alencar)
- "Dominante sobre a (preposição + artigo) várzea que se estende para sudeste, com a linha de cumeadas quase retilínea, o seu enorme paredão..." (Euclides da Cunha)
- " "Desde a (preposição + artigo) entrada dos dois, a casa de Rita esquentou." (Aluísio Azevedo)
- "Custeou o tratamento de ambos; e, quando foi dispensado da comissão da avenida, pouco após a (preposição + artigo) morte de ambos, pouco ou nada tinha." (Lima Barreto)

3. Diante de nomes próprios femininos, quando o termo regente exigir a preposição "a". Como se sabe, os

nomes de pessoas na Língua Portuguesa podem ou não vir antecedidos de um artigo. A colocação do artigo denota afetividade, proximidade, intimidade.

- Em seu discurso, ele fez referências
  - a Joana e a Maria.
  - à Joana e à Maria.
- A / À — Fernanda deixou minha gratidão por tudo que ela fez.

7.3.3 CASOS EM QUE NUNCA OCORRE A CRASE

1. Diante de verbos.

- Todos ficaram a observar o evento, a cerca de vinte metros do local.
- Muitos chegaram a comprar o carro, só porque a promoção falava de amor.
- Os advogados estavam dispostos a curtir o bom momento da carreira.

2. Diante de palavras masculinas.

- O quadro foi pintado a óleo.
- Ele sempre comprava a prazo.
- Aquele pacote cheirava a vinho.

3. Diante de pronomes pessoais retos, oblíquos e de tratamento, à exceção de "senhora, senhorita, dona e madame."

- Na solenidade, fizeram menção a ti e a mim, como os melhores alunos que a Universidade já teve.
- O Promotor de Justiça nada disse a Vossa Excelência sobre o problema do processo.
- Refiro-me a você, pois sempre foi o último da sala a cometer deslizes de concordância.

- Jamais convidarão a ele para a festa.
- Recorreram a Sua Majestade no momento de dificuldade.

Mas...

- Entregue tudo à senhora sua mãe, meu filho.
- Não me referi à senhorita, mas à dona Joana que sempre esteve presente aqui nesta escola.

4. Diante de artigos indefinidos.

- Eles chegaram a uma cidadezinha do interior de Pernambuco muito aconchegante.
- Os juízes estavam dispostos a uma nova avaliação do caso.

5. Diante dos pronomes indefinidos, dos interrogativos, dos demonstrativos "este, esta, estes, estas, esse, essa, esses, essas e isso" e dos relativos, à exceção de "a qual e as quais".

- A qual delas você se referiu ontem à noite?
- Esse caso não interessa a ninguém.
- Todos se dirigirem a este lugar quando querem orar.
- Ontem encontramos o João, a cuja esposa devemos muitos favores.
- A menina, a quem ele fez alusão na última reunião, viajou para a Europa.
- Jamais daremos crédito a qualquer criatura que por aqui chegue.
- A missa a que eu assisti foi ministrada pelo Pe. João Alberto.

⇨ **Observações:**

a) Apesar de serem pronomes indefinidos, ocorrerá a crase diante de "outra e outras" sempre que o termo regente exigir a preposição "a". Veja:

- Foi uma apresentação igual à outra.
- Elas se abraçaram umas às outras.

b) Não confunda a preposição “a” que antecede o pronome relativo “que” com a fusão entre a preposição “a” e o pronome demonstrativo “a(s)” equivalente a “aquela(s)”. Observe:

preposição “a” — semelhante a + a(quela)

- Esta ideia a que ele se referiu é semelhante à que meu pai nos contou ontem.
- Aquela estrada é paralela à que corta esta cidade aqui.

paralela a + a(quela)

6. Diante de um “a” no singular o qual precede uma palavra no plural; palavra esta usada em sentido geral e indeterminado.

- A direção decidiu fechar, por duas semanas, o museu a visitas.
- Raramente ele vai a festas e a reuniões sociais.
- Não costumava se dirigir a pessoas estranhas.

⇨ **Observação:**

Fique atento para não confundir as estruturas. Observe:

- Ele nunca está atento a reclamações. (sem acento grave)
  preposição
- Ele nunca está atento às reclamações. (com crase)
  preposição + artigo
- O mesmo raciocínio estende-se a relações pessoais e profissionais. (sem acento grave)
  preposição
- O mesmo raciocínio estende-se às relações pessoais e profissionais. (com crase)
  preposição + artigo

7. Diante de substantivos femininos usados em sentido geral e indeterminado.

- Em minha viagem à Europa, fui apresentado a rei e a rainha.
- Na última festa, todos os alunos prestaram homenagens a mamãe e a papai.
- Ele nunca concorreu a vaga alguma na Universidade.

- Sr. João nunca foi a festa alguma, a reunião alguma.

⇨ **Observações:**

a) Note que, nos dois primeiros exemplos deste caso, os termos estão acompanhados meramente pela preposição "a". Não há a presença de artigo. A crase só existirá diante do feminino se ambos os substantivos vierem determinados. Veja:

- Em minha viagem à Europa, fui apresentado ao rei e à rainha.
  substantivos determinados

b) Perceba também que nos dois últimos exemplos deste caso, o que promove o sentido geral e indeterminado dos substantivos é a presença do pronome indefinido. Por isso, inexiste o acento grave.

8. Diante de expressões formadas por palavras repetidas como, por exemplo, "gota a gota, ponta a ponta, dia a dia, frente a frente, uma a uma, cara a cara, corpo a corpo, lado a lado etc.".

- Toda a fazenda era, de ponta a ponta, um atoalhado branco, de uma neve espessa e muito gélida.
- Tomou o remédio gota a gota.

7.3.4 CASOS ESPECIAIS

1. Ocorrerá crase diante da palavra "casa" sempre que vier acompanhada de determinantes.

Veja:

- Ele se dirigiu à velha casa de seus avós.
  determinantes
- Voltei à casa de meu amigo correndo por causa de um mal-estar.
  determinante
- Amanhã irei à casa que me será dada por herança.
  determinante

⇨ **Observação:**

Se não houver determinação, não haverá crase diante da palavra “casa”.

- Voltei a casa triste e atirei-me sobre a cama.
- Menino que estuda, volta a casa todos os dias.

2. Ocorrerá crase diante da palavra “terra” quando vier determinada. Quando usada como antônimo de “bordo” a palavra “terra” dispensa determinantes, logo não ocorrerá a crase.

- Eles voltaram a terra (sem determinante) totalmente exaustos.
- Depois de longa viagem, eles desceram a terra. (sem determinante)
- Eles foram à terra dos seus antepassados. (determinante)
- O casal chegou à terra natal. (determinante)

⇨ **Observação:**

No sentido de “chão, solo” a palavra “terra” admite o artigo. Se o termo regente exigir a preposição “a”, a crase será obrigatória. Perceba:

- Nunca jogue lixo à terra. (Nunca jogue lixo **na** terra).
- Os agricultores sempre lançam à terra suas esperanças. (...sempre lançam **na** terra suas esperanças.)

3. Com a palavra “distância”, ocorrerá crase sempre que vier acompanhada de determinantes.

- Todos ficaram à distância de vinte metros do local do acidente. (determinante)
- Por que você não ficou à distância que eu te recomendei?? (determinante)

⇨ **Observações:**

a) A locução adverbial “a distância” geralmente é empregada sem o acento grave.

- “Teresa ouviu, a distância, o estrépito dum cavalo, quando passou ao patamar da

escada." (Camilo C. Branco)

- "— Acudam, acudam! berrava Silvério a distância." (Eça de Queiroz)

b) Entretanto, o acento grave deverá ser empregado em "a distância" sempre que se quiser ressaltar o caráter adverbial da locução ou sempre que houver a possibilidade de a locução provocar ambiguidade.

- "Veladas por touceiras inextricáveis de macambiras ou lascas de pedra, não se revelavam à distância." (Euclides da Cunha)
- "Se a via, olhava muito para ela, detinha-se à distância, à porta de uma casa..." (Machado de Assis)

c) Quando a palavra distância vier modificada por pronomes indefinidos (pouca, certa, alguma etc.), a expressão não receberá o acento grave.

- "Já os três fugitivos iam a alguma distância, quando, como tomado de uma idéia súbita, um dos esculcas exclamou: ..." (A. Herculano)
- "Mariana estava agachada entre os pacotes da carga, a pouca distância de Simão." (Camilo C. Branco)

4. Ocorrerá crase com os pronomes relativos "a qual e as quais" sempre que o termo regente exigir a preposição "a".

- Esta é a pessoa **à qual** ele se referiu durante o café da manhã.
  referir-se a + a qual
- As apresentações teatrais **às quais** ele foi assistir renderam-lhe boas gargalhadas.
  assistir a + as quais

⇨ Observação:

Um recurso bastante simples para verificar a ocorrência da crase diante destes relativos é procurar substituí-los pelos masculinos (o qual, os quais) correspondentes:

SE APARECER
- **O QUAL, OS QUAIS** (apenas) ➡ Não haverá crase no "a qual, as quais".
- **AO QUAL, AOS QUAIS** ➡ Haverá crase no "à qual, às quais".

Observe:

- Esta é a professora **à qual** devo todos os meus conhecimentos. (Este é o professor **ao qual** devo...)
- Aquela é a clareira **à qual** foram ter por um atalho aberto a foice. (Aquele é o local **ao qual** foram...)

5. **Como já mencionado, não há crase diante da maioria dos pronomes. Alguns pronomes, no entanto, como "mesma(s), própria(s) e tal" admitem artigo. Se o termo regente exigir a preposição "a", a crase será de rigor.**

- Eles sempre vão à mesma lanchonete quando saem da escola. (Eles sempre vão **ao** mesmo bar...)
- Falaram à tal senhora sobre os desvios de conduta do filho dela. (Eles falaram **ao** tal senhor...)
- Algumas alunas atribuíram **às** próprias amigas a culpa pelo incidente. (Algumas alunas atribuíram **aos** próprios amigos...).

Ufa!!

Chegamos ao final de mais uma etapa. Para muitos, o acento grave ainda é um mistério. Provamos que não. Sugiro que, se possível, releia todas as regras para gravá-las melhor. Tenha sempre em mente os recursos para verificação ou não da ocorrência da crase, pois eles são muito úteis e nos permitem solucionar muitas dúvidas. Agora procure resolver os exercícios para consolidar o conhecimento. Prossigamos para a próxima etapa.

7.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (Unimep-SP) "A exposição .... inauguração assisti mostrou os lindos quadros .... me referi na nossa conversa do outro dia. Amanhã, haverá um leilão na mesma sala .... estão expostos." A alternativa que preenche corretamente é:

   a) a cuja, aos quais, em que.
   b) a cuja, os quais, na qual.
   c) cuja, a que, em que.
   d) a qual, aos quais, na qual.
   e) à qual, que, que.

2. (Unimep-SP) “.... dois meses que não vejo Paulo. Soube que ele esteve.... beira de uma crise nervosa.... menos de cinco dias do vestibular.” A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:

a) Há, a, a.
b) Há, à, a.
c) Há, à, à.
d) A, a, à.
e) A, à, a.

3. (Fuvest-SP) De.... muito, ele se desinteressou de chegar a ocupar cargo tão importante,.... coisas mais simples na vida e que valem mais que a posse momentânea de certos postos de relevo.... que tantos ambicionam por amor.... ostentação.”

a) a, há, à, à.
b) há, as, a, a.
c) há, há, a, à.
d) a, hão, a, à.
e) há, a, a, a.

4. (Fuvest-SP) O progresso chegou inesperadamente.... subúrbio. Daqui.... poucos anos, nenhum de seus moradores se lembrará mais das casinhas que,.... tão pouco tempo, marcavam a paisagem familiar.

a) aquele, a, a.
b) àquele, à, há.
c) àquele, à, à.
d) àquele, a, há.
e) aquele, à, há.

5. (UEL) .... contragosto, a comissão entregou.... imprensa.... listas dos aprovados.

a) À, a, as.
b) A, à, às.
c) A, à, as.
d) À, a, às.
e) À, à, às.

6. (ITA) Analisando as sentenças:

A vista disso, devemos tomar sérias medidas.
Não fale tal coisa as outras.
Dia a dia a empresa foi crescendo.
Não digo aquilo que me disse.
Deduzimos que:

a) apenas a III não tem crase.
b) as sentenças III e IV não têm crase.
c) todas as sentenças têm crase.
d) nenhuma sentença tem crase.
e) apenas a IV não tem crase.

7. (FCC) O fenômeno .... que aludi é visível .... noite e .... olho nu.

a) a, a, a.
b) a, à, à.
c) a, à, a.
d) à, a, à.
e) à, à, a.

8. (FCC) Já estavam .... poucos metros da clareira, ... qual foram ter por um atalho aberto .... foice.

a) à, à, a.
b) a, à, a.
c) a, a, à.
d) à, a, à.
e) à, à, à.

9. (PUC-SP) .... hora, ... chegasse primeiro se entregaria .... condecoração .... fizera jus.

a) Àquela, à que, a, a qual.
b) Àquela, a que, à, a qual.
c) Aquela, à que, a, à qual.
d) Àquela, à que, a, à qual.
e) n. d. a.

10. (UM-SP) Dados os períodos:

I. À força de tanto emagrecer, acabou morrendo.

II. A assistente social prestou assistência as mais necessitadas pessoas.

III. Com a eloquência habitual, falava a qualquer pessoa, sempre disposta a aumentar o prestígio.

Deduz-se que o sinal indicativo da crase está corretamente empregado:

a) apenas no primeiro período.
b) nos períodos I e II.
c) nos períodos II e III.
d) em todos os períodos.
e) nos períodos I e III.

11. (Fuvest) Daqui .... vinte quilômetros, o viajante encontrará, logo .... entrada do grande bosque, uma estátua que .... séculos foi erigida em homenagem .... deusa da floresta.

a) a, à, há, à.
b) há, a, à, a.
c) à, há, à, à.
d) a, à, à, à.
e) há, a, há, a.

12. (PUC) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas:

Viu-se frente .... frente com o inimigo.
Observava, ... distância, o que estava acontecendo.
Não se referira .... nenhuma das presentes.
Desandou ....correr ladeira abaixo.
Chegou .... uma hora da madrugada.

a) à, à, à, à, à.
b) à, à, a, a, à.
c) à, à, à, a, à.
d) a, a, a, a, à.
e) a, a, a, a, a.

13. (FCMSC-SP) Estamos ... poucas horas da cidade ... que vieram ter, ... tempos, nossos avós.

a) a – a – há.

b) há – a – a.
c) há – à – há.
d) à – a – a.
e) a – à – há.

14. (FCC – Metrô/SP – Supervisor de Linha) O uso do sinal de crase justifica-se em **ambas** as ocorrências na seguinte frase:

a) Não tive acesso à carreira de biólogo porque você se dispôs à engravidar.
b) Não nos assiste à prerrogativa de responsabilizarmos justamente àqueles que não têm culpa.
c) Imputamos à culpa aos outros quando achamos inadmissível assumirmos à nossa.
d) Atribuamos à nossa incompetência o fracasso de nossos planos, em vez de associá-lo à responsabilidade alheia.
e) Quando se fica à espera de algo inalcançável, tudo o que se alcança se reduz à uma frustração.

15. (UEL-PR) Foi ... Brasília aprender ... artes políticas, mas retornou ... terra natal sem grandes conhecimentos.

a) a – as – à.
b) à – as – a.
c) a – às – à.
d) a – as – a.
e) à – às – à.

16. (FCC – Soldado PM/BA) O uso do sinal da crase é **injustificável** em:

a) Lembrem-se às autoridades de terem sempre em mente o valor da prevenção.
b) Não cabe às pessoas de boa fé repudiar medidas de prevenção ao crime.
c) É penoso assistir às cenas de violência que se multiplicam nas metrópoles.
d) Atribui-se às medidas preventivas uma eficácia maior que a da repressão.
e) À inteligência da prevenção opõem-se aqueles que preferem a força da repressão.

17. (FCMSC-SP) Dê ciência ... todos de que não mais se atenderá ... pedidos que não forem dirigidos ... diretoria.

a) a – a – a.

b) a – à – a.
c) a – a – à.
d) à – à – a.
e) à – a – à.

18. (PUCC-SP) Assinale a alternativa em que há uso **incorreto** do sinal da crase.

a) Toda essa situação se deve à instabilidade da taxa de inflação.
b) Referindo-se à salários do último mês, comentou a inviabilidade de se manter aquele número de funcionários na empresa.
c) Não é à toa que amealhou o dinheiro que tem.
d) Em clima de grande emoção, chegou a tecer elogios inclusive àqueles que sempre o criticaram.
e) Devemos incentivá-los a dar continuidade à sua tarefa de informar a verdade sobre a situação do país.

19. (Fafeod-MG) Indique a alternativa que permite preencher **corretamente** os vazios do texto abaixo.

Aguardava ... carta ... muito tempo e, como não chegasse, ele referia-se ... todo instante ... consequências desastrosas que ... demora tenderia ... provocar.

a) a – a – a – às – a – a.
b) a – há – a – às – a – a.
c) a – há – a – as – a – a.
d) a – à – a – as – a – a.

20. (UFV-MG) Indique a alternativa em que o sinal indicativo de crase é facultativo.

a) Voltou à casa do juiz.
b) Chegou às três horas.
c) Voltou à minha casa.
d) Devolveu as provas àquela aluna.
e) Voltou às pressas.

GABARITO

1 – A	2 – B	3 – C

4 – D	5 – C	6 – B
7 – C	8 – B	9 – D
10 – E	11 – A	12 – D
13 – A	14 – D	15 – A
16 – A	17 – C	18 – B
19 – B	20 – C	

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 8

SINTAXE DE COLOCAÇÃO PRONOMINAL

Estudaremos agora um assunto bem fácil. Por ausência de força tônica, trabalharemos a correta disposição dos pronomes oblíquos átonos dentro da estrutura oracional. Aqui, procure ficar atento, principalmente, aos fatores que atraem o pronome átono, pois esse conhecimento é frequentemente cobrado nas provas. O assunto exigirá de nós um pouco de memória, afinal teremos de apreender as principais regras as quais levam o pronome a ficar em umas das três posições: antes do verbo (próclise), no meio do verbo (mesóclise) e depois do verbo (ênclise). Convém aqui salientar que as regras que estudaremos abaixo se prestam, na maioria das vezes, ao uso formal da língua. No dia a dia e na linguagem coloquial, elas são pouco observadas. Vamos lá!!

Em primeiro lugar, cumpre ressaltar que a colocação pronominal, na Língua Portuguesa, restringe-se praticamente à perfeita disposição dos pronomes oblíquos átonos: me, te, se, o, a, lhe, nos, vos, os, as, lhes.

Tais pronomes podem assumir uma das seguintes posições:

a) Próclise ⇨ pronome oblíquo colocado antes do verbo.
b) Mesóclise ⇨ pronome oblíquo colocado no meio do verbo.
c) Ênclise ⇨ pronome oblíquo colocado depois do verbo.

Primeiros exemplos:

- Ele **me** disse que amanhã faltará a aula.
  pronome proclítico

- Retirá-**lo**-ia do local se eu pudesse.
  pronome mesoclítico

- Entregaram-**nos** todos os documentos hoje pela manhã.
  pronome enclítico

8.1 MÁXIMAS DA COLOCAÇÃO PRONOMINAL

A topologia pronominal possui regras gerais que servem de norte para as demais regras. São elas:

1. Não se inicia período com pronome oblíquo átono.

Observe:

- Te disseram que o juiz julgou improcedente a nossa causa? (Construção errada)

  Corrija-se para...

- Disseram-te que o juiz julgou...

- Lhe passo os documentos do processo hoje à tarde. (Construção errada)

  Corrija-se para...

- Passo-lhe os documentos do processo hoje à tarde.

- Me falem a verdade ou serão expulsos da corporação. (Construção errada)

  Corrija-se para...

- Falem-me a verdade ou serão expulsos da corporação.

2. Não se admite ênclise a um verbo no futuro ou no particípio.

Veja os exemplos:

verbo no futuro do subjuntivo

- Quando ele ajudar-te, não esqueças os demais parentes de tua família. (Construção errada)

Corrija-se para...

- Quando ele te ajudar, não esqueças os demais parentes de tua família.

- Certamente eles dariam-nos tudo se pudessem. (Construção errada)

verbo no futuro do pretérito do indicativo

Corrija-se para...

- Certamente eles nos dariam (ou “dar-nos-iam”) tudo se pudessem.
- Tenho dedicado-me muito ao estudo da Língua Portuguesa. (Construção errada)
  verbo no particípio

Corrija-se para...

- Tenho-me dedicado muito ao estudo da Língua Portuguesa.

3. Em geral, toda ênclise a um verbo no infinitivo é correta, ainda que exista um fator de próclise.

- A fim de **não** o encontrar, ou encontrá-lo, mudei o meu itinerário.
- Para **não** não as contrariar, ou contrariá-las procurei resolver o problema imediatamente.
- Deixou sua sala para me entregar ou entregar-me o prêmio a que fiz jus pelo ótimo desempenho este mês.
- “Proponho firmemente com vossa graça **não ofender-vos** mais.” (M. Bernardes)
- “Basta-lhe os olhos negros e a tristeza, a palidez e o nunca sorrir-se.” (Camilo C. Branco)
- “Ela, encostada à poltrona, passava-lhe os dedos pelos cabelos, muito ao leve e caladinha para não perturbá-lo.” (Machado de Assis, *Quincas Borba*)

8.2 REGRAS GERAIS

8.2.1 PRÓCLISE

O pronome oblíquo átono ficará proclítico ao verbo por causa dos seguintes fatores que o atraem:

1) Palavras de valor negativo (não, nunca, jamais, ninguém, nada, nem [= e nem] etc.).

- **Jamais** nos consideraremos melhores do que os outros.

- **Não** o permitiram a conversão de real para dólar.
- **Nunca** lhe entristeceu a situação dos pobres no mundo?

⇨ **Observação:**

Se houver pausa depois da palavra negativa, emprega-se a ênclise.

- **Não,** converta-se ao cristianismo urgentemente.

2) Advérbios e pronomes indefinidos.

- **Aqui** se faz, **aqui** se paga.
- Nem **sempre** se enxergam as disparidades do mundo contemporâneo.
- **Ninguém** nos falou sobre o problema da empresa.
- "Na natureza, **nada** se perde, **nada** se cria, **tudo** se transforma."

⇨ **Observação:**

Se houver pausa depois do advérbio, o pronome ficará enclítico. Se o verbo estiver no futuro, emprega-se a mesóclise.

- **Enfim,** encontrei-**o** na Estação da Luz.
- **Amanhã,** encontrar-**me**-ei com o Luís Antônio para uma conversa de negócios.

3) Pronomes relativos (que, o qual, a qual, os quais, as quais, cujo, cuja, cujos, cujas, onde, quem etc.).

- As informações, **que** te deram, parece terem mexido com o teu íntimo.
- Aquele é o estádio de futebol **o qual** se fez e **o qual** se construiu em poucos meses.
- Este bar é lugar da cidade **onde** se encontram os melhores pratos da cidade.

4) Pronomes demonstrativos (este, esta, isto, aquele, aquela, aquilo etc.).

- Tudo **aquilo** lhe passou despercebido.
- **Esta** me contou uma versão esquisita do caso. **Aquele** nos disse totalmente o contrário desse aí.

5) Conjunções subordinativas (quando, se, já que, porque, embora, enquanto, como, à medida que etc.).

- **À medida que** se estuda, aprende-se mais.
- **Enquanto** me diziam aquilo, eu permanecia imóvel.
- É muito justo **que** o ampares na velhice.
- **Se** me pagar, farei o trabalho **assim que** me sobrar um tempinho.

6) Verbo no gerúndio precedido da preposição "em".

- **Em** se **tratando** de finanças, procure o sr. João Alberto.
- **Em** se **pensando** em viagens, é sempre bom procurar uma boa empresa de turismo.

7) Conjunção coordenativa alternativa.

- **Ou** se casa comigo, **ou** se casa com o meu primo.
- Deixem-me sair, **ou** me deem a vaga de emprego a qual vim à procura.

8.2.1.1 Outros fatores de próclise

Além desses fatores, a próclise é de rigor:

1) Nas orações exclamativas e nas optativas (orações que exprimem desejo):

- Que Deus te proteja.

- Bons ventos os levem em paz!
- Quanto nos é difícil falar a verdade!
- Que terrível revelação nos fizeste!

2) Nas orações interrogativas em que haja pronomes interrogativos:

- Quem vos falou sobre o problema dela?
- Quanto lhe custou o conserto do carro?

3) Com verbos no infinitivo pessoal precedido de preposição:

- Demiti os dois funcionários por se queixarem demais.
- Deixei-os à vontade para se relacionarem melhor com o professor.

8.2.2 MESÓCLISE

Como já se mencionou, a mesóclise consiste na colocação do pronome oblíquo átono no meio do verbo. Isso ocorre apenas com dois tempos do modo indicativo: o futuro do presente e o futuro do pretérito, pois se trata de dois tempos compostos. O futuro do presente é formado pelo INFINITIVO do verbo mais o PRESENTE DO INDICATIVO do verbo HAVER; já o futuro do pretérito é formado pelo INFINITIVO do verbo mais o pretérito imperfeito do verbo HAVER. Logo, o pronome oblíquo átono será colocado entre um INFINITIVO e o verbo HAVER. Observe:

FUTURO DO PRESENTE (Infinitivo + presente do indicativo do verbo “haver”):

Eu comprar + hei ⇨ comprarei = Hei de comprar
Tu comprar + hás ⇨ comprarás = Hás de comprar
Ele comprar + há ⇨ comprará = Há de comprar
Nós comprar + havemos ⇨ compraremos = Havemos de comprar
Vós comprar + haveis ⇨ comprareis = Haveis de comprar
Eles comprar + hão ⇨ comprarão = Hão de comprar

FUTURO DO PRETÉRITO (Infinitivo + pretérito imperfeito do verbo "haver"):

Eu comprar + havia ⇨ compraria = Havia de comprar
Tu comprar + havias ⇨ comprarias = Havias de comprar
Ele comprar + havia ⇨ compraria = Havia de comprar
Nós comprar + havíamos ⇨ compraríamos = Havíamos de comprar
Vós comprar + havíeis ⇨ compraríeis = Havíeis de comprar
Eles comprar + haviam ⇨ comprariam = Haviam de comprar

Dessa forma, teremos:

- Compraria o carro se eu pudesse. = **Comprá-lo-ia** se eu pudesse. (= Havia de comprá-lo se eu pudesse.)
- Encontrá-lo-á deitado numa rede bem vistosa à varanda da casa grande. (= Há de encontrá-lo deitado...)
- Conceder-lhe-íamos o emprego se ele tivesse competência. (= Havíamos de conceder-lhe o emprego...)
- Estabelecer-nos-emos aqui até que a tempestade passe. (= Havemos de estabelecer-nos aqui até...)
- Jogá-lo-ão na lixeira se todas as tentativas falharem. (= Hão de jogá-lo na lixeira se...)
- "Dir-me-eis que não tendes outro modo de vos sustentar". (Pe. Antônio Vieira)

⇨ **Observações:**

a) Não havendo palavra atrativa e estando o futuro do presente ou do pretérito no meio de uma oração, será indistinta tanto a próclise quanto a mesóclise. Observe:

- Ele me entregará / OU / entregar-me-á o pacote amanhã pela manhã.
- Ricardo se retiraria / OU / retirar-se-ia da reunião de qualquer jeito.

b) Se houver palavra atrativa antes do futuro, a próclise será obrigatória.

8.2.3 ÊNCLISE

O pronome oblíquo átono ficará enclítico ao verbo nas seguintes circunstâncias:

1) Quando o verbo iniciar o período.

- Conta-me logo tudo que sabes, Marcílio.
- Fazê-lo será um prazer para mim, d. Joana.
- Perceberam-nos assim que chegamos ao local.

2) Com o verbo no gerúndio, desde que não forme locução verbal ou que não esteja precedido da preposição "em" ou de qualquer elemento de atração.

- Não farei mais a reunião, disse ele, **levantando**-se rapidamente.
- Judas aproximou-se de Cristo; beijando-lhe o rosto, denunciou-o aos soldados de Pilatos.

⇨ **Observação:**

Se houver fator de próclise, esta será de rigor. Veja:

- João comprava demasiadamente, **pouco** se importando com o valor das coisas.

3) Com verbos no imperativo afirmativo.

- Deixe a sala agora e entregue-se aos estudos se quiser ser aprovado no final do ano.
- João, escuta-me por alguns minutos, por favor.

4) Com verbos no infinitivo regidos da preposição "a", em se tratando dos pronomes oblíquos vocálicos "o, a, os, as", os quais assumirão, obrigatoriamente, as formas "lo, la, los, las".

- Jamais me recusaria a recebê-los.

- Todos começaram a questioná-las sobre as ideias que defendiam.
- "Acudiu toda a cidade a acompanhá-lo." (Fr. L. de Sousa)

⇨ **Observação:**

Não se esqueça de que o infinitivo é uma forma verbal privilegiada. À exceção da regra acima e da próclise com o infinitivo flexionado, diante de um verbo no infinitivo estão corretas tanto a próclise quanto a ênclise, mesmo com a existência de um fator de próclise. Veja:

- Não fizeram absolutamente nada para os deter. OU detê-los.
- Tinha um grande desejo de a pegar nos braços. OU pegá-la nos braços.
- Para não te incomodar OU incomodar-te

8.3 COLOCAÇÃO DOS PRONOMES OBLÍQUOS NAS LOCUÇÕES VERBAIS

A partir de agora, vamos usar o conhecimento acima para posicionar corretamente os pronomes oblíquos dentro das locuções verbais. O assunto não é difícil, mas você precisa estar bem atento às orientações abaixo. Vamos lá!

Primeiramente, vamos relembrar o que é uma locução verbal:

VERBO AUXILIAR + VERBO PRINCIPAL { INFINITIVO / GERÚNDIO / PARTICÍPIO

Dentro de uma locução verbal, o pronome oblíquo poderá assumir uma das seguintes posições:

a) Próclise ao verbo auxiliar ⇨ Colocação sempre possível, exceto se a locução iniciar o período.

b) Ênclise ao verbo auxiliar ⇨ Colocação possível desde que não haja um fator de próclise ou o verbo esteja no futuro.

c) Ênclise ao verbo principal ⇨ Colocação sempre possível em se tratando do infinitivo ou do gerúndio. Gramaticalmente, não se admite ênclise a um verbo no particípio.

d) Pronome oblíquo solto no meio da locução verbal (próclise ao verbo principal) ⇨ Posição consolidada pelo uso. Já foi combatida por alguns gramáticos, mas hoje plenamente aceita pelo padrão mais formal da língua em virtude do largo emprego nas situações do dia a dia.

Observe agora, seguindo as orientações acima, as possíveis colocações dos oblíquos nas locuções verbais:

1. Verbo auxiliar + infinitivo:

a) Os homens devem amar uns aos outros. (se)

⇨ Os homens se devem amar uns aos outros. (Próclise ao verbo auxiliar)
⇨ Os homens devem-se amar uns aos outros. (Ênclise ao verbo auxiliar)
⇨ Os homens devem amar-se uns aos outros. (Ênclise ao verbo principal – infinitivo)
⇨ Os homens devem se amar uns aos outros. (Pronome solto no meio da locução)

b) Eu quero dizer muita coisa. (lhe)

⇨ Eu lhe quero dizer muita coisa. (Próclise ao verbo auxiliar)
⇨ Eu quero-lhe dizer muita coisa. (Ênclise ao verbo auxiliar)
⇨ Eu quero dizer-lhe muita coisa. (Ênclise ao verbo principal – infinitivo)
⇨ Eu quero lhe dizer muita coisa. (Pronome solto no meio da locução)

c) Não posso abater com essas calúnias. (me)

⇨ Não me posso abater com essas calúnias. (Próclise ao verbo auxiliar)
⇨ Não posso abater-me com essas calúnias. (Ênclise ao verbo principal – infinitivo)
⇨ Não posso me abater com essas calúnias. (Pronome solto no meio da locução)

2. Verbo auxiliar + gerúndio:

a) Os olhos da personagem foram enchendo de lágrimas. (se)

⇨ Os olhos da personagem se foram enchendo de lágrimas. (Próclise ao verbo auxiliar)
⇨ Os olhos da personagem foram-se enchendo de lágrimas. (Ênclise ao verbo auxiliar)
⇨ Os olhos da personagem foram enchendo-se de lágrimas. (Ênclise ao verbo principal – gerúndio)
⇨ Os olhos da personagem foram se enchendo de lágrimas. (Pronome solto no meio da locução)

b) O empregado afirmou que não estava insultando. (me)

⇨ O empregado afirmou que não me estava insultando. (Próclise ao verbo auxiliar)
⇨ O empregado afirmou que não estava insultando-me. (Ênclise ao verbo principal – gerúndio)
⇨ O empregado afirmou que não estava me insultando. (Pronome solto no meio da locução)

3. Verbo auxiliar + particípio:

a) O time tem dado muitas decepções. (nos)

⇨ O time nos tem dado muitas decepções. (Próclise ao verbo auxiliar)
⇨ O time tem-nos dado muitas decepções. (Ênclise ao verbo auxiliar)
⇨ O time tem nos dado muitas decepções. (Pronome oblíquo solto no meio da locução)

b) E se ele tivesse enganado, o que você faria? (me)

⇨ E se ele me tivesse enganado, o que você faria? (Próclise ao verbo auxiliar)
⇨ E se ele tivesse-me enganado, o que você faria? (Ênclise ao verbo auxiliar)
⇨ E se ele tivesse me enganado, o que você faria? (Pronome oblíquo solto no meio da locução)

c) Onde terá metido aquele menino? (se)

⇨ Onde se terá metido aquele menino? (Próclise ao verbo auxiliar)

⇨ Onde terá se metido aquele menino? (Pronome oblíquo solto no meio da locução)

⇨ **Observações:**

a) Lembre-se de que não se pospõe pronome oblíquo átono a um verbo no particípio.

b) Quando a locução verbal é formada por um verbo auxiliar mais uma preposição e mais o verbo principal, observam-se as mesmas posições elencadas acima à exceção da ênclise ao verbo auxiliar. Veja:

d) Ele há de acostumar em breve com a nova função na empresa. (se)

⇨ Ele se há de acostumar em breve com a nova função na empresa. (Próclise ao verbo auxiliar)

⇨ Ele há de acostumar-se em breve com a nova função na empresa. (Ênclise ao verbo principal – infinitivo)

⇨ Ele há de se acostumar em breve com a nova função na empresa. (Pronome solto entre a preposição e o verbo principal)

8.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (FCC) Quando ..... as provas, ... imediatamente.

a) lhes entregarem, corrijam-as.
b) lhes entregarem, corrijam.
c) lhes entregarem, corrijam-nas.
d) entregarem-lhes, corrijam-as.
e) entregarem-lhes, as corrijam.

2. (FCC) Acredito que todos ..... dizer que não ..... .

a) lhe irão, se precipite.
b) lhe irão, precipite-se.
c) irão-lhe, se precipite.
d) irão lhe, precipite-se.
e) ir-lhe-ão, se precipite.

3. (Santa Casa-SP) Devemos ..... da tempestade.

a) resguardar-mos-nos.
b) resguardar-nos.
c) resguardarmos-nos.
d) resguardarmo-nos.
e) resguarda-nos.

4. (Santa Casa-SP) Há um erro de colocação pronominal em:

a) Sempre a quis como namorada.
b) Os soldados não lhe obedeceram as ordens.
c) Todos me disseram o mesmo.
d) Recusei a ideia que apresentaram-me.
e) Quando a cumprimentaram, ela desmaiou.

5. (UFF-RJ) Numa das frases abaixo, a colocação do pronome pessoal átono não obedece às normas vigentes. Assinale-a.

a) Ter-lhe-iam falado a meu respeito?
b) Tenho prevenido-o várias vezes.
c) Quem nos dará as razões?
d) Nunca nos diriam inverdades.
e) Haviam-no procurado por toda parte.

6. (Faap-SP) Assinale a alternativa em que a colocação pronominal desobedece ao que preceitua a gramática:

a) Há muitas estrelas que nos atraem atenção.
b) Jamais dar-te-ia tantas explicações, se não fosse pessoa de tanto merecimento.
c) A este compete, em se tratando de corpo da pátria, revigorá-lo com o sangue do trabalho.
d) Não o realizaria, entretanto, se a árvore não se mantivesse verde sob a neve.
e) Nenhuma das anteriores.

7. (UM-SP) Assinale a alternativa que apresenta erro de colocação pronominal.

a) Você não devia calar-se.
b) Não lhe darei qualquer informação.

c) O filho não o entendeu.
d) Se apresentar-lhe os pêsames, faça-o discretamente.
e) Ninguém quer aconselhá-lo.

8. (Cesesp-PE) Assinale o único período em que há inadequação na colocação pronominal.

a) Nenhuma das questões lhe desagradou.
b) Que Deus me ajude!c) Quanto nos custa manter a calma!d) A prova, fi-la sem afobação.
e) Todos retirar-se-iam cedo.

9. (PUCC-SP) Sabendo-se que solecismos são desvios indevidos de regência, concordância e colocação, indique a alternativa que não apresenta nenhum desses desvios, segundo a norma culta:

a) Liliana, te amo perdidamente.
b) Quando saírem com nós, talvez nos contem o caso.
c) As meninas não devem se preocupar com a maquiagem.
d) Entre mim e você, sempre houve compreensão.
e) Esta revista é para mim ler.

10. (UM-SP) Assinale a alternativa em que o pronome pessoal oblíquo poderia ser colocado em duas outras posições:

a) Deixei de cumprimentá-lo.
b) Eles queriam-me enganar.
c) Não te prejudicarei nunca.
d) Os amigos tinham se retirado.
e) Creio que ele não me dará explicações.

GABARITO

1 – C	2 – A	3 – B
4 – D	5 – B	6 – B
7 – D	8 – E	9 – D
10 – B		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 9

EMPREGO DOS SINAIS DE PONTUAÇÃO

Em primeiro lugar, quero parabenizá-lo por ter chegado até aqui. Espero que você já tenha estudado os outros pontos deste livro, pois o assunto sobre o qual vamos a partir de agora discorrer depende bastante dos conhecimentos anteriores, principalmente do conhecimento sobre sintaxe de oração e de período. Do entendimento com profundidade da oração e dos seus termos, bem como da relação entre as orações, dependerá o sucesso no que diz respeito ao emprego dos sinais de pontuação, uma vez que esta é, na maioria dos casos, uma necessidade sintática. Por isso, convido-o a estudar – se ainda não o fez – aqueles dois assuntos. Adentrar o mundo da pontuação sem dominar os mecanismos básicos da sintaxe é semelhante a tentar resolver um problema de sistema de inequações do segundo grau sem antes ter estudado a resolução de equações do primeiro grau, ou seja, a possibilidade de insucesso é grande. Se já estudou, convido-o então a dar o próximo passo para o seu engrandecimento: vamos juntos entender a aplicação dos diversos sinais que marcam as pausas, a entonação, a mudança semântica e às vezes a melodia do discurso na nossa língua portuguesa.

9.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A princípio é preciso que se estudem as duas principais razões sobre as quais se assenta a pontuação na língua portuguesa. Chamo a essas razões de “bases” da pontuação.

1.ª BASE:

Pontuar é, no mais das vezes, uma necessidade sintática. Isto quer dizer que, para se pontuar bem, deve-se estar atento às funções sintáticas desempenhadas pelos termos e pelas orações, bem como à localização de tais termos e orações no período. Por isso, são inadmissíveis as seguintes pontuações:

a) O ex-presidente da empresa brasileira de correios e telégrafos, viajará na próxima semana.

Regra: Não se separa o sujeito do seu verbo.

b) Por fim, estudou-se o artigo 5.º da Constituição, que confere, aos brasileiros e aos estrangeiros, certos direitos.

Regra: Não se separa por vírgula o verbo do(s) seu(s) objeto(s).

c) A indignação, de muita gente, não transpõe na maioria dos casos o âmbito das conversas privadas.

Regra: Não se separa o nome do(s) seu(s) adjunto(s).

d) O fato que foi revelado nas investigações foi decisivo, para a elucidação do crime.

Regra: Não se separa por vírgula o nome do seu complemento.

Você perceberá que boa parte das regras sempre se refere às funções sintáticas. Daí afirmamos ser a pontuação uma necessidade sintática.

2.ª BASE:

O emprego dos sinais de pontuação pode alterar o sentido e a função sintática de um termo, ou seja, a pontuação, em muitos casos, implicará alterações semânticas e sintáticas. Observe as alterações de sentido e de função sintática entre os pares a seguir:

a) – Ninguém compreende Maria. ⇨ Maria é uma pessoa difícil de se compreender. O termo "Maria" é o objeto direto.

– Ninguém compreende, Maria. ⇨ Maria passa a ser a interlocutora com quem se fala. O termo "Maria" é agora o vocativo.

b) – O empregado falará brevemente com o novo diretor. ⇨ O vocábulo "brevemente" funciona como advérbio de tempo.

– O empregado falará, brevemente, com o novo diretor. ⇨ O vocábulo "brevemente"

funciona como advérbio de modo.

c) **– Quero ver o que você vai fazer agora, que o novo gerente é um casca-grossa.** ⇨ A oração iniciada pelo "que" possui sentido explicativo. O vocábulo "agora" é um advérbio de tempo.

– Quero ver o que você vai fazer, agora que o novo gerente é um casca-grossa. ⇨ A oração iniciada pelo "agora que" possui valor temporal. A locução "agora que" é uma conjunção temporal.

d) Alguém joga uma moeda para cima, pega-a na mão e pergunta:

— É cara ou coroa?
— É coroa, cara.
— Não! Deu cara, coroa!

Observe as alterações semânticas e sintáticas provocadas pelo emprego da vírgula entre os vocábulos "cara" e "coroa".

e) – De fato, meu amigo não fala de medo. ⇨ Aqui o amigo não fala sobre o "medo". "De medo" é objeto indireto.

– De fato, meu amigo não fala, de medo. ⇨ Aqui o amigo não fala porque está com medo. "De medo" é um adjunto adverbial de causa.

f) – Todos foram até a mamãe. ⇨ Aqui "todos" chegaram até a mamãe.

– Todos foram, até a mamãe. ⇨ Aqui "todos" foram, partiram, inclusive "a mamãe".

g) – "Vota Brasil!" ⇨ Aqui o "Brasil" – sujeito – faz a ação de votar. Observe que o verbo "votar" se encontra no presente do indicativo.

– "Vota, Brasil!" ⇨ Aqui o vocábulo "Brasil" passa a exercer a função de "vocativo". O verbo "votar" se encontra agora na segunda pessoa do imperativo afirmativo.

Reiterando: O emprego dos sinais de pontuação – notadamente a vírgula – pode provocar alterações do sentido e da função sintática dos termos.

9.2 PRINCIPAIS SINAIS DE PONTUAÇÃO

Pontuar é, antes de mais nada, dividir o discurso, separar-lhe as partes quando for necessário. Clara definição para o que vem a ser "pontuar" nos deixou o ilustre mestre Celso Pedro Luft: "Pontuar bem é ter visão clara da estrutura do pensamento e da frase. Pontuar bem é governar as rédeas da frase. Pontuar bem é ter ordem no pensar e na expressão".

Para que bem se efetue esse domínio, empregam-se os sinais de pontuação os quais se dividem em sinais de pausa e sinais de entonação ou melódicos.

1. Sinais de pausa:

a) a vírgula (,);
b) o ponto (.);
c) o ponto e vírgula (;).

2. Sinais de entonação ou melódicos:

a) os dois-pontos (:);
b) o ponto de exclamação (!);
c) o ponto de interrogação (?);
d) as reticências (...);
e) as aspas (" ");
f) os parênteses (( ));
g) os colchetes ([ ]);
h) o travessão (–).

⇨ **Observações:**

a) Outros sinais podem, em alguns contextos, ser empregados para a marcação de melodia e entonação (recursos expressivos) como o hífen, o parágrafo, o destaque de letras e palavras (emprego do negrito, por exemplo).

b) Em muitos contextos, encontramos o "emprego cumulativo de sinais de pontuação". Podem combinar-se o ponto de interrogação com o ponto de exclamação e vice-versa; e qualquer dos dois, ou ambos, com as reticências. Podemos também usar as reticências e logo em seguida um ponto de exclamação. Com essas combinações, é possível se obter as mais variadas expressões, seja para indicar simultaneamente a surpresa ou a dúvida contida numa pergunta, seja a expectativa ou a incerteza do interlocutor, seja o prolongamento das entoações interrogativa e exclamativa – entre

tantos outros matizes emocionais.

- “Teve o Lemos outro sobressalto que o fez de novo pular na cadeira.

  - Como?... Tem alguém de olho?” (José de Alencar)

- “– Eu estou bem em toda parte, padre-mestre, disse o pároco, caçando os seus chinelos de ourelo. Olha o seminário!... E em Feirão! Caía-me a chuva na cama.” (Eça de Queiroz)

- “Silfos ou gnomos tocam?...

  Roçam nos pinheirais

  Sombras e bafos leves

  De ritmos musicais.” (Fernando Pessoa)

9.2.1 EMPREGO DA VÍRGULA (,)

Para estudar o emprego da vírgula, primeiro é preciso entender que ela pode ser usada tanto para isolar termos dentro das orações quanto para separar orações dentro de um período composto. Por isso, dividimos seu emprego em:

9.2.1.1 A vírgula entre os termos de uma oração

Emprega-se a vírgula:

a) Para separar termos coordenados assindéticos (sem ligação por conectivo), de mesma função sintática, que formam, muitas vezes, enumerações.

- Deparamo-nos em nossa viagem com uma paisagem paradisíaca na qual se viam o sol, algumas nuvens, o mar ao longe, alguns coqueiros e duas casas numa restinga.

- “Havia sermonários latinos, um Marco Marullo, três retóricas, muitas teologias morais, um Euclides, comentários de versões literais de Tito Livio e Virgílio.” (Camilo Castelo Branco)

- A vida, o infinito, o sol, o mar, tudo é um louvor a Deus.

⇨ **Observações:**

Quando o último elemento de uma série enumerativa vier precedido da conjunção “e”, a

vírgula é dispensada. Neste caso, diz-se que se fez uma “enumeração fechada”, pois o último elemento, introduzido pelo conectivo aditivo “e”, finaliza o pensamento, o que não permite inferir que haja outros elementos não mencionados.

- Na festa, todos saltavam, riam, cantavam e dançavam freneticamente.

Não se deve empregar a vírgula antes das conjunções “e, ou, nem” quando estas ligarem palavras ou mesmo orações de pequena extensão.

- “Todo ele era atenção e interrogação.” (Machado de Assis)
- Nem um nem outro lhe deve ficar obrigado.” (A. Herculano)
- “Com ela ou sem ela, tenho por certa a nossa ida.” (Machado de Assis)

Emprega-se a vírgula antes do “e” quando este vier repetido antes de cada um dos elementos (polissíndeto).

- “Tua irmã é carinhosa, e doce, e meiga, e casta, e consoladora.” (Eça de Queiroz)

b) Para isolar vocativos.

- “Mas olha, meu Telmo, torno a dizer-to: eu não sei como hei de fazer para te dar conselhos.” (A. Garrett)
- Que foi, Madalena, há algum problema na comida?
- “De maneira, cristãos, que temos hoje a maior tentação: queira Deus que tenhamos também a maior vitória.” (Pe. Antonio Vieira)

c) Para separar adjuntos adverbiais locucionais deslocados dentro da estrutura oracional.

- “A morte de Afonso VI, quase no fim da primeira década do século XII, deu origem a acontecimentos ainda mais graves do que os por ele previstos...” (A. Herculano)
- “Desde as quatro horas da tarde, no calor e silêncio do domingo de junho, o Fidalgo da Torre (...) trabalhava.” (Eça de Queiroz)
- “Depois das grandes dores e das lágrimas torrenciais, forma-se também no coração do homem um húmus poderoso...” (José de Alencar)
- “Diante dessa varanda, na claridade forte, pousava a mesa ... .” (Eça de Queiroz)

⇨ **Observações essenciais:**

Os adjuntos adverbiais formados por um só vocábulo – e mesmo os adjuntos adverbiais

locucionais, de pequena extensão – dispensam a vírgula, salvo se se quiser conferir-lhes ênfase.

- Iremos hoje ao shopping.
- Todos em princípio discordam do que ele disse.
- Amanhã de manhã chegarão o Presidente da República e toda a sua comitiva.
- “Logo pela primeira vez o caso intrigou a vizinhança.” (Lima Barreto)
- “Esta atitude de resto convém ao bacharel... .” (Eça de Queiroz)

Os adjuntos adverbiais terminados no sufixo “-mente” seguem a regra de pontuação dos adjuntos adverbiais simples: ou não se põe nenhuma vírgula, ou se isola o advérbio com vírgula(s) para conferir-lhe ênfase ou alterar-lhe a semântica.

- “É verdade que a guitarra vinha decentemente embrulhada em papel, mas o vestuário não lhe escondia inteiramente as formas.” (Lima Barreto)
- “... uma flor consolaria aquela deserdada; mas na disposição dos seres, infelizmente, a Substância que lá devia ser rosa é aqui na Baixa homem de Estado...” (Eça de Queiroz)
- “Realmente, era graciosa e viva nos gestos, olhos cálidos, boca fina e interrogativa.” (Machado de Assis)

d) Para isolar apostos explicativos.

- “Vós fostes o aio e amigo de meu senhor... de meu primeiro marido, o Senhor D. João de Portugal...” (A. Garrett)
- “O Dr. Camargo, médico e velho amigo da casa, foi ter com Estácio.” (Machado de Assis)
- Recife, cidade cortada por rios, é conhecida como a Veneza brasileira.
- Salomão, filho de Davi, foi um rei sábio.

e) Para isolar o nome do lugar quando seguido de data.

- Palmares, 2 de fevereiro de 2004.

f) Para isolar alguns termos sintáticos – geralmente complementos verbais – postos no início do período (anástrofe), com o intuito de conferir-lhes ênfase, desde que sejam retomados de forma pleonástica por pronome oblíquo.

- As ideias do nosso presidente, já não mais as defendo.

- Aos amigos do alheio, difícil é perdoar-lhes os prejuízos que causam.

g) Para isolar o predicativo do sujeito deslocado dentro da estrutura oracional quando o verbo não é de ligação.

- Triste com a notícia, o rapaz deixou a sala em silêncio.
- O governo, contente com a redução da inflação, interveio junto ao Banco Central para que este diminua a taxa Selic.
- O professor, desesperado, deixou a sala.

h) Para indicar uma elipse (ocultação), geralmente, de um verbo.

- O Brasil sempre exportou carnes; a Argentina, sapatos e couro; a Venezuela, petróleo. (Elipse do verbo "exportar")
- "A moral legisla para o homem; o direito, para o cidadão." (Tomás Ribeiro apud Artur de A. Tôrres)
- Marcos estuda francês, e João, inglês.

i) Para separar expressões explicativas, conclusivas e retificativas, interpostas na oração, como "isto é, a saber, ou seja, por exemplo, ou melhor, outrossim, com efeito, assim, então, por assim dizer, além disso, ademais etc.".

- "Quaresma fez o "Tangolomango", isto é, vestiu uma velha sobrecasaca do general..." (Lima Barreto)
- "Esta singularidade era um símbolo da união, ou melhor, da comunhão que o dono da casa queria que houvesse durante a ceia..." (José de Alencar)
- "O calor úmido das paragens amazonenses, por exemplo, deprime e exaure." (Euclides da Cunha)

j) Para separar os elementos paralelos nas frases proverbiais.

- O velho a estirar, o diabo a enrugar.
- Dinheiro na mão, amigos no portão.

9.2.1.2 A vírgula entre as orações

a) Para separar orações coordenadas assindéticas.

- “Entregou a espingarda a sinhá Vitória, pôs o filho no cangote, levantou-se, agarrou os bracinhos...” (Graciliano Ramos)
- “Os juazeiros aproximaram-se, recuaram, sumiram-se.” (Graciliano Ramos)
- “Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.” (Fernando Pessoa)
- “E agora, José?
  A festa acabou,
  a luz apagou,
  o povo sumiu,
  a noite esfriou.” (C. Drummond)

b) Emprega-se a vírgula para separar as orações coordenadas sindéticas, exceto as introduzidas pelo conectivo aditivo “e”.

- “... as duas janelas estavam cerradas, mas sentia-se fora o sol faiscar nas vidraças...” (Eça de Queiroz)
- “Não freqüentava botequins, nem fazia noitadas.” (Eça de Queiroz)
- “... ora tinha trabalho que me obrigava a fechar o gabinete, ora saía ao domingo para ir passear pela cidade e arrabaldes o meu mal secreto.” (Machado de Assis)
- “Note que é só para fazer mal, porque ele é tão religioso como este lampião.” (Machado de Assis)
- Não estudas regularmente, logo és um mau aluno.

⇨ **Observações:**

A vírgula é de rigor antes do “e” aditivo quando vem repetido antes de cada oração (polissíndeto), quando o “e” possui valor adversativo, ou quando a oração introduzida pelo “e” apresenta sujeito diverso da oração assindética anteposta.

- Preparou-se profundamente para o concurso, e não conseguiu ser aprovado nem na primeira etapa.

O “e” possui valor adversativo.

- “Cumpriu-se o Mar, e o Império se desfez.” (Fernando Pessoa)

Os sujeitos das orações são diferentes.

- “Rita tratou especialmente do coração, e ninguém o faria melhor.” (Machado de Assis)
- *“Rondo-te, e arquejo, e choro, ó cidadela!”* (Olavo Bilac, apud Domingos Paschoal Cegalla)

Boa parte dos conectivos coordenativos admite o deslocamento dentro da oração coordenada de que eles fazem parte. Um bom paradigma nos dão as conjunções coordenativas adversativas (construções possíveis):

- As ideias construídas por ele têm fundamento, mas são inaplicáveis à realidade do dia a dia.

Posição mais comum – conectivo introduz a oração coordenada sindética.
A vírgula deve ser aplicada antes do conectivo.

- As ideias construídas por ele têm fundamento; entretanto, são inaplicáveis à realidade do dia a dia.

pontuação enfática para o conectivo

- As ideias construídas por ele têm fundamento; são inaplicáveis, porém, à realidade do dia a dia.

conectivo deslocado dentro da oração sindética

- As ideias construídas por ele têm fundamento; são inaplicáveis à realidade do dia a dia, no entanto.

conectivo deslocado dentro da oração sindética

Quando a oração assindética é de considerável extensão, pode-se finalizá-la com um ponto. Depois inicia-se a oração sindética com conectivo adequado, o qual poderá ou não ser isolado por uma vírgula.

- “Quis puxar as de Capitu, mas ainda agora a ação não respondeu à intenção. Contudo, achei-me forte e atrevido.” (Machado de Assis)

- “A criação de gado é ali a sorte de trabalho menos impropriada ao homem e à terra. Entretanto não há vislumbrar nas fazendas do sertão a azáfama festiva das estâncias do Sul.” (Euclides da Cunha)

c) Para separar orações subordinadas adjetivas explicativas.

- “Aquele olhar profundo, que parecia despedir os fogos surdos de uma labareda oculta, incutia nela um desassossego íntimo.” (José de Alencar)
- O homem, que é mortal, julga-se às vezes eterno.
- “Eu, que já a achava lindíssima, bradaria que era a mais bela criatura do mundo se o receio me não fizesse discreto.” (Machado de Assis)
- “Qualquer príncipe italiano, cujo principado é menos do que a sua capital, tem residências dez vezes mais magníficas do que esse bocó de Sanjon.” (Lima Barreto)

d) Para separar orações subordinadas adverbiais desenvolvidas quando antepostas à oração principal ou intercaladas nela.

- “Logo que começou a revolver os papéis, a mão do médico tornou-se mais febril.” (Machado de Assis)
- O conselheiro, embora não figurasse em nenhum grande cargo do Estado, ocupava elevado lugar na sociedade. (Machado de Assis)
- A audiência foi, conforme atestaram os advogados, bastante positiva para a defesa.
- “Como pregava gratuitamente, o vigário de Caldelas era chamado por todos os mordomos e confrarias festeiras.” (Camilo Castelo Branco)

e) Para separar as orações reduzidas (de gerúndio, de infinitivo e de particípio) adverbiais e adjetivas quando antepostas à oração principal ou intercaladas nela.

- “Hoje, pensando melhor, acho que servi de alívio.” (Machado de Assis)
- Acabada a balada, retiraram-se os convidados.
- “Provado o roubo, iremos haver a importância dos dois brilhantes ultimamente comprados ao ourives que no-los vendeu.” (Camilo Castelo Branco)
- “A Serra do Grão-Mogol, raiando as lindes da Bahia, é o primeiro espécimen dessas esplêndidas chapadas imitando cordilheiras...” (Euclides da Cunha)
- A lagarta, paralisada pelo veneno da vespa, nada poderá fazer para evitar o seu martírio.

f) Para separar orações intercaladas.

- “Venha, acudiu ele, venha o grande o homem.” (Machado de Assis)
- Cão que ladra, diz o dito popular, não morde.
- “Onde é que se viu, diziam eles, um imperador que só tem dois palácios?” (Lima Barreto)

9.2.1.3 Não se emprega a vírgula

O emprego da vírgula, como já vimos, obedece a critérios bem definidos. Pode ser empregada tanto entre termos de uma oração quanto entre orações. O interessante é notar que boa parte dos casos estudados se refere a estruturas nas quais existem inversões (ordem indireta). Por causa dessas inversões “pontua-se”, emprega-se algum sinal de pontuação para evitar confusões. Logo, a ordem direta, em princípio, dispensa o emprego de sinais de pontuação. Portanto, o estudante da língua-mãe deve estar atento à estrutura do período se quiser empregar bem algum sinal de pontuação. Observe o exemplo abaixo:

- O ex-diretor licenciado da empresa brasileira de correios e telégrafos deverá viajar nas próximas duas semanas.

O período dispensa qualquer sinal de pontuação, porquanto se encontra na ordem direta.

Ademais, não se deve empregar a vírgula:

a) Entre o sujeito e o seu verbo quando juntos, ainda que um preceda ao outro.

- A indignação de muitos estudantes, não transpõe o âmbito das conversas privadas.
- Não é fácil, manter-se o equilíbrio entre o direito e o dever.
- O fato de ter cultivado tantos amigos e granjeado o respeito de todos, é prova suficiente de que ele teve uma vida digna.
- Fica claro, que deve ser pago ao reclamante o valor referente às horas suplementares.

b) Entre o verbo e o(s) seu(s) complemento(s) quando juntos, ainda que um preceda ao outro.

- O artigo 273 do CPC garante, ao autor, a antecipação dos efeitos da tutela.
- Deverão ser entregues ao auditor, todas as cópias, devidamente autenticadas.
- São vultosos os prejuízos causados pelos sonegadores e pelos corruptos ao povo

brasileiro, com os quais, se indigna o motorista.

- Esclarece o reclamante, que a empresa jamais efetuou qualquer depósito em sua conta vinculada.

c) Entre o nome (substantivo, adjetivo ou advérbio) e o seu complemento quando estão juntos.

- Ele sempre exerceu uma forte influência, na investigação dos casos de corrupção no Brasil.
- Não havia mais dúvidas, de que a vida dele era uma questão de dias.
- Os homens têm-se tornado insensíveis, à dor alheira.

d) Entre o nome (substantivo) e o seu adjunto adnominal.

- A casa e todos os bens, de nossos avós, foram doados para abrigos de idosos.
- Ficou durante um bom tempo impressionado com o nome, do marido dela.

e) Entre o nome e a oração subordinada adjetiva restritiva.

vírgulas inadequadas – a oração adjetiva é restritiva

- O homem, que fuma, aumenta a probabilidade de desenvolver câncer de pulmão.

vírgulas inadequadas – a oração adjetiva é restritiva

- O deputado, que é honesto, possui mais facilidade para se reeleger em uma segunda eleição.

⇨ **Observação:**

Quando a oração adjetiva restritiva é de certa extensão, é lícito empregar a vírgula ao final dela.

- "As famílias que se estabeleceram naquelas encostas meridionais das longas serranias chamadas pelos antigos Montes Marianos, conservaram por mais tempo os hábitos erradios dos povos pastores." (M. Said Ali – *Gramática Secundária da Língua Portuguesa*)

f) Entre a oração principal e a oração subordinada substantiva, salvo a oração subordinada substantiva apositiva.

- Mostrou-se bastante ansioso, por que o problema logo fosse resolvido.

- O deputado secretamente nos disse, que o Brasil certamente passará por uma crise financeira em breve.
- Nosso maior problema fora, que ele não admitia ser cuidado por ninguém.

⇨ **Observação:**

Se a oração subordinada substantiva vier anteposta à oração principal, a vírgula é de rigor.

- Que ele é o presidente, já se sabia; que ele não tem competência, já se sabia também.
- Quando ocorrerá o evento, não se disse.

9.2.2 EMPREGO DO PONTO (.)

É o principal sinal de pontuação empregado para finalizar as proposições declarativas, simples ou compostas, de sentido completo.

- "Os pés do que entrara apenas faziam um rumor sumido no chão de mármore. Vinha descalço. A sua aljarabia ou túnica era de lá grosseiramente tecida, o cinto uma corda de esparto." (A. Herculano)
- "Estava Ângela na janela da sua casa na "rua do Bispo", quando o marido surdiu da esquina da "Praça nova". Reconheceu-o logo pela corpulência redonda." (Camilo Castelo Branco)

O ponto final também é empregado para:

a) Encerrar a oração adversativa assindética de certa extensão, principalmente quando a oração sindética posposta é aditiva ou adversativa e traz uma ideia nova, um pensamento novo em relação à oração assindética.

- "– Quando era mais jovem, em criança, era natural, ele podia passar por criado. Mas você está ficando moço e ele vai tomando confiança." (Machado de Assis)
- "O mistério que havia entre ambos ninguém o podia entender. E, todavia, a explicação era bem simples: estava no caráter extremamente religioso do califa, na sua velhice e no seu passado de príncipe absoluto." (A. Herculano)

b) Indicar a abreviatura de uma palavra. Neste caso, recebe o nome de "ponto abreviativo".

- pág. ou p.
- Cel. (Coronel)
- r. (rua)
- prof. (professor)
- Dr. (doutor)

9.2.3 EMPREGO DO PONTO E VÍRGULA (;)

O ponto e vírgula representa uma pausa maior que a vírgula e menor que o ponto final. Não há regras bem delimitadas para o seu emprego. É comum empregar:

a) Para separar os incisos de leis, decretos, portarias etc.

Art. 3.º Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil:

I – construir uma sociedade livre, justa e solidária;

II – garantir o desenvolvimento nacional;

III – erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais;

IV – promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

b) Para separar orações coordenadas de sentidos opostos.

- A irmã odeia esportes; o irmão ama tudo que exige movimento.
- "O egoísmo vê na revolução um fato que destrói; o gênio contempla na revolução uma idéia que edifica." (Coelho Neto *apud* Jorge Miguel)
- João é um trabalhador; Pedro é um vadio.

c) Para separar orações coordenadas de considerável extensão, principalmente quando em qualquer destas proposições já existe pausa mais fraca assinalada por vírgula.

- A porta ficava à direita da grande coluna de entrada do templo budista; a sala do mestre localizava-se depois dessa porta.
- Nada se comparava ao devaneio sentido naquele momento da sessão de psicoterapia; e contava-me tudo sem restrições.
- À véspera do grande evento, o jovem pianista entregou-se, em seu quarto, ao silêncio e à meditação; e passou as últimas 24 horas em total solidão.
- O governo, depois do confronto com os manifestantes, resolveu negociar; mas os termos da negociação ainda serão analisados pela Procuradoria Regional do Trabalho.

9.2.4 EMPREGO DOS DOIS-PONTOS (:)

Os dois-pontos representam geralmente uma pausa repentina, instantânea, um pouco mais intensa que a vírgula, indicando, na maioria dos casos, uma estrutura incompleta. São empregados para:

a) Separar o verbo de dizer (*dicendi*) do discurso direto (fala) da personagem.

- E a filha, cingindo-lhe ao pescoço, exclamara:
  – E quando vamos? (Camilo Castelo Branco)
- "O romano Aécio teve, porém, piedade de Átila e aos filhos de Teodorico disse: – Ide-vos, porque o império está salvo." (A. Herculano)

b) Enunciar uma enumeração.

- Frequentemente lia os clássicos portugueses: Camões, Camilo, Herculano e Quental.
- Durante a aula, anote as seguintes coisas: principais pontos, as principais definições e as principais aplicações.

c) Separar expressões que explicam ou completam o que foi dito anteriormente.

- "Mal, porém, o marido lhe dava as costas, voltava-lhe a fraqueza: vinham-lhe as lágrimas, tornavam as agonias." (Lima Barreto)
- "Olhe que ambas elas têm nomes inspiradores: uma é Berta, a outra é Laura." (Camilo, apud Arthur de A. Torres)
- "Hoje, a cobiça assentou-se no lugar da eqüidade: o juiz vende a consciência no mercado dos poderosos, como as mulheres de Babilônia vendiam a pudicícia nas praças públicas aos que passavam, diante da luz do dia." (Camilo Castelo Branco)
- "A morte não extingue: transforma; não aniquila: renova; não divorcia: aproxima." (Rui Barbosa, apud Jorge Miguel)

d) Indicar uma citação, alheia ou própria.

- Pensamos como Pitágoras: "Educai as crianças e não será preciso castigar os homens".
- "Disse comigo: 'Que importa ao mundo a vida de um pobre truão'"? (A. Herculano)
- Às margens do Ipiranga, bradou D. Pedro I: "Independência ou morte!".

e) Marcar a supressão de uma conjunção (conectivo).

- Penso hoje que a vocação dele era, de fato, o serviço público: sentia-se suficientemente recompensado pela responsabilidade que lhe cabia.

Supressão de conjunção causal (porque, já que, visto que etc.)

- "Tereza não ouviu o remate da brutal apóstrofe: tinha fugido aturdida e envergonhada." (Camilo Castelo Branco)

Supressão de conjunção causal (porque, já que, visto que etc.)

9.2.5 PONTO DE EXCLAMAÇÃO (!)

É o sinal de pontuação empregado depois de interjeições, palavras ou frases com o intuito de expressar admiração, espanto, surpresa, afeto, cólera, ou seja, estados emotivos.

- "Espanta discrição tamanha na índole de Simão Botelho, e na presumível ignorância de Teresa em coisas materiais da vida, como são um patrimônio!" (Camilo Castelo Branco – Amor de perdição)
- "— O lacaio ficou-se de uma vez! disse o vestido roxo com um movimento de impaciência.

  — É verdade! respondeu distraidamente a companheira." (José de Alencar)
- "Ah! quem pode saber de que outras vidas veio?...

  Quantas vezes, fitando a Via-Láctea, creio

  Todo o mistério ver aberto ao meu olhar!" (Olavo Bilac)

⇨ **Observação:**

Às vezes, aparecem juntos o ponto de exclamação e o ponto de interrogação, imprimindo à frase tanto um caráter exclamativo quanto um caráter interrogativo.

- "É a história. E história assim poderá ouvi-la a olhos enxutos a mulher, a criatura mais bem formada das branduras da piedade, a que por vezes traz consigo do céu um reflexo da divina misericórdia?!" (Camilo Castelo Branco)
- "Como queres que eu vá, triste e sozinho,

  Casando a treva e o frio de meu peito

Ao frio e à treva que há pelo caminho?!” (Olavo Bilac)

9.2.6 PONTO DE INTERROGAÇÃO (?)

É o sinal de pontuação usado depois de palavras e frases interrogativas.

- “Não haveria castigo que me tirasse semelhante remorso da consciência, fosse de que modo fosse, perpetrado o assassinato. Que acha você?

  — Eu também; mas você sabe o que dizem esses políticos que sobem às alturas com dezenas de assassinatos nas costas?” (Lima Barreto)

- “Não foi preciso romper o sobrescrito, porque vinha aberta.

  — É de meu pai... disse Amâncio.

  — Ah! é do velho Vasconcelos?... Como vai ele?” (Aluísio Azevedo)

- “Lembras-te? Um dia me disseste:

  “Tudo acabou!” E eu exclamei:

  “Se vais partir, por que vieste?” (Olavo Bilac)

⇨ **Observação:**

Nas interrogativas indiretas, o ponto de interrogação é dispensado.

- “Perguntou ao arreeiro se conhecia alguma casa em Viseu onde ele pudesse estar escondido uma noite ou duas, sem receio de ser denunciado.” (Camilo Castelo Branco)
- “Não ficaram estes contentes e procuraram indagar quem era o dono da casa.” (Lima Barreto)

9.2.7 RETICÊNCIAS (...)

É o sinal de pontuação empregado para indicar a supressão de um pensamento, de uma ideia. O emprego das reticências – chamadas também de “pontos de reticência” – procura aproximar ao máximo o leitor do estado de espírito do falante.

- “No seu tempo, dizia o cônego, o pároco era um rapaz franzino, acanhado, cheio de espinhas carnais... “ (Eça de Queiroz)
- “— Vamos, Eugênio. São horas... vamos apartar os bezerros e tocar as vacas para a outra banda.” (Bernardo Guimarães)

- “E os senhores, a serem cá de Lisboa, hão de dizer que sim. Mas nós...” (A. Garret)

⇨ **Observação:**

Às vezes as reticências aparecem combinadas com o ponto de exclamação ou com o ponto de interrogação.

- “És filho de teu pai!... Não importa.” (A. Herculano)
- “Para que tornar-lhe a morte mais aflitiva pela certeza...?” (Machado de Assis)

9.2.8 ASPAS (“ ”)

As aspas são sinais de pontuação geralmente empregados nas citações ou transcrições para distingui-las da parte restante do discurso. As aspas, portanto, indicarão o início e o fim do discurso alheio.

- Depois de se conservar algum tempo em silêncio, exclamou:

  “Se os mensageiros dos levantados não chegarem até o anoitecer, não falemos mais nisso.” (A. Herculano)
- A maçã parecia um creme! Até a mana Josefa disse: “Está tão boa que parece que foi cozida em água benta!” (Eça de Queiroz)
- Supôs-se naquele tempo um desgraçado, um caipora, quando a verdade era que “mais vale quem Deus ajuda, do que quem cedo madruga”. (Machado de Assis)
- O *Times* dizia o ano passado: “Desorganizado está o partido cujo acordo reduz-se a reconhecer o princípio negativo de que *a função da oposição consiste em opor-se*”. (Rui Barbosa)

Além desse emprego mais frequente das aspas, elas são também usadas para:

a) Enfatizar um termo, uma palavra ou uma expressão dentro da estrutura oracional.

- Os pais sorriam-se cheios de satisfação da ingenuidade do “mestrinho”, como daí em diante o chamavam, e não lhe levavam a mal as suas longas e quotidianas ausências. (Bernardo Guimarães)
- Aprendeu a “artinha” musical na terra do seu nascimento, nos arredores de Diamantina, em cujas festas de igreja a sua flauta brilhara, e era tido por muitos como o primeiro flautista do lugar. (Lima Barreto)

- Margarida já está ficando uma senhora, e você não pode tratar “a ela” agora como no tempo em que brincavam juntos o “esconde-esconde”. (Bernardo Guimarães)

b) Salientar palavras de outras línguas – estrangeirismos – usadas dentro de um período.

- “Diex le volt!” E, barão entre os barões primeiros
  Foste, através da Europa, ao Sepulcro ameaçado. (Olavo Bilac)
- Tenho que lá estar
  E acreditem, o cansaço antecipado é tão grande
  Que, se o “Sud Express” soubesse, descarrilava... (Fernando Pessoa)
- Deu-lhe dinheiro para voltar, um chapéu de cortiça, umas perneiras, um cachimbo e uma lata de fumo “Navy Cut”; ... (Lima Barreto)

c) Isolar o discurso de um personagem em textos narrativos. Geralmente isso ocorre quando se trata de discursos únicos, de pouca extensão.

- São retratos que valem por originais. O de minha mãe, estendendo a flor ao marido, parece dizer: “Sou toda sua, meu guapo cavalheiro!” (Machado de Assis)
- Não pude ouvir as palavras que tio Cosme entrou a dizer. Prima Justina exortava: “Prima Glória! Prima Glória!”. José Dias desculpava-se: “Se soubesse, não teria falado, mas falei pela veneração, pela estima, pelo afeto, para cumprir um dever amargo, um dever amaríssimo...” (Machado de Assis)

d) Salientar gírias, arcaísmos e formas populares que fogem do nível da fala usada pelo autor do texto.

- Toda a província o aterrava: via-se lá obscuro, jogando a manilha na Assembleia, morrendo de caquexia. Por isso não “arredava pé”; e esperava, com a tenacidade do plebeu sôfrego, uma clientela rica, uma cadeira na escola, um cupê para as visitas, uma mulher loura com dote. (Eça de Queiroz)
- Passam as “chuvas do caju” em outubro, rápidas, em chuvisqueiros prestes delidos nos ares ardentes, sem deixarem traços; ... (Euclides da Cunha)

e) Indicar – algumas vezes de forma irônica – o emprego de palavras em sentido diverso do que lhe é habitual.

- Cruzamos a povoação em todos os sentidos, procurando rastrear algum vestígio. Confrontar algum sítio onde pudéssemos colocar, pela mais atrevida suposição que fosse, a tenda do nosso Alfageme com as suas espadas bem “corrigidas”, as suas

armaduras luzentes e bem postas. (A. Garret)

- Um desses “oficiais” defensores da legalidade era o Capitão Virgulino Ferreira, o Lampião. (Raquel de Queiroz)

⇨ **Observação:**

Quando se quer enfatizar um termo ou expressão que já se encontra entre aspas, devem ser usadas as aspas simples (‘ ’).

- Uma manhã, depois de um grande silêncio de Basílio, recebeu da Bahia uma longa carta, que começava: “Tenho pensado muito e entendo que devemos considerar a nossa inclinação como uma ‘criancice’...” (Eça de Queiroz)

9.2.9 PARÊNTESES (( ))

Os parênteses são frequentemente usados na escrita para isolar termos, palavras, expressões e orações intercalados na estrutura oracional e muitas vezes deslocados dentro dela. Por isso, são empregados para:

a) Isolar – à semelhança do emprego da vírgula e do travessão – termos, notas e orações acessórios, intercalados no período.

- “A entrada ao que me dizem (eu nunca entrei a barra) é um panorama grandioso, rival das Constantinoplas e das Nápoles.” (Eça de Queiroz)
- “Se eu morrer – e ainda bem! – antes desse dia (dia, talvez, inevitável!), deixarei dito a Mafalda que seja sempre o que tua mãe e eu fomos para ti: o coração devotado sem condições.” (Camilo Castelo Branco)
- “Posto que nascido na roça (donde vim com dous anos) e apesar dos costumes do tempo, eu não sabia montar, e tinha medo ao cavalo.” (Machado de Assis)
- “Um criado (o espanhol) acendeu o gás. Os outros convivas seguiram o primeiro, escolheram charutos e os que ainda não conheciam o gabinete admiraram os móveis bem-feitos e bem dispostos.” (Machado de Assis)

b) Isolar palavras e expressões de valor explicativo dentro do período à semelhança do emprego da vírgula e do travessão.

- “Chegamos ao Inn (estalagem), triste casa solitária no meio dos campos à borda da estrada.” (A. Garret)
- “Olha para si, para as chinelas (umas chinelas de Túnis, que lhe deu recente amigo,

Cristiano Palha), para a asa, para o jardim, para a enseada, para os morros e para o céu; e tudo, desde as chinelas até o céu, tudo entra na mesma sensação de propriedade." (Machado de Assis)

c) Isolar – à semelhança da vírgula e do travessão – a oração adjetiva explicativa:

- "Se os homens (que, em geral, são maus os homens todos)
  Te insultarem a crença, e a cobrirem de apodos,
  Que dirás, que farás contra essa gente inculta?" (Olavo Bilac)
- "O vaqueiro separa escrupulosamente a grande maioria de novas cabeças pertencentes ao patrão (nas quais imprime o sinal da fazenda) das poucas, um quarto, que lhe couberam por sorte." (Euclides da Cunha)

d) Indicar o comportamento da(s) personagem(ns) em textos narrativos ou peças escritas para o teatro.

- "Não tem outro defeito; é uma alma lavada, e amiga da sua amiga. Verdade, que, às vezes... (aqui a prelada ergueu-se a escutar nos dormitórios, e fechou por dentro a porta); ..." (Camilo Castelo Branco)
- "Ágata (caindo de joelhos aos pés de Júlio)

"— Mas mata-me! Mata-me, por piedade! Antes a morte, que ver, com esses desprezos, o coração rasgado fibra a fibra!" (Eça de Queiroz)

e) Isolar orações subordinadas reduzidas e desenvolvidas intercaladas.

- "Quando eu referi a Escobar aquela opinião de minha mãe (sem lhe contar as outras naturalmente) vi que o prazer dele foi extraordinário." (Machado de Assis)
- "— De resto, segundo ele, a fêmea era um ente subalterno; o homem deveria aproximar-se dela em certas épocas do ano (como fazem os animais, que compreendem estas coisas melhor que nós), fecundá-la, e afastar-se com tédio." (Eça de Queiroz)
- "O único expediente regular (para revogar uma lei que não se acha de acordo com as necessidades de uma nação) é o remédio que pode provir do Poder Legislativo." (Rui Barbosa)

f) Isolar o advérbio latino "*sic*", que significa "assim", usado quando se quer atestar a fidelidade de um texto transcrito. Geralmente os escritores mais modernos o usam quando há desvio da norma culta no trecho transcrito.

- Nessa altura, entrava em detalhes secretos da vida feminina e aduzia: "foi uma grande tristeza em saber que o doutor R. S. sabe de teus particulares moral" (*sic*). (Lima

Barreto)

⇨ **Observação:**

Como se pode perceber pelas orientações acima, os parênteses também substituem a vírgula e o travessão, embora não seja comum na língua pátria essa substituição. Entretanto, é preciso ter muito cuidado, pois em muitas construções os parênteses (e até mesmo os travessões) fazem o isolamento exclusivo de um único termo, sendo necessário o uso de uma vírgula após o termo isolado. Vejamos:

- Quando chegou, a reunião já havia começado. (Emprego obrigatório da vírgula para separar a oração adverbial temporal, anteposta à oração principal).
- Quando chegou (ele só chega atrasado), a reunião já havia começado. (Veja que nesse exemplo os parênteses isolam apenas a oração interferente "ele só chega atrasado", sendo necessário o emprego da vírgula para separar a oração subordinada adverbial temporal, anteposta à oração principal.

9.2.10 COLCHETES ([ ])

Os colchetes apresentam emprego semelhante ao dos parênteses. Aliás, os colchetes são considerados como "parênteses em forma angular" ou "parênteses quadrados". O emprego mais largo deste sinal ocorre na matemática, quando os colchetes precedem os parênteses numa equação.

9.2.11 TRAVESSÃO (–)

É o sinal de pontuação representado por um traço de certa extensão, um pouco mais longo que o hífen, que geralmente simboliza pausas dentro da estrutura oracional. Logo, emprega-se para:

a) Substituir a vírgula e até mesmo os parênteses, indicando uma pausa mais extensa, mais profunda, mais enfática.

- "Todo aquele dia lhe aparecia como enevoado, sem contornos, à maneira de um sonho antigo – onde destacava a cara balofa e amarelada do padre, e a figura medonha de uma velha, que estendia a mão adunca, com uma sofreguidão colérica, empurrando, rogando pragas, quando, à porta da igreja, Jorge comovido distribuía patacos." (Eça de Queiroz)
- "Entre quarenta e oito liberais de um lado, que sustentam o projeto, e quarenta e um conservadores do outro, que o combatem, vós – *os nove* – preferis fundir-vos na minoria

inimiga do vosso partido, para com essa aliança constituir maioria hostil ao gabinete." (Rui Barbosa)

- "Boas, ou más, justas, ou falsas, liberais, ou revolucionárias, dêem-lhes lá os qualificativos que quiserem (depois os discutiremos), – a verdade é que o que, precisamente, se não podia esperar do redator-chefe desta folha, eram outras opiniões, outras conclusões, outras atitudes, que não as mantidas por ele nestas colunas." (Rui Barbosa – *Obras seletas*)

⇨ **Observação:**

Perceba que o emprego de um sinal de pontuação não elide o emprego de um outro. Prova disso é o último exemplo extraído de um discurso do mestre Rui Barbosa, cujos termos foram publicados em 2 de abril de 1889, em um diário de notícias daquele tempo.

- Quando ele chegou às 9h45min – ele sempre chegava atrasado –, o diretor já fizera os comentários iniciais.

b) Para indicar a mudança de interlocutor nos discursos narrativos.

- "Na varanda achei prima Justina, passeando de um lado para outro. Veio ao patamar e perguntou-me onde estivera.

  — Estive aqui ao pé, conversando com D. Fortunata, e distraí-me. É tarde, não é? Mamãe perguntou por mim?

  — Perguntou, mas eu disse que você já tinha vindo." (Machado de Assis)

9.3 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (Juiz de Direito – TJ/SP) Assinale a alternativa correta quanto à pontuação.

   a) É certo que um acordo, embora, às vezes, possa haver condições não almejadas pelas partes, torna-se mais vantajoso, após anos de litigância, do que a expectativa de uma decisão desfavorável.

   b) É certo, que um acordo, embora às vezes possa haver condições, não almejadas, pelas partes, torna-se mais vantajoso após anos de litigância, do que a expectativa de uma decisão, desfavorável.

   c) É certo, que um acordo, embora, às vezes, possa haver, condições não almejadas pelas partes, torna-se, mais vantajoso, após anos de litigância, do que a expectativa de uma decisão desfavorável.

   d) É certo que um acordo, embora, às vezes, possa haver, condições não almejadas,

pelas partes, torna-se mais vantajoso após anos de litigância do que a expectativa de uma decisão desfavorável.

2. (UFRS) Assinale o texto de pontuação **correta**.

a) Eu, posto que creia no bem não sou daqueles que negam o mal.
b) Eu, posto que creia, no bem, não sou daqueles, que negam, o mal.
c) Eu, posto que creia, no bem, não sou daqueles, que negam o mal.
d) Eu, posto que creia no bem, não sou daqueles que negam o mal.
e) Eu, posto que creia no bem, não sou daqueles, que negam o mal.

3. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa em que o texto esteja **corretamente** pontuado.

a) Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo sem chapéu trazendo pela mão, uma menina de quatro anos.
b) Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja, um sujeito baixo, sem chapéu, trazendo pela mão, uma menina de quatro anos.
c) Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo, sem chapéu, trazendo pela mão uma menina de quatro anos.
d) Enquanto eu, fazia comigo mesmo, aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo sem chapéu, trazendo pela mão uma menina de quatro anos.
e) Enquanto eu fazia comigo mesmo, aquela reflexão, entrou na loja, um sujeito baixo, sem chapéu trazendo, pela mão, uma menina de quatro anos.

4. (Cefet-PR) Assinale o item em que o texto está **corretamente** pontuado.

a) Não nego, que ao avistar a cidade natal tive uma sensação nova.
b) Não nego que ao avistar, a cidade natal, tive uma sensação nova.
c) Não nego que, ao avistar, a cidade natal, tive uma sensação nova.
d) Não nego que ao avistar a cidade natal tive uma sensação nova.
e) Não nego que, ao avistar a cidade natal, tive uma sensação nova.

5. (FCC – Soldado PM/BA) Está inteiramente correta a pontuação da seguinte frase:

a) Ao longo do tempo, verificou-se que o homem é capaz de se valer de suas experiências, sobretudo as mais marcantes, para se prevenir contra tudo o que possa vir a representar uma ameaça para ele.
b) Ao longo do tempo verificou-se, que o homem, é capaz de se valer de suas experiências, sobretudo as mais marcantes para se prevenir contra tudo, o que

possa vir a representar uma ameaça para ele.

c) Ao longo do tempo, verificou-se que o homem é capaz, de se valer de suas experiências, sobretudo, as mais marcantes, para se prevenir, contra tudo o que possa vir a representar, uma ameaça para ele.

d) Ao longo do tempo verificou-se que, o homem, é capaz de se valer, de suas experiências, sobretudo as mais marcantes para se prevenir contra tudo o que o que possa vir a representar: uma ameaça para ele.

e) Ao longo do tempo, verificou-se, que o homem é capaz de se valer de suas experiências, sobretudo as mais marcantes para se prevenir contra tudo o que possa vir a representar: uma ameaça para ele.

6. (FMU-SP) Em: "A menina, conforme as ordens recebidas, estudou":

a) há erro na colocação das vírgulas.

b) a primeira vírgula deve ser omitida.

c) a segunda vírgula deve ser omitida.

d) a forma de colocação das vírgulas está correta.

e) n.d.a.

7. (UM-SP) Os trechos a seguir tiveram sinais de pontuação suprimidos e alterados. Aponte aquele cuja pontuação permaneceu gramaticalmente **correta**.

a) A ideia do ministro extraordinário dos Esportes, Édson Arantes do Nascimento, o Pelé de colocar na cadeia "os meninos" que participam de brigas entre torcidas organizadas é para ficar no jargão esportivo, uma "bola fora".

b) Parece que, o Pelé do milésimo gol, que pedia escola para "esses meninos", também era bem mais sábio do que o que hoje lhes propõe "cadeia".

c) Os otimistas olham e dizem: Ah, está meio cheio. Mas os pessimistas, vêem o mesmo copo, a mesma quantidade de água e acham que está meio vazio.

d) A pesquisa, descrita na edição de hoje da revista científica britânica "Nature", é mais um dado na busca pelos cientistas de compreender os mecanismos moleculares da embriogênese, ou seja, a formação e o desenvolvimento dos seres vivos.

e) Como os bens públicos não podem ser penhorados os precatórios entram em ordem cronológica no orçamento do governo.

8. (FCC – Analista Judiciário – TRF 3.ª Região) É preciso **suprimir** uma ou mais vírgulas na seguinte frase:

a) É possível que, em vista da quantidade e de seu poder de sedução, as ficções de

nossas telas influenciem nossa conduta de forma determinante.

b) Independentemente do mérito dos professores, as escolas devem, com denodo, estimular os sonhos dos alunos.

c) É uma pena que, hoje em dia, tantos e tantos jovens substituam os sonhos pela preocupação, compreensível, diga-se, de se inserir no mercado de trabalho.

d) O fato de serem, os adolescentes de hoje, tão "razoáveis", faz com que a decantada rebeldia da juventude dê lugar ao conformismo e à resignação.

e) Se cada época tem os adolescentes que merece, conforme opina o autor, há também os adolescentes que não merecem os adultos de sua época.

9. (Fesb-SP) Assinale a alternativa correspondente ao período de pontuação **correta**.

a) Na espessura do bosque, estava o leito da irara ausente.

b) Na espessura, do bosque; estava o leito, da irara ausente.

c) Na espessura do bosque; estava o leito, da irara, ausente.

d) Na espessura, do bosque estava o leito da irara ausente.

e) Na espessura, do bosque estava, o leito da irara ausente.

10. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa em que o texto está pontuado **corretamente**.

a) Matias, cônego honorário e, pregador efetivo estava compondo um sermão quando começou o idílio psíquico.

b) Matias, cônego honorário e pregador efetivo, estava compondo um sermão, quando começou o idílio psíquico.

c) Matias cônego honorário e pregador efetivo estava compondo um sermão quando começou o idílio psíquico.

d) Matias cônego honorário e pregador efetivo, estava compondo um sermão quando começou o idílio psíquico.

e) Matias, cônego honorário e, pregador efetivo, estava compondo um sermão quando começou o idílio psíquico.

GABARITO

1 – A	2 – D	3 – C
4 – E	5 – A	6 – D
7 – D	8 – D	9 – A
10 – B		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

IV

PARTE ESPECIAL

CAPÍTULO 1

EMPREGO DO INFINITIVO

1.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Sem dúvida nenhuma, estamos aqui diante de um dos assuntos mais complexos da língua portuguesa. Afinal, quem nunca teve dúvidas com estruturas do tipo: “Estas coisas estão aqui para SER (ou SEREM) organizadas pelos funcionários?”.

Neste capítulo, estudaremos as regras que orientam o emprego do infinitivo em português — um assunto geralmente cobrado nos grandes concursos. Salientamos de antemão que aqui não conseguiremos exaurir todas as possíveis aplicações desta forma nominal.

Em primeiro lugar, cumpre dizer que o infinitivo é uma forma nominal do verbo, ou seja, é um nome (no caso, funciona como um “substantivo”) que designa a ação ou estado de modo geral.

- Dançar faz bem aos músculos.
- É importante comer bem para evitar problemas cardíacos.
- É proibido vender bebidas alcoólicas a menores.
- Falar alto prejudica as pregas vocais.

Percebe-se, com os exemplos acima, que as ações verbais fazem abstração do sujeito e do tempo, ou seja, a ação verbal não apresenta o ser que as pratica e não se situa em nenhum tempo (passado, presente ou futuro).

Na língua portuguesa, o infinitivo apresenta-se tanto na forma impessoal (também chamada de “não flexionada”) quanto na forma pessoal (também chamada de “flexionada”).

O infinitivo impessoal é marcado pela desinência “-r”. Já o infinitivo pessoal apresenta as seguintes desinências:

- 1.ª conjugação ⇨ -ar, -ares, -ar, -armos, -ardes, -arem.
- 2.ª conjugação ⇨ -er, -eres, -er, -ermos, -erdes, -erem.

• 3.ª conjugação ⇨ -ir, -ires, -ir, -irmos, -irdes, -irem.

1.ª conjugação	*2.ª conjugação*	*3.ª conjugação*
AMAR	**VENDER**	**PARTIR**
am**ar** (eu)	vend**er** (eu)	part**ir** (eu)
am**ares** (tu)	vend**eres** (tu)	part**ires** (eu)
am**ar** (ele)	vend**er** (ele)	part**ir** (ele)
am**armos** (nós)	vend**ermos** (nós)	part**irmos** (nós)
am**ardes** (vós)	vend**erdes** (vós)	part**irdes** (vós)
am**arem** (eles)	vend**erem** (eles)	part**irem** (eles)

⇨ Observações:

a) Os verbos regulares apresentam a mesma forma para o infinitivo pessoal e o futuro do subjuntivo. A distinção entre um e outro é perceptível no emprego. O futuro do subjuntivo, primeiramente, apresenta um fato duvidoso, eventual ou hipotético no futuro, enquanto o infinitivo não situa a ação no tempo. Ademais, o futuro do subjuntivo admite a anteposição de conjunções subordinadas, como "quando" e "se", ao passo que o infinitivo as rejeita — este admite apenas a anteposição de preposições. Observe abaixo:

- Se ganhar (futuro do subjuntivo) o prêmio, comprarei dois novos livros.
- Adquiri dois bilhetes para ganhar (infinitivo) o prêmio que será sorteado.
- Quando comprarmos (futuro do subjuntivo) o carro, viajaremos para São Paulo.
- O banco liberou o empréstimo para comprarmos (infinitivo) o apartamento.

b) Quando o verbo é irregular, o infinitivo é distinto do futuro do subjuntivo.

infinitivo pessoal, 3.ª pessoa do plural

- A proporem um diálogo sem fundamentação teórica, prefiro contarem piadas sem graça.

futuro do subjuntivo, 3.ª pessoa do plural

- Se eles propuserem um diálogo sem fundamentação teórica, retirar-me-ei do recinto.

futuro do subjuntivo, 3.ª pessoa do plural

- "Um dia quando todos os livros forem queimados por inúteis, há de haver algum, ... , que ensine esta verdade aos homens." (Machado de Assis)

- "Não são só palavras, primo — retorquiu Teresa com gravidade — são sentimentos que merecem a sua estima, por serem verdadeiros." (Camilo Castelo Branco)

infinitivo pessoal, 3.ª pessoa plural

1.2 AS DUAS MÁXIMAS PARA O EMPREGO DO INFINITIVO

Várias são as orientações para o emprego do infinitivo que se encontram nos manuais gramaticais portugueses. Muitas apresentam contradições; outras, verdadeiros equívocos; outras ainda são confusas, difíceis de entender. Em duas orientações, porém, todos são unânimes. Daí por que consideramos essas duas regras como "máximas" para o emprego do infinitivo, e por elas devem se guiar os que pretendem empregar corretamente essa forma nominal.

I – Emprega-se o INFINITIVO IMPESSOAL (NÃO FLEXIONADO) quando a ação por ele expressa não se refere a nenhum agente determinado, ou seja, o infinitivo é essencialmente impessoal.

- Querer é poder.
- Lutar pela pátria é um ato de coragem.
- O maior mandamento é este: amar a Deus sobre todas as coisas e amar o próximo como a si mesmo.
- "Não será aleive atribuir-lhe uma pouca de astúcia ou hipocrisia, se quiserem; perspicácia seria mais correto dizer." (Camilo Castelo Branco)
- "Voar! varrer o céu com as asas poderosas,
  Sobre as nuvens! correr o mar das nebulosas,
  Os continentes de ouro e fogo da amplidão!..." (Olavo Bilac)
- "No meio destas dissertações acadêmico-literárias vem o A. a descobrir que para tudo é

preciso ter fé neste mundo.” (A. Garrett)

II – Emprega-se o INFINITIVO PESSOAL (FLEXIONADO) quando o infinitivo possui sujeito próprio — expresso ou não —, ou seja, o infinitivo é essencialmente pessoal.

- O fazendeiro comprou dois novos cavalos para correrem no pátio da fazenda. (O sujeito do verbo “correr” é o termo elíptico “dois novos cavalos”.)
- É fundamental partires agora, meu filho. (O sujeito do verbo “partir” é o pronome pessoal elíptico “tu”.)
- “Em vez de com eles se animarem os soldados, antes se desanimam e desalentam.” (Pe. Antônio Vieira *apud* Theodoro H. Maurer Jr.)
- “Endireitar Oza a arca do Testamento que ia descaindo, por causa dos bois recalcitrarem, não parecia grave irreverência.” (Manuel Bernardes *apud* Theodoro H. Maurer Jr.)
- “Que os levasse o diabo os ingleses! Isto não ficava direito sem irem todos eles barra fora.” (Machado de Assis)
- “Cerrai a porta, que há aí alguns vizinhos de andares altos, que já murmuram sermos nós ruins gastadores de tempo.” (Castilho *apud* Souza da Silveira)

⇨ **Observação:**

Quando o sujeito do infinitivo é o mesmo sujeito do verbo da oração antecedente, a flexão do infinitivo torna-se facultativa. Neste caso, deve-se dar preferência ao infinitivo não flexionado, por ser mais eufônico, mais elegante para o período.

- Tu não tens problemas apesar de **ESTAR** /ou/ **ESTARES** com o rosto turbado.

O sujeito do verbo “estar” é o mesmo sujeito da oração que o antecede: “tu”

- Pedro e João foram acusados de **BOICOTAR** /ou/ **BOICOTAREM** a greve.
- Deixastes a sala para **FAZER** /ou/ **FAZERDES** um comentário com o chefe?
- Nós sempre fomos pontuais em **ELABORAR** /ou/ **ELABORARMOS** os relatórios do setor.
- Muitos jovens lutam bastante a fim de **CRIAR** /ou/ **CRIAREM** um mundo melhor.
- Os mais diversos países do planeta vêm buscando formas de **SE APROXIMAR** e **DE INCREMENTAR** /ou/ **SE APROXIMAREM** e **DE INCREMENTAREM** suas relações

econômicas, sociais e culturais.

A partir dessas duas orientações, ficamos mais tranquilos quanto ao estudo dos demais casos em que se emprega um ou outro tipo de infinitivo, pois sabemos que os outros casos sempre comportam exceções, o que torna o emprego do infinitivo uma das mais difíceis tarefas para o estudioso da língua portuguesa.

Como tantos outros estudiosos, tentaremos sistematizar alguns outros empregos do infinitivo, sem a menor pretensão, entretanto, de exaurir o assunto.

Além das duas primeiras regras, acima estudadas, emprega-se também o infinitivo nos casos apresentados a seguir.

1.3 INFINITIVO IMPESSOAL

a) Quando apresenta sentido de imperativo.

- "Viver é lutar." (Gonçalves Dias *apud* M. Said Ali)
- "Caminhar! Caminhar!... O deserto primeiro,
  O mar depois... Areia e fogo... Foragida,
  A tua raça corre os desastres da vida,
  Insultada na pátria e odiada no estrangeiro!" (Olavo Bilac)

b) Quando vem regido das preposições "de" ou "em", com sentido passivo — embora apresente forma "ativa" —, completando certos adjetivos, tais como "fácil, difícil, duro, raro, capaz, bom, mau, digno, impossível" e outros.

- "Eu não sou muito difícil em admitir prodígios quando não sei explicar os fenômenos por outro modo." (A. Garrett)
- "O rapaz está caído por alguma das tais francesinhas; e elas que são umas jibóias!... Finas como um alhambre, mas capazes de engolir um homem!..." (José de Alencar)
- "Diante do jockey, sem chapéu, com a face a estoirar de sangue, gritava-lhe que era indigno de estar ali, entre gente decente!" (Eça de Queiroz)

c) Quando vem regido da preposição "para" e apresenta sentido indiscutivelmente passivo.

- "Foi ela que me recomendou aqueles dois quadrinhos, quando andávamos os três, a ver coisas para comprar." (Machado de Assis)
- "— Perderia a fala com o susto — aventou o cabo, e sacudiu-a pelos ombros para lhe

desemperrar a língua." (Camilo Castelo Branco)

⇨ **Observação:**

Nos dois últimos exemplos acima, as estruturas podem ser convertidas para "... coisas para ser compradas." e "... para ser desemperrada a língua dela.", respectivamente.

l) Quando, embora não preposicionado, apresenta sentido claramente passivo.

- "O mesmo dia os viu batizar." (Machado de Assis, apud Gladstone C. de Melo)
- "... nada mais fácil ao sr. professor do que fazer a demonstração prática de tudo isso, levando para a escola diversos frutos, anatomizando-os, e fazendo-os anatomizar pelos seus discípulos." (Castilho *apud* Sousa da Silveira)

⇨ **Observação:**

Nos dois exemplos acima, os infinitivos podem ser claramente substituídos por "serem batizados" e "serem anatomizados".

e) Quando forma locução verbal (construção perifrástica). Neste caso, funcionarão, geralmente, como auxiliares do infinitivo, verbos do tipo "vir, ter, haver, dever, poder, costumar, começar, continuar, tornar, querer, estar, ficar". Muitas destas construções aparecem ligadas por preposições como "a, de, por".

- Afinal vim a saber o que acontecera.
- A construção da igreja está por acabar.
- Parece que vai chover hoje à tarde.
- Tenho de estudar para a prova de amanhã.
- Nada podia fazer sem que ele consentisse.
- Todos costumam sair aos sábados para as baladas.

f) Quando, regido da preposição "a", equivale a um gerúndio em locução verbal com os verbos auxiliares "estar, ficar" entre outros, construção esta muito usual em Portugal.

- Todos os passantes estavam a dormir naquele momento. (Isto é, "estavam dormindo")
- "— Bem dizia eu que aquela janela...

— É a janela dos rouxinóis...
— Que lá estão a cantar." (Camilo Castelo Branco)

g) Quando o infinitivo é dependente de verbos como "ver, ouvir, mandar, fazer, deixar" e análogos, numa estrutura em que se empregue um pronome pessoal oblíquo que seja ao mesmo tempo objeto do verbo regente e sujeito do verbo regido.

- E não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal.
- Até agora não me mandaram limpar nada aqui na empresa.
- "O erro de Capitu foi não deixá-los crescer infinitamente, antes diminuir até às dimensões normais, e dar-lhe o movimento do costume." (Machado de Assis)
- "Os mesmos olhos claros e atentos, a mesma boca cheia de graça, as mãos finas, e uma cor viva nas faces que as fazia crer pintadas de sangue." (Machado de Assis)
- "Assim pode ser, mas, ainda agora, neste solene momento, me domina a vontade de fazer-te sentir que eu não podia viver." (Camilo Castelo Branco)

⇨ **Observação**

Quando o sujeito desses verbos causativos e sensitivos (mandar, deixar, fazer, ver, ouvir, sentir e análogos) é formado por um substantivo, a flexão do infinitivo é facultativa.

- Mandei **os meninos** ENTRAR/ENTRAREM na sala.
- As variações do dólar fizeram os governos latinos AUMENTAR/AUMENTAREM as proteções comerciais.
- Durante a confusão, nós vimos vários manifestantes PULAR/PULAREM a cerca de proteção.

1.4 INFINITIVO PESSOAL

Deve-se empregar o infinitivo pessoal (flexionado):

a) Quando se emprega na 3.ª pessoa do plural para indicar a indeterminação do sujeito.

- "Nunca se pôde saber donde saíra aquela criança; como chegara até o terreiro sem darem por ela." (José de Alencar, apud Sousa da Siveira)

- Tenho a impressão de que deixaram o maçarico aqui para arrombarem a porta de ferro durante a madrugada.

b) Quando a clareza exige, para evitar uma possível ambiguidade, que se indique qual é o sujeito da oração.

- "Ó Netuno, lhe disse, não te espantes
  De Baco nos teus reinos receberes,
  Porque também cos grandes e passantes
  Mostra a Fortuna injusta seus poderes."

(Camões — Os Lusíadas apud Gladstone C. de Melo)

- "Perdoe-te o céu o haveres-me obrigado a sacrificar aos pés desse orgulho o sentimento de amor que se alevantara neste coração." (A. Herculano, apud Gladstone C. de Melo)

c) Quando se quer enfatizar o sujeito da oração infinita.

- Os diretores afirmaram-nos estarem despreparados para participar da reunião naquele momento.
- "E talvez saia assim a flor mais bela, o meu jardineiro afirma que as violetas, para terem um cheiro superior, hão mister de estrume de porco." (Machado de Assis)
- "Ainda na borda do rochedo aprumado sobre a água se enxergavam alguns orifícios profundos, que mostravam terem servido para embeber as traves de ponte lançada para a outra margem, também elevada e penhascosa." (A. Herculano)

d) Quando o infinito, mesmo com sujeito elíptico, precede a oração principal.

- Acusados de boicotarem a greve, Pedro e Paulo foram demitidos da empresa.
- Por teres mais conhecimento em inglês do que o gerente, tu foste escolhido para representar a empresa na reunião.
- Antes de fazerem a reclamação no setor de pessoal, vejam vocês os relatórios do funcionário.

⇨ **Observação:**

Quando o infinitivo vier precedido do verbo PARECER, pode-se flexionar um ou outro verbo.

- "Ao menos, tu serás minha! — exclamou o amir, lançando a mão ao braço da donzela

vestida de branco, a quem o terror desta cena rapidíssima tornara imóvel, como uma dessas estátuas que parecem orar sobre os sepulcros nas catedrais da Idade Média." (A. Herculano)

- "As vagas teorias do socialismo, os sonhos do comunismo não me parecem provar senão a impotência da forma contra o poder da matéria." (Almeida Garret)
- "... e no horizonte não se vêem senão os topos pardo-azulados das serras do Algarve, que parece fugirem tanto quanto os cavaleiros caminham." (A. Herculano)
- "... olhos desvairados parecia buscarem o vulto lúgubre e tétrico da forca." (Rebêlo da Silva, apud Arthur A. Tôrres)

1.5 EMPREGO DO INFINITIVO EM LOCUÇÕES PASSIVAS COM O VERBO "SER"

Eis um ponto em que os alunos têm muitas dúvidas: o emprego correto do infinitivo passivo cuja estrutura apresenta o verbo SER, no infinitivo, e um PARTICÍPIO.

- Trouxe-nos livros com muitas histórias para _____??_____ CONTADAS.
  SER /ou/ SEREM

Sem dúvida, nem sempre é fácil transmitir para o estudante da língua uma orientação consistente, uma vez que o emprego do infinitivo obedece, muitas vezes, a questões de ênfase, colocação etc. Sugerimos, entretanto, as seguintes orientações para o emprego do infinitivo passivo formado com o verbo SER:

a) Emprega-se frequentemente a forma flexionada do verbo SER passivo, quando o sujeito do infinitivo estiver no plural e vier à frente da preposição. Teremos, então, a estrutura: SUJEITO + PREPOSIÇÃO + SEREM + PARTICÍPIO.

- Ontem pegamos os livros a serem analisados durante as férias.
  sujeito + prep. + serem + particípio
- "O homem não tornou cá, nem as pelintronas das filhas, que hão de pôr a cara onde a Sr.ª D. Ângela põe os pés para serem afagados." (Camilo Castelo Branco)
- Todas as cidades a serem inspecionadas pelo auditor ficam na região Nordeste.
- Não concordamos com os métodos a serem usados na avaliação dos candidatos.

b) Emprega-se preferencialmente a forma flexionada SEREM quando, a despeito de o sujeito ser comum entre as orações, este for de número plural.

- "Fizeram bem em partir depressa, porque se se demorassem alguns minutos, corriam o risco de serem devorados pelos olhos dos vizinhos." (Manuel A. de Almeida)

- “No mesmo ano, os dois passam a viver juntos para serem presos dois anos depois, como adúlteros.” (Camilo Castelo Branco)
- “As criadas, por escrúpulo, eram examinadas em doutrina antes de serem aceitas.” (Eça de Queiroz)
- “Clara recebia aquelas cartas com uma emoção de quem recebe mensagens divinas. Entretanto, eram pessimamente escritas, a ponto de não serem, às vezes, entendidas, tão caprichosa era a ortografia delas.” (Lima Barreto)

c) Emprega-se preferencialmente a forma não flexionada quando o infinitivo passivo do verbo “SER” servir de complemento nominal para adjetivos do tipo “fácil, difícil, capaz, raro, mau, digno etc.”

- Foram questões fáceis de ser respondidas.
- Víamos, naquele local, muitas mulheres dignas de ser louvadas.
- Ensinei a muitos alunos capazes de ser aprovados em quaisquer concursos.

CAPÍTULO 2

FUNÇÕES MORFOLÓGICAS DAS PALAVRAS “QUE”, “SE” E “COMO”

Eis aqui um assunto de fundamental importância, pois as bancas com muita frequência cobram este conhecimento. Aqui não trataremos da função sintática desses vocábulos, mas tão somente da função morfológica que desempenham numa determinada estrutura.

Sugiro que estude este ponto mais de uma vez. Preferencialmente, faça-o em dias diferentes para que o conhecimento se consolide mais. Se tiver dificuldades, consulte o seu professor. Vamos lá...

2.1 FUNÇÕES MORFOLÓGICAS PARA PALAVRA “QUE”

Sem dúvida, o vocábulo “QUE” é um dos mais versáteis da nossa língua, porquanto apresenta várias funções. Vejamos...

1. **Substantivo** → quando vem determinada por artigos ou outras classes de palavras, ou quando equivale a “qualquer coisa de”. Neste caso, equivalerá a um monossílabo tônico, fato que exigirá o acento circunflexo.

- Ela hoje tem um **quê** de esquisito.
- Aquele **quê** foi mal empregado.
- Um **quê** de mistério cercava o ambiente.
- Pairava no ar um **quê** de tristeza.
- “Os **quês** tornam o estilo áspero e desagradável.” (Silveira Bueno)

2. **Pronome indefinido** → quando, vindo antes de substantivos, equivale a “quanto, quanta, quantos, quantas”. Por acompanhar substantivos, é também chamado genericamente de “pronome adjetivo”.

- **Que** felicidade tremenda sentia no peito o nosso personagem.

- **Que** saudade eu tenho da minha infância!
- "**Que** gente será? em si diziam:
  Que costumes, **que** lei, **que** rei teriam?" (Camões)

3. **Pronome relativo** → quando for possível ser substituído por "o qual, a qual, os quais, as quais". Neste caso, o "que" apresentará um antecedente o qual retomará.

- Todos leram o livro $\frac{\textbf{que}}{o\ qual}$ tu escreveste.
- A casa em $\frac{\textbf{que}}{na\ qual}$ ele mora fica perto de uma área de risco.

⇨ **Observação:**

Para aprofundar esta função morfológica, sugerimos que estude as orações adjetivas, em sintaxe do período composto.

4. **Pronome interrogativo** → quando aparece em orações interrogativas. Geralmente, nesta função, equivale a "que coisa".

- **Que** disseste naquele momento de raiva?
- "**Que** pretendia? A **que** vinha ali como um salteador noturno?" (A. Herculano)

5. **Advérbio de intensidade** → Quando, vindo antes de adjetivos ou advérbios, equivale a "quão, quanto".

- **Que** bela flor ele te deixou!
- **Que** admiráveis são os desígnios de Deus.
- **Que** perto moras da escola.

6. **Preposição** → quando equivale a "de" ou "para".

- Temos **que** cumprir o nosso dever.
- Ainda há muito **que** fazer para levantar a casa.

7. **Interjeição** → Quando revela admiração, espanto, surpresa e equivale a "oh!". Nesta função, é sempre exclamativo e acentuado.

- **Quê**! Ainda estás aí?

- **Quê**! Já são dez horas da noite!

8. **Partícula expletiva ou de realce** → É empregado para dar ênfase ou realce à estrutura oracional. Geralmente aparece sob a forma "é que". Pode ser retirado da oração sem prejuízo sintático nem semântico.

- "Bravo! que linda **que** está a senhora D. Lenita!" (Júlio Ribeiro)
- "O padre atirou, mas parece que desta vez **que** errou o tiro." (Mário Barreto)
- "Que teimoso **que** ele é." (José de Alencar)
- "**Que** me restituam os meus oficiais e obreiros portugueses..." (A. Herculano)

⇨ **Observações:**

a) O "que" expletivo geralmente vem acompanhado pelo verbo "ser", formando a expressão "é que", cujo objetivo é pôr em relevo um ou mais termos da enunciação. Veja alguns exemplos:

- "– Você fura o pano, nada mais; eu **é que** coso, prendo um pedaço ao outro, dou feição aos babados..." (Machado de Assis)
- "Feliz e esperto era o João Romão! esse, sim, senhor! Para esse **é que** havia de ser a vida!..." (Aluísio Azevedo)

b) Em algumas construções, o sujeito se coloca entre o "é" e o "que". Nesse caso, o verbo "ser" concordará com esse sujeito. Acompanhe o raciocínio:

- Os gandulas repunham a bola rapidamente. → **(Frase sem ênfase)**
- Os gandulas **é que** repunham a bola rapidamente. → **(Frase com ênfase para o sujeito)**
- *O verbo "ser" concorda com o sujeito*
  Eram os gandulas **que** repunham a bola rapidamente. → (Frase com a partição da expressão "é que")
- "As rosas **é que** são belas,
  Os espinhos **é que** picam;
  Mas **são** as rosas **que** caem,
  São os espinhos **que** ficam." (Canção popular)

c) Se entre o verbo "ser" e o "que" se interpuser um termo introduzido por uma preposição, a expressão expletiva "é que" permanecerá invariável. Observe:

- **É** neles **que** você encontra o carinho necessário à sua sobrevivência emocional.
- **É** pelas ideias defendidas pela ministra **que** o povo votará nela.

9. **Conjunção subordinativa** → quando funciona como elemento conectivo entre uma oração principal e uma oração subordinada. Podem ser:

a) **Conjunção subordinativa integrante** → liga as orações substantivas às suas respectivas orações principais.

- "Custa-me dizer **que** saí de lá encantado." (Machado de Assis)
- "Há poucas esperanças de **que** venham tão cedo a admitir a paz." (Pe. Antônio Vieira)
- Era imprescindível **que** ele se mantivesse calado naquela ocasião.

b) **Conjunção subordinativa causal** → empregada com o sentido de "porque, porquanto, já que".

- Velho **que** ele era, evitava grandes emoções.
- Ceamos à lareira **que** a noite estava fria.

c) **Conjunção subordinativa concessiva** → empregada com o sentido de "ainda que, mesmo que".

- Verdadeira **que** fossem tuas palavras, ninguém lhes dará crédito.
- Teus ensinamentos, **que** sejam profundos e arraigados na história, não foram suficientes para aprovar o aluno no exame.

d) **Conjunção subordinativa consecutiva** → empregada com o sentido de "sem que, tal que, tanto que, de tal modo que" etc.

- Não vai a uma praia **que** não tome uma cerveja.
- Falou **que** ficou rouco.

e) **Conjunção subordinativa final (emprego raro hoje em dia)** → empregada com o sentido de "para que, a fim de que".

- "Deitou-vos Deus a bênção **que** crescêsseis e multiplicásseis." (Pe. Antônio Vieira)
- Fez-lhe sinal **que** se calasse.
- Andei devagar, **que** não me ouvissem os passos.

f) Conjunção subordinativa temporal → empregada com o sentido de "logo que, desde que".

- Chegados **que** fomos, todos ficaram em pé e nos aplaudiram freneticamente.
- "Porém já cinco sóis eram passados **que** dali nos partíramos." (Camões)

g) Conjunção subordinativa comparativa → seguida ou não de "nem" e empregada em estruturas de comparação de analogia – algumas vezes com o sentido de "como".

- Ensinas melhor **que** um mestre.
- A caridade é mais bela **que** a fé.
- Ele fala **que nem** papagaio.
- "E os gotejantes jiraus, cobertos de roupa molhada, cintilavam ao sol, **que nem** lagos de metal branco." (Aluísio Azevedo)

10. Conjunção coordenativa → Quando introduz orações sindéticas em um período coordenado. Podem ser:

a) Conjunção coordenativa aditiva → empregada com o sentido de "e".

- Rezava **que** rezava, mas as assombrações não o deixavam.
- Estuda **que** estuda, e não consegue aprovação.

b) Conjunção coordenativa adversativa → seguida de "não" e empregada com o sentido de "mas".

- Outra pessoa, **que** não eu, falará sobre o assunto.
- "De outras ovelhas cuidarei, **que** não de vós." (A. Garrett)

c) Conjunção coordenativa explicativa → Quando revela uma explicação, uma justificação para a oração assindética anteposta.

- Não chores, **que** fico triste.
- Abandone esse vício, **que** ele poderá levá-lo à morte.

2.2 FUNÇÕES MORFOSSINTÁTICAS DA PALAVRA "SE"

Mais uma vez, vamos nos deparar com um vocábulo bastante “largo” em nossa língua, pois possui inúmeras funções morfológicas e sintáticas. Vejamos:

1) **Pronome apassivador** → associado a um verbo transitivo direto ou a um verbo transitivo direto e indireto, forma a voz passiva sintética (também chamada de pronominal). Neste caso, o “se” é chamado de “partícula (ou pronome) apassivador ou apassivante”. Veja:

- Ali não **se** alugavam outras coisas, senão roupas de frio.
- Durante as festas, construíram-**se** novas arquibancadas ao longo da avenida.
- Na fazenda, já **se** tinham vacinado vários bois quando o veterinário chegou.

2) **Índice de indeterminação do sujeito** → quando está associado a verbos intransitivos, transitivos indiretos ou relacionais (verbos de ligação). Vejamos alguns exemplos:

- De fato, não **se** devem assistir a filmes que atentem contra os bons costumes.
- “Entra-**se** na política por vocação legítima; não **se** entra por brincadeira.” (Machado de Assis)
- De fato, na vida não **se** deve morrer por tão pouco.

3) **Sujeito de verbos no infinitivo** → é um caso raro; o “se” funciona como o sujeito de um infinitivo que é núcleo de uma oração reduzida. Veja:

- O cego deixava-**se** levar por seu guia.
- “E ele deixou-**se** estar a contemplá-la, mudo e tranquilo, como um faquir.” (Machado de Assis)

⇨ **Observação:**

Este caso (pronome átono em função subjetiva – como sujeito) só ocorre com o infinitivo dependente de verbos causativos e sensitivos como “deixar, mandar, fazer, ver, ouvir”, embora alguns gramáticos de renome, como o professor Silveira Bueno, não aceitem a existência de um “se” na função de sujeito.

4) **Partícula expletiva ou de realce** → ocorre como mero elemento de realce. Neste caso, pode ser retirado da estrutura sem prejuízo gramatical.

- Ele está ansioso por amigo que **se** demora.
- Já **se** passaram tantas horas, e ele não dá notícias.
- Vão-**se** os últimos raios do sol, em um dia ensolarado.
- Naquele momento, o vinho acabou-**se** nos copos de todos.

5) **Parte integrante de verbos essencialmente pronominais** → neste caso, o "se" não apresentará função sintática.

- Todos **se** arrependeram dos atos praticados durante a festa.
- Elas ainda **se** lembram de todos os fatos em seus mínimos detalhes.
- Os alunos muito **se** alegraram com a chegada do novo professor.
- "Condoeu-**se** o juiz, e revelou ao colega as suas averiguações..." (Camilo C. Branco)

6) **Pronome reflexivo, objeto direto** → função bastante comum exercida pelo pronome "se". Neste caso, o "se" indica a reflexibilidade da ação, pois a ação recai sobre o sujeito, enunciado agora no pronome reflexivo "se".

- Hitler **se** matou quando não mais viu possibilidade de implementar suas ações.
- Ao ouvir os tiros, todos **se** esconderam nas proximidades do morro.
- Quando o namorado tocou a campainha, ela **se** vestiu num piscar de olhos.
- "Olhe, um conselho: – Faça-**se** forte aqui, faça-**se** homem." (Raul Pompéia)
- "Mas, espere, tomou o colchoeiro, o senhor feriu-**se**?" (Machado de Assis)

⇨ **Observação:**

Convém citar preciosa lição colhida do insigne mestre Eduardo Carlos Pereira: "Para que haja voz reflexiva, expressa pelo pronome 'se', é indispensável que o núcleo do sujeito seja um substantivo que nomeie um ser capaz de agir: – Ele **se** feriu."

7) **Pronome reflexivo, objeto indireto** → função não muito comum, já que o "se" frequentemente exerce a função reflexiva como "objeto direto". Em tais construções, o "objeto direto" sempre vem claro na estrutura e se percebe nitidamente o "se" reflexivo funcionando como dativo, isto é, como objeto indireto.

- Ele arroga-**se** o direto de trocar a mercadoria além do prazo legal.

- Diante das reclamações, o gerente impôs-**se** a obrigação de nunca mais aceitar cheques de terceiros.

8) **Pronome reflexivo recíproco (morfologicamente), objeto direto** → neste caso, o "se" equivalerá a "um ao outro, uma à outra".

- Após o casamento, os noivos **se** abraçaram longamente.
- Na reunião, os diretores **se** esmurraram por causa de uma questão polêmica.
- Não sei como vocês **se** fizeram amigos.

9) **Pronome reflexivo recíproco (morfologicamente), objeto indireto.**

- Os noivos deram-**se** as mãos para o início da cerimônia.
- Os inimigos deram-**se** as costas.
- "Falar aos corações com o seu presumem,
  Como aves que, piando, **se** respondem." (Camilo C. Branco)

10) **Conjunção subordinativa condicional** → quando introduz orações subordinadas condicionais.

- **Se** ele fosse conosco, as coisas seriam mais fáceis.
- Envie um e-mail para nossos atendentes **se** você quiser fazer parte da equipe de vendas.

11) **Conjunção subordinativa integrante** → introduz orações substantivas que traduzem ideia de hipótese, dúvida, incerteza.

- Até agora não sabemos **se** eles virão ou não.
- Só amanhã verei **se** posso ir para a confraternização.
- "Adelaide, meio triste, perguntou-lhe **se** queria jantar." (Adolfo Caminha)

12) **Conjunção subordinativa causal** → empregada em raras construções com o sentido de "já que, visto que".

- **Se** sabias que eu não tinha condições para a missão, por que me enviaste?
- "**Se** a morte sabes dar com fogo e ferro, sabe também dar vida com clemência." (Camões)

2.3 FUNÇÕES MORFOLÓGICAS DA PALAVRA "COMO"

Menos complexas que os empregos de "que" e "se" são as funções morfológicas da palavra "como". Vamos a elas:

1. **Conjunção subordinativa causal** → neste caso, introduzirá a oração causal e equivalerá a "porque, já que, visto que".

- **Como** não o deixaram entrar sem o convite, fez uso do telefone e ligou para um amigo de influência.
- "Entretanto, **como** tinha as suas presunções fidalgas, repugnava-lhe ver o filho casado com uma criada preta, ou com uma pobre mulata costureira, ou com uma moça branca lavadeira e analfabeta." (Lima Barreto)
- "Sucedeu, porém, que, **como** eu estava cansado, fechei os olhos três ou quatro vezes; tanto bastou para que ele interrompesse a leitura e metesse os versos no bolso." (Machado de Assis)

2. **Conjunção subordinativa conformativa** → neste caso, introduzirá um adjunto adverbial oracional de conformidade e equivalerá a "conforme, segundo, consoante".

- Eu falarei **como** prometi.
- "Ele não tinha, **como** diz o povo, malícia no coração." (Lima Barreto)

3. **Conjunção subordinativa comparativa** → nesse caso, introduzirá um adjunto adverbial oracional de comparação e equivalerá a "assim como, tal como".

- Ela era linda **como** as rosas da primavera.
- "Duas opulências, que se realçam **como** a flor em vaso de alabastro; dois esplendores que se refletem, **como** o raio de sol no prisma do diamante." (José de Alencar)

⇨ **Observação:**

Não raro, em estruturas subordinadas, a conjunção comparativa "como" aparece junto à conjunção "se". Neste caso, as ideias adverbiais de "modo" e "condição" se condensam e nasce o nexo adverbial "como se". Observe:

- Trabalhavam arduamente, **como se** o mundo fosse acabar em poucos dias.

Entenda-se...

→ Trabalhavam arduamente **como (trabalhariam) se** o mundo fosse acabar em poucos dias.

Outros exemplos:

- "Também a abóbada estava firme, **como se** fora de bronze." (A. Herculano)
- "A voz da mãe era agora mais perto, **como se** viesse já da porta dos fundos." (Machado de Assis)
- "O velho parecia pensativo, **como se** adivinhasse que era chegada para ele a hora do martírio." (A. Herculano)
- "D. Firmina se aproximara. A moça, retribuindo com um afável cortejo ao cumprimento do Alfredo, passou **como se** não se apercebesse de Fernando, e subiu à segunda ordem." (José de Alencar)
- "Os móveis luziam, **como se** tivessem chegado na véspera da casa do marceneiro." (Aluísio Azevedo)

4. Verbo → neste caso, indicará uma ação e apresentará predicação completa (intransitivo) ou incompleta (transitivo direto).

- Eu sempre **como** frutas no café da manhã.
- "O mais do tempo é gasto em hortar, jardinar e ler; **como** bem e não durmo mal." (Machado de Assis)

5. Preposição → emprego bastante comum; neste caso, o "como" poderá:

a) introduzir termos qualificativos (apostos e predicativos), equivalendo a "por, para, de, na qualidade de".

- "Alistamo-nos *preposição* **como** voluntários num regimento de cavalaria." (Arnaldo Gama *apud* Mário Barreto)
- "Mancebo, o numeroso clero das paróquias vizinhas considerava-o **como** o mais venerável entre os seus irmãos no sacerdócio." (A. Herculano)
- Sempre o tivemos **como** *preposição* o mais sábio da turma.

b) introduzir elementos exemplificativos e significará "por exemplo, a saber". Observe:

- “À medida que as ciências modernas, **como** a medicina, evoluem, damo-nos conta do quanto realmente ainda desconhecemos.” (A. Houaiss)

6. **Pronome relativo** → quando equivale a “pelo qual, pela qual, segundo o qual, segundo a qual”; geralmente apresenta como antecedentes os substantivos “modo, maneira, forma”.

- A maneira **como** ela lhes falava assustava a todos.
- Até agora a polícia não sabe o modo **como** o assassino saiu do quarto.
- Falei tudo a ele, menos a forma **como** eles me tratavam durante os finais de semana.

7. **Pronome interrogativo** → quando ao “como” se antepõe a preposição “a” para se saber “o preço, o valor” de determinada coisa ou produto; possui sentido equivalente a “por quanto dinheiro, por qual valor” – é uma forma coloquial e pouco usual nos dias de hoje. Observe:

- Os ovos **a como** são?
- **A como** vendes esses pêssegos aí?

8. **Advérbio interrogativo de modo** → quando equivale a “de que modo?, de que maneira?”

- **Como** chegaste aqui?
- **Como** está a menina?
- **Como** se chama isto aqui?

2.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. Determine a função do QUE nos exemplos a seguir:

   a) Sentia-se humilhado com o papel avulso que exercia desde séculos.
   b) Que queres tu, perguntou ele?
   c) Mandai que as mais afinadas cítaras e alaúdes o recebam!
   d) Por acaso, sabes o que ele fez?
   e) Mas não quero parecer que me detenho em coisas miúdas.
   f) Melhor é que te cales e te retires.

g) Dom Donzel, onde é que está el-rei?

h) Que doce a vida não era
Nessa rizonha manhã.

i) Era tão universal que dotou a poesia com nova metragem.

j) O outro era alfaiate, e ainda maior credor que o primeiro.

k) Que lhe parece tudo isso?

l) Eis as razões com que ele se defende.

2. Determine a função do SE nos exemplos a seguir:

a) A moça escondeu-se atrás da cortina.

b) O general deu-se ares de ditador.

c) Os lutadores esmurravam-se no palanque.

d) O cego deixava-se levar pelo guia.

e) Há coisas que melhor se dizem calando.

f) As crianças lavaram-se nas águas claras do riacho.

g) Dançou-se muito na festa de formatura.

h) Ele muito se arrependera do que fez.

i) Os dois homens cumprimentaram-se friamente.

j) Já se veem os primeiros raios do sol.

k) Todos se apiedaram do mendigo.

l) Depois o vento se foi também.

3. (FGV) Esposamos a ideia de <u>que</u> os sofrimentos atuais possuem uma significação <u>que</u> transcende a crise civilizacional.

Com relação à frase transcrita, analise as afirmativas a seguir:

I. O primeiro que é uma conjunção integrante e serve para articular um complemento oracional ao substantivo abstrato ideia.

II. O segundo que é um pronome interrogativo cujo uso se justifica em razão da seguinte pergunta: que significação transcende a crise civilizacional?

III. As duas ocorrências de que promovem a estruturação do período composto, já que introduzem a oração subordinada substantiva e a subordinada adjetiva, respectivamente.

Assinale:

a) se somente a afirmativa I estiver correta.

b) se somente a afirmativa II estiver correta.

c) se somente a afirmativa III estiver correta.
d) se somente as afirmativas I e III estiverem corretas.
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

4. (CESGRARIO) Na passagem “Os empresários que não se adequarem à lei em noventa dias poderão ser multados em até 3,2 milhões de reais.”, o termo que apresenta a mesma classe gramatical que em

a) “A lei é tão rigorosa que mesmo ambientes com teto alto e sem paredes,”
b) “Ficou tão difícil fumar que até decidi parar,”
c) “Quem considera a lei exagerada deve saber que São Paulo apenas se alinha a uma tendência mundial.”
d) “Os fumantes americanos têm outro problema com que se preocupar:”
e) “E a maioria não fumante não quer deixar que ela seja reavivada.”

5. (FGV) “Ele percebeu *que* as pessoas *que* possuíam conexões ou relações distantes com outras fora círculo familiar tinham duas vezes mais chances de conseguir uma vaga do *que* pessoas *que* tinham mais conexões próximas apenas no âmbito da família e dos amigos próximos.”

As ocorrências da palavra QUE grifadas no trecho acima classificam-se, respectivamente, como:

a) conjunção integrante, pronome relativo, conjunção subordinativa e pronome relativo.
b) conjunção subordinativa, pronome relativo, conjunção integrante e conjunção subordinativa.
c) pronome relativo, conjunção integrante, pronome relativo e conjunção subordinativa.
d) pronome relativo, conjunção subordinativa, conjunção integrante e pronome relativo.
e) conjunção integrante, conjunção subordinativa, conjunção subordinativa e conjunção subordinativa.

6. (FGV) “Mas não, é a ti *que* vejo na colina”

Assinale a alternativa em que esteja corretamente classificada a palavra destacada nos versos acima.

a) conjunção integrante
b) parte de expressão expletiva
c) pronome relativo
d) conjunção subordinativa
e) pronome indefinido

7. (FGV) “E em que se vai trocando as pernas”

*A palavra **se** no verso acima destacado se classifica como:*

a) partícula apassivadora.
b) parte integrante do verbo.
c) índice de indeterminação do sujeito.
d) pronome reflexivo.
e) conjunção.

8. (FGV) “Mas porque na verdade não me queres mais” (verso 35)

No verso acima, utilizou-se a forma correta porque. Assinale a alternativa em que não se tenha utilizado corretamente uma das quatro formas do porquê.

a) É necessário avaliar por quê, ontem, fomos derrotados.
b) Depois de entender por quê, prosseguiu.
c) Não sei por quê nem como.
d) Não entendemos as privações por que passamos.
e) Deve haver um porquê para nossa derrota.

9. (FGV) “Percebe-*se* que os dois temas [a correlação entre metas e riscos fiscais e o impacto dos déficits públicos sobre as futuras gerações] *se* vinculam à função prospectiva da noção de responsabilidade fiscal. Enquanto o primeiro, normalmente, *se* adstringe a situações futuras próximas, o segundo vincula-se a situações futuras a longo prazo.”

As ocorrências da palavra SE grifadas no trecho acima classificam-se, respectivamente, como:

a) indeterminador do sujeito – pronome reflexivo – parte integrante do verbo
b) indeterminador do sujeito – parte integrante do verbo – pronome reflexivo
c) partícula apassivadora – pronome reflexivo – pronome reflexivo
d) partícula apassivadora – parte integrante do verbo – parte integrante do verbo
e) parte integrante do verbo – partícula apassivadora – partícula apassivadora

GABARITO

1– a) pronome relativo b) pronome interrogativo c) conjunção integrante d) pronome relativo	2– a) pronome reflexivo, objeto direto b) pronome reflexivo, objeto indireto c) pronome reflexivo recíproco, objeto direto d) pronome reflexivo, sujeito do infinitivo

e) conjunção integrante f) conjunção integrante g) partícula expletiva ou de realce h) advérbio de intensidade i) conjunção consecutiva j) conjunção comparativa k) pronome interrogativo l) pronome relativo		e) pronome apassivador f) pronome reflexivo, objeto direto g) índice de indeterminação do sujeito h) parte integrante do verbo i) pronome reflexivo recíproco, objeto direto j) pronome apassivador k) parte integrante do verbo l) partícula expletiva ou de realce	
3 – D	4 – D	5 – A	6 – B
7 – C	8 – A	9 – C	

CAPÍTULO 3

PARTICULARIDADES LÉXICAS E GRAMATICAIS

Em nossa língua, muitos são os detalhes entre palavras e regras gramaticais. Não raro, os alunos se confundem em meio a tantas minúcias. Por isso, não são poucos os que, até hoje, conquanto tenham visto o assunto mais de uma vez, apresentam dúvidas, por exemplo, sobre o emprego dos "porquês". Quem nunca ficou em dúvida sobre a diferença entre "em vez de" e "ao invés de"? E o "bendito" emprego do relativo "onde"? Quantas vezes você já não ouviu – se não falou – "Maria, você viu aonde eu deixei meu livro?" Não seria "onde"? E o caso do "mal" (com "L")? Pergunte a alguém o que é o "mal" (com "L"), e ele dirá simplesmente que é o contrário de "bem". E os outros empregos do "mal" (com "L") são totalmente esquecidos!

Em virtude dessas dúvidas, resolvemos pôr, em um capítulo especial, algumas dessas particularidades para que o aluno possa melhorar no que diz respeito aos aspectos formais da nossa língua e possa empregar muitos vocábulos e locuções corretamente.

Mas, atenção!! Sugiro que estude o capítulo abaixo aos poucos. Não leia mais do que três particularidades de uma vez. Não tente decorar tudo em uma só vez – aliás, não gosto muito da palavra "decorar", quando se trata da nossa língua. Prefiro o verbo "entender". Isso!! Entenda! Compreenda o porquê de cada item e só assim seu estudo será completo.

Para facilitar a sua vida, decidi dividir o conteúdo abaixo em lições. É isso! Dividir em lições – lição 1, lição 2, lição 3, 4, 5 e, assim, sucessivamente. Por quê? Para que você possa acompanhar detidamente cada informação, cada detalhe. Sugiro que coloque ao lado de cada lição a data (dia, mês, ano e hora) em que você a estudou. Dessa maneira, você saberá – eu creio – o momento certo de revisar cada ensinamento. Mais uma vez, advirto: não tente estudar tudo em um só momento – a não ser que esteja pressionado por um concurso. Acredito que o estudo deste capítulo será bem mais proveitoso se for feito aos poucos, gradativamente.

Então: mãos à obra!!

3.1 LIÇÃO 1

3.1.1 EMPREGO DOS PORQUÊS

A princípio, gostaria de fazer um alerta: esta lição é muito – repetimos “muito” – muito cobrada pelos concursos públicos. Leia mais de uma vez, portanto. Vamos às orientações:

1. **Em princípio, vamos fazer uma breve orientação – lembre-se de que sempre se acentuará o monossílabo tônico “que” quando este estiver em final de frase ou quando vier precedido de um determinante – neste último caso, será empregado como substantivo.** Observe:

- Você tem medo de **quê**?
  pronome interrogativo tônico
- Menino, você gosta de **quê**?
  pronome interrogativo tônico
- Ela hoje tem um **quê** de esquisito.
- Havia muitos **quês** no depoimento dela.

2. **Emprega-se o “por que” separado em duas situações básicas: quando puder ser substituído por “pelo qual, pela qual, pelos quais, pelas quais” – neste caso, teremos uma preposição “por” seguida do pronome relativo “que”; quando puder ser substituído por uma das expressões “por qual motivo” ou “por qual razão” – neste caso, teremos a preposição “por” seguida do pronome interrogativo “que”.** Veja:

- Até agora não nos disse **por que** ela faltou à audiência.
  por qual motivo, por qual razão
- Os caminhos **por que** ele sempre andou eram caminhos de morte.
  pelos quais
- Amanhã o governo deve explicar **por que** aumentou a taxa Selic.
  por qual motivo, por qual razão
- **Por que** agiu daquela forma tão arrogante?
  por qual motivo, por qual razão

- Talvez só a miséria pudesse explicar **por que** os homens do século XX vivem aglomerados em cortiços.
  por qual motivo, por qual razão

- O documento **por que** buscávamos foi extraviado durante a mudança.
  pelo qual

- Alguém poderá perguntar: – O autor citou Braudel, **por quê**?
  por qual motivo, por qual razão (com acento por se encontrar em final de frase – monossílabo tônico)

- Diante de tudo isso, você ainda tem coragem de perguntar **por quê**?
  por qual motivo, por qual razão (com acento por se encontrar em final de frase – monossílabo tônico)

- Não elaboraste o pré-projeto até agora **por quê**?
  por qual motivo, por qual razão (com acento por se encontrar em final de frase – monossílabo tônico)

- Os mistérios **por que** somos atraídos na ficção costumam impressionar os leitores de tenra idade.
  pelos quais

- Tudo isso ajuda a esclarecer **por que** certas alterações foram positivas para o meio ambiente.
  por qual motivo, por qual razão

- "Mas **por que** não te metes tu logo por uma vez com o Firmo? **Por que** não te casas com ele?" (Aluísio Azevedo)

- "Foi nessa ocasião que ela perguntou a minha mãe **por que** é que já não usava as joias do retrato." (Machado de Assis)

- "E eis aqui **por que** o *Diário* é um monarquista exigente, ao passo que a *Gazeta* é um mau republicano." (Rui Barbosa)

Recapitulando:

POR QUE

- **PELO QUAL, PELA QUAL, PELOS QUAIS, PELAS QUAIS**
  (preposição "por" mais pronome relativo "que")
- **POR QUAL MOTIVO, POR QUAL RAZÃO**
  (preposição "por" mais pronome interrogativo "que")

⇨ **Observações:**

a) A orientação acima resolve praticamente quase todos os casos. É preciso, porém, ficar atento a uma situação excepcional: orações subordinadas substantivas objetivas indiretas, cujo verbo transitivo indireto exige a preposição "por". Observe:

- Todos anseiam pela volta de Maria Madalena.

→ Convertendo em oração: "Todos anseiam **por que** Maria Madalena volte".
Neste caso, a substituição, acima proposta, não funciona.

b) É bastante comum empregar-se o "por que" (separado) em interrogativas indiretas (sem o ponto de interrogação) ou interrogativas diretas, como já vimos em vários exemplos acima. Fique atento, pois, em algumas situações, o substantivo "razão, motivo" ou outro qualquer vem expresso na sentença logo após o "por que", situação em que o "por que" (separado) equivalerá a "por qual". Veja:

- Ela sempre quis saber **por que** motivo eu acabei nosso namoro.
por qual
- Eles trocaram o nosso diretor **por que** funcionário?
por qual
- Não disse com clareza **por que** razão não irá ao jogo.
por qual
- Queria saber **por que** razão as estrelas brilham tão alto no céu.
por qual

3. Emprega-se o "porque" junto quando este funciona como uma conjunção explicativa, causal ou final. Observe:

PORQUE
- → CONJUNÇÃO EXPLICATIVA ➔ Equivale a "pois"
- → CONJUNÇÃO CAUSAL ➔ Equivale a "já que, visto que, uma vez que"
- → CONJUNÇÃO FINAL ➔ Equivale a "para que, a fim de que"

- Não apoio essas iniciativas, **porque** desconfio dos fins a que se destinam.
conjunção explicativa → equivale a "pois"
- **Porque** não entregou o projeto no prazo, foi cortada da lista de formandos.
conjunção causal → equivale a "já que, visto que"
- Estudai bastante, **porque** sejais logo aprovados em um concurso público.
conjunção final → equivale a "para que, a fim de que"
- Deixe a sala agora, **porque** não admito falta de respeito.
conjunção explicativa → equivale a "pois"

- Será **porque** ele está doente que não veio ao trabalho hoje?
- "Os princípios são invioláveis e imortais. Invioláveis, **porque** têm como asilo a

consciência. Imortais, **porque** encerram em si, contra a ação corrosiva dos preconceitos humanos, o caráter, a substância e a energia de uma lei invariável, absoluta e universal." (Rui Barbosa)

- "Não trouxera a navalha, **porque** tinha medo de ser preso, por causa do negócio da Nair e do suicídio da mãe dela." (Lima Barreto)
- "Na perspectiva do autor, as prática esotéricas desfrutam de grande popularidade **porque** satisfariam os interesses individuais de quem a elas recorre." (Fund. Carlos Chagas)
- "Nossas resoluções se perdem **porque** não temos um objetivo predeterminado." (Montaigne)
- "É o que te digo: vou e vou, **porque** devo, **porque** quero, **porque** é do meu direito." (Machado de Assis)

4. Emprega-se "porquê" (junto e com acento) quando este equivale a "motivo, razão". Neste caso, estaremos diante de uma palavra substantivada. Geralmente, este "porquê" vem acompanhado de determinantes (artigos, pronomes indefinidos etc.). Veja:

- Deve haver algum **porquê** (*algum motivo*) para a saída dele do cargo de gerente.
- Ainda não se sabe o **porquê** (*o motivo*) da morte da senhora Linda.
- Certamente há um **porquê** (*um motivo*) para ela ter abandonado o grupo sem dar satisfações.

Ufa!! Chegamos ao final da lição 1. Sugiro que a revise. Depois, descanse um pouco antes de estudar a próxima lição.

3.2 LIÇÃO 2

3.2.1 EMPREGO DE "ONDE" E "AONDE"

Mais uma vez, estamos diante de uma particularidade da nossa língua bastante cobrada em concursos públicos. Logo, é preciso estudar mais de uma vez. Vamos às orientações...

1. Como já dissemos no capítulo sobre o emprego dos pronomes relativos

preposicionados, o relativo "ONDE" é denominado de "pronome relativo locativo", pois só deve ser empregado em substituição a um lugar. Equivale a "em que" e variações – no qual, na qual, nos quais, nas quais. Observe (sublinhamos o antecedente do relativo "onde"):

- Dirigimo-nos à casa da D. Francisca (em que, na qual), **onde** encontramos um grupo de mulheres em oração.
- Em São Paulo, há uma cafeteria (em que, na qual) **onde** se acham excelentes cafés importados.
- Nossos projetos de vida dependem muito do futuro do país (em que, no qual) **onde** vivemos.
- "Rememorava por vezes as mudanças, as alternativas fisiopsíquicas por que tinha passado na fazenda, **onde** não encontrara uma pessoa de sua idade." (Júlio Ribeiro)
- "Verdes mares bravios de minha terra natal, **onde** canta a jandaia nas frondes da carnaúba." (José de Alencar)
- "Correspondendo a pouco mais de um terço da largura total da casa, havia, nos fundos, um puxadito, **onde** estavam a cozinha e uma despensa minúscula." (Lima Barreto)
- "Nunca a sua mão benéfica deixou de estender-se para o lugar **onde** a aflição se assentava." (A. Herculano)

⇨ **Observação importante:**

Estendem-se à noção de lugar os sentidos de "posição, situação, classe, parte de um livro ou obra, espaço ocupado, localidade, região". Por isso, são corretos também os seguintes empregos do relativo "onde":

- Fizemos o resumo do segundo parágrafo deste capítulo, **onde** havia bons exemplos de cidadania.
- Chegamos à parte final do continente, **onde** já encontramos grandes icebergs.
- "Num centro de civilização como este, **onde** a opulência intelectual da nossa pátria se reflete por tantas faces e tão brilhantemente no jornalismo, ..." (Rui Barbosa)
- "O reto espírito do nosso colega, que ora empunha a balança de Têmis, **onde** estão sendo pesadas oiro e fio as nossas humildes palavras, ponha-lhe numa concha os benefícios..." (Rui Barbosa)

2. **Em muitas situações, o relativo "ONDE" é empregado sem antecedente explícito, isto é, seu antecedente estará latente, oculto. Neste caso, equivalerá a "em que lugar, no lugar em que". Veja:**

- Sempre há boas pessoas onde a gente menos espera.
  no lugar em que

- Não sabemos onde ele se encontra agora.
  em que lugar

- Onde você mora? **Onde** você foi morar?
  em que lugar

- "Bem: mas **onde** estão os efeitos benéficos deste sistema? Nas finanças?" (Rui Barbosa)

- "Chove? Nenhuma chuva cai...
  Então **onde** é que eu sinto um dia
  Em que ruído da chuva atrai
  A minha inútil agonia?" (Fernando Pessoa)

- "Se lhe parede que não tenho razão! Esta agência indica **onde** há casas vazias por cinco mil-réis." (Artur Azevedo)

⇨ **Observação:**

Mesmo sem antecedente expresso, o "onde" só é empregado em situações que indicam lugar.

3. Emprega-se "AONDE" – regido por um nexo prepositivo – quando houver um verbo ou um nome que requeira a preposição "a". Geralmente, equivale a "para onde". Perceba:

- Nós iremos contigo ao lugar a que tu quiseres ir. → Nós iremos contigo ao lugar **aonde** quiseres ir.
  ir "a"

- Por favor, **aonde** eu posso me dirigir para obter informações?
  dirigir-se "a"

- Vocês pretendem chegar **aonde** com tais indagações?
  chegar "a"

- "Era este o costume herdado de seus maiores; que o hóspede mandava na taba **aonde** Tupã o conduzia." (José de Alencar)

- "Força tal não pode ser a do ministro, individualidade flácida, político invertebrado, espécie de medusa marinha, de fibras morais inconsistentes e diáfanas, que flutua à tona de todas as correntes, e vai dar nas praias, **aonde** o leva a ressaca." (Rui Barbosa)

- "– Quem lhe impede que vá a outras partes? Vá **aonde** quiser, mas fique morando conosco." (Machado de Assis)

- “Mas ainda a do semeador do nosso Evangelho não foi a maior. A maior é a que se tem experimentado na seara **aonde** eu fui.” (Pe. Antônio Vieira)

⇨ Observações essenciais sobre o emprego de “onde” e de “aonde”:

a) A maioria das nossas dificuldades vem do fato de, em nosso dia a dia, cometermos muitos erros no que diz respeito ao emprego do “aonde” em lugar do “onde” e vice-versa. Vejamos alguns desses problemas:

- Maria, você sabe **aonde** eu deixei meus óculos? (construção incorreta)
  Quem deixa, deixa algo EM algum lugar.

  → Logo... “Maria, você sabe **ONDE** eu deixei meus óculos?”.

- Não sabemos **aonde** ele está nesse momento. (construção incorreta)
  Quem está, está EM algum lugar.

  → Logo... “Não sabemos **ONDE** ele está nesse momento.”

- **Onde** você vai hoje à tarde? (construção incorreta)
  Quem vai, vai A algum lugar.

  → Logo... “**AONDE** você vai hoje à tarde?”

b) É preciso ter muito cuidado com o emprego do ONDE, pois, como sabemos, ele só deve ser usado para expressar uma noção de lugar. Portanto, para o padrão formal, é inadmissível o emprego do “ONDE” para relações que não sejam de lugar. Observe:

- *A relação que se transmite é a de posse.*
  O Clube dos Oficiais, **onde** o diretor é João da Costa, passará por uma reforma. (Emprego inadequado)

  Correção: O Clube dos Oficiais, **cujo** diretor é João da Costa, passará por uma reforma.

- *A relação que se transmite é a de tempo.*
  Em 1980, **onde** o presidente era João Batista Figueiredo, a inflação era galopante. (Emprego inadequado)

  Correção: Em 1980, **quando** o presidente era João Batista Figueiredo, a inflação era galopante.

- *A relação que se transmite é a de posse.*
  Para Hans Kelsen, **de onde** se citam alguns exemplos, os homens deveriam honrar a justiça. (Emprego inadequado)

  Correção: Para Hans Kelsen, **de quem** (ou “**do qual**”) se citam alguns exemplos,...

- É difícil lidar com adolescentes rebeldes, **onde** a causa nem para eles se explicita. (Emprego inadequado)

  Correção: É difícil lidar com adolescentes rebeldes, **cuja** causa nem para eles se

explicita.

c) Como já mencionamos, o relativo "onde" – à semelhança do "aonde" – pode vir antecedido por preposições. Lembre-se, entretanto, que o emprego de "aonde" implica a não existência de qualquer outra preposição antes dele. Observe:

- Sem eles, não teríamos **de onde** sair, nem **para onde** nos projetar.
- Sem nossa história e nosso passado, não teríamos **por onde** começar, nem espaço para nos expandirmos.
- "Posto que nascido na roça (**donde** vim com dous anos) e apesar dos costumes do tempo, eu não sabia montar, e tinha medo ao cavalo." (Machado de Assis)
- "E na terra, **por onde** o sonhador passava,
  Iá a roxa corola espalhando as sementes." (Olavo Bilac)
- "... arbúsculos quase sem pega sobre a terra escassa, enredados de esgalhos **de onde** irrompem, solitários, cereus rígidos e silentes..." (Euclides da Cunha)
- "– Quero respirar o ar puro e fresco da tarde; mais nada repliquei. – Leva-me, **para onde** te aprouver." (A. Herculano)

3.3 LIÇÃO 3

3.3.1 EMPREGO DE "SE NÃO" E "SENÃO"

Eis outra particularidade bastante interessante e bastante longa. Embora não seja muito comum em provas, aparece aqui e acolá em certames, geralmente, de nível superior. Sugiro que a leia mais de uma vez, devido à quantidade de pormenores que ela apresenta. Vamos a ela...

a) Emprega-se o "se" e depois o "não" quando estes funcionam, respectivamente, como "conjunção condicional" e "advérbio de negação". Nesse caso, equivalerão, literalmente, a "caso não" ou "quando não" e só devem ser usados em juízos que expressam hipótese, condição, probabilidade. Essa situação representa o emprego mais comum do "se não" separado.

- Se não fizerem o dever logo, não receberão o prêmio que lhes prometi.
  caso não façam
- Que faremos amanhã, se não chegarem os mantimentos para os desabrigados?
  caso não cheguem
- A situação era difícil de resolver, **se não** impossível.

- “E o pobre Miranda, **se não** queria sofrer impertinências da mulher e ouvir sensaborias defronte dos criados, tinha de dar ao moleque toda a consideração e fazer-lhe humildemente todas as vontades.” (Aluísio Azevedo)
- “Entretanto houve um tempo em que, **se não** me engano, tu eras feliz como eu do prazer que me davas.” (José de Alencar)

b) Emprega-se “senão”, junto, nas seguintes situações:

SENÃO
- (conjunção correlata aditiva) ↔ **mas também**
- (conjunção de oposição adversativa) ↔ **mas sim, do contrário**
- (preposição de exclusão) ↔ **afora, exceto, salvo, a não ser**
- (substantivo) ↔ **problema, mácula, defeito**

- Eram pessoas não só honestas, **senão** também caridosas, prestativas.
  mas também
- O diretor não fazia outra coisa, **senão** criticar.
  a não ser
- Ele nunca possuiu amigos, **senão** bajuladores.
  mas sim
- No processo, não encontramos **senões**.
  defeitos, problemas
- Não comeu o bolo que a esposa fez, **senão** um pedaço de pudim deixado pela sogra.
  mas sim
- Todos, **senão** você, contribuíram com a campanha.
  afora, salvo, exceto
- Ponham, por favor, a criança para dentro da casa, **senão** poderá adoecer severamente.
  do contrário, caso contrário
- Não havia um **senão** em sua produção textual.
  defeito, problema
- Da viagem nada trouxe de importante, **senão** um porta-retratos banhado a ouro.
  salvo, exceto, afora

- “De resto, a não ser de manhã para as aulas, que ia sempre com o Miranda, não arredava pé de casa **senão** em companhia da família.” (Aluísio Azevedo)
- “Tinha o coração disposto a aceitar tudo, não por inclinação à harmonia, **senão** por tédio à controvérsia.” (Machado de Assis)

- “Parecer-vos-á então que desse panorama indescritível não quis Deus que houvesse outros contempladores vivos, **senão** vós e o alado músico da alvorada.” (Rui Barbosa)
- “A definição do pregador é a vida e o exemplo. Por isso Cristo no Evangelho não o comparou ao semeador, **senão** ao que semeia.” (Pe. Antonio Vieira)

⇨ **Observações:**

a) Há uma situação em que a pontuação faz toda a diferença. Observe:

- Chegue cedo à empresa amanhã, **senão** será demitido.
  do contrário, caso contrário
- Chegue cedo à empresa amanhã; **se não**, será demitido.
  se não (chegar) → juízo hipotético

b) O mesmo procedimento ocorre em situações em que querem alguns autores associar o “se não” à conjunção alternativa “ou”, quando, na realidade, tem-se a ocultação por zeugma de um verbo anteriormente mencionado. Veja:

- Ele comprará uma, **se não** duas camisas para as festas do fim de ano.
  se não (comprar) → zeugma do verbo “comprar”
- Levará a mãe, a sogra, as filhas, **se não** todos os membros da família para a festa.
  se não (levar) → zeugma do verbo “levar”
- Ele é muito sabido, **se não** o mais inteligente da turma.
  se não (for) → zeugma do verbo “ser”

3.4 LIÇÃO 4

Nesta lição, estudaremos mais de uma particularidade da nossa língua. Procure lê-las mais de uma vez para consolidar o conhecimento.

3.4.1 EMPREGO DE “TÃO POUCO” E “TAMPOUCO”

a) Emprega-se “tão pouco” quando for equivalente de “muito pouco”. Nesse caso, teremos o advérbio de intensidade “tão” seguido do pronome indefinido ou do advérbio “pouco”.

- Falaram **tão pouco** durante a palestra que todos ficaram surpresos.
  muito pouco

- No mês passado, a empresa recebeu tão pouco (muito pouco) dinheiro que teve de recorrer a empréstimos.
- Infelizmente, nosso filho dorme tão pouco (muito pouco).
- Parecia muito cuidadoso dos seus estudos e **tão pouco** extravagante e gastador, que não despendia um vintém fora das necessidades de primeira urgência.

b) "Tampouco" é morfologicamente um advérbio e equivale a "também não, muito menos, nem sequer". Funciona, na estrutura oracional, como um reforço para uma negação feita anteriormente, ou seja, o "tampouco" adicionará uma ideia negativa a uma ideia negativa precedente. Por isso, costuma-se associá-lo a "nem" com o sentido negativo. Como já representa uma negação, é erro grosseiro empregar-se "tampouco não".

- Os alunos não entregaram a prova, **tampouco** fizeram o trabalho que valia nota.
- Jamais irei àquele lugar, **tampouco** deixarei que algum familiar meu vá.
- "Mas os príncipes não aprendem, e **tampouco** aprendem os partidos." (Rui Barbosa)
- "Afinal, convencendo-se de que ela, sem ter ainda morrido, já não vivia para ninguém, nem **tampouco** para si, desabou num fundo entorpecimento apático." (Aluísio Azevedo)
- "... contudo, nunca houve entre eles uma separação profunda nem **tampouco** uma penetração perfeita." (Lima Barreto)

3.4.2 EMPREGO DE "DE ENCONTRO A" E "AO ENCONTRO DE"

Eis uma particularidade bastante simples. Vamos a ela...

a) Emprega-se a expressão "de encontro a" quando se quer transmitir a ideia de "choque, oposição, contrário" – equivale a "contra".

- O motorista perdeu o controle e o carro foi **de encontro ao** poste.
- A decisão do pai foi **de encontros aos** anseios da família.
- "A Serra do Mar tem um notável perfil em nossa história. **De encontro às** suas escarpas embatia, flagílima, a ânsia guerreira dos Cavendish e dos Fenton." (Euclides da Cunha)

b) Já a expressão "ao encontro de" significa "em direção a, a favor de". É usada, geralmente, quando se quer dizer que algo "foi favorável a alguma coisa, foi a favor de".

- Quando os vi de longe, parti ao encontro dos dois.
- Somos bons amigos, afinal minhas ideias sempre foram ao encontro das ideias dele.
- "Embarcou sozinha para os dez dias e noites de viagem, consciente de que podia estar indo **ao encontro da** morte. Tinha dezoito anos." (Rui Castro)

⇨ **Observação:**

Perceba que essas duas expressões dependem totalmente do contexto. Observe abaixo:

- Somos bons amigos, AFINAL minhas ideias sempre foram **ao encontro das** ideias dele.
- Somos bons amigos, MAS minhas ideias sempre foram **de encontro às** ideias dele.

3.5 LIÇÃO 5

3.5.1 EMPREGO DE "EM VEZ DE" E "AO INVÉS DE"

a) Deve-se empregar a locução prepositiva "em vez de" quando se deseja indicar uma troca, uma substituição de uma coisa por outra. Ela significa, literalmente, "em lugar de", "em substituição a". Reitere-se que essa locução é aplicável à maioria das situações em que se deseja expressar troca, substituição, alteração de uma coisa por outra.

- Na festa, resolveu beber cerveja **em vez de** vinho.
- **Em vez de** ir ao cinema, resolveu ir ao teatro.
- "**Em vez de** ficar abatida com a ameaça da larga separação, se vingasse a ideia da Europa, mostrou se satisfeita." *(Machado de Assis)*

b) Por outro lado, a locução prepositiva "ao invés de" significa "ao inverso de", "ao contrário de" e só deve ser empregada quando houver na oração elementos ou ideias opostos, contrários.

- O mergulhador imergiu **ao invés de** emergir por causa de um problema no equipamento.
- No velório, a prima do defunto ria **ao invés de** chorar.
- O remédio, **ao invés de** melhorar, piorou a situação do paciente.
- "E volveram rápidos, desapontados, tendo às mãos, **ao invés do** ganho apetecido, o

ardor de muitas dúzias de palmatoadas, amargos bolos com que os presenteara aquela gente ingrata." (Euclides da Cunha)

3.5.2 EMPREGO DE "ACERCA DE", "A CERCA DE" E "HÁ CERCA DE"

Eis outra particularidade da gramática bastante simples. Vejamos...

a) A locução prepositiva mais usual das três é "acerca de"; significa "a respeito de, sobre, quanto a".

- Nada nos disse acerca do (sobre, a respeito de) problema de saúde que vem enfrentando.
- Os pesquisadores fizeram uma interessante descoberta **acerca da** criação de óvulos e espermatozoides a partir de células-tronco.
- "E o diálogo continuou animado, sem que D. Terezinha revelasse à amiga as suas suspeitas **acerca de** João da Mata e Maria do Carmo." (Adolfo Caminha)

b) Nas duas outras construções, temos a associação entre uma preposição ou um verbo e a expressão adverbial de aproximação "cerca de". Observe:

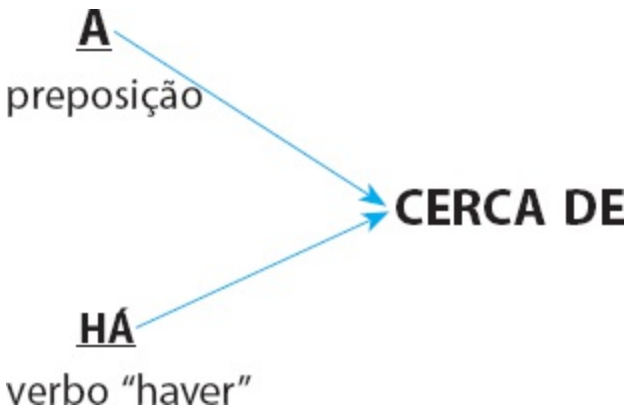

Logo, teremos...

A CERCA DE → a aproximadamente
HÁ CERCA DE → faz aproximadamente

- Quando nós a encontramos, estávamos a cerca de (a aproximadamente) 20Km da fronteira com o Paraguai.
- Os colonizadores chegaram aqui há cerca de (faz aproximadamente) 500 anos.
- Todos permaneceram a cerca de (a aproximadamente) 20m do local do acidente.

- Eles saíram há cerca de meia hora.
  faz aproximadamente

⇨ **Observação:**

Perceba que o “a” da expressão “a cerca de” não recebe o acento grave em virtude de ser tão somente uma preposição seguida de uma expressão adverbial “cerca de”.

3.6 LIÇÃO 6

3.6.1 EMPREGO DE “MAU” E “MAL”

Vamos agora estudar uma lição bastante interessante. É bom ter cuidado para não fazer a simplificação “mau – bom” e “mal – bem”. Observe as orientações a seguir.

a) O “mau” exerce a função de adjetivo e possui como antônimo o adjetivo “bom”. Nesse caso, irá referir-se a substantivos. Como adjetivo que o é, o vocábulo “mau” apresenta todas as flexões típicas das classes variáveis. Veja:

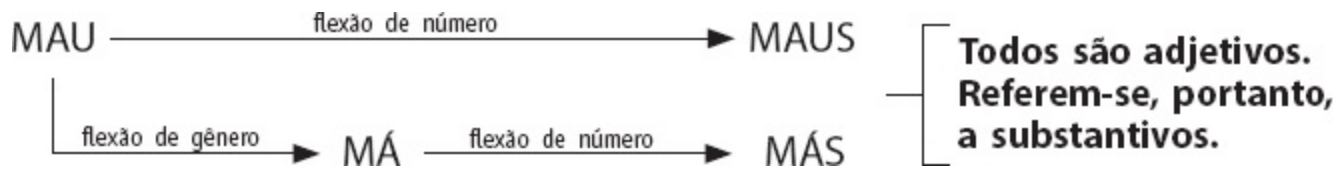

- O **mau** treinador efetuou **más** ações por causa da **má** conduta da coordena-dora que reclamou do **mau** comportamento do time.
- Sempre o **mau** indivíduo colhe **maus** resultados em virtude de suas **más** atitudes.
- Toda **má** sorte tem por traz um **mau** sujeito.
- “... estava cansado de ensinar a meninos, era preciso fazer pela vida noutro meio mais vasto onde as suas qualidades, boas ou **más**, fossem aquilatadas com justiça.” (Adolfo Caminha)

b) Emprega-se “mal” em três funções morfológicas: advérbio, cujo oposto é “bem”; conjunção temporal, equivalendo a “logo que, assim que”; e substantivo abstrato, equivalendo a “o mal”, “a maldade”. Observe:

MAL
- ADVÉRBIO → oposto a "bem"
- CONJUNÇÃO TEMPORAL → logo que, assim que
- SUBSTANTIVO ABSTRATO → o mal = a maldade

- O time jogou **mal** porque não treinou adequadamente.
  advérbio ↔ oposto a "bem"
- **Mal** ele chegou na sala, todos começaram a rir.
  conjunção temporal ↔ logo que, assim que
- O **mal** sempre atrai o **mal**.
  substantivos ↔ a maldade

- "... e entre os infortúnios que se desfecham tantos e tamanhos, uns após outros, como golpes de um acinte infatigável no **mal**, sobre este desventurado país, suave é o refúgio dessa consolação..." (Rui Barbosa)
- "Não obstante, a energia evolutiva do direito, cuja torrente a resistência **mal** aconselhada avolumou, represando, acaba por triunfar." (Rui Barbosa)
- "Mandava-os fazer de encomenda; mas assim mesmo, **mal** os punha hoje, no dia seguinte tinha que os retalhar a navalha." (Lima Barreto)
- "A viúva que **mal** resistira ao golpe da perda do filho, ainda mais se aterrava agora com o isolamento em que ia deixar Aurélia." (José de Alencar)

⇨ **Observação:**

Fique atento à seguinte distinção:

mau humor	≠	mal-humorado
mau cheiro	≠	malcheiroso
má educação	≠	mal-educado
mau comportamento	≠	malcomportado
mau ensinamento	≠	mal-ensinado
mau entendimento	≠	mal-entendido
má aventura	≠	mal-aventurado
má assombração	≠	mal-assombrado

3.6.2 EMPREGO DE "MAS" E "MAIS"

Eis outra particularidade bastante elementar. Mas é sempre bom revisá-la ou, quem

sabe, conhecê-la melhor. Vamos a ela...

a) O "mas" funciona, na maioria das vezes, como conjunção de oposição adversativa; por isso, pode ser tranquilamente trocada por "porém, contudo, todavia". Em outros casos – um pouco mais raros –, o "mas" fará parte da correlação aditiva "não só..., mas também". Veja:

- Todos participaram do evento, **mas** nem todos ficaram para a confraternização.
  porém, contudo
- Ele sempre foi o melhor da sala, **mas** sempre bagunçou muito.
  porém, contudo
- O governo não só baixou os juros para a casa própria, **mas também** facilitou o crédito.
  correlação aditiva
- "E os que leem o que escreve,
  Na dor lida sentem bem,
  Não as duas que ele teve,
  Mas só a que eles não têm." (Fernando Pessoa)
- "Lembrou-se da mulher, **mas** repeliu logo esta ideia com escrupulosa repugnância. Continuava a odiá-la." (Aluísio Azevedo)
- "Fique então sabendo de que não é só a ela que você faz o obséquio, **mas** também ao marido." (Aluísio Azevedo)

⇨ **Observação:**

Em algumas situações, o "mas" funciona tão somente como uma palavra denotativa de ênfase ou de situação. Não transmite o sentido de oposição adversativa, por isso não poderá ser substituída por "porém, contudo, todavia." Veja:

- **Mas** quem afinal chegou à nossa festa?
- **Mas** que "belos" políticos nós temos hoje em dia!

b) Já o "mais" funciona ora como advérbio de intensidade, quando modifica verbos, adjetivos ou outros advérbios, ora funciona como pronome indefinido, quando se refere a substantivos. Observe:

- Os Silvas sempre dispuseram de **mais** recursos e **mais** informações.
  pronomes indefinidos
- Aqueles alunos precisavam estudar **mais** para poder ingressar em um concurso.
  advérbio de intensidade

- Eles agora sentiram sentiram **mais** vontade vontade de estudar do que antes.
  pronome indefinido
- Ele sempre quis trabalhar **mais** para melhorar a situação financeira da família.
  advérbio de intensidade
- "Desde o palácio até a taberna e o prostíbulo, desde o **mais** esplêndido viver até o vegetar do vulgacho **mais** rude, todos os lugares e todas as condições têm tido o seu romancista." (A. Herculano)
- "Não ficara ela incólume da ferida que fizera no coração do vizinho: amou-o também, e com **mais** seriedade que a usual nos seus anos." (Camilo C. Branco)

3.7 LIÇÃO 7

3.7.1 EMPREGO DE "A FIM" E "AFIM"

Eis, mais uma vez, um conhecimento básico, elementar. Vamos a ele...

a) Emprega-se "a fim", separado (na maioria das vezes você usará esta forma), quando este fizer parte da locução prepositiva "a fim de" ou da locução conjuntiva "a fim de que". Em ambos os casos, as locuções denotarão "finalidade, objetivo, meta". Veja:

- Na sala, ninguém estava **a fim de** fazer nada.
- **A fim de que** ela passasse no concurso, comprei novos livros.
- "Não tardam os cavaleiros zenetas que vêm ajuntar-se nas atalaias convosco, **a fim de que** nenhum infiel possa escapar." (A. Herculano)
- "De feito, a boa velha tentou por diversas vezes escrever seu testamento **a fim de** garantir o futuro de sua escravinha." (Bernardo Guimarães)

⇨ **Observação:**

A locução prepositiva "a fim de" equivale a "para". Portanto, se tiver alguma dúvida, faça a substituição.

b) Por outro lado, a forma "afim" (junto) é morfologicamente um adjetivo e significa "algo que é semelhante, que é próximo, que possui afinidade".

- Na grade escolar, Biologia e Química são matérias **afins**.

- João e Pedro tinham temperamentos **afins**.
- Eles são parentes **afins**.

3.7.2 EMPREGO DE "SE QUER" E "SEQUER"

Eis outra particularidade simples da nossa língua, mas que merece toda a nossa atenção, pois de vez em quando aparece aqui e acolá nas provas de alguns certames. Vamos a ela...

a) A forma separada "se quer" é representada pela conjunção condicional "se" seguida do verbo "querer" flexionado na 3.ª pessoa do singular do futuro do subjuntivo. Nesse caso, a expressão "se quer" equivalerá a "se desejar" e ocorrerá em orações hipotéticas, condicionais. Veja:

- **Se quer** passar em um concurso, estude muito.
- "Diga ao cocheiro que pare; ou, **se quer**, pode apear-se no largo da Carioca." (Machado de Assis)
- "– Em porção, o senhor sabe que... É isso... Enfim, **se quer**, mande-os..." (Lima Barreto)

b) Já a forma "sequer" é um advérbio e significa "ao menos, pelo menos, nem mesmo". É frequentemente usado em frases negativas ou de sentido negativo.

- João não veio ao trabalho e nem **sequer** ligou para dizer o que aconteceu.
- "... como é que de um ano para o outro esta necessidade urgente e imediata torna-se tão secundária, tão indiferente, tão remota que nem **sequer** merece ser mencionada na fala do trono?" (Rui Barbosa)
- "Ninguém lhes regateia esse reconhecimento. Ninguém lhes recusaria, **sequer**, o esquecimento do seu passado de escravismo." (Rui Barbosa)
- "Por fim tudo se esgota e a situação não muda. Não há probabilidade **sequer** de chuvas." (Euclides da Cunha)

3.8 LIÇÃO 8

3.8.1 EMPREGO DE "SESSÃO", "SEÇÃO" E "CESSÃO"

Vamos a uma particularidade bastante simples... conhecimento elementar, básico, mas necessário. Estudemo-la, pois...

a) A forma "sessão" significa "espaço de tempo em que se realiza determinada atividade ou parte dela". Pode também ser usada com o sentido de "reunião, assembleia, encontro".

- Na última sessão do Congresso Nacional, votaram-se muitos projetos de lei.
- Eles começaram agora a nova sessão de fotos.
- Todos combinaram assistir a última sessão do cinema.
- O psiquiatra recomendou-lhe várias sessões de terapia.
- "Rubião assistira à sessão em que o ministério Itaboraí pediu os orçamentos." (Machado de Assis)

b) Já a forma "seção", que admite a grafia secção" significa "divisão, subdivisão, departamento, parte de um todo".

- Amanhã iremos à seção de obras e reformas da Prefeitura de Palmares.
- Nós votamos na 37.ª seção da 43.ª zona eleitoral.
- Na terceira seção do segundo capítulo do livro, encontramos vários processos descritivos.
- "O país não está mais adiantado que as vítimas desse maligno capricho, quanto às causas que possam justificar o açoite, a que se acha submetida aquela secção do exército brasileiro." (Rui Barbosa)

c) Por sua vez, a palavra "cessão" provém do verbo "ceder" e, logicamente, significa "ato de ceder, doação, transferência de posse ou de direito".

- João fará a cessão de seus bens para os seus dois irmãos mais velhos.
- O Dr. Pedro fez a cessão dos direitos autorais para uma organização não governamental.

3.9 LIÇÃO 9 – EMPREGO DE VÁRIAS EXPRESSÕES E CONEXÕES

Vamos a uma lição longa, mas bastante simples. Vejamos algumas expressões bastante correntes em nosso dia a dia. Fique atento a elas, pois com frequência são cobradas pelas bancas examinadoras.

3.9.1 DISTINÇÃO ENTRE "A PRINCÍPIO" E "EM PRINCÍPIO"

A PRINCÍPIO	≠	EM PRINCÍPIO
primeiramente, no início		*em tese, de forma geral*

- **A princípio**, quero esclarecer que minha palestra será meramente motivacional.
- "Capitu, **a princípio**, não disse nada. Recolheu os olhos, meteu-os em si e deixou-se estar com as pupilas vagas e surdas, a boca entreaberta, toda parada." (Machado de Assis)
- "**Em princípio**, o subsecretário suportou bem a tempestade; mas tendo adivinhado que o supunham insciente no tupi, irritou-se, encheu-se de uma raiva surda, que se continha dificilmente." (Lima Barreto)
- "De sorte que logo **em princípio** o comandante reconheceu inexequível dar à marcha uma norma capaz de poupar as forças das praças." (Euclides da Cunha)

3.9.2 DISTINÇÃO ENTRE OS CONECTIVOS "PORQUANTO" E "CONQUANTO"

Eis uma lição sobre a qual já falamos no capítulo sobre "sintaxe do período composto", mas é sempre bom relembrar. Leia com atenção, pois o conhecimento abaixo é bastante cobrado em certames pelo país afora.

PORQUANTO	≠	CONQUANTO
CONJUNÇÃO CAUSAL OU EXPLICATIVA Equivale a "porque, visto que, pois, já que".		CONJUNÇÃO CONCESSIVA Equivale a "embora, apesar de que, ainda que"

- O governo não reduzirá a taxa Selic, porquanto (*porque, já que, pois*) não deseja que haja o aumento do consumo.
- Conquanto (*embora, ainda que*) seja bastante rico, veste-se como pobre.
- "É possível, **conquanto** o não creiamos, que esse homem de Estado fosse um miserável, cuja desonra espadane ainda sobre aqueles que, iludidos, o sustentaram." (Rui Barbosa)
- "E aqui verás tal ou qual esperteza minha; **porquanto**, ao ler o que vais ler, é provável

que o aches menos cru do que esperavas." (Machado de Assis)

3.9.3 DISTINÇÃO ENTRE OS CONECTIVOS "JÁ QUE" E "POSTO QUE"

Mais uma distinção sobre a qual já falamos no assunto "sintaxe de período". Mas nunca é tarde para relembrar, pois ela é bastante cobrada pelas bancas.

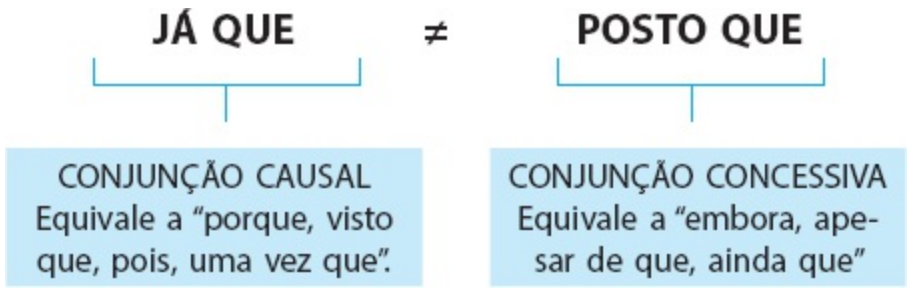

- O reclamante deve ser reintegrado ao posto já que (porque, visto que) goza de estabilidade.
- Posto que (embora, ainda que) fosse um dos homens mais ricos da cidade, vestia-se como pobre.
- "Gênio político de esfera muito curta, **posto que** de brilhantes talentos jurídicos e parlamentares, o Visconde de Ouro Preto capacitou-se de que o melhor serviço que podia prestar à monarquia era alardear os recursos." (Rui Barbosa)
- "Pois essa que fui ontem continuarei a ser, **já que** Deus não quis que fosse a outra, que viu da primeira vez." (José de Alencar)

3.9.4 DISTINÇÃO ENTRE OS CONECTIVOS "À MEDIDA QUE" E "NA MEDIDA EM QUE"

Observe agora a distinção entre dois conectivos bastante parecidos. É preciso ficar atento, pois são empregados em situações bem distintas. Veja:

- Desistiram de continuar a viagem, **na medida em que** as dificuldades para a consecução de uma nova estalagem aumentavam em virtude do evento previsto para a cidade.

- “**À medida que** engolia uma troça, uma pilhéria, vinha-lhe meditar sobre a sua lembrança, pesar-lhe todos os aspectos, examiná-la detidamente...” (Lima Barreto)
- “Os anos passaram depois, e **à medida que** vinham, ia-se Estêvão afundando no mar vasto e escuro da multidão anônima.” (Machado de Assis)

⇨ **Observação:**

Lembre-se de que as expressões “à medida em que” e “na medida que” não existem em nossa língua. São corruptelas da locução conjuntiva de proporcionalidade “**à medida que**”.

3.10 LIÇÃO 10 – EMPREGO DE OUTRAS EXPRESSÕES QUE PROVOCAM DÚVIDAS

Vamos agora a outras lições bastante interessantes. Aqui veremos o emprego de várias expressões que frequentemente suscitam dúvidas. Leiamo-las...

3.10.1 DISTINÇÃO ENTRE “POR ORA” E “POR HORA”

Embora apresentem origem igual – a palavra “hora” –, as expressões apresentam significados diferentes. “Por ora” é equivalente a “por enquanto”; já “por hora” é empregada quando se deseja fazer referências a intervalos de 60 minutos – equivale a “a cada hora, a cada 60 minutos”.

- Os benefícios, **por ora**, só serão concedidos aos trabalhadores noturnos.
- Eles ganham R$ 25,00 **por hora**.
- João conseguia ler, **por hora**, cinco capítulos do livro.
- “Nós somos, **por ora**, uma voz, que adverte, e aconselha, enquanto o desengano nos não converter em arma, que acomete, e destrói.” (Rui Barbosa)
- “– Ele passou por aqui pondo dez léguas **por hora**.” (Manuel A. de Almeida)

3.10.2 EMPREGO DE “O MAIS DAS VEZES” E “AS MAIS DAS VEZES”

Ambas as expressões são corretas para indicar a maioria das vezes que um fato se realiza. Neste contexto, a expressão “a mais das vezes” não existe. Para o professor Mário Barreto, a expressão “as mais das vezes” é mais usual.

- “Temo-las por adiáforas; no geral, suspeitas; **as mais das vezes**, incompletas; quase sempre, traiçoeiras; sempre disparatadas.” (Euclides da Cunha)
- “Até nas próprias travessuras do menino, **as mais das vezes** malignas, achava o bom do homem muita graça.” (Manuel A. de Almeida)
- “Elas passavam o serão na sala de jantar, em volta do candeeiro, que alumiava a tarefa noturna **o mais das vezes** solitárias.” (José de Alencar)

3.10.3 DISTINÇÃO ENTRE “ABAIXO” E “A BAIXO”

Há um grupo de advérbios que são conhecidos pelas formas estranhas – e incoerentes muitas vezes – como são grafados. Não adianta reclamar: a ortografia oficial impõe que seja assim. Observe:

- abaixo
- debaixo
- embaixo
- por baixo
- acima
- de cima
- em cima
- por cima

Nesse grupo, encontramos uma distinção interessante entre o par “abaixo” e “a baixo”. O primeiro é advérbio e significa “em local menos elevado, embaixo”. Já o segundo é empregado na correlação “de... a...”, em que a preposição “a” – equivalente à preposição “para” – fica separada da palavra “baixo”. Observe:

- O leite está na prateleira **abaixo** dos pratos de sobremesa.
- Pintamos a parede **de** cima **a baixo**.
- “Nós descoroamos da liberdade aos que de Deus a houveram sacrossanta, e com isso os abatemos ao ínfimo grau da escala criada: até **abaixo** do reino vegetativo.” (Rui Barbosa)
- “Há quase sempre alguma coisa impalpável e misteriosa no seio dos acontecimentos, que conspira contra as conspirações, mesmo quando essas vêm **de** cima **a baixo**.” (Rui Barbosa)

3.10.4 DISTINÇÃO ENTRE “A PAR” E “AO PAR”

Eis duas expressões bastante interessantes, as quais provocam dúvidas no dia a dia. Emprega-se corretamente a locução prepositiva “**a par de**” quando se quer transmitir o sentido de “*estar ciente, estar informado*”, ou ainda com o sentido de “*ao lado de, junto a, comparado com*”. Já a expressão “**ao par**” só deve ser empregada com o sentido de

“*equivalência monetária, cambial*”. Observe:

- O diretor estava a par (ciente de) de toda a situação.
- João foi ao colégio a par (ao lado de) do irmão.
- “A par (comparado com) do último verão, até que este está ameno.” (Dicionário Houaiss)
- “eis .... que a subida inesperada do partido conservador, firmando o crédito do Estado, elevou o papel-moeda, deixando o câmbio quase ao par”. (Aluísio Azevedo *apud* Dicionário Aurélio)
- “Tem razão. Dizem que há lá muita coisa esplêndida; não admira, são mais velhos que nós; mas lá chegaremos; e há coisas em que estamos a par deles, e até acima.” (Machado de Assis)

3.10.5 DISTINÇÃO ENTRE “NENHUM” E “NEM UM”

Eis uma dúvida frequente entre os operadores da nossa língua. Fique atento, pois ela apresenta vários detalhes.

O vocábulo “nenhum” (junção de “nem” mais “um”) é um pronome indefinido e opõe-se a “algum”. Já na construção “nem um”, o vocábulo “um” é um numeral (seus equivalentes são, portanto, “dois, três, quatro etc.”).

Lição bastante proveitosa nos deixou o ilustre gramático Napoleão Mendes de Almeida: “**Nenhum** provém da junção de ‘nem + um’, havendo entre aquela forma sintética (nenhum) e esta analítica (nem um) diferença de energia de expressão; a forma analítica é mais forte”. Seguindo a lição do mestre, em muitos casos, pode-se usar tanto “nem um” quanto “nenhum” – o que vai diferir é a ênfase que se deseja conferir ao enunciado.

- Ao partir, João dos Anjos não deixou **nenhum** bem. (→ ... não deixou bem algum.)
- Ao partir, João dos Anjos não deixou **nem um** bem. (→ ... não deixou nem mesmo um bem.)

É preciso sinalizar, entretanto, que a forma analítica “nem um” individualiza o ser, define por unidade e apresenta frequentemente o sentido de “nem mesmo um, nem sequer um”. Observe agora alguns exemplos extraídos de escritores de renome que empregaram a expressão “nem um”.

- “Pois olhe que não é uma criança! Mas **nem um** cabelo branco, **nem um**, **nem um** só!” (Eça de Queiroz)
- “...mas tudo se passava lá dentro, não veio **nem um** suspiro à flor dos lábios.” (A. Garrett)

- “Calma. A noite caiu. **Nem um** pássaro voa.” (Olavo Bilac)
- “Rápido e violento devia ter sido o cometimento, numerosos os cavaleiros inimigos; porque **nem um** dos atalaias pudera escapar.” (A. Herculano)

Veja agora outros exemplos com a utilização de “nenhum”.

- “**Nenhum** milagre de engenharia lhos substituirá com vantagem.” (Euclides da Cunha)
- “Anhangá turbou sem dúvida o sono de Irapuã, que o trouxe perdido ao bosque da jurema, onde **nenhum** guerreiro penetra sem a vontade de Araquém.” (José de Alencar)
- “Para a cidade não trouxeram **nenhum** escravo. Venderam a maioria e os de estimação libertaram.” (Lima Barreto)
- “Seguramente o alienista podia estar em erro, mas **nenhum** interesse alheio à ciência o instigava.” (Machado de Assis)
- “**Nenhum** homem, por exemplo, de mais títulos a interpretar as opiniões desse partido, **nenhum** mais genuinamente representativo das suas disposições do que o Sr. Silveira Martins.” (Rui Barbosa)

Vejamos agora alguns valores que o indefinido “nenhum(a)” pode adquirir em uma oração.

- Distribuiu-se o convite para muitos funcionários, mas **nenhum** foi à confraternização.
  sentido de “ninguém”
- É uma pessoa de **nenhuma** importância.
  sentido de “nulo, inexistente”
- “O cavalo dele, melhor que **nenhum** outro, ganhou a corrida.” (Aurélio)
  sentido de “qualquer”

3.11 LIÇÃO 11 – EMPREGO DE “ESTÁ” E “ESTAR”

Eis um ponto que, por si só, merece uma lição à parte. Não raro, os candidatos sofrem com esta dúvida. De antemão, posso garantir que é bastante fácil – o “grande” problema reside em nossa pronúncia defeituosa. Vamos lá...

Em primeiro lugar, cumpre fazermos as distinções iniciais:

ESTÁ → 3.ª pessoa do singular, do presente do indicativo do verbo “estar”. Logo, emprega-se esta forma quando na estrutura temos um sujeito da 3.ª pessoa do singular, explícito ou implícito (oculto). Observe:

- O governo ainda **está** na contramão do progresso.
- “– Há muito tempo que **está** no Rio de Janeiro? perguntou-me Lúcia depois de uma

pausa." (José de Alencar)

- "A alcova **está** deserta, mas inda com o teu cheiro perfumada, do teu fulgor coberta..." (Olavo Bilac)
- "Se adoecem e a família **está** fora, não os confio a um correspondente... Trato-os aqui, em minha casa." (Raul Pompéia)

> **Dica:** Se houver alguma dúvida, SUBSTITUA o verbo por outro. Certamente, você perceberá o emprego da 3.ª pessoa do singular. Veja:

- O governo ainda **está** na contramão do progresso.
  permanece, encontra-se, fica
- Não sei se ele **está** na igreja.
  permanece, encontra-se

ESTAR → Infinitivo do verbo. Destacamos dois empregos que suscitam dúvidas:

a) Formação de locuções verbais (verbo auxiliar + infinitivo). Observe:

- O governo ainda **deve estar** na contramão do progresso. (substitua por "*se encontrar*, *permanecer*").
- Não sei, mas acho que os meninos **podem estar** na igreja. (substitua por "*se encontrar, ficar*")
- "Ele canta que **parece estar** num café concerto, no meio de mulheres de vida airada..." (Lima Barreto)
- "O que é certo é que, não obstante a sorte que tivera aquele seu apaniguado, **costumava estar** na vila." (Euclides da Cunha)

> **Dica:** Lembre-se, mais uma vez, de que, em caso de dúvida, você deve substituir por outro verbo. Se a forma for da 3.ª pessoa do singular, empregar-se-á "está"; se a forma for de infinitivo (-r), empregue, sem medo, "estar".

b) Formação de orações reduzidas de infinitivo com o verbo "ESTAR". Veja:

- João Pedro fez o possível para _____ conosco hoje.
  está ou estar?

Como preencher o espaço acima? Fácil, se perceber que é possível a substituição por

"*ficar, permanecer*", por exemplo. Traduzindo: com a substituição fica claro e notório que se trata do emprego de um verbo no infinitivo, o qual exerce o núcleo de uma oração circunstancial (adverbial), reduzida. Portanto, não tenha dúvida:

- João Pedro fez o possível para **ESTAR** conosco hoje.

Vejamos outros exemplos:

- "Eis o que eu vi nessa hora de agonia, depois de **estar** ali alguns não sei se instantes ou séculos." (A. Herculano)
- "Você, com uma filha quase mulher, não tem vergonha de **estar** aqui a servir de palhaço?!" (Aluísio Azevedo)
- "É preciso mesmo **estar** sob a ação exclusiva de uma ideia fixa, para acreditar que a indenização possa ainda sair a campo." (Rui Barbosa)
- "A verdade certa é que, às duas horas da tarde, aquele advogado andava atrás das moças, em vez de **estar** no foro." (Machado de Assis)

⇨ **Observação:**

Vale a pena mencionar que esta dúvida (emprego de "está" ou "estar") também se estende a outras situações em nossa língua. Portanto, basta aplicar o conhecimento acima (e ter cuidado com a pronúncia) para resolver as pendências. Veja:

- No final do ano, a empresa vai _____ uma grande festa para os funcionários.
  dá ou dar?

> **Comentário:** Se podemos substituir por "conceder, oferecer", constatamos que se trata do emprego do infinitivo do verbo "dar" numa locução verbal – logo, "... a empresa vai **dar** uma grande festa...".

3.12 LIÇÃO 12 – EMPREGO DE "TER DE" E "TER QUE"

Mais uma lição bastante interessante sobre o emprego de duas expressões que, não raro, provocam dúvidas. Embora no dia a dia sejam usadas de forma indistinta, podemos, ainda assim, traçar algumas orientações. Vejamos:

Emprega-se TER DE (verbo + preposição), seguido de outro verbo no infinitivo, quando se deseja denotar "fato infalível, necessário, obrigatório ou jussivo (imperativo)". Observe os exemplos:

- O Brasil tem de ser um país menos desigual. (Equivale a → "O Brasil tem a obrigação de ser um país...)

- Todos tiveram de sair por causa do fogo que já atingia os últimos andares do prédio.
- "... para se conhecerem os amigos, tinham os homens de morrer primeiro e daí a algum tempo ressuscitar..." (Pe. Antonio Vieira).
- "O Congresso ainda não se dissolveu. Tem de reunir-se ainda." (Rui Barbosa)

Emprega-se, por outro lado, TER QUE (verbo + conjunção integrante), seguido de um verbo no infinitivo, quando se deseja indicar simplesmente "algo para fazer", "algo que ainda não foi feito". Nesse sentido, transmite-se tão somente "mera informação" ou uma "ação facultativa". Vejamos:

- "Esses não têm que envenenar a alma de seus filhos com as misérias domésticas do cativeiro (...); não têm que dar, nas suas escolas, em vez da educação cívica, o ensino da opressão perpetuada, não têm que sentir a organização de sua pátria assentada na denegação eterna da liberdade a uma parte indefesa do gênero humano."
- "É uma mania de seu amigo, Senhor Ricardo, esta de só querer cousas nacionais, e a gente tem que ingerir cada droga, chi!" (Lima Barreto)
- "— O senhor... O senhor só tem que me agradecer uma coisa: é a minha paciência." (José de Alencar)

⇨ **Observações:**

a) Como já dissemos, no dia a dia, essas expressões são usadas quase indistintamente, uma vez que nem sempre é fácil se fazer a distinção entre o que é "obrigação" do que é "mera informação ou ação facultativa". De acordo com a professora Maria Helena de Moura Neves, a expressão "TER QUE" é hoje mais usual do que TER DE. Esta última é empregada com mais frequência, segunda a professora, na linguagem literária.

b) Alguns autores preconizam que, na expressão TER QUE, o "que" funciona como pronome relativo sem antecedente explícito. Para os que advogam essa morfologia do "que" como pronome relativo, deveríamos analisar o período da seguinte maneira:

- Não posso sair hoje, pois tenho que estudar. → Equivale a "... tenho (algo) que estudar".

3.13 LIÇÃO 13 – EMPREGO DE "POSSA SER" E "PODE SER"

Eis aqui duas locuções verbais que frequentemente causam problemas aos usuários da língua. É bastante comum vermos falantes do nosso idioma pronunciando estruturas do tipo "Possa ser que o documento esteja no armário do chefe", as quais deixam os mais

instruídos “de cabelo em pé”. Vamos às orientações...

a) A construção perifrástica “pode ser” (formada pelo presente do indicativo do verbo PODER seguida do verbo SER no infinitivo) deve ser usada quando se deseja obter o sentido de “é possível, é provável”. Portanto...

- PODE SER que o documento esteja no armário do chefe. (e não “possa ser”)
- Não sei ao certo, mas PODE SER que a empresa não aceite as nossas observações.
- PODE SER que eles não consigam retirar o visto para os EUA na próxima semana.

b) Já a locução verbal “possa ser” deve ser usada em orações subordinadas em correlação geralmente com um verbo no presente do indicativo, presente na oração principal. Essa locução, quando empregada corretamente, apresenta sentido de “venha a ser” ou “seja”.

- É essencial que ele POSSA SER o nosso representante na reunião com a diretoria.
- Não sei ao certo, mas acho que talvez ele POSSA SER o nosso gerente de marketing para o próximo ano.
- Deixamos o contrato sobre a mesa para que o diretor assine e POSSA SER o responsável pela obra.

3.14 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (FCC) *...para entender por que a viagem de Colombo acabou e continua sendo uma metáfora...* No que se refere à grafia, para estar de acordo com o padrão culto, a frase que deve ser preenchida com forma idêntica à destacada acima é:

   a) Alguém poderá perguntar: – O autor citou Braudel, ...?
   b) Gostaria de saber ..... ele se interessou especificamente por essa obra de Braudel acerca do mar Mediterrâneo.
   c) Quem sabe o ..... da citação da obra de Braudel?
   d) Referências são sempre interessantes, ... despertam curiosidade acerca da obra.
   e) –... foi a obra que mais o teria impressionado sobre o assunto, respondeu alguém quando indagado sobre o motivo da citação.

2. (CESGRANRIO) É melhor começar a exercitar a linguagem, _____ o seu relacionamento pode acabar mal.

A pesquisa recentemente realizada pela empresa foi _____ do estresse emocional do trabalhador.
Expliquei-lhe as exigências do atual mercado _____ ele se adaptasse melhor.
A sequência que completa corretamente as frases acima é

a) se não – a cerca – a fim de que
b) se não – acerca – afim de que
c) se não – acerca – a fim de que
d) senão – acerca – a fim de que
e) senão – a cerca – afim de que

3. (CESGRANRIO) As razões _____ não simpatizo com você são muitas.
Não faça críticas negativas, _____ se arrependerá.
O que eu disser poderá ser _____ interpretado.
A opção cuja sequência completa, corretamente, as sentenças acima é

a) por quê – senão – mal
b) por que – senão – mal
c) porquê – se não – mal
d) porque – se não – mau
e) porque – senão – mau

4. (ESAF – Téc. Rec. Federal) Lê-se no Manual de Redação da Presidência da República:

> **onde**
> Como pronome relativo significa 'em que (lugar)': A cidade **onde** nasceu.

Com base nessa definição e nas demais funções morfossintáticas que o termo **onde** *pode desempenhar, aponte a frase na qual o emprego de tal termo está incorreto.*

a) (...) o método utilizado pode afastar os auditores, pela falta de estrutura, da descoberta dos grandes esquemas de corrupção. Porque ele está muito voltado a atender à grande novidade inventada por Waldir Pires, os sorteios dos municípios. Ali, faz-se uma auditoria por amostragem, onde pegar um grande esquema dependerá, como tudo num sorteio, da sorte.
b) O Portal de Transparência é até onde a CGU conseguiu tornar possível a sua ideia de tornar público o Sistema Integrado de Administração Financeira (...).

c) “Cultura” é um termo quase infinitamente maleável. (...). Sua origem ou, pelo menos, até onde se possa saber, seu sentido primitivo parece se relacionar com a criação, descoberta ou invenção da agricultra (...).

d) Passada a euforia da libertação, muitos ex-escravos regressaram a suas fazendas, ou a fazendas vizinhas; para retomar o trabalho por baixo salário. Dezenas de anos após a abolição, os decendentes de escravos ainda viviam, nas fazendas, uma vida pouco melhor do que a de seus antepassados escravos. Outros dirigiram-se às cidades, como o Rio de Janeiro, onde foram engrossar a grande parcela da população sem emprego fixo.

e) Onde havia dinamismo econômico provocado pela expansão do café, como em São Paulo, os novos empregos, tanto na agricultura como na indústria, foram ocupados por milhares de imigrantes italianos que o governo atraía para o país. Lá, os ex-escravos foram expulsos ou relegados aos trabalhos mais brutos e mais mal pagos.

*(Fontes: Rudolfo Lago, **Correio Braziliense**, 24/10/2005; Nelson Archer, **Relativismo cultural e multiculturalimo**, FSP, 31/10/2005; José Murilo de Carvalho, **Cidadania no Brasil**: o longo caminho, pág. 52)*

5. (FGV) Perguntei por que ele não tocava mais piano.

Assinale a alternativa correta acerca do uso do porquê na frase acima.

a) A forma está correta, pois corresponde à preposição POR + o pronome relativo QUE.

b) A forma está correta, pois é uma conjunção, sendo, nesse caso, sempre grafada como duas palavras.

c) A forma está correta, pois equivale a “por qual razão”, caracterizando uma pergunta indireta.

d) A forma está incorreta, pois a forma com duas palavras só se usa em perguntas. O correto seria PORQUE.

e) A forma está incorreta, pois, embora seja grafada com duas palavras, a forma QUE deveria levar acento circunflexo.

6. (FGV) “Concluída a fusão dos mercados, em vez de rumar para a integração política e consolidar seu protagonismo na cena mundial, a Europa faz da integração um utensílio da exclusão. Claro está que Bruxelas não pode evitar a deriva à direita de certos Estados, mas tampouco necessita servir à regionalização da xenofobia.”

A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:

I. A expressão em vez de não poderia ser substituída, no trecho, por ao invés de.

II. Ocorre alteração gramatical ou semântica ao se substituir “Claro está” por “Está claro”.

III. Não ocorre alteração gramatical ou semântica ao se substituir “certos Estados”

por “Estados certos”.

Assinale:

a) se somente o item III estiver correto.

b) se somente o item I estiver correto.

c) se nenhum item estiver correto.

d) se todos os itens estiverem corretos.

e) se somente o item II estiver correto.

7. (FGV) O leitor já viu onde quero chegar.

Assinale a alternativa cuja estrutura seja equivalente semanticamente à apresentada acima, mas que dela se diferencie quanto à adequação da linguagem ao padrão normativo.

a) Já observou o leitor onde quero chegar.

b) O leitor já viu aonde quero chegar.

c) Quero chegar onde o leitor já viu.

d) Em que ponto quero chegar o leitor já viu.

e) O leitor já viu em cujo local quero chegar.

GABARITO

1 – B	2 – D	3 – B
4 – A	5 – C	6 – C
7 – B		

CAPÍTULO 4

A LINGUAGEM FIGURADA – AS FIGURAS DE LINGUAGEM

Em nosso dia a dia, usamos com frequência a denominada linguagem intelectiva para que nos comuniquemos. A linguagem intelectiva é aquela em que os termos geralmente vêm dispostos na sequência "sujeito + predicado + complementos + adjuntos" e trabalha o sentido real, denotativo dos vocábulos, das palavras.

Não basta, porém, que a linguagem seja puramente racional para que o homem se comunique. Em muitas situações comunicativas, lançamos mão de recursos para que a linguagem se torne mais atraente, mais simpática, contribuindo para formar a convicção do leitor ou do ouvinte – é a denominada "linguagem afetiva". O resultado desse uso é uma linguagem mais sensível, mais comparativa, mais emocional, menos racional. Para obter esse efeito, o comunicador lança mão das chamadas **figuras de estilo**, conhecidas também como **figuras de linguagem**.

Figuras são os modos de dizer, alguns dos quais alteram a forma regular das palavras ou das orações, e outros modificam ou omitem o sentido próprio da expressão.

4.1 CLASSIFICAÇÃO DAS FIGURAS DE LINGUAGEM

As figuras de estilo ou de linguagem se classificam em:

a) Figuras de palavras ou tropos;
b) Figuras de pensamento;
c) Figuras de construção ou de sintaxe.

4.1.1 FIGURAS DE PALAVRAS OU TROPOS

São figuras que se caracterizam por alterar o sentido próprio de uma palavra. São elas: metáfora, metonímia, catacrese, perífrase, sinestesia e comparação.

4.1.1.1 Metáfora

A metáfora (de um vocábulo grego que significa “transportar”) é a translação do sentido próprio de uma palavra para outro, por analogia ou por semelhança, ou seja, consiste em usar uma palavra pela outra por força de uma comparação mental. É uma comparação – pelo fato de existirem características pertencentes a um objeto ou ser que se adapta a outro – sem a presença explícita de conectivo comparativo.

- Ela é um anjo de doçura, e ele é um cavalo de grosseria.
- É uma borboleta o coração daquela donzela.
- Muitos jovens perdem a razão quando vivem o fogo de uma paixão.
- O vício toma muitas vezes a máscara da virtude.
- “O Senhor é o meu Pastor e nada me faltará”. (Sl. 23)
- “Coração bobo, coração bola, coração balão
  A gente se ilude dizendo
  Já não há mais coração” (Alceu Valença)
- “O mar é lago sereno
  O céu – um manto azulado
  O mundo – um sonho dourado
  A vida – um hino d’amor.” (Casimiro de Abreu)
- “A vida é o dia de hoje
  A vida é ai que mal soa
  A vida é sombra que foge A vida é nuvem que voa.” (João de Deus)

⇨ **Observação:**

Com a metáfora, buscam-se semelhanças, analogias, características comuns entre os seres postos numa relação comparativa.

4.1.1.2 Metonímia

A metonímia é a substituição do sentido de um vocábulo pelo de outro com o qual está intimamente relacionado. Com a metonímia, o operador da língua troca um vocábulo por outro pelo fato de ambos apresentarem uma contiguidade de sentido, uma coexistência semântica. Quando se diz, por exemplo, que se leu Camões, percebe-se nitidamente a relação entre “Camões” e “obra escrita”. Na realidade, leu-se a “obra” que pertence ao escritor Camões. Observe outro exemplo abaixo:

- Durante a Idade Média, alguns defendiam o trono, outros, o altar.

⇨ **Observação:**

Perceba que os vocábulos “trono” e “altar” foram empregados em substituição aos vocábulos “realeza” e “religião”, respectivamente.

Várias são as formas de substituição propostas pela metonímia. Vejamos algumas:

a) O autor pela obra:

- Ontem me deleitei com o Machado de Assis.
  a obra

- Sempre viajava na companhia de José Saramago. Em casa, não abandonava Cecília Meireles.
  a obra *a obra*

b) A causa pelo efeito, ou vice-versa:

- Sempre vivi do suor do meu rosto.
  trabalho

- A palidez tomou-lhe conta do rosto quando viu que o avião perdeu altura.
  medo

c) O abstrato pelo concreto e vice-versa:

- A mocidade de hoje parece que perdeu o encanto pela vida.
  os jovens

- Era difícil não se emocionar com aquela beleza trôpega.
  um velho, um idoso

d) O continente pelo conteúdo:

- Eles sempre foram amantes do copo.
  das bebidas

- Eles comeram todo o prato com uma voracidade incrível.
  a comida, o alimento

e) A marca pelo produto:

- Fez a barba com uma gilete.
  lâmina de aço

- Por favor, limpe com uma coca.
  refrigerante à base de folha de coca

f) A parte pelo todo e vice-versa:

- Os ônibus passavam cheios de pernas. (pessoas)
- Muitas chaminés (fábricas, indústrias) dominam São Paulo.

g) O singular pelo plural:

- O homem (os homens) vive há séculos sobre a terra.
- O brasileiro (os brasileiros) é um povo de coragem, de luta, de determinação.

h) O objeto ou sinal pela coisa significada:

- Infelizmente a balança (a justiça) no Brasil não é tão justa quanto é em outros países.
- A toga brasileira (os juízes, os magistrados) ficou incomodada com as palavras do presidente da República.

i) O possuidor pela coisa possuída:

- Uma centena de fuzis (soldados) apoiavam suas decisões.
- Em toda guerra, as armas (os combatentes, os soldados) não dormem nem de dia nem de noite.

j) A matéria pelo objeto:

- Na festa, quebraram todos os cristais. (copos, pratos feitos de cristal)
- A comida foi colocada em porcelanas chinesas. (pratos e recipientes feitos de porcelana chinesa)

⇨ **Observação:**

a) Não se preocupe tanto em decorar essas formas de substituição. Procure, sim, entender o que é uma metonímia. As bancas raramente (mas raramente mesmo) cobram as relações acima. Elas querem saber tão somente se o estudante sabe identificar o que é um processo metonímico.

b) Muitos autores classificam alguns casos de metonímia como **sinédoque**. Esta, segundo eles, caracteriza-se por substituir “o todo pela parte” ou “a parte pelo todo”, isto é, teremos uma relação do tipo “continente e conteúdo” ou “gênero e espécie”. Achamos a discussão menor, e preferimos englobar todos os casos sob

a denominação genérica de metonímia, porquanto tem sido a figura predominante nos certames hoje.

4.1.1.3 Catacrese

A catacrese é o desvio do significado natural de um vocábulo. Consiste em se empregar um vocábulo já existente e com significação própria em outro sentido, por falta de vocábulo adequado. Em verdade, a catacrese é uma metáfora desgastada, porque busca semelhanças entre seres, objetos, coisas e passa a usar um vocábulo com uma extensão semântica maior do que ele possui – "é o esquecimento ou substituição definitiva do significado de uma palavra por outra", preconiza o ilustre mestre Cândido de Figueiredo.

- O **pé da cadeira** está quebrado.

⇨ **Observação:**

Busca-se a semelhança entre o "pé humano" (sentido denotativo) e o objeto de madeira que sustenta a cadeira, pé da cadeira (sentido conotativo).

Observe agora outros exemplos:

- Já na terça-feira, todos tiveram de responder à **sabatina** feita pelo professor.
- Furou a **cabeça do dedo** com um alfinete.
- Todos **embarcaram** no avião precisamente às 16 horas.
- O boxeador levou um soco na **boca do estômago**.
- Ficamos passeando bem no **coração da cidade**.
- Colocaram vários **dentes de alho** na buchada que eles prepararam.
- A **asa do avião** ficou danificada por causa da colisão com um pássaro.

4.1.1.4 Perífrase ou antonomásia

É um tipo especial de metonímia que se caracteriza por substituir um ser ou um objeto por uma expressão que facilmente o identifica. Geralmente essa substituição é feita com uma característica marcante do ser ou do objeto. Observe:

- Faz anos que morreu o épico português. *Camões*
- Conheci a Veneza brasileira. *Recife*

Veja outras perífrases:

- **o rei do baião** → por Luís Gonzaga
- **a cidade luz** → por Paris
- **a Suíça pernambucana** → por Garanhuns
- **o poeta dos escravos** → por Castro Alves
- **o país do sol nascente** → por Japão
- **o grande poeta mineiro** → por Drummond
- **o grande orador grego** → por Demosthenes
- **o grande poeta grego** → por Homero
- **o águia de Haia** → por Rui Barbosa
- **o rei da selva** → por leão

4.1.1.5 Sinestesia

Consiste na mistura de sensações perceptíveis por órgãos do sentido diferentes. Busca-se, com isso, oferecer maior expressividade à sensação primitiva, mais forte. Quando se diz, por exemplo, "beijo doce", atribuiu-se à sensação tátil "beijo" uma sensação gustativa "doce" para indicar que a ação primitiva "beijo" é intensificada por uma sensação gustativa "doce". Observe outros exemplos:

- Ela usava um vestido de **cores berrantes**.
- Na reunião, ele usou **ásperas palavras**.
- O locutor do aeroporto possui uma **voz doce e aveludada**.
- O vinho apresentava um **gosto quente, áspero**.
- "Ó sonora **audição colorida** do aroma!" (Alphonsus de Guimaraens)

4.1.1.6 Comparação

É a analogia efetuada entre dois seres ou objetos por meio de conectivos comparativos explícitos a fim de ressaltar a(s) semelhança(s) entre eles. Geralmente são usados os conectivos subordinativos comparativos "como, tal qual, assim como, tão... quanto, tanto... quanto, mais... (do) que, menos... (do) que etc.".

- "Seria meia-noite quando o navio começou a mover-se lentamente, e uma hora depois a

cidade, as praias, e as montanhas sumiam-se na distância, **como** se o mar as fosse engolindo com a voracidade de um monstro." (Adolfo Caminha)

- "E o escândalo, **como** um líquido derramado, ia escorrendo pelas ruas, pelos becos, penetrando por aqui e por ali, invadindo as repartições públicas, os escritórios comerciais, as redações das folhas e as casa particulares." (Aluísio Azevedo)

4.1.2 FIGURAS DE PENSAMENTO

São figuras que se processam no âmbito do pensamente, da ideia que se quer transmitir. São processos de expressão do pensamento, os quais introduzem ideia diferente da que realmente a palavra exprime. São elas:

4.1.2.1 Antítese

É a figura que consiste no emprego de termos ou pensamentos em oposição, de forma que faça sobressair um pelo outro. É um poderoso recurso estilístico, pois ressalta relações de contraste, de oposição entre os termos, entre as ideias. Veja alguns exemplos:

- "Estes edificam, aqueles destroem; estes sobem pelos degraus da honra, aqueles outros descem." (M. Bernardes)
- "Última flor do Lácio, inculta e bela,
  és, a um tempo, esplendor e sepultura." (Olavo Bilac)
- "Vejo um túmulo, entremos:
  Quem sempre a morte achou no lar da vida
  Deve a vida encontrar no lar da morte." (Laurindo Rabelo)
- "Ontem plena liberdade
  A vontade por poder
  Hoje... cum'lo de maldade
  Nem são livres... pra morrer." (Castro Alves)
- "Era o porvir – em frente do passado,
  A liberdade – em face à escravidão." (Castro Alves)

4.1.2.2 Paradoxo ou oximoro

É uma espécie de antítese mais radical, pois trabalha com termos em oposição colocados lado a lado. O contrassenso se dá dentro do mesmo termo, do mesmo verso. Veja:

- “O doutor falava **bobagens** conspícuas.” (Manoel de Barros apud Domingos P. Cegalla)
- “Amor é fogo que **arde** sem se ver,
  É ferida que **dói**, e não se sente;
  É um **contentamento** descontente
  É dor que **desatina** sem doer.” (Camões)
- “Menino do rio,
  calor que provoca arrepio.” (Caetano Veloso)
- “Enfim, transpondo o **Inferno** e o Purgatório, Dante
  Chegara à extrema luz pela mão de Beatriz:
  Triste no sumo bem, **triste** no excelso instante,
  O poeta compreendera **o mal** de ser feliz.” (Olavo Bilac)

4.1.2.3 Ironia

Conhecida também como “antífrase”, é a alteração do sentido próprio de uma palavra ou de uma expressão para o sentido oposto, isto é, a ironia ocorre quando a palavra ou a sentença exprime normalmente o contrário daquilo que queremos dar a entender com ela. O emprego da ironia, em muitas situações, pode revelar sarcasmo, zombaria, chacota, escárnio. Observe:

- Bela coisa você fez, meu filho – conseguiu tirar nota baixa em todos os exames!
- “Moça linda bem tratada
  Três séculos de família
  burra como uma porta.” (Mário de Andrade)
- “A excelente dona Inácia era mestra na arte de judiar das crianças.” (Monteiro Lobato)

4.1.2.4 Eufemismo

Consiste no emprego de palavras ou expressões com o objetivo de diminuir o impacto da mensagem. Em outras palavras, é o abrandamento da força de uma ideia, de uma mensagem. Empregam-se palavras ou expressões mais amenas, mais suaves, mais sutis para evitar o impacto da ideia, da mensagem. Observe:

- **Os funcionários da limpeza pública** entraram em greve. (em vez de “garis, lixeiros”)
- No depoimento, a testemunha **faltou com a verdade**. (em vez de “mentiu”)
- Foi preso pela polícia, porque **enriqueceu por meios ilícitos**. (em vez de “roubou”)
- Descobriram um **tumor maligno** no seio da mulher. (em vez de “câncer”)

- Nossos amigos **não foram felizes** no concurso que fizeram. (em vez de “foram reprovados”)
- “Alma minha gentil **que te partiste** Tão cedo desta vida descontente.” (Camões)
- “Os amigos que me restam são de data recente; todos os antigos foram estudar **a geologia dos campos santos**.” (Machado de Assis *apud* Rocha Lima)

4.1.2.5 Hipérbole

Consiste no emprego de expressões ou palavras com o sentido exagerado, extrapolado. É um outro poderoso recurso expressivo, pois se baseia no exagero da mensagem. Observe:

- Naquele momento, todos nós já estávamos **mortos de fome**.
- Mulher, não te vejo **há séculos**.
- “Abram mais janelas do que todas as janelas que há no mundo.” (Fernando Pessoa)
- “Queria gritar setecentas mil vezes...” (Cazuza)
- “Rios te correrão dos olhos, se chorares.” (Olavo Bilac)

4.1.2.6 Gradação

Consiste no emprego de palavras ou ideias em progressão ascendente ou descendente a fim de obter um efeito estilístico. Quando apresenta ideias em gradação ascendente, chama-se “clímax”; quando apresenta ideias em gradação descendente, chama-se “anticlímax”. Veja alguns exemplos:

- “Que **verbo mais eloquente**, que **eloquência mais sublime**, que **sublimidade mais angélica** do que a sua”? (Alves Mendes *apud* Jorge Miguel)
- “Oh, não aguardes que a madura idade
  Te converta essa flor, essa beleza,
  Em terra, em cinza, em pó, em sombra, em nada.” (Gregório de Matos)
- “Parece-me que só neste país ainda não se observa nem se permite esse costume **tão natural, tão próprio, tão eficaz mesmo**, das senhoras pobres empregarem-se no comércio a retalho.” (Adolfo Caminha)
- “E o escândalo, como um líquido derramado, ia escorrendo pelas ruas, pelos becos, penetrando por aqui e por ali, **invadindo as repartições públicas, os escritórios comerciais, as redações das folhas e as casa particulares**.” (Aluísio Azevedo)

- “Não já lutando, **mas rendido, enfermo, prostrado, desfalecido, morrendo, morto**.” (Pe. Antônio Vieira)

4.1.2.7 Prosopopeia, personificação ou animismo

Consiste em se atribuírem qualidades humanas a seres inanimados, personificando-os. É uma figura bastante comum nas histórias, nos contos infantis. Observe:

- “As estrelas foram chamadas e **disseram**: – Aqui estamos.” (Pe. Antonio Vieira)
- “Debaixo do arco admirável da Ponte das Bandeiras **o rio murmurava** num banzeiro de água pesada e oleosa.” (Mário de Andrade)
- “Dona Cômoda tem três gavetas. E um **ar confortável de senhora rica**. Nas gavetas guarda coisas de outros tempos, só para si. Foi sempre assim, dona Cômoda: gorda, fechada e egoísta.” (Mário Quintana)
- “As rãs do charco **clamavam**:
  – Dai-nos sol! Dai-nos sol!
  Os ralos e a cigarra acompanhavam:
  – Solzinho! Solzinho! Solzinho!” (Aquilino Ribeiro *apud* Jorge Miguel)

4.1.2.8 Apóstrofe ou invocação

Consiste num chamamento, numa invocação, numa interpelação que se faz a alguém. Em outros termos, é uma interrupção que faz o orador ou escritor para dirigir-se, em tom de chamamento, em tom forte, a uma pessoa ou coisa. Representa a figura do vocativo em sintaxe. Veja alguns exemplos:

- “**Lua lua lua**
  por um momento
  meu canto contigo compactua.” (Caetano Veloso)
- “**Deus!, ó Deus!** onde estás que não respondes?” (Castro Alves)
- “Até quando, **ó povo insensato**, haveis de manquejar na Fé, divididos e discordes de vós mesmos em duas partes.” (Pe. Antonio Vieira)

4.1.2.9 Reticência

Consiste na supressão da ideia, do pensamento, deixando à outra pessoa a complementação dessa ideia ou desse pensamento. É também um poderoso recurso de estilo, representado pelos três pontos em sequência (...). Vejamos alguns exemplos:

- “Bem sabes que te não contrario... desejo este casamento, desejo... mas... em primeiro lugar, convém saber se ele é do teu gosto... Vamos..., fala!” (Aluísio Azevedo)

- “Estava ainda com a carta aberta nas mãos, quando viu aparecer o doutor, que vinha por notícias do enfermo; o agente do correio dissera-lhe haver chegado uma carta. Era aquela?
  – É esta, mas...
  – Tem alguma comunicação reservada...?” (Machado de Assis)

- “Na comédia o rei veste como rei, e fala como rei; o lacaio veste como lacaio, e fala como lacaio; o rústico veste como rústico, e fala como rústico; mas um pregador, vestir como religioso e falar como... não o quero dizer, por reverência do lugar.” (Pe. Antonio Vieira)

4.1.3 FIGURAS DE CONSTRUÇÃO OU DE SINTAXE

São denominadas de figuras de construção porque alteram de alguma forma a construção regular da frase, da oração, do período, do verso. Buscam, com essa alteração, conferir maior expressividade, maior elegância à construção textual. São elas:

4.1.3.1 Elipse

É uma das figuras mais usuais na construção textual. Consiste na omissão de um vocábulo, de um verbo ou de uma oração inteira, os quais podem ser facilmente subentendidos no contexto.

Dependendo do termo elipsado, a elipse pode ser: **nominal** (de uma palavra), **verbal** (de um verbo) ou **frástica** (de uma oração, de uma frase). Vejamos alguns exemplos:

- “**Na terra tanta guerra, tanto engano,**
  Tanta necessidade aborrecida!” (Camões)

→ **Nos versos de Camões, temos a elipse do verbo “haver” = “Na terra há tanta guerra, há tanto engano”.**

- “Em Dina matou a formosura a Sichem; **em Dallila matou a Sansão; em Judith matou a Holophernes; em Helena, a toda a Troia; em Lucrecia, a toda a Roma; em Florença, a toda a Espanha**.” (Pe. Antonio Vieira)

→ **No excerto de Vieira, é latente a elipse (nominal, diga-se de passagem) do sujeito “a formosura” nas orações subsequentes: “...em Dallila, a formosura matou a Sansão; em Judith, a formosura matou a Holophernes;...”**

- “É por estas e outras que aborreço os políticos, os políticos sim, **não a política**.” (Rui

Barbosa)

→ **Observe a elipse do verbo "aborrecer" na última oração: "..., os políticos sim, não aborreço a política".**

- "Enfim, ele pensava, **como eu**, que tudo que existe é bom." (Machado de Assis)

→ **Elipse do verbo da oração comparativa: "..., como eu pensava,...".**

4.1.3.2 Zeugma

É uma espécie de elipse. É uma figura pela qual uma palavra já exprimida numa oração se subentende na outra, que lhe é análoga ou ligada, isto é, é a ocultação que um termo anteriormente expresso – o termo aparece em uma oração e é ocultado na(s) outra(s). Observe:

- Cada criança escolheu um brinquedo; os meninos pegaram carrinhos, as meninas, bonecas.

→ **Perceba a zeugma do verbo "pegar" na última oração.**

- A um é dada a palavra de sabedoria, a outro, o dom de curar moléstias.

→ **Veja a zeugma da locução de passiva "é dado".**

- "A aurora é o riso do céu, a alegria dos campos, a respiração das flores, a harmonia das aves, a vida e o alento do mundo." (Pe. Antonio Vieira)

→ **Observe a zeugma tanto do sujeito "aurora" quanto do verbo ser "é".**

- "Nossos bosques têm mais vida
  Nossa vida mais amores." (Gonçalves Dias)

→ **Temos no último verso a zeugma do verbo "ter": "... Nossas vidas têm mais amores".**

4.1.3.3 Polissíndeto

É a figura que consiste na repetição intencional de conectivos, geralmente, coordenativos a fim de conferir maior expressividade entre os elementos unidos pelos conectivos. Vejamos:

- Deus criou o sol e a lua e as estrelas. E fez o homem e deu-lhe inteligência e fê-lo chefe da natureza.

- "Uma procissão de rendas e sedas e leques e véus e diamantes e olhos de todas as

cores e linguagens.” (Machado de Assis)

- “Chego, pego-lhe do braço e o recolho e o enxugo e o aqueço e o agasalho no meu colo.” (A. R. dos Santos *apud* Ernesto C. Ribeiro)

4.1.3.4 Assíndeto

É a figura oposta ao polissíndeto. Consiste na supressão dos conectivos entre os termos e orações a fim de tornar a mensagem mais concisa, mais enxuta. Vejamos alguns exemplos:

- Entram todos os fiéis. Louvam, cantam, batem palmas, choram, riem. Tudo em nome de Deus.
- “Range, ri, treme, devasta, insulta e vence.” (Eça de Queiroz)
- “Luciana, inquieta, subia à janela da cozinha, sondava os arredores, bradava com desespero...” (Graciliano Ramos *apud* Rocha Lima)

4.1.3.5 Hipérbato

Consiste na alteração da ordem direta dos termos em uma oração. Em português, a oração geralmente segue a ordem “sujeito + verbo + complementos + adjuntos”. O hipérbato quebra a ligação imediata que as palavras têm umas com as outras, a fim de conferir maior ênfase, maior destaque a determinadas partes da oração. Observe:

- “Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
  De um povo heroico o brado retumbante.” (Hino Nacional Brasileiro)

→ **Na ordem direta, teríamos: “As margens plácidas do Ipiranga ouviram um brado retumbante de um povo heroico.”**

- “... aí se não ouvem essas alegres sinfonias.” (Carneiro Ribeiro)
- “A quem o nascimento fez em Portugal, grande, o valor no Oriente.” (J. Freire *apud* Carneiro Ribeiro)

⇨ **Observação:**

Quando o hipérbato altera tão profundamente a ordem dos termos na oração que chega a provocar certa confusão entre as partes desta, passa a ser chamado de “sínquise”. Veja:

- “Por ver em que montanhas se dos mares

Livrou, anda vagando, e em que lugares." (F. Barreto)

- "Enquanto manda as ninfas amorosas
  Grinaldas na cabeça pôr de rosas." (Camões)

4.1.3.6 Pleonasmo enfático ou estilístico

É uma figura pela qual se empregam palavras que, se bem não sejam necessárias para a perfeita expressão do pensamento, dão-lhe, todavia, mais força, mais energia. Consiste, literalmente, na repetição de uma ideia já contida em termos e expressões anteriores a fim de aumentar a força da mensagem. Observe:

- "Este crucifixo, vi-o eu com os meus olhos, e está hoje em dia naquele mosteiro." (H. Pinto)
- "Louvamos em Deus uma excelência, que é mais excelente de todas." (Pe. Antônio Vieira)
- "E rir meu riso
  E derramar meu pranto." (Vinícius de Moraes)
- "Tantos outros assombros da natureza e prodígios inauditos, vistos com os próprios olhos, palpados com as mãos e pisados com os pés." (Pe. Antônio Vieira)

⇨ **Observações:**

a) Em algumas situações, o pleonasmo é representado pela repetição, em forma de pronome oblíquo tônico, dos complementos verbais: objeto direto e objeto indireto. Observe:

- "Vi os teus companheiros, mas não te vi a ti." (M. Said Ali)
- "Ele perseguia as aves e alimárias inocentes: eu perseguia-o a ele." (A. Herculano)
- "E que me importa a mim isso? Virão um dia a esta nobre terra de Espanha gerações que compreendam as palavras do presbítero." (A. Herculano)

b) Não confunda este tipo de pleonasmo com o **pleonasmo vicioso**. Este, como o próprio nome já diz, torna a frase deselegante, pobre. Por isso, expressões do tipo "morreu uma morte; vi com os olhos; fui com os meus pés; pescou um peixe" são terríveis pleonasmos. Entretanto, se lhes acrescentarmos uma expressão explicativa, uma circunstância ou um modificativo, desfaremos o pleonasmo. Logo, em "morreu uma morte terrível, sofrida e solitária" não há mais pleonasmo, senão uma forma bastante expressiva de se enunciar um pensamento.

4.1.3.7 Anástrofe

Consiste numa inversão mais simples que o hipérbato – geralmente se inverte apenas sujeito e predicado. Em outras palavras, é uma inversão na sucessão analítica do pensamento, sem quebrar a ligação imediata que as palavras têm umas com as outras.

- "A Dário venceu Alexandre." (Carneiro Ribeiro)
- "Com papas e bolos se enganam os tolos." (Provérbio)
- "Clara era naquele tempo a fama de Dom Duarte de Menezes." (J. Freire)
- "Aberta em parte estava a porta." (A. Garrett)

4.1.3.8 Silepse ou concordância ideológica

Como o próprio nome já denuncia, é uma concordância efetuada não com o termo, mas com a ideia transmitida pelo termo. É preciso ter em mente que, em português, a concordância padrão se dá com o núcleo do sujeito expresso ou implícito. Na silepse, essa concordância é efetuada com o "espírito", com a ideia do termo. Há três tipos de silepse: de **gênero**, de **número** e de **pessoa**. Vamos a elas:

a) **Silepse de gênero:** a concordância é feita com o gênero do termo a que se refere e não com o termo em si. Observe:

- Vossa Excelência é muito justo e generoso.

⇨ **Observação:**

Perceba como os adjetivos não concordam com o pronome de tratamento "Vossa Excelência", mas sim com a ideia de que o pronome de tratamento se refere a um ser masculino.

- De longe, viu o seu **amor**, **vestida** de véu e grinalda. (amor = mulher, esposa)
- A **criança** voltou às aulas, mas a professora não podia com **ele**.
- A **testemunha** prestou depoimento e estava **preocupado** com a possibilidade de haver uma acareação entre **ele** e o réu do processo.

a) **Silepse de número:** a concordância é feita com o número (singular ou plural) que é transmitido pela ideia do termo, e não com o número (singular ou plural) real do termo.

- "Das ovelhas **a maior parte** ao desamparo dos pegureiros **se perderam**." (Lobo *apud*

Carneiro Ribeiro)

- "Estavam pegados com ele uma infinidade de homens." (Fr. Luís de Souza)
- "Logo outro dia ao romper da alva se abalou **o exército**, ao som de muitos instrumentos bélicos, e chegando aos muros, **começaram** em torno da fortaleza a arvorar escadas." (J. Freire)
- "**Povoavam** os degraus **muita sorte de gente**." (Mário Barreto)

⇨ **Observação:**

Haverá também silepse de número quando os pronomes "nós" e "vós" forem empregados por "eu" e "tu", isto é, quando se emprega o plural de modéstia. Nesse caso, o predicativo poderá concordar no singular com a ideia do singular. Veja:

- "Antes sejamos **breve** que **prolixo**." (J. de Barros)
- "Apesar da benevolência com que fomos **acolhido**, disseram-nos que..." (J. de Castilho)
- "**Chegado**, porém, à conclusão deste livro, por-lhe-emos remate com uma reflexão." (A. Herculano *apud* Eduardo C. Pereira)

c) Silepse de pessoa: a concordância é feita com a pessoa que se tem em mente, e não com a pessoa (1.ª, 2.ª ou 3.ª) na qual o termo efetivamente se encontra.

- Os brasileiros (3.ª pessoa) em geral somos (1.ª pessoa) pessoas cordiais.
- "Dizem que os cariocas somos pouco dados aos jardins públicos." (Machado de Assis)
- "E os dois, ali no quarto, picamos em mil pedaços as trezentas páginas do livro." (Paulo Setúball *apud* Jorge Miguel)
- "Senhor, os que somos de terra deixamos repouxar os navegantes." (Fr. Luís de Souza *apud* Artur de A. Torres)

4.1.3.9 Anáfora

Do ponto de vista da retórica, a anáfora consiste na repetição de uma mesma palavra, de um mesmo vocábulo no início de cada oração, de cada período ou de cada verso de uma composição.

- "Quem, senão ela, há de expulsar do templo o renegado, o blasfemo, o profanador, o simoníaco? Quem, senão ela, exterminar da ciência o apedeuta, o plagiário, o charlatão? Quem, senão ela, banir da sociedade o imoral, o corruptor, o libertino? Quem, senão ela,

... .” (Rui Barbosa)

- “Com o tempo o prado verde reverdece,
  Com o tempo cai a folha ao bosque umbroso.
  Com o tempo pára o rio caudaloso,
  Com o tempo o campo pobre se enriquece.” (Camões)

- “Vi os navios irem e voltarem.
  Vi os infelizes irem e voltarem.
  Vi os homens obesos dentro do fogo.
  Vi ziguezagues na escuridão.” (Jorge de Lima *apud* Roberto M. Mesquita)

4.1.3.10 Anacoluto

Gramaticalmente falando, o anacoluto nada mais é do que “uma frase quebrada”, isto é, uma construção interrompida e depois retomada com outra estrutura. Com esta quebra, um dos termos da estrutura oracional geralmente acaba sem função sintática.

Convém aqui reproduzir a definição de um dos nossos maiores mestres, o professor Augusto Epifânio da Silva Dias: “A anacolutia consiste em uma ou mais palavras do princípio de uma oração não se ligarem ao que vem depois, segundo as regras da sintaxe.”

O tipo mais frequente de anacoluto é aquele em que um elemento parece que vai ser sujeito da oração e acaba sem função sintática.

Vamos aos exemplos (grifamos os termos que ficaram sem função sintática no período, o que reflete o anacoluto).

- O João Paulo, parece que as coisas não lhe correm bem.

- “As outras, que as asas do anjo Azrael se estendam sobre os seus cadáveres.” (A. Herculano)

- “Tua mãe, não há idade nem desgraça que lhe amolde a índole rancorosa.” (Camilo C. Branco)

- “A velha hipocrisia, recordo-me dela com vergonha.” (Camilo C. Branco)

- A terra em que tu morreres, nessa morrerei.” (Pe. Antônio Pereira *apud* Eduardo C. Pereira)

- Os três reis orientais, que vieram adorar o Filho de Deus recém-nascido em Belém, é tradição da igreja que um era preto.” (Pe. Antônio Vieira *apud* Eduardo C. Pereira)

⇨ Observação final sobre o anacoluto:

Observe como os termos grifados encontram-se soltos dentro da estrutura oracional –

nenhum deles se liga sintaticamente a outro. É justamente esse fenômeno, essa quebra que recebe o nome de anacoluto. Para o ilustre Gramático Carlos Góis, “o anacoluto é uma das belezas mais ornamentais da língua. De geração espontânea na linguagem do povo, como o provam os adágios e rifões, os escritores e poetas mais autorizados acharam-lhe tal graça, tal efusão, que o transportaram, de flor popular e anônima, a flor de gala e louçania”.

4.1.3.11 Aliteração

Consiste na repetição intencional do mesmo som consonantal no início de dois ou mais vocábulos em imediata sucessão para imitar a realidade sonora de certos fenômenos ou para simplesmente conferir ênfase à estrutura. Observe:

- Em nossa viagem, passamos por uma terra feia, fria, mas farta.
- Fumo e fogo resfolga a férrea máquina.
- “Pedro pedreiro penseiro esperando o trem.” (Chico Buarque)

4.1.3.12 Repetição

Consiste na repetição das mesmas palavras ou locuções. Esta figura revela que o espírito do escritor se encontra repleto da ideia que o absorve e fortemente o empolga.

- “Abri, abri estas entranhas, vede, vede este coração.” (Pe. Antônio Vieira)
- “Fora, fora com essas velhices.” (Fr. Luís de Souza)

4.2 VÍCIOS DE LINGUAGEM

Em contraposição às figuras de linguagem, que dão à fala e à escrita graça e elegância, encontramos os vícios de linguagem, os quais são deturpações que a língua sofre em sua pronúncia ou em sua escrita por desconhecimento ou descuido de quem fala.

Quem fala deve sempre prezar por uma linguagem pura, correta e clara. A **pureza** consiste no emprego de palavras e expressões autorizadas pela história da língua e pelo uso dos que melhor falam. Já a **correção** significa a elaboração de construções oracionais e frásticas em conformidade com as regras da sintaxe. E finalmente a **clareza** consiste em empregar palavras e construir frases, cujo sentido facilmente se compreende. Aquele que desrespeita essas virtudes textuais incorre, portanto, nos vícios da linguagem.

Os principais vícios de linguagem são: barbarismo, solecismo, ambiguidade, cacofonia, estrangeirismo, colisão, eco, arcaísmo e hiato.

4.2.1 BARBARISMO

Barbarismo (também chamado de “peregrinismo”) é o emprego de termos estranhos à língua, quer na forma, quer na sua ideia. Em outras palavras, ocorre barbarismo quando se escrevem ou se pronunciam, de forma incorreta, certos vocábulos, ou ainda quando se empregam vocábulos num sentido diverso do que realmente ele representa.

Vejamos alguns exemplos de barbarismos:

- advinhar → por “adivinhar”
- mendingo → por “mendigo”
- mantêga → por “manteiga”
- adevogado → por “advogado”
- sastifeito → por “satisfeito”
- abandonado → por “dissoluto”
- seje → por “seja”
- preguntar → por “perguntar”
- fácio → por “fácil”
- rúbrica → por “rubrica”
- bizarro → por “esquisito”
- brusco → por “precipitado”

4.2.2 SOLECISMO

Genericamente falando, solecismo é qualquer erro de sintaxe. Tal erro pode ser de concordância, de regência ou de colocação pronominal. Vejamos alguns solecismos comuns:

- Eu lhe vi ontem no shopping. → em vez de: “Eu o vi ontem no shopping.”
- Vamos todos assistir o jogo agora. → em vez de: “Vamos todos assistir ao jogo agora.”
- Não fazei mal aos animais. → em vez de: “Não façais mal aos animais.”
- Houveram muitos problemas no processo. → em vez de: “Houve muitos problemas no processo”.
- Incendiou-se a casa que eu morei nela. → em vez de: “Incendiou-se a casa em que eu morei.”
- Me disseram que ela não virá hoje. → em vez de: “Disseram-me que ela não virá hoje.”
- Fomos na cidade hoje pela manhã. → em vez de: “Fomos à cidade hoje pela manhã.”

4.2.3 AMBIGUIDADE (ANFIBOLOGIA OU PLEONASMO VICIOSO)

Ocorre quando uma frase apresenta sentido duplo ou duvidoso, ou seja, quando não se consegue chegar ao sentido exato da frase por apresentar mais de uma interpretação, mais de um sentido. Vejamos alguns exemplos:

- Mãe procura filho sequestrado pela internet. → (Não se sabe se a mãe o procura pela internet ou se o filho foi sequestrado pela internet)
- Regressou a Brasília depois de uma cirurgia, com cerimonial de Chefe de Estado. → (Não se sabe se o cerimonial foi para a cirurgia ou para o regresso)
- O policial prendeu o ladrão em sua casa. → (Não se sabe se foi na casa do ladrão ou na casa do policial)
- O amor de minha mãe me fortalece. → (Não se sabe se a mãe é amada ou se ela ama, ou seja, não se sabe se ela é agente ou paciente do amor)
- O bom rei ama o povo. → (Não se sabe quem é o sujeito da oração: "o bom rei" ou "o povo")

4.2.4 CACOFONIA OU CACÓFATO

Consiste no encontro de palavras que formem outra de sentido torpe, ridículo ou desagradável. Em algumas situações, a cacofonia é resultante da junção da sílaba terminal de um vocábulo com a palavra ou parte da palavra imediata.

Convém aqui citar o mestre M. Said Ali, para quem "a cacofonia é o encontro de sílabas em que a malícia descobre um novo termo com sentido torpe ou ridículo".

Vejamos alguns exemplos:

- "Al<u>ma minha</u> gentil que te partiste". (Camões)
- Por ser tão tarde, <u>vou-me já</u>.
- A bo<u>ca dela</u> está suja.
- Distribuiremos um <u>por cada</u> visitante.
- Meu coração por <u>ti gela</u>.
- Ele só possui u<u>ma mão</u>.
- Ele nunca agiu <u>como elas</u>.

4.2.5 ESTRANGEIRISMO

Consiste no emprego abusivo de palavras estrangeiras quando há, no idioma pátrio, vocábulo próprio para a situação. Como os estrangeirismos provêm de línguas diversas, alguns autores preferem as denominações "galicismos (provenientes do francês), anglicismos (provenientes do inglês) e germanismos (provenientes do alemão)". Observe alguns:

- **delivery** → por “entrega”
- **meeting** → por “encontro”
- **pic-nic** → por “piquenique”
- **buquet** → por “buquê”
- **sale** → por “promoção”
- **feed back** → por “retorno”
- **chofer** → por “motorista”
- **performance** → por “desempenho”

4.2.6 COLISÃO

Consiste no emprego desagradável de um som consonantal idêntico.

- Vimos um jardim com ro**s**a**s** **s**eca**s**, **s**erena**s** e **s**em **s**emente**s**.
- Não **s**abemos **s**e **s**erão **s**ervida**s** fruta**s** **s**eca**s** nas cerimônia**s**.
- O silêncio da noite era interrom**p**ido **p**elo **p**io do **p**into agourento.

4.2.7 ECO

É a repetição desagradável de fonemas vocálicos no final das palavras, fazendo-as rimar. Observe:

- Neste momento, eu tive um aumento no meu vencimento.
- O instrumento de casamento do sargento ficou no convento no largo de São Bento.
- É sempre válida a disposição para a criação de uma fundação que tenha por função a proteção do cidadão.

4.2.8 ARCAÍSMO

Consiste no emprego de vocábulos ou expressões que são antiquados ou que já caíram em desuso.

- vosmecê → em vez de “você”
- cachete → em vez de “comprimido”
- cristaleira → em vez de “estante”
- velida → em vez de “bela”
- coita → em vez de “dor, aflição”
- bofé → em vez de “boa-fé”

4.2.9 HIATO

Consiste na dissonância produzida pelo encontro de vogais idênticas e sucessivas, especialmente quando se trata de vogais abertas.

- Perdeu-**o o** homem que estava à beira da morte.
- Só vou **à a**ula amanhã de manhã.
- Imperfeição como esta não **a há** nos clássicos.

⇨ **Observação:**

Cumpre dizer que "colisão", "eco" e "hiato" deixam de constituir vícios de linguagem quando intencionalmente empregados para efeito estilístico.

4.3 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (CESGRANRIO) "A política é a higiene dos países moralmente sadios. A politicalha, a malária dos povos de moralidade estragada."

   As figuras de estilo identificáveis nesse contexto são:

   a) hipérbole e anacoluto.
   b) metáfora e anacoluto.
   c) metonímia e zeugma.
   d) metonímia e hipérbole.
   e) metáfora e zeugma.

2. (UNITAU) Na frase "... consumo das significações no SEIO da comunicação social...", a palavra em destaque é, no plano semântico e estilístico,

   a) denotação e paradoxo.
   b) conotação e sinédoque.
   c) denotação e pleonasmo.
   d) conotação e catacrese.
   e) conotação e antítese.

3. (CESGRANRIO) Observe os períodos abaixo:

"Vontade de beijar os olhos de minha pátria
1 – De niná-la, de passar-lhe a mão pelos cabelos".
2 – "Pátria, eu semente que nasci do vento
Eu que não vou e não venho, eu que permaneço".

A partir dos exemplos 1 e 2, indique as respectivas figuras de linguagem:

a) prosopopeia – aliteração.
b) metáfora – gradação.
c) hipérbole – antítese.
d) aliteração – personificação.
e) metonímia – assíndeto.

4. (FAAP) "De repente do riso fez-se o pranto".

Observe que as palavras RISO e PRANTO, nesse soneto, ultrapassam a simples representação mental correspondente a cada um dos signos; convertem-se na significação mesma da alegria ou da felicidade e da tristeza ou da situação infeliz. Trata-se de uma figura de linguagem que consiste na ampliação da área de significação de uma palavra usada em lugar de outra, com apoio numa relação de coexistência ou contiguidade, ou seja:

a) silepse
b) pleonasmo
c) anacoluto
d) metonímia
e) prosopopeia

5. (FAAP) "Silencioso e branco como a bruma".

À repetição das mesmas consoantes em BRANCO e BRUMA em busca da sonoridade, dá-se o nome:

a) assonância
b) aliteração
c) eco
d) trocadilho
e) pleonasmo

6. (FATEC) "Seus óculos eram imperiosos."

Assinale a alternativa onde aparece a mesma figura de linguagem que há na frase acima:

a) “As cidades vinham surgindo na ponte dos nomes.”
b) “Nasci na sala do terceiro ano.”
c) “O bonde passa cheio de pernas.”
d) “O meu amor, paralisado, pula.”
e) “Não serei o poeta de um mundo caduco.”

7. (FEI) Assinalar a alternativa correta, correspondente às figuras de linguagem, presentes nos fragmentos a seguir:

I. “Não te esqueças daquele amor ardente que já nos olhos meus tão puro viste.”
II. “A moral legisla para o homem; o direito, para o cidadão.”
III. “A maioria concordava nos pontos essenciais; nos pormenores porém, discordavam.”
IV. “Isaac a vinte passos, divisando a vulto de um, pára, ergue a mão em viseira, firma os olhos.”

a) anacoluto, hipérbato, hipálage, pleonasmo
b) hipérbato, zeugma, silepse, assíndeto
c) anáfora, polissíndeto, elipse, hipérbato
d) pleonasmo, anacoluto, catacrese, eufemismo
e) hipálage, silepse, polissíndeto, zeugma

8. (FEI) Assinalar a alternativa que contém as figuras de linguagem correspondentes aos períodos a seguir:

I. “Está provado, quem espera nunca alcança”.
II. “Onde queres o lobo sou o irmão”.
III. Ele foi discriminado por sofrer de uma doença contagiosa muito falada atualmente.
IV. Ela quase morreu de tanto estudar para o vestibular.

a) ironia – antítese – eufemismo – hipérbole
b) eufemismo – ironia – hipérbole – antítese
c) antítese – hipérbole – ironia – eufemismo
d) hipérbole – eufemismo – antítese – ironia
e) ironia – hipérbole – eufemismo – antítese

9. (FEI) Assinalar a alternativa que apresenta o vício de linguagem conhecido como solecismo:

a) Não podemos adiar a viagem para depois.
b) Ele entrou de sócio no clube.
c) Fazem dois anos que trabalho aqui.
d) É louvável a fé de teu time.
e) Ele assistiu ao incêndio do prédio.

10. (FUVEST) A prosopopeia, figura que se observa no verso “Sinto o canto da noite na boca do vento”, ocorre em:

a) “A vida é uma ópera e uma grande ópera.”
b) “Ao cabo tão bem chamado, por Camões, de Tormentório, os portugueses apelidaram-no de Boa Esperança.”
c) “Uma talhada de melancia, com seus alegres caroços.”
d) “Oh! eu quero viver, beber perfumes,
Na flor silvestre, que embalsama os ares.”
e) “A felicidade é como a pluma...”

GABARITO

1 – E	2 – D	3 – A
4 – D	5 – B	6 – C
7 – B	8 – A	9 – C
10 – C		

BIBLIOGRAFIA – CONTEÚDO GRAMATICAL

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. 5. ed. São Paulo: Global, 2009.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Dicionário de questões vernáculas*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1996.

_____. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 41. ed. São Paulo: Saraiva, 1997.

ALI, M. Said. *Dificuldades da língua portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Livraria Acadêmica, 1957.

_____. *Gramática elementar da Língua Portuguesa*. 9. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1966.

_____. *Gramática secundária da Língua Portuguêsa*. 7. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1966.

_____. *Investigações filológicas.* 3. ed.. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

ALVES, Ieda Maria. *Neologismo* – Criação lexical. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994.

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.

BARRETO, Mário. *Através do dicionário e da gramática*. 4. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1986.

_____. *De gramática e de linguagem*. 3. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1982.

_____. *Novíssimos estudos da Língua Portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1980.

_____. *Novos estudos da Língua Portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1980.

_____. *Últimos estudos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1986.

BECHARA, Evanildo. *Lições de português pela análise sintática*. 17. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

_____. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

_____ (org.) et al. *Na ponta da língua.* 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. v. 5.

_____. *Na ponta da língua.* 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. v. 6.

_____. *Na ponta da língua.* 1. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. v. 7.

BRANDÃO, Cláudio. *Sintaxe clássica portuguesa*. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade de Minas Gerais, 1963.

BRUNO, Aníbal. *Língua Portuguesa – Gramática e Exercícios*. 28. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1948.

_____. *Nova Gramática da Língua Portuguesa*. 1. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1971.

BUENO, Silveira. *Gramática normativa da Língua Portuguêsa*. 7. ed. São Paulo: Saraiva, 1968.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de lingüística e gramática*. 18. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

CARONE, Flávia de Barros. *Morfossintaxe*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1995.

_____. *Subordinação e coordenação*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1993.

CARVALHO, Alfredo de. *Dicionário de regência nominal portuguesa*. 1. ed. Belo Horizonte: Garnier, 2007.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

_____. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 46. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.

CHEDIAK, Antônio J. *Análise sintática*. 1. ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1955.

CUNHA, Celso e CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007.

CUNHA, J. Alcides. *Método de análise sintática*. 14. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1955.

DIAS, Augusto Ephiphanio da Silva. *Syntaxe histórica portuguesa*. 1. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1918.

ELIA, Hamilton. *Prática da análise sintática*. 9. ed. Rio de Janeiro: J. Ozon Editor, 1966.

ELIA, Hamilton e ELIA, Sílvio. *100 textos errados e corrigidos*. 26. ed. Francisco Alves, 1979.

ELIA, Silvio (org.) et al. *Na ponta da língua.* 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000. v. 1.

FARACO, Carlos Emílio e MOURA, Francisco Marto. *Língua e literatura.* 18. ed. São Paulo: Ática, 1997. v. 3.

FERNANDES, Francisco. *Dicionário de regimes de substantivos e adjetivos*. 26. ed. São Paulo: Globo, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário de verbos e regimes.* 44. ed. São Paulo: Globo, 2003.

_____. *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio*. 4. ed. Editora Positivo.

FIGUEIREDO, Cândido de. *Gramática sintética da língua portuguesa*. 8. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1961.

_____. *O que se não deve dizer.* 7. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1953. v. I.

_____. *O que se não deve dizer.* 6. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1953. v. II.

_____. *O que se não deve dizer.* 3. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1927. v. III.

GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna*. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1974.

GÓIS, Carlos. *Gramática expositiva primária*. 5. ed. Belo Horizonte: Oliveira, Costa e Cia Oficinas Gráficas, 1934.

_____. *Methodo de analyse*. 9. ed. Rio de Janeiro: Oficina gráfica Renato

Americano, 1936.

_____. *Sintaxe de regência*. 4. ed. Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves, 1938.

_____. *Syntaxe de concordância*. 6. ed. Rio de Janeiro: Oficina gráfica Renato Americano, 1935.

GOMES, Dr. Alfredo. *Grammatica Portugueza*. 20. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1930.

GOTARDELO, Augusto. *A crase nos bons escritores*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Dois Irmãos Ltda., 1983.

GRAÇA, Heráclito. *Fatos da linguagem.* 3. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa.* 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KURY, Adriano da Gama. *Novas lições de análise sintática*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1993.

_____ et al. *Gramática objetiva da língua portuguesa* – sintaxe. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1977.

LEME, Odilon Soares. *Tirando dúvidas de português*. 1. ed. São Paulo: Ática, 1992.

LIMA, Carlos Henrique da Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 31. ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1992.

_____. *Teoria da análise sintática*. 3. ed. Rio de Janeiro: Acquarone, 1956.

LUFT, Celso Pedro. *A vírgula*. 1. ed. São Paulo: Ática, 1996.

_____. *Decifrando a crase*. São Paulo: Globo, 2005.

_____. *Dicionário prático de regência nominal*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005.

_____. *Dicionário prático de regência verbal*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1997.

_____. *Moderna gramática brasileira*. 1. ed. São Paulo: Globo, 2006.

_____. *Novo guia ortográfico*. 1. ed. São Paulo: Globo, 1996.

MATEUS, Maria Helena Mira et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. 7. ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.

MAURER JR., Theodoro Henrique. *O infinito flexionado português*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1968.

MELO, Gladstone Chaves de. *Gramática fundamental da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Ao Livro Técnico, 2001.

_____. *Novo manual de análise sintática*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Livraria Acadêmica, 1971.

_____ (org.) et al. *Na ponta da língua.* 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000. v. 2.

_____. *Na ponta da língua.* 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000. v. 3.

MELO, J. Nelino. *Análise sintática*. 1. ed. Rio de Janeiro: Melso Soc. Anônima, 1964.

_____. *Estudos práticos de gramática normativa da língua portuguesa.* 2.ed. Rio de Janeiro: Bruno Buccini Editor, 1968.

MESQUITA, Roberto Melo. *Gramática da Língua Portuguesa*. 5. ed. São Paulo: Saraiva,

1996.

MIGUEL, Jorge. *Curso de língua portuguesa*. 1. ed. São Paulo: Harbra, 1989.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário de dúvidas e dificuldades do idioma nacional*. 3. ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1952.

_____. *O idioma nacional*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Livraria Acadêmica, 1960.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. 1. ed. São Paulo: Unesp, 2000.

_____. *Guia de uso do português*. 1. ed. São Paulo: Unesp, 2003.

OITICICA, José. *Manual de análise léxica e sintática*. 10. ed. refundida. Rio de Janeiro: Editora Paulo de Azevedo Ltda., 1953.

OLIVEIRA, Cândido de. *Análise sintática* – Manual prático. 7. ed. São Paulo: Editora Gráfica Biblos Ltda.

PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramática expositiva*. 109. ed. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1958.

PERINI, Mário A. *Gramática descritiva do português*. 3. ed. São Paulo; Ática, 1998.

RIBEIRO, Ernesto Carneiro. *Serões Grammaticaes*. 6. ed. Bahia: Livraria Progresso Editora, 1956.

RIBEIRO, João. *Grammatica Portugueza*. 34. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1920.

SACCONI, Luiz Antonio. *Dicionário de dúvidas, dificuldades e curiosidades da língua portuguesa*. 1. ed. São Paulo, 2005.

_____. *Nossa gramática contemporânea*. 1. ed. São Paulo: Editora Escala Educacional, 2006.

SILVEIRA, Souza da. *Lições de português*. 9. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1983.

_____. *Sintaxe da preposição "de"*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1951.

_____. *Trechos seletos*. 8. ed. Rio de Janeiro: F. Briguiet e Cia Editores, 1966.

SAVIOLI, Francisco Platão. *Gramática em 44 lições*. 14. ed. São Paulo: Ática, 1998.

TERRA, Ernani. *Curso prático de gramática*. 4. ed. São Paulo: Scipione, 2002.

TÔRRES, Artur de Almeida. *Moderna gramática expositiva da língua portuguesa.* 14. ed. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1962.

Lexikon | obras de referência

CELSO CUNHA & LINDLEY CINTRA

nova gramática do português contemporâneo

7ª edição

de acordo com a nova ortografia

nova gramática do português contemporâneo

Lexikon | *obras de referência*

CELSO CUNHA & LINDLEY CINTRA

nova gramática do português contemporâneo

7ª edição - 2ª impressão

Texto atualizado com a nova ortografia, determinada pelo DECRETO Nº 6.583, DE 29 DE SETEMBRO DE 2008 que promulga o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, com início de sua vigência em 1º de janeiro de 2009.

© 2017 by titulares dos direitos de Celso Ferreira da Cunha e Luis Filipe Lindley Cintra

Direitos de edição da obra em língua portuguesa em todo o mundo adquiridos pela LEXIKON EDITORA DIGITAL LTDA. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

LEXIKON EDITORA DIGITAL
Rua Luís Câmara, 280 – Ramos – 21031-175
Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: (21) 2221-8740
http://www.lexikon.com.br

sac@lexikon.com.br

Veja também www.aulete.com.br – seu dicionário na internet

7ª edição – 2016

EDITOR
Paulo Geiger

REVISÃO
Ana Lúcia Kronemberger

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

PRODUÇÃO
Sonia Hey

CAPA
Luis Saguar

IMAGEM DE CAPA
Serigrafia de Gonçalo Ivo – Rio São Francisco (vista de Ibotirama, BA), 1993, prova do autor.

IMPRESSÃO
Oceano Indústria Gráfica e Editora

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

C977n
7.ed.

Cunha, Celso
Nova gramática do português contemporâneo [recurso eletrônico] / Celso Cunha, Lindley Cintra. – 7. ed., reimpr. -- Rio de Janeiro : Lexikon, 2017.
800 p., recurso digital

Formato: epdf
Requisitos do sistema: adobe acrobat reader
Modo de acesso: world wide web
Inclui índice
ISBN: 978-85-8300-031-0 (recurso eletrônico)

1. Língua portuguesa - Gramática. 2. Livros eletrônicos. I. Cintra, Luís F. Lindley (Luis Filipe Lindley),1925-1991. II. Título.

17-41723 CDD:
CDU: 469.5
811.134.3›36

À memória de Serafim da Silva Neto,
amigo comum e mestre da
Filologia Portuguesa.

A Joseph M. Piel,
Jacinto do Prado Coelho,
José V. de Pina Martins,
companheiros e amigos.

Sumário

PREFÁCIO, *xxiii*

ADVERTÊNCIA, *xxvii*

NOTA DO EDITOR, *xxix*

Introdução – CONCEITOS GERAIS, *1*

Linguagem, língua, discurso, estilo, *1*

Língua e sociedade: variação e conservação linguística, *2*

Diversidade geográfica da língua: dialeto e falar, *4*

A noção de correto, *5*

Capítulo 1 – DO LATIM AO PORTUGUÊS ATUAL, *9*

O latim e a expansão romana, *9*

Latim literário e latim vulgar, *10*

As línguas românicas, *11*

A romanização da península, *13*

O domínio visigótico, *16*

O domínio árabe, *17*

O português primitivo, *18*

Períodos evolutivos da língua portuguesa, *18*

Capítulo 2 – DOMÍNIO ATUAL DA LÍNGUA PORTUGUESA, *23*

Unidade e diversidade, *23*

As variedades do português, *24*
Os dialetos do português europeu, *25*
Os dialetos das ilhas atlânticas, *31*
Os dialetos brasileiros, *31*

O português de África, da Ásia e da Oceânia, *34*

Capítulo 3 – FONÉTICA E FONOLOGIA, *37*

Os sons da fala, *37*
O aparelho fonador, *37*
Funcionamento do aparelho fonador, *38*

Som e fonema, *40*
Descrição fonética e fonológica, *41*
Transcrição fonética e fonológica, *42*
Alfabeto fonético utilizado, *42*

Classificação dos sons linguísticos, *4*
Vogais e consoantes, *45*
Semivogais, *45*

Classificação das vogais, *45*
Articulação, *47*
Timbre, *47*
Intensidade e acento, *48*
Vogais orais e vogais nasais, *48*
Vogais tônicas orais, *49*
Vogais tônicas nasais, *49*
Vogais átonas orais, *50*

Classificação das consoantes, *53*
Modo de articulação, *54*
O ponto ou zona de articulação, *55*
O papel das cordas vocais, *56*
O papel das cavidades bucal e nasal, *57*
Quadro das consoantes, *57*
A posição das consoantes, *59*

Encontros vocálicos, *60*
Ditongos, *60*
Ditongos decrescentes e crescentes, *60*
Ditongos orais e nasais, *61*
Tritongos, *62*
Hiatos, *63*
Encontros intraverbais e interverbais, *63*

Encontros consonantais, *64*

Dígrafos, *65*

Sílaba, *66*
Sílabas abertas e sílabas fechadas, *66*
Classificação das palavras quanto ao número de sílabas, *67*

Acento tônico, *67*
Classificação das palavras quanto ao acento tônico, *69*
Observações sobre a pronúncia culta, *70*
Valor distintivo do acento tônico, *71*
Acento principal e acento secundário, *71*
Grupo acentual (ou de intensidade), *72*
Ênclise e próclise, *73*
Acento de insistência, *73*
Acento afetivo, *74*
Acento intelectual, *74*
Distinções fundamentais, *75*

Capítulo 4 – ORTOGRAFIA, *77*

Letra e alfabeto, *77*

Notações léxicas, *78*
O acento, *78*
O til, *79*
O trema, *79*
O apóstrofo, *79*
A cedilha, *79*
O hífen, *79*
Emprego do hífen nos compostos, *80*
Emprego do hífen nas formações por prefixação, recomposição e sufixação, *81*
Emprego do hífen na ênclise, na mesóclise e com as formas do verbo haver, *82*
Partição das palavras no fim da linha, *82*

Regras de acentuação, *84*

Divergências entre as ortografias oficialmente adotadas em Portugal e no Brasil, *88*

Capítulo 5 – CLASSE, ESTRUTURA E FORMAÇÃO DE PALAVRAS, *89*

Palavra e morfema, *89*
Tipos de morfemas, *90*
Classes de palavras, *91*

Estrutura das palavras, *92*
Radical, *92*
Desinência, *92*
Afixo, *93*
Vogal temática, *94*
Vogal e consoante de ligação, *95*

Formação de palavras, *96*
Palavras primitivas e derivadas, *96*
Palavras simples e compostas, *96*

Famílias de palavras, *96*

Capítulo 6 – DERIVAÇÃO E COMPOSIÇÃO, *97*

Formação de palavras, *97*
Derivação prefixal, *97*
Prefixos de origem latina, *98*
Prefixos de origem grega, *101*
Derivação sufixal, *102*
Sufixos nominais, *102*
Sufixos verbais, *114*
Sufixo adverbial, *115*
Derivação parassintética, *116*
Derivação regressiva, *117*
Derivação imprópria, *118*
Formação de palavras por composição, *119*
Tipos de composição, *119*
Compostos eruditos, *122*
Radicais latinos, *122*
Radicais gregos, *123*
Recomposição, *127*
Pseudoprefixos, *127*
Hibridismo, *129*
Onomatopeia, *230*
Abreviação vocabular, *130*
Siglas, *130*

Capítulo 7 – FRASE, ORAÇÃO, PERÍODO, *133*

A frase e sua constituição, *133*
Frase e oração, *134*
Oração e período, *135*

A oração e os seus termos essenciais, *136*
Sujeito e predicado, *136*
Sintagma nominal e verbal, *137*

O sujeito, *138*
Representação do sujeito, *138*
Sujeito simples e sujeito composto, *140*
Sujeito oculto (determinado), *141*
Sujeito indeterminado, *142*
Oração sem sujeito, *143*
Da atitude do sujeito, *145*
Com os verbos de ação, *145*
Com os verbos de estado, *146*

O predicado, *146*
Predicado nominal, *146*
Predicado verbal, *149*
Verbos intransitivos, *149*
Verbos transitivos, *150*
Predicado verbo-nominal, *151*
Variabilidade da predicação verbal, *152*

A oração e os seus termos integrantes, *152*

Complemento nominal, *153*

Complementos verbais, *154*
Objeto direto, *154*
Objeto direto preposicionado, *156*
Objeto direto pleonástico, *156*
Objeto indireto, *157*
Objeto indireto pleonástico, *159*
Predicativo do objeto, *160*
Agente da passiva, *161*
Transformação da oração ativa em passiva, *162*

A oração e os seus termos acessórios, *163*
Adjunto adnominal, *164*
Adjunto adverbial, *165*
Classificação dos adjuntos adverbiais, *166*
Aposto, *169*
Valor sintático do aposto, *171*
Aposto predicativo, *173*
Vocativo, *174*

Colocação dos termos na oração, *176*
Ordem direta e ordem inversa, *176*
Inversões de natureza estilística, *176*
Inversões de natureza gramatical, *177*
Inversão verbo + sujeito, *177*
Inversão predicativo + verbo, *181*

Entoação oracional, *181*
Grupo acentual e grupo fônico, *182*
O grupo fônico, unidade melódica, *182*
O grupo fônico e a oração, *183*
Oração declarativa, *183*
Oração interrogativa, *184*
Oração exclamativa, *187*
Conclusão, *189*

Capítulo 8 – SUBSTANTIVO, *191*

Classificação dos substantivos, *192*
Substantivos concretos e abstratos, *192*
Substantivos próprios e comuns, *192*
Substantivos coletivos, *192*

Flexões dos substantivos, *194*
Número, *194*
Formação do plural, *195*
Gênero, *202*
Quanto à significação, *203*
Quanto à terminação, *204*
Formação do feminino, *204*

Substantivos uniformes, *209*
Mudança de sentido na mudança de gênero, *210*
Substantivos masculinos terminados em *-a*, *211*
Substantivos de gênero vacilante, *211*
Grau, *212*
Valor das formas aumentativas e diminutivas, *212*
Especialização de formas, *213*

Emprego do substantivo, *213*
Funções sintáticas do substantivo, *213*
Substantivo como adjunto adnominal, *215*
Substantivo caracterizador de adjetivo, *216*
Substantivo caracterizado por um nome, *217*
O substantivo como núcleo das frases sem verbo, *217*

Capítulo 9 – ARTIGO, *219*

Artigo definido e indefinido, *219*
Formas do artigo, *220*
Formas simples, *220*
Formas combinadas do artigo definido, *221*
Formas combinadas do artigo indefinido, *223*

Valores do artigo, *224*
A determinação, *224*

Emprego do artigo definido, *226*
Com os substantivos comuns, *226*
Empregos particulares, *226*
Emprego genérico, *230*
Emprego em expressões de tempo, *231*
Emprego com expressões de peso e medida, *234*
Com a palavra *casa*, *234*
Com a palavra *palácio*, *235*
Emprego com o superlativo relativo, *236*
Com os nomes próprios, *237*
Com os nomes de pessoas, *238*
Com os nomes geográficos, *240*
Com os nomes de obras literárias e artísticas, *243*
Casos especiais, *243*
Antes da palavra *outro*, *243*
Depois das palavras *ambos* e *todo*, *244*
Repetição do artigo definido, *247*
Com substantivos, *247*
Com adjetivos, *248*
Omissão do artigo definido, *249*
Emprego do artigo indefinido, *251*
Com os substantivos comuns, *251*
Com os nomes próprios, *253*
Omissão do artigo indefinido, *254*
Em expressões de identidade, *255*

Em expressões comparativas, *256*
Em expressões de quantidade, *256*
Com substantivo denotador da espécie, *257*
Outros casos de omissão do artigo indefinido, *257*

Capítulo 10 – ADJETIVO, *259*

Nome substantivo e nome adjetivo, *260*
Substantivação do adjetivo, *260*
Substitutos do adjetivo, *261*

Morfologia dos adjetivos, *262*

Adjetivos pátrios, *262*
Pátrios brasileiros, *262*
Pátrios portugueses, *263*
Pátrios africanos, *263*
Adjetivos pátrios compostos, *263*

Flexões dos adjetivos, *264*
Número, *264*
Plural dos adjetivos simples, *265*
Plural dos adjetivos compostos, *265*
Gênero, *265*
Formação do feminino, *266*
Adjetivos uniformes, *267*
Feminino dos adjetivos compostos, *267*
Graus do adjetivo, *268*
Comparativo e superlativo, *268*
Formação do grau comparativo, *269*
Formação do grau superlativo, *269*
Comparativos e superlativos anômalos, *274*
Adjetivos que não se flexionam em grau, *275*
Emprego do adjetivo, *275*
Funções sintáticas do adjetivo, *275*
Valor estilístico do adjetivo, *279*
Concordância do adjetivo com o substantivo, *284*
Adjetivo referido a um substantivo, *284*
Adjetivo referido a mais de um substantivo, *285*
Adjetivo adjunto adnominal, *285*
Adjetivo predicativo de sujeito composto, *287*

Capítulo 11 – PRONOMES, *289*

Pronomes substantivos e pronomes adjetivos, *289*

Pronomes pessoais, *290*
Formas dos pronomes pessoais, *291*
Formas *o*, *lo* e *no* do pronome oblíquo, *291*
Pronomes reflexivos e recíprocos, *293*

Emprego dos pronomes retos, *295*
Funções dos pronomes retos, *295*

Omissão do pronome sujeito, *296*
Presença do pronome sujeito, *296*
Extensão de emprego dos pronomes retos, *297*
Realce do pronome sujeito, *300*
Precedência dos pronomes sujeitos, *301*
Equívocos e incorreções, *301*
Contração das preposições *de* e *em* com o pronome reto da 3.ª pessoa, *303*

Pronomes de tratamento, *303*
Emprego dos pronomes de tratamento da 2.ª pessoa, *305*
Fórmulas de representação da 1.ª pessoa, *310*

Emprego dos pronomes oblíquos, *310*
Formas tônicas, *310*
Emprego enfático do pronome oblíquo tônico, *312*
Pronomes precedidos de preposição, *312*
Formas átonas, *314*
O pronome oblíquo átono sujeito de um infinitivo, *316*
Emprego enfático do pronome oblíquo átono, *316*
O pronome de interesse, *317*
Pronome átono com valor possessivo, *317*
Pronomes complementos de verbos de regência distinta, *318*
Valores e empregos do pronome *se*, *319*
Combinações e contrações dos pronomes átonos, *322*
Colocação dos pronomes átonos, *323*

Pronomes possessivos, *332*
Pronomes pessoais, possessivos e demonstrativos, *332*
Formas dos pronomes possessivos, *333*
Valores e empregos dos possessivos, *333*
Concordância do pronome possessivo, *333*
Posição do pronome adjetivo possessivo, *334*
Emprego ambíguo do possessivo de 3.ª pessoa, *335*
Reforço dos possessivos, *336*
Valores dos possessivos, *337*
Valores afetivos, *338*
Nosso de modéstia e de majestade, *340*
Vosso de cerimônia, *340*
Substantivação dos possessivos, *341*
Emprego do possessivo pelo pronome oblíquo tônico, *341*

Pronomes demonstrativos, *342*
Formas dos pronomes demonstrativos, *343*
Valores gerais, *343*
Diversidade de emprego, *345*
Empregos particulares, *346*
Posição do pronome adjetivo demonstrativo, *347*
Alusão a termos precedentes, *348*
Reforço dos demonstrativos, *350*
Valores afetivos, *350*
O(s), *a(s)* como demonstrativos, *354*

Substitutos dos pronomes demonstrativos, *355*

Pronomes relativos, *356*
Formas dos pronomes relativos, *356*
Natureza do antecedente, *357*
Função sintática dos pronomes relativos, *358*
Pronomes relativos sem antecedente, *360*
Valores e empregos dos relativos, *360*
Que, *360*
Qual, o qual, *361*
Quem, *364*
Cujo, *364*
Quanto, *365*
Onde, *365*

Pronomes interrogativos, *366*
Flexão dos interrogativos, *367*
Valor e emprego dos interrogativos, *367*
Que, *367*
Quem, *368*
Qual, *369*
Quanto, *369*
Emprego exclamativo dos interrogativos, *370*

Pronomes indefinidos, *370*
Formas dos pronomes indefinidos, *371*
Locuções pronominais indefinidas, *371*
Pronomes indefinidos substantivos e adjetivos, *371*
Oposições sistemáticas entre os indefinidos, *373*
Valores de alguns indefinidos, *374*
Algum e nenhum, *374*
Cada, *375*
Certo, *376*
Nada, *377*
Outro, *378*
Qualquer, *379*
Todo, *380*
Tudo, *381*

Capítulo 12 – NUMERAIS, *383*

Espécies de numerais, *383*
Numerais coletivos, *384*

Flexão dos numerais, *384*
Cardinais, *384*
Ordinais, *385*
Multiplicativos, *385*
Fracionários, *385*
Numerais coletivos, *386*

Valores e empregos dos cardinais, *386*

Cardinal como indefinido, *387*
Emprego da conjunção *e* com os cardinais, *387*

Valores e empregos dos ordinais, *387*
Emprego dos cardinais pelos ordinais, *388*

Emprego dos multiplicativos, *389*

Emprego dos fracionários, *389*

Quadro dos numerais, *390*
Numerais cardinais e ordinais, *390*
Numerais multiplicativos e fracionários, *391*

Capítulo 13 – VERBO, *391*

Noções preliminares, *391*

Flexões do verbo, *394*
Números, *394*
Pessoas, *394*
Modos, *394*
Tempos, *395*
Aspectos, *396*
Vozes, *398*

Formas rizotônicas e arrizotônicas, *400*

Classificação do verbo, *400*

Conjugações, *401*
Tempos simples, *402*
Estrutura do verbo, *403*
Formação dos tempos simples, *403*
Verbos auxiliares e o seu emprego, *408*
Distinção importante, *410*
Conjugação dos verbos *ter*, *haver*, *ser* e *estar*, *413*
Modo indicativo, *413*
Modo subjuntivo, *414*
Modo imperativo, *415*
Formas nominais, *415*
Formação dos tempos compostos, *416*
Modo indicativo, *416*
Modo subjuntivo, *417*
Formas nominais, *418*
Conjugação dos verbos regulares, *419*
Conjugação da voz passiva, *419*
Modo indicativo, *419*
Modo subjuntivo, *420*
Formas nominais, *421*
Voz reflexiva, *421*
Verbo reflexivo e verbo pronominal, *422*
Conjugação de um verbo reflexivo, *422*
Modo indicativo, *422*

Modo subjuntivo, *424*
Modo imperativo, *426*
Formas nominais, *426*
Conjugação dos verbos irregulares, *427*
Irregularidade verbal, *427*
Irregularidade verbal e discordância gráfica, *428*
Verbos com alternância vocálica, *429*
Outros tipos de irregularidade, *436*
Verbos de particípio irregular, *455*
Verbos abundantes, *456*
Verbos impessoais, unipessoais e defectivos, *457*

Sintaxe dos modos e dos tempos, *462*
Modo indicativo, *462*
Emprego dos tempos do indicativo, *462*
Modo subjuntivo, *479*
Indicativo e subjuntivo, *479*
Emprego do subjuntivo, *480*
Subjuntivo independente, *480*
Subjuntivo subordinado, *482*
Substitutos do subjuntivo, *486*
Tempos do subjuntivo, *487*
Modo imperativo, *490*
Formas do imperativo, *490*
Emprego do modo imperativo, *491*
Substitutos do imperativo, *493*
Reforço ou atenuação da ordem, *495*
Emprego das formas nominais, *496*
Características gerais, *496*
Emprego do infinitivo, *498*
Emprego do gerúndio, *504*
Emprego do particípio, *508*

Concordância verbal, *510*
Regras gerais, *511*
Com um só sujeito, *511*
Com mais de um sujeito, *511*
Casos particulares, *513*
Com um só sujeito, *513*
Com mais de um sujeito, *523*

Regência verbal, *530*
Regência, *530*
Regência verbal, *531*
Diversidade e igualdade de regência, *531*
Regência de alguns verbos, *533*

Sintaxe do verbo *haver*, *551*

Capítulo 14 – ADVÉRBIO, *555*

Classificação dos advérbios, *556*
Advérbios interrogativos, *557*

Advérbio relativo, *558*
Locução adverbial, *558*

Colocação dos advérbios, *559*

Repetição de advérbios em *–mente*, *561*

Gradação dos advérbios, *562*
Grau comparativo, *562*
Grau superlativo, *562*
Outras formas de comparativo e superlativo, *563*
Repetição do advérbio, *565*
Diminutivo com valor superlativo, *565*
Advérbios que não se flexionam em grau, *565*

Palavras denotativas, *566*

Capítulo 15 – PREPOSIÇÃO, *569*

Função das preposições, *569*

Forma das preposições, *569*
Preposições simples, *596*
Locuções prepositivas, *570*

Significação das preposições, *570*
Conteúdo significativo e função relacional, *572*
Relações fixas, *574*
Relações necessárias, *574*
Relações livres, *575*

Valores das preposições, *576*
A, *576*
Ante, *578*
Após, *579*
Até, *579*
Com, *580*
Contra, *581*
De, *582*
Desde, *583*
Em, *584*
Entre, *585*
Para, *587*
Perante, *588*
Por (per), *588*
Sem, *590*
Sob, *590*
Sobre, *591*
Trás, *592*

Capítulo 16 – CONJUNÇÃO, *593*

Conjunção coordenativa e subordinativa, *593*
Conjunções coordenativas, *594*

Posição das conjunções coordenativas, *595*
Valores particulares, *596*
Conjunções subordinativas, *600*
Conjunções conformativas e proporcionais, *603*
Polissemia conjuncional, *604*
Locução conjuntiva, *604*

Capítulo 17 – INTERJEIÇÃO, *605*

Classificação das interjeições, *605*

Locução interjectiva, *605*

Capítulo 18 – O PERÍODO E SUA CONSTRUÇÃO, *607*

Período simples e período composto, *607*
Composição do período, *607*
Características da oração principal, *609*
Conclusão, *610*

Coordenação, *610*
Orações coordenadas sindéticas e assindéticas, *610*
Orações coordenadas sindéticas, *610*

Subordinação, *612*
A oração subordinada como termo de outra oração, *612*
Classificação das orações subordinadas, *614*
Orações subordinadas substantivas, *614*
Orações subordinadas adjetivas, *615*
Orações subordinadas adverbiais, *618*
Orações reduzidas, *623*

Capítulo 19 – FIGURAS DE SINTAXE, *633*

Elipse, *633*
A elipse como processo gramatical, *634*
A elipse como processo estilístico, *636*

Zeugma, *638*

Pleonasmo, *639*
Pleonasmo vicioso, *639*
Pleonasmo e epíteto de natureza, *639*
Objeto pleonástico, *640*

Hipérbato, *641*

Anástrofe, *641*

Prolepse, *642*

Sínquise, *642*

Assíndeto, *642*

Polissíndeto, *643*

Anacoluto, *644*

Silepse, *645*
Silepse de número, *645*
Silepse de gênero, *646*
Silepse de pessoa, *647*

Capítulo 20 – DISCURSO DIRETO, DISCURSO INDIRETO E DISCURSO INDIRETO LIVRE, *649*

Estruturas de reprodução de enunciações, *649*
Discurso direto, *649*
Características do discurso direto, *650*
Discurso indireto, *651*
Características do discurso indireto, *652*
Transposição do discurso direto para o indireto, *653*
Discurso indireto livre, *655*
Características do discurso indireto livre, *656*

Capítulo 21 – PONTUAÇÃO, *657*

Sinais pausais e sinais melódicos, *657*
Sinais que marcam sobretudo a pausa, *658*
A vírgula, *658*
O ponto, *664*
O ponto e vírgula, *666*
Valor melódico dos sinais pausais, *668*
Sinais que marcam sobretudo a melodia, *669*
Os dois pontos, *669*
O ponto de interrogação, *670*
O ponto de exclamação, *671*
As reticências, *673*
As aspas, *676*
Os parênteses, *679*
Os colchetes, *681*
O travessão, *682*

Capítulo 22 – NOÇÕES DE VERSIFICAÇÃO, *685*

Estrutura do verso, *685*
Ritmo e verso, *685*
Os limites do verso, *686*
As ligações rítmicas, *687*
Sinalefa, elisão e crase, *687*
Ectlipse, *688*
O hiato intervocabular, *689*
A medida das palavras, *690*
Sinérese, *690*
Diérese, *691*
Crase, aférese, síncope e apócope, *692*
A cesura e a pausa final, *693*
Cavalgamento (*enjambement*), *694*
O cavalgamento e a pausa final, *681*

Tipos de verso, *696*
Os versos tradicionais, *696*
Monossílabos, *696*
Dissílabos, *697*
Trissílabos, *697*
Tetrassílabos, *698*
Pentassílabos, *698*
Hexassílabos, *699*
Heptassílabos, *700*
Octossílabos, *701*
Eneassílabos, *702*
Decassílabos, *703*
Hendecassílabos, *705*
Dodecassílabos, *706*
Isossilabismo e versificação flutuante, *708*
O verso livre, *709*

A rima, *711*
A rima e o acento, *711*
Rima perfeita e rima imperfeita, *712*
Rima pobre e rima rica, *714*
Combinações de rimas, *715*
Rima interior, *716*
Indicação esquemática das rimas, *717*
Versos sem rima, *717*

Estrofação, *719*
O dístico, *719*
O terceto, *720*
A quadra, *720*
A quintilha, *720*
A sextilha, *721*
A estrofe de sete versos, *722*
A oitava, *723*
A estrofe de nove versos, *725*
A décima, *725*
Estrofe simples e composta, *727*
Estrofe livre, *727*

Poemas de forma fixa, *727*
O soneto, *727*

ELENCO E DESENVOLVIMENTO DAS ABREVIATURAS USADAS, *731*

ÍNDICE ONOMÁSTICO, *745*

ÍNDICE DE ASSUNTOS, *753*

Prefácio

Esta gramática foi idealizada há muito tempo, quando, unida a forte amizade, já nos ligava uma convergência de formação, interesses e objetivos. Sentíamo-la como uma urgente necessidade para o ensino da língua portuguesa não só em Portugal, no Brasil e nas nações lusófonas da África, mas em todos os países em que se estuda o nosso idioma.

Parecia-nos faltar uma descrição do português contemporâneo que levasse em conta, simultaneamente, as diversas normas vigentes dentro do seu vasto domínio geográfico (principalmente as admitidas como padrão em Portugal e no Brasil) e servisse, assim, fosse de fonte de informação, tanto quanto possível completa e atualizada, sobre elas, fosse de guia orientador de uma expressão oral e, sobretudo, escrita que, para o presente momento da evolução da língua, se pudesse considerar "correta", de acordo com o conceito de "correção" que adotamos no capítulo 1.

De então para cá várias descrições importantes do português se foram publicando, entre as quais é justo destacar a *Estrutura da língua portuguesa*, de Joaquim Matoso Câmara Júnior (1969); a *Gramática simbólica do português*, de Óscar Lopes (1971); a *Gramática portuguesa*, de Pilar Vázquez Cuesta e Maria Albertina Mendes da Luz, mormente a partir da 3.ª edição refundida (1971), sobre a qual se fez a tradução portuguesa (1980); e a *Gramática da língua portuguesa*, de Maria Helena Mira Mateus, Ana Maria Brito, Inês Silva Duarte e Isabel Hub Faria (1983). Nenhuma no entanto, e por diversas razões, correspondia ao nosso objetivo inicial. A de Pilar Vázquez Cuesta e Maria Albertina Mendes da Luz, apesar do seu rigor e qualidade, considerava as características do português do ponto de vista de um falante da língua espanhola, com todos os inconvenientes (e também as vantagens) que isso implica. A de Matoso Câmara Júnior baseava-se no padrão do português do

Brasil[1]; as outras duas levavam em conta fundamentalmente a norma de Portugal e tinham como objetivo, não propriamente o ensino da língua portuguesa, mas análises e reflexões, do maior interesse, sobre a sua estrutura e funcionamento interno, expostas numa linguagem técnica de difícil acesso para os não iniciados.

Digno também de particular menção pelo seu alto nível é o *Manuel de la langue portugaise (Portugal — Brésil)*[2], de Paul Teyssier, obra em que pela primeira vez se apresentam sistematicamente em confronto as normas europeia e americana do português.

Por outro lado, um de nós, Celso Cunha, elaborou e publicou em sucessivas edições a sua *Gramática do português contemporâneo* (1.ª ed., 1970 — 10.ª ed., 1983) e a sua *Gramática da língua portuguesa* (1.ª ed., 1972 — 10.ª ed., 1983), que, embora amplamente baseadas, quanto à linguagem escrita, tanto em autores portugueses como brasileiros, tinham principalmente em conta a variedade americana e ainda não correspondiam, portanto, ao projeto primitivo.

Foi esse projeto que há pouco mais de três anos resolvemos retomar, e o resultado do esforço conjunto é a obra que agora apresentamos ao público.

As características gerais desta *Nova gramática do português contemporâneo* são fáceis de definir.

Trata-se de uma tentativa de descrição do português atual na sua forma culta, isto é, da língua como a têm utilizado os escritores portugueses, brasileiros e africanos do Romantismo para cá, dando naturalmente uma situação privilegiada aos autores dos nossos dias. Não descuramos, porém, dos fatos da linguagem coloquial, especialmente ao analisarmos os empregos e os valores afetivos das formas idiomáticas.

Não desejamos discorrer sobre o plano da obra, mas não podemos deixar de fazer uma breve referência a alguns aspectos metodológicos.

Como esta gramática pretende mostrar a superior unidade da língua portuguesa dentro da sua natural diversidade, particularmente do ponto de vista diatópico, uma acurada atenção se deu às diferenças no uso entre as modalidades nacionais e regionais do idioma, sobretudo às que se observam entre a variedade nacional europeia e a americana.

No estudo da fonética e da fonologia, procurou-se estabelecer, sempre que possível, a equivalência entre os conceitos e a terminologia tradicionais e os da fonética acústica e da fonologia moderna; no estudo das classes de palavras,

---

[1] Duas gramáticas de inegáveis méritos e de larga difusão no Brasil – a *Gramática da língua portuguesa*, de Rocha Lima (23.ª ed., 1983), e a *Moderna gramática portuguesa*, de Evanildo Bechara (27.ª ed., 1982) – são bem anteriores ao nosso projeto.

[2] Paris, Klincksieck, 1976.

examinou-se a palavra em sua forma e, a seguir, em sua função, de acordo com os princípios da morfossintaxe.

Notar-se-á, por outro lado, uma permanente preocupação de salientar e valorizar os meios expressivos do idioma, o que torna este livro não apenas uma gramática, mas, de certo modo, uma introdução à estilística do português contemporâneo.

Embora, a rigor, o estudo da versificação não faça parte de uma descrição gramatical, incluiu-se um capítulo final sobre o enunciado em verso, complementar, a nosso ver, do estudo da entoação da prosa, a que se deu atenção no capítulo 7.

Toda a obra foi objeto de exame conjunto e de troca de sugestões entre os seus autores. Cumpre-nos, no entanto, dizer, para resguardar as responsabilidades de autoria, que a Lindley Cintra se deve a redação do capítulo 2, da maior parte do capítulo 3 e do tratamento contrastivo do capítulo 13. A Celso Cunha cabe a redação dos demais capítulos, bem como a exemplificação aduzida.

Queremos, por fim, expressar a nossa gratidão a todos os que contribuíram para que esta obra saísse com menos imperfeições, em particular os nossos colegas Joram Pinto de Lima, Maria do Carmo P. Machado, Edila Viana da Silva, Sílvia Figueiredo Brandão e Cilene da Cunha Pereira.

Um agradecimento especial endereçamos a Cinira, permanente animadora da obra, pelo penoso trabalho de ajuda na revisão das provas tipográficas e de confronto textual da versão brasileira com a portuguesa, assim como pela elaboração do Índice Onomástico; a Maurício Marchevsky, por algumas das ilustrações; a Sérgio e Sebastião Lacerda, pela confiança e interesse demonstrados desde o início na execução do projeto.

Rio de Janeiro, 28 de fevereiro de 1985.

CELSO CUNHA
LUÍS F. LINDLEY CINTRA

Advertência

Esta edição da *Nova Gramática do Português Contemporâneo* vem acrescida do capítulo "Do Latim ao Português", de autoria de Celso Cunha, publicado originalmente sob o título "Noções históricas", na *Gramática da Língua Portuguesa*, editada pela Fundação de Assistência ao Estudante (FAE), do Ministério da Educação, na década de 1970.

Ao incorporar ao estudo da gramática o relato do processo de formação e difusão do nosso idioma, espera-se propiciar, além da compreensão da estrutura, da funcionalidade e do uso, a percepção de seu papel no contexto linguístico universal e de como o processo histórico influenciou seus aspectos internos.

Num mundo cada vez mais partilhado e em interação, a visão histórica da Língua Portuguesa – hoje a língua oficial de cerca de 200 milhões de pessoas em oito países – é fundamental para compreender sua atual importância geopolítica, social e cultural.

A presente edição está atualizada segundo as mudanças na ortografia implementadas pelo Acordo Ortográfico de 1990, em vigor no Brasil a partir de janeiro de 2009.

Rio de Janeiro, dezembro de 2008

Cilene da Cunha Pereira

Nota do Editor

O **Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990** é um tratado internacional cujo objetivo é unificar a ortografia do português, para uso de todos os países que têm o português como língua oficial. O acordo foi assinado por representantes de Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe em Lisboa, em 16 de Dezembro de 1990, ao fim de uma negociação iniciada em 1980 entre a Academia de Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras. Depois de obter a sua independência, Timor-Leste aderiu ao Acordo em 2004. O acordo teve ainda a presença de uma delegação de observadores da Galícia.

O Acordo Ortográfico de 1990 institui uma ortografia oficial única da língua portuguesa e com isso interrompe a existência de duas normas ortográficas oficiais diferentes: uma no Brasil e outra nos restantes países de língua portuguesa. Os proponentes do Acordo dão como exemplo motivador a língua espanhola (o castelhano), que apresenta grande variação, quer na pronúncia quer no vocabulário, entre a Espanha e a América hispânica, mas sujeita a uma só forma de escrita, regulada pela Associação de Academias da Língua Espanhola.

A adoção da nova ortografia, de acordo com os dados da Nota Explicativa do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990 (que se baseiam exclusivamente numa lista de 110.000 palavras da Academia das Ciências de Lisboa), irá acarretar alterações na grafia de cerca de 1,6% do total de palavras na norma euro-afro-asiático-oceânica (em Portugal, PALOP, Timor-Leste e Região Administrativa Especial de Macau) e de cerca de 0,5% na brasileira.

A NOVA ORTOGRAFIA

GUIA RÁPIDO E SIMPLIFICADO

Este é um resumo, em linguagem e organização simples, das disposições do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, aprovado pelos oito países lusófonos (que falam o português como sua língua nacional) em 16 de dezembro de 1990. O texto completo do Acordo está disponível no *site www.filologia.org.br/acordo_ortografico.pdf*. Este resumo trata apenas das mudanças inequívocas, e refere-se somente àquelas que dizem respeito à ortografia adotada no Brasil (em parte, serão outras as mudanças em relação à ortografia até então adotada em Portugal e outros países lusófonos).

AS MUDANÇAS

ALFABETO

Ao alfabeto da língua portuguesa acrescem-se as letras *K*, *W* e *Y*, e ele passa a ter 26 letras*:

A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z

USO DE VOGAIS ÁTONAS *E* E *I*

Em palavras com sufixos *-ano* e *-ense* que se combinam com um *i* que pertence ao tema (havaiano [de Havaí], italiano [de Itália], etc.) ou derivadas de palavras que têm na última sílaba um *e* átono (Acre, Açores), escreve-se antes da sílaba tônica *-iano* e não *-eano*: acriano, açoriano, sofocliano, torriense. Mas escreve-se *-eano* se a última sílaba da palavra de origem tiver *e* tônico: daomeano, guineano ou guineense, etc.

MUDANÇAS NA ACENTUAÇÃO E NO USO DO TREMA

Os ditongos abertos tônicos *éi* e *ói* perdem o acento agudo quando caem na penúltima sílaba (portanto, de palavras paroxítonas):

---

* Na prática, essas letras já se usavam como símbolos de medidas (km, kg, W) e em palavras estrangeiras e suas derivadas em português: know-how, Kant, kantiano, yin-yang, walkman.

idéia(s)	*passa a ser*	ideia(s)
jóia(s)	*passa a ser*	joia(s)
geléia(s)	*passa a ser*	geleia(s)
tramóia(s)	*passa a ser*	tramoia(s)
epopéia(s)	*passa a ser*	epopeia(s)
apóia	*passa a ser*	apoia
diarréico(s)	*passa a ser*	diarreico(s)
heróico(s)	*passa a ser*	heroico(s)
hebréia(s)	*passa a ser*	hebreia(s)
debilóide(s)	*passa a ser*	debiloide(s)

◆ **Cuidado:** o acento não cai se incide nesses ditongos em sílabas tônicas de palavras oxítonas (com acento tônico na última sílaba) ou proparoxítonas (com acento tônico na antepenúltima sílaba):

anéis	*continua*	anéis
herói(s)	*continua*	herói(s)
fiéis	*continua*	fiéis
anzóis	*continua*	anzóis
axóideo(s)	*continua*	axóideo(s)

Cai o acento circunflexo de palavras paroxítonas terminadas em *ôo* e em *êem*:

vôo	*passa a ser*	voo
dêem	*passa a ser*	deem
enjôo	*passa a ser*	enjoo
vêem	*passa a ser*	veem
acôo	*passa a ser*	acoo
crêem	*passa a ser*	creem
abençôo	*passa a ser*	abençoo
lêem	*passa a ser*	leem

◆ **Cuidado**: As flexões dos verbos *ter* e *vir* na 3ª pess. pl. do pres. do indic. mantêm o acento: *têm*, *vêm*, diferençando das flexões de 3ª pess. sing. *tem*, *vem*, bem como os derivados desses verbos, como *mantém* e *mantêm*, *provém* e *provêm*, *retém* e *retêm*, *convém* e *convêm*, etc.

Não se usa acento gráfico (agudo ou circunflexo) em palavras paroxítonas para diferençá-las de outras palavras delas homógrafas (com a mesma grafia). São estas as palavras afetadas:

pára (flexão de parar) e para (preposição)	*passam a ser*	para
péla(s) (subst. fem.), pelas (flexão de pelar) e pela(s) contração por + a(s)	*passam a ser*	pela(s)
pélo (fexão de pelar), pêlo (subst. masc.) e pelo (contração por + o)	*passam a ser*	pelo(s)
péra(s) (subst, fem.= pedra), pêra(s) (subst. fem.) e pera (prep. = para)	*passam a ser*	pera(s)
pólo(s) (subst. masc.) e polo(s) (comb. de por + lo(s)	*passam a ser*	polo(s)

◆ **Lembre-se**: o v. *pôr* (infinitivo) e *pôde* (flexão na 3ª pes. sing. pret. perf. do v. poder) mantêm o acento, diferençando respectivamente da preposição *por* e da flexão de 3ª pess. sing. do pres. indic. *pode*.
É facultativo usar ou não circunflexo em *fôrma* (com *o* fechado) para diferençar de *forma* (com *o* aberto).

Perdem o acento agudo as vogais tônicas *i* e *u* de palavras paroxítonas, quando antecedidas de ditongo:

boiúno	*passa a ser*	boiuno
feiúra	*passa a ser*	feiura
baiúca	*passa a ser*	baiuca
alauíta	*passa a ser*	alauita

◆ **Cuidado**: mantém-se o acento quando a palavra é proparoxítona (*feiíssimo*, *bauínia*) ou oxítona (*tuiuiú*, *teiú*, *teiús*).

Nos verbos *arguir* e *redarguir* deixa-se de usar o acento agudo no *u* tônico nas flexões rizotônicas (ou seja, nas quais o acento tônico cai em sílaba do radical), no caso *argu* e *redargu*:

argúo	*passa a ser*	arguo
redargúo	*passa a ser*	redarguo
argúis	*passa a ser*	arguis
redargúis	*passa a ser*	redarguis
argúi	*passa a ser*	argui
redargúi	*passa a ser*	redargui
argúem	*passa a ser*	arguem

redargúem	*passa a ser*	redarguem
argúa	*passa a ser*	argua
redargúa	*passa a ser*	redargua
reargúas	*passa a ser*	redarguas
reargúam	*passa a ser*	redarguam

Nos verbos terminados em *-guar*, *-quar*, e *-quir* (aguar, apaziguar, enxaguar, obliquar, delinquir, etc.), as flexões podem ser pronunciadas com acento tônico na sílaba do *u* ou, como no Brasil, na sílaba anterior. No primeiro caso cai o acento agudo do *ú*, no segundo, a vogal tônica da sílaba anterior recebe acento agudo:

agúo	*passa a ser*	aguo ou águo
averigúo	*passa a ser*	averiguo ou averíguo
apropinqúo	*passa a ser*	apropinquo ou apropínquo
delinqúo	*passa a ser*	delinquo ou delínquo

O trema deixa de ser usado para assinalar a pronúncia do *u** em sílabas como *güe*, *güi*, *qüe* e *qüi*. Permanece em palavras estrangeiras e suas derivadas:

agüentar	*passa a ser*	aguentar
sagüi	*passa a ser*	sagui
freqüência	*passa a ser*	frequência
tranqüilo	*passa a ser*	tranquilo
mülleriano	*continua*	mülleriano

MUDANÇAS NO USO DO HÍFEN EM PALAVRAS COMPOSTAS

Usa-se o hífen em palavras compostas cujos elementos, de natureza nominal, adjetival, numeral ou verbal compõem uma unidade sintagmática e de significado e mantêm cada um sua acentuação própria (o primeiro elemento pode estar em forma reduzida):

ano-luz, arco-íris, decreto-lei, médico-ortopedista, segundo-tenente, guarda-noturno, mato-grossense, afro-brasileiro, quarta-feira, vermelho-claro, primeira-dama, conta-gotas, marca-passo, tira-teima, bota-fora, etc.

◆ **Atenção:** o Acordo menciona explicitamente as exceções (em compostos nos quais se perdeu em certa medida a noção de composição) que se grafam aglutinadamente:

---

*mesmo sem o trema, o u continua a ser pronunciado

girassol, madressilva, mandachuva, pontapé, paraquedas, paraquedista, etc.

◆ **Comentário**: a definição do conceito da exceção ('em certa medida', 'noção de recomposição') e o 'etc.' final tornam a aplicação desta regra um tanto vaga. A nova edição do Vocabulário Ortográfico define as dúvidas porventura subsistentes. A posição da ABL, no processo de edição do V.O., portanto antes de sua publicação, era de que o *etc.* deve ser desconsiderado valendo como exceção apenas as explicitamente mencionadas (acima). Todas as outras, portanto, manteriam o hífen: para-lama, para-brisa, lero-lero, marca-passo, tira-teima, cata-vento, etc. Outra exceção (ABL): passatempo.

Já vigentes na prática, são agora definidos como **regras**:

a) Nos topônimos (nomes de lugares geográficos) usa-se hífen com os prefixos *Grão-* e *Grã-*, em nomes cujo primeiro elemento é **verbal** e quando os elementos estão ligados por **artigos**:

Grão-Pará, Grã-Bretanha, Passa-Quatro, Trás-os-Montes, Todos-os-Santos

b) Têm hífen palavras compostas que designam espécies **botânicas** e **zoológicas**:

couve-flor, erva-doce, andorinha-do-mar, bem-te-vi, leão-marinho

Usa-se hífen (e não travessão) entre elementos que formam não uma palavra, mas um **encadeamento vocabular**:

ponte Rio-Niterói, Alsácia-Lorena, Liberdade-Igualdade-Fraternidade

Não se usa hífen em locuções (alguns exemplos):

substantivas: café da manhã, fim de semana, cão de guarda
adjetivas: cor de açafrão, cor de vinho
pronominais: cada um, ele mesmo, quem quer que seja
adverbiais: à vontade, à parte, depois de amanhã
prepositivas: a fim de, acerca de, por meio de, a par de
conjuncionais: contanto que, no entanto, logo que

◆ **Exceções consagradas pelo uso:** água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao deus-dará, à queima-roupa

◆ **Comentário**: Também é um tanto vaga a noção de 'consagrada pelo uso', o que implica que só com a publicação do V.O. foram definidas todas as locuções

em que se usa (ou não) hífen, como, p.ex., água que passarinho não bebe, arco da aliança, água de cheiro, etc. Pressupõe-se que, na lógica de só serem válidas as exceções explicitamente mencionadas no Acordo, todas perderam o hífen. Mantêm os hifens locuções que formam nomes de plantas e animais.

MUDANÇAS NO USO DO HÍFEN EM PALAVRAS COMPOSTAS POR PREFIXAÇÃO E RECOMPOSIÇÃO

Geralmente, a não ser nas exceções que serão estabelecidas na regras seguintes, em palavras compostas com prefixos ou falsos prefixos (radicais gregos ou latinos que ganharam o significado das palavras das quais faziam parte, como aero, radio, tele, etc.) usa-se hífen se o segundo elemento começa por *h*:

anti-histórico, super-homem, multi-horário, mini-habitação

◆ **Atenção**: quando se usam os prefixos *des-* e *in-* caem o *h* e o *hífen*: des*u*mano, *ina*bitável, des*o*nra, *iná*bil
Também com os prefixos *co-* e *re-* caem o *h* e o **hífen**: c*oe*rdar, c*oa*bitar, r*ea*bilitar, r*ea*bitar

Passa a se usar hífen entre o prefixo e o segundo elemento quando o prefixo termina na mesma vogal pela qual começa o segundo elemento:

antiinflacionário	*passa a ser*	anti-inflacionário
teleeducação	*passa a ser*	tele-educação
neoortodoxia	*passa a ser*	neo-ortodoxia

Obs.: nos prefixos terminados em *a*, já era o uso vigente, agora consolidado pela regra: contra-almirante, extra-articular, ultra-alto.

◆ **Exceção**: o prefixo *co-* se aglutina com segundo elemento começado por **o**: cooptar, coobrigação.

re- se aglutina com palavras começadas por *e*: reeleição, reestudar. reerguer.

Usa-se hífen com *circum-* e *pan-* quando seguidos de elemento que começa por **vogal**, *m* e *n*, além do já citado *h*:

circunavegação	*passa a ser*	circum-navegação
circumediterrâneo	*passa a ser*	circum-mediterrâneo
circumeridiano	*passa a ser*	circum-meridiano

Obs.: já era uso vigente para *pan-* e alguns usos de *circum-*, agora ratificados como regra, como por exemplo: pan-africano, circum-adjacente.

Quando o prefixo ou falso prefixo termina **em consoante** usa-se hífen quando o segundo elemento começa com a mesma consoante, ou começa por *r* ou *h*.

Obs.: São casos desta regra, e também de regra específica do Acordo, o uso de hífen com os prefixos hiper-, inter-, super, ciber- e nuper- quando o segundo elemento começa por *r* ou *h* (hiper-requintado, inter-resistente, super-radical, inter-hospitalar); **não** se usa hífen em outros casos nos quais o prefixo termina em **consoante** e o segundo elemento começa por **vogal** ou **consoante diferente de *h* ou *r***: subsequência, sublinear, interativo, hiperativo, superabundante, hiperacidez, interlocução.

Quando o prefixo ou falso prefixo termina em **vogal** e o segundo elemento começa por *r* ou *s* **não se usa mais o hífen** e a consoante *r* ou *s* é **duplicada**:

ultra-som	*passa a ser*	ultrassom
anti-semita	*passa a ser*	antissemita
eco-sistema	*passa a ser*	ecossistema
mini-saia	*passa a ser*	minissaia
maxi-resultado	*passa a ser*	maxirresultado
contra-regra	*passa a ser*	contrarregra
co-seno	*passa a ser*	cosseno
semi-reta	*passa a ser*	semirreta

Não se usa hífen quando o prefixo ou falso prefixo termina em **vogal** e o segundo elemento começa por **vogal diferente** ou **consoante** (se esta for *r* ou *s*, como visto acima, se duplica):

auto-escola	*passa a ser*	autoescola
extra-escolar	*passa a ser*	extraescolar
co-piloto	*passa a ser*	copiloto
supra-estrutura	*passa a ser*	supraestrutura
auto-imune	*passa a ser*	autoimune
contra-ordem	*passa a ser*	contraordem

Obs.: Alguns desses usos (antiaéreo, plurianual, prefixo seguido de consoante, etc.) já eram vigentes, outros não (exemplos acima), agora todos estão submetidos à regra.

Alguns casos que não mudam, mas convém lembrar:

Com os prefixos ou falsos prefixos *ex-*, *sota-*, *soto-*, *vice-*, *vizo-*, *pré-*, *pró-* e *pós-* sempre se usa hífen.

Usa-se hífen antes dos sufixos de função adjetiva de origem tupi-guarani *-açu*, *-guaçu* e *-mirim*, quando o primeiro elemento acaba em vogal tônica(cajá--mirim, cipó-guaçu) ou quando se necessita separar a pronúncia da vogal final da do sufixo (anda-açu).

Usa-se hífen nas formas verbais com pronomes átonos (diga-me, vestir-se, vingá-lo, dizer-lhes).

Se a quebra de linha ocorre onde há um hífen gramatical, recomenda-se repetir o hífen no início da linha seguinte.

LOCUÇÕES

Como já foi apontado na página XXXIV, não se usa hífen em locuções de qualquer tipo (nominais, adjetivas, pronominais, adverbiais, prepositivas, conjuncionais), com as seguintes exceções: água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao deus-dará, à queima-roupa.

Assim:

nominais:

água-de-coco,	*passam a ser*	água de coco,
café-da-manhã		café da manhã, etc.

adjetivas:

cor-de-abóbora,	*passam a ser*	cor de abóbora,
cor-de-açafrão		cor de açafrão, etc.

pronominais:
nós mesmos, ela própria

adverbiais:

à-vontade,	*passam a ser*	à vontade,
antes-de-ontem		antes de ontem

prepositivas:
por cima de, a fim de

conjuncionais
ao passo que, logo que

Introdução

Conceitos gerais

LINGUAGEM, LÍNGUA, DISCURSO, ESTILO

1. LINGUAGEM é "um conjunto complexo de processos — resultado de uma certa atividade psíquica profundamente determinada pela vida social — que torna possível a aquisição e o emprego concreto de uma LÍNGUA qualquer"[1]. Usa-se também o termo para designar todo sistema de sinais que serve de meio de comunicação entre os indivíduos. Desde que se atribua valor convencional a determinado sinal, existe uma LINGUAGEM. À linguística interessa particularmente uma espécie de LINGUAGEM, ou seja, a LINGUAGEM FALADA ou ARTICULADA.

2. LÍNGUA é um sistema gramatical pertencente a um grupo de indivíduos. Expressão da consciência de uma coletividade, a LÍNGUA é o meio por que ela concebe o mundo que a cerca e sobre ele age. Utilização social da faculdade da linguagem, criação da sociedade, não pode ser imutável; ao contrário, tem de viver em perpétua evolução, paralela à do organismo social que a criou.

3. DISCURSO é a língua no ato, na execução individual. E, como cada indivíduo tem em si um ideal linguístico, procura ele extrair do sistema idiomático de que se serve as formas de enunciado que melhor lhe exprimam o gosto e o pensamento. Essa escolha entre os diversos meios de expressão

---

[1] Tatiana Slama-Casacu. *Langage et contexte*. Haia, Mouton, 1961, p. 20.

que lhe oferece o rico repertório de possibilidades, que é a língua, denomina-se ESTILO.[2]

4. A distinção entre LINGUAGEM, LÍNGUA e DISCURSO, indispensável do ponto de vista metodológico, não deixa de ser em parte artificial. Em verdade, as três denominações aplicam-se a aspectos diferentes, mas não opostos, do fenômeno extremamente complexo que é a comunicação humana.

A interdependência desses aspectos, salienta-a Tatiana Slama-Casacu, ao escrever: "A LÍNGUA é a criação, mas também o fundamento da LINGUAGEM — que não poderia funcionar sem ela —; é, simultaneamente, o instrumento e o resultado da atividade de comunicação. Por outro lado, a LINGUAGEM não pode existir, manifestar-se e desenvolver-se a não ser pelo aprendizado e pela utilização de uma LÍNGUA qualquer. A mais frequente forma de manifestação da LINGUAGEM — constituída de uma complexidade de processos, de mecanismos, de meios expressivos — é a LINGUAGEM FALADA, concretizada no DISCURSO, ou seja, a realização verbal do processo de comunicação. O DISCURSO é um dos aspectos da LINGUAGEM — o mais importante — e, ao mesmo tempo (...), a forma concreta sob a qual se manifesta a LÍNGUA. O DISCURSO define-se, pois, como o ato de utilização individual e concreto da LÍNGUA no quadro do processo complexo da LINGUAGEM. Os três termos estudados — LINGUAGEM, LÍNGUA, DISCURSO — designam no fundo três aspectos, diferentes mas estritamente ligados, do mesmo processo unitário e complexo."[3]

LÍNGUA E SOCIEDADE: VARIAÇÃO E CONSERVAÇÃO LINGUÍSTICA

Embora desde princípios deste século linguistas como Antoine Meillet e Ferdinand de Saussure tenham chegado a configurar a língua como um fato social, rigorosamente enquadrado na definição dada por Emile Durkheim[4], só nos últimos vinte anos, com o desenvolvimento da SOCIOLINGUÍSTICA, as relações entre a língua e a sociedade passaram a ser caracterizadas com maior precisão.

---

[2] Aceitando a distinção de Jules Marouzeau, podemos dizer que a LÍNGUA é "a soma dos meios de expressão de que dispomos para formar o enunciado" e o ESTILO "o aspecto e a qualidade que resultam da escolha entre esses meios de expressão" (*Précis de stylistique française*, 2.ª ed. Paris, Masson, 1946, p. 10).

[3] *Obra cit.*, p. 20.

[4] Vejam-se Antoine Meillet. *Linguistique historique et linguistique générale*, 2.ª ed. Paris, Champion, 1926, p. 16, 230 *passim*; Ferdinand de Saussure. *Cours de linguistique générale*, édition critique préparée par Tullio de Mauro. Paris, Payot, 1973, p. 31.

A sociolinguística, ramo da linguística que estuda a língua como fenômeno social e cultural, veio mostrar que estas inter-relações são muito complexas e podem assumir diferentes formas. Na maioria das vezes, comprova-se uma covariação do fenômeno linguístico e social. Em alguns casos, no entanto, faz mais sentido admitir uma relação direcional: a influência da sociedade na língua, ou da língua na sociedade.

É, pois, recente a concepção de língua como instrumento de comunicação social, maleável e diversificado em todos os seus aspectos, meio de expressão de indivíduos que vivem em sociedades também diversificadas social, cultural e geograficamente. Nesse sentido, uma língua histórica não é um sistema linguístico unitário, mas um conjunto de sistemas linguísticos, isto é, um DIASSISTEMA, no qual se inter-relacionam diversos sistemas e subsistemas. Daí o estudo de uma língua revestir-se de extrema complexidade, não podendo prescindir de uma delimitação precisa dos fatos analisados para controle das variáveis que atuam, em todos os níveis, nos diversos eixos de diferenciação. A variação sistemática está, hoje, incorporada à teoria e à descrição da língua.

Em princípio, uma língua apresenta, pelo menos, três tipos de diferenças internas, que podem ser mais ou menos profundas:

1º) diferenças no espaço geográfico, ou VARIAÇÕES DIATÓPICAS (falares locais, variantes regionais e, até, intercontinentais);
2º) diferenças entre as camadas socioculturais, ou VARIAÇÕES DIASTRÁTICAS (nível culto, língua padrão, nível popular, etc.);
3º) diferenças entre os tipos de modalidade expressiva, ou VARIAÇÕES DIAFÁSICAS[5] (língua falada, língua escrita, língua literária, linguagens especiais, linguagem dos homens, linguagem das mulheres, etc.).

A partir da nova concepção da língua como DIASSISTEMA, tornou-se possível o esclarecimento de numerosos casos de polimorfismo, de pluralidade de normas e de toda a inter-relação dos fatores geográficos, históricos, sociais e psicológicos que atuam no complexo operar de uma língua e orientam a sua deriva.

Condicionada de forma consistente dentro de cada grupo social e parte integrante da competência linguística dos seus membros, a variação é, pois, inerente ao sistema da língua e ocorre em todos os níveis: fonético, fonológico, morfológico, sintático, etc. E essa multiplicidade de realizações do sistema em nada prejudica as suas condições funcionais.

---

[5] Veja-se Eugenio Coseriu. Structure lexicale et enseignement du vocabulaire. In *Actes du premier Colloque International de Linguistique Appliquée*. Nancy, Université de Nancy, 1966, p. 199.

Todas as variedades linguísticas são estruturadas, e correspondem a sistemas e subsistemas adequados às necessidades de seus usuários. Mas o fato de estar a língua fortemente ligada à estrutura social e aos sistemas de valores da sociedade conduz a uma avaliação distinta das características das suas diversas modalidades diatópicas, diastráticas e diafásicas. A língua padrão, por exemplo, embora seja uma entre as muitas variedades de um idioma, é sempre a mais prestigiosa, porque atua como modelo, como norma, como ideal linguístico de uma comunidade. Do valor normativo decorre a sua função coercitiva sobre as outras variedades, com o que se torna uma ponderável força contrária à variação.

Numa língua existe, pois, ao lado da força centrífuga da inovação, a força centrípeta da conservação, que, contrarregrando a primeira, garante a superior unidade de um idioma como o português, falado por povos que se distribuem pelos cinco continentes.

DIVERSIDADE GEOGRÁFICA DA LÍNGUA: DIALETO E FALAR

As formas características que uma língua assume regionalmente denominam-se DIALETOS.

Alguns linguistas, porém, distinguem, entre as variedades diatópicas, o FALAR DO DIALETO.

DIALETO seria "um sistema de sinais desgarrado de uma língua comum, viva ou desaparecida; normalmente, com uma concreta delimitação geográfica, mas sem uma forte diferenciação diante dos outros da mesma origem". De modo secundário, poder-se-iam também chamar dialetos "as estruturas linguísticas, simultâneas de outra, que não alcançam a categoria de língua"[6].

FALAR seria a peculiaridade expressiva própria de uma região e que não apresenta o grau de coerência alcançado pelo dialeto. Caracterizar-se-ia, do ponto de vista diacrônico, segundo Manuel Alvar, por ser um dialeto empobrecido, que, tendo abandonado a língua escrita, convive apenas com as manifestações orais. Poder-se-iam ainda distinguir, dentro dos FALARES REGIONAIS, OS FALARES LOCAIS, que, para o mesmo linguista, corresponderiam a subsistemas idiomáticos "de traços pouco diferenciados, mas com matizes próprios dentro da estrutura regional a que pertencem e cujos usos estão limitados a pequenas circunscrições geográficas, normalmente com caráter administrativo"[7].

---

[6] Manuel Alvar. Hacia los conceptos de lengua, dialecto y hablas. *Nueva Revista de Filologia Hispánica*, 15:57, 1961.

[7] *Id., ibid.*, p. 60.

No entanto, à vista da dificuldade de caracterizar na prática as duas modalidades diatópicas, empregaremos neste livro — e particularmente no capítulo seguinte — o termo DIALETO no sentido de variedade regional da língua, não importando o seu maior ou menor distanciamento com referência à língua padrão.

A NOÇÃO DE CORRETO

Uma gramática que pretenda registrar e analisar os fatos da língua culta deve fundar-se num claro conceito de norma e de correção idiomática. Permitimo-nos, por isso, uma ligeira digressão a respeito deste controvertido tema.

Os progressos dos estudos linguísticos vieram mostrar a falsidade dos postulados em que a gramática logicista e a latinizante esteavam a correção idiomática e, com isso, deixaram o preceptismo gramatical inerme diante da reação anticorretista que se iniciou no século passado e que vem assumindo, em nossos dias, atitudes violentas, não raro contaminadas de radicalismo ideológico.[8]

Por outro lado, à ideia, sempre renovada, de que o povo tem o poder criador e a soberania em matéria de linguagem associa-se, naturalmente, outra — a de considerar elemento perturbador ou estéril a interferência da força conservadora ou repressiva dos setores cultos.

Contra essa concepção demolidora do edifício gramatical, pacientemente construído desde a época alexandrina com base na analogia, levantam-se alguns linguistas modernos, procurando fundamentar a correção idiomática em fatores mais objetivos.

Dessa nova linha de preocupações foi precursor Adolf Noreen, o linguista sueco a cujas ideias geniais hoje se começa a fazer justiça.[9]

Para Noreen há três critérios principais de correção, por ele denominados *histórico-literário*, *histórico-natural* e *racional*, o último, obviamente, o seu preferido.

De acordo com o critério *histórico-literário*, "a correção estriba-se essencialmente em conformar-se com o uso encontrado nos escritores de uma época

---

[8] Veja-se, a propósito, Angel Rosenblat. *El criterio de corrección lingüística: unidad y pluralidad de normas en el español de España y América*. Separata de P.I.L.E.I. *El Simposio de Indiana*. Bogotá, Instituto Caro y Cuervo, 1967, p. 27. Consulte-se também Celso Cunha. *Língua portuguesa e realidade brasileira*, 8.ª ed. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1981, p. 35-39, texto em parte aqui reproduzido.

[9] Leiam-se Björn Collinder, *Les origines du structuralisme*, Stockholm – Göteborg – Upsala, Almqvist & Wiksell, 1962, p. 6 e ss.; Bertil Malmberg. *Les nouvelles tendances de la linguistique*, trad. por Jacques Gengoux. Paris, P.U.F., 1966, p. 42, 52-55, 130, 184-186, 197, 279.

pretérita", em geral escolhida arbitrariamente. É o critério tradicional de correção, fundado no exemplo dos clássicos.

O segundo critério, o *histórico-natural* de Noreen e que Jespersen prefere chamar *anárquico*, baseia-se na doutrina, a que nos referimos, de que a linguagem é um organismo que se desenvolve muito melhor em estado de completa liberdade, sem entraves. Dentro desse ponto de vista não pode haver, em princípio, nada correto ou incorreto na língua.

Depois de deixar patente o caráter arbitrário do primeiro critério e o absurdo do segundo, se levado a suas naturais consequências, Noreen tenta justificar o único que resta, o dele Noreen, expresso na fórmula: "o melhor é o que pode ser apreendido mais exata e rapidamente pela audiência presente e pode ser produzido mais facilmente por aquele que fala"; ou no enunciado mais sintético de Flodström: "o melhor é a forma de falar que reúne a maior simplicidade possível com a necessária inteligibilidade."[10]

Jespersen considera a fórmula de Noreen oportunista, individualista, atomística, "pois que divide demasiado a comunidade linguística em indivíduos particulares e olvida excessivamente o conjunto"[11].

Em nome de que princípio se corrige, então, o falar de uma pessoa? Por que uma criança aprende de seus pais que não deve dizer *sube* por *soube*, *fazerei* por *farei* e, à medida que vai crescendo em anos, continua a ter o seu comportamento linguístico ora corrigido por outros, ora por esforço próprio?

Para Jespersen nenhum dos critérios anteriormente lembrados — e enumera sete: o da autoridade, o geográfico, o literário, o aristocrático, o democrático, o lógico e o estético — o explica. É evidente, no entanto, que existe algo que justifica a correção, "algo comum para o que fala e para o que ouve", e que lhes facilita a compreensão. Este elemento comum é "a norma linguística que ambos aceitaram de fora, da comunidade, da sociedade, da nação"[12].

Todo o nosso comportamento social está regulado por normas a que devemos obedecer, se quisermos ser corretos. O mesmo sucede com a linguagem, apenas com a diferença de que as suas normas, de um modo geral, são mais complexas e mais coercitivas. Por isso, e para simplificar as coisas, Jespersen define o "linguisticamente correto" como aquilo que é exigido pela comunidade linguística a que se pertence. O que difere é o "linguisticamente incorreto". Ou, com suas palavras: "*falar correto* significa o falar que a comunidade espera, e *erro* em linguagem equivale a desvios desta norma, sem relação alguma com o

---

[10] Citados por Otto Jespersen. Humanidad, nación, individuo, desde el punto de vista lingüístico, trad. por Fernando Vela. Buenos Aires, *Revista de Occidente*, 1947, p. 113 e 114.

[11] *Obra cit.*, p. 120.

[12] *Ibid.*, p. 120 e ss.

valor interno das palavras ou formas." Reconhece, porém, que, independentemente disso, "existe uma valorização da linguagem na qual o seu valor se mede com referência a um ideal linguístico", para cuja formação colabora eficazmente a "fórmula energética de que o mais facilmente enunciado é o que se recebe mais facilmente"[13].

Entre as atitudes extremadas — dos que advogam o rompimento radical com as tradições clássicas da língua e dos que aspiram a sujeitar-se a velhas normas gramaticais —, há sempre lugar para uma posição moderada, termo médio que represente o aproveitamento harmônico da energia dessas forças contrárias e que, a nosso ver, melhor consubstancia os ideais de uma sã e eficaz política educacional e cultural dos países de língua portuguesa.

"Na linguagem é importante o polo da variedade, que corresponde à expressão individual, mas também o é o da unidade, que corresponde à comunicação interindividual e é garantia de intercompreensão. A linguagem expressa o indivíduo por seu caráter de criação, mas expressa também o ambiente social e nacional, por seu caráter de repetição, de aceitação de uma norma, que é ao mesmo tempo histórica e sincrônica: existe o falar porque existem indivíduos que pensam e sentem, e existem 'línguas' como entidades históricas e como sistemas e normas ideais, porque a linguagem não é só expressão, finalidade em si mesma, senão também comunicação, finalidade instrumental, expressão para outro, cultura objetivada historicamente e que transcende ao indivíduo."[14]

A hipótese da "linguagem monolítica" não se assenta numa realidade, e a sua corporificação nas gramáticas não tem sido benéfica ao ensino dos diversos idiomas. "Sem nenhuma dúvida", escreve Roman Jakobson, "para qualquer comunidade linguística, para todo indivíduo falante existe uma unidade de língua, mas esse código global representa um sistema de subcódigos em comunicação recíproca; cada língua abarca vários sistemas simultâneos, cada um dos quais se caracteriza por uma função diferente".[15]

Se uma língua pode abarcar vários sistemas, ou seja, as formas ideais de sua realização, a sua dinamicidade, o seu modo de fazer-se, pode também admitir várias normas, que representam modelos, escolhas que se consagraram dentro das possibilidades de realizações de um sistema linguístico. Mas — pondera

---

[13] *Ibid.*, p. 178.

[14] Eugenio Coseriu. *La geografía lingüística*. Montevideo. Universidad de la República, 1956, p. 44-45. A propósito, consultem-se também os magistrais estudos do autor: *Sistema, norma y habla* e *Determinación y entorno*, agora enfeixados no volume *Teoría del lenguaje y lingüística general*. Madrid, Gredos, 1962, p. 11-113 e 282-323.

[15] Closing Statement: Linguistics and Poetics. In *Style in Language*. Edited by Thomas A. Sebeok. New York-London, M.I.T. & John Wiley, 1960, p. 352.

Eugenio Coseriu, o lúcido mestre de Tübingen — se "é um sistema de realizações obrigatórias, consagradas social e culturalmente", a norma não corresponde, como pensam certos gramáticos, ao que se pode ou se deve dizer, mas "ao que já se disse e tradicionalmente se diz na comunidade considerada"[16].

A norma pode variar no seio de uma mesma comunidade linguística, seja de um ponto de vista diatópico (português de Portugal / português do Brasil / português de Angola), seja de um ponto de vista diastrático (linguagem culta / linguagem média / linguagem popular), seja, finalmente, de um ponto de vista diafásico (linguagem poética / linguagem da prosa).[17]

Este conceito linguístico de norma, que implica um maior liberalismo gramatical, é o que, em nosso entender, convém adotarmos para a comunidade de fala portuguesa, formada hoje por sete nações soberanas, todas movidas pela legítima aspiração de enriquecer o patrimônio comum com formas e construções novas, a patentearem o dinamismo do nosso idioma, o meio de comunicação e expressão, nos dias que correm, de mais de cento e cinquenta milhões de indivíduos.

"Não se repreende de leve num povo o que geralmente agrada a todos", disse com singeleza o poeta Gonçalves Dias. Com efeito, por cima de todos os critérios de correção — aplicáveis nuns casos, inaplicáveis noutros — paira o da aceitabilidade social, a *consuetudo* de Varrão, o único válido em qualquer circunstância.

É justamente para chegarem a um conceito mais preciso de "correção" em cada idioma que os linguistas atuais vêm tentando estabelecer métodos que possibilitem a descrição minuciosa de suas variedades cultas, seja na forma falada, seja na escrita. Sem investigações pacientes, sem métodos descritivos aperfeiçoados nunca alcançaremos determinar o que, no domínio da nossa língua ou de uma área dela, é de emprego obrigatório, o que é facultativo, o que é tolerável, o que é grosseiro, o que é inadmissível; ou, em termos radicais, o que é e o que não é correto.

---

[16] *Sincronía, diacronía e historia: el problema del cambio lingüístico*, 2.ª ed. Madrid, Gredos, 1973, p. 55.

[17] Veja-se Celso Cunha. *Língua, nação, alienação*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981, p. 73-74 e ss.

Capítulo 1

Do latim ao português atual

O LATIM E A EXPANSÃO ROMANA

A língua portuguesa provém do latim, que se entronca, por sua vez, na grande família das línguas indo-europeias, representada hoje em todos os continentes.

De início, simples falar de um povo de cultura rústica, que vivia no centro da Península Itálica (o Lácio), a língua latina veio, com o tempo, a desempenhar um extraordinário papel na história da civilização ocidental, "menos por suas virtudes intrínsecas do que pelo êxito político do povo que dela se servia".[1]

Foram as vitórias de seus soldados e o espírito de organização de seus homens de governo que estenderam e, em parte, consolidaram o enorme império, que, no auge de sua expansão, ia da Lusitânia à Mesopotâmia, e do Norte da África à Grã-Bretanha.

Enumeremos, cronologicamente, as conquistas que dilataram de tal forma os domínios do Império Romano.

Até meados do IV século antes de Cristo, os romanos pouco haviam ampliado as fronteiras do antigo Lácio. Foi com a guerra contra os samnitas, iniciada em 326 a.C. e terminada com a decisiva batalha de Sentino (295 a.C.), que começou a irresistível penetração romana na parte meridional da Península Itálica, concluída em 272 a.C., com a anexação de Tarento.

Principia, então, o longo período das conquistas externas. Sucessivamente, vão sendo subjugados os territórios da Sicília (241 a.C.), da Sardenha e da

---

[1] Edouard Bourciez. *Éléments de Linguistique romane*. 4e éd. Paris: Klincksieck, 1946, p. 26. Com razão, afirma Antoine Meillet: "A história política de Roma e a história da civilização romana explicam a história da língua latina." (*Esquisse d'une histoire de la langue latine*. 3e éd. Paris: Hachette, 1933, p. 5.)

Córsega (238 a.C.), da Ilíria (229 a.C.), da costa este e sul da Península Ibérica (218-197 a.C.), dos reinos helenísticos do Oriente (200-168 a.C.), da Gália Cisalpina (191 a.C.), da Ligúria (154 a.C.), de Cartago e Norte da África (146 a.C.), da Macedônia e da Grécia (146 a.C.), da Gália Narbonense (118 a.C.), da Gália do Norte (50 a.C.), da Mésia (29 a.C.), do Noroeste da África (25 a.C.), do resto da Península Ibérica (19 a.C.), da Nórica (16 a.C.), da Récia (15 a.C.), da Panônia (10 d.C.), do resto da Mauritânia (42 d.C.), da Bretanha (43 d.C.), da Trácia (46 d.C.), da Dácia (107 d.C.), da Arábia Petreia, da Armênia e da Mesopotâmia (107 d.C.).

Com a anexação da Dácia (Romênia) e, sem caráter permanente, dessas regiões da Ásia Menor, o Império atingia, sob o governo de Trajano, o máximo de sua expansão geográfica.

Ao mesmo tempo que estendiam os seus domínios, os romanos levavam para as regiões conquistadas os seus hábitos de vida, as suas instituições, os padrões de sua cultura. Em contato com outras terras, outras gentes e outras civilizações, ensinavam, mas também aprendiam. Aprenderam, por exemplo, muito com os gregos, e isso desde épocas antigas, através dos etruscos e, principalmente, das colônias helênicas do Sul da Itália, que formavam a Magna Grécia. Lívio Andrônico, o primeiro que tentou elevar à altura de língua poética aquele rude idioma de agricultores e pastores, que era então o latim, procurou diretamente em Homero e nos trágicos gregos os modelos para suas experiências de tradução e adaptação literárias. Ele próprio era um grego de Tarento. E, na sua trilha, Plauto, Ênio, Névio e todos os que, pioneiramente, se impuseram a árdua tarefa de criar obras de arte na língua nacional não deixaram de inspirar-se nos estimulantes exemplos da Hélade, cuja influência vai ampliar-se mais ainda, a partir de 146 a.C., quando, vencida pelas armas, acabou dominando pelo espírito o cruel vencedor.

"Graecia capta ferum victorem cepit et artes
Intulit agresti Latio",[2]

LATIM LITERÁRIO E LATIM VULGAR

Desde o século III a.C., pois, sob a benéfica influência grega, o latim escrito com intenções artísticas foi sendo progressivamente apurado até atingir, no século I a.C., a alta perfeição da prosa de Cícero e César, ou da poesia de Vergílio e Horácio. Em consequência, acentuou-se com o tempo a separação entre essa língua literária, praticada por uma pequena elite, e o latim corrente,

[2] Entenda-se: "A Grécia subjugada subjugou o cruel vencedor e introduziu as artes no agreste Lácio."

a língua usada no colóquio diário pelos mais variados grupos sociais da Itália e das províncias.

Tal diferença era já sentida pelos romanos que opunham ao conservador latim literário ou clássico (*sermo litterarius*) o inovador latim vulgar (*sermo vulgaris*), compreendidas nesta denominação as inúmeras variedades da língua falada,[3] que vão do colóquio polido às linguagens profissionais, e até às gírias (*sermo quotidianus, urbanus, plebeius, rusticus, ruralis, pedestris, castrensis*, etc.).

Foi esse matizado latim vulgar que os soldados, colonos e funcionários romanos levaram para as regiões conquistadas e, sob o influxo de múltiplos fatores, diversificou-se com o tempo nas chamadas línguas românicas.

AS LÍNGUAS ROMÂNICAS

Se dos gregos os romanos foram discípulos atentos, dos outros povos vencidos souberam ser eles os mestres imitados. Não só na Itália, mas também na Gália, na Hispânia, na Récia e na Dácia, as tribos mais diversas cedo assimilaram os seus costumes e instituições, adotaram como própria a língua latina, *romanizaram-se*.

É fácil concluir que, falado em tamanha área geográfica, por povos de raças tão diversas, o latim vulgar não poderia conservar a sua relativa unidade, já precária como a de toda língua que serve de meio de comunicação a vastas e variadas comunidades de analfabetos.

Nos centros urbanos mais importantes, o ensino do latim difundia o padrão literário e, com isso, retardava até certo ponto os efeitos das forças de diferenciação. Mas no campo ou nas vilas e aldeias a língua, sem nenhum controle normativo, ia voando com suas próprias asas.

A partir do século III da nossa era, podemos dizer que a unidade linguística do Império não mais existia, embora continuassem os contatos políticos entre as suas diversas partes, interligadas por uma certa comunidade de civilização.[4] É o que se entende por *Romania*, em contraste com *Barbaria*, as regiões habitadas por outros povos.

---

[3] A denominação latim vulgar, embora um tanto imprópria, tornou-se termo técnico da linguística. Por ela devemos entender, de acordo com B. E. Vidos, "a língua falada por todas as camadas da população e em todos os períodos da latinidade". (*Manuale de linguistica romanza*. Traduzione dall'olandese di G. Francescato. Firenze: Olschki, 1959, p. 201.)

[4] Vj. Georges Straka. Observations sur la chronologie et les dates de quelques modifications phonétiques en roman et en français prélittéraire. In: *Revue des Langues Romanes*. Montpellier, 1953, p. 307; Idem, La dislocation linguistique de la Romania et la formation des langues romanes à la lumière de la chronologie relative des changements phonétiques. In: *Revue de Linguistique Romane*, XX, 1956, p. 249-267.

Alguns fatos históricos vieram contribuir para ativar o processo de dialetalização. Enumeremos os principais.

Desde 212, o edito de Caracala estendera o direito de cidadania a todos os indivíduos livres do Império, com o que Roma e a Itália perderam a situação privilegiada que desfrutavam.

Diocleciano, que governou de 284 a 305, instituiu a obrigatoriedade do latim como língua da administração. Mas, contraditoriamente, anulou os efeitos dessa medida unificadora ao descentralizar política e administrativamente o Império em doze dioceses, caminho aberto para o aguçamento de nacionalismos regionais e locais.[5] Não sendo mais capital, Roma deixou, consequentemente, de exercer a função reitora da norma linguística.

Em 330, Constantino, que se tornara defensor do Cristianismo, transferiu a sede do Império para Bizâncio, a nova Constantinopla.

Com a morte de Teodósio em 395, o vasto domínio foi dividido entre os seus dois filhos, cabendo a Honório o Ocidente, e a Arcádio o Oriente. O Império do Oriente teve vida longa. Conservou-se até 1453. O do Ocidente, porém, depois de sucessivas invasões de hunos, visigodos, ostrogodos, burguinhões, suevos, alanos e vândalos, sucumbe em 476, quando Odoacro destrona o imperador fantoche Romulus Augustus, apelidado com o diminutivo *Augustulus*, "Augustinho".

As forças linguísticas desagregadoras puderam então agir livremente, e de tal forma que, em fins do século V, os falares regionais já estariam mais próximos dos idiomas românicos do que do próprio latim. Começa então o período do romance ou romanço, denominação que se dá à língua vulgar nessa fase de transição que termina com o aparecimento de textos redigidos em cada uma das línguas românicas: francês (séc. IX), espanhol (séc. X), italiano (séc. X),[6] sardo (séc. XI), provençal (séc. XII), rético (séc. XII), catalão (séc. XII, ou princípios

---

5 "O Império foi então dividido em doze dioceses, e é uma coisa surpreendente ver nascer nesse momento as nacionalidades modernas: houve uma África, uma Espanha, uma Grã-Bretanha, duas Franças (a de Trèves e a de Viena), duas Itálias (a de Milão e a de Roma)." (André Piganiol. *Histoire de Rome*. Paris, 1939, p. 446.)

6 O primeiro texto em que o vulgar italiano aparece conscientemente contraposto ao latim é uma carta capuana de 960 (vj. Bruno Migliorini. Storia della lingua italiana. Firenze: Sansoni, 1960, p. 93). Em 1924, porém, Luigi Schiaparelli descobriu o texto de uma adivinha popular (o chamado "Indovinello Veronese"), de fins do séc. VIII ou princípios do séc. IX, que pode ser considerado o mais antigo monumento redigido em um dialeto românico. Sobre os numerosos problemas que encerra o precioso códice da Biblioteca Capitolare di Verona, leia-se o informativo estudo de Matilde Matarazzo Gargiulo, O "Indovinello Veronese". *Estudos em homenagem a Cândido Jucá (filho)*. Rio de Janeiro [s. d.], p. 147-158.

do séc. XIII), português (séc. XIII), franco-provençal (séc. XIII), dálmata (séc. XIV) e romeno (séc. XVI).

A ROMANIZAÇÃO DA PENÍNSULA

Os romanos chegaram à Península Ibérica no século III a.C., por ocasião da 2ª Guerra Púnica, mas só conseguiram dominá-la por completo, ao fim de longas e cruentas lutas, em 19 a.C., quando Augusto venceu a resistência dos altivos povos das Astúrias e da Cantábria.

Muito pouco se sabe das antigas populações ibéricas. No início da romanização habitava a Península uma complexa mistura racial: celtas, iberos, púnico-fenícios, lígures, gregos e outros grupos mal identificados.

Das línguas desses povos quase nada conservaram os idiomas hispânicos. Com relativa segurança, atribui-se origem pré-romana apenas a uns quantos sufixos — como *-arra* (*bocarra*), *-orro* (*beatorro*), *-asco* (*penhasco*) e *-ego* (*borrego*) — e algumas palavras de significação concreta: *arroio, balsa, barro, braga(s), carrasco, gordo, lama, lança, lousa, manteiga, tamuge, tojo, veiga,* etc.

A romanização da Península não se processou uniformemente. Das três províncias em que Agripa (27 a.C.) dividiu a Hispânia — a Tarraconense, correspondente à antiga Hispânia Citerior, a Bética e a Lusitânia, desmembradas da Hispânia Ulterior — foi a Bética a que mais cedo assimilou a civilização romana. No alvorecer da nossa era, o geógrafo grego Estrabão testemunhava que "os turdetanos, especialmente os que habitavam as margens do Bétis, haviam adotado os costumes romanos, e até já nem se lembravam da própria língua". E acrescentava: "Não falta muito para que todos se convertam em romanos."[7]

Por esse tempo, nas outras províncias a romanização estava atrasada. Nas regiões do Norte, em terras da Galiza, das Astúrias e da Cantábria, ainda não se fazia sentir a presença de Roma: os seus habitantes conservavam intactos os rudes costumes transmitidos através de gerações que se perdiam na noite dos séculos.

Em 216, a *Gallaecia et Asturia*, que desde a época de Antonino Pio era uma subdivisão militar e financeira da antiga *Hispânia Citerior*, tornou-se uma província à parte, com o nome de *Nova Hispania Citerior Antoniniana*. Compreendia então o Noroeste peninsular até a Cantábria.

Com a reforma de Diocleciano, todas essas províncias — e mais a Baleárica, a Tingitana e a Cartaginense, destacada da Tarraconense — passaram a constituir a diocese da Hispânia, que dependia da prefeitura das Gálias.

---

[7] Cf. Rafael Lapesa. *Historia de la lengua española*. 5. ed. Madrid: Escelicer, 1962, p. 41.

LÍNGUAS ROMÂNICAS

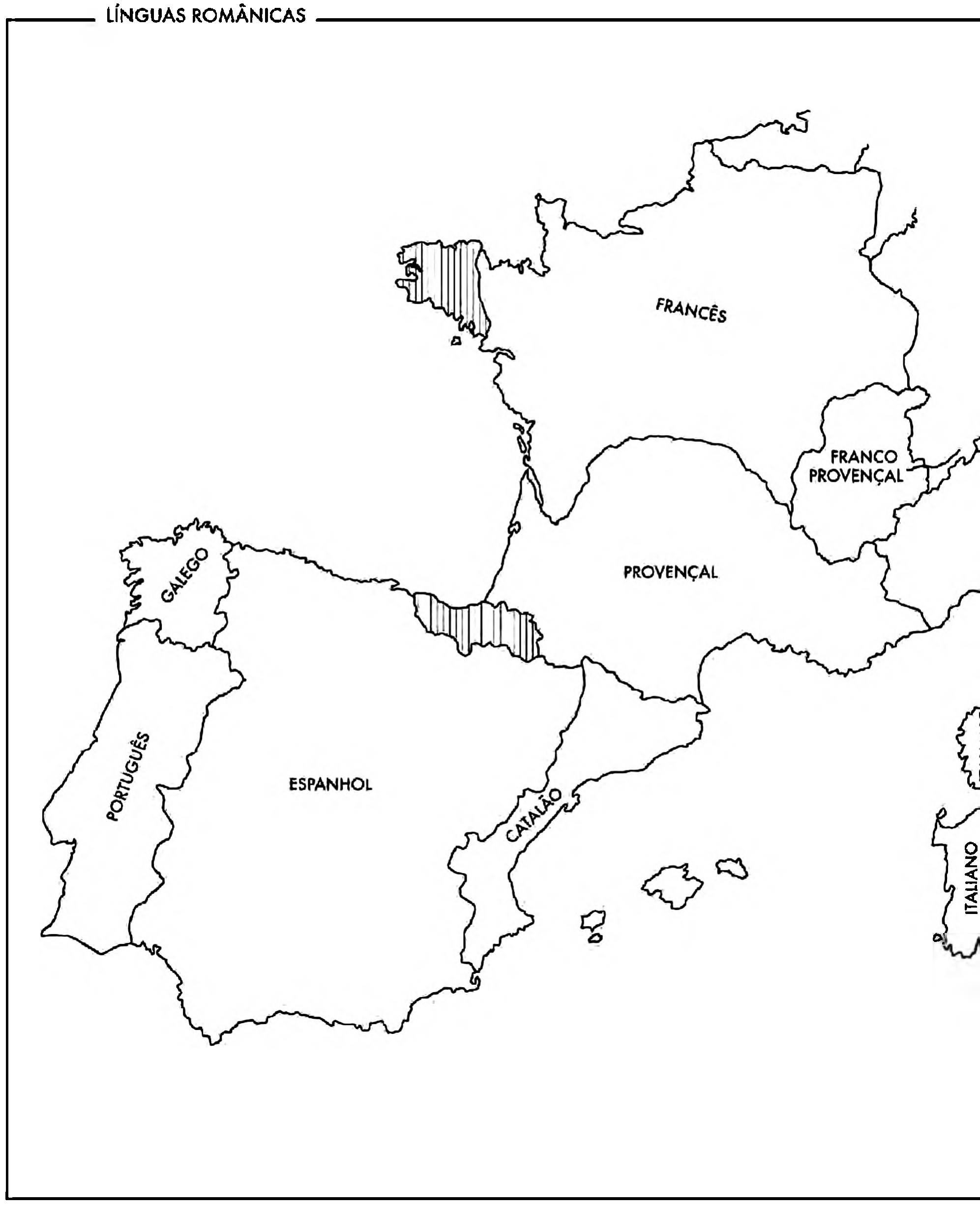

ROMENO
ITALIANO
ITALIANO
SARDO
MACEDO-ROMENO
ITALIANO

O DOMÍNIO VISIGÓTICO

Tal a organização administrativa da Península, quando, em 409, foi invadida por um grupo heterogêneo de povos germânicos — vândalos, suevos e alanos. Os alanos desapareceram rapidamente; os vândalos, depois de se haverem fixado na Bética, transportaram-se, em 429, para a África, onde fundaram um reino, que durou cem anos; os suevos estabeleceram-se na Galécia e na Lusitânia, mas no século VI foram absorvidos pelos visigodos. Estes, que eram os mais civilizados dos povos germânicos, já mantinham antigos contatos com os romanos. Desde 425 estavam sediados na Aquitânia, ao sudoeste da Gália. Daí atravessaram os Pirineus e se estenderam por toda a Península, que iriam dominar durante dois séculos e meio.

Os visigodos cedo se fundiram com a população românica. Três fatos concorreram poderosamente para isso: *a)* a abolição da lei que proibia o casamento de godos com hispanos, ato de Leovegildo; *b)* a conversão, em 586, de Recaredo ao Cristianismo; *c)* o código, promulgado por Recesvindo em 654, que não mais distinguia os direitos das comunidades goda e hispana. Assim, quando Rodrigo, o último rei godo, não pôde deter, em 711, a invasão árabe, com ele ruía não apenas o império visigótico, mas o império romano-visigótico, que tinha como religião o Cristianismo e como língua o hispano-românico, legítimo continuador do latim vulgar.

Excluindo os nomes próprios de pessoas e de lugares, a contribuição goda para a formação do léxico português não ascende a mais de quarenta termos,[8] dos quais cerca de trinta se encontram em outras línguas românicas.

Seguindo o exemplo de Gamillscheg, o professor Joseph M. Piel distribui por quatro grupos as palavras godas que se conservaram em português:

1º) palavras de origem gótica que já pertenciam ao latim vulgar ou medieval: *albergue, arrear, bramar, bando, elmo, espora, guarda, guerra, rapar, trégua*;

2º) palavras comuns a todas as regiões primitivamente ocupadas pelos godos: *aspa, espeto, espia, estala, garbo, mofo, mofino, roca, taco, ufanar-se*;

3º) palavras peculiares à Península Ibérica e à França, ou à Península e à Itália: *agasalhar, brotar, estaca, fato, roupa, sítio, triscar*;

4º) palavras privativas dos idiomas ibero-românicos: *aio, aia, aleive, enguiçar, escanção, ganso, guarecer, íngreme, luva, malado* (arc.), *tascar*.[9]

---

[8] Cf. Joseph M. Piel. *O patrimônio visigodo da língua portuguesa*. Coimbra, Coimbra Editora, 1942, p. 18.

[9] Ibidem, p. 13-17.

O DOMÍNIO ÁRABE

Movidas pela guerra santa, as tribos árabes conquistam o Norte da África e, em 711, desembarcam na Península. Sete anos depois, com exclusão do pequeno reino do Duque Teodomiro, que por meio século ainda conservou sua autonomia, e de alguns focos de resistência nas montanhas das Astúrias, de onde partiria o movimento de Reconquista, o domínio muçulmano cobria toda a anterior Espanha visigótica.

"Os árabes, sírios e berberes que invadem a Península não trazem mulheres: casam com hispano-godas, têm escravas galegas e bascas. Entre os muçulmanos permanecem muitos hispano-godos, os moçárabes, conservadores do saber isidoriano: uns conseguem certa autonomia; os mais exaltados sofrem perseguições e martírio; outros se islamizam; mas todos influem na Espanha moura, onde se fala romance ao lado do árabe."[10]

Com os árabes floresceram na Península as ciências e as artes: houve grande incremento da agricultura, da indústria e do comércio; introduziram-se inúmeras palavras para designar novos e variados conhecimentos. Calcula-se em quatro mil o número de vocábulos espanhóis de origem árabe, excluídos os topônimos. Em português o léxico de proveniência árabe tem sido estimado entre quatrocentos e mil termos.

As palavras portuguesas de origem árabe, quase todas substantivos, referem-se, em geral:

a) à organização guerreira: *acicate, adail, adarga, alcaide, alfange, alferes, algarada, aljava, ameia, arrebatar, atalaia, ronda, zaga,* entre outras;
b) à agricultura e à jardinagem: *açafrão, açúcar, açucena, alcachofra, alecrim, alface, alfafa, alfazema, algodão, almécega, benjoim, berinjela,* etc.;
c) ao comércio, a pesos e medidas: *aduana, armazém, arroba, quilate, quintal,* etc.;
d) a ofícios, cargos: *adail, alfageme, alfaiate, algibebe, almocreve, almotacel, almoxarife, arrais, califa, emir,* etc.;
e) a instrumentos musicais: *adufe, alaúde, anafil, arrabil, tambor,* etc.;
f) às ciências: *álgebra, algoritmo, cifra, zênite, nadir, álcool, álcali,* etc.

Em alguns casos os árabes foram apenas os intermediários de palavras que haviam tomado a outras línguas. São, por exemplo, de origem grega: *alambique, alcaparra, alfândega, alquimia, acelga* e *arroz*; de origem sânscrita: *alcanfor* e *xadrez*; de origem persa: *azul, escarlate, jasmim* e *laranja*. Do próprio latim há uma série de palavras introduzidas sob forma arabizada: *abricó, alcácer, albornoz, almude, alporão.*

---

[10] Rafael Lapesa. *Op. cit.*, p. 95-96.

O PORTUGUÊS PRIMITIVO

Foi durante o domínio árabe que se acentuaram as características distintivas dos romances peninsulares.

Na região que compreendia a Galiza e a faixa lusitana entre o Douro e o Minho constituiu-se uma unidade linguística particular que conservaria relativa homogeneidade até meados do século XIV — o galego-português.

O galego-português, provavelmente, teria contornos definidos desde o século VI, mas é só a partir do século IX que podemos atestar a sua existência através de palavras que se colhem em textos de latim bárbaro.[11]

PERÍODOS EVOLUTIVOS DA LÍNGUA PORTUGUESA

Datam do século XIII os primeiros documentos que chegaram até nós integralmente redigidos em galego-português. Inicia-se então a fase propriamente histórica de nossa língua, que, como todo idioma dotado de vitalidade, não se tem mantido uniforme nem no tempo, nem no espaço.

Baseando-nos em parte numa conhecida periodização proposta pelo sábio linguista José Leite de Vasconcelos,[12] distinguiremos as seguintes etapas na evolução do latim ao português atual:

a) latim lusitânico, língua falada na Lusitânia, desde a implantação do latim até o século V;
b) romance lusitânico, língua falada na Lusitânia, do século VI ao século IX, da qual, como da fase anterior, não temos nenhum documento escrito;
c) português proto-histórico, língua falada na Lusitânia, do século IX até fins do século XII, e da qual podemos vislumbrar algumas características nas palavras intercaladas em textos do latim bárbaro;

---

[11] Chama-se latim bárbaro a língua dos documentos forenses da Idade Média, em que, no texto latino, se inserem vocábulos do romance regional.

[12] Cf. *Lições de Filologia Portuguesa*. 2. ed. Lisboa, Biblioteca Nacional, 1926, p. 16-17. Advirta-se que Leite de Vasconcelos situava o começo da fase histórica da língua portuguesa em fins do século XII com fundamento em dois textos, originários do Mosteiro de Vairão, datados respectivamente de 1192 e 1193: o primeiro, um *Auto de Partilhas* dos bens herdados de seus pais pelos irmãos Sánchez; o segundo, o *Testamento* pelo qual Elvira Sánchez deixava todos os seus bens ao Mosteiro de Vairão. Estudo posterior do ilustre filólogo português Luís Filipe Lindley Cintra (Cf. Les anciens textes portugais non littéraires — classement et bibliographie. In: *Les anciens textes romans non littéraires*. Paris, Klincksieck, 1963, p. 169-187), para o qual solicitou a ajuda de dois eminentes paleógrafos, Rui de Azevedo e o Padre Avelino Costa, veio provar que os textos em causa não passam de falsificações de fins do século XIII, ou mesmo do século XIV.

A Península Ibérica no século V, depois de consolidado o domínio político dos invasores germânicos com a formação do Reino dos Suevos e dos Visigodos.

A Península Ibérica no século X, no auge do domínio árabe através do Califado de Córdoba, com os cristãos confinados ao norte no Reino de Leão, Castela, Navarra, Urgelo e Condado de Barcelona.

A Península Ibérica em meados do século XII, com os progressos da Reconquista Cristã. Portugal já ocupa uma faixa do Minho ao Tejo, depois da Tomada de Lisboa aos árabes por D. Afonso Henriques (1147).

A Península Ibérica em meados do século XV. O domínio árabe reduzido ao Reino de Granada, que ruiria em 1492. Portugal, depois da conquista do Algarve (1249) por D. Afonso III, havia atingido praticamente o território atual.

d) português arcaico, que vai de princípios do século XIII até a primeira metade do século XVI, quando a língua começa a ser codificada gramaticalmente;[13]
e) português moderno, que se estende da segunda metade do século XVI até os dias que correm.

Os períodos arcaico e moderno da língua portuguesa comportam subdivisões, como reconhecia o próprio Leite de Vasconcelos.

Parece-nos particularmente aconselhável distinguir duas épocas no período compreendido entre o século XIII e a primeira metade do século XVI; uma, a do português arcaico propriamente dito, que abarcaria a língua dos séculos XIII e XIV; outra, a do português médio, que iria do século XV a fins da primeira metade do século XVI e representaria a fase de transição entre a antiga e a moderna do idioma.

Com os descobrimentos marítimos dos séculos XV e XVI, os portugueses ampliaram enormemente o império de sua língua, levada que foi para os vastos territórios por eles conquistados na África, na América, na Ásia e na Oceânia. Ainda hoje, apesar das consideráveis perdas sofridas, o seu domínio político abarca mais de dez milhões de quilômetros quadrados, aproximadamente a sétima parte da Terra. É o português a língua oficial do Brasil, de Portugal, de Angola, de Cabo Verde, de Guiné-Bissau, de Moçambique, de São Tomé e Príncipe, e de Timor Leste.

Fora das regiões pertencentes ao domínio político de Portugal, do Brasil, das Repúblicas africanas e de Timor Leste, o português é falado em povoações espanholas da zona raiana, tal o caso de Ermisende, na província de Zamora; em Alamedilla, na província de Salamanca; em San Martín de Trevejo, Eljas, Valverde del Fresno, Herrera de Alcântara e Cedillo, na província de Cáceres; em Olivenza e arredores, na província de Badajoz. Também nas áreas fronteiriças do Brasil a língua portuguesa tem penetrado em território de língua espanhola, formando não raro um dialeto misto, como o falado nos departamentos uruguaios de Artigas, Rivera, Cerro Largo, Salto e Tacuarembó.[14]

Não levando em linha de conta os usuários desses falares fronteiriços, nem os do crioulo de Surinam e do papiamento de Curaçau, que o têm por base, nem os do galego, sua covariante; abstraindo-nos também dos núcleos de imigrantes, por vezes consideráveis, como acontece nos Estados Unidos, na França e na Alemanha, ainda assim o português é o meio natural de comunicação de mais

---

[13] A primeira gramática de nossa língua — a *Grammatica da lingoagem portuguesa*, de Fernão de Oliveira — foi impressa em Lisboa, 1536.

[14] Este dialeto foi descoberto pelo sábio linguista José Pedro Rona, que dele nos deu uma excelente descrição em *El dialecto "fronterizo" del norte del Uruguay*. Montevideo, Adolfo Linardi, 1965.

de duzentos milhões de pessoas, o que vale dizer situar-se entre as dez línguas mais faladas do mundo.

A língua portuguesa no mundo

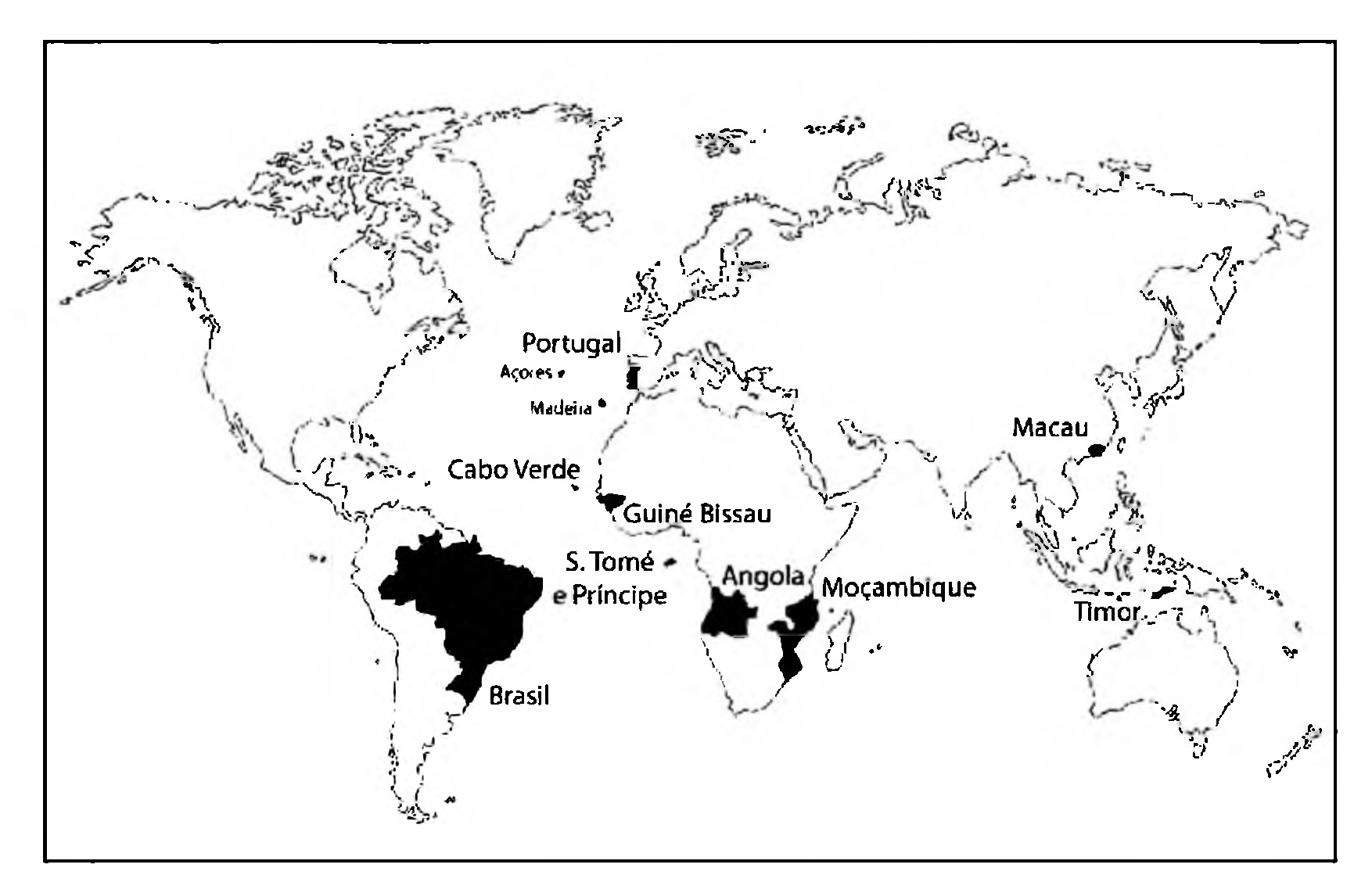

Capítulo 2

Domínio atual da língua portuguesa

UNIDADE E DIVERSIDADE

Na área vastíssima e descontínua em que é falado, o português apresenta-se, como qualquer língua viva, internamente diferenciado em variedades que divergem de maneira mais ou menos acentuada quanto à pronúncia, à gramática e ao vocabulário.

Embora seja inegável a existência de tal diferenciação, não é ela suficiente para impedir a superior unidade de nosso idioma, fato, aliás, salientado até pelos dialectólogos.

Com relação a Portugal, observa o professor Manuel de Paiva Boléo: "Uma pessoa, mesmo alheia a assuntos filológicos, que haja percorrido Portugal de norte a sul e conversado com gente do povo, não pode deixar de ficar impressionada com a excepcional homogeneidade linguística do País e a sua escassa diferenciação dialectal — ao contrário do que sucede noutros países, quer de língua românica, quer germânica."[1]

Com referência à situação linguística do Brasil, escreve Serafim da Silva Neto: "É preciso ter na devida conta que *unidade* não é *igualdade*; no tecido linguístico brasileiro, há, decerto, gradações de cores. Minucioso estudo de campo determinaria, com segurança, várias *áreas*. O que é certo, porém, é que o conjunto dos falares brasileiros se coaduna com o princípio da *unidade* na *diversidade e* da *diversidade* na *unidade*."[2]

---

[1] Manuel de Paiva Boléo e Maria Helena Santos Silva. O "Mapa dos dialectos e falares de Portugal Continental". *Boletim de Filologia*, 20:85, 1961.

[2] *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1963, p. 271.

AS VARIEDADES DO PORTUGUÊS

Excetuando-se o caso especial dos CRIOULOS, que estudaremos adiante, temos, pois, de reconhecer esta verdade: apesar da acidentada história que foi a sua expansão na Europa e, principalmente, fora dela, nos distantes e extensíssimos territórios de outros continentes, a língua portuguesa conseguiu manter até hoje apreciável coesão entre as suas variedades por mais afastadas que se encontrem no espaço.

A diversidade interna, contudo, existe e dela importa dar uma visão tanto quanto possível ordenada.[3]

OS DIALETOS DO PORTUGUÊS EUROPEU

A faixa ocidental da Península Ibérica ocupada pelo galego-português apresenta-nos um conjunto de DIALETOS que, de acordo com certas características diferenciais de tipo fonético, podem ser classificados em três grandes grupos:

a) DIALETOS GALEGOS;
b) DIALETOS PORTUGUESES SETENTRIONAIS;
c) DIALETOS PORTUGUESES CENTRO-MERIDIONAIS.[4]

Esta classificação parece ser apoiada pelo sentimento dos falantes comuns do português-padrão europeu, isto é, dos que seguem a NORMA ou conjunto dos usos linguísticos das classes cultas da região Lisboa–Coimbra, e que distinguirão pela fala um galego, um homem do Norte e um homem do Sul.

A distinção funda-se principalmente no sistema das SIBILANTES.

---

[3] Veja-se, sobre o conjunto das variedades do português, a *Bibliografia dialectal galego-portuguesa*. Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1974. Sobre o português do Brasil, em particular, possuímos hoje uma bibliografia muito completa: Wolf Dietrich. *Bibliografia da língua portuguesa do Brasil*. Tübingen, Gunter Narr, 1980.

[4] Quanto à classificação dialetal aqui adotada, veja-se Luís Filipe Lindley Cintra. Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses. *Boletim de Filologia*, 22: 81-116, Lisboa, 1971. Entre as classificações anteriores, duas merecem realce particular: a de José Leite de Vasconcelos e a de Manuel de Paiva Boléo e Maria Helena Santos Silva. A de Leite de Vasconcelos, baseada na divisão de Portugal em províncias, é mais geográfica do que linguística. Foi publicada, inicialmente, no seu *Mappa dialectologico do continente português* (Lisboa, Guillard, Aillaud, 1897), depois reproduzida na *Esquisse d'une dialectologie portugaise* (Paris-Lisboa, Aillaud, 1901; 2.ª ed., com aditamentos e correções do autor, preparada por Maria Adelaide Valle Cintra, Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1970) e, com alterações, nos *Opúsculos*, IV, Filologia, parte II (Coimbra, 1929, p. 791-796). A de Manuel de Paiva Boléo e Maria Helena Santos Silva, exposta em: O "Mapa dos dialectos e falares de Portugal Continental" (*Boletim de Filologia*, 20: 85-112, Lisboa, 1961), assenta-se em fatos linguísticos, principalmente fonéticos, que se fossem apresentados numa certa e possível hierarquização permitiriam talvez um mais claro agrupamento das variedades.

Assim:

1. Nos dialetos galegos não existe a sibilante sonora /z/: *rosa* articula-se com a mesma sibilante [s̺] ou [s] (surda) de *passo*; *fazer*, com a mesma sibilante [θ] ou [s] (surda) de *caça*. Inexiste também a fricativa palatal sonora [ʒ] grafada em português *j* ou *g* (antes de *e* ou *i*). Em galego, *hoxe* tem a mesma fricativa [ʃ] de *enxada*.

2. Nos dialetos portugueses setentrionais existe a sibilante ápico-alveolar [s̻], idêntica à do castelhano setentrional e padrão, em palavras como *seis*, *passo*. A ela corresponde a sonora [z̻] de *rosa*.
   Em alguns dialetos mais conservadores coexistem com estas sibilantes as pré-dorsodentais [s] (em *cinco*, *caça*) e [z] (em *fazer*), que, noutros dialetos, com elas se fundiram, provocando a igualdade da sibilante de *cinco* e *caça* com a que aparece em *seis* e *passo*, ou seja [s̻], bem como a da de *fazer* com a que se ouve em *rosa*, isto é [z̻].

3. Nos dialetos portugueses centro-meridionais só aparecem as sibilantes pré-dorsodentais que caracterizam a língua padrão:

a) a surda [s], tanto em *seis* e *passo* como em *cinco* e *caça*;[5]
b) a sonora [z], tanto em *rosa* como em *fazer*.

As fronteiras entre as três zonas mencionadas atravessam a faixa galego-portuguesa de oeste a leste, ou, mais precisamente, no caso da fronteira entre dialetos portugueses setentrionais e centro-meridionais, de noroeste a sueste.

Mas há outros traços importantes em que a referida distinção se fundamenta, sem que, no entanto, as suas fronteiras coincidam perfeitamente com as das características já indicadas.

São eles:

a) a pronúncia como [b] ou [β] do *v* gráfico (emitido como labiodental na pronúncia padrão e na centro-meridional) na maior parte dos dialetos portugueses setentrionais e na totalidade dos dialetos galegos: *binho*, *abó* por *vinho*, *avó*;
b) a pronúncia como africada palatal [tʃ] do *ch* da grafia (emitido como fricativa [ʃ] na pronúncia padrão e em quase todos os dialetos centro-meridionais) na maior parte dos dialetos portugueses setentrionais e na totalidade dos dialetos galegos: *tchave*, *atchar* por *chave*, *achar*;

---

[5] Pronúncia semelhante à do francês ou do italiano padrão, do castelhano meridional e do hispano-americano.

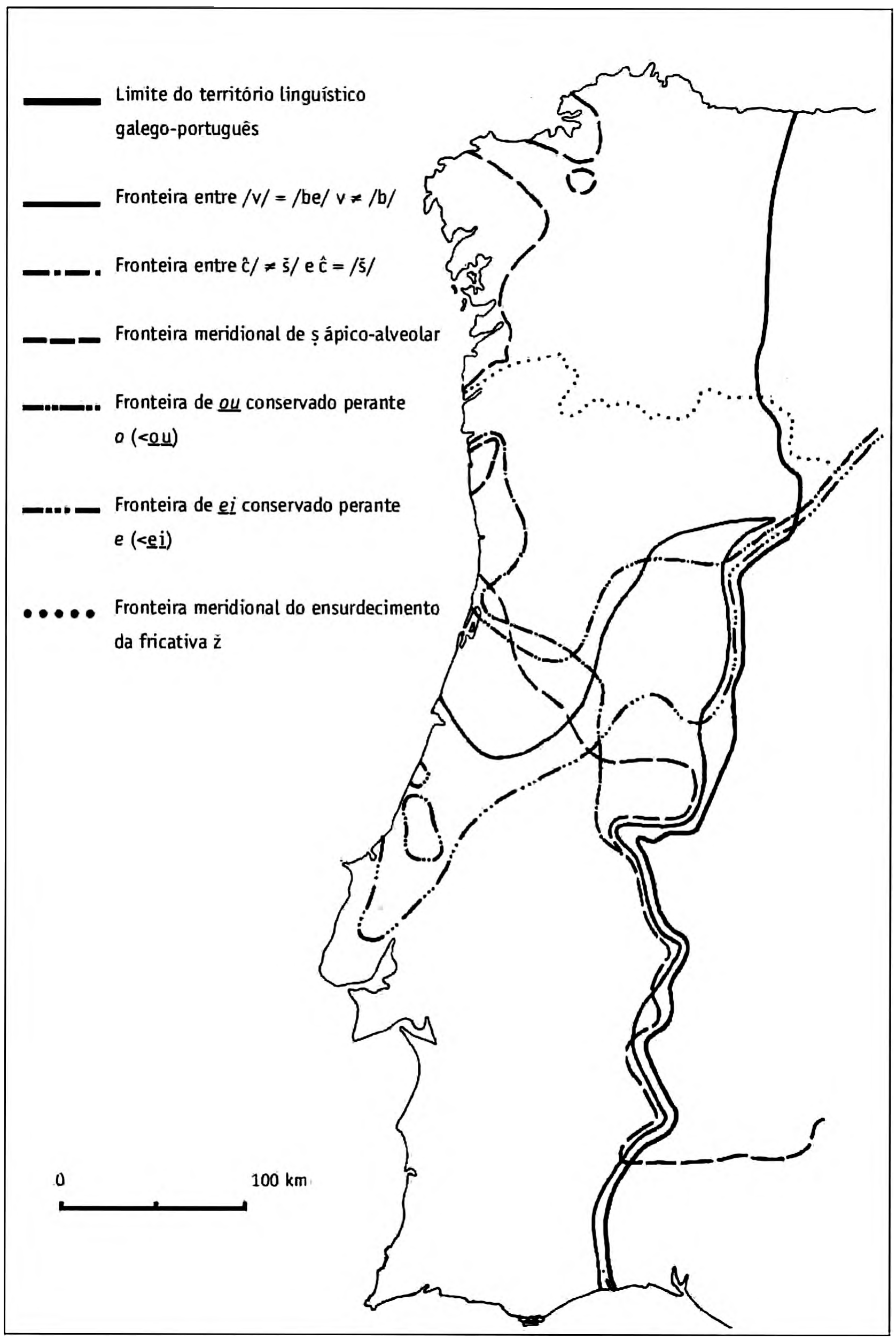

Alguns traços fonéticos diferenciados dos dialetos galego-portugueses

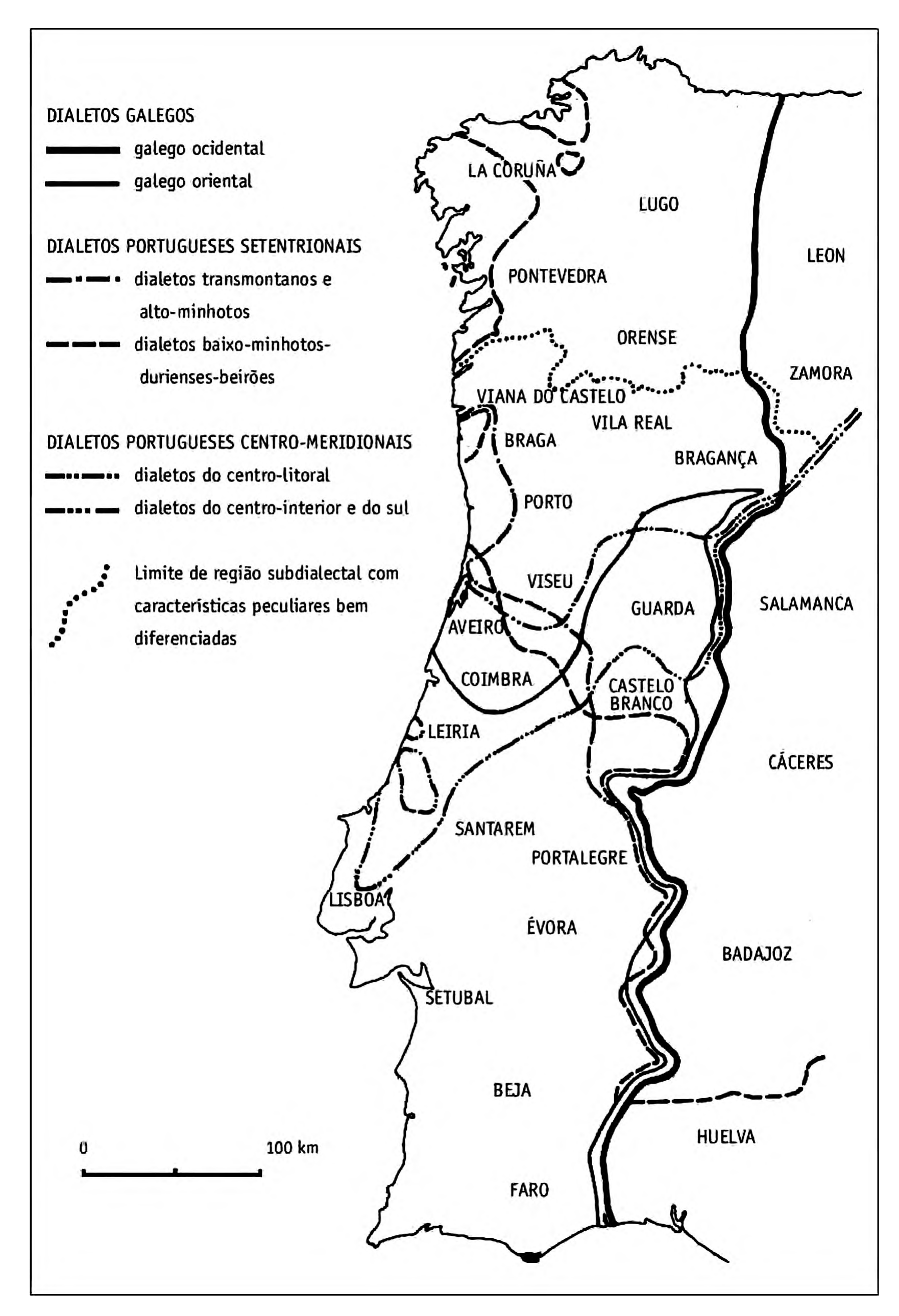

Classificação dos dialetos galego-portugueses

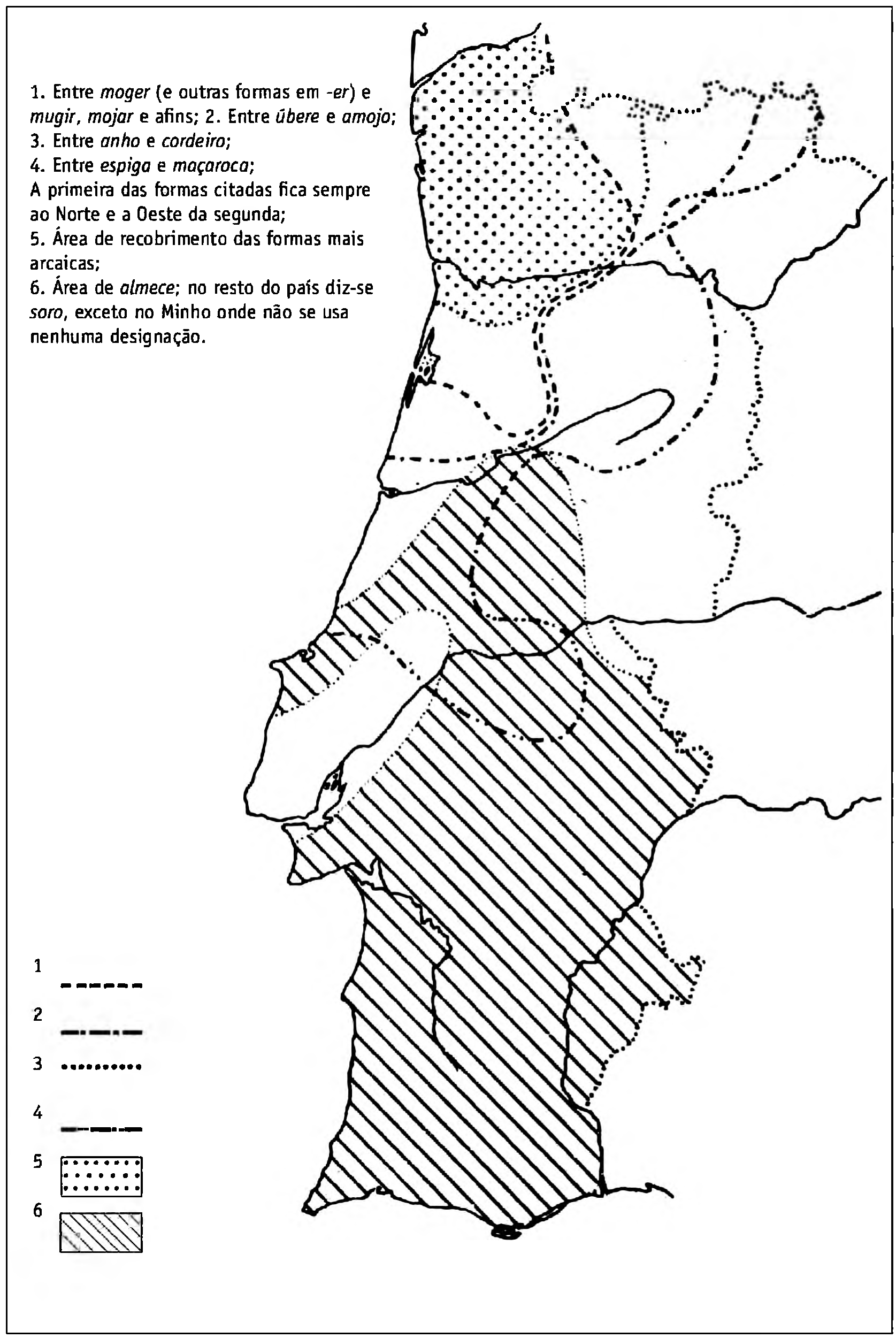

Alguns limites lexicais

c) a monotongação ou não monotongação dos ditongos [ow] e [ej]: a pronúncia [o] e [e] desses ditongos (por exemplo: *ôru* por *ouro*, *ferrêro* por *ferreiro*) caracteriza os dialetos portugueses centro-meridionais e, no caso de [o], a pronúncia padrão perante os dialetos portugueses setentrionais e os dialetos galegos.[6]

Merecem menção especial — mesmo numa apresentação panorâmica dos dialetos portugueses — três regiões em que, a par dos traços gerais que acabamos de apontar, aparecem características fonéticas peculiares que afastam muito vincadamente os dialetos nelas falados de todos os outros do mesmo grupo.

Trata-se, em primeiro lugar, de uma região (dentro da zona dos dialetos setentrionais) em que se observa regularmente a ditongação de [e] e [o] acentuados: *pjeso* por *peso*, *pworto* por *porto*. Abrange uma grande parte do Minho e do Douro Litoral, incluindo o falar popular da cidade do Porto e de seus arredores.

Em segundo lugar, temos uma extensa área da Beira Baixa e do Alto Alentejo (compreendendo uma faixa pertencente aos dialetos setentrionais, mas, principalmente, uma vasta zona dos dialetos centro-meridionais) em que se registra uma profunda alteração do timbre das vogais. Os traços mais salientes são: *a*) a articulação do *u* tônico como [ü] (próximo do *u* francês), por exemplo: [tü], [´müla], por *tu*, *mula*; *b*) a representação do antigo ditongo grafado *ou* por [ö] (também semelhante ao som correspondente do francês), por exemplo: [´pöka] por *pouca*; *c*) a queda da vogal átona final grafada *-o* ou sua redução ao som [∂], por exemplo: *cop* (∂), *cop* (∂)s, por *copo*, *copos*; *tüd* (∂) por *tudo*.

Por fim, no ocidente do Algarve situa-se outra região em que se observam coincidências com a anteriormente mencionada, no que se refere às vogais. Em lugar de *u*, encontramos [ü]: [tü], [´müla] (mas o *ou* está representado por [o]). Por outro lado, o *a* tônico evolveu para um som semelhante ao *o* aberto: *bata* é pronunciado quase *bota*, alteração de timbre que não é estranha a alguns lugares da mencionada zona da Beira Baixa e Alto Alentejo, embora seja aí mais frequente a passagem, em determinados contextos fonéticos, de *a* a um som [ä] semelhante a *e* aberto [e], por exemplo: *afilhédo* por *afilhado*, *fumér* por *fumar*. A vogal átona grafada *o* também cai ou se reduz a [∂]: *cop*(∂), *cop*(∂)s, por *copo*, *copos*; *tüd*(∂) por *tudo*.

---

[6] Com referência ao ditongo [ej], a pronúncia padrão e a de Lisboa (neste caso uma ilhota de conservação ao sul) coincidem com os dialetos setentrionais na sua manutenção. Note-se contudo que, devido a um fenômeno de diferenciação entre os dois elementos do ditongo, este se transformou na referida pronúncia em [αj].

Não são, porém, apenas traços fonéticos que permitem opor os diversos grupos de dialetos galego-portugueses. Se, no que diz respeito a particularidades morfológicas e sintáticas, a grande variedade e irregularidade na distribuição parece impedir um delineamento de áreas que as tome como base[7], já no que se refere à distribuição do léxico podemos observar, ainda que num restrito número de setores e casos, certas regularidades. Não é raro, por exemplo, que os dialetos centro-meridionais se oponham aos setentrionais e aos galegos por neles se designar um objeto ou noção com um termo de origem árabe enquanto nos últimos permanece o descendente da palavra latina ou visigótica. É o caso da oposição *almece / soro* (do queijo), *ceifar / segar*.

Talvez ainda mais frequente seja a oposição lexical entre os dialetos do sul e leste de Portugal, caracterizados por inovações vocabulares de vários tipos, e os dialetos do noroeste e centro-norte, que, como os galegos, se distinguem pelo conservadorismo, pela manutenção de termos mais antigos na língua. É o caso da oposição de *ordenhar* a *moger*, *mugir* e *amojar*; de *amojo* a *úbere*; de *borrego* a *cordeiro* e a *anho*; de *chibo* a *cabrito*; de *maçaroca* a *espiga* (de milho), etc.

Advirta-se, por fim, que em relação a muitas outras noções é grande a variedade terminológica na faixa galego-portuguesa, sem que se observe este ou qualquer outro esquema regular de distribuição. É que a distribuição dos tipos lexicais depende de numerosíssimos fatores, não só linguísticos, mas sobretudo histórico-culturais e sociais, que variam de caso para caso. A regularidade atrás observada parece depender, em alguns casos, da ação de um mesmo fator histórico: a Reconquista aos mouros do Centro e do Sul do território português, movimento que teria criado o contraste entre uma Galiza e um Portugal do Noroeste para Oeste mais conservadores, porque de povoamento antigo, e um Portugal do Nordeste, Este e Sul mais inovador, justamente o que foi repovoado em consequência daquele acontecimento histórico.[8] Trata-se, aliás, de um contraste que tem o seu paralelo na história da arte. Ao Norte, resistência do estilo romântico, enquanto ao Sul, a partir do século XIII, se acentua progressivamente a penetração e a expansão do estilo gótico.

---

[7] Quando muito, poder-se-á dizer, por exemplo, que certos traços, como os perfeitos em *-i* da 1.ª conjugação (*lavi* por *lavei*, *canti* por *cantei*), são exclusivamente centro-meridionais.

[8] Veja-se, a este respeito, principalmente, Luís F. Lindley Cintra. Áreas lexicais no território português. *Boletim de Filologia*, 20: 273-307, 1961; e Orlando Ribeiro. A propósito de áreas lexicais no território português. *Boletim de Filologia*, 21: 177-205, 1962-1963 (artigos reproduzidos em Luís F. Lindley Cintra. *Estudos de dialectologia portuguesa*. Lisboa, Sá da Costa, 1983, p. 55-94 e 165-202).

OS DIALETOS DAS ILHAS ATLÂNTICAS

Os dialetos falados nos arquipélagos atlânticos dos Açores e da Madeira representam — como era de esperar da história do povoamento destas ilhas, desertas no momento em que os portugueses as descobriram — um prolongamento dos dialetos portugueses continentais.

Considerando a maior parte das características fonéticas que neles se observam, pode-se afirmar, com maior precisão, que prolongam o grupo dos dialetos centro-meridionais. Com efeito, não se encontram nos dialetos açorianos e madeirenses nem o [s̪] ápico-alveolar, nem a neutralização da oposição entre [v] e [b], nem a africada [tʃ] dos dialetos setentrionais do continente. Quanto à monotongação dos ditongos decrescentes [ow] e [ej], observam-se as mesmas tendências da língua padrão: o ditongo [ow] reduz-se normalmente a [o], mas a redução de [ej] a [e] é fenômeno esporádico; só ocorre como norma na ilha de São Miguel.

Esta ilha, assim como a da Madeira, constituem casos excepcionais dentro do português insular. Independentemente uma da outra, ambas se afastam do que se pode chamar a norma centro-meridional por acrescentar-lhe um certo número de traços muito peculiares.

No que se refere à ilha de São Miguel, os mais característicos dentre os traços que afastam os seus dialetos dos das outras ilhas coincidem, curiosamente, com os traços que, na Península, distinguem a região da Beira Baixa e do Alto Alentejo (e também, parcialmente, com os que se observam no ocidente do Algarve): *a*) o *u* tônico é articulado como [ü]: *tü*, *müla*; *b*) o antigo ditongo *ou* pronuncia-se como [ö]: *pöca*, *löra*; *c*) o *a* tônico tende para o *o* aberto [ɔ]: quase *bota* por *bata*; *d*) a vogal final grafada *-o* cai ou reduz-se a [ə]: *cop(ə)*, *cop(ə)s*, *tüd(ə)*, *pök(ə)*, por *copo*, *copos*, *tudo*, *pouco*.

Quanto à ilha da Madeira, os seus dialetos apresentam características fonéticas singulares, que só esporadicamente (e não todas) aparecem em dialetos continentais. Assim, o *u* tônico apresenta-se ditongado em [αw], por exemplo: [ˈlαwα] por *lua*; o *i* tônico em [αj], por exemplo:[ˈfαjλα] por *filha*. Por outro lado, a consoante *l*, precedida de *i*, palatiza-se: [ˈvαjλα] por *vila*, [ˈfαjλα] por *fila* (confundindo-se, portanto, desse modo *fila* com *filha*).

OS DIALETOS BRASILEIROS

Com relação ao extensíssimo território brasileiro da língua portuguesa, a insuficiência de informações rigorosamente científicas sobre as diferenças de natureza fonética, morfossintática e lexical que separam as variedades regionais nele existentes não permite classificá-las em bases semelhantes às que foram adotadas

na classificação dos dialetos do português europeu. Deve-se reconhecer, contudo, que a publicação de dois atlas prévios regionais — o do Estado da Bahia[9] e o do Estado de Minas Gerais[10] — e a anunciada impressão do já concluído *Atlas dos falares de Sergipe*[11], bem como a elaboração de algumas monografias dialetais, são passos importantes no sentido de suprir a lacuna apontada.

Entre as classificações de conjunto, propostas em caráter provisório, sobreleva, pela indiscutível autoridade de quem a fez, a de Antenor Nascentes, fundada em observações pessoais colhidas em suas viagens por todos os estados do país.

A base desta proposta reside — como no caso do português europeu — em diferenças de pronúncia.

De acordo com Antenor Nascentes, é possível distinguir dois grupos de dialetos[12] brasileiros — o do Norte e o do Sul —, tendo em conta dois traços fundamentais:

a) a abertura das vogais pretônicas, nos dialetos do Norte, em palavras que não sejam diminutivos nem advérbios em *-mente*: *pègar* por *pegar*, *còrrer* por *correr*;
b) o que ele chama um tanto impressionisticamente a "cadência" da fala: fala "cantada" no Norte, fala "descansada" no Sul.

A fronteira entre os dois grupos de dialetos passa por "uma zona que ocupa uma posição mais ou menos equidistante dos extremos setentrional e meridional do país. Esta zona se estende, mais ou menos, da foz do rio Mucuri, entre Espírito Santo e Bahia, até a cidade de Mato Grosso, no estado do mesmo nome"[13].

Em cada grupo, distingue Antenor Nascentes diversas variedades a que chama SUBFALARES. E enumera dois no grupo Norte:

a) O AMAZÔNICO;
b) O NORDESTINO;

---

[9] Nelson Rossi. *Atlas prévio dos falares baianos*. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1963.

[10] José Ribeiro *et alii*. *Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais*. V.1. Rio de Janeiro, MEC/Casa de Rui Barbosa/UFJF, 1977.

[11] Elaborado por Nelson Rossi, com a colaboração de um grupo de professores da Universidade Federal da Bahia.

[12] Empregamos o termo DIALETO pelas razões aduzidas no capítulo 1 e para mantermos o paralelismo com a designação adotada para as variedades regionais portuguesas. Ao que chamamos aqui DIALETO Nascentes denomina SUBFALAR.

[13] Antenor Nascentes. *O linguajar carioca*, 2.ª ed. completamente refundida. Rio de Janeiro, Simões, 1953, p. 25. Por ser quase despovoada, considerava ele incaracterística a área compreendida entre a parte da fronteira boliviana e a fronteira de Mato Grosso com Amazonas e Pará.

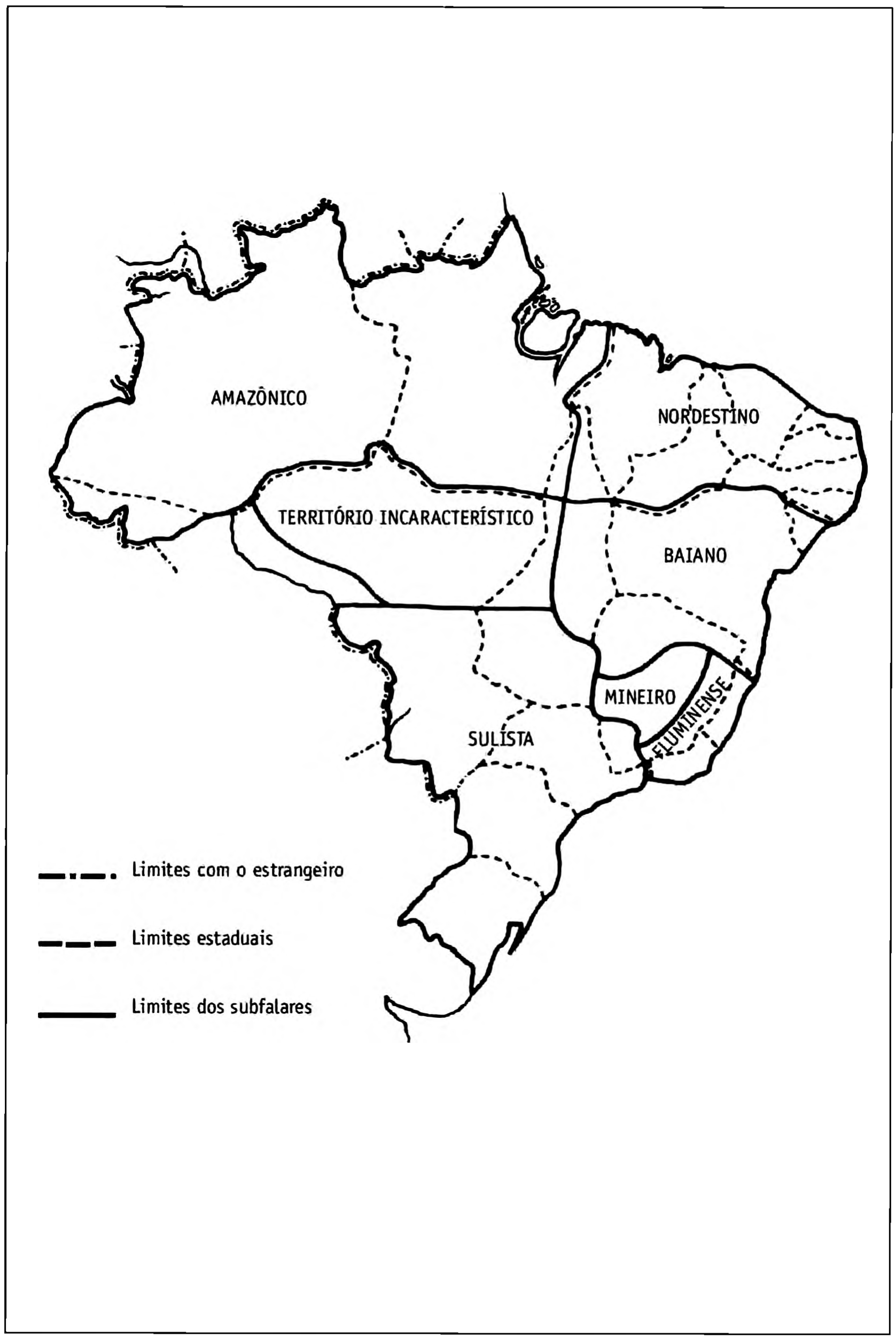

Áreas linguísticas do Brasil (divisão proposta por Antenor Nascentes)

e quatro no grupo Sul:

a) O BAIANO;
b) O FLUMINENSE;
c) O MINEIRO;
d) O SULISTA.

Assinale-se, por fim, que as condições peculiares da formação linguística do Brasil revelam uma dialectalização que não parece tão variada e tão intensa como a portuguesa. Revelam, também, estas condições que a referida dialectalização é muito mais instável que a europeia.

O PORTUGUÊS DE ÁFRICA, DA ÁSIA E DA OCEÂNIA

No estudo das formas que veio a assumir a língua portuguesa em África, na Ásia e na Oceânia, é necessário distinguir, preliminarmente, dois tipos de variedades: as CRIOULAS e as NÃO CRIOULAS.

As variedades CRIOULAS resultam do contacto que o sistema linguístico português estabeleceu, a partir do século XV, com sistemas linguísticos indígenas. Talvez todas elas derivem do mesmo PROTOCRIOULO OU LÍNGUA FRANCA que, durante os primeiros séculos da expansão portuguesa, serviu de meio de comunicação entre as populações locais e os navegadores, comerciantes e missionários ao longo das costas da África Ocidental e Oriental, da Arábia, da Pérsia, da Índia, da Malásia, da China e do Japão. Aparecem-nos, atualmente, como resultados muito diversificados, mas com algumas características comuns — ou, pelo menos, paralelas —, que se manifestam numa profunda transformação da fonologia e da morfossintaxe do português que lhes deu origem. O grau de afastamento em relação à língua-mãe é hoje de tal ordem que, mais do que como DIALETOS, os crioulos devem ser considerados como línguas derivadas do português.

Os crioulos de origem portuguesa na África, que são os de maior vitalidade, podem ser distribuídos espacialmente em três grupos:

1. Crioulos das ilhas do Golfo da Guiné:

a) de São Tomé;
b) do Príncipe;
c) de Ano Bom (ilha que pertence à Guiné Equatorial).

2. Crioulos do arquipélago de Cabo Verde, com as duas variedades:

a) de Barlavento, ao norte, usada nas ilhas de Santo Antão, São Vicente, São Nicolau, Sal e Boa Vista;
b) de Sotavento, ao sul, utilizada nas ilhas de Santiago, Maio, Fogo e Brava.

3. Crioulos continentais:
a) da Guiné-Bissau;
b) de Casamance (no Senegal).

Dos crioulos da Ásia subsistem apenas:
a) o de Malaca, conhecido pelas denominações de *papiá cristão*, *malaqueiro*, *malaquês*, *malaquenho*, *malaquense*, *serani*, *bahasa geragau* e *português basu*;
b) o de Macau, *macaísta* ou *macauenho*, ainda falado por algumas famílias de Hong-Kong;
c) o de Sri-Lanka, falado por famílias de Vaipim e Batticaloa;
d) os de Chaul, Korlai, Tellicherry, Cananor e Cochim, no território da União Indiana.

Na Oceânia, sobrevive ainda o crioulo de Tugu, localidade perto de Jacarta, na ilha de Java.[14]

Quanto às variedades NÃO CRIOULAS, há que considerar não só a presença do português, que é a língua oficial das repúblicas de Angola, de Cabo Verde, da Guiné-Bissau, de Moçambique e de São Tomé e Príncipe, mas as variedades faladas por uma parte da população destes Estados e, também, de Goa, Damão, Diu e Macau, na Ásia, e Timor, na Oceânia. Trata-se de um português com base na variedade europeia, porém mais ou menos modificado, sobretudo pelo emprego de um vocabulário proveniente das línguas nativas, e a que não faltam algumas características próprias no aspecto fonológico e gramatical.

Estas características, no entanto, que divergem de região para região, ainda não foram suficientemente observadas e descritas, embora muitas delas — principalmente no que se refere a Angola, Cabo Verde e Moçambique — transpareçam na obra de alguns dos modernos escritores desses países.[15]

---

[14] Sobre o estado atual dos crioulos portugueses, veja-se Celso Cunha. *Língua, nação, alienação*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981, p. 37-106, onde se remete à bibliografia especializada; veja-se, também, José Gonçalo Herculano de Carvalho. Deux langues créoles: le *criôl* du Cap Vert et le *forro* de S. Tomé. *Biblos*, 57: 1-15, Coimbra, 1981.

[15] Sobre a linguagem de um deles, do maior significado, o angolano Luandino Vieira, leiam-se: Michel Laban. *L'œuvre litteraire de Luandino Vieira*, tese de 3.º ciclo, apresentada em 1979 à Universidade de Paris-Sorbonne; e Salvato Trigo. *Luandino Vieira, o logoteta*. Porto, Brasília Editora, 1981.

Capítulo 3

Fonética e fonologia

OS SONS DA FALA

Os sons de nossa fala resultam quase todos da ação de certos órgãos sobre a corrente de ar vinda dos pulmões.

Para a sua produção, três condições se fazem necessárias:

a) a corrente de ar;
b) um obstáculo encontrado por essa corrente de ar;
c) uma caixa de ressonância.

Estas condições são criadas pelos ÓRGÃOS DA FALA, denominados, em seu conjunto, APARELHO FONADOR.

O APARELHO FONADOR

É constituído das seguintes partes:

a) os PULMÕES, os BRÔNQUIOS e a TRAQUEIA – órgãos respiratórios que fornecem a corrente de ar, matéria-prima da fonação;
b) a LARINGE, onde se localizam as CORDAS VOCAIS, que produzem a energia sonora utilizada na fala;
c) as CAVIDADES SUPRALARÍNGEAS (FARINGE, BOCA e FOSSAS NASAIS), que funcionam como caixas de ressonância, sendo que a cavidade bucal pode variar profundamente de forma e de volume, graças aos movimentos dos órgãos ativos, sobretudo da LÍNGUA, que, de tão importante na fonação, se tornou sinônimo de "idioma".

Observação:

Quase todos os sons de nossa fala são produzidos na expiração. A inspiração normalmente funciona para nós como um instante de silêncio, um momento de pausa na elocução. Línguas há, porém, como o hotentote, o zulo, o boximane e outros idiomas africanos, que apresentam uma série de consoantes articuladas na inspiração, os ruídos que se denominam CLIQUES. Em português praticamos alguns CLIQUES, mas sem valor fonético: o beijo, que é uma bilabial inspiratória; o muxoxo, um clique linguoalveolar; o estalido linguodental com que animamos o andar das cavalgaduras; e uns poucos mais. Sobre o assunto consulte-se Rodrigo de Sá Nogueira. *Temas de linguística banta: dos cliques em geral.* Lisboa, Agência Geral do Ultramar, 1957.

FUNCIONAMENTO DO APARELHO FONADOR

O ar expelido dos PULMÕES, por via dos BRÔNQUIOS, penetra na TRAQUEIA e chega à LARINGE, onde, ao atravessar a GLOTE, costuma encontrar o primeiro obstáculo à sua passagem.

A GLOTE, que fica na altura do chamado *pomo de adão* ou *gogó*, é a abertura entre duas pregas musculares das paredes superiores da LARINGE, conhecidas pelo nome de CORDAS VOCAIS. O fluxo de ar pode encontrá-la fechada ou aberta, em virtude de estarem aproximados ou afastados os bordos das CORDAS VOCAIS. No primeiro caso, o ar força a passagem através das CORDAS VOCAIS retesadas, fazendo-as vibrar e produzir o som musical característico das articulações SONORAS. No segundo caso, relaxadas as CORDAS VOCAIS, o ar se escapa sem vibrações laríngeas. As articulações produzidas denominam-se, então, SURDAS.

A distinção entre SONORA e SURDA pode ser claramente percebida na pronúncia de duas consoantes que no mais se identificam. Assim:

/b/ [= SONORO] /p/ [= SURDO]

Ao sair da LARINGE, a corrente expiratória entra na CAVIDADE FARÍNGEA, uma encruzilhada, que lhe oferece duas vias de acesso ao exterior: o CANAL BUCAL e o NASAL. Suspenso no entrecruzar desses dois canais fica o VÉU PALATINO, órgão dotado de mobilidade capaz de obstruir ou não o ingresso do ar na CAVIDADE NASAL e, consequentemente, de determinar a natureza ORAL ou NASAL de um som.

Quando levantado, o VÉU PALATINO cola-se à parede posterior da FARINGE, deixando livre apenas o CONDUTO BUCAL. As articulações assim obtidas denominam-se ORAIS (adjetivo derivado do latim *os, oris*, "a boca"). Quando abaixado, o VÉU PALATINO deixa ambas as passagens livres. A corrente expiratória então divide-se, e uma parte dela escoa-se pelas FOSSAS NASAIS, onde adquire a ressonância característica das articulações, por este motivo, também chamadas NASAIS.

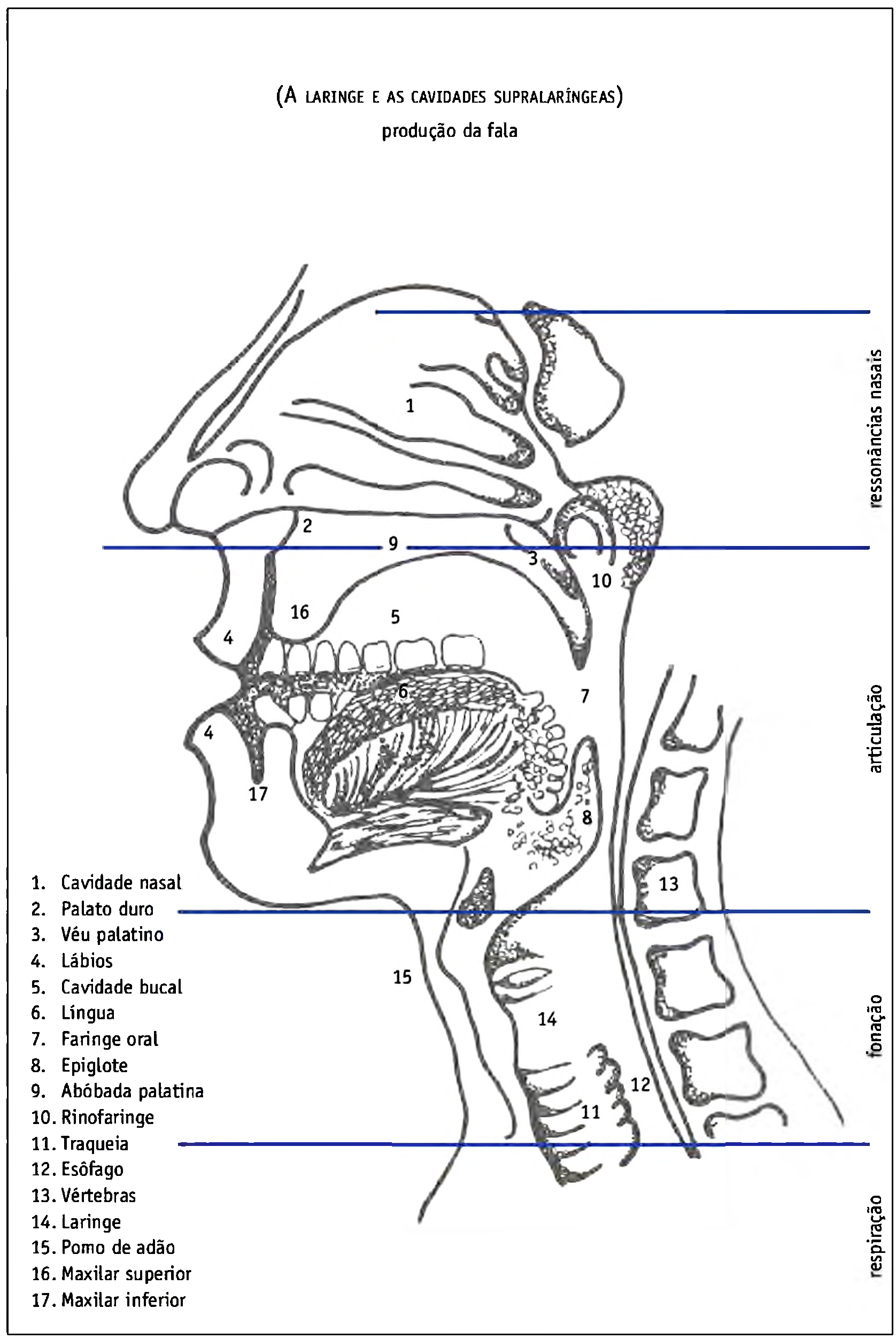

O APARELHO FONADOR

Compare-se, por exemplo, a pronúncia das vogais:

/a/ [= ORAL] /ã/ [= NASAL]

em palavras como:

lá / lã mato / manto

É, porém, na CAVIDADE BUCAL que se produzem os movimentos fonadores mais variados, graças à maior ou menor separação dos MAXILARES, das BOCHECHAS e, sobretudo, à mobilidade da LÍNGUA e dos LÁBIOS.

CORDAS VOCAIS

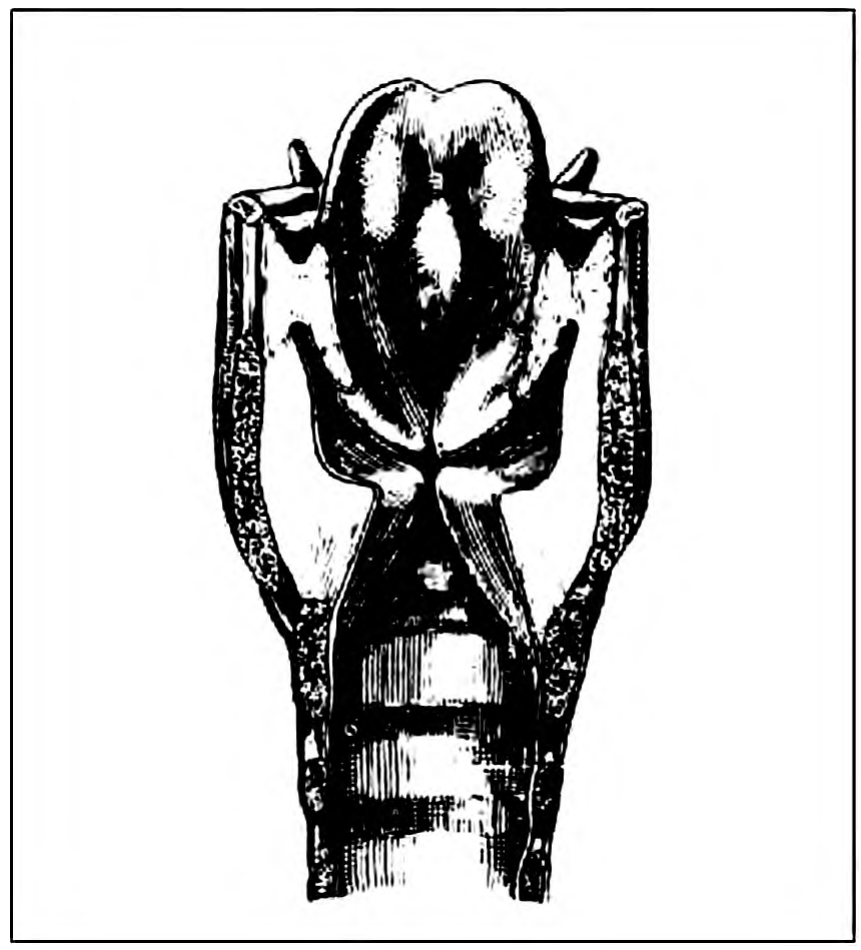

SOM E FONEMA

Nem todos os sons que pronunciamos em português têm o mesmo valor no funcionamento de nossa língua.

Alguns servem para diferenciar palavras que no mais se identificam.

Por exemplo, em:

erro

a diversidade de timbre (fechado ou aberto) da vogal tônica é suficiente para estabelecer uma oposição entre substantivo e verbo.

Na série:

dia	**v**ia	**m**ia
tia	**f**ia	**p**ia

temos seis palavras que se distinguem apenas pelo elemento consonântico inicial.

Toda distinção significativa entre duas palavras de uma língua estabelecida pela oposição ou contraste entre dois sons revela que cada um desses sons representa uma unidade mental sonora diferente. Essa unidade de que o som é representação (ou realização) física recebe o nome de FONEMA.

Correspondem, pois, a FONEMAS diversos os sons vocálicos e consonânticos diferenciadores das palavras atrás mencionadas.

A disciplina que estuda minuciosamente os sons da fala, as múltiplas realizações dos FONEMAS, chama-se FONÉTICA.

A parte da gramática que estuda o comportamento dos FONEMAS numa língua denomina-se FONOLOGIA, FONEMÁTICA ou FONÊMICA.

DESCRIÇÃO FONÉTICA E FONOLÓGICA

A descrição dos SONS DA FALA (DESCRIÇÃO FONÉTICA), para ser completa, deveria considerar sempre:

a) como eles são produzidos;
b) como são transmitidos;
c) como são percebidos.

Sobre a impressão auditiva deveria concentrar-se o interesse maior da descrição, pois é ela que nos deixa perceber a variedade dos sons e o seu funcionamento em representação dos FONEMAS. A DESCRIÇÃO FONOLÓGICA mal se compreende que não seja de base acústica.

Acontece, porém, que a descrição do efeito acústico de um fonema não se faz com termos precisos, semelhantes aos que se usam para descrever os movimentos dos órgãos que participam da produção de um som. Os progressos da FONÉTICA ACÚSTICA são, aliás, relativamente recentes.[1]

---

[1] Data de 1952, com o trabalho *Preliminaries to Speech Analysis*, de R. Jakobson, C. G. M. Fant e M. Halle, a primeira tentativa convincente de uma classificação acústica dos fonemas. De então para cá, a utilização de uma nova aparelhagem e, principalmente, o esforço coordenado de foneticistas e engenheiros do som têm permitido progressos sensíveis no particular, de que nos dão mostras as penetrantes análises acústicas de Pierre Delattre, enfeixadas em *Studies in French and Comparative Phonetics* (London – The Hague – Paris, Mouton, 1966), e os estudos recentes sobre a fonética portuguesa de Maria

A FONÉTICA FISIOLÓGICA, de base articulatória, é uma especialidade antiga e muito desenvolvida, porque bem conhecidos são os órgãos fonadores e o seu funcionamento. Daí serem os fonemas frequentemente descritos e classificados em função das suas características articulatórias, embora se note, modernamente, uma tendência de associar a descrição acústica à fisiológica, ou de realizá-las paralelamente.

TRANSCRIÇÃO FONÉTICA E FONOLÓGICA

Para simbolizar na escrita a pronúncia real de um som usa-se um alfabeto especial, o ALFABETO FONÉTICO.

Os sinais fonéticos são colocados entre colchetes: [ ].

Por exemplo: [ˈkaw], pronúncia popular carioca, [ˈkal], pronúncia portuguesa normal e brasileira do Rio Grande do Sul, para a palavra sempre escrita *cal*.

Os fonemas transcrevem-se entre barras oblíquas: / /.

Por exemplo: o fonema /s/ pode ser representado ortograficamente por *s*, como em *saco*; por *ss*, como em *osso*; por *c*, como em *cera*; por *ç*, como em *poço*; por *x*, como em *próximo*; e pode ser realizado como [s], no português normal de Portugal e do Brasil, ou como [s̺], em regiões do Norte de Portugal e da Galiza, conforme se disse no capítulo 2.

ALFABETO FONÉTICO UTILIZADO

Empregamos nas nossas transcrições fonéticas, sempre que possível, o Alfabeto Fonético Internacional. Tivemos, no entanto, de fazer certas adaptações e acrescentar alguns sinais necessários para a transcrição de sons de variedades da língua portuguesa para os quais não existe sinal próprio naquele Alfabeto.[2]

Raquel Delgado Martins, principalmente *Aspects de l'accent en portugais. Voyelles toniques et atones* (Thèse de doctorat de troisième cycle, Strasbourg, 1977), publicada em *Hamburger Phonetische Beiträge* (Hamburg, Buske Verlag, 1982), e *Sept études sur la perception. Accent et intonation du portugais* (2.ª ed., Lisboa, Laboratório de Fonética da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1983) e de Mirian Therezinha da Matta Machado, *Étude articulatoire et acoustique des voyelles nasales du portugais de Rio de Janeiro* (Thèse de doctorat de troisième cycle, Strasbourg, 1981). Os dois últimos trabalhos são dissertações policopiadas.

[2] Nessas adaptações e acréscimos seguimos, em geral, o alfabeto fonético utilizado pelo grupo do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, encarregado da elaboração do *Atlas linguístico-etnográfico de Portugal e da Galiza*.

Eis o elenco dos sinais aqui adotados:

1. Vogais:

[a] português normal de Portugal e do Brasil: **pá**, **gato**
português normal do Brasil: pe**dra**, **fa**zer

[ɑ] português normal de Portugal: **cama**, **cana**, pe**dra**, **fa**zer; português de Lisboa: **lei**, **lenha**
português normal do Brasil: **cama**, **cana**

[ɛ] português normal de Portugal e do Brasil: **pé**, **ferro**

[e] português normal de Portugal e do Brasil: **medo**, **saber**
português normal do Brasil: **regar**, **sedento**

[ə] português normal de Portugal: **sede**, **corre**, **regar**, **sedento**

[ɔ] português normal de Portugal e do Brasil: **pó**, **cola**

[o] português normal de Portugal e do Brasil: **morro**, **força**
português normal do Brasil: **correr**, **morar**

[i] português normal de Portugal e do Brasil: **vir**, **bico**
português normal do Brasil: **sede**, **corre**

[u] português normal de Portugal e do Brasil: **bambu**, **sul**, **caro**
português normal de Portugal: **correr**, **morar**

2. Semivogais:

[j] português normal de Portugal e do Brasil: **pai**, **feito**, **vário**

[w] português normal de Portugal e do Brasil: **pau**, **água**

3. Consoantes:

[b] português normal de Portugal e do Brasil: **bravo** (!), **ambos**
português normal do Brasil: **boi**, **aba**, **barba**, **abrir**

[β] português normal de Portugal: **boi**, **aba**, **barba**, **abrir**

[d] português normal de Portugal e do Brasil: **dar** (!), **andar**
português normal do Brasil: **ida**, **espada**

[ð] português normal de Portugal: **dar**, **ida**, **espada**

[d'] português do Rio de Janeiro, de São Paulo e de extensas zonas do Brasil: **dia**, **sede**

[dʒ] português popular do Rio de Janeiro e de algumas zonas próximas: **dia**, **sede**
português dialectal europeu de zonas fronteiriças muito restritas: **Jesus**, **jaqueta**

[g] português normal de Portugal e do Brasil: **guarda** (!), **frango**
português normal do Brasil: **guarda**, **agora**, **agrado**

[ɣ] português normal de Portugal: **g**uarda, a**g**ora, a**g**rado

[p] português normal de Portugal e do Brasil: **p**ai, ca**p**rino

[t] português normal de Portugal e do Brasil: **t**u, can**t**o

[t'] português do Rio de Janeiro, de São Paulo e de extensas zonas do Brasil: **t**io, se**t**e

[tʃ] português de extensas zonas do Norte de Portugal e de áreas não bem delimitadas de Mato Grosso e regiões circunvizinhas, no Brasil: **ch**ave, en**ch**er

português popular do Rio de Janeiro e de algumas zonas próximas: **t**io, se**t**e

[k] português normal de Portugal e do Brasil: **c**asa, por**c**o, **que**

[m] português normal de Portugal e do Brasil: **m**ar, a**m**igo

[n] português normal de Portugal e do Brasil: **n**ada, ca**n**o

[ɲ] português normal de Portugal e do Brasil: vi**nh**a, cami**nh**o

[l] português normal de Portugal e do Brasil: **l**ama, ca**l**o

[ɫ] português normal de Portugal e de certas zonas do Sul do Brasil: a**l**to, Bra**sil**

[ʎ] português normal de Portugal e do Brasil: fi**lh**o, **lh**e

[r] português normal de Portugal e do Brasil: ca**r**o, co**r**es, da**r**

[r̃] português normal de várias regiões de Portugal, do Rio Grande do Sul e outras regiões do Brasil: **r**oda, ca**r**ro

[R] português normal de Portugal (principalmente de Lisboa), do Rio de Janeiro e de várias zonas costeiras do Brasil: **r**oda, ca**r**ro

[f] português normal de Portugal e do Brasil: **f**ilho, a**f**iar

[v] português normal de Portugal e do Brasil: **v**inho, u**v**a

[s] português normal de Portugal e do Brasil: **s**aber, po**s**so, **c**éu, ca**ç**a

[z] português normal de Portugal e do Brasil: a**z**ar, ca**s**a

[ʐ] português de certas zonas do Norte de Portugal: **s**aber, po**s**so; e, noutras zonas, também: **c**éu, ca**ç**a

[ʑ] português de certas zonas do Norte de Portugal: ca**s**a; e, noutras zonas, também: a**z**ar

[θ] galego normal: **c**éu, fa**c**er (port. fazer), ca**z**a (port. caça), a**z**ar

[ʃ] português normal de Portugal e do Brasil: **ch**ave, **x**arope

português normal de Portugal, do Rio de Janeiro e de algumas zonas costeiras do Brasil: e**s**te

[ʒ] português normal de Portugal e do Brasil: **j**á, **g**enro

português normal de Portugal, do Rio de Janeiro e de algumas zonas costeiras do Brasil: me**s**mo

CLASSIFICAÇÃO DOS SONS LINGUÍSTICOS

Os sons linguísticos classificam-se em VOGAIS, CONSOANTES e SEMIVOGAIS.

VOGAIS E CONSOANTES

1. Do ponto de vista articulatório, as vogais podem ser consideradas sons formados pela vibração das cordas vocais e modificados segundo a forma das cavidades supralaríngeas, que devem estar sempre abertas ou entreabertas à passagem do ar. Na pronúncia das consoantes, ao contrário, há sempre na cavidade bucal obstáculo à passagem da corrente expiratória.

2. Quanto à função silábica – outro critério de distinção – cabe salientar que, na nossa língua, as vogais são sempre centro de sílaba, ao passo que as consoantes são fonemas marginais: só aparecem na sílaba junto a uma vogal.

SEMIVOGAIS

Entre as vogais e as consoantes situam-se as semivogais, que são os fonemas /i/ e /u/ quando, juntos a uma vogal, com ela formam sílaba. Foneticamente estas vogais assilábicas transcrevem-se [j] e [w]. Exemplificando:

Em *riso* [´rizu] e *viu* [´viw] o /i/ é vogal, mas em *rei* [´rej] e *vário* [´varju] é semivogal. Também é vogal o /u/ em *muro* [´muru] e *rua* [´rua], mas semivogal em *meu* [´mew] e *quatro* [´kwatru].

CLASSIFICAÇÃO DAS VOGAIS

1. Segundo a classificação tradicional, de base fundamentalmente articulatória, as vogais da língua portuguesa podem ser:

a) quanto à região de articulação
- anteriores ou palatais
- centrais ou médias
- posteriores ou velares

b) quanto ao grau de abertura
- abertas
- semiabertas
- semifechadas
- fechadas

c) quanto ao papel das cavidades bucal e nasal
- orais
- nasais

É de base acústica a classificação em:

d) quanto à intensidade — tônicas / átonas

2. Tem-se difundido recentemente uma classificação das vogais com base em certo número de traços que são "distintivos" numa perspectiva fonológica ou fonemática, isto é, que apresentam características capazes por si só de opor um segmento fônico a outro segmento fônico.
Por exemplo: o traço distintivo ABERTURA, ligado, do ponto de vista fisiológico, à maior ou menor elevação ou altura da língua no momento da articulação, opõe só por si *peso* (substantivo) a *peso* (forma verbal) e a *piso* (substantivo ou verbo). A presença ou a ausência de cada traço é, neste tipo de classificação, assinalada pelos sinais matemáticos (+) e (–). Assim: /e/ de *peso* (verbo) será [+ baixo], e /e/ de *peso* (substantivo) será [– alto], mas também [– baixo], ao passo que /i/ de *piso* será [+ alto].
Por vezes, torna-se necessário mais do que um traço para descrever a oposição entre duas vogais. Por exemplo, a oposição entre /a/ de *carro* e /o/ de *corro* implica a presença em /a/ de um traço distintivo — a maior abertura e correlativa menor altura da língua [+ baixo] — e a ausência de outro traço, o arredondamento dos lábios durante a articulação [– arredondado].
Os traços distintivos que devem ser considerados na classificação dos fonemas vocálicos portugueses dependem: *a*) da maior ou menor elevação da língua; *b*) do recuo ou avanço da região de articulação; *c*) do arredondamento ou não arredondamento dos lábios.
De acordo com esta classificação, as vogais da língua portuguesa podem ser:

a) quanto à maior ou menor elevação da língua — + altas / – altas / – baixas / + baixas

b) quanto ao recuo ou avanço da articulação — + recuadas / – recuadas

c) quanto ao arredondamento ou não arredondamento dos lábios — + arredondadas / – arredondadas

ARTICULAÇÃO

Dissemos que as vogais são sons que se pronunciam com a via bucal livre. Mas, como acabamos de ver ao apresentar os vários critérios de classificação, isto não significa que seja irrelevante para distingui-las o movimento dos diversos órgãos articulatórios. Pelo contrário. Esses critérios baseiam-se na diversidade de tal movimento.

Assim:

Ao elevarmos a língua na parte anterior da cavidade bucal, aproximando-a do palato duro, produzimos a série das vogais ANTERIORES ou PALATAIS, ou seja [– RECUADAS]:

[ɛ], [e], [i].

Ao elevarmos a língua na parte posterior da cavidade bucal, aproximando-a do véu palatino, produzimos a série das vogais POSTERIORES ou VELARES, isto é, [+ RECUADAS]:

[ɔ], [o], [u].

Dentro da classificação tradicional, que considera a boca dividida em duas regiões (anterior e posterior), as vogais [a] e [ɑ], articuladas com a língua baixa, em posição de repouso, são denominadas MÉDIAS ou CENTRAIS. De acordo com a classificação mais recente, devem ser incluídas entre as [+ RECUADAS].

Também importante como elemento distintivo na articulação das vogais é a posição assumida pelos lábios durante a passagem da corrente de ar expirada. Podem eles dispor-se de modo tal que formem uma saída arredondada para essa corrente, e teremos a série das vogais [+ ARREDONDADAS]:

[ɔ], [o], [u].

ou permanecer numa posição quase de repouso, e teremos a série das vogais [– ARREDONDADAS]:

[a], [e], [ɛ], [i].

TIMBRE

Para a distinção do TIMBRE das vogais – qualidade acústica que resulta de uma composição do tom fundamental com os harmônicos – é ainda determinante, do ponto de vista articulatório, a forma tomada pela cavidade faríngea e, sobretudo, pela cavidade bucal, que funcionam como tubo de ressonância.

A maior largura do tubo de ressonância, provocada principalmente pela menor elevação do dorso da língua em direção ao palato (quer duro, quer mole), produz as vogais chamadas ABERTAS e SEMIABERTAS [+ BAIXAS]:

ABERTA	[a]
SEMIABERTAS	[ɛ], [ɔ].

O estreitamento do tubo de ressonância, causado principalmente pela maior elevação do dorso da língua, produz as vogais chamadas SEMIFECHADAS [– ALTAS, – BAIXAS] e FECHADAS [+ ALTAS]:

SEMIFECHADAS	[e], [ɑ], [o].
FECHADAS	[i], [u].

INTENSIDADE E ACENTO

A INTENSIDADE é a qualidade física da vogal que depende da força expiratória e, portanto, da amplitude da vibração das cordas vocais. As vogais que se encontram nas sílabas pronunciadas com maior intensidade chamam-se TÔNICAS, porque sobre elas recai o ACENTO TÔNICO, que se caracteriza em português principalmente por um reforço da energia expiratória. As vogais que se encontram em sílabas não acentuadas denominam-se ÁTONAS.

VOGAIS ORAIS E VOGAIS NASAIS

Finalmente, é de grande importância na produção e caracterização das vogais, do ponto de vista articulatório, a posição do véu palatino durante a passagem da corrente expiratória. Se, durante essa passagem, o véu palatino estiver levantado contra a parede posterior da faringe, as vogais produzidas serão ORAIS:

[i], [ɛ], [e], [a], [ɔ], [o], [u].

Se, pelo contrário, essa passagem se der com o véu palatino abaixado, uma parte da corrente expiratória ressoará na cavidade nasal e as vogais produzidas serão NASAIS:

[ĩ], [ẽ], [ɑ̃], [õ], [ũ].

VOGAIS TÔNICAS ORAIS

Para o português normal de Portugal e do Brasil é o seguinte o quadro das vogais orais em posição tônica:

	ANTERIORES OU PALATAIS	MÉDIAS OU CENTRAIS	POSTERIORES OU VELARES	
Fechadas	[i]		[u]	+ altas
Semifechadas	[e]	[ɑ]	[o]	– altas – baixas
Semiabertas	[ɛ]		[ɔ]	+ baixas
Aberta		[a]		
	– recuadas – arredondadas	+ recuadas – arrendondadas	+ recuadas + arredondadas	

Exemplos: *li / lê, peso* (s.) / *peso* (v.), *pé / pá, saco / soco, poça / possa, todo / tudo.*

Observação:

No português normal do Brasil a vogal [ɑ] só aparece em posição tônica antes de consoante nasal. Por exemplo: *cama* [ˈkɑma], *cana* [ˈkɑna], *sanha* [ˈs ɑɲa]. Não ocorre nunca em oposição a [a] para distinguir segmentos fônicos de significado diverso. Do ponto de vista fonológico, funciona, pois, como variante do mesmo fonema, e não como fonema autônomo.

No português europeu normal, [ɑ], quando tônico, também aparece, na maioria dos casos, antes de consoante nasal, a exemplo de *cama*, *cana* e *sanha*. Mas nessa mesma situação tônica existe uma oposição de pequeno rendimento entre [ɑ] e [a]. É a que se observa, nos verbos da 1.ª conjugação, entre as primeiras pessoas do plural do presente (ex.: *amamos* [ɑˈmɑmuʃ] e do pretérito perfeito do indicativo (ex.: *amamos* [ɑˈmamuʃ]). Neste caso, temos, pois, de considerar a existência de fonemas diferentes. Além disso, no falar de Lisboa e de outras zonas de Portugal encontra-se [ɑ] em sílaba tônica antes de semivogal ou de consoante palatal: *rei* [ˈrɑj], *tenho* [ˈtɑjɯ], *telha* [ˈtɑʎɑ].

Advirta-se, por fim, que no português de Portugal, como veremos adiante, o fonema /a/em posição átona é normalmente realizado como [ɑ].

VOGAIS TÔNICAS NASAIS

Além das VOGAIS ORAIS que acabamos de examinar – correspondentes a oito fonemas no português normal de Portugal, e a sete no do Brasil –, possui o nosso

idioma, tanto na sua variante portuguesa como na brasileira, cinco VOGAIS NASAIS, que podem ser assim classificadas:

	ANTERIORES OU PALATAIS	MÉDIA OU CENTRAL	POSTERIORES OU VELARES	
Fechadas	[□]		[ũ]	+ altas
Semifechadas	[ẽ]	[ɑ̃]	[õ]	– altas – baixas
	– recuadas – arredondadas	+ recuada – arrendondada	+ recuadas + arredondadas	

Exemplos: *rim*, *senda*, *canta*, *lã*, *bomba*, *atum*.

Como se vê no quadro acima, as vogais nasais da língua portuguesa são sempre fechadas ou semifechadas. Só em variedades regionais aparecem vogais abertas ou semiabertas como as francesas.

Observação:

Do ponto de vista fonológico ou fonemático, as vogais nasais do português têm sido interpretadas como realizações dos fonemas orais correspondentes em contacto com um fonema consonântico nasal, que, acusticamente, é imperceptível ou quase imperceptível. Vejam-se J. Mattoso Câmara Jr. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Padrão, 1977, p. 67-72; Jorge Morais Barbosa. Les Voyelles nasales portugaises: interpretation phonologique. In *Proceedings of the Fourth International Congress of Phonetic Sciences*. The Hague, Mouton, 1962, p. 691-708; ———. *Études de phonologie portugaise*. Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1965, p. 91-104; Maria Helena Mira Mateus. *Aspectos da fonologia portuguesa*, 2.ª ed. Lisboa, INIC, 1982, p. 44-71 e 87-95.

VOGAIS ÁTONAS ORAIS

Em posição átona, o quadro das vogais orais do português apresenta diferenças consideráveis em relação à posição tônica, diferenças que, por nem sempre coincidirem nas duas normas principais da língua, serão estudadas separadamente.

1. No português normal do Brasil, em posição átona não final, anulou-se a distinção entre [ɛ] e [e], tendo-se mantido apenas [e] e [i], na série das vogais anteriores ou palatais; paralelamente, anulou-se a distinção entre [ɔ]

e [o], com o que ficou reduzida a [o] e [u] a série das vogais posteriores ou velares.
É, pois, o seguinte o quadro das vogais átonas em posição não final absoluta, particularmente em posição PRETÔNICA:

	ANTERIORES OU PALATAIS	MÉDIA OU CENTRAL	POSTERIORES OU VELARES
Fechadas	[i]		[u]
Semifechadas	[e]		[o]
Aberta		[α]	

Exemplos: *ligar* [li´gar], *legar* [le´gar], *lagar* [la´gar], *lograr* [lo´grar], *lugar* [lu´gar]; *álamo* [´alαmu], *véspera* [´vεspera], *ciclotron* [´siklotron], *diálogo* [di´alugu].

2. Em posição final absoluta, a série anterior ou palatal apresenta-se reduzida a uma única vogal [i], grafada *e*; e a série posterior ou velar também a uma só vogal [u], escrita *o*.
Temos, assim, três vogais em situação POSTÔNICA FINAL ABSOLUTA:

	ANTERIOR OU PALATAL	MÉDIA OU CENTRAL	POSTERIOR OU VELAR
Fechadas	[i]		[u]
Aberta		[α]	

Exemplos: *tarde* [´tardi], *povo* [´povu], *casa* [´kaza].

3. No português normal de Portugal, em posição átona não final, também se anulou a distinção entre [ε] e [e], mas, em lugar de qualquer destas vogais da série das anteriores ou palatais, aparece geralmente a vogal [∂], média ou central, fechada [+ alta + recuada – arredondada], realização que não ocorre em posição tônica e é completamente estranha ao português do Brasil. A série fica, assim, representada apenas pela vogal [i]. Por outro lado, tendo desaparecido a distinção entre [ɔ], [o] e [u], toda a série das vogais posteriores ou velares está hoje reduzida a [u], grafado *o* ou *u*. Finalmente, à vogal média

ou central [a], aberta, corresponde a vogal também média ou central, mas semifechada [α][3], grafada naturalmente *a*.

O que foi dito pode ser expresso no seguinte quadro:

	Anterior ou Palatal	Médias ou Centrais	Posterior ou Velar
Fechadas	[i]	[ə]	[u]
Semifechada		[α]	

Exemplos: *ligar* [li´gar], *legar* [lə´gar], *lagar* [lα´gar], *lugar* [lu´gar], *lograr* [lu´grar]; *álamo* [´alαmu], *véspera* [´vεʃperα], *diálogo* [di´alugu].

4. Em posição final absoluta, a série anterior ou palatal desaparece e em seu lugar surge a vogal já descrita [∂], grafada *e*; e a série posterior ou velar reduz-se à vogal [u], escrita *o*. Donde o quadro:

	Média ou Palatais	Posterior ou Velar
Fechadas	[e]	[u]
Semifechada	[α]	

Exemplos: *tarde* [´tard∂], *povo* [´povu], *casa* [´kazα].

Observação:

Cumpre advertir que o fenômeno de REDUÇÃO, ou ELEVAÇÃO, ou CENTRALIZAÇÃO das vogais átonas, que afastou o português europeu do português do Brasil, é um fato que seguramente só se generalizou em Portugal no decurso do século XVIII, embora dele haja claros indícios em séculos anteriores.

Necessário é ainda ressaltar que algumas vogais átonas, por razões em geral relacionadas com a história dos sons ou com a sua posição na palavra, não sofreram esta REDUÇÃO no português de Portugal. Assim aconteceu com as vogais que provêm:

a) da crase entre duas vogais idênticas do português antigo; é o caso do [a] de *padeiro* (< paadeiro), do [ε] de *esquecer* (< esqueecer), do [ɔ] de *corar* (< coorar);

[3] Veja-se o que dissemos sobre VOGAIS TÔNICAS.

b) da monotongação de um antigo ditongo, como o [o] que se ouve na pronúncia normal de *dourar*, *doutrina*.

Também não se reduziram as vogais átonas de cultismos, como o [a] de *actor*; o [ɛ] de *director*; o [ɔ] de *adopção*, e bem assim o [o] inicial absoluto de *ovelha*, *obter*, *opinião*; o [e] inicial absoluto de *enorme*, *erguer*, que se pronuncia geralmente [i], e as vogais [a], [ɛ], [o] protegidas por *l* implosivo de *altar*, *delgado*, *soldado*, *colchão*, *Setúbal* e *amável*.

Finalmente, também não sofreram, em geral, redução as vogais tônicas de palavras simples nos vocábulos delas derivados, particularmente com os sufixos *-mente* ou *-inho* (*-zinho*): *avaramente*, *brevemente*, *docilmente*, *docemente*, *pezinho*, *avezinha*, *amorzinho*. Comparem-se, no entanto, *casinha*, *mesinha*, *folhinha*, com [ɑ], [ə] e [u].

CLASSIFICAÇÃO DAS CONSOANTES

1. As consoantes da língua portuguesa, em número de dezenove, são tradicionalmente classificadas em função de quatro critérios, de base essencialmente articulatória:

a) quanto ao modo de articulação, em
- oclusivas
- constritivas
  - fricativas
  - laterais
  - vibrantes

b) quanto ao ponto de articulação, em
- bilabiais
- labiodentais
- linguodentais
- alveolares
- palatais
- velares

c) quanto ao papel das cordas vocais, em
- surdas
- sonoras

d) quanto ao papel das cavidades bucal e nasal, em
- orais
- nasais

2. Recentemente, porém, difundiu-se, como para as vogais, outro sistema de classificação, com base em certos TRAÇOS DISTINTIVOS.
   Os traços que se têm em conta neste sistema relacionam-se também com características da articulação, mas nem sempre coincidem com os que estão na base da classificação anterior.
   Segundo o novo sistema classificatório, as consoantes podem ser:

a) quanto ao modo de articulação — [+ contínuas] / [– contínuas] / [+ laterais] / [– laterais]

b) quanto à zona de articulação — [+ anteriores] / [– anteriores] / [+ coronais] / [– coronais]

c) quanto ao papel das cordas vocais — [+ sonoras] / [– sonoras]

d) quanto ao papel das cavidades bucal e nasal — [+ nasais] / [– nasais]

É de base mais acústica do que articulatória a classificação:

e) quanto ao efeito acústico mais ou menos próximo ao de uma vogal — [+ soante] / [– soante]

MODO DE ARTICULAÇÃO

A articulação das consoantes não se faz, como a das vogais, com a passagem livre do ar através da cavidade bucal. Na sua pronúncia, a corrente expiratória encontra sempre, em alguma parte da boca, ou um obstáculo total, que a interrompe momentaneamente, ou um obstáculo parcial, que a comprime sem, contudo, interceptá-la. No primeiro caso, as consoantes dizem-se OCLUSIVAS ou [– CONTÍNUAS]; no segundo, CONSTRITIVAS ou [+ CONTÍNUAS].

São OCLUSIVAS as consoantes [p], [b], [t], [d], [k], [g]: *pala*, *bala*, *tala*, *dá-la*, *cala*, *gala*.

Entre as CONSTRITIVAS, distinguem-se as:

1. FRICATIVAS, caracterizadas pela passagem do ar através de uma estreita fenda formada no meio da via bucal, o que produz um ruído comparável ao de uma fricção.
   São fricativas as consoantes [f], [v], [s], [z], [ʃ], [ʒ]: *fala*, *vala*, *selo* (*passo*, *céu*, *caça*, *próximo*), *zelo* (*rosa*, *exame*), *xarope* (*encher*), *já* (*gelo*).[4]

2. LATERAIS, caracterizadas pela passagem da corrente expiratória pelos dois lados da cavidade bucal, em virtude de um obstáculo formado no centro desta pelo contacto da língua com os alvéolos dos dentes ou com o palato.
   São laterais as consoantes [l] e [λ]: *fila*, *filha*.

3. VIBRANTES, caracterizadas pelo movimento vibratório rápido de um órgão ativo elástico (a língua ou o véu palatino), que provoca uma ou várias brevíssimas interrupções da passagem da corrente expiratória.

São vibrantes as consoantes [r] e [r̄] ou [R]: *caro*, *carro*.

Observação:

Do ponto de vista acústico, as consoantes LATERAIS e VIBRANTES têm em comum um traço que as opõe a todas as outras consoantes: a sua maior proximidade dos sons vocálicos, o que, em certas línguas, chega a ponto de poderem servir de centro de sílaba. Esta qualidade, reconhecida desde tempos antigos, trouxe-lhes as denominações de LÍQUIDAS ou SOANTES. A fonética moderna atribui-lhes o traço distintivo [+ SOANTES]. Acresce salientar que, pelo caráter lateral de sua articulação, [l] e [λ] opõem-se às vibrantes [r], [r̄] ou [R]. Esta diferença explicita-se pela indicação [+ LATERAL] para [l] e [λ], que contrasta com a de [– LATERAL] para as vibrantes [r], [r̄] ou [R].

O PONTO OU ZONA DE ARTICULAÇÃO

O obstáculo (total ou parcial) necessário à articulação das consoantes pode produzir-se em diversos lugares da cavidade bucal. Daí o conceito de PONTO DE ARTICULAÇÃO, segundo o qual as consoantes se classificam em:

1. BILABIAIS, formadas pelo contacto dos lábios. São as consoantes [p], [b], [m]: *pato*, *bato*, *mato*.

2. LABIODENTAIS, formadas pela constrição do ar entre o lábio inferior e os dentes incisivos superiores. São as consoantes [f], [v]: *faca*, *vaca*.

---

[4] Como dissemos, na pronúncia normal de Portugal, do Rio de Janeiro e de alguns pontos da costa do Brasil, a fricativa palatal surda [ʃ] aparece em formas como *três* e *dez*, e a sonora [ʒ] em formas como *desde* e *mesmo*.

3. LINGUODENTAIS (ou DORSODENTAIS), formadas pela aproximação do pré-dorso da língua à face interna dos dentes incisivos superiores, ou pelo contacto desses órgãos. São as consoantes [s], [z], [t], [d]: *cinco*, *zinco*, *tardo*, *dardo*.

4. ALVEOLARES (ou ÁPICO-ALVEOLARES), formadas pelo contacto da ponta da língua com os alvéolos dos dentes incisivos superiores. São as consoantes [n], [l], [r], [r̄]: *nada*, *cala*, *cara*, *carro* (na pronúncia de certas regiões de Portugal e do Brasil).

5. PALATAIS, formadas pelo contacto do dorso da língua com o palato duro, ou céu da boca. São as consoantes [ʃ], [ʒ], [λ], [ɲ]: *acho*, *ajo*, *alho*, *anho*.

6. VELARES, formadas pelo contacto da parte posterior da língua com o palato mole, ou véu palatino. São as consoantes [k], [g], [R]: *calo*, *galo*, *ralo*.

Se considerarmos a zona em que se situam o contacto ou a constrição que caracterizam a consoante, a classificação com base nos traços distintivos será a seguinte:

1. CONSOANTES [+ ANTERIORES], formadas na zona anterior da cavidade bucal: [p], [b], [f], [v], [m], [t], [d], [s], [z], [n], [l], [r] e [r̄];

2. CONSOANTES [– ANTERIORES], formadas na zona posterior da cavidade bucal: [ʃ], [ʒ], [ɲ], [λ], [R];

3. CONSOANTES [+ CORONAIS], formadas com a intervenção da "coroa", ou seja, do dorso (pré-dorso, médio dorso) da língua: [t], [d], [s], [z], [ʃ], [ʒ], [n], [ɲ], [l], [λ], [r];

4. CONSOANTES [– CORONAIS], formadas sem a intervenção do dorso da língua: [p], [b], [m], [k], [g], [f], [v], [R].

O PAPEL DAS CORDAS VOCAIS

Enquanto as vogais são normalmente sonoras (só excepcionalmente aparecem ensurdecidas), as consoantes podem ser ou não produzidas com vibração das cordas vocais.

São SURDAS [– SONORAS] as consoantes: [p], [t], [k], [f], [s], [ʃ].

São SONORAS [+ SONORAS] as consoantes: [b], [d], [g], [v], [z], [ʒ], [l], [λ], [r], [r̄], [R], [m], [n], [ɲ].

O PAPEL DAS CAVIDADES BUCAL E NASAL

Como as vogais, as consoantes podem ser ORAIS [– NASAIS] ou NASAIS [+ NASAIS]. Por outras palavras: na sua emissão, a corrente expiratória pode passar apenas pela cavidade bucal, ou ressoar na cavidade nasal, caso encontre abaixado o véu palatino.

São NASAIS as consoantes [m], [n], [ɲ]: *amo*, *ano*, *anho*.

Todas as outras são ORAIS.

Observação:

Quanto ao modo de articulação (bucal), as consoantes nasais são OCLUSIVAS [– CONTÍNUAS]. Atendendo, no entanto, à forte individualidade que lhes confere o seu traço nasal, costuma-se isolá-las das outras oclusivas, tratando-as como classe à parte.

QUADRO DAS CONSOANTES

Resumindo, podemos dizer que o conjunto das consoantes da língua portuguesa é constituído por dezenove unidades, cuja classificação se expõe esquematicamente no quadro seguinte:

PAPEL DAS CAVIDADES BUCAL E NASAL	ORAIS [– NASAIS]						NASAIS [+ NASAIS]
MODO DE ARTICULAÇÃO	OCLUSIVAS [– contínuas]		CONSTRITIVAS [+ contínuas]				OCLUSIVAS [–contínuas]
			FRICATIVAS [– soantes] [– laterais]		LATERAIS [+ soantes] [+ laterais]	VIBRANTES [+ soantes] [– laterais]	
PAPEL DAS CORDAS VOCAIS	SURDAS [– sonoras]	SONORAS [+ sonoras]	SURDAS [– sonoras]	SONORAS [+ sonoras]	SONORAS [+sonoras]	SONORAS [+sonoras]	SONORAS [+ sonoras]
Ponto ou zona de articulação: Bilabiais [+ anteriores] [– coronais]	[p]	[b]					[m]
Labiodentais [+ anteriores] [– coronais]			[f]	[v]			
Linguodentais [+ anteriores] [+ coronais]	[t]	[d]	[s]	[z]			

Papel das cavidades bucal e nasal	Orais [– nasais]						Nasais [+ nasais]
Modo de articulação	Oclusivas [– contínuas]		Constritivas [+ contínuas]				Oclusivas [–contínuas]
			Fricativas [– soantes] [– laterais]		Laterais [+ soantes] [+ laterais]	Vibrantes [+ soantes] [– laterais]	
Papel das cordas vocais	Surdas [– sonoras]	Sonoras [+ sonoras]	Surdas [– sonoras]	Sonoras [+ sonoras]	Sonoras [+ sonoras]	Sonoras [+ sonoras]	Sonoras [+ sonoras]
Ponto ou zona de articulação: Alveolares [+ anteriores] [+ coronais]					[l]	[r]	[n]
Ponto ou zona de articulação: Palatais [– anteriores] [+ coronais]			[ʃ]	[ʒ]	[λ]		[ɲ]
Ponto ou zona de articulação: Velares [– anteriores] [– coronais]	[k]	[g]				[R]	

Observações:

1.ª) Neste quadro, procuramos integrar a classificação por traços distintivos e a classificação tradicional de base articulatória. Para se fazer a análise em traços distintivos de qualquer som consonântico do português, bastará juntar os vários traços associados no quadro à sua classificação articulatória corrente.

Por exemplo: as consoantes [p] e [b] serão analisadas deste modo:

$$[p] \quad \begin{bmatrix} -\text{contínua} \\ -\text{sonora} \\ -\text{nasal} \\ +\text{anterior} \\ -\text{coronal} \end{bmatrix} \qquad [b] \quad \begin{bmatrix} -\text{contínua} \\ +\text{sonora} \\ -\text{nasal} \\ +\text{anterior} \\ -\text{coronal} \end{bmatrix}$$

e as consoantes [l] e [λ], do seguinte:

$$[l] \quad \begin{bmatrix} +\text{contínua} \\ +\text{soante} \\ +\text{lateral} \\ -\text{nasal} \\ +\text{anterior} \\ +\text{coronal} \end{bmatrix} \qquad [\lambda] \quad \begin{bmatrix} +\text{contínua} \\ +\text{soante} \\ +\text{lateral} \\ -\text{nasal} \\ -\text{anterior} \\ +\text{coronal} \end{bmatrix}$$

2.ª) Classificamos a vibrante forte ou múltipla [R] como VELAR ou [– ANTERIOR, – CORONAL], por ser esta a sua pronúncia mais corrente no português de Lisboa[5] e do Rio de Janeiro[6]. A antiga VIBRANTE ALVEOLAR MÚLTIPLA [r̄] mantém-se, no entanto, viva na maior parte de Portugal e em extensas zonas do Brasil, como, por exemplo, o Rio Grande do Sul. Uma realização DORSO-UVULAR MÚLTIPLA ocorre também por vezes em Lisboa e no português popular do Rio de Janeiro. Aponte-se, por fim, a realização LINGUOPALATAL VELARIZADA, que se observa na região Norte de São Paulo, Sul de Minas e outras áreas do Brasil[7] e é conhecida por *r-caipira*. Em Portugal é característica da fala popular de Setúbal, não só a realização VIBRANTE UVULAR do *r* múltiplo de *rua*, *carro*, como a do *r* simples de *caro*, *andar*.

3.ª) Na pronúncia normal do português europeu, a consoante *l*, quando final de sílaba, é velarizada; a sua articulação aproxima-se, pelo recuo da língua, à de um [u] ou [w]. Na transcrição fonética, é costume distinguir este *l* do *l* inicial de sílaba, representando-se o último por [l] e a consoante velarizada por [ɫ]: *lado* [ˈlaðu], *alto* [ˈalɫtu], *mal* [ˈmaɫ]. Na pronúncia normal do Rio de Janeiro e de vastas zonas do Brasil, por perder-se o contacto entre os órgãos da articulação, o *l* final de sílaba vocaliza-se, ou seja, transforma-se na semivogal [w]: *alto* [ˈawtu], *mal* [ˈmaw]. Anulam-se, deste modo, as oposições entre *alto / auto*, *mal / mau*.

4.ª) No português do Brasil, as consoantes *t* e *d*, antes de *i* vogal ou semivogal, sofrem a sua influência e palatalizam-se em grau maior ou menor, conforme as regiões e até as pessoas de cada região. Podem ser pronunciadas [t'], [d'], ou realizar-se como africadas palatais [tʃ] e [dʒ]: *noite* [ˈnojt'i] ou [ˈnojtʃi], *tio* [ˈt'iju] ou [ˈtʃiju], *dia* [ˈd'ija] ou [ˈdʒija], *ódio* [ˈɔd'ju] ou [ˈɔdʒju], *sede* [ˈsed'i] ou [ˈsedʒi].

A POSIÇÃO DAS CONSOANTES

Só em posição intervocálica é possível encontrar as dezenove consoantes portuguesas que acabamos de descrever e classificar. Noutras posições, o número de consoantes possíveis reduz-se sensivelmente.

---

[5] Pode-se dizer mesmo que é a pronúncia mais corrente no português normal contemporâneo, ao contrário do que sucedia há poucos anos, segundo a descrição dos foneticistas.

[6] É a pronúncia normal do Rio de Janeiro e de extensas áreas do país. Sobre o assunto, leia-se a importante contribuição de Dinah Maria Isensee Callou: *Variação e distribuição da vibrante na fala urbana culta do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 1979 (Tese de doutorado policopiada).

[7] O professor Brian F. Head vem estudando, ultimamente, a vitalidade do *r-caipira* em várias regiões do Brasil. Leiam-se, a propósito, os seus trabalhos: O estudo do "r-caipira" no contexto social. *Revista de Cultura Vozes*: 67(8): 43-49, ano 67, 1973; *Subsídios do* Atlas prévio dos falares baianos *para o estudo de uma variante dialetal controvertida* (texto policopiado).

Assim, em posição inicial de palavra, além das consoantes OCLUSIVAS e FRICATIVAS, só aparecem: das LATERAIS, o [l]; das VIBRANTES, o [R] ou o[r̄]; das NASAIS, o [m] e o [n]. São casos isolados os de empréstimos, principalmente do espanhol, em que ocorrem [λ] ou [ɲ]: *lhano*, *lhama*, *nhato*.

Em posição final de sílaba ou de palavra, só se encontram normalmente as consoantes:

a) *l*, a que correspondem as pronúncias atrás mencionadas [ɫ] ou [w];
b) *r*, a que corresponde, nas pronúncias normais de Portugal e do Brasil, o [r] simples apical, algumas vezes perdido na pronúncia popular brasileira, quando em final absoluta;
c) *s* ou *z* (esta só em final de palavra), a que correspondem, na pronúncia normal de Portugal, na do Rio de Janeiro e de outras zonas costeiras do Brasil, as realizações [ʃ], em posição final absoluta ou se se lhes segue uma consoante surda, e [ʒ], se antepostas a uma consoante sonora.

As grafias *m* e *n* nesta posição representam normalmente apenas a nasalidade da vogal anterior.

Outras consoantes podem ainda aparecer em final de sílaba ou de palavra, principalmente em formas cultas ou estrangeiras (por exemplo: *ritmo*, *apto*, *club*, *chic*). Manifesta-se, então, particularmente no português do Brasil, uma tendência para apoiar a sua articulação numa breve vogal epentética ou paragógica (por exemplo: [ˈritimu], [ˈapitu], [ˈklubi], [ˈʃiki]. Paralelamente, é possível encontrar, em final absoluta de palavras cultas, a articulação ápico-alveolar da consoante *n*: *abdômen*, *dólmen*, *regimen*.

ENCONTROS VOCÁLICOS

DITONGOS

O encontro de uma VOGAL + uma SEMIVOGAL, ou de uma SEMIVOGAL + uma VOGAL recebe o nome de DITONGO.

Os ditongos podem ser:

a) DECRESCENTES e CRESCENTES;
b) ORAIS e NASAIS.

Ditongos decrescentes e crescentes

Quando a vogal vem em primeiro lugar, o DITONGO se denomina DECRESCENTE. Assim:

pai **céu** **muito**

Quando a semivogal antecede a vogal, o DITONGO diz-se CRESCENTE. Assim:

q**ua**l	lingu**i**ça	freq**ue**nte

Em português apenas os DECRESCENTES são DITONGOS estáveis. Os DITONGOS CRESCENTES aparecem com frequência no verso. Mas na linguagem do colóquio normal só apresentam estabilidade aqueles que têm a semivogal [w] precedida de [k] (grafado *q*) ou de [g]. Assim:

q**ua**se	i**gua**l	q**ua**ndo	enxa**gua**ndo
eq**ue**stre	go**e**la	ling**ue**ta	q**uin**quênio
q**uo**ta	qui**proquó**	tranq**ui**lo	sa**guiguaç**u

Ditongos orais e nasais

Como as vogais, os DITONGOS podem ser ORAIS e NASAIS, segundo a natureza oral ou nasal dos seus elementos.

1. São os seguintes os DITONGOS ORAIS DECRESCENTES:

[aj] p**ai**
[αj] s**ei**, no português normal de Portugal
[aw] m**au**
[ej] s**ei**, no português normal do Brasil
[εj] pap**éis**
[ew] m**eu**
[εw] c**éu**
[iw] v**iu**
[oj] b**oi**
[ɔj] her**ói**
[uj] az**uis**

Observações:

1.ª) Nem na pronúncia normal de Portugal nem na do Brasil se conserva o antigo ditongo [ow], que ainda se mantém vivo em falares regionais do Norte de Portugal e no galego. Na pronúncia normal reduziu-se a [o], desaparecendo assim a distinção de formas como *poupa / popa, bouba / boba.*

2.ª) No português do Rio de Janeiro e de algumas outras regiões do Brasil, devido à vocalização do *l* em final absoluta ou em final de sílaba, ouvem-se os ditongos [ow] e [ɔw] em palavras como *gol* [ˈgow], *soltar* [sowˈtar], *sol* [ˈsɔw], *molde* [ˈmɔwdi].

3.ª) Normalmente, se representam por *i* e *u* as semivogais dos ditongos orais. Observe-se, porém, que:

a) as 1.ª, 2.ª e 3.ª pessoas do singular do presente do subjuntivo, bem como a 3.ª pessoa do singular do imperativo dos verbos terminados em *-oar* escrevem-se com *-oe*, e não *-oi*:

abençoe amaldiçoes perdoe

b) as mesmas pessoas dos verbos terminados em *-uar* escrevem-se com *-ue*, e não *-ui*:

cultue habitues preceitue

2. Existem os seguintes DITONGOS NASAIS DECRESCENTES:

[ɑ̃j] correspondente às grafias *ãe*, *ãi* e, no português normal de Portugal, *em* (em posição final absoluta) e *en* (no interior de palavras derivadas): **mãe**, **cãi**bra; no português normal de Portugal: **vem**, lev**em**, b**en**zinho.

[ɑ̃w] correspondente às grafias *ão* e *am*: **mão**, vej**am**.

[ẽj] correspondente, no português do Brasil e em falares meridionais de Portugal, às grafias *em* (em posição final de palavra) e *en* (no interior de palavras derivadas): **vem**, lev**em**, b**en**zinho.

[õj] correspondente à grafia *õe*: **põe**, serm**ões**.

[ũj] correspondente à grafia *ui*: m**ui**to.

TRITONGOS

Denomina-se TRITONGO o encontro formado de SEMIVOGAL + VOGAL + SEMIVOGAL. De acordo com a natureza (oral ou nasal) dos seus componentes, classificam-se também os TRITONGOS em ORAIS e NASAIS.

1. São TRITONGOS ORAIS:

[waj] Urug**uai**

[wɑj] enxag**uei**, no português normal de Portugal

[wej] enxag**uei**, no português normal do Brasil e em falares meridionais de Portugal.

[wiw] delinq**uiu**

2. São TRITONGOS NASAIS:

[wɑ̃w] correspondente às grafias *ião*, *uam*: sag**uão**, enxág**uam**.

[wɑ̃j] correspondente, no português normal de Portugal, à grafia *uem* (em posição final de palavra): delinq**uem**.

[wẽj] correspondente, no português normal do Brasil e em falares meridionais de Portugal, à grafia *uem* (em posição final de palavra): delinq**uem**.
[wõj] correspondente à grafia *uõe*: sag**uõe**s.

HIATOS

Dá-se o nome de HIATO ao encontro de duas vogais. Assim, comparando-se as palavras *pais* (plural de *pai*) e *país* (região), verificamos que:
a) na primeira, o encontro *ai* soa numa só sílaba: [ˈpajʃ].
b) na segunda, o *a* pertence a uma sílaba e o *i* a outra: [paˈiʃ].

Observação:

Quando átonos finais, os encontros escritos *-ia*, *-ie*, *-io*, *-oa*, *-ua*, *-ue* e *-uo* são normalmente DITONGOS CRESCENTES: *gló-ria*, *cá-rie*, *vá-rio*, *má-goa*, *á-gua*, *tê-nue*, *ár-duo*. Podem, no entanto, ser emitidos com separação dos dois elementos, formando assim um HIATO: *gló-ri-a*, *cá-ri-e*, *vá-ri-o*, etc. Ressalte-se, porém, que na escrita, em hipótese alguma, os elementos desses encontros vocálicos se separam no fim da linha, como salientamos no capítulo 4.

ENCONTROS INTRAVERBAIS E INTERVERBAIS

Os ENCONTROS VOCÁLICOS podem ocorrer no interior do vocábulo ou entre dois vocábulos, isto é, podem ser INTRAVERBAIS (= INTRAVOCABULARES) ou INTERVERBAIS (= INTERVOCABULARES).

Há ENCONTROS absolutamente estáveis. Assim, quer no verso, quer na prosa, a palavra *lua* possuirá sempre duas sílabas, ao passo que as palavras *mau* e *quais* terão invariavelmente uma. O hiato [ua], da primeira, bem como o ditongo [aw], da segunda, e o tritongo [waj], da terceira, são, pois, as únicas pronúncias que a língua admite para tais ENCONTROS nessas palavras.

Muitos, porém, são instáveis. Por exemplo: numa pronúncia normal, as palavras *luar* e *reais* são dissílabos: [luˈar], [Riˈajʃ]. Emitidas rapidamente, podem elas, no entanto, passar a monossílabos pela transformação do hiato [ua] no ditongo [wa] e pela criação do tritongo [jaj]. Por outro lado, palavras como *vaidade* e *saudade*, trissílabos na língua viva atual, costumam aparecer no verso com quatro sílabas métricas.

À passagem de um hiato a ditongo no interior da palavra dá-se o nome de SINÉRESE. E chama-se DIÉRESE o fenômeno contrário, ou seja, a transformação de um ditongo normal em hiato.

Quando a ditongação do hiato se verifica entre vocábulos, diz-se que há SINALEFA.

Esses fenômenos têm importância particular no verso, e deles tratamos com o necessário desenvolvimento no capítulo 22.

ENCONTROS CONSONANTAIS

Dá-se o nome de ENCONTRO CONSONANTAL ao agrupamento de consoantes num vocábulo. Entre os ENCONTROS CONSONANTAIS, merecem realce, pela frequência com que se apresentam, aqueles inseparáveis cuja segunda consoante é *l* ou *r*.

Assim:

ENCONTRO CONSONANTAL	EXEMPLIFICAÇÃO		ENCONTRO CONSONANTAL	EXEMPLIFICAÇÃO	
bl	**bl**oco,	a**bl**uir	**gl**	**gl**utão,	a**gl**utinar
br	**br**anco,	ru**br**o	**gr**	**gr**ande,	re**gr**a
cl	**cl**aro,	te**cl**a	**pl**	**pl**ano,	tri**pl**o
cr	**cr**avo,	A**cr**e	**pr**	**pr**ato,	so**pr**o
dr	**dr**agão,	vi**dr**o	**tl**	—,	a**tl**as
fl	**fl**or,	ru**fl**ar	**tr**	**tr**ibo,	a**tr**ás
fr	**fr**ancês,	re**fr**ão	**vr**	—,	pala**vr**a

ENCONTROS CONSONANTAIS como *gn*, *mn*, *pn*, *ps*, *pt*, *tm* e outros não aparecem em muitos vocábulos.

Quando iniciais, são naturalmente inseparáveis:

gno-mo	**pn**eu-má-ti-co	**pt**i-a-li-na
mne-mô-ni-co	**ps**i-có-lo-go	**tm**e-se

Quando mediais, em pronúncia tensa, podem ser articulados numa só sílaba, ou em sílabas distintas:

a-**pt**o	di-**gn**o	ri-**tm**o
a**p**-to	di**g**-no	ri**t**-mo

Na linguagem coloquial brasileira há, porém, como dissemos, uma acentuada tendência de destruir estes encontros de difícil pronúncia pela intercalação da vogal *i* (ou *e*):

dí-gu**i**-no	p**e**-neu	rí-t**i**-mo

Não raro, temos de admitir a existência desta vogal epentética, embora não escrita, para que versos de poetas brasileiros conservem a regularidade. Por exemplo, nestes setissílabos:

Deixa-me ouvir teus cantores,
Admirar teus verdores.
(Gonçalves Dias, *PCPE*, 376.)

A tua carne não fremia
A ideia da dança inerte
Que teu corpo dançaria
No pélago submerso?
(V. de Moraes, *PCP*, 342.)

as palavras *admirar* e *submerso* devem ser emitidas em quatro sílabas (*a-di-mi-rar* e *su-bi-mer-so*) para que os versos a que pertencem mantenham aquela medida.

DÍGRAFOS

Não é demais recordar ainda uma vez que não se devem confundir CONSOANTES e VOGAIS com LETRAS, que são sinais representativos daqueles sons.

Assim, nas palavras *carro*, *pêssego*, *chave*, *malho* e *canhoto* não há ENCONTRO CONSONANTAL, pois as letras *rr*, *ss*, *ch*, *lh* e *nh* representam uma só consoante. Também não se pode afirmar que exista ENCONTRO CONSONANTAL em palavras como *campo* e *ponto*, embora a análise de palavras como estas, em fonética experimental, revele a existência de um resíduo de consoante nasal imperceptível ao ouvido; o *m* e o *n* funcionam portanto nelas essencialmente como sinal de nasalidade da vogal anterior, equivalendo, no caso, a um TIL (*cãpo*, *põto*).

A esses grupos de letras que simbolizam apenas um som dá-se o nome de DÍGRAFOS.

São DÍGRAFOS, pois:

a) *ch*, que simboliza a palatal [ʃ] também representada por *x*: *ficha* (compare-se com *lixa*);
b) *lh* e *nh*, únicas formas de representar na língua a lateral [λ] e a nasal palatal [ɲ]: *velho*, *tenho*;
c) *rr* e *ss*, que só se empregam entre letras-vogais para representar os mesmos sons ([R] ou [r] e [s]) que se escrevem com *r* e *s* simples no início de palavra: *prorrogar* (compare-se com *rogar*), *assimetria* (comparece-se com *simetria*).

Entre os DÍGRAFOS devem ainda ser incluídas as combinações de letras:

a) *gu* e *qu* antes de *e* e *i*, quando representam os mesmos sons oclusivos que se escrevem, respectivamente, *g* e *c* antes de *a*, *o* e *u*: *guerra*, *seguir* (comparar a: *galo*, *gole*, *gula*); *querer*, *quilo* (comparar a: *calar*, *cobre*, *cubro*);

b) *sc*, *sç* e *xc*, que, entre letras-vogais, podem representar, no português normal do Brasil e no de algumas regiões de Portugal, o mesmo som que se transcreve também por *c* ou *ç*: *florescer* (comparar a: *amanhecer*), *desça* (comparar a: *pareça*), *exceder* (comparar a: *preceder*);

c) *am*, *an*, *em*, *en*, *im*, *in*, *om*, *on*, *um*, *un*, que servem para representar as vogais nasais: *tampo*, *tanto*, *tempo*, *tento*, *limbo*, *lindo*, *pombo*, *tonto*, *comum*, *mundo*.

SÍLABA

Quando pronunciamos lentamente uma palavra, sentimos que não o fazemos separando um som de outro, mas dividindo a palavra em pequenos segmentos fônicos que serão tantos quantos forem as vogais. Assim, uma palavra como

alegrou,

não será por nós emitida

a-l-e-g-r-o-u

mas sim:

a-le-grou

A cada vogal ou grupo de sons pronunciados numa só expiração damos o nome de SÍLABA.

A SÍLABA pode ser formada:

a) por uma vogal, um ditongo ou um tritongo:

é eu uai!

b) por uma vogal, um ditongo ou um tritongo acompanhados de consoantes:

a-plau-dir trans-por U-ru-guai

SÍLABAS ABERTAS E SÍLABAS FECHADAS

1. Chama-se ABERTA a sílaba que termina por uma vogal:

a-pa-ga-do

2. Diz-se FECHADA a sílaba que termina por uma consoante:

al-tar op-tar

CLASSIFICAÇÃO DAS PALAVRAS QUANTO AO NÚMERO DE SÍLABAS

Quanto ao número de SÍLABAS, classificam-se as palavras em MONOSSÍLABAS, DISSÍLABAS, TRISSÍLABAS e POLISSÍLABAS.

MONOSSÍLABAS, quando constituídas de uma só sílaba:

a	eu	mão
ti	grou	quais

DISSÍLABAS, quando constituídas de duas sílabas:

ru-a	he-rói	sa-guão
á-gua	li-vro	so-nhar

TRISSÍLABAS, quando constituídas de três sílabas:

a-lu-no	Eu-ro-pa	ban-dei-ra
cri-an-ça	por-tu-guês	en-xa-guou

POLISSÍLABAS, quando constituídas de mais de três sílabas:

es-tu-dan-te	u-ni-ver-si-da-de
li-ber-da-de	em-pre-en-di-men-to

Observação:

Embora a sua unidade seja normalmente percebida pela competência linguística dos usuários de um idioma, a sílaba não é uma noção caracterizada de modo pacífico pelos foneticistas. Uma breve introdução à problemática da sílaba pode ler-se em Bohuslav Hála. *La sílaba: su naturaleza, su origen y sus transformaciones*. Trad. de E. R. Palavecino y A. Quilis. Madrid, C.S.I.C., 1966.

ACENTO TÔNICO

Examinemos este período de Raul Bopp:

Dias e **noi**tes os hori**zon**tes se re**pe**tem.

Nele distinguimos, numa análise fonética elementar, as sílabas ACENTUADAS (em negrito) das INACENTUADAS (em romano).

A percepção distinta das sílabas acentuadas (tônicas) das inacentuadas (átonas) provém da dosagem maior ou menor de certas qualidades físicas que, vimos, caracterizam os sons da fala humana:

a) a INTENSIDADE, isto é, a força expiratória com que são pronunciados;
b) o TOM (ou altura musical), isto é, a frequência com que vibram as cordas vocais em sua emissão;
c) o TIMBRE (ou metal de voz), isto é, o conjunto sonoro do tom fundamental e dos tons secundários produzidos pela ressonância daquele nas cavidades por onde passa o ar;
d) a QUANTIDADE, isto é, a duração com que são emitidos.

Assim, pela INTENSIDADE, os sons podem ser FORTES (tônicos) ou FRACOS (átonos); pelo TOM, serão AGUDOS (altos) ou GRAVES (baixos); pelo TIMBRE, ABERTOS ou FECHADOS; pela QUANTIDADE, LONGOS ou BREVES.

Em geral, porém, esses elementos estão intimamente associados, e o conjunto deles, com predominância da intensidade, do tom e da quantidade, é que se chama ACENTO TÔNICO.

Observações:

1.ª) Tanto a *Nomenclatura Gramatical Brasileira* como a *Nomenclatura Gramatical Portuguesa* classificam as sílabas, quanto à intensidade, em TÔNICAS, SUBTÔNICAS e ÁTONAS (PRETÔNICAS e POSTÔNICAS). Pela nomenclatura aconselhada nos dois países, TOM é, pois, o mesmo que ACENTO DE INTENSIDADE. Cabe advertir, no entanto, que, se na maioria dos casos os dois elementos vêm unidos, por vezes eles não coincidem. "Na linguagem, como na música, qualquer som, seja *agudo* ou *grave*, pode tornar-se *forte* ou *débil*, segundo convenha" (Navarro Tomás. *Manual de pronunciación española*, 14.ª ed., Madrid, C.S.I.C., 1968, p. 25, nota 1).

2.ª) A quantidade longa ou breve das vogais, fundamental em latim, não tem valor distintivo em português. Os contrastes que nos oferecem, numa pronúncia tensa, pares de formas como *caatinga / catinga*, *coorte / corte* explicam-se não pela oposição de quantidade vocálica, mas pela de duas vogais em face de uma vogal. Sobre fenômeno semelhante em espanhol, veja-se A. Quilis. Phonologie de la quantité en espagnol. *Phonetica*, 13:82-85, 1965.

Em nosso idioma, como nas demais línguas românicas, a duração maior de uma vogal é recurso de ênfase, e está condicionada pelo acento, pelo contexto fonético ou por múltiplas razões de ordem afetiva.

CLASSIFICAÇÃO DAS PALAVRAS QUANTO AO ACENTO TÔNICO

1. Quanto ao ACENTO, as palavras de mais de uma sílaba classificam-se em OXÍTONAS, PAROXÍTONAS e PROPAROXÍTONAS.
   OXÍTONAS, quando o acento recai na última sílaba:

   café funil Niterói

   PAROXÍTONAS, quando o acento recai na penúltima sílaba:

   baía escola retorno

   PROPAROXÍTONAS, quando o acento recai na antepenúltima sílaba:

   exército pêndulo quilômetro

2. Quando se combinam certas formas verbais com pronomes átonos, formando um só vocábulo fonético, é possível o acento recuar mais uma sílaba. Diz-se BISESDRÚXULA a acentuação dessas combinações:

   amávamo-lo faça-se-lhe

3. Os MONOSSÍLABOS podem ser ÁTONOS ou TÔNICOS.
   ÁTONOS são aqueles pronunciados tão fracamente que, na frase, precisam apoiar-se no acento tônico de um vocábulo vizinho, formando, por assim dizer, uma sílaba deste. Por exemplo:

   Diga-**me** / **o** preço / **do** livro.

   São MONOSSÍLABOS ÁTONOS:

   a) o artigo definido (*o*, *a*, *os*, *as*) e o indefinido (*um*, *uns*);
   b) os pronomes pessoais oblíquos *me*, *te*, *se*, *o*, *a*, *lhe*, *nos*, *vos*, *os*, *as*, *lhes* e suas combinações: *mo*, *to*, *lho*, etc.;
   c) o pronome relativo *que*;
   d) as preposições *a*, *com*, *de*, *em*, *por*, *sem*, *sob*;
   e) as combinações de preposição e artigo: *à*, *ao*, *da*, *do*, *na*, *no*, *num*, etc.;
   f) as conjunções *e*, *mas*, *nem*, *ou*, *que*, *se*;
   g) as formas de tratamento *dom*, *frei*, *são*, *seu* (= *senhor*).

   TÔNICOS são aqueles emitidos fortemente. Por terem acento próprio, não necessitam apoiar-se noutro vocábulo. Exemplos: *cá*, *flor*, *mau*, *mão*, *mês*, *mim*, *pôr*, *vou*, etc.

OBSERVAÇÕES SOBRE A PRONÚNCIA CULTA

1. Atente-se na exata pronúncia das seguintes palavras, para evitar uma SILABADA, que é a denominação que se dá ao erro de prosódia:

a) são OXÍTONAS:

aloés	Nobel	recém	sutil
Gibraltar	novel	refém	ureter

b) são PAROXÍTONAS:

alanos	efebo	inaudito	pletora
avaro	erudito	leucemia	policromo
avito	estalido	maquinaria	pudico
aziago	êxul	matula	quiromancia
barbaria	filantropo	misantropo	refrega
batavo	gólfão	mercancia	rubrica
cartomancia	grácil	menúfar	Salonica
ciclope	gratuito (úi)	Normandia	táctil
decano	hosana	onagro	têxtil
diatribe	Hungria	opimo	Tibulo
edito (lei)	ibero	pegada	tulipa

c) são PROPAROXÍTONAS:

ádvena	areópago	égide	númida
aeródromo	aríete	etíope	ômega
aerólito	arquétipo	êxodo	páramo
ágape	autóctone	fac-símile	Pégaso
álacre	azáfama	fagócito	périplo
álcali	azêmola	farândula	plêiade
alcíone	bátega	férula	prístino
alcoólatra	bávaro	gárrulo	prófugo
âmago	bígamo	héjira	protótipo
amálgama	bímano	hipódromo	quadrúmano
anátema	bólido (-e)	idólatra	revérbero
andrógino	brâmane	ímprobo	sátrapa
anêmona	cáfila	ínclito	Tâmisa
anódino	cânhamo	ínterim	trânsfuga
antífona	Cérbero	invólucro	végeto
antífrase	cotilédone	leucócito	zéfiro
antístrofe	édito (ordem judicial)	Niágara	zênite

Prefiram-se ainda as pronúncias:

barbárie boêmia estratégia sinonímia

2. Para alguns vocábulos há, mesmo na língua culta, oscilação de pronúncia. É o caso de:

ambrosia ou ambrósia	ortoepia ou ortoépia
anidrido ou anídrido	projetil ou projétil
crisantemo ou crisântemo	reptil ou réptil
hieroglifo ou hieróglifo	soror ou sóror
Oceania ou Oceânia	zangão ou zângão

Observação:

Há por vezes discordância na pronúncia mais corrente entre Portugal e o Brasil. Os portugueses dizem comumente *púdico* e *rúbrica*; os brasileiros, apegados à acentuação que a etimologia recomenda, pronunciam *pudico* e *rubrica*.

VALOR DISTINTIVO DO ACENTO TÔNICO

Pela variabilidade de sua posição, o acento pode ter em português valor distintivo, fonológico.

Comparando, por exemplo, os vocábulos:

dúvida / duvida

percebemos que a posição do acento tônico é suficiente para estabelecer uma oposição, uma distinção significativa.

Observação:

Este fato ocorre com mais frequência no português do Brasil, pois, no de Portugal, a mudança de posição do acento se faz acompanhar normalmente de uma alteração no timbre das vogais tônicas que passam a átonas. Assim sendo, a distinção significativa assenta também nessa variação. Por exemplo, no português do Brasil *correram* opõe-se a *correrão*, *válido* a *valido*, apenas pela posição do acento; no português de Portugal, porém, a oposição se dá entre [ku´ʀerɑ̃w] e [kuʀə´rɑ̃w], [´validu] e [vɑ´lidu].

ACENTO PRINCIPAL E ACENTO SECUNDÁRIO

Normalmente os vocábulos de pequeno corpo só possuem uma sílaba acentuada em que se apoiam as demais, átonas. Os vocábulos longos, principalmente os derivados, costumam no entanto apresentar, além da sílaba tônica fundamental, uma ou mais subtônicas.

Dizemos, por exemplo, que as palavras *decididamente* e *inacreditavelmente* são PAROXÍTONAS, porque sentimos que em ambas o acento básico recai na penúltima sílaba (*men*). Mas percebemos também que, nas duas palavras, as sílabas restantes não são igualmente átonas. Em *decididamente*, a sílaba -*di*-, mais fraca do que a sílaba -*men*-, é sem dúvida mais forte do que as outras. Em *inacreditavelmente*, as sílabas -*cre*- e -*ta*-, embora mais débeis do que a sílaba -*men*-, são sensivelmente mais fortes do que as demais. Daí considerarmos PRINCIPAL o acento que recai sobre a sílaba -*men*- (nos dois exemplos) e SECUNDÁRIOS os que incidem sobre a sílaba -*di*- (em *decididamente*) ou sobre as sílabas -*cre*- e -*ta*- (em *inacreditavelmente*).

GRUPO ACENTUAL (OU DE INTENSIDADE)

As palavras não costumam vir isoladas. Geralmente se unem, articulando-se umas com as outras, para formar frases, que são as verdadeiras unidades da fala.

Materialmente, a frase constitui uma cadeia sonora com seus acentos principais e secundários a que pode estar subordinado mais de um vocábulo. Cada segmento de frase dependente de um acento tônico chama-se GRUPO ACENTUAL OU DE INTENSIDADE.

Por exemplo, no período atrás mencionado:

Dias e noites os horizontes se repetem.

há sete vocábulos que, de acordo com a rapidez ou lentidão da pronúncia, podem agrupar-se debaixo de três ou quatro acentos principais.

Numa emissão pausada, que ressalte os elementos significativos, o período em exame terá quatro grupos acentuais:

/ Dias / e noites / os horizontes / se repetem./

Se imprimirmos, porém, ritmo acelerado à pronúncia dos dois primeiros grupos:

— / Dias / e noites/ —,

verificamos que a sílaba tônica da palavra *dias* se enfraquece, e esse enfraquecimento impede que ela continue a servir de suporte fônico de um grupo acentual. O acento que nela recai de principal torna-se secundário e, consequentemente, o grupo que o tinha por centro de apoio passa a integrar o seguinte, subordinado ao acento da palavra *noites*:

/ Dias e noites /

ÊNCLISE E PRÓCLISE

Denomina-se ÊNCLISE a situação de uma palavra que depende do acento tônico da palavra anterior, com a qual forma, assim, um todo fonético. PRÓCLISE é a situação contrária: a vinculação de uma palavra átona à palavra seguinte, a cujo acento tônico se subordina. São PROCLÍTICOS, por exemplo, o artigo, as preposições e as conjunções monossilábicas. São geralmente ENCLÍTICOS os pronomes pessoais átonos.

A ÊNCLISE e, sobretudo, a PRÓCLISE são responsáveis por frequentes alterações vocabulares. Perdendo o seu acento tônico (a "alma da palavra", no dizer de Diomedes), um vocábulo perde o seu centro de resistência e fica sujeito a reduções violentas.[8] Vejam-se, por exemplo, estes versos de Raul Bopp:

— Vamos **prás** Índias!
— Olha! Melhor mesmo é buscar vento mais **pro** fundo.

em que aparecem as formas *prás* e *pro*, abreviações de *para as* e *para o* provocadas pela PRÓCLISE. Também a forma *seu* (por *senhor*), que ocorre neste passo de Marques Rebelo:

Segura esta, **seu** Fagundes!...

é um caso de redução proclítica. Se disséssemos, por exemplo:

Fagundes, o **senhor** segura esta!...

não seria mais possível a substituição de *senhor* por *seu*, já que a autonomia acentual da palavra a resguardaria de qualquer mutilação.

ACENTO DE INSISTÊNCIA

Além dos acentos normais (PRINCIPAL e SECUNDÁRIO), uma palavra pode receber outro, chamado de INSISTÊNCIA, que serve para realçá-la em determinado contexto, quer impregnando-a de afetividade (emoção), quer dando ênfase à ideia que expressa. Daí distinguirmos dois tipos de ACENTO DE INSISTÊNCIA: O ACENTO AFETIVO e O ACENTO INTELECTUAL.

---

[8] Explicam-se também como consequência da PRÓCLISE as formas *cem* (por *cento*), *grão* (por *grande*), *quão* (por *quanto*), *são* (por *santo*), *tão* (por *tanto*) e frequentes elisões, sinalefas e sinéreses, que se observam no enunciado versificado ou na linguagem popular. Veja-se, a propósito, Sousa da Silveira. *Fonética sintática*. Rio de Janeiro, Simões, 1952, especialmente p. 86-125.

Acento afetivo

Se enunciarmos calmamente, sem intenção particular, a frase:

É um homem miserável,

a pronúncia da palavra *miserável* caracteriza-se por apresentar acentuada apenas a sílaba *-rá-*. É ela emitida com maior intensidade, com maior altura e, às vezes, com maior duração que as demais.

Mas a mesma frase pode ser enunciada num momento em que nos achamos presos de certa emoção. Podemos, por exemplo, estar possuídos de um sentimento de cólera ou de desprezo em relação ao indivíduo que consideramos *miserável*. Esse nosso sentimento exprime-se então foneticamente por um realce particular dado à sílaba inicial *mi-*, que passa a competir na palavra com a tônica *-rá-*. Chega a igualá-la, quanto à intensidade e à altura, e até a superá-la, quanto à duração da vogal e, principalmente, da consoante que a antecede.

No primeiro caso, a palavra recebe apenas um acento; no segundo, ela possui dois, quase equivalentes. A esse novo acento, de caráter emocional, chamamos ACENTO AFETIVO.

Acento intelectual

Com o ACENTO AFETIVO impressionamos determinada palavra de emoção particular. É ele uma espécie de comentário sentimental que fazemos a um elemento do enunciado.

Mas nem sempre o realce sonoro de uma sílaba diversa da tônica normal põe em jogo a nossa sensibilidade aguçada. É por vezes um recurso eficaz de que dispomos para valorizar uma noção, para defini-la, para caracterizá-la, geralmente contrastando-a com outra. Por sua função, denominamos ACENTO INTELECTUAL a esse tipo de ACENTO DE INSISTÊNCIA.

Exemplifiquemos com os seguintes dizeres:

Esta medida é arbitrária.
Fez uso exclusivo e abusivo do carro.
Não se trata de um ato imoral, mas amoral.
Quero razões objetivas e não subjetivas.

Se quisermos dar relevo significativo às palavras *arbitrária*, *exclusivo*, *abusivo*, *imoral*, *amoral*, *objetivas* e *subjetivas*, imprimimos à sílaba inicial de cada uma delas maior duração, maior altura e, sobretudo, maior intensidade.

Tal como o ACENTO AFETIVO, o ACENTO INTELECTUAL é inesperado, brusco, violento, características que os estremam do acento tônico normal, suporte do grupo rítmico e, portanto, esperado, regular. São justamente essas peculiaridades dos dois tipos de ACENTO DE INSISTÊNCIA que fazem ressaltar vivamente num contexto as palavras sobre as quais eles incidem.

Distinções fundamentais

O ACENTO INTELECTUAL distingue-se do ACENTO AFETIVO não só pela função, mas também por particularidades fonéticas.

Assim:

a) O ACENTO INTELECTUAL recai sempre na primeira sílaba da palavra, seja ela iniciada por consoante, seja por vogal. O ACENTO AFETIVO incide na primeira sílaba da palavra quando esta se inicia por consoante, mas pode recair na sílaba seguinte, se ela começar por vogal. Nas palavras de pequeno corpo o ACENTO AFETIVO costuma coincidir com o acento tônico normal. Comparem-se:

ACENTO INTELECTUAL	ACENTO AFETIVO
São razões **sub**jetivas!	É um homem **mi**serável!
Foi uma ação **ar**bitrária!	É uma pessoa a**bo**minável!
Trata-se de ato **i**legal!	Esta criança é um a**mor**!

b) Ambos reforçam a consoante inicial da sílaba sobre que recaem, mas o realce que dão à vogal seguinte é de natureza diversa. O ACENTO INTELECTUAL aumenta-a em duração, em altura e, sobretudo, em *intensidade*. O ACENTO AFETIVO aumenta-a em intensidade, mas principalmente em *duração* e *altura*.

Capítulo 4

Ortografia
(segundo o Acordo Ortográfico de 1990)

LETRA E ALFABETO

1. Para reproduzirmos, na escrita, as palavras de nossa língua, empregamos certo número de sinais gráficos chamados LETRAS.
   O conjunto ordenado das letras de que nos servimos para transcrever os sons da linguagem falada denomina-se ALFABETO.

2. O ALFABETO da língua portuguesa consta fundamentalmente das seguintes letras:

   a b c d e f g h i j k l m n o p q r s t u v w x y z

   As letras **k**, **w**, e **y**, só se empregam em dois casos:

a) na transcrição de nomes próprios estrangeiros e de seus derivados portugueses:

Franklin	Wagner	Byron
frankliniano	wagneriano	byroniano

b) nas abreviaturas e nos símbolos de uso internacional:

K (= potássio)	kg (= quilograma)	km (= quilômetro)
W. (= oeste)	w (= watt)	yd. (= jarda)

Observações:

O *h* usa-se apenas:

a) no início de certas palavras:

haver hoje homem

b) no fim de algumas interjeições:

ah! oh! uh!

c) no interior de palavras compostas, em que o segundo elemento, iniciado por *h*, se une ao primeiro por meio de hífen:

anti-higiênico pré-histórico super-homem

d) nos dígrafos *ch*, *lh* e *nh*:

chave talho banho

NOTAÇÕES LÉXICAS

Além das letras do alfabeto, servimo-nos, na língua escrita, de certo número de sinais auxiliares, destinados a indicar a pronúncia exata da palavra. Esses sinais acessórios da escrita, chamados NOTAÇÕES LÉXICAS, são os seguintes:

O ACENTO

O ACENTO pode ser AGUDO (´), GRAVE (`) e CIRCUNFLEXO (^).

1. O ACENTO AGUDO é empregado para assinalar:

a) as vogais tônicas fechadas *i* e *u*:

aí	horrível	físico
baú	açúcar	lúgubre

b) as vogais tônicas abertas e semiabertas *a*, *e* e *o*:

há	amável	pálido
pé	tivésseis	exército
pó	herói	inóspito

2. O ACENTO GRAVE é empregado para indicar a crase da preposição *a* com a forma feminina do artigo (*a*, *as*) e com os pronomes demonstrativos *a*(*s*), *aquele*(*s*), *aquela*(*s*), *aquilo*:

à	àquele(s)	àquilo
às	àquela(s)	

3. O ACENTO CIRCUNFLEXO é empregado para indicar o timbre semifechado das vogais tônicas *a*, *e* e *o*:

câmara	**cânhamo**	hispânico
mês	têxtil	fêmea
avô	pôs	cômoro

O TIL

O TIL (~) emprega-se sobre o *a* e *o* para indicar a nasalidade dessas vogais:

maçã	mãe	pão
caixões	põe	sermões

O TREMA

Não se usa TREMA (¨) na ortografia da língua portuguesa, a não ser em nomes e palavras estrangeiras e suas derivadas em português. Assim:

	aguentar	tranquilo	frequente	sanguíneo,
mas	Mülller e mülleriano		Günter	stürmer

O APÓSTROFO

O APÓSTROFO (') serve para assinalar a supressão de um fonema — geralmente a de uma vogal — no verso, em certas pronúncias populares e em palavras compostas ligadas pela preposição *de*:

c'roa	esp'rança	'tá bem! (popular)
pau-d'alho	pau-d'arco	galinha-d'água

A CEDILHA

A CEDILHA (¸) coloca-se debaixo do *c*, antes de *a*, *o* e *u*, para representar a fricativa linguodental surda [s]:

caçar	maciço	açúcar
praça	poço	muçulmano

O HÍFEN

O HÍFEN (-) usa-se:

a) para ligar os elementos de palavras compostas ou derivadas por prefixação:

couve-flor	guarda-marinha	beija-flor
pré-escolar	super-homem	ex-diretor

b) para unir pronomes átonos a verbos:

ofereceram-me	retive-o	levá-la-ei

c) para, no fim da linha, separar uma palavra em duas partes, ou seja, translinear uma sílaba:

estudan- / te	estu- / dante	es- / tudante

Emprego do hífen nos compostos

O emprego do HÍFEN é uma convenção. Estabeleceu-se que "só se ligam por HÍFEN os elementos das palavras compostas em que se mantém a noção da composição, isto é, os elementos das palavras compostas que guardam a sua independência fonética, conservando cada um a sua própria acentuação, porém formando o conjunto perfeita unidade de sentido". Dentro desse princípio, deve-se empregar o HÍFEN:

1.º) nos compostos cujos elementos, reduzidos ou não, perderam a sua significação própria: *água-marinha, arco-íris, para-choque, bel-prazer, és-sueste, monta-carga, marca-passo, lero-lero, mata-mata* etc.;

Nos seguintes casos os elementos se aglutinam, sem hífen portanto: *girassol, madressilva, mandachuva, passatempo, pontapé, paraquedas, paraquedismo, paraquedista*;

2.º) nos compostos com o primeiro elemento de forma adjetiva, reduzida ou não: *afro-asiático, dólico-louro, galego-português, greco-romano, histórico-geográfico, ínfero-anterior, latino-americano, luso-brasileiro, lusitano-castelhano*;

3.º) nos topônimos compostos iniciados pelos adjetivos Grã, Grão, ou por forma verbal, ou quando os elementos estão ligados por artigo: *Grã-Bretanha, Grão-Pará, Passa-Quatro, Todos-os-Santos, mas Belo Horizonte, Cabo Verde, Santa Catarina* (estes sem hífen porque não se enquadram na regra) etc.;

4.º) em palavras compostas que designam espécies botânicas e zoológicas estejam ou não ligadas por preposição ou por qualquer outro elemento: *bem-me-quer, ervilha-de-cheiro, formiga-branca, bem-te-vi* etc.

Obs.: *malmequer* já se escrevia aglutinadamente, e essa exceção é mantida;

5.º) nos compostos com os advérbios *bem-* e *mal-*, quando o elemento seguinte começa por *vogal* ou *h*: *bem-educado, bem-humorado, mal-agradecido, mal-habituado*;

O advérbio *bem*, ao contrário de *mal*, pode não se aglutinar com o segundo elemento quando ele começa por consoante: *bem-nascido, malnascido, bem-falante,*

malfalante, bem-mandado, malmandado etc.; mas, em muitos compostos, *bem* aglutina-se com o segundo elemento: *benfazejo, benfeito, benfeitor, benquerença* etc.;

6.º) nos compostos com *sem, além, aquém e recém*: *sem-cerimônia, além-mar, aquém-fronteiras, recém-casado*;

7.º) **não** se usa HÍFEN em locuções de qualquer tipo, sejam, substantivas, adjetivas, pronominais, adverbiais, prepositivas ou conjuncionais, salvo as seguintes exceções: *água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia* (pecúlio), *ao deus-dará, à queima-roupa.* Portanto: *fim de semana, sala de jantar, cor de café, cada um, quem quer que seja, à vontade, depois de amanhã, a fim de, acerca de, contanto que, visto que* etc.

Emprego do hífen nas formações por prefixação, recomposição e sufixação

1.º) Nas formações com prefixos, como *ante-, anti-, circum-, co-, contra-, entre- extra-, hiper-, infra-, intra-, pós-, pré-, sobre-, sub-, super-, ultra-* etc., e em formações por recomposição com falsos prefixos ou pseudoprefixos (de origem grega ou latina) como *aero-, agro-, arqui-, auto-, hio-, eletro-, geo-, hidro-, inter-, macro-, maxi-, micro-, mini-, multi-, neo-, pan-, pluri-, proto-, pseudo-, retro-, semi-, tele-* etc, só se usa HÍFEN;

a) nas formações em que o segundo elemento começa por *h*: *anti-histamínico, pan-helênico, sobre-humano, sub-hepático, super-homem* etc.;
   Obs.: como exceção a essa regra, *co-, des-, dis-, in-* e *re* se aglutinam com o segundo elemento, eliminando o *h*: *coabitar, coerdeiro, desumano, disidria, inábil, reabilitar, reospitalizar* etc.;
b) nas formações em que o prefixo ou pseudoprefixo termina na mesma vogal pela qual começa o segundo elemento: *anti-inflacionário, neo-ortodoxo, semi-interno, supra-auricular, arqui-inimigo, sobre-edificar, ante-estreia*;
   Obs.: são exceções a essa regra *co- e re-*: *coordenar, coobrigação, reeleição, reerguer* etc;
c) nas formações com o prefixo circum- e o pseudoprefixo pan- quando o segundo elemento começa por vogal, *m* ou *n* (além do *h* já mencionado na regra geral): *circum-navegação, circum-mediterrâneo, circum-oceânico, pan-oftálmico, pan-nacionalismo*;
d) nas formações com os prefixos *hiper-, inter-* e *super-*, quando o segundo elemento começa por *r*: *hiper-religioso, inter-relacionado, super-resistente*;
e) nas formações com os prefixos *ex-* (estado anterior, cessamento), *sota-, soto-, vice-* (ou *vizo*): *ex-aluno, ex-presidente, sota-piloto, soto-mestre, vice-almirante, vice-governador, vizo-rei*
f) nas formações com os prefixos tônicos *pós-, pré-* e *pró-* (as formas átonas se aglutinam com o segundo elemento): *pós-graduação* (mas *pospor*), *pré-universitário* (mas *predizer*), *pró-africano* (mas *proativo*);

g) com *ab-*, *ad-*, *ob-*, *sob-*, *e sub-*, quando seguidos de radical iniciado por *r* ou pela mesma consoante em que termina o prefixo: *ab-rogar, ad-rogação, ob-reptício, sob-roda sub-reino, ad-digital, sub-bibliotecário;*

2.º) Não se usa HÍFEN:

a) nas formações em que o prefixo ou pseudoprefixo termina em vogal, e o segundo elemento começa por r ou s, que devem ser duplicados: *contrarregra, suprarrenal, pseudorreação, antisséptico, ultrassom, minissaia*;

b) nas formações em que o prefixo ou pseudoprefixo termina em vogal, e o segundo elemento começa por vogal diferente ou consoante (com exceção dos casos particulares já mencionados de *h, r* e *s*: *extraescolar, antiaéreo, autoeducação, autodidata, extracurricular, supramencionado, hidroeletricidade, microcâmera, intracelular* etc.

c) em locuções, de qualquer tipo, com exceção de água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao deus-dará, à queima-roupa e em nomes de plantas ou animais.

3.º) Nas formações por sufixação, só se emprega o HÍFEN em vocábulos terminados em sufixos de origem tupi-guarani que representam formas adjetivas (como *-açu, -guaçu, -mirim*) quando o primeiro elemento termina em vogal acentuada graficamente ou quando a pronúncia exige a distinção gráfica dos dois elementos: *amoré-guaçu, andá-açu, Ceará-Mirim, capim-açu.*

Emprego do hífen na ênclise, na mesóclise e com as formas do verbo haver

1.º) Emprega-se o HÍFEN na ênclise e na mesóclise (ou tmese): *amá-lo, faz-se, dizer-lhe, amá-lo-emos, enviar-lhe-ei.*

2.º) Usa-se HÍFEN nas ligações de formas pronominais enclíticas ao advérbio *eis* e nas combinações de formas pronominais quando em próclise:

eis-me, ei-lo, eis-nos;

no-lo, vo-las.

3.º) Não se usa HÍFEN nas ligações da preposição *de* às formas monossilábicas do presente do indicativo do verbo *haver: hei de, hás de, há de, hão de.*

Partição das palavras no fim da linha

Quando não há espaço no fim da linha para escrevermos uma palavra inteira, podemos dividi-la em duas partes. Essa separação, que se indica por meio de um HÍFEN, obedece às regras de silabação. São inseparáveis os elementos constituintes de cada sílaba.

Convém, portanto, serem respeitadas as seguintes normas:

1.ª) Não se separam as letras com que representamos:

a) os ditongos e os tritongos, bem como os grupos *ia, ie, io, oa, ua, ue* e *uo*, que, quando átonos finais, soam normalmente numa sílaba (DITONGO CRESCENTE), mas podem ser pronunciados em duas (HIATO):

au-ro-ra	Pa-ra-guai	má-goa
mui-to	gló-ria	ré-gua
par-tiu	cá-rie	tê-nue
a-guen-tar	Má-rio	con-tí-guo

b) os encontros consonantais que iniciam sílaba e os dígrafos *ch, lh* e *nh*:

pneu-má-ti-co	a-bro-lhos	ra-char
psi-có-lo-go	es-cla-re-cer	fi-lho
mne-mô-ni-co	re-gre-dir	ma-nhã

2.ª) Separam-se as letras com que representamos:

a) as vogais de hiatos:

co-or-de-nar	fi-el	ra-i-nha
ca-í-eis	mi-ú-do	sa-ú-de

b) as consoantes seguidas que pertencem a sílabas diferentes:

ab-di-car	bis-ne-to	sub-ju-gar
abs-tra-ir	oc-ci-pi-tal	subs-cre-ver

3.ª) Separam-se também as letras dos dígrafos *rr, ss, sc, sç* e *xc*:

ter-ra	des-cer	cres-ça
pro-fes-sor	abs-ces-so	ex-ce-der

Observações:

1.ª) Quando a palavra já se escreve com HÍFEN – quer por ser composta, quer por ser uma forma verbal seguida de pronome átono –, e coincidir o fim da linha com o lugar onde está o hífen, recomenda-se repeti-lo, por clareza, no início da linha seguinte.

Assim:

couve-flor = couve- / -flor
unamo-nos = unamo- / -nos

Observe-se a diferença de significado que ocorre em separação do pronome sem a indicação do hífen:

Prazer de ver- -me	e não	Prazer de ver- me

2.ª) Embora o sistema ortográfico vigente o permita, não se deve escrever no princípio ou no fim da linha uma só vogal. Evite-se, por conseguinte, a partição de vocábulos como *água, aí, aqui, baú, rua,* etc. Melhor será também que se dividam vocábulos como *abrasar, aguentar, agradar, equidade, ortografia, pavio* e outros apenas nos lugares indicados pelo HÍFEN:

abra-sar	aguen-tar	agra-dar
equi-da-de	or-to-gra-fia	pa-vio

REGRAS DE ACENTUAÇÃO

A acentuação gráfica obedece às seguintes regras:

1.ª) Assinalam-se com acento agudo os vocábulos oxítonos que terminam em *a* aberto, *e* e *o* semiabertos, e com acento circunflexo os que acabam em *e* e *o* semifechados, seguidos, ou não, de *s*: *cajá, hás, jacaré, pés, seridó, sós*; *dendê, lês, trisavô*; etc.

Observação:

Nesta regra se incluem as formas verbais em que, depois de *a, e, o*, se assimilaram o *r*, o *s* e o *z* ao *l* dos pronomes *lo, la, los, las*, caindo depois o primeiro *l*: *dá-lo, contá-la, fá-lo-á, fê-los, movê-las-ia, pô-los, qué-los, sabê-lo-emos, trá-lo-ás*, etc.

2.ª) Todas as palavras proparoxítonas devem ser acentuadas graficamente: recebem acento agudo as que têm na antepenúltima sílaba as vogais *a* aberta, *e* ou *o* semiabertas, *i* ou *u*; e levam acento circunflexo aquelas em que figuram na sílaba predominante as vogais *a, e* ou *o* semifechadas: *árabe, exército, gótico, límpido, louvaríamos, público, úmbrico; lâmina, lâmpada, devêssemos, lêmures, pêndula, fôlego, recôndito*, etc.

Observações:

1.ª) Incluem-se neste preceito os vocábulos terminados em encontros vocálicos que costumam ser pronunciados como ditongos crescentes: *área, espontâneo, ignorância, imundície, lírio, mágoa, régua, vácuo*, etc.

2.ª) Nas palavras proparoxítonas que têm, na antepenúltima sílaba, as vogais *a, e* e *o* seguidas de *m* ou *n*, estas são, no português-padrão do Brasil, sempre semifechadas (em geral nasalizadas), razão por que levam acento circunflexo. No português-padrão de Portugal, podem ser semifechadas ou semiabertas, pelo que a ortografia em vigor faculta que se lhes ponha acento circunflexo, se forem semifechadas, e acento agudo, se semiabertas. Por isso, de acordo com a pronúncia-padrão, escrevem-se no Brasil: *âmago, ânimo, fêmea, sêmola, cômoro* e, da mesma forma, *acadêmico, anêmona, cênico, Amazônia, Antônio, fenômeno, quilômetro*; ao passo que em Portugal, também de acordo com a pronúncia-padrão, se adotam as grafias *âmago, ânimo, fêmea, sêmola, cômoro*, mas *académico, anémona, cénico, Amazónia, António, fenómeno, quilómetro*.

3.ª) Os vocábulos paroxítonos finalizados em *i* ou *u*, seguidos, ou não, de *s*, marcam-se com acento agudo quando na sílaba tônica figuram *a* aberto, *e* ou

o semiabertos, *i* ou *u fechados*; e com circunflexo quando nela figuram *a*, *e* e *o* semifechados: *lápis, beribéri, miosótis, íris, júri, dândi, tênis, bônus.*

Observações:

1.ª) Paralelamente ao que ocorre com as palavras proparoxítonas, nas paroxítonas, que têm na penúltima sílaba as vogais *a*, *e* e *o* seguidas de *m* ou *n*, estas são, no português-padrão do Brasil, sempre semifechadas (em geral nasalizadas), pelo que levam acento circunflexo. No português-padrão de Portugal podem ser ou semifechadas ou semiabertas, pelo que recebem acento circunflexo, se são semifechadas, e acento agudo, se semiabertas – essas as razões por que se adotam, no Brasil, as grafias *ânus, certâmen*, e também *fêmur, Fênix, tênis, ônus, bônus*; ao passo que, em Portugal, se escrevem *ânus, certâmen (como no Brasil)*, mas *fémur, Fénix, ténis, ónus, bónus.*

2.ª) Entre as palavras paroxítonas, cumpre ressaltar o caso da 1.ª pessoa do plural dos verbos da 1.ª conjugação, que, no presente e no pretérito perfeito do indicativo, apresentam *a* tônico seguido de *m*. No português-padrão do Brasil (e em vários dialetos portugueses meridionais) a vogal é igualmente semifechada nos dois tempos, enquanto no português-padrão de Portugal ela é semifechada no presente e aberta no pretérito perfeito do indicativo.[1] Assim sendo, nenhuma das formas é acentuada no Brasil, mas admite-se, facultativamente, o acento agudo na 1ª pessoa do plural do pretérito perfeito: *amamos* (presente), *amámos* (pretérito perfeito).

3.ª) Também no português-padrão do Brasil, a forma *demos* pronuncia-se com *e* semifechado [e], seja ela 1.ª pessoa do presente do subjuntivo ou do pretérito perfeito do indicativo, razão por que não recebe nenhum acento gráfico. É facultativa a forma *dêmos* no presente do subjuntivo. Já no português-padrão europeu, a vogal é semifechada no presente do subjuntivo [e] e semiaberta no pretérito perfeito do indicativo [ɛ], pelo que a ortografia portuguesa admite apor-lhe um acento agudo no segundo caso. Daí as grafias *demos* (presente do subjuntivo) e *démos* (pretérito perfeito do indicativo).

4.ª) No português-padrão do Brasil, não há mais acento gráfico nas vogais *e* e *o* semiabertas dos ditongos *ei* e *oi* quando em sílaba tônica de palavras paroxítonas: *assembleia, hebreia, ideia, epopeico, joia, tipoia, heroico, apoio*; as mesmas vogais, quando semifechadas, tampouco recebem acento: *meia, cheia, maneira, apoio, joio, açoite.*

No português-padrão de Portugal, não se diferenciam fonicamente *éi* e *ei*, razão por que o *e* nunca foi acentuado. O ditongo é no caso sempre pronunciado [ɐj].

Os ditongos semiabertos *éi, éu, ói*, quando tônicos em palavras oxítonas, proparoxítonas e paroxítonas terminadas em ditongos crescentes, recebem o acento: *bacharéis, chapéu, rouxinóis, herói, aracnóideo*, etc.

5.ª) As palavras paroxítonas terminadas em *-oo*, que têm a mesma pronúncia (fechada) em todo o domínio do idioma, não são acentuadas graficamente: *enjoo, voo.*

6.ª) Emprega-se o acento circunflexo sobre a vogal tônica semifechada da forma *pôde*, do pretérito perfeito do indicativo, para distingui-la de *pode*, do presente do indicativo, com vogal tônica semiaberta. Também recebe acento o verbo *pôr* para distingui-lo da preposição *por*. É facultativo o acento circunflexo em *fôrma(s)*, para distinguir do substantivo *formas* e das flexões *formas* e *forma*, do verbo *formar.*

---

[1] Em certos dialetos portugueses setentrionais, a vogal *a* é, em geral, aberta nos dois tempos.

7.ª) As palavras paroxítonas terminadas em *-um*, *-uns* recebem acento agudo na sílaba tônica: *álbum*, *álbuns*, etc.

8.ª) Não se acentuam os pseudoprefixos paroxítonos terminados em *-i*: *semi-oficial*, etc.

4.ª) Põe-se acento agudo no *i* e no *u* tônicos que não formam ditongo com a vogal anterior: *aí*, *balaústre*, *cafeína*, *caís*, *contraí-la*, *distribuí-lo*, *egoísta*, *faísca*, *heroína*, *juízo*, *país*, *peúga*, *saía*, *saúde*, *timboúva*, *viúvo*, etc.

Observações:

1.ª) Não se coloca o acento agudo no *i* e no *u* quando, precedidos de vogal que, com eles, não forma ditongo, e são seguidos de *l*, *m*, *n*, *r* ou *z* que não iniciam sílabas e, ainda, *nh*: *adail*, *contribuinte*, *demiurgo*, *juiz*, *paul*, *retribuirdes*, *ruim*, *tainha*, *ventoinha*, etc.

2.ª) Quando as vogais *i* e *u* ocorrem na sílaba tônica de palavras paroxítonas, não recebem acento gráfico se são precedidas de ditongo: *baiuca*, *boiuno*, *feiura*.

Atenção: essa regra não incide em palavras oxítonas e proparoxítonas, como *aiúbida*, *bauínia*, *teiú*, *tuiuiús*.

3.ª) Também não se assinala com acento agudo a base dos ditongos tônicos *iu* e *ui* quando precedidos de vogal: *atraiu*, *contribuiu*, *pauis*, etc.

5.ª) Não recebe acento agudo o *u* tônico precedido de *g* ou *q* e seguido de *e* ou *i* nas flexões rizotônicas dos verbos *arguir*, *redarguir*, *aguar*, *apaniguar*, *apaziguar*, *apropinquar*, *averiguar*, *obliquar*, *desaguar*, *enxaguar*, *obliquar*, *delinquir* e afins: *argui*, *arguis*, *redargui*, *redarguem* etc.

Nos verbos *aguar*, *apaniguar*, *apaziguar*, *apropinquar*, *averiguar*, *obliquar*, *desaguar*, *enxaguar*, *obliquar*, *delinquir*, as formas rizotônicas ou são acentuadas no *u* , mas sem acento gráfico (como em *arguir* e *redarguir*) ou têm as formas *averíguo*, *averígues*, *enxáguo*, *enxágues*, *delínquo*, *delínquem* etc.

6.ª) Marca-se com o acento agudo o *e* da terminação *em* ou *ens* das palavras oxítonas: *alguém*, *armazém*, *convém*, *convéns*, *detém-no*, *mantém-na*, *parabéns*, *retém-no*, *também*, etc.

Observação:

1.ª) Não se acentuam graficamente os vocábulos paroxítonos finalizados por *em* ou *ens*: *ontem*, *origem*, *imagens*, *jovens*, *nuvens*, etc.

2.ª) A terceira pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos *ter*, *vir* e seus compostos recebe acento circunflexo no *e* da sílaba tônica: (*eles*) *contêm*, (*elas*) *convêm*, (*eles*) *têm*, (*elas*) *vêm*, etc.

3.ª) Não recebem acento circunflexo oriundo do singular *crê*, *dê*, *lê*, *vê* as formas plurais desses verbos e de seus compostos: *creem*, *deem*, *leem*, *veem*, *descreem*, *desdeem*, *releem*, *reveem*, etc.

7.ª) Sobrepõe-se o acento agudo ao *a* aberto, ao *e* ou *o* semiabertos e ao *i* ou *u* da penúltima sílaba dos vocábulos paroxítonos que acabam em *l*, *n*, *r*, e *x*; e o acento circunflexo ao *a*, *e* e *o* semifechados: *açúcar*, *afável*, *alúmen*, *córtex*, *éter*, *hífen*, *aljôfar*, *âmbar*, *cânon*, *êxul*, etc.

Observações:

Não se acentuam graficamente os prefixos paroxítonos terminados em *r*: *inter-humano*, *super-homem*, etc.

8.ª) Marca-se com o competente acento, agudo ou circunflexo, a vogal da sílaba tônica dos vocábulos paroxítonos acabados em ditongo oral: *ágeis*, *devêreis*, *escrevêsseis*, *faríeis*, *férteis*, *fósseis*, *fôsseis*, *imóveis*, *jóquei*, *pênseis*, *pusésseis*, *quisésseis*, *tínheis*, *túneis*, *úteis*, *variáveis*, etc.

9.ª) Usa-se o til para indicar a nasalização, e vale como acento tônico se outro acento não figura no vocábulo: *afã*, *capitães*, *coração*, *devoções*, *põem*, etc.

Observação:

Se é átona a sílaba onde figura o til, acentua-se graficamente a predominante: *acórdão*, *bênção*, *órfã*, etc.

10.ª) Como já mencionado, não se usa trema para indicar a pronúncia do *u* quando precedido de *g* e de *q*, a não ser em palavras e nomes estrangeiros e suas derivadas em português; mantém-se a pronúncia do *u* mas grafa-se: *aguentar*, *arguição*, *eloquente*, *tranquilo*, *frequente* etc.

11.ª) Não têm acento diferencial as palavras homógrafas paroxítonas
para (flexão de *parar*), *para* (preposição)
pela(s) (s.f.), *pela(s)* (flexão de *pelar*), *pela(s)* [ê] (por+a[s])
pelo (flexão de *pelar*), *pelo(s)[ê]* (s.m.), *pelo(s)[ê]* (por+o[s])
pera(s)[é] (s.f.), *pera(s)[ê]* (s.f.), *pera [é]* (prep. *para*)
polo(s)[ó] (s.m.), *polo(s)[ô]* (por+lo[s]), *polo(s)[ô] (s.m.)* ('falcão', 'gavião')

---

[2] Em Portugal, a ortografia oficialmente adotada é a do *Acordo ortográfico* de 1945, assinado em Lisboa, a 10 de agosto de 1945, por uma Comissão composta de membros da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras. Esse *Acordo* não entrou em vigor no Brasil por não ter sido ratificado pelo Congresso Nacional.

[3] No Brasil vigoram oficialmente as normas do *Formulário ortográfico* de 1943, consubstanciadas no *Vocabulário ortográfico*, publicado no mesmo ano, com as leves alterações determinadas pela Lei n.º 5.765, de 18 de dezembro de 1971.

[4] Há, porém, no português-padrão de Portugal, vogais pretônicas, provenientes de antiga crase, que conservam o timbre aberto ([a]) ou semiaberto ([e], [ɔ]), sem que o fato seja assinalado na escrita. Assim: *padeiro*, *pegada*, *corar*.

12.ª) O acento grave assinala as contrações da preposição *a* com o artigo *a* e com os pronomes demonstrativos *a*, *aquele*, *aqueloutro*, *aquilo*, as quais se escreverão assim: *à*, *às*, *àquele*, *àqueles*, *àquelas*, *àquilo*, *àqueloutro*, *àqueloutra*, *àqueloutros*, *àqueloutras*.

DIVERGÊNCIAS ENTRE AS ORTOGRAFIAS OFICIALMENTE ADOTADAS EM PORTUGAL E NO BRASIL

Além das divergências atrás mencionadas que dizem respeito à diversidade de pronúncia de certas vogais tônicas – em virtude da qual admite-se a dupla grafia —, persiste ainda uma importante diferença entre os sistemas ortográficos oficialmente adotados em Portugal e no Brasil[1]: o tratamento das chamadas "consoantes mudas"

No Brasil, por disposição do *Formulário ortográfico* de 1943, as consoantes etimológicas finais de sílaba (implosivas), quando não articuladas — ou seja, quando "mudas" — deixaram de se escrever. Em Portugal, no entanto, em conformidade com o texto do *Acordo* de 1945, continuaram a ser grafadas sempre que se seguem às vogais átonas *a* (aberta), *e* ou *o* (semiabertas), como forma de indicar a abertura dessas vogais. Por uma razão de coerência, mantêm-se tais consoantes em sílaba tônica nas palavras pertencentes à mesma família ou flexão.

Essa forma de distinguir, no português europeu, as pretônicas abertas ou semiabertas das reduzidas não se justifica no Português do Brasil, em cuja pronúncia-padrão não há pretônicas reduzidas, tendo-se as vogais nesta posição neutralizado num *a* aberto e num *e* ou num *o* semifechados. Daí escrever-se em Portugal: *acto*, *acção*, *accionar*, *accionista*, *baptismo*, *baptizar*, *director*, *correcto*, *correcção*, *óptimo*, *optimismo*, *adoptar*, *adopção*; e no Brasil: *ato*, *ação*, *acionar*, *acionista*, *batismo*, *batizar*, *diretor*, *correto*, *correção*, *ótimo*, *otimismo*, *adotar*, *adoção*.

Existe, no entanto, certo número de palavras em que a consoante final de sílaba é articulada tanto em Portugal como no Brasil e, nesse caso, a ortografia dos dois países é uniforme. Assim: *autóctone*, *compacto*, *apto*, *inepto*, etc.

Raríssimos são os exemplos que se apontam em que esta consoante é efetivamente pronunciada em Portugal e não no Brasil, como *facto* (em Portugal) e *fato* (no Brasil).

Finalmente, há casos em que se verifica uma oscilação em ambas as variantes do português e nos quais a ortografia brasileira (e não a portuguesa) admite grafias duplas: *aspecto / aspeto*, *dactilografia / datilografia*, *infecção / infeção*, etc. (em Portugal as únicas grafias admitidas são *aspecto*, *dactilografia*, *infecção* etc.)

---

[5] As regras ortográficas para o Brasil, Portugal e todos os países lusófonos foram modificadas pelo Acordo Ortográfico de 1990, que entrou em vigor no Brasil a partir de 2009, e que admite esses casos de dupla grafia.

Capítulo 5

Classe, estrutura e formação de palavras

PALAVRA E MORFEMA

1. Uma língua é constituída de um conjunto infinito de frases. Cada uma delas possui uma face sonora, ou seja a cadeia falada, e uma face significativa, que corresponde ao seu conteúdo. Uma frase, por sua vez, pode ser dividida em unidades menores de som e significado — as PALAVRAS — e em unidades ainda menores, que apresentam apenas a face significante — os FONEMAS. As palavras são, pois, unidades menores que a frase e maiores que o fonema. Assim, na frase

   Évora! Ruas ermas sob os céus
   Cor de violetas roxas...
   (F. Espanca, *S*, 149)

   distinguimos dez palavras, todas com independência ortográfica. E em cada uma dessas palavras identificamos um certo número de fonemas. Por exemplo, cinco em *Évora*:

   /e/ /v/ /o/ /r/ /a/,

   e quatro em *ruas*:

   /r/ /u/ /a/ /s/

2. Existem, no entanto, unidades de som e conteúdo menores que as palavras. Assim, em *ruas* temos de reconhecer a existência de duas unidades significati-

vas: *rua* e *-s*. O primeiro elemento – *rua* – também se emprega como palavra isolada ou serve para formar outras palavras isoladas: *arruaça*, *arruamento*, etc. Já a forma plural *-s*, que vai aparecer no final de muitas outras palavras (*ermas*, *céus*, *violetas*, *roxas*, etc.), nunca poderá realizar-se como palavra individual, autônoma.
A essas unidades significativas mínimas dá-se o nome de MORFEMA.

3. Os morfemas podem apresentar variação, por vezes acentuada, em suas realizações fonéticas. É o caso do morfema plural do português, cuja pronúncia está sempre condicionada à natureza do som seguinte.
Nos falares de Lisboa e do Rio de Janeiro, por exemplo, o *-s* plural de *casas* assume forma fonética diferente em cada um dos três enunciados:

Casas amarelas.
Casas bonitas.
Casas pequenas.

Realiza-se:
a) como [z], ao ligar-se à vogal inicial da palavra *amarelas*;
b) como [ʒ], antes da palavra *bonitas*, iniciada por consoante sonora;
c) como [ʃ], antes da palavra *pequenas*, iniciada por consoante surda.

A última realização [ʃ] é também a que apresenta o morfema de plural diante de pausa, como podemos observar nas formas *amarelas*, *bonitas* e *pequenas* dos exemplos citados.
A essas manifestações fonéticas diferentes de um único morfema dá-se o nome de VARIANTE DE MORFEMA ou ALOMORFE.

TIPOS DE MORFEMAS

1. Quando, na análise da palavra *ruas*, distinguimos dois morfemas, observamos que um deles – *rua* – forma por si só um vocábulo, enquanto o morfema *-s* não tem existência autônoma, aparecendo sempre ligado a um morfema anterior. Os linguistas costumam chamar MORFEMAS LIVRES os que podem figurar sozinhos como vocábulos, e MORFEMAS PRESOS aqueles que não se encontram nunca isolados, com autonomia vocabular.

2. Quanto à natureza da significação, os morfemas classificam-se em LEXICAIS e GRAMATICAIS.
Os morfemas lexicais têm significação *externa*, porque referente a fatos do mundo extralinguístico, aos símbolos básicos de tudo o que os falantes distinguem na realidade objetiva ou subjetiva.

Assim:

Évora	céu	roxa	tristeza
erma	cor	rua	violeta

Já a significação dos morfemas gramaticais é *interna*, pois deriva das relações e categorias levadas em conta pela língua. Assim, em nossa frase-exemplo, o artigo *o*, as preposições *de* e *sob*, a marca de feminino *-a* (*rox-a, erm-a*) e a de plural *-s* (*rua-s, erma-s, o-s, céu-s, violeta-s, roxa-s*).

3. Outras características, não semânticas, opõem os morfemas lexicais aos gramaticais. Aqueles são de número elevado, indefinido, em virtude de constituírem uma classe aberta, sempre passível de ser acrescida de novos elementos; estes pertencem a uma série fechada, de número definido e restrito no idioma. Em decorrência, se os examinarmos num dado texto, verificaremos que os primeiros apresentam frequência média baixa, em contraste com a frequência média alta dos últimos.

Observações:

1.ª) Os morfemas lexicais são também chamados LEXEMAS ou SEMANTEMAS. Aos morfemas gramaticais linguistas modernos costumam dar o nome de GRAMEMAS ou de FORMANTES.

2.ª) Não se deve confundir o conceito de significação linguística interna, aplicável aos morfemas gramaticais, com a ideia de morfema vazio, desprovido de conteúdo, infelizmente muito vulgarizada. Basta atentarmos nos efeitos que a autora do texto abaixo obtém da oposição entre as preposições *em, com, para* e *por* para nos certificarmos de que os morfemas gramaticais têm a sua significação própria:

Hoje eu queria andar lá em cima,
nas nuvens,
com as nuvens,
pelas nuvens,
para as nuvens.
(C. Meireles, *Q*, I, 119.)

CLASSES DE PALAVRAS

1. Estabelecida a distinção entre morfema lexical e morfema gramatical, podemos agora relacionar cada um deles com as CLASSES DE PALAVRAS.
São morfemas lexicais os substantivos, os adjetivos, os verbos e os advérbios de modo. São morfemas gramaticais os artigos, os pronomes, os numerais,

as preposições, as conjunções e os demais advérbios, bem como as formas indicadoras de número, gênero, tempo, modo ou aspecto verbal.

2. As classes de palavras podem ser também agrupadas em VARIÁVEIS e INVARIÁVEIS, de acordo com a possibilidade ou a impossibilidade de se combinarem com os morfemas flexionais ou desinências.
São variáveis os substantivos, os adjetivos, os artigos e certos numerais e pronomes, que se combinam com morfemas gramaticais que expressam o gênero e o número; o verbo, que se liga a morfemas gramaticais denotadores do tempo, do modo, do aspecto, do número e da pessoa.
São invariáveis os advérbios, as preposições, as conjunções e certos pronomes, classes que não admitem se lhes agregue uma desinência.
A interjeição, vocábulo-frase, fica excluída de qualquer das classificações.

ESTRUTURA DAS PALAVRAS

RADICAL

Ao que chamamos até agora MORFEMA LEXICAL dá-se tradicionalmente o nome de RADICAL. É o radical que irmana as palavras da mesma família e lhes transmite uma base comum de significação.

A ele se agregam, como vimos, os MORFEMAS GRAMATICAIS, que podem ser uma DESINÊNCIA (ou MORFEMA FLEXIONAL), um AFIXO (ou MORFEMA DERIVACIONAL) ou uma VOGAL TEMÁTICA.

DESINÊNCIA

As DESINÊNCIAS, ou MORFEMAS FLEXIONAIS, servem para indicar:
a) o gênero e o número dos substantivos, dos adjetivos e de certos pronomes;
b) o número e a pessoa dos verbos.

Assim, no adjetivo *ermas* e numa forma verbal como *renovamos*, temos as seguintes desinências:

-a, para caracterizar o feminino (em *ermas*);
-s, para denotar o plural (em *ermas*);
-mos, para expressar a 1.ª pessoa do plural (em *renovamos*).

Há, por conseguinte, em português DESINÊNCIAS NOMINAIS e DESINÊNCIAS VERBAIS.

DESINÊNCIAS NOMINAIS. São:

GÊNERO		NÚMERO	
Masculino	**Feminino**	**Singular**	**Plural**
-o	-a	–	-s

O SINGULAR caracteriza-se pela ausência de qualquer desinência, ou melhor, pela DESINÊNCIA-ZERO, pois a falta, no caso, é um sinal particularizante.

DESINÊNCIAS VERBAIS. As flexões de pessoa e número são expressas nos verbos por desinências especiais, que podemos distribuir por três grupos: desinências do presente do indicativo, do pretérito perfeito do indicativo e do infinitivo pessoal (= futuro do subjuntivo):

	PRESENTE		PRETÉRITO PERFEITO		INFINITIVO PESSOAL FUT. DO SUBJUNTIVO	
Pessoa	**Singular**	**Plural**	**Singular**	**Plural**	**Singular**	**Plural**
1.ª	-o	-mos	-i	-mos	–	-mos
2.ª	-s	-is (-des)	-ste	-stes	-es	-des
3.ª	–	-m	-u	-ram	–	-em

Nas outras formas finitas, as desinências são as mesmas do presente do indicativo, salvo na primeira pessoa do singular, que, como a terceira, se caracteriza pela falta de qualquer desinência.

Observação:

Para facilitar a aprendizagem, dissemos que a DESINÊNCIA da 3.ª pessoa do plural é *-m* (ou *-ram*, *-em*). Mas, em verdade, o *-m* que aí aparece é um mero símbolo gráfico, pois nestas formas verbais as terminações *-am* e *-em* são apenas modos de representar, na escrita, os ditongos nasais átonos [ɑ̃w] e [ẽj].

AFIXO

Os AFIXOS, ou MORFEMAS DERIVACIONAIS, são elementos que modificam geralmente de maneira precisa o sentido do radical a que se agregam. Os AFIXOS que se antepõem ao radical chamam-se PREFIXOS; os que a ele se pospõem denominam-se SUFIXOS.

Assim, em *desterrar* e *renovamos* aparecem os PREFIXOS:

des-, que empresta ao primeiro verbo a ideia de separação;
re-, que ao segundo acrescenta o sentido de repetição de um fato.

Os SUFIXOS, como as desinências, unem-se à parte final do radical. Mas, enquanto estas caracterizam apenas o gênero, o número ou a pessoa da palavra, sem lhe alterar o sentido lexical ou a classe, os SUFIXOS transformam substancialmente o radical a que se juntam.

Assim, em *terroso*, *terreiro*, *novinho* e *novamente*, encontramos os SUFIXOS:

-oso, que do substantivo *terra* forma um adjetivo (*terroso*);
-eiro, que do substantivo *terra* forma outro substantivo (*terreiro*);
-inho, que do adjetivo *novo* forma um diminutivo (*novinho*);
-mente, que do feminino do adjetivo *novo* forma um advérbio (*novamente*).

Observação:

Esta distinção entre sufixo e desinência, nem sempre observada pelos linguistas modernos, pertence à análise mórfica tradicional.

Poderíamos simplificar a classificação desses morfemas gramaticais:

1.º) considerando-os apenas sob o aspecto formal, caso em que a denominação de sufixo, com abarcá-la, dispensaria a de desinência;

2.º) distinguindo-os pelo aspecto funcional: as desinências identificar-se-iam com os morfemas flexionais, e os sufixos seriam somente morfemas derivacionais.

Nesta última hipótese, as características de tempo e modo e, por extensão, as das formas nominais do verbo ficariam incluídas nas desinências.

VOGAL TEMÁTICA

Na análise da forma verbal *renovamos*, distinguimos três elementos formativos:

a) o RADICAL: *nov-*
b) a DESINÊNCIA NÚMERO-PESSOAL: *-mos*
c) o PREFIXO: *re-*

Falta identificarmos apenas a vogal *a*, que aparece entre o radical *nov-* e a desinência *-mos*, vogal que encontramos também na forma de infinitivo *fumar*, entre o radical *fum-* e a desinência *-r*.

Nos dois casos, vemos, ela está indicando que os verbos em causa pertencem à 1.ª conjugação. A essas vogais que caracterizam a conjugação dos verbos dá-se o nome de VOGAIS TEMÁTICAS. São elas:

-**a**- , para os verbos da 1.ª conjugação (fum-**a**-r, renov-**a**-mos);
-**e**- , para os da 2.ª (dev-**e**-r, faz-**e**-mos);
-**i**- , para os da 3.ª (part-**i**-r, constru-**í**-mos).

O RADICAL acrescido de uma VOGAL TEMÁTICA, isto é, pronto para receber uma desinência (ou um sufixo), denomina-se TEMA.

Observação:

Não há acordo entre os linguistas quanto à inclusão das VOGAIS TEMÁTICAS entre os morfemas. Parece-nos que, assim como as desinências, elas fazem parte dos morfemas gramaticais categóricos, pois também distribuem os radicais em classes. Por si mesmas nada significam, mas poder-se-ia talvez dizer que, no caso, a função é a significação.

VOGAL E CONSOANTE DE LIGAÇÃO

Os elementos mórficos até aqui estudados entram sempre na estrutura do vocábulo com determinado valor significativo externo ou interno. Há, porém, outros que são insignificativos, e servem apenas para evitar dissonâncias (hiatos, encontros consonantais) na juntura daqueles elementos.

Se examinarmos, por exemplo, os vocábulos *gasômetro* e *cafeteira*, verificaremos que:

a) o primeiro é formado de dois radicais *gás-* + *-metro*, ligados pela vogal *-o-*, sem valor significativo;
b) o segundo é constituído do radical *café-* + o sufixo *-eira*, entre os quais aparece a consoante insignificativa *-t-* para evitar o desagradável hiato *-éê-*.

A esses sons, empregados para tornar a pronúncia das palavras mais fácil ou eufônica, dá-se o nome de VOGAIS e CONSOANTES DE LIGAÇÃO.

Observação:

Observa-se na linguística moderna a tendência generalizada de não isolar tais elementos na análise mórfica, preferindo-se considerá-los como parte do radical ou do afixo, que, então, se apresentariam sob a forma de variantes (ou ALOMORFES) relativamente a outras ocorrências suas em contextos diversos. Com efeito, à semelhança dos fonemas, os morfemas podem apresentar variantes em sua forma, embora se mantenham semântica e funcionalmente inalterados. Assim, do prefixo *in-* (*im-*) há uma variante *i-*, fonologicamente condicionada, porquanto ocorre tão somente antes de consoante nasal, lateral e vibrante: *infeliz*, *imbatível*, mas *imoral*, *ilegal*, *irregular*.

FORMAÇÃO DE PALAVRAS

PALAVRAS PRIMITIVAS E DERIVADAS

Chamam-se PRIMITIVAS as palavras que não se formam de nenhuma outra e que, pelo contrário, permitem que delas se originem novas palavras no idioma.

Assim:

fumo	mar	novo	pedra

Denominam-se DERIVADAS as que se formam de outras palavras da língua mediante o acréscimo ao seu radical de um prefixo ou um sufixo.

Assim:

fumoso	marinha	novinho	pedreiro
defumar	marear	renovar	empedrar

PALAVRAS SIMPLES E COMPOSTAS

As palavras que possuem apenas um radical, sejam primitivas, sejam derivadas, denominam-se SIMPLES.

Assim:

mar	marinha	pedra	pedreiro

São COMPOSTAS as que contêm mais de um radical:

quebra-mar	guarda-marinha	pedra-sabão	pedreiro-livre
aguardente	pernalta	pontapé	vaivém

Observação:

Note-se que, na língua atual, muitas formas compostas não são mais sentidas como tais pelos falantes. É o caso de *aguardente*, de *pontapé*, etc.

FAMÍLIAS DE PALAVRAS

Denomina-se FAMÍLIA DE PALAVRAS o conjunto de todas as palavras que se agrupam em torno de um radical comum, do qual se formaram pelos processos de derivação ou de composição que estudaremos desenvolvidamente no capítulo seguinte.

Capítulo 6

Derivação e composição

FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Deixando de lado a viva controvérsia entre linguistas contemporâneos sobre a área a que efetivamente pertence a FORMAÇÃO DE PALAVRAS – se à morfologia, o seu domínio tradicional, se ao léxico ou à semântica, ou, mesmo, se à sintaxe –, procuraremos tratar a matéria deste capítulo interligada com a do anterior e com respaldo na seguinte conceituação:

"Chama-se FORMAÇÃO DE PALAVRAS o conjunto de processos morfossintáticos que permitem a criação de unidades novas com base em morfemas lexicais. Utilizam-se assim, para formar as palavras, os afixos de derivação ou os procedimentos de composição"[1].

Observação:

Cumpre advertir que a DERIVAÇÃO e a COMPOSIÇÃO não são os únicos processos de formação de palavras. Como bem salienta um estudioso do assunto, além destes dois processos mais comuns, há outros de uso restrito, sendo particularmente curiosos os ONIÔNIMOS, os ACRÔNIMOS e as AMÁLGAMAS. (Veja-se a respeito J. R. Fontenele Bessa. Por uma conceituação do termo "opacidade". *Educação, 31*: 17-22, Brasília, julho/setembro, 1979.)

DERIVAÇÃO PREFIXAL

Os PREFIXOS são mais independentes que os SUFIXOS, pois se originam, em geral, de advérbios ou de preposições que têm ou tiveram vida autônoma na língua.

---

[1] Jean Dubois *et alii*. *Dictionaire de linguistique*. Paris, Larousse, 1973, s. v.

A rigor, poderíamos até discernir as formações em que entram prefixos que são meras partículas, sem existência própria no idioma (como *des-* em *desfazer*, ou *re-* em *repor*), daquelas de que participam elementos prefixais que costumam funcionar também como palavras independentes (assim: *contra-* em *contradizer*, *entre-* em *entreabrir*). No primeiro caso haveria DERIVAÇÃO; no segundo, seria justo falar-se em COMPOSIÇÃO.

Mas nem sempre é fácil estabelecer tal diferença, razão por que preferimos considerar a formação de palavras mediante o emprego de prefixos um tipo de derivação — a DERIVAÇÃO PREFIXAL. Tanto os sufixos como os prefixos formam novas palavras que conservam de regra uma relação de sentido com o radical derivante; processo distinto da composição, que forma palavras não raro dissociadas pelo sentido dos radicais componentes.

Feitas estas considerações, passemos ao exame dos prefixos que aparecem em palavras portuguesas.[2]

São eles de origem latina ou grega, embora normalmente não sejam sentidos como tais. Alguns sofrem apreciáveis alterações em contacto com a vogal e, principalmente, com a consoante inicial da palavra derivante. Assim, o prefixo grego *an-*, que indica "privação" (*an-ônimo*), assume a forma *a-* antes de consoante: *a-patia; in-*, o seu correspondente latino, toma a forma *i-* antes de *l* e *m*: *in-feliz, in-ativo*; mas *i-legal, i-moral.*

Não se devem confundir tais alterações com as formas vernáculas, oriundas de evolução normal de certos prefixos latinos. Assim: *a-*, de *ad-* (*a-doçar*); *em-* ou *en-*, de *in-* (*em-barcar, en-terrar*).

Na lista abaixo, colocaremos em chave as formas que pode assumir o mesmo prefixo: em primeiro lugar, daremos a forma originária; em último, a vernácula, quando houver.

Prefixos de origem latina

PREFIXO	SENTIDO	EXEMPLIFICAÇÃO
ab-	afastamento, separação	abdicar, abjurar
abs-		abster, abstrair
a-		amovível, aversão
ad-	aproximação, direção	adjunto, adventício
a- (ar-, as-)		abeirar, arribar, assentir

[2] Quanto à vitalidade dos prefixos utilizados na língua contemporânea, leia-se Li Ching. Sobre a formação de palavras com prefixos no português atual. *Boletim de Filologia, 22*: 117-176 e 197-234, Lisboa, 1971-1973.
A exemplo de alguns linguistas, os autores observam a distinção entre PREFIXOS e PSEUDOPREFIXOS, como se verá adiante.

Prefixo	Sentido	Exemplificação
ante- **ante-**	anterioridade anterioridade	antebraço, antepor
circum- **(circun-)**	movimento em torno	circum-adjacente, circunvagar
cis-	posição aquém	cisalpino, cisplatino
com- (con-) **co- (cor-)**	contiguidade, companhia	compor, conter cooperar, corroborar
contra-	oposição, ação conjunta	contradizer, contrasselar
de-	movimento de cima para baixo	decair, decrescer
des-	separação, ação contrária	desviar, desfazer
dis- **di- (dir-)**	separação, movimento para diversos lados, negação	dissidente, distender dilacerar, dirimir
entre-	posição intermediária	entreabrir, entrelinha
ex- **es-** **e-**	movimento para fora, estado anterior	exportar, extrair escorrer, estender emigrar, evadir
extra-	posição exterior (fora de)	extraoficial, extraviar
in-[1] (im-) **i- (ir-)** **em- (en-)**	movimento para dentro	ingerir, impedir imigrar, irromper embarcar, enterrar
in-[2] (im-) **i- (ir-)**	negação, privação	inativo, impermeável ilegal, irrestrito
intra-	posição interior	intradorso, intravenoso
intro-	movimento para dentro	introversão, intrometer
justa-	posição ao lado	justapor, justalinear
ob- **o-**	posição em frente, oposição	objeto, obstáculo ocorrer, opor
per-	movimento através	percorrer, perfurar
pos-	posterioridade	pospor, postônico
pre-	anterioridade	prefácio, pretônico

Prefixos de origem grega

Eis os principais prefixos de origem grega com as formas que assumem em português:

Prefixo	Sentido	Exemplificação
an- (a-)	privação, negação	anarquia, ateu
aná-	ação ou movimento inverso, repetição	anagrama, anáfora
anfi-	de um e outro lado, em torno	anfíbio, anfiteatro
anti-	oposição, ação contrária	antiaéreo, antípoda
apó-	afastamento, separação	apogeu, apóstata
arqui- (arc-, arque-, arce-)	superioridade	arquiduque, arcanjo arquétipo, arcebispo
catá-	movimento de cima para baixo, oposição	catadupa, catacrese
diá- (di-)	movimento através de, afastamento	diagnóstico, diocese
dis-	dificuldade, mau estado	dispneia, disenteria
ec- (ex-)	movimento para fora	eclipse, êxodo
en- (em-, e-)	posição interior	encéfalo, emplastro, elipse
endo- (end-)	posição interior, movimento para dentro	endotérmico, endosmose
epi-	posição superior, movimento para, posterioridade	epiderme, epílogo
eu- (ev-)	bem, bom	eufonia, evangelho
hiper-	posição superior, excesso	hipérbole, hipertensão
hipó-	posição inferior, escassez	hipodérmico, hipotensão
metá- (met-)	posterioridade, mudança	metacarpo, metátese
pará- (par-)	proximidade, ao lado de	paralogismo, paramnésia
peri-	posição ou movimento em torno	perímetro, perífrase
pró-	posição em frente, anterior	prólogo, prognóstico
sin- (sim-, si-)	simultaneidade, companhia	sinfonia, simpatia, sílaba

Prefixo	Sentido	Exemplificação
pro-	movimento para a frente	progresso, prosseguir
re-	movimento para trás, repetição	refluir, refazer
retro-	movimento mais para trás	retroceder, retrospectivo
soto- **sota-**	posição inferior	soto-mestre, sotopor sota-vento, sota-voga
sub- **sus-** **su-** **sob-** **so-**	movimento de baixo para cima, inferioridade	subir, subalterno suspender, suster suceder, supor sobestar, sobpor soerguer, soterrar
super- **sobre-**	posição em cima, excesso	superpor, superpovoado sobrepor, sobrecarga
supra-	posição acima, excesso	supradito, suprassumo
trans- **tras-** **tres-**	movimento para além de, posição além de	transpor, transalpino trasladar, traspassar tresvariar, tresmalhar
ultra-	posição além do limite	ultrapassar, ultrassom
vice- **vis- (vizo-)**	substituição, em lugar de	vice-reitor, vice-cônsul visconde, vizo-rei

Observações:

1.ª) As alterações sofridas pelos prefixos são provocadas quase sempre pelo fenômeno chamado ASSIMILAÇÃO, que consiste em absorver um fonema as características de outro que lhe está contíguo. Como, em geral, a ASSIMILAÇÃO identifica os dois fonemas, é comum o desaparecimento de um deles: *in-legal* > *il-legal* > *ilegal.*

Advirta-se, em tempo, que a ASSIMILAÇÃO é um fato fonético, e não deve ser confundida com as acomodações que, na escrita, sofrem certos prefixos por exigência do nosso sistema ortográfico. Assim, *in-fiel*, mas *im-produtivo*; *i-migrar*, mas *ir-romper*; etc. São essas variantes puramente gráficas que colocamos entre parênteses.

2.ª) Cumpre não confundir os dois prefixos que aparecem sob a mesma forma *in-* (ou *i-*). Um indica "movimento para dentro" (*ingerir, imigrar*); o outro denota "privação, negação" (*inativo, ilegal*).

3.ª) As formas numerais *uni-* (*unipessoal*), *bis-* ou *bi-* (*bisneto, bimestral*) e semelhantes são, pela maioria dos gramáticos, tidas por prefixos. Como, pelo emprego, não se diferenciam substancialmente dos elementos numerais que ocorrem em compostos aritméticos e geométricos — a exemplo de *deci-*, *centi-* (latinos), *deca-*, *quilo-* (gregos) — julgamos mais acertado considerá-los verdadeiros RADICAIS, e o processo formativo de que participam um caso de COMPOSIÇÃO.

Observação:

Para um estudo do prefixo *anti-* em relação com os seus concorrentes no âmbito do francês, mas com possibilidade de aplicação ao português, consulte-se A. Rey. Un champ préfixal: les mots français en *anti*. *Cahiers de Lexicologie, 12*: 37-57, Paris, 1968.

DERIVAÇÃO SUFIXAL

Pela DERIVAÇÃO SUFIXAL[3] formaram-se, e ainda se formam, novos substantivos, adjetivos, verbos e, até, advérbios (os advérbios em *-mente*). Daí classificar-se o sufixo em:

a) NOMINAL, quando se aglutina a um radical para dar origem a um substantivo ou a um adjetivo: *pont-eira*, *pont-inha*, *pont-udo*;
b) VERBAL, quando, ligado a um radical, dá origem a um verbo: *bord-ejar*, *suav-izar*, *amanh-ecer*;
c) ADVERBIAL, que é o sufixo *-mente*, acrescentado à forma feminina de um adjetivo: *bondosa-mente*, *fraca-mente*, *perigosa-mente*.

Sufixos nominais

Entre os SUFIXOS NOMINAIS, mencionaremos em primeiro lugar os SUFIXOS AUMENTATIVOS e DIMINUTIVOS, cujo valor é mais afetivo do que lógico.

Sufixos aumentativos

Eis os principais SUFIXOS AUMENTATIVOS usados em português:

SUFIXO	EXEMPLIFICAÇÃO	SUFIXO	EXEMPLIFICAÇÃO
-ão	caldeirão, paredão	**-anzil**	corpanzil
-alhão	grandalhão, vagalhão	**-aréu**	fogaréu, povaréu
-(z)arrão	gatarrão, homenzarrão	**-arra**	bocarra, naviarra
-eirão	asneirão, toleirão	**-orra**	beiçorra, cabeçorra
-aça	barbaça, barcaça	**-astro**	medicastro, poetastro
-aço	animalaço, ricaço	**-az**	lobaz, roaz
-ázio	copázio, gatázio	**-alhaz**	facalhaz
-uça	dentuça, carduça	**-arraz**	pratarraz

[3] Sobre a origem e a vitalidade dos sufixos empregados em português, veja-se especialmente Joseph H. D. Allen Jr. Portuguese Word-Formation with Suffixes. Supplement to *Language*, vol. 17, n.º 2. Baltimore, 1941.

Observação:

Nem sempre o sufixo aumentativo se junta ao radical de um substantivo. Há derivações feitas sobre adjetivos (*ricaço*, de *rico*; *sabichão*, de *sábio*) e também sobre radicais verbais (*chorão*, de *chorar*; *mandão*, de *mandar*).

Valor e emprego dos sufixos aumentativos

1. **-ão.** É, por excelência, o formador dos aumentativos em português. Pode juntar-se a radicais de substantivos (*papel-ão*), de adjetivos (*solteir-ão*) e de verbos (*chor-ão*), quer diretamente, como nos exemplos citados, quer por intermédio de consoantes de ligação (*chape-l-ão*) ou de outros sufixos (*-alho, -arro, -eiro, -il*), donde os sufixos compostos *-alhão* (*grand-alhão*), *-arrão* (*gat-arrão*), *-eirão* (*voz-eirão*), *-ilão* (*com-ilão*).
   Advirta-se também que, nos aumentativos em *-ão*, o gênero normal é o masculino, mesmo quando a palavra derivante é feminina.
   Assim:

   a parede – o paredão uma mulher – um mulherão

   Só os adjetivos fazem diferença entre o masculino e o feminino, diferença que, naturalmente, conservam quando substantivados:

   solteirão – solteirona chorão – chorona

2. **-aça, -aço, -uça** e **-ázio.** Formam substantivos com força aumentativa e pejorativa. Prendem-se a radicais de outros substantivos e, mais raramente, a de adjetivos, sendo de notar que *-uça* apresenta acentuado valor coletivo. Saliente-se ainda que *-ázio* parece ser adaptação do espanhol *-azo.*[4]

3. **-anzil.** Este sufixo, que ocorre em *corpanzil*, deve ser composto de *-ão* + *-il*, com a consoante de ligação *-z-*. Quanto ao valor, é nitidamente pejorativo.

4. **-aréu.** De origem obscura, este sufixo nem sempre é aumentativo. Em *mastaréu* (= pequeno mastro suplementar), por exemplo, é antes diminutivo. Em *fogaréu, fumaréu, mundaréu* e *povaréu* sente-se que o valor aumentativo está associado ao coletivo.

---

[4] Sobre o assunto, veja-se o fundamental estudo de Y. Malkiel. The Two Sources of the Hispanic Suffix *-azo, -aço. Language, 35*: p. 193-258, 1959.

5. **-arra** e **-orra**. Formas femininas dos sufixos *-arro* e *-orro*, ligam-se a radicais de substantivos de qualquer gênero:

   bocarra naviarra beiçorra cabeçorra

   Nas formações de adjetivos, com base em radicais de verbos ou de outros adjetivos, há, segundo a regra geral, oposição de gênero:

   bebarro – bebarra beatorro – beatorra

   Em épocas mais antigas, estes sufixos não tinham o forte valor depreciativo de hoje. A forma *-orro*, por exemplo, aparece em *cachorro*, palavra que, na acepção primitiva de "filhote de cão e de algumas feras", deveria ter sido um diminutivo.

6. **-astro**. Neste sufixo, que aparece em poucas palavras portuguesas, o valor pejorativo é o mais saliente: *medicastro* "médico ruim, charlatão"; *poetastro* "mau poeta, versejador ordinário". O sufixo assume a forma *-asto, -asta*, em *padrasto* e *madrasta*.

7. **-az**. Como o sufixo *-ão*, pode juntar-se diretamente ao radical (*lob-az*), ou admitir a inserção de uma consoante eufônica (*ladra-v-az*), ou de outros sufixos (*-alho, -arro*), com os quais passa a formar os compostos: *-alhaz* (*fac-alhaz*), *-arraz* (*prat-arraz*).

Sufixos diminutivos

São estes os principais SUFIXOS DIMINUTIVOS empregados em português[5]:

SUFIXO	EXEMPLIFICAÇÃO	SUFIXO	EXEMPLIFICAÇÃO
-inho, -a	toquinho, vozinha	**-elho, -a**	folhelho, rapazelho
-zinho, -a	cãozinho, ruazinha	**-ejo**	animalejo, lugarejo
-ino, -a	pequenino, cravina	**-ilho, -a**	pecadilho, tropilha
-im	espadim, fortim		

[5] Sobre a formação dos diminutivos nas línguas românicas em geral, leiam-se: Reino Hakamies. *Étude sur l'origine et l'évolution du diminutif latin et sa survie dans les langues romanes*. Helsinki, Academiae Scientiarum Fennicae, 1951; Bengt Hasserlot. *Études sur la formation diminutive dans les langues romanes*. Upsala, Acta Universitatis Upsaliensis, 1957. Quanto ao seu valor e emprego na língua portuguesa, consultem-se especialmente: Silvia Skorge. Os sufixos diminutivos em português. *Boletim de Filologia*, *16*: 50-90 e 222-305, 1956-1957; *17*: 20-53, 1958; Max Leopold Wagner. Das Diminutiv in Portugiesischen.

Sufixo	Exemplificação	Sufixo	Exemplificação
-acho, -a	fogacho, riacho	**-ete**	artiguete, lembrete
-icho, a	governicho, barbicha	**-eto, -a**	esboceto, saleta
-ucho, -a	papelucho, casucha	**-ito, -a**	rapazito, casita
		-zito, -a	jardinzito, florzita
-ebre	casebre	**-ote, -a**	velhote, velhota
-eco, -a	livreco, soneca	**-isco, -a**	chuvisco, talisca
-ico, -a	burrico, marica(s)	**-usco, -a**	chamusco, velhusco
-ela	ruela, viela	**-ola**	fazendola, rapazola

Valor e emprego dos sufixos diminutivos

1. **-(z)inho, -ino, -im.** Os sufixos *-inho* e *-ino* provêm do latim *-inus*. A forma tipicamente portuguesa é *-inho*; *-ino*, variante erudita, só aparece com valor diminutivo em um restrito número de palavras; *-im* é importação do francês *-in*, ou do italiano *-ino*, através da forma francesa. Compare-se: *tamborim*, do francês *tambourin*; *festim*, do francês *festin*, por sua vez derivado do italiano *festino*.
   O sufixo *-inho* (*-zinho*) é de enorme vitalidade na língua[6], desde tempos antigos. Junta-se não só a substantivos e adjetivos, mas também a advérbios e outras palavras invariáveis:

   agorinha devagarinho sozinho adeusinho!

Orbis, *1*: 460-476, 1952; Delmira Maçãs. O sufixo *-inho* junto a adjetivos na linguagem familiar portuguesa. *Boletín de Filología de la Universidad de Chile*, *8*: 219-232, 1954-1955; Th. Henrique Maurer Jr. Um sufixo de comportamento original: o diminutivo em *-zinho*. In *Estudos em homenagem a Cândido Jucá (filho)*. Rio de Janeiro, Simões, s./d., p. 233-246. De importante leitura, à vista da relação com o português, são os seguintes estudos sobre os diminutivos espanhóis: Amado Alonso. Noción, emoción, acción y fantasía en los diminutivos. In *Estudios linguísticos: temas españoles*. Madrid, Gredos, 1951, p. 195-229; Fernando González Ollé. *Los sufijos diminutivos en castellano medieval*. Madrid, C.S.I.C., 1962; Emilio Náñez Fernández. *El diminutivo: historia y funciones en el español clásico y moderno*. Madrid, Gredos, 1973. (As duas últimas obras trazem extensa bibliografia.)

[6] J. G. Herculano de Carvalho propõe a designação de SUFIXOIDE para o sufixo *-(z)inho* pelas razões que o levaram a adotar a de PREFIXOIDE para certos elementos formativos que não se comportam como prefixos (vj. adiante nossas considerações sobre os PSEUDO-PREFIXOS). Lembra o ilustre linguista o caráter sintagmático deste sufixo, evidenciado morfologicamente pelas variações de gênero e número, que se manifestam duplamente nos derivados: *corpozinho – corpozinhos*, *cãozinho – cãezinhos*, *bonzinho – boazinha* (cf. *Teoria da linguagem*, t. II, Coimbra, Atlântida, 1974, p. 551-552).

Excetuando-se o caso das palavras terminadas em *-s* e *-z*, que naturalmente exigem a forma *-inho* (*pires-inho*, *rapaz-inho*), não é fácil indicar as razões que comandam a escolha entre *-inho* e *-zinho*. Sente-se que muitas vezes a seleção está ligada ao ritmo da frase. Por outro lado, verifica-se uma preferência na linguagem culta pelas formações com *-zinho*, no evidente intuito de manter íntegra a pronúncia da palavra derivante; a linguagem popular, no entanto, simplificadora por excelência, tende para as formações com *-inho*. Camparem-se, por exemplo, as formas alternantes *baldezinho – baldinho*, *xicarazinha – xicrinha*, etc.

Do ponto de vista morfológico, acentue-se que, ao contrário dos aumentativos em *-ão*, os diminutivos em *-inho* (e também em *-ito*) não sofrem mudança de gênero. O diminutivo conserva o gênero da palavra derivante:

casa – casinha – casita cão – cãozinho – canito

Em formações com outros sufixos, não é, porém, estranha tal mudança:

ilha – ilhote – ilhéu chuva – chuvisco

Convém notar ainda que nas formações em que o sufixo *-inho* se junta a particípios, caso estes sejam irregulares, tornam-se regulares.
Exemplo:

Esse dinheiro foi bem *ganhadinho* e bem *gastadinho* por mim.

2. **-acho, -icho, ucho**. Originam-se da acumulação dos sufixos latinos *-ascu* (*-iscu* e *-uscu*) + *-ulus*, e têm geralmente valor pejorativo. As variantes *-echo* e *-ocho* são de emprego raro. Ocorrem em formas dialetais portuguesas, como *ventrecha* "posta de peixe imediata à cabeça", *bagocho* "novelo pequeno" e *realocho* "moeda antiga". A última provavelmente entra no brasileirismo *cabrocha* "moça mestiça escura".

3. **-ebre**. O sufixo *-ebre*, de origem desconhecida, aparece apenas em *casebre*, onde tem caráter pejorativo.

4. **-eco, -ico**. Também não está suficientemente esclarecida a origem dos sufixos *-eco* e *-ico*. O primeiro tem acentuado valor pejorativo: *folheca*, *jornaleco*, *livreco*, etc. Não possui, no entanto, a mesma conotação em *guatemalteco*, provavelmente empréstimo do espanhol. O segundo aparece como diminutivo afetivo não só de substantivos comuns (*abanico*, *amorico*, *burrico*), mas também de nomes próprios: *Anica*, *Joanico*, etc.

5. **-ela**. Continua o latim *-ella*, que tinha força diminutiva e largo emprego na língua vulgar (assim: *dominicella* "senhorita" > port. *donzela*). No português moderno é pouco produtivo; só nas formas nominais em *-dela* apresenta vitalidade: *entaladela*, *mordidela*, etc.

6. **-elho, -ilho**. Os sufixos *-elho* e *-ilho* representam, em português, a evolução normal dos sufixos diminutivos latinos *-ĭculus* e *-īculus*, respectivamente. A forma *-ejo* é o desenvolvimento de *-ĭculus* para o espanhol. Importada dessa língua, tornou-se, em certos casos, autônoma em português. Assim: *lugarejo*, *quintalejo*, etc.

7. **-ete, -eto, -(z)ito, -ote**. É um tanto obscura a origem destes sufixos. Deles o mais usado, principalmente em Portugal e no Sul do Brasil, é *-ito*, com a variante *-zito*. O sufixo *-eto*, como diminutivo, não apresenta vitalidade em português; as palavras que o possuem são, em geral, empréstimos do italiano: *poemeto*, *verseto*, etc. Já as formas *-ete* e *-ote*, provavelmente originárias do francês, aparecem hoje em derivações genuinamente portuguesas: *artiguete*, *lembrete*, *malandrete*, *meninote*, *serrote*, *velhote*, etc. As formas *-ato* e *-oto* são de emprego raro e, hoje, praticamente improdutivas. Ocorrem nuns poucos substantivos que, de regra, designam crias de animais. Assim: *chibato*, *lobato*, *lebroto* e *perdigoto* são nomes que se dão, respectivamente, ao filhote da *chiba* (= *cabra nova*), do *lobo*, da *lebre* e da *perdiz* (masculino = *perdigão*). *Perdigoto* emprega-se também na acepção de "salpico de saliva que se lança ao falar".

8. **-isco, -usco**. O sufixo *-isco* é forma erudita do latim *-iscus*, provavelmente originado da fusão do grego *-iskós* com o germânico *-isk*. O descendente popular é *-esco*, que forma adjetivos denotadores de "referência ou semelhança" (*burlesco, principesco*), sentido que também possui *-isco* em palavras como *levantisco, mourisco*. Por analogia com *-isco*, a língua criou *-usco*: *chamusco*.

9. **-ola**. Este sufixo não deve ser em português o representante direto do latim *-ola*. Chegou-nos provavelmente por intermédio do italiano *-ola*, ou do francês *-ole*. Comparem-se, por exemplo, as palavras portuguesas *bandeirola* e *camisola* às italianas *banderuola* e *camiciuola*, ou às francesas *banderole* e *camisole*. Hoje, porém, generalizou-se o emprego de *-ola* no idioma, principalmente na formação de substantivos sobrecomuns de caráter irônico-pejorativo: *gabarola, mariola*, etc.

Diminutivos eruditos

Na língua literária e culta, especialmente na terminologia científica, aparecem formações modeladas no latim em que entram os sufixos *-ulo* (*-ula*) e *-culo* (*-cula*), com as variantes *-áculo* (*-ácula*), *-ículo* (*-ícula*), *-úsculo* (*-úscula*) e *-únculo* (*-úncula*):

corpo	–	corpúsculo	nota	–	nótula
febre	–	febrícula	obra	–	opúsculo
globo	–	glóbulo	parte	–	partícula
gota	–	gotícula	pele	–	película
grão	–	grânulo	questão	–	questiúncula
homem	–	homúnculo	raiz	–	radícula
modo	–	módulo	rei	–	régulo
monte	–	montículo	verme	–	vermículo
nó	–	nódulo	verso	–	versículo

Observações:

1.ª) Como vemos, nestas formações latinas, ou feitas em idênticos moldes, o sufixo *-culo*(*-a*) e sua variante *-únculo*(*-a*) podem juntar-se ao radical diretamente (*mús-culo, hom-únculo*), ou por intermédio da vogal de ligação *-i-* (*vers-í-culo, quest-i-úncula*).

2.ª) A forma primitiva deste sufixo latino, derivado do indo-europeu **-lo *-olo*, era *-ulo*, que encontramos empregado com substantivos (*ancillula*) e adjetivos (*acutulus*). O acréscimo do *-c* ao sufixo é geralmente explicado como "um reforço da expressividade, fenômeno comum nos diminutivos". Ernout, porém, acha que foi a existência de muitas palavras de radical em *-c* que provocou uma falsa análise do sufixo diminutivo, dando origem a *-culus* (Veja-se Fernando González Ollé. *Obra cit.*, p. 177-179).

Outros sufixos nominais

1. Que formam substantivos de outros substantivos:

Sufixo	Sentido	Exemplificação
-ada	a) multidão, coleção	boiada, papelada
	b) porção contida num objeto	bocada, colherada
	c) marca feita com um instrumento	penada, pincelada
	d) ferimento ou golpe	dentada, facada
	e) produto alimentar, bebida	bananada, laranjada
	f) duração prolongada	invernada, temporada
	g) ato ou movimento enérgico	cartada, saraivada

Sufixo	Sentido	Exemplificação
-ado	a) território subordinado a titular b) instituição, titulatura	bispado, condado almirantado, doutorado
-ato	a) instituição, titulatura b) na nomenclatura química = sal	baronato, cardinalato carbonato, sulfato
-agem	a) noção coletiva b) ato ou estado	folhagem, plumagem aprendizagem, ladroagem
-al	a) ideia de relação, pertinência b) cultura de vegetais c) noção coletiva ou de quantidade	dedal, portal arrozal, cafezal areal, pombal
-alha	coletivo-pejorativo	canalha, gentalha
-ama	noção coletiva e de quantidade	dinheirama, mourama
-ame	noção coletiva e de quantidade	vasilhame, velame
-aria	a) atividade, ramo de negócio b) noção coletiva c) ação própria de certos indivíduos	carpintaria, livraria gritaria, pedraria patifaria, pirataria
-ário	a) ocupação, ofício, profissão b) lugar onde se guarda algo	operário, secretário herbário, vestiário
-edo	a) lugar onde crescem vegetais b) noção coletiva	olivedo, vinhedo lajedo, passaredo
-eiro(a)	a) ocupação, ofício, profissão b) lugar onde se guarda algo c) árvore e arbusto d) ideia de intensidade, aumento e) objeto de uso f) noção coletiva	barbeiro, copeira galinheiro, tinteiro laranjeira, craveiro nevoeiro, poeira cinzeiro, pulseira berreiro, formigueiro
-ia	a) profissão, titulatura b) lugar onde se exerce uma atividade c) noção coletiva	advocacia, baronia delegacia, reitoria cavalaria, clerezia
-io	noção coletiva, reunião	gentio, mulherio
-ite	inflamação	bronquite, gastrite
-ugem	semelhança (pejorativo)	ferrugem, penugem
-ume	noção coletiva e de quantidade	cardume, negrume

Observação:

Na terminologia científica empregam-se sufixos com valor particular. Na química, por exemplo, usam-se:

a) **-ato**, **-eto**, **-ito** – na formação dos nomes de sais: *clorato, cloreto, clorito*;
b) **-ina** – na dos alcaloides e álcalis artificiais: *cafeína, anilina*;
c) **-io** – na dos corpos simples: *potássio, sódio*;
d) **-ol** – na dos derivados de hidrocarbonetos: *fenol, naftol.*

A nomenclatura da mineralogia e da geologia adota os sufixos:

a) **-ita** – para os nomes das espécies minerais: *pirita*;
b) **-ito** – para os das rochas: *granito*;
c) **-ite** – para os dos fósseis: *amonite.*

A linguística moderna faz largo uso do sufixo *-ema* com o sentido de "menor unidade distintiva" ou "significativa": *fonema*, "menor segmento distintivo numa enunciação"; *morfema*, "menor unidade gramatical de forma".

2. Que formam substantivos de adjetivos:
Os substantivos derivados, geralmente nomes abstratos, indicam qualidade, propriedade, estado ou modo de ser:

Sufixo	Exemplificação	Sufixo	Exemplificação
-dade	crueldade, dignidade	**-ice**	tolice, velhice
-(i)dão	gratidão, mansidão	**-ície**	calvície, imundície
-ez	altivez, honradez	**-or**	alvor, amargor
-eza	beleza, riqueza	**-(i)tude**	altitude, magnitude
-ia	alegria, valentia	**-ura**	alvura, doçura

Observações:

1.ª) Antes de receberem o sufixo *-dade*, os adjetivos terminados em *-az, -iz, -oz* e *-vel* retomam a forma latina em *-ac(i)*, *-ic(i)*, *-oc(i)* e *-bil(i)*:

sagaz > sagacidade
feliz > felicidade
atroz > atrocidade
amável > amabilidade

2.ª) O sufixo *-ície* só aparece em palavras modeladas sobre o latim: *calvície* (latim *calvities*), *planície* (latim *planities*), etc. Também *justiça* não apresenta propriamente o sufixo *-iça*, porque a palavra é continuação do latim *justitia*. Da mesma forma *cobiça* (do baixo-latim *cupiditia*), *preguiça* (do latim *pigritia*), etc.

3. Que formam substantivos de substantivos e de adjetivos:

Sufixo	Sentido		Exemplificação
-ismo	a) doutrinas ou sistemas	artísticos	realismo, simbolismo
		filosóficos	kantismo, positivismo
		políticos	federalismo, fascismo
		religiosos	budismo, calvinismo
	b) modo de proceder ou pensar		heroísmo, servilismo
	c) forma peculiar da língua		galicismo, neologismo
	d) na terminologia científica		daltonismo, reumatismo

4. Que formam substantivos e adjetivos de outros substantivos e adjetivos:

Sufixo	Sentido		Exemplificação
-ista	a) partidários ou sectários de doutrinas ou sistemas (em -**ismo**)	artísticos	realista, simbolista
		filosóficos	kantista, positivista
		políticos	federalista, fascista
		religiosos	budista, calvinista
	b) ocupação, ofício		dentista, pianista
	c) nomes pátrios e gentílicos		nortista, paulista

Observação:

Nem todos os designativos de sectários ou partidários de doutrinas ou sistemas em *-ismo* se formam com o sufixo *-ista*. Por exemplo: a *protestantismo* corresponde *protestante*; a *maometismo*, *maometano*; a *islamismo*, *islamita*.

5. Que formam substantivos de verbos:

Sufixo	Sentido	Exemplificação
-ança	ação ou o resultado dela, estado	lembrança, vingança
-ância		observância, tolerância
-ença		descrença, diferença
-ência		anuência, concorrência
-ante	agente	estudante, navegante
-ente		afluente, combatente
-inte		ouvinte, pedinte

Sufixo	Sentido	Exemplificação
-(d)or **-(t)or** **-(s)or**	agente, instrumento da ação	jogador, regador inspetor, interruptor agressor, ascensor
-ção **-são**	ação ou o resultado dela	nomeação, traição agressão, extensão
-douro **-tório**	lugar ou instrumento da ação	bebedouro, suadouro lavatório, vomitório
-(d)ura **-(t)ura** **-(s)ura**	resultado ou instrumento da ação, noção coletiva	pintura, atadura formatura, magistratura clausura, tonsura
-mento	a) ação ou resultado dela b) instrumento da ação c) noção coletiva	acolhimento, ferimento ornamento, instrumento armamento, fardamento

Observações:

1.ª) Os sufixos *-ância* e *-ência* são semieruditos. Aparecem em palavras de criação recente e modeladas sobre o latim.

2.ª) Os sufixos *-ante*, *-ente* e *-inte* procedem das terminações do particípio presente latino, com aglutinação da vogal temática da conjugação correspondente.

3.ª) Em *-dor*, *-tor* e *-sor*, bem como em *-dura*, *-tura* e *-sura*, os sufixos são propriamente *-or* e *-ura*. As consoantes *d*, *t* e *s* pertencem ao tema do particípio latino. Apenas as formas *-dor* e *-dura* são evolutivas; as demais são eruditas: só ocorrem em palavras latinas ou formadas sobre o seu modelo.

4.ª) Os sufixos *-ção* e *-são* depreendem-se de substantivos deverbais, quase todos formados no próprio latim.

6. Que formam adjetivos de substantivos:

Sufixo	Sentido	Exemplificação
-aco	estado íntimo, pertinência, origem	maníaco, austríaco
-ado	a) provido ou cheio de b) que tem o caráter de	barbado, denteado adamado, amarelado
-aico	referência, pertinência	judaico, prosaico
-al **-ar**	relação, pertinência	campal, conjugal escolar, familiar

Sufixo	Sentido	Exemplificação
-ano	a) proveniência, origem, pertença b) sectário ou partidário de c) semelhante ou comparável a	romano, serrano luterano, parnasiano bilaquiano, camoniano
-ão	proveniência, origem	alemão, beirão
-ário **-eiro**	relação, posse, origem	diário, fracionário caseiro, mineiro
-engo **-enho** **-eno**	relação, pertinência, posse semelhança, procedência, origem referência, origem	mulherengo, solarengo ferrenho, estremenho terreno, chileno
-ense **-ês**	relação, procedência, origem	forense, parisiense cortês, norueguês
-(l)ento	a) provido ou cheio de b) que tem o caráter de	ciumento, corpulento barrento, vidrento
-eo	relação, semelhança, matéria	róseo, férreo
-esco **-isco**	referência, semelhança	burlesco, dantesco levantisco, mourisco
-este **-estre** **-eu** **-ício** **-ico** **-il** **-ino** **-ita** **-onho** **-oso** **-tico** **-udo**	relação relação relação, procedência, origem referência participação, referência referência, semelhança relação, origem, natureza pertinência, origem propriedade, hábito constante provido ou cheio de relação provido ou cheio de	agreste, celeste campestre, terrestre europeu, hebreu alimentício, natalício geométrico, melancólico febril, senhoril londrino, cristalino ismaelita, israelita enfadonho, risonho brioso, venenoso aromático, rústico pontudo, barbudo

Observações:

1.ª) Alguns desses sufixos servem também para formar adjetivos de outros adjetivos. Por exemplo: *-al* junta-se a *angélico*, formando *angelical*; *-ento* liga-se a *cinza*, originando *cinzento*; *-onho* acrescenta-se a *triste*, produzindo *tristonho*.

2.ª) São peculiares aos adjetivos os sufixos eruditos *-imo* e *-íssimo*, que se ligam a radicais latinos: *humíl-imo*, *fidel-íssimo*. Do seu valor e emprego tratamos no capítulo 10, em GRAUS DO ADJETIVO.

7. Que formam adjetivos de verbos:

Sufixo	Sentido	Exemplificação
-ante **-ente** **-inte**	ação, qualidade, estado	semelhante, tolerante doente, resistente constituinte, seguinte
-(á)vel **-(í)vel**	possibilidade de praticar ou sofrer uma ação	durável, louvável perecível, punível
-io **-(t)ivo**	ação, referência, modo de ser	fugidio, tardio afirmativo, pensativo
-(d)iço **-(t)ício**	possibilidade de praticar ou sofrer uma ação, referência	movediço, quebradiço acomodatício, factício
-(d)ouro **-(t)ório**	ação, pertinência	duradouro, casadouro preparatório, emigratório

Observação:

Os sufixos *-ante*, *-ente* e *-inte* provêm, como dissemos, das terminações do particípio presente latino com aglutinação da vogal temática de cada uma das conjugações. Servem para formar substantivos e, com mais frequência, adjetivos, que se substantivam facilmente.

Sufixos verbais

Os verbos novos da língua formam-se em geral pelo acréscimo da terminação *-ar* a substantivos e adjetivos.

Assim:

esqui-ar	radiograf-ar	(a)doç-ar	(a)frances-ar
nivel-ar	telefon-ar	(a)fin-ar	(a)portugues-ar

A terminação *-ar*, já o sabemos, é constituída da vogal temática *-a-*, característica dos verbos da 1.ª conjugação, e do sufixo *-r*, do infinitivo impessoal.

Por vezes, a vogal temática *-a-* liga-se não ao radical propriamente dito, mas a uma forma dele derivada, ou, melhor dizendo, ao radical com a adição de um sufixo. É o caso, por exemplo, dos verbos:

afug-ent-ar	lamb-isc-ar	ded-ilh-ar	salt-it-ar
bord-ej-ar	cusp-inh-ar	depen-ic-ar	amen-iz-ar,

em que encontramos alguns sufixos anteriormente estudados: *-ent(o)*, *-ej(o)*, *-isc(o)*, *-inh(o)*, *-ic(o)*, e *-it(o)*.

São tais sufixos que transmitem a esses verbos matizes significativos especiais: FREQUENTATIVO (ação repetida), FACTITIVO (atribuição de uma qualidade ou modo de ser), DIMINUTIVO e PEJORATIVO. Mas, como neles a combinação de SUFIXO + VOGAL TEMÁTICA (*-a-*) + SUFIXO DO INFINITIVO (*-r*) vale por um todo, costuma-se considerar não o sufixo em si, mas o conjunto daqueles elementos mórficos, o verdadeiro SUFIXO VERBAL. Esta conceituação, por simplificadora, apresenta evidentes vantagens didáticas, razão por que a adotamos aqui.

Eis os principais SUFIXOS VERBAIS, com a indicação dos matizes significativos que denotam:

Sufixo	Sentido	Exemplificação
-ear	frequentativo, durativo	cabecear, folhear
-ejar	frequentativo, durativo	gotejar, velejar
-entar	factitivo	aformosentar, amolentar
-(i)ficar	factitivo	clarificar, dignificar
-icar	frequentativo-diminutivo	bebericar, depenicar
-ilhar	frequentativo-diminutivo	dedilhar, fervilhar
-inhar	frequentativo-diminutivo-pejorativo	escrevinhar, cuspinhar
-iscar	frequentativo-diminutivo	chuviscar, lambiscar
-itar	frequentativo-diminutivo	dormitar, saltitar
-izar	factitivo	civilizar, utilizar

Das outras conjugações apenas a 2.ª possui um sufixo capaz de formar verbos novos em português. É o sufixo *-ecer* (ou *-escer*), característico dos verbos chamados INCOATIVOS, ou seja, dos verbos que indicam o começo de um estado e, às vezes, o seu desenvolvimento:

alvor-ecer	amadur-ecer	envelh-ecer	flor-escer
anoit-ecer	embranqu-ecer	escur-ecer	rejuven-escer

Em verdade, também *-ecer* não é sufixo. Decompõe-se esta terminação em: SUFIXO (*-e[s]c-*) + VOGAL TEMÁTICA (*-e-*) + SUFIXO (*-r*).

Sufixo adverbial

O único SUFIXO ADVERBIAL que existe em português é *-mente*, oriundo do substantivo latino *mens, mentis* "a mente, o espírito, o intento". Com o sentido

de "intenção" e, depois, com o de "maneira", passou a aglutinar-se a adjetivos para indicar circunstâncias, especialmente a de modo.

Assim:

boamente = com boa intenção, de maneira boa.

Como o substantivo latino *mens* era feminino (compare-se o português *a mente*), junta-se o sufixo à forma feminina do adjetivo:

bondosa-mente	nervosa-mente
fraca-mente	pia-mente

Desta norma excetuam-se os advérbios que se derivam de adjetivos terminados em *-ês*: *burgues-mente, portugues-mente*, etc. Mas o fato tem explicação histórica: tais adjetivos eram outrora uniformes, uniformidade que alguns deles, como *pedrês* e *montês*, ainda hoje conservam. Assim: *um galo pedrês, uma galinha pedrês*; *um cabrito montês, uma cabra montês*. A formação adverbial continua a seguir o antigo modelo.

DERIVAÇÃO PARASSINTÉTICA

Numa análise morfológica do adjetivo *desalmado* e do verbo *repatriar*, verificamos imediatamente que:

a) o primeiro é constituído do PREFIXO *des-* + o RADICAL *alm(a)* + o SUFIXO *-ado*.
b) o segundo é formado do PREFIXO *re-* + o RADICAL *pátri(a)* + o SUFIXO *-ar*.

Um exame mais cuidadoso mostra-nos, porém, que, nos dois casos, o prefixo e o sufixo se aglutinaram a um só tempo aos radicais *alm(a)* e *pátri(a)*, pois que não existem – e não existiram nunca – os substantivos *desalma* e *repátria*, nem tampouco o adjetivo *almado* e o verbo *patriar*.

Os vocábulos formados pela agregação simultânea de prefixo e sufixo a determinado radical chamam-se PARASSINTÉTICOS, palavra derivada do grego *pará-* (= justaposição, posição ao lado de) e *synthetikós* (= que compõe, que junta, que combina).

A PARASSÍNTESE é particularmente produtiva nos verbos, e a principal função dos prefixos vernáculos *a-* e *em-* (*en-*) é a de participar desse tipo especial de derivação:

abotoar	amanhecer
embainhar	ensurdecer

DERIVAÇÃO REGRESSIVA

Nos tipos de derivação até aqui estudados a palavra nova resulta sempre do acréscimo de AFIXOS (PREFIXOS ou SUFIXOS) a determinado RADICAL. Neles há, pois, uma constante: a palavra derivada amplia a primitiva.

Existe, porém, um processo de criação vocabular exatamente contrário. É a chamada DERIVAÇÃO REGRESSIVA, que consiste na redução da palavra derivante por uma falsa análise da sua estrutura.

Um exemplo: proveniente da linguagem dos ciganos espanhóis, entrou na gíria portuguesa o termo *gajão* com o significado de "indivíduo finório, velhaco". Por causa deste sentido pejorativo e da presença da final *-ão*, passou ele, com o tempo, a ser considerado simples aumentativo de um suposto substantivo *gajo*, que é hoje a forma corrente.

A DERIVAÇÃO REGRESSIVA tem importância maior na criação dos SUBSTANTIVOS DEVERBAIS ou PÓS-VERBAIS, formados pela junção de uma das vogais *-o*, *-a* ou *-e* ao radical do verbo.

Exemplos:

VERBO	DEVERBAL	VERBO	DEVERBAL	VERBO	DEVERBAL
abalar	abalo	amostrar	amostra	alcançar	alcance
adejar	adejo	aparar	apara	atacar	ataque
afagar	afago	buscar	busca	cortar	corte
amparar	amparo	caçar	caça	debater	debate
apelar	apelo	censurar	censura	enlaçar	enlace
arrimar	arrimo	ajudar	ajuda	levantar	levante
chorar	choro	comprar	compra	rebater	rebate
errar	erro	perder	perda	resgatar	resgate
recuar	recuo	pescar	pesca	tocar	toque
sustentar	sustento	vender	venda	sacar	saque

Alguns deverbais possuem forma masculina e feminina:

VERBO	DEVERBAL		VERBO	DEVERBAL	
ameaçar	ameaço	ameaça	gritar	grito	grita
custar	custo	custa	trocar	troco	troca

Observação:

Nem sempre é fácil saber se o substantivo se deriva do verbo ou se este se origina do substantivo. Há um critério prático para a distinção, sugerido pelo filólogo Mário Barreto: "Se o substantivo denota ação, será palavra derivada, e o verbo palavra primitiva; mas, se o nome denota algum objeto ou substância, verificar-se-á o contrário". (*De Gramática e de linguagem*, II, Rio de Janeiro, 1922, p. 247.) Assim: *dança, ataque* e *amparo*, denotadores, respectivamente, das ações de *dançar, atacar* e *amparar*, são formas derivadas; *âncora, azeite* e *escudo*, ao contrário, são as formas primitivas, que dão origem aos verbos *ancorar, azeitar* e *escudar*.

Há, no entanto, quem não considere relevante a origem da base, mas a relação geral VERBO / NOME, que obedeceria, em princípio, a um padrão derivacional, segundo o qual, "dada a existência de um verbo no léxico do Português, é previsível uma relação lexical entre este verbo e um nome X' ". Este padrão pode ser assim formalizado:

$$[X]_V \text{———} [X]_V \text{———} [X']_N$$

Acrescente-se ainda que esse padrão derivacional "pode abarcar o fato de que os verbos muitas vezes se relacionam a nomes morfologicamente básicos, e não apenas a nomes deverbais" (cf. Margarida Basílio. Padrões derivacionais gerais — o fenômeno da nominalização em português. *Revista Brasileira de Linguística*, 5(1):80-81, 1978).

DERIVAÇÃO IMPRÓPRIA

As palavras podem mudar de classe gramatical sem sofrer modificação na forma. Basta, por exemplo, antepor-se o artigo a qualquer vocábulo da língua para que ele se torne um substantivo.

Assim:

Ele examinou **os prós** e **os contras** da proposta.
Esperava **um sim** e recebeu **um não**.

A este processo de enriquecimento vocabular pela mudança de classe das palavras dá-se o nome de DERIVAÇÃO IMPRÓPRIA, e por ele se explica a passagem:

a) de substantivos próprios a comuns: *damasco, macadame* (de MacAdam), *quixote*;
b) de substantivos comuns a próprios: *Coelho, Leão, Pereira*;
c) de adjetivos a substantivos: *capital, circular, veneziana*;
d) de substantivos a adjetivos: *burro*, (café)-*concerto*, (colégio)-*modelo*;
e) de substantivos, adjetivos e verbos a interjeições: *silêncio! bravo! viva!*
f) de verbos a substantivos: *afazer, jantar, prazer*;
g) de verbos e advérbios a conjunções: *quer... quer, já... já*;

h) de particípios (presentes e passados) a preposições: *mediante, salvo*;
i) de particípios (passados) a substantivos e adjetivos: *conteúdo, resoluto.*

Observação:

A rigor, a DERIVAÇÃO IMPRÓPRIA (também denominada CONVERSÃO, HABILITAÇÃO ou HIPÓSTASE por linguistas modernos) não deve ser incluída entre os processos de formação de palavras que estamos examinando, pois pertence à área da semântica, e não à da morfologia.

FORMAÇÃO DE PALAVRAS POR COMPOSIÇÃO

A COMPOSIÇÃO, já o sabemos, consiste em formar uma nova palavra pela união de dois ou mais radicais. A palavra composta representa sempre uma ideia única e autônoma, muitas vezes dissociada das noções expressas pelos seus componentes. Assim, *criado-mudo* é o nome de um móvel; *mil-folhas*, o de um doce; *vitória-régia*, o de uma planta.

Tipos de composição

1. Quanto à FORMA, os elementos de uma palavra composta podem estar:

a) simplesmente justapostos, conservando cada qual a sua integridade:

beija-flor	bem-me-quer	madrepérola
segunda-feira	pé-de-meia	tira-teima

b) intimamente unidos, por se ter perdido a ideia da composição, caso em que se subordinam a um único acento tônico e sofrem perda de sua integridade silábica:

aguardente (água + ardente)	pernalta (perna + alta)
embora (em + boa + hora)	viandante (via + andante)

Daí distinguir-se a COMPOSIÇÃO POR JUSTAPOSIÇÃO da COMPOSIÇÃO POR AGLUTINAÇÃO, diferença que a escrita procura refletir, pois que na JUSTAPOSIÇÃO os elementos componentes vêm em geral ligados por hífen, ao passo que na AGLUTINAÇÃO eles se juntam num só vocábulo gráfico.

Observação:

Reitere-se que o emprego do hífen é uma simples convenção ortográfica. Nem sempre os elementos justapostos vêm ligados por ele. Há os que se escrevem unidos:

passatempo, varapau, etc.; como há outros que conservam a sua autonomia gráfica: *pai de família, fim de semana, Idade Média*, etc.

2. Quanto ao SENTIDO, distingue-se numa palavra composta o elemento DETERMINADO, que contém a ideia geral, do DETERMINANTE, que encerra a noção particular. Assim, em *escola-modelo*, o termo *escola* é o DETERMINADO, e *modelo* o DETERMINANTE. Em *mãe-pátria*, ao inverso, *mãe* é o DETERMINANTE, e *pátria* o DETERMINADO.
   Nos compostos tipicamente portugueses, o DETERMINADO de regra precede o DETERMINANTE, mas naqueles que entraram por via erudita, ou se formaram pelo modelo da composição latina, observa-se exatamente o contrário – o primeiro elemento é o que exprime a noção específica, e o segundo a geral. Assim:

   agricultura = cultivo do campo,
   suaviloquência = linguagem suave,
   mundividência = visão do mundo,
   etc.

Observação:

Como o DETERMINANTE encerra a noção mais característica, muitas vezes por si só designa o objeto. Assim: *capital* (por *cidade capital*), *vapor* (por *barco a vapor*).

3. Quanto à CLASSE GRAMATICAL dos seus elementos, uma palavra composta pode ser constituída de:
   1.º) SUBSTANTIVO + SUBSTANTIVO:

   manga-rosa porco-espinho tamanduá-bandeira

   2.º) SUBSTANTIVO + PREPOSIÇÃO + SUBSTANTIVO:

   pé-de-meia arco-da-velha cor-de-rosa

   3.º) SUBSTANTIVO + ADJETIVO:
   a) com o adjetivo posposto ao substantivo:

   aguardente amor-perfeito criado-mudo

   b) com o adjetivo anteposto ao substantivo:

   alto-forno belas-artes gentil-homem

4.º) ADJETIVO + ADJETIVO:

azul-marinho luso-brasileiro tragicômico

5.º) NUMERAL + SUBSTANTIVO:

mil-folhas segunda-feira trigêmeo

6.º) PRONOME + SUBSTANTIVO:

meu-bem nossa-amizade Nosso Senhor

7.º) VERBO + SUBSTANTIVO:

beija-flor guarda-roupa cata-vento

8.º) VERBO + VERBO:

corre-corre perde-ganha vaivém

9.º) ADVÉRBIO + ADJETIVO:

bem-bom mal-educado sempre-viva

10.º) ADVÉRBIO (ou ADJETIVO EM FUNÇÃO ADVERBIAL) + VERBO:

bem-aventurar maldizer vangloriar-se

Observações:

1.º) No último grupo poderíamos incluir os numerosos compostos de *bem* e *mal* + SUBSTANTIVO ou ADJETIVO, porque, neles, tanto o substantivo como o adjetivo são quase sempre derivados de verbos, cuja significação ainda conservam. Assim: *bem-aventurança, bem-aventurado, benquerença, bem-vindo, maldizente, mal-encarado, malfeitor, malsoante*, etc.

2.º) Nem todos os compostos da língua se distribuem pelos tipos que enumeramos. Há, ainda, uma infinidade de combinações, por vezes curiosas, como as seguintes: *bem-te-vi, bem-te-vi-do-bico-chato, louva-a-deus, malmequer, não-me-deixes, não-me-toques, não-te-esqueças-de-mim* (miosótis), etc.

3.º) Empregamos muitas palavras compostas que não são, propriamente, formações portuguesas. Assim, *couve-flor* é tradução do francês *chou-fleur*; *café-concerto*

é também de origem francesa; *bancarrota* provém do italiano *bancarotta*; *vinagre* chegou-nos, provavelmente, por intermédio do espanhol *vinagre*, originário, por sua vez, de uma forma catalã idêntica.

4.º) Algumas palavras de importação que aparentam forma simples são compostas nas línguas de origem. É o caso, por exemplo, de *oxalá*, derivado do árabe *wa sa llâh* (= e queira Deus); e de *aleluia*, proveniente do hebraico *hallelu Yah* (= louvai ao Senhor).

COMPOSTOS ERUDITOS

A nomenclatura científica, técnica e literária é fundamentalmente constituída de palavras formadas pelo modelo da composição greco-latina, que consistia em associar dois termos, o primeiro dos quais servia de determinante do segundo.

Examinaremos, a seguir, os principais radicais latinos e gregos que participam dessas formações, distribuindo-os por dois grupos, de acordo com a posição que ocupam no composto.

Radicais latinos

1. Entre outros, funcionam como primeiro elemento da composição os seguintes radicais latinos, em geral terminados em *-i*:

Forma	Origem latina	Sentido	Exemplo
ambi-	ambo	ambos	ambidestro
arbori-	arbor, -oris	árvore	arborícola
avi-	avis, -is	ave	avifauna
bis- **bi-**	bis	duas vezes	bisavô bípede
calori-	calor, -oris	calor	calorífero
cruci-	crux, -ucis	cruz	crucifixo
curvi-	curvus, -a, -um	curvo	curvilíneo
equi-	aequus, -a, -um	igual	equilátero
ferri- **ferro-**	ferrum, -i	ferro	ferrífero ferrovia
igni-	ignis, -is	fogo	ignívomo
loco-	locus, -i	lugar	locomotiva
morti-	mors, mortis	morte	mortífero

Forma	Origem latina	Sentido	Exemplo
olei- **oleo-**	oleum, -i	azeite, óleo	oleígeno oleoduto
oni- **pedi-** **pisci-**	omnis, -e pes, pedis piscis, -is	todo pé peixe	onipotente pedilúvio piscicultor
quadri- **quadru-**	quattuor	quatro	quadrimotor quadrúpede
reti-	rectus, -a, -um	reto	retilíneo
sesqui-	sesqui-	um e meio	sesquicentenário
tri-	tres, tria	três	tricolor
uni-	unus, -a, -um	um	uníssono
vermi-	vermis, -is	verme	vermífugo

2. Como segundo elemento da composição, empregam-se:

Forma	Sentido	Exemplos
-cida	que mata	regicida, fratricida
-cola	que cultiva, ou habita	vitícola, arborícola
-cultura	ato de cultivar	apicultura, piscicultura
-fero	que contém, ou produz	aurífero, flamífero
-fico	que faz, ou produz	benéfico, frigorífico
-forme	que tem forma de	cuneiforme, uniforme
-fugo	que foge, ou faz fugir	centrífugo, febrífugo
-gero	que contém, ou produz	armígero, belígero
-paro	que produz	multíparo, ovíparo
-pede	pé	palmípede, velocípede
-sono	que soa	horríssono, uníssono
-vomo	que expele	fumívomo, ignívomo
-voro	que come	carnívoro, herbívoro

Radicais gregos

1. Mais numerosos são os compostos eruditos formados de elementos gregos, fonte de quase todos os neologismos filosóficos, literários, técnicos e científicos.

Entre os mais usados, podemos indicar os seguintes, que servem geralmente de primeiro elemento da composição:

Forma	Sentido	Exemplos
anemo-	vento	anemógrafo, anemômetro
antropo-	homem	antropófago, antropologia
arqueo-	antigo	arqueografia, arqueologia
biblio-	livro	bibliografia, biblioteca
caco-	mau	cacofonia, cacografia
cali-	belo	califasia, caligrafia
cosmo-	mundo	cosmógrafo, cosmologia
cromo-	cor	cromolitografia, cromossomo
crono-	tempo	cronologia, cronômetro
da(c)tilo-	dedo	da(c)tilografia, da(c)tiloscopia
deca-	dez	decaedro, decalitro
di-	dois	dipétalo, dissílabo
enea-	nove	eneágono, eneassílabo
etno-	raça	etnografia, etnologia
farmaco-	medicamento	farmacologia, farmacopeia
fisio-	natureza	fisiologia, fisionomia
helio-	sol	heliografia, helioscópio
hemi-	metade	hemisfério, hemistíquio
hemo- **hemato-**	sangue	hemoglobina, hematócrito
hepta-	sete	heptágono, heptassílabo
hexa-	seis	hexágeno, hexâmetro
hipo-	cavalo	hipódromo, hipopótamo
hom(e)o-	semelhante	homeopatia, homógrafo
ictio-	peixe	ictiófago, ictiologia
iso-	igual	isócrono, isóscele(s)
lito-	pedra	litografia, litogravura
mega(lo)-	grande	megatério, megalomaníaco
melo-	canto	melodia, melopeia
meso-	meio	mesóclise, Mesopotâmia

Forma	Sentido	Exemplos
miria-	dez mil	miriâmetro, miríade
miso-	que odeia	misógino, misantropo
mito-	fábula	mitologia, mitômano
necro-	morto	necrópole, necrotério
neo-	novo	neolatino, neologismo
neuro- **nevro-**	nervo	neurologia, nevralgia
octo-	oito	octossílabo, octaedro
odonto-	dente	odontologia, odontalgia
oftalmo-	olho	oftalmologia, oftalmoscópio
onomato-	nome	onomatologia, onomatopeia
oro-	montanha	orogenia, orografia
orto-	reto, justo	ortografia, ortodoxo
oxi-	agudo, penetrante	oxígono, oxítono
paleo-	antigo	paleografia, paleontologia
pan-	todos, tudo	panteísmo, pan-americano
pato-	(sentimento) doença	patogenético, patologia
pedo-	criança	pediatria, pedologia
potamo-	rio	potamografia, potamologia
psico-	alma, espírito	psicologia, psicanálise
quilo-	mil	quilograma, quilômetro
quiro-	mão	quiromancia, quiróptero
rino-	nariz	rinoceronte, rinoplastia
rizo-	raiz	rizófilo, rizotônico
sidero-	ferro	siderólita, siderurgia
taqui-	rápido	taquicardia, taquigrafia
teo-	deus	teocracia, teólogo
tetra-	quatro	tetrarca, tetraedro
tipo-	figura, marca	tipografia, tipologia
topo-	lugar	topografia, toponímia
xeno-	estrangeiro	xenofobia, xenomania
xilo-	madeira	xilógrafo, xilogravura
zoo-	animal	zoógrafo, zoologia

Observação:

Como vemos, a maioria destes radicais assume na composição uma forma terminada em *-o*. Alguns empregam-se também como segundo elemento do composto. É o caso, por exemplo, de *-antropo* (*filantropo*), *-crono* (*isócrono*), *-dáctilo* (*pterodáctilo*), *-filo* (*germanófilo*), *-lito* (*aerólito*), *-pótamo* (*hipopótamo*) e outros.

2. Funcionam, preferentemente, como segundo elemento da composição, entre outros, estes radicais gregos:

Forma	Sentido	Exemplos
-agogo	que conduz	demagogo, pedagogo
-algia	dor	cefalalgia, nevralgia
-arca	que comanda	heresiarca, monarca
-arquia	comando, governo	autarquia, monarquia
-astenia	debilidade	neurastenia, psicastenia
-céfalo	cabeça	dolicocéfalo, microcéfalo
-cracia	poder	democracia, plutocracia
-doxo	que opina	heterodoxo, ortodoxo
-dromo	lugar para correr	hipódromo, velódromo
-edro	base, face	pentaedro, poliedro
-fagia	ato de comer	aerofagia, antropofagia
-fago	que come	antropófago, necrófago
-filia	amizade	bibliofilia, lusofilia
-fobia	inimizade, ódio, temor	fotofobia, hidrofobia
-fobo	que odeia, inimigo	xenófobo, zoófobo
-foro	que leva ou conduz	electróforo, fósforo
-gamia	casamento	monogamia, poligamia
-gamo	que casa	bígamo, polígamo
-gêneo	que gera	heterogêneo, homogêneo
-glota, -glossa	língua	poliglota, isoglossa
-gono	ângulo	pentágono, polígono
-grafia	escrita, descrição	ortografia, geografia
-grafo	que escreve	calígrafo, polígrafo
-grama	escrito, peso	telegrama, quilograma
-logia	discurso, tratado, ciência	arqueologia, filologia

Forma	Sentido	Exemplos
-logo	que fala ou trata	diálogo, teólogo
-mancia	adivinhação	necromancia, quiromancia
-mania	loucura, tendência	megalomania, monomania
-mano	louco, inclinado	bibliômano, mitômano
-maquia	combate	logomaquia, tauromaquia
-metria	medida	antropometria, biometria
-metro	que mede	hidrômetro, pentâmetro
-morfo	que tem a forma	antropomorfo, polimorfo
-nomia	lei, regra	agronomia, astronomia
-nomo	que regula	autônomo, metrônomo
-peia	ato de fazer	melopeia, onomatopeia
-pólis, -pole	cidade	Petrópolis, metrópole
-ptero	asa	díptero, helicóptero
-scopia	ato de ver	macroscopia, microscopia
-scópio	instrumento para ver	microscópio, telescópio
-sofia	sabedoria	filosofia, teosofia
-stico	verso	dístico, monóstico
-teca	lugar onde se guarda	biblioteca, discoteca
-terapia	cura	fisioterapia, hidroterapia
-tomia	corte, divisão	dicotomia, nevrotomia
-tono	tensão, tom	barítono, monótono

RECOMPOSIÇÃO

Pseudoprefixos

Certos radicais latinos e gregos adquiriram sentido especial nas línguas modernas. Assim *auto-* (do grego *autós* = próprio, de si mesmo), que ainda se emprega com o valor originário em numerosos compostos (por exemplo: *autodidata* = que estudou por si mesmo; *autógrafo* = escrito do próprio autor), passou, com a vulgarização de *auto*, forma abreviada de *automóvel* (= veículo movido por si mesmo), a ter este significado em uma série de novos compostos: *autoestrada*, *autódromo*, etc. Também o radical *electro-* (do grego *eléctron* = âmbar), pela propriedade que apresenta o âmbar de atrair os corpos leves,

veio a aplicar-se a tudo o que se relaciona com a "eletricidade": *electrodinâmica*, *electroscópio*, *electroterapia*, etc.

Estes radicais que assumem o sentido global dos vocábulos de que antes eram elementos componentes denominam-se PSEUDOPREFIXOS ou PREFIXOIDES.[7]

Os PSEUDOPREFIXOS caracterizam-se:

a) por apresentarem um acentuado grau de independência;
b) por possuírem "uma significação mais ou menos delimitada e presente à consciência dos falantes, de tal modo que o significado do todo a que pertencem se aproxima de um conceito complexo, e portanto de um sintagma";[8]
c) por terem, de um modo geral, menor rendimento do que os prefixos propriamente ditos.

Cumpre-nos, pois, fazer distinção entre os PSEUDOPREFIXOS e os RADICAIS ERUDITOS que não apresentam esse comportamento especial. O critério básico para tal distinção é a deriva semântica que se evidencia quando, processada a "decomposição", os elementos ingressam noutras formações com sentido diverso do etimológico.

A deriva semântica desses elementos decorre, portanto, de um procedimento especial, denominado RECOMPOSIÇÃO por André Martinet, termo que lhe pareceu necessário para batizar "uma situação linguística particular que não se identifica nem com a composição propriamente dita, nem tampouco, de um modo geral, com a derivação, que supõe a combinação de elementos de estatuto diferente".[9]

Eis uma lista de PSEUDOPREFIXOS, ilustrada com exemplos:

PSEUDOPREFIXO	EXEMPLOS
aero-	aeroclube, aeromoça
agro-	agroindustrial, agropecuária
arqui-	arquibanco, arquimilionário
astro-	astronauta, astronave
auto-	autoestrada, autopeça
bio-	biociência, biodegradável

[7] Leiam-se, a propósito, as considerações de Iorgu Iordan e Maria Manoliu. *Manual de linguística románica*. Revisión, reelaboración parcial y notas por Manuel Alvar, t. II, Madrid, Gredos, 1972, p. 44-49; J. G. Herculano de Carvalho. *Teoria da linguagem*, t. II, Coimbra, Atlântida, 1974, p. 547-554; Li Ching. *Boletim de Filologia*, 22:213-225.

[8] J. G. Herculano de Carvalho. *Obra cit.*, p. 554.

[9] *Eléments de linguistique générale*. Paris, Armand Colin, 1967, p. 135.

Pseudoprefixo	Exemplos
cine-	cineclube, cinerama
demo-	demofilia, demologia
electro-	electrodoméstico, electromagnético
fono-	fonoestilística, fonovisão
foto-	fotomontagem, fotonovela
geo-	geoeconômico, geopolítico
hetero-	heteroagressão, heterorrelação
hidro-	hidroeléctrica, hidrogenização
inter-	interestadual, inter-racial
macro-	macroeconomia, macrobiótica
maxi-	maxidesvalorização, maxissaia
micro-	microfilme, micro-onda
mini-	minifúndio, minissaia
mono-	monobloco, monomotor
moto-	motomecanização, motonave
multi-	multifacetado, multinacional
pluri-	pluripartidarismo, plurisseriado
poli-	policlínica, polimorfismo
proto-	proto-história, protomártir
pseudo-	pseudointelectual, pseudorrealismo
radio-	radiojornal, radioteatro
retro-	retrocontagem, retrovisor
semi-	semioficial, semivogal
tele-	teleguiado, televisão
termo-	termodinâmica, termonuclear

HIBRIDISMO

São PALAVRAS HÍBRIDAS, ou HIBRIDISMOS, aquelas que se formam de elementos tirados de línguas diferentes. Assim, em *automóvel* o primeiro radical é grego e o segundo latino, em *sociologia*, ao contrário, o primeiro é latino e o segundo grego.

As formações híbridas são em geral condenadas pelos gramáticos, mas existem algumas tão enraizadas no idioma que seria pueril pretender eliminá-las. É o caso das palavras mencionadas e de outras, como

bicicleta	endovenoso	neolatino
bígamo	monóculo	oleografia

Observação:

Com razão, observa Matoso Câmara Jr.: "Esses compostos decorrem, em princípio, da circunstância de os elementos se terem integrado no mecanismo da língua que faz a composição, e a sua origem diversa só ter um sentido diacrônico" (*Dicionário de filologia e gramática*, 2.ª ed., Rio de Janeiro, J. Ozon, 1964, p. 180).

ONOMATOPEIA

As ONOMATOPEIAS são palavras imitativas, isto é, palavras que procuram reproduzir aproximadamente certos sons ou certos ruídos:

tique-taque zás-trás zum-zum

Em geral, os verbos e os substantivos denotadores de vozes de animais têm origem onomatopeica.

Assim:

ciciar	cicio (da cigarra)
coaxar	coaxo (da rã, do sapo)

ABREVIAÇÃO VOCABULAR

O ritmo acelerado da vida intensa de nossos dias obriga-nos, necessariamente, a uma elocução mais rápida. Economizar tempo e palavras é uma tendência geral do mundo de hoje.

Observamos, a todo momento, a redução de frases e palavras até limites que não prejudiquem a compreensão. É o que sucede, por exemplo, com os vocábulos longos, e em particular com os compostos greco-latinos de criação recente: *auto* (por *automóvel*), *foto* (por *fotografia*), *moto* (por *motocicleta*), *ônibus* (por *auto-ônibus*), *pneu* (por *pneumático*), *quilo* (por *quilograma*), etc. Em todos eles a forma abreviada assumiu o sentido da forma plena.

Siglas

Também moderno – e cada vez mais generalizado – é o processo de criação vocabular que consiste em reduzir longos títulos a meras SIGLAS, constituídas das letras iniciais das palavras que os compõem.

Atualmente, instituições de natureza vária – como organizações internacionais, partidos políticos, serviços públicos, sociedades comerciais, associações operárias, patronais, estudantis, culturais, recreativas, etc. – são, em geral, mais conhecidas pelas SIGLAS do que pelas denominações completas. Assim:

AD	=	Aliança Democrática
APU	=	Aliança Povo Unido
CD	=	Compact Disc
CGT	=	Confédération Générale du Travail
DEM	=	Democratas
DVD	=	Digital Video Disc
Enem	=	Exame Nacional de Ensino Médio
EU (EU)	=	European Union (União Europeia)
FIFA	=	Fédération Internationale de Football Association
FRELIMO	=	Frente de Libertação de Moçambique
Inep	=	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
MPLA	=	Movimento Popular de Libertação de Angola
OEA	=	Organização dos Estados Americanos
ONU	=	Organização das Nações Unidas
OUA	=	Organização de Unidade Africana
PAIGC	=	Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde
PC	=	Personal Computer
PCP	=	Partido Comunista Português
PDS	=	Partido Democrático Social
PDT	=	Partido Democrático Trabalhista
PMDB	=	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PP	=	Partido Progressista
PPM	=	Partido Popular Monárquico
PPS	=	Partido Popular Socialista
PS	=	Partido Socialista
PSB	=	Partido Socialista Brasileiro
PSD	=	Partido Social Democrático
PSDB	=	Partido da Social Democracia Brasileira
PT	=	Partido dos Trabalhadores
PTB	=	Partido Trabalhista Brasileiro
PV	=	Partido Verde
STF	=	Supremo Tribunal Federal
TAP	=	Transportes Aéreos Portugueses
UNE	=	União Nacional dos Estudantes
UNESCO	=	United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

E não é só. Uma vez criada e vulgarizada, a SIGLA passa a ser sentida como uma palavra primitiva, capaz, portanto, de formar derivados: *cegetista*, *petebista*, etc.

Observação:

Nem sempre uma instituição é conhecida pela mesma sigla em Portugal e no Brasil. No Brasil, por exemplo, denomina-se OTAN (= Organização do Tratado do Atlântico Norte) o organismo que em Portugal se chama NATO (= North Atlantic Treaty Organization), por ter-se aí vulgarizado a sigla inglesa.

Por vezes há diferença de acentuação da sigla nos dois países. Diz-se, por exemplo, ONÚ em Portugal e ÔNU no Brasil.

Capítulo 7

Frase, oração, período

A FRASE E SUA CONSTITUIÇÃO

1. FRASE é um enunciado de sentido completo, a unidade mínima de comunicação.
   A parte da gramática que descreve as regras segundo as quais as palavras se combinam para formar FRASES denomina-se SINTAXE.

2. A FRASE pode ser constituída:
   1.º) de uma só palavra:

   Fogo! **Atenção!** **Silêncio!**

   2.º) de várias palavras, entre as quais se inclui ou não um verbo:
   a) com verbo:

   Alguns anos **vivi** em Itabira.
   (C. Drummond de Andrade, *R*, 45.)

   b) sem verbo:

   Que inocência! Que aurora! Que alegria!
   (Teixeira de Pascoaes, *OC*, III, 140.)

3. A FRASE é sempre acompanhada de uma melodia, de uma entoação. Nas frases organizadas com verbo, a entoação caracteriza o fim do enunciado, geralmente seguido de forte pausa. É o caso destes exemplos:

Bate o vento no postigo... /
Cai a chuva lentamente...
(Da Costa e Silva, *PC*, 307.)

Se a frase não possui verbo, a melodia é a única marca por que podemos reconhecê-la. Sem ela, frases como

Atenção! Que inocência! Que alegria!

seriam simples vocábulos, unidades léxicas sem função, sem valor gramatical.

Observação:

O estudo da frase e o da organização dos elementos que a constituem pressupõem o conhecimento de alguns conceitos nem sempre fáceis de definir. Essa dificuldade resulta não só da própria natureza do assunto, mas também das diferenças dos métodos e técnicas de análise adotados pela linguística clássica e pelas principais correntes da linguística contemporânea.

Neste capítulo, evitar-se-ão discussões teóricas que não tragam esclarecimentos ao estudo descritivo-normativo da sintaxe portuguesa, que é o nosso objetivo principal.

FRASE E ORAÇÃO

A FRASE pode conter uma ou mais ORAÇÕES.

1.º) Contém apenas uma oração, quando apresenta:

a) uma só forma verbal, clara ou oculta:

O dia **decorreu** sem sobressalto.
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 491.)

Na cabeça, aquela bonita coroa.
(J. Montello, *A*, 32.)

b) duas ou mais formas verbais, integrantes de uma LOCUÇÃO VERBAL:

— **Podem vir** os dois...
(V. Nemésio, *MTC*, 446.)

Tudo de repente **entrou a viver** uma vida secreta de luz.
(Autran Dourado, *TA*, 13.)

2.º) Contém mais de uma oração, quando há nela mais de um verbo (seja na forma simples, seja na locução verbal), claro ou oculto:

Fechei os olhos, / meu coração **doía**.
(Luandino Vieira, *NANV*, 75.)

Busco, / volto, / abandono, / e **chamo** de novo.
(A. Bessa Luís, *AM*, 38.)

O Negrinho **começou a chorar**, / enquanto os cavalos **iam pastando**.
(Simões Lopes Neto, *CGLS*, 332.)

Os anos **são** degraus; / a vida, a escada.
(F. de Castro, *ANE*, 73.)

Observação:

A LOCUÇÃO VERBAL é o conjunto formado de um VERBO AUXILIAR + um VERBO PRINCIPAL. Enquanto o último vem sempre numa FORMA NOMINAL (INFINITIVO, GERÚNDIO, PARTICÍPIO), o primeiro pode vir:

a) numa FORMA FINITA (INDICATIVO, IMPERATIVO, SUBJUNTIVO):

A viticultura **foi**-se **alargando** talvez a partir do terceiro século.
(A. Sérgio, E, *VIII*, 65.)

— **Vá deitar**-se, / **vá coçar** as pulgas / e **descansar**.
(G. Ramos, *AOH*, 117.)

— Você crê deveras que / **venhamos a ser** grandes homens?
(Machado de Assis, *OC*, I, 984.)

b) numa FORMA NOMINAL (INFINITIVO ou GERÚNDIO):

Ah, não **poder subir** na sombra
Como um ladrão que escala um muro!
(Ribeiro Couto, *PR*, 333.)

Doente, quase não **podendo andar**, fui ter com o Evaristo.
(A. Nobre, *CI*, 156.)

ORAÇÃO E PERÍODO

1. PERÍODO é a frase organizada em oração ou orações. Pode ser:

a) SIMPLES, quando constituído de uma só oração:

Cai o crepúsculo.
(Da Costa e Silva, *PC*, 281.)

Nunca mais recobrou por inteiro a saúde.
(A. Bessa Luís, *S*, 186.)

b) COMPOSTO, quando formado de duas ou mais orações:

Não bulia uma folha, / não cintilava um luzeiro.
(A. Ribeiro, *ES*, 211.)

O senhor tirou o cigarro, / bateu-o na tampa da cigarreira, / levou-o ao canto dos lábios, / premiu a mola do isqueiro.
(J. Montello, *SC*, 173.)

2. O PERÍODO termina sempre por uma pausa bem definida, que se marca na escrita com ponto, ponto de exclamação, ponto de interrogação, reticências e, algumas vezes, com dois pontos.

A ORAÇÃO E OS SEUS TERMOS ESSENCIAIS

SUJEITO E PREDICADO

1. São termos essenciais da oração o SUJEITO e o PREDICADO.
O SUJEITO é o ser sobre o qual se faz uma declaração; o PREDICADO é tudo aquilo que se diz do SUJEITO. Assim, na oração

Este aluno obteve ontem uma boa nota,

temos:

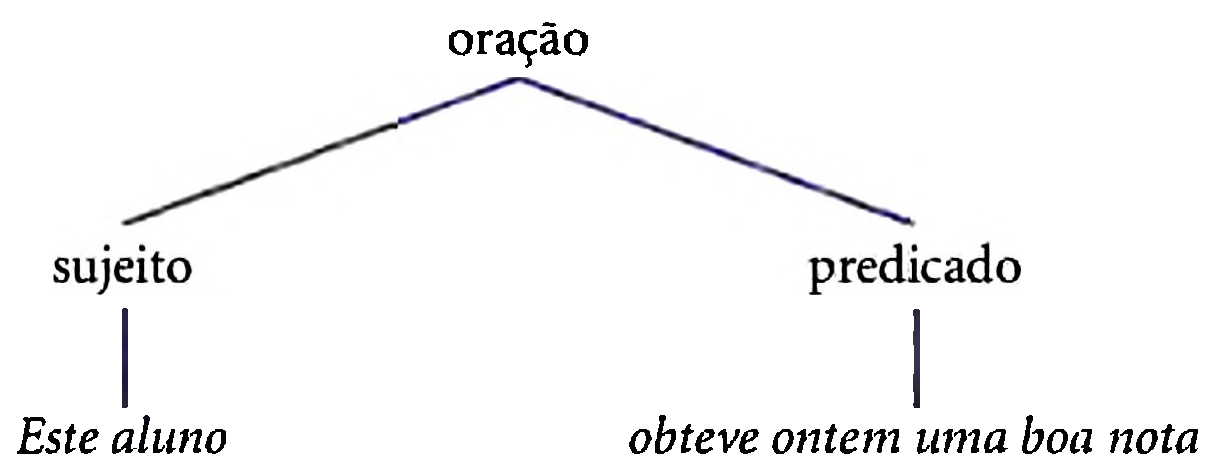

2. Nem sempre o SUJEITO e o PREDICADO vêm materialmente expressos. Assim, em

Andei léguas de sombra
Dentro em meu pensamento.
(F. Pessoa, *OP*, 59.)

o sujeito de *andei* é *eu*, indicado apenas pela desinência verbal.

Já em

> Boa cidade, Santa Rita.
> (M. Palmério, *VC*, 298.)

é a forma verbal *é* que está subentendida.
Chamam-se ELÍPTICAS as orações a que falta um termo essencial. E, conforme o caso, diz-se que o SUJEITO ou o PREDICADO estão ELÍPTICOS.

SINTAGMA NOMINAL E VERBAL

1. Na oração:

> Este aluno obteve ontem uma boa nota,

distinguimos duas unidades maiores:
a) o SUJEITO: *este aluno*;
b) o PREDICADO: *obteve ontem uma boa nota.*

Examinando, porém, o SUJEITO, vemos que ele é formado de duas palavras:

> *este aluno*

O demonstrativo *este* é um determinante (DET) do substantivo (N) *aluno*, palavra que constitui o NÚCLEO da unidade.
Toda unidade que tem por núcleo um substantivo recebe o nome de SINTAGMA NOMINAL (SN).
A oração que estamos estudando apresenta, assim, dois SINTAGMAS NOMINAIS:
a) SN^1 = *este aluno*;
b) SN^2 = *uma boa nota.*

2. Podem ocorrer muitos SINTAGMAS NOMINAIS (SN) na oração, mas somente um deles será o SUJEITO. E, como veremos adiante, a sua posição, na ordem direta e lógica do enunciado, é à esquerda do verbo. Os demais SINTAGMAS NOMINAIS encaixam-se no PREDICADO.

3. O substantivo, núcleo de um sintagma nominal, admite a presença de DETERMINANTES (DET) — que são os artigos, os numerais e os pronomes adjetivos — e de MODIFICADORES (MOD), que, no caso, são os adjetivos ou expressões adjetivas.

Os dois sintagmas nominais da oração em exame podem ser assim esquematizados:

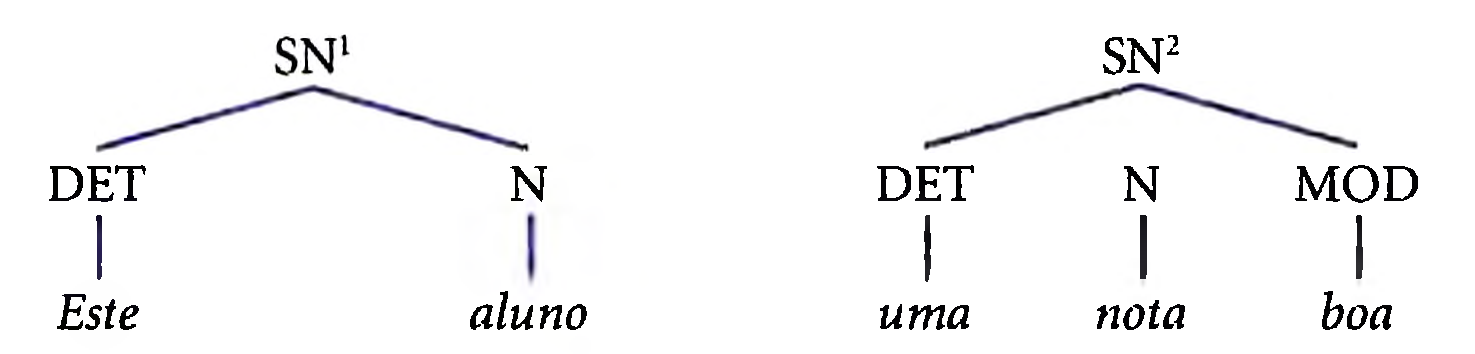

4. O SINTAGMA VERBAL (SV) constitui o predicado. Nele há sempre um verbo, que, quando SIGNIFICATIVO, é o seu núcleo.
O SINTAGMA VERBAL pode ser complementado por sintagmas nominais e modificado por advérbios ou expressões adverbiais (MOD).
A oração que nos serve de exemplo obedece, pois, ao seguinte esquema:

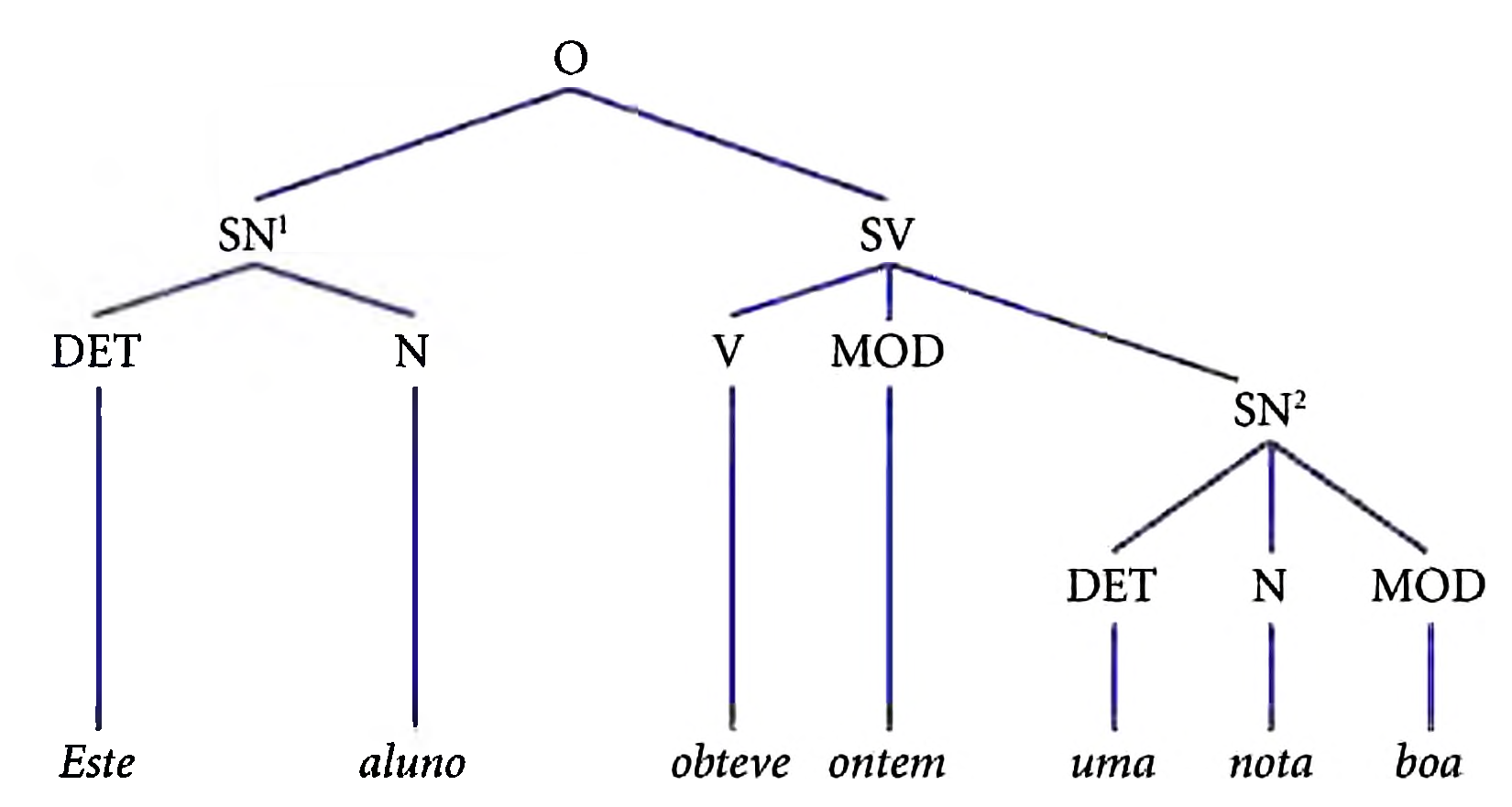

O SUJEITO

REPRESENTAÇÃO DO SUJEITO

Os SUJEITOS da 1.ª e da 2.ª pessoa são, respectivamente, os pronomes pessoais *eu* e *tu*, no singular; *nós* e *vós* (ou combinações equivalentes: *eu* e *tu*, *tu* e *ele*, etc.), no plural.

Os SUJEITOS da 3.ª pessoa podem ter como núcleo:

a) um substantivo:

> **Matilde** entendia disso.
> (A. Bessa Luís, *OM*, 170.)

Os **olhos** dela estavam secos.
(Machado de Assis, *OC*, I, 495.)

b) os pronomes pessoais *ele, ela* (singular); *eles, elas* (plural):

Estavam de braços dados, **ele** arrumava a gravata, **ela** ajeitava o chapéu.
(É. Veríssimo, *LS*, 128.)

— Esperam que **eles** as tomem?...
(Alves Redol, *BC*, 333.)

c) um pronome demonstrativo, relativo, interrogativo, ou indefinido:

Isto não lhe arrefece o ânimo?
(A. Abelaira, *NC*, 35.)

Achava consolo nos livros, **que** o afastavam cada vez mais da vida.
(É. Veríssimo, *LS*, 131.)

Quem disse isso?
(F. Botelho, *X*, 150.)

Tudo parara ao redor de nós.
(C. Lispector, *BF*, 81.)

d) um numeral:

Os **dois** riram-se satisfeitos.
(L. B. Honwana, *NMCT*, 65.)

Ambos alteraram os roteiros originais.
(N. Piñon, *FD*, 86.)

e) uma palavra ou uma expressão substantivada:

Infanta, no exílio amargo,
só o **existirdes** me consola.
(T. da Silveira, *PC*, 367.)

O **por fazer** é só com Deus.
(F. Pessoa, *OP*, 16.)

f) uma oração substantiva subjetiva:

Era forçoso / **que fosse assim.**
(A. Sérgio, E, *IV*, 245.)

Valeria a pena / **discutir com o Benício?**
(J. Montello, *SC*, 16.)

SUJEITO SIMPLES E SUJEITO COMPOSTO

SUJEITO SIMPLES. Quando o sujeito tem um só núcleo, isto é, quando o verbo se refere a um só substantivo, ou a um só pronome, ou a um só numeral, ou a uma só palavra substantivada, ou a uma só oração substantiva, o SUJEITO é SIMPLES. Esse o caso do sujeito de todos os exemplos atrás mencionados.

SUJEITO COMPOSTO. É COMPOSTO o sujeito que tem mais de um núcleo, ou seja, o sujeito constituído de:

a) mais de um substantivo:

As **vozes** e os **passos** aproximam-se.
(M. da Fonseca, *SV*, 248.)

Pai jovem, **mãe** jovem não deixam menino solto.
(G. Amado, *HMI*, 49.)

b) mais de um pronome:

Ele e **eu** somos da mesma raça.
(D. Mourão-Ferreira, *I*, 98.)

Não vivo sem a sua sombra, **você** e **eu** sabemos.
(N. Piñon, *CC*, 12.)

c) mais de uma palavra ou expressão substantivada:

Falam por mim **os abandonados de justiça, os simples de coração.**
(C. Drummond de Andrade, *R*, 148.)

Quantos **mortos** e **feridos** não me precederam ali.
(N. Piñon, *CC*, 16.)

d) mais de uma oração substantiva:

> Era melhor **esquecer o nó** e **pensar numa cama igual à de seu Tomás da bolandeira.**
> (G. Ramos, *VS*, 83.)

> Dir-se-ia **que o pano do palco se havia levantado** e **que iam surgir, pelas entradas laterais, as demais figuras da peça.**
> (J. Montello, *LE*, 108.)

Observação:

Outras combinações podem entrar na formação do SUJEITO COMPOSTO, sendo particularmente comum a de pronome + substantivo, ou vice-versa:

> Éramos, meu **pai** e **eu**
> E **um** negro, negro **cavalo.**
> (V. de Morais, *PCP*, 286.)

SUJEITO OCULTO (DETERMINADO)

É aquele que não está materialmente expresso na oração, mas pode ser identificado. A identificação faz-se:

a) pela desinência verbal:

> Fica**mos** um bocado sem falar.
> (L. B. Honwana, *NMCT*, 10.)

[O sujeito de *ficamos*, indicado pela desinência *-mos*, é *nós*.]

b) pela presença do sujeito em outra oração do mesmo período ou de período contíguo:

> **Soropita** ali viera, na véspera, lá dormira; e agora retornava a casa.
> (Guimarães Rosa, *CB*, II, 467.)

[O sujeito de *viera*, *dormira* e *retornava* é *Soropita*, mencionado na primeira oração, antes de *viera*.]

> **Guilhermina** bocejou. Iria adormecer? Pôs-se a calcular as horas.
> (C. de Oliveira, *CD*, 115.)

[O sujeito de *bocejou*, *iria adormecer* e *pôs-se a calcular* é *Guilhermina*, mencionado no primeiro período, antes de *bocejou*.]

Observação:

Pode ocorrer que o verbo não tenha desinência pessoal e que o sujeito venha sugerido pela desinência de outro verbo. Por exemplo, neste período:

> Antes de comunicar-vos uma descoberta que considero de algum interesse para o nosso país, deixai que vos agradeça.

o sujeito de *considero*, indicado pela desinência *-o*, é *eu*, também sujeito de *comunicar*, verbo na forma infinitiva sem desinência pessoal.

Vejamos um caso similar, com o verbo na forma finita:

> Hoje, à tardinha, acabado o jantar, enquanto esperava a chegada de João, estirei-me no sofá e adormeci.

Eu, sujeito de *estirei-me* e *adormeci*, é também o sujeito de *esperava*, forma verbal finita sem desinência pessoal.

SUJEITO INDETERMINADO

Algumas vezes, o verbo não se refere a uma pessoa determinada, ou por se desconhecer quem executa a ação, ou por não haver interesse no seu conhecimento. Dizemos então, que o SUJEITO é INDETERMINADO.

Nestes casos em que o sujeito não vem expresso na oração nem pode ser identificado, põe-se o verbo:

a) ou na 3.ª pessoa do plural:

> — **Contaram**-me, quando eu era pequenina, a história duns náufragos, como nós.
> (A. Ribeiro, *SBAM*, 265.)

> **Reputavam**-no o maior comilão da cidade.
> (C. dos Anjos, *MS*, 44.)

b) ou na 3.ª pessoa do singular, com o pronome *se*:

> Ainda **se vivia** num mundo de certezas.
> (A. Bessa Luís, *OM*, 296.)

> **Precisa-se** do carvalho; não **se precisa** do caniço.
> (C. dos Anjos, *MS*, 381.)

Comia-se com a boca, com os olhos, com o nariz.
(Machado de Assis, *OC*, I, 520 P.)

Os dois processos de indeterminação podem concorrer num mesmo período:

Na Casa **pisavam** sem sapatos, e **falava-se** baixo.
(A. M. Machado, *JT*, 13.)

ORAÇÃO SEM SUJEITO

Não deve ser confundido o SUJEITO INDETERMINADO, que existe, mas não se pode ou não se deseja identificar, com a inexistência do sujeito.

Em orações como as seguintes

Chove.
Anoitece.
Faz frio.

interessa-nos o processo verbal em si, pois não o atribuímos a nenhum ser. Diz-se, então, que o verbo é IMPESSOAL; e o sujeito, INEXISTENTE.

Eis os principais casos de inexistência do sujeito:

a) com verbos ou expressões que denotam fenômenos da natureza:

Anoitecia e tinham acabado de jantar.
(É. Veríssimo, *LS*, 147.)

De volta, com a garrafa na mão, apenas **chuviscava**.
(L. Jardim, *MP*, 49.)

Amanheceu a chover.
(A. Botto, *AO*, 235.)

Era março e ainda **fazia frio**.
(M. Torga, *NCM*, 120.)

b) com o verbo *haver* na acepção de "existir":

Ainda **há** jasmins, ainda **há** rosas,
Ainda **há** violões e modinhas
Em certas ruas saudosas.
(Ribeiro Couto, *PR*, 315.)

Na sala **havia** ainda três quadros do pintor.
(F. Namora, *DT*, 206.)

c) com os verbos *haver*, *fazer* e *ir*, quando indicam tempo decorrido:

Morava no Rio **havia** muitos anos, desligado das coisas de Minas.
(C. dos Anjos, *MS*, 327.)

Faz hoje oito dias que comecei.
(A. Abelaira, *B*, 133.)

Vai para uns quinze anos escrevi uma crônica do Curvelo.
(M. Bandeira, *PP*, II, 338.)

d) com o verbo *ser*, na indicação do tempo em geral:

Era inverno na certa no alto sertão.
(J. Lins do Rego, *ME*, 57.)

Era por altura das lavouras.
(A. Bessa Luís, *S*, 187.)

Observações:

1.ª) Nas orações impessoais, o verbo *ser* concorda em número e pessoa com o predicativo. Veja-se, a propósito, o capítulo 13.

2.ª) Também ocorre a impessoalidade nas locuções verbais:

Como **podia haver** tantas casas e tanta gente?
(G. Ramos, *VS*, 114.)

Devo estar esfacelada, **deve haver** pedaços de mim por todos os cantos.
(M. J. de Carvalho, *AV*, 56.)

3.ª) Na linguagem coloquial do Brasil é corrente o emprego do verbo *ter* como impessoal, à semelhança de *haver*. Escritores modernos — e alguns dos maiores — não têm duvidado em alçar a construção à língua literária.

Comparem-se estes passos:

Hoje **tem** festa no brejo!
(C. Drummond de Andrade, *R*, 16.)

Em Pasárgada **tem** tudo,
É outra civilização...
(M. Bandeira, *PP*, 222.)

O uso de *ter* impessoal deve estender-se ao português das nações africanas. De sua vitalidade em Angola há abundante documentação na obra de Luandino Vieira.

Comparem-se, por exemplo, estes passos:

Não **tem** morte para o riso, não **tem** morte.
(*NM*, 74.)

— Aqui **tem** galinha, **tem** quintal...
(*L*, 63.)

Verdes amores não **tem** mais, nunca mais.
(*NM*, 62.)

4.ª) Em sentido figurado, os verbos que exprimem fenômenos da natureza podem ser empregados com sujeito:

Dormiu mal, mas **amanheceu** alegre.
(É. Veríssimo, *LS*, 146.)

Choviam os ditos ao passo que ela seguia pelas mesas.
(Almada Negreiros, *NG*, 92.)

DA ATITUDE DO SUJEITO

Com os verbos de ação

Quando o verbo exprime uma ação, a atitude do sujeito com referência ao processo verbal pode ser de atividade, de passividade, ou de atividade e passividade ao mesmo tempo.

Neste exemplo,

Maria levantou o menino,

o sujeito *Maria* executa a ação expressa pela forma verbal *levantou*. O sujeito é, pois, o AGENTE.

Neste exemplo,

O menino foi levantado por Maria,

a ação não é praticada pelo sujeito *o menino*, mas pelo agente da passiva — *Maria*. O sujeito, no caso, sofre a ação; é dela o PACIENTE.

Neste exemplo,

Maria levantou-se,

a ação é simultaneamente exercida e sofrida pelo sujeito *Maria*. O sujeito é então, a um tempo, o AGENTE e o PACIENTE dela.

Observação:

Como vemos, na voz ativa, o termo que representa o agente é o SUJEITO do verbo; o que representa o paciente é o OBJETO DIRETO. Na voz passiva, o OBJETO (paciente) torna-se o SUJEITO do verbo.

Com os verbos de estado

Quando o verbo evoca um estado, a atitude da pessoa ou da coisa que dele participa é de neutralidade. O sujeito, no caso, não é o agente nem o paciente, mas a sede do processo verbal, o lugar onde ele se desenvolve:

Pedro é magro.
Antônio permanece doente.
O porteiro ficou pálido.

Observação:

Incluem-se naturalmente entre os verbos que evocam um estado, ou melhor, uma mudança de estado, os incoativos como *adoecer, emagrecer, empalidecer*, equivalentes a *ficar doente, ficar magro, ficar pálido.*

O PREDICADO

O PREDICADO pode ser NOMINAL, VERBAL ou VERBO-NOMINAL.

PREDICADO NOMINAL

O PREDICADO NOMINAL é formado por um VERBO DE LIGAÇÃO + PREDICATIVO.

1. O VERBO DE LIGAÇÃO pode expressar:

a) estado permanente:

Hilário **era** o herdeiro da quinta.
(C. de Oliveira, *CD*, 90.)

Eu **sou** a tua sombra.
(N. Piñon, *FD*, 38.)

b) estado transitório:

O velho **esteve** entre a vida e a morte durante uma semana.
(Castro Soromenho, *TM*, 236.)

— Você não **anda** um pouco fatigado pelo excesso de trabalho?
(C. Drummond de Andrade, *CA*, 139.)

c) mudança de estado:

Receava que eu **me tornasse** ingrato.
(A. Abelaira, *NC*, 14.)

Amaro **ficou** muito perturbado.
(É. Veríssimo, *LS*, 137.)

d) continuidade de estado:

Calada estava, calada **permaneceu**.
(J. Condé, *C*, 4.)

O Barbaças **continuava** alheado e sorridente.
(F. Namora, *TJ*, 177.)

e) aparência de estado:

Ela **parecia** uma figura de retrato.
(Autran Dourado, *TA*, 14.)

Os ventos **pareciam** quietos naquela noite.
(Alves Redol, *BC*, 62.)

Observação:

Os VERBOS DE LIGAÇÃO (ou COPULATIVOS) servem para estabelecer a união entre duas palavras ou expressões de caráter nominal. Não trazem propriamente ideia nova ao sujeito; funcionam apenas como elo entre este e o seu predicativo.

Como há verbos que se empregam ora como copulativos, ora como significativos, convém atentar sempre no valor que apresentam em determinado texto a fim de classificá-los com acerto.

Comparem-se, por exemplo, estas frases:

Estavas triste.	Estavas em casa.
Andei muito preocupado.	Andei muito hoje.
Fiquei pesaroso.	Fiquei no meu posto.
Continuamos silenciosos.	Continuamos a marcha.

Nas primeiras, os verbos *estar, andar, ficar* e *continuar* são verbos de ligação; nas segundas, verbos significativos.

2. O PREDICATIVO pode ser representado:

a) por substantivo ou expressão substantivada:

— O boato é um **vício** detestável.
(C. de Oliveira, *AC*, 183.)

Todo momento de achar é **um perder-se a si próprio.**
(C. Lispector, *PSGH*, 12.)

b) por adjetivo ou locução adjetiva:

A praia estava **deserta.**
(Branquinho da Fonseca, *MS*, 11.)

— Esta linha é **de morte.**
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 93.)

c) por pronome:

Vou calar-me e fingir que eu sou **eu**...
(A. Renault, *LSL*, XVIII.)

O mito é o nada que é **tudo**.
(F. Pessoa, *OP*, 8.)

d) por numeral:

Nós éramos **cinco** e brigávamos muito, recordou Augusto, olhos perdidos num ponto X, quase sorrindo.
(C. Drummond de Andrade, *CA*, 5.)

Tua alma o um que são **dois** quando dois são **um**...
(F. Pessoa, *OP*, 298.)

e) por oração substantiva predicativa:

A verdade é / **que eu nunca me ralara muito com isso.**
(M. J. de Carvalho, *AV*, 107.)

Uma tarefa fundamental é / **preservar a história humana.**
(N. Piñon, *FD*, 73.)

Observações:

1.ª) O pronome *o*, quando funciona como PREDICATIVO, é demonstrativo:

Cada coisa é **o** que é.
(F. Pessoa, *OP*, 175.)

Eu era **o** que eles me designassem.
(N. Piñon, *CC*, 13.)

2.ª) O PREDICATIVO pode referir-se ao OBJETO, aplicação esta que estudaremos adiante.

3.ª) Quando se deseja dar ênfase ao PREDICATIVO, costuma-se repeti-lo:

— **Arquiteto do Mosteiro de Santa Maria**, já **o** não sou.
(A. Herculano, *LN*, I, 282.)

Tive depois motivo para crer que **o perverso e a peste** fora-**o** ele próprio, na intenção de fazer valer um bom serviço.
(R. Pompeia, *A*, 50.)

É o que se chama PREDICATIVO PLEONÁSTICO.

PREDICADO VERBAL

O PREDICADO VERBAL tem como núcleo, isto é, como elemento principal da declaração que se faz do sujeito, um VERBO SIGNIFICATIVO.

VERBOS SIGNIFICATIVOS são aqueles que trazem uma ideia nova ao sujeito. Podem ser INTRANSITIVOS e TRANSITIVOS.

Verbos intransitivos

Nestas orações de Da Costa e Silva,

Sobe a névoa... A sombra **desce**...
(*PC*, 281.)

verificamos que a ação está integralmente contida nas formas verbais *sobe* e *desce*. Tais verbos são, pois, INTRANSITIVOS, ou seja, não TRANSITIVOS: a ação não vai além do verbo.

Verbos transitivos

Nestas orações de Fernanda Botelho,

Ele não **me agradece**, / nem eu **lhe dou tempo**.
(*X*, 41.)

vemos que as formas verbais *agradece* e *dou* exigem certos termos para completar-lhes o significado. Como o processo verbal não está integralmente contido nelas, mas se transmite a outros elementos (o pronome *me* na primeira oração, o pronome *lhe* e o substantivo *tempo* na segunda), estes verbos chamam-se TRANSITIVOS.

Os verbos TRANSITIVOS podem ser DIRETOS, INDIRETOS, ou DIRETOS E INDIRETOS ao mesmo tempo.

1. VERBOS TRANSITIVOS DIRETOS

Nestas orações de Agustina Bessa Luís,

Vou ver o doente.
(*OM*, 206.)

Ela **invejava os homens**.
(*OM*, 207.)

a ação expressa por *vou ver* e *invejava* transmite-se a outros elementos (*o doente* e *os homens*) diretamente, ou seja, sem o auxílio de preposição. São, por isso, chamados VERBOS TRANSITIVOS DIRETOS, e o termo da oração que lhes integra o sentido recebe o nome de OBJETO DIRETO.

2. VERBOS TRANSITIVOS INDIRETOS

Nestes exemplos,

Da janela da cozinha, as mulheres **assistiam à cena**.
(R. de Queirós, *TR*, 15.)

Perdoem ao pobre tolo.
(C. dos Anjos, *DR*, 235.)

a ação expressa por *assistiam* e *perdoem* transita para outros elementos da oração (*a cena* e *o pobre tolo*) indiretamente, isto é, por meio da preposição *a*. Tais verbos são, por conseguinte, TRANSITIVOS INDIRETOS. O termo da oração que completa o sentido de um verbo TRANSITIVO INDIRETO denomina-se OBJETO INDIRETO.

3. VERBOS SIMULTANEAMENTE TRANSITIVOS DIRETOS E INDIRETOS
Nestes exemplos,

O sucesso do seu gesto não **deu paz ao Lomba**.
(M. Torga, *NCM*, 51.)

Apenas **lhe aconselho prudência**.
(C. de Oliveira, *CD*, 94.)

a ação expressa por *deu* e *aconselho* transita para outros elementos da oração, a um tempo, direta e indiretamente. Por outras palavras: estes verbos requerem simultaneamente OBJETO DIRETO e INDIRETO para completar-lhes o sentido.

Observação:

Seguimos aqui a distinção estabelecida pela Nomenclatura Gramatical Brasileira. Não é pacífica, ainda hoje, a conceituação de OBJETO INDIRETO, embora desde o século XVIII gramáticos, filólogos e linguistas tenham procurado precisá-la. Leia-se, a propósito, o que escreve André Chervel, na *Histoire de la grammaire scolaire*. Paris, Payot, 1981, p. 76, 120, 121, 172-176, 178-184, 245, 268.

PREDICADO VERBO-NOMINAL

Não são apenas os verbos de ligação que se constroem com predicativo do sujeito. Também verbos significativos podem ser empregados com ele.

Nestes exemplos,

Paulo **riu despreocupado**.
(A. Peixoto, *RC*, 191.)

Amélia **saiu** da igreja, **muito fatigada, muito pálida**.
(Eça de Queirós, *OC*, I, 421.)

os verbos *rir* e *sair* são significativos. Na primeira oração, *despreocupado* refere-se ao sujeito *Paulo*, qualificando-o. Também *muito fatigada* e *muito pálida* são qualificações de *Amélia*, o sujeito da segunda oração.

A este predicado misto, que possui dois núcleos significativos (um verbo e um predicado), dá-se o nome de VERBO-NOMINAL.

Observação:

No PREDICADO VERBO-NOMINAL, o predicativo anexo ao sujeito pode vir antecedido de preposição, ou do conectivo *como*:

O ato foi acusado **de ilegal**.
Carlos saiu estudante e voltou **como doutor**.

VARIABILIDADE DA PREDICAÇÃO VERBAL

A análise da transitividade verbal é feita de acordo com o texto e não isoladamente. O mesmo verbo pode estar empregado ora intransitivamente, ora transitivamente, ora com objeto direto, ora com objeto indireto.

Comparem-se estes exemplos:

Perdoai sempre.	[= INTRANSITIVO]
Perdoai **as ofensas**.	[= TRANSITIVO DIRETO]
Perdoai **aos inimigos**.	[= TRANSITIVO INDIRETO]
Perdoai **as ofensas aos inimigos**.	[= TRANSITIVO DIRETO E INDIRETO]
Por que sonhas, ó jovem poeta?	[= INTRANSITIVO]
Sonhei **um sonho guinholesco**.	[= TRANSITIVO DIRETO]

A ORAÇÃO E OS SEUS TERMOS INTEGRANTES

Examinemos as partes assinaladas nas orações abaixo:

Alguns colegas mostravam **interesse por ele**.
(R. Pompeia, *A*, 234.)

Tinha os olhos **rasos de lágrimas**.
(A. Bessa Luís, *QR*, 272.)

Tenho escrito bastantes poemas.
(F. Pessoa, *OP*, 175.)

Não sei que diga do marido **relativamente ao baile da ilha**.
(Machado de Assis, *OC*, I, 935.)

No primeiro exemplo, o pronome *ele* está relacionado com o substantivo *interesse* por meio da preposição *por*; no segundo, o substantivo *lágrimas* relaciona-se com o adjetivo *rasos* através da preposição *de*; no terceiro, o substantivo *poemas*, modificado pelo adjetivo *bastantes*, integra o sentido da forma verbal *tenho escrito*; no quarto, *o baile da ilha* prende-se ao advérbio *relativamente* por intermédio da preposição *a*.

Vemos, pois, que há palavras que completam o sentido de substantivos, de adjetivos, de verbos e de advérbios. As que se ligam por preposição a substantivo, adjetivo ou advérbio chamam-se COMPLEMENTOS NOMINAIS. Denominam-se COMPLEMENTOS VERBAIS as que integram o sentido do verbo.

COMPLEMENTO NOMINAL

O COMPLEMENTO NOMINAL vem, como dissemos, ligado por preposição ao substantivo, ao adjetivo ou ao advérbio cujo sentido integra ou limita. A palavra que tem o seu sentido completado ou integrado encerra "uma ideia de relação e o complemento é o objeto desta relação"[1].

O COMPLEMENTO NOMINAL pode ser representado por:

a) substantivo (acompanhado ou não dos seus modificadores):

O pior é a demora **do vapor.**
(V. Nemésio, *MTC*, 361.)

Só Joana parecia alheia **a toda essa atividade.**
(F. Namora, *TJ*, 231.)

b) pronome:

Tinha nojo **de si mesma.**
(Machado de Assis, *OC*, I, 487.)

Ninguém teve notícia **dele.**
(J. Condé, *TC*, 101.)

c) numeral:

A vida dele era necessária **a ambas.**
(Machado de Assis, *OC*, I, 393.)

Era um repasto de lágrimas **de ambos.**
(C. Castelo Branco, *OS*, I, 563.)

d) palavra ou expressão substantivada:

Passo, fantasma do meu ser presente,
Ébrio, por intervalos, **de um Além.**
(F. Pessoa, *OP*, 392)

Os dois adversários na luta **do sim** e **do não** trataram do que então lhes interessava, numa conversa breve.
(A. F. Schmidt, *AP*, 105.)

---

[1] Jean Dubois *et alii. Dictionnaire de linguistique.* Paris, Larousse, 1973, p. 103.

e) oração completiva nominal:

Comprei a consciência **de que sou**
Homem de trocas com a natureza.
(M. Torga, *CH*, 11.)

Estou com vontade **de suprimir este capítulo.**
(Machado de Assis, *OC*, I, 509.)

Observações:

1.ª) O COMPLEMENTO NOMINAL pode estar integrando o sujeito, o predicativo, o objeto direto, o objeto indireto, o agente da passiva, o adjunto adverbial, o aposto e o vocativo.

2.ª) Convém ter presente que o nome cujo sentido o COMPLEMENTO NOMINAL integra corresponde, geralmente, a um verbo transitivo de radical semelhante:

amor **da pátria**	amar **a pátria**
ódio **aos injustos**	odiar **os injustos**

COMPLEMENTOS VERBAIS

OBJETO DIRETO

1. OBJETO DIRETO é o complemento de um verbo transitivo direto, ou seja, o complemento que normalmente vem ligado ao verbo sem preposição e indica o ser para o qual se dirige a ação verbal.
   Pode ser representado por:

a) substantivo:

Vou descobrir **mundos**, quero **glória** e **fama**!...
(Guerra Junqueiro, *S*, 12.)

Não recebo **dinheiro** nenhum.
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 82.)

b) pronome (substantivo):

Os jornais **nada** publicaram.
(C. Drummond de Andrade, *CA*, 135.)

Nunca **o** interrompi.
(Alves Redol, *BSL*, 68.)

— Visto-**me** num instante e vou **te** levar de carro.
(Vianna Moog, *T*, 80.)

c) numeral:

— Já tenho **seis** lá em casa, que mal faz inteirar **sete**?
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 31.)

Nunca achou **dois** ou **três**?
(A. Abelaira, *NC*, 62.)

d) palavra ou expressão substantivada:

Tem **um quê** de inexplicável.
(Gonçalves Dias, *PCPE*, 230.)

Como quem compõe roupas
O **outrora** compúnhamos.
(F. Pessoa, *OP*, 206)

Perscrutava na quietude o **inútil de sua vida**.
(Autran Dourado, *TA*, 36.)

e) oração substantiva (objetiva direta):

Não quero **que fiques triste.**
(J. Régio, *SM*, 295.)

Veja **se consegue o mapa dos caminhos**.
(A. M. Machado, *CJ*, 244.)

2. Saliente-se, ainda, que na constituição do OBJETO DIRETO podem entrar mais de um substantivo ou mais de um dos seus equivalentes:

Tomara-lhe **a mulher e a terra**, mas mandara-lhe entregar **o milho e as abóboras** que nela encontrara.
(Castro Soromenho, *C*, 3.)

Discreto e cauteloso, raramente diz "**sim**" ou "**não**" categóricos; prefere o **vamos ver** protelatório e reflexivo.
(A. M. Machado, *JT*, LI.)

OBJETO DIRETO PREPOSICIONADO[2]

1. O OBJETO DIRETO costuma vir regido da preposição *a*:

a) com os verbos que exprimem sentimentos:

> Não amo **a ninguém**, Pedro.
> (C. dos Anjos, *M*, 196.)

> Só não amava **a Jorge** como amava **ao filho**.
> (J. Paço d'Arcos, *CVL*, 156.)

b) para evitar ambiguidade:

> Sabeis, que **ao Mestre** vai matá-lo.
> (M. Mesquita, *LT*, 66.)

c) quando vem antecipado, como nos provérbios seguintes:

> **A homem pobre** ninguém roube.
> **A médico, confessor e letrado** nunca enganes.

2. O OBJETO DIRETO é obrigatoriamente preposicionado quando expresso por pronome pessoal oblíquo tônico:

> Não **a ti**, Cristo, odeio ou te não quero.
> (F. Pessoa, *OP*, 218.)

> Rubião viu em duas rosas vulgares uma festa imperial, e esqueceu a sala, a mulher e **a si**.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 679.)

OBJETO DIRETO PLEONÁSTICO

1. Quando se quer chamar atenção para o OBJETO DIRETO que precede o verbo, costuma-se repeti-lo. É o que se chama OBJETO DIRETO PLEONÁSTICO, em cuja constituição entra sempre um pronome pessoal átono:

---

[2] Sobre o emprego do OBJETO DIRETO PREPOSICIONADO em português, veja-se a excelente monografia de Karl Heinz Delille. *Die geschichtliche Entwicklung des präpositionalen Akkusativs im Portugiesischen*. Bonn, Romanisches Seminar der Universität, 1970.

Palavras cria-**as** o tempo e o tempo **as** mata.
(J. Cardoso Pires, *D*, 300.)

Árvore, filho e livro, queria-**os** perfeitos.
(Vianna Moog, *T*, 330.)

2. O OBJETO DIRETO PLEONÁSTICO pode também ser constituído de um pronome átono e de uma forma pronominal tônica preposicionada:

A mim, ninguém **me** espera em casa.
(J. Régio, *CL*, 52.)

Quantas vezes, viandante, esta incolor paisagem
Não **te** mirou **a ti**, **a ti** também sem cor!
(A. de Guimaraens, *OC*, 194.)

Mas não encontrou Marcelo nenhum. Encontrou-**nos a nós**.
(D. Mourão-Ferreira, *I*, 23.)

OBJETO INDIRETO

1. OBJETO INDIRETO é o complemento de um verbo transitivo indireto, isto é, o complemento que se liga ao verbo por meio de preposição.
Pode ser representado por:

a) substantivo:

Duvidava **da riqueza da terra**.
(N. Piñon, *CC*, 190.)

Necessitamos **de uma cabeça bem firme na terra, bem fincada na terra**!
(A. Abelaira, *NC*, 74.)

b) pronome (substantivo):

Que ela afaste **de ti** aquelas dores
Que fizeram **de mim** isto que sou!
(F. Espanca, *S*, 24.)

Inserir-se em Roma é mais difícil do que incorporar **a si** o sentimento de Roma.
(A. A. de Melo Franco, *AR*, 25.)

c) numeral:

Os domingos, porém, pertenciam **aos dois**.
(F. Namora, *CS*, 113.)

Se o meu barbeiro é, como creio, verdadeiro, a viúva do defunto compôs-se com o matador, e o ministério público **com ambos**, de modo que o homicida granjeou pacificamente suas terras.
(C. Castelo Branco, *OS*, I, 93.)

d) palavra ou expressão substantivada:

Mas — quem daria dinheiro **aos pobres**?
(C. Lispector, *BF*, 138.)

Seu formidável vulto solitário
Enche **de estar presente** o mar e o céu.
(F. Pessoa, *OP*, 14.)

e) oração substantiva (objetiva indireta):

— Não te esqueças **de que a obediência é o primeiro voto das noviças.**
(J. Montello, *DP*, 236.)

A mãe contava e recontava as duas malas tentando convencer-se **de que ambas estavam no carro.**
(C. Lispector, *LF*, 90.)

2. Como o OBJETO DIRETO, o OBJETO INDIRETO pode ser constituído de mais de um substantivo ou mais de um dos seus equivalentes:

Fechada a porta da Casa Verde, entregou-se **ao estudo e à cura** de si mesmo.
(Machado de Assis, *OC*, II, 288.)

Embora, não perceba grande coisa do que ouve, está sempre a precisar **disto e daquilo.**
(M. J. de Carvalho, *AV*, 54.)

Observação:

Não vem precedido de preposição o OBJETO INDIRETO representado pelos pronomes pessoais oblíquos *me*, *te*, *lhe*, *nos*, *vos*, *lhes*, e pelo reflexivo *se*. Note-se que o pronome oblíquo *lhe* (*lhes*) é essencialmente OBJETO INDIRETO:

— Você não **me** está insinuando que não vai aceitar?
(Vianna Moog, *T*, 390.)

As noites não **lhe** trouxeram repouso, mas deram-**lhe**, em contrapartida, tempo para a meditação.
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 1177.)

Luís Garcia dera-**se** pressa em visitar o filho de Valéria.
(Machado de Assis, *OC*, I, 336.)

A propósito do emprego dos pronomes oblíquos (tônicos e átonos), bem como do modo por que se podem combinar, leia-se o que dizemos no capítulo 11.

OBJETO INDIRETO PLEONÁSTICO

Com a finalidade de realçá-lo, costuma-se repetir o OBJETO INDIRETO. Neste caso, uma das formas é obrigatoriamente um pronome pessoal átono. A outra pode ser um substantivo ou um pronome oblíquo tônico antecedido de preposição:

A mim ensinou-**me** tudo.
(F. Pessoa, *OP*, 145.)

— Quem **lhe** disse **a você** que estavam no palheiro?
(C. de Oliveira, *AC*, 119.)

Aos meus escritos, não **lhes** dava importância nenhuma.
(G. Amado, *HMI*, 190.)

Observação:

Enquanto a preposição que encabeça um ADJUNTO ADVERBIAL possui claro valor significativo, a que introduz um OBJETO INDIRETO apresenta acentuado esvaziamento de sentido. Comparem-se estes exemplos:

Cantava **para os amigos**.	Não duvides **de mim**.
Viajou **para São Paulo**.	Não saias **de casa**.

Nas duas primeiras orações, em que introduzem OBJETO INDIRETO, as preposições *para* e *de* são simples elos sintáticos. Nas duas últimas, introduzindo ADJUNTOS ADVERBIAIS, servem para indicar, respectivamente, o *lugar para onde* e o *lugar donde*.

A propósito, leia-se o que escrevemos no capítulo 15.

PREDICATIVO DO OBJETO

1. Tanto o OBJETO DIRETO como o INDIRETO podem ser modificados por PREDICATIVO. O PREDICATIVO DO OBJETO só aparece no predicado VERBO-NOMINAL, e é expresso:

a) por substantivo:

Uns **a** nomeiam **primavera**. Eu **lhe** chamo **estado de espírito**.
(C. Drummond de Andrade, *FA*, 125.)

Chamo-**me Aldemiro**.
(I. Lisboa, *MCN*, 94.)

b) por adjetivo:

Os trabalhadores da Gamboa julgam-**no assombrado**.
(O. Mendes, *P*, 140.)

Naquele ano Ismael achou **o avô mais macambúzio**.
(Autran Dourado, *TA*, 41.)

2. Como o PREDICATIVO DO SUJEITO, o DO OBJETO pode vir antecedido de preposição, ou do conectivo *como*:

Quaresma então explicou porque **o** tratavam **por major**.
(Lima Barreto, *TFPQ*, 215.)

Considero-**o como o primeiro dos precursores do espírito moderno**.
(A. de Quental, *C*, 313.)

Observação:

Somente com o verbo *chamar* pode ocorrer o PREDICATIVO DO OBJETO INDIRETO:

A gente só ouvia o Pancário chamar-**lhe ladrão e mentiroso**.
(Castro Soromenho, *V*. 220.)

Chamam-**lhe fascista** por toda a parte.
(C. dos Anjos, *M*, 277.)

Com os demais verbos que admitem esse predicativo (por exemplo: *crer*, *eleger*, *encontrar*, *estimar*, *fazer*, *julgar*, *nomear*, *proclamar* e sinônimos), ele é sempre um

modificador do OBJETO DIRETO. Baseados nesse fato, filólogos como Epifânio da Silva Dias e Martinz de Aguiar preferem considerar o complemento no caso — seja expresso pelo pronome *lhe*, seja por um substantivo antecedido de preposição — como OBJETO DIRETO.

AGENTE DA PASSIVA

1. AGENTE DA PASSIVA é o complemento que, na voz passiva com auxiliar, designa o ser que pratica a ação sofrida ou recebida pelo sujeito. Este complemento verbal — normalmente introduzido pela preposição *por* (ou *per*) e, algumas vezes, por *de* — pode ser representado:

a) por substantivo ou palavra substantivada:

— Esta carta foi escrita **por** um **marinheiro** americano.
(F. Namora, *DT*, 120.)

Um jornal é lido **por** muita **gente**.
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 30.)

b) por pronome:

Ele **dela** é ignorado.
Ela para ele é ninguém.
(F. Pessoa, *OP*, 117.)

A mesma oração foi **por mim** proferida em São José dos Campos, minha cidade natal.
(Cassiano Ricardo, *VTE*, 26.)

c) por numeral:

Tudo quanto os leitores sabem de um e de outro foi ali exposto **por ambos**, e **por ambos** ouvido entre abatimento e cólera.
(Machado de Assis, *OC*, II, 212-213.)

Não devem ser escutadas por todos; têm de ser ouvidas **por um**.
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 350.)

d) por oração substantiva:

E se a primeira pode não encontrar partidários incondicionais, a segunda é certamente subscrita **por quantos tenham uma experiên-**

cia análoga, e não pensam a América, mas se incorporam nela, sem deixarem de ser Europeus.

(M. Torga, *TU*, 48.)

Mariana era apreciada **por todos quantos iam a nossa casa, homens e senhoras.**

(Machado de Assis, *OC*, II, 746.)

TRANSFORMAÇÃO DA ORAÇÃO ATIVA EM PASSIVA

1. Quando uma oração contém um verbo construído com objeto direto, ela pode assumir a forma passiva, mediante as seguintes transformações:
   a) o objeto direto passa a ser sujeito da passiva;
   b) o verbo passa à forma passiva analítica do mesmo tempo e modo;
   c) o sujeito converte-se em agente da passiva.

Tomando-se como exemplo a seguinte oração ativa,

A inflação corrói os salários,

poderíamos colocá-la no esquema:

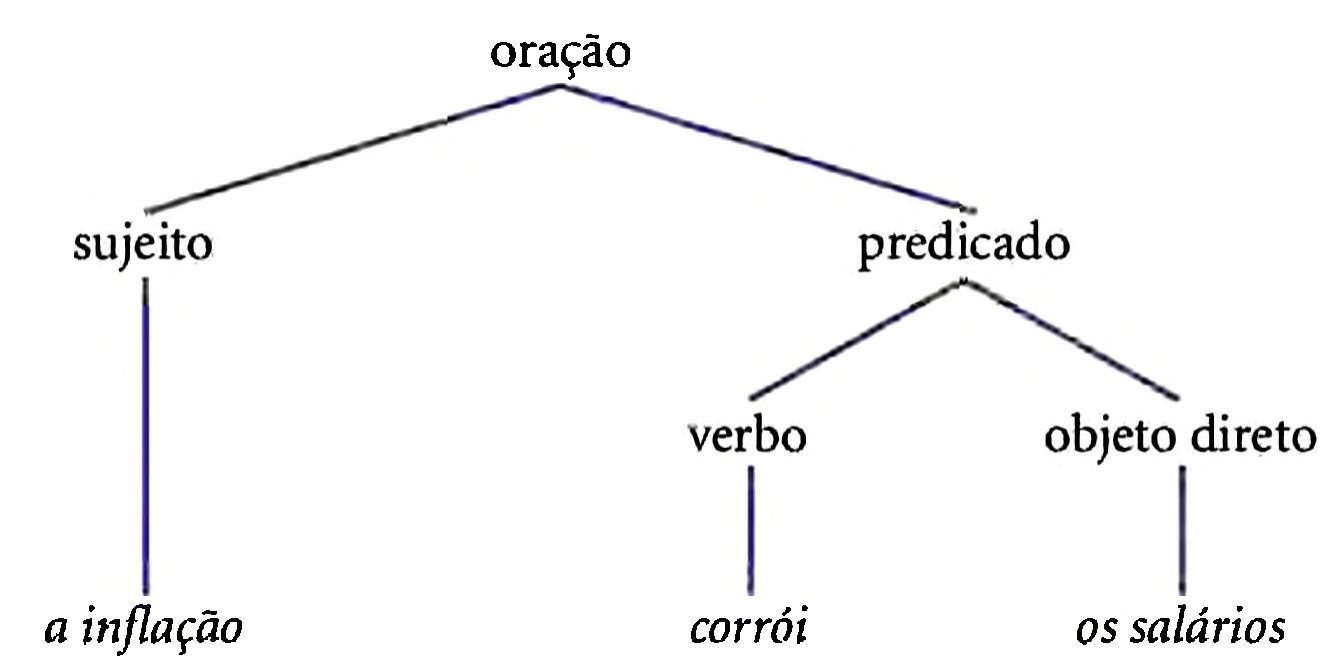

Convertida na oração passiva, teríamos:

Os salários são corroídos pela inflação.

O seu esquema seria então:

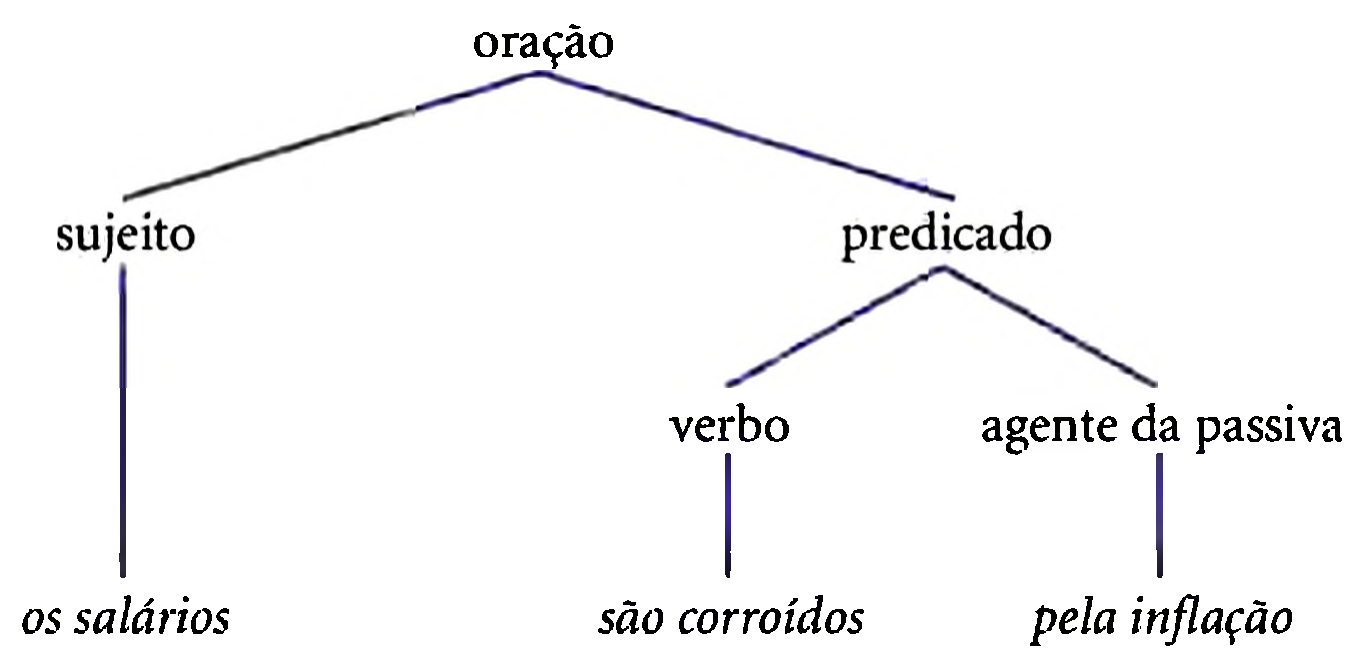

2. Se numa oração da voz ativa o verbo estiver na 3.ª pessoa do plural para indicar a indeterminação do sujeito, na transformação passiva cala-se o agente. Assim:

VOZ ATIVA	VOZ PASSIVA
Aumentaram os salários.	Os salários foram aumentados.
Contiveram a inflação.	A inflação foi contida.

Observações:

1.ª) Cumpre não esquecer que, na passagem de uma oração da voz ativa para a passiva, ou vice-versa, o agente e o paciente continuam os mesmos; apenas desempenham função sintática diferente.

2.ª) Na voz passiva pronominal, a língua moderna omite sempre o agente:

Aumentou-se o salário dos gráficos.
Conteve-se a inflação em níveis razoáveis.

A ORAÇÃO E OS SEUS TERMOS ACESSÓRIOS

Chamam-se ACESSÓRIOS OS TERMOS que se juntam a um nome ou a um verbo para precisar-lhes o significado. Embora tragam um dado novo à oração, não são eles indispensáveis ao entendimento do enunciado. Daí a sua denominação.

São TERMOS ACESSÓRIOS:

a) O ADJUNTO ADNOMINAL;
b) O ADJUNTO ADVERBIAL;
c) O APOSTO.

ADJUNTO ADNOMINAL

ADJUNTO ADNOMINAL é o termo de valor adjetivo que serve para especificar ou delimitar o significado de um substantivo, qualquer que seja a função deste.

O ADJUNTO ADNOMINAL pode vir expresso por:

a) adjetivo:

> Na areia podemos fazer até castelos **soberbos**, onde abrigar o nosso **íntimo** sonho.
> (R. Braga, *CCE*, 251.)

> — Tenho pensado que toda esta geringonça **social** precisa de uma **grande** volta.
> (C. de Oliveira, *CD*, 93.)

b) locução adjetiva:

> Tinha uma memória **de prodígio.**
> (J. Lins do Rego, *ME*, 104.)

> Era um homem **de consciência.**
> (A. Abelaira, *NC*, 15.)

> O homem já estava acamado
> Dentro da noite **sem cor.**
> (M. Bandeira, *PP*, I, 339.)

c) artigo (definido ou indefinido):

> **O** ovo é **a** cruz que **a** galinha carrega **na** vida.
> (C. Lispector, *FC*, 51.)

> **As** ondas rebentavam com estrondo, formando **uma** muralha de espuma, para lá da qual **o** mar era **um** lago sereno e azul.
> (Branquinho da Fonseca, *MS*, 10.)

d) pronome adjetivo:

> Deposito a **minha** dona no limiar da **sua** moradia.
> (F. Botelho, *X*, 118.)

Vários vendedores de artesanato expunham **suas** mercadorias.
(R. Fonseca, *C*, 76-77.)

e) numeral:

Casara-se havia **duas** semanas.
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 29.)

Tinha uns **seis** a **oito** meses e eu, proporcionalmente, devia orçar pela sua idade.
(A. Ribeiro, *CRG*, 17.)

f) oração adjetiva:

Os cabelos, **que tinha fartos e lisos**, caíram-lhe todos.
(M. J. de Carvalho, *AV*, 116.)

Venho cumprir uma missão do sacerdócio **que abracei**.
(Machado de Assis, *OC*, II, 155.)

Observação:

O mesmo substantivo pode estar acompanhado por mais de um ADJUNTO ADNOMINAL:

Ante **o meu** embezerramento, o paizinho sorria **um** sorriso **benévolo** e **desenfadado**.
(A. Ribeiro, *CRG*, 11.)

Um Cristo **barroco** pendia da cruz, **num** altar **lateral**.
(Vianna Moog, *T*, 86.)

ADJUNTO ADVERBIAL

ADJUNTO ADVERBIAL é, como o nome indica, o termo de valor adverbial que denota alguma circunstância do fato expresso pelo verbo, ou intensifica o sentido deste, de um adjetivo, ou de um advérbio.

O ADJUNTO ADVERBIAL pode vir representado por:

a) advérbio:

Aqui não passa ninguém.
(F. Namora, *TJ*, 205.)

Amou-a **perdidamente.**
(L. Fagundes Telles, *DA*, 118.)

b) por locução ou expressão adverbial:

De súbito, eu, o Barão e a criada começamos a dançar **no meio da sala.**
(Branquinho da Fonseca, *B*, 61.)

Lá embaixo aparece Jacarecanga **sob o sol do meio-dia.**
(É. Veríssimo, *ML*, 13.)

c) por oração adverbial:

Fechemos os olhos **até que o sol comece a declinar.**
(A. M. Machado, *CJ*, 82.)

Quando acordou, já Lisa ali estava.
(M. J. de Carvalho, *AV*, 141.)

Classificação dos adjuntos adverbiais

É difícil enumerar todos os tipos de ADJUNTOS ADVERBIAIS. Muitas vezes, só em face do texto se pode propor uma classificação exata. Não obstante, convém conhecer os seguintes:

a) DE CAUSA:

Por que lhes dais tanta dor?!
(A. Gil, *LJ*, 25.)

Não havia de perder o esforço daqueles anos todos, **por causa de um exame só, o derradeiro.**
(C. dos Anjos, *MS*, 343.)

b) DE COMPANHIA:

Lanchas, ide **com Deus**! Ide e voltai **com ele**
Por esse mar de Cristo...
(A. Nobre, *S*, 32.)

Vivi **com Daniel** perto de dois anos.
(C. Lispector, BF, 79.)

c) DE DÚVIDA:

Talvez Nina tivesse razão...
(V. Nemésio, *MTC*, 105.)

Acaso meu pai entenderia mesmo de poemas?
(L. Jardim, *MPM*, 89.)

d) DE FIM:

Há homens **para nada**, muitos **para pouco**, alguns **para muito**, nenhum **para tudo**.
(Marquês de Maricá, *M*, 87.)

Viaja então para se contrafazer, **por penitência**?
(A. Abelaira, *NC*, 19.)

e) DE INSTRUMENTO:

Anastácio estava no alto, na orla do mato, juntando, **a ancinho**, as folhas caídas.
(Lima Barreto, *TFPQ*, 156.)

Dou-te **com o chicote**, ouviste!
(Luandino Vieira, *L*, 41.)

f) DE INTENSIDADE:

Gosto **muito** de ti.
(M. Torga, *NCM*, 32.)

— Ou ele estuda **demais**, ou não come **bastante** de manhã, disse a mãe.
(C. Lispector, *LF*, 104.)

g) DE LUGAR AONDE [5]:

Cheguei **à taberna do velho** ao fim da tarde.
(Alves Redol, *BSL*, 330.)

---

[5] Sobre o emprego indiscriminado de *onde* e *aonde*, veja-se p. 355-6.

Veja **aonde** vai.
(A. M. Machado, *CJ*, 243.)

h) DE LUGAR ONDE:

No mês passado estive algumas horas **em Cartago.**
(A. Abelaira, *NC*, 19.)

O vulto escuro entrou **no jardim**, sumiu-se **em meio às árvores.**
(É. Veríssimo, *LS*, 133.)

i) DE LUGAR DONDE:

Dos mares da China não mais virão as quinquilharias.
(M. Rubião, *D*, 144.)

— Some-te **daqui**, ingrato!
(F. Namora, *TJ*, 99.)

j) DE LUGAR PARA ONDE:

Levaram a defunta numa rede **para o cemitério de S. Caetano.**
(L. Jardim, *MP*, 25.)

A chuva levou-os **para casa.**
(C. de Oliveira, *AC*, 166.)

l) DE LUGAR POR ONDE:

Atravessou o Campo da Aclamação, enfiou **pela Rua de São Pedro** e meteu-se **pelo Aterrado acima.**
(Machado de Assis, *OC*, II, 569.)

Por sobre o navio voejavam ainda gaivotas, com movimentos lentos, ritmados.
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 593.)

m) DE MATÉRIA:

Obra de finado. Escrevi-a **com a pena da galhofa e a tinta da melancolia.**
(Machado de Assis, *OC*, I, 413.)

Cheguei de Paris, e encontrei uma carta de Irene, escrita na véspera do casamento. Era um adeus **com raiva e lágrimas**.
(C. Castelo Branco, *OS*, II, 298.)

n) DE MEIO:

Estarei talvez confundindo as coisas, mas Aníbal ainda viajava **de bicicleta**, imaginem!
(A. Abelaira, *NC*, 19.)

Voltamos **de bote** para a ponta do Caju.
(Lima Barreto, *REIC*, 287.)

o) DE MODO:

Vagarosamente ela foi recolhendo o fio.
(L. Fagundes Telles, *ABV*, 7.)

Henriqueta subiu a escada, **pé ante pé**, como um ladrão.
(V. Nemésio, *MTC*, 79.)

p) DE NEGAÇÃO:

— **Não**, senhor Cônego, vejo. Mas **não** concordo, **não** aceito.
(B. Santareno, *TPM*, 109.)

— **Não** partas, **não**. Aqui todos te querem!
(Castro Alves, *EF*, 154.)

q) DE TEMPO:

Todas as manhãs ele sentava-se **cedo** a essa mesa e escrevia **até as dez, onze horas**.
(P. Nava, *BO*, 330.)

A Custódia esteve **cinco anos** na clausura.
(A. Ribeiro, *CRG*, 28.)

APOSTO

1. APOSTO é o termo de caráter nominal que se junta a um substantivo, a um pronome, ou a um equivalente destes, a título de explicação ou de apreciação:

Eles, **os pobres desesperados**, tinham uma euforia de fantoches.
(F. Namora, *DT*, 237.)

Mas como explicar que, logo em seguida, fossem recolhidos José Borges do Couto Leme, **pessoa estimável**, o Chico das Cambraias, **folgazão emérito**, o escrivão **Fabrício**, e ainda outros?
(Machado de Assis, *OC*, II, 269.)

2. Entre o APOSTO e o termo a que ele se refere há em geral pausa, marcada na escrita por uma vírgula, como nos exemplos acima.
Mas pode também não haver pausa entre o APOSTO e a palavra principal, quando esta é um termo genérico, especificado ou individualizado pelo APOSTO.
Por exemplo:

A cidade **de Lisboa**
O poeta **Bilac**
O rei **D. Manuel**
O mês **de junho**

Este APOSTO, chamado de ESPECIFICAÇÃO, não deve ser confundido com certas construções formalmente semelhantes, como

O clima **de Lisboa**
O soneto **de Bilac**
A época **de D. Manuel**
As festas **de junho**

em que *de Lisboa*, *de Bilac*, *de D. Manuel* e *de junho* equivalem a adjetivos (= *lisboeta*, *bilaquiano*, *manuelina* e *juninas*) e funcionam, portanto, como ATRIBUTOS OU ADJUNTOS ADNOMINAIS.

3. O APOSTO pode também:
a) ser representado por uma oração:

A outra metade tocara aos sobrinhos, com uma condição expressa: **que o legado só lhes fosse entregue trinta anos depois**.
(J. Montello, *LE*, 202.)

A verdade é esta: **não fala a bem dizer com acento algum**.
(M. de Sá-Carneiro, *CF*, 108.)

b) referir-se a uma oração inteira:

> Pediu que lhe fornecessem papel de carta e que lhe restituíssem a sua caneta, **o** que lhe foi concedido.
> (J. Paço d'Arcos, *CVL*, 1183.)

> O importante é saber para onde puxa mais a corredeira — **coisa**, aliás, **sem grandes mistérios**.
> (M. Palmério, *VC*, 375.)

c) ser enumerativo, ou recapitulativo:

> Tudo o fazia lembrar-se dela: **a manhã, os pássaros, o mar, o azul do céu, as flores, os campos, os jardins, a relva, as casas, as fontes, sobretudo as fontes, principalmente as fontes!**
> (Almada Negreiros, *NG*, 112.)

> Os porcos do chiqueiro, as galinhas, os pé de bogari, o cardeiro da estrada, as cajazeiras, o bode manso, **tudo** na casa de seu compadre parecia mais seguro do que dantes.
> (J. Lins do Rego, *FM*, 289.)

Valor sintático do aposto

O APOSTO tem o mesmo valor sintático do termo a que se refere. Pode, assim, haver:

a) aposto no sujeito:

> Ela, **Dora**, foi, de resto, muitíssimo discreta.
> (M. J. de Carvalho, *AV*, 105.)

> A espingarda lazarina, **a melhor espingarda do mundo**, não mentia fogo e alcançava longe, alcançava tanto quanto a vista do dono; a mulher, **Cesária**, fazia renda e adivinhava os pensamentos do marido.
> (G. Ramos, *AOH*, 25.)

b) aposto no predicativo:

> As escrituras eram duas: **a do distrate da hipoteca e a da venda das propriedades**.
> (J. Paço d'Arcos, *CVL*, 550.)

O meu projeto é este: **podíamos obrigar toda a gente a ter manchas no rosto.**
(G. Ramos, *AOH*, 143.)

c) aposto no complemento nominal:

João Viegas está ansioso por um amigo que se demora, **o Calisto.**
(Machado de Assis, *OC*, II, 521.)

A vida é um contínuo naufrágio de tudo: **de seres e de coisas, de paixões e de indiferenças, de ambições e temores.**
(A. F. Schmidt, *F*, 72.)

d) aposto no objeto direto:

Assim, apontou com especialidade alguns personagens célebres, **Sócrates**, que tinha um demônio familiar, **Pascal**, que via um abismo à esquerda, **Maomé, Caracala, Domiciano, Calígula...**
(Machado de Assis, *OC*, II, 262.)

Jogamos uma partida de xadrez, **uma luta renhida**, quase duas horas...
(A. Abelaira, *NC*, 54.)

e) aposto no objeto indireto:

Devorador da vida lhe chamaram,
A ele, **artista, sábio e pensador,**
Que denodadamente se procura!
(M. Torga, *CH*, 79.)

Meu pai cortava cana para a égua, **sua montaria predileta.**
(J. Amado, *MG*, 13.)

Foi o que sucedeu ao seu maior amigo, **ao Abel**, quando andavam na traineira do Domingos Peixe.
(Alves Redol, *FM*, 173.)

f) aposto no agente da passiva:

Esta frase foi proposta por Sebastião Freitas, **o vereador dissidente**, cuja defesa dos Canjicas tanto escandalizara os colegas.
(Machado de Assis, *OC*, II, 274.)

As paredes foram levantadas por Tomás Manuel, **avô do Engenheiro.**
(J. Cardoso Pires, *D*, 63.)

g) aposto no adjunto adverbial:

Uma vez empossado da licença começou a construir a casa. Era na rua nova, **a mais bela de Itaguaí.**
(Machado de Assis, *OC*, II, 256-257.)

Foi em 14 de maio de 1542, **uma segunda-feira.**
(A. Ribeiro, *PST*, 272.)

h) aposto no aposto:

As crônicas da vila de Itaguaí dizem que em tempos remotos vivera ali um certo médico, o Dr. Simão Bacamarte, **filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas.**
(Machado de Assis, *OC*, II, 255.)

No Recolhimento morreram umas, ficaram desfeadas outras para todo o sempre, cegou a filha do Floriano, fidalgo de Rape, **cunhado de meu padrinho**, D. Nicéforo da Ula Monterroso Barbaleda Fernandes, **moço fidalgo da Casa Real e par do Reino.**
(A. Ribeiro, *CRG*, 29.)

i) aposto no vocativo:

Razão, **irmã do Amor e da Justiça,**
Mais uma vez escuta a minha prece.
(A. de Quental, *SC*, 71.)

Tu, Deus, **o Inspirador, Taumaturgo e Adivinho,**
Dá-me alívio ao pesar, prodigando-me o Vinho
Que é o néctar celestial da eterna Moradia.
(A. de Guimaraens, *OC*, 313.)

Aposto predicativo

Com o APOSTO atribui-se a um substantivo a propriedade representada por outro substantivo. Os dois termos designam sempre o mesmo ser, o mesmo objeto, o mesmo fato ou a mesma ideia.

Por isso, o APOSTO não deve ser confundido com o adjetivo que, em função de PREDICATIVO, costuma vir separado do substantivo que modifica por uma pausa sensível (indicada geralmente por vírgula na escrita). Numa oração como a seguinte

E a noite vai descendo **muda e calma**...
(F. Espanca, *S*, 60.)

que também poderia ser enunciada

E a noite, **muda e calma**, vai descendo...

ou

E, **muda e calma**, a noite vai descendo...,

muda e calma é PREDICATIVO de um predicado verbo-nominal.

O mesmo raciocínio aplica-se à análise de orações elípticas, cujo corpo se reduz a um adjetivo, que nelas desempenha a função de PREDICATIVO.

É o caso de frases do tipo:

Rico, desdenhava dos humildes.

em que *rico* não é APOSTO. Equivale a uma oração adverbial de causa [= *porque era rico*], dentro da qual exerce a função de PREDICATIVO.

O adjetivo, enquanto adjetivo, "não pode exercer a função de APOSTO, porque ele designa *uma característica* do ser ou da coisa, e não o próprio ser ou a própria coisa"[4].

VOCATIVO

1. Examinando estes versos de A. Nobre,

Manuel, tens razão. Venho tarde. Desculpa.
(*S*, 51.)

Ó sinos de Santa Clara,
Por quem dobrais, quem morreu?
(*S*, 47.)

---

[4] Georges Galichet. *Grammaire structurale du français moderne*. 2.ª ed. Paris–Limoges, Charles-Lavauzelle, 1968, p. 135.

vemos que, neles, os termos *Manuel* e *Ó sinos de Santa Clara* não estão subordinados a nenhum outro termo da frase. Servem apenas para invocar, chamar ou nomear, com ênfase maior ou menor, uma pessoa ou coisa personificada.
A estes termos, de entoação exclamativa e isolados do resto da frase, dá-se o nome de VOCATIVO.

2. Embora não subordinado a nenhum outro termo da oração e isolado do resto da frase, o VOCATIVO pode relacionar-se com algum dos termos.
Assim, neste exemplo,

> E, ao vê-la, acordarei, **meu Deus de França!**
> (A. Nobre, *S*, 43.)

o VOCATIVO *meu Deus de França!* não tem relação alguma com os demais termos da frase.
Já nestes exemplos,

> Dizei-me vós, **Senhor Deus!**
> (Castro Alves, *OC*, 281.)

> **Ó lanchas**, Deus vos leve pela mão!
> (A. Nobre, *S*, 31.)

o VOCATIVO *Senhor Deus!* relaciona-se com o sujeito *vós*, da primeira oração; e o VOCATIVO *Ó lanchas* com o objeto direto *vos*, da segunda.

Observações:

1.ª) Quando se quer dar maior ênfase à frase, costuma-se preceder o VOCATIVO da interjeição *ó!*, como neste exemplo de Vinícius de Morais:

> **Ó minha amada,**
> Que olhos os teus!
> (PCP, 334.)

2.ª) Na escrita, o VOCATIVO vem normalmente isolado por vírgula, ou seguido de ponto de exclamação, como nos mostram os exemplos acima.

3.ª) Cumpre distinguir o VOCATIVO do substantivo que, acompanhado ou não de determinação, constitui por si mesmo o predicado em frases exclamativas do tipo:

> **Silêncio!** [= Faça silêncio!]
> **Mãos ao alto!** [= Ponha as mãos ao alto!]

COLOCAÇÃO DOS TERMOS NA ORAÇÃO

ORDEM DIRETA E ORDEM INVERSA

1. Em português, como nas demais línguas românicas, predomina a ORDEM DIRETA, isto é, os termos da oração dispõem-se preferencialmente na sequência:

   SUJEITO + VERBO + OBJETO DIRETO + OBJETO INDIRETO

   ou

   SUJEITO + VERBO + PREDICATIVO

   Essa preferência pela ORDEM DIRETA é mais sensível nas ORAÇÕES ENUNCIATIVAS OU DECLARATIVAS (afirmativas ou negativas). Assim:

   Carlos ofereceu um livro ao colega.
   Carlos é gentil.
   Paulo não perdoou a ofensa do colega.
   Paulo não é generoso.

2. Ao reconhecermos a predominância da ordem direta em português, não devemos concluir que as inversões repugnem ao nosso idioma. Pelo contrário, com muito mais facilidade do que outras línguas (do que o francês, por exemplo), ele nos permite alterar a ordem normal dos termos da oração. Há mesmo certas inversões que o uso consagrou, e se tornaram para nós uma exigência gramatical.

INVERSÕES DE NATUREZA ESTILÍSTICA

Dos fatores que normalmente concorrem para alterar a sequência lógica dos termos de uma oração, o mais importante é, sem dúvida, a ênfase.

Assim, o realce do SUJEITO provoca geralmente a sua posposição ao VERBO:

Quero levar-te a dédalos profundos,
Onde refervem **sóis... e céus... e mundos...**
(Castro Alves, *EF*, 44.)

És **tu**! És **tu**! Sempre vieste, enfim!
(F. Espanca, *S*, 140.)

Não vês o que te dou **eu**?
(V. de Morais, *PCP*, 297.)

Ao contrário, o realce do PREDICATIVO, do OBJETO (DIRETO ou INDIRETO) e do ADJUNTO ADVERBIAL é expresso de regra por sua antecipação ao verbo:

> **Fraca** foi a resistência.
> (C. dos Anjos, *MS*, 313.)

> **Minha espada**, pesada a braços lassos,
> Em mãos viris e calmas entreguei.
> (F. Pessoa, *OP*, 67.)

> **A ela** devia o meu estado psíquico cinzento e melindroso.
> (F. Namora, *DT*, 59.)

> **Acolá, na entrada do Catongo**, é uma festa de mutirão.
> (Adonias Filho, *LP*, 30.)

INVERSÕES DE NATUREZA GRAMATICAL

Em outros lugares deste livro tratamos da colocação de termos da oração. Nos capítulos 10, 11 e 14 estudamos, respectivamente, a posição:

a) do ADJETIVO como ADJUNTO ADNOMINAL;
b) dos PRONOMES, em particular dos PRONOMES PESSOAIS ÁTONOS que servem de OBJETO DIRETO ou INDIRETO;
c) do ADVÉRBIO e de outras classes de palavras em sua função oracional.

No capítulo 19 examinamos as figuras de sintaxe denominadas HIPÉRBATO, ANÁSTROFE e SÍNQUISE. Por isso, vamos restringir-nos aqui apenas a algumas considerações quanto à posição do VERBO relativamente ao SUJEITO e ao PREDICATIVO.

Inversão verbo + sujeito

1. A inversão VERBO + SUJEITO verifica-se em geral:

a) nas orações interrogativas:

> Que **fazes tu** de grande e bom, contudo?
> (A. de Quental, *SC*, 64.)

> Onde **está a estrela da manhã**?
> (M. Bandeira, *PP*, I, 233.)

b) nas orações que contêm uma forma verbal imperativa:

> **Ouve tu**, meu cansado coração,
> O que te diz a voz da natureza:
> (A. de Quental, *SC*, 51.)

> **Dize**-me **tu**, ó céu deserto,
> **dize**-me **tu** se é muito tarde.
> (C. Meireles, *OP*, 502.)

c) nas orações em que o verbo está na passiva pronominal:

> **Formam-se bolhas** na água...
> (F. Pessoa, *OP*, 160.)

> **Servia-se o almoço** às dez.
> (C. dos Anjos, *MS*, 4.)

d) nas orações absolutas construídas com o verbo no subjuntivo para denotar uma ordem, um desejo:

> — Que **venha essa coisa melhor!**
> (M. Rubião, *D*, 17.)

> **Chovam lírios e rosas** no teu colo!
> (A. de Quental, *SC*, 35.)

> **Durma**, de tuas mãos nas palmas sacrossantas,
> **O meu remorso.**
> (O. Bilac, *T*, 192.)

e) nas orações construídas com verbos do tipo *dizer, sugerir, perguntar, responder* e sinônimos que arrematam enunciados em DISCURSO DIRETO ou neles se inserem:

> — Isso não se faz, moço, **protestou Fabiano.**
> (G. Ramos, *VS*, 66.)

> — Traz-se-lhe as duas coisas — **disse o Barão** aflorando a cabeça no ombro da consorte, de mão na porta escura.
> (V. Nemésio, *MTC*, 363.)

f) nas orações reduzidas de infinitivo, de gerúndio e de particípio:

Pelas madrugadas de São João, **ao começarem a morrer as fogueiras,** mocinhas postavam-se diante do Solar.
(G. França de Lima, *JV*, 5.)

Tendo adoecido o nosso professor de português, padre Faria, ele o substituiu.
(J. Amado, *MG*, 112.)

Acabada a lenga-lenga, pretendi que bisasse.
(A. Ribeiro, *CRG*, 16.)

g) nas orações subordinadas adverbiais condicionais construídas sem conjunção:

Tivesse eu tomado em meus braços a rapariga e pagaria dentro em pouco em amarguras os momentos fugazes de felicidade.
(A. F. Schmidt, *AP*, 68.)

Viesse a ocasião, e ele havia de mostrar de que pau era a canoa...
(Machado de Assis, *OC*, I, 505.)

h) em certas construções com verbos unipessoais:

Aconteceu no Rio, como **acontecem tantas coisas**.
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 30.)

Basta o amor ao trabalho...
(A. Abelaira, *NC*, 14.)

Zuzé aproveitou para meter a parte dele, ainda **doía-lhe** no coração **a cabeçada antiga**.
(Luandino Vieira, *L*, 48.)

i) nas orações que se iniciam pelo predicativo, pelo objeto (direto ou indireto) ou por adjunto adverbial:

Este **é o destino dos versos**.
(F. Pessoa, *OP*, 165.)

Essa justiça vulgar, porém, não me **soube fazer o meu velho mestre.**
(R. Barbosa, *R*, 86.)

A nós, homens de letras, **impõe-se o dever da direção deste movimento.**
(O. Bilac, *DN*, 112.)

Num paquete como este não **existe a solidão!**
(A. Abelaira, *NC*, 41.)

2. A oração subordinada substantiva subjetiva coloca-se normalmente depois do verbo da principal:

É provável **que te sintas logo muito melhor.**
(A. O'Neill, *SO*, 37.)

Parece **que vamos ter um belo dia de sol, depois de uma noite de vento e chuva.**
(J. Montello, *A*, 178.)

É preciso **que eles nos temam.**
(Castro Soromenho, *V*, 116.)

3. Em princípio, os verbos intransitivos podem vir sempre antepostos ao seu sujeito:

Desponta a lua. Adormeceu o vento,
Adormeceram vales e campinas...
(A. de Quental, *SC*, 114.)

Correm as horas, vem o Sol descambando; **refresca a brisa**, e **sopra** rijo **o vento**. Não **ciciam** mais **os buritis**...
(Visconde de Taunay, *I*, 33.)

Observações:

1.ª) Embora nos casos mencionados a tendência da língua seja manifestamente pela inversão VERBO + SUJEITO, em quase todos eles é possível — e perfeitamente correta — a construção SUJEITO + VERBO.

2.ª) O pronome relativo coloca-se no princípio da oração, quer desempenhe a função de sujeito, quer a de objeto.

Inversão predicativo + verbo

1. O PREDICATIVO segue normalmente o verbo de ligação. Pode, no entanto, precedê-lo:

a) nas orações interrogativas e exclamativas:

> **Que monstro seria** ela?
> (J. Lins do Rego, *E*, 255.)

> **Que lindos eram** os lagartos nos terraços de suas luras a divisar-me com as duas gotas de ônix líquido dos olhos pequeninos!
> (A. Ribeiro, *CRG*, 91.)

b) em construções afetivas do tipo:

> **Orgulhoso, apaixonado pela própria imagem — isso** ele **o foi**!
> (A. F. Schmidt, *F*, 131.)

> **Probidade — essa foi** realmente a qualidade primacial de Veríssimo.
> (M. Bandeira, *PP*, II, 415.)

2. Na voz passiva analítica, o PARTICÍPIO vem normalmente posposto às formas do auxiliar *ser*. Costuma, no entanto, precedê-las em frases afetivas denotadoras de um desejo:

> **Abençoados sejam** os nossos maiores, que nos deram esta Pátria livre e formosa!
> (O. Bilac, *DN*, 81.)

> **Amaldiçoados sejam** eles, caiam-lhes as almas nas profundezas do inferno.
> (J. Saramago, *LC*, 121.)

ENTOAÇÃO ORACIONAL

1. Dos elementos constitutivos da voz humana é o TOM, ou altura musical, o mais sensível às modificações emocionais. Agrada-nos ou desagrada-nos o tom de voz de uma pessoa. Percebemos imediatamente se ela fala em *tom alto* ou *baixo*, ou se, pobre de inflexões, a sua elocução é *monótona*, isto é, de um "só tom", o que vale dizer "enfadonha". A fala expressiva exige variedade de tons e sua adequação ao pensamento.

A linha ou curva melódica descrita pela voz ao pronunciar palavras, orações e períodos chama-se ENTOAÇÃO.

2. Os diferentes problemas suscitados pelas tentativas de interpretação da curva melódica têm posto à prova a argúcia dos linguistas contemporâneos.
Entre esses problemas de solução delicada, sobreleva o de caracterizar o valor da entoação na frase, isto é, o de saber se nela a entoação desempenha uma função linguística (significativa ou distintiva) determinada. Por outras palavras: interessa-nos saber preliminarmente se, pela simples diversidade da curva melódica, duas mensagens — no mais foneticamente idênticas — podem ser interpretadas de maneira distinta pelos usuários de uma mesma língua.
Pelas razões que aduziremos a seguir, parece-nos lícito reconhecer a funcionalidade linguística da entoação em nosso idioma.

GRUPO ACENTUAL E GRUPO FÔNICO

Dissemos que GRUPO ACENTUAL é todo segmento de frase que se apoia em um acento tônico principal. A um ou vários grupos acentuais compreendidos entre duas pausas (lógicas, expressivas, ou respiratórias) dá-se o nome de GRUPO FÔNICO.

Por exemplo, numa elocução lenta, o seguinte período de Marques Rebelo

O aguaceiro / desabou, / com estrépito, / mas a folia / persistiu.

apresenta cinco GRUPOS ACENTUAIS, cujos limites marcamos com um traço inclinado. Mas encerra apenas três GRUPOS FÔNICOS:

O aguaceiro desabou, // com estrépito, // mas a folia persistiu.

que separamos por dois traços.

Já numa elocução rápida, que omitisse a pausa (indicada pela vírgula) entre o verbo *desabou* e o seu adjunto adverbial *com estrépito*, o período em exame passaria a ter somente dois GRUPOS FÔNICOS:

O aguaceiro desabou com estrépito, // mas a folia persistiu.

O GRUPO FÔNICO, UNIDADE MELÓDICA

A UNIDADE MELÓDICA é o segmento mínimo de um enunciado com sentido próprio e com forma musical determinada. Os seus limites coincidem com os

do GRUPO FÔNICO. Podemos, pois, considerar o GRUPO FÔNICO o equivalente da UNIDADE MELÓDICA.[5]

Observação:

Em poesia, os versos curtos (até sete sílabas) constam geralmente de um só grupo fônico. Os versos longos costumam apresentar internamente uma deflexão da voz (CESURA), que os divide em hemistíquios. Cada hemistíquio corresponde, de regra, a um grupo fônico.

O GRUPO FÔNICO E A ORAÇÃO

Caracterizada a unidade melódica, passemos à análise das diferenças que se observam na curva tonal descrita por três tipos de oração: a DECLARATIVA, a INTERROGATIVA e a EXCLAMATIVA.

Oração declarativa

1. Examinando a seguinte oração, constituída de um só grupo fônico:

Os alunos chegaram tarde

observamos que a voz descreve, aproximadamente, esta curva melódica:

lu ga tar
nos che ram
a
Os
de

que poderíamos simplificar no esquema:

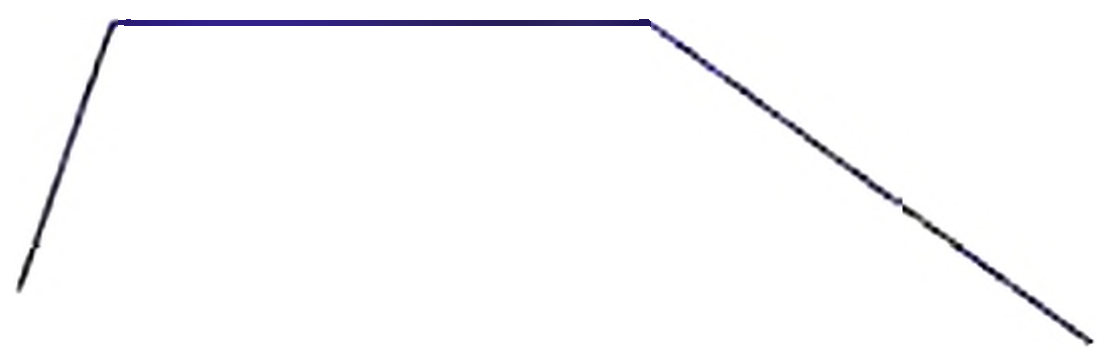

[5] Sobre a identificação do grupo fônico à unidade melódica leiam-se especialmente os estudos de T. Navarro Tomás: El grupo fónico como unidad melódica. *Revista de Filología Hispánica*. Buenos Aires–New York, *1*(1):3-19, 1939; *Manual de entonación española*. New York, Hispanic Institute, 1948, particularmente p. 37 e ss.

2. Notamos, com base no traçado acima, que o grupo fônico em exame compreende três partes distintas:

a) a parte inicial (ou ASCENDENTE), que começa em um nível tonal médio, característico das frases afirmativas, e apresenta, em seguida, uma ascensão da voz, que atinge o seu ponto culminante na primeira sílaba tônica (*lu*);
b) a parte medial, em que a voz, com ligeiras ondulações, permanece, aproximadamente, no nível tonal alcançado;
c) a parte final (ou DESCENDENTE), em que a voz cai progressivamente a partir da sílaba (*tar*), atingindo um nível tonal baixo no final da frase.

3. Dessas três partes, a inicial e a final são as mais importantes da figura da entoação. Toda ORAÇÃO DECLARATIVA completa encerra uma parte inicial *ascendente* e uma parte final *descendente*, ambas muito nítidas.

4. No caso de ser a oração declarativa constituída de mais de um grupo fônico, o primeiro grupo começa por uma parte ascendente, e o último finaliza com uma descendente.

Oração interrogativa

No estudo da ENTOAÇÃO INTERROGATIVA, temos de considerar previamente o fato de iniciar-se ou não a frase por pronome ou advérbio interrogativo, pois que a curva tonal é distinta nos dois casos.

Orações não iniciadas por pronome ou advérbio interrogativo

1. Tomando como exemplo a mesma oração declarativa, enunciada, porém, de forma interrogativa,

   Os alunos chegaram tarde?

   observamos que ela descreve a curva melódica

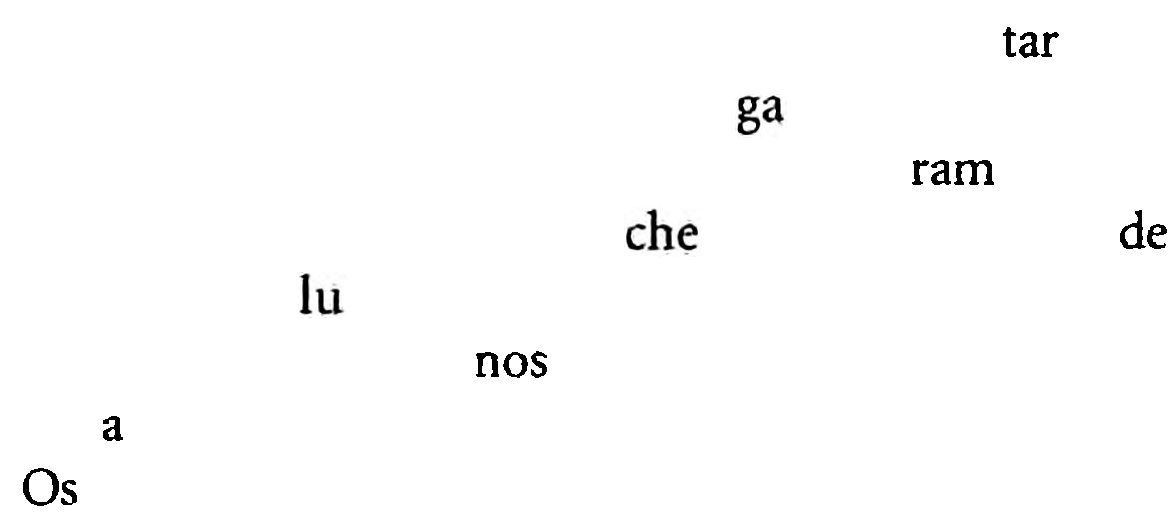

que poderíamos assim representar esquematicamente:

2. São características deste tipo de interrogação, em que se espera sempre uma resposta categórica *sim*, ou *não*:
a) o ataque da frase começar por um nível tonal mais alto do que na oração declarativa;
b) na parte medial do segmento melódico, haver uma queda da voz, que, embora seja mais acentuada do que nas orações declarativas, não altera o caráter ascendente desta modalidade de interrogação;
c) subir a voz acentuadamente na última vogal tônica, ponto culminante da frase; em seguida, sofrer uma queda brusca, apesar de se manter em nível tonal elevado.

3. Comparando esta curva à da oração declarativa estudada, verificamos que elas se assemelham por terem ambas a parte inicial ascendente e a parte medial relativamente uniforme.
Distinguem-se, porém:
a) quanto à parte final: descendente, na declarativa; ascendente, na interrogativa;
b) quanto ao nível tonal: médio e baixo, na declarativa; alto e altíssimo, na interrogativa;
c) quanto à queda da voz a partir da última sílaba tônica: progressiva, na declarativa; brusca, na interrogativa.

4. Por ser a curva melódica descrita pela voz o único elemento que, na frase em exame, contribui para o caráter interrogativo da mensagem, temos de reconhecer que, em casos tais, a entoação apresenta inequívoco valor funcional em nossa língua.

Orações iniciadas por pronome ou advérbio interrogativo

Tomemos como exemplo a oração:

Como soube disto?

Em sua enunciação, a voz descreve a seguinte curva melódica,

Co sou
mo be
dis
to

que poderíamos assim esquematizar:

São características das orações interrogativas deste tipo:

a) o ataque da frase que, iniciado em um nível tonal muito alto, sobe, às vezes, bruscamente, até a primeira sílaba tônica, sílaba esta que, na maioria dos casos, pertence ao pronome ou ao advérbio interrogativo, ou seja, ao elemento que realiza a função interrogativa da oração;
b) a curva melódica, que, após a primeira sílaba tônica, decresce progressivamente e de maneira mais acentuada do que nas frases declarativas.

Interrogação direta e indireta

1. Vimos que a interrogação pode ser expressa:

a) ou por meio de uma oração em que a parte final apresenta entoação ascendente, como em:

Os alunos chegaram tarde?

b) ou por uma oração iniciada por pronome ou advérbio interrogativo, em que a parte final apresenta entoação descendente, pelo exemplo:

Como soube disto?

Nestes casos dizemos que a interrogação é DIRETA.

2. Existe, porém, um outro tipo de interrogação, chamada INDIRETA, que se faz por meio de um período composto, em que a pergunta está contida numa oração subordinada de entoação descendente.
Exemplo:

Diga-me como soube disto.

3. Nas orações INTERROGATIVAS INDIRETAS a entoação apresenta as seguintes características:

a) o ataque da frase começa por um nível tonal alto; há uma elevação da voz na primeira sílaba tônica, seguida de um lento declínio da curva melódica até o final da frase;
b) o nível tonal da frase é, em geral, mais baixo que o da interrogação direta;
c) a queda da curva melódica é progressiva, semelhante à que se observa nas orações declarativas.

4. A escrita procura refletir a diferença tonal entre essas formas de interrogação com adotar o PONTO DE INTERROGAÇÃO para marcar o término da interrogação direta, e o simples PONTO, para o da indireta.

Oração exclamativa

Nas exclamações, a entoação depende de múltiplos fatores, especialmente do grau e da natureza da emoção de quem fala.

É a expressão emocional que faz variar o tom, a duração e a intensidade de uma interjeição monossilábica, tal como acontece com a interjeição *oh!* nestes dois versos de Castro Alves:

> **Oh!** que doce harmonia traz-me a brisa!
> **Oh!** ver não posso este labéu maldito!

Nas formas exclamativas de maior corpo, a expressão emocional concentra-se fundamentalmente ou na sílaba que recebe o acento de insistência (se houver), ou na sílaba em que recai o acento normal. Como o primeiro não tem valor rítmico, é o acento normal o ápice da curva melódica.

Assim, nas exclamações,

> **Bandido! Insolente! Fantástico!**

a voz eleva-se até a sílaba tônica e, depois de alguma demora, decai bruscamente. Obedecem elas, pois, ao esquema

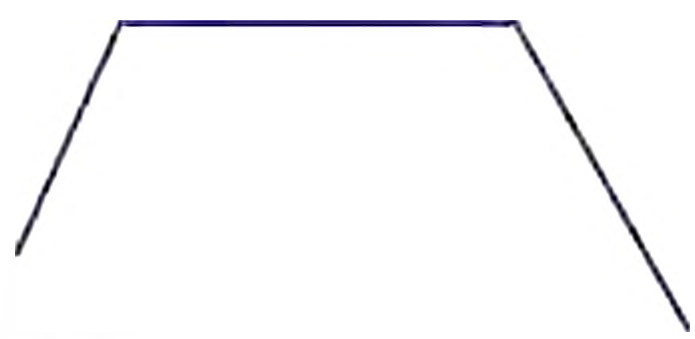

semelhante ao da entoação declarativa.

Já em exclamações como

Jesus! Adeus! Imbecil!

o grupo fônico é ascendente e aproxima-se do esquema da entoação interrogativa:

2. Maior variedade em matizes de entoação encontramos, naturalmente, nas frases exclamativas constituídas de duas ou mais palavras. A curva melódica dependerá sempre da posição da palavra de maior conteúdo expressivo, porque é sobre a sua sílaba acentuada que irão incidir o tom agudo, a intensidade mais forte e a maior duração.

Como a sílaba forte da palavra de maior valor expressivo pode ocupar a posição inicial, medial ou final da oração, três soluções devem ser consideradas:

1.ª) Se a sílaba em causa for a inicial, todo o resto do enunciado terá entoação descendente.

Exemplo:

Deus de minha alma!

2.ª) Se for a final, a frase inteira terá entoação ascendente:

Meu a**mor!**

3.ª) Se for uma das sílabas mediais, a entoação será ascendente até a referida sílaba e descendente dela até a final, como nos mostram estes exemplos colhidos em obra de Marques Rebelo:

Sai da **frente**!
Todo o **mun**do!!!

A linha tonal de cada um desses casos poderia ser assim esquematizada:

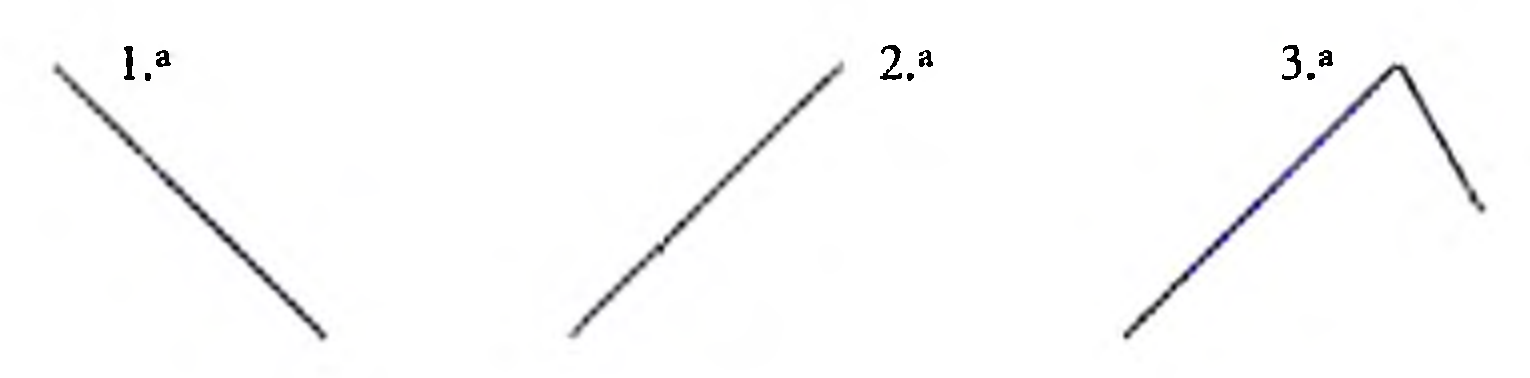

Conclusão

Do exposto, verificamos que a linha melódica tem uma função essencialmente oracional. Com uma simples mudança de tom, podemos reforçar, atenuar ou, mesmo, inverter o sentido literal do que dizemos. É, por exemplo, a entoação particular que permite uma forma imperativa exprimir todos os matizes que vão da ordem à súplica. Pela entoação que lhes dermos, frases como:

Pois não!
Pois sim!

podem ter ora valor afirmativo, ora negativo.

Enfim a entoação reflete e expressa nossos pensamentos e sentimentos. Se o acento é a "alma da palavra", devemos considerá-la a "a alma da oração".[6]

---

[6] As características da entoação portuguesa estão hoje melhor conhecidas graças sobretudo às infatigáveis pesquisas do eminente foneticista de Coimbra, o professor Armando de Lacerda, que em 1975 publicou a sua obra-mestra no particular: *Objectos verbais e significado elocucional. Toemas e entoemas. Entoação.* Coimbra, Instituto de Alta Cultura. Mais recentemente, a mesma matéria voltou a ser tratada, numa nova perspectiva e segundo métodos diversos, por Maria Raquel Delgado Martins na sua obra, anteriormente citada, *Sept études sur la perception. Accent et intonation du portugais.* Lisboa, Laboratório de Fonética da Faculdade de Letras, 1983.

Capítulo 8

Substantivo

1. SUBSTANTIVO é a palavra com que designamos ou nomeamos os seres em geral.
São, por conseguinte, substantivos:

a) os nomes de pessoas, de lugares, de instituições, de um gênero, de uma espécie ou de um dos seus representantes:

homem	cidade	Senado	árvore	cedro
Pedro	Lisboa	Fórum	animal	cavalo
Maria	Brasil	clero	Acaiaca	Rocinante

b) os nomes de noções, ações, estados e qualidades, tomados como seres:

justiça	colheita	velhice	largura	bondade
verdade	viagem	doença	otimismo	doçura
glória	opinião	limpeza	caridade	ira

2. Do ponto de vista funcional, o substantivo é a palavra que serve, *privativamente*, de núcleo do sujeito, do objeto direto, do objeto indireto e do agente da passiva. Toda palavra de outra classe que desempenhe uma dessas funções equivalerá forçosamente a um substantivo (pronome substantivo, numeral ou qualquer palavra substantivada).

CLASSIFICAÇÃO DOS SUBSTANTIVOS

SUBSTANTIVOS CONCRETOS E ABSTRATOS

Chamam-se CONCRETOS os substantivos que designam os seres propriamente ditos, isto é, os nomes de pessoas, de lugares, de instituições, de um gênero, de uma espécie ou de um dos seus representantes:

homem	cidade	Senado	árvore	cedro
Pedro	Lisboa	Fórum	animal	cavalo
Maria	Brasil	clero	Acaiaca	Rocinante

Dá-se o nome de ABSTRATOS aos substantivos que designam noções, ações, estados e qualidades, considerados como seres:

justiça	colheita	velhice	largura	bondade
verdade	viagem	doença	otimismo	doçura
glória	opinião	limpeza	caridade	ira

SUBSTANTIVOS PRÓPRIOS E COMUNS

Os substantivos podem designar a totalidade dos seres de uma espécie (DESIGNAÇÃO GENÉRICA) ou um indivíduo de determinada espécie (DESIGNAÇÃO ESPECÍFICA).

Quando se aplica a todos os seres de uma espécie ou quando designa uma abstração, o substantivo é chamado COMUM.

Quando se aplica a determinado indivíduo da espécie, o substantivo é PRÓPRIO.

Assim, os substantivos *homem*, *país* e *cidade* são comuns, porque se empregam para nomear todos os seres e todas as coisas das respectivas classes. *Pedro*, *Brasil* e *Lisboa*, ao contrário, são substantivos próprios, porque se aplicam a um determinado homem, a um dado país e a uma certa cidade.

SUBSTANTIVOS COLETIVOS

COLETIVOS são os substantivos comuns que, no singular, designam um conjunto de seres ou coisas da mesma espécie.

Comparem-se, por exemplo, estas duas afirmações:

Cento e vinte milhões de brasileiros pensam assim.
O **povo** brasileiro pensa assim.

Na primeira enuncia-se um número enorme de brasileiros, mas representados como uma *quantidade de indivíduos*. Na segunda, sem indicação de número, sem indicar gramaticalmente a multiplicidade, isto é, com uma forma de singular, consegue-se agrupar maior número ainda de elementos, ou seja, *todos* os brasileiros como um conjunto harmônico.

Além desses coletivos que exprimem um todo, há na língua outros que designam:

a) uma parte organizada de um todo, como, por exemplo, *regimento*, *batalhão*, *companhia* (partes do coletivo geral *exército*);
b) um grupo acidental, como *grupo*, *multidão*, *bando*: *bando de andorinhas*, *bando de salteadores*, *bando de ciganos*;
c) um grupo de seres de determinada espécie: *boiada* (de bois), *ramaria* (de ramos).

Costuma-se também incluir entre os coletivos os nomes de corporações sociais, culturais e religiosas, como *assembleia*, *congresso*, *congregação*, *concílio*, *conclave* e *consistório*. Tais denominações afastam-se, no entanto, do tipo normal dos coletivos, pois não são simples agrupamentos de seres, antes representam instituições de natureza especial, organizadas em uma entidade superior para determinado fim.

Eis alguns coletivos que merecem ser conhecidos:

alcateia (de lobos)
armento (de gado grande: bois, búfalos, etc.)
arquipélago (de ilhas)
atilho (de espigas)
banca (de examinadores)
banda (de músicos)
bando (de aves, de ciganos, de malfeitores, etc.)
cacho (de bananas, de uvas, etc.)
cáfila (de camelos)
cambada (de caranguejos, de chaves, de malandros, etc.)
cancioneiro (conjunto de canções, de poesias líricas)
caravana (de viajantes, de peregrinos, de estudantes, etc.)
cardume (de peixes)
choldra (de assassinos, de malandros, de malfeitores)
chusma (de gente, de pessoas)
constelação (de estrelas)
corja (de vadios, de tratantes, de velhacos, de ladrões)
coro (de anjos, de cantores)
elenco (de atores)
falange (de soldados, de anjos)
farândula (de ladrões, de desordeiros, de assassinos, de maltrapilhos e de vadios)
fato (de cabras)
feixe (de lenha, de capim)
frota (de navios mercantes, de ônibus)
girândola (de foguetes)
horda (de povos selvagens nômades, de desordeiros, de aventureiros, de bandidos, de invasores)
junta (de bois, de médicos, de credores, de examinadores)
legião (de soldados, de demônios, etc.)
magote (de pessoas, de coisas)
malta (de desordeiros)

manada (de bois, de búfalos, de elefantes)
matilha (de cães de caça)
matula (de vadios, de desordeiros)
mó (de gente)
molho (de chaves, de verdura)
multidão (de pessoas)
ninhada (de pintos)
penca (de bananas, de chaves)
plêiade (de poetas, de artistas)
quadrilha (de ladrões, de bandidos)
ramalhete (de flores)
rebanho (de ovelhas)
récua (de bestas de carga)
réstia (de cebolas, de alhos)
roda (de pessoas)
romanceiro (conjunto de poesias narrativas)
súcia (de velhacos, de desonestos)
talha (de lenha)
tropa (de muares)
turma (de estudantes, de trabalhadores, de médicos)
vara (de porcos)

Observações:

1.ª) Excluímos dessa lista os NUMERAIS COLETIVOS, como *novena, década, dúzia,* etc., que designam um número de seres absolutamente exato. Leia-se, a propósito, o que dizemos na p. 384.

2.ª) O coletivo especial geralmente dispensa a enunciação da pessoa ou coisa a que se refere. Tal omissão é mesmo obrigatória quando o coletivo é um mero derivado do substantivo a que se aplica. Assim, dir-se-á:

A ramaria balouçava ao vento.
A papelada estava em ordem.

Quando, porém, a significação do coletivo não for específica, deve-se nomear o ser a que se refere:

Uma junta de médicos, de bois, etc.
Um feixe de capim, de lenha, etc.

FLEXÕES DOS SUBSTANTIVOS

Os substantivos podem variar em NÚMERO, GÊNERO e GRAU.

NÚMERO

Quanto à flexão de NÚMERO, os substantivos podem estar:

a) no SINGULAR, quando designam um ser único, ou um conjunto de seres considerados como um todo (SUBSTANTIVO COLETIVO):

aluno	povo
cão	manada
mesa	tropa

b) no PLURAL, quando designam mais de um ser, ou mais de um desses conjuntos orgânicos:

alunos	povos
cães	manadas
mesas	tropas

Formação do plural

Substantivos terminados em vogal ou ditongo

REGRA GERAL: O plural dos substantivos terminados em vogal ou ditongo forma-se acrescentando-se *-s* ao singular.

SINGULAR	PLURAL	SINGULAR	PLURAL
mesa	mesas	pai	pais
estante	estantes	pau	paus
tinteiro	tinteiros	lei	leis
rajá	rajás	chapéu	chapéus
boné	bonés	camafeu	camafeus
javali	javalis	herói	heróis
cipó	cipós	boi	bois
peru	perus	mãe	mães

Incluem-se nesta regra os substantivos terminados em vogal nasal. Como a nasalidade das vogais /e/, /i/, /o/ e /u/, em posição final, é representada graficamente por *-m*, e não se pode escrever *-ms*, muda-se o *-m* em *-n*. Assim: *bem* faz no plural *bens*; *flautim* faz *flautins*; *som* faz *sons*; *atum* faz *atuns*.

REGRAS ESPECIAIS:

1. Os substantivos terminados em -ão formam o plural de três maneiras:

a) a maioria muda a terminação *-ão* em *-ões*:

SINGULAR	PLURAL	SINGULAR	PLURAL
balão	balões	gavião	gaviões
botão	botões	leão	leões
canção	canções	nação	nações
confissão	confissões	operação	operações
coração	corações	opinião	opiniões
eleição	eleições	questão	questões
estação	estações	tubarão	tubarões
fração	frações	vulcão	vulcões

Neste grupo se incluem todos os aumentativos:

Singular	Plural	Singular	Plural
amigalhão	amigalhões	moleirão	moleirões
bobalhão	bobalhões	narigão	narigões
casarão	casarões	paredão	paredões
chapelão	chapelões	pobretão	pobretões
dramalhão	dramalhões	rapagão	rapagões
espertalhão	espertalhões	sabichão	sabichões
facão	facões	vagalhão	vagalhões
figurão	figurões	vozeirão	vozeirões

b) um reduzido número muda a terminação *-ão* em *-ães*:

Singular	Plural	Singular	Plural
alemão	alemães	charlatão	charlatães
bastião	bastiães	escrivão	escrivães
cão	cães	guardião	guardiães
capelão	capelães	pão	pães
capitão	capitães	sacristão	sacristães
catalão	catalães	tabelião	tabeliães

c) um número pequeno de oxítonos e todos os paroxítonos acrescentam simplesmente um *-s* à forma singular:

Singular	Plural	Singular	Plural
cidadão	cidadãos	acórdão	acórdãos
cortesão	cortesãos	bênção	bênçãos
cristão	cristãos	gólfão	gólfãos
desvão	desvãos	órfão	órfãos
irmão	irmãos	órgão	órgãos
pagão	pagãos	sótão	sótãos

Observações:

1.ª) Neste grupo se incluem os monossílabos tônicos *chão, grão, mão* e *vão*, que fazem no plural *chãos, grãos, mãos* e *vãos*.

2.ª) *Artesão*, quando significa "artífice", faz no plural *artesãos*; no sentido de "adorno arquitetônico", o seu plural pode ser *artesãos* ou *artesões*.

2. Para alguns substantivos finalizados em *-ão*, não há ainda uma forma de plural definitivamente fixada, notando-se, porém, na linguagem corrente, uma preferência sensível pela formação mais comum, em *-ões*. É o caso dos seguintes:

Singular	Plural	Singular	Plural
alão	alãos	ermitão	ermitães
	alões		ermitãos
	alães		ermitões
alazão	alazães	hortelão	hortelãos
	alazões		hortelões
aldeão	aldeãos	refrão	refrães
	aldeões		refrãos
	aldeães	rufião	rufiães
anão	anãos		rufiões
	anões	sultão	sultões
ancião	anciãos		sultãos
	anciões		sultães
	anciães	truão	truães
castelão	castelãos		truões
	castelões	verão	verões
corrimão	corrimãos		verãos
	corrimões	vilão	vilãos
deão	deães		vilões
	deões		

Observação:

Corrimão, como composto de *mão*, devia apresentar apenas o plural *corrimãos*; a par desse, existe também *corrimões*, por esquecimento da formação original da palavra.

Plural com alteração de timbre da vogal tônica

1. Alguns substantivos, cuja vogal tônica é *o* fechado, além de receberem a desinência *-s*, mudam, no plural, o *o* fechado [o] para aberto [ɔ]. Apontem-se os seguintes:

abrolho	escolho	olho	rogo
caroço	esforço	osso	sobrolho

contorno	estorvo	ovo	socorro
corcovo	fogo	poço	tijolo
coro	forno	porco	toco
corno	foro	porto	tojo
corpo	fosso	posto	tordo
corvo	imposto	povo	torno
despojo	jogo	reforço	troco
destroço	miolo	renovo	troço

2. Note-se, porém, que muitos substantivos conservam no plural o o fechado do singular. Entre outros, não alteram o timbre da vogal tônica:

acordo	encosto	moço	potro
adorno	engodo	molho	reboco
bojo	estojo	morro	repolho
bolo	ferrolho	mosto	restolho
cachorro	globo	namoro	rolo
coco	golfo	piloto	rosto
colmo	gosto	piolho	sopro
consolo	lobo	poldro	suborno
dorso	logro	polvo	topo

3. Por vezes diverge, na formação desses plurais, a norma culta de Portugal e a do Brasil. É o caso, por exemplo, dos substantivos almoço, bolso e sogro, que, no plural, apresentam a vogal aberta [ɔ] em Portugal e fechada [o] no Brasil.[1]

Cumpre advertir, por fim, que, no curso histórico da língua, certos substantivos alteraram o timbre da vogal tônica no plural e que outros, ainda hoje, vacilam no preferir uma das duas soluções.

Observação:

Atente-se na distinção entre *molho* "condimento" (por ex.: *o molho da carne*) e *molho* "feixe" (por ex.: *um molho de chaves*), palavras que conservam no plural a mesma diferença de timbre da vogal tônica: *môlhos* e *mólhos*.

---

[1] A propósito da formação desses plurais, vejam-se, especialmente: A. d'Almeida Cavacas. *A língua portuguesa e a sua metafonia*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1921; Edwaldo Cafezeiro. *A metafonia portuguesa: aspectos sincrônicos e diacrônicos*. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1981 (texto policopiado).

Substantivos terminados em consoante

1. Os substantivos terminados em *-r*, *-z* e *-n* formam o plural acrescentando *-es* ao singular:

Singular	Plural	Singular	Plural	Singular	Plural
mar	mares	rapaz	rapazes	abdômen	abdômenes
açúcar	açúcares	xadrez	xadrezes	cânon	cânones
colher	colheres	raiz	raízes	dólmen	dólmenes
reitor	reitores	cruz	cruzes	líquen	líquenes

Observações:

1.ª) O plural de *caráter* (escrito *carácter* na ortografia portuguesa) é, tanto no Brasil como em Portugal, *caracteres*, com deslocação do acento tônico e articulação do *c* que possuía de origem.

2.ª) Também com deslocação do acento é o plural dos substantivos *espécimen*, *Júpiter* e *Lúcifer*: *especímenes*, *Jupíteres* e *Lucíferes*.

Advirta-se, porém, que, a par de *Lúcifer*, há *Lucifer*, forma antiga no idioma, cujo plural é, naturalmente, *Luciferes*.

2. Os substantivos terminados em *-s*, quando oxítonos, formam o plural acrescentando também *-es* ao singular; quando paroxítonos, são invariáveis:

Singular	Plural	Singular	Plural
o ananás	os ananases	o atlas	os atlas
o português	os portugueses	o pires	os pires
o revés	os reveses	o lápis	os lápis
o país	os países	o oásis	os oásis
o retrós	os retroses	o ônibus	os ônibus

Observações:

1.ª) O monossílabo *cais* é invariável. *Cós* é geralmente invariável, mas documenta-se também o plural *coses*.

2.ª) Como os paroxítonos terminados em *-s*, os poucos substantivos existentes finalizados em *-x* são invariáveis: *o tórax — os tórax, o ônix — os ônix*.

3. Os substantivos terminados em *-al*, *-el*, *-ol* e *-ul* substituem no plural o *-l* por *-is*:

Singular	Plural	Singular	Plural
animal	animais	farol	faróis
papel	papéis	lençol	lençóis
móvel	móveis	álcool	álcoois
níquel	níqueis	paul	pauis

Observação:

Excetuam-se as palavras *mal, real* (moeda), *cônsul* e seus derivados, que fazem, respectivamente, *males, réis, cônsules* e, por este, *procônsules, vice-cônsules.*

4. Os substantivos oxítonos terminados em *-il* mudam o *-l* em *-s*:

Singular	Plural	Singular	Plural
ardil	ardis	funil	funis
barril	barris	fuzil	fuzis
covil	covis	redil	redis

5. Os substantivos paroxítonos terminados em *-il* substituem esta terminação por *-eis*:

Singular	Plural	Singular	Plural
fóssil	fósseis	réptil	répteis

Observações:

1.ª) Além de *projetil*, pronúncia mais generalizada no Brasil, há na língua a variante paroxítona *projétil*, com o plural *projéteis*, que é a pronúncia normal portuguesa.

2.ª) *Réptil*, pronúncia que postula a origem latina da palavra, tem a variante *reptil*, cujo plural é, naturalmente, *reptis.*

6. Nos diminutivos formados com os sufixos *-zinho* e *-zito*, tanto o substantivo primitivo como o sufixo vão para o plural, desaparecendo, porém, o *-s* do plural do substantivo primitivo.
Assim:

Singular	Plural
balãozinho	balõe(s) + zinhos > balõezinhos
papelzinho	papéi(s) + zinhos > papeizinhos
colarzinho	colare(s) + zinhos > colarezinhos
cãozito	cãe(s) + zitos > cãezitos

Substantivos de um só número

1. Há substantivos que só se empregam no plural. Assim:

alvíssaras	cãs	fezes	primícias
anais	condolências	matinas	víveres
antolhos	esponsais	núpcias	copas (naipe)
arredores	exéquias	óculos	espadas (naipe)
belas-artes	fastos	olheiras	ouros (naipe)
calendas	férias	pêsames	paus (naipe)

2. Outros substantivos existem que se usam habitualmente no singular. Assim os nomes de metais e os nomes abstratos: *ferro, ouro, cobre*; *fé, esperança, caridade*. Quando aparecem no plural, têm de regra um sentido diferente. Comparem-se, por exemplo, *cobre* (metal) a *cobres* (dinheiro), *ferro* (metal) a *ferros* (ferramentas, aparelhos).

Substantivos compostos

Não é fácil a formação do plural dos substantivos compostos. Observem-se, porém, as seguintes normas, com fundamento na grafia:

1.ª) Quando o substantivo composto é constituído de palavras que se escrevem ligadamente sem hífen, forma o plural como se fosse um substantivo simples:

aguardente(s)	claraboia(s)	malmequer(es)	lobisomem(-mens)
varapau(s)	ferrovia(s)	pontapé(s)	vaivém(-véns)

2.ª) Quando os termos componentes se ligam por hífen, podem variar todos ou apenas um deles:

Singular	Plural	Singular	Plural
couve-flor	couves-flores	grão-mestre	grão-mestres
obra-prima	obras-primas	guarda-marinha	guardas-marinha
salvo-conduto	salvos-condutos	guarda-roupa	guarda-roupas

Note-se, porém, que:

a) quando o primeiro termo do composto é verbo ou palavra invariável e o segundo substantivo ou adjetivo, só o segundo vai para o plural:

Singular	Plural	Singular	Plural
guarda-chuva	guarda-chuvas	bate-boca	bate-bocas
sempre-viva	sempre-vivas	abaixo-assinado	abaixo-assinados
vice-presidente	vice-presidentes	grão-duque	grão-duques

b) quando os termos componentes se ligam por preposição, só o primeiro toma a forma de plural:

Singular	Plural	Singular	Plural
chapéu de sol	chapéus de sol	peroba-do-campo	perobas-do-campo
pão de ló	pães de ló	joão-de-barro	joões-de-barro
pé de cabra	pés de cabra	mula sem cabeça	mulas sem cabeça

c) também só o primeiro toma a forma de plural quando o segundo termo da composição é um substantivo que funciona como determinante específico:

Singular	Plural	Singular	Plural
navio-escola	navios-escola	banana-prata	bananas-prata
salário-família	salários-família	manga-espada	mangas-espada

d) geralmente ambos os elementos tomam a forma de plural quando o composto é constituído de dois substantivos, ou de um substantivo e um adjetivo:

Singular	Plural	Singular	Plural
carta-bilhete	cartas-bilhetes	gentil-homem	gentis-homens
tenente-coronel	tenentes-coronéis	água-marinha	águas-marinhas
amor-perfeito	amores-perfeitos	vitória-régia	vitórias-régias

GÊNERO

1. Há dois gêneros em português: o MASCULINO e o FEMININO.
   O masculino é o termo não marcado; o feminino o termo marcado.

2. Pertencem ao gênero masculino todos os substantivos a que se pode antepor o artigo *o*:

   o aluno o pão o poema o jabuti

Pertencem ao gênero feminino todos os substantivos a que se pode antepor o artigo *a*:

a casa a mão a ema a juriti

3. O gênero de um substantivo não se conhece, de regra, nem pela sua significação, nem pela sua terminação.
Para facilidade de aprendizado, convém, no entanto, saber:

Quanto à significação

1. São geralmente masculinos:
a) os nomes de homens ou de funções por eles exercidas:

João mestre padre rei

b) os nomes de animais do sexo masculino:

cavalo galo gato peru

c) os nomes de lagos, montes, oceanos, rios e ventos, nos quais se subentendem as palavras *lago*, *monte*, *oceano*, *rio* e *vento*, que são masculinas:

o Amazonas [= o rio Amazonas]
o Atlântico [= o oceano Atlântico]
o Ládoga [= o lago Ládoga]
o Minuano [= o vento Minuano]
os Alpes [= os montes Alpes]

d) os nomes de meses e dos pontos cardeais:

março findo o Norte
setembro vindouro o Sul

2. São geralmente femininos:
a) os nomes de mulheres ou de funções por elas exercidas:

Maria professora freira rainha

b) os nomes de animais do sexo feminino:

égua galinha gata perua

c) os nomes de cidades e ilhas, nos quais se subentendem as palavras *cidade* e *ilha*, que são femininas:

a antiga Ouro Preto a Sicília as Antilhas

Observação:

Alguns nomes de cidades, como *Rio de Janeiro*, *Porto*, *Cairo*, *Havre*, são masculinos pelas razões que aduzimos no capítulo seguinte, ao tratarmos do EMPREGO DO ARTIGO.

Quanto à terminação

1. São masculinos os nomes terminados em *-o* átono:

o aluno o livro o lobo o banco

2. São geralmente femininos os nomes terminados em *-a* átono:

a aluna a caneta a loba a mesa

Excetuam-se, porém, *clima*, *cometa*, *dia*, *fantasma*, *mapa*, *planeta*, *telefonema*, *fonema* e outros mais, que serão estudados adiante.

3. Dos substantivos terminados em *-ão*, os concretos são masculinos e os abstratos femininos:

o agrião	o algodão	a educação	a opinião
o balcão	o feijão	a produção	a recordação

Excetua-se *mão*, que, embora concreto, é feminino.

Fora desses casos, é sempre difícil conhecer-se pela terminação o gênero de um dado substantivo.

Formação do feminino

Os substantivos que designam pessoas e animais costumam flexionar-se em gênero, isto é, têm geralmente uma forma para indicar os seres do sexo masculino e outra para indicar os do sexo feminino.

Assim:

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
homem	mulher	bode	cabra
aluno	aluna	galo	galinha
cidadão	cidadã	leitão	leitoa
cantor	cantora	barão	baronesa
profeta	profetisa	lebrão	lebre

Dos exemplos acima verifica-se que a forma do feminino pode ser:

a) completamente diversa da do masculino, ou seja, proveniente de um radical distinto:

bode cabra homem mulher

b) derivada do radical do masculino, mediante a substituição ou o acréscimo de desinências:

aluno aluna cantor cantora

Examinemos, pois, à luz desses dois processos, a formação do feminino dos substantivos de nossa língua.

Masculinos e femininos de radicais diferentes

Convém conhecer os seguintes:

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
bode	cabra	genro	nora
boi (ou touro)	vaca	homem	mulher
cão	cadela	macho	fêmea
carneiro	ovelha	marido	mulher
cavalheiro	dama	padrasto	madrasta
cavalo	égua	padrinho	madrinha
compadre	comadre	pai	mãe
frei	sóror (ou soror)	zangão	abelha

Femininos derivados de radical do masculino

REGRAS GERAIS:

1.ª) Os substantivos terminados em *-o* átono formam normalmente o feminino substituindo essa desinência por *-a*:

MASCULINO	FEMININO	MASCULINO	FEMININO
gato	gata	pombo	pomba
lobo	loba	aluno	aluna

Observação:

Além das formações irregulares que vimos, há um pequeno número de substantivos terminados em *-o* que, no feminino, substituem essa final por desinências especiais.

Assim:

MASCULINO	FEMININO	MASCULINO	FEMININO
diácono	diaconisa	maestro	maestrina
galo	galinha	silfo	sílfide

2.ª) Os substantivos terminados em consoante formam normalmente o feminino com o acréscimo da desinência *-a*.

Exemplos:

MASCULINO	FEMININO	MASCULINO	FEMININO
camponês	camponesa	leitor	leitora
freguês	freguesa	pintor	pintora

REGRAS ESPECIAIS:

1.ª) Os substantivos terminados em *-ão* podem formar o feminino de três maneiras:

a) mudando a terminação *-ão* em *-oa*:

MASCULINO	FEMININO	MASCULINO	FEMININO
ermitão	ermitoa	leitão	leitoa
hortelão	horteloa	patrão	patroa

b) mudando a terminação *-ão* em *-ã*:

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
aldeão	aldeã	castelão	castelã
anão	anã	cidadão	cidadã
ancião	anciã	cirurgião	cirurgiã
anfitrião	anfitriã	cortesão	cortesã
campeão	campeã	irmão	irmã

c) mudando a terminação *-ão* em *-ona*:

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
bonachão	bonachona	moleirão	moleirona
comilão	comilona	paspalhão	paspalhona
espertalhão	espertalhona	pobretão	pobretona
figurão	figurona	sabichão	sabichona
folião	foliona	solteirão	solteirona

Observações:

1.ª) Como se vê, os substantivos que fazem o feminino em *-ona* são os aumentativos ou adjetivos substantivados.

2.ª) Além dos anômalos *cão* e *zangão*, a que já nos referimos, não seguem estes três processos de formação os substantivos seguintes:

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
barão	baronesa	maganão	magana
ladrão	ladra	perdigão	perdiz
lebrão	lebre	sultão	sultana

Usa-se às vezes *ladrona* por *ladra*.

2.ª) Os substantivos terminados em *-or* formam normalmente o feminino, como dissemos, com o acréscimo da desinência *-a*:

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
pastor	pastora	remador	remadora

Alguns, porém, fazem o feminino em *-eira*. Assim: *cantador – cantadeira*, *cerzidor – cerzideira*.

Outros, dentre os finalizados em *-dor* e *-tor*, mudam estas terminações em *-triz*. Assim: *ator – atriz*, *imperador – imperatriz*.

Observação:

De *embaixador* há, convencionalmente, dois femininos: *embaixatriz* (a esposa de embaixador) e *embaixadora* (funcionária chefe de embaixada).

3.ª) Certos substantivos que designam títulos de nobreza e dignidades formam o feminino com as terminações *-esa*, *-essa* e *-isa*:

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
abade	abadessa	diácono	diaconisa
barão	baronesa	duque	duquesa
conde	condessa	sacerdote	sacerdotisa

Observação:

De *prior* há o feminino *prioresa* (superiora de certas ordens) e *priora* (irmã de Ordem Terceira). *Príncipe* faz no feminino *princesa*.

4.ª) Os substantivos terminados em *-e*, não incluídos entre os que acabamos de mencionar, são geralmente uniformes. Essa igualdade formal para os dois gêneros é, como veremos adiante, quase que absoluta nos finalizados em *-nte*, de regra originários de particípios presentes e de adjetivos uniformes latinos. Há, porém, um pequeno número que, à semelhança da substituição *-o* (masculino) por *-a* (feminino), troca o *-e* por *-a*.

Assim:

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
elefante	elefanta	mestre	mestra
governante	governanta	monge	monja
infante	infanta	parente	parenta

Observação:

Os femininos *giganta* (de *gigante*), *hóspeda* (de *hóspede*) e *presidenta* (de *presidente*) têm ainda curso restrito no idioma.

5.ª) São dignos de nota os femininos dos seguintes substantivos:

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
avô	avó	maestro	maestrina
cônsul	consulesa	píton	pitonisa
czar	czarina	poeta	poetisa
felá	felaína	profeta	profetisa

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
frade	freira	rajá	rani
grou	grua	rapaz	rapariga, moça
herói	heroína	rei	rainha
jogral	jogralesa	réu	ré

Observação:

Rapariga é o feminino de *rapaz* mais usado em Portugal. No Brasil, prefere-se *moça* em razão do valor pejorativo que, em certas regiões, o primeiro termo adquiriu.

Substantivos uniformes

Substantivos epicenos

Denominam-se EPICENOS os nomes de *animais* que possuem um só gênero gramatical para designar um e outro sexo.

Assim:

a águia	a mosca	o besouro	o polvo
a baleia	a onça	o condor	o rouxinol
a borboleta	a pulga	o crocodilo	o tatu
a cobra	a sardinha	o gavião	o tigre

Observação:

Quando há necessidade de especificar o sexo do animal, juntam-se então ao substantivo as palavras *macho* e *fêmea*: *crocodilo macho*, *crocodilo fêmea*; o *macho* ou a *fêmea do jacaré*.

Substantivos sobrecomuns

Chamam-se SOBRECOMUNS os substantivos que têm um só gênero gramatical para designar *pessoas* de ambos os sexos.

Assim:

o algoz	o cônjuge	a criança	a testemunha
o apóstolo	o indivíduo	a criatura	a vítima
o carrasco	o verdugo	a pessoa	

Observação:

Neste caso, querendo-se discriminar o sexo, diz-se, por exemplo: *o cônjuge feminino*; *uma pessoa do sexo masculino*.

Substantivos comuns de dois gêneros

Alguns substantivos apresentam uma só forma para os dois gêneros, mas distinguem o masculino do feminino pelo gênero do artigo ou de outro determinativo acompanhante. Chamam-se COMUNS DE DOIS GÊNEROS estes substantivos.

Exemplos:

MASCULINO	FEMININO	MASCULINO	FEMININO
o agente	a agente	o herege	a herege
o artista	a artista	o imigrante	a imigrante
o camarada	a camarada	o indígena	a indígena
o colega	a colega	o intérprete	a intérprete
o colegial	a colegial	o jovem	a jovem
o cliente	a cliente	o jornalista	a jornalista
o compatriota	a compatriota	o mártir	a mártir
o dentista	a dentista	o selvagem	a selvagem
o estudante	a estudante	o servente	a servente
o gerente	a gerente	o suicida	a suicida

Observações:

1.ª) São COMUNS DE DOIS GÊNEROS todos os substantivos ou adjetivos substantivados terminados em *-ista*: *o pianista, a pianista*; *um anarquista, uma anarquista.*

2.ª) Diz-se, indiferentemente, *o personagem* ou *a personagem* com referência ao protagonista homem ou mulher.

Mudança de sentido na mudança de gênero

Há um certo número de substantivos cuja significação varia com a mudança de gênero:

MASCULINO	FEMININO	MASCULINO	FEMININO
o cabeça	a cabeça	o guarda	a guarda
o caixa	a caixa	o guia	a guia
o capital	a capital	o lente	a lente
o cisma	a cisma	o língua	a língua
o corneta	a corneta	o moral	a moral
o cura	a cura	o voga	a voga

Substantivos masculinos terminados em *-a*

Vimos que, embora a terminação *-a* seja de regra denotadora do feminino, há vários masculinos com essa terminação: *artista, camarada, colega, poeta, profeta*, etc. Alguns destes substantivos apresentam uma forma própria para o feminino, como *poeta* (*poetisa*) e *profeta* (*profetisa*); a maioria, no entanto distingue o gênero apenas pelo determinativo empregado: *o compatriota, a compatriota*; *este jornalista, aquela jornalista*; *meu camarada, minha camarada.*

Um pequeno número de substantivos em *-a* existe, todavia, que só se usa no masculino por designar profissão ou atividade própria do homem.

Assim:

jesuíta	nauta	patriarca	heresiarca
monarca	papa	pirata	tetrarca

Observações:

1.ª) Entre os substantivos que designam *coisas*, são masculinos os terminados em *-ema* e *-oma* que se originam de palavras gregas:

anátema	edema	sistema	diploma
cinema	estratagema	telefonema	idioma
diadema	fonema	tema	aroma
dilema	poema	teorema	axioma
emblema	problema	trema	coma

2.ª) Embora a palavra *grama* se use também no gênero feminino (*quinhentas gramas*), os seus compostos mantêm-se no gênero masculino: *um miligrama, o quilograma.*

Substantivos de gênero vacilante

Substantivos há em cujo emprego se nota vacilação de gênero. Eis alguns, para os quais se recomenda a seguinte preferência:

a) GÊNERO MASCULINO:

ágape	clã	gengibre	sanduíche
antílope	contralto	lança-perfume	soprano
caudal	diabete(s)	praça (soldado)	suéter

b) GÊNERO FEMININO:

abusão	áspide	jaçanã	ordenança
alcíone	fácies	juriti	sentinela
aluvião	filoxera	omoplata	sucuri

GRAU

Um substantivo pode apresentar-se:

a) com a sua significação normal: *chapéu, boca*;
b) com a sua significação exagerada, ou intensificada disforme ou desprezivelmente (GRAU AUMENTATIVO): *chapelão, bocarra*; *chapéu grande, boca enorme*;
c) com a sua significação atenuada, ou valorizada afetivamente (GRAU DIMINUTIVO): *chapeuzinho, boquinha*; *chapéu pequeno, boca minúscula.*

Vemos, portanto, que a GRADAÇÃO do significado de um substantivo se faz por dois processos:

a) SINTETICAMENTE, mediante o emprego de sufixos especiais, que estudamos no capítulo 6; assim: *chape-l-ão, boc-arra*; *chapeu-zinho, boqu-inha*;
b) ANALITICAMENTE, juntando-lhe um adjetivo que indique aumento ou diminuição, ou aspectos relacionados com essas noções: *chapéu grande, boca enorme*; *chapéu pequeno, boca minúscula.*

Valor das formas aumentativas e diminutivas

Convém ter presente que o que denominamos AUMENTATIVO e DIMINUTIVO nem sempre indica o aumento ou a diminuição do tamanho de um ser. Ou melhor, essas noções são expressas em geral pelas formas analíticas, especialmente pelos adjetivos *grande* e *pequeno*, ou sinônimos, que acompanham o substantivo.

Os sufixos aumentativos de regra emprestam ao nome as ideias de desproporção, de disformidade, de brutalidade, de grosseria ou de coisa desprezível. Assim: *narigão, beiçorra, pratalhaz* ou *pratarraz, atrevidaço, porcalhão*, etc. Ressalta, pois, na maioria dos aumentativos, esse valor depreciativo ou PEJORATIVO.

"O emprego dos sufixos diminutivos indica ao leitor ou interlocutor que aquele que fala ou escreve põe a linguagem afetiva no primeiro plano. Não quer comunicar ideias ou reflexões, resultantes de profunda meditação, mas o que quer é exprimir, de modo espontâneo e impulsivo, o que sente, o que o comove ou impressiona — quer seja carinho, saudade, desejo, prazer, quer, digamos, um impulso negativo: troça, desprezo, ofensa. Assim se encontra no sufixo diminutivo um meio estilístico que elide a objetividade sóbria e a severidade da linguagem, tornando-a mais flexível e amável, mas às vezes também mais vaga." [2]

---

[2] Silvia Skorge. *Boletim de Filologia*, Lisboa, 17: 50-51, 1958.

Observação:

A rigor, a flexão de GRAU é pertinente ao adjetivo. Admitimos, porém, a existência de três graus para o substantivo — o NORMAL, o AUMENTATIVO e o DIMINUTIVO — em consonância com a Nomenclatura Gramatical Brasileira e a Nomenclatura Gramatical Portuguesa, que, neste ponto, seguem uma longa tradição no ensino do idioma.

Especialização de formas

Muitas formas originariamente aumentativas e diminutivas adquiriram, com o correr do tempo, significados especiais, por vezes dissociados do sentido da palavra derivante. Nestes casos, não se pode mais, a rigor, falar em aumentativo ou diminutivo. São, na verdade, palavras em sua acepção normal.

Assim:

cartão	portão	corpete	lingueta
ferrão	cartilha	flautim	pastilha
florão	cavalete	folhinha (= calendário)	vidrilho

EMPREGO DO SUBSTANTIVO

FUNÇÕES SINTÁTICAS DO SUBSTANTIVO

O SUBSTANTIVO pode figurar na oração como:

1. SUJEITO:

Samuel está desolado.
(C. Drummond de Andrade, *CA*, 127.)

O **pasmo** e a **felicidade** transtornaram-no.
(C. de Oliveira, *AC*, 122.)

2. PREDICATIVO:

a) DO SUJEITO:

Eu já não sou **funcionário**.
(Castro Soromenho, *TM*, 243.)

De maneiras finas, era um **fidalgo**.
(N. Piñon, *FD*, 61.)

b) DO OBJETO DIRETO:

De toda parte, aclamavam-no **herói**.
(R. Pompeia, *A*, 108.)

O amor... Como adora o marido, como deve ser bom tê-la **por esposa**.
(A. Abelaira, *NC*, 25.)

c) DO OBJETO INDIRETO:

Eram capazes de me chamar **sacristão**.
(F. Namora, *TJ*, 214.)

Irmão lhe chamaria, mas irmão
por quê, se a vida nova
se nutre de outros sais, que não sabemos?
(C. Drummond de Andrade, *R*, 169-170.)

3. OBJETO DIRETO:

Eu arranjo umas **velinhas**.
(A. de Alcântara Machado, *NP*, 203).

O velho não desvia os **olhos**.
(Alves Redol, *FM*, 195.)

4. OBJETO INDIRETO:

O que Amélia, naquele instante, pediria a **Deus**?
(J. Lins do Rego, *FM*, 236.)

Aos **marteleiros**, dá-se um salário, aos **estivadores** e **saibreiros** outro, negócio de "pinchas" outro.
(A. Ribeiro, *V*, 41.)

5. COMPLEMENTO NOMINAL:

O talento é um complexo de virtudes, às vezes inseparáveis de **defeitos**.
(F. Namora, *E*, 119.)

Lúcia era particularmente sensível à **nota** humana.
(A. Peixoto, *RC*, 49.)

6. ADJUNTO ADVERBIAL:

De **Braga** voltamos às **Caldas.**
(C. Castelo Branco, *OS*, I, 11.)

Contemplaram-se em **silêncio.**
(É. Veríssimo, *LS*, 153.)

7. AGENTE DA PASSIVA:

Fomos apresentados um ao outro por **Silva Jardim.**
(R. Correia, *PCP*, 559.)

A investida é observada de longe pelos **sitiantes.**
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 355.)

8. APOSTO:

Ia haver um baile na Faculdade de Direito, o **baile** dos calouros, o meu **baile.**
(C. dos Anjos, *MS*, 345.)

Os dois, **governador e filho**, encarregaram-se de todos os aprestos da sua viagem para o Paraguai.
(J. Cortesão, *IHB*, II, 104.)

9. VOCATIVO:

— **Prima**, venha conhecer o compadre.
(J. C. de Carvalho, *CL*, 69.)

Eu tenho, **Amor**, a cinta esbelta e fina...
(F. Espanca, *S*, 96.)

SUBSTANTIVO COMO ADJUNTO ADNOMINAL

1. Precedido de preposição, pode o SUBSTANTIVO formar uma LOCUÇÃO ADJETIVA, que funciona como ADJUNTO ADNOMINAL.
Assim:

uma vontade **de ferro** [= férrea]
um menino **às direitas** [= correto]
uma pessoa **sem entranhas** [= perversa]
uma força **de Hércules** [= hercúlea]

2. Em função de ADJUNTO ADNOMINAL, pode também o SUBSTANTIVO referir-se diretamente a outro SUBSTANTIVO.
Comparem-se expressões do tipo:

um riso **canalha** — uma recepção **monstro**
um ar **província** — uma atitude **povo**

Exemplos literários:

Durante essas ruas **paris**
de Barcelona, tão **avenida**
entre uma gente meio **londres**
urbanizada em mansas filas,
chegava a desafio
seu caminhar **sevilha**:
que é levando a cabeça
em flor que fosse espiga.
(J. Cabral de Melo Neto, *PC*, 87-88.)

Évora! Ruas ermas sob os céus
Cor de violetas roxas... Ruas **frades**
Pedindo em triste penitência a Deus
Que nos perdoe as míseras vaidades!
(F. Espanca, *S*, 149)

SUBSTANTIVO CARACTERIZADOR DE ADJETIVO

Os adjetivos referentes a cores podem ser modificados por um SUBSTANTIVO que melhor precise uma de suas tonalidades, um de seus matizes.
Assim:

amarelo-**canário** — verde-**garrafa**
azul-**petróleo** — roxo-**batata**

Neste emprego o substantivo equivale a uma advérbio de modo.[3]

---

[3] Cf. R. L. Wagner – J. Pinchon. *Grammaire du français classique et moderne*. Paris, Hachette, 1962, p. 76. Sobre a interpretação e a duvidosa vernaculidade das expressões do tipo *ramagens verde-garrafa*, *olhos verde-mar*, leiam-se as observações de Mário Barreto, em

SUBSTANTIVO CARACTERIZADO POR UM NOME

Recurso expressivo, generalizado nas línguas românicas[4], é a caracterização de um SUBSTANTIVO por meio de um NOME (substantivo ou adjetivo) anteposto, ligado pela preposição *de*, num sintagma nominal do tipo:

O raio do menino
A desgraçada da mulher

Em que pese às divergências quanto à interpretação dos valores semânticos e sintáticos que entram em jogo nessa estrutura nominal, todos reconhecem a intensidade afetiva de sua caracterização antecipada. A feição particular desta parece advir de, ao mesmo tempo, estar ligada pelo estreito vínculo de uma preposição e gozar do realce significativo que seria o de um aposto ou de uma predicação nominal.

O SUBSTANTIVO COMO NÚCLEO DAS FRASES SEM VERBO

As FRASES NOMINAIS, organizadas sem verbo, têm o substantivo como centro. É o que se verifica, por exemplo:

a) nas exclamações:

Ó minha amada,
Que olhos os teus!
(V. de Morais, *PCP*, 334.)

Novos estudos da língua portuguesa, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1921, p. 375-377; e de Sousa da Silveira, em *Trechos seletos*, 4.ª ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1938, p. 68.

4 É já numerosa a bibliografia relativa a esta construção. Citamos aqui apenas as contribuições mais importantes: Alf Lombard. Li fel d'anemis. Ce fripon de valet. *Studier i Modern Sparakvetenskap*, Upsala, 2: 145-215, 1931; André Eskénazi. Quelques remarques sur le type *ce fripon de valet* et sur certaines fonctions syntaxiques de la préposition *de*. *Le Français Moderne*, 35: 184-200, 1967; Mariana Tutescu. Le Type nominal *ce fripon de valet*. *Revue de Linguistique Romane*, 33: 299-316, 1969; M. Regula. Encore une fois "ce fripon de valet". *Ibid.* 36: 107-111, 1972.
Sobre o uso da construção em espanhol, veja-se Rafael Lapesa. Sobre las construcciones *El diablo del toro*, *El bueno de Minaya*, *¡Ay de mí!*, *¡Pobre de Juan!*, *Por malos de pecados*. *Filología*, 8: 169-184, 1962. Quanto ao emprego em português, consulte-se M. M. Moreno de Oliveira. *Processos de intensificação no português contemporâneo*. Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1962, p. 111-121.

Ó bendita paisagem! Terra estranha
De antigos pinheirais e alegres campos,
Ei-la silêncio, solidão, montanha!
(Teixeira de Pascoaes, *OC*, IV, 34.)

b) nas indicações sumárias:

Fim da tarde, boquinha da noite
com as primeiras estrelas
e os derradeiros sinos.
(J. de Lima, *OC*, I, 225.)

Canto litúrgico em latim abastardado: vozes rurais e gritadas, quase todas femininas. Sobe o pano. Escuro total. Silêncio.
(B. Santareno, *TPM*, 9.)

c) em títulos como:

Amanhã, Benfica e Flamengo no Maracanã.
Nova crise no Oriente Médio.
Terremoto no Japão.

Capítulo 9

Artigo

ARTIGO DEFINIDO E INDEFINIDO

Dá-se o nome de ARTIGOS às palavras *o* (com as variações *a, os, as*) e *um* (com as variações *uma, uns, umas*), que se antepõem aos substantivos para indicar:

a) que se trata de um ser já conhecido do leitor ou ouvinte, seja por ter sido mencionado antes, seja por ser objeto de um conhecimento de experiência, como nestes exemplos:

> Levanta-se, vai **à** mesa, tira um cigarro **da** caixa de laca, acende **o** cigarro **no** isqueiro, larga **o** isqueiro, volta **ao** sofá.
> (F. Botelho, *X*, 183.)

> Atravessaram **o** pátio, deixaram **na** escuridão **o** chiqueiro e **o** curral, vazios, de porteiras abertas, **o** carro de bois que apodrecia, **os** juazeiros.
> (G. Ramos, *VS*, 161.)

b) que se trata de um simples representante de uma dada espécie ao qual não se fez menção anterior:

> Vi que estávamos **num** velho solar, de certa imponência. **Uma** fachada de muitas janelas perdia-se na escuridão da noite. No alto da escada saía das sombras **um** alpendre assente em grossas colunas.
> (Branquinho da Fonseca, *B*, 21.)

> Era **uma** casinha nova, a meia encosta, com trepadeiras pela varanda. Tinha **um** pomar pequeno de laranjeiras e marmeleiros e mais **uma** hortazinha, ao longo do rego que descia do morro.
> (R. M. F. de Andrade, *V*, 119.)

No primeiro caso, dizemos que o artigo é DEFINIDO; no segundo, INDEFINIDO.

Observação:

"O artigo é um signo que exige a presença de outro (ou outros) com o qual se associa em sintagma: um signo dependente. Por outra parte, pertence ao tipo de signos que se agrupam em paradigmas ou inventários limitados, fechados: os signos morfológicos, cujos conteúdos — os morfemas — constituem o sistema gramatical, em oposição aos signos léxicos, caracterizados por constituírem inventários abertos, ilimitados" (E. Alarcos Llorach. El artículo en español. In *To Honor Roman Jakobson*: Essays on the Occasion of His Seventieth Birthday, 1. The Hague-Paris, Mouton, 1967, p. 19).

FORMAS DO ARTIGO

Formas simples

1. São estas as formas simples do artigo:

	ARTIGO DEFINIDO		ARTIGO INDEFINIDO	
	Singular	**Plural**	**Singular**	**Plural**
Masculino	o	os	um	uns
Feminino	a	as	uma	umas

2. No português antigo havia as formas *lo* (*la*, *los*, *las*) e *el* do artigo definido. *Lo* (e suas variações) só aparece hoje, como artigo, em construções estereotipadas do tipo *mai-lo* (= *mais o*), ocorrentes em falares de Portugal, e que alguns escritores têm incorporado a suas obras, como nos mostra este passo:

> Veio da terra, **mai-lo** seu moinho.
> (A. Nobre, *S*, 26.)

Há resquício da antiga forma feminina *la* em *alfim* (aglutinação de *a la fim*), mas em certas expressões como *a la cria*, *a la fresca*, usadas por alguns escritores gaúchos, o artigo é um mero espanholismo, de introdução moderna. Veja-se este exemplo:

> **A la fresca!**... que ninho!
> (Simões Lopes Neto, *CGLS*, 185.)

3. A forma arcaica *el* do artigo masculino fossilizou-se na titulatura *el-rei*, talvez por influência da conservadora linguagem da Corte:

> Então o terceiro a **El-Rei** rogou
> Licença de os buscar, e **El-Rei** negou.
> (F. Pessoa, *OP*, 25.)

Vejam-se topônimos atuais, como *São João del-Rei*, e outros antigos, como *São José del-Rei* (hoje *Tiradentes*) e *Sergipe del-Rei*:

> Dos Azevedos, família antiga na província de **Sergipe d'El-Rei**, viviam na Estância três irmãs, Felicidade, Turíbia, Umbelina e um irmão padre.
> (G. Amado, *HMI*, 4.)

Formas combinadas do artigo definido

1. Quando o substantivo, em função de complemento ou de adjunto, se constrói com uma das preposições *a*, *de*, *em* e *por*, o ARTIGO DEFINIDO que o acompanha combina-se com essas preposições, dando:

PREPOSIÇÕES	ARTIGO DEFINIDO			
	o	**a**	**os**	**as**
a	ao	à	aos	às
de	do	da	dos	das
em	no	na	nos	nas
por (per)	pelo	pela	pelos	pelas

2. **Crase.** O artigo definido feminino quando vem precedido da preposição *a*, funde-se com ela, e tal fusão (= CRASE) é representada na escrita por um acento grave sobre a vogal (*à*).
   Assim:

Vou **a**	+	**a** cidade	=	Vou **à** cidade
preposição que introduz o adjunto adverbial do verbo *ir*.		artigo que determina o substantivo cidade		*a* craseado, a que se aplica o acento grave.

Não raro, o *à* vale como redução sintática da expressão *à moda de* (= *à maneira de, ao estilo de*):

> As bordaduras e os recamos de oiro, os veludos e sedas de fora, talhados **à francesa**, resplandeciam constelados de pérolas e diamantes.
> (Rebelo da Silva, *CL*, 175.)

> Mas o major? Por que não ria **à inglesa**, nem **à alemã**, nem **à francesa**, nem **à brasileira**? Qual o seu gênero?
> (Monteiro Lobato, *U*, 117.)

Observação:

Como se vê, o conhecimento do emprego da forma feminina do artigo definido é de grande importância para se aplicar acertadamente o acento grave denotador da crase com a preposição *a*. Tal conhecimento torna-se mesmo imprescindível no caso dos falantes do português do Brasil, que não distinguem, pela pronúncia, a vogal singela *a* (do artigo ou da preposição) daquela proveniente de crase. Convém, por isso, atentar-se sempre na construção de determinada palavra com outras preposições para se saber se ela exige ou dispensa o artigo. Assim, escreveremos:

> Vou **à feira** e, depois, irei **a Copacabana**.

porque também diremos:

> Vim **da feira** e, depois, passei **por Copacabana**.

3. Quando a preposição antecede o artigo definido que faz parte do título de obras (livros, revistas, jornais, contos, poemas, etc.), não há uma prática uniforme. Na língua escrita, porém, deve-se neste caso:

a) ou evitar a contração, pelo modelo:

> Camões é o autor **de Os Lusíadas**.
> A notícia saiu **em O Globo**.

b) ou indicar pelo apóstrofo a supressão da vogal da preposição:

> Camões é o autor **d'Os Lusíadas**.
> A notícia saiu **n'O Globo**.

Tenha-se presente que as grafias *dos Lusíadas* e *no Globo* — talvez as mais frequentes — deturpam o título do poema e do jornal em causa.

Observação:

As duas soluções apontadas são admitidas pela ortografia portuguesa. No Brasil, porém, o Formulário Ortográfico de 1943 não preceitua o emprego do apóstrofo para indicar a supressão da vogal da preposição.

4. Quando a preposição que antecede o artigo está relacionada com o verbo, e não com o substantivo que o artigo introduz, é aconselhável que os dois elementos fiquem separados, embora não faltem exemplos de sua aglutinação na prática dos melhores escritores:

> A circunstância **de as** vindimas juntarem a família prestava-se a uma reunião anual na Junceda.
> (M. Torga, *V*, 159.)

> — Estou-me esforçando, Sr. Juiz, por conservar o jeito especial **de o** garoto falar.
> (A. M. Machado, *HR*, 27.)

> Dona Rosa, Dona Rosa,
> Quando eras inda botão
> Disseram-te alguma cousa
> **De a** flor não ter coração?
> (F. Pessoa, *QGP*, nº. 160.)

5. A antiga preposição *per* contraía-se com *lo*(*s*), *la*(*s*), formas primitivas do artigo definido, produzindo *pelo*(*s*), *pela*(*s*). Estas contrações vieram substituir *polo*(*s*) e *pola*(*s*), de emprego normal no português clássico, como ilustram estes versos camonianos:

> Pois **polos** doze pares dar-vos quero
> Os doze de Inglaterra, e o seu Magriço.
> (*L*, I, 12.)

> Da Lua os claros raios rutilavam
> **Polas** argênteas ondas Neptuninas.
> (*L*, I, 58.)

Formas combinadas do artigo indefinido

1. O ARTIGO INDEFINIDO pode contrair-se com as preposições *em* e *de*, originando:

numa	numa	nuns	numas
dum	duma	duns	dumas

2. As preposições *em* e *de*, antepostas ao artigo indefinido que integra o título de obras, separam-se dele na escrita:

> Sofríamos do que, **em Um Olhar sobre a Vida**, qualifiquei de "insônia internacional".
> (Genolino Amado, *RP*, 21.)

> Ou no caso da outra Maria, a **de Um Capitão de Voluntários**, criatura esta "mais quente e mais fria do que ninguém".
> (A. Meyer, *SE*, 45.)

3. Também não é aconselhável a contração do artigo indefinido com a preposição que se relaciona com o verbo, e não com o substantivo que o artigo introduz:

> A obra atrasou-se em virtude **de uns operários** se terem acidentado.

VALORES DO ARTIGO

A DETERMINAÇÃO

1. Comparando-se esta frase de Alceu Amoroso Lima,

> Foi chegando **um** caboclinho magro, com **uma** taquara na mão.
> (*AA*, 40.)

às seguintes,

> Foi chegando **o** caboclinho magro, com **a** taquara na mão.
> Foi chegando **este** caboclinho magro, com **esta** taquara na mão.

verifica-se que a determinação dos substantivos *caboclinho* e *taquara* se vai tornando mais precisa, à medida que se passa do ARTIGO INDEFINIDO (*um*, *uma*) para o ARTIGO DEFINIDO (*o*, *a*) e, depois, para o DEMONSTRATIVO (*este*, *esta*). No primeiro caso, indica-se apenas a *espécie* dos substantivos que são apresentados ao ouvinte. No segundo, restringe-se a extensão do significado dos substantivos, com *individualizá-los*, *defini-los*. No terceiro, limita-se ainda

mais o sentido dos substantivos, que aparecem situados no *espaço* e no *tempo*. Exemplificando: *este caboclinho magro* não é *um caboclinho magro qualquer* (INDEFINIDO), nem *o caboclinho magro*, que o interlocutor conhece (DEFINIDO), mas o que está no momento perto da pessoa que fala.
Por outras palavras: o ARTIGO DEFINIDO é, essencialmente, um sinal de notoriedade, de conhecimento prévio, por parte dos interlocutores, do ser ou do objeto mencionado: o ARTIGO INDEFINIDO, ao contrário, é por excelência um sinal da falta de notoriedade, de desconhecimento individualizado, por parte de um dos interlocutores (o ouvinte), do ser ou do objeto em causa.

2. Quer seja DEFINIDO (*o* e suas variações *a*, *os*, *as*), quer seja INDEFINIDO (*um* e suas variações *uma*, *uns*, *umas*), o ARTIGO caracteriza-se por ser a palavra que introduz o substantivo indicando-lhe o gênero e o número.
Assim sendo:

a) qualquer palavra ou expressão antecedida de artigo se torna substantivo:

O ato literário é o conjunto **do escrever** e **do ler.**
(F. Namora, *E*, 111.)

Tudo no mundo começou com **um sim.**
(C. Lispector, *HE*, 15.)

Que motivo é este **do "não sei quê"**, pergunta o Leitor.
(A. Meyer, *CM*, 79.)

b) o artigo faz aparecer o gênero e o número do substantivo:

o Amazonas	as amazonas	o cliente	a cliente
o pires	os pires	as bibliotecas	os astecas
o pianista	a pianista	um pirata	uma gravata
um quilograma	a ama	o jabuti	a juriti
o pão	a mão	um barão	a produção
o clã	a irmã	um poema	a ema

Com isso, permite a distinção de substantivos homônimos, tais como:

o cabeça	a cabeça	o guarda	a guarda
o caixa	a caixa	o guia	a guia
o capital	a capital	o lente	a lente
o cisma	a cisma	o língua	a língua
o corneta	a corneta	o moral	a moral
o cura	a cura	o voga	a voga

EMPREGO DO ARTIGO DEFINIDO

COM OS SUBSTANTIVOS COMUNS

Na língua de nossos dias, o ARTIGO DEFINIDO é, em geral, um mero designativo. Anteposto a um substantivo comum, serve para determiná-lo, ou seja, para apresentá-lo isolado dos outros indivíduos ou objetos da espécie.

Assim:

> **O** aparelho de chá, **o** faqueiro, **os** cristais e **os** tapetes tinham ficado com ele.
> (L. Fagundes Telles, *ABV*, 13.)

> Sumiu-se **a** rapariga.
> (C. de Oliveira, *AC*, 123.)

Este seu valor costuma ser enfatizado, quando se pretende acentuar o caráter único ou universal do elemento representado pelo substantivo, como nestes passos:

> Tive, há alguns meses, um momento crítico, ou talvez, por certos lados, **o** momento crítico, da minha vida.
> (A. de Quental, *C*, 357.)

> Não era uma loja qualquer: era **a** Loja.
> (C. dos Anjos, *MS*, 350.)

É o que se chama ARTIGO DE NOTORIEDADE.

Empregos particulares

Entre os empregos particulares do ARTIGO DEFINIDO devem ser mencionados os seguintes:

Emprego como demonstrativo

1. O artigo definido provém do pronome demonstrativo latino *ille*, *illa*, *illud* (= aquele, aquela, aquilo). Este valor demonstrativo foi-se perdendo pouco a pouco, mas subsiste ainda, embora enfraquecido, em alguns casos. É o que se observa em frases do tipo:

Permaneceu **a** [= esta, ou aquela] semana inteira em casa.
Partimos **no** [= neste] momento para São Paulo.
Levarei produtos **da** [= desta] região.

2. É também sensível o valor demonstrativo do artigo que faz evocar o substantivo como algo presente no espírito do locutor ou do ouvinte, situado, portanto, no tempo e no espaço.
Sirva de exemplo esta frase:

Pedro foi um ativista desde **a** Faculdade.

[Isto é: aquela Faculdade que os interlocutores sabem qual seja.]

Emprego do artigo pelo possessivo

Este emprego do ARTIGO DEFINIDO é frequente antes de substantivos que designam:

a) partes do corpo:

Passei **a mão** pelo **queixo**.
(L. Fagundes Telles, *ABV*, 15.)

Ela repeliu-o então e firmou-se **nos cotovelos**, enfurnando **a cara** **nas mãos**.
(U. Tavares Rodrigues, *TO*, 71.)

b) peças de vestuário ou objetos de uso marcadamente pessoal:

Abel Matias, calado, veste **as calças** e **a camisa**.
(O. Mendes, *P*, 130.)

Ao anoitecer vestiu **o impermeável**, enfiou **o chapéu** e saiu.
(É. Veríssimo, *LS*, 138.)

c) faculdades do espírito:

Chegou a tomar balanço para **as** habituais **meditações**.
(A. Abelaira, *D*, 19.)

O velho embalava **o pensamento**.
(Autran Dourado, *TA*, 42.)

d) relações de parentesco:

> Nunca mais pude separar a lembrança **da prima** da sensação cromática das escalas musicais.
> (P. Nava, *BO*, 365.)

> — Já não chamou pel**a mãe**!...
> (M. Torga, *V*, 186.)

Observação:

Não se emprega, porém, o artigo quando estes nomes formam com as preposições *de* ou *a* uma locução adverbial.

Pus-me **de joelhos**.
Emagrece **a olhos vistos**.

Emprego do artigo antes dos possessivos

Antes de pronome substantivo possessivo

Em português, o emprego ou a omissão do artigo definido antes de possessivos que funcionam como pronomes substantivos não tem apenas valor estilístico, mas corresponde a uma clara distinção significativa.

Comparem-se, por exemplo, as frases seguintes:

Este cinto é **meu**.
Este cinto é **o meu**.

Com a primeira, pretende-se acentuar a simples ideia de posse. Equivale a dizer-se: "Este cinto pertence-me, é de minha propriedade".

Com a segunda, porém, faz-se convergir a atenção para o objeto possuído, que se evidencia como distinto de outros da mesma espécie, não pertencentes à pessoa em causa. O seu sentido será: "Este é o meu cinto, o que possuo".

Antes de pronome adjetivo possessivo

1. Quando trazem claros os seus substantivos, os possessivos podem usar-se com artigo ou sem ele:

Meu amor é só teu.
O meu amor é só teu.

A presença do artigo antes de pronome adjetivo possessivo ocorre com menos frequência no português do Brasil do que no de Portugal, onde, com exceção dos casos adiante mencionados, ela é praticamente obrigatória.

Comparem-se estes exemplos:

> — **A minha irmã** e **o meu cunhado** costumam receber **os seus amigos** mais íntimos.
> (A. Abelaira, *D*, 107.)

> **Meu avô materno** foi verdadeiramente **minha primeira amizade**, companheiro de brinquedo da **minha primeira infância.**
> (G. Amado, *HMI*, 4.)

2. O artigo é sistematicamente omitido quando o possessivo:

a) é parte integrante de uma fórmula de tratamento ou de expressões como *Nosso Pai* (referente ao Santíssimo), *Nosso Senhor*, *Nossa Senhora*:

> **Sua Excelência Reverendíssima** escusou-se de recebê-los pessoalmente.
> (B. Santareno, *TPM*, 37.)

> **V. Exª.** é sempre lisonjeiro.
> (Castro Alves, *OC*, 604.)

> **Nosso Senhor** tinha o olhar em pranto.
> Chorava **Nossa Senhora.**
> (A. de Guimaraens, *OC*, 121.)

b) faz parte de um vocativo:

> — Morrer, **meu Amo**, só uma vez!
> (A. Nobre, *S*, 106.)

> — É neto, **meu padrinho**?
> (J. Lins do Rego, *MVA*, 251.)

c) pertence a certas expressões feitas: *em minha opinião*, *em meu poder*, *a seu bel-prazer*, *por minha vontade*, *por meu mal*, etc.

d) vem precedido de um demonstrativo:

> — Não aguento mais **esse teu silêncio** antipático.
> (U. Tavares Rodrigues, *TO*, 162.)

— Isto, aliás, seria benefício a **este seu criado.**
(C. dos Anjos, *M*, 173.)

Observação:

Se o possessivo estiver posposto ao substantivo, este virá normalmente precedido de ARTIGO:

Quanto mistério
Nos olhos teus...
(V. de Morais, *PCP*, 334.)

Pode, no entanto, dispensá-lo, quando nos referimos a algo de modo impreciso ou vago:

Tenho estado à espera **de notícias tuas**, mas vejo que não chegam nunca.
(A. Nobre, *CI*, 117.)

Emprego genérico

Usa-se às vezes o ARTIGO DEFINIDO junto a um substantivo no singular para exprimir a totalidade específica de um gênero, de uma categoria, de um grupo, de uma substância:

O guarani fez-se aliado d**o espanhol.**
(J. Cortesão, *IHB*, II, 126.)

O relógio é um objeto torturante: parece algemado ao tempo.
(C. Lispector, *SV*, 113.)

Este emprego é frequente nos provérbios:

O homem não é propriedade d**o homem.**
O avarento não tem e **o pródigo** não terá.

Se o substantivo é abstrato, o ARTIGO serve, ademais, para personalizá-lo:

Sacrificou um pouco, sobretudo no exórdio, a articulação do seu discurso para evitar **o brilho, a saliência, a ênfase.**
(M. Bandeira, *AA*, 306.)

Era o deus vivo que os tinha na sua mão, o amigo-inimigo donde lhes vinha todo **o bem** e todo **o mal, a miséria** e **o pão, o luto** e **a alegria.**
(Branquinho da Fonseca, *MS*, 173.)

Entre os abstratos incluem-se naturalmente os adjetivos substantivados:

Eu trabalho com **o inesperado**.
(C. Lispector, *SV*, 14.)

O pior é que nos apareceram outros doentes.
(F. Namora, *CS*, 157.)

Observação:

Nestes casos pode-se dispensar o artigo, principalmente quando o substantivo é abstrato, ou quando faz parte de provérbios, frases sentenciosas e comparações breves:

Pobreza não é **vileza**.
Cão que ladra não morde.
Homem não é **bicho**.
Preto como **azeviche**.

Emprego em expressões de tempo

1.º) Os nomes de meses não admitem ARTIGO, a menos que venham acompanhados de qualificativo:

Estou seguro de ir até o Rio em fins **de junho** ou princípios **de julho**.
(M. de Andrade, *CMB*, 102.)

Descobria afinal a manhã carioca, n**o abril de Botafogo**, manhã que antes nunca me dera o ar de sua graça.
(Genolino Amado, *RP*, 22.)

Era **um setembro puro**.
(M. Torga, *NCM*, 63.)

Observação:

Omite-se em geral o ARTIGO antes das datas do mês:

A 28 de setembro, por vinte e sete votos, sai ele vitorioso.
(J. Montello, *PMA*, 276.)

O parecer é **de 28 de janeiro** de 1640.
(J. Cortesão, *IHB*, II, 218.)

Costuma-se, no entanto, usá-lo:

a) antes de datas célebres (que adquirem o valor de um substantivo composto de NUMERAL + PREPOSIÇÃO + SUBSTANTIVO):

> Por ser precisamente um dos feriados extintos, **o 19 de Novembro** faz lembrar hoje, aos marmanjos do começo do século, não só a bandeira como a própria infância, tão perdida quanto esse feriado.
> (C. Drummond de Andrade, *FA*, 116.)

b) antes de datas mencionadas no curso de uma narração:

> Constituiu-se assim livremente a Academia e a primeira sessão se realizou **aos 15 de dezembro de 1896**, aclamados presidente Machado de Assis e secretários Rodrigo Otávio e Pedro Rabelo.
> (M. Bandeira, *PP*, II, 1132.)

2.º) Os nomes dos dias da semana vêm precedidos de ARTIGO, principalmente quando enunciados no plural:

> Queres ir comigo à Itália **no domingo**?
> (A. Abelaira, *D*, 45.)

> **Aos domingos** saíam cedo para a missa.
> (Coelho Netto, *OS*, I, 33.)

Mas podem dispensá-lo (juntamente com a preposição a que se aglutinam), quando funcionam como adjunto adverbial.

Assim:

> **Sexta-feira** fui vê-la sair.
> (Machado de Assis, *OC*, III, 593.)

> — **Domingo** à tarde. **Domingo** será a vez do teu moinho...
> (F. Namora, *DT*, 221.)

3.º) Não se usa o ARTIGO nas designações das horas do dia, nem com as expressões *meio-dia* e *meia-noite*:

> O relógio marcava **meio-dia e dez...**
> (A. Abelaira, *D*, 124.)

Meia-noite? Não se teria enganado?
(J. Montello, *SC*, 25-26.)

O ARTIGO é, porém, de regra quando, antecedidas de preposição, tais formas se empregam adverbialmente:

Já não se almoça **às 9 da manhã**
e não se janta **às 4.**
(C. Drummond de Andrade, *MA*, 99.)

Ao meio-dia já as águas do porto eram prata fundida.
(U. Tavares Rodrigues, *JE*, 47.)

4.º) Os nomes das quatro estações do ano são precedidos de artigo:

As névoas anunciam **o Inverno.**
(R. Brandão, *P*, 52.)

Talvez tenha acabado **o verão.**
(R. Braga, *CCE*, 293.)

Será goivo **no outono**, assim como era,
Eternamente mal-aventurada,
A alma, que lírio foi **na primavera**...
(A. de Guimaraens, *OC*, 342.)

Podem, no entanto, dispensá-lo quando, antecedidos da preposição *de*, funcionam como complemento nominal ou como adjunto adnominal:

Que noite **de inverno**! Que frio, que frio!
Gelou meu carvão:
Mas boto-o à lareira, tal qual pelo estio,
Faz sol **de verão**!
(A. Nobre, *S*, 13.)

Num meio-dia de fim **de primavera**
Tive um sonho como uma fotografia.
(F. Pessoa, *OP*, 143.)

Hora sagrada dum entardecer
De outono, à beira-mar, cor de safira.
(F. Espanca, *S*, 22.)

5.º) Os nomes de datas festivas dizem-se com ARTIGO:

o ano-bom	**o Natal**
o carnaval	**a Páscoa**

É, porém, de regra a omissão do ARTIGO quando estes nomes funcionam como adjunto adnominal das palavras *dia*, *noite*, *semana*, *presente*, etc.:

O primeiro **dia de carnaval.**
A **noite de Natal.**
A **semana de Páscoa.**
Um **presente de ano-bom.**

Emprego com expressões de peso e medida

O ARTIGO DEFINIDO é usado com força distributiva em frases do tipo

O feijão está a cento e trinta cruzeiros **o quilo** (= cada quilo)

Este tecido custa dois mil escudos **o metro** (= cada metro),

nas quais se expressa por unidade de peso ou medida o custo ou o valor de determinada coisa.

Com a palavra casa

1. Dispensam o ARTIGO os adjuntos adverbiais de lugar em que entra a palavra *casa*:

a) desacompanhada de determinação ou qualificação, no sentido de "residência", "lar":

Às quatro da madrugada entrou **em casa.**
(M. Torga, *CM*, 32.)

Voltou **para casa** e ficou à espera da hora insuportável.
(C. Drummond de Andrade, *CA*, 105.)

b) em sentido vago, embora acompanhada de qualificação:

Estava **em casa própria** lá para Ipanema.
(A. Ribeiro, *M*, 356.)

A vida na casa de Sinhô era mesquinha como **em casa de pobre**, mas havia lá dentro a bela Pérola.
(J. Lins do Rego, *MVA*, 306.)

2. Mas a palavra *casa* vem de regra antecedida de ARTIGO:

a) quando usada na acepção própria de "prédio", "edifício", "estabelecimento":

J[osé] O[lympio] em geral não emprega a primeira pessoa; diz: **a casa. A casa** não pode editar um livro nessas condições, **a casa** ficou magoada, **a casa** está feliz...
(C. Drummond de Andrade, *FA*, 52.)

Estou cansado, preciso de um sócio, alguém que me dirija **a casa**.
(A. Abelaira, *D*, 28.)

b) quando está particularizada por adjunto adnominal:

Foi um golpe esta carta; não obstante, apenas fechou a noite, corri **à casa de Virgília**.
(Machado de Assis, *OC*, I, 484.)

Na sua própria casa, Horácio pressentia que a mãe lhe ocultava alguma coisa.
(Ferreira de Castro, *OC*, I, 451.)

Observação:

Diz-se *o dono* (ou *a dona*) **da casa** para indicar, com precisão, seja o proprietário do prédio, seja o chefe da família. Em sentido vago, dir-se-á, porém: *uma boa dona* **de casa**.

Com a palavra palácio

1. A palavra *palácio* usa-se com ARTIGO:

Absorvendo-me nos exames, suspendi as idas **ao Palácio**.
(Genolino Amado, *RP*, 124.)

Só perto **do palácio** enxugou os olhos.
(Alves Redol, *BC*, 342.)

2. Costuma, no entanto, dispensá-lo, no português do Brasil, quando, em função de adjunto adverbial, designa a residência ou o local de despacho do chefe da

Nação ou do Estado e vem desacompanhada da competente determinação ou qualificação. Poder-se-á dizer, por conseguinte:

> O Governador chamou-o **a Palácio**, pedindo-lhe que desse um termo à luta.
>
> (J. Lins do Rego, *MVA*, 134-135.)

> — Olhe, nos Governos de gente nossa, não se pode nem comer **em Palácio**...
>
> (A. Deodato, *POBD*, 55.)

Mas dir-se-á sempre com artigo, quando determinada ou qualificada:

> Paladino do amor, busco anelante
> **O palácio encantado da Ventura!**
>
> (A. de Quental, *SC*, 42.)

> Benício tornou a acercar-se da janela, alongou a vista na direção **do Palácio Laranjeiras.**
>
> (J. Montello, *SC*, 25.)

Emprego com o superlativo relativo

O ARTIGO DEFINIDO é de emprego obrigatório com o superlativo relativo. Pode preceder o substantivo:

> Era **o** aluno **mais estudioso da** turma.

ou o superlativo:

> Era **o mais estudioso** aluno **da** turma.
> Era aluno **o mais estudioso da** turma.

Mas não deve ser repetido antes do superlativo quando já acompanha o substantivo, como neste exemplo:

> Era **o** aluno **o mais estudioso da** turma.

Observações:

1.ª) É lícita, no entanto, a repetição do ARTIGO antes do superlativo reforçado pela palavra *ainda* ou sinônima, pois neste caso se pode subentender o substantivo depois do segundo artigo:

Essa façanha **os** marinheiros **ainda os mais audazes** não ousariam cometê-la.

isto é: *ainda os [marinheiros] mais audazes.*

2.ª) O ARTIGO aparece por vezes com valor intensivo em frases da linguagem coloquial de entoação particular. Por exemplo:

Ele é **o** fim!

COM OS NOMES PRÓPRIOS

Sendo por definição individualizante, o nome próprio deveria dispensar o ARTIGO. Mas, no curso da história da língua, razões diversas concorreram para que esta norma lógica nem sempre fosse observada e, hoje, há mesmo grande número de nomes próprios que exigem obrigatoriamente o acompanhamento do ARTIGO DEFINIDO. Entre essas razões, devem ser mencionadas:

a) a intenção de reforçar a ideia de individualidade, de um todo intimamente unido, como se concebe, em geral, um país, um continente, um oceano:

o Brasil	a América	o Atlântico
a França	a Europa	o Pacífico

b) a de ser o nome próprio originariamente um substantivo comum, construído com o ARTIGO:

a Guarda	o Cairo (árabe *El-Kahira* = a vitoriosa)
o Porto	o Havre (francês *Le Havre* = o porto)

c) a influência sintática do italiano, língua em que os nomes de família, quando empregados isoladamente, vêm precedidos de ARTIGO:

o Tasso	o Ticiano	a Besanzoni

d) a de cercar o nome próprio de uma atmosfera afetiva ou familiar:

> (...) **A Carlota! A Carlota!**
> Boa velhinha, como ela é meiga e devota!
> (A. Nobre, *S*, 166.)

> — Aqui é **o Custódio**. Olhe, achei melhor dizer **ao Cantídio** que você tinha chegado e queria vê-lo.
> (C. dos Anjos, *M*, 160.)

Feitas essas considerações preliminares, particularizemos, agora, os principais casos de emprego do artigo definido com os nomes próprios.

Com os nomes de pessoas

Os nomes próprios de pessoas (de batismo e de família) não levam ARTIGO, principalmente quando se aplicam a personagens muito conhecidos:

Camões Dante Napoleão

Emprega-se, porém, o ARTIGO DEFINIDO:
1.º) quando o nome de pessoa vem precedido de qualificativo:

O romântico Alencar.
O divino Dante.

2.º) quando o nome de pessoa vem acompanhado de determinativo ou qualificativo denotadores de um aspecto, de uma época, de uma circunstância da vida do indivíduo:

Era **o Daniel de outrora** que eu tinha diante de mim.
(J. Montello, *DVP*, 237.)

Estas palavras eram de Raul, **o Raul adolescente.**
(A. Abelaira, *D*, 130.)

3.º) quando se pretende atribuir ao nome próprio um sentido depreciativo, como neste passo de A. Nobre, em que *o Carlos* é o rei D. Carlos I, de Portugal:

Nada me importas, País! seja meu Amo
O Carlos ou **o Zé da T'resa...**
(*S*, 118.)

4.º) quando o nome de pessoa vem enunciado no plural:
a) seja para indicar indivíduos do mesmo nome:

Os dois Plínios.
Os três Horácios.

b) seja para designar uma coletividade familiar:

Os Andradas.
Os Braganças.

c) seja para caracterizar, enfaticamente, classes ou tipos de indivíduos que se assemelham a um vulto ou personagem célebre, caso em que o nome próprio vale por um nome comum:

> Eu vejo **os Cipiões**, vejo **os Emílios**.
> (C. M. da Costa, *OP*, II, 122.)

> Que importa isso tudo, se, aqui, **os Clemenceaus** andam a monte, **os Hindemburgos** rolam aos tombos, **os Gladstones** pululam aos cardumes, **os Bismarcks** se multiplicam em ninhadas, e **os Thiers** cobrem o sol como nuvens de gafanhotos.
> (R. Barbosa, *EDS*, 484.)

d) para designar obras de um artista (geralmente quadros de um pintor):

> **Os Goyas** do Museu do Prado.

Observações:

1.ª) Na linguagem popular e no trato familiar é muito frequente no Brasil e está praticamente generalizada na linguagem corrente de Portugal a anteposição do ARTIGO DEFINIDO a nomes de batismo de pessoas, o que lhes dá, como dissemos, um tom de afetividade ou de familiaridade. Comparem-se, por exemplo, estas duas frases:

> **Geraldo** saiu agora.
> **O Geraldo** saiu agora.

Na primeira (só possível, em Portugal, na linguagem escrita), a pessoa mencionada vem envolta de certa distinção, sentimo-la mais distante. Na segunda, apontamos a pessoa como conhecida dos presentes, como um elemento familiar, caseiro.

2.ª) As alcunhas são comumente precedidas de ARTIGO:

> — Morreu **o Palhaça**...
> (M. Torga, *NCM*, 59.)

> Gomes Ribeiro, que não se misturava com quem quer que fosse, era conhecido como **o Fonema**.
> (A. F. Schmidt, *GB*, 107.)

3.ª) O artigo definido antecede as palavras *senhor, senhora* e *senhorita* quando citamos uma pessoa por seu nome ou por seu título:

O senhor Fontes está adoentado.
Falei com **a senhora Baronesa**.
Não vi **a senhorita Joana**.

Não empregamos, porém, o artigo quando nos dirigimos à própria pessoa:

— Como vai, **senhor Fontes**?
— Adeus, **senhora Baronesa**.
— Obrigado, **senhorita Joana**.

4.ª) O adjetivo *santo* (ou *são* e *santa*) não vem precedido de artigo quando acompanha um nome próprio do qual consideramos ser parte integrante:

Assim conversam, gloriosos,
Santa Clara e **São Francisco**.
(C. Meireles, *OP*, 903.)

— O senhor formulara um conceito heterodoxo das epístolas de **São Paulo** e do evangelho de **São Marcos**...
(A. Ribeiro, *ES*, 17.)

O artigo é, porém, de regra, se com o nome do santo, precedido do adjetivo em causa, quisermos designar a época em que se festeja:

Já a trago debaixo de olho desde **o Santo Antônio**.
(M. Torga, *V*, 21.)

Ainda há um ano precisamente, assistia eu no Porto **ao São João** mais fantástico deste mundo.
(A. F. Schmidt, *GB*, 146.)

Com os nomes geográficos

O estado atual do uso do ARTIGO com os nomes geográficos é o seguinte:

1.º) Emprega-se normalmente o artigo definido:

a) com os nomes de países, regiões, continentes, montanhas, vulcões, desertos, constelações, rios, lagos, oceanos, mares e grupos de ilhas:

o Brasil	o Himalaia	o Nilo
a França	os Alpes	o Lemano
os Estados Unidos	o Teide	o Atlântico

a Guiné	o Atacama	o Báltico
o Nordeste	o Saara	o Mediterrâneo
a África	o Cruzeiro do Sul	os Açores

b) com os nomes dos pontos cardeais e os dos colaterais, quer no sentido próprio, quer no de regiões ou ventos:

O promontório tapava para **o norte.**
(Branquinho da Fonseca, *MS*, 104.)

Os nossos companheiros de viagem — gente **do Sul** — tasquinhavam, cantavam e beberricavam.
(U. Tavares Rodrigues, *JE*, 21.)

Também os ventos nordestinos se acharam presentes: **o Nordeste** e **o Sudeste...**
(J. Cardoso, *SE*, 60.)

Observações:

1.ª) Certos nomes de países e regiões costumam, no entanto, rejeitar o artigo. Entre outros: *Portugal, Angola, Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Macau, Timor, Andorra, Israel, São Salvador, Aragão, Castela, Leão.*

2.ª) Alguns nomes de países, como *Espanha, França, Inglaterra, Itália* e poucos mais, podem construir-se sem ARTIGO, principalmente quando regidos de preposição:

Viveu muito tempo **em Espanha**, casada.
(F. Namora, *CS*, 93.)

Aquela que reside na esperança
Foi quem me recompôs o sonho antigo
Numa canção de músico mendigo
Pelas estradas líricas **de França.**
(J. Cardoso, *SE*, 49.)

3.ª) Quando indicam apenas direção, os nomes de pontos cardeais podem vir sem ARTIGO:

Marcha **para oeste** Vento **de leste**

2.º) Não se usa em geral o ARTIGO DEFINIDO:

a) com os nomes de cidades, de localidades e da maioria das ilhas:

Barbacena	Águeda	Creta
Lisboa	Campo Grande	Cuba
Paris	Topázio	Malta

b) com os nomes de planetas e de estrelas:

Marte	Canópus
Saturno	Sírius
Vênus	Vega

Observações:

1.ª) Alguns nomes de cidades que se formaram de substantivos comuns conservam O ARTIGO: *a Guarda, o Porto, o Rio de Janeiro, a Figueira da Foz.* O mesmo se dá, como vimos, com o nome de certas cidades estrangeiras: *o Cairo, a Haia, o Havre.*

2.ª) À semelhança dos nomes de países, usam-se com artigo alguns nomes de ilhas: *a Córsega, a Madeira, a Sardenha, a Sicília.*

3.º) Não é uniforme o emprego do ARTIGO DEFINIDO com os nomes dos estados brasileiros e das províncias portuguesas. A maioria leva ARTIGO.

Assim:

o Acre	o Pará	o Alentejo
o Amazonas	a Paraíba	o Algarve
a Bahia	o Paraná	a Beira
o Ceará	o Piauí	o Douro
o Espírito Santo	o Rio de Janeiro	a Estremadura
o Maranhão	o Rio Grande do Norte	o Minho
o Mato Grosso do Sul	o Rio Grande do Sul	o Ribatejo

Não se usam, porém, com artigo:

Alagoas	Pernambuco	Sergipe
Goiás	Rondônia	Trás-os-Montes
Mato Grosso	Santa Catarina	
Minas Gerais	São Paulo	

Observação:

Diz-se também *as Alagoas.*

4.º) Como os nomes de pessoas, os nomes geográficos passam a admitir o artigo desde que acompanhados de qualificação ou de determinação:

Ai canta, canta ao luar, minha guitarra,
A Lisboa dos Poetas Cavaleiros!
(A. Nobre, *D*, 68.)

Gosto da **Ouro Preto de Guignard.**
(M. Bandeira, *AA*, 57.)

De novo, ungindo-me de Europa, alastrando-me da sua vibração, se encapelava dentro de mim Paris — **o meu Paris, o Paris dos meus vinte e três anos...**
(M. de Sá-Carneiro, *CL*, 131.)

Patriota, desejava sem dúvida nos fazer conscientes da grandeza de Portugal, **o Portugal das descobertas e dos clássicos.**
(J. Amado, *MG*, 113.)

Com os nomes de obras literárias e artísticas

Emprega-se em geral o artigo, mesmo quando não pertença ao título:

Ontem, à noite, comecei a ler **a Ana Karenina.**
(A. Abelaira, *D*, 64.)

A chegada de José Veríssimo ao Rio, em 1891, coincide com o aparecimento d**o Quincas Borba**, primeiro romance de Machado de Assis depois d**as Memórias Póstumas.**
(J. Montello, *PMA*, 216.)

CASOS ESPECIAIS

Antes da palavra *outro*

1. Emprega-se o artigo definido quando a palavra *outro* tem sentido determinado:

Tirei do colégio os meus dois filhos: o mais velho era um demônio, **o outro** um anjo.
(C. Castelo Branco, *OS*, I, 290.)

Não era **pela outra**, não, dizia ela consigo, pela centésima vez, era por ele, era **pelo outro.**
(A. Peixoto, *RC*, 517.)

Um era careca, **o outro** tinha bigode.
(A. M. Machado, *HR*, 72.)

2. Cala-se, porém, o artigo quando o seu sentido é indeterminado:

A uns amei, a **outros** estimei, aborreci alguns e alguns mal conheci — mas todos! ai! todos, me impregnaram de suas vidas.
(P. Nava, *BC*, 228.)

Na estrada, os homens apartaram-se, uns grupos para a Covilhã, **outros** para a Aldeia do Carvalho, como nos demais dias.
(Ferreira de Castro, *OC*, I, 463.)

Depois das palavras *ambos* e *todo*

Ambos e *todo* são as únicas palavras que, em português, antecedem o artigo pertencente ao mesmo sintagma.

1. Se o substantivo determinado pelo numeral *ambos* estiver claro, é de regra o emprego do artigo definido:

Eram centenares de pessoas de **ambos os sexos**.
(C. Castelo Branco, *OS*, I, 573.)

Vasco apoiou os cotovelos nela e segurou o rosto com **ambas as mãos**.
(É. Veríssimo, *LS*, 166.)

2. A presença ou a ausência do artigo depois da palavra *todo* depende, obviamente, de admitir ou rejeitar o substantivo aquela determinação.
Diremos, por exemplo:

Todo o Brasil pensa assim.
Todo Portugal pensa assim.

por se construírem de modo diverso esses dois nomes geográficos.

3. Há casos, porém, que precisam de ser considerados particularmente.
Assim:
1.º) No PLURAL, anteposto ou posposto ao substantivo, *todos* vem acompanhado de artigo, a menos que haja um determinativo que o exclua:

Conheceu **todos os salões** e **todos os antros**.
(C. Castelo Branco, *OS*, II, 302.)

Os discípulos amavam-na, prontos a **todos os obséquios**.
(A. Ribeiro, *CRG*, 100.)

Iam-se-me **as esperanças todas**; terminava a carreira política.
(Machado de Assis, *OC*, I, 536.)

Mas:

Todos estes costumes vão desaparecer.
(R. Brandão, *P*, 165.)

Todos esses dons do meu amigo ficarão perdidos para sempre.
(A. F. Schmidt, *AP*, 98.)

2.º) Não se usa o artigo antes do numeral em aposição a *todos*:

Vi-os felizes a **todos quatro**.
(Machado de Assis, *OC*, I, 1126.)

Elas são, **todas duas**, minhas irmãs que eu ajudei a criar.
(R. M. F. de Andrade, *V*, 67.)

Se, no entanto, o substantivo estiver claro, o artigo é de regra:

Vi-os felizes a **todos os quatro meninos**.
Todas as duas irmãs eu ajudei a criar.

3.º) No SINGULAR, *todo*:

a) virá acompanhado de artigo, quando indicar a totalidade das partes:

Toda a praia é um único grito de ansiedade.
(Alves Redol, *FM*, 306.)

Estela assistiu **à lição toda**, com a paciência da curiosidade.
(Machado de Assis, *OC*, I, 373.)

b) poderá vir ou não acompanhado de artigo quando exprimir a totalidade numérica:

Falava bem como **todo francês**.
(G. Amado, *PP*, 168.)

—Verdade, a atribuição é lógica: **todo o homem** é bicho, embora nem **todo o bicho** seja homem.
(A. Ribeiro, *AFPB*, 33.)

Neste último caso é obrigatória a sua anteposição ao substantivo.

Observação:

Advirta-se que o uso do artigo neste último caso é muito mais frequente na língua contemporânea de Portugal do que na do Brasil, onde, no ensino médio, de um modo geral, os professores procuram estabelecer uma distinção entre *todo* "qualquer", "cada" e *todo o* "inteiro", "total", pelo modelo:

Toda casa [= qualquer casa] cedo ou tarde precisa de reforma.
Toda a casa [= a casa inteira] foi reformada.

4.º) Anteposto ao artigo indefinido, *todo* significa "inteiro", "completo":

Para conseguir o seu intento cobriu de ridículo **toda uma geração**, e lançou as bases de **toda uma remodelação social.**
(G. Amado, *TL*, 29.)

Pelo chão, pelos sofás, alastrava-se **toda uma literatura** em rumas de volumes graves.
(Eça de Queirós, *OF*, II, 71.)

5.º) Quando *todo* (ou *toda*) está empregado com força adverbial, não admite naturalmente o acompanhamento do artigo:

Todo barbeado de fresco, as cordoveias do pescoço luziam-lhe grossas como calabres.
(A. Ribeiro, *CRG*, 228.)

Vi então um homem **todo amarrado** de cordas a carregar uma cruz, com outro de chicote na mão batendo nele.
(J. Rins de Rego, *MVA*, 13.)

6.º) Em numerosas locuções do português contemporâneo, *todo* (ou *toda*) vem seguido de artigo. Entre outras, mencionam-se as seguintes:

a todo o custo	a toda a brida
a todo o galope	a toda a hora
a todo o instante	a toda a pressa
a todo o momento	em toda a parte
em todo o caso	por toda a parte

Observação:

Quanto a outros valores e empregos do indefinido *todo*, veja-se p. 380-1.

REPETIÇÃO DO ARTIGO DEFINIDO

Com substantivos

1. Quando empregado antes do primeiro substantivo de uma série, o artigo deve anteceder os substantivos seguintes, ainda que sejam todos do mesmo gênero e do mesmo número:

> Cantava para **os** anjos, para **os** presos, para **os** vivos e para **os** mortos.
> (J. Lins do Rego, *MVA*, 347.)

> Para ganhar **o céu**, vendeste **a ira, a luxúria,**
> **A gula, a inveja, o orgulho, a preguiça** e **a avareza.**
> (Olavo Bilac, *T*, 239.)

> Depois, **a** iniciação, **a** mudança de traje, **o** banho, **o** perfume, **a** visita de belos cavalheiros, **o** primeiro café, **o** licor, **a** queda e algumas lágrimas.
> (J. de Araújo Correia, *FX*, 93.)

2. Mas a alternância de sequências com artigo e sem ele pode, em certos casos, apresentar efeitos estilísticos apreciáveis:

> Não viram **sumo bem** ao derredor,
> Mas sim **o mal, a tentação, o crime,**
> **Orgulho, humilhações, remorso** e **dor.**
> (A. Corrêa d'Oliveira, *VSVA*, 213.)

Observação:

Não se repete, porém, o artigo:

a) quando o segundo substantivo designa o mesmo ser ou a mesma coisa que o primeiro:

> Presenteou-me este livro **o** compadre e amigo Carlos.
> **A** fruta-de-conde, ou ata, é deliciosa.

b) quando, no pensamento, os substantivos se representam como um todo estreitamente unido:

O estudo [do folclore] era necessitado pela existência **das** histórias, contos de fadas, fábulas, apólogos, superstições, provérbios, poesia e mitos recolhidos da tradição oral.
(J. Ribeiro, *Fl*, 6.)

Com adjetivos

1. Repete-se o artigo antes de dois adjetivos unidos por uma das conjunções *e* e *ou* quando os adjetivos acentuam qualidades opostas de um mesmo substantivo:

   Conhecia **o** novo e **o** velho Testamento.
   A boa ou **a** má fortuna não o alteraram.

2. Não se repete, porém, o artigo se os dois adjetivos ligados pelas conjunções *e*, *ou* (e *mas*) se aplicam a um substantivo com o qual formam um conceito único:

   Mas por que não lhe telefona logo à noite, por que não recomeçam **a velha e quase esquecida** amizade?
   (A. Abelaira, *D*, 22.)

   Esqueceu que já não tinha mais **a sua tristonha mas bela** solidão.
   (É. Veríssimo, *LS*, 148.)

3. Se os adjetivos não vêm unidos pelas conjunções *e* e *ou*, deve-se repetir o artigo. Tal construção empresta ao enunciado ênfase particular:

   Era **o próprio, o exato, o verdadeiro** Escobar.
   (Machado de Assis, *OC*, I, 867.)

   É o povo, **o verdadeiro, o nobre, o austero** povo português.
   (A. F. Schmidt, *F*, 102.)

4. Se um mesmo substantivo vem qualificado por uma série de superlativos relativos, deve-se antepor o artigo a cada membro da série:

   Que **o mais belo, o mais forte, o mais ardente**
   Destes sujeitos é precisamente
   O mais triste, o mais pálido, o mais feio.
   (E. da Cunha, *OC*, I, 659.)

Vi pela primeira vez a Eleita de minh'alma,
a grande Flor subtil, inigualável alma,
A Maior, a mais Bela, a mais Amada, a Única!
(E. de Castro, *OP*, I, 30.)

OMISSÃO DO ARTIGO DEFINIDO

Do que foi estudado nas páginas anteriores, verificamos que o artigo definido limita sempre a noção expressa pelo substantivo.

1. O seu emprego é, pois, evitado em certos casos:

1.º) Quando o gênero e o número do substantivo já estão claramente determinados por outras classes de palavras (pronomes demonstrativos, numerais, etc.).

Assim, diremos:

Na revolução de 17 muito sofrera **este padre**.
(J. Lins do Rego, *MVA*, 281.)

Antes, ainda no automóvel, Ramiro achara **duas novas pérolas**.
(A. Abelaira, *D*, 121.)

2.º) Quando queremos indicar a noção expressa pelo substantivo de um modo geral, isto é, na plena extensão do seu significado.

Comparem-se, por exemplo, estas três frases:

Foi acusado **do crime** [acusação precisa].
Foi acusado **de um crime** [acusação vaga].
Foi acusado **de crime** [acusação mais vaga ainda].

3.º) Quando, nas enumerações, pretendemos obter um efeito:

a) de acumulação:

Samuel, a princípio com relutância, depois com fúria, finalmente com resignação, pôs-se a morder e a mastigar tudo: **lápis, borrachas, pedacinhos de pau, gomos de cana-de-açúcar**.
(C. Drummond de Andrade, *CA*, 143-144.)

b) de dispersão:

Volteiam dentro de mim,
Em rodopio, em novelos,

Milagres, uivos, castelos,
Forças de luz, pesadelos,
Altas torres de marfim.
(M. de Sá-Carneiro, *P*, 75.)

Observação:

No exemplo acima, o poeta português M. de Sá-Carneiro procura conjugar num sentido superior (o tema da "incoerência" ou "dispersão") coisas apresentadas em série desconexa. Trata-se de um caso da chamada ENUMERAÇÃO CAÓTICA, recurso estilístico de alto efeito expressivo em alguns escritores modernos. Leia-se a propósito Leo Spitzer. *La enumeración caótica en la poesía moderna*. Trad. de Raimundo Lida, Buenos Aires, Instituto de Filología, 1945.

2. Além desses casos gerais e de outros particulares, anteriormente examinados, omite-se o artigo definido:

a) nos vocativos:

Oh! **dias da minha infância**!
Oh! **meu céu de primavera**!
(C. de Abreu, *O*, 94.)

b) nos apostos que indicam simples apreciação:

Tardes da minha terra, **doce encanto,**
Tardes duma pureza de açucenas.
(F. Espanca, *S*, 35.)

c) antes de palavras que designam matéria de estudo, empregadas com os verbos *aprender, estudar, cursar, ensinar* e sinônimos:

Aprender **inglês**.
Cursar **direito**.
Estudar **latim**.
Ensinar **geometria**.

d) antes das palavras *tempo, ocasião, motivo, permissão, força, valor, ânimo* (para alguma coisa), complementos dos verbos *ter, dar, pedir* e seus sinônimos:

Não houve **tempo** para descanso.
Não dei **motivo** à crítica.
Pedimos **permissão** para sair.
Não tive **ânimo** para viajar.

EMPREGO DO ARTIGO INDEFINIDO

O artigo indefinido provém do numeral latino *unus, una, unum*, que exprime a unidade.

Esse valor numeral, embora enfraquecido em "um certo", transparece ainda hoje nos diversos empregos das formas do singular (*um, uma*), principalmente no mais comum deles, qual seja, o de apresentar o ser ou o objeto expresso pelo substantivo de maneira imprecisa, indeterminada ou desconhecida.

Desse valor fundamental decorrem certos empregos particulares do artigo indefinido, alguns dos quais devem ser conhecidos.

Com os substantivos comuns

1. O artigo indefinido — já o dissemos — serve principalmente para a apresentação de um ser ou de um objeto ainda não conhecido do ouvinte ou do leitor.
   Retomemos o exemplo de A. Amoroso Lima anteriormente citado:

   > Pouco depois, atraído também pelo espetáculo, foi chegando **um caboclinho** magro, com **uma taquara** na mão.
   > (*AA*, 40.)

   Uma vez apresentados o ser e o objeto, não há mais razão para o emprego do artigo indefinido, e o escritor ou o locutor deverá usar daí por diante o artigo definido. É o que se observa na continuação do texto em causa:

   > Pupilas acesas vinham espiar entre as árvores, como que também atraídas pela melodia d**a taquara** d**o caboclinho**.
   > (*Ibid.*)

2. Para se precisar a classe ou a espécie de um substantivo já determinado por artigo definido, costuma-se repeti-lo, na aposição, com o artigo indefinido:

   > Ele sentia o cheiro do impermeável dela: **um cheiro doce de fruta madura.**
   > (É. Veríssimo, *LS*, 140.)

   > A chuva continuava, **uma chuva mansa e igual, quase lenta, sem interesse em tombar.**
   > (M. J. de Carvalho, *AV*, 153.)

3. Por sua força generalizadora, o artigo indefinido pode atribuir a um substantivo no singular a representação de toda a espécie:

> — Aquele, digo-vos eu, aquele é **um homem**.
> (Branquinho da Fonseca, *MS*, 165.)

> **Uma mulher** não gosta de profissão nenhuma. **Uma mulher** só gosta sinceramente de duas coisas: casar e ter filhos.
> (I. Losa, *EO*, 106.)

4. A anteposição do plural *uns*, *umas*, a cardinais é a forma preferida do idioma para indicar a aproximação numérica:

> O sítio em que nos instalamos ficava a **uns oito quilômetros** de Barbacena, pela estrada que vai para Remédios.
> (R. M. F. de Andrade, *V*, 119.)

> Teria, quando muito, **uns doze anos**.
> (U. Tavares Rodrigues, *PC*, 168.)

Com o mesmo sentido aparece a forma singular *uma* antes da fracionária *meia*:

> Decorreu **uma** boa **meia-hora**.
> (J. de Alencar, *OC*, II, 569.)

> Indaguei de Virgília, depois ficamos a conversar **uma meia hora**.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 507.)

5. Antes dos nomes de partes do corpo ou de objetos que se consideram aos pares, usa-se o plural do artigo indefinido para designar um só par:

> Ao parar nos últimos degraus da escada para conversar com alguém que conhecia, dei com **uns pés** enormes ao nível de meus olhos.
> (A. M. Machado, *HR*, 146.)

> Trazia **uns sapatos** rasos, **uns olhos** verdes.
> (A. Abelaira, *CF*, 207.)

Observação:

O artigo indefinido aparece com acentuado valor intensivo em certas frases da linguagem coloquial caracterizadas por uma entoação particular:

Ela é de **uma candura**!...
Tens **umas ideias**!...

A suspensão final da voz faz subentender um adjetivo denotador de qualidade ou defeito de caráter excepcional. Equivale a dizer-se:

Ela é de **uma candura admirável** (ou **comovente**).
Tens **umas ideias estapafúrdias** (ou **ótimas**).

Ressalte-se que a força intensiva do indefinido permite que se complete a estrutura consecutiva com o aparecimento de uma oração iniciada por *que*:

Ela é de **uma candura, que comove**.

Entenda-se:

Ela é de **uma candura tal, que comove**.

Com os nomes próprios

1. Emprega-se o artigo indefinido antes de um nome de pessoa:

a) para acentuar a semelhança ou a conformidade de alguém com um vulto ou um personagem célebre, caso em que o nome próprio passa a ser um nome comum:

Papai era **um Quixote**.
(C. dos Anjos, *MS*, 298.)

— É **uma Ofélia**, mas, depravada...
(J. de Araújo Correia, *FX*, 128.)

b) para indicar ser o indivíduo verdadeiro símbolo de uma espécie:

A fortuna, toda nossa, é que não temos **um Kant**.
(J. Ribeiro, *F*, 36.)

Nazaré merecia bem **um Cézanne** ou outro grande pintor a rondar-lhe os sítios, a pintar-lhe os tipos.
(A. F. Schmidt, *F*, 103.)

c) para designar um indivíduo pertencente a determinada família:

José Bonifácio era **um Andrada**.
D. Pedro I do Brasil, que foi D. Pedro IV de Portugal, era **um Bragança**.

d) para evocar aspectos geralmente imprevistos de uma pessoa:

Apesar disso tudo, **um Joaquim risonho**, a satisfação em pessoa.
(Genolino Amado, *RP*, 115.)

Raul Brandão, nas *Memórias*, evocou **um Fialho torturado**, através do estilo imprevisto, "escorrendo sangue, aflição, miséria".
(J. do Prado Coelho, *PHL*, 247.)

e) para designar obras de um artista (geralmente quadros de um pintor):

Também disse, é verdade, como era necessário aprender a distinguir o fado de uma sinfonia, **um Picasso** de um calendário.
(V. Ferreira, *A*, 28.)

2. Como o artigo definido, o indefinido pode acompanhar os nomes geográficos, se qualificados:

Mais tarde, haveria de ouvir-lhe pessoalmente a sua visão **dum Egeu de deuses vivos**.
(L. Forjaz Trigueiros, *ME*, 269.)

Numa Europa mecanizada, a Espanha surge-nos intemporal.
(U. Tavares Rodrigues, *JE*, 21.)

OMISSÃO DO ARTIGO INDEFINIDO

Apesar de sua generalização crescente, há circunstâncias que, ainda hoje, pedem ou favorecem a omissão do artigo indefinido.

Assim:

1.º) A existência de outro elemento determinativo anteposto ao nome, como, por exemplo, uma forma de identidade ou de comparação:

De você não esperava **semelhante gesto**.
Não é possível **pior exemplo do que** esse.

2.º) O fato de um substantivo ser empregado no singular para exprimir não a ideia de unidade, mas uma noção partitiva, ou para designar toda a espécie ou categoria a que pertence:

A grande parte do público irritou a cena.
Amigo fiel e prudente é melhor que **parente**.

Observação:

Não existe propriamente omissão do artigo indefinido, mas casos onde ele nunca se empregou de forma regular.

Na fase primitiva das línguas românicas, o artigo indefinido era de uso restrito. Com o correr do tempo, esse determinativo foi-se introduzindo em numerosas construções e, hoje, os variados matizes do seu emprego constituem uma inestimável riqueza estilística de todas elas.

Contra essa generalização e valorização progressiva do indefinido se manifestaram sempre os nossos gramáticos, que nela veem uma simples e desnecessária influência do francês, onde, em verdade, poucas são atualmente as interdições ao uso do determinativo em causa. Mas tal guerra se tem revelado inútil, e inútil precisamente porque não se trata, no caso, de um mero galicismo extirpável, e sim de uma tendência geral dos idiomas neolatinos em busca de formas mais expressivas, de maior clareza e vigor para o enunciado.

Em expressões de identidade

1. Evita-se, em geral, empregar o artigo indefinido quando já existe, anteposto ao substantivo, um dos pronomes demonstrativos *igual*, *semelhante* e *tal*; ou um dos indefinidos *certo*, *outro*, *qualquer* e *tanto*:

   Certo amigo meu já usou de **igual argumento**.
   Em **outra circunstância** eu aprovaria **semelhante atitude**.
   Se continuares com **tal inapetência** e com **tanta febre**, podes tomar o remédio a **qualquer hora**.

2. Advirta-se, porém, que algumas dessas formas, quando pospostas a um substantivo, passam a ser adjetivos, caso em que se constroem normalmente com artigo indefinido:

   Ele disse **uma coisa certa**.
   Quero **um livro igual** a esse.
   Uma hora qualquer irei vê-lo.
   Tens **um modo semelhante** de falar.

   Costuma-se, no entanto, calar o artigo indefinido, quando a frase é negativa ou interrogativa:

Nunca li **coisa igual**.
Jamais se ouviu **barbaridade tal**!
Já viste **trejeitos semelhantes**?

Em expressões comparativas

1. Em princípio, as fórmulas comparativas podem admitir a exclusão do artigo indefinido. É o caso:

a) dos comparativos de igualdade formados com *tão* ou *tanto*:

Nunca passei por **lugar tão perigoso como** aquele.
Trabalhava com **tanto cuidado como** o pai.

b) dos comparativos de superioridade ou de inferioridade, principalmente quando expressos sob a forma negativa ou interrogativa:

Não encontrarias **melhor amigo** nesta emergência.
Conseguiste **maior renda** este mês?

2. É dispensável também o artigo indefinido em comparações do tipo:

Qual furacão, revolveu tudo.
Bailava **como nume da floresta**.

Em expressões de quantidade

Costuma-se evitar o artigo indefinido antes de expressões denotadoras de quantidade indeterminada, constituídas seja por substantivos (como: *coisa*, *gente*, *infinidade*, *multidão*, *número*, *parte*, *pessoa*, *porção*, *quantia*, *quantidade*, *soma* e equivalentes), seja por adjetivos (como: *escasso*, *excessivo*, *suficiente* e sinônimos):

Havia **grande número de pessoas** no casamento.
Reservou para si **boa parte do lucro**.
Disponho de **escasso capital** para o empreendimento.
Não há **suficiente espaço** para o móvel.

Observação:

A presença do numeral fracionário *meio* exclui normalmente a do artigo indefinido:

Comprou **meio quilo** de pão.
Tomou **meia dose** do remédio.

Mas, como vimos, o feminino *meia* constrói-se com o indefinido nas designações de quantidade aproximada. E também pode admiti-lo quando forma com o substantivo uma unidade de uso corrente:

Só tenho **uma meia libra**.
No caso, basta **uma meia-palavra** sua.

Com substantivo denotador da espécie

Quando um substantivo no singular é concebido sob o aspecto de categoria de espécie, e não sob o de unidade, pode-se calar o artigo indefinido. Esta omissão aparece frequentemente em provérbios:

Cão ladrador nunca é **bom caçador**.
Espada na mão de **sandeu, perigo** de quem lha deu.

Advirta-se que, na língua de nossos dias, esta construção é mais frequente no Brasil do que em Portugal.

Comparem-se estes exemplos:

Criança tem amigos e inimigos.
(G. Amado, *HMI*, 8.)

— **Noivo** não se deixa na solta.
(J. Lins do Rego, *MVA*, 270.)

Vida não tem adjetivo.
(C. Lispector, *SV*, 18.)

Outros casos de omissão do artigo indefinido

Além dos casos mencionados, a língua portuguesa admite a omissão do artigo indefinido em muitos outros. Como o artigo definido, ele pode faltar:

a) nas enumerações:

Desde aí, os campos-santos não cessaram de recolher os mortos meus: **avô, tios, amigos de infância, companheiros queridos** — a lista é aterradora...
(A. F. Schmidt, *GB*, 151.)

Casas, árvores, nuvens desagregavam-se numa melancólica paisagem de Outono.
(F. Namora, *TJ*, 232.)

b) nos apostos:

> Meu pai, **homem de boa família**, possuía fortuna grossa, como não ignoram.
>
> (G. Ramos, *AOH*, 28.)

> Chega, hoje, aqui o meu amigo Costa Cabral, **filho do Conde de Tomar, meu antigo condiscípulo em Coimbra e no Laranjo.**
>
> (A. Nobre, *CI*, 74.)

E sempre que a clareza ou a ênfase não o exigirem.

Capítulo 10

Adjetivo

O ADJETIVO é essencialmente um modificador do substantivo. Serve:

1.º) para caracterizar os seres, os objetos ou as noções nomeadas pelo substantivo, indicando-lhes:

a) uma qualidade (ou defeito):

inteligência **lúcida** homem **perverso**

b) o modo de ser:

pessoa **simples** rapaz **delicado**

c) o aspecto ou aparência:

céu **azul** vidro **fosco**

d) o estado:

casa **arruinada** laranjeira **florida**

2.º) para estabelecer com o substantivo uma relação de tempo, de espaço, de matéria, de finalidade, de propriedade, de procedência, etc. (ADJETIVO DE RELAÇÃO):

nota **mensal**	(= nota relativa ao mês)
movimento **estudantil**	(= movimento feito por estudantes)
casa **paterna**	(= casa onde habitam os pais)
vinho **português**	(= vinho proveniente de Portugal)

Observação:

Os adjetivos de relação, derivados de substantivos, são de natureza classificatória, ou seja, precisam o conceito expresso pelo substantivo, restringindo-lhe, pois, a extensão do significado. Não admitem graus de intensidade e vêm normalmente pospostos ao substantivo. A sua anteposição, no caso, provoca uma valorização de sentido muito sensível.

NOME SUBSTANTIVO E NOME ADJETIVO

É muito estreita a relação entre o SUBSTANTIVO (termo determinado) e o ADJETIVO (termo determinante). Não raro, há uma única forma para as duas classes de palavras e, nesse caso, a distinção só poderá ser feita na frase.

Comparem-se, por exemplo:

Uma **preta velha** vendia laranjas.
Uma **velha preta** vendia laranjas.

Na primeira oração, *preta* é substantivo, porque é a palavra-núcleo, caracterizada por *velha*, que, por sua vez, é adjetivo na medida em que é a palavra caracterizadora do termo-núcleo. Na segunda oração, ao contrário, *velha* é substantivo e *preta* adjetivo.

Como vemos, a subdivisão dos nomes portugueses em substantivos e adjetivos obedece a um critério basicamente sintático, funcional.

SUBSTANTIVAÇÃO DO ADJETIVO

Sempre que a qualidade referida a um ser, objeto ou noção for concebida com grande independência, o adjetivo que a representa deixará de ser um termo subordinado para tornar-se o termo nuclear do sintagma nominal. Dá-se, então, o que se chama SUBSTANTIVAÇÃO DO ADJETIVO, fato que se exprime, gramaticalmente, pela anteposição de um determinativo (em geral, do artigo) ao adjetivo.[1]

Comparem-se, por exemplo, estas orações:

O céu **cinzento** indica chuva.
O **cinzento** do céu indica chuva.

Na primeira, *cinzento* é adjetivo; na segunda, substantivo.

---

[1] Veja-se o que a respeito dissemos no capítulo 9.

SUBSTITUTOS DO ADJETIVO

1. Palavras ou expressões de outra classe gramatical podem também servir para caracterizar o substantivo, ficando a ele subordinadas na frase. Valem, portanto, por verdadeiros adjetivos, semântica e sintaticamente falando. Costuma-se, por exemplo, com tal finalidade:

a) associar ao substantivo principal outro substantivo em forma de aposto:

O tio **Joaquim** Moça **cabeça de vento**

b) empregar locuções formadas quer de PREPOSIÇÃO + SUBSTANTIVO:

barco **a vela** (= veleiro)
coração **de anjo** (= angélico)
indivíduo **sem coragem** (= medroso)

quer de PREPOSIÇÃO + ADVÉRBIO:

jornal **de hoje** (= hodierno)
patas **de trás** (= traseiras)

c) substituir o adjetivo por um substantivo abstrato, que passa a ter como complemento nominal o antigo substantivo nuclear.
Comparem-se, por exemplo, estas frases:

Sofreu **o destino cruel.**
Sofreu **a crueldade do destino.**

2. A caracterização do substantivo pode fazer-se ainda por meio de uma oração:

a) seja desenvolvida (quando encabeçada por pronome relativo):

Susana, **que não se sentia bem**, estava de cama.
(M. Torga, *V*, 178.)

Há homens **que não acham nunca a sua expressão**.
(G. Amado, *TL*, 9.)

b) seja reduzida:

Jorge via a dor **andando no corpo**, a febre **queimando**, o pai já apodrecia por dentro.
(Adonias Filho, *LP*, 53.)

Surge ao longe um bananal, **oscilando** suas folhas tostadas de vento frio.
(A. M. Machado, *HR*, 73.)

MORFOLOGIA DOS ADJETIVOS

Poucos são os adjetivos que podemos considerar PRIMITIVOS, ou seja, "que designam por si mesmos uma qualidade, sem referência a uma substância ou ação que a representem"[2]. É, por exemplo, o caso de, entre outros, *brando*, *claro*, *curto*, *grande*, *largo*, *liso*, *livre*, *triste* e de boa parte dos adjetivos referentes a cor: *azul*, *branco*, *preto*, *verde*, etc.

A maioria dos adjetivos é constituída por aqueles que derivam de um substantivo ou de um verbo, com os quais continuam a relacionar-se do ponto de vista semântico.[3]

ADJETIVOS PÁTRIOS

Entre os adjetivos derivados de substantivos cumpre salientar os que se referem a continentes, países, regiões, províncias, estados, cidades, vilas e povoados, bem como aqueles que se aplicam a raças e povos. Os primeiros chamam-se PÁTRIOS; os segundos, GENTÍLICOS, denominações estas que foram omitidas na *Nomenclatura Gramatical Brasileira* e na *Nomenclatura Gramatical Portuguesa*, mas que nos parecem necessárias.

PÁTRIOS BRASILEIROS

REFERENTES AO PAÍS E AOS ESTADOS:

Brasil – *brasileiro*, *-a*
Acre – *acriano*, *-a*
Alagoas – *alagoano*, *-a*
Amazonas – *amazonense* (m. e f.)
Bahia – *baiano*, *-a*
Ceará – *cearense* (m. e f.)
Espírito Santo – *espírito-santense* (m. e f.)
Goiás – *goiano*, *-a*
Maranhão – *maranhense* (m. e f.)
Mato Grosso – *mato-grossense* (m. e f.)
Mato Grosso do Sul – *mato-grossense-do-sul* (m. e f.)
Minas Gerais – *mineiro*, *-a*
Pará – *paraense* (m. e f.)
Paraíba – *paraibano*, *-a*
Paraná – *paranaense* (m. e f.)
Pernambuco – *pernambucano*, *-a*

---

[2] Gonzalo Sobejano. *El epíteto en la lírica española*. 2.ª ed. Madrid, Gredos. 1970, p. 83.

[3] Quanto aos sufixos que entram na formação destes adjetivos, veja-se o que dissemos no capítulo 6, p. 112-3.

Piauí – *piauiense* (m. e f.)
Rio de Janeiro – *fluminense* (m. e f.)
Rio Grande do Norte – *norte-rio-grandense* (m. e f.)
Rio Grande do Sul – *sul-rio-grandense* (m. e f.)
Rondônia – *rondoniano, -a*
Santa Catarina – *catarinense* (m. e f.)
São Paulo – *paulista* (m. e f.)
Sergipe – *sergipano, -a*

PÁTRIOS PORTUGUESES

REFERENTES AO PAÍS E A ALGUMAS REGIÕES:

Portugal – *português, -a*
Alentejo – *alentejano, -a*
Algarve – *algarvio, -a*
Beira – *beirão, -oa*
Douro – *duriense* (m. e f.)
Estremadura – *estremenho, -a*
Minho – *minhoto, -a*
Ribatejo – *ribatejano, -a*
Trás-os-Montes – *trasmontano, -a* ou *transmontano, -a*

PÁTRIOS AFRICANOS

Angola – *angolano, -a*
Cabo Verde – *cabo-verdiano, -a*
Guiné-Bissau – *guineense* (m. e f.)
Moçambique – *moçambicano, -a*
São Tomé – *são-tomeense* ou *são-tomense* (m. e f.)

Observações:

1.ª) Além de *brasileiro*, que é o pátrio normal, há as formas alatinadas, de emprego mais raro: *brasiliano*, *brasílico* e *brasiliense*. Sirvam de exemplo: Coleção *Brasiliana*, da Companhia Editora Nacional; *Corografia Brasílica*, livro de Aires do Casal; *Correio Brasiliense*, nome do célebre jornal de Hipólito José da Costa.

2.ª) *Fluminense* é derivado do latim *flumen, fluminis* "rio".

3.ª) Chamamos também *rio-grandense-do-norte* e *rio-grandense-do-sul* os naturais dos Estados do Rio Grande do Norte e do Rio Grande do Sul, mais conhecidos pelas alcunhas coletivas de *potiguar* e *gaúcho*, que normalmente não têm, como outras, valor pejorativo.

ADJETIVOS PÁTRIOS COMPOSTOS

Quando dizemos:

a civilização **portuguesa**

referimo-nos à civilização própria do povo português. Se, no entanto, quisermos indicar aquela civilização que é comum ao povo português e ao brasileiro, diremos:

a civilização **luso-brasileira**

assumindo o primeiro adjetivo uma forma alatinada e reduzida.

Entre as formas alatinadas e reduzidas que se empregam como primeiro elemento desses pátrios compostos, as mais frequentes são:

anglo (= inglês)	Amizade **anglo-americana**
austro (= austríaco)	Império **austro-húngaro**
euro (= europeu)	Relações **euro-africanas**
franco (= francês)	Falares **franco-provençais**
greco (= grego)	Antiguidade **greco-romana**
hispano (= hispânico, espanhol)	Literatura **hispano-americana**
indo (= indiano)	Línguas **indo-europeias**
ítalo (= italiano)	Atlas **ítalo-suíço**
galaico (= galego)	Trovadores **galaico-portugueses**
luso (= lusitano, português)	Glossário **luso-asiático**
nipo (= nipônico, japonês)	Comércio **nipo-brasileiro**
sino (= chinês)	Guerra **sino-japonesa**
teuto (= teutônico, alemão)	Ginásio **teuto-brasileiro**

Observação:

Hispano e *hispânico*, embora usados frequentemente como sinônimos de *espanhol* (isto é, relativo à *Espanha*, país), são, em verdade, equivalentes de *ibérico*, pois se referem à *Hispania*, nome que os romanos davam à província que abarcava toda a Península Ibérica.

FLEXÕES DOS ADJETIVOS

Como os substantivos, os adjetivos podem flexionar-se em NÚMERO, GÊNERO e GRAU.

NÚMERO

O adjetivo toma a forma SINGULAR ou PLURAL do substantivo que ele qualifica:

aluno **estudioso**	alunos **estudiosos**
mulher **hindu**	mulheres **hindus**
perfume **francês**	perfumes **franceses**

Plural dos adjetivos simples

Na formação do plural, os adjetivos simples seguem as mesmas regras a que obedecem os substantivos.

Plural dos adjetivos compostos

Nos adjetivos compostos, apenas o último elemento recebe a forma de plural:

consultórios **médico-cirúrgicos**
institutos **afro-asiáticos**
letras **anglo-germânicas**

Observação:

Excetuam-se:

a) *surdo-mudo*, que faz *surdos-mudos*;
b) os adjetivos referentes a cores, que são invariáveis quando o segundo elemento da composição é um substantivo:

uniformes **verde-oliva**
saias **azul-ferrete**
canários **amarelo-ouro**
blusas **vermelho-sangue**

GÊNERO

O substantivo tem sempre um GÊNERO, o que não sucede com o adjetivo, que assume o gênero do substantivo.

Do ponto de vista morfológico, o único traço que, na verdade, singulariza o adjetivo como uma parte do discurso diversa das demais é o de poder, na maioria das vezes, apresentar duas terminações de gênero, sem que, com isso, seja uma palavra de gênero determinado e sem que o conceito por ele designado corresponda a um gênero real.

Observação:

Assinale-se que mesmo os adjetivos uniformes, quando no superlativo absoluto sintético, passam a apresentar os morfemas de gênero *-o*, *-a*. Assim:

um **exercício fácil**
uma **questão fácil**
o **momento feliz**
a **solução feliz**

um **exercício facílimo**
uma **questão facílima**
o **momento felicíssimo**
a **solução felicíssima**

Formação do feminino

1. Como dissemos, os adjetivos são geralmente BIFORMES, isto é, possuem duas formas, uma para o masculino e outra para o feminino:

MASCULINO	FEMININO	MASCULINO	FEMININO
bom	boa	mau	má
formoso	formosa	nu	nua
lindo	linda	português	portuguesa

2. O processo de formação do feminino destes adjetivos é idêntico ao dos substantivos. Assim:

1.º) Os terminados em *-o* átono formam o feminino mudando o *-o* em *-a*:

belo bela ligeiro ligeira

2.º) Os terminados em *-u*, *-ês* e *-or* formam geralmente o feminino acrescentando *-a* ao masculino:

cru	crua	nu	nua
francês	francesa	inglês	inglesa
encantador	encantadora	morador	moradora

Excetuam-se, porém:

a) dos finalizados em *-u*: os gentílicos *hindu* e *zulu*, que são invariáveis;
b) dos finalizados em *-ês*: *cortês*, *descortês*, *montês* e *pedrês*, que são invariáveis;
c) dos finalizados em *-or*: os comparativos *melhor*, *pior*, *maior*, *menor*, *superior*, *inferior*, *interior*, *exterior*, *anterior*, *posterior*, *ulterior*, *citerior* e, ainda, formas como *multicor*, *incolor*, *sensabor* e poucas mais, que são invariáveis; *gerador*, *motor* e outros terminados em *-dor* e *-tor*, que mudam estas sílabas em *-triz*: *geratriz*, *motriz*, etc.; e um pequeno número que substitui *-or* por *-eira*: *trabalhador*, *trabalhadeira*, etc.

3.º) Os terminados em *-ão* formam o feminino em *-ã* ou em *-ona*:

são sã chorão chorona

Beirão, no entanto, faz no feminino *beiroa*.

4.º) Os terminados em *-eu* (com *e* fechado) formam o feminino em *-eia*:

europeu	europeia	plebeu	plebeia
hebreu	hebreia	pigmeu	pigmeia

Excetuam-se *judeu* e *sandeu*, que fazem, respectivamente, *judia* e *sandia*.

5.º) Os terminados em *-éu* (com *e* aberto) formam o feminino em *-oa*:

ilhéu	ilhoa	tabaréu	tabaroa

6.º) Alguns adjetivos que no masculino possuem *o* tônico fechado [o], além de receberem a desinência *-a*, mudam o *o* fechado para aberto [ɔ], no feminino:

brioso	briosa	formoso	formosa
disposto	disposta	grosso	grossa

Outros, porém, conservam no feminino o *o* fechado [o] do masculino:

chocho	chocha	fosco	fosca
fofo	fofa	oco	oca

Adjetivos uniformes

Há adjetivos que têm uma só forma para os dois gêneros.

São de regra UNIFORMES os adjetivos:

a) terminados em *-a*, muitos dos quais funcionam também como substantivos: *hipócrita, homicida, indígena; asteca, celta, israelita, maia, persa; agrícola, silvícola, vinícola, cosmopolita*, etc.;
b) terminados em *-e*: *árabe, breve, cafre, doce, humilde, terrestre, torpe, triste* e muitos outros, entre os quais se incluem todos os formados com os sufixos *-ense, -ante, -ente* e *-inte*: *cearense, constante, crescente, pedinte*, etc.;
c) terminados em *-l*: *cordial, infiel, amável, pueril, ágil, reinol, azul, êxul*, etc.;
d) terminados em *-ar* e em *-or* (neste caso apenas os comparativos em *-or*): *exemplar, ímpar, maior, superior*, etc.;
e) paroxítonos terminados em *-s*: *reles, simples*, etc.;
f) terminados em *-z*: *audaz, feliz, atroz*, etc.;
g) terminados em *-m* gráfico: *virgem, ruim, comum*, etc.

Observação:

Fazem exceção: *andaluz*, fem. *andaluza*; *bom*, fem. *boa*; *espanhol*, fem. *espanhola*; e a maior parte dos terminados em *-ês* e *-or*.

Feminino dos adjetivos compostos

Nos ADJETIVOS COMPOSTOS, apenas o segundo elemento pode assumir a forma feminina:

a literatura **hispano-americana**
uma intervenção **médico-cirúrgica**

A única exceção é *surdo-mudo*, que faz no feminino *surda-muda*:

um menino **surdo-mudo**
uma criança **surda-muda**

GRAUS DO ADJETIVO

A gradação pode ser expressa em português por processos sintáticos ou morfológicos.

Comparativo e superlativo

Dois são os GRAUS do adjetivo: o COMPARATIVO e o SUPERLATIVO.

1. O COMPARATIVO pode indicar:

a) que um ser possui determinada qualidade em grau *superior*, *igual* ou *inferior* a outro:

Pedro é **mais estudioso do que** Paulo.
Álvaro é **tão estudioso como** [ou **quanto**] Pedro.
Paulo é **menos estudioso do que** Álvaro.

b) que num mesmo ser determinada qualidade é *superior*, *igual* ou *inferior* a outra que possui:

Paulo é **mais inteligente que estudioso.**
Pedro é **tão inteligente quanto estudioso.**
Álvaro é **menos inteligente do que estudioso.**

Daí a existência de um COMPARATIVO DE SUPERIORIDADE, de um COMPARATIVO DE IGUALDADE e de um COMPARATIVO DE INFERIORIDADE.

2. O SUPERLATIVO pode denotar:

a) que um ser apresenta em elevado grau determinada qualidade (SUPERLATIVO ABSOLUTO):

Paulo é **inteligentíssimo.**
Pedro é **muito inteligente.**

b) que, em comparação à totalidade dos seres que apresentam a mesma qualidade, um se sobressai por possuí-la em grau maior ou menor que os demais (SUPERLATIVO RELATIVO):

Carlos é **o** aluno **mais estudioso do** Colégio.
João é **o** aluno **menos estudioso do** Colégio.

No primeiro exemplo, o SUPERLATIVO RELATIVO é DE SUPERIORIDADE; no segundo, DE INFERIORIDADE.

Formação do grau comparativo

1. Forma-se o COMPARATIVO DE SUPERIORIDADE antepondo-se o advérbio *mais* e pospondo-se a conjunção *que* ou *do que* ao adjetivo:

Pedro é **mais idoso do que** Carlos.
João é **mais nervoso que desatento.**

2. Forma-se o COMPARATIVO DE IGUALDADE antepondo-se o advérbio *tão* e pospondo-se a conjunção *como* ou *quanto* ao adjetivo:

Carlos é **tão jovem como** Álvaro.
José é **tão nervoso quanto desatento.**

3. Forma-se o COMPARATIVO DE INFERIORIDADE antepondo-se o advérbio *menos* e pospondo-se a conjunção *que* ou *do que* ao adjetivo:

Paulo é **menos idoso que** Álvaro.
João é **menos nervoso do que desatento.**

Formação do grau superlativo

Vimos que há duas espécies de SUPERLATIVO: ABSOLUTO e RELATIVO.

O SUPERLATIVO ABSOLUTO pode ser:

a) SINTÉTICO, se expresso por uma só palavra (adjetivo + sufixo):

amicíssimo	acérrimo
estudiosíssimo	facílimo
tristíssimo	salubérrimo

b) ANALÍTICO, se formado com a ajuda de outra palavra, geralmente um advérbio indicador de excesso – *muito, imensamente, extraordinariamente, excessivamente, grandemente*, etc.:

muito estudioso	excessivamente fácil
imensamente triste	extraordinariamente salubre
grandemente prejudicial	excepcionalmente cheio

Superlativo absoluto sintético

1. Forma-se pelo acréscimo ao adjetivo do sufixo *-íssimo*:

fértil	fertilíssimo
original	originalíssimo
vulgar	vulgaríssimo

Se o adjetivo terminar em vogal, esta desaparece ao aglutinar-se o sufixo:

belo	belíssimo
lindo	lindíssimo
triste	tristíssimo

2. Muitas vezes o adjetivo, ao receber o sufixo *-íssimo*, reassume a primitiva forma latina.
Assim:
a) os adjetivos terminados em *-vel* formam o superlativo em *-bilíssimo*:

amável	amabilíssimo
indelével	indelebilíssimo
terrível	terribilíssimo
móvel	mobilíssimo
volúvel	volubilíssimo

b) os terminados em *-z* fazem o superlativo em *-císsimo*:

capaz	capacíssimo
feliz	felicíssimo
atroz	atrocíssimo

c) os terminados em vogal nasal (representada com *-m* gráfico) formam o superlativo em *-níssimo*:

comum	comuníssimo

d) os terminados no ditongo *-ão* fazem o superlativo em *-aníssimo*:

pagão	paganíssimo
vão	vaníssimo

3. Não raro a forma portuguesa do adjetivo difere sensivelmente da latina, da qual se deriva o superlativo. Assim:

Normal	Superlativo	Normal	Superlativo
amargo	amaríssimo	magnífico	magnificentíssimo
amigo	amicíssimo	maléfico	maleficentíssimo
antigo	antiquíssimo	malévolo	malevolentíssimo
benéfico	beneficentíssimo	miúdo	minutíssimo
benévolo	benevolentíssimo	nobre	nobilíssimo
cristão	cristianíssimo	pessoal	personalíssimo
cruel	crudelíssimo	pródigo	prodigalíssimo
doce	dulcíssimo	sábio	sapientíssimo
fiel	fidelíssimo	sagrado	sacratíssimo
frio	frigidíssimo	simples	simplicíssimo (ou simplíssimo)
geral	generalíssimo		
inimigo	inimicíssimo	soberbo	superbíssimo

4. Também os superlativos em *-imo* e *-rimo* representam formações latinas. Com exclusão de *facílimo, dificílimo* e *paupérrimo* (superlativos de *fácil, difícil* e *pobre*), que pertencem à linguagem coloquial, são todos de uso literário e um tanto precioso. Anotem-se os seguintes:

Normal	Superlativo	Normal	Superlativo
acre	acérrimo	magro	macérrimo (ou magríssimo)
célebre	celebérrimo		
humilde	humílimo (ou humildíssimo)	negro	nigérrimo (ou negríssimo)
íntegro	integérrimo	pobre	paupérrimo (ou pobríssimo)
livre	libérrimo		
salubre	salubérrimo		

Observação:

Em lugar das formas superlativas *seriíssimo, necessariíssimo* e outras semelhantes, a língua atual prefere *seríssimo, necessaríssimo*, com um só *i*.

Outras formas de superlativo

Pode-se também formar o SUPERLATIVO com:

a) o acréscimo de um prefixo ou de um pseudoprefixo, como *arqui-, extra-, hiper-, super-, ultra-*, etc. (*arquimilionário, extrafino, hipersensível, superexaltado, ultrarrápido*):

> Manuel Torres saiu-lhe ao encontro, prazenteiro, como **ultraprazenteiro** caminhava para ele o eclesiástico.
> (A. Ribeiro, *V*, 32.)

b) a repetição do próprio adjetivo:

> É um Abril de pureza: — é **lindo, lindo**!
> (A. Patrício, *P*, 130.)

> A avó, que tem oitenta anos,
> está tão fraca e velhinha...
> Teve tantos desenganos:
> ficou **branquinha, branquinha**,
> com os desgostos humanos. —
> (O. Bilac, *PI*, 7.)

c) uma comparação breve:

> — Isso é **claro como água**.
> (Castro Soromenho, *TM*, 101.)

> — Estava **escuro como breu**, e à distância de dez passos um vulto mal se via a negrejar.
> (A. Ribeiro, *V*, 393.)

d) certas expressões fixas, como *podre de rico* [= riquíssimo], *de mão cheia* [= excelente, de grandes recursos técnicos], e outras semelhantes:

> A Zorilda era uma pianista **de mão cheia**.
> (H. Sales, *DBFM*, 120.)

Podre de rico! Nem sabe o que tem de seu!
(V. Nemésio, *NPM*, 102.)

e) o artigo definido, marcado por uma tonicidade e uma duração particular, em frases do tipo:

Ela não é apenas uma excelente cantora, ela é **a cantora** [= **a incomparável, a melhor de todas**].

Diz-se, como vimos, **de notoriedade** este emprego do artigo.

Superlativo relativo

1. O SUPERLATIVO RELATIVO é sempre analítico.
   O DE SUPERIORIDADE forma-se pela anteposição do artigo definido ao comparativo de superioridade:

   Este aluno é **o mais estudioso do** Colégio.
   João foi **o** colega **mais leal que** conheci.

   O DE INFERIORIDADE forma-se pela anteposição do artigo definido ao comparativo de inferioridade:

   Este aluno é **o menos estudioso do** Colégio.
   Jorge foi **o** colega **menos leal que** conheci.

2. O termo da comparação é expresso por um complemento nominal introduzido pela preposição *de* (e também *entre, em* e *sobre*), ou por uma oração adjetiva restritiva, como nos exemplos mencionados.

3. O superlativo relativo denotador dos limites da possibilidade forma-se com a posposição da palavra *possível* ou uma expressão (ou oração) de sentido equivalente[4]:

   O arraial era **o mais monótono possível.**
   (Guimarães Rosa, *S*, 264.)

---

[4] Sobre os diversos processos de intensificação do superlativo relativo no português contemporâneo, veja-se Maria Manuela Moreno de Oliveira. *Processos de intensificação no português contemporâneo.* Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1962, p. 191-202.

Era **a** pessoa **mais cortês deste mundo**, e não deu corpo às suas aversões.
(A. Ribeiro, *V*, 34.)

Nos livros que eu lia estes todos eram **os mais ricos que se conhecia**.
(Simões Lopes Neto, *CGLS*, 297.)

Observação:

A função de superlativo relativo pode ser também desempenhada por um numeral ordinal ou por adjetivos que denotem posições extremas. Assim:

Bartolomeu Dias foi **o primeiro** navegante que dobrou o cabo das Tormentas.
O Amazonas é **o principal** rio do Brasil.

Comparativos e superlativos anômalos

Quatro adjetivos – *bom, mau, grande* e *pequeno* – formam o comparativo e o superlativo de modo especial:

Adjetivo	Comparativo de Superioridade	Superlativo	
		Absoluto	Relativo
bom	melhor	ótimo	o melhor
mau	pior	péssimo	o pior
grande	maior	máximo	o maior
pequeno	menor	mínimo	o menor

Observações:

1.ª) Quando se compara a qualidade de dois seres, não se deve dizer *mais bom, mais mau* e *mais grande*; e sim: *melhor, pior* e *maior*. Possível é, no entanto, usar as formas analíticas desses adjetivos quando se confrontam duas qualidades do mesmo ser:

Ele foi **mais mau do que desgraçado**.
Ele é bom e inteligente; **mais bom do que inteligente**.

Em lugar de *menor* usa-se também *mais pequeno*, que é a forma preferida em Portugal.

2.ª) A par de *ótimo, péssimo, máximo* e *mínimo*, existem os superlativos absolutos regulares: *boníssimo* e *muito bom, malíssimo* e *muito mau, grandíssimo* e *muito grande, pequeníssimo* e *muito pequeno*.

3.ª) *Grande* e *pequeno* possuem dois superlativos: *o maior* ou *o máximo* e *o menor* ou *o mínimo*.

4.ª) Alguns comparativos e superlativos não têm forma normal usada:

COMPARATIVO	SUPERLATIVO
superior	supremo (ou sumo)
inferior	ínfimo
anterior	—
posterior	póstumo
ulterior	último

As formas *superior* e *inferior*, *supremo* (ou *sumo*) e *ínfimo* podem ser empregadas como comparativo e superlativo de *alto* e *baixo*, respectivamente.

Adjetivos que não se flexionam em grau

Vimos que os chamados ADJETIVOS DE RELAÇÃO não se flexionam em grau. O mesmo se dá com os outros adjetivos de tipo classificatório, entre os quais se incluem os pertencentes às terminologias científicas, que se caracterizam por seu sentido específico, unívoco. Assim: *atmosférico, morfológico, ovíparo, ruminante, sincrônico*, etc.

Para que um adjetivo tenha comparativo e superlativo, é obviamente indispensável que o seu sentido admita variação de intensidade.

EMPREGO DO ADJETIVO

Funções sintáticas do adjetivo [5]

A rigor, o ADJETIVO só existe referido a um substantivo. Conforme se estabeleça a relação entre os dois termos na frase, o ADJETIVO desempenhará as funções sintáticas de ADJUNTO ADNOMINAL ou de PREDICATIVO.

Adjetivo em função de adjunto adnominal

Neste caso, o ADJETIVO refere-se, *sem intermediário*, ao substantivo, a que pode vir posposto ou anteposto. Formam ambos um conjunto significativo, marcado pela *unidade de acento* e *entoação* e pela *identidade de função sintática*.

---

[5] Sobre a sintaxe do adjetivo em português, veja-se o trabalho fundamental de João Malaca Casteleiro. *Sintaxe transformacional do adjectivo: regência das construções completivas.* Lisboa, INIC, 1981.

Assim, no exemplo

Seus olhos negros me encantam,

o sujeito da oração é não apenas *olhos*, mas toda a *unidade significativa e acentual*

Seus olhos negros.

É dentro deste conjunto que o ADJETIVO desempenhará a função sintática ACESSÓRIA, portanto secundária, de ADJUNTO ADNOMINAL do substantivo *olhos*, núcleo do sujeito.

Adjetivo em função predicativa

Neste caso, a qualidade expressa pelo ADJETIVO transmite-se ao substantivo por intermédio de um verbo, que pode estar explícito ou implícito.

Temos o ADJETIVO em função PREDICATIVA nas seguintes construções:

1. PREDICATIVO DO SUJEITO, com verbo de ligação explícito:

A cidade parece **encantada**.
(C. Drummond de Andrade, *CM*, 138.)

Doce e brando era o seio de Jesus...
(A. de Quental, *SC*, 57.)

2. PREDICATIVO DO SUJEITO, com verbo de ligação implícito:

Misterioso e mau, o Urucanã. **Traiçoeiro**, aquele jeito inofensivo de correr macio entre os barrancos altos.
(M. Palmério, *VC*, 27.)

Estranho aquele casal.
(J. Condé, *TC*, 33.)

3. PREDICATIVO DO OBJETO DIRETO, com verbo nocional transitivo:

Afasto-me para que ele não se sinta tolhido, quero-o **livre**.
(L. Fagundes Telles, *DA*, 144.)

Alguns julgaram-no **inocente** do crime assacado.
(C. Castelo Branco, *OS*, I, 1127.)

4. PREDICATIVO DO OBJETO INDIRETO, com verbo nocional transitivo:

Na escola a professora também lhe chama **teimoso**.
(Alves Redol, *C*, 24.)

A mulher, Juliana Gouveia, toma ar aborrecido e chama-lhe **antipático**.
(C. dos Anjos, *DR*, 10.)

5. PREDICATIVO DO SUJEITO, com verbo nocional intransitivo:

A casa-grande respirava **tranquila**.
(J. Lins do Rego, *MVA*, 275.)

As palavras rolaram **nítidas, desamparadas**.
(C. de Oliveira, *AC*, 10.)

O mar palpita **enorme**.
(A. F. Schmidt, *GB*, 411.)

Nesta última construção, o ADJETIVO encerra sempre, mais ou menos acentuada, uma noção adverbial.

Diferença fundamental:

A diferença entre o ADJETIVO em função de ADJUNTO ADNOMINAL e o ADJETIVO em função de PREDICATIVO baseia-se, principalmente em dois pontos:

1.º) O primeiro é TERMO ACESSÓRIO da oração, parte de um TERMO ESSENCIAL ou INTEGRANTE dela; o segundo é, por si próprio, um TERMO ESSENCIAL da oração.

Se disséssemos, por exemplo:

O campo é **imenso**,

o adjetivo predicativo não poderia faltar, pois, sendo TERMO ESSENCIAL, sem ele a oração não teria sentido.

Se disséssemos, no entanto:

O campo **imenso** está alagado,

o adjetivo *imenso* seria parte do sujeito, uma dispensável qualificação do substantivo que lhe serve de núcleo, um TERMO, por conseguinte, ACESSÓRIO da oração.

2.º) A qualidade expressa por um adjetivo em função PREDICATIVA vem marcada no tempo, e por essa relação cronológica entre a qualidade e o ser é responsável o verbo que liga o adjetivo ao substantivo.

Comparem-se estas frases:

O **bom** aluno estuda.
Ele está **nervoso**, mas era **calmo**.

Na primeira, acrescentamos a noção de *bom* à de *aluno* sem termos em mente qualquer referência à ideia de tempo. Já, na segunda, as noções expressas pelos adjetivos *nervoso* e *calmo* são por nós atribuídas ao sujeito com a situação de tempo marcada pelo verbo: *nervoso*, no presente; *calmo*, no passado.

Emprego adverbial do adjetivo

1. Examinemos as seguintes orações:

O menino dorme **tranquilo**.
A menina dorme **tranquila**.
Os meninos dormem **tranquilos**.
As meninas dormem **tranquilas**.

Vemos que, nelas, o adjetivo em função predicativa concorda em gênero e número com o substantivo sujeito. Mas verificamos, por outro lado, que, servindo embora de predicativo do sujeito, com o qual concorda, o adjetivo modifica em todas elas a ação expressa pelo verbo e assume, de alguma forma, um valor também adverbial.

Esse valor naturalmente será preponderante se, em lugar daquelas construções, usarmos as seguintes:

O menino dorme **tranquilamente**.
A menina dorme **tranquilamente**.
Os meninos dormem **tranquilamente**.
As meninas dormem **tranquilamente**.

Aqui, a forma adverbial, invariável, impede a possibilidade de concordância, justamente o elo que prendia o adjetivo ao sujeito, e, com isso, faz aflorar com toda a nitidez o modo por que se processa a ação indicada pelo verbo *dormir*.

2. É esse emprego do adjetivo em predicados verbo-nominais, com valor fronteiriço de advérbio, que nos vai explicar o fenômeno, hoje muito generalizado, da adverbialização de adjetivos sem o acréscimo do sufixo *-mente*.

Por exemplo, nestas orações,

D. Felismina sorriu **amarelo.**
(Machado de Assis, *OC*, II, 519.)

Tinham-se habituado a falar **baixo.**
(C. de Oliveira, *CD*, 56.)

as palavras **amarelo** e **baixo** são advérbios.

Observação:

Embora o adjetivo adverbializado deva permanecer invariável, não faltam abonações, mesmo em bons autores, de sua concordância com o sujeito da oração, fato justificável pela ampla zona de contacto existente, no caso, entre o adjetivo e o advérbio.

O adjetivo *meio*, por exemplo, tornado advérbio quando modifica outro adjetivo, aparece não raro em concordância com um substantivo da oração:

Estes homens rudes combatiam **meios nus** e desprezavam todas as precauções de guerra.
(A. Herculano, *E*, 93.)

Maria necessitava de apoio, **meia espantada**, **meia grata**, deixou-se levar.
(M. de Andrade, *OI*, 64.)

Valor estilístico do adjetivo

Como elemento fundamental para a caracterização dos seres, o ADJETIVO (ou qualquer expressão adjetiva) desempenha importante papel naquilo que falamos ou escrevemos.

É ele que nos permite configurar os seres ou os objetos tal como a nossa inteligência os distingue, nomeando-lhes as peculiaridades objetivamente apreensíveis. Ex.:

rapaz **alto**
muro **de pedra**
mesa **redonda**
templo **barroco**

É ele que nos permite expressar os seres e os objetos enriquecidos pelo que nossa imaginação e sensibilidade lhes atribui. Assim:

moça **exuberante**
caráter **difícil**
estupenda paisagem
ambiente **acolhedor**

Portanto, quer para a *precisão* do enunciado, quer para a sua *expressividade*, o adjetivo impõe-se como termo imprescindível, mas a exigir de quem dele se utilize cuidados especiais, principalmente bom senso e bom gosto.

Colocação do adjetivo adjunto adnominal

1. Sabemos que, na oração declarativa, prepondera a ORDEM DIRETA, que corresponde à sequência progressiva do enunciado lógico.
   Como elemento acessório da oração, o adjetivo em função de ADJUNTO ADNOMINAL deverá, portanto, vir com maior frequência depois do substantivo que ele qualifica.

2. Mas sabemos, também, que ao nosso idioma não repugna a ORDEM chamada INVERSA, principalmente nas formas afetivas da linguagem, e que a anteposição de um termo é, de regra, uma forma de realçá-lo.

3. Podemos, então, estabelecer previamente que:

a) sendo a sequência SUBSTANTIVO + ADJETIVO a predominante no enunciado lógico, deriva daí a noção de que o adjetivo posposto possui valor objetivo:

noite **escura**	dia **triste**
rapaz **bom**	campos **verdes**

b) sendo a sequência ADJETIVO + SUBSTANTIVO provocada pela ênfase dada ao qualificativo, decorre daí a noção de que, anteposto, o adjetivo assume um valor subjetivo:

escura noite	**triste** dia
bom rapaz	**verdes** campos

Adjetivo posposto ao substantivo

Colocam-se normalmente depois do substantivo:

a) os adjetivos de natureza classificatória, como os técnicos e os de relação, que indicam uma categoria na espécie designada pelo substantivo:

animal **doméstico**	água **mineral**
flor **silvestre**	deputado **estadual**

b) os adjetivos que designam características muito salientes do substantivo, tais como forma, dimensão, cor e estado:

terreno **plano** calça **preta**
homem **baixo** mamoeiro **carregado**

c) os adjetivos seguidos de um complemento nominal:

um programa **fácil de cumprir**
uma providência **necessária ao ensino**

Adjetivo anteposto ao substantivo

1. De um modo constante, só se colocam antes do substantivo:

a) os superlativos relativos: *o melhor, o pior, o maior, o menor*:

O melhor meio de ganhar é poupar.
O maior castigo da injúria é havê-la feito.

b) certos adjetivos monossilábicos que formam com o substantivo expressões equivalentes a substantivos compostos:

O pior cego é o que não quer ver.
O menor descuido pode ser fatal.
O mar palpita **enorme.**
bom dia **má hora**

c) adjetivos que nesta posição adquiriram sentido especial, como *simples* (= mero, só, único); comparem-se:

Nessa ocasião ele era um **simples** escrevente [= um mero escrevente].
Este escritor tem um estilo **simples** [= um estilo não complexo].

2. Afora esses casos, o adjetivo anteposto assume, em geral, um sentido figurado. Comparem-se, por exemplo:

um **grande** homem [= grandeza figurada]
um homem **grande** [= grandeza material]
uma **pobre** mulher [= uma mulher infeliz]
uma mulher **pobre** [= uma mulher sem recursos]

Colocação do epíteto retórico

O chamado EPÍTETO RETÓRICO serve:

a) para acentuar uma parte do significado do substantivo com o qual se relaciona (EPÍTETO DE NATUREZA), e, neste caso, pode vir posposto ou anteposto ao substantivo, embora a primeira colocação seja a mais frequente:

a **branca** neve a noite **escura**

b) para exprimir uma conhecida qualidade distintiva e individual de um nome próprio (EPÍTETO CARACTERÍSTICO), caso em que vem sempre anteposto ao substantivo:

o **sábio** Nestor a **fiel** Penélope

A posposição do qualificativo, nesses exemplos, transformaria o epíteto característico num mero adjetivo classificatório.

Observação:

Encontrar o adjetivo preciso e colocá-lo adequadamente junto ao substantivo que qualifica é sempre uma operação artística. Com razão dizia o poeta Vicente Huidobro:

"O adjetivo, quando não dá vida, mata."

A propósito, convém meditar nesta advertência de Samuel Gili y Gaya: "A preferência por uma ou outra posição [do adjetivo], quando as condições lógicas não exigem colocação fixa, é um elemento de caracterização de um estilo, sempre que esteja internamente vivida; ocorre não raro, porém, que apenas pelo afã de dar à linguagem um matiz literário, próprio do estilo elevado e declamatório, alguns escritores principiantes, ou pouco sinceros, antepõem sistematicamente os adjetivos." (*Curso superior de sintaxis española*, 5.ª ed., Barcelona, Ediciones Spes, 1955, p. 195.)

Outras formas de realce do adjetivo

1. Para realçar a caracterização do ser ou do objeto, costumam os escritores não só antepor o adjetivo ao substantivo, mas também:

a) estabelecer uma pausa entre o adjetivo e o substantivo, o que se marca, na escrita, pela colocação do adjetivo entre vírgulas:

A 15 de novembro Floriano Peixoto, **doente**, deixou o governo.
(G. Ramos, *AOH*, 183.)

E o Negrinho, **sarado e risonho**, pulando de em pelo e sem rédeas, no baio, chupou o beiço e tocou a tropilha a galope.
(Simões Lopes Neto, *CGLS*, 334.)

b) repetir intencionalmente o adjetivo, que é, como vimos, uma das formas de superlativá-lo:

Por teus olhos **negros, negros**
Trago eu negro o coração
(Almeida Garrett, *O*, II, 127.)

Oh que **duro, duro, duro**
ofício de se exprimir!
(C. Drummond de Andrade, *R*, 160.)

c) separar o adjetivo do substantivo, colocando-o no fim da frase:

D. Quitéria levou a mão ao bolso, **pensativa**.
(F. Namora, *TJ*, 215.)

Baleia ficou passeando na calçada, olhando a rua, **inquieta**.
(G. Ramos, *VS*, 109.)

d) acentuar o sentido do adjetivo por meio de um advérbio:

Deixo nessas pobres linhas a minha saudade do homem Camus, **tão simples, tão simpático, tão despretensioso** na sua glória mundial.
(M. Bandeira, *AA*, 342.)

Trá-la **muito bem tratada, muito bem fechada**, restos da vida moura.
(R. Brandão, *P*, 164.)

2. O adjetivo, ou particípio, que modifica um pronome substantivo vem sempre numa situação enfática, em razão da pausa nítida que separa os dois termos. Por isso, escreve-se isolado por vírgulas:

Eu, **louco**, amara-te, estátua!
(Guimarães Passos, *VS*, 37.)

Mas eu, Senhor!... Eu, **triste**, abandonada
Em meio das areias esgarrada,
Perdida marcho em vão!
(Castro Alves, *OC*, 291.)

CONCORDÂNCIA DO ADJETIVO COM O SUBSTANTIVO

O ADJETIVO, dissemos, varia em gênero e número de acordo com o gênero e o número do SUBSTANTIVO ao qual se refere.

É por essa correspondência de flexões que os dois termos se acham inequivocamente relacionados, mesmo quando distantes um do outro na frase.

Assim:

> Eu amo a **noite solitária** e **muda**;
> Como **formosa dona** em **régios paços**,
> Trajando ao mesmo tempo luto e galas
> **Majestosa** e **sentida**.
> (Gonçalves Dias, *PCP*, 250.)

> Disse o **mostrengo**, e rodou três vezes,
> Três vezes rodou **imundo** e **grosso**...
> (F. Pessoa, *OP*, 17.)

> Os **homens** continuam a passar, **indiferentes**.
> (O. Mendes, *P*, 124.)

Adjetivo referido a um substantivo

O ADJETIVO, quer em função de ADJUNTO ADNOMINAL, quer em função de PREDICATIVO, desde que se refira a *um único substantivo*, com ele concorda em gênero e número.

Assim:

> O Barão continuava a contar aventuras, **pequenos casos** que revivia com um **prazer doentio**.
> (Branquinho da Fonseca, *B*, 27.)

> Saiu de **cabeça baixa**, as **mãos cerradas** no fundo dos bolsos.
> (L. Fagundes Telles, *ABV*, 51.)

> O **Antunes** andava **encantado** por todas as razões.
> (Almada Negreiros, *NG*, 70.)

> A **casa** ficou **vazia**.
> (A. M. Machado, *HR*, 231.)

Adjetivo referido a mais de um substantivo

Quando o ADJETIVO se associa *a mais de um substantivo*, importa considerar:

a) o GÊNERO dos substantivos;
b) a FUNÇÃO do adjetivo (ADJUNTO ADNOMINAL ou PREDICATIVO);
c) a POSIÇÃO do adjetivo (anteposto ou posposto aos substantivos), condições essas que permitem a concordância do adjetivo com os substantivos englobados, ou apenas com o mais próximo.

Examinemos as diversas possibilidades, exemplificando-as.

Adjetivo adjunto adnominal

O adjetivo vem antes dos substantivos

REGRA GERAL: O ADJETIVO concorda em gênero e número com o substantivo mais próximo, ou seja, com o primeiro deles:

Vivia em **tranquilos bosques** e montanhas.
Vivia em **tranquilas montanhas** e bosques.
Tinha por ele **alto respeito** e admiração.
Tinha por ele **alta admiração** e respeito.

Observação:

Quando os substantivos são nomes próprios ou nomes de parentesco, o ADJETIVO vai sempre para o plural:

Conheci ontem **as gentis irmã e cunhada** de Laura.
Portugal cultua os feitos **dos heroicos Diogo Cão e Bartolomeu Dias**.

O adjetivo vem depois dos substantivos

Neste caso, a concordância depende do gênero e do número dos substantivos.

1. Se os substantivos são do *mesmo gênero* e do *singular*, o adjetivo toma o gênero (masculino ou feminino) dos substantivos e, quanto ao número, vai:

a) para o singular (concordância mais comum):

A professora estava com um **vestido e** um **chapéu escuro**.
Estudo a **língua e** a **literatura portuguesa**.

b) para o plural (concordância mais rara):

A professora estava com um **vestido e** um **chapéu escuros.**
Estudo a **língua e** a **literatura portuguesas.**

2. Se os substantivos são de *gêneros diferentes* e do *singular*, o adjetivo pode concordar:

a) com o substantivo mais próximo (concordância mais comum):

A professora estava com uma **saia e** um **chapéu escuro.**
Estudo o **idioma e** a **literatura portuguesa.**

b) com os substantivos em conjunto, caso em que vai para o masculino plural (concordância mais rara):

A professora estava com uma **saia e** um **chapéu escuros.**
Estudo o **idioma e** a **literatura portugueses.**

3. Se os substantivos são do *mesmo gênero*, mas de *números diversos*, o adjetivo toma o gênero dos substantivos, e vai:

a) para o plural (concordância mais comum):

Ela comprou dois **vestidos e** um **chapéu escuros.**
Estudo as **línguas e** a **civilização ibéricas.**

b) para o número do substantivo mais próximo (concordância mais rara):

Ela comprou dois **vestidos e** um **chapéu escuro.**
Estudo as **línguas e** a **civilização ibérica.**

4. Se os substantivos são de *gêneros diferentes* e do *plural*, o adjetivo vai:

a) para o plural e para o gênero do substantivo mais próximo (concordância mais comum):

Ela comprou **saias e chapéus escuros.**
Estudo os **idiomas e** as **literaturas ibéricas.**

b) para o masculino plural (concordância mais rara):

Ela comprou **chapéus e saias escuros.**
Estudo os **idiomas e** as **literaturas ibéricos.**

5. Se os substantivos são de *gêneros* e *números diferentes*, o adjetivo pode ir:

a) para o masculino plural (concordância mais comum):

Ela comprou **saias e chapéu escuros.**
Estudo os **falares e** a **cultura portugueses.**

b) para o gênero e o número do substantivo mais próximo (concordância que não é rara quando o último substantivo é um feminino plural):

Ela comprou **saias e chapéu escuro.**
Estudo o **idioma e** as **tradições portuguesas.**

Observação:

Quando está em concordância apenas com o substantivo mais próximo, o adjetivo nem sempre caracteriza de forma precisa o substantivo dele distanciado. Por isso, em todas as hipóteses mencionadas, pode-se e deve-se, caso a concordância origine qualquer dúvida, repetir o adjetivo para cada um dos substantivos:

Ela comprou uma **saia escura e** um **chapéu escuro.**
Estudo os **falares portugueses e** a **cultura portuguesa.**

Adjetivo predicativo do sujeito composto

Quando o adjetivo serve de predicativo a um sujeito múltiplo, constituído de substantivos (ou expressões equivalentes), observa, na maioria dos casos, as mesmas regras de concordância a que está submetido o adjetivo que funciona como adjunto adnominal.

Convém salientar, no entanto, que:

a) se os substantivos sujeitos são do *mesmo gênero*, o adjetivo toma o gênero dos substantivos e vai, preferentemente, para o plural, ainda que os substantivos estejam no singular:

O **livro e** o **caderno** são **novos.**
A **porta e** a **janela** estavam **abertas.**

b) se os substantivos sujeitos são de *gêneros diversos*, o adjetivo vai, normalmente, para o masculino plural:

O **livro e** a **caneta** são **novos.**
A **janela e** o **portão** estavam **abertos.**

Mas, nos dois casos, é também possível que o adjetivo predicativo concorde com o núcleo do sujeito mais próximo se o VERBO DE LIGAÇÃO estiver no singular e anteposto ao sujeito composto, como nos exemplos abaixo:

Era novo o **livro** e a caneta.
Estava aberta a **janela** e o portão.

Observações:

1.ª) O adjetivo predicativo do objeto direto obedece, em geral, às mesmas regras de concordância observadas pelo adjetivo predicativo do sujeito.

2.ª) Como as orações, e as palavras tomadas materialmente, se consideram do número singular e do gênero masculino, quando o sujeito é expresso por uma oração (plena ou reduzida), o adjetivo predicativo fica no masculino singular:

É justo que uma nação venere os seus poetas.
É honroso morrer pela pátria.

Capítulo 11

Pronomes

PRONOMES SUBSTANTIVOS E PRONOMES ADJETIVOS

1. Os PRONOMES desempenham na oração as funções equivalentes às exercidas pelos elementos nominais.
   Servem, pois:

a) para representar um substantivo:

> Os **campos, que** suportaram a longa presença solar a queimá-**los** incessantemente, recebem agora a água abundante com uma gula feliz.
> (A. Frederico Schmidt, *GB*, 294.)

b) para acompanhar um substantivo determinando-lhe a extensão do significado:

> — Quanto valem, és capaz de dizer? Leques espanhóis, de seda, de **alguma bisavó** do **meu tio** cônego, com **estas pérolas** de prata e oiro!
> (F. Namora, *TJ*, 103.)

No primeiro caso desempenham a função de um substantivo e, por isso, recebem o nome de PRONOMES SUBSTANTIVOS; no segundo chamam-se PRONOMES ADJETIVOS, porque modificam o substantivo, que acompanham, como se fossem adjetivos.

2. Facilmente, aliás, se distinguem na prática essas duas classes de pronomes, porque os PRONOMES SUBSTANTIVOS aparecem isolados na frase, ao passo que os PRONOMES ADJETIVOS se empregam sempre junto de um substantivo, com o qual concordam em gênero e número.

Assim, nas frases:

> Lembranças a todos **os teus**.
> (E. da Cunha, *OC*, II, 646.)

> **Teus olhos** são dois desejos.
> (R. Correia, *PCP*, 109.)

a palavra *teus* é pronome substantivo, na primeira, e pronome adjetivo, na segunda.

3. Há seis espécies de pronomes: PESSOAIS, POSSESSIVOS, DEMONSTRATIVOS, RELATIVOS, INTERROGATIVOS e INDEFINIDOS.

PRONOMES PESSOAIS

Os PRONOMES PESSOAIS caracterizam-se:

1.º) por denotarem as três pessoas gramaticais, isto é, por terem a capacidade de indicar no colóquio:

a) *quem fala* = 1.ª PESSOA: *eu* (singular), *nós* (plural);
b) *com quem se fala* = 2.ª PESSOA: *tu* (singular), *vós* (plural);
c) *de quem se fala* = 3.ª PESSOA: *ele*, *ela* (singular); *eles*, *elas* (plural);

2.º) por poderem representar, quando na 3.ª pessoa, uma forma nominal anteriormente expressa:

> Santas virtudes primitivas, ponde
> Bênçãos nesta **Alma** para que **ela** se una
> A Deus, e vá, sabendo bem por onde...
> (A. de Guimaraens, *OC*, 149.)

> Levantaram **Dona Rosário**, quiseram levantá-la, embora **ela** se opusesse, choramingasse um pouco, dissesse que não lhe era possível fazê-lo.
> (M. J. de Carvalho, *AV*, 137.)

3.º) por variarem de forma, segundo:

a) a função que desempenham na oração;
b) a acentuação que nela recebem.

Observação:

A pessoa com quem se fala pode ser expressa também pelos chamados PRONOMES DE TRATAMENTO, que se constroem com o verbo na 3.ª pessoa. Veja-se o que sobre essas formas e o seu emprego escrevemos adiante.

FORMAS DOS PRONOMES PESSOAIS

Quanto à **função**, as formas do pronome pessoal podem ser RETAS ou OBLÍQUAS. RETAS, quando funcionam como sujeito da oração; OBLÍQUAS, quando nela se empregam fundamentalmente como objeto (direto ou indireto).

Quanto à **acentuação**, distinguem-se nos pronomes pessoais as formas TÔNICAS das ÁTONAS.

O quadro abaixo mostra claramente a correspondência entre essas formas:

		PRONOMES PESSOAIS RETOS	PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS NÃO REFLEXIVOS	
			ÁTONOS	TÔNICOS
Singular	1.ª pessoa	eu	me	mim, comigo
	2.ª pessoa	tu	te	ti, contigo
	3.ª pessoa	ele, ela	o, a, lhe	ele, ela
Plural	1.ª pessoa	nós	nos	nós, conosco
	2.ª pessoa	vós	vos	vós, convosco
	3.ª pessoa	eles, elas	os, as, lhes	eles, elas

FORMAS *O*, *LO* E *NO* DO PRONOME OBLÍQUO

Quando o pronome oblíquo da 3.ª pessoa, que funciona como objeto direto, vem antes do verbo, apresenta-se sempre com as formas *o*, *a*, *os*, *as*.

Assim:

Não **o** ver para mim é um suplício.
Nunca **a** encontramos em casa.
João ainda não fez anos; ele **os** faz hoje.
Eles **as** trouxeram consigo.

Quando, porém, está colocado depois do verbo e se liga a este por hífen (PRONOME ENCLÍTICO), a sua forma depende da terminação do verbo.

Assim:

1.º) Se a forma verbal terminar em VOGAL ou DITONGO ORAL, empregam-se *o*, *a*, *os*, *as*:

Louvo-**o** Louvei-**os**
Louvava-**a** Louvou-**as**

2.º) Se a forma verbal terminar em -*r*, -s ou -*z*, suprimem-se estas consoantes, e o pronome assume as modalidades *lo*, *la*, *los*, *las*, como nestes exemplos:

Vê-**lo** para mim é um suplício.
Encontramo-**la** em casa.
João ainda não fez anos; fá-**los** hoje.
Não quero vendê-**las**.

O mesmo se dá quando ele vem posposto ao designativo *eis* ou aos pronomes *nos* e *vos*:

Ei-lo sorridente.
O nome não **vo-lo** direi.

3.º) Se a forma verbal terminar em DITONGO NASAL, o pronome assume as modalidades *no*, *na*, *nos*, *nas*.

Dão-**no**	Tem-**nos**
Põe-**na**	Trouxeram-**nas**

São também estas as formas que o pronome costuma apresentar, na linguagem popular e na literária popularizante de Portugal, depois dos advérbios *não* e *bem*, assim como dos pronomes *quem*, *alguém*, *ninguém* e outras palavras terminadas em ditongo nasal:

E assim pedia, num dó tamanho,
Não no tirassem lá donde estava.
(A. Nobre, *S*, 77.)

Neto sou de **quem no** sou!
(J. Régio, *F*, 13.)

Observações:

1.ª) As formas antigas do pronome oblíquo objeto direto eram *lo(s)* e *la(s)*, provenientes do acusativo do demonstrativo latino *ille*, *illa*, *illud* (= aquele, aquela, aquilo). Pospostas a formas verbais terminadas em *-r*, *-s* ou *-z*, o seu *l-* inicial assimilou aquelas consoantes, que depois desapareceram:

faze**r-lo**	>	faze**l-lo**	>	fazê-**lo**
faze**s-lo**	>	faze**l-lo**	>	faze-**lo**
fi**z-lo**	>	fi**l-lo**	>	fi-**lo**

Igual assimilação sofreu o *-s* de *eis*, *nos* e *vos*, quando em contacto com o *l-* do pronome.

2.ª) Com as formas verbais terminadas em nasal, a nasalidade transmitiu-se ao *l-* do pronome, que passou a *n-*:

fazem-**lo**	>	fazem-**no**
façam-**lo**	>	façam-**no**

3.ª) No futuro do presente e no futuro do pretérito o pronome oblíquo não pode ser ENCLÍTICO, isto é, não pode vir depois do verbo. Dá-se, então, a MESÓCLISE do pronome, ou seja, a sua colocação no interior do verbo. Justifica-se tal colocação por terem sido estes dois tempos formados pela justaposição do infinitivo do verbo principal e das formas reduzidas, respectivamente, do presente e do imperfeito do indicativo do verbo *haver*. O pronome empregava-se depois do infinitivo do verbo principal, situação que, em última análise, ainda hoje conserva. E, como todo infinitivo termina em *-r*, também nos dois tempos em causa desaparece esta consoante e o pronome toma as formas *lo*, *la*, *los*, *las*.

Assim:

FUTURO DO PRESENTE		FUTURO DO PRETÉRITO	
vender-(h)ei	vendê-lo-ei	vender-(h)ia	vendê-lo-ia
vender-(h)ás	vendê-lo-ás	vender-(h)ias	vendê-lo-ias
vender-(h)á	vendê-lo-á	vender-(h)ia	vendê-lo-ia
vender-(h)emos	vendê-lo-emos	vender-(h)íamos	vendê-lo-íamos
vender-(h)eis	vendê-lo-eis	vender-(h)íeis	vendê-lo-íeis
vender-(h)ão	vendê-lo-ão	vender-(h)iam	vendê-lo-iam

4.ª) Quanto às normas que se observam no emprego proclítico, enclítico ou mesoclítico destes pronomes, veja-se o que dizemos adiante, ao tratarmos da COLOCAÇÃO DOS PRONOMES OBLÍQUOS ÁTONOS.

PRONOMES REFLEXIVOS E RECÍPROCOS

1. Quando o objeto direto ou indireto representa a mesma pessoa ou a mesma coisa que o sujeito do verbo, ele é expresso por um PRONOME REFLEXIVO.
   O REFLEXIVO apresenta três formas próprias — *se*, *si* e *consigo* —, que se aplicam tanto à 3.ª pessoa do singular como à do plural:

   Ele vestiu-**se** rapidamente.
   Ela fala sempre **de si**.
   O pintor não trouxe o quadro **consigo**.
   Eles vestiram-**se** rapidamente.
   Elas falam sempre **de si**.
   Os pintores não trouxeram os quadros **consigo**.

Nas demais pessoas, as suas formas identificam-se com as do pronome oblíquo: *me*, *te*, *nos* e *vos*.

Eu **me** feri.
Tu **te** lavas.
Nós **nos** vestimos.
Vós **vos** levantais.

2. As formas do REFLEXIVO nas pessoas do plural (*nos*, *vos* e *se*) empregam-se também para exprimir a reciprocidade da ação, isto é, para indicar que a ação é mútua entre dois ou mais indivíduos. Neste caso, diz-se que o pronome é RECÍPROCO.

Carlos e eu **nos** abraçamos.
Vós **vos** queríeis muito.
José e Antônio não **se** cumprimentam.

3. Como são idênticas as formas do pronome recíproco e do reflexivo, pode haver ambiguidade com um sujeito plural. Por exemplo, uma frase como a seguinte:

Joaquim e Pedro enganaram-**se**.

pode significar que o grupo formado por Joaquim e Pedro cometeu o engano, ou que Joaquim enganou Pedro e este a Joaquim.
Costuma-se remover a dúvida fazendo-se acompanhar tais pronomes de expressões reforçativas especiais.
Assim:

a) para marcar expressamente a ação reflexiva, acrescenta-se-lhes, conforme a pessoa, *a mim mesmo, a ti mesmo, a si mesmo*, etc.:

Joaquim e Pedro enganaram-**se a si mesmos**.

b) para marcar expressamente a ação recíproca, junta-se-lhes, ou uma expressão pronominal, como *um ao outro*, *uns aos outros*, *entre si*:

Joaquim e Pedro enganaram-**se entre si**.
Joaquim e Pedro enganaram-**se um ao outro**.

ou um advérbio como *reciprocamente*, *mutuamente*:

Joaquim e Pedro enganaram-se **mutuamente**.

Não raro, a reciprocidade da ação esclarece-se pelo emprego de uma forma verbal derivada com o prefixo *entre-*:

As duas **entreolharam-se** e Luísa atendeu.
(Coelho Netto, *OS*, I, 67.)

Marido e mulher **entreolharam-se**.
(V. Nemésio, *MTC*, 360.)

EMPREGO DOS PRONOMES RETOS

FUNÇÕES DOS PRONOMES RETOS

1. Os PRONOMES RETOS empregam-se como:

a) SUJEITO:

Eu era a desdenhosa, a indiferente.
(F. Espanca, *S*, 55.)

Nós vamos em busca de luz.
(Agostinho Neto, *SE*, 36.)

Se és **tu**, meu pai, **eu** vou contigo...
(A. de Guimaraens, *OC*, 58.)

b) PREDICATIVO DO SUJEITO:

Trata-se do seguinte: eu não sou mais **eu**! Revoguei-me a mim mesmo.
(A.M. Machado, *CJ*, 150.)

Meu Deus!, quando serei **tu**?
(J. Régio, *ED*, 157.)

2. *Tu* e *vós* podem ser VOCATIVOS:

Ó **tu**, Senhor Jesus, o Misericordioso,
De quem o Amor sublime enaltece o Universo...
(A. de Guimaraens, *OC*, 313.)

Ó **vós**, que, no silêncio e no recolhimento
Do campo, conversais a sós, quando anoitece...
(O. Bilac, *P*, 158.)

Observação:

Na linguagem popular ou popularizante de Portugal aparece por vezes um pronome *ele* expletivo, que funciona como sujeito gramatical de um verbo impessoal, à semelhança do francês *il* (*il y a*):

— **Ele** haveria no mundo nada mais acertado.
(M. Torga, *CM*, 24.)

— Pois **ele** pode haver maior colondrina por esses mundos fora.
(A. Ribeiro, *M*, 102.)

— **Ele** há tanta mulher por aí!...
(F. Namora, *TJ*, 258.)

É provável que este pronome expletivo tenha vitalidade em outras áreas do idioma, pois aparece na pena de um escritor angolano:

Ele há tantas amarguras!
(Agostinho Neto, *SE*, 99.)

Os raríssimos exemplos que dele se colhem em escritores brasileiros, como este de Machado de Assis:

Que **ele** também há eleições no Amazonas; é o tempo da salga política, a quadra das barracas e dos regatões.
(*OC*, II, 698.)

representam simples imitação da construção portuguesa.

OMISSÃO DO PRONOME SUJEITO

Os pronomes sujeitos *eu*, *tu*, *ele* (*ela*), *nós*, *vós*, *eles* (*elas*) são normalmente omitidos em português, porque as desinências verbais bastam, de regra, para indicar a pessoa a que se refere o predicado, bem como o número gramatical (singular ou plural) dessa pessoa:

ando	escreve**s**	dormi**u**
rim**os**	partis**tes**	volta**ram**

PRESENÇA DO PRONOME SUJEITO

Emprega-se o pronome sujeito:

a) quando se deseja, enfaticamente, chamar a atenção para a pessoa do sujeito:

> **Eu**, náufraga da vida, ando a morrer!
> (F. Espanca, *S*, 31.)

> Sim! **tu** sabes ligar-me a todos os teus crimes. **Tu** me sopras todos os pensamentos maus, **tu** me apontas o abismo...
> (Castro Alves, *OC*, 643.)

b) para opor duas pessoas diferentes:

> Abraçamo-nos ambos contristados,
> **Ele**, porque há de ser, como **eu**, um velho,
> E **eu**, por ter sido já, como **ele**, um moço.
> (E. de Castro, *UV*, 68.)

> **Eu** calo-me — **tu** descantas,
> **Eu** rojo — **tu** te levantas,
> **Tu** és livre — escrava **eu** sou!...
> (Castro Alves, *OC*, 273.)

c) quando a forma verbal é comum à 1.ª e à 3.ª pessoa do singular e, por isso, se torna necessário evitar o equívoco:

> É preciso que **eu repita** o que **ele disse**?
> É preciso que **ele repita** o que **eu disse**?

EXTENSÃO DE EMPREGO DOS PRONOMES RETOS

Na linguagem formal, certos pronomes retos adquirem valores especiais. Enumeremos os seguintes:

1. **O plural de modéstia.** Para evitar o tom impositivo ou muito pessoal de suas opiniões, costumam os escritores e os oradores tratar-se por *nós* em lugar da forma normal *eu*. Com isso, procuram dar a impressão de que as ideias que expõem são compartilhadas por seus leitores ou ouvintes, pois que se expressam como porta-vozes do pensamento coletivo. A este emprego da 1.ª pessoa do plural pela correspondente do singular chamamos PLURAL DE MODÉSTIA.

   Comparem-se estes exemplos:

> Algumas [cantigas], mas poucas, foram por **nós** colhidas da boca do Povo.
> (J. Cortesão, *CP*, 12.)

> As ocupações oficiais em que **nos achamos** desde 1861 a 1867, quer nas repúblicas de Venezuela, Equador, Peru e Chile, quer nas próprias Antilhas, não **nos** deram muita ocasião de pensar em semelhante edição, para a qual até aí **nos** faltavam auxílios.
> (F. A. Varnhagen, *CTA*, 9.)

Advirta-se que, quando o sujeito *nós* é um PLURAL DE MODÉSTIA, o predicativo ou particípio, que com ele deve concordar, costuma ficar no singular, como se o sujeito fosse efetivamente *eu*. Assim, em vez de:

> **Fiquei perplexo** com o que ele disse.

podemos dizer:

> **Ficamos perplexo** com o que ele disse.

2. **O plural de majestade.** O pronome *nós* era usado outrora pelos reis de Portugal — e ainda hoje o é pelos altos dignitários da Igreja — como símbolo de grandeza e poder de suas funções:

> **Nós**, Dom Fernando, pela graça de Deus Rei de Portugal e do Algarve, **fazemos saber...**

É o que se chama PLURAL DE MAJESTADE.

Observação:

De início, o *nós majestático* deveria ser uma fórmula de modéstia: o rei a confundir-se com a nação, que falava por sua boca. Também na Igreja seria, no princípio, uma forma de humildade: os prelados a solidarizarem-se com os seus fiéis dentro de uma comunidade mediante o emprego do *nós*. Mas, perdido o valor originário, este plural com que superiores se dirigiam a inferiores veio a ser sentido como uma enfática expressão de grandeza, de poder, de majestade do cargo.

3. **Fórmula de cortesia (3.ª pessoa pela 1.ª).** Quando fazemos um requerimento, por deferência à pessoa a quem nos dirigimos, tratamo-nos a nós próprios pela 3.ª pessoa, e não pela 1.ª:

> **Fulano de tal**, aluno desse Colégio, **requer** a V. S.ª se digne de mandar passar por certidão as notas mensais por ele obtidas no presente ano letivo.

O emprego da 1.ª pessoa:

> **Eu**, Fulano de tal, **requeiro...**

soa-nos como uma descortesia de nossa parte para com aquele a quem nos endereçamos. Não seria propriamente um pedido que lhe faríamos, e sim uma exigência ríspida de igual para igual.

4. **O *vós* de cerimônia.** O pronome *vós* praticamente desapareceu da linguagem corrente do Brasil e de Portugal. Mas em discursos enfáticos alguns oradores ainda se servem da 2.ª pessoa do plural para se dirigirem cerimoniosamente a um auditório qualificado.
Veja-se este passo com que Olavo Bilac termina o seu discurso de ingresso na Academia das Ciências de Lisboa:

> Ainda de longe, pensarei **em vós**, e pensarei **convosco**. Serei um dos menores sacerdotes do culto que nos congrega: o da nossa história e da nossa língua. E, à míngua do brilho que **vos** posso dar, poderei dar-**vos** o fervor da minha crença e a honestidade do meu labor.
> (*DN*, 56.)

Observações:

1.ª) *Vós*, com referência a uma só pessoa, normal como tratamento de cerimônia em português antigo e clássico, emprega-se ainda, vez por outra, em linguagem literária de tom arcaizante, para expressar distância, apreço social:

> Por **vós** e todo o nosso temor. Por **vós**, que **sois** o nosso rei!
> (J. Régio, *ERS*, 93.)

> — Não **percebeis vós** que a prudência é para mim um dever?
> (Gonçalves Dias, *PCPE*, 709.)

2.ª) *Vós* foi, durante muito tempo, a forma normal por que os católicos portugueses e brasileiros se dirigiam a Deus, tratamento que ainda prevalece entre eles:

> Pai nosso que **estais** no Céu...

No culto reformado, adota-se a forma *tu*:

> Pai nosso que **estás** no céu...

Na linguagem poética, este tratamento alterna com *vós*, desde a época medieval, e é o predominante no português contemporâneo:[1]

---

[1] Veja-se, a propósito, Luís Filipe Lindley Cintra. *Sobre "formas de tratamento" na língua portuguesa*. Lisboa, Horizonte, 1972, p. 75-122.

Não é mortal o que eu em **ti** adoro.
Que **és tu** aqui? olhar de piedade,
Gota de mel em taça de venenos...
(A. de Quental, *S*, 3.)

Se **te** pedir piedade, **dá**-me lume a comer.
Que com pontas de fogo o podre se adormenta.
O **teu** perdão de Pai ainda não pode ser.
Mas lembre-**te** que é fraca a alma que aguenta.
(V. Nemésio, *VM*, 90.)

Tu, Senhor, **tu** meu Deus, **tu** me **recebes**
Na **tua** santa glória, **alarga** as asas
Do **teu** santo perdão, que ao **teu** conspecto
Humilhado me sinto, como a grama.
(Gonçalves Dias, *PCPE*, 467.)

Deus! ó Deus! onde **estás** que não **respondes**?
Em que mundo, em qu'estrela **tu t'escondes**
Embuçado nos céus?
(Castro Alves, *OC*, 290.)

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se é loucura... se é verdade
Tanto horror perante os céus...
(Castro Alves, *OC*, 281.)

REALCE DO PRONOME SUJEITO

Para dar ênfase ao pronome sujeito, costuma-se reforçá-lo:

a) seja com as palavras *mesmo* e *próprio*:

— **Tu mesmo** serás o novo Hércules.
(Machado de Assis, *OC*, II, 548.)

Muitas vezes **eu próprio** me sinto ser o que ela pensa que eu sou.
(A. Abelaira, *B*, 129.)

b) seja com a expressão invariável *é que*:

— Eu **é que** lhe devia pedir desculpas de minha irritação.
(R. M. F. de Andrade, *V*, 124.)

Vocês **é que** morrem, meu alferes, mas nós **é que** pagamos.
(Luandino Vieira, *NM*, 63.)

As dores **é que** eram de matar...
(M. Torga, *CM*, 72.)

PRECEDÊNCIA DOS PRONOMES SUJEITOS

Quando no sujeito composto há um da 1.ª pessoa do singular (*eu*), é boa norma de civilidade colocá-lo em último lugar:

Carlos, Augusto e eu fomos promovidos.

Se, porém, o que se declara contém algo de desagradável ou importa responsabilidade, por ele devemos iniciar a série:

Eu, Carlos e Augusto fomos os culpados do acidente.

Observação:

Convém usar com extrema parcimônia as formas pronominais da 1.ª pessoa do singular, especialmente a forma reta *eu*. O seu emprego imoderado deixa-nos sempre uma penosa impressão de imodéstia de quem o pratica.

Não nos devemos esquecer de que as palavras que designam sentimentos exagerados da própria personalidade começam sempre por *ego*, que era a forma latina do pronome *eu*.

Assim:

egoísmo, egocêntrico, ególatra, egotismo.

EQUÍVOCOS E INCORREÇÕES

1. Como o pronome *ele* (*ela*) pode representar qualquer substantivo anteriormente mencionado, convém ficar bem claro a que elemento da frase ele se refere.
   Por exemplo, uma frase como:

   Álvaro disse a Paulo que **ele** chegaria primeiro.

   é ambígua, pois *ele* pode aplicar-se tanto a *Álvaro* como a *Paulo*.

2. Por outro lado, não devemos empregar o pronome *ele* (*ela*) para substituir um substantivo que, com sentido indeterminado, se fixou em expressões feitas, como *falar verdade*, *pedir perdão*, etc.

Assim, não estariam bem construídas as frases:

Falaste verdade; **ela** me comoveu.
Pedi perdão; **ele** me foi concedido.

3. Se, no entanto, o substantivo estiver determinado, isto é, se não mais pertencer a uma daquelas fórmulas fixas, tem perfeito cabimento o emprego do pronome.
Assim:

Falaste **a verdade**; **ela** me comoveu.
Pedi **o seu perdão**; **ele** me foi concedido.

4. Na fala vulgar e familiar do Brasil[2] é muito frequente o uso do pronome *ele(s)*, *ela(s)* como objeto direto em frases do tipo:

Vi **ele**. Encontrei **ela**.

Embora esta construção tenha raízes antigas no idioma, pois se documenta em escritores portugueses dos séculos XIII e XIV[3], deve ser hoje evitada.

5. Convém, no entanto, não confundir tal construção com outras, perfeitamente legítimas, em que o pronome em causa funciona como objeto direto.
Assim:

a) quando, antecedido da preposição *a*, repete o objeto direto enunciado pela forma normal átona (*o*, *a*, *os*, *as*):

Não sei se elas me compreendem
Nem se eu **as** compreendo **a elas**.
(F. Pessoa, *OP*, 160.)

---

[2] Veja-se especialmente J. Mattoso Câmara Jr. *Ele* comme un accusatif dans le portugais du Brésil. In *Miscelánea homenaje a André Martinet: estructuralismo e historia*, t. 1. La Laguna, Universidad de La Laguna, 1957, p. 39-46; artigo reproduzido, em tradução portuguesa, nos *Dispersos*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1972, p. 47-53.

[3] Sobre o emprego do pronome *ele(s)*, *ela(s)* como objeto direto em português arcaico, leiam-se: Epifânio Dias. *Syntaxe historica portuguesa*, 2.ª ed. Lisboa, Clássica Editora, 1953, p. 71; Joseph Huber. *Altportugiesisches Elementarburch*. Heidelberg, Carl Winter, 1933, p. 150; Sousa da Silveira, *Trechos seletos*, 4.ª ed., São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1938, p. 40 e 50.

Temia-**a**, **a ela**, à mulher que o guiava.
(Guimarães Rosa, *PE*, 126.)

b) quando precedido das palavras *todo* ou *só*:

Ricas prendas! **Todas elas**
Me deu ele; sim, donzelas...
Que não vo-lo negarei!
(J. de Deus, *CF*, 65.)

— Conheço bem **todos eles**.
(H. Sales, *DBFM*, 150.)

CONTRAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES *DE* E *EM* COM O PRONOME RETO DA 3.ª PESSOA

As preposições *de* e *em* contraem-se com o pronome reto da 3.ª pessoa *ele*(*s*), *ela*(*s*), dando, respectivamente, *dele*(*s*), *dela*(*s*) e *nele*(*s*), *nela*(*s*).

A pasta é **dele**, e **nela** está o meu caderno.

É de norma, porém, não haver a contração quando o pronome é sujeito; ou, melhor dizendo, quando as preposições *de* e *em* se relacionam com o infinitivo, e não com o pronome.

Assim:

O milagre **de ele** existir tinha-se dado já, no momento em que a mulher lhe anunciara a gravidez.
(M. Torga, *CM*, 74.)

— Para que há **de ele** desconfiar de nós e maltratar-te?
(Machado de Assis, *CO*, I, 690.)

Pouco depois **de eles** saírem, levantei-me da mesa.
(L. B. Honwana, *NMCT*, 96.)

PRONOMES DE TRATAMENTO

1. Denominam-se PRONOMES DE TRATAMENTO certas palavras e locuções que valem por verdadeiros pronomes pessoais, como: *você*, *o senhor*, *Vossa Excelência*.

Embora designem a pessoa a quem se fala (isto é, a 2.ª), esses pronomes levam o verbo para a 3.ª pessoa:

— Onde é que **vocês vão**?
(Luandino Vieira, *NM*, 78.)

— **Vossa Reverendíssima faz** isso brincando, disse o principal dos festeiros.
(Machado de Assis, *OC*, II, 550.)

— **Vossa Senhoria**, senhor Comendador, **terá** de perdoar.
(A. Ribeiro, *M*, 354.)

2. Convém conhecer as seguintes formas de tratamento reverente e as abreviaturas com que são indicadas na escrita:

Abreviatura	Tratamento	Usado para
V. A.	Vossa Alteza	Príncipes, arquiduques, duques
V. Em.ª	Vossa Eminência	Cardeais
V. Ex.ª	Vossa Excelência	No Brasil: altas autoridades do governo e oficiais generais das Forças Armadas; em Portugal: qualquer pessoa a quem se quer manifestar grande respeito.
V. Mag.ª	Vossa Magnificência	Reitores das universidades
V. M.	Vossa Majestade	Reis, imperadores
V. Ex.ª Rev.ma	Vossa Excelência Reverendíssima	Bispos e arcebispos
V. P.	Vossa Paternidade	Abades, superiores de conventos
V. Rev.ª V. Rev.ma	Vossa Reverência ou Vossa Reverendíssima	Sacerdotes em geral
V. S.	Vossa Santidade	Papa
V. S.ª	Vossa Senhoria	Funcionários públicos graduados, oficiais até coronel; na linguagem escrita do Brasil e na popular de Portugal, pessoas de cerimônia.

Observações:

1.ª) Como dissemos, estas formas aplicam-se à 2.ª pessoa, àquela com quem falamos; para a 3.ª pessoa, aquela de quem falamos, usam-se as formas *Sua Alteza*, *Sua Eminência*, etc. Mas as últimas podem empregar-se com o valor das primeiras, como expressão de máxima cerimônia, mormente quando seguidas de aposto que contenha um título determinado por artigo. Assim, em lugar de:

Vossa Excelência, Senhor Ministro, aprova a medida?

é lícito dizer-se:

Sua Excelência, o Senhor Ministro, aprova a medida?

2.ª) Em princípio, os pronomes de tratamento da 2.ª pessoa devem acompanhar o verbo para evitar confusão com o sujeito da 3.ª pessoa:

Seu irmão cantava, e **você** acompanhava.
Vossa Reverência já leu este livro?

Esta norma é naturalmente observada com maior rigor na linguagem escrita, pois na comunicação oral as possíveis dúvidas são muitas vezes eliminadas pela própria situação.

Não é, porém, necessário repetir tais pronomes quando funcionam como sujeito de vários verbos consecutivos.

Você parece que não **está** com nenhuma vontade de **ver** aquele finório, não é?
(A. Callado, *MC*, 104.)

— **Quer V. Exa. dizer** que antes **queria escrever** uma bonita página do que **receber** assim perto de quinhentas libras?
(Eça de Queirós, *O*, II, 176-177.)

EMPREGO DOS PRONOMES DE TRATAMENTO DA 2.ª PESSOA

1. **Tu e você.** No português europeu normal, o pronome *tu* é empregado como forma própria da intimidade. Usa-se de pais para filhos, de avós ou tios para netos e sobrinhos, entre irmãos ou amigos, entre marido e mulher, entre colegas de faixa etária igual ou próxima. O seu emprego tem-se alargado, nos últimos tempos, entre colegas de estudo ou da mesma profissão, entre membros de um partido político e até, em certas famílias, de filhos para pais, tendendo a ultrapassar os limites da intimidade propriamente dita,

em consonância com uma intenção igualitária ou, simplesmente, aproximativa.

No português do Brasil, o uso de *tu* restringe-se ao extremo Sul do país e a alguns pontos da região Norte, ainda não suficientemente delimitados.[4] Em quase todo o território brasileiro, foi ele substituído por *você* como forma de intimidade. *Você* também se emprega, fora do campo da intimidade, como tratamento de igual para igual ou de superior para inferior.

É este último valor, de tratamento igualitário ou de superior para inferior (em idade, em classe social, em hierarquia), e apenas este, o que *você* possui no português normal europeu, onde só excepcionalmente — e em certas camadas sociais altas — aparece usado como forma carinhosa de intimidade. No português de Portugal não é ainda possível, apesar de certo alargamento recente do seu emprego, usar *você* de inferior para superior, em idade, classe social ou hierarquia.

2. **O senhor.** *O senhor*, *a senhora* (e *a senhorita*, no Brasil, *a menina*, em Portugal, para a jovem solteira) são, nas variantes europeia e americana do português, formas de respeito ou de cortesia e, como tais, se opõem a *tu* e *você*, em Portugal, e a *você*, na maior parte do Brasil.

   Em Portugal, quando uma pessoa se dirige a alguém que possui um título profissional ou exerce determinado cargo, costuma fazer acompanhar as formas *o senhor* e *a senhora* da menção do respectivo título ou cargo:

o senhor doutor	o senhor capitão
a senhora doutora	o senhor ministro
o senhor engenheiro	o senhor presidente

   Mais raramente, usa-se como tratamento o título não precedido de *senhor*, *senhora*, o que é considerado menos respeitoso que a forma anterior:

o doutor	o engenheiro

   Neste caso, é mais frequente apor-se ao título o nome próprio (primeiro nome — o que implica certa proximidade — ou o nome de família do interpelado):

o doutor Orlando	o engenheiro Silva

[4] Ressalte-se, porém, que o emprego das formas oblíquas *te*, *ti*, *contigo* apresenta uma difusão bastante maior.

No Brasil, estas formas de tratamento são inusitadas. Aliás, o emprego dos títulos específicos, no tratamento ou fora dele, é sensivelmente maior em Portugal do que no Brasil, onde só em casos especialíssimos vêm precedidos de *o senhor.*

Sistematicamente, só se mencionam no Brasil, seguidos dos nomes próprios:

a) a patente dos militares:

O Tenente Barroso	O Major Fagundes
O Coronel Proença	O Almirante Jaceguai
O General Osório	O Brigadeiro Eduardo Gomes

b) os altos cargos e títulos nobiliárquicos:

O Presidente Bernardes	O Embaixador Ouro Preto
O Príncipe D. João	A Condessa Pereira Carneiro

c) o título *Dom* (escrito abreviadamente *D.*), para os membros da família real ou imperial, para os nobres, para os monges beneditinos e para os dignitários da Igreja a partir dos bispos:

D. Pedro	D. Clemente
D. Duarte	D. Hélder

Observe-se que, se *Dom* tem emprego restrito no idioma, tanto em Portugal como no Brasil, o feminino *Dona* (também abreviado em *D.*) se aplica, em princípio, a senhoras de qualquer classe social.[5]

De uso bastante generalizado em Portugal e no Brasil é o título de *Doutor*. Recebem-no não só os médicos e os que defenderam tese de doutorado, mas, indiscriminadamente, todos os diplomados por escolas superiores.

Também o emprego de *Professor* é muito frequente tanto em Portugal como no Brasil. Mas, enquanto no Brasil se aplica ao docente de qualquer grau de ensino, em Portugal usa-se sobretudo para os docentes do ensino primário e do ensino superior.

Observações:

1.ª) As formas *você* e *o senhor* (*a senhora*) empregam-se normalmente nas funções de sujeito, de agente da passiva e de adjunto:

---

[5] Em Portugal, omite-se ainda, por vezes, com os nomes de senhoras das classes sociais mais humildes.

— **Você** amanhã não vá às ceifas.
(A. Ribeiro, *M*, 354.)

Estava desfeiteado, um portador dele fora maltratado **pelo senhor**.
(J. Lins do Rego, *P*, 59.)

— Deixem-me ir **com vocês**!
(Luandino Vieira, *NM*, 78.)

As formas *você* (no Brasil) e *o senhor, a senhora* (tanto em Portugal como no Brasil) estendem-se também às funções de objeto (direto ou indireto), substituindo com frequência as correspondentes átonas *o, a* e *lhe*:

— Há uma hora estou esperando **você** sozinha, neste escritório.
(C. dos Anjos, *DR*, 32.)

— Devo **a você** e ao doutor Rodrigo.
(J. Amado, *MM*, 229.)

— Eu aprecio muito **o senhor** e era incapaz de ofendê-lo voluntariamente.
(R. M. F. de Andrade, *V*, 124.)

2.ª) O pronome *tu* era até bem pouco tempo, no português de Portugal, a forma própria de marcar as distâncias de superior para inferior hierárquico. Este tratamento caiu em quase total desuso e, hoje, tanto na variante idiomática brasileira como na portuguesa, é a forma *o senhor* que, na referida situação, se usa com este valor.

3.ª) Pelas razões aduzidas no capítulo 3, p. 73, quando anteposta a um nome próprio, a palavra *senhor* assume na linguagem corrente de Portugal e, principalmente, do Brasil a forma *seu*:

— **Seu Malhadas, seu Malhadas**, fosse você cavalheiro, não aceitava o meu copo!
(A. Ribeiro, *M*, 67.)

— **Seu Firmino**, o **senhor** duvida da minha palavra?
— Deus me livre, **seu Alexandre**. Quem é que duvida?
(G. Ramos, *AOH*, 111.)

— **Seu Coronel** não me verá mais, não **senhor**.
(A. Peixoto, *RC*, 938.)

Observe-se, nos dois últimos exemplos, a concorrência da forma proclítica e da forma plena, esta sob o acento tônico.

3. **Tratamento cerimonioso.** As formas de tratamento propriamente cerimonioso usam-se muito menos no Brasil do que em Portugal.

1.º) *Vossa Excelência* (*V. Ex.ª*). Embora o seu emprego, no português europeu, se tenha restringido bastante nas últimas décadas, e em particular nos últimos anos, ainda se usa a forma *Vossa Excelência*, na linguagem oral, em determinados ambientes (por ex.: academias, corpo diplomático) ou situações (empregado de comércio dirigindo-se a cliente, telefonista dirigindo-se a quem solicita uma ligação, etc.), sem que haja qualquer discriminação nítida quanto à categoria da pessoa interpelada. Por vezes aparece reduzida à forma coloquial *Vossência*.

Na linguagem escrita, sob a forma abreviada *V. Ex.ª*, é largo o seu uso, principalmente na correspondência oficial e comercial.

No Brasil só se emprega para o Presidente da República, ministros, governadores dos estados, senadores, deputados e oficiais-generais. E assim mesmo quase que exclusivamente na comunicação escrita e protocolar. Em requerimentos, petições, etc., o seu uso costuma estender-se a presidentes de instituições, diretores de serviço e altas autoridades em geral.

2.º) *Vossa Senhoria* (*V. S.ª*). É um tratamento praticamente inexistente na língua falada de Portugal e do Brasil. Na língua escrita, emprega-se ainda em ambas as variedades idiomáticas — mas cada vez menos — em cartas comerciais, em requerimentos, em ofícios, etc., quando não é próprio o tratamento de *Vossa Excelência*.

3.º) As outras formas — *Vossa Eminência*, *Vossa Magnificência*, *Vossa Santidade*, etc. — são protocolares e só se aplicam aos ocupantes dos cargos atrás indicados. Por vezes, no tratamento direto, é possível substituí-las por formas também respeitosas, mas menos solenes. A um sacerdote, por exemplo, é comum tratar-se, em lugar de *Vossa Reverência* ou *Vossa Reverendíssima*, por *o senhor*, ou, no português europeu, por *o senhor Padre*.

4. **Outras formas de tratamento.** Frequente no português de Portugal, e muito raro no do Brasil, é o emprego das formas nominais antecedidas de artigo em vez das formas pronominais ou pronominalizadas de tratamento. São exemplos dessas formas nominais:

a) o nome próprio, seja o de batismo, seja o de família:

— **O Manuel** já leu este livro?
— **O Martins** já leu este livro?

b) os nomes de parentesco ou equivalentes:

— **O pai** já leu este livro?
— **A mãe** já leu este livro?
— **O meu filho** já leu este livro?

c) outros nomes que situam o interlocutor em relação à pessoa que fala:

— **O meu amigo** já leu este livro?
— **O patrão** já leu este livro?
— **O cavalheiro** já leu este livro?

FÓRMULAS DE REPRESENTAÇÃO DA 1.ª PESSOA

No colóquio normal, emprega-se *a gente* por *nós* e, também, por *eu*:

Houve um momento entre nós
Em que **a gente** não falou.
(F. Pessoa, *QGP*, n.º 270.)

— Não culpes mais o Barbaças, compadre! **A gente** só queria gastar um bocadito do dinheiro.
(F. Namora, *TJ*, 165.)

— Você não calcula o que é **a gente** ser perseguida pelos homens. Todos me olham como se quisessem devorar-me.
(C. dos Anjos, *DR*, 41.)

Como se vê dos exemplos acima, o verbo deve ficar sempre na 3.ª pessoa do singular. Também na 3.ª pessoa do singular deve ficar o verbo que tem por sujeito outras expressões substantivas que representam a 1.ª pessoa do singular, como o brasileirismo **o degas**, que às gerações mais novas já se afigura um tanto antiquado:

— Então, adeus. Mande cá n**o degas**...
(J. Amado, *MM*, 101.)

Não sendo pexote, e soltando arame, que vida supimpa a d**o degas**!
(C. Drummond de Andrade, *CJB*, 69.)

EMPREGO DOS PRONOMES OBLÍQUOS

FORMAS TÔNICAS

Sabemos que as formas oblíquas tônicas dos pronomes pessoais vêm acompanhadas de preposição. Como pronomes, são sempre termos da oração e, de acordo com a preposição que as acompanhe, podem desempenhar as funções de:

a) COMPLEMENTO NOMINAL:

Vou ver-me livre **de ti**...
(B. Santareno, *TPM*, 24.)

O meu ódio **a ela** crescia dia a dia.
(J. Lins do Rego, *ME*, 54.)

b) OBJETO INDIRETO:

— Posso mandar incumbi-la de mostrar **a ti** os pontos pitorescos de Piratininga...
(C. dos Anjos, *M*, 302.)

Não a diria a ninguém,
Nem **a ti** se eu a soubesse!
(A. Botto, *C*, 261.)

c) OBJETO DIRETO (antecedido da preposição *a* e dependente, em geral, de verbos que exprimem sentimento):

Paciente, obreira e dedicada, é **a ela** que em verdade eu amo.
(J. Rodrigues Miguéis, *GTC*, 159.)

Rubião viu em duas rosas vulgares uma festa imperial, e esqueceu a sala, a mulher e **a si**.
(Machado de Assis, *OC*, I, 679.)

d) AGENTE DA PASSIVA:

Eu sou daqueles que foram **por ele** consolados.
(Graça Aranha, *OC*, 79.)

Os nossos amores não serão esquecidos nunca — **por mim**, está claro, e estou certo que nem **por ti**.
(Machado de Assis, *OC*, I, 688.)

e) ADJUNTO ADVERBIAL:

Eu já te vejo amanhã a colher flores **comigo** pelos campos.
(F. Pessoa, *OP*, 167.)

Contigo, Antônio, Antônio Machado,
contigo quisera passear,
por manhã de serra, por noite de rio,
por nascer de luar.
(C. Meireles, *OP*, 344.)

Observação:

Do cruzamento das duas construções perfeitamente corretas:

Isto não é trabalho **para eu fazer**

e

Isto não é trabalho **para mim**,

surgiu uma terceira:

Isto não é trabalho **para mim fazer**,

em que o sujeito do verbo no infinitivo assume a forma oblíqua.

A construção parece ser desconhecida em Portugal, mas no Brasil ela está muito generalizada na língua familiar, apesar do sistemático combate que lhe movem os gramáticos e os professores do idioma.

Emprego enfático do pronome oblíquo tônico

Para se ressaltar o objeto (direto ou indireto), usa-se, acompanhando um pronome átono, a sua forma tônica regida da preposição *a*:

Ele não via nada, via-**se a si** mesmo.
(Machado de Assis, *OC*, I, 431.)

O Abravezes dava-**lhe** razão **a ela**, em princípio...
(U. Tavares Rodrigues, *PC*, 202.)

Pronomes precedidos de preposição

As formas oblíquas tônicas *mim*, *ti*, *ele* (*ela*), *nós*, *vós*, *eles* (*elas*) só se usam antecedidas de preposição.

Assim:

Fez isto **para mim**.
Gosto **de ti**.
A ele cabe decidir.

Orai **por nós.**
Confiamos **em vós.**
Não há discordância **entre elas.**

Se o pronome oblíquo for precedido da preposição *com*, dir-se-á *comigo*, *contigo*, *conosco* e *convosco*. É regular, no entanto, a construção *com ele* (*com ela*, *com eles*, *com elas*):

Estive **com ele** agora mesmo.
Fui **com elas** visitar o irmão.

Normal é também o emprego de *com nós* e *com vós* quando os pronomes vêm reforçados por *outros*, *mesmos*, *próprios*, *todos*, *ambos* ou qualquer numeral:

Terá de resolver **com nós mesmos.**
Estava **com vós outros.**
Saiu **com nós três.**
Contava **com todos vós.**

Observações:

1.ª) Empregam-se as formas *eu* e *tu* depois das preposições acidentais *afora*, *fora*, *exceto*, *menos*, *salvo* e *tirante*:

Afinal, todos **exceto eu**, sabem o que sou...
(C. dos Anjos, *DR*, 43.)

— Toda a gente desconfiava disso, **menos eu**.
(Alves Redol, *BC*, 336.)

2.ª) A tradição gramatical aconselha o emprego das formas oblíquas tônicas depois da preposição *entre*. Exemplo:

— Foi um duelo **entre mim** e a velhice.
(Machado de Assis, *OC*, I, 1085.)

Que diferença há **entre mim** e um fidalgo qualquer?
(Sttau Monteiro, *FL*, 29.)

Por que vens, pois, pedir-me adorações quando **entre mim e ti** está a cruz ensanguentada do calvário?
(A. Herculano, *E*, 44.)

Na linguagem coloquial predomina, porém, a construção com as formas retas, construção que se vai insinuando na linguagem literária:

> **Entre eu e tu,**
> Tão profundo é o contrato
> Que não pode haver disputa.
> (J. Régio, *ED*, 91.)

> **Entre eu e minha mãe** existe o mar.
> (Ribeiro Couto, *PR*, 365.)

3.ª) Com a preposição *até* usam-se as formas oblíquas *mim*, *ti*, etc.:

> Curvam-se, agarram a rede, erguem-na **até si.**
> (R. Brandão, *P*, 154.)

> Um grito do velho Zé Paulino chegou **até mim**.
> (J. Lins do Rego, *D*, 255.)

Se, porém, *até* denota inclusão, e equivale a *mesmo*, *também*, *inclusive*, constrói-se com a forma reta do pronome:

> Pois é de pasmar, mas é verdade. E **até eu** já tive hoje quem me oferecesse champanhe.
> (J. Régio, *SM*, 156.)

> **Até eu**, que sou muito avesso a esses corre-corres, a esse espevitamento de tomar o cheiro dos famanazes em trânsito, sai-me dos meus cuidados e fui até o Ministério.
> (M. Bandeira, *AA*, 341.)

FORMAS ÁTONAS

1. São formas próprias do OBJETO DIRETO *o*, *a*, *os*, *as*:

> Eu avisei-**o**.
> (B. Santareno, *TPM*, 20.)

> Ele olhou-**a**, espantado.
> (Ferreira de Castro, *OC*, I, 481.)

Ângela dominava-**os** a todos, vencia-**os**.
(R. Pompeia, *A*, 222.)

É preciso acompanhá-**las**.
(Coelho Netto, *OS*, I, 45.)

2. São formas próprias do OBJETO INDIRETO: *lhe*, *lhes*:

O capitão **lhe** garantira que tudo fora um mal-entendido.
(M. Palmério, *VC*, 286.)

Soube inspirar-**lhes** confiança.
(B. Santareno, *TPM*, 84.)

3. Podem empregar-se como OBJETO DIRETO ou INDIRETO: *me*, *te*, *nos* e *vos*.

a) OBJETO DIRETO:

Queres ouvir-**me** um instante, sensatamente?
(U. Tavares Rodrigues, *PC*, 153.)

Queria-**te** ver lá em cima.
(Luandino Vieira, *NM*, 3.)

Vinde e contemplai-**nos**, que entardece.
(C. Meireles, *OP*, 318.)

Ninguém **vos** abandona, senhor.
(J. Régio, *ERS*, 90.)

b) OBJETO INDIRETO:

Chamava-**me** o seu alferes.
(Machado de Assis, *OC*, II, 234.)

— Ninguém **te** vai agradecer.
(Alves Redol, *BSL*, 355.)

Só a leitura dos grandes livros **nos** pode trazer a compensação das misérias de certos homens de letras.
(A. F. Schmidt, *GB*, 331.)

— Ouvis o que **vos** pergunto?
(J. Régio, *ERS*, 186.)

O pronome oblíquo átono sujeito de um infinitivo

Se compararmos as duas frases:

Mandei **que ele saísse...**
Mandei-**o sair.**

verificamos que o objeto direto, exigido pela forma verbal *mandei*, é expresso:

a) na primeira, pela oração *que ele saísse*;
b) na segunda, pelo pronome seguido do infinitivo: *o sair*. E verificamos, também, que o pronome *o* está para o infinitivo *sair* como o pronome *ele* para a forma finita *saísse*, da qual é sujeito. Logo, na frase acima o pronome *o* desempenha a função de sujeito do verbo *sair*.

Construções semelhantes admitem os pronomes *me*, *te*, *nos*, *vos* (e o reflexivo *se*, que estudaremos à parte). Exemplo:

Deixe-**me falar.**
Mandam-**te entrar.**
Fez-**nos sentar.**

Emprego enfático do pronome oblíquo átono

1. Para dar realce ao objeto direto, costuma-se colocá-lo no início da frase e, depois, repeti-lo com a forma pronominal *o* (*a*, *os*, *as*), como nestes passos:

Verdades, quem é que **as** quer?
(F. Pessoa, *OP*, 530.)

O meu avô, nunca **o** vi rezando.
(J. Lins do Rego, *ME*, 83.)

Note-se que, se o objeto direto for constituído de substantivos de gêneros diferentes, o pronome que os resume deve ir para o masculino plural — *os*:

Se Paulo desejava mesmo **escândalo e agitação**, teve-**os** à vontade.
(M. Palmério, *VC*, 307.)

Salas e coração, habita-**os** a saudade!
(A. de Oliveira, *P*, III, 109.)

2. Também o pronome *lhe* (*lhes*) pode reiterar o objeto indireto colocado no início da frase. Comparem-se os conhecidos provérbios:

> **Ao pobre** não **lhe** prometas e **ao rico** não **lhe** faltes.
> **Ao médico e ao abade**, fala-**lhes** sempre a verdade.

O pronome de interesse

Em frases como as seguintes:

> Olhem-**me** para ela: é o espelho das donas de casa!
> (A. Ribeiro, *M*, 101.)

> Ânimo, Brás Cubas, não **me** sejas palerma.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 534.)

o pronome *me* não desempenha função sintática alguma. É apenas um recurso expressivo de que se serve a pessoa que fala para mostrar que está vivamente interessada no cumprimento da ordem emitida ou da exortação feita.

Este PRONOME DE INTERESSE, também conhecido por DATIVO ÉTICO ou DE PROVEITO, é de uso frequente na linguagem coloquial, mas não raro aparece na pena de escritores.

Por vezes o seu valor se dilui num *me* expletivo, produzindo belos efeitos:

> Desde menino **me** choro
> E ainda não **me** achei fim!
> (F. Pessoa, *OP*, 543.)

> Quem pagará o enterro e as flores
> Se eu **me** morrer de amores?
> (V. de Morais, *PCP*, 333.)

Pronome átono com valor possessivo

Os pronomes átonos que funcionam como objeto indireto (*me*, *te*, *lhe*, *nos*, *vos*, *lhes*) podem ser usados com sentido possessivo, principalmente quando se aplicam a partes do corpo de uma pessoa ou a objetos de seu uso particular:

> Escutaste-**lhe** a voz? Viste-**lhe** o rosto?
> Osculaste-**lhe** as plantas?
> Tocaste-**lhe** os vestidos resplendentes?
> (Fagundes Varela, *PC*, II, 272.)

O barro que em quimeras modelaste
Quebrou-se-**te** nas mãos.
(C. Pessanha, *C*, 64.)

Duas lágrimas toldam-**lhe** a vista, um soluço prende-se-**lhe** no peito.
(O. Mendes, *P*, 166.)

Pronomes complementos de verbos de regência distinta

Podemos empregar um só pronome como complemento de vários verbos quando estes admitem a mesma regência, ou seja, quando o pronome em causa desempenha idêntica função com referência a cada verbo.

Assim, a frase:

Só Roberto **me** viu e cumprimentou.

está perfeita, porque os verbos *ver* e *cumprimentar* pedem objeto direto, que, no caso, vem expresso pelo pronome *me*.

Se disséssemos, porém:

Só Roberto **me** viu e deu as costas,

a frase não estaria bem construída, porque o *me* ficaria sendo, a um tempo, objeto direto de *ver* e indireto de *dar*.

Nesse caso, é de boa norma repetirmos o pronome:

Só Roberto **me** viu e **me** deu as costas,

ainda que da construção abreviada se tenham servido alguns dos melhores escritores da língua.[6]

Observação:

Ainda quando complemento de verbos que tenham a mesma regência, o pronome só deve ser omitido com o segundo verbo e seguintes se estiver proclítico ao primeiro da série, como no exemplo citado:

---

[6] Com razão, diz Mário Barreto que esta regra "não é artificial, e não a combate, nem destrói a infração dela em certos casos, em que praticamente o autorizam os usos e modismos da língua, como as locuções *entrar e sair do carro*, *vão e vêm do campo*, *chegar ou sair de casa*, empregadas por muitos e bons escritores". (*Novíssimos estudos da língua portuguesa*. 2.ª edição revista. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1924, p. 112-113, nota).

Só Roberto **me** viu e cumprimentou.

Vindo enclítico ao primeiro, convém repeti-lo com os demais. Dir-se-á, pois:

Viu-**me** e cumprimentou-**me**

ou

Viu-**me** e **me** cumprimentou (construção desusada em Portugal)

e não

Viu-**me** e cumprimentou

O que se disse do pronome enclítico aplica-se ao mesoclítico.
Assim:

Procurar-**me**-ão e encontrar-**me**-ão

ou

Procurar-**me**-ão e **me** encontrarão (desusada em Portugal)

e não

Procurar-**me**-ão e encontrarão

Valores e empregos do pronome *se*

O pronome *se* emprega-se como:

a) OBJETO DIRETO (emprego mais comum):

Ao sentir aquela robustez nos braços, meu pai tranquilizou-**se** e tranquilizou-o.
(G. Amado, *HMI*, 124.)

Viu-**se** ao espelho, cadavérico.
(U. Tavares Rodrigues, *NR*, 107.)

b) OBJETO INDIRETO:

Sofia dera-**se** pressa em tomar-lhe o braço.
(Machado de Assis, *OC*, I, 656.)

Perguntava-**se** a si mesma Teresa se aquela horrorosa situação seria um sonho.
(C. Castelo Branco, *OS*, I, 390.)

Emprego menos raro quando exprime a reciprocidade da ação:

Os nossos olhos muito perto, imensos
No desespero desse abraço mudo,
Confessaram-**se** tudo!
(J. Régio, *PDD*, 83.)

Os estudantes passavam diante dos examinadores aglomerados, chocando-**se** uns aos outros como gado saindo em redemoinho da porta do curral.
(G. Amado, *HMI*, 191.)

c) SUJEITO DE UM INFINITIVO:

Virgília deixou-**se cair**, no canapé, a rir.
(Machado de Assis, *OC*, I, 497.)

Moura Teles deixou-**se conduzir** passivamente.
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 607.)

d) PRONOME APASSIVADOR:

Ouve-**se** ainda o toque de rebate.
(B. Santareno, *TPM*, 121.)

Fez-**se** novo silêncio.
(Coelho Netto, *OS*, I, 97.)

e) SÍMBOLO DE INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO (junto à 3.ª pessoa do singular de verbos intransitivos, ou de transitivos tomados intransitivamente):

Vive-**se** ao ar livre, come-**se** ao ar livre, dorme-**se** ao ar livre.
(R. Brandão, *P*, 165.)

Martelava-**se**, serrava-**se**, acepilhava-**se**.
(Coelho Netto, *OS*, I, 131.)

f) PALAVRA EXPLETIVA (para realçar, com verbos intransitivos, a espontaneidade de uma atitude ou de um movimento do sujeito):

As estrelas dirão: — "Ai! nada somos,
Pois ela **se morreu**, silente e fria..."
(A. de Guimaraens, *OC*, 258.)

Foi-se embora e à passagem, mascando o charuto, mediu Maria Antônia de alto a baixo.
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 929.)

...**Vão-se** as situações, e eles com elas.
(A. Magalhães, *OC*, 798.)

g) PARTE INTEGRANTE DE CERTOS VERBOS que geralmente exprimem sentimento, ou mudança de estado: *admirar-se*, *arrepender-se*, *atrever-se*, *indignar-se*, *queixar-se*; *congelar-se*, *derreter-se*, etc.

— **Atreva-se. Atreva-se**, e verá.
(M. Torga, *NCM*, 48.)

D. Adélia **queixava-se** baixinho.
(G. Ramos, *A*, 136.)

Leonel **arrependeu-se** da frase inútil e dura.
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 846.)

Observações:

1.ª) No português antigo e médio usava-se normalmente a passiva pronominal com agente expresso, como ilustra este passo camoniano:

Aqui **se escreverão** novas histórias
Por gentes estrangeiras que virão.
(*Lus.*, VII, 55.)

Na língua moderna evita-se tal prática. Daí soar-nos artificial uma construção como a seguinte:

Este verbo, em nossa língua, nunca **se usou pelos escritores vernáculos** senão como equivalente de amar.
(R. Barbosa, *R*, n.º 384.)

2.ª) Em frases do tipo:

Vendem-**se** casas.
Compram-**se** móveis.

consideram-se *casas* e *móveis* os sujeitos das formas verbais *vendem* e *compram*, razão por que na linguagem cuidada se evita deixar o verbo no singular.

Combinações e contrações dos pronomes átonos

Quando numa mesma oração ocorrem dois pronomes átonos, um objeto direto e outro indireto, podem combinar-se, observadas as seguintes regras:

1.ª) *Me*, *te*, *nos*, *vos*, *lhe* e *lhes* (formas de objeto indireto) juntam-se a *o*, *a*, *os*, *as* (de objeto direto), dando:

mo = me + o	ma = me + a	mos = me + os	mas = me + as
to = te + o	ta = te + a	tos = te + os	tas = te + as
lho = lhe + o	lha = lhe + a	lhos = lhe + os	lhas = lhe + as
no-lo = nos + [l]o	no-la = nos + [l]a	no-los = nos + [l]os	no-las = nos + [l]as
vo-lo = vos + [l]o	vo-la = vos + [l]a	vo-los = vos + [l]os	vo-las = vos + [l]as
lho = lhes + o	lha = lhes + a	lhos = lhes + os	lhas = lhes + as

2.ª) O pronome *se* associa-se a *me*, *te*, *nos*, *vos*, *lhe*, e *lhes* (e nunca a *o*, *a*, *os*, *as*). Na escrita, as duas formas conservam a sua autonomia, quando antepostas ao verbo, e ligam-se por hífen, quando lhe vêm pospostas:

> O coração **se me confrange**...
> (O. Mariano, *TVP*, I, 216.)

> A aventura **gorou-se-lhe** aos primeiros passos.
> (C. de Oliveira, *AC*, 155.)

3.ª) As formas *me*, *te*, *nos* e *vos*, quando funcionam como objeto direto, ou quando são parte integrante dos chamados verbos pronominais, não admitem a posposição de outra forma pronominal átona. O objeto indireto assume em tais casos a forma tônica preposicionada:

> — Como **me** hei de livrar **de ti**?
> (J. Régio, *JA*, 85.)

> Quantas vezes, Amor, já te esqueci,
> Para mais doidamente me lembrar,
> Mais doidamente **me** lembrar **de ti**!
> (F. Espanca, *S*, 71.)

Observações:

1.ª) As combinações *lho*, *lha* (equivalentes a *lhes* + *o*, *lhes* + *a*) e *lhos*, *lhas* (equivalentes a *lhes* + *os*, *lhes* + *as*) encontram sua explicação no fato de, na língua antiga,

a forma *lhe* (sem *-s*) ser empregada tanto para o singular como para o plural. Originariamente, eram, pois, contrações em tudo normais.

2.ª) No Brasil, quase não se usam as combinações *mo, to, lho, no-lo, vo-lo*, etc. Da língua corrente estão de todo banidas e, mesmo na linguagem literária, só aparecem geralmente em escritores um tanto artificiais.

Colocação dos pronomes átonos

1. Em relação ao verbo, o pronome átono pode estar:

a) ENCLÍTICO, isto é, depois dele:

Calei-**me**.

b) PROCLÍTICO, isto é, antes dele:

Eu **me** calei.

c) MESOCLÍTICO, ou seja, no meio dele, colocação que só é possível com formas do FUTURO DO PRESENTE ou do FUTURO DO PRETÉRITO:

Calar-**me**-ei.
Calar-**me**-ia.

2. Sendo o pronome átono objeto direto ou indireto do verbo, a sua posição lógica, normal, é a ÊNCLISE:

Agarraram-na conseguindo, a muito custo, **arrastá-la** do quarto.
(Coelho Netto, *OS*, I, 43.)

Na segunda-feira, ao ir ao Morenal, **parecera-lhe** sentir pelas costas risinhos a **escarnecê-la**.
(Eça de Queirós, *O*, I, 124.)

Há, porém, casos em que, na língua culta, se evita ou se pode evitar essa colocação, sendo por vezes conflitantes, no particular, a norma portuguesa e a brasileira.

Procuraremos, assim, distinguir os casos de PRÓCLISE que representam a norma geral do idioma dos que são optativos e, ambos, daqueles em que se observa uma divergência de normas entre as variantes europeia e americana da língua.

Regras gerais

Com um só verbo

1. Quando o verbo está no FUTURO DO PRESENTE ou no FUTURO DO PRETÉRITO, dá-se tão somente a PRÓCLISE ou a MESÓCLISE do pronome:

Eu **me** calarei.
Eu **me** calaria.
Calar-**me**-ei.
Calar-**me**-ia.

2. É, ainda, preferida a PRÓCLISE:

a) Nas orações que contêm uma palavra negativa (*não*, *nunca*, *jamais*, *ninguém*, *nada*, etc.) quando entre ela e o verbo não há pausa:

— **Não lhes dizia** eu?
(M. de Sá-Carneiro, *CF*, 348.)

Nunca o vi tão sereno e obstinado.
(C. dos Anjos, *M*, 316.)

— **Ninguém me disse** que você estava passando mal!
(A. M. Machado, *JT*, 208.)

b) nas orações iniciadas com pronomes e advérbios interrogativos:

Quem me busca a esta hora tardia?
(M. Bandeira, *PP*, I, 406.)

— **Por que te assustas** de cada vez?
(J. Régio, *JA*, 98.)

Como a julgariam os pais se conhecessem a vida dela?
(U. Tavares Rodrigues, *NR*, 23.)

c) nas orações iniciadas por palavras exclamativas, bem como nas orações que exprimem desejo (optativas):

Que o vento **te leve** os meus recados de saudade.
(F. Namora, *RT*, 89.)

— Que Deus **o abençoe**!
(B. Santareno, *TPM*, 18.)

— Bons olhos **o vejam**! exclamou.
(Machado de Assis, *OC*, I, 483.)

d) nas orações subordinadas desenvolvidas, ainda quando a conjunção esteja oculta:

Quando me deitei, à meia-noite, os preços estavam à altura do pescoço.
(C. Drummond de Andrade, *BV*, 20.)

— Prefiro **que me desdenhem, que me torturem,** a **que me deixem só.**
(U. Tavares Rodrigues, *NR*, 115.)

— Que é que desejas **te mande** do Rio?
(A. Peixoto, *RC*, 174.)

e) com o gerúndio regido da preposição *em*:

Em se ela **anuviando, em a** não **vendo**,
Já se me a luz de tudo anuviava.
(J. de Deus, *CF*, 205.)

— **Em lhe cheirando** a homem chulo é com ele.
(Machado de Assis, *OC*, I, 755.)

3. Não se dá a ÊNCLISE nem a PRÓCLISE com os PARTICÍPIOS. Quando o PARTICÍPIO vem desacompanhado de auxiliar, usa-se sempre a forma oblíqua regida de preposição.
Exemplo:

Dada a mim a explicação, saiu.

4. Com os INFINITIVOS soltos, mesmo quando modificados por negação, é lícita a PRÓCLISE ou a ÊNCLISE, embora haja acentuada tendência para esta última colocação pronominal:

E ah! que desejo de **a tomar** nos braços...
(O. Bilac, *P*, 72.)

Canta-me cantigas para **me embalar**!
(Guerra Junqueiro, *S*, 118.)

Para **não fitá-lo**, deixei cair os olhos.
(Machado de Assis, *OC*, I, 807.)

Para **assustá-lo**, os soldados atiravam a esmo.
(C. Drummond de Andrade, *CA*, 82.)

A ÊNCLISE é mesmo de rigor quando o pronome tem a forma *o* (principalmente no feminino *a*) e o INFINITIVO vem regido da preposição *a*:

Se soubesse, não continuaria **a lê-lo**.
(R. Barbosa, *EDS*, 743.)

Logo os outros, Camponeses e Operários, começam **a imitá-la**.
(B. Santareno, *TPM*, 120.)

5. Pode-se dizer que, além dos casos examinados, a língua portuguesa tende à PRÓCLISE pronominal:

a) quando o verbo vem antecedido de certos advérbios (*bem*, *mal*, *ainda*, *já*, *sempre*, *só*, *talvez*, etc.) ou expressões adverbiais e não há pausa que os separe:

Até a voz, dentro em pouco, **já me parecia** a mesma.
(Machado de Assis, *OC*, I, 858.)

Só depois se senta no chão a chorar.
(Alves Redol, *MB*, 255.)

Ao despertar, **ainda as encontro** lá, **sempre se mexendo** e discutindo.
(A. M. Machado, *CJ*, 174.)

Talvez Elisabeth **se decidisse**.
(Ferreira de Castro, *OC*, II, 261.)

Nas pernas me fiava eu.
(A. Ribeiro, *M*, 88.)

b) quando a oração, disposta em ordem inversa, se inicia por objeto direto ou predicativo:

Tiram mais que na ceifa; **isso te digo** eu.
(Alves Redol, *G*, 108.)

— **A grande notícia te dou** agora.
(F. Namora, *NM*, 162.)

Razoável lhe parecia a solução proposta.

c) quando o sujeito da oração, anteposto ao verbo, contém o numeral *ambos* ou algum dos pronomes indefinidos (*todo*, *tudo*, *alguém*, *outro*, *qualquer*, etc.):

Ambos se sentiam humildes e embaraçados.
(F. Namora, *TJ*, 293.)

Alguém lhe bate nas costas.
(A. M. Machado, *JT*, 208.)

Todos os barcos **se perdem**,
entre o passado e o futuro.
(C. Meireles, *OP*, 37.)

d) nas orações alternativas:

— Das duas uma: **ou as faz** ela **ou as faço** eu.
(Sttau Monteiro, *APJ*, 39.)

Maria, **ora se atribulava, ora se abonançava.**
(Ó. Ribas, *EMT*, 18.)

6. Observe-se por fim que, sempre que houver *pausa* entre um elemento capaz de provocar a PRÓCLISE e o verbo, pode ocorrer a ÊNCLISE:

Pouco depois, detiveram-se de novo.
(Ferreira de Castro, *OC*, I, 403.)

A ênclise é naturalmente obrigatória quando aquele elemento, contíguo ao verbo, a ele não se refere, como neste exemplo:

— Sim, sim, disse ela desvairadamente, mas avisemos o cocheiro que nos leve até a casa de Cristiano.
— **Não, apeio-me** aqui...
(Machado de Assis, *OC*, I, 690.)

Observação:

Costumam os escritores do idioma, principalmente os portugueses, inserir uma ou mais palavras entre o pronome átono em próclise e o verbo, sendo mais comum a intercalação da negativa *não*:

Era impossível que **lhe não deixasse** uma lembrança.
(Machado de Assis, *OC*, I, 563.)

Conformado pelas suas palavras, o tio calara-se, só para **lhe não dar** assentimento.
(Alves Redol, *F*, 310.)

Há tanto tempo que **o não via**!
(Luandino Vieira, *CI*, 64.)

Com uma locução verbal

1. Nas LOCUÇÕES VERBAIS em que o verbo principal está no INFINITIVO ou no GERÚNDIO pode dar-se:
1.º) *Sempre* a ÊNCLISE ao infinitivo ou ao gerúndio:

O roupeiro **veio interromper-me.**
(R. Pompeia, *A*, 37.)

— Que **poderá dizer-nos** aquele rato de biblioteca?
(A. Ribeiro, *AFPB*, 215.)

Só **quero preveni-lo** contra as exagerações do Prólogo.
(A. de Quental, *C*, 314.)

Nós íamos seguindo; e, em torno, imensa,
Ia desenrolando-se a paisagem.
(R. Correia, *PCP*, 304.)

2.º) A PRÓCLISE ao verbo auxiliar, quando ocorrem as condições exigidas para a anteposição do pronome a um só verbo, isto é:

a) quando a locução verbal vem precedida de palavra negativa, e entre elas não há pausa:

Tempo que navegaremos
Não se pode calcular.
(C. Meireles, *OP*, 141.)

Rita é minha irmã, **não me ficaria querendo** mal e acabaria rindo também.
(Machado de Assis, *OC*, I, 1051.)

— **Ninguém o havia de dizer.**
(A. Ribeiro, *M*, 68.)

Jamais me hão de chamar outro mais doce.
(F. Espanca, *S*, 49.)

b) nas orações iniciadas por pronomes ou advérbios interrogativos:

— **Que** mal **me havia de fazer**?
(M. Torga, *NCM*, 47.)

Que é que me podia acontecer?
(G. Ramos, *A*, 152.)

— **Em que lhe posso ser útil**, senhor Petra?
(A. Ribeiro, *M*, 268.)

Como te hei de receber em dia tão posterior?
(C. Meireles, *OP*, 406.)

c) nas orações iniciadas por palavras exclamativas, bem como nas orações que exprimem desejo (optativas):

Como se vinha trabalhando mal!
Deus **nos há de proteger**!

d) nas orações subordinadas desenvolvidas, inclusive quando a conjunção está oculta:

O sufrágio **que me vai dar** será para mim uma consagração.
(E. da Cunha, *OC*, II, 634.)

Ega subiu ao seu quarto, **onde** outro criado **lhe estava preparando** o banho.
(Eça de Queirós, *O*, II, 329.)

Eram orações extraordinariamente tocantes, que N. lamenta não ter guardado na memória, ou registrado **à proporção que as ia ouvindo**.
(A. F. Schmidt, *F*, 171.)

Ao cabo de cinco dias, minha mãe amanheceu tão transtornada que ordenou **me mandassem buscar** ao seminário.
(Machado de Assis, *OC*, I, 800.)

3.º) A ENCLISE ao verbo auxiliar, quando não se verificam essas condições que aconselham a PRÓCLISE:

Vão-me buscar, sem mastros e sem velas,
Noiva-menina, as doidas caravelas,
Ao ignoto País da minha infância...
(F. Espanca, *S*, 179.)

Ia-me esquecendo dela.
(G. Ramos, *AOH*, 40.)

A cidade **ia-se perdendo** à medida que o veleiro rumava para São Pedro.
(B. Lopes da Silva, *C*, 207.)

2. Quando o verbo principal está no PARTICÍPIO, o pronome átono não pode vir depois dele. Virá, então, PROCLÍTICO ou ENCLÍTICO ao verbo auxiliar, de acordo com as normas expostas para os verbos na forma simples:

— **Tenho-o trazido** sempre, só hoje é que o viste?
(M. J. de Carvalho, *TM*, 152.)

— Arrependa-se do que me disse, e **tudo lhe será perdoado**.
(Machado de Assis, *OC*, I, 645.)

Que se teria passado?
(Coelho Netto, *OS*, I, 1412.)

Queria mesmo dali adivinhar o **que se tinha passado** na noite da sua ausência.
(Alves Redol, *F*, 195.)

A colocação dos pronomes átonos no Brasil

A colocação dos pronomes átonos no Brasil, principalmente no colóquio normal, difere da atual colocação portuguesa e encontra, em alguns casos, similar na língua medieval e clássica.

Podem-se considerar como características do português do Brasil e, também, do português falado nas Repúblicas africanas:

a) a possibilidade de se iniciarem frases com tais pronomes, especialmente com a forma *me*:

— **Me desculpe** se falei demais.
(É. Veríssimo, *A*, II, 487.)

Me arrepio todo...
(Luandino Vieira, *NM*, 138.)

b) a preferência pela próclise nas orações absolutas, principais e coordenadas não iniciadas por palavra que exija ou aconselhe tal colocação:

— Se Vossa Reverendíssima me permite, **eu me sento** na rede.
(J. Montello, *TSL*, 176.)

O usineiro nos entregava o açúcar pelo preço do dia, pagava a comissão e armazenagem e nós especulávamos para as praças do Rio e São Paulo.
(J. Lins do Rego, *U*, 251.)

— **A sua prima Júlia**, do Golungo, **lhe mandou** um cacho de bananas.
(Luandino Vieira, *NM*, 54.)

c) a próclise ao verbo principal nas locuções verbais:

Será que o pai **não ia se dar** ao respeito?
(Autran Dourado, *SA*, 68.)

— Não, não sabes e **não posso te dizer mais**, já não me ouves.
(Luandino Vieira, *NM*, 46.)

Outro **teria se metido** no meio do povo, teria terminado com aquela miséria, sem sangue.
(J. Lins do Rego, *U*, 222.)

Tudo **ia se escurecendo.**
(J. Lins do Rego, *U*, 338.)

Justificando essa última colocação, escreve Martinz de Aguiar:

"Numa frase como *ele vem-me ver*, geral em Portugal, literária no Brasil, o fator lógico deslocou o pronome *me* do verbo *vem*, para adjudicá-lo ao verbo *ver*, por ser ele determinante, objeto direto, do segundo e, não, do primeiro. Isto é: deixou a língua falada no Brasil de dizer *vem-me ver* (fator histórico por ser mera continuação do esquema geral português), para dizer *vem me-ver*, que também vigia na língua, ligando-se o pronome ao verbo que o rege (fator lógico). Esta colocação de tal maneira se estabilizou, que pouco se diz *vem ver-me* e trouxe consequências imprevistas:

1.ª) Pôde-se juntar o pronome ao particípio procliticamente: *Aqueles haviam se-corrompido.*

2.ª) Pôde-se pôr o pronome depois dos futuros (do presente e do passado): *Poderá se-reduzir*, *poderia se-reduzir*. Deixando de ligar-se aos futuros, para unir-se ao infinitivo, deixou igualmente de interpor-se-lhes aos elementos constitutivos.

3.ª) Em frases como *vamo-nos encontrar*, deixando o pronome de pospor-se à forma verbal pura, para antepor-se à nominal, deixou igualmente de determinar a dissimilação das sílabas parafônicas, podendo-se então dizer *vamos nos-encontrar*".[7]

PRONOMES POSSESSIVOS

PRONOMES PESSOAIS, POSSESSIVOS E DEMONSTRATIVOS

Estreitamente relacionados com os pronomes pessoais estão os PRONOMES POSSESSIVOS e os DEMONSTRATIVOS.

Os PRONOMES PESSOAIS, vimos, denotam as pessoas gramaticais; os outros dois indicam algo determinado por elas:

a) os POSSESSIVOS, o que lhes cabe ou pertence;
b) os DEMONSTRATIVOS, o que delas se aproxima ou se distancia no espaço e no tempo.

Podemos, assim, estabelecer estas correspondências prévias:

	1.ª PESSOA	2.ª PESSOA	3.ª PESSOA
Pronome pessoal	eu	tu	ele
Pronome possessivo	meu	teu	seu
Pronome demonstrativo	este	esse	aquele

[7] *Notas de português de Filinto a Odorico.* Rio de Janeiro, Simões, 1955, p. 409.

FORMAS DOS PRONOMES POSSESSIVOS

Os PRONOMES POSSESSIVOS apresentam três séries de formas, correspondentes à pessoa a que se referem. Em cada série, estas formas variam de acordo com o gênero e o número da coisa possuída e com o número de pessoas representadas no possuidor.

		UM POSSUIDOR		VÁRIOS POSSUIDORES	
		UM OBJETO	VÁRIOS OBJETOS	UM OBJETO	VÁRIOS OBJETOS
1.ª pessoa	masc.	meu	meus	nosso	nossos
	fem.	minha	minhas	nossa	nossas
2.ª pessoa	masc.	teu	teus	vosso	vossos
	fem.	tua	tuas	vossa	vossas
3.ª pessoa	masc.	seu	seus	seu	seus
	fem.	sua	suas	sua	suas

VALORES E EMPREGOS DOS POSSESSIVOS

Os PRONOMES POSSESSIVOS acrescentam à noção de pessoa gramatical uma ideia de posse. São, de regra, pronomes adjetivos, equivalentes a um adjunto adnominal antecedido da preposição *de* (*de mim, de ti, de nós, de vós, de si*), mas podem empregar-se como pronomes substantivos:

Por exemplo:

Meu livro é este.
Este livro é o **meu**.
Sempre com **suas histórias**!
Fazer das **suas**.

Concordância do pronome possessivo

1. O PRONOME POSSESSIVO concorda em gênero e número com o substantivo que designa o objeto possuído; e, em pessoa, com o possuidor do objeto em causa:

> Cada um tratava de si, do **seu corpo**, da **sua alma**, dos **seus ódios**.
> (M. Torga, *NCM*, 204.)

> Eu estava na porta da **minha casa**, casa de passeio-alto, com a **minha mãe** e o **meu pai**.
> (Luandino Vieira, *NANV*, 178.)

Suas mudanças súbitas, **seu jeito** provocante, **sua mímica** muito feminina me fazem lembrar a Jandira mulher, que tantas vezes desaparece a **meus olhos**, em **nossas conversações.**
(C. dos Anjos, *DR*, 124.)

2. Quando um só POSSESSIVO determina mais de um substantivo, concorda com o que lhe esteja mais próximo:

Rubião estacara o passo; ela pôde vê-lo bem, com os **seus gestos e palavras**, o peito alto, e uma barretada que deu em volta.
(Machado de Assis, *OC*, I, 715.)

E o meu corpo, **minh'alma e coração,**
Tudo em risos poisei em tua mão...
(F. Espanca, *S*, 177.)

Posição do pronome adjetivo possessivo

O PRONOME ADJETIVO POSSESSIVO precede normalmente o substantivo que determina, como nos mostram os exemplos até aqui citados.

Pode, no entanto, vir posposto ao substantivo:

1.º) quando este vem desacompanhado do artigo definido:

Esperava **notícias tuas** para de novo te escrever.
(A. Nobre, *CI*, 119.)

Soube por José Veríssimo que estranhou a ausência de **cartas minhas.**
(E. da Cunha, *OC*, II, 707.)

2.º) quando o substantivo já está determinado (pelo artigo indefinido ou por numeral, por pronome demonstrativo ou por pronome indefinido):

Recebi, no Rio, no dia da posse no Instituto, **um telegrama seu**, de felicitações...
(E. da Cunha, *OC*, II, 639.)

Note **este erro seu**: não há em mim (que eu seja consciente) o menor espírito de renúncia ou de esquecimento de mim próprio.
(J. de Figueiredo, *C*, 177.)

Como tu foste infiel
A **certas ideias minhas**!
(F. Pessoa, *QGP*, n.º 186.)

3.º) nas interrogações diretas:

Onde estais, **cuidados meus**?
(M. Bandeira, *PP*, 23.)

Em todo o caso... Agora ouve-se menos ou é **impressão minha**?
(A. Abelaira, *NC*, 15.)

4.º) quando há ênfase:

— Tu não lustras as unhas! tu trabalhas! tu és digna **filha minha**! pobre, mas honesta!
(Machado de Assis, *OC*, I, 672.)

Ninguém, **senhores meus**, que empreenda uma jornada extraordinária, primeiro que meta o pé na estrada, se esquecerá de entrar em conta com as suas forças, por saber se o levarão a cabo.
(R. Barbosa, *EDS*, 685.)

A alternância de colocações presta-se a efeitos estilísticos, como nos mostra este exemplo:

És **meu** único **desejo**,
Ah! fosse o **desejo teu**!
(Guimarães Passos, *VS*, 24.)

Emprego ambíguo do possessivo de 3.ª pessoa

As formas *seu*, *sua*, *seus*, *suas* aplicam-se indiferentemente ao possuidor da 3.ª pessoa do singular ou da 3.ª do plural, seja este possuidor masculino ou feminino.

O fato de concordar o possessivo unicamente com o substantivo denotador do objeto possuído provoca, não raro, dúvida a respeito do possuidor.

Para evitar qualquer ambiguidade, o português nos oferece o recurso de precisar a pessoa do possuidor com a substituição de *seu(s)*, *sua(s)*, pelas formas *dele(s)*, *dela(s)*, *de você(s)*, *do(s) senhor(es)*, *da(s) senhora(s)* e outras expressões de tratamento.

Por exemplo, a frase:

> Em casual encontro com Júlia, Pedro fez comentários sobre os **seus exames**.

tem um anunciado equívoco: os comentários de Pedro podem ter sido feitos sobre os exames de Júlia; ou sobre os exames dele, Pedro; ou, ainda, sobre os exames de ambos.

Assim sendo, o locutor deverá expressar-se, conforme a intenção que tenha:

> Em casual encontro com Júlia, Pedro fez comentários sobre os **exames dela**.

> Em casual encontro com Júlia, Pedro fez comentários sobre os **exames dele**.

> Em casual encontro com Júlia, Pedro fez comentários sobre os **exames deles**.

Reforço dos possessivos

O valor possessivo destes pronomes nem sempre é suficientemente forte. Quando há necessidade de realçar a ideia de posse — quer visando à clareza, quer à ênfase —, costuma-se reforçá-los:

a) com a palavra *próprio* ou *mesmo*:

> Mais unidos sigamos e não tarda
> Que eu ache a vida em **tua própria morte**.
> (Guimarães Passos, *VS*, 46.)

> Era ela mesma; eram os **seus mesmos braços**.
> (Machado de Assis, *OC*, II, 484.)

b) com as expressões *dele(s)*, *dela(s)*, no caso do possessivo da 3.ª pessoa:

> Montaigne explica pelo **seu** modo **dele** a variedade deste livro.
> (Machado de Assis, *OC*, II, 556.)

> Domingos Botelho, avisado da rejeição do filho, respondeu que fizesse ele a sua vontade; mas que a **sua** vitória **dele**, sobre os protetores e os corrompidos pelo ouro do fidalgo de Viseu, estava plenamente obtida.
> (C. Castelo Branco, *OS*, I, 415.)

Valores dos possessivos

O PRONOME POSSESSIVO não exprime sempre uma relação de posse ou pertinência, real ou figurada. Na língua moderna, tem ele assumido múltiplos valores, por vezes bem distanciados daquele sentido originário.

Mencione-se o seu emprego:

a) como indefinido:

> Tinha tido **o seu orgulho, a sua calma, a sua certeza.**
> (M. Torga, *V*, 216.)

> Tenho tido **os meus vícios.**
> (Alves Redol, *BC*, 43.)

> A senhora há de ter tido **seus apertos** de dinheiro, disse Rubião.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 630.)

b) para indicar aproximação numérica:

> Revejo sempre uma rapariga que só uma vez fitei, tinha eu **meus vinte anos.**
> (A. F. Schmidt, *GB*, 251.)

> Ela media, como um marchante, **o meu metro e oitenta de altura** e pesava, com o mesmo rigor, **os meus setenta e sete quilos.**
> (F. Namora, *RT*, 90.)

> Entrou uma mulherzinha de **seus quarenta anos**, decidida e de passo firme.
> (F. Sabino, *HN*, 164.)

c) para designar um hábito:

> Neste instante, a Judite voltou-se e, abandonando as companheiras, veio desfazer o cumprimento com **um repente dos seus.**
> (Almada Negreiros, *NG*, 110.)

> Nos **nossos dias**, a baianinha chegava logo depois do almoço, muito leve e flexível, a passo rápido.
> (Ribeiro Couto, *NC*, 89.)

— Não sei para onde vou mandar o **meu herói**... — disse com um falso sorriso.
(É. Veríssimo, *LS*, 139.)

Ora bem, deixa-me transcrever **o meu Saint-Exupéry**.
(F. Namora, *RT*, 190.)

Isto feito, meteu-se na cama, rezou uma ode **do seu Horácio** e fechou os olhos. Nem por isso dormiu. Tentou então uma página **do seu Cervantes**, outra **do seu Erasmo**, fechou novamente os olhos, até que dormiu.
(Machado de Assis, *OC*, I, 953.)

— Onde está **o meu Tenentes do Diabo**?
(J. Lins do Rego, *E*, 282.)

d) de ironia, de malícia, de sarcasmo:

Todos aqueles santos varões comiam, bebiam **o seu vinho do Porto** na copa.
(Eça de Queirós, *O*, II, 17.)

Na mesa do major jantei **o meu frango**, comi **a minha boa posta de robalo**, trabalho que afundou em mais de duas horas.
(J. C. de Carvalho, *CL*, 133.)

Em casa de Norberto, as senhoras tinham as delicadezas do sexo, bebiam **seu chá**, faziam **sua malha** e eram madrinhas das filhas dos criados mais próximos.
(J. Saramago, *LC*, 54.)

Observe-se que, nos dois últimos casos, o POSSESSIVO vem normalmente acompanhado do artigo definido.

2. De acentuado caráter afetivo é também a construção em que uma forma feminina plural do pronome completa a expressão *fazer* (ou *dizer*) *uma das* = praticar uma ação ou dizer algo particular, geralmente passível de crítica:

Com aquele gênio esquentado é capaz de **fazer uma das dele**.
(Castro Soromenho, *TM*, 175.)

Era lindo o bicho, com **sua calma** de passarinho manso.
(R. Braga, *CCE*, 85.)

Sente-se em todos esses empregos do POSSESSIVO uma certa carga afetiva, mais acentuada nos que passamos agora a examinar.

Valores afetivos

1. Variados são os matizes afetivos expressos pelos POSSESSIVOS. Servem, por vezes, para acentuar um sentimento:

a) de deferência, de respeito, de polidez:

"— Quer alguma coisa, **minha senhora**?"
(Eça de Queirós, *OF*, I, 1037.)

Adeus! — Bons dias, **meu Comandante**,
A nossa sorte... morrer, talvez...
E o rude velho segue pra diante
E o rude velho segue pra diante:
— Morrer, **meu Amo**, só uma vez!
(A. Nobre, *S*, 106.)

— Não posso deixá-lo um instante, **meu Fidalgo**.
(A. Arinos, *OC*, 436.)

— Não é assim, **meus respeitáveis senhores**?
(Ó. Ribas, *EMT*, 123.)

b) de intimidade, de amizade:

— Hoje, **meu caro Antônio**, temos de festejar a presença do meu rapaz.
(Sttau Monteiro, *APJ*, 203.)

— Dispõe de mim, **meu velho**, estou às suas ordens, bem sabes.
(A. Azevedo, *CFM*, 6.)

— Não há nada mais certo, **meu amigo** — respondia D. Clara.
(A. de Assis Júnior, *SM*, 76.)

c) de simpatia, de interesse (com referência a personagem de uma narrativa, a autor de leitura frequente, a clubes ou associações de que seja sócio ou aficionado, etc.):

> As criadas, junto da porta, casquinaram uns risinhos abafados e o Barbaças voltou-se para elas, disposto a **dizer uma das suas.**
> (F. Namora, *TJ*, 210.)

> — Você andou por aí **fazendo das suas.**
> (J. Lins do Rego, *MR*, 229.)

Nosso de modéstia e de majestade

Paralelamente ao emprego do pronome pessoal *nós* por *eu* nas fórmulas de modéstia e de majestade que estudamos, aparece o do POSSESSIVO *nosso(a)* por *meu* (*minha*).

Comparem-se estes exemplos:

a) de modéstia:

> Este livro nada mais pretende ser do que um pequeno ensaio. Foi **nosso** escopo encontrar apoio na história do Brasil, na formação e crescimento da sociedade brasileira, para colocar a língua no seu verdadeiro lugar: expressão da sociedade, inseparável da história da civilização.
> (S. da Silva Neto, *IELPB*, 11.)

b) de majestade:

> Mandamos que os ciganos, assi homens como mulheres, nem outras pessoas, de qualquer nação que sejam, que com eles andarem, não entrem em **nossos** Reinos e Senhorios.
> (Ordenações Filipinas, livro V, título 69.)

Vosso de cerimônia

O uso do pronome pessoal *vós* como tratamento cerimonioso aplicado a um indivíduo ou a um auditório qualificado leva, naturalmente, a igual emprego do POSSESSIVO *vosso(a)*. Exemplos:

> Nunca **vosso** avô, meu senhor e marido, achou que me não fosse possível compreender o ânimo dum grande português.
> (J. Régio, *ERS*, 69.)

> Levareis, Senhores Delegados, aos vossos Governos, à vossa Pátria, estas declarações que são a expressão sincera dos sentimentos do Governo e do Povo Brasileiro.
> (Barão do Rio Branco, *D*, 98.)

Observação:

Quanto ao emprego das formas de tratamento cerimonioso em que se fixaram os POSSESSIVOS *Sua* e *Vossa* (tipo: *Sua Excelência*, *Vossa Excelência*), veja-se o que dissemos ao estudarmos os PRONOMES PESSOAIS (Pronomes de tratamento).

Substantivação dos possessivos

Os POSSESSIVOS, quando substantivados, designam:

a) no singular, o que pertence a uma pessoa:

> — Eu não tenho mais ambições que fazer fanga e ganhar o que puder, até ter um bocado **de meu**.
> (Alves Redol, *F*, 281.)

> A rapariga não tinha um minuto **de seu**.
> (A. Rangel, *IV*, 61.)

> Eu não tenho **de meu** um momento.
> (Almeida Garrett, *O*, I, 1415.)

b) no plural, os parentes de alguém, seus companheiros, compatriotas ou correligionários:

> Peço-te que transmitas, em nome de todos **os meus**, sinceros agradecimentos a D. Maria Júlia e a todos **os teus**.
> (E. da Cunha, *OC*, II, 705.)

> Saudades a todos **os teus**.
> (R. Correia, *PCP*, 623.)

> Não me podia a Sorte dar guarida
> Por não ser eu d**os seus**.
> (F. Pessoa, *OP*, 12.)

> Impugnaram-na apaixonadamente Dâmaso e **os seus**; defenderam-na com brio e vivacidade Moura Seco, Teodoro e os inimigos do arcipreste.
> (A. Ribeiro, *AFPB*, 264.)

Emprego do possessivo pelo pronome oblíquo tônico

Em certas locuções prepositivas, o pronome oblíquo tônico, que deve seguir a preposição e com ela formar um complemento nominal do substantivo

anterior, é normalmente substituído pelo PRONOME POSSESSIVO correspondente. Assim:

em frente **de ti**	=	em **tua** frente
ao lado **de mim**	=	ao **meu** lado
em favor **de nós**	=	em **nosso** favor
por causa **de você**	=	por **sua** causa

Veja-se, por exemplo, este passo, no qual a expressão *em teu louvor* equivale a *em louvor de ti*:

> Negrinho do Pastoreio,
> Venho acender a velinha
> Que palpita **em teu louvor.**
> (A. Meyer, *P*, 125.)

PRONOMES DEMONSTRATIVOS

1. Os PRONOMES DEMONSTRATIVOS situam a pessoa ou a coisa designada relativamente às pessoas gramaticais. Podem situá-la no espaço ou no tempo:

> Lia coisas incríveis para **aquele lugar** e **aquele tempo.**
> (C. dos Anjos, *DR*, 105.)

A capacidade de mostrar um objeto sem nomeá-lo, a chamada FUNÇÃO DEÍCTICA (do grego *deiktikós* = próprio para demonstrar, demonstrativo), é a que caracteriza fundamentalmente esta classe de pronomes.

2. Mas os DEMONSTRATIVOS empregam-se também para lembrar ao ouvinte ou ao leitor o que já foi mencionado ou o que se vai mencionar:

> A ternura não embarga a discrição nem **esta** diminui **aquela.**
> (Machado de Assis, *OC*, I, 1124.)

> O mal foi **este**: criar os filhos como dois príncipes.
> (M. Torga, *V*, 309.)

É a sua FUNÇÃO ANAFÓRICA (do grego *anaphorikós* = que faz lembrar, que traz à memória).

FORMAS DOS PRONOMES DEMONSTRATIVOS

1. Os PRONOMES DEMONSTRATIVOS apresentam formas variáveis e formas invariáveis, ou neutras:

Variáveis				Invariáveis
Masculino		Feminino		
este	estes	esta	estas	isto
esse	esses	essa	essas	isso
aquele	aqueles	aquela	aquelas	aquilo

2. As formas variáveis (*este*, *esse*, *aquele*, etc.) podem funcionar como pronomes adjetivos e como pronomes substantivos:

   Este livro é meu.
   Meu livro é **este**.

3. As formas invariáveis (*isto*, *isso*, *aquilo*) são sempre pronomes substantivos.

4. Estes DEMONSTRATIVOS combinam-se com as preposições *de* e *em*, tomando as formas: *deste*, *desta*, *disto*; *neste*, *nesta*, *nisto*; *desse*, *dessa*, *disso*; *nesse*, *nessa*, *nisso*; *daquele*, *daquela*, *daquilo*; *naquele*, *naquela*, *naquilo*.
   Aquele, *aquela* e *aquilo* contraem-se ainda com a preposição *a*, dando: *àquele*, *àquela* e *àquilo*.

5. Podem também ser DEMONSTRATIVOS *o* (*a*, *os*, *as*), *mesmo*, *próprio*, *semelhante* e *tal*, como veremos adiante.

VALORES GERAIS

Considerando-os em suas relações com as pessoas do discurso, podemos estabelecer as seguintes características gerais para os PRONOMES DEMONSTRATIVOS:

1.º) *Este*, *esta* e *isto* indicam:

a) o que está perto da pessoa que fala:

> **Esta casa** estará cheia de flores!
> Cá te espero amanhã! Não te demores!
> (E. de Castro, *UV*, 59.)

> As mãos que trago, as mãos são **estas**.
> (C. Meireles, *OP*, 216.)

b) o tempo presente em relação à pessoa que fala:

Esta tarde para mim tem uma doçura nova.
(Ribeiro Couto, *PR*, 83.)

Neste momento há um rapaz que gosta de mim, um inglês.
(U. Tavares Rodrigues, *NR*, 13.)

2.º) *Esse*, *essa* e *isso* designam:

a) o que está perto da pessoa a quem se fala:

— Que susto você me pregou, entrando aqui com **essa cara** de alma do outro do mundo!
(C. dos Anjos, *DR*, 32.)

— Ficas aí um pedaço a descansar e a remoer **essas fúrias. Isso**, agora, ainda incha um bocado.
(F. Namora, *NM*, 122.)

Essas tuas **fúrias** avulso, **esse** teu **calor, esse riso, essa amizade** mesmo nos ódios que tinhas, procuro-lhes em vão só, que os teus olhos estão fechados para sempre.
(Luandino Vieira, *NM*, 30.)

b) o tempo passado ou futuro com relação à época em que se coloca a pessoa que fala:

Bons tempos, Manuel, **esses que já lá vão**!
(A. Nobre, *S*, 51.)

Desses longes imaginados, **dessas expectativas** de sonho, passava ele ao exame da situação da Europa em geral e da Alemanha em particular.
(G. Amado, *DP*, 92.)

3.º) *Aquele*, *aquela* e *aquilo* denotam:

a) o que está afastado tanto da pessoa que fala como da pessoa a quem se fala:

— Olhem **aquele monte** ali em frente. É longe, não é?
(G. Ramos, *AOH*, 107.)

— Qualquer dia dizem assim: ali **naquela casa** viveu o Paulino.
(Castro Soromenho, *C*, 116.)

b) um afastamento no tempo de modo vago, ou uma época remota:

Naquele tempo a fogueira crepitava até horas mortas.
(C. dos Anjos, *DR*, 46.)

— **Naquele tempo** era uma boa casa de banho.
— **Naquele tempo**, filho... Ora, **naquele tempo**!
(M. J. de Carvalho, *TM*, 41.)

— **Naquele tempo** as pernas não me pesavam.
(Castro Soromenho, *C*, 118.)

Resumindo, podemos apresentar no seguinte quadro os valores básicos dessas formas pronominais para a pessoa que fala ou escreve:

Demonstrativo	Pessoa	Espaço	Tempo
este	1.ª	situação próxima	presente
esse	2.ª	situação intermediária ou distante	passado ou futuro pouco distante
aquele	3.ª	situação longínqua	passado vago ou remoto

DIVERSIDADE DE EMPREGO

Estas distinções que nos oferece o sistema ternário dos demonstrativos em português não são, porém, rigorosamente obedecidas na prática.

Com frequência, na linguagem animada, nos transportamos pelo pensamento a regiões ou a épocas distantes, a fim de nos referirmos a pessoas ou a objetos que nos interessam particularmente como se estivéssemos em sua presença. Linguisticamente, esta aproximação mental traduz-se pelo emprego do pronome *este* (*esta*, *isto*) onde seria de esperar *esse* ou *aquele*.

Sirva de exemplo esta frase de um personagem do romance *Fogo morto*, de José Lins do Rego, em que o advérbio *lá* se aplica a sua casa, da qual no momento estava ausente:

— Eu só queria estar lá para receber **estes cachorros** a chicote.
(*FM*, 296.)

Ao contrário, uma atitude de desinteresse ou de desagrado para com algo que esteja perto de nós pode levar-nos a expressar tal sentimento pelo uso do demonstrativo *esse* em lugar de *este*. Assim, no seguinte passo de Ferreira de Castro:

> O guarda-livros, num repelão, ordenou:
> — Tire **esse** bandido da minha frente, João! Tome conta dele!
> (*OC*, I, 300.)

EMPREGOS PARTICULARES

1. *Este* (*esta*, *isto*) é a forma de que nos servimos para chamar a atenção sobre aquilo que dissemos ou que vamos dizer:

> — Justamente, traz uma comunicação reservada, reservadíssima; negócios pessoais. Dá licença?
> **Dizendo isto**, Rubião meteu a carta no bolso; o médico saiu; ele respirou.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 564.)

> Minha tristeza é **esta** —
> A das coisas reais.
> (F. Pessoa, *OP*, 100.)

2. Para aludirmos ao que por nós foi antes mencionado, costumamos usar também o demonstrativo *esse* (*essa*, *isso*):

> Não havia que pedir de fiado nas lojas; a lareira teria sempre lume. **Nisso**, ao menos, o Agostinho Serra abria bem as mãos.
> (Alves Redol, *G*, 94.)

> — **A isso** eu chamaria complexo de Carlitos.
> (C. dos Anjos, *MS*, 383.)

3. *Esse* (*essa*, *isso*) é a forma que empregamos quando nos referimos ao que foi dito por nosso interlocutor:

> — As minhas meditações foram sempre pessoais e intransmissíveis.
> — Sempre. É **nisso** que és extraordinária.
> (M. J. de Carvalho, *PSB*, 56.)

> — Você, perdendo a noite, é capaz de não dormir de dia?
> — Já tenho feito **isso**.
> (Machado de Assis, *OC*, II, 586.)

4. Tradicionalmente, usa-se nisto no sentindo de "então", "nesse momento":

> **Nisto**, ouvimos vozes e passos.
> (A. Abelaira, *TM*, 112.)

> Entardeceu.
> **Nisto** correu voz que a noiva estava chorando.
> (Simões Lopes Neto, *CGLS*, 210.)

Escritores modernos, entretanto, empregam também *nisso*:

> **Nisso** a orquestra, a boa orquestra romântica dos restaurantes da velha guarda, atacou "Parabéns para você"...
> (C. Drummond de Andrade, *CB*, 20.)

> **Nisso** bateram à porta.
> (Ribeiro Couto, *NC*, 261.)

5. Em certas expressões o uso fixou determinada forma do demonstrativo, nem sempre de acordo com o seu sentido básico. É o caso das locuções: *além disso*, *isto é*, *isto de*, *por isso* (raramente *por isto*), *nem por isso*.

POSIÇÃO DO PRONOME ADJETIVO DEMONSTRATIVO

1. O DEMONSTRATIVO, quando PRONOME ADJETIVO, precede normalmente o substantivo que determina:

> Meu pobre coração, **nessa** eterna **ansiedade**,
> **Nesse** eterno **sofrer**, eterno arrastaria
> **Esta** triste, **esta** longa, **esta** eterna **saudade**.
> (M. Pederneiras, *LSMV*, 53.)

> **Estes homens** e **estas mulheres** nasceram para trabalhar.
> (J. Saramago, *LC*, 327.)

2. Pode, no entanto, vir posposto ao substantivo para melhor especificar o que se disse anteriormente:

> Por outro lado, Siá Bina era ainda comadre de Nhô Felício, pois batizara um filho dele, há poucos anos, **filho esse** do segundo casamento.
> (Ribeiro Couto, *C*, 145.)

A ternura não embarga a discrição nem **esta** diminui **aquela**.
(Machado de Assis, *OC*, I, 1124.)

Porém de que serve a piedade sem a caridade?
ou antes, pode **aquela** existir sem **esta**?
(Almeida Garrett, *O*, I, 721.)

2. Por vezes, os DEMONSTRATIVOS alternados têm valor indefinido:

E vimos isto: homens de todas as idades, tamanhos e cores, uns em mangas de camisa, outros de jaqueta, outros metidos em sobrecasacas esfrangalhadas; atitudes diversas, uns de cócoras, outros com as mãos apoiadas nos joelhos, **estes** sentados em pedras, **aqueles** encostados ao muro, e todos com os olhos fixos no centro, e as almas debruçadas das pupilas.
(Machado de Assis, *OC*, I, 525.)

Outras mulheres, assentadas sobre as esteiras, ladeavam a cama onde momentos antes repousou o corpo. **Esta** soluçava a um canto; **aquela** lacrimejava em silêncio junto a um móvel...
(A. de Assis Júnior, *SM*, 56.)

Depois vieram outros e outros, **estes** fincados de leve, **aqueles** até à cabeça.
(Monteiro Lobato, *U*, 110.)

3. Observe-se também a ocorrência de dois DEMONSTRATIVOS em construções nas quais o predicativo introduzido por *aquele* melhor esclarece o sujeito, expresso por um substantivo determinado por *este* ou *esse*:

Este homem foi **aquele** que me dizia "que não me afligisse que eu ainda estava muito novo para curar-me".
(A. Nobre, *CL*, 144.)

Mas **esses** atos são justamente **aqueles** que os psiquiatras designam como características de qualquer perturbação mental.
(T. Barreto, *QV*, 39.)

Por vezes omite-se o substantivo:

Essa é **aquela** Lélia.
(G. Cruls, *QR*, 498.)

A recepção esteve muito cacete e o Dr. Martiniano Lopes me pegou no terraço para ler um longo discurso que vai pronunciar na Ordem dos Economistas; **martírio esse** que durou uma hora de relógio.
(C. Drummond de Andrade, *CA*, 128.)

3. Usa-se para determinar o aposto, geralmente quando este salienta uma característica marcante da pessoa ou do objeto:

Amanhã, seriam os comentários na rodinha do sura antipático, sem rabo ainda, sem voz ainda, pescoço pelado, e já metido a galo. Na do sura e na do garnisé branco — **esse**, então, um afeminado de marca, com aquela vozinha esganiçada e o passinho miúdo.
(M. Palmério, *VC*, 99.)

Arlequim é o D. Quixote, **esse** livro admirável onde se experimentam ao ar livre, de dia e de noite, e através de todas as eventualidades os preceitos da Honra e das outras teorias.
(Almada Negreiros, *OC*, III, 90.)

Chamava-se "Terminus", porque o proprietário fizera em tempos a sua viagem à Europa, "Terminus" em luzinhas bem nítidas, bem fortes, com um halo, **esse** muito límpido, a uni-las.
(M. J. de Carvalho, *TM*, 10.)

4. *Esse* (e mais raramente *este*) emprega-se também para pôr em relevo um substantivo que lhe venha anteposto:

O padre, **esse** andava de coração em aleluia.
(M. Torga, *CM*, 47.)

O sacrificador, **esse**, ficara rodando por aí, e seu desejo seria não voltar para casa nem para dentro de si mesmo.
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 30.)

Maria José, **essa**, se comportava no polo oposto, calada e carrancuda.
(A. Ribeiro, *M*, 289.)

ALUSÃO A TERMOS PRECEDENTES

1. Quando queremos aludir, discriminadamente, a termos já mencionados, servimo-nos do DEMONSTRATIVO *aquele* para o referido em primeiro lugar, e do DEMONSTRATIVO *este* para o que foi nomeado por último:

REFORÇO DOS DEMONSTRATIVOS

Quando, por motivo de clareza ou de ênfase, queremos precisar a situação das pessoas ou das coisas a que nos referimos, usamos acompanhar o DEMONSTRATIVO de algum gesto indicador, ou reforçá-lo:

a) com os advérbios *aqui*, *aí*, *ali*, *cá*, *lá*, *acolá*:

> — Espera aí. **Este aqui** já pagou. Agora vocês é que vão engolir tudo, se maltratarem este rapaz.
> (C. Drummond de Andrade, *CB*, 33.)

> — E **esse pacotinho aí**, Seu Xixi?
> — Encomenda: é o relógio do Seu Gustavinho Solé.
> (M. Palmério, *VC*, 17.)

> **Esse aí** sabia mesmo para ensinar aos outros?
> (Pepetela, *AN*, 23.)

> — **Isto aqui** não pode dar saúde a ninguém; basta olhar-se para aquele embondeiro...
> (A. de Assis Júnior, *SM*, 199.)

b) com as palavras *mesmo* e *próprio*:

> — O Relógio da Sé em casa de Serralheiro?
> — **Esse mesmo.**
> — O da Matriz?
> — **Esse próprio.**
> (D. F. M. de Melo, *AD*, 16.)

> — Recusei. Não sei se fiz bem.
> — É por causa da mulher.
> — **Isso mesmo.**
> (O. Lins, *FP*, 72.)

c) com o pronome *outro*, possibilitando as aglutinações *estoutro*, *essoutro*, *aqueloutro*, evitadas, em geral, no português contemporâneo.

VALORES AFETIVOS

1. Os DEMONSTRATIVOS reúnem o sentido de atualização ao de determinação. São verdadeiros "gestos verbais", acompanhados em geral de entoação particular e, não raro, de gestos físicos.

A capacidade de fazerem aproximar ou distanciar no espaço e no tempo as pessoas e as coisas a que se referem permite a estes pronomes expressarem variados matizes afetivos, em especial os irônicos.

2. Nos exemplos a seguir, servem para intensificar, de acordo com a entoação e o contexto, os sentimentos de:

a) surpresa, espanto:

> Passam vinte anos: chega Ele;
> Veem-se (Pasmo) Ele e Ela:
> — Santo Deus! **este** é **aquele**?!...
> — Mas, meu Deus! **esta** é **aquela**?!...
> (Fontoura Xavier, *O*, 172.)

> — **Essa** agora!
> (J. de Sena, *SF*, 518.)

> Ainda mais **esta**! Onde estaria o padre?
> (A. Santos, *P*, 74.)

b) admiração, apreço:

> — Que gente tinha o Pestana, dizia um. Nunca pensei que houvesse homens com **aquela** coragem.
> (J. Lins do Rego, *MR*, 97.)

> **Aquilo** é que são homens fortes.
> (Ferreira de Castro, *OC*, I, 154.)

> **Aquilo** são pés de veludo!
> (M. Torga, *NCM*, 27.)

c) indignação:

> — É tudo claro como água: **este** cão roubou-me. Acabo ainda hoje com **este** malandro! **Isto** não fica assim.
> (F. Namora, *NM*, 193.)

> Oiço a voz tosca do pai, a insultar:
> — **Esta** parva!... **Esta** burra!...
> (Luandino Vieira, *NM*, 119.)

— **Aquilo** é uma terra de línguas peçonhentas. Deus os confunda a todos.
(A. Ribeiro, *M*, 346.)

d) pena, comiseração:

Quem mora ali? Mora ela,
Aquela!, —
Que nessa triste viela
Foi a flor da Mouraria!
(A. Botto, *OA*, 225.)

Aquela mulher, flor de poesia, era agora **aquilo**.
(A. M. Machado, *HR*, 67.)

— Há aqui falta de cuidado e asseio — disse consigo —; **esta** pobre mulher vive aqui quase abandonada...
(A. de Assis Júnior, *SM*, 192.)

e) ironia, malícia:

Tem um decote pequeno,
Um ar modesto e tranquilo;
Mas vá-se lá descobrir
Coisa pior do que **aquilo**!
(F. Pessoa, *QGP*, n.º 251.)

— É um malandro, **esse** Barbaças!
(F. Namora, *TJ*, 193.)

— **Este** Brás! **Este** Brás! Não lhes digo nada!
(A. de Alcântara Machado, *NP*, 57.)

f) sarcasmo, desprezo:

Isso era até uma vergonha!
(M. Torga, *NCM*, 91.)

Aquela desavergonhada da Helena não anda a dizer que é a ela que o tio quer e é a ela que leva para o Rio?!
(A. Ribeiro, *M*, 349-350.)

— Depois transformaram a senhora **nisso**, D. Adélia. Um trapo, uma velha sem-vergonha.
(G. Ramos, *A*, 136.)

3. Digno de nota é o acentuado valor irônico, por vezes fortemente depreciativo, dos neutros *isto*, *isso* e *aquilo*, quando aplicados a pessoas, como nestes passos:

Ninguém sabe onde ele anda, Seu Coronel! **Aquilo** é um desgraçado.
(J. Lins do Rego, *ME*, 80.)

Aquilo, aquele pobre homenzinho amarelento, dessorado, chocho...
(U. Tavares Rodrigues, *JE*, 158.)

Como estivesse a contemplá-lo, à porta, parou um homem, entrou, e olhou com interesse para o retrato. O lojista reparou na expressão; podia ser algum miguelista, mas também podia ser um colecionador...
— Quanto pede o senhor por **isto**?
— **Isto**? Há de perdoar; quer saber quanto peço pelo meu rico senhor D. Miguel?
(Machado de Assis, *OC*, I, 908.)

Mas, pelos contrastes que não raro se observam nos empregos afetivos, podem esses DEMONSTRATIVOS expressar também alto apreço por determinada pessoa.
Assim:

Aquilo é que dava um deputado às direitas!
(C. Castelo Branco, *QA*, 19.)

— Bonita mulher. Como **aquilo** vê-se pouco. Ele teve sorte.
(Castro Soromenho, *C*, 160.)

— Como cozinheira não há outra e **aquilo**... é o apuro de asseio.
(Alves Redol, *G*, 95.)

4. Entre os valores afetivos cabe ressaltar o sentido intensivo, superlativante, que o demonstrativo adquire em frases do tipo[8]:

---

[8] Sobre estas construções, leia-se Maria Manuela Moreno de Oliveira. *Processos de intensificação no português contemporâneo*. Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1962, p. 35-38.

Qual o quê! Queriam monte. Monte num dia **daqueles**!
(M. Torga, *CM*, 72.)

Ninguém é operado assim com **essa** pressa.
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 365.)

Outro homem não podia existir com **aquela** força nos braços, **aquele** riso na boca e **aquele** calor no peito.
(Adonias Filho, *LBB*, 86.)

5. As formas femininas *esta* e *essa* fixaram-se em construções elípticas do tipo:

Ora **essa**!	**Essa** é boa!
Essa, não!	**Essa** cá me fica!
Mais **esta**!...	**Esta** é fina!

6. Fixa também aparece a forma neutra na locução *isto* (ou *isso*) *de*, que equivale a "com referência a", "no tocante a", "a respeito de":

— Ah! meu caro Rubião, **isto de** política pode ser comparado à paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo; não falta nada, nem o discípulo que nega, nem o discípulo que vende.
(Machado de Assis, *OC*, I, 642.)

— **Isso de** letras é na escola...
(M. Torga, *V*, 174.)

— **Isto de** filhos é um aborrecimento!
(Ó. Ribas, *EMT*, 165.)

O(S), A(S) COMO DEMONSTRATIVOS

O DEMONSTRATIVO *o* (*a*, *os*, *as*) é sempre pronome substantivo e emprega-se nos seguintes casos:

a) quando vem determinado por uma oração ou, mais raramente, por uma expressão adjetiva, e tem o significado de *aquele*(s), *aquela*(s), *aquilo*:

O homem que ri, liberta-se. **O** que faz rir, esconde-se.
(A. M. Machado, *CJ*, 228.)

— Não vejo **a** que esperei!
— Virá ainda.
(E. Castro, *UV*, 76.)

Ingrata para **os** da terra,
boa para **os** que não são.
(C. Pena Filho, *LG*, 120.)

Era terrível **o** que se passava.
(M. Torga, *NCM*, 20.)

b) quando, no singular masculino, equivale a *isto*, *isso*, *aquilo*, e exerce as funções de objeto direto ou de predicativo, referindo-se a um substantivo, a um adjetivo, ao sentido geral de uma frase ou de um termo dela:

O valor de uma desilusão, sabia-**o** ela.
(M. Torga, *NCM*, 153.)

Não cuides que não era sincero, era-**o**.
(Machado de Assis, *OC*, I, 893.)

Seguia-o com o olhar sem me atrever a evitá-**lo**.
(A. Santos, *P*, 125.)

Ser feliz é **o** que importa,
Não importa como **o** ser!
(F. Pessoa, *QGP*, n.º 82.)

SUBSTITUTOS DOS PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Podem também funcionar como DEMONSTRATIVOS as palavras *tal*, *mesmo*, *próprio* e *semelhante*.

1. *Tal* é DEMONSTRATIVO quando sinônimo:

a) de "este", "esta", "isto", "esse", "essa", "isso", "aquele", "aquela", "aquilo":

Tal foi a primeira conclusão do Palha; mas vieram outras hipóteses.
(Machado de Assis, *OC*, I, 602.)

— Quando **tal** ouvi, respirei...
(A. de Assis Júnior, *SM*, 176.)

Como era possível que nunca tivesse dado por **tal**?
(M. J. de Carvalho, *TM*, 57.)

b) de "semelhante":

Houve tudo quanto se faz em **tais** ocasiões.
(Machado de Assis, *OC*, II, 197.)

A causa verdadeira de **tal** medo, não a sabia dizer.
(M. Torga, *CM*, 151.)

Tal situação contundia-a fortemente, e fazia diminuir aquele vigor e energia com que a conhecemos.
(A. Assis Júnior, *SM*, 198.)

2. *Mesmo* e *próprio* são DEMONSTRATIVOS quando têm o sentido de "exato", "idêntico", "em pessoa":

Eu não posso viver muito tempo na **mesma** casa, na **mesma** rua, no **mesmo** sítio.
(Luandino Vieira, *JV*, 62.)

— Foi a **própria** Carmélia quem me fez o convite.
(C. dos Anjos, *DR*, 161.)

3. *Semelhante* serve de DEMONSTRATIVO de identidade:

O Lucas reparou nisso e doeu-se intimamente de **semelhante** descuido.
(M. Torga, *CM*, 84.)

Tudo o que disse foi, sem dúvida, convencional, e nem a jovem Aurora podia deixar de recorrer às fórmulas que se usam em **semelhantes** conjunturas.
(C. dos Anjos, *DR*, 284.)

PRONOMES RELATIVOS

São assim chamados porque se referem, de regra geral, a um termo anterior — O ANTECEDENTE.

FORMAS DOS PRONOMES RELATIVOS

Os PRONOMES RELATIVOS apresentam:

a) formas variáveis e formas invariáveis:

Variáveis				Invariáveis
Masculino		Feminino		
o qual	os quais	a qual	as quais	que
cujo	cujos	cuja	cujas	quem
quanto	quantos	—	quantas	onde

b) formas simples: *que*, *quem*, *cujo*, *quanto* e *onde*; e forma composta: *o qual*.

Observação:

Antecedido das preposições *a* e *de*, o pronome *onde* com elas se aglutina, produzindo as formas *aonde* e *donde*.

NATUREZA DO ANTECEDENTE

O ANTECEDENTE do PRONOME RELATIVO pode ser:

a) um SUBSTANTIVO:

> Deem-me **as cigarras que** eu ouvi menino.
> (M. Bandeira, *PP*, I, 387.)

b) um PRONOME:

> Não serás **tu que** o vês assim?
> (A. Sérgio, *D*, 31.)

c) um ADJETIVO:

> As opiniões têm como as frutas o seu tempo de madureza em que se tornam doces de **azedas** ou **adstringentes que** dantes eram.
> (Marquês de Maricá, *M*, 166.)

d) um ADVÉRBIO:

> **Lá, por onde** se perde a fantasia
> No sonho da beleza; **lá, aonde**
> A noite tem mais luz que o nosso dia...
> (A. de Quental, *SC*, 61.)

e) uma ORAÇÃO (de regra resumida pelo demonstrativo *o*):

> Só a febre aumenta um pouco, **o que** não admirará ninguém.
> (A. Nobre, *CI*, 145-6.)

> "Acomodar-se-iam num sítio pequeno,
> **o que** parecia difícil a Fabiano,
> criado solto no mato."
> (G. Ramos, *VS*, 172.)

FUNÇÃO SINTÁTICA DOS PRONOMES RELATIVOS

Os PRONOMES RELATIVOS assumem um duplo papel no período com representarem um determinado antecedente e servirem de elo subordinante da oração que iniciam. Por isso, ao contrário das conjunções, que são meros conectivos, e não exercem nenhuma função interna nas orações por elas introduzidas, estes pronomes desempenham sempre uma função sintática nas orações a que pertencem. Podem ser:

1. SUJEITO:

> Quero ver do alto o horizonte,
> **Que** foge sempre de mim.
> (O. Mariano, *TVP*, II, 434.)

[*que* = sujeito de *foge*].

2. OBJETO DIRETO:

> —Já não se lembra da picardia **que** me fez?
> (A. Ribeiro, *M*, 67.)

[*que* = objeto direto de *fez*].

3. OBJETO INDIRETO:

> Eu aguardava com uma ansiedade medonha esta cheia **de que** tanto se falava.
> (J. Lins do Rego, *ME*, 58.)

[*de que* = objeto indireto de *se falava*].

4. PREDICATIVO:

> Não conheço **quem** fui no **que** hoje sou.
> (F. Pessoa, *OP*, 91.)

[*quem* e *que* = predicativos do sujeito *eu*, oculto].

5. ADJUNTO ADNOMINAL:

> Há pessoas **cuja** aversão e desprezo honram mais que os seus louvores e amizade.
> (Marquês de Maricá, *M*, 223.)

[*cuja* = adjunto adnominal de *aversão* e *desprezo*, mas em concordância apenas com o primeiro substantivo, o mais próximo].

6. COMPLEMENTO NOMINAL:

> Lembrava-me de que deixara toda a minha vida ao acaso e que não pusera ao estudo e ao trabalho com a força **de que** era capaz.
> (Lima Barreto, *REIC*, 287.)

[*de que* = complemento nominal de *capaz*].

7. ADJUNTO ADVERBIAL:

> Entrava-se de barco pelo corredor da velha casa de cômodos **onde** eu morava.
> (M. Quintana, *P*, 92.)

[*onde* = adjunto adverbial de *morava*].

8. AGENTE DA PASSIVA:

> — Sim, sua adorável pupila, a quem amo, a quem idolatro e **por quem** sou correspondido com igual ardor!
> (A. Azevedo)

[*por quem* = agente da passiva do verbo *corresponder*].

Observação:

Note-se que o RELATIVO *cujo* funciona sempre como adjunto adnominal; e o relativo *onde*, apenas como adjunto adverbial.

PRONOMES RELATIVOS SEM ANTECEDENTE

1. Os PRONOMES RELATIVOS *quem* e *onde* podem ser empregados sem antecedente em frases como as seguintes:

> **Quem** tem amor, e tem calma,
> tem calma... Não tem amor...
> (A. Tavares, *PC*, 81.)

> Passeias **onde** não ando,
> Andas sem eu te encontrar.
> (F. Pessoa, *QGP*, n.º 47.)

Denominam-se, então, RELATIVOS INDEFINIDOS.

2. Nestes casos de emprego absoluto dos RELATIVOS, muitos gramáticos admitem a existência de um antecedente interno, desenvolvendo, para efeito de análise, *quem* em *aquele que*, e *onde* em *no lugar em que*. Assim, os exemplos citados se interpretariam:

> **Aquele que** tem amor...
> Passeias **no lugar em que** não ando...

3. O antecedente do RELATIVO *quanto(s)* costuma ser omitido:

> Hoje penso **quanto** faço.
> (F. Pessoa, *OP*, 92.)

> Saibam **quantos** este meu verso virem
> Que te amo...
> (O. de Andrade, *PR*, 167.)

VALORES E EMPREGOS DOS RELATIVOS

Que

1. *Que* é o RELATIVO básico. Usa-se com referência a pessoa ou coisa, no singular ou no plural, e pode iniciar orações ADJETIVAS RESTRITIVAS e EXPLICATIVAS:

> — Não diz nada **que se aproveite**, esse rapaz!
> (A. Bessa Luís, *QR*, 134.)

O ministro, **que acabava de jantar**, fumava calado e pacífico.
(Machado de Assis, *OC*, I, 638.)

2. O antecedente do RELATIVO pode ser o sentido de uma expressão ou oração anterior:

E seu cabelo em cachos, cachos d'uvas,
E negro como a capa das viúvas...
(À maneira o trará das virgens de Belém
Que a Nossa Senhora ficava tão bem!)
(A. Nobre, *S*, 39.)

Neste caso, o *que* vem geralmente antecedido do demonstrativo *o* ou da palavra *coisa* ou equivalente, que resumem a expressão ou oração a que o RELATIVO se refere:

Vendia cautelas, **o que** requer muito cálculo, muito olho e muita porfia.
(J. de Araújo Correia, *FX*, 54.)

Achou-se mais prudente que eu me safasse pelos fundos do prédio, **o que** fiz tão depressa quanto pude.
(C. dos Anjos, *MS*, 328.)

Ela então consentiu que eu erguesse seu rosto, **gesto que** não me haviam autorizado.
(N. Piñon, *CP*, 65.)

3. Por vezes, o antecedente do *que* não vem expresso:

Esta palavra doeu-me muito, e não achei logo **que** lhe replicasse.
(Machado de Assis, *OC*, I, 826.)

A uma pergunta assim, a rapariga nem sabia **que** responder.
(M. Torga, *NCM*, 184.)

Qual, o qual

1. Nas orações ADJETIVAS EXPLICATIVAS, o pronome *que*, com antecedente substantivo, pode ser substituído por *o qual* (*a qual*, *os quais*, *as quais*):

Sei que estou plagiando nosso famoso **cronista, o qual**, certa vez, deu-lhe na telha fazer essa comunicação ao jornal e aos leitores.
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 57.)

Durante o seu domínio, todavia, acentua-se a evolução do **latim vulgar**, falado na península, **o qual** vinha de há muito diversificando-se em dialetos vários.
(J. Cortesão, *FDFP*, 42.)

Clareava: uma luz baça, em **neblina**, através **da qual** apareciam serranias distantes e o mar liso, esbranquiçado, luzindo a trechos.
(Coelho Netto, *OS*, I, 173.)

2. Esta substituição pode ser um recurso de estilo, isto é, pode ser aconselhada pela clareza, pela eufonia, pelo ritmo do enunciado. Mas há casos em que a língua exige o emprego da forma *o qual*.
Precisando melhor:

a) o RELATIVO *que* emprega-se, preferentemente, depois das preposições monossilábicas *a*, *com*, *de*, *em* e *por*:

A verdade é um postigo
A que ninguém vem falar.
(F. Pessoa, *QGP*, n.º 21.)

As artes **com que** o bacharel flautista vingou insinuar-se na estima de D. Maria I e Pedro III, não as sei eu.
(C. Castelo Branco, *OS*, I, 322.)

Indicou-lhe um hotel, **de que** a viúva tomou nota num caderninho.
(C. Drummond de Andrade, *CA*, 137.)

Havia ocasiões **em que** me revoltava.
(L. Jardim, *MPM*, 96.)

A maneira **por que** ele falava é que era apaixonada, dolorosa, comovente.
(Machado de Assis, *OC*, II, 112.)

b) as demais preposições simples, essenciais ou acidentais, bem como as locuções prepositivas, constroem-se obrigatória ou predominantemente com o pronome *o qual*:

Tinha vindo para se libertar do abismo **sobre o qual** sua negra alma vivia debruçada.
(M. Torga, *NCM*, 49.)

Uma visita de dez minutos apenas, **durante os quais** D. Benedita disse quatro palavras no princípio:
— Vamos para o Norte.
(Machado de Assis, *OC*, II, 316.)

"O livro tinha numa página a figura de um bicho corcunda **ao lado do qual**, em letras graúdas, destacava-se esta palavra: ESTÔMAGO."
(G. Amado, *HMI*, 42.)

Timbrava em manter em casa uma autoridade áspera, **perante a qual** todos os seus tinham de se curvar passivamente.
(R. M. F. de Andrade, *V*, 9.)

c) *o qual* é também a forma usada como partitivo após certos indefinidos, numerais e superlativos:

O Luís, que cuidava da horta de cima, era pai de uns sete ou oito, **alguns dos quais** já principiavam a ajudá-lo.
(R. M. F. de Andrade, *V*, 135.)

Cinco cadeiras **das quais uma** de braços no centro do semicírculo.
(Costa Andrade, *NVNT*, 13.)

Os filhos, quatro crianças, **a mais velha das quais** teria oito anos, rodeavam-no aos gritos.
(Artur Azevedo, *CFM*, 5.)

3. *Qual*, quando repetido simetricamente, é INDEFINIDO, e equivale a *um... outro*:

— Imagine uma cachoeira de ideias e imagens, **qual** mais original, **qual** mais bela, às vezes extravagante, às vezes sublime.
(Machado de Assis, *OC*, II, 326.)

Um carrega quatro grandes tábuas ao ombro; outro grimpa, com risco de vida, a precária torre do enguiçado elevador; **qual** bate o martelo; **qual** despeja nas formas o cimento, **qual** mira a planta, **qual** usa a pá, **qual** serra (o bárbaro) os galhos de uma jovem mangueira, **qual** ajusta, neste momento, um pedaço de madeira na serra circular.
(R. Braga, *CCE*, 249.)

Quem

1. Na língua contemporânea, *quem* só se emprega com referência a pessoa ou a alguma coisa personificada:

> Feliz é **quem** tiver netos
> De **quem** tu sejas avó!
> (F. Pessoa, *QGP*, n.º 118.)

> A mim **quem** converteu foi o sofrimento.
> (Coelho Neto, *OS*, I, 105.)

2. Como simples RELATIVO, isto é, com referência a um antecedente explícito, *quem* equivale a "o qual" e vem sempre antecedido de preposição:

> A senhora **a quem** cumprimentara era a esposa do tenente-coronel Veiga.
> (Machado de Assis, *OC*, II, 172.)

> Nada como o mexe-mexe caseiro da mulher **de quem** se gosta — José de Arimateia imaginava.
> (M. Palmério, *CB*, 25.)

Advirta-se, porém, que a língua moderna substitui por *sem o* (*a*) *qual* a dissonante combinação *sem quem*, de emprego corrente no português antigo e médio.

3. Repetido, em fórmulas alternadas, *quem* corresponde ao INDEFINIDO *um... outro*. Esta construção, que não era rara no português médio (cf. Camões. *Lusíadas*, I, 92; IV, 5), só aparece, modernamente, em autores de expressão artificial:

> **Quem** no Rostro pasmando se extasia;
> **Quem** pelo cúneo aos redobrados vivas
> Da plebe e dos patrícios embasbaca;
> Outro em sangue de irmãos folga ensopar-se...
> (Odorico Mendes, *VB*, 125.)

Cujo

Cujo é, a um tempo, RELATIVO e POSSESSIVO, equivalente pelo sentido a *do qual*, *de quem*, *de que*. Emprega-se apenas como pronome adjetivo e concorda com a coisa possuída em gênero e número:

Convento d'águas do Mar, ó verde Convento,
Cuja Abadessa secular é a Lua
E **cujo** Padre-capelão é o Vento
(A. Nobre, *S*, 28.)

Herculano é para mim, nas letras, depois de Camões, a figura em **cujo** espírito e em **cuja** obra sinto com plenitude o gênio heroico de Portugal.
(G. Amado, *TL*, 36.)

Quanto

Quanto, como simples relativo, tem por antecedente os pronomes indefinidos *tudo*, *todos* (ou *todas*), que podem ser omitidos. Daí o seu valor também indefinido:

Em tudo **quanto** olhei fiquei em parte.
(F. Pessoa, *OP*, 231.)

Soprava dum lado, do outro, e tudo **quanto** foi de garrancho e folha seca se juntou num canto só.
(L. Jardim, *BA*, 115.)

Entre **quantos** te rodeiam,
Tu não enxergas teus pais.
(Gonçalves Dias, *PCP*, 385.)

Onde

1. Como desempenha normalmente a função de adjunto adverbial (= o lugar em que, no qual), *onde* costuma ser considerado por alguns gramáticos ADVÉRBIO RELATIVO:

Sob o mar sem borrasca, **onde** enfim se descansa.
(A. Nobre, *S*, 90.)

Ainda não sei mesmo **onde** vou buscar as flores.
(Luandino Vieira, *NM*, 29.)

O mundo ia pouco além do quarteirão de poucas casas e largos terrenos devolutos, **onde** o lixo subia, **onde** o capim crescia, **onde**

catávamos melões de São Caetano, **onde** os pirilampos surgiam aos milhares ao cair da tarde, **onde** o orvalho brilhava como pedras preciosas nas belas manhãs de inverno.
(Marques Rebelo, *SMAP*, 33.)

2. Embora a ponderável razão de maior clareza idiomática justifique o contraste que a disciplina gramatical procura estabelecer, na língua culta contemporânea, entre *onde* (= o lugar em que) e *aonde* (= o lugar a que), cumpre ressaltar que esta distinção, praticamente anulada na linguagem coloquial, já não era rigorosa nos clássicos.[9]
Não é, pois, de estranhar o emprego de uma forma por outra em passos como os seguintes:

Vela ao entrares no porto
Aonde o gigante está!
(Fagundes Varela, *VA*, 76.)

Não perceberam ainda **onde** quero chegar.
(Alves Redol, *BC*, 47.)

Nem mesmo a concorrência de ambas as formas num só enunciado:

Mas **aonde** te vais agora,
Onde vais, esposo meu?[10]
(Machado de Assis, *OC*, III, 109.)

Ela quem é, meu coração? Responde!
Nada me dizes. **Onde** mora? **Aonde**?
(Teixeira de Pascoaes, *OC*, III, 14.)

PRONOMES INTERROGATIVOS

1. Chamam-se INTERROGATIVOS os pronomes *que*, *quem*, *qual* e *quanto*, empregados para formular uma pergunta direta ou indireta:

---

[9] Sobre o emprego indiscriminado de *onde* e *aonde*, consulte-se a abundante exemplificação coligida pelo professor Aurélio Buarque de Holanda, inserta em sua edição dos *Contos gauchescos e lendas do sul*, de Simões Lopes Neto, 5.ª ed., Porto Alegre, Globo, 1957, p. 79-82.

[10] Na edição de 1902 das *Poesias completas* (Rio de Janeiro – Paris, Garnier, p. 207) lê-se *vás* em ambos os versos.

Que trabalho estão fazendo?
Diga-me **que** trabalho estão fazendo.

Quem disse tal coisa?
Ignoramos **quem** disse tal coisa.

Qual dos livros preferes?
Não sei **qual** dos livros preferes.

Quantos passageiros desembarcaram?
Pergunte **quantos** passageiros desembarcaram.

2. Os PRONOMES INTERROGATIVOS estão estreitamente ligados aos pronomes indefinidos. Em uns e outros a significação é indeterminada, embora, no caso dos interrogativos, a resposta, em geral, venha esclarecer o que foi perguntado.

FLEXÃO DOS INTERROGATIVOS

Os INTERROGATIVOS *que* e *quem* são invariáveis. *Qual* flexiona-se em número (*qual, quais*); *quanto*, em gênero e em número (*quanto, quanta, quantos, quantas*).

VALOR E EMPREGO DOS INTERROGATIVOS

Que

1. O INTERROGATIVO *que* pode ser:

a) pronome substantivo, quando significa "que coisa":

> **Que** tenciona fazer quando sair daqui?
> (A. Abelaira, *TM*, 86.)

> Mas não sei **que** disse a estrela...
> (A. Tavares, *PC*, 9.)

b) pronome adjetivo, quando significa "que espécie de", e neste caso refere-se a pessoas ou a coisas:

> **Que** mal me havia de fazer?
> (M. Torga, *NCM*, 47.)

> Não sei **que** vento mau turvou de todo o lago.
> (A. de Guimaraens, *OC*, 56.)

2. Para dar maior ênfase à pergunta, em lugar de *que* pronome substantivo, usa-se *o que*:

O mundo? **O que** é o mundo, ó meu amor?
(F. Espanca, *S*, 90.)

Não sei **o que** o trouxe aqui.
(C. de Oliveira, *AC*, 17.)

3. Tanto uma como outra forma pode ser reforçada por *é que*:

— **Que é que** o senhor está fazendo? gritou-lhe.
(C. Lispector, *ME*, 313.)

O que é que eu vejo, nestas tardes tristes?
(Teixeira de Pascoaes, *OC*, III, 24.)

Observação:

Nenhuma razão assiste aos que condenam a anteposição do *o* ao *que* interrogativo, como exaustivamente mostraram Heráclito Graça, em *Factos da linguagem*. Rio de Janeiro. Livraria de Viúva Azevedo, 1904, p. 367-383; e Said Ali, em *Dificuldades da língua portuguesa*. 5.ª ed. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1957, p. 12-20; e *Gramática histórica da língua portuguesa*. 3.ª ed. São Paulo, Melhoramentos, 1964, p. 112-114.

Quem

1. O INTERROGATIVO *quem* é pronome substantivo e refere-se apenas a pessoas ou a algo personificado:

Quem não a canta? **Quem**? **Quem** não a canta e sente?
(J. de Lima, *OC*, I, 212.)

Perguntei ao doutor **quem** era a velha.
(J. de Araújo Correia, *FX*, 56.)

Mas a Ideia **quem** é? **Quem** foi que a viu,
Jamais, a essa encoberta peregrina?
(A. de Quental, *SC*, 59.)

2. Em orações com o verbo *ser*, pode servir de predicativo a um sujeito no plural:

Quem sois vós, meus irmãos e meus algozes?
(A. de Quental, *SC*, 92.)

Sabem, acaso, os vultos, **quem** vão sendo?
(C. Meireles, *OP*, 320.)

Qual

1. O INTERROGATIVO *qual* tem valor seletivo e pode referir-se tanto a pessoas como a coisas. Usa-se geralmente como pronome adjetivo, mas nem sempre com o substantivo contíguo. Nas perguntas feitas com o verbo *ser*, costuma-se empregar o verbo depois de *qual*:

   — **Qual** é o hotel, em que rua fica?
   (U. Tavares Rodrigues, *NR*, 76.)

   Padre Manuel perguntou ao escudeiro do comendador **qual** era a situação de D. Ana Vaz.
   (C. Castelo Branco, *OS*, II, 247.)

2. A ideia seletiva pode ser reforçada pelo emprego da expressão *qual dos* (*das* ou *de*), anteposta a substantivo ou a pronome no plural, bem como a numeral:

   Qual dos senhores é pai dum menino que está de cócoras no jardim há mais de meia hora?
   (A. M. Machado, *JT*, 51.)

   Qual deles tinha coragem para começar?
   (F. Namora, *TJ*, 293.)

   — Então, moça? **qual** foi **dos nove**?
   (C. Castelo Branco, *BP*, 25.)

Quanto

O INTERROGATIVO *quanto* é um quantitativo indefinido. Refere-se a pessoas e a coisas e usa-se quer como pronome substantivo, quer como pronome adjetivo:

— **Quanto** devo?
(G. Ramos, *A*, 167.)

Quantas sementes lhe dás tu?
(F. Namora, *TJ*, 158.)

EMPREGO EXCLAMATIVO DOS INTERROGATIVOS

Estes pronomes são também frequentemente usados nas exclamações, que não passam muitas vezes de interrogações impregnadas de admiração. Conforme a curva tonal e o contexto, podem assumir então os mais variados matizes afetivos.

Comparem-se as frases seguintes:

Que inocência! **Que** aurora! **Que** alegria!
(Teixeira de Pascoaes, *OC*, III, 140.)

— **Que** vovozinha **que** nada! explodiu amarga a aniversariante.
(C. Lispector, *LF*, 58.)

— Coitada!... **quem** diria... **quem** imaginaria que acabaria assim!?...
(A. de Assis Júnior, *SM*, 52.)

Quem me dera ser homem!
(B. Santareno, *TPM*, 101.)

Quais feitios, **qual** vida!
(M. Torga, *CM*, 50.)

— E Sigefredo tem esperneado muito?
— **Qual** nada! Anda no mundo da lua.
(C. dos Anjos *M*, 295.)

Quanto sonho a nascer já desfeito!
(F. Espanca, *S*, 81.)

Ai, **quanto** veludo e seda,
e **quantos** finos brocados!
(C. Meireles, *OP*, 669.)

PRONOMES INDEFINIDOS

Chamam-se INDEFINIDOS os pronomes que se aplicam à 3.ª pessoa gramatical, quando considerada de um modo vago e indeterminado.

FORMAS DOS PRONOMES INDEFINIDOS

Os PRONOMES INDEFINIDOS apresentam formas variáveis e invariáveis:

Variáveis				Invariáveis
Masculino		Feminino		
algum	alguns	alguma	algumas	alguém
nenhum	nenhuns	nenhuma	nenhumas	ninguém
todo	todos	toda	todas	tudo
outro	outros	outra	outras	outrem
muito	muitos	muita	muitas	nada
pouco	poucos	pouca	poucas	cada
certo	certos	certa	certas	algo
vário	vários	vária	várias	
tanto	tantos	tanta	tantas	
quanto	quantos	quanta	quantas	
qualquer	quaisquer	qualquer	quaisquer	

LOCUÇÕES PRONOMINAIS INDEFINIDAS

Dá-se o nome de LOCUÇÕES PRONOMINAIS INDEFINIDAS aos grupos de palavras que equivalem a PRONOMES INDEFINIDOS: *cada um*, *cada qual*, *quem quer que*, *todo aquele que*, *seja quem for*, *seja qual for*, etc.

PRONOMES INDEFINIDOS SUBSTANTIVOS E ADJETIVOS

1. Os INDEFINIDOS *alguém*, *ninguém*, *outrem*, *algo* e *nada* só se usam como pronomes substantivos:

   E se **alguém** fosse avisar a Guarda?
   (M. Torga, *NCM*, 52.)

   Ninguém ainda inventou fósforos contra o vento?
   (A. Abelaira, *QPN*, 25.)

   Outrem a repetiu [a frase do discurso], até que muita gente a fez sua.
   (Machado de Assis, *OC*, I, 921.)

   Minha Teresa tem **algo** a me dizer, não é?
   (J. Amado, *TBCG*, 289.)

Não devo **nada** a ninguém.
(Alves Redol, *BC*, 43.)

2. *Tudo* é normalmente pronome substantivo, mas tem valor de adjetivo nas combinações *tudo isto*, *tudo isso*, *tudo aquilo*, *tudo o que*, *tudo o mais* e semelhantes:

Subia as escadas que levavam à torre do palácio, meditando em **tudo isto**.
(Alves Redol, *BC*, 58.)

Hoje, **tudo isso**, pássaros e estrelas caídas do céu, são memórias.
(J. C. de Carvalho, *NMAI*, 51.)

Pensando bem, **tudo aquilo**, era muito estranho.
(A. Meyer, *SI*, 25.)

3. *Algum*, *nenhum*, *todo*, *outro*, *muito*, *pouco*, *vário*, *tanto* e *quanto* são pronomes adjetivos que, em certos casos, se empregam como pronomes substantivos. Assim nestes períodos:

Todos estavam admirados.
(Castro Soromenho, *TM*, 186.)

Quando nos tornamos a ver, **nenhum** teve para o **outro** a mínima palavra, ficamos a um banco, lado a lado, em expansivo silêncio.
(R. Pompeia, *A*, 205.)

4. *Certo* só se usa como pronome adjetivo:

Certos homens ergueram-se acima do seu tempo, acima da civilização.
(A. Abelaira, *TM*, 79.)

Em **certo ponto** a água cobria um homem.
(R. Pompeia, *A*, 47.)

5. Também os INDEFINIDOS *cada* e *qualquer*, de acordo com a boa tradição da língua, devem sempre vir acompanhados de substantivo, pronome ou numeral cardinal:

Cada coisa a seu tempo tem seu tempo.
(F. Pessoa, *OP*, 206.)

Está certo, **cada qual** como Deus o fez.
(G. Ramos, *AOH*, 111.)

Amava a Deus em **cada uma** das suas criaturas.
(B. Santareno, *TPM*, 47.)

Certas palavras não podem ser ditas em **qualquer lugar** e **hora qualquer**.
(C. Drummond de Andrade, *MA*, 143.)

Qualquer caminho
Em **qualquer ponto** seu em dois se parte.
(F. Pessoa, *OP*, 476.)

OPOSIÇÕES SISTEMÁTICAS ENTRE OS INDEFINIDOS

Observam-se algumas oposições sistemáticas na classe dos PRONOMES INDEFINIDOS. São bastante nítidas, por exemplo, as que se verificam:

a) entre o caráter afirmativo da série:

algum alguém algo

e o negativo da série:

nenhum ninguém nada

b) entre o caráter de totalidade inclusiva de:

tudo todo

e o de totalidade exclusiva de:

nada nenhum

c) entre a presença de ideia de pessoa em:

alguém ninguém

e a ausência dessa ideia em:

algo nada

d) entre o valor particularizante de:

certo

e a total ausência de particularização de:

qualquer

Outras oposições privativas podem ser ainda assinaladas nesta classe tão heterogênea de pronomes (as de *certo / qualquer*, *muito / pouco*, *outro / outrem*, etc.), com vista a apresentá-la, de maneira mais coerente e, assim, justificar-lhe, em parte pelo menos, a tradicional e unitária conceituação.

VALORES DE ALGUNS INDEFINIDOS

Algum e nenhum

1. Anteposto a um substantivo, *algum* tem valor positivo. É, como dissemos, o contrário de *nenhum*:

> — Com ele podes arranjar **alguma coisa**.
> (Castro Soromenho, *TM*, 248.)

> Não havia nele senão aspiração à grandeza verdadeira; **nenhum cabotinismo, nenhuma vaidade**, e sim um compreensível orgulho.
> (A. F. Schmidt, *F*, 237.)

2. Posposto a um substantivo, *algum* assumiu, na língua moderna, significação negativa, mais forte do que a expressa por *nenhum*. Em geral, o INDEFINIDO adquire este valor em frases onde já existem formas negativas, como *não*, *nem*, *sem*:

> Já não morria naquele dia e não tinha **pressa alguma** em chegar a casa.
> (Ferreira de Castro, *OC*, II, 694.)

> Não escreveu, que eu saiba, **livro algum**.
> (A. F. Schmidt, *GB*, 71-72.)

No português antigo e médio, podia dar-se a posposição de *algum* com sentido positivo. Veja-se, por exemplo, este passo de *Os lusíadas*, em que a expressão *refresco algum* deve ser entendida como "algum refresco":

Desta gente **refresco algum** tomamos
E do rio fresca água; mas com tudo
Nenhum sinal aqui da Índia achamos
No povo, com nós outros quase mudo.
(Camões, *Lus.*, V, 69.)

3. No feminino, aparece em construções de acentuado valor afetivo:

O lavrador ainda levantou a cabeça para fazer **alguma das dele**.
(Alves Redol, *BC*, 354.)

Alguma ele andou fazendo.
(F. Sabino, *ME*, 31.)

— Você quer sair da casa? Por **alguma** é?
(Eça de Queirós, *O*, I, 89.)

4. Reforçado por negativa, *nenhum* pode equivaler ao INDEFINIDO *um*:

Esse capitão **não** foi **nenhum** oficial de patente, mas um autêntico capitão de terra e mar de Quatrocentos, ao mesmo tempo piloto dos mares de Noroeste e regedor de capitania.
(V. Nemésio, *CI*, 205.)

Eu, Marília, **não** fui **nenhum** vaqueiro
Fui honrado pastor da tua aldeia.
(T. A. Gonzaga, *OC*, I, 137.)

Cada

1. Como dissemos, deve-se empregar o INDEFINIDO *cada* apenas como PRONOME ADJETIVO. Quando falta o substantivo, usa-se *cada um* (*uma*), *cada qual*:

Lá no fundo **cada um** espera o milagre.
(C. de Oliveira, *PB*, 156.)

Cada qual sabe de sua vida.
(J. Amado, *MM*, 95.)

2. *Cada* pode preceder um numeral cardinal para indicar discriminação entre unidades, ou entre grupos ou séries de unidades:

De **cada dúzia** de ovos que vendia, a metade era lucro.
Vinha ver-me **cada três** dias.

3. Tem acentuado valor intensivo em frases do tipo:

A ti era o Chiado que te fazia mal! Apanhavas ali **cada constipação...**
(V. Vitorino, *F*, 160.)

— Você tem **cada uma**!
(G. Ramos, *AOH*, 75.)

Observação:
Na linguagem informal é cada dia mais frequente o emprego substantivo deste pronome em construções como a seguinte:

Estas águas-fortes custam dez mil cruzeiros **cada**.

Certo

1. *Certo* é PRONOME INDEFINIDO quando anteposto a um substantivo. Caracteriza-o a capacidade de particularizar o ser expresso pelo substantivo, distinguindo-o dos outros da espécie, mas sem identificá-lo.
Dispensa, em geral, o artigo indefinido. A presença deste torna a expressão menos vaga e dá-lhe um matiz afetivo.
Assim:

Sílvio não pede um amor qualquer, adventício ou anônimo; pede **um certo amor**, nomeado e predestinado.
(Machado de Assis, *OC*, II, 552.)

No fim de contas, tinha **uma certa mágoa** da forma como a tratara.
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 765.)

No rostinho enrugado e emurchecido, havia ainda uma **certa graça e vivacidade** de menina.
(É. Veríssimo, *A*, II, 306.)

2. É adjetivo, com o significado de "seguro", "verdadeiro", "exato", "fiel", "constante":
a) quando posposto ao substantivo:

— **Idade certa** não sei.
(G. França de Lima, *JV*, 35.)

Homens de **piso certo**, seus passos derivam de suas lagoas interiores de resignação.
(A. Santos, *P.* 177.)

— Não há **carreira** mais **certa**.
(Alves Redol, *F*, 279.)

b) em comparações intensivas, geralmente antecedido de *tão*:

Acredita que é **tão certo** como Deus estar no céu!
(M. Torga)

Estou **tão certo** do que digo como da luz que nos alumia.
(A. Ribeiro)

Neste caso pode ser seguido de substantivo:

Mais certo amigo é João do que Pedro, **tão certo amigo** é João como Paulo.
(Sousa da Silveira, *LP*, 244.)

Nada

1. *Nada* significa "nenhuma coisa", mas equivale a "alguma coisa" em frases interrogativas negativas do tipo:

— O capitão não come **nada**?
— Eu agradeço, minha senhora.
(J. Lins do Rego, *FM*, 317.)

De tempos em tempos aparecia, perguntava se eu não queria **nada**.
(M. de Andrade, *CMB*, 285.)

2. Junto a um adjetivo ou a um verbo intransitivo pode ter força adverbial:

— Não foi **nada caro**, tive um grande desconto.
(A. Abelaira, *QPN*, 14.)

Não tinha um ar **nada inocente**. Mesmo **nada**.
(J. Cardoso Pires, *D*, 298.)

O cavalo não **correu nada**.

Outro

1. Cumpre distinguir as expressões:

a) *outro dia*, ou *o outro dia* = um dia passado mas próximo:

> — **Outro dia** fui à casa do Sebastião e lá aceitei um café.
> (C. Drummond de Andrade, *FA*, 209.)

> Contou-me a Ana, **o outro dia**,
> Que Deus, somente o veria
> Quem fosse Anjo, ninguém mais.
> (A. Corrêa d'Oliveira, *M*, 92.)

b) *no outro dia*, ou *ao outro dia* = no dia seguinte:

> **No outro dia**, de volta do campo, encontrei no alpendre João Nogueira, Padilha e Azevedo Gondim.
> (G. Ramos, *SB*, 52.)

> **No outro dia**, o terceiro, Elmira não pôde sair mais cedo.
> (A. de Assis Júnior, *SM*, 204.)

> **Ao outro dia**, ao almoço, Amélia estava pálida, com as olheiras até ao meio da face.
> (Eça de Queirós, *O*, I, 69.)

> Partiu o navio, **ao outro dia** de manhã.
> (M. Ferreira, *HB*, 135.)

2. Em expressões denotadoras de reciprocidade, como *um ao outro*, *um do outro*, *um para o outro*, conserva-se em geral a forma masculina, ainda que aplicada a indivíduos de sexos diferentes:

> Compreendi que um vínculo de simpatia moral nos ligava **um ao outro**; com a diferença que o que era em mim paixão específica, era nela uma simples eleição de caráter.
> (Machado de Assis, *OC*, II, 496.)

> A Judite dava toda a atenção ao seu par, a uma distância perigosa **um do outro**.
> (Almada Negreiros, *NG*, 93.)

Sentou-se no canapé e ficamos a olhar **um para o outro**, ela desfeita em graça, eu desmentindo Shelley com todas as forças sexagenárias restantes.
(Machado de Assis, *OC*, I, 1129.)

3. *Outro* pode empregar-se como adjetivo na acepção de "diferente", "mudado", "novo":

Não sabia que assim tão **outra** voltarias:
Eras de negro olhar, de olhar azul tu voltas.
(A. de Guimaraens, *OC*, 105.)

Era **outro** homem, fora fundido **noutro** cadinho.
(Ferreira de Castro, *OC*, II, 93.)

Entrei em casa **outro** homem: calmo e bem humorado.
(R. M. F. de Andrade, *V*, 127.)

Qualquer

Tem por vezes sentido pejorativo, particularmente quando precedido de artigo indefinido:

Não é **uma qualquer coisa**, não!
(Luandino Vieira, *NM*, 116.)

Ele não era **um qualquer**.
(M. Ferreira, *HB*, 47.)

— Júlio, se eu te falo assim é porque não te vejo como **um qualquer**.
(J. Lins do Rego, *E*, 253.)

A tonalidade depreciativa torna-se mais forte se o indefinido vem posposto a um nome de pessoa:

Já não era **uma Judite qualquer**, era a Judite do Antunes.
(Almada Negreiros, *NG*, 86.)

Hoje é isto que o senhor vê: **um Pestana qualquer** acha-se com o direito de ser deputado.
(J. Lins do Rego, *MR*, 239.)

Todo

No capítulo 9, estudamos o emprego do artigo com este INDEFINIDO. Aqui acrescentaremos o seguinte:

1. No singular e posposto ao substantivo, *todo* indica a totalidade das partes:

   Toda a obra é vã, e vã **a obra toda**.
   (F. Pessoa, *OP*, 486.)

   O conflito acordou **o colégio todo**.
   (G. Amado, *HMI*, 163.)

2. Também indica a totalidade das partes, quando, no singular, antecede um pronome pessoal:

   Todo ele evidenciava um cansaço íntimo.
   (M. Torga, *V*, 105.)

   A casa, **toda** ela, gelava.
   (C. de Oliveira, *AC*, 81.)

3. No plural, anteposto ou não, designa a totalidade numérica:

   Todos os homens caminhavam em silêncio.
   (Ferreira de Castro, *OC*, I, 446.)

   As culpas todas eram deles; aguentassem com elas!
   (A. Peixoto, *RC*, 449.)

4. Anteposto a um elemento nominal, aposto ou predicativo, emprega-se com o sentido de "inteiramente", "em todas as suas partes", "muito":

   Silva estendeu a guia de trânsito a Vasconcelos, levantando-se da secretária com um sorriso, **todo amável**.
   (Castro Soromenho, *TM*, 132.)

   Paisagem desconhecida, Manuel da Bouça era **todo olhos** para a várzea que atravessavam.
   (Ferreira de Castro, *OC*, 390.)

Eras **toda graça e incompreensão.**
(Ribeiro Couto, *PR*, 226.)

Tudo

Refere-se normalmente a coisas, mas pode aplicar-se também a pessoas:

Não se fala noutra coisa, e está **tudo** furioso.
(A. de Quental, *C*, 358.)

Fidélia chegou, Tristão e a madrinha chegaram, **tudo** chegou.
(Machado de Assis, *OC*, I, 1069.)

Aqui na pensão e na casa da lagoa **tudo** dorme.
(J. Cardoso Pires, *D*, 339.)

Enfim, **tudo aquilo** era a mesma gente, exceto o Antunes.
(Almada Negreiros, *NG*, 92.)

Capítulo 12

Numerais

ESPÉCIES DE NUMERAIS

1. Para indicarmos uma quantidade exata de pessoas ou coisas, ou para assinalarmos o lugar que elas ocupam numa série, empregamos uma classe especial de palavras — os NUMERAIS.

Os NUMERAIS podem ser CARDINAIS, ORDINAIS, MULTIPLICATIVOS e FRACIONÁRIOS.

2. Os NUMERAIS CARDINAIS são os números básicos. Servem para designar:

a) a quantidade em si mesma, caso em que valem por verdadeiros substantivos:

> **Dois** e **dois** são **quatro.**

b) uma quantidade certa de pessoas ou coisas, caso em que acompanham um substantivo à semelhança dos adjetivos:

> Geraldo Alonso levantou-se, deu **três passos** para a frente.
> (O. Lins, *FP*, 158.)

> Botou a **cinco cântaros** o mel... e a **dois lagares** o azeite.
> (A. Ribeiro, *M*, 44.)

3. Os NUMERAIS ORDINAIS indicam a ordem de sucessão dos seres ou objetos numa dada série. Equivalem a adjetivos, que, no entanto, se substantivam facilmente:

> A senhora Basília de Cedofeita, uma alfarrabista, era viúva e entendida em **primeiras edições.**
> (A. Bessa Luís, *OM*, 126.)

Foi aí que se tornou **a primeira** de sua classe.
(A. de Alcântara Machado, *NP*, 125.)

4. Os NUMERAIS MULTIPLICATIVOS indicam o aumento proporcional da quantidade, a sua multiplicação. Podem equivaler a adjetivos e, com mais frequência, a substantivos, por virem geralmente antecedidos de artigo:

É **um duplo receber**, que é **um duplo dar**.
(J. M. de Macedo, *RQ*, 2.)

Tinha **o dobro** da minha grossura e era vermelho como malagueta.
(Ferreira de Castro, *OC*, I, 154.)

5. Os NUMERAIS FRACIONÁRIOS exprimem a diminuição proporcional da quantidade, a sua divisão:

Já pagamos **a metade** da dívida.
Só recebeu **dois terços** do ordenado.

NUMERAIS COLETIVOS

Assim se denominam certos NUMERAIS que, como os substantivos coletivos, designam um conjunto de pessoas ou coisas. Caracterizam-se, no entanto, por denotarem o número de seres rigorosamente exato. É o caso de *novena*, *dezena*, *década*, *dúzia*, *centena*, *cento*, *lustro*, *milhar*, *milheiro*, *par*.

FLEXÃO DOS NUMERAIS

CARDINAIS

1. Os NUMERAIS CARDINAIS *um*, *dois*, e as centenas a partir de *duzentos* variam em gênero:

um	uma	duzentos	duzentas
dois	duas	trezentos	trezentas

2. *Milhão*, *bilhão* (ou *bilião*), *trilhão*, etc. comportam-se como substantivos e variam em número:

dois milhões vinte trilhões

3. *Ambos*, que substitui o CARDINAL *os dois*, varia em gênero:

ambos os pés	ambas as mãos

4. Os outros CARDINAIS são invariáveis.

ORDINAIS

Os NUMERAIS ORDINAIS variam em gênero e número:

primeiro	primeira	primeiros	primeiras
vigésimo	vigésima	vigésimos	vigésimas

MULTIPLICATIVOS

1. Os NUMERAIS MULTIPLICATIVOS são invariáveis quando equivalem a substantivos:

   Podia ser meu avô, tem **o triplo** da minha idade.

   Empregados com o valor de adjetivos flexionam-se em gênero e em número:

   Costuma tomar o remédio em **doses duplas**.

2. As formas multiplicativas *dúplice*, *tríplice*, etc. variam apenas em número:

   Deram-se alguns saltos **tríplices**.

FRACIONÁRIOS

1. Os NUMERAIS FRACIONÁRIOS concordam com os cardinais que indicam o número das partes:

   Subscrevi **um terço** e Carlos **dois terços** do capital.

2. *Meio* concorda em gênero com o designativo da quantidade de que é fração:

   Comprou **três quilos e meio** de carne.
   Andou duas **léguas e meia** a pé.

Observação:

No Brasil, em lugar de *meio-dia e meia* (hora), diz-se normalmente *meio-dia e meio*:

Meio-dia e meio... nada de Luzardo.
(Gilberto Amado, *DP*, 147.)

NUMERAIS COLETIVOS

Todos os NUMERAIS COLETIVOS flexionam-se em número:

três décadas — cinco dúzias
dois milheiros — quatro lustros

VALORES E EMPREGOS DOS CARDINAIS

1. Na lista dos CARDINAIS costuma-se incluir *zero* (0), que equivale a um substantivo, geralmente usado em aposição:

   grau **zero** — desinência **zero**

2. *Cem*, forma reduzida de *cento*, usa-se como um adjetivo invariável:

   cem rapazes — **cem** meninas

   Cento é também invariável. Emprega-se hoje apenas:

a) na designação dos números entre *cem* e *duzentos*:

   cento e dois homens — **cento e duas** mulheres

b) precedido do artigo, com valor de substantivo:

   Comprou **um cento** de bananas.
   Pagou caro pel**o cento** de peras.

c) na expressão *cem por cento*.

3. Usa-se ainda *conto* (antigamente = um milhão de réis) no sentido de "mil escudos" (em Portugal) e "mil reais" (no Brasil):

   A gravura custou **dois contos.**

4. *Bilhão* (que também se escreve *bilião*) significava outrora "um milhão de milhões", valor que ainda conserva em Portugal, Grã-Bretanha, Alemanha e no mundo de língua espanhola. No Brasil, na França, nos Estados Unidos e em outros países representa hoje "mil milhões".

Observação:

No Brasil *quatorze* alterna com *catorze*, que é a forma normal portuguesa. Em Portugal empregam-se normalmente *dezasseis*, *dezassete* e *dezanove*, variantes desusadas no Brasil.

CARDINAL COMO INDEFINIDO

O emprego do número determinado pelo indeterminado é um dos processos de superlativação preferidos pelas línguas românicas.

Sirva de exemplo o CARDINAL *mil*, desde os começos da língua largamente usado para expressar a indeterminação exagerada:

Em abril, chuvas **mil**.

EMPREGO DA CONJUNÇÃO *E* COM OS CARDINAIS

1. A conjunção *e* é sempre intercalada entre as centenas, as dezenas e as unidades:

   trinta **e** cinco
   trezentos **e** quarenta **e** nove

2. Não se emprega a conjunção entre os milhares e as centenas, salvo quando o número terminar numa centena com dois zeros:

   1892 = mil oitocentos **e** noventa **e** dois
   1800 = mil **e** oitocentos

3. Em números muito grandes, a conjunção *e* emprega-se entre os membros da mesma ordem de unidades, e omite-se quando se passa de uma ordem a outra:

   293.572 = duzentos **e** noventa **e** três mil quinhentos **e** setenta **e** dois
   332.415.741.211 = trezentos **e** trinta **e** dois bilhões, quatrocentos **e** quinze milhões, setecentos **e** quarenta **e** um mil duzentos **e** onze

VALORES E EMPREGOS DOS ORDINAIS

1. Ao lado de *primeiro*, que é forma própria do ORDINAL, a língua portuguesa conserva o latinismo *primo* (*-a*), empregado:

a) seja como substantivo, para designar parentesco (*os primos*) e, na forma feminina (*a prima*), "a primeira das horas canônicas" e "a mais elevada corda" de alguns instrumentos;

b) seja como adjetivo, fixado em compostos como *obra-prima* e *matéria-prima*, ou em expressões como *números primos*.

2. Certos ORDINAIS, empregados com frequência para exprimir uma qualidade, tornam-se verdadeiros adjetivos. Comparem-se:

Um material de **primeira categoria** [= superior].
Um artigo de **segunda qualidade** [= inferior].

3. Como em certos jogos as cartas, pedras ou pontos são designados pelas palavras *ás*, *duque*, *terno*, *quadra*, a forma *ás*, equivalente a *primeiro*, passou a designar os campeões, especialmente dos esportes:

Os **ases** do automobilismo.

EMPREGO DOS CARDINAIS PELOS ORDINAIS

Em alguns casos, o NUMERAL ORDINAL é substituído pelo CARDINAL correspondente.

Assim:

1.º) Na designação de papas e soberanos, bem como na de séculos e de partes em que se divide uma obra, usam-se os ORDINAIS até *décimo*, e daí por diante o CARDINAL, sempre que o numeral vier depois do substantivo:

Gregório VII (sétimo)	João XXIII (vinte e três)
Pedro II (segundo)	Luís XIV (quatorze)
Século X (décimo)	Século XX (vinte)
Ato III (terceiro)	Capítulo XI (onze)
Canto VI (sexto)	Tomo XV (quinze)

Quando o numeral antecede o substantivo, emprega-se, porém, o ORDINAL:

Décimo século	Vigésimo século
Terceiro ato	Décimo primeiro capítulo
Sexto Canto	Décimo quinto tomo

2.º) Na numeração de artigos de leis, decretos e portarias, usa-se o ORDINAL até *nono*, e o CARDINAL de *dez* em diante:

Artigo 1.º (primeiro)	Artigo 10 (dez)
Artigo 9.º (nono)	Artigo 41 (quarenta e um)

3.º) Nas referências aos dias do mês, usam-se os CARDINAIS, salvo na designação do primeiro dia, em que é de regra o ORDINAL. Também na indicação dos anos e das horas empregam-se os CARDINAIS:

> Chegaremos às **seis horas** do dia **primeiro de maio.**
> São **duas horas** da tarde do dia **vinte e oito de julho** de **mil novecentos e oitenta e três.**

4.º) Na enumeração de páginas e de folhas de um livro, assim como na de casas, apartamentos, quartos de hotel, cabines de navio, poltronas de casas de diversões e equivalentes empregam-se os CARDINAIS. Nestes casos sente-se a omissão da palavra *número*:

Página 3 (três)	Casa 31 (trinta e um)
Folha 8 (oito)	Apartamento 102 (cento e dois)
Cabine 2 (dois)	Quarto 18 (dezoito)

Se o numeral vier anteposto, usa-se o ORDINAL:

Terceira página	Segunda cabine
Oitava folha	Trigésima primeira casa

EMPREGO DOS MULTIPLICATIVOS

Dos MULTIPLICATIVOS apenas *dobro*, *duplo* e *triplo* são de uso corrente. Os demais pertencem à linguagem erudita. Em seu lugar, emprega-se o numeral cardinal seguido da palavra *vezes*: *quatro vezes*, *oito vezes*, *doze vezes*, etc.

EMPREGO DOS FRACIONÁRIOS

1. Os NÚMEROS FRACIONÁRIOS apresentam as formas próprias *meio* (ou *metade*) e *terço*. Os demais são expressos:
a) pelo ORDINAL correspondente, quando este se compõe de um só radical: *quarto*, *quinto*, *décimo*, *vigésimo*, *milésimo*, etc.;
b) pelo CARDINAL correspondente, seguido da palavra *avos*, quando o ORDINAL é uma forma composta: *treze avos*, *dezoito avos*, *vinte e três avos*, *cento e quinze avos*.

2. Excetuando-se *meio*, os NUMERAIS FRACIONÁRIOS vêm antecedidos de um cardinal, que designa o número de partes da unidade: *um terço*, *três quintos*, *cinco treze avos*.

Observações:

1.ª) No Brasil, a expressão *meia dúzia* (não raro reduzida a *meia*) substitui o cardinal *seis*, principalmente quando se enunciam números de telefone.

2.ª) A forma fracionária *duodécimo* é de uso normal, na linguagem administrativa, nas áreas em que a distribuição orçamentária se processa por parcelas mensais:

O Departamento já recebeu o **segundo duodécimo**.

QUADROS DOS NUMERAIS

NUMERAIS CARDINAIS E ORDINAIS

Algarismos		Cardinais	Ordinais
Romanos	Arábicos		
I	1	um	primeiro
II	2	dois	segundo
III	3	três	terceiro
IV	4	quatro	quarto
V	5	cinco	quinto
VI	6	seis	sexto
VII	7	sete	sétimo
VIII	8	oito	oitavo
IX	9	nove	nono
X	10	dez	décimo
XI	11	onze	undécimo ou décimo primeiro
XII	12	doze	duodécimo ou décimo segundo
XIII	13	treze	décimo terceiro
XIV	14	quatorze	décimo quarto
XV	15	quinze	décimo quinto
XVI	16	dezesseis	décimo sexto
XVII	17	dezessete	décimo sétimo
XVIII	18	dezoito	décimo oitavo
XIX	19	dezenove	décimo nono
XX	20	vinte	vigésimo
XXI	21	vinte e um	vigésimo primeiro
XXX	30	trinta	trigésimo
XL	40	quarenta	quadragésimo
L	50	cinquenta	quinquagésimo
LX	60	sessenta	sexagésimo
LXX	70	setenta	septuagésimo

Algarismos		Cardinais	Ordinais
Romanos	Arábicos		
LXXX	80	oitenta	octogésimo
XC	90	noventa	nonagésimo
C	100	cem	centésimo
CC	200	duzentos	ducentésimo
CCC	300	trezentos	trecentésimo
CD	400	quatrocentos	quadringentésimo
D	500	quinhentos	quingentésimo
DC	600	seiscentos	seiscentésimo ou sexcentésimo
DCC	700	setecentos	septingentésimo
DCCC	800	oitocentos	octingentésimo
CM	900	novecentos	nongentésimo
M	1 000	mil	milésimo
$\bar{X}$	10 000	dez mil	dez milésimos
$\bar{C}$	100 000	cem mil	cem milésimos
$\bar{M}$	1 000 000	um milhão	milionésimo
$\bar{\bar{M}}$	1 000 000 000	um bilhão	bilionésimo

NUMERAIS MULTIPLICATIVOS E FRACIONÁRIOS

Multiplicativos	Fracionários
duplo, dobro, dúplice	meio ou metade
triplo, tríplice	terço
quádruplo	quarto
quíntuplo	quinto
sêxtuplo	sexto
séptuplo	sétimo
óctuplo	oitavo
nônuplo	nono
décuplo	décimo
undécuplo	undécimo ou onze avos
duodécuplo	duodécimo ou doze avos
cêntuplo	centésimo

Capítulo 13

Verbo

NOÇÕES PRELIMINARES

1. VERBO é uma palavra de forma variável que exprime o que se passa, isto é, um acontecimento representado no tempo:

> Um dia, Aparício **desapareceu** para sempre.
> (A. Meyer, *SI*, 25.)

> A mulher **foi educada** por minha mãe.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 343.)

> Como **estavam** velhos!
> (A. Bessa Luís, *S*, 189.)

> **Anoitecera** já de todo.
> (C. de Oliveira, *AC*, 19.)

2. O VERBO não tem, sintaticamente, uma função que lhe seja *privativa*, pois também o SUBSTANTIVO e o ADJETIVO podem ser núcleos do predicado. Individualiza-se, no entanto, pela *função obrigatória* de predicado, a única que desempenha na estrutura oracional.[1]

---

[1] Daí a definição de A. Maria Barrenechea: "Os verbos são as palavras que têm a função obrigatória de predicado e um regime próprio" (Las clases de palabras en español como clases funcionales. *Romance Philology*, 17:306-307, 1963).

FLEXÕES DO VERBO

O VERBO apresenta as variações de NÚMERO, de PESSOA, de MODO, de TEMPO, de ASPECTO e de VOZ.

NÚMEROS

Como as outras palavras variáveis, o verbo admite dois números: o SINGULAR e o PLURAL. Dizemos que um verbo está no singular quando ele se refere a uma só pessoa ou coisa e, no plural, quando tem por sujeito mais de uma pessoa ou coisa. Exemplo:

SINGULAR	estudo	estudas	estuda
PLURAL	estudamos	estudais	estudam

PESSOAS

O verbo possui três PESSOAS relacionadas diretamente com a pessoa gramatical que lhe serve de sujeito.

1. A primeira é aquela que fala e corresponde aos pronomes pessoais *eu* (singular) e *nós* (plural):

   estudo estudamos

2. A segunda é aquela a quem se fala e corresponde aos pronomes pessoais *tu* (singular) e *vós* (plural):

   estudas estudais

3. A terceira é aquela de quem se fala e corresponde aos pronomes pessoais *ele*, *ela* (singular) *eles*, *elas* (plural):

   estuda estudam

MODOS

Chamam-se MODOS as diferentes formas que toma o verbo para indicar a atitude (de certeza, de dúvida, de suposição, de mando, etc.) da pessoa que fala em relação ao fato que enuncia.

Há três modos em português: o INDICATIVO, o SUBJUNTIVO e o IMPERATIVO. Dos seus valores e empregos tratamos, com o necessário desenvolvimento, adiante,

neste mesmo capítulo, onde também estudamos as FORMAS NOMINAIS do verbo: O INFINITIVO, O GERÚNDIO E O PARTICÍPIO.

TEMPOS

TEMPO é a variação que indica o momento em que se dá o fato expresso pelo verbo.

Os três tempos naturais são o PRESENTE, o PRETÉRITO (ou PASSADO) e o FUTURO, que designam, respectivamente, um fato ocorrido *no momento em que se fala, antes do momento em que se fala* e *após o momento em que se fala.*

O PRESENTE é indivisível, mas o PRETÉRITO e o FUTURO subdividem-se no MODO INDICATIVO e no SUBJUNTIVO, como se vê do seguinte esquema:

- INDICATIVO
  - Presente: **estudo**
  - Pretérito
    - imperfeito: **estudava**
    - perfeito
      - simples: **estudei**
      - composto: **tenho estudado**
    - mais-que-perfeito
      - simples: **estudara**
      - composto: **tinha** ou **havia estudado**
  - Futuro
    - do presente
      - simples: **estudarei**
      - composto: **terei** ou **haverei estudado**
    - do pretérito[2]
      - simples: **estudaria**
      - composto: **teria** ou **haveria estudado**
- SUBJUNTIVO
  - Presente: **estude**
  - Pretérito
    - imperfeito: **estudasse**
    - perfeito: **tenha** ou **haja estudado**
    - mais-que-perfeito: **tivesse** ou **houvesse estudado**
  - Futuro
    - simples: **estudar**
    - composto: **tiver** ou **houver estudado**
- IMPERATIVO
  - Presente
    - **estuda** (tu), **estude** (você), **estudemos** (nós), **estudai** (vós), **estudem** (vocês).

---

[2] De acordo com a *Nomenclatura Gramatical Brasileira* — e afastando-nos neste ponto deliberadamente da tradição gramatical portuguesa — adotamos esta designação, em lugar de MODO CONDICIONAL, por a julgarmos mais adequada. Veja-se o que dizemos na página 478 (Observação 3.ª), ao tratarmos do emprego deste tempo.

ASPECTOS

1. Diferente das categorias do TEMPO, do MODO e da VOZ, o ASPECTO designa "uma categoria gramatical que manifesta o ponto de vista do qual o locutor considera a ação expressa pelo verbo". Pode ele considerá-la como *concluída*, isto é, observada no seu término, no seu resultado; ou pode considerá-la como *não concluída*, ou seja, observada na sua duração, na sua repetição.[3]
   É a clara distinção que se verifica em português entre as formas verbais classificadas como PERFEITAS ou MAIS-QUE-PERFEITAS, de um lado, e as IMPERFEITAS, de outro.

2. Além dessa distinção básica, que divide o verbo, gramaticalmente, em dois grandes grupos de formas, costumam alguns estudiosos alargar o conceito de ASPECTO, nele incluindo valores semânticos pertinentes ao verbo ou ao contexto.
   Assim, nestas frases:

   João **começou a comer.**
   João **continua a comer.**
   João **acabou de comer.**

   não há, a bem dizer, uma oposição gramatical de aspecto. É o próprio significado dos auxiliares que transmite ao contexto os sentidos INCOATIVO, PERMANSIVO e CONCLUSIVO.
   Dentro dessa lata conceituação, poderíamos distinguir, entre outras, as seguintes oposições aspectuais:

1.ª) ASPECTO PONTUAL / ASPECTO DURATIVO. A oposição aspectual caracteriza-se neste caso pela menor ou maior extensão de tempo ocupada pela ação verbal. Assim:

Aspecto pontual	**Acabo de ler** *Os lusíadas.*
Aspecto durativo	**Continuo a ler** *Os lusíadas.*

2.ª) ASPECTO CONTÍNUO / ASPECTO DESCONTÍNUO. Aqui a oposição aspectual incide sobre o processo de desenvolvimento da ação:

Aspecto contínuo	**Vou lendo** *Os lusíadas.*
Aspecto descontínuo	**Voltei a ler** *Os lusíadas.*

---

[3] Conrad Bureau. In *Dictionnaire de la linguistique: sous la direction de Georges Mounin.* Paris, P.U.F., 1974, p. 41.

3.ª) ASPECTO INCOATIVO / ASPECTO CONCLUSIVO. O aspecto incoativo exprime um processo considerado em sua fase inicial; o aspecto conclusivo ou terminativo expressa um processo observado em sua fase final:

Aspecto incoativo	**Comecei a ler** *Os lusíadas.*
Aspecto conclusivo	**Acabei de ler** *Os lusíadas.*

3. São também de natureza aspectual as oposições entre:

a) FORMA SIMPLES / PERÍFRASE DURATIVA:

leio / estou lendo (ou **estou a ler**)

A perífrase de *estar* + GERÚNDIO (ou INFINITIVO precedido da preposição *a*), que designa o "aspecto do momento rigoroso" (Said Ali), estende-se a todos os modos e tempos do sistema verbal e pode ser substituída por outras perífrases, formadas com os auxiliares de movimento (*andar*, *ir*, *vir*, *viver*, etc.) ou de implicação (*continuar*, *ficar*, etc.):

Ando lendo (ou **a ler**).	**Continuo lendo** (ou **a ler**).
Vai lendo.	**Ficou lendo** (ou **a ler**).

b) *Ser / estar*:

Ele **foi ferido.**	Ele **está ferido.**

A oposição *ser / estar* corresponde a dois tipos de passividade. *Ser* forma a passiva de ação; *estar*, a passiva de estado.[4]

Como vemos, tais oposições se baseiam fundamentalmente na diversidade de formação das perífrases verbais.

De um modo geral, pode-se dizer que as perífrases construídas com o PARTICÍPIO exprimem o aspecto acabado, concluído; e as construídas com o INFINITIVO ou o GERÚNDIO expressam o aspecto inacabado, não concluído.

Dos seus principais valores aspectuais trataremos adiante ao estudarmos os VERBOS AUXILIARES e as FORMAS NOMINAIS do verbo.

---

[4] Quanto às construções com *ser* e *estar* em espanhol, mas com interesse para o português, veja-se a monografia de Ricardo Navas Ruiz. *Ser y estar. Estudio sobre el sistema atributivo del español.* Salamanca, Acta Salmanticensia, 1963.

Observações:

1.ª) Estudiosos há que, seguindo o eslavista Agrel, distinguem ASPECTO de MODALIDADE DE AÇÃO, considerando o primeiro a categoria gramatical que opõe a ação concluída à não concluída, e a segunda toda oposição expressa por meios lexicais, o que abrange um número ilimitado de possibilidades semânticas. Veja-se a respeito: Robert Martin. *Temps et aspect. Essai sur l'emploi des temps narratifs en moyen français*. Paris, Klincksieck, 1971. p. 56; ——— . Temps et aspect en français moderne. Quelques remarques inspirées para la lecture de *Verbe et adverbe* de M. A. Klum. *Travaux de Linguistique et de Littérature*, 3(1): 67-79, especialmente p. 76-79; L. Jenaro Maclennan. *El problema del aspecto verbal. Estudio crítico de sus presupuestos*. Madrid, Gredos, 1962, p.146-150; Arne Klum. Verbe et adverbe. *Etude sur le système verbal indicatif et sur le système de certains adverbes de temps à la lumière des relations verbo-adverbiales dans la prose du français contemporain*. Stockholm, Almqvist & Wiksell, 1961, p. 107 passim; Ataliba T. de Castilho. *Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa*. Marília, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1968, p. 39-44; Claudino Cella. *Système verbal français et système verbal portugais. Etude comparative*. Metz, Université de Metz, 1978, p. 61-65 (com larga bibliografia sobre o assunto).

2.ª) É hoje vastíssima a bibliografia sobre aspecto verbal. Além da que se contém nas obras citadas na observação anterior, veja-se a que dá Marc Wilmet em *Etudes de morpho-syntaxe verbale*. Paris, Klincksieck, 1976, p. 153; e em: Aspect grammatical, aspect sémantique, aspect lexical: un problème de limites. In *La Notion d'Aspect*. Colloque organisé par le Centre d'Analyse Syntaxique de l'Université de Metz. Actes publiés par Jean David et Robert Martin. Paris, Klincksiek, 1980, p. 51-52. Estas Atas reproduzem o texto das comunicações de Eugenio Coseriu, Martín S. Ruipérez, Joe Larochette, Gérard Moignet, Marc Wilmet, Maurice Gross, Jean-Marie Zemb, Gérold Stahl, J. Hoepelman - C. Rohrer, Frédéric Nef, Antoine Culioli, J.-P. Desclés, Bernard Pottier e representam uma súmula conclusiva das principais questões concernentes ao aspecto em geral.

VOZES

O fato expresso pelo verbo pode ser representado de três formas:

a) como *praticado* pelo sujeito:

João **feriu** Pedro.
Não **vejo** rosas neste jardim.

b) como *sofrido* pelo sujeito:

Pedro **foi ferido** por João.
Não **se veem** [= são vistas] rosas neste jardim.

c) como *praticado* e *sofrido* pelo sujeito:

João **feriu-se**.
Dei-me pressa em sair.

No primeiro caso, diz-se que o verbo está na VOZ ATIVA; no segundo, na VOZ PASSIVA; no terceiro, na VOZ REFLEXIVA.

Como se verifica dos exemplos acima, o objeto direto da VOZ ATIVA corresponde ao sujeito da VOZ PASSIVA; e, na VOZ REFLEXIVA, o objeto direto ou indireto é a mesma pessoa do sujeito. Logo, para que um verbo admita transformação de voz, é necessário que ele seja TRANSITIVO.

Voz passiva. Exprime-se a VOZ PASSIVA:

a) com o VERBO AUXILIAR *ser* e o PARTICÍPIO do verbo que se quer conjugar:

Pedro **foi ferido** por João.

b) com o PRONOME APASSIVADOR *se* e uma terceira pessoa verbal, singular ou plural, em concordância com o sujeito:

Não **se vê** [=é vista] **uma rosa** neste jardim.
Não **se veem** [são vistas] **rosas** neste jardim.

Voz reflexiva. Exprime-se a VOZ REFLEXIVA juntando-se às formas verbais da voz ativa os pronomes oblíquos *me*, *te*, *nos*, *vos* e *se* (singular e plural):

Eu **me feri** [=a mim mesmo]
Tu **te feriste** [= a ti mesmo]
Ele **se feriu** [= a si mesmo]
Nós **nos ferimos** [= a nós mesmos]
Vós **vos feristes** [= a vós mesmos]
Eles **se feriram** [= a si mesmos]

Observações:

1.ª) Além do verbo *ser*, há outros auxiliares que, combinados com um particípio, podem formar a VOZ PASSIVA. Estão nesse caso certos verbos que exprimem estado (*estar*, *andar*, *viver*, etc.), mudança de estado (*ficar*) e movimento (*ir*, *vir*):

Os homens já **estavam tocados** pela fé.
Ficou atormentado pelo remorso.
Os pais **vinham acompanhados** dos filhos.

2.ª) Nas formas da VOZ PASSIVA, o particípio concorda em gênero e número com o sujeito:

Ele foi **ferido**	**Eles** foram **feridos.**
Ela foi **ferida**	**Elas** foram **feridas.**

FORMAS RIZOTÔNICAS E ARRIZOTÔNICAS

Em certas formas verbais, o acento tônico recai no radical. Assim:

ando	andas	anda	andam
ande	andes	ande	andem

Em outras, o acento tônico recai na terminação. Assim:

andamos	andais	andou	andar
andemos	andeis	andava	andará

Às primeiras damos o nome de FORMAS RIZOTÔNICAS; às segundas, de FORMAS ARRIZOTÔNICAS.

CLASSIFICAÇÃO DO VERBO

1. Quanto à FLEXÃO, o verbo pode ser REGULAR, IRREGULAR, DEFECTIVO e ABUNDANTE.

   Os REGULARES flexionam-se de acordo com o PARADIGMA, modelo que representa o tipo comum da conjugação. Tomando-se, por exemplo, *cantar*, *vender* e *partir* como paradigmas da 1.ª, 2.ª e 3.ª conjugações, verificamos que todos os verbos regulares da 1.ª conjugação formam os seus tempos como *cantar*; os da 2.ª, como *vender*; os da 3.ª como *partir*.

   São IRREGULARES os verbos que se afastam do paradigma de sua conjugação, como *dar*, *estar*, *fazer*, *ser*, *pedir*, *ir* e vários outros, que no lugar próprio estudaremos.

   VERBOS DEFECTIVOS são aqueles que não têm certas formas, como *abolir*, *falir* e mais alguns de que tratamos adiante. Entre os DEFECTIVOS costumam os gramáticos incluir os UNIPESSOAIS, especialmente os IMPESSOAIS, usados apenas na 3.ª pessoa do singular: *chover*, *ventar*, etc.

   ABUNDANTES são os verbos que possuem duas ou mais formas equivalentes. De regra, essa abundância ocorre no particípio. Assim, o verbo *aceitar* apresenta os particípios *aceitado*, *aceito* e *aceite*; o verbo *entregar*, os particípios *entregado* e *entregue*; o verbo *matar*, os particípios *matado* e *morto*.

Observação:

A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* distingue VERBOS IRREGULARES de VERBOS ANÔMALOS, aplicando a última denominação a verbos como *estar*, *haver*, *ser*, *ter*, *ir*, *vir* e *pôr*, cujas profundas irregularidades não se enquadram em classificação alguma. Esta distinção não é adotada pela *Nomenclatura Gramatical Portuguesa*.

2. Quanto à FUNÇÃO, o verbo pode ser PRINCIPAL ou AUXILIAR.
PRINCIPAL, é o verbo de significação plena, nuclear de uma oração.
Assim:

Estudei português.
Haverá uma solução para o caso.
Comprei um livro.

AUXILIAR é aquele que, desprovido total ou parcialmente da acepção própria, se junta a formas nominais de um verbo principal, constituindo com elas locuções que apresentam matizes significativos especiais. Assim:

Tenho estudado português.
Há de haver uma solução para o caso.
Um livro **foi comprado** por mim.

Os AUXILIARES mais comuns são *ter*, *haver*, *ser* e *estar*, de que apresentamos, adiante, a conjugação completa.

CONJUGAÇÕES

CONJUGAR um verbo é dizê-lo em todos os modos, tempos, pessoas, números e vozes. O agrupamento de todas essas flexões, segundo uma ordem determinada, chama-se CONJUGAÇÃO.
Há três conjugações em português, caracterizadas pela VOGAL TEMÁTICA.
A 1.ª conjugação compreende os verbos que têm a vogal temática -*a*-:

estud-**a**-r fic-**a**-r rem-**a**-r

A 2.ª conjugação abarca os verbos que têm a vogal temática -*e*-:

receb-**e**-r dev-**e**-r tem-**e**-r

À 3.ª conjugação pertencem os verbos que têm a vogal temática -*i*-:

dorm-**i**-r part-**i**-r sorr-**i**-r

Como as vogais temáticas se apresentam com maior nitidez no infinitivo, costuma-se indicar pela TERMINAÇÃO deste (= VOGAL TEMÁTICA + SUFIXO *-r*) a conjugação a que pertence um dado verbo. Assim, os verbos de infinitivo terminado em *-ar* são da 1.ª conjugação; os de infinitivo em *-er*, da 2.ª; os de infinitivo em *-ir*, da 3.ª.

TEMPOS SIMPLES

Estrutura do verbo

1. Examinemos os seguintes tempos do indicativo do verbo *cantar*:

PRESENTE	PRETÉRITO IMPERFEITO	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO
canto	cantava	cantara
cantas	cantavas	cantaras
canta	cantava	cantara
cantamos	cantávamos	cantáramos
cantais	cantáveis	cantáreis
cantam	cantavam	cantaram

Verificamos que todas as suas formas se irmanam pelo RADICAL *cant-*, a parte invariável que lhes dá a base comum de significação.

Verificamos também que a esse RADICAL VERBAL se junta, em cada forma, uma TERMINAÇÃO, da qual participa pelo menos um dos seguintes elementos:

a) a VOGAL TEMÁTICA *-a-*, característica dos verbos da 1.ª conjugação:

cant-**a** cant-**a**-va cant-**a**-ra

b) o SUFIXO TEMPORAL (ou MODO-TEMPORAL), que indica o tempo e o modo:

cant-a-**va** cant-a-**ra**

c) a DESINÊNCIA PESSOAL (ou NÚMERO-PESSOAL), que identifica a pessoa e o número:

cant-**o** cant-a-va-**s** cant-á-ra-**mos**

2. Todo o mecanismo da formação dos tempos simples repousa na combinação harmônica desses três elementos flexivos com um determinado radical verbal. Muitas vezes falta um deles, como:

a) a VOGAL TEMÁTICA, no presente do subjuntivo e, em decorrência, nas formas do imperativo dele derivadas: *cante*, *cantes*, *cante*, etc.;
b) o SUFIXO TEMPORAL, no presente e no pretérito perfeito do indicativo, bem como nas formas do imperativo derivadas do presente do indicativo: *canto*, *cantas*, *canta*, etc.; *cantei*, *cantaste*, *cantou*, etc.; *canta* (tu), *cantai* (vós);
c) a DESINÊNCIA PESSOAL, na 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo (*canta*); na 1.ª e na 3.ª pessoa do singular do imperfeito (*cantava*), do mais-que-perfeito (*cantara*) e do futuro do pretérito (*cantaria*) do indicativo; e nestas mesmas pessoas do presente (*cante*), do imperfeito (*cantasse*) e do futuro (*cantar*) do subjuntivo, assim como nas do infinitivo pessoal (*cantar*).

Mas, salvo no caso em que a falta de DESINÊNCIA iguala duas pessoas de um só tempo, perturbando a clareza, a ausência de qualquer desses elementos flexivos é sempre um sinal particularizante, pois caracteriza a forma lacunosa pelo seu contraste com as que não o são.

Formação dos tempos simples

1. Com exceção do infinitivo pessoal, os tempos simples dos verbos portugueses correspondem a formações existentes no latim clássico ou no latim vulgar, que sofreram, com os séculos, naturais alterações fonéticas. O estudo dessa evolução é matéria que pertence à chamada gramática histórica e excede, naturalmente, os limites deste livro de natureza sincrônica. Podemos, no entanto, adotar aqui um vulgarizado artifício didático para melhor apreendermos o mecanismo das conjugações.
   Consiste tal artifício em admitir que o verbo apresente três tempos PRIMITIVOS, sendo os outros deles DERIVADOS.
   São tempos primitivos: o PRESENTE DO INDICATIVO, o PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO e o INFINITIVO IMPESSOAL.

2. Para mostrar a valia didática deste processo formativo, tomemos como exemplo os verbos *cantar*, *vender* e *partir*, e separemos nos seus tempos simples o RADICAL, ou o TEMA (= RADICAL + VOGAL TEMÁTICA), da TERMINAÇÃO, incluindo nesta o SUFIXO TEMPORAL e a DESINÊNCIA NÚMERO-PESSOAL.

Derivados do presente do indicativo

Do PRESENTE DO INDICATIVO formam-se o IMPERFEITO DO INDICATIVO, o PRESENTE DO SUBJUNTIVO e o IMPERATIVO.

1.º) IMPERFEITO DO INDICATIVO. É formado do radical do presente acrescido:

a) na 1.ª conjugação, das terminações *-ava, -avas, -ava, -ávamos, -áveis, -avam* (constituídas da vogal temática *-a-* + sufixo temporal *-va-* + desinências pessoais);
b) na 3.ª conjugação, das terminações *-ia, -ias, -ia, -íamos, -íeis, -iam* (constituídas da vogal temática *-i-* + sufixo temporal *-a-* + desinências pessoais);
c) na 2.ª conjugação, das mesmas terminações da 3.ª, por ter a vogal temática *-e-* passado a *-i-* antes de *-a-*.
Assim, nos verbos *cantar*, *vender* e *partir*, temos:

	1.ª CONJUGAÇÃO	2.ª CONJUGAÇÃO	3.ª CONJUGAÇÃO
RADICAL DO PRESENTE	**cant-**	**vend-**	**part-**
PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO	cant-ava	vend-ia	part-ia
	cant-avas	vend-ias	part-ias
	cant-ava	vend-ia	part-ia
	cant-ávamos	vend-íamos	part-íamos
	cant-áveis	vend-íeis	part-íeis
	cant-avam	vend-iam	part-iam

Observação:

Fogem à regra acima os verbos *ser*, *ter*, *vir* e *pôr*, que fazem no IMPERFEITO *era*, *tinha*, *vinha* e *punha*, respectivamente.

2.º) PRESENTE DO SUBJUNTIVO. Forma-se do radical da 1.ª pessoa do presente do indicativo, substituindo-se a desinência *-o* pelas flexões próprias do presente do subjuntivo: *-e, -es, -emos, -eis, -em*, nos verbos da 1.ª conjugação; *-a, -as, -a, -amos, -ais, -am*, nos verbos da 2.ª e da 3.ª conjugação.

Assim:

PRESENTE DO INDICATIVO	1.ª CONJUGAÇÃO	2.ª CONJUGAÇÃO	3.ª CONJUGAÇÃO
1.ª pessoa do singular	**cant-o**	**vend-o**	**part-o**
PRESENTE DO SUBJUNTIVO	cant-e	vend-a	part-a
	cant-es	vend-as	part-as
	cant-e	vend-a	part-a
	cant-emos	vend-amos	part-amos
	cant-eis	vend-ais	part-ais
	cant-em	vend-am	part-am

1.ª) Dentre todos os verbos da língua apenas os seguintes não obedecem à regra anterior: *haver, ser, estar, dar, ir, querer* e *saber*, que fazem no presente do subjuntivo: *haja, seja, esteja, dê, vá, queira* e *saiba*.

2.ª) Os verbos defectivos em que a 1.ª pessoa do presente do indicativo caiu em desuso não têm presente do subjuntivo.

3.º) IMPERATIVO. O imperativo afirmativo só possui formas próprias de 2.ª pessoa do singular e 2.ª pessoa do plural, derivadas das correspondentes do presente do indicativo com a supressão do *-s* final.

Assim:

canta(s)	vende(s)	parte(s)
cantai(s)	vendei(s)	parti(s)

Observações:

1.ª) Excetua-se o verbo *ser*, que faz *sê* (tu) e *sede* (vós).

2.ª) Costumam perder o *-e* na 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo os verbos *dizer, fazer, trazer* e os terminados em *-uzir*: *dize* (ou *diz*) tu, *faze* (ou *faz*) tu, *traze* (ou *traz*) tu, *aduze* (ou *aduz*) tu, *traduze* (ou *traduz*) tu.

As outras pessoas do imperativo afirmativo, bem como todas as do imperativo negativo, são supridas pelos equivalentes do presente do subjuntivo, com o pronome posposto, quando usado.

Derivados do pretérito perfeito do indicativo

Do tema do PRETÉRITO PERFEITO formam-se os seguintes tempos simples:

1.º) O MAIS-QUE-PERFEITO DO INDICATIVO, juntando-se as terminações (= sufixo temporal *-ra-* + desinências pessoais) *-ra, -ras, -ra, -ramos, -reis, -ram*:

	1.ª CONJUGAÇÃO	2.ª CONJUGAÇÃO	3.ª CONJUGAÇÃO
RADICAL DO PERFEITO + VOGAL TEMÁTICA	**canta-**	**vende-**	**parti-**
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO DO INDICATIVO	canta-ra canta-ras canta-ra cantá-ramos cantá-reis canta-ram	vende-ra vende-ras vende-ra vendê-ramos vendê-reis vende-ram	parti-ra parti-ras parti-ra partí-ramos partí-reis parti-ram

2.º) o IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO, juntando-se as terminações (= sufixo temporal *-sse-* + desinências pessoais) *-sse*, *-sses*, *-sse*, *-ssemos*, *-sseis*, *-ssem*:

	1.ª CONJUGAÇÃO	2.ª CONJUGAÇÃO	3.ª CONJUGAÇÃO
RADICAL DO PERFEITO + VOGAL TEMÁTICA	**canta-**	**vende-**	**parti-**
PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO	canta-sse canta-sses canta-sse cantá-ssemos cantá-sseis canta-ssem	vende-sse vende-sses vende-sse vendê-ssemos vendê-sseis vende-ssem	parti-sse parti-sses parti-sse partí-ssemos partí-sseis parti-ssem

3.º) o FUTURO DO SUBJUNTIVO, juntando-se as terminações (= sufixo temporal *-r-* + desinências pessoais) *-r*, *-res*, *-r*, *-rmos*, *-rdes*, *-rem*:

	1.ª CONJUGAÇÃO	2.ª CONJUGAÇÃO	3.ª CONJUGAÇÃO
RADICAL DO PERFEITO + VOGAL TEMÁTICA	**canta-**	**vende-**	**parti-**
PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO	canta-r canta-res canta-r canta-rmos canta-rdes canta-rem	vende-r vende-res vende-r vende-rmos vende-rdes vende-rem	parti-r parti-res parti-r parti-rmos parti-rdes parti-rem

Observações:

1.ª) O TEMA do pretérito perfeito pode ser obtido suprimindo-se a desinência da 2.ª pessoa do singular ou da 1.ª pessoa do plural:

canta(ste)	fize(ste)	vie(ste)	puse(ste)
canta(mos)	fize(mos)	vie(mos)	puse(mos)

2.ª) Embora as suas formas sejam quase sempre idênticas, o futuro do subjuntivo e o infinitivo pessoal têm origem diversa, que deve ser conhecida para evitar-se a frequente confusão que se estabelece nos poucos verbos em que as formas são distintas: *fizer* — *fazer*; *for* — *ser*; *souber* — *saber*, etc.

Derivados do infinitivo impessoal

DO INFINITIVO IMPESSOAL formam-se os dois futuros simples do indicativo, o infinitivo pessoal, o gerúndio e o particípio.

1.º) O FUTURO DO PRESENTE, com o simples acréscimo das terminações *-ei*, *-ás*, *-á*, *-emos*, *-eis*, *-ão*:

	1.ª CONJUGAÇÃO	2.ª CONJUGAÇÃO	3.ª CONJUGAÇÃO
INFINITIVO IMPESSOAL	**cantar**	**vender**	**partir**
FUTURO DO PRESENTE	cantar-ei cantar-ás cantar-á cantar-emos cantar-eis cantar-ão	vender-ei vender-ás vender-á vender-emos vender-eis vender-ão	partir-ei partir-ás partir-á partir-emos partir-eis partir-ão

2.º) O FUTURO DO PRETÉRITO, com o acréscimo das terminações *-ia*, *-ias*, *-ia*, *-íamos*, *-íeis*, *-iam*:

	1.ª CONJUGAÇÃO	2.ª CONJUGAÇÃO	3.ª CONJUGAÇÃO
INFINITIVO IMPESSOAL	**cantar**	**vender**	**partir**
FUTURO DO PRETÉRITO	cantar-ia cantar-ias cantar-ia cantar-íamos cantar-íeis cantar-iam	vender-ia vender-ias vender-ia vender-íamos vender-íeis vender-iam	partir-ia partir-ias partir-ia partir-íamos partir-íeis partir-iam

Observações:

1.ª) Não seguem esta regra os verbos *dizer*, *fazer* e *trazer*, cujas formas do FUTURO DO PRESENTE e DO PRETÉRITO são, respectivamente: *direi*, *diria*, *farei*, *faria*, *trarei*, *traria*.

2.ª) O FUTURO DO PRESENTE e O FUTURO DO PRETÉRITO são formados pela aglutinação do INFINITIVO do verbo principal às formas reduzidas do PRESENTE e do IMPERFEITO DO INDICATIVO do auxiliar *haver*: *amar* + *hei*, *amar* + *hia* (por *havia*), etc.

3.º) O INFINITIVO PESSOAL, com o acréscimo das desinências pessoais: *-es* (2.ª pessoa do singular), *-mos*, *-des*, *-em*:

	1.ª CONJUGAÇÃO	2.ª CONJUGAÇÃO	3.ª CONJUGAÇÃO
INFINITIVO IMPESSOAL	**cantar**	**vender**	**partir**
FUTURO PESSOAL	cantar cantar-es cantar cantar-mos cantar-des cantar-em	vender vender-es vender vender-mos vender-des vender-em	partir partir-es partir partir-mos partir-des partir-em

4.º) O GERÚNDIO forma-se substituindo-se o sufixo *-r* do infinitivo pelo sufixo *-ndo*:

	1.ª CONJUGAÇÃO	2.ª CONJUGAÇÃO	3.ª CONJUGAÇÃO
INFINITIVO IMPESSOAL	**canta-r**	**vende-r**	**parti-r**
GERÚNDIO	canta-ndo	vende-ndo	parti-ndo

5.º) O PARTICÍPIO forma-se substituindo-se o sufixo *-r* do infinitivo pelo sufixo *-do*, sendo de notar que, por influência da vogal temática da 3.ª conjugação, a da 2.ª passou a *-i-*:

	1.ª CONJUGAÇÃO	2.ª CONJUGAÇÃO	3.ª CONJUGAÇÃO
INFINITIVO IMPESSOAL	**canta-r**	**vende-r**	**parti-r**
PARTICÍPIO	canta-do	vendi-do	parti-do

Observação:

Os verbos *dizer*, *escrever*, *fazer*, *ver*, *pôr*, *abrir*, *cobrir*, *vir* e seus derivados formam o PARTICÍPIO irregularmente: *dito*, *escrito*, *feito*, *visto*, *posto*, *aberto*, *coberto*, *vindo*. Dos derivados exclui-se *prover*, cujo PARTICÍPIO é *provido*.

VERBOS AUXILIARES E O SEU EMPREGO

1. Os conjuntos formados de um verbo auxiliar com um verbo principal chamam-se LOCUÇÕES VERBAIS. Nas LOCUÇÕES VERBAIS conjuga-se apenas o auxiliar, pois o verbo principal vem sempre numa das formas nominais: no PARTICÍPIO, no GERÚNDIO, ou no INFINITIVO IMPESSOAL.

2. Os AUXILIARES de uso mais frequente são *ter*, *haver*, *ser* e *estar*.[5]

Ter e **haver** empregam-se:

a) com o PARTICÍPIO do verbo principal, para formar os tempos compostos da voz ativa, denotadores de um fato acabado, repetido ou contínuo:

> **Tenho feito** exercícios.
> **Havíamos comprado** livros.

b) com o INFINITIVO do verbo principal antecedido da preposição de, para exprimir, respectivamente, a obrigatoriedade ou o firme propósito de realizar o fato:

> **Tenho de fazer** exercícios.
> **Havemos de comprar** livros.

Ser emprega-se com o PARTICÍPIO do verbo principal, para formar os tempos da voz passiva de ação:

> Exercícios **foram feitos** por mim.
> Livros **serão comprados** por nós.

Estar emprega-se:

a) com o PARTICÍPIO do verbo principal, para formar tempos da voz passiva de estado:

> **Estou arrependido** do que fiz.
> **Estamos impressionados** com o fato.

---

[5] Como não há uniformidade de critério linguístico para determinação dos limites da auxiliaridade, costuma variar de gramática para gramática o elenco de verbos auxiliares. Sobre o assunto, no âmbito da língua portuguesa, o estudo mais desenvolvido é o de Lúcia Maria Pinheiro Lobato. *L'Auxiliarité en langue portugaise* (tese de doutorado apresentada à Universidade de Paris-III, Paris, 1970, mimeografado). Menção particular merecem também os trabalhos de: Eunice Pontes. *Verbos auxiliares em português*. Petrópolis, 1973, onde a auxiliaridade, principalmente dos verbos que se constroem com infinitivo, é estudada à luz da gramática transformacional; e de Eduardo Paiva Raposo. *A construção "união de orações" na gramática do português* (dissertação de doutoramento apresentada à Universidade de Lisboa, Lisboa, 1981, mimeografado), em que se examinam do ponto de vista da gramática relacional as construções de infinitivo com verbos como *fazer*, *mandar*, *deixar*, *ver*, *sentir* e *ouvir*.

b) com o GERÚNDIO, ou com o INFINITIVO do verbo principal antecedido da preposição *a*, para indicar uma ação durativa, continuada:

> **Estava ouvindo** música.
> **Estava a ouvir** música.

c) com o INFINITIVO do verbo principal antecedido da preposição *para*, para exprimir a iminência de um acontecimento, ou o intuito de realizar a ação expressa pelo verbo principal:

> O avião **está para chegar.**
> Há dias **estou para visitá-lo.**

d) com o INFINITIVO do verbo principal antecedido da preposição *por*, para indicar que uma ação que já deveria ter sido realizada ainda não o foi:

> O trabalho **está por terminar.**
> A carta **ficou por escrever.**

Distinção importante

A construção de *estar* (ou *andar*) + GERÚNDIO, preferida no Brasil, é a mais antiga no idioma e ainda tem vitalidade em dialetos centro-meridionais de Portugal (principalmente no Alentejo e no Algarve), nos Açores[6] e nos países africanos de língua portuguesa.

No português-padrão e nos dialetos setentrionais de Portugal predomina hoje a construção, de sentido idêntico, formada de *estar* (ou *andar*) + PREPOSIÇÃO *a* + INFINITIVO, que aparece, vez por outra, na pena de escritores brasileiros. Comparem-se estes exemplos, colhidos na obra de Adonias Filho:

> **Estava a passar** a cera no cordão e **a ouvir** Gonçalo Cintra quando se ergueu de um salto.
> (*LBB*, 126.)

> Três meses ali **estava**, João Joanes, **a pescar** com Pé de Vento, **a visitar** os vizinhos, **a ajoelhar-se** na sepultura da mulher.
> (*LBB*, 133.)

---

[6] Veja-se M. de Paiva Boléo. *Estudos de linguística portuguesa e românica*, I. Coimbra, Acta Universitatis Conimbrigensis, 1974, p. 425; ——. *Revista Portuguesa de Filologia*, p. 17:971, 1975-1978.

O filho lá **estava**, correndo na areia, **a brincar** com outros meninos.
(*LBB*, 15.)

3. Além dos quatro verbos estudados, outros há que podem funcionar como auxiliares. Estão neste caso os verbos *ir*, *vir*, *andar*, *ficar*, *acabar* e mais alguns que se ligam ao INFINITIVO do verbo principal para expressar matizes de tempo ou para marcar certos aspectos do desenvolvimento da ação. Assim:

Ir emprega-se:

a) com o GERÚNDIO do verbo principal, para indicar que a ação se realiza progressivamente ou por etapas sucessivas:

O navio **ia encostando** no cais (pouco a pouco).
Os convidados **iam chegando** de automóvel (sucessivamente).

b) com o INFINITIVO do verbo principal, para exprimir o firme propósito de executar a ação, ou a certeza de que ela será realizada em futuro próximo:

Vou procurar um médico.
O navio **vai partir**.

Vir emprega-se:

a) com o GERÚNDIO do verbo principal, para indicar que a ação se desenvolve gradualmente (compare-se a construção similar com *ir*):

Vinha rompendo a madrugada.
Venho tratando desse assunto.

b) com o INFINITIVO do verbo principal, para indicar movimento em direção a determinado fim ou intenção de realizar um ato:

Veio fazer compras.
Vieste interromper-me o trabalho.

c) com o INFINITIVO do verbo principal antecedido da preposição *a*, para expressar o resultado final da ação:

Vim a saber dessas coisas muito tarde.
Veio a dar com os burros n'água.

d) com o INFINITIVO do verbo principal antecedido da preposição *de*, para indicar o término recente da ação:

Vinha de ajustar contas com o imigrante.
(J. Cardoso Pires, *D*, 290.)

Minha intenção era saudar os jangadeiros que **vêm de chegar.**
(A. F. Schmidt, *GB*, 56.)

Esta última construção, que desde o século passado se documenta em bons escritores do idioma, tem sido condenada por alguns gramáticos como galicismo.

Andar, à semelhança de *estar*, emprega-se com o GERÚNDIO, ou com o INFINITIVO do verbo principal antecedido da preposição *a*, para indicar uma ação durativa, continuada:

Ando lendo os clássicos.
Ando a ler os clássicos.

A primeira construção, como dissemos, é a mais usada no Brasil; a segunda, a preferida em Portugal.

Ficar, além de se juntar ao PARTICÍPIO para formar a voz passiva denotadora de mudança de estado (*ficou molhado*), emprega-se:

a) com o GERÚNDIO, ou com o INFINITIVO do verbo principal antecedido da preposição *a*, para indicar uma ação durativa costumeira, ou mais longa do que a expressa por *estar*; comparem-se:

Ficava cantando	**Ficou esperando**
Estava cantando	**Esteve esperando**
Ficava a cantar	**Ficou a esperar**
Estava a cantar	**Esteve a esperar**

b) com o INFINITIVO do verbo principal antecedido da preposição *por*, para indicar que uma ação que deveria ter sido realizada não o foi:

O trabalho **ficou por terminar.**

Compare-se à construção paralela com *estar*:

O trabalho **está por terminar.**

Acabar emprega-se com o INFINITIVO do verbo principal antecedido da preposição *de*, para indicar uma ação recém-concluída:

O avião **acabou de aterrissar.**
Os convidados **acabaram de chegar.**

CONJUGAÇÃO DOS VERBOS *TER*, *HAVER*, *SER* E *ESTAR*

Modo indicativo

Presente			
tenho	hei	sou	estou
tens	hás	és	estás
tem	há	é	está
temos	havemos	somos	estamos
tendes	haveis	sois	estais
têm	hão	são	estão

Pretérito imperfeito			
tinha	havia	era	estava
tinhas	havias	eras	estavas
tinha	havia	era	estava
tínhamos	havíamos	éramos	estávamos
tínheis	havíeis	éreis	estáveis
tinham	haviam	eram	estavam

Pretérito perfeito			
tive	houve	fui	estive
tiveste	houveste	foste	estiveste
teve	houve	foi	esteve
tivemos	houvemos	fomos	estivemos
tivestes	houvestes	fostes	estivestes
tiveram	houveram	foram	estiveram

Pretérito mais-que-perfeito			
tivera	houvera	fora	estivera
tiveras	houveras	foras	estiveras
tivera	houvera	fora	estivera
tivéramos	houvéramos	fôramos	estivéramos
tivéreis	houvéreis	fôreis	estivéreis
tiveram	houveram	foram	estiveram

Futuro do presente			
terei	haverei	serei	estarei
terás	haverás	serás	estarás
terá	haverá	será	estará
teremos	haveremos	seremos	estaremos
tereis	havereis	sereis	estareis
terão	haverão	serão	estarão

Futuro do pretérito			
teria	haveria	seria	estaria
terias	haverias	serias	estarias
teria	haveria	seria	estaria
teríamos	haveríamos	seríamos	estaríamos
teríeis	haveríeis	seríeis	estaríeis
teriam	haveriam	seriam	estariam

Modo subjuntivo

Presente			
tenha	haja	seja	esteja
tenhas	hajas	sejas	estejas
tenha	haja	seja	esteja
tenhamos	hajamos	sejamos	estejamos
tenhais	hajais	sejais	estejais
tenham	hajam	sejam	estejam

Pretérito imperfeito			
tivesse	houvesse	fosse	estivesse
tivesses	houvesses	fosses	estivesses
tivesse	houvesse	fosse	estivesse
tivéssemos	houvéssemos	fôssemos	estivéssemos
tivésseis	houvésseis	fôsseis	estivésseis
tivessem	houvessem	fossem	estivessem

Futuro			
tiver	houver	for	estiver
tiveres	houveres	fores	estiveres
tiver	houver	for	estiver
tivermos	houvermos	formos	estivermos
tiverdes	houverdes	fordes	estiverdes
tiverem	houverem	forem	estiverem

Modo imperativo

Afirmativo			
tem (tu)	(desusado)	sê (tu)	está (tu)
tenha (você)	haja (você)	seja (você)	esteja (você)
tenhamos (nós)	hajamos (nós)	sejamos (nós)	estejamos (nós)
tende (vós)	havei (vós)	sede (vós)	estai (vós)
tenham (vocês)	hajam (vocês)	sejam vocês)	estejam (vocês)

Negativo	
não tenhas (tu)	não sejas (tu)
não tenha (você)	não seja (você)
não tenhamos (nós)	não sejamos (nós)
não tenhais (vós)	não sejais (vós)
não tenham (vocês)	não sejam (vocês)

não hajas (tu)	não estejas (tu)
não haja (você)	não esteja (você)
não hajamos (nós)	não estejamos (nós)
não hajais (vós)	não estejais (vós)
não hajam (vocês)	não estejam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal			
ter	haver	ser	estar

INFINITIVO PESSOAL			
ter	haver	ser	estar
teres	haveres	seres	estares
ter	haver	ser	estar
termos	havermos	sermos	estarmos
terdes	haverdes	serdes	estardes
terem	haverem	serem	estarem

GERÚNDIO			
tendo	havendo	sendo	estando

PARTICÍPIO			
tido	havido	sido	estado

FORMAÇÃO DOS TEMPOS COMPOSTOS

Entre os TEMPOS COMPOSTOS da voz ativa merecem realce particular aqueles que são constituídos de formas do verbo *ter* (ou, mais raramente, *haver*) com o PARTICÍPIO do verbo que se quer conjugar, porque é costume incluí-los nos próprios paradigmas de conjugação.

Eis os tempos em causa:

Modo indicativo

1.º) PRETÉRITO PERFEITO COMPOSTO. Formado do PRESENTE DO INDICATIVO do verbo *ter* com o PARTICÍPIO do verbo principal:

tenho cantado	tenho vendido	tenho partido
tens cantado	tens vendido	tens partido
tem cantado	tem vendido	tem partido
temos cantado	temos vendido	temos partido
tendes cantado	tendes vendido	tendes partido
têm cantado	têm vendido	têm partido

2.º) PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO. Formado do IMPERFEITO DO INDICATIVO do verbo *ter* (ou *haver*) com o PARTICÍPIO do verbo principal:

tinha cantado	tinha vendido	tinha partido
tinhas cantado	tinhas vendido	tinhas partido
tinha cantado	tinha vendido	tinha partido
tínhamos cantado	tínhamos vendido	tínhamos partido
tínheis cantado	tínheis vendido	tínheis partido
tinham cantado	tinham vendido	tinham partido

3.º) FUTURO DO PRESENTE COMPOSTO. Formado do FUTURO DO PRESENTE SIMPLES do verbo *ter* (ou *haver*) com o PARTICÍPIO do verbo principal:

terei cantado	terei vendido	terei partido
terás cantado	terás vendido	terás partido
terá cantado	terá vendido	terá partido
teremos cantado	teremos vendido	teremos partido
tereis cantado	tereis vendido	tereis partido
terão cantado	terão vendido	terão partido

4.º) FUTURO DO PRETÉRITO COMPOSTO. Formado do FUTURO DO PRETÉRITO SIMPLES do verbo *ter* (ou *haver*) com o PARTICÍPIO do verbo principal:

teria cantado	teria vendido	teria partido
terias cantado	terias vendido	terias partido
teria cantado	teria vendido	teria partido
teríamos cantado	teríamos vendido	teríamos partido
teríeis cantado	teríeis vendido	teríeis partido
teriam cantado	teriam vendido	teriam partido

Modo subjuntivo

1.º) PRETÉRITO PERFEITO. Formado do PRESENTE DO SUBJUNTIVO do verbo *ter* (ou *haver*) com o PARTICÍPIO do verbo principal:

tenha cantado	tenha vendido	tenha partido
tenhas cantado	tenhas vendido	tenhas partido
tenha cantado	tenha vendido	tenha partido
tenhamos cantado	tenhamos vendido	tenhamos partido
tenhais cantado	tenhais vendido	tenhais partido
tenham cantado	tenham vendido	tenham partido

2.º) PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO. Formado do IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO do verbo *ter* (ou *haver*) com o PARTICÍPIO do verbo principal:

tivesse cantado	tivesse vendido	tivesse partido
tivesses cantado	tivesses vendido	tivesses partido
tivesse cantado	tivesse vendido	tivesse partido
tivéssemos cantado	tivéssemos vendido	tivéssemos partido
tivésseis cantado	tivésseis vendido	tivésseis partido
tivessem cantado	tivessem vendido	tivessem partido

3.º) FUTURO COMPOSTO. Formado do FUTURO SIMPLES DO SUBJUNTIVO do verbo *ter* (ou *haver*) com o PARTICÍPIO do verbo principal:

tiver cantado	tiver vendido	tiver partido
tiveres cantado	tiveres vendido	tiveres partido
tiver cantado	tiver vendido	tiver partido
tivermos cantado	tivermos vendido	tivermos partido
tiverdes cantado	tiverdes vendido	tiverdes partido
tiverem cantado	tiverem vendido	tiverem partido

Formas nominais

1.º) INFINITIVO IMPESSOAL COMPOSTO (PRETÉRITO IMPESSOAL). Formado do INFINITIVO IMPESSOAL do verbo *ter* (ou *haver*) com o PARTICÍPIO do verbo principal:

ter cantado	ter vendido	ter partido

2.º) INFINITIVO PESSOAL COMPOSTO (PRETÉRITO PESSOAL). Formado do INFINITIVO PESSOAL do verbo *ter* (ou *haver*) com o PARTICÍPIO do verbo principal:

ter cantado	ter vendido	ter partido
teres cantado	teres vendido	teres partido
ter cantado	ter vendido	ter partido
termos cantado	termos vendido	termos partido
terdes cantado	terdes vendido	terdes partido
terem cantado	terem vendido	terem partido

3.º) GERÚNDIO COMPOSTO (PRETÉRITO). Formado do GERÚNDIO do verbo *ter* (ou *haver*) com o PARTICÍPIO do verbo principal:

tendo cantado	tendo vendido	tendo partido

CONJUGAÇÃO DOS VERBOS REGULARES

Como dissemos, são REGULARES os verbos que se flexionam de acordo com o PARADIGMA de sua conjugação. Assim, tomando os verbos *cantar*, *vender* e *partir* como paradigmas, respectivamente, da 1.ª, 2.ª e 3.ª conjugações, verificamos que todos os verbos regulares da 1.ª conjugação formam os seus tempos pelo modelo de *cantar*; os da 2.ª, pelo de *vender*; os da 3.ª, pelo de *partir*.

CONJUGAÇÃO DA VOZ PASSIVA

(Modelo: *ser louvado*)

Modo indicativo

PRESENTE	PRETÉRITO IMPERFEITO
sou louvado (-a)	era louvado (-a)
és louvado (-a)	eras louvado (-a)
é louvado (-a)	era louvado (-a)
somos louvados (-as)	éramos louvados (-as)
sois louvados (-as)	éreis louvados (-as)
são louvados (-as)	eram louvados (-as)

PRETÉRITO PERFEITO (SIMPLES)	PRETÉRITO PERFEITO (COMPOSTO)
fui louvado (-a)	tenho sido louvado (-a)
foste louvado (-a)	tens sido louvado (-a)
foi louvado (-a)	tem sido louvado (-a)
fomos louvados (-as)	temos sido louvados (-as)
fostes louvados (-as)	tendes sido louvados (-as)
foram louvados (-as)	têm sido louvados (-as)

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO (SIMPLES)	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO (COMPOSTO)
fora louvado (-a)	tinha sido louvado (-a)
foras louvado (-a)	tinhas sido louvado (-a)
fora louvado (-a)	tinha sido louvado (-a)
fôramos louvados (-as)	tínhamos sido louvados (-as)
fôreis louvados (-as)	tínheis sido louvados (-as)
foram louvados (-as)	tinham sido louvados (-as)

Futuro do presente (simples)	Futuro do presente (composto)
serei louvado (-a)	terei sido louvado (a)
serás louvado (-a)	terás sido louvado (-a)
será louvado (-a)	terá sido louvado (-a)
seremos louvados (-as)	teremos sido louvados (-as)
sereis louvados (-as)	tereis sido louvados (-as)
serão louvados (-as)	terão sido louvados (-as)

Futuro do pretérito (simples)	Futuro do pretérito (composto)
seria louvado (-a)	teria sido louvado (a)
serias louvado (-a)	terias sido louvado (-a)
seria louvado (-a)	teria sido louvado (-a)
seríamos louvados (-as)	teríamos sido louvados (-as)
seríeis louvados (-as)	teríeis sido louvados (-as)
seriam louvados (-as)	teriam sido louvados (-as)

Modo subjuntivo

Presente	Pretérito imperfeito
seja louvado (-a)	fosse louvado (-a)
sejas louvado (-a)	fosses louvado (-a)
seja louvado (-a)	fosse louvado (-a)
sejamos louvados (-as)	fôssemos louvados (-as)
sejais louvados (-as)	fôsseis louvados (-as)
sejam louvados (-as)	fossem louvados (-as)

Pretérito perfeito	Pretérito mais-que-perfeito
tenha sido louvado (-a)	tivesse sido louvado (-a)
tenhas sido louvado (-a)	tivesses sido louvado (-a)
tenha sido louvado (-a)	tivesse sido louvado (-a)
tenhamos sido louvados (-as)	tivéssemos sido louvados (-as)
tenhais sido louvados (-as)	tivésseis sido louvados (-as)
tenham sido louvados (-as)	tivessem sido louvados (-as)

Futuro (simples)	Futuro (composto)
for louvado (-a)	tiver sido louvado (-a)
fores louvado (-a)	tiveres sido louvado (-a)
for louvado (-a)	tiver sido louvado (-a)
formos louvados (-as)	tivermos sido louvados (-as)
fordes louvados (-as)	tiverdes sido louvados (-as)
forem louvados (-as)	tiverem sido louvados (-as)

Formas nominais

Infinitivo impessoal presente	Infinitivo impessoal pretérito
ser louvado (-a)	ter sido louvado (-a)

Infinitivo pessoal presente	Infinitivo pessoal pretérito
ser louvado (-a)	ter sido louvado (-a)
seres louvado (-a)	teres sido louvado (-a)
ser louvado (-a)	ter sido louvado (-a)
sermos louvados (-as)	termos sido louvados (-as)
serdes louvados (-as)	terdes sido louvados (-as)
serem louvados (-as)	terem sido louvados (-as)

Gerúndio presente	Gerúndio pretérito
sendo louvado (-a, -os, -as)	tendo sido louvado (-a, -os, -as)

Particípio
louvado (-a, -os, -as)

Observações:

1.ª) Só há uma forma simples na voz passiva, que é o PARTICÍPIO. Colocamos, no entanto, entre parênteses, as designações SIMPLES e COMPOSTO para lembrar a correspondência das formas assim nomeadas com as da voz ativa, que apresentam semelhante oposição.

2.ª) Na voz passiva não se usa o IMPERATIVO.

VOZ REFLEXIVA

Na VOZ REFLEXIVA o verbo vem acompanhado de um pronome oblíquo que lhe serve de objeto direto ou, mais raramente, de objeto indireto e representa a mesma pessoa que o sujeito. Assim:

Eu **me lavo** (ou **lavo-me**).
Ele **se deu** o trabalho de vir a minha casa (ou **deu-se**).

A próclise é preferida no Brasil, a ênclise em Portugal.

O verbo reflexivo pode indicar também a reciprocidade, isto é, uma ação mútua de dois ou mais sujeitos:

Pedro, Paulo e eu **nos estimamos** (**estimamo-nos**) [= mutuamente].

Os dias **se sucedem** (**sucedem-se**) [= um ao outro] calmos.

Verbo reflexivo e verbo pronominal

Muitos verbos são conjugados com pronomes átonos, à semelhança dos reflexivos, sem que tenham exatamente o seu sentido. São os chamados VERBOS PRONOMINAIS, de que podemos distinguir dois tipos:

a) os que só se usam na forma pronominal, como:

apiedar-se	queixar-se
condoer-se	suicidar-se

b) os que se usam também na forma simples, mas esta difere ou pelo sentido ou pela construção da forma pronominal, como, por exemplo:

debater [= discutir]	enganar alguém
debater-se [= agitar-se]	enganar-se com alguém

Observação:

Distingue-se, na prática, o verbo reflexivo do verbo pronominal porque ao primeiro se podem acrescentar, conforme a pessoa, as expressões *a mim mesmo*, *a ti mesmo*, *a si mesmo*, etc. Quando o reflexivo tem valor recíproco, as expressões reforçativas passam a ser *um ao outro*, *reciprocamente*, *mutuamente*, etc.

Assim:

Feri-me **a mim mesmo**.
Amavam-se **um ao outro**.

CONJUGAÇÃO DE UM VERBO REFLEXIVO

(Modelo: *lavar-se*)

Modo indicativo

COM O PRONOME ENCLÍTICO OU MESOCLÍTICO	COM O PRONOME PROCLÍTICO
Presente	
lavo-me	eu me lavo
lavas-te	tu te lavas
lava-se	ele se lava
lavamo-nos	nós nos lavamos
lavais-vos	vós vos lavais
lavam-se	eles se lavam

Com o pronome enclítico ou mesoclítico	Com o pronome proclítico
Pretérito imperfeito	
lavava-me	eu me lavava
lavavas-te	tu te lavavas
lavava-se	ele se lavava
lavávamo-nos	nós nos lavávamos
laváveis-vos	vós vos laváveis
lavavam-se	eles se lavavam
Pretérito perfeito simples	
lavei-me	eu me lavei
lavaste-te	tu te lavaste
lavou-se	ele se lavou
lavamo-nos	nós nos lavamos
lavastes-vos	vós vos lavastes
lavaram-se	eles se lavaram
Pretérito perfeito composto	
tenho-me lavado	eu me tenho lavado
tens-te lavado	tu te tens lavado
tem-se lavado	ele se tem lavado
temo-nos lavado	nós nos temos lavado
tendes-vos lavado	vós vos tendes lavado
têm-se lavado	eles se têm lavado
Pretérito mais-que-perfeito simples	
lavara-me	eu me lavara
lavaras-te	tu te lavaras
lavara-se	ele se lavara
laváramo-nos	nós nos laváramos
laváreis-vos	vós vos laváreis
lavaram-se	eles se lavaram
Pretérito mais-que-perfeito composto	
tinha-me lavado	eu me tinha lavado
tinhas-te lavado	tu te tinhas lavado
tinha-se lavado	ele se tinha lavado
tínhamo-nos lavado	nós nos tínhamos lavado
tínheis-vos lavado	vós vos tínheis lavado
tinham-se lavado	eles se tinham lavado

Com o pronome enclítico ou mesoclítico	Com o pronome proclítico
Futuro do presente simples	
lavar-me-ei	eu me lavarei
lavar-te-ás	tu te lavarás
lavar-se-á	ele se lavará
lavar-nos-emos	nós nos lavaremos
lavar-vos-eis	vós vos lavareis
lavar-se-ão	eles se lavarão
Futuro do presente composto	
ter-me-ei lavado	eu me terei lavado
ter-te-ás lavado	tu te terás lavado
ter-se-á lavado	ele se terá lavado
ter-nos-emos lavado	nós nos teremos lavado
ter-vos-eis lavado	vós vos tereis lavado
ter-se-ão lavado	eles se terão lavado
Futuro do pretérito simples	
lavar-me-ia	eu me lavaria
lavar-te-ias	tu te lavarias
lavar-se-ia	ele se lavaria
lavar-nos-íamos	nós nos lavaríamos
lavar-vos-íeis	vós vos lavaríeis
lavar-se-iam	eles se lavariam
Futuro do pretérito composto	
ter-me-ia lavado	eu me teria lavado
ter-te-ias lavado	tu te terias lavado
ter-se-ia lavado	ele se teria lavado
ter-nos-íamos lavado	nós nos teríamos lavado
ter-vos-íeis lavado	vós vos teríeis lavado
ter-se-iam lavado	eles se teriam lavado

Modo subjuntivo

Com o pronome enclítico	Com o pronome proclítico
Presente	
lave-me	eu me lave
laves-te	tu te laves
lave-se	ele se lave
lavemo-nos	nós nos lavemos
laveis-vos	vós vos laveis
lavem-se	eles se lavem

Com o pronome enclítico	Com o pronome próclítico
Pretérito imperfeito	
lavasse-me	eu me lavasse
lavasses-te	tu te lavasses
lavasse-se	ele se lavasse
lavássemo-nos	nós nos lavássemos
lavásseis-vos	vós vos lavásseis
lavassem-se	eles se lavassem
Pretérito perfeito	
(Não se usa com o pronome enclítico)	eu me tenha lavado
	tu te tenhas lavado
	ele se tenha lavado
	nós nos tenhamos lavado
	vós vos tenhais lavado
	eles se tenham lavado
Pretérito mais-que-perfeito	
tivesse-me lavado	eu me tivesse lavado
tivesses-te lavado	tu te tivesses lavado
tivesse-se lavado	ele se tivesse lavado
tivéssemo-nos lavado	nós nos tivéssemos lavado
tivésseis-vos lavado	vós vos tivésseis lavado
tivessem-se lavado	eles se tivessem lavado
Futuro simples	
(Não se usa com o pronome enclítico)	eu me lavar
	tu te lavares
	ele se lavar
	nós nos lavarmos
	vós vos lavardes
	eles se lavarem
Futuro composto	
(Não se usa com o pronome enclítico)	eu me tiver lavado
	tu te tiveres lavado
	ele se tiver lavado
	nós nos tivermos lavado
	vós vos tiverdes lavado
	eles se tiverem lavado

Modo imperativo

Com o pronome enclítico	Com o pronome proclítico
Afirmativo	
lava-te lave-se lavemo-nos lavai-vos lavem-se	(Não pode vir proclítico o pronome)
Negativo	
(Não pode vir enclítico o pronome)	não te laves não se lave não nos lavemos não vos laveis não se lavem

Formas nominais

Com o pronome enclítico	Com o pronome proclítico
Infinitivo impessoal presente	
lavar-se	— se lavar
Infinitivo impessoal pretérito	
ter-se lavado	— se ter lavado
Infinitivo pessoal presente	
lavar-me	eu me lavar
lavares-te	tu te lavares
lavar-se	ele se lavar
lavarmo-nos	nós nos lavarmos
lavardes-vos	vós vos lavardes
lavarem-se	eles se lavarem
Infinitivo pessoal pretérito	
ter-me lavado	eu me ter lavado
teres-te lavado	tu te teres lavado
ter-se lavado	ele se ter lavado
termo-nos lavado	nós nos termos lavado
terdes-vos lavado	vós vos terdes lavado
terem-se lavado	eles se terem lavado

COM O PRONOME ENCLÍTICO	COM O PRONOME PRÓCLÍTICO
Gerúndio presente	
lavando-se	— se lavando
Gerúndio pretérito	
tendo-se lavado	— se tendo lavado
Particípio	
O pronome oblíquo não pode vir posposto ao particípio	

Observações:

1.ª) Note-se que, em todas as 1ªs. pessoas do plural deste paradigma, quando o pronome é enclítico, o *-s* final da desinência *-mos* é omitido (em virtude de uma antiga assimilação à nasal inicial do pronome seguinte).

2.ª) Nas formas do modo indicativo, quando o pronome sujeito vem expresso, a ênclise do pronome oblíquo é a construção preferida em Portugal e a próclise, a normal no Brasil. Veja-se o que dissemos a propósito da colocação dos pronomes átonos no capítulo 11.

CONJUGAÇÃO DOS VERBOS IRREGULARES

Irregularidade verbal

A irregularidade de um verbo pode estar na flexão ou no radical.

Se examinarmos, por exemplo, a 1.ª pessoa do PRESENTE DO INDICATIVO dos verbos *dar* e *medir*, verificamos que:

a) a forma *dou* não recebe a desinência normal *-o* da referida pessoa;
b) a forma *meço* apresenta o radical *meç-*, distinto do radical *med-*, que aparece no INFINITIVO e em outras formas do verbo: *med-ir*, *med-es*, *med-i*, *med-ira*, etc.

Dar e *medir* são, pois, VERBOS IRREGULARES.

Se examinarmos, por outro lado, o PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO dos verbos em causa, observamos que as formas:

a) *dava*, *davas*, *dava*, *dávamos*, *dáveis*, *davam* se enquadram no paradigma dos verbos regulares da 1.ª conjugação;
b) *media*, *medias*, *media*, *medíamos*, *medíeis*, *mediam*, por sua vez, incorporam-se ao paradigma dos verbos regulares da 3.ª conjugação;

Vemos, assim, que num verbo irregular pode haver determinadas formas perfeitamente regulares.

Observação:

Para mais fácil conhecimento dos verbos irregulares, convém ter em mente o que dissemos sobre a formação dos tempos simples. Excetuando-se a anomalia que apontamos na conjugação dos verbos *dar*, *estar*, *haver*, *querer*, *saber*, *ser* e *ir*, a irregularidade dos demais é sempre constante nas formas de cada um dos grupos:

1.º GRUPO	2.º GRUPO	3.º GRUPO
Pres. do indicativo	Pretérito perfeito do indicativo	Futuro do presente
Pres. do subjuntivo	Pret. mais-que-perf. do indicativo	Futuro do pretérito
Imperativo	Pret. imperfeito do subjuntivo	
	Futuro do subjuntivo	

Atentando-se, pois, nas formas do PRESENTE, do PRETÉRITO PERFEITO e do FUTURO DO PRESENTE do MODO INDICATIVO, sabe-se se um verbo é ou não irregular e, também, como conjugá-lo nos tempos de cada um dos três grupos.

Irregularidade verbal e discordância gráfica

É necessário não confundir irregularidade verbal com certas discordâncias gráficas que aparecem em formas do mesmo verbo e que visam apenas a indicar-lhes a uniformidade de pronúncia dentro das convenções do nosso sistema de escrita.

Assim:

a) os verbos da 1.ª conjugação cujos radicais terminem em *-c*, *-ç* e *-g* mudam tais letras, respectivamente, em *-qu*, *-c* e *-gu* sempre que se lhes segue um *-e*:

ficar — fiquei
justiçar — justicei
chegar — cheguei

b) os verbos da 2.ª e da 3.ª conjugação cujos radicais terminem em *-c*, *-g* e *-gu* mudam tais letras, respectivamente, em *-ç*, *-j* e *-g* sempre que se lhes segue um *-o* ou um *-a*:

vencer — venço — vença
tanger — tanjo — tanja
erguer — ergo — erga
restringir — restrinjo — restrinja
extinguir — extingo — extinga

São, como vemos, simples acomodações gráficas, que não implicam irregularidade do verbo.

Verbos com alternância vocálica

Muitos verbos da língua portuguesa apresentam diferenças de timbre na vogal do radical conforme nele recaia ou não o acento tônico. Estas diferenças não são exatamente as mesmas na variante europeia e na variante brasileira da língua portuguesa, devido sobretudo ao fenômeno da redução das vogais em sílaba átona, a que nos referimos no capítulo sobre fonética e fonologia. Assim, às formas *levamos* e *levais* — com [ə] fechado no português normal de Portugal e com [e] semifechado no português do Brasil — contrapõem-se *levo*, *levas*, *leva* e *levam*, com *e* semiaberto [ɛ]; às formas *rogamos* e *rogais* — com [u] no português de Portugal e com [o] semifechado no português do Brasil — opõem-se *rogo*, *rogas*, *roga* e *rogam*, com *o* semiaberto[ɔ]. Às vezes a alternância vocálica observa-se nas próprias formas rizotônicas. Por exemplo: *subo*, em contraste com *sobes*, *sobe* e *sobem*; *firo*, em oposição a *feres*, *fere* e *ferem*.

Por sofrerem tais mutações vocálicas no radical, esses verbos, ou melhor, os pertencentes à 3.ª conjugação, vêm de regra incluídos no elenco dos VERBOS IRREGULARES. Cumpre ponderar, no entanto, que essas alternâncias são características do idioma; os verbos que as apresentam não formam exceções, mas a norma dentro da nossa complexa morfologia. Saliente-se, ainda, que não é lógico que se considerem regulares verbos como *beber* e *mover*, que, nas formas rizotônicas, apresentam, respectivamente, as alternâncias: *a*) de [ə] fechado no português normal de Portugal e de *e* semifechado [e] no português do Brasil com *e* semiaberto [ɛ]; *b*) de [u] fechado no português normal de Portugal e *o* semifechado [o] no português do Brasil com *o* semiaberto [ɔ]; e, de outro lado, se tenham por irregulares verbos como *frigir* e *acudir*, que alternam [i] com *e* semiaberto [ɛ] e [u] com *o* semiaberto [ɔ]. Há flagrante semelhança nos casos citados. Apenas em *beber* e *mover* não se distinguem na escrita (fato meramente gráfico, por conseguinte) aquelas oposições de fonemas vocálicos a que nos referimos.

Uma palavra deve ainda ser dita com referência aos verbos de qualquer conjugação que têm no radical a vogal *a*.

No português do Brasil não se observa nenhuma alternância na referida vogal, que apresenta o mesmo timbre aberto nas formas rizotônicas e arrizotônicas, embora nestas últimas, naturalmente, ela se articule com menos intensidade. Assim: *lavo*, *lavas*, *lava*, *lavamos*, *lavais*, *lavam*; *lave*, *laves*, *lave*, *lavemos*, *laveis*, *lavem* (sempre com o *a* tônico ou pretônico aberto).

No português de Portugal, porém, a vogal radical *a*, sujeita, nas formas arrizotônicas, ao fenômeno da redução vocálica, apresenta, regularmente, o timbre [ɑ]. Temos assim: *lavo*, *lavas*, *lava*, *lavam*; *lave*, *laves*, *lave*, *lavem* (com *a*

tônico aberto [a]), mas *lavamos, lavais*; *lavemos, laveis*; *lavai* (com *a* pretônico semifechado [α]).

Quando a vogal radical é a nasal [α˜], grafada *an* ou *am*, não se registra qualquer alternância nem no português do Brasil nem no de Portugal, pois a vogal é sempre semifechada, como se disse no capítulo dedicado à Fonética. Assim: *canto, cante, cantamos, cantemos*, etc. (sempre com [α˜]).

Feitas essas considerações, examinemos os principais tipos de alternância vocálica dos verbos em que existem formas rizotônicas: O PRESENTE DO INDICATIVO, O PRESENTE DO SUBJUNTIVO, O IMPERATIVO AFIRMATIVO E O IMPERATIVO NEGATIVO.

De 1.ª conjugação

(Modelos: *levar* e *lograr*)

Indicativo	Subjuntivo	Imperativo	
Presente	Presente	Afirmativo	Negativo
levo	leve	—	—
levas	leves	leva	não leves
leva	leve	leve	não leve
levamos	levemos	levemos	não levemos
levais	leveis	levai	não leveis
levam	levem	levem	não levem
logro	logre	—	—
logras	logres	logra	não logres
logra	logre	logre	não logre
logramos	logremos	logremos	não logremos
lograis	logreis	lograi	não logreis
logram	logrem	logrem	não logrem

Verificamos que, no primeiro, à vogal fechada [ə] do português normal de Portugal e à semifechada [e] do português normal do Brasil, que aparecem na 1.ª e 2.ª pessoas do plural, corresponde a semiaberta [ɛ] na 1.ª, 2.ª e 3.ª pessoas do singular e na 3.ª do plural. No segundo, há uma mutação semelhante: à vogal fechada [u] do português normal de Portugal e à semifechada [o] do português normal do Brasil, existentes nas formas arrizotônicas, corresponde a semiaberta [ɔ] nas formas rizotônicas.

Observações:

1.ª) Seguem o modelo de *levar* os verbos da 1.ª conjugação que têm *e* gráfico[7] no radical, a menos que esta vogal:

a) faça parte do ditongo escrito *ei* — e pronunciado [ej] no português do Brasil e [ɑj] no português normal de Portugal —, como em *cheirar*, por exemplo: *cheiro*, *cheiras*, *cheira*, etc. (sempre com [e] ou [ɑ]);

b) esteja seguida de consoante nasal articulada ([m], [n] ou [ɲ]): *remo*, *remas*, *rema*, etc.; *ordeno*, *ordenas*, *ordena*, etc.; *empenho*, *empenhas*, *empenha*, etc. (no português do Brasil, sempre com [e]; no português de Portugal, com [e] ou [ɑ] antes de [ɲ] nas formas rizotônicas, e com [ə] nas arrizotônicas);

c) venha seguida de consoante palatal ([ʃ], [ʒ] ou [ʎ]: *fecho*, *fechas*, *fecha*, etc.; *desejo*, *desejas*, *deseja*, etc.; *aparelho*, *aparelhas*, *aparelha*, etc. (no português do Brasil, sempre com [e]; no português de Portugal, com [e] ou [ɑ] nas formas rizotônicas, e com [ə] nas arrizotônicas);

Apenas os verbos *invejar*, *embrechar*, *frechar* e *vexar*, dentre os que ao [e] segue uma consoante palatal, apresentam a vogal [ɛ] nas formas rizotônicas.

2.ª) Embora não se enquadre em nenhuma das exceções apontadas, o verbo *chegar* (e seus derivados, como *achegar*, *aconchegar*, etc.) conserva a vogal semifechada [e] em todas as formas rizotônicas.

3.ª) Seguem o modelo de *lograr* os verbos da 1.ª conjugação que têm *o* gráfico[7] no radical, salvo nos casos em que esta vogal:

a) faz parte do ditongo *oi* (seguido de consoante) e do antigo ditongo *ou*: *pernoito*, *pernoitas*, *pernoita*, etc.; *douro*, *douras*, *doura*, etc. (sempre com [o]);

b) antecede consoante nasal articulada ([m], [n], [ɲ]: *tomo*, *tomas*, *toma*, etc.; *leciono*, *lecionas*, *leciona*, etc.; *sonho*, *sonhas*, *sonha*, etc. (no português do Brasil, sempre com [o]; no português de Portugal, com [o] nas formas rizotônicas e com [u] nas arrizotônicas);

c) pertence a verbos terminados em *-oar*, como *voar*: *voo*, *voas*, *voa*, etc. (tanto no português do Brasil como no de Portugal, com [o] nas formas rizotônicas e com [u] nas arrizotônicas.

4.ª) Os verbos que apresentam no radical *e* [ẽ] ou *o* [õ] nasal conservam estas vogais em todas as formas: *tento*, *tentas*, *tenta*, etc.; *conto*, *contas*, *conta*, etc.

---

[7] Como dissemos, no português europeu normal, as vogais radicais escritas *o*, *e*, soam [ə], [u], nas formas arrizotônicas. Os infinitivos *levar* e *lograr* são, pois, pronunciados [lə'var] e [lu'grar].

De 2.ª conjugação

(Modelos: *dever e mover*)

Indicativo	Subjuntivo	Imperativo	
presente	presente	Afirmativo	Negativo
devo	deva	—	—
deves	devas	deve	não devas
deve	deva	deva	não deva
devemos	devamos	devamos	não devamos
deveis	devais	devei	não devais
devem	devam	devam	não devam
movo	mova	—	—
moves	movas	move	não movas
move	mova	mova	não mova
movemos	movamos	movamos	não movamos
moveis	movais	movei	não movais
movem	movam	movam	não movam

Verificamos que:

a) no PRESENTE DO INDICATIVO, as formas rizotônicas apresentam uma alternância da vogal semifechada [e] e [o] da 1.ª pessoa do singular com a vogal semiaberta [ɛ] e [ɔ] da 2.ª e 3.ª pessoas do singular e da 3.ª do plural; nas formas arrizotônicas observa-se a distinção entre as vogais átonas fechadas [ə] e [u] do português de Portugal e as semifechadas [e] e [o] do português do Brasil.

b) no PRESENTE DO SUBJUNTIVO, o português do Brasil mantém em todas as formas a vogal [e] ou [o], conservada no português de Portugal somente nas formas rizotônicas, pois nas arrizotônicas se dá a redução normal a [ə] ou [u].

c) no IMPERATIVO AFIRMATIVO, a 2.ª pessoa do singular, em correspondência com a do PRESENTE DO INDICATIVO, tem a vogal semiaberta [ɛ] ou [ɔ]; no português do Brasil, a 2.ª pessoa do plural, forma arrizotônica, e as formas derivadas do PRESENTE DO SUBJUNTIVO (3.ª do singular, 1.ª e 3.ª do plural e todas as pessoas do IMPERATIVO NEGATIVO) conservam a vogal semifechada [e] ou [o] deste tempo; no português de Portugal, as formas rizotônicas derivadas do PRESENTE DO SUBJUNTIVO mantêm a vogal semifechada [e] ou [u], mas as formas arrizotônicas apresentam a redução a [ə] ou [u].

Observações:

1.ª) Seguem o modelo de *dever* os verbos da 2.ª conjugação que têm *e* gráfico no radical, com exceção:

a) do verbo *querer*, cujo PRESENTE DO SUBJUNTIVO é irregular (*queira*, *queiras*, etc.) e que, no PRESENTE DO INDICATIVO, apresenta todas as formas rizotônicas com *e* semiaberto [ɛ]: *quero*, *queres*, *quer*, *querem*.
b) no português do Brasil, dos verbos em que o *e* antecede uma consoante nasal, como *temer*: *temo*, *temes*, *teme*, etc. (sempre com [e]); no português de Portugal estes verbos seguem o modelo de *dever*.

2.ª) Seguem o modelo de *mover* os verbos da 2.ª conjugação que têm *o* gráfico no radical, com exceção:
a) do verbo *poder*, em que a vogal semiaberta [ɔ] aparece também na 1.ª pessoa do singular do PRESENTE DO INDICATIVO e, consequentemente, em todas as formas rizotônicas do PRESENTE DO SUBJUNTIVO: *posso*, *podes*, *pode*, *podem*; *possa*, *possas*, *possa*, *possam*;
b) no português do Brasil, dos verbos em que o *o* antecede consoante nasal, a exemplo de *comer*: *como*, *comes*, *come*, etc. (sempre com [o]); no português normal de Portugal estes verbos seguem o modelo de *mover*.

Note-se que em algumas regiões do Brasil os verbos em que o *o* do radical antecede consoante nasal seguem também o modelo de *mover*.

3.ª) Os verbos que apresentam no radical *e* [ẽ] ou [õ] nasal conservam estas vogais em todas as formas: *encho*, *enches*, *enche*, etc.; *rompo*, *rompes*, *rompe*, etc.

De 3.ª conjugação

(Modelos: *servir e dormir)*

INDICATIVO	SUBJUNTIVO	IMPERATIVO	
PRESENTE	PRESENTE	AFIRMATIVO	NEGATIVO
sirvo	sirva	—	—
serves	sirvas	serve	não sirvas
serve	sirva	sirva	não sirva
servimos	sirvamos	sirvamos	não sirvamos
servis	sirvais	servi	não sirvais
servem	sirvam	sirvam	não sirvam
durmo	durma	—	—
dormes	durmas	dorme	não durmas
dorme	durma	durma	não durma
dormimos	durmamos	durmamos	não durmamos
dormis	durmais	dormi	não durmais
dormem	durmam	durmam	não durmam

Notamos que, nesses verbos, as vogais do radical alternam de modo ainda mais sensível.

Assim:

a) no PRESENTE DO INDICATIVO, as formas rizotônicas apresentam uma alternância da vogal fechada [i] ou [u] da 1.ª pessoa do singular com a vogal semiaberta [ɛ] ou [ɔ] da 2.ª e 3.ª pessoas do singular e da 3.ª do plural; nas formas arrizotônicas observa-se a redução vocálica normal a [ə] ou [u] no português europeu e uma oscilação entre [e/i] ou [o/u] no português do Brasil, com predominância da vogal fechada [i] ou [u] por influência assimilatória da vogal tônica;

b) no PRESENTE DO SUBJUNTIVO, derivado da 1.ª pessoa do PRESENTE DO INDICATIVO, mantêm-se em todas as formas as vogais daquela pessoa, [i] ou [u], conforme o caso;

c) no IMPERATIVO AFIRMATIVO, a 2.ª pessoa do singular, em correspondência com a do PRESENTE DO INDICATIVO, tem a vogal [ɛ] ou [ɔ]; a 2.ª do plural, em consonância com a do PRESENTE DO INDICATIVO, apresenta a vogal [ə] ou [u], no português de Portugal, e [e/i] ou [o/u], no português do Brasil; as formas derivadas do PRESENTE DO SUBJUNTIVO (3.ª do singular, 1.ª e 3.ª do plural e todas as pessoas do IMPERATIVO NEGATIVO) conservam a vogal [i] ou [u] deste tempo.

Observações:

1.ª) Seguem o modelo de *servir* os verbos da 3.ª conjugação que têm *e* gráfico no INFINITIVO. Assim:

aderir	conferir	digerir	ingerir	repelir
advertir	convergir	discernir	inserir	repetir
aferir	deferir	divergir	preferir	seguir
compelir	desferir	ferir	referir	sugerir
competir	despir	inferir	refletir	vestir

e também *mentir* e *sentir*.

Excetuam-se, no entanto:

a) os verbos *medir*, *pedir*, *despedir* e *impedir*, que apresentam *e* semiaberto [ɛ] em todas as formas rizotônicas do PRESENTE DO INDICATIVO e, por conseguinte, nas do PRESENTE DO SUBJUNTIVO e dos IMPERATIVOS AFIRMATIVO e NEGATIVO: *meço*, *medes*, *mede*, *medem*; *meça*, *meças*, *meça*, *meçam*, etc.; *peço*, *pedes*, *pede*, *pedem*; *peça*, *peças*, *peça*, *peçam*, etc.

b) os verbos *agredir*, *denegrir*, *prevenir*, *progredir*, *regredir* e *transgredir*, que apresentam [i] nas quatro formas rizotônicas do PRESENTE DO INDICATIVO, em todo o

PRESENTE DO SUBJUNTIVO e nas formas dos IMPERATIVOS AFIRMATIVO e NEGATIVO dele derivadas:

INDICATIVO	SUBJUNTIVO	IMPERATIVO	
PRESENTE	PRESENTE	AFIRMATIVO	NEGATIVO
agrido	agrida	—	—
agrides	agridas	agride	não agridas
agride	agrida	agrida	não agrida
agredimos	agridamos	agridamos	não agridamos
agredis	agridais	agredi	não agridais
agridem	agridam	agridam	não agridam

2.ª) Seguem o modelo de *dormir* os verbos da 3.ª conjugação que tem *o* gráfico no INFINITIVO: *tossir*, *engolir*, *cobrir* (e seus derivados, como *descobrir*, *encobrir* e *recobrir*). Excetuam-se, porém:

a) os verbos em que o *o* corresponde ao antigo ditongo [ew], caso em que se conserva como [e] em toda a conjugação: *ouço*, *ouves*, *ouve*, etc.;
b) os verbos *polir* e *sortir*, que apresentam [u] nas formas rizotônicas, formas, aliás, de pouco uso: *pulo*, *pules*, *pule*, *pulem*; *surto*, *surtes*, *surte*, *surtem*.

Modelos: *frigir* e *acudir*

INDICATIVO	SUBJUNTIVO	IMPERATIVO	
PRESENTE	PRESENTE	AFIRMATIVO	NEGATIVO
frijo	frija	—	—
freges	frijas	frege	não frijas
frege	frija	frija	não frija
frigimos	frijamos	frijamos	não frijamos
frigis	frijais	frigi	não frijais
fregem	frijam	frijam	não frijam
acudo	acuda	—	—
acodes	acudas	acode	não acudas
acode	acuda	acuda	não acuda
acudimos	acudamos	acudamos	não acudamos
acudis	acudais	acudi	não acudais
acodem	acudam	acudam	não acudam

Vemos que, embora tenham [i] e [u] no radical, os verbos *frigir* e *acudir* se comportam como se fossem verbos com *e* e *o* gráficos no INFINITIVO, conjugando-se nos quatro tempos mencionados pelos modelos de *servir* e *dormir*.

Observações:

1.ª) Seguem o modelo de *acudir* os seguintes verbos:

bulir	cuspir	fugir	subir
consumir	escapulir	sacudir	sumir

Na língua corrente é também esta a conjugação dos verbos *entupir* e *desentupir*, que num registro mais culto apresentam, por vezes, as formas regulares *entupo*, *entupes*, *entupe*, *entupem*; *desentupo*, *desentupes*, *desentupe*, *desentupem*.

2.ª) Os verbos *construir*, *destruir* e *reconstruir*, dependendo de uma maior ou menor formalização da linguagem, podem ser conjugados: *construo*, *construis* ou *constróis*, *construi* ou *constrói*, *construem* ou *constroem*, etc. Os outros derivados do latim *struĕre*, como *instruir* e *obstruir*, só conhecem a conjugação regular: *instruo*, *instruis*, *instrui*, *instruem*; *obstruo*, *obstruis*, *obstrui*, *obstruem*.

3.ª) Não apresentam alternância vocálica, isto é, conservam o [u] do radical em toda a conjugação, entre outros menos usuais, os verbos:

aludir	curtir	influir	resumir
assumir	iludir	presumir	urdir

e seus derivados.

Pelo modelo de *influir* conjugam-se os demais verbos terminados em *-uir*: *anuir*, *arguir*, *atribuir*, *constituir*, *destituir*, *diluir*, *diminuir*, *estatuir*, *imbuir*, *instituir*, *restituir*, *redarguir* e *ruir*.

4.ª) Os verbos *aspergir* e *submergir* têm *e* semifechado [e] na 1.ª pessoa do singular do PRESENTE DO INDICATIVO e, consequentemente, em todo o PRESENTE DO SUBJUNTIVO. Na 2.ª e 3.ª pessoas do singular e na 3.ª do plural, a exemplo de *servir*, apresentam *e* semiaberto [ɛ].

Outros tipos de irregularidade

1.ª conjugação

Embora seja a mais rica em número de verbos, a 1.ª conjugação é a mais pobre em número de verbos irregulares. Além de *estar*, cuja conjugação estudamos, há apenas os seguintes:

Dar

Apresenta irregularidades nestes tempos:

MODO INDICATIVO

PRESENTE	PRETÉRITO PERFEITO	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO
dou	dei	dera
dás	deste	deras
dá	deu	dera
damos	demos	déramos
dais	destes	déreis
dão	deram	deram

MODO SUBJUNTIVO

PRESENTE	PRETÉRITO IMPERFEITO	FUTURO
dê	desse	der
dês	desses	deres
dê	desse	der
demos	déssemos	dermos
deis	désseis	derdes
deem	dessem	derem

MODO IMPERATIVO

AFIRMATIVO	NEGATIVO
dá	não dês
dê	não dê
demos	não demos
dai	não deis
deem	não deem

No mais, conjuga-se como um verbo regular da 1.ª conjugação.

Note-se que o derivado *circundar* não apresenta nenhuma destas irregularidades. Segue em tudo o paradigma dos verbos regulares da 1.ª conjugação.

Verbos terminados em *-ear* e *-iar*

1. Os verbos terminados em *-ear* recebem *i* depois do *e* nas formas rizotônicas. Sirva de exemplo o verbo *passear*, que assim se conjuga no PRESENTE DO INDICATIVO, no PRESENTE DO SUBJUNTIVO e nos IMPERATIVOS AFIRMATIVO e NEGATIVO:

Indicativo	Subjuntivo	Imperativo	
presente	presente	Afirmativo	Negativo
passeio	passeie	—	—
passeias	passeies	passeia	não passeies
passeia	passeie	passeie	não passeie
passeamos	passeemos	passeemos	não passeemos
passeais	passeeis	passeai	não passeeis
passeiam	passeiem	passeiem	não passeiem

2. Os verbos terminados em *-iar* são, em geral, regulares. Sirva de modelo o verbo *anunciar*:

Indicativo	Subjuntivo	Imperativo	
presente	presente	Afirmativo	Negativo
anuncio	anuncie	—	—
anuncias	anuncies	anuncia	não anuncies
anuncia	anuncie	anuncie	não anuncie
anunciamos	anunciemos	anunciemos	não anunciemos
anunciais	anuncieis	anunciai	não anuncieis
anunciam	anunciem	anunciem	não anunciem

Observação:

O verbo *mobiliar* (do português do Brasil) apresenta, nas formas rizotônicas, o acento na sílaba *bi*: PRESENTE DO INDICATIVO: *mobílio*, *mobílias*, *mobília*, *mobíliam*; PRESENTE DO SUBJUNTIVO: *mobílie*, *mobílies*, *mobílie*, *mobíliem*; etc. Mas, em verdade, tal anomalia é mais gráfica do que fonética. Este verbo também se escreve *mobilhar*, variante gráfica admitida pelo Vocabulário Oficial e que melhor reproduz a sua pronúncia corrente. Advirta-se, ainda, que em Portugal a forma preferida é *mobilar*, conjugada regularmente.

3. Por analogia com os verbos em *-ear* (já que na pronúncia se confundem o *e* e o *i* reduzidos), cinco verbos de infinitivo em *-iar* mudam o [i] em [ej] nas formas rizotônicas. São eles: *ansiar*, *incendiar*, *mediar*, *odiar* e *remediar*. Tomemos, como exemplo, o verbo *incendiar*:

Indicativo	Subjuntivo	Imperativo	
presente	presente	Afirmativo	Negativo
incendeio	incendeie	—	—
incendeias	incendeies	incendeia	não incendeies
incendeia	incendeie	incendeie	não incendeie
incendiamos	incendiemos	incendiemos	não incendiemos
incendiais	incendieis	incendiai	não incendieis
incendeiam	incendeiem	incendeiem	não incendeiem

Os demais verbos em *-iar* são regulares na língua culta do Brasil.

4. Finalmente, há um grupo de verbos em *-iar* que, no português de Portugal e na língua popular do Brasil, não seguem uma norma fixa, antes vacilam entre os modelos de *anunciar* e *incendiar*. São, entre outros, os verbos *agenciar*, *comerciar*, *negociar*, *obsequiar*, *premiar* e *sentenciar*.

Observações:

1.ª) *Criar*, em qualquer acepção, conjuga-se como verbo regular em *-iar*: *crio*, *crias*, *cria*, *criamos*, etc.

2.ª) Convém distinguir, cuidadosamente, certos verbos terminados em *-ear* e *-iar*, de forma muito parecida, mas de sentido diverso. Entre outros: *afear* (relacionado com *feio*) e *afiar* (relacionado com *fio*), *enfrear* (relacionado com *freio*) e *enfriar* (com *frio*), *estear* (relacionado com *esteio*) e *estiar* (com *estio*), *estrear* (relacionado com *estreia*) e *estriar* (com *estria*), *mear* (relacionado com *meio*) e *miar* (com *mio*, *miado*), *pear* (relacionado com *peia*) e *piar* (com *pio*), *vadear* (relacionado com *vau*) e *vadiar* (com *vadio*).

2.ª conjugação

Além dos verbos *haver*, *ser* e *ter*, já conhecidos, devem ser mencionados os seguintes:

Caber

Apresenta irregularidades no PRESENTE e no PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO, irregularidades que se transmitem às formas deles derivadas.

MODO INDICATIVO

PRESENTE	PRETÉRITO PERFEITO	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO
caibo	coube	coubera
cabes	coubeste	couberas
cabe	coube	coubera
cabemos	coubemos	coubéramos
cabeis	coubestes	coubéreis
cabem	couberam	couberam

MODO SUBJUNTIVO

PRESENTE	PRETÉRITO IMPERFEITO	FUTURO
caiba	coubesse	couber
caibas	coubesses	couberes
caiba	coubesse	couber
caibamos	coubéssemos	coubermos
caibais	coubésseis	couberdes
caibam	coubessem	couberem

Observação:

No sentido próprio este verbo não admite IMPERATIVO.

Crer e ler

São irregulares no PRESENTE DO INDICATIVO e, em decorrência, no PRESENTE DO SUBJUNTIVO e nos IMPERATIVOS AFIRMATIVO e NEGATIVO.

INDICATIVO	SUBJUNTIVO	IMPERATIVO	
PRESENTE	PRESENTE	AFIRMATIVO	NEGATIVO
creio	creia	—	—
crês	creias	crê	não creias
crê	creia	creia	não creia
cremos	creiamos	creiamos	não creiamos
credes	creiais	crede	não creiais
creem	creiam	creiam	não creiam
leio	leia	—	—
lês	leias	lê	não leias
lê	leia	leia	não leia
lemos	leiamos	leiamos	não leiamos
ledes	leiais	lede	não leiais
leem	leiam	leiam	não leiam

Observação:

Assim também se conjugam os derivados destes verbos, como *descrer*, *reler*, etc.

Dizer

Apenas o PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO e o GERÚNDIO são regulares neste verbo. Estas as suas formas simples:

Modo indicativo

Presente	Pretérito imperfeito	Pretérito perfeito
digo	dizia	disse
dizes	dizias	disseste
diz	dizia	disse
dizemos	dizíamos	dissemos
dizeis	dizíeis	dissestes
dizem	diziam	disseram

Pretérito mais-que-perfeito	Futuro do presente	Futuro do pretérito
dissera	direi	diria
disseras	dirás	dirias
dissera	dirá	diria
disséramos	diremos	diríamos
disséreis	direis	diríeis
disseram	dirão	diriam

Modo subjuntivo

Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
diga	dissesse	disser
digas	dissesses	disseres
diga	dissesse	disser
digamos	disséssemos	dissermos
digais	dissésseis	disserdes
digam	dissessem	disserem

Modo imperativo

Afirmativo	Negativo
dize	não digas
diga	não diga
digamos	não digamos
dizei	não digais
digam	não digam

FORMAS NOMINAIS

INFINITIVO IMPESSOAL	INFINITIVO PESSOAL	GERÚNDIO	PARTICÍPIO
dizer	dizer dizeres dizer dizermos dizerdes dizerem	dizendo	dito

Observação:

Segundo o modelo de *dizer* conjugam-se os verbos dele formados: *bendizer*, *desdizer*, *contradizer*, *maldizer*, *predizer*, etc.

Fazer

Também neste verbo só o PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO e o GERÚNDIO são regulares. As formas simples conjugam-se:

MODO INDICATIVO

PRESENTE	PRETÉRITO IMPERFEITO	PRETÉRITO PERFEITO
faço	fazia	fiz
fazes	fazias	fizeste
faz	fazia	fez
fazemos	fazíamos	fizemos
fazeis	fazíeis	fizestes
fazem	faziam	fizeram

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO	FUTURO DO PRESENTE	FUTURO DO PRETÉRITO
fizera	farei	faria
fizeras	farás	farias
fizera	fará	faria
fizéramos	faremos	faríamos
fizéreis	fareis	faríeis
fizeram	farão	fariam

MODO SUBJUNTIVO

PRESENTE	PRETÉRITO IMPERFEITO	FUTURO
faça	fizesse	fizer
faças	fizesses	fizeres
faça	fizesse	fizer
façamos	fizéssemos	fizermos
façais	fizésseis	fizerdes
façam	fizessem	fizerem

MODO IMPERATIVO

AFIRMATIVO	NEGATIVO
faze	não faças
faça	não faça
façamos	não façamos
fazei	não façais
façam	não façam

FORMAS NOMINAIS

INFINITIVO IMPESSOAL	INFINITIVO PESSOAL	GERÚNDIO	PARTICÍPIO
fazer	fazer fazeres fazer fazermos fazerdes fazerem	fazendo	feito

Observação:

Por *fazer* se conjugam os seus compostos e derivados, como *afazer*, *contrafazer*, *desfazer*, *liquefazer*, *perfazer*, *rarefazer*, *refazer* e *satisfazer*.

Perder

Oferece irregularidade no PRESENTE DO INDICATIVO e esta se transmite às formas derivadas do PRESENTE DO SUBJUNTIVO e dos IMPERATIVOS AFIRMATIVO e NEGATIVO.

Eis as suas formas irregulares:

Indicativo	Subjuntivo	Imperativo	
Presente	Presente	Afirmativo	Negativo
perco	perca	—	—
perdes	percas	perde	não percas
perde	perca	perca	não perca
perdemos	percamos	percamos	não percamos
perdeis	percais	perdei	não percais
perdem	percam	percam	não percam

Poder

Apresenta irregularidades no PRESENTE e no PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO e, em consequência, nas formas derivadas destes dois tempos:

MODO INDICATIVO

Presente	Pretérito perfeito	Pretérito mais-que-perfeito
posso	pude	pudera
podes	pudeste	puderas
pode	pôde	pudera
podemos	pudemos	pudéramos
podeis	pudestes	pudéreis
podem	puderam	puderam

MODO SUBJUNTIVO

Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
possa	pudesse	puder
possas	pudesses	puderes
possa	pudesse	puder
possamos	pudéssemos	pudermos
possais	pudésseis	puderdes
possam	pudessem	puderem

Observação:

É desusado o IMPERATIVO deste verbo.

Pôr

Pôr, forma contrata do antigo *poer* (ou *põer*, derivado do latim *ponere*), é o único verbo da língua que tem o INFINITIVO irregular.

MODO INDICATIVO

PRESENTE	PRETÉRITO IMPERFEITO	PRETÉRITO PERFEITO
ponho	punha	pus
pões	punhas	puseste
põe	punha	pôs
pomos	púnhamos	pusemos
pondes	púnheis	pusestes
põem	punham	puseram

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO	FUTURO DO PRESENTE	FUTURO DO PRETÉRITO
pusera	porei	poria
puseras	porás	porias
pusera	porá	poria
puséramos	poremos	poríamos
puséreis	poreis	poríeis
puserem	porão	poriam

MODO SUBJUNTIVO

PRESENTE	PRETÉRITO IMPERFEITO	FUTURO
ponha	pusesse	puser
ponhas	pusesses	puseres
ponha	pusesse	puser
ponhamos	puséssemos	pusermos
ponhais	puséssseis	puserdes
ponham	pusessem	puserem

MODO IMPERATIVO

AFIRMATIVO	NEGATIVO
põe	não ponhas
ponha	não ponha
ponhamos	não ponhamos
ponde	não ponhais
ponham	não ponham

FORMAS NOMINAIS

INFINITIVO IMPESSOAL	INFINITIVO PESSOAL	GERÚNDIO	PARTICÍPIO
pôr	pôr pores pôr pormos pordes porem	pondo	posto

Observações:

1.ª) *Pôr* (antigo *poer*) é um verbo anômalo da 2.ª conjugação, que perdeu sua vogal *-e-* no INFINITIVO PESSOAL e em outros tempos. Esta vogal conservou-se, no entanto, em várias formas do verbo: *pus-e-ste*, *pus-e-mos*, *pus-e-ra*, *pus-e-sse*, etc.

2.ª) Pelo paradigma de *pôr* se conjugam todos os seus derivados: *antepor*, *apor*, *compor*, *contrapor*, *decompor*, *depor*, *descompor*, *dispor*, *expor*, *impor*, *opor*, *propor*, *repor*, *supor*, *transpor*, etc.

3.ª) Pela anomalia que este verbo apresenta no INFINITIVO, certos gramáticos preferem incluí-lo numa 4.ª conjugação, que seria formada por ele e seus derivados.

Prazer

Empregado apenas na 3.ª pessoa, este verbo apresenta as seguintes formas irregulares:

MODO INDICATIVO

PRESENTE	PRETÉRITO PERFEITO	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO
praz	prouve	prouvera

MODO SUBJUNTIVO

PRETÉRITO IMPERFEITO	FUTURO
prouvesse	prouver

Observações:

1.ª) As outras formas, inclusive o PRESENTE DO SUBJUNTIVO (= *praza*), são regulares. Por *prazer* se conjugam *aprazer* e *desprazer*.

2.ª) O derivado *comprazer*, além de não ser unipessoal, é regular no PRETÉRITO PERFEITO e nos tempos formados do seu radical. Assim, *comprazi*, *comprazeste*, *comprazeu*, etc.; *comprazera*, *comprazeras*, *comprazera*, etc.; *comprazesse*, *comprazesses*, *comprazesse*, etc.; *comprazer*, *comprazeres*, *comprazer*, etc.

Querer

Oferece irregularidades nos seguintes tempos:

MODO INDICATIVO

PRESENTE	PRETÉRITO PERFEITO	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO
quero	quis	quisera
queres	quiseste	quiseras
quer	quis	quisera
queremos	quisemos	quiséramos
quereis	quisestes	quiséreis
querem	quiseram	quiseram

MODO SUBJUNTIVO

PRESENTE	PRETÉRITO IMPERFEITO	FUTURO
queira	quisesse	quiser
queiras	quisesses	quiseres
queira	quisesse	quiser
queiramos	quiséssemos	quisermos
queirais	quisésseis	quiserdes
queiram	quisessem	quiserem

Observações:

1.ª) A par de *quer*, 3.ª pessoa do singular do PRESENTE DO INDICATIVO, emprega-se também *quere* no português europeu, quando a forma verbal vem acompanhada de um pronome enclítico: *quere-a*.

2.ª) É desusado o IMPERATIVO deste verbo.

3.ª) O derivado *requerer* faz *requeiro* na 1.ª pessoa do PRESENTE DO INDICATIVO e é regular no PRETÉRITO PERFEITO e nos tempos formados do seu radical: *requeri*, *requereste*, *requereu*, etc.; *requerera*, *requereras*, *requerera*, etc.; *requeresse*, *requeresses*, *requeresse*, etc.; *requerer*, *requereres*, *requerer*, etc. Além disso, emprega-se no IMPERATIVO.

4.ª) *Bem-querer* e *malquerer* fazem no PARTICÍPIO *benquisto* e *malquisto*, respectivamente.

Saber

Formas irregulares:

MODO INDICATIVO

PRESENTE	PRETÉRITO PERFEITO	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO
sei	soube	soubera
sabes	soubeste	souberas
sabe	soube	soubera
sabemos	soubemos	soubéramos
sabeis	soubestes	soubéreis
sabem	souberam	souberam

MODO SUBJUNTIVO

PRESENTE	PRETÉRITO IMPERFEITO	FUTURO
saiba	soubesse	souber
saibas	soubesses	souberes
saiba	soubesse	souber
saibamos	soubéssemos	soubermos
saibais	soubésseis	souberdes
saibam	soubessem	souberem

MODO IMPERATIVO

AFIRMATIVO	NEGATIVO
sabe	não saibas
saiba	não saiba
saibamos	não saibamos
sabei	não saibais
saibam	não saibam

Trazer

É regular apenas no PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO e nas FORMAS NOMINAIS.

Esta a sua conjugação:

Modo indicativo

Presente	Pretérito imperfeito	Pretérito perfeito
trago	trazia	trouxe
trazes	trazias	trouxeste
traz	trazia	trouxe
trazemos	trazíamos	trouxemos
trazeis	trazíeis	trouxestes
trazem	traziam	trouxeram

Pretérito mais-que-perfeito	Futuro do presente	Futuro do pretérito
trouxera	trarei	traria
trouxeras	trarás	trarias
trouxera	trará	traria
trouxéramos	traremos	traríamos
trouxéreis	trareis	traríeis
trouxeram	trarão	trariam

Modo subjuntivo

Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
traga	trouxesse	trouxer
tragas	trouxesses	trouxeres
traga	trouxesse	trouxer
tragamos	trouxéssemos	trouxermos
tragais	trouxésseis	trouxerdes
tragam	trouxessem	trouxerem

Modo imperativo

Afirmativo	Negativo
traze	não tragas
traga	não traga
tragamos	não tragamos
trazei	não tragais
tragam	não tragam

Sobre a complexa morfologia de *trazer*, e em particular sobre as variadas formas de pretérito perfeito que ainda se conservam na linguagem popular, consultem-se especialmente F. Adolfo Coelho. *Theoria da conjugação em latim e portuguez.* Lisboa, s./e., 1870, p. 109-110; Joseph M. Piel. A flexão verbal do português. Separata de *Biblos*, XX. Coimbra, 1945, p. 24, 37, 38 passim. Uma bibliografia sobre o tema pode ler-se em Celso Cunha. *Cancioneiro de Martin Codax.* Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1956, p. 171.

Valer

Apresenta irregularidade na 1.ª pessoa do PRESENTE DO INDICATIVO, irregularidade que se transmite ao PRESENTE DO SUBJUNTIVO e às formas do IMPERATIVO dele derivadas. Assim:

INDICATIVO	SUBJUNTIVO	IMPERATIVO	
PRESENTE	PRESENTE	AFIRMATIVO	NEGATIVO
valho	valha	—	—
vales	valhas	vale	não valhas
vale	valha	valha	não valha
valemos	valhamos	valhamos	não valhamos
valeis	valhais	valei	não valhais
valem	valham	valham	não valham

Observação:

Por *valer* se conjugam *desvaler* e *equivaler*.

Ver

É irregular no PRESENTE e no PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO, nas formas deles derivadas, assim como no PARTICÍPIO, que é *visto*.

Enumeremos tais formas irregulares:

MODO INDICATIVO

PRESENTE	PRETÉRITO PERFEITO	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO
vejo	vi	vira
vês	viste	viras
vê	viu	vira
vemos	vimos	víramos
vedes	vistes	víreis
veem	viram	viram

MODO SUBJUNTIVO

PRESENTE	PRETÉRITO IMPERFEITO	FUTURO
veja	visse	vir
vejas	visses	vires
veja	visse	vir
vejamos	víssemos	virmos
vejais	vísseis	virdes
vejam	vissem	virem

MODO IMPERATIVO

AFIRMATIVO	NEGATIVO
vê	não vejas
veja	não veja
vejamos	não vejamos
vede	não vejais
vejam	não vejam

Observações:

1.ª) Assim se conjugam *antever*, *entrever*, *prever* e *rever*.

2.ª) *Prover*, embora formado de *ver*, é regular no PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO e nas formas dele derivadas: *provi*, *proveste*, *proveu*, etc.; *provera*, *proveras*, *provera*, etc.; *provesse*, *provesses*, *provesse*, etc.; *prover*, *proveres*, *prover*, etc. O PARTICÍPIO é *provido*, também regular.

Por *prover* conjuga-se o seu derivado *desprover*.

3.ª conjugação

Excluídos os que sofrem apenas mutação da vogal do radical, que estudamos no início deste capítulo, restam ainda alguns verbos da 3.ª conjugação cujas irregularidades devem ser conhecidas. São eles:

Ir

É verbo anômalo, somente regular no PRETÉRITO IMPERFEITO, no FUTURO DO PRESENTE e no FUTURO DO PRETÉRITO do MODO INDICATIVO: *ia*, *irei*, *iria*; nas FORMAS NOMINAIS — INFINITIVO: *ir*; GERÚNDIO: *indo*; PARTICÍPIO: *ido*.

Suas formas do PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO e dos tempos dele derivados identificam-se com as correspondentes do verbo *ser*: *fui*, *fora*, *fosse* e *for*.

Nos demais tempos simples é assim conjugado:

Indicativo	Subjuntivo	Imperativo	
Presente	Presente	Afirmativo	Negativo
vou	vá	—	—
vais	vás	vai	não vás
vai	vá	vá	não vá
vamos	vamos	vamos	não vamos
ides	vades	ide	não vades
vão	vão	vão	não vão

Medir e Pedir

Além da alternância vocálica entre as formas rizotônicas e arrizotônicas, estes verbos apresentam modificação do radical *med-* e *ped-* na 1.ª pessoa do PRESENTE DO INDICATIVO e, consequentemente, no PRESENTE DO SUBJUNTIVO e nas pessoas do IMPERATIVO dele derivadas.

Indicativo	Subjuntivo	Imperativo	
Presente	Presente	Afirmativo	Negativo
meço	meça	—	—
medes	meças	mede	não meças
mede	meça	meça	não meça
medimos	meçamos	meçamos	não meçamos
medis	meçais	medi	não meçais
medem	meçam	meçam	não meçam
peço	peça	—	—
pedes	peças	pede	não peças
pede	peça	peça	não peça
pedimos	peçamos	peçamos	não peçamos
pedis	peçais	pedi	não peçais
pedem	peçam	peçam	não peçam

Observações:

1.ª) Por *medir* conjuga-se *desmedir*.

2.ª) Conjugam-se por *pedir*, embora dele não sejam derivados, os verbos *despedir*, *expedir* e *impedir*, bem como os que destes se formam: *desimpedir*, *reexpedir*, etc.

Ouvir

Irregularidade semelhante à anterior. O radical *ouv-* muda-se em *ouç-* na 1.ª pessoa do PRESENTE DO INDICATIVO e, em decorrência, em todo o PRESENTE DO SUBJUNTIVO e nas pessoas do IMPERATIVO dele derivadas.

Assim:

INDICATIVO	SUBJUNTIVO	IMPERATIVO	
PRESENTE	PRESENTE	AFIRMATIVO	NEGATIVO
ouço	ouça	—	—
ouves	ouças	ouve	não ouças
ouve	ouça	ouça	não ouça
ouvimos	ouçamos	ouçamos	não ouçamos
ouvis	ouçais	ouvi	não ouçais
ouvem	ouçam	ouçam	não ouçam

Observação:

Em Portugal, ao lado de *ouço*, há *oiço* para a 1.ª pessoa do singular do PRESENTE DO INDICATIVO. Esta dualidade fonética estende-se a todo o PRESENTE DO SUBJUNTIVO e às pessoas do IMPERATIVO dele derivadas: *ouça* ou *oiça*, *ouças* ou *oiças*, etc.

Rir

Apresenta irregularidades nos seguintes tempos:

INDICATIVO	SUBJUNTIVO	IMPERATIVO	
PRESENTE	PRESENTE	AFIRMATIVO	NEGATIVO
rio	ria	—	—
ris	rias	ri	não rias
ri	ria	ria	não ria
rimos	riamos	riamos	não riamos
rides	riais	ride	não riais
riem	riam	riam	não riam

Pelo modelo de *rir* conjuga-se *sorrir*.

Vir

É verbo anômalo, assim conjugado nos tempos simples:

Modo indicativo

Presente	Pretérito imperfeito	Pretérito perfeito
venho	vinha	vim
vens	vinhas	vieste
vem	vinha	veio
vimos	vínhamos	viemos
vindes	vínheis	viestes
vêm	vinham	vieram

Pretérito mais-que-perfeito	Futuro do presente	Futuro do pretérito
viera	virei	viria
vieras	virás	virias
viera	virá	viria
viéramos	viremos	viríamos
viéreis	vireis	viríeis
vieram	virão	viriam

Modo subjuntivo

Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
venha	viesse	vier
venhas	viesses	vieres
venha	viesse	vier
venhamos	viéssemos	viermos
venhais	viésseis	vierdes
venham	viessem	vierem

Modo imperativo

Afirmativo	Negativo
vem	não venhas
venha	não venha
venhamos	não venhamos
vinde	não venhais
venham	não venham

FORMAS NOMINAIS

INFINITIVO IMPESSOAL	INFINITIVO PESSOAL	GERÚNDIO	PARTICÍPIO
vir	vir vires vir virmos virdes virem	vindo	vindo

Observação:

Por este verbo se conjugam todos os seus derivados, como *advir*, *avir*, *convir*, *desavir*, *intervir*, *provir* e *sobrevir*.

Verbos terminados em *-uzir*

Os verbos assim terminados, como *aduzir*, *conduzir*, *deduzir*, *induzir*, *introduzir*, *luzir*, *produzir*, *reduzir*, *reluzir*, *traduzir*, etc., não apresentam a vogal *-e* na 3.ª pessoa do singular do PRESENTE DO INDICATIVO: (ele) *aduz*, *conduz*, *deduz*, *induz*, *introduz*, etc.

Verbos de particípio irregular

Há alguns verbos da 2.ª e da 3.ª conjugação que possuem apenas particípio irregular, não tendo conhecido jamais a forma regular em *-ido*. São os seguintes:

INFINITIVO	PARTICÍPIO	INFINITIVO	PARTICÍPIO
dizer	dito	pôr	posto
escrever	escrito	abrir	aberto
fazer	feito	cobrir	coberto
ver	visto	vir	vindo

Observações:

1.ª) Também os derivados destes verbos apresentam somente o particípio irregular. Assim, *desdito*, de *desdizer*; *reescrito*, de *reescrever*; *contrafeito*, de *contrafazer*; *previsto*, de *prever*; *imposto*, de *impor*; *entreaberto*, de *entreabrir*; *descoberto*, de *descobrir*; *convindo*, de *convir*, etc.

2.ª) *Desabrido* não é particípio regular de *desabrir*, mas forma reduzida de *dessaborido*, "sem sabor", provavelmente de origem espanhola. Usa-se apenas como adjetivo, na acepção de "rude", "violento", "descontrolado": *palavras* ***desabridas***, *ventos* ***desabridos***, *discurso* ***desabrido***.

3.ª) Neste grupo devemos incluir três verbos da 1.ª conjugação — *ganhar*, *gastar* e *pagar* — de que outrora se usavam normalmente os dois particípios. Na linguagem atual preferem-se, tanto nas construções com o auxiliar *ser* como naquelas em que entra o auxiliar *ter*, as formas irregulares *ganho*, *gasto* e *pago*, sendo que a última substituiu completamente o antigo *pagado*.

Verbos abundantes

Vimos que são chamados ABUNDANTES os verbos que possuem duas ou mais formas equivalentes. Vimos também que, na quase totalidade dos casos, essa abundância ocorre apenas no PARTICÍPIO, o qual, em certos verbos, se apresenta com uma forma reduzida ou anormal ao lado da forma regular em *-ado* ou *-ido*.

De regra, a forma regular emprega-se na constituição dos tempos compostos da VOZ ATIVA, isto é, acompanhada dos auxiliares *ter* ou *haver*; a irregular usa-se, de preferência, na formação dos tempos da VOZ PASSIVA, ou seja, acompanhada do auxiliar *ser*.

Examinemos os principais verbos ABUNDANTES no particípio.

De 1.ª conjugação

INFINITIVO	PARTICÍPIO REGULAR	PARTICÍPIO IRREGULAR
aceitar	aceitado	aceito, aceite
entregar	entregado	entregue
enxugar	enxugado	enxuto
expressar	expressado	expresso
expulsar	expulsado	expulso
isentar	isentado	isento
matar	matado	morto
salvar	salvado	salvo
soltar	soltado	solto
vagar	vagado	vago

De 2.ª conjugação

INFINITIVO	PARTICÍPIO REGULAR	PARTICÍPIO IRREGULAR
acender	acendido	aceso
benzer	benzido	bento
eleger	elegido	eleito
incorrer	incorrido	incurso
morrer	morrido	morto
prender	prendido	preso
romper	rompido	roto
suspender	suspendido	suspenso

De 3.ª conjugação

Infinitivo	Particípio regular	Particípio irregular
emergir	emergido	emerso
exprimir	exprimido	expresso
extinguir	extinguido	extinto
frigir	frigido	frito
imergir	imergido	imerso
imprimir	imprimido	impresso
inserir	inserido	inserto
omitir	omitido	omisso
submergir	submergido	submerso

Observações:

1.ª) Somente as formas irregulares se usam como adjetivos e são elas as únicas que se combinam com os verbos *estar*, *ficar*, *andar*, *ir* e *vir*.

2.ª) A forma *aceite* é mais usada em Portugal.

3.ª) *Morto* é particípio de *morrer* e estendeu-se também a *matar*.

4.ª) O particípio *rompido* usa-se também com o auxiliar *ser*. Ex.: ***Foram rompidas*** *nossas relações. Roto* emprega-se mais como adjetivo.

5.ª) *Imprimir* possui duplo particípio quando significa "estampar", "gravar". Na acepção de "produzir movimento", "infundir", usa-se apenas o particípio em *-ido*. Dir-se-á, por exemplo: *Este livro* ***foi impresso*** *no Brasil*. Mas, por outro lado: ***Foi imprimida*** *enorme velocidade ao carro.*

6.ª) Pelo modelo de *entregue*, formou-se *empregue*, de uso frequente em Portugal e na linguagem popular do Brasil.

7.ª) Muitos particípios irregulares, que outrora serviam para formar tempos compostos, caíram em desuso. Entre outros, estão nesse caso: *cinto*, do verbo *cingir*; *colheito* do verbo *colher*; *despeso*, do verbo *despender*. Alguns, como *absoluto* (de *absolver*) e *resoluto* (de *resolver*), continuam na língua, mas com valor de adjetivos.

Verbos impessoais, unipessoais e defectivos

Há verbos que são usados apenas em alguns tempos, modos ou pessoas.

As razões que provocam a falta de certas formas verbais são múltiplas e nem sempre apreensíveis.

Muitas vezes é a própria ideia expressa pelo verbo que não pode aplicar-se a determinadas pessoas. Assim, no seu significado próprio, os verbos que exprimem fenômenos da natureza, como *chover*, *trovejar*, *ventar*, só aparecem na 3.ª pessoa do singular; os que indicam vozes de animais, como *ganir*, *ladrar*, *zurrar*, normalmente só se empregam na 3.ª pessoa do singular e do plural.

Aos primeiros chamamos IMPESSOAIS; aos últimos UNIPESSOAIS.

Outras vezes o desuso de uma forma verbal é ocasionado por sua pronúncia desagradável ou por prestar-se a confusão com uma forma de outro verbo, de emprego mais frequente. A razões de ordem eufônica atribui-se, por exemplo, a falta da 1.ª pessoa do singular do PRESENTE DO INDICATIVO e, consequentemente, de todas as pessoas do PRESENTE DO SUBJUNTIVO do verbo *abolir*; pela homofonia com formas do verbo *falar*, justifica-se a inexistência das formas rizotônicas do verbo *falir*. Mas, como a própria caracterização do que é agradável ou desagradável ao ouvido é sempre difícil, pois está condicionada ao gosto pessoal, há frequentes discordâncias entre os gramáticos em estabelecer os casos de lacuna verbal aconselhados por motivos eufônicos. Não raro, não se vislumbra mesmo razão maior do que o simples desuso de uma forma para que ela continue sendo evitada pelos que falam ou escrevem.

Aos verbos que não têm a conjugação completa consagrada pelo uso damos o nome de DEFECTIVOS.

Verbos impessoais

Não tendo sujeito, os VERBOS IMPESSOAIS são invariavelmente usados na 3.ª pessoa do singular. Assim:

a) os verbos que exprimem fenômenos da natureza, como:

alvorecer	chover	nevar	saraivar
amanhecer	chuviscar	orvalhar	trovejar
anoitecer	estiar	relampejar	ventar

b) o verbo *haver* na acepção de "existir" e o verbo *fazer* quando indica tempo decorrido:

Houve momentos de pânico.
Faz cinco anos que não o vejo.

c) certos verbos que indicam necessidade, conveniência ou sensações, quando regidos de preposição em frases do tipo:

Basta de provocações!
Chega de lamúrias.
Dói-me do lado esquerdo.

Verbos unipessoais

São, como dissemos, UNIPESSOAIS os verbos que, pelo sentido, só admitem um sujeito da 3.ª pessoa do singular ou do plural.

Assim:

a) os verbos que exprimem uma ação ou um estado peculiar a determinado animal, como *ladrar*, *rosnar*, *galopar*, *trotar*, *pipilar*, *zurrar*:

> **Zumbem** à porta insetos variegados.
> Os periquitos verdes **grazinavam**.
> Os sapos **coaxavam** nas águas mortas.
> Borboletas tontas **esvoaçavam** de ramo em ramo.
> Os potros **galopavam** incontidos.

b) os verbos que indicam necessidade, conveniência, sensações, quando têm por sujeito um substantivo, ou uma oração substantiva, seja reduzida de infinitivo, seja iniciada pela integrante *que*:

> **Urgem** as providências prometidas.
> **Convém** sair mais cedo.
> **Pareceu**-me que ele chorava.

c) os verbos *acontecer*, *concernir*, *grassar* e outros, como *constar* (= ser constituído), *assentar* (= ajustar uma vestimenta), etc.:

> **Aconteceu** o que eu esperava.
> O exemplo não **concerne** ao caso.
> As epidemias **grassavam** na região.
> O livro **consta** de duas partes.
> Os vestidos **assentaram**-lhe bem.

Observação:

É claro que, em sentido figurado, tanto os verbos que exprimem fenômenos da natureza como os que designam vozes de animais podem aparecer em todas as pessoas.

Vejam-se estes exemplos literários:

> Os oficiais **anoiteceram** e não **amanheceram** na propriedade.
> (J. Lins do Rego, *ME*, 70.)

> Tanto **ladras**, **rosnei** com os meus botões, que trincas a língua.
> (A. Ribeiro, *ES*, 189.)

Por outro lado, convém ter presente que, nos casos de personificação, como as fábulas, tais verbos podem ser empregados, com o significado próprio, em todas as pessoas.

Verbos defectivos

Os VERBOS DEFECTIVOS, em sua grande maioria pertencentes à 3.ª conjugação, podem ser distribuídos por dois grupos principais:

1.º grupo. Verbos que não possuem a 1.ª pessoa do PRESENTE DO INDICATIVO e, consequentemente, nenhuma das pessoas do PRESENTE DO SUBJUNTIVO nem as formas do IMPERATIVO que delas se derivam, isto é, todas as do IMPERATIVO NEGATIVO e três do IMPERATIVO AFIRMATIVO: a 3.ª pessoa do singular e a 1.ª e 3.ª do plural.

Sirva de exemplo o verbo *banir*:

INDICATIVO PRESENTE	SUBJUNTIVO PRESENTE	IMPERATIVO	
		AFIRMATIVO	NEGATIVO
—	—		
banes	—	bane	—
bane	—	—	—
banimos	—	—	—
banis	—	bani	—
banem	—	—	—

Pelo modelo de *banir* conjugam-se, entre outros, os seguintes verbos:

abolir	carpir	exaurir	imergir
aturdir	colorir	fremir	jungir
brandir	demolir	fulgir	retorquir
brunir	emergir	haurir	ungir

2.º grupo. Verbos que, no PRESENTE DO INDICATIVO, só se conjugam nas formas arrizotônicas e não possuem, portanto, nenhuma das pessoas do PRESENTE DO SUBJUNTIVO nem do IMPERATIVO NEGATIVO; e, no IMPERATIVO AFIRMATIVO, apresentam apenas a 2.ª pessoa do plural.

Sirva de exemplo o verbo *falir*:

INDICATIVO PRESENTE	SUBJUNTIVO PRESENTE	IMPERATIVO	
		AFIRMATIVO	NEGATIVO
—	—		
—	—	—	—
—	—	—	—
falimos	—	—	—
falis	—	fali	—
—	—	—	—

Pelo modelo de *falir* conjugam-se, entre outros, os seguintes verbos da 3.ª conjugação:

aguerrir	delinquir	empedernir	puir
combalir	descomedir-se	foragir-se	remir
comedir-se	embair	fornir	renhir

bem como o verbo *adequar* da 1.ª conjugação, e *precaver-se* e *reaver*, da 2.ª.

Outros casos de defectividade

1. Os verbos *adequar* e *antiquar* usam-se quase que exclusivamente no INFINITIVO PESSOAL e no PARTICÍPIO. *Transir* só aparece no PARTICÍPIO *transido*:

   Estava **transido** de frio.

2. *Soer* praticamente só se emprega nas seguintes formas: *sói*, *soem* (do PRESENTE DO INDICATIVO) e *soía*, *soías*, *soía*, *soíamos*, *soíeis*, *soíam* (do IMPERFEITO DO INDICATIVO).

3. *Precaver-se*, como dissemos, só possui as formas arrizotônicas do PRESENTE DO INDICATIVO: *precavemo-nos*, *precaveis-vos*; a 2.ª pessoa do plural do IMPERATIVO AFIRMATIVO: *precavei-vos*; e nenhuma do PRESENTE DO SUBJUNTIVO e do IMPERATIVO NEGATIVO. É um verbo regular, não dependendo nem de *ver*, nem de *vir*. Faz, por conseguinte, *precavi-me*, *precaveste-te*, *precaveu-se*, etc., no PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO; *precavesse-me*, *precavesses-te*, *precavesse-se*, etc., no IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO, de acordo com o paradigma dos verbos da 2.ª conjugação.

4. *Haver*, mesmo quando pessoal, não se usa na 2.ª pessoa do singular do IMPERATIVO AFIRMATIVO.

5. Há certos verbos que são desusados no PARTICÍPIO e, consequentemente, nos tempos compostos. É o caso de *concernir*, *esplender* e alguns mais.

Substitutos dos defectivos

As carências de um VERBO DEFECTIVO podem ser supridas pelo emprego de formas verbais ou de perífrases sinônimas. Diremos, por exemplo, *redimo* e *abro falência*, em lugar da lacunosa primeira pessoa do PRESENTE DO INDICATIVO dos verbos *remir* e *falir*; *acautelo-me*, ou *precato-me*, pela equivalente pessoa de *precaver-se*; e assim por diante.

SINTAXE DOS MODOS E DOS TEMPOS

Entende-se por MODO, como vimos, a propriedade que tem o verbo de indicar a atitude (de certeza, de dúvida, de suposição, de mando, etc.) da pessoa que fala em relação ao fato que enuncia; e, por TEMPO, a de localizar o processo verbal no momento de sua ocorrência, referindo-o seja à pessoa que fala, seja a outro fato em causa.

MODO INDICATIVO

Com o MODO INDICATIVO exprime-se, em geral, uma ação ou um estado considerados na sua realidade ou na sua certeza, quer em referência ao presente, quer ao passado ou ao futuro. É, fundamentalmente, o modo da oração principal.

Emprego dos tempos do indicativo

Presente

O PRESENTE DO INDICATIVO emprega-se:

1.º) para enunciar um fato atual, isto é, que ocorre no momento em que se fala (PRESENTE MOMENTÂNEO):

> **Cai** chuva. **É** noite. Uma pequena brisa
> **Substitui** o calor.
> (F. Pessoa, *OP*, 474.)

> O céu **está** limpo, não **há** nenhuma nuvem acima de nós.
> (R. Braga, *CR*, 51.)

2.º) para indicar ações e estados permanentes ou assim considerados, como seja uma verdade científica, um dogma, um artigo de lei (PRESENTE DURATIVO):

> A Terra **gira** em torno do próprio eixo.

> Deus **é** Pai! Pai de toda a criatura:
> E a todo o ser o seu amor **assiste**:
> De seus filhos o mal sempre **é lembrado**...
> (A. de Quental, *SC*, 4.)

> A lei não **distingue** entre nacionais e estrangeiros quanto à aquisição e ao gozo dos direitos civis.
> (*Código Civil Brasileiro*, Art. 3.º)

3.º) para expressar uma ação habitual ou uma faculdade do sujeito, ainda que não estejam sendo exercidas no momento em que se fala (PRESENTE HABITUAL OU FREQUENTATIVO):

> **Sou** tímido: quando me vejo diante de senhoras, **emburro**, **digo** besteiras.
> (G. Ramos, *A*, 31.)

> **Como** pouquíssimo...
> (M. Torga, *V*, 50.)

4.º) para dar vivacidade a fatos ocorridos no passado (PRESENTE HISTÓRICO OU NARRATIVO), como nesta descrição de um carnaval antigo, inserta num romance de Marques Rebelo:

> A Avenida **é** o mar dos foliões. Serpentinas **cortam** o ar carregado de éter, **rolam** das sacadas, **pendem** das árvores e dos fios, **unem** com os seus matizes os automóveis do corso. "**Sai** da frente! **Sai** da frente!" — o grupo dos cartolas **empurra** para passar, com a corneta que **arrebenta** os ouvidos. O chão **é** um espesso tapete de confetes. **Há** uma loucura de pandeiros, de cantos e chocalhos...
> E o corso movimentava-se vagarosamente com estampidos de motores.
> (*M*, 48 e 51.)

5.º) para marcar um fato futuro, mas próximo; caso em que, para impedir qualquer ambiguidade, se faz acompanhar geralmente de um adjunto adverbial:

> Amanhã mesmo **vou** para Belo Horizonte e lá **pego** o avião do Rio.
> (A. Callado, *MC*, 19.)

> Outro dia eu **volto**, talvez depois de amanhã, ou na primavera.
> (A. Bessa Luís, *QR*, 277.)

Valores afetivos

1. Ao empregarmos o PRESENTE HISTÓRICO OU NARRATIVO (denominações provenientes do seu tradicional e largo uso nas narrativas históricas), imaginamo-nos no passado, visualizando os fatos que descrevemos ou narramos. É um processo de dramatização linguística de alta eficiência, se utilizado de forma adequada e sóbria, pois que o seu valor expressivo decorre da

aparente impropriedade, de ser acidental num contexto organizado com formas normais do pretérito. O abuso que dele fazem alguns romancistas contemporâneos é contraproducente: torna invariável o estilo e, com isso, elimina a sua intensidade particular.

Como nos ensinam aqueles que o souberam usar com mestria, quando se emprega o presente histórico numa série de orações absolutas, ou coordenadas, deve a última oração conter o verbo novamente no pretérito.

Observe-se, porém, que, sendo o período composto por subordinação, não se deve empregar na principal o pretérito e na subordinada o presente histórico, ou vice-versa. Não são de imitar exemplos clássicos, como o seguinte:

> **Vi** logo por sinais e por acenos
> Que com isto se **alegra** grandemente.
> (Camões, *Lus.*, V, 29.)

2. O emprego comedido do presente para designar uma ação futura pode ser um meio expressivo de valioso efeito por emprestar a certeza da atualidade a um fato por ocorrer. É particularmente sensível tal expressividade em afirmações condicionadas do tipo:

> Se ele partir amanhã, **sigo** com ele.
> Se ele **parte** amanhã, **sigo** com ele.
> Mais um passo e **és** um homem morto!

3. É forma delicada de linguagem, e denota intimidade entre pessoas, um pedido feito no presente do indicativo quando, logicamente, deveria sê-lo no imperativo ou no futuro. Exemplo:

> Você me **resolve** isto amanhã (= **Resolva**-me isto amanhã; ou: Você me **resolverá** isto amanhã.)

4. Para atenuar a rudeza do tom imperativo, costuma-se empregar o presente do verbo *querer* seguido do infinitivo do verbo principal:

> — **Quer sentar**-se, minha senhora?...
> (C. Castelo Branco, *CC*, 198.)

> — **Quer** me **dar** minha carteira?
> (C. Drummond de Andrade, *OC*, 921.)

Pretérito imperfeito

A própria denominação deste tempo — PRETÉRITO IMPERFEITO — ensina-nos o seu valor fundamental: o de designar um fato passado, mas não concluído (*imperfeito* = não perfeito, inacabado). Encerra, pois, uma ideia de continuidade, de duração do processo verbal mais acentuada do que os outros tempos pretéritos, razão por que se presta especialmente para descrições e narrações de acontecimentos passados. Empregamo-lo, assim:

1.º) quando, pelo pensamento, nos transportamos a uma época passada e descrevemos o que então era presente:

> Debaixo de um itapicuru, eu **fumava, pensava** e **apreciava** a tropilha de cavalos, que **retouçavam** no gramado vasto. A cerca **impedia** que eles me vissem. E alguns **estavam** muito perto.
> (Guimarães Rosa, *S*, 216.)

> O frio **ia aumentando** e o vento **despenteava** o cabelo de ambos.
> (M. J. de Carvalho, *AV*, 104.)

2.º) para indicar, entre ações simultâneas, a que se estava processando quando sobreveio a outra:

> **Falava** alto, e algumas mulheres acordaram.
> (M. Torga, *V*, 183.)

> Quando se **aproximava** a Noite para me servir o sono, meteram-me num conflito...
> (A. M. Machado, *CJ*, 165.)

3.º) para denotar uma ação passada habitual ou repetida (IMPERFEITO FREQUENTATIVO):

> Se o cacique **marchava**, a tribo inteira o **acompanhava**.
> (J. Cortesão, *IHB*, II, 178.)

> Quando eu não a **esperava**, e ela **aparecia**, o coração **vinha**-me à boca, dando pancadas emotivas.
> (L. Jardim, *MP*, 36.)

4.º) para designar fatos passados concebidos como contínuos ou permanentes:

As índias **adaptavam**-se mais facilmente à civilização, pois se **consideravam** elevadas pela união com os brancos, que não as **desdenhavam**.
(A. Peixoto, *NHLB*, 38.)

Sentou-se no muro que **dava** para o rio, o jornal nas mãos.
(A. Abelaira, *CF*, 173.)

5.º) pelo futuro do pretérito, para denotar um fato que seria consequência certa e imediata de outro, que não ocorreu, ou não poderia ocorrer:

— O patrão é porque não tem força. Tivesse ele os meios e isto **virava** um fazendão.
(Monteiro Lobato, *U*, 236.)

— Se eu não fosse mulher, **ia** também!
(M. Torga, *V*, 307.)

6.º) pelo presente do indicativo, como forma de polidez para atenuar uma afirmação ou um pedido (IMPERFEITO DE CORTESIA):

— Tive alta ontem, e **vinha** agradecer a V. Ex.ª.
(M. Torga, *V*, 279.)

Diz-lhe:
— Pedro, eu **vinha** exclusivamente para tratar de negócios.
(C. dos Anjos, *M*, 192.)

7.º) para situar vagamente no tempo contos, lendas, fábulas, etc. (caso em que se usa o imperfeito do verbo *ser*, com sentido existencial):

Era uma vez uma mulher que queria ver a beleza.
(G. de Almeida, *N*, 25.)

Era uma vez uma rapariga chamada Judite.
(Almada Negreiros, *NG*, 13.)

Valores afetivos

1. Por expressar um fato inacabado, impreciso, em contínua realização na linha do passado para o presente, o IMPERFEITO é, como dissemos, o tempo que

melhor se presta a descrições e narrações, sendo de notar que nas narrações serve menos para enumerar os fatos do que para explicá-los com minúcias. "O imperfeito faz ver sucessivamente os diversos momentos da ação, que, à semelhança de um panorama em movimento, se desenrola diante de nossos olhos: é o presente no passado" (C.-M. Robert).
Com os escritores naturalistas este imperfeito descritivo assume importância capital na língua literária e é, hoje, um dos recursos mais eficazes de que dispõem os romancistas do idioma. Veja-se, por exemplo, o seguinte passo do romance *Mar morto*, de Jorge Amado:

> Como um monstro estranho um guindaste atravessou a chuva e o vento, carregando fardos. A chuva **açoitava** sem piedade os homens negros da estiva. O vento **passava** veloz, assoviando, derrubando coisas, amedrontando as mulheres. A chuva **embaciava** tudo, **fechava** até os olhos dos homens. Só os guindastes se **moviam** negros.
> (*MM*, 18.)

Este outro, do romance *Vindima*, de Miguel Torga:

> Outros ranchos **desciam** por outros caminhos em direção a outras quintas. **Vinham** numa nuvem de pó e num redemoinho de som de todos os lados da serra. Nos rostos ossudos de cada bando **lia**-se a mesma felicidade nómada de ciganos libertos, com os haveres uma saca. **Cantavam, riam, paravam** a dançar nas encruzilhadas, **comiam, bebiam**, sem horas e sem ave-marias. E do Senhor Jesus a Terra-feita, de Favaios a Vale de Mendiz, **era** um poço de alegria, de cantigas e de sol. A grande festa do mosto **ia** começar.
> (*V*, 15.)

E também este, de *A vida verdadeira de Domingos Xavier*, de José Luandino Vieira:

> Francisco João desceu sem as olhar. O mar **vinha** de longe, murmurante, se roçar nos pés da areia. **Trazia** o bom cheiro da costa angolana... Na praia, as cubatas dos pescadores se **desenhavam** na sombra... Redes **dormiam** embaixo da capa das folhas de coqueiros na praia deserta e canoas **descansavam** das longas viagens nos seus dormentes de mafumeira... Mulheres **sopravam** seus fogareiros de lata, **assavam** peixe ou **cozinhavam** panela de feijão. Velhos pescadores **cachimbavam** nas portas ou **filosofavam** em grupo. Moças de panos, com cheiro de

mar e sol, **riam** em suas conversas. E, no fim da tarde calma, o fumo e o murmúrio das falas **subiam** da sanzala à beira-mar.
(*VVDX*, 40-41.)

2. Relevância particular tem o IMPERFEITO DO INDICATIVO no chamado DISCURSO INDIRETO LIVRE, em que autor e personagem se confundem na narração viva de um fato. Leia-se o que, a propósito de tal meio de expressão, escrevemos no capítulo 20.

Além dos empregos a que nos referimos, o IMPERFEITO pode ter outros, já que, sendo um tempo relativo, o seu valor temporal é comandado pelos verbos com os quais se relaciona ou pelas expressões temporais que o acompanham. Nos casos em que a época ou a data em que ocorre a ação vem claramente mencionada, ele pode indicar até um só fato preciso.

Assim:

Em um momento do século XVII colocava-se o autor da *Ulisseia* acima do Camões!
(J. Ribeiro, *PE*, 8.)

Às 6 horas em ponto batia à sua porta.
(M. de Sá-Carneiro, *CF*, 230.)

No dia seguinte Geraldo Viramundo **era expulso** do seminário.
(F. Sabino, *GM*, 42.)

Dentro em pouco os capinhas, salvando a pulos as trincheiras, **fugiam** à velocidade espantosa do animal...
(Rebelo da Silva, *CL*, 177.)

Pretérito perfeito

Ao contrário do que ocorre em algumas línguas românicas, há em português clara distinção no emprego das duas formas do PRETÉRITO PERFEITO: a SIMPLES e a COMPOSTA, constituída do presente do indicativo do auxiliar *ter* e do particípio do verbo principal.

A FORMA SIMPLES indica uma ação que se produziu em certo momento do passado. É a que se emprega para "descrever o passado tal como aparece a um observador situado no presente e que o considera do presente":

Jantei com um apetite devorador e **dormi** como um anjo.
(M. Torga, *V*, 108.)

Ergui-me tonto, e **vi** em rebolo no chão os dois faroleiros.
(Monteiro Lobato, *U*, 103.)

A FORMA COMPOSTA exprime geralmente a repetição de um ato ou a sua continuidade até o presente em que falamos. Exemplos:

— **Tenho lutado** contra a adversidade e **tenho compreendido** os homens.
(Cochat Osório, *CV*, 134.)

Tenho escrito bastantes poemas.
(F. Pessoa, *OP*, 175.)

— Eu **tenho cruzado** o nosso Estado em caprichoso ziguezague.
(Simões Lopes Neto, *CGLS*, 123.)

Em síntese:

O PRETÉRITO PERFEITO SIMPLES, denotador de uma ação completamente concluída, afasta-se do presente; o PRETÉRITO PERFEITO COMPOSTO, expressão de um fato repetido ou contínuo, aproxima-se do presente.[8]

Observações:

1.ª) Para exprimir uma ação repetida ou contínua, o PRETÉRITO PERFEITO SIMPLES exige sempre o acompanhamento de advérbios ou locuções adverbiais, como *sempre*, *frequentemente*, *várias vezes*, *muitas vezes*, *todos os dias*, etc. Assim:

Os homens do mar **tiveram sempre** uma grande ternura pelas aves.
(R. Brandão, *P*, 164.)

Ai, **quantas noites**
no fundo da casa
lavei essa mão,
poli-a, **escovei**-a.
(C. Drummond de Andrade, *R*. 71.)

Em tais casos, a ideia de repetição ou continuidade é dada não pelo verbo mas pelo advérbio que o modifica.

---

[8] Veja-se Manuel de Paiva Boléo. *O perfeito e o pretérito em português em confronto com as outras línguas românicas* (*Estudo de caráter sintático-estilístico*). Coimbra, Biblioteca da Universidade, 1936.

2.ª) Na linguagem coloquial não é raro o emprego do PRETÉRITO PERFEITO SIMPLES pelo FUTURO DO PRESENTE COMPOSTO. Assim:

> Quando virmos, lá em baixo, o clarão da fogueira, já ele **morreu**... (= terá morrido).
>
> (Sttau Monteiro, *FHL*, 162.)

Distinções entre o pretérito imperfeito e o perfeito

Convém ter presentes as seguintes distinções de emprego do PRETÉRITO IMPERFEITO e do PRETÉRITO PERFEITO SIMPLES DO INDICATIVO:

a) o PRETÉRITO IMPERFEITO exprime o fato passado habitual; o PRETÉRITO PERFEITO, o não habitual:

> Quando o **via, cumprimentava**-o.
> Quando o **vi, cumprimentei**-o.

b) o PRETÉRITO IMPERFEITO exprime a ação durativa, e não a limita no tempo; o PRETÉRITO PERFEITO, ao contrário, indica a ação momentânea, definida no tempo. Comparem-se estes dois exemplos:

> O mancebo **desprezava** o perigo e pago até da morte pelos sorrisos, que seus olhos **furtavam** de longe, **levava** o arrojo a arrepiar a testa do touro com a ponta da lança.
>
> O mancebo **desprezou** o perigo e pago até da morte pelos sorrisos, que seus olhos **furtaram** de longe, **levou** o arrojo a arrepiar a testa do touro com a ponta da lança.

Pretérito mais-que-perfeito

1. O pretérito MAIS-QUE-PERFEITO indica uma ação que ocorreu antes de outra ação já passada:

> O monólogo **tornara-se** tão fastidioso que o Barbaças desinteressou-se.
> (F. Namora, *TJ*, 193.)
>
> Quando voltei
> as casuarinas **tinham desaparecido** da cidade.
> (Agostinho Neto, *SE*, 121.)

Samuel aproximou-se para avisar que o táxi **tinha chegado**.
(C. Drummond de Andrade, *CA*, 130.)

2. Além desse valor normal, o MAIS-QUE-PERFEITO pode denotar:
a) um fato vagamente situado no passado, em frases como as seguintes:

Casara, **tivera** filhos, mas nada disso o **tocara** por dentro.
(M. Torga, *NCM*, 55.)

Até que afinal **conseguira** o meu carneiro para montar.
(J. Lins do Rego, *ME*, 73.)

No céu azul as últimas arribações **tinham desaparecido**.
(G. Ramos, *VS*, 177.)

b) um fato passado em relação ao momento presente, quando se deseja atenuar uma afirmação ou um pedido:

— Eu **tinha vindo** para convencê-lo de que Pedro é seu amigo e pedir-lhe que apoiasse Hermeto.
(C. dos Anjos, *M*, 243.)

3. Na linguagem literária emprega-se, vez por outra, o MAIS-QUE-PERFEITO SIMPLES em lugar:
a) do FUTURO DO PRETÉRITO (SIMPLES OU COMPOSTO):

Um pouco mais de sol — e **fora** [= teria sido] brasa,
Um pouco mais de azul — e **fora** [= teria sido] além,
Para atingir, faltou-me um golpe de asa...
(M. de Sá-Carneiro, *P*, 69.)

Oh! se lutei!... mas **devera** [= deveria]
Expor-te em pública praça,
Como um alvo à populaça,
Um alvo aos dictérios seus!
(Gonçalves Dias, *PCPE*, 270.)

b) do PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO:

Sê propícia para mim, socorre
Quem te adorara, se adorar **pudera**!
(A. de Guimaraens, *OC*, 139.)

Assistimos à divina Tragédia, como se **fôramos**, no prodigioso quadro, os últimos personagens póstumos do Mestre.
(Teixeira de Pascoaes, *VE*, 193.)

Na linguagem corrente este emprego fixou-se em certas frases exclamativas:

Quem me **dera**! [= Quem me desse!]
Prouvera a Deus! [= Prouvesse a Deus!]
Pudera!
Tomara (que)!

Exemplos literários:

Quem me **dera** ser como Casimiro Lopes!
(G. Ramos, *SB*, 178.)

Prouvera a Deus que eu não soubesse tanto!
(F. Pessoa, *OP*, 544.)

Tomara eu ser-lhe útil.
(J. de Araújo Correa, *FX*, 53.)

Futuro do presente

1. O FUTURO DO PRESENTE SIMPLES emprega-se:

1.º) para indicar fatos certos ou prováveis, posteriores ao momento em que se fala:

As aulas **começarão** depois de amanhã.
(C. dos Anjos, *DR*, 222.)

Mudaremos de casa. Uma casa inteiramente nua quando lá entrarmos.
(A. Abelaira, *QPN*, 19.)

Não **escreverei** o poema.
(Agostinho Neto, *SE*, 98.)

2.º) para exprimir a incerteza (probabilidade, dúvida, suposição) sobre fatos atuais:

— "Meu Anjo!" — dizem de mim.
Serei, talvez, porque enfim
Eu vejo Deus em meus Pais...
(A. Correia d'Oliveira, *M*, 91.)

Há uma várzea no meu sonho,
Mas não sei onde **será**...
(A. Meyer, *P*, 265.)

— Quem está aqui? **Será** um ladrão?
(G. Ramos, *Ins.*, 9.)

— **Será** que desta vez ele fica mesmo?
(M. Torga, *CM*, 47.)

3.º) como forma polida de presente:

Não, não posso ser acusado. **Dirá** o senhor: mas como foi que aconteceram? E eu lhe **direi**: sei lá. Aconteceram: eis tudo.
(C. Drummond de Andrade, *CA*, 141.)

— E que vou eu fazer para Angola, não me **dirá**?
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 699.)

4.º) como expressão de uma súplica, de um desejo, de uma ordem, caso em que o tom de voz pode atenuar ou reforçar o caráter imperativo:

Lerás porém algum dia
Meus versos, d'alma arrancados,
D'amargo pranto banhados...
(Gonçalves Dias, *PCPE*, 273.)

Morrerás da tua beleza!
(Teixeira de Pascoaes, *OC*, VII, 88.)

Honrarás pai e mãe.

5.º) nas afirmações condicionadas, quando se referem a fatos de realização provável:

Vem, dizia ele na última carta; se não vieres depressa, **acharás** tua mãe morta!
(Machado de Assis, *OC*, I, 444.)

— Se pensares bem, **verás** que não é isto.
(Sttau Monteiro, *APJ*, 87.)

Se assim fizeres, **dominarás** como rainha.
(Ó. Ribas, *U*, 21.)

Observações:

1.ª) Convém atentar nos efeitos estilísticos opositivos: se o emprego do presente pelo futuro empresta ao fato a ideia de certeza, o uso do futuro pelo presente provoca efeito contrário, por transformar o certo em possível.

2.ª) Em alguns escritores modernos, talvez por influência francesa, vai encontrando guarida o emprego do futuro para indicar que uma ação foi posterior a outra no passado. Assim:

João casou-se em 1922, mas Pedro **esperará** ainda dez anos para constituir família.

Tal uso se assemelha ao do presente histórico.

Substitutos do futuro do presente simples

Na língua falada o FUTURO SIMPLES é de emprego relativamente raro. Preferimos, na conversação, substituí-lo por locuções constituídas:

a) do PRESENTE DO INDICATIVO do verbo *haver* + PREPOSIÇÃO *de* + INFINITIVO do verbo principal, para exprimir a intenção de realizar um ato futuro[9]:

Ai roupas que **hei de vestir**,
Ai gestos que **hei de fazer**,
Ai frases que **hei de tecer**,
Ai palavras que **hei de ouvir**...
(J. Régio, *ED*, 30.)

Hei de castigá-los; **havemos de castigá**-los.
(Machado de Assis, *OC*, I, 653.)

— Eu sou novo e sei trabalhar... **Hei de arranjar** emprego...
(Cochat Osório, *CV*, 226.)

---

[9] Sobre outros valores desta perífrase, principalmente quando o sujeito não é da 1.ª pessoa, veja-se João de Almeida. *Introdução ao estudo das perífrases verbais de infinitivo*. São Paulo, ILHPA-HUCITEC, 1980, p. 142-147.

b) do PRESENTE DO INDICATIVO do verbo *ter* + PREPOSIÇÃO *de* + INFINITIVO do verbo principal, para indicar uma ação futura de caráter obrigatório, independente, pois, da vontade do sujeito[10]:

Temos de recriar de novo o mundo...
(T. da Silveira, *PC*, 341.)

Aquela hora **tinha de chegar**.
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 1187.)

Temos de resolver isso em primeiro lugar.
(Pepetela, *M*. 130.)

c) do PRESENTE DO INDICATIVO do verbo *ir* + INFINITIVO do verbo principal, para indicar uma ação futura imediata:

— **Vamos entrar** no mar.
(Adonias Filho, *LBB*, 113.)

Vai casar com o meu melhor amigo.
(A. Abelaira, *CF*, 234.)

O gerente foi demitido e o Costa **vai substituí**-lo.
(Ferreira de Castro, *OC*, II, 613.)

2. O FUTURO DO PRESENTE COMPOSTO emprega-se:
1.º) para indicar que uma ação futura estará consumada antes de outra:

Amanhã procure o dr. Alcebíades, disse o dr. Viriato. Já **terei conversado** com ele.
(Autran Dourado, *IP*, 23.)

Dentro de uns cinco dias **tereis acabado** o esqueleto do segundo andar e então me olhareis de cima.
(R. Braga, *CCE*, 250.)

Os homens serão prisioneiros das estruturas que **terão criado**.
(Pepetela, *M*, 122.)

---

[10] Quanto à distinção estilística entre *ter de* e *ter que* seguidos de INFINITIVO, leiam-se as considerações de João de Almeida. *Obra cit.*, p. 148-154, onde se justifica a vernaculidade da segunda construção, posta em dúvida por alguns gramáticos.

2.º) para exprimir a certeza de uma ação futura:

> Pelágio! se dentro de oito dias não houvermos voltado, ora a Deus por nós, que **teremos dormido** o nosso último sono.
> (A. Herculano, *E*, 180.)

> Só o Direito perdurará e não **terá sido** vão o esforço da minha vida inteira.
> (J. Paço d'Arcos, *CVL*, 721.)

3.º) para exprimir a incerteza (probabilidade, dúvida, suposição) sobre fatos passados:

> **Terá passado** o furacão?
> (C. dos Anjos, *DR*, 191.)

> Quanto tempo **terá levado** ele a fazer este caminho?
> (J. Cardoso Pires, *D*, 340.)

> Não sei se me engano, mas creio que nem uma só vez ele **terá falhado.**
> (M. Bandeira, *AA*, 345.)

> O cão regressa do fundo da praia — alguém o **terá abandonado**?
> (V. Ferreira, *NN*, 89.)

Futuro do pretérito

1. O FUTURO DO PRETÉRITO SIMPLES emprega-se:
   1.º) para designar ações posteriores à época de que se fala:

> Tens a certeza de que, passadas as primeiras semanas, não **lamentaria** tamanho sacrifício?
> (A. Abelaira, *NC*, 155.)

> Depois de instalada, a Academia **se transformaria** em sua outra casa.
> (T. Martins Moreira, *VVT*, 43.)

2.º) para exprimir a incerteza (probabilidade, dúvida, suposição) sobre fatos passados:

> Quem **seria** aquele sujeitinho que estava de pé, encostado ao balcão, todo importante no terno de casimira?
> (M. Palmério, *VC*, 34.)

Era ela, **seria** ela?
(M. J. de Carvalho, *AV*, 91.)

Eu **teria**, talvez, uns doze anos.
(J. de Sena, *NAD*, 196.)

3.º) como forma polida de presente, em geral denotadora de desejo:

Seríeis capazes, minhas Senhoras,
De amar um homem deste feitio?
(A. Nobre, *S*, 79.)

Desejaríamos ouvi-lo sobre o crime.
(C. Drummond de Andrade, *BV*, 103.)

4.º) em certas frases interrogativas e exclamativas, para denotar surpresa ou indignação:

O nosso amor morreu... Quem o **diria**?
(F. Espanca, *S*, 168.)

Seria possível que assim se desvanecessem as esperanças da iminente vitória da verdade à calúnia, urdida contra o pobre moço!...
(D. Olímpio, *LH*, 158.)

5.º) nas afirmações condicionadas, quando se referem a fatos que não se realizaram e que, provavelmente, não se realizarão:

Se não houvesse diferenças, nós **seríamos** uma pessoa só.
(G. Ramos, *SB*, 102.)

Se o meu avô Sebastião pudesse assistir ao meu enleio, **ficaria envergonhado** de mim, pensei naquele momento.
(Alves Redol, *F*, 154.)

Qual a mulher que, se pudesse, o senhor **levaria** para uma volta ao cosmos?
(C. Drummond de Andrade, *BV*, 105.)

Se tivessem ouvido o conselho, essa desgraça não se **daria**.
(Ó. Ribas, *EMT*, 117.)

Observações:

1.ª) Como dissemos, o FUTURO DO PRETÉRITO pode ser substituído pelo IMPERFEITO DO INDICATIVO nas afirmações condicionadas. Comparem-se as seguintes asserções:

Sem a sua interferência, eu **estaria** perdido.
Sem a sua interferência, eu **estava** perdido.

Na primeira, o fato principal (*estar perdido*) é apresentado como consequência provável da condição que não ocorreu; na segunda, ele aparece como o efeito imediato e inelutável dela.

Frequente é também esta substituição com os verbos modais, como *poder*, *dever*, *saber*, *querer*, *desejar*, *sugerir*, etc.

Que móveis lhe *sugeria* para uma sala?
(M. J. de Carvalho, *AV*, 104.)

Que palavras um sujeito **podia usar** para responder ao Vieirinha?
(F. Namora, *TJ*, 261.)

2.ª) Sobre o uso do MAIS-QUE-PERFEITO SIMPLES pelo FUTURO DO PRETÉRITO, leia-se o que dissemos ao tratar daquele tempo.

3.ª) A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* eliminou a denominação de MODO CONDICIONAL para o FUTURO DO PRETÉRITO. Apesar de, no projeto de *Nomenclatura Gramatical Portuguesa* não se ter adotado esta última designação, decidimos optar pelo seu emprego nesta obra porque, em nossa opinião, se trata de um tempo (e não de um modo) que só se diferencia do FUTURO DO PRESENTE por se referir a fatos passados, ao passo que o último se relaciona com fatos presentes. E acrescente-se que ambos aparecem nas asserções condicionadas, dependendo o emprego de um ou de outro do sentido da oração condicionante. Comparem-se:

Se ele vier, não **sairei**.
Se ele viesse, não **sairia**.

2. O FUTURO DO PRETÉRITO COMPOSTO emprega-se:

1.º) para indicar que um fato teria acontecido no passado, mediante certa condição:

Teria sido diferente, se eu o amasse?
(C. dos Anjos, *M*, 143.)

Se eu estivesse cá, nada disso se **teria passado**.
(Castro Soromenho, *TM*, 242.)

Ter-lhe-**ia rido** na cara se não fossem os posteriores acontecimentos.
(M. J. de Carvalho, *AV*, 109.)

2.º) para exprimir a possibilidade de um fato passado:

— Sem ti, quem sabe? **teria sido** uma grande cantora.
(A. Abelaira, *B*, 163.)

Calculou que a costureira **teria ido** por ali.
(Machado de Assis, *OC*, I, 637.)

3.º) para indicar a incerteza sobre fatos passados, em certas frases interrogativas que dispensam a resposta do interlocutor:

Aquele malandro os **teria engolido**?
(C. Drummond de Andrade, *CA*, 144.)

Que **teria acontecido** para que Margarida não viesse nem uma vez ao muro?
(V. Nemésio, *MTC*, 111.)

— Quem **teria escrito**? Perdiam-se num silêncio de cogitações.
(J. Amado, *GCC*, 128.)

MODO SUBJUNTIVO

Indicativo e subjuntivo

1. Quando nos servimos do MODO INDICATIVO, consideramos o fato expresso pelo verbo como *certo*, *real*, seja no presente, seja no passado, seja no futuro.
Ao empregarmos o MODO SUBJUNTIVO, é completamente diversa a nossa atitude. Encaramos, então, a existência ou não existência do fato como uma coisa *incerta*, *duvidosa*, *eventual* ou, mesmo, *irreal*.
Comparem-se, por exemplo, estas frases:

TEMPO	MODO INDICATIVO	MODO SUBJUNTIVO
PRESENTE	Afirmo que ela estuda	Duvido que ela estude
IMPERFEITO	Afirmei que ela estudava	Duvidei que ela estudasse
PERFEITO	Afirmo que ela estudou (ou tem estudado)	Duvido que ela tenha estudado
MAIS-QUE-PERFEITO	Afirmava que ela tinha estudado (ou estudara)	Duvidava que ela tivesse estudado

2. Em decorrência dessas distinções, podemos, desde já, estabelecer os seguintes princípios gerais, norteadores do emprego dos dois modos nas orações subordinadas substantivas:

1.º) O INDICATIVO é usado geralmente nas orações que completam o sentido de verbos como *afirmar*, *compreender*, *comprovar*, *crer* (no sentido afirmativo), *dizer*, *pensar*, *ver*, *verificar*.

2.º) O SUBJUNTIVO é o modo exigido nas orações que dependem de verbos cujo sentido está ligado à ideia de ordem, de proibição, de desejo, de vontade, de súplica, de condição e outras correlatas. É o caso, por exemplo, dos verbos *desejar*, *duvidar*, *implorar*, *lamentar*, *negar*, *ordenar*, *pedir*, *proibir*, *querer*, *rogar* e *suplicar*.

Emprego do subjuntivo

Como o próprio nome indica, o SUBJUNTIVO (do latim *subjunctivus* "que serve para ligar, para subordinar") denota que uma ação, ainda não realizada, é concebida como dependente de outra, expressa ou subentendida. Daí o seu emprego normal na oração subordinada. Quando usado em orações absolutas, ou orações principais, envolve sempre a ação verbal de um matiz afetivo que acentua fortemente a expressão da vontade do indivíduo que fala. A *Nomenclatura Gramatical Portuguesa* preferiu a SUBJUNTIVO a designação sinônima CONJUNTIVO (do latim *conjunctivus* "que serve para ligar").

Subjuntivo independente

Empregado em orações absolutas, em orações coordenadas ou em orações principais, o SUBJUNTIVO pode exprimir, além das noções imperativas que examinaremos adiante:

a) um desejo, um anelo:

> **Chovam** hinos de glória na tua alma!
> (A. de Quental, *SC*, 35.)

> Que as horas **voltem** sempre, as mesmas horas!
> (A. Meyer, *P*, 254.)

b) uma hipótese, uma concessão:

> **Seja** a minha agonia uma centelha
> De glória!...
> (O. Bilac, *T*, 197.)

Que a tua música
seja o ritmo de uma conquista!
E que o teu ritmo
seja a cadência de uma vida nova!
(F. J. Tenreiro, *OP*, 62.)

c) uma dúvida (geralmente precedido do advérbio *talvez*):

Paula talvez lhe **telefonasse** à noite.
(M. J. de Carvalho, *PSB*, 34.)

Um cachorro talvez **rosnasse** ou **mordesse**.
(Adonias Filho, *LBB*, 101.)

d) uma ordem, uma proibição (na 3.ª pessoa):

Que **levem** tudo no caixão:
A alma e o suporte!
(M. Torga, *CH*, 31.)

Que não se **apague** este lume!
(A. Meyer, *P*, 126.)

e) uma exclamação denotadora de indignação:

Raios **partam** a vida e quem lá ande!
(F. Pessoa, *OP*, 316.)

— Diabos te **levem**!
(F. Botelho, *X*, 198.)

Observações:

1.ª) Vemos que estas orações geralmente se iniciam por *que*, partícula de classificação difícil, pois o seu valor, no caso, é mais afetivo do que lógico. É uma espécie de prefixo conjuncional, peculiar ao subjuntivo.

2.ª) A exclamação *viva!* é um antigo subjuntivo, que outrora concordava sempre com o sujeito. Hoje a concordância é facultativa, porque o singular adquiriu o valor de interjeição:

Viva os heróis!
Vivam os heróis!

3.ª) Observe-se, por fim, que alguns linguistas, principalmente os da escola gerativo-transformacional, negam a existência do SUBJUNTIVO INDEPENDENTE, interpretando-o como o efeito do apagamento, na superfície, da oração principal. Leia-se, a propósito, I. Hub Faria. Conjuntivo e a restrição da frase-mais-alta. Separata do *Boletim de Filologia*, XXIII, Lisboa, 1974.

Subjuntivo subordinado

O SUBJUNTIVO é por excelência o modo da oração subordinada. Emprega-se tanto nas SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS, como nas ADJETIVAS e nas ADVERBIAIS.

Nas orações substantivas

Usa-se geralmente o SUBJUNTIVO quando a ORAÇÃO PRINCIPAL exprime:

a) a *vontade* (nos matizes que vão do *comando* ao *desejo*) com referência ao fato de que se fala:

> Não quero que ele me **julgue** sem pudor, uma mulher de prendas desoladas, nada tendo a defender.
> (N. Piñon, *CC*, 145.)

> Em todo o caso, gostava que me **considerasse** um amigo.
> (M. J. de Carvalho, *AV*, 119.)

b) um *sentimento*, ou uma *apreciação* que se emite com referência ao próprio fato em causa:

> — Pior será que nos **enxotem** daqui...
> (A. Peixoto, *RC*, 273.)

> — Eu bem queria que tu **fosses** como empregado.
> (Ferreira de Castro, *OC*, I, 94.)

c) a *dúvida* que se tem quanto à realidade do fato enunciado:

> Receava que eu me **tornasse** ingrato, que o **tratasse** mal na velhice.
> (A. Abelaira, *NC*, 14.)

> — Não acredito que ela **chore** aqui.
> (Autran Dourado, *TA*, 75.)

Nas orações adjetivas

O SUBJUNTIVO é de regra nas ORAÇÕES ADJETIVAS que exprimem:

a) um fim que se pretende alcançar, uma consequência:

> Humana, mulher, a companheira tentava chamá-lo a uma realidade que **reanimasse** fogueiras mortas, sonhos desfeitos.
> (M. Torga, *NCM*, 59.)

> — Portanto, quero coisa de igreja, coisa pia, que **dê** gosto a um bom sacerdote como é padre Estêvão.
> (A. Callado, *MC*, 99.)

b) um fato improvável:

> Ainda que eu discordasse deles não diria nada para os não aborrecer, mas que sabia eu que **pudesse contrariar** essa opinião de amigos?
> (Machado de Assis, *OC*, I, 1081.)

> Gerson saiu rapidamente, e durante bastante tempo não houve quem o **convencesse** a voltar lá.
> (A. Bessa Luís, *AM*, 139.)

> Tristão podia resolver esta minha luta interior cantando alguma coisa que me **obrigasse** a ouvi-lo.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 1098.)

c) uma hipótese, uma conjectura, uma simulação:

> Então não havia um direito que lhe **garantisse** a sua casa?
> (J. Lins do Rego, *FM*, 159.)

> Estaria ali para dar esperança aos que a **tivessem** perdido?
> (M. J. de Carvalho, *AV*, 138.)

> Sonhara apenas com uma fazenda de gado onde **pudesse viver** no trato da criação, sentindo o cheiro da terra, o contato com a natureza, tendo a companhia de uma mulher ("Ah, Alzira" — suspirou) a quem **amasse** e com quem **partilhasse** de tudo isso.
> (J. Condé, *C*, 10.)

Nas orações adverbiais

1. Nas orações SUBORDINADAS ADVERBIAIS o SUBJUNTIVO, em geral, não tem valor próprio. É um mero instrumento sintático de emprego regulado por certas conjunções.
   Em princípio, podemos dizer que o SUBJUNTIVO é de regra depois das conjunções:

a) CAUSAIS, que negam a ideia da causa (*não porque, não que*):

> Não que não **quisesse** amar, mas amar menos, sem tanto sofrimento.
> (L. Fagundes Telles, *DA*, 107.)

> Eu deixei-me ir atrás daquela ternura, não que a **compartisse**, mas fazia-me bem.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 1124.)

> Foi a única coisa grandiosa da minha vida. Não porque me **sentisse** apaixonado, ela também não se apaixonara por mim.
> (A. Abelaira, *B*, 49.)

b) CONCESSIVAS (*embora, ainda que, conquanto, posto que, mesmo que, se bem que*, etc.):

> O povo não gosta de assassinos, embora **inveje** os valentes.
> (C. Drummond de Andrade, *CA*, 7.)

> — Ainda que o morto se **chamasse** Adalardo, não seria o nosso.
> (G. França de Lima, *JV*, 19.)

> Por muito que eu **desejasse** ter aqui uma burra, não trocava a amizade do Barbaças por todas as burras desta freguesia.
> (F. Namora, *TJ*, 165.)

c) FINAIS (*para que, a fim de que, porque*):

> Para que tudo **retomasse** a quietude inicial, e os coelhos se **resolvessem** a vir gozar a fresca, seriam precisas horas, e então já não teria luz.
> (M. Torga, *NCM*, 64.)

> Rubião não entendeu; mas o sócio explicou-lhe que era útil desligarem já a sociedade, a fim de que ele sozinho **liquidasse** a casa.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 670.)

d) TEMPORAIS, que marcam a anterioridade (*antes que*, *até que* e semelhantes):

— Vamos embora, antes que nos **veja**.
(Machado de Assis, *OC*, I, 1030.)

Deu para frequentar, pela manhã, a rua Erê e fica a conversar com Emília até que eu me **levante**.
(C. dos Anjos, *DR*, 183.)

Usa-se também o SUBJUNTIVO, em razão de ser o modo do eventual e do imaginário, nas:

a) ORAÇÕES COMPARATIVAS iniciadas pela hipotética *como se*:

As pernas tremiam-me como se todos os nervos me **estivessem golpeados**.
(C. Castelo Branco, *OS*, I, 761.)

Cantavam os galos no poleiro como se **fosse** de madrugada.
(J. Lins do Rego, *FM*, 135.)

b) ORAÇÕES CONDICIONAIS, em que a condição é irrealizável ou hipotética:

Se lhe **tivessem dado** ensino, encontraria meio de entendê-la.
(G. Ramos, *VS*, 47.)

Ó morte, dava-te a vida,
Se tu lha **fosses levar**!...
(Guerra Junqueiro, *S*, 74.)

Se **viesse** o sol, tudo mudava.
(É. Veríssimo, *LS*, 138.)

c) ORAÇÕES CONSECUTIVAS que exprimem "simplesmente uma concepção, um fim a que se pretende ou pretenderia chegar, e não uma realidade" (Epifânio Dias):

— Que quer vomecê? — perguntou rudemente, de longe, interrompendo a marcha de modo que ela **pudesse** chegar até junto dele.
(F. Namora, *TJ*, 70.)

Pôs-lhe uma nota voluntariamente seca, em maneira que lhe **apagasse** a cor generosa da lembrança.
(Machado de Assis, *OC*, I, 1122.)

Substitutos do subjuntivo

Por vezes a construção com o SUBJUNTIVO é pesada ou malsoante. Convém, nesses casos, substituí-la por uma forma expressional equivalente.

Entre os substitutos possíveis do SUBJUNTIVO, devem ser mencionados:

1. O INFINITIVO. Comparem-se estas frases:

   O professor mandou **que** o aluno **lesse** um romance.
   O professor mandou o aluno **ler** um romance.
   Exortava os companheiros **a que continuassem** a resistência.
   Exortava os companheiros **a continuarem** a resistência.

2. O GERÚNDIO, principalmente nas orações condicionais. Comparem-se estas frases:

   Se seguisses o caminho normal, chegarias primeiro.
   Seguindo o caminho normal, chegarias primeiro.
   Se andarmos depressa, ainda o alcançaremos.
   Andando depressa, ainda o alcançaremos.

3. Um SUBSTANTIVO ABSTRATO. Comparem-se estas frases:

   Se tivesses voltado, serias bem recebido.
   Tua volta seria bem recebida.

   Acredito **que ele esteja inocente**.
   Acredito em **sua inocência**.

4. Uma CONSTRUÇÃO ELÍPTICA. Comparem-se estas frases:

   Quer sejam ricos ou pobres, quer sejam brancos ou pretos, são todos iguais perante a lei.
   Ricos ou pobres, brancos ou pretos, todos são iguais perante a lei.
   Se fosse de ferro, a ponte suportaria o peso.
   De ferro, a ponte suportaria o peso.

Observação:

Quanto à substituição do IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO pelo MAIS-QUE-PERFEITO DO INDICATIVO, veja-se o que dissemos ao tratar deste tempo.

Tempos do subjuntivo

Dissemos anteriormente que as formas do SUBJUNTIVO enunciam a ação do verbo como eventual, incerta, ou irreal, em dependência estreita com a vontade, a imaginação ou o sentimento daquele que as emprega. Por isso, as noções temporais que encerram não são precisas como as expressas pelas formas do INDICATIVO, denotadoras de ações concebidas em sua realidade.[11]

Feita essa advertência, examinemos os principais valores dos tempos do SUBJUNTIVO.

1. O PRESENTE DO SUBJUNTIVO pode indicar um fato:

a) presente:

> Não quer dizer que **se conheçam** os homens quando se duvida deles.
> (A. Bessa Luís, *QR*, 33.)

> Pena é que os meninos **estejam** tão mal providos de roupa.
> (O. Lara Resende, *BD*, 128.)

b) futuro:

> No dia em que não **faça** mais uma criança sorrir, vou vender abacaxi na feira.
> (N. Piñon, *CC*, 152.)

> Meus olhos **apodreçam** se abençoar você.
> (Adonias Filho, *LP*, 140.)

2. O IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO pode ter o valor:

a) de passado:

> Todos os domingos, **chovesse** ou **fizesse** sol, estava eu lá.
> (H. Sales, *DBFM*, 112.)

---

[11] A modalidade subjuntiva é, por princípio, uma modalidade de oposição à modalidade indicativa. Logo, "os tempos do subjuntivo não representam noções de época da forma por que o fazem os do indicativo. Pode-se, no entanto, falar de certos hábitos de concordância dos tempos, que não procedem de um automatismo rígido e puramente formal, antes resultam do funcionamento de mecanismos delicados e complexos". (Gérard Moignet. *Essai sur le mode subjonctif en latin post-classique et en ancien français*, I. Paris-Alger, P. U. F., 1959, p. 131.)

Não havia intenção que ele não lhe **confessasse**, conselho que lhe não **pedisse**.
(A. Bessa Luís, *S*, 58.)

Cuido que **quisesse** mostrar-me as cartas do rapaz, uma só que **fosse**, ou um trecho, uma linha, mas o temor de enfadar fez calar o desejo.
(Machado de Assis, *OC*, I, 1059.)

b) de futuro:

Alberto era inteligente e se não se **deixasse** engazupar, talvez aquilo até lhe **fosse** um bem...
(Ferreira de Castro, *OC*, I, 87.)

Aos domingos, treinava o discurso destinado ao pretendente que **chegasse** primeiro.
(N. Piñon, *CC*, 144.)

c) de presente:

Tivesses coração, terias tudo.
(Guimarães Passos, *VS*, 166.)

Como imaginar um ser que não **precisasse** de nada?
(C. Lispector, *ME*, 148.)

3. O PRETÉRITO PERFEITO DO SUBJUNTIVO pode exprimir um fato:
a) passado (supostamente concluído):

— Espero que você **tenha encontrado** esse alguém na rua, depois daquela cena patética do carro.
(F. Sabino, *EM*, 193.)

Espero que não a **tenha ofendido**.
(M. J. de Carvalho, *AV*, 109.)

b) futuro (terminado em relação a outro fato futuro):

Espero que João **tenha feito** o exame quando eu voltar.

4. O PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO DO SUBJUNTIVO pode indicar:

a) uma ação anterior a outra ação passada (dentro do sentido eventual do modo subjuntivo):

> Esperei-a um pouco, até que **tivesse terminado** sua *toillette* e pudéssemos sair juntos.
> (C. dos Anjos, *DR*, 167.)

> Estaria ali para dar esperança aos que a **tivessem perdido**.
> (M. J. de Carvalho, *AV*, 135.)

b) uma ação irreal no passado:

> Se a vitória os **houvesse coroado** com os seus favores, não lhes faltaria o aplauso do mundo e a solicitude dos grandes advogados.
> (R. Barbosa, *EDS*, 794.)

> E a arca estremecia como se de novo **se houvessem aberto** as cataratas do céu.
> (Machado de Assis, *OC*, II, 303.)

5. O FUTURO DO SUBJUNTIVO SIMPLES marca a eventualidade no futuro, e emprega-se em orações SUBORDINADAS:

a) ADVERBIAIS (CONDICIONAIS, CONFORMATIVAS e TEMPORAIS), cuja PRINCIPAL vem enunciada no futuro ou no presente:

> Se **quiser**, irei vê-lo.
> Se **quiser** vê-lo, vá a sua casa.

> Farei conforme **mandares**.
> Faça como **souber**.

> Quando **puder**, passarei por aqui.
> Quando **puder**, venha ver-me.

b) ADJETIVAS, dependentes de uma PRINCIPAL também enunciada no futuro ou no presente:

> Direi uma palavra amiga aos que me **ajudarem**.
> Diga uma palavra amiga aos que o **ajudarem**.

6. O FUTURO DO SUBJUNTIVO COMPOSTO indica um fato futuro como terminado em relação a outro fato futuro (dentro do sentido geral do MODO SUBJUNTIVO):

> — D. Sancha, peço-lhe que não leia este livro; ou, se o **houver lido** até aqui, abandone o resto.
> (Machado de Assis, *OC*, 855.)

> Quando **tiverdes acabado**, sereis desalojados de vosso precário pouso e devolvidos às vossas favelas.
> (R. Braga, *CCE*, 250.)

MODO IMPERATIVO

Formas do imperativo

1. Há em português, como sabemos, dois IMPERATIVOS: um AFIRMATIVO, outro NEGATIVO.
   O IMPERATIVO AFIRMATIVO possui formas próprias somente para as segundas pessoas do singular (sujeito *tu*) e do plural (sujeito *vós*). As demais pessoas são expressas pelas formas correspondentes do presente do subjuntivo.
   O IMPERATIVO NEGATIVO não tem nenhuma forma própria. É integralmente suprido pelo presente do subjuntivo.

2. Como no IMPERATIVO o indivíduo que fala se dirige a um interlocutor, só admite este modo as pessoas que indicam *aquele a quem se fala*, isto é:
a) as 2ªs. pessoas do singular e do plural;
b) as 3ªs. pessoas do singular e do plural, quando o sujeito é expresso por pronome de tratamento, como *você*, *o senhor*, *Vossa Senhoria*, etc.;
c) a 1ª. pessoa do plural, que no caso denota estar o indivíduo que fala disposto a associar-se ao cumprimento da ordem, conselho ou súplica que dirige a outros.

3. Cumpre distinguir das correspondentes do IMPERATIVO certas formas do PRESENTE DO SUBJUNTIVO empregadas sem a anteposição do *que*. O IMPERATIVO, no caso, exprime ordem, ou exortação; o SUBJUNTIVO, desejo, ou anelo. Assim:

> **Caiam** de bruços! (IMPERATIVO)
> **Caiam** sobre vós as bênçãos divinas! (SUBJUNTIVO)

Emprego do modo imperativo

1. Embora a palavra IMPERATIVO esteja ligada, pela origem, ao latim *imperare* "comandar", não é para ordem ou comando que, na maioria dos casos, nos servimos desse modo. Há, como veremos, outros meios mais eficazes para expressarmos tal noção. Quando empregamos o IMPERATIVO, em geral, temos o intuito de exortar o nosso interlocutor a cumprir a ação indicada pelo verbo. É, pois, mais o modo da exortação, do conselho, do convite, do que propriamente do comando, da ordem.

2. Tanto o IMPERATIVO AFIRMATIVO como o NEGATIVO usam-se somente em orações absolutas, em orações principais, ou em orações coordenadas. Ambos podem exprimir:

a) uma ordem, um comando:

> **Cala**-te, **não** lhe **digas** nada.
> (C. de Oliveira, *AC*, 98.)

> **Cavem, cavem** depressa!
> (L. Jardim, *MP*, 47.)

b) uma exortação, um conselho:

> **Sê** todo em cada coisa. **Põe** quanto és
> No mínimo que fazes.
> (F. Pessoa, *OP*, 239.)

> **Não olhes** para trás quando tomares
> o caminho sonâmbulo que desce.
> **Caminha** — e **esquece**.
> (G. de Almeida, *PV*, 24.)

c) um convite, uma solicitação:

> Georges! **anda** ver meu país de romarias
> E procissões!
> (A. Nobre, *S*, 32.)

> **Vinde** ver! **Vinde** ouvir, homens de terra estranha!
> (O. Mariano, *TVP*, I, 273.)

d) uma súplica:

Sossegai, **esfriai**, olhos febris.
(C. Pessanha, *C*, 44.)

Jesus, **valha-me** Nossa Senhora!
(B. Santareno, *TPM*, 25.)

Não me **deixes** só, meu filho!...
(Luandino Vieira, *NM*, 82.)

3. Emprega-se também o IMPERATIVO para sugerir uma hipótese em lugar de asserções condicionadas expressa por *se* + FUTURO DO SUBJUNTIVO:

Leia este livro, e conhecerá o Brasil.
[Se ler este livro, conhecerá o Brasil.]

Suprima a vírgula, e o sentido ficará mais claro.
[Se suprimir a vírgula, o sentido ficará mais claro.]

Note-se que a voz se eleva no fim da primeira oração, e retoma a segunda em tom sensivelmente mais baixo.

4. Esses diversos valores dependem do significado do verbo, do sentido geral do contexto e, principalmente, da entoação que dermos à frase imperativa. Por exemplo, em frases como:

Desce daí, moço!
(C. Drummond de Andrade, *FA*, 64.)

Deixe-me ficar sozinha.
(Alves Redol, *BC*, 56.)

Saiam da chuva, meninos!
(L. Jardim, *MP*, 47.)

conforme o tom da voz, a noção de comando pode enfraquecer-se até chegar à de súplica.

5. Releva ponderar ainda que o IMPERATIVO é enunciado no tempo presente, mas na realidade este "presente do imperativo" tem valor de um futuro, pois a ação que exprime está por realizar-se.

Substitutos do imperativo

A língua oferece-nos outros meios para exprimir os diversos matizes apresentados pelo IMPERATIVO.

Assim:

1. Uma ordem pode ser enunciada por frases nominais, ou por simples interjeições:

   Fogo! Silêncio! Avante! Mãos ao alto!

   Saliente-se, porém, que nessas frases, em que a supressão do verbo reforça o tom de comando, as palavras ou locuções vocabulares perdem o seu valor próprio para denotar uma ideia verbal de ação. Podemos, portanto, estabelecer as seguintes equivalências:

   Fogo! [= Atire! Faça fogo!]
   Silêncio! [= Cale-se! Faça silêncio!]
   Avante! [= Siga avante!]
   Mãos ao alto! [= Levante as mãos! Ponha as mãos ao alto!]

2. Certos tempos do INDICATIVO, como dissemos ao estudar este modo, podem ser utilizados com valor de IMPERATIVO.

   Assim:

a) com o PRESENTE atenuamos a rudeza da forma imperativa em frases como:

   O senhor me **traz** o dinheiro amanhã. [= **Traga**-me o dinheiro amanhã.]
   Você **toma** o remédio indicado. [= **Tome** o remédio indicado.]

b) com o FUTURO DO PRESENTE SIMPLES atenuamos ou reforçamos o caráter imperativo de frases do tipo:

   Tu **irás** comigo. [= **Vem** comigo.]
   Não **matarás.** [= Não **mates.**]

   de acordo com a entoação que lhes emprestarmos.

3. O IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO transforma a ordem numa simples sugestão em frases como as seguintes:

   (E) se você se **calasse**!? [= **Cale-se!**]
   (E) se **chegasses** na hora exata!? [= **Chega** na hora exata.]

Exemplos literários:

E se **fosses** dar leis para a cozinha?
(M. Torga, *V*, 298.)

E se **tentasses** compreender?
(J. Régio, *SM*, 275.)

4. Com o valor de IMPERATIVO IMPESSOAL, usam-se:

a) o INFINITIVO (principalmente na expressão de um comando, de uma proibição):

Marchar!
Direita, **volver!**
Sublinhar os verbos do texto.
Não assinar a prova.
Não falar ao motorista com o carro em movimento.
Não fumar.

b) o GERÚNDIO (construção elíptica, frequente na linguagem popular, de valor geralmente depreciativo para quem recebe a ordem):

Andando! [= Vá andando! Ande!]
Correndo! [= Vá correndo! Corra!]

5. Ressalta sobremaneira o sentido do verbo a perífrase formada de *ir* (no IMPERATIVO) e do verbo principal (no INFINITIVO):

— Não **vá** se **afogar**, moço.
(A. M. Machado, *JT*, 72.)

— Não **vá** me **dizer** que foi o Diabo.
(O. Lara Resende, *BD*, 121.)

6. Em frases de entoação interrogativa, usa-se não raro o INFINITIVO do verbo que exprime a ordem antecedido de formas do PRESENTE ou do IMPERFEITO DO INDICATIVO do verbo *querer*:

Quer levantar-se? [= **Levante**-se!]
Queria fechar a janela? [= **Feche** a janela!]

7. Para se fazer sentir a intervenção do indivíduo que fala, costuma-se subordinar o verbo denotador da ação que deve ser cumprida a outro verbo, o qual marca a vontade do locutor:

Quero que **retornes** ao Colégio. [= **Retorna** ao Colégio.]
Ordeno-te que me **respondas**. [= **Responde**-me.]

Reforço ou atenuação da ordem

Além dos processos que examinamos, dispõe a língua de variados recursos estilísticos para reforçar ou atenuar a vontade expressa pelo IMPERATIVO. A sua eficácia, porém, está sempre condicionada ao tom de voz, que é, nas formas afetivas da linguagem, um elemento essencial.

Reforço

Pode também ser obtido pelo emprego:

a) da forma verbal repetida:

— **Calai-vos!** Pela Virgem! **calai-vos!**
(Machado de Assis, *OC*, II, 1114.)

— **Vá** embora, **vá** embora, gritou de repente.
(D. Silveira de Queirós, *FS*, 118.)

— **Sente-se**, meu amigo, **sente-se**.
(O. Mendes, *P*, 166.)

— **Fale**, **fale**, que eu vou ouvindo...
(D. Mourão-Ferreira, *I*, 44.)

b) de um advérbio, de uma expressão de insistência, ou de imprecações:

Escreva por amor de Deus imediatamente para Barcelona!...
(M. de Sá-Carneiro, *CFP*, II, 9.)

— **Abre** a porta, **cachorro**, senão te mando fogo.
(J. Lins do Rego, *C*, 269.)

— Ora, **vá amolar o boi** — disse Marta.
(A. Callado, *MC*, 123.)

— **Deixe-me dormir, seu bêbado.**
(C. de Oliveira, *PB*, 21.)

c) da 3.ª pessoa do subjuntivo aplicada ao interlocutor:

Pega... Pega... Lá se foi... Que o **leve** o diabo.
(Martins Pena, *T*, I, 36.)

Atenuação

Por dever social e moral, geralmente evitamos ferir a suscetibilidade de nosso interlocutor com a rudeza de uma ordem. Entre os numerosos meios de que nos servimos para enfraquecer a noção de comando, devemos ressaltar (além dos já estudados), pela sua eficiência, o emprego de fórmulas de polidez ou de civilidade, tais como: *por favor*, *por gentileza*, *digne-se de*, *tenha a bondade de*, etc.:

— **Fale** mais alto, **por favor!**
(F. Botelho, *X*, 177.)

Entrem, por favor, que não ocupam lugar — exclamava Seu Pio.
(A. F. Schmidt, *GB*, 165.)

— **Tenham a bondade de sentar** e **esperar** um momento [= Sentem-se e esperem um momento].
(R. Braga, *CCE*, 272.)

É claro que também aqui o tom de voz é de suma importância. Qualquer dessas frases pode, não obstante as fórmulas de cortesia empregadas, tornar-se rude e seca, ou mesmo insolente, com a simples mudança de entoação.

EMPREGO DAS FORMAS NOMINAIS

Características gerais

São FORMAS NOMINAIS do verbo o INFINITIVO, o GERÚNDIO e o PARTICÍPIO.

Caracterizam-se todas por não poderem exprimir por si nem o tempo nem o modo. O seu valor temporal e modal está sempre em dependência do contexto em que aparecem.

Distinguem-se, fundamentalmente, pelas seguintes peculiaridades:

a) o INFINITIVO apresenta o processo verbal em potência; exprime a ideia da ação, aproximando-se, assim, do substantivo:

Não **dizer** nada, **chorar**
Até o pranto **coalhar**
Na retina.
(M. Torga, *CH*, 29.)

Sofrer por **sofrer**,
Somente eu sofria.
(C. Meireles, *OP*, 581.)

b) o GERÚNDIO apresenta o processo verbal em curso e desempenha funções exercidas pelo advérbio ou pelo adjetivo:

Metendo o barco pela terra dentro, é mesmo possível ir mais além.
(M. Torga, *P*, 86.)

Ouvia-se o cantar de carros de boi, **chorando**, de muito longe.
(J. Lins do Rego, *FM*, 146.)

c) o PARTICÍPIO apresenta o resultado do processo verbal; acumula as características de verbo com as de adjetivo, podendo, em certos casos, receber como este as desinências *-a* de feminino e *-s* de plural:

Umas vezes, tais gaiolas
Vão **penduradas** nos muros.
(J. Cabral de Melo Neto, *AP*, 32.)

Uma das cenas fora **filmada** numa loja do bairro, ampla, bem **iluminada**, com prateleiras **carregadas** dos mais diversos produtos.
(Sttau Monteiro, *APJ*, 47.)

Tens os olhos **encovados**,
De fundos visos **cercados**,
Sinistros sulcos **deixados**
Por atros vícios talvez;
A fronte escura e **abatida**,
Roxa a boca **comprimida**,
A face magra **tingida**
Da morte na palidez.
(Fagundes Varela, *PC*, I, 211.)

Acrescente-se, ainda, que:

a) o INFINITIVO e o GERÚNDIO possuem, ao lado da forma simples, uma forma composta, que exprime a ação concluída; apresentam, pois, internamente, uma oposição de ASPECTO:

	ASPECTO NÃO CONCLUÍDO	ASPECTO CONCLUÍDO
INFINITIVO	ler	ter lido
GERÚNDIO	lendo	tendo lido

b) o INFINITIVO assume, em português, duas formas: uma não flexionada; outra flexionada, como qualquer forma pessoal do verbo;

c) o GERÚNDIO é invariável;

d) o PARTICÍPIO não se flexiona em pessoa.

Feitas essas considerações de ordem geral, passemos ao exame de alguns dos valores e empregos particulares das FORMAS NOMINAIS.

Emprego do infinitivo

Infinitivo impessoal e infinitivo pessoal

A par do INFINITIVO IMPESSOAL, isto é, do infinitivo que não tem sujeito, porque não se refere a uma pessoa gramatical, conhece a língua portuguesa o INFINITIVO PESSOAL, que tem sujeito próprio e pode ou não flexionar-se.

Assim, em:

> Se **criar** é **criar-se**,
> **cantar** é **ser**.
> (E. Moura, *IP*, 187.)

> **Amar** é a eterna inocência.
> (F. Pessoa, *OP*, 139.)

O INFINITIVO É IMPESSOAL.

Já nas frases:

> O difícil é **estarmos** atentos.
> (V. Ferreira, *NN*, 128.)

> Indispensável os meninos **entrarem** no bom caminho, **saberem** cortar mandacaru para o gado, consertar cercas, amansar brabos.
> (G. Ramos, *VS*, 31.)

estamos diante de formas do INFINITIVO PESSOAL.

O INFINITIVO PESSOAL FLEXIONADO possui, como dissemos, desinências especiais para as três pessoas do plural e para a 2.ª pessoa do singular.

Emprego distintivo

O emprego das formas flexionada e não flexionada do INFINITIVO é uma das questões mais controvertidas da sintaxe portuguesa. Numerosas têm sido as regras propostas pelos gramáticos para orientar com precisão o uso seletivo das duas formas. Quase todas, porém, submetidas a um exame mais acurado, revelaram-se insuficientes ou irreais. Em verdade, os escritores das diversas fases da língua portuguesa nunca se pautaram, no caso, por exclusivas razões de lógica gramatical, mas se viram sempre, no ato da escolha, influenciados por ponderáveis motivos de ordem estilística, tais como o ritmo da frase, a ênfase do enunciado, a clareza da expressão.

Por tudo isso, parece-nos mais acertado falar não de regras, mas de tendências que se observam no emprego de uma e de outra forma do INFINITIVO.

São algumas destas tendências que passamos a indicar.

Emprego da forma não flexionada

1. O INFINITIVO conserva a forma NÃO FLEXIONADA:

1.º) quando é IMPESSOAL, ou seja, quando não se refere a nenhum sujeito:

> **Viver** é **exprimir**-se.
> (G. Amado, *TL*, 9.)

> **Jurar** falso é grande crime.
> (A. Ribeiro, *V*, 415.)

> **Amar** os homens é sempre uma alegria dolorosa.
> (Luandino Vieira, *NM*, 135.)

2.º) quando tem valor de imperativo:

> E Deus responde — "**Marchar!**"
> (Castro Alves, *EF*, 2.)

> — **Formar!** — ordenou o sipaio Jacinto.
> (Castro Soromenho, *V*, 197.)

> Se o indez morre, **deixá**-lo...
> (M. de Sá-Carneiro, *P*, 142.)

3.º) quando, em frase nominal de acentuado caráter afetivo, tem sentido narrativo ou descritivo (INFINITIVO DE NARRAÇÃO):

> O pai nos cabarés, nas casas das mulheres, gastando com raparigas, jogando nos hotéis, nos bares, com amigos bebendo. A mãe **a fenecer** em casa, **a ouvir** e **a obedecer**.
> (J. Amado, *GCC*, 277.)

> Mais dois dias. E Catarina **a piorar**.
> (Ó. Ribas, *U*, 243.)

4.º) quando, precedido da preposição *de*, serve de complemento nominal a adjetivos como *fácil*, *possível*, *bom*, *raro* e outros semelhantes.[12]

> Já não transitam pelo correio aquelas cartas de letra miudinha, **impossíveis de ler**, **gratas de ler**, pois derramavas nelas uma intacta ternura...
> (C. Drummond de Andrade, *CB*, 137.)

> Há decisões **fáceis de manter**, lembranças **difíceis de afastar**.
> (J. Paço d'Arcos, *CVL*, 890.)

5.º) quando, regido da preposição *a*, equivale a um gerúndio em locuções formadas com os verbos *estar*, *andar*, *ficar*, *viver* e semelhantes:

> Olha, triste viuvinha, já **estou a ouvir** teus passos nos surdos corredores da memória.
> (Luandino Vieira, *NANV*, 80.)

---

[12] Este emprego da forma não flexionada deve ser incluído, como ensina Theodoro Henrique Maurer Jr., entre aqueles nos quais o INFINITIVO depende "de um adjetivo, de um substantivo ou de um verbo em construções em que corresponde a um supino em *-u* ou a um infinitivo passivo da língua latina. Exemplos: '*As crianças são fáceis de contentar*'; '*Estas nozes são boas de abrir*'; '*Ficaram algumas peças por cortar*'; '*Havia muitas cartas que escrever*'; '*Tais resultados eram de prever*'; '*Ele mandou podar as figueiras*'; '*Contas a pagar*'". (*O infinito flexionado português; estudo histórico-descritivo*. São Paulo. Companhia Editora Nacional / USP, 1968, p. 236.)
Para o ilustre filólogo paulista, que neste ponto acompanha o pensamento de Nyrop e Ferdinand Brunot, o infinitivo não apresenta em tais construções o sentido passivo que costumam atribuir-lhe os gramáticos, mas "um sentido geral, em que a ideia de voz ativa ou passiva se apaga". (*Ibid.*, p. 139.)

Andam a montar casa.
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 704.)

E, porque conheceu que o vento era mais da madrugada que da noite, **ficou a esperar** a manhã.
(Adonias Filho, *LBB*, 118.)

2. É também normal o emprego do INFINITIVO NÃO FLEXIONADO:

1.º) quando pertence a uma locução verbal e não está distanciado do seu auxiliar:

Os galos **começaram a cantar**.
(A. Arinos, *OC*, 456.)

— Amanhã **vamos passar** o dia no Oiteiro.
(J. Lins do Rego, *ME*, 121.)

Importavam menos as palavras, essas talvez **pudessem esquecer**-se, porque outras se lhes **viriam sobrepor** e **cobri**-las, e **assimilá**-las.
(Alves Redol, *BC*, 57.)

2.º) quando depende dos auxiliares causativos (*deixar*, *mandar*, *fazer* e sinônimos) ou sensitivos (*ver*, *ouvir*, *sentir* e sinônimos) e vem imediatamente depois desses verbos ou apenas separado deles por seu sujeito, expresso por um pronome oblíquo:

— **Deixas correr** os dias como as águas do Paraíba?
(Machado de Assis, *OC*, II, 119.)

E as lágrimas que choro, branca e calma,
Ninguém as **vê brotar** dentro da alma!
(F. Espanca, *S*, 18.)

Esta **viu**-os **ir** pouco a pouco.
(Machado de Assis, *OC*, II, 509.)

Neste caso, costuma ocorrer também a forma flexionada, quando entre o auxiliar e o infinitivo se insere o sujeito deste, expresso por substantivo ou equivalente:

Domingos **mandou** os homens **levantarem-se**.
(Castro Soromenho, *C*, 56.)

Vi teus vestidos **brilharem**
sem qualquer clarão do dia.
(C. Meireles, *OP*, 615.)

Finalmente, **viu** os três pastores **pegarem** nos alforjes e **dirigirem**-se ao regato, para **lavar** as mãos.
(Ferreira de Castro, *OC*, I, 404.)

E, mais raramente, quando o sujeito é um pronome oblíquo:

Ele **viu**-as **entrarem**, **prostrarem**-se de braços estendidos, chorando, e não se comoveu...
(Coelho Netto, *OS*, I, 1328.)

Construções do tipo:

Vi surgirem os primeiros brotos nas árvores, **nascerem** as primeiras flores, e **chegarem** enfim os frutos inocentes e verdes.
(A. F. Schmidt, *AP*, 170.)

não são comuns e explicam-se pelo realce que, no caso, se concede ao sujeito do infinitivo.

Emprego da forma flexionada

O infinitivo assume a forma FLEXIONADA:
1.º) quando tem sujeito claramente expresso:

Mas o curioso é **tu** não **perceberes** que não houve nunca "ilusão" alguma.
(V. Ferreira, *NN*, 312.)

Vila Nova lembrou que o melhor era **irem todos** logo falar ao Bom Jesus.
(A. Arinos, *OC*, 207.)

2.º) quando se refere a um agente não expresso, que se quer dar a conhecer pela desinência verbal:

— Acho melhor não **fazeres** questão.
(Ferreira de Castro, *OC*, I, 94.)

Bom seria **andarmos** nus como as feras.
(Adonias Filho, *LBB*, 108.)

3.º) quando, na 3.ª pessoa do plural, indica a indeterminação do sujeito:

Ouvi **dizerem** que Maria Jeroma, de todas a mais impressionante, pelo ar desafrontado e pela pintura na cara, ganhara o sertão.
(G. Amado, *HMI*, 143.)

— O culpado de tudo é aquele tal de Doutor Reinaldo. Por que não deixou **levarem** a sujeita para o Recife?
(J. Condé, *TC*, 247.)

4.º) quando se quer dar à frase maior ênfase ou harmonia:

Tomar um tema e trabalhá-lo em variações ou, como na forma sonata, tomar dois temas e opô-los, fazê-los **lutarem**, **embolarem**, **ferirem**-se e **estraçalharem**-se e dar a vitória a um ou, ao contrário, apaziguá-los num entendimento de todo repouso... creio que não pode haver maior delícia em matéria de arte.
(M. Bandeira, *PP*, II, 37.)

Aqueles homens gotejantes de suor, bêbedos de calor, desvairados de insolação, / a **quebrarem**, / a **espicaçarem**, / a **torturarem** a pedra, / pareciam um punhado de demônios revoltados na sua impotência contra o impassível gigante.
(A. Azevedo, *C*, 66.)

Observação:

O uso do infinitivo flexionado parece ser mais frequente no português europeu do que no do Brasil em razão da vitalidade, em Portugal, do tratamento *tu* e, por consequência, da flexão correspondente a esta pessoa no infinitivo pessoal. Predominando na maior parte do Brasil o tratamento íntimo *você*, que se constrói com o verbo na 3.ª pessoa do singular — pessoa desprovida de desinência, ou melhor, com desinência zero Ø —, daí decorre a identificação desta forma do infinitivo pessoal com a do impessoal.

Conclusão

Como vemos, "a escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos somente da ação ou do intuito ou necessidade de pormos em evidência o agente da

ação" (Said Ali)[13]. No primeiro caso, preferimos o INFINITIVO NÃO FLEXIONADO; no segundo, o FLEXIONADO.

Trata-se, pois, de um emprego seletivo, mais do terreno da estilística do que, propriamente, da gramática.

Emprego do gerúndio

Forma simples e composta

Vimos que o GERÚNDIO apresenta duas formas: uma SIMPLES (*lendo*), outra COMPOSTA (*tendo* ou *havendo lido*).

A forma COMPOSTA é de caráter perfeito e indica uma ação concluída anteriormente à que exprime o verbo da oração principal:

> Não **tendo conseguido** dormir, fui escaldar um chá na cozinha e dei de cara com a Rosa e a Idalina.
> (O. Lara Resende, *BD*, 112.)

> Já o sol, **tendo dado** volta às ameias da catedral, vinha muito baixo, por alta fresta, espojar-se no meio dos casacos pretos e vestes eclesiásticas.
> (A. Ribeiro, *AFPB*, 265.)

> Sem que eu soubesse, ele acabava de chegar do Rio, **havendo regressado** às pressas, por causa de complicações políticas.
> (C. dos Anjos, *M*, 126.)

A forma SIMPLES expressa uma ação em curso, que pode ser imediatamente anterior ou posterior à do verbo da oração principal, ou contemporânea dela.

---

[13] Said Ali. *Gramática secundária da língua portuguesa*. São Paulo, Melhoramentos, s. d., p. 180. Sobre a origem e o emprego das formas flexionada e não flexionada do infinitivo, consulte-se a excelente monografia histórico-descritiva de Theodoro Henrique Maurer Jr.: *O infinitivo flexionado português; estudo histórico-descritivo*. São Paulo, Companhia Editora Nacional / USP, 1968. A propósito, leiam-se também: Said Ali. *Dificuldades da língua portuguesa*. 5ª. ed. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1957, p. 55-76; Holger Sten. L'Infinitivo impessoal et l'infinitivo pessoal en portugais moderne. *Boletim de Filologia*, 13: 83-142, 201-256, 1952; Maurice Molho. Le problème de l'infinitif en portugais. *Bulletin Hispanique*, 61: 26-73, 1959; Knud Togeby. L'enigmatique infinitif personnel en portugais. *Studia Neophilologica*, 27: 211-218, 1955; José Maria Rodrigues. Sobre o uso do infinitivo impessoal e do pessoal em *Os lusíadas*. *Boletim de Filologia*, *1*: 3-7, 177-184, 1932-1933; *2*: 1-2, 1933-1934; Zdenek Hampejs. Nota sintático-estilística sobre o infinitivo flexionado português. *Revista Brasileira de Filologia*, *5*: 115-118, 1959-1960; Jacinto do Prado Coelho. O infinito absoluto no Romanceiro Popular. *Boletim de Filologia*, *11*: 133-140, 1950.

Este valor temporal do GERÚNDIO depende quase sempre de sua colocação na frase.

Gerúndio anteposto à oração principal

Colocado no início do período, o GERÚNDIO exprime:

a) uma ação realizada imediatamente antes da indicada na oração principal:

> **Proferindo** estas palavras, o gardingo atravessou rapidamente a caverna e desapareceu nas trevas exteriores.
> (A. Herculano, *E*, 180.)

> **Ganhando** a praça, o engenheiro suspirou livre.
> (A. M. Machado, *HR*, 41.)

b) uma ação que teve começo antes ou no momento da indicada na oração principal e ainda continua:

> **Estalando** de dor de cabeça, insone, tenho o coração vazio e amargo.
> (O. Lara Resende, *BD*, 51.)

> **Estremecendo**, vejo um casal de sessenta anos.
> (A. Abelaira, *QPN*, 131.)

Gerúndio ao lado do verbo principal

Colocado junto do verbo principal, o GERÚNDIO expressa de regra uma ação simultânea, correspondente a um adjunto adverbial de modo:

> Maciel ouvia **sorrindo**.
> (Machado de Assis, *OC*, II, 506.)

> Chorou **soluçando** sobre a cabeça do cão.
> (Castro Soromenho, *TM*, 203.)

> Arrastou-se penosamente, **gatinhando** na areia.
> (C. de Oliveira, *AC*, 91.)

Gerúndio posposto à oração principal

Colocado depois da oração principal, o GERÚNDIO indica uma ação posterior e equivale, na maioria das vezes, a uma oração coordenada iniciada pela conjunção *e*:

As trajectórias recomeçaram, **processando**-se a um ritmo regular.
(F. Botelho, *X*, 158.)

No regresso para os musseques elas cantavam-na bem perto da casa, **deturpando** intencionalmente a letra da canção.
(A. Santos, *KOP*, 53.)

No quintal as folhas fugiam com o vento, **dançando** no ar em reviravoltas de brinquedo.
(L. Jardim, *MP*, 47.)

Gerúndio antecedido da preposição em

Precedido da preposição *em*, o GERÚNDIO marca enfaticamente a anterioridade imediata da ação com referência à do verbo principal:

Eu tinha umas asas brancas,
Asas que um anjo me deu,
Que, **em** me eu **cansando** da terra,
Batia-as, voava ao céu.
(Almeida Garrett, *O*, II, 123.)

Em se lhe **dando** corda, ressurgia nele o tagarela da cidade.
(Monteiro Lobato, *U*, 127.)

Construções afetivas

1. O aspecto inacabado do GERÚNDIO permite-lhe exprimir a ideia de progressão indefinida, naturalmente mais acentuada se a forma vier repetida, como nestes passos:

   Viajando, viajando, esquecia-se o mal e o bem.
   (Adonias Filho, *LBB*, 101.)

   Andando, andando, escureceu-nos.
   (A. Ribeiro, *M*, 137.)

2. Na linguagem popular, já o dissemos, o GERÚNDIO substitui por vezes a forma IMPERATIVA:

   Andando! [= Vá andando! Ande!]

O gerúndio na locução verbal

O GERÚNDIO combina-se com os auxiliares *estar*, *andar*, *ir* e *vir*, para marcar diferentes aspectos da execução do processo verbal.

1. **Estar** seguido de GERÚNDIO indica uma ação durativa num momento rigoroso:

> **Estavam** todos **dormindo**,
> **Estavam** todos deitados,
> **Dormindo**,
> Profundamente.
> (M. Bandeira, *PP*, I, 211.)

> Estas delongas **estão afligindo** a curiosidade de quem me ler.
> (C. Castelo Branco, *OS*, I, 461.)

2. **Andar** seguido de GERÚNDIO indica uma ação durativa em que predomina a ideia de intensidade ou de movimento reiterado:

> João Fanhoso **andava amanhecendo** sem entusiasmo, sem coragem para enfrentar os problemas que enchiam aqueles dias compridos.
> (M. Palmério, *VC*, 97.)

> **Andei buscando** esse dia
> pelos humildes caminhos...
> (C. Meireles, *OP*, 277.)

> A população **andava** agora **vivendo** dias grandes de chuva, ainda meio arrelampada com aquela prodigalidade da natureza.
> (M. Ferreira, *HB*, 146.)

3. **Ir** seguido de GERÚNDIO expressa uma ação durativa que se realiza progressivamente ou por etapas sucessivas:

> Chamas novas e belas **vão raiando**,
> **Vão-se acendendo** os límpidos altares
> E as almas **vão sorrindo** e **vão orando**...
> (Cruz e Sousa, *OC*, 218.)

> Vagaroso, o tempo **foi passando**.
> (M. Torga, *NCM*, 21.)

A terra **ia crescendo** e a mata **fechando**-se cada vez mais.
(Ferreira de Castro, *OC*, I, 125.)

4. **Vir** seguido de GERÚNDIO expressa uma ação durativa que se desenvolve gradualmente em direção à época ou ao lugar em que nos encontramos:

Vinha amanhecendo, ainda havia um resto de escuridão, era difícil enxergar as coisas afastadas.
(G. Ramos, *AOH*, 109.)

A noite **vem chegando** de mansinho.
(F. Namora, *RT*, 86.)

Emprego do particípio

Elemento de tempos compostos

O PARTICÍPIO desempenha importantíssimo papel no sistema do verbo com permitir a formação dos tempos compostos que exprimem o aspecto conclusivo do processo verbal.

Emprega-se:

a) com os auxiliares *ter* e *haver*, para formar os tempos compostos da voz ativa:

Temos estudado muito.
Havia escrito várias cartas.

b) com o auxiliar *ser*, para formar os tempos da voz passiva de ação:

A carta **foi escrita** por mim.

c) com o auxiliar *estar*, para formar tempos da voz passiva de estado:

Estamos impressionados com a situação.

Particípio sem auxiliar

1. Desacompanhado de auxiliar, o PARTICÍPIO exprime fundamentalmente o estado resultante de uma ação acabada:

Achada a solução do problema, não mais torturou a cabeça.
(A. Arinos, *OC*, 456.)

Crucificada em mim, sobre os meus braços,
Hei de poisar a boca nos teus passos
Pra não serem pisados por ninguém.
(F. Espanca, *S*, 115.)

Meia légua **andada**, todos eram irmãos.
(J. Saramago, *MC*, 303.)

Chegada a casa, não os encontrou.
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 358.)

2. O PARTICÍPIO dos VERBOS TRANSITIVOS tem de regra valor passivo:

Lidas uma e outra, procedeu-se às assinaturas.
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 550.)

Pouco a pouco os bichos se finavam, **devorados** pelo carrapato.
(G. Ramos, *VS*, 177.)

3. O PARTICÍPIO dos VERBOS INTRANSITIVOS tem quase sempre valor ativo:

Chegado aos pés, olhava-me para cima.
(V. Ferreira, *NN*, 66.)

Era um burrinho pedrês, miúdo e resignado, **vindo** de Passa Tempo, Conceição do Serro, ou não sei onde no sertão.
(Guimarães Rosa, *S*, 7.)

4. Exprimindo embora o resultado de uma ação acabada, o PARTICÍPIO não indica por si próprio se a ação em causa é passada, presente ou futura. Só o contexto a que pertence precisa a sua relação temporal. Assim, a mesma forma pode expressar:

a) ação passada:

Aberta uma exceção, estávamos perdidos.

b) ação presente:

Aberta uma exceção, estamos perdidos.

c) ação futura:

Aberta uma exceção, estaremos perdidos.

Nos casos acima, vemos que a oração de PARTICÍPIO tem sujeito diferente da principal e estabelece, para com esta, uma relação de anterioridade.
Mas a relação temporal entre as duas orações pode ser de simultaneidade, principalmente se o sujeito for o mesmo:

> **Embaraçado**, não **consegui** chegar à porta.
> (O. Lara Resende, *BD*, 121.)

> **Rodeada** do bando, Mariana **comia** em paz na cozinha o caldo caridoso.
> (M. Torga, *NCM*, 126.)

> **Deitada** na terra, a chuva na manta, Imboti não **enxerga** o céu de nuvens pesadas e escuras.
> (Adonias Filho, *LP*, 24.)

5. Quando o PARTICÍPIO exprime apenas o estado, sem estabelecer nenhuma relação temporal, ele se confunde com o adjetivo:

> O vento **enfurecido** açoitava a rancharia.
> (A. Meyer, *SI*, 15.)

> Os gritos das gentes **desoladas** atroavam a vila **revolvida**.
> (V. Nemésio, *MTC*, 365.)

> O corpo **torturado** do tratorista caíra em cima dos presos já **adormecidos** àquela hora da noite.
> (Luandino Vieira, *VVDX*, 76.)

CONCORDÂNCIA VERBAL

1. A solidariedade entre o verbo e o sujeito, que ele faz viver no tempo, exterioriza-se na CONCORDÂNCIA, isto é, na variabilidade do verbo para conformar-se ao número e à pessoa do sujeito.

2. A CONCORDÂNCIA evita a repetição do sujeito, que pode ser indicada pela flexão verbal a ele ajustada:

> **Eu acabei** por adormecer no regaço de minha tia. Quando **acordei**, já era tarde, não **vi** meu pai.
> (A. Ribeiro, *CRG*, 257.)

— **Tu tens** razão. Agora, tudo se clareou para mim. Não **precisas voltar** aqui. Não quero que **te exponhas**.
(J. Montello, *DP*, 296.)

A chuva caía violenta no quintal, **ensopava** a areia vermelha dos caminhos e **invadia** mesmo a cela, colando-lhe a roupa no corpo dorido.
(Luandino Vieira, *VVDX*, 72.)

REGRAS GERAIS

Com um só sujeito

O verbo concorda em número e pessoa com o seu sujeito, venha ele claro ou subentendido:

A paisagem ficou espiritualizada.
Tinha adquirido uma alma. E **uma nova poesia**
Desceu do céu, **subiu** do mar, **cantou** na estrada...
(M. Bandeira, *PP*, 70.)

Nada **sou**, nada **posso**, nada **sigo**.
Trago, por ilusão, meu ser comigo.
(F. Pessoa, *OP*, 675.)

Vieste de um país que não **conheço**.
(C. Nejar, *OP*, I, 26.)

Com mais de um sujeito

O verbo que tem mais de um sujeito (SUJEITO COMPOSTO) vai para o plural e, quanto à pessoa, irá:

a) para a 1.ª pessoa do plural, se entre os sujeitos figurar um da 1.ª pessoa:

Só **eu e Florêncio ficamos calados**, à margem.
(C. dos Anjos, *DR*, 39.)

Tu por um lado **e eu** por outro o **acautelaremos** das horas más.
(A. Ribeiro, *V*, 415.)

b) para a 2.ª pessoa do plural, se, não existindo sujeito da 1.ª pessoa, houver um da 2.ª:

Nuvem sólida, rosa virginal, água branca
E tu, antiga sinfonia aérea,
Pertenceis ao anjo, não a mim.
(M. Mendes, *P*, 164.)

Tu ou os teus filhos vereis a revolução dos espíritos e costumes.
(C. Castelo Branco, *J*, I, 21.)

c) para a 3.ª pessoa do plural, se os sujeitos forem da 3.ª pessoa:

Quando **o Loas e a filha chegaram** às proximidades da courela, logo se **anunciaram.**
(F. Namora, *TJ*, 227.)

Mestre Gaudêncio curandeiro, seu Libório cantador, o cego preto Firmino e Das Dores exigiram a história dos tatus, que saiu deste modo.
(G. Ramos, *AOH*, 76.)

Observação:

Na linguagem corrente do Brasil, evitam-se as formas do sujeito composto que levam o verbo à 2.ª pessoa do plural, em virtude do desuso do tratamento *vós* e, também, da substituição do tratamento *tu* por *você*, na maior parte do país.

Em lugar da 2.ª pessoa do plural, encontramos, vez por outra, tanto em Portugal como no Brasil, o verbo na 3.ª pessoa do plural, quando um dos sujeitos é da 2.ª pessoa do singular (*tu*) e os demais da 3.ª pessoa:

Em que língua **tu e ele falavam?**
(R. Fonseca, *C*, 35.)

Mas **nem tu, nem os teus ulemas e cacizes entendem** estas cousas.
(A. Herculano, *MC*, I, 91.)

— **O Pomar e tu** os **esperam.**
(F. Namora, *NM*, 242.)

— **Tu e o Chico levem** o Sr. Alves para casa.
(Castro Soromenho, *C*, 198.)

CASOS PARTICULARES

Com um só sujeito

O sujeito é uma expressão partitiva

Quando o sujeito é constituído por expressão partitiva (como: *parte de, uma porção de, o grosso de, o resto de, metade de* e equivalentes) e um substantivo ou pronome plural, o verbo pode ir para o singular ou para o plural:

> **A maior parte deles** já não **vai** à fábrica!
> (B. Santareno, *TPM*, 40.)

> **A maior parte destes quartos não tinham** teto, nem portas, nem pavimento.
> (C. Castelo Branco, *OS*, I, 196.)

> **Uma porção de moleques me olhavam** admirados.
> (J. Lins do Rego, *ME*, 29.)

> Para meu desapontamento, **a maioria dos nomes** anotados não **dispunha** de telefone, ou **eram** casas comerciais, que não queriam conversa.
> (C. Drummond de Andrade, *BV*, 12.)

Observação:

A cada uma destas possibilidades corresponde um novo matiz da expressão. Deixamos o verbo no singular quando queremos destacar o conjunto como uma unidade. Levamos o verbo ao plural para evidenciarmos os vários elementos que compõem o todo.

O sujeito denota quantidade aproximada

Quando o sujeito, indicador de quantidade aproximada, é formado de um *número plural* precedido das expressões *cerca de, mais de, menos de* e similares, o verbo vai normalmente para o plural:

> Ainda assim, **restavam cerca de cem viragos**...
> (J. Ribeiro, *FE*, 53.)

> ...e afinal, depois de tanto trabalho, de tantas palavras e canseiras, **fugirem-lhe** nada **menos de três!**
> (Ferreira de Castro, *OC*, I, 85.)

Observação:

Enquanto o sujeito de que participa a expressão *menos de dois* leva o verbo ao plural, o sujeito formado pelas expressões *mais de um* ou *mais que um*, seguidas de substantivo, deixa o verbo de regra no singular:

> A gauchada estava dividida no julgamento da carreira; **mais de um torena coçou** o punho da adaga, **mais de um desapresilhou** a pistola, **mais de um virou** as esporas para o peito do pé...
> (Simões Lopes Neto, *CGLS*, 331.)

> **Mais de um sujeito correu** na salvação do pescoço-pelado.
> (J. C. de Carvalho, *CLH*, 137.)

Emprega-se, porém, o verbo no plural quando tais expressões vêm repetidas, ou quando nelas haja ideia de reciprocidade. Assim:

> Mais de um velho, mais de uma criança não **puderam fugir** a tempo.
> Mais de um orador **se criticaram** mutuamente na ocasião.

O sujeito é o pronome relativo que

1. O verbo que tem como sujeito o pronome relativo *que* concorda em número e pessoa com o antecedente deste pronome:

> Fui **eu que** lhe **pedi** que não viesse.
> (J. Montello, *DP*, 245.)

> Sou **eu que** lhe **peço**.
> (Castro Soromenho, *TM*, 244.)

> És **tu que vais** acompanhá-lo.
> (Alves Redol, *BC*, 343.)

> Não és **tu que** me **dás** felicidade.
> (M. de Andrade, *PC*, 253.)

> Foram **eles que criaram** o Brasil, **que** o **tornaram** independente, **que deram** maior brilho ao nosso passado.
> (G. Amado, *TL*, 193.)

2. Se o antecedente do relativo *que* é um demonstrativo, que serve de predicativo ou aposto de um pronome pessoal sujeito, o verbo do relativo pode:

a) concordar com o pronome pessoal sujeito, principalmente quando o antecedente é o demonstrativo *o* (*a, os, as*):

> Não somos **nós os que vamos chamar** esses leais companheiros de além-mundo.
> (R. Barbosa, *EDS*, 680.)

> Ou talvez Ngunga tivesse um poder misterioso e esteja agora em todos nós, **nós os que recusamos viver** no arame farpado, **nós os que recusamos** o mundo dos patrões e dos criados, **nós os que queremos** o mel para todos.
> (Pepetela, *AN*, 59.)

b) ir para a 3.ª pessoa, em concordância com o demonstrativo, se não há interesse em acentuar a íntima relação entre o predicativo e o sujeito:

> Fui **Essa que** nas ruas **esmolou**
> E fui **a que habitou** Paços Reais...
> (F. Espanca, *S*, 103.)

> Eu sou **aquele que veio** do imenso rio.
> (M. de Andrade, *PC*, 352.)

3. Quando o relativo *que* vem antecedido das expressões *um dos, uma das* (+ substantivo), o verbo de que ele é sujeito vai para a 3.ª pessoa do plural ou, mais raramente, para a 3.ª pessoa do singular:

> És **um dos** raros homens **que têm** o mundo nas mãos.
> (A. Abelaira, *NC*, 121.)

> **Uma das** coisas **que** mais me **impressionam** é a terrível carreira em que nos excedemos.
> (G. Amado, *TL*, 8.)

> Foi **um dos** poucos no seu tempo **que reconheceu** a originalidade e importância da literatura brasileira.
> (J. Ribeiro, *AC*, 326.)

Acurvado sobre a mesa esconsa de seu lavor mercantil, era, aí mesmo, **um dos** primeiros homens doutos **que escrevia** em português sem mácula.

(C. Castelo Branco, *BE*, 213.)

Observação:

O verbo no singular destaca o sujeito do grupo em relação ao qual vem mencionado, ao contrário do que ocorre se construirmos a oração com o verbo no plural.

4. Depois de (*um*) *dos que* (= um daqueles que) o verbo vai normalmente para a 3.ª pessoa do plural:

Ela passou-se para outro mais decidido, **um dos que moravam** no quartinho dos grandes.

(J. Lins do Rego, *D*, 107.)

Naqueles dias a meninada do colégio interessava-se vivamente pelos concursos e eu era **um dos que** não **perdiam** o bate-boca das arguições.

(M. Bandeira, *PP*, II, 360-361.)

Por vezes omite-se o *um*:

Não sou **dos que acreditam** no direito divino da velhice.

(J. Nabuco, *A*, 294.)

Eu fui **dos que se meteram** ao lodo.

(Alves Redol, *BSL*, 325.)

João Guimarães Alves foi **dos que se perderam** na distância.

(C. Drummond de Andrade, *OC*, 527.)

São raros exemplos literários contemporâneos como estes:

O homem fora **um dos que** não **resistira** a tal sortilégio.

(F. Namora, *CS*, 168.)

O bispo de Silves foi **um dos que caiu** no erro funesto.

(A. Ribeiro, *PSP*, 250.)

O sujeito é o pronome relativo quem

1. O pronome relativo *quem* constrói-se, de regra, com o verbo na 3.ª pessoa do singular:

> És tu **quem murmura** nas águas,
> Tu és **quem respira** por mim.
> (M. Mendes, *P*, 181.)

> E não fui eu **quem** te **salvou?**
> (D. Mourão-Ferreira, *I*, 91.)

2. Não faltam, porém, exemplos de bons autores em que o verbo concorda com o pronome pessoal, sujeito da oração anterior. Neste caso, põe-se em relevo, sem rodeios mentais, o sujeito efetivo da ação expressa pelo verbo:

> Não sou **eu quem descrevo.** Eu sou a tela
> E oculta mão colora alguém em mim.
> (F. Pessoa, *OP*, 55.)

> Eram os filhos, estudantes nas Faculdades da Bahia, **quem** os **obrigavam** a abandonar os hábitos frugais.
> (J. Amado, *GCC*, 249.)

É esta a construção preferida da linguagem popular.

O sujeito é um pronome interrogativo, demonstrativo ou indefinido plural, seguido de de *(ou* dentre*)* nós *(ou* vós*)*

Se o sujeito é formado por algum dos pronomes interrogativos (*quais? quantos?*), dos demonstrativos (*estes, esses, aqueles*) ou dos indefinidos no plural (*alguns, muitos, poucos, quaisquer, vários*), seguido de uma das expressões *de nós, de vós, dentre nós* ou *dentre vós*, o verbo pode ficar na 3.ª pessoa do plural ou concordar com o pronome pessoal que designa o todo:

> Mas, **quantos, dentre nós**, ainda **estão** vivos, devotam à vida a mesma paixão de outrora?
> (N. Piñon, *FD*, 47-48.)

> **Quantos dentre vós** que me ouvis não **tereis** tomado parte em romagens a Aparecida?
> (A. Arinos, *OC*, 770.)

Quais de vós sois, como eu, desterrados no meio do gênero humano?
(A. Herculano, *E*, 170.)

Muitos de nós andam por aí, querendo puxar conversa com vocês.
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 163.)

Estou falando, portanto, com **aqueles dentre vós que trabalham** na construção em frente de minha janela.
(R. Braga, *CCE*, 249.)

Se o interrogativo ou o indefinido estiver no singular, também no singular deverá ficar o verbo:

Quando as nuvens começaram a existir,
qual de nós estava presente?
(C. Meireles, *OP*, 299.)

Nenhum de vós, ao meu enterro,
Irá mais dândi, olhai! do que eu!
(A. Nobre, *S*, 83.)

O sujeito é um plural aparente

Os nomes de lugar, e também os títulos de obras, que têm forma de plural são tratados como singular, se não vierem acompanhados de artigo:

Mas **Vassouras** é que não o **esquecerá** tão cedo.
(R. Correia, *PCP*, 492.)

Comparado, por exemplo, com *Agosto azul*, ***Regressos* acusa** nalguns capítulos uma ligeira variação de timbre.
(U. Tavares Rodrigues, *MTG*, 50.)

***Alegrias de Nossa Senhora* tem** a sua história.
(M. Bandeira, *PP*, II, 70.)

Quando esses nomes são precedidos de artigo, o verbo assume normalmente a forma plural:

Os Estados Unidos, então, por sua vez, **tentam** uma demonstração espetacular.
(U. Tavares Rodrigues, *JE*, 308.)

As *Memórias Póstumas de Brás Cubas* lhe **davam** uma outra dimensão.
(T. Martins Moreira, *VVT*, 38.)

O sujeito é indeterminado

Nas orações de sujeito indeterminado, já o dissemos, o verbo vai para a 3.ª pessoa do plural:

— **Pediram**-me que a procurasse.
(F. Botelho, *X*, 203.)

Estavam botando o búzio para os que ficavam mais distantes.
(J. Lins do Rego, *ME*, 60.)

Se, no entanto, a indeterminação do sujeito for indicada pelo pronome *se*, o verbo fica na 3.ª pessoa do singular:

Veio a hora do chá. Depois **cantou-se** e **tocou-se** ainda.
(Machado de Assis, *OC*, II, 106.)

Ainda **se vivia** num mundo de certezas.
(A. Bessa Luís, *OM*, 296.)

Concordância do verbo ser

1. Em alguns casos o verbo *ser* concorda com o predicativo.
Assim:
1.º) Nas orações começadas pelos pronomes interrogativos substantivos *que?* e *quem?*:

— **Que são seis meses?**
(Machado de Assis, *OC*, I, 1041.)

Quem teriam sido os primeiros deuses?
(A. Sérgio, *E*, IV, 245.)

Quis saber **quem eram meus pais** e **o que faziam**.
(Machado de Assis, *OC*, II, 567.)

2.º) Quando o sujeito do verbo *ser* é um dos pronomes *isto, isso, aquilo, tudo* ou *o* (= aquilo) e o predicativo vem expresso por um substantivo no plural:

Tudo isto eram sintomas graves.
(Machado de Assis, *OC*, II, 280.)

— **Isto** não **são conversas** para ti, pequena.
(F. Namora, *TJ*, 196.)

O que há de novo nelas **são as cores.**
(M. Bandeira, *AA*, 51.)

Tudo na vida **são verdades** de relação.
(U. Tavares Rodrigues, *JE*, 309.)

Tal concordância explica-se pela tendência que tem o nosso espírito de preferir destacar como sujeito o que representamos por palavra nocional, pois esta alude a realidades mais evidentes.

Mas, neste caso, também não é raro aparecer o verbo no singular, em concordância com o pronome demonstrativo ou com o indefinido:

Tudo é flores no presente.
(Gonçalves Dias, *PCP*, 230.)

Se calhar, **tudo é símbolos.**
(F. Pessoa, *OP*, 352.)

Tudo era os estudos, brincadeiras.
(Luandino Vieira, *VE*, 49.)

Nestes exemplos, os três escritores, com o singular (isto é, colocando o verbo em concordância com o pronome indefinido), procuram realçar um conjunto, e não os elementos que o compõem, a fim de sugerir-nos as diferentes realidades transformadas numa só coisa.

Atente-se no efeito estilístico provocado pelo contraste de concordância neste passo de Camilo Castelo Branco:

Há neles muita lágrima, e **o que** não **é lágrimas são algemas.**

3.º) Quando o sujeito é uma expressão de sentido coletivo, como *o resto, o mais*:

O resto são atributos sem importância.
(M. Torga, *V*, 214.)

O mais são casas esparsas.
(C. Drummond de Andrade, *CA*, 73.)

4.º) Nas orações impessoais:

São duas horas da noite.
(A. Botto, *AO*, 141.)

Eram quase **oito horas.**
(A. F. Schmidt, *GB*, 133.)

Observação:

Empregados com referência às horas do dia, os verbos *dar, bater, soar* e sinônimos concordam com o número que indica as horas:

Soaram doze horas por igrejas daqueles vales.
(C. Castelo Branco, *QA*, 163.)

Batiam oito horas quando ele acordou e abriu as janelas.
(Machado de Assis, *OC*, I, 92.)

Quando há o sujeito *relógio* (ou *sino*, *sineta*, etc.), o verbo naturalmente concorda com ele:

O sino da Matriz bateu seis horas.
(A. Meyer, *P*, 159.)

O relógio de uma das igrejas bateu duas horas.
(Ferreira de Castro, *OC*, I, 571.)

2. Se o sujeito for nome de pessoa ou pronome pessoal, o verbo normalmente concorda com ele, qualquer que seja o número do predicativo:

Ovídio é muitos poetas ao mesmo tempo, e todos excelentes.
(A. F. de Castilho, *AO*, 25.)

Todo **eu era** olhos e coração.
(Machado de Assis, *OC*, I, 742.)

Não é rara, porém, a concordância com o predicativo plural quando este representa partes do corpo da pessoa nomeada no sujeito:

Santinha **eram dois olhos míopes, quatro incisivos claros à flor da boca.**
(M. Bandeira, *PP*, I, 403.)

3. Quando o sujeito é constituído de uma expressão numérica que se considera em sua totalidade, o verbo *ser* fica no singular:

Oito anos sempre **é** alguma coisa.
(C. Drummond de Andrade, *CA*, 146.)

— **Dez contos**?! Não **será** demais?
(Almada Negreiros, *NG*, 80.)

4. Nas frases em que ocorre a locução invariável *é que*, o verbo concorda com o substantivo ou pronome que a precede, pois são eles efetivamente o seu sujeito:

Tu é que **deves escolher** o sítio.
(Alves Redol, *BC*, 343.)

Eu é que **estou escutando** o assobio no escuro.
(C. Lispector, *AV*, 94.)

Observações:

1.ª) A locução de realce *é que* é invariável e vem sempre colocada entre o sujeito da oração e o verbo a que ele se refere.

Assim:

José **é que** trabalhou, mas os irmãos **é que** se aproveitaram do seu esforço.

É uma construção fixa, e não deve ser confundida com outra semelhante, mas móvel, em que o verbo *ser* antecede o sujeito e passa, naturalmente, a concordar com ele e a harmonizar-se com o tempo dos outros verbos.

Compare-se, por exemplo, ao anterior o seguinte período:

José **é que** trabalhou, mas **foram** os irmãos **que** se aproveitaram do seu esforço.

Ou este:

Foi José **que** trabalhou, mas os irmãos **é que** se aproveitaram do seu esforço.

2.ª) Também não deve ser confundido com a expressão de realce *é que* o encontro da forma verbal *é* com a conjunção integrante *que* em contextos do tipo:

Bom **é que** não haja mais discussões.
O certo **é que** ele não voltará.

equivalentes a:

É bom **que** não haja mais discussões.
Que ele não voltará **é** o certo.

3.ª) Sobre estas e outras construções em que se dá a concorrência das formas *é* e *que* e sobre a interpretação cabível em cada caso, vejam-se José Oiticica. *Manual de análise (léxica e sintática)*. 6.ª ed. refundida. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1942, p. 235-237; ——. Sobre a expressão "é que". *Revista Filológica*, 7 (27): 217-225, 1944; João Malaca Casteleiro. Sintaxe e semântica das construções enfáticas com *é que*. *Boletim de Filologia*, 25: 97-166, 1976-1979.

Com mais de um sujeito

Concordância com o sujeito mais próximo

Vimos que o adjetivo que modifica vários substantivos pode, em certos casos, concordar com o substantivo mais próximo. Também o verbo que tem mais de um sujeito pode concordar com o sujeito mais próximo:

a) quando os sujeitos vêm depois dele:

Que te **seja** propício **o astro e a flor,**
Que a teus pés **se incline a Terra e o Mar.**
(F. Espanca, *S*, 163.)

Habita-me **o espaço e a desolação.**
(V. Ferreira, *A*, 24.)

Rua da União onde todas as tardes **passava a preta das bananas** com o xale vistoso de pano da Costa
E o vendedor de roletes de cana.
(M. Bandeira, *PP*, I, 200.)

b) quando os sujeitos são sinônimos ou quase sinônimos:

A conciliação, a harmonia entre uns e outros **é possível.**
(A. Abelaira, *NC*, 178.)

Todo o seu comentário, toda a sua exegese e todo o seu exame crítico vinha insuflado dessa virtude elucidativa em que a sua contribuição pessoal se fazia sentir, ainda que no campo da hipótese ou da conjectura.
(Joaquim Ribeiro, in J. Ribeiro, *CD*², III.)

O amor e a admiração nas crianças **compraz-se** dos extremos.
(A. Ribeiro, *CRG*, 86.)

c) quando há uma enumeração gradativa:

A mesma coisa, o mesmo ato, a mesma palavra provocava ora risadas, ora castigos.
(Monteiro Lobato, *N*, 4.)

O grotesco, o pobre, o sem forças, era triturado agora na pressão dessa grande cidade, ininterrupta de gente, de casos que profundamente a excluíam.
(A. Bessa Luís, *AM*, 54.)

d) quando os sujeitos são interpretados como se constituíssem em conjunto uma qualidade, uma atitude:

A grandeza e a significação das coisas **resulta** do grau de transcendência que encerram.
(M. Torga, *TU*, 63.)

Morro, **se a graça e a misericórdia de Deus** me não **acode**.
(C. Castelo Branco, *CE*, 40.)

Infinitivos sujeitos

Quando os sujeitos são dois ou mais infinitivos, o verbo fica no singular:

Olhar e ver era para mim um recurso de defesa.
(J. Lins do Rego, *P*, 93.)

Fazer e escrever é a mesma coisa.
(J. de Araújo Correia, *FX*, 52.)

Vê-lo e amá-lo foi obra de um minuto.
(R. de Queirós, *CCE*, 95.)

Mas o verbo pode ir para o plural quando os infinitivos exprimem ideias nitidamente contrárias:

> Em sua vida, à porfia,
> **Se alternam rir e chorar.**
> (A. de Oliveira, *Pós*t., 43.)

Sujeitos resumidos por um pronome indefinido

Quando os sujeitos são resumidos por um pronome indefinido (como *tudo, nada, ninguém*), o verbo fica no singular, em concordância com esse pronome:

> O pasto, as várzeas, a caatinga, o marmeleiral esquelético, **era tudo** de um cinzento de borralho.
> (R. de Queirós, *TR*, 15.)

> Letras, ciências, costumes, instituições, **nada** disso **é** nacional.
> (Eça de Queirós, *O*, II, 1108.)

A mesma concordância se faz quando o pronome anuncia os sujeitos:

> **Tudo** o **fazia** lembrar-se dela: a manhã, os pássaros, o mar, o azul do céu, as flores, os campos, os jardins, a relva, as casas, as fontes, sobretudo as fontes, principalmente as fontes.
> (Almada Negreiros, *NG*, 112.)

> E não só dos homens se arreceava — **tudo temia**: o sol do verão, o frio do inverno, os frutos que ela colhia, as flores com que se enfeitava.
> (Coelho Netto, *OS*, I, 1420.)

Sujeitos representantes da mesma pessoa ou coisa

Quando os sujeitos, por palavras diferentes, representam uma só pessoa ou uma só coisa, o verbo fica naturalmente no singular:

> **A Ideia, o sumo Bem, o verbo, a Essência,**
> Só **se revela** aos homens e às nações
> No céu incorruptível da Consciência!
> (A. de Quental, *SC*, 62.)

> **Esse primeiro palpitar da seiva, essa revelação da consciência a si própria,** nunca mais me **esqueceu**, nem achei que lhe fosse comparável qualquer outra sensação da mesma espécie.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 741.)

Sujeitos ligados por ou *e por* nem

1. Quando o sujeito composto é formado de substantivos no singular ligados pelas conjunções *ou* ou *nem*, o verbo costuma ir:

a) para o plural, se o fato expresso pelo verbo pode ser atribuído a todos os sujeitos:

> **O mal ou o bem** dali **teriam de vir.**
> (D. Silveira de Queirós, *MLR*, 188.)

> Por muito que **o tempo ou a paisagem se repetissem**, essa teimosia apenas a aproximava da harmonia caprichosa da paisagem da sua infância, lá onde os cheiros, os dias e as cores nunca chegavam a sedimentar.
> (F. Namora, *TJ*, 301.)

> É a nobre dama recém-chegada, à qual **nem o cansaço de trabalhosa jornada nem o hábito dos cômodos do mundo puderam impedir** acompanhasse na oração aquelas que o trato de poucas horas já lhe fazia amar como irmãs.
> (A. Herculano, *E*, 130.)

> **Nem a monotonia nem o tédio a fariam** capitular agora.
> (C. dos Anjos, *M*, 235.)

b) para o *singular*, se o fato expresso pelo verbo só pode ser atribuído a um dos sujeitos, isto é, se há ideia de alternativa:

> Fui devagar, mas **o pé ou o espelho traiu-me.**
> (Machado de Assis, *OC*, I, 763.)

> **Nem tormenta nem tormento**
> nos **poderia parar.**
> (C. Meireles, *OP*, 141.)

2. Nota-se, porém, na linguagem coloquial uma tendência de anular tais distinções, principalmente quando os sujeitos estão ligados pela conjunção *nem*. Encontra-se frequentemente o plural onde seria de esperar o singular. Assim:

> **Nem João nem Carlos serão eleitos** presidente do clube.

O cargo de presidente é exercido por um só indivíduo. Logo, o verbo deveria marcar alternância.

Outras vezes, faz-se a concordância com o sujeito mais próximo, embora a ação se refira a cada um dos sujeitos.

Assim:

> **Nem o sol, nem o vento, nem o ruído das águas, nem mesmo a preocupação** de que eu pudesse persegui-los **perturbava** o aconchego.
> (D. Silveira de Queirós, *EHT*, 53.)

> **Nem eu, nem tu, nem ela, nem qualquer outra pessoa desta história poderia responder** mais, tão certo é que o destino, como todos os dramaturgos, não anuncia as peripécias nem o desfecho.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 805.)

3. Se os sujeitos ligados por *ou* ou por *nem* não são da mesma pessoa, isto é, se entre eles há algum expresso por pronome da 1.ª ou da 2.ª pessoa, o verbo irá normalmente para o plural e para a pessoa que tiver precedência.

> **Ou ela ou eu havemos de abandonar** para sempre esta casa; e isto hoje mesmo.
> (B. Guimarães, *EI*, 56.)

> **Nem tu nem eu soubemos ser** nós uma única vez.
> (A. Abelaira, *B*, 122.)

4. As expressões *um* ou *outro* e *nem um nem outro*, empregadas como pronome substantivo ou como pronome adjetivo, exigem normalmente o verbo no singular:

> **Um ou outro porco era** cevado e as salgadeiras de Corrocovo suavizaram o inverno.
> (C. de Oliveira, *CD*, 96.)

> Só **um ou outro menino usava** sapatos; a maioria, de tamanco ou descalça.
> (G. Amado, *HMI*, 57.)

> **Nem um nem outro havia idealizado** previamente este encontro.
> (T. da Silveira, *SC*, 220.)

Anteontem perguntou-me qual deles levaria; respondi-lhe que **um ou outro** lhe **ficava** bem.
(Machado de Assis, *OC*, II, 280.)

Não é rara, porém, a construção com o verbo no plural quando as expressões se empregam como pronome substantivo:

Mas **nem um nem outro puderam compreender** logo toda a extensão e a gravidade do mal.
(A. Arinos, *OC*, 325.)

Nem um nem outro desejavam questionar.
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 1145.)

A locução um *e* outro

A locução *um e outro* pode levar o verbo ao plural ou, com menos frequência, ao singular:

Um e outro tinham a sola rota.
(Machado de Assis, *OC*, III, 1000.)

Uma e outra obedecia logo e, à que fazia ouvidos moucos, ele enviava uma pedrada.
(Ferreira de Castro, *OC*, I, 364.)

As duas construções são admissíveis ainda quando a locução é usada como pronome adjetivo, caso em que precede sempre um substantivo no singular:

Mas **uma e outra cousa duraram** apenas rápido instante.
(A. Herculano, *E*, 207.)

Uma e outra cousa existiam em estado latente, mas existiam.
(Machado de Assis, *OC*, II, 287.)

Um e outro jugo nos é odioso; contra ambos protestamos.
(A. de Quental, *P*, I, 167.)

Sujeito ligados por com

Quando os sujeitos vêm unidos pela partícula *com*, o verbo pode usar-se no plural ou em concordância com o primeiro sujeito, segundo a valorização expressiva que dermos ao elemento regido de *com*.

Assim, o verbo irá normalmente:

a) para o *plural*, quando os sujeitos estão em pé de igualdade, e a partícula *com* os enlaça como se fosse a conjunção *e*:

> **O mestre com o boleeiro fizeram** a emenda.
> (J. Lins do Rego, *FM*, 94.)

> **Garcilaso com Boscán e Petrarca são** os poetas favoritos do grande épico.
> (J. Ribeiro, *F*, 294.)

> **O pontífice, com todos os membros do consistório**, mal **puderam sair** suplentes.
> (Machado de Assis, *OC*, III, 582.)

b) para o número do primeiro sujeito, quando pretendemos realçá-lo em detrimento do segundo, reduzido à condição de adjunto adverbial de companhia:

> O **Coronel Lula de Holanda**, de preto, com a mulher e a filha, sobranceiro, de cabeça erguida, **mostrava-se** à canalha de olhos compridos, com a família na seda.
> (J. Lins do Rego, *FM*, 229.)

> **A viúva**, com o resto da família, **mudara-se** para Vila Isabel, desde o rompimento.
> (Ribeiro Couto, *NC*, 71.)

Sujeitos ligados por conjunção comparativa

Quando dois sujeitos estão unidos por uma das conjunções comparativas *como*, *assim como*, *bem como* e equivalentes, a concordância depende da interpretação que dermos ao conjunto:

Assim, o verbo concordará:

a) *Com o primeiro sujeito*, se quisermos destacá-lo:

> **O nome**, como o corpo, **é** nós também.
> (V. Ferreira, *A*, 20.)

> **O dólar**, como a girafa, **não existe**.
> (C. Drummond de Andrade, *FA*, 89.)

Neste caso, a conjunção conserva pleno o seu valor comparativo; e o segundo termo vem enunciado entre pausas, que se marcam, na escrita, por vírgulas.

b) *Com os dois sujeitos englobadamente* (isto é: o verbo irá para o plural), se os considerarmos termos que se adicionam, que se reforçam, interpretação que normalmente damos, por exemplo, a estruturas correlativas do tipo *tanto... como*:

> É inútil acrescentar que **tanto ele como eu esperamos** que você nos dê sempre notícias.
> (Ribeiro Couto, *C*, 202.)

> **Tanto um como outro se ocupavam** em mercadejar.
> (A. Ribeiro, *PSP*, 265.)

> É um homem excelente, e **tanto Emília como Francisquinha** o **estimam** muito, a seu modo.
> (C. dos Anjos, *DR*, 128.)

Entre os sujeitos não há pausa; logo, não devem ser separados, na escrita, por vírgula.

De modo semelhante se comportam os sujeitos ligados por série aditiva enfática (*não só... mas* [*senão* ou *como*] *também*):

> Qualquer se persuadirá de que **não só a nação mas também o príncipe estariam** pobres.
> (A. Herculano, *HP*, III, 303.)

REGÊNCIA VERBAL

REGÊNCIA

Em geral, as palavras de uma oração são interdependentes, isto é, relacionam-se entre si para formar um todo significativo.

Essa relação necessária que se estabelece entre duas palavras, uma das quais serve de complemento a outra, é o que se chama REGÊNCIA. A palavra dependente denomina-se REGIDA, e o termo a que ela se subordina, REGENTE.

As relações de REGÊNCIA podem ser indicadas:

a) pela ordem por que se dispõem os termos na oração;
b) pelas preposições, cuja função é justamente a de ligar palavras estabelecendo entre elas um nexo de dependência;
c) pelas conjunções subordinativas, quando se trata de um período composto.

Em outros capítulos deste livro, estudamos parceladamente tais relações: complementos pedidos por substantivos, por adjetivos, por verbos, por advérbios e, mesmo, por orações. Procuraremos, agora, precisar melhor as formas que assume a REGÊNCIA VERBAL.

Observação:

A REGÊNCIA é o movimento lógico irreversível de um termo regente a um regido. Reconhece-se o termo regido por ser aquele que é necessariamente exigido pelo outro. Por exemplo: a conjunção *embora* pede o verbo no subjuntivo, mas o verbo no subjuntivo não exige obrigatoriamente a conjunção *embora*; logo a conjunção é o termo regente, e a forma verbal o termo regido. Sobre o conceito de REGÊNCIA e suas relações com o de CONCORDÂNCIA, veja-se Louis Hjelmslev. La notion de rection. *Acta Linguística*, *1*: 10-23, 1939.

REGÊNCIA VERBAL

Vimos que, quanto à predicação, os verbos nocionais se dividem em INTRANSITIVOS e TRANSITIVOS.

Os INTRANSITIVOS expressam uma ideia completa:

A criança **dormiu**. Pedro **viajou**.

Os TRANSITIVOS, mais numerosos, exigem sempre o acompanhamento de uma palavra de valor substantivo (OBJETO DIRETO ou INDIRETO) para integrar-lhes o sentido:

O menino **comprou um livro**.
O velho **carecia de roupa**.
Pedro **deu um presente ao amigo**.

A ligação do verbo com o seu complemento, isto é, a REGÊNCIA VERBAL, pode, como nos mostram os exemplos acima, fazer-se:

a) *diretamente*, sem uma preposição intermédia, quando o complemento é OBJETO DIRETO;
b) *indiretamente*, mediante o emprego de uma preposição, quando o complemento é OBJETO INDIRETO.

Diversidade e igualdade de regência

Verbos há que admitem mais de uma regência. Em geral, a diversidade de regência corresponde a uma variação significativa do verbo. Assim:

Aspirar [= sorver, respirar] **o ar de montanha.**
Aspirar [= desejar, pretender] **a um alto cargo.**

Alguns verbos, no entanto, usam-se na mesma acepção com mais de uma regência. Assim:

Meditar **num assunto.**
Meditar **sobre um assunto.**

Outros, finalmente, mudam de significação, sem variar de regência. Assim:

Carecer [= não ter] **de dinheiro.**
Carecer [= precisar] **de dinheiro.**

Observação:

No estudo da regência verbal cumpre não esquecer os seguintes fatos:

1.º) O OBJETO INDIRETO só não vem preposicionado quando é expresso pelos pronomes pessoais oblíquos *me*, *te*, *se*, *lhe*, *nos*, *vos* e *lhes*.

2.º) Somente as preposições que ligam complementos a um verbo (OBJETO INDIRETO) ou a um nome (COMPLEMENTO NOMINAL) estabelecem relações de regência. Por isso, convém distingui-las, com clareza, das que encabeçam ADJUNTOS ADVERBIAIS ou ADJUNTOS ADNOMINAIS.

3.º) Os VERBOS INTRANSITIVOS podem, em certos casos, ser seguidos de OBJETO DIRETO. De regra, isso se dá quando o substantivo, núcleo do objeto, é formado da mesma raiz ou contém o sentido fundamental do verbo. Exemplos:

Viver **uma vida alegre.**
Chorar **lágrimas de amargura.**

4.º) Também VERBOS TRANSITIVOS costumam ser usados intransitivamente:

O pior cego é o que não **quer ver.**
Ele é manhoso: não **afirma** nem **nega.**

5.º) Muitas vezes, a regência de um verbo estende-se aos substantivos e aos adjetivos cognatos:

Obedecer **ao chefe.**
Obediência **ao chefe.**
Obediente **ao chefe.**

Contentar-se **com a sorte.**
Contentamento **com a sorte.**
Contente **com a sorte.**

Regência de alguns verbos

Aspirar

1.º) É TRANSITIVO DIRETO quando significa "sorver", "respirar":

> **Aspirando o frescor do seu vestido...**
> (C. Pessanha, *C*, 82.)

> Destampava as panelas, especulava o que se ia comer, **aspirava** com gosto **o perfume do refogado** — da salsa, do alho, da cebolinha.
> (O. Lara Resende, *RG*, 36.)

> Arregaçou o focinho, **aspirou o ar** lentamente, com vontade de subir a ladeira e perseguir os preás, que pulavam e corriam em liberdade.
> (G. Ramos, *VS*, 130-131.)

2.º) É TRANSITIVO INDIRETO na acepção de "pretender", "desejar". Neste caso, o OBJETO INDIRETO vem introduzido pela preposição *a* (ou *por*), não admitindo a substituição pela forma pronominal *lhe* (ou *lhes*), mas somente por *a ele*(*s*) ou *a ela*(*s*):

> Sua vigilância exasperava-me, no íntimo, fazendo-me **aspirar**, com ânsia, **à libertação.**
> (C. dos Anjos, *DR*, 407.)

> **Aspiramos a uma terra pacífica.**
> (C. Drummond de Andrade, *OC*, 830.)

> E a mim, que **aspiro a ele**, a mim, que o amo,
> Que anseio por mais vida e maior brilho,
> Há de negar-me o termo deste anseio?
> (A. de Quental, *SC*, 10.)

Advirta-se, porém, que, embora invariavelmente condenado pelos gramáticos, o regime direto se insinua, vez por outra, na pena de escritores brasileiros modernos e contemporâneos:

> Ele sente, ele **aspira**, ele deseja
> **A grande zona da imortal bonança.**
> (Cruz e Sousa, *OC*, 212.)

Oh! **o que** eu não **aspirava**, no titanismo das minhas ânsias de moço, para o meu país!
(G. Amado, *PP*, 49.)

Assistir

1.º) Uma longa tradição gramatical ensina que este verbo é TRANSITIVO INDIRETO no sentido de "estar presente", "presenciar". Com tal significado, deve o OBJETO INDIRETO ser encabeçado pela preposição *a*, e, se for expresso por pronome de 3.ª pessoa, exigirá a forma *a ele(s)* ou *a ela(s)*, e não *lhe(s)*. Assim:

Assisti **a algumas touradas**.
(A. F. Schmidt, *AP*, 175.)

Não é propósito nosso descrevermos uma corrida de touros. Todos têm **assistido a elas** e sabem de memória o que o espetáculo oferece de notável.
(Rebelo da Silva, *CL*, 177.)

Na linguagem coloquial brasileira, o verbo constrói-se, em tal acepção, de preferência com OBJETO DIRETO (cf.: *assistir o jogo, um filme*), e escritores modernos têm dado acolhida à regência gramaticalmente condenada. Sirvam de exemplo estes dois passos:

Trata-se de um filme **que** eu **assistia**.
(C. Lispector, *AV*, 32.)

Dava dinheiro e corrompia para fazer passar de novo e sempre as fitas **que** não **assistira**.
(Autran Dourado, *IP*, 38.)

2.º) É TRANSITIVO INDIRETO na acepção de "favorecer", "caber (direito ou razão, a alguém)", mas, neste caso, pode construir-se com a forma pronominal *lhe(s)*:

Ao dono da loja assiste razão de gabar-se, como o fez, por sua iniciativa.
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 94.)

Que direito **lhe assistia** de julgar Jacinto?
(U. Tavares Rodrigues, *NR*, 31.)

3.º) Usa-se, indiferentemente, como TRANSITIVO DIRETO ou INDIRETO nos sentidos de "acompanhar", "ajudar", "prestar assistência", "socorrer":

> Deus bom, que **assiste os coitados**.
> (C. dos Anjos, *DR*, 129.)

> Continuarei a **assisti-la** com a discrição requerida pela sua sensibilidade.
> (J. Paço d'Arcos, *CVL*, 695.)

> — Só esta manhã é que tivemos o doutor no Pomar; veio **assistir à filha do Manuel Calmeiro.**
> (F. Namora, *NM*, 216-217.)

> O encarregado **era assistido por dois homens de bordo**, um deles de olhos muito brancos.
> (B. Lopes, *C*, 64.)

> E ali ficava, animando-o a seu modo, enquanto punha em ordem o quarto, **assistida pelo cão**, que se acomodava ao lado da cama.
> (J. Montello, *DP*, 255.)

4.º) No sentido de "morar", "residir", "habitar", o locativo vem introduzido pela preposição *em*:

> Dois daqueles **assistiam no termo de Vila Nova da Rainha**.
> (A. Arinos, *OC*, 407.)

> — Você então está **assistindo** por aqui, **neste começo de Gerais?**
> (Guimarães Rosa, *CB*, II, 493.)

Este emprego do verbo *assistir*, muito frequente nos clássicos, tem sabor arcaizante num contexto literário contemporâneo.

Chamar

Ressaltem-se os seguintes valores e empregos:

1.º) Com o significado de "fazer vir", "convocar", usa-se com OBJETO DIRETO:

> O presidente do banco **chamou-o** para uma conversa penosa.
> (C. Drummond de Andrade, *CA*, 139.)

É claro que **chamei o sacristão** e lhe pedi silêncio.
(C. de Oliveira, *AC*, 29.)

2.º) Na acepção de "invocar", pede OBJETO INDIRETO encabeçado pela preposição *por*:

As tias **chamavam por Santa Bárbara e por São Jerônimo.**
(O. Lara Resende, *PM*, 97.)

Tanto valeu tanger a campainha da ordem como **chamar pelo miraculoso padre Antônio.**
(A. Ribeiro, *V*, 421.)

O Negrinho **chamou pela Virgem sua madrinha e Senhora Nossa.**
(Simões Lopes Neto, *CGLS*, 333.)

3.º) No sentido de "qualificar", "apelidar", "dar nome", constrói-se:

a) com OBJETO DIRETO + PREDICATIVO:

O povo **chamava-o maluco.**
(J. Lins do Rego, *U*, 127.)

b) com OBJETO DIRETO + PREDICATIVO, precedido da preposição *de*[14]:

Chamaram-no de mentiroso, de ingrato e de vítima.
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 71.)

c) com OBJETO INDIRETO + PREDICATIVO:

Chama-lhe amizade, se preferires.
(F. Namora, *RT*, 173.)

d) com OBJETO INDIRETO + PREDICATIVO (precedido da preposição *de*):

Chamava-lhe sempre **de miúdo.**
(Luandino Vieira, *L*, 22.)

---

[14] Esta construção, desusada em Portugal e condenada pelos puristas, é a predominante na linguagem coloquial brasileira e tende a sê-lo também na expressão literária modernista.

4.º) Pode ser INTRANSITIVO, quando equivale a "dar ou fazer sinal com a voz ou o gesto, para que alguém venha":

> **Chamasse**, gritando, José Balbino invadiria o quarto.
> (Adonias Filho, *LBB*, 53.)

> — **Chamou**? pergunta-me o guarda.
> — Não **chamei**.
> (V. Ferreira, *NN*, 78.)

Neste sentido também se usa com objeto indireto precedido da preposição *por* (*per*):

> Sampaio correu a porta e **chamou pelos sipaios**.
> (Castro Soromenho, *TM*, 215.)

> — Ela **chamou por mim**, Barbaças!
> (F. Namora, *TJ*, 45.)

Ensinar

1.º) Na língua atual, constrói-se preferentemente com OBJETO DIRETO de "coisa" e INDIRETO de "pessoa":

> Vou dizer que o Antoninho andou pelas portas a **ensinar-vos a lição** e a prometer-vos peitas.
> (A. Ribeiro, *V*, 410.)

> E eu **lhe ensinei a pura alegria**.
> (Luandino Vieira, *NANV*, 200.)

> Se **lhe ensinassem um ofício**, podia fazer um pedaço.
> (J. Lins do Rego, *MR*, 13.)

2.º) Quando a "coisa" ensinada vem expressa por um infinitivo precedido da preposição *a*, a língua atual oferece-nos dois tipos de construção:
a) *ensinar-lhe a* + INFINITIVO;
b) *ensiná-lo a* + INFINITIVO.

Comparem-se estes exemplos:

> Em vão **ensinara-lhe a proteger** os animais das pragas e dos vendavais.
> (N. Pinõn, *CC*, 52.)

Tinha de o convencer, de **o ensinar a ver** claro.
(U. Tavares Rodrigues, *PC*, 154.)

3.º) Quando se silencia a "coisa" ensinada, a denominação da "pessoa" costuma funcionar como OBJETO DIRETO:

Uma moça formada de anel no dedo **podia ensinar as meninas** até o curso secundário.
(J. Lins do Rego, *MVA*, 189.)

Sem que o Antunes **a tivesse ensinado**, ela tinha aprendido com ele a ver-se de uma maneira diversa da que costumava nos clubes.
(Almada Negreiros, *NG*, 85.)

4.º) Nos sentidos de "castigar", "bater", "adestrar", "amestrar", "educar", usa-se normalmente com OBJETO DIRETO:

A tarimba é que viria **ensiná-lo**.
(Machado de Assis, *OC*, II, 482.)

Era seu luxo montá-lo na vila, exibindo-o em dias de feira no apuro da maestria com que **o mandara ensinar**.
(Alves Redol, *MB*, 263.)

5.º) Apontem-se ainda as construções:

a) com OBJETO DIRETO de "coisa" explícito e OBJETO INDIRETO de "pessoa" não expresso:

Não basta o **que** a vida **ensina**.
(Ó. Soares, *DF*, I, XIII.)

Tu deves **ensinar o** que eu hei de fazer.
(Almada Negreiros, *NG*, 85.)

b) com OBJETO INDIRETO de "pessoa" explícito e com o OBJETO DIRETO de "coisa" calado:

Pode ser mesmo que em alguma ocasião **lhe tivesse ensinado** mal...
(Machado de Assis, *OC*, II, 534.)

Foi ao lado do motorista para **lhe ensinar**.
(Almada Negreiros, *NG*, 81.)

c) como INTRANSITIVO:

Na vossa terra não há quem **ensine**?
(F. Namora, *TJ*, 294.)

Como mestra, a vida **ensina** mal.
(Ó. Soares, *DF*, I, XIII.)

Esquecer

1.º) Na acepção própria de "olvidar", "sair da lembrança", este verbo constrói-se, tradicionalmente:

a) seja com OBJETO DIRETO:

Esqueci um ramo de flores no sobretudo.
(C. Drummond de Andrade, *R*, 9.)

— Pois é, não deve deixar que **o esqueçam.**
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 722.)

Eu não **esqueço o bem** que ele me fez.
(Castro Soromenho, *TM*, 244-245.)

b) seja com OBJETO INDIRETO introduzido pela preposição *de*, quando pronominal:

Tendo de lutar para obter melhoria de situação, **foi-se esquecendo dos deveres religiosos.**
(C. Drummond de Andrade, *CA*, 123.)

Diabo: o Barbaças **esquecia-se de deixar as rações** na manjedoura.
(F. Namora, *TJ*, 325.)

2.º) Do cruzamento destas duas construções resultou uma terceira, sem o pronome reflexivo, mas com o OBJETO introduzido por *de*:

Esqueceu os deveres religiosos
Esqueceu-se dos deveres religiosos
↓
Esqueceu dos deveres religiosos

Tal construção, considerada viciosa pelos gramáticos, mas muito frequente no colóquio diário dos brasileiros, já se vem insinuando na linguagem literária,

principalmente quando o complemento de *esquecer* é um infinitivo. Sirvam de exemplo estes passos:

> Guma **esquece de tudo**, e se deixa ir no doce acalanto dessa toada tão bela.
> (J. Amado, *MM*, 55.)

> Ah, sim, **esqueci de confessar** quando a vi.
> (N. Pinon, *SA*, 155.)

3.º) Também não é raro na língua atual o tipo sintático *esquecer-se que*, com elipse da preposição:

> — Toma esta chave, e não **te esqueças que** o seu poder é sobrenatural.
> (G. Amado, *TL*, 5.)

> — Um homem acostuma-se a tudo, sim, a tudo, até a **esquecer-se que** é um homem...
> (Castro Soromenho, *C*, 66.)

> — **Esquece-se que** não tenho outra companhia...
> (Alves Redol, *BC*, 296.)

4.º) À semelhança de *lembrar-se*, o verbo *esquecer-se* admite uma construção de estrutura diversa das que até agora examinamos. Os elementos que nestas funcionam como OBJETO (DIRETO OU INDIRETO) vão figurar nela como sujeito:

> E o pior é que **me esqueceu tudo**, valha-me Deus!
> (J. Régio, *SM*, 303.)

> **Esqueceram-me todas as mágoas**, e comecei a gostar desse Belmiro que olhava para o salão como se estivesse contemplando o mar.
> (C. dos Anjos, *DR*, 116.)

5.º) Finalmente, do cruzamento das construções

Esqueci-me de tudo

e

Esqueceu-me tudo,

resultou uma nova:

Esqueceu-me de tudo.[15]

Comparem-se estes exemplos:

Não **lhes esqueça de regarem** o passeio adiante da porta.
(Almeida Garrett, *O*, II, 1262.)

Esqueceu-me de citar no texto a formação de *empós*, justaposição de *em* e *pos*, que é o *post* latino.
(M. Barreto, *FLP*, 98.)

Interessar

1.º) Usa-se, indiferentemente, como TRANSITIVO DIRETO ou INDIRETO, nas acepções de "dizer respeito a", "importar", "ser proveitoso", "ser do interesse de":

Pensei que **os interessasse** estar ao corrente disto.
(C. de Oliveira, *AC*, 161.)

— Fiz uma visita à mulher, o caso **interessou-me.** E também **o** há de **interessar a si.**
(F. Namora, *RT*, 39.)

E eu calculei que talvez a transação **lhe interessasse.**
(G. Ramos, *SB*, 20.)

O mundo mudava, e **a Ternura** não **interessava** mais viver depois que tudo ficara diferente.
(A. M. Machado, *JT*, 220.)

2.º) É TRANSITIVO DIRETO quando significa:

a) "captar ou prender o espírito, a atenção, a curiosidade"; "excitar a":

Ele percebeu então que falara demais, a ponto de **interessá-la**, e olhou-a rapidamente de lado.
(C. Lispector, *ME*, 178.)

---

[15] Esta construção é desusada dos escritores contemporâneos, quer portugueses, quer brasileiros.

As histórias de Zefinha não **o interessavam.**
(J. Lins do Rego, *MVA*, 318.)

b) "alcançar", "ofender", "ferir":

O ferimento **interessou a aorta.**
(A. Nascentes, *PR*, 231.)

A facada **interessou o pulmão direito.**
(Caldas Aulete, *DCLP*, 986.)

3.º) Emprega-se com OBJETO INDIRETO introduzido pela preposição *em* nos sentidos de "ter interesse", "tirar utilidade, lucro ou proveito":

O rei **interessava em que os concelhos fossem poderosos e livres.**
(A. Herculano, *MC*, II, 78-79.)

É lícito supor que desejava prolongar a luta, porque **interessava em residir na corte de Roma.**
(A. Herculano, *OEIP*, II, 50.)

4.º) É TRANSITIVO DIRETO e INDIRETO quando significa:
a) "dar a alguém parte num negócio ou nos lucros":

Interessei-o nesta empresa.
(M. de Sousa Lima, *GP*, 294.)

Interessei meu irmão na charutaria.
(A. Nascentes, *PR*, 231.)

b) "atrair", "provocar o interesse ou a curiosidade de":

Foi fácil para ele **interessar toda a cidade na incrível figurinha de Shirley Temple.**
(Autran Dourado, *IP*, 38.)

A princípio tentara **interessá-lo nos problemas sociais** que o entusiasmavam.
(Castro Soromenho, *TM*, 171.)

Josefina, é verdade que nunca se aproximou de mim para **me interessar nos seus enigmas.**
(A. Bessa Luís, *M*, 296.)

5.º) No sentido de "empenhar-se", "tomar interesse por", tem forma reflexa e faz-se acompanhar de OBJETO INDIRETO encabeçado por uma das preposições *em* ou *por*:

> **Interesso-me em aspirar** todos os aromas que recendem das essências angélicas.
> (C. Castelo Branco, *OS*, I, 509.)

> Zazá não **se interessava** muito **pelo futebol**.
> (Ribeiro Couto, *NC*, 46.)

> **Interessavam-se** as três, humanamente, **pelos alunos, pelos seus casos familiares, pelas inclinações que revelavam, pelas suas singularidades físicas e espirituais**.
> (U. Tavares Rodrigues, *PC*, 198.)

Lembrar

O verbo *lembrar(-se)* apresenta os mesmos tipos de construção que o seu antônimo *esquecer(-se)*.

Assim:

1.º) Com o sentido de "trazer à lembrança", "evocar", "sugerir", "recordar-se" é TRANSITIVO DIRETO:

> O monte **lembrava um lençol esburacado**.
> (A. Ribeiro, *M*, 147.)

> **Lembrei dias de ventanias, sóis de correrias.**
> (Luandino Vieira, *NANV*, 194.)

> **Lembro-a** hoje, com os seus cabelos brancos...
> (A. F. Schmidt, *F*, 43.)

2.º) Na acepção de "sugerir a lembrança", "fazer recordar", "advertir", constrói-se com OBJETO DIRETO e INDIRETO:

> E ali era ele quem mandava, não precisava de **o lembrar à filha**.
> (Alves Redol, *BC*, 29.)

> Para **me lembrar ao senhor**? Para **lembrá-lo a mim**? Nosso entendimento se tornou tão fácil que dispensa a operação da lembrança.
> (C. Drummond de Andrade, *CB*, 153.)

3.º) Com o sentido de "vir à memória", que é o mais usual, admite, à semelhança de *esquecer*, três modelos de construção:

a) **Lembro-me do acontecimento.**
b) **Lembra-me o acontecimento.**
c) **Lembra-me do acontecimento.**

O primeiro é o mais frequente, seja na linguagem coloquial, seja na literária:

— Já não **se lembra da picardia** que me fez?
(A. Ribeiro, *M*, 67.)

Nisto o meu companheiro **lembra-se de cantar.**
(U. Tavares Rodrigues, *JE*, 167.)

— Já não **se lembra de mim**, naturalmente...
(M. Lopes, *FVL*, 85.)

Eu **me lembro do outro cajueiro** que era menor e morreu há tanto tempo. Eu **me lembro dos pés de pinha**...
(R. Braga, *CCE*, 321.)

Lembra-te, Belmiro, **de que essas bodas são impossíveis.**
(C. dos Anjos, *DR*, 44-45.)

Quando o OBJETO INDIRETO vem expresso por uma oração desenvolvida, como no último exemplo, a preposição *de* pode faltar:

Lembro-me que certa vez **juntei uma porção de artigos médicos sobre o assunto.**
(R. Braga, *CCE*, 49.)

Lembrou-me que teria de passar junto de três ou quatro casas conhecidas.
(F. Namora, *HD*, 53.)

Lembro-me que devo voltar à missa solene...
(A. Schmidt, *F*, 37.)

O segundo modelo sintático é mais usado em Portugal do que no Brasil, onde o seu emprego se circunscreve à linguagem formal:

O filme já não **me lembra.**
(V. Ferreira, *NN*, 74.)

Não **me lembra o motivo que alegou.**
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 57.)

O terceiro, cruzamento dos dois esquemas anteriores, é de emprego raro na língua atual:

Voltei depois que ela entrou em casa, e só muito abaixo é que **me lembrou de ver as horas.**
(Machado de Assis, *OC*, II, 648.)

Já **me lembrou de** o **esperar** no caminho **e pendurar** pelo gasnete no galho de um sobreiro.
(C. Castelo Branco, *OS*, I, 401.)

4.º) Paralelamente à construção *esquecer de* (*alguém* ou *alguma coisa*), aparece na linguagem coloquial brasileira *lembrar de* (*alguém* ou *alguma coisa*), regência também tida por viciosa.

Um exemplo literário:

Lembrava do negro velho Macário que fora escravo do capitão Tomás e que morrera servindo na casa.
(J. Lins do Rego, *FM*, 55.) [16]

Obedecer (e desobedecer)

1.º) Na língua culta moderna, fixou-se como TRANSITIVO INDIRETO:

Só os lavradores, e alguns, **têm obedecido a este preceito**!
(Alves Redol, *BC*, 48.)

Mas todos **obedeciam a ele**. Ah! Quem disse que não **obedeciam**?
(G. Ramos, *VS*, 29.)

2.º) Admite, no entanto, VOZ PASSIVA:

Sofreste tanto que até perdeste a consciência do teu império; estás pronta a obedecer; admiras-te de **seres obedecida.**
(Machado de Assis, *OC*, III, 1044.)

---

[16] Cf. Luís Carlos Lessa. *Obra cit.*, p. 192-193, onde se mencionam mais exemplos literários desta construção condenada.

Depois de outras muitas e reiteradas ordens **foi** enfim **obedecida**.
(M. Barreto, *CP*, 303.)

Esta construção corresponde ao antigo regime TRANSITIVO DIRETO do verbo, que ainda se documenta em escritores do século passado:

— Meu tio Campelo ordenou-me e eu **o obedeço**.
(J. de Alencar, *OC*, III, 1243.)

3.º) Não é raro o seu emprego como INTRANSITIVO:

Restitua o dinheiro àquela menina. Se ainda o tem. **Obedeci**.
(J. Rodrigues Miguéis, *GTC*, 135.)

A ruína vem muitas vezes dessas naturezas feitas para **obedecer**.
(A. Bessa Luís, *M*, 261.)

Você é o único que **não obedece**!
(C. Lispector, *ME*, 202.)

4.º) Idêntica é a construção do antônimo *desobedecer*.

Perdoar

1.º) Na língua culta de hoje, constrói-se, preferentemente, com OBJETO DIRETO de "coisa" e OBJETO INDIRETO de "pessoa":

Crimes da terra, como **perdoá-los**?
(C. Drummond de Andrade, *R*, 78.)

Perdoai o nosso erro.
(J. Régio, *SM*, 94.)

Ela **perdoara-lhe**.
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 718.)

Perdoem-lhe esse riso.
(Machado de Assis, *OC*, I, 600.)

2.º) Na VOZ PASSIVA pode o sujeito corresponder também ao OBJETO INDIRETO da ativa:

Todos os demais pecados te **serão perdoados.**
(Vianna Moog, *T*, 353.)

Outras vezes penso o contrário: só **serei perdoada**, se não te amar.
(A. Abelaira, *B*, 127.)

Entre nós, não **se perdoa** a incompetência verbal.
(N. Piñon, *CC*, 26.)

3.º) A construção com OBJETO DIRETO de "pessoa", normal no português antigo e médio, é frequente na linguagem coloquial brasileira, razão por que alguns escritores atuais não têm dúvida em acolhê-la[17]:

A velha tia Neném não **perdoava ninguém.**
(J. Lins do Rego, *U*, 221.)

Ele **havia perdoado os infames.**
(D. Silveira de Queirós, *M*, 367.)

Ela é Maria e Deus **a perdoa** por não odiar o mar.
(Adonias Filho, *LBB*, 110.)

Responder

Entre as diversas construções que admite, apontem-se as seguintes:

1.º) Na acepção de "dar resposta", "dizer ou escrever em resposta", emprega-se, geralmente:

a) com OBJETO INDIRETO em relação à pergunta:

O Faustino **teve de responder às próprias perguntas.**
(M. Torga, *CM*, 24.)

Por onde erraria a verdadeira Cecília, que, **respondendo à indagação de um curioso**, admitiu ser seu principal defeito uma certa ausência do mundo?
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 150.)

---

[17] Veja-se, a propósito, Luís Carlos Lessa. *Obra cit.*, p. 197-198, onde se aduz abonação convincente.

b) com OBJETO DIRETO para exprimir a resposta:

> O homem comum não **responderia o** que ele me responde, se lhe pergunto a que hora gosta de escrever.
> .....
> Nenhum escritor comum, igualmente, **responderia isso**.
> (C. Drummond de Andrade, *CB*, 72.)

> O homem **respondeu qualquer coisa de ininteligível**.
> (J. Rodrigues Miguéis, *GTC*, 106.)

podendo, naturalmente, usar-se na passiva:

> ... um violento panfleto contra o Brasil que **foi** vitoriosamente **respondido** por De Ângelis.
> (E. Prado, *IA*, 145.)

c) com OBJETO DIRETO e INDIRETO:

> Quando lhe perguntei por que motivo ninguém o via há um mês, **respondeu-me que estava passando por uma transformação**.
> (Machado de Assis, *OC*, II, 83.)

> **Respondi-lhe que já tinha lido a receita** em qualquer parte.
> (J. Cardoso Pires, *D*, 295.)

2.º) Na acepção de "replicar", "retorquir", usa-se, normalmente, com OBJETO INDIRETO:

> Quase que **lhe respondera** com escárnio.
> (J. Paço d'Arcos, *CVL*, 706.)

> **À linguagem do deputado** o jovem médico **respondeu** com igual franqueza.
> (Machado de Assis, *OC*, II, 60.)

Não é raro, porém, o emprego INTRANSITIVO:

> **Respondia** sem revolta ou renúncia na voz.
> (M. Torga, *CM*, 14.)

> Nascimento não **respondeu** logo.
> (H. Sales, *C*, 209.)

O guarda gritara duas vezes, espaçadas, e como o da Administração não **respondera**, calou-se.
(Castro Soromenho, *TM*, 251.)

Respondeu muito à vontade e com presteza.
(C. dos Anjos, *M*, 170.)

3.º) Na acepção de "repetir a voz, o som", "dizer, cantar ou tocar em resposta" é INTRANSITIVO:

João Fanhoso cantou outra vez. O mesmo canto rachado de taquaraçu, alto e que ia longe. Mas desta vez **responderam**...
Longe, bem longe, outro canto **respondeu**. E outro. E outro.
(M. Palmério, *VC*, 102.)

Fr. José, depois de ter invocado Nossa Senhora do Salvamento, encetou o terço e as monjas **responderam**.
(A. Ribeiro, *ES*, 210.)

4.º) No sentido, hoje pouco usual, de "corresponder", "equivaler", "condizer" constrói-se com OBJETO INDIRETO:

Quis puxar as mãos de Capitu, para obrigá-la a vir atrás delas, mas ainda agora a ação não **respondeu à intenção**.
(Machado de Assis, *OC*, I, 769.)

O movimento bem visível da dobadoira era regular, e **respondia ao movimento quase imperceptível das mãos da velha**.
(Almeida Garrett, *O*, I, 55.)

Legítimo português é *reclamo*, do gênero masculino, que **responde** cabalmente **ao francês** *une réclame*.
(R. Barbosa, *R*, 184.)

5.º) Quando significa "ser ou ficar responsável", "responsabilizar-se", "fazer as vezes (de alguém)", exige complemento introduzido pela preposição *por*:

Parecia que outro personagem **respondia por ele**, a fim de deixá-lo à vontade.
(A. M. Machado, *JT*, 112.)

Nunca me aconteceu **responder por cântara quebrada.**
(A. Bessa Luís, *QR*, 226.)

Um dia será o conjunto
e não o pormenor e a parcela
que **responderá por nós.**
(O. Mendes, *LFNF*, 119.)

Visar

1.º) É TRANSITIVO DIRETO nas acepções de:

a) "mirar", "apontar (arma de fogo)":

Sem perda de tempo, Jenner disparou um terceiro tiro, e sem demora outro, **visando o alvo** de baixo para cima.
(H. Sales, *AM*, 44.)

O cano da arma aflorou sobre as hastes do feno, **visando o intruso,** precisamente no instante em que Alice, espreitando o silêncio das imediações da casa, transpunha o umbral da porta.
(F. Namora, *TJ*, 330.)

b) "dar ou pôr o visto (em algum documento)":

Visar um passaporte.
Visar o diploma.

2.º) No sentido de "ter em vista", "ter por objetivo", "pretender", pode construir-se:

a) com OBJETO INDIRETO introduzido pela preposição *a*:

Não **visava a lucros** e, sim, ajudar o próximo.
(J. Amado, *MG*, 80-81.)

— Não acha que, **visando a Custódio,** o Figueiró busca atingir você?
(C. dos Anjos, *M*, 170.)

b) com OBJETO DIRETO:

Concentro-me sem **visar nenhum objeto** — e sinto-me tomado por uma luz.
(C. Lispector, *SV*, 35.)

O balde de água fria **visava** também **uma finalidade concreta.**
(M. Torga, *V*, 214.)

Esta última construção, condenada por alguns gramáticos, é a dominante na linguagem coloquial e tende a dominar também na língua literária, principalmente quando o complemento vem expresso por uma oração reduzida de infinitivo:

O ataque **visava cortar a retaguarda da linha de frente.**
(E. da Cunha, *OC*, II, 399.)

— Numa palavra, essa revolução **visa derrubar as oligarquias** que nos infelicitam!
(É. Veríssimo, *A*, II, 485.)

SINTAXE DO VERBO *HAVER*

O verbo *haver*, conforme o seu significado, pode empregar-se em todas as pessoas ou apenas na 3.ª pessoa do singular.

1. Emprega-se em todas as pessoas:

a) quando é AUXILIAR (com sentido equivalente a *ter*) de VERBO PESSOAL, quer junto a particípio, quer junto a infinitivo antecedido da preposição *de*:

Também a mim me **hão ferido.**
(J. Régio, *F*, 56.)

Outros **haverão de ter**
O que **houvermos de perder.**
(F. Pessoa, *OP*, 17.)

b) quando é VERBO PRINCIPAL, com as significações de "conseguir", "obter", "alcançar", "adquirir":

Donde **houveste**, ó pélago revolto,
Esse rugido teu?
(Gonçalves Dias, *PCPE*, 191.)

— Tão nobre és, como os melhores, e rico; porque a ninguém mais que a ti devem de pertencer as terras que teu avô Diogo Álvares conquistou ao gentio para El-Rei, de quem as **houvemos** nós e nossos pais.
(J. de Alencar, *OC*, II, 422-423.)

c) quando é VERBO PRINCIPAL, com a forma reflexa, nas acepções de "portar-se", "proceder", "comportar-se", "conduzir-se":

> Talvez passasse por cima de tudo, da maneira como ele a tratara, da dureza com que **se houvera** e se lembrasse de que ele era o seu pai.
> (J. Paço d'Arcos, *CVL*, 702.)

> Soares **houve-se** como pôde na singular situação em que se achava.
> (Machado de Assis, *OC*, II, 51.)

d) quando é VERBO PRINCIPAL, também com a forma reflexa, no sentido de "entender-se", "avir-se", "ajustar contas":

> Que para as excomunhões e interditos de Roma, el-rei lá **se haveria com eles**, que podia.
> (Almeida Garrett, *O*, I, 308.)

> O mestre padeiro, que era do mesmo sangue do patrão, que **se houvesse com ele**.
> (J. Lins do Rego, *MR*, 34.)

e) quando é VERBO PRINCIPAL, acompanhado de infinitivo sem preposição, com o sentido equivalente a "ser possível":

> Não **há** negá-lo, o apito é de uso geral e comum.
> (Machado de Assis, *OC*, III, 536.)

> Não **há** julgá-lo de outro estofo, vendo-o trazer consigo de Nápoles uma gentil italiana, e dois filhinhos, que aposentou em Lisboa num palacete de Belém.
> (C. Castelo Branco, *OS*, I, 229.)

2. É raro nos escritores modernos, mas muito frequente nos do português antigo e médio, o uso pessoal do verbo *haver*, como verbo principal, nas acepções de:

a) "ter", "possuir":

> Aos que o bem fizeram, **hei** inveja.
> (A. Ferreira, *C*, v. 688.)

b) "julgar", "pensar", "considerar", "ter para si":

O que eu **hei** por gram crueza.
(C. Falcão, *C*, v. 763.)

Isto é: o que eu julgo (ou considero) grande crueldade.

3. Comparem-se as expressões:

a) *haver por bem* = "dignar-se", "resolver", "assentar", "julgar oportuno ou conveniente":

O coronel, que neste momento lia na rede as folhas recém-chegadas, **houve por bem** interromper a ingestão de um flamante discurso sobre a questão do Amapá para acudir em apoio ao fedelho.
(Monteiro Lobato, *U*, 178.)

O sino da igreja badalava freneticamente desde cedo, apinhado de macacos, ainda que o vigário **houvesse por bem** suspender a missa naquela manhã, porque havia macaco escondido até na sacristia.
(F. Sabino. *HN*, 147.)

b) *haver mister* = "precisar", "necessitar":

Não **há mister** mais que um módulo ou matiz para os descontar como poesia de lei.
(J. Ribeiro, *PE*, 19.)

Deus o auxilie e ilustre, e a todos nós, que bem o **havemos mister**.
(Almeida Garrett, *O*, I, 1086.)

4. Emprega-se como IMPESSOAL, isto é, sem sujeito, quando significa "existir", ou quando indicar tempo decorrido. Nestes casos, em qualquer tempo, conjuga-se tão somente na 3.ª pessoa do singular:

Há trovoadas em toda a parte...
(M. Torga, *V*, 158.)

Havia simples marinheiros; **havia** inferiores; **havia** escreventes e operários de bordo.
(Lima Barreto, *TFPQ*, 279.)

Tinha adoecido, **havia** quinze dias.
(M. Torga, *NCM*, 16.)

Há oito dias que não via Guma.
(J. Amado, *MM*, 20.)

— **Há** dois dias que não vem trabalhar!
(Luandino Vieira, *NM*, 129.)

5. Quando o verbo *haver* exprime existência e vem acompanhado dos auxiliares *ir*, *dever*, *poder*, etc., a locução assim formada é, naturalmente, impessoal.

— Eu não sei, senhor doutor, mas **deve haver** leis.
(Eça de Queirós, *O*, I, 164.)

— **Deve haver** muitas diferenças entre nós.
(G. Ramos, *SB*, 102.)

Podia haver complicações, quem sabe?
(C. dos Anjos, *M*, 193.)

Observação:

O verbo *haver*, quando sinônimo de "existir", constrói-se de modo diverso deste. Nesta acepção, *haver* não tem sujeito e é transitivo direto, sendo o seu objeto o nome da coisa existente ou, a substituí-lo, o pronome pessoal *o* (*a*, *lo*, *la*). *Existir*, ao contrário, é intransitivo e possui sujeito, expresso pelo nome da coisa existente.

Dir-se-á, pois:

Há tantas folhas pelas calçadas!
Existem tantas folhas pelas calçadas!

Construções do tipo

Houveram muitas lágrimas de alegria.
(C. Castelo Branco, *V*, 82.)

Ali **haviam vários deputados** que conversavam de política.
(Machado de Assis, *OC*, II, 67-68.)

embora se documentem em alguns dos melhores escritores da língua, especialmente do século passado, não devem ser hoje imitadas.

Capítulo 14

Advérbio

1. O ADVÉRBIO é, fundamentalmente, um modificador do verbo:

   Logo depois, recomeçara a chover.
   (O. Lins, *FP*, 63.)

   Você **compreendeu**-me **mal.**
   (Almada Negreiros, *NG*, 61.)

   O almoço **decorria agora lentamente.**
   (A. Santos, *K*, 103.)

2. A essa função básica, geral, certos advérbios acrescentam outras que lhe são privativas.
   Assim, os chamados ADVÉRBIOS DE INTENSIDADE e formas semanticamente correlatas podem reforçar o sentido:
   a) de um adjetivo:

   Antes de partir, teve com o padre uma derradeira conversa, **muito edificante e vasta.**
   (Guimarães Rosa, *S*, 346.)

   Olhei Maria, desesperado, mas ela sorria, sorria um longínquo **tão feliz** sorrir de olhos semicerrados...
   (Luandino Vieira, *NM*, 105.)

   Ficara **completamente imóvel.**
   (Branquinho da Fonseca, *B*, 70.)

b) de um advérbio:

— Mas passei a noite mal! **bem mal**!
(J. Régio, *JA*, 102.)

Já **bem pertinho** estavam Masseu e Ângelo.
(L. Jardim, *AMCA*, 49.)

O homem caminhava **muito devagar.**
(S. de Mello Breyner Andresen, *CE*, 156.)

3. Saliente-se ainda que alguns advérbios aparecem, não raro, modificando toda a oração[1]:

Infelizmente, nem o médico lhes podia valer.
(M. Torga, *NCM*, 150.)

Possivelmente, não haverá ceia este ano.
(V. Ferreira, *A*, 137.)

— Eu me recuso, **simplesmente.**
(F. Sabino, *EM*, 84.)

Neste último emprego, vêm geralmente destacados no início ou no fim da oração, de cujos termos se separam por uma pausa nítida, marcada na escrita por vírgula.

Observação:

Sob a denominação de ADVÉRBIOS reúnem-se, tradicionalmente, numa classe heterogênea, palavras de natureza nominal e pronominal com distribuição e funções às vezes muito diversas. Por esta razão, nota-se entre os linguistas modernos uma tendência de reexaminar o conceito de advérbio, limitando-o seja do ponto de vista funcional, seja do ponto de vista semântico. Bernard Pottier chega mesmo a eliminar a denominação de seu léxico linguístico (Cf. *Introduction à l'étude de la morpho-syntaxe espagnole*, 3.ª ed. Paris, Ediciones Hispanoamericanas, 1964, p. 78.)

CLASSIFICAÇÃO DOS ADVÉRBIOS

Os ADVÉRBIOS recebem a denominação da circunstância ou de outra ideia acessória que expressam.

---

[1] É o que a *Nomenclatura Gramatical Portuguesa* chama ADVÉRBIOS DE ORAÇÃO.

A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* distingue as seguintes espécies:

a) ADVÉRBIOS DE AFIRMAÇÃO: *sim, certamente, efetivamente, realmente*, etc.;
b) ADVÉRBIOS DE DÚVIDA: *acaso, porventura, possivelmente, provavelmente, quiçá, talvez*, etc.;
c) ADVÉRBIOS DE INTENSIDADE: *assaz, bastante, bem, demais, mais, menos, muito, pouco, quanto, quão, quase, tanto, tão*, etc.;
d) ADVÉRBIOS DE LUGAR: *abaixo, acima, adiante, aí, além, ali, aquém, aqui, atrás, através, cá, defronte, dentro, detrás, fora, junto, lá, longe, onde, perto*, etc.;
e) ADVÉRBIOS DE MODO: *assim, bem, debalde, depressa, devagar, mal, melhor, pior* e quase todos os terminados em *-mente: fielmente, levemente*, etc.;
f) ADVÉRBIO DE NEGAÇÃO: *não;*
g) ADVÉRBIOS DE TEMPO: *agora, ainda, amanhã, anteontem, antes, breve, cedo, depois, então, hoje, já, jamais, logo, nunca, ontem, outrora, sempre, tarde*, etc.

A *Nomenclatura Gramatical Portuguesa* acrescenta a essa lista três outras espécies:

a) ADVÉRBIOS DE ORDEM: *primeiramente, ultimamente, depois*, etc.;
b) ADVÉRBIOS DE EXCLUSÃO; e
c) ADVÉRBIOS DE DESIGNAÇÃO.

Os dois últimos foram incluídos pela *Nomenclatura Gramatical Brasileira* num grupo à parte, inominado, em razão de não apresentarem as características normais dos advérbios, quais sejam as de modificar o verbo, o adjetivo ou outro advérbio. Deles trataremos adiante sob a denominação de PALAVRAS DENOTATIVAS.

ADVÉRBIOS INTERROGATIVOS

Por se empregarem nas interrogações diretas e indiretas, os seguintes advérbios de causa, de lugar, de modo e de tempo são chamados INTERROGATIVOS:

a) DE CAUSA: *por que*?

Por que não vieste à festa?
Não sei **por que** não vieste à festa.

b) DE LUGAR: *onde*?

Onde está o livro?
Ignoro **onde** está o livro.

c) DE MODO: *como*?

Como vais de saúde?
Dize-me **como** vais de saúde.

d) DE TEMPO: *quando*?

Quando voltas aqui?
Quero saber **quando** voltas aqui.

ADVÉRBIO RELATIVO

Como dissemos na página 365, o relativo *onde*, por desempenhar normalmente a função de adjunto adverbial (= o lugar em que, no qual), é considerado por alguns gramáticos ADVÉRBIO RELATIVO, designação que não consta da *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, mas que foi acolhida pela *Portuguesa*.

LOCUÇÃO ADVERBIAL

1. Denomina-se LOCUÇÃO ADVERBIAL o conjunto de duas ou mais palavras que funciona como advérbio. De regra, as LOCUÇÕES ADVERBIAIS formam-se da associação de uma preposição com um substantivo, com um adjetivo ou com um advérbio.
   Assim:

   Fernanda sorriu **em silêncio.**
   (É. Veríssimo, *LS*, 133.)

   Sorrindo mais, obedeceu **de novo.**
   (Ferreira de Castro, *OC*, I, 4.)

   — Vou começar **por aqui!...**
   (M. da Fonseca, *SV*, 133.)

   Mas há formações mais complexas, como:

   De onde em onde, para, sussurra frases incompletas.
   (M. da Fonseca, *SV*, 209.)

   O cachimbo de água passou **de mão em mão.**
   (Castro Soromenho, *V*, 205.)

   Respondi-lhe que aquilo devia ser alguma ideia de minha mulher, que **de vez em quando** tem uma.
   (R. Braga, *CCE*, 97.)

   Só **de longe em longe** se ouvia, vindo das muralhas, o grito de ronda dos soldados.
   (S. de Mello Breyner Andresen, *CE*, 184-185.)

2. À semelhança dos advérbios, as LOCUÇÕES ADVERBIAIS podem ser:
a) DE AFIRMAÇÃO (ou DÚVIDA): *com certeza, por certo, sem dúvida.*
Atente-se na distinção:

Com certeza [= provavelmente] ele virá.
Ele virá **com certeza** [= com segurança].

b) DE INTENSIDADE: *de muito, de pouco, de todo*, etc.;
c) DE LUGAR: *à direita, à esquerda, à distância, ao lado, de dentro, de cima, de longe, de perto, em cima, para dentro, para onde, por ali, por aqui, por dentro, por fora, por onde, por perto*, etc.;
d) DE MODO: *à toa, à vontade, ao contrário, ao léu, às avessas, às claras, às direitas, às pressas, com gosto, com amor, de bom grado, de cor, de má vontade, de regra, em geral, em silêncio, em vão, gota a gota, passo a passo, por acaso*, etc.;
e) DE NEGAÇÃO: *de forma alguma, de modo nenhum*, etc.;
f) DE TEMPO: *à noite, à tarde, à tardinha, de dia, de manhã, de noite, de quando em quando, de vez em quando, de tempos em tempos, em breve, pela manhã*, etc.

Observação:

Quando uma preposição vem antes do advérbio, não muda a natureza deste; forma com ele uma LOCUÇÃO ADVERBIAL: *de dentro, por detrás*, etc.

Se, ao contrário, a preposição vem depois de um advérbio ou de uma locução adverbial, o grupo inteiro transforma-se numa LOCUÇÃO PREPOSITIVA: *dentro de, por detrás de*, etc.

COLOCAÇÃO DOS ADVÉRBIOS

1. Os ADVÉRBIOS que modificam um ADJETIVO, um PARTICÍPIO isolado, ou um outro ADVÉRBIO colocam-se de regra antes destes:

— Por que me escondeu um segredo **tão grande**?
(Ribeiro Couto, *C*, 195.)

Muito apressado, num visível nervosismo, veio de casa até ali.
(M. da Fonseca, *SV*, 193.)

— O teu pai está **muito mal.**
(Castro Soromenho, *TM*, 206.)

2. Dos ADVÉRBIOS que modificam o VERBO:
a) os DE MODO colocam-se normalmente depois dele:

A mãe e a irmã choravam **tristemente...**
(R. Correia, *PCP*, 309.)

Ela ouvia-o **atentamente.**
(Almada Negreiros, *NG*, 61.)

Quatro jovens vestidas de panos escuros entram **vagarosamente** no local vindas dos lados dos espectadores.
(Costa Andrade, *NVNT*, 13.)

b) OS DE TEMPO E DE LUGAR podem colocar-se antes ou depois do VERBO:

De manhã, acordei **cedo.**
(Machado de Assis, *OC*, II, 537.)

Hei de atirar com esse tipo **de cá para fora.**
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 683.)

Cá fora era noite.
(Luandino Vieira, *VVDX*, 73.)

Aqui outrora retumbaram hinos.
(R. Correia, *PCP*, 196.)

A minha sombra há de ficar **aqui!**
(A. dos Anjos, *E*, 21.)

c) O DE NEGAÇÃO antecede sempre o VERBO:

— Então **não** se cava a terra?... **não** se lavra?... **não** se aduba?... **não** se semeia ?...
(A. Ribeiro, *CRG*, 66.)

3. O realce do ADJUNTO ADVERBIAL é expresso de regra por sua antecipação ao verbo:

No dia seguinte, pela manhã, a cozinheira foi ajeitar a lata de lixo para o caminhão, e recebeu uma bicada voraz no dedo.
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 30.)

De longe e **reverenciosamente** as cortejei.
(C. Castelo Branco, *OS*, 451.)

Lá ao fundo, à cabeceira, uma cruz, sobranceira, encerrava o círculo de assistentes.
(A. de Assis Júnior, *SM*, 56.)

REPETIÇÃO DE ADVÉRBIOS EM *-MENTE*

1. Quando numa frase dois ou mais advérbios em *-mente* modificam a mesma palavra, pode-se, para tornar mais leve o enunciado, juntar o sufixo apenas ao último deles:

Dir-se-ia que tudo naquele paraíso murado se movimentava **lúdica** e **religiosamente.**
(M. Torga, *CM*, 176.)

É longa a estrada... Aos ríspidos estalos
Do impaciente látego, os cavalos
Correm **veloz, larga** e **fogosamente...**
(R. Correia, *PCP*, 123.)

2. Se, no entanto, a intenção é realçar as circunstâncias expressas pelos advérbios, costuma-se omitir a conjunção *e* e acrescentar o sufixo a cada um dos advérbios:

Apenas, Nhô Augusto se confessou aos seus pretos tutelares, **longamente, humanamente**, e foi essa a primeira vez.
(Guimarães Rosa, *S*, 351.)

Cerrou os olhos **profundamente, angustiadamente**, sufocado de comoção.
(V. Ferreira, *CF*, 73.)

De repente, pus-me de pé e aproximei-me **lentamente, ritmadamente, voluptuosamente**, da janela.
(F. Namora, *RT*, 169.)

Observação:

Sobre as fronteiras nem sempre nítidas entre o adjetivo e o advérbio, a que aludimos no capítulo 10, e em particular sobre os tipos de construção com advérbios sucessivos, sua origem e seu emprego, consultem-se especialmente Harri Meier (*Ensaios de filologia românica*. Lisboa, Revista de Portugal, 1948, p. 55-114) e Bernard Pottier (*Linguística moderna y filología hispánica*. Madrid, Gredos, 1968, p. 217-231), que

trazem bibliografia referente à questão. Quanto aos valores estilísticos dos advérbios em *-mente* nos escritores modernos da língua, vejam-se Rodrigues Lapa. *Estilística da língua portuguesa*, 4.ª ed. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1965, p. 180-184; Ernesto Guerra da Cal, *Lengua y estilo de Eça de Queiroz*. Coimbra, Acta Universitatis Conimbrigensis, 1954, p. 168-194; Maria Helena de Novais Paiva. *Contribuição para uma estilística da ironia*. Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1961, p. 267-272; Maria Manuela Moreno de Oliveira. *Processos de intensificação no português contemporâneo*. Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1962, p. 136-140. Sobre o emprego em espanhol dos advérbios em *-mente*, veja-se em particular Esteban Rafael Egea. *Los advérbios en -mente en el español contemporáneo*. Bogotá, Instituto Caro y Cuervo, 1979, que examina criticamente toda a bibliografia anterior.

GRADAÇÃO DOS ADVÉRBIOS

Certos advérbios, principalmente os de modo, são suscetíveis de gradação. Podem apresentar um COMPARATIVO e um SUPERLATIVO, formados por processos análogos aos que observamos na flexão correspondente dos adjetivos.

GRAU COMPARATIVO

Forma-se o COMPARATIVO:

a) DE SUPERIORIDADE — antepondo *mais* e pospondo *que* ou *do que* ao advérbio:

O filho andava **mais depressa que** (ou **do que**) o pai.

b) DE IGUALDADE — antepondo *tão* e pospondo *como* ou *quanto* ao advérbio:

O filho andava **tão depressa como** (ou **quanto**) o pai.

c) DE INFERIORIDADE — antepondo *menos* e pospondo *que* ou *do que* ao advérbio:

O pai andava **menos depressa do que** (ou **que**) o filho.

GRAU SUPERLATIVO

Forma-se o SUPERLATIVO ABSOLUTO:

a) SINTÉTICO — com o acréscimo de sufixo:

muitíssimo pouquíssimo

sendo de notar que nos advérbios em *-mente* esta terminação se pospõe à forma superlativa feminina do adjetivo de que se deriva o advérbio:

		SUPERLATIVO
ADJETIVO	lento	lentíssimo
ADVÉRBIO	lentamente	lentissimamente

b) ANALÍTICO — com a ajuda de um advérbio indicador de excesso:

> Machado, o funcionário e diretor de repartição, **muito mal** se conhece.
> (T. Martins Moreira, *VVT*, 78.)

> Sábado, deu-me uma palmada de alegria, muito satisfeito, exclamando "vai belo, vai belo! vai **muitíssimo bem**".
> (A. Nobre, *CI*, 147.)

> — Fizeste **bem mal, muito mal** mesmo — repreendeu Elmira.
> (A. de Assis Júnior, *SM*, 205.)

OUTRAS FORMAS DE COMPARATIVO E SUPERLATIVO

1. *Melhor* e *pior* podem ser COMPARATIVOS dos adjetivos *bom* e *mau* e, também, dos advérbios *bem* e *mal*. Neste caso são, naturalmente, invariáveis.

> Quem escreveu **melhor**? Quem escreveu bem no Brasil?
> (Graça Aranha, *OC*, 708.)

> — E o professor não estaria aqui **pior**?
> (F. Botelho, *X*, 150.)

> — O velho está cada vez **pior**.
> (Castro Soromenho, *C*, 228.)

Não raro, tais formas comparativas são intensificadas com um dos advérbios *muito, bem, bastante*, etc.:

> — Meus irmãos, tudo no mundo **bem melhor** se entenderia, se houvesse mais bem-querer.
> (L. Jardim, *AMCA*, 52.)

2. A par dessas formas anômalas, existem os COMPARATIVOS regulares *mais bem* e *mais mal*, usados, de preferência, antes de adjetivos-particípios:

   As paredes da sala estão **mais bem pintadas** que as dos quartos.
   Não pode haver um projeto **mais mal executado** do que este.

   Advirta-se, porém, que na posposição só se empregam as formas sintéticas:

   As paredes das salas estão **pintadas melhor** que as dos quartos.
   Não pode haver um projeto **executado pior** do que este.

3. No SUPERLATIVO ABSOLUTO SINTÉTICO, *bem* apresenta a forma *otimamente*; e *mal*, a forma *pessimamente*:

   Maria está passando **otimamente.**
   O cavalo correu **pessimamente.**

4. *Muito* e *pouco*, quando advérbios, têm como COMPARATIVOS *mais* e *menos*, e como SUPERLATIVOS *o mais* ou *muitíssimo* e *o menos* ou *pouquíssimo*, respectivamente:

   — Dom Juan, quando **menos** pensava, lá se foi para as profundas do Inferno.
   (Artur Azevedo, *CFM*, 9.)

   — Imagina tu que a Clara tem um tipo encantador, que a trata **muitíssimo** bem e que... que... a ajuda...
   (Sttau Monteiro, *APJ*, 138.)

   O certo é que tinha em mente gastar **o menos possível** com o enterro.
   (A. Ribeiro, *V*, 368.)

   Esse tipo de publicação, **pouquíssimo** difundido entre nós, é todavia da maior importância e largamente praticado em outros países.
   (E. Pereira Filho, in *TPB*, de Gândavo, 13.)

5. O SUPERLATIVO INTENSIVO, denotador dos limites da possibilidade, forma-se antepondo *o mais* ou *o menos* ao advérbio e pospondo-lhe a palavra *possível* ou uma expressão (ou oração) de sentido equivalente:

   O administrador ia **o mais depressa possível.**
   (Castro Soromenho, *TM*, 181.)

Escreveram entretanto a D. Madalena, pedindo-lhe que os tirasse daquele purgatório **o mais cedo possível.**
(Rebelo da Silva, *CL*, 72.)

— Não quero saber dos santos óleos da teologia; desejo sair daqui **o mais cedo que puder**, ou já...
(Machado de Assis, *OC*, I, 794.)

REPETIÇÃO DO ADVÉRBIO

Como a do adjetivo, a repetição do advérbio é uma forma de intensificá-lo:

Vê-se **logo logo** a intenção!...
(M. da Fonseca, *SV*, 30.)

— Pois não lhe digam nada, mas vão buscá-lo, **já, já**, não se demorem.
(Machado de Assis, *OC*, I, 800.)

E estive **quase quase** a ir de rastos, beijar os degraus da escada...
(Machado de Assis, OC, I, 689.)

DIMINUTIVO COM VALOR SUPERLATIVO

Na linguagem coloquial é comum o advérbio assumir uma forma diminutiva (com os sufixos *-inho* e *-zinho*), que tem valor de SUPERLATIVO:

Vem **cedinho**, vem logo que amanheça!
(E. de Castro, *UV*, 59.)

Era mais de meia-noite quando ele entrou lento, **devagarinho.**
(Coelho Netto, *OS*, I, 243.)

— Só faltaram os mapas de Marte, diz **baixinho.**
(M. J. de Carvalho, *TM*, 190.)

ADVÉRBIOS QUE NÃO SE FLEXIONAM EM GRAU

Como sucede com alguns adjetivos, há advérbios que não se flexionam em grau porque o próprio significado não admite variação de intensidade. Entre outros, apontem-se: *aqui, aí, ali, lá, hoje, amanhã, diariamente, anualmente* e formações semelhantes.

PALAVRAS DENOTATIVAS[2]

1. Certas palavras, por vezes enquadradas impropriamente entre os advérbios, passaram a ter, com a *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, classificação à parte, mas sem nome especial.
São palavras que denotam, por exemplo:

a) INCLUSÃO: *até, inclusive, mesmo, também*, etc.:

> Tudo na Vida engana, **até** a Glória.
> (A. Nobre, *D*, 114.)

> Os bichos sentem, o mato sente **também**, quando se fala sem modos, sem carinho e sem perdão.
> (L. Jardim, *AMCA*, 52.)

b) EXCLUSÃO: *apenas, salvo, senão, só, somente*, etc.:

> Da família **só** elas duas subsistiam.
> (J. Montello, *DP*, 382.)

> Às vezes interrompia-o **apenas** com um gestozinho frio e elegante.
> (A. Bessa Luís, *AM*, 360.)

c) DESIGNAÇÃO: *eis*:

> **Eis** o dia, **eis** o sol, o esposo amado!
> (A. de Quental, *SC*, 4.)

> Subamos ainda e **eis**-nos na grande Praça de Vila-Rica.
> (A. Arinos, *OC*, 820.)

d) REALCE: *cá, lá, é que, só*, etc.:

> Pior eu sei **lá**, Manuel, pior que uma desgraça!
> (A. Nobre, *S*, 51.)

---

[2] A denominação PALAVRAS DENOTATIVAS foi proposta pelo professor José Oiticica em seu *Manual de análise (léxica e sintática)*, 6.ª ed. refundida. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1942, p. 50-55. À falta de uma designação mais precisa e mais generalizada, adotamos provisoriamente esta, embora reconhecendo que "denotar" é próprio das unidades lexicais em geral.

— Eu **cá** tenho mais medo do sol que dos leões.
(Castro Soromenho, *C*, 204.)

e) RETIFICAÇÃO: *aliás, ou antes, isto é, ou melhor*, etc.:

— Sinto que ele me escapa, **ou melhor**: que nunca me pertenceu.
(A. Abelaira, *CF*, 226.)

De repente nasci, **isto é,** senti necessidade de escrever.
(C. Drummond de Andrade, *CA*, 200.)

f) SITUAÇÃO: *afinal, agora, então, mas*, etc.:

Desculpe-me... **Mas** sente-se mal?
(A. Abelaira, *NC*, 40.)

— **Então** conheceu o meu irmão?
(É. Veríssimo, *A*, II, 463.)

— **Afinal**, ela não tem culpa de ser filha de ministro.
(F. Sabino, *EM*, 85.)

2. Como vemos, tais palavras não devem ser incluídas entre os advérbios. Não modificam o verbo, nem o adjetivo, nem outro advérbio. São por vezes de classificação extremamente difícil. Por isso, na análise, convém dizer apenas: "palavra ou locução denotadora de exclusão, de realce, de retificação", etc.

3. A *Nomenclatura Gramatical Portuguesa* admite a existência dos ADVÉRBIOS DE EXCLUSÃO e DE INCLUSÃO e considera ADVÉRBIOS DE ORAÇÃO o que denominamos PALAVRAS DENOTATIVAS DE SITUAÇÃO.

Capítulo 15

Preposição

FUNÇÃO DAS PREPOSIÇÕES

Chamam-se PREPOSIÇÕES as palavras invariáveis que relacionam dois termos de uma oração, de tal modo que o sentido do primeiro (ANTECEDENTE) é explicado ou completado pelo segundo (CONSEQUENTE).

Assim:

ANTECEDENTE	PREPOSIÇÃO	CONSEQUENTE
Vou	a	Roma
Chegaram	a	tempo
Todos saíram	de	casa
Chorava	de	dor
Estive	com	Pedro
Concordo	com	você

FORMA DAS PREPOSIÇÕES

Quanto à forma, as PREPOSIÇÕES podem ser:

a) SIMPLES, quando expressas por um só vocábulo;
b) COMPOSTAS (ou LOCUÇÕES PREPOSITIVAS), quando constituídas de dois ou mais vocábulos, sendo o último deles uma PREPOSIÇÃO SIMPLES (geralmente *de*).

PREPOSIÇÕES SIMPLES

As PREPOSIÇÕES SIMPLES são:

a	com	em	por (per)
ante	contra	entre	sem
após	de	para	sob
até	desde	perante	sobre
			trás

Tais PREPOSIÇÕES se denominam também ESSENCIAIS, para se distinguirem de certas palavras que, pertencendo normalmente a outras classes, funcionam às vezes como preposições e, por isso, se dizem PREPOSIÇÕES ACIDENTAIS. Assim: *afora, conforme, consoante, durante, exceto, fora, mediante, menos, não obstante, salvo, segundo, senão, tirante, visto*, etc.

LOCUÇÕES PREPOSITIVAS

Eis algumas LOCUÇÕES PREPOSITIVAS:

abaixo de	a par com	embaixo de	para cima de
acerca de	apesar de	em cima de	para com
acima de	a respeito de	em frente a	perto de
a despeito de	atrás de	em frente de	por baixo de
adiante de	através de	em lugar de	por causa de
a fim de	de acordo com	em redor de	por cima de
além de	debaixo de	em torno de	por detrás de
antes de	de cima de	em vez de	por diante de
ao lado de	defronte de	graças a	por entre
ao longo de	dentro de	junto a	por trás de
ao redor de	depois de	junto de	por sobre
a par de	diante de	para baixo de	

SIGNIFICAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES

1. A relação que se estabelece entre palavras ligadas por intermédio de PREPOSIÇÃO pode implicar movimento ou não movimento; melhor dizendo: pode exprimir um movimento ou uma situação daí resultante.
   Nos exemplos atrás mencionados, a ideia de movimento está presente em:

   Vou **a** Roma.
   Todos saíram **de** casa.

   São marcadas pela ausência de movimento as relações que as PREPOSIÇÕES *a*, *de* e *com* estabelecem nas seguintes frases:

   Chegaram **a** tempo.
   Chorava **de** dor.

Estive **com** Pedro.
Concordo **com** você.

2. Tanto o MOVIMENTO como a SITUAÇÃO (termo que adotaremos daqui por diante para indicar a falta de movimento na relação estabelecida) podem ser considerados com referência ao ESPAÇO, ao TEMPO e à NOÇÃO.
   A PREPOSIÇÃO *de*, por exemplo, estabelece uma relação:

a) ESPACIAL em:

Todos saíram **de** casa.

b) TEMPORAL em:

Trabalha **de** 8 às 8 todos os dias.

c) NOCIONAL em:

Chorava **de** dor.
Livro **de** Pedro.

Nos três casos a PREPOSIÇÃO *de* relaciona palavras à base de uma ideia central: "movimento de afastamento de um limite", "procedência". Em outros casos, mais raros, predomina a noção daí derivada, de "situação longe de". Os matizes significativos que esta preposição pode adquirir em contextos diversos derivarão sempre desse conteúdo significativo fundamental e das suas possibilidades de aplicação aos campos espacial, temporal ou nocional, com a presença ou a ausência de movimento.

3. Na expressão de relações preposicionais com ideia de movimento considerado globalmente, importa levar em conta um ponto limite (A), em referência ao qual o movimento será de aproximação (B → A) ou de afastamento (A → C):

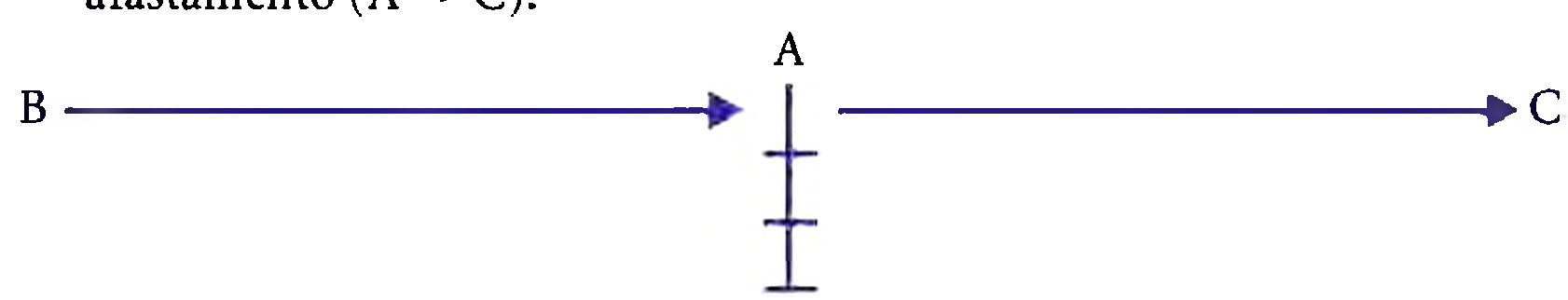

Vou **a** Roma.
Trabalharei **até** amanhã.
Foi **para** o Norte.

Venho **de** Roma.
Estou aqui **desde** ontem.
Saíram **pela** porta.

4. Recapitulando e sintetizando, podemos concluir que, embora as preposições apresentem grande variedade de usos, bastante diferenciados no discurso, é possível estabelecer para cada uma delas uma significação fundamental, marcada pela expressão de movimento ou de situação resultante (ausência de movimento) e aplicável aos campos espacial, temporal e nocional. Esquematizando:

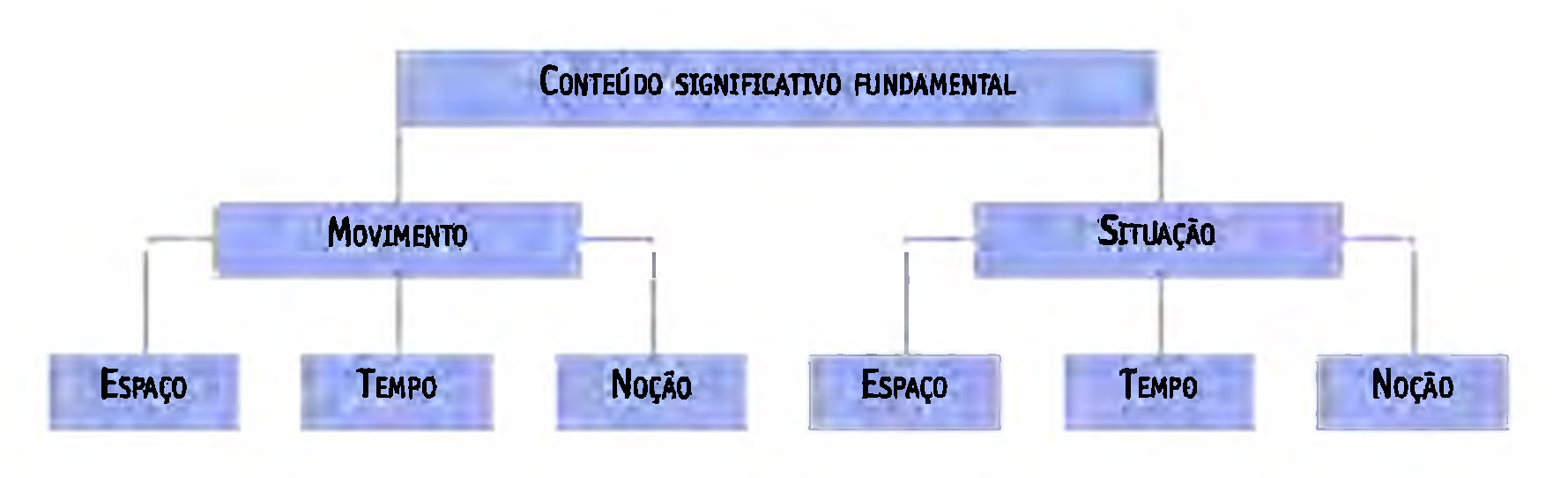

Esta subdivisão possibilita a análise do sistema funcional das preposições em português, sem que precisemos levar em conta os variados matizes significativos que podem adquirir em decorrência do contexto em que vêm inseridas.[1]

CONTEÚDO SIGNIFICATIVO E FUNÇÃO RELACIONAL

1. Comparando as frases

   Viajei **com** Pedro
   Concordo **com** você,

   observamos que, em ambas, a PREPOSIÇÃO *com* tem como antecedente uma forma verbal (*viajei* e *concordo*), ligada por ela a um consequente, que, no primeiro caso, é um termo acessório (*com Pedro* = ADJUNTO ADVERBIAL) e, no segundo, um termo integrante (*com você* = OBJETO INDIRETO) da oração.

2. A PREPOSIÇÃO *com* exprime, fundamentalmente, a ideia de "associação", "companhia". E esta ideia básica, sentimo-la muito mais intensa no primeiro exemplo,

---

[1] Para a elaboração deste capítulo inspiramo-nos fundamentalmente nas obras de Bernard Pottier: *Systématique des éléments de relation. Etude de morphosyntaxe structurale romane.* Paris, Klincksieck, 1962; *Sobre la natureza del caso y la preposición* e *Espacio y tiempo en el sistema de las preposiciones*, estudos incluídos no livro *Linguistica moderna y filología hispánica*. Madrid, Gredos, p. 137-153. Na mesma linha é o ensaio de María Luísa López. *Problemas y métodos en el análisis de las preposiciones*. Madrid, Gredos, 1970.

Viajei **com** Pedro,

do que no segundo,

Concordo **com** você.

Aqui o uso da partícula *com* após o verbo *concordar*, por ser construção já fixada no idioma, provoca um esvaecimento do conteúdo significativo de "associação", "companhia", em favor da função relacional pura.

3. Costuma-se nesses casos desprezar o sentido da PREPOSIÇÃO, e considerá-la um simples elo sintático, vazio de conteúdo nocional.[2]
   Cumpre, no entanto, salientar que as relações sintáticas que se fazem por intermédio de PREPOSIÇÃO OBRIGATÓRIA selecionam determinadas PREPOSIÇÕES exatamente por causa do seu significado básico.
   Assim, o verbo *concordar* elege a PREPOSIÇÃO *com* em virtude das afinidades que existem entre o sentido do próprio verbo e a ideia de "associação" inerente a *com*.
   O OBJETO INDIRETO, que em geral é introduzido pelas preposições *a* ou *para*, corresponde a um "movimento em direção a", coincidente com a base significativa daquelas preposições.

4. Completamente distinto é o caso do OBJETO DIRETO PREPOSICIONADO, em que o emprego de PREPOSIÇÃO não obrigatória transmite à relação um vigor novo, pois o reforço que advém do conteúdo significativo da preposição é sempre um elemento intensificador e clarificador da relação verbo-objeto:

   Conhecer da natureza quanto seja mister, para adorar com discernimento **a Deus.**
   (R. Barbosa, *EDS*, 653.)

   Vejo Deus pelos teus olhos, Maria, e beijo **a Deus**, na tua face.
   (Teixeira de Pascoaes, *OC*, VII, 91.)

---

[2] A respeito escreve Bernard Pottier, que tem sistematicamente combatido esta interpretação: "Até já se pôde dizer que há preposições que chegam a não ter significação (a propósito do *de* francês), o que não tem justificativa: se existe um morfema em uma língua, está ele condicionado e, portanto, desempenha um papel na *estrutura* da língua" (*Linguística moderna y filología hispánica*, p. 145).

— Foi vontade **de** Deus.
(G. Ramos, *SB*, 129.)

Ontem fui **a** Cambridge.
(U. Tavares Rodrigues, *JE*, 135.)

Um magro procurava saber se a minha roupa preta tinha sido feita **por** alfaiate.
(J. Lins do Rego, *D*, 23.)

as preposições relacionam ao termo principal um consequente sintaticamente necessário:

lembro-me **de** nada (verbo + objeto indireto)
vontade **de** Deus (substantivo + complemento nominal)
fui **a** Cambridge (verbo + adjunto adverbial necessário)[3]
feita **por** alfaiate (particípio + agente da passiva)

Em tais casos, intensifica-se a função relacional das preposições com prejuízo do seu conteúdo significativo, reduzido, então, aos traços característicos mínimos.

Daí o relevo, no plano expressivo, da relação sintática em si.

Relações livres

A comparação dos enunciados:

Encontrar **com um amigo.**
Encontrar **um amigo.**
Procurar **por alguém.**
Procurar **alguém.**

---

[3] A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* não distingue os advérbios e locuções adverbiais de valor puramente acidental dos que são necessários ao entendimento da oração. Considera, pois, ADJUNTO ADVERBIAL, ou seja um termo acessório dela, o COMPLEMENTO DIRECIONAL que aparece em frases como *Fui a Cambridge*, *Vim de Lisboa*, *Voltei do colégio*. Julgamos que a *Nomenclatura* deve ser revista neste ponto e que Antenor Nascentes tem razão quando afirma que, "tratando-se de verbos intransitivos de movimento, o complemento de direção não pode ser considerado elemento meramente acessório" (*O problema da regência*, 2.ª ed., Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1960, p. 17-18).

mostra-nos que a presença da PREPOSIÇÃO (possível, mas não necessária sintaticamente) acrescenta, às relações que estabelece, as ideias de "associação" (*com*) e de "movimento que tende a completar-se numa direção determinada" (*por*).

O emprego da PREPOSIÇÃO em relações livres é, normalmente, recurso de alto valor estilístico, por assumir ela na construção sintática a plenitude de seu conteúdo significativo.

VALORES DAS PREPOSIÇÕES

A

1. *Movimento* = direção a um limite:

a) no espaço:

Do Leme **ao** Posto 6, a viagem é proporcionada aos recursos menores de que disponho.
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 40.)

Rompo **à** frente, tomo a mão esquerda.
(A. Ribeiro, *M*, 59.)

Nunca tinha visto com bons olhos aquelas idas do alferes **à** casa de nhá Venância.
(M. Ferreira, *HB*, 71.)

b) no tempo:

— Daqui **a** uma semana o senhor vai lá em casa.
(C. Drummond de Andrade, *BV*, 18.)

Lá de ano **a** ano é que vinha procurá-la.
(M. Torga, *B*, 30.)

Daí que de tempos **a** tempos tenha de dar-se uma nova ruptura, que apanhe desprevenida a norma retificadora.
(F. Namora, *E*, 64.)

c) na noção:

A sua vida com o marido vai de mal **a** pior.
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 937.)

Aquele trabalho em dia destinado **a** descanso causava má impressão e censuravam-no por ali com certo azedume.
(R. M. F. de Andrade, *V*, 133.)

A prova estava em que durante os nossos encontros nunca deixara entrever tendência **ao** mal.
(Ribeiro Couto, *C*, 148.)

2. *Situação* = coincidência, concomitância:

a) no espaço:

Santos cumpriu tudo **à** risca.
(Machado de Assis, *OC*, I, 1928.)

O que está **ao** pé é igual ao que está **ao** longe.
(V. Ferreira, *NN*, 43.)

A mulher adormeceu **ao** seu lado.
(N. Piñon, *SA*, 146.)

Meu pai, **à** cabeceira, saboreava a goles extensos a alegria dos convivas.
(Machado de Assis, *OC*, I, 431.)

b) no tempo:

À sobremesa, antes que ele pedisse, o garçom trouxe as garrafas e a taça.
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 20.)

Ao entardecer, avistei uma povoação...
(C. Castelo Branco, *OS*, I, 164.)

A tantos de novembro houve breves períodos de calmaria intermitente.
(M. Lopes, *FVL*, 118.)

c) na noção:

Amanhã, **a** frio, poderei dizer-te o contrário.
(Pepetela, *M*, 182.)

— Não podemos gastar dinheiro **à** toa.
(O. Lins, *FP*, 157.)

Os outros dois também não pareciam mais **à** vontade.
(Alves Redol, *BC*, 203.)

ANTE

Situação = anterioridade relativa a um limite:

a) no espaço:

Foi pelo corredor fora quase pé **ante** pé, para não acordar os filhos.
(U. Tavares Rodrigues, *PC*, 160.)

Parou **ante** o corpo de sua mãe que esfriava lentamente nas extremidades.
(A. M. Machado, *HR*, 194.)

A imagem de Carlos Maria veio postar-se **ante** ela, com os seus grandes olhos de espectro querido e aborrecido.
(Machado de Assis, *OC*, I, 646.)

b) no tempo (substituída por *antes de*):

Tenho de estar de volta **antes d**as sete horas.
(M. J. de Carvalho, *AV*, 84.)

Antes de chegar lá parou e voltou-se para mim com as mãos a tapar a boca.
(L. B. Honwana, *NMCT*, 15.)

Antes de seguir, hei de escrever-te outra vez.
(E. da Cunha, *OC*, II, 668.)

c) na noção:

Ante a súbita ideia, Alberto hesitou.
(Ferreira de Castro, *OC*, I, 265.)

Ante a nova aliança daqueles territórios soberanos, o povo manifestou-se aos gritos.
(N. Piñon, *SA*, 25.)

Ante a recordação de todas elas, esforça-se o poeta por mostrar-se equânime, generoso mesmo.
(D. Mourão-Ferreira, *HL*, 249.)

APÓS

Situação = posterioridade relativamente a um limite próximo. No discurso, pode adquirir o efeito secundário de "consequência":

a) no espaço:

Seguiam logo **após do** capitão-mor.
(José de Alencar)

Após eles, iam ficando medas de cereal, restolhos — uma terra saqueada.
(F. Namora, *TJ*, 152.)

Luzia foi subindo **após** eles, sem esforço, lentamente, até a primeira volta da ladeira.
(D. Olímpio, *LH*, 274.)

Enxota Ardila **após** as mulheres.
(M. da Fonseca, *SV*, 221.)

b) no tempo:

Após meia hora de caminho, vislumbrou a luz amortecida no cimo do cerro do Valmurado.
(M. da Fonseca, *SV*, 164.)

Após a afirmativa, o Gigi lembrou-se da alegria dos colegas e começou a pular, a gritar.
(A. Santos, *K*, 31.)

Após alguns momentos, levantou-se grave, a fisionomia desfeita, e se dirigiu à mãe.
(A. M. Machado, *HR*, 267.)

ATÉ

Movimento = aproximação de um limite com insistência nele:

a) no espaço:

Arrastou-se **até** ao quarto.
(U. Tavares Rodrigues, *PC*, 160.)

Subiu o Quembo **até** chegar ao Contuba.
(Pepetela, *AN*, 16.)

Macambira adiantou-se **até** a acácia, sentou-se no banco.
(Coelho Netto, *OS*, I, 1237.)

b) no tempo:

Saúde eu tenho, mas não sei se serei Ministro **até** a semana que vem.
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 121.)

Todos passaram a dar-lhe a dignidade que lhe negavam **até** ali.
(M. Torga, *CM*, 96.)

Até meados do mês ventou.
(M. Lopes, *FVL*, 63.)

Observações:

1.ª) No português moderno, esta preposição, quando rege substantivo acompanhado de artigo, pode vir, ou não, seguida da preposição *a*:

Ir ao Porto ou, com mais calor familiar, ir **até ao Porto** ou ir **até o Porto**, é sempre uma festa para o duriense — até nos casos em que a festa envolve necessidade.
(J. de Araújo Correia, *PP*.)

Pode-se dizer que, de um modo geral, o português europeu usa, atualmente, *até* com a preposição *a*, ao passo que no português do Brasil há uma sensível preferência para a outra construção, a de *até* diretamente ligada ao termo regido.

2.ª) Cumpre distinguir a preposição *até*, que indica movimento, da palavra de forma idêntica, denotadora de inclusão, que estudamos à página 566. Quanto à diferença de construção de uma e outra com o pronome pessoal, leia-se o que escrevemos na p. 314.

COM

Situação = adição, associação, companhia, comunidade, simultaneidade. Em certos contextos, pode exprimir as noções de modo, meio, causa, concessão:

a) na noção:

Rir dos outros é sinal de pobreza de espírito. Deve-se rir **com** alguém, não de alguém, como dizia Dickens.
(G. Amado, *DP*, 254.)

— Vou amanhã de manhã **com** o Rocha.
(Castro Soromenho, *TM*, 242.)

A proposta foi recebida **com** reserva.
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 125.)

Saio do hotel **com** o sol já alto.
(U. Tavares Rodrigues, *JE*, 273.)

CONTRA

Movimento = direção a um limite próximo, direção contrária. A noção de oposição, hostilidade, é um efeito secundário de sentido decorrente do contexto:

a) no espaço:

Aturdida, a rapariga aperta-se **contra** ele.
(Alves Redol, *MB*, 329.)

Maria projetou o corpo **contra** a parede do celeiro e desviou a cara.
(L. B. Honwana, *NMCT*, 51.)

Eu castigava a mão **contra** o meu próprio rosto
E **contra** a minha sombra erguia a lança em riste...
(O. Bilac, *T*, 175.)

b) na noção:

Era assim, caudalosamente, que os garotos reagiam **contra** alguém que punha desconfiança nas histórias do Choa.
(A. Santos, *K*, 16.)

Revoltei-me **contra** o seu despotismo e não esperei por ele.
(Branquinho da Fonseca, *B*, 66.)

Começaram a surgir argumentos **contra** eles.
(A. Peixoto, *RC*, 259.)

DE

Movimento = afastamento de um ponto, de um limite, procedência, origem. As noções de causa, posse, etc., daí derivadas, podem prevalecer em razão do contexto[4]:

a) no espaço:

Vinha **de** longe o mar...
Vinha **de** longe, **dos** confins do medo...
(M. Torga, *API*, 65.)

O silêncio sobe **da** terra magoada,
O silêncio desce **do** céu luminoso.
(E. Moura, *IP*, 25.)

O Tonecas e o Neco tinham chegado **da** Floresta, com as gaiolas de bordão, e explicavam algo, excitados.
(A. Santos, *K*, 17.)

b) no tempo:

Roma fala **do** passado ao presente.
(A. A. de Melo Franco, *AR*, 27.)

Como pudera desaparecer **de** um momento para outro?
(J. Montello, *LD*, 199.)

O comissário partiu **de** manhã com um pequeno grupo.
(Pepetela, *M*, 75.)

c) na noção:

Mais do que a sombra **do** teu vulto, vi
o claro outrora **do** teu riso largo...
(A. Renault, *LSL*, XLVI.)

---

[4] Sobre as múltiplas e matizadas noções que esta preposição pode assumir no discurso, veja-se, especialmente, Sousa da Silveira. *Sintaxe da preposição* de. Rio de Janeiro, Simões, 1951.

Ela vem falar **da** agricultura, isto é, **da** atividade fundamental **do** seu grupo, que nela assenta a defesa **de** todos os seus valores, materiais e morais.

(A. Margarido, *ELNA*, 317.)

Lá dentro, as discípulas recomeçam o barulho **do** trabalho, **dos** risos e cantigas.

(Luandino Vieira, *L*, 15.)

DESDE

Movimento = afastamento de um limite com insistência no ponto de partida (intensivo de *de*):

a) no espaço:

Desde longe, sob o céu limpo de nuvens, a intensa claridade arroxeada do poente, irradia como uma assombração.

(M. da Fonseca, *SV*, 204.)

Desde o Luita ao posto, ou seja ao rio Cuílo, toda essa planície pode dizer-se que era uma só senzala.

(Castro Soromenho, *C*, 224.)

Dessa calamidade partilharam todas as regiões banhadas pelo Atlântico **desde** as Flandres até o estreito de Gibraltar.

(J. Cortesão, *FDFP*, 28.)

Esse maciço dos Andes, esse compridíssimo levantamento da crosta da terra, próximo ao Oceano Pacífico, vem **desde** a Patagônia até o Alasca.

(Monteiro Lobato, *GDB*, 107.)

b) no tempo:

— Já a trago debaixo de olho **desde** o Santo Antônio.

(M. Torga, *V*, 21.)

Desde o ano passado guardara essa mágoa.

(A. M. Machado, *HR*, 272.)

O céu azul não tinha nuvens e **desde** manhãzinha a cidade estava debaixo de um calor asfixiante.

(Luandino Vieira, *VVDX*, 53.)

EM

1. *Movimento* = superação de um limite de interioridade; alcance de uma situação dentro de:

a) no espaço:

> A notícia corria a medo, de casa **em** casa, provocando a fuga de muita gente.
> (Adonias Filho, *F*, 36.)

> Os Garcias entraram **em** casa calados.
> (V. Nemésio, *MTC*, 194.)

> Os serventes caminhavam **em** todas as direções transportando padiolas de cimento.
> (A. Santos, *K*, 56.)

b) no tempo:

> Nazário visitava-as de quando **em** quando.
> (Coelho Netto, *OS*, I, 81.)

> A cicatriz da testa pusera-se mais vermelha e mexia-se de vez **em** quando; também de vez **em** quando ele cerrava os punhos num sinal de desespero.
> (Alves Redol, *MB*, 178.)

c) na noção:

> Meu ser desfolha-se **em** íntimas lembranças, que revivem...
> (Teixeira de Pascoaes, *OC*, VII, 140.)

> E a lagoa entrou **em** festa.
> (A. M. Machado, *JT*, 21.)

> D. Jovita embuchava e fervia **em** ira, as faces afogueadas, os olhos duros.
> (Castro Soromenho, *TM*, 125-6.)

2. *Situação* = posição no interior de, dentro dos limites de, em contato com, em cima de:

a) no espaço:

Um gato vive um pouco **nas** poltronas, **no** cimento ao sol, **no** telhado sob a lua.
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 43.)

Trazia **no** sangue
O calor humano da amizade.
(Agostinho Neto, *SE*, 106.)

Ângelo estava estirado **na** casa.
(V. Nemésio, *MTC*, 124.)

b) no tempo:

Tudo aconteceu **em** 24 horas.
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 125.)

Em 1815 voltou meu pai.
(C. Castelo Branco, *OS*, I, 183.)

— Sabe quanto custava, **em** quarenta e um, um quilo de uvas?...
(Luandino Vieira, *NANV*, 102.)

c) na noção:

Somos muitos Severinos
Iguais **em** tudo e **na** sina.
(J. Cabral de Melo Neto, *DA*, 172.)

Pareceu-lhe que toda a povoação estava **em** chamas.
(Castro Soromenho, *TM*, 255.)

Um vasto silêncio de cúpulas, de largas superfícies nuas, afoga-me **em** pesadelo.
(V. Ferreira, *A*, 239.)

ENTRE

Situação = posição no interior de dois limites indicados, interioridade:

a) no espaço:

Convém intercalar este capítulo **entre** a primeira oração e a segunda do capítulo CXXIX.
(Machado de Assis, *OC*, I, 531.)

Os seus olhos encontraram-se com a máscara que estava pendurada na parede **entre** duas lanças.
(Castro Soromenho, *V*, 190.)

Entrou a criada com uma travessa onde fumegava um galo assado, **entre** batatas loiras.
(Branquinho da Fonseca, *B*, 37.)

b) no tempo:

Todos os barcos se perdem
entre o passado e o futuro.
(C. Meireles, *OP*, 37.)

A terra nativa lá continuava ainda a acenar. Mas a alma dele ia-se dividindo **entre** o passado e o presente, escanchada sobre o oceano.
(M. Torga, *TU*, 47.)

— O instante **entre** as lágrimas
e o respeito.
Entre a memória
e o primeiro passo
do depois!
(F. Costa Andrade, *NVNT*, 23.)

c) na noção:

Entre o sonho e o desejo
quando nos veremos,
tarde ou cedo?
(Agostinho Neto, *SE*, 111.)

Prossiga ela sempre dividida
entre compensações e desenganos.
(V. de Morais, *LS*, 74.)

PARA

Movimento = tendência para um limite, finalidade, direção, perspectiva. Distingue-se de *a* por comportar um traço significativo que implica maior destaque do ponto de partida com predominância da ideia de direção sobre a do término do movimento:

a) no espaço:

> Agora, não lhe interessava ir **para** o Huamba.
> (Castro Soromenho, *TM*, 200.)

> Eu ia arrastado não sabia **para** onde, ele ia levado **para** onde o chamava a obsessão.
> (Branquinho da Fonseca, *B*, 65.)

> Quando meu Pai deixou Juiz de Fora e mudou-se **para** o Rio veio morar com suas irmãs.
> (P. Nava, *BO*, 335.)

b) no tempo:

> Caindo o sol, a costureira dobrou a costura, **para** o dia seguinte.
> (Machado de Assis, *OC*, II, 538.)

> — Quando está melhor, quando vai descer à rua, padre?
> — Lá **para** o fim da semana.
> (A. Abelaira, *BI*, 35.)

> O nordeste, de um momento **para** outro, varreu as nuvens em direção ao Sul.
> (M. Lopes, *FVL*, 118.)

c) na noção:

> Deram-lhe o formulário **para** preencher à máquina e reconhecer a firma.
> (C. Drummond de Andrade, *CB*, 111.)

> Cala-se **para** não mentir.
> (A. Abelaira, *BI*, 95.)

Se trazia qualquer coisa, trazia também assunto **para** conversa.
(M. Lopes, *FVL*, 185.)

PERANTE

Situação = posição de anterioridade relativamente a um limite, presença, confronto (intensivo de *ante*):
a) no espaço:

Permaneceu calada **perante** o olhar escuro de Leonardo.
(A. Abelaira, *CF*, 228.)

— Perderias totalmente o prestígio **perante** eles.
(Pepetela, *M*, 142.)

Poupando-o, queriam colocá-lo mal **perante** companheiros que tinham gramado cadeia.
(C. dos Anjos, *M*, 47.)

b) na noção:

Um arrependimento tardio, **perante** o irremediável.
(U. Tavares Rodrigues, *PC*, 151.)

Perante a grandeza e o poder do Céu, a esperança era o melhor compromisso dos homens para com a vida.
(M. Lopes, *FVL*, 14.)

Vejo a sua trêmula palidez, à luz da lua nova, e o seu aspecto desgrenhado, **perante** o mistério e a dor.
(Teixeira de Pascoaes, *OC*, VII, 77.)

POR (PER)

1. *Movimento* = percurso de uma extensão entre limites, através de, duração:
a) no espaço:

Vai-se **por** aí devagarinho.
(Coelho Netto, *OS*, I, 217.)

Pela quinta, ia um movimento desabitual.
(C. de Oliveira, *CD*, 56.)

A rapariga arrastou-se **pelo** capim, fugindo devagarinho.
(L. B. Honwana, *NMCT*, 93.)

b) no tempo:

Daqui **por** seis meses quero beber água dele.
(Alves Redol, *BC*, 267.)

Mas a permanência em casa do nortista me parecia intolerável **por** muito tempo.
(R. M. F. de Andrade, *V*, 146.)

Devorou-o **por** semanas uma febre ligeira, mas impertinente.
(R. Pompeia, *A*, 235.)

c) na noção:

Este lia os jornais, artigo **por** artigo, pontuando-os com exclamações, com gestos de ombros, com uma ou duas pancadinhas na mesa.
(Machado de Assis, *OC*, II, 535.)

A sua morte porém era caprichosa, queria comer a presa devagar, pedaço **por** pedaço, sem pressa, sem precipitação.
(J. Lins do Rego, *U*, 300.)

A noite desfê-los, um **por** um, logo que os vultos se curvaram sobre os degraus das rochas.
(F. Namora, *NM*, 147.)

2. *Situação* = resultado do movimento de aproximação a um limite:
a) no espaço:

Por cima delas, lá em cima, perto da lâmpada do teto, a cara fitava-me, atenta, sorrindo satisfeita.
(L. B. Honwana, *NMCT*, 54.)

— Vai de calção **por** baixo.
(F. Sabino, *EM*, 101.)

b) no tempo:

Pelo crepúsculo, a chuvada esmoreceu.
(C. de Oliveira, *CD*, 169.)

Era **pelos** anos de 1861 ou 1862.
(Machado de Assis, *OC*, II, 585.)

Pela madrugada, a ventania vibra com um fragor subterrâneo de sentimentos à solta.
(M. da Fonseca, *SV*, 202.)

c) na noção:

Volto-me **por** acaso.
(U. Tavares Rodrigues, *JE*, 168.)

— Estou preso; antes que te digam que **por** alguma indignidade, previno: **por** ter dado uma lição ao Malheiro.
(R. Pompeia, *A*, 146.)

Por ti ardem círios.
(Luandino Vieira, *NM*, 55.)

SEM

Situação = subtração, ausência, desacompanhamento:
a) na noção:

É próprio do gato sair **sem** pedir licença, voltar **sem** dar satisfações.
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 43.)

O sol subia no céu azul **sem** nuvens.
(Luandino Vieira, *VVDX*, 16.)

Sem o espírito de simpatia, tudo se amesquinha e diminui.
(M. Torga, *P*, 120.)

SOB

Situação = posição de inferioridade em relação a um limite (no sentido concreto ou no figurado):
a) no espaço:

Sob um céu nórdico, opalino, cruzavam-se as gaivotas.
(U. Tavares Rodrigues, *JE*, 150.)

O vento da noite roçava sombras duplas gemendo docemente, **sob** uma chuva de jasmins-do-cabo.
(P. Nava, *BO*, 158.)

Sob a camisa, a água escorre-lhe para o peito e para as costas.
(M. da Fonseca, *SV*, 244.)

b) no tempo:

Sob os Filipes, os Ramires, amuados, bebem e caçam nas suas terras.
(Eça de Queirós, *O*, I, 1157.)

A Companhia só voltou a se instalar no Brasil em 1841, **sob** Pedro II Imperador.
(A. A. de Melo Franco, *AR*, 359.)

Sob D. Manuel floresceram as artes e as letras em Portugal como **sob** Leão X na Itália.
(Caldas Aulete, *DCLP*, s.v.)

c) na noção:

Sob o aspecto faunístico, o Novo Mundo trouxe grande decepção aos seus descobridores.
(G. Cruls, *HA*, 95.)

Sob certos aspectos, foi ele, não há dúvida, "o último lusíada".
(D. Mourão-Ferreira, *HL*, 161.)

Mas o tempo arrasta-se, afunda-o de novo **sob** o revolutear dos pensamentos.
(M. da Fonseca, *SV*, 229.)

SOBRE

Situação = posição de superioridade em relação a um limite (no sentido concreto ou no figurado), com contato, com aproximação, ou com alguma distância; tempo aproximado:
a) no espaço:

Veio a criada e pôs quatro taças **sobre** a mesa.
(Branquinho da Fonseca, *B*, 46.)

Considerai o espaço imenso a vossos pés e **sobre** vossa cabeça.
(A. Arinos, *OC*, 748.)

Cruzou os braços **sobre** o peito e apertou as mãos às costas.
(L. B. Honwana, *NMCT*, 51.)

b) no tempo:

Entrementes foi acabando o ano e já era **sobre** o Natal.
(Simões Lopes Neto, *CGLS*, 255.)

Sobre tarde descíamos à praia ou íamos ao Passeio Público, fazendo ele os seus cálculos, eu os meus sonhos.
(Machado de Assis, *OC*, I, 838.)

Sobre a madrugada o sipaio Tipoia chegou às imediações da aldeia do capita Oxenda.
(Castro Soromenho, *V*, 147.)

c) na noção:

Pouco de preciso se conhece **sobre** a distribuição dos Lusitanos no território.
(J. Cortesão, *FDFP*, 35.)

Preferiu, porém, tomar a sopa inteirinha, antes de me interpelar **sobre** o que pretendia.
(R. M. F. de Andrade, *V*, 122.)

Conversavam alegremente **sobre** os acontecimentos do dia.
(A. Santos, *K*, 15.)

TRÁS

A PREPOSIÇÃO *trás*, que indica situação posterior, arcaizou-se. Na língua atual é substituída pelas locuções *atrás de* e *depois de*; mais raramente, por sua sinônima *após*.

O sentido originário desta preposição era "além de", que subsiste nos compostos *Trás-os-Montes* e *trasanteontem*.

Capítulo 16

Conjunção

CONJUNÇÃO COORDENATIVA E SUBORDINATIVA

1. CONJUNÇÕES são os vocábulos gramaticais que servem para relacionar duas orações ou dois termos semelhantes da mesma oração.
   As CONJUNÇÕES que relacionam termos ou orações de idêntica função gramatical têm o nome de COORDENATIVAS. Comparem-se os seguintes dizeres:

   O tempo **e** a maré não esperam por ninguém.
   Ouvi primeiro **e** falai por derradeiro.

   Denominam-se SUBORDINATIVAS as CONJUNÇÕES que ligam duas orações, uma das quais determina ou completa o sentido da outra. Comparem-se:

   Eram três da tarde **quando** cheguei às arenas romanas.
   (U. Tavares Rodrigues, *JE*, 183.)

   Pediram-me **que** definisse o Arpoador.
   (C. Drummond de Andrade, *CB*, 106.)

2. Compreende-se facilmente a diferença entre as conjunções coordenativas e as subordinativas quando se comparam construções de orações a construções de nomes.
   Assim, nestes enunciados,

Estudar **e** trabalhar	O estudo **e** o trabalho
Estudar **ou** trabalhar	O estudo **ou** o trabalho

vê-se que a CONJUNÇÃO COORDENATIVA não se altera com a mudança de construção, pois liga elementos independentes, estabelecendo entre eles relações de adição, no primeiro caso, e de igualdade ou de alternância, no segundo. Já nos enunciados seguintes,

Depois que tiveres estudado, podes trabalhar
Após o estudo, o trabalho

observa-se a dependência do primeiro elemento ao segundo.
No último exemplo, em lugar da conjunção subordinativa (*depois que*), aparece uma preposição (*após*), indicadora da dependência de um termo da oração a outro.

CONJUNÇÕES COORDENATIVAS

Dividem-se as CONJUNÇÕES COORDENATIVAS em:

1. ADITIVAS, que servem para ligar simplesmente dois termos ou duas orações de idêntica função. São as conjunções *e*, *nem* [= e não]:

   Leonor voltou-se **e** desfaleceu.
   (G. Ramos, *I*, 81.)

   Ele não me agradece, **nem** eu lhe dou tempo.
   (F. Botelho, *X*, 41.)

2. ADVERSATIVAS, que ligam dois termos ou duas orações de igual função, acrescentando-lhes, porém, uma ideia de contraste: *mas*, *porém*, *todavia*, *contudo*, *no entanto*, *entretanto*:

   Apetece cantar, **mas** ninguém canta.
   (M. Torga, *CH*, 44.)

   Não havia muitas casas — nenhum edifício de apartamentos, **porém** sobravam grandes, extensos terrenos baldios.
   (A. F. Schmidt, *AP*, 20.)

3. ALTERNATIVAS, que ligam dois termos ou orações de sentido distinto, indicando que, ao cumprir-se um fato, o outro não se cumpre. São as conjunções *ou* (repetida ou não) e, quando repetidas, *ora*, *quer*, *seja*, *nem*, etc.:

O Antunes das duas uma: **ou** não compreendia bem **ou** não ouvia nada do que lhe dizia o seu companheiro.
(Almada Negreiros, *NG*, 19.)

Ora lia, **ora** fingia ler para impressionar aos demais passageiros.
(A. F. Schmidt, *AP*, 74.)

4. CONCLUSIVAS, que servem para ligar à anterior uma oração que exprime conclusão, consequência. São: *logo*, *pois*, *portanto*, *por conseguinte*, *por isso*, *assim*, etc.:

Conheci, **pois**, Ari Ferreira, quando comecei a trabalhar em Clínica Médica, **portanto** em 1924.
(P. Nava, *BM*, 329.)

Nas duas frases a experiência é a mesma. Na primeira não instrui, **logo** prejudica.
(Almada Negreiros, *NG*, 150.)

5. EXPLICATIVAS, que ligam duas orações, a segunda das quais justifica a ideia contida na primeira. São as conjunções *que*, *porque*, *pois*, *porquanto*, em exemplos como:

Vamos comer, Açucena, **que** estou morrendo de fome.
(Adonias Filho, *LP*, 109.)

Dorme cá, **pois** quero mostrar-lhe as minhas fazendas.
(A. Ribeiro, *M*, 43.)

Posição das conjunções coordenativas

1. Das CONJUNÇÕES COORDENATIVAS, apenas *mas* aparece obrigatoriamente no começo da oração; *porém*, *todavia*, *contudo*, *entretanto* e *no entanto* podem vir no início da oração ou após um dos seus termos:

É noite, **mas** toda a noite se pesca.
(R. Brandão, *P*, 139.)

A igreja também era velha, **porém** não tinha o mesmo prestígio.
(C. Drummond de Andrade, *CA*, 200.)

Este último período poderia ser também enunciado:

A igreja também era velha; não tinha, **porém**, o mesmo prestígio.
A igreja também era velha; não tinha o mesmo prestígio, **porém.**

2. *Pois*, quando CONJUNÇÃO CONCLUSIVA, vem sempre posposta a um termo da oração a que pertence:

Era, **pois**, um homem de grande caráter e foi, **pois**, também um grande estilista.
(J. Ribeiro, *PE*, 17.)

Para ali estavam, **pois**, horas sem conto, esperando, inutilmente, ludibriarem-se a si próprios.
(F. Namora, *CS*, 83.)

3. As CONCLUSIVAS *logo*, *portanto* e *por conseguinte* podem variar de posição, conforme o ritmo, a entoação, a harmonia da frase.

Valores particulares

Certas CONJUNÇÕES COORDENATIVAS podem, no discurso, assumir variados matizes significativos de acordo com a relação que estabelecem entre os membros (palavras e orações) coordenados.

1. *E*[1], por exemplo, pode:
a) ter valor adversativo:

Tanto tenho aprendido **e** não sei nada.
(F. Espanca, *S*, 61.)

Era M. C. um homem feio **e** extremamente inteligente.
(A. F. Schmidt, *GB*, 246.)

---

[1] A propósito dos valores que esta conjunção assume no discurso, consultem-se Rocha Lima. Em torno da conjunção "e". *Studia, 9*, 87-96, 1979; *10*: 117-126, 1980; Adriano da Gama Kury. A valorização estilística da conjunção "e" em Graciliano Ramos. In *Miscelânea em honra de Rocha Lima.* Rio de Janeiro, Colégio Pedro II, 1980, p. 35-44; M. Rodrigues Lapa. *Estilística da língua portuguesa*, 4.ª ed., Rio de Janeiro, Acadêmica, 1965, p. 201-205.

A conjunção coordenativa *e*, por exemplo, pode ter valor adversativo, fronteiriço (próximo), por vezes, do valor concessivo. fronteiriço, por vezes, do concessivo:

Torço as orelhas **e** não dão sangue.
(A. Peixoto, *RC*, 451.)

Fui, como as ervas, **e** não me arrancaram.
(F. Pessoa, *OP*, 328.)

b) indicar uma consequência, uma conclusão:

Qualquer movimento, **e** será um homem morto.
(Adonias Filho, *LP*, 26.)

Embarco amanhã, **e** venho dizer-lhe adeus.
(M. Torga, *CM*, 51.)

c) expressar uma finalidade:

Ia decorá-la **e** transmiti-la ao irmão e à cachorra.
(G. Ramos, *VS*, 84.)

No elevador, em frente ao espelho, levou um lenço aos olhos **e** retocou a pintura.
(Sttau Monteiro, *APJ*, 184.)

d) ter valor consecutivo:

Esperei mais algumas palavras. Não vieram — **e** saí desapontado.
(G. Ramos, *I*, 62.)

Estou sonhando, **e** não quero que me acordem.
(C. Castelo Branco, *QA*, 203.)

e) introduzir uma explicação enfática:

Você ignora que quem os cose sou eu, **e** muito eu.
(Machado de Assis, *OC*, II, 538.)

Que perdoava tudo, menos que lhe mordessem na reputação das filhas. Estavam casadas, **e** muito bem casadas.
(M. Torga, *CM*, 99.)

f) iniciar frases de alta intensidade afetiva, com o valor próximo ao de interjeições:

> — El-rei preso! **E** não se levanta este Minho a livrá-lo!...
> (C. Castelo Branco, *BP*, 170.)

> — **E** os críticos! **E** os leitores! **E** a glória! Esgaravataram tudo, rasparam tudo, recolheram todas as minhas sobras, pensaram tudo por mim, não me deixam respirar.
> (A. Meyer, *MA*, 237.)

g) facilitar a passagem de uma ideia a outra, mesmo que não relacionadas, quando vem repetido ritmicamente em fórmulas paralelísticas que imitam o chamado estilo bíblico:

> **E** a minha terra se chamará a terra de Jafé, **e** a tua se chamará a terra de Sem; **e** iremos às tendas um do outro, e partiremos o pão da alegria e da concórdia.
> (Machado de Assis, *OC*, II, 302.)

2. *Mas* é outra partícula que apresenta múltiplos valores afetivos.[2] Além da ideia básica de oposição, de contraste, pode exprimir, por exemplo, as:

a) de restrição:

> Continuou a conversa interrompida com a senhora gorda, que tinha muitos brilhantes, **mas** uma terrível falta de ouvido, porque não se pode ter tudo.
> (M. J. de Carvalho, *PSB*, 145.)

> — Vai, se queres, disse-me este, **mas** temporariamente.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 547.)

b) de retificação:

---

[2] Sobre os valores desta conjunção, leiam-se Sousa da Silveira. *Lições de português*, 8.ª ed., Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1972, p. 240-245; M. Rodrigues Lapa. *Estilística da língua portuguesa*, p. 205-208; C. Coelho Pereira Leite. A linguagem: um jogo de valores. In *Actas del XI Congreso Internacional de Linguistica y Filología Románicas*, I, Madrid, C.S.I.C., 1968, p. 245-254. Sobre o *mas* empregado como palavra de situação, veja-se o que dissemos no capítulo 14.

Eram mãos nuas, quietas, essas mãos; serenas, modestas e avessas a qualquer exibicionismo. **Mas** não acanhadas, isso nunca.
(M. J. de Carvalho, *PSB*, 138.)

— O major, hoje, parece que tem uma ideia, um pensamento muito forte.
— Tenho, filho, não de hoje, **mas** de há muito tempo.
(Lima Barreto, *TFPQ*, 94.)

c) de atenuação ou compensação:

Vinha um pouco transtornado, **mas** dissimulava, afetando sossego e até alegria.
(Machado de Assis, *OC*, I, 541.)

Uma luz bruxuleante **mas** teimosa continuava a brilhar nos seus olhos.
(M. Torga, *V*, 252.)

d) de adição:

Anoitece, **mas** a vida não cessa.
(R. Brandão, *P*, 150.)

Era bela, **mas** principalmente rara.
(Machado de Assis, *OC*, I, 639.)

e outras mais.
É particularmente importante o emprego desta conjunção (assim como o de *porém*) para mudar a sequência de um assunto, geralmente com o fim de retomar o fio do enunciado anterior que ficara suspenso. Assim:

Mas continua. Não te esqueças do que estavas a contar.
(D. Mourão-Ferreira, *I*, 69.)

Mas os dias foram passando.
(J. Lins do Rego, *U*, 16.)

Um dia, **porém**, o Duro regressou à terra.
(M. Torga, *CM*, 131.)

CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS

1. As CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS classificam-se em CAUSAIS, CONCESSIVAS, CONDICIONAIS, FINAIS, TEMPORAIS, COMPARATIVAS, CONSECUTIVAS e INTEGRANTES.
   As CAUSAIS, CONCESSIVAS, CONDICIONAIS, FINAIS, TEMPORAIS, COMPARATIVAS e CONSECUTIVAS iniciam orações adverbiais.
   As INTEGRANTES introduzem orações substantivas.

2. A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* inclui ainda as conjunções CONFORMATIVAS e PROPORCIONAIS, que a *Nomenclatura Gramatical Portuguesa* não distingue das COMPARATIVAS.

Observação:

Saliente-se que as COMPARATIVAS e CONSECUTIVAS introduzem orações subordinadas adverbiais, mas vêm geralmente correlacionadas com um termo de outra oração.

Exemplifiquemos:

1. CAUSAIS (iniciam uma oração subordinada denotadora de causa): *porque*, *pois*, *porquanto*, *como* [= porque], *pois que*, *por isso que*, *já que*, *uma vez que*, *visto que*, *visto como*, *que*, etc.:

   Tenho continuado a poetar, **porque** decididamente se me renovou o estro.
   (A. de Quental, *C*, 357.)

   Tio Couto estava sombrio, **pois** aparecera um investigador da polícia perguntando por Gervásio.
   (É. Veríssimo, *LS*, 137.)

   Como as pernas trôpegas exigiam repouso, descia raro à cidade.
   (G. Ramos, *I*, 195.)

2. CONCESSIVAS (iniciam uma oração subordinada em que se admite um fato contrário à ação principal, mas incapaz de impedi-la): *embora*, *conquanto*, *ainda que*, *mesmo que*, *posto que*, *bem que*, *se bem que*, *por mais que*, *por menos que*, *apesar de que*, *nem que*, *que*, etc.:

   Não saberei nunca escrever sobre ele, **embora** tenha tentado mais de uma vez.
   (F. Sabino, *G*, II, 76.)

Bandeira livre e bandeira oficial foram comuns, **posto que** em graus diversos, a todo o Brasil.
(J. Cortesão, *IHB*, II, 228.)

Nem que a matassem, confessava.
(A. Ribeiro, *M*, 344.)

3. CONDICIONAIS (iniciam uma oração subordinada em que se indica uma hipótese ou uma condição necessária para que seja realizado ou não o fato principal): *se, caso, contanto que, salvo se, sem que* [= se não], *dado que, desde que, a menos que, a não ser que*, etc.:

Se aquele entrasse, também os outros poderiam tentar...
(Branquinho da Fonseca, *MS*, 41.)

— A entrevista ficou marcada para as quatro da tarde, **caso** você não prefira ir à noite.
(C. dos Anjos, *M*, 160.)

4. FINAIS (iniciam uma oração subordinada que indica a finalidade da oração principal): *para que, a fim de que, porque* [= para que]:

Não bastava a sua boa vontade **para que** tudo se arranjasse.
(Almada Negreiros, *NG*, 82.)

Recolheu a carta e a sobrecarta, para mostrá-las a Rubião, **a fim de que** ele visse bem que não era nada.
(Machado de Assis, *OC*, I, 646.)

5. TEMPORAIS (iniciam uma oração subordinada indicadora de circunstância de tempo): *quando, antes que, depois que, até que, logo que, sempre que, assim que, desde que, todas as vezes que, cada vez que, apenas, mal, que* [= desde que], etc.:

Quando tio Severino voltou da fazenda, trouxe para Luciana um periquito.
(G. Ramos, *Ins.*, 79.)

Sempre que posso, vou onde as recordações me chamam.
(M. Torga, *TU*, 149.)

Tio Cosme vivia com minha mãe, **desde que** ela enviuvou.
(Machado de Assis, *OC*, I, 734.)

Enquanto Tamar e a irmã estavam no colégio, uma rapariga fugiu de lá.
(A. Bessa Luís, *AM*, 89.)

6. CONSECUTIVAS (iniciam uma oração na qual se indica a consequência do que foi declarado na anterior): *que* (combinada com uma das palavras *tal*, *tanto*, *tão* ou *tamanho*, presentes ou latentes na oração anterior), *de forma que*, *de maneira que*, *de modo que*, *de sorte que*, etc.:

Deu um filão de tal sorte, **que** eram carros e carros de volfrâmio estreme.
(M. Torga, *CM*, 191.)

Foi tão ágil e rápida a saída **que** Jandira achou graça.
(C. dos Anjos, *DR*, 108.)

O frio é tanto, é tamanho
Que a pena cai-me da mão...
(A. Gil, *LJ*, 143.)

Ainda hoje os marmeleiros carregam, **que** é uma temeridade.
(Simões Lopes Neto, *CGLS*, 138.)

7. COMPARATIVAS (iniciam uma oração que encerra o segundo membro de uma comparação, de um confronto): *que*, *do que* (depois de *mais*, *menos*, *maior*, *menor*, *melhor* e *pior*), *qual* (depois de *tal*), *quanto* (depois de *tanto*), *como*, *assim como*, *bem como*, *como se*, *que nem*:

Mais **do que** as palavras, falavam os fatos.
(M. Torga, *V*, 278.)

Unidas, **bem como** as penas
Das duas asas pequenas
De um passarinho do céu...
Como um casal de rolinhas,
Como a tribo de andorinhas
Da tarde no frouxo véu.
(Castro Alves, *EF*, 125.)

Surgiu, **como** se viesse doutro mundo, inesperada e pálida.
(C. de Oliveira, *AC*, 159.)

Ele comeu-a **que nem** confeitos.
(C. Castelo Branco, *OS*, I, 368.)

8. INTEGRANTES (servem para introduzir uma oração que funciona como SUJEITO, OBJETO DIRETO, OBJETO INDIRETO, PREDICATIVO, COMPLEMENTO NOMINAL ou APOSTO de uma outra oração). São as conjunções *que* e *se*:

Não sei, sequer, **se** me viste,
Não vou jurar **que** me vias.
(J. Régio, *F*, 54.)

Quando o verbo exprime uma certeza, usa-se *que*:

Tenho certeza de **que** gosta de mim.
(C. dos Anjos, *DR*, 103.)

— Tive medo, vi **que** tinha feito uma doidice.
(G. Ramos, *AOH*, 34.)

João Garcia garantiu **que** sim, **que** voltava.
(V. Nemésio, *MTC*, 61.)

Quando o verbo exprime incerteza, usa-se *se*. Por exemplo:

a) numa dúvida:

Ninguém sabia **se** estava ferido ou **se** ferira alguém.
(L. Jardim, *MP*, 54.)

Vê **se** me entendes.
(M. Torga, *TU*, 156.)

b) numa interrogação indireta:

Não sei **se** sentirá saudades, não sei **se** pensará em mim.
(A. Abelaira, *NC*, 26.)

Pergunto a Deus **se** estou viva,
se estou sonhando ou acordada.
(C. Meireles, *OP*, 417.)

Conjunções conformativas e proporcionais

Como dissemos, a *Nomenclatura Gramatical Brasileira* distingue ainda, entre as CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS, as CONFORMATIVAS e as PROPORCIONAIS.

1. As CONFORMATIVAS iniciam uma oração subordinada em que se exprime a conformidade de um pensamento com o da oração principal. São as conjunções *conforme*, *como* [= conforme], *segundo*, *consoante*, etc.:

> O som de uma sineta, **conforme** o capricho do vento, aproximava-se ou perdia-se ao longe.
> (A. Meyer, *SI*, 50.)

> **Como** ia dizendo, o seu raciocínio não está certo.
> (C. de Oliveira, *CD*, 111.)

> Cada um tinha razão levando a vida **consoante** a criação da sua alma.
> (M. Lopes, *FVL*, 167.)

2. As PROPORCIONAIS iniciam uma oração subordinada em que se menciona um fato realizado ou para realizar-se simultaneamente com o da oração principal. São as conjunções *à medida que*, *ao passo que*, *à proporção que*, *enquanto*, *quanto mais... mais*, *quanto mais... tanto mais*, *quanto mais... menos*, *quanto mais... tanto menos*, *quanto menos... menos*, *quanto menos... tanto menos*, *quanto menos... mais*, *quanto menos... tanto mais*:

> **À medida que** avançavam, iam penetrando no coração da trovoada.
> (M. Torga, *V*, 295.)

> Tornavam-se agressivos, os nervos cada vez mais tensos, **à proporção que** o tempo passava.
> (Adonias Filho, *LBB*, 103.)

> **Quanto mais** se distingue, **mais** se funde.
> (V. Nemésio, *SOP*, 336.)

Polissemia conjuncional

Algumas conjunções subordinativas (*que*, *como*, *porque*, *se*, etc.) podem pertencer a mais de uma classe. Sendo assim, o seu valor está condicionado ao contexto em que se inserem, nem sempre isento de ambiguidades, pois que há circunstâncias fronteiriças: a condição da concessão, o fim da consequência, etc.

Locução conjuntiva

Como vimos, há numerosas conjunções formadas da partícula *que* antecedida de advérbios, de preposições e de particípios: *desde que*, *antes que*, *já que*, *até que*, *sem que*, *dado que*, *posto que*, *visto que*, etc.

São as chamadas LOCUÇÕES CONJUNTIVAS.

Capítulo 17

Interjeição

INTERJEIÇÃO é uma espécie de grito com que traduzimos de modo vivo nossas emoções.

A mesma reação emotiva pode ser expressa por mais de uma interjeição. Inversamente, uma só interjeição pode corresponder a sentimentos variados e, até, opostos. O valor de cada forma interjectiva depende fundamentalmente do contexto e da entoação.

CLASSIFICAÇÃO DAS INTERJEIÇÕES

Classificam-se as INTERJEIÇÕES segundo o sentimento que denotam. Entre as mais usadas, podemos enumerar as:

a) DE ALEGRIA: *ah! oh ! oba! opa!*
b) DE ANIMAÇÃO: *avante! coragem! eia! vamos!*
c) DE APLAUSO: *bis! bem! bravo! viva!*
d) DE DESEJO: *oh! oxalá!*
e) DE DOR: *ai! ui!*
f) DE ESPANTO OU SURPRESA: *ah! chi! ih! oh! ué! puxa!*
g) DE IMPACIÊNCIA: *hum! hem!*
h) DE INVOCAÇÃO: *alô! ô! ó! olá! psiu! psit!*
i) DE SILÊNCIO: *psiu! silêncio!*
j) DE SUSPENSÃO: *alto! basta! alto lá!*
l) DE TERROR: *ui! uh!*

LOCUÇÃO INTERJECTIVA

Além das interjeições expressas por um só vocábulo, há outras formadas por grupos de duas ou mais palavras. São as LOCUÇÕES INTERJECTIVAS. Exemplos: *ai de mim! ora, bolas! raios te partam! valha-me Deus!*

Observações:

1.ª) Não incluímos a INTERJEIÇÃO entre as classes de palavras pela razão aduzida no capítulo 5.

Com efeito, traduzindo sentimentos súbitos e espontâneos, são as interjeições gritos instintivos, equivalendo a frases emocionais.

2.ª) Na escrita, as interjeições vêm de regra acompanhadas do ponto de exclamação (!).

Capítulo 18

O período e sua construção

PERÍODO SIMPLES E PERÍODO COMPOSTO

No capítulo 7, fizemos a análise interna da oração. Examinamos, aí, os seus TERMOS ESSENCIAIS, INTEGRANTES e ACESSÓRIOS; e, para tal estudo, servimo-nos sobretudo de PERÍODOS SIMPLES, isto é, de períodos constituídos de uma só oração, chamada ABSOLUTA.

Incidentemente, porém, mostramos que os TERMOS ESSENCIAIS, INTEGRANTES e ACESSÓRIOS de uma oração podem ser representados por outra ORAÇÃO. É agora o momento de examinarmos mais detidamente esse ponto.

COMPOSIÇÃO DO PERÍODO

1. Tomemos o seguinte período:

> As horas passam, os homens caem,
> a poesia fica.
>
> (E. Moura, *IP*, 169.)

Vemos que ele é composto de três orações:

> 1.ª = As horas passam,
> 2.ª = os homens caem,
> 3.ª = a poesia fica.

Vemos, ainda, que as três orações são da *mesma natureza*, pois:

a) são autônomas, INDEPENDENTES, isto é, cada uma tem sentido próprio;

b) não funcionam como TERMOS de outra oração, nem a eles se referem: apenas, uma pode enriquecer com o seu sentido a *totalidade* da outra.

A tais orações autônomas dá-se o nome de COORDENADAS, e o período por elas formado diz-se COMPOSTO POR COORDENAÇÃO.

2. Examinemos agora este período:

> O meu André não lhe disse que temos aí um holandês que trouxe material novo...?
> (V. Nemésio, *MTC*, 363.)

Aqui, também, estamos diante de um período de três orações:

1.ª = O meu André não lhe disse
2.ª = que temos aí um holandês
3.ª = que trouxe material novo.

Mas a sua estrutura é diferente da do anterior, pois:

a) a primeira oração contém a declaração *principal* do período, rege-se por si, e não desempenha nenhuma função sintática em outra oração do período; chama-se, por isso, ORAÇÃO PRINCIPAL;
b) a segunda oração tem sua existência dependente da primeira, de cujo verbo é OBJETO DIRETO; funciona, assim, como TERMO INTEGRANTE dela;
c) a terceira oração tem sua existência dependente da segunda, de cujo objeto direto é ADJUNTO ADNOMINAL; funciona, por conseguinte, como TERMO ACESSÓRIO dela.

As orações sem autonomia gramatical, isto é, as orações que funcionam como termos essenciais, integrantes ou acessórios de outra oração, chamam-se SUBORDINADAS. O período constituído de orações SUBORDINADAS e uma oração PRINCIPAL denomina-se COMPOSTO POR SUBORDINAÇÃO.

3. Vejamos, por fim, este período:

> Moleque Nicanor arregalou os olhos, e eu pensei que ia ouvir as pancadas do seu coração.
> (Guimarães Rosa, *S*, 216.)

Ainda aqui temos um período composto de três orações:

1.ª = Moleque Nicanor arregalou os olhos,
2.ª = e eu pensei
3.ª = que ia ouvir as pancadas do seu coração.

Sua estrutura é, porém, distinta das duas que examinamos, ou melhor, é uma espécie de combinação delas, pois:

a) as duas primeiras orações são COORDENADAS (a primeira é COORDENADA ASSINDÉTICA; a segunda, COORDENADA SINDÉTICA ADITIVA);
b) a última é SUBORDINADA, uma vez que funciona como OBJETO DIRETO da oração anterior.

O período que apresenta orações COORDENADAS e SUBORDINADAS diz-se composto por COORDENAÇÃO e SUBORDINAÇÃO.

CARACTERÍSTICAS DA ORAÇÃO PRINCIPAL

Uma ORAÇÃO SUBORDINADA pode depender de um termo de outra ORAÇÃO SUBORDINADA.

No período de Vitorino Nemésio, antes citado, vimos que a ORAÇÃO SUBORDINADA:

que trouxe material novo

é adjunto adnominal do objeto direto (*um holandês*) da ORAÇÃO SUBORDINADA

que temos aí um holandês,

a qual, por sua vez, é objeto direto da ORAÇÃO PRINCIPAL:

O meu André não lhe disse.

Neste caso, alguns gramáticos consideram a 2.ª oração, simultaneamente, SUBORDINADA e PRINCIPAL: SUBORDINADA em relação à 1.ª; PRINCIPAL com referência à 3.ª.

Tal classificação tem o inconveniente de se basear em dois critérios; ou melhor, fazer predominar o critério semântico sobre o sintático.

Em verdade, a ORAÇÃO PRINCIPAL (ou um de seus termos) serve sempre de suporte a uma ORAÇÃO SUBORDINADA. Mas não é esta a sua característica essencial; e, sim, o fato de *não exercer nenhuma função sintática em outra oração do período.* Ora, no PERÍODO COMPOSTO POR SUBORDINAÇÃO só há uma que preenche tal condição. A esta, pois, se deve reservar, com exclusividade, o nome de PRINCIPAL.

Observação:

A *Nomenclatura Gramatical Portuguesa* eliminou a designação de ORAÇÃO PRINCIPAL sob o argumento de não fazer falta ao estudo desses processos e de "dar ensejo a duplas interpretações, quer no plano lógico, quer no plano gramatical".

CONCLUSÃO

Na análise de um PERÍODO COMPOSTO, cumpre, pois, ter em mente que:

a) a ORAÇÃO PRINCIPAL não exerce nenhuma função sintática em outra oração do período;
b) a ORAÇÃO SUBORDINADA desempenha sempre uma função sintática (SUJEITO, OBJETO DIRETO, OBJETO INDIRETO, PREDICATIVO, COMPLEMENTO NOMINAL, AGENTE DA PASSIVA, ADJUNTO ADNOMINAL, ADJUNTO ADVERBIAL ou APOSTO) em outra oração, pois que dela é um termo ou parte de um termo;
c) a ORAÇÃO COORDENADA, como a PRINCIPAL, nunca é termo de outra oração nem a ela se refere; pode relacionar-se com outra COORDENADA, mas em sua integridade.

COORDENAÇÃO

ORAÇÕES COORDENADAS SINDÉTICAS E ASSINDÉTICAS

As ORAÇÕES COORDENADAS podem estar:

a) simplesmente justapostas, isto é, colocadas uma ao lado da outra, sem qualquer conectivo que as enlace:

> Será uma vida nova, / começará hoje, / não haverá nada para trás. /
> (A. Abelaira, *QPN*, 19.)

b) ligadas por uma CONJUNÇÃO COORDENATIVA:

> A Grécia seduzia-o, / **mas** Roma dominava-o. /
> (Graça Aranha, *OC*, 701.)

No primeiro caso, dizemos que a ORAÇÃO COORDENADA é ASSINDÉTICA, ou seja, desprovida de conectivo. No segundo, dizemos que ela é SINDÉTICA, e a esta denominação acrescentamos a da espécie da CONJUNÇÃO COORDENATIVA que a inicia.

ORAÇÕES COORDENADAS SINDÉTICAS

Classificam-se, pois, as ORAÇÕES COORDENADAS SINDÉTICAS em:

1. COORDENADA SINDÉTICA ADITIVA, se a conjunção é ADITIVA:

> Insisti no oferecimento da madeira, / **e ele estremeceu**. /
> (G. Ramos, *SB*, 29.)

Não é chuva, / **nem é gente,** /
Nem é vento com certeza. /
(A. Gil, *LJ*, 24.)

2. COORDENADA SINDÉTICA ADVERSATIVA, se a conjunção é ADVERSATIVA:

Estava frio, / **mas ela não o sentia.** /
(M. J. de Carvalho, *TGM*, 75.)

Ele não exigira dos filhos devoção à lavoura, / **porém nenhum deixara de seguir a fatalidade pela terra.** /
(N. Piñon, *SA*, 102-103.)

3. COORDENADA SINDÉTICA ALTERNATIVA, se a conjunção é ALTERNATIVA:

O bode tinha descido com o senhor / **ou tinha ficado na ribanceira?** /
(G. Ramos, *AOH*, 48.)

Ou eu me engano muito / ou a égua manqueja. /
(C. de Oliveira, *AC*, 23.)

Todas as casas sertanejas são humildes, / **quer sejam de palha só / ou de palha e taipa** / como a dos pobres, / **quer sejam de taipa e telha** / como a dos abastados.
(G. Barroso, *TS*, 181.)

4. COORDENADA SINDÉTICA CONCLUSIVA, se a conjunção é CONCLUSIVA:

Ouço música, / **logo ainda não me enterraram.** /
(P. Mendes Campos, *AB*, 67.)

Não pacteia com a ordem; / **é, pois, uma rebelde.** /
(J. Ribeiro, *PE*, 95.)

Queria casar a filha, bem ao gosto dela, / **não punha, portanto, nenhum obstáculo ao programa de Olga.** /
(Lima Barreto, *TFPQ*, 86.)

5. COORDENADA SINDÉTICA EXPLICATIVA, se a conjunção é EXPLICATIVA:

— Eh, camarada, espere um pouco, / **que isto acaba-se já.** /
(F. Namora, *NM*, 233.)

Um pouquinho só lhe bastava no momento, / **pois estava com fome.** /
(A. M. Machado, *JT*, 105.)

Observação:

No mesmo período podem ocorrer ORAÇÕES COORDENADAS SINDÉTICAS de vários tipos:

O menino olhava, / **mas não falava,** / **nem lamuriava.** /
(J. de Araújo Correia, *FX*, 34.)

Tentei detê-los por mais tempo; / **eles porém tinham pressa,** / **ou estavam desconfiados.** /
(R. de Queirós, *CCE*, 159.)

Como dissemos, nem todas as conjunções coordenativas encabeçam a oração. A conclusiva *pois* vem sempre posposta a um de seus termos. As adversativas *porém*, *contudo*, *no entanto*, *entretanto* e *todavia*, bem como as conclusivas *logo*, *portanto* e *por conseguinte*, podem variar de posição, conforme o ritmo, a entoação, a harmonia da frase.

SUBORDINAÇÃO

A ORAÇÃO SUBORDINADA COMO TERMO DE OUTRA ORAÇÃO

Dissemos que as ORAÇÕES SUBORDINADAS funcionam sempre como TERMOS ESSENCIAIS, INTEGRANTES OU ACESSÓRIOS de outra oração. Esclareçamos melhor tais equivalências.

1. No seguinte exemplo,

É necessária **tua vinda urgente.**

o sujeito da oração é *tua vinda urgente*, TERMO ESSENCIAL, cujo núcleo é o substantivo *vinda*.
Mas, em lugar dessa construção com base no substantivo *vinda*, poderíamos dizer:

É necessário **que venhas urgente.**

O sujeito seria, então, *que venhas urgente*, termo essencial representado por oração.

2. Neste exemplo,

Ninguém esperava **a tua vinda**.

o objeto direto de *esperava* é *a tua vinda*, TERMO INTEGRANTE, cujo núcleo é o substantivo *vinda*.
Em vez dessa construção nominal, poderíamos ter dito:

Ninguém esperava **que viesses**.

Com isso, o objeto direto de *esperava* passaria a ser *que viesses*, TERMO INTEGRANTE representado por uma oração.

3. Neste exemplo,

Não desaprendi as lições **recebidas**.

o adjunto adnominal, TERMO ACESSÓRIO, está expresso pelo adjetivo *recebidas*.
Mas, se quiséssemos, poderíamos ter substituído o adjetivo *recebidas* por *que recebi*.

Não desaprendi as lições **que recebi**.

Teríamos, neste caso, como adjunto adnominal de *lições* a oração *que recebi*.
Por outras palavras: teríamos um TERMO ACESSÓRIO representado por uma oração.

4. Neste exemplo,

Ainda não o tinha visto **depois da volta**.

são três os adjuntos adverbiais (TERMOS ACESSÓRIOS) da oração:
a) **ainda** — adjunto adverbial de tempo;
b) **não** — adjunto adverbial de negação;
c) **depois da volta** — adjunto adverbial de tempo.

Em lugar da expressão adverbial de tempo *depois da volta*, poderíamos ter empregado uma oração — *depois que voltara*:

Ainda não o tinha visto **depois que voltara**.

Depois que voltara, adjunto adverbial de *tinha visto*, é, pois, um TERMO ACESSÓRIO representado por uma oração.

5. Do que dissemos uma conclusão se impõe: o PERÍODO COMPOSTO POR SUBORDINAÇÃO é, na essência, equivalente a um PERÍODO SIMPLES. Distingue-os apenas o fato de os TERMOS (ESSENCIAIS, INTEGRANTES e ACESSÓRIOS) deste serem representados naquele por ORAÇÕES.

CLASSIFICAÇÃO DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS

As ORAÇÕES SUBORDINADAS classificam-se em SUBSTANTIVAS, ADJETIVAS e ADVERBIAIS, porque as funções que desempenham são comparáveis às exercidas por substantivos, adjetivos e advérbios.

Orações subordinadas substantivas

As ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS vêm normalmente introduzidas pela CONJUNÇÃO INTEGRANTE *que* (às vezes, por *se*) e, segundo o seu valor sintático, podem ser:

1. SUBJETIVAS, quando exercem a função de sujeito:

É certo / **que a presença do dono o sossegava um pouco.** /
(M. Torga, *B*, 52-53.)

2. OBJETIVAS DIRETAS, quando exercem a função de objeto direto:

Respondi-lhe / **que já tinha lido a receita em qualquer parte.** /
(J. Cardoso Pires, *D*, 295.)

Não sei / **se padre Bernardino concordará comigo.** /
(O. Lara Resende, *BD*, 109.)

3. OBJETIVAS INDIRETAS, quando exercem a função de objeto indireto:

Não me esqueço / **de que estavas doente** / quando ele nasceu.
(J. Montello, *SC*, 31.)

4. COMPLETIVAS NOMINAIS, quando exercem a função de complemento nominal:

Calipso! Ele tem a mania / **de que alho faz bem à saúde!** /
(A. Abelaira, *NC*, 155.)

5. PREDICATIVAS, quando exercem a função de predicativo:

A verdade é / **que eu ia falar outra vez de Noêmia.** /
(A. Bessa Luís, *AM*, 39.)

6. APOSITIVAS, quando exercem a função de aposto:

> É preciso que o pecador reconheça ao menos isto: / **que a Moral católica está certa / e é irrepreensível. /**
> (O. Lara Resende, *BD*, 163.)

7. AGENTES DA PASSIVA, quando exercem a função de agente da passiva:

> — As ordens são dadas / **por quem pode. /**
> (F. Namora, *NM*, 215.)

Observação:

As orações que desempenham a função de agente da passiva iniciam-se por pronomes indefinidos (*quem*, *quantos*, *qualquer*, etc.) precedidos de uma das preposições *por* ou *de*.

Omissão da integrante que

Depois de certos verbos que exprimem uma ordem, um desejo ou uma súplica, a língua portuguesa permite a omissão da INTEGRANTE *que*:

> Penso / **daria um sofrível monge,** / se não fossem estes nervos miseráveis.
> (A. de Quental, *C*, 337.)

> Queira Deus / **não voltes mais triste...** /
> (M. Bandeira, *PP*, 348.)

> Olhar o Brasil como hóspedes em casa alheia, que as regras mandam / **se coloquem** tanto quanto possível **no ponto de vista do anfitrião. /**
> (M. Torga, *TU*, 21.)

Orações subordinadas adjetivas

As ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS vêm normalmente introduzidas por um PRONOME RELATIVO, e exercem a função de ADJUNTO ADNOMINAL de um substantivo ou pronome antecedente:

> Susana, / **que não se sentia bem,** / estava de cama.
> (M. Torga, *V*, 178.)

O / **que tu vês** / é belo; / mais belo o / **que suspeitas**; / e o / **que ignoras** / muito mais belo ainda.
(R. Brandão, *H*, 3.)[1]

Relação com o termo antecedente

A ORAÇÃO SUBORDINADA ADJETIVA pode, como todo ADJUNTO ADNOMINAL, depender de qualquer termo da oração, cujo núcleo seja um substantivo ou um pronome: SUJEITO, PREDICATIVO, COMPLEMENTO NOMINAL, OBJETO DIRETO, OBJETO INDIRETO, AGENTE DA PASSIVA, ADJUNTO ADVERBIAL, APOSTO e, até mesmo, VOCATIVO.

1. Neste período de Fernando Pessoa,

   Deu-lho a criada
   Velha / **que o trouxe ao colo**. /
   (*OP*, 77.)

   a ORAÇÃO ADJETIVA — *que o trouxe ao colo* — está funcionando como ADJUNTO ADNOMINAL de *criada*, SUJEITO de *deu-lho*.

2. Neste período de Agustina Bessa Luís,

   Era uma cachopa um tanto atarracada, / **que usava meias palmilhadas e anéis de latão**. /
   (*AM*, 92.)

   a ORAÇÃO ADJETIVA — *que usava meias palmilhadas e anéis de latão* — está funcionando como ADJUNTO ADNOMINAL do substantivo *cachopa*, núcleo do PREDICATIVO da oração anterior.

3. Neste período de Machado de Assis,

   Na petição de privilégio / **que então redigi** / chamei a atenção do governo para este resultado, verdadeiramente cristão.

   a ORAÇÃO ADJETIVA — *que então redigi* — está funcionando como ADJUNTO ADNOMINAL de *de privilégio*, COMPLEMENTO NOMINAL.

---

[1] Frase que Raul Brandão diz ser de autor desconhecido.

4. Neste período de Carlos de Oliveira,

> Iria remediar o / **que pudesse.** /
> (*CD*, 90.)

a ORAÇÃO ADJETIVA — *que pudesse* — está funcionando como ADJUNTO ADNOMINAL do pronome *o*, OBJETO DIRETO de *iria remediar.*

5. Neste período de Jorge Amado,

> É mesmo porque vem um apito triste do navio, um pedido de socorro, e a lei do cais manda que se atenda aos / **que no mar pedem socorro.** /
> (*MM*, 74.)

a ORAÇÃO ADJETIVA — *que no mar pedem socorro* — está funcionando como ADJUNTO ADNOMINAL do pronome *os*, núcleo do OBJETO INDIRETO *aos.*

6. Neste período de Manuel Bandeira,

> O *clou* da festa no Conservatório de Canto Orfeônico foi a saudação lida por um menino / **que é um prodígio.** /
> (*AA*, 106.)

a ORAÇÃO ADJETIVA — *que é um prodígio* — está funcionando como ADJUNTO ADNOMINAL de *menino*, núcleo do AGENTE DA PASSIVA *por um menino.*

7. Neste período de Antônio Nobre,

> Na vida / **que a Dor povoa,** /
> Há só uma cousa boa,
> Que é dormir, dormir, dormir...
> (*S*, 113.)

a ORAÇÃO ADJETIVA — *que a Dor povoa* — está funcionando como ADJUNTO ADNOMINAL de *vida*, núcleo do ADJUNTO ADVERBIAL *na vida.*

8. Neste período de Machado de Assis,

> Entroncou-se na família daquele meu famoso homônimo, o capitão-mor Brás Cubas, / **que fundou a Vila de São Vicente.** /
> (OC, I, 417.)

a ORAÇÃO ADJETIVA — *que fundou a vila de São Vicente* — está funcionando como ADJUNTO ADNOMINAL de *capitão-mor Brás Cubas*, APOSTO.

9. Neste período do *Romance da nau Catarineta*,

Renego de ti, demônio, / **que me estavas a tentar.** /

a ORAÇÃO ADJETIVA — *que me estavas a tentar* — está funcionando como ADJUNTO ADNOMINAL de *demônio*, VOCATIVO.

Orações adjetivas restritivas e explicativas

Quanto ao sentido, as SUBORDINADAS ADJETIVAS classificam-se em RESTRITIVAS e EXPLICATIVAS.

1. As RESTRITIVAS, como o nome indica, restringem, limitam, precisam a significação do substantivo (ou pronome) antecedente. São, por conseguinte, indispensáveis ao sentido da frase; e, como se ligam ao antecedente sem pausa, dele não se separam, na escrita, por vírgula. Exemplos:

   És um dos raros homens / **que têm o mundo nas mãos.** /
   (A. Abelaira, *NC*, 121.)

   Certamente não perdoa o abandono / **que lhe votei.** /
   (N. Piñon, *FD*, 98.)

2. As EXPLICATIVAS acrescentam ao antecedente uma qualidade acessória, isto é, esclarecem melhor a sua significação, à semelhança de um aposto. Mas, por isso mesmo, não são indispensáveis ao sentido *essencial* da frase. Na fala, separam-se do antecedente por uma pausa, indicada na escrita por vírgula:

   Tio Cosme, / **que era advogado,** / confiava-lhe a cópia de papéis de autos.
   (Machado de Assis, *OC*, I, 734.)

   Eu, / **que não tenho nenhuma certeza**, / sou mais certo ou menos certo?
   (F. Pessoa, *OP*, 324.)

Orações subordinadas adverbiais

Funcionam como ADJUNTO ADVERBIAL de outras orações e vêm, normalmente, introduzidas por uma das CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS (com exclusão das INTE-

GRANTES que, vimos, iniciam ORAÇÕES SUBSTANTIVAS). Segundo a conjunção ou locução conjuntiva que as encabece, classificam-se em:

1. CAUSAIS, se a conjunção é subordinativa causal:

Não veste com luxo / **porque o tio não é rico.** /
(Machado de Assis, *OC*, II, 204.)

/ **Como anoitecesse,** / recolhi-me pouco depois e deitei-me.
(Monteiro Lobato, *U*, 204.)

Ceamos à lareira, / **que a noite estava fria.** /
(A. Ribeiro, *M*, 44.)

2. CONCESSIVAS, se a conjunção é subordinativa concessiva:

/ **Ainda que não dessem dinheiro,** / poderiam colaborar com um ou outro trabalho.
(O. Lara Resende, *BD*, 134.)

O Albino, / **posto que homem correntão,** / ficou varado.
(A. Ribeiro, *M*, 99.)

A regra era ir sempre desacompanhado, / **mesmo que levasse o gado até os confins da serra.** /
(M. Torga, *B*, 101.)

Observação:

Nas ORAÇÕES CONCESSIVAS, a conjunção subordinativa pode:

a) vir intensificada em *por mais que, por maior que, por melhor que, por menos que, por menor que, por pior que*; ou *mais que, maior que, melhor que, menos que, menor que, pior que*, etc.:

/ **Por mais que quisesse,** / não conseguia decidir-se por nenhum.
(M. Torga, *CM*, 36.)

b) ficar reduzida à palavra *que*, com antecipação do predicativo:

/ **Padre que seja,** / se for vigário na roça, é preciso que monte a cavalo.
(Machado de Assis, *OC*, I, 735.)

Advirta-se, porém, que não é pacífica a análise que propomos para essas fórmulas concessivas. Filólogos eminentes, como os professores Sousa da Silveira (*Lições de*

português. 8ª. ed. Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1972, p. 166) e Martinz de Aguiar (cf. Evanildo Bechara. *Moderna gramática portuguesa,* 21.ª ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1976, p. 230) consideram que, em tais construções, o *que* é um pronome relativo em função de predicativo.

3. CONDICIONAIS, se a conjunção é subordinativa condicional:

Tudo vale a pena /
Se a alma não é pequena. /
(F. Pessoa, *OP*, 19.)

— Eles não dormem, / **sem que primeiro a mãe lhes cante a** *berceuse* **de Jocelyn.** /
(É. Veríssimo, *A*, I, 83.)

Trago uma caixa de metralhadoras para os Gregos, / **caso eles estejam em perigo de ser batidos pelos Troianos.** /
(A. Abelaira, *NC*, 69.)

4. FINAIS, se a conjunção é subordinativa final:

Viera um vestido de Marta, / **para que a vestissem com ele.** /
(J. Lins do Rego, *A-M*, 343.)

Deu-me Deus o seu gládio, / **porque eu faça**
A sua santa guerra. /
(F. Pessoa, *OP*, 11.)

Fiz-lhe sinal / **que se calasse.** /
(Machado de Assis, *OC*, I, 525.)

5. TEMPORAIS, se a conjunção é subordinativa temporal:

/ **Quando estiou,** / partiram.
(C. de Oliveira, *AC*, 19.)

Renovaram a fogueira / **até que chegasse a luz da manhã.** /
(Adonias Filho, *LBB*, 111.)

/ **Mal sentiu rumores dentro de casa,** / ergueu-se.
(M. Torga, *V*, 269.)

6. CONSECUTIVAS, se a conjunção é subordinativa consecutiva:

Há segredos, de natureza tal, / **que é imperdoável imprudência** / descobri-los.
(M. de Maricá, *M*, 416.)

Falava com tanta naturalidade, / **que se convencia a si mesmo.** /
(M. Torga, *V*, 157.)

Era uma voz tão grave, / **que metia medo.** /
(A. Meyer, *SI*, 12.)

O sino tocava / **que se desfazia.** /
(M. Torga, *CM*, 65.)

A conjunção pode vir omitida, como nestes versos de Emílio Moura:

O chamado é tão grave, / **não comporta lágrimas;** /
o caminho é tão longo, / **não chegarias nunca.** /
(*IP*, 171.)

7. COMPARATIVAS, se a conjunção é subordinativa comparativa:

Não, meu coração não é maior / **que o mundo.** /
(C. Drummond de Andrade, *R*, 60.)

Jurou-lhes que essa orquestra da morte foi muito menos triste / **do que podia parecer.** /
(Machado de Assis, *OC*, I, 416.)

Ó choupo magro e velhinho,
Corcundinha, todo aos nós,
És tal / **qual meu Avozinho:** /
Falta-te apenas a voz.
(A. Nobre, *S*, 47.)

Começaste a correr / **que nem uma louca.** /
(A. Abelaira, *QPN*, 190.)

O lavrador revirou os olhos e começou a tremer / **como se tivesse uma sezão.** /
(J. de Araújo Correia, *FX*, 28.)

Observações:

1.ª) O primeiro membro da comparação pode estar oculto: [*tal*] *qual*, [*tal*] *como*, etc.:

> Havia já dous anos que nos não víamos, e eu via-a agora não / **qual era,** / mas / **qual fora,** / **quais fôramos ambos,** / porque um Ezequias misterioso fizera recuar o sol até os dias juvenis.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 419.)

2.ª) Costuma-se omitir o predicado da ORAÇÃO SUBORDINADA COMPARATIVA, quando repete uma forma do verbo da oração principal. Assim:

> Teus olhos são negros, negros,
> / **como as noites sem luar...** /
> (Castro Alves, *EF*, 35.)

Isto é: como as noites sem luar [são negras].

> Tu vais a correr sozinho,
> Ribeirinho, / **como eu.** /
> (F. Pessoa, *QGP*, n.º 112.)

Ou seja: como eu [vou a correr sozinho].

Orações conformativas e proporcionais

Como na classificação das conjunções subordinativas a Nomenclatura Gramatical Brasileira inclui as conformativas e as proporcionais, consequentemente admite ela a existência de ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS:

1. CONFORMATIVAS, quando a conjunção que as inicia é subordinativa conformativa:

> / **Conforme declarei,** / Madalena possuía um excelente coração.
> (G. Ramos, *SB*, 122.)

> As distâncias hoje em dia, / **como sabe,** / contam pouco.
> (M. Torga, *V*, 278.)

> Exteriormente era modesto, / **segundo convém aos sabedores.** /
> (Machado de Assis, *OC*, II, 256.)

2. PROPORCIONAIS, quando encabeçadas por conjunção subordinativa proporcional:

/ **À medida que o tempo decorria** / as figuras iam tomando maior vulto na sua retina.
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 295.)

Choviam os ditos / **ao passo que ela seguia pelas mesas.** /
(Almada Negreiros, *NG*, 92.)

Duas ou três funcionárias aproximaram-se, / **enquanto o servidor** / que fizera a pergunta / **ia dando o fora.** /
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 38.)

Observação:

Estas orações podem estar em correlação com um membro da oração principal em construções do tipo: *quanto mais... tanto mais, quanto mais... tanto menos, quanto menos... tanto menos, quanto menos ... tanto mais*:

/ **Quanto mais o conheço**, / tanto mais o admiro.

Como nestas orações não raro se omitem as palavras *quanto* e *tanto*, é necessário examinar com atenção o período em que elas ocorrem para classificá-las com acerto. Por exemplo, nas construções:

/ **Quanto mais o conheço**, / mais o admiro.
/ **Mais o conheço**, / tanto mais o admiro.
/ **Mais o conheço**, / mais o admiro.

a primeira oração é sempre a SUBORDINADA ADVERBIAL PROPORCIONAL; e a segunda, a PRINCIPAL.

Orações reduzidas

Orações desenvolvidas e orações reduzidas

Estudamos até aqui as ORAÇÕES SUBORDINADAS encabeçadas por nexo subordinativo (pronomes relativos ou conjunções subordinativas), com o verbo sempre numa FORMA FINITA (do indicativo ou do subjuntivo).

Vejamos agora outro tipo de oração subordinada — a REDUZIDA —, isto é, a oração dependente que não se inicia por relativo nem por conjunção subordi-

nativa, e que tem o verbo numa das FORMAS NOMINAIS — O INFINITIVO, O GERÚNDIO, ou O PARTICÍPIO. Assim:

1. Neste período de Machado de Assis,

   Todos nós havemos de morrer; basta / **estarmos vivos.** /
   (*OC*, I, 420.)

   a oração *estarmos vivos* tem valor SUBSTANTIVO. Não a encabeça, porém, a integrante *que*, nem o seu verbo se apresenta numa forma finita, mas na do INFINITIVO PESSOAL.
   A oração denomina-se, por isso, SUBSTANTIVA REDUZIDA DE INFINITIVO, e pode ser equiparada à oração subordinada desenvolvida *que estejamos vivos*:

   Todos nós havemos de morrer; basta / **que estejamos vivos.** /

2. Neste período de Augusto Frederico Schmidt,

   Era o sortilégio, a sedução / **ferindo os corações.** /
   (*AP*, 17.)

   a oração *ferindo os corações* tem valor adjetivo. Não vem, no entanto, encabeçada por pronome relativo, nem traz o verbo numa forma finita, mas na do gerúndio.
   A oração denomina-se, neste caso, ADJETIVA REDUZIDA DE GERÚNDIO, e corresponde à oração desenvolvida *que feria os corações*:

   Era o sortilégio, a sedução / **que feria os corações.** /

3. Neste período de Manuel da Fonseca,

   / **Ansiado,** / agarrou-se à árvore.
   (*FC*, 126.)

   a oração *ansiado* tem valor ADVERBIAL. Não está, porém, encabeçada por conjunção subordinativa, nem traz o verbo numa forma finita, mas na do PARTICÍPIO.
   A oração denomina-se, então, ADVERBIAL REDUZIDA DE PARTICÍPIO, e equivale à oração desenvolvida *porque estava ansiado*:

   / **Porque estava ansiado,** / agarrou-se à árvore.

Verifica-se do exposto que as ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS, ADJETIVAS e ADVERBIAIS podem estar:

1.º) DESENVOLVIDAS, quando encabeçadas por nexo subordinativo e com verbo num tempo do indicativo ou do subjuntivo:
a) seja numa forma simples:

— Creio / **que não há gente inocente.** /
(M. J. de Carvalho, *AV*, 126.)

Não tinha dinheiro / **que chegasse.** /
(V. Nemésio, *MTC*, 372.)

Eram sete e meia da noite, / **quando avistamos as luzes de Benfica.** /
(F. Sabino, *HN*, 31.)

b) seja numa locução verbal:

Disse / **que ia pôr tudo em pratos limpos,** / não disse?
(U. Tavares Rodrigues, *NS*, 84.)

Vou deitar ao papel as reminiscências / **que me vierem vindo.** /
(Machado de Assis, *OC*, I, 731.)

Vira-os a bordo, / **como estava a ver o próprio Vicar.** /
(Adonias Filho, *LBB*, 84.)

2.º) REDUZIDAS, quando não apresentam nexo subordinativo e têm o verbo no infinitivo, no gerúndio ou no particípio:
a) seja numa forma simples:

Os homens do grupo do curral afastaram-se / **para Maria passar.** /
(L. B. Honwana, *NMCT*, 51.)

/ **Chegando à rua,** / arrependi-me de ter saído.
(Machado de Assis, *OC*, I, 483.)

Que seria do futuro se trocássemos esses hábitos / **consagrados pela experiência** / e nos deixássemos arrastar pelos falsos profetas?
(A. Abelaira, *NC*, 211.)

b) seja numa locução verbal:

> Bernardo estava certo / **de não poder confiar nas boas intenções dele.** /
> (O. Lins, *FP*, 183.)

> O que me lembrou esta data foi, / **estando a beber café**, / o pregão de um vendedor de vassouras e espanadores.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 1029.)

Orações reduzidas de infinitivo

As ORAÇÕES REDUZIDAS DE INFINITIVO podem vir ou não regidas de preposição e, como as desenvolvidas, classificam-se em:

Substantivas

1. SUBJETIVAS:

> É preciso / **caminhar o passo certo.** /
> (Costa Andrade, *NVNT*, 30.)

2. OBJETIVAS DIRETAS:

> Espero também / **poder confiar em ti.** /
> (J. Régio, *SM*, 57.)

3. OBJETIVAS INDIRETAS:

> Encarregara-a / **de anunciar-se pessoalmente.** /
> (N. Piñon, *FD*, 69.)

4. COMPLETIVAS NOMINAIS:

> Estou ansioso / **por ir vê-lo.** /
> (A. de Quental, *C*, 228.)

5. PREDICATIVAS:

> A sua intenção era / **comunicar a Augusta o resultado da conversa com o pretendente.** /
> (Machado de Assis, *OC*, II, 97.)

6. APOSITIVAS:

A coragem é isto: / **meter o pássaro do medo na capanga.** /
(Luandino Vieira, *NM*, 116.)

Adjetivas

Mas a visão logo se desvaneceu, ficando apenas os vidros, / **a ocultarem, com o seu brilho, o** / que lá dentro existia. /
(Ferreira de Castro, *OC*, I, 136.)

Aqueles homens gotejantes de suor, bêbedos de calor, desvairados de insolação, / **a quebrarem,** / **a espicaçarem,** / **a torturarem a pedra,** / pareciam um punhado de demônios revoltados na sua impotência contra o impassível gigante.
(A. Azevedo, *C*, 66.)

Observação:

As ORAÇÕES ADJETIVAS REDUZIDAS DE INFINITIVO são mais frequentes no português europeu. No português do Brasil empregam-se de preferência as ADJETIVAS REDUZIDAS DE GERÚNDIO.

Adverbiais

1. CAUSAIS:

/ **Por serem trivialidades quotidianas tais virtudes,** / ninguém repara nelas.
(M. Torga, *TU*, 63.)

2. CONCESSIVAS:

/ **Mesmo sem saber** / se jamais chegarei, apetece-me rir e cantar em honra da beleza das coisas.
(S. de Mello Breyner Andresen, *CE*, 102.)

3. CONDICIONAIS:

/ **A não ser isto,** / eu preferia ficar na sombra, e trabalhar como simples soldado.
(J. de Alencar, *CD*, 30.)

4. CONSECUTIVAS:

O mancebo desprezava o perigo e pago até da morte pelos sorrisos, que seus olhos furtavam de longe, levou o arrojo / **a arrepiar a testa do touro com a ponta da lança.** /
(Rebelo da Silva, *CL*, 178.)

5. FINAIS:

Conheces-lhe a vida / **para poderes afirmar tal coisa.** /
(A. Abelaira, *CF*, 148,)

6. TEMPORAIS:

Viajante que deixaste
As ondas do Panamá,
Vela / **ao entrares no porto** /
Aonde o gigante está!
(Fagundes Varela, *VA*, 76.)

Orações reduzidas de gerúndio

Podem ser ADJETIVAS ou ADVERBIAIS.

Adjetivas

Virou-se e viu a mulher / **dando com a mão** / **fazendo sinal** / para que ele voltasse.
(L. Jardim, *BA*, 18.)

Perdeu o desfile da milícia triunfante, / **marchando a quatro de fundo.** /
(J. Saramago, *MC*, 348.)

Viu um grupo de homens / **conversando.** /
(Pepetela, *NA*, 42.)

Observação:

O emprego do GERÚNDIO com valor de ORAÇÃO ADJETIVA tem sido considerado por certos gramáticos um galicismo intolerável. Cumpre, no entanto, acentuar que é antiga no idioma a construção quando o GERÚNDIO expressa a ideia de atividade atual e passageira.

Veja-se este exemplo de D. Denis, trovador que poetou em fins do século XIII e princípios do século XIV:

> Ela tragia na mão
> um papagai mui fremoso,
> **cantando** [= que cantava] mui saboroso...

Construção em tudo semelhante à que vigorou na língua até começos do século XVIII e que continua no português do Brasil:

> Vi um menino / **cantando.** /

Distinto deste é o emprego, cada vez mais frequente nos dias que correm, do gerúndio como representante de uma ORAÇÃO ADJETIVA que designa um modo de ser ou uma atividade permanente do substantivo a que se refere, construção que é um simples decalque do francês:

> Meu coração é um pórtico partido /
> **Dando excessivamente sobre o mar.** /
> (F. Pessoa, *OP*, 54.)

> De onde estava via as torres da igreja metodista, / **erguendo-se acima da massa de arvoredo dum jardim.** /
> (É. Veríssimo, *LS*, 133.)

Adverbiais

Como o GERÚNDIO tem principalmente significado temporal, as REDUZIDAS por ele formadas correspondem, na maioria dos casos, a ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS TEMPORAIS. Comparem-se, por exemplo:

> / **Passando hoje pela porta do meu compadre José Amaro,** / ele me convidou para tomar conta de sua causa.
> (J. Lins do Rego, *FM*, 279.)

Mas podem equivaler também a outras ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS:

1. CAUSAIS:

> / **Pressentindo** / que as suas intenções haviam sido adivinhadas, Macedo tentou minorar a situação.
> (Ferreira de Castro, *OC*, I, 89.)

2. CONCESSIVAS:

Aqui mesmo, / **ainda não sendo padre,** / se quiser florear com outros rapazes, e não souber, há de queixar-se de você, Mana Glória.
(Machado de Assis, *OC*, I, 735.)

3. CONDICIONAIS:

Pensando bem, / tudo aquilo era muito estranho.
(A. Meyer, *SI*, 25.)

Orações reduzidas de particípio

Como as REDUZIDAS DE GERÚNDIO, as DE PARTICÍPIO podem ser ADJETIVAS ou ADVERBIAIS.

Adjetivas

As rosas brancas agrestes /
Trazidas do fim dos montes /
Vós mas tirastes, que as destes...
(F. Pessoa, *OP*, 118.)

Adverbiais

São mais comuns as TEMPORAIS:

/ **Acabada a cerimônia,** / demos a volta ao adro.
(V. Nemésio, *SOP*, 90.)

/ **Armadas as barracas,** / **abrigados caminheiros e camaradas,** / roncou a tormenta.
(A. Amoroso Lima, *AA*, 47.)

Não raro, ocorrem também as:

1. CAUSAIS:

/ **Desesperado,** / parecia um doido por toda a casa.
(M. Torga, *NCM*, 36.)

2. CONCESSIVAS:

> Creio, porém, que, / **ainda admitidas as exagerações do *Jornal do Comércio***, / pode-se assegurar que a guerra está concluída.
> (J. de Alencar, *OC*, IV, 1331.)

3. CONDICIONAIS:

> / **Dada essa hipótese,** / espero de nossos amigos dedicados que não sofrerão impassíveis uma oposição injusta.
> (J. de Alencar, *CD*, 33.)

Capítulo 19

Figuras de sintaxe

Nem sempre as frases se organizam com absoluta coesão gramatical. O empenho de maior expressividade leva-nos, com frequência, a superabundâncias, a desvios, a lacunas nas estruturas frásicas tidas por modelares. Em tais construções a coesão gramatical é substituída por uma coesão significativa, condicionada pelo contexto geral e pela situação.

Os processos expressivos que provocam essas particularidades de construção denominam-se FIGURAS DE SINTAXE.

Examinemos as principais:

ELIPSE

1. ELIPSE é a omissão de um termo que o contexto ou a situação permitem facilmente suprir:

   À esquerda, panos de velhos muros, à direita o campo deserto.
   (V. Ferreira, *A*, 273.)

   Ao redor, bons pastos, boa gente, terra boa para arroz.
   (Guimarães Rosa, *S*, 123.)

   A lua, um pequeno disco branco só, lá em cima.
   (Luandino Vieira, *VVDX*, 73.)

   — O senhor está preso.
   — Preso, eu?!
   (C. Drummond de Andrade, *CB*, 93.)

2. A ELIPSE é responsável por numerosos casos de DERIVAÇÃO IMPRÓPRIA, nos quais o termo expresso absorve o conteúdo significativo do termo omitido:

a (cidade) **capital**	**uma** (igreja) **catedral**
um (dente) **canino**	**uma** (carta) **circular**
um (navio a) **vapor**	**uma folha** (de papel)

A ELIPSE COMO PROCESSO GRAMATICAL

1. Em gramática, a ELIPSE de um termo deve ser invocada apenas quando manifesta. E, ainda assim, com extrema prudência.
São correntes, por exemplo, as ELIPSES:

a) do sujeito:

> Ternura sacudiu os ombros, no susto. Ergueu a cabeça, fixou Manuel:
> — Para onde? — exclamou.
> (A. M. Machado, *JT*, 135.)

> Levantei-me de mansinho, e mais manso que um ladrão me vesti. Abri a porta da rua, e com cautela a fechei. Num rufo corri ao macho que estava, à mão de largar, no grande alpendre e deitei-lhe o aparelho. E, sem ruído, sem voltar a cabeça, vergonhoso de mim, saí daquela terra.
> (A. Ribeiro, *M*, 46.)

b) do verbo (parcial ou total):

> Vão os dois em diálogo peripatético, ele em passo largo, ela no voo.
> (C. Drummond de Andrade, *CB*, 26.)

> Vida ruim, a nossa...
> (Alves Redol, *G*, 105.)

> Um senhor. Até na miséria, um senhor.
> (F. Namora, *RT*, 16.)

c) da preposição que introduz certos adjuntos:

> Miguel foi atrás dela, **mãos nos bolsos,** falando calmo.
> (Luandino Vieira, *VVDX*, 69.)

Olegário debruçou-se sobre ele, **os olhos cheios de espanto,** outro homem naquele momento.
(Adonias Filho, *F*, 40.)

O Bento move-se no assento, **os braços bem apoiados na mesa, a cabeça baixa.**
(F. Botelho, *X*, 200.)

d) da preposição *de* antes da integrante que introduz as orações objetivas indiretas e as completivas nominais:

Bem me **lembro que** ainda eu mesmo alcancei a casa de dona Rosinha em cuja porta de entrada passei horas seguidas espiando a maré humana.
(A. F. Schmidt, *GB*, 44.)

Tem **medo que** fique alguém fora da malhada!...
(Alves Redol, *G*, 65.)

Uma vez **certa que** morria, ordenou o que prometera a si mesma.
(Machado de Assis, *OC*, II, 497.)

e) da conjunção integrante *que*:

Não **cuideis seja** a masmorra...
Não **cuideis seja** o degredo...
(C. Meireles, *OP*, 862.)

Querendo poupar à moça e a mim tal vexame, **solicitei fosse** a pena comutada, senão em substância, pelo menos em grau.
(C. dos Anjos, *DR*, 279.)

Hoje me **disseram ele era** um dos bons.
(Luandino Vieira, *VVDX*, 21.)

2. Na análise dessas e de outras orações manifestamente incompletas convém repor os elementos omitidos. Mas seria uma arbitrariedade pretender reconstruir, nas mesmas bases, formas expressivas elaboradas dentro de princípios linguísticos diversos.
É o caso, por exemplo, da FRASE NOMINAL, organizada sem verbo e, justamente por isso, mais incisiva:

Que talento, que bom gosto, uma delícia!
(A. Meyer, *MA*, 153.)

Oh, a nudez da noite! Que esplendor!
(Teixeira de Pascoaes, *OC*, I, 50.)

Roma em chamas, que espetáculo!
(R. Pompeia, *A*, 144.)

A noite, o vento baixo, algumas estrelas.
(Adonias Filho, *LP*, 101.)

Primavera. Manhã. Que eflúvio de violetas!
(C. Pessanha, *C*, 52.)

A ELIPSE COMO PROCESSO ESTILÍSTICO

Recurso condensador da expressão, a elipse é naturalmente usada de preferência naqueles tipos de enunciado que se devem caracterizar pela concisão ou pela rapidez.

Seus efeitos estilísticos são, portanto, apreciáveis:

a) na descrição esquemática de ambientes, de estados de alma, de perfis:

Subiu a escada. A cama arrumada. O quarto. O cheiro do jasmineiro. E a voz de uma das filhas, embaixo:
— Papai! O telefone...
(A. M. Machado, *CJ*, 119.)

E o trabalho, as esperanças perdidas, a magreza, a fome de todo o ano. Sezões e tifos. Sonhos e raivas encobertos em xales e saias escuras, em fatos de bombazina de contrabando, gente de luto.
(F. Namora, *NM*, 155.)

Sentou-se na cama a arfar, a gritar que morria. Uma espuma sanguinolenta na boca. Abafava. Escarros de sangue. O coração a falhar. Injeções nas veias. Sangria. Um caixão e quatro velas.
(Cochat Osório, *CV*, 153.)

b) em anotações rápidas, como as de um diário íntimo, de um caderno de notas:

Outubro, 10 — Depressão. Hipocondria. Reações súbitas de ódio. Depois, desalento. Pelo menos, antes havia um mistério algo excitante. Agora, mais melancolia, apenas.
(C. dos Anjos, *M*, 143.)

> Paris da guerra! De dia apenas o movimento diminuído 25% e os ônibus desaparecidos. Mas imensa gente. Mulheres lindas, muitas — e deliciosamente vestidas. Militares.

ou mais sugestiva:

> Poucos feridos. Rara gente de luto. Nenhuma tristeza. Muitos espetáculos. Cafés do centro, cheios.
> (M. de Sá-Carneiro, *C*, 91.)

c) na enunciação de pensamentos condensados, provérbios, divisas, ditos sentenciosos ou irônicos:

> Cada dia, cada via; cada vida, cada lida.
> (Luandino Vieira, *JV*, 63.)

> Uma vida nova numa terra nova.
> (Castro Soromenho, *V*, 50.)

> — Meu dito, meu feito.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 634.)

> A paciência da Esfinge. Que paciência!
> (A. M. Machado, *CJ*, 244.)

d) nas enumerações, onde a inexistência do artigo, como dissemos no capítulo 9, costuma sugerir as ideias de acumulação, de dispersão:

> Jantares, danças, luminárias, músicas, tudo houve para celebrar tão fausto acontecimento.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 281.)

> Quando voltar, à tardinha, minha pele vai estar que é só boi, vaca, ovelha, leite, couro, remédio, pasto, fumaça, sal, sol, suor.
> (A. C. Resende, *LD*, 1.)

> Cristais retinem de medo,
> Precipitam-se estilhaços,
> Chovem garras, manchas, laços...
> Planos, quebras e espaços
> Vertiginam em segredo.
> (M. de Sá-Carneiro, *P*, 76.)

ZEUGMA

1. A ZEUGMA é uma das formas da elipse. Consiste em fazer participar de dois ou mais enunciados um termo expresso apenas em um deles:

> Na vida dela houve só mudança de personagens; na dele mudança de personagens e de cenários.
> (J. Paço d'Arcos, *CVL*, 249.)

Isto é: na dele **houve** mudança de personagens e de cenários.
Podemos denominar SIMPLES a zeugma em que o termo omitido é exatamente o mesmo empregado na oração anterior, como no exemplo de Joaquim Paço d'Arcos.

2. Com mais frequência, a designação aplica-se à chamada zeugma COMPLEXA, que abarca principalmente os casos em que se subentende um verbo já expresso, mas sob outra flexão.
Assim:

> A igreja era grande e pobre. Os altares, humildes.
> (C. Drummond de Andrade, *R*, 181.)

Entenda-se:

> Os altares **eram** humildes.

3. A ZEUGMA tem na oração comparativa um campo privilegiado de produção de efeitos estilísticos, como nos mostram estes exemplos:

> Unidas, bem como as penas
> Das duas asas pequenas
> De um passarinho do céu...
> Como um casal de rolinhas,
> Como a tribo de andorinhas
> Da tarde no frouxo véu.
> (Castro Alves, *EF*, 125.)

> O perene mistério, que atravessa
> Como um suspiro céus e corações...
> (F. Pessoa, *OP*, 423.)

PLEONASMO

1. PLEONASMO é a superabundância de palavras para enunciar uma ideia, como se vê nestes passos, em que se procura reproduzir a fala popular:

— **Sai lá para fora**, João.
(M. Torga, *NCM*, 228.)

— **Entra pra dentro**, Carlinhos.
(J. Lins do Rego, *ME*, 186.)

— Só o Clemente falou aqui direito. A gente **volta para trás**.
(F. Namora, *NM*, 146.)

2. Cumpre acentuar que o pleonasmo é a reiteração da *ideia*. A repetição da mesma palavra é um recurso de ênfase e, segundo a forma por que se disponha no período ou na oração, tem na retórica nome especial. Não é, porém, um pleonasmo.

PLEONASMO VICIOSO

O pleonasmo só se justifica para dar maior relevo, para emprestar maior vigor a um pensamento ou sentimento. Quando nada acrescenta à força da expressão, quando resulta apenas da ignorância do sentido exato dos termos empregados, ou de negligência, é uma falta grosseira.

Estão neste caso frases como:

Fazer uma **breve alocução**.
Ter o **monopólio exclusivo**.
Ser o **principal protagonista**.

Em todas elas o adjetivo representa uma demasia condenável: *alocução* é um "discurso breve"; não há *monopólio* que não seja "exclusivo"; e *protagonista* significa "principal personagem".

PLEONASMO E EPÍTETO DE NATUREZA

Cumpre, no entanto, distinguir dessas redundâncias viciosas o emprego do adjetivo como EPÍTETO DE NATUREZA em expressões do tipo *céu azul*, *fria neve*, *prado verde*, *mar salgado*, *noite escura* e equivalentes. Comparem-se estes exemplos:

Ó **mar salgado,** quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
(F. Pessoa, *OP*, 19.)

E a Noite sou eu própria! **A Noite escura**!!
(F. Espanca, *S*, 41.)

Aqui não se trata de inútil reiteração da ideia que já se continha no substantivo. O adjetivo insiste sobre o caráter intrínseco, normal ou dominante do objeto. É uma forma de ênfase, um recurso literário.

OBJETO PLEONÁSTICO

1. Vimos que, para dar realce ao OBJETO DIRETO, é costume colocá-lo no início da frase e, depois, repeti-lo com a forma pronominal *o* (*a*, *os*, *as*), como nestes passos:

   As posições, conquistara-**as** umas após outras.
   (C. dos Anjos, *M*, 163.)

   Paisagens, quero-**as** comigo.
   (F. Pessoa, *OP*, 531.)

   Meu saco de ilusões, bem cheio tive-**o**.
   (M. Quintana, *P*, 115.)

2. Com a mesma finalidade de ênfase, o pronome *lhe* (*lhes*) pode reiterar o OBJETO INDIRETO expresso por um sintagma nominal colocado no início da frase, como nos provérbios:

   Ao homem mesquinho basta-**lhe** um burrinho.
   Ao pobre não **lhe** prometas e **ao rico** não **lhe** faltes.

3. Também para ressaltar o OBJETO (DIRETO ou INDIRETO), usa-se fazer acompanhar um pronome átono da correspondente forma tônica regida da preposição *a*:

   Uma mulher preconceituosa que prefere tudo a que digam que o marido a deixou, ou que ela **o** deixou **a ele**.
   (M. J. de Carvalho, *TM*, 188.)

A mim não **me** enganas tu.
(M. Torga, *NCM*, 36.)

Luzia, por que a ventura
A mim me queres negar?
(J. Cardoso, *SE*, 91.)

A mim até **me** pareceu que o sarrão fosse dela.
(M. Lopes, *FVL*, 162.)

HIPÉRBATO

HIPÉRBATO (do grego *hypérbaton* "inversão", "transposição") é a separação de palavras que pertencem ao mesmo sintagma, pela intercalação de um membro frásico, como nestes passos:

Essas que ao vento vêm
Belas chuvas de junho!
(J. Cardoso, *SE*, 16.)

Que arcanjo **teus sonhos** veio
Velar, **maternos**, um dia?
(F. Pessoa, *OP*, 11.)

Em sentido corrente, porém, hipérbato é termo genérico para designar toda inversão de ordem normal das palavras na oração, ou da ordem das orações no período, com finalidade expressiva.

ANÁSTROFE

ANÁSTROFE (do grego *anastrophé* "mudança de posição", "inversão", "transposição") é o tipo de inversão que consiste na anteposição do determinante (PREPOSIÇÃO + SUBSTANTIVO) ao determinado, como nestes passos:

Vingai a pátria ou valentes
Da pátria tombai **no chão**!
(Fagundes Varela, *PC*, I, 159.)

Mas esse astro que fulgente
Das águias brilhara **à frente**,
Do Capitólio baixou.
(Soares de Passos, *P*, 91-92.)

PROLEPSE

PROLEPSE (do grego *prólepsis* "ação de tomar antes"), figura também conhecida como ANTECIPAÇÃO, consiste na deslocação de um termo de uma oração para outra que a preceda, com o que adquire excepcional realce:

> **Os pastores** parece que vivem no fim do mundo.
> (Ferreira de Castro, *OC*, I, 435.)

> — **O próprio ministro** dizem que não gostou do ato.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 643.)

> Nas porteiras ou nos terreiros das fazendas, **as pessoas que a gente vê** parece que brincam de tomar conta da natureza.
> (Ribeiro Couto, *C*, 32.)

SÍNQUISE

SÍNQUISE (do grego *sýgchysis* "confusão", "mistura") é a inversão de tal modo violenta das palavras de uma frase, que torna difícil a sua interpretação.

É o que se observa, por exemplo, nesta quadra do soneto "Taça de coral", de Alberto de Oliveira:

> Lícias, pastor — enquanto o sol recebe,
> Mugindo, o manso armento e ao largo espraia,
> Em sede abrasa, qual de amor por Febe
> — Sede também, sede maior, desmaia.
> (*P*, II, 111.)

Entenda-se:

> "Lícias, pastor, enquanto o manso armento recebe o sol e, mugindo, espraia ao largo —, abrasa em sede, qual desmaia de amor por Febe, sede também, sede maior."

ASSÍNDETO

Dizemos que há ASSÍNDETO (do grego *asýndeton* "não unido", "não ligado") quando as orações de um período ou as palavras de uma oração se sucedem sem conjunção coordenativa que poderia enlaçá-las. É um vigoroso processo de encadeamento do enunciado, que reclama do leitor ou do ouvinte uma

atenção maior no exame de cada fato, mantido em sua individualidade, em sua independência, por força das pausas rítmicas:

> A barca vinha perto, chegou, atracou, entramos.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 1067.)

> Lavava roupas da Baixa, vestia, usava, lavava outra vez, levava.
> (Luandino Vieira, *JV*, 103.)

> — Veio, esteve aqui, arranjou-se-lhe o emprego que ele queria, embarcou, acabou-se.
> (J. de Sena, *SF*, 512.)

> Arcos de flores, fachos purpurinos,
> Trons festivais, bandeiras desfraldadas,
> Girândolas, clarins, atropeladas
> Legiões de povo, bimbalhar de sinos...
> (R. Correia, *PCP*, 196.)

> Fulgem as velhas almas namoradas...
> — Almas tristes, severas, resignadas,
> De guerreiros, de santos, de poetas.
> (C. Pessanha, *C*, 48.)

POLISSÍNDETO

O POLISSÍNDETO (do grego *polys ndeton* "que contém muitas conjunções") é o contrário do assíndeto, ou seja, é o emprego reiterado de conjunções coordenativas, especialmente das aditivas:

> Como uma horda de seres vivos, cobríamos gradualmente a terra. Ocupados como quem lavra a existência, **e** planta, **e** colhe, **e** mata, **e** vive, **e** morre, **e** come.
> (C. Lispector, *FC*, 92.)

> Fui cisne, **e** lírio, **e** águia, **e** catedral!
> (F. Espanca, *S*, 59.)

> O quinhão que me coube é humilde, pior do que isto: nulo. **Nem** glória, **nem** amores, **nem** santidade, **nem** heroísmo.
> (O. Lara Resende, *BD*, 10.)

Com o POLISSÍNDETO interpenetram-se os elementos coordenados; a expressão adquire assim uma continuidade, uma fluidez, que a tornam particularmente apta para sugerir movimentos ininterruptos ou vertiginosos, como nos mostram os exemplos citados, e também o seguinte, de Vinícius de Morais:

> **E** crescer, **e** saber, **e** ser, **e** haver
> **E** perder, **e** sofrer, **e** ter horror
> De ser **e** amar, **e** se sentir maldito...
> (*LS*, 119.)

É a este emprego da conjunção que se costuma chamar *e* DE MOVIMENTO.[1] Por vezes, a repetição é simétrica rítmica, e o polissíndeto passa a ser o recurso característico do chamado estilo bíblico.

Veja-se este exemplo:

> **E** a minha terra se chamará terra de Jafé, **e** a tua se chamará terra de Sem; **e** iremos às tendas um do outro, **e** partiremos o pão da alegria e da concórdia.
> (Machado de Assis, *OC*, II, 302.)

ANACOLUTO

ANACOLUTO é a mudança de construção sintática no meio do enunciado, geralmente depois de uma pausa sensível, como nestes exemplos:

> **No berço,** pendente dos ramos floridos,
> Em que eu pequenino feliz dormitava:
> **Quem é que esse berço** com todo o cuidado
> Cantando cantigas **alegre embalava**?
> (C. de Abreu, *O*, 78.)

> **Umas carabinas** que guardava atrás do guarda-roupa, **a gente brincava com elas,** de tão imprestáveis.
> (J. Lins do Rego, *ME*, 136.)

---

[1] Sobre o chamado *e* DE MOVIMENTO, leiam-se Ernesto Guerra da Cal. *Obra cit.*, p. 256; Raymond Cantel. *Les sermons de Vieira. Etude du style.* Paris, Ediciones Hispano-Americanas, 1959, p. 337; Rocha Lima. *Subsídios para o estudo da partícula "e" em algumas construções da língua portuguesa.* Rio de Janeiro, 1975, p. 49-50 e 59-60 (mimeografado).

Bom! bom! **eu parece-me** que ainda não ofendi ninguém!
(J. Régio, *SM*, 105.)

No primeiro exemplo, observamos que a oração iniciada por *no berço* não teve seguimento normal no 3.º verso, que devia continuá-la, e, em consequência, aquela expressão ficou solta no período.

Também no exemplo de José Lins do Rego a expressão *umas carabinas* ficou desligada do resto da oração principal.

No exemplo de José Régio foi o pronome *eu*, que se anunciava como sujeito do verbo seguinte, o elemento que ficou sem função. Com a imprevista estrutura assumida pela frase, a primeira pessoa, por ele representada, passou a objeto indireto (*me*).

O ANACOLUTO é um fenômeno muito comum, especialmente na linguagem falada, e pode ser assim explicado: "depois de uma pausa, aquele que fala ou escreve abstrai-se do começo do enunciado e continua a exprimir-se como se iniciasse uma nova frase".[2]

SILEPSE

SILEPSE (do grego *sýllepsis*, "ação de reunir, de tomar em conjunto") é a concordância que se faz não com a forma gramatical das palavras, mas com o seu sentido, com a ideia que elas expressam.

Segundo a acepção originária, o termo SILEPSE deveria referir-se apenas à concordância de número. Cedo, porém, ele passou a ser aplicado a certas anomalias formais na concordância de gênero e pessoa e, hoje, abarca praticamente todo o campo da CONCORDÂNCIA IDEOLÓGICA.

SILEPSE DE NÚMERO

1. Pode ocorrer a SILEPSE DE NÚMERO com todo substantivo singular concebido como plural e, particularmente, com os termos coletivos.
   Assim, neste passo de Machado de Assis:

   Deu-me notícias **da gente Aguiar; estão bons.**
   (*OC*, I, 1093.)

[2] Maurice Dessaintes. *L'Analyse grammaticale. Au seuil de la stylistique.* Namur-Bruxelles--Tournai, La Procure, 1962, p. 371.

A ocorrência desta SILEPSE vai-se acentuando à medida que o verbo se distancia do sujeito coletivo, sendo particularmente comum quando, na oração, o coletivo está subentendido.
Assim:

> — É o costume, mulher! É o costume **desta gente,** quando **gostam** dum branco **querem**-no para padrinho dos filhos ...
> (Luandino Vieira, *NM*, 12.)

> Já toda **a gente** estava indignada. **Queriam ouvir**.
> (M. Torga, *CM*, 88.)

> — E **o povo** de Maravalha? perguntava ele aos canoeiros.
> — **Estão** em São Miguel.
> (J. Lins do Rego, *ME*, 63.)

2. Há também SILEPSE DE NÚMERO quando o sujeito da oração é um dos pronomes *nós* e *vós*, aplicados a uma só pessoa, e permanecem no singular os adjetivos e particípios que a eles se referem.
Assim:

> **Propelido** por essas ideias e sentimentos, pelas conveniências de **nossas** funções no Ginásio do Estado nesta capital, e **animado** pelo acolhimento que teve o **nosso** curso de gramática expositiva, **pusemos** mão diligente neste trabalho, que ora **entregamos receoso** à mocidade estudiosa e aos homens de letras do **nosso** país.
> (E. C. Pereira, *GH*, IV.)

> **Sois injusto** comigo.
> (A. Herculano, *MC*, II, 35.)

SILEPSE DE GÊNERO

Sabemos que as expressões de tratamento *Vossa Majestade*, *Vossa Excelência*, *Vossa Senhoria*, etc. têm forma gramatical feminina, mas aplicam-se com frequência a pessoas do sexo masculino. Neste caso, quando funciona como predicativo, o adjetivo que a elas se refere vai sempre para o masculino:

> — Imediatamente, pode **Vossa Excelência** ficar **descansado!**...
> (B. Santareno, *TPM*, 119.)

— **V. Ex.ª** parece **magoado**...
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 119.)

SILEPSE DE PESSOA

1. Quando a pessoa que fala ou escreve se inclui num sujeito enunciado na 3.ª pessoa do plural, o verbo pode ir para a 1.ª pessoa do plural:

— Deixa lá, que ainda **havemos de ser** felizes **os dois,** com a nossa casinha e as nossas coisas.
(Almada Negreiros, *NG*, 89.)

Todos entramos imediatamente.
(O. Lara Resende, *BD*, 25.)

Estava designada a noite dum baile em casa de Rita Emília, quando **os convidados recebemos** aviso da súbita doença de Francisco José de Sousa.
(C. Castelo Branco, *OS*, I, 504.)

Sós **os quatro velhos** — o desembargador com os três — **fazíamos** planos futuros.
(Machado de Assis, *OC*, I, 1126.)

2. Se no sujeito expresso na 3.ª pessoa do plural queremos abranger a pessoa a quem nos dirigimos, é lícito usarmos a 2.ª pessoa do plural:

Os dois ora **estais** reunidos
numa aliança bem maior
que o simples elo da terra.
(C. Drummond de Andrade, *R*, 197.)

Mas suponho que **todos sois** da mesma opinião! **Todos acordais** em me condenar e abandonar.
(J. Régio, *ERS*, 83.)

3. No português popular, tanto da Europa como do Brasil e de África, a palavra *gente* costuma levar o verbo para a 1.ª pessoa do plural:

— **A gente** precisa de mostrar às raparigas que não **somos** nenhuns miseráveis.
(F. Namora, *TJ*, 94.)

— No fundo **a gente** se consolava, **pensávamos** em nós mesmos.
(Autran Dourado, *IP*, 27.)

— **A gente perdemos** sempre, mas nunca que **desistimos**...
(Luandino Vieira, *NANV*, 200.)

Capítulo 20

Discurso direto, discurso indireto e discurso indireto livre

ESTRUTURAS DE REPRODUÇÃO DE ENUNCIAÇÕES

Para dar-nos a conhecer os pensamentos e as palavras de personagens reais ou fictícios, dispõe o narrador de três moldes linguísticos diversos, conhecidos pelos nomes de:

a) DISCURSO (ou ESTILO) DIRETO;
b) DISCURSO (ou ESTILO) INDIRETO;
c) DISCURSO (ou ESTILO) INDIRETO LIVRE.

DISCURSO DIRETO

Examinando este passo das *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis:

> Virgília replicou:
> — **Promete que algum dia me fará baronesa?**
> (*OC*, I, 462.)

verificamos que o narrador, após introduzir a personagem, Virgília, deixou-a expressar-se por si mesma, limitando-se a reproduzir-lhe as palavras como ela as teria efetivamente selecionado, organizado e emitido.

Também neste trecho do romance *O manto*, de Agustina Bessa Luís:

> — **Posso levar uma rosa**? pergunta o poeta Adriano, avançando a mão para o meio da mesa.
> (*M*, 130.)

ou neste outro de *A chaga*, de Castro Soromenho:

> Lourenço continuou, sem olhar para o seu velho companheiro:
> — **A morte das cousas que criamos é que nos faz sofrer.**
> (*C*, 117.)

ocorre a reprodução textual das falas dos personagens.

A essa forma de expressão, em que o personagem é chamado a apresentar as suas próprias palavras, denominamos DISCURSO DIRETO.

Nos exemplos acima, distinguimos claramente os narradores — Machado de Assis, Agustina Bessa Luís e Castro Soromenho — dos locutores: Virgília, o poeta Adriano e Lourenço. Mas narrador e locutor podem confundir-se em casos como o das narrativas memorialistas feitas na primeira pessoa.

Assim, na fala de Riobaldo, o personagem-narrador do romance *Grande sertão — veredas*, de Guimarães Rosa:

> Explico ao senhor: o diabo vige dentro do homem, os crespos do homem — ou é o homem arruinado, ou o homem dos avessos.
> .....
> Bem, o diabo regula seu estado preto, nas criaturas, nas mulheres, nos homens. Até: nas crianças — eu digo. Pois não é ditado: "menino — trem do diabo"?
> (*GS-V*, 12.)

Características do discurso direto

1. No plano formal, um enunciado em discurso direto é marcado, geralmente, pela presença de verbos do tipo *dizer, afirmar, ponderar, sugerir, perguntar, indagar, responder* e sinônimos, que podem introduzi-lo, arrematá-lo, ou nele se inserir:

> Meneou a cabeça com ar triste e **acrescentou**:
> — O homem acostuma-se a tudo, sim, a tudo, até a esquecer-se que é um homem...
> (Castro Soromenho, *C*, 66.)

> É esta a gaveta? — **perguntou ele.**
> (O. Lins, *V*, 53.)

— Penso — **disse meu pai** — que te darás melhor em Letras.
(V. Ferreira, *A*, 26.)

Quando falta um desses verbos *dicendi*, cabe ao contexto e a recursos gráficos — tais como os dois pontos, as aspas, o travessão e a mudança de linha — a função de indicar a fala da personagem. É o que observamos nestes passos:

"Todos vamos ficando diferentes, e vinte e cinco anos é uma vida."
"Para muitos é mais do que isso."
"Claro que é."
(M. J. de Carvalho, *TM*, 49.)

O amigo abraçou-o. E logo recuou com certo espanto: — o seu chapéu, Zé Maria?
— Ah, não uso mais!...
— Felizardo!
(A. M. Machado, *HR*, 47.)

2. No PLANO EXPRESSIVO, a força da narração em DISCURSO DIRETO provém essencialmente de sua capacidade de atualizar o episódio, fazendo emergir da situação a personagem, tornando-a viva para o ouvinte, à maneira de uma cena teatral, em que o narrador desempenha a mera função de indicador das falas. Estas, na reprodução direta, ganham naturalidade e vivacidade, enriquecidas por elementos linguísticos tais como exclamações, interrogações, interjeições, vocativos e imperativos, que costumam impregnar de emotividade a expressão oral.
   Observe-se, também, que a variedade de verbos introdutores oferecida pela língua portuguesa aos seus usuários permite a quem se sirva do DISCURSO DIRETO caracterizar, com precisão e colorido, a atitude da personagem cuja fala vai ser textualmente reproduzida.
   Daí ser esta a forma de relatar preferentemente adotada nos atos diários de comunicação e nos estilos literários narrativos em que os autores pretendem representar diante dos que os leem "a comédia humana, com a maior naturalidade possível" (E. Zola).

DISCURSO INDIRETO

Tomemos como exemplo esta frase de Machado de Assis:

José Dias deixou-se estar calado, suspirou e acabou **confessando que não era médico.**
(*OC*, I, 733.)

Ao contrário do que observamos nos enunciados em discurso direto, o narrador (Machado de Assis) incorpora aqui, ao seu próprio falar, uma informação da personagem (José Dias), contentando-se em transmitir ao leitor apenas o seu conteúdo, sem nenhum respeito à forma linguística que teria sido realmente empregada.

Este processo de reproduzir enunciados chama-se DISCURSO INDIRETO.

Observação:

Também, neste caso, narrador e personagem podem confundir-se num só:

> Engrosso a voz e **afirmo que sou estudante.**
> (G. Ramos, *Ins.*, 182.)

Características do discurso indireto

1. No PLANO FORMAL, verifica-se que, introduzidas também por um verbo declarativo (*dizer, afirmar, ponderar, confessar, responder*, etc.), as falas das personagens aparecem, no entanto, numa oração subordinada substantiva, em geral desenvolvida:

> João Garcia garantiu **que sim, que voltava.**
> (V. Nemésio, *MTC*, 11.)

Nestas orações, como vimos, pode ocorrer a elipse da conjunção integrante:

> Como supunha **fôssemos ter ainda uma quinzena de atividade e pudéssemos esgotar o programa**, demorara-me alguns dias em Machado e em Eça.
> (C. dos Anjos, *DR*, 283.)

A integrante falta, naturalmente, quando, numa construção em DISCURSO INDIRETO, a subordinada substantiva assume a forma reduzida:

> Foi nesse sertão primitivo e rude que Arinos me contou **ter sentido talvez a maior, a mais pura das sensações de arte.**
> (A. Amoroso Lima, *AA*, 40.)

2. No PLANO EXPRESSIVO, assinale-se, em primeiro lugar, que o emprego do DISCURSO INDIRETO pressupõe um tipo de relato de caráter predominantemente informativo e intelectivo, sem a feição teatral e atualizadora do DISCURSO DIRETO. O diálogo é incorporado à narração mediante uma forte subordinação semântico-sintática estabelecida por meio de nexos e correspondências

verbais entre a frase reproduzida e a frase introdutora. Como, na passagem ao DISCURSO INDIRETO, todas as formas de DISCURSO DIRETO de primeira ou de segunda pessoa se apresentam em terceira pessoa, dá-se em geral um esvaecimento das realidades concretas de tempo e lugar a que as pessoas e coisas referidas estariam vinculadas.

Em síntese: no DISCURSO INDIRETO o narrador subordina a si a personagem, com retirar-lhe a forma própria e afetivamente matizada da expressão. Mas não se conclua daí que tal modalidade de discurso seja uma construção estilística pobre. O seu uso ressalta o pensamento, a essência significativa do enunciado reproduzido, deixando em segundo plano as circunstâncias e os detalhes acessórios que o envolvem.

É, na verdade, do emprego sabiamente dosado de um e outro tipo de discurso que os bons escritores extraem da narrativa os mais variados efeitos artísticos, em consonância com intenções expressivas que só a análise em profundidade de uma dada obra pode revelar.

Transposição do discurso direto para o indireto

1. Do confronto destas duas frases,

— A senhora **vai sair** — disse ela olhando-o muito. (Eça de Queirós, *O*, I, 878.)	Ela disse olhando-o muito que a senhora **ia sair**.

verifica-se que, ao passar-se de um tipo de relato para outro, certos elementos do enunciado se modificam, por acomodação ao novo molde sintático.

2. As principais transposições que ocorrem são:

DISCURSO DIRETO	DISCURSO INDIRETO
a) enunciado em 1.ª ou em 2.ª pessoa:	a) enunciado em 3.ª pessoa:
— **Preciso** de dinheiro, disse o capitão. (A. Bessa Luís, *M*, 151.)	Disse o capitão que **precisava** de dinheiro.
— **Não achas** melhor tirar esse poncho? — perguntou-lhe Rodrigo (É. Veríssimo, *A*, II, 323.)	Perguntou-lhe Rodrigo se [**ele**] **não achava** melhor tirar aquele poncho.
b) verbo enunciado no presente:	b) verbo enunciado no imperfeito:
— **Sou** a Julieta — disse, hesitante. (A. Abelaira, *B*, 81.)	Disse, hesitante, que **era** a Julieta.

DISCURSO DIRETO	DISCURSO INDIRETO
c) verbo enunciado no pretérito perfeito: — Nem banho **tomei,** ela esclarecia. (N. Piñon, *CP*, 82.)	c) verbo enunciado no pretérito mais-que-perfeito: Ela esclarecia que nem banho **tinha tomado.**
d) verbo enunciado no futuro do presente: — Que **será** feito do senhor padre Brito? perguntou D. Joaquina Gansoso. (Eça de Queirós, *O*, I, 43.)	d) verbo enunciado no futuro do pretérito (condicional): Perguntou D. Joaquina Gansoso que **seria feito** do senhor padre Brito.
e) verbo no modo imperativo: — **Não faça** escândalo — disse a outra. (O. Lins, *V*, 100.)	e) verbo no modo subjuntivo: Disse a outra que **não fizesse** escândalo.
f) enunciado justaposto: — **Foi um tempo** velhaco — disse, concordante e enfastiado. (F. Namora, *NM*, 213.)	f) enunciado subordinado, geralmente introduzido pela integrante *que*: Disse, concordante e enfastiado, **que** tinha sido um tempo velhaco.
g) enunciado em forma interrogativa direta: — "**Lá é bom?**" — perguntei. (Guimarães Rosa, *GS-V*, 103.)	g) enunciado em forma interrogativa indireta: Perguntei **se lá era bom.**
h) pronome demonstrativo de 1.ª pessoa (*este, esta, isto*) ou de 2.ª (*esse, essa, isso*): — Não abro a porta a **estas** horas a ninguém — disse Gracia. (A. Bessa Luís, *M*, 266.) — **Isso** é um número muito comprido, respondeu Cesária. (G. Ramos, *AOH*, 108.)	h) pronome demonstrativo de 3.ª pessoa (*aquele, aquela, aquilo*): Disse Gracia que não abria a porta **àquelas** horas a ninguém. Cesária respondeu que **aquilo** era um número muito comprido.
i) advérbio de lugar *aqui*: — **Aqui** amanhece muito cedo — disse Sales. (Castro Soromenho, *C*, 199.)	i) advérbio de lugar *ali*: Disse Sales que **ali** amanhecia muito cedo.

DISCURSO INDIRETO LIVRE

Na moderna literatura narrativa, tem sido amplamente utilizado um terceiro processo de reprodução de enunciados, resultante da conciliação dos dois anteriormente descritos. É o chamado DISCURSO INDIRETO LIVRE[1], forma de expressão que, em vez de apresentar a personagem em sua voz própria (DISCURSO DIRETO), ou de informar objetivamente o leitor sobre o que ele teria dito (DISCURSO INDIRETO), aproxima narrador e personagem, dando-nos a impressão de que passam a falar em uníssono.

Comparem-se estes exemplos:

> O tronco fora bom. Mas dera aqueles azedos e infelizes frutos, sem capacidade sequer para uma boa alegria. Como pudera ela dar à luz aqueles seres risonhos, fracos, sem austeridade? O rancor roncava no seu peito vazio. **Uns comunistas, era o que eram; uns comunistas.** Olhou-os com sua cólera de velha. Pareciam ratos se acotovelando, a sua família.
>
> (C. Lispector, *LF*, 56.)

> Um empregado de farda amarrotada pegou na mala e também na chave da qual ele se esquecera de tomar posse, começou a subir a escada depois de explicar que o elevador estava avariado havia quase uma semana e na terra ninguém sabia consertá-lo, era preciso virem de Lisboa. **Ora primeiro que se resolvessem... Uma maçada.**
>
> (M. J. de Carvalho, *TM*, 12.)

> Não era a primeira vez que sucedia aquilo — o fiasco daquele engano. Amanhã, seriam os comentários na rodinha do sura antipático, sem rabo ainda, sem voz ainda, pescoço pelado, e já metido a galo. Na do sura e na do garnisé branco — **esse, então, um afeminado de marca, com aquela vozinha esganiçada e o passinho miúdo.**
>
> João Fanhoso fechou os olhos, mal-humorado. A sola dos pés doía, doía. **Calo miserável!**
>
> (M. Palmério, *VC*, 99.)

---

[1] Este molde linguístico tem recebido variadas denominações. Charles Bally, o primeiro que o analisou, deu-lhe o nome de ESTILO INDIRETO LIVRE. T. Kalepky chamou-o DISCURSO VELADO; Leo Spitzer serviu-se das designações DISCURSO MÍMICO, DISCURSO IRÔNICO e DISCURSO CÊNICO; E. Lorck usou a expressão DISCURSO REVIVIDO, que teve fortuna, especialmente na Itália, onde Nicola Vita sugeriu a denominação DISCURSO NARRATIVO; O. Jespersen caracterizou-o como DISCURSO REPRESENTADO e E. Lerch preferiu chamá-lo DISCURSO DIRETO IMPROPRIAMENTE DITO, mas nenhuma dessas designações conseguiu vulgarizar-se como a de Bally.

Características do discurso indireto livre

1. No PLANO FORMAL, verifica-se que o emprego do DISCURSO INDIRETO LIVRE "pressupõe duas condições: a absoluta liberdade sintática do escritor (fator gramatical) e a sua completa adesão à vida do personagem (fator estético)"[2]. Os exemplos dados deixam-nos perceber com nitidez os traços mais salientes deste terceiro tipo de construção.
   Assim, examinando os enunciados em negrito, comprovamos:
   a) que eles aparecem liberados de qualquer liame subordinativo, embora mantenham as transposições características do DISCURSO INDIRETO;
   b) ao contrário do que acontece no DISCURSO INDIRETO, o INDIRETO LIVRE conserva as interrogações, as exclamações, as palavras e as frases do personagem na forma por que teriam sido realmente proferidas.

2. No PLANO EXPRESSIVO, devem ser realçados alguns valores desta construção híbrida:

1.º) Evitando, por um lado, o acúmulo de *quês*, ocorrente no DISCURSO INDIRETO, e, por outro, os cortes das aposições dialogadas, peculiares ao DISCURSO DIRETO, o DISCURSO INDIRETO LIVRE permite uma narrativa mais fluente, de ritmo e tom mais artisticamente elaborados.

2.º) O elo psíquico que se estabelece entre narrador e personagem neste molde frásico torna-o preferido dos escritores memorialistas em suas páginas de monólogo interior.

3.º) Para a apreensão da fala do personagem nos trechos em DISCURSO INDIRETO LIVRE, cobra importância o papel do contexto, pois que a passagem do que seja relato por parte do narrador a enunciado real do locutor é muitas vezes extremamente sutil, como nos mostra o passo de Mário Palmério atrás mencionado.

4.º) Finalmente, cumpre ressaltar que o DISCURSO INDIRETO LIVRE nem sempre aparece isolado em meio da narração. Sua "riqueza expressiva aumenta quando ele se relaciona, dentro do mesmo parágrafo, com os discursos direto e indireto puro", pois o emprego conjunto faz que para o enunciado confluam, "numa soma total, as características de três estilos diferentes entre si".[3]

---

[2] Nicola Vita in *Cultura Neolatina, 15*:18, Modena, 1955. Vem a propósito o lema naturalista, preconizado por Flaubert: "O artista deve ser na sua obra como Deus na Criação, invisível e todo-poderoso, que seja sentido em tudo, mas que não seja visto em nada." O ideal de perder-se o autor na sua criatura, este culto da impersonalidade dos naturalistas, haveria de encontrar no DISCURSO INDIRETO LIVRE a sua forma de expressão ideal. Zola é o próprio DISCURSO INDIRETO LIVRE "em carne e osso", no dizer de Charles Bally.

[3] G. Verdín Díaz. *Introducción al estilo indirecto libre en español*. Madrid, C. S. I. C., 1970, p. 149.

Capítulo 21

Pontuação

SINAIS PAUSAIS E SINAIS MELÓDICOS

A língua escrita não dispõe dos inumeráveis recursos rítmicos e melódicos da língua falada. Para suprir esta carência, ou melhor, para reconstituir aproximadamente o movimento vivo da elocução oral, serve-se da PONTUAÇÃO.

Os sinais de pontuação podem ser classificados em dois grupos:

O primeiro grupo compreende os sinais que, fundamentalmente, se destinam a marcar as PAUSAS:

a) a VÍRGULA (,)
b) o PONTO (.)
c) o PONTO E VÍRGULA (;)

O segundo grupo abarca os sinais cuja função essencial é marcar a MELODIA, a ENTOAÇÃO:

a) os DOIS PONTOS (:)
b) o PONTO DE INTERROGAÇÃO (?)
c) o PONTO DE EXCLAMAÇÃO (!)
d) as RETICÊNCIAS (...)
e) as ASPAS (" ")
f) os PARÊNTESES (( ))
g) os COLCHETES ([ ])
h) o TRAVESSÃO (—)

Observações:

1.ª) Esta distinção, didaticamente cômoda, não é, porém, rigorosa. Em geral, os sinais de pontuação indicam, ao mesmo tempo, a pausa e a melodia.

2.ª) Outros sinais podem ter valor expressivo: o HIFEN, o PARÁGRAFO, o emprego de letras maiúsculas e o uso de diversos tipos e cores dos caracteres de imprensa (ITÁLICO, VERSAL, VERSALETE, NEGRITO, etc.).

SINAIS QUE MARCAM SOBRETUDO A PAUSA

A vírgula

A VÍRGULA marca uma pausa de pequena duração. Emprega-se não só para separar elementos de uma oração, mas também orações de um só período.

1. No *interior da oração* serve:

1.º) Para separar elementos que exercem a mesma função sintática (sujeito composto, complementos, adjuntos), quando não vêm unidos pelas conjunções *e*, *ou* e *nem*. Exemplos:

> A sua fronte, a sua boca, o seu riso, as suas lágrimas, enchem-lhe a voz de formas e de cores...
> (Teixeira de Pascoaes, *OC*, VII, 83.)

> Os homens em geral são escravos; vivem presos às suas profissões, aos seus interesses, aos seus preconceitos.
> (G. Amado, *TL*, 12.)

> Achava os homens declamadores, grosseiros, cansativos, pesados, frívolos, chulos, triviais.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 660-661.)

Observação:

Quando as conjunções *e*, *ou* e *nem* vêm repetidas numa enumeração, costuma-se separar por VÍRGULA os elementos coordenados, como nestes exemplos:

> Abrem-se lírios, e jasmins, e rosas.
> (A. de Oliveira, *P*, II, 344.)

> Vai o fero Itajuba perseguir-vos
> Por água ou terra, ou campos, ou florestas;
> Tremei!...
> (Gonçalves Dias, *PCPE*, 523.)

> Nem eu, nem tu, nem ela, nem qualquer outra pessoa desta história poderia responder mais.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 805.)

2.º) Para separar elementos que exercem funções sintáticas diversas, geralmente com a finalidade de realçá-los. Em particular, a vírgula é usada:

a) para isolar o aposto, ou qualquer elemento de valor meramente explicativo:

Alice, a menina, estava feliz.
(F. Namora, *TJ*, 30.)

A meu pai, com efeito, ninguém fazia falta.
(O. Lara Resende, *RG*, 93.)

Conheço, sim, o cansaço do nosso corpo.
(F. J. Tenreiro, *OP*, 100.)

b) para isolar o vocativo:

— Que ideias tétricas, minha senhora!
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 366.)

— D. Glória, a senhora persiste na ideia de meter o nosso Bentinho no seminário?
(Machado de Assis, *OC*, I, 731.)

— Como é que tu te chamas, ó rapaz?
(L. B. Honwana, *NMCT*, 87.)

c) para isolar os elementos repetidos:

— Nada, nada — dizia Vilaça todo amável — cá o nosso solzinho português sempre é melhor.
(Eça de Queirós, *O*, II, 89.)

Contigo, contigo, Antônio Machado,
Fora bom passear.
(C. Meireles, *OP*, 344.)

— Só minha, minha, minha, eu quero!...
(Luandino Vieira, *VE*, 86.)

d) para isolar o adjunto adverbial antecipado:

Lá fora, a chuvada despenhou-se por fim.
(C. de Oliveira, *AC*, 17.)

À noite, às vezes, fazia barulho.
(A. F. Schmidt, *AP*, 62.)

Fora, a ave agitou-se medonhamente.
(Ó. Ribas, *EMT*, 86.)

Observação:

Quando os adjuntos adverbiais são de pequeno corpo (um advérbio, por exemplo), costuma-se dispensar a VÍRGULA. A VÍRGULA é, porém, de regra quando se pretende realçá-los. Comparem-se estes passos:

Depois levaram Ricardo para a casa da mãe Avelina.
(J. Lins do Rego, *U*, 320.)

Depois, o engraçado são as passagens de nível, os aparelhos de sinalização, os vagões-cisternas...
(A. Abelaira, *D*, 30.)

Depois, tudo caiu em silêncio.
(Castro Soromenho, *TM*, 261.)

3.º) Emprega-se ainda a vírgula no interior da oração:

a) para separar, na datação de um escrito, o nome do lugar:

Paris, 22 de abril de 1983.

b) para indicar a supressão de uma palavra (geralmente o verbo) ou de um grupo de palavras:

No céu azul, dois fiapos de nuvens.
(A. F. Schmidt, *AP*, 176.)

A tarde, de ouro pálido, e o mar, tranquilo como o céu.
(G. Amado, *TL*, 33.)

Chuva, névoa, desconforto,
A imagem da minha vida!
(A. Botto, *AO*, 236.)

2. *Entre orações*, emprega-se a vírgula:

1.º) Para separar as orações coordenadas assindéticas:

Acendeu um cigarro, cruzou as pernas, estalou as unhas, demorou o olhar em Mana Maria.
(A. de Alcântara Machado, *NP*, 136.)

Pois eu caçava, visgava, alçapava.
(Luandino Vieira, *JV*, 74.)

Veio a hora do almoço, o céu cobriu-se de negro, a chuva desabou, contínua e pesada.
(A. Abelaira, *D*, 178.)

2.º) Para separar as orações coordenadas sindéticas, salvo as introduzidas pela conjunção *e*:

— Não me disseste, mas eu vi.
(A. Abelaira, *QPN*, 19.)

Ou elas tocavam, ou jogávamos os três, ou então lia-se alguma cousa.
(Machado de Assis, *OC*, II, 497.)

Não comas, que o tempo é chegado.
(J. Saramago, *MC*, 356.)

Observações:

1.ª) Separam-se geralmente por vírgula as orações coordenadas unidas pela conjunção *e*, quando têm sujeito diferente:

O sol já ia fraco, e a tarde era amena.
(Graça Aranha, *OC*, 148.)

A mulher morreu, e cada um dos filhos procurou o seu destino
(F. Namora, *TJ*, 23.)

Costuma-se também separar por vírgula as orações introduzidas por essa conjunção quando ela vem reiterada:

Comigo, o mundo canta, e cisma, e chora, e reza,
E sonha o que eu sonhar.
(Teixeira de Pascoaes, *OC*, III, 27.)

E eles riem, e eles cantam, e eles dançam.
(Ó. Ribas, *EMT*, 75.)

2.ª) Das CONJUNÇÕES ADVERSATIVAS, *mas* emprega-se sempre no começo da oração; *porém*, *todavia*, *contudo*, *entretanto* e *no entanto*, podem vir ora no início da oração, ora após um de seus termos. No primeiro caso, põe-se uma VÍRGULA antes da conjunção; no segundo, vem ela isolada por vírgulas. Compare-se este período de Machado de Assis:

— Vá aonde quiser, **mas** fique morando conosco.
(*OC*, I, 733.)

aos seguintes:

— Vá aonde quiser, **porém** fique morando conosco.
— Vá aonde quiser, fique, **porém**, morando conosco.

Em virtude da acentuada pausa que existe entre as orações acima, podem ser elas separadas, na escrita, por PONTO E VÍRGULA. Ao último período é mesmo a pontuação que melhor lhe convém:

— Vá aonde quiser; fique, **porém**, morando conosco.

3.ª) Quando CONJUNÇÃO CONCLUSIVA, *pois* vem sempre posposto a um termo da oração a que pertence e, portanto, isolado por VÍRGULAS:

Não pacteia com a ordem; é, **pois**, uma rebelde.
(J. Ribeiro, *PE*, 95.)

As demais conjunções conclusivas (*logo*, *portanto*, *por conseguinte*, etc.) podem encabeçar a oração, ou pospor-se a um dos seus termos. À semelhança das adversativas, escrevem-se, conforme o caso, com uma vírgula anteposta, ou entre vírgulas. Veja-se a Observação 2.ª ao PONTO E VÍRGULA.

3.º) Para isolar as orações intercaladas:

— Se o alienista tem razão, disse eu comigo, não haverá muito que lastimar o Quincas Borba.
(Machado de Assis, *OC*, I, 546.)

— Amanhã mesmo vou encerrá-lo, assegurei, um tanto espantado com a facilidade com que assumia aquele compromisso.
(C. dos Anjos, *DR*, 356.)

"Lá vem ele com as raízes", resmungou Paulino, baixando a cabeça.
(Castro Soromenho, *C*, 137.)

4.º) Para isolar as orações subordinadas adjetivas explicativas:

O Loas, que tinha relações sobrenaturais, diagnosticara um espírito.
(F. Namora, *TJ*, 24.)

Eu, que tinha ido ensinar, agora me via diante de trinta examinadoras.
(Genolino Amado, *RP*, 24.)

D. Apolônia, que se habituara ao desdém das senhoras do Quinaxixe, não amolecia no entanto como patroa.
(A. Santos, *P*, 66.)

Observação:

Como sabemos, as ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS classificam-se em RESTRITIVAS e EXPLICATIVAS.

As RESTRITIVAS, necessárias ao sentido da frase, ligam-se a um substantivo (ou pronome) antecedente sem pausa, razão por que dele não se separam, na escrita, por vírgula. Já as EXPLICATIVAS, denotadoras de uma qualidade acessória do antecedente — e, portanto, dispensáveis ao sentido essencial da frase —, separam-se dele por uma pausa, indicada na escrita por VIRGULA.

Comparem-se, por exemplo, estes dois passos:

Não se lembraria do beijo que me jogara de longe, dos cravos que me atirara...
(Ribeiro Couto, *C*, 85.)

Os dois espanhóis e meu tio, que o ouviam, olharam para mim.
(J. de Sena, *SF*, 175.)

No primeiro, há duas orações adjetivas restritivas: *que me jogara de longe* e *que me atirara*; no segundo, uma oração adjetiva explicativa: *que o ouviam*. Daí a diversidade de pontuação.

5.º) Para separar as orações subordinadas adverbiais, principalmente quando antepostas à principal:

Quando se levantou, os seus olhos tinham uma fria determinação.
(F. Namora, *NM*, 243.)

Se eu o tivesse amado, talvez o odiasse agora.
(C. dos Anjos, *M*, 146.)

De tudo se lembrara nesse momento, porque de tudo queria esquecer depois...
(A. de Assis Júnior, *SM*, 140.)

6.º) Para separar as orações reduzidas de infinitivo, de gerúndio e de particípio, quando equivalentes a orações adverbiais:

A não ser isto, é uma paz regalada.
(Castro Soromenho, *C*, 225.)

Sendo tantos os mortos, enterram-nos onde calha.
(J. Saramago, *MC*, 221.)

Fatigado, ia dormir.
(Lima Barreto, *TFPQ*, 279.)

Conclusão

Finalizando as nossas observações, devemos acentuar o seguinte:

a) toda oração ou todo termo de oração de valor meramente explicativo pronunciam-se entre pausas; por isso são isolados por vírgulas, na escrita;
b) os termos essenciais e integrantes da oração ligam-se uns com os outros sem pausa; não podem, assim, ser separados por vírgula. Esta a razão por que não é admissível o uso da vírgula entre uma oração subordinada substantiva e a sua principal;
c) há uns poucos casos em que o emprego da vírgula não corresponde a uma pausa real na fala; é o que se observa, por exemplo, em respostas rápidas do tipo: *Sim, senhor. Não, senhor.*

O ponto

1. O PONTO assinala a pausa máxima da voz depois de um grupo fônico de final descendente.
   Emprega-se, pois, fundamentalmente, para indicar o término de uma ORAÇÃO DECLARATIVA, seja ela absoluta, seja a derradeira de um período composto:

   Entardecer no Angico. Estou parada, sozinha, na frente da casa da estância, olhando para o poente. O sol parece uma grande laranja temporã, cujo sumo escorre pelas faces da tarde. O ar cheira a guaco queimado. Um silêncio de paina crepuscular envolve todas as coisas.

A terra parece anestesiada. Raras estrelas começam a apontar no firmamento, mais adivinhadas do que propriamente visíveis. Sinto um langor de corpo e espírito. Decerto é a tardinha que me contagia com sua doce febre.

(É. Veríssimo, *A*, III, 932.)

2. Quando os períodos (simples ou compostos) se encadeiam pelos pensamentos que expressam, sucedem-se uns aos outros na mesma linha. Diz-se, neste caso, que estão separados por um PONTO SIMPLES.

Observação:

O PONTO tem sido utilizado pelos escritores modernos onde os antigos poriam PONTO E VÍRGULA ou mesmo VÍRGULA. Trata-se de um eficiente recurso estilístico, quando usado adequada e sobriamente. Com a segmentação de períodos compostos em orações absolutas, ou com a transformação de termos destas em novas orações, obriga-se o leitor a ampliar as pausas entre os grupos fônicos de determinado texto, com o que lhe modifica a entoação e, consequentemente, o próprio sentido. As orações assim criadas adquirem um realce particular; ganham em afetividade e, não raro, passam a insinuar ideias e sentimentos, inexprimíveis numa pontuação normal e lógica. Leiam-se, por exemplo, estes passos:

Era, na verdade, um mestre, o mestre. Mestre Goeldi.

(M. Bandeira, *AA*, 60.)

A tua presença provocou em mim o sentimento inédito que buscava. Fiquei transposto. Outro. Como desejava.

(Almada Negreiros, *OC*, III, 61.)

A música toca uma valsa lenta. O desânimo aumenta. Os minutos passam. A orquestra se cala. O vento está mais forte.
Clarissa começa a ficar decepcionada. Decerto o poeta está doente. Ou com frio. Ou se esqueceu de aparecer.

(É. Veríssimo, *ML*, 155-156.)

3. Quando se passa de um grupo a outro grupo de ideias, costuma-se marcar a transposição com um maior repouso da voz, o que, na escrita, se representa pelo PONTO-PARÁGRAFO. Deixa-se, então, em branco o resto da linha em que termina um dado grupo ideológico, e inicia-se o seguinte na linha abaixo, com o recuo de algumas letras.
Assim:

Lá embaixo era um mar que crescia.

Começara a chuviscar um pouco. E o carro subia mais para o alto, com destino à casa de Amâncio, que era a melhor da redondeza. O povo olhava feito besta para o carro com o dr. Juca deitado.

O usineiro gemia com as dores que não duravam a chegar.

Maria Augusta passava as mãos pela sua cabeça quase toda branca.

(J. Lins do Rego, *U*, 337.)

4. Ao ponto que encerra um enunciado escrito dá-se o nome de PONTO-FINAL.

Observações:

1.ª) Além de servir para marcar uma pausa longa, o ponto tem outra utilidade. É o sinal que se emprega depois de qualquer palavra escrita abreviadamente. Assim: *V. S.ª (Vossa Senhoria), dr. (doutor), C. F. C. (Conselho Federal de Cultura), I. N. I. C. (Instituto Nacional de Investigação Científica).*

Note-se que, se a palavra assim reduzida estiver no fim do período, este encerra-se com o ponto abreviativo, pois não se coloca outro ponto depois dele.

2.ª) Quanto ao uso de ponto depois do vocativo que encabeça cartas, requerimentos, ofícios, etc., vejam-se as nossas Observações aos DOIS PONTOS.

O ponto e vírgula

1. Como o nome indica, este sinal serve de intermediário entre o PONTO e a VÍRGULA, podendo aproximar-se ora mais daquele, ora mais desta, segundo os valores pausais e melódicos que representa no texto. No primeiro caso, equivale a uma espécie de PONTO reduzido; no segundo, assemelha-se a uma VÍRGULA alongada.

2. Esta imprecisão do PONTO E VÍRGULA faz que o seu emprego dependa substancialmente do contexto. Entretanto, podemos estabelecer que, em princípio, ele é usado:

1.º) Para separar num período as orações da mesma natureza que tenham uma certa extensão:

Numa tarde de Outono murmuraste;
Toda a mágoa do Outono ele me trouxe...

(F. Espanca, *S*, 49.)

Não sabe mostrar-se magoada; é toda perdão e carinho.

(Machado de Assis, *OC*, I, 1051.)

2.º) Para separar partes de um período, das quais uma pelo menos esteja subdividida por VÍRGULA:

> Chamo-me Inácio; ele, Benedito.
> (Machado de Assis, *OC*, II, 680.)

> Era cedo ainda; mas, depois que saí da farmácia, fiquei ansioso por ver a Mercedes, e com receio de encontrar alguém que me complicasse a vida.
> (J. de Sena, *SF*, 201.)

3.º) Para separar os diversos itens de enunciados enumerativos (em leis, decretos, portarias, regulamentos, etc.). Sirva de exemplo o Título I (*Dos Fins da Educação*) da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional:

> Art. 1.º A educação nacional, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por fim:
> a) a compreensão dos direitos e deveres da pessoa humana, do cidadão, do Estado, da família e dos demais grupos que compõem a comunidade;
> b) o respeito à dignidade e às liberdades fundamentais do homem;
> c) o fortalecimento da unidade nacional e da solidariedade internacional;
> d) o desenvolvimento integral da personalidade humana e a sua participação na obra do bem comum;
> e) o preparo do indivíduo e da sociedade para o domínio dos recursos científicos e tecnológicos que lhes permitam utilizar as possibilidades e vencer as dificuldades do meio;
> f) a preservação e expansão do patrimônio cultural;
> g) a condenação a qualquer tratamento desigual por motivo de convicção filosófica, política ou religiosa, bem como a quaisquer preconceitos de classe ou de raça.

Observações:

1.ª) O ponto e vírgula divide longos períodos em partes menores à semelhança da CESURA, ou deflexão interna de um verso longo. Às vezes, os elementos separados são simétricos, e disso resulta um ritmado encadeamento do período, muito ao gosto do estilo oratório. Leia-se este passo de Rui Barbosa em louvor de Machado de Assis:

> Não é o clássico da língua; não é o mestre da frase; não é o árbitro das letras; não é o filósofo do romance; não é o mágico do conto; não é o joalheiro do verso, o exemplar sem rival entre os contemporâneos, da elegância e da graça, do aticismo e da singeleza no conceber e no dizer; é o que soube viver intensamente a arte, sem deixar de ser bom.
>
> (R. Barbosa, *EDS*, 676.)

2.ª) Em lugar da vírgula, costuma-se empregar o ponto e vírgula antes das conjunções adversativas (*mas, porém, todavia, contudo, no entanto*, etc.) e das conclusivas (*logo, portanto, por isso*, etc.) colocadas no início de uma oração coordenada. Com o alongamento da pausa, acentua-se o sentido adversativo (ou conclusivo) das referidas conjunções.

Comparem-se estes períodos:

> Pode a virtude ser perseguida, mas nunca desprezada.
> Pode a virtude ser perseguida; mas nunca desprezada.

> Ele anda muito ocupado, por isso não tem respondido às suas cartas.
> Ele anda muito ocupado; por isso não tem respondido às suas cartas.

Em certos casos, o tom enfático aconselha mesmo o uso do ponto em tal posição. É o que ocorre, por exemplo, neste passo de Rui Barbosa:

> Qual é a doença reinante? Bubões. Logo, *Tarantula cubensis*. Porque a mordedura desse aracnídeo gera sintoma de peste. Logo, a previne. Logo, há de curá-la.
>
> (*EDS*)

Valor melódico dos sinais pausais

Dizemos que a VÍRGULA, o PONTO e o PONTO E VÍRGULA marcam *sobretudo* — e não *exclusivamente* — a pausa. No correr de nosso estudo, ressaltamos até algumas de suas características melódicas.

É o momento de sintetizá-las:

a) o PONTO corresponde sempre à final descendente de um grupo fônico;
b) a VÍRGULA assinala que a voz fica em suspenso, à espera de que o período se complete;
c) o PONTO E VÍRGULA denota em geral uma débil inflexão suspensiva, suficiente, no entanto, para indicar que o período não está concluído.

SINAIS QUE MARCAM SOBRETUDO A MELODIA

Os dois-pontos

Os DOIS PONTOS servem para marcar, na escrita, uma sensível suspensão da voz na melodia de uma frase não concluída. Empregam-se, pois, para anunciar:

1.º) uma citação (geralmente depois de verbo ou expressão que signifique *dizer, responder, perguntar* e sinônimos):

> Como ele nada dissesse, o pai perguntou:
> — Queres ou não queres ir?
> (É. Veríssimo, *A*, III, 675.)

> Nené pareceu por fim compreender, porque desviou o olhar e atalhou secamente:
> — Está bem. Vou-te arranjar o aumento.
> (A. Santos, *P*, 156.)

> Clemente voltou para dizer:
> — Não enxerguei ninguém, camarada. Era bicho.
> (F. Namora, *NM*, 112.)

2.º) uma enumeração explicativa:

> Não fosse ele, outros seriam: pajens, gente de guerra, vadios de estalagens, andejos das estradas.
> (Coelho Netto, *OS*, I, 1420.)

> Tínhamos dezenas de amigos: S. João, S. José, Santo Antônio, o beato João de Brito... mas nenhum deles era estabelecido e nenhum deles tinha conta no banco.
> (Sttau Monteiro, *APJ*, 13.)

> À sua volta, tudo lhe parece chorar: as árvores, o capim, os insetos.
> (Ó. Ribas, *EMT*, 104.)

3.º) um esclarecimento, uma síntese ou uma consequência do que foi enunciado:

> — A razão é clara: achava a sua conversação menos insossa que a dos outros homens.
> (Machado de Assis, *OC*, II, 495.)

E a felicidade traduz-se por isto: criarem-se hábitos.
(A Abelaira, *NC*, 154.)

Não era desgosto: era cansaço e vergonha.
(Cochat Osório, *CV*, 178.)

Eu em sua igreja não mando: só assisto e apoio.
(S. de Mello Breyner Andresen, *CE*, 11.)

Observação:

Depois do vocativo que encabeça cartas, requerimentos, ofícios, etc., costuma-se colocar DOIS-PONTOS, VÍRGULA OU PONTO, havendo escritores que, no caso, dispensam qualquer pontuação. Assim:

Prezado senhor:	Prezado senhor.
Prezado senhor,	Prezado senhor

Sendo o vocativo inicial emitido com entoação suspensiva, deve ser acompanhado, preferentemente, de DOIS PONTOS ou de VÍRGULA, sinais denotadores daquele tipo de inflexão.

O ponto de interrogação

1. É o sinal que se usa no fim de qualquer interrogação direta, ainda que a pergunta não exija resposta:

— Então a coisa sai mesmo?
— Se sai? Já saiu! Não viu os jornais?
(É. Veríssimo, *A*, I, 253.)

— Vão para África, então? O Paulo decidiu-se?
(Luandino Vieira, *NM*, 52.)

Estará surdo? Estará a tentar irritar-me?
(Sttau Monteiro, *APJ*, 101.)

2. Nos casos em que a pergunta envolve dúvida, costuma-se fazer seguir de reticências o ponto de interrogação:

— Então?... que foi isso?... a comadre?...
(Artur Azevedo, *CFM*, 86.)

— Quem está aí?...
(Branquinho da Fonseca, *B*, 86.)

— Enfim, que direi?...
(A. de Assis Júnior, *SM*, 269.)

3. Nas perguntas que denotam surpresa, ou naquelas que não têm endereço nem resposta, empregam-se por vezes combinados o ponto de interrogação e o ponto de exclamação:

— Não digas isso! O branco... teu homem... vender-te?!
(Ó. Ribas, *EMT*, 14.)

— Ah, é a senhora?! Pois entre, a casa é sua...
(A. M. Machado, *HR*, 86.)

— Quem é que não conhece Coimbra?!!!
(Branquinho da Fonseca, *B*, 18.)

Observações:

1.ª) O ponto de interrogação nunca se usa no fim de uma interrogação indireta. Como salientamos no capítulo 7, a interrogação indireta termina com entoação descendente, exigindo, por isso, um ponto. Comparem-se:

— Quem chegou? [= interrogação direta]
— Diga-me quem chegou. [= interrogação indireta]

2.ª) Há escritores que, para acentuar, nos diálogos, a atitude de expectativa de um dos interlocutores, usam reduzir a sua réplica ao ponto de interrogação, seguido às vezes do ponto de exclamação.

Esses recursos de pontuação não têm apenas valor linguístico; visam a indicar também a expressão do corpo e do espírito que acompanha e valoriza a pausa linguística.

O ponto de exclamação

1. É o sinal que se pospõe a qualquer enunciado de entoação exclamativa. Mas, como a melodia das exclamações apresenta muitas variedades, o seu valor só pode ser depreendido do contexto. Cabe, pois, ao leitor a tarefa, extremamente delicada, de interpretar a intenção do escritor; de recriar, com apoio em um simples sinal, as diversas possibilidades de inflexão exclamativa e, em cada caso, escolher dentre elas a mais adequada — se se trata de uma

expressão de espanto, de surpresa, de alegria, de entusiasmo, de cólera, de dor, de súplica, ou de outra natureza.

2. Normalmente, emprega-se o ponto de exclamação:

a) depois de interjeições ou de termos equivalentes, como os vocativos intensivos, as apóstrofes:

> — Credo em cruz! gemeu Raimundo, assombrado.
> (G. Ramos, *AOH*, 147.)

> Que formosura tão de corte, de palácio, de aristocracia! Que pureza e correção de linhas! Que fidalguia de olhar e falar!
> (C. Castelo Branco, *OS*, I, 87.)

> — Adeus, senhor, adeus!
> (Ó. Ribas, *EMT*, 16.)

b) depois de um imperativo:

> — Não vás! Volta, meu filho! Não vás!
> (É. Veríssimo, *A*, II, 604.)

> Ide, ide de mim!
> (F. Pessoa, *OP*, 166.)

> — Agarrem!
> — Gentes, agarrem! agarrem!
> (Castro Soromenho, *V*, 113.)

3. Tão variado como o seu valor melódico é o valor pausal do ponto de exclamação. Para acentuar a inflexão da voz e a duração das pausas pedidas por certas formas exclamativas — ou para sugerir a mímica emocional que as acompanha —, alguns escritores usam de artifícios semelhantes aos que apontamos no emprego do ponto de interrogação. Costumam, assim:

a) juntar o ponto de exclamação ao de interrogação, para obter os efeitos que indicamos. Quando a entoação é predominantemente interrogativa, o ponto de interrogação antecede o de exclamação; quando é mais sensível o tom exclamativo, o de exclamação precede o de interrogação:

> Ah! minha Nossa Senhora, para que Felícia veio falar dessas histórias agora de noite!?
> (Coelho Netto, *OS*, I, 926.)

— Consentir?! Ele é isso?
(F. Namora, *NM*, 222.)

A referida combinação costuma ser seguida ou antecedida de reticências, o que lhe acrescenta uma nota de incerteza:

— Estás a ver se disfarças?!...
(Alves Redol, *F*, 223.)

— Coitada!... quem diria... quem imaginaria que acabaria assim!?...
(A. de Assis Júnior, *SM*, 52.)

b) repetir o ponto de exclamação, para marcar um reforço especial na duração, na intensidade ou na altura da voz:

— Varo-os como a cães!... Canalhas!!!... Hei de lhes acabar com a manha de andarem atrás de mim!... Não sou menino de mama! Carneirada!!!...
(Branquinho da Fonseca, *B*, 86.)

Ah! Pérfido! Se os teus não lhes respondem mais, para sempre!!!!!!! meus beijos emurchecerão! Triste! Triste da abandonada!...
(M. de Andrade, *OI*, 162.)

4. Às vezes, encadeiam-se em forma dialogada essas tentativas de notação mímica. Veja-se este exemplo de Antônio Nobre:

Enfim, feliz! — ? — ! Desesperado. — Vem!
(*S*, 128.)

As reticências

As RETICÊNCIAS marcam uma interrupção da frase e, consequentemente, a suspensão da sua melodia.

1. Empregam-se em casos muito variados. Assim:
a) para indicar que o narrador ou a personagem interrompe uma ideia que começou a exprimir, e passa a considerações acessórias:

Peça-lhe a sua felicidade, que eu não faço outra cousa... Uma vez que você não pode ser padre, e prefere as leis... As leis são belas, sem desfazer na teologia, que é melhor que tudo, como a vida eclesiástica é a mais santa... Por que não há de ir estudar leis fora daqui?
(Machado de Assis, *OC*, I, 757.)

"Quanto ao seu pai... Às vezes penso... Asseguro-lhe que é verdade. Penso que ela se esqueceu de tudo. Que teve uma crise de amnésia e *perdeu* determinados acontecimentos."
(M. J. de Carvalho, *TM*, 121.)

b) para marcar suspensões provocadas por hesitação, surpresa, dúvida ou timidez de quem fala:

— Homem, vê lá... Pensa bem no que vais fazer... — avisou o prior. — A Raquel é boa rapariga... Mas a geração... Olha, eu não digo nada. Resolve tu...
(M. Torga, *NCM*, 142.)

— Você... tão sozinha... Não lhe ocorre, muitas vezes, que se um homem... Não tem vontade de casar-se...
(O. Lins, *V*, 19.)

— Eu... eu... queria... um agasalho — respondeu soluçando a miserável.
(Graça Aranha, *OC*, 164.)

c) para assinalar certas inflexões de natureza emocional (de alegria, de tristeza, de cólera, de sarcasmo, etc.):

— Há tempos que eu não chorava!... Pois me vieram lágrimas..., devagarinho, como gateando, subiram... tremiam sobre as pestanas, luziam um tempinho... e ainda quentes, no arranco do galope, lá caíam elas na polvadeira da estrada, como um pingo d'água perdido, que nem mosca nem formiga daria com ele!...
(Simões Lopes Neto, *CGLS*, 128.)

Mágoa de o ter perdido, amor ainda.
Ódio por ele? Não... não vale a pena...
(F. Espanca, *S*, 74.)

d) para indicar que a ideia que se pretende exprimir não se completa com o término gramatical da frase, e que deve ser suprida com a imaginação do leitor:

Duas horas te esperei.
Duas mais te esperaria.
Se gostas de mim não sei...
Algum dia há de ser dia...
(F. Pessoa, *QGP*, n.º 98.)

Garoa do meu São Paulo,
— Costureira de malditos —
Vem um rico, vem um branco,
São sempre brancos e ricos...
(M. de Andrade, *PC*, 385.)

2. Empregam-se também as RETICÊNCIAS para reproduzir, nos diálogos, não uma suspensão do tom da voz, mas o corte da frase de um personagem pela interferência da fala de outro:

— A senhora ia dizer que...
— Nada... nada... — atalhou a mulher.
(A. M. Machado, *HR*, 15.)

— Sempre tens vontade de pegar uma fanga?
— Se não tivesse...
— Ias-te embora...
(Alves Redol, *F*, 276.)

— Isso também conta. As raízes...
— Que raízes? — cortou José Paulino, bruscamente.
(Castro Soromenho, *C*, 121.)

Se a fala do personagem continua normalmente depois dessa interferência, costuma-se preceder o seguimento de reticências:

— O que me parece, aventurou o coronel, é que eles vieram ao cheiro dos cobres...
— Decerto.
... e que a tal D. Helena (Deus lhe perdoe!) não estava tão inocente como dizia.
(Machado de Assis, *OC*, II, 866.)

— Eu vi as ondas engolirem-no...
— Chega, meu marido, chega!...
— ... ele ainda voltou à tona duas vezes!
— Já acabou! Não se pensa mais, João.
— ... Eu não queria dizer, para não passar por doido...
(A. M. Machado, *HR*, 247.)

3. Usam-se ainda as RETICÊNCIAS antes de uma palavra ou de uma expressão que se quer realçar:

E as Pedras... essas... pisa-as toda a gente!...
(F. Espanca, *S*, 30.)

E teve um fim que nunca se soube... Pobrezinho...
Andaria nos doze anos. Filho único.
(Simões Lopes Neto, *CGLS*, 225.)

Observações:

1.ª) Como os outros sinais melódicos, as RETICÊNCIAS têm certo valor pausal, que é mais acentuado quando elas se combinam com outro sinal de pontuação.

Duas combinações são possíveis:

a) com um sinal pausal (VÍRGULA, OU PONTO E VÍRGULA). Neste caso as RETICÊNCIAS têm apenas valor melódico; a pausa é indicada pela VÍRGULA, ou pelo PONTO E VÍRGULA que as segue:

Passai, ó vagas..., mas passai de manso!
(Castro Alves, *OC*, 331.)

— É uma dos diabos, é...; mas não se acoquine, homem!
(Simões Lopes Neto, *CGLS*, 126.)

b) com um sinal melódico (PONTO DE INTERROGAÇÃO, OU PONTO DE EXCLAMAÇÃO, ou os dois conjugados). Neste caso, as RETICÊNCIAS prolongam a duração das inflexões interrogativa e exclamativa e lhes acrescentam certos matizes particulares, que indicamos ao estudarmos aqueles sinais.

2.ª) Não se devem confundir RETICÊNCIAS, que têm valor estilístico apreciável, com os três pontos que se empregam, como simples sinal tipográfico, para indicar que foram suprimidas palavras no início, no meio ou no fim de uma citação.

Modernamente, para evitar qualquer dúvida, tende a generalizar-se o uso de quatro pontos para marcar tais supressões, ficando os três pontos como sinal exclusivo das RETICÊNCIAS.

As aspas

1. Empregam-se principalmente:

a) no início e no fim de uma citação para distingui-la do resto do contexto:

Definiu César toda a figura da ambição quando disse aquelas palavras: "Antes o primeiro na aldeia do que o segundo em Roma."
(F. Pessoa, *LD*, 100.)

O poeta espera a hora da morte e só aspira a que ela "não seja vil, manchada de medo, submissão ou cálculo".
(M. Bandeira, *PP*, II, 1293.)

Ele me contou, com naturalidade, que, algum tempo antes, estivera bem próximo da morte, "acompanhado pela Virgem Maria".
(A. A. Melo Franco, AR, 187.)

b) para fazer sobressair termos ou expressões, geralmente não peculiares à linguagem normal de quem escreve (estrangeirismos, arcaísmos, neologismos, vulgarismos, etc.):

Era melhor que fosse "clown".
(É. Veríssimo, *C*, 227.)

É verdade que desde esses tempos remotos o "senhor" se adoçou em "sinhô", em "nhonhô", em "ioiô".
(G. Freyre, *OE*, 378.)

c) para acentuar o valor significativo de uma palavra ou expressão:

A palavra "nordeste" é hoje uma palavra desfigurada pela expressão "obras do Nordeste" que quer dizer: "obras contra as secas". E quase não sugere senão as secas.
(G. Freyre, *OE*, 611.)

Não é esse meu "abstrato". Ao não sensorial chamo eu "formal".
(A. Sérgio, *E*, VII, 45.)

O "leão espanhol" é a Espanha aspirando a dominar, ou a Império; sem essa significação, a Espanha, ou Castela, são apenas a "grifa".
(F. Pessoa, *SP*, 153.)

d) para realçar ironicamente uma palavra ou uma expressão:

— Está o mundo perdido, até a Judite já tem "arranjinho"!
(Almada Negreiros, *OC*, II, 135.)

Muda-se a face deste mundo inteiro,
Tudo transformam guerras e procelas:
E há sempre um "ela" na conversa deles,
E há sempre um "ele" na conversa delas.
(D. Andrade, *VEE*, 128.)

2. Usam-se também as ASPAS para indicar:

a) a significação de uma palavra ou de uma frase, em geral de língua estrangeira:

> Comentando largamente a definição de Banville, começa Gide pelos vocábulos "magia" e "sortilégio" (*sorcellerie)*
> (M. Bandeira, *PP*, II, 1275.)

> No Alentejo *fazenda* significa "rebanho de gado macho".
> (Leite de Vasconcelos, *LFP*, 274.)

b) nos diálogos, a mudança de interlocutor (emprego que em alguns escritores contemporâneos substitui o valor normal do TRAVESSÃO):

> "Como vê. Estava à sua espera."
> "Precisa *muito* de falar comigo?"
> "Precisar talvez seja exagero. *Muito*, nem pensar nisso. Apeteceu-me vê-lo, é mais verdadeiro."
> "É muito verdadeira?" perguntou ele.
> "Às vezes. É conforme."
> (M. J. de Carvalho, *TM*, 118.)

> "Vamos mudar de assunto", eu disse.
> "Você quer falar de amor?"
> "É. Quero falar de amor."
> (R. Fonseca, *C*, 79.)

c) o título de uma obra:

> Belinha acaba de ler "Elzira, a Morta Virgem".
> (É. Veríssimo, *C*, 197.)

> Já Velázquez, no século XVII, pintava quadros como as "Hilanderas" e as "Meninas", nos quais ignorantemente se profetizava, com três séculos de antecedência, o atual aparelho fotográfico.
> (Almada Negreiros, *OC*, V, 91.)

> Recebi do Vinícius o livrinho com o "Pátria Minha".
> (M. Bandeira, *PP*, II, 1450.)

Observações:

1.ª) Na escrita, em vez de isolarmos por aspas tais dizeres, costumamos sublinhá-los. Nas obras impressas os elementos sublinhados vêm em tipo diverso, preferentemente em itálico (ou grifo).

2.ª) No emprego das aspas, cumpre atender a estes preceitos, aprovados nos acordos ortográficos luso-brasileiros: "Quando a pausa coincide com o final da expressão ou sentença que se acha entre aspas, coloca-se o competente sinal de pontuação depois delas, se encerram apenas uma parte da proposição; quando, porém, as aspas abrangem todo o período, sentença, frase ou expressão, a respectiva notação fica abrangida por elas."

Os parênteses

1. Empregam-se os PARÊNTESES para intercalar num texto qualquer indicação acessória. Seja, por exemplo:

a) uma explicação dada ou uma circunstância mencionada incidentemente:

> Conseguia controlar a bola que me passavam (quando passavam) jogando em geral (quando deixavam) na ponta direita, por ser pequenino mas veloz.
> (F. Sabino, *ME*, 145.)

> É lá (no café) que se encontra a estalajadeira.
> (J. Cardoso Pires, *D*, 51.)

b) uma reflexão, um comentário à margem do que se afirma:

> Mais uma vez (tinha consciência disso) decidia o seu destino.
> (A. Alcântara Machado, *NP*, 151.)

> A minha guerra, como a dos que tinham partido (se é que tinham), começava agora.
> (J. de Sena, *SF*, 295.)

c) uma nota emocional, expressa geralmente em forma exclamativa ou interrogativa:

> Mais nada. Boas-Noites. Fecha a porta:
> (Que linda noite! Os cravos vão abrir...
> Faz tanto frio!) Apaga a luz! (Que importa?
> A roupa chega para me cobrir...)
> (A. Nobre, *S*, 172.)

> Havia a escola, que era azul e tinha
> Um mestre mau, de assustador pigarro...
> (Meu Deus! Que é isto? Que emoção a minha
> Quando estas coisas tão singelas narro?)
> (B. Lopes, *H*, 65.)

Observação:

A posição dos parênteses com referência aos sinais pausais obedece à seguinte norma: "Quando uma pausa coincide com o início da construção parentética, o respectivo sinal de pontuação deve ficar depois dos parênteses; mas, estando a proposição ou a frase inteira encerrada pelos parênteses, dentro deles se põe a competente notação" (*Formulário Ortográfico* oficial brasileiro).

Os colchetes

Os COLCHETES são uma variedade de PARÊNTESES, mas de uso restrito. Empregam-se:

a) quando, numa transcrição de texto alheio, o autor intercala observações próprias, como nesta nota de Sousa da Silveira a um passo de Casimiro de Abreu:

> Entenda-se, pois: "Obrigado! obrigado [pelo teu canto em que] tu respondes [à minha pergunta sobre o porvir (versos 11-12) e me acenas para o futuro (versos 14 e 85), embora o que eu percebo no horizonte me pareça apenas uma nuvem (verso 15)]".
>
> (C. de Abreu, *O*, 374.)

b) quando se quer isolar uma construção internamente já separada por PARÊNTESES, à semelhança do que ocorre com os segundos COLCHETES do exemplo anterior;

c) quando se deseja incluir, numa referência bibliográfica, indicação que não conste da obra citada, como neste exemplo:

> Dom Casmurro. Por Machado de Assis, da Academia Brasileira. H. Garnier, Livreiro-Editor — 71, Rua Moreira César, 71, Rio de Janeiro — 6, rue des Saints-Pères, 6 — Paris [1899].

Observação:

O uso dos COLCHETES é frequente nos trabalhos de linguística e de filologia.

Como dissemos no capítulo 3, coloca-se entre COLCHETES uma palavra transcrita foneticamente. Por exemplo:

> Mundo ['mũ˜du] fugir [fu'ʒir]

Também entre COLCHETES se colocam, nas edições críticas, os elementos que devem ser introduzidos no texto, encerrando-se entre PARÊNTESES os que dele devem ser eliminados.

No perfil da lua,
Um nimbo mortal.
(Mas quem lê na névoa
o amargo sinal?)
(C. Meireles, *OP*, 796.)

Observação:

Entre as explicações e as circunstâncias acessórias que costumam ser escritas entre PARÊNTESES, incluem-se:

a) referências a datas, a indicações bibliográficas, etc.:

"Boa noite, Maria! Eu vou-me embora."
(Castro Alves, *Espumas fluctuantes. Poesias.* Bahia, 1870, p. 71.)

b) a citação textual de uma palavra ou frase traduzida:

Parece que o duunvirato jurisdicional (*duunviri* ou *quatuorviri juridicundo*), já muito cerceada a sua jurisdição nos últimos tempos do império, deixou de existir.
(S. da Silva Neto, *HLP*, 319.)

c) as indicações cênicas (numa peça de teatro):

1.ª JOVEM — Como te chamas?
PASTORINHO — (*Sorridente.*) Prometeu.
1.º JOVEM — E aquela voz que se ouve?
PASTORINHO — É meu pai. (*Ri.*)
2.ª JOVEM — E como se chama teu pai?
PASTORINHO — (*Dando uma gargalhada.*) Prometeu.
(Almada Negreiros, *OC*, III, 239.)

2. Usam-se também os parênteses para isolar orações intercaladas com verbos declarativos:

Quem és (lhe perguntei com grande abalo)
Fantasma a quem odeio e a quem amo?
(A. de Quental, *SC*, 79.)

Uma vez (contavam) a polícia tinha conseguido deitar a mão nele.
(Autran Dourado, *RB*, 196.)

o que se faz mais frequentemente por meio de vírgulas ou de travessões.

O travessão

Emprega-se principalmente em dois casos:
1.º) Para indicar, nos diálogos, a mudança de interlocutor:

— Ele não quer responder.
— Mas por quê?
— Diz que não está autorizado...
(É. Veríssimo, *A*, II, 434.)

— Quem é o seu tabelião, Dâmaso?
— O Nunes, na Rua do Ouro... Por quê?
— Oh! nada.
(Eça de Queirós, *O*, II, 388.)

2.º) Para isolar, num contexto, palavras ou frases. Neste caso, em que desempenha função análoga à dos parênteses, usa-se geralmente o TRAVESSÃO DUPLO:

— Acho — e retomou o discurso — que já assustamos demais o nosso jovem amigo.
(J. de Sena, *G-C*, 179.)

Abel, sem responder, sem voltar-se para mim, cinge mais forte — e não sem brandura — os meus dedos.
(O. Lins, *A*, 64-65.)

Mas não é raro o emprego de um só TRAVESSÃO para destacar, enfaticamente a parte final de um enunciado:

Porque é do português, pai de amplos mares,
Querer, poder só isto:
O inteiro mar ou a orla vã desfeita —
O todo, ou o seu nada.
(F. Pessoa, *OP*, 12.)

Um povo é tanto mais elevado quanto mais se interessa pelas coisas inúteis — a filosofia e a arte.
(G. Amado, *TL*, 16.)

Observações:

1.ª) Às vezes, para dar maior realce a uma conclusão, que representa a síntese do que se vinha dizendo, usa-se o TRAVESSÃO SIMPLES em lugar dos DOIS PONTOS:

Deixai-me chorar mais e beber mais,
Perseguir doidamente os meus ideais,
E ter fé e sonhar — encher a alma.
(C. Pessanha, *C*, 40.)

No exemplo de Fernando Pessoa, atrás citado, o TRAVESSÃO SIMPLES tem o mesmo valor. Mas aí o seu emprego é especialmente aconselhável por mostrar que o elemento final conclusivo faz parte de uma construção mais ampla, já antecedida de DOIS-PONTOS.

2.ª) Emprega-se o travessão, e não o hífen, para ligar palavras ou grupos de palavras que se encadeiam em sintagmas do tipo: *A viagem Rio–Lisboa; o percurso Paris–Londres.*

Capítulo 22

Noções de versificação

ESTRUTURA DO VERSO

RITMO E VERSO

1. Examinemos estes versos do poeta Cruz e Sousa:

> **Vai**, Pere**gri**no do ca**min**ho **san**to,
> **Faz** da tu'**al**ma **lâm**pada do **ce**go,
> Ilumi**nan**do, **pe**go sobre **pe**go,
> As invi**sí**veis ampli**dões** do **Pran**to.

Verificamos que as sílabas tônicas, marcadas com negrito, se repetem depois de uma, duas ou três sílabas átonas. Esta sucessão de sílabas fortes e fracas, com intervalos regulares, ou não muito espaçados (para que a reiteração possa ser esperada e sentida pelo nosso ouvido), é uma fonte do prazer a que chamamos RITMO.[1]

2. A contiguidade de sílabas tônicas prejudica o RITMO e, consequentemente, desagrada ao ouvido. Por isso, a sílaba anterior à última tônica é necessariamente átona. Tão forte é esta exigência rítmica que, mesmo sendo tônica no

---

[1] Esta definição que apresentamos tem finalidade meramente didática. Uma análise crítica das diversas conceituações de RITMO pode ver-se na recente e importante obra de Henri Meschonnic: *Critique du rythme: anthropologie historique du langage*. Paris, Verdier, 1982, com rica bibliografia.

vocábulo isolado, ela se atonifica pela posição. Por exemplo, nestes dissílabos de Casimiro de Abreu,

Tu ontem
Na dança,
Que cansa,
Voavas...

o pronome *tu*, monossílabo tônico, sofre uma deflexão de pronúncia, no primeiro verso, por ser obrigatoriamente acentuado, como sílaba final do verso, o *-õ* de *ontem*, que lhe está contíguo.

3. O RITMO é o elemento essencial do VERSO, pois este se caracteriza, em última análise, por ser *o período rítmico que se agrupa em séries numa composição poética*. Quando tais períodos rítmicos apresentam o mesmo número de sílabas em todo o poema, a versificação diz-se REGULAR. Se não há igualdade silábica entre eles, a versificação é IRREGULAR OU LIVRE.

OS LIMITES DO VERSO

1. A forma do verso é determinada pela combinação das sílabas, acentos e pausas, contando-se as sílabas até a última acentuada. Assim, têm igualmente dez sílabas métricas os seguintes versos de Augusto dos Anjos:

A es	ca	la	dos	la	ti	dos	an	ces	**trais**	
No	tem	po	de	meu	Pai,	sob	es	tes	**ga**	lhos
Sob	a	for	ma	de	mí	ni	mas	ca	**mân**	dulas
1	**2**	**3**	**4**	**5**	**6**	**7**	**8**	**9**	**10**	

porque não se leva em conta a átona final da palavra *galhos*, nem tampouco as duas finais da palavra *camândulas*.[2]

[2] Este sistema de escandir o verso até o último acento tônico, segundo o modelo francês, foi introduzido em Portugal no século XVIII por Miguel do Couto Guerreiro (*Tratado de versificação portugueza*. Lisboa, Francisco Luiz Ameno, 1784, p. 6-7), mas só se vulgarizou em nossa métrica pelo enorme prestígio de Antônio Feliciano de Castilho, que o acolheu no seu *Tratado de metrificação portugueza*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1851. Anteriormente, contavam-se os versos portugueses, à semelhança dos espanhóis e italianos, com base no verso grave, ou seja, considerando sempre no cômputo a existência de uma sílaba átona depois da última tônica.

2. O número de unidades silábicas que se contêm num verso, desde o seu início até a última sílaba tônica, é indicado por compostos gregos em que entra a forma do numeral seguida do elemento *-sílabo*: MONOSSÍLABO, DISSÍLABO, TRISSÍLABO, TETRASSÍLABO, PENTASSÍLABO, HEXASSÍLABO, HEPTASSÍLABO, OCTOSSÍLABO, ENEASSÍLABO, DECASSÍLABO, HENDECASSÍLABO e DODECASSÍLABO.
Vejamos agora como se contam estas unidades silábicas.

AS LIGAÇÕES RÍTMICAS

A melodia do verso exige que as palavras venham ligadas umas às outras mais estreitamente do que na prosa.

Sinalefa, elisão e crase

Comparemos estes versos de Olavo Bilac, todos com dez sílabas métricas:

Che	guei.	Che	gas	te.	Vi	nhas	fa	ti	ga	(da)
E	tris	te, e	tris	te e	fa	ti	ga	do eu	vi	(nha.)
Ti	nhas	a al	ma	de	so	nhos	po	vo	a	(da,)
E a al	ma	de	so	nhos	po	vo	a	da eu	ti	(nha...)
1	**2**	**3**	**4**	**5**	**6**	**7**	**8**	**9**	**10**	

Verificamos que no primeiro haverá sempre, de qualquer forma que o leiamos, dez sílabas até a última tônica. Nele a fronteira das sílabas é coincidente, seja numa leitura pausada ou acelerada, seja na prosa ou no verso, seja, enfim, numa emissão isolada das palavras, se abandonarmos a última sílaba átona.

Já não sucede o mesmo com os três outros versos, que só atingem aquela medida pela leitura numa só sílaba da vogal final de uma palavra com a vogal inicial da palavra seguinte.

Assim:

a) no segundo verso, temos de juntar numa só emissão de voz o *e* final de *triste* e a vogal da conjunção aditiva (duas vezes), bem como o *o* de *fatigado* e o ditongo do pronome *eu*;
b) no terceiro verso, ligamos o artigo *a* à vogal inicial de *alma*;
c) no quarto, finalmente, fundimos numa só sílaba as vogais da conjunção *e*, do artigo *a*, e a inicial do substantivo *alma*; e, também, a vogal final do adjetivo *povoada* e o ditongo constituído pelo pronome *eu*.

Na leitura destes versos, sentimos que há três soluções para obtermos a contração numa sílaba de duas ou mais vogais em contacto:

1.ª) A primeira vogal pode perder a sua autonomia silábica e tornar-se uma semivogal, que passa a formar ditongo com a vogal seguinte. É o que se observa, por exemplo, na pronúncia:

fa / ti / ga / d**wew** / [= fatigad**o eu**]

Dizemos que neste caso há SINALEFA.

2.ª) A primeira vogal pode desaparecer na pronúncia diante de uma vogal de natureza diversa. Por exemplo, na pronúncia:

fa / ti / ga / d**ew** / [=fatigad**a eu**]

A este fenômeno chamamos ELISÃO.

3.ª) A primeira vogal pode ser igual à seguinte e com ela fundir-se numa só. É o que se dá, por exemplo, com a emissão:

Ti / nhas / **al** / ma / [= Tinhas **a** alma]

Neste caso, verifica-se o que denominamos CRASE.

Ectlipse

Examinamos até aqui encontros vocálicos intervocabulares em que a primeira vogal é ORAL. Mas pode ocorrer que ela seja NASAL, e, neste caso, a regra é manter-se a autonomia silábica, isto é, o HIATO das vogais em contacto.

Há, porém, certos encontros de vogal nasal com vogal (oral ou nasal) que na própria língua corrente costumam ser resolvidos em DITONGO, ou mesmo em CRASE. É o que se observa, por exemplo, em ligações como *co'a*, *c'a*, *c'o* (= *com a*, *com o*), que a própria ortografia oficial admite que se escreva sem apóstrofo, com os elementos totalmente aglutinados (*coa*, *ca*, *co*). A esta fusão vocálica, facilitada pela perda da ressonância nasal da primeira vogal, dá-se o nome de ECTLIPSE.

De acordo com as necessidades métricas, os nossos poetas têm-se servido das duas soluções que a língua lhes oferece no particular: a conservação das duas vogais em sílabas distintas, ou a fusão delas numa só sílaba. Leiam-se, a propósito, estes versos de Casimiro de Abreu, todos de sete sílabas métricas:

Tudo muda **com os** anos:
A dor — em doce saudade,
Na velhice — a mocidade,
A crença — nos desenganos!

No primeiro, temos o encontro *com os* pronunciado em duas sílabas. Já nos seguintes versos do mesmo poeta, também de sete sílabas, por duas vezes dá-se a ECTLIPSE no encontro *com as* (*co'as*):

— Jesus! Como eras bonita,
Co'as tranças presas na fita,
Co'as flores no samburá!

Observações:

1.ª) Como nos mostram os exemplos citados, para que um encontro vocálico intervocabular possa ser pronunciado em uma só sílaba, é necessário que a sua primeira vogal seja átona, ou capaz de atonificar-se pela próclise. Sendo tônica, a solução normal é o hiato com a vogal seguinte, seja esta tônica ou átona.

2.ª) Os termos SINALEFA e ELISÃO costumam ser empregados como sinônimos. É, porém, de toda a conveniência aplicá-los distintamente, como fazem os modernos estudiosos de versificação românica.

O hiato intervocabular

Desde os tempos antigos, os poetas têm procurado evitar o HIATO de vogais pertencentes a palavras distintas, encontro que os compêndios de métrica, invariavelmente, consideram um defeito grave no verso, por torná-lo frouxo. Cabe, no entanto, ponderar que nesta, como em outras questões, não se devem estabelecer normas de rigor absoluto, pois nem sempre o poeta quererá ceder à forma o pensamento e, em certos casos, o HIATO INTERVOCABULAR pode ser não um defeito, mas um recurso de alta expressividade para realçar determinada palavra, ou para nos obrigar a emitir o verso num tom pausado. Em alguns poetas torna-se até condenável o excessivo escrúpulo em evitá-lo. É o que se observa, por exemplo, na obra de Hermes Fontes, de méritos inegáveis, mas por vezes artificial. Citemos, a propósito, este seu dodecassílabo:

Luz é saúde, e treva é incerteza, **é ân**sia, é doença —

em que, contra a realidade idiomática, temos de emitir numa só sílaba as vogais marcadas com negrito (*-a é ân-*).

Ora, quando num encontro concorrem duas vogais tônicas, elas não podem fundir-se numa sílaba nem no verso, nem na prosa. Mesmo se houver um enfraquecimento relativo da primeira vogal, como notamos no dissílabo de Casimiro de Abreu:

Tu / on / (tem),

tal enfraquecimento não evitará, normalmente, a separação silábica das vogais.

Excluindo-se, porém, este caso em que o HIATO é inevitável, e outros excepcionais, em que ele vale como recurso de estilo, pode-se afirmar que, desde o século XVI, os poetas da língua manifestaram uma decidida e definitiva opção por solucionarem com SINALEFA ou ELISÃO os encontros vocálicos intervocabulares, a fim de conseguir para os seus versos uma estrutura mais contínua, mais fluente, mais plástica.[3]

A MEDIDA DAS PALAVRAS

Relativamente à contagem das sílabas no interior das palavras, temos de considerar, em primeiro plano, os fatores de ordem gramatical.

Como nos ensina a gramática, também no verso os DITONGOS e os TRITONGOS se contam em uma sílaba e as vogais em HIATO, em sílabas diferentes. Assim, nestes hendecassílabos de Castro Alves:

A	tar	de	mor	ri	a!	dos	ra	mos,	das	las	(cas,)
Das	pe	dras,	do	lí	quen,	das	he	ras,	dos	car	(dos,)
As	tre	vas	ras	tei	ras	com o	ven	tre	por	ter	(ra)
Sa	í	am	quais	ne	gros,	cru	éis	le	o	par	(dos.)
1	**2**	**3**	**4**	**5**	**6**	**7**	**8**	**9**	**10**	**11**	

a palavra *rasteiras* conta-se em três sílabas, e *quais*, em uma. Esse número de sílabas elas o terão igualmente na prosa, ou, mesmo, se tomadas isoladamente. O DITONGO [ej], que se contém na primeira, e o TRITONGO [waj], que apresenta a segunda, são, pois, as pronúncias normais desses encontros vocálicos em todas as formas da língua.

Por outro lado, as palavras *morria* e *saíam*, em que há os HIATOS /i-a/ e /a-í-a/, serão sempre emitidas em três sílabas, não importando o tipo de enunciado no qual apareçam.

Sinérese

Nas palavras que acabamos de examinar há perfeita coincidência da sílaba gramatical com a sílaba métrica. Mas esta concordância pode não existir, porque, em certas condições, o verso permite a criação de novos DITONGOS, ou melhor, admite que se ditonguem vogais que, na pronúncia normal, formam HIATO.

---

[3] Sobre o HIATO, a SINALEFA e a ELISÃO na métrica medieval e renascentista, consulte-se Celso Ferreira da Cunha. *Estudos de versificação portuguesa (séculos XIII a XVI)*. Paris. Centro Cultural Português, 1982, p. 1-168 e 273-319.

Por exemplo, palavras como *povoado* e *magoado* são tetrassílabos na língua corrente, já que apresentam o encontro *-oá-*, pronunciado de regra com as vogais em HIATO. Também no verso costumam ser assim emitidas, como nos mostram estes decassílabos de Olavo Bilac:

Ti	nhas	a al	ma	de	so	nhos	po	vo	a	(da,)
E a al	ma	de	so	nhos	po	vo	a	da eu	ti	(nha...)
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	

e este heptassílabo de Augusto Gil:

Tão	ma	go	a	do,	tão	lin	(do)
1	2	3	4	5	6	7	

Não é raro, porém, o emprego destas palavras no verso como trissílabos, com a transformação do HIATO /o-a/ (= /u-a/) no DITONGO [wa].

Compare-se ao que citamos anteriormente este heptassílabo de Augusto Gil:

Mas	o	seu	o	lhar	ma	goa	(do)
1	2	3	4	5	6	7	

Ambos aparecem até na mesma estrofe:

Gordo, nédio, bem trajado,
Deveria ser feliz,
Deveria estar sorrindo;
Mas o seu olhar **magoado**,
Tão **magoado**, tão lindo,
Que não o é, bem no diz...

Esta passagem de um hiato a ditongo, por exigência métrica, chama-se SINÉRESE.

Diérese

Menos frequente do que a SINÉRESE é o fenômeno inverso, ou seja, a transformação de um DITONGO normal em HIATO. A esse alongamento silábico dá-se o nome de DIÉRESE.

Exemplifiquemos:

Na língua viva de nossos dias a palavra *saudade* é um trissílabo (*sau-da-de*), e como tal se emprega comumente quer na versificação erudita, quer na versificação popular. Mas, vez por outra, ainda aparece usada no verso com a antiga pronúncia tetrassilábica (*sa-u-da-de*). Citem-se, a propósito, estes heptassílabos de duas conhecidas quadrinhas:

Eu não quero, nem brincando,
Dizer adeus a ninguém:
Quem parte leva **saudades**,
Quem fica **saudades** tem.

A ausência tem uma filha,
Que se chama **saüdade**:
Eu sustento mãe e filha,
Bem contra minha vontade.

Na primeira, por duas vezes, temos a palavra em sua enunciação normal, trissílaba. Na segunda, empregada com DIÉRESE, devemos emiti-la em quatro sílabas: *sa-u-da-de.*

Crase, aférese, síncope e apócope

Além dos que estudamos, outros processos têm sido utilizados por nossos poetas para reduzir ou ampliar o número de sílabas de uma palavra, segundo as necessidades métricas. Entre os processos de redução vocabular, devem ser conhecidos:

1.º) A CRASE, ou seja, a fusão de duas vogais idênticas numa só, o que ocorre, por exemplo, com os dois *-aa-* contíguos de *Saara* neste decassílabo de Castro Alves:

Quan	do eu	pas	so	no	Saa	ra a	mor	ta	lha	(da)
1	**2**	**3**	**4**	**5**	**6**	**7**	**8**	**9**	**10**	

2.º) A AFÉRESE, ou seja, a supressão de sons no início da palavra. É o caso do emprego da forma *'Stamos* por *Estamos* neste decassílabo de Castro Alves:

'Sta	mos	em	ple	no	mar...	Do	fir	ma	men	(to)
1	**2**	**3**	**4**	**5**	**6**	**7**	**8**	**9**	**10**	

3.º) A SINCOPE, ou seja, a supressão de sons no meio da palavra, o que sucede na pronúncia *Esp'ranças* por *Esperanças* neste decassílabo de Casimiro de Abreu:

Es	p'ran	ças	al	tas...	Ei-	las	já	tão	ra	(sas)
1	**2**	**3**	**4**	**5**	**6**	**7**	**8**	**9**	**10**	

4.º) A APÓCOPE, ou seja, a supressão de sons no fim da palavra. Sirva de exemplo o emprego de *mármor* pela forma *mármore* neste decassílabo de Castro Alves:

Ar	tis	ta –	cor	ta o	már	mor	de	Car	ra	(ra)
1	**2**	**3**	**4**	**5**	**6**	**7**	**8**	**9**	**10**	

Observação:

Estes processos de redução silábica, muito do agrado dos poetas românticos, caíram em desuso com o parnasianismo.

A CESURA E A PAUSA FINAL[4]

1. O período rítmico formado pelo verso termina sempre numa PAUSA, que o delimita. Esta PAUSA pode consistir numa interrupção mais ou menos longa da cadeia falada, conforme assinale o final de verso, de estrofe, ou do próprio poema, caso em que é absoluta. Pode ser ela brevíssima, ou, mesmo, não passar de um simples abaixamento da voz nos pontos de separação dos versos, mas não pode faltar. Omiti-la é retirar o sinal determinador da extensão e unidade dos períodos rítmicos em que se estrutura o poema.

2. A CESURA é um descanso da voz no interior do verso. Ocorre principalmente nos versos longos, que ficam por ela divididos em GRUPOS FÓNICOS, como dissemos no capítulo 7.

---

[4] Sobre a diferença entre a PAUSA – "elemento essencial, determinador da extensão e unidade do verso", que impede "a sinalefa e permite que versos e hemistíquios terminem com final grave, aguda ou esdrúxula" – e a CESURA, "breve descanso" que "repugna o hiato", "aceita a sinalefa" e "não admite adição nem supressão alguma que afete o número de sílabas", veja-se Tomás Navarro Tomás. *Métrica española*. New York, Syracuse University, 1956, p. 14.

3. Comparem-se estes exemplos de Olavo Bilac:

Cheguei. // Chegaste. // Vinhas fatigada...

E um dia assim! // de um sol assim! // E assim a esfera...

Despencando os rosais, // sacudindo o arvoredo...

Quando o verso apresenta apenas uma CESURA, os dois GRUPOS FÔNICOS por ela formados recebem o nome de HEMISTÍQUIOS (= metades do verso), embora nem sempre contenham o mesmo número de sílabas.

Vejam-se estes exemplos de Alphonsus de Guimaraens:

E os arcanjos dirão // no azul ao vê-la,
Pensando em mim: // — "Por que não vieram juntos?"

Acentue-se, ainda, que, ao contrário da PAUSA FINAL do verso, a CESURA que recaia entre duas vogais não impede que elas se ditonguem ou, até, se fundam pela crase.

Compare-se este decassílabo de Camilo Pessanha:

E um lenço bordado... // Esse hei de o levar...

que temos de ler com SINALEFA do *o* de *bordado* e o *E-* de *Esse*; e o segundo destes outros, do mesmo poeta, em que, apesar de recair a CESURA entre *oiro* e *o*, a emissão se faz com a crase dos dois *oo*:

Muda outra vez: // gorjeios estribilhos
Dum clarim de oiro // — o cheiro de junquilhos,
Vívido e agro! // — tocando a alvorada...

Cavalgamento (*enjambement*)

1. Dissemos que o verso finaliza sempre com uma pausa ou com uma deflexão da voz que, ainda que breve, deve ser suficientemente percebida como o sinal característico do término de um período rítmico.
   Geralmente a pausa final do verso coincide com uma pausa existente, ou possível, na estrutura sintática. É o que observamos nestes decassílabos do soneto *Nel mezzo del cammin...*, de Olavo Bilac:

Cheguei. Chegaste. Vinhas fatigada /
E triste, e triste e fatigado eu vinha. /
Tinhas a alma de sonhos povoada, /
E a alma de sonhos povoada eu tinha... /

2. Não raro, no entanto, os poetas servem-se de um recurso estilístico, de alto efeito quando usado comedidamente, recurso este que consiste em terminar o verso em discordância flagrante com a sintaxe, pela separação de palavras estreitamente unidas num grupo fônico. As palavras deslocadas para o verso seguinte adquirem, com isso, um realce extraordinário, como vemos neste passo do mesmo soneto de Bilac:

E paramos de súbito **na estrada**
Da vida: longos anos, **presa à minha**
A tua mão, a vista deslumbrada
Tive da luz que teu olhar continha.

A esta bipartição do grupo fônico pela suspensão inesperada da voz em seu interior e pelo relevo do segundo elemento, ansiosamente esperado pelo ouvinte, dá-se o nome de CAVALGAMENTO ou, na designação francesa, *ENJAMBEMENT*.

O CAVALGAMENTO E A PAUSA FINAL

1. Em geral, nossos compêndios de versificação aconselham que, nos casos de CAVALGAMENTO, a leitura do verso se faça com a supressão da pausa final e, consequentemente, com o prolongamento do enunciado até a primeira depressão da voz no interior do verso seguinte.
Esta forma de ler o verso que cavalga altera-lhe substancialmente o ritmo e modifica a figura tonal do poema. Nos poemas de versificação irregular, será apenas uma outra maneira de dispor a irregularidade de versos que já são flutuantes. Mas, naqueles estruturados com versos regulares, provoca uma mudança rítmica essencial, ou seja, a quebra da própria regularidade. Assim, o soneto de Olavo Bilac atrás mencionado não mais será uma sequência de catorze decassílabos, se lermos numa emissão contínua até a parte conclusiva o verso:

E paramos de súbito na estrada
Da vida:.....

o qual passará a ter treze sílabas métricas:

E	pa	ra	mos	de	sú	bi	to	na es	tra	da	da	vi	(da)
1	**2**	**3**	**4**	**5**	**6**	**7**	**8**	**9**	**10**	**11**	**12**	**13**	

2. A propósito, escreve Maurice Grammont: "Não é exato que o *ENJAMBEMENT* suprima, como dizem alguns, a pausa do fim do verso, nem que ele suprima

ou mesmo enfraqueça o último acento rítmico do verso; longe disso, a pausa final do verso que cavalga é tão nítida e tão longa como as outras, e o seu último acento rítmico é também forte. Tudo se reduz ao seguinte: enquanto nos versos comuns abaixamos a voz no fim de cada verso, deixamo-la interrompida e suspensa no fim daqueles que cavalgam. Daí resulta um aguçamento da atenção do auditor, que fica em ansiosa expectativa durante a pausa. E, como a voz não abaixou, ela deve, na parte excedente, aumentar de intensidade ou mudar de entoação".[5]

Desse fato decorre também que o CAVALGAMENTO, para surtir o efeito desejado, deve ter a parte conclusiva curta e constituída de palavra ou expressão de grande valor significativo.[6]

TIPOS DE VERSO

OS VERSOS TRADICIONAIS

Embora não faltem exemplos de versos de treze e mais sílabas desde a poesia dos trovadores galego-portugueses, podemos considerar o DODECASSÍLABO o verso mais longo normalmente empregado pelos poetas da língua antes da eclosão dos movimentos modernistas em Portugal e no Brasil.

Monossílabos

Os versos de uma sílaba são de uso raro. Geralmente aparecem combinados com outros maiores para obtenção de certos efeitos sonoros.

De Cassiano Ricardo são estes MONOSSÍLABOS, agrupados em dísticos:

Rua
torta.

---

[5] *Petit traité de versification française*, 3.ª ed., Paris, Armand Colin, 1916, p. 92-93. O eminente foneticista desenvolve melhor sua interpretação do cavalgamento em *Le vers français. Ses moyens d'expression. Son harmonie*, 2.ª ed., Paris, Champion, 1913, p. 33-58. Importante estudo sobre o assunto, e com interesse maior para a versificação portuguesa, é a *Estructura del encabalgamiento en la métrica española* (Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1964), de Antonio Quilis, que em muitos pontos, contradiz Grammont.

[6] Na métrica francesa chama-se REJET as palavras do grupo fônico deslocadas para o verso seguinte. No exemplo de Olavo Bilac: as expressões *Da vida* e *A tua mão*. Em português, não há uma denominação tradicional para este segmento complementar. Manuel Said Ali, na sua *Versificação portuguesa* (Rio de Janeiro, MEC/INL, 1949, p. 23), propôs chamar-lhe PARTE EXCEDENTE, ou só EXCEDENTE, o que nos parece melhor.

Lua
morta.

Tua
porta.

Dissílabos

Como os MONOSSÍLABOS, os versos de duas sílabas não são frequentes. Também se empregam, de regra, em estrofes polimétricas para obtenção de efeitos expressivos.

Com DISSÍLABOS compôs Casimiro de Abreu o seu harmonioso poema *A valsa*:

Quem dera
Que sintas
As dores
De amores
Que louco
Senti!
Quem dera
Que sintas!...
— Não negues,
Não mintas...
Eu vi!...

Trissílabos

Com versos de três sílabas se fizeram alguns poemas nas literaturas de língua portuguesa, mas os TRISSÍLABOS costumam ser mais usados em estrofes compostas, geralmente combinados com HEPTASSÍLABOS, como neste passo de *Mimosa e bela*, de Gonçalves Dias:

Assim murcha a sensitiva,
Sempre viva,
Sempre esquiva,
Assim perde o colorido
Por um toque irrefletido,
Mal sentido...

Além do acento principal na 3.ª sílaba, podem os TRISSÍLABOS apresentar ou não um acento secundário na 1.ª sílaba:

Sempre **viva**...
Que pa**dece**...

Tetrassílabos

Podem apresentar três cadências, que documentamos com versos do poema *A lua*, de Antônio Botto:

a) acentuação na 2.ª e na 4.ª sílaba (mais comum):

Na **noi**te **ne**gra

b) acentuação na 1.ª e na 4.ª sílaba:

Gente per**di**da

c) acentuação apenas na 4.ª sílaba:

Nos cora**ções**

Como verbo auxiliar, o TETRASSÍLABO é usado de preferência em combinação com o HEPTASSÍLABO e com o DECASSÍLABO. Vejam-se estes exemplos de Gonçalves Dias:

— Leda ao ver-me parecia,
— Era boa e me sorria...
— **Que riso o seu!**

Tão belo o nosso amor! — foi só de um dia
Como uma flor!
Oh! que bem cedo o talismã quebraste
Do nosso amor!

Pentassílabos

Desde a época trovadoresca, o PENTASSÍLABO, ou verso de REDONDILHA MENOR, tem sido usado nas quatro cadências possíveis no idioma, aqui documentadas com versos de João de Deus:

a) acentuação na 2.ª e na 5.ª sílaba (mais comum):

Bo**ni**na do **va**le

b) acentuação na 1.ª, na 3.ª e na 5.ª sílaba:

Luz dos **o**lhos **meus!**

c) acentuação na 3.ª e na 5.ª sílaba:

Ao rom**per** da au**ro**ra

d) acentuação na 1.ª e na 5.ª sílaba:

Pérola do **mar**

Hexassílabos

O verso de seis sílabas teve certa voga na poesia trovadoresca. Depois caiu em desuso, para ressurgir no século XVI em combinações com o DECASSÍLABO HEROICO, razão por que também se denomina HEROICO QUEBRADO. Readquiriu posteriormente sua autonomia e, hoje, tem largo emprego entre nossos poetas.

Pode apresentar as seguintes cadências, que documentamos com versos do poema "Perguntas", de Carlos Drummond de Andrade:

a) acentuação na 2.ª, na 4.ª e na 6.ª sílaba:

Ou **de**sse **mes**mo **enig**ma

b) acentuação na 2.ª e na 6.ª sílaba:

Pro**pí**cios a nau**frá**gio

c) acentuação na 4.ª e na 6.ª sílaba:

De me incli**nar** a**flí**to

d) acentuação na 1.ª, na 4.ª e na 6.ª sílaba:

Desse cala**do** ir**real**

e) acentuação na 1.ª, na 3.ª e na 6.ª sílaba:

Magras **re**ses, ca**mi**nhos

f) acentuação na 3.ª e na 6.ª sílaba:

Do pri**mei**ro re**tra**to

Heptassílabos

O verso de sete sílabas ou de REDONDILHA MAIOR foi sempre o verso popular, por excelência, das literaturas de língua portuguesa e espanhola. Verso básico da poesia popular, desde os trovadores medievais aos modernos cantadores do Nordeste brasileiro, o HEPTASSÍLABO nunca foi desprezado pelos poetas cultos, que dele se serviram por vezes em poemas de alta indagação filosófica.

O HEPTASSÍLABO é usado em oito movimentos rítmicos, que passamos a documentar com exemplos colhidos na obra de José Régio:

a) ritmo alternante de sílaba forte e fraca, ou seja, acentuação na 1.ª, na 3.ª, na 5.ª e na 7.ª sílaba:

Ve**l**ha, **gran**de, **tos**ca e **be**la.

b) variante do tipo anterior, com falta de acentuação na 1.ª sílaba:

O lu**ar** no **mar** es**pra**ia

c) variante do primeiro tipo, sem acentuação na 5.ª sílaba:

Sinto os **o**lhos a tur**var**

d) variante também do primeiro tipo, sem acentuação na 1.ª e na 5.ª sílaba:

Na amu**ra**da dum ve**lei**ro

e) acentuação na 4.ª e na 7.ª sílaba:

Que me di**ria**, afi**nal**,

f) variante do tipo precedente, com acentuação também na 2.ª sílaba:

Nas **ne**gras **noi**tes de in**ver**no

g) variante do tipo e, com acentuação também na 1.ª sílaba:

Choupos tran**si**dos de **má**goa

h) acentuação na 2.ª, na 5.ª e na 7.ª sílaba:

Da **ban**da de **lá** do **ri**o

A outra cadência possível dentro das peculiaridades fonéticas do idioma — o HEPTASSÍLABO com acentuação na 1.ª, na 5.ª e na 7.ª sílaba —, por sua raridade, não deve agradar ao ouvido dos poetas. Veja-se este exemplo, colhido num poema de Cecília Meireles:

Sobre o compri**men**to do **ar**

Octossílabos

O OCTOSSÍLABO foi um dos versos mais usados pelos trovadores galego-portugueses, principalmente nas cantigas de caráter cortês. Importado da poesia narrativa e didática do Norte e do Sul da França, onde apresentava de regra acento interno na 4.ª sílaba, conservou na Península predominantemente esta forma.

Com o declínio da poesia trovadoresca, o OCTOSSÍLABO caiu em desuso, tendo reaparecido em nossa literatura no século passado, novamente por influência francesa, em cuja versificação desempenha, como verso leve, o papel do nosso HEPTASSÍLABO.

Eis os seus movimentos rítmicos, documentados na prática de Alphonsus de Guimaraens:

a) ritmo alternante de sílaba fraca e forte, isto é, acentuação na 2.ª, na 4.ª, na 6.ª e na 8.ª sílaba:

Bai**xa**va **len**to. A **noi**te **vi**nha.

b) variante do tipo anterior, sem acentuação na 6.ª sílaba:

Es**pec**tros **chei**os de espe**ran**ça

c) variante do mesmo tipo, sem acentuação na 2.ª sílaba, mas podendo ter ou não a 1.ª sílaba acentuada:

No campa**nár**io, ao **sol** in**cer**to
Basta, tal**vez**, a **co**va **enor**me

d) variante também do primeiro tipo, com acentuação interna apenas na 4.ª sílaba, ou na 1.ª e na 4.ª:

O campa**nár**io do de**ser**to
Cheio de **lú**gubre mis**té**rio

e) variante ainda do primeiro tipo, sem acentuação na 4.ª sílaba:

Paramos de re**pen**te à **por**ta

f) acentuação na 1.ª, na 3.ª, na 5.ª e na 8.ª sílaba:

Era **tar**de. O **sol** no po**en**te

g) variante do tipo anterior, sem acentuação na 1.ª sílaba:

Com fa**di**gas, **suo**res e **pran**to

h) variante do mesmo tipo, sem acentuação na 3.ª sílaba:

Quando o Jubi**leu** se apro**xi**ma

i) acentuação na 2.ª, na 5.ª e na 8.ª sílaba:

Em **on**das o **bas**to ca**be**lo

j) acentuação na 3.ª, na 6.ª e na 8.ª, podendo ter a 1.ª sílaba também forte:

Entre**va**dos de **mui**tos **a**nos
Junto **des**te cai**xão** in**for**me

Eneassílabos

Há dois tipos de versos de nove sílabas, ambos com raízes antigas na literatura portuguesa:

1.º) O ENEASSÍLABO ANAPÉSTICO, que apresenta acentuação na 3.ª, na 6.ª e na 9.ª sílaba e, por cadência uniforme e pausada, se tem prestado a composições de hinos patrióticos e de poemas cuja expressividade ressalta da absoluta regularidade rítmica. Comparem-se estes versos do *Hino à Bandeira* (letra de Olavo Bilac):

Contem**plan**do o teu **vul**to sa**gra**do,
Compreen**de**mos o **no**sso de**ver**;
E o Bra**sil**, por seus **fil**hos a**ma**do,
Pode**ro**so e fe**liz** há de **ser**.

Note-se que no ENEASSÍLABO ANAPÉSTICO é tão forte a intensidade da 3.ª, da 6.ª e da 9.ª sílaba, que todas as demais, ainda que de natureza tônica, nele se obscurecem em benefício daquelas.

2.º) O ENEASSÍLABO com acento interno fundamental na 4.ª sílaba, que, por exigência idiomática, recebe forçosamente um outro na 6.ª ou na 7.ª sílaba. Seus movimentos rítmicos são, pois, os seguintes, documentados com exemplos colhidos no *Só*, de Antônio Nobre:

a) acentuação na 4.ª, na 6.ª e na 9.ª sílaba, podendo ter a 1.ª ou a 2.ª sílaba também forte:

O que no **Mun**do **cá** o espe**ra**va,
A**deus**! ó **Lua**, **Lua** dos **Me**ses,
Lua dos **Ma**res, **o**ra por **nós**!...
A**deus**! Na au**sên**cia **me**ses são **a**nos.

b) acentuação na 4.ª, na 7.ª e na 9.ª, com a possibilidade de ser a 1.ª ou a 2.ª também acentuada:

A**deus**! Que es**tra**nha Vi**são** é a**que**la
Que vem an**dan**do por **so**bre o **mar**?
Todos ex**cla**mam de **mãos** para **e**la.
"**No**ssa Se**nho**ra! que **vens** a an**dar**!"

Decassílabos

É longa e complexa a história do DECASSÍLABO nas literaturas de língua portuguesa. Em sua estrutura mais antiga possuía acento interno fundamental na 4.ª sílaba, assemelhando-se, portanto, ao verso primitivo da épica francesa.

Cedo, porém, apareceram outros tipos de DECASSÍLABO. Desenvolveu-se uma forma, na qual a acentuação interna, que por vezes recaía também na 6.ª sílaba, veio a basear-se essencialmente nela. E, posteriormente, com a dissolução do esquema inicial, surgiram ainda novas formas: os DECASSÍLABOS com acentuação interna fundamental na 5.ª e, mais raramente, na 3.ª sílaba.

Eram essas as formas conhecidas do verso de dez sílabas, quando, em princípios do século XVI, por influência italiana, se fixaram os dois tipos, que iriam predominar até os dias de hoje nas literaturas de língua portuguesa.

São eles:

a) o DECASSÍLABO chamado HEROICO, acentuado fundamentalmente na 6.ª e na 10.ª sílaba, mas com possibilidades de ter acentuações secundárias na 8.ª e numa das quatro primeiras sílabas:

As **mi**nhas **mãos** ma**gri**tas, afi**la**das,
Tão **bran**cas como a **á**gua da nas**cen**te,
Lembram **pá**lidas **ro**sas entor**na**das
Dum re**ga**ço de In**fan**ta do Ori**en**te.
(F. Espanca)

b) o DECASSÍLABO chamado SÁFICO, que apresenta acentuação na 4.ª, na 8.ª e na 10.ª sílaba, podendo, naturalmente, ter a 1.ª ou a 2.ª também fortes:

Quando eu te **fu**jo e me des**vio cau**to
Da **luz** de **fo**go que te **cer**ca, oh! **be**la,
Con**ti**go **di**zes, suspi**ran**do **amo**res
"— Meu **Deus**! que **ge**lo, que frieza **aque**la!"
(C. de Abreu)

Mas os antigos ritmos não se perderam. Mesmo os poetas do período clássico não os olvidaram totalmente. Foram, porém, os simbolistas e os modernistas que souberam reabilitá-los, mostrando os apreciáveis movimentos melódicos que se podem obter num poema com o emprego do DECASSÍLABO em suas variadas cadências.

Sirva de exemplo o soneto "No claustro de celas", de Camilo Pessanha:

E **eis** quanto **res**ta do i**dí**lio aca**ba**do
— Prima**ve**ra que du**rou** um mo**men**to...
Como vão **lon**ge as ma**nhãs** do con**ven**to!
— Do a**le**gre conven**ti**nho abando**na**do...

Tudo aca**bou**... **Anê**monas, hi**drân**geas,
Si**lin**dras — **flo**res **tão** nossas a**mi**gas!
No **claus**tro a**go**ra **vi**çam as ur**ti**gas,
Rojam-se **co**bras pelas **ve**lhas **lá**jeas.

Sobre a inscri**ção** do teu **no**me de**li**do!
— Que os meus **ol**hos mal **po**dem sole**trar**,
Can**sa**dos... E o a**ro**ma fene**ci**do

Que se **e**vola... do teu **no**me vul**gar**!
Enobre**ceu**-o a quieta**ção** do ol**vi**do,
Ó **do**ce, in**gê**nua, inscri**ção** tumu**lar**.

Destas formas renovadas merecem referência especial:

a) o DECASSÍLABO acentuado na 4.ª, na 7.ª e na 10.ª sílaba comumente chamado VERSO DE GAITA GALEGA, mas de longa tradição também na poesia italiana e espanhola:

Já vai flo**rir** o po**mar** das ma**ceiras**...
(C. Pessanha)

b) o DECASSÍLABO com acentuação na 3.ª, na 7.ª e na 10.ª sílaba:

Primavera que durou um momento...
(C. Pessanha)

c) o DECASSÍLABO com acentuação na 5.ª, na 7.ª (ou na 8.ª) e na 10.ª sílaba, forma que costumava assumir o antigo VERSO DE ARTE-MAIOR e cadência frequente do DECASSÍLABO francês:

Ao meu coração um peso de ferro
Eu hei de prender na volta do mar.
(C. Pessanha)

O sonho passou. Traz magoado o rim,
Magoada a cabeça exposta à humildade.
(M. Bandeira)

Hendecassílabos

O HENDECASSÍLABO foi muito usado pelos nossos poetas românticos numa cadência sempre uniforme, ou seja, com acentuação na 2.ª, na 5.ª, na 8.ª e na 11.ª sílaba:

Nas horas caladas das noites d'estio
Sentado sozinho c'oa face na mão,
Eu choro e soluço por quem me chamava
— "Oh filho querido do meu coração!" —
(C. de Abreu)

Este tipo de HENDECASSÍLABO nada mais é do que a simples restauração da forma por que se apresentava com mais frequência o VERSO DE ARTE-MAIOR, o verso longo, de quatro acentos, que servia aos poetas peninsulares em suas composições graves e solenes até princípios do século XVI, quando foi eclipsado pelo decassílabo de origem italiana.

Há outro tipo de HENDECASSÍLABO, empregado por Guerra Junqueiro, com acentuação fixa apenas na 5.ª e na 11.ª sílaba:

(Venho morto, morto!...) deixa-me deitar!
Ai, o teu menino, como está mudado!
Minha velha ama, como está mudado!
Canta-lhe cantigas de dormir, sonhar?...

Neste século, o poeta Hermes Fontes tentou novos ritmos para o verso de onze sílabas, um dos quais particularmente agradável — o HENDECASSÍLABO com acentuação na 3.ª, na 7.ª e na 11.ª sílaba:

> Alvas **pé**talas do **lí**rio de tua **al**ma...
> Estas **car**tas — estas **flo**res desfo**lha**das...

Dodecassílabos

O DODECASSÍLABO é mais conhecido por VERSO ALEXANDRINO, provavelmente por ter sido o metro adotado num poema que teve larga voga na Idade Média, a versão do *Romance de Alexandre*, de Lambert le Tort, Alexandre de Bernay e Pierre de Saint-Cloud.

Esta denominação tem gerado numerosos equívocos, principalmente pelo fato de existirem, ainda hoje, dois tipos de ALEXANDRINO: O ALEXANDRINO FRANCÊS (de doze sílabas) e o ALEXANDRINO ESPANHOL (de treze sílabas), este último muito pouco cultivado pelos poetas de nossa língua.

O ALEXANDRINO FRANCÊS apresenta dois tipos ritmicamente bem distintos: o CLÁSSICO e o ROMÂNTICO.

O ALEXANDRINO chamado CLÁSSICO tem a CESURA no meio do verso, que fica assim dividido em dois HEMISTÍQUIOS de partes iguais (6 + 6). Daí resulta ser acentuado na 6.ª e na 12.ª sílaba, como se vê destes exemplos de Augusto de Lima:

> Nessas noites de **luz** // mais belas do que a au**ro**ra,
> As errantes vi**sões** // das almas pere**gri**nas
> Vão voando a can**tar** // pela amplidão a**fo**ra...

Como o ritmo de 6 + 6 tende a subdividir-se, por exigência da harmonia interna do verso, em 3 + 3 + 3 + 3, desenvolveu-se um tipo especial dentro do ALEXANDRINO CLÁSSICO — o chamado TETRÂMETRO —, que apresenta, além dos acentos principais (na 6.ª e na 12.ª), dois outros secundários (na 3.ª e na 9.ª). É o caso deste ALEXANDRINO de Alberto de Oliveira:

> Como **len**ços de **long**e a di**ze**rem-lhe a**deus**!

Os românticos franceses não desdenharam do clássico ritmo binário (6 + 6), nem do seu submúltiplo, o TETRÂMETRO (3 + 3 + 3 + 3), mas deram ênfase a uma forma pouco usada pelos clássicos, o ALEXANDRINO de ritmo ternário (4 + 4 + 4), em que a CESURA deixa de coincidir com o HEMISTÍQUIO. A este tipo

de dodecassílabo dá-se o nome de TRIMETRO, ou de ALEXANDRINO ROMÂNTICO. Leia-se, por exemplo, este verso de Camilo Pessanha:

Adorme**cei**. Não suspi**reis**. Não resp**ireis**.

Vítor Hugo, que foi o grande reformador do ALEXANDRINO FRANCÊS, tentou ainda outras formas de TRÍMETRO, fazendo variar o número de sílabas de suas três partes (3 + 5 + 4, ou 4 + 5 + 3), mas estes ritmos não aparecem nos parnasianos portugueses e brasileiros, dos poetas da língua os que mais se utilizaram do dodecassílabo. Em verdade, os parnasianos nada inovaram no particular. Contentaram-se com as consagradas variações dos acentos secundários do ALEXANDRINO CLÁSSICO e com tímidas explorações da forma usual do ALEXANDRINO ROMÂNTICO. Por outro lado, seguiram rigorosamente dois princípios na juntura dos hemistíquios:

a) só empregavam palavra grave no final do primeiro hemistíquio se o segundo hemistíquio começasse por vogal, a fim de garantir a integridade do verso pela sinérese das duas vogais em contato, como nos mostra este verso de Amadeu Amaral:

Ora, crespa, referve; // ora é um cristal sem ruga!

b) nunca usavam palavra esdrúxula no final do primeiro hemistíquio.

Finalmente, como os franceses, os poetas de nossa língua infringiram com frequência a regra arbitrária, de Boileau, que manda encerrar em cada hemistíquio uma unidade de sentido, seguindo até o exemplo daqueles na prática amiudada do CAVALGAMENTO (*ENJAMBEMENT*):

Bela! dizia eu, como **uma Feiticeira**
da Tessália, evocando a ensanguentada lua.
(Gomes Leal)

Oh! esse último olhar ao firmamento! **A vida**
Em surtos de paixão e febre repartida,
Toda, num só olhar, devorando as estrelas!
(O. Bilac)

No exemplo de Bilac observa-se o que Maurice Grammont chama *CONTREREJET*: a parte curta é a final de um verso e cavalga sobre todo o verso seguinte, ou, apenas, sobre o primeiro hemistíquio dele.

Observação:

O *Romance de Alexandre (Li Romans d'Alixandre)*, na versão mais vulgarizada na Idade Média, consta de cerca de vinte mil dodecassílabos, escritos em fins do século XII por Lambert le Tort de Châteaudun, Alexandre de Bernay, apelidado de Paris, e Pierre de Saint-Cloud. Aceita-se hoje que estes autores apenas amplificaram um poema anterior de Albéric de Pisançon, cuja fonte seria uma Epítome, feita no século IX, que resumiria a tradução latina de Julius Valerius (séc. IV) da obra do falso Calístenes (séc. II) sobre o herói macedônio. Albéric empregara o verso de oito sílabas, mas, cedo, um outro rimador refez o seu poema em decassílabos. Foi este texto, já amplificado, que serviu de base ao trabalho de refundição empreendido por Lambert le Tort e seus continuadores. O interesse do público pelo poema na versão dodecassilábica teria feito que o metro nele adotado se ligasse ao próprio tema da obra, e viesse a ser conhecido por ALEXANDRINO. Mas cabe advertir que o DODECASSÍLABO não foi usado pela primeira vez no *Romance de Alexandre*, como afirmam alguns. Nele já se haviam composto outros poemas, entre os quais a gesta *Le Pèlerinage de Charlemagne à Jérusalem*, que é do segundo quartel do século XII.

Na forma medieval, o ALEXANDRINO era um verso de doze sílabas, com cesura depois da 6.ª sílaba acentuada. Esta sílaba poderia ser seguida de uma inacentuada, que não se contava na medida do verso. O tipo em causa foi empregado em todo o domínio românico, e as *Cantigas de Santa Maria*, do rei D. Afonso X, o Sábio, dão-nos a prova de sua utilização na literatura galego-portuguesa.

O ALEXANDRINO podia ter assim doze, treze, ou mesmo, quatorze sílabas métricas (tipo este usual na Itália), caso o primeiro hemistíquio terminasse em palavra aguda, grave ou esdrúxula. Em francês, cujo léxico é formado essencialmente por palavras oxítonas, cedo se fixou como padrão o ALEXANDRINO de doze sílabas. Sendo o espanhol e o galego-português línguas em que predominam os paroxítonos, é natural que servisse de modelo o ALEXANDRINO de treze sílabas, forma ainda usual do verso no primeiro desses idiomas.

ISOSSILABISMO E VERSIFICAÇÃO FLUTUANTE

1. Estudamos até aqui a versificação portuguesa de base silábica, ou seja, aquela em que a sílaba é incontestavelmente a unidade de medida do verso.
   Neste sistema de versificação as sílabas são sempre tratadas como isócronas, isto é, não diferenciadas para efeito métrico em longas e breves segundo o modelo quantitativo greco-latino. Daí a tendência ao ISOSSILABISMO — cada tipo de verso a acomodar-se em um número fixo de sílabas, limitado por um acento tônico final, obrigatório.

2. Há, porém, certas formas de versificação cultivadas nas literaturas de língua portuguesa que não obedecem ao princípio isossilábico.

Nas cantigas trovadorescas, por exemplo, especialmente nas paralelísticas e nos refrãos, a tendência ao ISOSSILABISMO era contrarregrada pela forte corrente nativa de VERSIFICAÇÃO ACENTUAL, em cuja estrutura se tornava irrelevante a igualdade silábica, pois que a perfeita ritmia auditiva provinha do número e da disposição dos acentos. Assim as "quatro altas" do VERSO DE ARTE-MAIOR igualavam linhas que podiam oscilar entre nove e treze sílabas. Outra forma de versificação não isossilábica é a chamada MÉTRICA BÁRBARA, tentativa de reproduzir os metros quantitativos latinos, em particular o HEXÂMETRO DACTÍLICO. Na literatura brasileira cultivou-a Carlos Magalhães de Azeredo, sensivelmente influenciado pela técnica de Giosuè Carducci.

O VERSO LIVRE

Tanto os METROS BÁRBAROS como os antigos VERSOS ACENTUAIS contrariam o princípio isossilábico, mas as flutuações que apresentam não excedem predeterminados limites. Não assim no VERSO LIVRE, posto em prática pelo grande poeta norte-americano Walt Whitman na obra *Folhas de relva* (*Leaves of Grass*, 1855), e que, a partir de 1886, iria dominar na poética dos simbolistas de língua francesa: Gustave Kahn, Jules Laforgue, Emile Verhaeren, Francis Vielé-Griffin, Henri de Régnier, Jean Moréas e tantos outros.

Gustave Kahn, poeta e principal teorizador do VERSO LIVRE, procurou estabelecer-lhe os princípios, que podem ser assim resumidos:

a) o verso deve possuir sua existência própria e interior consubstanciada numa coerente unidade semântica e rítmica;
b) a unidade do verso será então definida como o fragmento mais curto possível em que haja uma pausa da voz e uma conclusão de sentido;
c) a estrofe não terá mais um desenho preestabelecido, mas será condicionada pelo pensamento ou pelo sentimento;
d) a inversão e o cavalgamento são recursos que devem ser banidos do verso.

Tais princípios se consubstanciam, por exemplo, na *Ode marítima* de Fernando Pessoa, como nos mostra este passo:

Ah, seja como for, seja por onde for, partir!
Largar por aí fora, pelas ondas, pelo perigo, pelo mar,
Ir para Longe, ir para Fora, para a Distância Abstrata,
Indefinidamente, pelas noites misteriosas e fundas,
Levado, como a poeira, plos ventos, plos vendavais!
Ir, ir, ir, ir de vez!

e no poema *Os ombros suportam o mundo*, de Carlos Drummond de Andrade, cuja primeira estrofe é a seguinte:

Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus.
Tempo de absoluta depuração.
Tempo em que não se diz mais: meu amor.
Porque o amor resultou inútil.
E os olhos não choram.
E as mãos tecem apenas o rude trabalho.
E o coração está seco.

Mas, como bem salienta Henri Morier, não podemos dizer que exista *a priori* uma técnica uniforme do VERSO LIVRE.[7] Cada poeta procura forjar o seu próprio instrumento, não sendo raro o mesmo autor ensaiar várias técnicas, como documenta a obra dos principais poetas modernistas portugueses e brasileiros.

Advirta-se, por fim, que um verso só pode ser considerado LIVRE dentro de certos tipos de estrutura poemática, estrutura que representa sempre uma organização interativa. "A linha só é unidade poética se há poema. É o poema que faz o verso livre, e não o verso livre que faz o poema. Exatamente como nos versos métricos".[8]

Em resumo:

"No verso livre o fator que coordena artisticamente a palavra em seus grupos respectivos se funda na sucessão dos apoios psicossemânticos que o poeta, intuitiva ou intencionalmente, dispõe como efeito da harmonia interior que o orienta na criação de sua obra. Por seu próprio sentido individual, esta espécie de ritmo exige de parte do autor uma fina sensibilidade expressiva e um perfeito domínio do material linguístico".[9]

E concluamos com estas palavras de Pedro Henríquez Ureña:

"Reduzido a sua essência pura, sem apoios rítmicos acessórios, o verso conserva intacto seu poder de expressar, sua razão de existir. Os apoios rítmicos que a uns parecem necessários, a outros sobram ou estorvam. E tais apoios têm vida limitada: atravessam séculos e desaparecem. Desapareceu a quantidade nos velhos idiomas indo-europeus; desapareceu a aliteração nos germânicos... Não há formas universais nem eternas".[10]

---

[7] *Dictionnaire de poétique et de réthorique*, 2.ª ed., Paris, P. U. F., 1975, p. 1.119; e também *Le Rythme du vers libre symboliste*, 3 vols. Genève, Presses Académiques, 1943-1944.

[8] Henri Meschonnic. *Obra cit.*, p. 607.

[9] Tomás Navarro Tomás, *Obra cit.*, p. 444-445.

[10] En busca del verso puro. In *Estudios de versificación española*. Buenos Aires, Eudeba, 1961, p. 267-268.

A RIMA

1. LENDO ESTA QUADRINHA POPULAR,

Tanto limão, tanta **lima**,
Tanta silva, tanta am**ora**,
Tanta menina bon**ita**...
Meu pai sem ter uma n**ora**!

verificamos que:

a) o 1.º e o 3.º verso apresentam uma identidade de vogais a partir da última vogal tônica: **i-a** (*lima* — *bonita*);
b) o 2.º e o 4.º verso apresentam uma correspondência de sons finais ainda mais perfeita, pois, a partir da última vogal tônica, se igualam todos os fonemas (vogais e consoantes): **-ora** (*amora* — *nora*).

2. Esta identidade ou semelhança de sons em lugares determinados dos versos é o que se chama de RIMA.[11] Se a correspondência de sons é completa, a RIMA diz-se SOANTE, CONSOANTE, ou, simplesmente, CONSONÂNCIA. Se há conformidade apenas da vogal tônica, ou das vogais a partir da tônica, a RIMA denomina-se TOANTE, ASSONANTE ou, simplesmente, ASSONÂNCIA.

A RIMA E O ACENTO

Quanto à posição do acento tônico, as RIMAS, como as palavras, podem ser:

a) AGUDAS:

Vinhos dum vinhedo, frutos dum pom**ar**,
Que no céu os anjos regam com lu**ar**...
(Guerra Junqueiro)

b) GRAVES:

Calçou as sandálias, tocou-se de **flores**,
Vestiu-se de Nossa Senhora das D**ores**.
(A. Nobre)

---

[11] Sobre a RIMA na poesia de língua portuguesa, consultem-se especialmente: João da Silva Correia. *A rima e a sua acção linguística, literária e ideológica*. Lisboa, 1930 (conjunto de nove artigos publicados, durante o ano de 1930, em várias revistas portuguesas, enfeixados pelo autor num volume com capa própria); Mello Nóbrega. *Rima e poesia*. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1965.

c) ESDRÚXULAS:

No ar lento fumam gomas aromá**ticas**
Brilham as navetas, brilham as dalmá**ticas.**
(E. de Castro)

As rimas agudas são também chamadas RIMAS MASCULINAS; e as graves, RIMAS FEMININAS.

RIMA PERFEITA E RIMA IMPERFEITA

1. A rima é uma coincidência de sons, não de letras. Por exemplo, há RIMA SOANTE PERFEITA nestes versos de Alphonsus de Guimaraens:

Céu puro que o sol tr**ouxe**
Claro de norte a s**ul,**
O teu olhar é d**oce,**
Negro assim, qual se f**osse**
Inteiramente az**ul.**

tanto entre *sul* e *azul*, como entre as formas *trouxe, doce e fosse*, que apresentam a mesma terminação grafada de três maneiras diferentes.

2. Perfeita é também a rima de *tem* com *mãe* nestes versos do poeta português Fernando Pessoa:

Tão jovem! que jovem era!
(Agora que idade t**em**?)
Filho único, a mãe lhe dera
Um nome e o mantivera:
"O menino da sua m**ãe.**" —

porque no falar lisboeta estas palavras soam normalmente [tãj] e [mãj].

3. Mas nem sempre há identidade absoluta entre os sons dispostos em rima, quer soante, quer toante. Algumas discordâncias têm sido mesmo largamente toleradas através dos tempos. Entre os casos de RIMA IMPERFEITA consagrados pelo uso, cabe mencionar:

a) o das vogais acentuadas *e* e *o* semiabertas com semifechadas, prática iniciada por Gil Vicente, no século XVI, e adotada desde então pelos poetas da língua:

Quem disse à estrela o caminho
Que ela há de seguir no **céu**?
A fabricar o seu ninho
Como é que a ave aprend**eu**?
(Almeida Garrett)

Pensar eu que o teu destino
Ligado ao meu outro **fora**,
Pensar que te vejo ag**ora**,
Por culpa minha, infeliz...
(Gonçalves Dias)

b) o de vogal simples com ditongo (*a-ai, e-ei, ó-ói, u-ui*), como nestes versos de Casimiro de Abreu:

Meus tristes cantos comecei chorando,
Santas endeixas, doloridos **ais...**
E a turba andava! Só de vez em quando
Lânguido rosto se volvia atr**ás**!

Ó brisa linda e travessa,
No teu mais doce baf**ejo**,
Em seus lábios cor-de-rosa,
Bem de manso, dá-lhe um b**eijo**.

— Pés descalços, braços n**us** —
Atrás das asas ligeiras
Das borboletas az**uis**!

c) o de rima de vogal oral com vogal nasal:

De que ele, o sol, inunda
O mar, quando se p**õe**,
Imagem moribunda
De um coração que f**oi**...
(J. de Deus)

Observação:

A bem dizer, não existe nestes casos RIMA IMPERFEITA, mas RIMA PARCIAL. Na rima de vogal aberta com vogal fechada, bem como na de vogal oral com vogal nasal, há uma semi-homofonia vocálica, ou seja, identificam-se apenas os traços básicos

dos fonemas em apreço, aqueles que os diferenciam fundamentalmente dos outros fonemas vocálicos. A rima de vogal simples com ditongo, a rigor, nem deve ser considerada RIMA IMPERFEITA, pois corresponde geralmente a uma efetiva igualdade fônica. Palavras como *atrás*, *vez*, *retrós* e *nus*, por exemplo, são pronunciadas [a'trajʃ], ['vejʃ], [re'trɔjʃ] e ['nujʃ] em muitas áreas da língua portuguesa, entre as quais o Rio de Janeiro. Lembre-se, a propósito, estas rimas usadas numa antiga marchinha carnavalesca carioca:

Existem quatrocentas mil mulheres a **mais**
Da Penha ao Posto **Seis**.
São mais de dez mulheres para cada rapa**z**:
Só eu não tenho **vez**...

RIMA POBRE E RIMA RICA

1. Consideram-se POBRES as rimas soantes feitas com terminações muito correntes no idioma, principalmente as de palavras da mesma classe gramatical. É o caso, por exemplo, dos infinitivos em *-ar*, dos particípios em *-ado*, dos gerúndios em *-ando*, dos diminutivos em *-inho*, dos advérbios em *-mente*, dos adjetivos em *-ante*, dos substantivos em *-ão* e *-eza*, das palavras primitivas com os seus derivados por prefixação: *amor-desamor*, *ver-rever*, etc.

2. São RICAS as rimas que se fazem com palavras de classe gramatical diversa ou de finais pouco frequentes, como nestes versos de Alphonsus de Guimaraens:

O teu olhar, Senhora, é a estrela da **alva**
Que entre alfombras de nuvens **irradia**:
Salmo de amor, canto de alívio, e **salva**
De palmas a saudar a luz do **dia**...

Alguns metricistas preferem reservar a qualificação RICAS para as RIMAS com consoante de apoio, do tipo *dia-irradia*.

3. Denominam-se RARAS ou PRECIOSAS as rimas excepcionais, difíceis de encontrar. Foram procuradas sobretudo pelos poetas parnasianos e simbolistas. Veja-se, por exemplo, esta rima de *ditirambos* com *flambos*, que aparece nos *Helenos*, de B. Lopes.

E, a rir, levamos entre **ditirambos**,
Eu, no açafate, as provisões do lanche,
Ela, um beijo a trinar nos lábios **flambos**!

E as de *cálix* com *digitális* e de *leque* com *Utreque*, empregadas nas *Horas* de Eugênio de Castro:

Oh os seus olhos! suas unhas em amêndoa! e em **cálix**
O seu colo! e os seus dedos de **digitális**! —
Vai com suas aias, leva fino **leque**,
Cauda de veludo pálido, de **Utreque**.

4. Por vezes, o poeta procura a raridade não só no campo fonético, mas também no morfológico. Do mesmo Eugênio de Castro são estes versos, em que rima um substantivo com uma forma verbo-pronominal:

Eis que diz uma: — Meus chapins **descalça-mos**,
Unge meus pés brancos com cheirosos **bálsamos**.

COMBINAÇÕES DE RIMAS

1. Os versos de um poema podem ser MONORRIMOS, isto é, podem terminar todos pela mesma consonância ou pela mesma assonância. É o que sucede comumente com os versos dos romances tradicionais, em que uma só assonância liga um número indefinido deles.

2. Mas, em geral, as combinações rímicas processam-se dentro de unidades menores do poema — as ESTROFES —, cujos principais tipos estudaremos adiante. Nas estrofes, as disposições mais frequentes de RIMAS são as seguintes:

a) RIMAS EMPARELHADAS, quando se sucedem duas a duas:

Ele deixava atrás tanta recorda**ção**!
E o pesar, a saudade até no próprio ch**ão**,
Debaixo dos seus pés, parece que gem**ia**,
Levantava-se o sol, vinha rompendo o d**ia**,
E o bosque, a selva, o campo, a pradaria em fl**or**
Vestiam-se de luz, como um preito de am**or**.
(A. de Oliveira)

b) RIMAS ALTERNADAS, quando, de um lado, rimam os versos ímpares (o 1.º com o 3.º, etc.); de outro, os versos pares (o 2.º com o 4.º, etc.):

Tu és um beijo mat**erno**!
Tu és um riso infant**il**,
Sol entre as nuvens de inv**erno**,
Rosa entre as flores de abr**il**!
(J. de Deus)

c) RIMAS OPOSTAS ou INTERPOLADAS, quando o 1.º verso rima com o 4.º, e o 2.º com o 3.º:

Saudade! Olhar de minha mãe rez**ando**
E o pranto lento deslizando em **fio**...
Saudade! Amor da minha terra... O **rio**
Cantigas de águas claras soluç**ando**.
(Da Costa e Silva)

d) RIMAS ENCADEADAS, quando o 1.º verso rima com o 3.º; o 2.º com o 4.º e com o 6.º; o 5.º com o 7.º e o 9.º e assim por diante, como nestes versos do poema *Uma criatura*, de Machado de Assis:

Sei de uma criatura antiga e formid**ável**,
Que a si mesma devora os membros e as entr**anhas**
Com a sofreguidão da fome insaci**ável**.

Habita juntamente os vales e as mont**anhas**
E no mar, que se rasga, à maneira de ab**ismo**,
Espreguiça-se toda em convulsões estr**anhas**.

Traz impresso na fronte o obscuro despot**ismo**.
Cada olhar que despede, acerbo e mavioso,
Parece uma expansão de amor e de ego**ísmo**.

RIMA INTERIOR

Poetas houve que empregaram RIMAS INTERIORES, das quais alguns tipos merecem referência:

a) a chamada RIMA LEONINA, isto é, a correspondência de sons finais entre os dois hemistíquios de um verso:

Como são chei**rosas** as primeiras **rosas**!
(A. de Guimaraens)

b) a combinação rímica da palavra final de um verso com a palavra que termina o primeiro grupo fônico do verso seguinte:

Anjo sem pátria, branca fada err**ante**,
Perto ou dist**ante** que de mim tu vás,
Há de seguir-te uma saudade in**finda**,
Hebreia **linda**, que dormindo estás.
(T. Ribeiro)

c) a RIMA COM ECO, em que se repetem consonâncias dentro do mesmo grupo fônico:

Donzel**a** bel**a**, que me insp**ira** a l**ira**
Um c**anto** s**anto** de fremente amor
Ao b**ardo** o c**ardo** da trem**enda** s**enda**
Est**anca**, arr**anca**-lhe a terrível dor.
(Castro Alves)

INDICAÇÃO ESQUEMÁTICA DAS RIMAS

Convencionalmente, indicam-se os versos com as letras do alfabeto. Aos versos presos pela mesma rima correspondem letras iguais. Assim o esquema das RIMAS EMPARELHADAS é *aa-bb-cc*, etc.; o das RIMAS ALTERNADAS é *ababab*, etc.; o das RIMAS OPOSTAS, *abba*; o das RIMAS ENCADEADAS, *aba-bcb-cdc*, etc.

VERSOS SEM RIMA

1. Elemento importantíssimo na poesia dos povos românicos, a rima serve principalmente a dois fins. É uma sonoridade, uma musicalidade que, introduzida no poema, satisfaz o ouvido. E é, por outro lado, uma forma de marcar enfaticamente o término do período rítmico formado pelo verso. Mas não constitui, como se tem dito, um elemento intrínseco, essencial do verso, tanto assim que era desusada na métrica latina de caráter culto e não faltam às literaturas modernas numerosos e admiráveis poemas compostos de versos BRANCOS, o que vale dizer — sem rima.

2. Até os poetas modernos, que, procurando despojar a poesia dos artifícios exteriores, relegaram a rima a uma situação secundária, só encontramos praticamente um verso — o DECASSÍLABO — a servir de base a um poema, sem o auxílio da rima. Veja-se, por exemplo, a estrofe inicial do *Cântico do Calvário*, de Fagundes Varela:

Eras na vida a pomba predileta
Que sobre um mar de angústia conduzia
O ramo da esperança. — Eras a estrela
Que entre as névoas do inverno cintilava
Apontando o caminho ao pegureiro.
Eras a messe de um dourado estio.
Eras o idílio de um amor sublime.
Eras a glória, — a inspiração, — a pátria,

O porvir de teu pai! — Ah! no entanto,
Pomba, — varou-te a flecha do destino!
Astro, — engoliu-te o temporal do norte!
Teto, caíste! Crença — já não vives!

3. Advirta-se, porém, que a inexistência da rima é geralmente compensada nesses poemas por uma série de recursos estilísticos de natureza fônica, léxica e sintático-semântica.

Observação:

A rima não é, como se tem afirmado, uma criação da poesia medieval. Embora não desempenhasse na versificação latina o importante papel que adquiriu, posteriormente, na rítmica românica, não se pode asseverar, sem prejuízo da verdade, que os poetas latinos a desconhecessem.

Ênio, que viveu de 238 a 169 antes de Cristo, dela já sabia extrair os mais expressivos efeitos, como nos mostram os seguintes fragmentos:

Haec omnia vidi inflamm**ari**,
Priamo vi vitam evit**ari**,
Iovis aram sanguine turp**ari**!
Caelum nit**escere**, arbores frond**escere**,
Vites laetificae pampinis pub**escere**,
Rami bacarum ubertate incurv**escere**...[12]

Não faltam exemplos de rima em Horácio, Vergílio e outros poetas do período clássico, mas é nos cantos de textura popular, como o *carmen*, que vamos encontrá-los com maior frequência, o que nos leva a considerar tal homofonia de sons finais um de seus elementos característicos.

O fato explica-se pelas necessidades do canto e, principalmente, pelo progressivo predomínio do acento de intensidade.

Numa versificação baseada na quantidade silábica e no acento de altura, como era a latina no período clássico, a rima teria forçosamente o caráter de puro adorno acidental — recurso lúdico ou de harmonia imitativa, quando não uma negligência. Nada, lembra J.-M. Meunier, poderia ser mais contrário ao princípio da métrica erudita do que volver, continuamente, às mesmas terminações. Obrigando a fixar a atenção em certas sílabas em detrimento do conjunto, essas rimas perturbavam a harmonia resultante da sucessão regular e do agrupamento variado das longas e das

[12] Cf. Alfred Ernout. *Recueil de textes latins archaïques*. Paris, Klincksieck, 1938, p. 178.

breves, sobre as quais incidia, ou o tempo forte métrico, ou o acento de altura. Nesta organização rítmica flexível e delicada, elas apareciam como notas discordantes e de tonalidade vulgar.[13]

Já numa versificação puramente silábica, o ritmo é o simples efeito da alternância de sílabas fortes e fracas, ou seja, impressionadas ou não pelo acento intensivo. A igualdade de som ou sons finais dos versos surge então como uma tosca forma de marcar-lhes o término. Gaston Paris chega a afirmar, com certo exagero, que "uma versificação simplesmente silábica não passa de um corpo sem alma; é necessariamente em tudo material, e só pode obter efeitos pelo meio brutal da rima".[14]

A partir do século IV da nossa era, a rima começa a ser empregada de forma sistemática. Aparece, então, na peça que finaliza as *Instructiones* de Comodiano e fixa-se, depois, nos hinos da liturgia cristã. Com o florescimento da poesia trovadoresca, nos séculos XII e XIII, ela assume uma importância capital e é explorada até os limites de seu poder expressivo. Basta para comprová-lo o fato de *Las Leys d'Amors*, tratado de poética do século XIV, enumerar 43 espécies de rimas utilizadas pelos trovadores occitânicos.

ESTROFAÇÃO

ESTROFE (do grego *strophé* "volta", "conversão") é um agrupamento rítmico formado de dois ou mais versos que, em geral, se combinam pela rima. Quanto maior o número de versos, tanto maior a possibilidade de variar a distribuição das rimas.

Eis os principais tipos de ESTROFE:

O DÍSTICO

É a menor estrofe, constituída de dois versos que rimam entre si, pelo esquema: *aa-bb*, etc.:

Filho meu, de nome escri**to**
Da minh'alma no Infini**to**.
Escrito a estrelas e s**angue**
No farol da lua **langue**...
(Cruz e Sousa)

---

[13] Cf. *La Vie de Saint Alexis, poème français du XIe. siècle*. Paris, Droz, 1933, p. 101.

[14] Citado por J.-M. Meunier, à p. 96 da obra mencionada na nota anterior.

O TERCETO

É a estrofe de três versos, hoje mais usada na composição do SONETO, do qual trataremos adiante.

Os poemas estruturados em TERCETOS seguiram largo tempo o modelo célebre da *Divina comédia*, de Dante — a TERZA RIMA —, sequência de TERCETOS decassilábicos em rima ENCADEADA (esquema: *aba-bcb-cdc...*). O segundo verso do último TERCETO devia rimar com um verso final, remate do poema ou do canto (esquema: *xzx-z*).

Posteriormente, compuseram-se TERCETOS com outras combinações rímicas (*aab-ccb*, *abc-abc*, etc.), ou mesmo sem rima, como estes do poema *Rosa da montanha*, de Alphonsus de Guimaraens Filho:

Um luar velho dói sobre o silêncio.
As mãos furtivas despetalam mortes
E o coração se perde em nostalgia.

Fugir na noite inconsolável, ir
Ao teu suplício, rosa da montanha,
Ó delicada pétala de sangue!

A QUADRA

É a estrofe de quatro versos, os quais, na poesia culta, se apresentam geralmente em rima ALTERNADA (*abab*) ou OPOSTA (*abba*), como vimos anteriormente. Na literatura popular, onde vale por um verdadeiro poema de forma fixa, a QUADRA é, por via de regra, constituída de heptassílabos com uma só rima, do 2.º com o 4.º verso. Exemplo:

O pouco que Deus nos deu
Cabe numa mão fech**ada**:
O pouco com Deus é muito,
O muito sem Deus é n**ada**.

A QUINTILHA

É a estrofe de cinco versos. Em suas formas comuns, apresenta a combinação de duas rimas dispostas nas séries:

a) *abaab*:

Além dos ares, tremulam**ente**,
Que visão branca das nuvens s**ai**!

Luz entre franças, fria e sil**ente**;
Assim nos ares, tremulam**ente**,
Balão aceso subindo **vai**...
(R. Correia)

b) *ababa*:

O tempo que eu hei sonh**ado**
Quanto tempo foi de **vida**!
Ah, quanto do meu pass**ado**
Foi só a vida ment**ida**
De um futuro imagin**ado**!
(F. Pessoa)

c) *abbab*:

Mas, em vida tão esc**assa**,
Que esperança será **forte**?
Fraqueza da humana s**orte**,
Que quanto da vida p**assa**
Está recitando a M**orte**.
(Camões)

A SEXTILHA

É a estrofe de seis versos. Nela a disposição das rimas pode variar muito. Gregório de Matos, por exemplo, usava o esquema *aabbcc*:

O namorado, todo almiscar**ado**,
Já de amor obrig**ado**,
Faz à dama um poema em um bilh**ete**.
Covarde o faz, e tímido o rem**ete**:
Se lhe responde branda, alegre o g**osta**,
E, se tirana, estima-lhe a resp**osta**.

Nas *Sextilhas de Frei Antão*, Gonçalves Dias rimou apenas os versos pares (*abcbdb*):

Mimoso tempo d'outrora
Qual nunca mais o ver**ei**,
Nem tão inteiros sujeitos,

Um ao outro dando a **lei**:
No Paço o rei ao vassalo,
Na Igreja o vassalo ao **rei**!

E assim fizeram outros poetas românticos, os quais preferiam, no entanto, o esquema *aabccb*:

Simpatia — são dois **galhos**
Banhados de bons orv**alhos**
Nas mangueiras do jard**im**;
Bem longe às vezes nasc**idos**,
Mas que se juntam cresc**idos**
E que se abraçam por **fim**.
(C. de Abreu)

esquema também do agrado de Antônio Nobre:

Às vezes, passo horas int**eiras**,
Olhos fitos nestas bras**eiras**,
Sonhando o tempo que lá v**ai**;
E jornadeio em fantas**ia**
Essas jornadas que eu faz**ia**
Ao velho Douro, mais meu P**ai**.

Poetas contemporâneos continuam a empregar a SEXTILHA nas suas múltiplas combinações rímicas, algumas muito harmoniosas, como o tipo *ababab*:

Por água brava ou ser**ena**
Deixamos nosso cant**ar**,
Vendo a voz como é peq**uena**
Sobre o comprimento do **ar**.
Se alguém ouvir temos p**ena**:
Só cantamos para o m**ar**...
(C. Meireles)

A ESTROFE DE SETE VERSOS

Frequente na poesia trovadoresca de caráter culto, a estrofe de sete versos teve menor fortuna a partir do Renascimento.

Aparece em composições ligeiras de poetas do período clássico, geralmente no esquema *abbaacc*, como nesta volta de uma cantiga de Camões:

Leva na cabeça o **pote**,
o testo nas mãos de pr**ata**,
cinta de fina escarl**ata**,
sainho de chamal**ote**:
traz a vasquinha de c**ote**,
Mais branca que neve p**ura**;
vai fermosa, e não seg**ura**.

Poetas posteriores usaram outras combinações rímicas, entre as quais podem ser citadas as seguintes: *aabcbbc* (Álvares de Azevedo); *abababa*, *aabcddc*, *abbcddc* (Casimiro de Abreu); *abacbac* (Vicente de Carvalho); *aabaaca*, *abbacbc* (Fernando Pessoa); *abcdefd*, *ababcac*, *abcdbec*, *abcabbc* (Cecília Meireles).

A OITAVA

Da estrofe de oito versos há um tipo tradicionalmente fixo, a OITAVA HEROICA, e outro métrica e rimicamente variável, a OITAVA LÍRICA.

A OITAVA HEROICA é formada de oito decassílabos, os seis primeiros com rima alternada e os dois últimos com rima emparelhada (esquema: *abababcc*). Foi a estrofe empregada por Camões em *Os lusíadas*:

De Formião, filósofo eleg**ante**,
Vereis como Aníbal escarnec**ia**,
Quando das artes bélicas di**ante**
Dele com larga voz tratava e **lia**.
A disciplina militar prest**ante**
Não se aprende, senhor, na fantas**ia**
Sonhando, imaginando ou estud**ando**,
Senão vendo, tratando e pelej**ando**.
(*Lus.*, X, 153)

A OITAVA LÍRICA admite grande variedade de combinações rímicas. Por vezes é uma simples justaposição de duas quadras. Assim nos esquemas *ababcdcd* e *abbacddc*. Para lhe dar estrutura mais orgânica, procuram os poetas ligar pela rima um verso da primeira metade com um verso da segunda, geralmente o 4.º com o 8º. Este, por exemplo, o caso dos esquemas:

a) *abbcaddc*:

Uma tarde cor-de-r**osa**...
Uma vila assim mod**esta**,
Assim tristonha como **esta**

De pescadores, também...
Sobre a planície arenosa
Por onde o Jordão deriva,
Pousa a sombra evocativa
Das montanhas de Siquém...
(V. de Carvalho)

b) *ababcccb*:

Ama tudo o que é beleza,
Quer da terra quer dos céus,
Ama toda a natureza,
Ama o seu e nosso Deus;
Ama a doce melodia,
Ama a noite como o dia,
Ama instintiva a poesia,
Que ela tem nos beijos seus!
(Mendes Leal)

c) *aaabcccb*:

Os trêmulos lumes,
Da veiga os perfumes,
Da fonte os queixumes,
Dos prados a flor,
Do mar a ardentia,
Da noite a harmonia,
Tudo isso é — poesia!
Tudo isso é — amor!
(C. de Abreu)

Os poetas românticos preferiam, não raro, variantes desses tipos com falta de rima no 1.º e no 3.º verso, ou no 1.º e no 5.º, ou em todos os versos ímpares.

Não faltam também oitavas líricas em que os versos se distribuem por duas rimas, como nesta de Gomes Leal, que obedece ao esquema *abaaabab*:

Pegou no copo, com graça,
E brindou, em língua estranha...
E a rainha, a vista baça,
Como a um punhal que a trespassa,
Encheu de prantos a taça,

E o seu lenço de Bret**anha**...
Chorou baixo, ao ouvir, com gr**aça**,
Esse brinde, em língua estr**anha**!

A ESTROFE DE NOVE VERSOS

Embora tenha raízes antigas na literatura portuguesa, a estrofe de nove versos foi sempre pouco usada. Dela se serviu, por exemplo, Machado de Assis no poema *Visio* (esquema: *aabcdbcdb*), que assim principia:

Eras pálida. E os cab**elos**,
Aéreos, soltos nov**elos**,
Sobre as espáduas ca**íam**...
Os olhos meio cerr**ados**
De volúpia e de tern**ura**
Entre lágrimas luz**iam**...
E os braços entrelaç**ados**,
Como cingindo a vent**ura**,
Ao teu seio me cing**iam**...

Mais recentemente, empregou-a Fernando Pessoa em *O mostrengo* (esquema: *aabaacdcd*), cujo início é o seguinte:

O mostrengo que está no fim do m**ar**
Na noite de breu ergueu-se a vo**ar**;
A roda da nau voou três vezes,
Voou três vezes a chi**ar**,
E disse, "Quem é que ousou entr**ar**
Nas minhas cavernas que não desv**endo**,
Meus tetos negros do fim do m**undo**?"
E o homem do leme disse, trem**endo**,
"El-Rei D. João Seg**undo**!"

A DÉCIMA

Em geral, a DÉCIMA é a simples justaposição de uma QUADRA e uma SEXTILHA, ou de duas QUINTILHAS. No período clássico, a DÉCIMA em heptassílabos era usada para poesias ligeiras: cantigas, glosas, vilancetes e esparsas. Sá de Miranda empregou-a nos esquemas *abbacddccd* e *abaabcddcd*; Camões, na forma *abaabcdccd*; e Gregório de Matos, que dela se serviu largamente nas sátiras, preferia o tipo *abbaaccddc*, de que nos dá mostra a seguinte, endereçada "a um livreiro que havia comido um canteiro de alfaces com vinagre":

Levou um livreiro a d**ente**
De alface todo um cant**eiro**,
E comeu, sendo livr**eiro**,
Desencadernadam**ente**.
Porém, eu digo que m**ente**
A quem disso o quer tach**ar**;
Antes é para not**ar**
Que trabalhou como um m**ouro**,
Pois meter folhas no c**ouro**
Também é encadern**ar**.

A esse tipo de décima de setissílabos, agrupados no esquema rímico *abbaaccddc*, dá-se o nome de ESPINELA, por ser atribuída a sua invenção ao poeta espanhol Vicente Espinel.

A partir do romantismo, novos tipos de DÉCIMA têm aparecido, de regra com intercalações de versos brancos. Compare-se este exemplo de Castro Alves (esquema *abcbddeffe*):

Talhado para as grandezas,
Para crescer, criar, sub**ir**,
O Novo Mundo nos músculos
Sente a seiva do porv**ir**.
— Estatuário de col**ossos**
Cansado doutros esb**oços**,
Disse um dia Jeov**á**:
"Vai, Colombo, abre a cort**ina**
Da minha eterna ofic**ina**...
Tira a América de **lá**".

E este outro de Antônio Botto (esquema: *abcbdefghg*):

Se eu fosse alguém ou mandasse
Neste mundo de vil**eza**,
Só pensava numa coisa
— Acabar com a pobr**eza**.
Dar à vida outra feição
Mais igual, mais repartida,
Seria o meu grande sonho,
A minha grande alegr**ia**,
E a cada boca, num beijo,
Dar o pão de cada d**ia**.

ESTROFE SIMPLES E COMPOSTA

Chamam-se SIMPLES as estrofes formadas de versos de uma só medida, e COMPOSTAS as que combinam versos maiores com menores.

As combinações mais comuns são:

a) a do decassílabo com o hexassílabo;
b) a do hendecassílabo com o pentassílabo;
c) a do alexandrino com os versos de oito, de seis ou de quatro sílabas;
d) a do heptassílabo com os versos de três ou de quatro sílabas.

ESTROFE LIVRE

Denomina-se LIVRE ou POLIMÉTRICA a estrofe que apresenta versos de diferentes medidas e agrupados sem obediência a qualquer regra. Em verdade, a ESTROFE LIVRE é a negação da estrofe, no sentido tradicional dessa palavra.

POEMAS DE FORMA FIXA

Há poemas que têm uma forma fixa, isto é, submetida a regras determinadas quanto à combinação dos versos, das rimas ou das estrofes. Assim o SONETO, O RONDÓ, O RONDEL, a BALADA, O CANTO REAL, O VILANCETE, a VILANELA, a SEXTINA, O PANTUM, O HAICAI e a QUADRA popular. Dentre eles, merece um comentário particular o SONETO por sua longa vitalidade em várias literaturas, inclusive na portuguesa e na brasileira.

O SONETO

Há duas variedades de SONETO: O SONETO ITALIANO e O SONETO INGLÊS.

1. Compõe-se o SONETO ITALIANO de quatorze versos, geralmente decassílabos ou alexandrinos, agrupados em duas quadras e dois tercetos.

   As rimas das quadras são as mesmas. Um par de rimas serve a ambas, segundo um dos dois esquemas:

   1.º) *abba-abba*, que é o mais usual e se pode ver, por exemplo, no soneto *No claustro de celas*, de Camilo Pessanha, reproduzido à página 704 deste livro.

   2.º) *abab-abab*, disposição de rimas a que obedece, por exemplo, as do soneto *Remissão*, de Carlos Drummond de Andrade:

> Tua memória, pasto de poesi**a**,
> tua poesia, pasto dos vulg**ares**,
> vão se engastando numa coisa fri**a**
> a que tu chamas: vida, e seus pes**ares**.

Mas, pesares de quê? perguntar**ia**,
se esse travo de angústia nos cant**ares**,
se o que dorme na base da eleg**ia**
vai correndo e secando pelos **ares**.

2. Nos tercetos podem combinar-se duas ou, mais frequentemente, três rimas. Quando há apenas duas rimas, dispõem-se elas normalmente de forma alternada: *cdc-dcd*. Assim no soneto de Camilo Pessanha, atrás mencionado. Se as rimas são três, distribuem-se em geral nos esquemas:

1.º) *ccd-eed*, empregado preferentemente por Florbela Espanca, a exemplo destes tercetos de *Languidez*:

Fecho as pálpebras roxas, quase pr**etas**,
Que pousam sobre duas viol**etas**,
Asas leves cansadas de v**oar**...

E a minha boca tem uns beijos m**udos**...
E as minhas mãos, uns pálidos vel**udos**,
Traçam gestos de sonho pel**o ar**...

2.º) *cdc-ede*, que se documenta nos tercetos de *Lar paterno*, de Belmiro Braga:

Serras virentes, que não mais transp**onho**,
Na retina fiel ainda eu vos t**enho**,
E revejo, através de um brando s**onho**,

A casa onde nasci, as mansas r**eses**,
A várzea, o laranjal, a horta, o eng**enho**
E a cruz onde rezei por tantas v**ezes**...

3.º) *cde-cde*, que aparece nestes tercetos de *Zulmira*, de Raimundo Correia:

Não sei porque chorando toda a g**ente**,
Quando Zulmira se casou, est**ava**:
Belo era o noivo... que razões hav**ia**?

A mãe e a irmã choravam tristem**ente**;
Só o pai de Zulmira não chor**ava**...
E era o pai, afinal, quem mais sofr**ia**!

Estas as principais disposições rímicas do SONETO ITALIANO, ou seja, da forma tradicional deste breve e afortunado poema.

3. O SONETO INGLÊS, modernamente introduzido nas literaturas de língua portuguesa, também consta de quatorze versos, mas distribuídos em três quadras e um dístico final, que se escrevem sem espacejamento. Obedece a um dos dois esquemas:

a) *ababbcbccdcd ee*;
b) *ababcdcdefef gg*.

Na literatura inglesa, o primeiro tipo é conhecido por SONETO SPENSERIANO (*spenserian sonnet*), por ter sido cultivado inicialmente pelo poeta Edmund Spenser (1552?-1599); o segundo denomina-se SONETO SHAKESPEARIANO (*Shakespearean sonnet*), ou, simplesmente, SONETO INGLÊS (*English sonnet*), por se haver tornado a forma mais usual do poema desde que dela se serviu o genial dramaturgo nos 154 espécimes do gênero que nos legou.

De Manuel Bandeira é este soneto shakespeariano:

SONETO INGLÊS N.º 2

Aceitar o castigo imerecido,
Não por fraqueza, mas por altivez.
No tormento mais fundo o teu gemido
Trocar num grito de ódio a quem o fez.
As delícias da carne e pensamento
Com que o instinto da espécie nos engana
Sobpor ao generoso sentimento
De uma afeição mais simplesmente humana.
Não tremer de esperança nem de espanto.
Nada pedir nem desejar, senão
A coragem de ser um novo santo
Sem fé num mundo além do mundo. E então
Morrer sem uma lágrima, que a vida
Não vale a pena e a dor de ser vivida.

Elenco e desenvolvimento das abreviaturas usadas

A. A. de Melo Franco, *AR* = FRANCO, Afonso Arinos de Melo. *Amor a Roma*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.

A. Abelaira, *B* = ABELAIRA, Augusto. *Bolor*. 3.ª ed. Amadora, Bertrand, 1974.

A. Abelaira, *BI* = ——. *As boas intenções*; romance. 2.ª ed. Amadora, Bertrand, 1971.

A. Abelaira, *CF* = ——. *A cidade das flores*; romance. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1972.

A. Abelaira, *D* = ——. *Os desertores*; romance. 3.ª ed. Amadora, Bertrand [1971].

A. Abelaira, *NC* = ——. *O nariz de Cleópatra*. Comédia em 3 atos. Amadora, Bertrand [1962].

A. Abelaira, *QPN* = ——. *Quatro paredes nuas*; contos. Amadora, Bertrand, 1972.

A. Abelaira, *TM* = ——. *O triunfo da morte*. Lisboa, Sá da Costa, 1981.

A. Amoroso Lima, *AA* = LIMA, Alceu Amoroso [Tristão de Ataíde]. *Afonso Arinos*. Rio de Janeiro-Lisboa-Porto, 1922.

A. Arinos, *OC* = ARINOS, Afonso. *Obra completa*. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1969.

A. Azevedo, *C* = AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. Segundo milheiro. Rio de Janeiro, Garnier, 1890.

A. Bessa Luís, *AM* = LUÍS, Agustina Bessa. *A muralha*; romance. Lisboa, Guimarães Editores, 1957.

A. Bessa Luís, *M* = ——. *O manto*; romance. Amadora, Bertrand, s. d.

A. Bessa Luís, *OM* = ——. *O mosteiro*; romance. 2.ª ed. Lisboa, Guimarães & Cia., 1980.

A. Bessa Luís, *QR* = ——. *As relações humanas: Os quatro rios*; romance. Lisboa, Guimarães Editores, s. d.

A. Bessa Luís, *S* = ——. *A sibila*; romance. 5.ª ed. Lisboa, Guimarães & Cia., s. d.

A. Botto, *C* = BOTTO, Antônio. *Canções*. Nova edição definitiva. Lisboa, Bertrand, 1941.

A. Botto, *OA* = ——. *Ódio e amor*. Lisboa, Ática, 1947.

A. Callado, *MC* = CALLADO, Antônio. *A madona de cedro*. 2.ª ed. Nova Fronteira, 1981.

A. Callado, *Q* = ——. *Quarup*; romance. 2.ª ed. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1967.

A. Carlos Resende, *LD* = RESENDE, Antônio Carlos. *O louva-a-deus*; novela. Porto Alegre, Globo, 1980.

A. Corrêa d'Oliveira, *M* = OLIVEIRA, Antônio Corrêa d'. *Menino*. Paris-Lisboa, Aillaud & Bertrand; Rio de Janeiro, Francisco Alves, s. d.

A. Corrêa d'Oliveira, *VSVA* = ——. *Verbo ser e verbo amar*. Lisboa, Aillaud & Bertrand, 1926.

A. de Alcântara Machado, *NP* = MACHADO, Antônio de Alcântara. *Novelas paulistanas: Brás, Bexiga e Barra Funda; Laranja da China; Mana Maria; Contos avulsos*. 6.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1979.

A. de Assis Júnior, *SM* = ASSIS JÚNIOR, Antônio de. *O segredo da morta*; romance de costumes angolenses. 2.ª ed. Lisboa, Edições 70, 1979.

A. de Guimaraens, *OC* = GUIMARAENS, Alphonsus de. *Obra completa*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1960.

A. de Oliveira, *P* = OLIVEIRA, Alberto de. *Poesias*; 1.ª e 2.ª séries, edição melhorada. Rio de Janeiro, Garnier, 1912; 3.ª série. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1913; 4.ª série, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1928.

A. de Oliveira, *Pós.* = ——. *Póstuma*. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 1944.

A. de Quental, *C* = QUENTAL, Antero de. *Cartas*. 2.ª ed. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1921.

A. de Quental, *P* = ——. *Prosas*. Lisboa, Couto Martins-Coimbra, Imprensa da Universidade, 1923-1931. 3 v.

A. de Quental, *SC* = ——. *Sonetos completos*, publicados por J. P. Oliveira Martins. 2.ª ed. aumentada. Porto, Portuense, 1890.

A. Deodato, *POBD* = DEODATO, Alberto. *Políticos e outros bichos domésticos*; crônicas. 2.ª ed. Belo Horizonte, Itatiaia, 1963.

A. dos Anjos, *E* = ANJOS, Augusto dos. *Eu*. Rio de Janeiro, s. ed. 1912.

A. Frederico Schmidt, *AP* = SCHMIDT, Augusto Frederico. *Antologia de prosa*. Rio de Janeiro, Letras e Artes, 1964.

A. Frederico Schmidt, *F* = ——. *As florestas*; páginas de memórias. Rio de Janeiro, José Olympio, 1959.

A. Frederico Schmidt, *GB* = ——. *O galo branco*; páginas de memórias. Rio de Janeiro, José Olympio, 1957.

A. Frederico Schmidt, *PE* = ——. *Poesias escolhidas*. Rio de Janeiro, Américc-Edit., 1946.

A. Feliciano de Castilho, *AO* = CASTILHO, Antônio Feliciano de. *Os amores de P. Ovídio Nasão*. Rio de Janeiro, Ed. Bernardo Xavier Pinto de Souza, 1858. 4 t.

A. Feliciano de Castilho, *F* = ——. *Os fastos de Públio Ovídio Nasão*. Lisboa, Imprensa da Academia Real das Sciencias, 1862. 3 t.

A. Ferreira, *C* = FERREIRA, Antônio. *Castro*. In SILVEIRA, A. F. de Sousa da. *Textos quinhentistas*; estabelecidos e comentados por ——. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1945, p. 143-262.

A. Gil, *LJ* = GIL, Augusto. *Luar de janeiro*. 3.ª ed. Lisboa, Bertrand, 1917.

A. Herculano, *E* = HERCULANO, Alexandre. *Eurico, o presbítero*. 32.ª ed. Edição definitiva conforme com as edições da vida do Auctor, dirigida por David Lopes. Lisboa, Bertrand, s. d.

A. Herculano, *HP* = ——. *História de Portugal, desde o começo da monarchia até o fim do reinado de Afonso III*. 8.ª ed., dirigida por David Lopes. Lisboa, Aillaud & Bertrand, s. d. 8 t.

A. Herculano, *LN* = ——. *Lendas e narrativas*. 22.ª ed. Edição definitiva conforme com as edições da vida do Auctor, dirigida por David Lopes. Lisboa-Rio de Janeiro, Bertrand/Francisco Alves, s. d. 2 t.

A. Herculano, *MC* = ——. *O monge de Císter, ou a epocha de D. João I*. 19.ª ed. Edição definitiva conforme com as edições da vida do Auctor, dirigida por David Lopes. Lisboa, Bertrand, s. d. 2 t.

A. Herculano, *OEIP* = ——. *História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal*; tentativa histórica. Lisboa, Imprensa Nacional, 1855-1864. 3 v.

A. M. Machado, *CJ* = MACHADO, Aníbal M. *Cadernos de João*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1957.

A. M. Machado, *HR* = ——. *Histórias reunidas*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1959.

A. M. Machado, *JT* = ——. *João Ternura*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1965.

A. Magalhães, *OC* = MAGALHÃES, Adelino. *Obra completa*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1963.

A. Margarido, *ELNA* = MARGARIDO, Alfredo. *Estudos sobre literaturas das nações africanas de língua portuguesa*. Lisboa, A Regra do Jogo, 1980.

A. Meyer, *CM* = MEYER, Augusto. *A chave e a máscara*. Rio de Janeiro, Ed. O Cruzeiro, 1964.

A. Meyer, *MA* = ——. *Machado de Assis* (1935-1958). Rio de Janeiro, São José, 1958.

A. Meyer, *P* = ——. *Poesias* (1922-1955). Rio de Janeiro, São José, 1957.

A. Meyer, *SI* = ——. *Segredos da infância*. Porto Alegre, Globo, 1949.

A. Nascentes, *PR* = Nascentes, Antenor. *O problema da regência: regência integral e viva*. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1944.

A. Nobre, *CI* = Nobre, Antônio. *Cartas inéditas*. Coimbra, Presença, 1934.

A. Nobre, *D* = ——. *Despedidas* (1895-1899). Porto, s. ed., 1902.

A. Nobre, *S* = ——. *Só*. 2.ª ed. Lisboa, Guillard & Aillaud, 1898.

A. O'Neill, *SO* = O'Neill, Alexandre. *A saca de orelhas*. Lisboa, Sá da Costa, 1979.

A. Patrício, *P* = Patrício, Antônio. *Poesias*. Lisboa, Ática, 1954.

A. Peixoto, *NHLB* = Peixoto, Afrânio. *Noções de história da literatura brasileira*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1931.

A. Peixoto, *RC* = ——. *Romances completos*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1962.

A. Rangel, *IV* = Rangel, Alberto. *Inferno verde: scenas e scenários do Amazonas*. 3.ª ed. Tours, Typ. E. Arrault, 1920.

A. Renault, *LSL* = Renault, Abgar. *A lápide sob a lua*. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 1968.

A. Ribeiro, *AFPB* = Ribeiro, Aquilino. *Andam faunos pelo bosque*; romance. Lisboa, Bertrand, 1962.

A. Ribeiro, *CRG* = ——. *Cinco réis de gente*; romance. 3.ª ed. Lisboa, Bertrand, s. d.

A. Ribeiro, *ES* = ——. *Estrada de Santiago*. Lisboa, Aillaud & Bertrand, 1922.

A. Ribeiro, *M* = ——. *O Malhadinhas – mina de diamantes*. Lisboa, Bertrand, 1958.

A. Ribeiro, *PSP* = ——. *Portugueses das sete partidas*. 3.ª ed. Lisboa, Bertrand, s. d.

A. Ribeiro, *SBAM* = ——. *São Banaboião, anacoreta e mártir*. 2.ª ed. Lisboa, Bertrand, s. d.

A. Ribeiro, *V* = ——. *Volfrâmio*. Nova ed. Lisboa, Bertrand, s. d.

A. Santos, *K* = Santos, Arnaldo. *Kinaxixe e outras prosas*. São Paulo, Ática, 1981.

A. Santos, *P* = ——. *Prosas*. Lisboa, Edições 70, 1977.

A. Sérgio, *D* = Sérgio, Antônio. *Obras completas: Democracia*. Lisboa, Sá da Costa, 1974.

A. Sérgio, *E* = ——. *Obras completas: ensaios*. Lisboa, Sá da Costa, 1972-1974. 8 t.

A. Tavares, *PC* = Tavares, Adelmar. *Poesias completas*. Nova ed. Rio de Janeiro, São José, 1958.

Adonias Filho, *LP* = Aguiar Filho, Adonias. *Léguas da promissão*; novelas. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.

Adonias Filho, *LBB* = ——. *Luanda, Beira, Bahia*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1971.

Adonias Filho, *F* = ——. *O forte*; romance. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965.

Agostinho Neto, *SE* = Agostinho Neto, Antônio. *Sagrada esperança*; poemas. 9.ª ed. Lisboa, Sá da Costa, 1979.

Almada Negreiros, *NG* = Negreiros, José de Almada. *Nome de guerra*. Lisboa, Verbo, 1972.

Almada Negreiros, *OC* = ——. *Obras completas*. Lisboa, Estampa, 1970-1972. 6 v.

Almeida Garrett, *O* = Garrett, J. B. de Almeida. *Obras de Almeida Garrett*. Porto, Lello & Irmão, 1966. 2 v.

Almeida Garrett, *RCG* = ——. *Romanceiro e cancioneiro geral. I. Adozinda e outros*. Lisboa, Sociedade Propagadora de Conhecimentos Úteis, 1843.

Alves Redol, *BC* = Redol, Antônio Alves. *Barranco de cegos*. 4.ª ed. Lisboa, Europa-América, 1973.

Alves Redol, *BSL* = ——. *A barca dos sete lemes*. 6.ª ed. Lisboa, Europa-América, 1972.

Alves Redol, *C* = ——. *Constantino, guardador de vacas e de sonhos*. Lisboa, Europa-América, 1975.

Alves Redol, *F* = ——. *Fanga*, 8.ª ed. Lisboa, Europa-América, 1972.

Alves Redol, *FM* = ——. *Uma fenda na muralha*. 4.ª ed. Lisboa, Europa-América, 1976.

Alves Redol, *G* = ——. *Gaibéus*. 4.ª ed. Lisboa, Europa-América, 1975.

Alves Redol, *MB* = ——. *O muro branco*. 3.ª ed. Lisboa, Europa-América, 1976.

Artur Azevedo, *CFM* = AZEVEDO, Arthur. *Contos fora de moda*. 7.ª ed. Rio de Janeiro, Alhambra, 1982.

Autran Dourado, *IP* = DOURADO, Valdomiro Freitas Autran. *As imaginações pecaminosas*. Rio de Janeiro, Record, 1981.

Autran Dourado, *RB* = ——. *O risco do bordado*; romance. 6.ª ed. São Paulo-Rio de Janeiro, Difel, 1976.

Autran Dourado, *TA* = ——. *Tempo de amor*. [São Paulo] Difel, 1979.

Branquinho da Fonseca, *B* = FONSECA, Antônio José Branquinho da. *O barão*, 6.ª ed. Lisboa, Portugália, 1972.

Branquinho da Fonseca, *MS* = ——. *Mar santo*; novela. 3.ª ed. Lisboa, Portugália, 1964.

B. Guimarães, *EI* = GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*; romance. Rio de Janeiro, Garnier, 1875.

B. Lopes, *H* = LOPES, Bernardino da Costa. *Helenos*. Rio de Janeiro, s. ed., 1901.

B. Lopes da Silva, *C* = SILVA, Baltasar Lopes da. *Chiquinho*; romance. São Vicente-Cabo Verde, Claridade, 1947.

B. Santareno, *TPM* = SANTARENO, Bernardo. *A traição do padre Martinho*; narrativa dramática em dois actos. Lisboa, Ática, 1969.

Barão do Rio Branco, *D* = RIO BRANCO, José M. S. Paranhos Júnior, barão do. *Obras do Barão do Rio Branco, IX. Discursos*. Rio de Janeiro, Ministério das Relações Exteriores, 1948.

C. Castelo Branco, *BE* = BRANCO, Camillo Castello. *Bohemia do espírito*. Porto, Livraria Civilização, 1886.

C. Castelo Branco, *BP* = ——. *A brazileira de Prazins; Scenas do Minho*. Porto, Ernesto Chardron, 1883.

C. Castelo Branco, *CC* = ——. *Scenas contemporâneas*. 2.ª ed. Porto, Cruz Coutinho, 1862.

C. Castelo Branco, *CE* = ——. *Coisas espantosas*. 2.ª ed. Lisboa, Antônio Maria Pereira, 1864.

C. Castelo Branco, *J* = ——. *O judeu*; romance histórico. Porto, Casa de Viúva Moré, 1866.

C. Castelo Branco, *OS* = ——. *Obra selecta*. Organização, seleção, introdução e notas de Jacinto do Prado Coelho. Rio de Janeiro, Aguilar, 1960-1963. 2 v.

C. Castelo Branco, *QA* = ——. *A queda d'um anjo*. Edição definitiva, revista e corrigida pelo autor. Lisboa-Rio de Janeiro, Campos & Cia., 1887.

C. Castelo Branco, *RI* = ——. Prefacio biographico. In: CASTRO, Antônio Serrão de. *Os ratos da Inquisição*. Porto, Ernesto Chardron, 1883, p. 5-109.

C. Castelo Branco, *V* = ——. *Vingança*. Porto, Cruz Coutinho, 1863.

C. de Abreu, *O* = ABREU, Casimiro de. *Obras de Casimiro de Abreu*. Apuração e revisão do texto, escorço biográfico, notas e índices por Sousa da Silveira. 2.ª ed. Rio de Janeiro, MEC/Casa de Rui Barbosa, 1955.

C. de Oliveira, *AC* = OLIVEIRA, Carlos de. *Uma abelha na chuva*; romance. 8.ª ed. Lisboa, Sá da Costa, 1975.

C. de Oliveira, *CD* = ——. *Casa na duna*; romance. 5.ª ed. Lisboa, Sá da Costa, 1977.

C. de Oliveira, *PB* = ——. *Pequenos burgueses*; romance. 7.ª ed. Lisboa, Sá da Costa, 1981.

C. dos Anjos, *DR* = ANJOS, Ciro dos. *2 romances: O amanuense Belmiro; Abdias*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1957.

C. dos Anjos, *M* = ——. *Montanha*; romance. Rio de Janeiro, 1956.

C. dos Anjos, *MS* = ——. *A menina do sobrado*. Rio de Janeiro, José Olympio/MEC, 1979.

C. Drummond de Andrade, *BV* = ANDRADE, Carlos Drummond de. *A bolsa & a vida*. Rio de Janeiro, Edições do Autor, 1962.

C. Drummond de Andrade, *CA* = ——. *Contos de aprendiz*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1958.

C. Drummond de Andrade, *CB* = ——. *Cadeira de balanço*; crônicas. Rio de Janeiro, José Olympio, 1966.

C. Drummond de Andrade, *CJB* = ——. *Caminhos de João Brandão*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1970.

C. Drummond de Andrade, *CM* = ——. *Confissões de Minas*. Rio de Janeiro, Américc-Edit., 1944.

C. Drummond de Andrade, *FA* = ——. *Fala, amendoeira*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1957.

C. Drummond de Andrade, *IB* = ——. *As impurezas do branco*. Rio de Janeiro, José Olympio/MEC, 1973.

C. Drummond de Andrade, *MA* = ——. *Menino antigo (Boitempo II)*. Rio de Janeiro, Sabiá/José Olympio/MEC, 1973.

C. Drummond de Andrade, *OC* = ——. *Obra completa*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1964.

C. Drummond de Andrade, *R* = ——. *Reunião*; 10 livros de poesias. Rio de Janeiro, José Olympio, 1969.

C. Falcão, *C* = Falcão, Cristóvão. *Crisfal*. In Silveira, A. F. de Sousa da. *Textos quinhentistas; estabelecidos e comentados por* ——. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1945, p. 57-142.

C. Lispector, *AV* = Lispector, Clarice. *Água viva*. 4.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.

C. Lispector, *BF* = ——. *A bela e a fera*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.

C. Lispector, *FC* = ——. *Felicidade clandestina*; contos. 3.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981.

C. Lispector, *HE* = ——. *A hora da estrela*. 4.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1978.

C. Lispector, *LF* = ——. *Laços de família*; contos. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1965.

C. Lispector, *L* = ——. *O lustre*; romance. 5.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.

C. Lispector, *ME* = ——. *A maçã no escuro*. 6.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981.

C. Lispector, *PSGH* = ——. *A paixão segundo GH*; romance. 7.ª ed. Rio de Janeiro, 1980.

C. Lispector, *SV* = ——. *Um sopro de vida (Pulsações)*. 4.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981.

C. M. da Costa, *OP* = Costa, Cláudio Manuel da. *Obras poéticas*. Nova edição... por João Ribeiro. Rio de Janeiro, Garnier, 1903. 2 t.

C. Meireles, *OP* = Meireles, Cecília. *Obra poética*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1958.

C. Meireles, *Q, I* = Meireles, Cecília et alii. *Quadrante I*; crônicas. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1962.

C. Nejar, *OP* = Nejar, Carlos.

C. Pena Filho, *LG* = Pena Filho, Carlos. *Livro geral*. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 1969.

C. Pessanha, *C* = Pessanha, Camilo. *Clepsidra*. Lisboa, Ática, 1945.

Caldas Aulete, *DCLP* = Aulete, F. J. Caldas. *Diccionario contemporaneo da lingua portugueza*; feito sobre um plano inteiramente novo. Lisboa, Antônio Maria Pereira [1902]. 2 v.

Castro Alves, *EF* = Alves, Antônio de Castro. *Espumas fluctuantes*; poesias. Bahia, Typ. de Camillo de Lellis Masson, 1870.

Castro Alves, *OC* = ——. *Obra completa*. 3.ª ed. Rio de Janeiro, Aguilar, 1976.

Castro Soromenho, *C* = Soromenho, Fernando Monteiro de Castro. *A chaga*; romance. 2.ª ed. Lisboa, Sá da Costa, 1979.

Castro Soromenho, *TM* = ——. *Terra morta*; romance. Lisboa, Sá da Costa, s. d.

Castro Soromenho, *V* = ——. *Viragem*. 3.ª ed. Lisboa, Sá da Costa, 1979.

Cochat Osório, *CV* = Osorio, Ernesto Cochat. *Capim verde*; contos, Luanda, Lello, 1957.

Coelho Netto, *OS* = Coelho Netto, Henrique Maximiano. *Obra seleta, I. Romances*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1958.

Costa Andrade, *NVNT* = Andrade, Fernando Costa. *No velho ninguém toca*. Lisboa, Sá da Costa, 1974.

Cruz e Sousa, *OC* = Sousa, João da Cruz e. *Obra completa*. Rio de Janeiro. Aguilar, 1961.

D. Andrade, *VEE* = Andrade, Djalma. *Versos escolhidos e epigramas*. 3.ª ed. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1952.

D. Mourão-Ferreira, *HL* = Mourão-Ferreira, David. *Hospital das letras*; ensaios. Lisboa, Guimarães Editores, 1966.

D. Mourão-Ferreira, *I* = ——. *O irmão*; peça em 2 atos. Lisboa, Guimarães Editores, 1965.

D. Olímpio, *LH* = Olímpio, Domingos. *Luzia homem*. Rio de Janeiro, Companhia Litho-Typographia, 1903.

D. Silveira de Queirós, *EHT* = Queirós, Dinah Silveira de. *Eles herdarão a terra*. Rio de Janeiro, GRD, 1960.

D. Silveira de Queirós, *FS* = ——. *Floradas na serra*; romance. 3.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1955.

D. Silveira de Queirós, *M* = ——. *A muralha*. 3.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

D. Silveira de Queirós, *MLR* = ——. *Margarida La Rocque*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1949.

D. Silveira de Queirós, *VI* = ——. *Verão dos infiéis*; romance. 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio/MEC, 1971.

Da Costa e Silva, *PC* = SILVA, Antônio Francisco da Costa e. *Poesias completas*. 2.ª ed. revista e anotada por Alberto da Costa e Silva. Rio de Janeiro, Cátedra/MEC, 1976.

E. C. Pereira, *GH* = PEREIRA, Eduardo Carlos. *Grammatica histórica*. 9.ª ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1935.

E. da Cunha, *OC* = CUNHA, Euclides da. *Obra completa*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1966. 2 v.

E. de Castro, *OP* = CASTRO, Eugénio de. *Obras poéticas*. Lisboa, Lumen, 1927-1940; Barcelos, Portucalense, 1944. 10 v.

E. de Castro, *UV* = ——. *Últimos versos*. Lisboa, Bertrand, 1938.

E. Moura, *EP* = MOURA, Emílio. *Itinerário poético*; poemas reunidos. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1969.

E. Pereira Filho, in *TPB*, de Gândavo = PEREIRA FILHO, Emanuel. In: GÂNDAVO, Pedro de Magalhães de. *Tratado da província do Brasil*. Edição crítica. MEC/INL, 1965.

E. Prado, *IA* = Prado, Eduardo. *A ilusão americana*. 3.ª ed. São Paulo, Escola Typ. Salesiana, 1902.

É. Veríssimo, *A* = VERÍSSIMO, Érico. *O tempo e o vento, III. O arquipélago*. 1.ª ed., 2.ª impr. Porto Alegre, Globo, 1962-1966. 3 v.

É. Veríssimo, *C* = ——. *Clarissa*. 6.ª ed. Porto Alegre, Globo, 1947.

É. Veríssimo, *GPCN* = ——. *Gato preto em campo de neve*. 9.ª ed. Rio de Janeiro-Porto Alegre-São Paulo, Globo, 1952.

É. Veríssimo, *LS* = ——. *Um lugar ao sol*. 2.ª ed. Porto Alegre, Globo, 1963.

É. Veríssimo, *ML* = ——. *Música ao longe*. 8.ª ed. Porto Alegre, 1947.

Eça de Queirós, *O* = *Obras de Eça de Queirós*. Porto, Lello & Irmão, 1958. 3 v.

F. A. Varnhagen, *CTA* = VARNHAGEN, Francisco Adolpho. *Cancioneirinho de trovas antigas coligidas de um grande cancioneiro da Biblioteca do Vaticano*. Viena, Typ. I. e R. do E. e da Corte, 1870.

F. Botelho, *X* = BOTELHO, Fernanda. *Xerazade e os outros*; romance (tragédia em forma de). Amadora, Bertrand, s. d.

F. de Castro, *ANE* = CASTRO, Fernanda de. *Asa no espaço*. Lisboa, Ática, 1955.

F. Espanca, *S* = ESPANCA, Florbela. *Sonetos*; edição integral. 10.ª ed. Porto, Tavares Martins, 1962.

F. J. Tenreiro, *OP* = TENREIRO, Francisco José. *Obra poética*. Lisboa, Associação dos Antigos Alunos do ISCSPU, 1967.

F. Namora, *CS* = NAMORA, Fernando. *Cidade solitária*; narrativas. 4.ª ed. Lisboa, Publicações Europa-América, 1969.

F. Namora, *DT* = ——. *Domingo à tarde*; romance. 11.ª ed. Amadora, Bertrand, 1975.

F. Namora, *E* = ——. *Encontros com Fernando Namora*. 2.ª ed. Amadora, Bertrand, 1981.

F. Namora, *HD* = ——. *O homem disfarçado*; romance. 6.ª ed. Lisboa, Europa-América, 1970.

F. Namora, *NM* = ——. *A noite e a madrugada*; romance. 5.ª ed. Paris, Europa-Brasil, 1968.

F. Namora, *RT* = ——. *O rio triste*; romance. Rio de Janeiro, Nórdica, 1982.

F. Namora, *TJ* = ——. *O trigo e o joio*. 12.ª ed. Amadora, Bertrand, 1974.

F. Pessoa, *LD* = PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego por Bernardo Soares*. Recolha e transcrição dos textos: Maria Aliete Galhoz, Teresa Sobral Cunha. Prefácio e organização: Jacinto do Prado Coelho. Lisboa, Ática, 1982.

F. Pessoa, *OP* = ——. *Obra poética*. Organização, introdução e notas de Maria Aliete Dores Galhoz. Rio de Janeiro, Aguilar, 1960.

F. Pessoa, *QGP* = ——. *Quadras ao gosto popular*. Lisboa, Ática, 1965.

F. Pessoa, *SP* = ——. *Sobre Portugal: introdução ao problema nacional*. Recolha de textos:

dra. Maria Isabel Rocheta, dra. Maria Paula Morão. Introdução e organização: Joel Serrão. Lisboa, Ática, 1978.

F. Sabino, *EM* = SABINO, Fernando. *O encontro marcado*. 8.ª ed. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1966.

F. Sabino, *G* = ——. *Gente*. Rio de Janeiro, Record, 1975. 2 t.

F. Sabino, *GM* = ——. *O grande mentecapto*. Rio de Janeiro, Record [1979].

F. Sabino, *HN* = ——. *O homem nu*. 5.ª ed. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1963.

F. Sabino, *ME* = ——. *O menino no espelho*; romance. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Record, 1982.

Fagundes Varela, *PC* = VARELA, L. N. Fagundes. *Poesias completas*. Organização e apuração do texto de Miécio Táti e E. Carreiro Guerra. São Paulo, Ed. Nacional, 1957. 3 v.

Fagundes Varela, *VA* = ——. *Vozes de America*; poesias. 2.ª ed. Porto, Typ. de Antonio José da Silva Teixeira, 1876.

Ferreira de Castro, *OC* = CASTRO, José Maria Ferreira de. *Obra completa*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1958-1961. 3 v.

Fontoura Xavier, *O* = XAVIER, A. Fontoura. *Opalas*; edição definitiva, muito aumentada. Lisboa, Viúva Tavares Cardoso, 1905.

G. Amado, *DP* = AMADO, Gilberto. *Depois da política*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1960.

G. Amado, *HMI* = ——. *História da minha infância*. 3.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1966.

G. Amado, *PP* = ——. *Presença na política*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1958.

G. Amado, *TL* = ——. *Três livros: A chave de Salomão e outros escritos, Grão de areia e estudos brasileiros, A dança sobre o abismo*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1963.

G. Barroso, *TS* = BARROSO, Gustavo. *Terra de sol (Natureza e costumes do Norte)*. 5.ª ed. Rio de Janeiro, São José, 1956.

G. Cruls, *HA* = CRULS, Gastão. *Hileia amazônica*. 3.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1958.

G. Cruls, *QR* = ——. *Quatro romances*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1958.

G. de Almeida, *N* = ALMEIDA, Guilherme de. *Natalika*. Rio de Janeiro, Candeia Azul, 1924.

G. de Almeida, *PV* = ——. *Poesia vária*. 2.ª ed. São Paulo, Martins, 1963.

G. de Almeida, *TP* = ——. *Toda a poesia*. São Paulo, Martins, 1952. 7 t.

G. França de Lima, *JV* = LIMA, Geraldo França de. *Jazigo dos vivos*; romance. 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1969.

G. Freyre, *OE* = FREYRE, Gilberto. *Obra escolhida*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1977.

G. Ramos, *A* = RAMOS, Graciliano. *Angústia*; romance. 3.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1947.

G. Ramos, *AOH* = ——. *Alexandre e outros heróis*; obra póstuma. 4.ª ed. São Paulo, Martins, 1968.

G. Ramos, *C* = ——. *Caetés*; romance. 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1947.

G. Ramos, *I* = ——. *Infância*, 9.ª ed. São Paulo, Martins, 1972.

G. Ramos, *Ins.* = ——. *Insônia*; contos. Rio de Janeiro, José Olympio, 1947.

G. Ramos, *SB* = ——. *São Bernardo*; romance. 3.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1947.

G. Ramos, *VS* = ——. *Vidas secas*; romance. 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1947.

Genolino Amado, *RP* = AMADO, Genolino. *O reino perdido. (Histórias de um professor de História)*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1971.

Gonçalves Dias, *PCPE* = DIAS, António Gonçalves. *Poesia completa e prosa escolhida*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1959.

Graça Aranha, *OC* = ARANHA, José Pereira da Graça. *Obra completa*. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1969.

Guerra Junqueiro, *S* = JUNQUEIRO, Abílio Manuel de Guerra. *Os simples*. Porto, Typ. Occidental, 1892.

Guimarães Passos, *VS* = PASSOS, Sebastião Cícero dos Guimarães. *Versos de um simples* (1886-1891). Rio de Janeiro, s. ed., 1891.

Guimarães Rosa, *CB* = ROSA, João Guimarães. *Corpo de baile*; sete novelas. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956. 2 v.

Guimarães Rosa, *GS-V* = ——. *Grande sertão: veredas*. 5.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1967.

Guimarães Rosa, *PE* = ——. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1962.

Guimarães Rosa, *S* = ——. *Sagarana*. 4.ª ed. Versão definitiva. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

Guimarães Rosa, *T* = ——. *Tutameia. Terceiras estórias*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1967.

H. Sales, *AM* = Sales, Herberto. *Além dos marimbus*. Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1961.

H. Sales, *C* = ——. *Cascalho*; romance. 4.ª ed. Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1966.

H. Sales, *DBFM* = ——. *Dados biográficos do finado Marcelino*; romance. Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1965.

H. Sales, *HO* = ——. *Histórias ordinárias*. Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1966.

I. Losa, *EO* = Losa, Ilse. *Encontro no outono*; contos. 2.ª ed. Lisboa, Portugália, 1966.

I. Lisboa, *MCN* = Lisboa, Irene. *Uma mão cheia de nada, outra de coisa nenhuma*; historietas. Lisboa, Portugália, s. d.

J. Amado, *GCC* = Amado, Jorge. *Gabriela, cravo e canela*; crônica de uma cidade do interior. 15.ª ed. São Paulo, Martins, 1960.

J. Amado, *MG* = ——. *O menino grapiúna*. Rio de Janeiro, Record, 1982.

J. Amado, *MM* = ——. *Mar morto*; romance. 18.ª ed. São Paulo, Martins, 1968.

J. Amado, *TBCG* = ——. *Teresa Batista cansada de guerra*. São Paulo, Martins, 1972.

J. Cabral de Melo Neto, *DA* = Melo Neto, João Cabral de. *Duas águas*; poemas reunidos. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

J. Cabral de Melo Neto, *PC* = ——. *Poesias completas* (1940-1965). Rio de Janeiro, Sabiá, 1968.

J. Cândido de Carvalho, *CL* = Carvalho, José Cândido de. *O coronel e o lobisomem*. Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1964.

J. Cândido de Carvalho, *NMAI* = ——. *Não matem o arco-íris*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1972.

J. Cardoso, *SE* = Cardozo, Joaquim. *Signo estrelado*. Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1960.

J. Cardoso Pires, *D* = Pires, José Cardoso. *O delfim*; romance. 3.ª ed. Lisboa, Moraes, 1969.

J. Condé, *C* = Condé, José. *As chuvas*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1972.

J. Condé, *TC* = ——. *Terra de Caruaru*. 2.ª ed. [Rio de Janeiro] Bloch, 1968.

J. Cortesão, *CP* = Cortesão, Jaime. *Cancioneiro popular*. Porto, Renascença, 1914.

J. Cortesão, *FDFP* = ——. *Os factores democráticos na formação de Portugal*. 2.ª ed. Lisboa, Portugália, 1966.

J. Cortesão, *IHB* = ——. *Introdução à história das bandeiras*. Lisboa, Portugália, 1964. 2 v.

J. de Alencar, *CD* = Alencar, José de. In: Menezes, Raimundo de. *Cartas e documentos de José de Alencar*. São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, 1967.

J. de Alencar, *G* = ——. *O Guarani*; romance brasileiro. Edição crítica por Darcy Damasceno. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1958.

J. de Alencar, *OC* = ——. *Obra completa*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1959-1960. 4 v.

J. de Araújo Correia, *FX* = Correia, João de Araújo. *Folhas de xisto*; contos. Régua, Imprensa do Douro, 1959.

J. de Deus, *CF* = Deus, João de. *Campo de flores*; poesias lyricas completas coordenadas sob as vistas do auctor por Teophilo Braga. 2.ª ed. – ne varietur. Lisboa, Imprensa Nacional, 1896.

J. de Deus, *FS* = ——. *Folhas soltas*. Porto, Magalhães & Moniz, 1876.

J. de Figueiredo, *C* = Figueiredo, Jackson de. *Correspondência*. Rio de Janeiro, A. B. C. [1938].

J. de Lima, *OC* = Lima, Jorge de. *Obra completa*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1958. 1.º vol.

J. de Sena, *G-C* = Sena, Jorge de. *Os grão-capitães*; contos. 3.ª ed. Lisboa, Edições 70, 1982.

J. de Sena, *NAD* = ——. *Novas andanças do demônio*; contos. Lisboa, Portugália, 1966.

J. de Sena, *SF* = ——. *Sinais de fogo (Monte cativo - I)*; romance. 2.ª ed. Lisboa, Edições 70, 1971.

J. do Prado Coelho, *PHL* = Coelho, Jacinto do Prado. *Problemática da história literária*. Lisboa, Ática, 1961.

J. Lins do Rego, *A-M* = Rego, José Lins do. *Água-mãe*. 4.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

J. Lins do Rego, *C* = ——. *Cangaceiros*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1953.

J. Lins do Rego, *D* = ——. *Doidinho*. 6.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

J. Lins do Rego, *E* = ——. *Eurídice*. 4.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

J. Lins do Rego, *FM* = ——. *Fogo morto*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1944.

J. Lins do Rego, *ME* = ——. *Menino de engenho*. 6.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

J. Lins do Rego, *MR* = ——. *O moleque Ricardo*. 5.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

J. Lins do Rego, *MVA* = ——. *Meus verdes anos*; memórias. 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1957.

J. Lins do Rego, *P* = ——. *Pureza*. 5.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

J. Lins do Rego, *RD* = ——. *Riacho doce*. 3.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

J. Lins do Rego, *U* = ——. *Usina*. 4.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

J. Manuel de Macedo, *RQ* = Macedo, Joaquim Manoel de. *O rio do quarto*. 3.ª ed. Rio de Janeiro, Garnier, 1901.

J. Montello, *A* = Montello, Josué. *Aleluia*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.

J. Montello, *DP* = ——. *Os degraus do paraíso*; romance. São Paulo, Martins, 1965.

J. Montello, *DVP* = ——. *Duas vezes perdida*; novelas. São Paulo, Martins, 1966.

J. Montello, *LE* = ——. *Labirinto de espelhos*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1983.

J. Montello, *PMA* = ——. *O presidente Machado de Assis*. São Paulo, Martins, 1961.

J. Montello, *SC* = ——. *O silêncio da confissão*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.

J. Montello, *TSL* = ——. *Os tambores de São Luís*. Rio de Janeiro, José Olympio/MEC, 1975.

J. Nabuco, *A* = Nabuco, Joaquim. *O abolicionismo*. Conferências e discursos abolicionistas. São Paulo, IPÊ, 1949.

J. Nabuco, *MF* = ——. *Minha formação*, São Paulo, IPÊ, 1947.

J. Paço d'Arcos, *CVL* = Arcos, Joaquim Paço d'. *Crónica da vida lisboeta*. Organização e introdução do prof. Antônio Soares Amora. Rio de Janeiro, Aguilar, 1974.

J. Régio, *CL* = Régio, José. *A chaga do lado*; sátiras e epigramas. 2.ª ed. Lisboa, Portugália, 1956.

J. Régio, *ED* = ——. *As encruzilhadas de Deus*; poema. 3.ª ed. Lisboa, Portugália, s. d.

J. Régio, *ERS* = ——. *El-Rei Sebastião*; poema espectacular em três actos. Coimbra, Atlântida, 1949.

J. Régio, *F* = ——. *Fado*. 2.ª ed. Lisboa, Portugália, 1957.

J. Régio, *JA* = ——. *Jacob e o anjo*; mistério em três actos, um prólogo e um epílogo. 2.ª ed. Vila do Conde, Edições "Ser", 1953.

J. Régio, *PDD* = ——. *Poemas de Deus e do Diabo*. 4.ª ed. Lisboa, Portugália, 1955.

J. Régio, *SM* = ——. *A salvação do mundo*; tragicomédia em três actos. Lisboa, Inquérito, 1954.

J. Ribeiro, *AC* = Ribeiro, João. *Autores contemporâneos*. Excerptos de escriptores brazileiros e portuguezes contemporâneos. 25.ª ed. refundida, annotada e actualizada. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1937.

J. Ribeiro, *CD*[2] = ——. *Cartas devolvidas*. 2.ª ed., com prefácio de Joaquim Ribeiro. Rio de Janeiro, São José, s. d.

J. Ribeiro, *F* = ——. *O fabordão;* crónica de vário assunto. Rio de Janeiro-Paris, Garnier, 1910.

J. Ribeiro, *FE* = ——. *Floresta de exemplos*. Rio de Janeiro, J. R. de Oliveira, 1931.

J. Ribeiro, *FL* = ——. *O folk-lore*. Estudos de literatura popular. Rio de Janeiro, Jacintho Ribeiro dos Santos, 1919.

J. Ribeiro, *PE* = ——. *Páginas de esthetica*. Lisboa, Clássica Editora, 1905.

J. Rodrigues Miguéis, *GTC* = Miguéis, José Rodrigues. *Gente de terceira classe*; contos e novelas. 2.ª ed. Lisboa, Estúdios Cor, 1971.

J. Saramago, *LC* = SARAMAGO, José. *Levantado do chão*. 3.ª ed. Lisboa, Ed. Caminho, 1982.

J. Saramago, *MC* = ——. *Memorial do convento*; romance. Lisboa, Ed. Caminho, 1982.

L. B. Honwana, *NMCT* = HONWANA, Luís Bernardo. *Nós matamos o cão-tinhoso*. São Paulo, Ática, 1980.

L. Fagundes Telles, *ABV* = TELLES, Lygia Fagundes. *Antes do baile verde*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1971.

L. Fagundes Telles, *DA* = ——. *A disciplina do amor*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.

L. Fagundes Telles, *M* = ——. *Mistério*; ficções. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981.

L. Fagundes Telles, *SR* = ——. *Seminário dos ratos*. 3.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1980.

L. Forjaz Trigueiros, *ME* = TRIGUEIROS, Luís Forjaz. *Monólogo em Éfeso*. Amadora, Bertrand, s. d.

L. Jardim, *AMCA* = JARDIM, Luís. *Aventuras do menino Chico de Assis*. Rio de Janeiro, José Olympio/INL, 1971.

L. Jardim, *BA* = ——. *O boi aruá*. Rio de Janeiro, Alba, 1940.

L. Jardim, *CTG* = ——. *Confissões do meu tio Gonzaga*; romance. 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1966.

L. Jardim, *MP* = ——. *Maria perigosa*. 2.ª ed. revista e aumentada. Rio de Janeiro, José Olympio, 1959.

L. Jardim, *MPM* = ——. *O meu pequeno mundo: algumas lembranças de mim mesmo*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1976.

Leite de Vasconcellos, *LFP* = VASCONCELLOS, José Leite de. *Lições de filosofia portuguesa*. 2.ª ed. Lisboa, Biblioteca Nacional, 1926.

Lima Barreto, *REIC* = BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. 2.ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1961.

Lima Barreto, *TFPQ* = ——. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. 3.ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1965.

Luandino Vieira, *CI* = VIEIRA, José Luandino. *A cidade e a infância*; estórias. 2.ª ed. Lisboa, União dos Escritores Angolanos – Edições 70, 1977.

Luandino Vieira, *JV* = ——. *João Vêncio: os seus amores*; estória. Lisboa, Edições 70, 1979.

Luandino Vieira, *L* = ——. *Luanda*; estórias. São Paulo, Ática, 1982.

Luandino Vieira, *NANV* = ——. *No antigamente, na vida*; estórias. 3.ª ed. Lisboa, Edições 70, 1977.

Luandino Vieira, *NM* = ——. *Nós, os do Makulusu*. 3.ª ed. Lisboa, Sá da Costa, 1977.

Luandino Vieira, *VE* = ——. *Velhas estórias*; contos. 2.ª ed. Lisboa, Edições 70, 1976.

Luandino Vieira, *VVDX* = ——. *A vida verdadeira de Domingos Xavier*, São Paulo, Ática, s. d.

M. Bandeira, *AA* = BANDEIRA, Manuel. *Andorinha, andorinha*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1966.

M. Bandeira, *PP* = ——. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1958. 2 v.

M. Barreto, *CP* = BARRETO, Mário. *Cartas persas*, de Montesquieu. Versão portuguesa e anotações de ——. Rio de Janeiro-Paris, Garnier, 1923.

M. Barreto, *FLP* = ——. *Fatos da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1916.

M. da Fonseca, *FC* = FONSECA, Manuel da. *O fogo e as cinzas*; contos. 2.ª ed. Lisboa, Portugália, 1965.

M. da Fonseca, *SV* = ——. *Seara de vento*, 9.ª ed. [Lisboa] Forja, 1979.

M. de Andrade, *CMB* = ANDRADE, Mário de. *Cartas de Mário de Andrade a Manuel Bandeira*. Rio de Janeiro, Simões, 1958.

M. de Andrade, *OI* = ——. *Obra imatura*. São Paulo, Martins, 1960.

M. de Andrade, *PC* = ——. *Poesias completas*. São Paulo, Martins, 1955.

M. de Sá-Carneiro, *C* = SÁ-CARNEIRO, Mário de. *Cartas de Mário de Sá-Carneiro a Luís de Montalvor, Cândida Ramos, Alfredo Guisado, José Pacheco*. Leitura, seleção e notas de Arnaldo Saraiva, Porto, Limiar, 1977.

M. de Sá-Carneiro, *CF* = ——. *Céu em fogo*; novelas. 2.ª ed. Lisboa, Ática, 1956.

M. de Sá-Carneiro, *CFP* = ——. *Cartas a Fernando Pessoa*. Lisboa, Ática, 1958-1959. 2 v.

M. de Sá-Carneiro, *CL* = ——. *A confissão de Lúcio*. 2.ª ed. Lisboa, Ática, 1945.

M. de Sá-Carneiro, *P* = ——. *Poesias*, Lisboa, Ática, 1953.

M. de Sousa Lima, *GP* = LIMA, Mário Pereira de Sousa. *Gramática portuguesa*. Edição revista e aumentada de acordo com o Programa Oficial, para as quatro séries. Rio de Janeiro, José Olympio, 1945.

M. Ferreira, *HB* = FERREIRA, Manuel. *Hora di bai*. São Paulo, Ática, 1980.

M. J. de Carvalho, *AV* = CARVALHO, Maria Judite de. *Os armários vazios*. 2.ª ed. Amadora, Bertrand, 1978.

M. J. de Carvalho, *PSB* = ——. *Paisagem sem barcos*. Lisboa, Arcádia, s. d.

M. J. de Carvalho, *TGM* = ——. *Tanta gente, Mariana...* 2.ª ed. Lisboa, Arcádia, 1960.

M. J. de Carvalho, *TM* = ——. *Tempo de mercês*. Lisboa, Seara Nova, 1973.

M. Lopes, *FVL* = LOPES, Manuel. *Os flagelados do vento leste*. São Paulo, Ática, 1979.

M. Mendes, *P* = MENDES, Murilo. *Poesias* (1925-1955). Rio de Janeiro, José Olympio, 1959.

M. Mesquita, *LT* = MESQUITA, Marcelino. *Leonor Teles*. Lisboa, s. ed., 1892.

M. Palmério, *CB* = PALMÉRIO, Mário. *Chapadão do Bugre*; romance. Rio de Janeiro, José Olympio, 1965.

M. Palmério, *VC* = ——. *Vila dos confins*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

M. Pederneiras, *LSMV* = PEDERNEIRAS, Mário. *Ao léu do sonho e à mercê da vida*. Rio de Janeiro, s. ed., 1912.

M. Quintana, *P* = QUINTANA, Mário. *Poesias*. 2.ª ed., 2.ª impr. Porto Alegre, Globo, 1975.

M. Rubião, *D* = RUBIÃO, Murilo. *Os dragões e outros contos*. Belo Horizonte, Edições MP, 1965.

M. Torga, *API* = TORGA, Miguel. *Alguns poemas ibéricos*. Coimbra, s. ed., 1952.

M. Torga, *B* = ——. *Bichos*. 9.ª ed. Coimbra, s. ed., 1978.

M. Torga, *CH* = ——. *Cântico do homem*; poesia, 3.ª ed. Coimbra, s. ed., 1954.

M. Torga, *CM* = ——. *Contos da montanha*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Pongetti, 1955.

M. Torga, *NCM* = ——. *Novos contos da montanha*. 3.ª ed. Coimbra, s. ed., 1952.

M. Torga, *P* = ——. *Portugal*. Coimbra, s. ed., 1950.

M. Torga, *TU* = ——. *Traço de união*; temas portugueses e brasileiros. Coimbra, s. ed., 1955.

M. Torga, *V* = ——. *Vindima*. 2.ª ed., refundida. Coimbra, s. ed., 1954.

Machado de Assis, *OC* = ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1959. 3 v.

Marquês de Maricá, *M* = MARICÁ, M. J. Pereira da Fonseca, marquês de. *Máximas, pensamentos e reflexões do marquês de Maricá*. Edição dirigida e anotada por Sousa da Silveira. Rio de Janeiro, MEC/Casa de Rui Barbosa, 1958.

Marques Rebelo, *M* = REBELO, Marques. *Marafa*. 3.ª ed. São Paulo, Martins, 1956.

Marques Rebelo, *SMAP* = ——. *Stela me abriu a porta*; contos. Porto Alegre, Globo, 1942.

Martins Pena, *T* = PENA, L. C. Martins. *Teatro*. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1956. 2 v.

Monteiro Lobato, *GDB* = LOBATO, J. B. Monteiro. *Geografia de Dona Benta*. 2.ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1950.

Monteiro Lobato, *N* = ——. *Negrinha*; contos. 3.ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1951.

Monteiro Lobato, *U* = ——. *Urupês*. 12.ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1962.

N. Piñon, *CC* = PIÑON, Nélida. *O calor das coisas*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.

N. Piñon, *CP* = ——. *A casa da paixão*. 3.ª ed. Rio de Janeiro, Record, 1978.

N. Piñon, *FD* = ——. *A força do destino*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.

N. Piñon, *SA* = ——. *Sala de armas*; contos. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981.

O. Bilac, *DN* = BILAC, Olavo. *A defesa nacional*; discursos. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1965.

O. Bilac, *P* = ——. *Poesias infantis*. Rio de Janeiro, Garnier, 1904.

O. Bilac, *T* = ——. *Tarde*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1919.

O. de Andrade, *PR* = ANDRADE, Oswald de. *Poesias reunidas*. São Paulo, Difusão Europeia do Livro, 1966.

O. Lara Resende, *BD* = RESENDE, Otto Lara. *O braço direito*; romance. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1963.

O. Lara Resende, *PM* = ——. *As pompas do mundo*. Rio de Janeiro, Ed. Rocco, 1975.

O. Lara Resende, *RG* = ——. *O retrato na gaveta*. 3.ª ed. Rio de Janeiro, Sabiá, 1971.

O. Lins, *A* = LINS, Osman. *Avalovara*; romance. 3.ª ed. São Paulo, Melhoramentos, 1975.

O. Lins, *FP* = ——. *O fiel e a pedra*; romance. 2.ª ed. São Paulo, Martins, 1967.

O. Lins, *V* = ——. *O visitante*; romance. 3.ª ed. São Paulo, Summus, 1979.

O. Mariano, *TVP* = MARIANO, Olegário. *Toda uma vida de poesia*; poesias completas. Rio de Janeiro, José Olympio, 1957. 2 v.

O. Mendes, *LFNF* = MENDES, Orlando. *Lume florindo na forja*. Lisboa, Edições 70, 1980.

O. Mendes, *P* = ——. *Portagem*. São Paulo, Ática, 1981.

Ó. Ribas, *EMT* = RIBAS, Óscar. *Ecos da minha terra: dramas angolanos*. Lisboa, Distribuidora Lello & Cia., s. d.

Ó. Ribas, *U* = ——. *Uanga: feitiço*; romance folclórico angolano. Lisboa, Lello & Cia. Distribuidores, s. d.

Ó. Soares, *DF* = SOARES, Órris. *Dicionário de filosofia*, volume I – A-D. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1952.

O. Mendes, *VB* = MENDES, Manuel Odorico. *Virgílio brazileiro*. Tradução do Poeta Latino. Rio de Janeiro-Paris, Garnier, s. d.

P. Mendes Campos, *AB* = CAMPOS, Paulo Mendes. *O anjo bêbado*. Rio de Janeiro, Sabiá, 1969.

P. Nava, *BC* = NAVA, Pedro. *Balão cativo*; 2.º volume de suas memórias. Rio de Janeiro, José Olympio, 1973.

P. Nava, *B-M* = ——. *Beira-mar*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1978.

P. Nava, *BO* = ——. *Baú de ossos*; memórias I. 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio/Sabiá, 1974.

Pepetela, *NA* = PEPETELA (Artur Carlos Pestana dos Santos). *As aventuras de Ngunga*. São Paulo, Ática, 1980.

Pepetela, *M* = ——. *Mayombe*; romance. São Paulo, Ática, 1982.

R. Barbosa, *EDS* = BARBOSA, Rui. *Escritos e discursos seletos*. Seleção, organização e notas de Virgínia Côrtes de Lacerda. Rio de Janeiro, Aguilar, 1960.

R. Barbosa, *R* = ——. *Réplica do senador Ruy Barbosa às defesas da redação do projeto da Câmara dos Deputados*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1904.

R. Braga, *CCE* = BRAGA, Rubem. *100 crônicas escolhidas*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1958.

R. Braga, *CR* = ——. *A cidade e a roça e três primitivos*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, 1964.

R. Brandão, *H* = BRANDÃO, Raul. *Húmus*. 4.ª ed. Paris-Lisboa, Aillaud & Bertrand, s. d.

R. Brandão, *P* = ——. *Os pescadores*, Lisboa, Estúdios Cor, 1957.

R. Correia, *PCP* = CORREIA, Raimundo. *Poesia completa e prosa*. Texto, cronologia, notas e estudo biográfico por Waldir Ribeiro do Val. Rio de Janeiro, Aguilar, 1961.

R. Fonseca, *C* = FONSECA, Rubem. *O cobrador*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.

R. de Queirós, *CCE* = QUEIROZ, Rachel de. *100 crônicas escolhidas*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1958.

R. de Queirós, *TR* = ——. *3 romances: O Quinze, João Miguel, Caminho de pedra*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1957.

R. M. F. de Andrade, *V* = ANDRADE, Rodrigo M. F. de. *Velórios*. Belo Horizonte, Os Amigos do Livro, s. d.

R. Pompeia, *A* = POMPEIA, Raul. *O Atheneu*; crônica de saudades, 4.ª ed. definitiva. Rio de Janeiro, Francisco Alves, s. d.

Rebelo da Silva, *CL* = SILVA, Luís Augusto Rebello da. *Contos e lendas*. Lisboa, Mattos Moreira, 1873.

Ribeiro Couto, *C* = Couto, Rui Ribeiro. *Cabocla*; romance. 3.ª ed. Lisboa, Sá da Costa, 1945.

Ribeiro Couto, *NC* = ——. *Uma noite de chuva e outros contos*. Lisboa, Inquérito, 1944.

Ribeiro Couto, *PR* = ——. *Poesias reunidas*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1960.

S. da Silva Neto, *HLP* = Silva Neto, Serafim P. da. *História da língua portuguesa*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1970.

S. da Silva Neto, *IELPB* = ——. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1963.

S. de Mello Breyner Andresen, *CE* = Andresen, Sophia de Mello Breyner. *Contos exemplares*. 6.ª ed. Lisboa, Portugália, s. d.

Said Ali, *DLP* = Ali, Manuel Said. *Dificuldades da língua portuguesa*. 5.ª ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1957.

Said Ali, *GS* = ——. *Grammatica secundaria da língua portuguesa*. 4.ª ed. São Paulo, Melhoramentos, s. d.

Simões Lopes Neto, *CGLS* = Lopes Neto, J. Simões. *Contos gauchescos e lendas do Sul*. Ed. crítica por Aurélio Buarque de Holanda. 5.ª ed. Porto Alegre, Globo, 1957.

Soares de Passos, *P* = Passos, A. Augusto Soares de. *Poesias*. 9.ª ed. Porto, Chardron, 1909.

Sousa da Silveira, *LP* = Silveira, A. F. de Sousa da. *Lições de português*. 8.ª ed. Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1972.

Sttau Monteiro, *APJ* = Monteiro, Luís Sttau. *Angústia para o jantar*. 5.ª ed. Lisboa, Ática, 1967.

Sttau Monteiro, *FHL* = ——. *Felizmente há luar!*; teatro. 3.ª ed. Lisboa, Portugália, 1962.

T. Barreto, *QV* = Barreto, Tobias. *Questões vigentes*. In: *Obras completas*. Ed. do Estado de Sergipe, 1962. 9 t.

T. A. Gonzaga, *OC* = Gonzaga, Tomás Antônio. *Obras completas*. Edição crítica de M. Rodrigues Lapa. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1957. 2 v.

T. da Silveira, *PC* = Silveira, Tasso da. *Puro canto*; poemas completos. Rio de Janeiro, GRD, 1962.

T. da Silveira, *SC* = ——. *Sombras do caos*. Rio de Janeiro, GRD, s. d.

T. Martins Moreira, *MP* = Moreira, Thiers Martins. *O menino e o palacete*. Rio de Janeiro, Simões, 1954.

T. Martins Moreira, *VVT* = ——. *Visão em vários tempos*. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1970.

Teixeira de Pascoaes, *OC* = Pascoaes, Joaquim P. Teixeira de. *Obras completas*. Paris-Lisboa, Aillaud & Bertrand, s. d. 7 v.

Trindade Coelho, *AL* = Coelho, Trindade. *Ao leitor*. In: Deus, João de. *A cartilha maternal e a crítica*. Lisboa, Bertrand/José Bastos, 1897.

U. Tavares Rodrigues, *AM* = Rodrigues, Urbano Tavares. *As aves da madrugada*; novelas. Amadora, Bertrand, 1959.

U. Tavares Rodrigues, *JE* = ——. *Jornadas na Europa*. [Lisboa] Europa-América, 1958.

U. Tavares Rodrigues, *MTG* = ——. *Manuel Teixeira Gomes*; introdução ao estudo de sua obra. Lisboa, Portugália, 1950.

U. Tavares Rodrigues, *NR* = ——. *A noite roxa*; novelas. Amadora, Bertrand, 1956.

U. Tavares Rodrigues, *NS* = ——. *Nus e suplicantes*; novelas. Amadora, Bertrand, 1960.

U. Tavares Rodrigues, *PC* = ——. *Uma pedrada no charco*. Lisboa, Bertrand, 1957.

U. Tavares Rodrigues, *TO* = ——. *Terra ocupada*; novelas. Amadora, Bertrand, s. d.

U. Tavares Rodrigues, *VP* = ——. *Vida perigosa*; novelas. Lisboa, Bertrand, 1955.

V. de Moraes, *LS* = Moraes, Vinícius de. *Livro de sonetos*. 3.ª ed. Rio de Janeiro, Sabiá, 1968.

V. de Moraes, *PCP* = ——. *Poesias completas e prosa*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1980.

V. Ferreira, *A* = Ferreira, Vergílio. *Aparição*. 7.ª ed. Lisboa, Portugália, 1971.

V. Ferreira, *CF* = ——. *Cântico final*. Lisboa, Ulisseia, s. d.

V. Ferreira, *NN* = ——. *Nítido nulo*; romance, 2.ª ed. Lisboa, Portugália, 1972.

V. Nemésio, *CI* = Nemésio, Vitorino. *Corsário das ilhas*. Lisboa, Bertrand [1956].

V. Nemésio, *MPM* = ——. *O mistério do Paço de Milhafre*. Lisboa, Bertrand, 1949.

V. Nemésio, *MTC* = ——. *Mau tempo no canal*; romance. 5.ª ed. Amadora, Bertrand, s. d.

V. Nemésio, *SOP* = ——. *O segredo de Ouro Preto e outros caminhos*. Lisboa, Bertrand, 1954.

V. Nemésio, *VM* = ——. *Violão de morro*. Lisboa, Edições Panorama, 1968.

V. Vitorino, *F* = VITORINO, Virgínia, *Fascinação*. Lisboa, J. Rodrigues & Cia., 1933.

Visconde de Taunay, *I* = TAUNAY, Alfredo d'Escragnolle Taunay, visconde de. *Innocencia*. 4.ª ed. Rio de Janeiro, 1899.

Vianna Moog, *T* = MOOG, Clodomir Viana. *Toia*; romance. 4.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1964.

Índice onomástico

A

ABELAIRA, A.: 139, 144, 147, 155, 157, 164, 167, 168, 169, 172, 179, 214, 227, 229, 232, 235, 238, 243, 248, 249, 300, 335, 347, 367, 371, 372, 377, 466, 472, 475, 476, 479, 482, 484, 505, 515, 523, 527, 547, 567, 587, 588, 603, 610, 614, 618, 620, 621, 625, 628, 653, 661, 670.
ABREU, C. de: 250, 644, 681, 686, 689, 693, 697, 704, 705, 713, 722, 724.
ADONIAS FILHO: 177, 261, 411, 475, 481, 487, 501, 503, 506, 510, 537, 547, 584, 595, 597, 604, 620, 625, 635, 636.
AFONSO X, d.: 708.
AGOSTINHO NETO: 265, 296, 470, 472, 585, 586.
AGREL: 398.
AGUIAR, Martinz de: 161, 620.
ALARCOS LLORACH, E.: 220.
ALENCAR, J. de: 252, 546, 551, 627, 631.
ALI, M. Said: 368, 504, 696.
ALLEN JR., J. H. D.: 102.
ALMEIDA, G. de: 466, 491.
ALMEIDA, João de: 474, 475.
ALONSO, A.: 105.
ALVAR, M.: 128.
ALVES, Castro: 169, 175, 176, 187, 229, 283, 297, 300, 499, 602, 622, 638, 676, 680, 690, 692, 717, 726.
AMADO, Genolino: 224, 231, 235, 254, 663.
AMADO, G.: 140, 159, 221, 229, 245, 246, 257, 261, 319, 344, 363, 365, 380, 386, 499, 503, 514, 527, 534, 540, 581, 658, 660, 682.
AMADO, J.: 172, 179, 308, 310, 371, 375, 467, 479, 499, 517, 540, 550, 554, 617.
AMARAL, Amadeu: 714.
ANDRADE, C. Drummond de: 133, 140, 144, 147, 148, 154, 160, 161, 165, 179, 213, 214, 233, 234, 249, 276, 283, 310, 325, 326, 347, 348, 350, 361, 362, 373, 378, 464, 469, 471, 473, 477, 479, 484, 492, 500, 513, 516, 518, 521, 522, 529, 533, 534, 535, 539, 543, 545, 546, 547, 560, 567, 574, 576, 577, 580, 581, 585, 587, 590, 593, 595, 621, 623, 633, 634, 638, 647, 699, 709, 727.
ANDRADE, D.: 677.
ANDRADE, F. Costa: 363, 560, 586, 626.
ANDRADE, M. de: 231, 279, 377, 514, 515, 574, 673, 675.
ANDRADE, O. de: 360.
ANDRADE, R. M. F. de: 219, 245, 252, 300, 308, 363, 379, 577, 589, 592.
ANDRESEN, S. de Mello Breyner: 556, 558, 627, 670.
ANJOS, A. dos: 560, 686.
ANJOS, C. dos: 142, 144, 150, 156, 160, 166, 177, 178, 215, 226, 230, 237, 253, 277, 308,

310, 311, 313, 324, 334, 342, 344, 345, 346, 356, 361, 370, 466, 471, 472, 476, 478, 485, 504, 511, 526, 530, 533, 535, 540, 544, 549, 550, 554, 588, 602, 603, 635, 636, 640, 652, 662, 663.
ARANHA, Graça: 311, 563, 610, 661, 674.
ARCOS, J. Paço d': 134, 156, 159, 161, 168, 171, 215, 321, 354, 376, 473, 475, 476, 500, 509, 528, 535, 539, 546, 548, 552, 560, 576, 623, 638, 659.
ARINOS, A.: 338, 500, 502, 508, 517, 528, 535, 566, 592.
ASSIS JÚNIOR, A. de: 338, 349, 350, 352, 355, 370, 378, 561, 563, 664, 671, 673.
ASSIS, Machado de: 135, 139, 153, 156, 158, 159, 161, 165, 168, 170, 172, 173, 179, 232, 235, 245, 248, 252, 279, 296, 300, 303, 311, 312, 313, 315, 317, 319, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 334, 335, 336, 337, 339, 342, 346, 349, 353, 354, 355, 361, 362, 363, 364, 366, 371, 376, 378, 379, 381, 393, 473, 474, 479, 483, 484, 485, 488, 489, 495, 501, 505, 519, 520, 521, 525, 526, 528, 529, 538, 545, 546, 548, 549, 552, 554,565, 574, 577, 578, 586, 587, 589, 590, 592, 597, 598, 599, 601, 616, 617, 618, 619, 620, 621, 622, 624, 625, 626, 630, 635, 637, 642, 643, 644, 645, 647,649, 650, 651, 658, 659, 661,662, 666, 667, 669, 673, 675, 681, 716, 725.
AULETE, Caldas: 542, 591.
AZEREDO, C. Magalhães de: 709.
AZEVEDO, A.: 359, 503, 627.
AZEVEDO, Álvares de: 723.
AZEVEDO, Artur: 338, 363, 564, 670.

B

BALLY, Charles: 655, 656.
BANDEIRA, M.: 144, 164, 177, 181, 230, 232, 243, 283, 314, 324, 334, 357, 476, 503, 507, 511, 516, 518, 520, 522, 523, 615, 617, 665, 677, 678, 705, 729.
BARBOSA, R.: 180, 239, 321, 326, 335, 489, 515, 549, 573, 667, 668.
BARRENECHEA, A. Maria: 393.
BARRETO, Lima: 160, 167, 169, 359, 553, 599, 611, 664.
BARRETO, M.: 118, 318, 541, 546.
BARRETO, T.: 349.
BARROSO, G.: 611.
BASÍLIO, M.: 118.
BECHARA, Evanildo: 620.
BERNAY, A. de: 706, 708.
BESSA, J. R. Fontenele: 97.
BILAC, O.: 178, 180, 181, 247, 272, 295, 299, 325, 480, 581, 687, 691, 694, 695, 702, 707.
BOILEAU: 707.
BOLÉO, M. de Paiva: 23, 24, 410, 469.
BOPP, R.: 68, 73.
BOTELHO, F.: 139, 150, 164, 219, 481, 496, 506, 519, 563, 594, 635.
BOTTO, A.: 143, 311, 352, 521, 660, 698, 726.
BRAGA, B.: 728.
BRAGA, R.: 164, 233, 338, 363, 462, 475, 490, 496, 518, 544, 558.
BRANCO, C. Castelo: 153, 158, 169, 215, 243, 244, 276, 319, 336, 362, 369, 464, 485, 507, 512, 513, 521, 524, 543, 545, 552, 554, 574, 577, 585, 597, 602, 647, 672.
BRANDÃO, R.: 233, 245, 283, 314, 320, 469, 595, 599, 616.
BRUNOT, Ferdinand: 500.
BUREAU, Conrad: 396.

C

CAFEZEIRO, E.: 198.
CALÍSTENES (falso): 708.
CALLADO, A.: 305, 463, 483, 495.
CALLOU, D. M. Isensee: 59.
CÂMARA JR., J. Mattoso: 50, 130, 302.
CAMÕES, L. de: 364, 375, 464, 721, 722, 725.
CAMPOS, P. Mendes: 611.
CANTEL, R.: 644.
CARDOSO, J.: 241, 641.
CARDUCCI, Giosuè: 709.
CARVALHO, J. C. de: 339, 372, 514.
CARVALHO, J. G. Herculano de: 105, 128.
CARVALHO, M. J. de: 144, 148, 158, 165, 166, 171, 251, 290, 330, 345, 346, 348, 355, 465, 477, 478, 479, 481, 482, 483, 488, 565, 578, 598, 611, 625, 640, 651, 655, 674, 678.
CARVALHO, Vicente de: 723, 724.
CASAL, Aires do: 263.
CASTELEIRO, João Malaca: 275, 523.

CASTILHO, A. F. de: 521, 686.
CASTILHO, Ataliba T. de: 398.
CASTRO, E. de: 249, 297, 343, 354, 565, 712, 715.
CASTRO, Fernanda de: 135.
CASTRO, Ferreira de: 235, 244, 314, 326, 327, 346, 351, 374, 379, 380, 384, 475, 482, 488, 502, 508, 513, 521, 528, 558, 578, 627, 629, 642.
CAVACAS, A. d'Almeida: 198.
CELA, Claudino: 398.
CHERVEL, A.: 151.
CHING, L.: 98, 128.
CINTRA, L. F. Lindley: 24, 30, 299.
CINTRA, M. A. Valle: 24.
COELHO, F. Adolfo: 450.
COELHO, Jacinto do Prado: 254, 504.
COELHO NETTO: 232, 295, 315, 320, 323, 330, 364, 502, 525, 565, 580, 584, 588, 669, 672.
COLLINDER, B.: 19.
COMODIANO: 719.
CONDÉ, J.: 147, 153, 276, 483, 503.
CORREIA, J. da Silva: 711.
CORREIA, J. de Araújo: 247, 253, 361, 368, 472, 524, 580, 612, 621.
CORREIA, R.: 215, 290, 328, 341, 518, 560, 561, 643, 721, 728.
CORTESÃO, J.: 215, 230, 231, 297, 362, 465, 583, 592, 601.
COSERIU, E.: 17, 21, 398.
COSTA, Hipólito José da: 263.
COSTA, C. M. da: 239.
COUTO, Ribeiro: 135, 143, 314, 337, 344, 347, 381, 529, 543, 559, 577, 642, 663.
CRULS, G.: 349, 591.
CULIOLI, Antoine: 398.
CUNHA, C.: 19, 22, 35, 450, 690.
CUNHA, E. da: 248, 290, 329, 334, 341, 551, 578.

D

DANTE: 720.
DAVID, Jean: 398.
DELATTRE, P.: 41.
DELILLE, K. Heinz: 156.
DENIS, D.: 629.
DEODATO, A.: 236.
DESCLÉS, J.-P.: 398.
DESSAINTES, Maurice: 645.
DEUS, J. de: 303, 325, 698, 713, 715.
DIAS, Epifânio da Silva: 161, 303.
DIAS, Gonçalves: 22, 65, 155, 284, 299, 300, 365, 471, 473, 520, 551, 658, 698, 713, 721.
DÍAZ, G. Verdín: 656.
DIETRICH, W.: 24.
DIOMEDES: 73.
DOURADO, Autran: 134, 147, 155, 160, 227, 331, 475, 482, 534, 542, 648, 680.
DUBOIS, J.: 97, 153.

E

EGEA, Esteban Rafael: 552.
ÊNIO: 718.
ERNOUT, Alfred: 718.
ESKÉNAZI, A.: 217.
ESPANCA, F.: 157, 174, 176, 215, 216, 233, 250, 295, 297, 322,329, 330, 334, 368, 370, 477, 501, 509, 515, 523, 596, 640, 643, 666, 674, 676,703, 728.
ESPINEL, Vicente: 726.

F

FALCÃO, C.: 553.
FANT, C. G. M.: 41.
FARIA, I. Hub: 482.
FERREIRA, A.: 552.
FERREIRA, M.: 378, 379, 576.
FERREIRA, V.: 254, 476, 498, 502, 509, 523, 529, 537, 544, 556, 561, 577, 585, 633, 651.
FIGUEIREDO, J. de: 334.
FLAUBERT: 656.
FLODSTRÖM, I.: 20.
FONSECA, Branquinho da: 148, 164, 166, 219, 230, 241, 252, 284, 555, 581, 586, 587, 591, 601, 671, 673.
FONSECA, M. da: 140, 558, 559, 565, 579, 583, 590, 591, 624.
FONSECA, R.: 165, 512, 678.

FONTES, Hermes: 689, 706.
FRANCO, A. A. de Melo: 157, 582, 591, 677.
FREYRE, G.: 677.

G

GALICHET, Georges: 174.
GARRETT, Almeida: 283, 341, 349, 506, 541, 549, 552, 553, 713.
GENGOUX, J.: 19.
GIL, A.: 166, 602, 611, 691.
GILI Y GAYA, Samuel: 282.
GONZAGA, T. A.: 375.
GONZÁLEZ OLLÉ, F.: 105.
GRAÇA, Heráclito: 368.
GRAMMONT, Maurice: 695, 707.
GROSS, Maurice: 398.
GUERRA DA CAL, Ernesto: 562, 644.
GUERREIRO, Miguel do Couto: 686.
GUIMARAENS, A. de: 157, 173, 229, 233, 290, 295, 320, 367, 379, 471, 694, 701, 712, 716.
GUIMARAENS FILHO, Alphonsus: 720.
GUIMARÃES, B.: 527.

H

HAKAMIES, R.: 104.
HAMPEJS, Zdenek: 504.
HASSERLOT, B.: 104.
HEAD, B. F.: 59.
HENRÍQUEZ UREÑA, Pedro: 710.
HERCULANO, A.: 149, 279, 313, 476, 505, 512, 518, 526, 528, 530, 542, 646.
HJELMSLEV, Louis: 531.
HOEPELMAN, J.: 398.
HOLANDA, Aurélio Buarque de: 366.
HONWANA, L. B.: 139, 141, 303, 578, 581, 589, 592, 625, 659.
HORÁCIO: 720.
HUBER, Joseph: 302.
HUGO, Vítor: 707.
HUIDOBRO, Vicente: 282.

I

IORDAN, I.: 126.

J

JAKOBSON, R.: 21, 41.
JARDIM, L.: 143, 167, 168, 362, 465, 491, 492, 506, 556, 563, 566, 603, 628.
JESPERSEN, O.: 20, 655.
JUCÁ, C.: 119.
JUNQUEIRO, Guerra: 154, 326, 485, 705, 711.

K

KALEPKY, T.: 655.
KAHN, Gustave: 709.
KLUM, Arne: 398.
KURY, Adriano da Gama: 596.

L

LABAN, M.: 35.
LACERDA, Armando de: 189.
LAFORGUE, Jules: 709.
LAPA, Rodrigues: 562, 596, 598.
LAPESA, R.: 217.
LAROCHETTE, Joe: 398.
LEAL, Gomes: 707, 724.
LEITE, C. Coelho Pereira: 598.
LERCH, E.: 655.
LESSA, Luís Carlos: 545, 547.
LIDA, Raimundo: 250.
LIMA, A. Amoroso: 224, 251, 630, 652.
LIMA, Augusto de: 706.
LIMA, G. França de: 179, 376, 484.
LIMA, J. de: 218, 368.
LIMA, M. de Sousa: 542.
LIMA, Rocha: 596, 644.
LINS, O.: 350, 383, 543, 577, 626, 650, 654, 674, 682.
LISBOA, I.: 160.
LISPECTOR, C.: 139, 148, 158, 164, 166, 225, 230, 257, 368, 370, 488, 522, 534, 541, 546, 550, 643, 655.
LOBATO, Lúcia Maria Pinheiro: 409.
LOBATO, Monteiro: 222, 349, 466, 469, 506, 524, 553, 583, 619.
LOMBARD, A.: 217.
LOPES, B.: 535, 679, 714.
LOPES, M.: 544, 577, 580, 587, 604, 641.

LOPES NETO, Simões: 135, 220, 274, 283, 347, 366, 469, 514, 536, 592, 602, 674, 676.
LÓPEZ, Maria Luísa: 572.
LORCK, E.: 655.
LOSA, I.: 252.
LUÍS, A. Bessa: 135, 136, 138, 142, 144, 150, 152, 360, 383, 393, 463, 483, 487, 519, 524, 542, 546, 550, 566, 602, 614, 616, 649, 650, 653, 654.

M

MAÇÃS, D.: 105.
MACEDO, J. M. de: 384.
MACHADO, A. de Alcântara: 214, 352, 384, 661, 679.
MACHADO, A. M.: 143, 155, 166, 168, 223, 244, 252, 262, 284, 295, 324, 326, 327, 352, 354, 369, 465, 494, 505, 541, 549, 579, 583, 584, 612, 634, 636, 637, 651, 671, 675.
MACHADO, M. T. da Matta: 42.
MACLENNAN, L. Jenaro: 398.
MAGALHÃES, A.: 321.
MALKIEL, Y.: 103.
MALMBERG, B.: 19.
MANOLIU, M.: 128.
MARGARIDO, A.: 583.
MARIANO, O.: 322, 358, 491.
MARICÁ, marquês de: 167, 357, 358, 621.
MARTIN, Robert: 398.
MARTINET, A.: 128.
MARTINS, Maria Raquel Delgado: 41-42, 189.
MATEUS, M. H. Mira: 50.
MATOS, Gregório de: 721, 725.
MAURER JR., Theodoro Henrique: 105, 500, 504.
MAURO, T. de: 16.
MEIER, Harri: 561.
MEILLET, A.: 16.
MEIRELES, C.: 91, 178, 240, 312, 315, 327, 328, 329, 343, 369, 370, 497, 502, 507, 518, 526, 603, 635, 659, 680, 701, 722.
MELO, D. F. M. de: 350.
MELO NETO, J. Cabral de: 216, 497, 585.
MENDES, M.: 512, 517.
MENDES, Odorico: 364.
MENDES, O.: 160, 227, 284, 318, 495, 550.
MESCHONNIC, Henri: 685, 710.
MESQUITA, M.: 156.
MEUNIER, J. M.: 719.
MEYER, A.: 224, 225, 342, 372, 393, 473, 480, 510, 521, 598, 604, 621, 630, 636.
MIGUÉIS, J. Rodrigues: 311, 546, 548.
MIRANDA, Sá de: 725.
MOIGNET, Gérard: 398, 487.
MOLHO, Maurice: 504.
MONTEIRO, Sttau: 313, 327, 338, 470, 474, 497, 564, 669, 670.
MONTELLO, J.: 134, 136, 140, 141, 158, 170, 180, 233, 236, 238, 243, 331, 511, 514, 535, 566, 582, 614.
MOOG, Vianna: 155, 157, 159, 165, 547.
MORAIS BARBOSA, J.: 50.
MORAIS, V.: 65, 141, 175, 176, 217, 230, 317, 586, 644.
MORÉAS, Jean: 709.
MOREIRA, T. Martins: 476, 519, 563.
MORIER, Henri: 710.
MOUNIN, George: 396.
MOURA, E.: 498, 582, 607, 621.
MOURÃO-FERREIRA, D.: 140, 157, 495, 517, 579, 591.

N

NABUCO, J.: 516.
NAMORA, F.: 144, 147, 153, 158, 161, 165, 168, 170, 177, 214, 225, 231, 232, 241, 257, 283, 289, 296, 310,324, 327, 337, 339, 340, 344, 351, 352, 369, 470, 478, 484, 485, 508, 512, 516, 520, 526, 535, 536, 539, 541, 544, 550, 561, 576, 579, 589, 596, 611, 615, 634, 636, 647, 654, 659, 661, 663, 669, 673.
NÁÑEZ FERNÁNDEZ, E.: 105.
NASCENTES, A.: 32, 33, 542, 575.
NAVA, P.: 169, 228, 244, 587, 591.
NAVARRO TOMÁS, T.: 183, 693, 710.
NAVAS RUIZ, Ricardo: 397.
NEF, Fréderic: 398.
NEGREIROS, Almada: 145, 171, 284, 337, 348, 378, 379, 381, 466, 522, 525, 538, 555, 560, 595, 601, 623, 647, 665, 677, 678, 680.

NEJAR, C.: 511.
NEMÉSIO, V.: 134, 153, 167, 169, 178, 273, 295, 300, 375, 479, 510, 584, 585, 603, 604, 608, 609, 625, 630, 652.
NOBRE, A.: 135, 166, 175, 220, 229, 233, 237, 243, 258, 292, 334, 338, 344, 349, 358, 361, 365, 477, 491, 518, 563, 566, 617, 621, 679, 703, 711.
NÓBREGA, Mello: 711.
NOGUEIRA, R. Sá: 38.
NOREEN, A.:19, 20.
NYROP: 500.

O

OITICICA, José: 523, 566.
OLÍMPIO, D.: 477, 579.
OLIVEIRA, A. Corrêa d': 247, 378, 473.
OLIVEIRA, A. de: 316, 525, 642, 658, 706, 715.
OLIVEIRA, C. de: 141, 146, 148, 151, 159, 164, 168, 213, 226, 277, 279, 322, 368, 375, 380, 393, 491, 496, 505, 527, 536, 541, 588, 589, 602, 604, 611, 617, 620, 659.
OLIVEIRA, Maria Manuela Moreno de: 217, 273, 353, 562.
O'NEILL, A.: 180.
OSÓRIO, Cochat: 469, 474, 636, 670.

P

PAIVA, Maria Helena de Novais: 562.
PALMÉRIO, M.: 137, 171, 276, 315, 316, 348, 350, 364, 476, 507, 549, 655, 656.
PARIS, Gaston: 719.
PASCOAES, Teixeira de: 133, 218, 368, 370, 472, 473, 573, 584, 588, 636, 658.
PASSOS, Guimarães: 283, 335, 336, 488.
PASSOS, Soares de: 641.
PATRÍCIO, A.: 272.
PEDERNEIRAS, M.: 347.
PEIXOTO, A.: 151, 214, 243, 308, 325, 380, 466, 482, 581, 597.
PENA FILHO, C.: 355.
PENA, Martins: 496.
PEPETELA: 350, 475, 515, 577, 580, 582, 588, 628.
PEREIRA, E. C.: 646.
PEREIRA FILHO, E.: 564.
PESSANHA, C.: 318, 492, 533, 636, 643, 683, 694, 704, 705, 727, 728.
PESSOA, F.: 136, 139, 148, 152, 153, 155, 156, 158, 159, 161, 177, 178, 179, 221, 223, 233, 284, 302, 310, 311, 316, 317, 335, 341 346, 352, 355, 359, 360, 362, 364, 365, 372, 373, 380, 462, 469, 472, 481, 491,498, 511, 517, 520,551, 597, 616, 618, 620, 622, 629, 630, 638, 640, 641, 674, 676, 677, 682, 709, 712, 721, 723, 725.
PIEL, Joseph M.: 450.
PINCHON, J.: 216.
PIÑON, N.: 139, 140, 146, 149, 157, 213, 361, 482, 487, 517, 537, 540, 547, 577, 578, 611, 618, 626, 654.
PIRES, J. Cardoso: 157, 173, 377, 381, 412, 476, 548, 614, 679.
PISANÇON, Albéric de: 708.
POMPEIA, R.: 149, 152, 214, 315, 328, 372, 589, 590, 636.
PONTES, Eunice: 409.
POTTIER, Bernard: 398, 556, 561, 572, 573.
PRADO, E.: 548.

Q

QUEIRÓS, D. Silveira de: 495, 526, 527, 547.
QUEIRÓS, Eça de: 246, 305, 323, 329, 338, 339, 375, 378, 525, 554, 591 653, 654, 659, 682.
QUEIRÓS, R. de: 150, 524, 525, 612.
QUENTAL, A. de: 160, 173, 177, 178, 180, 226, 236, 276, 300, 328, 357, 368, 369, 381, 462, 480, 525, 528, 533, 566, 600, 615, 626, 680.
QUILIS, A.: 68, 696.
QUINTANA, M.: 359, 640.

R

RAMOS, G.: 135, 141, 144, 171, 172, 178, 219, 258, 282, 283, 308, 321, 329, 330, 344, 353, 358, 369, 373, 376, 378, 463, 471, 472, 473, 477, 485, 498, 508, 509, 512, 533, 541, 545, 554, 575, 594, 597, 600, 601, 603, 610, 622, 652, 654, 672.

RANGEL, A.: 341.
RAPOSO, Eduardo Paiva: 409.
REBELO, Marques: 73, 182, 188, 366, 463.
REDOL, Alves: 139, 147, 154, 167, 172, 214, 235, 245, 277, 313, 315, 326, 328, 330, 337, 341, 346, 353, 366, 372, 375, 377, 477, 492, 501, 514, 516, 522, 538, 540, 543, 545, 578, 581, 584, 589, 634, 635, 673, 675.
RÉGIO, J.: 155, 157, 292, 295, 299, 314, 315, 320, 322, 324, 340, 474, 494, 540, 546, 551, 556, 603, 626, 645, 647, 700.
RÉGNIER, Henri de: 709.
REGO, J. Lins do: 144, 164, 171, 181, 214, 229, 236, 246, 247, 249, 257, 277, 308, 311, 314, 316, 331, 339, 340, 345, 351, 353, 358, 377, 379, 459, 471, 483, 485, 495, 497, 501, 513, 516, 519, 524, 529, 536, 537, 538, 542, 545, 547, 552, 575, 589, 599, 620, 629, 639, 644, 646, 660, 666.
REGULA, M.: 217.
RENAULT, A.: 148, 582.
RESENDE, A. C.: 637.
RESENDE, O. Lara: 487, 494, 504, 505, 510, 533, 536, 614, 615, 619, 643, 647, 659.
REY, A.: 102.
RIBAS, Ó.: 327, 338, 354, 474, 477, 500, 660, 661, 669, 671, 672.
RIBEIRO, A.: 136, 142, 165, 169, 173, 179, 181, 214, 234, 240, 245, 246, 272, 274, 296, 304, 308, 317, 326, 328, 329, 341, 348, 352, 358, 377, 383, 459, 499, 504, 506, 510, 511, 516, 524, 530, 536, 537, 543, 544, 549, 560, 564, 574, 576, 595, 601, 619, 634.
RIBEIRO, J.: 32, 248, 253, 468, 513, 515, 529, 553, 596, 611, 662.
RIBEIRO, Joaquim: 524.
RIBEIRO, O.: 30.
RIBEIRO, T.: 716.
RICARDO, Cassiano: 161, 696.
RIO BRANCO, barão do: 340.
ROBERT, C.-M.: 467.
RODRIGUES, José Maria: 504.
RODRIGUES, U. Tavares: 227, 229, 233, 241, 262, 312, 315, 319, 324, 325, 344, 353, 369, 518, 520, 534, 538, 543, 544, 575, 578, 579, 581, 588, 590, 593, 625.
ROHRER, C.: 398.
ROSA, Guimarães: 141, 273, 303, 465, 509, 535, 555, 561, 608, 633, 650, 654.
ROSENBLAT, A.: 19.
ROSSI, N.: 32.
RUBIÃO, M.: 168, 178.
RUIPÉREZ, Martín S.: 398.

S

SABINO, F.: 337, 375, 468, 488, 553, 556, 589, 600, 625, 679.
SÁ-CARNEIRO, M. de: 170, 250, 324, 468, 471, 495, 499, 637.
SAINT-CLOUD, Pierre de: 706, 708.
SALES, H.: 272, 303, 487, 548, 550.
SANTARENO, B.: 169, 218, 229, 311, 314, 315, 320, 325, 326, 370, 373, 492, 513, 646.
SANTOS, A.: 351, 377, 506, 555, 579, 581, 582, 584, 592, 663, 669.
SARAMAGO, J.: 181, 339, 347, 509, 628, 661, 664.
SAUSSURE, F. de: 16.
SCHMIDT, A. F.: 153, 172, 179, 181, 239, 245, 248, 253, 257, 277, 289, 315, 329, 337, 374, 412, 496, 502, 521, 534, 543, 544, 594, 596, 624, 635, 660.
SEBEOK, T. A.: 21.
SENA, J. de: 351, 477, 643, 663, 667, 679, 682.
SÉRGIO, A.: 135, 140, 357, 519, 677.
SILVA, B. Lopes da: 330.
SILVA, Da Costa e: 134, 135, 149, 716.
SILVA, M. H. Santos: 24.
SILVA NETO, S. da: 23, 340, 680.
SILVA, Rebelo da: 222, 468, 534, 565, 628.
SILVEIRA, Sousa da: 73, 217, 302, 377, 582, 598, 619, 681.
SILVEIRA, T. da: 139, 475, 528.
SKORGE, S.: 104, 212.
SLAMA-CASACU, T.: 15, 16.
SOARES, Ó.: 538, 539.
SOBEJANO, Gonzalo: 262.
SOROMENHO, Castro: 147, 160, 180, 213, 272, 339, 345, 353, 372, 374, 380, 478, 499, 501, 505, 512, 514, 537, 539, 540, 542, 558, 559, 563, 564, 567, 581, 583, 584, 587, 592, 637, 650, 654, 660, 662, 664, 672, 675.
SOUSA, Cruz e: 533, 684, 719.
SPENSER, Edmund: 729.

SPITZER, Leo: 250, 655.
STAHL, Gérold: 398.
STEN, Holger: 504.

T

TAUNAY, visconde de: 180.
TAVARES, A.: 360, 367.
TELLES, L. Fagundes: 166, 169, 226, 227, 276, 284, 484.
TENREIRO, F. J.: 481, 659.
TOGEBY, Knud: 504.
TORGA, M.: 143, 151, 154, 162, 167, 172, 223, 228, 231, 234, 239, 261, 296, 301, 303, 321, 329, 333, 337, 342, 348, 351, 352, 354, 355, 356, 361, 362, 367, 370, 371, 377, 380, 463, 465, 466, 467, 468, 471, 473, 481, 483, 484, 494, 497, 510, 520, 524, 547, 548, 551, 553, 556, 561, 574, 576, 580, 582, 583, 590, 594, 597, 599, 601, 602, 603, 604, 614, 615, 619, 620, 622, 627, 630, 639, 641, 646, 674.
TORT, Lambert le: 706, 708.
TRIGO, S.: 35.
TRIGUEIROS, L. Forjaz: 254.
TUTESCU, M.: 217.

V

VALERIUS, Julius: 708.
VARELA, Fagundes: 317, 366, 497, 628, 641, 717.
VARNHAGEN, F. A.: 298.
VARRÃO: 22.
VASCONCELOS, J. Leite de: 24, 678.
VELA, F.: 20.
VERGÍLIO: 718.
VERHAEREN, Emile: 709.
VERÍSSIMO, É.: 139, 143, 145, 147, 166, 168, 215, 227, 244, 248, 251, 331, 339, 376, 485, 551, 558, 567, 600, 620, 629, 653, 665, 669, 670, 672, 677, 678, 682.
VICENTE, GIL: 712.
VIEIRA, Luandino: 35, 135, 167, 179, 301, 304, 308, 315, 328, 331, 333, 344, 351, 356, 365, 379, 467, 492, 499, 500, 510, 520, 537, 543, 554, 555, 560, 583, 585, 590, 627, 633, 634, 635, 637, 643, 646, 648, 659, 661, 670.
VIELÉ-GRIFFIN, Francis: 709.
VITA, Nicola: 655, 656.
VITORINO, V.: 376.

W

WAGNER, M. L.: 104.
WAGNER, R. L.: 216.
WHITMAN, Walt: 709.
WILMET, Marc: 398.

X

XAVIER, Fontoura: 351.

Z

ZEMB, Jean-Marie: 398.
ZOLA, E.: 651, 656.

Índice de assuntos

A

ABREVIAÇÃO VOCABULAR: 130.
ABSTRATOS (substantivos): 191, 192.
ABUNDANTES (verbos): 456-457.
ACENTO: 67-75, 78-79; tônico, 67-75; classificação das palavras quanto ao acento tônico, 69-70; pronúncia culta, 70-71; valor distintivo do acento tônico, 71; acento principal, 71-72; acento secundário, 71-72; grupo acentual (ou de intensidade), 72; ênclise e próclise, 73; de insistência, 73; afetivo, 74; intelectual, 74-76; agudo, 78; grave, 78; circunflexo, 79; regras de acentuação gráfica, 84-88.
ACENTUAÇÃO GRÁFICA: 84-88.
ADJETIVO: 91-92, 259-288; definição, 259; adjetivo de relação, 259-260; nome substantivo e nome adjetivo, 260; substantivação do adjetivo, 260; substitutos do adjetivo, 261-262; morfologia dos adjetivos, 262-275; pátrios, 262; pátrios brasileiros, 262-263; pátrios portugueses, 263; pátrios africanos, 263; pátrios compostos, 263-264; gentílicos, 262; flexões dos adjetivos, 264-275; número, 264-265; plural dos adjetivos simples, 265; plural dos adjetivos compostos, 265; gênero, 265-268; formação do feminino, 266-267; adjetivos uniformes, 267-268; feminino dos adjetivos compostos, 268; graus do adjetivo, 268-275; comparativo, 268; de superioridade, 268; de igualdade, 268-269; de inferioridade, 268-269; comparativo anômalo, 274-275; superlativo, 268-269; superlativo absoluto, 269, 270-272; superlativo relativo, 269-270, 273-274 de superioridade, 268-269; de inferioridade, 268-269; outras formas de superlativo, 272-273; superlativo anômalo, 274-275; adjetivos que não se flexionam em grau, 275; funções sintáticas do adjetivo, 275-278; adjunto adnominal, 275-278; predicativo do sujeito, 276-278, 281-282; predicativo do objeto direto, 276, 277; predicativo do objeto indireto, 277; emprego adverbial do adjetivo, 278-279; valor estilístico do adjetivo, 279-280; colocação do adjetivo adjunto adnominal, 280-282; epíteto retórico, 282; colocação do epíteto retórico, 282-283; epíteto de natureza, 275, 639-640; epíteto característico, 281; outras formas de realce do adjetivo, 282-283; concordância do adjetivo com o substantivo, 284-288; adjetivo referente a um substantivo, 284-285; adjetivo referente a mais de um substantivo, 284-287; silepse de gênero, 646-647.
ADJUNTO: adnominal, 164-165; adverbial, 165, 166-169; classificação dos adjuntos adverbiais, 166-169.

ADVÉRBIO: 91-92, 555-567; advérbios que não se flexionam em grau, 565; classificação, 544-557; colocação, 559-561; diminutivo com valor superlativo, 565; gradação, 562-565; interrogativo, 557-558; locução adverbial, 558-559; palavras denotativas, 554-555; relativo, 558; repetição do advérbio, 565; repetição de advérbios em *-mente*, 561.
AFÉRESE: 692.
AFETIVO (acento): 74, 75.
AFIXO: 93-94.
AGENTE DA PASSIVA: 161-163; transformação de oração ativa em passiva, 162-163.
AGLUTINAÇÃO: 119-120.
ALEXANDRINO (verso): 706-708.
ALFABETO: 77.
ALFABETO FONÉTICO: 42-44.
ANÁSTROFE: 641.
ANACOLUTO: 644-645.
APARELHO FONADOR: 37-40.
APÓCOPE: 692-693.
APOSTO: 163, 169-174; valor sintático do aposto, 171-173; aposto e predicativo, 173-174.
APÓSTROFO: 79.
ARTIGO: 91-92, 219-258; definido, 219-250; formas simples, 220-221; formas combinadas, 221-223; crase, 221-222; valor determinativo, 224-225; empregos, 226-247; com os substantivos comuns, 226-237; como demonstrativo, 226-227; pelo possessivo, 227-228; antes dos possessivos, 228-230; emprego genérico, 230-231; em expressões de tempo, 231-234; com expressões de peso e medida, 234; com a palavra *casa*, 234; com a palavra *palácio*, 235; com o superlativo relativo, 236-237; com os nomes próprios, 237-243; com os nomes de pessoas, 238-240; com os nomes geográficos, 240-243; com os nomes de obras literárias e artísticas, 243; casos especiais, 243-247; antes da palavra *outro*, 243-244; depois da palavra *ambos* e *todos*, 244-247; repetição do artigo, 247-249; com substantivos, 247-248; com adjetivos, 248-249; omissão do artigo, 249-250; indefinido, 219, 251-258; formas combinadas, 223-224; valor, 225; emprego, 251-254; com os substantivos comuns, 251-253; com os nomes próprios, 253-254; omissão do artigo, 254-258; em expressões de identidade, 255-256; em expressões comparativas, 256; em expressões de quantidade, 256-257; com substantivo denotador de espécie, 257; nas enumerações, 257; nos opostos, 257-258.
ASSÍNDETO: 642-643.
ASPAS: 676-679.
ASPECTO (verbal): 396-398.

B

BISESDRÚXULA (acentuação): 69.
BILABIAIS (consoantes): 53, 55, 58-59.

C

CARDINAIS: 383-391; cardinal como indefinido, 387; emprego da conjunção *e* com os cardinais, 387; emprego dos cardinais pelos ordinais, 388-389; flexão, 384-386; quadro, 390-391; valores e empregos, 386-387.
CAVALGAMENTO (*emjambement*); 694-696.
CEDILHA: 79.
CESURA: 693-694.
CLASSIFICAÇÃO DOS SONS LINGUÍSTICOS: 45-60.
CLIQUE: 38.
COLCHETES: 681.
COLETIVOS (substantivos): 192-194.
COLOCAÇÃO: do adjetivo adjunto adnominal, 280-281; do epíteto retórico, 282; dos termos da oração, 176; inversões de natureza estilística, 176-177; ordem direta e inversa, 176; inversões de natureza gramatical, 177-181; inversão verbo + sujeito, 177-180; inversão predicativo + verbo, 181; posição das conjunções coordenativas adversativas, 595-596; posição das conjunções coordenativas conclusivas, 596; do advérbio, 559-561; colocação dos pronomes átonos, 323-332; colocação dos pronomes átonos no Brasil, 330-332.
COMBINAÇÃO: contração de pronomes átonos, 322-323; de preposição com artigo, 221-224.

COMPARATIVO (grau): 268, 269, 274, 275.
COMPLEMENTO: nominal, 153-154; verbal, 154-163 (ver também: objeto direto, objeto indireto e agente da passiva).
COMPOSIÇÃO: 96, 97, 119-129; tipos de, 119-122; compostos eruditos, 122-129; radicais latinos, 122-123; radicais gregos, 123-127; recomposição, 127-129; hibridismo, 129-130.
COMUM (substantivo): 192-193.
CONCORDÂNCIA: do adjetivo com o substantivo, 284-288; do pronome possessivo, 333-334; verbal, 510-530.
CONCRETO (substantivo): 192.
CONJUGAÇÕES: 401-402; conjugação dos verbos *ter*, *haver*, *ser*, *estar*, 413-416; verbos regulares, 419; voz passiva, 419-421; verbo reflexivo, 422-427; verbos irregulares, 427-456; abundantes, 456-457; impessoais, 457, 458; unipessoais, 458-459; defectivos, 457, 460-461.
CONJUNÇÕES: 91, 593-604; coordenativas: aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas, explicativas, 594, 595; posição das conjunções coordenativas, 595-596; valores particulares, 596-599; subordinativas: causais, concessivas, condicionais, finais, temporais, consecutivas, comparativas integrantes, conformativas, proporcionais, 600-604; polissemia conjuncional, 604; locução conjuntiva, 604.
CONSERVAÇÃO LINGUÍSTICA: 16-18.
CONSOANTE: 45, 53-60, 64-66; classificação, 53-60; modo de articulação, 54-55; ponto de articulação, 55-56; papel das cordas vocais, 56; papel das cavidades bucal e nasal, 57; quadro das consoantes, 57-59; posição das consoantes, 59-60; encontros consonantais, 64-66; consoante de ligação, 95.
CONSONÂNCIA: 711.
CONSTRITIVAS (consoantes): 53-55.
CONTRE-REJET: 707.
COORDENAÇÃO: 609, 610-612; oração coordenada assindética, 610; orações coordenadas sindéticas: aditiva, adversativa, alternativa, conclusiva, explicativa, 610-612.
CORDAS VOCAIS: 40; papel das cordas vocais, 56.
CORREÇÃO: 19-22.
CRASE: 221-223 (ver também: emprego do artigo definido; versificação).
CRIOULO: 23, 34-35; de Ano Bom, 34; de Cabo Verde, 35; de Cananor, 35; de Casamance, 35; de Chaul, 35; de Cochim, 35; de Guiné-Bissau, 35; de Korlai, 35; de Macau, 35; de Malaca, 35; de Príncipe, 34; de São Tomé, 35; de Tellicherry, 35; de Tugu, 35; de Sri-Lanka, 35.

D

DECASSÍLABO (verso): 703-705.
DÉCIMA: 725-726.
DEFECTIVOS (verbos): 457, 460-461.
DEMONSTRATIVO (pronome): 342-356; diversidade de emprego, 345-346; formas, 343; *o(s)*, *a(s)* como demonstrativo, 354-355; posição do pronome adjetivo demonstrativo, 347-349; reforço, 350; substitutos dos pronomes demonstrativos, 355-356; valores afetivos, 350-354; valores gerais, 343-345.
DERIVAÇÃO: 96, 97-119; prefixal, 97-102; sufixal, 102-116; parassintética, 116; regressiva, 117-118; imprópria, 118-119.
DESINÊNCIA: 92-93.
DESCRIÇÃO FONÉTICA E FONOLÓGICA: 41-42.
DIALETO: 18-19; dialetos galegos, 24-25, 26, 29, 30; portugueses setentrionais, 24, 25, 29; portugueses centro-meridionais, 24, 29, 30; das ilhas atlânticas, 31; brasileiros, 31-34.
DIASSISTEMA: 17-18.
DIÉRESE: 63.
DÍGRAFO: 65-66.
DISCURSO: 15-16, 649-656; características do discurso direto, 650-651; características do discurso indireto, 652-653; características do discurso indireto livre, 656; discurso direto, 649-651; discurso indireto, 651-653; discurso indireto livre, 655-656; transposição do discurso direto para o indireto, 653-654.
DISSÍLABO: 67; verso, 697.

DÍSTICO: 719.
DITONGO: 60-62.
DIVERSIDADE GEOGRÁFICA: 18-19, 23-35 (ver também: variações diatópicas).
DODECASSÍLABO (verso): 706-708.
DOIS PONTOS: 669-670.

E

ECTLIPSE: 688-689.
ELIPSE: 633-637; sujeito e predicado elípticos, 137.
ELISÃO: 687, 688, 689.
ÊNCLISE: 73, 74, 323, 325, 326, 327, 328, 329, 330.
ENCONTROS: vocálicos, 60-64; intraverbais e interverbais, 63-64; consonantais, 64-65 (ver também: sinérese, diérese, crase, sinalefa, elisão).
ENEASSÍLABO (verso): 702-703.
ENTOAÇÃO ORACIONAL: 181-189; grupo acentual, 182; grupo fônico, 182; oração declarativa, 183-184; interrogativa, 184-186; interrogação direta e indireta, 186-187; exclamativa, 187-188.
ENJAMBEMENT (ver: cavalgamento).
ENUMERAÇÃO CAÓTICA: 250.
EPÍTETO: retórico, 282; colocação do epíteto retórico, 282; epíteto de natureza, 282, 639-640; epíteto característico, 282.
ERRO: 20-21.
ESTILO: 15-16; valor estilístico do adjetivo, 279-280.
ESTROFAÇÃO: 719-729.
ESTROFE: 696-727; décima, 725-726; dístico, 719; livre, 727; de nove versos, 725; oitava, 723-725; quadra, 720; quintilha, 720-721; de sete versos, 722-723; sextilha, 721-722; simples, 727; composta, 727; terceto, 720.
ESTRUTURA: das palavras, 92-95; do verbo, 402-403; do verso, 685-696.

F

FALAR: 18-19.
FAMÍLIAS DE PALAVRAS: 96.
FIGURAS DE SINTAXE: 633-648; anacoluto, 644-645; anástrofe, 641; assíndeto, 642-643; elipse, 633-637; hipérbato, 641; objeto pleonástico, 640-641; pleonasmo, 639-640; polissíndeto, 643-644; prolepse, 642; silepse, 645-648; sínquise, 642; zeugma, 638.
FLEXÃO: dos adjetivos, 264-275; dos artigos, 220-221; dos substantivos, 194-213; dos verbos, 394-401.
FONEMA: 40-41; 89.
FONÉTICA E FONOLOGIA: 37-75; sons da fala, 37, 41; aparelho fonador, 39-40; som e fonema, 40-41; descrição fonética e fonológica, 41-42; fonética acústica, 41; fonética fisiológica, 42; transcrição fonética, 42; transcrição fonológica, 42; alfabeto fonético, 42-44; vogais, 45; classificação das vogais, 45-53; consoantes, 45; classificação das consoantes, 53-60; posição das consoantes, 59-60; semivogais, 45; encontros vocálicos, 60-64; encontros consonantais, 64-65; dígrafos, 65-66; sílaba, 66-67; acento tônico, 67-75.
FRACIONÁRIOS: 372, 385-386, 389-390; emprego, 389-390; flexão, 389-390; quadro, 390-391.
FRASE: 133-135; constituição da frase, 133-134; frase e oração, 134-135.
FRICATIVAS (consoantes): 53, 54, 57-58, 60.
FUNÇÕES SINTÁTICAS: dos adjetivos: 163; adjunto adnominal, 164-165, 275-278; predicativo do sujeito, 148-149, 276-277; predicativo do objeto direto, 160, 276, 277, 278; predicativo do objeto indireto, 277; dos artigos: 164-165; dos substantivos: 213-216; sujeito, 213; predicativo do sujeito, 213; predicativo do objeto direto, 214; predicativo do objeto indireto, 214; objeto direto, 214; objeto indireto, 214; complemento nominal, 214; adjunto adverbial, 215; agente da passiva, 215; aposto, 215; vocativo, 215.
FUTURO: do presente, 395, 407, 472-476; do pretérito, 395, 476-479; do subjuntivo, 395, 489.

G

GÊNERO: dos adjetivos: 265-268; adjetivos uniformes, 265, 267; feminino dos adjetivos compostos, 268; formação do feminino, 266-267; dos substantivos: 202-211; comum de dois gêneros, 210;

epicenos, 209; feminino derivado de radical do masculino, 206-209; formação do feminino, 204-205; gênero vacilante, 211; masculino e feminino de radicais diferentes, 205; masculinos terminados em *a*, 211; mudança de sentido na mudança de gênero, 210; quanto à significação, 203-204; quanto à terminação, 204; sobrecomum, 203; uniforme, 209-210.
GENTÍLICOS: 262.
GERÚNDIO: 395, 407, 408; emprego, 497, 498, 504-508.
GRAU: dos adjetivos: 268-275; comparativo, 268; de superioridade, 268; de igualdade, 268; de inferioridade, 268; comparativo anômalo, 268; superlativo, 268; superlativo absoluto, 269, 270-272; superlativo relativo, 269, 273-274; de superioridade, 273; de inferioridade, 273; outras formas de superlativo, 272-273; superlativo anômalo, 274-275; adjetivos que não se flexionam em grau, 275; dos substantivos: 206-207; especialização de formas, 207; valor das formas aumentativas e diminutivas, 206-207; dos advérbios: 562-565; grau comparativo dos advérbios, 562; grau superlativo dos advérbios, 562-563; outras formas de comparativo e superlativo, 563-565; diminutivo com valor superlativo, 565; advérbios que não se flexionam em grau, 565.
GRUPO: acentual, 182; fônico, 182; grupo fônico e unidade melódica, 182-183; grupo fônico e a oração, 183-189.

H

HEMISTÍQUIO: 706.
HENDECASSÍLABO (verso): 705-706.
HEPTASSÍLABO (verso): 700-701.
HEXASSÍLABO (verso): 699.
HIATO: 49; intervocabular, 689-692.
HIBRIDISMO: 129-130.
HÍFEN: 79-84; emprego do hífen, 80-84; nos compostos, 80-81; na prefixação, 81-82; com o verbo *haver*, 82; na separação de sílabas, 82-84.
HIPÉRBATO: do indicativo: 403-404; emprego, 465-468; do subjuntivo: 406; emprego, 487-488.

I

IMPERFEITO: do indicativo: 403-405; emprego, 465-468; do subjuntivo: 406; emprego, 487-488.
IMPESSOAIS (verbos): 457-458.
INDEPENDENTES (orações): 607.
INDEFINIDO: pronome: 370-381; forma, 371; locuções pronominais indefinidas, 371; oposições sistemáticas, 373-374; substantivo e adjetivo, 371-372; valores de alguns indefinidos, 374-381; artigo: 219; emprego do artigo indefinido, 251-254; omissão do artigo indefinido, 254-258.
INDICATIVO (modo): 462-479, 480.
INFINITIVO: 395; impessoal: 407, 496, 497, 498; emprego do infinitivo impessoal, 498-502; pessoal: 407; emprego do infinitivo pessoal, 498, 499, 502-503; emprego distintivo das formas flexionadas e não flexionadas, 499; orações reduzidas de infinitivo, 626-628.
INTEGRANTES: termos da oração, 152-163; conjunções, 600, 603.
INTENSIDADE: acento, 67-68; grupo, 72; advérbio, 555, 557.
INSISTÊNCIA (acento de), 73.
INTELECTUAL (acento): 74, 75.
INTERJEIÇÃO: 605-606; classificação, 605; locução interjectiva, 605-606.
INTERROGAÇÃO (ponto de): 670-671; interrogação direta e indireta, 186-187.
INTERROGATIVO: pronome: 366-370; emprego exclamativo dos interrogativos, 370; flexão, 367-368; forma, 367; valor e emprego, 367-370; advérbio: 557-558.
INTRANSITIVO (verbo): 146.
IRREGULARIDADE VERBAL: 427-457; irregularidade verbal e discordância gráfica, 428; verbos com alternância vocálica, 429-436.
INVARIÁVEIS (palavras): 92.
INVERSÃO DOS TERMOS DA ORAÇÃO: 176-182.
ITÁLICO: 658.
ISOSSILABISMO: 708-709.

J

JUSTAPOSIÇÃO: 119-122.

L

LETRA: 77-78.
LIGAÇÕES RÍTMICAS: 687-688 (ver também: crase, ectlipse, elisão, sinalefa).
LÍNGUA: 15-16, 23; unidade, 23.
LINGUAGEM: 15-16; linguagem monolítica, 21-22; culta, 22; média, 22; popular, 22; poética, 22; da prosa, 22.
LINHA MELÓDICA (função oracional): 188-189.
LIMITES DO VERSO: 686-687.
LOCUÇÕES: adverbiais, 558-559; conjuntivas, 604; interjectivas, 605-606; prepositivas, 570; pronominais, 371; verbais, 134-135.

M

MAJESTADE (plural de): 298-299.
MELÓDICOS (sinais): 657, 668-683.
MODÉSTIA (plural de): 297-298.
MODO (do verbo): 394; indicativo, 462-479; subjuntivo, 479-490; imperativo, 490-496; sintaxe dos modos, 462-510.
MONOSSÍLABO: 67; verso, 696.
MORFEMA: 90-94; tipos de, 90-91; flexional, 92-93; derivacional, 93-94; lexical, 90-92; gramatical, 90-92.
MUDANÇA DE SENTIDO NA MUDANÇA DE GÊNERO: 210.
MULTIPLICATIVOS: 383, 384, 385, 389; emprego, 389; flexão, 385; quadro, 391.

N

NEGRITO (sinal de): 658.
NOME: adjetivo, 260-261; substantivo, 260.
NOMINAL: complemento, 153-154; predicado, 146-149; sufixo, 102-103.
NOTAÇÕES LÉXICAS: 78-80.
NORMA: 21-22.
NUMERAIS: 383-390; cardinais, 383, 384, 385, 386-388; fracionários, 383, 385-386; multiplicativos, 383, 384, 385, 389; ordinais, 383, 384, 385, 387-389.
NÚMERO: dos adjetivos: 264-265; plural dos adjetivos simples, 265; plural dos adjetivos compostos, 265; dos substantivos: 194-202; formação, 194-202; plural dos compostos, 201-202; plural com alteração de timbre da vogal tônica, 197-198; plural dos diminutivos, 200; plural dos substantivos terminados em consoante, 199-200; substantivos terminados em vogal ou ditongo, 195-197; substantivos de um só número, 201.

O

OBJETO: direto: 154-157; objeto direto preposicionado, 156; objeto direto pleonástico, 156-157; indireto: 157-159; objeto indireto pleonástico, 159; predicativo do objeto, 160-161.
OCLUSIVAS (consoantes): 53, 54, 59-60.
OCTOSSÍLABO (verso): 701-702.
OITAVA: 723-725.
ONOMATOPEIA: 130.
ORAÇÃO: 134-189, 607-631; e período, 135-136; termos essenciais, 136-152; sem sujeito, 143-145; termos integrantes, 152-163; termos acessórios, 163-175; colocação dos termos na oração, 176-181; entoação oracional, 181-189; declarativa, 183-184; interrogativa, 184-186; exclamativa, 187-189; independente, 607; principal, 609; coordenada assindética, 610; coordenada sindética: aditiva, adversativa, alternativa, conclusiva, explicativa, 610-612; oração subordinada como termo de outra oração, 612-614; classificação das orações subordinadas, 614; oração subordinada substantiva: subjetiva, objetiva direta, objetiva indireta, completiva nominal, predicativa, apositiva, agente da passiva, 614-615; omissão da integrante *que*, 615; oração subordinada adjetiva, 615-618; adjetivas restritivas e explicativas, 618; oração subordinada adverbial: causal, concessiva, condicional, final, temporal, consecutiva, comparativa, 618-622; orações conformativas e proporcionais, 622-623; reduzida,

623-626; reduzida de infinitivo, 626-628; reduzida de gerúndio, 628-630; reduzida de particípio, 630-631.
ORAIS E NASAIS (sons): 48-53.
ORDEM DIRETA E INVERSA: 176.
ORDINAIS: 383, 385, 386, 387, 388; emprego dos cardinais pelos ordinais, 388-389; flexão, 385; quadro, 390-391; valores e empregos, 387-388.
ORTOGRAFIA: 77-88; letra e alfabeto, 77-78; notações léxicas, 78-84; regras de acentuação, 84-88; divergências entre as ortografias adotadas em Portugal e no Brasil, 88.
OSCILAÇÃO DE PRONÚNCIA: 70-71.

P

PALAVRA: 89-131; classes de, 91-92; estrutura da, 92-95; formação de, 96-131; famílias de, 96; denotativa, 566-567; primitiva, 96; derivada, 96; simples, 96; composta, 96.
PALAVRAS DENOTATIVAS: 566-567.
PALATAIS: vogais, 45, 49-52; consoantes, 53, 56-59.
POSTERIORES ou velares (vogais): 45, 49-52.
PARÊNTESES: 679-680.
PARTICÍPIO: 498, 508-510; oração reduzida de particípio, 630-631.
PÁTRIOS: 262-264; pátrios brasileiros, 262, 263; pátrios portugueses, 263; pátrios africanos, 263; pátrios compostos, 263, 264.
PAUSA (verso): 693-694.
PENTASSÍLABO (verso): 698-699.
PERÍODO: 135-136, 607-631; simples, 135, 607; composto, 136, 607-631; composto por coordenação, 607-608, 610-612; composto por subordinação, 608, 612-631; características da oração principal, 609-610.
PESSOAL (pronome): 290-332; colocação dos pronomes átonos, 323-332; combinações e contrações dos pronomes átonos, 322-323; contração das preposições *de* e *em* com o pronome reto da 3.ª pessoa, 303; emprego dos pronomes oblíquos tônicos e átonos, 310-321; emprego do pronome sujeito, 296-297; equívocos e incorreções, 301-303; extensão de emprego dos pronomes retos, 297-300; formas *o*, *lo* e *no* do pronome oblíquo, 291-293; funções dos pronomes retos, 295, 296; omissão do pronome sujeito, 296; realce do pronome sujeito, 300, 301; reflexivo e recíproco, 293-295; pronomes de tratamento, 303-310.
PLEONASMO: 639-640.
PLURAL: dos adjetivos simples e compostos, 265; plural de modéstia e de majestade, 297-299; dos substantivos simples e compostos, 195-202.
POLISSÍNDETO: 643-644.
PONTO: 664-666.
PONTO DE EXCLAMAÇÃO: 671-673.
PONTO DE INTERROGAÇÃO: 670-671.
PONTO E VÍRGULA: 666-668.
PONTUAÇÃO: 657-683; aspas, 676-679; colchetes, 681; dois pontos, 669-670; parênteses, 679-681; ponto, 664-666; ponto de exclamação, 671-673; ponto de interrogação, 670-671; ponto e vírgula, 666-668; reticências, 673-676; vírgula, 658-664; travessão, 682-683.
PORTUGUÊS: de África, 34; de Ásia, 34, 35; da Oceania, 34, 35 (ver também: crioulos).
POSSESSIVO (pronome): 332-342; concordância, 333-334; forma, 333; valor e emprego, 333-342.
PREDICADO: 146-151; nominal, 146-149; verbal, 149-151; verbo-nominal, 151; variabilidade de predicação verbal, 152 (ver também: concordância).
PREFIXO: 98-102; de origem latina, 98-100; de origem grega, 101-102.
PREPOSIÇÃO: 569-592; conteúdo significativo, 572-574; função, 569; locuções prepositivas, 570; relações fixas, 574; relações livres, 575-576; relações necessárias, 574-575; significação, 570-572; simples, 569-570; valor, 576-592; *a*, 576-578; *ante*, 578-579; *após*, 579; *até*, 579-580; *com*, 580-581; *contra*, 581; *de*, 582-583; *desde*, 583; *em*, 584; *entre*, 585-586; *para*, 587-588; *perante*, 588; *por* (*per*), 588-590; *sem*, 590; *sob*, 590-591; *sobre*, 591-592; *trás*, 592.

PRETÉRITO: imperfeito do indicativo, 395, 403-405, 465-468; perfeito do indicativo, 468-470; distinções entre o pretérito imperfeito e o perfeito, 470; mais-que-perfeito do indicativo, 395, 405, 470-472; futuro, 395, 407-408, 472-479; perfeito do subjuntivo, 395, 488; mais-que-perfeito, 395, 489.
PRÓCLISE: 73, 308, 323-332.
PROLEPSE: 642.
PRONOME: 91, 289-381; demonstrativo, 342-356; indefinido, 370-381; interrogativo, 366-370; pessoal, 290-332; possessivo, 332-342; relativo, 356-366; substantivo e adjetivo, 289-290; de tratamento, 303-310.
PSEUDOPREFIXOS: 127-129 (ver também: recomposição).

Q

QUADRA: 720.
QUANTIDADE: 68.
QUINTILHA: 720, 721.

R

RADICAIS: 92; radicais latinos, 122-123; radicais gregos, 123-127; hibridismo, 129-130.
RECOMPOSIÇÃO: 127-129.
REGÊNCIA VERBAL: 530-551; diversidade e igualdade de regência, 531-532; regência de alguns verbos: *aspirar*, 533-534; *assistir*, 534-535; *chamar*, 535-537; *ensinar*, 537-539; *esquecer*, 539-541; *interessar*, 541-543; *lembrar*, 543-545; *obedecer* e *desobedecer*, 545-546; *perdoar*, 546-547; *responder*, 547-550; *visar*, 550-551.
REFORÇO: dos possessivos, 336; dos demonstrativos, 350.
RELATIVO (pronome): 356-367; forma, 356-357; função sintática, 358-359; natureza do antecedente, 357-358; pronome relativo sem antecedente, 360; valor e emprego, 360-366.
RETICÊNCIAS: 673-676.
RIMA: 711-719; aguda, 711; alternada, 715; assonante, 711; consoante, 711; consonância, 711; emparelhada, 715; encadeada, 716; esdrúxula, 712; esquema de rima, 717; grave, 711; imperfeita, 712-713; de vogal semiaberta com vogal semifechada, 712-713; de vogal simples com ditongo, 713; de vogal oral com vogal nasal, 713; interior: com eco, 717; leonina, 716; interpolada, 716; oposta, 716; perfeita, 712; pobre, 714; rica, 714; raras ou preciosas, 714-715; soante, 711; toante, 711; versos brancos, 717-718.
RITMO: 685.

S

SEMIVOGAIS: 45.
SEXTILHA: 721-722.
SIGLAS: 130-131.
SÍLABA: 66-67; aberta e fechada, 66-67; classificação das palavras quanto ao número de sílabas, 67.
SILEPSE: de gênero, 646-647; de número, 645-646; de pessoa, 647-648.
SINAIS: pausais, 657, 658-668; melódicos, 657, 669-683.
SINALEFA: 63, 687-688, 689.
SÍNCOPE: 692-693.
SINÉRESE: 63, 690-691.
SÍNQUISE: 642.
SINTAGMA: nominal, 137-138; verbal, 137-138.
SINTAXE: dos modos e dos tempos, 462-510; sintaxe do verbo *haver*, 551-554.
SISTEMA: 21, 22.
SOM: 40, 41.
SONETO: 727-729; inglês, 727, 729; italiano, 727-729; shakespeariano, 729; spenseriano, 729.
SONS DA FALA: 37.
SUBJUNTIVO (modo): 394, 395, 479-480.
SUBSTANTIVO: 91, 191-218, 260; abstrato, 192; coletivo, 192-193; composto, 201-202; comum, 192; comum de dois gêneros, 210; concreto, 192; de gênero vacilante, 211; de um só número, 201; epiceno, 209; flexão, 194-213; formação do plural, 195-200; funções sintáticas do substantivo, 213-218; gênero, 202-211; grau, 212-213; masculino terminado em *a*, 211; mudança de sentido

na mudança de gênero, 210; número, 194-202; sobrecomum, 209; uniforme, 210-211; próprio, 192.
SUBORDINAÇÃO: 608-609, 612-631; classificação das orações subordinadas: substantivas, 614-615; adjetivas, 615-618; adverbiais, 618-631; orações reduzidas: 623-631; de infinitivo, 626-628; de gerúndio, 628-630; de particípio, 630-631.
SUFIXO: 102-116; nominal, 103-114; aumentativo, 102-104; diminutivo, 104-108; diminutivo erudito, 108; verbal, 114-115; adverbial, 115-116.
SUJEITO: 136-146; representação do sujeito, 138-140; simples, 140; concordância com o sujeito simples, 511; composto, 140-141; concordância com o sujeito composto, 511-512; oculto (determinado), 141-142; indeterminado, 142-143; oração sem sujeito, 143-145; da atitude do sujeito, 145-146; com verbos de ação, 145; com verbos de estado, 146.
SUPERLATIVO (grau): 268; 269-275.

T

TEMPO (verbal): 395; tempo simples, 402-408; composto, 416-418; formação dos tempos simples, 403-409; derivados do presente do indicativo, 403-405; derivados do pretérito do indicativo, 405-406; derivados do infinitivo impessoal, 407-408; formação dos tempos compostos, 416-418; locuções verbais, 408-412; sintaxe dos tempos, 462-490.
TERCETO: 720.
TERMOS: essenciais, 136-152, 607-609; integrantes, 152-163, 607-609; acessórios, 163-176, 607-609.
TETRASSÍLABO (verso): 698.
TIL: 79.
TIMBRE: 47-48.
TIPOS DE VERSO: 696-710; decassílabo, 703-705; dissílabo, 697; dodecassílabo, 706-707; eneassílabo, 702-703; endecassílabo, 705-706; heptassílabo, 700-701; hexassílabo, 699-700; monossílabo, 696-697; octossílabo, 701-702; pentassílabo, 698-699; tetrassílabo, 698; trissílabo, 697; isossilabismo e versificação flutuante, 708-709; verso livre, 709-710.
TOM: 68.
TRANSCRIÇÃO FONÉTICA E FONOLÓGICA: 42.
TRANSITIVO (verbo) 150-151.
TRATAMENTO (pronome): 303-310 (ver também: pessoal)
TRAVESSÃO: 639, 682-683.
TREMA: 79.
TRISSÍLABO: 67, 697-698.
TRITONGO: 62-63, 690.

U

UNIDADE LINGUÍSTICA: 23.
UNIDADE MELÓDICA (ver: grupo fônico).
UNIPESSOAIS (verbos): 457, 458-459.

V

VARIÁVEIS (palavras): 92.
VARIAÇÃO LINGUÍSTICA, 16-18; variações diatópicas, 17, 18, 22, 23-35; variações diastráticas, 17, 22; variações diafásicas, 17, 22.
VELARES (vogais): (ver: posteriores ou velares)
VERBO: 92, 393-554; abundantes, 456-457; aspecto, 396-398; defectivo, 457, 460-461; definição, 393; flexão, 393-400; modo, 394-395; número, 394; pessoa, 394; tempo, 395; simples, 402-408; composto, 416-418; impessoais, 457, 458; unipessoais, 457, 458, 459; irregular, 427-457; auxiliar e o seu emprego, 408-412; emprego dos tempos do indicativo, 462-479; emprego dos tempos do subjuntivo, 479-490; emprego do imperativo, 490-496; emprego das formas nominais, 496-498; emprego do infinitivo, 498-504; emprego do gerúndio, 504-508; emprego do particípio, 508-510; voz: 398-400; voz ativa, 398, 399; voz passiva, 399, 400, 419-421; voz reflexiva, 398, 399, 421-427; formas rizotônicas, 400; formas arrizotônicas, 400; classificação do verbo,

400-401; conjugação, 401, 418-554; concordância, 510-529; regência, 530-551; sintaxe do verbo *haver*, 551-554.
VERSIFICAÇÃO: 685-729; versificação flutuante, 708-709.
VERSO: 685; limite, 686-687; tipos, 696-712; verso livre, 709-710.
VÍRGULA: 657, 658-664.
VOCATIVO: 174-175.
VOGAIS: 45-53, 60-63; classificação, 45-53; articulação, 47; timbre, 47-48; intensidade e acento, 48; orais, 48-50; nasais, 48-50; tônicas orais, 49; tônicas nasais, 49-50; átonas orais, 50-53; encontros vocálicos, 60-64; vogal temática, 94-95; vogal de ligação, 95.
VOZ: 398-400; ativa, 398-399; passiva, 399-400, 419-421; reflexiva, 399, 421-427.

Z

ZEUGMA: 638.

nova gramática do português contemporâneo

Esta Gramática é uma descrição do português atual em sua forma culta, ou seja, da língua como a têm utilizado os escritores brasileiros, portugueses e africanos do Romantismo para cá.
Como pretende mostrar a superior unidade da língua portuguesa em sua natural diversidade, uma atenção particular foi dada às diferenças de uso entre as modalidades nacionais e regionais do idioma, sobretudo as que se observam entre a variedade nacional europeia e a americana.
Houve também uma preocupação de examinar a palavra em sua forma e função, de acordo com os princípios da morfossintaxe, e de destacar e valorizar os meios expressivos do idioma, o que torna este livro, a um tempo, uma gramática e uma estilística do português contemporâneo.

Rodrigo Bezerra

Nova Gramática da LÍNGUA PORTUGUESA para Concursos

7.ª edição
Revista e atualizada

- Abordagem profunda e didática
- Plano de estudos e dicas sobre os temas mais cobrados em concursos
- Questões de concursos com gabarito ao final dos capítulos
- Obra em conformidade com o Novo Acordo Ortográfico

gen | EDITORA MÉTODO

Nova Gramática da LÍNGUA PORTUGUESA para Concursos

abdr
Respeite o direito autoral

O GEN | Grupo Editorial Nacional reúne as editoras Guanabara Koogan, Santos, Roca, AC Farmacêutica, Forense, Método, LTC, E.P.U. e Forense Universitária, que publicam nas áreas científica, técnica e profissional.

Essas empresas, respeitadas no mercado editorial, construíram catálogos inigualáveis, com obras que têm sido decisivas na formação acadêmica e no aperfeiçoamento de várias gerações de profissionais e de estudantes de Administração, Direito, Enfermagem, Engenharia, Fisioterapia, Medicina, Odontologia, Educação Física e muitas outras ciências, tendo se tornado sinônimo de seriedade e respeito.

Nossa missão é prover o melhor conteúdo científico e distribuí-lo de maneira flexível e conveniente, a preços justos, gerando benefícios e servindo a autores, docentes, livreiros, funcionários, colaboradores e acionistas.

Nosso comportamento ético incondicional e nossa responsabilidade social e ambiental são reforçados pela natureza educacional de nossa atividade, sem comprometer o crescimento contínuo e a rentabilidade do grupo.

Rodrigo Bezerra

Nova Gramática da LÍNGUA PORTUGUESA para Concursos

7.ª edição
Revista e atualizada

gen | EDITORA MÉTODO
SÃO PAULO

A EDITORA MÉTODO se responsabiliza pelos vícios do produto no que concerne à sua edição (impressão e apresentação a fim de possibilitar ao consumidor bem manuseá-lo e lê-lo). Nem a editora nem o autor assumem qualquer responsabilidade por eventuais danos ou perdas a pessoa ou bens, decorrentes do uso da presente obra.

Todos os direitos reservados. Nos termos da Lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive através de processos xerográficos, fotocópia e gravação, sem permissão por escrito do autor e do editor.

Impresso no Brasil – *Printed in Brazil*

Direitos exclusivos para o Brasil na língua portuguesa
Copyright © 2015 *by*

EDITORA MÉTODO LTDA.
Uma editora integrante do GEN | Grupo Editorial Nacional
Rua Dona Brígida, 701, Vila Mariana – 04111-081 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 5080-0770 / (21) 3543-0770 – Fax: (11) 5080-0714
metodo@grupogen.com.br | www.editorametodo.com.br

O titular cuja obra seja fraudulentamente reproduzida, divulgada ou de qualquer forma utilizada poderá requerer a apreensão dos exemplares reproduzidos ou a suspensão da divulgação, sem prejuízo da indenização cabível (art. 102 da Lei n. 9.610, de 19.02.1998).

Quem vender, expuser à venda, ocultar, adquirir, distribuir, tiver em depósito ou utilizar obra ou fonograma reproduzidos com fraude, com a finalidade de vender, obter ganho, vantagem, proveito, lucro direto ou indireto, para si ou para outrem, será solidariamente responsável com o contrafator, nos termos dos artigos precedentes, respondendo como contrafatores o importador e o distribuidor em caso de reprodução no exterior (art. 104 da Lei n. 9.610/98).

Capa: Stephanie Rodrigues Matos
Produção digital: Geethik

CIP – Brasil. Catalogação-na-fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Bezerra, Rodrigo

Nova gramática da língua portuguesa para concursos / Rodrigo Bezerra. – 7.ª ed. – Rio de Janeiro : Forense ; São Paulo : Método, 2015.

Inclui bibliografia
ISBN 978-85-309-6107-7

1. Língua portuguesa - Gramática. 2. Língua portuguesa - Gramática - Problemas, questões, exercícios. 3. Serviço público - Brasil - Concursos. I. Título.

10-2768.

CDD: 469.5
CDU: 811.134.336

Ao Deus, a Quem eu sirvo, e à minha querida mãe,
Maria Luzinete, meus agradecimentos.

À minha amada Ana Cláudia e à minha pérola Esther,
esposa e filha, dedico as próximas páginas
com todo o meu amor.

Última flor do Lácio, inculta e bela,
És, a um tempo, esplendor e sepultura:
Ouro nativo, que na ganga impura
A bruta mina entre os cascalhos vela...

Amo-te assim, desconhecida e obscura,
Tuba de alto clangor, lira singela,
Que tens o trom e o silvo da procela,
E o arrolo da saudade e da ternura!

Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,

Em que da voz materna ouvi: “meu filho!”
E em que Camões chorou, no exílio amargo,
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!

Olavo Bilac

EXCELÊNCIAS DA LÍNGUA PORTUGUÊSA

E que esplêndida língua o Brasil nos deve! Tôdas as raças que passaram por este canto da terra, aqui deixaram a flor e o ideal da sua alma. Desde a povoação céltica e a colonização grega, de que tantos vestígios restam ainda nas nossas províncias do norte, até à invasão dos árabes que envolveram tôda a civilização da península numa etérea poeira de luz e oiro – as imigrações sucessivas e as conquistas supervenientes contribuíram, tôdas à formação desta língua admirável que, sob muitos aspectos, não tem superior no mundo.

Serve a tudo: à epopéia e ao idílio, à lamentosa elegia e ao cântico de guerra.

Passada pelas cordas duma lira, é suave e doce como a voz do amor; assoprada na tuba épica, é vibrante, sonora e grandiosa ou terrível segundo os têrmos que versa, as ações que canta ou os heróis que celebra.

O sol doura-a, ilumina-a, aquece-a; e a nossa paisagem, tão variada e linda, tão florida e perfumada, reflete nela como na superfície clara dos nossos rios, e nas ondas, de tanta côr, que o mar estende por essas praias. Transladada ao sul da América, não perdeu o caráter grave, nem a têmpera máscula, nem o tom de funda, indefinível melancolia que lhe imprimiu a esforçada e trágica aventura de nossos avós; e ainda adquiriu preciosos elementos de encantadora suavidade, de frouxa, dolente e maviosa ternura.

Antônio Cândido – *Discursos*.
Apud Antenor Nascentes, 1960.

Material Suplementar

Este livro conta com Caderno de Questões Digital.

O acesso ao material suplementar é gratuito, bastando que o leitor se cadastre em: http://gen-io.grupogen.com.br

GEN | Informação Online

GEN-IO (GEN | Informação Online) é o repositório de materiais suplementares e de serviços relacionados com livros publicados pelo GEN | Grupo Editorial Nacional, maior conglomerado brasileiro de editoras do ramo científico-técnico-profissional, composto por Guanabara Koogan, Santos, Roca, AC Farmacêutica, Forense, Método, LTC, E.P.U. e Forense Universitária. Os materiais suplementares ficam disponíveis para acesso durante a vigência das edições atuais dos livros a que eles correspondem.

COMO ESTUDAR ESTE LIVRO? ALGUMAS ORIENTAÇÕES...

Durante meus longos anos como professor, uma das perguntas mais frequentes sempre foi (e ainda é) “por onde eu começo, professor?”. Há outras que, menos frequentes, de vez em quando surgem nas salas de aula pelo país afora: “Quais os assuntos mais importantes?” “O que eu preciso decorar para o concurso, professor?” De fato, são perguntas dos que sentem o peso e a importância de uma matéria que sempre foi objeto de estudo desde os tempos mais tenros da nossa existência, mas que – para muitos – ainda hoje constitui um obstáculo, uma incógnita, uma grande dificuldade.

Por conta desses alunos e mesmo dos que já possuem um bom conhecimento em nossa língua, ousei – com toda a humildade – criar um plano de estudos para orientá-los nessa jornada. Saliento que esse plano está baseado em minha experiência pessoal (usei o pleonasmo de forma intencional) como professor, educador e preparador de candidatos para a carreira pública. Procurei contemplar, em nosso plano de estudos, os assuntos mais importantes para um concurso público. Obviamente, outros assuntos, não abordados em nosso plano de estudos, poderão aparecer no edital. Procure estudá-los concomitantemente aos assuntos principais.

Em qualquer caso, sugiro que de antemão converse com o seu professor. Peça também a ele uma orientação, pois certamente é ele quem melhor o conhece e sabe o que é melhor para você. Discuta com ele o nosso plano de estudos. E aceite – sem reservas – as orientações do seu mestre. Ele fará o melhor por você – esteja certo disso.

Para os que há muito não estudam a nossa língua portuguesa, é preciso “começar pelo começo”. Não tente estudar assuntos como “concordância, regência, crase” sem antes ter uma boa base em sintaxe de oração, por exemplo. Não pule a sequência. Quem estuda, por exemplo, sintaxe do período composto sem antes estudar a sintaxe do período simples, ou crase antes de regência, não compreende a lógica da gramática e provavelmente obterá poucos ganhos em sua empreitada. Portanto, vá com calma. A absorção dos conteúdos gramaticais requer tempo. Ademais, o conhecimento “amadurece” em momentos diferentes em cada estudante. Logo, não se desespere. Acredite em você. Faça a sua parte: estude bastante.

Para os mais experientes, aqueles que já vêm estudando a nossa língua portuguesa há mais tempo, sugiro que partam para os conteúdos mais densos. Indubitavelmente, esses assuntos se encontram em sintaxe – oração, período, concordância, regência, crase, colocação pronominal, pontuação. Observem os detalhes e os exemplos com atenção; e, lógico, não se esqueçam de resolver as questões. Sempre obtenham as provas da banca que preparará o seu concurso. Resolvam-nas. Procurem traçar um perfil da banca. Tentem perceber os assuntos mais cobrados, pois as bancas tendem a repeti-los em certames posteriores.

Para os que nutrem por nossa língua uma grande ojeriza (aversão, pavor, antipatia) – há até os que odeiam a nossa língua portuguesa –, sugiro que a estudem aos poucos. Identifiquem a matéria de que vocês mais gostam e procurem associar o estudo desta disciplina ao estudo da nossa língua portuguesa. Como assim? Antes de se deleitar com a

matéria que você ama, estude cerca de 30 minutos da nossa língua portuguesa. Mas faça isso nos três turnos: manhã, tarde e noite. Ao final de um dia, você “engoliu” cerca de uma hora e meia de conteúdo gramatical. Com o passar do tempo, essa forma de estudar a nossa língua ficará muito mais simples e se tornará – creio eu – prazerosa. Traduzindo: dê a você “gotas” diárias de conteúdo gramatical e em breve estará curado de seus problemas com a gramática.

Então, mãos à obra! Não há tempo a perder!

Um grande abraço.

Professor Rodrigo Bezerra

PLANO DE ESTUDOS – LÍNGUA PORTUGUESA

ASSUNTO	ESTUDEI EM (data)	REVISEI EM (data)	RELI EM (data)	RESOLVI EXERCÍCIOS SOBRE O ASSUNTO EM (data)
I – Fonética				
1. Fonética e fonologia				
Considerações: É uma parte da gramática normativa geralmente explorada por concursos em nível médio. Portanto, não perca muito tempo tentando decorar, por exemplo, a classificação das vogais e das consoantes, pois é o tipo de conhecimento que raramente é cobrado em grandes concursos. Leia (rememore) sobre os encontros vocálicos, encontros consonantais, dígrafos e divisão silábica. Frequentemente uma boa leitura já garante um bom aprendizado.				
2. Ortografia oficial				
Considerações: É o tipo de assunto em que a "decoreba" pura e simples pouco resolve. Leia, leia e leia... Não só o assunto, mas tudo o que for proveitoso. Provavelmente você obterá bons resultados. Nesse meio, há, entretanto, um assunto de que você não pode se descuidar: emprego do hífen. Geralmente as bancas cobram esse conhecimento.				
3. Acentuação				
Considerações: É o primeiro assunto com que você deve realmente se preocupar um pouco, pois é recorrente nos concursos de todos os níveis. É preciso ficar atento às regras de acentuação das palavras oxítonas e paroxítonas. Tenha cuidado também com os hiatos. Com o Novo Acordo Ortográfico, vários acentos deixaram de existir. Portanto, tenha cuidado. Vale a pena reler o assunto assim que terminar de estudá-lo pela primeira vez.				
4. Significação das palavras				
Considerações: É um assunto frequentemente cobrado. Bastante tranquilo, você deverá relembrar a diferença entre homônimos e parônimos. Nada de desespero! O assunto é muito fácil. Certamente algumas leituras bastam para um bom aproveitamento.				
II – Morfologia				
1. Estrutura e formação de palavras				
Considerações: É um assunto exigido em alguns concursos. Portanto, antes de estudá-lo, verifique o seu edital. Quando é cobrado, as bancas geralmente se atêm aos processos de formação de palavras. Logo, estude com cuidado a "derivação, a composição e os outros processos de formação de palavras". Não gaste energia tentando decorar as tabelas com radicais, prefixos e sufixos gregos e latinos. Vale a pena, entretanto, ler a correlação entre os prefixos gregos e latinos.				
2. Substantivo				
Considerações: Não se preocupe tanto com alguns tópicos, como, por exemplo, as tabelas de coletivos e de gênero dos substantivos. Atenha-se a pontos como "caracterização do substantivo e plural dos substantivos compostos". Em gênero dos substantivos, apenas leia com atenção sobre os substantivos comuns de dois gêneros e os sobrecomuns. Se já estiver em condições, procure estudar as funções sintáticas que são próprias do substantivo.				
3. Adjetivo				
Considerações: Não perca tempo em decorar as tabelas sobre as locuções adjetivas, os adjetivos pátrios e os adjetivos eruditos. Estude com afinco as considerações gerais sobre os adjetivos. Fique muito atento ao plural dos adjetivos compostos e, acima de tudo, estude várias vezes os graus do				

adjetivo – é um assunto recorrente nos concursos. Se estiver em condições, procure estudar o adjetivo em sua forma oracional – vá até o capítulo de sintaxe de oração e estude as orações adjetivas.

4. Artigo				

Considerações: É um assunto com que você não precisa se preocupar muito, pois as regras sobre o emprego dessa classe gramatical não são muito cobradas. Mas é preciso ler o assunto, notadamente os empregos particulares dos artigos definidos e indefinidos.

5. Numeral				

Considerações: Assunto raramente cobrado. Não gaste muitos esforços com este capítulo. Leia as regras que orientam o emprego dos numerais. Isto é suficiente.

6. Pronome				

Considerações: Eis um assunto que não dá para economizar – é um ponto-chave para o seu estudo. Aqui o segredo é estudar tudo. Uma dica: não se preocupe tanto em decorar as tabelas com os pronomes. Preocupe-se em entender o emprego deles. Há dois tipos de pronomes que são extremamente cobrados em certames pelo país afora: os pronomes pessoais e os pronomes relativos. Estude-os mais de uma vez. Fique atento também ao emprego dos pronomes indefinidos e demonstrativos.

7. Verbo				

Considerações: Eis outro assunto bastante longo, mas não se desespere tentando decorar tudo. As bancas costumam ser pontuais, ou seja, há pontos dos quais não dá para se descuidar. Um deles é o emprego dos tempos e modos verbais. É fundamental conhecer o emprego de cada modo e de cada tempo, tanto dos simples quanto dos compostos. Outro assunto muito cobrado são as correlações entre os tempos e os modos verbais. De resto, é essencial dominar os paradigmas de conjugação dos verbos – não se preocupe em decorar todas as conjugações. Procure entender os paradigmas de cada tempo verbal. Fique atento também à conjugação dos verbos defectivos. Frequentemente as bancas lançam mão desse tipo de conhecimento.

8. Advérbio				

Considerações: É um assunto que aparentemente não oferece perigos, mas não se engane: o advérbio é uma classe que provoca "confusões" em concordância nominal. Portanto, procure entendê-lo bem. Tente ler, mais de uma vez, as particularidades de alguns advérbios.

9. Conjunção				

Considerações: É um assunto que terá grande relevância na parte sintática quando se for estudar "sintaxe do período composto". Portanto, não dá para passar por cima. Mas também não se desespere. Não tente decorar todas as conjunções. Procure entender o "papel" delas. O ideal é fazer a conexão com a parte sintática (sintaxe do período composto). Sugiro que leia o assunto umas duas vezes e siga em frente. Quando for estudar "sintaxe do período composto", você deverá voltar a este assunto.

10. Preposição				

Considerações: Eis outro assunto que agora não nos oferece grandes desafios. Lembre-se, porém, de que a preposição será importantíssima para o estudo, em sintaxe, da predicação verbal e das regências verbal e nominal. Portanto, leia o assunto mais de uma vez. Entenda a razão de ser da preposição. O ideal é correlacionar este assunto com o estudo dos termos integrantes da oração e o estudo das regências verbal e nominal.

III – Sintaxe

Orientações gerais: Nesta parte, não dá para economizar: os assuntos são igualmente importantes. Fique atento às regras gerais e aos detalhes – use marca-texto. Leia tudo atentamente. Não pule a sequência, a não ser que esteja pressionado por um concurso de última hora – aqueles em que o candidato se matricula sem saber direito o porquê de ter se matriculado. Além do mais, não tente acelerar, pois aqui é mais importante aprofundar um assunto do que ter uma visão superficial sobre o todo.

1. Sintaxe de oração – Termos essenciais				

Considerações: Eis o que eu chamo de "assunto-chave" – é como um pré-requisito. Ele é a base para os demais assuntos. Aqui vale a máxima:

quanto mais melhor. Estude tudo com afinco. E só mude quando se sentir seguro. Cuidado com o termo "sujeito" – ele deverá ser o seu ponto de partida. A partir dele, procure entender os demais termos da estrutura oracional. Há também um ponto-chave: transitividade verbal. É um conteúdo de que você muito precisará para entender outros assuntos. Conselho de amigo/professor: vale a pena estudar este capítulo várias vezes.

2. Termos integrantes da oração				

Considerações: É também um capítulo-chave. Há dois termos integrantes com os quais você precisa ter muito cuidado: objeto direto e complemento nominal. No entanto, nesse capítulo, há um ponto que necessita ser colocado na "corrente sanguínea": o estudo da voz passiva (transformação da ativa para a passiva e vice-versa) e do agente da passiva. É um ponto sempre cobrado pelas bancas organizadoras de concursos. Estude o assunto mais de uma vez.

3. Termos acessórios da oração				

Considerações: Mais uma vez, estamos diante de um capítulo que requer bastante atenção. Tenha cuidado com a distinção entre o adjunto adnominal e o complemento nominal – geralmente as bancas exigem este tipo de conhecimento. Não se descuide do aposto e do adjunto adverbial. Fique atento aos tipos de aposto. Por outro lado, não tente decorar todos os tipos de adjunto adverbial – procure, sim, entender o porquê de o termo ser classificado como adjunto adverbial.

4. Sintaxe do período composto				

Considerações: Se você compreendeu bem as funções sintáticas, certamente não terá problemas com este assunto. Nele você encontrará as mesmas funções sintáticas, exercidas agora por orações. Fique muito atento às orações subordinadas adverbiais. Elas são responsáveis pela maioria das questões. Não tente simplesmente decorar as conjunções – procure entender, acima de tudo, as relações estipuladas por elas.

5. Sintaxe de concordância				

Considerações: Vá com calma aqui. O assunto é muito extenso, mas não é difícil. O tamanho é que o faz difícil. Não se desespere com a quantidade de regras. Em geral, as bancas não costumam cobrar regras muito específicas. Em relação à concordância verbal, fique muito atento às seguintes normas: regra geral (aqui vale a pena revisar a identificação do sujeito), concordância com o sujeito passivo (partícula apassivadora), emprego do "índice de indeterminação do sujeito", concordância com o sujeito partitivo e coletivo e emprego dos verbos impessoais (notadamente o verbo "haver" no sentido de "existir..."). Obviamente, todas as regras devem ser analisadas e estudadas. Ah, não se esqueça de estudar a concordância com o sujeito oracional, pois é um ponto bastante cobrado. Em relação à concordância nominal, cuidado com a concordância do adjetivo tanto com a função de adjunto adnominal quanto com a função de predicativo.

6. Sintaxe de regência				

Considerações: Eis outro assunto bastante extenso e bastante importante. Primeiramente, sugiro que releia rapidamente o assunto "predicação verbal" em sintaxe de oração. É preciso também relembrar o termo "complemento nominal". Depois, siga a sequência do assunto (sintaxe de regência) que está na gramática. Há um ponto, entretanto, sobre o qual você precisa se debruçar mais de uma vez: emprego dos pronomes relativos e as regências verbal e nominal.

7. Emprego do acento grave – Crase				

Considerações: Outro assunto muito importante. É preciso estudar tudo. Se já faz tempo que não vê o assunto, sugiro que estude antes os complementos verbais, o complemento nominal e os adjuntos adverbiais em sintaxe de oração. Ao estudar o emprego do acento grave (crase), fique bastante atento aos casos obrigatórios e facultativos. Ademais, leia várias vezes as situações em que o uso do acento grave não é autorizado (casos em que nunca ocorre a crase).

8. Sintaxe de colocação pronominal				

Considerações: Fique tranquilo aqui, pois o assunto é bastante fácil. Sugiro que, antes, dê uma olhada, em morfologia, nos pronomes pessoais (retos e oblíquos). Quando iniciar o assunto de colocação pronominal, sempre revise as regras de atração do pronome oblíquo átono (casos de próclise), notadamente a próclise que se dá por causa das conjunções subordinativas e dos pronomes relativos. Leia com atenção sobre a colocação dos pronomes oblíquos nas locuções verbais.

9. Emprego dos sinais de pontuação				

Considerações: Eis outro "assunto-chave". É preciso ter muito cuidado. Indubitavelmente a vírgula é o "grande desafio". Preocupe-se com as regras de pontuação dos adjuntos adverbiais, das orações subordinadas adverbiais e adjetivas explicativas, das orações coordenadas sindéticas e das orações reduzidas. Procure correlacionar o emprego da vírgula com o emprego do travessão e dos parênteses. É preciso praticar bastante, pois ninguém aprende pontuação só estudando as regras. Por isso, procure resolver diversas questões.				
IV – Parte Especial				
1. Emprego do infinitivo				
Considerações: Fique tranquilo: este não é um assunto muito cobrado pelas bancas. Mas não dá para se descuidar. Sugiro que entenda e aprenda as duas máximas para o emprego do infinitivo. Fique atento à observação que acompanha a segunda máxima. Compreendendo as máximas, ficará mais fácil entender o restante.				
2. Funções morfológicas das palavras que, se e como				
Considerações: Tenha cuidado aqui, pois é um assunto frequente nos concursos em geral. Sua missão será classificar (com segurança) as funções morfológicas do "que" e do "se". As bancas muito raramente questionam sobre as funções morfológicas do "como".				
3. Particularidades léxicas e gramaticais				
Considerações: Eis um capítulo para se estudar aos poucos e em correlação com outros assuntos da gramática normativa. Como afirmo no capítulo, não tente estudar tudo de uma vez. Estude uma ou duas lições por vez.				
4. A linguagem figurada – As figuras de linguagem				
Considerações: É um assunto que aparece aqui e acolá em editais. Portanto, se não estiver no edital, descarte-o. Se estiver, procure estudar as figuras mais importantes, como a metáfora, a metonímia, a perífrase, a catacrese, a antítese, o paradoxo, o eufemismo, a silepse, a ironia e a hipérbole. Leia as demais figuras.				

NOTA DO AUTOR À 7.ª EDIÇÃO

Como das vezes anteriores, convém de imediato destacar que publicamos uma obra em total conformidade com o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Para esta nova edição, incluímos acréscimos de conteúdos na parte da ortografia, da morfologia e na parte da sintaxe. Os maiores acréscimos ocorreram no assunto “pontuação”, com a inserção de regras menos usuais, mas que têm caído em vários concursos públicos pelo país afora. Resolvemos também reescrever algumas regras e orientações, tudo com o intuito de facilitar o entendimento dos estudantes.

Ademais, procuramos trazer para a obra novas questões de concursos públicos, atualizadas, as quais demonstram que os conteúdos deste livro servem para responder à maioria das indagações gramaticais que venham a ser feitas em provas públicas. Portanto, melhoramos ainda mais este trabalho e ofertamos ao mercado de concursos e aos estudantes da Língua Portuguesa em geral uma obra densa que certamente ajudará a melhor compreender o nosso idioma.

SUMÁRIO

I – FONÉTICA

Capítulo 1
FONÉTICA E FONOLOGIA

A nossa língua
1.1 Introdução
1.2 Gramática
1.3 Fonética
1.3.1 Aparelho fonador
1.4 Estudo das vogais e dos encontros vocálicos
1.5 Classificação das vogais
1.5.1 Quanto à zona de articulação
1.5.2 Quanto ao timbre
1.5.3 Quanto ao papel das cavidades bucal e nasal
1.5.4 Quanto à intensidade
1.6 Encontros vocálicos
1.6.1 Ditongos
1.6.2 Hiatos
1.6.3 Tritongos
1.7 Estudo das consoantes, dos encontros consonantais e dos dígrafos
1.7.1 Classificação das consoantes
1.7.1.1 Quanto ao modo de articulação
1.7.1.2 Quanto ao ponto de articulação
1.7.1.3 Quanto ao papel das cordas vocais
1.7.2 Encontros consonantais
1.7.3 Dígrafos
1.7.4 Contagem de letras e fonemas em um vocábulo
1.7.5 Sílaba
1.7.5.1 Classificação dos vocábulos quanto ao número de sílabas
1.7.5.2 Tonicidade
1.7.6 Divisão silábica
1.8 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 2
ORTOGRAFIA OFICIAL

2.1 Letra e alfabeto
2.2 Notações léxicas
2.2.1 Acentos
2.2.1.1 Agudo
2.2.1.2 Circunflexo
2.2.1.3 Grave
2.2.1.4 Til
2.2.2 Cedilha
2.2.3 Apóstrofo
2.2.4 Hífen
2.2.4.1 Empregos do hífen
2.2.4.2 Emprego do hífen com prefixos
2.2.4.3 Não se emprega o hífen
2.3 Orientações ortográficas – emprego de algumas letras
2.3.1 Emprego das letras “E” e “I”
2.3.2 Emprego das letras “O” e “U”
2.3.2.1 Dupla ortografia com os ditongos “OU” e “OI”
2.3.3 Emprego das letras “C” e “Ç”
2.3.3.1 Emprego da letra “C”
2.3.4 Emprego das letras “G” e “J”
2.3.4.1 Emprego da letra “G”
2.3.4.2 Emprego da letra “J”
2.3.5 Emprego da letra “H”
2.3.6 Emprego da letra “S”
2.3.7 Emprego do dígrafo “SS”
2.3.8 Emprego do “SC”
2.3.9 Emprego da letra “Z”
2.3.10 “-ZINHO” ou “-SINHO”
2.3.11 Emprego da letra “X”
2.3.12 Emprego do dígrafo “CH”
2.3.13 Emprego da letra maiúscula e da minúscula
2.3.13.1 Letras maiúsculas
2.3.13.2 Letras minúsculas
2.3.13.3 Emprego facultativo da letra maiúscula e da minúscula
2.3.14 Abreviaturas
2.4 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 3

ACENTUAÇÃO

3.1 Ortofonia

3.1.1 Ortoépia ou ortoepia
3.1.2 Acentuação gráfica
3.1.3 Regras para a acentuação gráfica
3.1.3.1 Monossílabos
3.1.3.2 Oxítonos
3.1.3.3 Paroxítonos
3.1.3.4 Proparoxítonas
3.1.3.5 Acentuação dos hiatos
3.1.3.6 Acentos diferenciais
3.1.3.7 Regra especial – verbos “ter”, “vir” e seus derivados
3.1.3.8 Considerações gerais sobre a acentuação dos vocábulos
3.2 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 4
SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS

4.1 Denotação e conotação
4.2 Homônimos e parônimos
4.2.1 Homônimos
4.2.2 Parônimos
4.3 Formas variantes
4.4 Cognatos
4.5 Sinônimos
4.6 Antônimos
4.7 Polissemia
4.8 Extensão e compreensão das palavras – hiponímia e hiperonímia
4.9 Questões de concursos públicos
Gabarito

II – MORFOLOGIA

INTRODUÇÃO À MORFOLOGIA

Capítulo 1
ESTRUTURA E FORMAÇÃO DE PALAVRAS

1.1 Elementos estruturais da palavra
1.1.1 Radicais gregos
1.1.2 Radicais latinos
1.1.3 Prefixos de origem grega

1.1.4 Prefixos de origem latina
1.1.5 Correlação entre prefixos latinos e gregos
1.1.6 Sufixos nominais
1.1.7 Sufixos verbais
1.1.8 Os sufixos “IZAR” e “ISAR”
1.1.9 Emprego de “-IDADE” e “-IEDADE”
1.1.10 Emprego dos sufixos “-ARIA” e “-ERIA”
1.1.11 Sufixo adverbial “-MENTE”
1.2 Processos de formação de palavras
1.2.1 Derivação
1.2.2 Composição
1.2.3 Outros processos de formação de palavras
1.2.4 Neologismos
1.3 Classificação e flexão das palavras
1.4 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 2
SUBSTANTIVO

2.1 Definição
2.2 Caracterização do substantivo
2.3 Classificação do substantivo
2.4 Flexões dos substantivos
2.4.1 Flexões de gênero
2.4.1.1 Formação do feminino
2.4.1.2 Oposição entre o gênero e o sentido
2.4.1.3 Mudança de gênero por elipse
2.4.1.4 Gênero de alguns substantivos
2.4.2 Flexões de número
2.4.2.1 Regras para a formação do plural dos substantivos
2.4.2.2 Plural dos substantivos compostos
2.4.3 Flexões de grau
2.4.3.1 Plural dos substantivos diminutivos
2.5 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 3
ADJETIVO

3.1 Definição
3.2 Considerações gerais sobre os adjetivos
3.3 Formação dos adjetivos

3.3.1 Adjetivos pátrios
3.3.2 Adjetivos eruditos
3.4 Flexões dos adjetivos
3.4.1 Flexões de gênero
3.4.1.1 Formação do feminino dos adjetivos biformes
3.4.2 Flexões de número
3.4.3 Flexões de grau
3.4.3.1 O grau comparativo
3.4.3.2 O grau superlativo
3.5 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 4
ARTIGO

4.1 Definição
4.2 Classificação
4.3 Emprego dos artigos definidos
4.3.1 Empregos particulares do artigo definido
4.3.2 Não se emprega o artigo definido
4.4 Emprego dos artigos indefinidos
4.4.1 Outras orientações para o uso dos artigos indefinidos
4.5 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 5
NUMERAL

5.1 Definição
5.2 Considerações iniciais sobre os numerais
5.3 Classificação dos numerais
5.4 Regras gerais para o emprego dos numerais
5.5 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 6
PRONOME

6.1 Definição
6.2 Pronomes adjetivos e pronomes substantivos
6.3 Classificação dos pronomes
6.3.1 Pronomes pessoais
6.3.1.1 Emprego dos pronomes pessoais do caso reto (principais regras)

6.3.1.2 Emprego dos pronomes pessoais do caso oblíquo (principais regras)
6.3.2 Pronomes de tratamento
6.3.3 Pronomes demonstrativos
6.3.3.1 Emprego dos pronomes demonstrativos
6.3.4 Pronomes indefinidos
6.3.4.1 Considerações gerais sobre os pronomes indefinidos
6.3.4.2 Emprego dos pronomes indefinidos
6.3.5 Pronomes possessivos
6.3.5.1 Emprego dos pronomes possessivos
6.3.6 Os pronomes relativos
6.3.6.1 Emprego dos pronomes relativos
6.3.7 Pronomes interrogativos
6.4 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 7

VERBO

7.1 Considerações iniciais
7.2 Definição
7.3 Elementos estruturais do verbo
7.3.1 Radical
7.3.2 Vogal temática
7.3.3 Tema
7.3.4 Desinências
7.4 Flexões do verbo
7.4.1 Flexões de pessoa e de número
7.4.2 Flexões de modo
7.4.2.1 Modo indicativo
7.4.2.2 Modo subjuntivo
7.4.2.3 Modo imperativo
7.4.3 Flexões de voz
7.4.3.1 A voz ativa
7.4.3.2 A voz passiva
7.4.3.3 A voz reflexiva ou medial
7.4.3.4 Possíveis ambiguidades com as vozes passiva e reflexiva
7.4.4 Flexões de tempo
7.4.4.1 Emprego dos tempos verbais simples
7.4.4.2 Emprego dos tempos verbais compostos
7.4.4.3 As locuções verbais (construções perifrásticas) – emprego dos verbos auxiliares

7.4.4.4 Correlação dos tempos e dos modos verbais – sequencialização dos tempos (*Consecutio temporum*)
7.5 As formas nominais do verbo – os verboides
7.5.1 O infinitivo
7.5.1.1 O infinitivo pessoal ou flexionado
7.5.1.2 Função substantiva do infinitivo
7.5.1.3 Emprego do infinitivo preposicionado
7.5.2 O gerúndio
7.5.2.1 O gerúndio em função adjetiva
7.5.2.2 Emprego inadequado do gerúndio – o gerundismo
7.5.3 O particípio
7.5.3.1 O particípio circunstancial
7.5.3.2 Emprego do particípio
7.5.3.3 Verbos com duplo particípio
7.5.3.4 Particípio passivo de sentido ativo
7.6 Classificação morfológica dos verbos
7.6.1 Quanto à terminação
7.6.2 Quanto à flexão ou à conjugação
7.6.3 Quanto à função
7.6.4 Quanto à significação ou ao aspecto (sentido expresso)
7.6.5 Quanto à formação
7.6.6 Quanto à presença ou não de um sujeito
7.7 Verbos defectivos
7.8 Paradigmas de conjugação verbal – conjugação de diversos verbos
7.8.1 Conjugação dos verbos auxiliares “ser, estar, ter e haver”
7.8.2 Conjugação de verbos derivados
7.8.3 Conjugação dos verbos terminados nos hiatos “-air, -oer, -uir”
7.8.4 Conjugação de verbos irregulares
7.8.5 Conjugação de verbos pronominais
7.8.6 Conjugação dos verbos terminados no hiato “-ear”
7.8.7 Conjugação dos verbos terminados no hiato “-iar”
7.8.8 Conjugação de verbos terminados nos hiatos “-oar” e “-uar”
7.8.9 Conjugação dos verbos “ver” e “vir” no futuro do subjuntivo
7.8.10 Outras particularidades gráficas e fonéticas sobre verbos da 1.ª conjugação
7.8.11 Outras particularidades gráficas e fonéticas sobre verbos da 2.ª conjugação
7.8.12 Outras particularidades gráficas e fonéticas sobre verbos da 3.ª conjugação
7.9 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 8
ADVÉRBIO

8.1 Conceito
8.2 Classificação dos advérbios
8.3 Locuções adverbiais
8.4 Adjetivos adverbializados
8.5 Graus do advérbio
8.6 Advérbios latinos
8.7 Particularidades sobre os advérbios
8.8 Palavras e locuções denotativas
8.9 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 9
CONJUNÇÃO

9.1 Definição
9.2 Classificação
9.2.1 Coordenativas
9.2.2 Subordinativas
9.3 Ubiquidade das conjunções
9.4 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 10
PREPOSIÇÃO

10.1 Definição
10.2 Nexos prepositivos não regenciais – valores de algumas preposições
10.3 Classificação das preposições
10.4 Locuções prepositivas
10.5 Combinações e contrações das preposições
10.6 Repetição das preposições
10.7 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 11
INTERJEIÇÃO

11.1 Definição
11.2 Classificação

III – SINTAXE

Capítulo 1
SINTAXE DE ORAÇÃO – TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO

1.1 Conceitos essenciais
1.1.1 Frase
1.1.2 Oração
1.1.3 Período
1.2 Termos essenciais da oração
1.2.1 Sujeito
1.2.1.1 Núcleo do sujeito
1.2.1.2 Classificação do sujeito
1.2.1.3 Outras classificações para o sujeito
1.2.2 Predicado
1.2.2.1 Predicação (transitividade) verbal
1.2.2.2 Predicativo
1.2.2.3 Classificação do predicado
1.3 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 2
TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO

2.1 Objeto direto
2.1.1 Objeto direto preposicionado
2.1.2 Objeto direto pleonástico
2.1.3 Objeto direto interno ou cognato
2.2 Objeto indireto
2.2.1 Objeto indireto pleonástico
2.3 Complemento nominal
2.4 Agente da passiva
2.4.1 Estudo da voz passiva – conversão da voz ativa para a voz passiva
2.5 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 3
TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO

3.1 Adjunto adnominal
3.2 Adjunto adverbial
3.3 Aposto
3.4 Vocativo
3.5 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 4

SINTAXE DO PERÍODO COMPOSTO

4.1 Conceitos essenciais
4.2 Período composto por coordenação
4.2.1 Orações coordenadas
4.2.1.1 Assindéticas
4.2.1.2 Sindéticas
4.2.2 Questões de concursos públicos
4.3 Período composto por subordinação
4.3.1 Noções introdutórias
4.3.2 Orações substantivas
4.3.2.1 Substantivas subjetivas
4.3.2.2 Substantivas objetivas diretas
4.3.2.3 Substantivas objetivas indiretas
4.3.2.4 Substantivas completivas nominais
4.3.2.5 Substantivas predicativas
4.3.2.6 Substantivas apositivas
4.3.2.7 Substantivas agente da passiva
4.3.3 Emprego da conjunção integrante na segunda oração substantiva coordenada
4.3.4 Questões de concursos públicos
4.3.5 Orações subordinadas adjetivas
4.3.5.1 Emprego e funções sintáticas dos pronomes relativos
4.3.5.2 Classificação das orações subordinadas adjetivas
4.3.5.3 O emprego da vírgula com as orações adjetivas – Distinção entre restrição e explicação
4.3.5.4 Omissão do pronome relativo na segunda oração relativa coordenada
4.3.6 Orações subordinadas adverbiais
4.3.6.1 Causais
4.3.6.2 Consecutivas
4.3.6.3 Concessivas
4.3.6.4 Condicionais
4.3.6.5 Conformativas
4.3.6.6 Comparativas
4.3.6.7 Finais
4.3.6.8 Temporais
4.3.6.9 Proporcionais
4.3.6.10 Emprego da conjunção nas orações adverbiais coordenadas
4.3.7 Orações reduzidas
4.3.7.1 Subordinadas substantivas reduzidas

4.3.7.2 Subordinadas adjetivas reduzidas
4.3.7.3 Subordinadas adverbiais reduzidas
4.4 Processo correlacional
4.5 Contagem de orações em um período misto
4.6 Questões de concursos públicos
Gabaritos

Capítulo 5
SINTAXE DE CONCORDÂNCIA

5.1 Concordância verbal
5.1.1 Regra geral
5.1.2 Sujeito formado por pessoas gramaticais diferentes
5.1.3 Regras especiais de concordância verbal com o sujeito simples
5.1.4 Regras especiais de concordância verbal com o sujeito composto
5.1.5 Concordância do verbo “ser”
5.1.6 A concordância com o sujeito oracional
5.1.7 Concordância do verbo “parecer”
5.1.8 Concordância dos verbos “costumar, poder, dever, precisar”
5.1.9 Questões de concursos públicos
Gabarito
5.2 Concordância nominal
5.2.1 Regra geral
5.2.2 Principais casos de concordância nominal
5.2.3 Casos especiais de concordância nominal
5.3 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 6
SINTAXE DE REGÊNCIA

6.1 Considerações iniciais
6.2 Regência verbal
6.2.1 Regência de alguns verbos – Casos especiais
6.3 Regência nominal
6.4 O emprego dos pronomes relativos e as regências verbal e nominal
6.5 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 7
EMPREGO DO ACENTO GRAVE – CRASE

7.1 A ocorrência da crase e a semântica

7.2 Mecanismos práticos para verificação da crase
7.3 Ocorrência da crase
7.3.1 Casos obrigatórios
7.3.2 Crase facultativa
7.3.3 Casos em que nunca ocorre a crase
7.3.4 Casos especiais
7.4 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 8
SINTAXE DE COLOCAÇÃO PRONOMINAL

8.1 Máximas da colocação pronominal
8.2 Regras gerais
8.2.1 Próclise
8.2.1.1 Outros fatores de próclise
8.2.2 Mesóclise
8.2.3 Ênclise
8.3 Colocação dos pronomes oblíquos nas locuções verbais
8.4 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 9
EMPREGO DOS SINAIS DE PONTUAÇÃO

9.1 Considerações iniciais
9.2 Principais sinais de pontuação
9.2.1 Emprego da vírgula (,)
9.2.1.1 A vírgula entre os termos de uma oração
9.2.1.2 A vírgula entre as orações
9.2.1.3 Não se emprega a vírgula
9.2.2 Emprego do ponto (.)
9.2.3 Emprego do ponto e vírgula (;)
9.2.4 Emprego dos dois-pontos (:)
9.2.5 Ponto de exclamação (!)
9.2.6 Ponto de interrogação (?)
9.2.7 Reticências (...)
9.2.8 Aspas (“ ”)
9.2.9 Parênteses (( ))
9.2.10 Colchetes ([ ])
9.2.11 Travessão (–)
9.3 Questões de concursos públicos
Gabarito

IV – PARTE ESPECIAL

Capítulo 1

EMPREGO DO INFINITIVO

1.1 Considerações iniciais
1.2 As duas máximas para o emprego do infinitivo
1.3 Infinitivo impessoal
1.4 Infinitivo pessoal
1.5 Emprego do infinitivo em locuções passivas com o verbo “ser”

Capítulo 2

FUNÇÕES MORFOLÓGICAS DAS PALAVRAS “QUE”, “SE” E “COMO”

2.1 Funções morfológicas para palavra “QUE”
2.2 Funções morfossintáticas da palavra “SE”
2.3 Funções morfológicas da palavra “COMO”
2.4 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 3

PARTICULARIDADES LÉXICAS E GRAMATICAIS

3.1 Lição 1
3.1.1 Emprego dos porquês
3.2 Lição 2
3.2.1 Emprego de “onde” e “aonde”
3.3 Lição 3
3.3.1 Emprego de “se não” e “senão”
3.4 Lição 4
3.4.1 Emprego de “tão pouco” e “tampouco”
3.4.2 Emprego de “de encontro a” e “ao encontro de”
3.5 Lição 5
3.5.1 Emprego de “em vez de” e “ao invés de”
3.5.2 Emprego de “acerca de”, “a cerca de” e “há cerca de”
3.6 Lição 6
3.6.1 Emprego de “mau” e “mal”
3.6.2 Emprego de “mas” e “mais”
3.7 Lição 7
3.7.1 Emprego de “a fim” e “afim”
3.7.2 Emprego de “se quer” e “sequer”
3.8 Lição 8

3.8.1 Emprego de “sessão”, “seção” e “cessão”
3.9 Lição 9 – Emprego de várias expressões e conexões
3.9.1 Distinção entre “a princípio” e “em princípio”
3.9.2 Distinção entre os conectivos “porquanto” e “conquanto”
3.9.3 Distinção entre os conectivos “já que” e “posto que”
3.9.4 Distinção entre os conectivos “à medida que” e “na medida em que”
3.10 Lição 10 – Emprego de outras expressões que provocam dúvidas
3.10.1 Distinção entre “por ora” e “por hora”
3.10.2 Emprego de “o mais das vezes” e “as mais das vezes”
3.10.3 Distinção entre “abaixo” e “a baixo”
3.10.4 Distinção entre “a par” e “ao par”
3.10.5 Distinção entre “nenhum” e “nem um”
3.11 Lição 11 – Emprego de “está” e “estar”
3.12 Lição 12 – Emprego de “ter de” e “ter que”
3.13 Lição 13 – Emprego de “possa ser” e “pode ser”
3.14 Questões de concursos públicos
Gabarito

Capítulo 4

A LINGUAGEM FIGURADA – AS FIGURAS DE LINGUAGEM

4.1 Classificação das figuras de linguagem
4.1.1 Figuras de palavras ou tropos
4.1.1.1 Metáfora
4.1.1.2 Metonímia
4.1.1.3 Catacrese
4.1.1.4 Perífrase ou antonomásia
4.1.1.5 Sinestesia
4.1.1.6 Comparação
4.1.2 Figuras de pensamento
4.1.2.1 Antítese
4.1.2.2 Paradoxo ou oximoro
4.1.2.3 Ironia
4.1.2.4 Eufemismo
4.1.2.5 Hipérbole
4.1.2.6 Gradação
4.1.2.7 Prosopopeia, personificação ou animismo
4.1.2.8 Apóstrofe ou invocação
4.1.2.9 Reticência
4.1.3 Figuras de construção ou de sintaxe
4.1.3.1 Elipse
4.1.3.2 Zeugma

4.1.3.3 Polissíndeto
4.1.3.4 Assíndeto
4.1.3.5 Hipérbato
4.1.3.6 Pleonasmo enfático ou estilístico
4.1.3.7 Anástrofe
4.1.3.8 Silepse ou concordância ideológica
4.1.3.9 Anáfora
4.1.3.10 Anacoluto
4.1.3.11 Aliteração
4.1.3.12 Repetição
4.2 Vícios de linguagem
4.2.1 Barbarismo
4.2.2 Solecismo
4.2.3 Ambiguidade (anfibologia ou pleonasmo vicioso)
4.2.4 Cacofonia ou cacófato
4.2.5 Estrangeirismo
4.2.6 Colisão
4.2.7 Eco
4.2.8 Arcaísmo
4.2.9 Hiato
4.3 Questões de concursos públicos
Gabarito

BIBLIOGRAFIA – CONTEÚDO GRAMATICAL

I

FONÉTICA

CAPÍTULO 1

FONÉTICA E FONOLOGIA

A NOSSA LÍNGUA

E verdadeiramente que não tenho a nossa língua por grosseira, nem por bons os argumentos com que alguns querem provar que é essa; antes é branda para deleitar, grave para engrandecer, eficaz para mover, doce para pronunciar, breve para resolver, acomodada às matérias mais importantes da prática e escritura. Para falar é engraçada, com modo senhoril; para cantar é suave, com um certo sentimento que favorece a música; para pregar é substanciosa com uma gravidade que autoriza as razões e as sentenças; para escrever cartas nem tem infinita cópia que dane, nem brevidade estéril que a limite; para histórias nem é tão florida que se derrame, nem tão seca que busque o favor das alheias. A pronunciação não obriga a ferir o céu da boca com aspereza, nem arrancar as palavras com veemência do gargalo.

Escreve-se da maneira que se lê, e assim se fala. Tem de todas as línguas o melhor: a pronunciação da latina, a origem da grega, a familiaridade da castelhana, a brandura da francesa e a elegância da italiana.

Rodrigues Lobo

1.1 INTRODUÇÃO

A gramática normativa ou **expositiva** é o conjunto de normas e regras que nos ensinam a falar e escrever corretamente a nossa língua, ou, por outras palavras, é a sistematização dos fatos contemporâneos de uma língua. Por isso, a gramática normativa é a ciência da linguagem, a qual **linguagem** se entende como sendo o conjunto de sinais pelos quais o homem expressa os seus pensamentos, ou seja, comunica-se.

A comunicação, indispensável a todo homem social, manifesta-se por meio de uma mensagem, para a qual concorrem seis elementos, segundo o linguista Roman Jakobson:

Fig.1 – Processo de comunicação

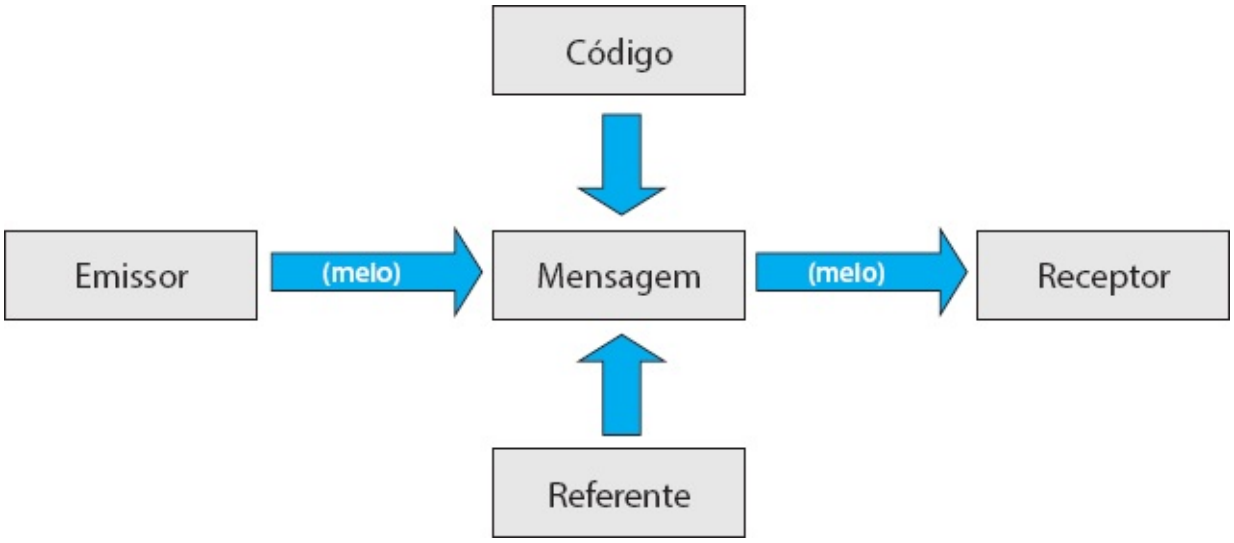

Essa capacidade comunicativa dá-se por meio de um sistema natural de palavras de que se servem os grupamentos humanos para comunicarem seus pensamentos entre si. Esse sistema de signos vocais distintos e significativos é denominado de **língua**. A utilização da língua pelo indivíduo denomina-se **fala**. Por **fala** entende-se a faculdade que tem o homem de se expressar, de se comunicar por meio de palavras. Já a **palavra** é um som oral ou uma combinação de sons orais, que exprime a ideia de alguma coisa. O conjunto de todas as palavras de uma língua forma o seu **vocabulário** ou **léxico**. As palavras, expressão das ideias, combinam-se para formar a **frase**, expressão do pensamento. Quando a frase expressa um sentido completo, forma-se, então, uma **proposição**. É justamente essa sistematização dos fatos da linguagem o objeto de estudo da gramática.

1.2 GRAMÁTICA

Na valorosa definição do mestre Eduardo Carlos Pereira, a Gramática "é a ciência das palavras e suas relações, ou a arte de usar as palavras com acerto na expressão do pensamento".

Em sua divisão mais tradicional, temos:

a) **fonética** – estudo dos fonemas em geral;

b) **morfologia** – estudo das palavras quanto à estrutura e à formação, à classificação e à flexão – é o estudo das palavras tomadas isoladamente; e

c) **sintaxe** – estudo das palavras relacionadas umas com as outras em uma oração – é a teoria da frase.

Estudaremos a partir de agora a primeira grande divisão da gramática normativa: fonética. A NGB – Nomenclatura Gramatical Brasileira – preferiu a denominação de "fonética" à de "fonologia". Embora alguns autores, como o mestre M. Said Ali, coloquem esses dois vocábulos praticamente como sinônimos, preferimos – na mesma esteira da NGB –, denominar de "fonética" a parte da gramática normativa que examina os sons e suas mudanças, atendendo à maneira de os pronunciar.

1.3 FONÉTICA

Como já vimos, a fonética é a parte da gramática que estuda a formação, a evolução e a classificação dos sons da língua, sons que tomam o nome especial de ***fonemas***. Aos sentidos de quem fala, apresenta-se a palavra como um todo sonoro e significante. Por isso, os sons, produzidos por quem fala e recebidos por quem ouve, despertam as imagens por meio das quais se dá o entendimento.

A fonética pode ser: descritiva, histórica e sintática. A primeira trata da formação e descrição dos fonemas. A segunda estuda as modificações que sofreram e sofrem os fonemas em suas fases sucessivas, enquanto a terceira estuda as modificações que sofrem os fonemas de certas palavras quando, por influência de outras que a elas se associam, formam um só todo fonético.

Por seu turno, a **fonologia** é o estudo dos fonemas em suas variantes posicionais, combinações e condições prosódicas.

1.3.1 APARELHO FONADOR

Os seres humanos não dispõem de aparelho especial para falar. Utilizam-se, para tanto, do aparelho respiratório e da parte superior do aparelho digestivo. A este conjunto especial de órgãos que contribuem para a produção da fala denomina-se "aparelho fonador" ou simplesmente, como preferem alguns, "órgãos da fala".

Fig. 2 – Aparelho fonador

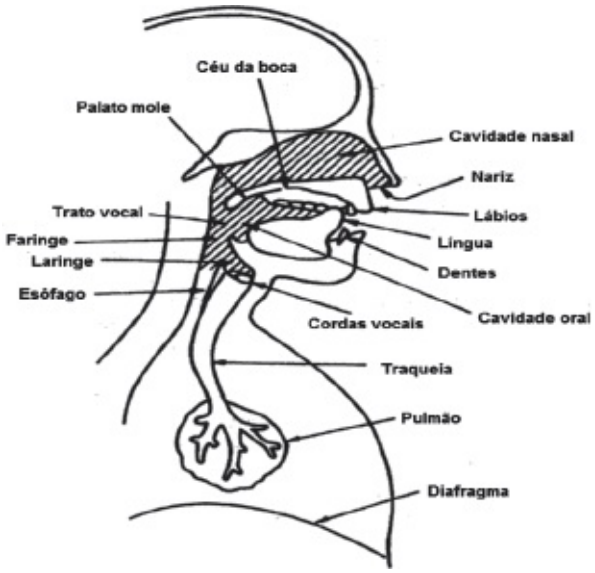

A fala é produzida pela corrente de ar expiratória. Desde o momento em que o indivíduo se dispõe a falar, opera-se em todo o aparelho uma tensão geral: o sopro é emitido com mais vigor do que o sopro da respiração simples; a traqueia toma posições, estreitando e alargando os seus anéis; na laringe, as cordas vocais se preparam e o sopro as faz vibrar; da faringe, a vibração é dirigida, por meio da úvula, ou para a boca, se deve ser oral, ou para as fossas

nasais, se deve ser nasalada. Nesta caixa de ressonância, que é a boca e seus pertences (língua, dentes, bochechas e lábios), a vibração se completa, transformando-se em som.

Os sons fundamentais da voz humana denominam-se de “fonemas”. Os fonemas, portanto, são as menores unidades sonoras da nossa fala e se classificam em: **vogais**, **semivogais** e **consoantes**.

1.4 ESTUDO DAS VOGAIS E DOS ENCONTROS VOCÁLICOS

São cinco as vogais na nossa língua: a, e, i, o, u. São sons musicais que saem livremente pelo tubo vocal. Constituem, em português, a base das sílabas.

Em certos casos, os fonemas “i, u”, representando os fonemas /y/ e /w/ respectivamente, são considerados semivogais sempre que soam juntamente com a vogal de uma sílaba.

1.5 CLASSIFICAÇÃO DAS VOGAIS

a) Quanto à zona de articulação: anteriores, médias e posteriores.
b) Quanto ao timbre: abertas, fechadas e reduzidas.
c) Quanto ao papel das cavidades bucal e nasal: orais e nasais.
d) Quanto à intensidade: átonas e tônicas.

1.5.1 QUANTO À ZONA DE ARTICULAÇÃO

A vogal “a” forma-se com a maior abertura da boca, ficando a língua em posição de quem respira em silêncio (posição média ou neutra). Por isso, a vogal “a” é chamada de “***média***, ***medial*** ou ***central***”.

Se a língua se eleva gradualmente para a frente, formam-se as ***vogais anteriores*** ou ***palatais*** (é, ê, e, i); se se eleva para trás, formam-se as ***vogais posteriores*** ou ***velares*** (ó, ô, o, u). Observe figura abaixo.

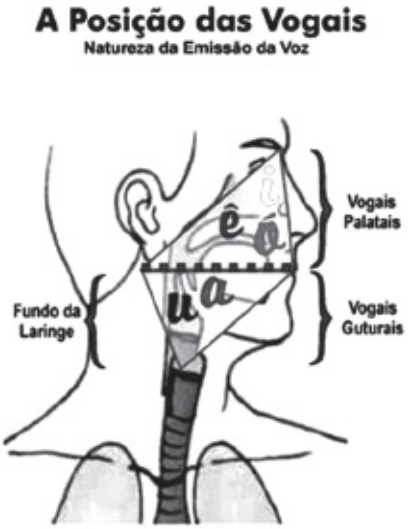

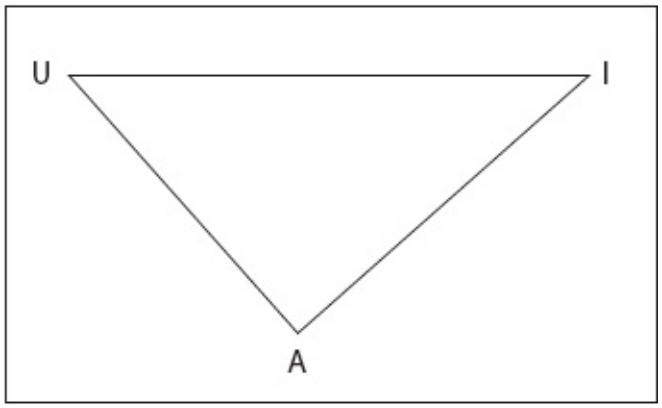

Observe nas figuras acima a distribuição triangular das vogais quanto à zona de articulação.

1.5.2 QUANTO AO TIMBRE

O timbre de uma vogal é dado pela maior ou menor proximidade da língua com o palato. Na vogal aberta, a língua se abaixa: é, ó. Na vogal fechada, a língua se eleva: ê, ô, i, u. Por isso, as vogais são classificadas quanto ao timbre em:

a) **Abertas** → á, é, ó = pá, pé, pó.
b) **Fechadas** → ê, ô: vê, avô.
c) **Reduzidas** → a (bela), e (vale), o (pelo)

⇨ **Observação:**

As vogais reduzidas tomam esse nome por pertencerem a sílabas átonas, sendo, pois, pronunciadas fracamente.

1.5.3 QUANTO AO PAPEL DAS CAVIDADES BUCAL E NASAL

Quanto ao papel das cavidades bucal e nasal, as vogais classificam-se em:

a) Orais → que se formam com o véu palatino levantado, saindo a coluna de ar somente pela boca: a, e, i, o, u.
b) Nasais → que se formam com o abaixamento do véu palatino, distribuindo-se a coluna de ar pela boca e nariz: ã, ẽ, ĩ, õ, ũ.

1.5.4 QUANTO À INTENSIDADE

Quanto à intensidade, as vogais podem ser átonas ou tônicas. A vogal tônica é pronunciada com mais intensidade que as outras. Encontra-se na sílaba tônica da palavra. Excetuando-se as sílabas tônica e subtônica de uma palavra, as demais são chamadas de átonas. As vogais dessas sílabas átonas são também átonas. Observe:

acarajé	**lâmpada**
a – átona	l
c	â – tônica
a – átona	m
r	p
a – átona	a – átona
j	d
é – tônica	a – átona

1.6 ENCONTROS VOCÁLICOS

Encontro vocálico é a sucessão de vogais em um vocábulo – gaiola, Bahia, caule, Uruguai, averiguei. Classificam-se em: *ditongo*, *hiato* e *tritongo*.

1.6.1 DITONGOS

Ditongo (gr. di = duplo, phthonggos = som) é a sucessão de vogal e semivogal, ou vice-versa, na mesma sílaba. Dividem-se em: orais e nasais, crescentes e decrescentes.

São denominados de **crescentes** os ditongos em que a semivogal vem em primeiro lugar. Teremos, portanto, "**semivogal** + **vogal**". Exemplos: glória, vácuo, espécie, oblíqua etc.

São denominados de **decrescentes** os ditongos em que a vogal vem em primeiro lugar. Teremos, portanto, "**vogal** + **semivogal**". Exemplos: vai, lauda, rei, meu, boi etc.

a) São **orais** aqueles em que o ar sai tão somente pela cavidade bucal. Exemplos: meu, teu, pai, ouro, série.

b) São **nasais** aqueles em que o ar sai tanto pela cavidade bucal quanto pelas fossas nasais. Exemplos: pão, capitães, cantam, tem.

⇨ **Observação:**

É importante, neste momento, relembrar uma importante lição: não se deve confundir fonema (= som) com letra. Isto porque há vários ditongos que aparentemente não são ditongos, mas a pronúncia os denuncia – notadamente os ditongos nasais formados por uma vogal seguida da consoante nasal "m". Observe por exemplo o vocábulo "bem": aparentemente não temos ditongo, mas, quando o pronunciamos "beĩ", percebemos que

se trata do encontro da vogal “e” com a semivogal “ĩ”. Vejamos outros exemplos:

- sem, amam, andam, escrevem, puseram, deviam, porém, nem.

Vejamos abaixo uma pequena lista dos principais ditongos em nossa língua:

ORAIS

- **ai** → mais, paiol, vaidade, cai, vai, jamais.
- **au** → mau, pau, causa, pauta, mingau, nau.
- **ei** → papéis, réis, rei, móveis, plateia, grei.
- **eu** → céu, réu, chapéu, teu, judeu, perdeu.
- **iu** → viu, partiu, riu, psiu, sorriu.
- **oi** → dói, herói, foi, boi, joio.
- **ou** → dou, sou, ouço, pousar.
- **ui** → fui, gratuito, sanguíneo.

NASAIS

- **ãe** → mãe, pães, alemães, cães.
- **ão** → pão, amarão, balão, mão.
- **am** → amaram, deviam, puseram, escreveram.
- **em** (=ei) → bem, tem, põem, saem, doem, cem.
- **õe** → põe, propões, cordões, corações.
- **ui** → muito, mui.

Nota: Quando a semivogal (também chamada de vogal assilábica) vem depois da vogal, é chamada de “*subjuntiva*”; quando vem antes, é chamada de “*prepositiva*”.

⇨ Observação:

Os encontros “IA, IE, IO, UA, UE, UO” em finais átonos, seguidos ou não de “S”, classificam-se quer como ditongos, quer como hiatos, uma vez que ambas as emissões existem na língua portuguesa. Entretanto, hoje a preferência é tratá-los como ditongos, por ser a pronúncia ditongal mais eufônica. Observe:

- história → his – tó – ria /ou/ his – tó – ri – a
- série → sé – rie /ou/ sé – ri – e
- hóstia → hós – tia /ou/ hós – ti – a
- tênue → tê – nue /ou/ tê – nu – e
- vácuo → vá – cuo /ou/ vá – cu – o
- pátio → pá – tio /ou/ pá – ti – o

1.6.2 HIATOS

Hiato (do latim, “hiatus” = abertura) é o encontro de duas vogais pronunciadas em duas emissões sonoras distintas, ou seja, é o encontro de duas vogais que se situam em sílabas distintas, por isso são pronunciadas separadamente. Vejamos alguns exemplos:

Isr**ae**l, Mis**ae**l, **ao**rta, s**aú**de, id**ea**l, r**ee**leger, at**eí**sta, d**eí**smo, t**eo**logia, sab**iá**, h**ia**to, ar**ia**no, p**ie**dade, c**ie**nte, m**io**lo, v**io**la, esp**io**nar, c**iú**me, v**iú**va, lag**oa**, p**oe**ta, c**oe**ntro, c**oo**perar, álc**oo**l, t**ua**, s**ua**, pir**ue**ta, jes**uí**ta, r**uí**na, cas**uí**stica, r**ui**m, constit**ui**nte.

1.6.3 TRITONGOS

Tritongo (gr. tri = três, phthonggos = som) é a combinação silábica em que, soando em conjunto com a vogal, existem duas semivogais. Teremos, então, “semivogal + vogal + semivogal” numa mesma sílaba. Vejamos alguns exemplos:

- ORAIS → iguais, Paraguai, Uruguai, minguou, apaziguou, quão
- NASAIS → saguões, enxáguem, dilinquem, mínguam

1.7 ESTUDO DAS CONSOANTES, DOS ENCONTROS CONSONANTAIS E DOS DÍGRAFOS

Buscando esteio nas preciosas palavras do ilustre gramático Gladstone Chaves de Melo, consoante “é um fonema em que predomina a articulação sobre a fonação, o fechamento sobre a abertura, o ruído sobre a musicalidade; fonema que, na língua portuguesa, não pode constituir sozinho uma sílaba, mas, pelo contrário, se agrega necessariamente a uma vogal; fonema, portanto, assilábico”.

Logo, as consoantes são os fonemas produzidos pela corrente expiratória que, ao atravessar a boca, é interceptada no todo ou em parte, isto é, fonemas formados pela corrente expiratória, que encontra obstáculo na aproximação ou contato dos órgãos bucais. São, portanto, sons laríngeos, ou seja, formados na laringe e caracterizados por maior aproximação das partes móveis da boca.

1.7.1 CLASSIFICAÇÃO DAS CONSOANTES

Classificam-se as consoantes:

1) Quanto ao modo de articulação;
2) Quanto ao ponto de articulação;
3) Quanto ao papel das cordas vocais.

1.7.1.1 Quanto ao modo de articulação

De duas maneiras se pode produzir uma consoante: ou fechando-se o canal bucal, ou estreitando-se o canal bucal. Por isso, quanto ao modo de articulação as consoantes podem ser:

1) **oclusivas** → que se formam quando o canal da boca se fecha (oclusão) para em seguida se abrir subitamente, numa verdadeira explosão. Por causa disso, são também chamadas de "explosivas" ou "instantâneas". Como exemplos, temos os fonemas surdos "pê, tê, quê" e os fonemas sonoros "bê, dê, guê".
2) **constritivas** → que se formam pelo estreitamento do canal bucal, saindo a corrente de ar apertada ou constrita. De acordo com a maneira de escoamento do ar, dividem-se em:

   a) Fricativas ou sibilantes → quando há um ruído na fricção: f, s, x [chê], v, z, g [jê].
   b) Laterais → quando a corrente de ar escapa pelas laterais da cavidade bucal: l, lh.
   c) Vibrantes → quando o ápice da língua provoca uma tremulação contra os alvéolos: r, rr.

1.7.1.2 Quanto ao ponto de articulação

Quanto ao ponto de articulação, isto é, o lugar onde se produz o fonema, classificam-se as consoantes em:

1. **Bilabiais** → os lábios se tocam e se apertam levemente: p, b, m.
2. **Labiodentais** → contato do lábio inferior com o bordo dos incisivos superiores: f, v.
3. **Linguodentais** → contato da ponta da língua com a parte interna dos incisivos superiores: t, d.
4. **Alveolares** → a língua toca no alvéolo dos dentes, isto é, na altura da raiz dos dentes superiores: s, z, r, rr, l, n.
5. **Palatais** → contato da parte anterior da língua com o palato duro: x, g [chiante], lh, nh.
6. **Velares** → contato da parte posterior da língua com o véu palatino: c [k], g [guê], q.

1.7.1.3 Quanto ao papel das cordas vocais

Quanto ao papel das cordas vocais, as consoantes se classificam em surdas e sonoras.

1. **Surdas** → quando não há vibração das cordas vocais: p, t, q, f, s, x.
2. **Sonoras** → quando há vibração das cordas vocais: b, d, g [jê], m, n, nh, l, lh, r, rr.

⇨ **Observação:**

Para verificarmos, na prática, se há vibração das cordas vocais, devemos tapar os ouvidos durante a articulação do fonema. Se percebermos um zumbido, é sinal de que as cordas vocais vibraram, e os fonemas assim produzidos são sonoros. Caso contrário, os fonemas são surdos, por ausência de vibração.

1.7.2 ENCONTROS CONSONANTAIS

Dá-se o nome de encontro consonantal à sequência de consoantes num vocábulo, ou seja, a contiguidade de duas ou três consoantes efetivamente pronunciadas. Observe:

blusa	pneu	bronco	vidro	atlântico
fluvial	regra	planta	francês	palavra
gnóstico	prato	branco	claro	digno
rítmico	glândula	psicanálise	mnemônico	ptialina

⇨ **Observações:**

a) Quando as duas consoantes se encontram em uma mesma sílaba, diz-se que o *encontro consonantal é próprio ou perfeito*. Quando as consoantes ficam em sílabas diferentes, diz-se que o é um *encontro consonantal impróprio ou imperfeito*. Observe os exemplos:

- **Encontros consonantais próprios ou perfeitos:** blu-sa, bru-to, cri-vo, fla-ma, gló-ria, pra-to, tra-to, li-vre.
- **Encontros consonantais impróprios ou imperfeitos**: af-ta, ic-tiólogo, rit-mo, ad-jetivo, ab-soluto.

b) Frise-se que o encontro consonantal é avaliado sempre como fonema. Por isso, é importante, mais uma vez, não confundir “fonema” com “letra”. Na palavra, “FIXO”, por exemplo, temos um encontro consonantal representado pela letra “x”, já que ela representa o fonema /*cs*/. É o que também ocorre nos vocábulos “táxi, reflexo, asfixia” entre outros, nos quais a letra “x” representa dois fonemas.

1.7.3 DÍGRAFOS

Chama-se dígrafo (ou digrama) o agrupamento de consoantes o qual representa apenas um som. Mais uma vez, é fundamental não confundir com encontro consonantal. Neste, temos consoantes que representam mais de um fonema; naquele, temos consoantes que representam um único fonema.

São dígrafos:

1. ch, lh, nh = chapéu, malha, palha, ninho, rainha, pilha, alho, trabalho, lhama, sonho, lenha.
2. rr, ss = carro, interromper, terremoto, cassado, massa, passado, ressurgir, prorrogar.
3. gu, qu (antes de “e” e “i”) =guerra, que, quatorze, equipagem, distinguir.
4. sc, sç, xc =fascinar, desça, piscina, excelência, excêntrico.

⇨ **Observação:**

Há também em nossa língua os chamados dígrafos vocálicos, isto é, os que são formados por “*am*, *an*, *em*, *en*, *im*, *in*, *om*, *on*, *um*, *un* (que representam vogais nasais)”. Na realidade, temos a formação de uma sílaba nasal pela junção de uma vogal inicial ou medial, seguida de “m” antes de “p” e “b”, e “n” antes de qualquer outra consoante. Portanto, as sílabas abaixo sublinhadas representam dígrafos vocálicos:

- l**im**po
- c**am**po
- t**am**bém
- s**an**to
- m**en**tira
- t**um**ba
- l**on**ge

1.7.4 CONTAGEM DE LETRAS E FONEMAS EM UM VOCÁBULO

Eis um dos pontos bastante cobrados nos concursos em geral. Por isso, fique atento!

Como já mencionamos, é importantíssimo não confundir letra com fonema (som) – são coisas bem diversas. Em princípio, as letras existem para exprimir os sons. É, como já dissemos, uma representação gráfica do som. Logo, é preciso ter cuidado ao se contar as letras e os fonemas (sons) de um vocábulo, pois é preciso ficar muito atento, notadamente com os dígrafos e com os encontros consonantais, para se evitarem erros.

⇨ **Observe:**

- **camisas** — 7 letras; 7 fonemas
- **criança** — 7 letras; 6 fonemas (em "an" temos um dígrafo)
- **tampinha** — 8 letras; 6 fonemas (temos dois dígrafos)
- **tóxico** — 6 letras; 7 fonemas (a letra "x" representa o fonema /cs/)
- **constituinte** — 12 letras; 10 fonemas (existem dois dígrafos vocálicos "on" e "in")
- **menino** — 6 letras; 6 fonemas

1.7.5 SÍLABA

Recebe o nome de sílaba o fonema ou o conjunto de fonemas produzidos numa só emissão de voz na enunciação de um vocábulo. Veja: **ca-dei-ra; a-ba-ca-xi; co-or-de-na-ção.**

Toda sílaba possui um núcleo ou ápice de sonoridade, que, em português, é necessariamente uma vogal. Daí as sílabas serem classificadas em:

a) **Simples** → quando apresentam uma só vogal. Ex.: dor, sol.
b) **Compostas** → quando apresentam mais de uma vogal. Ex.: caule, pau.
c) **Complexas** → quando apresentam mais de uma consoante. Ex.: triste, flor.
d) **Incomplexas** → quando apresentam apenas uma consoante. Ex.: vá, cá.
e) **Abertas** → quando terminam por vogal. Ex.: ca-na-pé, me-ni-na.
f) **Fechadas ou travadas** → quando terminam por consoante. Ex.: tu-tor, al-mas.

1.7.5.1 Classificação dos vocábulos quanto ao número de sílabas

Em nossa língua, os vocábulos podem também ser classificados em relação à quantidade de sílabas que apresentam. Saliente-se que a quantidade de sílabas é o tempo da prolação de sua vogal.

Quanto ao número de sílabas que possuem, os vocábulos podem ser classificados em: *monossílabos*, *dissílabos*, *trissílabos* e *polissílabos*.

a) **Monossílabos** → possuem uma só sílaba.
Ex.: nó, dó, só, lá, vem, não, sol.

b) **Dissílabos** → possuem duas sílabas.
Ex.: vovó, café, chulé, amém, meio, aí.

c) **Trissílabos** → possuem três sílabas.
Ex.: caneca, menina, moinho, cortejo, lâmpada.

d) **Polissílabas** → possuem quatro ou mais sílabas.
Ex.: macaxeira, brotoeja, Itamaracá, Guaratinguetá.

⇨ **Observação:**

Alguns gramáticos de renome preferem a denominação "*tetrassílabo*", para os vocábulos com quatro sílabas, e "*polissílabo*" para os vocábulos com mais de quatro sílabas.

1.7.5.2 Tonicidade

Em geral, uma das sílabas do vocábulo se pronuncia com mais força do que as outras – é a denominada sílaba tônica. Tonicidade ou acentuação tônica, portanto, é a pronunciação forte ou intensa de uma sílaba. As demais sílabas que não apresentam a força tônica são chamadas de "atônicas" ou "átonas". Veja alguns exemplos:

- jus – **ti** – ça (sílaba tônica)
- **nú** – me – ro (sílaba tônica)
- me – **ni** – na (sílaba tônica)

Por ser pronunciada mais fortemente do que as outras, diz-se que a sílaba tônica recebe o chamado "acento tônico", denominado também de "acento prosódico". Saliente-se, entretanto, que o acento tônico não consiste na altura ou duração da voz, mas na voz forte ou intensa, a qual salienta a sílaba sobre a qual ele recai.

Cuidado! Não confunda o acento tônico com os acentos gráficos ou sinais diacríticos, pois em várias situações a língua se vale de acentos gráficos para marcar a sílaba tônica a fim de se evitarem problemas de prosódia. Para aprofundar tal conhecimento, sugerimos consultar (e estudar) o assunto "acentuação gráfica".

1.7.6 DIVISÃO SILÁBICA

A divisão de qualquer vocábulo, assinalada pelo hífen, em regra se faz pela soletração, isto é, a divisão leva em conta critérios fonéticos, e não etimológicos. Traduzindo: basta soletrar a palavra e dividi-la como se lê, independente de seus elementos constitutivos etimológicos.

Para que se faça uma correta divisão silábica, é essencial respeitar as seguintes regras:

1. Não se separam as vogais dos ditongos – crescentes e decrescentes – nem as dos tritongos. Observe:

- aurora → **au** – ro – ra
- Paraguai → Pa – ra – g**uai**
- cruéis → cru – **éi**s
- meio → m**ei** – o
- ódio → ó – d**io**
- guaiar → g**uai** – ar
- animais → a – ni – m**ai**s
- Uruguai → U – ru – g**uai**
- iguais → i – g**uai**s
- coisa → c**oi** – sa
- enjeitar → en – j**ei** – tar
- joias → j**oi** – as

⇨ **Observação:**

Embora os encontros "IA, IE, IO, UA, UE, UO" de finais átonos, seguidos ou não de "S", possam ser analisados tanto como ditongos quanto como hiatos, a tendência hoje é considerá-los apenas como ditongos. Por isso, tais grupos vocálicos devem – preferencialmente – permanecer numa mesma sílaba.

- enciclopédia → en – ci – clo – pé – dia
- barbárie → bar – bá – rie
- lírio → lí – rio

2. No interior do vocábulo, sempre se conserva na sílaba anterior a consoante não seguida de vogal. Veja:

- abdicar → ab – di – car
- étnico → ét – ni – co
- subjugar → sub – ju – gar
- occipital → oc – ci – pi – tal
- dracma → drac – ma
- subpor → sub – por
- opção → op – ção
- segmento → seg – men – to

3. Não se separam os encontros consonantais iniciais de sílabas nem os dígrafos "ch, lh, nh". Observe:

- pechinchar → pe – chin – char
- manhã → ma – nhã
- apetrecho → a – pe – tre – cho
- folha → fo – lha
- blusão → blu – são
- brotoeja → bro – to – e – ja

⇨ **Observação:**

Os encontros “bl” e “br” nem sempre formam grupos articulados perfeitos, isto é, nem sempre permanecem na mesma sílaba. Isto se dá porque em alguns casos o “l” e o “r” são pronunciados separadamente. Veja alguns exemplos:

- sublingual → sub – lin – gual
- sub-rogar → sub – ro – gar
- sublocar → sub – lo – car
- sublinhar → sub – li – nhar
- sub-reptício → sub – rep – tí – cio
- sub-reitor → sub – rei – tor

4. Não se separam os grupos “GU” e “QU” da vogal que os segue, quer esta esteja ou não acompanhada de consoante. Observe:

- ambíguo → am – bí – **gu**o
- quota → **qu**o – ta
- ubíquo → u – bí – **qu**o
- légua → lé – **gu**a
- quebradeira → **qu**e – bra – dei – ra
- guerra → **gu**er – ra
- queijo → **qu**ei – jo
- delinquente → de – lin – **qu**en – te

5. Não se separa a consoante inicial não seguida de vogal, ou seja, a consoante inicial não seguida de vogal permanece na sílaba em que se encontra. Observe:

- pseudônimo → **ps**eu – dô – ni – mo
- gnomo → **gn**o – mo
- pterossauro → **pt**e – ros – sau – ro
- cnêmide → **cn**ê – mi – de
- gnosiologia → **gn**o – sio – lo – gi – a
- pneumático → **pn**eu – má – ti – co

6. Separam-se os dígrafos “RR, SS, SC, SÇ, XS” no interior dos vocábulos, ficando uma consoante numa sílaba e a outra na sílaba imediata. Observe:

- pi**sc**ina → pis – ci – na
- cô**nsc**io → cons – cio
- pre**sc**indir → pres – cin – dir
- e**xc**eção → ex – ce – ção
- co**rr**eição → cor – rei – ção
- e**xc**elente → ex – ce – len – te
- adole**sc**ente → a – do – les – cen – te
- convale**sc**er → con – va – les – cer
- re**sc**indível → res – cin – dí – vel
- re**ss**u**rr**eição → res – sur – rei – ção
- pro**rr**ogação → pror – ro – ga – ção
- e**xs**urgir → ex – sur – gir

7. O “S” dos prefixos “bis-, cis-, des-, dis-, trans-” não se separa quando a sílaba seguinte começa por consoante. Caso a sílaba seguinte comece por vogal, o “S” se desprenderá do prefixo e formará sílaba com esta vogal. Observe:

- transformar → trans – for – mar
- bisneto → bis – ne – to
- descascar → des – cas – car
- cisplatino → cis – pla – ti – no
- discorrer → dis – cor – rer

mas... transatlântico → tran – sa – tlân – ti – co
mas... bisavô → bi – sa – vô
mas... desamor → de – sa – mor
mas... cisandino → ci – san – di – no
mas... disenteria → di – sen – te – ri – a

8. As vogais idênticas e as letras "CC, CÇ" separam-se, ficando uma numa sílaba e a outra na sílaba consequente. Veja os exemplos:

- intelecção → in – te – lec – ção
- occipital → oc – ci – pi – tal
- álcool → ál – co – ol
- intersecção → in – ter – sec – ção
- cooperador → co – o – pe – ra – dor
- caatinga → ca – a – tin – ga
- friíssimo → fri – ís – si – mo
- veemente → vê – e – men – te

9. Separam-se as vogais que formam hiatos. Veja:

- saúde → sa – ú – de
- jesuíta → je – su – í – ta
- egoísmo → e – go – ís – mo
- carnaúba → car – na – ú – ba
- viúva → vi – ú – va
- canaãense → ca – na – ã – en – se

⇨ Observação final:

Nas translineações – passagem de uma linha para outra nos textos escritos, quando o fenômeno da separação de um vocábulo ao final de uma linha fica mais evidente –, convém ficar atento às seguintes orientações:

a) Não se deve deixar vogal solta nem na linha antecedente, nem na linha consequente, isto é, não se isola sílaba de uma só vogal. Observe:

- **AMÁ – VEL** (e não "A – MÁVEL")
- **ITA – JAÍ** (e não ITAJA – Í ou I – TAJAÍ)

b) Deve-se evitar a separação de vocábulos dissílabos do tipo "aí, caí, saí, lua, rua", em que uma das sílabas é formada apenas por vogal.

c) Na translineação de uma palavra composta ou de uma combinação de palavras em que há um hífen, ou mais, se a partição coincide com o final de um dos elementos ou membros, deve, por clareza gráfica, repetir-se o hífen no início da linha imediata. Observe:

_____terça-feira_____

_____ex-diretor_____

1.8 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (PUCRJ) Um mesmo fonema pode ser grafado de diferentes maneiras. Qual a lista de palavras que exemplifica essa afirmação?

a) paciente, centro, existência
b) existência, meses, batizaram
c) projeto, prejudicando, propõe
d) quem, quando, psiquiatra
e) coisa, incomoda, continuidade

2. (PUCSP) As palavras **rapaziada, assustado, borracha** apresentam, respectivamente:

a) 8 fonemas / 9 letras; 9 fonemas / 9 letras; 5 fonemas / 7 letras
b) 9 fonemas / 8 letras; 8 fonemas / 9 letras; 5 fonemas / 8 letras
c) 9 fonemas / 9 letras; 8 fonemas / 9 letras; 6 fonemas / 9 letras
d) 9 fonemas / 9 letras; 8 fonemas / 9 letras; 6 fonemas / 8 letras
e) 8 fonemas / 8 letras; 8 fonemas / 9 letras; 5 fonemas / 7 letras

3. (PUCSP) As palavras **folheada, lânguido, antigos, vento** apresentam o seguinte número de fonemas e letras, respectivamente:

a) 7- 8; 6- 8; 6- 7; 4- 5
b) 6- 7; 7- 8; 4- 5; 6- 7
c) 6- 7; 6- 7; 7- 8; 4- 5
d) 4- 5; 6- 7; 6- 8; 7- 8
e) 7- 8; 6- 7; 6- 8; 4- 5

4. (Unirio – RJ) Identifique a opção em que a palavra apresenta ao mesmo tempo um encontro consonantal, um dígrafo consonantal e um ditongo fonético:

a) ninguém
b) coalhou
c) iam
d) nenhum
e) murcham

5. (ACAFE – SC) Assinale, na sequência abaixo, a alternativa em que todas as palavras possuem dígrafos:

a) histórias, impossível, máscaras
b) senhor, disse, achado

c) passarinhos, ergueu, piedade

d) errante, abelhas, janela

e) homem, caverna, velhacos

6. (FFFCMPA) Considere as seguintes afirmações acerca da relação entre letras e fonemas em palavras do texto.

*I – Os segmentos sublinhados em **componente**, **acrescentariam** e **conhecedor** representam um só fonema.*

*II – As letras sublinhadas em **ciência**, **sociocultural** e **adolescentes** representam o mesmo fonema.*

*III – As palavras **holística**, **essencialmente** e **conquistas** têm, cada uma delas, mais letras que fonemas.*

Quais estão corretas?

a) Apenas I.

b) Apenas II.

c) Apenas III.

d) Apenas I e III.

e) I, II e III.

7. (PUCSP) Nas palavras **enquanto, queimar, folhas, hábil, grossa**, constatamos a seguinte sequência de letras e fonemas:

a) 8- 7; 7- 6; 6- 5; 5- 4; 6- 5

b) 7- 6; 6- 5; 5- 5; 5- 5; 5- 5

c) 8- 5; 7- 5; 6- 4; 5- 4; 5- 4

d) 8- 6; 7- 6; 6- 5; 5- 4; 6- 5

e) 8- 5; 7- 6; 6- 5; 5- 5; 5- 5

8. (PUCSP) Assinale a sequência em que todas as palavras estão partidas corretamente.

a) trans-a-tlân-ti-co / fi-el / sub-ro-gar

b) bis-a-vô / du-e-lo / fo-ga-réu

c) sub-lin-gual / bis-ne-to / de-ses-pe-rar

d) des-li-gar / sub-ju-gar / sub-scre-ver

e) cis-an-di-no / es-pé-cie / a-teu

9. (ITA) Dadas as palavras:

1. des-a-len-to

2. sub-es-ti-mar
3. trans-tor-no,
constatamos que a separação silábica está correta:

a) apenas no número 1
b) apenas no número 2
c) apenas no número 3
d) em todas as palavras
e) n.d.a

10. (AMAN) Assinale a opção em que a divisão silábica não está corretamente feita:

a) a-bai-xa-do
b) si-me-tria
c) es-fi-a-pa-da
d) ba-i-nhas
e) ha-vi-a

GABARITO

1 – B	2 – D	3 – A
4 – E	5 – B	6 – D
7 – D	8 – C	9 – C
10 – B		

CAPÍTULO 2

ORTOGRAFIA OFICIAL

Conversando um pouco...
Iniciaremos o estudo de uma importante parte da gramática normativa: a ortografia. Gostaria de salientar que este capítulo deve ser estudado com cuidado. Inevitavelmente, você se deparará com várias regras, orientações, muitas exceções etc., etc. Ficar decorando os pontos talvez não seja a melhor técnica. Por isso, sugiro que estude o capítulo aos poucos, tendo sempre em mente que o melhor remédio para se aprender a escrever os vocábulos corretamente ainda é a leitura. Cremos que só com a leitura habitual o operador da língua conseguirá memorizar – pela apreensão visual – a correta escrita de muitas palavras. Portanto, leia mais! E não deixe, é claro, de, aos poucos, apreender pela norma gramatical algumas orientações ortográficas. Por isso, vamos lá!

Antes de qualquer consideração, convém mencionar que a palavra ORTOGRAFIA é formada por dois radicais gregos (orto + grafia), os quais significam respectivamente "correto" e "escrita". Logo, ortografia é a parte da gramática normativa que se preocupa com a correta representação escrita dos vocábulos em nossa língua.

As dificuldades de escrita que muitas palavras nos oferecem ocorrem em virtude de as palavras em nossa língua obedecerem a dois critérios distintos: ora a grafia do vocábulo está baseada na etimologia, ora a grafia do vocábulo está baseada na fonética.

Como sabemos, os sistemas ortográficos são três: o fonético, o etimológico e o misto. Nossa língua portuguesa faz uso do sistema "misto". Por isso, muitos operadores da língua sentem dificuldade (ou dúvida) em escrever alguns vocábulos.

2.1 LETRA E ALFABETO

Como sabemos, a letra é a representação gráfica de um fonema. Nem sempre, como se demonstra no capítulo de introdução à fonética, esta relação "letra" / "fonema" é perfeita, pois existem fonemas representados por mais de uma letra e vice-versa. O conjunto de todas as letras em nossa língua é denominado de "alfabeto português". Nosso alfabeto é hoje composto por 26 letras, sendo 21 consoantes e 5 vogais. São elas:

a A (á)	j J (jota)	s S (esse ou sê)
b B (bê)	k K (capa ou cá)	t T (tê)

c C (cê)	l L (ele ou lê)	u U (u)
d D (dê)	m M (eme ou mê)	v V (vê)
e E (é ou ê)	n N (ene ou nê)	w W (dáblio)
f F (efe ou fê)	o O (ó)	x X (xis)
g G (gê ou guê)	p P (pê)	y Y (ípsilon ou ipsilone)
h H (agá)	q Q (quê)	z Z (zê)
i I (i)	r R (erre ou rê)	

2.2 NOTAÇÕES LÉXICAS

Além das letras, nossa língua usa uma série de sinais auxiliares a fim de indicar alguns fonemas especiais. Ao conjunto desses sinais gráficos, chamados também de sinais diacríticos (gr. “diacríticos” = apto a distinguir), dá-se o nome de notações léxicas. Esses sinais acessórios da escrita são os seguintes: acentos (agudo, circunflexo e grave), til, apóstrofo, cedilha e hífen.

2.2.1 ACENTOS

Os acentos são notações léxicas empregadas sobre algumas vogais para indicar a sílaba tônica ou para indicar a fusão entre elas. Como já dissemos, temos três tipos de acentos na língua portuguesa: (´) agudo, (^) circunflexo e (`) grave.

2.2.1.1 Agudo

O acento agudo é empregado sobre as vogais para assinalar, quando as regras da acentuação assim exigirem, a tonicidade aberta das vogais “a, e, o” e a tonicidade fechada das vogais “i, u”.

⇨ **Observe:**

- água
- café
- paletó
- difícil
- baú

2.2.1.2 Circunflexo

O acento circunflexo é usado sobre as vogais “a, e, o”, quando as regras da acentuação exigirem, para indicar o timbre fechado delas.

- quilômetro
- cortês
- repô-lo
- britânico
- constância
- prêmio

2.2.1.3 Grave

O acento grave é usado exclusivamente em português para indicar o fenômeno da crase, isto é, a contração, a fusão de dois “as” (a + a).

- Um dia chegaremos àquela (a + aquela) região.
- Iremos todos à (a + a) casa da tia Zuleide.

⇨ **Observação:**

Para aprofundar os seus conhecimentos sobre o emprego do acento grave, sugerimos que estude o assunto “Crase” em sintaxe.

2.2.1.4 Til

É uma notação léxica usada para indicar a nasalização das vogais “a, o”, quando houver necessidade.

- órgão
- não
- intenção
- ímã
- põe
- mãe

2.2.2 CEDILHA

É uma notação léxica colocada sob a letra “c”, a fim de se obter o fonema /s/ antes das vogais “a, o, u”. Observe:

- faço
- caçar
- mulçumano
- açúcar
- paçoca
- espaço

2.2.3 APÓSTROFO

O apóstrofo é um sinal empregado para assinalar a supressão de um fonema numa palavra, a fim de se evitarem sons desagradáveis ou mesmo a repetição de um fonema ao se pronunciar o vocábulo. Geralmente ocorre a elisão do “e” da preposição “de”.

- queda d’água
- pau-d’arara
- galinha-d’água
- copo-d’água
- pau-d’água
- estrela-d’alva
- mãe-d’água
- borda-d’água

- pau-d'arco
- pau-d'óleo

Emprega-se também o apóstrofo nas ligações das formas "santo" e "santa", quando importa representar a elisão das vogais finais "o" e "a". Observe:

- Sant'Ana
- Sant'Iago
- Sant'Antônio

2.2.4 HÍFEN

É a notação léxica que apresenta maior número de empregos. É frequentemente empregado para unir palavras compostas, prefixos e formas verbais. Observe abaixo algumas orientações que estão respaldadas no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, publicado no ano de 2009.

Como já dissemos, o hífen é a notação léxica que apresenta o maior número de empregos. É frequentemente empregado, por exemplo, para indicar a ênclise dos pronomes oblíquos átonos, para formar vocábulos por derivação prefixal e para unir compostos. Veja:

- fazê-lo
- cachorro-quente
- pré-operatório
- pós-verbal
- pô-las

Quando une vocábulos, o hífen, em muitos casos, servirá como um sinal de conotatividade, pois indicará que os elementos unidos por ele não estão empregados em seus sentidos originais, mas passaram a compor um novo conceito, uma nova ideia. Observe como o emprego do hífen, nesse caso, altera o sentido nos exemplos abaixo:

mesa redonda → mesa em formato circular	≠	**mesa-redonda** → reunião, debate, discussão
casca grossa → casca espessa, grossa	≠	**casca-grossa** → ignorante, bruto, grosso
criado mudo → empregado que não fala	≠	**criado-mudo** → móvel de cabeceira
ferro velho → peça de ferro antiga	≠	**ferro-velho** → estabelecimento que vende coisas velhas
pão duro → pão endurecido, velho	≠	**pão-duro** → sovina, pirangueiro, avaro
calça curta → calça de pequena extensão	≠	**calça-curta** → dominado, inexperiente

2.2.4.1 Empregos do hífen

Para aprofundar o conhecimento, observe agora os principais empregos do hífen:

1) Para indicar a ênclise dos pronomes oblíquos átonos às formas verbais.

- Entregou-me
- Vamos fazê-lo
- Hei de comprá-lo
- Passou-nos o projeto

⇨ **Observação:**

Não se emprega o hífen nas ligações verbais, formadoras de locuções verbais, com o verbo “haver” + preposição “de”.

- hei de vencer
- haveríamos de encontrar
- hás de fazer

2) Em vocábulos compostos, formados por “substantivo + substantivo”, nos quais o segundo substantivo indique forma, finalidade ou tipo.

- decreto-lei
- ideia-mãe
- café-concerto
- homem-robô
- homem-chave

3) Nas palavras compostas por justaposição que não contêm formas de ligação e cujos elementos constituem uma unidade sintagmática e semântica única e mantêm acento próprio. Em outras palavras, os vocábulos perderam suas significações individuais e passaram a compor um novo conceito, uma nova semântica.

- decreto-lei
- médico-cirurgião
- tenente-coronel
- ano-luz
- arco-íris
- tio-avô
- turma-piloto
- sul-africano
- afro-asiático
- primeiro-ministro
- beija-flor
- luso-brasileiro
- azul-escuro
- conta-gotas
- porto-alegrense
- marca-texto
- caneta-tinteiro
- saca-rolha
- saia-calça
- boas-vindas

4) Nos topônimos compostos iniciados pelos adjetivos “grã-, grão-” ou por forma verbal ou cujos elementos estejam ligados por artigo.

- Grã-Bretanha
- Grão-Pará
- Traga-Mouros
- Abre-Campo
- Baía de Todos-os-Santos
- Trás-os-Montes
- Trinca-Fortes
- Entre-os-Rios

5) Nas palavras compostas que designam espécies botânicas e zoológicas, estejam ou não ligadas por preposição ou qualquer outro elemento.

- couve-flor
- erva-doce
- feijão-verde
- erva-do-chá
- ervilha-de-cheiro
- bem-me-quer
- cobra-d’água
- andorinha-do-mar
- bem-te-vi
- cobra-capelo
- formiga-branca
- lesma-de-conchinha

6) Nos compostos com os advérbios “bem” e “mal”, quando estes formam com o elemento que se lhes segue uma unidade sintagmática e semântica, e tal elemento começa por vogal ou “H”.

- bem-aventurado
- bem-estar
- bem-humorado
- mal-estar
- mal-afortunado
- mal-humorado
- mal-intencionado
- mal-assombrado

⇨ **Observações:**

a) Em muitos compostos, o advérbio “bem” aparece aglutinado com o segundo elemento (forma consolidada pelo uso), quer este tenha ou não vida à parte.

- benfazejo
- benfeito
- benfeitor
- benquerença

b) Em outros vocábulos, o advérbio “bem” pode não se aglutinar com palavras começadas por consoante. Observe:

- bem-criado
- bem-ditoso
- bem-nascido
- bem-visto

Consideração importante: A verdade é que nós não temos uma orientação segura a respeito do emprego do hífen com este advérbio. Nesse caso, não há outra solução: em caso de dúvida, consulte um bom dicionário. Se você é daqueles que escrevem com frequência, sugiro que também tenha sempre à mão o VOLP – Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa.

c) É importante não confundir! Quando o vocábulo não começar por vogal nem por “H”, não haverá hífen com o advérbio “mal”. Observe:

- malformação
- malcozido
- malcheiro
- malcriado

Mas escreveremos...

- mal-educado
- mal-afortunado
- mal-encarado
- mal-humorado
- mal-avisado

7) Nos compostos com os elementos “além, aquém, recém, sem”.

- além-Atlântico
- além-mar
- além-fronteiras
- aquém-mar
- recém-nascido
- sem-cerimônia
- sem-número
- sem-vergonha

2.2.4.2 Emprego do hífen com prefixos

Nas formações com prefixos ou falsos prefixos só se emprega o hífen nos seguintes casos:

1) Nas formações em que o segundo elemento começa por “h”, ou seja, não importa o prefixo: se o segundo elemento iniciar-se por “H”, deve-se empregar o hífen. Observe:

- pré-história
- extra-humano
- sub-hepático
- super-homem
- anti-herói
- arqui-hipérbole
- geo-história
- pan-helenismo
- semi-hospitalar
- poli-hidratação

⇨ **Observação:**

Não se usa, no entanto, o hífen em formações que contêm em geral os prefixos “des-” e “in-”, nas quais o segundo elemento perdeu o “h” inicial. Veja:

- desumano
- desumidificar
- inábil
- inumano

2) Nas formações em que o prefixo termina na mesma vogal com que se inicia o segundo elemento. Observe:

- anti-ibérico
- contra-almirante
- infra-axilar
- micro-ondas
- auto-ônibus
- micro-organismo
- anti-imperialista
- anti-inflamatório
- supra-auricular
- arqui-inimigo
- semi-interno
- eletro-ótica

⇨ **Observação:**

Esta regra não se aplica ao prefixo “re-”. Por isso, escrevem-se corretamente sem hífen, por exemplo, os vocábulos “reencarnação, reenvio, reemissão, reempossar, reencontro, reestabelecer etc.”.

3) Nas formações com os prefixos “circum-” e “pan-”, quando o segundo elemento começar por vogal, “m” ou “n”, além do “h” já mencionado.

- circum-escolar
- circum-murado
- circum-navegação
- pan-africano
- pan-mágico
- pan-negritude
- pan-americano

4) Nas formações com os prefixos “hiper-, super-, inter-”, quando o segundo elemento iniciar-se por “r”, além, é óbvio, do “H” já mencionado.

- super-resistente
- hiper-reativo
- inter-relacionado
- super-revista
- hiper-requintado
- inter-hemisfério
- hiper-rugoso
- super-realismo
- inter-regional
- inter-renal

5) Nas formações com os prefixos “ex-, pós-, pré-, pró-, sota-, soto-, vice-, vizo-”, isto é, esses prefixos sempre serão usados com hífen.

- ex-diretor
- pró-labore
- sota-piloto
- soto-mestre
- vice-presidente
- vizo-rei
- soto-general
- pré-datado
- pós-graduação
- pré-vestibular
- pré-natal
- pró-britânico
- pró-americano
- pós-tônico
- pró-europeu
- vice-diretor

6) Com o prefixo “sub-”, haverá hífen sempre que o vocábulo iniciar-se por “b, h ou r”. Observe:

- sub-base
- sub-bibliotecário
- sub-humano
- sub-hepático
- sub-rogar
- sub-repartição
- sub-bosque
- sub-rotina

⇨ **Observação:**

Caso não se inicie por “b, h ou r”, não haverá hífen. Veja:

- subepiderme
- sublocatário
- subclasse
- subutilizar

⇨ **Observações:**

a) Em alguns vocábulos, o prefixo (átono) se incorporou à palavra primitiva, como em “predeterminado, pressupor, propor, pospor, promover, prever”. Por isso, estes vocábulos são escritos sem hífen.

b) Nas formações por sufixação, só se emprega o hífen nos vocábulos terminados por sufixos de origem tupi-guarani que representam formas adjetivas, com “açu, guaçu e mirim”, como, por exemplo, “amoré-guaçu, anajá-mirim, andá-açu, capim-açu, Ceará-Mirim”.

c) Usa-se também o hífen nas ligações de formas pronominais enclíticas ao advérbio “eis” (ei-lo, ei-los) e ainda nas combinações de formas pronominais “o, a, os, as” com os pronomes oblíquos “nos” e “vos”, como, por exemplo, “no-lo”, “vo-los”.

d) O Novo Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa registra tanto “*pro forma*, *pro labore*”, formas latinas, quanto “*pró-forma*, *pró-labore*”, formas aportuguesadas. Portanto, ambas as grafias, sem hífen na forma latina e com hífen na forma aportuguesada, são corretas.

2.2.4.3 Não se emprega o hífen

1) Nos vocábulos derivados por prefixação, cujo prefixo terminar em vogal e o segundo elemento iniciar-se por consoante. Caso o segundo elemento inicie por “r” ou “s”, estas consoantes devem ser duplicadas.

- contrarregra
- infrassom
- suprassumo
- antirreligioso
- minissaia
- neorrepublicano
- microcirurgia
- minissérie
- semicírculo
- ultrarromântico
- hipoderme
- semimetal
- extracorpóreo
- supracitado
- neoliberal

2) Nos vocábulos derivados por prefixação, cuja vogal final do prefixo é diferente da vogal inicial do segundo elemento.

- antieconômico
- extraescolar
- extraoficial
- intraocular

- aeroespacial
- semiárido
- agroindustrial
- hidroelétrico
- coeducação
- autoestrada
- plurianual
- antiaéreo

3) Nos vocábulos formados por palavras compostas, cuja noção de composição, em certa medida, se perdeu, uma vez que tais palavras passaram a compor um sentido único, individualizado.

- paraquedas
- mandachuva
- madressilva
- girassol
- pontapé
- madrepérola
- passatempo
- rodapé
- sobremesa
- vaivém
- malmequer
- aguardente

2.3 ORIENTAÇÕES ORTOGRÁFICAS – EMPREGO DE ALGUMAS LETRAS

A partir de agora, vamos estudar o emprego de diversas letras do vocabulário português. Sugerimos que estude o assunto aos poucos para um melhor aprovisionamento do conteúdo. Salientamos, entretanto, que a melhor técnica para se evitarem erros ortográficos ainda é a leitura. Só a leitura, continuada e bem orientada, propiciará uma escrita livre dos problemas ortográficos. Ademais, é preciso que se diga que "ninguém" – repita-se "ninguém" – possui pleno domínio de todos os vocábulos da nossa língua. Daí a importância de o operador da língua pátria sempre possuir à mão um bom dicionário. Será este compêndio vocabular que afastará o erro ortográfico. Por isso, orientamos o nosso aluno para que leia o assunto abaixo não com o intuito de decorar simplesmente, mas principalmente com o intuito de entender o porquê do emprego desta e não daquela letra. A missão não é tão simples. Mas certamente não é impossível. Mãos à obra!!

Inicialmente, tenha cuidado com algumas letras que, frequentemente, impõem dúvida no escritor. Vamos a elas!

Dica: Sugiro que pare um pouco agora. Descanse a mente alguns minutos antes de passar para o próximo ponto. Preferencialmente, releia o assunto acima – emprego do hífen. É um ponto bastante explorado pelas bancas. Por isso, vale a pena olhar novamente, fazer outras anotações. Provavelmente você não obsorverá todas as informações sobre o hífen agora. Anote em algum lugar a data em que você estudou o assunto. Revise-o em poucos dias. Certamente o resultado será bem melhor na próxima vez que estudar o assunto. Quando estiver pronto, passe para o ponto abaixo... Vamos lá...

2.3.1 EMPREGO DAS LETRAS "E" E "I"

Em nossa língua, o emprego do "e" e do "i" é responsável por uma série de equívocos ortográficos. Portanto, é preciso estar atento para se evitarem muitos erros. Observe abaixo uma série de orientações sobre o emprego destas duas letras.

ESCREVE-SE COM "I" E NÃO COM "E":		
• aborígene/aborígine	• alumiar	• ansiar
• antipatia	• ária (música)	• arriar (baixar)
• calidoscópio	• cerimônia	• chilique
• colibri	• corrimão	• crânio
• criação	• criatura	• crioulo
• diferir (adiar)	• disfarce	• digladiar
• dilação (adiamento)	• dilapidar	• discrição (reserva)
• discricionário	• discriminar (discernir)	• disparate
• dispensa (folga)	• displicência	• distorção
• erisipela	• escárnio	• esquisito
• idiossincrasia	• Ifigênia	• imergir (mergulhar)
• imigrar (entrar no país)	• iminente (próximo)	• incinerar
• infestar	• inigualável	• lampião
• meritíssimo	• miscigenação	• pátio
• penicilina	• pião (brinquedo)	• pinicar
• pontiagudo	• privilégio	• réstia
• ridículo	• silvícola	• siri
• tinir	• umbilical	• vadiar (vagabundear)

Lembre-se de que também se emprega a letra "i":

a) Nas terceiras pessoas do presente do indicativo dos verbos terminados em "-AIR", "-OER" e "-UIR":

- cai
- sai
- corrói
- possui
- atribui
- constrói
- dói

b) No prefixo grego "anti-", que indica "ação contrária, oposição".

- antídoto
- antissepsia
- antimoral
- anti-infeccioso
- anti-horário

c) No paradigma de conjugação dos verbos terminados em "-IAR", como "variar, estagiar, abreviar, aliciar, assobiar etc.".

- Eu vario →tu varias, ele varia, nós variamos, vós variais, eles variam.

- Eu estagio → tu estagias, ele estagia, nós estagiamos, vós estagiais, eles estagiam.
- Eu assobio → tu assobias, ele assobia, nós assobiamos, vós assobiais, eles assobiam.

d) Nas terminações em "-ANO" (significando "aquele que pertence a" ou "relativo a") nas quais se aplica um "i", que funcionará como vogal de ligação.

- freudiano
- machadiano
- camoniano
- goethiano
- ciceroniano
- açoriano

⇨ Observação:

Neste último caso, quando o vocábulo termina em "E", é de rigor a manutenção deste "E". Observe:

- Daomé → daomeano
- Arqueu → arqueano
- Ageu → ageano
- Galileu → galileano

ESCREVE-SE COM "E" E NÃO COM "I":		
• acarear	• aéreo	• apear
• área (espaço)	• arrear (enfeitar)	• beduíno
• beneficência	• berilo	• cadeado
• campeão	• campear	• carestia
• cedilha	• cemitério	• confete
• corpóreo	• creolina	• deferir (ceder)
• delação (denúncia)	• descrição (redação)	• desenfreado
• desfrutar	• despensa (depósito)	• desforra
• desfrutar	• destilar	• disenteria
• elucidar	• emergir (vir à tona)	• encrenca
• espaguete	• emigrar (sair do país)	• embutir
• eminência (altura)	• empecilho	• encrenca
• endireitar	• enfezar	• engolir
• enteado	• estrear	• geada
• granjear	• mestiço	• mexerico
• paletó	• páreo	• parêntese (ou parêntesis)
• peão (homem do campo)	• penico (urinol)	• periquito
• petisco	• preá	• recrear (divertir)

• quepe • umedecer	• sequer • vadear (passar a vau)	• seringa • veado

Lembre-se de que também se emprega a letra “e”:

a) Nos ditongos nasais “ãe” e “õe”:

- dispõ**e**
- mã**e**
- cirurgiã**e**s
- alemã**e**s
- compõ**e**m
- cã**e**s

b) No prefixo grego “ante-” que indica “anterioridade”:

- ant**e**diluviano
- ant**e**rreforma
- ant**e**gozo
- ant**e**câmara
- ant**e**ssala

c) Nas formas dos verbos terminados em “-OAR” e “-UAR”:

- abençoe
- perdoe
- magoe
- atue
- continue
- efetue

d) Nas terceiras pessoas do plural do presente do indicativo de muitos verbos:

- ca**e**m
- sa**e**m
- destro**e**m
- argu**e**m
- possu**e**m
- constitu**e**m

e) No prefixo latino “des-” que indica “oposição, negação, falta ou afastamento, separação”:

- descortês
- desleal
- descascar
- desamor
- desarmonia

⇨ Observação

Não se esqueça também de que a oposição “e” e “i” é responsável pela distinção entre vários vocábulos. São formas parônimas. Veja:

Cuidado aqui, pois várias bancas exploram este tipo de conhecimento. Portanto, vale a pena ler o ponto mais de uma vez. Use caneta marca-texto.

ESCREVE-SE COM “E”	ESCREVE-SE COM “I”

á**re**a (espaço, superfície)	á**ri**a (melodia, concerto)
arr**e**ar (pôr arreios)	arr**i**ar (abaixar)
d**e**ferir (conceder)	d**i**ferir (adiar ou ser diferente)
d**e**latar (denunciar)	d**i**latar (distender)
d**e**lação (denúncia)	d**i**lação (adiamento)
d**e**scrição (ato de descrever)	d**i**scrição (ser discreto)
d**e**scriminação (absolvição)	d**i**scriminação (separação)
emergir (vir à tona)	**i**mergir (afundar)
eminente (ilustre)	**i**minente (prestes a ocorrer)
p**e**ão (pedestre)	p**i**ão (brinquedo)
recr**e**ação (diversão)	recr**i**ação (criar novamente)
vad**e**ar (passar a vau)	vad**i**ar (andar à toa)

2.3.2 EMPREGO DAS LETRAS "O" E "U"

Teste o seu vocabulário. Observe abaixo um grupo de palavras escritas com "O" e outro grupo de palavras escritas com "U". Fique atento, pois não raros são os equívocos ortográficos com estas palavras.

ESCREVE-SE COM "O" E NÃO COM "U":		
• abolição	• abolir	• agrícola
• amêndoa	• amontoar	• aroeira
• assoar	• bobina	• boate
• bochecho	• boteco	• botequim
• bússola	• chacoalhar	• cobiça
• cochicho	• coelho	• comprido
• comprimento (extensão)	• costume	• cortiça
• coruja	• êmbolo	• encobrir
• engolir	• engolimos (forma verbal)	• esmolambado
• espoliar	• focinho	• goela
• lobisomem	• lombriga	• mocambo
• mochila	• moela	• moleque
• molambo	• moringa	• mosquito

• névoa	• nódoa	• óbolo
• polenta	• poleiro	• polir
• ratoeira	• sapoti	• silvícola
• sortir (abastecer)	• sortido (variado)	• sotaque
• toalete	• tocaia	• tostão
• tribo	• vinícola	• zoada

ESCREVE-SE COM "U" E NÃO COM "O":		
• abulia	• acudir	• anágua
• bueiro	• bônus	• bruxulear
• bugalho	• buliçoso	• bulir
• burburinho	• camundongo	• chuviscar
• cumbuca	• cumprimento (saudação)	• cumprimentar
• cúpula	• curinga (carta de baralho)	• Curitiba
• curtir	• curtição	• cutia (animal)
• curtume	• cutucar	• embutir
• entupir	• estripulia	• esbugalhar
• escapulir	• fuçar	• íngua
• jabuti	• juazeiro	• légua
• manusear	• muamba	• mucama
• mulato	• murmurinho	• mutuca
• pirulito	• rebuliço	• sanduíche
• sinusite	• suar (transpirar)	• supetão
• surripiar	• tábua	• tabuleiro
• tulipa	• urticária	• usufruto
• virulento		

2.3.2.1 Dupla ortografia com os ditongos "OU" e "OI"

Há na língua uma série de vocábulos que tanto podem ser escritos com o ditongo "OU" quanto com o ditongo "OI". É certo que uma das formas sempre será a mais usual, embora ambas estejam corretas. Observe:

- açoite – açoute
- estoiro – estouro

- afoito – afouto
- besoiro – besouro
- biscoito – biscouto
- coice – couce
- coisa – cousa
- doido – doudo
- doirar – dourar
- dois – dous
- loiça – louça
- loiro – louro
- oiço – ouço
- oiro – ouro
- tesoiro – tesouro
- toiro – touro
- toicinho – toucinho

2.3.3 EMPREGO DAS LETRAS "C" E "Ç"

a) Empregam-se as letras "C" ou "Ç" em vocábulos de origem tupi ou africana:

- açaí
- paçoca
- caiçara
- miçanga
- puçá
- araçá
- caçula
- Paraguaçu
- Pajuçara
- piracema
- Iguaçu
- cacimba
- Piracicaba
- Moçambique
- Araci
- Moçoró
- babaçu
- muçum
- Juçara
- Piraçununga

b) Em palavras de origem latina, finalizadas em "t", emprega-se "ç" ou "c", pois há geralmente uma correlação entre o "t" latino e o "ç" ou "c" português.

- absorto → absorção
- ato → ação
- adotar → adoção
- torto → torção
- isento → isenção
- executor → execução
- abster → abstenção
- distinto → distinção
- infrator → infração
- marte → marcial
- extinto → extinção

c) Emprega-se também o "C" ou "Ç" em muitas palavras de origem árabe:

- açafrão
- muçulmano
- acicate
- alface
- açucena
- açúcar
- açude

d) Emprega-se também o "Ç" na correlação: verbo em "TER" substantivo em "TENÇÃO":

- ABSTER → abstenção
- DETER → detenção
- ATER → atenção
- CONTER → contenção
- RETER → retenção

e) Empregam-se também as consoantes “C” e “Ç” nos sufixos “-AÇA, -AÇO, -AÇÃO, -ECER, -IÇA, -IÇO, -NÇA, -UÇO”.

- carcaça
- caliça
- estilhaço
- criança
- cabaça
- chouriço
- noviço
- armação
- bagaço
- festança
- ricaço
- magriço
- anoitecer
- dentuça
- carniça

f) Emprega-se também o “Ç” ou “C” após vários ditongos. Observe:

- fauce
- traição
- traiçoeiro
- feição
- beicinho
- bouçar
- foice
- caiçara
- calabouço
- louça
- precaução
- coice

2.3.3.1 Emprego da letra “C”

ESCREVE-SE COM “C” OU COM “Ç”:		
• absorção	• abstenção	• acaçapar
• açafrão	• açaí	• acelga
• acender (iluminar)	• acessório	• acervo
• acetinar	• aço	• açucena
• açúcar	• adereço	• afocinhar
• alçapão	• alicerçar	• alicerce
• almoço	• ameaçar	• arregaçar
• arruaça	• asserção	• babaçu
• beça	• Berenice	• boçal
• buço	• cabaça	• caçarola
• cacimba	• calção	• caniço
• carapaça	• carcaça	• cê-cedilha
• cela (quarto)	• celibato	• celofane
• cênico	• censo (recenseamento)	• censura
• cereja	• cerração (nevoeiro)	• certame (ou certâmen)
• cerzir (costurar)	• chacina	• chumaço
• cilada	• cintura	• cirrose
• cismar	• concertar (ajustar)	• contorção
• dentuça	• descrição	• disfarce

• dobradiça	• eriçar	• espinhaço
• exceção	• hortaliça	• inchaço
• jaçanã	• licença	• linhaça
• maçada (importunação)	• maçaneta	• maçante
• maciço	• maniçoba	• miçanga
• maçom	• mormaço	• muçarela
• noviço	• ouriço	• paçoca
• palhoça	• pança	• pinçar
• pocilga	• presunção	• rebuliço
• rechaçar	• regaço	• ruço (pardo, grisalho)
• sanção (ato de sancionar)	• sumiço	• tenção (intenção)
• terraço	• tição	• torção
• traça	• vacilar	• viço
• vidraça	• vizinhança	

2.3.4 EMPREGO DAS LETRAS "G" E "J"

Outro conjunto de palavras que frequentemente trazem dúvidas ao operador da língua são os vocábulos escritos com "G" e com "J". Como os fonemas dessas duas letras são bem parecidos, os equívocos não são raros. Portanto, fique atento às orientações abaixo.

2.3.4.1 Emprego da letra "G"

ESCREVE-SE COM "G" E NÃO COM "J":		
• adágio	• agenda	• agiota
• algema	• algibeira	• angelim
• angina	• apogeu	• aragem
• auge	• digerir	• digestão
• égide	• egrégio	• estrangeiro
• evangelho	• falange	• ferrugem
• frigir	• fuligem	• garagem
• geada	• gêiser	• geleia
• gêmeo	• gengibre	• gengiva

• gergelim	• geringonça	• gesso
• gesto	• gibi	• gilete
• gim	• girândola	• gíria
• impingem	• megera	• monge
• ogiva	• rabugem	• rabugento
• regurgitar	• rugido	• selvagem
• sugestão	• tangente	• tangível
• tangerina	• tigela	• vagem
• vagina	• vargem	• vertigem
• viagem	• vigência	

Emprega-se a letra G:

a) Nos sufixos "-agem, -igem, -ugem, -ege, -oge". Observe:

- aragem
- malandragem
- fuligem
- miragem
- vertigem
- ferrugem
- sege
- paragoge
- frege
- micagem
- viagem

⇨ Observação

Usa-se o "G" no substantivo "viagem", mas se emprega a letra "J" no verbo "viajar" e seus derivados.

- É importante que ele faça uma boa **viagem**. (substantivo)
- É importante que ele **viaje** em segurança. (verbo)

Representam exceções a esta regra: lambujem, pajem e lajem.

b) Nas terminações "-ágio, -égio, -ígio, -ógio, -úgio". Veja:

- adágio
- pedágio
- estágio
- egrégio
- prodígio
- relógio
- refúgio
- remígio
- fastígio
- necrológio
- colégio
- subterfúgio
- naufrágio
- plágio

c) Nos verbos terminados em "GER" e "GIR". Observe:

- eleger
- proteger
- fingir
- frigir

- impingir
- mugir
- submergir

d) Geralmente depois da vogal "A", a qual inicia o vocábulo. Perceba:

- agente
- agiota
- ágio
- agir
- agitar
- agitação
- agenda

⇨ Observação

Representam exceção a esta regra os vocábulos que por origem se escrevem com "J" ou que são derivados de outros, os quais apresentam a letra "J" após a vogal "A". São bons exemplos: ajeru, ajeitar, ajesuitar.

e) Nos vocábulos derivados, cujas palavras primitivas são grafadas com "G". Observe:

- exigir → exigência
- impingir → impingem
- tingir → tingido
- afligir → afligem

2.3.4.2 Emprego da letra "J"

ESCREVE-SE COM "J" E NÃO COM "G":		
• ajeitar	• alforje	• anjinho
• anjo	• berinjela	• cafajeste
• canjica	• canjirão	• cereja
• cerejeira	• cerveja	• cervejeiro
• desajeitado	• enjeitar	• enrijecer
• gajeiro	• gorjear	• gorjeio
• gorjeta	• granjear	• injeção
• interjeição	• jeca	• jeito
• Jeni	• jenipapo	• jequitibá
• Jeremias	• Jericó	• jerimum
• jérsei	• jesuíta	• jiboia
• jirau	• jiu-jitsu	• laje
• laranjeira	• lisonjear	• lojista
• majestade	• manjericão	• Moji
• objeção	• ojeriza	• pajé

• pajem • projeção • rejeitar • trejeito • varejista	• Pajeú • projétil • sarjeta • ultraje	• pegajoso • rejeição • traje • varejeira

É comum, portanto, o emprego da letra “J”:

a) Em muitas palavras de origem latina. Observe:

- jeito
- cereja
- majestade
- lájea
- hoje
- jeira

b) Em muitas palavras de origem africana e tupi-guarani. Veja:

- beiju
- caju
- jerimum
- Ubirajara
- jeribá
- jenipapo
- pajé
- mujique
- jiboia
- jirau
- jê
- maracujá
- jequitibá
- jerivá

c) Em palavras derivadas de outras que já têm a letra “J”. Observe:

- laranja → laranjeira, laranjinha
- manjar → manjedoura
- viajar → viajei, viajem (verbos)
- rijo → rijeza, enrijecer
- gorja → gorjeta, gorjear, gorjeio
- encorajar → encoraje, encorajem (verbos)

d) Nas flexões do modo subjuntivo dos verbos terminados em “-jar”, como “arranjar, despejar, sujar, viajar, aleijar, almejar etc.”. Veja:

- arranjar → arranje, arranjes, arranje, arranjemos, arranjeis, arranjem.
- despejar → despeje, despejes, despeje, despejemos, despejeis, despejem.

2.3.5 EMPREGO DA LETRA “H”

A princípio, é preciso dizer que a letra H, em início e fim de vocábulo, não representa fonema em nossa língua. Funciona com mero símbolo gráfico, mantendo-se simplesmente em razão da etimologia de muitos vocábulos. Emprega-se a letra H, portanto:

1) No início dos vocábulos em razão da etimologia:

- herói → do latim “*heros*”
- habitar → do latim “*habitare*”

- haver → do latim "*habere*"
- humano → do latim "*humanus*"
- hesitação → do latim "*haesitatione*"
- haste → do latim "*hasta*"
- hipótese → do grego "*hupóthesis*"
- hipotaxe → do grego "*hupótaksis*"

2) No final de algumas interjeições. Observe:

- ah!
- eh!
- ih!
- oh!
- puh!

3) Em compostos unidos por hífen, quando o segundo elemento possui "h" etimológico. Observe:

- pré-histórico
- super-homem
- anti-higiênico
- sobre-humano

4) Como integrante dos dígrafos "ch, nh, lh". Veja:

- chuva
- inhame
- ilha
- chaveiro
- filho
- banha

5) Por tradição, no topônimo BAHIA.

⇨ Observação

O "H" medial que não soa não se escreve, como em "desumano, exausto, filarmônico, inábil, lobisomem, reabilitar, reaver, turboélice".

Observe agora uma lista com alguns vocábulos, em que se emprega a letra H, os quais podem gerar dúvidas.

ESCREVE-SE COM "H" INICIAL		
• hã	• Habacuque	• hagiografia
• haicai	• Haiti	• hálito
• haltere	• hangar	• harmonia
• harpa	• harpejar	• harpia
• haste	• haurir	• Havana
• Havaí	• haxixe	• hebdomadário
• hebreu	• hectare	• hediondo
• hedonismo	• Hedviges	• hélice
• hemeroteca	• hemisfério	• hemorragia
• hemorroidas	• hendecassílabo	• hepático

• heptassílabo	• hera (planta)	• herbívoro
• hermenêutica	• hermético	• hérnia
• herói	• hertziano	• hesitar
• heureca	• hexagonal	• hexágono
• hiato	• hibernal	• híbrido
• hidra	• hidrato	• hidravião
• hidrogênio	• hiena	• hierarquia
• hieróglifo	• hífen	• higrômetro
• hilaridade	• hilário	• himeneu
• hinário	• hino	• hipérbole
• hipismo	• hipocondria	• hipocrisia
• hipódromo	• hipófise	• hipopótamo
• hipoteca	• hipótese	• hirto
• hispânico	• histeria	• histologia
• hodierno	• holandês	• holofote
• homenagear	• homeopatia	• homicida
• homilia (ou homília)	• homologar	• homogeneidade
• homogêneo	• homônimo	• honesto
• honorários	• honra	• honraria
• hóquei	• horário	• horda
• horizonte	• hormônio	• horóscopo
• horripilar	• horror	• horta
• hortênsia	• horto (jardim)	• hosana
• hóspede	• hospício	• hospitalizar
• hóstia	• hostil	• hotel
• hulha	• humilde	• humor
• húmus		

2.3.6 EMPREGO DA LETRA "S"

1) Na correlação ortográfica, verbos com "ND" formarão substantivos e adjetivos com "NS". Observe:

- pretender → pretensão, pretensioso, despretensioso
- suspender → suspensão, suspensivo
- ascender → ascensão, ascensor, ascensional
- distender → distensão, distensível, distensor

2) Na correlação ortográfica, verbo com "PEL" formará substantivos e adjetivos com "PULS". Observe:

- impelir → impulso, impulsivo, impulsão
- expelir → expulsão, expulsivo, expulsor
- repelir → repulsão, repulsivo
- compelir → compulsão, compulsivo

3) No sufixo erudito "-ense", formador de adjetivos gentílicos. Veja:

- paquistanense
- paraense
- rio-grandense
- vienense
- parisiense

4) É empregada geralmente após ditongos. Observe os inúmeros exemplos:

- aplauso
- causa
- coisa
- lousa
- maisena
- Moisés
- náusea
- paisagem
- pouso
- Sousa
- faisão
- gêiser
- Neusa
- mausoléu

5) Na conjugação dos verbos "PÔR" e "QUERER". Veja:

- Se eu quisesse; tu quisesses; ele quisesse; nós quiséssemos; vós quisésseis; eles quisessem.
- Eu pus; tu puseste; ele pôs; nós pusemos; vós pusestes; eles puseram.

6) Nos vocábulos formados pelos sufixos "-esa, -isa, -osa, -oso, -ês", os quais geralmente formam adjetivos a partir de substantivos.

- burguesa
- cortês
- camponês
- poetisa
- sacerdotisa
- gostoso
- cheiroso
- princesa
- marquesa
- orgulhosa
- francês
- amorosa
- diaconisa
- papisa

7) Nos sufixos gregos "-ase, -ese, -ise, -ose". Observe:

- catálise
- prófase
- catequese
- próclise
- osmose
- metamorfose
- psicanálise

8) Em vocábulos derivados de outros que são escritos com a letra “S”. Veja:

- ausente → ausência, ausente, ausentar
- base → baseado, basear, baseamento
- casa → casar, casamento, casebre
- preso → presídio, presidiário, presidiar
- visão → visionário, visível, visionar

Segue abaixo um rol sucinto de palavras escritas com a letra “S”.

ESCREVE-SE COM “S”	
• abrasar	• escusável
• abusão	• extasiar
• abusar	• formosura
• abuso	• frasear
• adesão	• freguesa
• adesivo	• frisante
• agasalhar	• fuselagem
• aliás	• fusível
• alisar	• gasoso
• amásia	• gris
• ambrosia	• grosa
• amnésia	• groselha
• analisar	• hesitar
• ananás	• improvisar
• anestesia	• Jerusalém
• anis	• jusante
• apesar	• lesar
• após	• lesão
• aposentar	• lisura
• apostasia	• maisena
• apoteose	• maresia
• apresar	• medusa
• apresilhar	• misantropo
• aprisionar	• miséria

- ardósia
- arrasar
- artesanato
- atrasar
- atrasado
- através
- basebol
- basílica
- besuntar
- brasa
- brisa
- camiseta
- camisola
- camponês
- casebre
- casaco
- casimira
- casuísta
- casulo
- catalisar
- catequese
- cesariana
- cisão
- colisão
- concisão
- cortesão
- cortesia
- crisálida
- demasia
- desinência
- diaconisa
- divisor
- misericórdia
- nasal
- obesidade
- país
- paisano
- paralisar
- parisiense
- parnasiano
- pêsame
- pesquisar
- precisão
- preservar
- prosélito
- raposa
- raso
- reclusão
- rasura
- resina
- revés
- revisar
- sassafrás
- sinestesia
- sinusite
- sisudo
- sósia
- televisor
- torquês
- tosar
- transação
- usufruto
- usura
- vaselina

• dose • entrosar • enviesar	• vesícula • viseira • zeloso

2.3.7 EMPREGO DO DÍGRAFO "SS"

1. Na correlação ortográfica, verbos com "CED" formarão substantivos com "CESS". Observe:

- **ced**er → **cess**ão, **cess**ionário
- inter**ced**er → inter**cess**ão, inter**cess**or
- ex**ced**er → ex**cess**ivo, ex**cess**o
- con**ced**er → con**cess**ão, con**cess**ivo
- a**ced**er → a**cess**o, a**cess**ível

2. Na correlação ortográfica, verbos com "GRED" formarão substantivos e adjetivos com "GRESS". Veja:

- a**gred**ir → a**gress**ão, a**gress**ivo, a**gress**or, a**gress**ividade
- pro**gred**ir → pro**gress**o, pro**gress**ão, pro**gress**ivo
- re**gred**ir → re**gress**ão, re**gress**o, re**gress**ivo
- trans**gred**ir → trans**gress**ão, trans**gress**or

3. Na correlação ortográfica, verbos em "PRIM" formarão substantivos e adjetivos com "PRESS". Observe:

- com**prim**ir → com**press**ão, com**press**ivo
- ex**prim**ir → ex**press**ão, ex**press**ivo
- im**prim**ir → im**press**ão, im**press**or
- o**prim**ir → o**press**ão, o**press**or
- re**prim**ir → re**press**ão, re**press**or
- de**prim**ir → de**press**ão, de**press**ivo

4. Na correlação, verbos terminados em "TIR" formarão substantivos e adjetivos com "SSÃO". Confira:

- admi**tir** → admi**ssão**, admi**ssí**vel
- discu**tir** → discu**ssão**
- repercu**tir** → repercu**ssão**, repercu**ssi**vo
- eletrocu**tir** → eletrocu**ssão**

5. Em palavras derivadas por prefixação, cujo prefixo termina em vogal e o vocábulo se inicia por “s”. Observe:

- mini + saia → mini**ss**aia
- a + salariar → a**ss**alariar
- ante + sala → ante**ss**ala
- re + surgir → re**ss**urgir
- neo + simbolismo → neo**ss**imbolismo
- a + silábico → a**ss**ilábico
- anti + séptico → anti**ss**éptico
- pseudo + sufixo → pseudo**ss**ufixo
- para + sífilis → para**ss**ífilis

Observe agora uma série de vocábulos em que se emprega o dígrafo “SS”.

ESCREVE-SE COM “SS”	
• acessível	• excesso
• alvíssaras	• fossa
• amassar	• fossilizar
• assar	• gesso
• apressar	• girassol
• argamassa	• imissão
• arremesso	• impressionar
• assear	• massagem
• assédio	• massapé
• asseio	• melissa
• assessor	• missionário
• asserção	• obsessão
• assoprar	• passatempo
• aterrissagem	• passeata
• aterrissar	• pintassilgo
• avesso	• possessão
• bissetriz	• presságio
• bússola	• promessa
• compasso	• ressaca
• concessão	• ressentir
• condessa	• ressonar
• confessionário	• ressuscitar

• confissão	• russo
• demissão	• sanguessuga
• depressa	• sobressalente
• devasso	• sossego
• dissensão	• travesso
• dissídio	• uníssono
• endossar	• vassoura
• escassez	• verossímil
• escasso	

2.3.8 EMPREGO DO "SC"

Em muitos vocábulos, principalmente por razões etimológicas, emprega-se "SC". Geralmente são vocábulos eruditos, provenientes do latim. Observe abaixo um quadro sucinto com alguns vocábulos escritos com "SC".

ESCREVE-SE COM "SC"	
• abscesso	• irascível
• abscissa	• isósceles
• acrescer	• lascívia
• adolescência	• luminescência
• apascentar	• miscelânea
• aquiescência	• miscigenação
• ascendente	• nascença
• ascender (subir)	• obsceno
• ascético (místico)	• oscilação
• concupiscência	• piscina
• condescender	• presciência
• consciência	• prescindir
• convalescença	• prescindível
• descendência	• recrudescer
• descentralização	• remanescente
• discente	• reminiscência

• discernimento • disciplina • efervescência • fascículo • fascismo • fascínio • florescente • imprescindível • incandescente • intumescer	• renascentismo • rescindir • rescisão • ressuscitar • susceptível • suscitar • transcendente • víscera • visceral

2.3.9 EMPREGO DA LETRA "Z"

Geralmente emprega-se a letra Z:

1) Na maioria dos substantivos derivados de adjetivos. Observe:

ADJETIVO		SUBSTANTIVO DERIVADO
ácido	→	acidez
altivo	→	altivez
áspero	→	aspereza
baixo	→	baixeza
certo	→	certeza
belo	→	beleza
claro	→	clareza
delicado	→	delicadeza
embriagado	→	embriaguez
escasso	→	escassez
estúpido	→	estupidez
flácido	→	flacidez
fluido	→	fluidez
fraco	→	fraqueza
grande	→	grandeza

insípido	→	insipidez
largo	→	largueza
ligeiro	→	ligeireza
macio	→	maciez
mesquinho	→	mesquinhez
pálido	→	palidez
rápido	→	rapidez
singelo	→	singeleza
surdo	→	surdez
triste	→	tristeza

2) No sufixo "-IZAR" formador de verbos a partir de substantivos e adjetivos não terminados em "S". Veja:

- agon(ia) + izar → agonizar
- colon(o) + izar → colonizar
- hospital + izar → hospitalizar
- final + izar → finalizar
- suav(e) + izar → suavizar
- símbol(o) + izar → simbolizar
- fiscal + izar → fiscalizar
- cristal + izar → cristalizar
- capital + izar → capitalizar
- amen(o) + izar → amenizar
- ideal + izar → idealizar
- modern(o) + izar → modernizar
- canal + izar → canalizar
- civil + izar → civilizar
- harmoni(a) + izar → harmonizar
- universal + izar → universalizar
- divin(o) + izar → divinizar
- formal + izar → formalizar

⇨ Observação:

a) Os substantivos derivados dos verbos acima (com o sufixo "-IZAÇÃO") também são escritos com "Z".

- suavização
- modernização
- formalização
- agonização
- finalização
- capitalização
- colonização
- fiscalização
- idealização
- harmonização

b) Se o vocábulo finalizar com a letra "S", acrescenta-se tão somente o sufixo "-AR". Observe:

- a + lis(o) + ar → alisar
- avis(o) + ar → avisar
- pesquis(a) + ar → pesquisar
- anális(e) + ar → analisar
- fris(o) + ar → frisar
- pis(o) + ar → pisar

- catális(e) + ar → catalisar
- divis(a) + ar → divisar

c) Para a regra acima, temos uma exceção: o verbo "catequizar" – escrito com "Z" – que é derivado do substantivo "catequese" – escrito com a letra "S".

3) Nos verbos terminados em "-UZIR" e nas suas conjugações:

- conduzir → conduz, conduziu, conduzirá
- deduzir → deduz, deduziu, deduzirá
- produzir → produz, produzia, produziria

2.3.10 "-ZINHO" OU "-SINHO"

Em português, geralmente se fazem confusões, na formação do diminutivo de alguns vocábulos, quanto ao emprego das letras "Z" e "S". Primeiramente, convém dizer que o sufixo para o diminutivo em português é, em geral, o "-INHO". Para usá-lo corretamente, atente para as seguintes orientações:

a) Quando o vocábulo finalizar em "S" ou em "Z", acrescentar-se-á tão somente o sufixo "-INHO". Observe:

- raiz + inha → raizinha
- lápis + inho → lapisinho
- ros(a) + inha → rosinha
- Luís + inho → Luisinho
- chinês + inha → chinesinha
- nariz + inho → narizinho
- Teres(a) + inha → Teresinha
- as(a) + inha → asinha
- princes(a) + inha → princesinha
- mes(a) + inha → mesinha

b) Quando o vocábulo não termina nem em "S" nem em "Z", usa-se a consoante de ligação "Z" entre o vocábulo e o sufixo indicador do diminutivo. Veja:

- amor + z + inho → amorzinho
- flor + z + inha → florzinha
- café + z + inho → cafezinho
- pai + z + inho → paizinho
- só + z + inho → sozinho
- João + z + inho → Joãozinho
- anel + z + inho → anelzinho
- mar + z + inho → marzinho
- mão + z + inha → mãozinha
- pé + z + inho → pezinho
- Maria + z + inha → Mariazinha
- homem + z + inho → homenzinho

⇨ **Observações:**

a) Perceba que, na última regra, a letra "Z" funciona como consoante de ligação entre o final do vocábulo e o sufixo "-inho(a)", já que os vocábulos sem ela seriam cacofônicos, malsoantes.

b) Com certos vocábulos, admitem-se duas grafias. Observe:

- colherzinha ou colherinha
- hominho ou homenzinho
- dentinho ou dentezinho
- gavetinha ou gavetazinha
- montinho ou montezinho
- florzinha ou florinha
- ovinho ou ovozinho
- campinho ou campozinho
- mulherinha ou mulherzinha
- pastorinho ou pastorzinho

Observe abaixo uma tabela com vocábulos escritos com a letra “Z”.

ESCREVE-SE COM “Z”	
• abalizar	• embriaguez
• acidez	• escassez
• agonizar	• espezinhar
• ajuizar	• estupidez
• alazão	• falaz
• algazarra	• fineza
• algoz	• flacidez
• alteza	• frigidez
• altivez	• fugaz
• amenizar	• gazear
• amortizar	• geratriz
• apaziguar	• gozo
• aprazível	• indenizar
• aridez	• intrepidez
• assaz	• lambuzar
• avestruz	• lhaneza
• azar	• loquaz
• azedar	• mazela
• azeitona	• mazurca
• azucrinar	• morbidez
• baixeza	• nudez
• baliza	• ozônio
• bambuzal	• perdiz
• bezerro	• prazerosamente

• buzina	• prenhez
• capataz	• quizila
• capuz	• rapaziada
• chafariz	• razoável
• cizânia	• revezar
• coalizão	• sagaz
• conduzir	• seduzir
• contemporizar	• surdez
• contumaz	• topázio
• copázio	• varizes
• coriza	• vazante
• cozer (cozinhar)	• verniz
• desazo (descuido)	• vileza
• desfaçatez	• vizinho
• deslizar (mas alisar)	• xadrez
• deslize	• ziguezague
• dizimar	
• eficaz	

2.3.11 EMPREGO DA LETRA "X"

a) Por questões etimológicas, emprega-se o "X" com o som de "S" em vocábulos como:

- expor
- sexta
- êxtase
- sextilha
- auxiliar
- contexto
- próximo
- sintaxe
- extenso
- expectativa
- texto
- aproximar
- extrato
- expor
- têxtil

b) Emprega-se geralmente a letra "X" após ditongo. Veja:

- baixo
- queixada
- eixo
- caixa
- peixe
- seixo
- deixar
- gueixa
- frouxo
- feixe

Exceção: Os vocábulos "guache" e "caucho" – e seus derivados, como "recauchutar, recauchutagem" – são escritos com "CH".

c) Geralmente após a sílaba "me" inicial da palavra emprega-se a letra "X". Observe:

- mexerico
- mexilhão
- mexerica
- mexicano
- mexida
- mexedor
- mexeriqueiro
- mexeriquice
- mexerucar
- mexe-mexe

Exceção: O vocábulo "mecha" e seus derivados "mechado, mechagem, mechar".

d) Após a sílaba inicial "en" geralmente se emprega a letra "X". Observe:

- enxada
- enxergar
- enxofre
- enxoval
- enxugar
- enxame
- enxerido
- enxurrada
- enxovalhar
- enxaqueca
- enxadrezar
- enxaguada
- enxaguar
- enxaimel
- enxertar

Exceções: Os vocábulos "encher" (e seus derivados) e enchova (= peixe) são escritos com "CH". Ocorrerá também uma exceção quando o prefixo "en-" for anexado a um vocábulo iniciado por "CH", como "enchiqueirar, encharcar, enchumaçar etc.".

Observe abaixo uma tabela com alguns vocábulos escritos com a letra "X".

ESCREVE-SE COM "X"	
• abacaxi	• maxixe
• almoxarife	• oxalá
• atarraxar	• praxe
• baixada	• puxar
• baixela	• puxão
• bexiguento	• Quixote
• broxa (pincel)	• relaxar
• bruxulear	• remexer
• buxo (arbusto)	• repuxo
• caixeiro	• rixa

• caixote	• rouxinol
• capixaba	• taxa (imposto)
• caxumba	• trouxa
• coxinilho	• vexame
• elixir	• xá (título de nobreza)
• enfeixar	• xadrez
• enxada	• xampu
• enxaqueca	• xeque (chefe árabe)
• faxina	• xereta
• feixe	• xícara
• graxa	• xilindró
• gueixa	• xilofone
• lagartixa	• xingar
• laxativo	• Xingu
• lixa	• xiquexique
• luxúria	• xodó
• macaxeira	

Não se esqueça de que, em muitos vocábulos, a letra “X”, quando usada no final do vocábulo ou quando empregada entre duas vogais (intervocálica), representa o fonema “KS”. Observe a tabela:

LETRA “X” COM O SOM DE “KS”	
• afluxo	• látex
• amplexo	• léxico
• anexar	• lexicografia
• asfixiar	• Marx
• asfixiante	• marxismo
• axioma	• máxime
• boxe	• nexo
• caquexia	• ônix
• clímax	• ortodoxia
• complexo	• oxidar
• conexão	• óxido

• convexo	• oxigênio
• córtex	• paradoxal
• crucifixo	• perplexo
• dislexia	• profilaxia
• doxologia	• reflexão
• dúplex	• refluxo
• fixação	• saxão
• fixo	• saxofone
• flexionar	• sexagésimo
• fluxo	• sexo
• genuflexão	• tórax
• heterodoxia	• tóxico
• hexacampeão	• toxicologia
• intoxicar	• uxoricida

Em alguns outros vocábulos, a letra “X” representará o fonema “Z”. Observe abaixo:

LETRA “X” COM O SOM DE “Z”	
• exagero	• existir
• exalar	• êxito
• exame	• êxodo
• exasperar	• exonerar
• executar	• exorcismo
• exemplo	• exortar
• exegese	• exótico
• exercer	• exuberância
• exercício	• exultar
• exército	• exumar
• exibir	• inexistente
• exigir	• inexorável
• exíguo	• exilar

2.3.12 EMPREGO DO DÍGRAFO “CH”

Geralmente se usa o dígrafo “CH” por razões etimológicas. Há inúmeras palavras provenientes do latim, do francês, do espanhol e do italiano as quais são escritas com o dígrafo “CH”. Podemos citar, a título de exemplo, os vocábulos “chave, cheirar, chuva” (do latim); brocha, chalé, chefe, mochila (do francês e do espanhol); charlatão, salsicha, espadachim (do italiano).

Abaixo segue uma tabela com alguns vocábulos escritos com “CH”.

ESCREVE-SE COM “CH”	
• Anchieta	• churrasco
• apetrecho	• chuteira
• belchior	• cochichar
• bochecha	• cochicho
• bochecho	• cocho (recipiente)
• boliche	• colcha
• bombacha	• concha
• brocha (prego)	• coqueluche
• broche	• deboche
• bucha	• despachar
• bucho (estômago)	• encher
• cachaça	• espichar
• cachimbo	• estrebuchar
• cachola	• fachada
• capuchinho	• ficha
• capucho	• guache
• cartucho (cápsula)	• inchar
• chá (infusão de folhas)	• machucar
• chácara	• mochila
• chafariz	• pachorra
• charco	• pecha
• charque	• pechincha
• cheque (ord. pagamento)	• rachar
• chimarrão	• salsicha
• chiste	• tacha (mancha)

• chuchu • chucrute • chutar • chumaço	• tachar (acusar)

2.3.13 EMPREGO DA LETRA MAIÚSCULA E DA MINÚSCULA

Um ponto bastante interessante em nossa língua é o emprego das letras minúsculas e maiúsculas. Embora seja pouco explorado pelas bancas dos concursos, este assunto é bastante útil para o usuário da língua, notadamente para aqueles que trabalham frequentemente com a língua escrita.

Para uma orientação mais segura, procuramos pautar as regras abaixo no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, edição de 2009, sem exclusão de outras regras óbvias e bastante usuais.

2.3.13.1 Letras maiúsculas

É de praxe o emprego da letra maiúscula:

1) No início de frases, orações ou períodos, versos, citações diretas e logo após o ponto final. Veja:

- "Disse o padre Antônio Vieira: "Estar com Cristo em qualquer lugar...".
- "Longe do estéril turbilhão da rua,
Beneditino, escreve! No aconchego
Do claustro, na paciência e no sossego,
Trabalha, e teima, e lima, e sofre, e sua!
Mas que na forma de disfarce o emprego
Do esforço; e a trama viva se construa
De tal modo, que a imagem fique nua,
Rica mas sóbria, como um templo grego."
(Olavo Bilac)

⇨ **Observações:**

Muitos poetas usam, à moda espanhola, a minúscula no princípio de cada verso, quando a pontuação o permite, como se vê abaixo em Carlos Drummond de Andrade:

- "É quando, ao despertar, revejo a um canto
a noite acumulada de meus dias,
e sinto que estou vivo, e que não sonho."

2) Nos substantivos próprios de qualquer espécie (antropônimos: nomes de pessoas, alcunhas, patronímicos, cognomes, tribos e castas, seres mitológicos e fabulosos; topônimos: nomes de lugares, cidades, países; designação de comunidades religiosas e políticas).

- João da Silva
- Dom Quixote
- Dom Casmurro
- Branca de Neve
- Sigmund Freud
- Recife
- Palmares
- Atlântida
- Hespéria
- Ruanda
- Brasil
- Olinda
- os Pirineus
- Alá
- Jeová
- Testemunhas de Jeová
- Vênus
- Júpiter
- Baco
- Igreja Católica
- Nação
- Estado
- Pátria
- Raça

⇨ **Observação:**

a) Os vocábulos "Nação, Estado, Pátria, Raça" devem ser escritos com minúscula quando forem empregados em sentido geral ou indeterminado.

- "O único expediente regular (para revogar uma lei que não se acha de acordo com as necessidades de uma **nação**) é o remédio que pode provir do Poder Legislativo." (Rui Barbosa)
- "Também me ocorreu aceitar a batalha, no sentido natural, e fazer dela a luta pela **pátria**, por exemplo." (Machado de Assis)

b) Os substantivos que designam os nomes dos países, estados e cidades devem ser grafados com letra maiúscula, mas seus povos escrevem-se com inicial minúscula, não só quando designam os habitantes ou naturais daquele lugar, mas também quando representam coletivamente uma nação, um povo. Observe:

- o Brasil → os brasileiros
- a Bahia → os baianos
- a Rússia → os russos
- Pernambuco → os pernambucanos
- Palmares → os palmarenses
- a Venezuela → os venezuelanos

3) Nos nomes de festas e festividades. Veja:

- Natal
- Páscoa
- Ramadão
- Todos os Santos

4) Nos nomes que designam a divindade. Observe:

- o Altíssimo
- o Todo-Poderoso
- o Rei dos reis
- o Onipotente
- o Criador

5) Nos pontos cardeais ou equivalentes, quando empregados absolutamente, isto é, quando empregados em referência à região. Observe:

- o Nordeste, por nordeste do Brasil
- o Norte, por norte de Portugal
- Meio-Dia, pelo sul da França
- o Ocidente, por ocidente europeu

6) Nos títulos de jornais e periódicos, que retêm o itálico. Observe:

- *O Estado de São Paulo*
- *Zero Hora*
- *Folha de São Paulo*
- *Jornal do Commercio*
- *Diário da Manhã*
- *O Primeiro de Janeiro*

7) Em siglas, símbolos ou abreviaturas internacionais ou nacionalmente reguladas com maiúsculas. Veja:

- VOLP
- FAO
- CPF
- H2O
- Sr.
- V. Ex.ª.
- ONU

8) Nos nomes próprios de eras e de acontecimentos históricos, e épocas notáveis. Observe:

- Segunda Guerra Mundial
- Idade Média
- Renascimento
- Revolução Industrial

9) Nos nomes de repartições, corporações ou agremiações e estabelecimentos públicos ou particulares. Observe:

- Ministério das Relações Institucionais
- Departamento de Defesa
- Academia Pernambucana de Letras
- Imprensa Nacional
- Universidade Federal do Rio de Janeiro
- Presidência da República

2.3.13.2 Letras minúsculas

É de regra empregar-se a letra minúscula:

1) Ordinariamente, em todos os vocábulos da língua portuguesa nos usos correntes para os quais não haja a obrigatoriedade da letra maiúscula.

2) Nos nomes dos dias, dos meses e das estações do ano. Veja:

- segunda-feira
- sábado
- janeiro
- março
- primavera
- verão

3) Nos usos dos pronomes indefinidos “fulano, sicrano e beltrano”.

4) Depois do sinal de dois-pontos quando não se tratar de nome próprio ou de citação direta. Observe:

- Só desejo uma coisa em minha vida: paz.
- Bêbado, ele apenas dizia isto: que a vida não vale a pena.
- Sempre foi um homem de bem: auxiliava em todos os abrigos do município.

5) Nos nomes próprios tomados comuns por sinédoque. Observe:

- Ele foi um judas para a turma.
- Rui era o cristo da sala.
- Agia como um dom-quixote.

6) Nos nomes de festas populares ou pagãs. Veja:

- carnaval
- micareta
- as festas juninas
- as bacanais
- as saturnais

2.3.13.3 Emprego facultativo da letra maiúscula e da minúscula

Pode-se empregar tanto a letra maiúscula quanto a minúscula nos seguintes casos:

1) Em palavras usadas na categorização de logradouros públicos, de templos e de edifícios. Observe:

- Rua ou rua Joaquim da Lapa
- Avenida ou avenida Agamenon Magalhães
- Edifício ou edifício Copan
- Largo ou largo de São Francisco
- Igreja ou igreja Presbiteriana
- Palácio ou palácio da Cultura

2) Nos nomes, adjetivos, pronomes e expressões de tratamento ou reverência. Veja:

- Santa ou santa Ifigênia
- Governador ou governador Eduardo Campos
- Bacharel ou bacharel João Carlos
- Senhor Doutor ou senhor doutor Antônio Carlos Resende
- Cardeal ou cardeal Bembo
- Padre ou padre Ferdinando Marques

3) Nos nomes que designam domínios do saber, cursos, disciplinas e formas afins. Veja:

- Português ou português
- Matemática ou matemática
- Belas Artes ou belas artes
- Filosofia ou filosofia
- Letras Clássicas ou letras clássicas
- línguas e literaturas modernas ou Línguas e Literaturas modernas

4) Nos títulos que compõem uma citação bibliográfica, exceto no primeiro vocábulo e naqueles obrigatoriamente grafados com maiúscula.

- Menino de Engenho ou Menino de engenho
- Árvore e Tambor ou Árvore e tambor
- O Crime do Padre Amaro ou O crime do padre Amaro
- Memórias Póstumas de Brás Cubas ou Memórias póstumas de Brás Cubas

2.3.14 ABREVIATURAS

Em nossa língua portuguesa, certas palavras e locuções, em vez de serem escritas por extenso, são muitas vezes indicadas somente com as iniciais seguidas de ponto ou com as iniciais e mais um número reduzidíssimo de letras seguidas de ponto. Dá-se às palavras e expressões assim representadas o nome de "abreviaturas".

A escrita das abreviaturas geralmente segue algumas orientações. Vejamo-las:

1) Nas abreviaturas, as letras são frequentemente substituídas por ponto. Este, por sua vez, geralmente só é colocado após a primeira consoante ou após o primeiro encontro consonantal. Perceba:

- f. (feminino)
- adj. (adjetivo)
- compl. (complemento)
- Fr. (Frei)
- dipl. (diploma)

⇨ **Observação:**

Algumas abreviaturas modernas empregam o ponto depois de vogal. Veja:

- ago. (agosto)
- anu. (anuário)
- Ci. (Ciência)
- litu. (lituano)
- memo. (memorando)

2) As abreviaturas de símbolos científicos (medidas, pesos, distâncias etc.) são escritas sem ponto e sem a letra "s" para indicar o plural. Veja:

- g (grama)
- km (quilômetro)
- K (potássio)
- sen (seno)
- m (metro)
- cm (centímetro)
- l (litro)
- h (hora)
- kg (quilograma)
- min (minuto)

3) Algumas abreviaturas mantêm a(s) última(s) letra(s) do vocábulo postas acima das outras. Observe:

- C.^{el} (Coronel)
- Exma (Excelentíssima)
- Rem.^{te} (remetente)
- V. Ex.ª (Vossa Excelência)

4) Geralmente, quando se deseja expressar o plural de uma abreviatura, acrescenta-se tão somente a letra "s". Observe:

- caps. (capítulos)
- fls. (folhas)
- Dr.as (doutoras)
- págs. (páginas)

⇨ **Observações:**

a) Quando a abreviatura é formada por letras maiúsculas, duplicam-se essas letras para se expressar o plural. Logo:

- SS.AA (Suas Altezas)
- VV.PP. (Vossas Paternidades)

- VV.MM (Vossas Majestades)

b) Em alguns casos, a duplicação das maiúsculas pode representar superlativos. É o caso de:

- DD (Digníssimo)
- MM (Meritíssimo)
- SS (Santíssimo)

5) O acento gráfico, quando houver, deve ser mantido se recair antes do ponto abreviativo. Veja:

- séc. (século)
- pág. (página)
- téc. (técnica)
- côv. (côvado)
- anún. (anúncio)
- Fís. (Física)
- núm. (número)
- gên. (gênero)
- mús. (música)
- Quím. (Química)

Observe abaixo um rol sucinto com algumas abreviaturas bastante usuais na escrita portuguesa:

a.C ou A.C. = antes de Cristo	A/C = ao(s) cuidado(s)
A.D. = anno Domini (ano do Senhor)	adj. = adjetivo
ad. lit. = ad litteram (ao pé da letra, literalmente)	adv. = advérbio
Aeron. = aeronáutica	Ah = Ampère hora
a.m. = *ante meridiem* (antes do meio-dia)	A.M. = ave-maria
am.º = amigo	ap. ou apart. = apartamento
ár. = árabe	arc.º = arcebispo
asp. ou asp.te = aspirante	assoc. = associação
ativ. = atividade	at.º = atento ou atencioso
at.te = atenciosamente	A.T. = Antigo Testamento
banc. = bancário	B.el = bacharel
B.eis = bacharéis	B.O. = boletim de ocorrência
bras. = brasileiro ou brasileirismo	Bras. = Brasil
cap. = capitão	Cap. = Capital
C.el ou C.el = coronel	Cia. ou C.ia = companhia
Col.º = colégio	Corresp. = correspondência
d.C. ou D.C. = depois de Cristo	DD. = digníssimo
Dec. = Decreto	diác. = diácono
dic. = dicionário	div. = divisão
Dr. = doutor	Drs. = doutores

Dr.ª = doutora	Dr.ªs = doutoras
Ed. = edição	E.D. = espera deferimento
el. = elemento	espec. = especial
etc. = *et cetera*	Ex.ª = Excelência
f., fl. ou fol. = folha	fls. ou fols. = folhas
flex. = flexão	F.º = filho
g = grama(s)	g. ou gr. = grau(s)
gen. = general	h = hora(s)
ib. ou ibid. = *ibidem* (no mesmo lugar)	i.e. = *id est* (isto é)
Il.ma = ilustríssima	Il.mo = ilustríssimo
Juríd. = jurídico	Kg = quilograma
lit. = *litteratim* (literalmente)	min = minuto(s)
m = metro(s)	mons. = monsenhor
N.T. = Novo Testamento	P.S. = *post scriptum* (pós-escrito)
seg = segundo(s)	seg. = seguinte
v. = você, veja, verbo, volume	*v.g.* = *verbi gratia* (por exemplo)
V.T. = Velho Testamento	

2.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (FCC) Está correta a grafia de todas as palavras do seguinte comentário sobre o texto:

   a) Uma das iniciativas encontornáveis da cidadania está em se ezercer a consciência crítica, aplicada aos fatos da realidade.

   b) Recusando os privilégios dos que se habituaram a viver em grupos autônomos, o texto propõe o acesso de todos a todas as instâncias sociais.

   c) Ninguém deve se ezimir de cobrar do Estado a prezervação do princípio de igualdade como um direito básico da cidadania.

   d) Constitue dever de todos manter ou readquirir a crença em que seja possível a vijência social dos princípios da igualdade e da solidariedade.

   e) O que se atribue a um cidadão, como direito básico, deve constituir-se em direito básico de todos os cidadãos, indescriminadamente.

2. (FCC) Há palavras cuja grafia exige correção na frase:

a) Incompreensivelmente, dá-se absoluta primazia à experiência, quando se trata do preenchimento de novas vagas.

b) Pretextando a inexperiência dos jovens pretendentes a uma vaga, os empregadores lhes oferecem estágios, com pagamento irrisório.

c) É lamentável que jovens com aptidão e vocação para o trabalho sejam rejeitados em nome de uma experiência a que não podem ter acesso.

d) Diminui paulatinamente o número de novos empregos, o que obriga os jovens candidatos a se submeterem a exigências cada vez mais rigorosas.

e) É evidente o descazo com que o mercado de trabalho trata os recém-formados, frustrando assim suas legítimas pretenções.

3. (ESAF) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia.

*Diante da atual mediocridade da representação política, é **necessária(1)** a participação e a organização da sociedade, operando uma profunda mudança em nossa cultura política. **Quanto maior(2)** o individualismo, mais frágeis são os governos. As regras formais constitucionais não são suficientes para **freiar(3)** os vícios **exacerbados(4)** pelo poder. As organizações da sociedade devem ter o poder de vigiar e cobrar prestação de contas. Por isso, em vez de desacreditar da política, devemos agir em corresponsabilidade, com coragem, lucidez e **discernimento(5)** num grande mutirão para abrir caminho para um país democrático, justo, desenvolvido e pacífico.*

(Adaptado de Dom Geraldo Majella, cardeal Agnelo, Folha de S. Paulo, 21/6/2005)

a) 1

b) 2

c) 3

d) 4

e) 5

4. (FCC) Está correta a grafia de todas as palavras da frase:

a) Malediscente como sempre, não deixa de proferir injúrias, manifestando, além da hostilidade, uma extraordinária vocação para provocar a cisânia entre seus desafetos.

b) Diante de nossa relutância, propôs que fôssemos com ele ao supermercado, emprendêssemos, de modo alheatório, uma pesquisa de preços, e os comparássemos aos da feira.

c) Como não conta com nenhum para-raios, o povoado se alarma tão logo comece a trovejar: na última tempestade, a inscidência de descargas elétricas foi a maior da região.

d) Será necessário intensificar a assistência aos pescadores, por ocasião da reversão das águas do rio – operação esta que certamente beneficiará as hidrelétricas, mas que poderá levar muitos à indigência.

e) Os maltratos recebidos afetaram-na tão profundamente que ela não consegue relaxar: ficaram-lhe os resquícios de um trauma familiar que dificilmente superará sem os subssídios de um tratamento especializado.

5. (FCC) Estão corretos o emprego e a grafia de todas as palavras da frase:

a) É costume discriminar-se os jovens, e a razão maior está em serem jovens, e não em alguns de seus hábitos que fossem em si mesmos pernisciosos.

b) A encorporação de um novo léxico é uma das consequências de todo amplo avanço tecnológico, já que este indus à criação ou recriação de palavras para nomear novos referentes.

c) Um pequeno glossário, capaz de elucidar a nova terminologia da informática, contribui muito para afastar os percalços do caminho dos usuários iniciantes, aturdidos com tanta novidade.

d) Os maus-entendidos são fatais quando ainda não se tem destreza numa nova linguagem, quando ainda não se está familiarizado com um novo vocabulario.

e) Muita gente letrada e idosa aderiu ao uso do computador, considerando-o não um sinal do apocalípse, mas uma ferramenta revolucionária na execução de tarefas, um instrumento útil para qualquer pesquizador.

6. (ESAF) Assinale o trecho do texto que apresenta erro gramatical.

Machado de Assis – Um gênio Brasileiro, de Daniel Piza

a) Na apresentação da biografia de Machado de Assis (1839-1908), o jornalista Daniel Piza observa que o autor foi, ao mesmo tempo, uma expressão de sua época e uma exceção a ela.

b) Em seus contos e romances, ele deixou um retrato acurado do Rio de Janeiro do século XIX, mas sua crítica ácida à sociedade brasileira nem sempre foi percebida pelos seus contemporâneos.

c) Piza busca demonstrar que Machado era muito diferente do protagonista de seu último romance, *Memorial de Aires*.

d) O escritor não tinha “tédio a controvérsias”, pois, na verdade, participou dos grandes debates públicos de sua época.

e) A ascenção social do mulato no Brasil escravista e a epilepsia estão entre os aspectos de sua vida examinados no livro.

(Adaptado de Revista VEJA, 28 de dezembro de 2005, p. 196)

7. (ESAF – SEFAZ/CE 2007 – Aud. Fiscal) Assinale a opção que contém erro de grafia ou inadequação vocabular. (Artigo extraído, com modificações, do Estatuto dos Funcionários Públicos Civis do Estado do Ceará).

Art. 192 – O funcionário deixará de cumprir ordem de autoridade superior quando:

a) a autoridade de quem emanar a ordem for incompetente;b) não se contiver a ordem na área da competência do órgão a que servir o funcionário seu destinatário, ou não se referir a nenhuma das atribuições do servidor;

c) for a ordem expendida sem a forma exigida por lei;

d) não tiver a ordem como causa uma necessidade administrativa ou pública, ou visar a fins não estipulados na regra de competência da autoridade da qual promanou ou do funcionário a quem se dirige;

e) a ordem configurar abuso ou excesso de poder ou de autoridade;

(http://www.al.ce.gov.br/publicacoes/estatutocivis/estatuto/capitulo_2_t6.htm, pesquisa em 20/10/2006)

8. (FCC – TRT 23.ª região – Analista Judiciário) Estão corretos o emprego e a grafia de todas as palavras da frase:

a) A corrupção só se extingue ou diminue quando os justos intervêm para que as boas causas prevalesçam.

b) Os homens que usufruem de vantagens a que não fazem jus cultivam a hipocrisia de propalar discursos moralizantes.

c) Contra tantos canalhas audases há que haver a reação dos que têm a probidade como um valor inerente ao exercício da cidadania.

d) Há uma inestricável correlação entre a apatia dos bons cidadãos e a desenvoltura com que agem os foras-da-lei.

e) Deprende-se que houve êxito das iniciativas dos homens de bem quando os prevaricadores sentiram cerceada sua área de atuação.

9. (CESGRANRIO – BNDES) O substantivo derivado do verbo está grafado *INCORRETAMENTE* em

a) ascender: ascensão.

b) proteger: proteção.

c) catequizar: catequeze.

d) progredir: progressão.

e) paralisar: paralisia.

10. (FGV – Ministério da Cultura) As dificuldades gráficas constituem um grande entrave à boa comunicação escrita, podendo gerar desvios da intenção de comunicação original.

Assinale a alternativa em que não haja inconsistência gráfica ou semântica.

a) Ele mora há cerca de dez minutos do Centro.

b) Votamos naquele presidente, pois suas ações viriam ao encontro de nossas expectativas.

c) Como tinha corrido muito, chegou espavorido ao trabalho.
d) Embora fosse importante, o evento passou desapercebido.
e) O mandado do deputado será suspenso.

GABARITO

1 – B	2 – E	3 – C
4 – D	5 – C	6 – E
7 – C	8 – B	9 – C
10 – B		

CAPÍTULO 3

ACENTUAÇÃO

3.1 ORTOFONIA

Denomina-se de "**ortofonia**" a parte da Gramática Normativa que trata da correta pronúncia dos vocábulos. Divide-se em "ortoépia ou ortoepia" e "prosódia".

3.1.1 ORTOÉPIA OU ORTOEPIA

Como divisão da ortofonia, a **ortoépia** ou **ortoepia** estuda a correta enunciação dos fonemas (vogais e consoantes) no interior de uma palavra, segundo os padrões da língua culta.

No Brasil, a questão da pronúncia correta ainda é um grande problema, pois não possuímos uma "pronúncia-padrão", fato que ocasiona alguns ruídos comunicativos no território nacional. Não raro, ouvimos alguém pronunciando "bandeija, beneficiência, carangueijo, advinhar, desinteria, impecilho" dentre outros vocábulos igualmente errados.

Cumpre, por isso, assinalar que a correta pronúncia dos vocábulos em nossa língua depende de:

a) uma clara emissão das vogais;
b) uma nítida e exata articulação das consoantes;
c) uma acertada pronúncia da sílaba tônica do vocábulo.

Por isso, a Gramática Normativa dispõe um capítulo inteiro para o estudo de uma série de vocábulos, buscando orientar o estudante da língua a evitar muitos erros. Abaixo, listamos alguns vocábulos frequentemente usados, que podem trazer dúvida para o usuário da língua pátria.

Alerta! Sugiro que leia a tabela abaixo mais de uma vez. Tente apreender a pronúncia e a escrita corretas desses vocábulos, pois geralmente eles aparecem em provas, notadamente nas provas de nível médio.

CERTO	ERRADO
abóbora	abobra
absoluto	abissoluto
adivinhar	advinhar
admissão	adimissão
advogado	adevogado
aleijar	alejar
anteontem	antiontem
armário	armaro
bandeja	bandeija
barganha	berganha
bebedouro	bebedor
beneficência	beneficiência
bicarbonato	bicabornato
bugiganga	buginganga
bússola	bússula
cabeleireiro	cabelereiro
caranguejo	carangueijo
creolina	criolina
descarrilar	descarrilhar
destilar	distilar
disenteria	desinteria
edifício	edifiço
estoura	estóra
estrangeiro	estrangero
estupro	estrupo
etimologia	etmologia
família	famílha
flagrante	fragante
frear	freiar
frustrado	frustado

garfo	galfo
ignorância	iguinorânça
lagarto	largato
louco	loco
mendigo	mendingo
meritíssimo	meretíssimo
mortadela	mortandela
muçulmano	mulçumano
paciência	paciença
pátio	páteo
pneu	peneu
pouco	poco
problema	poblema
proprietário	propietário
psicologia	pissicologia
reivindicar	reinvindicar
salsicha	salchicha
seja	seje
sequer	siquer
superstição	supertição
supetão	sopetão
umbigo	imbigo

3.1.2 ACENTUAÇÃO GRÁFICA

Indubitavelmente, o ponto mais cobrado pelas bancas de concursos em geral é, sem dúvida, a acentuação gráfica de alguns vocábulos. Antes, porém, de estudarmos as regras que regem a acentuação gráfica, vejamos algumas orientações preliminares...

1) Hoje, com o advento do Novo Acordo Ortográfico (1990), existem em português três acentos gráficos: o agudo (´), o grave (`) e o circunflexo (^). O til não é considerado um acento gráfico, senão um sinal de nasalização.

2) É importante não se esquecer de que todos os vocábulos são acentuados em português – é o chamado "**acento tônico**" (também chamado de "prosódico"), isto é, o acento que é representado pela sílaba mais forte do vocábulo: a sílaba tônica. As demais sílabas são chamadas de atônicas ou, simplesmente, átonas. Observe:

- meNIno
- caDERno
- almoFAda
- CaruaRU
- afirMAR

3) Em português, a sílaba tônica só recai na última, na penúltima ou na antepenúltima sílaba de um vocábulo. Daí os vocábulos serem classificados em três categorias:

a) **oxítonos** (ou agudos) → são os vocábulos cuja sílaba tônica recai na última, como em: café, timidez, papel, sutil, ruim, Nobel, condor, cateter, refém, amém, mister etc.

b) **paroxítonos** → são os vocábulos cuja sílaba tônica recai na penúltima, como em: amizade, beleza, austero, cível, exegese, rubrica, látex, decano, circuito, barbárie, fluido, tulipa, seniores, juniores etc.

c) **proparoxítonos** → são os vocábulos cuja sílaba tônica recai na antepenúltima, como em: lâmpada, ágape, álibi, pântano, ômega, êxodo, aríete, arquétipo, ínterim, horóscopo, êmbolo,

⇨ **Observação:**

Em português, o conhecimento sobre a sílaba tônica do vocábulo é imprescindível para que não se cometam erros no momento de se acentuar graficamente o vocábulo quando for necessário.

Dica: Sugiro que, antes de entrar no assunto abaixo, faça uma revisão teórica sobre os encontros vocálicos: ditongos, tritongos e hiatos. Essas definições serão bastante importantes.

3.1.3 REGRAS PARA A ACENTUAÇÃO GRÁFICA

Em primeiro lugar, cumpre observar que o objetivo da acentuação gráfica é permitir que todas as palavras sejam lidas corretamente e se evitem os erros de prosódia, denominados de "silabada".

Como já dissemos, é fundamental, em primeiro lugar, identificar a sílaba tônica dos vocábulos. A partir daí, parte-se para a busca da necessidade ou não de se acentuar o vocábulo graficamente.

Vamos às regras sobre a acentuação gráfica na língua portuguesa.

3.1.3.1 Monossílabos

Regra → **Em português, acentuam-se com acento agudo os monossílabos finalizados em "a, e" e "o" abertos e, com acento circunflexo os monossílabos finalizados em "e, o" fechados, seguidos ou não de "s".**

a) A(S) → chá, Brás, pá, gás, más, trás, fás, zás, má.

b) E(S) → lê, crê, rês, fé, pés, dê, mês, três, rés, lés.

c) O(S) → dó, nó, vó, pó, pôs, cós, vós, nós.

3.1.3.2 Oxítonos

1.ª regra → **Em português, acentuam-se com acento agudo os vocábulos oxítonos que terminam em "a, e, o" abertos, e com acento circunflexo os vocábulos que terminam em "e, o" fechados, seguidos ou não de "s".**

a) A(S) → maracujá, cajá, vatapá, maracá, babá, Amapá, Macapá, Itamaracá, agá, alvará.

b) E(S) → rapé, chulé, recém, café, jacaré, dendê, cortês, português, freguês, através, convés.

c) O(S) → cocoricó, trisavô, caritó, cipó, complô, propôs, judô, bisavó, cotó, mocotó, bangalô.

2.ª regra → **Em português, acentuam-se com acento agudo o "e" da terminação "em" ou "ens" dos vocábulos oxítonos compostos de mais de uma sílaba.**

- amém
- também
- armazém
- parabéns
- ninguém
- alguém
- vintém
- aquém
- Belém
- Santarém
- reféns
- desdém
- Jerusalém
- harém

⇨ **Observação:**

Perceba que os monossílabos e os vocábulos paroxítonos terminados em "em" e "ens" não são acentuados.

- cem
- vem
- tem
- trem
- cantem
- dizem
- fazem

3ª regra → **Em português, acentuam-se com acento agudo os vocábulos oxítonos terminados nos ditongos abertos "éi, ói, éu".**

a) ÉI → anéis, coronéis, papéis, fiéis, bacharéis

b) ÓI → anzóis, herói, caubói, dodói, remói

c) ÉU → chapéu, escarcéu, fogaréu, troféu,

⇨ **Observação: Da mesma forma, acentuam-se os monossílabos terminados nesses ditongos: réis, sóis, rói, dói, céu, réu, véu.**

⇨ **Outras considerações sobre a acentuação dos oxítonos:**

a) Perceba que os oxítonos terminados em "z, r, l, i, u" não são acentuados.

- capaz
- timidez
- feliz
- cuscuz
- amar
- suor
- funil
- caracol
- cordial
- caju
- bambu
- bisturi
- abacaxi
- Caruaru
- repus
- Cariri
- vapor
- coronel

b) Com base na regra de acentuação dos oxítonos, acentuam-se as formas verbais oxítonas terminadas em "a, e, o". Observe:

- repor + o → **repô**-lo
- amaria + a → **amá**-la-ia
- dizer + os → **dizê**-los
- julgarão + os → **julgá**-los-ão
- compor + os → **compô**-los
- comprar + os → **comprá**-los

c) Por outro lado, as formas verbais oxítonas terminadas em "i, u" não são acentuadas. Observe:

- partir + o → parti-lo
- vendi-o
- compus + o → compu-lo
- cumpri-lo

d) Com o advento do Novo Acordo Ortográfico de 1990, não mais se acentuam os ditongos "ei, oi" dos vocábulos paroxítonos. Para ficar bem esclarecido: esses ditongos não serão acentuados quando estiverem na penúltima sílaba.

- ideia
- colmeia
- paranoico
- jiboia
- assembleia
- alcateia
- heroico
- boia
- estreia
- europeia
- diarreia
- claraboia
- loio
- dicroico
- geleia

3.1.3.3 Paroxítonos

Os vocábulos paroxítonos são acentuados de acordo com as seguintes regras:

1.ª regra → **Em português, acentuam-se os vocábulos paroxítonos terminados em "ã, ãs, ão, ãos".**

- ímã
- órfãs
- órgão
- órfãos
- dólmã
- ímãs

2.ª regra → **Em português, acentua-se – com acento agudo quando aberta e com acento circunflexo quando fechada – a sílaba tônica dos vocábulos paroxítonos**

terminados em “i, is, us”.

- beribéri
- bônus
- ônus
- lápis
- táxi
- biquíni
- júri
- íris
- miosótis
- tênis
- oásis
- ânus
- Vênus
- vírus

⇨ **Observação:**

Os prefixos paroxítonos terminados em “i” não são acentuados. Observe: semi-histórico, anti-higiênico.

3.ª regra → **Em português, acentuam-se os vocábulos paroxítonos terminados em “l, n, r, x, ps”. Usa-se o acento agudo para “a, e, o” abertos e o acento circunflexo para “e, o” fechados.**

- túnel
- alúmen
- córtex
- éter
- aljôfar
- âmbar
- cânon
- fênix
- vômer
- afável
- açúcar
- hífen
- caráter
- fênix
- bíceps
- tríceps
- próton
- íon
- látex
- cóccix
- vulnerável
- âmbar
- difícil
- cônsul
- pólen
- flúor
- tórax
- fórceps

⇨ **Observação:**

Tenha muito cuidado com a acentuação das palavras “item, itens, hífen e hifens” – estes vocábulos são muito cobrados em provas de concursos. Observe que somente “hífen” recebe acento por ser uma paroxítona terminada em “n”. As demais não são acentuadas porque não há regra que autorize a acentuação das paroxítonas terminadas em “ens” nem das paroxítonas terminadas em “em”.

4.ª regra → **Em português, acentuam-se os vocábulos paroxítonos terminados em “um, uns”.**

- álbum
- médium
- álbuns
- médiuns
- fórum
- fóruns
- lábrum
- árum
- cécum
- factótum
- nátrum

5.ª regra → **Em português, acentuam-se com agudo ou circunflexo se a sílaba for aberta ou fechada respectivamente, os vocábulos paroxítonos terminados em ditongos orais.**

- ágeis
- jóquei
- pusésseis
- túneis
- história
- água
- imóveis
- variáveis
- pênseis
- férteis
- régua
- tênue
- amêndoa
- superfície
- páscoa
- petróleo
- Ásia
- vácuo
- Antônio
- óleo
- ginásio

3.1.3.4 Proparoxítonas

Regra → **Em português, acentuam-se todos os vocábulos proparoxítonos. Com acento agudo, as vogais "a, e, o" abertas. Com acento circunflexo, as vogais fechadas "e, o" e as vogais "a, e, o", quando seguidas de "m" ou "n".**

Como exemplo, transcrevemos abaixo uma parte da famosa música do ilustre compositor Chico Buarque, "Construção". Observe que o último vocábulo de cada verso é formado por uma palavra proparoxítona.

"Amou daquela vez como se fosse a **última**
Beijou sua mulher como se fosse a **última**
E cada filho seu como se fosse o **único**
E atravessou a rua com seu passo **tímido**
Subiu a construção como se fosse **máquina**
Ergueu no patamar quatro paredes **sólidas**
Tijolo com tijolo num desenho **mágico**
Seus olhos embotados de cimento e **lágrima**
Sentou pra descansar como se fosse **sábado**
Comeu feijão com arroz como se fosse um **príncipe**
Bebeu e soluçou como se fosse um **náufrago**
Dançou e gargalhou como se ouvisse **música**
E tropeçou no céu como se fosse um **bêbado**
E flutuou no ar como se fosse um **pássaro**
E se acabou no chão feito um pacote **flácido**
Agonizou no meio do passeio **público**
Morreu na contramão atrapalhando o **tráfego**."

(Chico Buarque)

3.1.3.5 Acentuação dos hiatos

Antes de mais nada, é preciso saber qual a razão dos hiatos. Observe abaixo:

DITONGO	HIATO
doido	doído
cai	caí
sai	saí
contribui	contribuí
sábia	sabiá

bau	baú
saia	saía
ai	aí

Perceba que, na primeira coluna, juntamos as três letras e as pronunciamos em uma única emissão sonora (doi-, cai, sai, -bui, -bia, baú). Já na segunda coluna, pela existência do acento, pronunciamos essas mesmas sílabas em duas emissões sonoras. Percebemos, portanto, que o hiato evita que formemos o ditongo. Daí a principal razão dos hiatos: evitar processos de ditongação, ou seja, evitar que se pronuncie o conjunto das letras de uma única vez, mas separadamente.

Seguindo a regra acima, recebem acento agudo as vogais "i" e "u" tônicas dos vocábulos, seguidas ou não de "s", quando formam hiato com a vogal anterior. Observe:

- faísca
- saúde
- abaçaí
- absenteísmo
- açaí
- acaraúba
- areísco
- aziúme
- babuíno
- balaústre
- caraíba
- ciúme
- deífico
- egoísta
- jaú
- macaíra
- maleína
- piracuí
- jataí
- saúva
- saída
- heroína
- juízo
- viúvo
- cafeína
- caís
- país
- peúga
- saía
- timbaúba
- Luísa
- Luís
- racaída
- miúdo
- paraíso
- sanduíche
- amiúde
- baú
- baía
- Esaú
- graúdo
- raízes

⇨ Observações sobre os hiatos:

a) Não se coloca o acento agudo no "i" e no "u" quando, precedidos de vogal que com eles não forma ditongo, são seguidos de "l, m, n, r, z" que não iniciam sílabas.

- contribuinte
- juiz
- paul
- retribuirdes
- ruim
- Abigail
- constituinte
- cairmos
- ruir
- demiurgo

b) Igualmente não se coloca o acento agudo no "i" e no "u" tônicos dos hiatos quando forem seguidos de "nh".

- rainha
- ladainha
- tainha
- ventoinha
- campainha
- abecoinha

c) Em muitas formas verbais, o "i" e o "u" figuram em hiato com a vogal anterior. Portanto, devem receber acento agudo. Observe:

- eu atraí
- tu atraíste
- eu caí
- tu caíste
- eu saí
- tu saíste
- eu saúdo
- tu saúdas

- eu contribuí
- tu contribuíste
- eu possuí
- tu possuíste

d) Os encontros vocálicos "iu" e "ui", quando precedidos de vogal, sempre formarão ditongos. Essas bases não são acentuadas. Veja:

- atraiu
- contribuiu
- pauis
- constituiu
- destruiu
- saiu
- derruiu
- caiu
- embaiu
- restituiu

e) Levam, porém, acento agudo as vogais tônicas "i" e "u" quando, precedidas de ditongo, formam hiato com a sílaba anterior, como se vê em "Piauí, teiú, teiús, tuiuiú, tuiuiús".

f) Em virtude do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, firmado em 1990, não mais recebem o acento circunflexo os hiatos tônicos "ee" e "oo". Portanto, assim devem ser escritos:

- voo
- coo
- abotoo
- enjoo
- creem
- veem
- leem
- perdoo
- deem
- caçoo
- amaldiçoo
- abençoo
- arrazoo
- doo

3.1.3.6 Acentos diferenciais

Com o advento do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, firmado em 1990, desapareceu a maioria dos acentos diferenciais. Permanecem, entretanto, os seguintes acentos diferenciais:

1) "**Pôde**" (3.ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo) para distinguir da correspondente forma do presente do indicativo "pode".

2) "**Pôr**" (forma verbal infinita) para distinguir da forma homógrafa "por" (preposição).

3) Facultativamente, pode-se grafar "**fôrma**" (substantivo) ou "**forma**" (substantivo, 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo ou 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo).

4) Facultativamente, pode-se grafar "**dêmos**" (1.ª pessoa do plural do presente do subjuntivo) para se distinguir da correspondente forma do pretérito perfeito do indicativo "**demos**".

⇨ **Observação:**

Logo, os antigos acentos diferenciais, como "pára, pélo, pólo, pêra", por exemplo, não mais existem. Escreveremos, portanto, corretamente:

- Ela não para (verbo) para pensar.
- Eu pelo (verbo) o pelo pelo simples fato de sentir prazer.

3.1.3.7 Regra especial – verbos "ter", "vir" e seus derivados

Há uma regra para a acentuação gráfica que merece atenção à parte. Diz respeito à acentuação dos verbos "ter", "vir" e seus derivados. Tais verbos obedecem às seguintes regras:

1.ª regra → **Acentua-se, com acento circunflexo, a 3.ª pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos "ter" e "vir". Observe:**

PRESENTE DO INDICATIVO VERBOS "TER" e "VIR"	
eu	tenho / venho
tu	tens / vens
ele	tem / vem
nós	temos / vimos
vós	tendes / vindes
eles	**têm / vêm**

2.ª regra → **Acentua-se, com acento agudo, a 3.ª pessoa do singular e com circunflexo a 3.ª pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos derivados de "ter" e "vir", como "abster, ater-se, reter, deter, conter, entreter, manter, advir, convir, intervir, provir, desavir, sobrevir" etc.**

Observe abaixo a conjugação de dois verbos derivados de "ter" e "vir".

PRESENTE DO INDICATIVO VERBOS "CONTER" e "PROVIR"	
eu	contenho / provenho
tu	contens / provens
ele	**contém / provém**
nós	contemos / provimos
vós	contendes / provindes
eles	**contêm / provêm**

Dica: Fique muito atento a essas duas últimas regras. Elas são muito cobradas, em concursos públicos, nas questões de concordância verbal. Portanto, a dica é "ficar ligado" no sujeito da oração, especialmente quando este sujeito for oracional, o que exigirá a concordância do verbo na 3.ª pessoa do singular.

Veja agora alguns exemplos (sublinhamos o núcleo do sujeito e destacamos o verbo):

- Todas as provas levantadas pela defesa **contêm** aspectos inconstitucionais.
- A polícia sempre **intervém** nas manifestações populares.
- De lugares abstratos certamente não **provêm** ideias sobre a vida e a existência.
- "O curso do espírito reformista no país acelera-se atualmente; e **convém** acelerá-lo." (Rui Barbosa)
- "Porque a questão, com a complexidade imanente aos fatos concretos, se **atém**, de preferência, a razões secundárias..." (Euclides da Cunha)
- "Todos os críticos se **atêm** a essa questão de metrificação." (Lima Barreto)

3.1.3.8 Considerações gerais sobre a acentuação dos vocábulos

1) Com o Novo Acordo Ortográfico, assinado em 1990, o trema deixa de existir sobre os grupos "GUE, GUI, QUE, QUI". Portanto, os vocábulos que apresentam tais ditongos devem ser escritos sem o trema. Observe:

- linguiça
- arguição
- bilíngue
- aquífero
- cinquenta
- aquicultura
- consequência
- quinquenal
- tranquilo
- quinquênio
- saguim
- equilátero
- frequência
- áqueo
- seriguela
- aguentar
- equidade
- delinquência

⇨ **Observação:**

O trema apenas se conserva em palavras estrangeiras e em palavras derivadas de nomes estrangeiros, como "hübneriano, Hübner, mülleriano, Müller".

2) Os verbos "arguir" e "redarguir" dispensam o acento agudo na vogal tônica "u" nas formas rizotônicas. Já os verbos do tipo "aguar, apaniguar, apaziguar, apropinquar, averiguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir" e afins podem ter ou não as vogais "a" ou "i", presentes nas formas rizotônicas, acentuadas.

- arguo, arguis, argui, arguem; argua, arguas, argua, arguam.
- eu averiguo/averíguo; tu averiguas/averíguas; ele averigua/averígua.

3) Nos advérbios terminados em "-mente", derivados de adjetivos com acento agudo ou circunflexo, estes acentos são suprimidos. Observe:

- ávido → avidamente
- hábil → habilmente
- lúcido → lucidamente
- débil → debilmente
- espontâneo → espontaneamente
- fácil → facilmente
- só → somente
- ingênuo → ingenuamente
- único → unicamente

4) Nas palavras derivadas que contêm sufixos iniciados por "z" e cujas formas de base apresentam vogal tônica com acento agudo ou circunflexo, estes acentos serão suprimidos. Observe:

- anéis → aneizinhos
- bebê → bebezinho, bebezito
- herói → heroizito
- avô → avozinho
- bênção → bençãozinha
- avó → avozinha
- café → cafezada
- lâmpada → lampadazita
- pêssego → pessegozito

3.2 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (ESAF) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia de palavra.

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio, realizada pelo IBGE, revelou **que(1)** *a renda das famílias parou de cair em 2004, interrompendo uma* **trajetória(2)** *de queda que acontecia desde 1997, e que* **houve(3)** *diminuição do grau de concentração da renda do trabalho. Enquanto a metade da população ocupada* **que(4)** *recebe os menores rendimentos teve ganho real de 3,2%, a outra metade, que tem rendimentos maiores, teve perda de 0,6%. Os resultados da PNAD mostraram, também, que o Brasil melhorou em* **itens(5)** *como número de trabalhadores ocupados, participação das mulheres no mercado de trabalho, indicadores da área de educação e melhoria das condições de vida.*

(Trechos adaptados de ***Em Questão****, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 379, Brasília, 30 de novembro de 2005)*

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

2. (FJPF) As palavras **argúcia**, **é** e **carajá**, presentes no texto, acentuam-se graficamente em face das mesmas regras que justificam o acento em:

a) fichário, dá-lhe, cipó;
b) pelúcia, têm, cajá;
c) vivência, saí, cá;
d) útil, café, marajá.

3. (CESGRANRIO) O par de palavras que **NÃO** deve ser acentuado, segundo o registro culto e formal da língua, é

a) interim – polen.
b) itens – pudico.
c) juizes – prototipo.
d) economico – refem.
e) heroi – biceps.

4. (CESGRANRIO) A ausência do sinal gráfico de acentuação cria outro sentido para a palavra:

a) trânsito.
b) características.
c) inevitável.
d) infrutíferas.
e) anônimas.

5. (Unifesp) Existem várias palavras que recebem acento gráfico, de acordo com suas regras específicas. Indique a alternativa em que todas as palavras são acentuadas graficamente, segundo a mesma regra.

a) estômago, colégio, fábrica, lâmpada, inflexível.
b) Virgílio, fúria, carícias, matéria, colégio.
c) trópicos, lábios, fúria, máquinas, elétricas.
d) sério, cérebro, Virgílio, sábio, lógico.
e) Ésquilo, carícia, Virgílio, átomos, êmbolo.

6. (PUCCAMP) O texto apresenta diversas palavras em que se pode notar a presença do acento gráfico. Em algumas delas, a ausência do acento provocaria mudança de sentido.

Assinale a alternativa em que todas as palavras mudariam de sentido, caso estivessem sem acento.

a) sóbrio, história, está
b) vários, vítimas, matá-los
c) é, já, país
d) é, está, país
e) têm, matá-los, sóbrio

7. (UFRS). Considere as seguintes afirmações sobre acentuação gráfica no texto.

I – A palavra "teórica" recebe acento gráfico pela mesma regra que preceitua o uso do acento em "lúgubre".

II – Se fosse retirado o acento das palavras "só", "é" e "média", esta alteração provocaria o aparecimento de outras palavras da Língua Portuguesa.

III – A palavra "herói" é acentuada pela mesma regra de "autoritários".

Quais estão corretas?:

a) Apenas I

b) Apenas II

c) Apenas I e III

d) Apenas II e III

e) I, II e III

8. (FGV) Assinale a alternativa correta quanto à acentuação e à grafia de palavras.

a) Temas comuns, como a construção social do mercado, permitem entrevêr as possibilidades de uma saudável relação entre Sociologia e Economia, que não pode se paralizar em virtude de algumas diferenças.

b) Em um de seus estudos mais célebres, Mark Granovetter vêm demonstrar que as pessoas se ligam às outras por laços fortes e laços fracos. Por isso, é imprecindível que as pessoas consigam entender essas ligações.

c) Alguns temas revigoraram o debate entre a Sociologia e a Economia, sendo responsáveis por compôr um novo cenário. O diálogo deve basear-se nos pontos positivos e comuns e não nas excessões.

d) A falta de dialogo entre Sociologia e Economia perdurou pôr quase três séculos, mas é um quadro que parece estar mudando, sobretudo em função de fragrantes pontos em comum entre as disciplinas.

e) Em meados dos anos 1970, parece que uma leve brisa intervém na falta de comunicação entre sociólogos e economistas, que não mais hesitam em pôr em discussão assuntos inerentes às duas disciplinas.

GABARITO

1 – E	2 – A	3 – B
4 – A	5 – B	6 – D
7 – A	8 – E	

CAPÍTULO 4

SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS

Como já vimos, a palavra é o vocábulo com que expressamos uma ideia. Não é a exteriorização do pensamento, como pensam alguns; é o próprio pensamento. “Ideia” e “palavra” são, portanto, como o verso e o reverso de uma mesma moeda: não é possível conceber a existência de uma face sem a outra. Quando analisamos, por exemplo, a palavra “**leão**”, automaticamente nos vem à cabeça a ideia de um animal feroz, carnívoro, pertencente à família dos felídeos e habitante das planícies africanas. Entretanto, esta não é a única significação para a palavra “leão”. A história das palavras nos mostra que elas estão sujeitas a várias mudanças não só nos elementos fonéticos de que se compõem, mas também relativamente à sua significação. Por isso, o nosso vocábulo “leão” pode também significar “indivíduo de muita força, indivíduo muito irritado, indivíduo conquistador etc.”.

Ao estudo que trata dessas últimas mudanças ou variações de sentido das palavras dá-se a designação de **SEMASIOLOGIA** ou **SEMÂNTICA**.

A palavra é um som articulado, um signo sonoro que nos representa a ideia de um objeto do mundo material, ou de um fato ou de uma noção puramente abstrata. Se em nossa língua tivéssemos uma palavra para cada ideia, para cada noção, tantas seriam elas que certamente não haveria inteligência que não cedesse a peso tão esmagador. Por isso, as palavras substituem-se em seus sentidos, irradiam uns para os outros, encadeiam-se, penetram-se, usurpam os sentidos uns dos outros, auxiliam-se, fundem-se e confundem-se, às vezes, na variedade de suas significações.

4.1 DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO

Como primeira porta de entrada nesse vasto mundo do significado das palavras, comecemos a observá-las sob os conceitos de “**denotação**” e “**conotação**”.

O **sentido denotativo** é aquele dado pelo dicionário. Na denotação o sentido é referencial, próprio, usual ou literal. Já o **sentido conotativo** é o sentido que a palavra ganha no texto por força geralmente de comparações, associações de ideias.

Denotativamente, “**águia**” é ave de rapina; conotativamente é uma pessoa de grande talento, de grande sabedoria, de grande perspicácia. “**Coração**” é órgão muscular dos animais vertebrados que bombeia o sangue para todo o corpo, quando o analisamos em seu sentido denotativo. Já em seu sentido conotativo, “**coração**” pode representar, entre outros sentidos, “a parte mais central, o âmago, a essência”. Quando nos referimos a “**banca**”, vem-nos, a princípio, a ideia denotativa de “mesa rústica ou improvisada”, mas, quando dizemos que “a

banca rejeitou o recurso do candidato", estamos nos referindo, conotativamente, a um conjunto de examinadores.

Em nossa língua, inúmeros são os fatores que podem alterar o significado das palavras. Vejamos alguns:

a) **a acentuação** → sábia (pessoa culta, instruída) → sabiá (pássaro).
b) **o timbre** → corte (ô) (palácio) → corte (ó) (incisão)
c) **o gênero** → a coral (cobra) → o coral (coro musical)
d) **o número** → bem (virtude) → bens (o que é propriedade de alguém)
e) **a posição / colocação** → homem grande (alto, avantajado) → grande homem (ilustre, influente)
f) **a regência** → proceder de (originar-se, provir) → proceder a (dar início, começar)

Dica: A conotação é um recurso expressivo amiúde usado em nossa língua. Para entender e aprofundar mais esse assunto, sugerimos o estudo do assunto "figuras de linguagem" ao final desta gramática.

4.2 HOMÔNIMOS E PARÔNIMOS

Quando comparamos as palavras em nossa língua (analogia de forma), podemos classificá-las em três grandes grupos: palavras homônimas, palavras parônimas e palavras cognatas.

4.2.1 HOMÔNIMOS

Como o próprio nome já denuncia, são denominados homônimos (gr. homos = igual, semelhante; onyma = nome) os vocábulos que são iguais na grafia (Ex.: colher – substantivo; colher – verbo) ou na pronúncia (Ex.: apreçar – pôr o preço; apressar – acelerar), ou ainda aqueles que são iguais tanto na grafia quanto na pronúncia (Ex.: livre – adjetivo; livre – verbo). Classificam-se em:

a) Homógrafos heterofônicos = são palavras iguais na escrita e diferentes no timbre ou na intensidade das vogais. Observe alguns exemplos:

- leste (verbo) ≠ leste (substantivo)
- colher (verbo) ≠ colher (substantivo)
- vede (v. ver) ≠ vede (v. vedar)
- sábia (adjetivo) ≠ sabiá (substantivo)
- cara (face) ≠ cará (tubérculo)

- apoio (verbo) ≠ apoio (substantivo)
- providencia (verbo) ≠ providência (substantivo)
- seria (verbo) ≠ séria (adjetivo)
- molho (verbo) ≠ molho (substantivo)
- jogo (verbo) ≠ jogo (substantivo)

b) Homófonos heterográficos = são palavras iguais na pronúncia e diferentes na escrita. Veja alguns exemplos:

- acético (ácido) ≠ ascético (contemplativo)
- acender (atear fogo) ≠ ascender (subir)
- acento (notação léxica) ≠ assento (lugar em que se senta)
- acerto (acordo) ≠ asserto (afirmação)
- apreçar (pôr o preço) ≠ apressar (tornar rápido)
- bucho (estômago) ≠ buxo (planta)
- cela (pequeno quarto) ≠ sela (arreio)
- cegar (tornar cego) ≠ segar (cortar, ceifar)
- cozer (cozinhar) ≠ coser (costurar)
- apreçar (pôr preço) ≠ apressar (acelerar)
- maça (arma) ≠ massa (substância)
- censo (recenseamento) ≠ senso (juízo)
- cerrar (fechar) ≠ serrar (cortar)
- cédula (bilhete) ≠ sédula (cuidadosa)
- cessão (ato de ceder) ≠ sessão (departamento)
- cerração (nevoeiro) ≠ serração (ato de serrar)
- cocho (recipiente) ≠ coxo (aleijado)
- concelho (divisão administrativa) ≠ conselho (aviso)
- empoçar (cair em poço) ≠ empossar (tomar posse)
- laço (nó) ≠ lasso (esgotado, frouxo)
- ruço (pardacento, grisalho) ≠ russo (natural da Rússia)
- tacha (nódoa, mancha) ≠ taxa (preço, tributo)

⇨ **Observação:**

Alguns homônimos apresentam tanto a grafia quanto a pronúncia iguais. São chamados de "homófonos homográficos" ou "homônimos perfeitos". Observe:

- cedo (verbo) – cedo (advérbio de tempo)
- livre (adjetivo) – livre (v. livrar)

- somem (v. somar) – somem (v. sumir)

4.2.2 PARÔNIMOS

São denominados de parônimos (gr. "*para*" = próximo) os vocábulos que são diversos na significação e parecidos na forma, ou seja, eles são parecidos na escrita e na pronúncia, mas apresentam significação totalmente diversa. Muitas bancas exploram esse tipo de conhecimento na tentativa de confundir o candidato. Por isso, sugiro que leia mais de uma vez a tabela abaixo, na qual são apresentados vários parônimos.

apóstrofe (chamamento)	**apóstrofo** (sinal gráfico)
atuar (agir)	**atoar** (rebocar)
arrolhar (tapar com rolha)	**arrulhar** (produzir arrulhos)
comprimento (extensão)	**cumprimento** (saudação)
céptico (que duvida de tudo)	**séptico** (que provoca infecção)
cavaleiro (que anda a cavalo)	**cavalheiro** (gentil, cordial)
consolar (trazer consolo, aliviar)	**consular** (relativo ao consulado)
deferir (conceder)	**diferir** (adiar, divergir)
denodar (desfazer, desembaraçar)	**denudar** (descobrir, revelar)
descrição (ato de descrever)	**discrição** (reserva em atos e atitudes)
despensa (local para mantimentos)	**dispensa** (licença)
despercebido (desatento)	**desapercebido** (despreparado)
destratar (insultar)	**distratar** (desfazer)
emergir (vir à tona)	**imergir** (mergulhar)
emigrante (aquele que sai de um país)	**imigrante** (quem entra em outro país)
eminente (destacado, ilustre, elevado)	**iminente** (prestes a acontecer)
enervar (irritar, perder a força)	**enevar** (tornar branco como a neve)
enformar (pôr na forma)	**informar** (avisar, alertar)
esbaforido (ofegante)	**espavorido** (apavorado)
estofar (acolchoar)	**estufar** (encher-se, pôr na estufa)
flagrante (evidente)	**fragrante** (perfumado, aromático)
fluir (correr em estado líquido)	**fruir** (desfrutar, aproveitar)
inflação (desvalorização da moeda)	**infração** (desrespeito, violação)
infringir (transgredir)	**infligir** (aplicar)

entender (compreender)	**intender** (dirigir, administrar)
locador (proprietário)	**locatário** (inquilino)
lustre (candelabro)	**lustro** (período de cinco anos; brilho)
mugir (soltar mugidos)	**mungir** (espremer, extrair)
pear (amarrar, prender com peia)	**piar** (dar pios)
pleito (disputa)	**preito** (homenagem)
prescrever (determinar, expirar prazo)	**proscrever** (expulsar, proibir, banir)
ratificar (confirmar)	**retificar** (corrigir)
recrear (divertir)	**recriar** (criar novamente)
soar (emitir som)	**suar** (transpirar)
sustar (suspender)	**suster** (sustentar)
terço (três vezes menor)	**terso** (puro, íntegro)
treplicar (responder a uma réplica)	**triplicar** (aumentar três vezes)
vadear (passar a vau)	**vadiar** (andar à toa)
vultoso (volumoso, importante, grande)	**vultuoso** (congestão na face; inchado)

4.3 FORMAS VARIANTES

Há, em português, várias palavras que apresentam dupla grafia, isto é, podem ser escritas com mais de uma forma. Isto se dá porque o nosso Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa procura registrar (e respeitar) os usos dos diversos níveis e padrões da língua. Saliente, entretanto, que sempre uma das formas é sempre mais usual que a outra.

Portanto, são consideradas corretas ambas as grafias dos seguintes vocábulos abaixo:

- aluguel **ou** aluguer
- coisa **ou** cousa
- malvadez **ou** malvadeza
- diabete **ou** diabetes
- percentagem **ou** porcentagem
- derrubar **ou** derribar
- lacrimejar **ou** lagrimejar
- quociente **ou** cociente
- catorze **ou** quatorze
- taverna **ou** taberna
- espécime **ou** espécimen
- marimbondo **ou** maribondo
- pitoresco **ou** pinturesco
- cacaréus **ou** cacarecos
- bílis **ou** bile
- bêbado **ou** bêbedo
- chipanzé **ou** chimpanzé
- baralhar **ou** embaralhar
- remoinho **ou** redemoinho
- infarto **ou** enfarte **ou** infarte
- cota **ou** quota
- ridiculizar **ou** ridicularizar

- nambu **ou** nhambu **ou** inambu **ou** inamu
- assobiar **ou** assoviar
- louro **ou** loiro
- transpassar **ou** traspassar **ou** trespassar
- mobiliar **ou** mobilhar **ou** mobilar

4.4 COGNATOS

São denominadas de cognatas as palavras que pertencem à mesma família ou grupo morfológico, isto é, são palavras derivadas de uma mesma raiz, de um mesmo radical. Observe:

- **ferro** → ferreiro, ferragem, ferrar, ferradura, ferramenta, férreo, ferraria, aferrolhar, ferrolho
- **pedra** → pedreiro, pedregulho, pedraria, pedreiral, pedregão, pedrinha, pedrês
- **nervo** → nervosismo, nervoso, nervudo, nervura, nerval, nervado, nervino
- **terra** → terraço, terremoto, terrestre, terreiro, térreo, território, territorial, terroso, terreal, terráqueo

Além das palavras homônimas, parônimas e cognatas, quando se analisa o sentido das palavras, muitas apresentam igualdade entre os sentidos. Outras são opostas semanticamente. Daí se poder classificar também as palavras quanto ao significado em **sinônimas** e **antônimas**.

4.5 SINÔNIMOS

São palavras diversas na escrita, mas semelhantes ou idênticas na significação. Há autores que as dividem em “sinônimos perfeitos” e “sinônimos imperfeitos”. Não adotamos essa classificação porque a consideramos falha, uma vez que distinguir o que é “perfeito” do que é “imperfeito” em questões semânticas é assunto assaz controvertido. Observe alguns sinônimos:

- olhar → ver
- habitar → morar
- cavalo → corcel
- colóquio → diálogo
- lábio → beiço
- cara → rosto
- bom → misericordioso
- gritar → bradar
- entender → compreender
- mortal → letal
- oposição → antítese
- bonito → belo

4.6 ANTÔNIMOS

São palavras que apresentam sentidos totalmente opostos. Observe alguns exemplos:

- bonito → feio
- ordem → anarquia
- simétrico → assimétrico

- alegre → triste
- natural → artificial
- ignorância → sabedoria

4.7 POLISSEMIA

Em nossa língua, muitos vocábulos apresentam mais de um significado, o qual só é apreendido quando se analisa o contexto. Quando isto ocorre, dizemos que o vocábulo é "polissêmico".

Inúmeros são os vocábulos polissêmicos. Observe abaixo:

a) Perceba alguns sentidos do vocábulo "manga".

- A **manga** da camisa está suja. (= parte da vestimenta que recobre o braço)
- Todos comeram a **manga**. (= fruta)
- A encanação precisa de uma nova **manga**. (= peça de metal nas encanações)
- A **manga** do candeeiro se queimou. (= tecido que envolve a chama nos candeeiros e lamparinas)

b) Observe agora alguns sentidos de um outro vocábulo: "prato".

- O **prato** é de porcelana. (= peça de louça em que se come)
- O **prato** está delicioso. (= comida, alimento)
- O **prato** da bateria está solto. (= instrumento musical)
- O **prato** está desequilibrado. (= concha de balança)

4.8 EXTENSÃO E COMPREENSÃO DAS PALAVRAS – HIPONÍMIA E HIPERONÍMIA

A extensão de uma palavra é a capacidade que ela tem de se estender a mais ou menos seres. Já a sua compreensão é a capacidade que a palavra nos oferece de assimilar a ideia que ela encerra. Perceber essa distinção é muito importante para a linguagem, notadamente para a construção dos períodos de um texto. Vejamos a tabela abaixo:

1.ª COLUNA – EXTENSÃO	2.ª COLUNA – COMPREENSÃO
animal	cavalo
flor	margarida
automóvel	Ferrari
homem	João
país	Brasil

Observe que os vocábulos da 1.ª coluna possuem mais extensão semântica do que os

vocábulos da 2.ª coluna. Entretanto, os vocábulos da 2.ª coluna apresentam uma compreensão melhor do que os vocábulos da 1.ª coluna, pois aqueles se referem a seres e coisas específicos.

Perceba também que os termos da 1.ª coluna, por serem mais extensos, abrangem outros seres além dos especificados na 2.ª coluna. O vocábulo "animal", por exemplo, não só envolve "cavalo", mas também "elefante, leão, cabra, cachorro etc., etc.". Logo, os vocábulos da 1.ª coluna contêm os da 2.ª coluna. Dizemos, portanto, que os vocábulos da 1.ª coluna são "hiperônimos" dos vocábulos da 2.ª coluna, que são seus "hipônimos", já que estão contidos naqueles.

É denominado de "**HIPERÔNIMO**" o vocábulo que, num processo de coesão textual (articulação textual), apresenta uma significação mais extensa, mais ampla do que o outro vocábulo com o qual se relaciona intratextualmente.

É denominado de "**HIPÔNIMO**" o vocábulo que, num processo de coesão textual, apresenta um significado menos abrangente, menos amplo do que o outro com o qual se relaciona intratextualmente.

Para melhorar o entendimento sobre **hiperonímia** e **hiponímia**, procure entender essas palavras como "gênero e espécie", "contém e está contido".

Portanto, em um texto, poderemos ter:

HIPERÔNIMO	HIPÔNIMO
poeta	Carlos Drummond
roupa	suéter
alimento	feijão
Estado	Rio Grande do Norte
profissão	Professor

4.9 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (FGV) Em que alternativa a expressão entre parênteses poderia substituir a palavra destacada, preservando o sentido original?

   a) " [...] adota como estratégia produtiva as mesmas PRERROGATIVAS da produção em série que já vigoram em outras esferas industriais [...]" (previsões)

   b) " [...] existem também razões de natureza INTRÍNSECA ao meio condicionando a televisão à produção seriada." (externa)

   c) "Diante dessas CONTINGÊNCIAS, a produção televisual se vê permanentemente constrangida a levar em consideração as condições de recepção [...]" (contradições)

   d) " [...] a produção televisual se vê permanentemente CONSTRANGIDA a levar em consideração as condições de recepção [...]" (forçada)

e) " [...] organizando a mensagem em painéis FRAGMENTÁRIOS e híbridos, como na técnica da colagem." (frágeis)

2. (PUC-SP) Observe, com atenção, nos fragmentos a seguir, as expressões em maiúsculo:

"... porque Nhô Augusto se erguia e NUM ÁTIMO se vestia."

"- ...Eu podia ter arresistido, mas era negócio DE HONRA, COM SANGUE só p'ra o dono..."

"- FEZ NA REGRA, E FEITO!"

"... as ferraduras tiniram e DERAM FOGO no lajedo..."

Aponte a alternativa que, respectivamente, substitui as expressões em maiúsculo, do ponto de vista do significado.

a) Num abrir e fechar de olhos, de pureza, com morte, fez conforme o combinado, faiscaram.

b) Em parte, de brio, com ferimento, agiu de acordo com o costume, brilharam.

c) Em curto espaço de tempo, de brio, com morte, agiu de acordo com o costume, faiscaram.

d) Em parte, de grandeza, com ferimento, desobedeceu às normas, riscaram.

e) Em curto espaço de tempo, de glória, com resistência, fez conforme o combinado, acenderam.

3. (PUCCAMP) O continente africano, que tantas vezes e por tanto tempo já foi o espelho sombrio e ESPOLIADO dos progressos da civilização ocidental, infelizmente continua SUJEITO A um processo que, no limite, resume-se a uma IMPLOSÃO CIVILIZATÓRIA.

Os termos em destaque podem ser substituídos, sem prejuízo do sentido do texto, respectivamente, por

a) despojado – vassalo – destruição do progresso.

b) herdeiro – obediente a – extinção da civilização.

c) cheio de restos – tema de – matança de toda uma civilização.

d) roubado - o agente de - devastação de todas as civilizações.

e) privado – submetido a – destruição do próprio cerne da civilização.

4. (UFMG) Em todas as alternativas, o significado das palavras destacadas está corretamente identificado, EXCETO em

a) ... esse ato não consiste numa decisão "QUE VA I E NÃO VOLTA". (que vai e não volta = sem retorno)

b) E também se desencadeia uma inter-relação entre a fonte do poder (a que criou e IMPLANTOU o imposto)... (implantou = implementou)

c) ... pois isto TAMPOUCO explica muita coisa, ou não explica nada. (tampouco =

também não)

d) Antes do momento em que se exerce, ele é somente uma CONJECTURA, uma presunção, algo que se acha que vai acontecer. (conjectura = suposição)

e) Antes, tudo está sujeito a fatores no mais das vezes IMPREVISÍVEIS. (imprevisíveis = imprevidentes)

5. (UFU) Assinale a ÚNICA alternativa em que a palavra ou expressão em destaque NÃO está adequadamente interpretada de acordo com seu sentido no texto.

a) "O que existia antes, 'cruzar' animais ou plantas para criar novas raças ou HÍBRIDOS, é coisa bem diferente..." (par. 1) = mistura de espécies diferentes.

b) "(...) mostraram que larvas da borboleta monarca que se alimentam de plantas IMPREGNADAS com o pólen de um tipo de milho transgênico morrem em grandes quantidades." (par. 4)= imbuídas.

c) "(...) os alimentos modificados geneticamente irão solucionar um dos maiores problemas que AFLIGEM a humanidade, a fome." (par. 2)= atormentam.

d) " (...) essa liberdade só pode funcionar se submetida a intensa SUPERVISÃO da comunidade científica..." (par. 5)= inspeção.

6. (UNITAU) Numere a coluna com parênteses de acordo com os significados das palavras da coluna numerada a seguir:

1 – prevaricação
2 – simoníaco
3 – carisma
4 – dogma
5 – anímica
6 – decoro
7 – oligarquia
( ) dignidade, honradez
( ) força divina conferida a alguém
( ) psíquico, relativo à alma
( ) falta com o dever por interesse ou por má fé
( ) venda ilícita de coisas sagradas ou espirituais
( ) governo por poucos e poderosos
( ) ponto fundamental indiscutível de doutrina ou sistema

a) 6, 4, 1, 2, 3, 5, 7.

b) 6, 4, 2, 1, 3, 5, 7.

c) 6, 3, 5, 1, 2, 7, 4.

d) 5, 3, 6, 4, 2, 7, 1.

e) 4, 2, 5, 6, 1, 3, 7.

7. (FUVEST) A palavra SANÇÃO com o significado de RATIFICAÇÃO ocorre apenas em:

a) Aplicar SANÇÕES a grevistas não é direito nem dever de um presidente.
b) Eventual SANÇÃO do presidente à nova lei, aprovada ontem, poderá desagradar a setores de todas as categorias.
c) As SANÇÕES previstas na lei eleitoral não exercem influências significativas sobre a paixão dos militantes.
d) O novo diretor prefere SANÇÕES a diálogos.
e) O contrato prevê SANÇÕES para os inadimplentes.

8. (FUVEST) Agora os parlamentares concluem sua obra com a anuência unânime àquele dispositivo inconstitucional. ("Folha de S. Paulo", 28.08.1997,1-2)

A paráfrase correta do texto é:

a) A maioria dos parlamentares aprova um certo dispositivo inconstitucional.
b) Os parlamentares, sem exceção, aprovam o dispositivo inconstitucional anteriormente mencionado.
c) Todos os parlamentares reprovam o dispositivo inconstitucional anteriormente mencionado.
d) A maioria absoluta dos parlamentares boicotou um certo dispositivo inconstitucional.
e) A maioria dos parlamentares conclui sua obra com indiferença à aprovação ou não de um certo dispositivo inconstitucional.

9. (FUVEST) "Busque Amor novas artes, novo engenho"

Assinalar a alternativa que melhor contém o significado das palavras "engenho" e "arte", no verso transcrito acima:

a) gênio/experiência e inspiração/destreza;
b) índole/recursos e natureza/perícia;
c) talento/invenção e técnica/artifício;
d) inclinação/tendência e engano/dolo;
e) instinto/regras e discernimento/preceitos.

10. (UEL) Os pares acidente/incidente; cheque/xeque; vultoso/vultuoso; verão/estio são, respectivamente:

a) sinônimos, homônimos, parônimos e antônimos.
b) parônimos, homônimos, parônimos e sinônimos.
c) parônimos, parônimos, sinônimos e sinônimos.

d) homônimos, homônimos, parônimos e sinônimos.
e) sinônimos, parônimos, sinônimos e antônimos.

GABARITO

1 – D	2 – C	3 – E
4 – E	5 – B	6 – C
7 – B	8 – B	9 – C
10 – B		

II

MORFOLOGIA

INTRODUÇÃO À MORFOLOGIA

Olá, caro estudante. Depois de conhecermos toda a parte fonética da gramática normativa, passaremos a estudar as palavras e os vocábulos considerando seus valores significativos. Adentraremos, portanto, ao mundo das palavras no que tange às suas estruturas e às suas formas.

Em primeiro lugar, analisaremos a estrutura e a formação das palavras na língua portuguesa. Depois, classificaremos essas palavras em suas respectivas classes e esmiuçaremos as particularidades de cada uma.

Indubitavelmente, é um conhecimento indispensável para todo aquele que deseja compreender, um pouco mais à frente, os relacionamentos sintáticos travados entre essas mesmas palavras e vocábulos. Um conselho: procure entender mais e decorar menos. Isso certamente facilitará a nossa caminhada. Bom proveito!!

CAPÍTULO 1

ESTRUTURA E FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Boa parte das palavras da nossa Língua provém de outras já existentes. Como a Língua é dinâmica, outras palavras foram surgindo a partir da influência tanto do povo como dos escritores. O estudo da formação e da evolução das palavras é responsabilidade da "etimologia".

1.1 ELEMENTOS ESTRUTURAIS DA PALAVRA

Ao se decompor uma palavra, podem-se encontrar nela os seguintes elementos mórficos (elementos que a formam):

I. **RADICAL:** é o elemento primitivo, último e irredutível que encerra a ideia principal do vocábulo. Alguns gramáticos distinguem o radical da raiz. Aqui, preferimos tratar apenas do radical, já que o estudo da raiz de um vocábulo exige profundos conhecimentos etimológicos, o que não é o nosso objetivo neste capítulo.

- terra – terraço – terremoto – terraplanagem – terreiro → perceba que o radical "terr-" se mantém constante nos vocábulos.
- ferro – ferradura – ferreiro – ferrugem – ferrolho → perceba o radical "ferr-" constante nas palavras.

⇨ **Observação:**

As palavras que possuem um radical comum são denominadas de **palavras "cognatas"**.

Abaixo apresentaremos uma lista sucinta dos principais radicais gregos e latinos.

1.1.1 RADICAIS GREGOS

Radical	Sentido	Exemplo
aero-	ar	*aerofagia, aeronave*
-agogo	que conduz	*demagogo, pedagogo*

-algia	dor em uma região	*cefalalgia, cardialgia*
anemo-	vento	*anemógrafo, anêmona*
antropo-	homem	*antropófago, antropologia*
-arca	que comanda	*monarca, matriarca*
arqueo-	antigo	*arqueologia, arqueografia*
-arquia	governo	*monarquia, oligarquia*
auto-	de si mesmo	*autobiografia, autógrafo*
biblio-	livro	*bibliografia, biblioteca*
bio-	vida	*biologia, biografia*
caco-	mau, disforme	*cacofonia, cacografia*
-cefalo	cabeça	*bicéfalo, microcéfalo*
cito-	cavidade, célula	*citologia, citoplasma*
cosmo-	mundo, universo	*cosmologia, cosmonauta*
-cracia	poder	*democracia, plutocracia*
cromo-	cor	*cromogravura, cromossomo*
crono-	tempo	*cronologia, cronômetro*
dactilo-/datilo-	dedo	*datilografia, dactiloscopia*
deca-	dez	*decaedro, decalitro*
demo-	povo	*democracia, demagogo*
di-	dois	*dipétalo, dígrafo*
-doxo	que opina	*heterodoxo, ortodoxo*
-dromo	lugar para correr	*autódromo, hipódromo*
etno-	povo, raça	*etnografia, etnologia*
-fagia	ato de comer	*disfagia, antropofagia*
-fago	que come	*antropófago, necrófago*
farmaco-	medicamento	*farmacologia, farmacopedia*
filo-	amigo	*filologia, filosofia*
-fobia	medo, aversão, inimizade	*fotofobia, hidrofobia*
-fobo	que odeia	*xenófobo, zoófobo*
fono-	voz, som	*fonógrafo, fonologia*
foto-	luz, fogo	*fotômetro, fotografia*

-gamia	casamento	*poligamia, monogamia*
gastro-	estômago	*gastrite, gastrônomo*
-geneo	que gera	*lacrimogêneo, heterogêneo*
geo-	terra	*geologia, geografia*
-gono	ângulo	*polígono, pentágono*
-grafo	que escreve	*calígrafo, biógrafo*
hemi-	metade	*hemisfério*
hemo-/hemato-	sangue	*hemoglobina, hemograma*
hetero-	outro	*heterodoxo, heterossexual*
hidro-	água	*hidrogênio, hidratar*
hipo-	cavalo	*hipódromo, hipopótamo*
hom(e)o-	semelhante	*homeopatia, homossexual*
iso-	igual	*isonomia, isogameta*
-latria	culto	*idolatria, zoolatria*
macro-	grande, longo	*macróbio, macroeconomia*
mega(lo)	grande	*megalópole, megalomania*
-metria	medida	*antropometria, biometria*
-metro	que mede	*hidrômetro, pentâmetro*
micro-	pequeno	*micróbio, microscópio*
miria-	dez mil, numeroso	*miríade*
miso-	que odeia	*misógino, misantropo*
mito-	fábula	*mitologia, mitomania*
mono-	um só	*monarca, monótono*
-morfo	que tem a forma de	*antropomorfo, polimorfo*
necro-	morto	*necrotério*
-nomo	que regula	*astrônomo, metrônomo*
oftalmo-	olho	*oftalmologista*
onomato-	nome	*onomatopeia, onomatologia*
orto-	correto	*ortografia, ortoépia*
paleo-	antigo, primitivo	*paleontologia, paleoecologia*
pato-	doença	*patogênico, patologia*

piro-	fogo	*pirotecnia, pirogênico*
potamo-	rio	*hipopótamo, potamografia*
proto-	primeiro	*protozoário, protótipo*
psico-	alma, espírito	*psicologia, psicanálise*
-ptero	que tem asas	*díptero, helicóptero*
quilo-	mil	*quilograma*
rino-	nariz	*rinoceronte, rinoplastia*
-scopia	ato de ver	*macroscopia, microscopia*
-scopio	instrumento para ver	*microscópio, datiloscópio*
sidero-	ferro	*siderose, siderurgia*
-sofia	sabedoria	*filosofia, teosofia*
tecno-	arte, ciência	*tecnografia, tecnologia*
tele-	longe	*telefone*
teo-	deus	*teocracia, teólogo*
-terapia	cura	*fisioterapia, psicoterapia*
-tono	tensão, tom	*barítono, monótono*
xeno-	estrangeiro	*xenofobia, xenomania*
zoo-	animal	*zoológico, zoomorfo*

1.1.2 RADICAIS LATINOS

Radical	Sentido	Exemplo
agri-	campo	*agricultura, agricultor*
ambi-	ambos	*ambidestro, ambivalência*
arbori-	árvore	*arborícola, arboriforme*
bis-/bi-	duas vezes	*bisavô, bípede*
calori-	calor	*calorífero, calorimetria*
-cida	que mata	*regicida, inseticida*
-cola	que cultiva, que habita	*vitícola, arborícola*
cruci-	cruz	*crucifixo, cruciforme*
-cultura	ato de cultivar	*apicultura, psicultura*

curvi-	curvo	*curvilíneo, curvirrostro*
equi-	igual	*equidistante, equivalente*
-fero	que contém	*aurífero, calorífero*
ferri-/ferro-	ferro	*ferrífero, ferrovia*
-fico	que faz	*benéfico, frigorífico*
-formi	que tem forma de	*cuneiforme, floriforme*
-fugo	que foge, que faz fugir	*centrífugo, febrífugo*
igni-	fogo	*ignição, ignívomo*
morti-	morte	*mortífero, mortificar*
multi-	muito	*multiforme, multifacetado*
olei-/oleo-	azeite, óleo	*oleoduto, oleígeno*
oni-	todo	*onipresente, onipotente*
-paro	que produz	*maltíparo, ovíparo*
pedi-	pé	*pediforme, pedilúvio*
pisc-	peixe	*piscicultor, pisciforme*
pluri-	muito	*pluriforme, pluripartidário*
-sono	que soa	*díssono, uníssono*
-vomo	que expele	*fumívomo, ignívomo*
-voro	que come	*carnívoro, herbívoro*

II. VOGAL TEMÁTICA: é a vogal que se agrega ao radical preparando-o para receber uma terminação (sufixos ou desinências). À junção do radical com a vogal temática dá-se o nome de TEMA.

RADICAL	VOGAL TEMÁTICA	TEMA
am-	a	ama
vend-	e	vende
part-	i	parti

⇨ **Observação:**

A vogal temática geralmente aparece nos verbos. Entretanto, alguns nomes podem apresentá-la. Isso ocorre quando a vogal final do vocábulo não se presta a estabelecer a

distinção de gênero. Enquanto nos verbos ela se denomina de “vogal temática verbal”, nos nomes se chama, portanto, “vogal temática nominal”. Veja:

RADICAL	VOGAL TEMÁTICA
cadeir	-a
livr	-o
client	-e

III. AFIXOS: são elementos que se acrescem aos radicais com a finalidade de formar novas palavras. Classificam-se em:

a) **prefixos**: são os afixos que vêm antes do radical.

- **in-**feliz
- **des-**leal
- **anfi-**teatro
- **a-**teu
- **diá-**logo
- **re-**fluir

b) **sufixos**: são os afixos que vêm depois do radical.

- mulher**-aça**
- social**-ismo**
- feliz**-mente**
- leal**-dade**
- caval**-aria**
- formigu**-eiro**

1.1.3 PREFIXOS DE ORIGEM GREGA

Prefixo	Sentido	Exemplo
an-/a-	privação, negação	*ateu, anarquia*
ana-	ação ou movimento inverso	*anáfora, anáfase*
anti-	oposição	*antiaéreo, antípoda*
apo-	afastamento, separação	*apogeu, apóstata*
arqui-/arc-	superioridade	*arquiduque, arqui-inimigo*
dia-/di-	movimento através de	*diocese, diálogo*
dis-	dificuldade	*dispneia, disenteria*
ec-/ex-	movimento para fora	*eclipse, êxodo*
endo-/end-	posição interior	*endométrio, endosmose*
epi-/ep-	posição inferior	*epiderme, epônimo*
eu-/ev-	bem, bom	*eufonia, evangelho*
hiper-	posição superior	*hipérbole, hipertensão*
hipo-	posição inferior	*hipodérmico, hipotensão*

meta-/met-	posterioridade, mudança	*metacarpo, metáfora*
para-/par-	proximidade	*paranasal, parasita*

1.1.4 PREFIXOS DE ORIGEM LATINA

Prefixo	Sentido	Exemplo
ab-/abs-	afastamento, separação	*abdicar, abstrair*
ad-/a-/ar-	aproximação, direção	*adjunto, advérbio, assentir*
ante-	anterioridade	*antebraço, antepor*
circum-	movimento em torno	*circum-adjacente*
de-	movimento de cima para baixo	*decair, decrescer*
des-	separação, ação contrária	*desviar, desfazer*
dis-/di-	separação, movimento	*dissidente*
extra-	posição exterior	*extraoficial, extraviar*
in-/im-/i-/ir-	movimento para dentro	*imigrar, irromper*
in-/im-/i-/ir-	negação, privação	*inativo, impermeável, ilegal*
inter-/entre-	posição intermediária	*internacional, entreabrir*
pre-	anterioridade	*prefácio, preconceito*
pro-	movimento para frente	*progresso, proativo*
re-	movimento para trás	*refluir, refazer*
retro-	movimento mais para trás	*retroceder, retrospectiva*
sub-/sus-/su-/sob-/so-	movimento de baixo para cima	*subclasse, sobpor, suster*
supra-	posição acima, excesso	*supracitado, suprassumo*
trans-/tras-/tres-	movimento para além de	*transpor, transporte*
ultra-	posição além do limite	*ultrapassar, ultravioleta*
vice-/vis-/vizo-	substituição	*vice-reitor, visconde, vizo-rei*

1.1.5 CORRELAÇÃO ENTRE PREFIXOS LATINOS E GREGOS

LATINOS	GREGOS	SIGNIFICADO	EXEMPLOS
Ab-	apo-	afastamento, separação	*abjurar, apostasia*

ad-	para-	junto de, aproximação	*adjunto, parasita*
ambi-	anfi-	duplicidade, em torno de	*ambidestro, anfíbio*
bene-	eu-	bem, bondade, excelência	*benevolente, eufonia*
bi(s)-	di-	dois, duplicidade	*bípede, dípode*
circum-	peri-	em torno de	*circumpolar, perímetro*
contra-	anti-	oposição, contra	*contraveneno, antídoto*
com-, con-	sin-	reunião, simultaneidade	*compartilhar, sincronizar*
ex-	ex-	movimento para fora	*exportar, êxodo*
i-, in-, des-	a-, an-	negação, carência	*infeliz, desonesto, ateu*
in-	en-	posição interna, dentro	*ingerir, encéfalo*
intra-	endo-	para dentro, dentro	*intramuscular, endocarpo*
semi-	hemi-	meio, metade	*semicírculo, hemisfério*
sub-	hipo-	deficiência, inferioridade	*subterrâneo, hipoglicemia*
super-, supra-	epi-, hiper-	superioridade, excesso	*superlotar, hipertrofia*
trans-	dia-	através, por meio de	*transparente, diáfano*

1.1.6 SUFIXOS NOMINAIS

1. Sufixos nominais designativos de coleções

-aria, -eria	pedraria, livraria, cavalaria, loteria, grosseria
-ada	boiada, rapaziada, manada
-edo	figueiredo, vinhedo, arvoredo, lajedo
-al	laranjal, cafezal, bambual, algodoal, canavial
-agem	pelagem, folhagem, plumagem, roupagem
-eiro	braseiro, cancioneiro, berreiro, formigueiro
-alha	cordoalha, parentalha, miuçalha
-ama	dinheirama, courama, mourama
-ame	cordame, vasilhame, raizame, pelame
-ume	cardume, tapume
-ulho	pedregulho, bagulho
-ena	centena, novena, dezena

-io	rapazio, mulherio, gentio
-ia	maresia, penedia, clerezia
-dada	cristandade, humanidade, comunidade, irmandade

⇨ Observações:

a) Em muitas palavras, prefere-se o sufixo "-eria" ao sufixo "-aria": bateria, vozeria, correria, galeria, lavanderia, parceria, leiteria, parceria etc.

b) O sufixo "-eiro" é sufixo substantivo, ou seja, formador de substantivos, indicando o agente. "Brasileiro" era primitivamente o que comerciava com o "pau-brasil", como "mineiro" é o que trabalha em minas. Passando a região a chamar-se "Brasil" e "Minas Gerais", seus derivados passaram naturalmente para a categoria de adjetivos pátrios.

2. Sufixos nominais designativos de aumento (sufixos aumentativos)

-ão	portão, mulherão, grandalhão, comilão, narigão
-rão	chapeirão, vozeirão, casarão, beberrão, santarrão
-aréu	fogaréu, povaréu
-zarrão	homenzarrão, canzarrão
-aço	mestraço, ministraço, poetaço
-aça	barcaça, vidraça
-astro	poetastro, medicastro, criticastro
-ázio	demonázio, copázio, balázio
-anzil	corpanzil
-eiro	cruzeiro
-alho	vergalho, ramalho, espantalho
-alha	muralha, fornalha, gentalha
-orra	cabeçorra
-arra	bocarra, naviarra

⇨ Observação:

O sufixo aumentativo mais comum em português é "-ão". Nem sempre, porém, este sufixo traz ideia aumentativa, como em "cartão, portão, cordão".

3. Sufixos nominais designativos de diminuição (sufixos diminutivos)

-inho, -inha	portinha, mocinho, pintinho, menininho, ervinha, pocinha
-zinho, -zinha	cãozinho, montezinho, florzinha, partezinha, poçozinho, ervazinha
-ito, -ita	canito, granito, senhorita, pequenita, florita, franganito
-ete	cavalete, pobrete, ramalhete, archete
-eta	valeta, maleta, lingueta, trombeta, ilheta
-ote	fidalgote, meninote, saiote, velhote
-oto, -ota	picoto, perdigoto, ilhota, velhota, maricota
-ilho, -ilha	vasilha, mantilha, presilha, palmilha
-ino	antonino, pequenino
-im	patim, fortim, flautim, camarim, mulherim
-ulo, -ula	glóbulo, nódulo, fórmula, espátula, célula
-culo, -cula	pendúculo, corpúsculo, partícula, minúscula
-olo, -ola	nucléolo, bolinholo, glorícola, aldeola
-el	cordel, canastrel, fardel, saquitel
-elo, -ela	portelo, colunelo, viela, costela
-elho, -elha	francelho, folhelho, chavelha
-ejo	lugarejo, quintalejo, casalejo
-ebre	casebre
-eco, -eca	livreco, ministreco, padreco, folheca, padreca
-ico, -ica	burrico, abanico, namorico, florica, pelica
-isco	chuvisco, pedrisco, lambrisco
-il	pernil, covil, tamboril
-acho	riacho, populacho, fogacho
-ucho	papelucho, gorducho, pequerrucho
-ilo	codicilo, mamilo

⇨ Observações:

a) O principal sufixo diminutivo em português é “–inho”. Em alguns casos, este sufixo pode-se ligar diretamente ao radical da palavra. Observe os exemplos abaixo:

- caix(a) → caixinha
- fin(o) → fininho
- ov(o) → ovinho
- braç(o) → bracinho
- camp(o) → campinho
- pedr(a) → pedrinha
- pint(o) → pintinho
- carr(o) → carrinho

b) Em alguns casos, quando a palavra primitiva finaliza em “S”, acrescenta-se diretamente o sufixo do diminutivo “-inho”; aparece, então, a terminação “-SINHO” com a consoante “S”. Observe:

- as(a) → asinha
- princes(a) → princesinha
- adeus → adeusinho
- Teres(a) → Teresinha
- mes(a) → mesinha
- ros(a) → rosinha
- Luís → Luisinho
- Inês → Inesinha

c) Noutros casos, é impraticável a ligação direta do sufixo “-INHO” ao radical da palavra. Nestes casos, usa-se a consoante de ligação “Z” para tornar mais eufônica a ligação. Observe:

- anel + Z + inho → anelzinho
- pai + Z + inho → paizinho
- pé + Z + inho → pezinho
- Maria + Z + inha → Mariazinha
- mãe + Z + inha → mãezinha
- homem + Z + inho → homenzinho
- só + Z + inho → sozinho
- café + Z + inho → cafezinho

d) Muitos vocábulos, em especial na linguagem popular, são construídos indistintamente com os sufixos “-inho” e “-zinho”, como, por exemplo, “*florinha ou florzinha, peixinho ou peixezinho, feixinho ou feixezinho, ovinho ou ovozinho, mulherinha ou mulherzinha, dentinho ou dentezinho, hominho ou homenzinho*”.

4. Sufixos nominais designativos de agente (ser que pratica alguma ação), profissão, ofício

-ário	bibliotecário, bancário, mesário, latifundiário
-eiro	pedreiro, armeiro, livreiro, relojoeiro
-dor, -tor	andador, vendedor, partidor, mergulhador, escritor, cantor, demonstrador
-nte	estudante, negociante, pretendente, presidente, servente, ouvinte

5. Sufixos nominais designativos de ação ou resultado de ação

-ção	formação, armação, fundação, alegação, correção, arguição, punição, estremeção

-mento	armamento, fundamento, casamento, doutoramento, estremecimento, oferecimento, agradecimento, ferimento, sentimento, argumento
-ada	facada, paulada, lançada, badalada, noitada, pincelada, colherada

6. Sufixos nominais designativos de estado

-ura	alvura, brancura, altura, loucura, abertura, bravura, mistura, escritura, postura
-eza, -ez	beleza, presteza, justeza, ligeireza, alteza, braveza, viveza, leveza, viuvez, dobrez
-idade, -dade	brevidade, facilidade, idoneidade, amabilidade, comunidade, latinidade, ruindade, igualdade, crueldade, beldade, bondade
-ice	doidice, velhice, caduquice, mouquice, gulosice, meiguice, doutorice
-ite	laringite, cardite, gastrite, estomatite, hepatite
-ência	prudência, malevolência, continência, assistência
-tura, -dura	nunciatura, abreviatura, quadratura, ditadura

7. Sufixos nominais designativos de naturalidade, origem, relação, título

-ense, -ês	amazonense, mato-grossense, paraense, maranhense, cearense, fluminense, português, francês, chinês, javanês, camponês, montanhês, inglês
-esa, -essa, -isa	baronesa, marquesa, condessa, abadessa, sacerdotisa, profetisa, poetisa
-ano, -ão	italiano, alagoano, sergipano, goiano, baiano, peruano, mexicano, pernambucano, alemão, catalão, lapão, beirão, bretão, saxão, cristão
-ino	bizantino, levantino, argentino, beneditino, florentino, bragantino, alpino, platino
-io	sírio, egípcio, índio
-eno	chileno, madrileno, santareno
-enho	portenho, ferrenho, estremenho
-ista	paulista, santista, nortista
-engo	flamengo, realengo, avoengo, judengo
-ático	asiático, aquático, lunático, indiático
-ico	índico, aristocrático, brasílico, britânico, melancólico, simbólico, pérsico
-aico	judaico, hebraico, caldaico, romaico
-aco	austríaco, siríaco, egipcíaco
-al, -el, -il	estadual, atual, visual, processual, pontual, anual, fiel, cruel, civil, juvenil
-ar	regular, militar, familiar, rudimentar, elementar
-esco	senegalesco, brutesco, dantesco, carnavalesco

-estre	campestre, equestre
-este	celeste, agreste

8. Sufixos nominais designativos de aptidão, tendência, estado, semelhança

-ável, -ével, -ível, -óvel, -úvel	amável, venerável, notável, indelével, visível, terrível, preferível, móvel, imóvel, solúvel, volúvel
-iço	alagadiço, espantadiço, roliço, feitiço, movediço, postiço, quebradiço, sumidiço, chegadiço, encontradiço, esquecidiço
-az	audaz, capaz, loquaz, contumaz
-bundo, -cundo	furibundo, moribundo, iracundo
-ento	barulhento, rabugento, nojento, bulhento
-io	fugidio, escorregadio
-ivo	instrutivo, auditivo, corrosivo, pensativo, executivo
-ório	finório, simplório, difamatório, satisfatório
-oide	esferoide, negroide, ovoide, antropoide

9. Sufixos nominais designativos de superlatividade, abundância, intensidade

-timo, -simo, -rimo, -limo	íntimo, legítimo, justíssimo, integérrimo, agílimo, humílimo, dulcíssimo
-udo	cabeçudo, cabeludo, barbudo, narigudo, beiçudo, linguarudo, peludo, abelhudo

10. Sufixos nominais designativos de lugar

-douro, -doura	matadouro, bebedouro, sangradouro, ancoradouro, manjedoura, sumidouro
-ário, -ária, -eiro, -eira	herbário, erário, ovário, vocabulário, relicário, dicionário, santuário, luminária, penitenciária, agulheiro, carteira, fruteira, pedreira
-ério	cemitério, batistério, necrotério
-ório	dispensatório, cartório, escritório, conservatório, consistório, consultório, purgatório

11. Sufixos nominais designativos de posse, de posse abundante

-oso	caridoso, gostoso, bondoso, preguiçoso, maldoso, medroso
-onho	tristonho, medonho, enfadonho

1.1.7 SUFIXOS VERBAIS

Os sufixos verbais geralmente se agregam ao radical de substantivos e adjetivos a fim de

formar verbos. Os principais sufixos verbais em português são:

SUFIXO VERBAL	SENTIDO	EXEMPLOS
-ejar	ação frequente, repetitiva	vicejar, murmurejar, rastejar, gotejar, pestanejar
-ear	ação frequente, repetitiva	saquear, balancear, espernear, golpear, clarear
-ar	prática de ação	começar, deitar, jogar, cantar, telefonar
-ficar	prática de ação	liquidificar, gaseificar, tonificar, petrificar, dignificar
-izar	prática de ação	canalizar, comercializar, organizar, finalizar, canonizar
-entar	relativo à causa (causativo)	apoquentar, amamentar, ornamentar, acrescentar
-ecer	início de ação	amanhecer, enriquecer, envelhecer, empobrecer
-ilhar	ação repetida muitas vezes	dedilhar, pontilhar, fervilhar
-icar	ação pouco intensa	bebericar, namoricar, adocicar, tremelicar
-iscar	ação pouco intensa	lambiscar, namoriscar, petiscar
-inhar	ação pouco intensa	escrevinhar, esfolinhar, espezinhar, cuspinhar

1.1.8 OS SUFIXOS "IZAR" E "ISAR"

a) Não confunda o sufixo verbal "-izar" com a terminação "-isar" de certos verbos, nos quais o "**is**" pertence ao tema de onde se derivam, como, por exemplo, "precisar, analisar, guisar, repisar, eletrolisar". Quando o vocábulo não apresenta a consoante "S" em seu tema, emprega-se o sufixo "-izar" com a consoante "Z". Observe abaixo:

- hospital → hospital**izar**
- canal → canal**izar**
- valor → valor**izar**
- suave → suav**izar**
- imune → imun**izar**
- fértil → fertil**izar**

Agora...

- análise → anal**isar**
- pesquisa → pesqu**isar**
- aviso → av**isar**
- paralisia → paral**isar**
- eletrólise → eletrol**isar**
- guisa → gu**isar**
- revisão → rev**isar**

1.1.9 EMPREGO DE "-IDADE" E "-IEDADE"

Uma dúvida frequente para aqueles que prestam concurso é o emprego das formas "-

idade” e “-iedade”. Geralmente, as bancas cobram este conhecimento nas questões que envolvem “correção gramatical”. Portanto, fique atento às orientações a seguir:

a) Usa-se a terminação “-idade” quando o adjetivo termina em “-ar”. Observe:

- singul**ar** → singular**idade**
- element**ar** → elementar**idade**
- exempl**ar** → exemplar**idade**
- complement**ar** → complementar**idade**
- díspa**r** → dispar**idade**
- simil**ar** → similar**idade**

b) Emprega-se, por outro lado, a terminação “-iedade” quanto o adjetivo termina em “-ário” e “-ório”. Veja:

- precário → precar**iedade**
- voluntário → voluntar**iedade**
- contraditório → contraditor**iedade**
- obrigatório → obrigator**iedade**
- contrário → contrar**iedade**
- vário → var**iedade**
- notório → notor**iedade**
- arbitrário → arbitrar**iedade**

⇨ **Observação:**

Aos adjetivos terminados em “-neo” aplica-se também o sufixo “-idade”. Neste caso, retira-se a vogal “o”, que finaliza estes adjetivos, e acrescenta -se o sufixo “-idade”. Formar-se-á, portanto, o ditongo “EI”. Veja:

- espontâ**neo** → espontan**eidade**
- contemporâ**neo** → contemporan**eidade**
- temporâ**neo** → temporan**eidade**
- heterogê**neo** → heterogen**eidade**
- homogê**neo** → homogen**eidade**
- simultâ**neo** → simultan**eidade**
- sucedâ**neo** → sucedan**eidade**
- momentâ**neo** → momentan**eidade**

c) Sobre o emprego de “-ZINHO(A)” e “-SINHO(A)”, consulte o capítulo “Ortografia”.

1.1.10 EMPREGO DOS SUFIXOS “-ARIA” E “-ERIA”

Há, na língua portuguesa, um sem-número de vocábulos formados pelo processo de sufixação. Ocorre que, quando se trata dos sufixos “-eria” e “-aria”, não existe muito consenso entre os estudiosos da nossa língua e, em várias situações, admite-se a existência de vocábulos grafados tanto com “-aria” quanto com “-eria”. É certo que um deles tem se consolidado como o mais usual (alguns, como “parçaria”, são formas arcaicas e desusadas), mas ambos são graficamente corretos. Vejamos alguns deles:

- bijuteria ou bijutaria
- bilheteria ou bilhetaria

- engraxateria ou engraxataria
- joalheria ou joalharia
- vozeria ou vozearia
- leiteria ou leitaria
- lavanderia ou lavandaria
- charcuteria ou charcutaria
- infanteria ou infantaria
- doceria ou doçaria
- selvageria ou selvajaria
- parceria ou parçaria
- loteria ou lotaria
- sorveteria ou sorvetaria
- pedanteria ou pedantaria

⇨ **Observação:**

Diante de situações de dúvida, não titubeie: consulte um bom dicionário.

1.1.11 SUFIXO ADVERBIAL "-MENTE"

Em português, o único sufixo adverbial é "-mente", o qual se acrescenta ao gênero feminino de adjetivos (quando o adjetivo apresenta esta flexão) para exprimir circunstâncias de modo, tempo, quantidade etc. Observe:

- calmaMENTE
- bondosaMENTE
- felizMENTE
- alegreMENTE

⇨ **Observação:**

Correlacione esta regra com o emprego em sequência de advérbios terminados em "-mente". Esta orientação se encontra no capítulo sobre o "advérbio".

V. **DESINÊNCIAS:** são elementos mórficos que se acrescem ao final de um vocábulo e expressam as flexões de gênero, de número, de modo, de tempo e de pessoa. Podem ser:

a) **desinências nominais** → indicam o gênero e o número dos nomes.

RADICAL	DESINÊNCIA DE GÊNERO	DESINÊNCIA DE NÚMERO
macac	o	s
menin	a	s
pat	o	s

b) **desinências verbais** → indicam o modo e o tempo, o número e a pessoa dos verbos.

RADICAL	VOGAL TEMÁTICA	DESINÊNCIA MODO-TEMPORAL	DESINÊNCIA NÚMERO-PESSOAL

am-	a	-sse	-mos
cant-	a	-va	-mos

V. VOGAIS OU CONSOANTES DE LIGAÇÃO: são vogais e consoantes que, desprovidas de significação, são usadas na formação de um vocábulo a fim de facilitar-lhe a pronúncia.

- pau + **l** + ada
- café + **t** + eira
- gas + **ô** + metro
- cha + **l** + eira
- rei + **z** + inho

1.2 PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Antes de tudo, convém estabelecer alguns conceitos:

a) **Palavras primitivas** → são aquelas que não se formaram a partir de um vocábulo preexistente. São também denominadas de "derivantes".

- terra
- pedra
- ferro
- luz
- janela
- carro

b) **Palavras derivadas** → são aquelas formadas a partir de um vocábulo preexistente.

- terraço
- pedreira
- ferrugem
- luzeiro
- janelaço
- carroçaria

c) **Palavras simples** → são aquelas que apresentam um único radical.

- água
- guarda
- perfume
- perna

d) **Palavras compostas** → são aquelas que apresentam dois ou mais radicais.

- água-benta
- guarda-chuva
- lança-perfume
- pernalta

A partir desses conhecimentos, podemos afirmar que, na língua portuguesa, existem dois grandes processos de formação de palavras: derivação e composição.

1.2.1 DERIVAÇÃO

É o processo através do qual se obtém uma palavra nova (derivada) a partir de uma palavra já existente (primitiva). Esse fenômeno se dá, frequentemente, pelo acréscimo de afixos (prefixos ou sufixos). Dessa forma, temos:

1. Derivação prefixal ou prefixação → acréscimo de prefixos à palavra primitiva.

- **in**feliz
- **des**leal
- **re**ver

- **des**amor
- **pre**conceito
- **ultra**violeta

2. Derivação sufixal ou sufixação → acréscimo de sufixos à palavra primitiva.

- amor**oso**
- feliz**mente**
- bebe**douro**
- mal**dade**
- mel**oso**
- dent**ista**

3. Derivação sufixal e prefixal → acréscimo não simultâneo de um prefixo e um sufixo à palavra primitiva.

- **in**feliz**mente**
- **des**leal**dade**
- **des**cortes**ia**
- **in**util**izar**
- **des**nivel**ar**

⇨ Observação:

Perceba que na derivação prefixal e sufixal a retirada de um dos afixos não inutiliza a palavra por completo. Se se retirar o prefixo, a palavra subsiste com o processo de sufixação. Se se retirar o sufixo, a palavra subsistirá com o prefixo. Este é o principal fator para se distinguir este tipo de derivação da parassíntese. Observe:

→ **infelizmente**
- felizmente (sem o prefixo)
- infeliz (sem o sufixo)

4. Derivação parassintética ou parassíntese → acréscimo simultâneo de um prefixo e um sufixo à palavra primitiva.

- **a**noit**ecer**
- **a**pedr**ejar**
- **sub**terrâ**neo**
- **es**fri**ar**
- **a**madur**ecer**
- **des**alm**ado**

⇨ Observações:

a) Geralmente a derivação parassintética cria formas verbais a partir de substantivos e adjetivos. Veja abaixo:

- **enriquecer** → formada a partir do adjetivo “rico”
- **ajoelhar** → formada a partir do substantivo “joelho”
- **empalhar** → formada a partir do substantivo “palha”
- **endoidecer** → formada a partir do adjetivo “doido”

- **embarcar** → formada a partir do substantivo “barco”
- **amanhecer** → formada a partir do substantivo “manhã”

b) Não confunda a derivação prefixal e sufixal com a parassintética. Nesta, o acréscimo dos afixos se dá de maneira simultânea, de modo que a retirada de um deles (sufixo ou prefixo) acarretará o desaparecimento da palavra.

5. Derivação regressiva → formação de substantivos denotadores de ação através de um processo de redução verbal. Substitui-se a terminação de um verbo pelas desinências “-a, -e, -o”. Este tipo de derivação também é chamado de “**deverbal**”, “**pós-verbal**” ou “**retrógrada**”.

VERBO (primitivo)	SUBSTANTIVO (derivado)
abalar	abalo
afagar	afago
alcançar	alcance
buscar	busca
castigar	castigo
combater	combate
comprar	compra
enlaçar	enlace
gritar	grito
jogar	jogo
pescar	pesca

⇨ **Observações:**

a) Não se esqueça de que o processo comum de formação é a criação de verbos a partir de substantivos e adjetivos. A derivação regressiva, portanto, promove o processo inverso.

b) Convém mais uma vez salientar que a derivação regressiva forma substantivos indicativos de ação. Logo, “ajuda”, “saque”, “caça”, por exemplo, são substantivos derivados dos verbos “ajudar”, “sacar” e “caçar”, respectivamente, porque indicam ação. Por outro lado, os substantivos “âncora”, “perfume”, “alimento”, os quais não indicam ação, mas objetos, coisas, são palavras primitivas que dão origem aos verbos “ancorar”, “perfumar” e “alimentar”.

6. **Derivação imprópria ou conversão** → ocorre pela mudança da classe gramatical de uma palavra. Na maioria dos casos, substantivos se tornam adjetivos e vice-versa, adjetivos se transformam em advérbios e vice-versa, infinitivos se tornam substantivos, ou palavras invariáveis passam a ser substantivos.

- Ao longo da reunião, ele explicou **os prós** e **os contras** da questão. (palavras invariáveis substantivadas)
- Os **bons** sempre superam os **maus**. (adjetivos substantivados)
- Comprei um lindo rádio-**relógio** no centro da cidade de São Paulo. (substantivo adjetivado)
- Quando criança, pintava o **sete** na ausência dos pais. (numeral substantivado)
- **Esperar** é uma arte que todos deveriam exercitar. (infinitivo substantivado)
- Todos na sessão falavam **alto**. (adjetivo adverbializado)

1.2.2 COMPOSIÇÃO

É o processo por meio do qual duas ou mais palavras, ou dois ou mais radicais, se associam para formar uma nova palavra. Dois são os processos de composição na língua portuguesa:

1. **Composição por aglutinação** → ocorre quando há supressão ou perda de elementos fonéticos entre as palavras que se unem.

- perna + alta = **pernalta**
- boca + aberta = **boquiaberta**
- perna + longo = **pernilongo**
- plano + alto = **planalto**
- Santo + Antônio = **santantônio**
- cabeça + baixa = **cabisbaixo**
- fonte + seca = **Fonseca**
- plena + mar = **preamar**
- puxa + avante = **puxavante**
- pedra + óleo = **petróleo**
- em + boa + hora = **embora**
- filho + de + algo = **fidalgo**
- água + ardente = **aguardente**
- hidro + elétrico = **hidrelétrico**
- vinho + acre = **vinagre**

2. **Composição por justaposição** → ocorre quando as palavras se juntam sem que haja alteração mórfica nelas.

- passa + tempo = **passatempo**
- mal + me + quer = **malmequer**
- sempre + viva = **sempre-viva**
- porco + espinho = **porco-espinho**
- vai + vém = **vaivém**
- verde + mar = **verde-mar**
- vara + pau = **varapau**
- mata + borrão = **mata-borrão**

- gira + sol = **girassol**
- guarda + chuva = **guarda-chuva**
- obra + prima = **obra-prima**

1.2.3 OUTROS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Ao lado dos dois grandes processos de formação de palavras da língua portuguesa (derivação e composição), há outros igualmente importantes. São eles:

1. **Redução ou abreviação vocabular** → ocorre pela redução de um vocábulo a um mínimo semântico significativo, ou seja, reduz-se uma palavra ao máximo sempre mantendo seu sentido original.

- **auto** → redução de "automóvel"
- **extra** → redução de "extraordinário"
- **cinema** → redução de cinematógrafo
- **foto** → redução de fotografia
- **pneu** → redução de pneumático
- **curta** → redução de curta-metragem
- **zoo** → redução de zoológico
- **quilo** → redução de "quilograma"
- **cine** → redução de "cinema"
- **pólio** → redução de "poliomielite"
- **moto** → redução de motocicleta
- **pornô** → redução de pornografia
- **Zé** → redução de José
- **metrô** → redução de metropolitano

2. **Hibridismo** → ocorre quando a palavra é formada por elementos provenientes de línguas diferentes.

- automóvel = auto (grego) + móvel (latim)
- televisão = tele (grego) + visão (latim)
- abreugrafia = abreu (português) + grafia (grego)
- alcoômetro = álcool (árabe) + metro (grego)
- burocracia = buro (francês) + cracia (grego)
- monocultura = mono (grego) + cultura (latim)
- sambódromo = samba (português) + dromo (grego)
- goiabeira = goia (tupi) + beira (português)
- sociologia = socio (latim) + logia (grego)
- asmático = asma (português) + ico (latim)

3. **Onomatopeia ou onomatopaica** → ocorre quando se formam palavras que buscam representar os sons dos seres, das coisas, da natureza.

- vapt-vupt!
- tique-taque
- toc-toc!
- bummm!
- miau!
- tartamudear
- latir
- espocar
- grunhir
- zigue-zague!
- au! au!
- zás!
- estralejar
- tinir
- grugulhejar
- piar
- arrulhar
- rosnar

⇨ **Observação:**

Todos os verbos que indicam os sons dos animais são onomatopaicos. Logo, “coaxar (rã), chiar (insetos), estridular (cigarra), grasnar (pato), mugir (boi), palrar (papagaio), rugir (leão), uivar (lobo), zurrar (burro)” são alguns exemplos de verbos onomatopaicos.

4. **Siglonimização** → é o processo de formação das siglas. A sigla é a abreviatura formada com as letras iniciais das palavras de um nome ou um título. Observe abaixo algumas siglas.

- **FGTS** = Fundo de Garantia pelo Tempo de Serviço
- **CPF** = Cadastro de Pessoas Físicas
- **MEC** = Ministério da Educação e Cultura
- **CEP** = Código de Endereçamento Postal
- **DNER** = Departamento Nacional de Estradas e Rodagens
- **SENAC** = Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
- **IBOPE** = Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística
- **IBGE** = Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- **SENAI** = Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
- **UNESCO** = United Nations Educational Scientific and Cultural Organization
- **ONU** = Organização das Nações Unidas
- **OEA** = Organização dos Estados Americanos
- **PT** = Partido dos Trabalhadores

1.2.4 NEOLOGISMOS

A língua não é algo morto, sem vida. Em todo tempo, por causa da evolução dos seres e da evolução do campo do conhecimento, o acervo lexical de um povo se modifica – palavras deixam de ser usadas e tornam-se arcaicas, e palavras novas são criadas. A esse processo de criação lexical dá-se o nome de **neologismo**.

O nosso idioma, estruturalmente formado do latim, tem herdado empréstimos lexicais de

outros sistemas linguísticos desde o início de sua formação. Por isso, em nossa língua encontramos tantos vocábulos provenientes das diversas influências (celta, fenícia, basca, bárbara, árabe, africana, tupi, espanhola, inglesa, italiana, francesa etc.).

Hoje, em virtude da globalização econômico-financeira, nossa língua portuguesa tem recebido bastantes empréstimos linguísticos oriundos da língua inglesa.

Cumpre de antemão frisar que, para a formação de um neologismo, na maioria dos casos, são usados os mesmos processos utilizados para a formação de muitas palavras em nossa língua: derivação e composição.

Observe alguns exemplos de neologismos em nossa língua (alguns ainda não foram registrados pelos dicionaristas, mas são bastante usados):

- deletar = apagar
- clicar = dar cliques com o mouse
- bebemorar = junção de beber e comemorar
- indescartável = que não pode ser descartável
- microcurso = curso de pequena extensão
- lulistas = partidários do presidente Lula
- pistolagem = ações com o uso da pistola, da força

1.3 CLASSIFICAÇÃO E FLEXÃO DAS PALAVRAS

Na língua portuguesa, a palavra pode ser analisada pela função que exerce em relação às outras palavras, ou pelo valor que, isoladamente, ela possui. No primeiro caso, temos a análise sintática, a qual será fruto de nosso estudo em capítulo próprio. Já a segunda, diz respeito à análise (ou classificação) morfológica.

Morfologia (gr. “morphê” = forma, “logos” = tratado) é a parte da “lexicologia” que estuda a palavra em seu elemento imaterial, isto é, em sua ideia ou significação. A morfologia das palavras pode ser estudada em duas partes:

a) **Taxonomia** (gr. “taxis” = arranjo, classificação; “nomos” = lei) estuda as diversas classes de palavras e as suas propriedades em relação à ideia que expressam.
b) **Etimologia** (gr. “etimo” = origem; “logia” = estudo) estuda a origem e a evolução das palavras.

Nos próximos dez capítulos, estudaremos a classificação morfológica das palavras em nossa língua, isto é, o valor que cada uma possui por si mesma, independentemente das demais palavras.

Há em nossa língua dez classes de palavras: substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome, verbo, advérbio, conjunção, preposição e interjeição.

Observe abaixo um quadro-resumo dessas dez classes:

CLASSE DE PALAVRA	DEFINIÇÃO (CARACTERÍSTICAS)	EXEMPLOS
1. Substantivo	Classe de palavra variável que dá nome aos seres em geral.	casa – terra – rosto – planta – martelo – João – papelão
2. Adjetivo	Classe de palavra variável que modifica um substantivo, atribuindo-lhe uma qualidade, um estado, um modo de ser.	bom – ruim – alto – péssimo – belo – feio – gostoso
3. Artigo	Classe de palavra variável que acompanha um substantivo, determinando-o ou indeterminando-o.	o – a – o – as – uma – um – umas – uns
4. Numeral	Classe de palavra variável que indica quantidade ou ordem dos seres.	dois – três – primeiro – décimo – um terço – triplo
5. Pronome	Classe de palavra variável que substitui ou acompanha o substantivo.	meu – nós – alguém – que – cujo – Vossa Excelência
6. Verbo	Classe de palavra variável que indica um processo em relação ao tempo. Este processo pode ser uma ação, um estado, uma mudança de estado ou um fenômeno da natureza.	andar – chover – dormir – correr – nadar – ser – ventar – fugir – tornar-se
7. Advérbio	Classe de palavra invariável que modifica um verbo, um adjetivo ou até outro advérbio, atribuindo-lhes circunstâncias diversas.	cedo – tarde – amanhã – não – talvez – jamais – sim
8. Conjunção	Classe de palavra invariável que liga orações ou termos dentro de uma oração.	embora – mas – já que – conquanto – a fim de que
9. Preposição	Classe de palavra invariável que liga termos de uma oração ou, mais raramente, orações.	a – de – por – com – sob
10. Interjeição	Classe de palavra invariável que exprime emoções ou sentimentos.	ah! – puxa! – ai! – ufa!

⇨ Observação:

Convém salientar que classificar uma palavra é, antes de tudo, entender o sentido e a função que cada uma exerce em uma dada sentença. Sempre será imperfeita a classificação que se funde meramente na forma ou na estrutura do vocábulo. Logo, a chave para uma boa classificação é a análise de cada uma em seu contexto oracional. Observe abaixo alguns exemplos que demonstram a variação da classificação de um mesmo vocábulo.

- Eles são homens **sábios**. *adjetivo*
- Os **sábios** vivem melhor. *substantivo*
- Joana é um ser **baixo**. *adjetivo*
- É importante falar **baixo**. *advérbio*
- O **filósofo** é o amigo da sabedoria. *substantivo*
- Luis XV era um rei-**filósofo**. *adjetivo*
- Esta **tarde** foi inesquecível. *substantivo*
- Saímos muito **tarde**. *advérbio*
- Por favor, não **tarde**. *verbo*
- Ficou **meio** chateada. *advérbio*
- Ficou sem **meios** para se suster. *substantivo*
- Comprou **meia** fruta. *numeral*
- Meus olhos veem **claro**. *advérbio*
- Tinha um **claro** talento. *adjetivo*
- Ficamos num **claro** da floresta. *substantivo*
- Esforço-me **porque** sejas aprovada. *conj. final*
- Estudo **porque** é importante. *conj. causal*
- Não nos disse o **porquê** do problema. *substantivo*
- **Fora** isso, peça-me o que quiser. *preposição*
- Ficou **fora** da casa. *advérbio*
- Ele **fora** para o interior do Estado. *verbo*
- Ela **nada** bem. *verbo*
- Ela não dirá **nada**. *pronome indefinido*
- Isto não é **nada** agradável. *advérbio*
- **O** menino estuda. *artigo*
- Eu **o** considero muito. *pronome oblíquo*
- Já sabemos **o** que sucedeu. *pronome demonstrativo*

1.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (TRT-ES) Assinale o item no qual os prefixos destacados **não** têm o mesmo sentido:

   a) carta **a**nônima – homem **in**capaz
   b) **hemi**sfério sul – raiz **semi**morta
   c) nuvem **diá**fana – película **trans**lúcida
   d) rua **para**lela – autor **con**temporâneo
   e) **perí**metro urbano – área **circun**vizinha

2. (ESAF-MPU) Assinale a opção na qual os componentes destacados das palavras não têm a mesma significação:

a) **hiper**tensão – **super**mercado
b) **a**teu – **an**arquia
c) **bí**pede – **di**ssílabo
d) **anfí**bio – **ambi**destro
e) **ante**por – **anti**aéreo

3. (BB) Assinale a opção em que há erro na explicação da palavra destacada:

a) **heliofobia** – horror à luz do sol
b) **rinalgia** – dor de nariz
c) **xilografia** – arte de gravar em pedra
d) **etnologia** – estudo das raças
e) **misantropia** – aversão à sociedade

4. (FATEC-SP) Nas palavras **poliglota**, **tecnocracia**, **acrópole**, **demagogo** e **geografia** encontramos elementos que têm as seguintes significações, respectivamente:

a) garganta – ciência – cidade – conduzo – terra
b) língua – governo – civilização – enganar – terra
c) muitas – deus – alto – povo – planeta
d) língua – governo – alto – povo – terra
e) muitas – poder – cidade – diabo – tratado

5. (Mackenzie-SP) Assinale a alternativa em que não há relação entre duas colunas quanto ao significado do prefixo:

a) abdicar = afastamento
b) adjacente = posição em frente
c) antedatar = anterioridade
d) ambidestro = duplicidade
e) biscoito = repetição

6. (FATEC-SP) O prefixo e o sufixo que compõem a palavra **despenteada** encontram similar de sentido em:

a) imaginava
b) deslealdade
c) dissílabo
d) infelicidade
e) impossibilitado

7. (CESGRANRIO-RJ) Assinale o par de vocábulos cujos prefixos apresentam significação equivalente à dos elementos iniciais de **impessoal** e **predeterminado**:

a) amoral – epidérmico
b) antiaéreo – hipertenso
c) disforme – ultrapassado
d) contraindicado – transatlântico
e) desumano – antediluviano

8. (UFRJ) Assinale a alternativa cujo prefixo **sub**- tem o sentido de posteridade:

a) sublinhar
b) subsequente
c) subdesenvolvimento
d) subjacente
e) submisso

9. (Mackenzie-SP) Dentre as alternativas abaixo, assinale aquela em que ocorrem dois prefixos que dão ideia de negação:

a) impune, acéfalo
b) pressupor, ambíguo
c) anarquia, decair
d) importar, soterrar
e) ilegal, refazer

10. (ITA-SP) Considere as seguintes significações:

"nove ângulos" – "governo de poucos"
"som agradável" – "dor de cabeça"
Escolha a alternativa cujas palavras traduzem os significados apresentados acima.

a) pentágono, plutocracia; eufonia, mialgia
b) eneágono, oligarquia; eufonia, cefalalgia
c) nonangular, democracia; cacofonia, dispineia
d) eneágono, aristocracia; sinfonia, cefalalgia
e) hendecágono, monarquia; sonoplastia, cefaleia

GABARITO

1 – D	2 – E	3 – C
4 – D	5 – B	6 – E
7 – E	8 – B	9 – A
10 – B		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 2

SUBSTANTIVO

2.1 DEFINIÇÃO

É a classe de palavra variável com a qual se denomina os seres em geral.

Aqui, a palavra “ser” precisa ser entendida não só como aquilo que possui uma existência concreta (pedra, homem, carro, lua), mas também como aquilo que possui uma existência imaginária (Saci, fada, Minotauro), abstrata (fé, alegria, tristeza), ou mesmo de comprovação discutível (anjo, alma, inferno).

Por isso, classificam-se como substantivos as coisas, os sentimentos, as qualidades, as ações, os estados considerados em si mesmos.

Observe os primeiros exemplos:

beleza	morte	vida	vingança	casamento	vento
cobre	água	árvore	sonho	Terra	símbolo
pureza	revolução	átomo	eletricidade	caderno	uva

2.2 CARACTERIZAÇÃO DO SUBSTANTIVO

Nem sempre é fácil para um estudante da língua portuguesa identificar com segurança um substantivo. Por isso, para fazê-lo, convém observar duas características fundamentais:

1. O substantivo é uma classe de palavras que geralmente vem acompanhada de outras palavras, as quais a determinam. Daí dizermos que um substantivo frequentemente se encontra acompanhado de determinantes. Funcionam como determinantes “os artigos, os adjetivos, os pronomes adjetivos e os numerais”. Logo, quase todas as palavras na língua portuguesa podem ser usadas como substantivos.

   Veja:

- Havia dois **entrevistadores** engraçados que faziam umas **perguntas** bobas.
  determinante *determinantes*

- Alguns **homens** nunca conseguirão implementar mais que três **ideias** ao longo da **vida**.
  determinante *determinantes*

- Não aguentava mais os teus **ais**, as tuas **lamúrias**, os teus "**não-sei-pra-que-isso**".
  determinantes *determinantes*

2. O substantivo é a classe morfológica que "privativamente" exerce as funções sintáticas de: **sujeito**, **objeto direto**, **objeto indireto**, **complemento nominal**, **agente da passiva**, **aposto** e **vocativo**. Logo, palavras que exercem tais funções serão substantivos ou substantivadas.

   Observe:

- Os noivos disseram "**sim**!" diante de toda a igreja.
  objeto direto = palavra substantivada

- Não viva o **ontem**; procure amar o **hoje**.
  objetos diretos = palavras substantivadas

- Os **feios** também amam.
  sujeito = palavra substantivada

- **Viver** já é, por si só, um presente de Deus.
  sujeito = palavra substantivada

- Ninguém sabe os **porquês** da ausência dele.
  objeto direto = palavra substantivada

- Precisaremos dos **dois** para o nosso projeto.
  objeto indireto = palavra substantivada

- Ao chegar, foi enxotado pela **multidão**.
  agente da passiva = substantivo

- Não tinha precisão do **dinheiro** público.
  complemento nominal = substantivo

- Precisamos muito disto: **paz** na terra entre os homens de boa vontade.
  aposto = substantivo

⇨ Observações importantes:

a) Não confunda um substantivo com uma palavra substantivada. Enquanto esta se encontra exercendo uma função típica do substantivo, aquele é o próprio substantivo por natureza. A palavra "nobre" é um adjetivo por natureza. No entanto, ao dizermos "Os **nobres** sempre dominaram o mundo", temos um adjetivo substantivado, ou seja, uma palavra substantivada, pois ela exerce a função de sujeito e está acompanhada de um determinante.

b) Não se esqueça de que alguns substantivos também podem exercer o papel de "adjetivo" pelo processo de derivação imprópria ou conversão, estudado no capítulo

sobre a formação das palavras. Veja:

- O homem-**morcego** sempre foi um sucesso do cinema.
  Substantivo exercendo a função de adjetivo.
- Minha avó sempre dizia que vivia em um mundo **cão**.
  Substantivo exercendo a função de adjetivo.

c) O substantivo, como a maioria das classes morfológicas, pode ser expresso por meio de uma oração, denominada de "**oração substantiva**". Já que o substantivo exerce funções como "sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal", a oração substantiva exercerá também – obviamente – uma dessas funções. Observe:

- Tinha receio de que os juros inviabilizassem seus negócios.
  oração substantiva – complemento nominal
- Sempre aspirou a que todos fossem contemplados com a sorte da loteria.
  oração substantiva – objeto indireto
- Seria fundamental que eles se amassem mais.
  oração substantiva – sujeito
- João argumentou que aquilo fora dito por seu pai há muitos anos.
  oração substantiva – objeto direto

⇨ **Observação:**

Para aprofundar este último ponto, estude, em sintaxe, as orações substantivas.

d) Convém salientar também que é um substantivo o núcleo de boa parte das locuções adjetivas, adverbiais, prepositivas e conjuntivas. Por isso, o substantivo é uma das classes gramaticais mais importantes. Veja:

- à espera de = núcleo de uma locução prepositiva
- casaco de couro = núcleo de uma locução adjetiva
- a fim de que = núcleo de uma locução conjuntiva
- à tarde = núcleo de uma locução adverbial

2.3 CLASSIFICAÇÃO DO SUBSTANTIVO

Os substantivos podem ser classificados em: **concretos, abstratos, próprios, comuns, simples, compostos, primitivos, derivados e coletivos**.

1. **Concretos e abstratos:** Os primeiros indicam os seres que possuem existência própria

independente dos demais seres, não importando se são reais ou imaginários. Já os segundos indicam os seres que dependem da existência de outros seres para existirem. Estes últimos indicam qualidades, ações ou estados.

- mesa – faca – lápis – apontador – lua – terra – mar – lampião – fada = são exemplos de substantivos concretos
- pânico – medo – tristeza – bondade – sonho – conhecimento – saudade = são exemplos de substantivos abstratos

2. **Próprios e comuns:** Os próprios designam um ser específico, determinado entre os outros de sua espécie. Já os comuns designam os seres de uma espécie de forma genérica.

- rua – casa – flor – carro – aliança – cidade – rio = são substantivos comuns
- Pedro – Brasil – Nova Iorque – São Francisco – Jesus Cristo = são substantivos próprios

3. **Simples e compostos:** São simples os substantivos formados por um só elemento, um só radical. Já os compostos são constituídos por mais de um radical ou elemento formador.

- terra – fruta – cavalo – pau = são substantivos simples
- terra-cozida – fruta-pão – cavalo-vapor – pau-brasil = são substantivos compostos

4. **Primitivos e derivados:** Os primitivos são aqueles substantivos que não resultam de nenhuma outra palavra preexistente. Já os derivados, como o próprio nome já o denuncia, são os substantivos oriundos de outras palavras, ditas primitivas.

- terra – pedra – mar – luz – folha = são substantivos primitivos
- terraplanagem – pedreira – maremoto – luzeiro – folhagem = são substantivos derivados

5. **Coletivos:** São os substantivos que, no singular, indicam uma coleção, um agrupamento, um conjunto de seres da mesma espécie. Observe abaixo uma tabela com os principais coletivos:

academia	de literatos, de artistas, de sábios etc.
acervo	de bens patrimoniais, de obras de arte etc.
álbum	de fotografias, de selos
alcateia	de lobos
antologia	de trechos literários
armada	de navios de guerra
arquipélago	de ilhas

assembleia	de pessoas reunidas
associação	de pessoas reunidas sob o mesmo estatuto
atilho	de espigas de milho
atlas	de mapas
bagagem	de objetos de viagem
baixela	de utensílios de mesa
banca	de examinadores
bandeira	de garimpeiros, de exploradores
bando	de crianças, de aves, de ciganos etc.
baralho	de cartas
batalhão	de soldados
bateria	de peças de artilharia, de utensílios de cozinha
biblioteca	de livros
boiada	de bois
brigada	de pessoas voltas para a execução de um serviço
cabido	de cônegos de uma catedral
cacaria	de cacos
cacho	de uvas, de bananas etc.
cáfila	de camelos
câmara	de deputados
cambada	de vadios, de malvados etc.
capoeira	de aves, de mato
caravana	de viajantes, de peregrinos, de mercadorias etc.
cardume	de peixes
cartuchame	de cartuchos
catálogo	de livros, de plantas, de objetos para a venda etc.
choldra	de malfeitores, de desordeiros, de pessoas ordinárias etc.
chusma	de gente, de criados, de papéis
clientela	de clientes
código	de leis reunidas
coleção	de livros, de poesias, de selos etc.

coletânea	de objetos reunidos
coligação	de pessoas, de organizações
colmeia	de cortiços de abelhas
comboio	de meios de transporte, de animais etc
conciliábulo	de feiticeiros
concílio	de bispos, de prelados, de pastores
conclave	de cardeais
confederação	de estados
confraria	de pessoas religiosas reunidas
congregação	de professores, de membros de uma determinada religião
congresso	de sábios, de diplomatas, de deputados
conselho	de ministros, de professores
constelação	de estrelas
cordilheira	de montanhas
corja	de canalhas, de vadios, de malfeitores
coro	de pessoas reunidas para cantar
discoteca	de discos
doutrina	de conhecimentos
elenco	de atores, de artistas
enxoval	de roupas e adornos
esquadra	de navios
fato	de cabras
fauna	de animais de uma região
feixe	de lenha, de capim, de varas
fornada	de pães, de tijolos etc.
frotas	de navios, de ônibus etc.
galeria	de quadros, de estátuas
grei	de fiéis reunidos
grêmio	de intelectuais, de artistas etc.
irmandade	de membros de associações religiosas

júri	de jurados
legião	de soldados, de anjos, de demônios
lustro	de cinco anos
maço	de papéis, de cartas, de cigarros
manada	de bois, de elefantes etc.
maquinaria	de máquinas
matilha	de cães
miríade	de insetos
molho	de chaves, de capim
ninhada	de filhotes de aves
nuvem	de gafanhotos, de mosquitos etc.
orquestra	de músicos
parlamento	de casas legislativas
patrulha	de soldados em ronda
penca	de bananas, de uvas, de laranjas
petrecho	de armamentos
pilha	de livros, de moedas, de pratos
pinacoteca	de quadros, de telas
piquete	de grevistas
plêiade	de grupo de homens sábios, célebres
prole	de filhos de um casal
quadrilha	de ladrões, de bandidos
ralé	de pessoas ordinárias
ramalhete	de flores
rancho	de soldados, de trabalhadores, de gente
rebanho	de ovelhas, de cabras
renque	de coisas ou pessoas na mesma linha
repertório	de peças teatrais, de músicas
resma	de papel (quinhentas folhas)
réstia	de cebola, de alho

revoada	de aves
rol ou ror	de pessoas, de testemunhas
seleta	de trechos literários escolhidos
sínodo	de párocos, de religiosos reunidos
súcia	de velhacos, de patifes
tripulação	de tripulantes de um navio, de um avião
tropel	de cavaleiros
tropilha	de cavalos
trouxa	de roupas
turma	de estudantes, de trabalhadores etc.
vara	de porcos
viveiro	de aves, de plantas

⇨ Algumas observações sobre os substantivos coletivos:

a) É importante frisar que os substantivos coletivos podem ser **específicos (determinados)** ou **genéricos (indeterminados)**. Dizer, por exemplo, "ramalhete de flores", "cardume de peixes", "esquadra de navios" consiste numa redundância, pois os coletivos aqui usados se referem – especificamente – a "flores, peixes e navios", respectivamente. Por outro lado, não se comete redundância quando se criam especificações para coletivos do tipo "grupo, bando, congresso, coleção", uma vez que estes podem ser utilizados para indicar mais de um ser. Por isso, os primeiros são denominados de específicos e os segundos de genéricos. Veja:

- O **grupo** de estudantes deixou a sala.
- Um **grupo** de deputados inspecionará a obra.
- Um **bando** de aves sobrevoa a cidade.
- Um **bando** de ladrões assaltou um banco hoje pela manhã.
- A **coleção** de selos foi furtada.
- A **coleção** de poesias do Mário impressiona a todos.

⇨ Observação:

Nestes exemplos, os substantivos "grupo, bando e coleção" requereram especificações por se tratar de coletivos inespecíficos ou genéricos.

b) Quando se trata de coletivos genéricos ou inespecíficos, a concordância do verbo pode-se dar tanto com o núcleo do termo quanto com a sua especificação.

- Uma equipe de jogadores — auxiliará / ou / auxiliarão — os trabalhos de seleção dos melhores atletas da escola.

) Os substantivos "parte, metade, maioria, minoria", que designam fração de um todo, são denominados de "coletivos partitivos"; distinguem-se, portanto, dos outros denominados de "coletivos gerais".

) Há coletivos que são denominados de numéricos, pois representam quantidades numéricas exatas. Exemplos:

- **par** → conjunto com dois elementos
- **lustro** → período de cinco anos
- **novênio** → período de nove anos
- **sextilha** → estrofe de seis versos
- **tríade** → grupo de três pessoas
- **septênio** → período de sete anos
- **semana** → período de sete dias
- **dúzia** → conjunto de doze elementos
- **milhar** → conjunto de mil coisas
- **semestre** → período de seis meses
- **trezena** → período de treze dias
- **trindade** → reunião de três pessoas
- **quinquídio** → período de cinco dias
- **quindênio** → período de quinze dias
- **cento** → conjunto com cem elementos
- **terceto** → estrofe de três versos / reunião de três pessoas

) Muitos coletivos são formados pelo processo de sufixação. Eis abaixo os sufixos mais comuns para a formação de coletivos.

- **-ada** → boiada, manada, brigada
- **-alha** → parentalha, clericalha
- **-ama** → dinheirama, boiama
- **-aria** → livraria, artilharia
- **-eiro** → formigueiro, abelheiro
- **-agem** → folhagem, carruagem
- **-al** → cabedal, bananal
- **-ame** → cordame, enxame
- **-dade** → cristandade, diversidade
- **-edo** → arvoredo, vinhedo

2.4 FLEXÕES DOS SUBSTANTIVOS

Como palavras variáveis que são, os substantivos se flexionam em: **gênero**, **número** e **grau**.

2.4.1 FLEXÕES DE GÊNERO

Em primeiro lugar, é importante dizer que o gênero é uma classificação puramente gramatical. Segundo o gênero, os substantivos são agrupados em **masculinos** e **femininos**.

Em tese, são masculinos todos os substantivos aos quais se pode antepor o artigo definido masculino "o(s)". Por outro lado, são femininos todos os que admitem o artigo definido feminino "a(s)".

São masculinos	São femininos
o cordão – os sapatos – os lençóis – o azeite	a fralda – a sandália – a leoa – a patroa – a câmera
o cidadão – o ator – o imperador – o compadre	a internet – a libélula – a freira – a mãe – a dama

2.4.1.1 Formação do feminino

2.4.1.1.1 Substantivos biformes

A maioria dos substantivos na língua portuguesa apresenta formas distintas para o masculino e para o feminino – são denominados de "**BIFORMES**". Para os substantivos desse grupo, o feminino geralmente se forma a partir da(o):

) Mudança da terminação "-o" por "-a":

- filho → filha
- aluno → aluna
- menino → menina
- garoto → garota
- aluno → aluna

) Mudança da terminação "-e" por "-a":

- elefante → elefanta
- monge → monja
- parente → parenta
- mestre → mestra
- presidente → presidenta

) Mudança das terminações "-e" e "-a" por "-essa, -esa, -isa".

- sacerdote → sacerdotisa
- diácono → diaconisa

- barão → baronesa
- abade → abadessa
- príncipe → princesa
- profeta → profetisa
- conde → condessa
- prior → prioresa

l) Mudança da terminação "-ão" por "-ã, -oa, -ona".

- alemão → alemã
- irmão → irmã
- leitão → leitoa
- valentão → valentona
- chorão → chorona
- patrão → patroa
- cidadão → cidadã
- santarrão → santarrona

Exceções:

- barão → baronesa
- sultão → sultana
- ladrão → ladra
- cão → cadela

) Mudança da terminação "-eu" por "-eia":

- europeu → europeia
- plebeu → plebeia
- ateu → ateia
- hebreu → hebreia
- pigmeu → pigmeia

⇨ Observação:

Há substantivos que não seguem esta regra: réu → ré; judeu → judia; ilhéu → ilhoa.

) Acréscimo da terminação "-a" aos substantivos terminados em "-es, -or, -z, -s, -l":

- camponês → camponesa
- juiz → juíza
- cantor → cantora
- escritor → escritora
- bacharel → bacharela

l) Acréscimo da terminação "-triz" a certos substantivos terminados em "-or":

- embaixador → embaixatriz
- imperador → imperatriz
- cantor → cantatriz
- ator → atriz
- genitor → genetriz

⇨ Observação:

Admitem-se também os femininos "cantora" e "genitora" – bem mais usuais no português contemporâneo – para os substantivos "cantor" e "genitor", respectivamente.

l) Acréscimo da terminação "-ina" a certos substantivos como:

- herói → heroína
- czar → czarina
- felá → felaína

⇨ Observação:

Inúmeros são os procedimentos para a formação do feminino na língua portuguesa, e não há uma regra que consiga abarcar todas as situações. Daí a quantidade exorbitante de substantivos os quais possuem formas totalmente diferentes para indicar o masculino e o feminino. Estes substantivos são denominados de "heterônimos". Segue abaixo uma lista sucinta de tais substantivos (também denominados de "**biformes**", diga-se por conveniência) e seus respectivos femininos.

MASCULINO	FEMININO
caxaréu	baleia
bispo	episcopisa
bode	cabra
boi	vaca

burro	besta, mula
cão	cadela
capitão	capitã
cavaleiro	amazona
cavalheiro	dama
cavalo	égua
compadre	comadre
cônego	canonisa, cônega
confrade	confreira
dom	dona
embaixador	embaixadora (funcionária)
embaixador	embaixatriz (esposa do embaixador)
ermitão	ermitoa
frade	freira
frei	sóror ou soror
galo	galinha
general	generala
genro	nora
homem	mulher
jabuti	jabota
javali	javalina
marajá	marani
pacuçu	paca
padrasto	madrasta
padre	madre
padrinho	madrinha
pai	mãe
pardal	pardoca ou pardaloca
parvo	parva
patriarca	matriarca
perdigão	perdiz

prior	prioresa ou priora
rajá	rani
sandeu	sandia
tritão	sereia
tabaréu	tabaroa
varão	varoa ou virago
veado	veada, cerva
zangão	abelha

2.4.1.1.2 Substantivos uniformes

Um outro grande grupo de substantivos possui apenas uma única forma gráfica para designar tanto o masculino quanto o feminino – são os denominados de **UNIFORMES**. Dividem-se em:

) **Sobrecomuns** – são substantivos que possuem uma única forma para o masculino e para o feminino. Até o artigo que acompanha estes substantivos é comum aos dois gêneros.

- o monstro
- o cadáver
- a criança
- o sujeito
- o defunto
- o ídolo
- o cônjuge
- o carrasco
- a pessoa
- a vítima
- o membro
- a criatura
- o esqueleto
- a testemunha

) **Comuns de dois gêneros** – são substantivos que possuem uma única forma gráfica para os dois gêneros, mas se faz a distinção do masculino e do feminino pela utilização de artigos “o, a, os, as, um, uns, uma, umas”.

- o/a cliente
- o/a acrobata
- o/a diplomata
- o/a estudante
- o/a artista
- o/a agente
- o/a agiota
- o/a pajem
- o/a nubente
- o/a pedinte
- o/a jornalista
- o/a homicida
- o/a ouvinte
- o/a servente
- o/a motorista
- o/a dentista
- o/a gerente
- o/a jovem
- o/a selvagem
- o/a colega

) **Epicenos** – são substantivos relativos a animais que possuem uma única forma para designar o masculino e o feminino. A distinção entre os sexos se dará pelo acréscimo das palavras “macho” e “fêmea”.

- a cobra macho / a cobra fêmea
- a pulga macho / a pulga fêmea
- a águia macho / a águia fêmea
- o tatu macho / o tatu fêmea
- o crocodilo macho / o crocodilo fêmea
- a borboleta macho / a borboleta fêmea
- o jacaré macho / o jacaré fêmea
- a minhoca macho / a minhoca fêmea

2.4.1.2 Oposição entre o gênero e o sentido

Muitos substantivos mudam de sentido quando têm seu gênero alterado. Diz-se, então, que houve um gênero aparente, já que a outra forma não representa o sexo oposto, mas uma palavra com um significado totalmente diferente do significado da primeira. Observe:

o língua (o intérprete)	**a língua** (órgão do corpo humano)
o caixa (funcionário)	**a caixa** (receptáculo)
o razão (livro mercantil)	**a razão** (faculdade intelectual)
o guarda (policial)	**a guarda** (corporação, proteção, cuidado)
o capital (dinheiro)	**a capital** (cidade sede de governo)
o cisma (separação)	**a cisma** (dúvida)
o vogal (representante)	**a vogal** (letra)
o guia (orientador, pessoa que guia)	**a guia** (documento, correia comprida)
o cura (padre)	**a cura** (restabelecimento da saúde)
o lotação (veículo)	**a lotação** (capacidade)
o moral (ânimo, estado de espírito)	**a moral** (ética, princípios)
o rádio (aparelho)	**a rádio** (estação, emissora)
o crisma (óleo usado em sacramentos)	**a crisma** (sacramento da confirmação)
o águia (pessoa esperta)	**a águia** (ave)
o banana (pessoa mole, palerma)	**a banana** (fruta)
o cabra (pessoa valente)	**a cabra** (animal)
o polícia (policial)	**a polícia** (corporação)
o grama (unidade de peso)	**a grama** (relva)
o estepe (pneu sobressalente)	**a estepe** (vegetação)
o nascente (ponto cardeal leste)	**a nascente** (fonte de água)

2.4.1.3 Mudança de gênero por elipse

Alguns substantivos indicativos de lugares (topônimos) mudam de gênero quando, por metonímia, passam a designar os produtos desses lugares.

Como termos geográficos, esses substantivos são femininos. Ao designar os produtos oriundos de tais lugares, tornam-se nomes comuns masculinos. Um bom exemplo ocorreu com o vocábulo "champagne", que originalmente designa a região da França produtora de bons vinhos espumantes. Hoje, não há quem nunca tenha tomado "**um** champanhe", ou seja, "um **vinho** champanhe". Nestes casos, existe, na verdade, a elipse de um substantivo masculino entre o artigo e o substantivo topônimo. Observe outros casos:

- **Moca** (cidade da Arábia) → **o moca** (tipo de café proveniente da cidade de Moca)
- **Madeira** (ilha situada em Portugal) → **o madeira** (vinho proveniente da ilha Madeira)
- **Borgonha** (região situada na França) → **o borgonha** (vinho produzido na região da Borgonha)
- **Málaga** (região situada na Espanha) → **o málaga** (vinho produzido na região de Málaga)
- **Terra-Nova** (ilha situada no Canadá) → **o terra-nova** (cão oriundo da ilha de Terra-Nova)
- **Holanda** (país situado na Europa) → **o holanda** (fino tecido proveniente da Holanda)
- **Nanquim** (cidade da China) → **o nanquim** (pigmento negro para colorir criado na cidade de Nanquim)
- **Angorá** (antiga cidade da Turquia) → **o angorá** (espécie de gato oriundo da cidade de Angorá – hoje "Ancara")

2.4.1.4 Gênero de alguns substantivos

Há vários substantivos na língua portuguesa que frequentemente suscitam dúvidas quanto ao gênero. Por isso, é bom ficar atento, pois:

) São masculinos

- o apêndice
- o alvará
- o aneurisma
- o champanha
- o charque (carne-seca, jabá)
- o clã
- o cônjuge
- o cós
- o delta
- o dó (pena; nota musical)
- o eclipse
- o guaraná
- o herpes
- o lança-perfume
- o magazine
- o matiz
- o plasma
- o telefonema
- o tracoma
- o cabo (soldado; rabo, cauda)
- o magma
- o pernoite

- o estratagema
- o formicida
- o praça (soldado)
- o proclama (anúncio)

) São femininos

- a abusão (engano, erro)
- a dinamite
- a acne
- a áspide (serpente)
- a omelete
- a omoplata
- a agravante (circunstância)
- a alface
- a apendicite
- a aguardente
- a cal
- a faringe
- a libido
- a entorse
- a fruta-pão
- a pane
- a mascote
- a gênese
- a couve-flor
- a derme
- a echarpe (agasalho, adorno)
- a ênfase
- a comichão
- a ferrugem
- a matinê
- a sentinela
- a filoxera (tipo de inseto)

2.4.1.4.1 Substantivos que são masculinos ou femininos indistintamente

São substantivos bastante usuais e que podem ser usados tanto como femininos quanto como masculinos.

- o/a sabiá (ave)
- o/a xérox
- o/a tapa
- o/a cataplasma
- a/o usucapião
- o/a ilhós
- o/a suéter
- o/a diabete (ou diabetes)
- o/a laringe

⇨ Observações gerais sobre o gênero dos substantivos:

a) O substantivo “personagem” tanto pode ser usado no feminino “a personagem” quanto no masculino “o personagem”.

b) Os substantivos “modelo” e “manequim”, referindo-se às pessoas que posam em público, têm sido usados na língua contemporânea como substantivos comuns de dois gêneros. A distinção de gênero, portanto, dar-se-á pelo determinante – geralmente o artigo – que acompanha tais palavras. Diz-se, então, “o modelo” para o homem e “a modelo” para a mulher.

c) Alguns substantivos que designam patentes militares como "*general*, *coronel*, *tenente*, *sargento*, *soldado*" apresentam as formas femininas "*generala*, *coronela*, *tenenta*, *sargenta*, *soldada*", embora sejam estas bastante preteridas na esfera militar, preferindo-se usar tais substantivos como se fossem comuns de dois gêneros "o/a general, o/a coronel, o/a tenente, o/a sargento, o/a soldado". As patentes "major e cabo" só existem sob a forma masculina.

d) O substantivo "*chefe*" apresenta a forma feminina "*chefa*". Entretanto, é preferível empregar-se "chefe" como substantivo comum de dois gêneros (o chefe / a chefe) pelo fato de a forma "chefa" trazer consigo certa dose de informalidade.

2.4.2 FLEXÕES DE NÚMERO

O número é capacidade que possuem alguns nomes de indicar um ou mais seres ou coisas. Como o gênero, a flexão de número é uma categoria gramatical. Em português, existem dois números gramaticais: o singular e o plural. O primeiro indica um ser ou um grupo de seres (flor, soldado, avião, ramalhete, exército, esquadrilha); já o segundo, indica mais de um ser ou grupo de seres (flores, soldados, aviões, ramalhetes, exércitos etc.).

2.4.2.1 Regras para a formação do plural dos substantivos

1. Em geral, os substantivos formam o plural com o acréscimo da desinência "-s" ao singular. Isso frequentemente ocorre com os substantivos terminados em vogal ou em ditongo:

- casa → casas
- prédio → prédios
- braço → braços
- mãe → mães
- rei → reis
- janela → janelas
- menino → meninos
- gramática → gramáticas
- porta → portas
- pai → pais
- pé → pés
- livro → livros
- escola → escolas
- estrada → estradas
- herói → heróis

2. Os substantivos terminados em "-ão" fazem o plural de três maneiras:

) Alguns simplesmente seguem a regra geral e acrescentam "-s" ao "-ão":

- mão → mãos
- chão → chãos
- pagão → pagãos
- órgão → órgãos
- cristão → cristãos
- irmão → irmãos
- desvão → desvãos
- sótão → sótãos
- grão → grãos
- vão → vãos
- bênção → bênçãos
- cidadão → cidadãos

) Outros trocam o “-ão” por “-ães”:

- escrivão → escrivães
- capitão → capitães
- capelão → capelães
- pão → pães
- alemão → alemães
- afegão → afegães
- cão → cães
- tabelião → tabeliães

) Um grande grupo troca o “-ão” por “-ões”:

- leão → leões
- caixão → caixões
- canhão → canhões
- fração → frações
- gavião → gaviões
- limão → limões
- mamão → mamões
- nação → nações
- coração → corações
- anão → anões
- balão → balões
- botão → botões
- opinião → opiniões
- canção → canções
- folião → foliões

⇨ **Observações:**

a) Essas diversas variações para o plural ocorrem em virtude da etimologia das palavras.

b) Alguns substantivos terminados em “-ão” apresentam mais de uma forma para o plural. Observe abaixo:

- aldeão → adeãos e aldeões
- ancião → anciãos, anciães e anciões
- guardião → guardiães e guardiões
- verão → verãos e verões
- cirurgião → cirurgiões e cirurgiães
- anão → anãos e anões
- castelão → castelãos e castelões
- sultão → sultães e sultões
- vilão → vilãos, vilões e vilães
- vulcão → vulcãos e vulcões

3. Os substantivos terminados em “-r, e -z” formam o plural com o acréscimo da terminação “-es”, uma vez que a língua não aceita as terminações “-rs e -zs”.

- flor → flores
- gravidez → gravidezes
- giz → gizes
- colher → colheres
- faquir → faquires
- cateter → cateteres
- juiz → juízes
- arroz → arrozes
- andar → andares
- dólar → dólares
- colar → colares
- ureter → ureteres
- amor → amores
- mulher → mulheres
- raiz → raízes
- clamor → clamores
- cruz → cruzes

⇨ **Observação:**

Os substantivos “caráter”, “júnior” e “sênior” fazem os plurais “caracteres”, “juniores” e “seniores”, respectivamente, com deslocamento do acento tônico.

4. Os substantivos terminados em “-n” fazem o plural tanto com o acréscimo de “-es” quanto com o acréscimo de “-s”.

- próton → prótones ou prótons
- hífen → hífenes ou hifens
- líquen → líquenes ou liquens
- nêutron → nêutrones ou nêutrons
- abdômen → abdômenes ou abdômens
- elétron → elétrones ou elétrons

⇨ **Observação:**

Os substantivos “pólen” e “cânon” fazem os plurais “polens” e “cânones”, respectivamente.

5. Os substantivos terminados em “-al, -el, -ol e -ul” trocam o “l” por “is”. Observe:

- anel → anéis
- anzol → anzóis
- pastel → pastéis
- farol → faróis
- metal → metais
- laranjal → laranjais
- paul → pauis
- tribunal → tribunais
- canal → canais

⇨ **Observações:**

a) Nos substantivos “cônsul” e “mal”, a consoante “l” permaneceu intervocálica no plural, daí as formas “cônsules” e “males” para os respectivos plurais.

b) O substantivo “mel” faz os plurais “meles” ou “méis”, assim como “mol” faz os plurais “mols” ou “moles”.

6. Os substantivos terminados em “-il” formam o plural de acordo com duas regras:

) Se for oxítono, trocará o “-il” por “is”:

- anil → anis
- perfil → perfis
- fuzil → fuzis
- funil → funis
- quadril → quadris
- canil → canis
- barril → barris
- cantil → cantis

) Se for paroxítono, trocará o “-il” por “-eis”:

- fóssil → fósseis
- réptil → répteis
- projétil → projéteis

- têxtil → têxteis
- míssil → mísseis
- tâmil → tâmeis

⇨ **Observação:**

Em virtude da dupla prosódia dos substantivos “réptil – reptil” e “projétil – projetil”, admitem-se os respectivos plurais “répteis – reptis” e “projéteis – projetis”.

7. Os substantivos terminados em “-m” trocam esta letra por “-ns”. Veja:

- fim → fins
- jardim → jardins
- vintém → vinténs
- bombom → bombons
- som → sons
- refém → reféns
- jejum → jejuns
- bebum → bebuns
- amém → améns

8. Os substantivos terminados em “-s” fazem o plural segundo duas regras:

) Os monossílabos e os oxítonos recebem “-es”:

- gás → gases
- rês → reses
- mês → meses
- deus → deuses
- revés → reveses
- burguês → burgueses
- português → portugueses
- cós → coses
- chinês → chineses

) Os paroxítonos e os proparoxítonos terminados em “-s” são invariáveis:

- o pires → os pires
- o ônibus → os ônibus
- o lápis → os lápis
- o tênis → os tênis
- o vírus → os vírus
- o ourives → os ourives
- o oásis → os oásis
- o alferes → os alferes
- o ônus → os ônus

9. Os substantivos terminados em “-x” são invariáveis.

- o tórax → os tórax
- o ônix → os ônix
- a fênix → as fênix
- uma xérox → duas xérox
- o látex → os látex

⇨ **Observação:**

Alguns substantivos monossilábicos terminados em “-x”, entretanto, admitem também, para a formação do plural, o acréscimo da terminação “-es”. É o caso de:

- o fax → os fax ou <u>faxes</u>
- o sax → os sax ou <u>saxes</u>

- o flox → os flox ou floxes
- o fox → os fox ou foxes

2.4.2.1.1 Particularidades sobre o plural dos substantivos

1. Alguns substantivos mudam o timbre da vogal tônica de (ô – fechado) para (ó – aberto) quando postos no plural. É o que se denomina de plural metafônico ou plural com metafonia. Veja alguns exemplos:

(ô) – fechado no singular	(ó) – aberto no plural
caroço	caroços
coro	coros
despojo	despojos
destroço	destroços
foro	foros
fosso	fossos
imposto	impostos
jogo	jogos
miolo	miolos
olho	olhos
osso	ossos
ovo	ovos
poço	poços
posto	postos
povo	povos
reforço	reforços
socorro	socorros
tijolo	tijolos
torto	tortos
troço	troços

Outros substantivos, porém, permanecem com o (ô) fechado quando vão para o plural. Veja:

(ô) – fechado no singular	(ô) – fechado no plural
abono	abonos

bolo	bolos
bolso	bolsos
cachorro	cachorros
coco	cocos
dono	donos
dorso	dorsos
encosto	encostos
esposo	esposos
gozo	gozos
lobo	lobos
logro	logros
morro	morros
piolho	piolhos
polvo	polvos
repolho	repolhos
rosto	rostos
sogro	sogros
toldo	toldos

2. Alguns substantivos, quando postos no plural, sofrem alteração semântica, ou seja, mudam o sentido. Observe:

- bem (virtude) → bens (capital, posses)
- ar (atmosfera) → ares (aparência, condições do clima)
- gênero (conjunto) → gêneros (alimentos)
- féria (remuneração) → férias (descanso)
- lua (satélite) → luas (semanas)
- honra (dignidade) → honras (homenagens, título)
- vergonha (humilhação) → vergonhas (órgãos sexuais)
- amor (sentimento) → amores (relações amorosas)

3. Há substantivos que só existem na forma “plural”. Veja alguns exemplos:

- as fezes
- os Alpes
- os pêsames
- as alvíssaras

- as cãs
- as calendas
- os víveres
- os anais
- as cócegas
- os óculos
- as condolências
- as olheiras
- os parabéns
- as exéquias
- os arredores
- os Pirineus
- as cercanias
- as núpcias
- os Andes
- as Belas Artes

4. Os nomes de pessoas, os numerais e as letras do alfabeto fazem, geralmente, o plural com o acréscimo do morfema "-s" – obviamente quando se prestam a esta regra. Veja:

- Ele jamais passará na prova dos noves.
- Lá, na festa, encontrarás os Antônios, os Andrés, os Joões, os Junqueiras e tantos outros mais.
- Jamais escreverás corretamente se não conheceres bem os "as", os "bês", os "cês" que compõem as palavras.

⇨ **Observação:**

Os numerais terminados em "-s" e em "-z" são invariáveis. Ex.: dois, dez, três, seis etc.

5. Em geral os substantivos apresentam tanto o feminino quanto o masculino. Este é o princípio básico. Entretanto, alguns substantivos são, na prática, usados, em quase todos os seus empregos, no singular, embora apresentem flexão de plural como a maioria dos substantivos. Isso ocorre particularmente com:

a) **substantivos que designam metais:** ouro, prata, ferro, mercúrio, alumínio, cobre.

b) **substantivos que designam produtos animais e vegetais:** leite, mel, açúcar, lã, vinho, arroz.

c) **substantivos que designam artes e ciências:** Budismo, Cristianismo, Lógica, Socialismo, Aritmética.

d) **alguns substantivos abstratos que exprimem virtude ou vício:** preguiça, caridade, confiança, leviandade, liberdade.

2.4.2.2 Plural dos substantivos compostos

Os substantivos compostos apresentam um vasto conjunto de regras especiais para a formação de seus plurais. Vários substantivos fogem das orientações abaixo e apresentam uma forma própria, particular para o seu plural. Por isso, apresentaremos a seguir as regras mais comuns para a flexão de número de tais nomes compostos.

1.ª regra: Substantivos compostos formados por palavras variáveis quanto ao número → ambas as palavras devem ir para o plural. As palavras que formam o composto devem,

portanto, ser analisadas se, isoladamente, são suscetíveis de ir para o plural.

- couve-flor (substantivo + substantivo) → couves-flores
- terça-feira (numeral + substantivo) → terças-feiras
- amor-perfeito (substantivo + adjetivo) → amores-perfeitos
- salvo-conduto (adjetivo + substantivo) → salvos-condutos
- ponta-direita (substantivo + adjetivo) → pontas-direitas
- chave-mestra (substantivo + substantivo) → chaves-mestras
- guarda-noturno (substantivo + adjetivo) → guardas-noturnos
- má-língua (adjetivo + substantivo) → más-línguas
- capitão-mor (substantivo + adjetivo) → capitães-mores
- pai-nosso (substantivo + pronome) → pais-nossos
- cirurgião-dentista (substantivo + adjetivo) → cirurgiões-dentistas

2.ª regra: Substantivos compostos formados por palavra invariável mais uma palavra variável → só o segundo elemento deverá ir para o plural.

- abaixo-assinado (advérbio + particípio na função de adjetivo) → abaixo-assinados
- quebra-mar (verbo + substantivo) → quebra-mares
- ave-maria (interjeição + substantivo) → ave-marias
- vice-cônsul (prefixo + substantivo) → vice-cônsules
- infraestrutura (prefixo + substantivo) → infraestruturas
- beija-flor (verbo + substantivo) → beija-flores
- salve-rainha (interjeição + substantivo) → salve-rainhas
- ultrassom (prefixo + substantivo) → ultrassons

3.ª regra: Substantivos compostos unidos por preposição → só o primeiro elemento varia.

- pé de moleque → pés de moleque
- mula sem cabeça → mulas sem cabeça
- pimenta-do-reino → pimentas-do-reino
- amigo da onça → amigos da onça
- joão-de-barro → joões-de-barro
- pôr do sol → pores do sol
- pau a pique → paus a pique
- ama de leite → amas de leite

4.ª regra: Substantivos compostos em que o segundo elemento delimita o primeiro → só o primeiro elemento varia.

- navio-escola → navios-escola
- banana-maçã → bananas-maçã
- caneta-tinteiro → canetas-tinteiro
- peixe-boi → peixes-boi
- pau-brasil → paus-brasil
- pombo-correio → pombos-correio

- erva-mate → ervas-mate
- escola-modelo → escolas-modelo
- salário-família → salários-família

⇨ **Observação:**

Por se tratar de substantivos compostos formados por palavras variáveis, admite-se também que os compostos acima variem ambos os elementos. Portanto:

- navio-escola → navios-escola ou navios-escolas
- peixe-boi → peixes-boi ou peixes-bois
- pau-brasil → paus-brasil ou paus-brasis
- fruta-pão → frutas-pão ou frutas-pães

5.ª regra: Substantivos compostos formados por palavras repetidas ou palavras onomatopaicas (reprodução de sons das coisas, dos animais) → só o segundo elemento se flexiona.

- reco-reco → reco-recos
- pisca-pisca → pisca-piscas
- ruge-ruge → ruge-ruges
- tico-tico → tico-ticos
- corre-corre → corre-corres
- bem-me-quer → bem-me-queres
- pife-pafe → pife-pafes
- bem-te-vi → bem-te-vis
- quero-quero → quero-queros
- pega-pega → pega-pegas

⇨ **Observações:**

) Quando as palavras repetidas forem verbos, também é lícita a flexão dos dois elementos.

- pisca-pisca → pisca-piscas ou piscas-piscas
- pega-pega → pega-pegas ou pegas-pegas
- corre-corre → corre-corres ou corres-corres

b) São invariáveis os substantivos compostos formados por verbos de sentidos opostos, embora alguns dicionaristas mais modernos insistam em flexionar o último elemento.

- o leva e traz → os leva e traz
- o perde-ganha → os perde-ganha
- o vai-volta → os vai-volta

6.ª regra: Substantivos compostos em que o primeiro elemento for uma das formas "**grão**, **grã**, **ex**-, **dom**, **são** e **bel**" → só o segundo elemento se flexiona.

- grão-duque → grão-duques
- grã-cruz → grã-cruzes
- dom-basiliano → dom-basilianos
- ex-voto → ex-votos
- grão-mestre → grão-mestres
- bel-prazer → bel-prazeres
- são-bento → são-bentos
- são-bernardo → são-bernardos

7.ª regra: São substantivos compostos invariáveis:

- o louva-a-deus → os louva-a-deus (invariável)
- o saca-rolhas → os saca-rolhas (invariável)
- o arco-íris → os arco-íris (invariável)
- o maria vai com as outras → os maria vai com as outras (invariável)

2.4.3 FLEXÕES DE GRAU

Como sabemos, o substantivo é uma classe gramatical que designa os seres em geral. Os seres designados podem se apresentar em tamanhos diversos. À propriedade dos substantivos de indicar a dimensão dos seres dá-se o nome de "flexão de grau". Em português, há duas flexões de grau: o **aumentativo** e o **diminutivo**. Essas flexões tanto podem ser obtidas com a utilização de sufixos (forma sintética) quanto com a utilização de adjetivos (forma analítica). Estudaremos primeiramente a formação do grau com a utilização de sufixos e prefixos.

1. **Grau aumentativo:** o substantivo se apresenta em tamanho aumentado. Geralmente são utilizados os sufixos "-ão, -arão, -arrão, -zarrão, -eirão, -alhão, -gão". Ex.:

- buraco → buracão
- vaga → vagalhão
- pé → pezão
- amigo → amigão
- casa → casarão
- homem → homenzarrão
- capa → capeirão
- lamaçal → lamarão
- nariz → narigão
- chapéu → chapeirão
- bobo → bobalhão
- dedo → dedão

Há, entretanto, inúmeros substantivos que usam sufixos especiais para a formação do grau aumentativo. Abaixo apresentaremos alguns desses substantivos:

Sufixos	Exemplos
-aça	barcaça, barbaça
-alha	fornalha, muralha
-eirão	vozeirão, boqueirão
-ázio	copázio, balázio
-ona	barrigona, pernona

-orra	cabeçorra, beiçorra
-uça	vinhuça, dentuça
-anha	bocanha, campanha
-eira	fogueira, canseira

2. **Grau diminutivo:** o substantivo se apresenta em tamanho reduzido, diminuto. Para a formação deste grau, sinteticamente, utilizam-se também uma série de sufixos. Os mais usuais são:

Sufixos	Exemplos
-ebre	casebre
-acho	riacho, populacho
-culo	ossículo, corpúsculo
-eco	livreco, boteco
-ete	filete, filmete
-inho	filhinho, galinho
-ita	pedrita, cabrita
-ito	cãozito
-isco	chuvisco, ladrisco
-ola	sacola, rapazola
-ico	burrico, cuvico
-ica	pelica, fraldica
-ilha	presilha, flotilha
-ejo	lugarejo, papelejo
-im	espadim, pistolim
-ulo	glóbulo, nódulo
-eto	folheto, jardineto
-eta	caixeta, abeta
-ote	velhote, caixote

⇨ **Observações:**

a) Tanto o grau aumentativo quanto o diminutivo apresentam uma forma analítica, feita

geralmente com o auxílio dos adjetivos “grande, enorme, imenso e adjetivos semelhantes” e “pequeno, minúsculo e adjetivos semelhantes” respectivamente.

b) Nem sempre o aumentativo e o diminutivo mostram o aumento e a diminuição de um ser. A utilização dos sufixos próprios para o aumentativo e para o diminutivo também pode indicar “desprezo, desproporção, pejoração, grosseria”. Observe:

- Era considerada pela cidade como uma mulherzinha. (= mulher ordinária)
- Os silvas eram uma gentalha. (= gente de classe social baixa)
- Era um professorzinho! (= professor qualquer, sem qualificação)
- Aquele padreco era um grande santarrão. (= padre sem valor; falso devoto)

c) Muitos diminutivos são usados para indicar “afetividade, aproximação, carinho”. É o caso de “amorzinho, paizinho, amiguinha, coleguinha”.

d) O grau aumentativo também é obtido pela repetição do substantivo colocando-lhe no meio a preposição “de”. É um processo muito usado na Bíblia. Veja:

- Rei dos reis
- Senhor dos senhores
- Mestre dos mestres
- Santo dos santos

d) Alguns aumentativos e diminutivos são obtidos com o emprego de prefixos. É o que se observa em “minifúndio, maxicasaco, supermercado, minissaia”.

e) Alguns substantivos, pela evolução da língua, perderam o sentido gradual e assumiram valores semânticos autônomos. É o que se verifica, por exemplo, na palavra “portão” que não mais é o aumentativo de “porta”, mas sim um tipo de entrada. Fato idêntico ocorreu com os vocábulos: cartilha, cartão, caldeirão, colchão.

f) No trato familiar, geralmente eivado de bastante afetividade, muitos diminutivos e aumentativos são criados a partir de nomes personativos. Tais criações são denominados de “hipocorísticos”. Observe alguns:

- Antônio = Toninho
- Carlos = Cacá
- Paulo = Paulão
- José = Zezinho
- Maria = Mariinha
- Josefa = Zefinha
- Fátima = Fatinha
- Alexandre = Xandão

2.4.3.1 Plural dos substantivos diminutivos

Para a formação do plural dos substantivos diminutivos deve-se obedecer às seguintes orientações:

1.º → coloca-se o substantivo, sem os sufixos do diminutivo, no plural → **coração** faz **corações**

2.º → retira-se o “-s” do plural deste substantivo → **corações** – “s” fica **coraçõe**

3.º → acrescenta-se o sufixo do diminutivo → **coraçõe** + **zinho** fica coraçõezinho

4.º → acrescenta-se o fonema "-s" que foi retirado → **coraçõezinho + s** fica finalmente "**coraçõezinhos**"

Outros exemplos:

- pãozinho → pãezinhos
- barzinho → barezinhos
- farolzinho → faroizinhos
- paizinho → paizinhos
- papelzinho → papeizinhos
- florzinha → florezinhas
- amorzinho → amorezinhos
- carretelzinho → carreteizinhos

2.5 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (MM) A alternativa em que há **erro** no sentido dos substantivos é:

   a) o grama = unidade de medida; a grama = relva
   b) o rádio = aparelho receptor; a rádio = estação transmissora
   c) o guia = documento; a guia = pessoa que guia
   d) o cisma = separação; a cisma = desconfiança
   e) o moral = ânimo; a moral = ética

2. (TER-MT) O termo que faz o plural como **cidadão** é:

   a) limão
   b) órgão
   c) guardião
   d) espertalhão
   e) balão

3. (ESAF-CJF) Assinale a opção em que há substantivos que se referem, respectivamente, a **ação** e **sentimento**:

   a) homem, passos
   b) passado, medo
   c) diferença, raízes
   d) inteligência, criação
   e) trabalho, tristeza

4. (TRT-RJ) Há **erro**, quanto à flexão do substantivo composto, em:

a) Essa medida irá beneficiar as donas de casas.
b) Os surdos-mudos irão participar da olimpíada dos deficientes.
c) Todas as manhãs os beija-flores apareciam no jardim.
d) No Brasil muitos vice-presidentes assumem a presidência da República.
e) Não podemos tolerar os disse me disse neste assunto.

5. (TRT-RJ) Escolha a alternativa cujos gêneros, pela ordem, correspondem aos seguintes vocábulos: **alface**, **grama** (peso), **dó** e **telefonema**.

a) masculino – feminino – masculino – feminino
b) feminino – feminino – masculino – feminino
c) masculino – feminino – masculino – masculino
d) feminino – masculino – masculino – masculino
e) feminino – feminino – masculino – masculino

6. (TCE-RJ) A opção em que as duas palavras formam o plural da mesma maneira é:

a) substituição / nação
b) administração / pão
c) ficção / alemão
d) demonstração / capitão
e) talão / cristão

7. (TEC-RJ) Assinale a opção em que o plural das palavras destacadas é feito da mesma forma;

a) O **escrivão** desacatou aquele **cidadão**.
b) O **salário-família** será pago na **sexta-feira**.
c) O **freguês** antigo tinha uma aparência **simples**.
d) O funcionário encarregado de vistoria era **dócil** e **gentil**.
e) Naquele mundo **pagão**, havia apenas um **cristão**.

8. (Mackenzie-SP) Em qual das alternativas todas as palavras pertencem ao gênero masculino?

a) dinamite, agiota, trema, cal
b) dilema, perdiz, tribo, axioma
c) eclipse, telefonema, dó, aroma
d) estratagema, bílis, omoplata, gengibre
e) sistema, guaraná, rês, anátema

9. (UFBA) Ficou com _____ quando soube que _____ caixa do banco entregara aos ladrões todo o dinheiro _____ clã.

a) o moral abalado – o – do
b) a moral abalada – o – da
c) o moral abalado – a – da
d) a moral abalado – a – do
e) a moral abalada – a – da

10. (ITA-SP) Examinar a frase abaixo, dando atenção aos vocábulos destacados:

*"A **estação emissora** procurava encorajar **o ânimo** daqueles que lutavam contra a **tropa inimiga**."*

A sequência dos sinônimos das palavras destacadas na sentença acima é, pela ordem:

a) o rádio, a moral, a corja
b) a rádio, a moral, a horda
c) a rádio, o moral, a hoste
d) o rádio, o moral, a hoste
e) As alternativas acima não são corretas.

GABARITO

1 – C	2 – B	3 – E
4 – A	5 – D	6 – A
7 – E	8 – C	9 – A
10 – C		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 3

ADJETIVO

3.1 DEFINIÇÃO

É a classe de palavras variáveis que alteram a noção do substantivo atribuindo-lhe qualidades, características, aspectos gerais ou específicos, estados, modos de ser. Resumidamente, o adjetivo é a classe que nomeia as qualidades e os estados atribuídos ao substantivo.

Observe os primeiros exemplos:

- mulher desprestigiada
- porta aberta
- navio quebrado
- casinhas brancas e amarelas

Observe os termos grifados acima. Todos são adjetivos, pois apresentam qualidades e estados dos seres a que se referem.

3.2 CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE OS ADJETIVOS

1. Como se referem a substantivos, os adjetivos – embora alguns sejam invariáveis – concordam em gênero e número com o substantivo.

- Havia ideias **falsas** em todos os jornais **brasileiros**.
  adjetivos concordam em gênero e número com os substantivos "ideias" e "jornais"
- Jamais encontraremos **bons** argumentos sem antes visitarmos **longes** pensamentos.
  adjetivos concordam em gênero e número com os substantivos "argumentos" e "pensamentos"

2. O adjetivo também pode aparecer na função de substantivo e vice-versa. Veja:

- Os **feios** também amam.
  adjetivo substantivado
- O **perverso** não possui escrúpulos.
  adjetivo substantivado
- D. Maria tinha um filho **homem**.
  substantivo adjetivado
- O **cego** quase caiu no buraco.
  adjetivo substantivado
- O **belo** sempre se sobressai
  adjetivo substantivado
- Compramos dois rádios-**relógio**.
  substantivo adjetivado

3. Muito frequentemente, o adjetivo aparece sob a forma de uma locução, formada, em geral, pela junção de uma preposição mais um substantivo, referindo-se – obviamente – a um substantivo. É o que se denomina de "locução adjetiva". Observe:

- água **serrana** (*adjetivo simples*) → água **da serra** (*locução adjetiva (preposição + substantivo)*)
- casas **urbanas** (*adjetivo simples*) → asas **da cidade** (*locução adjetiva (preposição + substantivo)*)
- homem **inescrupuloso** (*adjetivo simples*) → homem **sem escrúpulos** (*locução adjetiva (preposição + substantivo)*)
- calor **infernal** (*adjetivo simples*) → calor **dos infernos** (*locução adjetiva (preposição + substantivo)*)

⇨ **Observação:**

a) Nem sempre é possível transformar uma locução adjetiva em um adjetivo simples. Veja alguns exemplos em que essa transformação não é possível:

- Todos viviam sob um teto **de lona**. (*locução adjetiva*)
- Comprou um carro **com portas amarelas**. (*locução adjetiva*)
- João era um homem **de poucas palavras**. (*locução adjetiva*)
- Ganhou um livro **sem contracapa**. (*locução adjetiva*)

b) Em raros casos, a locução adjetiva é formada por uma preposição mais um advérbio. Vale ressaltar que as locuções adjetivas equivalem a adjetivos e sempre irão se referir a substantivos. Esta, aliás, é a principal característica dos adjetivos.

- Moravam todos no andar **de cima**. (*ocução adjetiva (preposição + advérbio)*)
- Compramos o jornal **de hoje**. (*locução adjetiva (preposição + advérbio)*)

4. É imperioso dizer que o adjetivo também pode ser expresso por meio de uma oração, assim como ocorre com o substantivo: é a denominada "oração adjetiva", isto é, uma oração que funciona como um adjetivo. Veja abaixo:

- Bebia água **serrana**. → Bebia água **da serra**. → Bebia água **que vinha da serra**.
  adjetivo simples — *locução adjetiva* — *oração adjetiva*
- Todos gostavam do doce **que a vovó preparava**.
  oração adjetiva
- Ninguém esqueceu os avisos **os quais ele deu**.
  oração adjetiva
- Jamais desejei os objetos **cujos donos são corruptos**.
  oração adjetiva
- Maria mora na cidade **onde trabalha**.
  oração adjetiva

⇨ **Observação:**

A principal característica das orações adjetivas é o fato de elas virem introduzidas por um pronome relativo, por isso são também chamadas de "orações relativas".

5. É importante não se esquecer de que os adjetivos funcionam como determinantes para o substantivo. Logo, a presença de uma oração adjetiva, por exemplo, exigirá, por se tratar de um determinante, o acento grave nas palavras que pedem determinação para que haja o fenômeno da crase. Observe:

- Amanhã irei à casa **que me será dada por herança**.
  oração adjetiva = determinante
- Por que tu não ficaste à distância **a qual eu te recomendei?**
  oração adjetiva = determinante

⇨ **Observação:**

Procure correlacionar este conhecimento com o assunto sobre o emprego do acento grave em sintaxe.

6. Frequentemente, os particípios verbais exercem a função de um adjetivo – são os chamados *adjetivos de base participial*. Em vários casos, tais particípios representam orações adjetivas reduzidas. Observe:

- Ontem eu li um livro **escrito** por um primo. (→ que foi escrito)
  adjetivo de base participial
- Ele é réu **confesso**.
  adjetivo de base participial
- Quando chegaram, a égua já estava **morta**.
  adjetivo de base participial

3.3 FORMAÇÃO DOS ADJETIVOS

Quanto à formação, os adjetivos podem ser:

a) **simples** → feio, branco, palmarense etc.
b) **compostos** → castanho-claro, luso-brasileira, surdo-mudo etc.
c) **primitivos** → belo, feio, bonito, amarelo etc.
d) **derivados** → decoroso, famoso, bonachão etc.

3.3.1 ADJETIVOS PÁTRIOS

Há inúmeros adjetivos que se referem a países, regiões, continentes, estados, povos, raças. Estes adjetivos são denominados de "pátrios ou gentílicos". Vejamos alguns:

Pátrios brasileiros (Estados e cidades)

Alagoas	alagoano
Acre	acriano ou acreano
Água Preta	água-pretense
Amazonas	amazonense
Bahia	baiano
Belém	belenense
Belo Horizonte	belo-horizontino
Brasília	brasiliense
Catende	catendense
Ceará	cearense
Curitiba	curitibano
Espírito Santo	espírito-santense ou capixaba
Fortaleza	fortalezense
Goiânia	goianiense
Goiás	goiano
João Pessoa	pessoense
Juiz de Fora	juiz-forense
Manaus	manauense

Maranhão	maranhense
Mato Grosso	mato-grossense
Mato Grosso do Sul	mato-grossense-do-sul
Minas Gerais	mineiro
Natal	natalense
Palmares	palmarense
Pará	paraense
Paraíba	paraibano
Paraná	paranaense
Pernambuco	pernambucano
Piauí	piauiense
Porto Alegre	porto-alegrense
Recife	recifense
Ribeirão Preto	ribero-pretano
Rio de Janeiro (cidade)	carioca
Rio de Janeiro (Estado)	fluminense
Rio Grande do Norte	norte-rio-grandense, rio-grandense-do-norte ou potiguar
Rio Grande do Sul	rio-grandense-do-sul ou gaúcho
Rondônia	rondoniano ou rondoniense
Roraima	roraimense
Salvador/BA	salvadorense ou soteropolitano
Santa Catarina	catarinense ou barriga-verde
São Paulo (cidade)	paulistano
São Paulo (Estado)	paulista
Sergipe	sergipano ou sergipense
Tocantins	tocantinense
Três Corações	tricordiano

Pátrios estrangeiros

Belém (Jordânia)	belemita
Boston/EUA	bostoniano

Caracas	caraquenho
Congo	congolês
El Salvador	salvadorenho
Estados Unidos	estadunidense, norte-americano ou ianque
Flandres	flamengo
Gália	galo ou gaulês
Galiza	galego
Japão	japonês ou nipônico
Jerusalém	hierosolimita ou hierosolimitano
Lima	Limenho
Lisboa	lisboeta ou lisbonense
Madagascar	malgaxe ou madasgacarense
Madri	madrileno ou madrilense
Manchúria	manchu
Moscou	moscovita
Nova Zelândia	neozelandês
Parma	parmesão
Patagônia	patagão
Porto	portuense
Suíça	suíço
Viana	vianense, vianês

⇨ Observação:

Muitas vezes se utiliza mais de um adjetivo pátrio para se referir a um mesmo substantivo. Neste caso, usam-se as formas latinizadas e reduzidas de tais adjetivos. Observe abaixo:

Adjetivo	Adjetivo correspondente – forma latina reduzida
inglês	anglo-
austríaco	austro-
europeu	euro-
francês	franco-
grego	greco-

espanhol	hispano-
indiano	indo-
italiano	ítalo-
galego	galaico-
português	luso-
japonês	nipo-
chinês	sino-
alemão	teuto- ou germano-
dinamarquês	dano-
finlandês	fino-
belga	belgo-

Portanto, se quisermos dizer que um acordo foi efetuado entre China, Japão e Portugal, por exemplo, diremos:

- acordo **sino-nipo-lusitano**

3.3.2 ADJETIVOS ERUDITOS

São adjetivos que significam “relativo a”, “semelhante a”, “próprio de”. Possuem, na maioria dos casos, uma locução adjetiva correspondente. Vejamos alguns:

Adjetivo erudito	Locução adjetiva correspondente (relativo a...)
acético	vinagre
adamantino	diamante
anular	anel
aracnídeo	aranha
argênteo, argentino, argírico	prata
auricular, ótico	ouvidos
axial	eixo
áureo	ouro
bélico	guerra
biliar	bílis
bucal, oral	boca

canino	cão
capilar	cabelo
caprino	cabra
cardíaco	coração
cefálico	cabeça
celular	célula
cervical	pescoço
circense	circo
cítrico	limão, laranja
columbino	pombo
coreógrafo	dança
digital	dedo
discente	aluno
docente	professor
dorsal	costas
eclesiástico	igreja
ecumênico	universo habitado
edênico	éden
eólico	vento
epidérmico ou cutâneo	pele
episcopal	bispo
equídeo, equino, hípico	cavalo
estelar	estrela
fabril	fábrica
felino, felídeo	gato
feroz, ferino	fera
férreo	ferro
filatélico	selos
filial	filho
fluvial, potâmico	rio
fônico, vocal	voz

formicular	formiga
fraterno ou fraternal	irmão
frontal	frente
gástrico	estômago
glacial	gelo
gutural	garganta
hepático	fígado
herbáceo	erva
hibernal	inverno
ictílico, písceo	peixe
ígneo	fogo
insular	ilha
jurídico	direito
lacrimal	lágrima
lácteo	leite
lacustre	lago
lateral	lado
leonino	leão
leporino	lebre
letal, mortífero	morte
lunar	lua
magistral	mestre
marinho, marítimo	mar
materno ou maternal	mãe
matutino, matinal	manhã
meridional, austral	sul
mnemônico	memória
monetário, numismático	moeda
nasal	nariz
naval	navio, navegação

ocular, óptico, oftálmico	olhos
ofídico	cobra
olímpico	Olimpo, olimpíadas
onírico	sonho
outonal	outono
ovino	ovelha
palustre	brejo
paradisíaco	paraíso
pecuário	gado
pecuniário	dinheiro
pesqueiro	pesca
pétreo	pedra
platônico	Platão
plebeu	plebe
plúmbeo	chumbo
pluvial	chuva
postal	correio
pueril, infantil	criança
pulmonar	pulmão
real	rei
renal	rim
rural	campo
sacarino	açúcar
saponáceo	sabão
senil	velho, velhice
setentrional, boreal	norte
sideral	astro
silvestre	selva
símio, simiesco	macaco
sísmico	terremoto

suíno, porcino	porco
sulfúrico	enxofre
terrestre	terra
torácico	tórax
umbilical	umbigo
vascular	vasos sanguíneos
venoso	veia
vespertino	tarde
vínico, vinário	vinho
viril	homem
vital	vida
vítreo, hialino	vidro

3.4 FLEXÕES DOS ADJETIVOS

Assim como os substantivos, os adjetivos se flexionam em **gênero**, **número** e **grau**.

3.4.1 FLEXÕES DE GÊNERO

Como o adjetivo é a palavra que acompanha o substantivo a fim de qualificá-lo, a flexão em que este se encontra contamina a daquele, ou seja, o adjetivo geralmente se flexiona de acordo com o substantivo que ele determina. Observe:

- acordos feministas
- bolachas gostosas
- filmes anti-heroicos

adjetivos flexionados nos gêneros dos substantivos

Quanto ao gênero, os adjetivos se classificam em: **uniformes** e **biformes**.

) São uniformes os adjetivos que apresentam uma única forma tanto para o masculino quanto para o feminino.

- lei **federal** / regulamento **federal**
- questão **fácil** / assunto **fácil**
- gente **alegre** / povo **alegre**
- lei **inconstitucional** / decreto **inconstitucional**

b) São biformes os que apresentam uma forma para o feminino e outra para o masculino.

- mulher **bonita** / homem **bonito**
- bolo **gostoso** / torta **gostosa**
- exército **inglês** / questão **inglesa**
- problema **delicado** / solução **delicada**

3.4.1.1 Formação do feminino dos adjetivos biformes

Cumpre a princípio informar que boa parte dos adjetivos se flexiona com base nas regras dos substantivos. Entretanto, salientaremos algumas regras para um melhor estudo. Acompanhe:

a) Os adjetivos terminados em "-eu" (com o "e" fechado) formam o feminino com o acréscimo de "-eia":

- ateu → ateia
- cananeu → cananeia
- galileu → galileia
- europeu → europeia

Exceções:

- sandeu → sandia
- judeu → judia

b) Os adjetivos terminados em "-ês, -ol, -or, -u" formam o feminino pelo simples acréscimo de "-a":

- nu → nua
- cru → crua
- inglês → inglesa
- encantador → encantadora
- jogador → jogadora
- camponês → camponesa
- espanhol → espanhola

c) Os adjetivos terminados em "-ão" formam o feminino ora com o acréscimo de "-ã", ora com o acréscimo de "-ona":

- vão → vã
- chorão → chorona
- ladrão → ladrona ou ladra
- comilão → comilona

d) São invariáveis os adjetivos terminados em:

- -l (exceto "-ol") → cruel, fiel, útil, amável etc.
- -ar, -er → regular, exemplar, mau-caráter, esmoler etc.
- -z → veloz, infeliz, atroz, capaz etc. (Exceção: andaluz → andaluza)

- -m → jovem, ruim, comum, virgem etc. (Exceção: bom → boa)
- -e → forte, inteligente, elegante, leve etc.
- -s (exceto "ês") → simples etc.

⇨ Observações importantes sobre as flexões de gênero:

a) Alguns adjetivos biformes, quando postos no gênero feminino, passam da vogal (ô) fechada para a vogal (ó) aberta. Observe:

ô – fechada (masculino)	ó – aberta (feminino)
perigoso	perigosa
furioso	furiosa
religioso	religiosa
bondoso	bondosa
mimoso	mimosa

b) Outros adjetivos, entretanto, mantêm a mesma vogal (ô) fechada do masculino no feminino.

ô – fechada (masculino)	ô – fechada (feminino)
fosco	fosca
oco	oca
gordo	gorda
moço	moça
solto	solta

c) O adjetivo "só", significando "sozinho", é invariável quanto ao gênero.

- Eles ficaram sós.
- Elas ficaram sós.

3.4.2 FLEXÕES DE NÚMERO

a) Como já dissemos, o adjetivo acompanha o substantivo e com este concorda. Portanto, o adjetivo se flexionará em número de acordo com as regras que se utilizam para a flexão de número dos substantivos.

- vestido azul → vestidos azuis
- prato espanhol → pratos espanhóis

- questão comum → questões comuns
- pensamento vão → pensamentos vãos

b) Nos adjetivos compostos, só o último elemento se flexiona.

- intervenção médico-cirúrgica → intervenções médico-**cirúrgicas**
- acordo luso-latino-americano → acordos luso-latino-**americanos**
- problema sociopolítico → problemas socio**políticos**
- tratado franco-brasileiro → tratados franco-**brasileiros**
- cabelo castanho-escuro → cabelos castanho-**escuros**

c) São invariáveis os adjetivos compostos formados de "cor + de + substantivo". Observe:

- blusa cor-de-rosa → blusas **cor-de-rosa**
- azulejos **cor de musgo**
- suéter cor de café com leite → suéteres **cor de café com leite**

⇨ **Observação:**

Nos exemplos, há a omissão da preposição "de" entre o primeiro substantivo e a palavra "cor". Logo, também seria gramaticalmente correta a seguinte escrita:

- luvas **de** cor de café
- vestidos **de** cor de chocolate
- meias **de** cor de rosa

Em outras construções, omitem-se as três palavras "de cor de", fazendo com que o substantivo indicativo da cor modifique diretamente o substantivo cuja cor se quer indicar. Ainda neste caso, o substantivo indicativo da cor permanecerá invariável.

- luvas **salmão** → omissão de "de cor de"
- cetim **rosa** → omissão de "de cor de"
- fita **creme** → omissão de "de cor de"
- tecido **laranja** → omissão de "de cor de"

d) São igualmente invariáveis os compostos formados de "adjetivo + substantivo".

- calça amarelo-ouro → calças **amarelo-ouro**
- terno verde-oliva → ternos **verde-oliva**
- tecido vermelho-sangue → tecidos **vermelho-sangue**
- sofá azul-ferrete → sofás **azul-ferrete**

⇨ **Observações:**

a) Excetuam-se das regras acima os adjetivos “surdo-mudo” e “surda-muda”, cujos plurais são, respectivamente, “surdos-mudos” e “surdas-mudas”.

b) A despeito de os dicionaristas registrarem – respaldados, diga-se de passagem, pelo Vocabulário Ortográfico da língua portuguesa – os plurais “azuis-marinhos” e “azuis-celestes”, prefere-se utilizar, no português corrente, estes adjetivos como invariáveis: *calças azul-marinho*, *blusas azul-celeste*.

c) Convém lembrar que, quando o adjetivo é empregado em função adverbial (derivação imprópria) – geralmente equivalendo a um advérbio terminado em “-mente” –, permanecerá inflexível, isto é, deverá ser empregado no masculino e na terceira pessoa do singular. Observe abaixo (os termos em negrito são todos “adjetivos adverbializados”):

- Vamos falar **sério**.
- Ouvimos músicas **puro** clássicas.
- A seleção venceu **fácil** o jogo.
- Todos aqui amam **diferente**.
- Elas responderam **seco**.
- Todas falam **fino**.
- A justiça **rápido** se corrompe.
- Elas torciam **forte**.
- As portas **raro** se abriam.
- Eles suavam **frio**.
- Jogamos **fraco** as bolas.
- As alunas juraram **falso**.

Dica importante: É preciso ter-se em mente que a questão de a palavra apresentar esta ou aquela morfologia depende da função (morfológica) exercida na oração. Portanto, é fundamental lembrar que o adjetivo se refere a um substantivo, enquanto o advérbio é um modificador de verbos, adjetivos e advérbios. Portanto, fique atento!

3.4.3 FLEXÕES DE GRAU

As flexões de grau apresentam a intensidade das qualidades atribuídas aos seres. Não se deve, pois, confundir com o grau dos substantivos, já que este tem por função indicar o tamanho dos seres.

Existem dois graus para os adjetivos: o comparativo e o superlativo.

3.4.3.1 O grau comparativo

A principal característica do grau comparativo é a existência de dois seres postos numa relação de confronto. Nesta relação, um dos seres se mostrará “inferior”, “superior” ou “igual” ao outro no que se refere à(s) sua(s) qualidade(s). Daí o grau comparativo poder ser:

1. De inferioridade (menos... que ou do que...)

- Os argumentos orais apresentados eram **menos** consistentes **do que** a defesa escrita que

fizera no início do processo.

- O presidente do clube era **menos** inteligente **que** seus associados.

2. De igualdade (tão... quanto, quão ou como...)

- Todos os cavalos eram **tão** saudáveis **quanto** as éguas que tínhamos comprado no mês passado.
- Percebemos que as ideias eram **tão** irresponsáveis **quão** seus donos.
- As poltronas do novo avião eram **tão** confortáveis **como** as do ônibus que nos trouxera até Recife.

3. De superioridade (mais... que ou do que...)

- O castelo era **mais** alto **que** a casa daquele empresário.
- Ele era **mais** inteligente **do que** esperto.

⇨ **Observações sobre o grau comparativo:**

a) O grau comparativo se faz, como se percebeu, de forma analítica. Alguns adjetivos, entretanto, oriundos do latim, apresentam forma sintética para o comparativo. São eles:

Adjetivo	Forma comparativa sintética
bom	melhor
mau	pior
grande	maior
pequeno	menor
alto	superior
baixo	inferior

⇨ **Observação:**

Quando se comparam, no entanto, características de um mesmo ser, usam-se as formas analíticas destes mesmos adjetivos. Veja:

- A cara era **mais** grande **do que** arejada.
- Ele era **mais** bom **do que** atencioso.

b) Muitas vezes o grau comparativo se manifesta nos substantivos adjetivados.

Observe:

- Ele foi **mais** pai **do que** professor.
- João era **mais** vereador **do que** advogado.

c) Nas estruturas comparativas, a conjunção comparativa liga partes da oração de mesma função. Entretanto, em muitos casos, a bem da clareza, o segundo elemento da comparação deve, a despeito de funcionar com objeto direto, vir encabeçado por uma preposição – geralmente a preposição "a" – para evitar ambiguidades.

- "A ela, à presumida mulher, aborreço-a quase tanto como **ao marido**." (Almeida Garrett)
- "Os pés dos gentios hão de logo pulverizá-la como **aos meus pés**". (Camilo)
- "Acusaram-no de haver beneficiado mais a sua família que **ao povo romano**." (Camilo)

d) Quando a conjunção comparativa "como" se refere a um termo que está precedido por uma preposição, deve obrigatoriamente vir acompanhada da mesma preposição.

- "Suspensos os pobres Frades com o embargo, pareceu que achariam amparo **no** Bispo, **como em** quem fora o primeiro autor de sua vinda". (Fr. L. de Souza)
- "E por esta causa tratamos **dele como de** filho de Benfica". (Fr. L. de Souza)
- "Acostumei-me a olhar **para** a morte **como para** o tempo de meus padecimentos." (Filinto Elísio)

e) Nas estruturas comparativas, o verbo da oração comparativa geralmente é elipsado em virtude de ser o mesmo verbo da oração principal (subordinante).

- A filha tem sido tão esperta quanto a mãe. (Leia-se → "... quanto a mãe tem sido esperta")
  sujeito da oração comparativa
- Apresentaram-se tão bem quanto os alunos da 4.ª série. (Leia-se → "... quanto os alunos da 4.ª série se apresentaram")
  sujeito da oração comparativa

⇨ **Observação:**

Nestes casos, temos orações comparativas com verbos elípticos ou verbos latentes.

f) Lembre-se de que a preposição "DE", que introduz as comparações de superioridade e de inferioridade, pode ser elipsada, ocultada. Portanto, podemos dizer corretamente:

- Ela é mais sábia do que o João. /OU/
- Ela é mais sábia que João.
- "Os homens que se chamavam meus amantes valiam menos para mim do que um animal." (José de Alencar)

- “Mas nada nos dista mais da mente do que a intransigência intelectual e o dogmatismo político.” (Rui Barbosa)
- “Os ministros ficaram cientes da existência de uma influência mais poderosa que a do chefe aparente do Estado.” (Rui Barbosa)
- “A imperturbável seriedade de Estela foi um aguilhão mais, não menos cruel que a gentileza de suas formas.” (Machado de Assis)

3.4.3.2 O grau superlativo

Aqui, os adjetivos expressam o grau mais elevado da característica atribuída ao substantivo. Divide-se em:

1. **Superlativo absoluto** → aqui não se estabelece qualquer comparação com outro ser e o adjetivo intensifica ao máximo a característica atribuída ao substantivo. Pode ser efetivado de duas maneiras:

) **De forma analítica (superlativo absoluto analítico)** → é obtido com o emprego de um advérbio de intensidade anteposto ao adjetivo. Geralmente se empregam os advérbios “muito, mui, bastante, muitíssimo, excessivamente, exageradamente”.

- A questão era demasiadamente difícil.
- Todos ficaram bastante perplexos.
- Ele era muito respeitado pelos amigos.
- Eram músicas assaz antigas.

) **De forma sintética (superlativo absoluto sintético)** → é obtido com o emprego dos sufixos “-íssimo”, “-imo” ou “-érrimo” ao adjetivo.

- Ele sempre demonstrou atitudes benevolentíssimas.
- Era um objeto sacratíssimo.
- O menino era paupérrimo.
- Sempre foi amicíssimo do padre da cidade.

Considerações importantes sobre a formação do superlativo absoluto sintético:

a) Os adjetivos terminados em vogal átona perdem essa vogal ao receber o sufixo do superlativo:

- alto → altíssimo
- belo → belíssimo
- macio → maciíssimo
- agudo → agudíssimo
- justo → justíssimo
- quente → quentíssimo

⇨ **Observação:**

Alguns adjetivos sofrem alterações gráficas quando recebem o sufixo do superlativo. Veja:

- antigo → antiquíssimo
- fraco → fraquíssimo
- pouco → pouquíssimo
- largo → larguíssimo
- rouco → rouquíssimo
- rico → riquíssimo

b) Os adjetivos terminados em "-vel" fazem o superlativo com o acréscimo de "-bilíssimo":

- amável → amabilíssimo
- louvável → louvabilíssimo
- notável → notabilíssimo
- móvel → mobilíssimo
- visível → visibilíssimo
- horrível → horribilíssimo

c) Os adjetivos terminados em "-z" fazem o superlativo sintético com o acréscimo de "-císsimo", ou melhor, trocam o "z" por "c" e recebem o sufixo "íssimo":

- audaz → audacíssimo
- eficaz → eficacíssimo
- feliz → felicíssimo
- falaz → falacíssimo
- veloz → velocíssimo
- contumaz → contumacíssimo

d) A maioria dos adjetivos terminados em "-il" forma o superlativo com o acréscimo de "-imo":

- dócil → docílimo
- fácil → facílimo
- hábil → habílimo
- difícil → dificílimo
- grácil → gracílimo
- senil → senílimo
- frágil → fragílimo
- ágil → agílimo

e) Muitas vezes a formação do superlativo sintético atende a questões etimológicas. Assim, os adjetivos que no latim terminavam em "-er" recebem o sufixo "-imo":

- magro (latim, *macer*) → macérrimo
- pobre (latim, *pauper*) → paupérrimo
- áspero (latim, *asper*) → aspérrimo
- negro (latim, *niger*) → nigérrimo

f) Como já dissemos, muitos adjetivos formam o superlativo a partir do superlativo latino. Por isso, há uma série de adjetivos que apresentam uma forma mais erudita e uma forma mais popular, mais usual nos dias atuais. Observe:

Adjetivo	Forma superlativa erudita	Forma superlativa popular

ágil	agílimo	agilíssimo
doce	dulcíssimo	docíssimo
humilde	humílimo	humildíssimo
magro	macérrimo	magríssimo
pobre	paupérrimo	pobríssimo
simples	simplicíssimo	simplíssimo
soberbo	superbíssimo	soberbíssimo

g) No linguajar coloquial, é comum o uso do sufixo "-ésimo", típico da formação de numerais ordinais, para a formação do superlativo. Esta prática, no entanto, não é agasalhada pelo padrão culto da língua. Portanto, formas como "importantésimo, finésima, gostosésima", bastante comuns no falar coloquial, devem ser substituídas pelas suas respectivas formas cultas para o superlativo: "importantíssimo, finíssimo, gostosíssimo".

h) Muitas vezes o grau superlativo sintético é obtido com o emprego de alguns prefixos que intensificam o adjetivo. Logo, formações como "superinteligente", "hiperdesenvolvido", "ultrafino" representam também o superlativo de tais palavras.

Segue abaixo uma lista sucinta dos principais e mais usuais superlativos portugueses:

Adjetivo	Superlativo absoluto sintético
acre	acérrimo
agudo	acutíssimo
amargo	amaríssimo
amigo	amicíssimo
antigo	antiquíssimo
áspero	aspérrimo
bélico	belicíssimo
benéfico	beneficentíssimo
benévolo	benevolentíssimo
célebre	celebérrimo
cristão	cristianíssimo
cruel	crudelíssimo

doce	dulcíssimo
fiel	fidelíssimo
frio	frigidíssimo
geral	generalíssimo
humilde	humílimo
inimigo	inimicíssimo
magnífico	magnificentíssimo
magro	macérrimo ou magríssimo
maléfico	maleficentíssimo
malévolo	malevolentíssimo
mísero	misérrimo
negro	nigérrimo
nobre	nobilíssimo
pessoal	personalíssimo
pobre	paupérrimo ou pobríssimo
provável	probabilíssimo
público	publicíssimo
pudico	pudicíssimo
sábio	sapientíssimo
sagrado	sacratíssimo
salubre	salubérrimo
são	saníssimo
sério	seriíssimo
simpático	simpaticíssimo
simples	simplicíssimo
soberbo	superbíssimo

2. **Superlativo relativo** → aqui o adjetivo atribuído ao substantivo é intensificado para mais ou para menos e posto numa relação comparativa com outro ser. Pode ser:

a) **Superlativo relativo de superioridade** → é obtido com o emprego dos elementos "**o mais**... **de**... (ou **dentre**...)".

- “Você era **a mais** bonita **das** cabrochas dessa ala.” (Chico Buarque)
- Ele sempre foi **o mais** inteligente **dentre** todos os alunos de sua escola.
- Castilho foi **o mais** perfeito **dos** escritores portugueses do século XIX.

b) Superlativo relativo de inferioridade → é obtido com o emprego dos elementos “**o menos**... **de**... (**ou dentre**...)”.

- Os rapazes observados pelo detetive eram **os menos** informados **de** todos os que ele já investigou.
- Aquela menina deveria ser **a menos** sábia **dentre** seus coleguinhas da sala por causa do problema neurológico.
- Consideram-na **a menos** linda **das** candidatas ao concurso de beleza.

3.5 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (MM) Assinale a alternativa que contém uma correlação **incorreta** entre o adjetivo e a locução correspondente:

   a) água **de chuva** – pluvial
   b) pele **de marfim** – ebúrnea
   c) representante **dos alunos** – docente
   d) agilidade **de gato** – felina
   e) copo **de prata** – argênteo

2. (ALERJ/FESP) A frase que contém um adjetivo é:

   a) A necessidade fez isto do homem.
   b) Todos lutam para ter a liberdade.
   c) A televisão nos mostra o mundo.
   d) Ele usa um topete escandaloso.
   e) Gostaria de ficar com você.

3. (TRT-RJ) A forma do superlativo está incorreta na frase da seguinte alternativa:

   a) Comíamos tão pouco que ficamos **magríssimos**.
   b) Todos o consideravam **sapientíssimo**.
   c) Era um leitor compulsivo, **voracíssimo**.
   d) Depois da publicação do romance ficou **celebérrimo**.
   e) Após o golpe, tornou-se um ditador **cruelíssimo**.

4. (TRT-PR) “O uniforme verde-oliva era mais bonito do que o verde-claro.”
Passando a oração para o plural, temos:

a) Os uniformes verdes-olivas eram mais bonitos do que os verdes-claros.
b) Os uniformes verdes-oliva eram mais bonitos do que os verdes-claros.
c) Os uniformes verde-olivas eram mais bonitos do que os verde-claros.
d) Os uniformes verde-oliva eram mais bonitos do que os verde-claros.
e) Os uniformes verde-oliva eram mais bonitos do que os verde-claro.

5. (TRT-PR) “Em algumas regiões o vocabulário é mínimo...”
A forma **mínimo** *corresponde ao:*

a) superlativo absoluto sintético
b) superlativo relativo de superioridade
c) superlativo relativo de inferioridade
d) superlativo absoluto analítico
e) comparativo de inferioridade

6. (TJ-SP) Em qual dos itens há um superlativo relativo?

a) Foi um gesto de péssimas consequências.
b) Aquele professor é ótimo.
c) O dia amanheceu extremamente frio.
d) Ele fez a descoberta mais notável do século!
e) Ele foi muito infeliz naquele lance!

7. (TRF-RJ) Os acordos _____ dispensam interpretações de natureza _____.

a) lusos-brasileiros – filosófico-científica
b) lusos-brasileiro – filosófica-científicas
c) luso-brasileiros – filosófico-científica
d) lusos brasileiros – filosófica-científica
e) luso-brasileiros – filosófica-científicas

8. (CEFET-PR) Em que caso a palavra destacada não tem valor de adjetivo?

a) Um branco, **velho**, pedia esmolas.
b) Um velho, **branco**, pedia esmolas.
c) Era um dia **cinzento**.
d) O sabão usado desbotou o **verde** da camisa.

e) Os viajantes dormiam **tranquilos**.

9. (UFF-RJ) Das frases abaixo, apenas uma apresenta adjetivo no comparativo de superioridade. Assinale-a.

a) A palmeira é a mais alta árvore deste lugar.
b) Guardei as melhores recordações daquele dia.
c) A Lua é menor do que a Terra.
d) Ele é o maior aluno de sua turma.
e) O mais alegre dentre os colegas era Ricardo.

10. (ITA-SP) O plural de **terno azul-claro**, **terno verde-mar** é, respectivamente:

a) ternos azuis-claros, ternos verdes-mares
b) ternos azuis-claros, ternos verde-mares
c) ternos azul-claro, ternos verde-mar
d) ternos azul-claros, ternos verde-mar
e) ternos azuis-claro, ternos verde-mar

GABARITO

1 – C	2 – D	3 – E
4 – D	5 – A	6 – D
7 – C	8 – D	9 – D
10 – D		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 4

ARTIGO

4.1 DEFINIÇÃO

É a classe de palavra variável que, anteposta ao substantivo, determina-o ou indetermina-o.

O artigo, portanto, interfere na extensão semântica do substantivo.

Ademais, pode-se dizer que o artigo serve para destacar de uma classe um ou mais indivíduos. Observe:

- Por favor, pegue um livro para estudar. (Isto é, pegue-se qualquer livro para estudar)
- Por favor, pegue o livro para estudar. (Isto é, deve-se pegar um "determinado" livro para estudar)
- Ele gosta de fruta. (Isto é, ele gosta de qualquer tipo de fruta)
- Ele gosta da fruta. (Isto é, ele gosta daquela fruta, de uma fruta determinada)

4.2 CLASSIFICAÇÃO

Na língua portuguesa os artigos podem ser "definidos" e "indefinidos". São os seguintes os artigos em nossa língua:

	MASCULINOS		FEMININOS	
	SINGULAR	PLURAL	SINGULAR	PLURAL
ARTIGOS DEFINIDOS	**o**	**os**	**a**	**as**
ARTIGOS INDEFINIDOS	**um**	**uns**	**uma**	**umas**

Em muitos casos, os artigos aparecem ora contraídos a preposições, ora combinados com elas. Algumas dessas combinações e contrações já se arcaizaram e não são mais empregadas em nossa língua, como é o exemplo da contração "por + o" e suas variantes. Observe uma pequena tabela que demonstra esse fenômeno.

	ARTIGO DEFINIDO	ARTIGO INDEFINIDO

PREPOSIÇÕES	o	a	os	as	um	uma	uns	umas
a	ao	à	aos	às	–	–	–	–
de	do	da	dos	das	dum	duma	duns	dumas
em	no	na	nos	nas	num	numa	nuns	numas
per	pelo	pela	pelos	pelas	–	–	–	–
por	polo	pola	polos	polas	–	–	–	–

4.3 EMPREGO DOS ARTIGOS DEFINIDOS

Regra principal:

Em geral, usa-se o artigo definido com os substantivos tomados em sentido determinado, isto é, que tenham qualquer caracterização clara ou implícita.

- **As** ruas daquela cidade estavam repletas de panfletos **do** candidato adversário.
- "João Romão foi, **dos** treze **aos** vinte e cinco anos, empregado de um vendeiro que enriqueceu entre **as** quatro paredes de uma suja e obscura taverna **nos** refolhos do bairro **do** Botafogo." (Aluísio Azevedo)
- "**A** casa apresentava **a** frente **às** colinas." (Bernardo Guimarães)
- "**O** planalto central **do** Brasil desce, **nos** litorais do Sul, em escarpas inteiriças, altas e abruptas." (Euclides da Cunha)

4.3.1 EMPREGOS PARTICULARES DO ARTIGO DEFINIDO

1. Emprega-se o artigo definido antes de nomes próprios de países, regiões, continentes, mares, ilhas, desertos, montes, vulcões, rios, oceanos, lagos, arquipélagos.

- o Paquistão
- os Alpes
- o Atacama (deserto)
- o Saara (deserto)
- os Andes
- o Brasil
- o Atlântico (oceano)
- o Kilauea (vulcão)
- o Himalaia (monte)
- o Mediterrâneo
- o Ártico
- as Malvinas (ilhas)
- o Pacífico (oceano)
- os Açores
- o Ganges

⇨ **Observação:**

Há países que rejeitam o artigo. Outros o facultam.

- em França / na França
- em África / na África
- Visitamos Roma, na Itália.
- Estivemos em Portugal.
- Chegamos a Curitiba.

2. Emprega-se o artigo definido antes de nomes indicadores de ideias abstratas, como "virtudes e vícios, faculdades e operações da alma, das ciências e das artes".

- Ele sempre amou **a** justiça.
- Ele sempre buscou **a** arquitetura.
- **A** prosperidade é mais perigosa para a alma que **a** adversidade para o corpo.

3. Emprega-se o artigo definido antes de nomes de idiomas.

- Ele fala muito bem o inglês.
- Ainda não domino o alemão.

4. Emprega-se o artigo definido antes de nomes de designam, no singular ou no plural, espécies e gêneros.

- **O** homem é o único ser racional do planeta.
- As orquídeas valem muito no mercado externo.
- **Dos** animais, o cão é o mais doméstico.
- **Os** equinos sempre ajudaram o homem.

5. Emprega-se o artigo definido antes de nomes de pessoas quando são usados no trato familiar para indicar afetividade, quando significam membros da mesma família ou quando tais nomes vêm precedidos de qualificativos.

- **O** Marcos arrebentou na prova de Química.
- Ainda não falamos com **o** Antônio sobre o problema.
- Foi **o** soberbo Afonso que provocou a tragédia.
- **Os** Augustos formam uma fantástica família.

6. Emprega-se o artigo definido antes dos nomes dos pontos cardeais e colaterais, tanto no sentido próprio, como designando regiões.

- Viajaram em direção **ao** Oeste.
- A casa tinha a frente para **o** nascente e os fundos para **o** poente.
- Passaremos rapidamente **pelo** norte do país.
- **O** sul do Brasil sofrerá com as chuvas de inverno.

7. Emprega-se o artigo definido antes dos nomes designativos de festas religiosas e profanas.

- **o** carnaval
- **a** Páscoa
- **o** Natal
- **a** Quaresma
- **o** São João

8. Emprega-se o artigo definido após o pronome indefinido "todo" e suas flexões para reforçar o caráter de totalidade, de inteireza.

- Foram para a festa todos **os** alunos.
- Todas **as** pessoas se retiram abruptamente.

9. É facultativo o emprego do artigo definido antes de pronomes possessivos adjetivos.

- seu livro / o seu livro
- nossas considerações / as nossas considerações
- tuas escolhas / as tuas escolhas
- vosso apartamento / o vosso apartamento

⇨ **Observação:**

Quando o possessivo se refere a substantivo oculto, o emprego do artigo definido se faz obrigatório.

- Se tu não gostas da / de minha comida, como queres que eu goste **da** tua?

10. Emprega-se o artigo definido antes de nomes de sentidos opostos (antíteses):

- Sr. João ficou entre **a** vida e **a** morte.
- Tudo que nasce na terra **o** sol e **a** chuva criam.
- **A** verdade e **a** mentira muitas vezes andam juntas.

11. Emprega-se geralmente o artigo definido antes de obras artísticas e literárias.

- Os Lusíadas
- o Fausto
- a Eneida
- a Ilíada

4.3.2 NÃO SE EMPREGA O ARTIGO DEFINIDO

1. Antes de vocativos:

- Vós, **poderoso rei**, bem sabeis a importância de vossas decisões.

- Quem o chamou aqui, **menino**?

2. Em provérbios, máximas, adágios e definições:

- **Palavra** de rei não volta atrás.
- **Galinha** de olho torto procura **poleiro** cedo.
- **Epizeuxe** ou **reduplicação** é a figura que repete seguidamente a mesma palavra.
- Sempre **afeição** e **amor** são maiores que as coisas amadas.

3. Entre o pronome relativo "cujo" e suas flexões e o substantivo posposto.

- Adquirimos dois livros **cujas capas** são de madeira.

4. Antes da palavra "casa" quando não acompanhada de determinante:

- Vim **de casa**.
- Chegarei **a casa** por volta das 23h.
- Passei **em casa** na parte da manhã.
- Voltarei **para casa** às 22h.
- Entrou **em casa** e nada falou a respeito do problema.

5. Antes dos nomes designativos dos meses do ano:

- "Quando **fevereiro** chegar, saudade já não mata a gente." (Geraldo Azevedo)
- Chegará em **setembro** uma remessa de livros didáticos.

6. Antes de substantivos empregados em sentido geral ou indeterminado:

- Ela nunca foi a **teatro**.
- Jamais pisarei em **estádio** de futebol.
- **Cerveja** sempre é bom para um dia quente de verão.
- Ele gosta de **tortas**.

7. Antes de formas de tratamento:

- Enfim cheguei ao palácio, onde **Sua Majestade** me recebeu com graças.
- Quer dizer que **Vossa Alteza** faz poemas?

8. Antes dos pronomes demonstrativos "este, esse, aquele" e suas variações:

- **Este** carro é muito veloz.
- **Aquela** camisa fica muito bem em você.

9. Antes de locuções nas quais figurem nomes de partes do corpo, de faculdades do espírito, dos sentidos, em geral precedidas das preposições "a" e "de":

- de mão beijada
- de braço dado
- de olhos fechados
- de mãos dadas
- em segunda mão
- a olhos vistos
- de braços abertos
- de braços cruzados
- de cabeça baixa
- de orelha murcha
- a peito descoberto
- de rosto alegre
- de perna aberta
- de memória
- de cor
- de ouvido

10. Nos superlativos relativos, também chamados de superlativos exclusivos:

- "A mãe falava muito em mim louvando-me extraordinariamente, como o homem mais puro do mundo." (Drummond)

  E não "... como o homem **o** mais puro do mundo."

- De todos de nossa sala, o Salathiel era o aluno mais humilde.

  E não "... era o aluno **o** mais humilde."

11. Em termos coordenados sinônimos ou que designem o mesmo indivíduo:

- A ira, **cólera** ou **furor**, é uma moléstia do espírito.
- O imperador da Alemanha e **rei** da Prússia...

4.4 EMPREGO DOS ARTIGOS INDEFINIDOS

Regra principal:

> Em geral, usa-se o artigo indefinido antes dos nomes tomados em sentido vago e indeterminado.

- "Levou Deus **um** dia em espírito ao Profeta Ezequiel a Jerusalém, e o que viu o Profeta foi **uma** parede ou fachada em que estava **um** ídolo do zelo." (Pe. Antônio Vieira – Sermões)
- "O presbítero Eurico era o pastor da pobre paróquia de Carteia. Descendente de **uma** antiga família bárbara." (A. Herculano)
- "*Despontam o dia* com **uns** largos tragos de aguardente, a *teimosa*. E rompem estridulamente os sapateados vivos." (Euclides da Cunha)
- "Com a morte dele a flauta voltou a ocupar **um** lugar secundário como instrumento musical, a que os doutores em música, quer executantes, quer os críticos eruditos, não dão nenhuma importância." (Lima Barreto)

⇨ **Observação:**

O emprego do artigo indefinido não deve sobrecarregar a frase. Deve ser omitido sempre que a clareza ou a ênfase não o reclamarem.

4.4.1 OUTRAS ORIENTAÇÕES PARA O USO DOS ARTIGOS INDEFINIDOS

1. Não se deve empregar artigo indefinido antes do adjetivo "outro":

- Deve haver outro governo melhor do que este. (E não "Deve haver *um outro* governo...")
- Ele sempre lança mão de outros livros para as suas pesquisas. (E não "... mão de *uns outros* livros...")

2. Por questão de estilo, deve-se evitar o emprego do artigo indefinido antes de apostos explicativos:

- Carlos Drummond de Andrade, poeta brasileiro, foi representante do Modernismo. (E não "..., *um* poeta brasileiro...")
- "Recife, cidade de Pernambuco, é considerada a 'Veneza brasileira'". (E não "..., *uma* cidade de Pernambuco...")

3. Pode-se antepor o artigo indefinido a um numeral cardinal para indicar aproximação numérica:

- Faz **uns** três anos que ela não dá notícias.
- Havia **umas** dez mil pessoas no show de Roberto Carlos.

4. É importante não confundir os artigos indefinidos "um, uma" com os numerais "um, uma". A primeira distinção se dá pela noção de quantidade fixa e exata que estes transmitem, ao passo que aqueles transmitem uma ideia vaga, incerta, indefinida. Em segundo lugar, o artigo indefinido possui plural (uns, umas), enquanto o numeral não o tem – em tese, o plural de "um, uma" (numerais) seria "dois, duas". Observe os exemplos:

- **Um** cachorro é sempre um bom companheiro para o homem.
  artigo indefinido – equivale a "qualquer, todo"
- Neste quintal, cabe apenas **um** cachorro.
  pronome – trata-se de número, de quantidade exata
- Encontrei-me com **uns** colegas e fizemos **umas** lições de matemática.
  artigos indefinidos – apresentam flexão de plural
- Ontem lemos apenas **um** capítulo do livro de matemática. Hoje precisamos ler no mínimo **dois**.
  numeral – quantidade exata

⇨ **Observação:**

Em muitas situações, porém, a distinção não é muito fácil de ser feita. Neste caso, é preciso ficar muito atento ao contexto para se perceber qual o real sentido (indefinição ou quantidade exata) que se deseja dar ao vocábulo.

4.5 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (ESAN-SP) Em qual dos casos o artigo denota familiaridade?

a) O Amazonas é um rio imenso
b) D. Manuel, o Venturoso, era bastante esperto.
c) O Antônio comunicou-se com o João.
d) O professor João Ribeiro está doente.
e) *Os Lusíadas* são um poema épico.

2. (UFUB-MG) Em uma das frases, o artigo definido está empregado erradamente. Em qual?

a) A velha Roma está sendo modernizada.
b) A "Paraíba" é uma bela fragata.
c) Não reconheço agora a Lisboa do meu tempo.
d) O gato escaldado tem medo de água fria
e) O Havre é um porto de muito movimento.

3. (FMU-SP) Observe as frases seguintes e depois escolha a única alternativa **incorreta**.

I. Com a Ana ele vai brigar
II. Com Fred ele não vai discutir.

a) A frase I contém um artigo definido, no feminino e no singular, que semanticamente torna ***Ana*** mais próxima do emissor.
b) A frase I contém um artigo definido, no feminino e no singular, pois antecede um nome próprio de mesmas características morfológicas.
c) No confronto entre a frase I e a frase II pode-se notar a importância do uso estilístico do artigo.
d) A frase II, dispensando o artigo diante do nome próprio, marca o distanciamento entre o referente e o emissor.
e) A frase II, não contendo artigo definido diante do nome próprio, está errada.

4. (ITA-SP) Determine o caso em que o artigo tem valor de qualificativo.

a) Estes são os candidatos de que lhe falei.
b) Procure-o, ele é o médico! Ninguém o supera.
c) Certeza e exatidão, estas qualidades não as tenho
d) Os problemas que o afligem não me deixam descuidado.
e) Muita é a procura; pouca a oferta.

5. (FATEC-SP) Indique o erro quanto ao emprego do artigo.

a) Em certos momentos, as pessoas as mais corajosas se acovardavam.
b) Em certos momentos, as pessoas mais corajosas se acovardavam.
c) Em certos momentos, pessoas as mais corajosas se acovardam.
d) Em certos momentos, pessoas mais corajosas se acovardam.

6. (UM-SP) Assinale a alternativa em que há erro.

a) Li a notícia no *Estado de S. Paulo*.
b) Li a notícia em *O Estado de S. Paulo*.
c) Essa notícia, eu a vi em *A Gazeta*.
d) Vi essa notícia em *A Gazeta*.
e) É em *O Estado de S. Paulo* que li a notícia.

7. (ESAN-SP) Assinale a alternativa correta.

a) Mostraram-me cinco livros. Comprei todos cinco.
b) Mostraram-me cinco livros. Comprei todos cinco livros.
c) Mostraram-me cinco livros. Comprei todos os cinco.
d) Mostraram-me cinco livros. Comprei a todos cinco livros
e) n.d.a

8. (UM-SP) Em qual das alternativas colocaríamos o artigo definido feminino para todos os substantivos?

a) sósia - doente - lança-perfume
b) dó - telefonema - diabetes
c) clã - eclipse - pijama
d) cal - elipse - dinamite
e) champanha - criança - estudante

GABARITO

1 – C	2 – D	3 – E
4 – B	5 – A	6 – A
7 – C	8 – D	

CAPÍTULO 5

NUMERAL

5.1 DEFINIÇÃO

É a palavra variável que, acompanhando ou substituindo o substantivo, transmite uma noção de quantidade ou de ordem numérica.

- **Dois terços** do Congresso Nacional votaram contra a medida.
- João foi aprovado em **centésimo quinquagésimo lugar**.
- **Cinquenta e dois por cento** dos alunos não participarão dos jogos.
- Maria tem o **dobro** dos meus anos.
- Ele permanecerá internado no hospital durante uma **quinzena**.

⇨ **Observação:**

As palavras grifadas acima são numerais e transmitem, respectivamente, as seguintes noções: fração de um todo, ordem em uma sequência, número percentual, multiplicidade e número coletivo. Todos os termos são, portanto, **numerais propriamente ditos** ou **quantitativos definidos**.

5.2 CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE OS NUMERAIS

1. **Os numerais geralmente são termos adjetivos, ou seja, acompanham o substantivo em função de adjunto adnominal. Daí serem também chamados de "numerais adjetivos". Quando assumem a posição do substantivo, são denominados de "numerais substantivos", à semelhança dos pronomes.**

- No encontro havia dois mestres em Direito Constitucional.
  numeral adjetivo
- Os dois saíram com o professor de natação.
  numeral substantivo

2. Na leitura dos numerais cardinais, emprega-se a conjunção "e" entre as centenas e as dezenas e entre estas e a unidade.

- 324.670 = Trezentos **e** vinte e quatro mil seiscentos **e** setenta.
- 4.654.981 = Quatro milhões seiscentos **e** cinquenta **e** quatro mil novecentos **e** oitenta **e** um.

3. A maioria dos povos usa os numerais de origem arábica (os numerais arábicos, como são conhecidos). Em épocas mais remotas, usavam-se bastante os numerais de origem romana (os numerais romanos). Hoje estes numerais são empregados em raras situações.

5.3 CLASSIFICAÇÃO DOS NUMERAIS

De acordo com as suas funções, os numerais são classificados em:

a) cardinais
b) ordinais
c) fracionários
d) multiplicativos
e) coletivos

ALGARISMOS		CARDINAIS	ORDINAIS	MULTIPLICATIVOS	FRACIONÁRIOS	COLETIVOS
ROMANOS	ARÁBICOS					
I	1	um	primeiro			
II	2	dois	segundo	duplo ou dobro	meio, metade	par ou casal
III	3	três	terceiro	triplo ou tríplice	terço	
IV	4	quatro	quarto	quádruplo	quarto	
V	5	cinco	quinto	quíntuplo	quinto	
VI	6	seis	sexto	sêxtuplo	sexto	
VII	7	sete	sétimo	séptuplo	sétimo	
VIII	8	oito	oitavo	óctuplo	oitavo	
IX	9	nove	nono	nônuplo	nono	novena
X	10	dez	décimo	décuplo	décimo	dezena
XI	11	onze	undécimo ou décimo primeiro	undécuplo	onze avos ou undécimo	onzena
XII	12	doze	duodécimo ou décimo segundo	duodécuplo	doze avos ou duodécimo	dúzia

XIII	13	treze	décimo terceiro		treze avos	
XIV	14	catorze	décimo quarto		catorze avos	
XV	15	quinze	décimo quinto		quinze avos	quinzena
XVI	16	dezesseis	décimo sexto		dezesseis avos	
XVII	17	dezessete	décimo sétimo		dezessete avos	
XVIII	18	dezoito	décimo oitavo		dezoito avos	
XIX	19	dezenove	décimo nono		dezenove avos	
XX	20	vinte	vigésimo		vinte avos ou vigésimo	
XXX	30	trinta	trigésimo		trinta avos ou trigésimo	trintena
XL	40	quarenta	quadragésimo		quarenta avos ou quadragésimo	quarentena
L	50	cinquenta	quinquagésimo		cinquenta avos ou quinquagésimo	
LX	60	sessenta	sexagésimo		sessenta avos ou sexagésimo	
LXX	70	setenta	septuagésimo		setenta avos ou septuagésimo	
LXXX	80	oitenta	octogésimo		oitenta avos ou octogésimo	
XC	90	noventa	nonagésimo		noventa avos ou nonagésimo	
C	100	cem	centésimo	cêntuplo	cem avos ou centésimo	centena
CXLIV	144	cento e quarenta e quatro	centésimo quadragésimo quarto		cento e quarenta e quatro avos	grosa
CC	200	duzentos	ducentésimo		duzentos avos ou ducentésimo	
CCC	300	trezentos	trecentésimo		trezentos avos ou trecentésimo	
CD	400	quatrocentos	quadrigentésimo		quatrocentos avos ou quadringentésimo	
D	500	quinhentos	quingentésimo		quinhentos avos ou quingentésimo	

DC	600	seiscentos	seiscentésimo ou sexcentésimo		seiscentos avos ou sexcentésimo	
DCC	700	setecentos	septingentésimo		setecentos avos ou septingentésimo	
DCCC	800	oitocentos	octingentésimo		oitocentos avos ou octingentésimo	
CM	900	novecentos	noningentésimo ou nongentésimo		novecentos avos ou nongentésimo	
M	1.000	mil	milésimo		milésimo	milheiro ou milhar
MM	2.000	dois mil	dois milésimos		dois mil avos	
X	10.000	dez mil	dez milésimos		dez mil avos ou décimo milésimo	
C	100.000	cem mil	cem milésimos		cem mil avos ou centésimo milésimo	
M	1.000.000	um milhão	milionésimo		milionésimo	
M	1.000.000.000	um bilhão	bilionésimo		bilionésimo	

5.4 REGRAS GERAIS PARA O EMPREGO DOS NUMERAIS

1. Empregam-se os cardinais para a designação de datas e horas, como também para designar capítulos, parágrafos, folhas ou quaisquer divisões de uma obra.

- Recife, 23 de junho de 2008.
- Em São Paulo, são 23h38min.
- Esse pensamento encontra-se no capítulo 22, na página 49.

⇨ **Observações:**

a) Pode-se dizer corretamente: a páginas 25, na página 25 ou à página 25; 14 de janeiro, a 14 de janeiro, em 14 de janeiro ou aos 14 de janeiro.

b) Como já se disse, na computação dos dias dos meses empregam-se os numerais cardinais à exceção do primeiro dia de cada mês, para o qual se emprega o ordinal: primeiro de abril, primeiro de setembro etc.

2. Em alguns contextos, os cardinais são empregados em sentido indefinido.

- Preciso lhe dizer **duas** palavras. (duas = algumas)

- Já lhe disse isso **mil** vezes. (mil = várias)

3. Depois de vinte, a aditiva "e" funde-se com o "e" final daquele cardinal na pronúncia cotidiana; por isso, em alguns escritores clássicos, nota-se a omissão da aditiva.

- "... quarta-feira, **vinte três** de agosto, mandou levantar âncora." (Barros, Dec. I, *apud* Cláudio Brandão)
- "Esteve **vinte quatro** horas sem fala." (Sousa, S. Dom., I, *apud* Cláudio Brandão)

4. "Ambos" e "ambas" são considerados numerais duais, pois sempre se referem a um par de coisas ou de pessoas. Logo, "ambos os dois", "ambos de dois" são expressões pleonásticas e devem ser evitadas em linguagem formal.

- "...porque um nasceu de outro, a não ser que **ambos** formem duas metades de um só." (Machado de Assis)
- "Assim dizendo, o pajé passou o cachimbo ao estrangeiro; e entraram **ambos** na cabana." (José de Alencar)

⇨ **Observação:**

Quando antepostos a um substantivo, empregam-se "ambos" e "ambas" seguidos geralmente de um artigo definido e mais raramente de um pronome possessivo ou demonstrativo.

- "As monjas saem sucessivamente de **ambos os** lados e vêm ajoelhar aos pés da abadessa." (A. Herculano)
- "Dizendo, fechou por dentro **ambas as portas**, e sentou-se sobre uma arca." (Camilo Castelo Branco)

5. Na designação de reis, papas, soberanos, séculos e partes de uma obra (capítulos, tomos etc.), empregam-se os ordinais até o dez e os cardinais daí por diante. Se o numeral anteceder o substantivo, empregam-se os ordinais.

- Século **sexto**
- Capítulo **segundo**
- João **vinte e três**
- Século **vinte e um**
- Leão **décimo**
- Henrique **quarto**
- Luís **catorze**
- Pedro **primeiro**
- **quarto** século
- **sexto** capítulo
- **décimo primeiro** papa
- **trigésimo** tomo

6. Na designação de artigos de leis, decretos, portarias, regulamentos etc., usam-se os ordinais até nove e os cardinais de dez em diante. Se o numeral vier anteposto, empregam-se os ordinais.

- artigo **segundo**
- inciso **quarto**
- parágrafo **nono**

- artigo **vinte e três**
- inciso **catorze**
- parágrafo **doze**
- **quadragésimo** artigo
- **décimo quinto** inciso
- **sétimo** parágrafo

7. "Cem", forma contraída de "cento", usa-se como adjetivo e é invariável.

- cem páginas
- cem pessoas
- cem homens
- cem animais

8. "Cento" se emprega hoje geralmente como adjetivo na designação dos números entre cem e duzentos, e é invariável.

- Cento e vinte
- cento e cinquenta
- cento e dois

9. Os numerais inteiros são invariáveis, à exceção de "um, dois, ambos, os compostos de –entos e os terminados em -ão (milhão, bilhão, trilhão etc.)".

- Já estavam presentes na sala $\underset{\text{invariável}}{\underline{\text{vinte}}}$ pessoas.
- O show deve ser visto por $\underset{\text{invariável}}{\underline{\text{mil}}}$ pessoas.
- Ele comeu cerca de $\underset{\text{invariável}}{\underline{\text{trinta e quatro}}}$ docinhos.
- Falei com $\underset{\text{variável}}{\underline{\text{duas}}}$ pessoas hoje.

10. Os numerais coletivos (chamados também de "seriativos") têm grande semelhança com os substantivos coletivos. Diferem destes, porém, por denotarem número rigorosamente delimitado.

- quinzena = 15 dias
- novena = 9 dias
- quinquênio ou lustro = 5 anos
- vintena = grupo de 20
- quarteirão = grupo de 25
- dúzia = grupo de 12
- semestre = 6 meses
- tríduo = 3 dias
- milênio = 1.000 anos

11. Os numerais ordinais se flexionam tanto em gênero quanto em número.

- primeiro passo
- primeira leitura
- primeiros passos
- primeiras leituras

12. Ao lado das grafias "bilhão", "trilhão" e "quatrilhão", existem as menos usuais, mas igualmente corretas, "bilião", "trilião" e "quatrilião". Esses numerais não

apresentam flexão de gênero – apresentam-se tão somente sob a forma masculina.

- Ninguém conseguiu acertar todas as questões dentre as 15 milhões de pessoas participantes.

Corrija-se para: "... dentre os 15 milhões de pessoas participantes."

⇨ **Observações:**

Geralmente "milhão, bilhão, trilhão, quatrilhão" vêm acompanhados de um adjunto especificador no plural. Neste caso, o verbo da concordância poderá tanto concordar no singular com os numerais ou ir para o plural para concordar com a especificação.

- Um milhão de pessoas — **foi** / ou / **foram** — ao show.
- Mais de um milhão de dólares **foi gasto** (ou **foram gastos**) para a reconstrução do templo.

5.5 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (TELERJ) Assinale a alternativa em que o numeral tem valor hiperbólico:

   a) Naquele estádio havia quinhentas pessoas.
   b) Mais de cem milhões de brasileiros choraram.
   c) "Com mil demônios" – praguejou ele, diante do acidente fatal.
   d) Ele foi o quadragésimo colocado.
   e) Cinco oitavos do prêmio couberam a mim.

2. (FVE-SP) Assinale o item em que o numeral ordinal, por extenso, esteja correto:

   a) 2.866.º – dois milésimos, octogésimo, sexagésimo sexto
   b) 6.222.º – sexto milésimo, ducentésimo, vigésimo segundo
   c) 3.478.º – três milésimos, quadringentésimo, septuagésimo oitavo
   d) 1.899.º – milésimo, octogésimo, nongentésimo nono
   e) 989.º – nonagésimo, octogésimo nono

3. (ITA-SP) Assinale o que estiver correto:

   a) Seiscentismo se refere ao século XVI.
   b) O algarismo romano da frase anterior se lê: décimo sexto.
   c) Duodécuplo significa duas vezes, dodécuplo, doze vezes.

d) Ambos os dois é forma enfática correta.
e) Quadragésimo, quarentena, quadragésima, quaresma só aparentemente se referem a quarenta.

4. (VUNESP) Identifique o caso em que **não** haja expressão numérica de sentido indefinido:

a) Ele é duodécuplo colocado.
b) Quer que veja esse filme pela milésima vez?
c) "Na guerra os meus dedos dispararam mil mortes."
d) "A vida tem uma só entrada, a saída é por cem portas."
e) n. d. a.

5. (PUCCAMP-SP) Os ordinais referentes aos números **80**, **300**, **700** e **90** são, respectivamente:

a) octagésimo – trecentésimo – setingentésimo – nongentésimo
b) octogésimo – trecentésimo – setingentésimo – nonagésimo
c) octingentésimo – tricentésimo – septuagésimo – nongentésimo
d) octogésimo – tricentésimo – septuagésimo – nongentésimo
e) n. d. a.

6. (FMU-SP) **Triplo** e **tríplice** são numerais:

a) ordinal o primeiro e multiplicativo o segundo.
b) ambos ordinais.
c) ambos cardinais.
d) ambos multiplicativos.
e) multiplicativo o primeiro e ordinal o segundo.

7. (UFPR) Se a *cinco* vem a corresponder *quinto*, a **onze**, **quarenta**, **cinquenta**, **sessenta** e **setenta**, respectivamente, correspondem:

a) undécimo, quadragésimo, cinquentésimo, sexagésimo, septuagésimo
b) décimo primeiro, quaresma, quinquagésimo, sexagésimo, septuagésimo
c) undécimo, quadragésimo, quinquagésimo, sexagenário, septuagésimo
d) décimo primeiro, quadragésimo, quinquagésimo, sexagésimo, septuagésimo
e) undécimo, quadragésimo, quinquagésimo, sexagésimo, septuagésimo

8. (FMU-SP) Sabendo-se que os numerais podem ser cardinais, ordinais, multiplicativos e fracionários, podemos dar os seguintes exemplos:

a) uma (cardinal), primeiro (ordinal), Leão onze (multiplicativo) e meio (fracionário)
b) um (cardinal), milésimo (ordinal), undécuplo (multiplicativo) e meio (fracionário)
c) um (cardinal), primeiro (cardinal), Leão onze (multiplicativo) e meio (fracionário)
d) um (cardinal), primeiro (cardinal), cêntuplo (multiplicativo) e centésimo (fracionário)
e) um cardinal (cardinal), primeiro (ordinal), duplo (multiplicativo), não existindo numeral denominado fracionário

9. (Ufam) Assinale o item em que NÃO é correto ler o numeral como vem indicado entre parênteses:

a) Pode-se dizer que no século IX (nono) o português já existia como língua falada.
b) Pigmalião reside na Casa 22 (vinte e duas) do antigo Beco do Saco do Alferes, em Aparecida.
c) Abram o livro, por favor, na página 201 (duzentos e um).
d) O que procuras está no art. 10 (dez) do código que tens aí na mão.
e) O Papa Pio X (décimo), cuja morte teria sido apressada com o advento da Primeira Guerra Mundial, foi canonizado em 1954.

10. (UnB-DF) Assinale a alternativa em que *meio* funciona como advérbio.

a) Só quero meio quilo.
b) Achei-o meio triste.
c) Descobri o meio de acertar.
d) Parou no meio da rua.
e) Comprou um metro e meio.

11. (Fasp) Ele obteve o ... (123.º) lugar.

a) centésimo vigésimo terceiro
b) centésimo trigésimo terceiro
c) cento e vinte trigésimo
d) cento e vigésimo terceiro

12. (FSCS-SP) Associe o sentido ao respectivo numeral coletivo.

(1) período de seis anos ( ) dístico
(2) período de cinco anos ( ) decúria
(3) estrofe de dois versos ( ) sexênio
(4) período de cem anos ( ) centúria
(5) agrupamento de dez coisas ( ) lustro

13. (Acafe-SC) Assinale a alternativa **correta**.

a) Os substantivos *cão*, *tabelião*, *pão*, *alemão* e *cidadão* fazem o plural mudando -ão em -ães.

b) A torre é **altíssima**. A palavra destacada é adjetivo e está no grau superlativo absoluto analítico.

c) Vendi todos **os** livros a **uns** alunos. As palavras destacadas são pronomes definidos.

d) O **dobro** do meu dinheiro é igual à **metade** do teu. As palavras destacadas são numerais multiplicadores.

e) Levaram-**me** o caderno. A palavra destacada é pronome pessoal oblíquo.

GABARITO

1 – C	2 – B	3 – D
4 – A	5 – B	6 – D
7 – E	8 – B	9 – B
10 – B	11 – A	12 – 3, 5, 1, 4, 2
13 – E		

CAPÍTULO 6

PRONOME

Observe o exemplo abaixo:

- Quem poderia comprar todos estes meus livros que eu adquiri numa promoção em São Paulo?

Perceba que todos os elementos grifados acima ou estão no lugar do substantivo ou estão acompanhando um substantivo.

1. O "quem" exerce a função de sujeito da primeira oração; função típica e própria do substantivo.
2. Os elementos "todos", "estes" e "meus" se referem ao substantivo "livros", trazendo, respectivamente, as noções de "cada um", de "localização espacial" e de "posse".
3. O elemento "que" retoma e substitui, ao mesmo tempo, o substantivo "livros".
4. Por fim, o elemento "eu" representa o sujeito do verbo "adquirir". Exerce, portanto, função própria do substantivo.

6.1 DEFINIÇÃO

A partir do exemplo dado, podemos dizer que a classe de palavra variável que substitui ou acompanha o substantivo é denominada de **pronome**.

Como o adjetivo, o numeral e o artigo também são classes morfológicas que acompanham o substantivo, podemos afirmar que a grande distinção entre estes e o pronome se dá pelo fato deste último situar o substantivo numa pessoa do discurso.

As pessoas do discurso são:

a) o ser que fala – **1.ª pessoa** (eu e nós)
b) o ser com quem se fala – **2.ª pessoa** (tu e vós)
c) o ser (ou coisa) de que se fala – **3.ª pessoa** (ele e eles)

Logo, é possível também se definir "pronome" como a classe morfológica que substitui e

acompanha o substantivo, situando-o numa pessoa do discurso.

6.2 PRONOMES ADJETIVOS E PRONOMES SUBSTANTIVOS

De acordo com as afirmações iniciais, podemos classificar de antemão os pronomes em: **substantivos** e **adjetivos**.

→ **Pronome substantivo**, como o próprio nome já o diz, é aquele que se põe no lugar do substantivo e passa a exercer uma função típica deste.

→ **Pronome adjetivo**, por outro lado, é aquele que acompanha o substantivo, atribuindo-lhe informações acessórias.

Observe:

- **Ele** jamais desconfiou de **nossa** honestidade.
  pronome substantivo *pronome adjetivo*
- O rapaz **o** comprou por **meu** intermédio.
  pronome substantivo *pronome adjetivo*
- **Esses** rapazes jamais visitaram **aquele** vilarejo.
  pronome adjetivo *pronome adjetivo*
- **Alguém** chegou aqui e nos deixou **isto**.
  pronome substantivo *pronome substantivo*

6.3 CLASSIFICAÇÃO DOS PRONOMES

Os pronomes se classificam de acordo com suas funções em:

I. Pronomes pessoais
II. Pronomes demonstrativos
III. Pronomes indefinidos
IV. Pronomes possessivos
V. Pronomes relativos
VI. Pronomes interrogativos

6.3.1 PRONOMES PESSOAIS

São assim denominados os pronomes que indicam diretamente as pessoas gramaticais: o falante (1.ª pessoa), o ouvinte (2.ª pessoa) e o que não toma parte na conversa (3.ª pessoa). São classificados em **retos**, **oblíquos** e **de tratamento**.

PRONOMES PESSOAIS		
RETOS	**OBLÍQUOS**	
	Átonos	**Tônicos**
EU	ME	MIM, COMIGO
TU	TE	TI, CONTIGO
ELE	O, A, LHE, SE	SI, CONSIGO, ELE, ELA
NÓS	NOS	CONOSCO, NÓS
VÓS	VOS	CONVOSCO, VÓS
ELES	OS, AS, LHES, SE	SI, CONSIGO, ELES, ELAS

6.3.1.1 Emprego dos pronomes pessoais do caso reto (principais regras)

1. **A princípio, convém dizer que os pronomes são denominados de "retos" porque exercem função subjetiva, ou seja, funcionam como sujeito de um verbo. Por outro lado, são denominados de oblíquos os pronomes que exercem função complementar.**

- **Eles** jamais deixarão os juros caírem demais.
  caso reto
- Ainda não **me** comunicaram o fato.
  caso oblíquo
- Todos irão **conosco**, João.
  caso oblíquo
- **Nós** encontrá-**lo**-emos no shopping à tarde.
  caso reto *caso oblíquo*

2. **Importante também perceber que a força de tonicidade do pronome interfere no seu emprego. Os pronomes tônicos, por exemplo, são sempre usados precedidos de uma preposição, fato que não se dá com os átonos, os quais repelem a presença de uma preposição essencial que os reja.**

- Ele sempre gosta de falar de **si**.
  tônico
- Trouxemos dois hambúrgueres para **ti**, Madalena.
  tônico
- A **mim**, não me interessam as objeções do guia.
  tônico
- Deixaram o livro para **eu** ler durante o final de semana.
  átono

⇨ **Observação:**

No último exemplo, a preposição "para" que antecede o pronome "eu" rege toda a oração

de finalidade. Não está regendo, portanto, o pronome, que é átono.

3. Os pronomes do caso reto "eu" e "tu" só aparecem como sujeito, salvo raras exceções. Por isso, os tais pronomes nunca ocorrerão regidos por preposição. Veja:

- Ainda ontem **eu** participei de uma plenária.
  pronome do caso reto, sujeito
- Parece que **tu** ainda não sabes o valor da vida.
  pronome do caso reto, sujeito
- Não há problemas **entre eu** e **tu**, Mário. (**construção errada**)
  os pronomes "eu" e "tu" não admitem ser regidos por preposição

Corrija-se para → Não há problemas **entre mim** e **ti**, Mário.

- Onde está o papel **para mim** imprimir o trabalho? (**construção errada**)

Corrija-se para → Onde está o papel para **eu imprimir** o trabalho? ("eu" é o sujeito do verbo "imprimir")

- A notícia chegou **até eu**. (**construção errada**)

Corrija-se para → A notícia chegou **até mim**.

- Por favor, não saiam **sem mim**. (A presença da preposição exige que seja usado um pronome tônico)
- Eles saíram sem **eu dar** o dinheiro para o cinema. (O "eu" é o sujeito do verbo "dar". A preposição "sem" rege a oração)

⇨ **Observação:**

Os pronomes "eu" e "tu" podem, excepcionalmente, aparecer nas funções de "predicativo" e "vocativo", respectivamente.

- Por favor, deixe que eu seja **eu**.
  pronome pessoal, predicativo
- "Ó **tu**, meu senhor, ajuda-nos com teus favores!"
  pronome pessoal, vocativo

4. No português falado no Brasil, o pronome "tu" foi praticamente substituído pelo pronome de tratamento "você". Importante destacar, ademais, que o "você" se refere à 2.ª pessoa do discurso, mas exige o verbo da concordância sempre na 3.ª pessoa do singular.

- João, você vai conosco ao show?
- Você sabe o segredo dos animais?

⇨ **Observação:**

Em algumas regiões do Brasil, o falar coloquial emprega o "tu" com o verbo flexionado na terceira pessoa do singular: "Tu foi...", "Tu vai...", "Tu sabe...". Tais construções são, como já se disse, típicas da linguagem coloquial e jamais devem ser empregadas em processos comunicativos que exigem o padrão culto da língua.

5. **Na linguagem oral, é bastante comum a substituição do pronome de primeira pessoa do singular "eu" pelo pronome de primeira pessoa do plural "nós". Essa troca visa dar à mensagem um tom menos arrogante, menos presunçoso. É o que se denomina de "plural de modéstia".**

Em vez de: "**Eu concedo** a medalha de honra ao mérito ao escoteiro João da Silva."

Emprega-se: "**Nós concedemos** a medalha de honra ao mérito ao escoteiro João da Silva."

6. **É bastante comum na linguagem coloquial a substituição do pronome do caso reto "nós" pela forma "a gente" (separado). Tal substituição, repita-se, é típica da linguagem coloquial.**

6.3.1.2 Emprego dos pronomes pessoais do caso oblíquo (principais regras)

1. **Os pronomes "ele, ela, nós, vós, eles e elas", por possuírem força tônica, podem também aparecer em função oblíqua. Neste caso, eles virão obrigatoriamente regidos por uma preposição. Observe a diferença:**

- **Eles** não irão à festa da nossa turma.
  pronome do caso reto, sujeito
- Disseram a **eles** que a festa não se realizará.
  pronome do caso oblíquo tônico, objeto indireto
- **Nós** certamente realizaremos o projeto.
  pronome do caso reto, sujeito
- Atribuíram **a nós** o problema com a gerência.
  pronome do caso oblíquo tônico, objeto indireto
- A mulher do prefeito, parece que viram **a ela** no shopping com um homem suspeito.
  pronome do caso oblíquo tônico, objeto direto preposicionado

⇨ **Observações:**

a) É construção tipicamente coloquial o emprego dos pronomes "ele, ela, eles, elas" em

função complementar desprovidos de preposição.

- Eu vi **ele** no shopping ontem.
  construção coloquial
- Vão levar **ela** para o médico agora.
  construção coloquial

b) Os pronomes “ele, ela, eles, elas”, quando funcionam como complemento, podem se contrair com as preposições “de” e “em”.

- Todos acreditam **nele**.
- A família depende **dele** para sobreviver.

c) Percebemos, portanto, que, quando há a presença de uma preposição essencial, deve-se – obrigatoriamente – usar os pronomes pessoais tônicos, já que os pronomes átonos são insuscetíveis de virem regidos por preposição. Observe:

- Após **mim**, veio o cortejo.
- Desde **ti** até **mim**, nunca houve mudança significativa na Universidade.
- Pedro fez tudo por **mim** e por **ti**.
- Durante a turbulência, várias malas caíram sobre **mim**.
- Todos se coligaram contra **mim**.
- Diante de **mim**, todos se calaram.

2. Os pronomes “si” e “consigo” são oblíquos tônicos reflexivos e só devem ser usados com referência ao sujeito da oração. Considera-se erro, portanto, construções em que os pronomes “si” e “consigo” não se refiram ao sujeito.

- Os rapazes sempre levam **consigo** um punhado de farinha.
  pronome oblíquo tônico se referindo ao sujeito “os rapazes”
- Ele sempre fala de **si** para os estranhos.
  pronome oblíquo tônico se referindo ao sujeito “ele”
- Paulo e Marcos, o diretor de recursos humanos quer falar **consigo**. (**construção errada**)
  O pronome deve se referir a “Paulo” e a “Marcos”.

Corrija-se para → Paulo e Marcos, o diretor de recursos humanos quer falar **com vocês**. (ou “**convosco**”)

3. Os pronomes “comigo, contigo, consigo, conosco, convosco” já trazem em si mesmos a preposição “com”, pois são o resultado da combinação desta preposição com a formas oblíquas da primeira, da segunda e da terceira pessoa do singular e do plural.

- A minha filha sempre vai **comigo** às pescarias.
- Ao saíres, avisa-nos, pois iremos **contigo**.
- João e Maria irão **conosco**.
- Ela traz **consigo** boas experiências.

⇨ **Observação:**

Os pronomes “conosco” e “convosco” devem ser substituídos pelas suas formas analíticas “com nós” e “com vós”, respectivamente, quando há a presença de um reforço do pronome por meio de adjunto adnominal. Geralmente, esse reforço se dá com os vocábulos “mesmo” e “próprio”. Observe:

- Eles irão conosco. **ou**
- Eles irão
  - com nós mesmos.
  - com nós próprios.
  - com nós outros.
  - com nós dois.

4. Os pronomes oblíquos átonos “me, te, se, nos, vos” são empregados como complementos tanto de verbos transitivos diretos quanto de verbos transitivos indiretos. Podem, portanto, funcionar como objeto direto (caso acusativo em latim) ou objeto indireto (caso dativo em latim), a depender da regência verbal.

- Sempre **nos** disse o que fazer nas horas difíceis.
  objeto indireto
- Informaram-**nos** sobre o problema.
  objeto direto
- Eles **se** viram, mas não **se** cumprimentaram.
  objeto direto *objeto direto*
- Parece que vão **me** dizer a verdade.
  objeto indireto
- Eu **vos** louvo pela atitude salvadora que tivestes.
  objeto direto
- Essa notícia **te** deu ânimo para continuar?
  objeto indireto

5. Já os oblíquos “o, a, os, as” são usados como complementos para verbos transitivos diretos e verbos transitivos diretos e indiretos em sua parte direta. Funcionam, pois, como objetos diretos. São, por isso, denominados de pronomes acusativos, já que em latim a função acusativa diz respeito ao objeto direto. Tais pronomes equivalem aos oblíquos tônicos preposicionados “a ele, a ela, a eles, a elas”.

- Os jornalistas **o** fotografaram quando descia a serra. (= fotografaram a ele)
- Todos **as** aplaudiam com entusiasmo. (= aplaudiam a elas)

⇨ **Observação:**

Os pronomes “o, a, os, as”, quando estão enclíticos a verbos terminados em “-r, -s, -z”, assumem as formas “lo, la, los, las” e a forma verbal perde aquelas consoantes. Quando enclíticos a verbos terminados em ditongo nasal, assumem as formas “no, na, nos, nas”.

Veja:

- Encontraram o homem deitado. = Encontraram-**no** deitado.
- Pegou dinheiro para comprar dois livros. = Pegou dinheiro para comprá-**los**.

6. Os pronomes oblíquos "lhe, lhes" substituem termos que exigem preposição. Quando completam verbos, funcionam como objetos indiretos de verbos transitivos indiretos e de verbos transitivos diretos e indiretos em sua parte indireta. Referem-se, portanto, ao caso dativo do latim. Estes pronomes também equivalem aos oblíquos tônicos preposicionados "a ele, a ela, a eles, a elas".

- Todos **lhe** fizeram grandes elogios. (= fizeram grandes elogios a ela / a ele.)
- Pediram-**lhes** que se mantivessem calados. (= pediram a eles / a elas que se...).

7. Os pronomes "me, te, lhe, nos, vos" podem fazer a vez de legítimos pronomes possessivos. Equivalem, respectivamente, a "meu / minha, teu / tua, seu / sua, dele / dela, nosso / nossa, vosso / vossa e plurais". Observe:

- Ao ver o sumo pontífice, beijou-**lhe** uma das mãos. → Isto é: ... beijou uma de **suas** mãos.
- A velocidade do vento despenteava-**nos** os cabelos. → Isto é: ... despenteava os **nossos** cabelos.

6.3.2 PRONOMES DE TRATAMENTO

Uma divisão interessante dos pronomes pessoais é a dos pronomes de tratamento. São assim denominados porque se usam tais pronomes em referência a certas pessoas consideradas autoridades ou em certos contextos comunicativos quando a formalidade os exige.

Principais pronomes de tratamento e seus respectivos empregos:

Pronome de tratamento	Abreviatura	Emprego
você, vocês	v.	tratamento familiar, informal
senhor, senhores	Sr. Sr.es	tratamento respeitoso
senhorita, senhoritas	Sr.ta, Sr.tas	para mulheres solteiras
senhora, senhoras	Sr.a, Sr.as	tratamento respeitoso
Vossa Senhoria, Vossas Senhorias	V.S.a, V. S.as	para pessoas que exercem cargos importantes
Vossa Excelência, Vossas Excelências	V. Ex.a, V. Ex.as	para autoridades superiores (presidentes, juízes, deputados, senadores, governadores etc.)
Vossa Eminência, Vossas Eminências	V. Em.a, V. Em.as	para cardeais
Vossa Alteza, Vossas Altezas	V.A., VV.AA.	para príncipes, princesas e duques

Vossa Majestade, Vossas Majestades	V.M., VV.MM.	para reis e rainhas
Vossa Meritíssima	Por extenso	juízes
Vossa Magnificência, Vossas Magnificências	V. Mag.ª, V. Mag.ªs	reitores
Vossa Reverendíssima, Vossas Reverendíssimas	V.Rev.ma, V. Rev.mas	sacerdotes religiosos, bispos, padres, pastores
Vossa Santidade	V.S.	papa

Observações sobre os pronomes de tratamento:

a) Os pronomes de tratamento são pronomes que se referem à 2.ª pessoa do discurso. Entretanto, exigem a concordância verbal na 3.ª pessoa. Ademais, devem também ficar na 3.ª pessoa todos os elementos que a tais pronomes se refiram.

- Suas Excelências ainda não **deixaram** os seus despachos.
- Vossa Senhoria **deseja** um pouco de água?
- Vossas Majestades ainda não **inspecionaram** os **seus** cavalos este mês?

b) Tais fórmulas de tratamento só são consideradas pronomes de tratamento quando vêm antecedidas de "Sua" ou "Vossa". Desprovidas de tais partículas, tornam-se, no mais das vezes, meros "substantivos femininos" ou "adjetivos".

- Todos ficaram estupefatos perante a **majestade** (*substantivo feminino*) do templo.
- Aquele rapaz é um **reverendíssimo** (*adjetivo*) imbecil.
- É uma **excelência** (*substantivo feminino*) de pessoa.

c) Emprega-se "Sua" quando nos referimos à pessoa. Por outro lado, empregamos "Vossa" quando nos dirigimos à pessoa.

- Quando Sua Excelência chegar, avise-lhe, por favor, sobre o problema.
- Vossa Alteza, quer que eu lhe traga o almoço agora?

6.3.3 PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Outra categoria bastante usual na língua portuguesa é a dos pronomes demonstrativos. São denominados demonstrativos porque situam as pessoas ou coisas no tempo ou no espaço, postas em relação às pessoas do discurso. Os pronomes demonstrativos apresentam formas variáveis e invariáveis.

Pronomes demonstrativos

	Variáveis		Invariáveis
	Masculinos	Femininos	
1.ª pessoa	este, estes	esta, estas	isto
2.ª pessoa	esse, esses	essa, essas	isso
3.ª pessoa	aquele, aqueles	aquela, aquelas	aquilo

Além dos pronomes acima, são igualmente demonstrativos os seguintes pronomes: “mesmo(s), mesma(s), próprio(s), própria(s), tal, tais, semelhante(s)”.

6.3.3.1 Emprego dos pronomes demonstrativos

O emprego dos pronomes demonstrativos representa um dos pontos mais discutidos pelos estudiosos da língua, já que em muitos escritores encontram-se empregos controvertidos dos tais pronomes. Para facilitar o entendimento, dividimos o emprego dos demonstrativos em relação a três aspectos: localização espacial do referente, localização temporal do referente e localização textual do referente.

I) Quanto à localização espacial do referente temos as seguintes orientações:

a) Empregam-se “este, esta, isto e variações” quando o referente se encontra com o ser que fala.

- **Esta** camisa aqui custou-me quarenta reais.
- **Este** livro contém preciosas lições.

b) Emprega-se “esse, essa, isso e variações” quando o referente se encontra próximo, perto de quem fala.

- Quanto custou **essa** camisa que você está usando?
- Meu primo trouxe-me uma caneta **dessas** aí quando foi aos Estados Unidos.

c) Empregam-se “aquele, aquela, aquilo e variações” quando o referente se encontra distante do ser que fala.

- **Aquele** menino acolá passou em um concurso para juiz federal.
- **Daquela** ponte para este ponto aqui, são mais ou menos dois quilômetros.

II) Quanto à localização temporal do referente, temos as seguintes orientações:

a) Empregam-se “este, esta, isto e variações” quando se faz referências a um tempo presente em relação à pessoa que fala.

- Ainda este ano irei à Europa.
- Nesta tarde resolverei todo o problema com o síndico.

b) Empregam-se "esse, essa, isso e variações" quando se faz referências a um tempo passado ou futuro em relação à pessoa que fala.

- O ano passado marcou minha vida. **Nesse** ano nasceu meu filho.
- Espero que em 2100 o homem tenha encontrado a solução para muitos problemas. **Nesse** ano, esperamos não haver mais miséria, violência, abandono.

c) Empregam-se "aquele, aquela, aquilo e variações" quando se faz referências a passado distante em relação ao ser que fala.

- Em 1980, a inflação era galopante. **Naquele** ano, viviam-se os últimos anos do milagre econômico brasileiro.
- Os anos de 1939 a 1945 marcaram a humanidade. Durante **aqueles** anos, desenvolveu-se um dos maiores massacres perpetrados contra a humanidade: o extermínio dos judeus.

III) Quanto à localização textual do referente, temos as seguintes orientações:

a) Empregam-se "esse, essa, isso e variações" para retomar termos e informações já mencionados. Tais pronomes funcionarão como "elementos de coesão referencial anafórica".

- A violência assola o país de norte a sul. **Esse** problema inviabiliza muitos negócios comerciais no Brasil.
- Ao coração cabe toda a função de bombeamento sanguíneo. **Esse** órgão bate, quando regular, cerca de 80 vezes por minuto.

b) Empregam-se "este, esta, isto e variações" para antecipar termos e informações que ainda vão ser mencionados. Tais pronomes funcionarão, portanto, como "elementos de coesão referencial catafórica".

- O Brasil precisa disto: educação igualitária – de qualidade – para todos.
- Esta indagação jamais será respondida satisfatoriamente: "Quem nasceu primeiro: o ovo ou a galinha?".

c) Empregam-se "este, esta, isto e variações" para retomar, dentro de um período, o termo mais próximo, ou seja, o enunciado em segundo lugar, a fim de se evitar uma possível ambiguidade que os demonstrativos "esse, essa, isso e variações" poderiam gerar. Por outro lado, empregam -se "aquele, aquela, aquilo e variações" para retomar, dentro do período, o termo mais distante, ou seja, o enunciado em primeiro lugar.

- Brasil e Argentina travaram novos acordos comerciais. **Este** exportará carnes nobres e

importará frutas tropicais **daquele**. → este = Argentina / daquele = Brasil.

- Os otimistas não julgam os pessimistas, nem **estes àqueles**, pois ambos convergem para alguma forma de idealismo. → estes = pessimistas / aqueles = otimistas.

d) Empregam-se – indistintamente – os pronomes "esse, essa, isso, este, esta, isto e variações" para retomar termos e ideias anteriormente expressos, mormente quando o elemento retomado se encontra imediatamente atrás de tais pronomes.

- "– Se eu fosse rica, você fugia, metia-se no paquete e ia para a Europa. Dito **isto**, espreitou-me os olhos..." (Assis, Machado. *Dom Casmurro*)

Outras observações acerca dos pronomes demonstrativos:

a) A contração "nisto" (em vez de "nisso") é frequentemente empregada em função circunstancial com o sentido de "nesse momento", "então", "em tal momento".

- A bomba estourou precisamente às 17h. **Nisto**, soaram todos os alarmes da cidade, e as forças armadas entraram em alerta.

b) Os demonstrativos "aquele/aquilo, aquela, aqueles e aquelas" podem aparecer em forma reduzida "o, a, os e as", respectivamente. Estes são usados em função substantiva e são seguidos de preposição ou de uma oração adjetiva encabeçada pelo relativo "que". Eles também aparecem em construções com o verbo "ser".

- Todos sabiam **o** que ele pensava sobre o problema. (... o = aquilo o qual ele pensava...).
  oração adjetiva

- Os que lutam são os que vencem. (os = aqueles)
  oração adjetiva *oração adjetiva*

- Se ele é pobre, eu também **o** sou.
  aquilo

- A classe estava cheia como nunca. **Os** da direita espremiam-se junto à parede enquanto **os** da esquerda sentavam uns no colo dos outros.
  aqueles *aqueles*

⇨ **Observação:**

O artigo definido, ausente o substantivo, converte-se em pronome demonstrativo, com o sentido de "aquele, aquela, aquilo, isso". Isto ocorre quando o "**o**" vem seguido de preposição, do pronome relativo "que" ou construído com o verbo "ser".

- A minha casa é menos confortável que **a** do vizinho.
  pronome demonstrativo
- Todos entenderam bem **o** que tu disseste.
  pronome demonstrativo
- Se ele é rico, eu também **o** sou.
  pronome demonstrativo

c) Os pronomes "mesmo" e "próprio" serão demonstrativos quando possuírem sentido de "exato", "idêntico", "em pessoa".

- De fato, foi João **mesmo** quem resolveu o problema.
- Éramos nós **mesmos** os responsáveis pela abertura e fechamento da empresa.
- Amanhã tu deverás ir à **mesma** rua em que estiveste na semana passada para falar com o comendador.

d) "Tal" será pronome demonstrativo quando equivaler aos demonstrativos "este, esse, aquele e flexões".

- Temos verdadeiro repúdio a **tal** sujeito.
- **Tal** foi o filme a que assistimos na semana passada.

e) A tradição e o uso consagraram a expressão "isto é" (e nunca "isso é") equivalente a "quer dizer", "significa", quando se vai esclarecer um pensamento, uma ideia.

- A vida é uma incógnita, **isto é**, nunca se sabe a que lugar ela chegará.

f) Como conjunção conclusiva, usa-se, hoje, mais frequentemente "por isso" em vez de "por isto", a despeito de esta última forma não estar errada.

- Sempre estudou com afinco, **por isso** (ou "**por isto**") obteve um bom desconto na mensalidade da escola.

g) "Semelhante" será pronome demonstrativo quando equivaler a "tal".

- Tenha mais cuidado para não cair em **semelhante** erro.

h) É condenável o emprego dos demonstrativos "mesmo(s), mesma(s)" em função substantiva. Tal fato se dá, porque não são próprias de tais pronomes funções como "sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal etc.". Observe abaixo:

- O bandido se evadiu, mas a polícia prendeu **o mesmo** poucas horas depois. (Prefira: "... mas a polícia o prendeu...")
- Encontramos o Ricardo em sua casa de praia. **O mesmo** nos disse que estava descansando um pouco. (Prefira: "... Ele nos disse que...")

- Na casa da Lurdinha há um bravo Pitbull. Joana disse que tinha muito medo **do mesmo**. (Prefira: "... tinha muito medo dele ou do cão.")

6.3.4 PRONOMES INDEFINIDOS

São denominados indefinidos os pronomes que se referem à 3.ª pessoa do discurso quando esta tem sentido vago e indeterminado.

Apresentam-se na língua portuguesa em um bom número – alguns são invariáveis e outros tantos variáveis.

INDEFINIDOS INVARIÁVEIS	INDEFINIDOS VARIÁVEIS
– alguém, ninguém; – tudo, nada; – algo; – cada; – outrem; – mais, menos, demais.	– algum, alguns, alguma, algumas; – nenhum, nenhuns, nenhuma, nenhumas; – todo, toda, todos, todas; – muito, muitos, muita, muitas; – pouco, pouca, poucos, poucas; – certo, certa, certos, certas; – vário, vários, vária, várias; – tanto, tantos, tanta, tantas; – quanto, quantos, quanta, quantas; – um, uns, uma, umas; – bastante, bastantes; – qualquer, quaisquer.

Além dos indefinidos acima, existem as chamadas "locuções pronominais indefinidas", que nada mais são do que a junção de mais de um vocábulo com função de um pronome indefinido. São exemplos dessas locuções: **cada um, cada qual, qualquer outro, quem quer que seja, fosse quem fosse, outro qualquer, todo aquele que, tudo o mais, seja qual for, um ou outro, todo o mundo** etc.

6.3.4.1 Considerações gerais sobre os pronomes indefinidos

1. Os pronomes e as locuções indefinidos exigem, quando estão no singular, que o verbo da concordância fique também no singular.

- Cada um dos trabalhadores **conseguiu** aumento este mês.
- Algum dos participantes **se entreteve** bastante com o novo invento.

2. Os pronomes indefinidos podem acompanhar o substantivo – pronomes indefinidos adjetivos – ou substituir o próprio substantivo – pronomes indefinidos substantivos.

- **Ninguém** chegou até agora.
  indefinido substantivo
- **Alguém** nos dirá o que fazer.
  indefinido substantivo
- **Muitos** alunos saíram da sala.
  indefinido adjetivo
- **Muito** trabalho, **pouco** dinheiro.
  indefinidos adjetivos

6.3.4.2 Emprego dos pronomes indefinidos

QUALQUER

"**QUALQUER**" só será pronome indefinido quando vier anteposto ao substantivo – neste caso, equivalerá a "algum(ns) / alguma(s)". Refere-se, portanto, a um indivíduo ou indivíduos tomados indistintamente dentre outros da mesma espécie. Quando posposto, exercerá a função morfológica de adjetivo e apresentará geralmente sentido depreciativo.

- **Qualquer** pessoa consegue fazer isso.
  pronome indefinido
- **Quaisquer** dúvidas, dirijam-se à direção do evento.
  pronome indefinido
- Era uma pessoa **qualquer**.
  adjetivo
- Fez um curso universitário **qualquer**.
  adjetivo

- "Desculpe-me esta franqueza; mas eu prefiro ser franco com você a sê-lo com **qualquer** outra pessoa." (Machado de Assis)
- "Antes de se entregar às fadigas da guerra,
  Dizem que um dia viu **qualquer** cousa do céu:
  E achou tudo vazio..." (Olavo Bilac)

TODO

"**TODO**" é um indefinido, chamado por alguns gramáticos de "coletivo universal". Possui as flexões "toda, todos, todas". É empregado de acordo com as seguintes orientações:

a) É hodierna e frequentemente empregado no singular, sem a presença de artigo definido, com a significação de "qualquer".

- **Todo** homem pode cometer um crime impensadamente.
- "...e ficamos tão felizes que **todo** receio de perigo desapareceu." (Machado de Assis)
- "Era homem de uma honestidade a **toda** prova e de uma primitiva simplicidade no seu modo de viver." (Aluísio Azevedo)

⇨ **Observação:**

Há gramáticos – notadamente os mais antigos – que não aceitam essa acepção do pronome indefinido “todo”, pois só admitem o emprego do pronome indefinido “todo” com o sentido de “totalidade”.

b) Embora haja posicionamentos contrários, pode também ser empregado no singular e anteposto a substantivo precedido ou não de artigo, significando “totalidade ou cada”.

- “**Todo** homem é mortal, mas o homem **todo** não é mortal”. (Carlos Drummond de Andrade)
- “Em **todo** o distrito de Oliveira, note bem, em **todo** ele! não há ninguém, absolutamente ninguém, que de longe, muito de longe, se compare ao Cavaleiro em inteligência, caráter, maneiras, saber, e finura política!” (Eça de Queiroz)
- “Por **toda** a parte andava acesa a guerra.” (Camões)
- “No soveral havia **todo** o gênero de caça, e Argimiro o Negro (assim se chamava o rico-homem) gostava.” (A. Herculano)

⇨ **Observação:**

Há gramáticos que, nesta acepção, só defendem o sentido do pronome “todo” como “cada”. Não encontramos, entretanto, apoio nos maiores conhecedores de nossa língua. Para eles, dentre os quais podemos destacar os mestres Manuel Said Ali e Mário Barreto, o pronome “todo”, anteposto a um substantivo, pode ou não aparecer com o artigo.

) Emprega-se no singular e posposto a um substantivo para indicar a totalidade das partes.

- Assim que chegamos, ele nos mostrou a casa **toda**. (= a casa em sua totalidade)
- Algumas alergias afetam o corpo **todo**. (= o corpo em sua totalidade)

l) Emprega-se no plural, anteposto ou posposto, para indicar a totalidade numérica.

- Usou **todas** as forças para impedir o avanço da doença.
- “Dita a palavra, apertou-me as mãos com as forças **todas** de um vasto agradecimento, despediu-se e saiu.” (Machado de Assis)

) Emprega-se, acompanhando adjetivo atributivo, com o significado de “em todas as suas partes”, “completamente”, “muito”. Nesta acepção, a palavra “todo” exerce função de advérbio e admite flexão.

- “...na sua dificílima Torre, negra entre os limoeiros e o azul, **toda** envolta no piar e esvoaçar

das andorinhas." (Eça de Queiroz)

- "**Toda** assustada, quis saber o que é que me doía." (Machado de Assis)
- "O Bento, velho de face rapada e morena, com um lindo cabelo branco **todo** encarapinhado, muito limpo, muito fresco na sua jaqueta de ganga,..." (Eça de Queiroz)

Portanto, fique atento, pois podemos dizer corretamente (saliente-se que a forma flexionada, a qual concorda por atração com o substantivo, é mais comum na linguagem atual):

- A porta está **todo** / **toda** aberta.
- Ela está **todo** / **toda** cheia de alegria.
- Vimos uma casa **todo** / **toda** branca.
- A torta está **todo** / **toda** estragada.

Vejamos outros exemplos em notáveis escritores:

- "D. Felicidade acudiu, **toda** bondosa: — Deixe falar, Sr. Ledesma." (Eça de Queiroz)
- "E um dia assim! de um sol assim! E assim a esfera
  Toda azul, no esplendor do fim da primavera!" (Olavo Bilac)
- "A capela, completamente cheia, palpitava de curiosidade. Paris elegante estava **todo** ali." (Aluízio Azevedo)

TUDO

3. O pronome "TUDO" representa a forma neutra do pronome "TODO". Pode aparecer tanto como pronome substantivo quanto como pronome adjetivo. Como pronome adjetivo aparece em combinações do tipo "tudo isso, tudo aquilo, tudo o que, tudo o mais etc.". Geralmente se refere a coisas.

- "Sofrerei **tudo** por amor de ti." (Camilo Castelo Branco)
- "Vi **tudo** isto, e fiquei satisfeito." (Camilo Castelo Branco)
- "Gostava que em sua casa houvesse um pouco de **tudo**." (Aluísio Azevedo)

ALGUM

4. O pronome indefinido "ALGUM" emprega-se de acordo com as seguintes orientações:

) Anteposto ao substantivo assume frequentemente valor positivo de "qualquer, um".

- "Deste modo, viverei o que vivi, e assentarei a mão para **alguma** obra de maior tomo." (Machado de Assis)
- "Folgamos de ver que os *ingleses* já servem para **alguma** coisa entre tão eminentes estadistas." (Rui Barbosa)

) Anteposto ao substantivo, assume também o valor de "certo, um pouco de".

- Por **algum** tempo esperou a projetada expedição de D. Pedro da Cunha, que pretendeu transportar ao Brasil a coroa portuguesa." (José de Alencar)
- "Daqui a **algum** tempo, quando os entrelinhistas tiverem de celebrar as glórias do ministério 10 de março." (Rui Barbosa)

) Com valor negativo, equivale a "nenhum", quando posposto ao substantivo.

- "Mas não o leva à feira anual, nem o aplica em trabalho **algum**; deixa-o morrer de velho. Não lhe pertence." (Euclides da Cunha)
- "Esse biltre sem senso moral **algum**." (Lima Barreto)

CERTO

5. Este vocábulo só será pronome indefinido quando vier anteposto a um substantivo. Posposto ao substantivo, assume valor adjetivo, equivalendo a "verdadeiro, infalível, exato, fiel, que não falta, constante".

- "As outras escravas a contemplavam todas com certo (*pronome indefinido*) interesse e comiseração." (Bernardo Guimarães)
- "A questão não está em escrever uns versos certos (*adjetivo*) que digam coisas bonitas." (Lima Barreto)
- "Se não nos enganamos, mui mal-avisados andam certos (*pronome indefinido*) liberais, acreditando que as reformas sinceras podem captar a boa vontade imperial." (Rui Barbosa)
- "Seguia devagar, mas com um destino certo. (*adjetivo*)" (Raul Pompéia)

⇨ **Observação:**

O vocábulo "**CERTO**" apresenta também função circunstancial (adverbial). Neste caso, equivalerá a "certamente".

- "Ora, direis, ouvir estrelas. **Certo** perdeste o senso." (Olavo Bilac)

OUTRO

6. É um pronome, cuja indefinição se encontra fora do âmbito do falante e do ouvinte. Tal indefinição o faz equivaler a "alguém, algo". Geralmente aparece em expressões indefinidas "um ao outro, um do outro, um para o outro".

- "Um ou **outro** branco, levado pela necessidade de sair, atravessava a rua." (Aluísio

Azevedo)

- “Ele, Alencar, na primeira noite em que a vira, exclamara, mostrando-a a ela e às **outras**, a assinatura.” (Eça de Queiroz)

O vocábulo “outro” também pode ser empregado com valor adjetivo. Neste caso, apresentará o significado de “novo”, “diferente”, “mudado”, “semelhante”, “igual”.

- “Os brasileiros de **outras** latitudes mal o compreendem, mesmo através das lúcidas observações de Bates.” (Euclides da Cunha)

CADA

7. É um pronome indefinido invariável. Designa os seres ou grupos de seres considerados um por um. Geralmente, aparece em expressões indefinidas “cada um, cada qual”.

- “**Cada um** deles trazia à cinta dois pistoletes, um punhal na ilharga do calção, e o arcabuz passado a tiracolo pelo ombro esquerdo.” (José de Alencar)
- **Cada qual** terá a sua recompensa.
- Perdeu muito dinheiro em **cada** aposta que fez.
- “José Roberto e Sebastião Campos serviam às senhoras acompanhando com uma pilhéria **cada** prato que lhes ofereciam.” (Aluísio Azevedo)

6.3.5 PRONOMES POSSESSIVOS

São denominados possessivos os pronomes que estabelecem uma noção de posse em referência às pessoas do discurso (1.ª, 2.ª e 3.ª), isto é, designam a pessoa gramatical a quem pertence o ser.

Pronomes possessivos		
Singular	1.ª pessoa	meu, minha, meus, minhas
	2.ª pessoa	teu, tua, teus, tuas
	3.ª pessoa	seu, sua, seus, suas
Plural	1.ª pessoa	nosso, nossa, nossos, nossas
	2.ª pessoa	vosso, vossa, vossos, vossas
	3.ª pessoa	seu, sua, seus, suas

6.3.5.1 Emprego dos pronomes possessivos

1. Em geral, os pronomes possessivos adjetivos facultam a anteposição de um artigo (determinante).

- Ainda não levei seu carro / ou / o seu carro para o lava-jato.
- Muitos professores elogiaram nosso projeto. / ou / o nosso projeto.

2. Quando o pronome possessivo é empregado substantivamente, a presença do artigo ou de outro determinante que o substitua é indispensável.

- Encontrei meu livro / ou / o meu livro, mas não vi **o teu**.
- Este carro aqui não é mais caro que **o seu**.

3. Na língua portuguesa, os pronomes possessivos concordam com a coisa possuída e não com o possuidor.

- Eu vi todos os alunos e **seu** professor debatendo o assunto da aula no pátio da escola.
  o professor dos alunos
- A garota e o **seu** cãozinho passeavam pela praça tranquilamente.
  cãozinho da garota

4. Geralmente não se emprega o pronome possessivo antes de nomes que indicam "partes do corpo" ou "faculdades do espírito".

- Ontem eu machuquei o joelho. (e não "o **meu** joelho")
- João perdeu o senso. (e não "o **seu** senso")
- Parece que ele perdeu a vergonha. (e não "perdeu a **sua** vergonha")

5. Os pronomes "me, te, lhe, nos, vos, lhes" podem fazer as vezes de possessivos. Neste caso, eles equivalerão aos pronomes possessivos "meu, minha, teu, tua, seu, sua, nosso, vosso, dele, dela etc.".

- Naquele momento, ferveu-**me** o sangue. (Isto é = ...ferveu o **meu** sangue.)
- O vento assanhava-**nos** os cabelos. (Isto é = O vento assanhava os **nossos** cabelos.)
- Cabelos cacheados moldam-**lhe** o rosto. (Isto é = ...moldam o rosto **dela** / ...moldam o **seu** rosto.)

⇨ **Observação:**

Esta substituição é bastante elegante do ponto de vista estilístico.

6. Os pronomes possessivos são usados, em muitos casos, para indicar afetividade, respeito, consideração.

- Sente-se, por favor, **minha** senhora.
- **Meu** ilustríssimo professor, é um grande prazer revê-lo.

7. Os possessivos "seu, sua, seus, suas" podem gerar ambiguidade quando há na estrutura oracional mais de uma terceira pessoa. Neste caso, convém substituí-los por "dele, dela, deles, delas".

- O governo brasileiro disse ao governo argentino que **suas** exportações melhoraram nos últimos meses. *(Exportações de quem? Do governo brasileiro ou do governo argentino?)*
- João disse a Lana que **sua** prima está doente. *(Prima de quem? De João ou de Lana?)*

⇨ **Observação:**

Para evitar esse processo de ambiguidade, muitos escritores usavam os possessivos "dele, dela, deles, delas" a fim de esclarecer a relação possessória.

- "A **sua** honra **dele** não dependia dos impulsos falsos ou torpes que tivera o coração dela." (Eça de Queiroz)
- "Ele respondia-me, a princípio com animação, depois mais frouxo, torcia a rédea da conversa para o **seu** assunto **dele**, abria um livro, perguntava-me se tinha algum trabalho novo." (Machado de Assis)

8. Em alguns casos, a mudança de posição do pronome possessivo implicará alteração de sentido do enunciado.

- O meu livro (= posse)
- O livro meu (= minha autoria)
- suas notícias (= notícias dadas por você)
- notícias suas (= notícias sobre você)
- sua fotografia (= fotografia tirada por você)
- fotografia sua (= fotografia que tiraram de você)

9. Empregam-se alguns possessivos no plural com o sentido de "parentes", "família".

- Como vão os **seus?** Os **meus** continuam no interior, trabalhando nas lavouras de café.

6.3.6 OS PRONOMES RELATIVOS

São denominados de relativos os pronomes que representam um ser já expresso

(antecedente). Entretanto, só isso não basta para caracterizá-los, uma vez que outros pronomes também o fazem. A principal característica do pronome relativo é servir de vínculo gramatical entre duas orações, estabelecendo uma relação de subordinação. Daí serem também chamados tais pronomes de "relativos-conjuntivos".

Os principais pronomes relativos são:

PRONOMES RELATIVOS	
INVARIÁVEIS	**VARIÁVEIS**
que	o qual, a qual, os quais, as quais
quem	cujo, cuja, cujos, cujas
onde	quanto, quanta, quantos, quantas

⇨ **Observação:**

Funcionam também como pronomes relativos os vocábulos "como" e "quando", quando retomam termos anteriormente mencionados.

6.3.6.1 Emprego dos pronomes relativos

QUE

É denominado de "relativo universal", porque se refere tanto a coisas quanto a pessoas. Seus equivalentes variáveis são "a qual, o qual, as quais, os quais". O relativo "que" só deve ser substituído por outro relativo em casos específicos.

- "Os soldados **que** tinham seguido a bandeira de Teodomiro tinham-se abalado para o combate." (A. Herculano)
- "Ó tu, **que** tens de humano o gesto e o peito / ..." (Camões)

QUEM

No português moderno, este pronome só se refere a pessoas ou a cousas personificadas, daí ser chamado de "relativo personativo". Com antecedente expresso, vem sempre regido por uma preposição.

- "Prezava com fanatismo o Marquês de Pombal, de **quem** sabia muitas anedotas." (Aluísio Azevedo)
- "Isso não lhe fica bem; há por aí tanta moça bonita, a **quem** o senhor pode fazer a corte..." (Bernardo Guimarães)

⇨ **Observação:**

Em algumas orações o pronome relativo “quem” pode aparecer sem antecedente expresso. Neste caso, ele equivalerá a “aquele que”. Por equivaler – ao mesmo tempo – a um pronome demonstrativo e a um pronome relativo, o relativo “quem” é denominado de “relativo condensado”.

- **Quem** com ferro fere com ferro será ferido. (Provérbio)
  pronome relativo condensado → aquele que
- **Quem** chegou primeiro deve ter visto as modificações mais facilmente.
  pronome relativo condensado → aquele que

ONDE

É denominado de “relativo locativo”, pois só é utilizado para retomar e substituir termos que contenham a noção de “lugar”. Equivale a “em que” e variações (na qual, no qual, nas quais, nos quais). O seu antecedente, portanto, deve indicar “lugar”.

- “Mas os livros dos enciclopedistas, as fontes **onde** a geração seguinte bebera a peçonha que saiu no sangue de noventa e três, não eram de todo ignorados.” (Camilo Castelo Branco)
- “Pádua enxugou os olhos e foi para casa, **onde** viveu prostrado alguns dias, mudo, fechado na alcova.” (Machado de Assis)

O QUAL, A QUAL, OS QUAIS, AS QUAIS

São os relativos que possuem as variações em gênero e número correspondentes ao pronome relativo “que”. Esses relativos devem obrigatoriamente substituir o “que” quando este provocar ambiguidade, for precedido por uma preposição com mais de uma sílaba ou for eufonicamente melhor.

- “Fortalecem esta tradição as opiniões dos filósofos de todas as idades e nações, **os quais** nunca puderam compreender o homem moral sem pressupor uma primitiva perfeição.” (Camilo Castelo Branco)
- “... os frecheiros lhe disparavam alguns tiros, que vinham bater-lhe na armadura, debaixo **da qual** já manava o sangue de algumas feridas.” (A. Herculano)
- “Seguiu-se um alto silêncio, durante **o qual** estive a pique de entrar na sala, mas outra força maior, outra emoção...” (Machado de Assis)

CUJO, CUJA, CUJOS, CUJAS

São relativos utilizados para substituir termos que expressam noção de posse ou de pertinência. Equivalem a “do qual, da qual, dos quais, das quais, seu, sua, seus suas, dele, dela, deles, delas”. Eles retomam um termo antecedente, mas concordam em gênero e número com o substantivo consequente (ou posposto). Não admitem a posposição de artigo e sempre exercem a função sintática de adjunto adnominal. O relativo “cujo” e suas flexões trazem implícita a preposição “de”.

- Comprei um livro cujas páginas são verdes.

Equivale a ➔
- as páginas do livro
- as páginas dele
- suas páginas
- as páginas do qual

- "Dê um destino qualquer a essa escrava, a **cujos** pés o senhor costuma vilmente prostrar-se: liberte-a, venda-a, faça o que quiser." (Bernardo Guimarães)
- "O Freitas, em **cuja** casa Ana Rosa tivera o seu último histérico, também se achava presente, com a filha, a sua querida Lindoca." (Aluísio Azevedo)

QUANTO, QUANTA, QUANTOS, QUANTAS

Estas palavras só serão consideradas pronomes relativos quando vierem antecedidas por um dos seguintes pronomes indefinidos "tudo, todo(a), todos(as)". Transmitem ideia acessória de quantidade, de intensidade ou de número.

- "Que os fiéis abandonassem todos os haveres, tudo **quanto** os maculasse com um leve traço da vaidade." (Euclides da Cunha)
- "É perfeitíssima oração sobre todas **quantas** foram feitas ou se puderem fazer a Deus." (Bartolomeu dos Mártires, *apud* Cláudio Brandão)
- "Tudo **quanto** eu pedira e ambicionara,
  Tudo meus dedos e meus olhos calmos
  Gozavam satisfeitos nos seis palmos
  De tua carne saborosa e clara." (Olavo Bilac)

COMO

É denominado de pronome relativo "modal", pois sempre apresenta como antecedente um nome denotador de "modo, maneira, forma". É facilmente substituível por "segundo o qual" ou "pelo qual", "segundo a qual" ou "pela qual".

- Desconfiamos bastante da maneira **como** ele age.
- "E acharás a maneira **como** emendes a vida." (Gil Vicente *apud* Cláudio Brandão)

QUANDO

Será pronome relativo quando possuir como antecedente um substantivo que exprima tempo ou divisões da duração, e nessa hipótese equivalerá a "em que".

- "Era no tempo alegre **quando** entrava / No roubador de Europa / a luz febeia." (Camões)
- Isso ocorreu após a década de 1970, **quando** o movimento ambientalista passou a ter um discurso mais sólido.

⇨ **Observações gerais sobre os pronomes relativos:**

a) Os pronomes relativos promovem a chamada "coesão referencial anafórica", pois retomam termos anteriormente mencionados.

b) Para um maior aprofundamento deste tema, sugerimos correlacionar este estudo com o estudo do "pronome relativo preposicionado", que é abordado no capítulo "regência verbal e nominal".

6.3.7 PRONOMES INTERROGATIVOS

São assim denominados os pronomes "**que**, **quem**, **qual** e **quanto**", quando empregados em orações interrogativas diretas e indiretas. Tais pronomes se referem a pessoa ou a coisa desconhecida.

- "**Qual**, de entre tantos Orfeus que a gente por aí vê e ouve, foi o que obrou a maravilha?" (A. Garrett)
- "**Quantos** pobres galileus não fez ele matar sem licença do tetrarca?" (Eça de Queiroz)
- "**Quem** nos derrama a bela claridade?
  Quem tantas trevas sobre o mundo chove?" (Durão *apud* Sousa da Silveira)
- "Quis saber **quem** eram os meus pais?" (Machado de Assis)

⇨ **Observações sobre os pronomes interrogativos:**

a) O pronome interrogativo "qual" é usado para distinguir uma pessoa, uma coisa ou uma qualidade dentre várias existentes.

- "Dizei-me: qual é mais poderosa, a graça ou a natureza?" (Vieira, *apud* Sousa da Silveira)

b) Embora seja condenado por renomados estudiosos da língua portuguesa, o emprego da forma interrogativa "o que" é largamente usado em nossa língua.

- "O que está naquela arca?" (A. Herculano)
- "Reis da terra, o que sois?" (Gonçalves Dias)

6.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (TER-RO) Observe as frases:

I. A língua portuguesa foi a que chegou até _____ através de gerações.
II. Não basta _____ querer que a grafia coincida com a pronúncia; é preciso a reforma.
III. Torna-se muito complicado para _____ acompanhar essa mudança.

IV. Para _____, unificar a grafia é impossível.
V. Deixaram alguns pontos para _____ estudar.
A opção que completa corretamente as frases é:

a) eu – eu – eu – mim – mim
b) eu – eu – mim – eu – mim
c) mim – eu – eu – mim – eu
d) mim – eu – mim – mim – eu
e) mim – a mim – mim – eu – mim

2. (TELERJ) Assinale a opção em que o emprego dos pronomes pessoais está de acordo com a norma culta da língua:

a) Entre o chefe e eu há confiança mútua.
b) Para eu, vencer na empresa é fundamental.
c) Vim falar consigo sobre o debate de amanhã.
d) Já lhe avisei do ocorrido na empresa.
e) esta linha telefônica vai de mim a ti.

3. (TRE-MT) A alternativa em que o emprego do pronome pessoal **não** obedece à norma culta portuguesa é:

a) Fizeram tudo pra eu ir lá.
b) Ninguém lhe ouvia as queixas.
c) O vento traz consigo a tempestade.
d) Trouxemos um presente para si.
e) Não vá sem mim.

4. (TER-MT) A substituição do termo destacado por um pronome pessoal está **correta** em todas as alternativas, **exceto** em:

a) O governo deu ênfase **às questões econômicas**.
O governo deu ênfase **a elas**.
b) Os ministros defenderam **o plano de estabilização**.
Os ministros defenderam-**no**.
c) A companhia recebeu **os avisos**.
A companhia recebeu-**os**.
d) Ele diz **as frases** em tom bem baixo.
Ele diz-**las** em tom bem baixo.
e) Ele se recusa a dar **maiores explicações**.
Ele se recusou a dá-**las**.

5. (TER-MT) A lacuna da frase “A situação _____ aspiro começou a se delinear” é preenchida, de acordo com a norma culta, por:

a) onde
b) cujo
c) a que
d) que
e) a qual

6. (TRT-SP) As mulheres _____ olhos brilham, não são dignas de confiança.
O lugar _____ moro é muito arejado.
É um cidadão _____ honestidade se pode confiar.

a) cujos os – que – em que
b) cujos – em que – em cuja
c) cujos – em que – cuja
d) cujos os – em que – cuja a
e) cujos – que – em cuja

7. (TRT-SP) Assinale a alternativa incorreta quanto ao emprego do pronome pessoal **si**:

a) Madalena queria a mãe junto de si.
b) Quando voltou a si, não se lembrava de nada.
c) Meu filho será confiante em si mesmo.
d) Ofereço esse presente para si.
e) Vivem brigando entre si.

8. (TRT-SP) Assinale a alternativa em que o pronome **lhe** tem valor possessivo:

a) Caiu-lhe nas mãos um belo romance de José de Alencar.
b) Dei-lhe indicações completamente seguras.
c) Basta-lhe uma palavra apenas.
d) Seus amigos escreveram-lhe um singelo poema.
e) Informaram-lhe o resultado da prova realizada ontem.

9. (MPE-SP) Assinale a alternativa em que a junção das duas orações abaixo está correta quanto ao emprego do pronome relativo e à regência do verbo:

I. “Central do Brasil” é o filme.

II. Eu me referi ao diretor do filme “Central do Brasil”.

a) “Central do Brasil” é o filme a cujo diretor eu me referi.

b) “Central do Brasil” é o filme que o diretor eu me referi.
c) “Central do Brasil” é o filme sobre cujo diretor eu me referi.
d) “Central do Brasil” é o filme de cujo diretor eu me referi.
e) “Central do Brasil” é o filme de qual diretor eu me referi.

10. (MPU) “Todos têm direito a receber dos órgãos públicos informações de seu interesse particular, ou de interesse coletivo ou geral, que serão prestadas no prazo da lei, sob pena de responsabilidade, ressalvadas aquelas _____ sigilo seja imprescindível à segurança da sociedade e do Estado.”

a) cujo
b) de cujo
c) a cujo
d) sem cujo
e) por cujo

GABARITO

1 – D	2 – E	3 – D
4 – D	5 – C	6 – B
7 – D	8 – A	9 – A
10 – A		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 7

VERBO

7.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Passaremos a estudar um dos assuntos mais longos da gramática normativa – o verbo. Provavelmente você, estudante, deparar-se-á com um sem-número de informações, detalhes, características, exceções etc., etc., os quais fazem deste assunto um dos mais temidos da gramática. Sugerimos, portanto, estudá-lo aos poucos. Saliento: não se trata de um assunto difícil. É apenas um assunto longo e cheio de detalhes. É essencial, portanto, estudá-lo mais de uma vez. Procure também resolver todos os exercícios propostos ao final do capítulo. A resolução vai reforçar seu aprendizado.

Outrossim, é fundamental que você se preocupe bastante com alguns pontos que são frequentemente explorados pelos concursos: emprego dos tempos e dos modos verbais, correlação dos tempos e modos verbais e conjugação verbal – notadamente de alguns verbos.

Como já disse, estude o assunto aos poucos. Anote a data em que estudou cada ponto, pois ela certamente servirá como balizamento para que você saiba o momento certo de revisar o assunto. Sugiro também que correlacione o estudo da "voz passiva" com o assunto "conversão da voz ativa em passiva", estudado em sintaxe de oração.

Vamos lá... Mãos à obra!!

7.2 DEFINIÇÃO

Observe atentamente os períodos abaixo:

- O Brasil **jogará** contra a Argentina no domingo. (→ indica uma ação futura)
- A vida **seria** fácil se não fossem as dificuldades. (→ indica um estado)
- Na próxima madrugada, **nevará** em Caxias do Sul. (→ indica um fato, um fenômeno)
- João **fuma** bastante. (→ indica um fato habitual, frequente)

Todos os termos em negrito acima são verbos.

Em sentido estrito, verbo é, pois, uma palavra variável capaz de exprimir "uma ação, um estado, um fenômeno da natureza ou um fato".

Entretanto, esta definição é viciosa, visto que os substantivos também apresentam caracteres dos mesmos fenômenos. Basta comparar “digerir e digestão”, “correr e corrida”, “despedaçar e despedaçamento”. Portanto, a diferença entre os nomes substantivos e os nomes verbais reside na quantidade de flexões que um e outro apresenta. Por isso, consideramos a melhor definição para “verbo” a que foi proposta pelo professor José Oiticica, em seu “Manual de análise léxica e sintática”:

> **Verbo é o nome flexionado em modo, tempo, número e pessoa, isto é, a palavra variável que apresenta o maior número de flexões na língua portuguesa.**

7.3 ELEMENTOS ESTRUTURAIS DO VERBO

São os seguintes os elementos mórficos formadores do verbo: radical, vogal temática, tema e desinências modo-temporal e número-pessoal. Nem todas as formas verbais, contudo, apresentam todos esses elementos. Daí ser importante distinguir minimamente o “radical” da “terminação verbal”. Analisemos as formas verbais “cantássemos, venderemos e partíramos”.

RADICAL	VOGAL TEMÁTICA	TEMA	DESINÊNCIA MODO-TEMPORAL	DESINÊNCIA NÚMERO-PESSOAL
cant	a	**canta**	sse	mos
vend	e	**vende**	re	mos
part	i	**parti**	ra	mos

7.3.1 RADICAL

É o elemento mórfico verbal principal, pois contém a significação do verbo. Nos verbos, o radical representa a parte imutável, que traz consigo a semântica verbal. Geralmente, obtém-se o radical com a supressão da vogal temática e da desinência do infinitivo “-r”. Observe:

- cantar → **cant** – ar (*radical*)
- vender → **vend** – er (*radical*)
- partir → **part** – ir (*radical*)

7.3.2 VOGAL TEMÁTICA

É o elemento mórfico vocálico que se junta ao radical para formar o tema verbal. Nos verbos, a vogal temática situa-se entre o radical e a desinência do infinitivo impessoal “-r”. A vogal temática indicará a que conjugação pertence o verbo. Portanto:

a) A vogal temática "-a" indicará os verbos pertencentes à 1.ª conjugação:

- cant**A**r
- am**A**r
- su**A**r
- lav**A**r
- afast**A**r
- habit**A**r

b) A vogal temática "-e" indicará os verbos pertencentes à 2.ª conjugação:

- vend**E**r
- beb**E**r
- cont**E**r
- lamb**E**r
- viv**E**r
- condiz**E**r

c) A vogal temática "-i" indicará os verbos pertencentes à 3.ª conjugação:

- sa**I**r
- part**I**r
- reflet**I**r
- sorr**I**r
- ped**I**r
- agred**I**r

⇨ **Observação:**

No presente do subjuntivo e nos tempos dele derivados, não há vogal temática.

7.3.3 TEMA

É o conjunto formado pelo radical mais a vogal temática. Nos verbos, basta a retirada da desinência do infinitivo impessoal "-r" para se obter o tema.

- falar → $\underset{tema}{\underline{\text{fala}}}$ – r
- caber → $\underset{tema}{\underline{\text{cabe}}}$ – r
- abrir → $\underset{tema}{\underline{\text{abri}}}$ – r

7.3.4 DESINÊNCIAS

São elementos mórficos que se acoplam ao tema ou à forma infinita do verbo para indicar as flexões de modo, tempo, número e pessoal. Há em português duas desinências verbais:

a) Desinência modo-temporal → Indica o modo (indicativo, subjuntivo ou imperativo) e o tempo (presente, passado ou futuro) em que se encontra o verbo.

- cantá**va**mos → cantá – **VA** – mos (desinência que indica o "pretérito imperfeito do indicativo")
- falá**sse**mos → falá – **SSE** – mos (desinência que indica o "pretérito imperfeito do subjuntivo")
- partir**ía**mos → partir – **ÍA** – mos (desinência que indica o "futuro do pretérito do indicativo")

⇨ **Observação:**

Nem todas as formas verbais apresentam a desinência modo-temporal. Esta desinência inexiste no presente e no pretérito perfeito do indicativo.

b) Desinência número-pessoal → Indica o número (singular ou plural) e a pessoa (1.ª, 2.ª ou 3.ª) em que o verbo se encontra.

- cantastes → cantas – **TES** (desinência que indica a 2.ª pessoa do plural – vós)
- vendêssemos → vendêsse – **MOS** (desinência que indica a 1.ª pessoa do plural – nós)
- partiriam → partiri – **AM** (desinência que indica a 3.ª pessoa do plural – eles/elas)

7.4 FLEXÕES DO VERBO

Como já vimos em sua definição, o verbo é a palavra em língua portuguesa que apresenta o maior número de flexões. Ao conjunto de flexões de um verbo dá-se o nome de "**conjugação**".

O verbo apresenta as seguintes flexões: pessoa, número, modo e tempo.

7.4.1 FLEXÕES DE PESSOA E DE NÚMERO

Em relação à pessoa, o verbo apresenta as flexões relacionadas ao ser que lhe serve de sujeito. No que diz respeito ao número, o verbo pode-se apresentar tanto no singular (eu, tu e ele/ela) quanto no plural (nós, vós, eles/elas). Logo, teremos as seguintes flexões:

a) 1.ª pessoa – diz respeito ao falante, tanto no singular (eu) quanto no plural (nós).

1.ª PESSOA	
SINGULAR (EU)	PLURAL (NÓS)
canto	cantamos
bebo	bebemos
parto	partimos

b) 2.ª pessoa – diz respeito ao ouvinte, tanto no singular (tu) quanto no plural (vós).

2.ª PESSOA	
SINGULAR (TU)	PLURAL (VÓS)
cantas	cantais

bebes	bebeis
partes	partis

c) 3.ª pessoa – diz respeito àquele(s), àquela(s), àquilo de que se fala, tanto no singular (ele/ela) quanto no plural (eles/elas).

3.ª PESSOA	
SINGULAR (ELE/ELA)	**PLURAL (ELES/ELAS)**
canta	cantam
bebe	bebem
parte	partem

7.4.2 FLEXÕES DE MODO

As flexões de modo dizem respeito às formas assumidas pelo verbo para indicarem certos estados de espírito em relação ao fato ou estado expressos por ele, ou seja, mostram a atitude (certeza, dúvida, ordem etc.) da pessoa que fala em relação ao fato anunciado.

Em português, três são os modos verbais: **indicativo, subjuntivo e imperativo**.

Esses modos compõem as chamadas "formas finitas do verbo", em oposição ao infinitivo, o qual com o gerúndio e o particípio compõem as "formas infinitas do verbo" ou "formas nominais do verbo", as quais estudaremos mais adiante.

7.4.2.1 Modo indicativo

O modo indicativo é o modo da realidade: serve para enunciar um fato ou um estado verdadeiros ou supostos verdadeiros, em orações independentes ou dependentes, declarativas, interrogativas ou exclamativas, quer afirmando, quer negando.

De acordo com o insigne mestre Augusto Epifânio da Silva Dias, "o indicativo é empregado em todas as orações para as quais não há regra que exija outro modo".

- "Que acusação **trazeis** contra este homem?" (Rui Barbosa)
- "Quem **canta** seus males **espanta**." (Provérbio)
- "Em certos pontos não se **encontrava** viva alma na rua; (...); só os pretos **faziam** as compras para o jantar ou **andavam** no ganho." (Aluísio Azevedo)

7.4.2.2 Modo subjuntivo

O modo subjuntivo (antigo "modo conjuntivo") é o modo próprio da incerteza, da

possibilidade, da dúvida, da futuridade, da vontade, do desejo, da esperança, da suposição, da concessão. De fato, são muitas as ideias significadas pelo subjuntivo.

A despeito de aparecer em orações independentes, o subjuntivo é próprio das orações dependentes, isto é, do processo subordinado, como o próprio nome já o diz – "subjuntivo = latim, *subjunctivus* = que liga, que une, que subordina".

- "Queimado **sejas** tu e teus enganos /
  Amor escandaloso, mau, cruel." (Camões)
- "Eu vou para Coimbra logo que **esteja** bom, e a menina da cidade fica em sua casa." (Camilo Castelo Branco)
- "Não me parece bonito que o nosso Bentinho **ande** metido nos cantos com a filha do Tartaruga." (Machado de Assis)

Em virtude dos diversos matizes semânticos que manifesta, o subjuntivo pode apresentar-se nos seguintes casos:

a) Subjuntivo optativo – exprime um desejo, um voto, um vaticínio, uma profecia.

- "– Ah! que eu não **sirva** senão para perturbar-lhe o sossego! – murmurou Isaura retirando-se." (Bernardo Guimarães)
- "Ah, se os que se têm por felizes **reparassem** bem nesta última cláusula." (Pe. Antônio Vieira)

b) Subjuntivo exortativo – exprime um conselho, uma exortação.

- "**Desprezemos** na terra a morte para alcançarmos no céu a imortalidade." (Heitor Pinto)
- "**Ore** eu em língua que entendo, e logo o sentido das palavras se fará sentir nos afetos." (Manuel Bernardes)

c) Subjuntivo invitatório – exprime um convite, uma requisição para comparecimento.

- "**Fujamos** para o deserto / **vivamos** ali sozinhos." (Gonçalves Dias)
- "Vinde, pois, e **gozemos** dos bens que existem, e **façamos** a toda a pressa uso da criatura como na mocidade." (Pereira de Figueiredo)

d) Subjuntivo imperativo – expressa ordem, mando, preceito e proibição.

- "**Continuemos** o ato de fé dos cristãos." (Pe. Antônio Vieira)
- "**Meça-se**, pois, cada um consigo e **ajuste** as suas ações com as suas forças e seu poder." (Manuel Bernardes)

e) Subjuntivo deprecativo – expressa um pedido, uma súplica.

- “Pelo excessivo amor com que nos amastes, que nos **comuniques** vossa graça, Senhor.” (Pe. Antônio Vieira)
- “Por Deus, que **partas**.” (A. Herculano)

f) Subjuntivo concessivo – expressa uma concessão, uma permissão em relação a um outro fato.

- “**Seja** como for, a 27 de fevereiro de 1641, partiram da Bahia o filho do vice-rei e os seus dois companheiros.” (J. F. Lisboa)
- “**Seja** ou não **seja** aquele o homem, **tenha** as diferenças que quiser e quantas quiser, ele chegará ao ponto da morte.” (Manuel Bernardes)

g) Subjuntivo potencial – exprime um fato possível ou provável. Geralmente aparece com os dubitativos “talvez, quiçá”.

- “Talvez **chore** ao domingo o que ri à quinta-feira.” (Provérbio)
- “Bem, talvez assim lho **ordenassem**.” (A. Herculano)

h) Subjuntivo supositivo – exprime uma hipótese, uma condição, uma suposição. Aparece em orações coordenadas sindéticas alternativas introduzidas pelas conjunções “ou... ou, ora.. ora, quer.. quer..., seja... seja... etc.”.

- “Se não entendeis o que diz, ou o **leiais** ou não **leiais**, ou **rezeis** ou não **rezeis**, tanto importa o vosso breviário aberto como fechado.” (Pe. Antônio Vieira)
- “Os indivíduos que começavam a vida marítima, quer **estivessem** nos primeiros da juventude, quer **fossem** homens feitos, eram, durante quatro anos, livres de todos os tributos e encargos.” (A. Herculano)

7.4.2.3 Modo imperativo

O modo imperativo serve para expressar uma ordem, um preceito, um conselho, uma exortação, um pedido, um convite.

- “Agora **escutai** e **respondei** sinceramente às minhas perguntas.” (A. Herculano)
- “**Guardai** o meu sábado, porque ele deve ser santo para vós.” (Bíblia Sagrada)
- “O pão nosso de cada dia nos **dai** hoje.” (Bíblia Sagrada)

7.4.2.3.1 Formação do modo imperativo

O modo imperativo é por inteiro um modo derivado: ora do presente do indicativo, ora do presente do subjuntivo. São, portanto, estes dois últimos tempos modais que formam o imperativo, o qual se divide em “imperativo afirmativo” e “imperativo negativo”.

1. **Imperativo afirmativo** → Forma-se tanto do presente do indicativo ("tu" e "vós" com a retirada da letra "s") quanto do presente do subjuntivo ("você", "nós" e "vocês").

Observe a formação do modo imperativo dos verbos VIVER e IR:

PRESENTE DO INDICATIVO		IMPERATIVO AFIRMATIVO		PRESENTE DO SUBJUNTIVO
vivo		–		viva
vives	→	**VIVE (tu)**		vivas
vive		**VIVA (você)**	←	viva
vivemos		**VIVAMOS (nós)**	←	vivamos
viveis	→	**VIVEI (vós)**		vivais
vivem		**VIVAM (vocês)**	←	vivam

PRESENTE DO INDICATIVO		IMPERATIVO AFIRMATIVO		PRESENTE DO SUBJUNTIVO
vou		–		vá
vais	→	**VAI (tu)**		vás
vai		**VÁ (você)**	←	vá
vamos		**VAMOS (nós)**	←	vamos
ides	→	**IDE (vós)**		vades
vão		**VÃO (vocês)**	←	vão

2. Imperativo negativo → É extraído totalmente do presente do subjuntivo. Conjuga-se com a anteposição do advérbio negativo "não".

PRESENTE DO SUBJUNTIVO		IMPERATIVO NEGATIVO
viva		–
vivas	→	**não VIVAS (tu)**
viva	→	**não VIVA (você)**
vivamos	→	**não VIVAMOS (nós)**
vivais	→	**não VIVAIS (vós)**
vivam	→	**não VIVAM (vocês)**

PRESENTE DO SUBJUNTIVO		IMPERATIVO NEGATIVO
vá		–
vás	→	**não VÁS (tu)**
vá	→	**não VÁ (você)**

vamos	→	**não VAMOS (nós)**
vades	→	**não VADES (vós)**
vão	→	**não VÃO (vocês)**

⇨ Observações importantes:

a) O imperativo, por ser um modo de referência direta à 2.ª pessoa, não apresenta para a 3.ª pessoa os pronomes "ele, ela, eles, elas". Devemos substituir o pronome da 3.ª pessoa (ele, ela, eles, elas), por "você, vocês" (pessoa com quem ou a quem se fala).

b) O modo imperativo exprime "ordem, súplica, pedido ou convite". Ora, como ninguém vai ordenar, suplicar, pedir ou convidar a si mesmo, não existe a 1.ª pessoa do singular no modo imperativo.

c) Os verbos terminados em "-zer", como "fazer, trazer, dizer" e seus derivados, são abundantes na 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo, já que com tais verbos pode-se dizer indistintamente "**faze** ou **faz**, **traze** ou **traz**, **dize** ou **diz**" etc.

7.4.3 FLEXÕES DE VOZ

Chama-se **voz** o aspecto verbal caracterizado pelo papel que exerce o sujeito em relação à ação expressa.

Em português, o sujeito poderá:

a) praticar a ação → diz-se então que a voz é **ATIVA**;

b) sofrer a ação → diz-se então que a voz é **PASSIVA**;

c) praticar e sofrer a ação → diz-se então que a voz é **REFLEXIVA** ou **MEDIAL**.

7.4.3.1 A voz ativa

É a voz mais comum na língua pátria. É aquela usada frequentemente nos discursos dissertativos por apresentar o fato de forma mais clara, mais objetiva, mais direta. Ela indica que o sujeito é o ser agente, ativo da ação verbal.

- "Esse infeliz moço, contra quem o senhor **solicita** desvairadas violências, **conserva** a honra na altura da sua imensa desgraça." (Camilo C. Branco)
- "O Sol a pino **dardeja** raios de fogo sobre as areias natais; as aves **emudecem**; as plantas **languem**." (José de Alencar)

7.4.3.2 A voz passiva

É a voz verbal usada quando se deseja enfatizar que o sujeito é o objeto da ação verbal.

Há na língua portuguesa duas formas de se expressar a voz passiva:

a) **Voz passiva analítica** → formada geralmente pelos auxiliares "ser e estar" mais um particípio.

- O carro **foi deixado** na porta da oficina pelo próprio dono.
- Durante muito tempo, a casa **esteve cercada** por policiais.

b) **Voz passiva sintética ou pronominal** → formada por um verbo transitivo direto ou verbo transitivo direto e indireto associado a um "se".

- **Entregaram-se** os diplomas a todos os formandos.
- **Compraram-se** vários livros para serem doados aos meninos do orfanato.

⇨ **Observação:**

Para aprofundar o conhecimento sobre a voz passiva, sugerimos consultar, em sintaxe, a parte que trata sobre o agente da passiva.

7.4.3.3 A voz reflexiva ou medial

Ocorre a voz reflexiva quando o sujeito é, ao mesmo tempo, o agente e o paciente da ação verbal. Observe:

- "Leôncio **sentiu-se** esmagado, e arrependeu-se mil e uma vezes de ter provocado tão imprudentemente aquele leviano e estouvado rapaz." (Bernardo Guimarães)
- "A ideia de que ela **se enfeitava** para outro homem irritava-me a ponto que estive para **precipitar-me** e espedaçar, arrancando-lhe do corpo, as galas que a cobriam." (José de Alencar)

A voz reflexiva se divide em "**reflexiva propriamente dita**" – aquela em que o mesmo sujeito que pratica a ação é o seu recebedor, e "**reflexiva recíproca**" – aquela em que a ação é praticada mutuamente pelos seres envolvidos pelo sentido verbal; diz-se, portanto, que, neste último caso, houve ação mútua ou correspondente. Observe:

- A menina **se penteava** em frente ao espelho. = Penteava a si mesma. → **Voz reflexiva propriamente dita**.
- As meninas **se agrediram** durante o jogo. = Agrediram umas às outras. → **Voz reflexiva recíproca**.
- Durante a festa, dois convidados **se suicidaram**. = Suicidaram a si mesmos. → **Voz reflexiva propriamente dita.**

- Na festa, os convidados mal **se cumprimentavam**. = Cumprimentavam uns aos outros. → **Voz reflexiva recíproca.**

7.4.3.4 Possíveis ambiguidades com as vozes passiva e reflexiva

Em algumas situações, o emprego do pronome "se" associado a verbos transitivos pode ocasionar ambiguidade por não se saber se se trata de voz reflexiva ou de voz passiva sintética, notadamente quando o sujeito é animado, isto é, agente. Observe:

- As crianças enganam-se com facilidade.

→ **Pode-se desdobrar em:**

a) As crianças enganam umas às outras com facilidade. (se = pronome reflexivo recíproco)

OU

b) As crianças são enganadas com facilidade. (se = partícula apassivadora)

Vejamos um outro exemplo:

- Aclamou-se ele representante da turma.

→ **Pode-se desdobrar em:**

a) Ele aclamou a si mesmo representante da turma. (se = pronome reflexivo)

OU

b) Ele foi aclamado representante da turma. (se = partícula apassivadora)

Para esses casos, deve-se evitar a construção com o "se" e adotar, se se quiser expressar a voz reflexiva, as expressões "a si mesmo, a mim mesmo, uns aos outros, umas às outras". Caso se queira expressar a voz passiva, deve-se optar pela forma analítica, com verbo auxiliar e particípio.

Igualmente ambíguas são algumas estruturas reflexivas, pois podem tanto expressar voz reflexiva propriamente dita quanto voz reflexiva recíproca. Observe:

- Pedro e João feriram-se.

→ **Pode-se desdobrar em:**

a) Pedro e João feriram um ao outro. (se = pronome reflexivo recíproco)

OU

b) Pedro e João feriram a si próprios. (se = pronome reflexivo propriamente dito)

Assim, os verbos reflexos e recíprocos, em algumas construções, se confundem. Para desfazer possíveis ambiguidades, é necessário juntarem-se ao verbo recíproco as expressões "*reciprocamente, um ao outro, uns aos outros, uma à outra, umas às outras*", e ao verbo

reflexivo "*a si próprio, a nós próprios, a vós próprios* etc.".

- "Todavia, os virtuosos nem sequer o imaginavam, porque não perceberiam como, tranquila a consciência e repousada a vida, um coração pode devorar-se a si próprio." (A. Herculano)
- "E sentiu diante dos olhos aquela massa informe de machos e fêmeas, a comichar, a fremir concupiscente, sufocando-se uns aos outros." (Aluísio Azevedo)
- "Dignidade de quem se despreza a si mesma!... O que é este corpo que lhes mostrei há pouco, e que lhes tenho mostrado tantas vezes!" (José de Alencar)
- "Outra coisa ainda: se nos batermos aqui, podemos incomodar-nos reciprocamente; porque pretendo matar-vos, e creio que o mesmo desejo tendes a meu respeito." (José de Alencar)

7.4.4 FLEXÕES DE TEMPO

Os tempos são as épocas da duração em que se realiza a ação ou o fato enunciado pelo verbo. Em português, tais épocas, indicadas por flexões próprias, são três: o presente, o passado (pretérito) e o futuro.

Observe o diagrama abaixo:

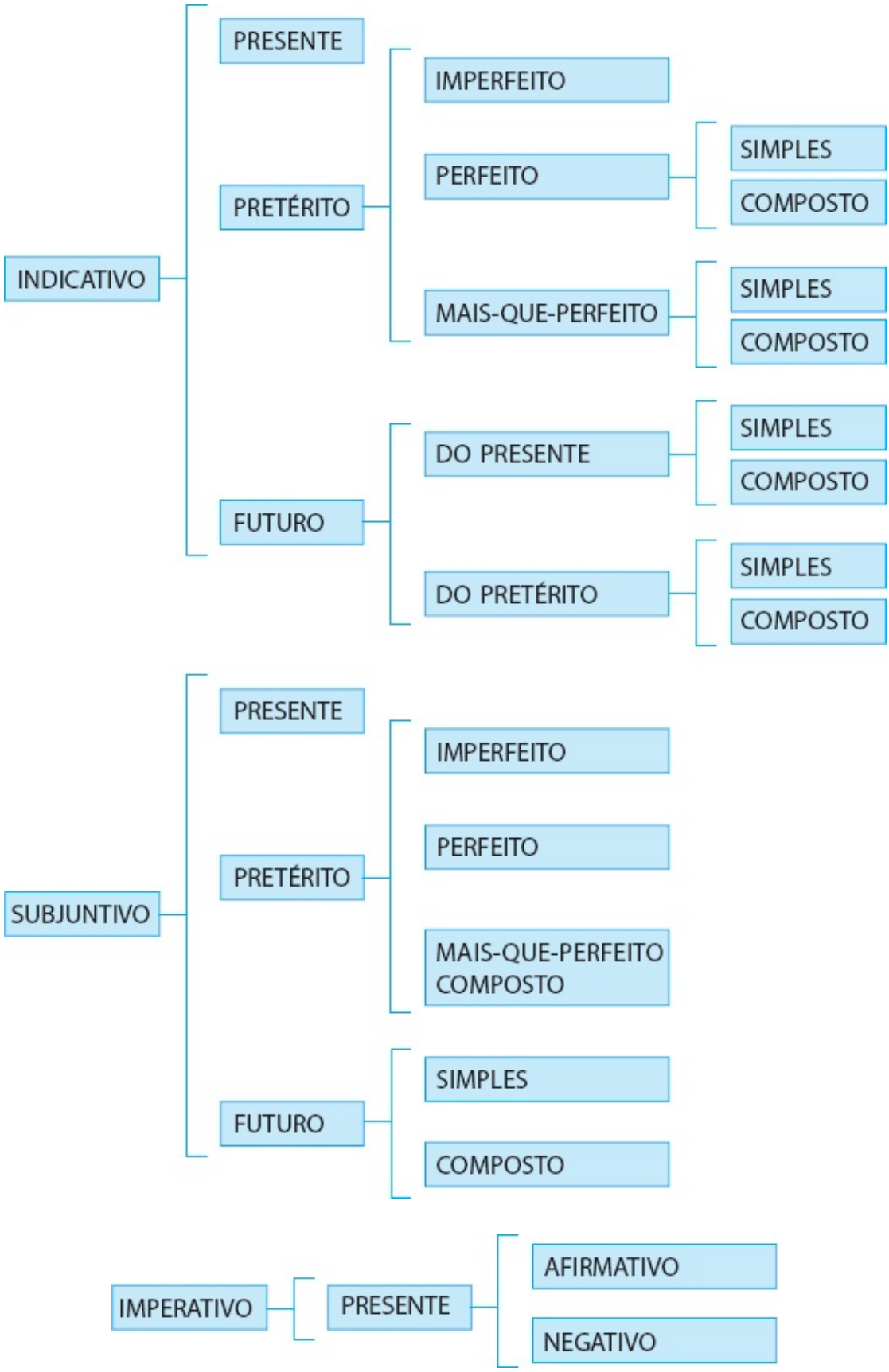

7.4.4.1 Emprego dos tempos verbais simples

Antes de estudarmos os tempos verbais, convém esclarecer que, em nosso português, há tempos primitivos e tempos derivados. Só três tempos em nossa língua são primitivos, dos quais todos os demais se originam. São eles: **o presente do indicativo** (1.ª e 2.ª pessoas), **o pretérito perfeito do indicativo** (2.ª pessoa) e **o infinitivo impessoal.**

a) Do presente do indicativo derivam:

- Pretérito imperfeito do indicativo → falava, bebia, partia.
- Presente do subjuntivo → fale, beba, parta.
- Imperativo → fala, bebe, parte.

b) Do pretérito perfeito do indicativo derivam:

- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo → falara, bebera, partira.
- Pretérito imperfeito do subjuntivo → falasse, bebesse, partisse.
- Futuro do subjuntivo → falar, beber, partir.

c) Do infinitivo impessoal derivam:

- Futuro do presente do indicativo → falarei, beberei, partirei.
- Futuro do pretérito do indicativo → falaria, beberia, partiria.
- Infinitivo pessoal → falarem, beberem, partirem.
- Gerúndio → falando, bebendo, partindo.
- Particípio → falado, bebido, partido.

7.4.4.1.1 Tempos do modo indicativo

1. Presente do indicativo

A regra geral manda empregar o presente do indicativo para indicar uma ação atual, que se realiza no momento em que se fala.

- O Brasil **joga** contra a Argentina.
- A torcida **grita** o nome do artilheiro.

⇨ **Observação:**

Em muitas situações, para que não haja confusão entre a designação do que costuma acontecer e o que está acontecendo, é preferível usar-se uma construção perifrástica (locução verbal) composta do verbo "estar" com infinitivo precedido da preposição "a" (construção mais corrente em Portugal) ou com o gerúndio.

- João está a ler (ou lendo). → É melhor do que "João lê."

Emprega-se também o presente do indicativo:

a) Para indicar uma ação habitual, corriqueira, um fato real, uma verdade – neste caso, é chamado de "presente habitual ou presente iterativo":

- João **fuma**.
- O sol **aquece** a Terra.
- A lei lhe **garante** esse direito.

b) Em narrativas, no lugar do pretérito perfeito, para indicar maior realidade ao fato (é como se o narrador estivesse presente naquele momento presenciando os fatos) – é o denominado "presente histórico":

- Em 1.º de setembro de 1939, Hitler **invade** a Polônia.
- "Napoleão **chega** a Waterloo, **dispõe** as tropas, **trava** combate e **é** vencido". (Napoleão Mendes de Almeida)

c) Para indicar fatos e ideias que, embora situados no passado, podem ser de algum modo considerados presentes:

- Jesus Cristo **considera** a si mesmo o único caminho e a única verdade.
- "São Bernardo **chama** à ociosidade madrasta das virtudes." (A. Herculano)

d) Para indicar uma ação em um futuro próximo (nesse caso vem geralmente cercado de algum adjunto adverbial de tempo):

- Amanhã ele **vai** para a nova escola.
- Na próxima semana, **sigo** para a Europa.
- **Volto** amanhã.

e) Para suavização da mensagem, emprega-se no lugar do imperativo afirmativo:

- Para evitar problemas, o senhor **fica** à espera do médico e **fala** para ele todos os seus incômodos.
- O senhor **aguarda** na recepção a sua chamada.

2. Pretérito perfeito do indicativo

Como regra geral, emprega-se o pretérito perfeito para indicar uma ação que teve início e fim no passado, ou seja, aplicamos este tempo para acontecimentos que se deram como simples momentos históricos.

- "A Espanha romano-germânica **transformou-se** na Espanha rigorosamente moderna no terrível cadinho da conquista árabe." (A. Herculano)
- A libertação dos escravos **foi** um marco para o Brasil.
- "Amou, **perdeu-se**, e **morreu** amando." (Camilo Castelo Branco)

Emprega-se também o pretérito perfeito:

a) Para noticiar o que é fato consumado no momento em que falamos – é o denominado "pretérito absoluto":

- O Brasil **ganhou** uma medalha de ouro na natação.

- “Se D. Rita lhe censura a indigna eleição que faz, Simão zomba das genealogias, e mormente do general Caldeirão que **morreu** frito.” (Camilo Castelo Branco)

3. Pretérito imperfeito do indicativo

Como regra geral, emprega-se o pretérito imperfeito do indicativo para exprimir a continuação ou repetição de uma ação que teve início no passado, isto é, o pretérito imperfeito indica uma ação verbal passada, mas inacabada, não concluída – daí o nome “imperfeito”.

- “Antônio Maciel **andava** sem rumo certo, de um pouso para outro, indiferente à vida e aos perigos, alimentando-se mal e ocasionalmente, dormindo ao relento à beira dos caminhos, numa penitência demorada e rude...” (Euclides da Cunha)
- “Campos ainda lhe conheceu a mãe, cujo retrato, encaixilhado com o do pai, **figurava** na sala, e **falava** de ambos com saudades longas e suspiradas.” (Machado de Assis)

Emprega-se também:

a) Em narrativas, para a descrição de cenas, pessoas, fatos ou coisas no passado:

- “Alguns defeitos **tinha**; o mais excelso deles **era** ser guloso, não propriamente glutão; **comia** pouco, mas **estimava** o fino e o raro, e a nossa cozinha, se **era** simples, era menos pobre que a dele.” (Machado de Assis)
- “O magistrado desenrugou a severidade postiça da testa, e confessou tacitamente que **era** brutal e estúpido juiz.” (Camilo Castelo Branco)

b) Em narrativas, para a indicação de tempo, de época, de momento:

- “O ano é que é um tanto remoto, mas eu não hei de trocar as datas à minha vida só para agradar às pessoas que não amam histórias velhas; o ano **era** de 1857.” (Machado de Assis)

c) Para indicar uma ação passada que, simultânea a outra ação também no passado, ocorreu em primeiro lugar:

- “Quando ele entrou na sala, tinha acabado, mas **estava** ainda ao piano, ante um folheto de músicas aberto, a soletrar para si.” (Machado de Assis)
- “As sombras doces **vestiam** os campos quando ela chegou à beira do lago.” (José de Alencar)

4. Pretérito mais-que-perfeito simples

Como regra geral, emprega-se o pretérito mais-que-perfeito simples para indicar uma ação no passado anterior a outra ação no passado – representa, por assim dizer, o “passado do passado”.

- Quando chegou à empresa, o diretor já **saíra**.

- “O general **falara** um pouco alto e os jovens oficiais que estavam próximo olharam-no com mal disfarçada censura.” (Lima Barreto)

Emprega-se também:

a) No lugar do pretérito perfeito em construções descritivas, geralmente para indicar uma ação passada em relação às ações passadas perceptíveis pelo contexto:

- “Fisicamente Jorge nunca se **parecera** com ela. **Fora** sempre robusto, de hábitos viris. Tinha os dentes admiráveis de seu pai, os seus ombros fortes. De sua mãe **herdara** a placidez, o gênio manso.” (Eça de Queiroz)
- “– Oh! maldição! – **exclamara** Leôncio, arrancando os cabelos em desespero, depois que **ouvira** dos lábios de Álvaro aquele arresto esmagador.” (Bernardo Guimarães)

b) Em linguagem literária, no lugar do pretérito imperfeito do subjuntivo e do futuro do subjuntivo:

- “E se Deus não **cortara** a carreira ao sol com a interposição da noite, fervera e abrasara-se a terra.” (Pe. Antônio Vieira)
- “Senhor, se tu **houveras** estado aqui, não **morrera** meu irmão.” (Pe. Antônio Vieira)

c) Em frases exclamativas e optativas (que exprimem desejo), para acentuar-lhes o caráter hipotético, condicionante:

- “Quem **dera** pudesse o homem compreender todos os mistérios da natureza!”
- “– Quero isto limpo! bramava furioso. Está pior que um chiqueiro de porcos! Apre! **Tomara** que a febre amarela os lamba a todos! maldita raça de carcamanos!” (Aluísio Azevedo)

5. Futuro do presente simples

Como regra geral, emprega-se o futuro do presente do indicativo para indicar um fato posterior (futuro) ao momento em que se fala.

- “**Dir-me-ão** que deste modo, o nosso papel é mais heróico. **Responderei** que o delas é angélico, e, entre anjos e heróis, pelos anjos será sempre o meu voto.” (Rui Barbosa)
- “Meu pai diz que me vai encerrar num convento por tua causa. **Sofrerei** tudo por amor de ti. Não me esqueças tu, e **achar-me-ás** no convento, ou no céu, sempre tua do coração, e sempre leal. Parte para Coimbra. Lá **irão** dar as minhas cartas; e na primeira te **direi** em que nome hás de responder à tua pobre Teresa”. (Camilo Castelo Branco)

Emprega-se também:

a) No lugar do presente do indicativo, em frases dubitativas (que exprimem dúvida) ou exclamativas:

- “A esta hora quantos não **estarão** com fome!” (Eduardo C. Pereira)
- “Uma palavra, uma emoção fraterna, um olhar de ternura, e... quantos não **serão** redivivos, abençoando-vos?” (Rui Barbosa)

b) Em correlação com o futuro do subjuntivo (ideia condicionante), para indicar fatos de realização provável:

- Se o governo diminuir os juros, **comprarei** uma casa para morar.
- “Se o tino do juiz ou do público, como frequentemente sucede, eludir a aplicação da lei, então **desaparecerá** o mal.” (Rui Barbosa)

c) Em lugar do imperativo para transmitir à mensagem um caráter mais sugestivo do que imperativo:

- “Não **terás** outros deuses diante de mim.” (Bíblia Sagrada)
- “Não **dirás** falso testemunho contra o teu próximo.” (Bíblia Sagrada)

d) Em frases interrogativas, para indicar incerteza, dúvida, suposição, probabilidade:

- “**Será** que a mente, já desperta / Da noção falsa de viver, / Vê que, pela janela aberta, / Há uma paisagem toda incerta / E um sonho todo a apetecer?” (Fernando Pessoa)
- “Contra as extorsões de que ela for alvo, quem **poderá** medir a resistência?” (Rui Barbosa)

⇨ **Observação:**

Frequentemente, o futuro do presente do indicativo é substituído por locuções verbais formadas com os auxiliares “haver, ter, ir”, seguidos de um infinitivo:

→ **Presente do indicativo do V. Haver + Preposição + Infinitivo:**

- “Neste momento insone e triste / Em que não sei quem **hei de ser**, / Pesa-me o informe real que existe / Na noite antes de amanhecer.” (Fernando Pessoa)

→ **Presente do indicativo do V. Ir + Infinitivo:**

- “Considerou por instantes o arraial imenso, embaixo. Desceu devagar a encosta. Daniel **vai penetrar** na furna dos leões... Acompanhemo-lo.” (Euclides da Cunha)

→ **Presente do indicativo do V. Ter + Que + Infinitivo:**

- “– Olhe, Senhor Cassi: amanhã, à tarde, não, porque **tenho que ir** à sessão da minha sociedade; mas, se tem pressa, pode vir depois de amanhã, logo pelas sete ou oito horas.” (Lima Barreto)

6. Futuro do pretérito

Como regra geral, emprega-se o futuro do pretérito simples para indicar uma ideia hipotética em relação a um fato situado no passado. Geralmente, este tempo aparece em correlação com o pretérito imperfeito do subjuntivo.

- "Mas **incorreríamos** no ridículo de querer tapar o Sol com os dedos, se tentássemos dissimular o industrialismo egoístico, avaro, cobiçoso, que caracterizava a fisionomia do príncipe ligado à sorte da princesa imperial." (Rui Barbosa)
- "O serviço militar **tinha** a natureza de eventual, porque não **havia** entre os visigodos exército permanente." (G. Barros *apud* A. Epiphanio S. Dias)

Emprega-se também:

a) Em orações que denotam indignação ou surpresa:

- Jamais **acusaríamos** você!
- **Seria** possível uma acusação dessas?

b) Para indicar um fato futuro em relação a um outro fato situado no passado:

- "... e protestei que antes disso me **reabilitaria** de minha estúrdia ingenuidade." (José de Alencar)
- "Então ela declarou-lhe que não tivesse medo de nada. Nada **aconteceria** nem a um nem a outro." (Machado de Assis)

c) Em orações que denotam polidez, brandura, cortesia, em substituição ao presente do indicativo:

- – **Poderia** nos dar um minuto, por favor.
- – **Gostaria** de provar a nossa nova sobremesa, madame?

d) Em orações que revelam dúvida, probabilidade, suposição, incerteza, ideia aproximada:

- "– **Serias** capaz de fazer isso, Lúcia?" (José de Alencar)
- "Não fora a natureza, os céus, os pássaros, as águas múrmuras, como **poderíamos** viver?" (Júlio Ribeiro)
- "A cabo da estreita senda da cruz acharia ele, porventura, a vida e o repouso íntimos?" (A. Herculano)

7.4.4.1.2 Tempos do modo subjuntivo

1. Presente do subjuntivo

Em geral, emprega-se o presente do subjuntivo em orações que exprimam dúvida, desejo, fato provável.

- **Queira** Deus que eles **estejam** bem.
- Talvez **fiquem** melhor agora.
- "E talvez não **saiba** que eu estava a beber na fonte quando vossa senhoria, há dois para três anos, deu muita pancada nos criados, que era mesmo um rebuliço que parecia o fim do mundo." (Camilo Castelo Branco)
- "– Sabes? talvez eu **tenha** de me ir amanhã embora." (Eça de Queiroz)
- "Se nos embaraçássemos nas imaginosas linhas dessa espécie de topografia psíquica, de que tanto se tem abusado, talvez não os compreendêssemos melhor. **Sejamos** simples copistas." (Euclides da Cunha)

Emprega-se também:

a) Em correlação com o presente do indicativo para indicar fato presente ou futuro:

- Esperamos que eles **cheguem** ainda hoje.
- É profundamente lamentável que eles **fiquem** sem ir à escola.

b) Em correlação com o presente do indicativo para expressar um conselho, uma advertência, uma sugestão:

- "Preciso é que os ouvidos **estejam** bem abertos e a atenção bem apurada, quando se está defronte de uma moça como D. Clementina." (Joaquim M. de Macedo)
- "**Analisemos** o caso. O comandante expedicionário deixara em Queimadas grande parte de munições, para não protelar por mais tempo a marcha..." (Euclides da Cunha)
- "Padre que seja, se for vigário na roça, é preciso que **monte** a cavalo." (Machado de Assis)

c) Em correlação com tempos do modo indicativo para expressar ideia de concessão, de oposição:

- "Conquanto não **seja** assim, eu tomei a resolução heróica de aproximar os mais peculiares à Bruzundanga dos nossos nomes portugueses..." (Lima Barreto)
- "– Pode ser que não; e ainda que **desconfiem**, não há testemunhas." (Camilo Castelo Branco)

2. Pretérito imperfeito do subjuntivo

Como regra geral, emprega-se o pretérito imperfeito do subjuntivo, em correlação com o futuro do pretérito do indicativo, para indicar um fato hipotético, provável, suposto.

- "Estas testemunhas referiram que ouviram dizer a Cristo que, se os Judeus **destruíssem** o templo, ele o tornaria a reedificar em três dias." (Pe. Antônio Vieira)
- "Bem sei que não podes compreender o que é a fé viva de um muçulmano na proteção de Deus: mas eu seria réu do inferno, se **duvidasse** um instante das promessas do Profeta."

(A. Herculano)

Emprega-se também:

a) Em orações subordinadas substantivas, correlacionando-se com tempos do modo indicativo, para expressar "súplica, pedido, requerimento, solicitação":

- "O Rei de Portugal só queria que nenhum palmo de chão português, baldio ou murado, **jazesse** fora de seu senhorio real." (Eça de Queiroz)
- Solicitei naquele momento que o **acolhessem** nalgum asilo.
- "Dirigiu-se a Sir Robert Peel, e pediu-lhe que lhe **comunicasse** as ideias segundo as quais ele achava que a reforma deveria ser feita". (Rui Barbosa)

b) Em orações subordinadas substantivas, correlacionando-se com tempos do modo indicativo, para expressar "ordem, determinação, proibição, deliberação":

- "Apenas findou o café, mandou pelo Bento avisar os dois moços da horta, o Ricardo e o outro de queixo de cavalo, que o **esperassem** no pátio, armados." (Eça de Queiroz)
- "Ordenava ela à mucama que **distribuísse** pelas outras uns enfeites e vestidos já usados." (José de Alencar)

c) Em orações subordinadas substantivas, correlacionando-se com tempos do modo indicativo, para exprimir "aconselhamento, aviso, admoestação, recomendação, exortação":

- "E com eles atravessou de novo a Vila até a cocheira do Torto – para recomendar que lhe **mandassem** à Torre, às nove horas da manhã, a parelha ruça." (Eça de Queiroz)
- "Admoestou a certo bispo que se **recolhesse** à sua igreja." (Manuel Bernardes)

d) Em estilo literário, para expressar a causa em relação a outro fato que lhe servirá de efeito:

- "Como eu lhe **dissesse** que a vida tanto podia ser uma ópera, como uma viagem de mar ou uma batalha, abanou a cabeça e replicou: – A vida é uma ópera e uma grande ópera." (Machado de Assis)
- "Como **fosse** grande arabista, achou no Corão que Maomé declara veneráveis os doidos, pela consideração de que Alá lhes tira o juízo para que não pequem." (Machado de Assis)

e) Para a formação de orações adverbiais (circunstanciais), principalmente, as condicionais e as concessivas:

- "Ah! se agora **chegasses**!
  Se eu **sentisse** bater em minhas faces
  A luz celeste que teus olhos banha (...)." (Olavo Bilac)

- “Não recebia ninguém, vivia num isolamento monacal, embora **fosse** cortês com os vizinhos que o julgavam esquisito e misantropo.” (Lima Barreto)

3. Futuro do subjuntivo

Como regra geral, em correlação com o futuro do presente do indicativo, emprega-se o futuro do subjuntivo em orações subordinadas adverbiais condicionais e temporais, para indicar o tempo ou a condição do fato expresso na oração subordinante.

- Se ele **chegar** a tempo, sairemos ainda hoje.
  fato da oração subordinante (sair)
- Quando ele **comprar** o novo carro, passearemos mais.
  fato da oração subordinante (passear)
- “O desejo que me deu, quando saí de Barbacena, foi simples desejo, sem prazo; irei, não há dúvida, mas lá para diante, quando Deus **quiser**.” (Machado de Assis)
- “Se eu **disser** ‘Há sol nos meus pensamentos’, ninguém compreenderá que os meus pensamentos são tristes.” (Fernando Pessoa)
- “Quando **estiverem** todos adormecidos, o guerreiro branco deixará os campos do Ipu, e os olhos de Iracema, mas não sua alma.” (José de Alencar)

7.4.4.2 Emprego dos tempos verbais compostos

Na língua portuguesa, alguns tempos simples podem ser expressos por meio de uma forma composta, formada pelos verbos auxiliares (ter e haver) mais o particípio do verbo. Tais tempos compostos são, em sentido lato, locuções verbais especiais. Aparecem sob a forma composta:

1. O pretérito perfeito composto do indicativo

Formado pelo “presente do indicativo” mais o particípio de um verbo, o pretérito perfeito composto é empregado para expressar um fato que, tendo-se iniciado no passado, dura ou vem repetindo-se até o presente com a possibilidade ou não de continuar no futuro. Observe:

- Ele **tem feito** muitas obras desde que iniciou o seu governo.
- “Você sabe que eu **tenho tratado** do seu casamento com a Zulmirinha... Lá em casa não se fala agora noutra coisa...” (Aluísio Azevedo)
- “Eu bem **tenho dito** a Jorge! Tantas vezes lho **tenho dito**! Isto é uma rua impossível!” (Eça de Queiroz)

2. O pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo

Formado pelo “pretérito imperfeito do indicativo” mais o particípio de um verbo, o pretérito mais-que-perfeito composto é empregado com a mesma função da sua forma simples: indicar um fato passado em relação a outro fato também no passado ou indicar um fato sucedido antes de outro não enunciado no contexto, mas implícito nele. Observe:

- “Os ingênuos contos sertanejos desde muito lhes **haviam revelado** as estradas fascinadoramente traiçoeiras que levam ao Inferno.” (Euclides da Cunha)
- “Lúcia, como vê, parecia adivinhar o que me **tinham dito** o Cunha e Sá para desmenti-los completamente.” (José de Alencar)
- Quando lá chegamos, o comendador já **tinha saído**.

3. O futuro do presente composto do indicativo

Formado pelo “futuro do presente do indicativo” mais o particípio de um verbo, o futuro do presente composto indica um fato posterior à época presente, mas já acabado antes de outro fato futuro.

- “Lá, no tumulto dos cortesãos, onde o amor é cálculo ou sentimento grosseiro, **terás achado** quem te chame sua.” (A. Herculano)
- Quando ele chegar, já **terei terminado** de resolver a prova.

4. O futuro do pretérito composto do indicativo

Formado pelo “futuro do pretérito simples do indicativo” mais o particípio de um verbo, o futuro do pretérito composto indica um fato posterior a uma época passada a que nos referimos, mas já acabada antes de outro fato futuro.

- Quanto prazer eles **teriam desfrutado**, se não tivessem pouco dinheiro e pressa para voltar.
- “Se me achasse bonita, já me **teria pedido** a papai...” (Aluísio Azevedo)
- Eu o **haveria esperado**, se ontem eu não tivesse um compromisso.

5. Pretérito perfeito composto do subjuntivo

Formado pelo “presente do subjuntivo” mais o particípio de um verbo, o pretérito perfeito composto do subjuntivo expressa uma hipótese ou um desejo em relação a outro fato situado no futuro.

- “– Provavelmente, ele lá estará, pensou Rubião indo jantar ao Flamengo; duvido que **tenha dado** melhor presente que eu.” (Machado de Assis)
- “Desejo que não procedas precipitadamente e que, antes de dizer-me uma palavra, **tenhas medido** todo o alcance que ela deve ter sobre o teu futuro.” (José de Alencar)

6. Pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo

Formado pelo “pretérito imperfeito do subjuntivo” mais o particípio de um verbo, o pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo indica um fato hipotético no passado em relação a outro fato hipotético também no passado.

- “Pôs-se a pensar, o que teria sucedido se **tivesse casado** com o primo Basílio.” (Eça de Queiroz)
- “Se vossa senhoria **tivesse consentido** que sua filha amasse Simão Botelho Castelo-

Branco, teria poupado a vida ao homem sem honra.” (Camilo C. Branco)

7. Futuro do subjuntivo composto

Formado pelo “futuro simples do subjuntivo” mais o particípio de um verbo, o futuro do subjuntivo composto indica, à semelhança da forma simples, um fato hipotético no futuro, mas de realização provável, o qual se correlaciona com outro fato também no futuro.

- Quando eu **tiver adquirido** o novo carro, passearei bastante com a minha família.
- Explicaremos as dúvidas dos leitores que não **tiverem entendido** o assunto.

7.4.4.3 As locuções verbais (construções perifrásticas) – emprego dos verbos auxiliares

Também chamadas de “**perífrases verbais**”, as locuções verbais servem para denotar ideias acessórias da ação verbal, frequentemente não contempladas pelos tempos simples e compostos. Para tanto, a língua socorre-se de certas combinações de dois verbos, ficando um deles fixo no infinitivo, no gerúndio ou no particípio, recebendo o outro as flexões de modo, tempo e número.

Para a formação das locuções verbais, a língua lança mão de vários verbos em função auxiliar. Frequentemente são usados, além de outros, os verbos “ser, estar, ficar, ter, haver, ir, vir, parecer, andar”.

Dica de estudo: Procure correlacionar este assunto com o assunto “emprego dos tempos compostos” formados com os verbos auxiliares “ter” e “haver”.

Vejamos abaixo um rol sucinto dos sentidos transmitidos por algumas locuções verbais, além do emprego dos principais verbos auxiliares:

a) Verbo auxiliar SER mais o PARTICÍPIO → formação de locuções verbais da voz passiva de ação:

- Eles **foram atacados** por várias abelhas enquanto caminhavam pela fazenda.
- Os garotos **são instruídos** pelo mestre.

b) Verbo auxiliar ESTAR mais o PARTICÍPIO → formação de locuções verbais da voz passiva de estado:

- Eles **estão cercados** pela polícia.

c) Verbo auxiliar TER mais preposição DE mais INFINITIVO → formação de locução verbal que denota “obrigação, compromisso, fato infalível”:

- O Brasil **tem de** ser um país menos desigual.

- Todos **tiveram de** sair por causa do fogo que já atingia os últimos andares do prédio.

d) Verbos auxiliares "COMEÇAR A, ENTRAR A, PASSAR A" mais INFINITIVO → formação de locuções verbais que indicam momento inicial de uma ação:

- O trem **começou a partir**, e todos, emocionados, despediam-se dos soldados.
- "Afinal, o homem teso rendeu o flexível, e **passou a falar** pausado, com superlativos." (Machado de Assis)

e) Verbos auxiliares "ANDAR, ESTAR, FICAR, IR, VIR" mais GERÚNDIO → formação de locuções verbais que indicam duração, continuação, progressão:

- Já **vem chegando** o inverno com seu frio, suas chuvas.
- Meu amigo, você sabe o que o José **anda fazendo**?
- João **está comprando** uma nova casa na praia.
- Ele sempre **fica olhando** os aviões no aeroporto.

f) Verbos auxiliares "ACABAR, DEIXAR, PARAR" mais preposição DE mais INFINITIVO → formação de locuções verbais que indicam momento final, cessação da ação:

- "Comoviam-no o espetáculo dos infelizes que **acabava de encontrar** armados até aos dentes, e o quadro emocionante daquela Tebaida turbulenta." (Euclides da Cunha)
- Todos **deixaram de fazer** a tarefa imposta pela professora por causa do calor excessivo que na sala fazia.
- Assim que viu o comandante, **parou de falar** e começou a andar para trás.

g) Verbo auxiliar "DEVER" mais INFINITIVO → formação de locução verbal que indica necessidade, obrigação:

- "O almirante não **deve falar** assim... A pátria está logo abaixo da humanidade." (Lima Barreto)
- "– Senhor, se é católico, **deve considerar** que a Igreja condena as revoltas..." (Euclides da Cunha)

h) Verbo auxiliar IR mais INFINITIVO → formação de locução verbal que indica uma ação em um futuro próximo:

- "Na sessão que se **vai abrir**, esta Câmara espera demonstrar-vos quanto sabe honrar a soberana esterilidade das instituições constitucionais." (Rui Barbosa)
- "Nada, inda não: Vidinha **vai cantar** uma modinha." (Manuel A. Macedo)

i) Verbo auxiliar IR mais GERÚNDIO → formação de locução verbal que indica uma ação em decurso, em ocorrência, em desenvolvimento gradual:

- “Meu coração é um almirante louco
que abandonou a profissão do mar
e que a **vai relembrando** pouco a pouco
em casa a passear, a passear...” (Fernando Pessoa)
- “Este necessário e inevitável reviramento por que **vai passando** o mundo, há de levar muito tempo.” (A. Garrett)

j) Verbo auxiliar HAVER mais preposição DE mais INFINITIVO → formação de locução verbal que indica futuridade de forma mais enfática. Equivale ao futuro do presente do indicativo em sua forma simples:

- “Mas **hei de** me **ver** vingada, oh! se **hei de**! tão certo como estar eu aqui: os desembargadores lá estão, que me **hão de dar** esse gosto: espero isso em Deus.” (Manuel A. de Almeida)
- “– Os vizinhos **hão de dizer** que estamos doidos, Jorge... – acudiu ela.” (Eça de Queiroz)

⇨ **Observação:**

Em muitas construções, a presença de dois verbos juntos nem sempre indica uma locução verbal. Muitas vezes, temos orações reduzidas de infinitivo, por exemplo, cujo verbo da oração subordinada – no infinitivo – encontra-se próximo do verbo da oração principal – subordinante. Um recurso prático para se evitarem confusões é tentar “desenvolver” o infinitivo da oração subordinada. Embora não seja totalmente seguro, este recurso ajuda bastante. Observe:

- Ainda **falta dar** muitos retoques na obra de arte. (**FALTA DAR** = locução verbal ou verbos autônomos?)

Vamos tentar desenvolver a oração →
“Ainda falta **que se deem muitos retoques na obra de arte**.”
Foi possível desenvolver-se a oração.
Temos, então, dois verbos autônomos.

- Ele não **deve comprar** aqueles produtos. (**DEVE COMPRAR** = locução verbal ou verbos autônomos?)

Vamos tentar desenvolver a oração →
“Eles não devem **que comprem aqueles produtos**.”
O desenvolvimento toma a construção ilógica.
Não foi possível o desenvolvimento.
Temos, então, uma locução verbal em “deve comprar”.

Sugestão: Para ampliar seus conhecimentos sugerimos estudar os assuntos “orações reduzidas” e “concordância com o sujeito oracional” em sintaxe.

7.4.4.4 Correlação dos tempos e dos modos verbais – sequencialização dos tempos (*Consecutio temporum*)

Atenção: Este tópico é muito cobrado pelos concursos em geral. Sugerimos que o estude mais de uma vez.

Em sentido próprio, a correlação de tempos e modos verbais ou sequencialização dos tempos é a dependência entre as formas temporais do verbo de uma oração subordinada e as do verbo da oração subordinante (principal) respectiva, para se indicar **anterioridade**, **simultaneidade** ou **posterioridade**.

Observe:

a) Nós **SABEMOS** que tu **PARTICIPAS** de grupos religiosos extremistas.

A ação de participar é simultânea à ação de saber.

b) Nós **SABEMOS** que tu **PARTICIPAVAS** de grupos religiosos extremistas.

A ação de participar é anterior à ação de saber.

c) Nós **SABEMOS** que tu **PARTICIPARÁS** de grupos religiosos extremistas.

A ação de participar é posterior à ação de saber.

Sabedores de que a correlação nada mais é do que a adequação entre os verbos de um período composto por subordinação, passaremos a estudar as principais correlações entre os tempos e os modos verbais. Salientamos, de imediato, que este estudo não pretende exaurir todas as possibilidades correlacionais em nossa língua, em virtude da quantidade exacerbada de relações possíveis. Destacamos, portanto, as seguintes orientações/relações:

I – Quando o verbo da oração principal for declarativo e se encontrar no presente do indicativo, no futuro do presente do indicativo ou no imperativo, a correlação com o verbo da oração subordinada pode ser feita com todos os tempos do modo indicativo. Observe abaixo:

Eu **sei** (percebo, penso, é verdade)
Eu **direi** (perceberei, pensarei)
Diz (percebe, vê, pensa)

que o governo

protege
protegia
protegeu
tem protegido
tinha protegido
protegera
protegerá
protegeria

o povo.

Outros exemplos:

- "É, todavia, certo que o grãozinho não se **despegou** do cérebro de Quincas Borba, – nem antes, nem depois da moléstia que lentamente o comeu." (Machado de Assis)
- "Mas deves saber que não **posso satisfazer** o teu desejo sem primeiro entender-me com meu pai, que está na corte." (Bernardo Guimarães)
- "Mas os considerados dirão que algum interesse **haverá** nesta circunstância em aparência mínima." (Machado de Assis)

II – Quando o verbo da oração principal for declarativo e se encontrar em um dos tempos pretéritos do modo indicativo (perfeito, imperfeito ou mais-que-perfeito), a correlação com o verbo da oração subordinada deverá ser feita com o pretérito imperfeito do indicativo, com o pretérito mais-que-perfeito do indicativo ou ainda com o futuro do pretérito do indicativo.

Ele sabia
Ele soube
Ele soubera

que o governo

protegia
protegera (tinha protegido)
protegeria

o povo.

Outros exemplos:

- "Logo que **chegou**, enamorou-se de uma viúva, senhora de condição mediana e parcos meios de vida." (Machado de Assis)
- "E, terminando, dizia-lhe que não **era** 'nos esplendores das salas' ou nos 'bailes febricitantes' que **gostava** de a ver." (Eça de Queiroz)
- "Sempre eu pensara que a traição de Mem Viegas **faria** vivo abalo no ânimo de vosso pai." (A. Herculano)
- "Perguntou D. Quixote como se **chamava**. Respondeu-lhe ela que se **chamava** a Tolosa." (Castilho)

III – Quando o verbo da oração principal expressar vontade, pedido ou permissão e se encontrar no presente do indicativo, no futuro do presente do indicativo ou no imperativo, a correlação com o verbo da oração subordinada deverá ser feita com o presente do subjuntivo.

Eu quero (peço, permito, ordeno, aconselho)
Eu quererei (pedirei, permitirei, ordenarei) — que ele **saia** agora.

Outros exemplos:

- "O nosso Camacho não deseja que os rapazes **saiam**; quem é que há de dançar com as moças?" (Machado de Assis)
- "Exorta o Apóstolo a todos a que **tratem** da salvação de suas almas." (Pe. Antônio Vieira)
- "...por Jesus Cristo vos rogo que **tranquilizeis** aquela alma." (A. Herculano)

⇨ **Observações:**

a) Obedecem a esta mesma regra os verbos perceptivos e declarativos empregados em frases negativas, interrogativas e duvidosas.

Não creio (não acredito, não penso)
Não crerei (não acreditarei, não pensarei) — que ela **venha** amanhã.

b) Seguem também esta correlação os verbos que expressam dúvida, temor, esperança, tais como "duvidar, temer, esperar."

- "Duvido que mamãe **embarque**." (Machado de Assis)
- "Ninguém espera que a oposição **dilucide** agora pormenores da sua política em relação ao Egito." (Rui Barbosa)

IV – Quando o verbo da oração principal expressar vontade, desejo, pedido ou permissão e se encontrar em um dos tempos pretéritos do modo indicativo (perfeito, imperfeito ou mais-que-perfeito), a correlação operar-se-á com o pretérito imperfeito do subjuntivo.

Eu queria (pedia, permitia, ordenava, aconselhava)
Eu quis (pedi, permiti, ordenei, aconselhei)
Eu quisera (pedira, permitira, ordenara, aconselhara)
Eu quereria (pediria, permitiria, ordenaria, aconselharia) — que ele **saísse** agora.

Outros exemplos:

- "Argimiro jurou que faria o que seu pai e senhor lhe **ordenasse**." (A. Herculano)
- "A mulher esperou pacientemente que os magistrados **consultassem**, à sua vontade e puridade, do negócio que a todos interessava." (Almeida Garrett)

- "João amava a Cristo e queria que seus discípulos o **amassem**." (Pe. Manuel Bernardes)

⇨ Observações gerais sobre a correlação dos tempos e dos modos verbais:

1. Uma das correlações mais comuns na língua portuguesa dá-se entre o futuro do pretérito do indicativo – presente na oração subordinada – e os tempos pretéritos do modo indicativo – perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito.

Eu sabia
Eu soube
Eu soubera
} que ele **chegaria** (ou **iria** chegar) naquela tarde.

2. Há na nossa língua duas correlações bastante cobradas em provas de concursos. São elas:

FUTURO DO PRESENTE DO INDICATIVO ⇆ FUTURO DO SUBJUNTIVO
FUTURO DO PRETÉRITO DO INDICATIVO ⇆ PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO

- Quando todos **chegarem** (*fut. subj.*), nós os **receberemos** (*fut. pres. ind.*) com muito carinho.
- Se todos **chegassem** (*pret. impef. subj.*), nós os **receberíamos** (*fut. pret. ind.*) com muito carinho.

Outros exemplos:

- "Se de fato **viéssemos** a nos contentar com o que somos, as inúmeras janelas abertas pela TV não **teriam** a mesma força de atração que as pesquisas demonstrassem." (Fund. Carlos Chagas)
- "Se não **variassem** de cultura para cultura, as regras de convívio **teriam** alcançado, efetivamente, a chamada validade universal." (Fund. Carlos Chagas)
- "Quando todos **revirmos** o papel social que nos cabe e nos **dispusermos** a exercê-lo de fato, nenhum caso de impunidade **será** tolerado." (Fund. Carlos Chagas)

3. Quando na oração subordinada se afirma um fato presente ou que, remontando ao passado, ainda continua no presente (fato habitual ou sempre verdadeiro), o verbo desta oração subordinada ficará no presente do indicativo, ainda que o verbo da oração principal se encontre no passado.

- Em suas pesquisas, Galileu já afirmava que a terra se **move**.
- "Santo Antão dizia que, assim como a substância úmida **dá** nutrimento aos peixes, assim a vida solitária **dá** ornamento aos religiosos." (H. Pinto)
- "Dizia certo estadista inglês que o segredo da força dos agitadores **está** na obstinação dos governos." (Rui Barbosa)

4. O verbo HAVER, indicando quanto tempo dura ou durava certa ação, também está sujeito à correlação temporal. Sendo assim:

- A imagem de Jesus Cristo **está** naquele local **há** dois meses.
- A imagem de Jesus Cristo **estava** naquele local **havia** dois meses.
- "Padre Joaquim **era** um modelo de padres, capelão da casa, **havia** trinta e cinco anos." (Camilo Castelo Branco)

5. Nas orações coordenadas, embora não haja a correlação temporal no sentido próprio, existe certa correspondência entre os tempos respectivos, imposta pela época em que ocorre cada um dos fatos nelas expressos.

- "Os cavalos **batem** de peito uns nos outros, as espadas **faíscam** nas espadas, os escudos **retinem** contra os escudos, e os elmos e cervilheiras **rolam** pelo chão." (A. Herculano)
- "**Soltava**-se a gula, **desenfreava**-se a ira, **libertava**-se a injustiça, **desbaratava**-se o riso." (Pe. Antônio Vieira)

5. Para facilitar o estudo acima, podemos resumir assim as principais – e mais cobradas em provas de concursos – correlações de tempo e modo verbais:

TEMPO VERBAL	CORRELACIONA-SE COM	TEMPO VERBAL
PRESENTE DO INDICATIVO	⇄	PRESENTE DO INDICATIVO
PRESENTE DO INDICATIVO	⇄	PRESENTE DO SUBJUNTIVO
PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO	⇄	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO DO INDICATIVO
PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO	⇄	PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO
PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO	⇄	PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO
PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO	⇄	PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO
FUTURO DO PRESENTE DO INDICATIVO	⇄	FUTURO DO SUBJUNTIVO
FUTURO DO PRETÉRITO DO INDICATIVO	⇄	PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO

Observe exemplos de algumas das correlações acima:

- Se não **VARIASSEM** de cultura para cultura, as regras de convívio **TERIAM** alcançado, efetivamente, a chamada validade universal.
- Enquanto os animais **CONTINUAM** regulando-se pela "lei da selva", os homens **ESTÃO** sempre se esforçando para superá-la.
- Mal **APORTARA**, o navio **FOI** submetido a uma rigorosa inspeção da alfândega, em virtude da suspeita da carga contrabandeada que talvez ele **TROUXESSE** em seus porões.
- Não me **PARECE** justo que você **VENHA** agora argumentar com razões que até ontem jamais invocou, revelando um oportunismo que já **ERA** tão conhecido.

- Tão logo **SAIBAMOS** o resultado do teste a que você ontem **SE SUBMETEU**, entraremos em contato, para não prolongar a agonia de sua expectativa.
- Quando **FOREM** levados em contas os fundamentos que o autor preconizou em seu texto, nossa educação **GANHARÁ** muito.
- Ainda que chimpanzés **DEMONSTREM** algumas aptidões semelhantes às nossas, nenhuma **EQUIVALE** ao desinteressado altruísmo humano.

7.5 AS FORMAS NOMINAIS DO VERBO – OS VERBOIDES

Além das formas modais do verbo (indicativo, subjuntivo e imperativo), existem três formas que exercem papéis típicos dos nomes (substantivos, adjetivos e advérbios). São elas "o infinitivo", "o gerúndio" e "o particípio".

7.5.1 O INFINITIVO

O infinitivo é uma forma nominal do verbo que tem como característica principal a apresentação de uma ação de modo inteiramente geral, não situada no tempo e sem referência a nenhum sujeito. Em outras palavras, é a forma nominal do verbo que exprime a ação, o fenômeno, o processo, o estado, de modo geral e indeterminado, sobretudo quanto ao momento em que se realizam e quanto à pessoa gramatical do sujeito.

- **Viver** é lutar.
- **Correr** fortalece os ossos.
- É importante **comer** frutas.

Observe como os infinitivos "**viver**, **correr** e **comer**" apresentam as ações de forma geral, sem situá-las no tempo e sem referência a sujeito.

Em português, entretanto, nem sempre encontramos o infinitivo em sua forma intemporal e impessoal. Assim como no galego, temos o infinitivo pessoal, o qual, como o próprio nome já o diz, apresenta sujeito e, em alguns casos, em virtude do contexto, apresenta também o tempo da ação.

- Acredito **terem partido** ontem à tarde. (Sujeito = eles. Tempo = ontem).

7.5.1.1 O infinitivo pessoal ou flexionado

Como já mencionado, o infinito pessoal ou flexionado é, nas línguas oriundas do latim, uma particularidade do português e do galego. Esta forma é caracterizada por apresentar um sujeito para o infinitivo e, em dados contextos, o tempo da ação verbal.

Observe as desinências para a formação do infinitivo flexionado.

INFINITIVO PESSOAL (FLEXIONADO)	
-R	(EU)

-RES	(TU)
-R	(ELE)
-RMOS	(NÓS)
-RDES	(VÓS)
-REM	(ELES)

Acompanhe a conjugação de três verbos no infinitivo pessoal:

INFINITIVO PESSOAL (Verbo SER)	
SE-R	(EU)
SE-RES	(TU)
SE-R	(ELE)
SE-RMOS	(NÓS)
SE-RDES	(VÓS)
SE-REM	(ELES)

INFINITIVO PESSOAL (Verbo ESTAR)	
ESTA-R	(EU)
ESTA-RES	(TU)
ESTA-R	(ELE)
ESTA-RMOS	(NÓS)
ESTA-RDES	(VÓS)
ESTA-REM	(ELES)

INFINITIVO PESSOAL (FLEXIONADO)	
CANTA-R	(EU)
CANTA-RES	(TU)
CANTA-R	(ELE)
CANTA-RMOS	(NÓS)
CANTA-RDES	(VÓS)
CANTA-REM	(ELES)

Alguns exemplos de emprego do infinitivo pessoal:

- "Para **estarem** juntos tinham encontros misteriosos num caloji de uma velha miserável da Rua de São João Batista." (Aluísio Azevedo)
- É aconselhável **estudarmos** isto.
- Os guardas os obrigaram a **entrarem** na casa.
- "Sisebuto forçara os judeus a **converterem**-se." (A. Herculano)
- "Detestáveis ministros tinham também os Stuarts; o que os não eximiu de **serem** punidos, um com perder a vida, o outro a coroa." (Rui Barbosa)

⇨ Observações:

1. O verbo regular apresenta formas idênticas para o infinitivo pessoal e o futuro do subjuntivo. Percebe-se a diferença entre uma e outra forma, na maioria das vezes, por causa da presença das conjunções "se" e "quando" exigidas, geralmente, pelo futuro do subjuntivo. O infinitivo, por sua vez, rejeita a anteposição de conjunções; ele admite, no máximo, a presença de preposições ou locuções prepositivas. Veja:

- "A persistirem (*infinitivo pessoal*) os sintomas, o médico deverá ser consultado." (Ministério da Saúde)
- "**Se** persistirem (*futuro do subjuntivo*) os sintomas, o médico deverá ser consultado." (Ministério da Saúde)
- Ao saírem, (*infinitivo pessoal*) fechem as janelas da casa.

- **Quando** saírem, fechem as janelas da casa.
  futuro do subjuntivo

2. Quando os verbos são irregulares, o infinitivo pessoal é totalmente distinto do futuro do subjuntivo.

- "No caso de proporem um diálogo sem pseudodilemas teóricos, retirar-me-ei do recinto."
  infinitivo pessoal
- Quando propuserem um diálogo sem pseudodilemas teóricos, retirar-me-ei do recinto.
  futuro do subjuntivo

7.5.1.2 Função substantiva do infinitivo

Como já mencionado, o infinitivo faz parte das chamadas "formas nominais do verbo". São nominais porque exercem funções sintáticas próprias dos nomes. O infinitivo, por exemplo, exerce funções próprias do substantivo. Daí poder-se afirmar que o infinitivo é empregado frequentemente "como substantivo".

São funções próprias do substantivo: sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, predicativo, aposto e vocativo. Logo, quando exerce a função de núcleo de um desses termos, o infinitivo se encontra em "papel substantivo" ou em "função substantiva". Observe abaixo alguns exemplos:

- Viver é lutar.
  infinitivo como núcleo do sujeito
- Viver é lutar.
  infinitivo como núcleo do predicativo

- O verdadeiro herói não teme morrer na batalha.
  infinitivo como núcleo do objeto direto
- Ele sempre gostou de viver longe das grandes cidades.
  infinitivo como núcleo do objeto indireto
- Ele tinha medo de ser o presidente do clube.
  infinitivo como núcleo do complemento nominal
- Só havia uma saída para a crise: aumentar os juros para o crédito.
  infinitivo como núcleo do aposto

⇨ **Observações:**

1. Embora seja raro tal emprego, o infinitivo pode, em algumas situações, apresentar-se em função adjetiva – qualificativa. Nesse uso, é frequente vir o infinitivo preposicionado, notadamente com as preposições "de" ou "por".

- máquina **de escrever**
- ferro **de engomar**
- história **de arrepiar**
- música **de dar sono**
- contas **por saldar**
- capítulos **por ler**
- enigma **por decifrar**
- serviço **por fazer**

2. **Emprega-se também o infinitivo em função adverbial (circunstancial). Neste caso, o infinitivo exercerá o núcleo de uma oração subordinada adverbial reduzida e poderá expressar várias circunstâncias.**

* "Depois de **fugir** o coelho, toma o vilão o conselho." (Dito popular)
  infinitivo expressa circunstância de tempo

* Comemos para **viver**, não vivemos para **comer**.
  os infinitivos expressam circunstância de fim

- Por **caminhar** descalço, adoeceu dos pés.
  infinitivo expressa circunstância de causa

- A não **haverem** obedecido, não chegariam a viver uma semana.
  infinitivo expressa circunstância de condição

- Melhor é dar a ruins do que **pedir** a bons.
  infinitivo expressa circunstância de comparação

7.5.1.3 Emprego do infinitivo preposicionado

Um dos fatos mais notáveis relativos à morfossintaxe do infinitivo, nas línguas neolatinas, é a construção de preposições com o infinitivo. Em português, as preposições são empregadas não só com os infinitivos simples, mas também com as orações infinitivas (reduzidas).

- Todos começaram **a falar** sobre o assunto.
  infinitivo simples regido por preposição

- Não veio à festa **por tu saberes a verdade sobre o problema**.
  oração infinitiva regida por preposição

É fato, portanto, que, na língua portuguesa, a construção do infinitivo com a preposição tornou-se tão comum que alguns autores chegaram a empregar infinitivos na função de sujeito precedidos de preposição – situação desabonada pelos grandes estudiosos da nossa língua. Hoje, percebe-se que a tendência é omitir-se a preposição, salvo com alguns verbos. Abaixo, segue um rol não taxativo do emprego do infinitivo preposicionado.

1. **Frequentemente se emprega a preposição "A" antecedendo o infinitivo quando este forma construções perifrásticas (locuções verbais) com os verbos "COMEÇAR, ANTECIPAR-SE, APRESSAR-SE, ENTRAR (=COMEÇAR), CONTINUAR, TORNAR, CHEGAR, PÔR-SE".**

- Os grevistas **começaram a sair** da rodovia por volta das 17h.
- Assim que nós o vimos, **pusemo-nos a chorar** em virtude da forte emoção que o momento propiciava.
- Por causa do problema, a ministra **chegou a falar** com o Presidente da República.
- "Raimundo fechou a janela e recolheu-se à cama. Levantou-se de novo, **tornou a apanhar** a carta e releu-a. Só a assinatura o irritou." (Aluísio Azevedo)

2. Regido de "POR", exerce o infinitivo a função de um adjetivo, indicando uma ação ou um estado não realizados.

- homens **por** nascer
- contas **por** saldar
- capítulos **por** ler
- as pessoas **por** vir

3. Em algumas situações, a preposição rege não o infinitivo simples, senão as orações infinitivas. Neste caso, a oração reduzida de infinitivo terá valor circunstancial (adverbial). Observe:

- Deixamos a sala um pouco **por** enfadar-nos a conversa.

A preposição rege uma oração reduzida de infinitivo, introduzindo uma circunstância de causa.

A preposição rege uma oração reduzida de infinitivo, introduzindo uma circunstância de condição.

- "**A** permanecerem os sintomas, o médico deverá ser consultado." (Ministério da Saúde)
- Entregou-nos uma nova inscrição **para** arquivarmos no local correto.

A preposição rege uma oração reduzida de infinitivo, introduzindo uma circunstância de finalidade.

4. Emprega-se regido da preposição "DE" o infinitivo que serve de predicativo, equivalendo a um adjetivo.

- É **de** se admirar que ele até agora não tenha faltado com a verdade. (Equivale a "**É admirável**...")
- "Muito é **de** notar a tristeza de um cipreste em tanta altura." (Pe. Antonio Vieira *apud* Cláudio Brandão)
- É **de** se crer que o Governo Federal reduzirá em curto prazo os juros para a casa própria.

⇨ **Observação:**

Para um maior aprofundamento, sugerimos que estude o assunto "emprego do infinitivo" em sintaxe.

7.5.2 O GERÚNDIO

O gerúndio, como forma nominal que o é, aparece frequentemente como verbo principal em construções perifrásticas – locuções verbais. Para verificar tal emprego, sugerimos estudar (ou revisar) o assunto "locuções verbais", o qual já foi desenvolvido acima.

No entanto, por proceder do ablativo do gerúndio latino, o gerúndio português é geralmente empregado em função adverbial, equivalendo, portanto, a um advérbio. Logo, em seu emprego mais comum, o gerúndio funcionará como um transmissor de circunstâncias e exercerá o

núcleo de uma oração subordinada adverbial, em sua forma reduzida.

Na função adverbial, pode o gerúndio denotar, como já se disse, várias circunstâncias. Nesse emprego, ele é denominado de "gerúndio absoluto". Vejamos alguns exemplos do gerúndio absoluto:

- **Sofrendo** com a perda da mãe, evitava festas e comemorações.
  gerúndio expressando circunstância de causa (→ porque, já que, visto que)
- Não **tendo** condições financeiras, não viaje para fora do país.
  gerúndio expressando circunstância de condição (→ se, caso)

  gerúndio expressando circunstância de concessão (→ embora, apesar de que)
- "Não quiseram, **sendo** letrados, resolver o escrúpulo por si mesmos." (Pe. Antônio Vieira)
- "Quem me manda ser triste, **podendo** viver contente?" (Augusto E. S. Dias)
  gerúndio expressando circunstância de tempo (→ enquanto)

  gerúndio expressando circunstância de meio
- "E das feridas se remediavam as doninhas, **esponjando**-se em uma moita de saramagos." (Bernardes *apud* Cláudio Brandão)

  gerúndio expressando circunstância de modo
- "O céu se abria, **fuzilando** sobre a terra de uma parte e outra." (Godinho *apud* Cláudio Brandão)

  gerúndio expressando circunstância de finalidade (→ a fim de que, para que)
- "Vim para estes ermos, **fugindo** das gentes para quem só anoiteceu e amanheceu." (Pe. Manuel Bernardes)
- "Estas estavam juntas de alto a baixo, **fazendo** um só corpo." (Bíblia Sagrada, Êxodo)
  gerúndio expressando circunstância de consequência (→ de modo que, de maneira que)

Em algumas situações, o fato enunciado pelo gerúndio não é rigorosamente simultâneo a outro, e sim anterior, realizado imediatamente antes ou pouco antes. Corresponde neste caso o gerúndio absoluto a uma oração temporal iniciada por "depois que, logo que". Observe:

- **Chegando** ao centro de convenções, procuramos falar com o organizador do evento.
- **Vendo** que o carro não saía do atoleiro, chamou um trator.

Em outras construções, quando o acontecimento ocorrido em primeiro lugar for enunciado por uma oração explícita, o gerúndio, denotando fato imediato, equivalerá geralmente a uma oração coordenativa iniciada pela conjunção "e". Veja:

- "Recebeu a joia, **entregando**-a depois à esposa." (M. Said Ali)
- "Seguiu-se-lhe o infante D. Pedro, e a este seu irmão D. Henrique, **acabando** a cerimônia com o conde de Barcelos." (F. J. Freire)

Hoje também é bastante comum o emprego do gerúndio precedido da preposição "em" para enunciar fatos vindouros, futuros. Neste caso, o gerúndio equivalerá a uma oração

adverbial desenvolvida temporal, introduzida por “logo que, no momento em que”. Vejamos:

- Em **chegando** a casa, telefonarei para a diretora da clínica.
  no momento em que chegar, logo que chegar
- Em **amanhecendo**, montaremos no cavalo e partiremos para a cidade grande.
  no momento em que chegar, logo que chegar

⇨ **Observações:**

1. **Da facilidade que tem o gerúndio de exprimir circunstâncias tão diferentes, como causa, condição, concessão, tempo, finalidade, modo, resulta que o sentido só se pode apurar pelo contexto. É preciso, portanto, ter muito cuidado na classificação do gerúndio, pois frequentemente aparecem estruturas em que o gerúndio é suscetível de duas ou mais interpretações. Observe abaixo:**

- Um homem **tendo** dinheiro não deve passar fome.
  - → que tem dinheiro
  - → quando tem dinheiro
  - → se tem dinheiro

- “Mastigam os cavalos **escumando** os áureos freios com feroz semblante.” (Camões)
  - → mastigam escumando
  - → os cavalos que escumam

2. **Para aprofundar o emprego do gerúndio absoluto – em função adverbial –, sugerimos que estude, em sintaxe do período composto, as orações subordinadas adverbiais reduzidas.**

7.5.2.1 O gerúndio em função adjetiva

A despeito de ser condenado por gramáticos de renome, hoje se vê, nos mais diferentes meios, o largo emprego do gerúndio em função adjetiva – gerúndio que se refere a um substantivo. Sabe-se, como já se demonstrou, que a principal função do gerúndio é funcionar como um núcleo adverbial, denotando circunstâncias diversas. Entretanto, já nos escritores clássicos, encontrava-se o emprego do gerúndio em função atributiva – adjetiva.

Observe o excerto abaixo:

- “Não faltam ali os raios, os trêmulos cometas IMITANDO; em vão assopra o vento, a vela INCHANDO; viram ao longe dous navios brandamente c’os ventos NAVEGANDO, que respiram.” (Luís Vaz de Camões)

Perceba que já em Camões – nosso mestre dos mestres em língua portuguesa – encontrava-se o emprego do gerúndio em função adjetiva, já que os gerúndios acima

equivalem literalmente a “QUE IMITAM”, “QUE INCHA” e “QUE NAVEGAM”.

Por isso, não há razão para hoje se condenar o emprego do gerúndio em função atributiva, adjetiva. Deve-se, é certo, empregá-lo com parcimônia, com cuidado, para se evitarem construções esdrúxulas, estapafúrdias, esquisitas, do tipo “Vi uma mulher **tendo quarenta anos**” em vez de “Vi uma mulher **que tinha quarenta anos**”.

Vejamos outros exemplos do emprego correto do gerúndio em função adjetiva coletados em grandes escritores:

- “– Mas, Sr. José Dias, tenho visto os pequenos **brincando**, e nunca vi nada que faça desconfiar. Basta a idade.” (Machado de Assis)
- “Vieram ter a um vale, pelo qual atravessava a cavalo um donzel pequeno **chorando**.” (Morais *apud* Cláudio Brandão)
- “Os homens parecem-se com meninos **brigando** sobre a metade de uma maçã.” (Manuel Bernardes)
- “E o vendeiro empurrou a porta do fundo da estalagem, de onde escapou, como de uma panela **fervendo** que se destapa, uma baforada quente, vozeria tresandante à fermentação de suores e roupa ensaboada **secando** ao sol.” (Aluísio Azevedo)
- “...divergindo apenas no tamanho, tendo todas a mesma conformação, a mesma aparência de vegetais **morrendo**, quase sem troncos,...” (Euclides da Cunha)
- “O galope dos corcéis dá um som áspero de ferro **batendo** em pedra.” (A. Herculano)
- “O leitor, depois deste exórdio, espera encontrar uma lei **abolindo** a tortura.” (Camilo C. Branco)

7.5.2.2 Emprego inadequado do gerúndio – o gerundismo

Para a língua culta, o emprego desmedido – e desnecessário – do gerúndio constitui um erro grave, denominado de “gerundismo”. Estruturas como “vou estar ligando”, “você pode estar respondendo”, “irei estar resolvendo” constituem mal emprego desta forma nominal tão prestimosa em nossa língua. Nessas construções, o tempo da ação passa a ser um futuro contínuo, o que não é indicado para ações que são concluídas em um só ato.

Não que a construção “ir + estar + gerúndio” não possa ser usada. Ela sempre será legítima quando estiver atrelada a outra ação situada no tempo. Logo, construções do tipo “Quando o jogo estiver passando, eu vou estar dormindo” são plenamente possíveis e corretas. Igualmente corretas são as estruturas em que o gerúndio possa indicar ações duradouras, prolongadas no tempo, como, por exemplo, “Amanhã vai estar chovendo” ou “Amanhã vou estar trabalhando o dia todo.”

Observe agora dois exemplos:

- Fique tranquilo, pois eu **vou transmitir** sua solicitação para o nosso chefe. (emprego correto)
  Aqui se faz a referência à ação em si.

- Fique tranquilo, pois eu **vou estar transmitindo** sua solicitação para o nosso chefe. (emprego inadequado)
  Aqui se faz referência não somente à ação, mas também à duração (tempo) da ação. Transmite-se a ideia de que se vai buscar tempo para o cumprimento da ação.

7.5.3 O PARTICÍPIO

Literalmente, particípio é "a palavra que participa da natureza do adjetivo e do verbo". Esta definição explicita o caráter misto do particípio – possui natureza adjetival enquanto modificador de um nome; possui também natureza verbal, pois pode apresentar as flexões de voz, de modo, de tempo e de número próprias dos verbos.

↱ Natureza de adjetivo, pois se refere a um substantivo.

- Foram várias as pessoas **mortas** pelo furacão.

↳ Natureza verbal, pois apresenta as flexões próprias dos verbos.

7.5.3.1 O particípio circunstancial

À semelhança do gerúndio, o particípio pode funcionar como núcleo verbal em orações subordinadas adverbiais, expressando circunstâncias como as de "tempo, causa, condição, concessão". Neste caso, é denominado de "particípio circunstancial absoluto". Observe os exemplos abaixo:

- **Feita** a separação de corpos, as partes tomaram cada uma o seu rumo.
  particípio expressando circunstância de tempo

particípio expressando circunstância de causa

- "**Edificado** então o moço, se lançou aos pés do Santo e lhe pediu perdão." (Manuel Bernardes)

- "**Praticado** por outra pessoa, este ato não mereceria censura." (Cláudio Brandão)
  particípio expressando circunstância de condição

- **Feito** por artista de fama, este quadro não agradou aos que entendem de arte.
  particípio expressando circunstância de concessão

7.5.3.2 Emprego do particípio

Na língua portuguesa contemporânea, o particípio é empregado:

1) Para a formação de orações subordinadas adjetivas reduzidas. Neste caso, o particípio poderá ser desenvolvido com o uso dos pronomes relativos.

- "Era chegada a vigília dos dois Apóstolos S. Pedro e S. Paulo, tão **celebrados** na Cristandade." (Castilho)
- A porta da igreja, **aberta** com um violento impulso, rompeu-se em um dos lados.

2) Como simples adjetivo (adjetivo de base participial), modificando nomes com os quais concordará em gênero e número. Neste caso, o particípio indicará a passividade do nome modificado.

- mão **ferida**
- filhos **amados**
- meninos **queridos** pelos professores

⇨ **Observação:**

Por seu valor de adjetivo, os particípios passivos acima podem ser desdobrados em orações adjetivas de sentido passivo: "que foi ferida", "que são amados", "que são queridos".

3) Para a formação de tempos compostos da voz ativa com os verbos auxiliares "ter" e "haver". Neste caso, o particípio ativo permanecerá invariável.

- Nós teríamos **perecido** não fossem os avisos dos guias.
- Por segurança, eles haviam **deixado** os mantimentos no pé da montanha.
- Se eu soubesse que o filme seria aquele, eu teria **ido** ao cinema.

4) Para a formação de locuções verbais da voz passiva analítica. Geralmente as locuções são formadas com os verbos auxiliares "ser", "estar", "ficar" e "permanecer". Destes verbos auxiliares, o verbo "ser" é indiscutivelmente o mais usado para a formação da locução verbal da voz passiva.

- Durante a viagem, os aviões foram **atingidos** por vários relâmpagos.
- "Este amor foi **desprezado** e **ludibriado**, e, depois, **comprimido** pelo desprezo e pelo ludíbrio no fundo do coração do teu pobre amigo." (A. Herculano)
- Os retirantes vinham **fustigados** pelo sol, pela terra árida e seca.

⇨ **Observação:**

Conquanto haja a orientação de se empregar o particípio irregular com os verbos "ser" e "estar" para a formação de locuções verbais da voz passiva, o uso tem consagrado o emprego da forma regular do particípio para a formação da passiva. É o caso, por exemplo, dos particípios "imprimido, sujeitado, envolvido, ocultado".

5) Para a formação de orações adverbiais reduzidas. Nesse caso, se o verbo apresentar duplo particípio, usar-se-á tão somente a sua forma irregular. Observe:

- **Assinada** a escritura, o comprador imitiu-se na posse do imóvel.
- **Aceitas** as condições, assinou-se o contrato.
- **Feitas** as contas, constatou-se que havia um tremendo prejuízo.
- "**Entregue** a preocupações artísticas e religiosas, não atenta na desarmonia orgânica de uma sociedade prostituída pela mácula servil." (Rui Barbosa)

7.5.3.3 Verbos com duplo particípio

Há vários verbos em nossa língua que apresentam mais de uma forma para o particípio – são verbos abundantes. Ao lado da forma regular terminada em "-ado" ou "-ido", existe uma forma irregular (reduzida) ou anormal. Observe uma pequena amostra de verbos com duplo particípio.

Infinitivo do verbo	Particípio regular	Particípio irregular
aceitar	aceitado	aceito
acender	acendido	aceso
anexar	anexado	anexo
benzer	benzido	bento
dispersar	dispersado	disperso
eleger	elegido	eleito
emergir	emergido	emerso
encher	enchido	cheio
entregar	entregado	entregue
enxugar	enxugado	enxuto
erigir	erigido	ereto
expressar	expressado	expresso
exprimir	exprimido	expresso
expulsar	expulsado	expulso
extinguir	extinguido	extinto
frigir	frigido	frito
ganhar	ganhado	ganho
imergir	imergido	imerso
imprimir	imprimido	impresso
incluir	incluído	incluso

incorrer	incorrido	incurso
inserir	inserido	inserto
isentar	isentado	isento
limpar	limpado	limpo
matar	matado	morto
morrer	morrido	morto
ocultar	ocultado	oculto
omitir	omitido	omisso
pagar	pagado	pago
pegar	pegado	pego
prender	prendido	preso
romper	rompido	roto
salvar	salvado	salvo
secar	secado	seco
segurar	segurado	seguro
soltar	soltado	solto
submergir	submergido	submerso
suspender	suspendido	suspenso
tingir	tingido	tinto
vagar	vagado	vago

⇨ Observações:

a) Não raro o usuário da língua se deparar com questões do tipo: “Eu tinha aceitado (ou aceito??) o emprego se...”. Para dirimir tal celeuma, vale aprovisionar a seguinte regra: emprega-se o particípio regular com os verbos “ter” e “haver” para a formação de tempos compostos da voz ativa. Já as formas irregulares, quando existem, são empregadas para a formação das locuções verbais da voz passiva.

Observe:

↱ *particípio regular*

- A polícia tem **matado** muitos bandidos no Rio de Janeiro.

↳ *formação de tempo composto da voz ativa*

↱ *particípio irregular*

- Muitos bandidos foram mortos pela polícia no Rio de Janeiro.

↳ *formação de locução verbal da voz passiva*

- "Da civilização romana elas não haviam **aceitado** senão a cultura intelectual e as sublimes teorias morais do cristianismo." (A. Herculano)
- "A mulata convidou-os logo a comer um bocado e beber um trago. A proposta foi **aceita** alegremente." (Aluísio Azevedo)
- "Contam que, em rapaz, foi **aceito** de muitas damas, além de partidário exaltado." (Machado de Assis)
- "Houve mais; supondo que ela o tivesse **aceitado** e casassem, pensava agora no esplêndido enterro que lhe faria." (Machado de Assis)

b) Alguns particípios regulares – *fazido, abrido, cobrido, pagado,* por exemplo – caíram em desuso, sendo hoje usadas, tanto para a voz ativa quanto para a voz passiva, as suas formas irregulares – *feito*, *aberto*, *coberto* e *pago*.

- Ele tem **feito** grandes obras no interior. (ativa)
- Grandes obras foram **feitas** no interior. (passiva)

c) Os particípios irregulares são formas "contratas". Muitas destas formas são usadas hoje, consoante já se disse, como meros adjetivos: trem "***expresso***", homem "***cego***", mata "***densa***", carga "***pensa***", roupa "***seca***", vinho "***tinto***".

d) Alguns verbos, especialmente da 2.ª e da 3.ª conjugação, nunca tiveram a forma regular de particípio, apresentando apenas a forma irregular. É o caso, por exemplo, de "*dizer / dito, escrever / escrito, vir / vindo*". Os derivados desses verbos, portanto, só possuem naturalmente o particípio irregular: "*desdito, reescrito, provindo*".

e) Em alguns casos, mesmo o verbo apresentando um particípio regular e outro irregular, uma das formas tende a se consolidar pelo uso, tornando a outra arcaica, obsoleta. Podemos citar como exemplos os particípios *"eleito, enchido, envolvido, ocultado, pago, secado, suprimido"* que hoje são empregados tanto para construções da voz ativa quanto para construções da voz passiva. Veja:

- "Uma noite, como o rei examinasse alguns papéis do Estado, perguntou-lhe ela se os impostos eram **pagos** com pontualidade. (Machado de Assis)"
- "É que Pombinha, orçando aliás pelos dezoito anos, não tinha ainda **pago** à natureza o cruento tributo da puberdade,..." (Aluísio Azevedo)

- “A noite tinha estendido o seu manto: as estrelas cintilavam no firmamento, grossas nuvens haviam **ocultado** a face da lua.” (Cassimiro de Abreu)
- “...mas se [os gritos] eram abafados, não eram **suprimidos**, e em certos casos, o próprio objeto da experiência exigia que a emissão da voz fosse franca....” (Machado de Assis)

7.5.3.4 Particípio passivo de sentido ativo

Em algumas situações, os particípios assumem sentido ativo, a despeito de apresentarem as flexões típicas da voz passiva. Quando isto ocorre, diz-se que o particípio é **depoente**, isto é, com forma passiva e significação ativa. Observe:

- Ela é uma mulher **agradecida**. → Isto é “Ela é uma mulher que agradece”.
- Ele é um menino **atrevido**. → Isto é “Ele é um menino que se atreve”.
- Ele é um homem **ocupado**. → Isto é “Ele é um homem que se ocupa.”
- É um rapaz **esforçado**. → Isto é “É um rapaz que se esforça.”
- Tem uma filha **parecida** com ele. → Isto é “Tem uma filha que se parece com ele”.
- São crianças **sabidas**. → Isto é “São crianças que sabem muito.”
- São pessoas **comedidas**. → Isto é “São pessoas que têm comedimento.”
- Assumiram atitudes **dissimuladas**. → Isto é “Assumiram atitudes que dissimulam.”

7.6 CLASSIFICAÇÃO MORFOLÓGICA DOS VERBOS

São vários os critérios para a classificação morfológica dos verbos. Estudaremos os principais.

7.6.1 QUANTO À TERMINAÇÃO

Os verbos podem ser de 1.ª CONJUGAÇÃO, de 2.ª CONJUGAÇÃO e de 3.ª CONJUGAÇÃO.

1. São de 1.ª conjugação os verbos que apresentam infinitivo em “AR”. São exemplos de verbos de 1.ª conjugação “amar, falar, bebericar, matar, calar, farfalhar”.
2. São de 2.ª conjugação os verbos que apresentam infinitivo em “ER”. São exemplos de verbos de 2.ª conjugação “beber, fenecer, ler, amanhecer, dever”.
3. São de 3.ª conjugação os verbos que apresentam infinitivo em “IR”. São exemplos de verbos de 3.ª conjugação “partir, falir, partir, combalir, embair, cair”.

⇨ **Observação:**

O verbo “pôr”, em virtude de sua etimologia “poer”, pertence à 2.ª conjugação.

7.6.2 QUANTO À FLEXÃO OU À CONJUGAÇÃO

Os verbos podem ser REGULARES, IRREGULARES, DEFECTIVOS, ABUNDANTES e PRONOMINAIS.

1. **Verbo regular** é aquele cujo tema permanece invariável, e a terminação se flexiona de acordo com um tipo geral ou modelo da conjugação, chamado de “paradigma da conjugação.” Como exemplos de verbos regulares, podemos citar: andar, cantar, falar (1.ª conjugação); beber, comer, viver (2.ª conjugação); partir, dividir, produzir (3.ª conjugação).

2. **Verbo irregular** é aquele que não segue o paradigma regular de sua conjugação. O verbo irregular se caracteriza por sofrer alterações em seu tema na sua conjugação. Podemos citar como exemplos de verbos irregulares os verbos “perder, dormir, ter, trazer” etc.

⇨ **Observação:**

Há dois verbos irregulares na língua portuguesa que, em virtude das profundas mudanças por que passam em suas conjugações, recebem a denominação especial de “**anômalos**”. São os verbos “ser” e “ir”, pois apresentam formas como “sou, fui, era, serei, for” etc.

3. **Verbo defectivo** é aquele que não apresenta todos os modos, tempos ou pessoas próprios dos verbos. Como o próprio nome já diz, é o verbo que apresenta algum “defeito” em sua conjugação. Podemos citar como exemplo de verbos defectivos “precaver, reaver, demolir, falir, prazer, florir, soer, abolir, ruir, carpir, adir, adequar” etc.

⇨ **Observação:**

Os verbos defectivos serão estudados em parte específica, um pouco mais à frente.

4. **Verbo abundante** é aquele que apresenta mais de uma forma de conjugação para certos tempos, modos ou pessoas. Geralmente, esta abundância se dá no particípio – o qual já foi objeto de estudo. Raros são os verbos que apresentam abundância fora da forma participial. Podemos citar à guisa de exemplo os verbos “construir” (apresenta as formas “construís” ou “constróis”) e “comprazer” (apresenta as formas “comprazi-me e comprouve-me”).

⇨ **Observação:**

Para estudar um pouco mais sobre os verbos abundantes, sugerimos que revise o tópico

"verbos com duplo particípio".

5. **Verbo pronominal** é aquele que só é conjugado com o auxílio de um pronome pessoal oblíquo, átono. Os pronominais são divididos em:
   a) **Essencialmente pronominais** (são sempre conjugados com o pronome oblíquo): "arrepender-se, queixar-se, dignar-se, abster-se, apoderar-se, suicidar-se, ausentar-se, atrever-se, comportar-se".
   b) **Acidentalmente pronominais** (aqueles que podem ser conjugados com ou sem o auxílio do pronome oblíquo): "ajuntar-se, matar-se, atribuir-se, lembrar-se, debater-se, enganar-se, pentear-se, destinar-se, defender-se".

⇨ **Observação:**

Veja um pouco mais à frente a conjugação de um verbo pronominal.

7.6.3 QUANTO À FUNÇÃO

Os verbos são classificados em AUXILIARES, PRINCIPAIS e VICÁRIOS.

1. **Verbo auxiliar** é aquele que, empregado ao lado de uma forma nominal do verbo (infinitivo, gerúndio ou particípio), formará as locuções verbais e os tempos compostos. Ademais, é o verbo auxiliar que receberá as flexões de tempo, número e pessoa, uma vez que o verbo principal se encontra em uma forma cristalizada (infinitivo, gerúndio ou particípio). Frequentemente, funcionam como auxiliares os verbos "**ser**, **estar**, **ter** e **haver**". Entretanto, outros verbos podem funcionar como auxiliares, como os verbos "**ir**, **dever**, **poder**, **querer**, **andar**" etc.

- **tenho** feito
- **estávamos** saindo
- **vai** sair
- **hão** de comprar
- **fui** ferido

2. **Verbo principal** é, como o próprio nome já o diz, aquele de significação plena e que funciona como núcleo de uma oração. Geralmente, a noção de verbo principal se sobressai quando se fala em locuções verbais e em tempos compostos, já que estas construções perifrásticas são necessariamente formadas por um verbo auxiliar e um verbo principal.

- **Jogarei** bola amanhã.
- Hei de **levar** o produto ainda hoje.
- **Chegaremos** cedo.

3. **Verbo vicário é aquele empregado em lugar de outro verbo anteriormente enunciado para se evitar sua repetição. É um poderoso recurso de coesão textual, pois torna o texto conciso e elegante. Geralmente são empregados como vicários**

os verbos “ser” e “fazer”.

- Deveria entregar o processo até as 17h, mas não o **fez**.
- Quase sempre ele não estudava. Quando o **fazia**, **era** para obter alguma vantagem do pai.

7.6.4 QUANTO À SIGNIFICAÇÃO OU AO ASPECTO (SENTIDO EXPRESSO)

Os verbos podem ser classificados em IMITATIVOS, FREQUENTATIVOS ou ITERATIVOS, INCOATIVOS, AUMENTATIVOS e DIMINUTIVOS.

1. **Verbos imitativos** (chamados também de onomatopaicos) são aqueles que expressam a própria ação dos nomes de que derivam. Observe:

- balançar, balancear → de balança
- serpentear → de serpente
- latinizar → de latim
- patinhar → de pato
- engatinhar → de gato
- judiar → de judeu
- corvejar → de corvo
- gralhar → de gralha

2. **Verbos frequentativos** (chamados também de iterativos) são aqueles que exprimem ação repetida, frequente, reiterada. São verbos geralmente derivados de nomes e até mesmo de verbos com as terminações “-ejar, -ear, -itar, -inhar”. Vejamos alguns:

- bravejar → de bravo
- doidejar → de doido
- estalejar → de estalar
- bordejar → de bordo
- cabecear → de cabeça
- pestanejar → de pestana
- saltitar, saltear → de saltar
- passear → de passar
- cravejar → de cravar
- almejar → de alma

3. **Verbos incoativos** são aqueles que indicam o início de uma ação ou de um estado. Observe alguns:

- alvorecer → de alvo
- enraivecer → de raiva
- amarelecer → de amarelo
- amanhecer → de manhã
- começar → de começo
- esclarecer → de claro
- iniciar → de início
- envelhecer → de velho
- florescer → de flor
- madurar → de maduro

4. **Verbos aumentativos** são verbos derivados cuja significação é aumentada ou avivada para mais, geralmente com o auxílio de prefixos.

- recontar → de contar
- esmurraçar → de esmurrar
- estrondear → de estrondar
- rever → de ver
- repousar → de pousar
- recrescer → de crescer
- ressoar → de soar
- tressuar → de suar

5. **Verbos diminutivos** são verbos derivados cuja significação é aumentada ou avivada para menos, geralmente com o emprego de sufixos. Tais verbos transmitem nítida significação de diminuição, de atenuação.

- adocicar → de adoçar
- bebericar → de beber
- chuviscar → de chover
- cuspinhar → de cuspir
- lambiscar → de lamber
- namoricar → de namorar
- mordiscar → de morder
- saltitar → de saltar

7.6.5 QUANTO À FORMAÇÃO

Os verbos são classificados em PRIMITIVOS e DERIVADOS.

1. **Verbo primitivo** é aquele que não foi formado por nenhum outro verbo preexistente.

- pôr
- cantar
- ter
- ver
- vir

2. **Verbo derivado** é aquele que foi formado a partir de outro verbo preexistente.

- depor
- encantar
- deter
- rever
- provir

7.6.6 QUANTO À PRESENÇA OU NÃO DE UM SUJEITO

Os verbos são classificados em PESSOAIS, UNIPESSOAIS e IMPESSOAIS.

1. **Verbo pessoal** é aquele que apresenta sujeito, quer este seja explícito, quer seja implícito.

- **Iremos** à casa da vovó.
  sujeito = nós
- Os rapazes **sairão** hoje à noite.
  sujeito = os rapazes
- **Nadei** por vários minutos.
  sujeito = eu

2. **Verbo unipessoal** é aquele que praticamente só é usado na 3.ª pessoa, ora do singular,

ora do plural, pois o seu sujeito é necessariamente da 3.ª pessoa. São unipessoais todos os verbos que indicam vozes de animais, como “grunhir, cacarejar, latir, miar, piar” etc. Outros verbos também se apresentam na forma unipessoal, como os verbos “prazer e doer”.

3. **Verbo impessoal** é aquele que não possui sujeito para que com este concorde. Por convenção, os verbos impessoais são sempre empregados na 3.ª pessoa do singular. São impessoais, por exemplo, todos os verbos que indicam fenômenos da natureza, como “chover, ventar, relampejar, gear” etc. Outro caso bastante conhecido é o do verbo HAVER no sentido de “existir, acontecer, ocorrer, realizar-se” e do verbo “fazer” quando indica tempo decorrido.

⇨ **Observação:**

Para aprofundar o conhecimento sobre os verbos impessoais, sugerimos que estude, em sintaxe, o tópico sobre as orações sem sujeito.

7.7 VERBOS DEFECTIVOS

Como já mencionamos, verbos defectivos (latim “defectum” = defeituoso, deficiente) são aqueles que não apresentam conjugação completa, pois, em virtude de alguns fatores, tais verbos são faltantes em modos, tempos e pessoas.

Na língua portuguesa, são defectivos os seguintes verbos e/ou grupos verbais:

1. **Todos os verbos impessoais** – verbos que não apresentam sujeito e, portanto, só são empregados, por convenção, na 3.ª pessoa do singular. São denominados de “verbos defectivos impessoais”.

Convém a esta altura salientar que a defectividade, na língua portuguesa, não é só em relação à ausência do modo, do tempo ou da pessoa por parte de um verbo, mas ela se dá também em relação ao emprego do verbo. Se prestarmos atenção, perceberemos que o verbo HAVER é conjugado em todos os modos, tempos e pessoas. Entretanto, quando é empregado no sentido de “existir, ocorrer, realizar-se, acontecer”, só pode ser usado na 3.ª pessoa do singular. Por isso, diz-se que a impessoalidade é um caso de defectividade na língua portuguesa.

2. **Todos os verbos unipessoais** – verbos que, por situações especiais, são conjugados tão somente na 3.ª pessoa do singular ou do plural. Isso ocorre frequentemente com os verbos “convir, acontecer, doer, ocorrer, suceder, importar, constar” e com os verbos que indicam sons dos animais, como “latir, miar, grunhir, mugir, relinchar, cacarejar, silvar, grugulejar etc.”.

3. **Verbos que, por questões fonéticas (podem provocar confusão com as formas de outro verbo ou apresentam uma sonoridade reprovável), não apresentam a 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo, nem o presente do subjuntivo. Tais verbos só apresentam as pessoas "tu" e "vós" no imperativo afirmativo, já que o imperativo negativo para eles inexiste.** Pertencem a este grupo os verbos "abolir, banir, carpir (capinar, arrancar), colorir, delinquir, delir (apagar, esvanecer), demolir, exaurir (esgotar, acabar), extorquir, florir, fulgir (brilhar, resplandecer), jungir (juntar, unir, ligar), retorquir (argumentar contrariamente, replicar), soer (costumar, acontecer com frequência), urgir (ser urgente), tinir (soar)".

Observe o fenômeno da defectividade com o verbo "abolir":

PRESENTE DO INDICATIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO	IMPERATIVO	
		AFIRMATIVO	NEGATIVO
–	–	–	–
aboles	–	**abole**	–
abole	–	–	–
abolimos	–	–	–
abolis	–	**aboli**	–
abolem	–	–	–

4. **Verbos que, por questões fonéticas (podem provocar confusão com as formas de outro verbo ou apresentam uma sonoridade reprovável), não apresentam as três pessoas do singular e a 3.ª pessoa do plural do presente de indicativo, nem o presente do subjuntivo. No imperativo afirmativo, só apresentam o "vós". Inexiste, por conseguinte, o imperativo negativo.** Pertencem a este grupo os verbos "precaver, aguerrir, adequar, empedernir (petrificar), remir (resgatar), fornir (abastecer, prover), falir, embair (iludir, seduzir), adir (acrescentar, adicionar), renhir (disputar, pleitear)".

Observe a conjugação defectiva do verbo "precaver".

PRESENTE DO INDICATIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO	IMPERATIVO	
		AFIRMATIVO	NEGATIVO
–	–	–	–
–	–	–	–
–	–	–	–
precavemos	–	–	–
precaveis	–	**precavei**	–
–	–	–	–

5. **O verbo REAVER.** Este verbo é inteiramente derivado do verbo HAVER, mas só se conjuga nas formas em que o seu primitivo apresenta a letra "V". No presente do indicativo só apresenta a 1.ª e 2.ª pessoas. Logo, não apresenta nenhuma forma do presente do subjuntivo. No imperativo afirmativo, só possui a 2.ª pessoa do plural.

Observe:

PRESENTE DO INDICATIVO DO VERBO "HAVER"	PRESENTE DO INDICATIVO DO VERBO "REAVER"	IMPERATIVO DO VERBO "REAVER"	
		AFIRMATIVO	NEGATIVO
hei	–	–	–
hás	–	–	–
há	–	–	–
havemos	**reavemos**	–	–
haveis	**reaveis**	**reavei**	–
hão	–	–	–

⇨ Observação:

Convém salientar que o verbo reaver apresenta os demais tempos. Observe abaixo toda a conjugação do verbo REAVER:

Reaver

INDICATIVO					
Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro do Presente	Futuro do Pretérito	Pretérito Perfeito	Pretérito mais-que-perfeito
-	reavia	reaverei	reaveria	reouve	reouvera
-	reavias	reaverás	reaverias	reouveste	reouveras
-	reavia	reaverá	reaveria	reouve	reouvera
reavemos	reavíamos	reaveremos	reaveríamos	reouvemos	reouvéramos
reaveis	reavíeis	reavereis	reaveríeis	reouvestes	reouvéreis
-	reaviam	reaverão	reaveriam	reouveram	reouveram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro		Infinitivo flexionado	Gerúndio
-	reouvesse	reouver	-	reaver	reavendo
-	reouvesses	reouveres	-	reaveres	

-	reouvesse	reouver	-	reaver	**Particípio**
-	reouvéssemos	reouvermos	-	reavermos	reavido
-	reouvésseis	reouverdes	reavei	reaverdes	
-	reouvessem	reouverem	-	reaverem	

⇨ Observações gerais sobre os verbos defectivos:

1. O verbo "computar", a despeito de ser classificado como verbo regular pelo dicionário Houaiss, é considerado pela maioria dos estudiosos da língua portuguesa como "defectivo" em virtude de sua péssima sonoridade. E, de fato, é assim que ele deve ser classificado, pois ninguém em sã consciência diria "eu computo", "tu computas", "ele computa".

2. O verbo "viger", bastante usado no meio jurídico, é defectivo, pois só é conjugado nas formas em que ao "G" segue-se a letra "E". Portanto, tal verbo não apresenta a 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo "eu vijo". Consequentemente, este verbo não apresentará os tempos derivados do presente do indicativo – presente do subjuntivo e, por conseguinte, o modo imperativo.

Presente do Indicativo

eu /
tu viges
ele vige
nós vigemos
vós vigeis
eles vigem

3. O problema da defectividade verbal deve ser suprido com o emprego de circunlóquios – verbos ou substantivos sinônimos ou de locuções verbais (construções perifrásticas). Observe abaixo algumas sugestões:

a) Eu sempre me **adapto** bem às novas situações. (para o lugar do verbo "adequar")
b) Eles sempre se **previnem** contra o sol. (para o lugar do verbo "precaver")
c) É importante que essas rosas **floresçam** durante o inverno. (para o lugar do verbo "florir")
d) Ele **está abolindo** o fumo de sua vida. (locução com o verbo "abolir")
e) Eu **destruo** tudo o que pode me causar mal. (para o lugar do verbo "demolir")

f) Nós queremos que ele **recupere** o dinheiro perdido. (para o lugar do verbo “reaver”)

7.8 PARADIGMAS DE CONJUGAÇÃO VERBAL – CONJUGAÇÃO DE DIVERSOS VERBOS

Sem dúvida, aqui está uma parte da gramática normativa que merece toda a sua atenção. Frequentemente, os concursos cobram dos candidatos a correta conjugação de vários verbos. Portanto, vamos ao conteúdo abaixo. Uma sugestão: estude aos poucos e não se desespere com a quantidade de detalhes. Procure aprovisionar as informações aos poucos. Algumas são essenciais, outras, nem tanto.

Procuramos abaixo selecionar os principais verbos que apresentam dificuldades em suas conjugações.

7.8.1 CONJUGAÇÃO DOS VERBOS AUXILIARES “SER, ESTAR, TER E HAVER”

Ser

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
sou	era	serei	seria	fui	fora
és	eras	serás	serias	foste	foras
é	era	será	seria	foi	fora
somos	éramos	seremos	seríamos	fomos	fôramos
sois	éreis	sereis	seríeis	fostes	fôreis
são	eram	serão	seriam	foram	foram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
seja	fosse	for	–	ser	sendo
sejas	fosses	fores	sê	seres	
seja	fosse	for	seja	ser	**Particípio**
sejamos	fôssemos	formos	sejamos	sermos	sido
sejais	fôsseis	fordes	sede	serdes	
sejam	fossem	forem	sejam	serem	

Estar

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
estou	estava	estarei	estaria	estive	estivera
estás	estavas	estarás	estarias	estiveste	estiveras
está	estava	estará	estaria	esteve	estivera
estamos	estávamos	estaremos	estaríamos	estivemos	estivéramos
estais	estáveis	estareis	estaríeis	estivestes	estivéreis
estão	estavam	estarão	estariam	estiveram	estiveram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
esteja	estivesse	estiver	–	estar	estando
estejas	estivesses	estiveres	está	estarem	
esteja	estivesse	estiver	esteja	estar	**Particípio**
estejamos	estivéssemos	estivermos	estejamos	estarmos	estado
estejais	estivésseis	estiverdes	estai	estardes	
estejam	estivessem	estiverem	estejam	estarem	

Ter

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
tenho	tinha	terei	teria	tive	tivera
tens	tinhas	terás	terias	tiveste	tiveras
tem	tinha	terá	teria	teve	tivera
temos	tínhamos	teremos	teríamos	tivemos	tivéramos
tendes	tínheis	tereis	teríeis	tivestes	tivéreis
têm	tinham	terão	teriam	tiveram	tiveram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**

tenha	tivesse	tiver	–	ter	tendo
tenhas	tivesses	tiveres	tem	teres	
tenha	tivesse	tiver	tenha	ter	**Particípio**
tenhamos	tivéssemos	tivermos	tenhamos	termos	tido
tenhais	tivésseis	tiverdes	tende	terdes	
tenham	tivessem	tiverem	tenham	terem	

Haver

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
hei	havia	haverei	haveria	houve	houvera
hás	havias	haverás	haverias	houveste	houveras
há	havia	haverá	haveria	houve	houvera
havemos	havíamos	haveremos	haveríamos	houvemos	houvéramos
haveis	havíeis	havereis	haveríeis	houvestes	houvéreis
hão	haviam	haverão	haveriam	houveram	houveram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
haja	houvesse	houver	–	haver	havendo
hajas	houvesses	houveres	há	haveres	
haja	houvesse	houver	haja	haver	**Particípio**
hajamos	houvéssemos	houvermos	hajamos	havermos	havido
hajais	houvésseis	houverdes	havei	haverdes	
hajam	houvessem	houverem	hajam	haverem	

⇨ Observações importantes:

a) De forma excepcional, o verbo “ser” apresenta formas anômalas para o “tu” e o “vós”. Teremos, respectivamente, “sê” e “sede”, pois as segundas pessoas do imperativo do verbo SER foram tiradas de um antigo presente do verbo “SEER” (sees, seedes), do latim “SEDERE”.

7.8.2 CONJUGAÇÃO DE VERBOS DERIVADOS

Há um sem-número de verbos na língua portuguesa que são derivados de outros, ditos "primitivos". Frequentemente, cobra-se de um candidato a um concurso o conhecimento sobre a conjugação destes verbos. E, em virtude da fonia e da grafia esdrúxulas que alguns apresentam, muitos e frequentes são os erros. É preciso, portanto, ficar atento à regra: **a conjugação do verbo derivado segue a conjugação do seu verbo primitivo**. Logo, basta conjugar o verbo primitivo e lhe acrescentar o prefixo. Observe abaixo a conjugação do verbo "PROPOR", derivado do verbo "PÔR".

Propor

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
proponho	**pro**punha	**pro**porei	**pro**poria	**pro**pus	**pro**pusera
propões	**pro**punhas	**pro**porás	**pro**porias	**pro**puseste	**pro**puseras
propõe	**pro**punha	**pro**porá	**pro**poria	**pro**pôs	**pro**pusera
propomos	**pro**púnhamos	**pro**poremos	**pro**poríamos	**pro**pusemos	**pro**puséramos
propondes	**pro**púnheis	**pro**poreis	**pro**poríeis	**pro**pusestes	**pro**puséreis
propõem	**pro**punham	**pro**porão	**pro**poriam	**pro**puseram	**pro**puseram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
proponha	**pro**pusesse	**pro**puser	–	**pro**por	**pro**pondo
proponhas	**pro**pusesses	**pro**puseres	**pro**põe	**pro**pores	
proponha	**pro**pusesse	**pro**puser	**pro**ponha	**pro**por	**Particípio**
proponhamos	**pro**puséssemos	**pro**pusermos	**pro**ponhamos	**pro**pormos	**pro**posto
proponhais	**pro**puséssеis	**pro**puserdes	**pro**ponde	**pro**pordes	
proponham	**pro**pusessem	**pro**puserem	**pro**ponham	**pro**porem	

Perceba que toda a conjugação foi baseada no verbo "pôr", que é o seu primitivo. Semelhantemente, conjugam-se verbos como:

a) repor, depor, supor, dispor → derivados do verbo "pôr"
b) convir, intervir, advir, provir → derivados do verbo "vir".
c) ater-se, conter, reter, manter, deter → derivados do verbo "ter"

d) prever, rever, antever, circunver → derivados do verbo “ver”.

7.8.3 CONJUGAÇÃO DOS VERBOS TERMINADOS NOS HIATOS “-AIR, -OER, -UIR”

Estes verbos são interessantes porque frequentemente se veem empregadas formas como “possue, restitue, constitue, róe”. Ora, a 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo apresenta a desinência “i” e jamais “e”, como pensam alguns. Portanto, fique atento à conjugação de verbos como “sair, cair, abstrair, contrair, moer, roer, doer, remoer, possuir, construir, restituir, constituir etc.”.

Veja abaixo a conjugação do verbo “possuir”.

Possuir

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
possuo	possuía	possuirei	possuiria	possuí	possuíra
possuis	possuías	possuirás	possuirias	possuíste	possuíras
possui	possuía	possuirá	possuiria	possuiu	possuíra
possuímos	possuíamos	possuiremos	possuiríamos	possuímos	possuíramos
possuís	possuíeis	possuireis	possuiríeis	possuístes	possuíreis
possuem	possuíam	possuirão	possuiriam	possuíram	possuíram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo Flexionado**	**Gerúndio**
possua	possuísse	possuir	–	possuir	possuindo
possuas	possuísses	possuíres	possui	possuíres	
possua	possuísse	possuir	possua	possuir	**Particípio**
possuamos	possuíssemos	possuirmos	possuamos	possuirmos	possuído
possuais	possuísseis	possuirdes	possuí	possuirdes	
possuam	possuíssem	possuírem	possuam	possuírem	

7.8.4 CONJUGAÇÃO DE VERBOS IRREGULARES

São verbos que, como já se disse, não seguem um paradigma de conjugação. Sofrem, por isso, bruscas alterações em seus radicais. Abaixo, segue a conjugação de três verbos

irregulares: “pedir, caber e trazer”.

Pedir

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
peço	pedia	pedirei	pediria	pedi	pedira
pedes	pedias	pedirás	pedirias	pediste	pediras
pede	pedia	pedirá	pediria	pediu	pedira
pedimos	pedíamos	pediremos	pediríamos	pedimos	pedíramos
pedis	pedíeis	pedireis	pediríeis	pedistes	pedíreis
pedem	pediam	pedirão	pediriam	pediram	pediram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
peça	pedisse	pedir	–	pedir	pedindo
peças	pedisses	pedires	pede	pedires	
peça	pedisse	pedir	peça	pedir	**Particípio**
peçamos	pedíssemos	pedimos	peçamos	pedirmos	pedido
peçais	pedísseis	pedirdes	pedi	pedirdes	
peçam	pedissem	pedirem	peçam	pedirem	

Caber

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
caibo	cabia	caberei	caberia	coube	coubera
cabes	cabias	caberás	caberias	coubeste	couberas
cabe	cabia	caberá	caberia	coube	coubera
cabemos	cabíamos	caberemos	caberíamos	coubemos	coubéramos
cabeis	cabíeis	cabereis	caberíeis	coubestes	coubéreis
cabem	cabiam	caberão	caberiam	couberam	couberam

SUBJUNTIVO				FORMAS NOMINAIS	

Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro	IMPERATIVO AFIRMATIVO	Infinitivo flexionado	Gerúndio
caiba	coubesse	couber	–	caber	cabendo
caibas	coubesses	couberes	–	caberes	
caiba	coubesse	couber	–	caber	**Particípio**
caibamos	coubéssemos	coubermos	–	cabermos	cabido
caibais	coubésseis	couberdes	–	caberdes	
caibam	coubessem	couberem	–	caberem	

Trazer

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
tra**g**o	trazia	trarei	traria	trouxe	trouxera
trazes	trazias	trarás	trarias	trouxeste	trouxeras
traz	trazia	trará	traria	trouxe	trouxera
trazemos	trazíamos	traremos	traríamos	trouxemos	trouxéramos
trazeis	trazíeis	trareis	traríeis	trouxestes	trouxéreis
trazem	traziam	trarão	trariam	trouxeram	trouxeram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
tra**g**a	trouxesse	trouxer	–	trazer	trazendo
tra**g**as	trouxesses	trouxeres	traz/traze	trazeres	
tra**g**a	trouxesse	trouxer	tra**g**a	trazer	**Particípio**
tra**g**amos	trouxéssemos	trouxermos	tra**g**amos	trazermos	trazido
tra**g**ais	trouxésseis	trouxerdes	trazei	trazerdes	
tra**g**am	trouxessem	trouxerem	tra**g**am	trazerem	

7.8.5 CONJUGAÇÃO DE VERBOS PRONOMINAIS

São verbos especiais, porque necessariamente são conjugados com o auxílio de um pronome pessoal do caso oblíquo. São exemplos desses verbos “arrepender-se, queixar-se,

apiedar-se”.

Observe abaixo a conjugação do verbo “queixar-se”.

Queixar-se

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
queixo-me	queixava-me	queixar-me-ei	queixar-me-ia	queixei-me	queixara-me
queixas-te	queixavas-te	queixar-te-ás	queixar-te-ias	queixaste-te	queixaras-te
queixa-se	queixava-se	queixar-se-á	queixar-se-ia	queixou-se	queixara-se
queixamo-nos	queixávamo-nos	queixar-nos-emos	queixar-nos-íamos	queixamo-nos	queixáramo-nos
queixais-vos	queixáveis-vos	queixar-vos-eis	queixar-vos-íeis	queixastes-vos	queixáreis-vos
queixam-se	queixavam-se	queixar-se-ão	queixar-se-iam	queixaram-se	queixaram-se

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
me queixe	me queixasse	me queixar	–	queixar-me	queixando-se
te queixes	te queixasses	te queixares	queixa-te	queixares-te	
se queixe	se queixassem	se queixar	queixe-se	queixar-se	**Particípio**
nos queixemos	nos queixássemos	nos queixarmos	queixemo-nos	queixarmo-nos	se queixado
vos queixeis	vos queixásseis	vos queixardes	queixai-vos	queixardes-vos	
se queixem	se queixassem	se queixarem	queixem-se	queixarem-se	

⇨ **Observações**

Com as formas nominais não flexionadas, o pronome será da mesma categoria número-pessoal do sujeito.

7.8.6 CONJUGAÇÃO DOS VERBOS TERMINADOS NO HIATO “-EAR”

São verbos especiais, porque intercalam, por motivos fonéticos, um “i” intervocálico em sua desinência nas formas rizotônicas (presentes do indicativo e do subjuntivo, salvo nas pessoas “nós” e “vós” e no modo imperativo, exceto também nas pessoas “nós” e “vós”). Acompanhe abaixo a conjugação do verbo “nortear”. Observe o acréscimo do “i” nas formas rizotônicas.

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
norteio	norteava	nortearei	nortearia	norteei	norteara
norteias	norteavas	nortearás	nortearias	norteaste	nortearas
norteia	norteava	norteará	nortearia	norteou	norteara
norteamos	norteávamos	nortearemos	nortearíamos	norteamos	norteáramos
norteais	norteáveis	norteareis	nortearíeis	norteastes	norteáreis
norteiam	norteavam	nortearão	nortearíam	nortearam	nortearam

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
norteie	norteasse	nortear	–	nortear	norteando
norteies	norteasses	norteares	norteia	norteares	
norteie	norteasse	nortear	norteie	nortear	**Particípio**
norteemos	norteássemos	nortearmos	norteemos	nortearmos	norteado
norteeis	norteásseis	norteardes	norteai	norteardes	
norteiem	norteassem	nortearem	norteiem	nortearem	

Assim como “nortear”, conjugam-se os verbos “pentear, marear, enfear, cear, chatear, manusear, pleitear, sortear, homenagear, saborear, passear, nortear, veranear, arrear” e todos os outros finalizados em “-ear”.

7.8.7 CONJUGAÇÃO DOS VERBOS TERMINADOS NO HIATO “-IAR”

Todos os verbos terminados em “-iar” seguem o paradigma de conjugação para os verbos da 3.ª conjugação. Isto quer dizer que são regulares. Observe abaixo a conjugação do verbo “variar”.

Variar

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
vario	variava	variarei	variaria	variei	variara
varias	variavas	variarás	variarias	variaste	variaras

varia	variava	variará	variaria	variou	variara
variamos	variávamos	variaremos	variaríamos	variamos	variáramos
variais	variáveis	variareis	variaríeis	variastes	variáreis
variam	variavam	variarão	variariam	variaram	variaram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
varie	variasse	variar	–	variar	variando
varies	variasses	variares	varia	variares	
varie	variasse	variar	varie	variar	**Particípio**
variemos	variássemos	variarmos	variemos	variarmos	variado
varieis	variásseis	variardes	variai	variardes	
variem	variassem	variarem	variem	variarem	

⇨ Observação:

Seis verbos há em nossa língua, os quais fogem ao paradigma acima, pois intercalam um "E" eufônico nas formas rizotônicas. São eles: mediar, ansiar, remediar, incendiar, odiar e intermediar. Para decorá-los, memorize o anagrama M-A-R-I-O – I. Veja:

M ediar
A nsiar
R emediar
I ncendiar
O diar
I ntermediar

Observe agora a conjugação de um desses verbos:

Ansiar

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
ans**e**io	ansiava	ansiarei	ansiaria	ansiei	ansiara
ans**e**ias	ansiavas	ansiarás	ansiarias	ansiaste	ansiaras
ans**e**ia	ansiava	ansiará	ansiaria	ansiou	ansiara
ansiamos	ansiávamos	ansiaremos	ansiaríamos	ansiamos	ansiáramos

ansiais	ansiáveis	ansiareis	ansiaríeis	ansiastes	ansiáreis
ans**e**iam	ansiavam	ansiarão	ansiariam	ansiaram	ansiaram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
ans**e**ie	ansiasse	ansiar	–	ansiar	ansiando
ans**e**ies	ansiasses	ansiares	ans**e**ia	ansiares	
ans**e**ie	ansiasse	ansiar	ans**e**ie	ansiar	**Particípio**
ansiemos	ansiássemos	ansiarmos	ansi**e**mos	ansiarmos	ansiado
ansieis	ansiásseis	ansiardes	ansiai	ansiardes	
ans**e**iem	ansiassem	ansiarem	ans**e**iem	ansiarem	

7.8.8 CONJUGAÇÃO DE VERBOS TERMINADOS NOS HIATOS "-OAR" E "-UAR"

Tais verbos merecem destaque porque apresentam a letra "E" em todas as formas do presente do subjuntivo. São frequentes os erros ao se escrever "continui" e "abençoi", por exemplo.

Observe abaixo a conjugação do verbo "abençoar".

Abençoar

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
abençoo	abençoava	abençoarei	abençoaria	abençoei	abençoara
abençoas	abençoavas	abençoarás	abençoarias	abençoaste	abençoaras
abençoa	abençoava	abençoará	abençoaria	abençoou	abençoara
abençoamos	abençoávamos	abençoaremos	abençoaríamos	abençoamos	abençoáramos
abençoais	abençoáveis	abençoareis	abençoaríeis	abençoastes	abençoáreis
abençoam	abençoavam	abençoarão	abençoariam	abençoaram	abençoaram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
abençoe	abençoasse	abençoar	–	abençoar	abençoando
abençoes	abençoasses	abençoares	abençoa	abençoares	

abençoe	abençoasse	abençoar	abençoe	abençoar	**Particípio**
abençoemos	abençoássemos	abençoarmos	abençoemos	abençoarmos	abençoado
abençoeis	abençoásseis	abençoardes	abençoai	abençoardes	
abençoem	abençoassem	abençoarem	abençoem	abençoarem	

⇨ **Observação:**

Os verbos terminados em "-OAR", em virtude das novas regras propostas pelo Acordo Ortográfico de 1990, já não mais recebem acento circunflexo no hiato "OO", o qual se forma na 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo. Por isso, escreveremos corretamente "eu voo, eu abençoo, eu enjoo, eu roo etc.".

7.8.9 CONJUGAÇÃO DOS VERBOS "VER" E "VIR" NO FUTURO DO SUBJUNTIVO

Frequentemente, os concursos cobram o conhecimento sobre a distinção entre as conjugações dos verbos "ver" e "vir" no futuro do subjuntivo. De fato, é importante não se confundir: "quando ou se eu vir" dir-se-á para a 1.ª pessoa do singular do verbo "ver"; ao passo que se empregará "quando ou se eu vier" para a 1.ª pessoa do singular do verbo "vir". Seguem neste mesmo paradigma os verbos derivados desses dois verbos (rever, prever, provir, intervir etc.). Observe abaixo o futuro do subjuntivo dos verbos "ver" e "vir":

Futuro do Subjuntivo do verbo VER

eu	**vir**
tu	vires
ele	vir
nós	virmos
vós	virdes
eles	virem

Futuro do Subjuntivo do verbo VIR

eu	**vier**
tu	vieres
ele	vier
nós	viermos
vós	vierdes

eles vierem

7.8.10 OUTRAS PARTICULARIDADES GRÁFICAS E FONÉTICAS SOBRE VERBOS DA 1.ª CONJUGAÇÃO

1. Os verbos terminados em "**CAR**" (abarcar, alocar, clinicar, dedicar, emboscar etc.) mudam o "c" em "qu" antes de "E". Observe este fenômeno na conjugação do verbo **FICAR**.

Ficar

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
fico	ficava	ficarei	ficaria	fi**qu**ei	ficara
ficas	ficavas	ficarás	ficarias	ficaste	ficaras
fica	ficava	ficará	ficaria	ficou	ficara
ficamos	ficávamos	ficaremos	ficaríamos	ficamos	ficáramos
ficais	ficáveis	ficareis	ficaríeis	ficastes	ficáreis
ficam	ficavam	ficarão	ficariam	ficaram	ficaram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
fi**qu**e	ficasse	ficar	–	ficar	ficando
fi**qu**es	ficasses	ficares	fica	ficares	
fi**qu**e	ficasse	ficar	fi**qu**e	ficar	**Particípio**
fi**qu**emos	ficássemos	ficarmos	fi**qu**emos	ficarmos	ficado
fi**qu**eis	ficásseis	ficardes	ficai	ficardes	
fi**qu**em	ficassem	ficarem	fi**qu**em	ficarem	

2. Os verbos terminados em "**ÇAR**" (abraçar, adoçar, bagunçar, caçar, desembaçar etc.) perdem a cedilha antes de "E". Observe a conjugação do verbo **DISFARÇAR**. Perceba que este fenômeno se dá no presente do subjuntivo e no modo imperativo, nas formas derivadas daquele.

Disfarçar

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
disfarço	disfarçava	disfarçarei	disfarçaria	disfar**c**ei	disfarçara
disfarças	disfarçavas	disfarçarás	disfarçarias	disfarçaste	disfarçaras
disfarça	disfarçava	disfarçará	disfarçaria	disfarçou	disfarçara
disfarçamos	disfarçávamos	disfarçaremos	disfarçaríamos	disfarçamos	disfarçáramos
disfarçais	disfarçáveis	disfarçareis	disfarçaríeis	disfarçastes	disfarçáreis
disfarçam	disfarçavam	disfarçarão	disfarçariam	disfarçaram	disfarçaram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
disfar**c**e	disfarçasse	disfarçar	–	disfarçar	disfarçando
disfar**c**es	disfarçasses	disfarçares	disfarça	disfarçares	
disfar**c**e	disfarçasse	disfarçar	disfar**c**e	disfarçar	**Particípio**
disfar**c**emos	disfarçássemos	disfarçarmos	disfar**c**emos	disfarçarmos	disfarçado
disfar**c**eis	disfarçásseis	disfarçardes	disfarçai	disfarçardes	
disfar**c**em	disfarçassem	disfarçarem	disfar**c**em	disfarçarem	

3. Os verbos terminados em "**GAR**" (abrigar, achegar, advogar, afagar, comungar etc.) recebem "U" antes da letra "E". Observe a conjugação do verbo **CHEGAR** e verifique esta mudança.

Chegar

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
chego	chegava	chegarei	chegaria	cheg**u**ei	chegara
chegas	chegavas	chegarás	chegarias	chegaste	chegaras
chega	chegava	chegará	chegaria	chegou	chegara
chegamos	chegávamos	chegaremos	chegaríamos	chegamos	chegáramos
chegais	chegáveis	chegareis	chegaríeis	chegastes	chegáreis
chegam	chegavam	chegarão	chegariam	chegaram	chegaram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
chegue	chegasse	chegar	–	chegar	chegando
chegues	chegasses	chegares	chega	chegares	
chegue	chegasse	chegar	chegue	chegar	**Particípio**
cheguemos	chegássemos	chegarmos	cheguemos	chegarmos	chegado
cheguеis	chegásseis	chegardes	chegai	chegardes	
cheguem	chegassem	chegarem	cheguem	chegarem	

4. O verbo **CONSUMAR** (completar, acabar, terminar), muito usual no meio jurídico, segue normalmente o paradigma dos verbos da 1.ª conjugação. Observe abaixo:

Consumar

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
consumo	consumava	consumarei	consumaria	consumei	consumara
consumas	consumavas	consumarás	consumarias	consumaste	consumaras
consuma	consumava	consumará	consumaria	consumou	consumara
consumamos	consumávamos	consumaremos	consumaríamos	consumamos	consumáramos
consumais	consumáveis	consumareis	consumaríeis	consumastes	consumáreis
consumam	consumavam	consumarão	consumariam	consumaram	consumaram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
consume	consumasse	consumar	–	consumar	consumando
consumes	consumasses	consumares	consuma	consumares	
consume	consumasse	consumar	consume	consumar	**Particípio**
consumemos	consumássemos	consumarmos	consumemos	consumarmos	consumado
consumeis	consumásseis	consumardes	consumai	consumardes	
consumem	consumassem	consumarem	consumem	consumarem	

5. O verbo **AVERIGUAR** bem como os verbos ENXAGUAR, AGUAR, APANIGUAR, APAZIGUAR, APROPINGUAR, DESAGUAR, OBLIQUAR apresentam dois paradigmas de conjugação a partir do Acordo Ortográfico de 1990:

   a) Continuam com as formas rizotônicas igualmente acentuadas no "U", mas sem marca gráfica. Exemplo: *averiguo, averiguas, averigua; averigue, averigues, averigue, averiguem; enxaguo, enxaguas, enxagua, enxaguam; enxague, enxagues, enxague, enxaguem etc.*

   b) Apresentam as formas rizotônicas acentuadas fônica e graficamente nas vogais "a" e "i", presentes no radical. Exemplo: *averíguo, averíguas, averígua; averígue, averígues, averígue, averíguem; enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam; enxágue, enxágues, enxágue, enxáguem etc.*

7.8.11 OUTRAS PARTICULARIDADES GRÁFICAS E FONÉTICAS SOBRE VERBOS DA 2.ª CONJUGAÇÃO

1. Os verbos terminados em "**GER**" (constranger, desproteger, eleger, proteger, ranger etc.) mudam o "G" em "J" antes de "O e A". Observe a conjugação do verbo REGER e acompanhe esta alteração.

Reger

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
re**j**o	regia	regerei	regeria	regi	regera
reges	regias	regerás	regerias	regeste	regeras
rege	regia	regerá	regeria	regeu	regera
regemos	regíamos	regeremos	regeríamos	regemos	regêramos
regeis	regíeis	regereis	regeríeis	regestes	regêreis
regem	regiam	regerão	regeriam	regeram	regeram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro**		**Infinitivo flexionado**	**Gerúndio**
re**j**a	regesse	reger	–	reger	regendo
re**j**as	regesses	regeres	rege	regeres	
re**j**a	regesse	reger	re**j**a	reger	**Particípio**
re**j**amos	regêssemos	regermos	re**j**amos	regermos	regido

rejais	regêsseis	regerdes	regei	regerdes	
rejam	regessem	regerem	rejam	regerem	

2. O verbo **PERDER** muda o “D” em “C” antes de “O e A”. Observe abaixo:

Presente do Indicativo

eu	perco
tu	perdes
ele	perde
nós	perdemos
vós	perdeis
eles	perdem

Presente do Subjuntivo

eu	perca
tu	percas
ele	perca
nós	percamos
vós	percais
eles	percam

3. O verbo **VALER** muda o “L” em “LH” antes de “O e A”. Observe abaixo:

Presente do Indicativo

eu	valho
tu	vales
ele	vale
nós	valemos
vós	valeis
eles	valem

Presente do Subjuntivo

eu	va**lh**a
tu	va**lh**as
ele	va**lh**a
nós	va**lh**amos
vós	va**lh**ais
eles	va**lh**am

4. O verbo **DIZER** e seus derivados (contradizer, maldizer, predizer etc.) mudam o “Z” em “G” antes de “O e A”. Ademais, o verbo DIZER admite as formas “DIZE ou DIZ” para a 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo. Observe abaixo:

Presente do Indicativo

eu	di**g**o
tu	dizes
ele	diz
nós	dizemos
vós	dizeis
eles	dizem

Presente do Subjuntivo

eu	di**g**a
tu	di**g**as
ele	di**g**a
nós	di**g**amos
vós	di**g**ais
eles	di**g**am

5. Os verbos **DOER** e **PRAZER** são defectivos unipessoais. Só se conjugam na 3.ª pessoa. Observe abaixo:

Doer

INDICATIVO					

Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro do Presente	Futuro do Pretérito	Pretérito Perfeito	Pretérito mais-que-perfeito
–	–	–	–	–	–
–	–	–	–	–	–
dói	doía	doerá	doeria	doeu	doera
–	–	–	–	–	–
–	–	–	–	–	–
doem	doíam	doerão	doeriam	doeram	doeram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro		Infinitivo flexionado	Gerúndio
–	–	–	–	–	doendo
–	–	–	–	–	
doa	doesse	doer	–	doer	Particípio
–	–	–	–	–	doído
–	–	–	–	–	
doam	doessem	doerem	–	doerem	

Prazer

INDICATIVO					
Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro do Presente	Futuro do Pretérito	Pretérito Perfeito	Pretérito mais-que-perfeito
–	–	–	–	–	–
–	–	–	–	–	–
praz	prazia	prazerá	prazeria	prouve	prouvera
–	–	–	–	–	–
–	–	–	–	–	–
prazem	praziam	prazerão	prazeriam	prouveram	prouveram

SUBJUNTIVO			IMPERATIVO AFIRMATIVO	FORMAS NOMINAIS	
Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro		Infinitivo flexionado	Gerúndio
–	–	–	–	–	prazendo
–	–	–	–	–	

praza	prouvesse	prouver	praza	prazer	**Particípio**
–	–	–	–	–	prazido
–	–	–	–	–	
prazam	prouvessem	prouverem	prazam	prazerem	

⇨ **Observação:**

Os verbos “doer-se” (pronominal) e aprazer (derivado do verbo “prazer”) apresentam conjugação completa.

7.8.12 OUTRAS PARTICULARIDADES GRÁFICAS E FONÉTICAS SOBRE VERBOS DA 3.ª CONJUGAÇÃO

1. Os verbos terminados em “**GIR**” (adstringir, coagir, divergir, erigir, fugir, infligir etc.) trocam o “G” em “J” antes de “O e A”. Observe abaixo:

Presente do Indicativo

eu	divir**j**o
tu	diverges
ele	diverge
nós	divergimos
vós	divergis
eles	divergem

Presente do Subjuntivo

eu	divir**j**a
tu	divir**j**as
ele	divir**j**a
nós	divir**j**amos
vós	divir**j**ais
eles	divir**j**am

2. Os verbos PEDIR, IMPEDIR, EXPEDIR, DESPEDIR, MEDIR mudam o “D” em “Ç” antes

de “O e A”. Observe abaixo:

Presente do Indicativo

eu	peço
tu	pedes
ele	pede
nós	pedimos
vós	pedis
eles	pedem

Presente do Subjuntivo

eu	peça
tu	peças
ele	peça
nós	peçamos
vós	peçais
eles	peçam

3. Os verbos terminados em “**-ingir**” (atingir, cingir, constringir, infringir, tingir etc.) mudam o “G” em “J” antes das vogais “A e O”. Observe abaixo a conjugação do verbo **FINGIR** e constate essa mudança.

Fingir

INDICATIVO					
Presente	**Pretérito Imperfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito mais-que-perfeito**
finjo	fingia	fingirei	fingiria	fingi	fingira
finges	fingias	fingirás	fingirias	fingiste	fingiras
finge	fingia	fingirá	fingiria	fingiu	fingira
fingimos	fingíamos	fingiremos	fingiríamos	fingimos	fingíramos
fingis	fingíeis	fingireis	fingiríeis	fingistes	fingíreis
fingem	fingiam	fingirão	fingiriam	fingirem	fingiram
SUBJUNTIVO				**FORMAS NOMINAIS**	

Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro	IMPERATIVO AFIRMATIVO	Infinitivo flexionado	Gerúndio
finja	fingisse	fingir	–	fingir	fingindo
finjas	fingisses	fingires	finge	fingires	
finja	fingisse	fingir	finja	fingir	**Particípio**
finjamos	fingíssemos	fingirmos	finjamos	fingirmos	fingido
finjais	fingísseis	fingirdes	fingi	fingirdes	
finjas	fingissem	fingirem	finjam	fingirem	

7.9 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (MPE-SP) Passando a frase – Ele não só **criou** aqui o primeiro observatório astronômico das Américas, como **trouxe** cientistas – para o futuro do presente, os verbos destacados assumem, respectivamente, as seguintes formas:

a) criava – trazia
b) criaria – traria
c) criará – trará
d) criará – trazerá
e) criara – trouxera

2. (MPE-SP) Assinale a alternativa correta quanto à correlação dos tempos verbais, de acordo com a norma culta.

a) Se todos estiverem de acordo, eles deixaram a reunião para a semana seguinte.
b) Logo que você perceber o clima de tensão, não teria agido daquela maneira.
c) Seria melhor que elas examinassem os documentos com o cuidado necessário
d) Quero que você dirige a tenção aos mais necessitados.
e) Caso me desencontrasse com ela, deixarei os livros com sua secretária.

3. (TER-RO) Observe a frase:

Se tu _____ que os eleitores chegam para votar, _____ a porta e _____-os entrar.
A opção que completa corretamente a frase é:

a) veres / abre / deixa
b) veres / abra / deixe
c) vires / abra / deixa

d) vires / abre / deixa
e) virdes / abri / deixai

4. (CESPE-MPU) Seguindo as normas gramaticais da língua culta, a sugestão “Seja trabalhador e você também será venturoso”, se for expressa na terceira pessoa do plural, tornar-se-á:

a) Sede trabalhadores e vós também sereis venturosos.
b) Sejam trabalhadores e vós também sejais venturosos.
c) Sê trabalhadores e vocês também serão venturosos.
d) Sejam trabalhadores e vocês também serão venturosos.
e) Sejais trabalhadores e vocês também serão venturosos.

5. (TRE-MT) Só está **correta** a forma verbal destacada na frase:

a) Embora ele **esteje** indicado, o Senado ainda o aprovou.
b) Ele **passeiava** diariamente no parque.
c) Quando eles **trouxerem** a permissão, poderão entrar.
d) Se **mantermos** as posições, o inimigo não avançará.
e) Os deputados se **entretiam** com esses discursos.

6. (ALERJ/FESP) “Pois bem, como já disse, o vírus...”

O verbo **dizer** *aparece corretamente conjugado na frase acima. Há* **erro** *na conjugação desse mesmo verbo na seguinte frase:*

a) Dize-me com quem andas e eu te direi quem és.
b) Você dizer que está doente, não acredito.
c) O médico dizia tudo o que sabia sobre a AIDS.
d) Ele queria que eu dissesse onde você estava.
e) É preciso que você diga a verdade.

7. (TRT-ES) Nas frases abaixo, escreva (1) para as formas verbais corretas e (2) para as incorretas:

( ) Nós vimos ontem do pantanal.
( ) Vós rides de mim sem motivo.
( ) Mesmo assim tu me respondestes.
( ) Sempre requeiro os meus direitos.
( ) Esteje pronto às vinte e duas horas.

a) 2, 2,2, 1, 1

b) 1, 2, 1, 2, 1
c) 2, 1, 2, 1, 2
d) 1, 2, 2, 1, 2
e) 2, 1, 1, 2, 1

8. (TRF-RS) Considerando as formas verbais destacadas nas três frases abaixo, a opção com a correta classificação de tempos e modos é, respectivamente:

1. **Toma** *conta da minha bagagem, enquanto eu vou até ali.*
2. "Não **façais** *aos outros o que não quereis que vos façam."*
3. Os astrônomos negam que o Sol **gira** *em torno da Terra.*

a) presente do indicativo / presente do subjuntivo / presente do subjuntivo
b) imperativo afirmativo / imperativo negativo / presente do indicativo
c) imperativo afirmativo / imperativo negativo / presente do subjuntivo
d) imperativo afirmativo / presente do subjuntivo / presente do subjuntivo
e) presente do indicativo / imperativo negativo / presente do subjuntivo

9. (TRF-RJ) Das frases abaixo, a que contém **erro** na flexão verbal é:

a) O acidente ocorreu porque o Rui não conseguiu freiar o carro.
b) Se a comunidade nos provesse do equipamento de que necessitamos para prestar a ela mesma esse serviço, todos sairíamos ganhando.
c) Os espíritos se incendeiam toda vez que se fala em fazer justiça.
d) Se a associação se mantivesse coerente com sua própria doutrina, cresceria sua credibilidade.
e) Quem se interpuser entre o Ricardo e a Cristina não contará com o meu apoio.

10. (TRF-RJ) Considerando as formas verbais destacadas nas três frases abaixo, a opção com a correta classificação de tempos e modos é, respectivamente:

1. Pelo menos não **descumpra** *suas obrigações.*
2. Talvez **chova** *no final do dia.*
3. **Digita** *este documento, por gentileza, Teresinha.*

a) imperativo negativo / presente do subjuntivo / imperativo afirmativo
b) presente do subjuntivo / presente do subjuntivo / imperativo afirmativo
c) imperativo negativo / presente do subjuntivo / presente do indicativo
d) presente do subjuntivo / presente do subjuntivo / presente do indicativo
e) imperativo negativo / presente do indicativo / imperativo afirmativo

GABARITO

1 – C	2 – C	3 – D
4 – D	5 – C	6 – B
7 – C	8 – B	9 – A
10 – A		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 8

ADVÉRBIO

8.1 CONCEITO

É a classe de palavras invariáveis que, modificando um verbo, um adjetivo ou outro advérbio, transmitem-lhes alguma circunstância.

Veja alguns exemplos de advérbios e locuções adverbiais:

- "**Hoje** quatro braças de terra, **amanhã** seis, **depois** mais outras, ia o vendeiro conquistando todo o terreno que se estendia **pelos fundos da sua bodega**." (Aluísio Azevedo)
- "A parede oriental da igreja é o muro do quintal de um lado, mas as comunicações foram vedadas **provavelmente** quando a coroa alienou o palácio e o separou assim **perpetuamente** do templo." (A. Garrett)
- "Os meus doentes, senhora condessa, respondeu Carlos, não são **bastante** numerosos para formar uma quadrilha." (Eça de Queiroz)
- "Ao despedir-se da pupila, Lemos apertou-lhe a mão: – Desejo-lhe que seja **muito** e **muito** feliz." (José de Alencar)
- "A história repete-se. Antônio Conselheiro foi um gnóstico bronco. Veremos **mais longe** a exação do símile." (Euclides da Cunha)

⇨ **Observações:**

a) Em raros casos, encontramos advérbios modificando um substantivo e até mesmo uma preposição.

- "A sra. D. Josefa gostava muito do passeio ao pé do rio; até já ouvira dizer que nem em Lisboa havia coisa **assim**." (Eça de Queiroz)
- "Seu tio, naturalmente, lhe comunicara a criancice da prima, **pouco** antes de destinar-lhe a esposa." (Camilo Castelo Branco)

b) A maioria dos advérbios terminados em "-mente" deriva de adjetivos. Quando o

adjetivo apresenta formas diferentes para os dois gêneros, o sufixo adverbial "-mente" será acrescido à forma feminina do adjetivo.

- feliz → felizmente
- triste → tristemente
- fácil → facilmente
- fraternal → fraternalmente
- radical → radicalmente
- vaidoso → vaidosamente
- ameaçador → ameaçadoramente
- exclusivo → exclusivamente
- fortuito → fortuitamente
- prático → praticamente

c) É possível transformar muitas expressões e locuções em advérbios – geralmente de "modo" ou de "tempo" –, formados com o sufixo adverbial "-mente". Observe:

- O recurso foi interposto **fora do tempo**. → extemporaneamente, intempestivamente
- Ele aprendia as lições **pouco a pouco**. → gradativamente, paulatinamente
- Ele dança e canta **ao mesmo tempo**. → simultaneamente
- Naquele momento, agiste **com precipitação**. → precipitadamente
- O debate será transmitido **sem interrupção**. → ininterruptamente
- Resolveu a questão **com displicência**. → displicentemente
- Fez tudo **de propósito**. → propositadamente

8.2 CLASSIFICAÇÃO DOS ADVÉRBIOS

Os advérbios são classificados de acordo com a circunstância que expressam. Assim, podem ser classificados em:

a) **de afirmação:** sim, certamente.

b) **de dúvida:** talvez, quiçá, acaso, por ventura, provavelmente, eventualmente.

c) **de frequência:** diariamente, cotidianamente, semanalmente, mensalmente, sucessivamente, raramente, perpetuamente, constantemente etc.

d) **de intensidade (ou "de quantidade"):** muito, assaz, bastante, pouco, excessivamente, demasiadamente, profundamente, meio, todo, completamente, menos, mais, tanto, quão, quanto, quase, algo, bem, mal, apenas, demais, nada.

e) **de tempo:** ainda, agora, amanhã, dantes, cedo, tarde, hoje, logo, outrora, imediatamente, anteriormente, antigamente, posteriormente, depois, antes, precedentemente, então, sempre, ora, anteontem, entrementes, presentemente, atualmente, ainda, afinal, amiúde, nunca, jamais etc.

f) **de modo:** bem, mal, errado, tristemente (e muitos adjetivos adverbializados com o sufixo "-mente"), depressa, devagar, assim, adrede, debalde, melhor, pior etc.

g) **de negação:** não, nunca, jamais, nem, tampouco.

h) **de lugar:** abaixo, acima, arriba, aquém, além, aqui, aí, ali, cá, lá, acolá, avante, atrás, algures (= em algum lugar), alhures (= em outro lugar), nenhures (= em lugar algum), defronte, adiante, detrás, dentro, fora, longe, perto, onde.

⇨ **Observação:**

A classificação acima é tão somente para efeitos didáticos. Sem dúvida, há inúmeros advérbios que melhor se enquadrariam noutras classificações. É o caso dos advérbios "**adrede, intencionalmente, propositadamente, acinte**" que poderiam ser classificados como "advérbios de intenção".

8.3 LOCUÇÕES ADVERBIAIS

Frequentemente, os advérbios aparecem em português sob a forma locucional – são as denominadas "locuções adverbiais". Tais locuções são um conjunto de palavras, geralmente de núcleo substantivo e geralmente encabeçadas por uma preposição, com valor circunstancial. Como advérbios que são, tais locuções também modificam "verbos, adjetivos e outros advérbios".

Locuções adverbiais

à força, a giros, às cegas, a esmo, a farta, a granel, à porta, à revelia, a seu talante, a cavalo, ao deus dará, à toa, às pressas, a pé, a pique, ao revés, a seu tempo, ao longe, ao vivo, à noite, às tontas, às ocultas, às escondidas, às vezes, ao acaso, com certeza, de repente, de cabo a rabo, de improviso, de cor, de forma alguma, de propósito, de primeiro, de relance, de soslaio, de vez em quando, de sobreaviso, em verdade, de caso pensado, de passagem, de graça, de nenhum modo, de oitiva, entre a cruz e a espada, lado a lado, muitas vezes, nesse meio tempo, em breve, em vão, por atacado, por fora, em cima, por cima, para sempre, por um triz, pouco a pouco, senão quando, sem dúvida, dentro em pouco, ao contrário, passo a passo, pelo contrário, em breve, vez por outra etc.

Observe alguns exemplos:

- **Pela manhã**, costumo beber um pouco de água natural para melhorar o funcionamento intestinal.
- "E só agora notava que todos esses afagos eram sempre ocultos e assustados, feitos como que ilegalmente, **às escondidas**, e quase sempre acompanhados de choro." (Aluísio Azevedo)
- "E na Sé, ao sair da missa, regalar-se de a ver passar encolhida no seu mantelete preto, escorraçada de todos, enquanto ele, **à porta, de propósito**, conversaria com a mulher do governador civil." (Eça de Queiroz)
- "... já que a perfídia pode abrir as portas das nossas cidades aos africanos, sem que estes tenham de passar **por cima** dos cadáveres de seus irmãos, para se assenhorarem delas." (A. Herculano)

- “As seções avançadas ascendiam, porém, mais rápidas, pelas barrancas, conquistando o terreno, até que outra irrupção repentina do adversário lhes tomasse a frente, ou as aferrasse **de soslaio**.” (Euclides da Cunha)
- “O aventureiro apertou convulsivamente o cabo de sua faca, e fechando os olhos e dando um passo **às cegas**, ergueu a mão para desfechar o golpe.” (José de Alencar)

⇨ **Observações:**

a) Em muitas locuções adverbiais, ocorre a elipse do núcleo-substantivo. Observe:

- à direita → elipse do substantivo “mão”
- à esquerda → elipse do substantivo “mão”
- à francesa → elipse do substantivo “moda”
- ao natural → elipse do substantivo “modo”
- às cegas → elipse do substantivo “maneiras”
- à brasileira → elipse do substantivo “maneira”

b) É bastante comum a omissão da preposição nas locuções adverbiais de tempo.

- “Neste tempo, **que as âncoras levaram** Na sombra escura os Mouros escondidos Mansamente as amarras lhe cortavam, Por serem, dando à costa, destruídos.” → (Omissão da preposição “em” antes do relativo “que”)
(Camões *apud* Mário Barreto)
- “Natividade não dormiu **aquela noite** sem obter do marido que a deixasse ir com a irmã à cabocla.” (Machado de Assis) *omissão da preposição “em”*
- “Tem dias **que a gente se sente** → (Omissão da preposição “em”)
como quem partiu ou morreu.” (Chico Buarque)
- “Pouquíssimas palavras lhe ouvi na meia hora **que se deteve conosco**.” (Camilo Castelo Branco)
omissão da preposição “em”
- “Venho achar realizado aquele projeto em que eu te falei **a última vez que estivemos juntos**.” (A. F. de Castilho)
omissão da preposição “em”
- “**Uma noite que** ela se levantou a recebê-lo sem mais compostura que a que tinha na cama,...” (Manuel Bernardes)
- “**Uma noite**, estando à porta da loja de Manuel Procópio de Freitas, viu entrar um indivíduo, que procurava comprar aguardente.” (Aluísio Azevedo)

8.4 ADJETIVOS ADVERBIALIZADOS

Em muitas situações, empregam-se adjetivos em função adverbial. Neste caso, o adjetivo, à semelhança do advérbio, permanecerá invariável.

- Acudiram algumas pessoas que **próximo** se encontravam.
- "A fisionomia de Bento Simões reanimou-se. – Falai **claro** uma vez ao menos, retrucou Rui Soeiro." (José de Alencar)
- "Para não cair foi-lhe preciso agarrar-se **forte** com ambas as mãos ao braço de Álvaro, arrimando-se em seu peito." (Bernardo Guimarães)
- "O tamanho do título como que lhe dobrava a magnificência, posto que, para ligá-lo ao nome, era **demasiado** comprido – esta segunda reflexão foi tio Cosme que a fez." (Machado de Assis)
- "Ao despedir-se, apertou-lhe com força a mão mole, bateu-lhe no ombro com intimidade, e disse **alto** e com ênfase: – Energia, marechal!" (Lima Barreto)

8.5 GRAUS DO ADVÉRBIO

É no mínimo curioso falar-se em "flexão de grau" de uma classe essencialmente invariável como é o advérbio. De fato os advérbios não variam. Excepcionalmente, alguns (especialmente os de "tempo, modo, lugar, intensidade") admitem a flexão de grau, cuja formação é bastante semelhante à do grau dos adjetivos.

COMPARATIVO
- → **de igualdade** = forma-se com o advérbio "tão"
- → **de superioridade** = forma-se com o advérbio "mais"
- → **de inferioridade** = forma-se com o advérbio "menos"

SUPERLATIVO
- **RELATIVO**
  - → **de superioridade** = forma-se com "o mais"
  - → **de inferioridade** = forma-se com "o menos"
- **ABSOLUTO**
  - → **sintético**
  - → **analítico**

Observe os exemplos de flexão de grau do advérbio:

- Fala **tão bem** quanto um professor. (grau comparativo de igualdade)

- Andava **mais depressa** do que a maioria do grupo. (grau comparativo de superioridade)
- Falou **menos prudentemente** do que o orientador dele. (grau comparativo de inferioridade)
- Abordou o assunto **o mais superficialmente** que pôde. (grau superlativo relativo de superioridade)
- Abordou o assunto **o menos superficialmente** que pôde. (grau superlativo relativo de inferioridade)

8.6 ADVÉRBIOS LATINOS

Nos estilos literário e jurídico, é bastante comum a presença de advérbios latinos, isto é, escritos em latim. Busca-se, com a citação de outra língua, conferir maior credibilidade ou dar maior ênfase àquilo que se escreve. Observe alguns desses advérbios:

- ***a posteriori*** = pelo que segue
- ***ab initio*** = desde o início
- ***ad nutum*** = ao arbítrio
- ***ad cautelam*** = por cautela
- ***ad judicia*** = para o juízo
- ***data venia*** = com sua licença
- ***ex expositis*** = do que ficou exposto
- ***ex positis*** = do que ficou assentado
- ***ipsu facto*** = em virtude desse fato
- ***lato sensu*** = em sentido amplo
- ***maxime*** = principalmente
- ***retro*** = atrás
- ***sine die*** = indeterminadamente
- ***statu quo*** = no estado em que
- ***sui generis*** = de gênero próprio
- ***a priori*** = segundo um princípio anterior
- ***ad hoc*** = eventualmente
- ***ab intestato*** = sem testamento
- ***ad domum*** = em casa
- ***ad litem*** = para a lide
- ***ex abrupto*** = repentinamente
- ***ex officio*** = oficialmente
- ***exempli gratia*** = por exemplo
- ***ipsis litteris*** = literalmente
- ***pari passu*** = em igual passo
- ***mutatis mutandis*** = com as devidas mudanças
- ***pro forma*** = por mera formalidade
- ***sic*** = assim
- ***stricto sensu*** = em sentido restrito
- ***verbi gratia*** (abrevia-se “v.g.”) = por exemplo

8.7 PARTICULARIDADES SOBRE OS ADVÉRBIOS

1. **Quando se coordena mais de um advérbio terminado em “-mente” (série gradativa), se não houver necessidade de ênfase, só se coloca o sufixo adverbial no último elemento.**

- “Isaías, que foi de todos os profetas o que mais própria e **elegantemente** soube falar, não só intensiva mas **extensivamente**...” (Pe. Antônio Vieira)

- “As mãos do sacerdote deixam muitas vezes umedecida a tela que veste os altares com vestígios do sangue derramado covarde e **vilmente**.” (A. Herculano)
- “Conquistai pacífica e **legalmente**, pois, o uso das instituições liberais, reassumi a vossa soberania constitucional, ascendei ao governo de vós mesmos, e sereis felizes moralizados, invencíveis.” (Rui Barbosa)
- “Quando se oferece esse ensejo, o chefe, hábil em capitanear, deixar-se-á de reticências e reservas, anunciando valorosa e **lucidamente** uma política, que consubstancie e interprete os sentimentos mal conscientes do povo.” (Rui Barbosa)

2. Há vários vocábulos na língua portuguesa que ora aparecem como advérbios, ora como pronomes, adjetivos e numerais. Para se determinar a classe morfológica a que pertencem tais palavras, devem-se levar em conta os seguintes critérios:

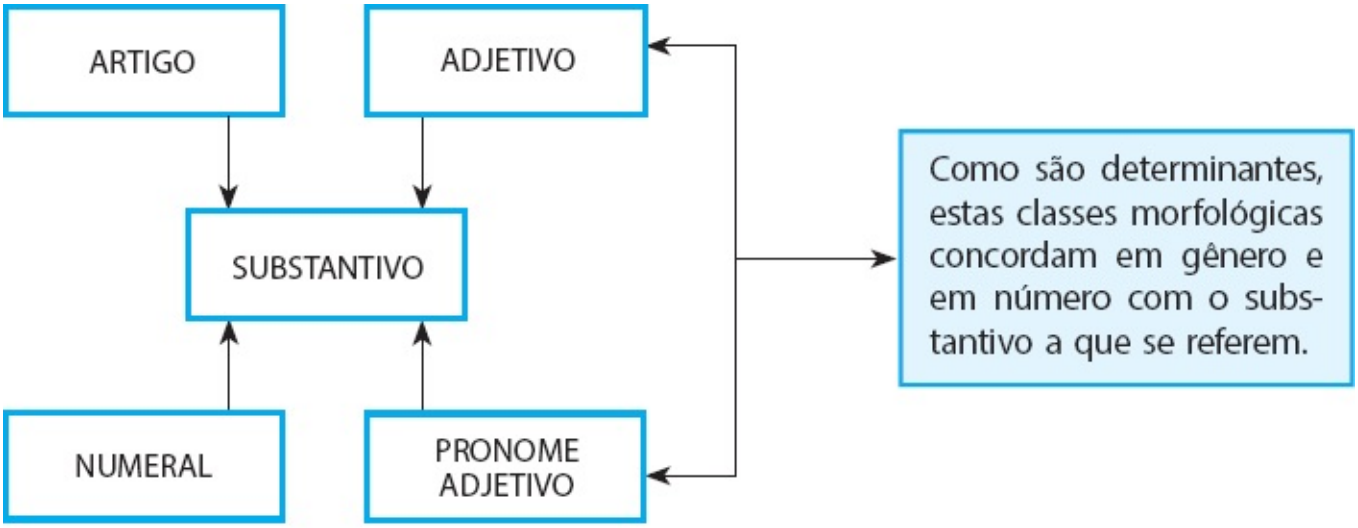

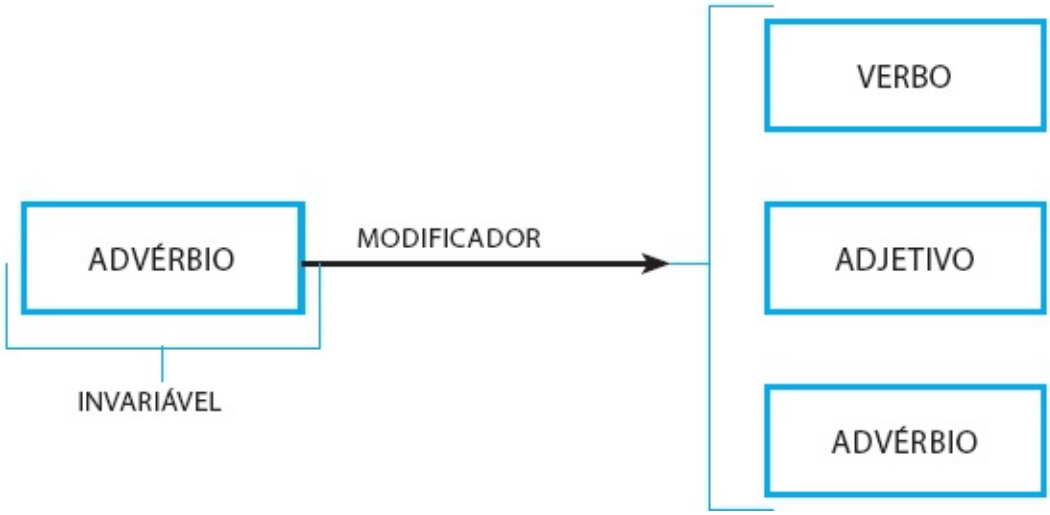

- Ela usa **meias** verdades.
  numeral
- Ele encontra-se **meio** adoentado.
  advérbio
- Tomamos **muito** sorvete.
  pronome indefinido
- O sorvete estava **muito** gelado.
  advérbio
- Já andei por **longes** terras.
  pronome indefinido
- Ele mora **longe**.
  advérbio
- Li os livros **todos** da biblioteca dele.
  pronome indefinido
- No acidente, ele ficou **todo** ensanguentado.
  advérbio
- O **próximo** capítulo fala sobre o amor.
  adjetivo
- Fiquei **próximo** do local do acidente.
  advérbio
- Este mamão é **caro**.
  adjetivo
- Estas frutas custam **caro**.
  advérbio
- Havia **bastantes** alunas no evento.
  pronome indefinido
- Elas falavam **bastante**.
  advérbio
- Falou **poucas**, mas belas palavras.
  pronome indefinido
- Ele falou **pouco**.
  advérbio

3. Alguns advérbios podem construir-se com a conjunção "que": "talvez que, certamente que, sem dúvida que, decerto que, felizmente que".

- "A ameaça só ela a ouviu; e, se eu tivesse sido aviltado no conceito de Teresa pelos insultos do miserável, **talvez que** ela os não repetisse." (Camilo Castelo Branco)
- "Eu não lhe quero mal, minha senhora, **certamente que** não!" (Eça de Queiroz)
- "Ela riu-se. – **Decerto que** não...
  Basílio disse então, lentamente, fitando o chão: – Ah! Outros tempos!" (Eça de Queiroz)

4. Em linguagem formal, é preferível usar-se "mais bem" e "mais mal" quando são seguidos de um particípio. Quando não, usam-se as formas sintéticas "melhor" e "pior".

- "Se alguns desses alvitres, ou qualquer outro que se possa imaginar, será **mais bem** aceito aos conservadores do que o plano de cauteloso ensaio esboçado por Mr. Gladstone, (...)." (Rui Barbosa)
- "O nosso opugnador certamente conhece **melhor** do que nós a obra *ex-professo* de Stuart Mill *On representative government.*" (Rui Barbosa)

5. No trato familiar e no trato mais afetivo, é bastante comum a formação do grau diminutivo de alguns advérbios.

- Ele vai aqui **pertinho**.
- Hoje ele acordou **melhorzinho**.
- **Cedinho, cedinho** eu quero partir.
- Dê-me um **pouquinho** de tempo, por favor.

6. A palavra "todo", quando empregada em função circunstancial (adverbial), concorda frequentemente com o termo a que ela modifica. A despeito de esta flexão ser condenada por alguns puristas da língua, encontramo-la nos maiores conhecedores do idioma português.

- "E ela era bela, de uma beleza **toda** judaica." (A. Garrett)
- "A santa mulher chega ao marido **toda** envergonhada, e lhe confessa que...". (F. Castilho *apud* Mário Barreto)
- "O senhor Ricardo levou-me a uma sala espaçosa, e **toda** adornada de cadeiras de almofada." (Camilo Castelo Branco)
- "...interrompeu ela sorrindo-se, e lançando-se-lhe nos seus braços **toda** vermelha e com os olhos nadando em lágrimas." (Rebêlo da Silva *apud* Mário Barreto)

7. O advérbio de dúvida "talvez", anteposto ao verbo, exige que este seja flexionado no modo subjuntivo.

- "**Talvez**, porém, os instintos generosos da nação lhe revelassem essas qualidades subalternas..." (Rui Barbosa)
- "**Talvez** esteja começando o meu delírio. Deixa ver o espelho." (Machado de Assis)

8. Alguns advérbios de lugar são empregados, muitas vezes, em correspondência com alguns pronomes demonstrativos. E equivalem, respectivamente, a:

a) aqui, cá → correspondem ao demonstrativo "este" = neste lugar
b) aí → corresponde ao demonstrativo esse = nesse lugar
c) ali, acolá, lá → correspondem ao demonstrativo "aquele" = naquele lugar

- "Bateu-o, felizmente, a onda impetuosa do Sul. **Aqui**, a aclimação mais pronta, em meio menos adverso, emprestou, cedo, mais vigor aos forasteiros." (Euclides da Cunha)
- "Era ela; **aqui** estava a igreja, **ali** a cadeia, **acolá** a farmácia, donde vinham os medicamentos para o outro Quincas Borba." (Machado de Assis)

9. O "onde" é um pronome relativo que apresenta função sintática de adjunto adverbial de lugar. Daí ser chamado também de "advérbio relativo". Quando o "onde" apresenta antecedente explícito, equivale a "em que". Quando não apresenta antecedente explícito, equivale a "o lugar em que".

- "Verdes mares bravios de minha terra natal, **onde** canta a jandaia nas frondes da carnaúba." (José de Alencar)
- "O esposo da herdeira presuntiva ainda não se deu a conhecer às classes populares, na capital **onde** reside." (Rui Barbosa)

10. Em estruturas que apresentam mais de uma negação, é bastante comum a substituição do advérbio "não" por "nem".

- "**Não** cinco, nem dez, nem vinte contos, mas tudo, o capital inteiro, especificados os bens, casas na Corte..." (Machado de Assis)
- "No mesmo sepulcro **não** há porvir de esperança, nem porventura, luz de consolação." (A. Herculano)

11. O advérbio "aqui" em algumas ocasiões expressa "tempo".

- "Calaram-se todos, inclinaram-se os bustos, atentos, esperando. Aqui fiquei com medo." (Machado de Assis *apud* Sousa da Silveira)

12. "Além" e "aquém" são advérbios de lugar e significam "da parte de lá" e "da parte de cá", respectivamente.

- "E hoje quem segue pelo caminho de Queimadas, trilhando um solo abrolhando cactos e pedras, ao divisá-la, das cercanias de Quirinquinquá, duas léguas **aquém**." (Euclides da Cunha)
- "Subitamente, no meio deste silêncio, alguns esculcas e vigias lançados **além** do rio na margem direita, creram perceber um ruído longínquo." (A. Herculano)

13. É importante distinguir o advérbio "só" – que significa "apenas, somente" – do adjetivo "só" – que significa "sozinho(a)".

- *advérbio = somente, apenas*
  "Só ao primeiro magistrado na dinastia incumbe o direito de praticá-los." (Rui Barbosa)
- *adjetivo = sozinha*
  "Ficando só, a nossa amiga foi sentar-se à porta de casa, no jardim." (Machado de Assis)

14. "Assim" é um advérbio de modo. É empregado em muitas construções em função conclusiva, equivalendo a "dessa forma, sendo assim, desse modo, por isso".

- "Bem haja ela, porque **assim** amou a justiça e serviu a causa da verdade!" (Rui Barbosa)
- "As estrelas são muito distintas e muito claras. **Assim** há de ser o estilo da pregação; muito distinto e muito claro." (Pe. Antônio Vieira)

⇨ **Observação:**

Em algumas situações, o advérbio "assim" pode se referir a um substantivo. É uma rara exceção à regra de que os advérbios modificam "verbos, adjetivos e outros advérbios".

- "Nunca morrer assim! Nunca morrer num dia
  Assim! de um sol **assim**!" (Olavo Bilac)
- "Mas aquela pergunta **assim**, vaga e solta, não pude atinar o que era." (Machado de Assis)

15. É importante também não confundir o advérbio de modo "alerta" com o substantivo "alerta" – este com o sentido de "aviso, sirene".

- "Não fechara a porta, de propósito; estava alerta, (advérbio) ao primeiro rumor saltaria." (Aluísio Azevedo)
- Soaram dois alertas (substantivo) no Corpo de Bombeiros.

16. Nos advérbios em "-mente", derivados de adjetivos com acento agudo ou circunflexo, estes acentos são suprimidos na formação do advérbio. Observe:

- ávido → avidamente
- débil → debilmente
- fácil → facilmente
- ingênuo → ingenuamente
- lúcido → lucidamente
- único → unicamente
- cortês → cortesmente
- só → somente
- espontâneo → espontaneamente

8.8 PALAVRAS E LOCUÇÕES DENOTATIVAS

A Nomenclatura Gramatical Brasileira, provavelmente esteada nas preciosíssimas lições do professor José Oiticica[1], classifica à parte certas palavras e expressões, antes consideradas advérbios. De acordo com as suas significações, tais palavras, chamadas de "denotativas", podem exprimir:

a) Exclusão → apenas, só, somente, exceto, senão, salvo, sequer

- **Só** ela me entende.
- Todos, **senão** Pedro, poderiam ajudá-lo naquele momento.
- **Apenas** nós ficamos lá.

b) Inclusão → também, até, inclusive, ademais, além disso

- **Até** João dançou naquela noite.
- Eu **também** irei.

c) Explicação → isto é, a saber, por exemplo, *verbi gratia*

- "Os coleópteros, **por exemplo**, têm metamorfoses completas." (José Oiticica)
- Entregou-me todos os bens, **isto é**, um caro, uma lancha, e um helicóptero.

d) Designação → eis

- **Eis** o meu maior amor: Jesus Cristo.

e) Correção ou retificação → aliás, digo, ou melhor, isto é

- Na turma éramos quatro bons amigos, **aliás**, cinco.

8.9 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (UFCE) Marque a alternativa que preenche corretamente todas as lacunas numeradas.

Palavra	Classificação morfológica	Processo de formação
gradil	1	derivação sufixal
enferrujar	verbo	2
outrora	3	4

a) (1) substantivo
(2) derivação sufixal
(3) adjetivo
(4) derivação sufixal

b) (1) adjetivo
(2) derivação parassintética
(3) adjetivo
(4) composição

c) (1) adjetivo
(2) derivação sufixal
(3) advérbio
(4) composição

d) (1) substantivo
(2) derivação parassintética
(3) adjetivo
(4) derivação sufixal

e) (1) substantivo
(2) derivação parassintética
(3) advérbio
(4) composição

2. (Ufam) Assinale o item em que a palavra *que* desempenhas a função de advérbio:

a) Que fizeste dos meus livros?
b) Que bonitos olhos tens!
c) Que troféu ainda te falta?
d) Que és muito feliz, eu bem o sei.

e) Quase que você acerta tudo.

3. UFMG) As expressões destacadas correspondem a um adjetivo, exceto em:

a) João Fanhoso anda amanhecendo **sem entusiasmo**.
b) Demorava-se **de propósito** naquele complicado banho.
c) Os bichos **da terra** fugiam em desabalada carreira.
d) Noite fechada sobre aqueles ermos perdidos da caatinga **sem fim**.
e) E ainda me vem com essa conversa de homem **da roça**.

4. (UFV-MG) Em todas as alternativas há dois advérbios, exceto em:

a) Ele permaneceu muito calado.
b) Amanhã, não iremos ao cinema.
c) O menino, ontem, cantou desafinadamente.
d) Tranquilamente, realizou-se, hoje, o jogo.
e) Ela falou calma e sabiamente.

5. (UFC-CE) A opção em que há um advérbio exprimindo circunstância de tempo é:

a) Possivelmente viajarei para São Paulo.
b) Maria teria aproximadamente 15 anos.
c) As tarefas foram executadas concomitantemente.
d) Os resultados chegaram demasiadamente atrasados.

6. (Unimep-SP) Em "... um **aborrecimento** quando **os** vejo e gostaria de **não** vê-los mais" as palavras destacadas são, respectivamente:

a) adjetivo, artigo, advérbio.
b) adjetivo, pronome, pronome.
c) substantivo, pronome, advérbio.
d) substantivo, artigo, pronome.
e) verbo, pronome, preposição.

7. (Cesgranrio-RJ) Assinale a alternativa em que a preposição **com** traduz uma relação de instrumento.

a) "Teria sorte nos outros lugares, com gente estranha."
b) "Com o meu avô cada vez mais perto do fim, o Santa Rosa seria um inferno."
c) "Não fumava, e nenhum livro com força de me prender."

d) “Trancava-me no quarto fugindo do aperreio, matando-as com jornais.”
e) “Andavam por cima do papel estendido com outras já pregadas no breu.”

8. (PUC-SP) No trecho:

“Os trens **de** *cana apitavam de quando em vez, mas* **não** *davam* **vencimento** *à* **fome** *das moendas”, as palavras destacadas correspondem, morfologicamente, pela ordem, a:*

a) preposição, advérbio, verbo, substantivo.
b) conjunção, advérbio, substantivo, adjetivo.
c) preposição, advérbio, adjetivo, adjetivo.
d) preposição, advérbio, verbo, advérbio.
e) preposição, advérbio, substantivo, substantivo.

9. (PUCC-SP) Os seus projetos são os ... elaborados, por isso garantem verbas ... para sua execução e evitam ... -entendidos.

a) melhor – suficientes – mal
b) mais bem – suficientes – mal
c) mais bem – suficiente – mal
d) melhor – suficientes – mau
e) melhor – suficiente – mau

10. (UMC-SP) Em: “uma cerca **de pedra-seca**, do tempo dos escravos” e “Tudo é mato, crescendo **sem regra**.”, as locuções destacadas são, respectivamente:

a) adjetiva e adjunto adnominal; adverbial e adjunto adverbial.
b) adverbial e objeto indireto; adjetiva e predicativo.
c) adjetiva e adjunto adverbial; adverbial e adjunto adnominal.
d) adjetiva e complemento nominal; adverbial e adjunto adnominal.
e) adverbial e adjunto adnominal; adjetiva e complemento nominal.

11. (Cesgranrio-RJ) Assinale a alternativa em que a locução destacada tem valor adjetivo.

a) “Comprei móveis e objetos diversos que entrei a utilizar **com receio**.”
b) “Azevedo Gondim compôs **sobre ela** dois artigos.”
c) “Pediu-me **com voz baixa** cinquenta mil-réis.”
d) “Expliquei **em resumo** a prensa, o dínamo, as serras...”
e) “Resolvi abrir o olho para que vizinhos **sem escrúpulos** não se apoderassem do que era delas.”

GABARITO

1 – E	2 – B	3 – B
4 – A	5 – C	6 – C
7 – D	8 – E	9 – B
10 – A	11 – E	

[1] Oiticica, José. *Manual de análise léxica e sintática*. 10. ed. Rio de Janeiro: Paulo de Azevedo Ltda., 1953. p. 50-55.

CAPÍTULO 9

CONJUNÇÃO

9.1 DEFINIÇÃO

É a classe de palavra invariável que liga duas orações entre si, estabelecendo um vínculo de coordenação ou de subordinação.

Observe:

- Os funcionários informaram ao chefe **que** a máquina não estava funcionando bem.
  1.ª oração — 2.ª oração
- **Quando** a moça chegou, todos se levantaram imediatamente.
  1.ª oração — 2.ª oração
- O governo aumentou a taxa de juros **e** diminuiu o acesso ao crédito consignado.
  1.ª oração — 2.ª oração

⇨ **Observação:**

Em alguns casos, a conjunção pode funcionar como um nexo entre duas palavras de mesma função sintática. É, por exemplo, o que frequentemente ocorre com a conjunção aditiva "E". Observe abaixo:

a) Chegou cedo **e** foi para a cidade a fim de comprar pão. (A conjunção aditiva "e" liga duas orações)

b) João **e** Maria foram ao centro da cidade. (A conjunção aditiva "e" liga duas palavras)

9.2 CLASSIFICAÇÃO

Pode-se inicialmente classificar as conjunções quanto à forma. Serão "simples" quando formadas por um único vocábulo (se, e, mas, quando, enquanto etc.). Serão "locucionais" (locuções conjuntivas) quando formadas por mais de um vocábulo (uma vez que, à medida que, para que etc.).

A principal classificação das conjunções, entretanto, leva em conta o significado da

conjunção e a possibilidade de ela estabelecer "coordenação" ou "subordinação". Por este critério, as conjunções são classificadas em:

9.2.1 COORDENATIVAS

As conjunções coordenativas são aquelas que ligam orações que apresentam a mesma função na frase. De acordo com a relação que expressam, as conjunções coordenativas são classificadas em:

1. **ADITIVAS** → Chamadas também de "copulativas" ou "aproximativas", as conjunções aditivas ligam duas orações, aproximando-as numa relação de soma, de adição.

E, NEM, TAMBÉM, BEM ASSIM, BEM COMO, NÃO SÓ... MAS (TAMBÉM), NÃO SÓ... BEM COMO, QUE (= E).

- "– Pois sim, será; que disso nada sei, **nem** sou lida e sabida como tu..." (A. Garrett)
- "... porque ela se acha mencionada em muitos documentos, **não só** de outras províncias de Espanha, **mas também** de diversos países, como se pode ver em Ducange, à palavra Arapennis." (A. Herculano)
- "Agora que o trem de ferro
  Acorda o tigre no cerro
  E espanta os caboclos nus,
  Fazei desse 'rei dos ventos'
  – Ginete dos pensamentos,
  – Arauto da grande luz!..." (Castro Alves)

⇨ **Observações sobre as conjunções aditivas:**

a) A conjunção "e", quando une palavras, funciona no mais das vezes como "aproximativa", isto é, indica mera relação de nexo. Por isso, é comumente suprimida, sem ofensa do sentido, em uma série coordenada e só se expressa entre o penúltimo e o último termo.

- Pedro, João **e** Paulo partiram para o interior de São Paulo em busca de emprego.

b) A conjunção "e" pode ligar duas orações de valores opostos. Neste caso, a conjunção "e" equivalerá a "mas", uma vez que a 2.ª oração estabelece uma oposição em relação à 1.ª oração.

- "Miguel, Miguel, não tens abelhas, **e** (= mas) vendes mel". (provérbio)
- "Não era cristão Platão, **e** (= mas) mandava na sua República que nenhum oficial pudesse aprender duas artes." (Pe. A. Vieira *apud* A. Epiphanio da Silva Dias)

c) A conjunção “e” pode assumir diversos valores em uma estrutura oracional. Observe:

- “Qualquer movimento, **e** será um homem morto.” (A. Filho *apud* Celso Cunha)
  expressa uma conclusão
- “Ia decorá-la **e** transmiti-la ao irmão e à cachorra.” (G. Ramos *apud* Celso Cunha)
  expressa uma finalidade
- Esperei mais algumas palavras. Não vieram – **e** saí desapontado.” (G. Ramos *apud* Celso Cunha)
  expressa uma consequência

d) A conjunção “nem” pode ser tanto aditiva (aproximativa) quanto alternativa (disjuntiva). Quando aditiva, equivale a “e nem” e liga frases negativas. Quando alternativa, ela se repete em cada uma das orações.

- Não fez a tarefa, **nem** preparou o trabalho que a professora pedira.
  conjunção aditiva = e nem
- Hoje, em virtude da doença, **nem** vai ao trabalho, **nem** vai à escola.
  conjunção alternativa

⇨ **Observação:**

Nem toda repetição da conjunção “nem” irá caracterizar uma alternância, conforme se observa no exemplo abaixo:

- “Sem ele, talvez o Brasil não tivesse derrotado **nem** o complexo de inferioridade de sua sociedade em geral **nem** o racismo velado que se manifestava até no futebol.” (Clóvis Rossi, Folha S. Paulo, 07.04.2002)

→ No exemplo acima, o par “nem... nem...” expressa adição negativa. O segundo “nem” equivale a “e nem”.

) Na linguagem coloquial, é comum o emprego de “mais” em lugar da conjunção aditiva “e”. Saliente-se que este emprego é desabonado pelo padrão mais formal da linguagem.

- Fernando **mais** Felipe foram comprar algumas cervejas.
  uso coloquial → mais = “e”

f) Algumas conjunções aditivas são frequentemente empregadas em construções paralelas, introduzidas geralmente por “não só...”. Tais conjunções encerram verdadeiras construções correlatas.

CONJUNÇÕES CORRELATAS ADITIVAS

- **não só... mas também...**
- **não só... mas ainda...**
- **não só... senão também...**
- **não só... senão que...**
- **não só... bem como...**

- "**Não só** a cobiça e o desenfreamento da soldadesca multiplicavam aí as cenas de rapina, de violência e de sangue, **mas também** a política dos capitães árabes procurava aumentar a terribilidade desses dramas repetidos para quebrar os ânimos dos godos e persuadi-los à submissão." (A. Herculano)
- "... sabem que Isaura **não só** era dotada de espírito superior, **como também** recebera a mais fina e esmerada educação, não lhe estranharam a distinção das maneiras, a elegância e elevação da linguagem..." (Bernardo Guimarães)

2. **ADVERSATIVAS** → São as conjunções que unem pensamentos ou ideias contrárias, opostas. A principal conjunção adversativa na língua portuguesa é o "MAS". Apresentam também força adversativa os seguintes conectores:

PORÉM, CONTUDO, TODAVIA, ENTRETANTO, NO ENTANTO, SENÃO, QUE (= MAS), AINDA ASSIM

- "É uma lira, **mas** sem cordas; uma primavera, **mas** sem flores; uma coroa de folhas, **mas** sem viço." (Álvares de Azevedo)
- "– Pois o que vais tu ser, homem, **senão** um sujeito às ordens do S. Fulgêncio, do horrendo careca?" (Eça de Queiroz)
- "Bem sei que te rasguei o coração, porque tu me amavas deveras, **mas** já tenho expiado de sobra o mal que te fiz." (Casimiro de Abreu)
- "O firmamento límpido arqueia-se alumiado ainda por um Sol obscurecido, de eclipse. A pressão, **entretanto**, decai vagarosamente, numa descensão contínua, afogando a vida." (Euclides da Cunha)

⇨ **Observações sobre as conjunções adversativas:**

a) **A despeito de serem adversativas, a conjunção "porém" distingue-se de "mas" por indicar oposição mais forte que esta. Ademais, a conjunção "porém" poder ser *pospositiva*, isto é, pode ser posta depois do termo coordenado, ao passo que "mas" é sempre prepositiva, pois sempre vem antes do termo coordenado.**

- "A Bruzundanga era um sarcófago de mármore, ouro e pedrarias, em cujo seio, **porém**, o cadáver mal embalsamado do povo apodrecia e fermentava." (Lima Barreto)
- "Itaquê curvara a cabeça. Ele ouviu brandir a arma; não era, **porém**, aquele o zunido da corda do arco, quando o vergava sua mão possante." (José de Alencar)

b) **A conjunção adversativa "senão" pode apresentar os seguintes sentidos (valores): a não ser, do contrário, caso contrário, mas sim.**

- "O braço de Itaquê defendeu sempre a nação tocantim; quer ela ser defendida agora pela palavra daquele, que não tem mais para dar-lhe **senão** (= a não ser) a experiência de sua

velhice?" (José de Alencar)

- "Não obteve aplausos nem respeito, **senão** (= mas sim) escárnio e menoscabo." (A. Houaiss)
- Transmita imediatamente esta mensagem, **senão** (= do contrário, caso contrário) será despedido.
- "A definição do pregador é a vida e o exemplo. Por isso Cristo no Evangelho não o comparou ao semeador, **senão** (= mas sim) ao que semeia." (Pe. Antônio Vieira)

c) A conjunção "senão" pode juntar-se ao advérbio "quando", formando a locução adverbial "senão quando", com o sentido de "de repente, inesperadamente, quando menos se esperava".

- "**Senão quando**, morre-lhe o padrinho ao Gouveia, e em testamento deixou ao afilhado três contos de réis." (Machado de Assis)

d) As conjunções "entretanto, no entanto" podem ser empregadas como advérbios de tempo, com o sentido de "nesse tempo, nesse meio termo, nesse ínterim, entrementes".

- "E sentia-se esvaecer e, pouco a pouco, adormecia e, dali a pouco, roncava. **Entretanto**, no castelo tinham dado pela sua falta. Esperaram-no até à noite; esperaram-no uma semana, um mês, um ano, e não o viam voltar." (A. Herculano)

3. ALTERNATIVAS OU DISJUNTIVAS → São conjunções que ligam ideias e pensamentos que se alternam ou que se excluem.

OU, OU... OU, SEJA... SEJA, QUER... QUER, NEM... NEM, ORA... ORA, SEJA... SEJA.

- **Ou** ele vai para a reunião, **ou** eu vou representá-lo.
- **Ora** diz que não foi ele, **ora** diz que participou do crime.
- **Quer** o governo queira, **quer** o governo não queira, todos farão greve.
- **Nem** um **nem** outro participarão do evento.
- "Pois olhe, **quer** me creia, **quer** não, tenho-lhe conhecido mais de uma dúzia de chichisbéus, não falando do padre capelão, que esse ainda agora lhe fornece a garrafeira, à nossa custa, entende-se." (Camilo C. Branco)

⇨ **Observações sobre as conjunções alternativas:**

a) A alternância (disjunção) efetuada com a conjunção "ou" pode ser "inclusiva", quando os elementos se somam, ou "exclusiva", quando os elementos se excluem.

Veja:

- Maçã **ou** mamão fazem bem ao intestino. (alternativa includente)
- João **ou** Pedro ganhará o prêmio de literatura este ano. (alternativa excludente)

b) A alternância efetuada pelo par "ou... ou..." sempre será "excludente".

- **Ou** você fica conosco, **ou** partirá para a casa de sua avó.
- **Ou** o governo aumenta o quantitativo de policiais, **ou** a violência dominará as ruas das grandes cidades.

4. **CONCLUSIVAS OU ILATIVAS** → São as conjunções que introduzem orações, em um período coordenado, as quais expressam uma conclusão, uma ilação em relação à primeira oração.

LOGO, PORTANTO, POR ISSO, POIS (posposto ao verbo), ENTÃO, ASSIM, POR CONSEQUÊNCIA, CONSEQUENTEMENTE, CONSEGUINTEMENTE.

- Ele estudou todo o assunto, deve **então** saber o sentido da expressão.
- A vida é breve; **por isso** devemos aproveitá-la bastante.
- "Dela depende inteiramente a higiene dos povos e o saneamento dos governos. É, **pois**, a garantia conservadora por excelência, contanto que seja plena e ampla." (Rui Barbosa)

5. **EXPLICATIVAS** → São conjunções que explanam na segunda oração o sentido da primeira oração ou uma explicação para a primeira.

QUE, PORQUE, POIS (anteposto ao verbo), PORQUANTO.

- Não faça caso, **que** aqui estamos para ouvi-lo.
- Isso não é razão para a sua angústia, **porque**, afinal de contas, os negócios têm corrido bem.
- As estrelas giram em torno da Terra, **pois** a Terra tem um movimento de rotação em torno de seu eixo.

9.2.2 SUBORDINATIVAS

As conjunções subordinativas (também chamadas de "circunstanciais") ligam orações que exercem uma função sintática em relação a outra oração denominada de "principal ou subordinante". São dez as conjunções subordinativas:

1. **CAUSAIS** → São conjunções que subordinam ideias em que se exprime a causa, o motivo, a razão de ser da ideia principal.

QUE, PORQUE, PORQUANTO, COMO (no início da oração = JÁ QUE), SE (= JÁ QUE), DESDE QUE, POIS QUE, VISTO QUE, VISTO COMO, UMA VEZ QUE, COMO QUER QUE, DE MODO QUE

- O cavaleiro não se deteve, **que** lhe pareceu haver gente emboscada.
- Velho **que** era, evitava lugares altos e grandes emoções.
- Não ficaremos neste local, **porquanto** nos pretendem roubar.
- **Já que** assim o quis, mandei-o embora.
- **Como** não liberaram o dinheiro, teve de tirar um empréstimo.
- **Se** ela gosta de você, por que não vai procurá-la?

⇨ **Observações sobre as conjunções causais:**

a) Para que a conjunção "como" seja classificada como "causal", ela precisa vir no início do período e equivaler a "porque, já que".

- Como (= já que) não chegou no tempo estipulado, foi demitido.

b) Nem sempre é fácil a distinção entre uma conjunção causal e uma conjunção explicativa. Para observar tal distinção, sugerimos estudar as orações subordinadas adverbiais causais, em sintaxe do período composto.

2. **CONCESSIVAS** → São conjunções que subordinam ideias em que se exprime uma ação contrária, oposta à ideia principal.

QUE, EMBORA, CONQUANTO, AINDA QUE, POSTO QUE, BEM QUE, SE BEM QUE, QUANDO MESMO, POR MAIS QUE, POR MENOS QUE, POR POUCO QUE, MESMO QUE, EM QUE PESE, APESAR DE QUE.

- **Embora** ele estivesse conosco, não poderia ter feito nada para salvar a vida do amigo.
- Não conseguirás tirar toda a sujeira, **quando mesmo** uses água sanitária.
- Tuas palavras, **que** fossem muitas, não atenuariam a dor daquele momento.
- **Por mais que** ele se explicasse, não convenceria o delegado da inocência dele.
- Ficarei na casa, **ainda que** haja opiniões contrárias.

⇨ **Observações sobre as conjunções concessivas:**

a) Perceba que as conjunções concessivas, ao lado das coordenativas adversativas, promovem as relações de oposição ou de contraste. Por isso, geralmente é possível se trocarem umas pelas outras. É preciso, porém, ficar atento à flexão verbal, já que as orações concessivas desenvolvidas exigem o verbo no modo subjuntivo.

- Resolveu continuar estudando, **mas** sabia que já não mais realizaria o seu sonho.

→ Resolveu continuar estudando, **embora** soubesse que já não mais realizaria o seu sonho.

- **Conquanto** ela deixasse a desejar em suas atitudes morais, Marta jamais abandonou o filho e os seus familiares.

→ Marta jamais abandonou o filho e os seus familiares, **entretanto** ela deixava a desejar em suas atitudes morais.

b) Não confunda a conjunção "conquanto" com a conjunção "porquanto". Esta pode ser causal ou explicativa, enquanto aquela é estritamente concessiva.

- Abandonou a empresa, **porquanto** não lhe pagaram as férias devidas.
  conjunção causal
- *conjunção concessiva*
  Conquanto tenha abandonado a empresa, não deixou que os filhos passassem fome.

c) Há outros articuladores na língua portuguesa que também expressam oposição concessiva. São eles "a despeito de, malgrado, não obstante".

- Comprou aquele carro usado, **malgrado** os conselhos em contrário que recebeu.
- **A despeito** da vigilância ativa da polícia militar, houve diversos assaltos no último final de semana.

d) Lembre-se de que, no português do Brasil, a conjunção "posto que" só é usada como concessiva, equivalendo a "embora, apesar de que, mesmo que, ainda que". Portanto, é erro crasso usar "posto que" no lugar de "já que, visto que, uma vez que" e vice-versa.

- "Pode crer-se que a intenção do Mateus era ser admirado e invejado, **posto que** ele não a confessasse a nenhuma pessoa." (Machado de Assis)
- "A mulher, **posto que** lhe apontassem já os cabelos brancos, rejubilou com isso." (Aluísio Azevedo)

3. **CONFORMATIVAS** → São conjunções que subordinam ideias em que se exprime a conformidade de um pensamento com o da ideia principal.

COMO, CONFORME, CONSOANTE, SEGUNDO.

- Tudo se anunciou **conforme** previra o astrólogo.
- Os advogados procederam **segundo** ordenava a lei.
- Eles fizeram tudo **consoante** lhes haviam determinado.

4. **CONSECUTIVAS** → São conjunções que subordinam ideias em que se exprime o efeito, a consequência, o resultado do pensamento expresso na ideia principal.

QUE (precedido de "TÃO, TAL, TANTO, TAMANHO"), SEM QUE, DE MODO QUE, DE SORTE QUE, DE FORMA QUE, DE MANEIRA QUE.

- Falou tanto **que** ficou rouco.
- Não discute religião **sem que** não se exalte.
- "Deus, oh! Deus, onde estás **que** não respondes?" (Castro Alves)
- Ficou profundamente magoada com a atitude da criança, **de sorte que** não queria mais lecionar naquela turma.
- Viveu a vida sem restrições, **de modo que** o futuro lhe trouxe grandes dissabores.

⇨ **Observações sobre as conjunções consecutivas:**

a) Em muitas estruturas, os termos de reforço "tão, tal, tanto, tamanho" não aparecem – são elipsados da estrutura.

- Chove **que** é um horror! → Aqui temos a estrutura "Chove **TANTO que** é um horror!".
- Ele fala **que** incomoda. → Aqui temos a estrutura "Ele fala **TANTO que** incomoda".

5. **CONDICIONAIS** → São conjunções que subordinam ideias que exprimem a condição, a hipótese, a probabilidade para a ideia principal do período.

SE, CASO, CONTANTO QUE, SEM QUE, A NÃO SER QUE, SALVO SE, EXCETO SE, A MENOS QUE.

- Participaremos do evento, **salvo se** houver algum empecilho de última hora.
- Irei, **a não ser que** seja impedido por alguém.
- Elaborarei o projeto, **contanto que** ninguém dê palpite.
- Não começaremos a reunião **sem que** ele esteja presente.

6. **COMPARATIVAS** → São conjunções que estabelecem uma relação de comparação, de analogia com a ideia principal do período.

COMO, ASSIM COMO, TAL E QUAL, TAL QUAL, MAIS QUE OU DO QUE, MENOS QUE OU DO QUE, TANTO QUANTO, FEITO (= COMO).

- Ele é **tão** sábio **quanto** o irmão.
- O herói foi **tão** valente **quão** magnânimo.
- O Brasil foi colônia portuguesa, **assim como** a Argentina foi colônia espanhola.
- "Se mandasse fazer em postas e salgar o Sr. Quintino Bocaiúva, **tal qual** procedeu para com Ratcliff o fundador do império, não faltariam almas para lançar flores ao sangue dessas crueldades infames." (Rui Barbosa)
- Parecia **mais** calmo **que** de costume.

7. **FINAIS** → São conjunções que estabelecem uma relação de fim (finalidade) com a ideia principal do período.

QUE (= PARA QUE), PORQUE (= PARA QUE), PARA QUE, A FIM DE QUE.

- Fizemos tudo **para que** ele fosse aprovado em um concurso.
- "Tu que as gentes da terra tudo enfreias, **que** não passem o termo limitado." (Camilo C. Branco)
- Estudai **porque** sejais logo aprovado em um concurso.

⇨ **Observações sobre as conjunções finais:**

a) A conjunção "porque" expressando finalidade está em franco desuso na língua portuguesa contemporânea.

b) "A fim de" é uma locução prepositiva. "A fim de que" é uma locução conjuntiva. Ambas indicam finalidade. A primeira emprega-se seguida de um infinitivo, pois se emprega com orações reduzidas. A segunda emprega-se com orações desenvolvidas.

- **A fim de** sair cedo, dormi pouco.
- **A fim de que** saísse cedo, dormiu pouco.

8. **PROPORCIONAIS** → São as conjunções que estabelecem uma relação de proporcionalidade em relação ao fato contido na oração subordinante.

À MEDIDA QUE, À PROPORÇÃO QUE, AO PASSO QUE, QUANTO MAIS... MAIS, QUANTO MAIS... MENOS, QUANTO MENOS... MAIS, QUANTO MENOS... MENOS.

- **À medida que** ele estuda, **mais** aprende.
- **Quanto mais** trabalha, **mais** acumula dinheiro.
- Os alunos se levantavam, **ao passo que** iam sendo chamados.

⇨ **Observações sobre as conjunções proporcionais:**

a) Não se esqueça de que "à medida em que" e "na medida que" são expressões que não existem em nossa língua. Surgiram como corruptela da conjunção proporcional "à medida que".

b) É essencial não confundir "à medida que" com "na medida em que". Esta introduz orações causais e equivale a "visto que, já que", enquanto aquela é essencialmente proporcional e equivale a "à proporção que".

9. **TEMPORAIS** → São conjunções que estabelecem o momento, o tempo da realização do fato contido na oração subordinante (principal).

ENQUANTO, DESDE QUE, LOGO QUE, ASSIM QUE, MAL (= LOGO QUE), ANTES QUE, DEPOIS QUE, ATÉ QUE, AGORA QUE, QUANDO, SEMPRE QUE, TODA VEZ QUE.

- "Não olhes para o vinho **quando** se mostra vermelho, **quando** resplandece no copo e se escoa suavemente." (Provérbios 23:31)
- "Minha família, **depois que** lhe falei a seu respeito, está impaciente para conhecê-lo e desde já fica à sua espera." (Aluísio Azevedo)
- "É a grande resolução que se toma nas grandes dificuldades da vida, **sempre que** é possível espaçá-las." (Almeida Garret)
- "**Logo que** acabem de comer – continuou ele dirigindo-se ao feitor –, leveas para a colheita do café." (Bernardo Guimarães)

10. **INTEGRANTES → São as conjunções que introduzem as orações substantivas, isto é, as orações que exercem para a oração principal uma das seguintes funções: sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto e predicativo.**

QUE, SE

- "O certo é **que** um complexo de circunstâncias lhes tem dificultado regime contínuo." (Euclides da Cunha)
- "Meneses não sabia **se** tinha ou deixava de ter dinheiro." (Lima Barreto)
- "Pádua obedeceu; confessou **que** acharia forças para cumprir a vontade de minha mãe."

(Machado de Assis)

⇨ **Observação sobre as conjunções subordinativas:**

Embora não seja reconhecida pela NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira), existe ainda uma conjunção (SEM QUE), que introduz orações que expressam circunstância de modo. Essa conjunção, por isso, é denominada de modal. Vejamos alguns exemplos:

- "Os meninos entraram **sem que** alguém reparasse neles, e foram colocar-se junto do oratório." (Manuel A. de Almeida)
- "Agora, pensava em como entregar a carta **sem que** ninguém visse, sem escândalo." (Adolfo Caminha)

9.3 UBIQUIDADE DAS CONJUNÇÕES

Como se sabe, em português, temos praticamente uma só (e importante) conjunção – QUE. As demais são, na maioria dos casos, advérbios que exercem a função conjuntiva ou locuções conjuntivas formadas a partir de verbos, substantivos e advérbios, associados à conjunção "QUE".

Por isso, muitas conjunções – notadamente a conjunção QUE – podem estabelecer mais de uma relação (mais de um papel) dentro de um período. Quando isso ocorre, diz-se que a conjunção é "ubíqua", isto é, que a conjunção tem a capacidade de expressar mais de uma relação, mais de um sentido.

Observe abaixo um rol sucinto de algumas conjunções ubíquas.

1 – SE

- Pedro só será aprovado **se** estudar. → **(conjunção condicional)**
- Não sabemos **se** Pedro será aprovado. → **(conjunção integrante)**
- Por que me enviaste para a missão **se** sabias que eu era fraco? → **(conjunção causal)**

2 – QUE

- Rezava **que** rezava, mas não espantava os maus pensamentos. → **(conjunção aditiva)**
- "De outras ovelhas cuidarei, **que** não de vós." (A. Garrett) → **(conjunção adversativa)**
- Todos desejam **que** tu venhas logo. → **(conjunção integrante)**
- Velho **que** era, evitava lugares altos. → **(conjunção causal)**
- Nunca fui à casa do João, **que** não o achasse estudando. → **(conjunção consecutiva)**

- Não discute sobre futebol **que** não se exalte. → **(conjunção consecutiva)**
- Com o constrangimento, fez-se vermelha **que** nem romã. → **(conjunção comparativa)**
- "Porém cinco sóis já eram passados, **que** dali nós partimos." (Camões) → **(conjunção temporal)**
- Chegados **que** fomos, todos iniciaram a reunião. → **(conjunção temporal)**
- Agora trata de fazer as coisas, **que** não lhe seja uma manhã inútil. → **(conjunção final)**

3 – COMO

- Ninguém sabe **como** ele aqui chegou. → **(conjunção integrante)**
- **Como** estivesse doente, faltei à aula. → **(conjunção causal)**
- O rosto de Maria é branco **como** a neve. → **(conjunção comparativa)**
- Falou **como** lhe convinha. → **(conjunção modal)**
- **Como** nos orientava o manual, elaboramos o projeto. → **(conjunção conformativa)**
- Falou que estaria com ele na riqueza **como** na pobreza. → **(conjunção aditiva)**

4 – DESDE QUE

- **Desde que** chegue cedo, poderá sair com os amigos. → **(conjunção condicional)**
- **Desde que** chegou, não parou de falar. → **(conjunção temporal)**

5 – QUANDO

- **Quando** falou, todos ficaram emocionados. → **(conjunção temporal)**
- **Quando** a criança chorava, ela cantava e cantava mais alto. → **(conjunção proporcional)**
- Gastaram dez dias a pé, **quando** gastariam cinco se fossem pelo mar. → **(conjunção adversativa)**

6 – E

- Chegou cedo a casa **e** pôs-se a escrever sobre o livro que lera. → **(conjunção aditiva)**
- Estudou bastante para o concurso, **e** não conseguiu nem sequer ficar entre os classificados. → **(conjunção adversativa)**

⇨ **Observação final:**

Entender o valor que a conjunção está expressando depende exclusivamente do contexto em que ela se encontra. Portanto, vale um conselho: não tente decorar os valores das

conjunções. Seu esforço será inócuo. Tente, sim, entender o valor que ela está exprimindo na situação em que foi empregada.

9.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (Fuvest-SP) Nas frases abaixo, cada espaço pontilhado corresponde a uma conjunção retirada.

1. "Porém já inço sóis eram passados ... dali nos partíramos."
2. ... estivesse doente faltei à escola.
3. ... haja maus nem por isso devemos descrer doas bons.
4. Pedro será aprovado ... estude.
5. ... chova sairei de casa.

As conjunções retiradas são, respectivamente:

a) quando, ainda que, sempre que, desde que, como.
b) que, como, embora, desde que, ainda que.
c) como, que, porque, ainda que, desde que.
d) que, ainda que, embora, como, logo que.
e) que, quando, embora, desde que, já que.

2. (UEL-PR) Não gostava muito de novelas policiais; admirava, porém, a técnica de seus autores.

Comece com: *Admirava a técnica...*

a) visto como
b) enquanto
c) conquanto
d) porquanto
e) à medida que

3. (UEL-PR) A serem considerados os resultados, o trabalho foi eficiente.

Comece com: *O trabalho foi eficiente...*

a) desde que
b) ainda que
c) a menos que
d) embora
e) por isso

4. (PUC-SP) Assinale a alternativa que possa substituir, pela ordem, as partículas de transição dos períodos abaixo, sem alterar o significado delas.

"Em **primeiro lugar***, observemos o avô.* **Igualmente***, lancemos um olhar para a avó.* **Também** *o pai deve ser observado. Todos são altos e morenos.* **Consequentemente***, a filha também será morena e alta."*

a) primeiramente, ademais, além disso, em suma
b) acima de tudo, também, analogamente, finalmente
c) primordialmente, similarmente, segundo, portanto
d) antes de mais nada, da mesma forma, por outro lado, por conseguinte
e) sem dúvida, intencionalmente, pelo contrário, com efeito

5. (Cesgranrio-RJ) Assinale o período em que ocorre a mesma relação significativa indicada pelos termos destacados em "A atividade científica é tão natural **quanto qualquer outra atividade econômica**".

a) Ele era tão aplicado, que em pouco tempo foi promovido.
b) Quanto mais estuda, menos aprende.
c) Tenho tudo quanto quero.
d) Sabia a lição tão bem como eu.
e) Todos estavam exaustos, tanto que se recolheram logo.

6. (Fuvest-SP) "Podem acusar-me: estou com a consciência tranquila." Os dois pontos (:) do período acima poderiam ser substituídos por vírgula, explicitando-se o nexo entre as duas orações pela conjunção:

a) portanto
b) e
c) como
d) pois
e) embora

7. (PUC-SP) Em:

"... ouviram-se amplos bocejos, fortes **como** *o marulhar das ondas..."*

A partícula *como* expressa uma ideia de:

a) causa
b) explicação
c) conclusão
d) proporção

e) comparação

8. (Fuvest-SP) “Que não pedes um diálogo de amor, é claro, **desde que impões** a cláusula da meia-idade.”

O segmento destacado poderia ser substituído, sem alteração do sentido da frase, por:

a) desde que imponhas
b) se bem que impões
c) contanto que imponhas
d) conquanto imponhas
e) porquanto impões

9. (PUCC-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que ocorre uso **incorreto** de conjunção.

a) O homem criou a máquina para facilitar sua vida, e contudo ela correspondeu a essa expectativa.
b) Diga-lhe que abra logo a porta, que eu estou com pressa.
c) Ele tinha todas as condições para representar bem os colegas; nem todos lhe reconheciam os méritos, porém.
d) O problema é que ainda não se sabe se ele agiu conforme as normas da empresa.
e) Ao perceber o que tinha feito com seus livros, gritou que parecia um louco.

10. (PUC-SP) Nos trechos:

“Vejo três meninas caindo rápidas, enfunadas, **como** *se dançassem inda” e*
“... e a prima-dona com a longa cauda de lantejoulas riscando o céu **como** *um cometa”,*
as palavras destacadas expressam respectivamente ideias de:

a) comparação, objeto
b) modo, origem
c) modo, comparação
d) comparação, instrumento
e) consequência, consequência

GABARITO

1 – B	2 – C	3 – A
4 – D	5 – D	6 – D

7 – E	8 – E	9 – A
10 – C		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 10

PREPOSIÇÃO

10.1 DEFINIÇÃO

É a categoria gramatical invariável que tem por função ligar entre si duas palavras, subordinando uma à outra, para introduzir determinadas circunstâncias ou indicar posse, referência, origem, atribuição, causa, efeito etc. Portanto, a preposição é a palavra invariável de caráter essencialmente relacional.

Observe:

- Amanhã iremos à casa **de** Maria.
  A preposição "de" subordina "Maria" à "casa".
- A criança se encontra **com** febre.
  A preposição "com" introduz o termo atributivo "com febre".
- Deixá-lo-emos **em** Salvador e partiremos **para** São Paulo.
  As preposições "em" e "para" introduzem as circunstâncias de lugar.

Perceba que a principal "missão" das preposições é, de fato, subordinar um vocábulo ao outro. As palavras ligadas pela preposição chamam-se "**termos**" dela. O primeiro (subordinante ou regente) é chamado de "**antecedente**" e o segundo (subordinado ou regido) é chamado de "**consequente**".

Veja agora estes outros exemplos:

- Joana gosta **de** sair à noite.
  A preposição "de" subordina a oração "sair à noite" ao verbo "gostar".
- Tenho certeza **de** que amanhã Maria chegará.
  A preposição "de" subordina a oração "que amanhã Maria chegará" à "certeza".
- Eles anseiam **por** que a inflação não aumente.
  A preposição "por" subordina a oração "que a inflação não aumente" ao verbo "ansiar".

Observando as orações acima, percebe-se claramente que a preposição também subordina "orações" a certos vocábulos. Vê-se, portanto, que a preposição, à semelhança da conjunção, também subordina orações.

10.2 NEXOS PREPOSITIVOS NÃO REGENCIAIS – VALORES DE ALGUMAS PREPOSIÇÕES

De fato, o emprego da preposição se dá geralmente por questões de regência – subordinação de um termo a outro. Nem sempre, porém, isso ocorre. Em muitos casos, emprega-se a preposição para que ela estabeleça, junto ao núcleo do termo, um determinado valor. É o caso que se dá, por exemplo, com as locuções adverbiais. Perceba que a maioria delas é introduzida por um nexo prepositivo, que não foi oriundo de uma relação regencial. Quando se diz, por exemplo, "*João chegou à noite*", a preposição "a", que introduz a locução adverbial de tempo "à noite", estabelece com o substantivo "noite" uma noção de tempo. A preposição, nesse caso, não foi requisitada pelo verbo da estrutura, uma vez que ele é intransitivo. Foi usada tão somente para estipular / introduzir a relação de tempo.

Observe outros valores estipulados por nexos prepositivos não regenciais:

- Ele sempre fala muito **sobre** política.
  ↳ *assunto*
- Ele morreu **de** fome.
  ↳ *causa*
- Ele veio **de** Caruaru.
  ↳ *lugar, origem, procedência*
- Todos se inclinaram **para** a frente.
  ↳ *direção, lugar*
- Sairemos hoje **com** Maria.
  ↳ *companhia*
- Atiraram **para** cima.
  ↳ *direção*
- Falaram **contra** nós dois.
  ↳ *oposição*
- Viajaremos **durante** as férias.
  ↳ *tempo*
- A casa **de** Maria é bonita.
  ↳ *posse*
- Nós iremos **de** avião.
  ↳ *meio*
- Vendeu a casa **por** R$ 20.000,00.
  ↳ *preço*
- Fechou o portão **a** cadeado.
  ↳ *instrumento*
- Dei-lhe algo **para** beber.
  ↳ *finalidade*
- Fez um omelete **com** dois ovos.
  ↳ *matéria*
- Comprei um televisor **em** cores.
  ↳ *qualidade, estado*
- Todos ficaram **de** pé.
  ↳ *modo*
- Morrer **pela** pátria.
  ↳ *motivação, favor*
- Comprei uma casa **de** campo.
  ↳ *finalidade, destinação*

10.3 CLASSIFICAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES

No português, as preposições são classificadas em "essenciais" (palavras que só desempenham o papel estritamente de preposição) e "acidentais" (palavras de outra classe gramatical que eventualmente se usam como preposições).

a) São essenciais:

a	de	perante
ante	desde	por

após	em	sem
até	entre	sob
com	para	sobre
contra	trás	

b) São acidentais:

conforme (= de acordo com)	fora, afora
consoante (= de acordo com)	exceto
segundo (= de acordo com)	mediante (= por meio de)
como (= na qualidade de)	menos
durante	tirante
salvo	salvante

10.4 LOCUÇÕES PREPOSITIVAS

Em muitos casos, a função prepositiva é exercida por um conjunto de vocábulos que é finalizado por uma preposição. Neste caso, está-se diante das chamadas "**locuções prepositivas**". Geralmente, tais locuções apresentam como núcleo um substantivo ou um advérbio.

Abaixo há um sucinto rol das principais locuções prepositivas.

abaixo de	atrás de	em frente de
acerca de	através de	em lugar de
acima de	de acordo com	em redor de
a fim de	debaixo de	em torno de
além de	defronte de	em vez de
à maneira de	dentro de	fora de
antes de	de per	junto a

até a	depois de	não obstante
ao lado de	devido a	no caso de
ao invés de	diante de	para com
ao redor de	embaixo de	perto de
a par de	em cima de	por causa de
apesar de	em face de	por detrás de
a respeito de	em frente a	por trás de

Observe alguns exemplos:

- "Maldito seja aquele vendeiro de todos os diabos! Fazer-me um cortiço **debaixo das** janelas!..." (Aluísio Azevedo)
- "Duas vacas, guardadas por uma rapariga, apareceram então pelo caminho lodoso que do outro lado do rio, **defronte da** alameda, corre junto de um silvado." (Eça de Queiroz)
- "O olhar fascinado perturbava-se no desequilíbrio das camadas desigualmente aquecidas, parecendo varar **através de** um prisma desmedido e intáctil." (Euclides da Cunha)
- "Esta protelação, inexplicável, esta reserva **acerca de** um programa feito, acabado, dependente apenas de uma formalidade elementar." (Rui Barbosa)
- "A cabocla foi sentar-se à mesa redonda que estava no centro da sala, virada para as duas. Pôs os cabelos e os retratos **defronte de** si." (Machado de Assis)

10.5 COMBINAÇÕES E CONTRAÇÕES DAS PREPOSIÇÕES

Observe o exemplo abaixo:

Ele foi um **daqueles** que sempre lutou **pela** pátria.

Veja que os dois termos em negrito aparecem com preposições:

- daqueles → de + aqueles
- pela → per (preposição arcaica) + a

Num período, pode uma preposição unir-se a outra palavra, passando a constituir com ela um só vocábulo. Nessa ligação, se a preposição permanece com todos os seus fonemas, diz-se que há "**combinação**"; se houver perda de fonema para algum dos componentes, diz-se que há "**contração**".

Listaremos abaixo alguns casos comuns de combinação e de contração:

a) **Combinação da preposição "a" com os artigos definidos ou os pronomes demonstrativos "o, os" → ao, aos**

b) **Contração da preposição "a" com os artigos definidos ou os pronomes demonstrativos "a, as" → à, às (crase)**

c) **Contração da preposição "de" com artigos, certos pronomes e certos advérbios:**

- de + o, a, os, as → **do, da, dos, das**
- de + um, uma, outro, outra → **dum, duma, doutro, doutra etc.**
- de + ele, ela, esse, aquele, aquilo, isto, isso (e suas flexões) → **dele, dela, desse, daquele, disto etc.**
- de + aqui, aí, ali, onde, antes → **daqui, daí, donde, dantes etc.**

d) **Contração da preposição "em" com artigos e certos pronomes:**

- em + o, a, os, as → **no, na, nos, nas**
- em + um, uma, outro, este, esse, aquele (e suas flexões) → **num, numa, noutro, neste, naquele etc.**

e) **Contração da antiga preposição "per" (hoje substituída pela sua sinônima "por") com os artigos "o, a, os, as" → pelo, pela, pelos, pelas**

⇨ **Observação:**

Quando rege infinitivos, a preposição não deve se contrair com artigos, advérbios e pronomes (orações reduzidas). Ademais, como geralmente os infinitivos apresentam sujeito próprio, é inadmissível que haja o preposicionamento do sujeito deste infinitivo.

sujeito do infinitivo

- Vamos, pois está na hora **do** ônibus passar. → construção errada. (Corrija-se: na hora **de o** ônibus passar.)

sujeito do infinitivo

- Não saímos de casa **pelo** carro estar quebrado. → construção errada. (Corrija-se: **por o** carro estar quebrado.)

O pronome "ele" é o sujeito do infinitivo.

- Comprei livros a fim **dele** estudar mais. → construção errada. (Corrija-se: a fim **de ele** estudar mais.)

O substantivo "assassino" é o sujeito do infinitivo "ser".

- O crime comoveu a todos **por o** assassino ser muito conhecido. → construção correta

10.6 REPETIÇÃO DAS PREPOSIÇÕES

Sem dúvida, um dos pontos que suscita dúvida diz respeito à repetição da preposição. Em muitas estruturas em que aparece mais de um termo subordinado a um outro termo por meio de uma preposição, a repetição da preposição deve levar em conta as seguintes orientações:

a) Diante de termos subordinados em que o determinante só ocorre perante o primeiro, é de praxe a preposição só aparecer no primeiro termo subordinado.

- "Tratou logo de aprestar a armada, que achou desbaratada **pelas** viagens e guerras de seu antecessor." (J. Freire *apud* Cláudio Brandão)
- "Pudera chamar abelhas aos holandeses **pela** arte e bom governo." (Pe. Antônio Vieira)
- "As aves, dando repouso às asas fatigadas do contínuo voejar **pelos** pomares, prados e balsedos vizinhos, começavam a preludiar seus cantos vespertinos." (Bernardo Guimarães)

⇨ **Observação:**

É possível, nestes casos, a repetição tanto da preposição quanto do determinante a fim de individualizar e ressaltar cada termo subordinado.

- "Cristo, nosso Salvador, é o verdadeiro Deus **dos** exércitos e **das** vitórias." (Pe. Antônio Vieira)
- "Maria é a divindade **da** inocência, **da** fraqueza e **do** infortúnio." (Camilo C. Branco)
- "Deus me livre de debater matéria tantas vezes disputadas, tantas vezes exaurida **pelos** que sabem a ciência do mundo e **pelos** que sabem a ciência do céu!" (A. Herculano)

b) É frequente omitir-se a preposição antes do segundo e dos outros termos subordinados quando estes vêm desacompanhados de determinantes.

- "Vós ensinais-me a defender a honra **com** vida, santidade, exemplo e sofrimento." (Tomé de Jesus *apud* Cláudio Brandão)
- "... e lágrimas **de** ternura e religião rebentam de todos os olhos." (Camilo C. Branco)

⇨ **Observação:**

A repetição da preposição, entretanto, far-se-á necessária se se desejar pôr em relevo (ênfase) cada um dos termos subordinados.

- "**Com** espanto e ao mesmo tempo **com** alegria, percebi que se exprimia em romano rústico, o qual, daí a pouco, vi que o moço árabe falava como se fosse a própria linguagem." (A. Herculano)
- "E que **sobre** mirrados, **sobre** afogados, **sobre** comidos, ainda se vejam pisados e

perseguidos dos homens...” (Pe. Antônio Vieira)

- “Todas as consciências, todos os caracteres, todas as alavancas morais das grandes causas farão, em torno de S. Ex.ª, um círculo **de** força, **de** inteligência, **de** probidade, **de** patriotismo, **de** desinteresse, **de** concentração intensa, perseverante, intransigente, a que nada resistirá.” (Rui Barbosa)

c) Quando os termos subordinados se encontram precedidos por determinantes, é comum exprimir-se a preposição apenas diante do primeiro termo subordinado, omitindo-a para dos demais.

- “Essa noite, nas salas de Manuel, só se conversou **sobre** as boas qualidades e os bons precedentes do estimado cura do Rosário.” (Aluísio Azevedo)
- “... suave é o refúgio dessa consolação oferecida pelos fastos de uma época heróica aos que padecem e esperam **contra** a aridez e a corrupção de nossos dias.” (Rui Barbosa)
- “**Entre** os esplendores e as harmonias dessa inocente, querida e confortadora solenidade, recolhamo-nos uns instantes à obscuridade silenciosa de nosso senso íntimo.” (Rui Barbosa)

⇨ **Observação:**

Nestes casos, pode-se também repetir a preposição caso se queira dar mais ênfase a cada um dos termos subordinados.

- “As quatro filhas do Teixeira Azevedo, magrinhas, com os cabelos muito riçados, as olheiras pisadas, passavam a sua tarde de dia santo, olhando **para** a rua, **para** o ar, **para** as janelas vizinhas.” (Eça de Queiroz)
- “Olha para si, **para** as chinelas (umas chinelas de Túnis, que lhe deu recente amigo, Cristiano Palha), **para** a casa, **para** o jardim, **para** a enseada, **para** os morros e **para** o céu.” (Machado de Assis)

d) Em sequências formadas de infinitivos, é comum exprimir-se a preposição apenas diante do primeiro infinitivo.

- “... foi a Santo Agostinho, como iria a Santo Ambrósio ou a Santo Hilário, e escreveu uma carta enigmática, para confundi-lo, **até** voltar e rir-se do logro.” (Machado de Assis)
- “Preparou-se **para** passar os Pireneus e invadir a França.” (F. Castilho)
- “**Depois de** gritar, chorar, maldizer, blasfemar, ameaçar, rasgar, quebrar, destruir, Vidinha parou um instante, concentrou-se, meditou, e depois, como tomando uma grande resolução.” (Manuel A. de Almeida)

⇨ **Observação:**

A repetição da preposição antes de cada infinitivo é possível quando se deseja obter

ênfase.

- "**Para** soerguer o peso desse véu, **para** lhe arredar a ponta, não será demais o concurso de uma boa vontade..." (Rui Barbosa)
- "... estava olhando da alta torre Tarpeia, recreando-se **em** ver abrasar aqueles nobres e antigos edifícios, e **em** ouvir os tristes clamores..." (H. Pinto *apud* Cláudio Brandão)

e) A repetição da preposição diante de cada termo subordinado deverá ser feita sempre que for necessário conferir maior clareza ao enunciado a fim de se evitar possíveis ambiguidades.

- João lutou **contra** Pedro e Paulo. (Napoleão M. de Almeida)
  João lutou ao mesmo tempo contra Pedro e Paulo.
- João lutou **contra** Pedro e **contra** Paulo. (Napoleão M. de Almeida)
  João lutou contra Pedro e depois contra Paulo.

- "Os descendentes dos Bem-Umeias aplicou todas as atenções **a** construir uma armada capaz de impedir os desembarques dos africanos e **a** reprimir algumas tentativas dos descontentes." (A. Herculano)

f) Em se tratando de locução prepositiva, apresentam-se as seguintes orientações:

→ A locução prepositiva aparece apenas no primeiro termo subordinado:

- "Naquela época, porém, **devido a**o álcool e desgostos íntimos, nos quais predominava a loucura irremediável de um irmão, não era mais que uma triste ruína de homem, amnésico, semi-imbecilizado, a ponto de não poder seguir o fio da mais simples conversa." (Lima Barreto)
- "Eu – não tomaria outra, **apesar da** legislação e prática então vigente, e que não sei se ainda hoje vige." (A. Garrett)

→ A locução prepositiva é repetida para cada termo subordinado:

- **Por causa da** chuva e **por causa dos** prováveis alagamentos, resolveu adiar a reunião que faria com os membros do partido.
- "Agora podeis falar **diante** dele como **diante de** mim." (A. Garrett)

→ A locução prepositiva aparece no primeiro termo subordinado e repete-se a parte final dela para os demais termos subordinados:

- "A sua casa tinha agora um pessoal complicado de primeiros, segundos e terceiros caixeiros, **além do** guarda-livros, **do** comprador, **do** despachante e **do** caixa." (Aluísio Azevedo)
- "De cada vez que Afonso ia à quinta predilecta, em cada árvore nova entalhava as letras iniciais dos dois nomes, que ele imaginava, **apesar da** distância e **dos** reveses, atados para sempre com aplauso de Deus." (Camilo C. Branco)

10.7 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (Fuvest-SP) Ao ligar dois termos de uma oração, a preposição pode expressar, entre outros aspectos, uma relação temporal, espacial ou nocional. Nos versos:

"Amor total e falho... Puro e impuro...
Amor de velho adolescente..."
a preposição de estabelece uma relação nocional.
Essa mesma relação ocorre em:

a) "Este fundo **de** hotel é um fim **de** mundo."
b) "A quem sonha **de** dia e sonha **de** noite, sabendo todo sonho vão."
c) "Depois fui pirata mouro, flagelo **da** Tripolitânia."
d) "Chegarei **de** madrugada, quando cantar a seriema."
e) "Só os roçados **da** morte compensam aqui cultivar."

2. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção em que a preposição *com* traduz uma relação de instrumento.

a) "Teria sorte nos outros lugares, com gente estranha."
b) "Com o meu avô cada vez mais perto do fim, o Santa Rosa seria um inferno."
c) "Não fumava, e nenhum livro com força de me prender."
d) "Trancava-me no quarto fugindo do aperreio, matando-as com jornais."
e) "Andavam por cima do papel estendido com outras já pregadas no breu."

3. (Unimep-SP) "Depois **a** mãe recolhe as velas, torna **a** guardá-**las** na bolsa." Os vocábulos destacados são, respectivamente;

a) pronome pessoal oblíquo, preposição, artigo.
b) artigo, preposição, pronome pessoal oblíquo.
c) artigo, pronome demonstrativo, pronome pessoal oblíquo.
d) artigo, preposição, pronome demonstrativo.
e) preposição, pronome demonstrativo, pronome pessoal oblíquo.

4. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção cuja lacuna não pode ser preenchida pela preposição entre parênteses.

a) uma companheira desta, ... cuja figura os mais velhos se comoviam. (*com*)
b) uma companheira desta, ... cuja figura já nos referimos anteriormente. (*a*)
c) uma companheira desta, ... cuja figura havia uma ar de grande dama decadente. (*em*)

d) uma companheira desta, ... cuja figura andara todo o regimento apaixonado. (*por*)
e) uma companheira desta, ... cuja figura as crianças se assustavam. (*de*)

5. (UFU-MG) "... foram intimados **a** comparecer...", "... não **a** fizeram...", "... **a** sua oração...". As três ocorrências de **a** são, respectivamente:

a) preposição, pronome, preposição.
b) artigo, artigo, preposição.
c) pronome, artigo, preposição.
d) preposição, pronome, artigo.
e) artigo, pronome, pronome.

6. (PUC-SP)
"... a folha **de um livro** *retoma."*
"como **sob o vento** *a árvore que o doa."*
"e nada finge vento **em folha** *de árvore."*
As expressões destacadas são introduzidas por preposições. Tais preposições são usadas, nesses versos, com a ideia de:

a) origem, lugar, especificação.
b) especificação, agente causador, lugar.
c) instrumento, especificação, lugar.
d) agente causador, especificação, lugar.
e) lugar, instrumento, origem.

7. (UM-SP) Indique a oração que apresenta locução prepositiva.

a) Havia objetos valiosos sobre a pequena mesa de mármore.
b) À medida que os inimigos se aproximavam, as tropas inglesas recuavam.
c) Seguiu a carreira militar devido à influência do pai.
d) Agiu de caso pensado, quando se afastou de você.
e) De repente, riscou e reescreveu o texto.

8. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da seguinte frase:
"O controle biológico de pragas, ... o texto faz referência, é certamente o mais eficiente e adequado recurso ... os lavradores dispõem para proteger a lavoura sem prejudicar o solo."

a) do qual, com que

b) de que, que
c) que, o qual
d) ao qual, cujos
e) a que, de que

9. (UFV-MG) Assinale a opção cuja sequência completa **corretamente** as frases abaixo.

A lei ... se referiu já foi revogada.
Os problemas ... se lembraram eram muito grandes.
O cargo ... aspiras é muito importante.
O filme ... gostou foi premiado.
O jogo ... assistimos foi movimentado.

a) que, que, que, que, que
b) a que, de que, que, que, a que
c) que, de que, que, de que, que
d) a que, de que, a que, de que, a que
e) a que, que, que, que, a que

10. (Osec-SP) Assinale a frase que **não** está correta.

a) Entre mim e ti tudo acabou.
b) Já lhe disse que entre nós nada é bom.
c) Entre ela e nós existe de tudo.
d) Entre eu e você deve haver respeito.
e) Não é possível haver dúvidas entre eles.

GABARITO

1 – A	2 – D	3 – B
4 – E	5 – D	6 – B
7 – C	8 – E	9 – D
10 – D		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 11

INTERJEIÇÃO

11.1 DEFINIÇÃO

É a palavra invariável que exprime os sentimentos ou as sensações de dor, alegria, surpresa, temor, aversão etc.

De acordo com o professor M. Said Ali, as interjeições representam “a parte menos racional da linguagem, por não traduzirem nenhuma estruturação sintática”.

As interjeições devem ser proferidas em tom de voz diferente daquele que se usa para o vocábulo da linguagem expositiva, por elas representarem brados, gritos ou expressões de dor, alegria, pavor, surpresa etc.

11.2 CLASSIFICAÇÃO

As interjeições são classificadas de acordo com os afetos que exprimem. Teremos, então, as interjeições de:

a) **dor**: *ai!, ui!*

b) **alegria**: *ah!, oh!, oba!, opa! aleluia!*

c) **admiração:** *oh!, ah!, opa!, oba!, puxa!*

d) **animação**: *avante!, coragem!, eia!, vamos!, agora!, ânimo!, força!*

e) **aplauso**: *bis!, bem!, bravo!, viva!, apoiado!, muito bem!, ótimo!, perfeito!*

f) **apelo ou invocação**: *olá!, psiu!, psit!*

g) **desejo**: *oh!, oxalá!, tomara!*

h) **silêncio**: *psiu!, silêncio!*

i) **pavor ou terror**: *ufa!, ui!, uh!, credo!, cruzes!*

j) **espanto ou surpresa**: *ah!, chi!, ué!, uai!, caramba!.*

k) **indignação**: *apre!, chi!, morra!, fora!.*

l) **suspensão**: *basta!, alto!, alto lá!*

m) **advertência**: *cuidado!, atenção!*

n) **descontentamento**: *hum!, hem!, diabo!, mau!*

o) **repulsa**: *safa!, fora!, uf!*

⇨ Observações importantes:

a) É importante frisar que na escrita as interjeições vêm de regra acompanhadas de ponto de exclamação (!).

b) Perceba que algumas interjeições podem ser classificadas em mais de uma categoria. Isso se dá em virtude de a interjeição poder expressar sentimentos vários. A classificação, portanto, deve ser feita de acordo com o contexto em que se encontra a interjeição.

c) Há interjeições denominadas de "imitativas ou onomatopaicas". São aquelas que exprimem os sons das coisas, dos objetos – zás!, chape!, bum!.

d) Assim como outras classes morfológicas, as interjeições podem aparecer sob a forma locucional – são denominadas de "locuções interjetivas". São exemplos dessas locuções:

- **Valha-me Deus!**
- **Ai de mim!**
- **Credo em cruz!**
- **Puxa vida!**
- **Ora, bolas!**
- **Coitado de mim!**
- **Deus me livre!**
- **Essa não!**
- **Raios te partam!**
- **Nossa Senhora!**
- **Virgem Maria!**
- **Muito obrigado!**

e) A interjeição de emprego mais comum na língua portuguesa é "oh!", a qual também se escreve "ó". A primeira é empregada geralmente acompanhada de um ponto de exclamação, enquanto a segunda geralmente dispensa a pontuação. A interjeição "ó" última é empregada geralmente no vocativo para indicar um chamamento, uma invocação. Por outro lado, interjeição "oh!" possui sentido variável, denotando ora alegria, ora espanto, ora aversão, ora desejo, ora chamamento.

III

SINTAXE

CAPÍTULO 1

SINTAXE DE ORAÇÃO – TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO

1.1 CONCEITOS ESSENCIAIS

Antes de tudo, é fundamental apreender o conceito de frase, oração e período.

1.1.1 FRASE

É todo enunciado linguístico capaz de estabelecer um processo de comunicação, ou seja, é todo enunciado que possui sentido completo.

Observe:

- Silêncio!
- Meu Deus, ajude-me!
- O presidente da empresa viajará amanhã para São Paulo.
- Na próxima semana, o resultado do concurso sairá, e todos saberão quem foram os reais ganhadores.

Veja: Não importa o tamanho – frase é tudo que possui sentido completo.

Quanto ao sentido que expressam, as frases podem ser:

a) Declarativas ou expositivas (apresentam uma declaração, um juízo de valor):

- O governo mostra-se lento na resolução do problema da violência.

b) Interrogativas (apresentam uma indagação, uma pergunta, um questionamento):

- Por que ele não chegou ainda?

c) Imperativas (apresentam uma ordem, um mandamento, uma exortação):

- Deixe o ambiente agora.

d) Exclamativas (apresenta uma admiração, uma repulsa, uma surpresa):

- Muito bem!
- Quanto desprezo em suas palavras!

e) Optativas (apresentam um desejo, uma aspiração):

- Que Deus os proteja!
- Oxalá dê tudo certo em sua jornada!

1.1.2 ORAÇÃO

É toda estrutura linguística centrada em um verbo ou uma locução verbal. Podemos afirmar ser toda estrutura que se biparte em sujeito e predicado, e, excepcionalmente, só em predicado, quando a declaração se encerra em si mesma sem referência particular a nenhum ser.

- "Raspou, achou, ganhou!" (Anúncio publicitário)
- Amanhã o governo deve anunciar um novo pacote econômico.

1.1.3 PERÍODO

É a frase formada por uma ou mais orações. Classifica-se, portanto, em:

a) Simples: formado por uma única oração, denominada de oração absoluta. Haverá, por isso, um único verbo ou uma única locução verbal.

- Haveremos de conseguir a aprovação no concurso.
- Ainda existem pessoas honestas neste país?

b) Composto: formado por mais de uma oração. (A classificação desse período encontra-se no capítulo sintaxe de período).

- [Quando o homem chegou], [a polícia já havia levado o corpo].
- [Ela aprecia frutos do mar] [que são pescados em águas mornas].
- [Todos desconfiam] [de que o coordenador foi o culpado pela tragédia].

Concluindo: É fundamental que o estudante da língua portuguesa aprenda a detectar o verbo da estrutura linguística. É a partir dele que toda a sintaxe ganha existência. Ademais, convém saber que: Nem toda frase é uma oração, assim como nem toda oração é uma frase.
Nem todo período é formado por mais de uma oração. O período pode ser simples, como vimos.

1.2 TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO

Gramaticalmente existem dois termos essenciais:

- o sujeito;
- o predicado.

Entretanto, perceberemos ao longo do nosso estudo que o termo essencial por excelência é o predicado, em virtude da possibilidade da existência de uma oração sem sujeito.

1.2.1 SUJEITO

É o termo que representa o ser a respeito de quem se diz alguma coisa, faz-se alguma declaração.

Importante!! Identificar o sujeito é um dos mais importantes conhecimentos de que precisa o estudante da Língua Portuguesa para caminhar bem em sintaxe. Vale salientar que toda a base da concordância verbal está na perfeita harmonização entre o verbo e o seu sujeito. Ora, para que se perfaça essa harmonia, é fundamental que primeiro se identifique o "bendito" sujeito.

A partir de agora, vamos ver várias orações. Procure identificar (e acima de tudo entender) nelas o sujeito do(s) verbo(s).

- Deslizavam montanha abaixo **as águas do desgelo**.
- Ainda devem chegar hoje pela manhã **as correspondências enviadas pelo amigo de Portugal**.
- **Meus ais** incomodavam a muitos no hospital.
- Caso não lhe venham a parecer oportunas **essas medidas**, faça **você** mesmo como quiser.
- Ainda deve ocorrer, nas periferias das grandes cidades, a despeito das medidas repressivas, **muita contestação violenta** por parte dos desempregados.

Não esqueça: O sujeito pode estar localizado em qualquer parte da estrutura oracional. O importante é perceber com quem o verbo está se relacionando e notar a que termo a declaração verbal se refere. Observe as seguintes análises errôneas a respeito do sujeito:

a) Chegaram hoje à tarde **muitas correspondências**. (Achar que o termo em negrito é o objeto direto. Na realidade quem praticou a ação de chegar foram "as correspondências". Logo, é o sujeito da oração.)

b) Ainda existem **pessoas honestas** no Brasil. (Achar que o sujeito é indeterminado só porque o verbo se encontra na 3.ª pessoa do plural. Na realidade quem pensa assim geralmente está preso à definição de sujeito como o termo que pratica a ação. É melhor pensar em sujeito como o ser sobre o qual se faz alguma declaração, se enuncia algo.) Observe:

- Ocorreram **festas** no final de semana.
- Convém o **retorno** imediato dele.
- Agora só importa a **resolução** do problema.
- Ainda faltam quinze **minutos** para o início do show.

Perceba que todos os termos em negrito representam núcleos dos sujeitos. Cuidado para não pensar que eles são objetos diretos tentando fazer a velha perguntinha: "o quê"?

Uma outra informação importante para o nosso aprendizado é a de que o núcleo do sujeito de uma oração é sempre representado por um substantivo ou por um termo substantivado.

Considerações gerais sobre o sujeito:

a) Não se esqueça de que o sujeito da oração não vem regido por preposição, pois, como sabemos, por ser o sujeito um termo subordinante, não se deixa reger por preposição. Logo, um termo regido por um nexo prepositivo jamais exercerá a função de sujeito. Observe (destacamos o sujeito com a cor laranja; **os elementos sublinhados não representam o sujeito** – geralmente esses elementos funcionam como completivos – objeto direto, objetivo indireto, complemento nominal):

- Ainda cabe aos alunos da 1.ª série (não é o sujeito) **consertar o dano que causaram à escola**. não é o sujeito
- Enreda-se nas tramas das próprias memórias **todo aquele** que não busca abrir, para si mesmo, novos tempos e novas experiências.
- A qualquer pessoa podem ocorrer, neste tempo de radicalismos, **argumentos em favor da mais pessimista expectativa histórica**.
- Se a cada um de nós efetivamente perturbassem **os que agem mal**, a impunidade seria impossível.
- Não ocorre aos bons cidadãos **que os maus** (sujeito oracional) contam com **o silêncio da sociedade** para

seguirem sendo o que são.

⇨ **Observação:**

Fique muito atento! Frequentemente as bancas interpõem esses termos preposicionados entre o sujeito e o verbo a fim de confundir o candidato. Por isso, procure estudar este ponto mais de uma vez, para que você não cometa erros "bobos" quando for identificar o sujeito a fim de efetuar a concordância verbal adequada.

b) Em virtude da regra acima, não se deve, portanto, preposicionar um termo que exerce a função sintática de sujeito. Observe:

- Está na hora da onça beber água. (construção errada)

Corrija-se para...

- Está na hora de a onça beber água.
  sujeito do verbo "beber"

- Apesar da manifestação ocupar as ruas principais, o trânsito fluía normalmente. (construção errada)

  Corrija-se para...

- Apesar de a manifestação ocupar as ruas principais, o trânsito fluía normalmente.
  sujeito do verbo "ocupar"

- A fim dele conseguir a aprovação, comprei novos livros. (construção errada)

Corrija-se para...

- A fim **de ele** conseguir a aprovação, comprei novos livros.

⇨ **Observação:**

Nesses casos, o nexo prepositivo rege a oração, e não o sujeito desta oração.

1.2.1.1 Núcleo do sujeito

O núcleo do sujeito pode ser exercido por:

I – Pronomes pessoais do caso reto

- **Eles** trouxeram o projeto para **eu** avaliar. (Se aparecer alguma dúvida aqui, pare e vá estudar o assunto "pronome", notadamente, os pronomes pessoais.)

- **Nós** ainda iremos ganhar esta maratona.

II – Alguns pronomes pessoais oblíquos (me, te, se, o, a, os, as, nos, vos)

Calma!!! Não é difícil!! É só uma exceção, afinal a função típica desses pronomes é a complementar. Esse caso ocorre geralmente com verbos denominados "sensitivos" e "causativos", como, por exemplo, "mandar, deixar, fazer, ouvir, ver".

- Deixei-**os** sair para diminuir o barulho aqui dentro.

Se desenvolvermos a frase acima, teremos:

- Deixei que **eles** saíssem para diminuir o barulho aqui dentro.

Ora, veja que o pronome obliquo átono – os – transformou-se, quando a oração foi desenvolvida, no pronome tônico do caso reto "eles" que, por sua vez, é, claramente, o sujeito do verbo sair. Logo, o pronome átono "os" na primeira oração – a reduzida – também funciona como sujeito do verbo "sair". Olhe outros exemplos:

- Fizemo-**lo** abandonar o vício em fumar. (= Fizemos com que **ele** abandonasse o vício em fumar.)
- Mandaram-**me** comprar um produto de última geração. (= Mandaram que **eu** comprasse um produto de última geração.)
- Vê-**los** sair mais cedo é uma vitória. (= Ver que **eles** saem mais cedo é uma vitória.)
- Poder deixá-**las** brincar mais um pouco é um prazer. (= Poder deixar que **elas** brinquem mais um pouco é um prazer.)

Dica: Perceba que os pronome oblíquos acima funcionam como sujeitos de verbos no infinitivo, cuja oração desempenha a função de objeto direto para a principal. Veja um último exemplo: Mandar-te-iam deixar o ambiente só porque não estás de paletó? (Veja que a oração "te deixar o ambiente só porque não estás de paletó" exerce a função sintática de objeto direto para o verbo "mandar".)

III –Pronomes pessoais de tratamento

- **Você** não viu o incidente que provocou?
- **Vossa Excelência** não conveio nas condições do acordo.

IV –Substantivo ou palavra com função de substantivo

- Os **prós** e os **contras** foram mencionados logo no início da reunião.

- A **interação** dele com os outros pacientes mostrava claramente a sua recuperação.
- Nem sempre o **belo** é tão belo quanto se mostra.
- A **pequena** fez uma cara de espanto.
- O **mas** é uma conjunção adversativa.

V – Pronomes demonstrativos, indefinidos, relativos ou interrogativos

- — **Quem** bateu à porta?
- — **Alguém** bateu à porta.
- — Não! **Ninguém** bateu à porta?
- **Isso** passou logo. No entanto, **aquilo** demorará mais.

> **Não se esqueça!** Os pronomes indefinidos se referem à 3.ª pessoa do discurso de maneira indefinida, vaga, imprecisa – eles não promovem "sujeito indeterminado". Nada a ver!! Cuidado!!

- Ao longe se via uma mulher **que** comprava presentes. (Observe o pronome relativo "que" desempenhando a função de sujeito ⇨ "Ao longe se via uma mulher a qual comprava presentes".)

VI –Numeral

- As **duas** conseguiram boas notas na prova.
- Só **uma** deve resolver o problema.

1.2.1.2 Classificação do sujeito

Existem vários critérios para se classificar o sujeito:

1. Um desses critérios leva em conta a quantidade de núcleos do sujeito. Daí dizer-se sujeito "simples" (apenas um núcleo aparece na oração) ou "composto" (mais de um núcleo).
2. Outro considera a possibilidade de o sujeito encontrar-se expresso ou implícito. Nesse caso, classifica-se o sujeito em determinado ou indeterminado.
3. Há também o critério que considera a prática da ação pelo sujeito: quando o sujeito é praticante da ação, denomina-se agente ou ativo; ao contrário, quando o sujeito passa a receber a ação expressa pelo verbo, é denominado sujeito passivo ou paciente.

4. Por último, existem orações que não possuem sujeito. Para elas, classifica-se o sujeito como inexistente (expressão condenada por alguns gramáticos) ou, o que nos parece melhor, oração sem sujeito.

Passemos agora ao estudo detalhado dos principais tipos:

I – Sujeito simples

Como já dissemos, é aquele em que apenas um núcleo aparece com a função de sujeito. Este núcleo pode ser exercido por um substantivo ou por qualquer palavra substantivada.

Observe os exemplos extraídos de provas de concursos:

- Os **terrenos** novos nos quais deve se aventurar o **jovem** de hoje são seu grande desafio. (Observe bem que as palavras em negrito funcionam como núcleos dos sujeitos dos seus respectivos verbos.)
- Quando não são valorizadas, num jovem, as **qualidades** naturais da mocidade, ele sai prejudicado.
- Quanto aos adolescentes, nenhuma **época** lhes parece tão injusta quanto a nossa.

II – Sujeito composto

É aquele que apresenta mais de um núcleo para o sujeito. Veja:

- No prato ainda constavam, após o almoço, um **bocado** de arroz e um **punhado** de farofa.
- Têm existido muita **família** e muitos outros **grupamentos** sociais indignados com a atuação do governo.
- **O bolsa-escola** e **o programa de renda mínima**, instituídos nos últimos anos pelo Governo Federal, devem garantir bons resultados sociais para o Brasil nos próximos anos.

⇨ **Observação:**

O sujeito dito composto apresenta-se, como já se disse, com mais de um núcleo. Não se trata de mais de um sujeito – é um único sujeito, que é formado com dois ou mais núcleos.

Vale a pena: Dê uma "olhadinha" na forma como se faz a concordância com o sujeito composto.

III –Sujeito oculto / elíptico / desinencial

É aquele sujeito que não se encontra expresso na oração, mas que é facilmente subentendido pela desinência verbal.

- Precisamos comprar um novo carro. (Sujeito = nós)
- Hoje estou aqui para conversarmos um pouco sobre política monetária. (Sujeitos = **eu** para o verbo "estar" e **nós** para o verbo conversar)
- Retira-te agora, criatura miserável! (Sujeito oculto = tu). ⇨ Cuidado neste exemplo: observe que o verbo se encontra no imperativo afirmativo.
- "Adestrai-vos, e conquistai força física e moral." (Olavo Bilac) (Sujeito = vós)

IV –Sujeito indeterminado

No bom jargão dos professores: a partir de agora a atenção precisa ser redobrada. Muitas bancas de concursos exploram o sujeito indeterminado em suas questões de concordância verbal.

> **Conselho de amigo / Dica de estudo:** Se o amigo estudante não tiver segurança ou não se lembrar direito do assunto "transitividade verbal", sugiro que primeiro faça uma revisão desse assunto para depois adentrar o conteúdo abaixo. Você precisa ter uma boa noção de transitividade para poder identificar o sujeito.

O sujeito indeterminado aparece quando não se deseja ou não se consegue determinar, identificar o autor da ação verbal. Portanto, o que torna indeterminado o sujeito é a intenção ou a situação do falante, que não sabe ou não quer individuar, precisar, apontar o agente, o autor da ação. O conceito de sujeito indeterminado, por isso, tem de partir da intenção ou da ignorância do falante, já que, em português, a maioria das construções apresenta sujeito. Existem duas situações em que um sujeito pode ser ou aparecer indeterminado:

a) Com verbos na 3.ª pessoa do plural, sem fazer referências a nenhum substantivo anteriormente ou posteriormente expresso, nem ao pronome pessoal do caso reto "eles".

Veja:

- **Imitaram** o professor de Português na última aula. (Perceba que não se sabe quem fez a ação de imitar.)
- **Vão** telefonar para você hoje à tarde para tratar de um assunto do seu interesse. (Se não se pode determinar quem praticou a ação, logo o sujeito é indeterminado. O verbo auxiliar da locução verbal – ir + telefonar – encontra-se flexionado na 3.ª pessoa do plural).
- "**Dizem** que sou louco!" (O sujeito do verbo "dizer" é indeterminado.)
- **Consideram**-no o pai da turma pela inteligência e experiência que possui. (O sujeito do verbo "considerar" é indeterminado.)

b) Com verbos intransitivos, transitivos indiretos ou de ligação acompanhados da partícula

"se". Essa partícula funcionará como o "índice de indeterminação do sujeito". O mais importante é notar que nesse caso o verbo, obrigatoriamente, permanecerá na 3.ª pessoa do singular.

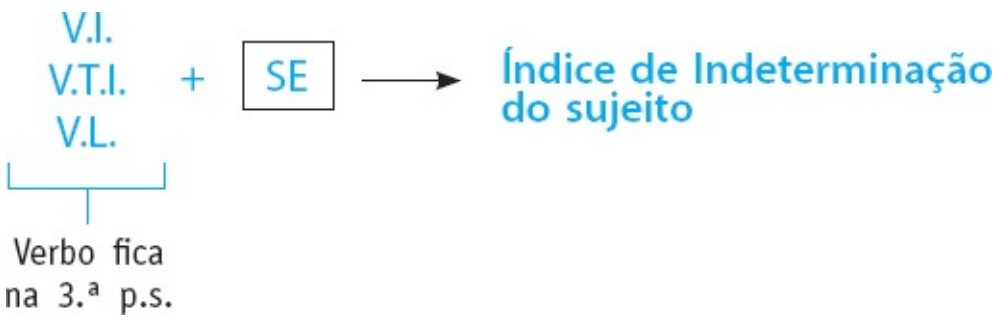

Exemplos:

- No Brasil, já não mais **se recorre a** confiscos para a obtenção de fluxo de caixa. (Verbo transitivo indireto + se)
- Na apresentação dele, **desconfiava-se dos** acordos que ele propunha. (Verbo transitivo indireto + se)
- Os livros **dos** quais **se precisava** foram doados para uma instituição de caridade. (Cuidado para não dizer "... dos quais se precisavam..." ⇨ O verbo é transitivo indireto e está acompanhado do pronome "se".)
- **Cria-se** mais **nas** palavras do membro do que **nas** palavras do líder espiritual da igreja. (Verbo transitivo indireto + se)
- **Tratava-se de** problemas de difícil resolução. (Verbo transitivo indireto + se)
- **Era-se** mais feliz noutros tempos. (Verbo de ligação + se)
- **Come-se** muito bem em diversas regiões do Brasil. (Verbo intransitivo + se)
- "**Escorrega**-se no sangue, **tropeça**-se sobre cadáveres, mas a luta continua ardentemente acesa." (Visconde de Ouro Preto). (Verbos intransitivos + se)

⇨ **Observações:**

a) Atente para os termos "a confiscos", "dos acordos", "dos quais", "nas palavras" e "de problemas" dos cinco primeiros exemplos acima. Eles funcionam como objetos indiretos para os seus respectivos verbos.

b) Quem literalmente promove a indeterminação do sujeito é a partícula "se". Se ela for retirada, passa-se a ter sujeitos ocultos, elípticos.

c) Procure imediatamente correlacionar o estudo do sujeito indeterminado com o estudo do sujeito passivo ou paciente. Muitas questões exploram essa distinção. É básico para um candidato diferenciar um índice de indeterminação do sujeito de uma partícula ou pronome apassivador.

V – Sujeito passivo ou paciente (a partícula ou pronome apassivador)

Dica: Procure correlacionar o conteúdo do sujeito passivo ou paciente com o assunto "a voz passiva".

Um dos casos mais explorados em concursos públicos e vestibulares é a concordância com o sujeito passivo ou paciente. Para que se faça a perfeita harmonização entre o verbo e o seu sujeito, convém primeiro saber identificar esse tipo de sujeito e diferenciá-lo de outros tipos, notadamente do sujeito indeterminado.

Compare:

- Come-se bem no interior de muitas capitais brasileiras. (Sujeito indeterminado ⇨ VI + SE)
- Come-se bem, no interior de muitas capitais brasileiras, pratos bastante requintados. (Erro comum!!!) (Sujeito passivo ou paciente = pratos).

Perceba que no primeiro exemplo não se diz o que se come – o verbo, portanto, está empregado como intransitivo. A estrutura apenas faz referências à ação de comer de forma genérica. Logo, indeterminou-se o sujeito. Já no segundo caso, o que se está comendo são "pratos bastante requintados", termo que representa o sujeito da oração. No caso acima, estamos diante de uma voz passiva sintética, formada de um VTD + SE. Logo, o verbo deve obrigatoriamente concordar com este sujeito. A frase correta será:

- **Comem-se** bem, no interior de muitas capitais brasileiras, **pratos** bastante requintados.

Outros exemplos de sujeitos passivos ou pacientes:

- Estão sendo avaliadas pela banca todas as monografias entregues no dia 30. (Sujeito passivo = as monografias. Estamos diante de uma voz passiva analítica.)
- Eleger-se-ão **os novos diretores** do clube no próximo domingo. (Sujeito passivo = os novos diretores. Aqui a voz passiva é sintética.)
- Seria de se esperar que se associassem à moderna tecnologia apenas **os benefícios reais**, que a ela se tributassem tão somente **vantagens inequívocas**. (Sujeitos passivos = os benefícios reais; vantagens inequívocas.)
- Não se delegue às escolas a **missão** exclusiva de preparar os jovens para sua inserção no mercado de trabalho. (Núcleo do sujeito passivo = missão.)
- Não se impute aos adolescentes de hoje **a exclusiva responsabilidade** pelo fato, lastimável, de aspirarem a tão pouco. (Sujeito passivo = a exclusiva responsabilidade.)
- É muito difícil que se cumpram **os propósitos que** se formulam a cada início de ano. (Sujeitos passivos = os propósitos; que – pronome relativo.)

Observe que, nos cinco últimos exemplos, temos a aplicação da fórmula da voz passiva

sintética (também chamada de passiva pronominal):

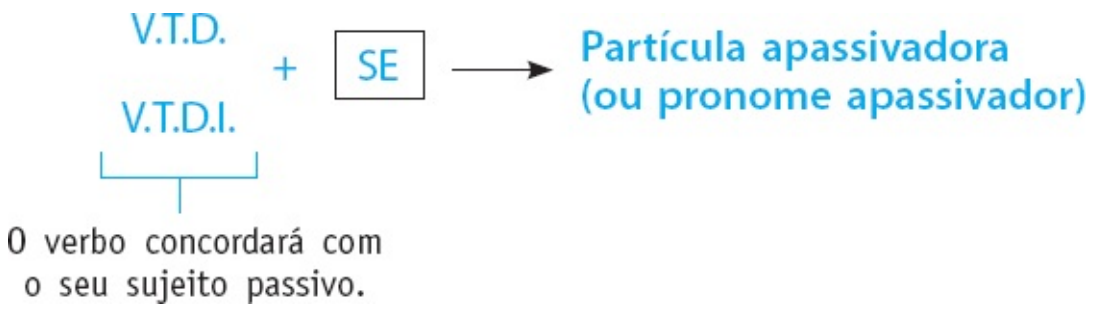

Sugiro que pare por aqui se tiver alguma dúvida e dê uma "estudada" na voz passiva.

Vejamos mais exemplos de emprego da voz passiva sintética (perceba a importância do "SE" para a formação desse tipo de passiva; ademais, observe a concordância do verbo com o seu sujeito passivo):

- Prefiram-se [sujeito passivo: **as falhas da democracia**] às supostas vantagens de qualquer outro regime político. (Fund. Carlos Chagas)
- Assim como ninguém vive sem o préstimo da água, não se superam [sujeito passivo: **os infortúnios**] sem o apoio de um amigo verdadeiro. (Fund. Carlos Chagas)
- Já quase não se veem, numa viagem de ônibus, [sujeito passivo: **passageiros ensimesmados**], olhando vagamente pela janela. (Fund. Carlos Chagas)
- Caso se coloque [sujeito passivo: **a lei**] acima do homem, este reagirá passando a seguir os ditames da natureza. (Fund. Carlos Chagas)
- É preciso que se confira às eleições [sujeito passivo: **uma importância não circunstancial**]. (Fund. Carlos Chagas)

VI –Oração sem sujeito

Em muitas estruturas oracionais, apenas o predicado encontra-se presente, uma vez que não se faz referências a nenhum tipo de ser que porventura pudesse praticar ou receber a ação verbal. Para tanto, empregam-se os verbos impessoais (usados na terceira pessoa do singular). São chamadas de orações sem sujeito. Alguns gramáticos também classificam esse tipo de ocorrência como sendo um "sujeito inexistente", ou mesmo "sujeito zero", nomenclaturas que nos parecem pouco lógicas, pois não se pode denominar de sujeito aquilo que não existe.

Os principais casos de oração sem sujeito são:

1) com verbos que exprimem fenômenos da natureza como "chover, ventar, nevar,

coriscar, trovejar, relampejar, chuviscar etc.”:

- Ventou muito ontem naquela pequena cidade do interior.
- Neva nas Serras Gaúchas durante os meses de inverno.
- Coriscou bastante ao final do dia.

⇨ **Observação:**

Se tais verbos forem usados em sentido conotativo (sentido figurado), esses verbos passam a ter um sujeito.

- Choveram balas durante o tiroteio. (Sujeito = balas)

2) com o verbo HAVER no sentido de “existir, ocorrer, realizar-se, acontecer”:

Cuidado aqui: Os concursos costumam explorar bastante essa regra.

Em primeiro lugar, observe a diagramação abaixo:

HAVER —sentido de→ **EXISTIR, OCORRER, ACONTECER, REALIZAR-SE**

- Verbo impessoal;
- Fica na 3ª pessoa do singular;
- É verbo transitivo direto;
- Não se converte para a voz passiva.

- São verbos pessoais; logo, devem concordar com seus respectivos sujeitos.

Acompanhe os raciocínios abaixo:

- Ainda **existem** [pessoas] honestas no Brasil. → Ainda **há** [pessoas] honestas no Brasil.

  existem: verbo pessoal com sujeito posposto; pessoas: núcleo do sujeito

  há: verbo impessoal; 3ª pessoa do singular (oração sem sujeito); pessoas: núcleo do objeto direto

- **Aconteceram** [problemas] na festa. → **Houve** [problemas] na festa.

  Aconteceram: verbo pessoal com sujeito posposto; problemas: sujeito

  Houve: verbo impessoal; 3ª pessoa do singular (oração sem sujeito); problemas: objeto direto

- Iremos, ainda que **ocorram** empecilhos. (sujeito: empecilhos; verbo pessoal com sujeito posposto) → Iremos, ainda que **haja** empecilhos. (objeto direto: empecilhos; verbo impessoal; 3ª pessoa do singular)
- **Realizar-se-ão** muitos eventos em Recife. (núcleo do sujeito: eventos; verbo pessoal com sujeito posposto) → **Haverá** muitos eventos em Recife. (núcleo do objeto direto: eventos; verbo impessoal; 3ª pessoa do singular)

Vejamos outros exemplos do emprego do verbo HAVER nesse sentido:

- "Talvez **haja** algumas versões da teoria citada, mas certamente poucos as conhecem." (FCC)
- "Vozes **houve**, generosas e fortes, que então me defenderam." (Machado de Assis)
- "Quantos mais inventos **haja**, mais impulsivos serão nossos desejos de consumi-los." (FCC)
- "Não se esqueçam de assegurar o monopólio desta nova pasta, enquanto **houver** mosteiros que erguer, e repovoar da milícia celeste." (Rui Barbosa)

⇨ Observações importantes:

a) Em muitas estruturas, o verbo HAVER faz parte de uma locução verbal ou de um tempo verbal composto. É preciso distinguir duas situações para que não se cometam erros:

1ª situação:

VERBO AUXILIAR + VERBO "HAVER"

- VERBO AUXILIAR: O verbo auxiliar ficará na 3ª pessoa do singular
- VERBO "HAVER": O verbo HAVER é impessoal e transmitirá a sua impessoalidade para o verbo auxiliar

Observe abaixo os exemplos da 1ª situação por meio da qual o verbo HAVER forma orações sem sujeito:

- Ainda **deve haver** (oração sem sujeito) pessoas honestas no Brasil.
- Todos os problemas que **podia haver** no processo foram resolvidos pelo MPU.
- "Caso **deixasse de haver** as grandes bibliotecas de hoje, é possível que os homens do futuro não pudessem interpretar plenamente a nossa cultura." (Fund. Carlos Chagas)
- "**Costuma haver**, nos jardins, mais inspiração para a ética dos jardineiros do que para os adeptos da ética de princípios." (Fund. Carlos Chagas)

- “Se **tivesse havido** firmes reações aos descalabros dos canalhas, estes não desfrutariam de um caminho já aplainado.” (Fund. Carlos Chagas)
- “Mas entre os mais ilustres **há de haver** sempre um canto para os mais humildes.” (Rui Barbosa)

2ª situação:

VERBO “HAVER”	+	VERBO PRINCIPAL
É o verbo auxiliar e se flexionará de acordo com o sujeito do verbo principal.		Sendo pessoal, transmitirá as flexões de número e de pessoa para o verbo auxiliar.

Observe os exemplos da 2ª situação:

- Sempre **hão de existir** [pessoas] dispostas a lutar pela área social. (núcleo do sujeito)
- [“Quantos biólogos] **haviam pesquisado** o assunto e talvez não tenham a mesma opinião.” (Fund. Carlos Chagas) (sujeito)
- [“Os que não gostam de TV jamais] **hão de se lamentar** por terem aberto janelas sobre seus próprios devaneios.” (Fund. Carlos Chagas) (sujeito total ou complexo)
- “É que se **haviam apagado** quase que ao mesmo tempo as miragens da misteriosa Sabarabuçu e as das Minas de Prata.” (Euclides da Cunha)
- “Os infortúnios de um reinado se **hão de atribuir** aos maus conselhos dos ministros.” (Rui Barbosa)
- “Sim, **havíamos de ter** um oratório bonito, alto, de jacarandá, com a imagem de Nossa Senhora da Conceição. (...) **Havíamos de acender** uma vela aos sábados...” (Machado de Assis)

b) Lembre-se de que o verbo HAVER, empregado no sentido de “existir, acontecer, ocorrer, realizar-se”, é um verbo transitivo direto. Logo, seu objeto direto poderá ser substituído pelos pronomes oblíquos “o, a, os, as”, a despeito de essa troca ser pouco eufônica. Veja:

- Houve [**problemas**] na festa. → Houve-os na festa. (objeto direto)
- Haverá **eventos** para discutir o aquecimento global. → Havê-los-á...

- “Era um modo de dar feição monumental às idéias; não **as havendo**, servia a prolongar as frases.” (Machado de Assis)
- “O quarto todo era um ninho de Bíblias; **havia-as** às pilhas por cima dos moveis.” (Eça de Queiroz)

3) com os verbos “estar, fazer, haver e ir” usados com referência a tempo:

- Já **faz** três anos que do Norte saímos.
- **Havia** dez anos que o Governo Federal prometera a construção de uma nova ponte.
- **Vai** para uns dois meses que ele iniciou o tratamento e, até agora, nenhum resultado adveio.
- **Estava** muito tarde para o grupo deixar o local.

Cuidado: Não se esqueça de que se esses verbos – impessoais – fizerem parte de uma locução verbal como verbo principal, eles impessoalizarão o verbo auxiliar.

- Já **vai fazer** (e não “vão”) dez anos que meu avô faleceu.

Não confunda!!

- Já **faz** dez anos que eu viajei para a Europa. (O verbo “fazer” não possui sujeito.)
- Ainda **faltam** dez anos para eu completar bodas de ouro. (O termo “dez anos” é o sujeito do verbo faltar, que é um verbo pessoal.)

Atente para uma construção condenada pelos gramáticos:

- **Há** duas horas **atrás** eu estava no centro da cidade. (O tempo “atrás” é dispensável. A construção é pleonástica, visto que o verbo HAVER na indicação de tempo só é empregado com relação a um tempo passado.)

Corrija-se para:

- Há duas horas eu estava...
- “Eu nasci há dez mil anos”.

4) com o verbo “ser” na indicação de tempo (horas, datas):

- **São** duas horas e trinta minutos.
- Hoje **é** dia 11 de setembro.
- **É** meia-noite e meia.
- **Foi** sábado que tudo isso aconteceu.

O verbo “SER” possui uma construção toda particular. Note que ele, a despeito de sua impessoalidade, flexiona-se de acordo com a expressão numérica que o acompanha.

5) com o verbo IR seguido das preposições EM, PARA referindo-se a tempo transcorrido.

- Vai em dez anos que nossa bisavó faleceu.
- Vai para quinze anos que ele conseguiu ser aprovado naquele concurso.

6) com o verbo PASSAR seguido da preposição DE referindo-se também a tempo:

- **Passava das** dez horas da noite quando a polícia chegou.

> **Agora não confunda:** Já passaram (ou “se passaram”) dez horas e ele ainda não deu notícias. (Neste caso, o sujeito do verbo “passar” é o termo “dez horas”).

7) com os verbos “BASTAR” e “CHEGAR” seguidos da preposição DE em construções do tipo:

- “Chega de saudade, a realidade é que...”.
- “Basta de tantas perguntas tolas.”

1.2.1.3 Outras classificações para o sujeito

Acabamos de estudar o que eu chamo de “a clássica classificação do sujeito”. Vimos que ele pode ser “simples, composto, elíptico, indeterminado”, além da figura da “oração sem sujeito”. Entretanto, não devemos estranhar outras classificações para o sujeito. Muitas bancas cobram as denominações abaixo. É importante, portanto, ficar atento, pois muitas vezes nos deparamos com classificações do tipo “sujeito expresso”, “sujeito complexo”, “sujeito implícito”, as quais geram dúvidas nos estudantes. Não há o que temer... Vamos a elas, pois trazem um conhecimento bastante útil para o candidato a um concurso.

1. Sujeito explícito e sujeito implícito

Denomina-se sujeito explícito (também chamado de “expresso”) o sujeito que se acha claro, explícito na oração. Por outro lado, sujeito implícito é aquele que não foi expressamente declarado na oração. Correlacionando-se as duas classificações, teremos:

a) **Sujeito explícito** → é o sujeito simples ou o sujeito composto, pois ambos aparecem claramente na oração.

b) **Sujeito implícito** → é o sujeito oculto e o sujeito indeterminado, pois não são declarados na estrutura oracional.

Observe (destacamos os verbos):

- Jamais entraremos em contato com indivíduos que agem à revelia da lei.
  ↳ sujeito implícito (nós) ↳ sujeito explícito (que)

- Chegaram ontem à noite dois novos navios holandeses ao porto de Suape.
  ↳ sujeito explícito (navios holandeses)

2. Sujeito complexo (total ou ampliado) e sujeito incomplexo (nuclear, gramatical ou inampliado)

O sujeito complexo (total ou ampliado) é aquele modificado por complementos, adjuntos ou atributos. Já o sujeito incomplexo (nuclear, gramatical ou inampliado) é aquele despojado de qualquer modificativo complementar que, porventura, ele possua.

- O **ex-presidente** da empresa brasileira de Correios e Telégrafos viajará para Tóquio.
  sujeito nuclear
  sujeito complexo (total ou ampliado)

- O **enfoque** nas soluções únicas dos problemas que enfrentamos empobrece a qualidade mesma do raciocínio. (Fund. Carlos Chagas)
  sujeito complexo (total ou ampliado)
  sujeito nuclear

- O **despertar** para a dialética e para as relações contrastantes abre um caminho mais consequente para a reflexão e para a prática. (Fund. Carlos Chagas)
  sujeito complexo (total ou ampliado)
  sujeito nuclear

- Não deve constar, entre as possibilidades de interpretação de um texto dissertativo-argumentativo, qualquer tipo de **resposta** estereotipada.
  sujeito nuclear
  sujeito complexo (total ou ampliado)

- **Barnabé** sempre foi um exemplo para os cristãos.
  sujeito incomplexo (inampliado)

⇨ Observações:

a) Fique muito atento, pois as noções de sujeito total e de sujeito nuclear são bastante usadas pelas bancas examinadoras quando estas constroem questões de concordância verbal. Como a concordância verbal é feita (salvo exceções) com o sujeito nuclear, as

bancas fazem bastante uso da noção do sujeito complexo (total ou lógico) para confundir os candidatos na hora de fazer a concordância verbal. Veja alguns exemplos (destacamos em laranja o sujeito nuclear e o seu verbo, e sublinhamos o sujeito total):

- **Constitui** um dos exemplos de delitos vantajosos o **caso** em que o detentor de um poder abuse de sua autoridade.
- **Estipulam**-se na lei mosaica, como se sabe, **princípios** de interdição.
- **Ocorrem** por conta das reiteradas situações de impunidade muitos **casos** de assalto aos cofres públicos.
- Uma vez que **passem a atrair** toda a nossa atenção, bons **romances** e belas **peças** musicais **afastam** nossa obsessão pela velocidade.

b) Observe agora exemplos em que não houve a devida concordância do verbo com o sujeito. Perceba como o uso do "sujeito complexo ou total" atrapalha a identificação do "sujeito nuclear" (sublinhamos o sujeito total e destacamos – com a cor laranja – o "sujeito nuclear" e o seu verbo):

- "A **incidência** discriminada por grau de intensidade de infestação e idade **mostram** que, entre os seis e oito anos, a parasitose alcança o nível máximo." (ESAF)
- "A **razão** de ser do desemprego como elemento estrutural do capitalismo **derivam** diretamente do antagonismo entre compradores e vendedores da força de trabalho." (ESAF)
- "**Devem agradar** aos ruidosos passageiros toda essa **parafernália** eletrônica, que os dispensa de refletir sobre si mesmos." (Fund. Carlos Chagas)
- "A qualquer pessoa **pode ocorrer**, neste tempo de radicalismos, **argumentos** em favor da mais pessimista expectativa histórica." (Fund. Carlos Chagas)

⇨ **Observação:**

Ressalte-se que os quatro últimos exemplos não estão adequados ao padrão culto da língua portuguesa, já que todos contêm erros de concordância verbal. É preciso corrigir a flexão dos verbos para "**mostra**, **deriva**, **deve agradar**, **podem ocorrer**", respectivamente.

3. Sujeito agente (ativo), sujeito paciente (passivo) e sujeito agente e paciente

É denominado de agente (ou ativo) o sujeito que pratica a ação verbal. Por outro lado, é denominado de paciente (ou passivo) o sujeito que recebe a ação verbal. Logo, o sujeito que pratica e recebe a ação verbal, simultaneamente, é denominado de "agente e paciente". Observe:

- Os irmãos Gonçalves compraram três casas no novo condomínio.
  sujeito agente (ativo)

- Três casas foram compradas pelos irmãos Gonçalves no novo condomínio.

  sujeito paciente (passivo)

- Os irmãos Gonçalves se feriram quando examinavam as casas do condomínio.
  sujeito agente e paciente

⇨ **Observação:**

Para melhorar o entendimento sobre o sujeito agente e o sujeito paciente, sugerimos que você estude a voz passiva e o agente da passiva.

4. Sujeito lógico ou contextual

Denominamos de **sujeito lógico** ou **contextual** aquele que é extraído do contexto ou da lógica de um enunciado ou de um texto. Observe abaixo um excerto de autoria do jornalista Gilberto Dimenstein:

- A pichação é uma das expressões mais visíveis da invisibilidade humana. **São** mais do que rabiscos. **São** uma forma de estabelecer uma relação de pertencimento com a comunidade – mesmo que por meio da agressão – e, ao mesmo tempo, de dar ao autor um sentido de autoidentidade.

> **Comentários:** Perceba que o sujeito do verbo SER, flexionado no plural em suas duas ocorrências, é o termo lógico ou contextual "expressões" ou "pichações".

→ **"As pichações" ou "As expressões" são mais do que rabiscos.**
→ **"As pichações" ou "As expressões" são uma forma de estabelecer uma relação...**

Vejamos outro exemplo:

- "Em um mundo tão complexo, economistas, empresários e governantes precisam saber mais sobre psicologia. Senão, **fracassarão** em motivar os talentos para os objetivos da empresa ou instituição." *(Revista Veja, 26 de março de 2008 – Entrevista)*

> **Comentário:** Observe que o sujeito oculto do verbo "fracassar" é o termo composto, perceptível pelo contexto e pela lógica, "economistas, empresários e governantes".

⇨ **Observação:**

O sujeito contextual ou lógico não deixa de ser um sujeito oculto, desinencial, elíptico;

entretanto, não é um simples sujeito oculto, pois é preciso que se saiba, pela análise do contexto, a que termo da estrutura se refere o verbo.

1.2.2 PREDICADO

Como o verbo em geral pertence ao predicado, antes de começar o estudo propriamente desse termo, convém analisar um dos tópicos fundamentais em sintaxe: a transitividade ou a predicação verbal.

> **Dica:** Faça um estudo bem acurado do assunto abaixo. Ele lhe fornecerá os subsídios necessários para a compreensão de diversos outros assuntos da Gramática Normativa. Lembre-se, por exemplo, de que o entendimento da predicação dos verbos é uma das bases da sintaxe de regência. Por isso, é primordial "gastar" um pouco de tempo aqui. Se possível, tenha sempre à mão um bom dicionário. Vamos lá!

1.2.2.1 Predicação (transitividade) verbal

Transitar significa literalmente passar adiante, ir e vir, deslocar-se. Para a Gramática Normativa, o "passar adiante" significa a necessidade de um verbo ou de um nome exigir um complemento, uma complementação. Aqui nos deteremos na análise e na classificação dos verbos quanto à necessidade ou não de algum complemento. Se o verbo não necessita de complemento, diz-se que ele é de predicação completa, caso contrário será classificado como de predicação incompleta.

Quanto à predicação, os verbos classificam-se em: **intransitivos**, **transitivos** e **de ligação**. Os verbos transitivos se dividem em: **diretos**, **indiretos** e **diretos e indiretos**.

I – Verbos intransitivos

São todos os verbos que, sozinhos, são capazes de transmitir a noção predicativa. Em outras palavras, são verbos que dispensam uma complementação.

Exemplos:

- No último encontro, **ocorreram** fatos dignos de notícia. (O termo "fatos dignos de notícia" é o sujeito.)
- A chuva **estiou** na região sul.
- O imigrante **se dirigiu** à embaixada dos Estados Unidos. (Observe que o termo "à embaixada dos Estados Unidos" representa o lugar para onde ele se dirigiu, portanto é um "adjunto adverbial de lugar".)
- Quando nervoso, ele **cospe** compulsivamente.

- **Cessaram** de uma vez por todas as dores que ele sentia pela manhã. (O termo “dores” é o núcleo do sujeito. Não há complemento para o verbo.)

II – Verbos transitivos

São aqueles que precisam de um termo que os complemente para que o sentido se perfaça, para que a compreensão da estrutura seja possível. Dividem-se em:

a) Transitivos diretos: são os verbos que exigem termo complementar sem a obrigatoriedade de uma preposição necessária, ou seja, pedem um complemento desprovido de preposição. O complemento desses verbos denomina-se “objeto direto”.

Exemplos:

- Nunca mais ele **angariou** fundos para aquela ONG. (“Fundos” é o objeto direto)
- Muitas lojas do centro da cidade vão **baratear** os preços neste final de semana. (Observe que o verbo “baratear” está como verbo principal em uma locução verbal.)
- Nunca mais eles **viram** os quadros a óleo que **compraram** na Europa. (Observe que os dois verbos são transitivos diretos. O objeto direto do verbo “comprar” é o pronome relativo “que”).
- Se não **houver** (VTD) outras razões (OD) mais consistentes, eles **substituirão** (VTD) o contrato (OD).

⇨ **Observação:**

Tenha muito cuidado ao classificar os verbos. Há muitas “armadilhas”. Uma das mais perigosas é a famosa perguntinha “o quê?”. Infelizmente, muitas vezes, é-nos ensinado que, todas as vezes que fazemos a pergunta “o quê?” ao verbo, este verbo será “transitivo direto”. Acenda a luz “amarela do seu farol”, ou seja, fique alerta, fique atento, para que você não tome um sujeito por um objeto direto. Observe:

- Explodiu nova crise no Oriente Médio.
  VTD??? Tem certeza??

Se fizermos a perguntinha “o quê?” ao verbo “explodir”, teremos a “falsa” resposta de que o termo “nova crise no Oriente Médio” é o objeto direto. Logo, classificaríamos o verbo “explodir” como “transitivo direto”. Terrível engano!! Na realidade, o termo “nova crise no Oriente Médio” é o sujeito para o verbo “explodir”, que, neste caso, é intransitivo. Veja outros exemplos:

- **Ocorreram** enchentes no Amazonas.
  VI — sujeito
- **Ocorreu** um grande equívoco.
  VI — sujeito
- Depois que **acontecera** aquela miséria.
  VI — sujeito
- **Sucedeu** uma grave crise econômica após o ano de 2007.
  VI — sujeito
- Do velho telhado, **caíam** grossas gotas de água da chuva.
  VI — sujeito

⇨ **Observação:**

Perceba que todos os verbos acima são intransitivos, e os termos que se encontram pospostos a eles são seus respectivos sujeitos. Para evitar confusões, sugiro que pare um pouco por aqui e vá estudar o termo "objeto direto". Perceba as diferenças entre ele e o sujeito.

b) Transitivos indiretos: são os verbos que exigem termo complementar regido (introduzido) por uma preposição necessária, obrigatória. O complemento desses verbos é denominado de "objeto indireto".

Exemplos:

- Eles **dependem** (VTI) agora da sorte (OI) para que o produto de que (OI) **precisam** (VTI) chegue a tempo.
- Durante muito tempo aquele povo **guerreou** (VTI) contra os costumes do Ocidente (OI).
- Não **convém** (VTI) aos iniciantes na carreira diplomática (OI) portar-se de maneira inadequada. (Observe aqui que o sujeito do verbo CONVIR é a oração "portar-se de maneira inadequada".)
- Sempre **assistia** (VTI) aos filmes (OI) com uma devoção impressionante.

c) Transitivos diretos e indiretos: são verbos que exigem dois tipos de complemento: um sem a preposição e outro com o auxílio de uma preposição. São denominados também de "biobjetivos" ou "bitransitivos".

Exemplos:

- Ensinaram-lhe todos os preceitos de nossos antepassados?
  VTDI OI OD

- O diretor atribuiu o insucesso do grupo à inércia de alguns integrantes.
  VTDI OD OI

- O Oficial de Justiça certamente notificará amanhã o comerciante sobre a ação interposta contra ele.
  VTDI OD OI

⇨ **Observação:**

Correlacione o estudo desses verbos com o assunto "Introdução à Regência" para observar outros exemplos de verbos intransitivos e transitivos, bem como dos pronomes que exercem a função sintática de complementos.

III – Verbos de ligação

Denominados também de "verbos copulativos" ou "verbos de relação", são aqueles que, desprovidos de significação, servem como "ponte" entre o sujeito e uma determinada qualidade, denominada de "predicativo". Geralmente funcionam como "de ligação" os verbos "ser, estar, ficar, parecer, continuar e permanecer." Outros podem funcionar como verbos de ligação desde que apareçam como elos entre um sujeito e uma qualidade.

Exemplos:

- Eles estavam extremamente atrasados para a festa.
  VL pred. sujeito

- O Governo Federal deve estar atento às necessidades da população. (Locução verbal na função de ligação)
  VL pred. sujeito

- Pareciam todos preocupados com o problema da menina.
  VL pred. sujeito

- Muitos andam tristes pela ausência de perspectivas na vida.
  VL PS

Perceba que nessa estrutura o objetivo da mensagem não é dizer que alguém ou alguma coisa faz a ação de andar, mas sim de que muitos estão / continuam / mostram-se tristes. Daí se tratar de um verbo de ligação.

⇨ **Considerações importantes:**

a) Não se esqueça de que o estudo da predicação verbal está ligado ao estudo da regência

verbal. E, como a regência depende do contexto, a classificação de um verbo como transitivo ou intransitivo depende da função que ele está exercendo dentro da estrutura oracional. Observe:

- O carro **virou** na esquina com a rua Dom João. (Verbo intransitivo.)
- O carro, ao capotar, **virou** uma banca de jornais que se encontrava em uma calçada. (Verbo transitivo direto.)
- O carro, após a capotagem, **virou** um monte de ferros retorcidos. (Verbo de ligação.)
- Maria, em virtude da pressa, sempre **andava** rápido. (Verbo intransitivo ⇨ ação de "andar".)
- Maria **anda**, nos últimos tempos, preocupada com a situação da família. (Verbo de ligação ⇨ Ela está preocupada.)
- A criança **estava** extremamente doente. (Verbo de ligação.)
- A criança **estava** no hospital desde a segunda-feira. (Verbo intransitivo ⇨ Observe que o termo "no hospital desde a segunda-feira" funciona como o lugar em que a criança se encontra. Portanto, é uma locução adverbial de lugar. Como os advérbios não completam a significação verbal, mas tão somente transmitem uma circunstância para o verbo, considera-se o verbo ESTAR como "intransitivo".)

b) Há renomados e respeitáveis gramáticos que classificam verbos como "ir, dirigir-se, chegar, morar, residir, partir, voltar" como "transitivos adverbializados" ou "transitivos circunstanciais", já que tais verbos são ininteligíveis sem a presença do adjunto adverbial reclamado por eles. Preferimos, entretanto, pô-los no rol dos intransitivos, porquanto entendemos que um adjunto adverbial não poderá funcionar como "complemento verbal".

c) Há verbos transitivos diretos que reclamam além do objeto direto um qualificador para esse objeto, ou seja, há verbos transitivos diretos que exigem um predicativo para o seu objeto. Tais verbos são denominados de "transobjetivos". Veja:

- O juiz julgou o réu culpado. ⇨ "JULGAR" é um "transobjetivo", pois é um transitivo direto que exige um objeto direto acompanhado de um predicativo que, no caso, é o termo "culpado".
- Muitos o **consideram** (VTD) responsável (predicativo do objeto) pelo crime. (V. "Considerar" é um transobjetivo).

1.2.2.2 Predicativo

Antes de estudar a classificação do predicado, é de fundamental importância identificar o predicativo, quando existente, dentro da estrutura oracional.

Ele representa um dos termos mais interessantes dessa estrutura. Aparece com muita frequência em construções que possuem elementos qualificadores.

O predicativo é a palavra (ou locução) que constitui o núcleo nominal de um predicado.

Classifica-se em: predicativo do sujeito e predicativo do objeto.

I – O predicativo do sujeito

É o termo que transmite para o sujeito um estado, um atributo, um modo de ser por meio de um verbo de ligação explícito ou implícito. Veja os exemplos abaixo:

- O aluno **parecia** (VL) bastante **atento** (PS) à explicação do professor. (Adjetivo como núcleo do predicativo.)
- O poeta **era** (VL) **a glória** (PS) de toda a Pátria. (Substantivo como o núcleo do predicativo.)
- Quem **és** (VL) **tu** (PS)? (Pronome pessoal do caso reto como o núcleo do predicativo.)
- Recordar **é** (VL) **viver** (PS). (Verbo exercendo a função de núcleo do predicativo.)
- Os integrantes do grupo **devem estar** (VL) **com fome** (PS). (Uma locução adjetiva funcionando como predicativo.)
- O triplo de seis **é** (VL) **dezoito** (PS). (Numeral como núcleo do predicativo.)
- A verdade **é** (VL) **que o governo não intervirá na economia** (PS). (Uma oração funcionando como predicativo)
- Todos deixaram a sala **constrangidos** (PS) após o desabafo do diretor.

> Perceba que nessa estrutura o verbo de ligação se encontra implícito. Leia: Todos deixaram a sala. Todos estavam constrangidos.

⇨ Observação:

Perceba que o predicativo pode ser exercido por diversas classes morfológicas. O importante é perceber a existência (clara ou implícita) do verbo de ligação.

II – O predicativo do objeto

Como o próprio nome já o diz, esse termo se refere ao objeto por meio de um verbo de

ligação implícito.

- Os alunos **tinham** (VTD) **o professor de matemática** (OD) **por um sábio** (PO) (ou "como um sábio").

> **Leia:** Os alunos consideravam o professor de matemática. Ele é um sábio (ou "como um sábio").

- **Estendidas** (PO) pela rua afora, deixaram **as faixas** (OD) que seriam usadas na campanha eleitoral.

- Um fraco rei **faz** (VTD) **fraca** (PO) **a forte gente** (OD).

> Nessa estrutura os termos "fraco" e "forte" são adjuntos adnominais de "rei" e "gente", respectivamente. Leia assim: Um fraco rei faz a forte gente "tornar-se / ser / ficar" fraca.

- O avarento geralmente **considera** (VTD) **o ouro** (OD) **como seu deus** (PO).

- **De semblante caído e sem perspectivas de melhoras** (PO), **encontrei** (VTD) assim muitas vezes **meu melhor amigo** (OD).

⇨ Considerações importantes:

a) Observe que o predicativo pode vir precedido por uma preposição.

b) O predicativo do objeto geralmente só acontece com verbos transitivos diretos. Raros são os casos de predicativo de um objeto indireto. Uma das poucas exceções, por exemplo, é o verbo "chamar" na acepção de "cognominar, apelidar, tachar, alcunhar".

- **Chamaram** (VTI) **ao diretor da empresa** (OI) **incompetente** (PO) (ou de incompetente).

c) Veja também que o predicativo pode ser deslocado dentro da estrutura oracional. Para tanto, deverá obrigatoriamente ser virgulado para indicar a sua inversão, uma vez que é um termo pertencente ao predicado.

Exemplos:

- O menino foi levado ao hospital com febre.
  predicativo
- O menino, com febre, foi levado ao hospital.
  predicativo
- Com febre, o menino foi levado ao hospital.
  predicativo

d) É importante também não confundir o predicativo do objeto com o adjunto adnominal – isso é essencial para se evitarem erros de concordância nominal. Para evitar tal equívoco, primeiro estude a função do adjunto adnominal, aprenda a identificá-lo e depois perceba as nuanças as quais envolvem este último termo e o predicativo.

> **Dica:** Procure perceber a concordância do predicativo com o sujeito ou com o objeto a que ele se refere. Muitos certames procuram explorar esse item. Para clarear e consolidar mais esse conteúdo, vá ao assunto "concordância nominal" e leia sobre a concordância do adjetivo-predicativo.

1.2.2.3 Classificação do predicado

Predicado é o termo que expressa a declaração que se faz sobre o sujeito quando a oração é composta pelos dois termos. Se não há sujeito, o predicado representa uma declaração qualquer que se faz.

Exemplos:

- Muitos cidadãos lutam contra a miséria em nosso país.
  predicado
- Havia muitos rebelados nos presídios cariocas.
  predicado

De acordo com a estrutura, o predicado pode ser: verbal, nominal ou verbo-nominal.

1.2.2.3.1 Predicado verbal

É aquele cujo núcleo é representado por um verbo significativo (intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto ou transitivo direto e indireto) e não há a presença de um predicativo:

Exemplos:

predicado verbal

- Alguns **deixaram** a sala mais cedo em virtude do calor. (Verbo transitivo direto)

predicado verbal

- Os dois filhos de Maria **comeram** bastante no almoço. (Verbo intransitivo)

predicado verbal

- Ainda não lhe **ofereceram** uma oportunidade de trabalho. (Verbo transitivo direto e indireto)

> **Dica:** Antes de passar adiante procure consolidar o entendimento sobre a função do predicativo (se possível, releia o tópico sobre o "predicativo"). A identificação do predicativo será condição essencial para a compreensão do predicado nominal e do predicado verbo-nominal.

1.2.2.3.2 Predicado nominal

É aquele em que aparece um "verbo de ligação" mais um "predicativo do sujeito". O núcleo desse tipo de predicado está centrado num nome, o predicativo do sujeito.

Exemplos:

- Todos **ficaram** imóveis diante daquela cena.
  VL pred. suj.

Pred. suj. VL

- Jogadas aos pés dele **estavam** todas as cartas recebidas nos últimos seis meses.

VL PS VL PS

- Muitas vezes, o que **é** barato **sai** caro. (Observe aqui a presença de dois predicados nominais)

1.2.2.3.3 Predicado verbo-nominal (ou misto)

É aquele que possui dois núcleos – um verbo significativo (intransitivo ou transitivo) e um nome (predicativo do sujeito ou do objeto).

Exemplos:

- Os representantes da ONU, exaustos (PS), deixaram (VTD) o salão principal. (Núcleos: um predicativo e um verbo)

- Encontrei (VTD) bem fechadas (PO) a porta do quarto e as janelas da sala.

- A grande prosperidade fez (VTD) o nosso melhor amigo orgulhoso (PO).

- Desabrochavam (VI) belas (PS) as últimas flores da primavera.

- Todos consideravam (VTD) meu pai como o mais sábio dos velhos daquele lugar (PO).

> ⇨ Não se esqueça de que o predicativo do objeto só aparece num predicado verbo-nominal.
>
> ⇨ Lembre-se também de que para se classificar com mais segurança o predicado convém primeiro estudar um pouco o assunto "predicação verbal".

1.3 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (FGV-RJ) Assinale a análise **correta** do termo destacado.
   *"Ao fundo, as pedrinhas claras pareciam **tesouros abandonados**".*

   a) predicativo do sujeito.
   b) adjunto adnominal.
   c) objeto direto.
   d) complemento nominal.
   e) predicativo do objeto direto.

2. (FCC – Técnico Legislativo – Câmara dos Deputados) Não é função da indústria **pensar a educação**.
   A função sintática da oração grifada acima é a mesma do termo, também grifado, na frase:

   a) ... no qual a Terra estava no centro do universo ...
   b) ... que contribuíram para a ascensão do mundo burguês.
   c) ... num processo que também gerou a onda de inovação ...

d) ... e a possibilidade de darmos o próximo salto.
e) ... nenhum representante da indústria de tecnologia poderia ter sido pioneiro ...

3. (F. Araraquara-SP) O professor **entrou apressado**. O destaque indica:

a) predicado nominal.
b) predicado verbo-nominal.
c) predicado verbal.
d) adjunto adverbial.
e) n.d.a.

4. (UM-SP) "E quando o brotinho lhe **telefonou** dias depois, comunicando que **estudava** o modernismo, e dentro do modernismo sua obra, para o que o professor lhe **sugerira** contato pessoal com o autor, **ficou** assanhadíssimo e paternal ao mesmo tempo."

Os verbos destacados são, respectivamente:

a) transitivo direto, transitivo indireto, de ligação, transitivo direto e indireto.
b) transitivo direto e indireto, transitivo direto, transitivo indireto, de ligação.
c) transitivo indireto, transitivo direto e indireto, transitivo direto, de ligação.
d) transitivo indireto, transitivo direto, transitivo direto e indireto, de ligação.
e) transitivo indireto, transitivo direto e indireto, de ligação, transitivo direto.

5. (PUC-PR) Sobre o exemplo: "A lua brilhou alegre no céu", afirmamos:

*I. O verbo **brilhar** é intransitivo.*
*II. O verbo **brilhar** é transitivo direto.*
*III. O verbo **brilhar** é transitivo indireto.*
IV. O predicado é nominal.
V. O predicado é verbal.
VI. O predicado é verbo-nominal.

a) Estão corretas I e VI.
b) Estão corretas I e V.
c) Estão corretas II e V.
d) Está correta apenas IV.
e) Estão corretas III e VI.

6. (CTA-SP) Assinale a alternativa cujo sujeito **não** é indeterminado.

a) Soa um toque áspero de trompa.
b) Falou-se de tudo na reunião.

c) Precisa-se de carpinteiro.
d) Batem à porta.
e) n.d.a.

7. (UFGO) Em uma das alternativas abaixo, o predicativo inicia o período. Assinale-a.

a) A dificílima viagem será realizada pelo homem.
b) Em suas próprias inexploradas entranhas descobrirá a alegria de conviver.
c) Humanizado tornou-se o sol com a presença humana.
d) Depois da dificílima viagem, o homem ficará satisfeito?
e) O homem procura a si mesmo nas viagens a outros mundos.

8. (FMU-SP) Assinale a alternativa em que aparece um predicado verbo-nominal.

a) Os viajantes chegaram cedo ao destino.
b) Demitiram o secretário da instituição.
c) Nomearam as novas ruas da cidade.
d) Compareceram todos atrasados à reunião.
e) Estava irritado com as brincadeiras.

9. (Osec-SP) Das seguintes orações: “Pede-se silêncio”, “A caverna anoitecia aos poucos”, “Fazia um calor tremendo naquela tarde”, o sujeito se classifica respectivamente como:

a) indeterminado, inexistente, simples.
b) oculto, simples, inexistente.
c) inexistente, inexistente, inexistente.
d) oculto, inexistente, simples.
e) simples, simples, inexistente.

10. (FEI-SP) Assinale a alternativa em que o termo destacado tenha a função de predicativo do sujeito.

a) “Eu sob a copa da mangueira **altiva**”.
b) “Não sentiram meus lábios **outros lábios**”.
c) “Do tamarindo a flor jaz **entreaberta**”.
d) “Já solta o bogari mais **doce** aroma”.
e) “**Melhor** perfume ao pé da noite exala”.

GABARITO

1 – A	2 – A	3 – B
4 – D	5 – A	6 – A
7 – C	8 – D	9 – E
10 – C		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 2

TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO

Como a própria denominação já denuncia, os termos integrantes aparecem completando, integrando o sentido de outros termos. São fundamentais para o entendimento e a perfeita construção da frase. São eles: o objeto direto e o objeto indireto (complementos verbais), o complemento nominal e o agente da passiva.

2.1 OBJETO DIRETO

É o termo que completa a significação dos verbos transitivos diretos sem o auxílio de uma preposição necessária, obrigatória. Exprime o paciente da ação e se identifica facilmente porque passa a sujeito na voz passiva. Representa o "caso acusativo" do latim.

Exemplos:

- O alimento envenenou boa parte do reino. (OD)
- Ele estreou a produção (OD) sob os protestos da população.
- Os argumentos que (OD) ele utilizou salvaram o réu (OD) da prisão.

> Perceba o pronome relativo "que" na função de objeto direto ⇨ Leia: Ele utilizou os argumentos.

- Houve muitos problemas (OD) na inauguração do comitê.

> Observe que o verbo da estrutura HAVER não possui sujeito, já que está no sentido de EXISTIR. O termo "muitos problemas" é o seu objeto direto.

- O medo era tal que nem sangue (OD) mais eu tinha na face.

⇨ **Observações importantes:**

a) O objeto direto é frequentemente substituído dentro da frase pelos pronomes oblíquos

átonos “o, a, os, as”. Quando o verbo que os precede termina em “-r, -s, -z”, tais pronomes assumem as formas “lo, la, los, las.” Se o verbo terminar em ditongo nasal “-ão, -õe, -am”, por exemplo, os pronomes assumirão as formas eufônicas “no, na, nos, nas”.

Exemplos:

- Deixaram o livro (OD) sobre a mesa de jantar. = Deixaram-no (OD) sobre a mesa de jantar.
- É importante comprar produtos originais (OD). = É importante comprá-los (OD).
- Avisamos o diretor (OD) a tempo. = Avisamo-lo (OD) a tempo.
- Procuraram a menina (OD) por toda parte. = Procuraram-na (OD) por toda parte.
- Eles ainda não disseram (VTD) que o novo diretor assume amanhã. (OD)

Neste último exemplo, o objeto direto é exercido por toda uma oração. Veja mais exemplos em sintaxe de período, orações substantivas.

b) Os pronomes oblíquos átonos “me, te, se, nos, vos” também podem exercer a função de objeto direto. Nesse caso é essencial que se conheça com segurança a regência verbal.

Exemplos:

- Eu te (OD) amo (VTD), minha linda mulher.
- Por que não me (OD) convidaste (VTD) para a festa?
- Acho que o prefeito já não mais vos (OD) considera (VTD).

É muito importante que o estudante da língua portuguesa não confunda o objeto direto com o sujeito. É preciso ter sempre em mente que o objeto direto, salvo raras exceções, é um termo repleto de carga passiva, isto é, é um termo que pode ser convertido para a voz passiva com a função de sujeito. Já o sujeito é um termo que, na voz ativa, sempre apresentará carga ativa, isto é, representará o termo que praticará, que executará a ação verbal. Observe abaixo:

- Ontem à tarde, chegaram as novas cartas. (sujeito ou objeto direto??)
- Ontem à tarde, enviaram as novas cartas. (sujeito ou objeto direto??)

Para dirimir tal dúvida, tente converter os termos para a voz passiva. Perceba que só no segundo caso (... enviaram as novas cartas) é possível a conversão (... as novas cartas foram enviadas). Ora, neste caso não mais restam dúvidas. Em "Ontem à tarde, chegaram as novas cartas", o termo grifado é o sujeito. Já em "Ontem à tarde, enviaram as novas cartas", o termo grifado é o objeto direto. Neste último período, o sujeito é indeterminado.

Para consolidar tal aprendizado, lembre-se de que:

a) O objeto direto é um termo que só existe nas vozes ativa e reflexiva. Na voz ativa, o objeto direto possui, salvo exceções, carga passiva, isto é, pode ser transposto para a voz passiva na função de sujeito passivo.

- Pedro adquiriu UM NOVO CARRO. (voz ativa → objeto direto com carga passiva)
- UM NOVO CARRO foi adquirido por Pedro. (voz passiva → o objeto direto se torna o sujeito passivo)

b) Na voz ativa, o sujeito possui "carga ativa", isto é, é o agente da ação. Por isso, quando é possível a conversão do sujeito ativo para a voz passiva, este assume o papel de "AGENTE da passiva", ou seja, o termo ativo que, na voz passiva, pratica a ação verbal.

- PEDRO adquiriu um novo carro. (voz ativa → sujeito ativo)
- Um novo carro foi adquirido POR PEDRO. (voz passiva → o sujeito ativo torna-se o agente da passiva)

Dica: Aprofunde esses conhecimentos com o estudo da voz passiva e do agente da passiva.

Vejamos outros exemplos:

- "Do vértice do M cai a espumarada." (Carlos Drummond de Andrade)
  sujeito ativo
- Sobre a laje do prédio, deixaram pilhas de entulhos retirados das telhas.
  objeto direto (pilhas de entulhos foram deixadas...)
- Na última semana, explodiram dois carros-bomba no centro de Bagdá.
  sujeito
- Durante a preparação para o concurso, surgiram grandes problemas para nós.
  sujeito
- Ainda não informaram as mudanças no sistema ao novo diretor.
  objeto direto (as mudanças foram informadas...)
- Compraram vários livros para a inauguração da biblioteca.
  objeto direto (livros foram comprados...)

Concluindo: Temos, portanto, duas grandes características para o objeto direto: a função complementar para verbos transitivos diretos e transitivos diretos e indiretos, e a carga passiva, isto é, a possibilidade de o objeto direto ser convertido para a voz passiva na função de sujeito. Logo, é um termo que, já na voz ativa, apresenta, como dissemos, "carga passiva". Entretanto, poderemos encontrar situações complexas como:

- Pedro matou Paulo. *(Quem é o sujeito da estrutura??)*

Considerações: Nesse caso, a utilização do recurso da "carga passiva" não adiantará, pois tanto podemos dizer "Paulo foi morto por Pedro", como "Pedro foi morto por Paulo". Temos, por conseguinte, um período ambíguo, já que a ação de "matar" pode ser praticada por ambos os substantivos (Pedro e Paulo). Para resolver tal problema, recorreremos a um conhecimento já consolidado – um sujeito não pode vir precedido por preposição. Logo, deve-se preposicionar um dos termos para que ele deixe de ser um possível sujeito e assuma a função de "objeto direto preposicionado".

Assim...

- Pedro (sujeito) matou a Paulo (OD preposicionado).

Veja outros exemplos em que esse desdobramento foi usado (perceba como o emprego da preposição evita que se tome o termo preposicionado como se fosse o sujeito do verbo):

- A cada um de nós (OD preposicionado) sempre incomoda (VTD) a atitude desleixada de um pai irresponsável (sujeito).

- Às crianças de orfanatos (OD preposicionado) abandonaram (VTD), na maioria das vezes, pais sem escrúpulos (sujeito).

- "Os otimistas (sujeito) não julguem (VTD) os pessimistas (OD), nem estes (sujeito) àqueles (OD preposicionado), pois...". (Fund. Carlos Chagas)

- As ações dos advogados (sujeito) engrandeceram (VTD) às decisões tomadas pelos diretores (OD preposicionado).

Dica: Fique muito, mas muito atento às orientações por que acabamos de passar. Frequentemente, as bancas usam essa "confusão" (sujeito *versus* objeto direto) para provocar dúvidas em relação à concordância verbal.

2.1.1 OBJETO DIRETO PREPOSICIONADO

Calma!! Não se desespere! Isso não é difícil: Procure entender as razões que levam o objeto direto a vir precedido de

uma preposição. São poucos casos, e alguns são bem utilizados em nosso dia a dia. Vamos lá!

Primeiro, cumpre mais uma vez salientar que o objeto direto preposicionado não surge ao acaso. Ele é fruto de algumas situações especiais em nossa língua. Acompanhe o raciocínio abaixo:

- Eu tenho certeza de que ele me (OD) ama (VTD), afirmou a mulher. (me = objeto direto, pronome oblíquo átono)
- Eu tenho certeza de que ele ama (VTD) a mim (OD preposicionado), afirmou a mulher. (mim = objeto direto preposicionado, pronome oblíquo tônico).

Veja que no exemplo acima a preposição surgiu porque o pronome utilizado para a complementação foi um oblíquo tônico. Logo, podemos asseverar que todas as vezes que o complemento de um verbo transitivo direto for feito com um pronome oblíquo tônico ele (complemento verbal), obrigatoriamente, será preposicionado. Percebeu? O objeto direto preposicionado surge para certas situações; não é a regra, uma vez que é próprio do objeto direto não exigir preposição.

Vamos aos casos em que o objeto direto deve vir precedido de uma preposição:

a) quando o objeto direto é um pronome pessoal oblíquo tônico (mim, ti, si, nós, vós, ele, eles, ela, elas):

Exemplos:

- Ele idolatrava a si mesmo (OD preposicionado) antes de consultar um analista.
- Não pensem eles que irão enganar a mim e a ti. (objetos diretos preposicionados)
- Agindo assim, poderás prejudicar (VTD) tanto a ti como a nós todos. (objetos diretos preposicionados)
- "Uma certidão que me desse vinte anos de idade poderia enganar os estranhos, como todos os documentos falsos, mas não a mim." (Machado de Assis) (OD preposicionado)

b) quando o objeto direto é representado pelo pronome relativo "quem":

Exemplos:

- Até agora não sabemos **a quem** verdadeiramente ele **ama**.
  OD preposicionado — VTD

- Santo Agostinho tornou-se o santo **a quem** Maria das Dores mais **venerava**.
  OD preposicionado — VTD

- "— Se você tivesse de escolher entre mim e sua mãe, **a quem** é que **escolhia?**" (Machado de Assis)
  OD preposicionado — VTD

c) quando, para o bem da clareza (a fim de se evitar uma ambiguidade), deva-se, por meio da preposição, evitar que o objeto direto seja confundido com o sujeito:

Exemplos:

- O filho ama o pai. (Aqui não se pode afirmar com precisão e segurança quem praticou a ação verbal, uma vez que é possível ler a frase tanto na ordem direta quanto na indireta).

Ora, para se evitar tal confusão deve-se preposicionar um dos termos. Veja:

- O filho ama **ao pai**.
  OD preposicionado

- Até agora não se sabe se Paulo realmente **matou** **a Pedro**.
  VTD — OD preposicionado

- **Venceram** **aos japoneses** **os americanos**.
  VTD — OD preposicionado — sujeito

d) quando o objeto direto é representado pelo numeral dual "ambos":

Exemplos:

- No resultado final, acho que vou **aprovar** **a ambos**.
  VTD — OD preposicionado

- Em face da dúvida, resolveram **comprar** **a ambas** em vez de levar apenas uma.
  VTD — OD preposicionado

e) quando o objeto direto é representado por nomes próprios ou comuns que designem pessoas:

Exemplos:

- É preciso **amar** (VTD) **a Deus** (OD preposicionado) sobre todas as coisas.
- Judas **traiu** (VTD) **a Cristo** (OD preposicionado).
- Os romanos costumavam **adorar** (VTD) **a Júpiter** (OD preposicionado).
- Agora, irmãos, **louvemos** (VTD) **ao Senhor** (OD preposicionado) com uma música especial.

f) quando o objeto direto é representado por pronomes substantivos indefinidos e demonstrativos:

Exemplos:

- Apesar dos conhecimentos, ele jamais **estimulava** (VTD) **a alguém** (OD preposicionado) com suas palestras.
- Eu **apreciei** (VTD) mais **a este** do que **àquele**. (objetos diretos preposicionados)
- Ele **doutrinava** (VTD) muito mais **àquele jovem rapaz** ali do que **a este** aqui. (objetos diretos preposicionados)

Em virtude do paralelismo sintático, ambos os objetos diretos foram precedidos por preposição.

g) quando o objeto direto é formado por uma expressão que indica reciprocidade:

Exemplos:

- Deus ordenou que nós nos **amássemos** (VTD) uns **aos outros** (OD preposicionado).
- Elas se **odiavam** (VTD) umas **às outras** (OD preposicionado).

h) quando se deseja dar ênfase ao objeto direto ou, para obter mais clareza, indicar-se a parte de um todo:

Exemplos:

- Diante do perigo, os soldados sacaram (VTD) das armas (OD preposicionado) e apontaram-nas para os manifestantes.

- Parece que ele ainda não comeu (VTD) do bolo (OD preposicionado).

- Nunca digas "dessa água (OD preposicionado) jamais beberei (VTD)".

Nestes dois últimos exemplos, alguns autores consideram os verbos como transitivos indiretos. Parece-nos, entretanto, mais lógica a ideia de "objetos diretos preposicionados", uma vez que indicam uma parte do todo. Compare: a) Comer o bolo (todo o bolo); b) Comer do bolo (parte do bolo).

2.1.2 OBJETO DIRETO PLEONÁSTICO

Ocorre quando se deseja pôr em relevo a informação contida no objeto direto. Para tanto, coloca-se o objeto direto no início da frase para depois retomálo — repeti-lo — com um pronome oblíquo. Daí porque este tipo de objeto é denominado de "pleonástico", "enfático" ou "redundante".

Exemplos:

- O homem, (OD) criou (VTD)-o (OD pleonástico) Deus à sua imagem e semelhança.

- Todas aquelas informações (OD), os rapazes conseguiram (VTD)-nas (OD pleonástico) com o uso de propinas.

- Os (OD) que não falam a verdade, descobre (VTD)-os (OD pleonástico) o próprio curso da vida.

Não confunda os dois "os" que aparecem na oração. O primeiro é, morfologicamente, um pronome demonstrativo. O segundo é um pronome oblíquo. Para facilitar o entendimento, leia a frase do seguinte modo: "O próprio curso da vida descobre os que não falam a verdade."

2.1.3 OBJETO DIRETO INTERNO OU COGNATO

Há casos em que o objeto direto repete o mesmo sentido contido no radical do verbo. Isso ocorre, geralmente, na linguagem literária, poética, com o intuito de conferir ênfase à mensagem. A esse termo dá-se o nome de "objeto direto interno ou cognato".

Exemplos:

- "E rir (VTD) meu riso (OD interno) e derramar meu pranto". (Vinicius de Moraes)

- Ele chorava (VTD) um choro (OD interno) resignado, triste, melancólico.

2.2 OBJETO INDIRETO

É o termo que completa a significação de um verbo transitivo indireto com o auxílio de uma preposição obrigatória. Com os verbos bitransitivos (transitivos diretos e indiretos), o objeto indireto representa o ser a quem (ou "para quem") o objeto direto se destina. Representa o "caso dativo" do latim.

Exemplos:

- Muitos cristãos da Antiguidade batalhavam (VTI) contra os espinhos da carne (OI).

- As ações do rapaz incorreram (VTI) em grave erro judiciário. (OI)

- Enviaram (VTDI) todas as informações para o novo diretor (OI).

- A empresa deu (VTDI) uma nova chance ao empregado (OI) que se afastou do local de trabalho sem avisar.

- A equipe necessitava (VTI) de que todos deixassem a sala naquele momento (OI).

Observe que neste exemplo o "objeto indireto" é exercido por uma oração. Aprofunde esse estudo no capítulo "sintaxe de período".

⇨ Observações importantes:

a) O objeto indireto pode ser substituído pelos pronomes "lhe(s), a ele(s), a ela(s), dele(s), dela(s), nele(s), nela(s)":

Exemplos:

- Nos finais de ano, muitas pessoas costumam **escrever** (VTDI) cartas **aos amigos** (OI). (➡ escrever-**lhes** (OI) cartas)

- Não **acreditem** (VTI) **nos falsos profetas** (OI). (➡ Não acreditem **neles** (OI))

- **Das novas orientações** (OI) eles ainda **dependem** (VTI) muito. (➡ Eles dependem **delas** (OI))

- Nunca mais **assistimos** (VTI) **às apresentações** (OI) daquele grupo. (Nunca mais assistimos **a elas** (OI).)

- "E que a sua Deolinda, estanciando nas empinadas serras de S. Gotardo, **lhe** (OI) dissera que seria feliz se morasse no topo duma montanha..." (Camilo)

b) Alguns verbos, mesmo transitivos indiretos, rejeitam a utilização dos pronomes "lhe, lhes" para o objeto indireto. Exigem as formas tônicas analíticas "a ele, a ela, a eles, a elas". Tal fato se dá ora por não ser o objeto de tais verbos personativo, ora se dá por reprovar-lhes a eufonia. São exemplos desse grupo especial os verbos "aceder, aludir, anuir, aspirar (sentido de desejar, almejar), assistir (sentido de ver, presenciar), proceder (sentido de iniciar, começar), visar (sentido de desejar, almejar)".

- O evento deve ter sido majestoso, pois os diretores **aludiram a ele** na reunião de ontem. (E não "aludiram-lhe")

- A contagem dos votos se realizará no ginásio de esportes. Os auditores do Tribunal Eleitoral **procederão a ela** exatamente às 18h.

c) Por outro lado, há verbos transitivos indiretos que, por motivo de eufonia, rejeitam os pronomes oblíquos átonos "me, te, se, nos, vos" para o objeto indireto. Exigem os pronomes tônicos preposicionados "a mim, a ti, a si, a nós, a vós" para tal função. São exemplos desse grupo os verbos "aludir, depender, discrepar, dissentir, discordar, equivaler, prescindir".

- Eles prescindem de mim para a realização do projeto.

- Todos discordam de ti, João.

d) Verbos transitivos indiretos que exigem a preposição "com" não aceitam as formas tônicas "mim, ti, nós, vós". Para eles, devem ser usados os pronomes tônicos "comigo, contigo, conosco, convosco".

- A equipe da sala ao lado **competirá conosco**. (e não "competirá com nós").

- Meu filho, alguém **simpatizou** **contigo** no colégio? (e não “simpatizou com ti”).

2.2.1 OBJETO INDIRETO PLEONÁSTICO

À semelhança do objeto direto pleonástico, representa a repetição enfática do objeto indireto o qual é retomado com um pronome oblíquo dentro da mesma estrutura oracional.

Exemplos:

- **Ao sábio de coração** (OI), **bastam** (VTI)-**lhe** (OI pleonástico) poucas palavras.
- **Aos envolvidos em determinados crimes** (OI), a lei preconiza que não **lhes** (OI pleonástico) **convém** ausentar-se sem consentimento do juiz.

2.3 COMPLEMENTO NOMINAL

É o termo integrante da oração que completa a significação de alguns nomes, sempre com o auxílio de uma preposição. Há três classes morfológicas que podem exigir complemento nominal: o substantivo, o adjetivo e o advérbio.

Exemplos:

- A nova Constituição do Brasil é bastante **acessível** (nome) **ao leigo** (CN). (acessível ➡ adjetivo)
- O **amor** (nome) **a Deus** (CN) deve ser incondicional. (amor ➡ substantivo)
- O fumo é **prejudicial** (nome) **à saúde** (CN). (prejudicial ➡ adjetivo)
- O interpretador literal sempre procura ser **fiel** (nome) **à letra** (CN) da lei. (fiel ➡ adjetivo)
- Todos moravam **perto** (nome) **do centro da cidade** (CN). (perto ➡ advérbio)
- O doente apresentava um profundo **medo** (nome) **de seu passado** (CN). (medo ➡ substantivo)
- Ele tinha **certeza** (nome) **de que o despacho sairia amanhã** (CN). (certeza ➡ substantivo)

Observe neste último exemplo que o complemento nominal é exercido por uma oração denominada de completiva nominal. Aprofunde esse conhecimento na parte de sintaxe de período, orações substantivas.

- —Tenha-me respeito, gritava o pai para o filho. (respeito ➡ substantivo)
  CN nome

Leia: Tenha respeito a / por mim. Perceba, neste caso, o pronome oblíquo funcionando como "complemento nominal".

⇨ Considerações importantes:

a) Observe que a preposição sempre se faz presente no complemento nominal. Para observar outros nomes que exigem preposição, estude o assunto "Regência nominal". Veja os nomes e as preposições que eles exigem.

b) Não confunda o complemento nominal com o objeto indireto. Este integra a significação de verbos transitivos indiretos ou transitivos diretos e indiretos, enquanto aquele completa nomes (substantivos, adjetivos e advérbios). Perceba os exemplos abaixo:

- Ele confia muito em seu próprio conhecimento.
  VTI OI

- Ele tem muita confiança em seu próprio conhecimento.
  nome CN

- O governo desconfia da atuação de grupos de esquerda para minar-lhe as forças.
  VTI OI

- O governo nutre uma profunda desconfiança de que haja a atuação de grupos de esquerda para minar-lhe as forças.
  nome CN

- Muitos ainda necessitam de paz interior para viver melhor.
  VTI OI

- Muitos têm necessidade de paz interior para viver melhor.
  nome CN

2.4 AGENTE DA PASSIVA

É o termo que na voz passiva analítica pratica a ação verbal, sempre introduzido por uma preposição.

Antes de estudarmos este termo, vamos aprofundar um pouco o nosso conhecimento sobre a voz passiva, porque entendemos ser este o momento exato para isso.

2.4.1 ESTUDO DA VOZ PASSIVA – CONVERSÃO DA VOZ ATIVA PARA A VOZ PASSIVA

A voz representa a forma como o verbo se apresenta para indicar se o sujeito praticará, sofrerá ou praticará e sofrerá ao mesmo tempo a ação. Como se sabe, são três as vozes do verbo: ativa, passiva e reflexiva. Ocupemo-nos das vozes “ativa” e “passiva” agora.

A voz passiva se divide em: analítica e sintética. Vamos nos deter em estudar a voz passiva analítica, cuja principal característica é a presença de uma locução verbal formada por um verbo auxiliar (geralmente são os verbos “ser” e “estar” que desempenham esse papel) e um verbo principal no particípio.

Observe:

sujeito VTD OD
O rapaz pegou o livro.
(➡ Voz ativa)

locução verbal
O livro foi pego pelo rapaz.
sujeito passivo agente da passiva
(➡ Voz passiva)

Não sei se deu para perceber, mas a conversão foi feita da seguinte maneira:

ORDEM DIRETA

CONVERSÃO DA VOZ ATIVA PARA A VOZ PASSIVA		
VOZ ATIVA		VOZ PASSIVA
Sujeito	➡	Agente da passiva
Verbo transitivo direto	➡	Locução verbal (aux. + particípio)
Objeto direto	➡	Sujeito passivo ou paciente

ORDEM DIRETA

Observe as setas para acompanhar a mudança da função sintática dos termos. Veja outros exemplos de conversão da voz ativa para a voz passiva analítica:

VOZ ATIVA	VOZ PASSIVA

Quem o encontrou ontem à noite?	Por quem você (ele) foi encontrado ontem à noite?
O essencial é poder implementar as novas leis.	O essencial é poderem ser implementadas as novas leis.
Jovens, vossos mestres vos trataram bem hoje?	Jovens, vós fostes bem tratados hoje por vossos mestres?
A globalização vem favorecendo a concentração de renda.	A concentração de renda vem sendo favorecida pela globalização.
Platão a comparou ao adestramento de cães de raça.	Ela foi comparada por Platão ao adestramento de cães de raça.
Nós comprometemos de vez a dinâmica do processo.	A dinâmica do processo foi de vez comprometida por nós.
Muito prometem as dietas milagrosas e as intermináveis sessões de ginástica.	Muito é prometido pelas dietas milagrosas e pelas intermináveis sessões de ginástica.
Alguns vêm identificando a ótima forma do corpo com o conceito de saúde.	A ótima forma do corpo vem sendo identificada com o conceito de saúde por alguns.

⇨ Observações importantes:

a) Todos os termos em negrito são agentes da passiva. Perceba que todos vêm introduzidos por uma preposição. Geralmente é a preposição "por" que inicia o agente (ou suas contrações "pelo, pela, pelos, pelas"), mas há agentes da passiva que são introduzidos por outras preposições. Observe:

- Havia muitos carros naquela cidade que eram movidos **a gás**.
  agente da passiva
- O quarto foi invadido **de repórteres, de câmaras**.
  agente da passiva
- O carro era tirado **a quatro juntas de boi**.
  agente da passiva

b) Não se esqueça de que só os verbos transitivos diretos e os verbos transitivos diretos e indiretos podem ser convertidos para a voz passiva. Logo, por exclusão, salvo raras exceções (verbos "obedecer" e "desobedecer", por exemplo), os verbos transitivos indiretos, os verbos intransitivos e os verbos de ligação não são suscetíveis de transcrição para a voz passiva.

Logo:

- Muitos **assistiram** (VTI) ao espetáculo extasiados. (Voz passiva ➡ Não existe)

- Aquele pensamento grego **anda** (VL) cada vez mais comprometido. (Voz passiva ➡ Não existe)

- Sempre que nós **podíamos** (VI), nós **íamos** (VI) com ele.

c) Verbos transitivos diretos há, entretanto, que são insusceptíveis de ir para a voz passiva. Tal fato se dá ou porque já apresentam sentido passivo (aguentar, sofrer etc.) — mesmo na voz ativa –, ou porque a eufonia lhes reprova a passagem para a voz passiva (ter, querer, poder, conter etc.).

d) Na conversão da voz ativa para a voz passiva, procure imediatamente o "objeto direto", pois será ele quem irá funcionar como o sujeito da voz passiva. Logo, identificar de forma precisa o "objeto direto" é o primeiro passo para se evitarem erros na transposição para a voz passiva.

e) Geralmente a locução verbal da voz passiva é construída com o verbo auxiliar "ser", formando o que se chama "passiva de ação". Outros verbos, entretanto, podem funcionar como auxiliares para a locução da passiva para acrescentar outras matrizes de sentido. Veja:

A polícia cercou a favela (voz ativa)

a) A favela foi cercada pela polícia. (passiva de ação com o verbo "ser")

b) A favela esteve cercada pela polícia. (passiva de estado com o verbo "estar")

c) A favela ficou cercada pela polícia. (passiva de mudança de estado com o verbo "ficar")

f) Lembre-se de que o verbo auxiliar concordará em "número" e "pessoa" com o sujeito da voz passiva. O particípio passivo, por sua vez, concordará em "gênero" e "número" com esse mesmo sujeito. Observe:

- Todos analisaram a nova lei. (Voz ativa) ⇨ A nova lei **foi analisada** por todos. (Voz passiva)

- Eu analisei as novas leis. (Voz ativa) ⇨ As novas leis **foram analisadas** por mim. (Voz passiva)

- Tu analisaste os novos decretos? (Voz ativa) ⇨ Os novos decretos **foram analisados** por ti? (Voz passiva)

g) Não se esqueça de que o verbo auxiliar da locução da voz passiva será colocado no mesmo "modo" e "tempo" do verbo principal da voz ativa. Logo:

- Ele revisa (Pres. Indic.) o acordo. (Voz ativa) ➡ O acordo é (Pres. Indic.) revisado por ele. (Voz passiva)

- Ele revisou (Pret. Perf. Ind.) o acordo. (Voz ativa) ➡ O acordo foi (Pret. Perf. Ind.) revisado por ele. (Voz passiva)

- Ele revisava (Pret. Imperf. Ind.) o acordo. (Voz ativa) ➡ O acordo era (Pret. Imperf. Ind.) revisado por ele. (Voz passiva)

- Ele revisará (Fut. Pres. Ind.) o acordo. (Voz ativa) ➡ O acordo será (Fut. Pres. Ind.) revisado por ele. (Voz passiva)

h) O verbo "HAVER" no sentido de "existir, acontecer, ocorrer" é insuscetível de transcrição para a voz passiva em virtude de sua impessoalidade, a despeito de nessa acepção ser "transitivo direto". Logo:

- Sempre houve (VTD) bons legisladores (OD) no Brasil. (Voz passiva ⇨ Impossibilidade)

> Observe que nesta construção a oração não possui sujeito.

i) Não confunda o agente da passiva com o complemento nominal. Este integra o sentido de nomes (substantivo, adjetivos e advérbios); aquele pratica a ação dentro de uma voz passiva. Ademais, o agente da passiva pode ser transcrito para a voz ativa com a função de sujeito.

Exemplos:

- O inferno sempre está pavimentado (locução verbal) de boas intenções (agente da passiva). (Voz ativa ⇨ Boas intenções pavimentam o inferno.)

> Observe a presença da locução verbal "estar + pavimentar". O verbo principal encontra-se no "particípio ⇨ pavimentado".

- Ele está adjetivo ansioso complemento nominal pela (ou "da") volta de sua amada. (Não há como converter para a voz passiva.)
- Todos eram adjetivo responsáveis complemento nominal pela vida da família. (Não há como converter para a voz passiva.)
- Muitos cantores locução verbal foram influenciados agente da passiva pelo movimento hippie. (Voz ativa ⇨ O movimento hippie influenciou muitos cantores.)

j) Lembre-se de que muitas construções da voz passiva analítica apresentam "agente da passiva indeterminado". Isso ocorre quando não convém ou não se quer declará-lo. Neste caso, se se quiser verter a oração passiva com agente indeterminado para a voz ativa, esta também ficará com o seu sujeito indeterminado. Veja:

- O caso foi descoberto recentemente pelo investigador Marcos. (Voz passiva analítica com agente da passiva determinado) ⇨ Voz ativa = O investigador Marcos recentemente descobriu o caso.
- O caso foi descoberto recentemente. (Voz passiva analítica com agente da passiva indeterminado) ⇨ Voz ativa = **Descobriram recentemente o caso**.
- O voto feminino chegou a ser discutido na constituinte de 1890. (Voz passiva analítica com agente da passiva indeterminado) ⇨ Voz ativa = **Chegaram a discutir o voto feminino na constituinte de 1890**.

2.5 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (FMU/Fiam-SP) Assinale a alternativa que contenha, respectivamente: um pronome pessoal do caso reto funcionando como sujeito e um pronome pessoal do caso oblíquo funcionando como objeto direto.

   a) Eu comecei a reforma da Natureza por este passarinho.
   b) E mais uma vez me convenci da "tortura" destas coisas.
   c) Todos a ensinavam a respeitar a Natureza.
   d) Ela os ensina a fazer ninhos nas árvores.
   e) Ela não convencia ninguém disso.

2. (FCC) Em: "Chamou-se um **eletricista** para a instalação dos fios" o termo destacado é:

   a) objeto direto.
   b) sujeito.
   c) objeto indireto.

d) agente da passiva.
e) predicativo do sujeito.

3. (FEI-SP) Assinalar a alternativa que indica a função sintática exercida pelas orações destacadas, nos seguintes períodos:

I. Insistiu em que permanecesse no clube.
II. Não há duvida de que disse a verdade.
III. É preciso que aprendas ser independente.
IV. A verdade é que não saberia viver sem ela.

a) sujeito – objeto direto – complemento nominal – predicativo do sujeito.
b) predicativo do sujeito – complemento nominal – objeto direto – sujeito.
c) sujeito – predicativo do sujeito – objeto indireto – complemento nominal.
d) objeto indireto – complemento nominal – sujeito – predicativo do sujeito.
e) complemento nominal – sujeito – predicativo do sujeito – objeto indireto.

4. (Epamig-MG) Indique a frase que apresenta a palavra "se" como pronome apassivador:

a) "Se não chego a tempo..."
b) "Afastou-se o diretor, pisando forte."
c) Apagaram-se as luzes.
d) Precisa-se de responsabilidade.
e) Deu-se pressa em sair.

5. (FOC-SP) No período: "Falsos conceitos, meia ciência por parte de professores, complicação e pedantismo de nomenclatura vazia, tudo isso produziu e produz nos alunos uma sadia aversão pela 'análise lógica'". A expressão **pela análise lógica** é:

a) adjunto adnominal.
b) agente da passiva.
c) complemento nominal.
d) objeto indireto.

6. (UEL-PR) Assinale a alternativa correspondente ao período em que há agente da passiva.

a) O rapaz foi preso por um investigador, compadre do Bertolão.
b) O coração não resistiu à prova.
c) Não o sabíamos doente.
d) Tão grande e forte, não era resistente à bebida.
e) Seu apartamento fora interditado poucas horas depois do crime.

7. (Febasp)

"E agora, José?

A festa **acabou**

A luz **apagou**

O povo **sumiu**

A noite **esfriou**..." (Carlos Drummond de Andrade)

Em relação aos verbos destacados, pode-se afirmar que:

a) os verbos são todos transitivos diretos e estão no pretérito imperfeito.

b) os verbos são todos transitivos diretos, embora o objeto direto não esteja expresso; e os verbos estão no pretérito perfeito.

c) o primeiro e o segundo verbos são transitivos diretos e os últimos são transitivos indiretos e estão no pretérito mais-que-perfeito.

d) todos os verbos destacados são intransitivos e estão no pretérito perfeito.

8. (UFU-MG) No período "Quando enxotada por mim foi pousar na vidraça", qual a função sintática de **por mim**?

a) objeto direto.

b) sujeito.

c) objeto indireto.

d) complemento nominal.

e) agente da passiva.

9. (ESPM-SP) Não **me** preocupa o **futuro**. Julgo-me **capaz** de enfrentar qualquer **dificuldade**. Os termos destacados são, respectivamente:

a) sujeito – objeto direto – objeto direto – objeto indireto.

b) objeto indireto – objeto direto – objeto indireto – complemento nominal.

c) objeto direto – objeto direto – predicativo do objeto – adjunto adnominal.

d) objeto indireto – sujeito – sujeito – objeto direto.

e) objeto direto – sujeito – predicativo do objeto – objeto direto.

10. (FMU-SP) Observe os termos destacados:

*Alugam-se **vagas**.*

*Precisa-se **de faxineiros**.*

Paraibana expansiva machucou-se.

Eles exercem, respectivamente, a função sintática de:

a) objeto direto, objeto indireto, objeto direto.

b) sujeito, sujeito, sujeito.
c) sujeito, objeto indireto, objeto direto.
d) sujeito, objeto indireto, sujeito.
e) sujeito, sujeito, objeto direto.

GABARITO

1 – D	2 – B	3 – D
4 – C	5 – C	6 – A
7 – D	8 – E	9 – E
10 – D		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 3

TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO

Após estudar os termos que completam o significado de verbos (objeto direto e objeto indireto) e de nomes (complemento nominal), bem como do agente da passiva, sua missão agora será estudar e compreender os termos que desempenham uma função secundária, ora de caracterização do substantivo, ora para expressar circunstâncias diversas.

São três os termos acessórios da oração: o adjunto adnominal, o adjunto adverbial e o aposto.

3.1 ADJUNTO ADNOMINAL

É o termo acessório da oração que tem por finalidade a caracterização ou a determinação de um substantivo.

Observe nos exemplos abaixo as classes morfológicas que funcionam como adjunto adnominal:

- **Os** rapazes encontraram **uma** mulher perdida.
  artigos
- O **enigmático** sonho levou a **bela** garota ao êxtase.
  adjetivos
- **Nosso** hino é o mais belo. **Aqueles** outros são **nossas** composições.
  pronomes adjetivos
- Havia **dois** bandidos do lado de fora do banco; os outros **três** meliantes renderam o vigilante.
  Numerais adjetivos
- Uma dor **de cabeça** o impediu de assistir ao show **dos alunos**.
  Locuções adjetivas
- Ontem eu fui à casa **que me será dada por herança**.
  Oração adjetiva

⇨ **Observações importantes:**

a) Lembre-se de que alguns pronomes, classificados geralmente como oblíquos, podem exercer a função sintática de adjunto adnominal. Neste caso, passam literalmente à função morfológica de pronomes possessivos. São eles: me, te, lhe, nos, vos, lhes.

Exemplos:

- Todos que chegavam beijavam-**lhe** as mãos. (⇨ Leia:... beijavam as mãos dele)
  adjunto adnominal

> Não confunda o "lhe" na função de possessivo com o "lhe" na função de objeto indireto ou na função de complemento nominal.

- Aquele susto arrepiou-**nos** os cabelos. (⇨ Leia:... arrepiou os nossos cabelos)
  adjunto adnominal
- adjunto adnominal
  Machucaram-**te** apenas face direita? (⇨ Leia: Machucaram apenas a tua face direita?)
- "Desventurado, o seu coração de fogo queimou-**lhe** o viço da existência ao despertar dos sonhos do amor que o tinham embalado." (A. Herculano)
- "Não **lhe** sei o nome, nem que lho soubera o diria." (Camilo)

b) Não confunda o adjunto adnominal com o complemento nominal quando formado por locução adjetiva e esta locução se referir a um substantivo. Para evitar tal equívoco, sugerimos alguns critérios:

COMPLEMENTO NOMINAL	ADJUNTO ADNOMINAL
Sempre indica o ser passivo (recebedor da ação)	Sempre indica o ser ativo (agente da ação)
Tem por base um verbo transitivo	Não tem por base um verbo transitivo
Não indica posse	Sempre indica posse
Completa geralmente o sentido de um substantivo abstrato.	Completa geralmente o sentido de um substantivo concreto.

Acompanhe os exemplos abaixo e perceba as diferenças:

- A intervenção do diretor provocou indignação na empresa.
  complemento ou adjunto?

> **Questione:** O diretor interveio ou recebeu a intervenção? Óbvio que ele interveio. Logo é o ser ativo, agente da ação. Ademais, podemos dizer: "A intervenção dele provocou indignação na empresa". Ora, se é a intervenção dele, o termo "do diretor" indica posse. Portanto, não restam mais dúvidas, o termo é um adjunto adnominal.

- A eleição do novo diretor deixou em euforia toda a empresa.
  complemento ou adjunto?

Questione: O diretor está elegendo alguém ou está sendo eleito? Ele está sendo eleito. Logo, indica o ser passivo, recebedor da ação. Podemos dizer: "Eleger o novo diretor". Observe que o substantivo "eleição", neste caso, possui por base um verbo transitivo direto. Logo, o termo "do novo" diretor é um complemento nominal.

Observe outros exemplos:

- O pedido da empresa (adjunto adnominal) já foi atendido. (⇨ A empresa fez o pedido. Representa o ser ativo)
- O pedido de socorro (complemento nominal) foi ouvido ao longe. (⇨ O socorro está sendo pedido. Representa o ser passivo)
- O empréstimo do dinheiro (complemento nominal) salvou a empresa. (⇨ O dinheiro está sendo emprestado. É o ser passivo)
- O empréstimo do banco (adjunto adnominal) salvou a empresa. (⇨ O banco está emprestando. É o ser ativo.)
- Os bolinhos de feijão (adjunto adnominal) alegravam os meninos na hora do almoço.
- A plantação de feijão (complemento nominal) foi devastada por uma praga.
- A resposta do entrevistado (adjunto adnominal) surpreendeu a todos.
- A resposta ao entrevistado (complemento nominal) provocou-lhe tristeza.

⇨ **Observação:**

Perceba que o critério do "ser passivo" (complemento nominal) e do "ser ativo" (adjunto adnominal) praticamente resolve toda a celeuma. Use os outros critérios se ainda restar alguma dúvida.

c) Não confunda também o adjunto adnominal com um predicativo do objeto. Neste último, a qualidade atribuída ao objeto é necessária, essencial, logo, não passível de ser retirada da estrutura oracional; fato que não ocorre com o adjunto adnominal que é termo acessório e, como o próprio nome já sugere, pode ser retirado da oração. Para evitar confusões, adote o seguinte procedimento:

– transforme o objeto direto em um pronome oblíquo;
– perceba se o adjetivo que a ele se refere se mantém de forma lógica dentro da estrutura;
– se ele permanecer, será um predicativo; se não for possível a sua manutenção, é porque é um adjunto adnominal.

Observe:

- Resolvi hoje no colégio uma prova difícil. (“Difícil” é um predicativo ou um adjunto do substantivo “prova”?)
- Resolvi-a hoje no colégio. (Observe que o adjetivo “difícil” não se manteve, logo é um “adjunto adnominal”).
- Achei a prova muito difícil. (“Difícil” é um predicativo ou um adjunto adnominal do substantivo “prova”?)
- Achei-a muito difícil. (Observe que o adjetivo “difícil” se manteve, logo é um “predicativo do objeto”).
- Todos pegaram na biblioteca o livro recomendado pela professora. (“recomendado” = adjunto adnominal).
- Encontraram o livro rasgado. (“rasgado” = predicativo do objeto)

3.2 ADJUNTO ADVERBIAL

É o termo acessório da oração que, com ou sem preposição, refere-se a um verbo, a um adjetivo ou a um advérbio atribuindo-lhes alguma circunstância. Em sintaxe, o adjunto adverbial é exercido pelos advérbios e pelas locuções adverbiais. Este termo representa o “caso ablativo” do latim.

Observe:

- Hoje o Presidente da República irá ao Congresso (adjunto adverbial) na parte da tarde (adjunto adverbial) para a obtenção de apoio (adjunto adverbial).
- Raramente (adjunto adverbial) o país investe em educação como os outros países da América do Sul (adjunto adverbial).
- Muitos hoje em dia (adjunto adverbial) morrem de fome (adjunto adverbial) por causa da insensibilidade de alguns (adjunto adverbial).

Por expressarem circunstâncias, os adjuntos adverbiais possuem várias classificações. Destacamos as principais:

a) de lugar ⇨ No país do carnaval, só samba quem tem dinheiro.

b) de tempo ⇨ Muitos direitos foram suspensos no tempo da ditadura brasileira.

c) de concessão ⇨ Apesar das circunstâncias, muitos obtiveram o diploma de bacharel.

d) de assunto ⇨ Eles só falavam sobre a derrota do time.

e) de causa ⇨ Deixou o emprego por moléstia grave. Durante a tempestade, muitas árvores caíram com o vento.

f) de afirmação ⇨ Certamente o presidente da empresa viajará para a Europa.

g) de intensidade ⇨ Falou muito, por isso ficou bastante rouco.

h) de dúvida ⇨ Talvez o time ganhe na próxima partida.

i) de modo ⇨ Deixou às escondidas o local e sorrateiramente entrou no carro que estava aparentemente abandonado.

j) de negação ⇨ De modo algum nós aceitaremos as novas cláusulas. Não compactuaremos desse momento.

k) de matéria ⇨ Construiu a porta de ferro. Fechou todos os buracos com areia e cimento.

l) de meio ⇨ Eles sempre vão de carro à casa dos parentes mais afastados.

m) de finalidade ⇨ Estudam bastante para a obtenção do certificado.

n) de condição ⇨ Não conseguirás viajar sem o passaporte.

o) de companhia ⇨ O Presidente viajará para a Europa com todos os seus ministros.

p) de preço ⇨ Aquela casa custará para nós cem mil dólares.

q) de conformidade ⇨ Eles sempre dançam conforme a música.

⇨ Observação:

Mais uma vez salientamos que esse é apenas um rol exemplificativo. Sem dúvida, há outras circunstâncias que podem ser expressadas pelos advérbios e pelas locuções adverbiais.

⇨ Outras considerações importantes:

a) Não confunda o adjunto adverbial com o agente da passiva quando os termos vierem encabeçados pelas preposições “de, por, pela, pelo, pelas, pelos”. Observe:

- Todos estavam oprimidos **pela urgência do caso**. (⇨ Agente da passiva = A urgência do caso oprimia a todos)
- O Ministro estava deixando o caso **por negligência própria**. (⇨ Adjunto adverbial de causa)
- **Por uma denúncia anônima,** ele foi preso. (⇨ Adjunto adverbial de causa)
- Naquele momento, o orador estava sendo ovacionado **por todos os presentes à convenção**. (⇨ Agente da passiva)

b) Observe que o adjunto adverbial tanto pode ser expresso por um advérbio simples como

por uma locução adverbial. As locuções adverbiais são, frequentemente, introduzidas por uma preposição.

- Respeite a eles, pois aqueles homem trabalham **de sol a sol**.
- Todos ficaram **em cima da casa** para observar o fenômeno.

c) Lembre-se de que o adjunto adverbial modifica "verbos, adjetivos ou advérbios" atribuindo a eles circunstâncias diversas, enquanto o adjunto adnominal sempre se refere ao substantivo.

3.3 APOSTO

É o termo acessório cuja função é a de esclarecer, explicar, identificar, especificar, resumir um outro termo. O termo a que o aposto se refere sempre será um substantivo ou termo substantivado, uma vez que a função do aposto é típica do substantivo.

Primeiros exemplos:

- O Amazonas, **maior rio navegável do mundo** (aposto), está poluído em algumas áreas.
- **Analista de artes e professor de computação** (aposto), João Antônio aprecia também bons pratos à japonesa.
- Renato Saraiva, **procurador do trabalho da 4.ª Região** (aposto), escreveu vários livros sobre Direito Trabalhista.

Existem vários tipos de apostos. São eles:

a) Aposto explicativo: é o mais comum. Como o próprio nome já enuncia, explica, esclarece o termo a que se refere. Vem sempre isolado por vírgula(s).

Exemplos:

- Edson Arantes do Nascimento, **o rei Pelé** (aposto explicativo), consagrou-se como um dos maiores jogadores de todos os tempos.
- Em Pernambuco, **um dos grandes produtores de açúcar do Brasil** (aposto explicativo), a violência cresce diariamente.
- João Pedro, **ajudante de pedreiro** (aposto explicativo), recebeu um bom abono de férias da empresa.

b) Aposto resumitivo ou recapitulativo: é aquele que "resume" uma sequência de termos. Geralmente este tipo de aposto resume substantivos que exercem a função de sujeito. O

aposto resumitivo é frequentemente exercido por um pronome indefinido.

Exemplos:

- O mar, os céus, a terra, **tudo** apregoa a glória de Deus.
  aposto resumitivo
- Dançar, nadar, brincar, **nada** lhe interessava.
  aposto resumitivo

c) Aposto especificativo: é aquele que se refere a um substantivo de sentido geral particularizando-o, especificando-o, indicando-lhe a espécie à qual pertence. Esse tipo de aposto dispensa a pontuação.

Exemplos:

- O iluminista **Thomas Hobbes**, autor de "Leviatã", morreu em 1679.
  aposto especificativo
- O poeta **Carlos Drummond de Andrade** foi uma das maiores expressões do Modernismo.
  aposto especificativo

Perceba que a base deste tipo de aposto é a especificação, a delimitação. Observe que, entre tantos poetas, a oração especifica que a informação se refere apenas a Carlos Drummond de Andrade.

- A cidade **de Palmares** fica a cerca de 120Km da cidade **de Recife**.
  aposto especificativo aposto especificativo
- Meu melhor amigo **Cláudio** é um especialista em eletricidade.
  aposto especificativo
- O mar **Mediterrâneo** foi alvo de muitas disputas na Antiguidade.
  aposto especificativo
- O colégio **Contato** fica na rua **Dom Bosco**.
  aposto especificativo aposto especificativo

d) Aposto enumerativo: este tipo cria uma enumeração ou indica uma quantidade do termo a que se refere. Este tipo de aposto faz uso frequente dos dois pontos e, mais raramente, da vírgula e do travessão.

Exemplos:

- Para um homem evoluir são necessárias três coisas: **uma grande mulher, uma boa família e a presença de Deus**.
  aposto enumerativo
- Em sua viagem, Mário conheceu dois grandes expoentes da Literatura mundial: **José Saramago e Antonio Candido**.
  aposto enumerativo

e) Aposto de oração: é aquele que sintetiza o conteúdo semântico de toda uma oração. Não se deve confundi-lo com o aposto resumitivo. Este resume termos, aquele faz a síntese de toda uma oração ou orações.

Exemplos:

- A niveladora jogou neve para dentro do jardim, fato que o deixou muito irritado.
  aposto de oração
- Muitos sem-terras se aglomeram em frente do Ministério, sinal de uma grande manifestação.
  aposto de oração
- Alguns alunos zombavam do professor, o que irritou profundamente o diretor do colégio.
  aposto de oração
- Os primeiros a chegar sugeriram que o acampamento fosse levantado à esquerda do lago, ideia que muito agradou aos líderes da excursão.
  aposto de oração

⇨ **Considerações importantes:**

a) Não confunda o aposto especificativo com o adjunto adnominal nem com o complemento nominal. Observe:

- A cidade de São Paulo tornou-se a maior metrópole da América Latina.
  aposto especificativo

> O objetivo do termo é especificar uma cidade entre as várias cidades existentes.

- Os moradores de São Paulo sofrem com os engarrafamentos.
  adjunto adnominal

> Já aqui o termo (formado pela locução adjetiva) indica uma qualidade. "Os moradores paulistas" (ou paulistanos).

- A construção de São Paulo durou vários séculos.
  complemento nominal

> Neste último, o termo indica o ser passivo, recebedor da ação.

- O poeta Drummond foi o autor de vários poemas, dentre os quais se destaca
  aposto especificativo
- Os poemas de Drummond servem de base para muitos poetas de hoje.
  adjunto adnominal

b) Há um tipo especial de termo, colocado em aparente aposição – entre vírgulas,

geralmente –, que recebe o nome de “aposto circunstancial”. Esta classificação é defendida por estudiosos de peso da nossa língua, como os professores Mário Barreto, José Oiticica e Cláudio Brandão. Em nossa análise, corroborando com o professor Adriano da Gama Kury, em seu livro “Novas lições de análise sintática”, preferimos classificar este termo não como aposto circunstancial, mas como “predicativo circunstancial”, por causa do caráter essencialmente qualificador deste termo.

- “Os castanheiros, **grandes e concentrados**, ouviam subir a seiva.” (Eça de Queiroz, apud Adriano G. Kury)
- “Lembra-se como, **em menino**, me tratava?”
- Meu pai, **quando jovem**, era amantíssimo das letras.

3.4 VOCATIVO

É o termo da oração (não entra em nenhuma classificação, uma vez que nem pertence ao sujeito nem ao predicado) cujo objetivo é interpelar, chamar, invocar alguém de forma mais ou menos enfática.

> **Nota:** Na fala o vocativo é pronunciado com entonação enfática. Na escrita é sempre marcado pela presença de algum sinal de pontuação que o isole dentro da estrutura oracional. Geralmente esse papel de isolar o vocativo é exercido pela vírgula.

- Maria, ó Maria, vem logo, não demores.
  vocativos
- Afasta-te daqui, criatura nojenta!
  vocativo
- Tenha cuidado, meu filho, a vida não é fácil.
  vocativo

⇨ Consideração importante:

Não se esqueça de que a pontuação é fundamental para a identificação do vocativo, além, é claro, do objetivo do termo que é, como já vimos, chamar, interpelar. A ausência, o esquecimento, ou mesmo a retirada proposital da pontuação pode alterar completamente a função sintática do termo. Veja:

- sujeito simples
  Carlos Antônio teve a sua dissertação de mestrado aprovada com louvor pela banca examinadora.
- vocativo sujeito
  Carlos, Antônio teve a sua dissertação de mestrado aprovada com louvor pela banca

examinadora.

sujeito vocativo
Carlos, Antônio, teve a sua dissertação de mestrado aprovada com louvor pela banca examinadora.

3.5 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (Univ. Fed. de Ouro Preto-MG) Dos termos destacados, **só não é** predicativo do sujeito:

   a) "Os outros fingiam acreditar, **desconfiados**."
   b) "Manarairema esperou **impaciente**."
   c) "... enquanto os homens andavam **ativos**..."
   d) "Se eles são **soberbos**, nós também..."
   e) "Ninguém almoçou **direito**, receando..."

2. (U. Cuiabá-MT)
   "Dois pais conversam sobre o futuro dos filhos:
   *– O que seu filho vai ser quando terminar o primeiro grau? – pergunta **um** deles.*
   *– Pelo jeito, acho que vai ser **um** velho de barbas brancas... – responde o outro".*
   ***Um**, analisando-se morfológica e sintaticamente, é, respectivamente:*

   a) artigo indefinido e adjunto adnominal / artigo indefinido e adjunto adnominal.
   b) pronome adjetivo e objeto direto / artigo indefinido e objeto direto.
   c) pronome substantivo indefinido e sujeito / artigo indefinido e adjunto adnominal.
   d) pronome adjetivo definido e adjunto adnominal / numeral cardinal e sujeito.
   e) pronome adjetivo definido e adjunto adnominal / numeral cardinal e objeto direto.

3. (UM-SP) "Apesar de vistosa, a construção acelerada **daquele edifício** deixou-**nos insatisfeitos** novamente".
   Os termos em destaque no período são, respectivamente:

   a) adjunto adnominal, objeto indireto, adjunto adverbial.
   b) complemento nominal, objeto direto, adjunto adverbial.
   c) adjunto adnominal, objeto direto, predicativo do objeto.
   d) complemento nominal, objeto direto, predicativo do objeto.
   e) adjunto adnominal, objeto indireto, adjunto adnominal.

4. (UFSC) Observe os períodos abaixo e assinale a alternativa em que **lhe** é adjunto adnominal.

a) "... anuncio-lhe: Filho, amanhã vai comigo.
b) O peixe caiu-lhe na rede.
c) Ao traidor, não lhe perdoaremos jamais.
d) Comuniquei-lhe o fato ontem pela manhã.
e) Sim, alguém lhe propôs emprego.

5. (Fuvest-SP) Nos enunciados abaixo, há adjuntos adnominais e apenas um complemento nominal. Assinale a alternativa que contém o complemento nominal.

a) faturamento das empresas.
b) ciclo de graves crises.
c) energia desta nação.
d) história do mundo.
e) distribuição de poderes e renda.

6. (Fuvest-SP) Assinalar a oração que começa com um adjunto adverbial de tempo.

a) Com certeza havia um erro no papel do branco.
b) No dia seguinte Fabiano voltou à cidade.
c) Na porta, (...) enganchou as rosetas das esporas...
d) Não deviam tratá-lo assim.
e) O que havia era safadeza.

7. (ESPM-SP) "Fogão Continental 2001 Grand Prix II: nossa homenagem **ao bom gosto da mulher brasileira**." As expressões destacadas são, respectivamente:

a) sujeito, complemento nominal.
b) complemento nominal, sujeito.
c) adjunto adnominal, objeto direto.
d) complemento nominal, complemento nominal.
e) complemento nominal, adjunto adnominal.

8. (Faap-SP)
"Sete anos de pastor Jacó servia Labão, pai de Raquel, serrana bela".
*Identifique a análise **errada**.*

a) sete anos – adjunto adverbial.
b) de pastor – adjunto adnominal.
c) Jacó – sujeito.

d) pai de Raquel – aposto de Labão.

e) serrana bela – aposto de Raquel.

9. (PUC-SP) "Só pessoas **sem visão** não admitem que, neste setor, existe **oferta** considerada condizente **com a procura**".

*Assinale a alternativa em que se apresenta **corretamente** a função sintática dos termos em destaque, respeitando-se a ordem em que elas ocorrem no período.*

a) adjunto adnominal, objeto direto, complemento nominal.

b) adjunto adverbial, objeto direto, adjunto adnominal.

c) adjunto adnominal, sujeito, complemento nominal.

d) adjunto adverbial, sujeito, complemento nominal.

e) adjunto adnominal, objeto direto, adjunto adnominal.

10. (UEL-PR) "Ainda que surgissem poucos **recursos** para o projeto, todos mostravam-se satisfeitos com a boa vontade **do chefe**".

As palavras em destaque no período exercem, respectivamente, a função sintática de:

a) objeto direto, complemento nominal.

b) sujeito, objeto indireto.

c) objeto direto, adjunto adnominal.

d) objeto direto, objeto indireto.

e) sujeito, adjunto adnominal.

GABARITO

1 – E	2 – C	3 – D
4 – B	5 – E	6 – B
7 – E	8 – B	9 – C
10 – E		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 4

SINTAXE DO PERÍODO COMPOSTO

Partamos para nosso segundo passo dentro de sintaxe. Nos capítulos anteriores, percebemos a interação entre os termos de uma oração e classificamos a função deles. Neste capítulo, continuaremos a estudar as funções sintáticas estabelecidas não mais agora entre os termos simples de uma oração, mas entre as orações. Logo, não se preocupe: o assunto é fácil. Uma orientação, porém, segue: é importante que as noções do que é um sujeito, um objeto direto, um objeto indireto etc. tenham sido bem assimiladas. Afinal, reiterando o já dito, vamos estudar todos esses termos em forma de orações. Boa viagem!

4.1 CONCEITOS ESSENCIAIS

Como já dissemos, o nosso estudo versa sobre o período. Período é a frase que se estrutura em oração ou orações. Daí o período ser classificado em:

a) Período simples ⇨ formado por uma única oração denominada de oração absoluta.
b) Período composto ⇨ formado por mais de uma oração.

Para a sintaxe de período só interessa o período composto, aquele formado por duas ou mais orações. Para a construção desse período composto, dois processos sintáticos são utilizados:

a) A coordenação ⇨ as orações mantêm uma independência sintática umas das outras, ou seja, uma oração não exerce uma função sintática (sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal etc.) para a outra. Há tão somente uma dependência semântica (de sentido) entre as orações do período coordenado.
b) A subordinação ⇨ as orações estão ligadas umas às outras — dependência — não só por um vínculo semântico, mas principalmente por um vínculo sintático, isto é, uma oração vai exercer uma função sintática para a outra. Por isso, uma oração, no período subordinado, só subsistirá se a outra também existir e vice-versa.

É possível também que um período seja formado tanto por orações coordenadas quanto por orações subordinadas. Nesse caso, ele é denominado de *período composto por*

coordenação e por subordinação, ou período misto (período complexo).

Primeiros exemplos:

1.ª oração

- O Conselho de Defesa Nacional é órgão de consulta do Presidente da República e atua em casos específicos.

2.ª oração

Período coordenado. Leia: O Conselho de Defesa Nacional é órgão de consulta do Presidente. O Conselho de Defesa Nacional só atua em casos específicos.

1.ª oração

- Quando o Presidente e o Vice-presidente não assumirem o cargo no prazo de dez dias a partir da posse, o cargo será declarado vago.

2.ª oração

Período subordinado. Perceba que uma oração não faz sentido sem a outra e que a primeira indica o tempo para o fato da outra oração.

- Ele disse que amanhã irá ao show se não chover e se não houver aquele engarrafamento que tanto tem infernizado a vida dos paulistanos.

Período misto. Há cinco orações.

No último período acima, observe que há cinco orações: a primeira (*Ele disse*) que é a oração principal; a segunda (*que irá ao show amanhã*), subordinada à primeira; a terceira (*se não chover*) e a quarta (*se não houver aquele engarrafamento*) subordinadas à segunda; e, por fim, a quinta (*que tanto tem infernizado a vida dos paulistanos*), subordinada à quarta. Perceba que entre a terceira e a quarta oração há um processo de coordenação. Por isso, esse período é denominado de período misto.

⇨ Considerações importantes:

a) Para se descobrir quantas orações existem em um período, em geral, basta contar o número de verbos ou de locuções verbais presentes na estrutura. Portanto, ao analisar um período, primeiro destaque os verbos e/ou as locuções verbais.

Observe:

- "Na hipótese de nenhum candidato **alcançar** maioria absoluta na primeira votação, **far-se-á** nova eleição no último domingo de outubro do ano anterior ao término do mandato

presidencial vigente, **concorrendo** os dois candidatos mais votados e **considerando**-se eleito, agora em segundo turno, aquele que **obtiver** a maioria dos votos válidos." (CF, art 77, *caput*)

b) Para a construção do período composto, as conjunções, os pronomes relativos, algumas preposições e alguns advérbios possuem papel fundamental. Serão essas classes morfológicas que farão a ligação (funcionarão como uma "ponte") entre as orações. A esses elementos de união a gramática denomina de "conectores" ou "elementos de conexão" ou ainda "articuladores".

Observe:

- **Enquanto** exerce funções típicas, o órgão executivo pratica atos de chefia de estado, chefia de governo e atos de administração. **Quando** atua atipicamente, o órgão executivo legisla **uma vez que** pode emitir medidas provisórias.

Após essas noções introdutórias, estudaremos passo a passo, a formação do período composto tanto por coordenação quanto por subordinação.

Para que o nosso estudo obtenha sucesso, é fundamental que o estudante:

⇨ tenha apreendido as funções dos elementos de conexão, principalmente das conjunções. Logo, se ainda restar alguma dúvida ou se não se lembrar direito do assunto, sugiro que estude "conjunção".

⇨ não procure decorar as conjunções, mas sim apreender-lhes o sentido e, acima de tudo, apreender a relação que a conjunção promove. Observaremos que, muitas vezes, uma mesma conjunção promoverá diversas relações. Portanto, não se desespere! Com o tempo você aprovisionará as diversas relações promovidas pela mesma conjunção.

⇨ não se preocupe demasiadamente com a nomenclatura gramatical: oração subordinada substantiva tal ou qual; oração subordinada adverbial "X", reduzida de infinitivo. A maioria dos institutos elaboradores de provas para concursos (públicos e vestibulares) já não mais questiona essa classificação — querem saber, sim, a relação promovida pela conjunção, pelo pronome relativo, pelos conectores em geral. Esses nomes rebuscados têm assustado e desestimulado até os mais afeitos à Língua Portuguesa. Mais uma vez, portanto, insisto: procure, a partir de agora, entender as relações entre as orações, promovidas pelos conectivos. Bom estudo!

4.2 PERÍODO COMPOSTO POR COORDENAÇÃO

4.2.1 ORAÇÕES COORDENADAS

O período coordenado é aquele em que aparecem orações sintaticamente independentes

umas das outras. Saliente-se que a independência é sintática, pois no período coordenado sempre existirá uma dependência semântica (= de sentido), de forma que a retirada de uma oração prejudica o sentido do enunciado. Por isso, diz-se que no período coordenado há vínculo semântico, mas não há vínculo sintático.

Como não existe o vínculo sintático, as orações no período coordenado classificam-se pela presença ou não das conjunções coordenadas. Daí elas serem:

4.2.1.1 Assindéticas

Quando não possuem conjunção, conectivo; apresentam-se justapostas.

Observe:

- Todos saíram mais cedo, foram para um barzinho próximo à faculdade.
  oração assindética — oração assindética

- "Raspou, achou, ganhou." *(Slogan publicitário.)*
  orações assindéticas

4.2.1.2 Sindéticas

Quando se ligam às outras pelas conjunções coordenativas. As conjunções coordenadas são de cinco tipos e podem expressar as relações de "adição, alternância ou disjunção, oposição adversativa, conclusão e explicação".

4.2.1.2.1 Coordenadas aditivas

São aquelas que exprimem adição, soma de pensamentos, acréscimo de ideias, simultaneidade de ações.

> As principais conjunções aditivas são: e, nem, mas também, mas ainda, senão também, bem como, como também, que (= e).

- Muitos deixaram o local consternados **e** foram para a delegacia.
- Os pensamentos não só fazem bem à alma, **mas também** possibilitam a ajuda ao próximo.
- O conferencista discursou sobre a poluição mundial, **como também** falou sobre os efeitos do lixo industrial.
- Não fez o exame hoje **nem** foi ao curso de inglês.
- Estuda **que** estuda, e não consegue aprovação no concurso.

⇨ **Observação:**

Nem sempre a conjunção “e” funcionará como aditiva. Nas construções abaixo, ela aparece como coordenada adversativa. Perceba:

- Estudou tudo, **e** não passou no exame. (e = mas)
- Trabalhou muito, **e** não obteve sucesso. (e = mas)

4.2.1.2.2 Coordenadas adversativas

São aquelas que promovem oposição, ressalva, contraste. A ideia contida na oração adversativa se contrapõe à da oração assindética.

> As principais conjunções adversativas são: mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, ao passo que, senão (= do contrário, mas sim, porém), antes (= mas, pelo contrário).

- Aprecia frutos do mar, **mas** não gosta de lagosta.
- Não foi ao shopping, **antes** preferiu o velho futebol do sábado à tarde.
- Eu sou pobre, **ao passo que** ele é muito rico.
- Ele gosta muito da praia, **entretanto** não aprecia muito os vendedores ambulantes.
- Não obteve a aprovação desejada, **senão** vaias de todos os lados.

⇨ **Observações:**

a) A oração adversativa equivale à oração subordinada concessiva, uma vez que ambas promovem as relações de oposição. Observe:

- Ele não bebe, mas fuma muito. ⇨ Embora fume muito, ele não bebe.

b) A conjunção coordenada adversativa pode aparecer deslocada dentro da oração sindética. Quando isso acontece, o emprego da vírgula se torna obrigatório para isolar a conjunção. Veja:

- Sempre apreciou vinhos do porto, **mas** os bebe moderadamente.
- Sempre apreciou vinhos do porto; bebe-os, **porém**, moderadamente. (Conjunção deslocada)
- Sempre apreciou vinhos do porto; bebe-os moderadamente, **contudo**. (Conjunção deslocada)

c) Algumas bancas elaboradoras de provas têm explorado as palavras “entretanto” e “no entanto” não como conjunções adversativas, mas como advérbios de tempo, com o sentido de “entrementes, neste ínterim, nesse momento”. Observe os exemplos abaixo:

- Todos velavam o corpo na sala. **Entretanto**, João, o viúvo, conversava longamente no jardim com uma comadre.

  nesse ínterim, nesse meio-tempo

  Este advérbio de tempo equivale a “entrementes”.

- A música da orquestra penetrou na sala. **No entanto**, todos olhavam de um lado para o outro querendo saber de onde vinha aquela melodia.

  nesse tempo, nesse momento

- O jogador fora para o Japão a fim de disputar um campeonato. **Entretanto**, nasceu sua filha, bela e de olhos verdes.

  nesse tempo, nesse meio-tempo

4.2.1.2.3 Coordenadas alternativas

São aquelas que expressam uma alternância, uma disjunção.

As principais conjunções alternativas são: ou, ou... ou, ora... ora, quer... quer, seja... seja, já... já, talvez... talvez.

- **Ora** o rapaz levantava um braço, **ora** coçava a cabeça, **ora** se espremia na cadeira.
- Responda todo o capítulo do livro **ou** não sairá no intervalo.
- **Quer** ele falasse, **quer** ele ficasse calado, todos o recriminavam.

4.2.1.2.4 Coordenadas conclusivas

São aquelas que exprimem uma conclusão, uma dedução lógica da ideia contida na oração precedente.

As principais conjunções conclusivas são: logo, pois (posposto ao verbo), portanto, por isso, por conseguinte.

- Ele estuda bastante, **logo** será aprovado em breve.
- A testemunha foi intimada, **por conseguinte** deveria comparecer.
- A empresa não enviou a proposta, **portanto** está fora da licitação.

4.2.1.2.5 Coordenadas explicativas

São aquelas que justificam a informação da oração precedente; fornecem, portanto, uma explicação, um motivo.

> As principais conjunções explicativas são: que, porque, pois (anteposto ao verbo), porquanto.

- Não corra, **que** você pode cair.
- Saia da sala agora, **porque** não aceito malcriações.
- Não desanime, **pois** o ânimo é a alma do negócio.

⇨ **Observação:**

Não se esqueça de que após orações imperativas (aquelas que dão "ordem" ou fazem um "pedido"), a estrutura que se segue é geralmente explicativa. Veja:

- Não deixe os estudos, **porque** a vida não está fácil.
  oração coordenada explicativa

4.2.2 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

Orações Coordenadas

1. Teimou em contratar os serviços de uma empresa, se bem que não houvesse necessidade.

   Comece com: Não havia necessidade...

   a) porém
   b) ainda que
   c) visto que
   d) portanto
   e) porque

2. (UCDB-MT) "Podemos falar qualquer coisa: estou absolutamente calmo".

   Os dois-pontos do período acima poderiam ser substituídos pela conjunção:

   a) e.
   b) portanto.

c) logo.
d) pois.
e) mas.

(FCC-PR) As questões de 3 a 8 apresentam um período que você deverá modificar, iniciando-o conforme se sugere, **mas sem alterar a ideia contida no primeiro**. Em consequência, outras partes da frase sofrerão alterações. Assinale a alternativa que contém o elemento adequado ao novo período.

Exemplo:

Abraçou-me com tal ímpeto, que não pude evitá-lo.

Comece com: Não pude evitá-lo...

a) assim
b) quando
c) à medida que
d) então
e) porque

Neste caso, a resposta correta é E, pois a frase transformada seria:

Não pude evitá-lo, porque abraçou-me com grande ímpeto.

3. Espere até tarde, que ele aparecerá.

Comece com: Ele aparecerá...

a) assim que
b) quando
c) para que
d) enquanto
e) portanto

4. Não se preocupe, que breve estarei de volta.

Comece com: Breve estarei...

a) para que
b) logo que
c) porém
d) logo
e) senão

5. Dada a falta de meios, recorreu à caridade.

Comece com: Faltavam-lhe os meios...

a) mas
b) nem
c) quando
d) portanto
e) visto que

6. Não posso atendê-lo, porque não é lícito o que requereu.
Comece com: Requereu o que não é lícito...

a) depois
b) porém
c) em que
d) visto que
e) portanto

7. Como todos tivessem terminado o trabalho, permiti-lhes que saíssem mais cedo.
Comece com: Todos já tinham terminado o trabalho...

a) visto que
b) porque
c) contudo
d) logo
e) a fim de que

8. Insiste em sair sozinho, conquanto mal conheça a cidade.
Comece com: Mal conhece a cidade...

a) por isso
b) então
c) no entanto
d) logo
e) em consequência

9. (PUC-RS) "Todos os dias esvaziava uma garrafa, colocava dentro sua mensagem, e a entregava ao mar. Nunca recebeu resposta. Mas tornou-se alcoólatra". (Marina Colasanti)
*O conectivo **mas**, que introduz a conclusão do conto – **tornou-se alcoólatra** –, permite a seguinte interpretação:*

I. A personagem tornou-se alcoólatra porque nunca recebeu uma resposta.
II. O fato aconteceu porque a personagem escreveu muitas mensagens.
III. A solidão sem remédio tem sempre como consequência o vício.
IV. Esvaziou muitas garrafas. Enviou muitas mensagens. Não recebeu resposta. Mas, como tinha bebido todos os dias, tornou-se alcoólatra.

*Analise as afirmações e, a seguir, assinale a alternativa **correta**.*

a) Somente a afirmação IV está correta.
b) Somente a afirmação I está correta.
c) Somente as afirmações I e II estão corretas.
d) Somente a afirmação III está correta.
e) Somente as afirmações II e III estão corretas.

10. (PUC-SP) "Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da caatinga rala". (Graciliano Ramos, Vidas secas)

*É **correto** dizer que:*

a) a primeira e a segunda orações são coordenadas assindéticas.
b) a primeira oração é coordenada assindética e a segunda é adversativa.
c) há sete orações coordenadas no período.
d) há seis orações coordenadas e duas subordinadas.
e) n.d.a.

4.3 PERÍODO COMPOSTO POR SUBORDINAÇÃO

4.3.1 NOÇÕES INTRODUTÓRIAS

Antes de mais nada, é fundamental lembrar que no período composto por coordenação as orações se classificam em assindéticas (sem conectivo) e sindéticas (com conectivo). Já no período composto por subordinação as orações se classificam em:

a) Oração principal ⇨ é aquela que rege a oração subordinada. Não é principal porque contém algo a mais do que a subordinada, mas sim porque possui uma outra oração a qual exercerá uma função sintática em relação àquela.

b) Oração subordinada ⇨ é a oração que exercerá uma função sintática (sujeito, objeto

direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto, predicativo, agente da passiva, adjunto adnominal ou adjunto adverbial) para uma outra oração a qual lhe servirá como oração principal.

Observe:

- Ele pediu que ninguém se atrasasse.
  Or. principal — Or. subordinada
- A lei foi promulgada quando o sol já ia se pôr.
  Or. principal — Or. subordinada
- Vi muitos alunos que estudavam no pátio do colégio.
  Or. principal — Or. subordinada

As orações subordinadas podem exercer funções típicas do substantivo, do adjetivo e do advérbio. Daí serem classificadas em:

a) Subordinadas substantivas ⇨ exercem as funções típicas de um substantivo que são: sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto, predicativo e agente da passiva.

) Subordinadas adjetivas ⇨ exercem uma função típica do adjetivo, qual seja, "adjunto adnominal".

) Subordinadas adverbiais ⇨ exercem a função típica do advérbio: adjunto adverbial.

4.3.2 ORAÇÕES SUBSTANTIVAS

Antes de entrarmos propriamente no assunto, observe os exemplos abaixo:

- Não convém o retorno dele amanhã. ➡ Não convém que ele retorne amanhã.
  sujeito — sujeito

complemento nominal

- Todos eram favoráveis ao retorno dele amanhã. ➡ Todos eram favoráveis a que ele retornasse amanhã.
  complemento nominal

aposto

- Todos desejam uma coisa: o retorno dele amanhã. ➡ Todos desejam uma coisa: que ele retorne amanhã.
  aposto

predicativo

- O mais importante era o retorno dele amanhã. ➡ O mais importante era que ele retornasse amanhã.
  predicativo

- Todos querem o retorno dele amanhã. ➡ Todos querem que ele retorne amanhã.
  objeto direto — objeto direto

objeto indireto — objeto indireto

- Todos precisam do retorno dele amanhã. ➡ Todos precisam de que ele retorne amanhã.

Creio que tenha percebido que os termos destacados na coluna da direita são representados na esquerda por orações. Logo, o "sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto, predicativo e agente da passiva" podem aparecer tanto como termos simples como em forma de orações. As orações que exercem tais funções são denominadas de "orações subordinadas substantivas".

> **Recapitulando:** Elas são subordinadas porque dependem sintaticamente uma da outra, já que uma exercerá uma função sintática para a outra. São denominadas de substantivas porque exercem funções típicas do substantivo, quais sejam: sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto, predicativo e agente da passiva.

⇨ Observação importante:

As orações subordinadas substantivas são geralmente introduzidas pelas conjunções integrantes "**QUE**" ou "**SE**". No entanto, outros conectores podem aparecer com uma função integrante. Passemos agora a estudar detalhadamente uma por uma.

4.3.2.1 Substantivas subjetivas

São aquelas que exercem a função sintática de sujeito para a oração principal. Nesse caso, o verbo da oração principal deverá estar na 3.ª pessoa do singular, uma vez que todas as orações subordinadas substantivas subjetivas não passam de sujeitos oracionais. Veja os

exemplos:

- Cumpre que todos façam a sua parte.
  subjetiva
- Anunciou-se que o novo pacote do governo entrará em vigor amanhã.
  subjetiva
- "Quem com porcos se mistura farelo come". (Dito popular)
  subjetiva
- Não se sabe como ele conseguiu a vitória.
  subjetiva
- Parece que a situação vai piorar.
  subjetiva
- Foi constatado que a testemunha era falsa.
  subjetiva

⇨ **Considerações importantes:**

a) Perceba que, quando a oração subordinada é substantiva subjetiva, na oração principal não há sujeito, pois o sujeito da oração principal é a outra (oração subjetiva).

b) Observe que, quando a oração subordinada substantiva for subjetiva, a oração principal apresentará um dos seguintes casos:

– verbo na 3.ª pessoa do singular, na voz ativa, sem menção a sujeito;
– voz passiva sintética (VTD/VTDI + SE)
– voz passiva analítica (locução verbal — v. auxiliar + v. principal no particípio)

4.3.2.2 Substantivas objetivas diretas

São aquelas orações que exercem a função de objeto direto para um verbo transitivo direto ou transitivo direto e indireto que se encontra na oração principal.

VTD objetiva direta

- O governo **anunciou** que as novas medidas só entrarão em vigor no mês de março.

- Que a violência no Brasil possui uma causa social, todos já **sabem**.
  objetiva direta VTD

- A Defesa Civil **desconhece** quantos são os desabrigados.
  VTD objetiva direta

- Nunca **diga**: desta água não beberei.
  VTD objetiva direta

VTDI

- Os diretores **informaram** aos funcionários que a nova escala de trabalho valerá a partir de amanhã.
  objetiva direta

4.3.2.3 Substantivas objetivas indiretas

São as orações que exercerão a função sintática de objeto indireto para um verbo transitivo indireto ou transitivo direto e indireto que se encontra na oração principal. As orações objetivas indiretas são sempre introduzidas por uma preposição.

- Nada **obsta** a que você estude mais esta noite.
  VTI objetiva indireta

- Nunca **se esqueça** de que a vida não é fácil.
  VTI objetiva indireta

- Tudo **depende** de que o avião saia na hora certa.
  VTI objetiva indireta

- **Avisei**-o de que a nova diretoria assumirá na próxima semana.
  VTDI objetiva indireta

⇨ Observação:

Saliente-se, mais uma vez, que as orações objetivas indiretas são introduzidas por uma preposição requerida pela regência de um verbo transitivo indireto ou transitivo direto e indireto. Observe abaixo como se dá esse uso da preposição:

SE DIZEMOS...	DEVEMOS DIZER...
Não dou importância **à** tua intervenção.	Não dou importância **a** que tu intervenhas.

Precisamos **de** sua ajuda.	Precisamos **de** que você ajude.
O diretor se opôs **à** participação dos funcionários.	O diretor se opôs **a** que os funcionários participassem.
Queixou-se **da** ausência dos amigos.	Queixou-se **de** que os amigos estão ausentes.
Insistiu **em** nossa participação no evento.	Insistiu em que nós participássemos do evento.

4.3.2.4 Substantivas completivas nominais

São aquelas que exercem a função de complemento nominal para um nome que se encontra na oração principal. Observe atentamente os exemplos abaixo:

- Ele tem sempre a **impressão** de que vozes do outro mundo o chamam.
  nome — completiva nominal

- Os sem-terras desrespeitaram a **recomendação** de que não invadissem aquela parte da fazenda.
  nome — completiva nominal

- O rapaz mostrava-se profundamente **ansioso** por que sua noiva voltasse.
  nome — completiva nominal

- O Presidente se apresentou bastante **convencido** de que o novo pacote econômico dará certo.
  nome — completiva nominal

⇨ Observações importantes:

a) O complemento nominal é um termo integrante da oração que obrigatoriamente vem regido por uma preposição. Da mesma forma acontece com a oração completiva nominal. Não raro, entretanto, encontram-se em bons escritores exemplos de complementos nominais oracionais com a preposição oculta. Daí se aceitarem como corretas as seguintes construções:

- Mostrava-se desejoso **de** que ele voltasse amanhã. /ou/ ▹ Mostrava-se desejoso que ele voltasse amanhã.
- O jogador estava certo **de** que ficaria no banco de reservas. /ou/ ▹ O jogador estava certo que ficaria no banco de reservas.
- O orador não tinha dúvidas **de** que o próximo seria ele. /ou/ ▹ O orador não tinha dúvidas que o próximo seria ele.
- "Estou ansioso que ele chegue e que nos ouça." (Camilo Castelo Branco)

- “Não é preciso dizer que também eu ficara em brasas, ansioso que a aula acabasse.” (Machado de Assis)
- “Estou certo, disse ele, piscando-me o olho, que dentro de um ano a vocação eclesiástica do nosso Bentinho se manifesta clara e decisiva.” (Machado de Assis)
- “Apenas ela dobrava a esquina o conciliábulo juntava-se logo a cochichar. Tinham a certeza que se ia encontrar com o peralta.” (Eça de Queiroz)

b) É importante não confundir as orações completivas nominais com as objetivas indiretas. Para evitar tal equívoco, consulte a diferença entre o objeto indireto e o complemento nominal.

4.3.2.5 Substantivas predicativas

São as orações que exercem a função de predicativo para a oração principal. Convém notar que na oração principal sempre aparecerá um verbo de ligação — geralmente o verbo “SER” — quando a oração subordinada for classificada como predicativa.

- O fundamental **é** (VL) que ele não desfaleça em sua fé (predicativa).
- Quem menos fala **é** (VL), muitas vezes, quem menos sabe (predicativa).
- Minha maior esperança **era** (VL) que o dinheiro fosse imediatamente liberado (predicativa).
- O certo **seria** (VL) que a lei fosse para todos (predicativa).

4.3.2.6 Substantivas apositivas

Exercem a função de aposto para um substantivo ou termo substantivado presente na oração principal. Geralmente a oração apositiva aparece depois de dois pontos ou, mais raramente, de vírgula.

- O pai, preocupado, disse-lhe **isto**: estude bastante para suas provas (apositiva), meu filho.
- Diga-me agora uma **coisa**, este livro é para concursos públicos? (apositiva)
- Uma única **indagação** ficou em discussão: que faria agora ele sem o emprego? (apositiva)

⇨ **Observação importante:**

Não é o fato de conter os dois pontos ou qualquer outro sinal de pontuação que a oração será apositiva. É imprescindível que, primeiro, antes da classificação, perceba-se se a oração efetivamente possui a função de aposto. Observe:

voz passiva analítica
- Na porta da sala **foi escrito** em letras garrafais: "O Senhor é o meu Pastor e nada me faltará."
  subordinada substantiva subjetiva

voz passiva sintética
- Na porta da sala **se escreveu** em letras garrafais: "O Senhor é o meu Pastor e nada me faltará."
  subordinada substantiva subjetiva

VTD
- Na porta da sala, um painel **avisava** em letras garrafais: "O Senhor é o meu Pastor e nada me faltará."
  subordinada substantiva objetiva direta

substantivo
- Na porta da sala, havia um **aviso** em letras garrafais: "O Senhor é o meu Pastor e nada me faltará."
  subordinada substantiva apositiva

4.3.2.7 Substantivas agente da passiva

São as orações que exercem a função sintática de agente da passiva. São, assim como o agente da passiva o é, introduzidas por uma das preposições "de, por, pelo, pela, pelos, pelas." Esse tipo de oração não é reconhecido pela NGB — Nomenclatura Gramatical Brasileira.

- Um dia todos nós seremos julgados por quem nos criou.
  oração agente da passiva
- Este prédio foi construído por quem entende de construção.
  oração agente da passiva

4.3.3 EMPREGO DA CONJUNÇÃO INTEGRANTE NA SEGUNDA ORAÇÃO SUBSTANTIVA COORDENADA

Quando a uma proposição subordinada substantiva, que começa pela conjunção integrante "que", une-se outra proposição subordinada por meio da conjunção coordenativa aditiva "e" ou da conjunção alternativa "ou", pode-se repetir ou não a conjunção integrante. A repetição confere maior clareza ao enunciado, pois evita que se tome a segunda oração como uma oração principal. Por isso, nos grandes escritores, não raro se encontram exemplos em que há

a repetição da conjunção integrante.

Suponha que se queira construir um período composto por subordinação a partir do período simples a seguir:

- Pedi ao governo → a diminuição dos juros.
  → o aumento do acesso ao crédito.

Teremos então duas possibilidades...

- Pedi ao governo → que diminuísse os juros.
  E
  → que aumentasse o acesso ao crédito.

Ou então...

- Pedi ao governo → que diminuísse os juros.
  E
  → aumentasse o acesso ao crédito. (elipse da conjunção na segunda oração)

Outros exemplos:

- Rogo-te **que** desças ao porto, e lhes saias ao encontro, e os recebas humanamente em tua casa." (Pe. Manuel Bernardes)
- "Quero **que** vejas, **que** ouças, e **que** me digas tudo quanto ele fizer." (Rebêlo da Silva *apud* Mário Barreto)
- "Disseram-lhe **que** estava em Paris e **que** a família se retirara a uma quinta das margens do Minho." (Camilo C. Branco)
- "Um dia em que ele, como sempre, cheio de solicitude, perguntava pelo 'seu doente' disseram-lhe **que** José estava livre de maior perigo e **que** o restabelecimento seria completo com a viagem à Europa." (Aluísio Azevedo)
- "Pareceu-lhe **que** era bastante a sua piedade e ela ia de algum modo dar lenitivo ao sofrimento do padrinho." (Lima Barreto)
- "Era necessário, Sr. Presidente, **que** se estabelecesse a discussão sobre a matéria principal, e **que** os nobres deputados nos dissessem quais são as suas ideias." (Rui Barbosa)

4.3.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

Orações Subordinadas Substantivas

1. (PUC-SP) “Pode-**se** dizer **que a tarefa crítica é puramente formal**”.

   No texto acima, temos uma oração destacada que é ... e um se que é ... .

   a) substantiva objetiva direta – partícula apassivadora.
   b) substantiva predicativa – índice de indeterminação do sujeito.
   c) relativa – pronome reflexivo.
   d) substantiva subjetiva – partícula apassivadora.
   e) adverbial consecutiva – índice de indeterminação do sujeito.

2. (FCE-SP) “Os homens sempre se esquecem **de que somos todos mortais**”. A oração destacada é:

   a) substantiva completiva nominal.
   b) substantiva objetiva indireta.
   c) substantiva predicativa.
   d) substantiva objetiva direta.
   e) substantiva subjetiva.

3. (UCMG) Há oração subordinada substantiva apositiva em:

   a) Na rua perguntou-lhe em tom misterioso: onde poderemos falar à vontade?
   b) Ninguém reparou em Olívia: todos andavam como pasmados.
   c) As estrelas que vemos parecem grandes olhos curiosos.
   d) Em verdade, eu tinha fama e era valsista emérito: não admira que ela me preferisse.
   e) Sempre desejava a mesma coisa: que a sua presença fosse notada.

4. (Cefet-MG) “Já era noite. Parecia viável **que todos entendessem** que, naquele momento, deviam-se lembrar **de que nada é eternamente assim**. Mas nada acontecia. A verdade é **que todos estavam extasiados** e certos **de que não há prazeres no mundo**”.

   As orações destacadas são, respectivamente, subordinadas substantivas:

   a) subjetiva, subjetiva, subjetiva e completiva nominal.
   b) subjetiva, objetiva direta, subjetiva e completiva nominal.
   c) objetiva direta, subjetiva, predicativa e objetiva indireta.
   d) subjetiva, objetiva indireta, predicativa e completiva nominal.
   e) objetiva direta, objetiva indireta, predicativa e objetiva indireta.

5. (FIT-SP) No período “Todos tinham certeza **de que seriam aprovados**”, a oração

destacada é:

a) substantiva objetiva indireta.
b) substantiva completiva nominal.
c) substantiva apositiva.
d) substantiva subjetiva.
e) n.d.a.

6. (Faap-SP)
"Ouvindo-te dizer: Eu te amo, creio, no momento, que sou amado. No momento anterior e no seguinte como sabê-**lo**."
*O pronome **o** está no lugar da oração:*

a) ouvindo-te.
b) dizer.
c) eu te amo.
d) que sou amado.
e) como saber.

7. (F. Objetivo-SP) No período: "É necessário **que todos se esforcem**", a oração destacada é:

a) substantiva objetiva direta.
b) substantiva objetiva indireta.
c) substantiva completiva nominal.
d) substantiva subjetiva.
e) substantiva predicativa.

8. (UFAC) No período: "Enfim resolveu o Leão sair para fazer sua pesquisa, verificar **se ainda era o Rei dos Animais**", a oração em destaque é:

a) subordinada adverbial condicional.
b) subordinada substantiva objetiva indireta.
c) subordinada adverbial concessiva.
d) subordinada substantiva objetiva direta.
e) subordinada substantiva predicativa.

9. (FEI-SP) Assinale a alternativa em que a oração destacada é uma subordinada completiva nominal.

a) Este é o relatório **de que lhe falei ontem**.

b) Lembraram-se **de que a reunião fora adiada**.
c) Insisto **em que partas logo**.
d) Espalhou-se a notícia **de que ele chegou**.

10. (PUCC-SP) A alternativa em que se encontra uma oração subordinada substantiva objetiva direta iniciada com a conjunção **se** é:

a) Só obteremos a aprovação se tivermos encaminhado corretamente os papéis.
b) Haverá racionamento de águas em todo o país, se persistir a seca.
c) Falava como se fosse especialista no assunto.
d) Se um deles entrasse, todos exigiriam entrar também.
e) Queria saber dos irmãos se alguém tinha alguma coisa contra o rapaz.

11. (UFPA) Qual o período em que há oração subordinada substantiva predicativa?

a) Meu desejo é que você passe nos exames vestibulares.
b) Sou favorável a que o aprovem.
c) Desejo-te isto: que sejas feliz.
d) O aluno que estuda consegue superar as dificuldades do vestibular.
e) Lembre-se de que tudo passa neste mundo.

12. (PUC-SP) Nos trechos "... não é impossível **que** a notícia da morte me deixasse alguma tranqüilidade, alívio, e um ou dois minutos de prazer" e "Digo-vos **que** as lágrimas eram verdadeiras", a palavra **que** está introduzindo, respectivamente, orações:

a) subordinada substantiva subjetiva, subordinada substantiva objetiva direta.
b) subordinada substantiva objetiva direta, subordinada substantiva objetiva direta.
c) subordinada substantiva subjetiva, subordinada substantiva subjetiva.
d) subordinada substantiva completiva nominal, subordinada adjetiva explicativa.
e) subordinada adjetiva explicativa, subordinada substantiva predicativa.

13. (UFV-MG) As orações subordinadas substantivas que aparecem no período abaixo são todas subjetivas, **exceto**:

a) Decidiu-se que o petróleo subiria de preço.
b) É muito bom que o homem, vez por outra, reflita sobre sua vida.
c) Ignoras quanto custou meu relógio.
d) Perguntou-se ao diretor quando seríamos recebidos.
e) Convinha-nos que você estivesse presente à reunião.

14. (UFU-MG) Na frase “argumentei **que não é justo que o padeiro ganhe festas**”, as orações destacadas, introduzidas por **que**, são, respectivamente:

a) ambas subordinadas substantivas objetivas diretas.
b) ambas subordinadas subjetivas.
c) subordinada substantiva objetiva direta e subordinada substantiva subjetiva.
d) subordinada objetiva direta e coordenada assindética.
e) subordinada substantiva objetiva direta e subordinada substantiva predicativa.

15. (PUCC-SP) Assinale a alternativa cuja oração subordinada é substantiva predicativa.

a) Espero que venhas hoje.
b) O aluno que trabalha é bom.
c) Meu desejo é que te formes logo.
d) És tão inteligente como teu pai.
e) n.d.a.

16. (UFMG) Na frase: “Maria do Carmo tinha a certeza **de que estava para ser mãe**”, a oração em destaque é:

a) subordinada substantiva objetiva indireta.
b) subordinada substantiva completiva nominal.
c) subordinada substantiva predicativa.
d) coordenada sindética conclusiva.
e) coordenada sindética explicativa.

17. (FCMSC-SP) A palavra **se** é conjunção subordinada integrante (por introduzir oração subordinada substantiva objetiva direta) em qual das orações seguintes?

a) em qual das orações seguintes?
a) Ele se morria de ciúmes pelo patrão.
b) A Federação arroga-se o direito de cancelar o jogo.
c) O aluno fez-se passar por doutor.
d) Precisa-se de pedreiros.
e) Não sei se o vinho está bom.

18. (Fesp-SP) “Lembro-me **de que ele só usava camisas brancas**”. A oração em destaque é:

a) substantiva completiva nominal.

b) substantiva objetiva indireta.
c) substantiva predicativa.
d) substantiva subjetiva.
e) n.d.a.

19. (F. Objetivo-SP) “A verdade é **que a gente não sabia nada**...”

Classifica-se a segunda oração como:

a) subordinada substantiva objetiva direta.
b) subordinada adverbial conformativa.
c) subordinada substantiva objetiva indireta.
d) subordinada substantiva predicativa.
e) subordinada substantiva apositiva.

20. (UFSCar-SP) Marque a opção que contém oração subordinada substantiva completiva nominal.

a) “Tanto eu como Pascoal tínhamos medo de que o patrão topasse Pedro Barqueiro nas ruas da cidade”.
b) “Era preciso que ninguém desconfiasse do nosso conluio para prendermos o Pedro Barqueiro”.
c) “Para encurtar a história, patrãozinho, achamos Pedro Barqueiro no rancho, que só tinha três divisões: a sala, o quarto dele e a cozinha”.
d) “Quando chegamos, Pedro estava no terreiro debulhando milho, que havia colhido em sua rocinha, ali perto”.
e) “Pascoal me fez um sinalzinho, eu dei a volta e entrei pela porta do fundo para agarrar o Barqueiro pelas costas”.

Continuemos nossa jornada dentro do período composto. Já estudamos as orações coordenadas e as subordinadas substantivas. Espero que a esta altura já saiba discernir entre um período composto por coordenação e um composto por subordinação. É fundamental também ter percebido que as funções sintáticas como o sujeito, o objeto direto, o objeto indireto etc. podem ser expressadas por meio de orações denominadas substantivas. A partir de agora, veremos o adjunto adnominal e o adjunto adverbial em forma de orações. Bons estudos!

4.3.5 ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS

As orações subordinadas adjetivas são aquelas que possuem o valor de um adjetivo; exercem a função sintática de adjunto adnominal de um substantivo ou pronome antecedente.

A principal característica das orações adjetivas é que são introduzidas por um pronome

relativo (que, quem, onde, o qual, a qual, os quais, as quais, cujo, cuja, cujos, cujas, quanto, quanta, quantos e quantas). Por isso, as orações adjetivas são também denominadas de "orações relativas".

4.3.5.1 Emprego e funções sintáticas dos pronomes relativos

Antes de estudarmos as orações adjetivas, convém analisar e conhecer melhor os ditos pronomes relativos. Frequentemente estes pronomes têm sido usados para a construção de inúmeras questões as quais, não raro, embaraçam os candidatos. Neste momento, é importante que o estudante apreenda o emprego de cada um deles bem como a função sintática exercida na oração. Vamos lá!

1. Que ⇨É denominado de "relativo universal", porque se refere tanto a coisas quanto a pessoas. Seus equivalentes variáveis são "a qual, o qual, as quais, os quais". O relativo "que" só deve ser substituído por outro relativo em casos específicos. Pode desempenhar as seguintes funções sintáticas:

a) Sujeito:

- Na árvore havia dois papa-capins **que** cantavam melodiosamente.
  papa-capins cantavam melodiosamente

- O país **que** não investe em educação está fadado à miséria social.
  o país não investe em educação

b) Objeto direto:

- Os dois livros **que** aqueles alunos compraram vão ser usados por toda a turma.
  aqueles alunos compraram os dois livros

- As poesias, **que** ao filho mais novo o pai deu, pertenciam a um grande poeta popular.
  o pai deu ao filho mais novo as poesias

c) Objeto indireto:

- Os livros **de que** os alunos precisam já estão à disposição deles na biblioteca.
  os alunos precisam dos livros.

- As ideias **a que** o professor se referiu foram condenadas pela arquidiocese.
  o professor se referiu às ideias

d) Complemento nominal:

- Os insetos **de que** a mulher tinha mais medo eram as baratas.
  a mulher tinha mais medo dos insetos

- A luz acesa era para ele um ritual **por que** mantinha um profundo respeito.
  ele mantinha um profundo respeito pelo ritual

e) Predicativo do sujeito:

- O grande aluno **que** um dia eu fui já não mais existe.
  um dia eu fui um grande aluno

- O cantor **que** ele era deixou saudades.
  ele era cantor

f) Agente da passiva:

- O amigo **por que** ele foi traído viajou para a Europa.
  ele foi traído pelo amigo

- O olhar **por que** Mariazinha havia sido dominada a abandonou no meio do romance.
  Mariazinha havia sido dominada pelo olhar

g) Adjunto adverbial:

- A cidade **em que** nasci fica perto de Recife.
  eu nasci na cidade

- O departamento **a que** ele se dirigiu fica no oitavo andar.
  ele se dirigiu ao departamento

2. Quem ⇨ É denominado de "relativo personativo", pois só se refere a pessoas. Sempre virá precedido de uma preposição.

- O homem **a quem** ela se referiu tornou-se o delegado da cidade. (a quem = objeto indireto)
  ela se referiu ao homem

- O diretor financeiro **com quem** nós mantínhamos mais contato era o Sr. Rodrigo. (com quem = complemento nominal)
  nós mantínhamos mais contato com o diretor financeiro

3. Onde ⇨ É denominado de "relativo locativo", pois só é utilizado para retomar e substituir termos que contenham a noção de "lugar". Equivale a "em que" e variações (na qual, no qual, nas quais, nos quais).

prega-se mais o cristianismo no templo.

- O templo **onde** se prega mais o cristianismo fica em Roma. (onde = adjunto adverbial de lugar)

eu nasci na cidade.

- A cidade **onde** eu nasci fica a 123 Km de Recife. (onde = adjunto adverbial de lugar)

4. O qual, a qual, os quais, as quais ⇨ São os relativos que possuem as variações em gênero e número correspondentes ao pronome relativo "que". Esses relativos devem obrigatoriamente substituir o "que" quando este provocar ambiguidade, for precedido por uma preposição com mais de uma sílaba ou for eufonicamente melhor.

- Assisti à cena final daquele filme **que** me deixou bastante emocionado. (Frase ambígua — Quem o emocionou foi a cena ou o filme?)

a cena me deixou bastante emocionado.

- Assisti à cena final daquele filme **a qual** me deixou bastante emocionado. (a qual = sujeito)

corriam águas extremamente poluídas sobre a ponte

- A ponte **sobre a qual** corriam águas extremamente poluídas era pênsil. (sobre a qual = adjunto adverbial de lugar)

a maioria do colegiado votou contra a proposta

- A proposta **contra a qual** a maioria do colegiado votou vai ser objeto de nova apreciação. (contra a qual = objeto indireto)

5. Cujo, cuja, cujos, cujas ⇨ São relativos utilizados para substituir termos que expressam noção de posse. Equivalem a "do qual, da qual, dos quais, das quais, seu, sua, seus, suas, dele, dela, deles, delas". Eles retomam um termo antecedente, mas concordam em gênero e número com o substantivo consequente (ou posposto). Não admitem a posposição de artigo e sempre exercem a função sintática de adjunto adnominal.

os princípios do homem (ou "os seus princípios) não são sólidos

- O homem **cujos** princípios não são sólidos está mais sujeito às intempéries da vida. (cujos = adjunto adnominal)

eu já não mais me lembro dos nomes dos filmes

- Alguns filmes **de cujos** nomes já não mais me lembro imortalizaram muitos artistas. (cujos = adjunto adnominal)

alguns trabalhadores descansavam sob a sombra da árvore

- A árvore **sob cuja sombra** alguns trabalhadores descansavam era centenária. (cuja = adjunto adnominal)

6. Quanto, quanta, quantos, quantas ⇨ Estas palavras só serão consideradas pronomes

relativos quando vierem antecedidas por um dos seguintes pronomes indefinidos “tudo, todo (a), todos (as)”:

- Doou tudo **quanto** tinha em casa para o abrigo São Francisco. (quanto = objeto direto)
- Nenhuma obra de arte rara de todas **quantas** levei sequer levou algum arranhão. (quantas = objeto direto)

⇨ **Consideração importante:**

Perceba que o pronome relativo exerce, ao mesmo tempo, uma função conectiva (une, liga, conecta uma oração à outra) e uma função sintática em relação à oração que ele introduz. Além do mais, o conteúdo acima será bastante útil quando estudarmos “regência”. Portanto, se restou alguma dúvida, revise o assunto.

Após este estudo, voltemos à análise do adjetivo em forma de oração. Observe o raciocínio abaixo:

- A escola aprecia bastante alunos **estudiosos**.
  adjetivo = adjunto adnominal
- A escola aprecia bastante alunos **que estudam**.
  oração subordinada adjetiva

Perceba que o adjetivo simples (estudiosos) foi substituído pela oração (que estudam). A oração literalmente fica no lugar do adjetivo. Daí porque ser denominada de oração adjetiva.

4.3.5.2 Classificação das orações subordinadas adjetivas

As orações subordinadas adjetivas são classificadas em:

4.3.5.2.1 Restritivas

Restringem, particularizam, limitam a significação do substantivo ou pronome substantivo antecedente. Indicam que a informação prestada pela oração não se aplica ao todo, mas tão somente a uma parte do todo. Geralmente aparecem dentro da estrutura oracional sem virgulação. Ademais, as orações adjetivas restritivas não podem ser retiradas da oração, pois são indispensáveis ao sentido geral do enunciado.

Exemplos:

- O homem que caminhava na calçada da direita olhava-nos com desdém.
  adjetiva restritiva

> Observe que pelo enunciado “há outros homens que caminhavam na calçada esquerda”.

- Os que lutam são os que vencem.
  adjetiva restritiva adjetiva restritiva

Leia da seguinte forma: “Aqueles que lutam são aqueles que vencem”. Perceba que não são todos que lutam, logo não são todos que vencem. Por isso, são orações restritivas.

adjetiva restritiva

- Os alunos que permanecerem na quadra após o toque serão suspensos das atividades escolares.

Não serão todos os alunos suspensos das atividades escolares, mas apenas os que permanecerem na quadra após o toque.

- O homem que trabalha não passa necessidade.

adjetiva restritiva

Não são todos os homens que trabalham. Apenas os que trabalham não passam necessidade.

Observe abaixo um recurso prático para não mais se confundir com as orações restritivas:

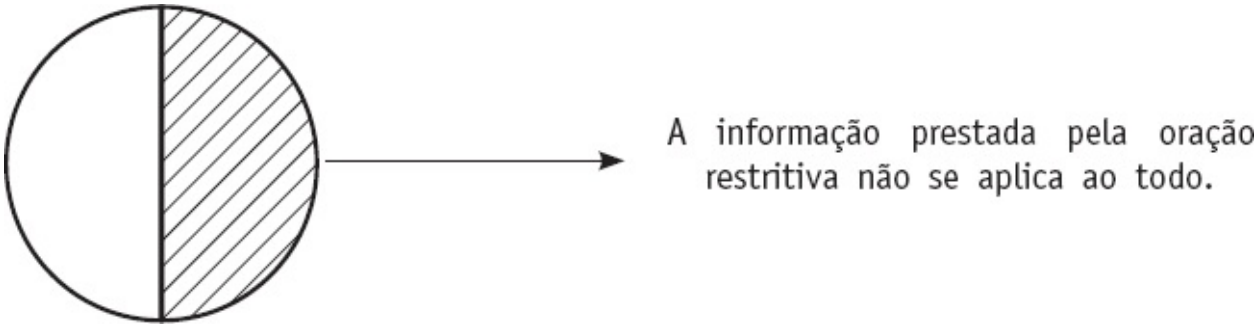

4.3.5.2.2 Explicativas

Explicam, estendem o significado, exprimem o sentido geral do substantivo antecedente. Geralmente o substantivo ou pronome substantivo representa um ser único. As orações adjetivas explicativas possuem um valor aproximado de um aposto explicativo. Podem, portanto, ser retiradas da oração sem prejuízo para o sentido. Aparecem na escrita isoladas por vírgula(s).

Exemplos:

oração subordinada adjetiva explicativa

- Minha mãe, que é uma mulher de seus sessenta anos, vai regularmente à igreja.

oração subordinada adjetiva explicativa

- O sol, que é o centro do nosso sistema, tem perdido calor nas últimas décadas.

oração subordinada adjetiva explicativa

- Jesus Cristo, que representa o maior ícone do cristianismo, deu grandes lições de vida.

- Ela se dirigiu para a mansão da família, onde todos lá a esperavam.
oração subordinada adjetiva explicativa

⇨ Observação:

Perceba que as orações subordinadas adjetivas explicativas se referem a seres únicos, individualizados. Logo, a informação prestada pela oração explicativa se aplica ao substantivo antecedente de forma totalitária. Observe a diagramação abaixo:

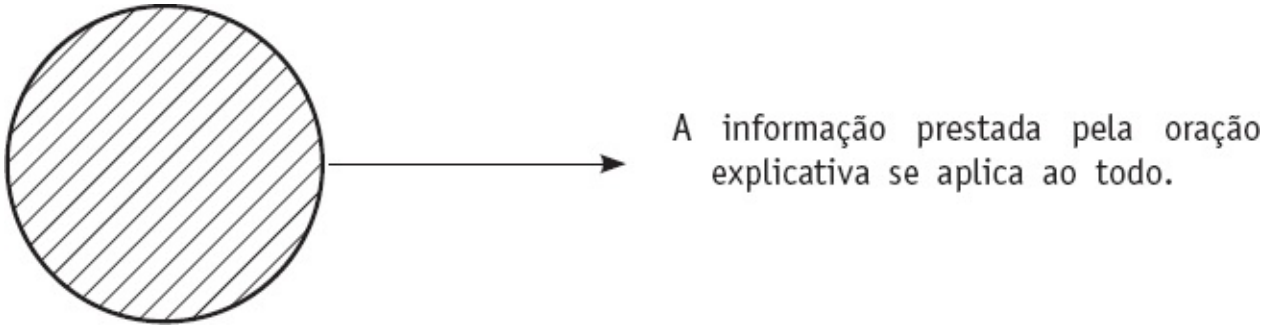

⇨ Consideração importante sobre as orações adjetivas explicativas:

Há orações adjetivas que só podem ser explicativas, pois, como já dissemos, aplicam-se a seres únicos, individualizados. Observe abaixo os exemplos:

- O pai falava irritado com a única filha, que permanecia calada e cabisbaixa.
oração subordinada adjetiva explicativa

oração subordinada adjetiva explicativa

- Sócrates, que foi condenado à ingestão de veneno, não deixou nada do seu pensamento por escrito.

- O avião sobrevoava agora a cidade de São Paulo, que se tornou a maior metrópole da América Latina.
oração subordinada adjetiva explicativa

4.3.5.3 O emprego da vírgula com as orações adjetivas – Distinção entre restrição e explicação

Como já pudemos estudar acima, as orações adjetivas se classificam em restritivas e explicativas. Entretanto, esta classificação não se dá meramente pelo emprego ou não da vírgula, como pensam muitos estudantes. Ser "restritiva" ou "explicativa" depende, na maioria dos casos, do sentido que se pretende dar ao substantivo antecedente.

Há orações, como já vimos, que só podem ser explicativas ou restritivas. Não há variações. Observe a seguir:

- O homem que fuma (oração adjetiva restritiva) geralmente incomoda os outros.

> Neste período não são todos os homens que fumam. Logo, não são todos que incomodam os outros. Só incomodam aqueles que fumam. Portanto, a oração é essencialmente restritiva.

- O homem, que é mortal, (oração adjetiva explicativa) deve sempre buscar as coisas mais nobres e sublimes da vida.

> Já neste período, a informação "que é mortal" se aplica indistintamente a todos os homens. Portanto, a oração é essencialmente explicativa.

Entretanto, há orações adjetivas que podem ser tanto restritivas quanto explicativas, dependendo do sentido que lhes queiramos dar.

> Fique atento!! Muitas questões de provas exploram esse conhecimento. Portanto, estude com atenção.

Observe os exemplos abaixo:

- A empresa tem 300 funcionários que moram em Olinda.
- A empresa tem 300 funcionários, que moram em Olinda.

Perceba que na primeira estrutura — oração adjetiva restritiva — não se pode dizer exatamente quantos funcionários possui a empresa. Sabe-se tão somente que ela possui 300 que residem na cidade de Olinda. Já na segunda estrutura — adjetiva explicativa — a empresa só possui 300 funcionários e todos residem em Olinda. Acompanhe esta explicação nas diagramações abaixo.

Oração subordinada adjetiva restritiva

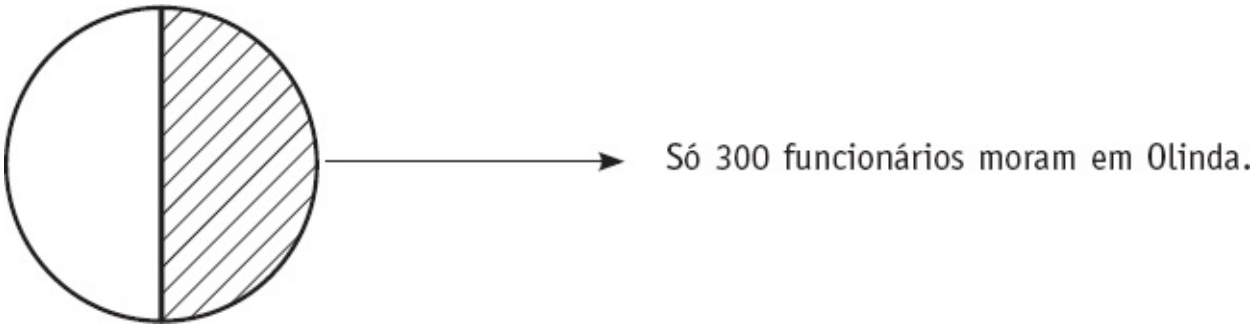

Oração subordinada adjetiva explicativa

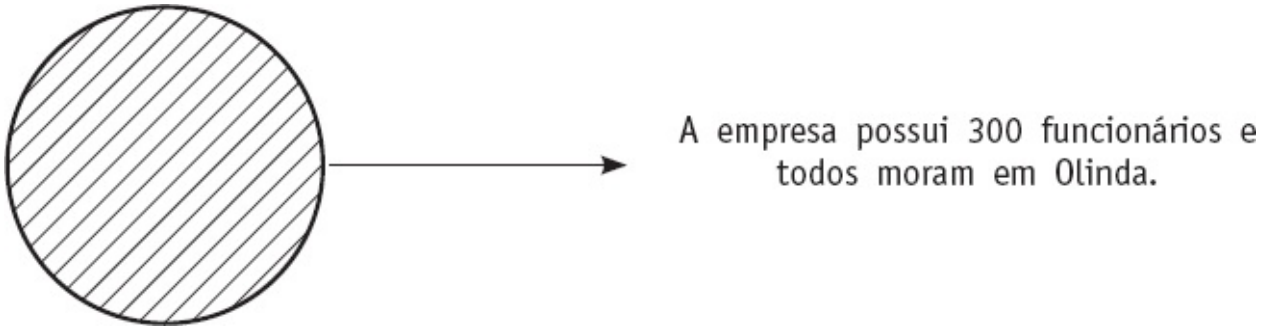

Observe outros exemplos:

- adjetiva restritiva
  Os discos antigos que ele herdou de seu avô estão bem conservados. (Fund. Carlos Chagas)
- adjetiva explicativa
  Os discos antigos, que ele herdou de seu avô, estão bem conservados. (Fund. Carlos Chagas)

No primeiro exemplo, só estão bem conservados os discos antigos que ele herdou de seu avô. No segundo, todos os discos antigos ele herdou de seu avô e todos estão bem conservados.

- adjetiva restritiva
  Os moradores de rua que têm sido vítimas de violência devem ser recolhidos para os abrigos municipais. (Fund. Carlos Chagas)
- adjetiva explicativa
  Os moradores de rua, que têm sido vítimas de violência, devem ser recolhidos para os abrigos municipais. (Fund. Carlos Chagas)

Na primeira frase, só os moradores que têm sido vítimas de violência serão recolhidos aos abrigos. Na segunda, todos serão recolhidos aos abrigos, pois todos têm sido vítimas de violência.

- adjetiva restritiva
  A lógica da globalização que espolia os mais fracos é fria e calculista. (Fund. Carlos Chagas)
- adjetiva explicativa
  A lógica da globalização, que espolia os mais fracos, é fria e calculista. (Fund. Carlos Chagas)

Na primeira frase, é fria e calculista apenas a lógica da globalização que espolia os mais fracos. No segundo, toda lógica da globalização é fria e calculista porque espolia os mais fracos.

- O autor lamenta a situação dos jovens de hoje que vivem o tempo como uma espécie de presente contínuo.
  adjetiva restritiva

- O autor lamenta a situação dos jovens de hoje, que vivem o tempo como uma espécie de presente contínuo.
  adjetiva explicativa

No primeiro período, o autor só lamenta a situação daqueles jovens que vivem o tempo como uma espécie de presente contínuo. No segundo período, o autor lamenta a situação de todos os jovens, porque todos os jovens vivem o tempo como uma espécie de presente contínuo.

> **Dica:** Procure entender com profundidade a alteração semântica provocada pela retirada ou colocação da(s) vírgula(s) nas orações adjetivas. Certamente você se deparará com uma questão que exigirá esse conhecimento.

4.3.5.4 Omissão do pronome relativo na segunda oração relativa coordenada

Nas orações relativas coordenadas, se a função do relativo é a mesma, é frequente elipsar-se o relativo da segunda oração, principalmente quando a primeira é curta. Observe:

- o relativo foi ocultado na 2.ª oração
  Ontem conversei com o homem que me salvou e me levou ao hospital quando ocorreu o acidente.
  sujeito

- "Encontrando-se Juliano Apóstata com S. Pigménio, presbítero romano, **que** era cego e depois padeceu martírio, como quem o saudava benevolamente, disse...". (M. Bernardes *apud* Mário Barreto)

- "Ao lado do meu leito estava um padre: era o velho abade **que** me batizara e me ensinara a ler." (A. Herculano)

- "O que ele via era a mulher que o fascinara e perdera." (Camilo Castelo Branco)

Se o pronome relativo não desempenhar a mesma função sintática, deve-se repeti-lo obrigatoriamente.

- que = sujeito que = objeto direto
  Ontem conversei com o homem que me salvou e que Deus manteve com calma na hora do resgate.

- “A monarquia visigótica procurou imitar do império **que** morrera e **que** ela substituíra.” (A. Herculano)
- “A sua companhia era a ama, **que** o amamentara, e **que** Deus, em recompensa, preservou da terribilíssima enfermidade.” (Camilo Castelo Branco)

4.3.6 ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS

Antes de adentrar o conteúdo, leia a orientação abaixo:

> Neste assunto você se deparará com uma quantidade considerável de orações e de conectivos. Não se desespere! Primeiro, como já dissemos, procure não decorar as conjunções, mas apreender-lhes as funções. Hoje as bancas examinadoras pouco questionam sobre a nomenclatura das orações. Querem, sim, saber as relações (causa, oposição, consequência, finalidade etc.) proporcionadas pelos conectivos. Por isso, não decore; entenda, compreenda! Vamos lá!

As orações subordinadas adverbiais são aquelas que estabelecem circunstâncias várias para um fato contido na oração principal. Elas exercem, portanto, o papel de adjuntos adverbiais. São, na maioria das vezes, introduzidas pelas conjunções subordinativas adverbiais.

Classificam-se em: causais, consecutivas, concessivas, condicionais, comparativas, conformativas, finais, temporais e proporcionais.

4.3.6.1 Causais

São aquelas que estabelecem a causa, o motivo para o fato (efeito) contido na oração principal.

> As principais conjunções subordinativas causais são: que, porque, já que, uma vez que, visto que, visto como, pois, como (= já que, visto que), porquanto.

- **Como** o dinheiro não foi liberado a tempo, usei o cheque especial.
  adverbial causal
- **Já que** o contrato assim o determina, assim o farei.
  adverbial causal
- Ele foi duramente punido **porquanto** a falta foi comprovada pelos peritos.
  adverbial causal
- Pueril **que** era, sempre se deixava enganar pelos vendedores de plantão.
  adverbial causal

⇨ **Observações:**

a) A conjunção “como” só poderá ser utilizada como causal quando a oração subordinada se antepuser à oração principal.

) Nem sempre é fácil distinguir uma oração subordinada causal de uma oração coordenada explicativa. Alguns critérios, porém, podem ajudar:

— A oração subordinada causal pode ser anteposta à oração principal, ou seja, a causal pode iniciar o período. Já a oração explicativa não pode vir anteposta à oração assindética.

— Comumente o verbo da oração coordenada explicativa aparece no imperativo, com indicação de tempo futuro; o que não ocorre com a subordinada causal.

— É sempre possível a redução da oração subordinada causal para o infinitivo, precedido da preposição “por”, fato que não ocorre com a coordenada sindética explicativa.

— A oração explicativa, por fazer parte de um período coordenado, em que as orações são independentes, admitem uma pausa forte, marcada geralmente por vírgula ou por dois-pontos. Este fato não se verifica nas adverbiais causais.

Observe:

- Recolhe-te a tua insignificância, porque já atrapalhastes demais. (Coordenada explicativa)

O verbo da oração antecedente está no imperativo. Não é possível se antepor a segunda oração à primeira. Não é possível reduzir a segunda oração para o infinitivo precedido da preposição “por”.

- O governo elevou a taxa de juros, porque o consumo aumentou nas grandes cidades. (Subordinada causal)

O verbo da oração antecedente não se encontra no imperativo. É possível iniciar o período com a oração em destaque (“Porque o consumo aumentou nas grandes cidades, o governo elevou a taxa de juros”.). É igualmente possível a redução da segunda oração para o infinitivo precedido da preposição “por” (“O governo elevou a taxa de juros, por aumentar o consumo nas grandes cidades”.)

4.3.6.2 Consecutivas

Estas orações indicam a consequência, o efeito de um fato (causa) contido na oração principal.

As principais conjunções subordinativas adverbiais consecutivas são: que (precedido dos termos intensificadores “tão, tal, tanto, tamanho”), que (= sem que), sem que, de modo que, de forma que, de sorte que, de maneira que.

- Falou tanto que ficou rouco.
  adverbial consecutiva
- Não vai a um baile de formatura sem que não dance a noite toda.
  adverbial consecutiva
- Eles não discutem futebol que não se exaltem.
  adverbial consecutiva

> Leia da seguinte forma: Eles não discutem futebol, sem que em consequência não se exaltem.

- Agiu intempestiva e descoordenadamente, Adverbial consecutiva de forma que toda a plateia o teve como louco.

⇨ Observação:

Em muitas estruturas consecutivas formadas pela correlação "tão, tal, tanto, tamanho... que...", omite-se o primeiro elemento da correlação. Teremos tão somente a conjunção "que" introduzindo a oração consecutiva.

- Saiu do hospital gritando **que** fazia dó.
  (Leia-se → ... gritando TANTO que fazia dó.)
- "Nisto a menina que estava ali a ouvir-me, rompeu a chorar **que** cortava o coração." (Camilo Castelo Branco)
  (... a chorar TANTO que cortava o coração.")
- "Os olhos brilham, o prazer arregaça-lhe o focinho, e as pernas voam **que** parecem asas." (Machado de Assis)
  (... voam TANTO que parecem asas.")

4.3.6.3 Concessivas

São as orações que indicam uma oposição, um óbice, um empecilho, um "algo" que poderia impedir a realização do fato contido na oração principal. Uma das principais características deste tipo de oração é a presença de um verbo no modo subjuntivo.

> As principais conjunções subordinativas concessivas são: embora, apesar de que, mesmo que, ainda que, que, sem que (= embora não), conquanto, ainda quando, posto que, por mais que, por muito que, por menos que, se bem que.

- Fez todo o exercício sem que ninguém o ajudasse.
  adverbial concessiva

- adverbial concessiva
  Por mais que o governo se esforce, a violência continua aumentando nas grandes cidades.
- A proposta foi aprovada sem nenhuma alteração, adverbial concessiva **por incrível que pareça**.
- O conhecimento, adverbial concessiva **que fosse muito**, não atenuava, naquele momento, a angústia do rapaz.
- **Nem que o professor quisesse**, ele teria condições de ser aprovado.
  adverbial concessiva
- O responsável pelo desfalque deve ser punido, **quem quer que seja**.
  adverbial concessiva

⇨ Considerações importantes:

a) Não se esqueça de que as subordinadas adverbiais concessivas ao lado das coordenadas adversativas promovem as chamadas "relações de oposição" ou "construções contrastivas". Observe a seguir:

b) Não confunda a conjunção "conquanto" com a conjunção "porquanto". Esta introduz orações causais ou explicativas, enquanto aquela é puramente concessiva, equivalendo a "apesar de que, mesmo que, ainda que".

) Há outros conectores que também promovem relações de oposição concessiva, como "a despeito de, não obstante, malgrado".

- **Não obstante** fosse pobre, gostava de vestir-se das melhores grifes da cidade.
- Ele viajou para o Iraque à procura de alguns parentes desaparecidos, **a despeito dos** avisos de que lá é um país muito violento.

d) No dia a dia, não são raros os erros até de bons escritores que confundem "posto que" com "já que, visto que". É preciso ter cuidado! A conjunção "posto que" (em português do Brasil) equivale a "embora, apesar de que, ainda que" – é uma conexão concessiva. Por seu lado, "já que, visto que" são locuções conjuntivas causais, pois introduzem uma causa.

- Ele não deve ser demitido, **já que** goza de estabilidade no emprego. (Equivale a "porque")

- **Posto que** goze de estabilidade no emprego, ele foi demitido. (Equivale a “embora”)

4.3.6.4 Condicionais

São orações que estabelecem uma condição para a realização do fato expresso na oração principal.

As principais conjunções subordinativas condicionais são: se, caso, a não ser que, desde que, contanto que, salvo se, sem que (= se não), a menos que.

- **A não ser que** a taxa de juros caia consideravelmente, não adquiriremos mais produtos importados.
  adverbial condicional
- **Caso** o Governador não se manifeste sobre o caso, levaremos o problema às raias judiciais.
  adverbial condicional
- **Contanto que** todos saíssem antes da meia-noite, não se opunha a que a festa fosse na casa dele.
  adverbial condicional

> **Cuidado!!**
> Em algumas construções interrogativas o “SE” funcionará não como uma conjunção condicional, mas como uma conjunção causal. Veja:

- Senhor, por que me enviastes para esta missão **se** sabíeis que eu era fraco?
  Leia:... já que sabíeis que eu era fraco? (Adverbial causal)
- **Se** ele conhecia a índole do rapaz, por que lhe confiou tamanha quantia?
  Leia:... já que / uma vez que ele conhecia a índole do rapaz... (Adverbial causal)

4.3.6.5 Conformativas

São orações que expressam uma conformação (correspondência, concordância, analogia ou identidade de forma, modo, tipo ou caráter) com um fato expresso na oração principal.

> As principais conjunções subordinativas conformativas são: como, segundo, conforme, consoante.

- Elaboramos todo o projeto **como** nos orientava o manual.
  Adverbial conformativa
- A vida tem sempre seus perigos, **segundo** já nos dizia Guimarães Rosa.
  Adverbial conformativa

- Agimos conforme nossas próprias convicções.
  Adverbial conformativa

4.3.6.6 Comparativas

São orações subordinadas que estabelecem um processo de comparação entre dois elementos — um elemento estará na oração principal e o outro, na oração subordinada. A comparação poderá ser de igualdade, de superioridade ou de inferioridade. Uma característica interessante das orações adverbiais comparativas é o fato de o verbo da oração comparativa geralmente se encontrar elíptico, oculto, já que, frequentemente, ele será o mesmo da oração principal.

> As principais conjunções subordinativas comparativas são: como, assim como, tal e qual, tal qual, mais que ou do que, menos que ou do que, tanto quanto, feito (= como).

- Não sei por que saiu correndo desesperadamente, feito um louco.
  adverbial comparativa
- Os escoteiros partiram para a selva num só movimento, qual exército marchando contra o inimigo.
  adverbial comparativa
- Ele deixou a sala sorrateiramente, como uma serpente que se esgueira no meio dos arbustos.
  adverbial comparativa

⇨ **Observações:**

a) Nas estruturas comparativas, a conjunção comparativa liga partes da oração de mesma função. Entretanto, em muitos casos, a bem da clareza, o segundo elemento da comparação deve, a despeito de funcionar como objeto direto, vir encabeçado por uma preposição — geralmente a preposição "a" — para evitar ambiguidades.

- "A ela, à presumida mulher, aborreço-a quase tanto como **ao marido**." (Almeida Garrett *apud* Mário Barreto)
- "Os pés dos gentios hão de logo pulverizá-la como **aos meus pés**". (Camilo *apud* Mário Barreto)
- "Acusaram-no de haver beneficiado mais a sua família que **ao povo romano**." (Camilo *apud* Mário Barreto)

b) Quando a conjunção comparativa "como" se refere a um termo que está precedido por uma preposição, deve obrigatoriamente vir acompanhada da mesma

preposição.

- "Suspensos os pobres Frades com o embargo, pareceu que achariam amparo **no** Bispo, **como em** quem fora o primeiro autor de sua vinda". (Fr. L. de Souza *apud* Mário Barreto)
- "E por esta causa tratamos **dele como de** filho de Benfica". (Fr. L. de Souza *apud* Mário Barreto)
- "Acostumei-me a olhar **para** a morte **como para** o tempo de meus padecimentos." (Filinto Elísio *apud* Mário Barreto)

⇨ **Observação:**

Perceba que, nestas estruturas comparativas, o verbo da segunda oração encontra-se elíptico. Por isso, devemos ler, por exemplo:

- "Acostumei-me a olhar para o monte **como (a olhar) para** o tempo de meus padecimentos".

4.3.6.7 Finais

São orações que indicam a finalidade, o objetivo, o alvo do fato contido na oração principal.

> As principais conjunções subordinativas finais são: que, para que, a fim de que, porque (= para que, a fim de que).

adverbial final

- **A fim de que** ela passasse mais rápido em um concurso, comprei inúmeros livros e apostilas.
- Estudai bastante, **porque** consigais uma boa colocação no concurso.

adverbial final

- **Para que** a criança não se acidentasse, ele comprou um par de joelheiras.

adverbial final

4.3.6.8 Temporais

São as orações subordinadas que expressam o tempo, o momento do fato contido na oração principal.

> As principais conjunções subordinativas temporais são: enquanto, quando, assim que, logo que, mal (= logo que, assim que), desde que, antes que, agora que, depois que, sem que (= antes que).

- **Desde que** chegou, não parou de falar.
  adverbial temporal

- Todos o aplaudiram **mal** terminou sua palestra.
  adverbial temporal

- **Agora que** chegou o verão, aonde pretendes ir com a família?
  adverbial temporal

- **Quando** o meu primeiro amor acabou, meu mundo desfaleceu.
  adverbial temporal

4.3.6.9 Proporcionais

São orações que indicam uma concomitância, uma simultaneidade, uma proporção com o fato expresso na oração principal.

> As principais conjunções subordinativas proporcionais são: à medida que, à proporção que, ao passo que, quanto mais... mais, quanto mais... menos, quanto menos... mais, quanto menos... menos.

adverbial proporcional

- **À medida que** o progresso avança, o meio ambiente sofre com o uso excessivo de seus recursos.

- **Quanto mais** ela estuda mais dúvidas surgem.
  adverbial proporcional

adverbial proporcional

- O caso, **ao passo que** apareciam novas provas, deixava os investigadores mais confusos.

⇨ **Observações:**

a) Não confunda "à medida que" com "na medida em que". Esta última locução é um articulador de causa, enquanto aquela é uma conjunção proporcional.

- conjunção proporcional
  "E o cocheiro ria; e, **à medida que** o freguês ia demonstrando, ele ia ficando mais familiar." (Machado de Assis)

- causal
  O governo aumentou os juros para o crédito, **na medida em que** busca reduzir o consumo a fim de evitar a inflação.

b) Lembre-se de que "à medida em que" e "na medida que" são locuções que não existem na

língua portuguesa.

⇨ Considerações finais sobre as orações adverbiais:

a) Observe a pontuação utilizada com as orações adverbiais. Perceba que, quando antepostas à principal ou intercaladas na principal, a pontuação — geralmente se utiliza a vírgula — é obrigatória.

b) Reiterando o que já se disse, lembre-se de que o mais importante não é decorar todas as orações adverbiais, mas sim apreender as relações proporcionadas pelas conjunções subordinativas adverbiais.

c) Embora não sejam reconhecidas pela NGB – Nomenclatura Gramatical Brasileira –, há orações adverbiais denominadas de "modais", as quais transmitem uma circunstância de modo. Tais orações geralmente só aparecem sob a forma reduzida, conquanto existam orações modais introduzidas pela locução conjuntiva "sem que".

- Saiu da sala **sem ser percebido**. (Oração adverbial modal, reduzida de infinitivo)
- "Deixou a sala sem despedir-se do pai."

> **Dica:** Sugiro que, se você estudou as orações adjetivas e adverbiais em um só momento, descanse um pouco antes de começar o estudo abaixo.

4.3.6.10 Emprego da conjunção nas orações adverbiais coordenadas

Nas estruturas em que se coordena mais de uma oração subordinada adverbial, o emprego da conjunção subordinativa adverbial obedece às seguintes orientações:

a) Repete-se a conjunção nas duas orações coordenadas subordinadas adverbiais:

- O congresso terá início **se** a verba for depositada, e **se** o principal palestrante confirmar sua participação.
- **Desde que** não cheguem atrasados e **desde que** tragam boas notícias, eles serão bem-vindos.

b) Omite-se a conjunção da segunda oração adverbial coordenada:

- conjunção elíptica na segunda adverbial coordenada

  Embora os juros estejam baixos, e a economia externa não dê sinais de sobressaltos, o consumo se mantém baixo.
- **Uma vez que** está adoentado e não há outro para substituí-lo, cancelou a auditoria que faria

na empresa.

- **À medida que** estuda e se mantém atualizado, aumentam as suas chances de passar em um concurso.

c) Repete-se, na segunda oração adverbial coordenada, apenas a parte final da conjunção adverbial, quando esta é expressa por uma locução.

- **Por mais que** faça boas obras e **que** vá à igreja, o temperamento dele o reprova diariamente.
- "Com estes estava o corpo que o metropolitano de Híspalis ajuntara, composto em grande parte dos nobres que haviam deposto a espada **desde que** Roderico subira ao trono e **que** a cingiam de novo nesta guerra de independência." (A. Herculano)
- "— Não marcou dia; prometeu que ia ver; que falaria **logo que** pudesse, e **que** me pegasse com Deus." (Machado de Assis)

4.3.7 ORAÇÕES REDUZIDAS

Mais uma vez, peço: mantenha a calma e não desista! A partir de agora, entretanto, nossa percepção deverá ser aguçada. Não veremos mais as conjunções, as quais nos davam, ao menos, uma pista de que tipo de oração se tratava. Teremos apenas um verbo no infinitivo, no gerúndio ou no particípio, o qual nos indicará a oração subordinada. Deveremos desenvolver este verbo para depois classificar a oração. O procedimento nem sempre será simples e de fácil solução, porém com um pouco de treino (e persistência) você conseguirá. Vamos lá!

Observe:

- É fundamental **que** se creia em Deus. ⇨ É fundamental **crer** em Deus.
- Ele encontrou um cachorrinho **que** foi abandonado pelos donos. ⇨ Ele encontrou um cachorrinho **abandonado** pelos donos.
- Feche todas as janelas quando você sair. ⇨ Feche todas as janelas ao sair.

Percebeu?? Na primeira coluna todas a orações são introduzidas por um conectivo. Já na segunda coluna as orações não mais apresentam o conectivo e o verbo da oração subordinada encontra-se numa forma nominal do verbo (infinitivo, particípio e gerúndio). Portanto, as orações da primeira coluna são chamadas de desenvolvidas enquanto as da segunda, reduzidas.

Portanto, orações reduzidas são aquelas que não apresentam conectivo e cujo verbo está em uma forma nominal.

As reduzidas podem ser de infinitivo, de gerúndio e de particípio. Geralmente o infinitivo aparece como redução para as orações substantivas; o gerúndio, para as adverbiais; e o particípio, para as adjetivas. Nada impede, porém, que se apresentem orações subordinadas

reduzidas nas três formas nominais. Apresentaremos agora algumas orações reduzidas e suas respectivas classificações:

4.3.7.1 Subordinadas substantivas reduzidas

- **Lutar** pelo país é um ato de bravura. (Subjetiva, reduzida de infinitivo.)
- É muito difícil **obter** um título de doutorado no Brasil. (Subjetiva, reduzida de infinitivo)
- Todos viram **sair** da sala uma mulher muito esquisita. (Objetiva direta, reduzida de infinitivo)
- Ele tinha certeza de **ser** o melhor da turma. (Completiva nominal, reduzida de infinitivo)
- Não me será um grande esforço **atendê**-lo hoje à tarde. (Subjetiva, reduzida de infinitivo)
- Não se esqueça de **comprar** as verduras. (Objetiva indireta, reduzida de infinitivo)
- Seu maior desejo era **sair** da cidade e **morar** no interior. (Predicativas, reduzidas de infinitivo)

4.3.7.2 Subordinadas adjetivas reduzidas

- Entregou-me a lista dos produtos a **serem** adquiridos antes do final do ano. (Restritiva, reduzida de infinitivo)
- Todos os livros **analisados** por ele foram reprovados pelo MEC. (Restritiva, reduzida de particípio)
- É um rapaz bem intencionado, inteligente, **provindo** da cidade de Palmares. (Explicativa, reduzida de gerúndio)
- Apresentou-me uma tela velha e suja, **pintada** aos sete anos de idade. (Explicativa, reduzida de particípio)

4.3.7.3 Subordinadas adverbiais reduzidas

- Analise bem sua situação antes de **dar** o primeiro passo. (Temporal, reduzida de infinitivo).
- Para **conseguir** uma boa colocação no concurso, é preciso muito tempo de estudo. (Final, reduzida de infinitivo)
- Não saia da sala sem primeiro **falar** com o professor. (Condicional, reduzida de infinitivo)
- Mesmo **estando** triste com o filho, abraçou-o fervorosamente. (Concessiva, reduzida de gerúndio)
- A **permanecerem** os sintomas, o médico deverá ser consultado. (Condicional, reduzida de

infinitivo)

- De tanto **comprar** e não **pagar**, teve o nome inscrito no cadastro de inadimplentes. (Causal, reduzida de infinitivo)
- Não **conseguindo** o resultado desejado, pediu demissão e mudou-se para o sul do país. (Causal, reduzida de gerúndio)
- Quebrei o vaso sem **querer**. (Concessiva, reduzida de infinitivo)
- O rapaz estudou tanto para o concurso a ponto de **danificar** a visão. (Consecutiva, reduzida de infinitivo)
- Ele arrumou um novo emprego para poder **sustentá**-la. (Final, reduzida de infinitivo)
- Muito constrangido deve ter ficado o candidato para nem sequer **apanhar** o gabarito da prova. (Consecutiva, reduzida de infinitivo)

⇨ Observação importante:

Em algumas orações reduzidas, a forma nominal do verbo — notadamente o infinitivo — aparece antecedida de uma preposição. Esta combinação "preposição + forma nominal" estabelece relações semânticas bem lógicas. Logo, fica fácil identificar de que tipo de oração se trata. Veja abaixo:

- Preposição "**POR**" + verbo no infinitivo ⇨ oração reduzida causal (indica a causa)
- Preposição "**PARA**" + verbo no infinitivo ⇨ oração reduzida final (indica a finalidade)
- Preposição "**A**" + verbo no infinitivo ⇨ oração reduzida condicional (indica condição, hipótese)
- Contração "**AO**" + verbo no infinitivo ⇨ oração reduzida temporal (indica o tempo)

Exemplos:

adverbial causal, reduzida de infinitivo

- **Por sair** constantemente à noite, Maria adquiriu uma terrível gripe. ➡ **Porque** sai constantemente à noite,....

adverbial condicional, reduzida de infinitivo

- **A permanecerem** estas cláusulas no contrato, jamais o assinarei. ➡ **Se** permanecerem....

adverbial final, reduzida de infinitivo

- **Para driblar** a alfândega, escondeu alguns objetos em uma pequena sacola. ➡ **Para que** driblasse a....

adverbial temporal, reduzida de infinitivo

- **Ao caminhar** no parque, não deixe de tomar bastante água. ➡ **Quando** caminhar no parque....

⇨ **Considerações finais:**

a) Nem toda oração desenvolvida pode ser reduzida, como nem toda oração reduzida pode ser desenvolvida. Há orações que só aparecem sob a forma desenvolvida ou reduzida.

b) E não se esqueça de que o importante neste assunto é absorver a relação que está sendo travada entre as orações e, a partir desse entendimento, classificá-las.

4.4 PROCESSO CORRELACIONAL

Três tipos de orações há, estudadas nos processos de coordenação e subordinação, que, em virtude de características próprias, merecem uma menção à parte: são as chamadas orações correlatas. Denominam-se de "correlatas" as orações em que seus conectivos se distribuem entre uma oração e outra do período. Existe uma espécie de "paradependência", portanto, entre as orações. Observe:

- A rã inchou e estourou. (Temos simples coordenação aditiva)

Se à primeira oração acrescentássemos, por exemplo, o advérbio de intensidade "tanto", já não teria ela o sentido completo ("A rã inchou tanto..."); e desconexo ficaria também o período ("A rã inchou tanto, estourou"). Para consertá-lo, é fundamental a presença da palavra "que" antes da segunda oração ("A rã inchou tanto que estourou").

Dizemos, então, que as palavras "tanto" e "que" são as conjunções correlatas da estrutura.

São classificadas como correlatas algumas orações aditivas, consecutivas e comparativas.

CONJUNÇÕES CORRELATAS ADITIVAS	não só...	mas também...
	não só...	mas ainda...
	não só...	senão também...
	não só...	senão que...
	não só...	bem como...
	assim...	como...

CONJUNÇÕES CORRELATAS CONSECUTIVAS	tal...	que...
	tão...	que...
	tanto ...	que...
	tamanho...	que...

CONJUNÇÕES CORRELATAS COMPARATIVAS	tanto...	quanto ou como...
	tanto mais...	tanto mais...
	quanto mais...	mais...
	quanto menos...	menos...
	quanto mais...	menos...
	quanto menos...	mais...
	mais...	que ou do que...
	menos..	que ou do que...
	melhor...	que ou do que...

- **Tanto** vaiava a um **quanto** aplaudia a outro.
- Nada o pungia **tanto quanto** o sorriso indiferente dela.
- "(...) mas aqui a ponho outra vez, **não só** por significar a totalidade do silêncio, **mas também** porque havia naquela ação do gato e do rato alguma cousa que prendia com ritual." (Machado de Assis)
- "**Não só**, de onde em onde, soltava exclamações sem ligação alguma com a conversa atual, **como também** cerrava os lábios, rilhava os dentes e crispava raivosamente os punhos." (Lima Barreto)
- "Nada me pediu, Mariana; mas obriga-me **tanto**, **que** me faz mais infeliz o peso da

obrigação.” (Camilo)

⇨ **Observação:**

Geralmente a análise do processo correlacional se faz em questões que envolvem “paralelismo sintático”, já que a correlação nada mais é do que uma construção paralela.

4.5 CONTAGEM DE ORAÇÕES EM UM PERÍODO MISTO

Em muitos certames, as bancas cobram dos candidatos a contagem das orações em um dado período, formado por subordinação e coordenação (período misto). A missão é bastante simples se nós compreendermos que, em muitas situações, uma mesma oração pode ser subordinada e coordenada ao mesmo tempo.

Observe o período abaixo:

“É importante que os contribuintes percebam que a política tributária é justa, a administração fiscal é proba, sensível e confiável, e os recursos arrecadados são corretamente aplicados.” (Fund. Getúlio Vargas)

– Quantas orações há no período acima? Qual a classificação para elas?

Em primeiro lugar, é fundamental separar as orações. Veja:

1.ª → É importante
2.ª → que os contribuintes percebam
3.ª → que a política tributária é justa
4.ª → (que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável
5.ª → e (que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados.

Descobrimos, logo, que existem cinco orações no período. Mas qual é a principal? Quantas subordinadas há? E as coordenadas? Para isso, vamos atribuir a cada oração uma letra e fazer uma diagramação simples.

1.ª → É importante = **A**
2.ª → que os contribuintes percebam = **B**
3.ª → que a política tributária é justa = **C**
4.ª → (que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável = **D**
5.ª → e (que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados. = **E**

Diagramação:

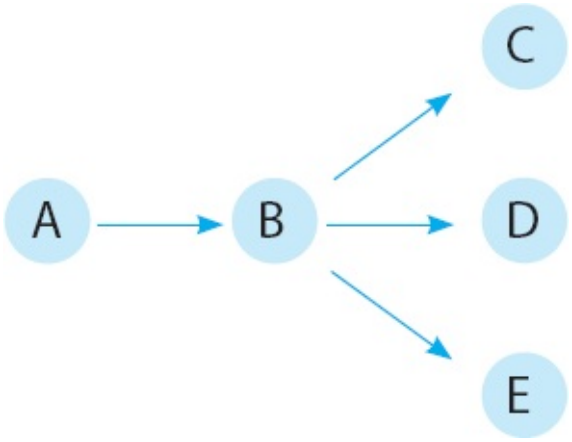

A partir da diagramação acima temos então:

- A oração “A” é a principal do período.
- A oração “B” é subordinada em relação à oração “A”.
- As orações “C”, “D” e “E” são subordinadas em relação à oração “B”.
- As orações “C”, “D” e “E” estão coordenadas entre si.

Conclusão:

Há, no período, uma oração principal (A), quatro subordinadas (B, C, D, E) e três coordenadas entre si (C, D, E).

Veja outro exemplo:

“Já sei, Senhor, que vos haveis de enternecer e que não haveis de ter coração, para ver tais lágrimas e tais estragos.” (Pe. Antonio Vieira)

1.ª oração → Já sei, Senhor, (Oração principal) = A

2.ª oração → que vos haveis de enternecer (Oração subordinada em relação à 1.ª oração) = B

3.ª oração → e que não haveis de ter coração (Oração subordinada em relação à 1.ª oração) = C

4.ª oração → para ver tais lágrimas e tais estragos. (Oração subordinada adverbial final em relação à 3.ª oração) = D

Diagramação:

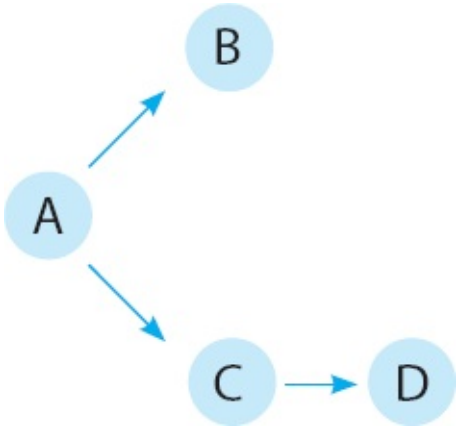

⇨ **Observações importantes:**

a) As orações C, D e E do primeiro exemplo são EQUIPOLENTES. São denominadas de equipolentes as orações subordinadas da mesma natureza (classificação) e de sentidos coordenados. Observe:

- Desejo **que faças boa viagem** e **sejas bem sucedido nos teus negócios**.

As orações "**que faças boa viagem**" e "(que) **sejas bem sucedido nos teus negócios**" são equipolentes, pois são, simultaneamente, subordinadas objetivas diretas em relação à oração "Desejo" e coordenadas entre si.

b) Em nossa formação escolar, aprendemos a máxima de que "tantos quantos forem os verbos de um período, tantas serão as orações que o comporão". Esta regra, porém, nem sempre funciona, pois podem existir períodos em que haja orações ocultas, elípticas. Estas orações, cujos verbos estão subentendidos por zeugma, são denominadas de ORAÇÕES LATENTES. Observe:

- "A reflexão jurídica sobre o assunto, contudo, não se tem mostrado tão farta quanto aquela encontrada na economia." (Fund. Getúlio Vargas)

– Quantas orações há no período acima? Resposta: TRÊS.

1.ª oração → A reflexão jurídica sobre o assunto, contudo, não se tem mostrado tão farta

2.ª oração → quanto aquela (ORAÇÃO LATENTE) → Equivalente a "quanto aquela se tem mostrado farta"

3.ª oração → encontrada na economia

Temos então:

A 1.ª oração é a principal. A 2.ª oração é subordinada adverbial comparativa com verbo oculto (quanto aquela se tem mostrado farta). A 3.ª oração é subordinada adjetiva restritiva, reduzida de particípio.

c) Em algumas situações, a oração oculta só é perceptível por meio de uma análise mais

acurada do período. É preciso entender bem o período para que se encontre a oração latente (oculta). Observe:

- "Para isto é que os quadros cresceram nas proporções que se sabe". (Rui Barbosa)

Em uma análise superficial do período acima, poder-se-ia pensar que o nosso ilustre mestre Rui Barbosa tivesse cometido um erro de concordância ao deixar o verbo "saber" na 3.ª pessoa do singular. Ocorre que o nosso "Águia de Haia", ao deixar o verbo no singular, faz este verbo concordar com a oração latente (oculta) "que cresceram".

Temos então:

- "Para isto é que os quadros cresceram nas proporções que se sabe **QUE CRESCERAM**".

Observe outros exemplos de períodos que contêm orações latentes (ocultas, elípticas):

- Procedemos como convinha. → Subentende-se "**que procedêssemos**".
- Fizemos o que cumpria. → Subentende-se "**que fizéssemos**".
- Ele caminha tal qual meu irmão. → Subentende-se "**qual meu irmão caminha**".
- "Assim como o Pai ressuscita, e vivifica os mortos, assim o Filho vivifica aos que é sua vontade." (Pe. Manuel Bernardes) → Subentende-se o verbo "**vivificar**".
- "... e nessa hipótese, o mais acertado é deixá-la lá estar os três dias pedidos, e os mais dias que for necessário até sabermos o destino do prussiano." (Camilo Castelo Branco) → Subentende-se "**deixá-la lá estar**".

⇨ Consideração final:

Subentenderem-se essas orações latentes é gramaticalmente indispensável não só para completar-se o sentido, mas também para satisfazer as exigências da análise, dando-se ao verbo o seu verdadeiro sujeito ou o seu objeto. Cumpre por fim observar que tais orações latentes frequentemente ocorrem com as orações adjetivas, com as orações comparativas e com as orações condicionais.

4.6 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

Orações Subordinadas Adjetivas, Adverbiais e Reduzidas

Texto para as questões de 1 a 3.

[1] "Cada pessoa

[2] que chegava
[1] se punha na ponta dos pés,
[3] embora não pudesse ver".

1. (Faap-SP) Há no texto três orações, e estão numeradas. A primeira – **cada pessoa se punha na ponta dos pés** – chama-se:

a) absoluta.
b) principal.
c) coordenada assindética.
d) coordenada sindética.
e) subordinada.

2. (Faap-SP) A segunda – **que chegava** – é subordinada:

a) substantiva subjetiva.
b) substantiva objetiva direta.
c) adverbial causal.
d) adverbial final.
e) adjetiva.

3. (Faap-SP) A terceira – **embora não pudesse ver** – oferece uma ideia de:

a) causa.
b) fim.
c) condição.
d) concessão.
e) consequência.

4. (Fuvest-SP) No período: "É possível **discernir no seu percurso momentos de rebeldia contra a estandardização e o consumo**", a oração destacada é:

a) subordinada adverbial causal, reduzida de particípio.
b) subordinada objetiva direta, reduzida de infinito.
c) subordinada objetiva direta, reduzida de particípio.
d) subordinada substantiva subjetiva, reduzida de infinito.
e) subordinada substantiva predicativa, reduzida de infinito.

5. (UM-SP) Examine o período: "A soldadela invade o campo da disputa, **enquanto a grita aumenta em berros e assobios rudes**". A oração em destaque é:

a) coordenada sindética temporal.
b) coordenada adverbial temporal.
c) subordinada substantiva temporal.
d) subordinada adjetiva temporal.
e) subordinada adverbial temporal.

6. (F. Cásper Líbero-SP)
"Já que não pude ser feliz, busquei a companhia dessas aves que nasceram livres".
No período há:

a) subordinada adverbial causal e subordinada adjetiva.
b) subordinada adverbial concessiva e subordinada adverbial consecutiva.
c) subordinada substantiva objetiva direta e subordinada adjetiva.
d) subordinada substantiva objetiva direta e coordenada sindética adversativa.

7. (FIT-SP) No período "Era tão pequena a cidade, **que um grito ou gargalhada forte a atravessava de ponta a ponta**", a oração em destaque é:

a) subordinada adverbial causal.
b) subordinada adverbial final.
c) subordinada adverbial consecutiva.
d) subordinada adverbial temporal.
e) n.d.a.

8. (Cesgranrio-RJ) Classifique a oração iniciada pela conjunção **que** no período abaixo.

"Era uma fada tão suave e pura que ao vê-la o coração me estremecia". (Francisco Otaviano)

a) oração subordinada adverbial temporal
b) oração subordinada adverbial consecutiva
c) oração coordenada sindética explicativa
d) oração independente
e) n.d.a.

9. (Fuvest-SP) Classifique as orações em destaque do período abaixo.
*"**Ao analisar o desempenho da economia brasileira**, os empresários afirmaram **que os resultados eram bastante razoáveis**, uma vez que a produção não aumentou, mas também não caiu".*

a) principal, subordinada adverbial final

b) subordinada adverbial temporal, subordinada adjetiva restritiva
c) subordinada adverbial temporal, subordinada substantiva objetiva direta
d) subordinada adverbial temporal, subordinada substantiva subjetiva
e) principal, subordinada substantiva objetiva direta

10. (FCMPA-MG) Nos períodos abaixo aparece, entre as orações, uma relação de concessão. Assinale a letra correspondente ao período em que a relação é outra.

a) Embora estivesse doente, fiz tudo o que me era possível.
b) Fiz tudo o que me era possível, apesar de estar doente.
c) Mesmo estando doente, fiz tudo o que me era possível.
d) Fiz tudo o que me era possível, conquanto estivesse doente.
e) Fiz tudo o que era possível, mas estava doente.

11. (UM-SP) Assinale o período que contenha uma oração reduzida com valor de adjetivo.

a) O ônibus parou na rua transversal para assustar passageiros.
b) Correndo assustado, o menino foi chamar o guarda.
c) Os garotos vestindo camisetas velhas reclamavam apenas uma penca de bananas meio amassadas.
d) Faça das entranhas coração para obter, um dia, a rara felicidade dos humanos.
e) Moleques de carrinho dirigiam-se a várias direções, atropelando-se uns aos outros.

12. (Faap-SP)

"Lá a existência é uma aventura
De tal modo inconseqüente
Que Joana a Louca de Espanha
Rainha e falsa demente
Vem a ser contraparente
***Da nora** que nunca tive"*

A oração destacada recebe o nome de oração subordinada adverbial:

a) causal.
b) final.
c) condicional.
d) concessiva.
e) consecutiva.

13. (Cesgranrio-RJ) Assinale o período em que ocorre a mesma relação significativa indicada pelos termos destacados em: "A atividade cientifica é tão natural **quanto qualquer outra**

atividade econômica".

a) Ele era tão aplicado, que em pouco tempo foi promovido.
b) Quanto mais estuda, menos aprende.
c) Tenho tudo quanto quero.
d) Sabia a lição tão bem como eu.
e) Todos estavam exaustos, tanto que se recolheram logo.

14. (Uece) Em: "**Ao me deitar**, antes eu tinha posto uma caixa de fósforos num tamborete...", a oração destacada é reduzida:

a) causal.
b) final.
c) temporal.
d) concessiva.

15. (Fesp-SP) Observe:

I. Convém que todos participem.
*II. Fique quieto, **pois está incomodando**.*
*III. Amou daquela vez **como se fosse a última**.*
*IV. Machado de Assis, **que escreveu Dom Casmurro**, fundou a Academia Brasileira de Letras.*

Assinale a alternativa que não corresponde à classificação das orações destacadas.

a) no item I, oração subordinada substantiva subjetiva
b) no item II, oração subordinada sindética explicativa
c) no item III, oração subordinada adverbial comparativa
d) no item IV, oração subordinada adjetiva explicativa
e) no item II, a primeira oração é coordenada assindética

16. (UM-SP)

A. Sua palavra foi a primeira a perder o significado naquele agitado contexto.
B. Tenho necessidade de me apoiares nesta complicada situação.
*C. **Antes de repelir seus mestres**, procure compreendê-los.*

Analisando os períodos A, B e C, concluímos que as frases neles destacadas são três orações reduzidas. Desdobrando-as, obteremos, respectivamente:

a) uma adjetiva, uma substantiva, uma adverbial.
b) uma adjetiva, uma adverbial, uma substantiva.

c) três adverbiais.
d) uma adjetiva, duas adverbiais.
e) uma adverbial, duas adjetivas.

17. (Faap-SP)

"Lá a existência é uma aventura
De tal modo inconseqüente
Que Joana a Louca de Espanha
Rainha e falsa demente
Vem a ser contraparente
Da nora que nunca tive".
*A oração **que nunca tive** é:*

a) principal.
b) coordenada.
c) subordinada substantiva.
d) subordinada adverbial.
e) subordinada adjetiva.

18. (Faap-SP) "Não compreendíamos a razão **por que o ladrão não montava a cavalo**".

A oração em destaque é:

a) subordinada adjetiva restritiva.
b) subordinada adjetiva explicativa.
c) subordinada adverbial causal.
d) substantiva objetiva indireta.
e) substantiva completiva nominal.

19. (Uni-Rio-RJ) Assinale o item em que há uma oração, quanto à classificação, idêntica à segunda do período "Pernoitamos depois junto a um açude lamacento, onde patos nadavam".

a) As virilhas suadas ardiam-me, o chouto do animal sacolejava-me...
b) De onde vinham as figuras desconhecidas para encontrar-nos?
c) Fiz o resto da viagem com um moço alegre, que tentou explicar-me as chaminés dos banguês...
d) Os mais graúdos percebiam que a viagem era alegre.
e) Surgiam regatos, cresceram tanto que se transformaram em rios...

20. (UFPA) Há no período uma oração subordinada adjetiva:

a) Ele falou que compraria a casa.
b) Não fale alto, que ela pode ouvir.
c) Vamos embora, que o dia está amanhecendo.
d) Em time que ganha não se mexe.
e) Parece que a prova não está difícil.

GABARITOS

Orações Coordenadas

1 – A	2 – D	3 – E
4 – D	5 – D	6 – E
7 – D	8 – C	9 – A
10 – A		

Orações Subordinadas Substantivas

1 – D	2 – B	3 – E
4 – D	5 – B	6 – D
7 – D	8 – D	9 – D
10 – E	11 – A	12 – A
13 – C	14 – C	15 – C
16 – B	17 – E	18 – B
19 – D	20 – A	

Orações Subordinadas Adjetivas, Adverbiais e Reduzidas

1 – B	2 – E	3 – D
4 – D	5 – E	6 – A
7 – C	8 – B	9 – C
10 – E	11 – C	12 – E

13 – D	14 – C	15 – B
16 – A	17 – E	18 – A
19 – C	20 – D	

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 5

SINTAXE DE CONCORDÂNCIA

Teremos agora uma longa missão, uma missão extensa. Não será uma missão difícil. Mas para terminá-la com sucesso será preciso muita persistência. Uma dica: estude aos poucos. Nós vamos nos deparar com mais de trinta regrinhas de concordância verbal e nominal. É claro que algumas raramente são usadas; outras caem com mais frequência nas provas, porque são bastante usuais na Língua Portuguesa. Logo, procure uma estratégia que lhe seja mais conveniente. E leia! Releia! Leia de novo! Leia novamente! Leia mais uma vez! Observe os exemplos! Será a repetição que fará com que consiga bons resultados. Desejo sucesso para esta missão! Bons estudos!

De fato o assunto "CONCORDÂNCIA" é um dos mais explorados pelas bancas elaboradoras de provas. Portanto, deve sempre ser alvo de nossos estudos.

A "sintaxe de concordância" se preocupa com a perfeita harmonização das palavras dentro de um período. Sendo assim, buscam-se dois tipos de harmonização:

a) A harmonia sintática entre o verbo e o seu sujeito ⇨ **Concordância verbal**
b) A harmonia sintática entre o substantivo e os termos os quais a ele se referem ⇨ **Concordância nominal**

Nesta primeira etapa, trabalharemos a concordância entre o verbo e o seu sujeito. Antes, porém, convém conhecer os três tipos principais de concordância:

a) Concordância gramatical ⇨ é aquela feita com o núcleo do termo.
b) Concordância atrativa ⇨ é aquela efetuada com o núcleo semântico mais próximo.
c) Concordância ideológica ⇨ é aquela efetuada não com o termo, mas com a ideia passada pelo termo.

⇨ **Observe:**

núcleo do sujeito

- O **motivo** simples de tantos atos supostamente cruéis somente anos depois se **manifestou**.

verbo da concordância gramatical

Sujeito — verbo da concordância atrativa

- Um grupo de **pesquisadores** holandeses **iniciarão** um estudo sobre a febre aftosa no Brasil.

Sujeito — verbo da concordância ideológica

- **Uma multidão** avançou sobre o juiz. **Disseram** que já não mais aguentavam tanta roubalheira.

Perceba que neste caso, o sujeito do verbo "dizer" continua sendo "a multidão". Concorda-se com a ideia de que a multidão representa "vários indivíduos, várias pessoas".

- Encontrou um **bom** momento e hora para a realização da reunião.

concordância nominal com o substantivo mais próximo

À exceção de alguns casos, a concordância autorizada pela norma culta é a "gramatical". A nossa preocupação sempre será com o núcleo do termo.

5.1 CONCORDÂNCIA VERBAL

Dica: Não estude este capítulo antes de conhecer bem o sujeito de uma oração. Aqui o nosso objetivo é harmonizar em número (singular ou plural) e em pessoa (1.ª, 2.ª ou 3.ª) o sujeito com o seu verbo. Logo, se você não consegue identificar com segurança o sujeito de uma oração, ou tem dificuldades para fazê-lo, estude o sujeito da oração.

5.1.1 REGRA GERAL

O verbo concorda em número (singular ou plural) e em pessoa (1.ª, 2.ª ou 3.ª) com o seu sujeito simples.

Núcleo do sujeito – 3.ª p. do singular verbo na 3.ª p. do singular

- O **pensamento** dos novos filósofos contemporâneos não **se antepõe** ao pensamento grego.

Verbo na 3.ª p. do plural núcleo do sujeito núcleo do sujeito

- Grandes golpes **sofreram** nossos **antepassados** quando muitas **doenças assolaram** cidades inteiras.

verbo na 3.ª p. do plural

Verbo na 3.ª p. do plural

- Do Norte e Nordeste brasileiro, **advieram**, nas décadas de 60 e 70, muitos **imigrantes** para São Paulo.

núcleo do sujeito na 3.ª p. do plural

5.1.2 SUJEITO FORMADO POR PESSOAS GRAMATICAIS DIFERENTES

Regra: Quando o sujeito é formado por pessoas gramaticais diferentes, obedece-se à seguinte lei de prevalência:

- **1.ª pessoa** + **2.ª pessoa** = 1.ª pessoa do plural (a primeira prevalece sobre a segunda) ⇨ NÓS
- **1.ª pessoa** + **3.ª pessoa** = 1.ª pessoa do plural (a primeira prevalece sobre a terceira) ⇨ NÓS
- **2.ª pessoa** + **3.ª pessoa** = 2.ª pessoa do plural (a segunda prevalece sobre a terceira) ⇨ VÓS

Resumindo: A primeira pessoa prevalece sobre as demais e a segunda pessoa prevalece sobre a terceira.

sujeito composto por pessoas gramaticais diferentes verbo na 1.ª pessoa do plural

- O **Ministro** dos Esportes e **eu**, na próxima semana, **inauguraremos** um novo estádio de futebol.

sujeito composto por pessoas gramaticais diferentes verbo na 2.ª pessoa do plural

- Vossa **tia** e **tu**, quando toda a comitiva chegar, **devíeis** providenciar imediatamente um local para descanso.

sujeito composto por pessoas gramaticais direrentes

- **Tu** e todos os outros **professores** presentes à cerimônia, após o lanche, **comporeis** uma mesa redonda.

verbo na 2.ª pessoa do plural

⇨ Observação importante:

Nos dois últimos exemplos, o verbo também poderia concordar na 3.ª pessoa do plural em virtude da possibilidade de se tratar o "tu" e o "ele" não por "vós", mas sim por "vocês". Logo:

- **Tu** e todos os outros **professores** presentes à cerimônia, após o lanche, **comporeis / comporão** uma mesa redonda.
- O **presidente** do Diretório Acadêmico e **tu**, Roberto, líder de nossa turma, **poderíeis / poderiam** reivindicar melhorias para a Universidade.

5.1.3 REGRAS ESPECIAIS DE CONCORDÂNCIA VERBAL COM O SUJEITO SIMPLES

1. **Quando o sujeito é formado por expressões partitivas (uma parte de, a metade de, o grosso de, um grande número de, uma porção de, a maioria de etc.) o verbo poderá concordar, no singular, com o núcleo dessas expressões ou com o termo da expressão explicativa ou especificativa que as acompanha.**

- Boa **parte** dos **inscritos** no último concurso **irá / irão** realizar a prova no centro da cidade.
  (sujeito: Boa parte dos inscritos)
- Grande **número** de **automóveis circula / circulam** nas principais capitais brasileiras.
  (sujeito: Grande número de automóveis)
- Por incrível que pareça, a **maioria** dos **participantes anteviu / anteviram** o resultado da gincana.
  (sujeito: a maioria dos participantes)

2. **Quando o sujeito é formado por numerais percentuais ou fracionários seguidos de uma especificação, o verbo poderá concordar tanto com o numeral quanto com a expressão especificativa.**

Dica: Não se esqueça de que os numerais "zero" e "um" levam o verbo para o singular. Quanto aos numerais fracionários, para a concordância verbal, leva-se em conta o numerador.

- **32%** de todo o **dinheiro** arrecadado — será doado / serão doados — para instituições de caridade.
  (sujeito: 32% de todo o dinheiro arrecadado)
- **8,6%** dos **entrevistados alegaram** que não gostam de comprar a prazo.
  (sujeito: 8,6% dos entrevistados)

Neste caso, só o plural para o verbo é possível, pois tanto o núcleo do sujeito quanto o termo da especificação se encontram no plural.

- sujeito
  1/4 dos **alunos** do ensino médio — prestará / prestarão vestibular para Medicina.

- Parece que só 2/3 de todo o **grupamento** masculino — requereram / requereu a dispensa para as festas natalinas.

Resumindo:

- Número no singular + nome no singular ⇨ Verbo no singular
- Número no singular + nome no plural ⇨ Verbo no singular ou no plural
- Número no plural + nome no singular ⇨ Verbo no singular ou no plural

⇨ Observação importante:

Se o numeral vier precedido de algum determinante, a concordância será feita com este determinante. Observe:

- sujeito
  Os 15% restantes do grupo pesquisado **serão** novamente entrevistados na próxima semana.

3. Quando o sujeito é formado por expressões que indicam quantidade aproximada (cerca de, perto de, mais de, menos de, coisa de, obra de, passante de etc.) seguidas de um numeral, o verbo concordará com este numeral que acompanha as expressões.

- Cerca de **duzentas** pessoas **intervieram** no protesto dos sem-terras.
  sujeito
- sujeito
  Perto de **quinze** manifestantes **se aglomeraram** em frente ao Palácio do Planalto.
- Mais de **vinte** alunos **foram** reprovados neste ano em nossa escola.
  sujeito

4. Com a expressão "Mais de um" o verbo deverá ficar, portanto, no singular.

- A polícia percebeu que mais de **um** bandido (sujeito) **se escondia** na mata.
- Mais de **uma** criança (sujeito) no salão de jogos. **se entreteve** com o novo brinquedo que fora colocado no salão de jogos.
- "Mais de um coração de guerreiro **batia** apressado." (A. Herculano)

⇨ **Observação:**

Caso a expressão "Mais de um" apareça repetida ou venha acompanhada de um verbo que indique reciprocidade, a concordância será feita no plural.

- **Mais de um** interventor, **mais de um** advogado, **mais de um** engenheiro (sujeito composto – expressão "mais de um" aparece repetida) **compareceram** ao prédio que ruiu.
- Mais de um deputado (sujeito) **se agrediram** (verbo indica reciprocidade) na última sessão plenária.

5. Quando o sujeito é um "pronome de tratamento", o verbo concordará obrigatoriamente na terceira pessoa.

- – Vossas Excelências (sujeito) ainda não **avaliaram** (verbo na 3.ª pessoa do plural) o meu pedido?
- – Se Sua Majestade (sujeito) **quiser**, eu posso lhe entregar todas as cópias do processo, disse o advogado à secretária do rei.

Observe que toda a concordância é feita na terceira pessoa, inclusive os pronomes que se referem ao pronome de tratamento também são utilizados na terceira pessoa.

- – Vossa Senhoria (sujeito) **gostaria** de que eu lavasse o seu carro?

6. Quando o sujeito é a expressão "um dos que", o verbo poderá concordar, na maioria dos casos, tanto no singular

quanto no plural.

- Ele foi um dos alunos que mais [se destacou / se destacaram] neste ano.
- Certamente a ex-secretária será uma das pessoas que [se arrependerá / se arrependerão] dos erros cometidos.
- Aquele mestre foi um dos poucos que [anteviu / anteviram] o incidente com o metrô.

⇨ Observação:

Há casos, entretanto, que só o singular ou só o plural é possível. Geralmente, isso se dá em face da exclusão ou da inclusão perceptível no contexto do período. Observe o exemplo abaixo:

- Foi um dos filhos de Sr. João que me **telefonou** hoje pela manhã. (Não há aqui lógica que permita o plural, pois só um dos filhos dele fez a ação de telefonar.)

7. Quando o sujeito é um pronome interrogativo, demonstrativo ou indefinido no plural (quais, quantos, alguns, poucos, muitos, quaisquer etc.), seguido de uma das expressões "de nós" ou "de vós", o verbo poderá concordar tanto com o pronome interrogativo, indefinido ou demonstrativo quanto com os pronomes "nós" ou "vós".

- Certamente muitos de vós [proporão / proporeis] mudanças para a nossa administração.
- Eles perceberam que quaisquer de nós [comprávamos / compravam] resolver aquela situação.
- Quantos de vós, após o confisco das poupanças, não [interpuseram / interpusestes] recurso da decisão.

⇨ Observação importante:

Se o pronome interrogativo, demonstrativo ou indefinido estiver no singular (qual, algum, qualquer etc.), o verbo obrigatoriamente ficará no singular.

- **Quem** de nós, na mesma situação, não **agiria** daquele jeito?
- **Qual** de vós **conhece** o segredo do cofre?
- **Algum** de nós certamente **entregou** o colega à direção da empresa.
- **Cada um** dos que ali estavam **tinha** um forte compromisso com o marxismo.

8. Quando o sujeito é o pronome relativo "QUE", o verbo concordará com o termo antecedente.

- De repente, apareceram muitos companheiros **que** apoiaram de imediato o protesto.

> Perceba que neste caso o pronome relativo retoma a palavra precedente e funciona como sujeito para a oração a qual ele mesmo introduz. Observe: Apareceram muitos companheiros. Companheiros apoiaram de imediato o protesto.

- Fomos **nós que** propiciamos todo aquele contratempo.
- Havia muitas **indagações que** nos deixavam confusos.

⇨ **Observações:**

a) Se houver predicativo na oração, é possível tanto a concordância com o antecedente imediato do relativo "que" quanto com o sujeito da oração antecedente:

- **Nós** sempre fomos os **homens** que — comprávamos / compravam — os materiais de limpeza da firma.
- "Tu és a flor que **despontaste** livre." (Gonçalves Dias)
- "Não sabeis que eu sou o que **ensinei** a dar benefícios por agravos e favores por injúrias?" (M. Bernardes)
- "Nós somos os galegos que **levamos** a barrica." (Camilo Castelo Branco)

b) Quando o relativo "que" exerce a função de sujeito e o termo que o antecede é formado por dois ou mais substantivos, o "que" pode retomar qualquer um desses substantivos, desde que a lógica da oração adjetiva o permita.

- O preço das ações que — se negociou (preço) / se negociaram (ações) — na bolsa de valores caiu em razão de uma interferência externa.
- Eles interromperam um processo de atitudes que — podia (processo) / podiam (atitudes) — resolver o problema.
- A lei das sociedades anônimas **que foi promulgada** (pronome relativo "que" retoma "lei") esta semana será objeto de impugnação.

c) Quando o pronome relativo "que" se referir a um vocativo, considera-se o pronome relativo como se de 2.ª pessoa fosse. Portanto, a concordância verbal deverá ser feita na 2.ª pessoa. Observe:

- “Alma minha gentil, que **te partiste**
  tão cedo desta vida descontente.” (Camões)
- “Homem, **que me pedes** amor, sabe que eu te detesto.” (Epifânio da S. Dias)

d) Quando o pronome relativo “que” vem precedido de “um de, uma de, um dos, uma das”, emprega-se hoje preferencialmente o verbo da oração adjetiva no plural. Entretanto, era comum, em muitas obras clássicas, o emprego do verbo no singular. Por isso, as duas formas de concordância são consideradas corretas.

- “Um dos gestos **que melhor exprimem** a minha essência foi a devoção com que corri no domingo próximo a ouvir missa em S. Antônio dos Pobres.” (Machado de Assis)
- “E chegando a uma das portas **que davam** para a estalagem, gritou: — Vá de rumor! Não quero isto aqui! É safar!” (Aluízio Azevedo)
- “Uma das felicidades **que se contava** entre as do tempo presente era acabaremse as comédias em Portugal; mas não foi assim.” (Pe. Antonio Vieira)
- “Suspendeu-se a uma das palmeiras **que servia** de esteio à choça, e por um desses movimentos ágeis...” (José de Alencar)

9. Quando o sujeito é o pronome relativo “QUEM”, o verbo concordará na 3.ª pessoa do singular com este pronome ou com o seu antecedente, desde que se trate dos pronomes pessoais do caso reto (eu, tu, ele, nós, vós, eles.).

- Foste tu quem [comprou / compraste] aquele livro ali?
- Parece que seremos nós quem [responderá / responderemos] pelos prejuízos causados.

⇨ **Observação:**

Quando o antecedente do pronome “QUEM” não for um pronome do caso reto – repita-se –, só é lícita a concordância na 3.ª pessoa do singular. Veja:

- Foram os próprios colegas de trabalho quem **compôs** a música do aniversário dele.
- Porventura, seriam aqueles dois rapazes quem **promoveu** toda a bagunça?
- “Eu, o Silêncio e a Solidão éramos quem **estava** aí.” (A. Herculano)

10. Quando o sujeito for formado por nomes próprios que só existem no plural (Estados Unidos, Andes, Patos, Minas Gerais, Alagoas, por exemplo), o verbo ficará no singular se estes nomes não vierem precedidos de artigo ou se o

artigo estiver no singular. Caso apareça um artigo no plural, a concordância será feita no plural.

- Estados Unidos ainda não **encontrou** uma saída para o Iraque.
- Ilhéus sempre **foi** uma bela cidade para o turismo.
- **O** Marrocos sempre **encanta** os turistas que por lá passam.
- **As** Filipinas se **envolveram** numa sangrenta guerra há muitos anos.
- **Os** Emirados Árabes sempre **exportaram** petróleo.

⇨ **Observação:**

Caso o nome no plural se refira a uma obra artística ou literária, tanto o singular quanto o plural são corretos para o verbo da concordância.

- "Os Lusíadas" — imortalizaram / imortalizou — Luis Vaz de Camões.
- "Os Sertões" de Euclides da Cunhas — representaram / representou — um marco para a Literatura Brasileira.

11. Quando o sujeito for formado por um substantivo coletivo seguido de uma especificação, o verbo poderá concordar tanto com o coletivo quanto com a especificação.

- Um grupo de arruaceiros — invadiu / invadiram — várias lojas no centro da cidade.
- Um bando de aves selvagens — sobrevoava / sobrevoavam — a cidade naquele instante.

Os substantivos "milhão, bilhão, trilhão, quatrilhão" são denominados de "numerais coletivos". Seguem, portanto, a regra de concordância dos coletivos. Ademais, tais numerais coletivos só se flexionam em número. Não apresentam variação de gênero: são sempre masculinos.

- Um milhão de pessoas **foi** (ou **foram**) ao show.
- Cerca de um milhão de turistas **visitará** (ou **visitarão**) a Europa neste ano.
- Mais de um milhão de dólares **foi gasto** (ou **foram gastos**) para a reconstrução do templo.
- Um milhão e meio de chineses já se **adaptou** (ou **adaptaram**) às novas regras do mercado capitalista.
- **Os 15 milhões de crianças brasileiras** que se vacinaram hoje ficarão imunes à doença

durante um ano.

12. Os verbos "dar, bater e soar", por serem pessoais, concordam com os seus respectivos sujeitos.

- Já **bateram** nos relógios da cidade as horas necessárias (sujeito) para o início do evento.
- **Soou** uma hora da tarde (sujeito) no sino da igreja.
- Já **vão dar** dez horas (sujeito) e o João ainda não chegou.

⇨ **Observações:**

1. Não confunda esta regra com a regra dos verbos "estar, fazer, haver, ir" na indicação de tempo transcorrido. Estes verbos são impessoais e ficam na terceira pessoa do singular.
2. Quando o sujeito dos verbos "dar, bater e soar" for a palavra "sino, relógio ou carrilhão", o verbo concordará com esse sujeito.

- Já **bateu** onze horas o relógio da sala (sujeito).
- Ainda **vai dar** duas horas da tarde o carrilhão do quarto do meu avô (sujeito).

13. O pronome apassivador "SE" exige que o verbo (transitivo direto ou transitivo direto e indireto) concorde com o seu sujeito passivo.

- **Transmitiram**-se-lhe (VTDI) novas informações (sujeito passivo) sobre o caso investigado pela Polícia Federal.

Lembre-se de que, neste caso, é possível a transformação da passiva sintética em analítica. Veja: "Novas informações lhe foram transmitidas sobre...".

- **Desfizeram**-se (VTD) todas as dúvidas (sujeito passivo) quando se **apresentaram** (VTD) as novas provas (sujeito passivo).

- **Compraram**-se novas ferramentas para a construção do edifício.
  VTD — sujeito passivo

- **Entregou**-se a cada um dos formandos em Direito uma carta de apresentação para emprego.
  VTDI — sujeito passivo

Observe abaixo exemplos, que foram extraídos de provas de concursos públicos, em que NÃO se obedeceu à concordância do verbo com o seu sujeito passivo (destacamos o verbo em cor laranja e sublinhamos o núcleo do sujeito passivo):

- Ainda não se encontraram, para essas duas tendências contraditórias, qualquer possibilidade de harmonização. (→ Corrija-se para "... não se encontrou...")
- A todos esses atos supostamente cruéis, cometidos no reino animal, aplicam-se, acima do bem e do mal, a razão da propagação das espécies. (→ Corrija-se para "..., aplica-se,...)
- Incluem-se entre os inúmeros efeitos da obsessão pela forma física a busca de produtos de consumo, sobretudo os esportivos e os dietéticos. (→ Corrija-se para "Inclui-se...")

14. Os verbos intransitivos, os transitivos indiretos e os de ligação associados a um pronome "SE" ficam na terceira pessoa do singular. O "SE" funcionará como "índice de indeterminação do sujeito".

- Nunca mais **se** (IIS) **falou** (VTI) do esfacelamento do império russo.
- **Assistiu**-**se** (VTI — IIS) a muitos filmes nestas férias.
- Em alguns bairros da cidade de Recife, **mora**-**se** (VI — IIS) muito bem.
- **Precisa**-**se** (VTI — IIS) de novos jovens empreendedores que mudem a face do mercado de capitais.

15. Com a expressão "haja vista" – que significa 'tenha-se em vista, leve-se em conta, considere-se' – admitem-se as seguintes concordâncias:

- O Presidente parece preocupado com a situação dos pobres, **haja vista os** (expressão invariável seguida de um artigo) inúmeros investimentos na saúde.

expressão invariável seguida da preposição "a"

- Aquele bairro está se tornando um dos mais violentos, **haja vista aos** inúmeros assaltos que lá ocorrem.

o verbo "haver" varia para concordar com o substantivo posposto

- Aquele prédio deve apresentar problemas na estrutura, **hajam vista as** inúmeras reformas que se fizeram.

⇨ **Observação:**

Nunca se esqueça, porém, de que, com esta expressão, a palavra "vista" é sempre invariável.

5.1.4 REGRAS ESPECIAIS DE CONCORDÂNCIA VERBAL COM O SUJEITO COMPOSTO

Regra geral: O sujeito composto exige o verbo da concordância no plural.

sujeito composto — verbo na 3.ª pessoa do plural

- Todos os argumentos e todas as formas de intervenção **foram utilizados** para mudar o pensamento dele.

sujeito composto

- O líder comunitário e todas as mulheres ofendidas com a ação do marginal **deporão** na delegacia mais próxima.

verbo na 3.ª pessoa do plural

Dica: Deste ponto em diante, estudaremos as regras que, de alguma forma, fogem da regra geral. Não se afobe! Sugiro que, se estiver cansado, pare um pouco. Descanse e volte.
Procure entender o porquê da regra, não se esquecendo de que a regra maior sempre exige o verbo no plural quando o sujeito é composto. Vamos lá!

1. **Quando o sujeito composto vier posposto ao verbo, é lícito que se concorde com o núcleo mais próximo desse sujeito ou, como nos orienta a regra geral, com ambos os núcleos.**

- Das indagações do novo funcionário **adveio / advieram** uma nova ideia para a equipe e uma nova forma de pensar a empresa.

sujeito composto posposto ao verbo

- Não **convém / convêm** aos iniciantes na carreira advocatícia nem a liberalidade dos anarquistas nem a seriedade dos monges.

sujeito composto posposto ao verbo

sujeito composto posposto ao verbo

- Nenhum resultado **obteve / obtiveram** a reclamação do pai e as advertências da mãe.

⇨ **Observação:**

Quando se exprime reciprocidade, o verbo vai sempre para o plural. Observe:

- "Eram olhos, onde lutavam amor profundo e cólera violenta." (A. Herculano)
- Falamos com a mulher em cujo coração estavam vida e morte.

2. Quando o sujeito composto é formado por núcleos sinônimos, ou quase sinônimos, ou ainda se tais núcleos constituem uma gradação, o verbo poderá concordar tanto no singular quanto no plural.

núcleos sinônimos ou quase sinônimos

- A fama, a glória, o reconhecimento do público **fez / fizeram** de Paulo um homem arrogante.

núcleos sinônimos ou quase sinônimos

- Morro, se a misericórdia, o perdão, a graça de Deus não me **acode / acodem**.

núcleos do sujeito formam uma gradação

- O desafeiçoado, o insensível, o empedernido nunca se **preocupa / preocupam** com a situação dos outros.

núcleos do sujeito formam uma gradação

- O fraco, o debilitado, o sem-forças se **rende / rendem** com facilidade às corrupções do mundo.

núcleos sinônimos ou quase sinônimos

- "A largueza e relaxação da vida **escurece** a consciência e **cega** a alma." (Pe. Antônio Vieira, *Sermões*).

⇨ **Observações:**

a) Tenha muito cuidado com esta regra. Não é qualquer tipo de sujeito composto que possibilitará o verbo no singular. A concordância no singular é possível pela unidade semântica que esses sujeitos representam.

b) Quando a gradação do sujeito for resumida por um termo, só com este termo se fará a concordância. Veja:

termo que resume a gradação

- Um mês, um ano, um século, **uma vida inteira** não **bastava** para esquecer a mágoa que ela me causou.

c) É fundamental também não se esquecer de que a concordância no singular, nesta regra, só é possível, porque há também uma unidade de singular entre os núcleos do sujeito. Basta um dos núcleos vir no plural para que só o plural seja admissível para o verbo da concordância. Veja:

- O rancor, a mágoa, a cólera, a ira, o ódio sempre **fazem** / **faz** mal ao homem.

sujeito formado por núcleos sinônimos ou quase sinônimos

Agora...

- O rancor, **as mágoas**, a cólera, a ira, o ódio sempre **fazem** mal ao homem.

3. Quando o sujeito composto é resumido por um pronome indefinido (tudo, toda, nada, ninguém, cada um etc.), o verbo concordará com este pronome resumitivo.

- O mar, os céus, a terra, **tudo** **apregoa** a glória de Deus.

pronome resumitivo

- Doenças, desemprego, morte na família, **nada** o **fazia** pensar sobre a vida.

pronome resumitivo

- "No quintal a aroeira e a pitangueira, o poço, a caçamba velha, e o lavadouro, **nada** **sabia** de mim". (M. Assis)

⇨ Cuidado!! Não se deixe enganar:

OD VTD

- As bolas de sopro, as serpentinas, os confetes tudo **queriam** os organizadores da festa naquele instante.

sujeito do verbo querer

4. Quando os núcleos do sujeito forem infinitivos não precedidos de determinante, o verbo concordará na terceira pessoa do singular.

Dica: Para aprofundar este conhecimento, confronte esta regra com a regra do sujeito oracional, estudado no final deste capítulo.

- **Fazer** exercícios regulares e **dormir** oito horas diárias **faz** bem à saúde.
  sujeito composto cujos núcleos são infinitivos

- **Fumar e beber** em ambiente de trabalho **é** terminantemente proibido.
  sujeito composto cujos núcleos são infinitivos

- **Viver e sonhar constitui** a alma de nossa existência.
  sujeito composto cujos núcleos são infinitivos

- "**Vê-la e amá-la** foi obra de um minuto." (Machado de Assis)
  sujeito composto cujos núcleos são infinitivos

⇨ **Observação:**

Se os infinitivos vierem precedidos de determinantes ou se indicarem ideias contrárias, o verbo irá para o plural:

- **O** comer e **o** beber **exigem** de todos nós moderação.
- **Nascer** e **morrer constituem** os limites de nossa vida.

5. Quando os núcleos do sujeito são ligados por "OU", devem-se observar as seguintes orientações:

a) Se houver ideia de exclusão ou de sinonímia ⇨ o verbo concordará com o núcleo do sujeito mais próximo

b) Se houver ideia de inclusão ⇨ o verbo concordará com ambos os núcleos

c) Se houver ideia de retificação ⇨ o verbo concordará com o núcleo do sujeito mais próximo

- Toda a empresa está certa de que ele **ou** tu **serás** o novo presidente.

  a partícula indica exclusão

- Guará **ou** Guaratinguetá sempre **foi** uma excelente cidade para o turismo.

  a partícula indica sinonímia

- João Paulo **ou** André **casará** com a filha do prefeito.

  a partícula indica exclusão

- Laranja **ou** abacaxi após o almoço fazem bem à digestão.

  a partícula indica inclusão

  A partícula indica retificação

- O vencedor **ou** vencedores do concurso **ganharão** também uma bolsa de estudos no exterior.

  a partícula indica exclusão

- O Presidente do grupo **ou** os seus vice-diretores terão aumento neste final de ano.

6. Quando o sujeito é formado pela expressão "um ou outro", o verbo da concordância fica obrigatoriamente no singular.

- Você não dá esmolas, mas um ou outro amigo seu **dá**.
- Acredito que uma ou outra camisa lhe **fica** muito bem.
- Para aquele deputado um ou outro ministério lhe **conviria**.

7. Quando o sujeito é formado pelas expressões "Um e outro" ou "Nem um nem outro", embora haja uma preferência para o plural, a concordância pode ser feita tanto no singular quanto no plural.

- Não adianta correr, pois nem um nem outro **escapará** / **escaparão**.
- Um e outro participante da maratona **alegou** / **alegaram** que houve fraude na competição.
- Paula e Joana foram reprovadas nos estudos. Nem uma nem outra **quis** / **quiseram** falar sobre o fato.
- Quando ele caiu em campo, um e outro jogador **tentou** / **tentaram** socorrê-lo, mas foi tarde demais.

Lembrete:
"A esta altura do campeonato", convém não esquecer: os verbos que indicam reciprocidade concordam no plural – 3.ª pessoa.

- Nem um nem outro **se cumprimentaram** à porta do evento.
  verbo indica reciprocidade. O plural é obrigatório.

  verbo indica reciprocidade. O plural é obrigatório.
- Na última sessão, um e outro parlamentar **se esbofetearam** em virtude da não aprovação da medida.

8. Quando os núcleos do sujeito são unidos por "Nem... nem...", o verbo da concordância poderá ficar tanto no singular quanto no plural.

- Nem o Sport nem o Náutico **ganhará / ganharão** o torneio este ano.
- Nem honra, nem desonra, nem alegria, nem tristeza o **faziam** / **fazia** chorar.

⇨ **Observação:**

Se houver pronomes pessoais indicando pessoais gramaticais diferentes, o verbo da concordância obedecerá à lei da primazia (1.ª pessoa prevalece sobre as demais; 2.ª pessoa prevalece sobre a terceira).

- Nem eu (1.ª) nem tu (2.ª) **iremos** para o show de rock.
  1.ª pessoa do plural prevalece

- Nem o tio João (3.ª) nem tu (2.ª) **deixastes / deixaram** o dinheiro para eu comprar a comida. Por que isso aconteceu?
  2.ª ou 3.ª pessoa do plural prevalece

9. Quando os núcleos do sujeito são unidos pela preposição "COM", o verbo da concordância poderá ficar no singular ou no plural.

- O amigo **com** os seus melhores colegas **foi** / **foram** tomar satisfações com o outro grupo em virtude do ocorrido.
- Ele ficou sabendo que o bandido **com** vários de seus comparsas **tentariam** / **tentaria** invadir a fábrica à noite.

- O empresariado brasileiro **com** toda a sua assessoria **poderá** / **poderão** perceber a qualquer momento que a economia não vai bem.

⇨ **Observação:**

Lembre-se de que se o verbo anteceder ao sujeito, ele só poderá concordar com o núcleo mais próximo.

- A nova diretora **com** todos os seus professores **participará** / **participarão** da inauguração do Grêmio acadêmico.
- **Participará** da inauguração do Grêmio acadêmico a nova diretora com todos os seus professores.

10. Quando os núcleos do sujeito vierem unidos pela conjunção "como", embora haja a preferência para o plural, o verbo da concordância poderá ficar no singular ou no plural.

sujeito

- A tarifa de energia elétrica **como** a da água e esgoto **subiu** / **subiram** de preço esta semana.

sujeito

- A criança **como** o adulto só **aprende** / **aprendem** na vida quando se está diante de uma dificuldade.

11. Quando os núcleos do sujeito vierem ligados por conjunções correlatas (Não só... mas também; Não só... bem como; Não só... mas também; Tanto... quanto; Tanto... como etc.), o verbo irá para o plural.

Sujeito

- **Não só** o Ministro da fazenda, **mas também** todo o seu séquito **irão** participar da inauguração das obras.
- **Tanto** a moça **quanto** o seu pai **homenagearão** os professores do curso.

Sujeito

⇨ **Observação:**

Há gramáticos que também admitem, para este caso, a concordância no singular. Para estas correlações aditivas – as quais literalmente indicam soma, adição, acréscimo – parece-

nos mais lógica, entretanto, a concordância apenas no plural.

- Tanto o leite quanto o pão **subiu** / ou / subiram de preço
- Não só o amigo mais íntimo como também toda a parentela **foi** / ou / **foram** visitá-lo na enfermidade.

> **Ufa!! Quanta regra, hein??!!** Sugiro que descanse um pouco antes de iniciar a próxima etapa. Nossa missão será estudar um verbo que, por suas características, possui uma concordância toda especial, toda particular: o verbo SER. O assunto não é difícil e não são muitas as regras. Mantenha a calma! Continue firme!

5.1.5 CONCORDÂNCIA DO VERBO "SER"

O verbo "SER" é, como já disse, um verbo especial. Para a gramática normativa ele é considerado, quando empregado na função de verbo de ligação, um verbo desprovido de significado, não nocional. Em virtude desse esvaziamento semântico e da busca por uma melhor eufonia, em muitos casos o verbo SER deixará de concordar com o seu sujeito e passará a concordar com o seu predicativo. Observe agora as regras mais comuns para o emprego correto desse verbo:

1. **Quando o sujeito é representado pelos pronomes neutros "tudo, isto, aquilo, o", o verbo SER pode concordar tanto com o seu sujeito quanto com o seu predicativo:**

- Como se sabe, nem tudo na vida **é / são** flores.
- **O** que ele mais admira em você **é / são** seus belos olhos verdes.

2. **Quando o sujeito é formado por um substantivo e o predicativo também é um substantivo, ambos indicando coisas, o verbo SER poderá concordar tanto com o sujeito quanto com o predicativo:**

- A maior parte de todo o problema **era / eram** fricotes da moça.
- A cama dele sempre **foi / foram** restos de jornais velhos.
- 20% dos alunos **foi / foram** o número escolhido para representar a escola nos jogos municipais.

3. Quando o sujeito for representado por uma pessoa – sujeito personativo –, o verbo SER deverá obrigatoriamente concordar com este sujeito.

- **Milena era** as alegrias de toda a família.
- A **criancinha** doente **é** as preocupações de seus pais.
- O **deputado foi** só alegrias quando soube que não ia ser cassado.

4. Quando o verbo SER fizer parte de uma expressão que indica quantidade (peso, medida, preço), ele sempre ficará no singular.

- Duzentos gramas de presunto **é pouco** para a lasanha.
- Dez mil reais **fora** o bastante para ele comprar um bom automóvel.
- As quarenta árvores plantadas **foi** muito para quem só dispõe de dois hectares de terras inférteis.

5. Quando o sujeito ou o predicativo é representado por um pronome do caso reto, o verbo SER obrigatoriamente concorda com esse pronome.

- **Ele** sempre **foi** os olhos da família.
- Nesta terra, o chefe **sois vós**.
- Neste setor da empresa, os responsáveis **somos nós**.
- Eles sabem que **eu serei** os pilares da organização.

⇨ **Observação:**

Se tanto o sujeito quanto o predicativo forem representados por pronomes do caso reto, o verbo SER concordará obrigatoriamente com o sujeito. Veja:

- Já falei que **eu** não **sou** ele.
- **Nós**, meu senhor, não **somos** eles.

6. Quando o verbo SER fizer parte de locuções que indiquem tempo ou distância, ele obrigatoriamente concordará, embora seja impessoal, com a expressão numérica que acompanhar tais locuções:

- Entre 1964 e 1985 **foram vinte e um** anos de muita repressão.
- Já **devem ser**, pela posição do sol, **umas cinco horas** da tarde.
- **É meio-dia e meia** na cidade de São Paulo e o sol ainda não apareceu.
- Hoje **são dezesseis** de abril.

⇨ **Observação:**

Neste último exemplo também é lícita a concordância "Hoje é dezesseis de abril", fazendo o verbo concordar com a palavra implícita "dia". É óbvio que, se a palavra "dia" vier expressa na frase, o verbo obrigatoriamente concordará com ela. Veja:

- Hoje **é dia** dezesseis de abril.

7. Quando o verbo SER fizer parte da locução expletiva ou de realce "É QUE", ele permanecerá invariável.

- **É** nas horas difíceis **que** se conhecem os verdadeiros amigos.
- Na realidade os homens **é que** deveriam se amar mais uns aos outros.

8. Quando o sujeito é formado por um pronome interrogativo QUE ou QUEM, o verbo SER concorda obrigatoriamente com o seu predicativo.

- Quem **foram os culpados** por esta desordem?
- Que **horas são** agora, por favor?
- Que **poderiam ser aquelas luzes** ao longe?

Puxa!!! Você conseguiu chegar até aqui!! Parabéns!! Só faltam mais algumas regras para terminar o assunto "concordância verbal". Não desista!! Nossa próxima incumbência será entender a concordância com o sujeito oracional.

5.1.6 A CONCORDÂNCIA COM O SUJEITO ORACIONAL

Um dos pontos bastante explorados pelas bancas examinadoras é a concordância com o sujeito oracional. Acompanhe o desenvolvimento a seguir:

- **São** fundamentais **as assinaturas dos sócios no contrato**.
  Verbo concorda com o sujeito — sujeito simples

- **É** fundamental **que os sócios assinem o contrato**.
  Verbo concorda na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional

> **Regra geral:** O verbo sempre concordará na terceira pessoa do singular com o sujeito oracional.

Observe outros exemplos em que foi feito esse tipo de desdobramento (transformação do período simples em período composto com a formação de um sujeito oracional):

- Foram necessárias todas aquelas mudanças. (período simples)
  sujeito simples
  - Foi necessário **que se fizessem todas aquelas mudanças**. (período composto)
    sujeito oracional

- Espera-se o retorno dele o mais breve possível.
  sujeito simples
  - Espera-se **que ele retorne o mais breve possível**.
    sujeito oracional

- Foi anunciada a construção de uma nova ponte para a nossa cidade.
  sujeito simples
  - Foi anunciado **que uma nova ponte seria construída em nossa cidade**.
    sujeito oracional

⇨ Observação:

Lembre-se de que, em português, os infinitivos e as orações representam o número singular e o gênero masculino. Por isso, o sujeito oracional – que não passa de uma oração que exerce a função sintática de sujeito – exige o verbo da concordância no singular. Ademais, se houver algum adjetivo, este irá para o masculino. Observe, no exemplo abaixo, que o adjetivo participial "considerada" não está concordando com o sujeito oracional.

- "**Vencer a sujeição ao acaso** pode ser **considerada** uma das errôneas preocupações do pensamento filosófico inaugurado na Grécia." (ESAF)

Corrija-se para...

- “Vencer a sujeição ao acaso pode ser **considerado** uma das errôneas...”

Como você já está mais familiarizado com o sujeito oracional, vamos abaixo listar as formas como o sujeito oracional se apresenta.

1.ª FORMA

O sujeito oracional é a oração subordinada substantiva subjetiva, desenvolvida e introduzida, geralmente, pelas conjunções integrantes “que” e “se”. Observe os exemplos:

- **É** muito difícil **que se cumpram os propósitos** que, invariavelmente, se formulam a cada início de ano.
- Não se **admite** **que hajam nascido, em quaisquer outras espécies, seres capazes de compor sinfonias**.
- **É** imprescindível **que se cumpram os acordos firmados em relação à oferta de energia e aos preços adequados, e que se atenda ao aumento da demanda**.
- **Urge** **que sejam definidas as metas de oferta de energia em quantidade suficiente e preço adequado**, para impulsionar o desenvolvimento do país.

⇨ **Observação:**

O importante não é apenas identificar o sujeito oracional. Acima de tudo, é essencial perceber que o verbo (destacado em cor laranja) concorda na 3.ª pessoa do singular com o sujeito oracional.

2.ª FORMA

O sujeito oracional manifesta-se por meio de uma estrutura proverbial ou de uma assertiva categórica, introduzidas pelo pronome relativo condensado “QUEM”, que equivalerá a “AQUELE QUE”. Observe os exemplos abaixo:

- **Quem canta** seus males espanta.
  sujeito oracional para o verbo “espantar”
- **Quem com porcos se mistura** farelo come.
  sujeito oracional para o verbo “comer”
- **Quem com ferro fere** com ferro será ferido.
  sujeito oracional para a locução da voz passiva “será ferido”

- Como obterá aprovação em um concurso público **quem nunca estudou com seriedade**?
  sujeito oracional para o verbo "obter"

- **Quem quiser conhecer os detalhes da vida** estude Filosofia.
  sujeito oracional para o verbo "estudar"

⇨ **Observação:**

Mais uma vez fique atento à concordância dos verbos "espantar, comer, ferir, obter e estudar", usados nos exemplos acima. Veja que todos estão flexionados na 3.ª pessoa do singular para concordar com seus respectivos sujeitos oracionais.

> Conselho de amigo: Fique muito atento!! O próximo caso é um dos mais explorados nos concursos públicos.

3.ª FORMA

O sujeito oracional é a oração subordinada substantiva subjetiva, reduzida de infinitivo. Observe os exemplos abaixo (destacamos o verbo – que concorda na 3.ª pessoa do singular – e o sujeito oracional):

- Não **convém** aos novos formandos em Direito **agir de forma contrária à Lei**.
  verbo na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional – oração reduzida de infinitivo

- Caso não nos **ocorresse**, naquelas horas, **buscar o auxílio de um guia**, jamais teríamos encontrado o caminho.
  verbo na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional

- Não **compete** aos historiadores **exercer a mera função de arquivistas públicos**.
  verbo na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional

- Não **aprouvesse** aos homens **criar instituições**, certamente viveríamos sob o signo da barbárie.
  verbo na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional

- Em muitos prédios do centro, ainda **resta**, nos andares mais altos, **vender muitas unidades**.
  verbo na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional

- **Faltava** **dar os últimos retoques** para que a festa ficasse pronta.
  verbo na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional

verbo na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional

- Quanto aos nossos vizinhos, **cabe**-nos **reconhecê-los como nossos semelhantes**, pois, como nós, são seres únicos.

verbo na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional

- Muitas pessoas, achando que não lhes **basta ouvir os apelos da vocação**, valorizam as vantagens pecuniárias de uma profissão.

verbo na 3.ª pessoa do singular — sujeito oracional

- Em geral não nos **apetece enfrentar os contornos duros do nosso rosto verdadeiro**, mais desconfortáveis que os do construído.

Aviso aos navegantes: O próximo caso será um pouco complicado. Sugiro que pare um pouco e descanse a mente (5 minutos é o bastante!). Estude mais de uma vez o caso abaixo; se não entender, consulte o seu professor, o seu orientador.

4.ª FORMA

O sujeito oracional é a oração subordinada substantiva subjetiva, reduzida de infinitivo, e que se encontra posposta e apresenta transitividade incompleta (geralmente o infinitivo é transitivo direto com objeto direto no plural). Observe o exemplo abaixo (destacamos o sujeito oracional em cor laranja):

- Os documentos **que** era preciso **encontrar** resolveriam o problema.

Observe a construção...

1.ª oração: Os documentos resolveriam o problema.

2.ª oração: que (os documentos) encontrar → sujeito oracional para a 3.ª oração

3.ª oração: era preciso

Algumas considerações sobre o exemplo acima:

a) Observe que o pronome relativo “que” é o objeto direto do verbo “encontrar”. Como o relativo se refere a “Os documentos”, teremos, então: “encontrar os documentos”.

b) O verbo “ser” em “era preciso” concorda com o seu sujeito oracional “encontrar os documentos”. Logo, teremos: “Encontrar os documentos era preciso”. Ocorre que o termo “os documentos”, no exemplo, está representado pelo pronome relativo “que”.

Vejamos outros exemplos:

verbo "ser" concorda na 3.ª pessoa do singular

- Os navios **que é essencial construir** servirão para a defesa do nosso litoral.
  sujeito oracional = que (os navios) construir

- O deputado estava preocupado com os votos **que lhe convinha arranjar**.
  sujeito oracional = que (os votos) arranjar

- As medidas **que seria oportuno decretar** poderiam diminuir as exportações.
  sujeito oracional = que (as medidas) decretar

verbo "tentar" concorda na 3.ª pessoa do singular com o sujeito oracional

- Fui de encontro às ações **que se tentava implantar**.
  sujeito oracional passivo = que (as ações) implantar

verbo "caber" concorda na 3.ª pessoa do singular com o sujeito oracional

- Nunca lhe pesou nas costas a dificuldade das funções **que lhe cabia desempenhar**.
  sujeito oracional = que (as funções) desempenhar

Observações sobre esse último caso:

a) Perceba que, em todos os exemplos, a função sintática do pronome relativo "que" é definida pelo infinitivo, o qual representa o núcleo do sujeito oracional.

b) Nos grandes concursos, algumas bancas exploram este tipo de sujeito oracional. É preciso ter muito cuidado para não se fazerem confusões. Veja abaixo uma análise errada de um período que apresenta sujeito oracional posposto com verbo transitivo direto e objeto direto no plural:

- As subvenções que **são** lícitas obter do governo atrapalham as importações.
  O sujeito do verbo "ser" é a oração "que (as subvenções) obter do governo"

Logo, é preciso corrigir o período acima para...

- As subvenções **que** é lícito **obter do governo** atrapalham as importações.

5.1.7 CONCORDÂNCIA DO VERBO "PARECER"

Outro caso bastante interessante diz respeito à concordância do verbo "parecer". Isto porque este verbo tem o condão de tanto poder funcionar como verbo auxiliar em uma locução verbal quanto de aparecer como verbo independente, geralmente empregado como intransitivo. Vejamos:

- Maria **está** doente. ➡ Maria **parece** doente.
  Verbo de ligação — verbo de ligação

- Maria **deve estar** doente.
  Locução verbal

- Maria **parece estar** doente.
  - Maria estar doente PARECE.
    (Período composto. Verbos independentes.)
  - Maria parece estar doente.
    (Período simples. Locução verbal "parecer + estar").

A partir desses primeiros exemplos, chegamos a uma regra:

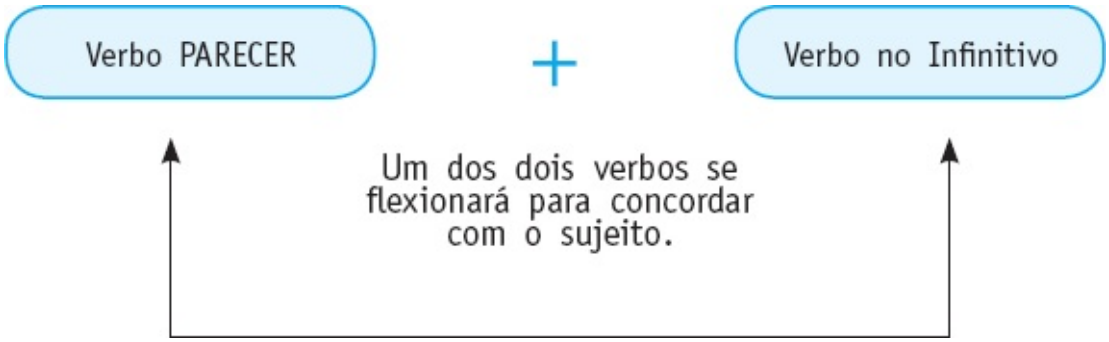

Outros exemplos:

a)

- As estrelas **parecem brilhar**. (Período simples. Locução verbal. Sujeito simples: "As estrelas".)

  OU

- As estrelas **parece brilharem**. (Período composto. Verbos independentes. Sujeito do verbo parecer é oracional: "Brilharem as estrelas".)

b)

- Alguns animais **parecem andar** como os pássaros, saltitando.

  OU

- Alguns animais **parece andarem** como os pássaros, saltitando.

c)

- As lágrimas **pareciam** não a **deixar** viver a vida.

  OU

- As lágrimas **parecia** não a **deixarem** viver a vida.

⇨ **Observação:**

A essa mesma regra obedecem os verbos “ver-se” e “ouvir-se” quando são seguidos de um infinitivo.

- Nunca mais **se ouviu** os acordes do hino de Pernambuco **tocarem**.

OU

- Nunca mais **se ouviram** os acordes do hino de Pernambuco **tocar**.

⇨ **Observação:**

Não se esqueça de que o sujeito oracional nada mais é do que uma oração subordinada substantiva subjetiva.

5.1.8 CONCORDÂNCIA DOS VERBOS “COSTUMAR, PODER, DEVER, PRECISAR”

Um último caso bastante intrigante de concordância se dá com os verbos “costumar, poder, dever, precisar” em construções passivas seguidas de um infinitivo transitivo direto. Tais verbos poderão tanto formar uma locução verbal com o infinitivo como poderão concordar na 3.ª pessoa do singular com o sujeito oracional formado a partir do infinitivo. Observe o diagrama:

VERBOS	PARTÍCULA	INFINITIVO TRANSITIVO DIRETO	NOME NO PLURAL
COSTUMAR PODER DEVER PRECISAR	SE		
Estes verbos poderão se flexionar, formando uma locução verbal com o infinitivo, ou ficar na 3.ª pessoa do singular para concordar com o sujeito oracional.	Funcionará como partícula apassivadora		

Exemplos:

- Em virtude da lei, não se deve / devem comprar produtos pirateados.
- Se se pudesse / pudessem aprovar mais leis em menos tempo, o país cresceria mais rápido.
- No Brasil, costuma-se / costumam-se vender carros usados para as pessoas mais pobres.
- “Concluo que não se **devem** abolir as loterias.” (Machado de Assis)
- “Mas a V. Ex.ª **pode**-se dizer estas cousas, porque pertence à elite: a desgraça de Portugal é a falta de gente.” (Eça de Queiroz)

Chegamos ao final!! Agora é o momento de praticar. Procure resolver todos os exercícios abaixo.

5.1.9 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

Concordância Verbal

1. (UM-SP) Já ... muitos anos que se alteraram algumas regras de acentuação, mas ... muitas pessoas que ainda ... ao grafar certas palavras.

   a) deve fazer, há, hesitam.
   b) devem fazer, tem, excitam.
   c) deve fazerem, há, hesita.
   d) deve fazer, tem, hesitam.
   e) fazem, há, excitam.

2. (FCMSC-SP) Aponte a concordância menos aceitável.

   a) Isto são sintomas menos sérios.
   b) Aquilo são lembranças de um triste passado.
   c) Paula foi os sonhos de toda a família.
   d) Aquela jovem tinha duas personalidades.
   e) Pedrinho eram as preocupações da família.

3. (TRF 5ª Região – Analista Judiciário – Judiciária) As normas de concordância verbal estão plenamente observadas na frase:

   a) O que há de mais terrível nas cenas de violência transmitidas pela TV estão nas reações de indiferença de alguns espectadores.
   b) Não se devem responder aos sacrifícios humanos com o cinismo de quem se julga superior.
   c) Não se levante contra o pessimista as acusações de imobilismo moral e inconsequência política.
   d) Ainda que não houvessem outras razões, o surdo idealismo dos pessimistas bastaria para os aceitarmos.
   e) Os otimistas não julguem os pessimistas, nem estes àqueles, pois ambos convergem para alguma forma de idealismo.

4. (PUC-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que a concordância verbal

esteja correta.

a) Discutiu-se a semana toda os acordos que têm de ser assinados nos próximos dias.
b) Poderá haver novas reuniões, mas eles discutem agora sobre que produtos recairão, a partir de janeiro, a taxa de exportação.
c) Entre os dois diretores deveria existir sérias divergências, pois a maior parte dos funcionários nunca os tinha visto juntos.
d) Faltava ainda dez votos, e já se comemoravam os resultados.
e) Eles hão de decidir ainda hoje, pois faz mais de dez horas que estão reunidos naquela sala.

5. (UEL-PR) Já ... uns doze anos que ele não voltava à terra natal, por isso não sabia que lá ... ocorrido mudanças.

a) deviam fazerem, havia.
b) devia fazer, haviam.
c) devia fazer, havia.
d) deviam fazer, haviam.
e) deviam fazer, havia.

6. (FCC – TRT 23ª Região – Analista Judiciário) Quanto às normas de concordância verbal, a frase inteiramente correta é:

a) Mais gente, assim como o fez a juíza brasileira, deveriam ponderar as sábias palavras que escolheu Disraeli para convocar a ação dos justos.
b) A muitas pessoas incomodam reconhecer que sua omissão diante da barbárie as torna cúmplices silenciosas dos contraventores e criminosos.
c) É comum calarmos diante dos descalabros a que costumam dar destaque o noticiário da imprensa, e acabamos, assim, por consenti-los.
d) Quando não se opõem à ação do homem acanalhado, quando ocorre essa grave omissão, os homens justos deixam de fazer valer seu peso político.
e) Se tivessem havido firmes reações aos descalabros dos canalhas, estes não desfrutariam, com sua falta de escrúpulo, de um caminho já aplainado.

7. (UM-SP) Assinale a oração em que o verbo ***não*** concorda em número e pessoa com o sujeito, ferindo os princípios da concordância.

a) Faltam ainda alguns passos seguros para a aquisição de uma vida pacífica.
b) Existem criações sensatas capazes de superar até as mais espantosas maldades.
c) As desilusões que a perturbam hoje já passaram alguns dias comigo.
d) De sinceras intenções, as pessoas estão saturadas.

e) Exatamente irreais, suas palavras só contem valores supérfluos.

8. (ESAF – AFT) Assinale a opção que corresponde a palavra ou expressão destacada no texto abaixo que foi empregada de acordo com as regras de concordância.

Como nunca antes, a ordem e a cultura do capital mostram inequivocamente o seu rosto inumano, revelam a lógica perversa que as(1) dominam(2) internamente e que, antes, podiam ser escamoteadas(3) a pretexto do confronto com o socialismo: criam, por um lado, grande riqueza e concentração de poder à custa da devastação da natureza, da exaustão da força de trabalho e de uma estarrecedora pobreza. A utilização crescente da informatização e da robotização criam(4), ao dispensar o trabalho humano, os desempregados estruturais, hoje, totalmente descartáveis. E soma-se(5) aos milhões só nos países do Primeiro Mundo.

(Adaptado de Leonardo Boff. *Depois de 500 anos:* que Brasil queremos? Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 41.)

a) (1)
b) (2)
c) (3)
d) (4)
e) (5)

9. (FCC – TRT 23ª Região – Analista Judiciário) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do ***plural*** para preencher de modo correto a lacuna da frase:

a) Se a cada um de nós efetivamente ..... (**perturbar**) os que agem mal, a impunidade seria impossível.
b) .....-se (**dever**) aos homens de ação o aperfeiçoamento estrutural de uma sociedade.
c) Nas palavras dos piores contraventores ..... (**costumar**) haver insolentes alusões à moralidade.
d) Aos bons cidadãos não ..... (**ocorrer**) que os maus contam com o silêncio da sociedade para seguirem sendo o que são.
e) Aqueles de quem não ..... **(advir)** qualquer reação contra os desonestos acabam estimulando a corrupção.

10. (UEL-PR) Acredito que ... muitas enchentes, pois ... fatos que ... afirmá-lo.

a) haverão – ocorre – permitem.
b) haverá – ocorre – permitem.
c) haverá – ocorrem – permitem.
d) haverão – ocorre – permite.

e) haverão – ocorrem – permite.

11. (FCC – TRF 3ª Região – Analista Judiciário) As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na frase:

a) Não se imputem aos adolescentes de hoje a exclusiva responsabilidade pelo fato, lastimável, de aspirarem a tão pouco.
b) A presença maciça, em nossas telas, de tantas ficções, não nos devem fazer crer que sejamos capazes de sonhar mais do que as gerações passadas.
c) Se aos jovens de hoje coubesse sonhar no ritmo das ficções projetadas em nossas telas, múltiplos e ágeis devaneios se processariam.
d) Ficaram como versões melhoradas da nossa vida acomodada de hoje o vestígio dos nossos sonhos de ontem.
e) Ao pretender que se mobilize os estudantes para as exigências do mercado de trabalho, o professor de nossas escolas impede-os de sonhar.

12. (FCC – TRF 3ª Região – Analista Judiciário) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do ***plural*** para preencher corretamente a lacuna da frase:

a) Para que não ..... (**restringir**) o sonho de um jovem, as imposições do mercado de trabalho devem ter sua importância relativizada.
b) Seria essencial que nunca ..... (**faltar**) aos adolescentes, mesmo em nossos dias pragmáticos, a liberdade inclusa nos sonhos.
c) Entre as duas hipóteses que ..... (**examinar**), considera o autor que o elemento comum é redução da capacidade de sonhar.
d) Não se ..... (**delegar**) às escolas a missão exclusiva de preparar os jovens para sua inserção no mercado de trabalho.
e) É pena que ..... (**faltar**) aos jovens a referência dos sonhos que seus pais já tenham alimentado em sua época de adolescentes.

13. (ESAF – AFRFB) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado de O Globo. Assinale a opção que apresenta erro de concordância.

a) Para sustentar um crescimento duradouro nos moldes do registrado no ano passado, a economia brasileira precisa se preparar, multiplicando seus investimentos, que, aliás, parecem deslanchar. Mas leva algum tempo até que atinjam a fase de maturação.
b) Nesse período, seria preferível que a economia crescesse em ritmo moderado, na faixa de 4% a 5% ao ano, para evitar pressões indesejáveis sobre os preços ou uma demanda explosiva por importações, o que poderia comprometer em futuro próximo as contas externas do país.
c) O Brasil felizmente tem uma economia de mercado, na qual controles artificiais não funcionam ou causam enormes distorções. As iniciativas de política econômica para se

buscar um equilíbrio conjuntural deve, então, se basear nos conhecidos mecanismos de mercado.

d) No caso do Banco Central, o instrumento que tem mais impacto sobre as expectativas de curto prazo, sem dúvida, é a taxa básica de juros, que estabelece um piso para a remuneração dos títulos públicos e, em consequência, para as demais aplicações financeiras e operações de crédito não subsidiado.

e) Se a taxa de juros precisa agir sozinha na busca desse equilíbrio conjuntural, o aperto monetário pode levar os agentes econômicos a reverem seus planos de investimento, e com isso o ajuste se torna mais moroso, sacrificando emprego e renda.

14. (FCC – TRF 3ª Região– Analista Judiciário) Considerando-se as normas de concordância verbal, há uma ***incorreção*** na frase:

a) Tão rápidos quanto os "cliques" das mágicas maquininhas são o prazer e o enfado que caracterizam as modernas sessões de fotografia.

b) Não é de se crer que todos os produtos com alta tecnologia cheguem a se banalizar, já que a banalidade está nas circunstâncias em que se venham a utilizá-los.

c) Não compete nem aos cientistas nem aos produtores responsabilizar-se pelas consequências da utilização do que nos oferecem.

d) Quantos mais inventos haja, mais impulsivos hão de ser nossos desejos de os consumir, como vem sucedendo no caso dos engenhos eletrônicos.

e) Seria de se esperar que se associassem à moderna tecnologia apenas os benefícios reais, que a ela se tributassem tão somente vantagens inequívocas.

15. (Fatec-SP) Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal.

a) Devem haver outras razões para ele ter desistido.

b) Foi então que começou a chegar um pessoal estranho.

c) Queria voltar a estudar, mas faltava-lhe recursos.

d) Não se admitirá exceções.

e) Basta-lhe dois ou três dias para resolver isso.

16. (FCC – Técnico Legislativo – Câmara dos Deputados) A forma verbal de ***singular*** que também poderia ter sido empregada corretamente no ***plural*** está grifada na frase

a) *... a ordem social era imutável...*

b) *... e a Igreja, junto com o poder absolutista, tinha o monopólio da informação.*

c) *... num processo que também gerou a onda de inovação ...*

d) *... quando isso vai de encontro aos interesses da comunidade...*

e) *... em que ela está inserida.*

17. (UFCE-CE) Complete as seguintes frases observando a concordância verbal e, depois, assinale a opção ***certa***.

1. Como ... haver pessoas tão generosas. (poder – imperf. do ind.)
2. ...-se, muito longe, os sinos da igreja. (ouvir – imperf. do ind.)
3. ... muitos anos que ela não vai a festas. (fazer – pres. do ind.)
4. Eles sempre se ... com dignidade. (haver – perf. do ind.)
5. ...-se muitas pessoas dirigindo-se à matriz. (ver – pres. do ind.)

a) podia, ouviam, faz, houveram, veem.
b) podiam, ouvem, fazem, houveram, vêm.
c) podia, ouvia, faz, havia, veem.
d) pôde, ouve, fazem, houveram, veem.
e) n.d.a.

18. (FCC – Metrô/SP – Supervisor de Linha) Tendo em vista as normas de concordância verbal, é preciso ***corrigir*** a seguinte frase:

a) Podiam-se assistir com prazer às danças das chamas na lareira.
b) Mal haviam decorrido alguns minutos, o líder foi para junto da lareira.
c) Na lareira queimavam-se as achas e produzia-se a dança das chamas.
d) Nenhum dos gestos do líder deixava de ser analisado pelo dono da casa.
e) Não escapava ao liderado o sentido dos gestos produzidos pelo líder.

19. (Unibero-SP) Em todas as alternativas, ***exceto*** em uma, o verbo pode ir para o plural ou ficar no singular:

a) Mais de uma pessoa (atingir) a meta.
b) Um bando de andorinhas (pousar) no varal.
c) Pequena parte dos cantores (dar) um agudo.
d) Um grande número de maritacas (grasnar).

20. (FCC – PBGÁS/PB) As normas de concordância verbal e nominal estão inteiramente respeitadas na frase:

a) Diante das imagens que na tela se sucede, o usuário de um computador parece hipnotizado.
b) Principais responsáveis pelos primeiros meios de transporte, a tração animal veio a ser substituída pela dos motores.
c) Se fossem mais intensos por serem mais velozes, nossa reflexão e nossa emoção estariam hoje num invejável patamar.
d) Uma vez que passe a atrair toda a nossa atenção, bons romances e belas peças

musicais afastam nossa obsessão pela velocidade.

e) Aos meninos diante das telas não costuma ocorrer que a velocidade que os preocupa acelera também a passagem da infância.

GABARITO

Concordância Verbal

1 – A	2 – E	3 – E
4 – E	5 – B	6 – D
7 – E	8 – A	9 – A
10 – C	11 – C	12 – A
13 – C	14 – B	15 – B
16 – B	17 – A	18 – A
19 – A	20 – E	

5.2 CONCORDÂNCIA NOMINAL

Deixamos para trás a concordância entre o verbo e o seu sujeito. A partir de agora, nossa preocupação será identificar o substantivo e os termos que a ele se referem. Mais uma vez receba meu apoio. Este assunto, à exceção de uma ou outra regra, é bastante fácil. É preciso, entretanto, ficar bastante atento para perceber a quem o termo está se referindo. Nosso sucesso dependerá desse conhecimento. Bons estudos!!

5.2.1 REGRA GERAL

Observe atentamente o exemplo abaixo:

Perceba que os dois substantivos (amigos e regiões) encontram-se cercados por outros termos que se flexionam no gênero e no número dos substantivos. Estamos, portanto, diante da regra geral da concordância nominal:

O adjetivo, o artigo, o numeral e o pronome adjetivo concordam em gênero e número com o nome a que se referem.

Antes, porém, de iniciarmos as demais regras, convém relembrar:

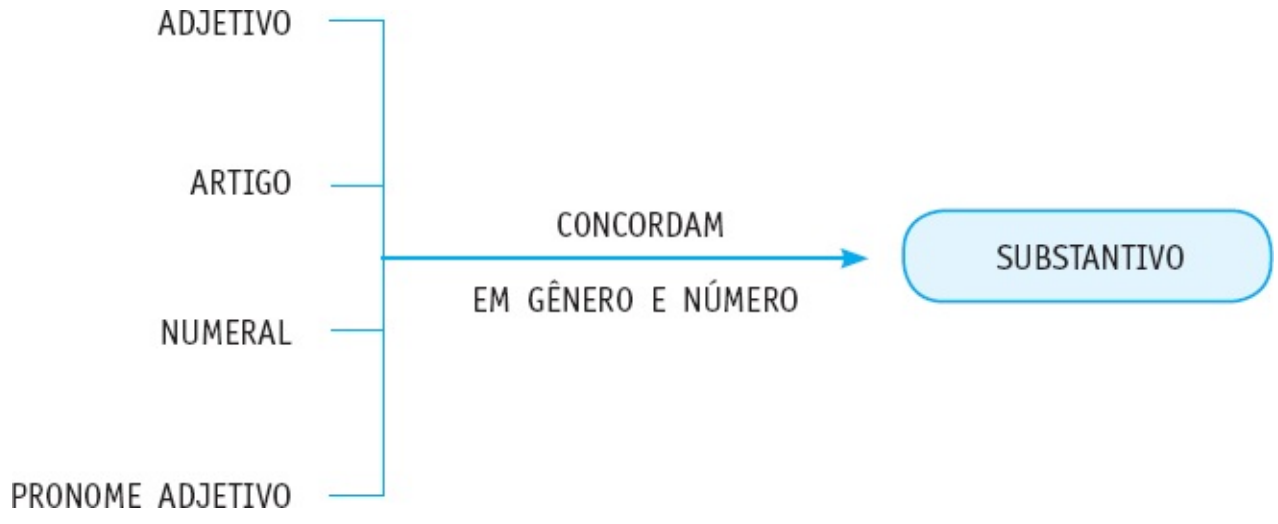

Não se esqueça também da seguinte orientação:

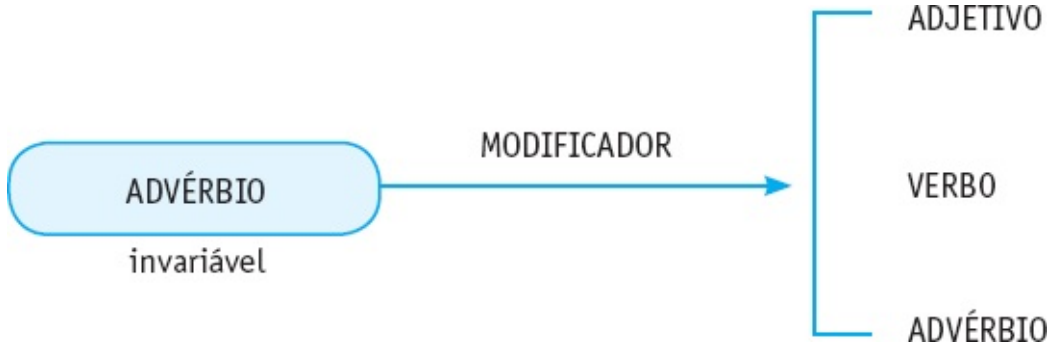

Veja:

- Havia **muito** barulho por causa das pessoas que falavam **muito** alto.
  pronome indefinido — advérbio
- Por sempre andar por **longes** terras sempre morou **longe** de seus familiares.
  adjetivo — advérbio
- Foi considerado o homem **certo** para o cargo porque sempre agiu **certo**.
  adjetivo — advérbio

Logo, nosso cuidado daqui para frente será não confundir um advérbio – classe de palavra invariável – com as classes morfológicas que concordam com o substantivo. Para tanto, observe a quem o termo se refere. Se ele fizer referência a um substantivo, deverá concordar com este; se, por outro lado, ele se referir a um adjetivo, a um verbo ou mesmo a um advérbio, o termo em questão será um advérbio, portanto invariável.

Estudaremos agora as demais regras da concordância nominal. Você perceberá que boa parte das regras diz respeito à concordância do adjetivo. Lembre-se, portanto, de que o adjetivo exerce, basicamente, duas funções sintáticas: adjunto adnominal e predicativo.

5.2.2 PRINCIPAIS CASOS DE CONCORDÂNCIA NOMINAL

1. Com os adjetivos compostos, somente o último elemento varia para concordar com o substantivo a que se refere.

- Ele fez duas intervenções médico-**cirúrgicas**.
- Firmaram dois grandes acordos sino-franco-**lusitanos**.
- As condições sociopolítico-**econômicas** do país não condiziam com os princípios da cultura greco-**latina**.

⇨ **Observações:**

Lembre-se de que os adjetivos “azul-celeste” e “azul-marinho” são invariáveis.
Já com o adjetivo “surdo-mudo” ambos os elementos variam.

Não se esqueça também de que os adjetivos referentes a cor formados por adjetivo mais um substantivo são invariáveis.

- Compramos duas blusas azul-celeste.
- Falamos com dois surdos-mudos.
- Na formatura, usou duas blusas amarelo-canário.

2. Quando um único adjetivo, na função de adjunto adnominal, refere-se a mais de um substantivo, hão de se observar duas vertentes para a concordância:

a) Se o adjetivo vier anteposto, concordará obrigatoriamente com o substantivo mais próximo:

- Ele possuía **monstruosas** mãos e braços.
- O bufê servia **maravilhosas** tortas e salgados.

- Em sua viagem, passou muitas horas admirando as **magníficas** montanhas e mares do sul.
- **Recuperada** a saúde e o ânimo, ele voltou imediatamente ao seu posto de trabalho.

b) Se o adjetivo vier posposto, poderá concordar tanto com o substantivo mais próximo quanto com os dois substantivos no plural. Neste último caso, se os gêneros dos substantivos forem diferentes, prevalecerá o masculino plural para o adjetivo:

- Após o tsunami, caminhou pelos becos e pelas ruas { destruídas / destruídos } pela força das águas.
- Em um canto da sala, deixaram um sapato e uma sandália { velha. / velhos. }
- Ontem à tarde encontrei o aluno e a aluna { estudiosa. / estudiosos. }
- Divulgará uma notícia e uma nota { extraordinária / extraordinárias } para relatar o fato à população.

⇨ **Observações:**

Se, pela lógica, o adjetivo só puder se referir a um substantivo, será com este substantivo que se efetuará a concordância:

- Em sua viagem, alimentou-se de peixe, ovos, saladas e carne **bovina**.
- A cidade sofria por causa do frio e da chuva **torrencial**.

Se o adjetivo, anteposto ou posposto, estiver se referindo a pessoas, obrigatoriamente deverá concordar no plural com ambos os substantivos:

- Ontem assistimos ao show dos **ilustres** Caetano Veloso e Gilberto Gil.

3. Quando, por outro lado, dois ou mais adjetivos estiverem se referindo a um único substantivo, admitem-se três possibilidades de concordância:

- Sempre estudou profundamente
  - as línguas inglesa, francesa e italiana.
  - a língua inglesa, a francesa e a italiana.
  - a língua inglesa, francesa e italiana.

- Ele analisava todos os dias
  - as leis federal, estadual e municipal.
  - a lei federal, a estadual e a municipal.
  - a lei federal, estadual e municipal.

- Durante os estudos frequentou assiduamente
  - os cursos ginasial e pedagógico.
  - o curso ginasial e o pedagógico.
  - o curso ginasial e pedagógico.

⇨ **Observação:**

Perceba que, no primeiro caso, o substantivo vai para o plural e omite-se o artigo antes dos adjetivos. No segundo exemplo, o substantivo permanece no singular e coloca-se o artigo a partir do segundo adjetivo. No último exemplo, o substantivo fica no singular e omite-se o artigo dos adjetivos.

4. Quando o adjetivo estiver na função de predicativo de um sujeito composto, há duas possibilidades de concordância:

a) Se vier posposto, o adjetivo concordará obrigatoriamente no plural, prevalecendo o masculino se os gêneros dos substantivos forem diferentes:

- A ideia e o pensamento tornaram-se **obsoletos** em virtude dos novos paradigmas.
- Quase todas as moças e todas as professoras mantiveram-se **caladas** ao longo da apresentação dos meninos.
- Se os prisioneiros e as sentinelas fossem mais **abertos** ao diálogo, os problemas do sistema prisional diminuiriam.

b) Se vier anteposto, o predicativo do sujeito poderá concordar com ambos os núcleos ou com o mais próximo.

- **Jogadas** ao vento estavam as cartas e todos os documentos do escritório.

OU

- **Jogados** ao vento estavam as cartas e todos os documentos do escritório.

- **Satisfeita** com o a situação saiu da sala a secretária e o seu auxiliar.

OU

- **Satisfeitos** com a situação saíram da sala a secretária e o seu auxiliar.
- **Constrangido** por causa do vexame ficou o presidente da empresa e dois dos seus secretários.

OU

- **Constrangidos** por causa do vexame ficaram o presidente da empresa e dois dos seus secretários.

⇨ **Observação:**

Perceba que a concordância do adjetivo com o núcleo mais próximo exige, se este núcleo estiver no singular, que a concordância verbal também seja feita no singular.

5. Quando o adjetivo estiver na função de predicativo do objeto, devem-se observar as seguintes orientações:

a) O adjetivo predicativo concordará normalmente em gênero e número com o objeto quando este for simples:

- Encontraram todos os documentos do escritório **revirados** pelos bandidos.
- **Abandonadas** à própria sorte, os parentes mais próximos deixaram as filhas de D. Elza.
- Julgaram as moças **incapazes** de exercer o cargo para o qual elas se candidataram.

b) Quando posposto, o adjetivo predicativo concordará no plural e no gênero prevalente com o objeto formado por mais de um núcleo.

- Achou o monarca e a sua esposa **simpáticos**.
- Encontramos o pórtico e a antessala totalmente **sujos** pela poeira do desabamento do prédio vizinho.
- Os funcionários consideram o chefe-de-seção e a sua comitiva **incompetentes**.
- Dois dos reclamantes acusaram a advogada da empresa e o preposto **de omissos e parciais**.

⇨ **Observação:**

Para facilitar a concordância, transforme os núcleos do objeto direto em um pronome oblíquo átono (o, a, os, as) – observe o gênero de prevalência. Veja:

- Achou o monarca e a sua esposa simpáticos. = Achou-**os** simpáticos.
- Encontramos o pórtico e a antessala totalmente **sujos** pela poeira do desabamento do prédio vizinho. = Encontramo-**los** totalmente **sujos** pela poeira do desabamento do prédio vizinho.
- Os funcionários consideram o chefe-de-seção e a sua comitiva **incompetentes**. = Os funcionários consideram-**nos incompetentes**.
- Dois dos reclamantes acusaram a advogada da empresa e o preposto **de omissos e parciais**. = Dois dos reclamantes acusaram-**nos de omissos e parciais**.

c) Quando anteposto, o adjetivo predicativo do objeto poderá concordar tanto com o núcleo mais próximo quanto com todos os núcleos do objeto direto. Neste último caso, deve-se observar, é claro, o gênero prevalente.

- Ao sair, deixe bem [fechada / fechados] a porta do quarto e os postigos da sala.
- O falecimento da mãe deixou [insuportável / insuportáveis] o dia e, principalmente, as noites do rapaz.
- Encontrou [deitado / deitados] no sofá da sala principal o filho e a namorada.

6. Quando o substantivo vem acompanhado de numerais ordinais, ele pode ficar tanto no singular quanto no plural desde que os numerais venham acompanhados de artigo.

- O diretor falou para os alunos da primeira e da segunda [série. / séries.]
- Escutamos o primeiro e o segundo [movimento / movimentos] da sinfonia.
- A empresa ocupava o terceiro, o quarto e o quinto [andar / andares] do edifício.

⇨ **Observação:**

Se os numerais ordinais vierem desacompanhados de artigo ou se estiverem pospostos, o substantivo obrigatoriamente irá para o plural.

- A empresa ocupava terceiro, quarto e quinto **andares** do edifício.

- A empresa ocupava **os andares** terceiro, quarto e quinto do edifício.

7. O particípio passivo concorda com o seu sujeito passivo em gênero e número.

- Foram **postas** em discussão todas as propostas do novo diretor.
- Novas bolas e alguns enfeites haviam sido **comprados** antecipadamente.
- **Passadas** duas semanas do acidente, eles ainda não estavam recuperados.
- As novas ideias do grupo foram imediatamente **rejeitadas** pelo líder da excursão.

5.2.3 CASOS ESPECIAIS DE CONCORDÂNCIA NOMINAL

1. As palavras "MESMO, PRÓPRIO, LESO, QUITE, OBRIGADO, INCLUSO, ANEXO, QUALQUER" concordam com a palavra a que se referem.

- Elas **próprias** irão resolver o conflito.
- As flores, elas **mesmas** desabrocham para si **próprias**.
- A moça respondeu muito **obrigada**.
- Seguem **anexas** ao processo todas as cópias dos relatórios solicitados.
- Em suas ações, ele cometeu um crime de **lesa**-pátria.
- Todos estavam **quites** com o serviço militar.
- Iam **inclusas** as radiografias que ele tirara numa clínica do interior.
- **Quaisquer** que sejam as suas intenções, nós as rejeitamos antecipadamente.

⇨ **Observação:**

A expressão "em anexo" é invariável.

2. As palavras "MEIO, BASTANTE, CARO, BARATO, MUITO, POUCO, LONGE" ora funcionam como advérbios – invariáveis, portanto –, ora funcionam como adjetivos, numeral – no caso da palavra "meio" – ou pronomes adjetivos, concordando com o termo a que se referem.

- Paris é uma cidade muito **cara** para quem dispõe de **poucos** recursos.
  adjetivo — pronome adjetivo

- Havia **bastantes** questões **bastante** difíceis na prova de Português.
  pronome adjetivo — advérbio

- Já andei por **longes** terras à procura de um amor que mora **longe**, **muito longe**.
  adjetivo — advérbios

- Aquelas frutas custaram **caro**. Em feira livre, geralmente eu compro frutas **baratas**.
  advérbio — adjetivo

- Segundo Drummond, há portas por que só passam **meias** pessoas.
  numeral

- A mãe permanecia **meio** irrequieta porque o filho ainda não tinha dado notícias.
  advérbio

- **Muitas** pessoas ficaram **meio** irritadas, porque compraram passagens **caras**, mas não embarcaram.
  pronome adjetivo — advérbio — adjetivo

- **Poucas** pessoas conseguem ficar em pé depois que bebem **muito**.
  pronome adjetivo — advérbio

- Já falei **bastantes** vezes que, quando ele falasse, evitasse as **meias** palavras, os **meios** termos.
  pronome adjetivo — numeral — numeral

3. As palavras "MENOS, ALERTA e PSEUDO" são invariáveis. Veja:

- Todos os soldados permaneceram **alerta**.
- Havia **menos** pessoas do que se esperava.
- No exame, encontraram-se bactérias **pseudo**filamentadas.

Não confunda a palavra ALERTA invariável com o substantivo ALERTA. Quando invariável, a palavra ALERTA denota modo, posição, situação. Observe:

- Soaram dois **alertas** (substantivo) no corpo de bombeiros. Como todos os bombeiros estavam **alerta**, (palavra invariável) o socorro saiu rápido.

4. A palavra "SÓ" ora funciona como advérbio – invariável – na acepção de "somente, apenas", ora funciona como adjetivo, significando "sozinho". Como adjetivo, concorda com o termo a que se refere.

- Todos permaneceram **sós** (adjetivo) na sala iluminada.
- Pelo que nós sabemos, ela **só** (advérbio) vai se for de carro.
- Era **só** (advérbio) isso que Paula e André esperavam: a família saiu e eles ficaram **sós** (adjetivo) no apartamento.

⇨ **Observação:**

A expressão "a sós" é invariável. Significa "sozinho(s), sozinha(s).

- Ele preferiu ficar **a sós** (expressão invariável) na casa da prima.
- As moças estiveram o tempo todo **a sós** (expressão invariável) no quarto.

5. Expressões formadas pelo verbo SER mais um ADJETIVO (é bom, é preciso, é proibido, é permitido, é necessário etc.), obedecem às seguintes regras:

a) Quando o substantivo está empregado em sentido geral, abstrato, não específico – sempre aparece sem artigo, sem determinante – a expressão formada pelo verbo "ser" seguido de um adjetivo permanece invariável.

b) Quando o substantivo vem acompanhado por artigo ou por qualquer outro determinante, empregado em sentido específico, não geral, o adjetivo predicativo concorda com o seu sujeito.

adjetivo fica invariável

- Para quem gosta de cinema, é **necessário** presença de filmes nacionais.
  substantivo não precedido de artigo ou de determinante

adjetivo fica invariável

- Salsa, segundo os cozinheiros, é **bom** para tempero.
  substantivo não precedido de artigo ou de determinante

adjetivo fica invariável

- Na porta se lia o aviso: entrada é **proibido**.
  substantivo não precedido de artigo ou de determinante

adjetivo fica invariável

- É **preciso** cautela para abrir um pacote que não lhe pertence.
  substantivo não precedido de artigo ou de determinante

adjetivo concorda com o sujeito

- Em muitos países é **proibida** a entrada de cidadãos iraquianos.
  substantivo precedido de um determinante

adjetivo concorda com o sujeito — Substantivo precedido de um determinante

- Como você diz que é **proibida** a reflexão sobre a relação entre os homens se reflexões é **necessário** à vida?
  adjetivo fica invariável

6. Com as expressões "O MAIS POSSÍVEL / OS MAIS POSSÍVEIS, O MENOS POSSÍVEL / OS MENOS POSSÍVEIS, O PIOR POSSÍVEL / OS PIORES POSSÍVEIS", pode-se deixar o adjetivo e o artigo no singular ou flexionar-se no plural, simultaneamente, o artigo e o adjetivo.

- Eles trouxeram **as mais** geladas cervejas **possíveis**.
- Os argumentos apresentados eram **o mais** inverídicos **possível**.
- Sempre nos recebia com pratos **os** mais requintados **possíveis**.
- Em nossa viagem, passamos por ruas **o mais** esburacadas **possível**.

⇨ **Observação:**

Há uma terceira possibilidade de concordância em que se deixa apenas a palavra "possível" invariável. O artigo acompanhará o substantivo e o advérbio "mais" ficará posposto a este substantivo. Esta construção é, entretanto, pouco encontrada nos grandes escritores.

- Nós vimos **os** carros **mais** belos **possível** na última feira do automóvel.

- Na casa do tio João, podem-se colher **as** frutas **mais** saborosas **possível**.

7. Com as expressões ALGO DE / NADA DE / POUCO DE / MUITO DE/ UM QUÊ DE / QUE DE o adjetivo que as acompanha poderá tanto concordar com o sujeito quanto ficar invariável.

- Que de tão **sedutor / sedutoras** tinham aquelas garotas?
- As músicas tocadas tinham um quê de **melancólico** / **melancólicas**.
- Nossa vida nada tem de **trágico** / **trágica**.
- Os móveis adquiridos em um brechó pouco tinham de **antigo** / **antigos**.

8. Com a locução pronominal "tal qual", o "tal" concordará com o termo que o antecede enquanto o "qual" concordará com o termo que o sucede.

- Os filhos eram **tais qual** o pai.
- Os gramados da cidade pareciam **tais qual** um grande rio verde.

5.3 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

Concordância Nominal

1. (UM-SP)

I. Os brasileiros somos todos eternos sonhadores.
II. Muito obrigadas! Disseram as moças.
III. Sr. Deputado, V. Ex.ª está enganado.
IV. A pobre senhora ficou meia confusa.
V. São muito estudiosos os alunos e as alunas deste curso.
Há uma concordância inaceitável, de acordo com a gramática normativa:

a) em I e II.
b) em II, III e V.
c) apenas em II.
d) apenas em III.
e) apenas em IV.

2. (F. Cásper Liberto-SP) Faça a concordância.

"V.A. ... hoje, pois ... demais, caro Príncipe."

a) estais cansada, andou.
b) está cansado, andou.
c) estais cansado, andaste.
d) está cansado, andaste.

3. (FMIT-MG) Em todas as frases a concordância se fez corretamente, ***exceto*** em:

a) Os soldados, agora, estão todos atentos.
b) Ela possuía bastante recursos para viajar.
c) As roupas das moças eram as mais belas possíveis.
d) Rosa recebeu o livro e disse: "Muito obrigada".
e) Sairei de São Paulo hoje, ao meio-dia e meia.

4. (UFV-MG) Todas as alternativas abaixo estão corretas quanto à concordância nominal, **exceto***:*

a) Foi acusado de crime de lesa-justiça.
b) As declarações devem seguir anexas ao processo.
c) Eram rapazes os mais elegantes possível.
d) É necessário cautela com os pseudolíderes.
e) Seguiram automóveis, cereais e geladeiras exportados.

5. (UEL-PR) "Ao esforço e à seriedade ... ao estudo é que ... os louvores que ele tem recebido ultimamente."

a) consagrado, devem ser atribuídos.
b) consagrada, deve ser atribuído.
c) consagrados, devem ser atribuídos.
d) consagradas, deve ser atribuído.
e) consagrados, deve ser atribuído.

6. (UFS-SE) "Já ... 8 horas quando se ... os debates sobre cinema e literatura..."

a) seria – iniciou – brasileira.
b) seria – iniciaram – brasileiras.
c) seria – iniciou – brasileiros.
d) seriam – iniciaram – brasileira.

7. (FCC-SP) Assinale a alternativa em que a concordância verbal e nominal está **correta**.

a) Já é meio-dia e meia; faltam poucos minutos para começar a reunião.
b) Comprei um óculos escuro nesta loja. Consegue-se bons descontos aqui.
c) Vão fazer dez anos que trabalho aqui e ainda é proibido a minha entrada na sala da Diretoria!d) Duzentas gramas de queijo são demais para fazer torta.
e) A gente fomos ao cinema no domingo e lá haviam amigos nossos na fila.

8. (FFCLBH-MG) Em todas as alternativas há problemas de concordância segundo a norma culta da linguagem, **exceto***:*

a) "O embarque de June surpreendeu a maioria das pessoas (aproximadamente 100) que foram ao Aeroporto Internacional do Rio, para a despedida do presidente." *(Folha de S. Paulo)*
b) Compra-se lotes e casas.
c) "... mesmo assim, ali está a vergonha escancarada da guerra, no quintal de todos que fazem questão de virar o rosto para o outro lado. O problema é este: não há o outro lado quando se domina as novas tecnologias." *(Folha de S. Paulo)*
d) É proibido a entrada de menores de 18 anos em motéis.

9. (Unisinos-RS) O caso de concordância nominal ***inaceitável*** aparece em:

a) Nunca houve divergências entre mim e ti.
b) Ela tinha o corpo e o rosto arranhados.
c) Recebeu o cravo e a rosa perfumado.
d) Tinha vãs esperanças e temores.
e) É necessário certeza.

10. (UFPel-RS) A alternativa em que são atendidas as normas de concordância da língua culta é:

a) Precisamos ser benevolentes para com nós mesmos.
b) Já tinham bastante motivos para voltar para casa.
c) Que houvesse ou não existido opiniões contraditórias não nos interessava naquele momento.
d) Sr. Ministro, V. Ex.ª sereis recebido com grande entusiasmo pela população.
e) Surgiu, na escuridão da noite, dois vultos enormes.

11. (UCS-RS)

a) Já **fazem** tantos anos assim?

b) Acho que **devem fazer** uns dez anos.
c) Vossas Excelências já **podeis** considerar o projeto aprovado.
d) Escolhe tu mesmo o que julgas ser melhor para **teu** futuro.
e) Escolhe você mesmo o que julgas ser melhor para o **teu** futuro.

12. (FEI-SP) Em qual declaração proibitória ocorre **incorreção** gramatical?

a) É proibida a entrada.
b) Proíbe-se a entrada de estranhos.
c) É proibido entrar.
d) A eles, foi-lhes proibida a entrada.
e) Proibir-se-á, fora do expediente, as entradas de todos os funcionários.

13. (UCS-RS) Nas questões que seguem, assinale a alternativa **correta**.

a) Às vezes **era solicitado** alguns trabalhos extraclasse.
b) Às vezes **era solicitados** alguns trabalhos extraclasse.
c) Às vezes **eram solicitados** alguns trabalhos extraclasse.
d) Às vezes **eram solicitados** alguns trabalhos extraclasse.
e) Às vezes **era solicitado** alguns trabalhos extraclasse.

14. (UFSCar-SP) Aponte a alternativa em que a concordância nominal **não** é adequada.

a) Obrigava sua corpulência e exercício e evolução forçada.
b) Obrigava sua corpulência a exercício e evolução forçados.
c) Obrigava sua corpulência a exercício e evolução forçadas.
d) Obrigava sua corpulência a forçado exercício e evolução.
e) Obrigava sua corpulência a forçada evolução e exercício.

15. (PUCC-SP) Assinale a alternativa em que **meio** funciona como advérbio.

a) Fica no meio do quarto.
b) Quero meio quilo.
c) Está meio triste.
d) Achei o meio de encontrar-te.
e) n.d.a.

16. (PUC-SP) Apenas uma alternativa preenche **corretamente** os espaços existentes na sentença abaixo.

"Não foi ... a pesada suspensão que lhe deram, porque você foi o que ... falhas apresentou; podiam ter pensado em outras penalidades mais ...".

a) justo, menas, cabível.
b) justa, menos, cabível.
c) justa, menos, cabíveis.
d) justo, menos, cabível.
e) justo, menas, cabíveis.

17. (ITA-SP) Assinale a alternativa **correta**.

"... muitos anos que compramos um compêndio e uma gramática ... para estudar a língua e a literatura ...".

a) Faz – volumoso – luso-brasileiras.
b) Deve fazer – volumosos – portuguesa.
c) Fazem – volumosos – portuguesa.
d) Devem fazer – volumosa – portuguesa.
e) Faz – volumosas – luso-brasileira.

18. (Fameca-SP) Observe a concordância:

1. Entrada proibida.
2. É proibido entrada.
3. A entrada é proibida.
4. Entrada é proibido.
5. Para quem a entrada é proibido?

a) A número 5 está incorreta.
b) A 4 e 5 estão erradas.
c) A 2 está errada.
d) Todas estão certas.
e) A 2 e 5 estão erradas.

19. (F. Objetivo-SP) Assinale a alternativa gramaticalmente **correta**.

a) O povo brasileiro anseia por uma constituição digna.
b) Era necessário a permanência do médico no hospital.
c) Aconteceu, durante a discussão do processo, graves distúrbios entre os parlamentares.
d) Sua discrição era digna de elogios, pois todos estavam ao par das dificuldades de se manter secreta a negociação.

e) Não mais se lê bons autores naquela escola.

20. (ITA-SP) Dadas as sentenças:

1. Reparem no que o conferencista está dizendo.

2. Devem haver muitas pessoas revoltadas naquele país.

3. Depois do que você me fez, acho que estamos quite.

Deduzimos que:

a) apenas a sentença n.º 1 está correta.

b) apenas a sentença n.º 2 está correta.

c) apenas a sentença n.º 3 está correta.

d) todas estão corretas.

e) n.d.a.

GABARITO

Concordância Nominal

1 – E	2 – B	3 – B
4 – C	5 – C	6 – D
7 – A	8 – A	9 – C
10 – A	11 – D	12 – E
13 – D	14 – C	15 – C
16 – C	17 – B	18 – A
19 – A	20 – A	

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 6

SINTAXE DE REGÊNCIA

Conversando: Ufa!! Creio que você já venceu a etapa da concordância. Se ainda não estudou o assunto "concordância", não se preocupe: pode estudar "regência" sem problemas, pois os assuntos não são interdependentes.

Teremos pela frente mais uma longa missão – entender as relações de dependência estabelecidas entre o verbo e o seu complemento e o nome e o seu complemento. Precisaremos compreender bem não só o aspecto sintático (função sintática), mas também o aspecto semântico (sentido), os quais envolvem as relações regenciais. Não se afobe! Dizem por aí, com frequência, ser o assunto de regência um dos mais difíceis da gramática. Discordo! Não confunda dificuldade com extensão – o nosso assunto é realmente longo, mas não é difícil. No entanto, para entender bem "regência verbal e nominal", você precisará de alguns outros conhecimentos: saber empregar bem os pronomes pessoais oblíquos, saber utilizar os pronomes relativos e, acima de tudo, conhecer "de cor e salteado" o assunto "transitividade verbal". Talvez por necessitar de outros assuntos, a regência tenha ganhado a fama de ser difícil. Portanto, uma sugestão: antes de continuar lendo o conteúdo abaixo, sugiro que revise os assuntos mencionados acima, se existirem dúvidas. E, então, mãos à obra! E não se esqueça de que a vitória é dos que persistem. Vamos lá!

6.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Inicialmente observe atentamente os exemplos abaixo:

- Após a cirurgia, o rapaz mostrava-se **apto** para todas as atividades.
  complemento para o adjetivo "apto"

- João **pegou** o dinheiro da indenização e **pagou** a todos os seus credores.
  complemento para o verbo "pegar" ↑ ↑ complemento para o verbo "pagar"

- Maria tinha grande **devoção** por aquele santo.
  Termo regente Termo regido

- Sempre **assistia** às apresentações do filho com grande emoção.
  Termo regente Termo regido

- O pai sempre **assistia** o filho em suas doenças típicas da infância.
  Termo regente ↑ ↑ Termo regido

Observe que alguns complementos são regidos por preposição e outros não. Nos dois últimos exemplos, houve mudança no sentido do verbo. Portanto, é este o objetivo da regência: estudar as relações de dependência estabelecidas entre um verbo ou um nome e os seus respectivos complementos.

6.2 REGÊNCIA VERBAL

Inicialmente vejamos outros exemplos para que possamos chegar a uma conclusão:

- Ele **cumpriu** o seu dever. (VTD)
- Ele **cumpriu** com o seu dever. (VTI)

Alteração da transitividade sem alteração do sentido

- Deus **perdoa** o pecado. (VTD)
- Deus **perdoa** ao pecador. (VTI)
- Deus **perdoa** o pecado ao pecador. (VTDI)

Alteração da transitividade sem alteração do sentido

- Eles não **procederam** bem na festa. (VI)
- As ideias deles não **procederam**. (VI)

Mesma transitividade, mas sentidos diferentes.

- Eles **precisarão** de ajuda para a confecção do bolo. (VTI)
- Eles não **precisaram** a hora da festa. (VTD)

Alteração da transitividade com alteração do sentido

Observando o comportamento dos verbos em suas transitividades, chegamos a uma conclusão: a regência verbal depende do contexto em que o verbo se encontra.

Uma das perguntas frequentes que recebo em aula é: “Professor, como vou distinguir uma regência da outra? Como saberei se o verbo estará em tal ou qual sentido?” A resposta está na conclusão acima: o contexto. Será o contexto que denunciará o sentido e consequentemente a regência que o verbo adotará.

Estude agora mais algumas informações importantes para facilitar o entendimento sobre este assunto.

a) Lembre-se de que os verbos transitivos diretos exigem um complemento sem auxílio de uma preposição obrigatória e de que o objeto direto é frequentemente representado pelos pronomes oblíquos “o, a, os, as”. Tais pronomes assumirão as formas “lo, la, los, las”, caso o verbo termine em “r, s, z”, letras estas que serão suprimidas. Por outro lado, se o verbo terminar em ditongo nasal, os oblíquos assumirão as formas “no, na, nos, nas”.

Veja:

- Ainda não **encontrou** a fórmula adequada. = Ainda não **a** encontrou.
  VTD OD OD

- É fundamental **adquirir** alguns livros novos. = É fundamental adquiri-**los**.
  VTD OD OD

- Ele **traz** o cachorro consigo. = Ele **o** traz consigo.
  VTD OD OD

b) Lembre-se também de que os pronomes oblíquos “me, te, se, nos, vos” podem exercer tanto a função de objeto direto quanto de objeto indireto. A função sintática deles dependerá da transitividade do verbo.

- Ela **me** ama demasiadamente.
  OD VTD

- Ela **me** pediu um grande favor.
  OI VTDI

- Eles **nos** procuraram ontem para fazer-**nos** algumas reclamações.
  OD VTD VTDI OI

- Era importante **te** encontrar ainda hoje.
  OD VTD

- Quero dizer-**te** tanta coisa, meu amor!
  VTDI OI

c) Não se esqueça de que os pronomes oblíquos “lhe, lhes”, quando completam o sentido de um verbo, sempre serão objetos indiretos de verbos transitivos indiretos ou de verbos transitivos diretos e indiretos. O objeto indireto pode ser substituído não só pelos pronomes “lhe, lhes”, mas também pelas formas tônicas “a ele, a ela, a eles, a elas”.

- Jamais **entregarei** ao comendador os documentos. = Jamais entregarei os documentos.
  VTDI OI
  lhe / a ele

- Ele **agradeceu** aos familiares pelo apoio. = Ele agradeceu -lhes / a eles pelo apoio.
  VTI OI

⇨ **Observação:**

No dia a dia, muitos são os erros em virtude do emprego inadequado dos oblíquos “lhe, lhes”. Fique atento para não cometê-los. Veja:

- João, há quanto tempo não **lhe** vejo! (O verbo “ver” é transitivo direto. **O correto é** “... não o vejo”.)
  VTD

- Ele **lhe** VTD ama muito, Ana Cláudia. (O verbo “amar” é transitivo direto. **O correto é** “Ele a ama muito”.)
- Ontem eu **lhe** VTD procurei o dia todo. (O verbo “procurar” é transitivo direto. **O correto é** “Eu o procurei...”.)

d) Cuidado!! À exceção de alguns verbos como “obedecer, desobedecer”, a voz passiva só existe com “verbos transitivos diretos” e “verbos transitivos diretos e indiretos”. Observe:

- Todas as tentações que o cargo propiciava **foram resistidas** por meu pai. (**Construção errada**)

> O verbo “resistir” é transitivo indireto, não admite a voz passiva

- O jogo **está sendo assistido** por mais de um milhão de telespectadores. (**Construção errada**)

> O verbo “assistir” é transitivo indireto, não admite a voz passiva.

Correções:

- Meu pai resistiu a todas as tentações que o cargo propiciava. (Voz ativa)
- Mais de um milhão de telespectadores estão assistindo ao jogo. (Voz ativa)

e) Lembre-se de que o fato de um verbo ser transitivo direto não impede que os nomes cognatos (de mesma raiz) exijam preposição. Portanto, fique atento e não confunda:

- É preciso **combater** a corrupção no Brasil.
  VTD
- É preciso que se aumente o **combate** à corrupção no Brasil.
  Substantivo cognato com preposição
- Todos devem **amar** a Pátria.
  VTD
- O **amor** à Pátria deve ser incondicional.
  Substantivo cognato com preposição
- O fogo **destruiu** todos os barracos da favela.
  VTD
- A **destruição dos** barracos da favela entristeceu a população.
  Substantivo cognato com preposição
- "Começou [Basílio] imediatamente a **louvar** a sua devoção." (Eça de Queiroz)
  VTD
- "... e entoar com ela hinos de **louvor a**o Todo-poderoso." (Bernardo Guimarães)
  Substantivo cognato com preposição
- "Não **compreendi** então aquelas palavras, nem o tom com que foram proferidas." (José de Alencar)
  VTD
- "Mas este outro incidente não é radicalmente necessário à **compreensão do** capítulo passado e **dos** futuros." (Machado de Assis)
  Substantivo cognato com preposição
- "Mme. Brizard não se fartava de **elogiar** a boa qualidade das fazendas." (Aluísio Azevedo)
  VTD
- "Com isso, e repetidos **elogios aos** outros jornalistas, adquiriu ele uma linda reputação." (Lima Barreto)
  Substantivo cognato com preposição

f) Em outras situações, é comum o nome cognato (de mesma raiz) apresentar regência idêntica à do verbo. Observe:

VERBO	NOME COGNATO

ir **a**	ida **a**
chegar **a**	chegada **a**
crer **em**	crente/crença **em**
depender **de**	dependência **de**
intervir **em**	intervenção **em**
cooperar **com**	cooperação **com**
coexistir **com**	coexistência **com**
inserir **em**	inserido/inserção **em**

g) Muitos verbos possuem formas pronominais (conjugadas com o auxílio de um pronome oblíquo) e não pronominais. Cumpre salientar que a forma pronominal, em muitas situações, exige um complemento com preposição. Observe:

VERBO NÃO PRONOMINAL	VERBO PRONOMINAL
aconselhar	aconselhar-se **com**
alegrar	alegrar-se **com**
aproveitar	aproveitar-se **de**
armar	armar-se **de**
carregar	carregar-se **de**
cercar	cercar-se **de**
comunicar	comunicar-se **com**
defender	defender-se **de**, **contra**
esquecer	esquecer-se **de**
lembrar	lembrar-se **de**
limitar	limitar-se **a**
recordar	recordar-se **de**

6.2.1 REGÊNCIA DE ALGUNS VERBOS – CASOS ESPECIAIS

Em seguida você encontrará uma lista, em ordem alfabética, dos mais comuns verbos utilizados na língua portuguesa com suas respectivas particularidades. Procure estudá-los aos poucos. Prossigamos!!

1. Abraçar

Possui as seguintes regências:

a) É verbo transitivo direto no sentido de “cingir, apertar com os braços”.

- A mãe abraçou o filho pequeno por alguns minutos.
- Quando encontrou o amigo, abraçou-o fortemente.

b) É verbo transitivo direto no sentido de “adotar, seguir, escolher”.

- O advogado abraçou a causa com fervor.
- Os povos bárbaros abraçaram o cristianismo.

⇨ **Observação:**

A forma verbal “abraçar-se” é pronominal transitiva indireta e admite as preposições “a, em, com, contra”.

- A filha se abraçou { à / com a / na / contra a } mãe.

2. Agradar

a) É transitivo direto na acepção de “acariciar, acarinhar, fazer carinho”.

- Com as mãos calosas, a mãe agradava o filho.
- Enquanto conversava, a menina agradava o seu cãozinho.

b) É transitivo indireto, exigindo a preposição “a”, na acepção de “satisfazer, contentar, fazer agrado a”.

- Parece que os bares da cidade não agradaram aos turistas.
- As palavras dele não lhe agradaram?
- “Agradava-lhe também muito a vizinhança, aquela doce quietação de subúrbio adormecido ao sol.” (Eça de Queiroz)

3. Agradecer

a) É transitivo direto quando possui objeto direto de “coisa”. Caso o objeto direto seja representado por “pessoa”, este verbo será transitivo indireto exigindo a preposição “a”.

- Agradeci imensamente aos amigos por causa da atenção que me deram.
- Nós agradecemos os presentes aos presentes à festa.
- O diretor da empresa agradeceu o auxílio que recebeu naquela hora difícil.

⇨ **Observação:**

Seguem essa mesma regência os verbos “pagar” e “perdoar”, estudados mais à frente.

4. Ajudar

a) Com o sentido essencial de “auxiliar, prestar ajuda” é transitivo direto:

- Joana sempre procurou ajudar os mais próximos da família.
- Marcos, não se preocupe, todos vieram ajudá-lo.

b) Se ao verbo “ajudar” seguir-se um infinitivo transitivo precedido da preposição “a”, regerá o verbo ajudar um objeto direto ou objeto indireto indiferentemente.

- Eu sempre { o / lhe } ajudei a comprar os produtos de que precisava.
  (comprar: infinitivo transitivo)
- Ajudaram { - nas / - lhes } a guardar as roupas limpas?
  (guardar: infinitivo transitivo)

c) Se, porém, ao verbo “ajudar” seguir-se um infinitivo intransitivo, só poderá o verbo ajudar reger objeto direto.

- Ninguém **o** ajudou a sair do buraco em que caíra.
  (sair: infinitivo intransitivo)
- Se eu **o** ajudar a viver melhor, será que ele me entenderá?
  (viver: infinitivo intransitivo)

5. Aspirar

Apresenta as seguintes regências:

a) É um verbo transitivo direto na acepção de “respirar, sorver ar, inalar.”

- Na sala, aspirava a poeira dos carpetes imundos.
- O perfume que aspiro traz-me boas recordações.
- No período junino, é bom não aspirar a fumaça das fogueiras.

b) É um verbo transitivo indireto exigindo a preposição “a” na acepção de “desejar, pretender, almejar”. Apesar de transitivo indireto, este verbo rejeita os pronomes “lhe, lhes” para o objeto indireto; aceita apenas as formas tônicas analíticas “a ele, a ela, a eles, a elas”.

- Em sua jornada, sempre aspirou **ao cargo** de gerente da empresa. = “... sempre aspirou **a ele**...”.
- A oportunidade **à qual** ele aspirava finalmente chegou.
- Jamais aspirei a estas honrarias. = “Jamais aspirei a elas”.

6. Assistir

Apresenta quatro regências distintas:

a) É verbo transitivo indireto na acepção de “ver, presenciar, estar atento a”. O objeto indireto deve vir encabeçado pela preposição “a”. À semelhança do verbo “aspirar” no sentido de “desejar”, rejeita os oblíquos “lhe, lhes” para o objeto indireto; aceita apenas as formas “a ele, a ela, a eles, a elas”.

- Nunca mais assisti a um bom jogo de futebol. = Nunca mais assisti a ele.
- A missa a que ela assistiu foi rezada pelo Pe. Paulo Campos.
- Ontem assistimos à inauguração da quadra de esportes.

⇨ **Observações:**

Este verbo, na linguagem coloquial, é quase sempre usado sem a preposição.

- Ontem eu assisti o jogo.
- Eles irão assistir os comícios em uma cidade vizinha.

Mais uma vez não se esqueça de que este verbo, para a linguagem formal – aquela exigida, por exemplo, para os concursos, as comunicações formais –, é transitivo indireto; não aceita a voz passiva e o objeto indireto de terceira pessoa deverá vir sob a forma dos pronomes “a ele, a ela, a eles, a elas”. Veja:

- A aula será à tarde. Foi ótima a alteração, pois eu vou poder assisti-**la**. (Construção errada)

Corrija-se para...

- A aula será à tarde. Foi ótima a alteração, pois eu vou poder assistir **a ela**.
- O jogo **está sendo assistido** por vários espectadores. (Construção errada. Não admite voz passiva)

Corrija-se para...

- Vários espectadores estão assistindo ao jogo.

Vale ressaltar também que os verbos “VER, OLHAR, ESPIAR, ESPREITAR, ENXERGAR, OBSERVAR” são transitivos diretos.

- Ontem eu passei a tarde inteira lhe observando. (Construção errada)

Corrija-se para...

- Ontem eu passei a tarde inteira [o / a] observando.

b) No sentido de “ajudar, prestar assistência, auxiliar, socorrer” é indistintamente verbo transitivo direto ou verbo transitivo indireto. Como transitivo indireto exige a preposição “a”.

- Durante o resgate, alguns transeuntes assistiram [os / aos] familiares das vítimas.
- Na cirurgia, ele foi assistido por um dos melhores cirurgiões da capital pernambucana.
- Deus é bom, porque assiste [às / as] viúvas.

c) Na acepção de “caber, pertencer direito ou obrigação” é um verbo transitivo indireto e exige a preposição “a”.

- Ao dono do estabelecimento não assiste o direito de reclamar dos clientes mais exigentes.
- Este é um direito que assiste a todos os consumidores. = Este é um direito que lhes assiste.
- A eles não devem assistir estas novas cláusulas.

d) No sentido de “morar, residir” (regência pouco usual), é um verbo intransitivo. Exige o acompanhamento de um adjunto adverbial encabeçado pela preposição “em”.

- Hoje já não mais assisto no bairro da Boa Vista.
- A cidade em que ele assiste fica a poucos quilômetros da capital.

7. Atender

Possui as seguintes regências:

a) Com o sentido de “dar ou prestar atenção, ser atencioso, cuidar, servir” é indistintamente transitivo direto ou transitivo indireto. Neste último caso, exige a preposição “a”.

- Ele sempre atende os / aos amigos em sua casa de praia.
- O melhor aluno da sala sempre atendia às / as explicações dos professores.
- Dr. João sempre atende o / ao telefone em seu escritório.

b) Quando significa “atentar, concentrar a atenção”, é um verbo transitivo indireto e exige as preposições “a”, “em” ou “para”.

- Faleceu porque não atendeu aos sintomas iniciais da doença.
- Ele sempre atendia para os conselhos dos mais velhos.

⇨ **Observação:**

Se o complemento desse verbo for um pronome oblíquo átono, obrigatoriamente assumirá a regência transitiva direta.

- O presidente atendeu os / aos grevistas.

Mas apenas...

- O presidente atendeu-os.
  VTD

8. Chamar

Apresenta as seguintes regências:

a) No sentido de “mandar vir, convocar” é um verbo transitivo direto.

- O diretor chamou os empregados para uma reunião de urgência.
- Os meninos, chamei-os, mas até agora não vieram.

b) No sentido de “invocar, clamar”, é um verbo transitivo indireto. O objeto indireto requer a preposição “por”.

- Nas horas difíceis, ele costuma chamar por Nossa Senhora das Dores.
- Naquele momento, chamei por Ele, e o Senhor Jesus me ouviu.

⇨ **Observação:**

Alguns autores consideram a preposição “por” como um recurso de ênfase para o objeto direto que, nesse caso, seria preposicionado. Não nos parece a melhor análise, uma vez que o sentido do verbo é diferente da primeira regência (mandar vir, convocar).

c) Já na acepção de “cognominar, apelidar, alcunhar, qualificar, tachar”, será, indistintamente, verbo transitivo direto ou verbo transitivo indireto. Vem sempre acompanhado de um predicativo do objeto que poderá ou não ser encabeçado por uma preposição. Observe as possibilidades de construção a partir de uma informação dada:

- Ninguém disse que ele é mentiroso.
  - Ninguém o chamou mentiroso.
  - Ninguém o chamou de mentiroso.
  - Ninguém lhe chamou mentiroso
  - Ninguém lhe chamou de mentiroso.
- Na reunião, chamaram-no (de) incompetente.

  OU
- Na reunião, chamaram-lhe (de) incompetente.

⇨ **Observação:**

Esta é a única regência na Língua Portuguesa (verbo “chamar” na acepção de “cognominar, apelidar, tachar”) que admite um predicativo para um objeto indireto.

9. Chegar / Ir / Dirigir-se

Esses verbos possuem regências idênticas:

No sentido de “atingir um determinado lugar, deslocar-se para” são, no padrão formal da língua, verbos intransitivos. Exigem a presença de um adjunto adverbial de lugar introduzido, obrigatoriamente, pela preposição “a”.

- Os três rapazes chegaram a casa totalmente exaustos.
- O aeroporto a que ele chegou estava com vários voos atrasados.
- Aonde devo me dirigir para obter informações?
- Todos devem ir à festa do amigo hoje à noite.

⇨ **Observações:**

Na linguagem coloquial, os verbos “chegar” e “ir” são usados com a preposição “em”. Ressalte-se que esta construção não se amolda à linguagem padrão, formal.

- Parece que ele foi no banheiro.

Corrija-se para...

- Parece que ele foi ao banheiro.

- Quando chegar em casa, tomarei um banho.

Corrija-se para...

- Quando eu chegar a casa, tomarei um banho.

No emprego diário, usa-se o verbo “ir”, indistintamente, com as preposições “a” ou “para”. Para o padrão formal da língua, entretanto, “ir a” deve ser usado quando se denota a ideia de “lá não se demorar, de não estabelecer lá a residência”. Já a regência “ir para” indica a intenção de “permanência definitiva, de estabelecer-se a residência no local”.

Assemelham-se aos verbos acima os verbos que indicam estaticidade, já que requerem a presença de adjuntos adverbiais. Entretanto, enquanto os verbos de movimento (chegar, ir, dirigir-se) pedem a preposição “a”, os verbos estáticos (morar, residir, habitar, viver etc.) exigem geralmente a preposição “em”. Observe:

- Nunca mais chegou ninguém a esta cidade. (chegar a...)
- Ele reside em uma velha casa. (residir em...)

10. Custar

Apresenta as seguintes regências:

a) No sentido de “ter preço, valor ou custo” é geralmente um verbo intransitivo. É frequente que, nesta regência, ele venha acompanhado de um adjunto adverbial de preço ou de valor.

- A casa custou vinte mil reais.
- Este candelabro custou muito.

b) É um verbo transitivo direto e indireto na acepção de “trazer como consequência, acarretar” é um verbo transitivo direto e indireto.

- A imprudência custou-lhe lágrimas amargas.
- As vitórias custaram ao time meses e meses de treinamento.

c) Já no sentido de “ser custoso, ser difícil” é um verbo transitivo indireto. O sujeito deste verbo, para o padrão formal da língua, será uma oração subordinada subjetiva, reduzida de infinitivo que poderá ou não vir precedida de uma preposição. O objeto indireto requer

a preposição “a”. Observe atentamente os exemplos:

- Os antigos custaram a aceitar que o homem foi à lua. (Construção errada)

Corrija-se para...

- **Custou** aos antigos aceitar que o homem foi à lua.
  VTI OI sujeito = oração reduzida

Corrija-se para...

- **Custa** aos alunos entender a regência deste verbo.
  VTI OI sujeito = oração reduzida

- Já pensou em quanto lhe **custaria** estudar vários anos para concurso?
  OI VTI sujeito = oração reduzida

11. Ensinar

Apresenta as seguintes regências:

a) No sentido de “educar, adestrar”, é verbo transitivo direto.

- No colégio, ele sempre ensinou as crianças pequenas.
- Quando os ensinava, fazia o que sabia de melhor.

b) No sentido de “dar instrução a, transmitir conhecimento a”, é um verbo transitivo direto e indireto; o objeto direto deverá ser “de coisa” e objeto indireto “de pessoa”. Este virá precedido pela preposição “a”.

- Sempre ensinou tudo o que sabia aos seus pupilos.
- Nas horas livres, ensinava-lhes composições clássicas.
- “O Vasques ensinava-lhe as declinações latinas, sobretudo a cartilha...” (Eça de Queiroz)

⇨ **Observação:**

Quando a coisa ensinada vem expressa por meio de um infinitivo precedido da preposição “a”, admitem-se as seguintes construções:

- Durante muito tempo, ensinou -os / -lhes a caminhar com as próprias pernas.
  infinitivo precedido da preposição “a”

12. Esquecer / Lembrar

a) Os verbos “esquecer” e “lembrar” são transitivos diretos na acepção de “sair da lembrança ou vir à lembrança” respectivamente. Nessa acepção, também podem aparecer como transitivos indiretos pronominais (esquecer-se, lembrar-se). O objeto indireto será precedido da preposição “de”.

VTD OD
- Ele ainda não **esqueceu** o acidente.

OU

VTI OI
- Ele ainda não **se esqueceu** do acidente.

VTD OD
- Não **esqueça**, meu bem, o meu amor por você.

OU

VTI OI
- Não **se esqueça**, meu bem, do meu amor por você.

VTD OD
- Ele **lembrou** o meu aniversário na última hora.

OU

VTI OI
- Ele **se lembrou** do meu aniversário na última hora.

⇨ **Observação:**

Quando transitivos indiretos pronominais, o pronome que acompanha o verbo não possui função sintática. Ele é parte integrante do verbo e acompanha o verbo em todas as conjugações.

- Jamais **nos esquecemos** dos conselhos dados por nosso pai.
- Acho que, quando vós **vos lembrardes** das ideias, já estaremos longe daqui.

b) No sentido de “cair no esquecimento” ou “vir à lembrança” estes verbos apresentam uma regência culta, literária e pouco usual. O que é objeto direto e indireto nos exemplos acima passa a ser o sujeito. Os verbos “esquecer” e “lembrar” serão usados como transitivos indiretos.

VTI OI SUJEITO

- **Esqueceram**-nos boa parte dos conselhos dados por nosso chefe. (Isto é ➡ Boa parte dos conselhos dados por nosso chefe caíram no nosso esquecimento.)

VTI OI SUJEITO

- No último instante, **lembraram**-me muitas das lições passadas pelo professor de Direito Constitucional.

> **Ufa!!** Chegamos praticamente à metade de nossa lista de verbos. Sugiro que pare um pouco. Descanse alguns minutos (alguns minutos, viu?!?!) e retorne para sua jornada. Vamos lá... mais uma vez!

13. Haver

É, sem dúvida, um dos verbos mais interessantes da língua portuguesa. Várias são as suas regências. Vejamos:

a) O verbo "HAVER" no sentido de "existir, acontecer, ocorrer, realizar-se" é transitivo direto. Não possui sujeito, devendo ficar na terceira pessoa do singular.

- Houve muitos aventureiros naquela cidade. ⇨ (Existiram muitos aventureiros...)
- Quando há tragédias, muitos setores da sociedade se mobilizam. ⇨ (Quando acontecem tragédias...)
- Tem havido muitas invasões a prédios públicos abandonados nos últimos tempos. (Locução verbal ⇨ perceba que o verbo auxiliar também se torna impessoal).
- Não pode haver honestos em terra de corruptos.
- Vai haver muitos inscritos para o Congresso de Direito de Família.
- Por ser noite, não deveria haver tantas crianças presentes no evento.

b) o verbo HAVER no sentido de "passar-se, ter decorrido (tempo)", é um verbo transitivo direto. Nesta acepção ele também é impessoal, ou seja, não possui sujeito e deve, por convenção, ficar na terceira pessoa do singular.

- Havia duas décadas que não ocorria aquele fenômeno.
- Há três horas que eu a espero.

c) O verbo HAVER é um verbo transitivo direto e indireto quando empregado no sentido de OBTER, CONSEGUIR.

- Os rapazes houveram da direção a autorização para o uso da quadra de esportes. (Leia-se: Os rapazes obtiveram / conseguiram da direção a autorização.)

- De quem houveram esses advogados aquelas terras? (Leia-se: Os advogados obtiveram / conseguiram aquelas terras de quem?)

Observe que o verbo HAVER, no caso acima e nos demais casos abaixo, flexiona-se normalmente para concordar com o seu sujeito.

d) O verbo HAVER empregado no sentido de "CONSIDERAR, JULGAR" é um verbo transitivo direto.

- A justiça não houve por verdadeira a confissão do réu. (Leia-se: A justiça não considerou...)
- Os professores haviam-no como o melhor da turma. (Leia-se: Os professores julgavam-no...)

e) O verbo HAVER-SE (pronominal) no sentido de "PORTAR-SE, PROCEDER, COMPORTAR-SE, SAIR-SE BEM OU MAL" é intransitivo. Pede acompanhamento de um adjunto adverbial de modo.

- Os candidatos não se houveram bem na prova. (Leia-se: Os candidatos não se saíram bem...)
- A filha do prefeito sempre se havia de modo inconveniente nas festas de que participava. (Leia-se: A filha do prefeito sempre se comportava de modo inconveniente...)

f) O verbo HAVER é também transitivo direto no sentido de "TER, POSSUIR".

- Hajamos paz e o mundo certamente melhorará. (Leia-se: Tenhamos paz e...)
- Se houvesses mais coragem, agirias de outra forma. (Leia-se: Se tivesses mais coragem...)

g) O verbo HAVER-SE (Pronominal) no sentido de "AJUSTAR CONTAS, ENTENDER-SE, ARRANJAR-SE" apresenta transitividade indireta – exige a preposição "com":

- Parece que ele já se houve com todos os credores. (Leia-se: Parece que ele já ajustou contas com...)
- Será complicado se tu não te houveres com aqueles que magoaste. (Leia-se: ...se tu não te entenderes...)

h) O verbo HAVER-SE (Pronominal) no sentido de "DEPARAR-SE, LIDAR, TRATAR" é transitivo indireto. Exige a preposição "com".

- Sempre que chegava ao escritório, havia-se com a secretária do presidente. (Leia-se:... lidava com...)
- Quando estagiava, havia-se com crianças excepcionais. (Leia-se: Quando estagiava, deparava-se com...)

14. Implicar

Este verbo apresenta as seguintes regências:

a) No sentido de “embirrar, ter implicância com”, é transitivo indireto. O objeto indireto exige a preposição “com”.

- Por que implicas tanto com a tua sogra?
- A pessoa com quem ele sempre implicou tornou-se seu chefe.

b) Será um verbo transitivo direto e indireto, exigindo a preposição “em” para o objeto indireto, na acepção de “envolver-se, comprometer-se, enredar-se, emaranhar-se”.

- A CPI dos bingos implicou o ex-ministro em atividades criminosas.
- Implicaram-no em negócios escusos.

c) No sentido de “ocasionar, trazer como consequência, acarretar” consolidou-se como verbo transitivo direto.

- Cuidado, pois suas atitudes podem implicar sua demissão.
- Liberdade sempre implicou responsabilidade.
- Viver sempre implicará correr riscos.

⇨ **Observação:**

Nesta acepção “ocasionar, trazer como consequência, acarretar”, a evolução trouxe uma regência nova “implicar em”, resultante da influência de verbos mais ou menos sinônimos, como “importar em”, “redundar em”, “reverter em” e “resultar em”. Além do mais, é uma tendência da língua, como já vimos, repetir (uso pleonástico) a preposição cognata do prefixo (*assistir a, depender de, empregar em, incidir em, incorrer em*). Embora seja combatida por alguns conservadores, esta regência (usando as palavras do professor Rocha Lima) “está ganhando foros de cidade na língua culta”. Logo, hoje são plenamente aceitas, como corretas, as construções abaixo:

- Sua forma de jogar implicou em sua dispensa do time.
- “... a dicionarização de um neologismo...implicará em nova ortografia para o termo enquadrado em tal caso.” (Caldas Aulete, Dic. Contemp. da Língua Portuguesa)
- “Casamento implica em responsabilidade.” (Celso Cunha, Dic. Prático de Regência Verbal)

15. Importar Eis um verbo bastante interessante, porque apresenta várias regências. Vamos estudar as principais:

a) No sentido de “fazer vir (mercadorias), trazer para dentro” é empregado como transitivo direto.

- Os noivos **importaram** óleos e essências naturais para usar durante a lua de mel.
- Neste ano, ainda pretende **importar** inúmeros objetos fabricados na China.
- No próximo ano, **importaremos** mais frutas frescas e menos carne bovina.

b) No sentido de “dar importância, fazer caso” é um verbo pronominal, transitivo indireto (importar-se) e exige comumente a preposição “com” para o seu complemento, embora as preposições “de” ou “em” também possam ser usadas.

- “... mas eu não me **importo** com isso.” (Machado de Assis)
- “Lenita, apressada, correu sem se **importar** com os ramos que lhe açoitavam.” (Júlio Ribeiro)

c) Já no sentido de “ser importante, útil ou necessário, ter importância” é empregado tanto como intransitivo quanto como transitivo indireto com a preposição “a”. Cumpre salientar que, nesse sentido, o sujeito vem geralmente posposto ao verbo; por isso é importante não o confundir com um objeto direto.

- “Que lhe **importavam** os rios? Eram grandes? Pois que fossem...” (Lima Barreto)
  VTI sujeito
- “Decerto, decerto, pouco **importa** que um visionário se diga messias e filho de Deus.” (Eça de Queiroz)
  VI sujeito
- “Isso pouco **importa**; estou agora bem satisfeita.” (Bernardo Guimarães)
  sujeito VI
- “Pouco **importavam** a ela os móveis cobertos de poeira e de fuligem das locomotivas.” (Adolfo Caminha)
  VTI sujeito

d) No sentido de “acarretar, implicar, resultar, trazer como consequência” pode hoje ser usado tanto como transitivo direto quanto como transitivo indireto com a preposição “em”. Esta última regência foi combatida por muitos puristas da língua, mas hoje se consolidou, conforme se percebe nas palavras do mestre Rui Barbosa: “Esta construção [importar em] na língua viva de hoje se estende ao sentido de acarretar.”

- “Sua imprudência **importou** em descrédito pessoal.” (Celso P. Luft – Dic. Prático de Regência)
- “Toda a restrição à publicidade **importa**, logo, em embaraço de circulação.” (Rui Barbosa)

- “Mas essa reconciliação **importava** a entrada triunfal do Cavaleiro na quieta casa do Barrolo...” (Camilo C. Branco)

e) Com o sentido de “atingir o custo de, redundar” deve ser empregado como transitivo indireto com a preposição “em” para o seu complemento.

- A construção da casa importou em vários milhões de dólares.
- “O total dos gastos importou em mil reais.” (Dic. Eletrônico Houaiss)

16. Informar (Alertar / Notificar* / Avisar* / Cientificar* / Anunciar*)*

* Seguem a mesma regência do verbo informar.

a) No sentido de “comunicar, dar esclarecimento” é geralmente usado como verbo transitivo direto e indireto. Admite as seguintes construções:

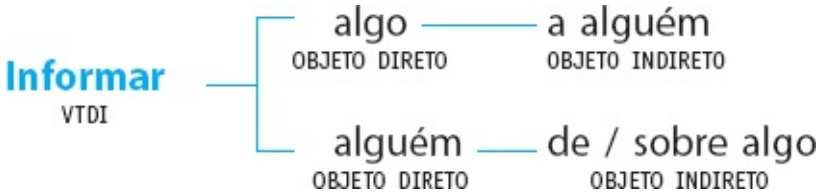

- Nós sempre os informamos sobre os problemas.

OU

- Nós sempre lhes informamos os problemas.
- Avisaram ao dono do estabelecimento ontem à noite o assalto.

OU

- Avisaram o dono — do / sobre o — assalto.
- Notificaram-lhe que a audiência será na próxima semana.

OU

- Notificaram-no de que a audiência...
- Se ele os alertasse — do / sobre o — problema, talvez não tivesse tanto prejuízo.
- “Affonso assombrou Villaça anunciando-lhe que decidira vir habitar o Ramalhete!” (Eça de Queiroz)

b) O verbo informar também pode aparecer apenas como transitivo direto na acepção de “dar informações, dar notícias”.

- Os jornais são o meio de comunicação que mais informa o público em geral.
  VTD OD

17. Namorar

a) Para a linguagem formal – mais clássica –, este verbo é transitivo direto na acepção de "cortejar, galantear, requestar". Na linguagem mais moderna, entretanto, este verbo tem se consolidado como transitivo indireto, exigindo a preposição "com" para o objeto indireto, à semelhança de "casar, noivar", conforme atestam grandes estudiosos da nossa língua, como os mestres Aurélio Buarque, Antônio Houaiss, Celso Pedro Luft e Antenor Nascentes. Ademais, o substantivo cognato "namoro" admite a preposição "com" para o seu complemento. Por isso, o verbo namorar pode ser usado, modernamente, tanto como transitivo direto quanto como transitivo indireto.

- Havia uma moça em nossa cidade que só namorava os (ou "com os") rapazes de dinheiro.
- A filha do prefeito, o Sr. Joaquim dos Santos namorou-a (ou "com ela") durante muito tempo.

⇨ **Observação:**

O verbo "casar" pode ser usado com as seguintes regências:

a) Intransitivo → Maria casou na Europa.

b) Transitivo direto → "Casa o filho quando quiseres, e a filha quando puderes." (Dito popular)

c) Transitivo indireto com a preposição "com" → Se eu pudesse, eu casaria com Lúcia.

d) Transitivo direto e indireto (pronominal), exigindo a preposição "com" → Ele deve casar-se na próxima semana com Maria Joaquina.

18. Necessitar

No sentido de "ter ou sentir necessidade" é indistintamente transitivo direto ou transitivo indireto. Neste último caso, o objeto indireto virá encabeçado pela preposição "de".

- Ele sempre necessitou da ajuda dos amigos para obter as coisas na vida.

OU

- Ele sempre necessitou a ajuda dos amigos para obter as coisas na vida.
- A ferramenta de que ele necessitou estava com um primo distante.

OU

- A ferramenta que ele precisou estava com um primo distante.

⇨ **Observação:**

No dia a dia, este verbo tem se consolidado com a regência transitiva indireta "NECESSITAR DE".

19. Obedecer / Desobedecer

Consolidaram-se em nossa Língua Portuguesa como verbos transitivos indiretos. O objeto indireto requer a preposição "a".

- Era um grande escritor, pois as palavras sempre lhe obedeciam.
- Nunca desobedeça às regras impostas por seus superiores.
- A pessoa a quem mais ele obedecia era a sua avó.

⇨ **Observação:**

Embora transitivos indiretos, esses verbos admitem a voz passiva em virtude de seus antigos regimes transitivos diretos.

- Ele era obedecido por todos na empresa.

20. Pagar / Perdoar

Esses verbos possuem uma regência bastante interessante:

a) São transitivos diretos quando o objeto direto é representado por "coisa".

b) São transitivos indiretos, exigindo a preposição "a" para o objeto indireto, quando este é representado por "pessoa".

- Sempre **paguei** os meus compromissos em dia. ➡ Sempre **os** paguei em dia.
  VTD — OD de coisa

- Jamais **perdoarei** a sua displicência. ➡ Jamais **a** perdoarei.
  VTD — OD de coisa

- Sempre **paguei** aos meus credores em dia. ➡ Sempre **lhes** paguei em dia.
  VTI — OI de pessoa

- Jamais **perdoarei** a você, Jéssica Roberta. ➡ Jamais **lhe** perdoarei, Jéssica Roberta.
  VTI — OI de pessoa

- Crimes de guerra, como posso perdoá-**los?** ⇨ Aos filhos, sempre se deve perdoar-**lhes**.

c) Também podem ser usados como transitivos diretos e indiretos.

- Jamais lhe **perdoarei** aquela falta.
  OI — VTDI — OD

- Não **pagarei** um tostão sequer àquele incompetente.
  VTDI — OD — OI

⇨ **Observações:**

a) Cuidado com esses verbos quando estiverem associados a um "SE". Observe:

- Não se **perdoam** com facilidade erros cometidos propositadamente.
  Partícula apassivadora — VTD — sujeito passivo

- Não se **perdoa** com facilidade aos trabalhadores incompetentes e irresponsáveis.
  Índice de indeterminação do sujeito — VTI — objeto indireto

- As contas que ontem pela manhã se **pagaram** já foram remetidas para a contabilidade.
  Sujeito — Partícula apassivadora — VTD

- As pessoas às quais ontem pela manhã se **pagou** deixaram a empresa hoje.
  OI — Índice de indeterminação do sujeito — VTI

b) O verbo "perdoar" admite a voz passiva.

- Eles foram perdoados pelo presidente da empresa.

21. Precisar

Este verbo apresenta duas regências:

a) No sentido de “ter precisão, carecer”, tanto pode ser transitivo direto (regência pouco usual) quanto transitivo indireto com a preposição “de”.

- Nunca mais ele precisou { dinheiro. / de dinheiro.
- Quem não tem farinha não precisa { peneira. / de peneira. (Dito popular).
- Os livros { que / de que ele precisava foram emprestados ao filho do Sr. Rubião.

b) É um verbo transitivo direto na acepção de “marcar com precisão, estipular tempo”.

- Os noivos ainda não precisaram a data do casamento.
- O Banco Central ainda não precisou o montante de dinheiro roubado pelos ladrões.

22. Preferir

Apresenta as seguintes regências:

a) Na acepção de “dar preferência ou primazia a, gostar mais de, escolher ou querer antes” é transitivo direto e indireto, exige a preposição “a”. Neste sentido, não admite a presença dos termos intensificadores “mais... (do) que...”, por exemplo, já que a própria semântica do verbo, por si só, já indica essa intensificação.

- Aos domingos, Sr. João preferia ficar em casa a ir ao shopping com a família.
- Ele sempre prefere laranja a maçã para o café da manhã.

OU

- Ele sempre prefere a laranja à maçã...
- Quando se trata de estudo, prefiro o dia à noite para fazer qualquer curso.
- Eu prefiro que critiquem a que se mantenham calados, inertes e indiferentes.

⇨ **Observação:**

As construções abaixo são consideradas erradas pela gramática normativa, embora sejam bastante usuais na linguagem cotidiana.

- Prefiro antes comer frutas a beber suco.
- Preferia muito mais estudar do que trabalhar.
- Ele prefere mil vezes arroz com feijão do que macarronada.
- Ele deve preferir correr do que nadar nos finais de semana.

b) Esse verbo também pode ser usado unicamente como transitivo direto também na acepção de “optar, escolher”.

- Entre arroz e macarrão, já disse que prefiro macarrão.
- Ele prefere que todos fiquem até o final da festa.

23. Proceder

Apresenta as seguintes regências:

a) É um verbo intransitivo no sentido de “ter fundamento, mostrar-se verdadeiro”.

- Todas as acusações dela não procediam.
- Como o boato não procedesse, ele foi desconsiderado por todos.

b) É intransitivo na acepção de “comportar-se, portar-se, conduzir-se”. Sempre virá acompanhado de um adjunto adverbial de modo.

- A filha do prefeito não procedeu bem na festa.
- Sr. Joaquim sempre procede com honestidade.

c) É também intransitivo no sentido de “originar-se, provir, derivar”. É sempre acompanhado de um adjunto adverbial de lugar.

- De onde o amigo procede?
- A língua portuguesa procede do latim.

d) É um verbo transitivo indireto, exigindo a preposição “a”, quando empregado no sentido de “dar início, principiar, começar, realizar.”

- O TRE procedeu aos trabalhos de apuração dos votos às 17h.
- O inquérito policial a que ele procedeu perfez 500 páginas.
- A professora procedeu à chamada dos alunos às 14h.

Cuidado com esta última regência do verbo proceder. Observe:

Partícula apassivadora

- **Iniciaram**-se os trabalhos de apuração dos votos.
  VTD — sujeito passivo

Mas...

Índice de indeterminação do sujeito

- **Procedeu**-se aos trabalhos de apuração dos votos.
  VTI — objeto indireto

24. Querer

Apresenta duas regências bastante comuns:

a) No sentido de “ter, possuir, desejar, pretender” é empregado como transitivo direto.

- Ele sempre quis um carro do ano e finalmente conseguiu.
- Manoel sempre queria uma oportunidade a mais, mas não lhe davam.
- Os patrões sempre a queriam de bom humor.

b) É um verbo transitivo indireto, exigindo a preposição “a”, no sentido de “amar, gostar de, ter afeto”.

- Ele tinha uma filha a quem muito queria.
- Eu muito lhe quero, minha mãe.
- Eu quero muito bem àquela moça.

25. Responder

Destacam-se as seguintes regências:

a) É transitivo direto e indireto no sentido de responder alguma coisa a alguém:

- Ao ser questionado, respondeu-lhes que aceitaria o contrato sem problemas.
- O professor certamente responderá aos alunos as eventuais dúvidas.
- “Quando perguntei por que motivo ninguém o via há um mês, respondeu-me que estava passando por uma transformação.” (Machado de Assis)

b) É transitivo indireto no sentido de dar a resposta, de responder a uma carta, a uma pergunta, a um questionário etc. Neste caso, exigirá a preposição “a”.

- Responde a todas as perguntas por mais difíceis que sejam.

- Fez-me uma série de perguntas a que não sei responder.
- “Começou São Domingos a levantar as questões, e o demônio ponto por ponto a responder a elas.” (Pe. Antônio Vieira)

26. Simpatizar / Antipatizar

Esses verbos apresentam regências idênticas.

São verbos transitivos indiretos e exigem preposição “com”, significando “ter ou sentir simpatia, agradar-se”. Não são pronominais. Veja:

- Durante muito tempo, ele não simpatizou com o seu chefe.
- A pessoa com quem ele antipatizava foi transferida para outra empresa.
- Se eu simpatizasse com todos os alunos, seria uma professora mais alegre, mais verdadeira.

⇨ **Observação:**

As construções abaixo são inadmissíveis para o padrão formal, porque tais verbos não são pronominais.

- Ele não se simpatizou com os colegas. (Errado)
- Eu me antipatizei logo com ela. (Errado)

27. Suceder

É um verbo pouco usado, que possui duas regências distintas:

a) É intransitivo no sentido de “ocorrer, acontecer, realizar-se”.

- Durante a festa, sucedeu uma tremenda tromba d’água.
- Sucedeu que o novo governo não baixou os juros como era esperado.

b) É um verbo transitivo indireto na acepção de “seguir-se, sobrevir”. Exige a preposição “a” para o objeto indireto.

- João sucedeu a Paulo na direção da empresa.
- Ao labor sucede o descanso.
- O dia sucede à noite.

28. Visar

É um verbo que apresenta várias regências. Veja:

a) É transitivo direto no sentido de “mirar, olhar para”.

- Vise bem o alvo antes de atirar.
- A caça, visei-a com toda a minha precisão.

b) É também um verbo transitivo direto no sentido de “rubricar, pôr o visto”.

- No banco, o gerente costumava não visar os cheques de terceiros.
- A diretora visou os diplomas de todos os formandos.

c) Já no sentido de “desejar, pretender, ter em vista” é largamente usado como transitivo indireto, exigindo a preposição “a”. Como transitivo indireto, rejeita os pronomes “lhe, lhes” para o objeto indireto. Aceita apenas as formas analíticas tônicas “a ele, a ela, a eles, a elas”. Entretanto, nesse sentido (“desejar, pretender, ter em vista”) também pode ser empregado como transitivo direto, embora poucas referências se façam a esta última regência.

- Ele visou acima de tudo — o / ao — bem de todos os presentes.
- O que eles sempre visaram é o crescimento da empresa.

OU

- Aquilo a que eles sempre visaram é...
- O cargo — que / a que — ele sempre visou foi preenchido por outro empregado.
- O presidente não visava — ∅ / a — outro interesse que não fosse o lucro da empresa.

⇨ **Observação:**

Quando o complemento do verbo “visar” é formado por uma oração reduzida de infinitivo é frequente a supressão da preposição. Veja:

- O contra-ataque visava derrubar as primeiras linhas do exército inimigo.
- Sempre visei alcançar objetivos difíceis para a maioria do povo.

Observação final em relação à regência verbal: Lembre-se de que há uma série de

verbos na língua portuguesa que podem ser usados indistintamente como transitivos diretos ou transitivos indiretos sem que isso traga alterações de sentido. Abaixo listamos alguns desses verbos:

a) ABDICAR
- VTD = Ele abdicou o trono em 1890.
- VTI "de" = Ele abdicou do trono em 1890.

b) ALMEJAR
- VTD = Sempre almejou a vaga de gerente.
- VTI "por" = Sempre almejou pela vaga de gerente.

c) ANSIAR
- VTD = Ele anseia a volta do filho.
- VTI "por" = Ele anseia pela volta do filho.

d) ATENDER
- VTD = Ele já atendeu os clientes.
- VTI "a" = Ele já atendeu aos clientes.

e) CONSENTIR
- VTD = Eles consentiram a volta do aluno para a sala.
- VTI "em" = Eles consentiram na volta do aluno para a sala.

f) DEPARAR
- VTD = Deparamos uma bela paisagem em nosso passeio.
- VTI "com" = Deparamos com uma bela paisagem em nosso passeio.

g) GOZAR
- VTD = Todos devem gozar os seus direitos.
- VTI "de" = Todos devem gozar de seus direitos.

h) PRESIDIR
- VTD = Ele presidirá o encontro.
- VTI "a" = Ele presidirá ao encontro.

i) RENUNCIAR
- VTD = Ele renunciou o cargo de diretor.
- VTI "a" = Ele renunciou ao cargo de diretor.

j) SATISFAZER
- VTD = Ele satisfez as exigências.
- VTI "a" = Ele satisfez às exigências.

Outros exemplos:

- "... aquele ente atrofiado pela cobiça e que parecia ter **abdicado** dos seus privilégios e

sentimentos de homem...” (Aluísio Azevedo)

- “A República sonhadora do Pacífico abandona, de improviso, os compromissos oriundos da sua existência autônoma e, **abdicando** a própria altitude política, volve, às recuadas, aos tempos em que ainda não existia.” (Euclides da Cunha)
- “Subiu rápido a encosta de onde Roderico **atendia** aos sucessos da batalha.” (A. Herculano)
- “Levou a carta do Coronel Carvalho ao deputado, que o **atendeu** muito bem.” (Lima Barreto)
- “Mas o fato é que aí estava, que não dormia, e que, pela primeira vez, nos sessenta e sete anos de sua palrada existência, **consentiu** em estar em cena como pessoa muda.” (A. Garret)
- “Sofia não **consentiu** que ela as trouxesse.” (Machado de Assis)
- “Ó tu, que à mocidade sonhadora
  Do pálido poeta deste flores...
  Se vivi... foi por ti! e de esperança
  De na vida **gozar** de teus amores.” (A. de Azevedo)
- “... muito pálida, muito séria, com uma crueldade a reluzir-lhe nos olhos, **gozando** uma alegria de desforra em fustigar aquela carne gorda.” (Eça de Queiroz)
- “Outra ocasião **deparou** com o retrato da *cuja.* – “Sim senhor: uma mulher esplêndida! O Luís tinha gosto para mulheres...” (A. Caminha)
- “Além dos serventes de repartições, contínuos de escritórios, podemos **deparar** velhas fabricantes de rendas de bilros, compradores de garrafas vazias...” (Lima Barreto)
- “Enquanto deliberava o parlamento, e era possível conquistar o poder sem compromissos, e **presidir** as eleições gerais sem indisposições, ninguém lhe devassou o sigilo.” (Rui Barbosa)
- “... outro **preside**, em 1850, ao festim oferecido aos comissários da exposição de 1851, ou à iniciação dos trabalhos de edificação da *Galeria Nacional* em Edimburgo...” (Rui Barbosa)
- “... era também agradecer o restabelecimento de minha mãe, e, visto que digo tudo, fazê-lo **renunciar** ao pagamento da minha promessa.” (Machado de Assis)
- “... os grandes desprezando as riquezas e vaidades do Mundo; os reis **renunciando** os ceptros e as coroas;...” (Pe. António Vieira)
- “Bentinho há de **satisfazer** os desejos de sua mãe e depois a igreja brasileira tem altos destinos.” (Machado de Assis)
- “Entretanto vamos **satisfazer** ao leitor, que há de talvez ter curiosidade de saber onde se meteu o pequeno.” (Manuel A. de Almeida)

Ufa!! Misericórdia!! Chegamos ao final do assunto “Regência Verbal”. Cansativo, não!!?? Mantenha a calma! E não desanime, pois ainda vamos estudar a regência de alguns nomes. Não se desespere! Lembre-se de que o conhecimento

vem aos poucos, mas sempre chega para os persistentes. Leia a relação abaixo mais de uma vez e parta para a resolução dos exercícios. Prossigamos!

6.3 REGÊNCIA NOMINAL

A regência nominal estuda as relações de dependência estabelecidas entre os nomes e os seus complementos. O termo que completa um nome é, por isso, denominado de "complemento nominal".

A complementação de um nome é sempre intermediada por uma preposição. Alguns nomes chegam a aceitar mais de uma preposição, como se verá.

Segue uma lista de substantivos e adjetivos com as respectivas regências:

Acessível **a**	difícil **de**	medo **a, de**
Acostumado **a, com**	digno **de**	misericordioso **com, para como**
Adaptado **a**	entendido **em**	natural **de**
Afável **a, com, para com**	equivalente **a**	necessário **a**
Aflito **com, por**	erudito **em**	negligente **em**
Agradável **a**	escasso **de**	nocivo **a**
Alheio **a, de**	essencial **a**	nocivo **a**
Alienado **de**	estranho **a**	ojeriza **a, por, contra**
Alusão **a**	fácil **de**	paralelo **a**
Amante **de**	falha **de, em**	parco **em, de**
Ambicioso **de**	falta **de**	passível **de**
Analogia **com, entre**	favorável **a**	perito **em**
Análogo **a**	fiel **a**	permissivo **a**
Ansioso **de, para, por**	firme **em**	perpendicular **a**
Apto **a, para**	generoso **com**	pertinaz **em**
Atento **a, em**	grato **a**	possível **de**
Aversão **a, para, por**	hábil **em**	possuído **de**
Ávido **de, por**	habituado **a**	posterior **a**
Benéfico **a**	horror **a**	preferível **a**
Capaz **de, para**	hostil **a**	prejudicial **a**
Certo **de**	idêntico **a**	prestes **a, para**

Compatível **com**	imbuído **em, de**	propenso **a, para**
Compreensível **a**	impossível **de**	propício **a**
Comum **a, de**	impróprio **para**	próximo **a, de**
Constante **de, em**	imune **a, de**	relacionado **com**
Constituído **de, por, com**	incompatível **com**	residente **em**
Contemporâneo **a, de**	inconsequente **com**	responsável **por**
Contíguo **a**	indeciso **em**	rico **de, em**
Contrário **a**	independente **de, em**	seguro **de, em**
Cuidadoso **com**	indiferente **a**	semelhante **a**
Curioso **de, a**	indigno **de**	sensível **a**
Desatento **a**	inepto **para**	sito **em, entre**
Descontente **com**	inerente **a**	suspeito **de, a**
Desejoso **de**	inexorável **a**	transversal **a**
Desfavorável **a**	leal **a**	útil **a, para**
Devoto **a, de**	lento **em**	versado **em**
Diferente **de**	liberal **com**	vizinho **a, de, com**

6.4 O EMPREGO DOS PRONOMES RELATIVOS E AS REGÊNCIAS VERBAL E NOMINAL

Um dos tópicos que mais assustam o estudante da Língua Portuguesa é o emprego dos pronomes relativos. Como se sabe, o pronome relativo substitui um termo da oração, evitando, assim, a repetição enfadonha de vocábulos. No entanto, um problema surge: dependendo da regência do verbo ou do nome com que se esteja trabalhando, o pronome relativo que encabeça a oração adjetiva virá precedido ou não de uma preposição. Logo, estruturas como...

- Os filmes a cujas estreias ele se referiu ontem foram indicados para o Oscar.
- O médico em quem ele mais confia viajou para Europa.
- A ponte sob a qual corriam águas poluídas era pênsil.
- Trouxe as frutas de que ele mais gosta.

...causam espanto e muitas vezes indignação a muitos estudantes do português.

Desconhecem, muitas vezes, nossos “aventureiros” do conhecimento que essas

construções esdrúxulas nasceram justamente em virtude de uma regência verbal ou nominal.

> Sugiro que você releia e correlacione este assunto com as funções sintáticas dos pronomes relativos.

Antes de darmos mais um passo, relacionarei abaixo os usos dos pronomes relativos. Leia atentamente antes de prosseguir neste ponto.

1. Que ⇨ É denominado de "relativo universal", porque se refere tanto a coisas quanto a pessoas. Seus equivalentes variáveis são "a qual, o qual, as quais, os quais". O relativo "que" só deve ser substituído por outro relativo em casos específicos.
2. Quem ⇨ É denominado de "relativo personativo", pois só se refere a pessoas. Sempre virá precedido de uma preposição.
3. Onde ⇨ É denominado de "relativo locativo", pois só é utilizado para retomar e substituir termos que contenham a noção de "lugar". Equivale a "em que" e variações (na qual, no qual, nas quais, nos quais).
4. O qual, a qual, os quais, as quais ⇨ São os relativos que possuem as variações em gênero e número correspondentes ao pronome relativo "que". Esses relativos devem obrigatoriamente substituir o "que" quando este provocar ambiguidade, for precedido por uma preposição com mais de uma sílaba ou for eufonicamente melhor.
5. Cujo, cuja, cujos, cujas ⇨ São relativos utilizados para substituir termos que expressam noção de posse. Equivalem a "do qual, da qual, dos quais, das quais, seu, sua, seus, suas, dele, dela, deles, delas). Eles retomam um termo antecedente, mas concordam em gênero e número com o substantivo consequente (ou posposto). Não admitem a posposição de artigo e sempre exercem a função sintática de adjunto adnominal.
6. Quanto, quanta, quantos, quantas ⇨ Estas palavras só serão consideradas pronomes relativos quando vierem antecedidas por um dos seguintes pronomes indefinidos "tudo, todo (a), todos (as)":

Continuemos...

Vamos, para facilitar o entendimento, iniciar o nosso estudo construindo períodos compostos por subordinação a partir de dois períodos simples. Não podemos nos esquecer, entretanto, de que se algum nome, verbo ou termo da oração adjetiva (introduzida pelo pronome relativo) exigir preposição, esta será deslocada para preceder o pronome relativo. Veja:

1. Ele viu um homem. ~~O homem~~ tinha cabelos totalmente brancos.
QUE / O QUAL

Junção dos períodos: Ele viu um homem que tinha cabelos totalmente brancos.

Perceba que o pronome relativo entra no lugar do termo que ele substitui. O artigo não interessa para os pronomes relativos.

2. Ele mora na cidade. Ele trabalha ~~na cidade~~.
ONDE

Junção dos períodos: Ele mora na cidade **onde** trabalha.

Observe que todo o termo “na cidade” foi absorvido pelo pronome relativo “onde”. Nessa frase, também estariam corretas as formas “em que” ou “na qual”.

3. Comprei um livro. As páginas ~~do livro~~ são todas amarelas.
CUJAS

Junção dos períodos: Comprei um livro **cujas** páginas são todas amarelas.

Observe que o relativo “cujas” substitui toda a relação de posse “do livro”. A relação de posse está presa ao substantivo “páginas” que vem antecedido apenas por um artigo, o qual é dispensado pelo relativo.

Observe:

Não se esqueça de que os relativos “cujo, cuja, cujos, cujas” não admitem a posposição de um artigo.

- Comprei um livro cujas **as** páginas são todas amarelas. (Errado)

4. Pedi o prato. Eu gosto muito do ~~prato.~~
DE + ~~O~~ QUE

Junção dos períodos: Pedi o prato de que mais gosto.

Perceba que neste exemplo a preposição “de” obrigatoriamente antecederá o pronome relativo porque ela faz parte da regência do verbo “gostar”.

5. A pessoa é o meu pai. Eu dependo muito ~~da pessoa~~.
DE + ~~A~~ QUEM

Junção dos períodos: A pessoa **de quem** mais dependo é meu pai.

A preposição do verbo “depender” acompanhará o pronome relativo.

CONTRA

6. O deputado viajou para a Europa. Eu votei contra ~~as~~ ideias ~~do deputado~~ na última eleição.
CUJAS

Junção dos períodos: O deputado, contra cujas ideias eu votei na última eleição, viajou para a Europa.

A preposição “contra”, solicitada pelo verbo “votar” antecede o pronome relativo.

7. A missa foi ministrada pelo Pe. João. Eu assisti ~~à missa~~.

A + ~~A~~ – QUE ou A QUAL

Junção dos períodos: A missa [a que / à qual] eu assisti foi ministrada pelo Pe. João.

8. Encontrei uma mochila velha. Havia cinco moedas de ouro ~~no~~ bolso ~~da mochila velha~~.

EM + ~~O~~ CUJO

Junção dos períodos: Encontrei uma mochila velha em cujo bolso havia cinco moedas de ouro.

9. A estrada foi interditada pela Defesa Social. Nós íamos passar ~~pela estrada~~ em nossa viagem.

POR + QUE

Junção dos períodos: A estrada, por que nós íamos passar em nossa viagem, foi interditada pela Defesa Social.

10. O juiz foi destituído do cargo. Aquele garoto havia ficado sob a tutela ~~do juiz.~~

SOB CUJA

Junção dos períodos: O juiz, sob cuja tutela aquele garoto havia ficado, foi destituído do cargo.

Não se pode esquecer de que a preposição que é solicitada pela regência de um verbo ou de um nome não pode ser retirada da estrutura oracional. Nos casos acima, a preposição precederá o pronome relativo.

Observe agora alguns **erros** – e suas devidas correções – em construções com os pronomes relativos:

a) A atleta norte-americana, cujo nome o autor não se lembrou, acabou sofrendo um ataque cardíaco.

O verbo "lembrar-se" exige a preposição "de".

A atleta norte-americana, de cujo nome o autor não se lembrou,....

b) A revelação proporcionou-lhe reflexões profundas através das quais compôs uma argumentação interessante.

Observe que ele compôs uma argumentação "com" as reflexões.

A revelação proporcionou-lhe reflexões profundas com as quais compôs uma argumentação interessante.

) As notícias de que ele fez referências transtornaram aquela pequena cidadezinha do interior.

> Perceba que quem "faz referências" sempre as faz "a" alguém.

As notícias a que ele fez referências....

) As peças teatrais que ele ontem assistiu transformaram-lhe o modo de pensar.

> O verbo "assistir" exige a preposição "a" neste sentido.

As peças teatrais a que (ou "às quais") ele ontem assistiu....

) Para Hans Kelsen, de onde se citam vários exemplos, a norma jurídica é o objeto de estudo do Direito.

> O antecedente do pronome relativo "onde" não é um "lugar", mas um nome personativo. Só se emprega o "onde" relativo em referência a lugar.

Para Hans Kelsen, de quem (ou "do qual") se citam vários exemplos,....

) Não falta aos juristas, a quem contamos para a proposição de leis, conhecimento técnico.

> O pronome relativo está bem empregado, porém a conjunção que o antecede é inadequada, uma vez que o verbo "contar" exige, neste contexto, a preposição "com".

Não falta aos jurista, com quem contamos para a proposição de leis,....

) A desonestidade e o egoísmo são defeitos de cujos nenhum contraventor se envergonha.

> Emprego inadequado do relativo "cujos", já que não há na estrutura uma relação de "posse". A preposição está correta, pois é solicitada pelo verbo "envergonhar-se".

A desonestidade e o egoísmo são defeitos de que (ou "dos quais") nenhum....

) As fogueiras de que todos testemunhamos nos noticiários da TV constituem um sinal a

quem ninguém pode ser insensível.

Duas orações adjetivas com problemas em suas construções. Na primeira, inexiste a preposição "de" antecedendo o relativo "que", porquanto o verbo "testemunhar" é transitivo direto. Na segunda, emprega-se inadequadamente o relativo "quem" sem antecedente personativo.

As fogueiras que (ou "as quais") todos testemunhamos nos noticiários da TV constituem um sinal a que (ou "ao qual") ninguém pode ser insensível.

6.5 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

Regências Verbal e Nominal

1. (FCC) A frase em que a regência está totalmente de acordo com o padrão culto é:

a) Esperavam encontrar todos os documentos que os estudiosos se apoiaram para descrever a viagem de Colombo.
b) Estavam cientes de que teriam muito a fazer para conseguir os registros de que dependiam.
c) Encontraram-se referências à coerção que marinheiros mais experientes faziam contra os mais novos que trabalhassem mais arduamente.
d) Foram informados que esboços da inóspita região circundada com imensas pedras podiam ser consultados.
e) Havia registro de uma insatisfação em que os insurretos às atitudes arbitrárias de um navegante foram impedidos de lhe inquirir.

2. (FCC) Desde que passou a gozar de um prestígio absoluto, o fator velocidade impôs-se como parâmetro das ações humanas, sobrepondo-se a qualquer outro critério.

Substituem de modo adequado as expressões sublinhadas, respectivamente e sem prejuízo para o sentido da frase acima:

a) desfrutar de um – investiu como – destituindo a
b) a alçar-se num – investiu-se a um – preterindo
c) firmar-se como – determinou-se como – corroborando a
d) favorecer-se de um – consagrou-se a um – eximindo-se de
e) desfrutar de um – firmou-se como – sobrepujando

3. (FCC) *A crescente demanda por produtos agropecuários ...*

Reproduz-se o mesmo tipo de regência que organiza o segmento assinalado acima no

trecho também grifado em:

a) *Produzir mais a custos menores ...*
b) *Nos últimos dez anos ...*
c) *Tal desempenho foi considerado inviável ou impossível ...*
d) *Havendo limitada disponibilidade de recursos ...*
e) *O setor agropecuário era estático ...*

4. (FCC) Está correta a forma de **ambos** os elementos sublinhados na frase:

a) Ela não nos disse por que razão tornou-se uma otimista; e se ela tornar ao seu pessimismo, será que nos explicará por quê ?
b) A razão porque muitos se tornam pessimistas está no mundo violento de hoje; por quê outra razão haveriam de se desenganar?
c) "Por que sim": eis como respondem os mais impacientes, quando lhes perguntamos porque, de repente, se tornaram otimistas.
d) Sem mais nem porquê, ele passou a ver o mundo com outros olhos, dizendo que isso aconteceu por que encontrara a verdade na religião.
e) Não sei o por quê do seu pessimismo; porque você não me explica?

5. (FCC) O **New York Times** publicou uma galeria de rostos e nomes, expôs rostos e nomes ao longo de vários números, evocou esses rostos e nomes para que o público não olvidasse esses nomes e rostos.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo- se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) expôs a eles - evocou-lhes - lhes olvidasse
b) expô-los - evocou a eles - olvidasse-os.
c) expôs-lhes - evocou-os - os olvidasse
d) expôs eles - evocou-lhes - olvidasse eles
e) expô-los - evocou-os - os olvidasse

6. (FGV) Assinale a alternativa em que a regência verbal não siga o padrão culto de linguagem.

a) A inscrição no concurso implica a aceitação das normas do edital.
b) Todos os servidores devem obedecer às leis que os regem.
c) Preferiu a poltrona à cadeira.
d) Eu avisei-lhes da necessidade de se revisar o documento.
e) Eles anuíram à decisão.

7. (FCC) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:

a) Há em nosso mundo paisagens belas, em cujas faz bem pousar os olhos.
b) São belas paisagens, cuja sedução nos leva a contemplá-las.
c) Há paisagens aonde nosso olhar se demora prazerosamente.
d) São belezas de um tempo onde o homem não tinha tanta pressa.
e) A reação de que toda beleza nos impõe é a calma da contemplação.

8. (FCC – Metrô/SP – Supervisor de Linha) Ao final do ano vêm as frustrações e, já que não podemos evitar as frustrações, descarregamos essas frustrações nas costas dos outros, atribuindo aos outros a responsabilidade por nossa decepção.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, respectivamente, por:

a) podemos evitar-lhe − descarregamos elas – atribuindo-lhes
b) as podemos evitar – as descarregamos – atribuindo-os
c) as podemos evitar – descarregamo-las – atribuindo-lhes
d) podemos evitá-las – descarregamos-lhes – lhes atribuindo
e) podemos as evitar – as descarregamos – lhes atribuindo

9. (FCC) Está correto o emprego de **ambas** as expressões sublinhadas em:

a) As áreas aonde os homens se concentravam exibiam edifícios em cujos não havia arejamento.
b) Em cortiços de cimento, a que faltavam espaço e arejamento, comprimiam-se milhões de indivíduos para quem a natureza parecia representar uma ameaça.
c) Esse texto, de cujo o autor era também poeta, promove um típico exercício de imaginação em que muitos autores de ficção são tentados.
d) Os mistérios porque somos atraídos na ficção costumam impressionar os leitores em cujos também não falta a liberdade da imaginação.
e) Os espaços urbanos pelos quais se espanta o imaginário narrador seriam testemunho de uma civilização à qual eram frouxos os laços com a natureza.

10. (FCC) Considere as seguintes frases:

I. É muito restritivo o aspecto da "razoabilidade" dos sonhos, de que o autor do texto analisa no segundo parágrafo.

II. Talvez um dos "dragões" a que se deva dar combate em nossos dias seja o império dos interesses materiais.

III. Os sonhos em cuja perseguição efetivamente nos lançamos podem transformar-se em conquistas objetivas.

Está correto o emprego do elemento sublinhado APENAS em

a) I.
b) II.
c) III.
d) II e III.
e) I e III.

11. (FCC) Devaneios, quem não tem devaneios? Têm devaneios as crianças e os jovens, dão aos devaneios menos crédito os adultos, mas é impossível abolir os devaneios completamente.

Evitam-se as indesejáveis repetições da frase acima substituindo- se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) os tem - Têm-lhes - dão-lhes - abolir-lhes
b) tem eles - Têm-nos - dão-lhes - abolir-lhes
c) os tem - Têm eles - dão-nos - aboli-los
d) tem a eles - Os têm - dão a eles - abolir a eles
e) os tem - Têm-nos - dão-lhes - aboli-los

12. (FCC) Se há iniciativa e astúcia na ação do homem injusto, não há iniciativa e astúcia no bom cidadão que, apesar de indignado, não confere à iniciativa e à astúcia o mesmo valor que o mau reconhece na iniciativa e na astúcia.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os segmentos sublinhados por, respectivamente,

a) há elas - não as confere - reconhece nelas.
b) as há - não lhes confere - nelas reconhece.
c) as há - não confere-lhes - as reconhece.
d) há as mesmas - não lhes confere - reconhece-lhes.
e) há estas - não as confere - nelas reconhece.

13. (FCC) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:

a) A relação significativa cuja se demonstrou na pesquisa se dá entre o comportamento violento e a audiência à TV.
b) A insubordinação básica em que se refere o autor do texto derivaria da insatisfação dos nossos recalcados desejos.
c) A invenção moderna mais astuciosa, de cujos efeitos trata o autor do texto, teria sido não a do cinema, mas a da TV.
d) O hábito do **zapping**, com cujo nos acostumamos, é um dos responsáveis pela abertura rápida de janelas sobre o nosso devaneio.

e) A conclusão de que nossa sala é uma jaula, com que chegou o autor do texto, não deixa de ser bastante provocadora e radical.

14. (FGV) Em *Você se lembra do rosto dela naquele instante?*, obedeceu-se às regras de regência verbal.

Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.

a) Prefiro questões de gramática do que de interpretação.
b) Aspiraram à vaga de piloto da companhia aérea.
c) Os médicos assistiram o paciente.
d) Perdoamos-lhes as dívidas.
e) Pagaram-lhe bem.

15. (FCC) Está correto o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

a) Essa tendência obsessiva, cujo o preço é alto, consome muito dinheiro, além de inspirar um tipo de comportamento que o ridículo é frequente.
b) Essa obsessão é uma prática a que ninguém deveria se orgulhar, embora haja cada vez mais gente que dela se submeta.
c) É a frase de uma época onde os valores tendiam ao equilíbrio e à permanência, ao contrário da nossa, onde tudo é transitório.
d) Custam caro esses produtos e serviços, de cujos dependem os que vivem obcecados ao compromisso de atingirem a perfeição da forma física.
e) O quadro em que o valor da atividade intelectual se encontra em declínio é o mesmo em cujos estreitos limites impera a exaltação absoluta do corpo.

GABARITO

1 – B	2 – E	3 – D
4 – A	5 – E	6 – D
7 – B	8 – C	9 – B
10 – D	11 – E	12 – B
13 – C	14 – A	15 – E

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 7

EMPREGO DO ACENTO GRAVE – CRASE

Em primeiro lugar, espero que você tenha feito bons estudos sobre o assunto "Regência". Espero também que tenha absorvido o "porquê" do assunto. Aconselho que, se possível, dê uma rápida olhada – novamente – nas regências dos principais verbos e nomes; afinal, o assunto que passaremos a abordar está diretamente relacionado à regência verbal e nominal. Caso você ainda não tenha estudado "regência", sugiro que o faça antes de iniciar o conteúdo abaixo. Vamos lá!

Primeiramente, convém não confundir o acento grave com a crase. Esta é fenômeno, ocorrência, fusão, contração, junção; já aquele é o índice, o acento com o qual se marca a existência da crase.

Crase, portanto, é a junção, a contração, a fusão de duas vogais idênticas. Na Língua Portuguesa, restringiu-se o termo à contração, à junção ou à fusão de dois "as", os quais serão representados por um único "a" sobre o qual se coloca o acento grave (`). Isso geralmente ocorre em função da contração, da junção, da fusão da:

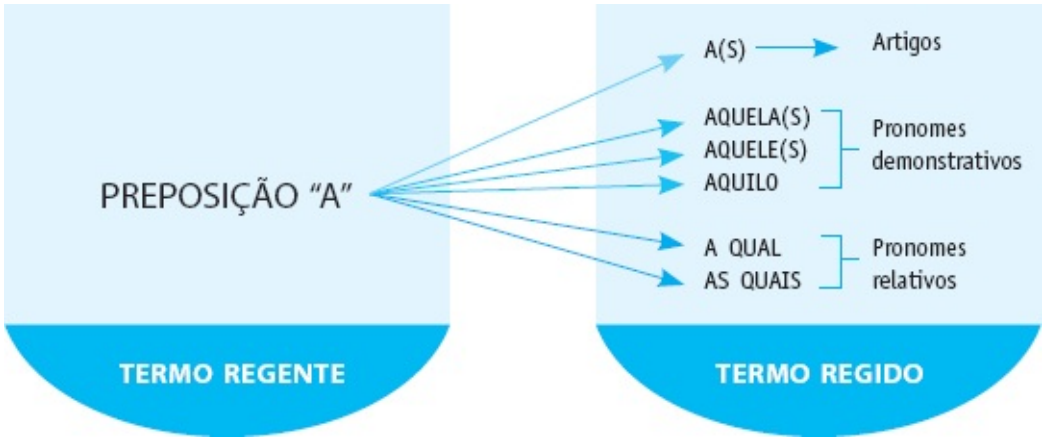

Observe os primeiros exemplos:

- Nunca mais eles se dirigiram à diretoria para fazer reclamações.
  dirigir-se a + a

- Devido à ocorrência de um sinistro, ele não pôde renovar o seguro.
  devido a + a

- O diretor da empresa fez referências àqueles funcionários que não batiam o ponto na hora certa.
  referências a + aqueles

- Eles assistiam àquilo sem nenhuma reação.
  assistir a + aquilo

- A pequena cidade, à qual eles chegaram ontem à noite, fica a cerca de 525 Km da capital pernambucana.
  chegar a + a qual

Após essas primeiras considerações, chegamos a duas importantes conclusões:

1.ª ⇨ À exceção dos demonstrativos "aquele, aqueles", os quais acompanham termos masculinos, só haverá crase diante de nomes femininos. Esta, inclusive, é a principal regra: receberão o acento grave os nomes femininos determinados, cujos termos regentes exijam a preposição "a".

- Todas as crianças voltaram à piscina.
  voltar a + a piscina

- Ninguém deveria ser insensível à dor alheia.
  insensível a + a dor

- É imprescindível aliar-se a teoria à prática.
  aliar-se algo a + a prática

- Ele procedeu à instauração do inquérito imediatamente.
  proceder a + a instauração

2.ª ⇨ Como os artigos e os pronomes demonstrativos exercem geralmente a função de determinantes, só haverá crase diante de um termo determinado, especificado. Portanto, não confunda:

- Ele nunca foi
  - a escola. ➖ Qualquer escola.
    (substantivo empregado em sentido geral e abstrato)
  - à escola. ➖ Ele não foi àquela escola.
    (substantivo determinado, especificado)

- É um bom funcionário, mas não vai
  - a reunião. ➡ Não vai a nenhuma reunião.
  - à reunião. ➡ Não vai àquela reunião.
- Ele sempre se empenhou no combate
  - a fome. ➡ Qualquer fome; inespecífica, indefinida (sentido geral)
  - à fome. ➡ No combate àquela fome (específica, determinada)
- Todos os brasileiros têm direito
  - a saúde, a educação, a moradia. (Substantivos sem determinante)
  - à saúde, à educação, à moradia. (Substantivos determinados)

⇨ **Observação:**

Nos casos acima, só o contexto em que a expressão se encontra é que poderá nos dizer se a palavra está ou não empregada com o sentido "genérico" ou com o sentido "específico".

Nesses quatro últimos exemplos, o "a" (sem o acento grave) que acompanha os substantivos empregados em sentido geral e indeterminado nada mais é do que uma preposição solicitada pelo termo regente.

7.1 A OCORRÊNCIA DA CRASE E A SEMÂNTICA

Em muitos casos, o emprego ou não do acento grave promoverá bruscas alterações de sentido. A crase, portanto, desfará possíveis ambiguidades. É o que ocorre em:

- O frentista sempre cheira
  - a gasolina. ➡ Inalar, respirar.
  - à gasolina. ➡ Feder, catingar, exalar.
- Do seu quarto, ele percebeu que alguém bateu
  - a porta. ➡ Trancou, empurrou com força.
  - à porta. ➡ Bateu na porta, desferiu pancadas.
- Ao chegar ao local, corri imediatamente
  - a cidade. ➡ Percorrer a cidade, rodear a cidade.
  - à cidade. ➡ Ir até à cidade.

- Despediu-se
  - a francesa. ➡ A francesa foi despedida. / OU / A francesa despediu-se, retirou-se.
  - à francesa. ➡ Alguém se despediu à moda francesa, à maneira francesa.
- Enxergo
  - a distância. ➡ Percebo o espaço que separa.
  - à distância. ➡ Vejo distantemente.

Logo, em muitos casos, o emprego do acento grave se deve à necessidade de se conferir ao termo maior clareza, evitando, pois, possíveis ambiguidades.

7.2 MECANISMOS PRÁTICOS PARA VERIFICAÇÃO DA CRASE

Há alguns mecanismos que ajudam o estudante na verificação da ocorrência ou não da crase. Frise-se que eles nos fornecem algumas pistas. Como a crase é decorrente de uma regência, é salutar conhecer bem a regência do termo antes de se colocar o acento grave. Veja alguns desses mecanismos:

) Deve-se trocar o termo regido feminino por um masculino correspondente:

SE APARECER
- O, OS (antes do masculino) ➡ Não haverá crase diante do feminino.
- AO, AOS (antes do masculino) ➡ Haverá crase diante do feminino.

Veja:

- Ele vai à praia todos os dias.
  ao rio
- Ele sempre visita a região encantada durante as férias.
  o local
- Ricardo nunca obedeceu às ordens de seu pai.
  aos mandamentos
- Chegou à sala e nada falou.
  ao salão

b) Deve-se trocar o termo regente por outro que exija preposição diversa de "a". Por exemplo, os verbos "vir" e "estar":

SE APARECER
- **DE ou EM** (antes do termo regido) ➡ Não haverá crase no "a".
- **DA ou NA** (antes do termo regido) ➡ Haverá crase no "à".

- Nunca mais ele foi à Europa.
  Veio da Europa / Esteve na Europa.
- Ele sempre se dirige à Argentina nos meses de novembro e de dezembro.
  vem da Argentina /...está na Argentina
- Nunca mais ele foi a Roma.
  veio de Roma / esteve em Roma
- Quando ele chegar a Florença, visitará muitos museus.
  veio de Florença / esteve em Florença

c) Deve-se trocar o "a(s)" que antecede o termo regido pelo artigo indefinido feminino "uma(s)":

SE APARECER
- **UMA ou UMAS** (antes do termo regido) ➡ Não haverá crase no "a".
- **A UMA ou A UMAS** (antes do termo regido) ➡ Haverá crase no "à".

- Ele se referiu à tia com carinho.
  a uma tia
- Ele não disse nada à sogra.
  a uma sogra
- A encomenda, ele entregou-a à mulher que estava no balcão da esquerda.
  a uma mulher
- Ele achou a mulher a que o amigo teceu bons elogios.
  uma mulher

7.3 OCORRÊNCIA DA CRASE

7.3.1 CASOS OBRIGATÓRIOS

1. **Recebe o acento grave o "a" inicial das locuções adverbiais (*à noite, à tarde, à beça, à revelia, à deriva, à farta, à vista, à primeira vista, à hora certa, à esquerda, à direita, à toa, à espanhola, à milanesa, à oriental, à ocidental, às vezes, às escondidas, às avessas, às claras, às pressas, à vontade, às ocultas etc.*), prepositivas (*à custa de, à força de, à beira de, à espera de, à vista de, à guisa de, à semelhança de, à frente de, à razão de, à cata de, à roda de, à mercê de, à base de, à moda de, à maneira de etc.*) e conjuntivas (*à medida que, à proporção que*), formadas com palavras femininas.**

- "Estava **à toa** na vida, o meu amor me chamou..." (Chico Buarque)
- Ele permaneceu horas e horas **à espera de** um médico.
- **À medida que** estudava, aprendia todos os macetes da Língua Portuguesa.
- Saiu **às pressas,** porque estava **à beira de** um ataque cardíaco.
- Andamos várias horas **à procura de** um local para beber água.
- O processo foi julgado **à revelia**.

⇨ **Observações:**

a) O "a" inicial das locuções adverbiais de instrumento não recebe o acento grave, exceto se a locução adverbial provocar ambiguidade.

- A sentinela feriu o inimigo a espada.
- Todos os seus trabalhos, ele sempre os fazia a máquina.
- Todo o atalho foi aberto a foice.

b) Lembre-se de que o acento grave empregado nas locuções adverbiais, prepositivas e conjuntivas não provém de uma relação regencial, mas sim pelo fato de essas locuções virem introduzidas por preposições – no caso, a preposição "A". Sendo assim, a preposição poderá auxiliar na indicação do valor semântico da locução e evitará que se confunda a locução com outro termo da estrutura oracional. Observe e não confunda:

- A noite (sujeito) chegou ao nosso rancho. ≠ À noite (locução adverbial de tempo) ele chegou ao nosso rancho.
- A medida (sujeito) que ele usou foi injusta. ≠ À medida que (locução conjuntiva) ele estuda, aprende mais.
- A espera do trem (sujeito) deixou-nos tristes. ≠ À espera de (locução prepositiva) João, nós ficamos várias horas.
- Impressionou-nos a moda de Vitor Hugo (sujeito). ≠ Veste-se à moda de (locução prepositiva) Vitor Hugo.
- A beira do abismo (sujeito) era um convite ao suicídio, pois ele estava à beira de (locução prepositiva) um ataque de nervos.

2. Recebe o acento grave o "a" inicial dos pronomes demonstrativos "aquele(s), aquela(s), aquilo, a(s)" quando o

termo regente exigir a preposição "a".

- Habituou-se àquela vida de solteiro sem maiores problemas.
  habituar-se a + aquela

- Jamais iremos àquele local sem a ajuda da polícia.
  Ir a + aquele

Dar algo a + aqueles

- Daremos outra chance àqueles alunos que obtiveram notas baixas nas últimas provas.

- Essa ideia é igual à que meu pai falou ontem.
  Igual a + aquela

- Darei conselhos apenas às que se dispuserem a esperar.
  dar conselhos — a + aquelas

⇨ **Observações:**

a) Nos dois últimos exemplos acima, temos o encontro/junção da preposição "a" com os pronomes demonstrativos reduzidos "a, as", equivalentes a "aquela" e "aquelas", respectivamente. Observe mais dois exemplos:

- Minha sorte está ligada à do meu país.
  a + aquela

- "A fatalidade astronômica da inclinação da eclíptica, que coloca a Terra em condições biológicas inferiores às de outros planetas..." (Euclides da Cunha)

b) Uma forma bastante prática para descobrir se há crase com os demonstrativos "aquela(s), aquele(s), aquilo" é substituí-los pelos também demonstrativos "esta(s), este(s), isto".

SE APARECER
- **ESTA(S), ESTE(S), ISTO** (apenas) ➡ Não haverá crase no "aquela(s), aquele(s), aquilo".
- **A ESTA(S), A ESTE(S), A ISTO** ➡ Haverá crase no "aquela(s), aquele(s), aquilo".

Veja:

- Jamais irás àquela festa.
  a esta

- Àquele comando, todos se levantaram rapidamente.
  a este

- O coronel preferia isto àquilo.
  a isto

- Todos compraram aquelas roupas bem satisfeitos.
  estas

c) Nas locuções adverbiais iniciadas pelos pronomes demonstrativos "aquela(s), aquele(s), aquilo", a crase é obrigatória. Veja:

- Àquela hora, ninguém o ajudaria. (= Naquela hora...)
  locução adverbial

3. Recebe acento grave o "a" das locuções adverbiais "à moda de" e "à maneira de". Frequentemente essas expressões aparecem subentendidas, mas, ainda assim, o acento grave será de rigor sobre o "a".

- Na festa, todos estavam vestidos à Luís XV.
  à moda / à maneira

- À maneira brasileira, ele preparava todos os apetrechos para os estrangeiros.

- Todos apreciavam pratos à japonesa.

⇨ **Observação:**

Não confunda:

- Fez um discurso
  - **a Fidel Castro.** (para Fidel Castro) ➡ Sem crase.
  - **à Fidel Castro.** (à moda de Fidel Castro) ➡ Com crase.

4. Haverá crase antes de numerais que expressem horas exatas.

- Todos chegaram às 9h30min.

- Às 8 horas ele chegou e somente às 10 horas começou a aula.

- Nosso jogo só terá início às 21h45min.

- O avião aterrará exatamente à uma hora e vinte minutos.

⇨ **Observações:**

a) Se houver indeterminação para as horas, não haverá crase.

- A mãe o esperava às 18 horas, mas ele só chegou após as 22 horas.
  Hora inexata
- Ele deverá chegar daqui a uma hora.
  Hora inexata

b) Nas correlações, o que determinará a existência ou não do acento grave será a presença de um artigo antecedendo cada termo da correlação. Veja:

- A casa de *shows* funcionará
  - de 8h30 a 11h30. (Aqui só há a presença das preposições.)
  - de + a a + as
    das 8h30 às 11h30. (Aqui cada termo vem antecedido por um artigo.)

c) Em muitas construções, a presença do acento grave alterará completamente o sentido do enunciado. Observe:

- Sairemos daqui a uma hora. (Sem crase ⇨ A hora não está determinada, especificada.)
  Advérbio de tempo
- Sairemos daqui à uma hora. (Com crase ⇨ A hora foi especificada, determinada.)
  Advérbio de lugar

d) Vale ressaltar que diante de numerais não ocorre a crase quando não expressarem hora exata. Logo:

- O número de aprovados no concurso não chega a vinte.
- O artista se apresentará de 8 a 12 de janeiro no Classic Hall.

5. Se o termo regente exigir a preposição "a", sempre haverá crase diante de nomes locativos (nomes de países, continentes e algumas cidades) que aceitarem a presença de um artigo. Para verificar a existência do artigo, basta substituir o termo regente pelos verbos "vir" ou "estar", por exemplo, conforme demonstrado no início deste capítulo.

- No próximo ano, faremos uma excursão à Argentina.
  vir da / estar na

- Quando ele chegou à Itália, imediatamente ligou para a mãe.
  vir da / estar na

- Você já foi à Bahia? Não?! Mas já foi a Teresina, no Piauí, não foi?
  vir da / estar na — vir de / estar em

⇨ **Observação:**

Se o nome locativo vier acompanhado de algum adjunto adnominal (determinante), a crase será obrigatória. Perceba:

- Nunca mais eu fui a Roma.
  vir de / estar em

- Nunca mais eu fui à Roma dos grandes imperadores.
  vir da / estar na — termo determinante

- João sempre se dirige a Brasília quando quer resolver algum problema muito sério.
  vir de / estar em

- Sempre que pode, João vai à imponente Brasília dos arrojados projetos arquitetônicos.
  termo determinante — termo determinante

7.3.2 CRASE FACULTATIVA

Para a gramática normativa, são três os casos em que a crase é facultativa. São eles:

1. Diante de pronomes possessivos femininos no singular quando o termo regente exigir a preposição "a".

- Ele desistiu de viajar devido a / à sua doença.
- Jamais ele fez referências a / à tua família.
- Era fundamental que o adolescente não desobedecesse a / à nossa ordem.

⇨ **Observações:**

a) Se o possessivo estiver no plural, não mais haverá um caso de crase facultativa. Existirão apenas duas formas para se construir a estrutura. Observe:

- Não foram dadas muitas oportunidades de emprego — a / às nossas amigas de formatura.
- Ninguém ofendeu — a / às vossas irmãs.

b) Caso o possessivo feminino se refira a um substantivo elíptico (oculto), a crase será obrigatória. Veja:

- Ele não se referiu — a / à tua proposta, mas sim à minha.
  crase obrigatória
- Aludiram — a / à sua opinião sobre o caso. Convém agora que eles façam alusão às nossas.

2. Diante da preposição "até", uma vez que esta preposição pode aparecer sob a forma da locução "até a".

- Emocionado, ele se comoveu — até as lágrimas. (até + as lágrimas) / até às lágrimas. (até a + as lágrimas)
- Ao ouvir a campainha, imediatamente foi — até a porta. (até + a porta) / até à porta. (até a + a porta)
- Dirigiu-se — até as autoridades policiais para relatar o caso. (até + as autoridades) / até às autoridades policiais para relatar o caso. (até a + as autoridades)

⇨ **Observações:**

a) Não confunda as preposições "até / até a", as quais indicam "deslocamento, movimento, ação", com a palavra denotativa de inclusão "até", a qual tem o sentido de "inclusive". Veja:

- Na formatura, foi até (Preposição) — a / à plateia e prestou homenagens à mãe, às professoras, à diretora, até (inclusive) à zeladora.
  inclusive (crase obrigatória)

b) Como se sabe, para que haja o fenômeno da crase, é indispensável a existência da preposição "a". Fique atento, pois esta preposição não ocorrerá se for usada outra preposição (*ante, após, com, conforme, contra, desde, durante, entre, mediante, para, perante, sob, sobre, segundo,* por exemplo), já que a existência de uma preposição exclui o aparecimento de outra. Traduzindo: não ocorrerá a crase se outra preposição for usada que não seja a preposição "a" (lembre-se de que "até a" é uma locução prepositiva e não

a junção de duas preposições). Observe os exemplos abaixo:

- "Não achava outra espécie em que, mediante a (preposição + artigo) intenção, tudo se cumprisse..." (Machado de Assis)
- "— Não admito! O incesto é contra a (preposição + artigo) moral, gritou Lúcia." (José de Alencar)
- "Dominante sobre a (preposição + artigo) várzea que se estende para sudeste, com a linha de cumeadas quase retilínea, o seu enorme paredão..." (Euclides da Cunha)
- "Desde a (preposição + artigo) entrada dos dois, a casa de Rita esquentou." (Aluísio Azevedo)
- "Custeou o tratamento de ambos; e, quando foi dispensado da comissão da avenida, pouco após a (preposição + artigo) morte de ambos, pouco ou nada tinha." (Lima Barreto)

3. Diante de nomes próprios femininos, quando o termo regente exigir a preposição "a". Como se sabe, os nomes de pessoas na Língua Portuguesa podem ou não vir antecedidos de um artigo. A colocação do artigo denota afetividade, proximidade, intimidade.

- Em seu discurso, ele fez referências { a Joana e a Maria. / à Joana e à Maria.
- A / À } Fernanda deixou minha gratidão por tudo que ela fez.

7.3.3 CASOS EM QUE NUNCA OCORRE A CRASE

1. Diante de verbos.

- Todos ficaram a observar o evento, a cerca de vinte metros do local.
- Muitos chegaram a comprar o carro, só porque a promoção falava de amor.
- Os advogados estavam dispostos a curtir o bom momento da carreira.

2. Diante de palavras masculinas.

- O quadro foi pintado a óleo.
- Ele sempre comprava a prazo.
- Aquele pacote cheirava a vinho.

3. Diante de pronomes pessoais retos, oblíquos e de tratamento, à exceção de "senhora, senhorita, dona e madame."

- Na solenidade, fizeram menção a ti e a mim, como os melhores alunos que a Universidade já teve.
- O Promotor de Justiça nada disse a Vossa Excelência sobre o problema do processo.
- Refiro-me a você, pois sempre foi o último da sala a cometer deslizes de concordância.
- Jamais convidarão a ele para a festa.
- Recorreram a Sua Majestade no momento de dificuldade.

  Mas...
- Entregue tudo à senhora sua mãe, meu filho.
- Não me referi à senhorita, mas à dona Joana que sempre esteve presente aqui nesta escola.

4. Diante de artigos indefinidos.

- Eles chegaram a uma cidadezinha do interior de Pernambuco muito aconchegante.
- Os juízes estavam dispostos a uma nova avaliação do caso.

5. Diante dos pronomes indefinidos, dos interrogativos, dos demonstrativos "este, esta, estes, estas, esse, essa, esses, essas e isso" e dos relativos, à exceção de "a qual e as quais".

- A qual delas você se referiu ontem à noite?
- Esse caso não interessa a ninguém.
- Todos se dirigirem a este lugar quando querem orar.

- Ontem encontramos o João, a cuja esposa devemos muitos favores.
- A menina, a quem ele fez alusão na última reunião, viajou para a Europa.
- Jamais daremos crédito a qualquer criatura que por aqui chegue.
- A missa a que eu assisti foi ministrada pelo Pe. João Alberto.

⇨ **Observações:**

a) Apesar de serem pronomes indefinidos, ocorrerá a crase diante de "outra e outras" sempre que o termo regente exigir a preposição "a". Veja:

- Foi uma apresentação igual à outra.
- Elas se abraçaram umas às outras.

b) Não confunda a preposição "a" que antecede o pronome relativo "que" com a fusão entre a preposição "a" e o pronome demonstrativo "a(s)" equivalente a "aquela(s)". Observe:

preposição "a" — semelhante a + a(quela)

- Esta ideia a que ele se referiu é semelhante à que meu pai nos contou ontem.
- Aquela estrada é paralela à que corta esta cidade aqui.

paralela a + a(quela)

6. Diante de um "a" no singular o qual precede uma palavra no plural; palavra esta usada em sentido geral e indeterminado.

- A direção decidiu fechar, por duas semanas, o museu a visitas.
- Raramente ele vai a festas e a reuniões sociais.
- Não costumava se dirigir a pessoas estranhas.

⇨ **Observação:**

Fique atento para não confundir as estruturas. Observe:

- Ele nunca está atento a reclamações. (sem acento grave)
  preposição
- Ele nunca está atento às reclamações. (com crase)
  preposição + artigo

- O mesmo raciocínio estende-se a relações pessoais e profissionais. (sem acento grave)
  preposição
- O mesmo raciocínio estende-se às relações pessoais e profissionais. (com crase)
  preposição + artigo

7. Diante de substantivos femininos usados em sentido geral e indeterminado.

- Em minha viagem à Europa, fui apresentado a rei e a rainha.
- Na última festa, todos os alunos prestaram homenagens a mamãe e a papai.
- Ele nunca concorreu a vaga alguma na Universidade.
- Sr. João nunca foi a festa alguma, a reunião alguma.

⇨ **Observações:**

a) Note que, nos dois primeiros exemplos deste caso, os termos estão acompanhados meramente pela preposição "a". Não há a presença de artigo. A crase só existirá diante do feminino se ambos os substantivos vierem determinados. Veja:

- Em minha viagem à Europa, fui apresentado ao rei e à rainha.
  substantivos determinados

b) Perceba também que nos dois últimos exemplos deste caso, o que promove o sentido geral e indeterminado dos substantivos é a presença do pronome indefinido. Por isso, inexiste o acento grave.

8. Diante de expressões formadas por palavras repetidas como, por exemplo, "gota a gota, ponta a ponta, dia a dia, frente a frente, uma a uma, cara a cara, corpo a corpo, lado a lado etc.".

- Toda a fazenda era, de ponta a ponta, um atoalhado branco, de uma neve espessa e muito gélida.
- Tomou o remédio gota a gota.

7.3.4 CASOS ESPECIAIS

1. Ocorrerá crase diante da palavra "casa" sempre que vier acompanhada de determinantes.

Veja:

- Ele se dirigiu à velha casa de seus avós.
  determinantes
- Voltei à casa de meu amigo correndo por causa de um mal-estar.
  determinante
- Amanhã irei à casa que me será dada por herança.
  determinante

⇨ **Observação:**

Se não houver determinação, não haverá crase diante da palavra "casa".

- Voltei a casa triste e atirei-me sobre a cama.
- Menino que estuda, volta a casa todos os dias.

2. Ocorrerá crase diante da palavra "terra" quando vier determinada. Quando usada como antônimo de "bordo" a palavra "terra" dispensa determinantes, logo não ocorrerá a crase.

- Eles voltaram a terra totalmente exaustos.
  sem determinante
- Depois de longa viagem, eles desceram a terra.
  sem determinante
- Eles foram à terra dos seus antepassados.
  determinante
- O casal chegou à terra natal.
  determinante

⇨ **Observação:**

No sentido de "chão, solo" a palavra "terra" admite o artigo. Se o termo regente exigir a preposição "a", a crase será obrigatória. Perceba:

- Nunca jogue lixo à terra. (Nunca jogue lixo **na** terra).
- Os agricultores sempre lançam à terra suas esperanças. (...sempre lançam **na** terra suas esperanças.)

3. Com a palavra "distância", ocorrerá crase sempre que vier acompanhada de determinantes.

- Todos ficaram à distância de vinte metros do local do acidente.
  determinante
- Por que você não ficou à distância que eu te recomendei??
  determinante

⇨ **Observações:**

a) A locução adverbial "a distância" geralmente é empregada sem o acento grave.

- "Teresa ouviu, a distância, o estrépito dum cavalo, quando passou ao patamar da escada." (Camilo C. Branco)
- "— Acudam, acudam! berrava Silvério a distância." (Eça de Queiroz)

b) Entretanto, o acento grave deverá ser empregado em "a distância" sempre que se quiser ressaltar o caráter adverbial da locução ou sempre que houver a possibilidade de a locução provocar ambiguidade.

- "Veladas por touceiras inextricáveis de macambiras ou lascas de pedra, não se revelavam à distância." (Euclides da Cunha)
- "Se a via, olhava muito para ela, detinha-se à distância, à porta de uma casa..." (Machado de Assis)

c) Quando a palavra distância vier modificada por pronomes indefinidos (pouca, certa, alguma etc.), a expressão não receberá o acento grave.

- "Já os três fugitivos iam a alguma distância, quando, como tomado de uma idéia súbita, um dos esculcas exclamou: ..." (A. Herculano)
- "Mariana estava agachada entre os pacotes da carga, a pouca distância de Simão." (Camilo C. Branco)

4. Ocorrerá crase com os pronomes relativos "a qual e as quais" sempre que o termo regente exigir a preposição "a".

- Esta é a pessoa **à qual** ele se referiu durante o café da manhã.
  referir-se a + a qual
- As apresentações teatrais **às quais** ele foi assistir renderam-lhe boas gargalhadas.
  assistir a + as quais

⇨ **Observação:**

Um recurso bastante simples para verificar a ocorrência da crase diante destes relativos é

procurar substituí-los pelos masculinos (o qual, os quais) correspondentes:

SE APARECER
- **O QUAL, OS QUAIS** (apenas) ➡ Não haverá crase no "a qual, as quais".
- **AO QUAL, AOS QUAIS** ➡ Haverá crase no "à qual, às quais".

Observe:

- Esta é a professora **à qual** devo todos os meus conhecimentos. (Este é o professor **ao qual** devo...)
- Aquela é a clareira **à qual** foram ter por um atalho aberto a foice. (Aquele é o local **ao qual** foram...)

5. Como já mencionado, não há crase diante da maioria dos pronomes. Alguns pronomes, no entanto, como "mesma(s), própria(s) e tal" admitem artigo. Se o termo regente exigir a preposição "a", a crase será de rigor.

- Eles sempre vão à mesma lanchonete quando saem da escola. (Eles sempre vão **ao** mesmo bar...)
- Falaram à tal senhora sobre os desvios de conduta do filho dela. (Eles falaram **ao** tal senhor...)
- Algumas alunas atribuíram **às** próprias amigas a culpa pelo incidente. (Algumas alunas atribuíram **aos** próprios amigos...).

Ufa!!

Chegamos ao final de mais uma etapa. Para muitos, o acento grave ainda é um mistério. Provamos que não. Sugiro que, se possível, releia todas as regras para gravá-las melhor. Tenha sempre em mente os recursos para verificação ou não da ocorrência da crase, pois eles são muito úteis e nos permitem solucionar muitas dúvidas. Agora procure resolver os exercícios para consolidar o conhecimento. Prossigamos para a próxima etapa.

7.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (Unimep-SP) "A exposição .... inauguração assisti mostrou os lindos quadros .... me referi na nossa conversa do outro dia. Amanhã, haverá um leilão na mesma sala .... estão expostos." A alternativa que preenche corretamente é:

a) a cuja, aos quais, em que.
b) a cuja, os quais, na qual.

c) cuja, a que, em que.
d) a qual, aos quais, na qual.
e) à qual, que, que.

2. (Unimep-SP) “.... dois meses que não vejo Paulo. Soube que ele esteve.... beira de uma crise nervosa.... menos de cinco dias do vestibular.” A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:

a) Há, a, a.
b) Há, à, a.
c) Há, à, à.
d) A, a, à.
e) A, à, a.

3. (Fuvest-SP) De.... muito, ele se desinteressou de chegar a ocupar cargo tão importante,.... coisas mais simples na vida e que valem mais que a posse momentânea de certos postos de relevo.... que tantos ambicionam por amor.... ostentação.”

a) a, há, à, à.
b) há, as, a, a.
c) há, há, a, à.
d) a, hão, a, à.
e) há, a, a, a.

4. (Fuvest-SP) O progresso chegou inesperadamente.... subúrbio. Daqui.... poucos anos, nenhum de seus moradores se lembrará mais das casinhas que,.... tão pouco tempo, marcavam a paisagem familiar.

a) aquele, a, a.
b) àquele, à, há.
c) àquele, à, à.
d) àquele, a, há.
e) aquele, à, há.

5. (UEL) .... contragosto, a comissão entregou.... imprensa.... listas dos aprovados.

a) À, a, as.
b) A, à, às.
c) A, à, as.
d) À, a, às.

e) À, à, às.

6. (ITA) Analisando as sentenças:

A vista disso, devemos tomar sérias medidas.
Não fale tal coisa as outras.
Dia a dia a empresa foi crescendo.
Não digo aquilo que me disse.
Deduzimos que:

a) apenas a III não tem crase.
b) as sentenças III e IV não têm crase.
c) todas as sentenças têm crase.
d) nenhuma sentença tem crase.
e) apenas a IV não tem crase.

7. (FCC) O fenômeno .... que aludi é visível .... noite e .... olho nu.

a) a, a, a.
b) a, à, à.
c) a, à, a.
d) à, a, à.
e) à, à, a.

8. (FCC) Já estavam .... poucos metros da clareira, ... qual foram ter por um atalho aberto .... foice.

a) à, à, a.
b) a, à, a.
c) a, a, à.
d) à, a, à.
e) à, à, à.

9. (PUC-SP) .... hora, ... chegasse primeiro se entregaria .... condecoração .... fizera jus.

a) Àquela, à que, a, a qual.
b) Àquela, a que, à, a qual.
c) Aquela, à que, a, à qual.
d) Àquela, à que, a, à qual.
e) n. d. a.

10. (UM-SP) Dados os períodos:

I. À força de tanto emagrecer, acabou morrendo.

II. A assistente social prestou assistência as mais necessitadas pessoas.

III. Com a eloquência habitual, falava a qualquer pessoa, sempre disposta a aumentar o prestígio.

Deduz-se que o sinal indicativo da crase está corretamente empregado:

a) apenas no primeiro período.
b) nos períodos I e II.
c) nos períodos II e III.
d) em todos os períodos.
e) nos períodos I e III.

11. (Fuvest) Daqui .... vinte quilômetros, o viajante encontrará, logo .... entrada do grande bosque, uma estátua que .... séculos foi erigida em homenagem .... deusa da floresta.

a) a, à, há, à.
b) há, a, à, a.
c) à, há, à, à.
d) a, à, à, à.
e) há, a, há, a.

12. (PUC) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas:

Viu-se frente .... frente com o inimigo.
Observava, ... distância, o que estava acontecendo.
Não se referira .... nenhuma das presentes.
Desandou ....correr ladeira abaixo.
Chegou .... uma hora da madrugada.

a) à, à, à, à, à.
b) à, à, a, a, à.
c) à, à, à, a, à.
d) a, a, a, a, à.
e) a, a, a, a, a.

13. (FCMSC-SP) Estamos ... poucas horas da cidade ... que vieram ter, ... tempos, nossos avós.

a) a – a – há.
b) há – a – a.

c) há – à – há.
d) à – a – a.
e) a – à – há.

14. (FCC – Metrô/SP – Supervisor de Linha) O uso do sinal de crase justifica-se em **ambas** as ocorrências na seguinte frase:

a) Não tive acesso à carreira de biólogo porque você se dispôs à engravidar.
b) Não nos assiste à prerrogativa de responsabilizarmos justamente àqueles que não têm culpa.
c) Imputamos à culpa aos outros quando achamos inadmissível assumirmos à nossa.
d) Atribuamos à nossa incompetência o fracasso de nossos planos, em vez de associá-lo à responsabilidade alheia.
e) Quando se fica à espera de algo inalcançável, tudo o que se alcança se reduz à uma frustração.

15. (UEL-PR) Foi ... Brasília aprender ... artes políticas, mas retornou ... terra natal sem grandes conhecimentos.

a) a – as – à.
b) à – as – a.
c) a – às – à.
d) a – as – a.
e) à – às – à.

16. (FCC – Soldado PM/BA) O uso do sinal da crase é **injustificável** em:

a) Lembrem-se às autoridades de terem sempre em mente o valor da prevenção.
b) Não cabe às pessoas de boa fé repudiar medidas de prevenção ao crime.
c) É penoso assistir às cenas de violência que se multiplicam nas metrópoles.
d) Atribui-se às medidas preventivas uma eficácia maior que a da repressão.
e) À inteligência da prevenção opõem-se aqueles que preferem a força da repressão.

17. (FCMSC-SP) Dê ciência ... todos de que não mais se atenderá ... pedidos que não forem dirigidos ... diretoria.

a) a – a – a.
b) a – à – a.
c) a – a – à.
d) à – à – a.

e) à – a – à.

18. (PUCC-SP) Assinale a alternativa em que há uso **incorreto** do sinal da crase.

a) Toda essa situação se deve à instabilidade da taxa de inflação.
b) Referindo-se à salários do último mês, comentou a inviabilidade de se manter aquele número de funcionários na empresa.
c) Não é à toa que amealhou o dinheiro que tem.
d) Em clima de grande emoção, chegou a tecer elogios inclusive àqueles que sempre o criticaram.
e) Devemos incentivá-los a dar continuidade à sua tarefa de informar a verdade sobre a situação do país.

19. (Fafeod-MG) Indique a alternativa que permite preencher **corretamente** os vazios do texto abaixo.

Aguardava ... carta ... muito tempo e, como não chegasse, ele referia-se ... todo instante ... consequências desastrosas que ... demora tenderia ... provocar.

a) a – a – a – às – a – a.
b) a – há – a – às – a – a.
c) a – há – a – as – a – a.
d) a – à – a – as – a – a.

20. (UFV-MG) Indique a alternativa em que o sinal indicativo de crase é facultativo.

a) Voltou à casa do juiz.
b) Chegou às três horas.
c) Voltou à minha casa.
d) Devolveu as provas àquela aluna.
e) Voltou às pressas.

GABARITO

1 – A	2 – B	3 – C
4 – D	5 – C	6 – B
7 – C	8 – B	9 – D
10 – E	11 – A	12 – D
13 – A	14 – D	15 – A

16 – A	17 – C	18 – B
19 – B	20 – C	

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 8

SINTAXE DE COLOCAÇÃO PRONOMINAL

Estudaremos agora um assunto bem fácil. Por ausência de força tônica, trabalharemos a correta disposição dos pronomes oblíquos átonos dentro da estrutura oracional. Aqui, procure ficar atento, principalmente, aos fatores que atraem o pronome átono, pois esse conhecimento é frequentemente cobrado nas provas. O assunto exigirá de nós um pouco de memória, afinal teremos de apreender as principais regras as quais levam o pronome a ficar em umas das três posições: antes do verbo (próclise), no meio do verbo (mesóclise) e depois do verbo (ênclise). Convém aqui salientar que as regras que estudaremos abaixo se prestam, na maioria das vezes, ao uso formal da língua. No dia a dia e na linguagem coloquial, elas são pouco observadas. Vamos lá!!

Em primeiro lugar, cumpre ressaltar que a colocação pronominal, na Língua Portuguesa, restringe-se praticamente à perfeita disposição dos pronomes oblíquos átonos: me, te, se, o, a, lhe, nos, vos, os, as, lhes.

Tais pronomes podem assumir uma das seguintes posições:

a) Próclise ⇨ pronome oblíquo colocado antes do verbo.
b) Mesóclise ⇨ pronome oblíquo colocado no meio do verbo.
c) Ênclise ⇨ pronome oblíquo colocado depois do verbo.

Primeiros exemplos:

- Ele **me** disse que amanhã faltará a aula.
  pronome proclítico
- Retirá-**lo**-ia do local se eu pudesse.
  pronome mesoclítico
- Entregaram-**nos** todos os documentos hoje pela manhã.
  pronome enclítico

8.1 MÁXIMAS DA COLOCAÇÃO PRONOMINAL

A topologia pronominal possui regras gerais que servem de norte para as demais regras. São elas:

1. Não se inicia período com pronome oblíquo átono.

Observe:

- Te disseram que o juiz julgou improcedente a nossa causa? (Construção errada)

Corrija-se para...

- Disseram-te que o juiz julgou...

- Lhe passo os documentos do processo hoje à tarde. (Construção errada)

Corrija-se para...

- Passo-lhe os documentos do processo hoje à tarde.

- Me falem a verdade ou serão expulsos da corporação. (Construção errada)

Corrija-se para...

- Falem-me a verdade ou serão expulsos da corporação.

2. Não se admite ênclise a um verbo no futuro ou no particípio.

Veja os exemplos:

verbo no futuro do subjuntivo

- Quando ele ajudar-te, não esqueças os demais parentes de tua família. (Construção errada)

Corrija-se para...

- Quando ele te ajudar, não esqueças os demais parentes de tua família.

- Certamente eles dariam-nos tudo se pudessem. (Construção errada)

verbo no futuro do pretérito do indicativo

Corrija-se para...

- Certamente eles nos dariam (ou “dar-nos-iam”) tudo se pudessem.

- Tenho dedicado-me muito ao estudo da Língua Portuguesa. (Construção errada)
  verbo no particípio

  Corrija-se para...

- Tenho-me dedicado muito ao estudo da Língua Portuguesa.

3. Em geral, toda ênclise a um verbo no infinitivo é correta, ainda que exista um fator de próclise.

- A fim de **não** o encontrar, ou encontrá-lo, mudei o meu itinerário.
- Para **não não** as contrariar, ou contrariá-las procurei resolver o problema imediatamente.
- Deixou sua sala para me entregar, ou entregar-me o prêmio a que fiz jus pelo ótimo desempenho este mês.
- "Proponho firmemente com vossa graça **não ofender-vos** mais." (M. Bernardes)
- "Basta-lhe os olhos negros e a tristeza, a palidez e o nunca sorrir-se." (Camilo C. Branco)
- "Ela, encostada à poltrona, passava-lhe os dedos pelos cabelos, muito ao leve e caladinha para não perturbá-lo." (Machado de Assis, *Quincas Borba*)

8.2 REGRAS GERAIS

8.2.1 PRÓCLISE

O pronome oblíquo átono ficará proclítico ao verbo por causa dos seguintes fatores que o atraem:

1) Palavras de valor negativo (não, nunca, jamais, ninguém, nada, nem [= e nem] etc.).

- **Jamais** nos consideraremos melhores do que os outros.
- **Não** o permitiram a conversão de real para dólar.
- **Nunca** lhe entristeceu a situação dos pobres no mundo?

⇨ **Observação:**

Se houver pausa depois da palavra negativa, emprega-se a ênclise.

- **Não,** converta-se ao cristianismo urgentemente.

2) Advérbios e pronomes indefinidos.

- **Aqui** se faz, **aqui** se paga.
- Nem **sempre** se enxergam as disparidades do mundo contemporâneo.
- **Ninguém** nos falou sobre o problema da empresa.
- "Na natureza, **nada** se perde, **nada** se cria, **tudo** se transforma."

⇨ **Observação:**

Se houver pausa depois do advérbio, o pronome ficará enclítico. Se o verbo estiver no futuro, emprega-se a mesóclise.

- **Enfim,** encontrei-**o** na Estação da Luz.
- **Amanhã,** encontrar-**me**-ei com o Luís Antônio para uma conversa de negócios.

3) Pronomes relativos (que, o qual, a qual, os quais, as quais, cujo, cuja, cujos, cujas, onde, quem etc.).

- As informações, **que** te deram, parece terem mexido com o teu íntimo.
- Aquele é o estádio de futebol **o qual** se fez e **o qual** se construiu em poucos meses.
- Este bar é lugar da cidade **onde** se encontram os melhores pratos da cidade.

4) Pronomes demonstrativos (este, esta, isto, aquele, aquela, aquilo etc.).

- Tudo **aquilo** lhe passou despercebido.
- **Esta** me contou uma versão esquisita do caso. **Aquele** nos disse totalmente o contrário desse aí.

5) Conjunções subordinativas (quando, se, já que, porque, embora, enquanto, como, à medida que etc.).

- **À medida que** se estuda, aprende-se mais.
- **Enquanto** me diziam aquilo, eu permanecia imóvel.
- É muito justo **que** o ampares na velhice.
- **Se** me pagar, farei o trabalho **assim que** me sobrar um tempinho.

6) Verbo no gerúndio precedido da preposição "em".

- **Em** se **tratando** de finanças, procure o sr. João Alberto.
- **Em** se **pensando** em viagens, é sempre bom procurar uma boa empresa de turismo.

7) Conjunção coordenativa alternativa.

- **Ou** se casa comigo, **ou** se casa com o meu primo.
- Deixem-me sair, **ou** me deem a vaga de emprego a qual vim à procura.

8.2.1.1 Outros fatores de próclise

Além desses fatores, a próclise é de rigor:

1) Nas orações exclamativas e nas optativas (orações que exprimem desejo):

- Que Deus te proteja.
- Bons ventos os levem em paz!
- Quanto nos é difícil falar a verdade!
- Que terrível revelação nos fizeste!

2) Nas orações interrogativas em que haja pronomes interrogativos:

- Quem vos falou sobre o problema dela?

- Quanto lhe custou o conserto do carro?

3) Com verbos no infinitivo pessoal precedido de preposição:

- Demiti os dois funcionários por se queixarem demais.
- Deixei-os à vontade para se relacionarem melhor com o professor.

8.2.2 MESÓCLISE

Como já se mencionou, a mesóclise consiste na colocação do pronome oblíquo átono no meio do verbo. Isso ocorre apenas com dois tempos do modo indicativo: o futuro do presente e o futuro do pretérito, pois se trata de dois tempos compostos. O futuro do presente é formado pelo INFINITIVO do verbo mais o PRESENTE DO INDICATIVO do verbo HAVER; já o futuro do pretérito é formado pelo INFINITIVO do verbo mais o pretérito imperfeito do verbo HAVER. Logo, o pronome oblíquo átono será colocado entre um INFINITIVO e o verbo HAVER. Observe:

FUTURO DO PRESENTE (Infinitivo + presente do indicativo do verbo "haver"):

Eu comprar + hei ⇨ comprarei = Hei de comprar
Tu comprar + hás ⇨ comprarás = Hás de comprar
Ele comprar + há ⇨ comprará = Há de comprar
Nós comprar + havemos ⇨ compraremos = Havemos de comprar
Vós comprar + haveis ⇨ comprareis = Haveis de comprar
Eles comprar + hão ⇨ comprarão = Hão de comprar

FUTURO DO PRETÉRITO (Infinitivo + pretérito imperfeito do verbo "haver"):

Eu comprar + havia ⇨ compraria = Havia de comprar
Tu comprar + havias ⇨ comprarias = Havias de comprar
Ele comprar + havia ⇨ compraria = Havia de comprar
Nós comprar + havíamos ⇨ compraríamos = Havíamos de comprar
Vós comprar + havíeis ⇨ compraríeis = Havíeis de comprar
Eles comprar + haviam ⇨ comprariam = Haviam de comprar

Dessa forma, teremos:

- Compraria o carro se eu pudesse. = **Comprá-lo-ia** se eu pudesse. (= Havia de comprá-lo se eu pudesse.)
- Encontrá-lo-á deitado numa rede bem vistosa à varanda da casa grande. (= Há de encontrá-lo deitado...)
- Conceder-lhe-íamos o emprego se ele tivesse competência. (= Havíamos de conceder-lhe o emprego...)
- Estabelecer-nos-emos aqui até que a tempestade passe. (= Havemos de estabelecer-nos aqui até...)
- Jogá-lo-ão na lixeira se todas as tentativas falharem. (= Hão de jogá-lo na lixeira se...)
- "Dir-me-eis que não tendes outro modo de vos sustentar". (Pe. Antônio Vieira)

⇨ **Observações:**

a) Não havendo palavra atrativa e estando o futuro do presente ou do pretérito no meio de uma oração, será indistinta tanto a próclise quanto a mesóclise. Observe:

- Ele — me entregará / ou / entregar-me-á — o pacote amanhã pela manhã.
- Ricardo — se retiraria / ou / retirar-se-ia — da reunião de qualquer jeito.

b) Se houver palavra atrativa antes do futuro, a próclise será obrigatória.

8.2.3 ÊNCLISE

O pronome oblíquo átono ficará enclítico ao verbo nas seguintes circunstâncias:

1) Quando o verbo iniciar o período.

- Conta-me logo tudo que sabes, Marcílio.
- Fazê-lo será um prazer para mim, d. Joana.
- Perceberam-nos assim que chegamos ao local.

2) Com o verbo no gerúndio, desde que não forme locução verbal ou que não esteja precedido da preposição "em"

ou de qualquer elemento de atração.

- Não farei mais a reunião, disse ele, **levantando**-se rapidamente.
- Judas aproximou-se de Cristo; beijando-lhe o rosto, denunciou-o aos soldados de Pilatos.

⇨ **Observação:**

Se houver fator de próclise, esta será de rigor. Veja:

- João comprava demasiadamente, **pouco** se importando com o valor das coisas.

3) Com verbos no imperativo afirmativo.

- Deixe a sala agora e entregue-se aos estudos se quiser ser aprovado no final do ano.
- João, escuta-me por alguns minutos, por favor.

4) Com verbos no infinitivo regidos da preposição "a", em se tratando dos pronomes oblíquos vocálicos "o, a, os, as", os quais assumirão, obrigatoriamente, as formas "lo, la, los, las".

- Jamais me recusaria a recebê-los.
- Todos começaram a questioná-las sobre as ideias que defendiam.
- "Acudiu toda a cidade a acompanhá-lo." (Fr. L. de Sousa)

⇨ **Observação:**

Não se esqueça de que o infinitivo é uma forma verbal privilegiada. À exceção da regra acima e da próclise com o infinitivo flexionado, diante de um verbo no infinitivo estão corretas tanto a próclise quanto a ênclise, mesmo com a existência de um fator de próclise. Veja:

- Não fizeram absolutamente nada para os deter. ou detê-los.
- Tinha um grande desejo de a pegar nos braços. ou pegá-la nos braços.
- Para não te incomodar ou incomodar-te

8.3 COLOCAÇÃO DOS PRONOMES OBLÍQUOS NAS LOCUÇÕES VERBAIS

A partir de agora, vamos usar o conhecimento acima para posicionar corretamente os pronomes oblíquos dentro das locuções verbais. O assunto não é difícil, mas você precisa estar bem atento às orientações abaixo. Vamos lá!

Primeiramente, vamos relembrar o que é uma locução verbal:

VERBO AUXILIAR + VERBO PRINCIPAL { INFINITIVO / GERÚNDIO / PARTICÍPIO

Dentro de uma locução verbal, o pronome oblíquo poderá assumir uma das seguintes posições:

a) Próclise ao verbo auxiliar ⇨ Colocação sempre possível, exceto se a locução iniciar o período.

b) Ênclise ao verbo auxiliar ⇨ Colocação possível desde que não haja um fator de próclise ou o verbo esteja no futuro.

c) Ênclise ao verbo principal ⇨ Colocação sempre possível em se tratando do infinitivo ou do gerúndio. Gramaticalmente, não se admite ênclise a um verbo no particípio.

d) Pronome oblíquo solto no meio da locução verbal (próclise ao verbo principal) ⇨ Posição consolidada pelo uso. Já foi combatida por alguns gramáticos, mas hoje plenamente aceita pelo padrão mais formal da língua em virtude do largo emprego nas situações do dia a dia.

Observe agora, seguindo as orientações acima, as possíveis colocações dos oblíquos nas locuções verbais:

1. Verbo auxiliar + infinitivo:

a) Os homens devem amar uns aos outros. (se)

⇨ Os homens se devem amar uns aos outros. (Próclise ao verbo auxiliar)
⇨ Os homens devem-se amar uns aos outros. (Ênclise ao verbo auxiliar)
⇨ Os homens devem amar-se uns aos outros. (Ênclise ao verbo principal – infinitivo)
⇨ Os homens devem se amar uns aos outros. (Pronome solto no meio da locução)

b) Eu quero dizer muita coisa. (lhe)

⇨ Eu lhe quero dizer muita coisa. (Próclise ao verbo auxiliar)
⇨ Eu quero-lhe dizer muita coisa. (Ênclise ao verbo auxiliar)
⇨ Eu quero dizer-lhe muita coisa. (Ênclise ao verbo principal – infinitivo)
⇨ Eu quero lhe dizer muita coisa. (Pronome solto no meio da locução)

c) Não posso abater com essas calúnias. (me)

⇨ Não me posso abater com essas calúnias. (Próclise ao verbo auxiliar)
⇨ Não posso abater-me com essas calúnias. (Ênclise ao verbo principal – infinitivo)
⇨ Não posso me abater com essas calúnias. (Pronome solto no meio da locução)

2. Verbo auxiliar + gerúndio:

a) Os olhos da personagem foram enchendo de lágrimas. (se)

⇨ Os olhos da personagem se foram enchendo de lágrimas. (Próclise ao verbo auxiliar)
⇨ Os olhos da personagem foram-se enchendo de lágrimas. (Ênclise ao verbo auxiliar)
⇨ Os olhos da personagem foram enchendo-se de lágrimas. (Ênclise ao verbo principal – gerúndio)
⇨ Os olhos da personagem foram se enchendo de lágrimas. (Pronome solto no meio da locução)

b) O empregado afirmou que não estava insultando. (me)

⇨ O empregado afirmou que não me estava insultando. (Próclise ao verbo auxiliar)
⇨ O empregado afirmou que não estava insultando-me. (Ênclise ao verbo principal – gerúndio)
⇨ O empregado afirmou que não estava me insultando. (Pronome solto no meio da locução)

3. Verbo auxiliar + particípio:

a) O time tem dado muitas decepções. (nos)

⇨ O time nos tem dado muitas decepções. (Próclise ao verbo auxiliar)
⇨ O time tem-nos dado muitas decepções. (Ênclise ao verbo auxiliar)
⇨ O time tem nos dado muitas decepções. (Pronome oblíquo solto no meio da locução)

b) E se ele tivesse enganado, o que você faria? (me)

⇨ E se ele me tivesse enganado, o que você faria? (Próclise ao verbo auxiliar)
⇨ E se ele tivesse-me enganado, o que você faria? (Ênclise ao verbo auxiliar)
⇨ E se ele tivesse me enganado, o que você faria? (Pronome oblíquo solto no meio da locução)

c) Onde terá metido aquele menino? (se)

⇨ Onde se terá metido aquele menino? (Próclise ao verbo auxiliar)
⇨ Onde terá se metido aquele menino? (Pronome oblíquo solto no meio da locução)

⇨ **Observações:**

a) Lembre-se de que não se pospõe pronome oblíquo átono a um verbo no particípio.
b) Quando a locução verbal é formada por um verbo auxiliar mais uma preposição e mais o verbo principal, observam-se as mesmas posições elencadas acima à exceção da ênclise ao verbo auxiliar. Veja:

d) Ele há de acostumar em breve com a nova função na empresa. (se)

⇨ Ele se há de acostumar em breve com a nova função na empresa. (Próclise ao verbo auxiliar)
⇨ Ele há de acostumar-se em breve com a nova função na empresa. (Ênclise ao verbo principal – infinitivo)
⇨ Ele há de se acostumar em breve com a nova função na empresa. (Pronome solto entre a preposição e o verbo principal)

8.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (FCC) Quando ..... as provas, ... imediatamente.

a) lhes entregarem, corrijam-as.
b) lhes entregarem, corrijam.
c) lhes entregarem, corrijam-nas.
d) entregarem-lhes, corrijam-as.
e) entregarem-lhes, as corrijam.

2. (FCC) Acredito que todos ..... dizer que não ..... .

a) lhe irão, se precipite.
b) lhe irão, precipite-se.
c) irão-lhe, se precipite.
d) irão lhe, precipite-se.
e) ir-lhe-ão, se precipite.

3. (Santa Casa-SP) Devemos ..... da tempestade.

a) resguardar-mos-nos.
b) resguardar-nos.
c) resguardarmos-nos.
d) resguardarmo-nos.
e) resguarda-nos.

4. (Santa Casa-SP) Há um erro de colocação pronominal em:

a) Sempre a quis como namorada.
b) Os soldados não lhe obedeceram as ordens.
c) Todos me disseram o mesmo.
d) Recusei a ideia que apresentaram-me.
e) Quando a cumprimentaram, ela desmaiou.

5. (UFF-RJ) Numa das frases abaixo, a colocação do pronome pessoal átono não obedece às normas vigentes. Assinale-a.

a) Ter-lhe-iam falado a meu respeito?
b) Tenho prevenido-o várias vezes.
c) Quem nos dará as razões?
d) Nunca nos diriam inverdades.
e) Haviam-no procurado por toda parte.

6. (Faap-SP) Assinale a alternativa em que a colocação pronominal desobedece ao que preceitua a gramática:

a) Há muitas estrelas que nos atraem atenção.
b) Jamais dar-te-ia tantas explicações, se não fosse pessoa de tanto merecimento.
c) A este compete, em se tratando de corpo da pátria, revigorá-lo com o sangue do trabalho.
d) Não o realizaria, entretanto, se a árvore não se mantivesse verde sob a neve.
e) Nenhuma das anteriores.

7. (UM-SP) Assinale a alternativa que apresenta erro de colocação pronominal.

a) Você não devia calar-se.
b) Não lhe darei qualquer informação.
c) O filho não o entendeu.
d) Se apresentar-lhe os pêsames, faça-o discretamente.
e) Ninguém quer aconselhá-lo.

8. (Cesesp-PE) Assinale o único período em que há inadequação na colocação pronominal.

a) Nenhuma das questões lhe desagradou.
b) Que Deus me ajude!c) Quanto nos custa manter a calma!d) A prova, fi-la sem afobação.
e) Todos retirar-se-iam cedo.

9. (PUCC-SP) Sabendo-se que solecismos são desvios indevidos de regência, concordância e colocação, indique a alternativa que não apresenta nenhum desses desvios, segundo a norma culta:

a) Liliana, te amo perdidamente.
b) Quando saírem com nós, talvez nos contem o caso.
c) As meninas não devem se preocupar com a maquiagem.
d) Entre mim e você, sempre houve compreensão.
e) Esta revista é para mim ler.

10. (UM-SP) Assinale a alternativa em que o pronome pessoal oblíquo poderia ser colocado em duas outras posições:

a) Deixei de cumprimentá-lo.
b) Eles queriam-me enganar.
c) Não te prejudicarei nunca.

d) Os amigos tinham se retirado.

e) Creio que ele não me dará explicações.

GABARITO

1 – C	2 – A	3 – B
4 – D	5 – B	6 – B
7 – D	8 – E	9 – D
10 – B		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

CAPÍTULO 9

EMPREGO DOS SINAIS DE PONTUAÇÃO

Em primeiro lugar, quero parabenizá-lo por ter chegado até aqui. Espero que você já tenha estudado os outros pontos deste livro, pois o assunto sobre o qual vamos a partir de agora discorrer depende bastante dos conhecimentos anteriores, principalmente do conhecimento sobre sintaxe de oração e de período. Do entendimento com profundidade da oração e dos seus termos, bem como da relação entre as orações, dependerá o sucesso no que diz respeito ao emprego dos sinais de pontuação, uma vez que esta é, na maioria dos casos, uma necessidade sintática. Por isso, convido-o a estudar – se ainda não o fez – aqueles dois assuntos. Adentrar o mundo da pontuação sem dominar os mecanismos básicos da sintaxe é semelhante a tentar resolver um problema de sistema de inequações do segundo grau sem antes ter estudado a resolução de equações do primeiro grau, ou seja, a possibilidade de insucesso é grande. Se já estudou, convido-o então a dar o próximo passo para o seu engrandecimento: vamos juntos entender a aplicação dos diversos sinais que marcam as pausas, a entonação, a mudança semântica e às vezes a melodia do discurso na nossa língua portuguesa.

9.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A princípio é preciso que se estudem as duas principais razões sobre as quais se assenta a pontuação na língua portuguesa. Chamo a essas razões de “bases” da pontuação.

1.ª BASE:

Pontuar é, no mais das vezes, uma necessidade sintática. Isto quer dizer que, para se pontuar bem, deve-se estar atento às funções sintáticas desempenhadas pelos termos e pelas orações, bem como à localização de tais termos e orações no período. Por isso, são inadmissíveis as seguintes pontuações:

a) O ex-presidente da empresa brasileira de correios e telégrafos, viajará na próxima semana.

Regra: Não se separa o sujeito do seu verbo.

b) Por fim, estudou-se o artigo 5.º da Constituição, que confere, aos brasileiros e aos estrangeiros, certos direitos.

Regra: Não se separa por vírgula o verbo do(s) seu(s) objeto(s).

c) A indignação, de muita gente, não transpõe na maioria dos casos o âmbito das conversas privadas.

Regra: Não se separa o nome do(s) seu(s) adjunto(s).

d) O fato que foi revelado nas investigações foi decisivo, para a elucidação do crime.

Regra: Não se separa por vírgula o nome do seu complemento.

Você perceberá que boa parte das regras sempre se refere às funções sintáticas. Daí afirmamos ser a pontuação uma necessidade sintática.

2.ª BASE:

O emprego dos sinais de pontuação pode alterar o sentido e a função sintática de um termo, ou seja, a pontuação, em muitos casos, implicará alterações semânticas e sintáticas. Observe as alterações de sentido e de função sintática entre os pares a seguir:

a) – Ninguém compreende Maria. ⇨ Maria é uma pessoa difícil de se compreender. O termo "Maria" é o objeto direto.

– Ninguém compreende, Maria. ⇨ Maria passa a ser a interlocutora com quem se fala. O termo "Maria" é agora o vocativo.

b) – O empregado falará brevemente com o novo diretor. ⇨ O vocábulo "brevemente" funciona como advérbio de tempo.

– O empregado falará, brevemente, com o novo diretor. ⇨ O vocábulo "brevemente" funciona como advérbio de modo.

c) **– Quero ver o que você vai fazer agora, que o novo gerente é um casca-grossa.** ⇨ A

oração iniciada pelo “que” possui sentido explicativo. O vocábulo “agora” é um advérbio de tempo.

– Quero ver o que você vai fazer, agora que o novo gerente é um casca-grossa. ⇨ A oração iniciada pelo “agora que” possui valor temporal. A locução “agora que” é uma conjunção temporal.

d) Alguém joga uma moeda para cima, pega-a na mão e pergunta:

— É cara ou coroa?
— É coroa, cara.
— Não! Deu cara, coroa!

Observe as alterações semânticas e sintáticas provocadas pelo emprego da vírgula entre os vocábulos “cara” e “coroa”.

e) – De fato, meu amigo não fala de medo. ⇨ Aqui o amigo não fala sobre o “medo”. “De medo” é objeto indireto.

– De fato, meu amigo não fala, de medo. ⇨ Aqui o amigo não fala porque está com medo. “De medo” é um adjunto adverbial de causa.

f) – Todos foram até a mamãe. ⇨ Aqui “todos” chegaram até a mamãe.

– Todos foram, até a mamãe. ⇨ Aqui “todos” foram, partiram, inclusive “a mamãe”.

g) – “Vota Brasil!” ⇨ Aqui o “Brasil” – sujeito – faz a ação de votar. Observe que o verbo “votar” se encontra no presente do indicativo.

– “Vota, Brasil!” ⇨ Aqui o vocábulo “Brasil” passa a exercer a função de “vocativo”. O verbo “votar” se encontra agora na segunda pessoa do imperativo afirmativo.

Reiterando: O emprego dos sinais de pontuação – notadamente a vírgula – pode provocar alterações do sentido e da função sintática dos termos.

9.2 PRINCIPAIS SINAIS DE PONTUAÇÃO

Pontuar é, antes de mais nada, dividir o discurso, separar-lhe as partes quando for necessário. Clara definição para o que vem a ser “pontuar” nos deixou o ilustre mestre Celso Pedro Luft: “Pontuar bem é ter visão clara da estrutura do pensamento e da frase. Pontuar bem é governar as rédeas da frase. Pontuar bem é ter ordem no pensar e na expressão”.

Para que bem se efetue esse domínio, empregam-se os sinais de pontuação os quais se

dividem em sinais de pausa e sinais de entonação ou melódicos.

1. Sinais de pausa:

a) a vírgula (,);
b) o ponto (.);
c) o ponto e vírgula (;).

2. Sinais de entonação ou melódicos:

a) os dois-pontos (:);
b) o ponto de exclamação (!);
c) o ponto de interrogação (?);
d) as reticências (...);
e) as aspas (“ ”);
f) os parênteses (( ));
g) os colchetes ([ ]);
h) o travessão (–).

⇨ **Observações:**

a) Outros sinais podem, em alguns contextos, ser empregados para a marcação de melodia e entonação (recursos expressivos) como o hífen, o parágrafo, o destaque de letras e palavras (emprego do negrito, por exemplo).
b) Em muitos contextos, encontramos o “emprego cumulativo de sinais de pontuação”. Podem combinar-se o ponto de interrogação com o ponto de exclamação e vice-versa; e qualquer dos dois, ou ambos, com as reticências. Podemos também usar as reticências e logo em seguida um ponto de exclamação. Com essas combinações, é possível se obter as mais variadas expressões, seja para indicar simultaneamente a surpresa ou a dúvida contida numa pergunta, seja a expectativa ou a incerteza do interlocutor, seja o prolongamento das entoações interrogativa e exclamativa – entre tantos outros matizes emocionais.

- “Teve o Lemos outro sobressalto que o fez de novo pular na cadeira.

  - Como?... Tem alguém de olho?” (José de Alencar)

- “– Eu estou bem em toda parte, padre-mestre, disse o pároco, caçando os seus chinelos de ourelo. Olha o seminário!... E em Feirão! Caía-me a chuva na cama.” (Eça de Queiroz)

- “Silfos ou gnomos tocam?...

  Roçam nos pinheirais

  Sombras e bafos leves

  De ritmos musicais.” (Fernando Pessoa)

9.2.1 EMPREGO DA VÍRGULA (,)

Para estudar o emprego da vírgula, primeiro é preciso entender que ela pode ser usada tanto para isolar termos dentro das orações quanto para separar orações dentro de um período composto. Por isso, dividimos seu emprego em:

9.2.1.1 A vírgula entre os termos de uma oração

Emprega-se a vírgula:

a) Para separar termos coordenados assindéticos (sem ligação por conectivo), de mesma função sintática, que formam, muitas vezes, enumerações.

- Deparamo-nos em nossa viagem com uma paisagem paradisíaca na qual se viam o sol, algumas nuvens, o mar ao longe, alguns coqueiros e duas casas numa restinga.
- “Havia sermonários latinos, um Marco Marullo, três retóricas, muitas teologias morais, um Euclides, comentários de versões literais de Tito Livio e Virgílio.” (Camilo Castelo Branco)
- A vida, o infinito, o sol, o mar, tudo é um louvor a Deus.

⇨ **Observações:**

Quando o último elemento de uma série enumerativa vier precedido da conjunção “e”, a vírgula é dispensada. Neste caso, diz-se que se fez uma “enumeração fechada”, pois o último elemento, introduzido pelo conectivo aditivo “e”, finaliza o pensamento, o que não permite inferir que haja outros elementos não mencionados.

- Na festa, todos saltavam, riam, cantavam e dançavam freneticamente.

Não se deve empregar a vírgula antes das conjunções “e, ou, nem” quando estas ligarem palavras ou mesmo orações de pequena extensão.

- “Todo ele era atenção e interrogação.” (Machado de Assis)
- Nem um nem outro lhe deve ficar obrigado.” (A. Herculano)
- “Com ela ou sem ela, tenho por certa a nossa ida.” (Machado de Assis)

Emprega-se a vírgula antes do “e” quando este vier repetido antes de cada um dos elementos (polissíndeto).

- “Tua irmã é carinhosa, e doce, e meiga, e casta, e consoladora.” (Eça de Queiroz)

b) Para isolar vocativos.

- “Mas olha, meu Telmo, torno a dizer-to: eu não sei como hei de fazer para te dar conselhos.” (A. Garrett)
- Que foi, Madalena, há algum problema na comida?
- “De maneira, cristãos, que temos hoje a maior tentação: queira Deus que tenhamos também a maior vitória.” (Pe. Antonio Vieira)

c) Para separar adjuntos adverbiais locucionais deslocados dentro da estrutura oracional.

- “A morte de Afonso VI, quase no fim da primeira década do século XII, deu origem a acontecimentos ainda mais graves do que os por ele previstos...” (A. Herculano)
- “Desde as quatro horas da tarde, no calor e silêncio do domingo de junho, o Fidalgo da Torre (...) trabalhava.” (Eça de Queiroz)
- “Depois das grandes dores e das lágrimas torrenciais, forma-se também no coração do homem um húmus poderoso...” (José de Alencar)
- “Diante dessa varanda, na claridade forte, pousava a mesa ... .” (Eça de Queiroz)

⇨ **Observações essenciais:**

Os adjuntos adverbiais formados por um só vocábulo – e mesmo os adjuntos adverbiais locucionais, de pequena extensão – dispensam a vírgula, salvo se se quiser conferir-lhes ênfase.

- Iremos hoje ao shopping.
- Todos em princípio discordam do que ele disse.
- Amanhã de manhã chegarão o Presidente da República e toda a sua comitiva.
- “Logo pela primeira vez o caso intrigou a vizinhança.” (Lima Barreto)
- “Esta atitude de resto convém ao bacharel... .” (Eça de Queiroz)

Os adjuntos adverbiais terminados no sufixo “-mente” seguem a regra de pontuação dos adjuntos adverbiais simples: ou não se põe nenhuma vírgula, ou se isola o advérbio com vírgula(s) para conferir-lhe ênfase ou alterar-lhe a semântica.

- “É verdade que a guitarra vinha decentemente embrulhada em papel, mas o vestuário não lhe escondia inteiramente as formas.” (Lima Barreto)
- “... uma flor consolaria aquela deserdada; mas na disposição dos seres, infelizmente, a Substância que lá devia ser rosa é aqui na Baixa homem de Estado...” (Eça de Queiroz)
- “Realmente, era graciosa e viva nos gestos, olhos cálidos, boca fina e interrogativa.” (Machado de Assis)

d) Para isolar apostos explicativos.

- “Vós fostes o aio e amigo de meu senhor... de meu primeiro marido, o Senhor D. João de Portugal...” (A. Garrett)
- “O Dr. Camargo, médico e velho amigo da casa, foi ter com Estácio.” (Machado de Assis)
- Recife, cidade cortada por rios, é conhecida como a Veneza brasileira.
- Salomão, filho de Davi, foi um rei sábio.

e) Para isolar o nome do lugar quando seguido de data.

- Palmares, 2 de fevereiro de 2004.

f) Para isolar alguns termos sintáticos – geralmente complementos verbais – postos no início do período (anástrofe), com o intuito de conferir-lhes ênfase, desde que sejam retomados de forma pleonástica por pronome oblíquo.

- As ideias do nosso presidente, já não mais as defendo.
- Aos amigos do alheio, difícil é perdoar-lhes os prejuízos que causam.

g) Para isolar o predicativo do sujeito deslocado dentro da estrutura oracional quando o verbo não é de ligação.

- Triste com a notícia, o rapaz deixou a sala em silêncio.
- O governo, contente com a redução da inflação, interveio junto ao Banco Central para que este diminua a taxa Selic.
- O professor, desesperado, deixou a sala.

h) Para indicar uma elipse (ocultação), geralmente, de um verbo.

- O Brasil sempre exportou carnes; a Argentina, sapatos e couro; a Venezuela, petróleo. (Elipse do verbo “exportar”)
- “A moral legisla para o homem; o direito, para o cidadão.” (Tomás Ribeiro apud Artur de A. Tôrres)

- Marcos estuda francês, e João, inglês.

i) Para separar expressões explicativas, conclusivas e retificativas, interpostas na oração, como "isto é, a saber, ou seja, por exemplo, ou melhor, outrossim, com efeito, assim, então, por assim dizer, além disso, ademais etc.".

- "Quaresma fez o "Tangolomango", isto é, vestiu uma velha sobrecasaca do general..." (Lima Barreto)
- "Esta singularidade era um símbolo da união, ou melhor, da comunhão que o dono da casa queria que houvesse durante a ceia..." (José de Alencar)
- "O calor úmido das paragens amazonenses, por exemplo, deprime e exaure." (Euclides da Cunha)

j) Para separar os elementos paralelos nas frases proverbiais.

- O velho a estirar, o diabo a enrugar.
- Dinheiro na mão, amigos no portão.

9.2.1.2 A vírgula entre as orações

a) Para separar orações coordenadas assindéticas.

- "Entregou a espingarda a sinhá Vitória, pôs o filho no cangote, levantou-se, agarrou os bracinhos..." (Graciliano Ramos)
- "Os juazeiros aproximaram-se, recuaram, sumiram-se." (Graciliano Ramos)
- "Deus quer, o homem sonha, a obra nasce." (Fernando Pessoa)
- "E agora, José?
  A festa acabou,
  a luz apagou,
  o povo sumiu,
  a noite esfriou." (C. Drummond)

b) Emprega-se a vírgula para separar as orações coordenadas sindéticas, exceto as introduzidas pelo conectivo aditivo "e".

- "... as duas janelas estavam cerradas, mas sentia-se fora o sol faiscar nas vidraças..." (Eça de Queiroz)
- "Não freqüentava botequins, nem fazia noitadas." (Eça de Queiroz)

- "... ora tinha trabalho que me obrigava a fechar o gabinete, ora saía ao domingo para ir passear pela cidade e arrabaldes o meu mal secreto." (Machado de Assis)
- "Note que é só para fazer mal, porque ele é tão religioso como este lampião." (Machado de Assis)
- Não estudas regularmente, logo és um mau aluno.

⇨ Observações:

A vírgula é de rigor antes do "e" aditivo quando vem repetido antes de cada oração (polissíndeto), quando o "e" possui valor adversativo, ou quando a oração introduzida pelo "e" apresenta sujeito diverso da oração assindética anteposta.

- Preparou-se profundamente para o concurso, e não conseguiu ser aprovado nem na primeira etapa.

> O "e" possui valor adversativo.

- "Cumpriu-se o Mar, e o Império se desfez." (Fernando Pessoa)

> Os sujeitos das orações são diferentes.

- "Rita tratou especialmente do coração, e ninguém o faria melhor." (Machado de Assis)
- *"Rondo-te, e arquejo, e choro, ó cidadela!"* (Olavo Bilac, apud Domingos Paschoal Cegalla)

Boa parte dos conectivos coordenativos admite o deslocamento dentro da oração coordenada de que eles fazem parte. Um bom paradigma nos dão as conjunções coordenativas adversativas (construções possíveis):

- As ideias construídas por ele têm fundamento, mas são inaplicáveis à realidade do dia a dia.

> Posição mais comum – conectivo introduz a oração coordenada sindética.
> A vírgula deve ser aplicada antes do conectivo.

- As ideias construídas por ele têm fundamento; entretanto, são inaplicáveis à realidade do dia a dia.

> pontuação enfática para o conectivo

- As ideias construídas por ele têm fundamento; são inaplicáveis, porém, à realidade do dia a dia.

conectivo deslocado dentro da oração sindética

- As ideias construídas por ele têm fundamento; são inaplicáveis à realidade do dia a dia, no entanto.

conectivo deslocado dentro da oração sindética

Quando a oração assindética é de considerável extensão, pode-se finalizá-la com um ponto. Depois inicia-se a oração sindética com conectivo adequado, o qual poderá ou não ser isolado por uma vírgula.

- "Quis puxar as de Capitu, mas ainda agora a ação não respondeu à intenção. Contudo, achei-me forte e atrevido." (Machado de Assis)
- "A criação de gado é ali a sorte de trabalho menos impropriada ao homem e à terra. Entretanto não há vislumbrar nas fazendas do sertão a azáfama festiva das estâncias do Sul." (Euclides da Cunha)

c) Para separar orações subordinadas adjetivas explicativas.

- "Aquele olhar profundo, que parecia despedir os fogos surdos de uma labareda oculta, incutia nela um desassossego íntimo." (José de Alencar)
- O homem, que é mortal, julga-se às vezes eterno.
- "Eu, que já a achava lindíssima, bradaria que era a mais bela criatura do mundo se o receio me não fizesse discreto." (Machado de Assis)
- "Qualquer príncipe italiano, cujo principado é menos do que a sua capital, tem residências dez vezes mais magníficas do que esse bocó de Sanjon." (Lima Barreto)

d) Para separar orações subordinadas adverbiais desenvolvidas quando antepostas à oração principal ou intercaladas nela.

- "Logo que começou a revolver os papéis, a mão do médico tornou-se mais febril." (Machado de Assis)
- O conselheiro, embora não figurasse em nenhum grande cargo do Estado, ocupava elevado lugar na sociedade. (Machado de Assis)
- A audiência foi, conforme atestaram os advogados, bastante positiva para a defesa.
- "Como pregava gratuitamente, o vigário de Caldelas era chamado por todos os mordomos e

confrarias festeiras.” (Camilo Castelo Branco)

e) Para separar as orações reduzidas (de gerúndio, de infinitivo e de particípio) adverbiais e adjetivas quando antepostas à oração principal ou intercaladas nela.

- “Hoje, pensando melhor, acho que servi de alívio.” (Machado de Assis)
- Acabada a balada, retiraram-se os convidados.
- “Provado o roubo, iremos haver a importância dos dois brilhantes ultimamente comprados ao ourives que no-los vendeu.” (Camilo Castelo Branco)
- “A Serra do Grão-Mogol, raiando as lindes da Bahia, é o primeiro espécimen dessas esplêndidas chapadas imitando cordilheiras...” (Euclides da Cunha)
- A lagarta, paralisada pelo veneno da vespa, nada poderá fazer para evitar o seu martírio.

f) Para separar orações intercaladas.

- “Venha, acudiu ele, venha o grande o homem.” (Machado de Assis)
- Cão que ladra, diz o dito popular, não morde.
- “Onde é que se viu, diziam eles, um imperador que só tem dois palácios?” (Lima Barreto)

9.2.1.3 Não se emprega a vírgula

O emprego da vírgula, como já vimos, obedece a critérios bem definidos. Pode ser empregada tanto entre termos de uma oração quanto entre orações. O interessante é notar que boa parte dos casos estudados se refere a estruturas nas quais existem inversões (ordem indireta). Por causa dessas inversões “pontua-se”, emprega-se algum sinal de pontuação para evitar confusões. Logo, a ordem direta, em princípio, dispensa o emprego de sinais de pontuação. Portanto, o estudante da língua-mãe deve estar atento à estrutura do período se quiser empregar bem algum sinal de pontuação. Observe o exemplo abaixo:

- O ex-diretor licenciado da empresa brasileira de correios e telégrafos deverá viajar nas próximas duas semanas.

O período dispensa qualquer sinal de pontuação, porquanto se encontra na ordem direta.

Ademais, não se deve empregar a vírgula:

a) Entre o sujeito e o seu verbo quando juntos, ainda que um preceda ao outro.

- A indignação de muitos estudantes, não transpõe o âmbito das conversas privadas.
- Não é fácil, manter-se o equilíbrio entre o direito e o dever.
- O fato de ter cultivado tantos amigos e granjeado o respeito de todos, é prova suficiente de

que ele teve uma vida digna.

- Fica claro, que deve ser pago ao reclamante o valor referente às horas suplementares.

b) Entre o verbo e o(s) seu(s) complemento(s) quando juntos, ainda que um preceda ao outro.

- O artigo 273 do CPC garante, ao autor, a antecipação dos efeitos da tutela.
- Deverão ser entregues ao auditor, todas as cópias, devidamente autenticadas.
- São vultosos os prejuízos causados pelos sonegadores e pelos corruptos ao povo brasileiro, com os quais, se indigna o motorista.
- Esclarece o reclamante, que a empresa jamais efetuou qualquer depósito em sua conta vinculada.

c) Entre o nome (substantivo, adjetivo ou advérbio) e o seu complemento quando estão juntos.

- Ele sempre exerceu uma forte influência, na investigação dos casos de corrupção no Brasil.
- Não havia mais dúvidas, de que a vida dele era uma questão de dias.
- Os homens têm-se tornado insensíveis, à dor alheira.

d) Entre o nome (substantivo) e o seu adjunto adnominal.

- A casa e todos os bens, de nossos avós, foram doados para abrigos de idosos.
- Ficou durante um bom tempo impressionado com o nome, do marido dela.

e) Entre o nome e a oração subordinada adjetiva restritiva.

vírgulas inadequadas – a oração adjetiva é restritiva

- O homem, que fuma, aumenta a probabilidade de desenvolver câncer de pulmão.

vírgulas inadequadas – a oração adjetiva é restritiva

- O deputado, que é honesto, possui mais facilidade para se reeleger em uma segunda eleição.

⇨ **Observação:**

Quando a oração adjetiva restritiva é de certa extensão, é lícito empregar a vírgula ao final dela.

- "As famílias que se estabeleceram naquelas encostas meridionais das longas serranias

chamadas pelos antigos Montes Marianos, conservaram por mais tempo os hábitos erradios dos povos pastores." (M. Said Ali – *Gramática Secundária da Língua Portuguesa*)

f) Entre a oração principal e a oração subordinada substantiva, salvo a oração subordinada substantiva apositiva.

- Mostrou-se bastante ansioso, por que o problema logo fosse resolvido.
- O deputado secretamente nos disse, que o Brasil certamente passará por uma crise financeira em breve.
- Nosso maior problema fora, que ele não admitia ser cuidado por ninguém.

⇨ **Observação:**

Se a oração subordinada substantiva vier anteposta à oração principal, a vírgula é de rigor.

- Que ele é o presidente, já se sabia; que ele não tem competência, já se sabia também.
- Quando ocorrerá o evento, não se disse.

9.2.2 EMPREGO DO PONTO (.)

É o principal sinal de pontuação empregado para finalizar as proposições declarativas, simples ou compostas, de sentido completo.

- "Os pés do que entrara apenas faziam um rumor sumido no chão de mármore. Vinha descalço. A sua aljarabia ou túnica era de lá grosseiramente tecida, o cinto uma corda de esparto." (A. Herculano)
- "Estava Ângela na janela da sua casa na "rua do Bispo", quando o marido surdiu da esquina da "Praça nova". Reconheceu-o logo pela corpulência redonda." (Camilo Castelo Branco)

O ponto final também é empregado para:

a) Encerrar a oração adversativa assindética de certa extensão, principalmente quando a oração sindética posposta é aditiva ou adversativa e traz uma ideia nova, um pensamento novo em relação à oração assindética.

- "– Quando era mais jovem, em criança, era natural, ele podia passar por criado. Mas você está ficando moço e ele vai tomando confiança." (Machado de Assis)
- "O mistério que havia entre ambos ninguém o podia entender. E, todavia, a explicação era bem simples: estava no caráter extremamente religioso do califa, na sua velhice e no seu passado de príncipe absoluto." (A. Herculano)

b) Indicar a abreviatura de uma palavra. Neste caso, recebe o nome de “ponto abreviativo”.

- pág. ou p.
- Cel. (Coronel)
- r. (rua)
- prof. (professor)
- Dr. (doutor)

9.2.3 EMPREGO DO PONTO E VÍRGULA (;)

O ponto e vírgula representa uma pausa maior que a vírgula e menor que o ponto final. Não há regras bem delimitadas para o seu emprego. É comum empregar:

a) Para separar os incisos de leis, decretos, portarias etc.

Art. 3.º Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil:

I – construir uma sociedade livre, justa e solidária;

II – garantir o desenvolvimento nacional;

III – erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais;

IV – promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

b) Para separar orações coordenadas de sentidos opostos.

- A irmã odeia esportes; o irmão ama tudo que exige movimento.
- “O egoísmo vê na revolução um fato que destrói; o gênio contempla na revolução uma idéia que edifica.” (Coelho Neto *apud* Jorge Miguel)
- João é um trabalhador; Pedro é um vadio.

c) Para separar orações coordenadas de considerável extensão, principalmente quando em qualquer destas proposições já existe pausa mais fraca assinalada por vírgula.

- A porta ficava à direita da grande coluna de entrada do templo budista; a sala do mestre localizava-se depois dessa porta.
- Nada se comparava ao devaneio sentido naquele momento da sessão de psicoterapia; e contava-me tudo sem restrições.
- À véspera do grande evento, o jovem pianista entregou-se, em seu quarto, ao silêncio e à meditação; e passou as últimas 24 horas em total solidão.
- O governo, depois do confronto com os manifestantes, resolveu negociar; mas os termos da negociação ainda serão analisados pela Procuradoria Regional do Trabalho.

9.2.4 EMPREGO DOS DOIS-PONTOS (:)

Os dois-pontos representam geralmente uma pausa repentina, instantânea, um pouco mais intensa que a vírgula, indicando, na maioria dos casos, uma estrutura incompleta. São empregados para:

a) Separar o verbo de dizer (*dicendi*) do discurso direto (fala) da personagem.

- E a filha, cingindo-lhe ao pescoço, exclamara:
  – E quando vamos? (Camilo Castelo Branco)
- "O romano Aécio teve, porém, piedade de Átila e aos filhos de Teodorico disse: – Ide-vos, porque o império está salvo." (A. Herculano)

b) Enunciar uma enumeração.

- Frequentemente lia os clássicos portugueses: Camões, Camilo, Herculano e Quental.
- Durante a aula, anote as seguintes coisas: principais pontos, as principais definições e as principais aplicações.

c) Separar expressões que explicam ou completam o que foi dito anteriormente.

- "Mal, porém, o marido lhe dava as costas, voltava-lhe a fraqueza: vinham-lhe as lágrimas, tornavam as agonias." (Lima Barreto)
- "Olhe que ambas elas têm nomes inspiradores: uma é Berta, a outra é Laura." (Camilo, apud Arthur de A. Torres)
- "Hoje, a cobiça assentou-se no lugar da eqüidade: o juiz vende a consciência no mercado dos poderosos, como as mulheres de Babilônia vendiam a pudicícia nas praças públicas aos que passavam, diante da luz do dia." (Camilo Castelo Branco)
- "A morte não extingue: transforma; não aniquila: renova; não divorcia: aproxima." (Rui Barbosa, apud Jorge Miguel)

d) Indicar uma citação, alheia ou própria.

- Pensamos como Pitágoras: "Educai as crianças e não será preciso castigar os homens".
- "Disse comigo: 'Que importa ao mundo a vida de um pobre truão'"? (A. Herculano)
- Às margens do Ipiranga, bradou D. Pedro I: "Independência ou morte!".

e) Marcar a supressão de uma conjunção (conectivo).

- Penso hoje que a vocação dele era, de fato, o serviço público: sentia-se suficientemente recompensado pela responsabilidade que lhe cabia.

Supressão de conjunção causal (porque, já que, visto que etc.)

- “Tereza não ouviu o remate da brutal apóstrofe: tinha fugido aturdida e envergonhada.” (Camilo Castelo Branco)

Supressão de conjunção causal (porque, já que, visto que etc.)

9.2.5 PONTO DE EXCLAMAÇÃO (!)

É o sinal de pontuação empregado depois de interjeições, palavras ou frases com o intuito de expressar admiração, espanto, surpresa, afeto, cólera, ou seja, estados emotivos.

- “Espanta discrição tamanha na índole de Simão Botelho, e na presumível ignorância de Teresa em coisas materiais da vida, como são um patrimônio!” (Camilo Castelo Branco – Amor de perdição)
- “— O lacaio ficou-se de uma vez! disse o vestido roxo com um movimento de impaciência.
  — É verdade! respondeu distraidamente a companheira.” (José de Alencar)
- “Ah! quem pode saber de que outras vidas veio?...
  Quantas vezes, fitando a Via-Láctea, creio
  Todo o mistério ver aberto ao meu olhar!” (Olavo Bilac)

⇨ **Observação:**

Às vezes, aparecem juntos o ponto de exclamação e o ponto de interrogação, imprimindo à frase tanto um caráter exclamativo quanto um caráter interrogativo.

- “É a história. E história assim poderá ouvi-la a olhos enxutos a mulher, a criatura mais bem formada das branduras da piedade, a que por vezes traz consigo do céu um reflexo da divina misericórdia?!” (Camilo Castelo Branco)
- “Como queres que eu vá, triste e sozinho,
  Casando a treva e o frio de meu peito
  Ao frio e à treva que há pelo caminho?!” (Olavo Bilac)

9.2.6 PONTO DE INTERROGAÇÃO (?)

É o sinal de pontuação usado depois de palavras e frases interrogativas.

- “Não haveria castigo que me tirasse semelhante remorso da consciência, fosse de que modo fosse, perpetrado o assassinato. Que acha você?

  — Eu também; mas você sabe o que dizem esses políticos que sobem às alturas com dezenas de assassinatos nas costas?” (Lima Barreto)

- “Não foi preciso romper o sobrescrito, porque vinha aberta.

  — É de meu pai... disse Amâncio.

  — Ah! é do velho Vasconcelos?... Como vai ele?” (Aluísio Azevedo)

- “Lembras-te? Um dia me disseste:

  “Tudo acabou!” E eu exclamei:

  “Se vais partir, por que vieste?” (Olavo Bilac)

⇨ **Observação:**

Nas interrogativas indiretas, o ponto de interrogação é dispensado.

- “Perguntou ao arreeiro se conhecia alguma casa em Viseu onde ele pudesse estar escondido uma noite ou duas, sem receio de ser denunciado.” (Camilo Castelo Branco)

- “Não ficaram estes contentes e procuraram indagar quem era o dono da casa.” (Lima Barreto)

9.2.7 RETICÊNCIAS (...)

É o sinal de pontuação empregado para indicar a supressão de um pensamento, de uma ideia. O emprego das reticências – chamadas também de “pontos de reticência” – procura aproximar ao máximo o leitor do estado de espírito do falante.

- “No seu tempo, dizia o cônego, o pároco era um rapaz franzino, acanhado, cheio de espinhas carnais... “ (Eça de Queiroz)

- “— Vamos, Eugênio. São horas... vamos apartar os bezerros e tocar as vacas para a outra banda.” (Bernardo Guimarães)

- “E os senhores, a serem cá de Lisboa, hão de dizer que sim. Mas nós...” (A. Garret)

⇨ **Observação:**

Às vezes as reticências aparecem combinadas com o ponto de exclamação ou com o ponto de interrogação.

- “És filho de teu pai!... Não importa.” (A. Herculano)

- “Para que tornar-lhe a morte mais aflitiva pela certeza...?” (Machado de Assis)

9.2.8 ASPAS (“ ”)

As aspas são sinais de pontuação geralmente empregados nas citações ou transcrições para distingui-las da parte restante do discurso. As aspas, portanto, indicarão o início e o fim do discurso alheio.

- Depois de se conservar algum tempo em silêncio, exclamou:

  “Se os mensageiros dos levantados não chegarem até o anoitecer, não falemos mais nisso.” (A. Herculano)

- A maçã parecia um creme! Até a mana Josefa disse: “Está tão boa que parece que foi cozida em água benta!” (Eça de Queiroz)

- Supôs-se naquele tempo um desgraçado, um caipora, quando a verdade era que “mais vale quem Deus ajuda, do que quem cedo madruga”. (Machado de Assis)

- O *Times* dizia o ano passado: “Desorganizado está o partido cujo acordo reduz-se a reconhecer o princípio negativo de que *a função da oposição consiste em opor-se*”. (Rui Barbosa)

Além desse emprego mais frequente das aspas, elas são também usadas para:

a) Enfatizar um termo, uma palavra ou uma expressão dentro da estrutura oracional.

- Os pais sorriam-se cheios de satisfação da ingenuidade do “mestrinho”, como daí em diante o chamavam, e não lhe levavam a mal as suas longas e quotidianas ausências. (Bernardo Guimarães)

- Aprendeu a “artinha” musical na terra do seu nascimento, nos arredores de Diamantina, em cujas festas de igreja a sua flauta brilhara, e era tido por muitos como o primeiro flautista do lugar. (Lima Barreto)

- Margarida já está ficando uma senhora, e você não pode tratar “a ela” agora como no tempo em que brincavam juntos o “esconde-esconde”. (Bernardo Guimarães)

b) Salientar palavras de outras línguas – estrangeirismos – usadas dentro de um período.

- “Diex le volt!” E, barão entre os barões primeiros

  Foste, através da Europa, ao Sepulcro ameaçado. (Olavo Bilac)

- Tenho que lá estar

  E acreditem, o cansaço antecipado é tão grande

  Que, se o “Sud Express” soubesse, descarrilava... (Fernando Pessoa)

- Deu-lhe dinheiro para voltar, um chapéu de cortiça, umas perneiras, um cachimbo e uma lata de fumo “Navy Cut”; ... (Lima Barreto)

c) Isolar o discurso de um personagem em textos narrativos. Geralmente isso ocorre quando se trata de discursos únicos, de pouca extensão.

- São retratos que valem por originais. O de minha mãe, estendendo a flor ao marido, parece dizer: “Sou toda sua, meu guapo cavalheiro!” (Machado de Assis)
- Não pude ouvir as palavras que tio Cosme entrou a dizer. Prima Justina exortava: “Prima Glória! Prima Glória!”. José Dias desculpava-se: “Se soubesse, não teria falado, mas falei pela veneração, pela estima, pelo afeto, para cumprir um dever amargo, um dever amaríssimo...” (Machado de Assis)

d) Salientar gírias, arcaísmos e formas populares que fogem do nível da fala usada pelo autor do texto.

- Toda a província o aterrava: via-se lá obscuro, jogando a manilha na Assembleia, morrendo de caquexia. Por isso não “arredava pé”; e esperava, com a tenacidade do plebeu sôfrego, uma clientela rica, uma cadeira na escola, um cupê para as visitas, uma mulher loura com dote. (Eça de Queiroz)
- Passam as “chuvas do caju” em outubro, rápidas, em chuvisqueiros prestes delidos nos ares ardentes, sem deixarem traços; ... (Euclides da Cunha)

e) Indicar – algumas vezes de forma irônica – o emprego de palavras em sentido diverso do que lhe é habitual.

- Cruzamos a povoação em todos os sentidos, procurando rastrear algum vestígio. Confrontar algum sítio onde pudéssemos colocar, pela mais atrevida suposição que fosse, a tenda do nosso Alfageme com as suas espadas bem “corrigidas”, as suas armaduras luzentes e bem postas. (A. Garret)
- Um desses “oficiais” defensores da legalidade era o Capitão Virgulino Ferreira, o Lampião. (Raquel de Queiroz)

⇨ **Observação:**

Quando se quer enfatizar um termo ou expressão que já se encontra entre aspas, devem ser usadas as aspas simples (‘ ’).

- Uma manhã, depois de um grande silêncio de Basílio, recebeu da Bahia uma longa carta, que começava: “Tenho pensado muito e entendo que devemos considerar a nossa inclinação como uma ‘criancice’...” (Eça de Queiroz)

9.2.9 PARÊNTESES (( ))

Os parênteses são frequentemente usados na escrita para isolar termos, palavras, expressões e orações intercalados na estrutura oracional e muitas vezes deslocados dentro dela. Por isso, são empregados para:

a) Isolar – à semelhança do emprego da vírgula e do travessão – termos, notas e orações acessórios, intercalados no período.

- "A entrada ao que me dizem (eu nunca entrei a barra) é um panorama grandioso, rival das Constantinoplas e das Nápoles." (Eça de Queiroz)
- "Se eu morrer – e ainda bem! – antes desse dia (dia, talvez, inevitável!), deixarei dito a Mafalda que seja sempre o que tua mãe e eu fomos para ti: o coração devotado sem condições." (Camilo Castelo Branco)
- "Posto que nascido na roça (donde vim com dous anos) e apesar dos costumes do tempo, eu não sabia montar, e tinha medo ao cavalo." (Machado de Assis)
- "Um criado (o espanhol) acendeu o gás. Os outros convivas seguiram o primeiro, escolheram charutos e os que ainda não conheciam o gabinete admiraram os móveis bem-feitos e bem dispostos." (Machado de Assis)

b) Isolar palavras e expressões de valor explicativo dentro do período à semelhança do emprego da vírgula e do travessão.

- "Chegamos ao Inn (estalagem), triste casa solitária no meio dos campos à borda da estrada." (A. Garret)
- "Olha para si, para as chinelas (umas chinelas de Túnis, que lhe deu recente amigo, Cristiano Palha), para a asa, para o jardim, para a enseada, para os morros e para o céu; e tudo, desde as chinelas até o céu, tudo entra na mesma sensação de propriedade." (Machado de Assis)

c) Isolar – à semelhança da vírgula e do travessão – a oração adjetiva explicativa:

- "Se os homens (que, em geral, são maus os homens todos)

  Te insultarem a crença, e a cobrirem de apodos,

  Que dirás, que farás contra essa gente inculta?" (Olavo Bilac)
- "O vaqueiro separa escrupulosamente a grande maioria de novas cabeças pertencentes ao patrão (nas quais imprime o sinal da fazenda) das poucas, um quarto, que lhe couberam por sorte." (Euclides da Cunha)

d) Indicar o comportamento da(s) personagem(ns) em textos narrativos ou peças escritas para o teatro.

- “Não tem outro defeito; é uma alma lavada, e amiga da sua amiga. Verdade, que, às vezes... (aqui a prelada ergueu-se a escutar nos dormitórios, e fechou por dentro a porta); ...” (Camilo Castelo Branco)
- “Ágata (caindo de joelhos aos pés de Júlio)

“— Mas mata-me! Mata-me, por piedade! Antes a morte, que ver, com esses desprezos, o coração rasgado fibra a fibra!” (Eça de Queiroz)

e) Isolar orações subordinadas reduzidas e desenvolvidas intercaladas.

- “Quando eu referi a Escobar aquela opinião de minha mãe (sem lhe contar as outras naturalmente) vi que o prazer dele foi extraordinário.” (Machado de Assis)
- “— De resto, segundo ele, a fêmea era um ente subalterno; o homem deveria aproximar-se dela em certas épocas do ano (como fazem os animais, que compreendem estas coisas melhor que nós), fecundá-la, e afastar-se com tédio.” (Eça de Queiroz)
- “O único expediente regular (para revogar uma lei que não se acha de acordo com as necessidades de uma nação) é o remédio que pode provir do Poder Legislativo.” (Rui Barbosa)

f) Isolar o advérbio latino “*sic*”, que significa “assim”, usado quando se quer atestar a fidelidade de um texto transcrito. Geralmente os escritores mais modernos o usam quando há desvio da norma culta no trecho transcrito.

- Nessa altura, entrava em detalhes secretos da vida feminina e aduzia: “foi uma grande tristeza em saber que o doutor R. S. sabe de teus particulares moral” (*sic*). (Lima Barreto)

⇨ **Observação:**

Como se pode perceber pelas orientações acima, os parênteses também substituem a vírgula e o travessão, embora não seja comum na língua pátria essa substituição. Entretanto, é preciso ter muito cuidado, pois em muitas construções os parênteses (e até mesmo os travessões) fazem o isolamento exclusivo de um único termo, sendo necessário o uso de uma vírgula após o termo isolado. Vejamos:

- Quando chegou, a reunião já havia começado. (Emprego obrigatório da vírgula para separar a oração adverbial temporal, anteposta à oração principal).
- Quando chegou (ele só chega atrasado), a reunião já havia começado. (Veja que nesse exemplo os parênteses isolam apenas a oração interferente “ele só chega atrasado”, sendo necessário o emprego da vírgula para separar a oração subordinada adverbial temporal, anteposta à oração principal.

9.2.10 COLCHETES ([ ])

Os colchetes apresentam emprego semelhante ao dos parênteses. Aliás, os colchetes são considerados como “parênteses em forma angular” ou “parênteses quadrados”. O emprego mais largo deste sinal ocorre na matemática, quando os colchetes precedem os parênteses numa equação.

9.2.11 TRAVESSÃO (–)

É o sinal de pontuação representado por um traço de certa extensão, um pouco mais longo que o hífen, que geralmente simboliza pausas dentro da estrutura oracional. Logo, emprega-se para:

a) Substituir a vírgula e até mesmo os parênteses, indicando uma pausa mais extensa, mais profunda, mais enfática.

- “Todo aquele dia lhe aparecia como enevoado, sem contornos, à maneira de um sonho antigo – onde destacava a cara balofa e amarelada do padre, e a figura medonha de uma velha, que estendia a mão adunca, com uma sofreguidão colérica, empurrando, rogando pragas, quando, à porta da igreja, Jorge comovido distribuía patacos.” (Eça de Queiroz)
- “Entre quarenta e oito liberais de um lado, que sustentam o projeto, e quarenta e um conservadores do outro, que o combatem, vós – *os nove* – preferis fundir-vos na minoria inimiga do vosso partido, para com essa aliança constituir maioria hostil ao gabinete.” (Rui Barbosa)
- “Boas, ou más, justas, ou falsas, liberais, ou revolucionárias, dêem-lhes lá os qualificativos que quiserem (depois os discutiremos), – a verdade é que o que, precisamente, se não podia esperar do redator-chefe desta folha, eram outras opiniões, outras conclusões, outras atitudes, que não as mantidas por ele nestas colunas.” (Rui Barbosa – *Obras seletas*)

⇨ **Observação:**

Perceba que o emprego de um sinal de pontuação não elide o emprego de um outro. Prova disso é o último exemplo extraído de um discurso do mestre Rui Barbosa, cujos termos foram publicados em 2 de abril de 1889, em um diário de notícias daquele tempo.

- Quando ele chegou às 9h45min – ele sempre chegava atrasado –, o diretor já fizera os comentários iniciais.

b) Para indicar a mudança de interlocutor nos discursos narrativos.

- “Na varanda achei prima Justina, passeando de um lado para outro. Veio ao patamar e perguntou-me onde estivera.

  — Estive aqui ao pé, conversando com D. Fortunata, e distraí-me. É tarde, não é? Mamãe perguntou por mim?

— Perguntou, mas eu disse que você já tinha vindo.” (Machado de Assis)

9.3 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (Juiz de Direito – TJ/SP) Assinale a alternativa correta quanto à pontuação.

a) É certo que um acordo, embora, às vezes, possa haver condições não almejadas pelas partes, torna-se mais vantajoso, após anos de litigância, do que a expectativa de uma decisão desfavorável.

b) É certo, que um acordo, embora às vezes possa haver condições, não almejadas, pelas partes, torna-se mais vantajoso após anos de litigância, do que a expectativa de uma decisão, desfavorável.

c) É certo, que um acordo, embora, às vezes, possa haver, condições não almejadas pelas partes, torna-se, mais vantajoso, após anos de litigância, do que a expectativa de uma decisão desfavorável.

d) É certo que um acordo, embora, às vezes, possa haver, condições não almejadas, pelas partes, torna-se mais vantajoso após anos de litigância do que a expectativa de uma decisão desfavorável.

2. (UFRS) Assinale o texto de pontuação **correta**.

a) Eu, posto que creia no bem não sou daqueles que negam o mal.

b) Eu, posto que creia, no bem, não sou daqueles, que negam, o mal.

c) Eu, posto que creia, no bem, não sou daqueles, que negam o mal.

d) Eu, posto que creia no bem, não sou daqueles que negam o mal.

e) Eu, posto que creia no bem, não sou daqueles, que negam o mal.

3. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa em que o texto esteja **corretamente** pontuado.

a) Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo sem chapéu trazendo pela mão, uma menina de quatro anos.

b) Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja, um sujeito baixo, sem chapéu, trazendo pela mão, uma menina de quatro anos.

c) Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo, sem chapéu, trazendo pela mão uma menina de quatro anos.

d) Enquanto eu, fazia comigo mesmo, aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo sem chapéu, trazendo pela mão uma menina de quatro anos.

e) Enquanto eu fazia comigo mesmo, aquela reflexão, entrou na loja, um sujeito baixo, sem chapéu trazendo, pela mão, uma menina de quatro anos.

4. (Cefet-PR) Assinale o item em que o texto está **corretamente** pontuado.

a) Não nego, que ao avistar a cidade natal tive uma sensação nova.
b) Não nego que ao avistar, a cidade natal, tive uma sensação nova.
c) Não nego que, ao avistar, a cidade natal, tive uma sensação nova.
d) Não nego que ao avistar a cidade natal tive uma sensação nova.
e) Não nego que, ao avistar a cidade natal, tive uma sensação nova.

5. (FCC – Soldado PM/BA) Está inteiramente correta a pontuação da seguinte frase:

a) Ao longo do tempo, verificou-se que o homem é capaz de se valer de suas experiências, sobretudo as mais marcantes, para se prevenir contra tudo o que possa vir a representar uma ameaça para ele.
b) Ao longo do tempo verificou-se, que o homem, é capaz de se valer de suas experiências, sobretudo as mais marcantes para se prevenir contra tudo, o que possa vir a representar uma ameaça para ele.
c) Ao longo do tempo, verificou-se que o homem é capaz, de se valer de suas experiências, sobretudo, as mais marcantes, para se prevenir, contra tudo o que possa vir a representar, uma ameaça para ele.
d) Ao longo do tempo verificou-se que, o homem, é capaz de se valer, de suas experiências, sobretudo as mais marcantes para se prevenir contra tudo o que o que possa vir a representar: uma ameaça para ele.
e) Ao longo do tempo, verificou-se, que o homem é capaz de se valer de suas experiências, sobretudo as mais marcantes para se prevenir contra tudo o que possa vir a representar: uma ameaça para ele.

6. (FMU-SP) Em: “A menina, conforme as ordens recebidas, estudou”:

a) há erro na colocação das vírgulas.
b) a primeira vírgula deve ser omitida.
c) a segunda vírgula deve ser omitida.
d) a forma de colocação das vírgulas está correta.
e) n.d.a.

7. (UM-SP) Os trechos a seguir tiveram sinais de pontuação suprimidos e alterados. Aponte aquele cuja pontuação permaneceu gramaticalmente **correta**.

a) A ideia do ministro extraordinário dos Esportes, Édson Arantes do Nascimento, o Pelé de colocar na cadeia “os meninos” que participam de brigas entre torcidas organizadas é para ficar no jargão esportivo, uma “bola fora”.
b) Parece que, o Pelé do milésimo gol, que pedia escola para “esses meninos”, também era bem mais sábio do que o que hoje lhes propõe “cadeia”.

c) Os otimistas olham e dizem: Ah, está meio cheio. Mas os pessimistas, vêem o mesmo copo, a mesma quantidade de água e acham que está meio vazio.

d) A pesquisa, descrita na edição de hoje da revista científica britânica “Nature”, é mais um dado na busca pelos cientistas de compreender os mecanismos moleculares da embriogênese, ou seja, a formação e o desenvolvimento dos seres vivos.

e) Como os bens públicos não podem ser penhorados os precatórios entram em ordem cronológica no orçamento do governo.

8. (FCC – Analista Judiciário – TRF 3.ª Região) É preciso **suprimir** uma ou mais vírgulas na seguinte frase:

a) É possível que, em vista da quantidade e de seu poder de sedução, as ficções de nossas telas influenciem nossa conduta de forma determinante.

b) Independentemente do mérito dos professores, as escolas devem, com denodo, estimular os sonhos dos alunos.

c) É uma pena que, hoje em dia, tantos e tantos jovens substituam os sonhos pela preocupação, compreensível, diga-se, de se inserir no mercado de trabalho.

d) O fato de serem, os adolescentes de hoje, tão “razoáveis”, faz com que a decantada rebeldia da juventude dê lugar ao conformismo e à resignação.

e) Se cada época tem os adolescentes que merece, conforme opina o autor, há também os adolescentes que não merecem os adultos de sua época.

9. (Fesb-SP) Assinale a alternativa correspondente ao período de pontuação **correta**.

a) Na espessura do bosque, estava o leito da irara ausente.

b) Na espessura, do bosque; estava o leito, da irara ausente.

c) Na espessura do bosque; estava o leito, da irara, ausente.

d) Na espessura, do bosque estava o leito da irara ausente.

e) Na espessura, do bosque estava, o leito da irara ausente.

10. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa em que o texto está pontuado **corretamente**.

a) Matias, cônego honorário e, pregador efetivo estava compondo um sermão quando começou o idílio psíquico.

b) Matias, cônego honorário e pregador efetivo, estava compondo um sermão, quando começou o idílio psíquico.

c) Matias cônego honorário e pregador efetivo estava compondo um sermão quando começou o idílio psíquico.

d) Matias cônego honorário e pregador efetivo, estava compondo um sermão quando começou o idílio psíquico.

e) Matias, cônego honorário e, pregador efetivo, estava compondo um sermão quando

começou o idílio psíquico.

GABARITO

1 – A	2 – D	3 – C
4 – E	5 – A	6 – D
7 – D	8 – D	9 – A
10 – B		

Acesse o portal de material complementar do GEN – o GEN-io – para ter acesso a diversas questões de concurso público sobre este assunto: <http://gen-io.grupogen.com.br>.

IV

PARTE ESPECIAL

CAPÍTULO 1

EMPREGO DO INFINITIVO

1.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Sem dúvida nenhuma, estamos aqui diante de um dos assuntos mais complexos da língua portuguesa. Afinal, quem nunca teve dúvidas com estruturas do tipo: “Estas coisas estão aqui para SER (ou SEREM) organizadas pelos funcionários?”.

Neste capítulo, estudaremos as regras que orientam o emprego do infinitivo em português — um assunto geralmente cobrado nos grandes concursos. Salientamos de antemão que aqui não conseguiremos exaurir todas as possíveis aplicações desta forma nominal.

Em primeiro lugar, cumpre dizer que o infinitivo é uma forma nominal do verbo, ou seja, é um nome (no caso, funciona como um “substantivo”) que designa a ação ou estado de modo geral.

- Dançar faz bem aos músculos.
- É importante comer bem para evitar problemas cardíacos.
- É proibido vender bebidas alcoólicas a menores.
- Falar alto prejudica as pregas vocais.

Percebe-se, com os exemplos acima, que as ações verbais fazem abstração do sujeito e do tempo, ou seja, a ação verbal não apresenta o ser que as pratica e não se situa em nenhum tempo (passado, presente ou futuro).

Na língua portuguesa, o infinitivo apresenta-se tanto na forma impessoal (também chamada de “não flexionada”) quanto na forma pessoal (também chamada de “flexionada”).

O infinitivo impessoal é marcado pela desinência “-r”. Já o infinitivo pessoal apresenta as seguintes desinências:

- 1.ª conjugação ⇨ -ar, -ares, -ar, -armos, -ardes, -arem.
- 2.ª conjugação ⇨ -er, -eres, -er, -ermos, -erdes, -erem.
- 3.ª conjugação ⇨ -ir, -ires, -ir, -irmos, -irdes, -irem.

1.ª conjugação	*2.ª conjugação*	*3.ª conjugação*
AMAR	**VENDER**	**PARTIR**
am**ar** (eu)	vend**er** (eu)	part**ir** (eu)
am**ares** (tu)	vend**eres** (tu)	part**ires** (eu)
am**ar** (ele)	vend**er** (ele)	part**ir** (ele)
am**armos** (nós)	vend**ermos** (nós)	part**irmos** (nós)
am**ardes** (vós)	vend**erdes** (vós)	part**irdes** (vós)
am**arem** (eles)	vend**erem** (eles)	part**irem** (eles)

⇨ Observações:

a) Os verbos regulares apresentam a mesma forma para o infinitivo pessoal e o futuro do subjuntivo. A distinção entre um e outro é perceptível no emprego. O futuro do subjuntivo, primeiramente, apresenta um fato duvidoso, eventual ou hipotético no futuro, enquanto o infinitivo não situa a ação no tempo. Ademais, o futuro do subjuntivo admite a anteposição de conjunções subordinadas, como "quando" e "se", ao passo que o infinitivo as rejeita — este admite apenas a anteposição de preposições. Observe abaixo:

- Se ganhar (futuro do subjuntivo) o prêmio, comprarei dois novos livros.
- Adquiri dois bilhetes para ganhar (infinitivo) o prêmio que será sorteado.
- Quando comprarmos (futuro do subjuntivo) o carro, viajaremos para São Paulo.
- O banco liberou o empréstimo para comprarmos (infinitivo) o apartamento.

b) Quando o verbo é irregular, o infinitivo é distinto do futuro do subjuntivo.

infinitivo pessoal, 3.ª pessoa do plural
- A proporem um diálogo sem fundamentação teórica, prefiro contarem piadas sem graça.

futuro do subjuntivo, 3.ª pessoa do plural
- Se eles propuserem um diálogo sem fundamentação teórica, retirar-me-ei do recinto.

futuro do subjuntivo, 3.ª pessoa do plural
- "Um dia quando todos os livros forem queimados por inúteis, há de haver algum, ... , que ensine esta verdade aos homens." (Machado de Assis)

- "Não são só palavras, primo — retorquiu Teresa com gravidade — são sentimentos que merecem a sua estima, por serem verdadeiros." (Camilo Castelo Branco)

infinitivo pessoal, 3.ª pessoa plural

1.2 AS DUAS MÁXIMAS PARA O EMPREGO DO INFINITIVO

Várias são as orientações para o emprego do infinitivo que se encontram nos manuais gramaticais portugueses. Muitas apresentam contradições; outras, verdadeiros equívocos; outras ainda são confusas, difíceis de entender. Em duas orientações, porém, todos são unânimes. Daí por que consideramos essas duas regras como "máximas" para o emprego do infinitivo, e por elas devem se guiar os que pretendem empregar corretamente essa forma nominal.

I – Emprega-se o INFINITIVO IMPESSOAL (NÃO FLEXIONADO) quando a ação por ele expressa não se refere a nenhum agente determinado, ou seja, o infinitivo é essencialmente impessoal.

- Querer é poder.
- Lutar pela pátria é um ato de coragem.
- O maior mandamento é este: amar a Deus sobre todas as coisas e amar o próximo como a si mesmo.
- "Não será aleive atribuir-lhe uma pouca de astúcia ou hipocrisia, se quiserem; perspicácia seria mais correto dizer." (Camilo Castelo Branco)
- "Voar! varrer o céu com as asas poderosas,
  Sobre as nuvens! correr o mar das nebulosas,
  Os continentes de ouro e fogo da amplidão!..." (Olavo Bilac)
- "No meio destas dissertações acadêmico-literárias vem o A. a descobrir que para tudo é preciso ter fé neste mundo." (A. Garrett)

II – Emprega-se o INFINITIVO PESSOAL (FLEXIONADO) quando o infinitivo possui sujeito próprio — expresso ou não —, ou seja, o infinitivo é essencialmente pessoal.

- O fazendeiro comprou dois novos cavalos para correrem no pátio da fazenda. (O sujeito do verbo "correr" é o termo elíptico "dois novos cavalos".)
- É fundamental partires agora, meu filho. (O sujeito do verbo "partir" é o pronome pessoal elíptico "tu".)
- "Em vez de com eles se animarem os soldados, antes se desanimam e desalentam." (Pe. Antônio Vieira *apud* Theodoro H. Maurer Jr.)
- "Endireitar Oza a arca do Testamento que ia descaindo, por causa dos bois recalcitrarem, não parecia grave irreverência." (Manuel Bernardes *apud* Theodoro H. Maurer Jr.)

- “Que os levasse o diabo os ingleses! Isto não ficava direito sem irem todos eles barra fora.” (Machado de Assis)
- “Cerrai a porta, que há aí alguns vizinhos de andares altos, que já murmuram sermos nós ruins gastadores de tempo.” (Castilho *apud* Souza da Silveira)

⇨ **Observação:**

Quando o sujeito do infinitivo é o mesmo sujeito do verbo da oração antecedente, a flexão do infinitivo torna-se facultativa. Neste caso, deve-se dar preferência ao infinitivo não flexionado, por ser mais eufônico, mais elegante para o período.

- Tu não tens problemas apesar de **ESTAR** /ou/ **ESTARES** com o rosto turbado.

O sujeito do verbo “estar” é o mesmo sujeito da oração que o antecede: “tu”

- Pedro e João foram acusados de **BOICOTAR** /ou/ **BOICOTAREM** a greve.
- Deixastes a sala para **FAZER** /ou/ **FAZERDES** um comentário com o chefe?
- Nós sempre fomos pontuais em **ELABORAR** /ou/ **ELABORARMOS** os relatórios do setor.
- Muitos jovens lutam bastante a fim de **CRIAR** /ou/ **CRIAREM** um mundo melhor.
- Os mais diversos países do planeta vêm buscando formas de **SE APROXIMAR** e **DE INCREMENTAR** /ou/ **SE APROXIMAREM** e **DE INCREMENTAREM** suas relações econômicas, sociais e culturais.

A partir dessas duas orientações, ficamos mais tranquilos quanto ao estudo dos demais casos em que se emprega um ou outro tipo de infinitivo, pois sabemos que os outros casos sempre comportam exceções, o que torna o emprego do infinitivo uma das mais difíceis tarefas para o estudioso da língua portuguesa.

Como tantos outros estudiosos, tentaremos sistematizar alguns outros empregos do infinitivo, sem a menor pretensão, entretanto, de exaurir o assunto.

Além das duas primeiras regras, acima estudadas, emprega-se também o infinitivo nos casos apresentados a seguir.

1.3 INFINITIVO IMPESSOAL

a) Quando apresenta sentido de imperativo.

- “Viver é lutar.” (Gonçalves Dias *apud* M. Said Ali)
- “Caminhar! Caminhar!... O deserto primeiro,

  O mar depois... Areia e fogo... Foragida,

A tua raça corre os desastres da vida,

Insultada na pátria e odiada no estrangeiro!" (Olavo Bilac)

b) Quando vem regido das preposições "de" ou "em", com sentido passivo — embora apresente forma "ativa" —, completando certos adjetivos, tais como "fácil, difícil, duro, raro, capaz, bom, mau, digno, impossível" e outros.

- "Eu não sou muito difícil em admitir prodígios quando não sei explicar os fenômenos por outro modo." (A. Garrett)
- "O rapaz está caído por alguma das tais francesinhas; e elas que são umas jibóias!... Finas como um alhambre, mas capazes de engolir um homem!..." (José de Alencar)
- "Diante do jockey, sem chapéu, com a face a estoirar de sangue, gritava-lhe que era indigno de estar ali, entre gente decente!" (Eça de Queiroz)

c) Quando vem regido da preposição "para" e apresenta sentido indiscutivelmente passivo.

- "Foi ela que me recomendou aqueles dois quadrinhos, quando andávamos os três, a ver coisas para comprar." (Machado de Assis)
- "— Perderia a fala com o susto — aventou o cabo, e sacudiu-a pelos ombros para lhe desemperrar a língua." (Camilo Castelo Branco)

⇨ **Observação:**

Nos dois últimos exemplos acima, as estruturas podem ser convertidas para "... coisas para ser compradas." e "... para ser desemperrada a língua dela.", respectivamente.

l) Quando, embora não preposicionado, apresenta sentido claramente passivo.

- "O mesmo dia os viu batizar." (Machado de Assis, apud Gladstone C. de Melo)
- "... nada mais fácil ao sr. professor do que fazer a demonstração prática de tudo isso, levando para a escola diversos frutos, anatomizando-os, e fazendo-os anatomizar pelos seus discípulos." (Castilho *apud* Sousa da Silveira)

⇨ **Observação:**

Nos dois exemplos acima, os infinitivos podem ser claramente substituídos por "serem batizados" e "serem anatomizados".

e) Quando forma locução verbal (construção perifrástica). Neste caso, funcionarão, geralmente, como auxiliares do infinitivo, verbos do tipo "vir, ter, haver, dever,

poder, costumar, começar, continuar, tornar, querer, estar, ficar". Muitas destas construções aparecem ligadas por preposições como "a, de, por".

- Afinal vim a saber o que acontecera.
- A construção da igreja está por acabar.
- Parece que vai chover hoje à tarde.
- Tenho de estudar para a prova de amanhã.
- Nada podia fazer sem que ele consentisse.
- Todos costumam sair aos sábados para as baladas.

f) Quando, regido da preposição "a", equivale a um gerúndio em locução verbal com os verbos auxiliares "estar, ficar" entre outros, construção esta muito usual em Portugal.

- Todos os passantes estavam a dormir naquele momento. (Isto é, "estavam dormindo")
- "— Bem dizia eu que aquela janela...
  — É a janela dos rouxinóis...
  — Que lá estão a cantar." (Camilo Castelo Branco)

g) Quando o infinitivo é dependente de verbos como "ver, ouvir, mandar, fazer, deixar" e análogos, numa estrutura em que se empregue um pronome pessoal oblíquo que seja ao mesmo tempo objeto do verbo regente e sujeito do verbo regido.

- E não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal.
- Até agora não me mandaram limpar nada aqui na empresa.
- "O erro de Capitu foi não deixá-los crescer infinitamente, antes diminuir até às dimensões normais, e dar-lhe o movimento do costume." (Machado de Assis)
- "Os mesmos olhos claros e atentos, a mesma boca cheia de graça, as mãos finas, e uma cor viva nas faces que as fazia crer pintadas de sangue." (Machado de Assis)
- "Assim pode ser, mas, ainda agora, neste solene momento, me domina a vontade de fazer-te sentir que eu não podia viver." (Camilo Castelo Branco)

⇨ Observação

Quando o sujeito desses verbos causativos e sensitivos (mandar, deixar, fazer, ver, ouvir, sentir e análogos) é formado por um substantivo, a flexão do infinitivo é facultativa.

- Mandei **os meninos** ENTRAR/ENTRAREM na sala.
- As variações do dólar fizeram os governos latinos AUMENTAR/AUMENTAREM as proteções

comerciais.

- Durante a confusão, nós vimos vários manifestantes PULAR/PULAREM a cerca de proteção.

1.4 INFINITIVO PESSOAL

Deve-se empregar o infinitivo pessoal (flexionado):

a) Quando se emprega na 3.ª pessoa do plural para indicar a indeterminação do sujeito.

- "Nunca se pôde saber donde saíra aquela criança; como chegara até o terreiro sem darem por ela." (José de Alencar, apud Sousa da Siveira)
- Tenho a impressão de que deixaram o maçarico aqui para arrombarem a porta de ferro durante a madrugada.

b) Quando a clareza exige, para evitar uma possível ambiguidade, que se indique qual é o sujeito da oração.

- "Ó Netuno, lhe disse, não te espantes
  De Baco nos teus reinos receberes,
  Porque também cos grandes e passantes
  Mostra a Fortuna injusta seus poderes."

(Camões — Os Lusíadas apud Gladstone C. de Melo)

- "Perdoe-te o céu o haveres-me obrigado a sacrificar aos pés desse orgulho o sentimento de amor que se alevantara neste coração." (A. Herculano, apud Gladstone C. de Melo)

c) Quando se quer enfatizar o sujeito da oração infinita.

- Os diretores afirmaram-nos estarem despreparados para participar da reunião naquele momento.
- "E talvez saia assim a flor mais bela, o meu jardineiro afirma que as violetas, para terem um cheiro superior, hão mister de estrume de porco." (Machado de Assis)
- "Ainda na borda do rochedo aprumado sobre a água se enxergavam alguns orifícios profundos, que mostravam terem servido para embeber as traves de ponte lançada para a outra margem, também elevada e penhascosa." (A. Herculano)

d) Quando o infinito, mesmo com sujeito elíptico, precede a oração principal.

- Acusados de boicotarem a greve, Pedro e Paulo foram demitidos da empresa.

- Por teres mais conhecimento em inglês do que o gerente, tu foste escolhido para representar a empresa na reunião.
- Antes de fazerem a reclamação no setor de pessoal, vejam vocês os relatórios do funcionário.

⇨ **Observação:**

Quando o infinitivo vier precedido do verbo PARECER, pode-se flexionar um ou outro verbo.

- "Ao menos, tu serás minha! — exclamou o amir, lançando a mão ao braço da donzela vestida de branco, a quem o terror desta cena rapidíssima tornara imóvel, como uma dessas estátuas que parecem orar sobre os sepulcros nas catedrais da Idade Média." (A. Herculano)
- "As vagas teorias do socialismo, os sonhos do comunismo não me parecem provar senão a impotência da forma contra o poder da matéria." (Almeida Garret)
- "... e no horizonte não se vêem senão os topos pardo-azulados das serras do Algarve, que parece fugirem tanto quanto os cavaleiros caminham." (A. Herculano)
- "... olhos desvairados parecia buscarem o vulto lúgubre e tétrico da forca." (Rebêlo da Silva, apud Arthur A. Tôrres)

1.5 EMPREGO DO INFINITIVO EM LOCUÇÕES PASSIVAS COM O VERBO "SER"

Eis um ponto em que os alunos têm muitas dúvidas: o emprego correto do infinitivo passivo cuja estrutura apresenta o verbo SER, no infinitivo, e um PARTICÍPIO.

- Trouxe-nos livros com muitas histórias para _____??_____ CONTADAS.
  SER /ou/ SEREM

Sem dúvida, nem sempre é fácil transmitir para o estudante da língua uma orientação consistente, uma vez que o emprego do infinitivo obedece, muitas vezes, a questões de ênfase, colocação etc. Sugerimos, entretanto, as seguintes orientações para o emprego do infinitivo passivo formado com o verbo SER:

a) Emprega-se frequentemente a forma flexionada do verbo SER passivo, quando o sujeito do infinitivo estiver no plural e vier à frente da preposição. Teremos, então, a estrutura: SUJEITO + PREPOSIÇÃO + SEREM + PARTICÍPIO.

- Ontem pegamos os livros a serem analisados durante as férias.
  sujeito + prep. + serem + particípio
- "O homem não tornou cá, nem as pelintronas das filhas, que hão de pôr a cara onde a Sr.ª D. Ângela põe os pés para serem afagados." (Camilo Castelo Branco)

- Todas as cidades a serem inspecionadas pelo auditor ficam na região Nordeste.
- Não concordamos com os métodos a serem usados na avaliação dos candidatos.

b) Emprega-se preferencialmente a forma flexionada SEREM quando, a despeito de o sujeito ser comum entre as orações, este for de número plural.

- "Fizeram bem em partir depressa, porque se se demorassem alguns minutos, corriam o risco de serem devorados pelos olhos dos vizinhos." (Manuel A. de Almeida)
- "No mesmo ano, os dois passam a viver juntos para serem presos dois anos depois, como adúlteros." (Camilo Castelo Branco)
- "As criadas, por escrúpulo, eram examinadas em doutrina antes de serem aceitas." (Eça de Queiroz)
- "Clara recebia aquelas cartas com uma emoção de quem recebe mensagens divinas. Entretanto, eram pessimamente escritas, a ponto de não serem, às vezes, entendidas, tão caprichosa era a ortografia delas." (Lima Barreto)

c) Emprega-se preferencialmente a forma não flexionada quando o infinitivo passivo do verbo "SER" servir de complemento nominal para adjetivos do tipo "fácil, difícil, capaz, raro, mau, digno etc."

- Foram questões fáceis de ser respondidas.
- Víamos, naquele local, muitas mulheres dignas de ser louvadas.
- Ensinei a muitos alunos capazes de ser aprovados em quaisquer concursos.

CAPÍTULO 2

FUNÇÕES MORFOLÓGICAS DAS PALAVRAS “QUE”, “SE” E “COMO”

Eis aqui um assunto de fundamental importância, pois as bancas com muita frequência cobram este conhecimento. Aqui não trataremos da função sintática desses vocábulos, mas tão somente da função morfológica que desempenham numa determinada estrutura.

Sugiro que estude este ponto mais de uma vez. Preferencialmente, faça-o em dias diferentes para que o conhecimento se consolide mais. Se tiver dificuldades, consulte o seu professor. Vamos lá...

2.1 FUNÇÕES MORFOLÓGICAS PARA PALAVRA “QUE”

Sem dúvida, o vocábulo “QUE” é um dos mais versáteis da nossa língua, porquanto apresenta várias funções. Vejamos...

1. **Substantivo** → quando vem determinada por artigos ou outras classes de palavras, ou quando equivale a “qualquer coisa de”. Neste caso, equivalerá a um monossílabo tônico, fato que exigirá o acento circunflexo.

- Ela hoje tem um **quê** de esquisito.
- Aquele **quê** foi mal empregado.
- Um **quê** de mistério cercava o ambiente.
- Pairava no ar um **quê** de tristeza.
- “Os **quês** tornam o estilo áspero e desagradável.” (Silveira Bueno)

2. **Pronome indefinido** → quando, vindo antes de substantivos, equivale a “quanto, quanta, quantos, quantas”. Por acompanhar substantivos, é também chamado genericamente de “pronome adjetivo”.

- **Que** felicidade tremenda sentia no peito o nosso personagem.
- **Que** saudade eu tenho da minha infância!

- "**Que** gente será? em si diziam:
  Que costumes, **que** lei, **que** rei teriam?" (Camões)

3. **Pronome relativo** → quando for possível ser substituído por "o qual, a qual, os quais, as quais". Neste caso, o "que" apresentará um antecedente o qual retomará.

- Todos leram o livro $\frac{\text{que}}{\text{o qual}}$ tu escreveste.
- A casa em $\frac{\text{que}}{\text{na qual}}$ ele mora fica perto de uma área de risco.

⇨ **Observação:**

Para aprofundar esta função morfológica, sugerimos que estude as orações adjetivas, em sintaxe do período composto.

4. **Pronome interrogativo** → quando aparece em orações interrogativas. Geralmente, nesta função, equivale a "que coisa".

- **Que** disseste naquele momento de raiva?
- "**Que** pretendia? A **que** vinha ali como um salteador noturno?" (A. Herculano)

5. **Advérbio de intensidade** → Quando, vindo antes de adjetivos ou advérbios, equivale a "quão, quanto".

- **Que** bela flor ele te deixou!
- **Que** admiráveis são os desígnios de Deus.
- **Que** perto moras da escola.

6. **Preposição** → quando equivale a "de" ou "para".

- Temos **que** cumprir o nosso dever.
- Ainda há muito **que** fazer para levantar a casa.

7. **Interjeição** → Quando revela admiração, espanto, surpresa e equivale a "oh!". Nesta função, é sempre exclamativo e acentuado.

- **Quê**! Ainda estás aí?
- **Quê**! Já são dez horas da noite!

8. **Partícula expletiva ou de realce** → É empregado para dar ênfase ou realce à estrutura oracional. Geralmente aparece sob a forma "é que". Pode ser retirado da oração sem prejuízo sintático nem semântico.

- "Bravo! que linda **que** está a senhora D. Lenita!" (Júlio Ribeiro)
- "O padre atirou, mas parece que desta vez **que** errou o tiro." (Mário Barreto)
- "Que teimoso **que** ele é." (José de Alencar)
- "**Que** me restituam os meus oficiais e obreiros portugueses..." (A. Herculano)

⇨ **Observações:**

a) O "que" expletivo geralmente vem acompanhado pelo verbo "ser", formando a expressão "é que", cujo objetivo é pôr em relevo um ou mais termos da enunciação. Veja alguns exemplos:

- "– Você fura o pano, nada mais; eu **é que** coso, prendo um pedaço ao outro, dou feição aos babados..." (Machado de Assis)
- "Feliz e esperto era o João Romão! esse, sim, senhor! Para esse **é que** havia de ser a vida!..." (Aluísio Azevedo)

b) Em algumas construções, o sujeito se coloca entre o "é" e o "que". Nesse caso, o verbo "ser" concordará com esse sujeito. Acompanhe o raciocínio:

- Os gandulas repunham a bola rapidamente. → **(Frase sem ênfase)**
- Os gandulas **é que** repunham a bola rapidamente. → **(Frase com ênfase para o sujeito)**
- *O verbo "ser" concorda com o sujeito*
  Eram os gandulas que repunham a bola rapidamente. → (Frase com a partição da expressão "é que")
- "As rosas **é que** são belas,
  Os espinhos **é que** picam;
  Mas **são** as rosas **que** caem,
  São os espinhos **que** ficam." (Canção popular)

c) Se entre o verbo "ser" e o "que" se interpuser um termo introduzido por uma preposição, a expressão expletiva "é que" permanecerá invariável. Observe:

- **É** neles **que** você encontra o carinho necessário à sua sobrevivência emocional.
- **É** pelas ideias defendidas pela ministra **que** o povo votará nela.

9. **Conjunção subordinativa** → quando funciona como elemento conectivo entre uma

oração principal e uma oração subordinada. Podem ser:

a) **Conjunção subordinativa integrante** → liga as orações substantivas às suas respectivas orações principais.

- "Custa-me dizer **que** saí de lá encantado." (Machado de Assis)
- "Há poucas esperanças de **que** venham tão cedo a admitir a paz." (Pe. Antônio Vieira)
- Era imprescindível **que** ele se mantivesse calado naquela ocasião.

b) **Conjunção subordinativa causal** → empregada com o sentido de "porque, porquanto, já que".

- Velho **que** ele era, evitava grandes emoções.
- Ceamos à lareira **que** a noite estava fria.

c) **Conjunção subordinativa concessiva** → empregada com o sentido de "ainda que, mesmo que".

- Verdadeira **que** fossem tuas palavras, ninguém lhes dará crédito.
- Teus ensinamentos, **que** sejam profundos e arraigados na história, não foram suficientes para aprovar o aluno no exame.

d) **Conjunção subordinativa consecutiva** → empregada com o sentido de "sem que, tal que, tanto que, de tal modo que" etc.

- Não vai a uma praia **que** não tome uma cerveja.
- Falou **que** ficou rouco.

e) **Conjunção subordinativa final (emprego raro hoje em dia)** → empregada com o sentido de "para que, a fim de que".

- "Deitou-vos Deus a bênção **que** crescêsseis e multiplicásseis." (Pe. Antônio Vieira)
- Fez-lhe sinal **que** se calasse.
- Andei devagar, **que** não me ouvissem os passos.

f) **Conjunção subordinativa temporal** → empregada com o sentido de "logo que, desde que".

- Chegados **que** fomos, todos ficaram em pé e nos aplaudiram freneticamente.
- "Porém já cinco sóis eram passados **que** dali nos partíramos." (Camões)

g) **Conjunção subordinativa comparativa** → seguida ou não de "nem" e empregada em estruturas de comparação de analogia – algumas vezes com o sentido de "como".

- Ensinas melhor **que** um mestre.
- A caridade é mais bela **que** a fé.
- Ele fala **que nem** papagaio.
- "E os gotejantes jiraus, cobertos de roupa molhada, cintilavam ao sol, **que nem** lagos de metal branco." (Aluísio Azevedo)

10. **Conjunção coordenativa** → Quando introduz orações sindéticas em um período coordenado. Podem ser:

a) **Conjunção coordenativa aditiva** → empregada com o sentido de "e".

- Rezava **que** rezava, mas as assombrações não o deixavam.
- Estuda **que** estuda, e não consegue aprovação.

b) **Conjunção coordenativa adversativa** → seguida de "não" e empregada com o sentido de "mas".

- Outra pessoa, **que** não eu, falará sobre o assunto.
- "De outras ovelhas cuidarei, **que** não de vós." (A. Garrett)

c) **Conjunção coordenativa explicativa** → Quando revela uma explicação, uma justificação para a oração assindética anteposta.

- Não chores, **que** fico triste.
- Abandone esse vício, **que** ele poderá levá-lo à morte.

2.2 FUNÇÕES MORFOSSINTÁTICAS DA PALAVRA "SE"

Mais uma vez, vamos nos deparar com um vocábulo bastante "largo" em nossa língua, pois possui inúmeras funções morfológicas e sintáticas. Vejamos:

1) **Pronome apassivador** → associado a um verbo transitivo direto ou a um verbo transitivo direto e indireto, forma a voz passiva sintética (também chamada de pronominal). Neste caso, o "se" é chamado de "partícula (ou pronome) apassivador ou apassivante". Veja:

- Ali não **se** alugavam outras coisas, senão roupas de frio.

- Durante as festas, construíram-**se** novas arquibancadas ao longo da avenida.
- Na fazenda, já **se** tinham vacinado vários bois quando o veterinário chegou.

2) **Índice de indeterminação do sujeito** → quando está associado a verbos intransitivos, transitivos indiretos ou relacionais (verbos de ligação). Vejamos alguns exemplos:

- De fato, não **se** devem assistir a filmes que atentem contra os bons costumes.
- "Entra-**se** na política por vocação legítima; não **se** entra por brincadeira." (Machado de Assis)
- De fato, na vida não **se** deve morrer por tão pouco.

3) **Sujeito de verbos no infinitivo** → é um caso raro; o "se" funciona como o sujeito de um infinitivo que é núcleo de uma oração reduzida. Veja:

- O cego deixava-**se** levar por seu guia.
- "E ele deixou-**se** estar a contemplá-la, mudo e tranquilo, como um faquir." (Machado de Assis)

⇨ **Observação:**

Este caso (pronome átono em função subjetiva – como sujeito) só ocorre com o infinitivo dependente de verbos causativos e sensitivos como "deixar, mandar, fazer, ver, ouvir", embora alguns gramáticos de renome, como o professor Silveira Bueno, não aceitem a existência de um "se" na função de sujeito.

4) **Partícula expletiva ou de realce** → ocorre como mero elemento de realce. Neste caso, pode ser retirado da estrutura sem prejuízo gramatical.

- Ele está ansioso por amigo que **se** demora.
- Já **se** passaram tantas horas, e ele não dá notícias.
- Vão-**se** os últimos raios do sol, em um dia ensolarado.
- Naquele momento, o vinho acabou-**se** nos copos de todos.

5) **Parte integrante de verbos essencialmente pronominais** → neste caso, o "se" não apresentará função sintática.

- Todos **se** arrependeram dos atos praticados durante a festa.
- Elas ainda **se** lembram de todos os fatos em seus mínimos detalhes.

- Os alunos muito **se** alegraram com a chegada do novo professor.
- "Condoeu-**se** o juiz, e revelou ao colega as suas averiguações..." (Camilo C. Branco)

6) **Pronome reflexivo, objeto direto** → função bastante comum exercida pelo pronome "se". Neste caso, o "se" indica a reflexibilidade da ação, pois a ação recai sobre o sujeito, enunciado agora no pronome reflexivo "se".

- Hitler **se** matou quando não mais viu possibilidade de implementar suas ações.
- Ao ouvir os tiros, todos **se** esconderam nas proximidades do morro.
- Quando o namorado tocou a campainha, ela **se** vestiu num piscar de olhos.
- "Olhe, um conselho: – Faça-**se** forte aqui, faça-**se** homem." (Raul Pompéia)
- "Mas, espere, tomou o colchoeiro, o senhor feriu-**se**?" (Machado de Assis)

⇨ **Observação:**

Convém citar preciosa lição colhida do insigne mestre Eduardo Carlos Pereira: "Para que haja voz reflexiva, expressa pelo pronome 'se', é indispensável que o núcleo do sujeito seja um substantivo que nomeie um ser capaz de agir: – Ele **se** feriu."

7) **Pronome reflexivo, objeto indireto** → função não muito comum, já que o "se" frequentemente exerce a função reflexiva como "objeto direto". Em tais construções, o "objeto direto" sempre vem claro na estrutura e se percebe nitidamente o "se" reflexivo funcionando como dativo, isto é, como objeto indireto.

- Ele arroga-**se** o direto de trocar a mercadoria além do prazo legal.
- Diante das reclamações, o gerente impôs-**se** a obrigação de nunca mais aceitar cheques de terceiros.

8) **Pronome reflexivo recíproco (morfologicamente), objeto direto** → neste caso, o "se" equivalerá a "um ao outro, uma à outra".

- Após o casamento, os noivos **se** abraçaram longamente.
- Na reunião, os diretores **se** esmurraram por causa de uma questão polêmica.
- Não sei como vocês **se** fizeram amigos.

9) **Pronome reflexivo recíproco (morfologicamente), objeto indireto.**

- Os noivos deram-**se** as mãos para o início da cerimônia.

- Os inimigos deram-**se** as costas.
- "Falar aos corações com o seu presumem,
  Como aves que, piando, **se** respondem." (Camilo C. Branco)

10) **Conjunção subordinativa condicional** → quando introduz orações subordinadas condicionais.

- **Se** ele fosse conosco, as coisas seriam mais fáceis.
- Envie um e-mail para nossos atendentes **se** você quiser fazer parte da equipe de vendas.

11) **Conjunção subordinativa integrante** → introduz orações substantivas que traduzem ideia de hipótese, dúvida, incerteza.

- Até agora não sabemos **se** eles virão ou não.
- Só amanhã verei **se** posso ir para a confraternização.
- "Adelaide, meio triste, perguntou-lhe **se** queria jantar." (Adolfo Caminha)

12) **Conjunção subordinativa causal** → empregada em raras construções com o sentido de "já que, visto que".

- **Se** sabias que eu não tinha condições para a missão, por que me enviaste?
- "**Se** a morte sabes dar com fogo e ferro, sabe também dar vida com clemência." (Camões)

2.3 FUNÇÕES MORFOLÓGICAS DA PALAVRA "COMO"

Menos complexas que os empregos de "que" e "se" são as funções morfológicas da palavra "como". Vamos a elas:

1. **Conjunção subordinativa causal** → neste caso, introduzirá a oração causal e equivalerá a "porque, já que, visto que".

- **Como** não o deixaram entrar sem o convite, fez uso do telefone e ligou para um amigo de influência.
- "Entretanto, **como** tinha as suas presunções fidalgas, repugnava-lhe ver o filho casado com uma criada preta, ou com uma pobre mulata costureira, ou com uma moça branca lavadeira e analfabeta." (Lima Barreto)
- "Sucedeu, porém, que, **como** eu estava cansado, fechei os olhos três ou quatro vezes; tanto bastou para que ele interrompesse a leitura e metesse os versos no bolso." (Machado de

Assis)

2. **Conjunção subordinativa conformativa** → neste caso, introduzirá um adjunto adverbial oracional de conformidade e equivalerá a "conforme, segundo, consoante".

- Eu falarei **como** prometi.
- "Ele não tinha, **como** diz o povo, malícia no coração." (Lima Barreto)

3. **Conjunção subordinativa comparativa** → nesse caso, introduzirá um adjunto adverbial oracional de comparação e equivalerá a "assim como, tal como".

- Ela era linda **como** as rosas da primavera.
- "Duas opulências, que se realçam **como** a flor em vaso de alabastro; dois esplendores que se refletem, **como** o raio de sol no prisma do diamante." (José de Alencar)

⇨ **Observação:**

Não raro, em estruturas subordinadas, a conjunção comparativa "como" aparece junto à conjunção "se". Neste caso, as ideias adverbiais de "modo" e "condição" se condensam e nasce o nexo adverbial "como se". Observe:

- Trabalhavam arduamente, **como se** o mundo fosse acabar em poucos dias.

Entenda-se...

→ Trabalhavam arduamente **como (trabalhariam) se** o mundo fosse acabar em poucos dias.

Outros exemplos:

- "Também a abóbada estava firme, **como se** fora de bronze." (A. Herculano)
- "A voz da mãe era agora mais perto, **como se** viesse já da porta dos fundos." (Machado de Assis)
- "O velho parecia pensativo, **como se** adivinhasse que era chegada para ele a hora do martírio." (A. Herculano)
- "D. Firmina se aproximara. A moça, retribuindo com um afável cortejo ao cumprimento do Alfredo, passou **como se** não se apercebesse de Fernando, e subiu à segunda ordem." (José de Alencar)
- "Os móveis luziam, **como se** tivessem chegado na véspera da casa do marceneiro." (Aluísio

Azevedo)

4. **Verbo** → neste caso, indicará uma ação e apresentará predicação completa (intransitivo) ou incompleta (transitivo direto).

- Eu sempre **como** frutas no café da manhã.
- "O mais do tempo é gasto em hortar, jardinar e ler; **como** bem e não durmo mal." (Machado de Assis)

5. **Preposição** → emprego bastante comum; neste caso, o "como" poderá:

a) introduzir termos qualificativos (apostos e predicativos), equivalendo a "por, para, de, na qualidade de".

- "Alistamo-nos *preposição* **como** voluntários num regimento de cavalaria." (Arnaldo Gama *apud* Mário Barreto)
- "Mancebo, o numeroso clero das paróquias vizinhas considerava-o **como** o mais venerável entre os seus irmãos no sacerdócio." (A. Herculano)
- Sempre o tivemos **como** *preposição* o mais sábio da turma.

b) introduzir elementos exemplificativos e significará "por exemplo, a saber". Observe:

- "À medida que as ciências modernas, **como** a medicina, evoluem, damo-nos conta do quanto realmente ainda desconhecemos." (A. Houaiss)

6. **Pronome relativo** → quando equivale a "pelo qual, pela qual, segundo o qual, segundo a qual"; geralmente apresenta como antecedentes os substantivos "modo, maneira, forma".

- A maneira **como** ela lhes falava assustava a todos.
- Até agora a polícia não sabe o modo **como** o assassino saiu do quarto.
- Falei tudo a ele, menos a forma **como** eles me tratavam durante os finais de semana.

7. **Pronome interrogativo** → quando ao "como" se antepõe a preposição "a" para se saber "o preço, o valor" de determinada coisa ou produto; possui sentido equivalente a "por quanto dinheiro, por qual valor" – é uma forma coloquial e pouco usual nos dias de hoje. Observe:

- Os ovos **a como** são?
- **A como** vendes esses pêssegos aí?

8. **Advérbio interrogativo de modo** → quando equivale a "de que modo?, de que maneira?"

- **Como** chegaste aqui?
- **Como** está a menina?
- **Como** se chama isto aqui?

2.4 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. Determine a função do QUE nos exemplos a seguir:

a) Sentia-se humilhado com o papel avulso que exercia desde séculos.
b) Que queres tu, perguntou ele?
c) Mandai que as mais afinadas cítaras e alaúdes o recebam!
d) Por acaso, sabes o que ele fez?
e) Mas não quero parecer que me detenho em coisas miúdas.
f) Melhor é que te cales e te retires.
g) Dom Donzel, onde é que está el-rei?
h) Que doce a vida não era
Nessa rizonha manhã.
i) Era tão universal que dotou a poesia com nova metragem.
j) O outro era alfaiate, e ainda maior credor que o primeiro.
k) Que lhe parece tudo isso?
l) Eis as razões com que ele se defende.

2. Determine a função do SE nos exemplos a seguir:

a) A moça escondeu-se atrás da cortina.
b) O general deu-se ares de ditador.
c) Os lutadores esmurravam-se no palanque.
d) O cego deixava-se levar pelo guia.
e) Há coisas que melhor se dizem calando.
f) As crianças lavaram-se nas águas claras do riacho.
g) Dançou-se muito na festa de formatura.
h) Ele muito se arrependera do que fez.
i) Os dois homens cumprimentaram-se friamente.
j) Já se veem os primeiros raios do sol.
k) Todos se apiedaram do mendigo.

l) Depois o vento se foi também.

3. (FGV) Esposamos a ideia de <u>que</u> os sofrimentos atuais possuem uma significação <u>que</u> transcende a crise civilizacional.

Com relação à frase transcrita, analise as afirmativas a seguir:

I. O primeiro que é uma conjunção integrante e serve para articular um complemento oracional ao substantivo abstrato ideia.

II. O segundo que é um pronome interrogativo cujo uso se justifica em razão da seguinte pergunta: que significação transcende a crise civilizacional?

III. As duas ocorrências de que promovem a estruturação do período composto, já que introduzem a oração subordinada substantiva e a subordinada adjetiva, respectivamente.

Assinale:

a) se somente a afirmativa I estiver correta.

b) se somente a afirmativa II estiver correta.

c) se somente a afirmativa III estiver correta.

d) se somente as afirmativas I e III estiverem corretas.

e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

4. (CESGRARIO) Na passagem "Os empresários que não se adequarem à lei em noventa dias poderão ser multados em até 3,2 milhões de reais.", o termo que apresenta a mesma classe gramatical que em

a) "A lei é tão rigorosa que mesmo ambientes com teto alto e sem paredes,"

b) "Ficou tão difícil fumar que até decidi parar,"

c) "Quem considera a lei exagerada deve saber que São Paulo apenas se alinha a uma tendência mundial."

d) "Os fumantes americanos têm outro problema com que se preocupar:"

e) "E a maioria não fumante não quer deixar que ela seja reavivada."

5. (FGV) "Ele percebeu *<u>que</u>* as pessoas *<u>que</u>* possuíam conexões ou relações distantes com outras fora círculo familiar tinham duas vezes mais chances de conseguir uma vaga do *<u>que</u>* pessoas *<u>que</u>* tinham mais conexões próximas apenas no âmbito da família e dos amigos próximos."

As ocorrências da palavra QUE grifadas no trecho acima classificam-se, respectivamente, como:

a) conjunção integrante, pronome relativo, conjunção subordinativa e pronome relativo.

b) conjunção subordinativa, pronome relativo, conjunção integrante e conjunção subordinativa.

c) pronome relativo, conjunção integrante, pronome relativo e conjunção subordinativa.
d) pronome relativo, conjunção subordinativa, conjunção integrante e pronome relativo.
e) conjunção integrante, conjunção subordinativa, conjunção subordinativa e conjunção subordinativa.

6. (FGV) “Mas não, é a ti *que* vejo na colina”

Assinale a alternativa em que esteja corretamente classificada a palavra destacada nos versos acima.

a) conjunção integrante
b) parte de expressão expletiva
c) pronome relativo
d) conjunção subordinativa
e) pronome indefinido

7. (FGV) “E em que se vai trocando as pernas”

*A palavra **se** no verso acima destacado se classifica como:*

a) partícula apassivadora.
b) parte integrante do verbo.
c) índice de indeterminação do sujeito.
d) pronome reflexivo.
e) conjunção.

8. (FGV) “Mas porque na verdade não me queres mais” (verso 35)

No verso acima, utilizou-se a forma correta porque. Assinale a alternativa em que não se tenha utilizado corretamente uma das quatro formas do porquê.

a) É necessário avaliar por quê, ontem, fomos derrotados.
b) Depois de entender por quê, prosseguiu.
c) Não sei por quê nem como.
d) Não entendemos as privações por que passamos.
e) Deve haver um porquê para nossa derrota.

9. (FGV) “Percebe-*se* que os dois temas [a correlação entre metas e riscos fiscais e o impacto dos déficits públicos sobre as futuras gerações] *se* vinculam à função prospectiva da noção de responsabilidade fiscal. Enquanto o primeiro, normalmente, *se* adstringe a situações futuras próximas, o segundo vincula-se a situações futuras a longo prazo.”

As ocorrências da palavra SE grifadas no trecho acima classificam-se, respectivamente, como:

a) indeterminador do sujeito – pronome reflexivo – parte integrante do verbo
b) indeterminador do sujeito – parte integrante do verbo – pronome reflexivo
c) partícula apassivadora – pronome reflexivo – pronome reflexivo
d) partícula apassivadora – parte integrante do verbo – parte integrante do verbo
e) parte integrante do verbo – partícula apassivadora – partícula apassivadora

GABARITO

1– a) pronome relativo b) pronome interrogativo c) conjunção integrante d) pronome relativo e) conjunção integrante f) conjunção integrante g) partícula expletiva ou de realce h) advérbio de intensidade i) conjunção consecutiva j) conjunção comparativa k) pronome interrogativo l) pronome relativo	2– a) pronome reflexivo, objeto direto b) pronome reflexivo, objeto indireto c) pronome reflexivo recíproco, objeto direto d) pronome reflexivo, sujeito do infinitivo e) pronome apassivador f) pronome reflexivo, objeto direto g) índice de indeterminação do sujeito h) parte integrante do verbo i) pronome reflexivo recíproco, objeto direto j) pronome apassivador k) parte integrante do verbo l) partícula expletiva ou de realce

3 – D	4 – D	5 – A	6 – B
7 – C	8 – A	9 – C	

CAPÍTULO 3

PARTICULARIDADES LÉXICAS E GRAMATICAIS

Em nossa língua, muitos são os detalhes entre palavras e regras gramaticais. Não raro, os alunos se confundem em meio a tantas minúcias. Por isso, não são poucos os que, até hoje, conquanto tenham visto o assunto mais de uma vez, apresentam dúvidas, por exemplo, sobre o emprego dos "porquês". Quem nunca ficou em dúvida sobre a diferença entre "em vez de" e "ao invés de"? E o "bendito" emprego do relativo "onde"? Quantas vezes você já não ouviu – se não falou – "Maria, você viu aonde eu deixei meu livro?" Não seria "onde"? E o caso do "mal" (com "L")? Pergunte a alguém o que é o "mal" (com "L"), e ele dirá simplesmente que é o contrário de "bem". E os outros empregos do "mal" (com "L") são totalmente esquecidos!

Em virtude dessas dúvidas, resolvemos pôr, em um capítulo especial, algumas dessas particularidades para que o aluno possa melhorar no que diz respeito aos aspectos formais da nossa língua e possa empregar muitos vocábulos e locuções corretamente.

Mas, atenção!! Sugiro que estude o capítulo abaixo aos poucos. Não leia mais do que três particularidades de uma vez. Não tente decorar tudo em uma só vez – aliás, não gosto muito da palavra "decorar", quando se trata da nossa língua. Prefiro o verbo "entender". Isso!! Entenda! Compreenda o porquê de cada item e só assim seu estudo será completo.

Para facilitar a sua vida, decidi dividir o conteúdo abaixo em lições. É isso! Dividir em lições – lição 1, lição 2, lição 3, 4, 5 e, assim, sucessivamente. Por quê? Para que você possa acompanhar detidamente cada informação, cada detalhe. Sugiro que coloque ao lado de cada lição a data (dia, mês, ano e hora) em que você a estudou. Dessa maneira, você saberá – eu creio – o momento certo de revisar cada ensinamento. Mais uma vez, advirto: não tente estudar tudo em um só momento – a não ser que esteja pressionado por um concurso. Acredito que o estudo deste capítulo será bem mais proveitoso se for feito aos poucos, gradativamente.

Então: mãos à obra!!

3.1 LIÇÃO 1

3.1.1 EMPREGO DOS PORQUÊS

A princípio, gostaria de fazer um alerta: esta lição é muito – repetimos "muito" – muito cobrada pelos concursos públicos. Leia mais de uma vez, portanto. Vamos às orientações:

1. **Em princípio, vamos fazer uma breve orientação – lembre-se de que sempre se acentuará o monossílabo tônico "que" quando este estiver em final de frase ou quando vier precedido de um determinante – neste último caso, será empregado como substantivo.** Observe:

- Você tem medo de **quê**?
  pronome interrogativo tônico
- Ela hoje tem um **quê** de esquisito.
- Menino, você gosta de **quê**?
  pronome interrogativo tônico
- Havia muitos **quês** no depoimento dela.

2. **Emprega-se o "por que" separado em duas situações básicas: quando puder ser substituído por "pelo qual, pela qual, pelos quais, pelas quais" – neste caso, teremos uma preposição "por" seguida do pronome relativo "que"; quando puder ser substituído por uma das expressões "por qual motivo" ou "por qual razão" – neste caso, teremos a preposição "por" seguida do pronome interrogativo "que".** Veja:

- Até agora não nos disse **por que** ela faltou à audiência.
  por qual motivo, por qual razão
- Os caminhos **por que** ele sempre andou eram caminhos de morte.
  pelos quais
- Amanhã o governo deve explicar **por que** aumentou a taxa Selic.
  por qual motivo, por qual razão
- **Por que** agiu daquela forma tão arrogante?
  por qual motivo, por qual razão
- Talvez só a miséria pudesse explicar **por que** os homens do século XX vivem aglomerados em cortiços.
  por qual motivo, por qual razão
- O documento **por que** buscávamos foi extraviado durante a mudança.
  pelo qual
- Alguém poderá perguntar: – O autor citou Braudel, **por quê**?
  por qual motivo, por qual razão (com acento por se encontrar em final de frase – monossílabo tônico)
- Diante de tudo isso, você ainda tem coragem de perguntar **por quê**?
  por qual motivo, por qual razão (com acento por se encontrar em final de frase – monossílabo tônico)
- Não elaboraste o pré-projeto até agora **por quê**?
  por qual motivo, por qual razão (com acento por se encontrar em final de frase – monossílabo tônico)
- Os mistérios **por que** somos atraídos na ficção costumam impressionar os leitores de tenra idade.
  pelos quais
- Tudo isso ajuda a esclarecer **por que** certas alterações foram positivas para o meio ambiente.
  por qual motivo, por qual razão
- "Mas **por que** não te metes tu logo por uma vez com o Firmo? **Por que** não te casas com ele?" (Aluísio Azevedo)

- “Foi nessa ocasião que ela perguntou a minha mãe **por que** é que já não usava as joias do retrato.” (Machado de Assis)
- “E eis aqui **por que** o *Diário* é um monarquista exigente, ao passo que a *Gazeta* é um mau republicano.” (Rui Barbosa)

Recapitulando:

POR QUE

→ **PELO QUAL, PELA QUAL, PELOS QUAIS, PELAS QUAIS**
(preposição “por” mais pronome relativo “que”)

→ **POR QUAL MOTIVO, POR QUAL RAZÃO**
(preposição “por” mais pronome interrogativo “que”)

⇨ **Observações:**

a) A orientação acima resolve praticamente quase todos os casos. É preciso, porém, ficar atento a uma situação excepcional: orações subordinadas substantivas objetivas indiretas, cujo verbo transitivo indireto exige a preposição “por”. Observe:

- Todos anseiam pela volta de Maria Madalena.

→ Convertendo em oração: “Todos anseiam **por que** Maria Madalena volte”.
Neste caso, a substituição, acima proposta, não funciona.

b) É bastante comum empregar-se o “por que” (separado) em interrogativas indiretas (sem o ponto de interrogação) ou interrogativas diretas, como já vimos em vários exemplos acima. Fique atento, pois, em algumas situações, o substantivo “razão, motivo” ou outro qualquer vem expresso na sentença logo após o “por que”, situação em que o “por que” (separado) equivalerá a “por qual”. Veja:

- Ela sempre quis saber **por que** motivo eu acabei nosso namoro.
  por qual
- Eles trocaram o nosso diretor **por que** funcionário?
  por qual
- Não disse com clareza **por que** razão não irá ao jogo.
  por qual
- Queria saber **por que** razão as estrelas brilham tão alto no céu.
  por qual

3. Emprega-se o “porque” junto quando este funciona como uma conjunção explicativa, causal ou final. Observe:

PORQUE

- CONJUNÇÃO EXPLICATIVA ➔ Equivale a "pois"
- CONJUNÇÃO CAUSAL ➔ Equivale a "já que, visto que, uma vez que"
- CONJUNÇÃO FINAL ➔ Equivale a "para que, a fim de que"

- Não apoio essas iniciativas, **porque** desconfio dos fins a que se destinam.
  conjunção explicativa → equivale a "pois"
- **Porque** não entregou o projeto no prazo, foi cortada da lista de formandos.
  conjunção causal → equivale a "já que, visto que"
- Estudai bastante, **porque** sejais logo aprovados em um concurso público.
  conjunção final → equivale a "para que, a fim de que"
- Deixe a sala agora, **porque** não admito falta de respeito.
  conjunção explicativa → equivale a "pois"

- Será **porque** ele está doente que não veio ao trabalho hoje?
- "Os princípios são invioláveis e imortais. Invioláveis, **porque** têm como asilo a consciência. Imortais, **porque** encerram em si, contra a ação corrosiva dos preconceitos humanos, o caráter, a substância e a energia de uma lei invariável, absoluta e universal." (Rui Barbosa)
- "Não trouxera a navalha, **porque** tinha medo de ser preso, por causa do negócio da Nair e do suicídio da mãe dela." (Lima Barreto)
- "Na perspectiva do autor, as prática esotéricas desfrutam de grande popularidade **porque** satisfariam os interesses individuais de quem a elas recorre." (Fund. Carlos Chagas)
- "Nossas resoluções se perdem **porque** não temos um objetivo predeterminado." (Montaigne)
- "É o que te digo: vou e vou, **porque** devo, **porque** quero, **porque** é do meu direito." (Machado de Assis)

4. Emprega-se "porquê" (junto e com acento) quando este equivale a "motivo, razão". Neste caso, estaremos diante de uma palavra substantivada. Geralmente, este "porquê" vem acompanhado de determinantes (artigos, pronomes indefinidos etc.). Veja:

- Deve haver algum **porquê** para a saída dele do cargo de gerente.
  algum motivo
- Ainda não se sabe o **porquê** da morte da senhora Linda.
  o motivo
- Certamente há um **porquê** para ela ter abandonado o grupo sem dar satisfações.
  um motivo

Ufa!! Chegamos ao final da lição 1. Sugiro que a revise. Depois, descanse um pouco antes de estudar a próxima lição.

3.2 LIÇÃO 2

3.2.1 EMPREGO DE "ONDE" E "AONDE"

Mais uma vez, estamos diante de uma particularidade da nossa língua bastante cobrada em concursos públicos. Logo, é preciso estudar mais de uma vez. Vamos às orientações...

1. **Como já dissemos no capítulo sobre o emprego dos pronomes relativos preposicionados, o relativo "ONDE" é denominado de "pronome relativo locativo", pois só deve ser empregado em substituição a um lugar. Equivale a "em que" e variações – no qual, na qual, nos quais, nas quais. Observe (sublinhamos o antecedente do relativo "onde"):**

- Dirigimo-nos à casa da D. Francisca (em que, na qual), **onde** encontramos um grupo de mulheres em oração.
- Em São Paulo, há uma cafeteria (em que, na qual) **onde** se acham excelentes cafés importados.
- Nossos projetos de vida dependem muito do futuro do país (em que, no qual) **onde** vivemos.
- "Rememorava por vezes as mudanças, as alternativas fisiopsíquicas por que tinha passado na fazenda, **onde** não encontrara uma pessoa de sua idade." (Júlio Ribeiro)
- "Verdes mares bravios de minha terra natal, **onde** canta a jandaia nas frondes da carnaúba." (José de Alencar)
- "Correspondendo a pouco mais de um terço da largura total da casa, havia, nos fundos, um puxadito, **onde** estavam a cozinha e uma despensa minúscula." (Lima Barreto)
- "Nunca a sua mão benéfica deixou de estender-se para o lugar **onde** a aflição se assentava." (A. Herculano)

⇨ **Observação importante:**

Estendem-se à noção de lugar os sentidos de "posição, situação, classe, parte de um livro ou obra, espaço ocupado, localidade, região". Por isso, são corretos também os seguintes empregos do relativo "onde":

- Fizemos o resumo do segundo parágrafo deste capítulo, **onde** havia bons exemplos de cidadania.

- Chegamos à parte final do continente, **onde** já encontramos grandes icebergs.
- "Num centro de civilização como este, **onde** a opulência intelectual da nossa pátria se reflete por tantas faces e tão brilhantemente no jornalismo, ..." (Rui Barbosa)
- "O reto espírito do nosso colega, que ora empunha a balança de Têmis, **onde** estão sendo pesadas oiro e fio as nossas humildes palavras, ponha-lhe numa concha os benefícios..." (Rui Barbosa)

2. Em muitas situações, o relativo "ONDE" é empregado sem antecedente explícito, isto é, seu antecedente estará latente, oculto. Neste caso, equivalerá a "em que lugar, no lugar em que". Veja:

- Sempre há boas pessoas **onde** a gente menos espera.
  no lugar em que
- Não sabemos **onde** ele se encontra agora.
  em que lugar
- **Onde** você mora? **Onde** você foi morar?
  em que lugar
- "Bem: mas **onde** estão os efeitos benéficos deste sistema? Nas finanças?" (Rui Barbosa)
- "Chove? Nenhuma chuva cai...
  Então **onde** é que eu sinto um dia
  Em que ruído da chuva atrai
  A minha inútil agonia?" (Fernando Pessoa)
- "Se lhe parede que não tenho razão! Esta agência indica **onde** há casas vazias por cinco mil-réis." (Artur Azevedo)

⇨ **Observação:**

Mesmo sem antecedente expresso, o "onde" só é empregado em situações que indicam lugar.

3. Emprega-se "AONDE" – regido por um nexo prepositivo – quando houver um verbo ou um nome que requeira a preposição "a". Geralmente, equivale a "para onde". Perceba:

- Nós iremos contigo ao lugar a que tu quiseres ir. → Nós iremos contigo ao lugar **aonde** quiseres ir.
  ir "a"
- Por favor, **aonde** eu posso me dirigir para obter informações?
  dirigir-se "a"
- Vocês pretendem chegar **aonde** com tais indagações?
  chegar "a"

- “Era este o costume herdado de seus maiores; que o hóspede mandava na taba **aonde** Tupã o conduzia.” (José de Alencar)
- “Força tal não pode ser a do ministro, individualidade flácida, político invertebrado, espécie de medusa marinha, de fibras morais inconsistentes e diáfanas, que flutua à tona de todas as correntes, e vai dar nas praias, **aonde** o leva a ressaca.” (Rui Barbosa)
- “– Quem lhe impede que vá a outras partes? Vá **aonde** quiser, mas fique morando conosco.” (Machado de Assis)
- “Mas ainda a do semeador do nosso Evangelho não foi a maior. A maior é a que se tem experimentado na seara **aonde** eu fui.” (Pe. Antônio Vieira)

⇨ Observações essenciais sobre o emprego de “onde” e de “aonde”:

a) A maioria das nossas dificuldades vem do fato de, em nosso dia a dia, cometermos muitos erros no que diz respeito ao emprego do “aonde” em lugar do “onde” e vice-versa. Vejamos alguns desses problemas:

- Maria, você sabe aonde eu deixei meus óculos? (construção incorreta)
  Quem deixa, deixa algo EM algum lugar.

  → Logo... “Maria, você sabe **ONDE** eu deixei meus óculos?”.
- Não sabemos aonde ele está nesse momento. (construção incorreta)
  Quem está, está EM algum lugar.

  → Logo... “Não sabemos **ONDE** ele está nesse momento.”
- Onde você vai hoje à tarde? (construção incorreta)
  Quem vai, vai A algum lugar.

  → Logo... “**AONDE** você vai hoje à tarde?”

b) É preciso ter muito cuidado com o emprego do ONDE, pois, como sabemos, ele só deve ser usado para expressar uma noção de lugar. Portanto, para o padrão formal, é inadmissível o emprego do “ONDE” para relações que não sejam de lugar. Observe:

- *A relação que se transmite é a de posse.*
  O Clube dos Oficiais, onde o diretor é João da Costa, passará por uma reforma. (Emprego inadequado)

  Correção: O Clube dos Oficiais, **cujo** diretor é João da Costa, passará por uma reforma.
- *A relação que se transmite é a de tempo.*
  Em 1980, onde o presidente era João Batista Figueiredo, a inflação era galopante. (Emprego inadequado)

  Correção: Em 1980, **quando** o presidente era João Batista Figueiredo, a inflação era galopante.

- Para Hans Kelsen, de onde se citam alguns exemplos, os homens deveriam honrar a justiça. (Emprego inadequado)

  A relação que se transmite é a de posse.

  Correção: Para Hans Kelsen, **de quem** (ou "**do qual**") se citam alguns exemplos,...

- É difícil lidar com adolescentes rebeldes, **onde** a causa nem para eles se explicita. (Emprego inadequado)

  Correção: É difícil lidar com adolescentes rebeldes, **cuja** causa nem para eles se explicita.

c) Como já mencionamos, o relativo "onde" – à semelhança do "aonde" – pode vir antecedido por preposições. Lembre-se, entretanto, que o emprego de "aonde" implica a não existência de qualquer outra preposição antes dele. Observe:

- Sem eles, não teríamos **de onde** sair, nem **para onde** nos projetar.
- Sem nossa história e nosso passado, não teríamos **por onde** começar, nem espaço para nos expandirmos.
- "Posto que nascido na roça (**donde** vim com dous anos) e apesar dos costumes do tempo, eu não sabia montar, e tinha medo ao cavalo." (Machado de Assis)
- "E na terra, **por onde** o sonhador passava,
  Iá a roxa corola espalhando as sementes." (Olavo Bilac)
- "... arbúsculos quase sem pega sobre a terra escassa, enredados de esgalhos **de onde** irrompem, solitários, cereus rígidos e silentes..." (Euclides da Cunha)
- "– Quero respirar o ar puro e fresco da tarde; mais nada repliquei. – Leva-me, **para onde** te aprouver." (A. Herculano)

3.3 LIÇÃO 3

3.3.1 EMPREGO DE "SE NÃO" E "SENÃO"

Eis outra particularidade bastante interessante e bastante longa. Embora não seja muito comum em provas, aparece aqui e acolá em certames, geralmente, de nível superior. Sugiro que a leia mais de uma vez, devido à quantidade de pormenores que ela apresenta. Vamos a ela...

a) Emprega-se o "se" e depois o "não" quando estes funcionam, respectivamente, como "conjunção condicional" e "advérbio de negação". Nesse caso, equivalerão, literalmente, a "caso não" ou "quando não" e só devem ser usados em juízos que expressam hipótese, condição, probabilidade. Essa situação representa o emprego mais comum do "se não" separado.

- **Se não** fizerem o dever logo, não receberão o prêmio que lhes prometi.
  caso não façam
- Que faremos amanhã, **se não** chegarem os mantimentos para os desabrigados?
  caso não cheguem
- A situação era difícil de resolver, **se não** impossível.
- "E o pobre Miranda, **se não** queria sofrer impertinências da mulher e ouvir sensaborias defronte dos criados, tinha de dar ao moleque toda a consideração e fazer-lhe humildemente todas as vontades." (Aluísio Azevedo)
- "Entretanto houve um tempo em que, **se não** me engano, tu eras feliz como eu do prazer que me davas." (José de Alencar)

b) Emprega-se "senão", junto, nas seguintes situações:

SENÃO
- (conjunção correlata aditiva) ↔ **mas também**
- (conjunção de oposição adversativa) ↔ **mas sim, do contrário**
- (preposição de exclusão) ↔ **afora, exceto, salvo, a não ser**
- (substantivo) ↔ **problema, mácula, defeito**

- Eram pessoas não só honestas, **senão** também caridosas, prestativas.
  mas também
- O diretor não fazia outra coisa, **senão** criticar.
  a não ser
- Ele nunca possuiu amigos, **senão** bajuladores.
  mas sim
- No processo, não encontramos **senões**.
  defeitos, problemas
- Não comeu o bolo que a esposa fez, **senão** um pedaço de pudim deixado pela sogra.
  mas sim
- Todos, **senão** você, contribuíram com a campanha.
  afora, salvo, exceto
- Ponham, por favor, a criança para dentro da casa, **senão** poderá adoecer severamente.
  do contrário, caso contrário
- Não havia um **senão** em sua produção textual.
  defeito, problema
- Da viagem nada trouxe de importante, **senão** um porta-retratos banhado a ouro.
  salvo, exceto, afora
- "De resto, a não ser de manhã para as aulas, que ia sempre com o Miranda, não arredava

pé de casa **senão** em companhia da família." (Aluísio Azevedo)

- "Tinha o coração disposto a aceitar tudo, não por inclinação à harmonia, **senão** por tédio à controvérsia." (Machado de Assis)
- "Parecer-vos-á então que desse panorama indescritível não quis Deus que houvesse outros contempladores vivos, **senão** vós e o alado músico da alvorada." (Rui Barbosa)
- "A definição do pregador é a vida e o exemplo. Por isso Cristo no Evangelho não o comparou ao semeador, **senão** ao que semeia." (Pe. Antonio Vieira)

⇨ **Observações:**

a) Há uma situação em que a pontuação faz toda a diferença. Observe:

- Chegue cedo à empresa amanhã, **senão** será demitido.
  do contrário, caso contrário
- Chegue cedo à empresa amanhã; **se não**, será demitido.
  se não (chegar) → juízo hipotético

b) O mesmo procedimento ocorre em situações em que querem alguns autores associar o "se não" à conjunção alternativa "ou", quando, na realidade, tem-se a ocultação por zeugma de um verbo anteriormente mencionado. Veja:

- Ele comprará uma, **se não** duas camisas para as festas do fim de ano.
  se não (comprar) → zeugma do verbo "comprar"
- Levará a mãe, a sogra, as filhas, **se não** todos os membros da família para a festa.
  se não (levar) → zeugma do verbo "levar"
- Ele é muito sabido, **se não** o mais inteligente da turma.
  se não (for) → zeugma do verbo "ser"

3.4 LIÇÃO 4

Nesta lição, estudaremos mais de uma particularidade da nossa língua. Procure lê-las mais de uma vez para consolidar o conhecimento.

3.4.1 EMPREGO DE "TÃO POUCO" E "TAMPOUCO"

a) Emprega-se "tão pouco" quando for equivalente de "muito pouco". Nesse caso, teremos o advérbio de intensidade "tão" seguido do pronome indefinido ou do advérbio "pouco".

- Falaram tão pouco durante a palestra que todos ficaram surpresos.
  muito pouco
- No mês passado, a empresa recebeu tão pouco dinheiro que teve de recorrer a empréstimos.
  muito pouco
- Infelizmente, nosso filho dorme tão pouco.
  muito pouco
- Parecia muito cuidadoso dos seus estudos e **tão pouco** extravagante e gastador, que não despendia um vintém fora das necessidades de primeira urgência.

b) "Tampouco" é morfologicamente um advérbio e equivale a "também não, muito menos, nem sequer". Funciona, na estrutura oracional, como um reforço para uma negação feita anteriormente, ou seja, o "tampouco" adicionará uma ideia negativa a uma ideia negativa precedente. Por isso, costuma-se associá-lo a "nem" com o sentido negativo. Como já representa uma negação, é erro grosseiro empregar-se "tampouco não".

- Os alunos não entregaram a prova, **tampouco** fizeram o trabalho que valia nota.
- Jamais irei àquele lugar, **tampouco** deixarei que algum familiar meu vá.
- "Mas os príncipes não aprendem, e **tampouco** aprendem os partidos." (Rui Barbosa)
- "Afinal, convencendo-se de que ela, sem ter ainda morrido, já não vivia para ninguém, nem **tampouco** para si, desabou num fundo entorpecimento apático." (Aluísio Azevedo)
- "... contudo, nunca houve entre eles uma separação profunda nem **tampouco** uma penetração perfeita." (Lima Barreto)

3.4.2 EMPREGO DE "DE ENCONTRO A" E "AO ENCONTRO DE"

Eis uma particularidade bastante simples. Vamos a ela...

a) Emprega-se a expressão "de encontro a" quando se quer transmitir a ideia de "choque, oposição, contrário" – equivale a "contra".

- O motorista perdeu o controle e o carro foi **de encontro ao** poste.
- A decisão do pai foi **de encontros aos** anseios da família.
- "A Serra do Mar tem um notável perfil em nossa história. **De encontro às** suas escarpas embatia, flagílima, a ânsia guerreira dos Cavendish e dos Fenton." (Euclides da Cunha)

b) Já a expressão "ao encontro de" significa "em direção a, a favor de". É usada, geralmente, quando se quer dizer que algo "foi favorável a alguma coisa, foi a favor de".

- Quando os vi de longe, parti ao encontro dos dois.
- Somos bons amigos, afinal minhas ideias sempre foram ao encontro das ideias dele.
- "Embarcou sozinha para os dez dias e noites de viagem, consciente de que podia estar indo **ao encontro da** morte. Tinha dezoito anos." (Rui Castro)

⇨ **Observação:**

Perceba que essas duas expressões dependem totalmente do contexto. Observe abaixo:

- Somos bons amigos, AFINAL minhas ideias sempre foram **ao encontro das** ideias dele.
- Somos bons amigos, MAS minhas ideias sempre foram **de encontro às** ideias dele.

3.5 LIÇÃO 5

3.5.1 EMPREGO DE "EM VEZ DE" E "AO INVÉS DE"

a) Deve-se empregar a locução prepositiva "em vez de" quando se deseja indicar uma troca, uma substituição de uma coisa por outra. Ela significa, literalmente, "em lugar de", "em substituição a". Reitere-se que essa locução é aplicável à maioria das situações em que se deseja expressar troca, substituição, alteração de uma coisa por outra.

- Na festa, resolveu beber cerveja **em vez de** vinho.
- **Em vez de** ir ao cinema, resolveu ir ao teatro.
- "**Em vez de** ficar abatida com a ameaça da larga separação, se vingasse a ideia da Europa, mostrou se satisfeita." *(Machado de Assis)*

b) Por outro lado, a locução prepositiva "ao invés de" significa "ao inverso de", "ao contrário de" e só deve ser empregada quando houver na oração elementos ou ideias opostos, contrários.

- O mergulhador imergiu **ao invés de** emergir por causa de um problema no equipamento.
- No velório, a prima do defunto ria **ao invés de** chorar.
- O remédio, **ao invés de** melhorar, piorou a situação do paciente.
- "E volveram rápidos, desapontados, tendo às mãos, **ao invés do** ganho apetecido, o ardor de muitas dúzias de palmatoadas, amargos bolos com que os presenteara aquela gente ingrata." (Euclides da Cunha)

3.5.2 EMPREGO DE "ACERCA DE", "A CERCA DE" E "HÁ CERCA DE"

Eis outra particularidade da gramática bastante simples. Vejamos...

a) A locução prepositiva mais usual das três é "acerca de"; significa "a respeito de, sobre, quanto a".

- Nada nos disse acerca do (sobre, a respeito de) problema de saúde que vem enfrentando.
- Os pesquisadores fizeram uma interessante descoberta **acerca da** criação de óvulos e espermatozoides a partir de células-tronco.
- "E o diálogo continuou animado, sem que D. Terezinha revelasse à amiga as suas suspeitas **acerca de** João da Mata e Maria do Carmo." (Adolfo Caminha)

b) Nas duas outras construções, temos a associação entre uma preposição ou um verbo e a expressão adverbial de aproximação "cerca de". Observe:

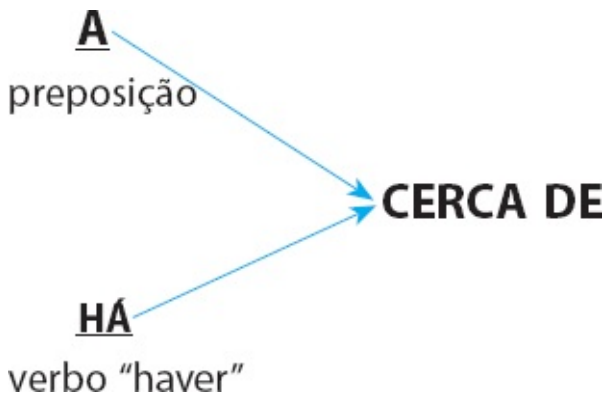

Logo, teremos...

A CERCA DE → a aproximadamente
HÁ CERCA DE → faz aproximadamente

- Quando nós a encontramos, estávamos a cerca de (a aproximadamente) 20Km da fronteira com o Paraguai.
- Os colonizadores chegaram aqui há cerca de (faz aproximadamente) 500 anos.
- Todos permaneceram a cerca de (a aproximadamente) 20m do local do acidente.
- Eles saíram há cerca de (faz aproximadamente) meia hora.

⇨ **Observação:**

Perceba que o "a" da expressão "a cerca de" não recebe o acento grave em virtude de ser

tão somente uma preposição seguida de uma expressão adverbial “cerca de”.

3.6 LIÇÃO 6

3.6.1 EMPREGO DE “MAU” E “MAL”

Vamos agora estudar uma lição bastante interessante. É bom ter cuidado para não fazer a simplificação “mau – bom” e “mal – bem”. Observe as orientações a seguir.

a) O “mau” exerce a função de adjetivo e possui como antônimo o adjetivo “bom”. Nesse caso, irá referir-se a substantivos. Como adjetivo que o é, o vocábulo “mau” apresenta todas as flexões típicas das classes variáveis. Veja:

- O **mau** treinador efetuou **más** ações por causa da **má** conduta da coordena-dora que reclamou do **mau** comportamento do time.
- Sempre o **mau** indivíduo colhe **maus** resultados em virtude de suas **más** atitudes.
- Toda **má** sorte tem por traz um **mau** sujeito.
- “... estava cansado de ensinar a meninos, era preciso fazer pela vida noutro meio mais vasto onde as suas qualidades, boas ou **más**, fossem aquilatadas com justiça.” (Adolfo Caminha)

b) Emprega-se “mal” em três funções morfológicas: advérbio, cujo oposto é “bem”; conjunção temporal, equivalendo a “logo que, assim que”; e substantivo abstrato, equivalendo a “o mal”, “a maldade”. Observe:

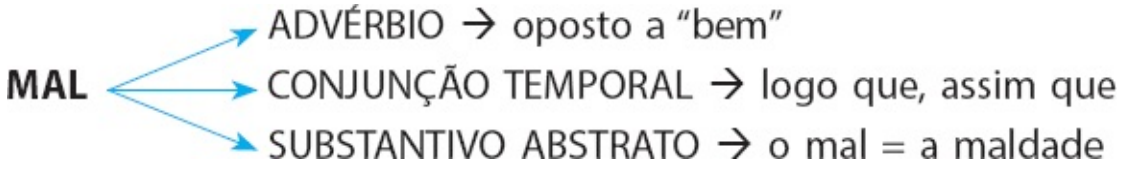

- O time jogou <u>mal</u> porque não treinou adequadamente.
  advérbio ↔ oposto a “bem”
- <u>Mal</u> ele chegou na sala, todos começaram a rir.
  conjunção temporal ↔ logo que, assim que
- O <u>mal</u> sempre atrai o <u>mal</u>.
  substantivos ↔ a maldade

- "... e entre os infortúnios que se desfecham tantos e tamanhos, uns após outros, como golpes de um acinte infatigável no **mal**, sobre este desventurado país, suave é o refúgio dessa consolação..." (Rui Barbosa)
- "Não obstante, a energia evolutiva do direito, cuja torrente a resistência **mal** aconselhada avolumou, represando, acaba por triunfar." (Rui Barbosa)
- "Mandava-os fazer de encomenda; mas assim mesmo, **mal** os punha hoje, no dia seguinte tinha que os retalhar a navalha." (Lima Barreto)
- "A viúva que **mal** resistira ao golpe da perda do filho, ainda mais se aterrava agora com o isolamento em que ia deixar Aurélia." (José de Alencar)

⇨ **Observação:**

Fique atento à seguinte distinção:

mau humor	≠	mal-humorado
mau cheiro	≠	malcheiroso
má educação	≠	mal-educado
mau comportamento	≠	malcomportado
mau ensinamento	≠	mal-ensinado
mau entendimento	≠	mal-entendido
má aventura	≠	mal-aventurado
má assombração	≠	mal-assombrado

3.6.2 EMPREGO DE "MAS" E "MAIS"

Eis outra particularidade bastante elementar. Mas é sempre bom revisá-la ou, quem sabe, conhecê-la melhor. Vamos a ela...

a) O "mas" funciona, na maioria das vezes, como conjunção de oposição adversativa; por isso, pode ser tranquilamente trocada por "porém, contudo, todavia". Em outros casos – um pouco mais raros –, o "mas" fará parte da correlação aditiva "não só..., mas também". Veja:

- Todos participaram do evento, **mas** nem todos ficaram para a confraternização.
  porém, contudo

- Ele sempre foi o melhor da sala, **mas** sempre bagunçou muito.
  porém, contudo

- O governo não só baixou os juros para a casa própria, **mas também** facilitou o crédito.
  correlação aditiva

- "E os que leem o que escreve,
  Na dor lida sentem bem,
  Não as duas que ele teve,
  Mas só a que eles não têm." (Fernando Pessoa)

- "Lembrou-se da mulher, **mas** repeliu logo esta ideia com escrupulosa repugnância. Continuava a odiá-la." (Aluísio Azevedo)

- "Fique então sabendo de que não é só a ela que você faz o obséquio, **mas** também ao marido." (Aluísio Azevedo)

⇨ **Observação:**

Em algumas situações, o "mas" funciona tão somente como uma palavra denotativa de ênfase ou de situação. Não transmite o sentido de oposição adversativa, por isso não poderá ser substituída por "porém, contudo, todavia." Veja:

- **Mas** quem afinal chegou à nossa festa?

- **Mas** que "belos" políticos nós temos hoje em dia!

b) Já o "mais" funciona ora como advérbio de intensidade, quando modifica verbos, adjetivos ou outros advérbios, ora funciona como pronome indefinido, quando se refere a substantivos. Observe:

- Os Silvas sempre dispuseram de **mais** recursos e **mais** informações.
  pronomes indefinidos

- Aqueles alunos precisavam estudar **mais** para poder ingressar em um concurso.
  advérbio de intensidade

- Eles agora sentiram sentiram **mais** vontade vontade de estudar do que antes.
  pronome indefinido

- Ele sempre quis trabalhar **mais** para melhorar a situação financeira da família.
  advérbio de intensidade

- "Desde o palácio até a taberna e o prostíbulo, desde o **mais** esplêndido viver até o vegetar do vulgacho **mais** rude, todos os lugares e todas as condições têm tido o seu romancista." (A. Herculano)

- "Não ficara ela incólume da ferida que fizera no coração do vizinho: amou-o também, e com

mais seriedade que a usual nos seus anos." (Camilo C. Branco)

3.7 LIÇÃO 7

3.7.1 EMPREGO DE "A FIM" E "AFIM"

Eis, mais uma vez, um conhecimento básico, elementar. Vamos a ele...

a) Emprega-se "a fim", separado (na maioria das vezes você usará esta forma), quando este fizer parte da locução prepositiva "a fim de" ou da locução conjuntiva "a fim de que". Em ambos os casos, as locuções denotarão "finalidade, objetivo, meta". Veja:

- Na sala, ninguém estava **a fim de** fazer nada.
- **A fim de que** ela passasse no concurso, comprei novos livros.
- "Não tardam os cavaleiros zenetas que vêm ajuntar-se nas atalaias convosco, **a fim de que** nenhum infiel possa escapar." (A. Herculano)
- "De feito, a boa velha tentou por diversas vezes escrever seu testamento **a fim de** garantir o futuro de sua escravinha." (Bernardo Guimarães)

⇨ **Observação:**

A locução prepositiva "a fim de" equivale a "para". Portanto, se tiver alguma dúvida, faça a substituição.

b) Por outro lado, a forma "afim" (junto) é morfologicamente um adjetivo e significa "algo que é semelhante, que é próximo, que possui afinidade".

- Na grade escolar, Biologia e Química são matérias **afins**.
- João e Pedro tinham temperamentos **afins**.
- Eles são parentes **afins**.

3.7.2 EMPREGO DE "SE QUER" E "SEQUER"

Eis outra particularidade simples da nossa língua, mas que merece toda a nossa atenção, pois de vez em quando aparece aqui e acolá nas provas de alguns certames. Vamos a ela...

a) A forma separada "se quer" é representada pela conjunção condicional "se" seguida do verbo "querer" flexionado na 3.ª pessoa do singular do futuro do subjuntivo. Nesse caso, a expressão "se quer" equivalerá a "se desejar" e ocorrerá em orações hipotéticas, condicionais. Veja:

- **Se quer** passar em um concurso, estude muito.
- "Diga ao cocheiro que pare; ou, **se quer**, pode apear-se no largo da Carioca." (Machado de Assis)
- "– Em porção, o senhor sabe que... É isso... Enfim, **se quer**, mande-os..." (Lima Barreto)

b) Já a forma "sequer" é um advérbio e significa "ao menos, pelo menos, nem mesmo". É frequentemente usado em frases negativas ou de sentido negativo.

- João não veio ao trabalho e nem **sequer** ligou para dizer o que aconteceu.
- "... como é que de um ano para o outro esta necessidade urgente e imediata torna-se tão secundária, tão indiferente, tão remota que nem **sequer** merece ser mencionada na fala do trono?" (Rui Barbosa)
- "Ninguém lhes regateia esse reconhecimento. Ninguém lhes recusaria, **sequer**, o esquecimento do seu passado de escravismo." (Rui Barbosa)
- "Por fim tudo se esgota e a situação não muda. Não há probabilidade **sequer** de chuvas." (Euclides da Cunha)

3.8 LIÇÃO 8

3.8.1 EMPREGO DE "SESSÃO", "SEÇÃO" E "CESSÃO"

Vamos a uma particularidade bastante simples... conhecimento elementar, básico, mas necessário. Estudemo-la, pois...

a) A forma "sessão" significa "espaço de tempo em que se realiza determinada atividade ou parte dela". Pode também ser usada com o sentido de "reunião, assembleia, encontro".

- Na última sessão do Congresso Nacional, votaram-se muitos projetos de lei.
- Eles começaram agora a nova sessão de fotos.
- Todos combinaram assistir a última sessão do cinema.
- O psiquiatra recomendou-lhe várias sessões de terapia.
- "Rubião assistira à sessão em que o ministério Itaboraí pediu os orçamentos." (Machado de

Assis)

b) Já a forma "seção", que admite a grafia secção" significa "divisão, subdivisão, departamento, parte de um todo".

- Amanhã iremos à seção de obras e reformas da Prefeitura de Palmares.
- Nós votamos na 37.ª seção da 43.ª zona eleitoral.
- Na terceira seção do segundo capítulo do livro, encontramos vários processos descritivos.
- "O país não está mais adiantado que as vítimas desse maligno capricho, quanto às causas que possam justificar o açoite, a que se acha submetida aquela secção do exército brasileiro." (Rui Barbosa)

c) Por sua vez, a palavra "cessão" provém do verbo "ceder" e, logicamente, significa "ato de ceder, doação, transferência de posse ou de direito".

- João fará a cessão de seus bens para os seus dois irmãos mais velhos.
- O Dr. Pedro fez a cessão dos direitos autorais para uma organização não governamental.

3.9 LIÇÃO 9 – EMPREGO DE VÁRIAS EXPRESSÕES E CONEXÕES

Vamos a uma lição longa, mas bastante simples. Vejamos algumas expressões bastante correntes em nosso dia a dia. Fique atento a elas, pois com frequência são cobradas pelas bancas examinadoras.

3.9.1 DISTINÇÃO ENTRE "A PRINCÍPIO" E "EM PRINCÍPIO"

- **A princípio**, quero esclarecer que minha palestra será meramente motivacional.
- "Capitu, **a princípio**, não disse nada. Recolheu os olhos, meteu-os em si e deixou-se estar com as pupilas vagas e surdas, a boca entreaberta, toda parada." (Machado de Assis)
- "**Em princípio**, o subsecretário suportou bem a tempestade; mas tendo adivinhado que o supunham insciente no tupi, irritou-se, encheu-se de uma raiva surda, que se continha dificilmente." (Lima Barreto)
- "De sorte que logo **em princípio** o comandante reconheceu inexequível dar à marcha uma

norma capaz de poupar as forças das praças.” (Euclides da Cunha)

3.9.2 DISTINÇÃO ENTRE OS CONECTIVOS “PORQUANTO” E “CONQUANTO”

Eis uma lição sobre a qual já falamos no capítulo sobre “sintaxe do período composto”, mas é sempre bom relembrar. Leia com atenção, pois o conhecimento abaixo é bastante cobrado em certames pelo país afora.

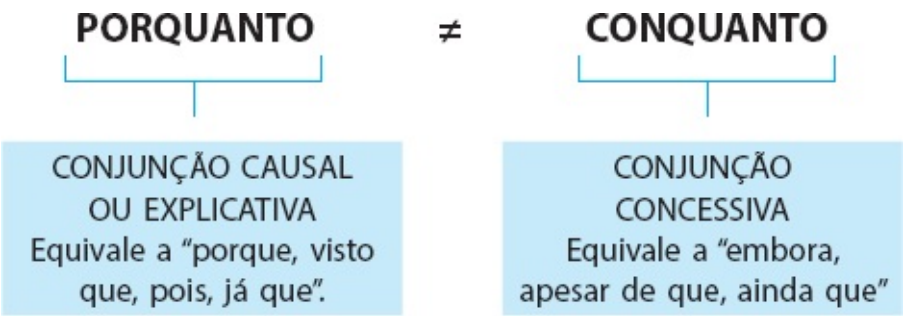

- O governo não reduzirá a taxa Selic, **porquanto** *porque, já que, pois* não deseja que haja o aumento do consumo.
- **Conquanto** *embora, ainda que* seja bastante rico, veste-se como pobre.
- “É possível, **conquanto** o não creiamos, que esse homem de Estado fosse um miserável, cuja desonra espadane ainda sobre aqueles que, iludidos, o sustentaram.” (Rui Barbosa)
- “E aqui verás tal ou qual esperteza minha; **porquanto**, ao ler o que vais ler, é provável que o aches menos cru do que esperavas.” (Machado de Assis)

3.9.3 DISTINÇÃO ENTRE OS CONECTIVOS “JÁ QUE” E “POSTO QUE”

Mais uma distinção sobre a qual já falamos no assunto “sintaxe de período”. Mas nunca é tarde para relembrar, pois ela é bastante cobrada pelas bancas.

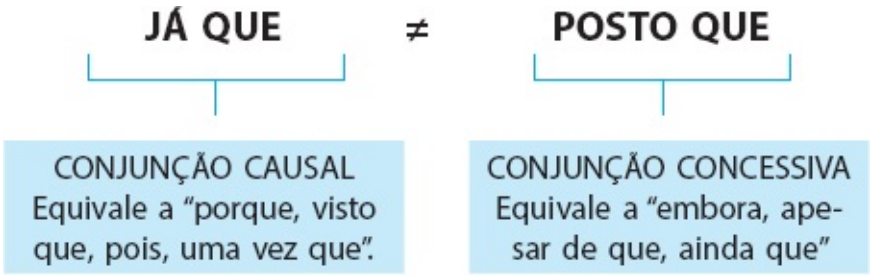

- O reclamante deve ser reintegrado ao posto **já que** *porque, visto que* goza de estabilidade.
- **Posto que** *embora, ainda que* fosse um dos homens mais ricos da cidade, vestia-se como pobre.
- “Gênio político de esfera muito curta, **posto que** de brilhantes talentos jurídicos e

parlamentares, o Visconde de Ouro Preto capacitou-se de que o melhor serviço que podia prestar à monarquia era alardear os recursos." (Rui Barbosa)

- "Pois essa que fui ontem continuarei a ser, **já que** Deus não quis que fosse a outra, que viu da primeira vez." (José de Alencar)

3.9.4 DISTINÇÃO ENTRE OS CONECTIVOS "À MEDIDA QUE" E "NA MEDIDA EM QUE"

Observe agora a distinção entre dois conectivos bastante parecidos. É preciso ficar atento, pois são empregados em situações bem distintas. Veja:

À MEDIDA QUE	≠	NA MEDIDA EM QUE
CONJUNÇÃO PROPORCIONAL Equivale a "à proporção que".		ARTICULADOR DE CAUSA Equivale a "já que, visto que, uma vez que".

- Desistiram de continuar a viagem, **na medida em que** as dificuldades para a consecução de uma nova estalagem aumentavam em virtude do evento previsto para a cidade.
- "**À medida que** engolia uma troça, uma pilhéria, vinha-lhe meditar sobre a sua lembrança, pesar-lhe todos os aspectos, examiná-la detidamente..." (Lima Barreto)
- "Os anos passaram depois, e **à medida que** vinham, ia-se Estêvão afundando no mar vasto e escuro da multidão anônima." (Machado de Assis)

⇨ **Observação:**

Lembre-se de que as expressões "à medida em que" e "na medida que" não existem em nossa língua. São corruptelas da locução conjuntiva de proporcionalidade "**à medida que**".

3.10 LIÇÃO 10 – EMPREGO DE OUTRAS EXPRESSÕES QUE PROVOCAM DÚVIDAS

Vamos agora a outras lições bastante interessantes. Aqui veremos o emprego de várias expressões que frequentemente suscitam dúvidas. Leiamo-las...

3.10.1 DISTINÇÃO ENTRE "POR ORA" E "POR HORA"

Embora apresentem origem igual – a palavra "hora" –, as expressões apresentam

significados diferentes. “Por ora” é equivalente a “por enquanto”; já “por hora” é empregada quando se deseja fazer referências a intervalos de 60 minutos – equivale a “a cada hora, a cada 60 minutos”.

- Os benefícios, **por ora**, só serão concedidos aos trabalhadores noturnos.
- Eles ganham R$ 25,00 **por hora**.
- João conseguia ler, **por hora**, cinco capítulos do livro.
- “Nós somos, **por ora**, uma voz, que adverte, e aconselha, enquanto o desengano nos não converter em arma, que acomete, e destrói.” (Rui Barbosa)
- “– Ele passou por aqui pondo dez léguas **por hora**.” (Manuel A. de Almeida)

3.10.2 EMPREGO DE “O MAIS DAS VEZES” E “AS MAIS DAS VEZES”

Ambas as expressões são corretas para indicar a maioria das vezes que um fato se realiza. Neste contexto, a expressão “a mais das vezes” não existe. Para o professor Mário Barreto, a expressão “as mais das vezes” é mais usual.

- “Temo-las por adiáforas; no geral, suspeitas; **as mais das vezes**, incompletas; quase sempre, traiçoeiras; sempre disparatadas.” (Euclides da Cunha)
- “Até nas próprias travessuras do menino, **as mais das vezes** malignas, achava o bom do homem muita graça.” (Manuel A. de Almeida)
- “Elas passavam o serão na sala de jantar, em volta do candeeiro, que alumiava a tarefa noturna **o mais das vezes** solitárias.” (José de Alencar)

3.10.3 DISTINÇÃO ENTRE “ABAIXO” E “A BAIXO”

Há um grupo de advérbios que são conhecidos pelas formas estranhas – e incoerentes muitas vezes – como são grafados. Não adianta reclamar: a ortografia oficial impõe que seja assim. Observe:

abaixo	acima
debaixo	de cima
embaixo	em cima
por baixo	por cima

Nesse grupo, encontramos uma distinção interessante entre o par “abaixo” e “a baixo”. O primeiro é advérbio e significa “em local menos elevado, embaixo”. Já o segundo é empregado na correlação “de... a...”, em que a preposição “a” – equivalente à preposição “para” – fica separada da palavra “baixo”. Observe:

- O leite está na prateleira **abaixo** dos pratos de sobremesa.
- Pintamos a parede **de** cima **a baixo**.
- "Nós descoroamos da liberdade aos que de Deus a houveram sacrossanta, e com isso os abatemos ao ínfimo grau da escala criada: até **abaixo** do reino vegetativo." (Rui Barbosa)
- "Há quase sempre alguma coisa impalpável e misteriosa no seio dos acontecimentos, que conspira contra as conspirações, mesmo quando essas vêm **de** cima **a baixo**." (Rui Barbosa)

3.10.4 DISTINÇÃO ENTRE "A PAR" E "AO PAR"

Eis duas expressões bastante interessantes, as quais provocam dúvidas no dia a dia. Emprega-se corretamente a locução prepositiva "**a par de**" quando se quer transmitir o sentido de "*estar ciente, estar informado*", ou ainda com o sentido de "*ao lado de, junto a, comparado com*". Já a expressão "**ao par**" só deve ser empregada com o sentido de "*equivalência monetária, cambial*". Observe:

- O diretor estava $\frac{\text{a par}}{\text{ciente de}}$ de toda a situação.
- João foi ao colégio $\frac{\text{a par}}{\text{ao lado de}}$ do irmão.
- "$\frac{\text{A par}}{\text{comparado com}}$ do último verão, até que este está ameno." (Dicionário Houaiss)
- "eis .... que a subida inesperada do partido conservador, firmando o crédito do Estado, elevou o papel-moeda, deixando o câmbio quase <u>ao par</u>". (Aluísio Azevedo *apud* Dicionário Aurélio)
- "Tem razão. Dizem que há lá muita coisa esplêndida; não admira, são mais velhos que nós; mas lá chegaremos; e há coisas em que estamos <u>a par</u> deles, e até acima." (Machado de Assis)

3.10.5 DISTINÇÃO ENTRE "NENHUM" E "NEM UM"

Eis uma dúvida frequente entre os operadores da nossa língua. Fique atento, pois ela apresenta vários detalhes.

O vocábulo "nenhum" (junção de "nem" mais "um") é um pronome indefinido e opõe-se a "algum". Já na construção "nem um", o vocábulo "um" é um numeral (seus equivalentes são, portanto, "dois, três, quatro etc.").

Lição bastante proveitosa nos deixou o ilustre gramático Napoleão Mendes de Almeida: "**Nenhum** provém da junção de 'nem + um', havendo entre aquela forma sintética (nenhum) e esta analítica (nem um) diferença de energia de expressão; a forma analítica é mais forte". Seguindo a lição do mestre, em muitos casos, pode-se usar tanto "nem um" quanto "nenhum" – o que vai diferir é a ênfase que se deseja conferir ao enunciado.

- Ao partir, João dos Anjos não deixou **nenhum** bem. (→ ... não deixou bem algum.)
- Ao partir, João dos Anjos não deixou **nem um** bem. (→ ... não deixou nem mesmo um bem.)

É preciso sinalizar, entretanto, que a forma analítica "nem um" individualiza o ser, define por unidade e apresenta frequentemente o sentido de "nem mesmo um, nem sequer um". Observe agora alguns exemplos extraídos de escritores de renome que empregaram a expressão "nem um".

- "Pois olhe que não é uma criança! Mas **nem um** cabelo branco, **nem um**, **nem um** só!" (Eça de Queiroz)
- "...mas tudo se passava lá dentro, não veio **nem um** suspiro à flor dos lábios." (A. Garrett)
- "Calma. A noite caiu. **Nem um** pássaro voa." (Olavo Bilac)
- "Rápido e violento devia ter sido o cometimento, numerosos os cavaleiros inimigos; porque **nem um** dos atalaias pudera escapar." (A. Herculano)

Veja agora outros exemplos com a utilização de "nenhum".

- "**Nenhum** milagre de engenharia lhos substituirá com vantagem." (Euclides da Cunha)
- "Anhangá turbou sem dúvida o sono de Irapuã, que o trouxe perdido ao bosque da jurema, onde **nenhum** guerreiro penetra sem a vontade de Araquém." (José de Alencar)
- "Para a cidade não trouxeram **nenhum** escravo. Venderam a maioria e os de estimação libertaram." (Lima Barreto)
- "Seguramente o alienista podia estar em erro, mas **nenhum** interesse alheio à ciência o instigava." (Machado de Assis)
- "**Nenhum** homem, por exemplo, de mais títulos a interpretar as opiniões desse partido, **nenhum** mais genuinamente representativo das suas disposições do que o Sr. Silveira Martins." (Rui Barbosa)

Vejamos agora alguns valores que o indefinido "nenhum(a)" pode adquirir em uma oração.

- Distribuiu-se o convite para muitos funcionários, mas **nenhum** foi à confraternização.
  sentido de "ninguém"
- É uma pessoa de **nenhuma** importância.
  sentido de "nulo, inexistente"
- "O cavalo dele, melhor que **nenhum** outro, ganhou a corrida." (Aurélio)
  sentido de "qualquer"

3.11 LIÇÃO 11 – EMPREGO DE "ESTÁ" E "ESTAR"

Eis um ponto que, por si só, merece uma lição à parte. Não raro, os candidatos sofrem com esta dúvida. De antemão, posso garantir que é bastante fácil – o "grande" problema

reside em nossa pronúncia defeituosa. Vamos lá...

Em primeiro lugar, cumpre fazermos as distinções iniciais:

ESTÁ → 3.ª pessoa do singular, do presente do indicativo do verbo "estar". Logo, emprega-se esta forma quando na estrutura temos um sujeito da 3.ª pessoa do singular, explícito ou implícito (oculto). Observe:

- O governo ainda **está** na contramão do progresso.
- "– Há muito tempo que **está** no Rio de Janeiro? perguntou-me Lúcia depois de uma pausa." (José de Alencar)
- "A alcova **está** deserta, mas inda com o teu cheiro perfumada, do teu fulgor coberta..." (Olavo Bilac)
- "Se adoecem e a família **está** fora, não os confio a um correspondente... Trato-os aqui, em minha casa." (Raul Pompéia)

Dica: Se houver alguma dúvida, SUBSTITUA o verbo por outro. Certamente, você perceberá o emprego da 3.ª pessoa do singular. Veja:

- O governo ainda **está** na contramão do progresso.
  permanece, encontra-se, fica
- Não sei se ele **está** na igreja.
  permanece, encontra-se

ESTAR → Infinitivo do verbo. Destacamos dois empregos que suscitam dúvidas:

a) Formação de locuções verbais (verbo auxiliar + infinitivo). Observe:

- O governo ainda **deve estar** na contramão do progresso. (substitua por "*se encontrar*, *permanecer*").
- Não sei, mas acho que os meninos **podem estar** na igreja. (substitua por "*se encontrar, ficar*")
- "Ele canta que **parece estar** num café concerto, no meio de mulheres de vida airada..." (Lima Barreto)
- "O que é certo é que, não obstante a sorte que tivera aquele seu apaniguado, **costumava estar** na vila." (Euclides da Cunha)

Dica: Lembre-se, mais uma vez, de que, em caso de dúvida, você deve substituir por outro verbo. Se a forma for da 3.ª pessoa do singular, empregar-se-á "está"; se a forma for de infinitivo (-r), empregue, sem medo, "estar".

b) Formação de orações reduzidas de infinitivo com o verbo "ESTAR". Veja:

- João Pedro fez o possível para _____ conosco hoje.
  está ou estar?

Como preencher o espaço acima? Fácil, se perceber que é possível a substituição por "*ficar, permanecer*", por exemplo. Traduzindo: com a substituição fica claro e notório que se trata do emprego de um verbo no infinitivo, o qual exerce o núcleo de uma oração circunstancial (adverbial), reduzida. Portanto, não tenha dúvida:

- João Pedro fez o possível para **ESTAR** conosco hoje.

Vejamos outros exemplos:

- "Eis o que eu vi nessa hora de agonia, depois de **estar** ali alguns não sei se instantes ou séculos." (A. Herculano)
- "Você, com uma filha quase mulher, não tem vergonha de **estar** aqui a servir de palhaço?!" (Aluísio Azevedo)
- "É preciso mesmo **estar** sob a ação exclusiva de uma ideia fixa, para acreditar que a indenização possa ainda sair a campo." (Rui Barbosa)
- "A verdade certa é que, às duas horas da tarde, aquele advogado andava atrás das moças, em vez de **estar** no foro." (Machado de Assis)

⇨ **Observação:**

Vale a pena mencionar que esta dúvida (emprego de "está" ou "estar") também se estende a outras situações em nossa língua. Portanto, basta aplicar o conhecimento acima (e ter cuidado com a pronúncia) para resolver as pendências. Veja:

- No final do ano, a empresa vai _____ uma grande festa para os funcionários.
  dá ou dar?

Comentário: Se podemos substituir por "conceder, oferecer", constatamos que se trata do emprego do infinitivo do verbo "dar" numa locução verbal – logo, "... a empresa vai **dar** uma grande festa...".

3.12 LIÇÃO 12 – EMPREGO DE "TER DE" E "TER QUE"

Mais uma lição bastante interessante sobre o emprego de duas expressões que, não raro, provocam dúvidas. Embora no dia a dia sejam usadas de forma indistinta, podemos, ainda assim, traçar algumas orientações. Vejamos:

Emprega-se TER DE (verbo + preposição), seguido de outro verbo no infinitivo, quando se

deseja denotar “fato infalível, necessário, obrigatório ou jussivo (imperativo)”. Observe os exemplos:

- O Brasil tem de ser um país menos desigual. (Equivale a → “O Brasil tem a obrigação de ser um país...)
- Todos tiveram de sair por causa do fogo que já atingia os últimos andares do prédio.
- “... para se conhecerem os amigos, tinham os homens de morrer primeiro e daí a algum tempo ressuscitar...” (Pe. Antonio Vieira).
- “O Congresso ainda não se dissolveu. Tem de reunir-se ainda.” (Rui Barbosa)

Emprega-se, por outro lado, TER QUE (verbo + conjunção integrante), seguido de um verbo no infinitivo, quando se deseja indicar simplesmente “algo para fazer”, “algo que ainda não foi feito”. Nesse sentido, transmite-se tão somente “mera informação” ou uma “ação facultativa”. Vejamos:

- “Esses não têm que envenenar a alma de seus filhos com as misérias domésticas do cativeiro (...); não têm que dar, nas suas escolas, em vez da educação cívica, o ensino da opressão perpetuada, não têm que sentir a organização de sua pátria assentada na denegação eterna da liberdade a uma parte indefesa do gênero humano.”
- “É uma mania de seu amigo, Senhor Ricardo, esta de só querer cousas nacionais, e a gente tem que ingerir cada droga, chi!” (Lima Barreto)
- “— O senhor... O senhor só tem que me agradecer uma coisa: é a minha paciência.” (José de Alencar)

⇨ **Observações:**

a) Como já dissemos, no dia a dia, essas expressões são usadas quase indistintamente, uma vez que nem sempre é fácil se fazer a distinção entre o que é “obrigação” do que é “mera informação ou ação facultativa”. De acordo com a professora Maria Helena de Moura Neves, a expressão “TER QUE” é hoje mais usual do que TER DE. Esta última é empregada com mais frequência, segunda a professora, na linguagem literária.

b) Alguns autores preconizam que, na expressão TER QUE, o “que” funciona como pronome relativo sem antecedente explícito. Para os que advogam essa morfologia do “que” como pronome relativo, deveríamos analisar o período da seguinte maneira:

- Não posso sair hoje, pois tenho que estudar. → Equivale a “... tenho (algo) que estudar”.

3.13 LIÇÃO 13 – EMPREGO DE “POSSA SER” E “PODE SER”

Eis aqui duas locuções verbais que frequentemente causam problemas aos usuários da língua. É bastante comum vermos falantes do nosso idioma pronunciando estruturas do tipo "Possa ser que o documento esteja no armário do chefe", as quais deixam os mais instruídos "de cabelo em pé". Vamos às orientações...

a) A construção perifrástica "pode ser" (formada pelo presente do indicativo do verbo PODER seguida do verbo SER no infinitivo) deve ser usada quando se deseja obter o sentido de "é possível, é provável". Portanto...

- PODE SER que o documento esteja no armário do chefe. (e não "possa ser")
- Não sei ao certo, mas PODE SER que a empresa não aceite as nossas observações.
- PODE SER que eles não consigam retirar o visto para os EUA na próxima semana.

b) Já a locução verbal "possa ser" deve ser usada em orações subordinadas em correlação geralmente com um verbo no presente do indicativo, presente na oração principal. Essa locução, quando empregada corretamente, apresenta sentido de "venha a ser" ou "seja".

- É essencial que ele POSSA SER o nosso representante na reunião com a diretoria.
- Não sei ao certo, mas acho que talvez ele POSSA SER o nosso gerente de marketing para o próximo ano.
- Deixamos o contrato sobre a mesa para que o diretor assine e POSSA SER o responsável pela obra.

3.14 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (FCC) *...para entender por que a viagem de Colombo acabou e continua sendo uma metáfora...* No que se refere à grafia, para estar de acordo com o padrão culto, a frase que deve ser preenchida com forma idêntica à destacada acima é:

   a) Alguém poderá perguntar: – O autor citou Braudel, ...?
   b) Gostaria de saber ..... ele se interessou especificamente por essa obra de Braudel acerca do mar Mediterrâneo.
   c) Quem sabe o ..... da citação da obra de Braudel?
   d) Referências são sempre interessantes, ... despertam curiosidade acerca da obra.
   e) –... foi a obra que mais o teria impressionado sobre o assunto, respondeu alguém quando indagado sobre o motivo da citação.

2. (CESGRANRIO) É melhor começar a exercitar a linguagem, _____ o seu relacionamento pode acabar mal.

A pesquisa recentemente realizada pela empresa foi _____ do estresse emocional do trabalhador.
Expliquei-lhe as exigências do atual mercado _____ ele se adaptasse melhor.
A sequência que completa corretamente as frases acima é

a) se não – a cerca – a fim de que
b) se não – acerca – afim de que
c) se não – acerca – a fim de que
d) senão – acerca – a fim de que
e) senão – a cerca – afim de que

3. (CESGRANRIO) As razões _____ não simpatizo com você são muitas.
Não faça críticas negativas, _____ se arrependerá.
O que eu disser poderá ser _____ interpretado.
A opção cuja sequência completa, corretamente, as sentenças acima é

a) por quê – senão – mal
b) por que – senão – mal
c) porquê – se não – mal
d) porque – se não – mau
e) porque – senão – mau

4. (ESAF – Téc. Rec. Federal) Lê-se no Manual de Redação da Presidência da República:

onde
Como pronome relativo significa 'em que (lugar)': A cidade **onde** nasceu.

Com base nessa definição e nas demais funções morfossintáticas que o termo **onde** *pode desempenhar, aponte a frase na qual o emprego de tal termo está incorreto.*

a) (...) o método utilizado pode afastar os auditores, pela falta de estrutura, da descoberta dos grandes esquemas de corrupção. Porque ele está muito voltado a atender à grande novidade inventada por Waldir Pires, os sorteios dos municípios. Ali, faz-se uma auditoria por amostragem, onde pegar um grande esquema dependerá, como tudo num sorteio, da sorte.
b) O Portal de Transparência é até onde a CGU conseguiu tornar possível a sua ideia de tornar público o Sistema Integrado de Administração Financeira (...).
c) "Cultura" é um termo quase infinitamente maleável. (...). Sua origem ou, pelo menos, até onde se possa saber, seu sentido primitivo parece se relacionar com a criação, descoberta ou invenção da agricultra (...).

d) Passada a euforia da libertação, muitos ex-escravos regressaram a suas fazendas, ou a fazendas vizinhas; para retomar o trabalho por baixo salário. Dezenas de anos após a abolição, os decendentes de escravos ainda viviam, nas fazendas, uma vida pouco melhor do que a de seus antepassados escravos. Outros dirigiram-se às cidades, como o Rio de Janeiro, onde foram engrossar a grande parcela da população sem emprego fixo.

e) Onde havia dinamismo econômico provocado pela expansão do café, como em São Paulo, os novos empregos, tanto na agricultura como na indústria, foram ocupados por milhares de imigrantes italianos que o governo atraía para o país. Lá, os ex-escravos foram expulsos ou relegados aos trabalhos mais brutos e mais mal pagos.

*(Fontes: Rudolfo Lago, **Correio Braziliense**, 24/10/2005; Nelson Archer, **Relativismo cultural e multiculturalimo**, FSP, 31/10/2005; José Murilo de Carvalho, **Cidadania no Brasil**: o longo caminho, pág. 52)*

5. (FGV) Perguntei por que ele não tocava mais piano.

Assinale a alternativa correta acerca do uso do porquê na frase acima.

a) A forma está correta, pois corresponde à preposição POR + o pronome relativo QUE.

b) A forma está correta, pois é uma conjunção, sendo, nesse caso, sempre grafada como duas palavras.

c) A forma está correta, pois equivale a “por qual razão”, caracterizando uma pergunta indireta.

d) A forma está incorreta, pois a forma com duas palavras só se usa em perguntas. O correto seria PORQUE.

e) A forma está incorreta, pois, embora seja grafada com duas palavras, a forma QUE deveria levar acento circunflexo.

6. (FGV) “Concluída a fusão dos mercados, em vez de rumar para a integração política e consolidar seu protagonismo na cena mundial, a Europa faz da integração um utensílio da exclusão. Claro está que Bruxelas não pode evitar a deriva à direita de certos Estados, mas tampouco necessita servir à regionalização da xenofobia.”

A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:

I. A expressão <u>em vez de</u> não poderia ser substituída, no trecho, por <u>ao invés de</u>.

II. Ocorre alteração gramatical ou semântica ao se substituir “Claro está” por “Está claro”.

III. Não ocorre alteração gramatical ou semântica ao se substituir “certos Estados” por “Estados certos”.

Assinale:

a) se somente o item III estiver correto.

b) se somente o item I estiver correto.

c) se nenhum item estiver correto.

d) se todos os itens estiverem corretos.

e) se somente o item II estiver correto.

7. (FGV) O leitor já viu onde quero chegar.

Assinale a alternativa cuja estrutura seja equivalente semanticamente à apresentada acima, mas que dela se diferencie quanto à adequação da linguagem ao padrão normativo.

a) Já observou o leitor onde quero chegar.
b) O leitor já viu aonde quero chegar.
c) Quero chegar onde o leitor já viu.
d) Em que ponto quero chegar o leitor já viu.
e) O leitor já viu em cujo local quero chegar.

GABARITO

1 – B	2 – D	3 – B
4 – A	5 – C	6 – C
7 – B		

CAPÍTULO 4

A LINGUAGEM FIGURADA – AS FIGURAS DE LINGUAGEM

Em nosso dia a dia, usamos com frequência a denominada linguagem intelectiva para que nos comuniquemos. A linguagem intelectiva é aquela em que os termos geralmente vêm dispostos na sequência "sujeito + predicado + complementos + adjuntos" e trabalha o sentido real, denotativo dos vocábulos, das palavras.

Não basta, porém, que a linguagem seja puramente racional para que o homem se comunique. Em muitas situações comunicativas, lançamos mão de recursos para que a linguagem se torne mais atraente, mais simpática, contribuindo para formar a convicção do leitor ou do ouvinte – é a denominada "linguagem afetiva". O resultado desse uso é uma linguagem mais sensível, mais comparativa, mais emocional, menos racional. Para obter esse efeito, o comunicador lança mão das chamadas **figuras de estilo**, conhecidas também como **figuras de linguagem**.

Figuras são os modos de dizer, alguns dos quais alteram a forma regular das palavras ou das orações, e outros modificam ou omitem o sentido próprio da expressão.

4.1 CLASSIFICAÇÃO DAS FIGURAS DE LINGUAGEM

As figuras de estilo ou de linguagem se classificam em:

a) Figuras de palavras ou tropos;
b) Figuras de pensamento;
c) Figuras de construção ou de sintaxe.

4.1.1 FIGURAS DE PALAVRAS OU TROPOS

São figuras que se caracterizam por alterar o sentido próprio de uma palavra. São elas: metáfora, metonímia, catacrese, perífrase, sinestesia e comparação.

4.1.1.1 Metáfora

A metáfora (de um vocábulo grego que significa "transportar") é a translação do sentido próprio de uma palavra para outro, por analogia ou por semelhança, ou seja, consiste em usar

uma palavra pela outra por força de uma comparação mental. É uma comparação – pelo fato de existirem características pertencentes a um objeto ou ser que se adapta a outro – sem a presença explícita de conectivo comparativo.

- Ela é um anjo de doçura, e ele é um cavalo de grosseria.
- É uma borboleta o coração daquela donzela.
- Muitos jovens perdem a razão quando vivem o fogo de uma paixão.
- O vício toma muitas vezes a máscara da virtude.
- "O Senhor é o meu Pastor e nada me faltará". (Sl. 23)
- "Coração bobo, coração bola, coração balão
  A gente se ilude dizendo
  Já não há mais coração" (Alceu Valença)
- "O mar é lago sereno
  O céu – um manto azulado
  O mundo – um sonho dourado
  A vida – um hino d'amor." (Casimiro de Abreu)
- "A vida é o dia de hoje
  A vida é ai que mal soa
  A vida é sombra que foge A vida é nuvem que voa." (João de Deus)

⇨ **Observação:**

Com a metáfora, buscam-se semelhanças, analogias, características comuns entre os seres postos numa relação comparativa.

4.1.1.2 Metonímia

A metonímia é a substituição do sentido de um vocábulo pelo de outro com o qual está intimamente relacionado. Com a metonímia, o operador da língua troca um vocábulo por outro pelo fato de ambos apresentarem uma contiguidade de sentido, uma coexistência semântica. Quando se diz, por exemplo, que se leu Camões, percebe-se nitidamente a relação entre "Camões" e "obra escrita". Na realidade, leu-se a "obra" que pertence ao escritor Camões. Observe outro exemplo abaixo:

- Durante a Idade Média, alguns defendiam o trono, outros, o altar.

⇨ **Observação:**

Perceba que os vocábulos "trono" e "altar" foram empregados em substituição aos

vocábulos “realeza” e “religião”, respectivamente.

Várias são as formas de substituição propostas pela metonímia. Vejamos algumas:

a) O autor pela obra:

- Ontem me deleitei com o Machado de Assis.
  a obra

- Sempre viajava na companhia de José Saramago. Em casa, não abandonava Cecília Meireles.
  a obra *a obra*

b) A causa pelo efeito, ou vice-versa:

- Sempre vivi do suor do meu rosto.
  trabalho
- A palidez tomou-lhe conta do rosto quando viu que o avião perdeu altura.
  medo

c) O abstrato pelo concreto e vice-versa:

- A mocidade de hoje parece que perdeu o encanto pela vida.
  os jovens
- Era difícil não se emocionar com aquela beleza trôpega.
  um velho, um idoso

d) O continente pelo conteúdo:

- Eles sempre foram amantes do copo.
  das bebidas
- Eles comeram todo o prato com uma voracidade incrível.
  a comida, o alimento

e) A marca pelo produto:

- Fez a barba com uma gilete.
  lâmina de aço
- Por favor, limpe com uma coca.
  refrigerante à base de folha de coca

f) A parte pelo todo e vice-versa:

- Os ônibus passavam cheios de pernas.
  pessoas
- Muitas chaminés dominam São Paulo.
  fábricas, indústrias

g) O singular pelo plural:

- O homem vive há séculos sobre a terra.
  os homens
- O brasileiro é um povo de coragem, de luta, de determinação.
  os brasileiros

h) O objeto ou sinal pela coisa significada:

- Infelizmente a balança no Brasil não é tão justa quanto é em outros países.
  a justiça
- os juízes, os magistrados
  A toga brasileira ficou incomodada com as palavras do presidente da República.

i) O possuidor pela coisa possuída:

- Uma centena de fuzis apoiavam suas decisões.
  soldados
- Em toda guerra, as armas não dormem nem de dia nem de noite.
  os combatentes, os soldados

j) A matéria pelo objeto:

- Na festa, quebraram todos os cristais.
  copos, pratos feitos de cristal
- A comida foi colocada em porcelanas chinesas.
  pratos e recipientes feitos de porcelana chinesa

⇨ **Observação:**

a) Não se preocupe tanto em decorar essas formas de substituição. Procure, sim, entender o que é uma metonímia. As bancas raramente (mas raramente mesmo) cobram as relações acima. Elas querem saber tão somente se o estudante sabe identificar o que é um processo metonímico.

b) Muitos autores classificam alguns casos de metonímia como **sinédoque**. Esta, segundo eles, caracteriza-se por substituir "o todo pela parte" ou "a parte pelo todo", isto é, teremos uma relação do tipo "continente e conteúdo" ou "gênero e espécie". Achamos a discussão menor, e preferimos englobar todos os casos sob a denominação genérica de metonímia, porquanto tem sido a figura predominante nos certames hoje.

4.1.1.3 Catacrese

A catacrese é o desvio do significado natural de um vocábulo. Consiste em se empregar um vocábulo já existente e com significação própria em outro sentido, por falta de vocábulo adequado. Em verdade, a catacrese é uma metáfora desgastada, porque busca semelhanças entre seres, objetos, coisas e passa a usar um vocábulo com uma extensão semântica maior

do que ele possui – “é o esquecimento ou substituição definitiva do significado de uma palavra por outra”, preconiza o ilustre mestre Cândido de Figueiredo.

- O **pé da cadeira** está quebrado.

⇨ **Observação:**

Busca-se a semelhança entre o “pé humano” (sentido denotativo) e o objeto de madeira que sustenta a cadeira, pé da cadeira (sentido conotativo).

Observe agora outros exemplos:

- Já na terça-feira, todos tiveram de responder à **sabatina** feita pelo professor.
- Furou a **cabeça do dedo** com um alfinete.
- Todos **embarcaram** no avião precisamente às 16 horas.
- O boxeador levou um soco na **boca do estômago**.
- Ficamos passeando bem no **coração da cidade**.
- Colocaram vários **dentes de alho** na buchada que eles prepararam.
- A **asa do avião** ficou danificada por causa da colisão com um pássaro.

4.1.1.4 Perífrase ou antonomásia

É um tipo especial de metonímia que se caracteriza por substituir um ser ou um objeto por uma expressão que facilmente o identifica. Geralmente essa substituição é feita com uma característica marcante do ser ou do objeto. Observe:

- Faz anos que morreu o épico português. *Camões*
- Conheci a Veneza brasileira. *Recife*

Veja outras perífrases:

- **o rei do baião** → por Luís Gonzaga
- **a cidade luz** → por Paris
- **a Suíça pernambucana** → por Garanhuns
- **o poeta dos escravos** → por Castro Alves
- **o país do sol nascente** → por Japão
- **o grande poeta mineiro** → por Drummond
- **o grande orador grego** → por Demosthenes

- **o grande poeta grego** → por Homero
- **o águia de Haia** → por Rui Barbosa
- **o rei da selva** → por leão

4.1.1.5 Sinestesia

Consiste na mistura de sensações perceptíveis por órgãos do sentido diferentes. Busca-se, com isso, oferecer maior expressividade à sensação primitiva, mais forte. Quando se diz, por exemplo, "beijo doce", atribuiu-se à sensação tátil "beijo" uma sensação gustativa "doce" para indicar que a ação primitiva "beijo" é intensificada por uma sensação gustativa "doce". Observe outros exemplos:

- Ela usava um vestido de **cores berrantes**.
- Na reunião, ele usou **ásperas palavras**.
- O locutor do aeroporto possui uma **voz doce e aveludada**.
- O vinho apresentava um **gosto quente, áspero**.
- "Ó sonora **audição colorida** do aroma!" (Alphonsus de Guimaraens)

4.1.1.6 Comparação

É a analogia efetuada entre dois seres ou objetos por meio de conectivos comparativos explícitos a fim de ressaltar a(s) semelhança(s) entre eles. Geralmente são usados os conectivos subordinativos comparativos "como, tal qual, assim como, tão... quanto, tanto... quanto, mais... (do) que, menos... (do) que etc.".

- "Seria meia-noite quando o navio começou a mover-se lentamente, e uma hora depois a cidade, as praias, e as montanhas sumiam-se na distância, **como** se o mar as fosse engolindo com a voracidade de um monstro." (Adolfo Caminha)
- "E o escândalo, **como** um líquido derramado, ia escorrendo pelas ruas, pelos becos, penetrando por aqui e por ali, invadindo as repartições públicas, os escritórios comerciais, as redações das folhas e as casa particulares." (Aluísio Azevedo)

4.1.2 FIGURAS DE PENSAMENTO

São figuras que se processam no âmbito do pensamente, da ideia que se quer transmitir. São processos de expressão do pensamento, os quais introduzem ideia diferente da que realmente a palavra exprime. São elas:

4.1.2.1 Antítese

É a figura que consiste no emprego de termos ou pensamentos em oposição, de forma que faça sobressair um pelo outro. É um poderoso recurso estilístico, pois ressalta relações de contraste, de oposição entre os termos, entre as ideias. Veja alguns exemplos:

- "Estes edificam, aqueles destroem; estes sobem pelos degraus da honra, aqueles outros descem." (M. Bernardes)
- "Última flor do Lácio, inculta e bela,
  és, a um tempo, esplendor e sepultura." (Olavo Bilac)
- "Vejo um túmulo, entremos:
  Quem sempre a morte achou no lar da vida
  Deve a vida encontrar no lar da morte." (Laurindo Rabelo)
- "Ontem plena liberdade
  A vontade por poder
  Hoje... cum'lo de maldade
  Nem são livres... pra morrer." (Castro Alves)
- "Era o porvir – em frente do passado,
  A liberdade – em face à escravidão." (Castro Alves)

4.1.2.2 Paradoxo ou oximoro

É uma espécie de antítese mais radical, pois trabalha com termos em oposição colocados lado a lado. O contrassenso se dá dentro do mesmo termo, do mesmo verso. Veja:

- "O doutor falava **bobagens** conspícuas." (Manoel de Barros apud Domingos P. Cegalla)
- "Amor é fogo que **arde** sem se ver,
  É ferida que **dói**, e não se sente;
  É um **contentamento** descontente
  É dor que **desatina** sem doer." (Camões)
- "Menino do rio,
  calor que provoca arrepio." (Caetano Veloso)
- "Enfim, transpondo o **Inferno** e o Purgatório, Dante
  Chegara à extrema luz pela mão de Beatriz:
  Triste no sumo bem, **triste** no excelso instante,
  O poeta compreendera **o mal** de ser feliz." (Olavo Bilac)

4.1.2.3 Ironia

Conhecida também como "antífrase", é a alteração do sentido próprio de uma palavra ou

de uma expressão para o sentido oposto, isto é, a ironia ocorre quando a palavra ou a sentença exprime normalmente o contrário daquilo que queremos dar a entender com ela. O emprego da ironia, em muitas situações, pode revelar sarcasmo, zombaria, chacota, escárnio. Observe:

- Bela coisa você fez, meu filho – conseguiu tirar nota baixa em todos os exames!
- "Moça linda bem tratada
  Três séculos de família
  burra como uma porta." (Mário de Andrade)
- "A excelente dona Inácia era mestra na arte de judiar das crianças." (Monteiro Lobato)

4.1.2.4 Eufemismo

Consiste no emprego de palavras ou expressões com o objetivo de diminuir o impacto da mensagem. Em outras palavras, é o abrandamento da força de uma ideia, de uma mensagem. Empregam-se palavras ou expressões mais amenas, mais suaves, mais sutis para evitar o impacto da ideia, da mensagem. Observe:

- **Os funcionários da limpeza pública** entraram em greve. (em vez de "garis, lixeiros")
- No depoimento, a testemunha **faltou com a verdade**. (em vez de "mentiu")
- Foi preso pela polícia, porque **enriqueceu por meios ilícitos**. (em vez de "roubou")
- Descobriram um **tumor maligno** no seio da mulher. (em vez de "câncer")
- Nossos amigos **não foram felizes** no concurso que fizeram. (em vez de "foram reprovados")
- "Alma minha gentil **que te partiste** Tão cedo desta vida descontente." (Camões)
- "Os amigos que me restam são de data recente; todos os antigos foram estudar **a geologia dos campos santos**." (Machado de Assis *apud* Rocha Lima)

4.1.2.5 Hipérbole

Consiste no emprego de expressões ou palavras com o sentido exagerado, extrapolado. É um outro poderoso recurso expressivo, pois se baseia no exagero da mensagem. Observe:

- Naquele momento, todos nós já estávamos **mortos de fome**.
- Mulher, não te vejo **há séculos**.
- "Abram mais janelas do que todas as janelas que há no mundo." (Fernando Pessoa)
- "Queria gritar setecentas mil vezes..." (Cazuza)
- "Rios te correrão dos olhos, se chorares." (Olavo Bilac)

4.1.2.6 Gradação

Consiste no emprego de palavras ou ideias em progressão ascendente ou descendente a fim de obter um efeito estilístico. Quando apresenta ideias em gradação ascendente, chama-se "clímax"; quando apresenta ideias em gradação descendente, chama-se "anticlímax". Veja alguns exemplos:

- "Que **verbo mais eloquente**, que **eloquência mais sublime**, que **sublimidade mais angélica** do que a sua"? (Alves Mendes *apud* Jorge Miguel)
- "Oh, não aguardes que a madura idade
  Te converta essa flor, essa beleza,
  Em terra, em cinza, em pó, em sombra, em nada." (Gregório de Matos)
- "Parece-me que só neste país ainda não se observa nem se permite esse costume **tão natural, tão próprio, tão eficaz mesmo**, das senhoras pobres empregarem-se no comércio a retalho." (Adolfo Caminha)
- "E o escândalo, como um líquido derramado, ia escorrendo pelas ruas, pelos becos, penetrando por aqui e por ali, **invadindo as repartições públicas, os escritórios comerciais, as redações das folhas e as casa particulares**." (Aluísio Azevedo)
- "Não já lutando, **mas rendido, enfermo, prostrado, desfalecido, morrendo, morto**." (Pe. Antônio Vieira)

4.1.2.7 Prosopopeia, personificação ou animismo

Consiste em se atribuírem qualidades humanas a seres inanimados, personificando-os. É uma figura bastante comum nas histórias, nos contos infantis. Observe:

- "As estrelas foram chamadas e **disseram**: – Aqui estamos." (Pe. Antonio Vieira)
- "Debaixo do arco admirável da Ponte das Bandeiras **o rio murmurava** num banzeiro de água pesada e oleosa." (Mário de Andrade)
- "Dona Cômoda tem três gavetas. E um **ar confortável de senhora rica**. Nas gavetas guarda coisas de outros tempos, só para si. Foi sempre assim, dona Cômoda: gorda, fechada e egoísta." (Mário Quintana)
- "As rãs do charco **clamavam**:
  – Dai-nos sol! Dai-nos sol!
  Os ralos e a cigarra acompanhavam:
  – Solzinho! Solzinho! Solzinho!" (Aquilino Ribeiro *apud* Jorge Miguel)

4.1.2.8 Apóstrofe ou invocação

Consiste num chamamento, numa invocação, numa interpelação que se faz a alguém. Em

outros termos, é uma interrupção que faz o orador ou escritor para dirigir-se, em tom de chamamento, em tom forte, a uma pessoa ou coisa. Representa a figura do vocativo em sintaxe. Veja alguns exemplos:

- "**Lua lua lua**
  por um momento
  meu canto contigo compactua." (Caetano Veloso)
- "**Deus!, ó Deus!** onde estás que não respondes?" (Castro Alves)
- "Até quando, **ó povo insensato**, haveis de manquejar na Fé, divididos e discordes de vós mesmos em duas partes." (Pe. Antonio Vieira)

4.1.2.9 Reticência

Consiste na supressão da ideia, do pensamento, deixando à outra pessoa a complementação dessa ideia ou desse pensamento. É também um poderoso recurso de estilo, representado pelos três pontos em sequência (...). Vejamos alguns exemplos:

- "Bem sabes que te não contrario... desejo este casamento, desejo... mas... em primeiro lugar, convém saber se ele é do teu gosto... Vamos..., fala!" (Aluísio Azevedo)
- "Estava ainda com a carta aberta nas mãos, quando viu aparecer o doutor, que vinha por notícias do enfermo; o agente do correio dissera-lhe haver chegado uma carta. Era aquela?
  – É esta, mas...
  – Tem alguma comunicação reservada...?" (Machado de Assis)
- "Na comédia o rei veste como rei, e fala como rei; o lacaio veste como lacaio, e fala como lacaio; o rústico veste como rústico, e fala como rústico; mas um pregador, vestir como religioso e falar como... não o quero dizer, por reverência do lugar." (Pe. Antonio Vieira)

4.1.3 FIGURAS DE CONSTRUÇÃO OU DE SINTAXE

São denominadas de figuras de construção porque alteram de alguma forma a construção regular da frase, da oração, do período, do verso. Buscam, com essa alteração, conferir maior expressividade, maior elegância à construção textual. São elas:

4.1.3.1 Elipse

É uma das figuras mais usuais na construção textual. Consiste na omissão de um vocábulo, de um verbo ou de uma oração inteira, os quais podem ser facilmente subentendidos no contexto.

Dependendo do termo elipsado, a elipse pode ser: **nominal** (de uma palavra), **verbal** (de um verbo) ou **frástica** (de uma oração, de uma frase). Vejamos alguns exemplos:

- "**Na terra tanta guerra, tanto engano,**
  Tanta necessidade aborrecida!" (Camões)

→ **Nos versos de Camões, temos a elipse do verbo "haver" = "Na terra há tanta guerra, há tanto engano".**

- "Em Dina matou a formosura a Sichem; **em Dallila matou a Sansão; em Judith matou a Holophernes; em Helena, a toda a Troia; em Lucrecia, a toda a Roma; em Florença, a toda a Espanha**." (Pe. Antonio Vieira)

→ **No excerto de Vieira, é latente a elipse (nominal, diga-se de passagem) do sujeito "a formosura" nas orações subsequentes: "...em Dallila, a formosura matou a Sansão; em Judith, a formosura matou a Holophernes;..."**

- "É por estas e outras que aborreço os políticos, os políticos sim, **não a política**." (Rui Barbosa)

→ **Observe a elipse do verbo "aborrecer" na última oração: "..., os políticos sim, não aborreço a política".**

- "Enfim, ele pensava, **como eu**, que tudo que existe é bom." (Machado de Assis)

→ **Elipse do verbo da oração comparativa: "..., como eu pensava,...".**

4.1.3.2 Zeugma

É uma espécie de elipse. É uma figura pela qual uma palavra já exprimida numa oração se subentende na outra, que lhe é análoga ou ligada, isto é, é a ocultação que um termo anteriormente expresso – o termo aparece em uma oração e é ocultado na(s) outra(s). Observe:

- Cada criança escolheu um brinquedo; os meninos pegaram carrinhos, as meninas, bonecas.

→ **Perceba a zeugma do verbo "pegar" na última oração.**

- A um é dada a palavra de sabedoria, a outro, o dom de curar moléstias.

→ **Veja a zeugma da locução de passiva "é dado".**

- "A aurora é o riso do céu, a alegria dos campos, a respiração das flores, a harmonia das aves, a vida e o alento do mundo." (Pe. Antonio Vieira)

→ **Observe a zeugma tanto do sujeito "aurora" quanto do verbo ser "é".**

- "Nossos bosques têm mais vida
  Nossa vida mais amores." (Gonçalves Dias)

→ **Temos no último verso a zeugma do verbo "ter": "... Nossas vidas têm mais amores".**

4.1.3.3 Polissíndeto

É a figura que consiste na repetição intencional de conectivos, geralmente, coordenativos a fim de conferir maior expressividade entre os elementos unidos pelos conectivos. Vejamos:

- Deus criou o sol e a lua e as estrelas. E fez o homem e deu-lhe inteligência e fê-lo chefe da natureza.
- "Uma procissão de rendas e sedas e leques e véus e diamantes e olhos de todas as cores e linguagens." (Machado de Assis)
- "Chego, pego-lhe do braço e o recolho e o enxugo e o aqueço e o agasalho no meu colo." (A. R. dos Santos *apud* Ernesto C. Ribeiro)

4.1.3.4 Assíndeto

É a figura oposta ao polissíndeto. Consiste na supressão dos conectivos entre os termos e orações a fim de tornar a mensagem mais concisa, mais enxuta. Vejamos alguns exemplos:

- Entram todos os fiéis. Louvam, cantam, batem palmas, choram, riem. Tudo em nome de Deus.
- "Range, ri, treme, devasta, insulta e vence." (Eça de Queiroz)
- "Luciana, inquieta, subia à janela da cozinha, sondava os arredores, bradava com desespero..." (Graciliano Ramos *apud* Rocha Lima)

4.1.3.5 Hipérbato

Consiste na alteração da ordem direta dos termos em uma oração. Em português, a oração geralmente segue a ordem "sujeito + verbo + complementos + adjuntos". O hipérbato quebra a ligação imediata que as palavras têm umas com as outras, a fim de conferir maior ênfase, maior destaque a determinadas partes da oração. Observe:

- "Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
  De um povo heroico o brado retumbante." (Hino Nacional Brasileiro)

→ **Na ordem direta, teríamos: "As margens plácidas do Ipiranga ouviram um brado retumbante de um povo heroico."**

- "... aí se não ouvem essas alegres sinfonias." (Carneiro Ribeiro)
- "A quem o nascimento fez em Portugal, grande, o valor no Oriente." (J. Freire *apud* Carneiro Ribeiro)

⇨ **Observação:**

Quando o hipérbato altera tão profundamente a ordem dos termos na oração que chega a provocar certa confusão entre as partes desta, passa a ser chamado de “sínquise”. Veja:

- “Por ver em que montanhas se dos mares
  Livrou, anda vagando, e em que lugares.” (F. Barreto)
- “Enquanto manda as ninfas amorosas
  Grinaldas na cabeça pôr de rosas.” (Camões)

4.1.3.6 Pleonasmo enfático ou estilístico

É uma figura pela qual se empregam palavras que, se bem não sejam necessárias para a perfeita expressão do pensamento, dão-lhe, todavia, mais força, mais energia. Consiste, literalmente, na repetição de uma ideia já contida em termos e expressões anteriores a fim de aumentar a força da mensagem. Observe:

- “Este crucifixo, vi-o eu com os meus olhos, e está hoje em dia naquele mosteiro.” (H. Pinto)
- “Louvamos em Deus uma excelência, que é mais excelente de todas.” (Pe. Antônio Vieira)
- “E rir meu riso
  E derramar meu pranto.” (Vinícius de Moraes)
- “Tantos outros assombros da natureza e prodígios inauditos, vistos com os próprios olhos, palpados com as mãos e pisados com os pés.” (Pe. Antônio Vieira)

⇨ **Observações:**

a) Em algumas situações, o pleonasmo é representado pela repetição, em forma de pronome oblíquo tônico, dos complementos verbais: objeto direto e objeto indireto. Observe:

- “Vi os teus companheiros, mas não te vi a ti.” (M. Said Ali)
- “Ele perseguia as aves e alimárias inocentes: eu perseguia-o a ele.” (A. Herculano)
- “E que me importa a mim isso? Virão um dia a esta nobre terra de Espanha gerações que compreendam as palavras do presbítero.” (A. Herculano)

b) Não confunda este tipo de pleonasmo com o **pleonasmo vicioso**. Este, como o próprio nome já diz, torna a frase deselegante, pobre. Por isso, expressões do tipo “morreu uma morte; vi com os olhos; fui com os meus pés; pescou um peixe” são terríveis pleonasmos. Entretanto, se lhes acrescentarmos uma expressão explicativa, uma circunstância ou um modificativo, desfaremos o pleonasmo. Logo, em “morreu uma morte terrível, sofrida e solitária” não há mais pleonasmo, senão uma forma bastante expressiva de se enunciar um pensamento.

4.1.3.7 Anástrofe

Consiste numa inversão mais simples que o hipérbato – geralmente se inverte apenas sujeito e predicado. Em outras palavras, é uma inversão na sucessão analítica do pensamento, sem quebrar a ligação imediata que as palavras têm umas com as outras.

- "A Dário venceu Alexandre." (Carneiro Ribeiro)
- "Com papas e bolos se enganam os tolos." (Provérbio)
- "Clara era naquele tempo a fama de Dom Duarte de Menezes." (J. Freire)
- "Aberta em parte estava a porta." (A. Garrett)

4.1.3.8 Silepse ou concordância ideológica

Como o próprio nome já denuncia, é uma concordância efetuada não com o termo, mas com a ideia transmitida pelo termo. É preciso ter em mente que, em português, a concordância padrão se dá com o núcleo do sujeito expresso ou implícito. Na silepse, essa concordância é efetuada com o "espírito", com a ideia do termo. Há três tipos de silepse: de **gênero**, de **número** e de **pessoa**. Vamos a elas:

a) **Silepse de gênero:** a concordância é feita com o gênero do termo a que se refere e não com o termo em si. Observe:

- Vossa Excelência é muito justo e generoso.

⇨ **Observação:**

Perceba como os adjetivos não concordam com o pronome de tratamento "Vossa Excelência", mas sim com a ideia de que o pronome de tratamento se refere a um ser masculino.

- De longe, viu o seu **amor**, **vestida** de véu e grinalda. (amor = mulher, esposa)
- A **criança** voltou às aulas, mas a professora não podia com **ele**.
- A **testemunha** prestou depoimento e estava **preocupado** com a possibilidade de haver uma acareação entre **ele** e o réu do processo.

a) **Silepse de número:** a concordância é feita com o número (singular ou plural) que é transmitido pela ideia do termo, e não com o número (singular ou plural) real do termo.

- "Das ovelhas **a maior parte** ao desamparo dos pegureiros **se perderam**." (Lobo *apud* Carneiro Ribeiro)

- “Estavam pegados com ele uma infinidade de homens.” (Fr. Luís de Souza)
- “Logo outro dia ao romper da alva se abalou **o exército**, ao som de muitos instrumentos bélicos, e chegando aos muros, **começaram** em torno da fortaleza a arvorar escadas.” (J. Freire)
- “**Povoavam** os degraus **muita sorte de gente**.” (Mário Barreto)

⇨ **Observação:**

Haverá também silepse de número quando os pronomes “nós” e “vós” forem empregados por “eu” e “tu”, isto é, quando se emprega o plural de modéstia. Nesse caso, o predicativo poderá concordar no singular com a ideia do singular. Veja:

- “Antes sejamos **breve** que **prolixo**.” (J. de Barros)
- “Apesar da benevolência com que fomos **acolhido**, disseram-nos que...” (J. de Castilho)
- “**Chegado**, porém, à conclusão deste livro, por-lhe-emos remate com uma reflexão.” (A. Herculano *apud* Eduardo C. Pereira)

c) Silepse de pessoa: a concordância é feita com a pessoa que se tem em mente, e não com a pessoa (1.ª, 2.ª ou 3.ª) na qual o termo efetivamente se encontra.

- Os brasileiros (*3.ª pessoa*) em geral somos (*1.ª pessoa*) pessoas cordiais.
- “Dizem que os cariocas somos pouco dados aos jardins públicos.” (Machado de Assis)
- “E os dois, ali no quarto, picamos em mil pedaços as trezentas páginas do livro.” (Paulo Setúball *apud* Jorge Miguel)
- “Senhor, os que somos de terra deixamos repouxar os navegantes.” (Fr. Luís de Souza *apud* Artur de A. Torres)

4.1.3.9 Anáfora

Do ponto de vista da retórica, a anáfora consiste na repetição de uma mesma palavra, de um mesmo vocábulo no início de cada oração, de cada período ou de cada verso de uma composição.

- “Quem, senão ela, há de expulsar do templo o renegado, o blasfemo, o profanador, o simoníaco? Quem, senão ela, exterminar da ciência o apedeuta, o plagiário, o charlatão? Quem, senão ela, banir da sociedade o imoral, o corruptor, o libertino? Quem, senão ela, ...” (Rui Barbosa)
- “Com o tempo o prado verde reverdece,
  Com o tempo cai a folha ao bosque umbroso.

Com o tempo pára o rio caudaloso,
Com o tempo o campo pobre se enriquece.” (Camões)

- “Vi os navios irem e voltarem.
Vi os infelizes irem e voltarem.
Vi os homens obesos dentro do fogo.
Vi ziguezagues na escuridão.” (Jorge de Lima *apud* Roberto M. Mesquita)

4.1.3.10 Anacoluto

Gramaticalmente falando, o anacoluto nada mais é do que “uma frase quebrada”, isto é, uma construção interrompida e depois retomada com outra estrutura. Com esta quebra, um dos termos da estrutura oracional geralmente acaba sem função sintática.

Convém aqui reproduzir a definição de um dos nossos maiores mestres, o professor Augusto Epifânio da Silva Dias: “A anacolutia consiste em uma ou mais palavras do princípio de uma oração não se ligarem ao que vem depois, segundo as regras da sintaxe.”

O tipo mais frequente de anacoluto é aquele em que um elemento parece que vai ser sujeito da oração e acaba sem função sintática.

Vamos aos exemplos (grifamos os termos que ficaram sem função sintática no período, o que reflete o anacoluto).

- O João Paulo, parece que as coisas não lhe correm bem.
- “As outras, que as asas do anjo Azrael se estendam sobre os seus cadáveres.” (A. Herculano)
- “Tua mãe, não há idade nem desgraça que lhe amolde a índole rancorosa.” (Camilo C. Branco)
- “A velha hipocrisia, recordo-me dela com vergonha.” (Camilo C. Branco)
- A terra em que tu morreres, nessa morrerei.” (Pe. Antônio Pereira *apud* Eduardo C. Pereira)
- Os três reis orientais, que vieram adorar o Filho de Deus recém-nascido em Belém, é tradição da igreja que um era preto.” (Pe. Antônio Vieira *apud* Eduardo C. Pereira)

⇨ Observação final sobre o anacoluto:

Observe como os termos grifados encontram-se soltos dentro da estrutura oracional – nenhum deles se liga sintaticamente a outro. É justamente esse fenômeno, essa quebra que recebe o nome de anacoluto. Para o ilustre Gramático Carlos Góis, “o anacoluto é uma das belezas mais ornamentais da língua. De geração espontânea na linguagem do povo, como o provam os adágios e rifões, os escritores e poetas mais autorizados acharam-lhe tal graça, tal efusão, que o transportaram, de flor popular e anônima, a flor de gala e louçania”.

4.1.3.11 Aliteração

Consiste na repetição intencional do mesmo som consonantal no início de dois ou mais vocábulos em imediata sucessão para imitar a realidade sonora de certos fenômenos ou para simplesmente conferir ênfase à estrutura. Observe:

- Em nossa viagem, passamos por uma terra feia, fria, mas farta.
- Fumo e fogo resfolga a férrea máquina.
- "Pedro pedreiro penseiro esperando o trem." (Chico Buarque)

4.1.3.12 Repetição

Consiste na repetição das mesmas palavras ou locuções. Esta figura revela que o espírito do escritor se encontra repleto da ideia que o absorve e fortemente o empolga.

- "Abri, abri estas entranhas, vede, vede este coração." (Pe. Antônio Vieira)
- "Fora, fora com essas velhices." (Fr. Luís de Souza)

4.2 VÍCIOS DE LINGUAGEM

Em contraposição às figuras de linguagem, que dão à fala e à escrita graça e elegância, encontramos os vícios de linguagem, os quais são deturpações que a língua sofre em sua pronúncia ou em sua escrita por desconhecimento ou descuido de quem fala.

Quem fala deve sempre prezar por uma linguagem pura, correta e clara. A **pureza** consiste no emprego de palavras e expressões autorizadas pela história da língua e pelo uso dos que melhor falam. Já a **correção** significa a elaboração de construções oracionais e frásticas em conformidade com as regras da sintaxe. E finalmente a **clareza** consiste em empregar palavras e construir frases, cujo sentido facilmente se compreende. Aquele que desrespeita essas virtudes textuais incorre, portanto, nos vícios da linguagem.

Os principais vícios de linguagem são: barbarismo, solecismo, ambiguidade, cacofonia, estrangeirismo, colisão, eco, arcaísmo e hiato.

4.2.1 BARBARISMO

Barbarismo (também chamado de "peregrinismo") é o emprego de termos estranhos à língua, quer na forma, quer na sua ideia. Em outras palavras, ocorre barbarismo quando se escrevem ou se pronunciam, de forma incorreta, certos vocábulos, ou ainda quando se empregam vocábulos num sentido diverso do que realmente ele representa.

Vejamos alguns exemplos de barbarismos:

- advinhar → por “adivinhar”
- mendingo → por “mendigo”
- mantêga → por “manteiga”
- adevogado → por “advogado”
- sastifeito → por “satisfeito”
- abandonado → por “dissoluto”
- seje → por “seja”
- preguntar → por “perguntar”
- fácio → por “fácil”
- rúbrica → por “rubrica”
- bizarro → por “esquisito”
- brusco → por “precipitado”

4.2.2 SOLECISMO

Genericamente falando, solecismo é qualquer erro de sintaxe. Tal erro pode ser de concordância, de regência ou de colocação pronominal. Vejamos alguns solecismos comuns:

- Eu lhe vi ontem no shopping. → em vez de: “Eu o vi ontem no shopping.”
- Vamos todos assistir o jogo agora. → em vez de: “Vamos todos assistir ao jogo agora.”
- Não fazei mal aos animais. → em vez de: “Não façais mal aos animais.”
- Houveram muitos problemas no processo. → em vez de: “Houve muitos problemas no processo”.
- Incendiou-se a casa que eu morei nela. → em vez de: “Incendiou-se a casa em que eu morei.”
- Me disseram que ela não virá hoje. → em vez de: “Disseram-me que ela não virá hoje.”
- Fomos na cidade hoje pela manhã. → em vez de: “Fomos à cidade hoje pela manhã.”

4.2.3 AMBIGUIDADE (ANFIBOLOGIA OU PLEONASMO VICIOSO)

Ocorre quando uma frase apresenta sentido duplo ou duvidoso, ou seja, quando não se consegue chegar ao sentido exato da frase por apresentar mais de uma interpretação, mais de um sentido. Vejamos alguns exemplos:

- Mãe procura filho sequestrado pela internet. → (Não se sabe se a mãe o procura pela internet ou se o filho foi sequestrado pela internet)
- Regressou a Brasília depois de uma cirurgia, com cerimonial de Chefe de Estado. → (Não se sabe se o cerimonial foi para a cirurgia ou para o regresso)
- O policial prendeu o ladrão em sua casa. → (Não se sabe se foi na casa do ladrão ou na casa do policial)
- O amor de minha mãe me fortalece. → (Não se sabe se a mãe é amada ou se ela ama, ou seja, não se sabe se ela é agente ou paciente do amor)

- O bom rei ama o povo. → (Não se sabe quem é o sujeito da oração: “o bom rei” ou “o povo”)

4.2.4 CACOFONIA OU CACÓFATO

Consiste no encontro de palavras que formem outra de sentido torpe, ridículo ou desagradável. Em algumas situações, a cacofonia é resultante da junção da sílaba terminal de um vocábulo com a palavra ou parte da palavra imediata.

Convém aqui citar o mestre M. Said Ali, para quem “a cacofonia é o encontro de sílabas em que a malícia descobre um novo termo com sentido torpe ou ridículo”.

Vejamos alguns exemplos:

- “Al<u>ma minha</u> gentil que te partiste”. (Camões)
- Por ser tão tarde, <u>vou-me já</u>.
- A bo<u>ca dela</u> está suja.
- Distribuiremos um <u>por cada</u> visitante.
- Meu coração por <u>ti gela</u>.
- Ele só possui u<u>ma mão</u>.
- Ele nunca agiu <u>como elas</u>.

4.2.5 ESTRANGEIRISMO

Consiste no emprego abusivo de palavras estrangeiras quando há, no idioma pátrio, vocábulo próprio para a situação. Como os estrangeirismos provêm de línguas diversas, alguns autores preferem as denominações “galicismos (provenientes do francês), anglicismos (provenientes do inglês) e germanismos (provenientes do alemão)”. Observe alguns:

- **delivery** → por “entrega”
- **meeting** → por “encontro”
- **pic-nic** → por “piquenique”
- **buquet** → por “buquê”
- **sale** → por “promoção”
- **feed back** → por “retorno”
- **chofer** → por “motorista”
- **performance** → por “desempenho”

4.2.6 COLISÃO

Consiste no emprego desagradável de um som consonantal idêntico.

- Vimos um jardim com ro**s**a**s** **s**eca**s**, **s**erena**s** e **s**em **s**emente**s**.
- Não **s**abemos **s**e **s**erão **s**ervida**s** fruta**s** **s**eca**s** nas cerimônia**s**.

- O silêncio da noite era interrom**p**ido **p**elo **p**io do **p**into agourento.

4.2.7 ECO

É a repetição desagradável de fonemas vocálicos no final das palavras, fazendo-as rimar. Observe:

- Neste momento, eu tive um aumento no meu vencimento.
- O instrumento de casamento do sargento ficou no convento no largo de São Bento.
- É sempre válida a disposição para a criação de uma fundação que tenha por função a proteção do cidadão.

4.2.8 ARCAÍSMO

Consiste no emprego de vocábulos ou expressões que são antiquados ou que já caíram em desuso.

- vosmecê → em vez de “você”
- cachete → em vez de “comprimido”
- cristaleira → em vez de “estante”
- velida → em vez de “bela”
- coita → em vez de “dor, aflição”
- bofé → em vez de “boa-fé”

4.2.9 HIATO

Consiste na dissonância produzida pelo encontro de vogais idênticas e sucessivas, especialmente quando se trata de vogais abertas.

- Perdeu-**o o** homem que estava à beira da morte.
- Só vou **à a**ula amanhã de manhã.
- Imperfeição como esta não **a há** nos clássicos.

⇨ **Observação:**

Cumpre dizer que “colisão”, “eco” e “hiato” deixam de constituir vícios de linguagem quando intencionalmente empregados para efeito estilístico.

4.3 QUESTÕES DE CONCURSOS PÚBLICOS

1. (CESGRANRIO) “A política é a higiene dos países moralmente sadios. A politicalha, a malária dos povos de moralidade estragada.”

   As figuras de estilo identificáveis nesse contexto são:

   a) hipérbole e anacoluto.
   b) metáfora e anacoluto.
   c) metonímia e zeugma.
   d) metonímia e hipérbole.
   e) metáfora e zeugma.

2. (UNITAU) Na frase “... consumo das significações no SEIO da comunicação social...”, a palavra em destaque é, no plano semântico e estilístico,

   a) denotação e paradoxo.
   b) conotação e sinédoque.
   c) denotação e pleonasmo.
   d) conotação e catacrese.
   e) conotação e antítese.

3. (CESGRANRIO) Observe os períodos abaixo:

   1 – “Vontade de beijar os olhos de minha pátria
   De niná-la, de passar-lhe a mão pelos cabelos”.

   2 – “Pátria, eu semente que nasci do vento
   Eu que não vou e não venho, eu que permaneço”.

   A partir dos exemplos 1 e 2, indique as respectivas figuras de linguagem:

   a) prosopopeia – aliteração.
   b) metáfora – gradação.
   c) hipérbole – antítese.
   d) aliteração – personificação.
   e) metonímia – assíndeto.

4. (FAAP) “De repente do riso fez-se o pranto”.

   Observe que as palavras RISO e PRANTO, nesse soneto, ultrapassam a simples representação mental correspondente a cada um dos signos; convertem-se na significação mesma da alegria ou da felicidade e da tristeza ou da situação infeliz. Trata-se de uma figura de linguagem que consiste na ampliação da área de significação de

uma palavra usada em lugar de outra, com apoio numa relação de coexistência ou contiguidade, ou seja:

a) silepse
b) pleonasmo
c) anacoluto
d) metonímia
e) prosopopeia

5. (FAAP) “Silencioso e branco como a bruma”.

À repetição das mesmas consoantes em BRANCO e BRUMA em busca da sonoridade, dá-se o nome:

a) assonância
b) aliteração
c) eco
d) trocadilho
e) pleonasmo

6. (FATEC) “Seus óculos eram imperiosos.”

Assinale a alternativa onde aparece a mesma figura de linguagem que há na frase acima:

a) “As cidades vinham surgindo na ponte dos nomes.”
b) “Nasci na sala do terceiro ano.”
c) “O bonde passa cheio de pernas.”
d) “O meu amor, paralisado, pula.”
e) “Não serei o poeta de um mundo caduco.”

7. (FEI) Assinalar a alternativa correta, correspondente às figuras de linguagem, presentes nos fragmentos a seguir:

I. “Não te esqueças daquele amor ardente que já nos olhos meus tão puro viste.”
II. “A moral legisla para o homem; o direito, para o cidadão.”
III. “A maioria concordava nos pontos essenciais; nos pormenores porém, discordavam.”
IV. “Isaac a vinte passos, divisando a vulto de um, pára, ergue a mão em viseira, firma os olhos.”

a) anacoluto, hipérbato, hipálage, pleonasmo
b) hipérbato, zeugma, silepse, assíndeto
c) anáfora, polissíndeto, elipse, hipérbato

d) pleonasmo, anacoluto, catacrese, eufemismo

e) hipálage, silepse, polissíndeto, zeugma

8. (FEI) Assinalar a alternativa que contém as figuras de linguagem correspondentes aos períodos a seguir:

I. "Está provado, quem espera nunca alcança".

II. "Onde queres o lobo sou o irmão".

III. Ele foi discriminado por sofrer de uma doença contagiosa muito falada atualmente.

IV. Ela quase morreu de tanto estudar para o vestibular.

a) ironia – antítese – eufemismo – hipérbole

b) eufemismo – ironia – hipérbole – antítese

c) antítese – hipérbole – ironia – eufemismo

d) hipérbole – eufemismo – antítese – ironia

e) ironia – hipérbole – eufemismo – antítese

9. (FEI) Assinalar a alternativa que apresenta o vício de linguagem conhecido como solecismo:

a) Não podemos adiar a viagem para depois.

b) Ele entrou de sócio no clube.

c) Fazem dois anos que trabalho aqui.

d) É louvável a fé de teu time.

e) Ele assistiu ao incêndio do prédio.

10. (FUVEST) A prosopopeia, figura que se observa no verso "Sinto o canto da noite na boca do vento", ocorre em:

a) "A vida é uma ópera e uma grande ópera."

b) "Ao cabo tão bem chamado, por Camões, de Tormentório, os portugueses apelidaram-no de Boa Esperança."

c) "Uma talhada de melancia, com seus alegres caroços."

d) "Oh! eu quero viver, beber perfumes,
Na flor silvestre, que embalsama os ares."

e) "A felicidade é como a pluma..."

GABARITO

1 – E	2 – D	3 – A

4 – D	5 – B	6 – C
7 – B	8 – A	9 – C
10 – C		

BIBLIOGRAFIA – CONTEÚDO GRAMATICAL

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. 5. ed. São Paulo: Global, 2009.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Dicionário de questões vernáculas*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1996.

_____. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 41. ed. São Paulo: Saraiva, 1997.

ALI, M. Said. *Dificuldades da língua portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Livraria Acadêmica, 1957.

_____. *Gramática elementar da Língua Portuguesa*. 9. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1966.

_____. *Gramática secundária da Língua Portuguêsa*. 7. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1966.

_____. *Investigações filológicas.* 3. ed.. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

ALVES, Ieda Maria. *Neologismo* – Criação lexical. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994.

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.

BARRETO, Mário. *Através do dicionário e da gramática*. 4. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1986.

_____. *De gramática e de linguagem*. 3. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1982.

_____. *Novíssimos estudos da Língua Portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1980.

_____. *Novos estudos da Língua Portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1980.

_____. *Últimos estudos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1986.

BECHARA, Evanildo. *Lições de português pela análise sintática*. 17. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

_____. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

_____ (org.) et al. *Na ponta da língua.* 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. v. 5.

_____. *Na ponta da língua.* 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. v. 6.

_____. *Na ponta da língua.* 1. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. v. 7.

BRANDÃO, Cláudio. *Sintaxe clássica portuguesa*. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade de Minas Gerais, 1963.

BRUNO, Aníbal. *Língua Portuguesa – Gramática e Exercícios*. 28. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1948.

_____. *Nova Gramática da Língua Portuguesa*. 1. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1971.

BUENO, Silveira. *Gramática normativa da Língua Portuguêsa*. 7. ed. São Paulo: Saraiva, 1968.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de lingüística e gramática*. 18. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

CARONE, Flávia de Barros. *Morfossintaxe*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1995.

_____. *Subordinação e coordenação*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1993.

CARVALHO, Alfredo de. *Dicionário de regência nominal portuguesa*. 1. ed. Belo Horizonte: Garnier, 2007.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

_____. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 46. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.

CHEDIAK, Antônio J. *Análise sintática*. 1. ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1955.

CUNHA, Celso e CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007.

CUNHA, J. Alcides. *Método de análise sintática*. 14. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1955.

DIAS, Augusto Ephiphanio da Silva. *Syntaxe histórica portuguesa*. 1. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1918.

ELIA, Hamilton. *Prática da análise sintática*. 9. ed. Rio de Janeiro: J. Ozon Editor, 1966.

ELIA, Hamilton e ELIA, Sílvio. *100 textos errados e corrigidos*. 26. ed. Francisco Alves, 1979.

ELIA, Silvio (org.) et al. *Na ponta da língua.* 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000. v. 1.

FARACO, Carlos Emílio e MOURA, Francisco Marto. *Língua e literatura.* 18. ed. São Paulo: Ática, 1997. v. 3.

FERNANDES, Francisco. *Dicionário de regimes de substantivos e adjetivos*. 26. ed. São Paulo: Globo, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário de verbos e regimes.* 44. ed. São Paulo: Globo, 2003.

_____. *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio*. 4. ed. Editora Positivo.

FIGUEIREDO, Cândido de. *Gramática sintética da língua portuguesa*. 8. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1961.

_____. *O que se não deve dizer.* 7. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1953. v. I.

_____. *O que se não deve dizer.* 6. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1953. v. II.

_____. *O que se não deve dizer.* 3. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1927. v. III.

GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna*. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1974.

GÓIS, Carlos. *Gramática expositiva primária*. 5. ed. Belo Horizonte: Oliveira, Costa e Cia Oficinas Gráficas, 1934.

_____. *Methodo de analyse*. 9. ed. Rio de Janeiro: Oficina gráfica Renato Americano, 1936.

_____. *Sintaxe de regência*. 4. ed. Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves, 1938.

_____. *Syntaxe de concordância*. 6. ed. Rio de Janeiro: Oficina gráfica Renato Americano, 1935.

GOMES, Dr. Alfredo. *Grammatica Portugueza*. 20. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1930.

GOTARDELO, Augusto. *A crase nos bons escritores*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Dois

Irmãos Ltda., 1983.

GRAÇA, Heráclito. *Fatos da linguagem.* 3. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa.* 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KURY, Adriano da Gama. *Novas lições de análise sintática*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1993.

_____ et al. *Gramática objetiva da língua portuguesa* – sintaxe. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1977.

LEME, Odilon Soares. *Tirando dúvidas de português*. 1. ed. São Paulo: Ática, 1992.

LIMA, Carlos Henrique da Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 31. ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1992.

_____. *Teoria da análise sintática*. 3. ed. Rio de Janeiro: Acquarone, 1956.

LUFT, Celso Pedro. *A vírgula*. 1. ed. São Paulo: Ática, 1996.

_____. *Decifrando a crase*. São Paulo: Globo, 2005.

_____. *Dicionário prático de regência nominal*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005.

_____. *Dicionário prático de regência verbal*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1997.

_____. *Moderna gramática brasileira*. 1. ed. São Paulo: Globo, 2006.

_____. *Novo guia ortográfico*. 1. ed. São Paulo: Globo, 1996.

MATEUS, Maria Helena Mira et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. 7. ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.

MAURER JR., Theodoro Henrique. *O infinito flexionado português*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1968.

MELO, Gladstone Chaves de. *Gramática fundamental da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Ao Livro Técnico, 2001.

_____. *Novo manual de análise sintática*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Livraria Acadêmica, 1971.

_____ (org.) et al. *Na ponta da língua.* 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000. v. 2.

_____. *Na ponta da língua.* 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000. v. 3.

MELO, J. Nelino. *Análise sintática*. 1. ed. Rio de Janeiro: Melso Soc. Anônima, 1964.

_____. *Estudos práticos de gramática normativa da língua portuguesa.* 2.ed. Rio de Janeiro: Bruno Buccini Editor, 1968.

MESQUITA, Roberto Melo. *Gramática da Língua Portuguesa*. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 1996.

MIGUEL, Jorge. *Curso de língua portuguesa*. 1. ed. São Paulo: Harbra, 1989.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário de dúvidas e dificuldades do idioma nacional*. 3. ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1952.

_____. *O idioma nacional*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Livraria Acadêmica, 1960.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. 1. ed. São Paulo: Unesp, 2000.

_____. *Guia de uso do português*. 1. ed. São Paulo: Unesp, 2003.

OITICICA, José. *Manual de análise léxica e sintática*. 10. ed. refundida. Rio de Janeiro: Editora Paulo de Azevedo Ltda., 1953.

OLIVEIRA, Cândido de. *Análise sintática* – Manual prático. 7. ed. São Paulo: Editora Gráfica Biblos Ltda.

PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramática expositiva*. 109. ed. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1958.

PERINI, Mário A. *Gramática descritiva do português*. 3. ed. São Paulo; Ática, 1998.

RIBEIRO, Ernesto Carneiro. *Serões Grammaticaes*. 6. ed. Bahia: Livraria Progresso Editora, 1956.

RIBEIRO, João. *Grammatica Portugueza*. 34. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1920.

SACCONI, Luiz Antonio. *Dicionário de dúvidas, dificuldades e curiosidades da língua portuguesa*. 1. ed. São Paulo, 2005.

_____. *Nossa gramática contemporânea*. 1. ed. São Paulo: Editora Escala Educacional, 2006.

SILVEIRA, Souza da. *Lições de português*. 9. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1983.

_____. *Sintaxe da preposição "de"*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1951.

_____. *Trechos seletos*. 8. ed. Rio de Janeiro: F. Briguiet e Cia Editores, 1966.

SAVIOLI, Francisco Platão. *Gramática em 44 lições*. 14. ed. São Paulo: Ática, 1998.

TERRA, Ernani. *Curso prático de gramática*. 4. ed. São Paulo: Scipione, 2002.

TÔRRES, Artur de Almeida. *Moderna gramática expositiva da língua portuguesa.* 14. ed. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1962.

FERNANDO MOURA

COLEÇÃO

VADE-MÉCUM

LÍNGUA PORTUGUESA

TÍTULO II
Gramática Aplicada a Textos

INSTITUTO
Fernando Moura
CONSULTORIA E CURSOS ESPECIAIS

Ao Deus Pai, Meu Tudo.
À minha mãe, Therezinha de Jesus Moura, minha Maior Estrela.
Ao meu pai, Osvaldino Moreira, minha força.
Aos meus irmãos, Cláudio, Antônio, Ahirtes, Regina, Rosana, Wilson, Valdemir, meus melhores amigos.
Aos meus sobrinhos, minha inspiração.
Aos meus filhos, Fernando Moura Júnior e Thaíza Fernanda Moura, minhas alegrias.
Aos meus alunos, minha fonte de realização profissional.

APRESENTAÇÃO

Este é o Título II da coleção *Vade-Mécum Língua Portuguesa*, de minha autoria: *Gramática Aplicada a Textos*. Um "vade-mécum" é um livro de uso muito frequente que instrui o leitor a fazer inúmeras tarefas. Essa palavra tem origem latina e significa "anda comigo" ou "vem comigo". E este é exatamente o meu propósito: leve a coleção para sua casa, seu grupo de estudo, seu cursinho, sua faculdade, consultório médico, banco, festa. Leve-o para onde você for. Estude muito. Os primeiros colocados em grandes concursos públicos foram disciplinados. Administraram bem o tempo e apoiaram-se em excelentes materiais didáticos.

Ressalte-se que, em latim, a grafia correta é *vade mecum*. Nosso vernáculo já incorporou a expressão, e o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, da Academia Brasileira de Letras, já a registra assim, com o hífen e o acento: vade-mécum.

O *Vade-Mécum Língua Portuguesa* é uma publicação do Instituto Fernando Moura, um centro de excelência de estudos da Língua Portuguesa, premiado internacionalmente e presidido por mim. Compõe-se dos seguintes títulos:

TÍTULO I - Lições Básicas de Gramática
TÍTULO II - Gramática Aplicada a Textos
TÍTULO III - Compreensão e Interpretação de Textos
TÍTULO IV - Lições de Redação: Prova Discursiva
TÍTULO V - Redação Oficial e Tópicos de Linguagem Forense

Cada título reúne capítulos importantes sobre a nossa Língua Portuguesa. Trata-se de um material que é resultado de um trabalho científico desenvolvido por mim ao longo de minha trajetória profissional. Há exposições teóricas consistentes, exemplos práticos, inúmeros exercícios. Tudo foi meticulosamente pensado. Essa metodologia garantiu a aprovação de milhares

de alunos. Sempre procurei os melhores meios de traduzir o meu compromisso com aqueles que acreditam e confiam no meu trabalho. Esta coleção constitui uma busca permanente de trazer um panorama preciso e claro dos níveis estruturais da língua.

A você, que adquiriu esta coleção, desejo sucesso pleno. Lembre-se, também, de minha campanha: "Dê um *Vade-Mécum Língua Portuguesa* a quem você quer que mude de vida". Visite nosso sítio, recomende-o e adquira sua coleção: www.institutofernandomoura.com.br.

Forte abraço.

Professor Fernando Moura.
Diretor-presidente do Instituto Fernando Moura
de Estudos Linguísticos

METODOLOGIA DE ESTUDO

Para que seu estudo seja proveitoso, siga corretamente estas orientações:

TEXTOS

Leia-os atentamente. Explore as conexões lógicas que existem entre as ideias e faça todas as reflexões linguísticas possíveis.

QUESTÕES PROPOSTAS

Tente resolvê-las. Alguns itens serão difíceis, outros fáceis. Isso porque você avaliará sua gramática internalizada. Mas não se preocupe: comentários e dicas virão em seguida. Ao final de cada item, há a indicação da página em que se encontra a resolução comentada.

RESOLUÇÕES COMENTADAS

Nesta parte, você encontrará a solução dos itens propostos em cada questão. Eles estão indicados em negrito. Além disso, dicas importantes acerca do assunto em estudo serão apresentadas. Leia-as cuidadosamente. Compare-as. Reflita. Destaque as informações mais significativas.

EXERCÍCIOS

Você dispõe, ainda, para fixação dos conteúdos, de uma rica bateria de questões selecionadas e atualizadas. Somente depois de resolvê-las, recorra às resoluções comentadas.

Desejo-lhe sucesso pleno!

Professor Fernando Moura

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 • ACORDO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA 17
Alfabeto, 17
Trema, 17
- Ditongos éi e ói, 18
- I e u tônicos, 19
- Hiatos oo(s) e eem, 19
- Acento diferencial, 20
- Acento facultativo, 21
Hífen, 22
Lista de vocábulos (VOLP), 26
Exercícios de aplicação, 38

CAPÍTULO 2 • MORFOSSINTAXE: CLASSES GRAMATICAIS E FUNÇÕES SINTÁTICAS 41
Processos de formação de palavras, 53
Arcaísmos , 53
Neologismos, 53
Palavras primitivas, 53
Palavras derivadas ou cognatas, 53
Palavras simples, 53
Palavras compostas, 53
Composição, 53
Justaposição, 53
Aglutinação, 53
Derivação, 54
Derivação prefixal, 54
Derivação sufixal, 54
Derivação parassintética ou parassíntese, 54
Derivação regressiva ou deverbal, 54
Derivação imprópria ou conversão, 55
Hibridismo, 55
Onomatopeia, 55
Abreviação vocabular , 55
Siglonimização, 55
Classes gramaticais variáveis, 57
Classes gramaticais invariáveis, 57

Nomenclatura Gramatical Brasileira, 57
Articulações morfossintáticas, 57
Substantivo, 58
Morfossintaxe do substantivo, 58
Paralelismo sintático, 59
Classificação dos substantivos, 76
Gêneros do substantivo, 61
Número do substantivo, 61
Graus do substantivo, 62
Artigo, 62
Morfossintaxe do artigo, 62
Substantivação, 62
Observações importantes sobre o artigo, 63
Adjetivo, 63
Morfossintaxe do adjetivo, 64
Locução adjetiva, 64
Substantivação do adjetivo, 64
Flexões do adjetivo, 64
Graus do adjetivo, 65
Adjetivos pátrios e gentílicos, 66
Numeral, 67
Morfossintaxe do numeral, 67
Numeral substantivo, 67
Numeral adjetivo, 67
Observações importantes sobre o numeral, 68
Pronome, 68
Morfossintaxe do pronome, 68
Pronome substantivo, 68
Pronome adjetivo, 68
Pronome relativo, 68
Partícula expletiva ou de realce, 69
Pronomes o, a, os, as, 69
Pronome LHE, 69
Verbo , 70
Morfossintaxe do verbo, 70
Advérbio, 70
Morfossintaxe do advérbio
Locução adverbial, 71
Observações importantes sobre o advérbio, 71

Palavras denotativas , 72
Preposição, 72
Morfossintaxe da preposição, 73
Locução prepositiva, 73
Observações importantes sobre a preposição, 73
Preposições essenciais, 74
Preposições acidentais, 74
Conjunção, 74
Morfossintaxe da conjunção, 74
Conjunções coordenativas, 74
Conjunções subordinativas, 75
Interjeição, 76
Exercícios de aplicação, 78
Resoluções comentadas, 113

CAPÍTULO 3 · SINTAXE DA ORAÇÃO 127
Pronome substantivo , 132
Pronome adjetivo, 132
Pronomes pessoais do caso reto e do caso oblíquo, 133
Emprego dos pronomes pessoais, 133
Pronomes possessivos, 136
Pronomes demonstrativos, 136
Pronomes e discurso, 137
Estrutura diafórica, 137
Elemento coesivo anafórico, 137
Elemento coesivo catafórico, 137
Elemento coesivo endofórico, 137
Elemento coesivo exofórico, 138
Elemento dêitico, 138
Elemento vicário, 138
Pronomes indefinidos, 139
Pronomes interrogativos, 139
Pronomes relativos, 140
Pronomes eu e tu, mim e ti, 141
Pronomes mo, to, lho, no-lo, vo-lo, 141
Frase, oração e período, 142
Sujeito simples, 143
Sujeito composto, 143
Sujeito desinencial ou elíptico, 143

Sujeito indeterminado ou genérico, 144
Oração sem sujeito, 145
Verbos impessoais e unipessoais, 146
Sujeito oracional, 146
Adjunto adnominal, 146
Verbo intransitivo, 147
Verbo transitivo direto, 147
Verbo transitivo indireto, 147
Verbo transitivo direto e indireto, 147
Verbo de ligação, 147
Verbo transobjetivo, 148
Objeto direto, 148
Objeto indireto, 150
Sujeito acusativo ou de infinitivo, 150
Objeto pleonástico, 152
Objeto indireto dativo de posse , 152
Objeto direto interno e cognato, 152
Agente da passiva, 152
Adjunto adverbial, 153
Predicativo, 154
Complemento nominal, 154
Diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal, 155
Vocativo, 159
Exercícios de aplicação, 161
Resoluções comentadas, 210

CAPÍTULO 4 • VERBO (VOZES VERBAIS, PREDICADOS E FLEXÕES..... 241
Verbo regular, 246
Verbo irregular, 246
Verbo defectivo, 247
Verbo abundante, 247
Verbos causativos e sensitivos, 247
Tempos primitivos e derivados, 249
Tempos derivados do presente, 250
Formação do imperativo, 250
Tempos derivados do pretérito perfeito, 250
Tempos derivados do infinitivo, 251
Tempos derivados do pretérito perfeito do indicativo, 251

Vozes verbais, 252
Voz ativa , 252
Voz passiva analítica, 252
Voz passiva sintética, 252
Morfossintaxe do verbo, 253
Predicado verbal, 255
Predicado nominal, 255
Predicado verbo-nominal, 255
Lista de verbos, 257
Tempos compostos, 266
Correlação verbal, 268
Exercícios de aplicação, 269
Resoluções comentadas, 292

CAPÍTULO 5 • SEMÂNTICA DOS CONECTIVOS E FUNÇÕES DAS PALAVRAS QUE, SE, COMO, ONDE, QUANDO.....303
Conectores ou conectivos, 306
Pronome relativo QUE, 309
Pronome relativo CUJO, 309
Pronome relativo ONDE, 309
Funções da palavra SE, 310
Índice de indeterminação do sujeito, 310
Partícula apassivadora, 310
Pronome reflexivo, 310
Pronome reflexivo recíproco, 311
Parte integrante do verbo, 311
Partícula expletiva ou de realce, 311
Conjunção, 312
Sujeito acusativo ou de infinitivo, 312
Objeto direto reflexivo, 312
Objeto indireto reflexivo, 312
Funções da palavra QUE, 313
Advérbio, 313
Substantivo, 313
Preposição, 313
Interjeição, 313
Partícula expletiva ou de realce, 314
Pronome relativo, 314
Pronome indefinido adjetivo, 314

Pronome indefinido substantivo interrogativo, 314
Pronome indefinido adjetivo interrogativo, 315
Conjunção coordenativa, 315
Conjunção subordinativa, 315
Funções da palavra COMO, 317
Conjunção subordinativa causal, 317
Conjunção subordinativa comparativa, 317
Conjunção subordinativa conformativa, 317
Pronome relativo, 317
Substantivo, 317
Advérbio interrogativo, 317
Funções da palavra ONDE, 318
Advérbio interrogativo, 318
Pronome relativo, 318
Conjunção subordinativa, 319
Funções da palavra QUANDO, 319
Advérbio interrogativo, 319
Pronome relativo, 319
Conjunção subordinativa, 319
Exercícios de aplicação, 319
Resoluções comentadas, 338

CAPÍTULO 6 · SINTAXE DO PERÍODO E PONTUAÇÃO 343
Período simples, 348
Período composto, 348
Oração absoluta, 348
Oração principal, 348
Oração coordenada, 348
Oração subordinada, 349
Coordenação e subordinação (período misto), 349
Coordenadas sindéticas aditivas, 350
Coordenadas sindéticas adversativas, 350
Coordenadas sindéticas explicativas, 350
Coordenadas sindéticas conclusivas, 351
Coordenadas sindéticas alternativas, 351
Subordinadas desenvolvidas e reduzidas, 352
Subordinadas substantivas, 352
Particularidades das subordinadas substantivas, 354
Subordinadas adjetivas, 355

Particularidades das subordinadas adjetivas, 356
Funções sintáticas do pronome relativo, 357
Subordinadas adverbiais, 358
Particularidades das subordinadas adverbiais, 360
Orações reduzidas de infinitivo, gerúndio e particípio, 362
Carga semântica dos conectivos (quadro), 363
Oração subordinada adjetiva explicativa e restritiva: pontuação, 366
Emprego da vírgula, 370
Pontuação no contexto sintático-estilístico, 369
Travessão, 370
Vírgula opcional, 372
Ponto e vírgula, 375
Exercícios de aplicação, 376
Resoluções comentadas, 434

CAPÍTULO 7 • COLOCAÇÃO PRONOMINAL 457
Próclise , 459
Mesóclise, 461
Ênclise, 461
Pronome oblíquo nas locuções verbais, 462
Exercícios de aplicação, 517
Resoluções comentadas, 485, 489

CAPÍTULO 8 • REGÊNCIA E CRASE 491
Regência, 495
Regência de verbos importantes, 496
Regras básicas para o uso do acento grave, 510
Não uso do acento grave, 513
Uso facultativo do acento grave, 516
Exercícios de aplicação, 517
Resoluções comentadas, 555 , 570

CAPÍTULO 9 • CONCORDÂNCIA NOMINAL E VERBAL 571
Regra geral de concordância, 576
Casos especiais de concordância, 577
Sujeito composto, 577
Predominância entre pessoas gramaticais, 577
Verbos dar, bater, soar /indicação de horas, 577

Pronome interrogativo ou indefinido, 577
Sujeitos ligados por "ou", 578
Nomes próprios plurais, 578
Mais de um , 578
Quantidade aproximada, 579
Infinitivo precedido de preposição, 579
Que e quem, 579
Concordância facultativa, 579
Concordância ideológica ou silepse, 580
Parecer + infinitivo, 580
Pronome apassivador e indeterminador, 581
Sujeito oracional, 581
Verbo fazer , 582
Verbo haver, 582
Verbo existir, 582
Haja vista , 582
Adjetivo como predicativo, 583
Adjetivo como adjunto adnominal, 584
Verbo SER, 585
Linguagem protocolar, 586
Bastante, 586
Menos, alerta, pseudo, 587
Meio, 587
Anexo, incluso, apenso, extra, quite, 587
Mesmo, próprio, só, 587
Obrigado, servido, 588
É bom, é proibido, 588
O melhor possível, 588
Tal qual, 589
Caro e barato, 589
Todo/toda, 589
Exercícios de aplicação, 589
Resoluções comentadas, 649

BIBLIOGRAFIA 651

CAPÍTULO 1

ACORDO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA

1. ALFABETO

Nosso alfabeto agora tem 26 letras. Reintroduziram-se as letras k, w e y: A B C D E F G H I J **K** L M N O P Q R S T U V **W** X **Y** Z.

Usam-se as letras k, w e y em várias situações: a) na escrita de símbolos de unidades de medida: km (quilômetro), kg (quilograma), W (watt); b) na escrita de palavras e nomes estrangeiros (e seus derivados): playboy, show, playground, windsurf, kung fu, yin, yang, William, kaiser, Kafka, kafkiano.

2. TREMA

Nos grupos **gue, gui, que, qui**, o trema desaparece.

Registro antigo	Novo registro
argüir	arguir
bilíngüe	bilíngue
cinqüenta	cinquenta
delinqüente	delinquente
eloqüente	eloquente
ensangüentado	ensanguentado
eqüestre	equestre
freqüente	frequente
lingüeta	lingueta
lingüiça	linguiça
qüinqüênio	quinquênio

sagüi	sagui
seqüência	sequência
seqüestro	sequestro

IMPORTANTE

O trema permanece apenas em palavras estrangeiras e em suas derivadas. Exemplos: Bündchen, Schönberg, Müller, mülleriano.

3. REGRAS DE ACENTUAÇÃO

3.1. Desaparece o acento dos ditongos abertos **éi** e **ói** dos vocábulos paroxítonos.

Registro antigo	Novo registro
alcatéia	alcateia
andróide	androide
apóia	(verbo apoiar) apoia
apóio	(verbo apoiar) apoio
asteróide	asteroide
bóia	boia
celulóide	celuloide
clarabóia	claraboia
colméia	colmeia
Coréia	Coreia
debilóide	debiloide
epopéia	epopeia
estóico	estoico
estréia	estreia
geléia	geleia
heróico	heroico
idéia	ideia
jibóia	jiboia

jóia	joia
odisséia	odisseia
paranóia	paranoia
paranóico	paranoico
platéia	plateia

IMPORTANTE

Permanece o acento agudo nos monossílabos tônicos e oxítonos terminados em **éis, éu, éus, ói, óis**. Exemplos: dói, céu, papéis, herói, heróis, troféu, troféus, chapéu, chapéus.

3.2. Nos vocábulos **paroxítonos**, não se acentuam o **i** e o **u** tônicos quando vierem depois de ditongo decrescente.

Registro antigo	Novo registro
baiúca	baiuca
bocaiúva	bocaiuva
cauíla	cauila
feiúra	feiura

IMPORTANTE

Se o vocábulo for oxítono e o **i** ou o **u** estiverem em posição final (ou seguidos de s) ou se o vocábulo for proparoxítono, o acento permanece. Exemplos: tuiuiú, tuiuiús, Piauí, maiúscula.

3.3. Não se acentuam os vocábulos terminados em **êem** e **ôo(s)**.

Registro antigo	Novo registro
crêem (verbo crer)	creem
dêem (verbo dar)	deem
dôo (verbo doar)	doo
enjôo	enjoo
lêem (verbo ler)	leem
magôo (verbo magoar)	magoo
perdôo (verbo perdoar)	perdoo
povôo (verbo povoar)	povoo
vêem (verbo ver)	veem
vôos	voos
zôo	zoo

3.4. Não se diferenciam mais os pares pára/para, péla(s)/pela(s), pêlo(s)/pelo(s), pólo(s)/polo(s) e pêra/pera.

Registro antigo	Novo registro
Ela **pára** o cavalo.	Ela **para** o cavalo.
Ele foi ao **pólo** Sul.	Ele foi ao **polo** Sul.
Esse animal tem **pêlos** bonitos.	Esse animal tem **pelos** bonitos.
Devoramos uma **pêra**.	Devoramos uma **pera**.

IMPORTANTE

a) Permanece o acento diferencial em pôde/pode. **Pôde** é a forma do passado do verbo poder (pretérito perfeito do indicativo), na 3ª pessoa do singular. **Pode** é a forma do presente do indicativo, na 3ª pessoa do singular. Exemplo: No passado, ele **pôde** roubar o povo, mas hoje ele não **pode**.

b) Permanece o acento diferencial em pôr/por. **Pôr** é verbo. **Por** é preposição. Exemplo: Desejo **pôr** o documento sobre a mesa que foi construída **por** mim.

c) Permanecem os acentos que diferenciam o singular do plural dos verbos **ter** e **vir**, assim como de seus derivados (manter, deter, reter, conter, convir, intervir, advir etc.). Observe:

Ele **tem** escrúpulos. / Eles **têm** escrúpulos.
Ele **vem** de uma região humilde. / Eles **vêm** de uma região humilde.
Ele **mantém** a promessa. / Eles **mantêm** a promessa.
Ele **convém** aos juízes. / Eles **convêm** aos juízes.
Ele **detém** o marginal. / Eles **detêm** o marginal.
Ele **intervém** no Iraque. / Eles **intervêm** no Iraque.

d) É facultativo o uso do acento circunflexo para diferenciar as palavras **dêmos** (do verbo no subjuntivo que nós dêmos) de demos (do passado nós demos); **fôrma** (substantivo) de forma (verbo).

3.5. Não se acentua o **u** tônico das formas (tu) arguis, (ele) argui, (eles) arguem, do presente do indicativo dos verbos **arguir** e **redarguir**.

3.6. Há uma variação na pronúncia dos verbos terminados em **guar, quar e quir**, como aguar, averiguar, apaziguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir etc. Esses verbos admitem duas pronúncias em algumas formas do presente do indicativo, do presente do subjuntivo e também do imperativo. Observe:

a) se forem pronunciadas com a ou **i** tônicos, essas formas devem ser acentuadas. Exemplos:
- verbo enxaguar: enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam; enxágue, enxágues, enxáguem.
- verbo delinquir: delínquo, delínques, delínque, delínquem; delínqua, delínquas, delínquam.

b) se forem pronunciadas com **u** tônico, essas formas deixam de ser acentuadas. Exemplos (a vogal sublinhada é tônica, isto é, deve ser pronunciada mais fortemente que as outras):

- verbo enxaguar: enxag<u>u</u>o, enxag<u>u</u>as, enxag<u>u</u>a, enxag<u>u</u>am; enxag<u>u</u>e, enxag<u>u</u>es, enxag<u>u</u>em.
- verbo delinquir: delinq<u>u</u>o, delinq<u>u</u>es, delinq<u>u</u>e, delinq<u>u</u>em; delinq<u>u</u>a, delinq<u>u</u>as, delinq<u>u</u>am.

☞ **IMPORTANTE**

No Brasil, a pronúncia mais corrente é a primeira, aquela com **a** e **i** tônicos.

4. HÍFEN

4.1. Com prefixos, usa-se sempre o hífen diante de palavra iniciada por **h**. Exemplos: anti-humanitário; anti-higiênico; anti-histórico; co-herdeiro; macro-história; mini-hotel; proto-história; sobre-humano; super-homem; ultra-humano.

☞ **IMPORTANTE**

Co-herdeiro ou coerdeiro
Carbo-hidrato ou carboidrato
Subumano ou sub-humano (segundo o VOLP/2009).

4.2. Não se usa o hífen quando o prefixo termina em vogal diferente da vogal com que se inicia o segundo elemento. Exemplos: antiético; aeroespacial; agroindustrial; anteontem; antiaéreo; antieducativo; autoaprendizagem; autoescola; autoestrada; autoinstrução; coautor; coedição;

extraescolar; infraestrutura; plurianual; semiaberto; semianalfabeto; semiesférico; semiopaco.

IMPORTANTE

O prefixo **co** aglutina-se em geral com o segundo elemento, mesmo quando este se inicia por **o**: coobrigar, coobrigação, coordenar, cooperar, cooperação, cooptar, coocupante.

4.3. Não se usa o hífen quando o prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa por consoante diferente de **r** ou **s**. Exemplos: autodefesa; anteprojeto; antipedagógico; autopeça; autoproteção; coprodução; geopolítica; microcomputador; pseudomestre; semicírculo; semideus; seminovo; ultramoderno.

IMPORTANTE

Com o prefixo **vice**, usa-se sempre o hífen. Exemplos: vice-diretor, vice-almirante.

4.4. Não se usa o hífen quando o prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa por **r** ou **s**. Nesse caso, duplicam-se essas letras. Exemplos: sociorreligioso; antirrábico; antirracismo; antirreligioso; antirrugas; antissocial; biorritmo; contrarregra; contrassenso; cosseno; infrassom; microssistema; minissaia; multissecular; neorrealismo; neossimbolista; semirreta; ultrarresistente; ultrassom.

4.5. Quando o prefixo termina por vogal, usa-se o hífen se o segundo elemento começar pela mesma vogal. Exemplos: anti-inflacionário; anti-ibérico; anti-imperialista; anti-inflamatório; auto-observação;

contra-almirante; contra-atacar; contra-ataque; micro-ondas; micro-ônibus; semi-internato; semi-interno.

4.6. Quando o prefixo termina por consoante, usa-se o hífen se o segundo elemento começar pela mesma consoante. Exemplos: hiper-religioso; inter-racial; inter-regional; sub-bibliotecário; sub-base; super-racista; super-reacionário; super-resistente; super-romântico.

☞ **IMPORTANTE**

Nos demais casos não se usa o hífen (hipersensível, hipermercado, intermunicipal, superinteressante, superproteção, superelegante). Com o prefixo **sub**, usa-se o hífen também diante de palavra iniciada por **r** (sub-região, sub-raça). Com os prefixos **circum** e **pan**, usa-se o hífen diante de palavra iniciada por **m, n** e **vogal** (circum-navegação, pan-americano).

4.7. Quando o prefixo termina por consoante, não se usa o hífen se o segundo elemento começar por vogal. Exemplos: superinteligente; hiperacidez; hiperativo; interescolar; interestadual; interestelar; interestudantil; superamigo; superaquecimento; supereconômico; superexigente; superotimismo; superorganizado; superinteressante.

4.8. Com os prefixos **ex**, **sem**, **além**, **aquém**, **recém**, **pós**, **pré**, **pró**, usa-se sempre o hífen. Exemplos: além-mar; além-túmulo; aquém-mar; ex-hospedeiro; ex-prefeito; ex-aluno; ex-diretor; ex-presidente; pós-graduação; pré-história; pré-vestibular; pró-europeu; recém-casado; recém-nascido; sem-terra.

4.9. Usa-se o hífen com os sufixos de origem tupi-guarani: **açu**, **guaçu** e **mirim**. Exemplos: amoré-guaçu, anajá-mirim, capim-açu.

4.10. Usa-se o hífen para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando não propriamente vocábulos, mas encadeamentos vocabulares. Exemplos: ponte Rio-Niterói, eixo Rio-São Paulo.

4.11. Não se deve usar o hífen em certas palavras que perderam a noção de composição. Exemplos: girassol; madressilva; mandachuva; paraquedas; paraquedista; pontapé; passatempo.

4.12. Para clareza gráfica, se no final da linha a partição de uma palavra ou combinação de palavras coincidir com o hífen, ele deve ser repetido na linha seguinte.

5. Em síntese, veja o emprego do hífen com prefixos:

Regra geral:

Usa-se o hífen diante de **h**: hiper-habitável, anti-higiênico, super-homem.

Casos importantes:

1. Prefixo terminado em vogal:

- Sem hífen diante de vogal diferente: autoestima, autoescola, antiaéreo.
- Sem hífen diante de consoante diferente de **r** e **s**: autodefesa; anteprojeto, semicírculo.
- Sem hífen diante de **r** e **s** (dobram-se essas letras): autorretrato; antirracismo, antissocial, ultrassom.
- Com hífen diante de mesma vogal: arqui-inimigo, contra-ataque, micro-ondas.

2. Prefixo terminado em consoante:

- Com hífen diante de mesma consoante: sub-base, inter-regional, sub-bibliotecária.

- Sem hífen diante de consoante diferente: intertextual, intermunicipal, supersônico.

- Sem hífen diante de vogal: interestadual, superinteressante.

IMPORTANTE

a) Com o prefixo **sub**, usa-se o hífen também diante de palavra iniciada por **r**: sub-região, sub-raça. Palavras iniciadas por **h** perdem essa letra e juntam-se sem hífen: subumano, subumanidade.

b) Com os prefixos **circum** e **pan**, usa-se o hífen diante de palavra iniciada por **m, n** e **vogal**: circum-navegação, pan-americano, circum-ambiente.

c) O prefixo **co** aglutina-se em geral com o segundo elemento, mesmo quando este se inicia por **o**: coautor, coobrigação, coordenar, cooperar, cooperação, cooptar, coocupante, corresponsável.

d) Com o prefixo **vice**, usa-se sempre o hífen: vice-diretor, vice-almirante, vice-presidente.

e) Não se usa o hífen em vocábulos que perderam a noção de composição, como girassol, madressilva, mandachuva, pontapé, paraquedas, paraquedista e outras.

f) Com os prefixos **ex, sem**, **além**, **aquém**, **recém**, **pós**, **pré**, **pró**, usa-se sempre o hífen: ex-esposa, ex-sogra, ex-aluno, sem-terra, além-mar, aquém-mar, recém-casado, pós-graduação, pré-vestibular, pró-brasileiro.

g) Segue uma **lista de vocábulos importantes** registrados pelo Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa. Atente para a grafia de cada um deles nas diversas áreas.

Casa e comida
Antessala
Apart-hotel
Azeite-de-dendê
Café com leite
Café da manhã
Café-expresso
Claraboia
Coa/coo (1ª pessoa do sing. de "coar")
Copo-d'água
Dona de casa
Enxágue
Geleia
Linguiça
Líquido
Malpassado
Micro-ondas
Moo (1ª pessoa do singular de "moer")
Muçarela
Pão com manteiga
Pão de mel
Pé de moleque
Proteico
Sala de jantar
Subalimentado
Botânica e zoologia
Abóbora-menina
Água-de-coco
Alcateia
Andorinha-do-mar
Baleia-branca
Bálsamo-do-canadá
Batata-doce
Beija-flor
Bem-me-quer
Bem-te-vi
Bico-de-papagaio (planta)
Boca-de-leão
Cão de guarda
Cobra-capelo
Cobra-d'água
Colmeia
Couve-flor
Dente-de-leão
Erva-doce
Erva-do-chá
Ervilha-de-cheiro
Eucalipto
Feijão-verde
Girassol
Jiboia
Leõezinhos
Louva-a-deus
Malmequer
Nucleico
Pera (fruta)
Pica-pau-amarelo
Romãzeira
Sagui
Semi-herbáceo
Vaga-lume
Xiquexique
Zoo
Ciência e tecnologia
Androide
Ano-luz
Antirrandômico
Asteroide
Coaxial
Decibéis
Eletro-ótica

Gêiser
Giga-hertz
Humanoide
Infravermelho
Interestelar
Macrossistema
Megawatt
Microbiologia
Microcomputador
Micro-onda
Microssistema
Microssegundo
Paleozoico
Peso-atômico
Politécnico
Sequência
Superaquecimento
Ultravioleta

Educação

Antiacadêmico
Antieducativo
Antipedagógico
Autoaprendizagem
Autoinstrução
Bem-criado
Circum-escolar
Coeducação
Ex-aluno
Ex-bolsista
Ex-diretor
Extracurricular
Extraescolar
Hiperativo
Interescolar
Leem
Livre-docência
Malcriado
Mal-educado
Multidisciplinar
Pós-gradução
Pós-doutorado
Pós-adolescente
Pré-escolar
Pré-requisito / Prerrequisito
Pré-seleção / Presseleção
Pré-vestibular
Pseudoprofessor
Semiaberto
Semianalfabeto
Semi-interno
Sub-bibliotecário
Subdiretor
Superproteção
Turma-piloto
Vice-reitor

Transporte

Aeroespacial
Antiaderente
Antiaéreo
Antiderrapante
Antioxidante
Autoescola
Autoestrada
Autopeça
Equidistante
Interestadual
Interligação
Intermunicipal
Micro-ônibus
Para-balas
Para-brisa
Para-choque

Para-lama
Seminovo
Sobrevoo
Supersônico
Voo

Economia

Agroaçucareiro
Agroalimentar
Agroexportador
Agroindustrial
Agropecuária
Anglo-americano
Anti-inflacionário
Autorregulação
Autossustentável
Coprodução
Covariação
Contrassenha
Eletrossiderurgia
Entressafra
Franco-suíço
Hidroelétrica /hidrelétrica
Hiperdesenvolvimento
Hiperinflação
Hipermercado
Hiperprodução
Infraestrutura
Macroeconomia
Macroestrutura
Maxidesvalorização
Megaempresa
Mega-hotel
Megainvestidor
Microssistema
Pro labore (latim)
Pró-labore (português)
Sino-japonês
Socioeconômico
Subfaturar
Supereconômico
Superestimar
Superestrutura
Superotimismo

Geografia

Açoriano
Acriano
Afro-asiático
Afro-brasileiro
Afrodescendente
Afrodescendência
Africânder (natural da África do Sul)
Africâner (idioma)
Além-fronteiras
Além-mar
Anglo-saxão
Anhanguera
Aquém-oceano
Baía de Todos-os-Santos
Belo-horizontino
Cabo-verdiano
Cidade-satélite
Circum-navegação
Coreia do Norte / Coreia do Sul
Guiné-Bissau
Guineense
Grã-Bretanha
Grão-Pará
Inter-regional
Inter-relação
Mato-grossense
Méier

Norte-ameriano
Polo Norte / Polo Sul
Piauí
Santa Rita do Passa-Quatro
Sauipe
Semiárido
Sul-africano
Sul-americano
Timor-Leste
Trás-os-Montes

Idioma

Anglo-brasileiro
Bilíngue
Dois-pontos
Hífen
Hifens
Iberorromânico
Indo-europeu
Lesa-ortografia
Língua-mãe
Linguista / Linguística
Lusofonia
Mais-que-perfeito
Onomatopeia
Pós-tônico
Ponto de exclamação
Ponto de interrogação
Ponto e vírgula
Ponto final
Sociolinguístico
Verbo-nominal
Verborragia

Livros

Anti-herói
Autoajuda
Autobiografia
Coautor
Coedição / Coeditor
Corredator
Ex-libris (português) / *Ex libris* (latim)
Haicai
In-oitavo
In-quatro
Kafkiano
Lesa-poesia
Machadiano
Minidicionário
Não ficção
Reedição / Reeditar
Reescrever / Reescrita
Releem
Releitura

Cultura

Afro-brasileiro
Afrodescendência
Água com açúcar (romântico)
Anti-herói
Alto-astral
Alto-relevo
Autopromoção
Autorretrato
Autossatirizar
Baixo-astral
Baixo-relevo
Benfeito
Celuloide
Cinema-verdade
Contra-harmônico
Contrarregra
Estreia
Epopeia

Estoico
Faz de conta
Herói
Heroico
Hiper-realista
Inter-racial
Introito
Leiloo (verbo "leiloar")
Meia-entrada
Mestre-sala
Minissérie
Neoexpressionista
Neo-helênico
Neorrealismo
Neossimbolista
Odisseia
Plateia
Preanunciar
Pré-estreia
Pré-história
Pró-romano
Reco-reco
Reveem
Samba-canção
Superexposição
Super-revista
Tabloide
Ultrarromântico
Videoarte

Moda

Alta-costura
Antissimétrico
Bem-apanhado
Bem-arrumado
Bem-vestido
Blêizer
Chapéu-panamá
Chiquê (afetação)
Cor-de-rosa
Feiume
Feiura
Guarda-joias
Hiper-requintado
Joia
Laquê
Minissaia / Microssaia
Prêt-à-porter
Tomara que caia
Véu

Esporte

Antidoping
Arco e flecha
Asa-delta
Centroavante
Contra-ataque
Esteroide
Hiper-resistente
Pan-americano
Paraolimpíada / Paraolímpico
Paraquedas / Paraquedista
Pentacampeão
Peso-pesado / Peso-pena / Peso-pluma
Pingue-pongue
Ponta-esquerda / Ponta-direita (jogador)
Pontapé
Semifinal
Tiro de meta
Vice-campeão

Política e ciência sociais

Afro-americano

Apartidário
Anteprojeto
Anti-ibérico
Anti-imperialista
Antirracismo
Antissocial
Autodeterminação
Apoio (3ª pessoa do singular do presente do indicativo de "apoiar")
Centro-esquerda
Decreto-lei
Desumano
Europeia
Eurocomunista
Ex-prefeito
Ex-presidente
Ex-primeiro-ministro
Extraoficial
Geocêntrico
Geopolítica
Inter-racial
Inter-relação
Inumano
Maquiavélico
Mega-ação
Minirrevolução
Não governamental (organização)
Pan-negritude
Perestroica
Pré-eleitoral
Preechimento
Primeiro-ministro
Protorrevolucionário
Protossatélite
Pseudo-organizado
Reeleger / Reeleição / Reeleito
Semisselvagem
Sem-terra
Sem-teto
Súbdito (Portugal)
Súdito (Brasil)
Sul-africano
Sul-americano
Ultraesquerda
Ultrassecreto
Vice-presidente
Vice-rei

Segurança

Antifurto
Antissequestro
Antissocial
À queima-roupa
Autorretrato
Bomba-granada
Causa mortis
Cessar-fogo
Delinquência / Delinquente
Destróier
Ensanguentado
Guarda-costas
Guarda-floretal
Guarda-nortuno
Liquidar
Não agressão (pacto de)
Quase delito (cometer um)
Quebra-quebra
Retrato falado
Sequestro
Tenente-coronel

Direito

Abaixo-assinado
Ab-rogar

Abrupto / Ab-rupto
Ação (Brasil e Portugal)
Acionar (Brasil e Portugal)
Álibi
Anteprojeto
Apaniguado
Apaziguar
Apto
Arguir
Arguição
Assembleia
Autodefesa
Autoincriminação
Averiguar
Aviso-prévio
Bom-senso
Coabitar / Coabitação
Coerdar / Coerdeiro
Convicção
Coocupante
Corresponsável
Coobrigação
Copaternidade
Corréu
Decreto-lei
De cujus
Diretor-geral
Eloquência
Exequível
Inepto
Meio-termo
Objeção (Brasil e Portugal)
Obliquar
Pacto
Reaver
Seguro-desemprego
Seguro-saúde
Sub-reptício
Subsequente
Vade-mécum

Religião

Abençoo
Além-túmulo
Anticristo
Antirreligioso
Antissemita
Ave-maria
Auto de fé
Batizar (Brasil e Portugal)
Bem-aventurado
Bençãozinha
Boa-nova
Coirmão
Creem
Creio em deus padre (interjeição)
Cruz-credo (interjeição)
Descreem
Fiéis
Galileia
Hebreia
Livre-arbítrio
Multissecular
Onipotente
Semideus
Unguento
Zen-budismo

Medicina

Adenoide
Aerobiose
Aerossinusite
Amenorreia
Anatomopatológico

Antebraço	Coreico
Antenasal	Corticoide
Anteolhos	Cranioencefálico
Antiabortivo	De-hidroandrosterona
Antiagregantes	Diarreia
Anti-hemorrágico	Diarreico
Anti-higiênico	Di-hidrato
Anti-inflamatório	Dispneia
Anti-infeccioso	Dismenorreia
Anti-insulina	Eletroanálise
Antirrábico	Eletrocardiograma
Antirreceptor	Eletrochoque
Antirretrovirais	Eletroencefalograma
Antirreumático	Eletroluminescência
Antissecretores	Enjoo
Antisséptico	Espermatozoide
Antissoro	Esteato-hepatia
Apneia	Esteroide
Autoanticorpo	Extracraniano
Autoexame	Extra-hepático
Autoimune	Extraocular
Autoimunidade	Fruto-oligossacarídeo
Autorregeneração	Geomedicina
Autorrotação	Hidrocarboneto
Autovacina	Hidroxi-indolacético
Biomassa	Hiper-reatividade
Biorritmo	Hiper-rugoso
Cardiovascular	Hipertensão
Cefaleia	Histopatológico
Célula-tronco	Imunodeficiência
Cerebrovascular	Imuno-histoquímica
Coamplificação	Infecção
Cofator	Infra-axilar
Conta-gotas	Inframandibular
Contraindicação	Infra-hepático
Contrarreação	Infraorbitário

Infrarrenal	Paratireoide
Infrassom	Pós-operatório
Interauricular	Pós-parto
Intercapilar	Pré-menstrual
Intercelular	Pré-natal
Intercevical	Pré-operatório
Interobservador	Proteico
Interventricular	Protoderme
Intra-articular	Pseudogene
Intraepitelial	Queloide
Intramuscular	Retrovírus
Intraoperatório	Reumatoide
Intrapulmonar	Sanguíneo
Intrauterino	Seborreia
Leucorreia	Semi-hospitalar
Linfoide	Sequela
Mal-estar	Sub-hepático
Médico-cirurgião	Subósseo
Meta-hemoglobina	Suprarrenal
Metoxi-isobutilisonitrila	Supraventricular
Microcirurgia	Tetra-hidrofolato
Micrograma	Tiroide
Micro-organismo	Tifoide
Microssonda	Traqueia
Mieloide	Ultrassom
Musculoesquelético	Ultrassonografia
Neovascularização	Ureia
Neurocirurgia	**Psicologia**
Neuroendócrino	Autoafirmação
Neurorradiologia	Autoanálise
Neuro-hipófise	Autoconfiança
Onco-hematologia	Autoconhecimento
Opioide	Autoconsciência
Osteoarticular	Autocontrole
Osteometabólica	Autoestima
Oxi-iodeto	Auto-hipnose

Autoindução
Auto-observação
Autopiedade
Autorreflexão
Autossugestionado
Autovalorizar-se
Inter-relação
Interrupção
Paranoia
Paranoico
Superego

Farmácia

Antiabortivo
Antiácido
Antialérgico
Anti-hemorrágico
Anti-higiênico
Anti-hipertensivo
Anti-infeccioso
Anti-inflamatório
Antirrábico
Antirretroviral
Antirrugas
Automedicação
Benzoico
Contraindicação
Contrarreação
Conta-gotas
Farmacopeia
Superdose

Palavras em comum

Água-de-colônia
Aguentar
Além-fronteiras
Além-mar
Anteontem
Ao deus-dará
Apoio (3ª pessoa de apoiar)
Arco-da-velha
Arco e flecha
Arco-íris
Arqui-inimigo
Assembleia
Assim-assim
À toa
Autoadesivo
Autossuficiente
À vontade
Azul-claro / Azul-escuro
Bem-amado
Bem-criado
Bem-dito / bem-dizer
Bem-estar
Bem-falante
Bem-humorado
Bem-sucedido
Bem-nascido
Bem-visto
Benfazejo
Benfeito
Benfeitor
Benquerença
Blá-blá-blá
Boa-praça
Boa-vida
Boas-vindas
Boia
Cabra-cega
Cabra-macho
Calcanhar de aquiles
Chave-inglesa
Claraboia

Coabitar	Lengalengar
Coirmão	Livre-arbítrio
Concepção (Brasil)	Mandachuva
Conceção (Portugal)	Manda-tudo
Contra-atacar	Mal-afortunado
Contra-ataque	Mal-estar
Contrarregra	Mal-humorado
Contrassenso	Malnascido
Cosseno	Malsucedido
Cinquenta	Malvisto
Consequência	Mega-ação
Contraexemplo	Microssistema
Contrassenha	Não fumante
Coocorrer	Nhem-nhem-nhem
Coocupar	Ovoide
Cooperar	Pé-de-meia
Coordenar	Pelo (animal)
Debiloide	Perdoo
Dia a dia	Pontapé
Embaixo	Porta-retrato
Em cima	Povoo
Enjoo	Predeterminado
Enxágue	Pró-ativo
Extraoficial	Pró-conceder
Extrarregular	Pseudo-organizado
Fim de século	Recém-casados
Fim de semana	Recém-nascido
Frequência	Rega-bofe
Fura-bolo	Reidratar
Guarda-chuva	Sem-cerimônia
Grã-fina	Semicírculo
Hipersensível	Seminovo
Ideia	Sem-número
Infravermelho	Sem-vergonha
Inter-relação	Sequência
Lenga-lenga	Superamigo

Superaquecimento	Tintim por tintim
Supereconômico	Tique-taque
Superestimar	Tramoia
Super-homem	Tranquilidade
Superinteressante	Ultraelevado
Superotimismo	Ultramoderno
Superproteção	Zigue-zague
Suprassumo	Zás-trás
Sub-humano	Zum-zum

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

I - Avalie se as palavras sublinhadas nas sentenças abaixo estão corretas, segundo as novas regras ortográficas que entraram em vigor em 1º de janeiro de 2009. Julgue (C ou E) os itens a seguir.

1. Eles leem durante o voo tranquilo, sem reparar na epopeia do rapaz paranoico que não para de atormentar os outros passageiros.
2. Sempre gostei de pé-de-moleque.
3. A heroica atriz foi aplaudida no dia da estreia da peça.
4. Cinquenta toneladas de linguiça estragaram a caminho da Coreia.
5. Quero sanduíche com presunto e mussarela.
6. Os pelos do cachorro ficaram melados de geleia.
7. Não deixe comentários sobre antissemitismo afetarem sua autoestima.
8. Sairemos no fim-de-semana e comeremos bife mal-passado.

9. Enquanto as outras crianças creem em Papai-noel, ele prefere acreditar na ideia de que o Homem--aranha vai visitá-lo no Natal.

10. Ao ouvir da irmã, na sequência de sua confissão, "Eu te perdoo", ela ficou tão nervosa que sentiu enjoos e seus pelos do braço arrepiaram.

11. O pedido para que se averigue a denúncia de tráfico de jiboias no zoo é urgente.

12. Preocupo-me com o super-aquecimento da Terra.

13. Ela tem preguiça de cozinhar até pipoca de micro-ondas.

14. Saltar de paraquedas é contraindicado para pessoas com problemas cardíacos.

15. A informação do sequestro do político ainda é extraoficial.

II - Avalie se as palavras sublinhadas nas sentenças abaixo estão corretas, segundo as novas regras ortográficas que entraram em vigor em 1º. de janeiro 2009. Julgue (C ou E) os itens a seguir.

1. A crise financeira dos EUA pode trazer conseqüências para o Brasil.
2. Quando ele para para pensar, desiste.
3. Livro de auto-ajuda permanece no topo da lista dos mais vendidos.
4. A sonda Phoenix realizou um pouso histórico no pólo Norte de Marte.
5. O consumo frequente de álcool durante a juventude causa danos ao cérebro.
6. A idéia do presidente é que todos os países se unam contra o aquecimento.
7. O empresário deve cumprir pena por roubo em regime semiaberto.

8. Avião permitirá que passageiros fumem durante o vôo.
9. O síndico marcou uma assembleia para decidir sobre a reforma do prédio.
10. Pesquisa revela que 97% dos brasileiros crêem em Deus.
11. A estréia de Katie Holmes foi marcada por protestos.
12. O coautor do estudo explicou que a descoberta ajuda no tratamento do câncer.
13. Os homens mais vaidosos já encontram no mercado tipos de creme antirrugas.
14. Ela perdeu tudo que estava dentro da caixa de joias.
15. Cerca de 5% da população mundial têm comportamento anti-social.
16. O ex-vereador participou da reunião extraoficial durante a madrugada.
17. No momento decisivo, ele recuou e desistiu de saltar de pára-quedas.
18. Eu apoio qualquer acordo entre os países.
19. Ele achou a nova estátua uma feiura.
20. Ela é a coherdeira da indústria da soja.

Respostas:
Para fixar, releia o capítulo. Todas as respostas constam dele.

CAPÍTULO 2

MORFOSSINTAXE: CLASSES GRAMATICAIS E FUNÇÕES SINTÁTICAS

TEXTO I

Leia o texto a seguir para responder à questão 1:

Há muito se converteram em rotina as falhas nos mecanismos de controle sobre a execução de programas governamentais destinados a parcelas específicas da população. Antes foi o Fome Zero, atacado por desvios de finalidades, inclusão de clientela de satisfatória situação econômica e fraudes na distribuição dos recursos. Depois, o mesmo ocorreu com o Bolsa Escola. E ainda é cedo para acreditar que, em ambas as iniciativas, não ocorram disfunções graves. Ao quadro desalentador veio juntar-se agora a revelação de que há milhões de alunos fantasmas matriculados no ensino básico.

(Correio Braziliense, 5/3/2006)

QUESTÃO 1

Julgue os itens seguintes:

(1) Nas linhas 1 e 2, os vocábulos "rotina", "falhas", "mecanismos" e "controle" são classificados, morfologicamente, como substantivos. ***(p. 52)***

(2) No trecho "... programas governamentais destinados a parcelas específicas da população" (linhas 2 e 3), registraram-se duas ocorrências do artigo definido "a". ***(p. 52)***

(3) Em "clientela de satisfatória situação econômica" (linha 5), o substantivo "situação" é caracterizado por dois adjetivos. *(p. 52)*

(4) No trecho "E ainda é cedo **para** acreditar **que**, em **ambas** as iniciativas, **não ocorram** disfunções **graves**", do ponto de vista da morfologia, os vocábulos destacados classificam-se, respectivamente, como preposição, conjunção, numeral, advérbio, verbo e adjetivo. *(p. 52)*

(5) Em "... há milhões de alunos fantasmas matriculados no ensino básico", o substantivo "fantasmas" é empregado com valor adjetivo e caracteriza um processo de formação de palavras denominado derivação imprópria. *(p. 52)*

TEXTO II

Leia o texto a seguir para responder à questão 2:

A cantoria atraiu o olhar de motoristas que passavam pela Esplanada dos Ministérios. Vestidos a caráter e com chocalhos nas mãos, índios pataxós realizavam o toré, um ritual de luta. "É o que viemos fazer aqui. Lutar pelos nossos direitos", explicou o cacique Evangelista Pataxó, da aldeia Pau Brasil, no sul da Bahia. Assim como ele, outros 500 índios de 20 estados brasileiros acamparam ontem em Brasília, para avaliar a política indigenista do governo Lula e cobrar a regularização fundiária, o acesso à saúde e à educação.

(Jornal do Brasil, 1/4/2006)

QUESTÃO 2

(1) Em "A **cantoria** atraiu o **olhar**", destacaram-se, respectivamente, o núcleo do sujeito e o núcleo do objeto direto. *)(p. 56)*

(2) Em "... índios pataxós realizavam o toré, um **ritual** de luta", destacou-se o núcleo do aposto explicativo. ***(p. 56)***

(3) No trecho "... outros 500 índios de 20 estados brasileiros acamparam ontem em Brasília", caracteriza-se um sujeito composto. ***(p. 56)***

(4) Em "... avaliar **a política** indigenista do governo Lula e cobrar a **regularização** fundiária", os substantivos destacados apresentam paralelismo sintático. ***(p. 56)***

(5) Em "... o acesso à **saúde** e à **educação**", destacaram-se os núcleos de complementos nominais. ***(p. 56)***

TEXTO III

Leia o texto a seguir para responder à questão 3:

Vinho de missa

Era domingo e o navio prosseguia viagem. Os passageiros iam sendo convocados para a missa de bordo.

— Vamos à missa? - convidou Ovalle.

O passageiro a seu lado no convés recusou-se com inesperada veemência:

— Missa, eu? Deus me livre de missa.

— Não entendo — tornou Ovalle, intrigado: — O senhor pede justamente a Deus que o livre da missa?

— No meu tempo de menino eu ia à missa. Mas deixei de ir por causa de um episódio no colégio interno, há mais de trinta anos. Colégio de padre — isso explica tudo, o senhor não acha?

Ele achou que não explicava nada e pediu ao homem que contasse.

— Pois olha, vou lhe contar: imagine o senhor que havia no colégio um barbeiro, para fazer a barba dos padres e o cabelo dos alunos. Vai um dia o barbeiro me seduz com a ideia de furtar o vinho de missa, que era

guardado numa adega. Me ensinou um jeito de entrar na adega - e um dia eu fiz uma incursão ao tonel de vinho. Mas fui infeliz: deixei a torneira pingando, descobriram a travessura e no dia seguinte o padre-diretor reunia todos os alunos do colégio, intimando o culpado a se denunciar. Ia haver comunhão geral e quem comungasse com tão horrenda culpa mereceria danação eterna. Está visto que não me denunciei: busquei um confessor, tendo o cuidado de escolher um padre que gozava entre nós da fama de ser mais camarada: "Padre, como é que eu saio desta? Eu pequei, fui eu que bebi o vinho. Mas se deixar de comungar, o padre-diretor descobre tudo, vou ser castigado." Ele então me tranquilizou, invocando o segredo confessional, me absolveu e pude receber a comunhão. Pois muito bem: no mesmo dia todo mundo sabia que tinha sido eu e eu era suspenso do colégio.

O homem respirou fundo e acrescentou, irritado:

— Como é que o senhor quer que eu ainda tenha fé nessa espécie de gente?

Ovalle ouvia calado, os olhos perdidos na amplidão do mar. Sem se voltar para o outro, comentou:

— O senhor, certamente, achou que o confessor saiu dali e foi direitinho contar ao diretor.

— Isso mesmo. Foi o que aconteceu.

— O vinho era bom?

— Como?

— Pergunto se o senhor achou o vinho bom.

O homem sorriu, intrigado:

— Creio que sim. Tanto tempo, não me lembro mais... Mas devia ser: vinho de missa!

Então Ovalle se voltou para o homem, ergueu o punho com veemência:

— E o senhor, depois de beber o seu bom vinho de missa, me passa trinta anos acreditando nessa asneira?

O homem o olhava, boquiaberto:

— Asneira? Que asneira?

— Será possível que ainda não percebeu? Foi o barbeiro, idiota!

— O barbeiro? — balbuciou o outro: — É verdade... O barbeiro! Como é que na época não me ocorreu...

— Vamos para a missa — ordenou Ovalle, tomando-o pelo braço.

(Fernando Sabino. A mulher do vizinho. 17a ed., Rio de Janeiro, Record, 1997.)

QUESTÃO 3

Considerando a classe morfológica dos vocábulos em destaque, julgue os itens a seguir:

(1) " Era **domingo** e o **navio** prosseguia **viagem**. Os **passageiros** iam sendo convocados para a **missa** de bordo." - substantivos. ***p. 56)***

(2) " Mas fui **infeliz**: deixei a torneira pingando, descobriram a **travessura** e no dia **seguinte** o padre-diretor reunia todos os alunos do colégio, intimando o culpado a se denunciar." - adjetivos. ***(p. 58)***

(3) " Ia **haver** comunhão geral e quem **comungasse** com tão horrenda culpa **mereceria danação** eterna." - verbos. ***(p. 58)***

(4) " Está visto **que** não me denunciei: busquei um confessor, tendo o cuidado de escolher um padre **que** gozava entre nós da fama de ser mais camarada." - pronomes relativos. ***(p. 58)***

(5) " Então Ovalle se voltou **para** o homem, ergueu o punho **com** veemência." - preposições. ***(p. 58)***

(6) " — **Isso** mesmo. Foi **o** que aconteceu." - pronomes. ***(p. 58)***

(7) " — Creio **que** sim. Tanto tempo, não me lembro mais... **Mas** devia ser: vinho de missa!" - conjunções. ***(p. 58)***

(8) " Vai um dia o barbeiro me seduz com a ideia de furtar o vinho **de missa**, que era guardado **numa adega**." - locuções adjetivas. ***(p. 58)***

TEXTO IV

Leia o texto a seguir para responder à questão 4:

A dengue é considerada hoje o maior problema de saúde pública dos países tropicais. As condições climáticas lhe são favoráveis. O *Aedes aegypti*, mosquito transmissor da doença, prolifera em ambientes com temperatura e umidade elevadas. Daí por que no verão, período de calor forte e chuvas abundantes, ocorre o maior número de casos.

O Brasil oferece terreno fértil para a proliferação do inseto. Mais de 20% da população das grandes e médias cidades vivem em condições precárias de saneamento básico. Sem abastecimento regular de água e coleta constante de lixo, formam-se os criadouros ideais do *Aedes aegypti*. Os moradores das áreas de risco precisam manter água em reservatórios, e o lixo moderno, descartável por excelência, forma depósitos artificiais que atraem o mosquito.

A violência urbana é outro aliado da enfermidade. Os técnicos não conseguem entrar nas casas para inspecioná-las. Amedrontada, a população teme estar diante de um bandido disfarçado que se diz funcionário da vigilância sanitária. Não lhe abre a porta.

Mais. O país recebe grande fluxo de turistas. O ser humano é a fonte da transmissão do mal. É ele quem contamina o mosquito. Ora, não há possibilidade de inspecionar portos, aeroportos, ferroviárias, rodoviárias e estradas para detectar possíveis infectados. Ainda que houvesse, a dengue, em muitos casos, é assintomática ou confunde-se com gripe ou resfriado.

Erradicar a dengue no curto prazo, pois, é impossível. Mas o poder público pode e deve tomar medidas capazes de mantê-lo sob controle e, sobretudo, de salvar vidas. Campanhas educativas mudam hábitos da população. Os brasileiros têm o costume de manter, nas dependências domésticas, vasos de plantas com prati-

nhos de água. Conscientes do perigo, poderão livrar-se do risco potencial.

Certas ações simples, porém indispensáveis, não podem ser negligenciadas. É o caso de atacar os possíveis focos do *Aedes aegypti*. A vigilância sanitária deve fiscalizar cemitérios, borracharias, depósitos de ferro velho e providenciar a limpeza de terrenos baldios. São ações preventivas eficazes e urgentes.

Mas, enquanto perdurarem as situações de precariedade em saneamento básico, haverá infectados. O Brasil deu um passo adiante para conviver com o mal. Especializou profissionais da área de saúde a fim de tratar as formas graves da infecção e reduzir-lhe a letalidade a quase zero. Vale o exemplo. Manaus registrou 58 ocorrências de dengue hemorrágica. O único óbito deveu-se ao fato de o enfermo não ter procurado o hospital de referência.

A escassez de recursos impede que todos os hospitais tenham unidades especializadas em dengue. Mas impõe-se que todas as cidades tenham pelo menos um centro de atendimento aos casos graves. Com socorro adequado e tempestivo, é possível evitar mortes. Nenhum governo pode ignorar esse avanço.

(Correio Braziliense, 24 de janeiro de 2002)

QUESTÃO 4

Julgue os itens:

(1) Na linha 1, a palavra "dengue" constitui substantivo e é, sintaticamente, núcleo do sujeito. ***(p. 58)***

(2) Em "O Brasil oferece **terreno** fértil..." (l. 7) e " O **país** recebe grande fluxo de turistas" (l. 20), os substantivos destacados apresentam paralelismo sintático. ***(p. 59)***

(3) No trecho: "Os **moradores** das áreas de risco precisam manter **água** em reservatórios, e o **lixo** moderno, descartável por excelência, forma depósitos artificiais que atraem o **mosquito**" (l. 11-14), destacaram-se apenas substantivos concretos, comuns e simples. ***(p. 59)***

(4) Em "O **ser** humano é a fonte da transmissão do mal" (l. 20-21), temos exemplo de verbo usado substantivamente. ***(p. 60)***

(5) O substantivo "mosquito" é comum-de-dois-gêneros. ***(p. 61)***

(6) No trecho: "Especializou profissionais d<u>a</u> área de saúde <u>a</u> fim de tratar <u>as</u> formas graves d<u>a</u> infecção e reduzir-lhe <u>a</u> letalidade <u>a</u> quase zero" (l. 40-42), destacaram-se seis ocorrências de artigo definido. ***(p. 62)***

(7) Em "A violência **urbana** é outro aliado da enfermidade" (l. 15) e em "Os moradores das áreas **de risco** precisam manter água em reservatórios" (l. 11-12), destacaram-se, respectivamente, o adjetivo e a locução adjetiva. ***(p. 63)***

(8) Em " O Brasil deu **um** passo adiante para conviver com o mal" (l. 39-40) e em "Manaus registrou **58** ocorrências de dengue hemorrágica" (l. 42-43), destacaram-se numerais. ***(p. 66)***

TEXTO V

Leia o texto a seguir para responder à questão 5:

À Margem da Linha

"Foi com disfarçada alegria que eu senti a mão do Mano sobre o meu ombro, e o metal da sua voz escarafunchando meu cérebro. "Cê vai voltar comigo, pirralho!". Mas eu tinha ido longe demais para não manter um mínimo de dignidade, por isso, segui em frente, duro, como

se estivesse mesmo decidido a prosseguir. E foi aí que aconteceu o inesperado. Não pelo tapa de mão aberta, nem pela fogueira que acendeu minha face esquerda; não pela dor física, nem pela vergonha de apanhar assim na cara (ele nunca havia me batido desse jeito humilhante). Esse tapa do Mano era de certo modo uma coisa esperada, pois se ele nunca me batera de mão aberta em plena cara, eu também nunca cometera uma falta tão grave. Surpreendentemente nisso tudo foi a minha reação interior. Pela primeira vez eu contestei, ainda que só para mim mesmo, esse direito que ele se dava de me bater. "Tá certo que a mãe me pôs sob os cuidados dele, transferindo inteiramente para ele a responsabilidade de me encaminhar na vida — eu me disse lá com as palavras que eu possuía —, mas até que ponto isso lhe dá direito de escravizar o meu corpo e a minha consciência?"

(Paulo Rodrigues, Correio Braziliense, 21/01/2002)

QUESTÃO 5

Julgue os itens a seguir:

(0) Em "... nem pela fogueira **que** acendeu minha face esquerda..." (l. 7-8) , destacou-se pronome relativo com função sintática de sujeito. ***(p. 68)***

(1) No trecho "Foi com disfarçada alegria que eu senti a mão do Mano sobre o meu ombro " (l. 1-2) , a palavra **que** constitui pronome relativo e tem como referente o antecedente **alegria**. ***(p. 69)***

(2) Em "... mas até que ponto isso lhe dá direito de escravizar **o meu corpo e a minha consciência**?" (l. 18-19), o pronome lhe exerce a função sintática de objeto indireto, e o termo destacado pode ser substituído pela forma pronominal "os", obtendo-se a seguinte reescritura: "... mas até que ponto isso lhe dá direito de os escravizar ?". ***(p. 69)***

(3) O verbo "contestar" (l. 13) classifica-se, quanto à predicação, em intransitivo. ***(p. 70)***

(4) Em " ... pois se ele nunca me batera de mão aberta em plena cara..." (l. 10-11), destacaram-se um advérbio e duas locuções adverbiais. ***(p. 70)***

(5) No trecho: "Tá certo que a mãe me pôs **sob** os cuidados dele, transferindo inteiramente para ele a responsabilidade de me encaminhar na vida — eu me disse lá com as palavras que eu possuía —, **mas** até que ponto isso lhe dá direito de escravizar o meu corpo e a minha consciência?", destacaram-se, respectivamente, conectivo nominal e conectivo oracional. ***(p. 72)***

TEXTO VI

Leia o texto a seguir para responder à questão 6:

A mata que corre perigo

Além de ser conhecido como sede brasileira do montanhismo, o Parque Nacional da Serra dos Órgãos abriga uma imensa reserva de Mata Atlântica, onde se encontram diversas espécies da fauna (como micos-leões, lontras, araras azuis e onças pintadas) e flora (como palmito, cedro e bromélias diversificadas) ameaçadas de extinção.

Para se ter noção do risco que a Mata Atlântica corre, à época do descobrimento do Brasil a floresta apresentava uma área equivalente a um terço da Amazônia. Cobria 1 milhão de quilômetros quadrados, ou 12% do território nacional. Hoje restam apenas 7% da sua área original.

Estatísticas indicam que 70% da população brasileira vivem na região da Mata Atlântica. Nessas cidades litorâneas e serranas estão concentrados os polos industriais, petroleiros e portuários do país. Os benefícios proporcionados pela mata, são muitos. Protege e regula o

fluxo dos mananciais hídricos que abastecem as grandes metrópoles, garante a fertilidade do solo e controla o clima. Além disso, tem a maior biodiversidade do mundo e preserva um patrimônio histórico de valor inestimável.

Em 1817, os naturalistas Spix (austríaco) e Von Martius (alemão) vieram para o Brasil estudar fauna e flora. Em 10 mil quilômetros percorridos, catalogaram 6.500 variedades de plantas e 3.411 animais. A Serra dos Órgãos fez parte da rota dessa expedição, que auxiliou na demarcação da reserva, mais de um século depois.

(Correio Braziliense, 20/01/2002. Adaptado)

QUESTÃO 6

Julgue os itens a seguir quanto à pontuação:

(0) Em "... o Parque Nacional da Serra dos Órgãos abriga uma imensa reserva de Mata Atlântica" (l.2-3), a vírgula após o substantivo "Órgãos" é proibida. ***(p. 76)***

(1) A colocação de uma vírgula depois do substantivo "Brasil" em "Para se ter noção do risco que a Mata Atlântica corre, à época do descobrimento do Brasil a floresta apresentava uma área equivalente a um terço da Amazônia" (l. 7-9) provocará ambiguidade. ***(p. 77)***

(2) Em "Estatísticas indicam que 70% da população brasileira vivem na região da Mata Atlântica" (l. 12-13), é possível colocar vírgula após os termos "Estatísticas" e "70% da população brasileira", sem prejuízo gramatical. ***(p. 77)***

(3) Observe: " ... os naturalistas Spix (austríaco) e Von Martius (alemão) vieram para o Brasil estudar fauna e flora" (l. 21-22). Na construção "Spix estudou a fauna; Von Martius, a flora", a vírgula caracteriza verbo subentendido. ***(p. 77)***

(4) Em "Os benefícios proporcionados pela mata, são muitos", registrou-se a vírgula para garantir mais clareza. *(p. 77)*

(5) No trecho "que auxiliou na demarcação da reserva, mais de um século depois", a retirada da vírgula comprometerá a carga semântica do enunciado. *(p. 77)*

RESOLUÇÕES COMENTADAS

QUESTÃO 1

✓ (1) Certo. Os vocábulos destacados nomeiam elementos presentes no universo e, por isso, são substantivos.

× (2) Errado. A primeira ocorrência da forma "a" é preposição exigida pelo adjetivo participial "destinados" (destinados a quê?). O substantivo "parcela" exigiria o artigo "as". Na forma "da", tem-se contração da preposição "de" e do artigo "a", que acompanha o substantivo "população".

✓ (3) Certo. Os adjetivos "satisfatória" e "econômica" caracterizam o substantivo "situação".

✓ (4) Certo. No decorrer deste capítulo, você revisará o conceito de cada classe gramatical.

✓ (5) Certo. De fato, o vocábulo "fantasmas" exerce a função própria de substantivo, como no seguinte exemplo: "Os fantasmas sempre me incomodaram". No texto apresentado, o vocábulo "fantasmas" passa a exercer a função imprópria de adjetivo, já que caracteriza o substantivo "alunos".

IMPORTANTE

O texto I tem caráter unicamente motivador. Você se recorda de todas as categorias gramaticais? Lembre-se de que, a partir de agora, você terá de dominar a estrutura morfossintática do texto e toda a sua organização semântica.

Antes de revisar as classes gramaticais, é importante entender alguns PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS.

As palavras estão em constante processo de evolução e tornam a língua um fenômeno vivo que acompanha o homem. Alguns vocábulos caem em desuso (arcaísmos), outros nascem (neologismos), e muitos mudam de significado com o passar do tempo.

Na Língua Portuguesa, em razão da estruturação e origem das palavras, pode-se chegar à seguinte divisão:

- palavras primitivas - não derivam de outras (casa, flor)
- palavras derivadas ou cognatas - derivam de outras (casebre, florzinha)
- palavras simples - só possuem um radical (couve, flor)
- palavras compostas - possuem mais de um radical (couve-flor, aguardente)

Para a formação das palavras portuguesas, é necessário o conhecimento dos seguintes processos de formação:

- Composição - ocorre junção de radicais. São dois tipos de composição, em virtude de ter havido ou não alteração fonética.
- justaposição - sem alteração fonética (girassol, sexta-feira)
- aglutinação - alteração fonética, com perda de elementos (planalto/plano+alto; pernalta/perna+alta).

- Derivação - palavra primitiva (um radical) acrescida, geralmente, de afixos. São cinco tipos de derivação.
- prefixal - ocorre acréscimo de prefixo à palavra primitiva (**in**feliz, **des**leal)
- sufixal - ocorre acréscimo de sufixo à palavra primitiva (feliz**mente**, leal**dade**)
- parassintética ou parassíntese - ocorre acréscimo simultâneo de prefixo e sufixo, ao mesmo tempo, à palavra primitiva (en+surdo+ecer / a+benção+ado / en+forca+ar). Por esse processo, formam-se especialmente verbos, de base substantiva ou adjetiva; mas há parassintéticos de outras classes (subterrâneo, desnaturado)

☞ **IMPORTANTE**

Se, com a retirada do prefixo ou do sufixo, não existir aquela palavra na língua, houve parassíntese. Em "ensurdecer", se se retirar o sufixo, "ensurde" não existirá e, se se retirar o prefixo, "surdecer" também não existirá; logo "ensurdecer" foi formada por parassíntese. Em "infelizmente", se se retirar o sufixo, "infeliz" existirá e, se se retirar o prefixo, "felizmente" também existirá; logo "infelizmente" foi formada por prefixação e sufixação, e não parassíntese.

- regressiva ou deverbal - cria substantivos, que denotam ação, derivados de verbos. É o que acontece com as seguintes palavras: amparo, choro, voo, corte, destaque, conserva, fala, pesca, visita, denúncia, análise e outras.

IMPORTANTE

Para determinar se a palavra primitiva é o verbo ou o substantivo cognato, usa-se o seguinte critério: substantivo que denota ação constitui palavra derivada do verbo (ajuda, estudo, grito), mas se o substantivo denotar objeto ou substância será primitivo (planta, âncora).

- Imprópria ou conversão - ocorre alteração da classe gramatical da palavra primitiva ("o jantar" - de verbo para substantivo; "é um judas" - de substantivo próprio a comum; "o não é uma má resposta - de advérbio para substantivo)
- Hibridismo - nesse processo, as palavras são constituídas por elementos originários de línguas diferentes (automóvel e monóculo - grego e latim / sociologia, bígamo, bicicleta - latim e grego / alcaloide, alcoômetro - árabe e grego / caiporismo - tupi e grego / bananal - africano e latim / sambódromo - africano e grego / burocracia - francês e grego).
- Onomatopeia - reprodução imitativa de sons (pingue-pongue, zunzum, miau, cocoricó, pum)
- Abreviação vocabular - redução da palavra até o limite de sua compreensão (metrô em vez de "metropolitano", moto em vez de "motocicleta", pneu em vez de "pneumático", foto em vez de "fotografia").
- Siglonimização - formação de siglas, por meio de letras iniciais de uma sequência de palavras (Academia Brasileira de Letras - ABL). A partir de siglas, formam-se outras palavras (aidético, petista, peemedebista e outras).

QUESTÃO 2

✓ (1)Certo. Os substantivos "cantoria" e "olhar" são, respectivamente, núcleos do sujeito e do objeto direto de "atraiu".

✓ (2)Certo. Lembre-se de que o aposto, ou termo em aposição, serve para reiterar ou reforçar o antecedente.

× (3)Errado. Embora o sujeito seja longo, apresenta apenas um núcleo: índios. Portanto, o sujeito é simples.

✓ (4)Certo. Os vocábulos "política" (objeto direto de "avaliar") e "regularização" (objeto direto de "cobrar") apresentam igual função sintática. Por isso, ocorre o que chamamos de paralelismo sintático.

✓ (5)Certo. Os termos preposicionados "à saúde" e "à educação" são expansões sintáticas do substantivo "acesso" (acesso a quê?). Não completam, portanto, o verbo, mas, sim, o nome, o substantivo. São, portanto, complementos nominais. No capítulo 2 deste livro, aprofundaremos este tema.

Parece difícil? Não se preocupe. Muitos conceitos serão aprofundados na próxima questão. Mantenha o ânimo.

QUESTÃO 3

✓ (1)Certo. Um detalhe: **viagem** (substantivo) é diferente de **viajem** (verbo).

Saiba mais:

De acordo com a NGB, são dez as CLASSES GRAMATICAIS, embora a interjeição, vocábulo-frase, fique, na verdade, excluída dessa relação:

- variáveis
  - Substantivo,
  - Artigo, Adjetivo,
  - Numeral, Pronome,
  - Verbo.
- invariáveis
  - Advérbio,
  - Preposição,
  - Conjunção.

A interjeição também é invariável.

O que é a Nomenclatura Gramatical Brasileira?

A nomenclatura gramatical foi organizada por comissão de professores designada pelo Ministério da Educação e Cultura, em abril de 1957. Entrou em vigor nas escolas a partir do ano letivo de 1959.

ARTICULAÇÕES MORFOSSINTÁTICAS QUE VOCÊ DEVERÁ SEMPRE LEMBRAR:

a. Função básica: verbo (transitivo ou intransitivo)

b. Funções relacionais (conectivos): conjunção, preposição, verbo de ligação.

c. Funções estruturais: substantivo, adjetivo, artigo, pronome, numeral, advérbio.

Funções estilísticas: interjeição e palavras denotativas.

Está ficando mais fácil? Essas articulações serão aprofundadas a partir do texto IV. Continue. É só um teste.

× (2)Errado. O vocábulo "travessura" não é adjetivo. É substantivo.

× (3)Errado. O vocábulo "danação" (derivado do verbo danar) é substantivo. Reveja: danação eterna (substantivo + adjetivo).

× (4) Errado. Veja que a primeira ocorrência da palavra **que** não retoma antecedente. No caso, é uma conjunção integrante. Já a segunda ocorrência da palavra **que** retoma o antecedente "um padre". É pronome relativo.

✓ (5) Certo. **Para** e ***com*** são preposições essenciais.

✓ (6) Certo. **Isso** (pronome demonstrativo) e **o** = aquilo (pronome demonstrativo).

✓ (7) Certo. Que (conjunção integrante - Creio que o vinho era bom. Lembre-se de que o advérbio "sim" substitui a oração "que o vinho era bom". Por isso, o advérbio "sim" tem função vicária); Mas (conjunção adversativa). Ambas são conectivos oracionais.

× (8) Errado. Locução adjetiva é aquele termo preposicionado que caracteriza o substantivo. É o caso de "vinho de missa" (substantivo + locução adjetiva). Já em "guardado numa adega", temos locução adverbial de lugar modificando o verbo.

QUESTÃO 4

✓ (1) Certo. Lembre-se:

- **SUBSTANTIVO (Palavra nuclear)** - Do ponto de vista semântico, o **substantivo** é a palavra que denomina os seres em geral.

MORFOSSINTAXE:

O substantivo (ou palavra com valor **substantivo**) funcionará sempre como núcleo dos termos. Observe:

Ex.: Nossos **ídolos** ainda são os mesmos. (**núcleo do sujeito**)
Encontramos os **livros** na estante. (**núcleo do objeto direto**)
Todos carecem de **respeito**. (**núcleo do objeto indireto**)
As informações são úteis ao **povo**. (**núcleo do complemento nominal**)
As estrelas pareciam grandes **olhos** azuis. (**núcleo do predicativo do sujeito**)
A criança foi avistada pelo **diretor**. (**núcleo do agente da passiva**)
Naquela **tarde**, lembrei-me dos bons momentos. (**núcleo do adjunto adverbial**)

× (2) Errado. O substantivo "terreno" é núcleo do objeto direto (complemento do verbo "oferece"), ao passo que o substantivo "país" é núcleo do sujeito do verbo "recebe".

LEMBRE-SE:

Quando comandos de questões tratarem do **paralelismo sintático**, as palavras ou termos destacados deverão exercer **a mesma função sintática**. Observe:

Há paralelismo sintático no que concerne aos substantivos destacados no texto abaixo:
"A moça entrou e viu o **corpo** estendido no chão. Ela não esperava viver tal **situação**.
(Ambos exercem a função sintática de OBJETO DIRETO, respectivamente, dos verbos "viu" e "viver")

✓ (3) Certo. Relembremos a classificação dos substantivos:

- **Comum** - designa todos os seres de uma mesma espécie. Ex.: mesa, porta.

- **Próprio** - designa um determinado ser de uma espécie. Ex.: Fortaleza, Código Civil.

- **Concreto** - indica os nomes de lugares, pessoas, animais e coisas. Ex.: Deus, livro.

- **Abstrato** - indica qualidade (ex.: beleza), sentimento (ex.: amor), sensações (ex.: dor), ações (ex.: análise) ou estados (ex.: morte).

- **Primitivo** - é o substantivo que não nasce de outra palavra. Ex.: rio, alma, saudade.

- **Derivado** - é o substantivo que se forma a partir de outra palavra. Ex.: velocidade

- **Simples** - formado por uma só palavra. Ex.: noite, sol, praça, Deus.

- **Composto** - formado por mais de uma palavra. Ex.: girassol, beija-flor.

- **Coletivo** - indica uma reunião, uma coleção de seres de uma mesma espécie. Ex.: acervo (obras de arte); bando (aves, crianças).

OBSERVAÇÃO IMPORTANTE:

Chamam-se ***substantivos abstratos*** aqueles que designam como seres determinadas ***noções, estados e qualidades***. De um papel, de um pano, de uma nuvem, abstrai-se a ideia de ***brancura***. Brancura é, assim, um substantivo ***abstrato***. Da ideia de morrer, tira-se a ideia de morte. Já os ***substantivos concretos*** designam os seres propriamente ditos, ou seja, os nomes de pessoas, de lugares, de um gênero, de uma espécie: mulher, cão, Câmara, vila, João, Ilhéus.

× (4) Errado. A palavra **ser** tem valor de legítimo substantivo e é sinônimo de homem, pessoa, criatura, indivíduo. Observe a diferença: " O **correr** da moça impressionou-me" (verbo usado substantivamente.). Portanto, lembre-se:

Todo verbo tem uma forma que pode ser usada substantivamente: é o infinitivo. Embora haja o substantivo **queda**, pode-se dizer também **ao cair da tarde**. O infinitivo pode ser tratado, na mesma frase, como substantivo e como verbo, conforme na frase *Aquele não falar-lhe era o que mais doía*. Embora o infinitivo tenha suas próprias desinências, pode não raramente adotar o plural de um substantivo. Vejam-se estas duas frases, cada uma delas com uma forma de plural: *"O que havia mais sério nas agressões de Montepoliziano era o envolverem uma ofensa pessoal ao infante"* (Herculano); *"Em um desses volveres do espírito à obra começada"* (Alencar). Não são raros os infinitivos encontrados mais como substantivos: *o vagar, o volver* , etc.

× (5) Errado. É substantivo epiceno (mosquito macho e mosquito fêmea).

Entenda melhor

- Gêneros
  - masculino: gato, homem
  - feminino: gata, mulher

ATENÇÃO:
Alguns substantivos têm um único gênero: são os **substantivos uniformes**.

- comum de dois gêneros (o balconista / a balconista)
- epiceno (baleia macho / baleia fêmea)
- sobrecomum (a vítima/ a testemunha)

- Número
  - singular: pedra, mar
  - plural: pedras, mares

- Graus
  - aumentativo analítico: casa - casa enorme
  - aumentativo sintético: casa - casarão
  - diminutivo analítico: casa - casa pequena
  - diminutivo sintético: casa - casinha / casebre

× (6) Errado. A segunda e a sexta ocorrências são exemplos de preposições (apenas conectam palavras), uma vez que não definem substantivos femininos.

Uma lição sobre o artigo:

ARTIGO é a palavra que se coloca **antes do substantivo** para determiná-lo (ou indeterminá-lo) e também para indicar-lhe o gênero e o número.

MORFOSSINTAXE:
O artigo, como acompanha o nome, será sempre adjunto adnominal.

Ex: **O** jagunço trouxe **um** animal.
N**o** Brasil, todos desconfiam d**os** políticos.

ATENÇÃO:
O artigo sempre concorda em gênero (masculino/feminino) e número (singular/plural) com o substantivo a que se refere.

Artigos definidos: O, A, OS, AS.
Artigos Indefinidos: UM, UMA, UNS, UMAS.

SUBSTANTIVAÇÃO

Toda palavra ou expressão que apresentar artigo antes de si passa a ser considerada substantivo. Esse processo é o que se chama substantivação ou derivação imprópria.

Ex.: O **sonhar** é importante. (Classe gramatical: SUBSTANTIVO/ Função sintática: NÚCLEO DO SUJEITO)

OBSERVAÇÕES IMPORTANTES

1. Além de suas formas simples, os artigos definidos apresentam formas em que se combinam com as preposições **a, de, em, por**, o que dá origem a **ao, do, nas, pelos** etc.
2. Quando o artigo definido feminino (**a, as**) se combina com a preposição **a**, forma-se a crase, encontro de duas vogais idênticas, escritas uma ao lado da outra no português arcaico (aa) e hoje representadas com um acento grave (à): Elas chegaram cedo à cidade.
3. Os artigos indefinidos combinam-se com as preposições **em** e **de**, o que dá origem a **num, numa, nuns, numas, dum, duma** etc.
4. Antes de nomes próprios de pessoa, a presença do artigo é de uso coloquial e familiar: "O João está?", "A Maria já foi embora", dando também conotação de informalidade o uso do artigo anteposto aos adjetivos possessivos, como em o meu pai, a nossa menina etc. Em contrapartida, a omissão do artigo, nesses casos, dá à frase um toque de elegância.
5. Também se omite o artigo antes de certas expressões de tratamento, antes de palavras como **terra** e **bordo** quando usadas como antônimos (Os passageiros vieram de bordo para terra) e antes da palavra **casa**, quando não se refere a uma moradia específica (Chegou cedo a casa). Alguns **nomes de cidade** são empregados com artigo (o Rio de Janeiro, o Cairo, o Porto; opcionalmente, o Recife).

✓ (7) Certo. Veja a diferença: "violência **urbana**" (uma palavra apenas caracteriza o substantivo) , "áreas **de risco**" (expressão preposicionada caracteriza o substantivo). Mais uma lição:

ADJETIVO é a palavra que acompanha o substantivo para indicar as qualidades ou características desse substantivo.

MORFOSSINTAXE:
O adjetivo pode funcionar como **adjunto adnominal** ou **nome predicativo**. Analise cuidadosamente os seguintes períodos:

1. O progresso **material** não acontece repentinamente. **(Adjunto adnominal)**
2. Nossos sonhos parecem **impossíveis. (Predicativo do sujeito)**
3. Considero sua atitude **infantil. (Predicativo do objeto)**

LEMBRE-SE: A função de **predicativo** também pode ser exercida pelo **substantivo.**

Ex: A comunicação é uma **necessidade** vital. (Classe gramatical: SUBSTANTIVO./ Função sintática: NÚCLEO DO PREDICATIVO DO SUJEITO)

Locução adjetiva

É toda expressão (em geral formada de: preposição + substantivo) que exerce função de adjetivo, isto é, caracteriza o substantivo. Sintaticamente, funciona como adjunto adnominal.

Ex: O sonho de criança me emociona. (de criança = pueril, infantil)

Substantivação do adjetivo

É bastante comum a utilização do adjetivo como substantivo. Esse fato ocorre quando, antes do adjetivo, coloca-se um artigo.

Ex: Os **desobedientes** devem ser punidos. (Classe gramatical: SUBSTANTIVO./ Função sintática: NÚCLEO DO SUJEITO)

Flexões do adjetivo

- Gêneros
  - masculino: novo, franco
  - feminino: nova, franca

- Números
  - singular: útil, lenta
  - plural: úteis, lentas

Graus
Comparativo

- de inferioridade

Ex.: Ele é menos MAGRO que você.

- de igualdade

Ex.: Ele é tão MAGRO quanto você.

- de superioridade (analítico e sintético)

Ex.: Seu pai é mais experiente (analítico) que o meu.
Suas dificuldades são menores (sintético) que as minhas. (Lembre-se de que "menores" corresponde a "**mais** pequenas" - em desuso - ; por isso fala-se em grau de superioridade).

Superlativo

- relativo de superioridade (analítico e sintético)

Ex.: Ela é a mais bela das moças.
Ele recebeu o maior dos elogios.

- relativo de inferioridade

Ex.: Aquela moça era a menos simpática de todas.

- absoluto analítico

Ex.: Aquele artista era muito negro.

- absoluto sintético

Ex.: Aquele artista era nigérrimo.

OBSERVAÇÕES IMPORTANTES

1. Reforçando, o ***adjetivo*** diz-se ***substantivado*** quando, antecedido de um determinativo (geralmente um artigo), não funciona como termo determinante de nenhum substantivo: o ***desagradável*** da situação

(comparar com "uma situação ***desagradável***", em que "desagradável" funciona como adjetivo).

2. O adjetivo pode ser substituído por palavras ou expressões de outra classe gramatical, bem como por orações:

   - O rio gigante (substantivo em função de adjetivo);

   - A poltrona sem comodidade (locução formada por preposição + substantivo, substituível por "incômoda");

   - A escrita que não se consegue ler (oração de valor adjetivo, equivalendo a "ilegível").

3. Os ***adjetivos*** que se referem a continentes, países, regiões, estados, cidades, províncias, vilas e povoados denominam-se ***pátrios*** (europeu, alemão, amazônico, paraense, campista, minhoto etc.); os que se aplicam a raças ou povos, denominam-se gentílicos (latino, germânico). Os sufixos ***-ês*** ou ***-ense***, -ão ou ***-ano*** são os mais usados para a formação de adjetivos ***pátrios*** e ***gentílicos***. Nos adjetivos pátrios compostos, o primeiro elemento assume forma alatinada, em geral reduzida: anglo-germânico, austro-húngaro, euro-asiático, franco-italiano, greco-latino, hispano-americano, indo-europeu, ítalo-suíço, galaico-português, luso-brasileiro, sino-soviético.

Entendeu?

× (8) Errado. Em "O Brasil deu **um** passo adiante para conviver com o mal" (l. 30), temos artigo indefinido (diferente de "O Brasil deu apenas **um** passo", em que teríamos numeral), e em "Manaus registrou **58** ocorrências de dengue hemorrágica", temos, sim, numeral. Vejamos:

NUMERAL é toda palavra que indica quantidade, número de ordem, múltiplo ou fração.

Ex.: Ele venceu **cinco** partidas. (quantidade)
Não teremos a **sexta** aula.(ordem)
Ele gastou o **cêntuplo** que você. (múltiplo)
Dois terços das pessoas vieram. (fração)

MORFOSSINTAXE:

Numeral substantivo (substitui o substantivo) = núcleo dos termos.

Numeral adjetivo (acompanha o substantivo) = adjunto adnominal.

Ex: Os **dois** devem procurar a tesouraria. (**Núcleo do sujeito**)
Os **três** navios naufragaram. (**Adjunto adnominal**)

· Numerais Cardinais: indicam uma quantidade de seres.

Ex.: Ele conhece os **sete** pecados capitais.

· Numerais Ordinais: indicam a posição que um determinado ser ocupa em uma sequência, em uma série.

Ex.: O Brasil é considerado a **oitava** potência mundial?

· Numerais Multiplicativos: indicam o aumento proporcional da quantidade.

Ex.: Teremos o **triplo** de ações no próximo semestre.

· Numerais Fracionários: indicam a divisão proporcional da unidade.

Ex.: **Três centésimos** de professores estão insatisfeitos.

Leitura dos numerais

Na indicação de reis, papas, séculos, capítulos e outros, sempre que o numeral vier depois do substantivo, deve-se usar os ordinais até dez (primeiro, segundo, ... décimo) e a partir daí deve-se usar os cardinais (onze, doze, etc).

Ex.: século III (terceiro), século XI (onze), capítulo X (décimo), Carlos V (quinto).

OBSERVAÇÕES IMPORTANTES

1. Figuradamente, o numeral pode expressar número indeterminado, como por exemplo na frase: "*Já lhe disse isso mais de mil vezes.*"
2. Em datas, quando se trata do primeiro dia do mês, dá-se preferência ao ordinal: *primeiro de janeiro* (e não *um de janeiro*).

QUESTÃO 5

✓ (0) Certo. Veja que em "nem pela fogueira **a qual** acendeu minha face esquerda", a palavra **que** pode ser substituída pela forma **a qual** e retoma o antecedente a fogueira (sujeito da forma verbal "acendeu"). Portanto, esclareçamos alguns detalhes:

PRONOME é a palavra que acompanha ou substitui o substantivo.

MORFOSSINTAXE:
Pronome substantivo (substitui o nome): núcleo dos termos.
Pronome adjetivo (acompanha o nome): adjunto adnominal.

Ex: **Todos lhe** disseram a verdade. **(Núcleo do sujeito e do objeto indireto, respectivamente)**

Nossos assessores entregaram **aquele** relatório. **(Adjuntos adnominais)**

O PRONOME RELATIVO pode exercer diferentes funções sintáticas:

1. O pintor apresentou os quadros **que** estavam sobre a mesa. (O **que** substitui o antecedente "quadros" e tem função sintática de SUJEITO do verbo "estavam")
2. O pintor apresentou os quadros que você comprou. (O **que** substitui o antecedente "quadros" e tem

função sintática de OBJETO DIRETO do verbo "comprou")

× (1) Errado. Nesse caso, temos *PARTÍCULA EXPLETIVA ou de realce.*

. . . . . .

Que partícula é essa, professor Fernando Moura?

. . . . . .

É aquela que pode ser retirada sem prejuízo sintático. Mas lembre-se: se retirada, haverá prejuízo semântico, pois deixaremos de realçar um termo. Expliquemos melhor.

O trecho "Foi com disfarçada alegria que eu senti a mão do Mano sobre o meu ombro" pode ser reescrito da seguinte maneira: " Com disfarçada alegria **foi que** eu senti a mão do Mano sobre o meu ombro". Ao se retirar o termo em negrito, obtém-se: "Com disfarçada alegria eu senti a mão do Mano sobre o meu ombro". Houve algum prejuízo sintático? Não. As palavras "foi" e "que" são, portanto, elementos expletivos e não apresentam função morfossintática.

✓ (2) Certo. Observe: "... mas até que ponto isso **lhe** (objeto indireto) dá (verbo transitivo **direto** e indireto: quem dá dá algo a alguém) direito (objeto direto) de escravizar (verbo transitivo direto: quem escraviza escraviza algo) **o meu corpo e a minha consciência**?" (de **os** escravizar ou escravizá-**los**).

. .

LEMBRE-SE:

. . . . . .

Os pronomes **O, A, OS, AS** substituem o objeto direto.

Ex.: Estabeleci **os rumos da sua ação**./ Estabeleci-**os.**

Já o pronome **LHE** pode ter as seguintes funções sintáticas:

1. **Objeto indireto**: Transmiti-**lhe** a mensagem. (Complemento do verbo "Transmiti")

2. **Adjunto adnominal**: Fechei-**lhe** a porta na cara. (Fechei a porta na **sua** cara). Tem valor de pronome possessivo. Portanto, é ADJUNTO ADNOMINAL do substantivo "cara".

Complemento nominal: Meu papel **lhe** é útil. (Subordinado ao adjetivo "útil"/ lhe = a ele)

× (3) Errado. É transitivo direto. O objeto direto aparece depois da interrupção: "Pela primeira vez eu **contestei**, ainda que só para mim mesmo, **esse direito**... " (quem contesta contesta algo).

Então, vejamos:

VERBO é a palavra que designa processo (ação, estado, mudança, aparência, fenômeno da natureza)

MORFOSSINTAXE:

O verbo funciona como núcleo do predicado. Exceção: verbo de ligação (função conectiva).

Ex.: As crianças **sorriam** no parque. (Verbo intransitivo: núcleo do predicado verbal)

Um bêbedo solitário **atravessou** a rua.(Verbo transitivo direto: núcleo do predicado verbal)

A situação parece **tranquila**. (Verbo de ligação: o predicativo funciona como núcleo do predicado)

✓ (4) Certo. No trecho, os termos destacados modificam o valor semântico do verbo "batera". Observe: *Nunca* (*advérbio* de tempo) me *batera* - *batera de mão aberta* (locução adverbial de modo/ preposicionada) - *batera em plena cara* (locução adverbial de lugar/ preposicionada).

LEMBRE-SE:

ADVÉRBIO é a palavra que modifica o verbo, o adjetivo ou outro advérbio, pois exprime circunstância (de tempo, lugar, modo, etc.)

Existem, portanto, advérbios indicadores de:

- **Modo** - Tristemente um balão solitário caiu no meio da avenida.

- **Tempo** - Hoje ouvi um diálogo entre as nuvens.
- **Afirmação** - Sim, eu já vou embora.
- **Lugar** - Lá na cidade é tudo tão alto.
- **Negação** - Não deixou de sofrer tão cedo.
- **Intensidade** - Choveu bastante.
- **Dúvida** - O sol talvez permaneça fora mais um pouco.
- **Interrogação** - Ficou só para saber onde guardaria os velhos retratos.

MORFOSSINTAXE:

O advérbio e as locuções adverbiais funcionam, sintaticamente, como **adjuntos adverbiais** de acordo com a circunstância que exprimem.

Encontraremos nossos metais **amanhã**. (Classe gramatical: ADVÉRBIO/ Função sintática: ADJUNTO ADVERBIAL DE TEMPO)

Locução adverbial

Expressão formada por mais de uma palavra, preposicionada, com valor de advérbio (circunstância). Sintaticamente, é **adjunto adverbial**.

Ex.: **À noite** os assaltantes invadiram a residência do embaixador. (locução adverbial de tempo)
Cumpriu **de bom grado** as tarefas que lhe confiaram. (locução adverbial de modo)
Avistava-se **de longe** uma belíssima cachoeira. (locução adverbial de lugar)

OBSERVAÇÕES IMPORTANTES

1. **Advérbios interrogativos**. São palavras ou expressões que, nas interrogações diretas ou indiretas, indicam circunstâncias de **causa** (**Por que** *não dizes a verdade*? *Quero saber* ***por que*** *não dizes a verdade*), **lugar** (**Onde** mora sua irmã? Não sei **onde** mora sua irmã), **modo** (**Como** *passa você*? Diga-

me **como** passa você) e **tempo** (**Quando** *prestarás exame? Quero saber* **quando** *prestarás exame*).

2. **Advérbios em mente**. Quando dois ou mais advérbios em "mente" modificam a mesma palavra, costuma-se conservar o sufixo apenas no último da série. Ex.: *Discursou lógica e serenamente.*
3. **Palavras de classificação à parte**. A Nomenclatura Gramatical Brasileira deu classificação à parte a determinadas palavras habitual e impropriamente incluídas entre os advérbios. Na verdade, são chamadas de **palavras denotativas**. Palavras que denotam, entre outras circunstâncias, **continuação** (*Mas você ainda não sabe da novidade... Então é certo que ele ficou zangado?*), **designação** (*Eis-me aqui*), **exclusão** (*Todos saíram, menos eu. Salvo Antônio, todos concordam*), **explicação** (*Os batráquios, a saber, os sapos, rãs e pererecas... O Brasil, isto é, o maior país da América do Sul...*), **inclusão** (*Mesmo os mais avisados podem errar. Inclusive os mais velhos não souberam como agir*), **realce** (*Eu cá não me incomodo. Ele é que sabe*), **retificação** (*Encontrei quinze, aliás, vinte pessoas. Passou toda a tarde tocando, digo, arranhando o violino*).

✓ (5) Certo. A preposição corresponde a um conectivo nominal, uma vez que sua função precípua é conectar **palavras**. Já a conjunção tem a função precípua de conectar **orações** (conectivo oracional, portanto). Observe: "Tá certo / **que** (conjunção) a mãe me pôs **sob** (preposição) os cuidados dele/ (...)**mas** (conjunção) até que ponto isso lhe dá direito de escravizar o meu corpo e a minha consciência?". Saiba mais:

Afinal, qual a diferença entre preposição e conjunção?

PREPOSIÇÃO é a palavra que liga palavras (ou orações — com conjunção implícita), subordinando-as.
Observe os exemplos de ligação:

- **adversativas**, que relacionam elementos contrastantes: "*Foi a Roma, mas não viu o papa.*"
- **alternativas**, que relacionam elementos excludentes: *"Dinheiro demais ou é bênção ou maldição."* "*Quer queiras, quer não queiras, irás comigo.*"
- **conclusivas**, que exprimem ideia de conclusão: "*Estudou bastante, logo deve ser aprovado.*"
- **explicativas**, que exprimem explicação, motivo: "*Não vás, porque te arrependerás.*"

A Nomenclatura Gramatical Brasileira reconhece dez tipos de conjunção **subordinativa**:

- **integrantes**, que encabeçam orações que servem de sujeito, objeto, complemento nominal, predicativo ou aposto a outra: "*É necessário que acabemos logo.*" "*Não sei se isto é válido.*"
- **causais**, que justificam o exposto na oração anterior: "*Os preços caíram porque cresceram as importações.*" *"Por que não vais a ele, se é tão amigo teu?*"
- **concessivas**, que indicam um fato contrário à ação principal, mas insuficiente para anulá-la: "I*nsistiu em sair, embora fosse tarde.*"
- **condicionais** (se, caso, contanto que, etc.), que põem a oração subordinada em relação de condição, hipótese ou suposição para com a principal: "C*aso viaje, não poderei estar contigo.*"
- **conformativas**, que exprimem a conformidade da oração subordinada com a principal: "*Esses dados, conforme já anunciado, são falsos.*"
- **finais**, que iniciam orações indicativas da finalidade da principal: "*Fale baixo, para que Marta não acorde.*"
- **proporcionais**, que introduzem orações nas quais se menciona na subordinada um fato realizado ou a

realizar-se simultaneamente com o da principal: "*À medida que a cidade crescer, mais difícil será resolver seus problemas.*"

- **temporais**, que iniciam uma oração subordinada indicadora de circunstância de tempo: "*Quando estiveres irado, conta até dez.*" "*Mal chegou, foi começando a gritar.*"
- **comparativas**, que ligam à principal uma subordinada que encerra comparação: "*Nada é mais caro que a ignorância.*"
- **consecutivas**, que iniciam uma oração na qual se indica consequência do que foi declarado na anterior: "*Trabalhe sério, de modo que o respeitem.*"

Vale a pena ressaltar que a **INTERJEIÇÃO**, palavra que exprime emoções, não tem função sintática.

- **Viva**!(alegria)
- **Psiu**! *Fiquem atentos*! (pedido de atenção)
- **Tomara** *que Simone consiga*! (desejo)

PODEMOS SINTETIZAR O NOSSO ESTUDO ASSIM:

Funções substantivas - sujeito, complementos verbais (objeto direto, objeto indireto), complemento nominal, agente da passiva, aposto, predicativo, vocativo.

Funções adjetivas - adjunto adnominal, predicativo.

Função adverbial - adjunto adverbial.

QUESTÃO 6

✓ (0) **Certo**. Primeira regra: não coloque vírgula entre o sujeito e o verbo, entre o verbo e o sujeito. Se houvesse uma interrupção, as entrevírgulas apareceriam: "... o

- **subordinando palavras**:
Voou **até** *o Sol* **com** *a notícia.*
Nós víamos folhas **de** *papel prontas* **para** *nossas canetas.*

- **subordinando orações**: apenas as subordinadas reduzidas de infinitivo são ligadas à oração principal por meio de preposição. Nesse caso, a conjunção fica implícita.
  César gostaria apenas de fechar os olhos.
  (Observe a conjunção implícita: "*César gostaria apenas de que fechasse os olhos*").

MORFOSSINTAXE:

A preposição NÃO TEM FUNÇÃO SINTÁTICA. Funciona apenas como CONECTIVO.

Locução prepositiva

Expressão com valor de preposição, normalmente as locuções prepositivas terminam em preposições: *para com, por sobre, exceto em, acima de, abaixo de, junto a, quanto a, à procura de, à moda de, à disposição de, não obstante, apesar de, graças a* etc.

OBSERVAÇÕES IMPORTANTES

1. Em português, as preposições introduzem os ***objetos indiretos*** (*dar um livro a alguém*), excepcionalmente também os ***objetos diretos*** (*amar a Deus)*, os complementos nominais (*medo de chuva*), os ***adjuntos adnominais*** (*mesa de vidro*), os **adjuntos adverbiais** (*fugir com pressa*) e, às vezes - o que constitui uma anomalia sintática -, ***os predicativos*** (*tachou-o de ignorante*).
2. Um traço característico das preposições em língua portuguesa é que somente elas têm o privilégio de introduzir as formas pronominais **mim, ti** e **si,** como nos exemplos: *Veio a mim./ Entre mim e ti não pode haver nada./ E ela fala por si.*
3. As preposições portuguesas classificam-se em:

3.1. **Essenciais**, herdadas diretamente do latim (**a**, ***ante, com, contra, de, em, entre, per, por, sem, sob, sobre, trás***), ou indiretamente, como resultado da aglutinação de duas ou mais preposições latinas (***após, até, desde, para, perante***);

3.2. **Acidentais**, provenientes de palavras que, providas de significação (nomes, verbos), transformaram-se em vocábulos gramaticais: ***afora, conforme, consoante, durante, exceto, fora, mais, mediante, menos, não obstante, salvo, segundo, senão, tirante, visto*** etc.

4. Embora as preposições apresentem ampla variedade de usos diferentes no discurso, pode-se estabelecer para cada uma significação fundamental, aplicável aos campos ***espacial, temporal*** e ***nocional.*** Assim, a preposição **com**, por exemplo, exprime a ideia de uma situação de associação (*mora com a mãe*), enquanto ***ante, perante*** e ***após*** denotam uma situação em relação a um limite.

CONJUNÇÃO é a palavra que liga palavras e, principalmente, orações.

Ex.: Estamos aqui, **mas** não observaremos o material.
A lei permite **que** o sujeito fique livre.

MORFOSSINTAXE:

Como a preposição, a conjunção **não tem função sintática**. É apenas um CONECTIVO.

Uma preocupação de quem lê e escreve é ver se os conectores estão empregados com precisão. A toda hora fazemos uso deles. Por isso, veja a seguir uma lista sucinta desses conectivos e suas respectivas funções.

Classificam-se em **coordenativas** e **subordinativas.**

As conjunções **coordenativas** dividem-se em cinco tipos:

- **aditivas**, que expressam ideia de soma: "*O trabalho gera riqueza e produz alegria.*" "*Não hesitaremos nem desistiremos.*"

Parque Nacional da Serra dos Órgãos, há vários séculos, abriga uma imensa reserva de Mata Atlântica".

✓ (1) **Certo**. Leia o trecho com a vírgula: "Para se ter noção do risco que a Mata Atlântica corre, à época do descobrimento do Brasil, a floresta apresentava uma área equivalente a um terço da Amazônia". Não se sabe se a Mata Atlântica corre risco desde a época do descobrimento do Brasil, ou se à época do descobrimento do Brasil a floresta apresentava uma área equivalente. Ficamos com a segunda interpretação. Então, retiramos a vírgula após o substantivo "Brasil".

× (2) **Errado**. Os termos "Estatísticas" e "70% da população brasileira" são sujeitos, respectivamente, dos verbos "indicam" e "vivem". Lembre-se: vírgula proibida entre o sujeito e o verbo.

✓ (3) **Certo**. "Spix estudou a fauna; Von Martius (estudou) a flora". Sempre que o verbo ficar subentendido (elipse verbal), a vírgula será obrigatória.

× (4) **Errado**. A vírgula entre o sujeito e o verbo é proibida.

✓ (5) **Certo**. Lembre-se: a vírgula é também questão de bom-senso. Leia o trecho sem a vírgula: "... que auxiliou na demarcação da reserva mais de um século depois" (como se "reserva mais de um século depois" fosse uma unidade semântico-sintática). O sentido (carga semântica) é alterado. A proposta é : "... que auxiliou na demarcação da reserva, (quando?) mais de um século depois".

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

NÍVEL 1

Considerando as articulações morfossintáticas estudadas neste capítulo, julgue os itens a seguir:

(1) Por não derivarem de outras palavras, os substantivos "flor", "pedra" e "artista" são primitivos.

(2) São concretos os substantivos que nomeiam divindades (Deus, anjos, almas) e seres fantásticos (fada, duende, saci), pois, existentes ou não, são sempre considerados seres com vida própria.

(3) Em razão de designarem ideias ou conceitos, cuja existência está vinculada a alguém ou a alguma outra coisa, os substantivos "justiça", "amor", "trabalho" e "honra" são abstratos.

(4) Os substantivos "criança" e "indivíduo" são comuns-de-dois-gêneros.

(5) Substantivos próprios são sempre concretos e devem ser grafados com iniciais maiúsculas.

(6) Alguns substantivos, quando mudam de gênero, alteram também a carga semântica. É o que ocorre nos seguintes exemplos: o cabeça (líder) x a cabeça (parte do corpo), o grama (unidade de medida) x a grama (planta).

(7) Os substantivos "óculos", "núpcias", "pêsames" exigem determinantes - como artigos, pronomes, adjetivos, numerais - somente no singular: o óculos, núpcias perfeita, meu pêsames.

(8) Os substantivos "cartão" e "cartilha" estão flexionados, respectivamente, no grau aumentativo e no grau diminutivo.

(9) O plural de "primeiro-ministro" corresponde a "primeiros-ministros".

(10) Nas construções "Já encontramos os documentos necessários" e "Eles são os que mais irritam", há duas ocorrências do artigo definido masculino plural.

(11) Em "Uma pessoa lhe telefonou" e "Uns e outros insetos faziam barulho na rua", há duas ocorrências do artigo indefinido masculino plural.

(12) É facultativo o uso do artigo com os pronomes possessivos: "Sua intenção era das melhores" ou "A sua intenção era das melhores".

(13) Os substantivos "Bahia", "Amazonas", "Santa Catarina", "Goiás" e "Andes" admitem o artigo.

(14) Em "Ele falava com uma segurança que impressionava a todos", o artigo indefinido tem a função de realçar (dar intensidade a) uma ideia.

(15) Em "Toda a casa ficou alagada" e "Toda casa deve ter segurança", há paralelismo semântico.

(16) Na construção "Ambas as partes chegaram a um acordo", o emprego do artigo definido é opcional.

(17) Na frase "Visitei um artista cujos quadros são famosos", falta artigo definido antes do substantivo "quadros".

(18) Nas construções "terno preto", "prédio redondo", "cheque frio", "pequena empresa", os adjetivos designam, respectivamente, cor, forma, temperatura, proporção.

(19) Se os poemas são heróis e cômicos, são "poemas herói-cômicos".

(20) Variam-se, em número, todos os elementos que compõem os seguintes adjetivos compostos: surdo-mudo, verde-mar, azul-marinho, cor-de-rosa.

(21) O plural de "lente côncavo-convexa" corresponde a "lentes côncavas-convexas".

(22) O plural de "olho verde-lagoa" corresponde a "olhos verde-lagoas".

(23) Em "Senadores são tão competentes quanto deputados", o adjetivo "competentes" está no grau

comparativo de igualdade, que pode ser determinado pelas locuções: tanto...quanto, ...assim como..., tão... quanto, ...do mesmo jeito que..., e outras variações.

(24) Ao se utilizar do grau comparativo de superioridade ("A ciência é mais consciente do que a ideologia") ou do grau comparativo de inferioridade ("A ideologia é menos consciente do que a ciência"), o redator pode dispensar a forma "do", sem função morfossintática.

(25) Em "conselho de mãe", "dor de estômago" e "período da tarde", os termos preposicionados constituem locuções adjetivas.

(26) Em "É óbvio que isto é melhor que aquilo!", há dois pronomes demonstrativos.

(27) No trecho "Fui professora durante minha juventude, mas já não **o** sou agora", o vocábulo destacado corresponde a um pronome demonstrativo com função catafórica.

(28) Na construção "Fá-**lo**-ei, libertarei o Brasil do domínio português", o vocábulo destacado corresponde a um pronome demonstrativo com função anafórica.

(29) Em "Os nossos sonhos estão perdidos de **nós** mesmos" e "Sei o que cabe a **mim** fazer", os pronomes "nós" e "mim" são oblíquos tônicos.

(30) Na frase "O artista se matou hoje pela manhã", o pronome "se" indica reflexivização do verbo.

(31) Em "O deputado e o delegado se entenderam depois do conflito", o pronome "se" indica reflexivização e reciprocidade.

(32) A construção "Vossa Majestade deveis exigir a manifestação de vossos súditos" está em consonância com a norma culta da língua portuguesa.

(33) Em "Certos objetos chegam na hora certa", os vocábulos "Certos" e "certa" apresentam igual função morfossintática.

(34) Na construção "Ela me mostrou uma página de que eu gostei", o vocábulo "que" funciona como pronome relativo.

(35) Em "Quem editou este artigo?", o vocábulo destacado constitui pronome interrogativo substantivo.

(36) No enunciado "Muito já fiz", destacou-se advérbio de intensidade.

(37) Caso se substitua o objeto direto na construção "É importante definir as estratégias", obter-se-á, em estilo formal culto, a construção "É importante definí-las".

(38) Caso se substitua o objeto direto na construção "É necessário destruir a prova", obter-se-á, em estilo formal culto, a construção "É necessário destruí-la".

(39) Em "Às vezes, as palavras possuem duplo sentido" e em "Arrecadou-se o triplo dos impostos relativos ao ano passado", registraram-se numerais multiplicativos.

(40) As expressões "às pressas, à toa, às cegas, às escuras, às vezes, de quando em quando, de vez em quando, à direita, à esquerda, em vão, frente a frente, de repente, de maneira alguma", usadas em textos diversos, são locuções adverbiais.

(41) Algures (= em algum lugar), alhures (= em outro lugar), nenhures (= em nenhum lugar) são, do ponto de vista morfológico, advérbios.

(42) Em "Nunca fui vadio e jamais traí meus compatriotas", "**Nunca**" e "**jamais**" servem de advérbios temporais ou de negação.

(43) Nas construções "Havia pouco entusiasmo no local" e "O atleta dormiu pouco durante a noite", a palavra "pouco", nas duas ocorrências, exerce igual função morfossintática.

(44) Na frase "A sociedade agiu contra a ética", o vocábulo "contra" classifica-se como preposição essencial.

(45) Em "Agimos *conforme* a atitude deles", "Obtiveram *como* resposta um bilhete" e "Ele terá *que* fazer o trabalho", destacaram-se preposições acidentais.

(46) Em "O presidente falou a respeito de crise econômica", a estrutura "a respeito de" corresponde a uma locução prepositiva, assim como "junto de, por cima de, em cima de, acerca de, a fim de, apesar de, através de, de acordo com, em cima de, em vez de, junto de, à procura de, à busca de, à distância de, além de, antes de, depois de", entre outras.

(47) As construções "Isso não depende de o professor querer" e "Isso não depende de ele querer" não estão em conformidade com o padrão culto da linguagem.

(48) Nos trechos "Estivemos **em** São Paulo", "Essas ginastas vieram **do** Japão", "Recebeu a herança **do** avô paterno" e "Adquiriu roupas **de** lã", as preposições indicam, respectivamente, as ideias de lugar, origem, posse e matéria.

(49) Em "Dize-me com quem andas, **que** eu te direi quem és", a palavra "que" corresponde a conjunção coordenativa aditiva.

(50) Na construção "Como o calor estivesse forte, pusemo-nos a andar pelo Passeio Público", a palavra "Como" corresponde a conjunção subordinativa causal e admite a substituição por "Porque" ou "Porquanto".

NÍVEL 2

1. (CESPE) Todas as opções contêm associação correta entre os vocábulos sublinhados e as respectivas classes gramaticais, exceto.

a. ( )"havia uma efígie feminina estampada" / substantivo / adjetivo / adjetivo.

b. ( )"eles eram neutros, imponentes e prestigiados"/ adjetivo / adjetivo / adjetivo.

c. ( )"há uma simbologia política brasileira" / substantivo / adjetivo / adjetivo.

d. ( )"conheci o numismata paulista Cláudio Amato"/ adjetivo / adjetivo / substantivo.
e. ( )"eram cenas tradicionais de sua paisagem" / substantivo / adjetivo / substantivo.

2. (CESPE) Assinale a sequência correta no que se refere à classe gramatical dos vocábulos sublinhados no texto a seguir.

Neologismo
Beijo pouco falo menos ainda
Mas invento palavras
Que traduzem a ternura mais funda
E mais cotidiana.
Inventei, por exemplo, o verbo teadorar
Intransitivo:
Teadoro, Teodora.

(Manuel Bandeira)

a. ( ) verbo - advérbio - pronome - conjunção.
b. ( ) substantivo - advérbio - conjunção - conjunção
c. ( ) verbo - pronome - pronome - preposição
d. ( ) substantivo - pronome - conjunção - conjunção

3. (CESPE) Leia o texto abaixo.

Nosso século é o da aceleração tecnológica e científica, que se operou e continua a se operar em ritmos antes inconcebíveis. Foram necessários milhares de anos para passar do barco e remos à caravela ou da energia eólica ao motor de explosão; e em algumas décadas se passou do dirigível ao avião, da hélice ao turborreator e daí ao foguete interplanetário.

No texto,

(0) o sinal indicativo de crase, obrigatório antes de "caravela"(L-4), justifica-se pela ocorrência de um objeto indireto construído por um substantivo feminino.

(1) as partículas "se", presentes nas linhas 2 e 5, pertencem todas à mesma classe gramatical e desempenham igual função sintática.
(2) há quinze substantivos, a maioria concretos, dos quais quatro estão qualificados por cinco adjetivos.

4. (CESPE) Tomando como parâmetro a forma flexionada lugares-comuns, indique a opção em que os dois elementos dos dois substantivos compostos recebem a marca de plural.

a. ( )cavalo-vapor / guarda-roupa
b. ( )decreto-lei / matéria-prima
c. ( )salvo-conduto / vice-diretor
d. ( )comandante-em-chefe / marca-d'água
e. ( )surdo-mudo / bem-falante

5. (CESPE) Assinale a opção em que o plural do substantivo composto está incorreto.

a. ( ) Os funcionários fizeram muitos abaixo-assinados solicitando reformas.
b. ( )Os salários-família recebidos pelos funcionários são insuficientes.
c. ( )Os guardas-livros organizavam informações que hoje estão nos computadores.
d. ( )Os recém-nascidos têm direito ao leite materno.
e. ( )Os bancos precisam de guardas-noturnos competentes.

6. (CESPE) Assinale a opção correta em relação ao plural das palavras compostas.

a. ( )Era prodigioso contemplar as **vitória-régias**.
b. ( )Os cravos **vermelho-crepúsculos** pareciam artificiais.

c. ( )Borboletas **azuis-marinho** sobrevoam o lagoão fechado.
d. ( )As pétalas **recém-abertas** estavam de um branco finíssimo.
e. ( )São inesquecíveis os **pôr-do-sol** da Amazônia!

7. (CESPE) Em "Também tem marcas em código braile".

a. ( )falta o acento no verbo, pois o sujeito é plural.
b. ( )com a substituição da forma verbal pelo **haver**, ter-se-ia a forma **hão.**
c. ( )**braile** é adjetivo.
d. ( )há advérbio de modo.
e. ( )o sujeito é indeterminado.

8. (CESPE) Marque a opção em que todas as palavras são adjetivos e estão separadas, corretamente, em sílabas.

a. ( )as-sis-tên-cia / dig-no / hu-mi-lha-ção
b. ( )con-stran-gi-do / a rro-gan-tes / re-a-lis-ta
c. ( )in-te-lec-tual / e-fe-ti-vo / cor-ru-pto
d. ( )ad-mi-ra-dís-si-mo / res-pei-tá-veis / i-nin-ter-rup-to
e. ( )a-dmi-ti-mos / sub-me-ti-dos / con-vin-ha

9. (CESPE) Observe:

Na acolhedora Barcelona, deparávamos sempre com um sorriso alegre ou um olhar bondoso do povo espanhol.

Da frase acima, são adjetivos todas as palavras da alternativa:

a. ( )acolhedora, deparávamos, sempre, sorriso
b. ( )sempre, sorriso, alegre, povo
c. ( )deparávamos, alegre, bondoso, espanhol
d. ( )acolhedora, alegre, bondoso, espanhol

10. (CESPE) Assinale a opção correta.

a. ( )Espécim é singular de "espécimes".
b. ( )O antônimo de "bem-feito" é mau-feito.
c. ( )"três" é número ordinal.
d. ( )"tecnologia" é palavra trissílaba.
e. ( )Em "a mais moderna do mundo", há adjetivo no grau superlativo relativo.

11. (ESAF) Assinale a opção incorreta quanto ao emprego do adjetivo.

a. ( )dor cervical - dor no pescoço
b. ( )paisagem insular - paisagem da ilha
c. ( )estratégia bélica - estratégia de guerra
d. ( )corpo docente - corpo de professores
e. ( )fisionomia simiesca - fisionomia de cão

12. (ESAF) Assinale a alternativa que apresenta erro no numeral indicado nos parênteses em relação aos números incluídos nas frases:

a. ( )Na lista dos aprovados, seu nome apareceu no 389º lugar. (trecentésimo octogésimo nono)
b. ( )O capítulo XIII do romance contém revelações surpreendentes sobre o enredo. (treze)
c. ( )Ata da 56ª sessão ordinária do condomínio Edifício Bela Morada. (quinquagésima sexta)
d. ( )Foram doados à Biblioteca Municipal 660 obras de escritores brasileiros. (seiscentos e sessenta)
e. ( )O Artigo 196 da Constituição Federal refere-se ao direito à saúde. (cento e noventa e seis)

13. (ESAF) "A educação é direito de <u>todos</u> e dever do Estado e da Família."

A palavra sublinhada na frase acima classifica-se como pronome.

a. ( )relativo
b. ( )indefinido

c. ( )possessivo
d. ( )demonstrativo
e. ( )pessoal

14. (CESPE) Flexione o verbo "fazer":

I - No gerúndio
II - Na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo.
III - Na 1ª pessoa do plural do pretérito imperfeito do indicativo.
IV - No particípio
V - Na 2ª pessoa do singular do futuro do presente do indicativo
As formas obtidas estão dispostas em ordem alfabética:

a. ( )V - I - III - IV - II
b. ( )IV - III - II - I - V
c. ( )V - III - IV - II - I
d. ( ) III - I - IV - II - V
e. ( ) V - I - IV - II - III

15. (CESPE) Indique a opção com a associação correta entre as palavras grifadas e as classes gramaticais respectivas à direita.

a. ( )<u>muito</u> pouco / <u>pouco</u> tempo - pronome / pronome
b. ( )<u>muito</u> tempo / <u>nenhuma</u> censura - pronome / advérbio
c. ( )<u>alguns</u> milhões / <u>mais</u> terrível - advérbio / advérbio
d. ( )<u>pouco</u> tempo / <u>mais</u> terrível - advérbio / pronome
e. ( )<u>mais</u> inviolável / <u>mais</u> honra - advérbio / pronome

16. (ESAF) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas.

I - O assunto _____ o qual se vai pesquisar será definido por todos.
II - Os manifestantes retiram-se da praça _____ protesto.
III - Aberto o malote, o diretor recomendou que as cartas fossem colocadas _____ sua mesa.

f. ( )sobre / sob / sobre
a. ( )sob / sob / sobre
b. ( )sob / sobre / sob
c. ( )sob / sob / sobre
d. ( )sobre / sob / sob

17. (CESPE) "Nós merecemos a morte, porque somos humanos."

Começando o período com a segunda oração, conservando o mesmo sentido, teríamos:

a. ( )Nós somos humanos, portanto merecemos a morte.
b. ( )Nós somos humanos, embora mereçamos a morte.
c. ( )Nós somos humanos, porque merecemos a morte.
d. ( )Nós somos humanos, para merecermos a morte.
e. ( )Nós somos humanos, se merecermos a morte.

18. (CESPE) No exemplo anterior, já fizemos da oração causal a principal, a outra, para conservar o mesmo sentido teve que ser:

a. ( )conclusiva
b. ( )concessiva
c. ( )explicativa
d. ( )final
e. ( )condicional

19. (ESAF) Marque a alternativa que contém conjunção subordinativa condicional.

a. ( )Melhoramos nosso trabalho, à medida que nos esforçamos mais.
b. ( )Embora não estivesse com razão, continuava argumentando.
c. ( )Repare todos os dados, para fazermos os cálculos das despesas.
d. ( )Por não dispor de tempo, ainda não consegui visitá-lo.
e. ( )Caso seja aprovado e contratado, continuarei meus estudos.

20. (Fundação Carlos Chagas) Sem dúvida, ele tem um ar muito inocente; contudo, algo me diz que é um mentiroso.

Comece com: Algo me diz que ele é...

a. ( )desde que tenha
b. ( )se tiver
c. ( )embora tenha
d. ( )caso tivesse
e. ( )dado que tem

21. (Fundação Carlos Chagas) Fez uma dieta tão violenta, que emagreceu vinte quilos em um mês.

Comece com: Emagreceu...

a. ( )sem ter feito
b. ( )embora fizesse
c. ( )quando fez
d. ( )desde que fizesse
e. ( )por ter feito

22. (Fundação Carlos Chagas) Diga-me a verdade, ou não nos falaremos mais.

Comece com: Não nos falaremos...

a. ( )porquanto
b. ( )posto que
c. ( )nem que
d. ( )a não ser que
e. ( )de modo que

23. (Fundação Carlos Chagas) Se você preferir, podemos decidir isso depois.

Comece com: Podemos...

a. ( )quando
b. ( )desde que
c. ( )apesar de que
d. ( )no entanto
e. ( )logo que

24. (Fundação Carlos Chagas) Abraçou-me com tal ímpeto, que não pude evitá-lo.

Comece com: Não pude evitá-lo...

a. ( )assim
b. ( )quando
c. ( )à medida que
d. ( )então
e. ( )porque

25. (Fundação Carlos Chagas) Ela é muito jovem, mas sabe assumir responsabilidades.

Comece com: Ela sabe assumir responsabilidades...

a. ( )mesmo

b. ( )tanto que
c. ( )desde que
d. ( )visto que
e. ( )para que

26. Assinale o período em que o <u>lhe</u> não tem valor de pronome possessivo:

a. ( )"...quase sentia morder-lhe a pele o frio úmido da madrugada..."
b. ( )"A franja comprida ameaçava entrar-lhe pelos olhos bistrados."
c. ( )"A voz de Magô pareceu-lhe anônima."
d. ( )"Foi de olhos baixos que lhe acendeu o cigarro."
e. ( )"Um baque metálico decepou-lhe a palavra pelo meio."

27. (Fuvest-SP) Selecione a alternativa que contém a forma adequada ao preenchimento das lacunas.

Era para...falar...ontem, mas não...encontrei em parte alguma.

a. ( )mim-consigo-o
b. ( )eu-com ele-lhe
c. ( )mim-consigo-lhe
d. ( )mim-contigo-te
e. ( )eu- com ele-o

28. (CESPE) Assinale a alternativa correta com relação ao uso do pronome pessoal:

a. ( )Entre eu e ti existe um grande sentimento.
b. ( )Isto representa muito para mim viver.
c. ( )Com tu, passo os momentos mais felizes de minha vida.
d. ( )Sempre lhe quis ao meu lado.
e. ( )De fato, entre mim e ti, há sempre um clima de harmonia.

29. (CESPE) Indique a opção em que um dos pronomes destacados tem valor de adjetivo:

a. ( )Não sei que diz aquele anúncio.
b. ( )Já pensei em tudo o que ele disse.
c. ( )De que se queixa o cliente?
d. ( )Este livro é o que comprei ontem.
e. ( )Acreditei que fosse outra pessoa.

30. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção em que há erro na substituição do termo destacado pelo pronome oblíquo:

a. ( )não queria ver os irmãos/ não queria vê-los.
b. ( )espalhara balões sugados pelo teto/ espalhara-os.
c. ( )para que não desarrumassem a casa/ para que não a desarrumassem.
d. ( )arrastando crianças surpreendidas/arrastando-as.
e. ( )olharam a aniversariante de modo mais oficial/ olharam-lhe de modo mais oficial.

31. (Fuvest-SP) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas correspondentes.

Eu...desconheço.
Roubaram-...o carro.
Os carros? Roubaram-...
Não...era permitido ficar na sala.
Obrigaram-...a sair daqui.

a. ( )o, lhe, nos, lhe, nos
b. ( )lhe, o, o, o, no
c. ( )os, lhe, lhe, lhe
d. ( )lhe, lhe, lhe, se, os
e. ( )o, o, os, lhe, no

32. (FCC) Em todos os versos, o pronome destacado está corretamente classificado, exceto em:

a. ( )Isto aqui não é Vitória

nem é Glória do Goitá. Indefinido
b. ( )O mar de nossa conversa
precisa ser combatido. Possessivo
c. ( )Seu José, mestre carpina,
que lhe pergunte permita. Pessoal
d. ( )Primeiro é preciso achar
um trabalho de que viva. Relativo
e. ( )Mas este setor de cá
é como a estação dos trens. Demonstrativo

33. (FCC) Passando para a 2ª pessoa a frase "Sente-se, pegue sua prova, leia e restrinja-se a responder o que lhe foi proposto", teremos:

a. ( )Sente-se, pegue tua prova, lê-a e restringe-te a responder o que lhe foi proposto.
b. ( )Senta-te, pega tua prova, lê-a e restringe-te a responder o que te foi proposto.
c. ( )Sentai-vos, pegai vossa prova, leia-a e restringi-vos a responder o que vos foi proposto.
d. ( )Senta-te, pegue sua prova, leia-a e restringe-te a responder o que te foi proposto.
e. ( )Senta-se, pegue sua prova, lede-a e restringi-vos a responder o que vos foi proposto.

34. (FCC) Para que não.....equívocos quanto ao funcionamento da biblioteca.....no quadro mural além de outros avisos, todos os horários de atendimento.

a. ( )continuassem ocorrer, foi afixado.
b. ( )continuassem a ocorrer, foi afixado.
c. ( )continuasse a ocorrer, foi afixado.
d. ( )continuassem a ocorrer, foram afixados.
e. ( )continuassem a ocorrerem, foram afixados.

35. (Cesgranrio) Assinale o período em que aparece forma verbal incorretamente empregada em relação à norma culta da língua.

a. ( )Se o compadre trouxesse a rabeca, a gente do ofício ficaria exultante.
b. ( )Quando verem o Leonardo, ficarão surpresos com os trajes que usava.
c. ( )Leonardo propusera que se dançasse o minuete da corte.
d. ( ) Se o Leonardo quiser, a festa terá ares aristocráticos.
e. ( )O Leonardo não interveio na decisão da escolha do padrinho do filho.

36. (FCC) Em todas as opções a lacuna pode ser preenchida pelo verbo indicado entre parênteses, no subjuntivo, exceto em:

a. ( )Olhou para o cão, enquanto esperava que lhe.....a porta. (abrir)
b. ( )Por que foi que aquela criatura não.....com franqueza? (proceder)
c. ( )É preciso que uma pessoa se.....para encurtar a despesa. (trancar)
d. ( )Deixa de luxo, minha filha, será o que Deus..... (querer)
e. ( )Se isso me.....possível, procuraria a roupa.(ser)

37. (FCC) Indique a opção em que o verbo está empregado corretamente.

a. ( )Você já *reouve* o que lhe emprestou?
b. ( )Quando nos *vermos* de novo, não seremos os mesmos.
c. ( )Viemos agora neste instante porque <u>vimos</u> ontem e não o encontramos.
d. ( )Se nós *intervíssemos* em seu discurso, ele nos excomungaria.

e. ( )Gastou o que tinha mas se *prouve* do essencial por meses.

38. (Cesgranrio-RJ) Assinale o item em que há erro de conjugação verbal em relação à norma culta da língua:

a. ( )Era necessário que o governo impusesse medidas para baratear os produtos editoriais.
b. ( )Se o trabalhador dispuser de adequadas bibliotecas, ter-se-á dado um importante passo para o desenvolvimento cultural do país.
c. ( )Seria de todo desejável que a classe trabalhadora se entretivesse mais com a leitura de livros e revistas.
d. ( )Era importante que se contradissesse, com as evidências disponíveis, a afirmação de que o trabalhador rejeita a leitura.
e. ( )O trabalhador quase não tem intervido nas discussões sobre a comercialização dos produtos editoriais.

39. (NCE) As expressões destacadas correspondem a um adjetivo, exceto em:

a. ( )João Fanhoso anda amanhecendo sem *entusiasmo*.
b. ( )Demorava-se de *propósito* naquele complicado banho.
c. ( )Os bichos *da terra* fugiam em desabalada carreira.
d. ( )Noite fechada sobre aqueles ermos perdidos da caatinga *sem fim*.
e. ( )E ainda me vem com essa conversa de homem *da roça*.

40. (NCE) Marque a opção que indica as classes das palavras destacadas conforme a ordem em que estas aparecem a seguir:

"Ante essa repulsa obstinada, teve as mais variadas reações".

"Isso produzia nele um constrangimento não só perante todos quantos sabiam da história como também perante si mesmo."

a. ( )advérbio, adjetivo, numeral, pronome demonstrativo, advérbio.
b. ( )preposição, adjetivo, advérbio, pronome demonstrativo, preposição.
c. ( )preposição, adjetivo, advérbio, pronome demonstrativo, advérbio.
d. ( )advérbio, verbo, pronome indefinido, pronome relativo, adjetivo.
e. ( )conjunção coordenativa, adjetivo, numeral, pronome indefinido, preposição.

41. (Fesp) Assinale a alternativa em que a palavra destacada não corresponde à afirmação.

a. ( )"Um publicitário morreu e como era da área de atendimento e mau..."- conjunção subordinativa causal;
b. ( )"Uma das técnicas que podemos usar é a de transformar..."- artigo definido que acompanha a palavra "técnica".
c. ( )"Servem a mesa pessimamente"- advérbio que indica uma circunstância de modo em relação ao verbo servir;
d. ( )"Muito bom!"- advérbio que intensifica o adjetivo;
e. ( )"Os humoristas, como se sabe..."- conjunção subordinativa conformativa.

42. (Fuvest-SP) Nas frases abaixo, cada espaço pontilhado corresponde a uma conjunção retirada.

"Porém já cinco sóis eram passados ____ dali nos partíramos..."
____ estivesse doente faltei à escola.
____ haja maus nem por isso devemos descrer dos bons.
Pedro será aprovado ____ estude
____ chova sairei de casa.

As conjunções retiradas são, respectivamente:

a. ( )quando, ainda que, sempre que, desde que, como.
b. ( )que, como, embora, desde que, ainda que.
c. ( )como, que, porque, ainda que, desde que.
d. ( )que, ainda que, embora, como, logo que.
e. ( )que, quando, embora, desde que, já que.

43. (Fuvest-SP) "Se você vai sair agora, nunca saberá se dissemos a verdade a eles e qual foi sua reação ao se verem diante daquela descoberta."

No texto acima, a partícula se é respectivamente:

a. ( )conjunção condicional, conjunção condicional, partícula apassivadora.
b. ( )conjunção integrante, partícula expletiva, partícula apassivadora.
c. ( )conjunção integrante, pronome reflexivo, pronome reflexivo.
d. ( )conjunção condicional, conjunção integrante, pronome reflexivo.
e. ( )conjunção condicional, conjunção integrante, partícula apassivadora.

44. (Álvares Penteado-SP) Assinale a alternativa cuja relação é incorreta:

a. ( )Sorria às crianças <u>que</u> passavam. - pronome relativo
b. ( )Declaram <u>que</u> nada sabem. - conjunção integrante
c. ( )<u>Que</u> alegre manifestação a sua. - advérbio de intensidade
d. ( )<u>Que</u> enigmas há nessa vida! - pronome adjetivo indefinido
e. ( )Uma ilha <u>que</u> não consta do mapa. - conjunção coord. explicativa

UnB/CESPE - SEPLAG/DETRAN/DF (Cargo 15: Auxiliar de Trânsito)

Ao longo da segunda metade do século XIX, época da introdução das ferrovias no Brasil, uma sucessão de planos de viação foi apresentada aos governos, todos **eles** descartando as rodovias como principal instrumento de integração e colocando ênfase nas vias férreas e na navegação fluvial e marítima como a solução para os problemas do isolamento a que ainda se viam submetidas as regiões brasileiras. O estudo do engenheiro militar Eduardo José de Moraes, apresentado ao governo imperial em 1869, continha ambicioso projeto de aproveitamento de vários rios brasileiros. O seu trabalho, intitulado "Navegação Interior no Brasil", destacava as enormes potencialidades das bacias hidrográficas brasileiras, prevendo a implantação de uma ampla rede de navegação fluvial, que facilitaria as comunicações dos mais remotos pontos do país entre si, por meio da construção de canais, eclusas e outras obras de engenharia. O plano, além de enfatizar o aproveitamento das vias interiores de navegação, preconizava, ainda, a integração do sistema fluvial com as ferrovias e com a navegação de cabotagem, por meio da construção de três grandes estradas de ferro conectando os portos do Rio de Janeiro, de Salvador e de Recife com as bacias — tudo isso de uma forma harmônica e coordenada. A implementação desses planos e de outros que se seguiram terminou constituindo não mais do que uma aspiração não concretizada de grandes estadistas brasileiros do século XIX.

Olímpio J. de Arroxelas Galvão. In: Internet: <www.ipea.go v.br>.

Com base nesse texto, julgue o próximo item.

1. O pronome "eles" [destacado] é elemento coesivo que retoma o antecedente "governos".

UnB/CESPE – SEPLAG/DETRAN/DF (Cargo 15: Auxiliar de Trânsito)Considere a hipótese de que o documento a seguir tenha sido redigido para ser encaminhado ao diretor de segurança no trânsito do DETRAN/DF.

Memorando n.º 3/NUCET
Em 5 de fevereiro de 2009.
Ao D.D. Diretor de Segurança no Trânsito do DETRAN/DF
Assunto: .....

Tem ocorrido, em anos anteriores, excessos de motoristas quanto à perigosa mistura bebida + direção, nos dias de folia carnavalesca, **onde** a ingestão de bebidas alcoólicas se eleva, em nome da descontração e da alegria próprios dos brasileiros.

2. Nessa época, desaparecem as diferenças entre pobre e rico, jovem e velho, mulheres e homens, e todos se lançam à folia, como se o mundo fosse acabar amanhã.

3. Por causa disso, solicito a **Vossa Senhoria** a presença do Grupo de Teatro do DETRAN na Praça do DI, reduto dos foliões mais intempestivos, **onde** se verificam muitas ocorrências de trânsito irresponsável, no intuito de intensificar as atividades educativas em Taguatinga, neste ano.

4. Certo de contar com **vossa atenção**, já demonstrada em preitos anteriores, coloco-me à disposição para o que for de seu desejo.

Atenciosamente,
FSFilho
Chefe do Núcleo de
Campanhas Educativas de Trânsito

Com base no texto apresentado e no que estabelece o Manual de Redação da Presidência da República acerca da comunicação oficial, julgue os itens a seguir.

2. Está correto o emprego do tratamento "Vossa Senhoria", no terceiro parágrafo do documento em questão, mas incorreto o uso do pronome possessivo

de segunda pessoa do plural no quarto parágrafo: "vossa atenção".

3. Considerando-se as duas ocorrências do advérbio "onde", primeiro e terceiro parágrafos do documento, apenas na primeira respeitam-se as normas do padrão escrito formal da língua portuguesa para o emprego desse advérbio.

UnB/CESPE – PETROBRÁS

Quando se fala em tecnologia, geralmente vem à mente uma série de artigos eletrônicos de última geração, artefatos complexos, frutos de investigações científicas altamente sofisticadas. Pensa-se, via de regra, em máquinas superpoderosas, computadores, celulares e outros artefatos do gênero. Mas essa visão é, certamente, incompleta, pois tecnológicas **também** são as descobertas ou invenções que não parecem ser, ao nosso olhar atual, tão complexas e sofisticadas. É tecnologia a utilização do fogo há cerca de **800 mil anos**, a criação de instrumentos de pedra há 100 mil, da roda há 4 mil, para citar algumas. Tecnológicas são quaisquer criações que ampliem nossas características naturais.

Lília Pinheiro. **Homem: o ser tecnológico.** In: ***Filosofia ciência & vida***, ano III, no 27 (com adaptações).

Mantém-se a coerência e a correção gramatical do texto ao se:

4. suprimir o advérbio "também".
5. inserir o advérbio **atrás** logo após a expressão "800 mil anos".

UnB/CESPE – PETROBRAS

Enquanto para a teoria tradicional a necessidade do trabalho teórico significa o respeito às regras gerais da lógica formal, ao princípio da identidade e da não-contradição, ao procedimento indutivo ou dedutivo, à restrição do trabalho teórico a um campo claramente delimitado, a noção de necessidade para a teoria crítica continua

presa a um juízo existencial: libertar a humanidade do jugo da repressão, da ignorância e da inconsciência. Esse juízo preserva, em sua essência, o ideal iluminista: usar a razão como instrumento de libertação para realizar a autonomia, a autodeterminação do homem. Como se pode ver, o objeto da teoria tradicional e o da teoria crítica não podem coincidir. **Enquanto** para a primeira o objeto representa um dado externo ao sujeito, a teoria crítica sugere uma relação orgânica entre sujeito e objeto: o sujeito do conhecimento é um sujeito histórico que se encontra inserido em um processo igualmente histórico que o condiciona e molda.

6. O uso da conjunção "Enquanto" [nos dois exemplos destacados no texto] tem a função estilística e semântica de marcar dois tempos diferentes: o do predomínio da teoria tradicional e o do predomínio da teoria crítica.

UnB/CESPE - PETROBRAS

As relações internacionais constituem-se **em**(1) uma das questões centrais referidas ao desenvolvimento **em**(2) uma conjuntura em que, além do acentuado aumento da interdependência econômica entre as nações, temos agora sua crescente interdependência ecológica. Os países em desenvolvimento têm de atuar **em**(3) um contexto **em**(4) que se amplia o fosso entre a maioria das nações industrializadas e aquelas em desenvolvimento em matéria de recursos, **em**(5) que o mundo industrializado impõe as regras que regem as principais organizações internacionais - e já usou grande parte do capital ecológico do planeta.

7. Para se evitar o uso recorrente da preposição **em**, podem-se alterar algumas estruturas linguísticas do texto. Entretanto, provoca-se incoerência entre os argumentos ou incorreção gramatical ao se:

(A) escrever **constituem uma** em lugar de "constituem-se em uma" (1).
(B) suprimir a segunda ocorrência de "em" (2).
(C) usar a contração no termo "em um contexto" (3): **num contexto.**
(D) substituir "em que se amplia" (4) por **no qual se amplia.**
(E) substituir "em que o mundo" (5) por **onde o mundo.**

UnB/CESPE - PETROBRAS

O petróleo sempre mobilizou politicamente a sociedade brasileira ao longo do século XX e assim continua a **fazê-lo** nesse começo de século. Por muitas razões, entre **elas** a de seu alto valor estratégico para a economia dos países e para o desenvolvimento das nações. O interessante é que passam os anos, mas **não se** alteram muito as posturas dos grupos que entre **si** se opõem relativamente às formas de exploração e de produção do petróleo no país.

Desde 1947, a opinião pública brasileira foi confrontada com essa duplicidade de atitudes, intensificada pela campanha **O Petróleo É Nosso**, que alguns chegam a considerar tão intensa e apaixonante, no século XX, quanto fora a da abolição da escravatura, no século XIX. No cenário que **se** seguiu ao fim da 2ª Guerra Mundial, em que o liberalismo anglo-saxão vencedor repercutiu também no Brasil com a queda do Estado Novo e da ditadura Vargas, os assim chamados entreguistas, com forte representação na grande imprensa e nas grandes organizações patronais, propugnavam pela abertura total do país ao capital estrangeiro para a exploração do petróleo em terras brasileiras. Contra eles, os nacionalistas, que pregavam o monopólio estatal do petróleo, que acreditavam na capacidade de planejamento e de atuação eficaz do Estado e que não admitiam outra alternativa que não fosse a da criação de uma empresa nacional para a exploração do então chamado ouro negro.

8. Assinale a opção correta a respeito do emprego dos pronomes oblíquos no texto.

(A) A supressão do pronome oblíquo em "fazê-lo" provocaria erro gramatical visto que não haveria, na oração, elemento que garantisse a coesão e a coerência do período.

(B) A substituição do pronome "elas" por **si** não só preservaria a coerência das ideias e a correção gramatical, mas também conferiria estilo mais formal ao texto.

(C) Caso se suprimisse da oração o advérbio "não", o pronome "se" deveria, obrigatoriamente, em respeito às regras gramaticais, ser utilizado depois do verbo: **alteram-se**.

(D) Em respeito às regras gramaticais, o pronome "si" é empregado antes da forma verbal "opõem" porque ela já está acompanhada do pronome "se".

(E) Apesar da possibilidade gramatical do emprego do pronome oblíquo depois da forma verbal "seguiu", em textos escritos na modalidade padrão da língua, tende-se a utilizá-lo antes do verbo quando há, no início da oração, pronomes como "que".

UnB/CESPE – CODEBA (Cargo 1: Administrador de Empresas)

9. Em "a singularidade brasileira está na abundância energética de nossa natureza", há apenas dois adjetivos e três substantivos abstratos.

UnB/CESPE – SGA/PCAC (Cargo 1: Perito Médico-Legal) Julgue os itens com referência ao emprego das classes de palavras e à sintaxe da oração e do período.

10. Em "Não importa se vítima ou agressor: o periciado tem o direito de ser visto e respeitado como homem, sendo examinado em ambiente neutro, sem a presença de estranhos, devendo sentir-se seguro e livre de coações", são substantivos os vocábulos:

vítima, agressor, periciado, direito, homem, ambiente, presença, estranhos e coações.

11. Em "Por sua vez, o médico-legista deve exercer seu mister livre de constrangimentos, coações ou pressões de quaisquer espécies, mantendo o respeito incondicional pelo homem", os seguintes adjetivos são derivados de verbos: **mister, livre, coações, pressões, respeito.**
12. As duas circunstâncias de tempo no período "Nunca, jamais, devem acontecer ocorrências que levem o periciado a confundir a figura parcial e isenta do médico-legista com o aparelho repressor do Estado" exercem a função sintática de adjuntos adverbiais e têm, ambas, carga semântica negativa.

UnB/CESPE - SEAD/SEDUC (Cargo 12: Professor AD-4 - Disciplina: Português)

A esperança, essa característica exclusivamente **humana**, nos dirige para dias **melhores** que os **atuais**, fazendo nascer a ideia de um Brasil onde não mais existam **injustiça**, discriminação e marginalização social. A confiança, desenvolvida e **amadurecida** nos processos de convivência e de diálogo, nos diz que existem outras pessoas coparticipantes desses processos que percebem a necessidade de união e mobilização para a transformação da sociedade.

13. "Esperança, confiança e conquista" e "Coragem, conflito, desobediência" pertencem à mesma classe gramatical.
14. Os vocábulos "humana", "melhores", "atuais", "injustiça", "social" e "amadurecida" estão empregados no texto como adjetivos.

UnB/CESPE – PMV/SEMUS (Cargo 1: Enfermeiro do Trabalho)

A origem tanto da alopatia quanto das artes de curar é a mesma: os xamãs e curadores da pré-história. Em busca do retorno ao estado de **plena** saúde, diversas trilhas foram percorridas, e não é por várias delas parecerem deslocadas no tempo e bizarras aos olhos ocidentais do século XXI que deixam de dar testemunho de sua eficiência. Embora se perceba que um paciente que passa por um tratamento, digamos, de um pajé tem mais possibilidade de se recuperar se estiver sintonizado com os níveis mitológicos presentes no ritual, um leigo também pode conseguir a remissão do seu problema. A cura envolve níveis não apenas bioquímicos, mas também psicológicos, semânticos e até parapsicológicos, a respeito dos quais nossa compreensão ainda é escassa.

15. O emprego do adjetivo "plena", qualificando "saúde", sugere que a saúde é um estado que pode ser gradualmente alcançado.

UnB/CESPE – PMV/SAÚDE (Cargo 1: Arteterapeuta)

Os sentimentos de dor e prazer são os alicerces da mente. É fácil não dar conta dessa simples realidade porque as imagens dos objetos e dos acontecimentos que nos rodeiam, bem como as imagens das palavras e frases que os descrevem ocupam toda a nossa atenção, ou quase toda. Mas é assim.Os sentimentos de prazer ou de dor ou de toda e qualquer qualidade de dor e prazer, os sentimentos de toda e qualquer emoção, ou dos diversos estados que se relacionam com **uma emoção qualquer**, são a mais universal da melodias, uma canção que só descansa quando chega o sono, e que se torna um verdadeiro hino quando a alegria nos ocupa, ou se desfaz em lúgubre réquiem quando a tristeza nos invade.

Dada a ubiquidade dos sentimentos, seria fácil pensar que sua ciência estaria já há muito elucidada. Mas não está. Dentre todos os fenômenos mentais que

podemos descrever, os sentimentos e os seus ingredientes essenciais - a dor e o prazer - são de longe os menos compreendidos no que diz respeito à sua biologia e em particular à neurobiologia. Isso é especialmente surpreendente quando pensamos que as sociedades avançadas cultivam os sentimentos da forma mais despudorada e os manipulam com práticas cuja única finalidade é o bem-estar.

*Antônio Damásio. **Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos.***

São Paulo: Companhia das Letras, 2004, pp. 11-2 (com adaptações)

16. A palavra "uma", em "uma emoção qualquer", confere sentido indefinido ao substantivo "emoção".

UnB/CESPE - IRBr (Admissão à Carreira de Diplomata) Teste de Pré-Seleção

A história do Brasil, nos três primeiros séculos, está intimamente **ligada à da expansão comercial e colonial europeia** na Época Moderna. Parte integrante do império ultramarino português, o Brasil-colônia refletiu, em **todo o largo período de sua formação colonial**, os problemas e os mecanismos de conjunto que agitaram a política imperial lusitana. Por outro lado, a história da expansão ultramarina e da exploração colonial portuguesa desenrola-se no amplo quadro da competição entre as várias potências, em busca do equilíbrio europeu; dessa forma, é na história do sistema geral de colonização europeia moderna que devemos procurar o esquema de determinações no interior do qual se processou a organização da vida econômica e social do Brasil na primeira fase de sua história e se encaminharam os problemas políticos de que essa região foi o teatro.

17. No trecho "ligada à da expansão comercial e colonial europeia", o acento grave indica crase de preposição e pronome, o qual substitui "história".
18. O emprego do artigo "o", no trecho "em todo o largo período de sua formação colonial", reflete

opção estilística do autor, visto que o artigo poderia ser eliminado, sem prejuízo para o sentido da frase.

UnB/CESPE - IRBr (Admissão à Carreira de Diplomata) Teste de Pré-Seleção

Há algo que une técnicos e humanistas. **Ambos se creem marcados** por um fator distintivo, inerente a seus cérebros: o dom da inteligência, **que os apartaria** do trabalhador manual ou mecânico. Gramsci percebe nessa crença um ranço ideológico da divisão do trabalho: "Em qualquer trabalho físico, até no mais mecânico e degradado, existe um mínimo de qualificação técnica, um mínimo de atividade intelectual criadora. Todos os homens são intelectuais, pode-se dizer, mas nem todos os homens têm na sociedade a função de intelectuais. **Não se pode separar** o *Homo faber* do *Homo sapiens*."

O que distingue, portanto, a figura pública do homem da palavra é a rede peculiar de funções que os intelectuais costumam desempenhar no complexo das relações sociais.

Á medida que o técnico se quer cada vez mais técnico, restringindo-se a mero órgão do sistema, e à medida que o humanista é deixado avulso do contexto, **um e outro se irão fechando** em suas *pseudototalidades*. O seu conhecimento político decairá. E o sistema, contentando-se com alguns profissionais mais à mão, alijará dos centros de decisão a maior parte dos intelectuais.

Um Gramsci puramente historicista talvez não pudesse dizer mais nada. Os fatos têm a sua razão, os intelectuais são o que são, e ponto-final. Mas Gramsci foi um pensador revolucionário. Por isso, via uma possibilidade de projeto no intelectual moderno, que sucederia, nesse caso, o apóstolo e o reformador de outrora.

Alfredo Bosi. ***Céu, inferno: ensaios de crítica literária e ideológica.*** *São Paulo: Ática, 1988, pp. 242-3 (com adaptações)*

Em cada um dos itens abaixo é apresentada, em relação a trechos do texto, uma alternativa de colocação pronominal. Com base na prescrição gramatical, julgue (C ou E) cada proposta apresentada.

19. ( ) "Ambos se creem marcados" / **Ambos creem-se marcados**
20. ( ) "que os apartaria" / **que apartá-los-ia**
21. ( ) "Não se pode separar" / **Não pode-se separar**
22. ( ) "um e outro se irão fechando" / **um e outro irão-se fechando**

UnB/CESPE - PMV/SAÙDE (Cargo 1: Arteterapeuta)

Toda a sua vida passou diante dos olhos

Muita gente acredita que, no momento da morte, se vê uma espécie de retrospectiva da própria vida. **Para** os cientistas, essa retrospectiva é uma alucinação causada pelo cérebro, assim como o encontro com entes queridos já falecidos ou figuras religiosas. Ocorre que, nos momentos finais, regiões do cérebro se tornam hiperativas em uma última tentativa de compensar a falta de oxigênio, cujo abastecimento diminui à medida que as batidas do coração se tornam irregulares. O cérebro então libera substâncias **para** proteger os neurônios, desligando-os. Algumas dessas substâncias agem diretamente nos receptores dos neurônios, causando o que os médicos chamam de dissociação neural.

23. A preposição **para** introduz, [nas duas ocorrências destacadas], expressões de mesmo sentido.

ESAF/Banco Central (Cargo: Analista)

No Sistema de Pagamentos Brasileiro, a tecnologia se torna variável crítica e o executivo de negócios e planejamento precisa encarar este risco sob a mesma ótica que encara os riscos de crédito e mercado. Doravante um problema tecnológico pode interferir diretamente na questão da liquidez da instituição, mesmo que por

poucos momentos. Trata-se de uma questão de continuidade de negócios.

As interrupções no processamento da informação, ou a degradação nos sistemas de informação fazem parte da rotina nas estruturas de tecnologia de qualquer empresa, seja ela financeira ou não. Esses são eventos programados **que visam atender a demandas** ocasionais do negócio ou da tecnologia.

Em relação ao texto, julgue o item.

24. Em "que visam atender a demandas", "a" é artigo feminino singular exigido pela regência do verbo "atender".

ESAF/Auditor-Fiscal da Receita Federal

25. Julgue a correção tanto do diagnóstico quanto da indicação de correção gramatical e linguística no trecho abaixo.

Podemos prever o traço fundamental do comércio colonial: ele deriva imediatamente do próprio caráter da colonização, organizada como ela está na base da produção de gêneros tropicais e metais preciosos para o fornecimento do mercado internacional. É a exportação desses gêneros, pois, que constituirá o elemento essencial das atividades comerciais da colônia.

O comércio exterior brasileiro é todo ele, pode-se dizer, marítimo. Nossas fronteiras atravessam áreas muito pouco povoadas, quando não inteiramente indevassadas. A colonização portuguesa vinda do Atlântico, e a espanhola, quase toda do Pacífico, mal tinham ainda engajado suas vanguardas, de sorte que entre ambas ainda sobravam vastos territórios **ocupados**.

*(Caio Prado Júnior, **História Econômica do Brasil**, com adaptações.)*

Diagnóstico do erro: incoerência textual no emprego do adjetivo "ocupados".
Indicação de correção: substituí-lo por *inocupados*.

UnB/CESPE/Auditoria-Geral (cargo: Auditor Interno, Nível I-A)

Nas inter-relações pessoais, é inconteste que cada um dá sua própria versão dos fatos e da vida, segundo suas particulares experiências e com base na formação que tenha acumulado ao longo de sua existência. Cada indivíduo, assim, é um ser único, que vislumbra as ocorrências à sua volta e dá tratamento específico às informações e ao conhecimento que tenha condições de absorver.

Da mesma forma, mesmo os registros históricos oficiais, como se sabe há muito, são somente a versão dos que venceram e, portanto, invariavelmente omitem ou distorcem as razões, os motivos e as realizações dos que foram vencidos.

Não menos temeroso é o conhecimento que **se transmite** por gerações por meio da arte. Partindo da premissa de que a arte imita a vida e, por consequência, reinventa a realidade, na medida em que a vida também imita a arte, por certo que perpetuar visões e conceitos mal fundamentados (a despeito de eventuais boas intenções) também representa que o artista acaba sendo, igualmente, um difusor de informações e ideias cuja confiabilidade é relativa.

Em suma, toda e qualquer avaliação da realidade passa, necessariamente, pelas impressões pessoais de quem a avalia.

*Obed de Faria Junior. **A verdade de cada um.** Internet: <recantodasletras.uol.com.br> (com adaptações).*

Julgue o uso de estruturas linguísticas no texto.

26. A colocação do pronome átono antes do verbo, em "se transmite", é obrigatória devido à presença do pronome relativo "que" no início da oração subordinada.

UnB/CESPE/IBAMA (Cargo: Analista Ambiental)

Reparação duas décadas depois

Francisco Alves Mendes Filho ainda não era um mito da luta contra a devastação da Amazônia quando foi preso, em 1981, acusado de subversão e incitamento à luta de classes no Acre, em plena ditadura militar. Chico Mendes se tornaria mundialmente conhecido, dali para a frente, por comandar uma campanha contra a ação de grileiros e latifundiários, responsáveis pela destruição da floresta e pela escravização do caboclo amazônico. Por isso mesmo foi assassinado, em 22 de dezembro de 1988, na porta de casa, em Xapuri. O crime, cometido por uma dupla de fazendeiros, foi punido com uma sentença de 19 anos de cadeia para cada um. Faltava reparar a injustiça cometida pelos militares.

E ela veio na quarta-feira 10, no palco do Teatro Plácido de Castro, em Rio Branco, na forma de uma portaria assinada pelo ministro da Justiça, Tarso Genro. Antes, porém, realizou-se uma sessão de julgamento da Comissão de Anistia, cujo resultado foi o reconhecimento, por unanimidade, da perseguição política sofrida por Chico Mendes no início dos anos 80 do século passado. A viúva do líder seringueiro, Izalmar Gadelha Mendes, vai receber uma pensão vitalícia de 3 mil reais mensais, além de indenização de 337,8 mil reais.

Leandro Fortes. Internet: <www.cartacapital.com.br> (com adaptações)

Considerando aspectos linguísticos do texto **Reparação duas décadas depois**, julgue o item a seguir.

27. A conjunção "E", por ter, no 2º parágrafo, valor adversativo, pode ser substituída pela conjunção **Mas**, sem prejuízo para as informações do texto.

UnB/CESPE/SGA/AC (Cargo 1: Administrador)

Uma decisão singular de um juiz da Vara de Execuções Criminais de Tupã, pequena cidade a 534 km da cidade de São Paulo, impondo critérios **bastante** rígidos para que os estabelecimentos penais da região possam receber novos presos, confirma a dramática dimensão da crise do sistema prisional. A sentença determina, entre outras medidas, que as penitenciárias somente acolham presos que residam em um raio de 200 km.

Segundo o juiz, as medidas **que** tomou são previstas pela Lei de Execução Penal e objetivam acabar com a violação dos direitos humanos da população carcerária e "abrir o debate a respeito da regionalização dos presídios". Ele alega **que** muitos presos das penitenciárias da região são de famílias pobres da Grande São Paulo, **que** não dispõem de condições financeiras para visitá-los semanalmente, o que prejudica o trabalho de reeducação e de ressocialização.

Sua sentença foi muito elogiada. **Contudo**, o governo estadual anunciou que irá recorrer ao Tribunal de Justiça, sob a alegação de que, se os estabelecimentos penais não puderem receber mais presos, os juízes das varas de execuções não poderão julgar réus acusados de crimes violentos, como homicídio, latrocínio, sequestro ou estupro. Além disso, as autoridades carcerárias alegam que a decisão impede a distribuição de integrantes de uma quadrilha por diversos estabelecimentos penais, seja para evitar que continuem comandando seus "negócios", seja para coibir a formação de facções criminosas.

Estado de S. Paulo, 13/1/2008, p. A3 (com adaptações).

28. A correção gramatical do texto seria mantida se a palavra "bastante" [destacada] fosse flexionada no plural, para concordar com o substantivo "critérios".
29. O emprego da conjunção "Contudo" estabelece uma relação de causa e efeito entre as orações.
30. As três ocorrências destacadas da palavra **que** correspondem à mesma função morfológica.

RESOLUÇÕES COMENTADAS

NÍVEL 1

× (1) Errado. Os substantivos "flor", "pedra" são primitivos. Contudo, "artista" é derivado de "arte".

✓ (2) Certo. De fato, são concretos os substantivos que nomeiam divindades (Deus, anjos, almas) e seres fantásticos (fada, duende, saci), pois, existentes ou não, são sempre considerados seres com vida própria.

✓ (3) Certo. Por designarem ideias ou conceitos, cuja existência depende de algo, os substantivos "justiça", "amor", "trabalho" e "honra" são abstratos.

× (4) Errado. Os substantivos "criança" e "indivíduo" são sobrecomuns.

× (5) Errado. Substantivos próprios também podem ser abstratos, se personificados ou tratados como entidades: "O Amor vence o Ódio".

✓ (6) Certo. De fato, alguns substantivos, quando mudam de gênero, alteram também a carga semântica. É o que ocorre nos exemplos: o cabeça (líder) x a cabeça (parte do corpo), o grama (unidade de medida) x a grama (planta).

× (7) Errado. Os substantivos "óculos", "núpcias", "pêsames" exigem determinantes — como artigos, pronomes, adjetivos, numerais — somente no plural: os óculos, núpcias perfeitas, meus pêsames.

× (8) Errado. Os substantivos "cartão" e "cartilha" são aumentativo e diminutivo descaracterizados. Por convenção, estão no grau normal.

✓ (9) Certo. O plural de "primeiro-ministro" corresponde a "primeiros-ministros", já que o numeral "primeiro"

e o substantivo "ministro" são classes gramaticais variáveis.

× (10) Errado. Nas construções "Já encontramos os documentos necessários" e "Eles são os que mais irritam", há uma ocorrência do artigo definido masculino plural e uma ocorrência do pronome demonstrativo "os" (= aqueles).

× (11) Errado. Em "Uma pessoa lhe telefonou" e "Uns e outros insetos faziam barulho na rua", há uma ocorrência do artigo indefinido feminino singular. Em "Uns e outros", há dois pronomes indefinidos.

✓ (12) Certo. De fato, é facultativo o uso do artigo com os pronomes possessivos: "Sua intenção era das melhores" ou "A sua intenção era das melhores". Não há alteração de sentido.

× (13) Errado. Observe: "a Bahia", "o Amazonas", "Santa Catarina", "Goiás" e "os Andes".

✓ (14) Certo. Em "Ele falava com uma segurança que impressionava a todos", o artigo indefinido tem a função de realçar (dar intensidade a) a ideia expressa pelo substantivo "segurança".

× (15) Errado. Em "Toda a casa ficou alagada" (a casa completa, inteira) e "Toda casa deve ter segurança" (qualquer casa), os sentidos são diferentes. Portanto, não há paralelismo semântico.

× (16) Errado. Na construção "Ambas as partes chegaram a um acordo", o emprego do artigo definido é obrigatório.

× (17) Errado. Na frase "Visitei um artista cujos quadros são famosos", não falta artigo definido antes do substantivo "quadros". O registro do artigo antes ou depois de "cujo" e suas variações é proibido.

× (18) Errado. Nas construções "terno preto", "prédio redondo", "pequena empresa", os adjetivos designam,

respectivamente, cor, forma, proporção. Em "cheque frio", o adjetivo "frio", em virtude da polissemia (= vários sentidos), não indica temperatura, mas falsidade.

✓ (19) Certo. Nos adjetivos compostos, como regra geral, só o último elemento vai para o plural: herói-cômicos.

× (20) Errado. Em "surdo-mudo", variam-se, em número, todos os elementos que compõem o adjetivo composto: surdos-mudos. Todavia, "verde-mar, azul-marinho, cor-de-rosa" são invariáveis. Portanto, ternos verde-mar, azul-marinho, cor-de-rosa.

× (21) Errado. Nos adjetivos compostos, como regra geral, só o último elemento vai para o plural. O plural de "lente côncavo-convexa" corresponde a "lentes côncavo-convexas".

× (22) Errado. Os adjetivos que indicam cores ficarão invariáveis quando o último elemento for um substantivo. O plural de "olho verde-lagoa" corresponde a "olhos verde-lagoa".

✓ (23) Certo. Em "Senadores são tão competentes quanto deputados", o adjetivo "competentes" está no grau comparativo de igualdade. Este pode ser determinado pelas locuções: tanto...quanto,...assim como..., tão... quanto, ...do mesmo jeito que..., e outras variações.

✓ (24) Certo. Ao se utilizar do grau comparativo de superioridade ("A ciência é mais consciente do que a ideologia") ou do grau comparativo de inferioridade ("A ideologia é menos consciente do que a ciência"), o redator pode dispensar a forma "do", sem função morfossintática. Essa forma funciona apenas como apoio fonético.

✓ (25) Certo. Em "conselho de mãe", "dor de estômago" e "período da tarde", os termos preposicionados constituem locuções adjetivas e correspondem, respectivamente, aos adjetivos "materno", "estomacal" e "vespertino".

✓ (26) Certo. Em "É óbvio que isto é melhor que aquilo!", os pronomes demonstrativos têm função de *apontar para algo, mostrar algo.*

× (27) Errado. No trecho "Fui professora durante minha juventude, mas já não o sou agora", o vocábulo destacado corresponde a um pronome demonstrativo com função anafórica, uma vez que se refere a termo anteposto (= professora).

× (28) Errado. Na construção "Fá-lo-ei, libertarei o Brasil do domínio português", o vocábulo destacado corresponde a um pronome demonstrativo com função catafórica, uma vez que se refere à oração posterior (=libertarei o Brasil do domínio português).

✓ (29) Certo. Em "Os nossos sonhos estão perdidos de nós mesmos" e "Sei o que cabe a mim fazer", os pronomes "nós" e "mim" são oblíquos tônicos. Estes vêm sempre precedidos de preposição.

✓ (30) Certo. Na frase "O artista se matou hoje pela manhã", o pronome "se" indica reflexivização do verbo (= matou a si próprio).

✓ (31) Certo. Em "O deputado e o delegado se entenderam depois do conflito", o pronome "se" indica reflexivização e reciprocidade (= um e outro se entenderam).

× (32) Errado. O pronome de tratamento concordará sempre com a 3ª. Pessoa. Construção correta: "Vossa Majestade deve exigir a manifestação de seus súditos".

× (33) Errado. "Certos (= pronome indefinido adjetivo) objetos chegam na hora certa (= adjetivo)".

✓ (34) Certo. Na construção "Ela me mostrou uma página de que (= da qual) eu gostei", o vocábulo "que" funciona como pronome relativo.

✓ (35) Certo. Em "Quem editou este artigo?", o vocábulo destacado constitui pronome interrogativo substantivo, pois substitui algum substantivo.

× (36) Errado. No enunciado "Muito já fiz", destacou-se pronome indefinido substantivo.

× (37) Errado. Caso se substitua o objeto direto na construção "É importante definir as estratégias", obter-se-á, em estilo formal culto, a construção "É importante defini-las" (sem acento: oxítono terminado em "i" não recebe acento).

✓ (38) Certo. Caso se substitua o objeto direto na construção "É necessário destruir a prova", obter-se-á, em estilo formal culto, a construção "É necessário destruí-la". Nesse caso, o "i" forma hiato com a vogal anterior.

✓ (39) Certo. Em "Às vezes, as palavras possuem duplo sentido" e em "Arrecadou-se o triplo dos impostos relativos ao ano passado", registraram-se numerais multiplicativos: duas vezes, três vezes.

✓ (40) Certo. As expressões "às pressas, à toa, às cegas, às escuras, às vezes, de quando em quando, de vez em quando, à direita, à esquerda, em vão, frente a frente, de repente, de maneira alguma", usadas em textos diversos, são locuções adverbiais.

✓ (41) Certo. Algures (= em algum lugar), alhures (= em outro lugar), nenhures (= em nenhum lugar) são, do ponto de vista morfológico, advérbios.

✓ (42) Certo. Em "**Nunca** fui vadio e **jamais** traí meus compatriotas", "Nunca" e "jamais" servem de advérbios de tempo ou de negação.

× (43) Errado. Nas construções "Havia pouco entusiasmo no local" e "O atleta dormiu pouco durante a noite", a palavra "pouco", nas duas ocorrências, exerce, respectivamente, as funções de pronome indefinido

adjetivo (acompanha o substantivo "entusiasmo") e advérbio de intensidade (subordinado ao verbo "dormiu").

✓ (44) Certo. Na frase "A sociedade agiu contra a ética", o vocábulo "contra" classifica-se como preposição essencial. "Contra" conecta palavras e será sempre preposição.

✓ (45) Certo. Em "Agimos conforme a atitude deles", "Obtiveram como resposta um bilhete" e "Ele terá que fazer o trabalho", destacaram-se preposições acidentais. As palavras destacadas nem sempre serão preposições.

✓ (46) Certo. Em "O presidente falou a respeito de crise econômica", a estrutura "a respeito de" corresponde a uma locução prepositiva, assim como "junto de, por cima de, em cima de, acerca de, a fim de, apesar de, através de, de acordo com, em cima de, em vez de, junto de, à procura de, à busca de, à distância de, além de, antes de, depois de", entre outras.

× (47) Errado. As construções "Isso não depende de o professor querer" e "Isso não depende de ele querer" estão em conformidade com o padrão culto da linguagem, uma vez que os sujeitos "o professor" e "ele" não podem vir preposicionados.

✓ (48) Certo. Preposição também tem carga semântica. Nos trechos "Estivemos **em** São Paulo", "Essas ginastas vieram **do** Japão", "Recebeu a herança **do** avô paterno" e "Adquiriu roupas de lã", as preposições indicam, respectivamente, as ideias de lugar, origem, posse e matéria.

✓ (49) Certo. Em "Dize-me com quem andas, e eu te direi quem és", a palavra "que" corresponde a conjunção coordenativa aditiva "e".

✓ (50) Certo. Na construção "Como o calor estivesse forte, pusemo-nos a andar pelo Passeio Público", a palavra

"Como" corresponde a conjunção subordinativa causal e admite a substituição por "Porque" ou "Porquanto".

NÍVEL 2

✓ (1) Resposta: D (numismata = colecionador de moedas/ **substantivo**; paulista/**adjetivo**; Cláudio Amato/ **substantivo**).

✓ (2) Resposta: A. Beijo (verbo beijar) pouco (advérbio de intensidade: modifica o verbo Beijo). Que (pronome relativo: retoma o antecedente palavras). E (conjunção aditiva).

× (3)

-0- Falso. Em "passar **do barco e remos / à caravela**", (morfologicamente), ou seja, dois adjuntos adverbiais (sintaticamente).

-1- Falso. Linha 2: "que se operou", temos pronome relativo (retoma o antecedente "a aceleração tecnológica e científica) + partícula apassivadora + v.t.d. Observe: a aceleração tecnológica e científica foi operada em ritmos antes inconcebíveis. Linha 5: "**em algumas décadas** (adjunto adverbial) **se** (índice de indeterminação do sujeito) **passou** (verbo intransitivo) **do dirigível** (adjunto adverbial)".

-2- Para não perder tempo: há seis adjetivos (tecnológica, científica, inconcebíveis, necessários, eólica, interplanetário).

✓ (4) Resposta: B. a) cavalos-vapor/ guarda-roupas; b) decretos-leis/ matérias-primas; c) salvo-condutos/ vice-diretores; d) comandantes-em-chefe/ marcas-d'água; e) surdos-mudos/ bem-falantes.

✓ (5) Resposta: C. Os **guarda**-livros (o verbo, embora seja uma classe gramatical variável, nesse caso perde o caráter flexional).

✓ (6) Resposta: D. a) vitórias-régias; b) vermelho-crepúsculo; c) azul-marinho; d) recém-abertas; e) pores-do-sol.

✓ (7) Resposta: C. **Braile** está caracterizando o substantivo **código**. Um detalhe: o registro culto seria "Também há/existem marcas em código braile".

✓ (8) Resposta: D. Embora as palavras da opção A estejam corretamente separadas em sílabas, só há um adjetivo (digno). As demais são substantivos (assistência; humilhação). Na opção D, só há adjetivos.

✓ (9) Resposta: D. Fácil, fácil. "Acolhedora" caracteriza "Barcelona", "alegre" caracteriza "sorriso", "bondoso" caracteriza "olhar"; "espanhol" caracteriza "povo".

✓ (10) Resposta: E. a) O singular de espécimes é "espécime"; b) bem-feito/ **mal**feito; c) Três é número cardinal; d) tec/no/lo/gi/a (polissílaba); e) "a mais **moderna** do mundo", a coisa supervalorizada (a mais moderna) foi retirada de uma relação (do mundo). Por isso, superlativo relativo.

✓ (11) Resposta E. Fisionomia simiesca - fisionomia de macaco.

✓ (12) Resposta: D. **Seiscentas** e sessenta obras.

✓ (13) Resposta: B. O pronome "todos" traduz a ideia de indefinição.

✓ (14) Resposta: A. I - fazendo; II- fez; III- fazíamos; IV- feito; V- farás. Em ordem alfabética: V- farás; I - fazendo; III- fazíamos; IV- feito; II- fez.

✓ (15) Resposta: E. a) **advérbio** + advérbio/ **pronome** + substantivo; b) **pronome** + substantivo/ **pronome** + substantivo; c) **pronome** + substantivo/ **advérbio** + adjetivo; d) **pronome** + substantivo/ **advérbio** + adjetivo; e) **advérbio** + adjetivo/ **pronome** + substantivo.

✓ (16) Resposta: A. I - sobre (assunto); II- sob (com afirmação ou força de); III - sobre (em cima).

✓ (17) Resposta: A. "Nós merecemos a morte (consequência), porque somos humanos (causa)". Nós somos humanos, portanto merecemos a morte.

✓ (18) Resposta: A. **Portanto** traduz a ideia de conclusão.

✓ (19) Resposta: E. a) à medida que (proporção); b) Embora (concessão); c) para (prep./finalidade); d) Por (prep./causa); e) Caso (condição).

✓ (20) Resposta: C. **Contudo** e **embora** traduzem a ideia de oposição.

✓ (21) Resposta: E. Tem-se a relação de causa e consequência.

✓ (22) Resposta: D. Tem-se a ideia de condição.

✓ (23) Resposta: B. Tem-se, mais uma vez, a ideia de condição.

✓ (24) Resposta: E. Tem-se a ideia de causa e consequência.

✓ (25) Resposta: A. Tem-se a ideia de oposição.

✓ (26) Resposta: C. a) "...quase sentia morder-**lhe** a pele..." (morder a **su**a pele); b) "entrar-**lhe** pelos olhos bistrados." (entrar pelos seus olhos bistrados); c) "A voz de Magô pareceu-lhe anônima." (pareceu anônima **a ele**); d) "Foi de olhos baixos que **lhe** acendeu o cigarro." (acendeu o seu cigarro); e) "... decepou-lhe a palavra "(decepou a **su**a palavra).

✓ (27) Resposta: E. "Era para **EU** falar **COM ELE** ontem, mas não **O** encontrei em parte alguma." Lembre-se de que o verbo **encontrar** é transitivo direto. Portanto, não admite o pronome **LHE** como complemento.

✓ (28) Resposta: E. a) Entre **mim** e ti existe um grande sentimento; b) Isto representa muito para **eu** viver;c) **Contigo**, passo os momentos mais felizes de minha

vida; d) Sempre o quis ao meu lado; e) De fato, entre **mim** e **ti**, há sempre um clima de harmonia.

✓ (29) Resposta: E. O pronome tem valor de adjetivo quando acompanha o substantivo. Observe que esse fato somente ocorre na opção E: Acreditei que fosse outra pessoa (pronome indefinido adjetivo + substantivo).

✓ (30) Resposta: E. O verbo "olhar" é transitivo direto. Portanto, não admite o pronome LHE na substituição lexical. Forma correta: "olharam a aniversariante de modo mais oficial/ olharam- **NA** de modo mais oficial.

✓ (31) Resposta: A. Eu **O** desconheço (v.t.d.); Roubaram-**LHE** o carro (o **seu** carro); Os carros? Roubaram-**NOS** (v.t.d.); Não **LHE** era permitido ficar na sala (não era permitido **a ele**); Obrigaram- **NOS** a sair daqui.(v.t.d.).

✓ (32) Resposta: A. Em "Isto aqui não é Vitória", destacou-se pronome demonstrativo.

✓ (33) Resposta: B. Lembre-se de que a 2ª pessoa do imperativo afirmativo é retirada do presente do indicativo, retirando-se a letra "S". Observe: **tu** sentas (-s): Senta-te/ **tu** pegas (-s): pega/ **tu** lês (-s): lê/ tu restringes (-s): restringe. Portanto: "Senta-te, pega tua prova, lê-a e restringe-te a responder o que te foi proposto."

✓ (34) Resposta: D. Questão de concordância: "Para que não continuassem a ocorrer **equívocos** quanto ao funcionamento da biblioteca, foram afixados, no quadro mural além de outros avisos, **todos os horários** de atendimento".

✓ (35) Resposta: B. "Quando **virem** o Leonardo, ficarão surpresos com os trajes que usava". Relembre: quando eu vir, **tu** vires, ele vir, nós virmos, vós virdes, eles virem (futuro do subjuntivo do verbo **VER**).

✓ (36) Resposta: B. Observe: a) Olhou para o cão, enquanto esperava que lhe **abrisse** a porta. (pretérito imperfeito do **subjuntivo**); b) Por que foi que aquela criatura não procedeu com franqueza? (pretérito perfeito do **indicativo**); c) É preciso que uma pessoa se **tranque** para encurtar a despesa. (presente do subjuntivo); d) Deixa de luxo, minha filha, será o que Deus **quiser** (futuro do **subjuntivo**); e) Se isso me **fosse** possível, procuraria a roupa.(pretérito imperfeito do **subjuntivo**)

✓ (37) Resposta: A. Observe: a) Você já **reouve** (passado de reaver) o que lhe emprestou?; b) Quando nos virmos de novo, não seremos os mesmos; c) Vimos (presente) agora neste instante porque viemos (passado) ontem e não o encontramos; d) Se nós interviéssemos em seu discurso, ele nos excomungaria; e) Gastou o que tinha mas se proveu do essencial por meses.

✓ (38) Resposta: E. O gerúndio e o particípio do verbo VIR são iguais: vindo. Como o verbo intervir segue o mesmo modelo de conjugação, observe o registro correto: "O trabalhador quase não tem intervindo nas discussões sobre a comercialização dos produtos editoriais."

✓ (39) Resposta: B. Observe: a) João Fanhoso anda amanhecendo sem entusiasmo (desentusiasmado); b) Demorava-se de propósito naquele complicado banho (propositadamente: valor adverbial); c) Os bichos da terra fugiam em desabalada carreira. (terrestres); d) Noite fechada sobre aqueles ermos perdidos da caatinga sem fim (infinita); e) E ainda me vem com essa conversa de homem da roça (roceiro).

✓ (40) Resposta: B. "Ante (preposição essencial) essa repulsa obstinada (caracteriza o substantivo "repulsa") , teve as mais (advérbio que intensifica o adjetivo "variadas") variadas reações". "Isso (pronome demonstrativo) produzia nele um constrangimento

não só perante (preposição essencial) todos quantos sabiam da história como também perante (preposição essencial) si mesmo."

✓ (41) Resposta: B. Lembre-se: o artigo sempre estabelece uma relação de pressuposição unilateral com o substantivo. Em "Uma das técnicas que podemos usar é a de transformar...", o vocábulo **a** não acompanha o substantivo e, portanto, não é artigo. Tem, na verdade, a função de pronome demonstrativo = é aquela de transformar.

✓ (42) Resposta: B. "Porém já cinco sóis eram passados que (= desde que) dali nos partíramos..."; Como (= porque) estivesse doente faltei à escola; Embora (= mesmo que) haja maus nem por **isso** devemos descrer dos bons; Pedro será aprovado desde que (= caso) estude; Ainda que (= mesmo que) chova sairei de casa.

✓ (43) Resposta: D. Observe: "Se (= condição) você vai sair agora, nunca saberá (saberá o quê) se (= a conjunção integrou as orações) dissemos a verdade a eles e qual foi sua reação ao se verem (= verem a eles mesmos) diante daquela descoberta." Portanto, temos, respectivamente: conjunção condicional, conjunção integrante, pronome reflexivo.

✓ (44) Resposta: E. Em "Uma ilha que não consta do mapa", a palavra **que** retoma o antecedente ilha. É pronome relativo, portanto.

NÍVEL 3

1. E (pronome - coesão e coerência textual). Retoma "planos de aviação".

2. C (pronomes de tratamento). Lembre-se: sua atenção.

3. E (advérbio *onde*). Substituir a primeira ocorrência por "quando".

4. E (advérbio). Denota inclusão.

5. E (advérbio). "Há" já faz referência a tempo atrás.

6. E (conjunção *enquanto*). Indica objetos diferentes.

7. B (preposição *em*). Preposição necessária.

8. E (pronomes oblíquos). Pronome relativo é fator de atração.

9. C (adjetivos/substantivos abstratos)

10. C (substantivos)

11. E (adjetivos derivados de verbos). O único adjetivo é "livre". Os demais vocábulos são substantivos.

12. C (advérbio)

13. C (substantivo)

14. E (adjetivo). "Injustiça" é substantivo.

15. C (adjetivo)

16. C (artigo + substantivo)

17. C (crase de preposição e pronome)

18. E (todo + artigo definido). "Todo o largo" (= completo); "todo largo" (= qualquer).

19. E (Celso Cunha considera o numeral "Ambos" fator de atração).

20. E (colocação pronominal). "Que" é fator de próclise.

21. E (colocação pronominal). "Não" é fator de atração.

22. E (colocação pronominal). Futuro não admite ênclise.

23. E (preposição). Referência e finalidade, respectivamente.

24. E (artigo *versus* pronome). "A" é preposição. O artigo seria "as".

25. C (adjetivo muito pouco empregado, porém com registro no *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* e no *Dicionário Houaiss*)

26. C (colocação pronominal)

27. E (valor aditivo da conjunção *E*)

28. E (advérbio invariável)

29. E (conjunção adversativa)

30. E (pronome relativo, conjunção, pronome relativo)

CAPÍTULO 3

SINTAXE DA ORAÇÃO

TEXTO I

Leia o texto a seguir para responder à questão 1:

O límpido cristal

Que límpido o cristal de abril!...Um grito
não vai como os da noite _ para os extramundos...
Todas as vozes, todas as palavras ditas _ cigarras presas
dentro do globo azul _ vão em redor do mundo
e a ninguém é preciso entender o que elas dizem;
basta aquele bordoneio profundo
que vibra com o peito de cada um...
palavras felizes de se encontrarem uma com a outra
nas solidões do mundo!

(Mário Quintana. Esconderijos do tempo. São Paulo, Globo,1995.)

QUESTÃO 1

Julgue os itens a seguir:

(1) Em "**Que** límpido o cristal de abril!", a palavra destacada constitui um pronome relativo. ***(p. 132)***

(2) Em "**Todas** as vozes, **todas** as palavras ditas", destacaram-se pronomes indefinidos adjetivos. ***(p. 132)***

(3) No verso 5, há somente um pronome pessoal do caso reto. ***(p. 133)***

(4) No trecho "a **ninguém** é preciso entender **o** que elas dizem", destacaram-se, respectivamente, um pronome indefinido substantivo e um pronome demonstrativo substantivo. ***(p. 135)***

(5) Em "que vibra com o peito de **cada um**..." , a expressão em destaque dispensa o segundo vocábulo. ***(p. 141)***

(6) Em "palavras felizes de se encontrarem **uma** com a **outra**", os vocábulos destacados constituem, respectivamente, um artigo indefinido e um pronome indefinido. ***(p. 142)***

TEXTO II

Leia o texto, com atenção, para responder à questão 2:

De acordo com dados internacionais, o Brasil, que é a oitava economia mundial, apresenta-se no sexagésimo quarto posto em indicadores sociais, nos quais os índices de saúde têm peso fundamental. Assim, a ideia do Brasil Grande traz embutido também o tamanho de seus problemas sociais e, em especial, os de saúde, afastando qualquer hipótese de ufanismo e obrigando a uma profunda reflexão sobre a iniquidade em que vive a maioria da população.

É bem verdade que a mortalidade infantil baixou nos últimos anos, estando ao redor de setenta óbitos para cada mil crianças nascidas vivas. No entanto, isso não revela as imensas disparidades regionais, onde esses valores variam de vinte e cinco a quase duzentos, aproximando polarmente o país de outros em extremos de desenvolvimento e de atraso.

Em termos de América do Sul, apenas a Bolívia e o Paraguai apresentam valores piores que o Brasil.

Outro indicador dramático é a esperança de vida ao nascer. Se a chance média de viver de um habitante da

região Sul é de sessenta anos, a de um nordestino é de apenas quarenta e cinco.

A par dessas indignas e inaceitáveis diferenças regionais e sociais, outras questões ainda afligem os brasileiros. Sem que as doenças infecciosas tenham saído das primeiras causas de morte, já lhes fazem companhia as doenças cardiovasculares, os cânceres e os acidentes. Isto é, além de ser campeão nas chamadas "doenças da pobreza" , o Brasil já disputa espaço entre os países com elevados índices de doenças consideradas "do desenvolvimento", da urbanização.

(Eleutério Rodrigues Neto, O lucro perverso da doença, publicado em HUMANIDADE, número 15)

QUESTÃO 2

Julgue os itens seguintes:

(1) O primeiro período do texto é composto por três orações. ***(p. 142)***

(2) Em "As doenças da pobreza e do desenvolvimento existem no Brasil", temos sujeito composto. ***(p. 143)***

(3) Em "O Brasil é a oitava economia mundial" (l. 1-2), temos, ao todo, quatro adjuntos adnominais. ***(p. 146)***

(4) Em "... afastando qualquer hipótese de ufanismo e obrigando a uma reflexão..." (l. 6-7), os verbos possuem a mesma classificação quanto à predicação. ***(p. 146)***

(5) Em "... os **índices** de saúde têm **peso** fundamental" (l. 3-4), os substantivos destacados constituem o núcleo do sujeito e o núcleo do objeto direto. ***(p. 148)***

(6) Em "... a mortalidade infantil baixou nos últimos anos" (l. 9-10), o adjunto adverbial vem representado, morfologicamente, por uma locução adverbial. ***(p. 153)***

(7) O sujeito de "... isso não releva as imensas disparidades" (l. 11-12) classifica-se tal qual o sujeito de "Quem apresentou esses valores?". ***(p. 153)***

(8) Em "Outro indicador dramático é a esperança de vida" (l. 17), temos verbo de ligação assim como em "O Brasil está na América do Sul". ***(p. 154)***

(9) Destacou-se o complemento nominal em "... e obrigando a uma profunda reflexão **sobre a iniquidade**... (l. 6-7). ***(p. 154)***

TEXTO III

Leia o texto a seguir para responder à questão 3.

Obra máxima de Camões e da poesia de língua portuguesa, *Os lusíadas* constituem o poema mais abrangente e expressivo do humanismo renascentista, em que a expansão marítima de Portugal se transforma em monumento de imaginação e arte literária.

Poesia poderosamente épica, apesar dos que viram em Camões um temperamento sobretudo lírico, *Os lusíadas* se ocupam do real transfigurado pelo heroísmo e do irreal mitológico que preside a ação dos personagens e os assimila ou rejeita de acordo com seus feitos. Na verdade, esses personagens, mesmo os historicamente identificáveis, também desde o início são mitos como os deuses, representando toda a sua gente. *Os lusíadas* cantam uma coletividade, "o peito ilustre lusitano" em movimento, descobrindo o mundo.

Massaud Moisés

QUESTÃO 3

Julgue os itens:

(1) Os verbos "constituem" (l.2), "ocupam" (l. 7) e "cantam" (l. 13) poderiam ser registrados no singular e o texto continuaria correto. ***(p. 158)(p. 158)***

(2) O texto abre-se com um aposto explicativo. ***(p. 158)(p. 158)***

(3) Os vocábulos "coletividade" e "transfigurado" apresentam o mesmo número de fonemas. ***(p. 159)(p. 159)***

(4) O primeiro parágrafo apresenta um único pronome oblíquo átono proclítico. ***(p. 159)(p. 159)***

(5) Os verbos do último período do texto possuem a mesma classificação no tocante à transitividade. ***(p. 159)(p. 159)***

(6) No trecho: "Na verdade, **esses personagens**, mesmo os historicamente identificáveis, também desde o início são mitos..." (l. 10-12), destacou-se o vocativo. ***(p. 159)(p. 159)***

TEXTO IV

Leia o texto a seguir para responder à questão 4.

Nas sociedades primitivas, as transações comerciais se faziam por troca direta de uma mercadoria por outra de valor equivalente, sistema denominado escambo. Progressivamente, uma mercadoria de interesse geral passou a ser empregada como medida de valor das demais e tornou-se o padrão de troca. Assim, em diferentes épocas, centenas de objetos circularam como moeda ou meio de troca: couro, conchas, sal, gado, pedras preciosas, etc.

Ao converter-se no primeiro grande meio de pagamento, por ser uma mercadoria facilmente trocável nas transações internas ou externas de uma comunidade, o gado bovino afastou as várias outras que funcionavam como moeda. Sua importância como instrumento de troca e de reserva transparece em termos usados atualmente, como "pecúnia" e "pecúlio", derivados do latim *pecus*, "rebanho", "gado", e cujas origens remontam ao grego pékos.

Moeda e evolução. Napoleão Laerte (com adptações)

QUESTÃO 4

Julgue os itens a seguir:

(0) A vírgula presente na linha 1 indica deslocamento de adjunto adverbial. ***(p. 159)***

(1) Caso seja colocada vírgula antes da conjunção "e" (l. 5), não haverá prejuízo gramatical. ***(p. 159)***

(2) A vírgula antes de "etc." (l. 8) é opcional. ***(p. 160)***

(3) Em "...o gado bovino afastou as várias outras..." não é possível usar vírgula entre "afastou" e "as várias outras". ***(p. 160)***

(4) No trecho: "Sua importância como instrumento de troca e de reserva transparece em termos usados atualmente, como "pecúnia" e pecúlio"..." (l. 12-14), a vírgula antes do elemento coesivo "como", com valor exemplificativo, é obrigatória. ***(p. 160)***

RESOLUÇÕES COMENTADAS

QUESTÃO 1

× (1) Falso. Em "**Que** límpido o cristal de abril!", a palavra destacada constitui advérbio (intensifica o adjetivo).

✓ (2) Verdadeiro. Em "Todas as vozes, todas as palavras ditas", os pronomes indefinidos adjetivos acompanham os substantivos. Lembre-se:

- O pronome é a palavra que substitui o substantivo ou que o acompanha, determinando-lhe a extensão do significado.
  - Pronome substantivo - substitui o substantivo. Ex.: Elas exigiram o material básico.
  - Pronome adjetivo - acompanha o substantivo. Ex.: Aquela música emocionou os presentes.

✓ (3) Verdadeiro. A palavra "elas" constitui pronome pessoal do caso reto. Mas, qual a diferença entre o pronome pessoal do **caso reto** e o do **caso oblíquo**?

- PRONOMES PESSOAIS DO CASO RETO E DO CASO OBLÍQUO

Substituem as três pessoas gramaticais. São sempre, portanto, pronomes substantivos.

		Retos	Oblíquos	
			Átonos	Tônicos
Singular	1ª pessoa	Eu	Me	mim, comigo
	2ª pessoa	Tu	Te	ti, contigo
	3ª pessoa	ele, ela	Se, lhe, o, a	si, consigo, ele,ela
Plural	1ª pessoa	Nós	Nos	nós, conosco
	2ª pessoa	Vós	Vos	vós, convosco
	3ª pessoa	eles, elas	Se,lhes,os,as	si, consigo, eles, elas

IMPORTANTE: EMPREGO DOS PRONOMES

- Os pronomes retos funcionam geralmente como sujeito:

Ex.: Nós estabelecemos as regras no jogo.

- Os pronomes oblíquos funcionam como objeto ou complemento:

Ex.: Bentinho contou-me a verdade. (objeto indireto)
O livro será útil a nós. (complemento nominal)

- Os pronomes oblíquos podem ser:

a. átonos (empregados sem preposição):
Ex.: Dê-nos o material necessário à execução do plano.
b. tônicos (precedidos de preposição):
Ex.: Dê a nós o material necessário à execução do plano.

c. **lo, la, los, las** depois de verbos terminados em r, s, z:

Ex.: É necessário dividir a herança. / ... dividi-la (sem acento na forma verbal).

Quis a proposta anterior. / Qui-la (sem acento na forma verbal).

Fiz os exercícios propostos. / Fi-los (sem acento na forma verbal).

É importante instruir o candidato/ ... instruí-lo (com acento na forma verbal, em virtude do hiato)

Lavrará a ata. / Lavrá-la-á (observe que o acento agudo aparece duas vezes).

Buscarás a verdade./ Buscá-la-ás (observe que o acento agudo aparece duas vezes).

d. **no, na, nos, nas** depois de verbos terminados em ditongo nasal (am, em, ão,õe):

Ex.: Executaram os sem-terra. / Executaram-nos.

Põe o álbum sobre a mesa. / Põe-no.

- Emprego dos pronomes pessoais

- Pronomes pessoais retos

1. Os pronomes ele(s), ela(s), nós e vós podem funcionar como objeto direto quando vierem precedidos de todos, só, apenas, ou quando vierem seguidos de numeral:

Ex.: Encontre-os. Encontre todos eles.

Defini-os. Defini eles dois.

2. Os pronomes retos de 3ª pessoa (ele, ela, eles, elas) passam a ser oblíquos quando se contraem com as preposições de ou em:

- de + ele = dele
- de + ela = dela
- de + eles = deles
- em + ele = nele
- em + ela = nela
- em + eles = neles

Ex.: Precisamos deles. Sempre cremos neles.

☞ **IMPORTANTE:**

Essa contração não ocorre quando esses pronomes exercem a função de sujeito:

Ex.: É hora de o Congresso estabelecer suas normas.

É hora de ele estabelecer normas. (Embora haja divergências entre os estudiosos, não são construções cultas: É hora do Congresso estabelecer suas normas./É hora dele estabelecer normas.) O Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (2009) não recomenda a contração.

PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS

1. Os pronomes pessoais oblíquos tônicos vêm sempre precedidos de preposição:

Ex.: Policarpo Quaresma deu uma lição a nós.

2. As formas conosco e convosco serão substituídas por com nós e com vós se estas vierem seguidas de numeral ou de palavras como todos, outros, mesmos, próprios, ambos:

Ex.: Ela sairá conosco amanhã.
Ela sairá com nós todos amanhã.
Queremos falar com vós mesmos.

3. Os pronomes pessoais oblíquos átonos podem ser utilizados com sentido possessivo:

Ex.: O soldado cortou-me o rosto. (me = meu)
Roubaram-lhe o dinheiro. (lhe = seu)

✓ (4) Verdadeiro. No trecho "a ninguém é preciso entender o (= aquilo) que elas dizem", destacaram-se, respectivamente, um pronome indefinido substantivo e um pronome demonstrativo substantivo.

Estudemos melhor a classificação dos pronomes:

PRONOMES POSSESSIVOS

Os pronomes possessivos indicam aquilo que pertence a cada uma das pessoas gramaticais:

	Singular	Plural
1ª pessoa	meu, minha, meus, minhas	nosso, nossa, nossos, nossas
2ª pessoa	teu, tua, teus, tuas	vosso, vossa, vossos, vossas
3ª pessoa	seu, sua, seus, suas	seu, sua, seus, suas

PRONOMES DEMONSTRATIVOS

São pronomes que situam o ser no espaço e no tempo, tomando como ponto de referência as três pessoas gramaticais.

Variáveis	Invariáveis
este, esta, estes, estas	isto
esse, essa, esses, essas	isso
aquele, aquela, aqueles, aquelas	aquilo

- Este, esta, isto indicam que o ser está próximo do falante:

Este livro é meu.

- Esse, essa, isso indicam que o ser está próximo do ouvinte:

Esse livro é seu.

- Aquele, aquela, aquilo indicam que o ser está afastado do falante e do ouvinte:

Aquele livro é dele.

IMPORTANTE

Em relação ao **DISCURSO**, o que vai ser mencionado é indicado pelo pronome "este" (função catafórica): "Nosso vizinho vive repetindo este provérbio: Casa de ferreiro, espeto de pau". Também se usa o pronome "este" para referência a elemento anterior mais próximo (função anafórica): "Preocupa-se o autor com a escrita como processo, e não como literatura ou como texto a ser linguisticamente analisado. Aliás, neste último caso não se leva em consideração o tipo de processo...". Para o que se mencionou, usa-se o pronome "esse" (função anafórica): "A segunda parte do trabalho dispõe sobre a marginalidade social. É nesse capítulo / nessa parte / nesse ponto que se discutem os desvios verificados nas instituições pesquisadas".

ESTRUTURA DIAFÓRICA

Todo texto produz cadeias coesivas à medida que os vocábulos são registrados. Você perceberá que, como o texto é um "tecido", ideias serão sempre retomadas ou previstas.

- **Elemento coesivo anafórico** — é aquele que apresenta referente anteposto.

  Ex.: O ex-presidente criticou o empresário **que** intermediou o patrocínio do projeto. (Observe que o pronome relativo "que" retoma o antecedente "o empresário".)

- **Elemento coesivo catafórico** — é aquele que apresenta referente posposto.

  Ex.: Esta é a principal causa da violência: a impunidade. (Observe que o pronome demonstrativo "Esta" refere-se ao termo posposto "a impunidade".)

- **Elemento coesivo endofórico** — é aquele que apresenta referente interno (está dentro do texto). Observe que todos os elementos coesivos presentes

nos exemplos anteriores são, além de anafóricos ou catafóricos, endofóricos.

- **Elemento coesivo exofórico** — é aquele que apresenta referente externo (fora do texto).

Ex.: Eu estive fazendo um levantamento das mensagens que me enviam pela internet. (Observe que o pronome "Eu" refere-se a elemento não registrado no texto.)

- **Elemento dêitico** — sinal que designa **mostrando**, e não conceituando. Observe, cuidadosamente, pronomes pessoais e desinências verbais (indicam os participantes do ato do discurso), pronomes demonstrativos, certas locuções prepositivas e adverbiais, advérbios de tempo: este, hoje, agora, ultimamente, recentemente, ontem, no próximo ano, antes de (pretérito) e outros. Na verdade, os dêiticos são os elementos linguísticos que mais evidenciam a presença do emissor no enunciado.

  Ex.: Senhores pares, circula uma proposta para aumentar as verbas com vistas à contratação de funcionários pessoais de cada deputado **desta** Casa. **Hoje**, um parlamentar recebe 35.000 reais por mês para isso. A ideia é elevar esse montante para 45.000 reais. **Eu considero** esse fermento nas verbas de gabinete um assalto aos cofres públicos.

- **Elemento vicário** — palavra que, como verdadeiro pronome, se põe em lugar de uma oração inteira.

Ex.: a) "Que quer dizer este nome? **É** que as almas, tanto que entram naquele templo, se tornam estáticas!"

O verbo **É** equivale, aí, a **este nome quer dizer**, e o **que** seguinte inicia uma oração subordinada substantiva objetiva direta.

b) "**É** um século que não chega pronto da fábrica, mas **sim** pronto para ser forjado por vocês à nossa imagem e semelhança."

O vocábulo **sim** equivale, aí, a **é um século que chega**. Entendeu? Salientemos, agora, os processos de coesão lexical por **substituição léxica**.

- As palavras **o, a, os, as, mesmo, próprio, semelhante** e **tal** podem ser pronomes demonstrativos:

Ex.: O elefante é o que mais pesa. (o = aquele)
O vigilante mesmo repreendeu os moleques.
Tal gesto deve ser repreendido.

PRONOMES INDEFINIDOS

Os pronomes indefinidos referem-se à 3ª pessoa gramatical de maneira indeterminada, vaga:

Ex.: Alguém estacionou o carro em local proibido.

Variáveis	Invariáveis
Algum, alguma, alguns, algumas	alguém
Nenhum, nenhuma, nenhuns, nenhumas	ninguém
Todo, toda, todos, todas	tudo
Outro, outra, outros, outras	outrem
Muito, muita, muitos, muitas	nada
Pouco, pouca, poucos, poucas	cada
Certo, certa, certos, certas	algo
Vário, vária, vários, várias	
Tanto, tanta, tantos, tantas	
Quanto, quanta, quantos, quantas	
Qualquer, quaisquer	
Locuções pronominais indefinidas	
Cada um, cada qual, quem quer que seja, quem for, seja qual for etc.	

PRONOMES INTERROGATIVOS

São os pronomes **que, quem, qual** e **quanto** (também indefinidos) empregados na formulação de perguntas. Essa pergunta pode ser direta ou indireta.

a. **direta**:

Ex.: Quem abandonou o emprego naquela repartição?

b. **indireta**:

Ex.: Quero saber qual o meu peso ideal.

PRONOMES RELATIVOS

Referem-se a termos já expressos (função anafórica) e introduzem oração subordinada adjetiva:

Variáveis	Invariáveis
O qual, a qual, os quais, as quais	que
Cujo, cuja, cujos, cujas	quem
Quanto, quanta, quantos, quantas	onde

Ex.: Conheci os presidiários que foram elogiados pelo diretor. Emprego dos pronomes relativos

1. O antecedente do pronome relativo pode ser o pronome demonstrativo o, a, os, as:

Ex.: O jovem rapaz foi o que demonstrou mais segurança.

2. O pronome relativo **que** pode ser substituído por o qual, a qual, os quais, as quais, quando seu antecedente for um substantivo:

Ex.: Naquele lugar, há um restaurante que vende comida chinesa. (que = o qual / Substitui o antecedente "restaurante")

3. O pronome **cujo** tem valor possessivo e equivale a do qual, de quem, de que. Terá sempre o valor de ADJUNTO ADNOMINAL.

Ex.: Os filhos com cujos pais conversei prometeram mudar de atitude.

4. Os pronomes relativos virão precedidos de preposição quando a regência assim exigir:

Ex.: Posso provar as irregularidades a que me referi.
As informações de que dependo são sigilosas.
O motorista, em cujo táxi entrei, era velho conhecido.

5. Após o pronome **cujo** nunca se usa o artigo:

Ex.: Os alunos cujas ideias são claras fazem boas redações.

ATENÇÃO: Os pronomes EU e TU não podem vir regidos de preposição essencial como ENTRE, PARA, PERANTE, CONTRA, SEM, DE. Empregamos MIM e TI.

Ex.: Perante **mim**, ela chorou.
Contra **mim** e ti, ela agiu.
Entre **mim** e você, tudo está acabado.
Sem **mim**, nada podeis fazer.

▪ É incorreto pensar que sempre antes de verbo no infinitivo usamos o pronome eu, apesar da presença de preposição. Cuidado com o sujeito oracional.

Este trabalho é fácil para eu desenvolver.
↓ sujeito ↓ sujeito

É fácil para **mim** desenvolver este trabalho.
↓ sujeito oracional

PRONOMES MO, TO, LHO, NO-LO, VO-LO

Funcionam como objeto indireto e direto, respectivamente, acoplados, unidos.

Ele disse a verdade a **mim** (me + a) - Ele ma disse.
Ele informou o problema a você (lhe + o) - Ele lho informou.
Ela mostrou o quadro a nós (nos + o) - Ela no-lo mostrou.
Ela indicou as placas a vós (vos + as) - Ela vo-las indicou.
· Ele relatou o fato a ti. (te + o) Ele to relatou.
VTDI ↓ -o ↓ -te

× (5) Falso. Em "que vibra com o peito de cada **um**..." , a expressão em destaque sempre se construirá dessa forma.

× (6) Falso. Em "palavras felizes de se encontrarem **uma** com a **outra**", os vocábulos destacados constituem pronomes indefinidos. É uma questão de paralelismo. Reveja a classificação dos pronomes na questão 4.

QUESTÃO 2

✓ (1) Verdadeiro. O número de verbos ou locuções verbais determinará o número de orações. Observe:

De acordo com dados internacionais, o Brasil (1ª parte da 2ª oração) / , que é a oitava economia mundial, (1ª oração) / apresenta-se no sexagésimo quarto posto em indicadores sociais (2ª oração), / nos quais os índices de saúde têm peso fundamental (3ª oração). Assim, análise sintática é a parte da Gramática que estuda e classifica as orações e os termos de cada oração. Mas, como distinguir frase, oração e período?

- FRASE é todo enunciado capaz de estabelecer comunicação:

A lua ia grande e bela!
Nossa! Você veio?
Silêncio!

- ORAÇÃO é a frase construída em torno de um verbo.

Os cientistas descobriram a cura.
Não assisti àquele filme.
Nosso inimigo bateu as botas.

- PERÍODO é a frase formada por uma ou mais orações.
  - simples: formado por uma oração.

Ontem, não encontrei a bomba-relógio.

  - composto: formado por duas ou mais orações.

Ele disse/ que a nossa casa recebia subsídios governamentais (2 orações).
Marta chegou/ e constatou/ que todos estavam mentindo. (3 orações)

× (2) Falso. Temos sujeito simples : As doenças da pobreza e do desenvolvimento (sujeito)/ existem no Brasil (predicado). O sujeito apresenta apenas um núcleo. Saiba mais:

SUJEITO E PREDICADO

- Sujeito: é o termo da oração que representa o ser a respeito do qual afirmamos ou negamos alguma coisa.

- Predicado: é a parte da oração por meio da qual afirmamos ou negamos algo a respeito do sujeito. O predicado sempre contém um verbo.

Ex.: Os valentes jagunços encontraram a pedra.
suj. predic.

- SUJEITO SIMPLES: é aquele formado por apenas um núcleo.

Ex.: Muitos **problemas** surgiram naquele momento.
núcleo suj.

- SUJEITO COMPOSTO: é aquele formado por dois ou mais núcleos.

Ex.: Chapéus coloridos e guarda-chuvas velhos chamavam a atenção de todos.
núcleo núcleo suj.

- SUJEITO ELÍPTICO OU DESINENCIAL: é aquele que só pode ser conhecido pela análise da desinência verbal.

Pode ser chamado, também, de oculto (evite essa nomenclatura), implícito, elíptico, fossilizado.

Ex.: Negarás os teus parentes?
(negarás - sujeito desinencial tu)

Ex.: Entendemos o processo de formação das palavras.
(entendemos - sujeito elíptico nós)

- SUJEITO INDETERMINADO OU GENÉRICO: quando não podemos ou não queremos dizer quem é o sujeito. Este não aparece anteposto ou posposto no contexto oracional.

Casos em que podemos verificar a indeterminação do sujeito:

- Quando o verbo, sem se referir a nenhum elemento do contexto da frase, apresentar-se na 3ª pessoa do plural.

Ex.: Falaram sobre a única matéria jornalística publicada.
3ª p. plural

- Quando o verbo, sem se referir a nenhum elemento do contexto da frase, apresentar-se na 3ª pessoa do singular + SE. Cuidado para não confundir PARTÍCULA APASSIVADORA (com sujeito determinado) e ÍNDICE DE INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO (com sujeito indeterminado)

Acreditou-se em teorias obsoletas.
3ª p. sing. (V.T.I. + SE - índice de indeterminação do sujeito)

ATENÇÃO:

Quando o verbo no infinitivo não apresenta referente específico na construção sintática, é possível caracterizar um sujeito genérico (ou indeterminado).

Ex.: É necessário estabelecer novas metas. (Quem estabelecerá novas metas?)

IMPORTANTE

Lembre-se de que só podemos transpor para a voz passiva, em princípio, VERBOS TRANSITIVOS DIRETOS (ou transitivos diretos e indiretos). Observe:

Ex.: Apresentou-se um relatório. (Voz passiva sintética ou pronominal - VTD + SE - PARTÍCULA APASSIVADORA)

Ex.: Um relatório foi apresentado. (Voz passiva analítica)

Nos dois enunciados o sujeito é o mesmo: um relatório.

Ex.: Comunicou-se o fato ao diretor. (Voz passiva sintética ou pronominal - VTDI + SE - PARTÍCULA APASSIVADORA)

Ex.: O fato foi comunicado ao diretor. (Voz passiva analítica)

O mesmo não acontecerá com VERBOS TRANSITIVOS INDIRETOS, INTRANSITIVOS E DE LIGAÇÃO. Observe também os casos em que há objeto direto preposicionado. Teremos ÍNDICE DE INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO. Observe:

Ex.: Confiou-se em suas propostas. (VTI + SE)
Comeu-se em um bom restaurante. (VI + SE)
É-se esperançoso no Brasil. (VL + SE)
Bebeu-se do delicioso vinho. (VTD +SE + OBJETO DIRETO PREPOSICIONADO)

- ORAÇÃO SEM SUJEITO: observe os seguintes verbos e situações:

- Haver no sentido de existir, acontecer e indicando tempo passado:

Ex.: Havia alguns roqueiros no ambiente. (Lembre-se de que os verbos impessoais também não admitem transposição para a voz passiva. Como transformar o objeto direto em sujeito se o verbo é impessoal?)

Há dois anos/ éramos românticos.

- Fazer indicando tempo e fenômeno da natureza:

Ex.: Faz três meses/ que estudo a língua.
Faz calor no Rio sempre.

- Ser indicando tempo e distância:

Ex.: São cinco horas da manhã.
Daqui a Brasília são vinte quilômetros.

- Verbos indicativos de fenômeno da natureza. (chover, ventar, nevar, relampejar e outros)
Ex.: Chove torrencialmente em Curitiba.

IMPORTANTE: Vale a pena ressaltar a diferença entre **verbos IMPESSOAIS E UNIPESSOAIS.**

Muitas vezes, a ideia expressa pelo verbo não pode ser aplicada a determinadas pessoas. É o caso, por exemplo, dos verbos que exprimem fenômenos da natureza, como chover, trovejar, ventar. Só aparecem na 3a. pessoa do singular. Os que indicam vozes de animais, como granir, ladrar, zurrar, normalmente só se empregam na 3a. pessoa do singular e do plural. Aos primeiros chamamos IMPESSOAIS; aos últimos, UNIPESSOAIS.

- SUJEITO ORACIONAL: é aquele representado por uma oração. O verbo a que ele se relaciona estará sempre na 3a. pessoa do singular.

Ex.: É necessário obter mais lucros. (sujeito oracional de "É")
Ficou confirmado que o ministro renunciaria. (sujeito oracional de "Ficou confirmado")

✓ (3) Verdadeiro. Os adjuntos adnominais são: O (artigo), a (artigo), oitava (numeral), mundial (adjetivo).

✓

- ADJUNTO ADNOMINAL: é um termo que se relaciona a um nome (substantivo) para caracterizar, detalhar melhor esse nome. São representados, morfologicamente, por artigos, adjetivos (ou locuções adjetivas), numerais e pronomes.

Ex.: Pequenos flocos de espuma boiavam.
A casinha ficava em um pequeno vale.

× (4) Falso. O verbo "afastando" exige complemento verbal sem o auxílio da preposição. É transitivo direto. O verbo "obrigando", ao contrário, exige complemento

verbal com o auxílio da preposição "a". É transitivo indireto. Quer entender melhor essa classificação?

- VERBO INTRANSITIVO: é aquele que, por ter predicação completa, não exige nenhum termo que lhe complete o sentido. Isso significa que o verbo intransitivo não exige complemento verbal (objeto).

As nossas encomendas chegaram.
v. intr.

Assobiava, lá fora, um vento gelado.
v. int suj.

- VERBO TRANSITIVO DIRETO: é o verbo que exige, para completar-lhe o sentido, um termo não iniciado por preposição - o objeto direto.

Alguns turistas fotografavam o mar.
v.t.d obj.dir.

- VERBO TRANSITIVO INDIRETO: é o verbo que exige um complemento (objeto) iniciado por preposição - o objeto indireto.

O motorista desconfiou de nossa conversa.
v.t.i obj. ind.

- VERBO TRANSITIVO DIRETO E INDIRETO: é todo verbo que exige dois complementos: um deles sem preposição (objeto direto) e o outro com proposição (objeto indireto).

Todos pediram ajuda ao fiscal.
v.t.d.i obj.dir. obj.ind.

A escola fornece todas as informações aos interessados.
v.t.d.i obj.dir obj. ind.

- VERBO DE LIGAÇÃO: é todo verbo que estabelece um vínculo, uma ligação entre o sujeito e uma qualidade atribuída a esse sujeito. A qualidade

(ou característica, ou modo de ser) atribuída ao sujeito denomina-se predicativo do sujeito.

Algumas crianças estavam tristes.
suj. v. lig. predicat.

A torcida ficou extremamente irritada.
suj. v.lig predicat.

- VERBO TRANSOBJETIVO: é aquele que apresenta um objeto e um predicativo desse objeto.

Nossos pais consideram sua atitude corajosa.
obj. dir. pred. obj.

O fraco rei faz fraca a forte gente.
pred. obj. obj. dir.

OBSERVAÇÃO:
Atenção para o verbo CHAMAR (= cognominar, caracterizar, denominar, apelidar). É transitivo direto ou indireto indiferentemente e o predicativo pode vir ou não regido pela preposição DE.
Ex.: Chamei-o perverso.
Chamei-o de perverso.
Chamei-lhe perverso.
Chamei-lhe de perverso.

✓ (5) Verdadeiro. Lembre-se: o núcleo do sujeito não pode, em tese, vir preposicionado. Por isso, "saúde" não constitui núcleo, e, sim, "índices". O verbo "têm" é transitivo direto. Exige complemento verbal chamado objeto direto. Aprofundemos esse estudo:

- OBJETO DIRETO: é o complemento verbal não iniciado por preposição.

Poucas pessoas já leram esse livro.
v.t.d. obj.dir.

O objeto direto caracteriza-se pelo seguinte: em tese, toda frase que apresenta objeto direto pode ser transposta para a voz passiva.

Todos aplaudiram o jogador. (voz ativa)
v.t.d. obj. dir.

O jogador foi aplaudido por todos (voz passiva)
suj.

Observe que o objeto direto da voz ativa torna-se o sujeito da voz passiva.

ATENÇÃO:

O verbo "haver", com o sentido de "existir", "ocorrer", embora seja transitivo direto, não admite transposição para a voz passiva, uma vez que corresponde a verbo impessoal:

Havia pessoas (o.d) no local (impossível transpor para a voz passiva).

O objeto direto pode, sempre, ser substituído lexicalmente por um dos seguintes pronomes oblíquos:

O, A, OS, AS

Alguns moradores conheciam o velhinho.
v.t.d. obj.dir

Substituindo o objeto direto pelo pronome oblíquo equivalente, temos:

Alguns moradores o conheciam.
obj.dir v.t.d

OBSERVAÇÕES :

Há casos em que o objeto direto pode apresentar, antes de si, uma preposição; no entanto, não é exigida pelo verbo e pode até ser eliminada da frase.

A notícia surpreendeu a todos.
suj. v.t.d. obj.dir. preposicionado

- OBJETO INDIRETO: é o complemento verbal que, obrigatoriamente, vem iniciado por uma preposição (de, com, em, para, etc.).

Muitos já desconfiaram de você.
v.t.i. obj. ind.

O poeta dedicou o livro aos jovens.
v.t.d.i. obj.dir. obj. ind.

Pronomes oblíquos como objeto. Os pronomes oblíquos átonos, quando funcionam como objeto, são classificados: O, A, OS, AS → sempre objetos diretos. Todos O criticaram. Obj. dir. v.t.d	LHE, LHES → objeto indireto. Eu já LHE entreguei o livro ME, NOS, TE, VOS, SE → a classificação de cada um desses pronomes como objeto direto ou objeto indireto depende do verbo que o pronome estiver complementando.	Se o verbo for transitivo direto, o pronome será objeto direto. Se o verbo for transitivo indireto, o pronome será objeto indireto. Eu TE conheço o.d. v.t.d. Eu TE obedeço o.i. v.t.i Eu TE enviarei o material o. i. v.d.t.i. o.d.

- SUJEITO ACUSATIVO OU DE INFINITIVO:

Que é esse tal de sujeito acusativo? Em "Eu o mandei arquivar o processo", o sujeito do verbo "mandar" é o pronome "Eu", e o do verbo "arquivar" é o pronome "o". Por quê, Fernando Moura?

Ora, se desenvolvermos a oração, teremos: "Eu mandei que ele arquivasse o processo". Portanto, o objeto direto do verbo mandar é a oração, e não o pronome. Ao reduzirmos a oração, como ocorre na frase apresentada, teremos o pronome de terceira pessoa do singular ligado ao verbo mandar. Então, ele deve ser transformado em pronome oblíquo átono - o. Consequentemente, a frase certa será "Eu o mandei arquivar o processo.

Quando isso ocorrerá? Quando surgir verbo causativo (mandar, fazer, deixar) ou sensitivo (ver, ouvir, sentir) mais qualquer verbo no infinitivo. O sujeito desse segun-

do verbo não pode ser pronome pessoal do caso reto, e sim pronome pessoal do caso oblíquo -me, te, se, o, a, nos, vos, os, as.

E a concordância?

Fernando, qual a forma correta:"Deixai vir a mim as criancinhas" ou "Deixai virem a mim as criancinhas"?

As duas formas estão corretas. O sujeito acusativo pode ser representado por um substantivo ou por um pronome pessoal oblíquo. Quando o sujeito acusativo for um substantivo plural, o verbo no infinitivo tanto poderá concordar com o substantivo quanto ficar no singular. Quando for um pronome pessoal oblíquo, o verbo ficará sempre na terceira pessoa do singular. Quer mais um exemplo? Compare.

"Mandaram os advogados saírem" ou "Mandaram os advogados sair" (o sujeito acusativo vem representado pelo substantivo "advogados").

"Mandei-os sair" (o sujeito acusativo vem representado pelo pronome).

Lembre-se, ainda, de que os sinônimos também são causativos ou sensitivos: ordenar, permitir, escutar, enxergar, perceber.

IMPORTANTE

Vale ressaltar que os pronomes MO, TO, LHO, NO-LO, VO-LO constituem a contração de dois pronomes-objetos. Portanto, exercerão, sintaticamente, a função de OBJETO INDIRETO E DIRETO.

Não pediria <u>isso</u> <u>a você</u>.(lhe + o) → Não lho pediria.
-o -lhe

Ele contou <u>o caso</u> <u>a nós</u>.(nos + o) → Ele no-lo contou.
-o -nos

- OBJETO PLEONÁSTICO: é aquele que vem deslocado no contexto oracional e reforçado por um pronome pessoal oblíquo. Essa repetição recebe o nome de pleonasmo.

As folhinhas, inventou-as algum boticário da região.
suj. obj. dir. pleonástico objeto direto.

Aos regulamentos, sempre obedeci-lhes.
obj. ind. obj. ind. pleonástico

- OBJETO INDIRETO dativo de posse: é aquele que apresenta valor possessivo e é representado por um pronome pessoal do caso oblíquo. Alguns gramáticos chamam-no de objeto indireto por extensão e outros de adjunto adnominal. Esta última classificação é **mais frequente em concursos públicos**.

Roubaram-lhe o carro (lhe = seu)
Cortaram-me os dedos. (me = meus)

- OBJETO DIRETO INTERNO E COGNATO
  - COGNATO: o verbo e o complemento pertencem à mesma família etimológica (mesmo radical).

Os brasileiros vivem uma vida tranquila.
Meu vizinho chorou um choro hipócrita.

  - INTERNO: o verbo e o complemento estão no mesmo campo semântico (de significação).

Dormi um sono tranquilo.
A moça chorou lágrimas falsas.

- AGENTE DA PASSIVA: é o elemento que pratica a ação verbal nas frases que estão na voz passiva (isto é quando o sujeito recebe a ação verbal.)

Muitas árvores foram destruídas pelo vento.
suj. paciente ag. da passiva

Ele será elogiado por nós?
suj. paciente ag. da passiva

OBSERVAÇÃO:

O agente da passiva corresponde ao sujeito da ativa e sempre se inicia pela preposição POR/PELO (e , também, mais raramente, pela preposição DE).

A atriz foi cercada de fãs.

✓ (6) Verdadeiro. O adjunto adverbial pode vir representado por advérbio, locução adverbial e oração adverbial. Esta última possibilidade veremos nos próximos capítulos. Compare:

A mortalidade infantil baixou ontem. (Apenas uma palavra traduzindo a circunstância temporal).

A mortalidade infantil baixou nos últimos anos. (Expressão preposicionada traduzindo a circunstância temporal). Portanto, aprenda esta lição:

- ADJUNTO ADVERBIAL: termo que se relaciona ao verbo para acrescentar uma circunstância qualquer (tempo, modo, negação, causa, lugar, dúvida, etc.).

Talvez ele não vá à cidade hoje.

adj. adv.	adj. adv.	adj. adv.	adj. adv.
de dúvida	de negação	de lugar	de tempo

IMPORTANTE

Locução adverbial é um termo preposicionado que tem valor de advérbio, exprimindo, portanto, a ideia de circunstância. Sintaticamente, exercerá a função de adjunto adverbial e não pode ser confundido com objeto indireto.

Ele morreu de tuberculose. (locução adverbial = adjunto adverbial de causa)

Na África, pessoas estão vivendo em cortiços. (locuções adverbiais = adjuntos adverbiais de lugar)

✓ (7) Verdadeiro. Os pronomes "isso" e "quem" são núcleos do sujeito simples, respectivamente, dos verbos "revela" e "apresentou". Ambos os pronomes

substituem o substantivo. Reveja a classificação do sujeito na questão 2.

× (8) Falso. Verbo de ligação conecta sujeito e predicativo, como acontece em "A esperança de vida é outro indicador dramático (predicativo)" / (ordem direta). Em "O Brasil está na América do Sul", o mesmo não acontece. Temos sujeito, verbo intransitivo e adjunto adverbial de lugar, respectivamente. Saiba mais:

- PREDICATIVO: termo que expressa uma característica, um estado, um modo de ser do nome. O predicativo relaciona-se ao nome por meio de um verbo de ligação ou não. O predicativo pode ser:

· Predicativo do sujeito: quando a característica é atribuída ao sujeito da oração.

Os jogadores estavam nervosos.
suj. v. lig. predicat. do suj.

Os brasileiros assistiram à cena nervosos.
suj. v.t.i. obj. ind. predicat. do suj.

· Predicativo do objeto: quando a característica é atribuída ao objeto da oração.

Ninguém considerou certa sua atitude.
suj. v.t.d. predicat do obj obj. dir.

✓ (9) Verdadeiro. O substantivo "reflexão" (abstrato, cognato de verbo, ou seja, da família etimológica do verbo "refletir"). A esse substantivo está subordinado, numa relação completiva (objetiva), o termo "sobre a iniquidade". Lembre-se:

- COMPLEMENTO NOMINAL: é o termo que relaciona a nomes de sentido incompleto a fim de completá-los. O complemento nominal se assemelha ao objeto indireto, mas a diferença fundamental entre eles é que o objeto indireto

inicia-se por um preposição e completa o sentido de verbos, enquanto que o complemento nominal inicia-se por preposição e completa o sentido de nomes.

O complemento nominal tem como principais características:

- começa sempre por uma preposição;
- está subordinado somente a: substantivos, adjetivos e advérbios;
- recebe, em muitos casos, a ação do nome que ele completa (relação objetiva ou completiva).

A população ficou revoltada com as mudanças.
nome incomp. compl. nom. (adjetivo)

A acusação ao criminoso foi feita por mim.
nome incomp. compl. nom.

IMPORTANTE

DIFERENÇA ENTRE ADJUNTO ADNOMINAL E COMPLEMENTO NOMINAL

Muitos estudiosos da língua discutem essa diferença. Macetes não ajudarão. A meu ver, essa diferença é mais semântica que sintática. É necessário compreender o que se lê e verificar, cuidadosamente, que tipo de relação é estabelecida no texto. Em nossa língua, há nomes (substantivos, adjetivos e advérbios) que carecem de uma expansão sintática que lhes complete o sentido na construção fraseológica. Essa expansão sintática, sempre preposicionada, recebe o nome de complemento nominal. O adjunto adnominal, nem sempre preposicionado, a não ser que venha representado por uma locução adjetiva, estará sempre subordinado ao substantivo. Vamos tentar entender cada situação.

1. Termo preposicionado subordinado ao adjetivo será sempre complemento nominal.

Estamos insatisfeitos com o atual cenário político.
(adjetivo) (complemento nominal)

Esse projeto é igual ao decreto.
(adjetivo) (complemento nominal)

2. Termo preposicionado subordinado ao advérbio será sempre complemento nominal.

Agiu favoravelmente à Lei de Responsabilidade Fiscal.
(advérbio) (complemento nominal)

Ele mora perto do aeroporto paulista.
(advérbio) (complemento nominal)

3. Termo preposicionado subordinado ao substantivo abstrato cognato (derivado) de verbo poderá ser complemento nominal (se se estabelecer relação completiva, ou seja, se na reescritura caracterizar-se o complemento do verbo) ou adjunto adnominal (se se estabelecer relação subjetiva, ou seja, se na reescritura caracterizar-se o sujeito).

O ataque aos iraquianos provocou revoltas.
(complemento nominal)

Note que há a ideia de "atacar os iraquianos". Em vez de completar o verbo, o termo preposicionado completa o nome e é, portanto, complemento nominal.

O ataque dos iraquianos foi fraco.
(adjunto adnominal)

Note que há a ideia de "os iraquianos (sujeito) atacarem". Como a relação é subjetiva, o termo preposicionado é adjunto adnominal.

4. Termo preposicionado subordinado ao substantivo abstrato não cognato de verbo poderá ser complemento nominal (se se estabelecer relação completiva) ou adjunto adnominal (se se estabelecer relação subjetiva).

Os brasileiros têm aversão ao desemprego.
(complemento nominal)

Note que a ideia de "ter medo" parte dos brasileiros e recai sobre o desemprego. Como a relação é completiva, o termo preposicionado é complemento nominal.

Essa aversão dos brasileiros não procede.
(adjunto adnominal)

Note que a ideia de "ter aversão" não recai sobre os brasileiros. Na verdade, a ideia de "ter aversão" parte, numa relação subjetiva, exatamente do termo preposicionado, que será chamado de adjunto adnominal.

LEMBRE-SE:

Às vezes, o substantivo é abstrato e (ou) cognato de verbo, mas não é possível estabelecer nem a relação completiva nem a relação subjetiva. O termo preposicionado estará apenas junto do nome e será chamado, portanto, de adjunto adnominal.

Maria Clara tem grande desembaraço de expressão.
(adjunto adnominal)

Interprete o texto. Note que *desembaraço* é um substantivo abstrato, cognato do verbo "desembaraçar". Mas, semanticamente, não existe a ideia de Maria Clara desembaraçar a expressão (relação completiva) nem a ideia de a expressão desembaraçar Maria Clara (relação subjetiva). O redator apenas tem o intuito de dizer que Maria Clara é comunicativa, desembaraçada.

5. Termo preposicionado subordinado ao substantivo concreto será sempre adjunto adnominal. Cuidado apenas quando o substantivo concreto for empregado conotativamente, pois poderá haver relação completiva e, portanto, complemento nominal.

O professor de Matemática recebeu o prêmio.
(adjunto adnominal)

A torre de aço foi derrubada pelo avião.
(adjunto adnominal)

Note que os substantivos "professor" e "torre", empregados denotativamente, não indicam ação. Indicam pessoa, coisa. Esses substantivos nunca serão completivos. Portanto, o termo preposicionado será sempre adjunto adnominal.

Dirceu era o cabeça do grupo.
(complemento nominal/ "liderava o grupo")

Paulo era o rei da mentira.
(complemento nominal/ "comandava a mentira")

Observe que os substantivos "cabeça" e "rei", empregados conotativamente, estabelecem, com o termo preposicionado, relação completiva.

QUESTÃO 3

✓ (1) Verdadeiro. Em vez de aplicar a concordância lógico-formal, pode-se recorrer à silepse ou concordância ideológica. Nesse caso, concorda-se com o termo logicamente implícito: (A obra) *Os lusíadas* constitui (...), ocupa (...), canta (...).

✓ (2) Verdadeiro. O termo "Obra máxima de Camões e da poesia de língua portuguesa" explica o sujeito "Os lusíadas". Saiba mais:

- APOSTO: termo que serve para reiterar ou reforçar outro termo. Conforme o seu valor na oração, classifica-se em:
  - Explicativo: Gudesteu, pai de Ambrosina, foi traído por todos.
  - Enumerativo: Tenho necessidade de três coisas: caixas, fitas adesivas e pincéis.
  - Resumidor ou Recapitulativo: Cadeira, mesa, armário, tudo parecia velho demais.
  - Comparativo: As estrelas, grandes olhos azuis, espreitavam através da folhagem.
  - Especificativo ou Restritivo: A cidade de Roma tem belezas incontestáveis.

✓ (3) Verdadeiro. Os dois vocábulos apresentam o mesmo número de fonemas: /coletividade/ - 12 fonemas; /*trãsfigurado*/ - 12 fonemas.

✓ (4) Verdadeiro. O único pronome átono (não precedido de preposição) e proclítico (colocado antes do verbo) é o destacado em: "... em que a expansão marítima de Portugal se transforma em monumento de imaginação e arte literária."

✓ (5) Verdadeiro. Ambos são transitivos diretos (exigem complemento sem o auxílio da preposição): cantam uma coletividade/ descobrindo o mundo.

× (6) Falso. Destacou-se o sujeito do verbo "são". Veja a oração na ordem direta, sem interrupções: "... esses personagens são mitos...".

Então, o que é o vocativo?

O **VOCATIVO** é o termo usado para chamar a atenção da pessoa com quem se fala. O vocativo não pertence nem ao sujeito, nem ao predicado da oração.

A vida, meu irmão, está triste agora.
suj. vocativo predicado

Deus, por que me abandonaste?
Por que me irritas, Maria?

QUESTÃO 4

✓ (0) Verdadeiro. Pré-requisito para o bom emprego da vírgula: dominar a ordem direta. Vejamos: SUJEITO - VERBO - COMPLEMENTO VERBAL - COMPLEMENTO ADVERBIAL. Caso se verifique essa ordem, a vírgula é proibida. Porém, na linha 1 não é o sujeito que inicia a construção. É o adjunto adverbial e está deslocado.

× (1) Falso. No trecho "... uma mercadoria de interesse geral passou a ser empregada como medida de valor das demais e tornou-se o padrão de troca" (l.3), a

conjunção "e" conecta orações que têm o mesmo sujeito. Nesse caso, a vírgula anteposta é proibida. E se os sujeitos fossem diferentes? É melhor colocar a vírgula. Observe: " ...uma mercadoria de interesse geral passou a ser empregada como medida de valor das demais, e o objeto convencional tornou-se o padrão de troca. Pontuação errada: a) Fernando Henrique, presidente do Brasil e Luiz Estêvão conversavam. b) Ele criticou o chefe e o assessor ficou nervoso (Ele criticou o chefe e o assessor?). Melhor registrar: a) Fernando Henrique, presidente do Brasil, e Luiz Estêvão conversavam. b) Ele criticou o chefe, e o assessor ficou nervoso.

E vírgula depois da conjunção "e"? Só se houver estrutura intercalada. Observe:" ... uma mercadoria de interesse geral passou a ser empregada como medida de valor das demais e, depois de vários anos, tornou-se o padrão de troca."

✓ (2) Verdadeiro. Vale ressaltar, porém, que a maioria dos estudiosos da língua prefere usar vírgula antes de "etc." (expressão latina = e outras coisas). No Vocabulário Ortográfico de 2009, essa pontuação é sistemática.

✓ (3) Verdadeiro. Considerando a ordem direta, não se separa o verbo do seu complemento.

✓ (4) Verdadeiro. Outros casos você verá depois. Observe, agora, a palavra "como", seguida da expressão ratificadora "por exemplo": - Pedro sabia criar um clima organizacional muito especial, como, por exemplo, dar nome para cada carneirinho e ovelhinha.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

NÍVEL 1

1. Destaque o sujeito dos verbos em negrito, transcrevendo-o na coluna da direita e classificando-o de acordo com o código seguinte:

(SS) = sujeito simples	(OSS) = oração sem sujeito (sujeito inexistente)
(SC) = sujeito composto	
(SI) = sujeito indeterminado	(SO) = sujeito oracional

Observe o exemplo:

VERBOS	SUJEITO
a. Aqui está ela.	ela (SS)
b. "A areia do chapadão **virara** poeira de mica". (Mário Palmério, "Vila dos Confins")	_____ ( )
c. "...o cheiro nauseabundo do anfiteatro da escola, o aspecto nojento dos cadáveres, as maçantes lições de Química, Física e Botânica, as troças dos veteranos, a descrição minuciosa e fatigante da osteologia, a cara insociável dos explicadores; tudo isso o **fazia** vacilar". (Aluísio Azevedo, "Casa de Pensão")	_____ ( )
d. Foi o próprio filho que o **procurou** logo de manhã.	_____ ( )
e. "**Parece** que ela os compra em alguma fábrica, pensou Rubião". (Machado de Assis. "Quincas Borba")	_____ ( )

f. "Ora, ora, ora! **respingava** o sarcedote, como as últimas gotas de um aguaceiro". (Aluísio Azevedo, "O Mulato")	_____ ( )
g. "**Há** muitas árvores de cedro, áquila, sândalos e outros paus de bom olor e várias cores e tantas diferenças de folhas e flores...". (Anchieta, "Cartas, Informações, Fragmentos Históricos e Sermões")	_____ ( )
h. "Domingos e dias santos, nos **manda** a igreja guardar". (Gregório de Matos, "Verdades Miúdas")	_____ ( )
i. "A vil Paraguaçu, que sem que o creia, sobre ser-me inferior, **é** néscia e feia". (Santa. Rita Durão, "Caramuru")	_____ ( )
j. "Oração e Trabalho **são** os recursos mais poderosos na criação moral do homem". (R. Barbosa, Escritos e Discursos Seletos")	_____ ( )
l. Destes penhascos **fez** a natureza o berço em que nasci: oh! Quem cuidara...". (Cláudio M. da Costa, "Obras Poéticas")	_____ ( )
m. "O senhor Rodrigues volta-se para dona Bernardina que **continua** muito ocupada com a gaiola...". (Artur Azevedo, "Contos Fora da Moda")	_____ ( )
n. "Mas **há** muitos anos que o Paraíba não repetia a façanha". (J. Lins do Rego. "Menino de Engenho")	_____ ( )
o. É tarde. **Troveja**. Beto não volta.	_____ ( )

p. "De quando em quando rumores surdos **trovejavam** ao longe". (Coelho Neto. "Obra Seleta")	_____ ( )

2. Classifique os verbos quanto à predicação:

a. O professor sou eu.
b. Eu sou o professor.
c. "A lua ia grande e bela." (Eça).
d. "Nossa vida tornou-se impossível." (M. de Assis).
e. "Um fraco rei faz fraca a forte gente." (Camões. Lus.)
f. Acusaram de injusto o diretor.
g. Saiu da luta engrandecido.
h. Nesse andar, acabarás mendigo.
i. "Pegou de uma faca e entrou a bater com ela devagarinho."(M. de Assiss.HSD,74)
j. "Uma das três janelas vivia sempre meio aberta." (Id., ibid., 29.)
l. "A pobre dama sentiu-se humilhada." (Id.,ibid.,74)
m. "O cônego Brito acabava de sair eleito deputado." (Id., ibid., 90)
n. A canoa virou.
o. O vento virou a canoa.
p. O tronco, à força de fogo, virou canoa.

3. Na oração "Maurício me considerava seu amigo já que as minhas ações eram sinceras", a palavra que exerce a função de objeto direto é:

a. ( ) seu amigo
b. ( ) minhas ações
c. ( ) me
d. ( ) sinceras

4. Abaixo segue a análise da oração "Não duvides das palavras divinas". Assinale (C) quando correta ou (E) quando errada:

a. ( ) "não" = advérbio de negação
b. ( ) "duvides" = verbo transitivo indireto
c. ( ) "das palavras divinas" = objeto indireto
d. ( ) "duvides das palavras divinas" = predicado verbal

5. As palavras da oração "A matéria que o professor me explicou foi fácil" estão analisadas (C) correta ou (E) erradamente:

a. ( ) "a matéria" = sujeito de "foi"
b. ( ) "que" = objeto direto de "explicou"
c. ( ) "o professor" = sujeito de "explicou"
d. ( ) "me" = objeto direto de "explicou"
e. ( ) "explicou" = verbo intransitivo
f. ( ) "fácil" = predicativo do objeto
g. ( ) "foi fácil" = predicado nominal
h. ( ) "que me explicou" = predicado verbal

6. Faça a análise das palavras abaixo indicadas. Coloque nos parênteses da 1ª coluna o número correspondente da 2ª coluna:

a. ( ) É digno de censura.	(1) complemento nominal
b. ( ) Ele tomou do lápis.	(2) objeto direto
c. ( ) Ele estudou a lição.	(3) objeto direto preposicionado
d. ( ) Vi nervoso a João.	(4) objeto indireto
e. ( ) Isto depende dos pais.	(5) objeto direto pleonástico
f. ( ) Matou o caçador ao animal.	(6) agente da passiva
g. ( ) As flores Deus as fez.	(7) sujeito

h. ( ) Consertam-se sapatos.

i. ( ) A sala foi enfeitada de flores.

j. ( ) Amo a Deus.

k. ( ) O aluno está atento à lição.

☞ **IMPORTANTE**

COMPLEMENTO NOMINAL X ADJUNTO ADNOMINAL.

- COMPLEMENTO NOMINAL: termo preposicionado que estabelece relação objetiva ou completiva com o SUBSTANTIVO, o ADJETIVO ou o ADVÉRBIO.

A suspensão das aulas foi necessária.
("suspender as aulas": V.T.D. + obj. dir. /

"suspensão das aulas": subst. + compl. nominal)

Estou satisfeito com você.
(adjetivo + complemento nominal)

Ele mora perto do rio.
(advérbio + complemento nominal)

- ADJUNTO ADNOMINAL: só se subordina ao substantivo e pode estabelecer com ele relação subjetiva (na reescritura, tem-se o sujeito).

A explicação do mestre merece aplausos.
("o mestre explicou": sujeito + verbo/

"explicação do mestre": subst. + adjunto adnominal)

A folha de papel está ali.
(subst. concreto. + adjunto adnominal)

7. Distinga o adjunto adnominal (1), o complemento nominal (2) e o complemento adverbial (3):

a. ( )Dirceu tinha sede de justiça.
b. ( )Veio procurá-lo um oficial de justiça.
c. ( )Maria Clara tem grande desembaraço de expressão.
d. ( )Foi demorado o desembaraço de minha bagagem.
e. ( )Gorou minha viagem à Bahia.
f. ( ) Somente para o ano irei à Bahia.
g. ( ) Collor tinha a volúpia da mentira.
h. ( ) Maluf era o rei da mentira. (Cp.: Comandava a mentira".)
i. ( ) Perdeu-o a ambição de dinheiro.
j. ( ) Encontraram vários pacotes de dinheiro.
k. ( ) A defesa do réu foi trabalhosíssima para seus advogados.
l. ( ) A mulher do réu chorava convulsivamente.
m.( ) À noite, é deslumbrante a visão da cidade.
n. ( ) Os habitantes da cidade são taciturnos.
o. ( ) O aparecimento de fantasmas sobressaltou os habitantes do castelo.
p. ( ) Está desmoralizada a crença em fantasmas.
q. ( ) A esperança de perdão transfigurava-o.
r. ( ) A hora de perdão não chegara ainda.
s. ( ) A falta às aulas prejudica-o.
t. ( ) Amanhã faltarei às aulas.

8. Classifique os predicados seguintes:

a. Encontramos em ruínas a casa.

---

b. Os jogadores voltaram felizes com o resultado do jogo.

---

c. O rapaz, bêbado, caiu na rua.

---

d. Ele escreveu ótimos poemas.

---

e. A lua ia grande e bela.

---

f. Pedro acha-se ocupado no momento.

---

g. A crisálida virou borboleta.

---

h. O rio corre vagarosamente.

---

i. "Nossa vida tornou-se impossível".

---

j. Nós o chamamos padrinho.

---

9. Julgue os itens seguintes:

( ) Em "...eu a julgava recompensada e feliz...", ocorre predicado verbo-nominal. (UnB/CESPE)

( ) A palavra **paz** exerce a função sintática de predicativo na oração "Para que exista paz". (UnB/ CESPE).

( ) Em "O táxi avançava monótono", o predicado é verbo-nominal.(UnB/CESPE)

10. Julgue os itens

1. ( ) No texto seguinte, o preço, seu cupom e dinheiro exercem funções sintáticas diferentes:

Dê a volta ao mundo sem sair de casa.

Tenha o mundo inteiro em suas mãos toda semana.

Congele o preço por um ano todo e aproveite as vantagens.

Envie hoje mesmo seu cupom.

Não mande dinheiro agora. (UnB/CESPE)

2. ( ) Em "possibilidade de comunicação autêntica", no texto seguinte, a expressão grifada é objeto indireto do termo possibilidade:

Paz é, portanto, possibilidade de comunicação autêntica, de diálogo, de palavra plena. (UnB/ CESPE)

3. ( ) Em "respeito ao próximo", no texto abaixo, a expressão sublinhada exerce a função sintática de complemento nominal:

Paz implica, portanto, e de maneira radical, respeito ao próximo, escuta atenta, modéstia. (UnB/ CESPE)

4. ( ) No texto seguinte, tanto ao desenho quanto à pintura são complementares nominais de sensível:
Sempre fui mais sensível ao desenho do que à pintura. (UnB/ CESPE)

5. ( ) Na oração Que visão teria eu dessa realidade, o sujeito está posposto ao verbo transitivo direto, cujo complemento é Que visão (...) dessa realidade, em que dessa realidade é um complemento nominal. (UnB/ CESPE)

11. Julgue os itens a seguir conforme a classificação dos verbos quanto à predicação:

1. ( ) Havia uma bolsa sobre a mesa - transitivo direto.
2. ( ) Nossos atletas se comportaram muito bem nos jogos olímpicos - intransitivo.
3. ( ) Existiam muitos estranhos na festa - transitivo direto.
4. ( ) Perdeu-se tudo no prato - transitivo direto.
5. ( ) Ele mora em São Paulo - transitivo indireto.
6. ( ) Nós beberemos do vinho - transitivo indireto.
7. ( ) Nossa Majestade já pensou nisso? - transitivo indireto.
8. ( ) A moça caiu doente - verbo de ligação.
9. ( ) Os ausentes nunca têm razão - transitivo direto.
10. ( ) Solicitei a proposta ao empresário - transitivo direto e indireto.

12. Julgue os itens que se seguem de acordo com a classificação sintática dos termos sublinhados:

1. ( ) O inimigo resistiu ao ataque - objeto indireto.
2. ( ) A crença em Deus é necessária - objeto indireto.
3. ( ) As ruas ficaram cobertas de lama - agente da passiva.
4. ( ) Jussara tem certeza da vitória - complemento nominal.
5. ( ) A análise do professor deixou o aluno revoltado - complemento nominal.
6. ( ) Dívidas, convém saldá-las - objeto direto pleonástico.
7. ( ) Pisaram-me o calo - adjunto adnominal.
8. ( ) O time jogou contra o Flamengo - complemento nominal.
9. ( ) O deputado considerou o jovem incompetente - adjunto adnominal.
10. ( ) As crianças, meu amigo, são agitadas - vocativo.

13. (IDR/FEDF) No período: "A análise da questão não pode excluir o fato de que o problema apresenta uma grave faceta.", o sujeito da primeira oração classifica-se em:

a. ( ) simples.
b. ( ) composto.
c. ( ) inexistente.
d. ( ) indeterminado.

14. (IDR/FEDF) No período: "Se não ocorrer uma redução sensível do ritmo desse fluxo, será muito difícil resolver o problema.", o predicado, nas três orações, respectivamente, classifica-se como:

a. ( ) nominal; verbo-nominal; verbal.
b. ( ) nominal; verbal; nominal.
c. ( ) verbal; verbal; nominal.
d. ( ) verbal; nominal; verbal.

15. (UnB/TCU) Observe o trecho:

"Os bancos brasileiros se vangloriam permanentemente de sua eficiência e agilidade."
Assinale a opção em que o **se** tem a mesma função do exemplo acima.

a. ( ) Os bancos crescerão se aceitarem clientes novos.
b. ( ) Pretende-se aperfeiçoar o sistema bancário.
c. ( ) Discutiu-se a questão da renda mínima.
d. ( ) Os clientes queixaram-se dos serviços bancários.
e. ( ) Aos clientes oferecem-se serviços elementares.

16. (ESAF/TRT) O professor será eleito <u>presidente</u> da associação dos moradores.
A função sintática do termo grifado na oração acima é:

a. ( ) complemento nominal.
b. ( ) sujeito.
c. ( ) objeto indireto.
d. ( ) predicativo do sujeito.
e. ( ) predicativo do objeto.

17. (Unirio-RJ) Assinale a frase cujo sujeito se classifica do mesmo modo que o da frase "Faz muito calor no Rio o ano inteiro".

a. ( )Devia haver mais interesse pela boa formação profissional.
b. ( )Falaram muito mal dos estimuladores de conflitos.
c. ( )Vive-se bem o clima da montanha.
d. ( )Almejamos dias melhores.
e. ( )Haviam chegado cedo os candidatos.

18. (UnB/ CESPE) Leia o texto a seguir para responder à questão:

" Mas quando Carlota viu as horas, lembrou-se num sobressalto, que a fez levar a mão ao peito, de que se esquecera de tomar o copo de leite." (Clarice Lispector)
Marque a opção que indica quantas orações há no texto:

a. ( )7
b. ( )5

c. ( )4
d. ( )6

19. (PUCC-SP) Classifique os verbos quanto à predicação na frase:

" Não agradou ao dono da casa o café que a criada fez."

a. ( )"agradou" - transitivo indireto; "fez" - transitivo direto
b. ( )"agradou" - transitivo indireto; "fez" - transitivo indireto
c. ( )"agradou" - intransitivo; "fez" - intransitivo
d. ( )"agradou" - transitivo direto; "fez" - intransitivo
e. ( )n.d.a

20. (U.F.Uberlândia-MG) Todos os períodos a seguir apresentam verbo transitivo direto e indireto ao mesmo tempo, exceto:

a. ( )"Fernando opôs `a pretensão da noiva a razão de estado".
b. ( )"...essa palavra proferida sem intenção pelo velho infligiu-lhe a mais acerba das humilhações."
c. ( )"Deus a destinará à opulência".
d. ( )"Vou confiar-lhe meu segredo, um segredo que a ninguém neste mundo foi revelado, e que só Deus sabe".
e. ( )"Estas últimas palavras, a moça proferiu-as com uma indefinível expressão".

21. (UFMG) Em todas as opções, o verbo dar é transitivo, exceto em :

a. ( )Tereza Maria dava jantares com mesinhas.
b. ( )Ninguém estava mais disposto a dar a pele, a se consumir.
c. ( )Aceitava, mas dava-lhe o troco.
d. ( )Laura deu uma noiva linda, olhos azuis, cabelos pretos.
e. ( )Pediu à Eugênia que me desse umas aulas.

22. (Mackenzie-SP) Em: "E quando o brotinho lhe telefonou, dias depois, comunicando que estudava o modernismo, e dentro do modernismo sua obra, para o que o professor lhe sugerira contato pessoal com o autor, ficou assanhadíssimo e paternal a um tempo", os verbos assinalados são, respectivamente.

a. ( ) transitivo direto, transitivo indireto, de ligação, transitivo direto e indireto.
b. ( ) transitivo direto e indireto, transitivo direto, transitivo indireto, de ligação.
c. ( ) transitivo indireto, transitivo direto e indireto, transitivo direto, de ligação.
d. ( )transitivo indireto, transitivo direto, transitivo direto e indireto, de ligação.
e. ( )transitivo indireto, transitivo direto e indireto, de ligação, transitivo direto.

23. (UCMG) A classificação dos verbos destacados, quanto à predicação, foi feita corretamente em:

a. ( )" Não nos olhou o rosto. A vergonha foi enorme." - transitivo direto e indireto
b. ( )"Procura insistentemente perturbar-me a memória." - transitivo direto
c. ( )"Fiquei durante as férias, no sítio de meus avós."- de ligação
d. ( )"Para conseguir o prêmio, Mário reconheceu-nos imediatamente." - transitivo indireto
e. ( )"Ela nos encontrará, portanto é só fazer o pedido." - transitivo indireto

24. (CTA/Computação) Assinale a opção em que há verbo transitivo indireto e predicativo do sujeito:

a. ( )Os alunos andavam apreensivos com os resultados dos exames.
b. ( )Todos elogiaram sua participação nos debates.
c. ( )As crianças assistiram alegres ao espetáculo.
d. ( )Seus livros estão sobre a mesa.
e. ( )n. d. a.

25. (ESPM-SP) "Quando percebi que o doente expirava, recuei aterrado e dei um grito, mas ninguém me ouviu."(Machado de Assis)

A função sintática das palavras doente - grito - ninguém - me é, respectivamente:

a. ( )sujeito, objeto direto, objeto direto, objeto indireto.
b. ( )objeto direto, sujeito, objeto direto, sujeito.
c. ( )sujeito, objeto indireto, sujeito, objeto direto.
d. ( )objeto indireto, objeto direto, sujeito, objeto direto.
e. ( )sujeito, objeto direto, sujeito, objeto direto.

26. (Odonto-Santos) Assinale a opção correta em relação à classificação dos predicados das orações abaixo:

I - Todos nós consideramos a sua atitude infantil.
II - A multidão caminhava pela estrada poeirenta.
III - A criançada continua emocionada.

a. ( )I- predicado verbal; II- predicado nominal; III- predicado verbo-nominal.
b. ( )I- predicado nominal; II- predicado verbal; III- predicado verbo-nominal.
c. ( )I- predicado verbo-nominal; II- predicado verbal; III- predicado nominal.
d. ( )I- predicado verbo-nominal; II- predicado nominal; III- predicado verbal.
e. ( )I- predicado nominal; II- predicado verbal; III- predicado verbo-nominal.

27. (EPUSP) "Os ilhais da fera arfam de fadiga, a espuma franja-lhe a boca, as pernas vergam, e os olhos amortecem de cansaço."

Os termos de fadiga e de cansaço funcionam como:

a. ( )adjuntos adverbias de modo.
b. ( )adjuntos adverbiais de causa.
c. ( )adjunto adverbial de causa e adjunto adverbial de modo, respectivamente.

d. ( )adjunto adverbial de modo e adjunto adverbial de causa, respectivamente.
e. ( )adjuntos adnominais.

28. (PUCC-SP) "Encontrei-a sentada na sarjeta." Os termos destacados são, respectivamente:

a. ( )objeto indireto, adjunto adnominal, adjunto adnominal de lugar.
b. ( )objeto direto, aposto, adjunto adverbial de lugar.
c. ( )objeto direto, nome predicativo do objeto direto, adjunto adverbial de lugar.
d. ( )objeto direto, nome predicativo do objeto direto, adjunto adverbial de tempo.
e. ( )n.d.a.

29. (FEI-SP) Resolva as questões a seguir conforme o código que segue:

I - adjunto adverbial de lugar;
II - adjunto adverbial de tempo;
III - adjunto adverbial de modo;
IV - adjunto adverbial de causa.

a. ( )Segunda-feira haverá um jogo importante
b. ( )Com o mau tempo não podemos trabalhar ao relento
c. ( )O livro foi acolhido com entusiasmo pelos leitores.
d. ( )O automóvel parou perto do rio.

30. (Cescea) Indique a opção em que o predicado é verbo-nominal:

a. ( )Desde então ficou desconfiado.
b. ( )Eu ia caminhando pela avenida.
c. ( )Encontrei Maria Clara mais envelhecida.
d. ( )Viajarei amanhã de manhã.

31. (U.F.Uberlândia-MG) Assinale a oração cujo predicado é verbo-nominal:

a. ( )Fiz-lhe um pecúlio de cinco contos.
b. ( )Um desvão do telhado é o infinito para as andorinhas.
c. ( )Virgília designou as alfaias mais idôneas.
d. ( )Tinha nojo de si mesma.
e. ( )Ela falava-me séria, carrancuda.

32. (FESP) Analise pela ordem os termos destacados e aponte sua função:

I - As meninas assistiam alegres ao espetáculo.
II - Uma flor, o Quincas Borba!
III - Isto é bem dele!
IV - Consideramos indiscutíveis os direitos da herdeira.

a. ( )predicativo do sujeito, todos
b. ( )predicativo do sujeito, predicativo do sujeito, predicativo do sujeito, predicativo do objeto.
c. ( )objeto direto, sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto.
d. ( )predicativo do objeto, sujeito, objeto direto, predicativo do objeto.
e. ( )predicativo do sujeito, aposto, predicativo do sujeito, objeto direto.

33. (OSEC-SP) Das seguintes orações: - "Pede-se silêncio", - "A caverna anoitecia aos poucos."

"Fazia um calor tremendo naquela tarde"- o sujeito se classifica respectivamente como:

a. ( )indeterminado, inexistente, simples
b. ( )oculto, simples, inexistente
c. ( )inexistente, inexistente, inexistente
d. ( )oculto, inexistente, simples
e. ( )simples, simples, inexistente

34. (Mackenzie-SP) Aponte a análise correta do termo destacado.

Em todas as ruas, cruzavam-se amigos e inimigos anunciando em clima desafinado.

a. ( ) objeto direto
b. ( ) sujeito simples
c. ( ) sujeito composto
d. ( ) sujeito indeterminado
e. ( ) adjunto adverbial

35. (UFMG) Em todas as frases, os verbos estão na voz ativa, exceto em:

a. ( ) Ele, que sempre vivera órfão de afeições legítimas e duradouras, como então seria feliz!...
b. ( ) O quinhão de ternura, que a ela pertencia, estava intacto no coração do filho.
c. ( ) Os dois quadros tinham sido ambos bordados por Mariana e Ana Rosa, mãe e filha.
d. ( ) E dizia as inúmeras viagens que tinha feito até ali; contava episódio a respeito do boqueirão.
e. ( ) Sobre a banca de Madalena estava o envelope de que ela me havia falado.

36. (Cesgrandrio-RJ) Assinale a opção em que o pronome lhe apresenta o mesmo valor significativo que possui em: "Uma espécie de riso sardônico e feroz contraía-lhe as negras mandíbulas."

a. ( ) A mãe apalpava-lhe o coração.
b. ( ) Aconteceu-lhe uma desgraça.
c. ( ) Tudo lhe era indiferente.
d. ( ) Ao inimigo não lhe rogo perdão.
e. ( ) Não lhe contei o susto por que passei.

37. (UFMG) Assinale o item em que a função não corresponde ao termo destacado:

a. ( )Comer demais é prejudicial à saúde. - complemento nominal
b. ( )Jamais me esquecerei de ti. - objeto indireto
c. ( )A vida da cidade é muito agitada. - complemento nominal
d. ( )Ele foi cercado de amigos sinceros. - agente da passiva
e. ( )Não tens interesse pelos estudos. - complemento nominal

38. (FMU-SP) Em "eu era enfim, senhores, uma graça de alienado", os termos da oração destacados são, respectivamente, do ponto de vista sintático:

a. ( )adjunto adnominal, vocativo e predicativo do sujeito.
b. ( )adjunto adverbial, aposto, predicativo do objeto.
c. ( )adjunto adverbial, vocativo e predicativo do sujeito.
d. ( )adjunto adverbial, vocativo e objeto direto.
e. ( )adjunto adnominal, aposto e predicativo do sujeito.

39. (FUVEST-SP) No texto: "Acho-me tranquilo - sem desejos, sem esperanças. Não me preocupa o futuro". os termos destacados são, respectivamente:

a. ( )predicativo, objeto direto, sujeito
b. ( )predicativo, sujeito, objeto direto
c. ( )adjunto adnominal, objeto direto, sujeito
d. ( )predicativo, objeto direto, objeto indireto
e. ( )adjunto adnominal, objeto indireto, objeto direto

40. (UCMG) O termo destacado não está classificado corretamente, quanto à sua função sintática, em:

a. ( )Aquilo o dava como absolutamente incapaz para o serviço militar. - complemento nominal
b. ( )Geraldo Viramundo continuava calado. - predicado verbo-nominal.
c. ( )E lá estavam eles, os profetas, assistindo imóveis ao rolar do tempos. - aposto
d. ( )O cego se surpreendia com o desalento de seu amigo. - objeto indireto
e. ( )Os homens marchavam decididos, secundados pelas mulheres. - predicativo do sujeito

41. (Mackenzie-SP) Assinale a opção em que apareçam, respectivamente, as funções sintáticas dos termos destacados no trecho a seguir:

Só não é dele a tua tristeza
Tristeza dos que perderam o gosto de viver
Dos que a vida traiu impiedosamente
Tristeza de criança que se deve afagar e acalentar
(A minha tristeza também...)
Só não é dele a tua tristeza, ó minha triste amiga, porque ele não a quer.

a. ( )objeto direto, adjunto adnominal, adjunto adnominal
b. ( )predicativo do sujeito, objeto indireto, objeto direto
c. ( )predicativo do sujeito, complemento nominal, adjunto adnominal
d. ( )sujeito, predicativo do sujeito, objeto indireto.
e. ( )sujeito, adjunto adnominal, objeto direto

42. (UFMG) O termo destacado está corretamente classificado, exceto em:

a. ( )Minha mãe era temente a Deus. - complemento nominal
b. ( )Expus a Capitu a ideia de José Dias. - objeto indireto
c. ( )A afeição crescente era manifestada por atos extraordinários. - agente da passiva
d. ( )Poucos teriam ânimo de confessar aquele pensamento. - sujeito simples
e. ( )Há cousas que não se ajustam nem combinam. - objeto direto

43. (FESP) Aponte a correta:

Preferiu a fuga ao cativeiro.
Ele é rico em virtudes.
Morte, onde está tua vitória?

a. ( )objeto indireto, objeto indireto, sujeito
b. ( )adjunto adnominal, objeto indireto, vocativo
c. ( )objeto indireto, complemento nominal, vocativo
d. ( )complemento nominal, adjunto adverbial, sujeito
e. ( )adjunto adverbial, complemento nominal, aposto

44. (FCMSC-SP) Observe as orações seguintes:

Dizem por aí tantas coisas...
Nesta faculdade acolhem muito bem os alunos.
Obedece-se aos mestres.

O sujeito está indeterminado:
a. ( )somente na 1.
b. ( )na 2 somente.
c. ( )na 3 somente.
d. ( )em duas delas somente.
e. ( )nas três orações.

45. (UEPG-PR) Só num caso a oração é sem sujeito. Identifique-a:

a. ( ) Faltavam três dias para o batismo.
b. ( ) Houve por improcedente a reclamação do aluno.
c. ( ) Só me resta uma esperança.
d. ( ) Havia tempo suficiente para as comemorações.
e. ( ) n.d.a.

46. (FESP) Em "Retira-te, criatura ávida de vingança!", o sujeito é:

a. ( ) te
b. ( ) inexistente
c. ( ) oculto determinado
d. ( ) criatura
e. ( ) n.d.a

47. (FMU-SP) Observe a estrofe:

"Lembra-me que, certo dia,
Na rua, ao sol de verão,
Envenenado morria
Um pobre cão".

Aparece aí a inversão do:
a. ( ) objeto direto: um pobre cão.
b. ( ) sujeito: um pobre cão.
c. ( ) sujeito: certo dia.
d. ( ) predicado: lembra-me.
e. ( ) predicativo do sujeito: me.

48. (FMU-FIAM-SP) Na oração "Mas uma diferença houve", o sujeito é:

a. ( ) agente.
b. ( ) indeterminado.
c. ( ) paciente.
d. ( ) inexistente.
e. ( ) oculto.

49. (ITA-SP) Considere os verbos destacados nos seguintes versos de Olavo Bilac:

"Longe do estéril turbilhão da rua,
Beneditino, **escreve**!"
"De tal modo, que a imagem **fique** nua (...)"
"E, natural, o efeito agrade,
Sem **lembrar** os andaimes do edifício."

Quanto à predicação eles se classificam, respectivamente, como:

a. ( ) intransitivo - de ligação - transitivo direto.
b. ( ) transitivo direto - intransitivo - intransitivo.
c. ( ) transitivo - intransitivo - intransitivo.
d. ( ) transitivo - de ligação - intransitivo.
e. ( ) transitivo direto - de ligação - transitivo direto e indireto.

50. (ESAL-MG) Em "O tempo estava de morte, de carnificina", o verbo é:

a. ( ) de ligação.
b. ( ) transitivo indireto.
c. ( ) intransitivo.
d. ( ) transitivo direto.
e. ( ) transitivo direto e indireto.

51. (UE-CE) Em "Cuspi no chão com um nojo desgraçado daquele sangue...", o verbo cuspi é:

a. ( ) intransitivo.
b. ( ) transitivo direto.
c. ( ) transitivo indireto.
d. ( ) transitivo direto e indireto.

52. (FMPA-MG) Identifique a opção em que o verbo destacado não é de ligação:

a. ( ) A criança estava com fome.
b. ( ) Pedro parece adoentado.

c. ( ) Ele tem andado confuso.
d. ( ) Ficou em casa o dia todo.
e. ( ) A jovem continua sonhadora.

53. (Mack-SP) Em: "Chamou-se <u>um eletricista</u> para a instalação dos fios?", o termo destacado é:

a. ( ) objeto direto.
b. ( ) sujeito.
c. ( ) predicativo do sujeito.
d. ( ) objeto indireto.
e. ( ) agente da passiva.

54. (FEI-SP) Identifique a opção em que há objeto direto preposicionado:

a. ( ) Passou aos alunos, para estudo, o texto impresso.
b. ( ) Naquela época, era difícil viajar para a Europa.
c. ( ) Em dias chuvosos, gosto de ler um bom livro.
d. ( ) Sentamo-nos a uma das mesas e pedimos o jantar.
e. ( ) Amou a João com o mais puro amor.

55. (UF-MG) Identifique a opção em que a função não corresponde ao termo em destaque:

a. ( )Comer demais é prejudicial **à saúde**. - complemento nominal.
b. ( )Jamais me esquecerei **de ti**. - objeto indireto.
c. ( )Ele foi cercado **de amigos sinceros.** - agente da passiva.
d. ( )Não tens interesse **pelos estudos**. - complemento nominal.
e. ( )Tinha grande amor **à humanidade**. - objeto indireto.

56. (FMU-SP) Observe os termos destacados:

"Passei **o dia** à toa, à toa."
"Passei **a vida** à toa, à toa."

Tais termos exercem:

a. ( ) a mesma função sintática: sujeito do verbo passar.
b. ( ) a mesma função sintática: objeto direto do verbo passar.
c. ( ) a mesma função sintática: adjunto adverbial de modo.
d. ( ) funções sintáticas diferentes: o primeiro é adjunto adverbial; o segundo, sujeito.
e. ( ) funções sintáticas diferentes: o primeiro é objeto direto; o segundo, sujeito do verbo passar.

57. (FCMSC-SP) Na oração seguinte:

"Você ficará **tuberculoso, de tuberculose** morrerá", as palavras destacadas são, respectivamente:

a. ( )adjunto adverbial de modo, adjunto adverbial de causa.
b. ( )objeto direto, objeto indireto.
c. ( )predicativo do sujeito, adjunto adverbial.
d. ( )ambas predicativos.
e. ( )n.d.a.

58. (Cescem-SP) Dê a função sintática do termo destacado em: "Amanhã, <u>sábado</u>, não sairei de casa":

a. ( )objeto direto.
b. ( )objeto indireto.
c. ( )agente da passiva.
d. ( )complemento nominal.
e. ( )aposto.

59. (PUC-SP) Dê a função sintática do termo destacado em: "Voltaremos <u>pela Via Anhanguera</u>":

a. ( ) sujeito.
b. ( ) objeto direto.
c. ( ) agente da passiva.
d. ( ) adjunto adverbial.
e. ( ) aposto.

60. (Osec-SP) "Ninguém parecia disposto ao trabalho naquela manhã de segunda-feira". O termo destacado exerce a função sintática de :

a. ( ) predicativo.
b. ( ) complemento nominal.
c. ( ) objeto indireto.
d. ( ) adjunto adverbial.
e. ( ) adjunto adnominal.

61. (Osec-SP) "Todas as cartas que me enviam chegam com algum atraso". Os termos destacados no período exercem, respectivamente, a função sintática de:

a. ( ) objeto direto e adjunto adnominal.
b. ( ) sujeito e adjunto adnominal.
c. ( ) objeto direto e adjunto adverbial.
d. ( ) sujeito e objeto indireto.
e. ( ) objeto direto e objeto indireto.

62. (ESAF/AFTN) Indique a letra que completa com correção gramatical e com coerência as lacunas do trecho abaixo, pelo ordem de aparecimento.

Diante do aumento da população de idosos, a sociedade brasileira começa a tomar consciência de que a questão exige uma política social imediata e enérgica que permita não só _____ e _____ condições de sobrevivência, mas _____ à comunidade e à força produtiva, _____ a completa dimensão de cidadania.

a. ( )sustentá-los, fornecer-lhes, inserir-lhes, restituindo-lhes
b. ( )ampará-los, dar-lhes, reintegrá-los, devolvendo-lhes
c. ( )asilá-los, garantir-lhes, recolhê-los, subtraindo-lhes
d. ( )acolher-lhes, garantir-lhes, introduzí-los, recambiando-lhes
e. ( )assisti-los, prover-lhes, readmití-los, alijando-lhes

63. (CEUB) Único que que não é pronome relativo é:

a. ( )Barbeiro que me conhecia.
b. ( )Na ocasião em que ia passando.
c. ( )Não atendeu a um freguês, e logo a outro que ali foram.
d. ( )Cortina de chita que fechava o interior da casa.
e. ( )Creio que me descobriu de dentro.

64. (ESAF/TTN) O texto abaixo apresenta cinco segmentos grifados. Assinale a opção correspondente ao segmento incorreto.

"Pedimos a (1) todas as outras funcionárias que saíssem (2). Saia (3) você também; senão (4) vão dizer que lhe (5) tratamos injustamente".

a. ( ) 1
b. ( ) 2
c. ( ) 3
d. ( ) 4
e. ( ) 5

65. (IDR/TCDF) Assinale a opção em que a forma pronominal foi usada conforme a norma culta.

a. ( )Infelizmente não deu para mim opinar sobre o programa.
b. ( )Não lhe vi ontem no bloco dos honestos.
c. ( )Sem mim, vocês não conseguem descobrir os corruptos.
d. ( )Fiquei fora de si quando vi tantos dólares.

66. (UnB/TCDF) Assinale a opção correta quanto ao uso dos pronomes na modalidade da língua portuguesa culta.

a. ( )O chefe convocou ele durante a reunião.
b. ( )Chegou uma ordem para mim comparecer à secretaria.
c. ( )Mandaremos os produtos para ti analisar a qualidade.

d. ( )Busquei elas no serviço de almoxarifado.
e. ( )Entreguei-lhe o envelope fechado ontem mesmo.

67. (CEUB) "Nós merecemos a morte". Com pronome no lugar de morte, teríamos.

a. ( ) nós merecemos-lhe
b. ( ) nós merecemo-la
c. ( ) nós merecemos-a
d. ( ) nós merecemos-te
e. ( ) nós te merecemos

68.(CÂMARA LEGISLATIVA) De acordo com a práxis consagrada do uso dos pronomes de tratamento, assinale a opção correta:

a. ( ) Pela presente, enviamos a V. S.a a relação de seus débitos e solicitamos-lhe a gentileza de saldá-los com urgência (correspondência comercial).
b. ( ) Vossa Alteza Real, o Príncipe de Gales, virá ao Brasil para participar da ECO - 92 (nota de jornal).
c. ( ) Sua Santidade pode ter a certeza de que sua presença entre nós é motivo de júbilo e de místico fervor (discurso pronunciado em recepção diplomática ao Sumo Pontífice).
d. ( ) Solicito a V. Exa. dignar-vos aceitar as homenagens devidas, por justiça, a quem tanto engrandeceu a pátria (ofício dirigido a ministro do Supremo Tribunal).

69. (CÂMARA LEGISLATIVA - DF) Marque a opção em que houve substituição INCORRETA do termo sublinhado:

a. ( ) Diria <u>a eles</u> uma resposta adequada.
Dir-lhes-ia uma resposta adequada.
b. ( ) Enviamos o presente <u>a nossos amigos.</u>
Enviamos-lhes o presente.
c. ( ) Mandamos <u>as crianças</u> saírem.
Mandamos-as saírem
d. ( ) Não pediria <u>isso a você</u> em hipótese alguma.
Não lho pediria em hipótese alguma.

70. (ESAF/TRT) "A educação é direito de todos e dever do Estado e da família."

A palavra sublinhada na frase acima classifica-se como pronome;

a. ( ) relativo
b. ( ) indefinido
c. ( ) possessivo
d. ( ) demonstrativo
e. ( ) pessoal

71. (ESAF/TRT) Considerando o emprego dos pronomes, assinale a opção incorreta.

a. ( )Este processo aqui precisa de um despacho de Sua Excelência, o Presidente do Tribunal.
b. ( )Chamaram-o para assumir o emprego, mas o mesmo não se apresentou no prazo previsto.
c. ( )Traga consigo todos os documentos e alguns objetos que lhe são úteis.
d. ( )Levaram-me os livros, entretanto, vou pedi-los de volta, pois preciso deles.
e. ( )Encaminhou pelos correios seu próprio currículo, porque não quis entregá-lo pessoalmente.

72. (ESAF/TRT) Assinale a opção incorreta quanto ao emprego do pronome relativo.

a. ( )Avise a quem interessar que as inscrições encerram-se hoje.
b. ( )A casa, cujo proprietário não conheço, está à venda.
c. ( )Esperava-se o fiscal da sala sem o qual não se podia iniciar a prova.
d. ( )Os candidatos aos quais votaremos preenchem os requisitos para o cargo.
e. ( )Retire as fichas de inscrição daqueles que foram aprovados.

73. (ACAFE) Assinale a opção em que a palavra grifada exerce a função de pronome adjetivo.

a. ( ) Partiu sem ao menos dizer-me adeus.
b. ( ) Poderíamos reconhecê-lo como um dos nossos mártires.
c. ( ) Aquela não foi uma obra de arte, mas esta será?
d. ( ) Leio muito, porém não o que me desagrada.
e. ( ) Sempre serei assim, mesmo que não me aceites.

74. (TAUBATÉ) Em: "Os outros é que me chamam de Zé." a palavra grifada é:

a. ( ) pronome indefinido substantivo e sujeito
b. ( ) pronome indefinido adjetivo e adjunto adnominal
c. ( ) pronome relativo e sujeito
d. ( ) pronome relativo e objeto direto

75. (FUNDAÇÃO LUSÍADAS) Dê a classificação morfológica e a função sintática da palavra grifada em "Seria vista mais animação, se houvesse disciplina."

76. (PUC) No trecho: "O presidente não recebeu ninguém, não havia nenhuma fotografia sorridente dele, nenhuma frase imortal, nada que fosse supimpa.", tem-se:

a. ( )4 pronomes adjetivos indefinidos
b. ( )2 pronomes adjetivos indefinidos e 2 pronomes substantivos indefinidos
c. ( )1 pronome substantivo indefinido e 3 pronomes adjetivos indefinidos
d. ( )4 pronomes substantivos indefinidos
e. ( )1 pronome adjetivo indefinido e 3 pronomes substantivos indefinidos

77. (FEI) Substitua os termos sublinhados pelos pronomes oblíquos correspondentes.

a. Encontraram o corpo na estufa.

b. Arrancara do peito uma cruz de ametistas.
c. A disposição das plantas não permite um esconderijo.

78. (UNIV. FED. DE SANTA CATARINA) Observe os períodos abaixo e assinale a opção em que o lhe é adjunto adnominal.

a. ( )"... anunciou-lhe: 'Filho, amanhã vais comigo'."
b. ( )O peixe cai-lhe na rede.
c. ( )Ao traidor, não lhe perdoaremos jamais.
d. ( )Comuniquei-lhe o fato ontem pela manhã.
e. ( )Sim, alguém lhe propôs emprego.

79. (FATEC) Indique em que opção os pronomes pessoais estão bem empregados.

a. ( )Deixou ele sair.
b. ( )Mandou-lhe ficar de guarda.
c. ( )Permitiu-lhe ficar de guarda.
d. ( )Procuram-o por toda a parte.
e. ( )n.d.a.

80. (FUVEST) Era para _____ falar _____ ontem, mas não _____ encontrei em parte alguma.

a. ( ) mi / consigo / o
b. ( ) eu / com ele / lhe
c. ( ) mim / consigo / lhe
d. ( ) mim / contigo / te
e. ( ) eu / com ele / o

81. (F.C.A.TABAJARA) Aponte a incorreta.

a. ( ) Eu ofereço esse livro para si.
b. ( ) Maria queria o namorado para junto de si.
c. ( ) Hei de tornar meu filho mais confiante em si.
d. ( ) Colegas há que vivem brigando entre si.
e. ( ) n.d.a.

82. (GV-RJ) Assinale a série que completa corretamente as frases.

I. De presente, deu-lhe um livro para _____ ler durante as férias.
II. De presente, trouxe um livro para _____.
III. Nada mais há entre _____ e você.
IV. Sempre houve entendimentos entre _____ e ti.
V. José, espere. Vou _____.

a. ( ) ele / mim / eu / eu / consigo.
b. ( ) ela / mim / mim / mim / com você
c. ( ) ela / eu / mim / eu / consigo
d. ( ) ela / mim / eu / eu / consigo
e. ( ) ela / mim / eu / mim / com você

83. (CARLOS CHAGAS) Se é para _____ dizer o que penso, creio que a escolha se dará entre _____.

a. ( ) mim / eu e tu
b. ( ) mim / mim e ti
c. ( ) eu / mim e tu
d. ( ) eu / mim e ti
e. ( ) eu / eu e ti

84. (UNIV. CAT. DE PELOTAS)

I. O lugar _____ moro é muito pequeno.
II. Esse foi o número _____ gostei mais.
III. O filme _____ enredo é fraco, tem dado grande prejuízo.

a. ( ) onde / que / cujo
b. ( ) em que / de que / cujo o
c. ( ) no qual / o qual / do qual o
d. ( ) que / que / cujo o
e. ( ) em que / de que / cujo

85. (UNIV.CAT. DE PELOTAS)

I. O diretor deixou as provas para _____ revisar.
II. Este assunto fica só entre _____ e você.
III. Juca, espere, tenho que falar _____.

a. ( ) eu / mim / com você
b. ( ) mim / eu / consigo
c. ( ) eu / mim / contigo
d. ( ) mim / eu / com o senhor
e. ( ) mim / mim / consigo

86. (MOGI) Em: "... encara a arte e o que esta implica..." e "... de que ele é o primeiro símbolo...", os dois elementos sublinhados são:

a. ( ) dois artigos definidos
b. ( ) dois pronomes demonstrativos
c. ( ) dois artigos indefinidos
d. ( ) respectivamente um artigo definido e um pronome demonstrativo
e. ( ) respectivamente um pronome demonstrativo e um artigo definido

87. (FUVEST) Destaque a frase em que o pronome relativo está empregado corretamente.

a. ( )É um cidadão em cuja honestidade se pode confiar.
b. ( )Feliz o pai cujos os filhos são ajuizados.
c. ( )Comprou uma casa maravilhosa, cuja casa lhe custou uma fortuna.
d. ( )Preciso de um pincel delicado, sem o cujo não poderei terminar meu quadro.
e. ( )Os jovens, cujos pais conversei com eles, prometeram mudar de atitude.

88. (GAMA FILHO) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas da frase: "As mulheres, ____ olhos as lágrimas caíam, assistiam a uma cena ____ não gostavam."

a. ( ) cujos / que
b. ( ) em cujos / que
c. ( ) de cujos / de que
d. ( ) cujos / de que
e. ( ) de cujos / que

89. (U.F. OURO PRETO-MG) Verifique o emprego das formas pronominais nos períodos abaixo:

I. Não há mais ciúmes entre eu e ele.
II. Perante eu e vós o juiz a declarou culpada.
III. Papai deu o carro para mim dirigir.
IV. Contra os alunos e eu estava o chefe da coordenadoria.
V. Sem você e eu ninguém fará nada correto.

Assinale a opção correta:

a. ( ) Todos os períodos estão corretos.
b. ( ) Todos os períodos estão incorretos.
c. ( ) Apenas o período 3 está incorreto.
d. ( ) Apenas o período 1 está incorreto.
e. ( ) Apenas os períodos 1 e 3 estão incorretos.

90. (CONCURSO MAGISTÉRIO-RJ) "Um jornal diário tem posto em prática, há bastantes meses, uma grande parte das correções e simplificações que defendo aqui." No trecho, a classe de bastantes é:

a. ( ) adjetivo
b. ( ) pronome indefinido
c. ( ) advérbio
d. ( ) partícula de realce
e. ( ) numeral

91. (CONCURSO MAGISTÉRIO-RJ)

I. Chegaram várias cartas, mas não havia nenhuma para _____

II. Não é tarefa para _____ desenvolver este tema.
III. Este tema não é tarefa para _____ desenvolver por enquanto.
IV. É mais fácil para _____ acreditar nessa história do que para ele.

A opção que completa, corretamente, as lacunas acima é:

a. ( ) mim - eu - mim - eu
b. ( ) mim - mim - eu - mim
c. ( ) eu - eu - mim - mim
d. ( ) eu - eu - eu - eu
e. ( ) mim - mim - mim - mim

92. (EPCAR-MG)

I. É muito difícil para _____ escrever-lhe diariamente.
II. Eles chegaram a discutir entre _____ mas não brigaram.
III. Percebi que o plano era para _____ desistir do jogo.
IV. Passeando pelo jardim, o velho falava _____, murmurando frases confusas.

a. ( ) mim - eles - mim - consigo
b. ( ) mim - si - eu - consigo
c. ( ) eu - eles - eu - contigo
d. ( ) eu - si - eu - consigo
e. ( ) mim - si - mim - contigo

NÍVEL 2

Nos enunciados seguintes, distinga o complemento nominal (CN) e o adjunto adnominal (AA):

1. ( ) De fato, ele tem fome de sucesso.
2. ( ) Muitos brasileiros têm admiração pelo presidente.
3. ( ) Lemos muitos livros de Euclides da Cunha.

4. ( ) Essa obra evidencia aversão à lágrima e à dor.
5. ( ) O surgimento de teorias filosóficas facilitou o pensamento.
6. ( ) Houve atentado contra aquele povo simples.
7. ( ) Aquele político nunca teve capacidade para governar.
8. ( ) ( )A espingarda de pederneira estava nas mãos de Fabiano.
9. ( ) ( )Ele revelou devoção ao raciocínio de Santo Agostinho.
10. ( )Tive dúvida acerca de algumas teorias matemáticas.
11. ( )O aparecimento de espinhas preocupa o adolescente.
12. ( )Políticos brasileiros têm horror ao nepotismo.
13. ( )A impaciência do deputado incomodou os advogados.
14. ( ) ( )O jornalista mostrou impaciência com as respostas do deputado.
15. ( ) ( )Ontem, tive medo do ataque de cobras venenosas.
16. ( )O estatuto exige obediência aos princípios administrativos.
17. ( )Sempre contei com o respeito da população paulistana.
18. ( ) ( )Mas, a população de São Paulo não teve respeito à minha plataforma.
19. ( )A plantação de cana-de-açúcar pegou fogo ontem.
20. ( )A plantação de cana-de-açúcar ocorrerá nos próximos dias.
21. ( ) ( )O conhecimento do universo não está acessível a todos.
22. ( ) ( )A rainha foi generosa com o presidente venezuelano.
23. ( )Os costumes daquele povo são condenados pela Axiologia.
24. ( ) ( ) ( )Ele parece acostumado ao processo de reificação da mulher.

25. ( ) ( )Ele agiu contrariamente ao desejo de matar.
26. ( ) ( )A gratidão dos filhos conforta o coração da mãe.
27. ( ) ( )A curiosidade do cientista deve-se ao seu descontentamento com a realidade existencial.
28. ( )O filme é impróprio para menores.
29. ( )Viveu perto de uma cidade grande.
30. ( ) ( )A diferenciação entre os dois institutos depende de normas de substituição.
31. ( ) ( )O tempo de destruição da geleira depende da ação do sol.
32. ( ) ( )Não quero estar alheio aos problemas deste mundo.
33. ( )A indecisão da mulher amada irritou o poeta.
34. ( ) ( )Os servidores estão aptos à troca de funções.
35. ( )Diferentemente do seu antecessor, este servidor é competente.
36. ( )Ele está longe de alcançar o primeiro posto.
37. ( )O fanatismo de alguns grupos religiosos preocupa o mundo.
38. ( ) ( )O acordo entre as partes ocorreu durante a audiência de reconciliação.
39. ( ) ( )Ele mora próximo daquela região de fábricas e indústrias.
40. ( )A capacidade do cientista foi questionada pelo assessor.
41. ( ) ( )Ele revelou capacidade para memorização de mais de vinte mil nomes.
42. ( )Collor retornou ávido de vingança.
43. ( )A aflição dos convidados era pertinente.
44. ( ) ( )A satisfação do cliente é a meta desta empresa.
45. ( )O fato ocorreu paralelamente ao desmoronamento da bancada comunista.
46. ( )O ambiente é propício ao surgimento da doença.
47. ( )Não serei poeta (= versador) de um mundo caduco.
48. ( )O poeta de Minas Gerais faleceu há muitos anos.

49. ( ) ( )Deverá efetuar o pagamento no momento do recebimento do bem.
50. ( ) ( )O prazo de interposição do recurso foi definido.

NÍVEL 3 - DE OLHO NOS CONCURSOS

UnB/CESPE - SEPLAG/DETRAN/DF(Cargo 15: Auxiliar de Trânsito)

Os acidentes de trânsito representam uma das principais causas externas de morte no Brasil — só não ultrapassam os homicídios. De acordo com a publicação Saúde Brasil 2007, divulgada pelo Ministério da Saúde, 35.155 pessoas morreram em 2006 por causa da violência no trânsito.

As mortes, de acordo com a pesquisa, **concentraram-se** em homens com idade entre 20 e 59 anos, **residentes** em municípios de pequeno porte populacional. No caso de atropelamentos, o risco de morte foi maior entre os idosos; para ocupantes de veículos, o risco foi maior para o grupo de 20 a 59 anos. Entre os motociclistas, o risco concentra-se na faixa de 20 a 29 anos.

As regiões Centro-Oeste e Sul apresentaram os maiores riscos de morte por acidente de trânsito. Na região Centro-Oeste, registrou-se, segundo o ministério, o maior risco de morte para acidentes que envolvem motociclistas e ocupantes de veículo. Já o maior risco de morte por atropelamento foi registrado na região Norte. Santa Catarina, Mato Grosso e Paraná foram os estados que apresentaram as maiores taxas de morte provocadas pela violência no trânsito.

O ranking de óbitos, de acordo com o estudo, é liderado pelos atropelamentos de pedestres, com o total de 27,9% dos casos — a maioria deles entre idosos, pessoas com idade igual ou superior a 60 anos e crianças. Em segundo lugar, estão os ocupantes de automóveis, com

21%, e, em terceiro, os motociclistas, com 19,8%. Dados da publicação apontam que os motociclistas mortos no trânsito saltaram de 300, em 1990, para quase 7 **mil**, em 2006.

Internet: <www.detran.sp.gov.br> (com adaptações)

Em relação ao texto acima, julgue os itens que se seguem.

1. Em "concentraram-se", o "se" indica sujeito indeterminado.
2. A palavra "residentes" está no plural porque concorda com o vocábulo "homens".

UnB/CESPE – SEPLAG/DETRAN (Cargo 15: Auxiliar de Trânsito)

O levantamento concluído pelo Instituto Médico Legal (IML) **aponta**, após a implantação da Lei de Embriaguez ao **Volante**, uma redução de 63% nas mortes ocasionadas por acidente de **trânsito** em São Paulo.

No levantamento realizado pelo IML, são comparadas as três primeiras semanas de junho, período que antecedeu a chamada Lei Seca, com as três semanas posteriores. Na primeira fase, a média é de 11,7 mortos na quinta, sexta, sábado e domingo de cada semana. Depois da implantação da Lei Seca, a média cai para 4,3 mortos em acidentes de trânsito.

A pesquisa foi feita nesses quatro dias de cada semana, pois é o período em que é mais frequente a associação de álcool e direção com o aumento do número de acidentes registrados.

Internet: <www.detran.sp.gov.br>.

Com base no texto acima, julgue os itens a seguir.

3. O emprego de vírgulas após as palavras "aponta" e "Volante" indica que o adjunto adverbial de tempo está deslocado na oração.
4. Após a palavra "trânsito", não se emprega vírgula porque o adjunto adverbial de lugar está em sua posição lógica na oração.

UnB/CESPE – SEPLAG/DETRAN (Cargo 15: Auxiliar de Trânsito)

Ao longo da segunda metade do século XIX, época da introdução das ferrovias no Brasil, uma sucessão de planos de viação foi **apresentada** aos governos, todos eles descartando as rodovias como principal instrumento de integração e colocando ênfase nas vias férreas e na navegação fluvial e marítima como a solução para os problemas do isolamento **a que ainda se viam submetidas** as regiões brasileiras. O estudo do engenheiro militar Eduardo José de Moraes, apresentado ao governo imperial em 1869, continha ambicioso projeto de aproveitamento de vários rios brasileiros. O seu trabalho, intitulado "Navegação Interior no Brasil", destacava as enormes potencialidades das bacias hidrográficas brasileiras, prevendo a implantação de uma ampla rede de navegação fluvial, que facilitaria as comunicações dos mais remotos pontos do país entre si, por meio da construção de canais, eclusas e outras obras de engenharia. O plano, além de enfatizar o aproveitamento das vias interiores de navegação, preconizava, ainda, a integração do sistema fluvial com as ferrovias e com a navegação de cabotagem, por meio da construção de três grandes estradas de ferro conectando os portos do Rio de Janeiro, de Salvador e de Recife com as bacias — tudo isso de uma forma harmônica e coordenada. A implementação desses planos e de outros que se seguiram terminou constituindo não mais do que uma aspiração não concretizada de grandes estadistas brasileiros do século XIX.

Olímpio J. de Arroxelas Galvão. In: Internet: <www.ipea.go v.br>.

Com base nesse texto, julgue os próximos itens.

5. A forma verbal "apresentada" [destacada] está no feminino singular porque concorda com "sucessão".
6. O emprego de preposição "a" em "a que ainda se viam submetidas" justifica-se pela regência de "submetidas".

ESAF/ANA

O Programa Nacional de Desenvolvimento dos Recursos Hídricos - PROÁGUA Nacional é um programa do Governo Brasileiro financiado pelo **Banco Mundial.** O Programa originou-se da exitosa experiência do PROÁGUA/Semiárido e mantém **sua missão estruturante,** com ênfase no fortalecimento institucional de todos os atores envolvidos com a gestão dos recursos hídricos no Brasil e na implantação de infraestruturas hídricas viáveis do ponto de vista técnico, financeiro, econômico, ambiental e social, promovendo, assim, o uso racional dos recursos hídricos.

7. A expressão "sua missão estruturante" refere-se a "Banco Mundial".

FGV/Prefeitura Municipal de Campinas - Secretaria Municipal de Educação (Cargo: Professor Adjunto II - Português)

"Ao organizar a comunicação entre empregadores, indivíduos e recursos de aprendizado de todas as ordens, as universidades do futuro estariam contribuindo para a animação de uma nova economia do conhecimento. **Esta** é a hora de fomentar incertezas, pois incertezas trazem nas entrelinhas uma descoberta, a busca pelo aprendizado."

8. O vocábulo "Esta" tem no texto a função de resgatar uma ideia anterior.

UnB/CESPE - IRBr (Admissão à Carreira de Diplomata) Teste de Pré-Seleção

As três almas do poeta

Ênio, poeta latino do século II a. C., falava três línguas: o grego, que ele tinha aprendido por ser, na época, a língua de cultura dominante no sul da Itália; o latim, em que escreveu suas obras; e o osco (uma língua apa-

rentada com o latim), que era, com toda a probabilidade, sua língua nativa. O mais provável é que o latim fosse usado nas relações com as autoridades romanas; o grego, nas grandes cidades; e o osco, nas regiões rurais. E Ênio, que sabia as três, costumava dizer que tinha "três almas".

É curioso observar que ele exprimiu com isso uma coisa muito importante relativa ao conhecimento de uma língua: não se trata simplesmente de "uma outra maneira de dizer as coisas" (table em vez de mesa, te quiero em vez de eu te amo), mas de outra maneira de entender, de conceber, talvez mesmo de sentir o mundo.

9. No primeiro parágrafo, há mais de um aposto.
10. No trecho "O mais provável é que o latim fosse usado nas relações com as autoridades romanas; o grego, nas grandes cidades; e o osco, nas regiões rurais", utiliza-se uma forma de elipse, por meio da qual se evitam repetições.

UnB/CESPE - SEAD/SEDUC (Cargo 12: Professor AD-4 - Disciplina: Português)

A esperança, essa característica exclusivamente **humana**, nos dirige para dias **melhores** que os **atuais**, fazendo nascer a ideia de um Brasil onde não mais existam **injustiça**, discriminação e marginalização social. A confiança, desenvolvida e **amadurecida** nos processos de convivência e de diálogo, nos diz que existem outras pessoas - coparticipantes desses processos - **que** percebem a necessidade de união e mobilização para a transformação da sociedade.

11. A palavra "que" [destacada] exerce a função gramatical de sujeito de "percebem" e refere-se a outras pessoas.

UnB/CESPE/Auditoria-Geral - MG (cargo: Auditor Interno, Nível I-A)

Para Vygotsky, **a base do funcionamento psicológico tipicamente humano** é **cultural**, portanto, histórica. **Os elementos mediadores na relação entre o homem e o mundo** — **instrumentos, signos e todos os elementos do ambiente humano carregados de significado cultural** — são construídos nas relações entre os homens. **Os sistemas simbólicos** e, particularmente, a língua exercem um papel fundamental na comunicação entre os sujeitos e no estabelecimento de significados compartilhados que permitem **interpretações dos objetos**, eventos e situações do mundo real. O surgimento da atividade verbal e da língua como sistema de signos é crucial no desenvolvimento da espécie humana, momento mesmo em que o biológico se transforma no histórico e em que emerge a **centralidade da mediação simbólica** na **constituição do psiquismo humano**. É o trabalho que, pela ação transformadora do homem sobre a natureza, une homem e natureza e cria a cultura e a história humanas.

*Marta Kohl de Oliveira. **História, consciência e educação**. Coleção Memória da Pedagogia, n.º 2. 2005. **Viver mente&cérebro - especial Vygotsky**, p. 9-10 (com adaptações)*

12. Assinale a opção em que as duas expressões apresentadas remetem ao mesmo referente no desenvolvimento do texto.

(A) "centralidade da mediação simbólica" e "constituição do psiquismo humano"
(B) "tipicamente humano" e "cultural"
(C) "base do funcionamento psicológico tipicamente humano" e "sistemas simbólicos"
(D) "elementos mediadores na relação entre o homem e o mundo" e "instrumentos, signos e todos os elementos do ambiente humano carregados de significado cultural"
(E) "significados compartilhados" e "interpretações dos objetos"

13. Preservam-se a correção gramatical e a coerência entre os argumentos caso se suprima o elemento sublinhado no trecho

(A) "a centralidade da mediação simbólica **na** constituição do psiquismo humano".
(B) "Os elementos mediadores **na** relação entre o homem e o mundo".
(C) "são construídos **nas** relações entre os homens".
(D) "exercem um papel fundamental na comunicação entre os sujeitos e **no** estabelecimento de significados".
(E) "sistema de signos é crucial **no** desenvolvimento".

UnB/CESPE/IBAMA (Cargo: Analista Ambiental)

Reparação duas décadas depois

Francisco Alves Mendes Filho ainda não era um mito da luta contra a devastação da Amazônia quando foi preso, em 1981, acusado de subversão e incitamento à luta de classes no Acre, em plena ditadura militar. Chico Mendes se tornaria mundialmente conhecido, dali para a frente, por comandar uma campanha contra a ação de grileiros e latifundiários, responsáveis pela destruição da floresta e pela escravização do caboclo amazônico. Por isso mesmo foi assassinado, em 22 de dezembro de 1988, na porta de casa, em Xapuri. O crime, cometido por uma dupla de fazendeiros, foi punido com uma sentença de 19 anos de cadeia para cada um. Faltava reparar a injustiça cometida pelos militares.

E ela veio na quarta-feira 10, no palco do Teatro Plácido de Castro, em Rio Branco, na forma de uma portaria assinada pelo ministro da Justiça, Tarso Genro. **Antes, porém, realizou-se uma sessão de julgamento da Comissão de Anistia, cujo resultado foi o reconhecimento, por unanimidade, da perseguição política sofrida por Chico Mendes no início dos anos 80 do século passado.** A viúva do líder seringueiro, Izalmar Gadelha Mendes,

vai receber uma pensão vitalícia de 3 mil reais mensais, além de indenização de 337,8 mil reais.

Leandro Fortes. Internet: <www.cartacapital.com.br> (com adaptações)

Considerando aspectos linguísticos do texto **Reparação duas décadas depois**, julgue os itens a seguir.

14. No período que se inicia por "Antes, porém", o sujeito da oração principal está posposto ao verbo.
15. O vocábulo "cujo" estabelece relação sintático-semântica entre os termos "resultado" e "Comissão de Anistia".

UnB/CESPE/IBAMA (Tema 1: Regulação, controle, fiscalização, licenciamento e auditoria ambiental)

As religiões e o meio ambiente

"Tudo o que vive e se move será alimento para vós. Da mesma forma que lhes dei as plantas, agora dou- lhes tudo."

Gênesis (9; 3).

Essa passagem da Bíblia tem sido interpretada como **uma visão antropocêntrica**, profundamente antiambientalista, do judeu-cristianismo, **que** contrasta com a visão budista e hinduísta do mundo, que ensina que os seres humanos devem viver em harmonia com a natureza.

Alguns cristãos têm tentado atenuar a frase do Gênesis, explicando que a intenção do Senhor sempre foi a de proteger a biodiversidade, como quando ordenou a Noé que levasse na Arca um casal de cada criatura viva, para que sobrevivessem ao dilúvio.

Esta podia ser uma questão secundária 5 ou 10 mil anos atrás, quando a população mundial era de alguns milhões de habitantes, mas passou a ser uma questão central nos dias de hoje, em que existem sobre a Terra mais de 6 bilhões de seres humanos. A ação do homem sobre a natureza atualmente é comparável, em força destrutiva, à das forças geológicas, como terremotos, erupções vulcânicas, inundações e tempestades, e estamos até provocando o aquecimento do planeta, com 19

consequências imprevisíveis sobre a vida como a conhecemos. O uso e o abuso da natureza pelo homem põem hoje em risco sua própria sobrevivência.

*José Goldemberg. **O Estado de São Paulo**. Editorial Espaço Aberto, caderno A, 17/5/2005, p. 2 (com adaptações)*

Tendo o texto acima como referência inicial e considerando a amplitude do tema que ele aborda, julgue os itens subsequentes.

16. Na organização das ideias do texto, o pronome "que" [destacado] retoma "visão antropocêntrica".
17. Respeita-se o desenvolvimento da textualidade, reforçando-se a coesão com o parágrafo anterior, e mantém-se a correção gramatical ao se substituir a expressão "Alguns cristãos" por **A visão cristã.**

UnB/CESPE/IBAMA (Tema 1: Regulação, controle, fiscalização, licenciamento e auditoria ambiental)

É assumidamente uma estimativa conservadora, com base apenas nos relatórios oficiais de uma das atividades extrativistas mais predadoras da história, mas pelo menos é a primeira vez que alguém mergulha na documentação e tira dela um número: **quase 470 mil árvores**. Certamente indivíduos maduros, com cerca de 15 metros de altura. Do contrário, o precioso corante cor-de-fogo que moveu a colonização brasileira não poderia ser obtido em quantidade que compensasse o trabalho de botar a planta abaixo.

Essa é a conta oficial da devastação do *paubrasil*, árvore símbolo do país, do século XVI ao XIX, feita por um grupo de pesquisadores paulistas.

***A árvore da pátria.** In: **Folha de S. Paulo**, 15/5/2005 (com adaptações).*

18. A organização das ideias no texto indica que a expressão "quase 470 mil árvores" constitui o sujeito da primeira oração; por isso seu deslocamento para o início do texto preserva tanto a coerência textual quanto a correção gramatical, desde que

seja retirado o sinal de dois-pontos que a precede e sejam feitos os ajustes necessários nas letras minúsculas e maiúsculas.

UnB/CESPE/IBAMA (Tema 1: Regulação, controle, fiscalização, licenciamento e auditoria ambiental)

Andar pela região do Alto Xingu, no nordeste de Mato Grosso, é mais que turismo. Beira uma experiência antropológica. A troca de conhecimento com os índios é, sem dúvida, enriquecedora. Além da convivência na aldeia — o ponto principal da viagem —, os passeios de barco e canoa pelo rio Von den Steinen **são** um deslumbramento. A mata preservada contrasta com o espelho formado na água, produzindo uma paisagem belíssima. À noite, o céu se abre limpo e estrelado. É um convite à contemplação da natureza. Caminhar em trilhas pela floresta também **faz** parte do programa. Chegar a esse paraíso não é das missões mais fáceis, **o** que garante parte de sua preservação. Pelo caminho, pode-se comprovar uma das tragédias da região: uma enorme quantidade de carretas carregando madeira nobre retirada da floresta. E as clareiras deixadas por elas nas matas.

Época, 9/5/2005 (com adaptações).

19. Preservam-se a coerência e a correção gramatical do texto ao se substituir "são" [destacado] pela forma verbal **é**, pois a concordância com o verbo ser é facultativa: tanto pode se dar com o sujeito como com o predicativo.
20. O emprego da forma verbal "faz" [destacada] é exigência do termo "floresta", com o qual deve o verbo concordar.
21. De acordo com a organização textual, o pronome "o" retoma as ideias da oração principal do período.

UnB/CESPE/SGA/AC (Cargo 1: Administrador)

Uma decisão singular de um juiz da Vara de Execuções Criminais de Tupã, **pequena cidade a 534 km da cidade de São Paulo,** impondo critérios bastante rígidos para que os estabelecimentos penais da região possam receber novos presos, confirma a dramática dimensão da crise do sistema prisional. A sentença determina, entre outras medidas, **que as penitenciárias somente acolham presos** que residam em um raio de 200 km.

Segundo o juiz, as medidas **que tomou** são previstas pela Lei de Execução Penal e objetivam acabar com a violação dos direitos humanos da população carcerária e "abrir o debate a respeito da regionalização dos presídios". Ele alega que muitos presos das penitenciárias da região são de famílias pobres da Grande São Paulo, que não dispõem de condições financeiras para visitá-los semanalmente, o que prejudica o trabalho de reeducação e de ressocialização.

Sua sentença foi muito elogiada. Contudo, o governo estadual anunciou **que irá recorrer ao Tribunal de Justiça**, sob a alegação de que, se os estabelecimentos penais não puderem receber mais presos, os juízes das varas de execuções não poderão julgar réus acusados de crimes violentos, como homicídio, latrocínio, sequestro ou estupro.

Estado de S. Paulo, 13/1/2008, p. A3 (com adaptações).

22. O trecho "pequena cidade a 534 km da cidade de São Paulo" encontra-se entre vírgulas por exercer a função de aposto.
23. As orações subordinadas "que as penitenciárias somente acolham presos", "que tomou" e "que irá recorrer ao Tribunal de Justiça" desempenham a função de complemento do verbo.
24. No trecho "para visitá-los semanalmente", o pronome refere-se a "presos".

UnB/CESPE/PMDF/Saúde (Especialidade 3: Clínica Geral)

A leitura crítica pressupõe a **capacidade** do indivíduo **de construir o conhecimento**, sua visão de mundo, sua ótica de classe. Isso é possível através das discussões em sala, do diálogo com os professores, com outros alunos e, até mesmo, do "diálogo cognitivo" com **seu** objeto de conhecimento. No "diálogo cognitivo" com o objeto do conhecimento encontra-se o valor da apreensão dos **conteúdos curriculares** historicamente produzidos, pois não se constrói o conhecimento a partir do nada. À medida que assimila criticamente os conteúdos (momento em que entra em ação a diretividade do professor, selecionando, sistematizando e apresentando os conteúdos), o aluno realiza o diálogo cognitivo com seu objeto. A assimilação crítica ocorre quando **os conteúdos** são confrontados com os dados da realidade empírica, quando são historicizados, relativizados no contexto que os gerou, remetidos às suas condições de produção, quando **são apreendidos através da relação**, tão conhecida na obra de Freire, entre leitura da palavra e leitura do mundo.

Aparecida de Fátima Tiradentes dos Santos. Desigualdade social e dualidade escolar: conhecimento e poder em Paulo Freire e Gramsci. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 89.

Em relação ao texto acima, julgue os itens a seguir.

25. O trecho "de construir o conhecimento" estabelece relação de regência com o termo "capacidade", especificando-lhe o significado.
26. O pronome "seu" [destacado] se reporta à expressão "a capacidade do indivíduo", com a qual mantém relação coesiva.
27. O trecho "são apreendidos através da relação" refere-se sintaticamente à expressão "conteúdos curriculares".

UnB/CESPE/MTE (Cargo 1: Administrador)

No Brasil, apesar da pressão do desemprego, que tem atingido níveis altíssimos, a fiscalização do trabalho e a justiça do trabalho estão empenhadas em uma luta para preservar o direito do trabalhador ao emprego com registro, tratando de coibir as formas atípicas de emprego, especialmente a do trabalho cooperativado. As cooperativas de trabalho são denunciadas como falsas, como pretensas cooperativas, criadas unicamente para privar os trabalhadores dos seus direitos legais. Apesar da ação vigorosa de fiscais, procuradores e juízes do trabalho, o número dos que gozam do direito ao emprego com registro não cessa de diminuir. Na realidade, nem todas as cooperativas de trabalho contratadas por firmas são falsas. Um bom número delas são formadas por trabalhadores desempregados, que disputam os seus antigos empregos contra intermediadoras de mão-de-obra. Para eles, a perda dos direitos já é um fato consumado e, se forem obrigados a se empregar nas terceirizadas, possivelmente sofrerão, além disso, acentuada perda de salário direto. Outras cooperativas de trabalho são formadas por trabalhadores que estavam assalariados por empresas intermediadoras e que preferiram se organizar em cooperativa para se apoderar de parte do ganho que aquelas empresas auferem a suas custas. Essas considerações não pretendem indicar que a luta contra a precarização é inútil, mas que ela carece de bases legais para realmente coibir a perda incessante de direitos por cada vez mais trabalhadores. **O fulcro da questão** é que **ou garantimos** os direitos sociais a todos os trabalhadores, em todas as posições na ocupação — assalariados, estatutários, cooperantes, avulsos, terceirizados etc. — **ou será** cada vez mais difícil garanti-los para uma minoria cada vez menor de trabalhadores que hoje têm o status de empregados regulares.

*Paul Singer. **Em defesa dos direitos dos trabalhadores.** Brasília: MTE, Secretaria de Economia Solidária, 2004, p. 4 (com adaptações)*

28. As alternativas expressas nas orações iniciadas por "ou garantimos" e "ou será", destacadas, complementam o sentido do sujeito da oração "O fulcro da questão é".

UnB/CESPE - SEPLAG/DETRAN/DF [Conhecimentos Básicos e Conhecimentos Complementares (para os cargos de 1 a 3 e de 5 a 14)]

A qualidade do ambiente urbano torna-se, cada vez mais, uma destacada fonte de cobrança da população sobre seus governantes. Repleta de problemas **nessa área,** a cidade de São Paulo experimenta, nos últimos anos, uma notável mudança de comportamento das autoridades municipais, que passam a incorporar o tema em suas prioridades de gestão.

Depois de ter implementado uma reforma nos passeios públicos da avenida Paulista, a prefeitura, agora, promove uma blitz com o fito de acabar com as diversas formas de invasão da calçada **naquela via**. Rampas de garagem, escadarias e jardins se apropriam, sem mais, de um espaço reservado ao pedestre.

Construções e usos de interesse particular desrespeitam sistematicamente os códigos de obra e as leis de ocupação do solo. **Invadem** o espaço público, e o resultado é uma cidade de edificação monstruosa e hostil ao transeunte.

É preciso, portanto, que o espírito da blitz na avenida Paulista seja estendido para toda a cidade. O DNA

Paulistano, série de pesquisas realizadas, no ano passado, pelo Datafolha, revelou fatias surpreendentemente elevadas de pessoas que, nas diversas regiões da cidade, costumam caminhar até o trabalho.

No Bom Retiro, por exemplo, 64% dos moradores vão a pé de casa até o emprego. Mas basta percorrer essa e outras áreas do centro — onde, compreensivelmente, mais se caminha — para notar o estado precário das calçadas e as constantes irregularidades.

O transtorno que esse problema representa no cotidiano dos cidadãos — que se torna dramático no caso de idosos e deficientes físicos — requer uma resposta abrangente e firme da prefeitura.

Folha de S.Paulo. Editorial, 8/1/2009 (com adaptações)

Em relação ao texto acima, julgue os itens a seguir.

29. A expressão "nessa área" é um elemento de coesão textual que retoma o antecedente "qualidade do ambiente urbano".
30. No processo de coesão textual, a expressão "naquela via" funciona como elemento coesivo que retoma o antecedente "passeios públicos".
31. A forma verbal "Invadem" está no plural porque concorda com "códigos de obra".

RESOLUÇÕES COMENTADAS:

NÍVEL 1

1.

a) Sujeito simples: ela.	f) Sujeito simples: núcleo destacado.	l) A natureza fez.../ sujeito simples.
b) Sujeito simples: núcleo destacado.	g) Oração sem sujeito. Há (=existem): impessoal.	m) Sujeito simples: pronome relativo/ retoma "dona Bernardina".
c) Sujeito composto: núcleos destacados.	h) A igreja manda.../ Sujeito simples.	n) Oração sem sujeito.Há (= tempo decorrido): impessoal.

d) Sujeito simples: núcleo destacado.	i) Sujeito simples: núcleo destacado.	o) Oração sem sujeito.Verbo exprime fenômeno da natureza. Impessoal.
e) Sujeito oracional: a oração destacada funciona como sujeito.	j) Sujeito composto: núcleos destacados.	p) Sujeito simples. Verbo empregado com valor conotativo.

2.

a. O professor (sujeito) sou (v.l.) eu (predicativo).
b. Eu (sujeito) sou (v.l.) o professor (predicativo).
c. "A lua (sujeito) ia (v.i.) grande e bela (predicativos)."
d. "Nossa vida (sujeito) tornou-se (v.l.) impossível (predicativo)." (M. de Assis).
e. "Um fraco rei (sujeito) faz (v.t.d.) fraca (predicativo do objeto) a forte gente (obj. dir.)."
f. Acusaram (v.t.d.) de injusto (predicativo do obj.) o diretor (obj. dir.).
g. Saiu (v.i.) da luta (adj. adv.) engrandecido (predicativo do suj.).
h. Nesse andar (adj, adv.), (tu) acabarás (v. l.) mendigo (predicativo do suj)
i. "Pegou (v.t.d.) de uma faca (obj. dir. preposicionado) e entrou a bater (v.i.) com ela (adj. adv.) devagarinho. (adj. adv)
j. "Uma das três janelas (suj.) vivia (v.l.) sempre (adj. adv.) meio aberta. (predicativo do suj.) "
l. "A pobre dama (suj.) sentiu-se (a ela mesma) (v.t.d.) humilhada (predicativo do obj)."
m. "O cônego Brito (sujeito) acabava de sair eleito (v.t.d. na voz passiva) deputado (predicativo do sujeito)."
n. A canoa (suj.) virou (v.i).
o. O vento (suj.) virou (v.t.d.) a canoa (obj. dir.).
p. O tronco (suj.) , à força de fogo (adj. adv.) , virou (v.l.) canoa (predicativo).

✓ 3. Resposta: C. Observe: "Maurício (suj.) me (obj. dir.) considerava (v.t. d.) seu amigo (predicativo do obj.) já que (conectivo oracional) as minhas ações (suj.) eram (v. l.) sinceras (predicativo do suj.)."

4.

✓ a. Certo. "não" = advérbio de negação;

✓ b. Certo. "duvides" = verbo transitivo indireto;

✓ c. Certo. "das palavras divinas" = objeto indireto;

× d. Errado. O predicado verbal é " Não duvides das palavras divinas".

5. Observe a análise do período. Primeiro divida as orações: "A matéria / que o professor me explicou/ foi fácil". 1ª oração: A matéria (suj.) foi (v.l.) fácil (predicativo do suj.) - predicado nominal/ 2ª oração: que (obj. direto) o professor (suj.) me (obj. ind.) explicou (v.t.d.i.) - predicado verbal.

✓ a. Certo. "a matéria" = sujeito de "foi";

✓ b. Certo. "que" = objeto direto de "explicou";

✓ c. Certo. "o professor" = sujeito de "explicou";

× d. Errado. "me" = objeto indireto de "explicou";

× e. Errado. "explicou" = verbo transitivo direto e indireto;

× f. Errado. "fácil" = predicativo do sujeito;

✓ g. Certo. "foi fácil" = predicado nominal;

✓ h. Certo. "que me explicou" = predicado verbal

6.

a. (1) É digno de censura. ("de censura" completa o adjetivo "digno");

b. (3) Ele tomou do lápis ("tomou" é v.t.d., mas o OD apresentou preposição);

c. (2) Ele estudou a lição ("estudou" é v.t.d.);

d. (3) Vi nervoso a João ("vi" é v.t.d.);

e. (4) Isto depende dos pais ("depende" é v.t.i.);

f. (3) Matou o caçador ao animal. ("matar" é v.t.d.);

g. (5) As flores Deus as fez (o pronome "as" reforça o obj. direto "As flores");

h. (7) Consertam-se sapatos (Sapatos são consertados);

i. (6) A sala foi enfeitada de flores (a locução verbal indica voz passiva, cujo agente é o termo "de flores";

j. (3) Amo a Deus ("Amo" é v.t.d);

k. (1) O aluno está atento à lição ("à lição" completa o adjetivo "atento").

7.

a. (2) Tinha sede de justiça. (Relação completiva/ A ideia de "ter sede" recai sobre o termo preposicionado)

b. (1) Veio procurá-lo um oficial de justiça. (O substantivo "oficial"/concreto não é completivo)

c. (1) Maria Clara tem grande desembaraço de expressão. (O substantivo "desembaraço" não é completivo)

d. (2) Foi demorado o desembaraço de minha bagagem. (O substantivo "desembaraço" é completivo: desembaraçar a bagagem)

e. (2) Gorou minha viagem à Bahia. (O substantivo "viagem" é completivo: viajar à Bahia)

f. (3) Somente para o ano irei à Bahia. (A locução adverbial está modificando o verbo "irei")

g. (2) Tinha a volúpia da mentira. (A ideia de "ter volúpia" recai sobre o termo preposicionado: relação completiva)

h. (2) Era o rei da mentira. (Cp.: Comandava a mentira"/ rei = comandante - relação completiva)

i. (2) Perdeu-o a ambição de dinheiro. (A ideia de "ter ambição" recai sobre o termo preposicionado: relação completiva)

j. (1) Encontraram vários pacotes de dinheiro. (O substantivo "pacote"/concreto não é completivo)

k. A defesa do réu (2) foi trabalhosíssima para seus advogados. (O substantivo "defesa" é completivo: defender o réu)

l. A mulher do réu (1) chorava convulsivamente. (O substantivo "mulher"/concreto não é completivo)

m.(2) À noite, é deslumbrante a visão da cidade. (O substantivo "visão" é completivo: ver a cidade)

n. Os habitantes da cidade (1) são taciturnos. (O substantivo "habitantes"/concreto não é completivo)

o. O aparecimento de fantasmas (1) sobressaltou os habitantes do castelo. (O substantivo "aparecimento" não é completivo: os fantasmas apareceram/relação subjetiva)

p. (2) Está desmoralizada a crença em fantasmas. (O substantivo "crença" é completivo: crer em fantasmas)

q. (2) A esperança de perdão transfigurava-o. (O substantivo "esperança" é completivo: esperar o perdão)

r. A hora de perdão (1) não chegara ainda (O substantivo hora não é completivo)

s. A falta às aulas (2) prejudica-o. (O substantivo "falta" é completivo: faltar às aulas)

t. (3) Amanhã faltarei às aulas. (A locução adverbial está modificando o verbo "faltarei")

8.

a. (Nós) Encontramos (v.t.d./núcleo) em ruínas (predicativo do obj/núcleo) a casa (O.D.) - Predicado verbo-nominal.

b. Os jogadores(suj.) voltaram (v.i./núcleo) felizes (predicativo do sujeito/núcleo) com o resultado do jogo (C.N.) - Predicado verbo-nominal

c. O rapaz (suj.) , bêbado (predicativo do sujeito/ núcleo) , caiu (v.i./ núcleo) na rua (adj, adv.) - Predicado verbo-nominal.

d. Ele (suj) escreveu (v.t.d./núcleo) ótimos poemas (o.d.) - Predicado verbal.

e. A lua (suj) ia (v.i./ núcleo) grande e bela (predicativo do suj./núcleo) - Predicado verbo-nominal.

f. Pedro (suj.) acha-se (v.l.) ocupado (predicativo do suj./ núcleo) no momento (adj. adv.) - Predicado nominal.

g. A crisálida (suj.) virou (v.l.) borboleta (predicativo do suj./núcleo) - Predicado nominal.

h. O rio (suj.) corre (v.i./núcleo) vagarosamente (adj, adv.) - Predicado verbal.

i. "Nossa vida (suj.) tornou-se (v.l.) impossível (predicativo do suj./núcleo)" - Predicado nominal.

j. Nós (suj.) o (OD) chamamos (v.t.d./núcleo) padrinho (predicativo do obj./ núcleo) - Predicado verbo-nominal.

9.

✓ a. Verdadeiro. Em "...eu (suj.) a (OD) julgava (v.t.d./ núcleo) recompensada e feliz (predicativo do obj./ núcleo)", ocorre predicado verbo-nominal.

× b. Falso. A palavra paz exerce a função sintática de sujeito do verbo "exista".

× c. Falso. Em "O táxi (suj.) avançava (v.i./núcleo) monótono (adj. adverbial de modo)", o predicado é verbal.

10.

× 1. Falso. Congele (v.t.d.) o preço (OD); Envie (v.t.d.) hoje mesmo seu cupom (OD); Não mande (v.t.d.) dinheiro (OD) agora. Os termos destacados apresentam a mesma função sintática.

× 2. Falso. Em "possibilidade de comunicação autêntica", a expressão grifada é complemento nominal do termo possibilidade.

✓ 3. Verdadeiro. Em "respeito ao próximo" a expressão sublinhada exerce a função sintática de complemento nominal, já que o substantivo "respeito" é completivo: respeitar o próximo.

✓ 4. Verdadeiro. Sempre fui mais sensível (adjetivo/ predicativo) ao desenho do que à pintura. Os dois termos completam o valor do adjetivo. São, portanto, complementos nominais)..

✓ 5. Verdadeiro. Coloque na ordem direta: Eu (suj.) teria (v.t.d.) que visão dessa realidade (OD). Em "visão dessa realidade (CN)", o substantivo "visão" é completivo: ver a realidade.

11.

✓ 1. Verdadeiro. Havia (v.t.d.) uma bolsa (OD)

✓ 2. VerdadeiroNossos atletas (suj.) se comportaram (v.i.) muito bem (adj, adv.) nos jogos olímpicos (adj. adv.)

× 3. Falso. Existiam (v.i..) muitos estranhos (suj.) na festa (adj. adv.)

✓ 4. Verdadeiro. Perdeu (v.t.d) -se (partícula apassivadora) tudo (suj.) no prato (adj. adv.)

× 5. Falso. Ele (suj.) mora (v.i.) em São Paulo (adj. adv.)

× 6. Falso. Nós beberemos (v.t.d)do vinho (OD prep.)

✓ 7. Verdadeiro. Vossa Majestade (suj.) já pensou (v.t.i.) nisso (OI)?

✓ 8. Verdadeiro. A moça (suj.) caiu (v.l.) doente (predicativo do suj.)

✓ 9. Verdadeiro. Os ausentes (suj.) nunca têm (v.t.d) razão (OD)

✓ 10. Verdadeiro. Solicitei (v.t.d.i.) a proposta (OD) ao empresário (OI).

12.

✓ 1. Verdadeiro. O inimigo resistiu (v.t.i.) ao ataque - objeto indireto.

× 2. Falso. A crença (substantivo completivo: crer em Deus) em Deus é necessária - complemento nominal.

✓ 3. Verdadeiro. As ruas ficaram cobertas de lama - agente da passiva (O sujeito sofre a ação expressa pela loc. verbal/ voz passiva, cujo agente é o termo destacado).

✓ 4. Verdadeiro. Jussara tem certeza (substantivo completivo) da vitória - complemento nominal.

✓ 5. Falso. A análise do professor deixou o aluno revoltado - adjunto adnominal (A ideia de "analisar" parte do professor: não há relação completiva).

✓ 6. Verdadeiro. Dívidas, convém saldá-las - objeto direto pleonástico, pois reforça o termo deslocado.

✓ 7. Verdadeiro. Pisaram-me o calo - adjunto adnominal, pois o pronome "me" tem valor de possessivo: meu calo.

× 8. Falso. O time jogou contra o Flamengo - locução adverbial/adjunto adverbial de adversidade-oposição.

× 9. Falso. O deputado (suj.) considerou (v.t.d.) o jovem (OD) incompetente - predicativo do objeto direto.

✓ 10. Verdadeiro. As crianças, meu amigo, são agitadas - vocativo: termo que serve para "chamar".

✓ 13. Resposta: A. Em "A análise da questão não pode excluir o fato ...", "análise" é o núcleo do sujeito simples.

✓ 14. Resposta: D. "Se não ocorrer (v.i./ núcleo do predicado verbal) uma redução sensível do ritmo desse fluxo (suj.), / será (v.l.) muito difícil (predicativo do suj./ núcleo do predicado nominal) / resolver (v.t.d./ núcleo do predicado verbal) o problema"

✓ 15. Resposta: D. "Os bancos brasileiros (sujeito) se vangloriam (v.t..i./ se = parte integrante do verbo)

permanentemente (adj. adv.) de sua eficiência e agilidade (OI)."

a. Os bancos crescerão se (conjunção condicional) aceitarem clientes novos.

b. Pretende (v.t.d.) -se (partícula apassivadora) aperfeiçoar o sistema bancário (suj. oracional).

c. Discutiu (v.t.d) -se (partícula apassivadora) a questão da renda mínima (sujeito).

d. Os clientes (suj.) queixaram-se (v.t.i./ se = parte integrante do verbo) dos serviços bancários (OI).

e. Aos clientes (OI) oferecem (v.t.d.i)-se (partícula apassivadora) serviços elementares (sujeito).

✓ 16. Resposta: D. O professor (sujeito) será eleito (v.t..d na voz passiva + auxiliar) presidente (predicativo do suj.) da associação dos moradores.

✓ 17. Resposta: A. "Faz muito calor no Rio o ano inteiro" (Oração sem sujeito).

a. Devia haver (= existir) mais interesse pela boa formação profissional (OD) - oração sem sujeito.

b. Falaram muito mal dos estimuladores de conflitos. (sujeito indeterminado)

c. Vive-se bem o clima da montanha. (O clima da montanha - sujeito - é vivido bem).

d. (Nós) Almejamos dias melhores.

e. Haviam chegado cedo os candidatos. (suj.)

✓ 18. Resposta: D. Observe: "Mas quando Carlota viu as horas (1), lembrou-se num sobressalto (2), que a fez (3) / levar (4) a mão ao peito, / de que se esquecera (5) / de tomar (6) o copo de leite."

Lembre-se: o sobressalto fez a Carlota levar a mão ao peito (Os verbos não formam locução verbal)

✓ 19. Resposta: A. " Não (adj. adv.) agradou (v.t..i.) ao dono da casa (OI) o café (sujeito) que (OD) a criada (suj.) fez (v.t.d)."

✓ 20. Resposta: E.

a. "Fernando opôs (v.t.d.i.) à pretensão da noiva (OI) a razão de estado (OD)".

b. ... infligiu (v.t.d.i.) -lhe (OI) a mais acerba das humilhações (OD)."

c. "Deus a (OD) destinará (v.d.d.i.) à opulência (OI)".

d. "Vou confiar (v.t.d.i.) -lhe (OI) meu segredo (OD)

e. "Estas últimas palavras (OD), a moça proferiu (v.t.d.) -as (OD pleonástico) com uma indefinível expressão (adj. adv. modo)".

✓ 21. Resposta: D.

a. Tereza Maria dava (v.t.d.) jantares com mesinhas.

b. Ninguém estava (v.l.) mais disposto a dar (v.t.d.) a pele, a se consumir (v.t.d./valor reflexivo).

c. Aceitava (v.i.) , mas dava (v.t.d.i.) -lhe o troco.

d. Laura deu (v.l. = tornou-se) uma noiva linda, olhos azuis, cabelos pretos.

e. Pediu (v.t.d.i.) à Eugênia que me desse (v.t.d.i) umas aulas.

✓ 22. Resposta: D. "E quando o brotinho *lhe* telefonou (v.t.i.) dias depois, comunicando que estudava (v.t.d.) o modernismo, e dentro do *modernismo* sua obra, para o que o professor *lhe* sugerira (v.t.d.i.) *contato pessoal com o autor*, ficou (v.l.) *assanhadíssimo* e paternal a um tempo".

✓ 23. Resposta: B.

a. " Não nos olhou o rosto (v.t.d.) - Não olhou o nosso rosto.

b. "Procura insistentemente perturbar-me (v.t.d.) a memória." - perturbar a minha memória.

c. "Fiquei (v.i.) durante as férias (adj. adv. tempo) , no sítio de meus avós. (adj. adv. de lugar. Veja que o verbo não liga o sujeito ao predicativo)/ d - "Para conseguir o prêmio, Mário reconheceu-nos (v.t.d.) imediatamente."e - "Ela nos encontrará (v.t.d)...

✓ 24. Resposta: C.

a. Os alunos andavam (v.l.) apreensivos com os resultados dos exames (predicativo do suj.).

b. Todos elogiaram (v.t.d.) sua participação nos debates (o.d.).

c. As crianças assistiram (v.t.i.) alegres (predicativo do suj.) ao espetáculo (o.i.).

d. Seus livros estão (v.i.) sobre a mesa (adj. adv. lugar).

✓ 25. Resposta: E. Observe a divisão das orações: "Quando percebi / que o doente (sujeito) expirava (v.i.), / recuei aterrado / e (eu) dei (v.t.d.) um grito (obj.dir.), / mas ninguém (suj.) me (obj.dir.) ouviu (v.t.d.)."(Machado de Assis)

✓ 26. Resposta: C.

I. Todos nós **consideramos** (v.t.d./núcleo do predicado) a sua atitude **infantil** (predicativo do obj./núcleo do predicado) - Dois núcleos concomitantes: predicado verbo-nominal.

II. A multidão caminhava (v.i./núcleo do predicado) pela estrada poeirenta (adj. adv. lugar) - Apenas um núcleo: predicado verbal).

III. A criançada continua (v.l.) emocionada (predicativo do sujeito/ núcleo do predicado) - Apenas um núcleo: predicado nominal..

✓ 27. Resposta: B. Em "Os ilhais da fera arfam (respiram com dificuldade, ofegam) de fadiga, a espuma franja-lhe a boca, as pernas vergam, e os olhos amortecem de cansaço", os termos **de fadiga** e **de cansaço** funcionam como adjuntos adverbiais de **causa**, representados, morfologicamente, por locuções adverbiais. Por que arfam? Por causa da fadiga. Por que os olhos amortecem? Por causa do cansaço.

✓ 28. Resposta: C. "(Eu) Encontrei (v.t.d.) **-a** (obj.dir.) **sentada** (predicativo do obj.) **na sarjeta** (adj. adv. de lugar)."

✓ 29. Resposta: a) II, b) IV, c) III, d) Ia. **Segunda-feira** (adj. adv. de tempo) haverá um jogo importante; Com **o mau tempo** (adj. adv. de causa) não podemos trabalhar ao relento; O livro foi acolhido **com entusiasmo** (adj. adv. de modo) pelos leitores; O automóvel parou **perto do rio** (adj. adv. de lugar).

✓ 30. Resposta: C.

a. Desde então ficou (v.l.) desconfiado (predicativo do suj./ núcleo do predicado) - Predicado nominal.

b. Eu ia caminhando (auxiliar + v.i./ núcleo do predicado) pela avenida - Predicado verbal.

c. (Eu) **Encontrei** (v.t.d./ núcleo do predicado) Maria Clara (obj.dir.) mais **envelhecida** (predicativo do obj./ núcleo do predicado) - Núcleos concomitantes: predicado verbo-nominal.

d. (Eu) Viajarei (v.i.)/núcleo do predicado) amanhã de manhã (adj. adv. tempo) - Predicado verbal.

✓ 31. Resposta: E.

a. (Eu) Fiz (v.t.d.i./ núcleo do predicado) -lhe (obj.ind.) um pecúlio de cinco contos (obj.dir.) - Predicado verbal.

b. Um desvão do telhado é (v.l.) o infinito para as andorinhas (predicativo do suj./núcleo do predicado) - Predicado nominal.

c. Virgília designou (v.t.d./ núcleo do predicado) as alfaias mais idôneas (obj.dir.) - Predicado verbal.

d. (Ela) Tinha (v.t.d./ núcleo do predicado) nojo de si mesma (obj.dir.) - Predicado verbal.

e. Ela (suj.) **falava** (v.t.i. / falava a mim/ núcleo do predicado) -me **séria**, **carrancuda** (predicativos do sujeito/ núcleos do predicado) - Núcleos concomitantes: predicado verbo-nominal).

✓ 32. Resposta: B.

I. **As meninas** (suj.) assistiam **alegres** (predicativo do sujeito) ao espetáculo.

II. **Uma flor**, o Quincas Borba! (O Quincas Borba é **uma flor** - predicativo do sujeito).

III. Isto (suj.) é (v.l.) **bem dele** (predicativo do sujeito)!

IV.(Nós) Consideramos (v.t.d.) **indiscutíveis** (predicativo do objeto) os direitos da herdeira (obj, direto).

✓ 33. Resposta: E. Em "Pede (v.t.d.) -se (partícula apassivadora) silêncio (sujeito simples)" , temos voz passiva sintética ou pronominal. Lembre-se: por causa da partícula apassivadora, o objeto direto passa a ser o sujeito. Em "A caverna (suj.simples) anoitecia (= escurecia) aos poucos", o sujeito está explícito, pois o verbo não exprime fenômeno da natureza. Em "Fazia (v.t.d.) um calor tremendo (obj. direto) naquela tarde (adj. adv. de tempo)", o verbo é impessoal e a oração não apresenta sujeito.

✓ 34. Resposta: C. Basta colocar na ordem direta: "**Amigos** e **inimigos** (sujeito composto) cruzavam-se em todas as ruas, anunciando em clima desafinado".

✓ 35. Resposta: C.

a. Ele, que sempre vivera (v.i) órfão de afeições legítimas e duradouras, como então seria feliz!...

b. O quinhão de ternura, que a ela pertencia (v.t.i), estava (v.l.) intacto no coração do filho.

c. Voz passiva: "Os dois quadros tinham sido ambos bordados (v.t.d. na voz passiva) por Mariana e Ana Rosa,

mãe e filha". Observe a voz ativa: Mariana e Ana Rosa, mãe e filha, tinham bordado (v.t.d.) os dois quadros.

d. E dizia (v.t.d./ voz ativa) as inúmeras viagens que tinha feito (v.t.d. / voz ativa) até ali; contava (v.t.d./ voz ativa) episódio a respeito do boqueirão./ e - Sobre a banca de Madalena (adj. adv.) estava (v.i.) o envelope de que ela me havia falado (v.d.i - ... ela me havia falado do envelope).

✓ 36. Resposta: A. Em "Uma espécie de riso sardônico e feroz contraía-lhe (suas) as negras mandíbulas", o pronome "lhe" tem valor de posse. É adjunto adnominal de "mandíbulas".

a. A mãe apalpava-lhe (seu) o coração - adj. adnominal.

b. Aconteceu-lhe (a ele) uma desgraça - obj. indireto.

c. Tudo lhe (a ele) era indiferente - "indiferente a ele" - complemento nominal.

d. Ao inimigo não lhe (a ele) rogo perdão - obj. indireto pleonástico.

e. Não lhe (a ele) contei o susto por que passei - obj. indireto.

✓ 37. Resposta: C.

a. Comer demais é prejudicial **à saúde**. - complemento nominal do adjetivo "prejudicial".

b. Jamais me esquecerei **de ti**. - objeto indireto , complemento (regido pela preposição "de") do verbo "esquecerei".

c. A vida **da cidade** é muito agitada. - Adjunto adnominal do substantivo "vida" – vida da cidade = vida urbana.

d. Ele (sujeito paciente) foi cercado **de (ou por) amigos sinceros**. - agente da passiva.

e. Não tens interesse **pelos estudos**. - complemento nominal do **substantivo** (abstrato e cognato de verbo) **"interesse"** (relação completiva: interessar-se pelos estudos).

✓ 38. Resposta: C. Observe: "... eu (sujeito simples) era (v.l.) **enfim** (adj. adv.), **senhores**, (vocativo) uma graça **de alienado** (predicativo do sujeito).

✓ 39. Resposta: A. "(Eu) Acho-me (v.l.) **tranquilo** (predicativo do suj.)- sem desejos, sem esperanças.
Ordem direta: O **futuro** (sujeito) não **me** (obj. dir.) preocupa (v.t.d.).

✓ 40. Resposta: B.

a. Aquilo o dava como absolutamente incapaz **para o serviço militar**. - complemento nominal do adjetivo "incapaz".

b. Geraldo Viramundo **continuava** (v.l.) **calado**. (predicativo do suj./núcleo do predicado). Apenas um núcleo (nome): predicado nominal.

c. E lá estavam eles, **os profetas**, assistindo imóveis ao rolar do tempos. – aposto explicativo do sujeito "eles".

d. O cego se surpreendia (v.t.i.) c**om o desalento de seu amigo** - objeto indireto.

e. Os homens (suj.) marchavam (v.i.) decididos (predicativo do suj.), secundados pelas mulheres.

✓ 41. Resposta: E. Ordem direta: A tua tristeza (suj.) não é (v.l.) dele (predicativo do suj.)/ Tristeza **de criança** (adj. adn. de "tristeza" - tristeza de criança = tristeza pueril) / ... porque ele (suj.) não **a** (obj. dir.) quer (v.t.d.).

✓ 42. Resposta: B.

a. Minha mãe era temente **a Deus** - complemento nominal do adjetivo "temente".

b. (Eu) Expus (v.t.d.i.) a Capitu (obj. ind.) a ideia **de José Dias** (obj. dir.) - O termo destacado é adjunto adnominal do núcleo do objeto direto, o substantivo "ideia".

c. A afeição crescente (suj. paciente) era manifestada por **atos extraordinários** - agente da passiva.

d. **Poucos** (pronome indefinido substantivo: núcleo do sujeito simples) teriam ânimo de confessar aquele pensamento.

e. Há (verbo impessoal, v.t.d.) **cousas** (obj. dir.) que não se ajustam nem combinam.

✓ 43. Resposta: C. Preferiu (v.t.d.i) a fuga (obj. dir.) **ao cativeiro** (obj. ind.)./ Ele (suj.) é (v.l.) rico (predicativo do suj.) **em virtudes** (complemento nominal do adjetivo "rico")./ **Morte** (vocativo), onde (adj. adv.) está (v.i.) tua vitória (suj.)?

✓ 44. Resposta: E.

1. (Suj. indeterminado) Dizem (v.t.d.) por aí (adj. adv. lugar) tantas coisas (obj. dir.)...

2. Nestafaculdade(adj.adv.lugar),(sujeitoindeterminado) acolhem (v.t.d.) muito bem (adj. adv. modo) os alunos (obj. direto).

3. Obedece (v.t.i.) -se (índice de indeterminação do suj.) aos mestres (obj. ind.). Nas três orações, temos sujeito indeterminado.

✓ 45. Resposta: D.

a. Faltavam três dias (suj.) para o batismo.

b. (Ele: suj. elíptico) Houve por improcedente a reclamação do aluno.

c. Só me resta uma esperança (suj.).

d. Havia (v.t.d.) tempo suficiente para as comemorações (obj. dir.). Lembre-se: verbo "haver" com sentido de "existir, ocorrer" é impessoal (não apresenta sujeito) e é transitivo direto.

✓ 46. Resposta: C. "Retira-te (tu: sujeito elíptico - ou oculto - determinado), criatura ávida de vingança (vocativo)!"

✓ 47. Resposta: B. Observe a ordem direta: "Lembra-me que **um pobre cão** (sujeito) morria envenenado na rua, ao sol de verão, certo dia."

✓ 48. Resposta: D. "Mas uma diferença (obj. dir.) houve (v.t.d.)." Lembre-se: verbo "haver" com sentido de "existir, ocorrer" é impessoal (não apresenta sujeito) e é transitivo direto.

✓ 49. Resposta: A. Beneditino, **escreve** (verbo intransitivo: não exige complemento verbal)!"/ "De tal modo, que a imagem (suj.) **fique** (v.l.) nua (predicativo do suj.)"/ "E, natural, o efeito agrade, Sem lembrar (v.t.d.) os andaimes do edifício (obj. dir.)."

✓ 50. Resposta: A. "O tempo estava (verbo de ligação) de morte, de carnificina (predicativos do sujeito "tempo")"..

✓ 51. Resposta: A. "(Eu) Cuspi (verbo intransitivo: não exige complemento verbal) no chão (adj. adv. lugar) com um nojo desgraçado daquele sangue... (adj. adv. modo)"

✓ 52. Resposta: D.

a. A criança **estava** (v.l.) com fome (= faminta/ predicativo do suj.).

b. Pedro parece (v.l.) adoentado (predicativo do suj.).

c. Ele **tem andado** (auxiliar + v.l.) confuso (predicativo do sujeito).

d. (Ele) **Ficou** (verbo intransitivo) em casa (adj. adv. lugar) o dia todo (adj. adv. tempo).

e. A jovem (sujeito) **continua** (v.l.) sonhadora (predicativo do sujeito).

✓ 53. Resposta: B. "Chamou (v.t.d.) -se (partícula apassivadora) **um eletricista** (sujeito. Lembre-se: por causa da partícula apassivadora, o objeto direto passa a ser o sujeito) para a instalação dos fios (adj. adv. finalidade)?"

✓ 54. Resposta: E.

a. Passou (v.t.d.i) aos alunos (obj. indireto), para estudo (adj. adv. finalidade), o texto impresso (obj. dir.).

b. Naquela época (adj. adv. tempo), era (v.l.) difícil (predicativo do suj.) viajar para a Europa (sujeito oracional).

c. Em dias chuvosos (adj. adv. tempo) , gosto (v.t.i.) de ler um bom livro (obj. ind.).

d. Sentamo-nos (v.i.) a uma das mesas (adj. adv. lugar) e pedimos (v.t.d.) o jantar (obj. dir.).

e. Amou (v.t.d.) a João (obj. dir. preposicionado) com o mais puro amor (adj. adv. modo).

✓ 55. Resposta: E.

a. Comer demais é prejudicial **à saúde**. - complemento nominal do adjetivo "prejudicial".

b. Jamais me esquecerei **de ti**. - objeto indireto de "esquecerei" (v.t.i.).

c. Ele (sujeito paciente) foi cercado **de (ou por) amigos sinceros** - agente da passiva.

d. Não tens interesse pelos estudos – complemento nominal do substantivo (abstrato, cognato de verbo) "interesse" (relação completiva: interessar-se pelos estudos).

e. Tinha grande amor **à humanidade** complemento nominal do substantivo (abstrato, cognato de verbo) "amor" (relação completiva: amar a humanidade).

✓ 56. Resposta: B. "(Eu) Passei (v.t.d.) **o dia** (obj. dir.) à toa, à toa (adj. adv. modo)."/ " (Eu) Passei (v.t.d.) **a vida** (obj. dir.) à toa, à toa (adj. adv. modo)."

✓ 57. Resposta: C. "Você (suj.) ficará (v.l.) **tuberculoso** (predicativo do suj.), de tuberculose (adj. adv. de causa) morrerá (v.i.)".

✓ 58. Resposta: E. "**Amanhã**, sábado (aposto explicativo do adjunto adverbial de tempo "Amanhã") , não (adj. adv, negação) **sairei** (v.i.) **de casa** (adj. adv. lugar)":

✓ 59. Resposta: D. "(Nós) Voltaremos (verbo intransitivo) **pela Via Anhanguera** (por onde? – adj. adv. lugar)".

✓ 60. Resposta: B. "Ninguém (suj.) parecia (v.l.) disposto (predicativo do suj.) ao trabalho (complemento nominal do adjetivo "disposto") naquela manhã de segunda-feira (adj. adv. tempo)".

✓ 61. Resposta: A. Observe a divisão das orações: "Todas as cartas / **que** (= as quais - pronome relativo) me enviam/ chegam com **algum** atraso ". Portanto, temos duas orações: 1. Todas as cartas (suj.) chegam (v.i.) **com algum atraso** (adj. adv. modo = conectivo + adj. adn. + núcleo do adj. adv.); 2. ... que (o pronome relativo substitui o termo "as cartas") me enviam = as cartas me enviam/ Ordem direta: Enviam-me as cartas. Assim: (Sujeito indeterminado) Enviam (v.t.d.i.) -me (= a mim/obj. ind.) as cartas (obj. dir.: que substitui obj. direto "as cartas"; logo, que = obj. dir.).

✓ 62. Resposta: B. Observe a transitividade verbal: "Diante do aumento da população de idosos, a sociedade brasileira começa a tomar consciência de que a questão exige uma política social imediata e enérgica que permita não só **ampará-los** (v.t.d.) e **dar-lhes** (v.t.d.i.) condições de sobrevivência, mas **reintegrá-los** (v.t.d.) à comunidade e à força produtiva, **devolvendo-lhes** (v.t.d.i.) a completa dimensão de cidadania.

✓ 63. Resposta: E. Em todas as opções, a palavra **que** retoma o antecedente (barbeiro, ocasião, outro freguês, cortina de chita), exceto na opção E. Nela, temos conjunção integrante.

✓ 64. Resposta: E. Observe a correção: "Pedimos a (1) todas as outras funcionárias que saíssem (2). Saia (3) você também; senão (4) vão dizer que a (5) tratamos injustamente" (O verbo "tratar" é transitivo direto, portanto **não** admite o pronome lhe na substituição lexical).

✓ 65. Resposta: C. Observe:

a. Infelizmente não deu para EU opinar sobre o programa;

b. Não O vi ontem no bloco dos honestos;

c. Sem mim, vocês não conseguem descobrir os corruptos;

d. Fiquei fora de MIM quando vi tantos dólares.

✓ 66. Resposta: E. Observe:

a. O chefe convocou- O durante a reunião;

b. Chegou uma ordem para EU comparecer à secretaria;

c. Mandaremos os produtos para TU analisares a qualidade;

d. Busquei- AS no serviço de almoxarifado;

e. Entreguei-lhe o envelope fechado ontem mesmo.

✓ 67. Resposta: B. Em "nós merecemo-la", o verbo merecer é transitivo direto. Preferível: Nós a merecemos.

✓ 68. Resposta: A. Com o pronome de tratamento, a concordância será sempre feita com a terceira pessoa. Outro detalhe: se se fala da pessoa, usa-se a forma Sua; se se fala com a pessoa, usa-se a forma Vossa. Portanto:

a. Pela presente, enviamos a V. S.a a relação de seus débitos e solicitamos-lhe a gentileza de saldá-los com urgência;

b. Sua Alteza Real, o Príncipe de Gales, virá ao Brasil para participar da ECO - 92;

c. Vossa Santidade pode ter a certeza de que sua presença entre nós é motivo de júbilo e de místico fervor;

d. Solicito a V. Exa. dignar-se aceitar as homenagens devidas, por justiça, a quem tanto engrandeceu a pátria.

✓ 69. Resposta: C. Se o verbo apresenta a terminação R, S ou Z, os pronomes assumem as modalidades LO, LA, LOS, LAS: Mandamos as crianças saírem./ Mandamo-las sair. Melhor ainda: Nós as mandamos sair.

✓ 70. Resposta: B. O pronome "todo" traduz a ideia de indefinição.

✓ 71. Resposta: B. Cuidado com o sinal de nasalização: Chamaram-no para assumir... (forma correta).

✓ 72. Resposta: D. Quem vota, vota **EM** alguém. Portanto: Os candidatos **NOS** quais votaremos preenchem os requisitos para o cargo.

✓ 73. Resposta: B. Pronome adjetivo é aquele que acompanha o substantivo. É o que acontece na opção B: "Poderíamos reconhecê-lo como um dos nossos mártires."

✓ 74. Resposta: A. Em "Os outros é que me chamam de Zé." a palavra grifada traduz a ideia de indefinição e é sujeito do verbo chamam.

✓ 75. Não confunda advérbio de intensidade e pronome indefinido. Em "Seria vista mais animação, se houvesse disciplina", a palavra "mais" acompanha o substantivo "animação". Portanto, temos adjunto adnominal (= pronome indefinido) girando em torno do núcleo do sujeito.

✓ 76. Resposta: B. "O presidente não recebeu ninguém (pronome indefinido substantivo), não havia nenhuma fotografia (pronome adjetivo indefinido: acompanha o substantivo) sorridente dele, nenhuma frase (pronome adjetivo indefinido: acompanha o

substantivo) imortal, nada (pronome indefinido substantivo) que fosse supimpa.".

✓ 77. a. Encontraram- NO; b. Arrancara- A do peito; c. A disposição das plantas não O permite.

✓ 78. Resposta: B. O lhe é adjunto adnominal quando apresenta valor de pronome possessivo. Observe:

a. "... anunciou-lhe (obj. ind.): 'Filho, amanhã vais comigo'.";

b. O peixe cai-lhe na rede (cai na sua rede/ adjunto adnominal);

c. Ao traidor, não lhe (objeto indireto) perdoaremos jamais;

d. Comuniquei-lhe (objeto indireto) o fato ontem pela manhã;

e. Sim, alguém lhe (objeto indireto) propôs emprego.

✓ 79. Resposta: C. a)Deixou - O sair; b) Mandou- O ficar de guarda; c) Permitiu-lhe (permitiu a ele) ficar de guarda; d)Procuram- NO por toda a parte.

✓ 80. Resposta: E. "Era para EU falar COM ELE ontem, mas não O encontrei em parte alguma." Lembre-se de que o verbo "encontrar" é transitivo direto, portanto não admite o pronome "lhe" na substituição lexical.

✓ 81. Resposta: A. Eu ofereço esse livro para TI ou para VOCÊ.

✓ 82. Resposta: B.

I. De presente, deu-lhe um livro **para** ELE (sujeito) ler durante as férias;

II. De presente, trouxe um livro **para** MIM (observe a preposição);

III. Nada mais há **entre** MIM e você;

IV. Sempre houve entendimentos **entre** MIM e ti;

V. José, espere. Vou COM VOCÊ. Lembre-se: consigo tem valor reflexivo: Ele falava consigo (com ele mesmo).

✓ 83. Resposta: D. Se é para EU (sujeito) dizer o que penso, creio que a escolha se dará entre MIM e TI. (A preposição rege os dois pronomes.)

✓ 84. Resposta: E. Veja as possibilidades:

I. O lugar onde/no qual/em que moro é muito pequeno;

II. Esse foi o número de que/do qual gostei mais;

III. O filme cujo enredo é fraco, tem dado grande prejuízo. Atenção: o pronome cujo não admite artigo anteposto nem posposto.

✓ 85. Resposta: A. Observe:

I. O diretor deixou as provas para EU (sujeito) revisar;

II. Este assunto fica só entre MIM e você;

III. Juca, espere, tenho que falar COM VOCÊ.

✓ 86. Resposta: E. Em: "... encara a arte e o (= aquilo) que esta implica..." e "... de que ele é o primeiro símbolo...", os dois elementos sublinhados são respectivamente um pronome demonstrativo e um artigo definido.

✓ 87. Resposta: A. Observe:

a. É um cidadão em cuja honestidade se pode confiar (quem confia confia em algo);

b. Feliz o pai cujos (dispensa o artigo) filhos são ajuizados;

c. Comprou uma casa maravilhosa, que/a qual lhe custou uma fortuna;

d. Preciso de um pincel delicado, sem o qual não poderei terminar meu quadro;

e. Os jovens, com cujos pais conversei (quem conversa conversa com alguém), prometeram mudar de atitude.

✓ 88. Resposta: C. "As mulheres, **DE** cujos olhos as lágrimas caíam (o que cai cai de algum lugar, ou seja, dos olhos) , assistiam a uma cena de que não gostavam (quem não gosta não gosta de algo)".

✓ 89. Resposta: B. Correções:

I. Não há mais ciúmes entre MIM e ele;

II. Perante MIM e vós o juiz a declarou culpada;

III. Papai deu o carro para EU dirigir;

IV. Contra os alunos e MIM, estava o chefe da coordenadoria;

V. Sem você e MIM, ninguém fará nada correto.

✓ 90. Resposta: B. "Um jornal diário tem posto em prática, há **bastantes** meses (o pronome acompanha o substantivo) , uma grande parte das correções e simplificações que defendo aqui."

✓ 91. Resposta: B.

I. Chegaram várias cartas, mas não havia nenhuma **para** MIM;

II. Não é tarefa para MIM desenvolver este tema. (Coloque na ordem direta: Desenvolver este tema não é tarefa para mim);

III. Este tema não é tarefa para EU (sujeito) desenvolver por enquanto;

IV. É mais fácil para MIM acreditar nessa história do que para ele (Coloque na ordem direta: Acreditar nessa história é mais fácil para mim do que para ele).

✓ 92. Resposta: B.

I. É muito difícil para MIM escrever-lhe diariamente (Coloque na ordem direta: Escrever-lhe diariamente é muito difícil para mim);

II. Eles chegaram a discutir entre SI mas não brigaram;

III. Percebi que o plano era para EU (sujeito) desistir do jogo;

IV. Passeando pelo jardim, o velho falava CONSIGO (com ele mesmo), murmurando frases confusas.

NÍVEL 2

1) CN
2) CN
3) AA
4) CN
5) AA
6) CN
7) CN
8) AA/AA
9) CN/AA
10) CN
11) AA
12) CN
13) AA
14) CN/AA
15) CN/AA
16) CN
17) AA
18) AA/CN
19) AA
20) CN
21) CN/CN
22) CN
23) AA
24) CN/AA/CN
25) CN/CN
26) AA/AA
27) AA/CN
28) CN
29) CN
30) CN/AA
31) AA/CN/AA
32) CN/AA
33) AA
34) CN/CN
35) CN
36) CN
37) AA
38) AA/AA
39) CN/AA
40) AA
41) CN/CN
42) CN
43) AA
44) CN/AA
45) CN/AA
46) CN/AA
47) CN
48) AA
49) AA/CN
50) AA/CN

NÍVEL 3

1. E (sujeito: As mortes)
2. C (adjunto adnominal)
3. C (adjunto adverbial deslocado + pontuação)
4. C (adjunto adverbial)
5. C (núcleo do sujeito – concordância)
6. C (regência)
7. E (referente: O Programa)
8. E (função dêitica). Indica o tempo de quem redige.
9. C (aposto)
10. C (elipse)
11. C (que – função sujeito). Retoma “outras pessoas”.
12. D
13. D

14. C (sujeito: uma sessão de julgamento da Comissão de Anistia)

15. E (cujo relaciona "resultado" e "uma sessão de julgamento da Comissão de Anistia".)

16. C (referente *que* como sujeito da oração)

17. E (concordância do sujeito com o verbo). "A visão cristã tem" (sem acento).

18. C

19. E (concordância sujeito / predicativo). "Os passeios são..."

20. E (sujeito oracional: "Caminhar faz".)

21. C

22. C (aposto)

23. E ("que tomou" é adjunto adnominal oracional de "medidas".)

24. C (referente)

25. C (complemento nominal)

26. E (adjunto adnominal). Retoma "diálogo cognitivo".

27. E (sujeito). Sintaticamente, retoma apenas "os conteúdos".

28. C

29. C (coesão)

30. E (função anafórica). Retoma "avenida Paulista".

31. E (sujeito). Concorda com "Construções e usos de interesse particular.

CAPÍTULO 4

VERBO (VOZES VERBAIS, PREDICADOS E FLEXÕES)

TEXTO I

Leia o texto a seguir para responder à questão 1:

Água viva (fragmento)

Sinta-se bem. Eu na minha solidão quase vou explodir. Morrer deve ser uma muda explosão interna. O corpo não aguenta mais ser corpo. E se morrer tiver o gosto de comida quando se está com muita fome? E se morrer for um prazer, egoísta prazer?

Ontem eu estava tomando café e ouvi a empregada na área de serviço a pendurar roupa na corda e a cantar uma melodia sem palavras. Espécie de cantilena extremamente plangente. Perguntei-lhe de quem era a canção, e ela respondeu: é bobagem minha mesmo, não é de ninguém.

Sim, o que te escrevo não é de ninguém. E essa liberdade de ninguém é muito perigosa. É como o infinito que tem cor de ar.

Clarice Lispector

QUESTÃO 1

Julgue os itens a seguir:

(1) Em "Eu na minha solidão quase vou **explodir**" , o verbo destacado não apresenta a primeira pessoa do singular do presente do indicativo e é, portanto, defectivo. ***(p. 246)***

(2) No trecho "**Morrer** deve ser uma muda explosão interna", o verbo destacado pode apresentar, dependendo do contexto, dois particípios: morrido e morto. ***(p. 247)***

(3) Em "Ontem, eu **estava tomando** café", destacou-se uma locução verbal, caracterizando, portanto, período simples e oração absoluta. ***(p. 248)***

(4) No trecho "...e **ouvi** a empregada na área de serviço a **pendurar** roupa na corda" , destacaram-se verbos regulares. ***(p. 249)***

(5) Em "**Perguntei**-lhe de quem **era** a canção, e ela **respondeu**: **é** bobagem minha mesmo, não **é** de ninguém", os verbos destacados encontram-se flexionados no mesmo tempo e modo verbais. ***(p. 249)***

TEXTO II

Leia o texto a seguir para responder à questão 2:

A indústria moderna tem produzido uma quantidade impressionante de substâncias e artigos de maior ou menor toxicidade, como vernizes, lacas, tintas, pesticidas, inseticidas, detergentes etc., e até aerossóis. Neles se encontram compostos e elementos químicos, como sulfetos, óxido de nitrogênio, monóxido de carbono, nitratos, fluoretos, sulfatos, derivados de petróleo, cloro ou fósforo. Grande parte dessas substâncias é lançada diretamente na água ou no ar, ou se acumula no solo, de

onde passa para organismos vivos e vão atingir populações humanas.

Revista Globo Ciência

QUESTÃO 2

Julgue os itens a seguir:

(1) O primeiro período do texto apresenta voz passiva analítica. ***(p. 252)***

(2) Em "Neles se encontram compostos e elementos químicos" (l. 4-5), temos exemplo de voz passiva com sujeito composto. ***(p. 253)***

(3) Reescrevendo o trecho "Grande parte dessas substâncias é lançada diretamente na água ou no ar" (l. 7-8) na voz ativa, obtém-se: Lançam grande parte dessas substâncias diretamente na água ou no ar. ***(p. 253)***

(4) Em "... ou se acumula no solo" (l. 8), temos exemplo de voz passiva sintética ou pronominal. ***(p. 253)***

TEXTO III

Leia o texto a seguir para responder à questão 3.

Facultativo

(...) Saberão os groelandeses o que seja ponto facultativo? (Os brasileiros sabem). É descanso obrigatório, no duro. João Brandão, o de alma virginal, não entendia assim, e lá um dia em que o Departamento Meteorológico anunciava "céu azul, praia, ponto facultativo", não lhe apetecendo a casa nem as atividades lúdicas, deliberou usar de sua "faculdade" de assinar o ponto no Instituto Nacional da Goiaba, que como é do domínio público,

estuda as causas da inexistência dessa matéria-prima na composição das goiabadas.

Hoje deve haver menos gente por lá, conjeturou, ótimo, porque assim trabalho à vontade. Nossas repartições atingiram tal grau de dinamismo e fragor, que chega a ser desejável o não-comparecimento de 90 por cento dos funcionários, para que os restantes possam, na calma, produzir um bocadinho. E o inocente João via no ponto facultativo essa virtude de afastar os menos diligentes, ou os mais futebolísticos, que cediam lugar à turma dos "caxias"

Encontrou cerradas as grandes portas de bronze, ouro e pórfiro, e nenhum sinal de vida nos arredores. Nenhum — a não ser aquele gato que se lambia à sombra de um tinhorão.

João Brandão tentou forçar as portas, mas as portas mantiveram-se surdas e nada facultativas (...) João decidiu-se a penetrar no edifício, galgando-lhe a fachada e utilizando a vidraça que os serventes sempre deixam aberta, na previsão de casos como esse, talvez. E começava a fazê-lo, com a teimosia calma dos Brandões, quando um vigia brotou da grama e puxou-o pela perna.

— Desce daí, moço. Então não está vendo que é dia de descansar?

— Perdão, é dia em que se pode ou não descansar, e eu estou com o expediente atrasado (...)

— Mas, e o senhor por que então está vigiando, se é dia de descanso?

— Estou aqui porque a patroa me escaramuçou, dizendo que não quer vagabundo em casa. Não tenho para onde ir, tá bem?

João Brandão aquiesceu, porque o outro, pelo tom de voz, parecia disposto a tudo, inclusive a trabalhar de braço, a fim de impedir que ele trabalhasse de pena. Era como se o vigia lhe dissesse: "Veja bem, está estragando meu dia. Então não sabe o que quer dizer facultativo?"

DRUMOND DE ANDRADE. Carlos. "Facultativo" In: Carlos Drummond de Andrade - poesia e prosa. Rio de Janeiro. Editora Nova Aguilar

QUESTÃO 3

Julgue os itens a seguir quanto à transitividade dos verbos destacados:

(1) "**Saberão** os groelandeses o que seja ponto facultativo? " (l. 1) - transitivo direto. ***(p. 254)***

(2) "**É** descanso obrigatório, no duro" (l.2) - verbo de ligação. ***(p. 254)***

(3) "... não lhe **apetecendo** a casa nem as atividades lúdicas" (l. 5-6) - transitivo direto e indireto. ***(p. 254)***

(4) "... Instituto Nacional da Goiaba (...) **estuda** as causas da inexistência dessa matéria-prima na composição das goiabadas" - transitivo direto e indireto. ***(p. 254)***

(5) "Hoje **deve haver** menos gente por lá" (l. 10) - intransitivo. ***(p. 254)***

(6) "... para que os restantes **possam**, na calma, **produzir** um bocadinho" (l. 13-14) - transitivo direto. ***(p. 254)***

(7) "João Brandão **aquiesceu**, porque o outro, pelo tom de voz, parecia disposto a tudo" (l.37-38) - intransitivo. ***(p. 254)***

QUESTÃO 4

Julgue os itens a seguir, considerando a classificação dos predicados destacados:

(1) "João Brandão **tentou forçar as portas**" (l. 21) - predicado verbal. ***(p. 256)***

(2) "... mas as portas **mantiveram-se surdas e nada facultativas**" (l. 21-22) - predicado verbo-nominal. ***(p. 256)***

(3) "... que os serventes **sempre deixam aberta**" (l. 24) - predicado verbal. ***(p. 256)***

(4) "— **Desce daí, moço.**" (l. 28) - predicado nominal. ***(p. 256)***

(5) "— Mas, e o senhor **por que então está vigiando...**" (l. 32) - predicado nominal. ***(p. 256)***

(6) "... o outro, **pelo tom de voz, parecia disposto a tudo**" (l. 37-38) - predicado nominal. ***(p. 256)***

RESOLUÇÕES COMENTADAS

QUESTÃO 1

✓ (1) Verdadeiro. Presente do indicativo do verbo "explodir": eu ...., tu explodes, ele explode, nós explodimos, vós explodis, eles explodem. O verbo é irregular e defectivo (prefira), embora alguns dicionaristas e estudiosos da língua defendam as formas "eu explodo" e "eu expludo" (Evite!). Portanto, lembre-se:

Os verbos exprimem processos (ação, estado, fenômeno, mudança, etc).

Ex.: O juiz condenou o réu com severidade.
A música baiana parece interessante.
Esse fato ocorreu naquela praça misteriosa.

CLASSIFICAÇÃO

- a) **Regular** - É aquele cujo radical é invariável e segue o paradigma de sua conjugação.

Ex.: estudar, trabalhar, compreender, entender, definir, partir.

- b) **Irregular** - Apresenta variação no radical ou no paradigma de terminações. ATENÇÃO: Essa alteração deve ser gráfica e fonética ao mesmo tempo. Compare:
  - Estudar - Eu estudo (regular: sem alterações radical/ terminações.)
  - Agir - Eu ajo (regular: houve alteração gráfica, mas não fonética no radical.)

- Medir - Eu meço (irregular: houve alteração gráfica e fonética , ao mesmo tempo, no radical.)
- Estar - Eu estou (irregular: houve alteração gráfica e fonética no paradigma de terminações.) Compare: AMAR: Eu amo. (regular)

Observação:
Segundo a NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira), quando os verbos apresentam transformações profundas no radical, são chamados de anômalos:
- ser: sou, era, fui
- ir: vou, irei, fora

▪ c) **Defectivo** - É o verbo que não é conjugado em todas as formas:
Ex: falir, abolir, reaver, precaver-se, colorir, remir, descomedir-se, feder.

✓ (2) Verdadeiro. ABUNDANTE - É o verbo que possui duas ou mais formas equivalentes. Os verbos da coluna 1 são usados com os auxiliares TER e HAVER. Os verbos da coluna 2 são usados com os auxiliares SER e ESTAR.

Coluna 1	Coluna 2
(havia/tinha) aceitado	(foi, está) aceito, aceite
entregado	entregue
enxugado	enxuto
expressado	expresso
expulsado	expulso
isentado	isento
matado	morto
salvado	salvo

soltado	solto
vagado	vago
acendido	aceso
benzido	bento
elegido	eleito
incorrido	incurso
morrido	morto
rompido	roto
suspendido	suspenso
emergido	emerso
exprimido	expresso
extinguido	extinto
frigido	frito
imergido	imerso
imprimido	impresso
inserido	inserto
omitido	omisso
submergido	submerso

✓ (3) Verdadeiro. Diz-se que há locução verbal quando duas ou mais formas verbais ocorrem para expressar apenas um processo verbal, ou seja, uma unidade semântica e sintática. Na locução, haverá sempre um verbo principal - que será sempre o último e estará no infinitivo, gerúndio ou particípio - e um ou mais verbos auxiliares, que indicarão o tempo e o modo verbais.

Ex.: Eu estava tomando café.
Estou escrevendo uma peça inédita!
O médico há de agir com ética.
Os políticos estão querendo enganar o povo.

ATENÇÃO: NÃO FORMAM LOCUÇÃO VERBAL → VERBOS CAUSATIVOS E SENSITIVOS + INFINITIVO

Esses verbos não são considerados, nessa estrutura, auxiliares.

Chamam-se causativos os que indicam que a ação expressa pelo outro verbo foi determinada ou causada por eles: mandar, deixar e fazer.

Ex.: Eu o deixei / chorar.

Chamam-se sensitivos os que indicam que a ação seguinte foi percebida sensorialmente: ver, ouvir e sentir.

Ex.: Nós a vimos / esconder um objeto na bolsa.

Nada impede que outros auxiliares formem locução com esses seis verbos.

Ex.: Procurei fazer a coisa certa.
Aux. Principal

× (4) Falso. O verbo "ouvir" já apresenta irregularidade na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo: eu ouço (variação gráfica e fonética no radical). Reveja os comentários do item 2.

× (5) Falso. "Perguntei" e "respondeu" correspondem ao pretérito perfeito do indicativo (tempo primitivo); "era" corresponde ao pretérito imperfeito do indicativo (tempo derivado) e "é" corresponde ao presente do indicativo (tempo primitivo). Que história é essa de

TEMPOS PRIMITIVOS E DERIVADOS?

São considerados tempos primitivos: o presente do indicativo, o pretérito perfeito do indicativo e o infinitivo impessoal.

Os demais tempos são derivados desses três.

▪ Tempos derivados do presente

Pres. Ind.	Imper. Afirm.	Pres. Subj.	Imper. Neg.
Estudo		estude	
Estudas	estuda tu	estudes	não estudes
Estuda	estude você	estude	não estude
Estudamos	estudemos nós	estudemos	não estudemos
Estudais	estudai vós	estudeis	não estudeis
Estudam	estudem vocês	estudem	não estudem

▪ Formação do imperativo

Da 1ª pessoa do singular do presente do indicativo forma-se o presente do subjuntivo. A 2ª pessoa do singular e a 2ª pessoa do plural do imperativo afirmativo vêm do presente do indicativo menos o **s**.

As demais pessoas do imperativo afirmativo e todas as pessoas do imperativo negativo originam-se do presente do subjuntivo.

▪ Tempos derivados do pretérito perfeito

Pret.perf.	Pret.mais-que-perf. Ind.	Fut. subj.	Pret.imperf. subj.
Cantei	cantara	cantar	Cantasse
Cantaste	cantaras	cantares	Cantasses
Cantou	cantara	cantar	Cantasse
Cantamos	cantáramos	cantarmos	Cantássemos
Cantastes	cantáreis	cantardes	Cantásseis
Cantaram	cantaram	cantarem	Cantassem

Veja: Eles cantaram.

- M : cantara → Pret. mais-que-perf. Ind.
- AM: cantar → Fut. Subj.
- RAM + SSE: cantasse → Pret.imperf. Subj.

▪ Tempos derivados do infinitivo

Infinitivo impessoal: levar	
Futuro do presente	**Futuro do pretérito**
levarei	Levaria
levarás	Levarias
levará	Levaria
levaremos	Levaríamos
levareis	Levaríeis
levarão	Levariam

▪ Tempos derivados do pretérito perfeito do indicativo

Alguns verbos irregulares (ver, vir, pôr e ter), que servem de modelo para outros derivados, apresentam dificuldades de conjugação, principalmente nos tempos derivados do pretérito perfeito do indicativo. Veja o quadro abaixo:

Verbo	Tema do perf.	Pret. mais-que perf.-	Imperf. subj.	Fut.subj.
Ver	vi	vira	visse	vir
Vir	vie	viera	viesse	vier
Pôr	puse	pusera	pusesse	puser
Ter	tive	tivera	tivesse	tiver

Observações:

· Conjugam-se como o verbo ver: antever, entrever, prever e rever.

· Conjugam-se como o verbo vir: advir, convir, desavir, antevir, intervir, provir e sobrevir.

· Conjugam-se como o verbo pôr: repor, propor, antepor, compor etc.

· Conjugam-se como o verbo ter: reter, conter, ater, entreter etc.

QUESTÃO 2

× (1) Falso. Em "A indústria moderna (sujeito) tem produzido (auxiliar + v.t.d.) uma quantidade impressionante de substâncias e artigos de maior ou menor toxicidade (objeto direto)", temos exemplo de voz ativa. Lembre-se: só existirá objeto direto na voz ativa. Na transposição para a voz passiva, o objeto direto passará a funcionar como sujeito. Essa transposição é uma das formas de se fazer PARÁFRASE: o texto é reescrito sem que haja prejuízo semântico. Observe: "Uma quantidade impressionante de substâncias e artigos de maior ou menor toxicidade (sujeito) tem sido produzida pela indústria moderna." (voz passiva analítica). O que é necessário saber sobre **VOZES VERBAIS**?

- Voz ativa : sujeito AGENTE (executa ou pratica a ação que o verbo ou a locução verbal exprime).

Ex.: Ele derrubou a casa.
Explicaram o problema ao mendigo.
O moço havia encontrado as esmeraldas.

- Voz passiva analítica (com auxiliar): sujeito PACIENTE (recebe ou sofre a ação que o verbo ou a locução verbal exprime)

Ex.: A casa foi derrubada por ele. (Agente da passiva)
O problema foi explicado ao mendigo.
As esmeraldas foram encontradas pelo moço. (Agente da passiva)
A chácara estava cercada de cães. (Agente da passiva)

- Voz passiva sintética ou pronominal: V. T. D. (ou V. T. D. I) + partícula apassivadora.

Ex.: Derrubou-se a casa. (Sujeito paciente: a casa; verbo derrubar (V.T.D.) na voz passiva pronominal)
Planejaram-se muitas aulas. (Sujeito paciente plural: muitas aulas; verbo planejar (V.T.D.) na voz passiva pronominal concordando com o sujeito)

Informou-se o problema ao público. (Sujeito paciente singular: o problema; objeto indireto: ao público; verbo informar (V.T.D.I.) na voz passiva pronominal)

✓ (2) Verdadeiro. "Neles se (partícula apassivadora) encontram (verbo transitivo direto) compostos e elementos químicos (sujeito composto)". Lembre-se: só será passível transpor para a voz passiva verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos. Reveja os comentários da questão anterior.

✓ (3) Verdadeiro. Observe que em "Grande parte dessas substâncias (sujeito) é lançada (por quem?) diretamente na água ou no ar (adj. adv. lugar)" o agente da passiva está indeterminado. Transpondo para a voz ativa, o sujeito passa a funcionar como objeto direto , e o agente da passiva passa a funcionar como sujeito. Como o agente da passiva está indeterminado, o sujeito, na voz ativa, também ficará indeterminado: Lançam (v.t.d) grande parte dessas substâncias (objeto direto) diretamente na água ou no ar (adj. adv. lugar).

✓ (4) Verdadeiro. Observe: "... ou (grande parte dessas substâncias) se acumula no solo...". Veja se assim fica mais fácil: "Acumula (v.t.d.) -se (partícula apassivadora) grande parte dessas substâncias (sujeito) no solo (adj. adv. lugar)". Essa é a voz passiva sintética ou pronominal. Na voz passiva analítica, temos: "Grande parte dessas substâncias é acumulada no solo".

QUESTÃO 3

Antes de responder aos itens, é necessário que você domine a MORFOSSINTAXE DO VERBO.

O VERBO, palavra que indica processo (ação, estado, fenômeno, mudança e outros), constitui uma palavra nuclear. Não se esqueça de que o VERBO DE LIGAÇÃO jamais funcionará como núcleo do predicado, pois sua função é somente ligar o sujeito ao predicativo.

Predicação (ou Regência) verbal é o nome que se dá ao tipo de conexão que há entre o sujeito e o verbo, entre o verbo e os complementos.

Por isso, caro (a) estudante, a classificação do verbo depende do seu emprego no contexto intraoracional.

Alguns exemplos:

Ele está decepcionado. (VERBO DE LIGAÇÃO)

Ela estava comigo. (VERBO INTRANSITIVO - Não existe predicativo do sujeito.)

Choveu muito ontem. (VERBO INTRANSITIVO)

Deus choverá bênçãos. (VERBO TRANSITIVO DIRETO)

Eu obedeço aos meus superiores. (VERBO TRANSITIVO INDIRETO)

O homem deu tudo aos pobres. (VERBO TRANSITIVO DIRETO E INDIRETO)

Quanto aos itens propostos, observe:

✓ (1) Verdadeiro. "Saberão (v.t.d.) os groelandeses (sujeito) o que seja ponto facultativo? (obj. direto)"

✓ (2) Verdadeiro. "(Ponto facultativo - sujeito elíptico) É (v. de ligação) descanso obrigatório (predicativo do sujeito), no duro".

× (3) Falso. "... não lhe (obj. indireto) apetecendo (v.t.i) a casa nem as atividades lúdicas (sujeito)".

× (4) Falso. Instituto Nacional da Goiaba (sujeito) estuda (v.t.d.) as causas da inexistência dessa matéria-prima na composição das goiabadas (objeto direto)".

× (5) Falso. "Hoje deve haver (v.t.d) menos gente (obj. direto) por lá".

✓ (6) Verdadeiro. "... para que os restantes (sujeito) possam, na calma, produzir (v.t.d.) um bocadinho (obj. direto)".

✓ (7) Verdadeiro. "João Brandão aquiesceu (verbo intransitivo: não exige complemento verbal), porque o outro, pelo tom de voz, parecia disposto a tudo".

QUESTÃO 4

A CLASSIFICAÇÃO DO PREDICADO depende do tipo de verbo que ele contém.

PREDICADO VERBAL é todo predicado que apresenta verbo significativo (VTD/ VTI/ VI), isto é, verbo que indica ação, fato ou fenômeno.

As ruas escalavam íngremes ladeiras.

suj. v.t.d. o.d.

predicado verbal

PREDICADO NOMINAL é o predicado que não apresenta verbo significativo e sim verbo de ligação

A plateia permaneceu absolutamente quieta.

suj. v. lig. predicativo do suj.

predicado nominal

IMPORTANTE

Só existirá verbo de ligação, se existir predicativo do sujeito.

Eu estava eufórico. (estava = verbo de ligação/ eufórico = predicativo do sujeito)

Eu estava contigo. (estava = verbo intransitivo/ contigo = adjunto adverbial de companhia)

PRINCIPAIS VERBOS DE LIGAÇÃO: ser, estar, parecer, permanecer, continuar, ficar, tornar-se, achar-se, cair, virar, andar,etc.

PREDICADO VERBO-NOMINAL é um predicado misto, que surge da fusão de um predicado verbal (que sempre tem verbo significativo) com um predicado nominal (que sempre tem predicativo).

O predicado verbo-nominal pode apresentar-se sob duas estruturas diferentes:

Verbo significativo + predicativo do sujeito
O tenista abandonou a quadra irritado.
v. sign. predicativo do suj.
predicado verbo-nominal

Verbo significativo + predicativo do objeto
O médico julgou desnecessária a cirurgia.
v. sign. predicativo do obj.
predicado verbo-nominal

Sendo assim, os itens propostos apresentam as seguintes respostas:

✓ (1) Verdadeiro. "João Brandão tentou forçar (auxiliar + v.t.d.) as portas" - predicado verbal.

✓ (2) Verdadeiro. "... mas as portas mantiveram (v.t.d.) -se (obj. direto reflexivo) surdas e nada facultativas (predicativo do objeto) " - predicado verbo-nominal.

× (3) Falso. "... que (= a vidraça) os serventes sempre deixam (v.t.d.) aberta (predicativo do objeto)" - predicado verbo-nominal.

× (4) Falso. "- Desce (verbo intransitivo) daí, moço." (l. 24) - predicado verbal.

× (5) Falso. "- Mas, e o senhor por que então está vigiando (auxiliar + verbo intransitivo)" - predicado verbal.

✓ (6) Verdadeiro. "... o outro (sujeito) , pelo tom de voz, parecia (v. de ligação) disposto a tudo (predicativo do suj.)" - predicado nominal.

VERBOS QUE VOCÊ DEVERÁ SEMPRE LEMBRAR

Segue uma LISTA DE VERBOS cuja conjugação pode suscitar dúvidas.

- APROPINQUAR
  - presente do indicativo: apropínquo, apropínquas, apropínqua, apropinquamos, apropinquais, apropínquam.
  - pretérito perfeito do indicativo: apropinquei, apropinquaste, apropinquou, apropinquamos, apropinquastes, apropinquaram.

- ABOLIR (defectivo)
  - presente do indicativo: aboles, abole, abolimos, abolis, abolem.
  - pretérito perfeito do indicativo: aboli, aboliste, aboliu, abolimos, abolistes,aboliram.

Conjugam-se da mesma forma: banir, carpir, colorir, demolir, descomedir-se, exaurir, fremir, fulgir, haurir, retorquir, urgir.

- ACUDIR (alternância vocálica)
  - presente do indicativo: acudo, acodes, acode, acudimos, acudis, acodem.
  - pretérito perfeito do indicativo: acudi, acudiste, acudiu, acudimos, acudistes, acudiram.

Assim se conjugam: bulir, consumir, cuspir, engolir, fugir

- ADEQUAR (defectivo)

Alguns dicionaristas e gramáticos defendem as formas "adéquo, adéquas, adéqua, adequamos, adequais, adéquam". Cuidado: trata-se de ponto divergente. Prefira:

- presente do indicativo: adequamos, adequais.
- pretérito perfeito do indicativo: adequei, adequaste, adequou, adequamos, adequastes, adequaram.

- ADERIR (alternância vocálica)
  - presente do indicativo: adiro, aderes, adere, aderimos, aderis, aderem.
  - pretérito perfeito do indicativo: aderi, aderiste, aderiu, aderimos, aderistes, aderiram.

Conjugam-se da mesma forma: advertir, cerzir, digerir, divergir, ferir, despir, deferir, sugerir.

- AGIR (acomodação gráfica)
  - presente do indicativo: ajo, ages, age, agimos, agis, agem.
  - pretérito perfeito do indicativo: agi, agiste, agiu, agimos, agistes, agiram.

Assim se conjugam: afligir, coagir, erigir, espargir, refulgir, restringir, transigir, surgir.

- ATRIBUIR (irregular)
  - presente do indicativo: atribuo, atribuis, atribui, atribuímos, atribuís, atribuem.
  - pretérito perfeito do indicativo: atribuí, atribuíste, atribuiu, atribuímos, atribuístes, atribuíram.

Assim se conjugam: afluir, concluir, destituir, excluir, possuir, instruir, usufruir.

- AGREDIR (alternância vocálica)
  - presente do indicativo: agrido, agrides, agride, agredimos, agredis, agridem.
  - pretérito perfeito do indicativo: agredi, agrediste, agrediu, agredimos, agredistes, agrediram.

Assim se conjugam: prevenir, progredir, regredir, transgredir.

- AGUAR
  - presente do indicativo: águo, águas, água, aguamos, aguais, águam
  - pretérito perfeito do indicativo: aguei, aguaste, aguou, aguamos, aguastes, aguaram.

Assim se conjugam: desaguar, enxaguar, minguar.

- APIEDAR-SE (pronominal)
  · presente do indicativo: apiedo-me, apiedas-te, apieda-se, apiedamo-nos, apiedais-vos, apiedam-se.
  · pretérito perfeito do indicativo: apiedei-me, apiedaste-te, apiedou-se, apiedamo-nos, apiedastes-vos, apiedaram-se.

- APRAZER (irregular)
  · presente do indicativo: aprazo, aprazes, apraz, aprazemos, aprazeis, aprazem.
  · pretérito perfeito do indicativo: aprouve, aprouveste, aprouve, aprouvemos, aprouvestes, aprouveram.

- ARGUIR (irregular com alternância vocálica)
  · presente do indicativo: arguo (ú), arguis, argui, arguimos, arguis, arguem.
  · pretérito perfeito do indicativo: argui, arguiste, arguiu, arguimos, arguistes, arguiram.

- ATRAIR (irregular)
  · presente do indicativo: atraio, atrais, atrai, atraímos, atraís, atraem.
  · pretérito perfeito do indicativo: atrai, atraíste, atraiu, atraímos, atraístes, atraíram.

Como este se conjugam: abstrair, cair, distrair, subtrair, sair.

- AVERIGUAR (alternância fonética)
  · presente do indicativo: averiguo (ú), averiguas (ú), averigua (ú) , averiguamos, averiguais, averiguam (ú).
  · pretérito perfeito do indicativo: averiguei, averiguaste, averiguou, averiguamos, averiguastes, averiguaram

Assim se conjugam: apaziguar, obliquar.

- CABER (irregular)
  · presente do indicativo: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem.
  · pretérito perfeito do indicativo: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam.

- CEAR (irregular)
  - presente do indicativo: ceio, ceias, ceia, ceamos, ceais, ceiam.
  - pretérito perfeito do indicativo: ceei, ceaste, ceou, ceamos, ceastes, cearam.

Assim se conjugam os verbos terminados em ear : passear, pentear, frasear, recear, etc.

- COMERCIAR (regular)
  - presente do indicativo: comercio, comercias, comercia, comerciamos, comerciais, comerciam.
  - pretérito perfeito do indicativo: comerciei, comerciaste, comerciou, comerciamos, comerciastes, comerciaram.

Assim se conjugam os verbos terminados em iar: anunciar, evidenciar, licenciar etc.

- COAR (regular)
  - presente do indicativo: coo, coas, coa, coamos, coais, coam.
  - pretérito perfeito do indicativo: coei, coaste, coou, coamos, coastes, coaram.

Assim se conjugam: abençoar, perdoar, magoar.

- COMPELIR (alternância vocálica)
  - presente do indicativo: compilo, compeles, compele, compelimos, compelis, compelem.
  - pretérito perfeito do indicativo: compeli, compeliste, compeliu, compelimos, compelistes, compeliram.

- COMPILAR (regular)
  - presente do indicativo: compilo, compilas, compila, compilamos, compilais, compilam.
  - pretérito perfeito do indicativo: compilei, compilaste, compilou, compilamos,compilastes, compilaram.

- CONSTRUIR (irregular e abundante)
  - presente do indicativo: construo, constróis (ou construis), constrói (ou construi), construímos, construís, constroem (ou construem).

· pretérito perfeito do indicativo: construí, construíste, construiu, construímos, construístes, construíram.

▪ CRER (irregular)
· presente do indicativo: creio, crês, crê, cremos, credes, creem.
· pretérito perfeito do indicativo: cri, creste, creu, cremos, crestes, creram.

▪ DIGNAR-SE (pronominal)
· presente do indicativo: digno-me, dignas-te, digna-se, dignamo-nos, dignais-vos, dignam-se.
· pretérito perfeito do indicativo: dignei-me, dignaste-te, dignou-se, dignamo-nos, dignastes-vos, dignaram-se.

Assim se conjuga: persignar-se

▪ DIZER (irregular)
· presente do indicativo: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem.
· pretérito perfeito do indicativo: disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram.

▪ EXPUGNAR (regular)
· presente do indicativo: expugno, expugnas, expugna, expugnamos, expugnais, expugnam.
· pretérito perfeito do indicativo: expugnei, expugnaste, expugnou, expugnamos, expugnastes, expugnaram.

Assim se conjugam: estagnar, designar, impugnar, pugnar, repugnar, resignar.

▪ FALIR (defectivo)
· presente do indicativo: nós falimos, vós falis.
· pretérito perfeito do indicativo: fali, faliste, faliu, falimos, falistes, faliram.

Assim se conjugam: aguerrir, combalir, foragir-se, remir, renhir.

- FAZER (irregular)
  · presente do indicativo: faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem.
  · pretérito perfeito do indicativo: fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram.

- FICAR (acomodação gráfica)
  · presente do indicativo: fico, ficas, fica, ficamos, ficais, ficam.
  · pretérito perfeito do indicativo: fiquei, ficaste, ficou, ficamos, ficastes, ficaram.

- FRIGIR (acomodação gráfica e alternância vocálica)
  · presente do indicativo: frijo, freges, frege, frigimos, frigis, fregem.
  · pretérito perfeito do indicativo: frigi, frigiste, frigiu, frigimos, frigistes, frigiram.

- IR (anômalo)
  · presente do indicativo: vou, vais, vai, vamos, ides, vão.
  · pretérito perfeito do indicativo: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.

- JAZER (irregular)
  · presente do indicativo: jazo, jazes, jaz, jazemos, jazeis, jazem.
  · pretérito perfeito do indicativo: jazi, jazeste, jazeu, jazemos, jazestes, jazeram.

- LER (irregular)
  · presente do indicativo: leio, lês, lê, lemos, ledes, leem.
  · pretérito perfeito do indicativo: li, leste, leu, lemos, lestes, leram.

- MOBILIAR (irregular)
  · presente do indicativo: mobílio, mobílias, mobília, mobiliamos, mobiliais, mobiliam.
  · pretérito perfeito do indicativo: mobiliei, mobiliaste, mobiliou, mobiliamos, mobiliastes, mobiliaram.

- OBSTAR (regular)
  · presente do indicativo: obsto, obstas, obsta, obstamos, obstais, obstam.
  · pretérito perfeito do indicativo: obstei, obstaste, obstou, obstamos, obstastes, obstaram.

- OPTAR (regular)
  · presente do indicativo: opto, optas, opta, optamos, optais, optam.
  · pretérito perfeito do indicativo: optei, optaste, optou, optamos, optastes, optaram.

- OUVIR (irregular)
  · presente do indicativo: ouço, ouves, ouve, ouvimos, ouvis, ouvem.
  · pretérito perfeito do indicativo: ouvi, ouviste, ouviu, ouvimos, ouvistes, ouviram.

- PEDIR (irregular)
  · presente do indicativo: peço, pedes, pede, pedimos, pedis, pedem.
  · pretérito perfeito do indicativo: pedi, pediste, pediu, pedimos, pedistes, pediram.

- PERDER (irregular)
  · presente do indicativo: perco, perdes, perde, perdemos, perdeis, perdem.
  · pretérito perfeito do indicativo: perdi, perdeste, perdeu, perdemos, perdestes, perderam.

- PODER (irregular)
  · presente do indicativo: posso, podes, pode, podemos, podeis, podem.
  · pretérito perfeito do indicativo: pude, pudeste, pôde, pudemos, pudestes, puderam.

- POLIR (alternância fonética)
  · presente do indicativo: pulo, pules, pule, polimos, polis, pulem.
  · pretérito perfeito do indicativo: poli, poliste, poliu, polimos, polistes, poliram.

- PRECAVER-SE (defectivo e pronominal)
  · presente do indicativo: precavemo-nos, precaveis-vos
  · pretérito perfeito do indicativo: precavi-me, precaveste-te, precaveu-se, precavemo-nos, precavestes-vos, precaveram-se.

- PROVER (irregular) – Observe que, no presente do indicativo, ele é conjugado como o verbo "ver", mas, no pretérito perfeito do indicativo, isso não ocorre.
  · presente do indicativo: provejo, provês, provê, provemos, provedes, proveem.
  · pretérito perfeito do indicativo: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram.

- QUERER (irregular) – Lembre-se de que o verbo "requerer" não é conjugado como o verbo "querer".
  · presente do indicativo: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem.
  · pretérito perfeito do indicativo: quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram.

- REAVER (defectivo)
  · presente do indicativo: reavemos, reaveis.
  · pretérito perfeito do indicativo: reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram.

- REMIR (defectivo)
  · presente do indicativo: remimos, remis.
  · pretérito perfeito do indicativo: remi, remiste, remiu, remimos, remistes, remiram.

- REQUERER (irregular)
  · presente do indicativo: requeiro, requeres, requer, requeremos, requereis, requerem.
  · pretérito perfeito do indicativo: requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram.

- RIR (irregular)
  - presente do indicativo: rio, ris, ri, rimos, rides, riem.
  - pretérito perfeito do indicativo: ri, riste, riu, rimos, ristes, riram.

Assim se conjuga: sorrir.

- SABER (irregular)
  - presente do indicativo: sei, sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem.
  - pretérito perfeito do indicativo: soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, souberam.

- SAUDAR (alternância vocálica)
  - presente do indicativo: saúdo, saúdas, saúda, saudamos, saudais, saúdam.
  - pretérito perfeito do indicativo: saudei, saudaste, saudou, saudamos, saudastes, saudaram.

- SUAR (regular)
  - presente do indicativo: suo, suas, sua, suamos, suais, suam.
  - pretérito perfeito do indicativo: suei, suaste, suou, suamos, suastes, suaram.

Assim se conjugam: atuar, continuar, habituar, recuar, situar.

- TRAZER (irregular)
  - presente do indicativo: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem.
  - pretérito perfeito do indicativo: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram.

- VALER (irregular)
  - presente do indicativo: valho, vales, vale, valemos, valeis, valem.
  - pretérito perfeito do indicativo: vali, valeste, valeu, valemos, valestes, valeram.

- VER (irregular)
  - presente do indicativo: vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem.
  - pretérito perfeito do indicativo: vi, viste, viu, vimos, vistes, viram.

Assim se conjugam seu derivados: rever, prever, antever, etc.

- SOER (defectivo)
  - presente do indicativo:sóis, sói, soemos, soeis, soem.
  - (verbo pouco usado)

OBSERVAÇÃO:

O verbo pôr, assim como seus derivados, pertence à 2ª conjugação. (forma antiga: poer).

. . . . . .

LEITURA OBRIGATÓRIA:

. . . . . .

1. Tempos compostos

Os tempos verbais compostos constituem locuções verbais que têm como auxiliares os verbos ter e haver e como principal qualquer verbo no particípio. Vejamos:

a) Pretérito perfeito composto do indicativo: ter ou haver no presente do indicativo e o principal no particípio. Indica fato que tem ocorrido.

Ex.:Eu tenho trabalhado muito ultimamente.
Todos nós temos lutado por um mundo melhor.

b) Pretérito perfeito composto do subjuntivo: ter ou haver no presente do subjuntivo e o principal no particípio. Indica desejo de que algo já tenha ocorrido.

Ex.:Esperamos que você tenha convencido o presidente.
O meu desiderato é que todos tenham confessado o crime.

c) Pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo: ter ou haver no pretérito imperfeito do indicativo e o

principal no particípio. Tem o mesmo valor semântico do pretérito mais-que-perfeito do indicativo simples.

Ex.:Ontem, quando você foi ao aeroporto, o avião já havia decolado.
Eu já tinha estudado na UnB, quando conheci Ambrosina.

d) Pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo: ter ou haver no pretérito imperfeito do subjuntivo e o principal no particípio. Tem o mesmo valor semântico do pretérito imperfeito do subjuntivo simples.

Ex.:Eu teria conquistado mais medalhas, se não tivesse conhecido esse técnico.

e) Futuro do presente composto do indicativo: ter ou haver no futuro do presente simples do indicativo e o principal no particípio. Tem o mesmo valor semântico do futuro do presente simples do indicativo.

Ex. Quando você chegar ao aeroporto, o avião já terá decolado.

f) Futuro do pretérito composto do indicativo: ter ou haver no futuro do pretérito simples do indicativo e o principal no particípio. Tem o mesmo valor semântico do futuro do pretérito simples do indicativo.

Ex. Eu teria caminhado todos os dias desse ano, se não estivesse trabalhando tanto.
Eu teria estudado na UnB, se tivesse passado no vestibular.

g) Futuro composto do subjuntivo: ter ou haver no futuro do subjuntivo simples e o principal no particípio. Tem o mesmo valor semântico do futuro do subjuntivo simples.

Ex. Quando você tiver concluído o relatório, eu dispensarei o grupo.

h) Infinitivo pessoal composto: ter ou haver no infinitivo pessoal simples e o principal no particípio. Indica ação passada em relação ao momento da fala.

Ex. Para você ter adquirido essa propriedade, necessitou de orientações do corretor.

2. Correlação Verbal

Os textos produzidos por nós precisam ser coerentes. Nesse sentido, é necessário perceber a articulação temporal entre duas formas verbais. Os verbos precisam, portanto, estabelecer, entre si, uma relação, uma correspondência. Vejamos exemplos de correlações lógicas e coerentes:

Se eu tivesse recursos, construiria o monumento.

Tivesse (pretérito imperfeito do subjuntivo): tempo que indica hipótese, conjetura.

Construiria (futuro do pretérito do indicativo): tempo que expressa possibilidade, eventualidade.

Observe que os dois verbos têm em comum a marca do pretérito.

Se em vez da forma verbal construiria, empregássemos outra forma, construirei, teríamos uma correlação verbal incorreta, incoerente.

Veja mais alguns exemplos de correlações verbais adequadas. Observe que os verbos possuem sempre uma marca comum (em negrito).

a. 1.º verbo: **presente** do indicativo. - 2.º verbo: **presente** do subjuntivo.

Peço-te que me **entregues** o documento.

b. 1.º verbo: **pretérito** perfeito do indicativo - 2.º verbo: **pretérito** imperfeito do subjuntivo.

Pedi-te que me **entregasses** o documento.

c. 1.º verbo: **presente** do indicativo. - 2.º verbo: pretérito perfeito composto do subjuntivo (verbo "ter" no presente do subjuntivo).

Desejo que ele **tenha encontrado** o documento.

d. 1.º verbo: **pretérito imperfeito** do indicativo - 2.º verbo: mais-que-perfeito composto do subjuntivo (verbo "ter" no **pretérito imperfeito** do subjuntivo).

Queria que ele **tivesse** encontrado o documento.

e. 1.º verbo: **futuro** do subjuntivo - 2.º verbo: **futuro** do presente do indicativo.

Se você **confessar** o crime, **ficarei** tranquilo.

f. 1.º verbo: **pretérito** mais-que-perfeito composto do subjuntivo - 2.º verbo: futuro do **pretérito** simples ou composto do indicativo.

Se os jovens **tivessem** estudado, **seriam**, hoje, bons profissionais

g. 1.º verbo: **futuro** do presente do subjuntivo - 2.º verbo: **futuro** do presente do indicativo.

Quando eu **chegar** à puberdade, **terei** mais independência?

h. 1.º verbo: **futuro** do subjuntivo - 2.º verbo: **futuro** do presente composto do indicativo.

Quando **compuserem** a música, ele já terá **conquistado** a mulher amada.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

NÍVEL 1

1. (ESAF/TRT) Assinale a opção incorreta quanto à flexão verbal.

a. ( ) Muitos migrantes provêm da zona rural, trazendo ilusões que se desfazem na dura realidade.

b. ( ) Os grandes centros urbanos atraem lavradores, mas o mercado de trabalho não lhes propõe emprego.

c. ( ) De volta às suas cidades de origem, eles não conseguem reaver sua casa nem outros pertences.

d. ( ) Quando o país conter o fluxo migratório resolverá um problema muito grave.

e. ( ) Se eles dispusessem de informações, certamente não viriam para as cidades grandes.

2. (UnB/TCU) Assinale a opção incorreta.

a. ( ) Não se habituem a faltar ao trabalho.
b. ( ) Os servidores possuem habilitação.
c. ( ) O salário inclui as gratificações.
d. ( ) O associado contribue quando quer.
e. ( ) Os treinamentos constituem ótimo programa.

3. (ESAF/TRT) Marque a opção que contém as formas verbais para o preenchimento das lacunas do seguinte período:

"Na ausência do diretor, _____ comigo para que você não _____ sozinho em algum caso."

a. ( ) falais, intervenhais
b. ( ) falai, intervenhas
c. ( ) fale, intervenhas
d. ( ) fala, intervenha
e. ( ) fale, intervenha

4. (CEUB) "Não te queixas; não pensas."

No imperativo afirmativo e negativo respeitando a pessoa em que está, fica:

a. ( ) queixa-te; não penses.
b. ( ) queixe-se; não pense.
c. ( ) queixe-te; não penseis.
d. ( ) queixe-se; não pensa
e. ( ) queixe-te, não pensas.

5. (UnB/TJDF) Leia a frase seguinte:

Se os adultos _____ que não entendo o que dizem, não _____ voz esquisita e fanhosa.

a. ( ) saberem - faziam
b. ( ) sabessem - fariam
c. ( ) souberem - faziam
d. ( ) soubessem - fazeriam
e. ( ) soubessem - fariam

6. (UnB/MEC) Assinale a opção em que os verbos sublinhados em "(...) que trazia estampado (...)" e "(...) é que elas dizem (...)" estão conjugados no pretérito mais-que-perfeito, conservando-se a pessoa e o número verbais.

a. ( ) trouxeram e dissera
b. ( ) trouxessem e dizeram
c. ( ) trouxer e dissessem
d. ( ) traria e disseram
e. ( ) trouxera e disseram

7. (Câmara dos Deputados) Quando eu o _____, avisá-lo-ei de que você já _____ o documento e assim se _____ contra os malevolentes.

a. ( ) ver - reaveu - precaviu
b. ( ) vir - reouve - precaveio
c. ( ) vir - reouveu - precaveu
d. ( ) vir - reouve - precaveu
e. ( ) vir - reaviu - precaviu

8. (ESAF/TRT) Assinale a frase em que o verbo sublinhado está flexionado incorretamente.

a. ( ) É importante que tu preenchas os formulários.
b. ( ) Seria ótimo, se tu viajasses ainda hoje.
c. ( ) Tu fostes o responsável pela remessa da mala.
d. ( ) Sê pontual, para que tu sejas promovido.
e. ( ) Tu eras a favor da repressão nas aduanas.

9. (ESAF/TTN) Indique o trecho em que a transposição para a primeira pessoa do singular não provoca erro gramatical.

a. ( ) ... hoje, redimimos valores morais e estéticos de décadas passadas...
b. ( ) ... emergimos impunemente do estresse no qual o triunfo tecnológico envolveu nossa civilização.

c. ( ) ... na mesma celeridade com que abolimos as verdades e os saberes da ciência de ontem.
d. ( ) ...apertamos um botão e colorimos nossa visão com fatos que ocorrem do outro lado do mundo...
e. ( ) ...mas não nos precavemos contra as ameaças que cercam nosso cotidiano nem...

10. (UnB/Telebrasília) Com relação às formas verbais, assinale a opção correta.

a. ( )Jamais usar os dedos - Flexionando-se o verbo na 2ª pessoa do singular do imperativo negativo, obtém-se: Não use jamais.
b. ( )Se a pessoa acha que fica bem - Flexionando-se o verbo no futuro do subjuntivo, obtém-se: Se a pessoa achar.
c. ( )As mulheres vão continuar usando pós, blushes e pincéis. - A cada forma verbal corresponde uma oração.
d. ( )Dispensam-se as sombras psicodélicas. - O verbo está flexionado na voz ativa.
e. ( )A estratégia é investirmos na trucagem. - Substituindo-se a oração reduzida por uma equivalente desenvolvida, obtém-se: A estratégia é que investamos (...)

11. (UnB/TCU) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas.

Os objetivos do projeto _____ para a melhoria de vida dos cidadãos e _____ os programas anteriores que não _____ as necessidades reais.

a. ( )convergiam - substituíram - contemplarão
b. ( )convergiram - substituíam - contemplasse
c. ( )convergem - substituem - contemplavam
d. ( )convergissem - substituem - contemplariam
e. ( )convergiram - substituíssem - contemplarão

12. (EMBRAPA) Identifique a sentença correta.

a. ( )É preciso que esquarteja três pessoas para ser punido com rigor.
b. ( )Se ele ver um crime sendo praticado, ele nunca mais dormirá em paz.
c. ( )Quando ele propor mudança no sistema penitenciário, apresentaremos relatório esclarecedor.
d. ( )Vossa Excelência, com certeza, gostará de conhecer os seus chefiados.

13. (UnB/TCU) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas.

Se a Indústria não _____ arcar com os custos da produção, os funcionários _____ férias coletivas e os diretores _____ trabalhando.

a. ( )conseguisse - teriam - continuariam
b. ( )consegui - têm - continuassem
c. ( )conseguira - tiveram - continuariam
d. ( )conseguisse - tem - continuavam
e. ( )conseguia - terão - continuariam

14. (UnB/TCU) Assinale a opção correta quanto à grafia dos verbos sublinhados:

a. ( )Os artistas creem que a restauração do Centro Histórico é uma conquista cultural comunitária.
b. ( )Os intelectuais veêm com bons olhos a consolidação da consciência em relação ao patrimônio.
c. ( )Os empresários vem instalando lojas, cafés, restaurantes, escritórios e estúdios no Centro.
d. ( )É preciso que os cidadãos deêm valor ao trabalho de restauração e preservem as características originais do estilo barroco.
e. ( )Cores, formas, detalhes em madeiras e em alvenaria compoêm o cenário de casarões coloniais do Centro Histórico.

15. (UnB/CAESB) Assinale a opção gramaticalmente correta.

a. ( )Esvazie e alve as parede e o fundo do reservatório.
b. ( )Use baldes, panos, rodos, pás e botas de borracha exclusiva para esse trabalho.
c. ( )Espalhe uma solução de água sanitária e água no reservatório e espere meia hora para então enxaguar.
d. ( )Mantenha as caixas, os reservatórios, as torneiras e os canos bem conservado e funcionando adequadamente.
e. ( )Lembre-se de que a água que vaza esvaziam seu bolso.

16. (UnB/CAESB) Assinale a opção gramaticalmente correta:

a. ( ) É preciso vim à agência mais próxima.
b. ( ) Quando vim traga os comprovantes.
c. ( ) Mande o cliente vim ao posto de atendimento.
d. ( ) O técnico não pode vir hoje ao trabalho.
e. ( ) Se o cliente vir amanhã ao posto, entregue-lhe o recibo.

17. (UnB/TJDF) Os verbos estão conjugados corretamente em:

a. ( ) Se não trazer o dinheiro, não o terá de volta.
b. ( ) Chame-o quando querer sair.
c. ( ) Se mantiveres essa ideia, contradir-te-ás.
d. ( ) Esse carro não valhe o que estão pedindo.
e. ( ) Se pudéssemos, satisfazer-lhe-íamos os desejos.

18. (IDR/CLDF-93) Assinale a sequência que preenche corretamente as lacunas:

Caso eles _____ modificações, não aceite, mas, se a Mesa _____ obedeça ao Regimento Interno.

a. ( ) propõem - propor
b. ( ) propõe - propôr

c. ( ) propusessem - propunha
d. ( ) proponham - propuser

19. Se em vez do tratamento na 2ª pessoa do singular o poeta empregasse a 2ª pessoa do plural, as formas voltes, parte, supões seriam substituídas por:

a. ( ) voltais / partide / suponde
b. ( ) volteis / parti / supondes
c. ( ) volteis / parti / suponhais
d. ( ) voltai / partis / supondes
e. ( ) voltai / partis / suponde

20. (ARARAQUARA) As formas de plural de explico-me, não me aflijo, podes preencher são, respectivamente:

a. ( )explicamo-nos / não afligimo-nos / podeis preencher
b. ( )explicam-se / não nos afligimos / podeis preencherdes
c. ( )explicamo-nos / não nos aflijimos / podes preencheres
d. ( )n.d.a.

21. (GV) _____, homem! _____ à criatura que me deixe, que _____.

a. ( ) Corre / Dize / se não aflija
b. ( ) Corra / Diz / se não aflija
c. ( ) Corre / Dize / não aflija-se
d. ( ) Corra / Diz / não se aflija
e. ( ) Corre / Dizei / não aflija

22. (SANTA CASA) Nas opções estão as flexões do imperativo de cinco verbos. Assinale a alternativa em que há erro.

a. ( ) saber: sabe / saiba / saibamos / sabei / saibam
b. ( ) ver: vê / vide / vejamos / vejais / vejam
c. ( ) ir: vai / vá / vamos / ide / vão

d. ( ) ouvir: ouve / ouça / ouçamos / ouvi / ouçam
e. ( ) valer: vale / valha / valhamos / valei / valham

23. (CESGRANRIO) Assinale a opção em que a forma verbal não tem valor imperativo.

a. ( ) "Lança teu grito ao vento da procela."
b. ( ) "Bandeira - talvez rasgue-te a metralha."
c. ( ) "Ergue-te ó luz! - estrela para o povo."
d. ( ) "Traze a bênção de Deus ao cativeiro."
e. ( ) "Levanta a Deus do cativeiro o grito!"

24. (UNIV.FEDERAL DE SÃO CARLOS) O acordo não _____ as reivindicações, a não ser que _____ os nossos direitos e _____ da luta.

a. ( ) substitui / abdicamos / desistimos
b. ( ) substitue / abdicamos / desistimos
c. ( ) substitui / abdiquemos / desistamos
d. ( ) substitui / abdiquemos / desistimos
e. ( ) substitue / abdiquemos / desistamos

25. (CARLOS CHAGAS) É possível que _____ novidades interessantes, que _____ e _____ ao mesmo tempo.

a. ( ) surjam / divertem / instruam
b. ( ) surjam / divirtam / instruam
c. ( ) surgem / divirtam / instruam
d. ( ) surgem / divertem / instruem
e. ( ) surgem / divirtam / instruem

26. (LUÍS MENEGHEL) Assinalando na alternativa, complete corretamente:

"Peço-te algo: _____ sempre de mim."

a. ( ) lembra-te
b. ( ) lembre-se
c. ( ) lembre-te
d. ( ) lembrem-se
e. ( ) lembras-te

27. (UNIV. DE CAXIAS DO SUL) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas.

Não _____ os bens que recebeste; _____ sempre que a felicidade se _____ aos poucos.

a. ( ) esqueça / lembre / constrói
b. ( ) esquece / lembra / constrói
c. ( ) esqueça / lembre / constrói
d. ( ) esqueças / lembra / constrói
e. ( ) esqueças / lembre / constrói

28. (MED.BARBACENA) Indique a opção que preenche as lacunas com as formas verbais apropriadas.

Ele _____ numa questão difícil de ser resolvida e _____ seus bens graças ao bom senso.

a. ( ) interviu / reouve
b. ( ) interveio / rehaveu
c. ( ) interviu / reaveu
d. ( ) interveio / reouve
e. ( ) interviu / rehouve

29. (IMES) Assinale a opção que corresponda ao que se pede.

· verbo ver - 3ª pessoa do singular do pretérito-mais-que-perfeito do indicativo
· verbo ser - 3ª pessoa do singular do presente do subjuntivo
· verbo haver - 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo
· verbo vir - 2ª pessoa do singular do imperativo afirmativo

a. ( ) vera / seja / houve / vem
b. ( ) vera / seja / havi / venha
c. ( ) vira / seja / houve / vem
d. ( ) vira / seje / houve / venha
e. ( ) vira / seje / havi / vem

30. (FUNDAÇÃO LUSÍADA) Assinale a opção que se encaixe no período seguinte: "Se você _____ e o seu irmão _____, quem sabe você _____ o dinheiro.

a. ( ) requeresse / interviesse / reouvesse
b. ( ) requisesse / intervisse / reavesse
c. ( ) requeresse / intervisse / reavesse
d. ( ) requeresse / interviesse / reavesse
e. ( ) requisesse / intervisse / reouvesse

31. (FRANCISCANAS) Assinale a opção em que há erros de conjugação verbal.

a. ( )Requeiro-lhe um atestado de bons antecedentes.
b. ( )O vendeiro proveu o seu armazém do necessário.
c. ( )Eles foram pegos de surpresa: não haviam perdoado aos ofensores.
d. ( )Houve que se sair bem, pois interviu na questão a tempo.
e. ( )Os meninos quereriam participar do jogo.

32. (CARLOS CHAGAS) Quem _____ o Pedro, ou, pelo menos, _____, falar com ele, _____-o em meu nome.

a. ( )ver / poder / advirta
b. ( )vir / puder / adverta
c. ( )vir / puder / advirta
d. ( )ver / puder / adverta
e. ( )vir / poder / adverta

33. (MACK) Assinale a opção em que não há erro na forma verbal.

a. ( )Minha mãe hesitou; tu não hesitastes.
b. ( )Esta página vale por meses; quero que valha para sempre
c. ( )Tu tiveste dezessete anos; vós tivesteis sempre a mesma idade.
d. ( )A análise das minhas emoções é que entrava no meu piano; vós não entrávais.

e. ( )Achavam-me lindo e diziam-mo; achavais-me lindo e dizieis-mo.

34. (ITAJUBÁ) Em que frase a forma verbal não está flexionada corretamente?

a. ( )Eu águo as flores que sua mãe planta.
b. ( )Ninguém creu no que ela declarou.
c. ( )Se pores tudo em ordem, ficarei satisfeito.
d. ( )Foi aos gritos que ela interveio na discussão.
e. ( ) Eu moo o grão, você depois faz o pão.

35. (CARLOS CHAGAS) Quando _____ todos os documentos, _____ um requerimento e _____ a chamada de seu nome.

a. ( ) obtiver / redija / aguarda
b. ( ) obteres / rediges / aguardes
c. ( ) obtiveres / redige / aguarda
d. ( ) obter / redija / aguarde
e. ( ) obtiver / redija / aguarde

NÍVEL 2 - DE OLHO NOS CONCURSOS

UnB/CESPE - SEPLAG/DETRAN (Cargo 15: Auxiliar de Trânsito)

O levantamento concluído pelo Instituto Médico Legal (IML) aponta, após a implantação da Lei de Embriaguez ao Volante, uma redução de 63% nas mortes ocasionadas por acidente de trânsito em São Paulo.

No levantamento realizado pelo IML, **são** comparadas as três primeiras semanas de junho, período que antecedeu a chamada Lei Seca, com as três semanas posteriores. Na primeira fase, a média é de 11,7 mortos na quinta, sexta, sábado e domingo de cada semana. Depois da implantação da Lei Seca, a média **cai** para 4,3 mortos em acidentes de trânsito.

A pesquisa foi feita nesses quatro dias de cada semana, pois é o período em que é mais frequente a associação de álcool e direção com o aumento do número de acidentes registrados.

Internet: <www.detran.sp.gov.br>.

Com base no texto acima, julgue o item a seguir.

1. A alteração do tempo verbal para pretérito perfeito das formas verbais "são", "é" e "cai" [destacadas] prejudicaria a correção gramatical do período.

ESAF/ANA

2. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

O Brasil possui **cerca de**(1) 4 milhões de hectares irrigados: área que pode ser triplicada **em**(2) 20 anos. É um dos países mais **importantes**(3) na produção de alimentos, mas, **apesar de**(4) sua vocação para a agricultura irrigada, ainda são necessárias estratégias para explorar racionalmente esse potencial. Hoje, a captação e o consumo de água para a irrigação **representa**(5), respectivamente, 46% e 69% dos valores totais captados e consumidos.

(Adaptado de Denise Caputo http://www.ana.gov.br/SalaImprensa/noticias)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

ESAF/ANA

A outorga de direito de uso da água é um dos principais instrumentos da política nacional de recursos hídricos, instituída pela Lei n. 9.433/97, por meio da qual o poder público **autoriza** o usuário de água, sob condições preestabelecidas, a utilizar ou realizar interferências hidráulicas nos recursos hídricos necessários

à sua atividade, garantindo o direito de acesso a esses recursos e tendo em conta que a água é um bem de domínio público.

3. O verbo "autorizar" está empregado, no texto, com a mesma predicação verbal que apresenta na frase: *O diretor autorizou-nos a tirar férias em fevereiro.*

UnB/CESPE/PCES (Cargo: Agente de Polícia Civil)

Muitos pais querem saber que atitudes tomar quando **o filho se desentende** com amigos ou colegas, quando **chega** em casa com marcas de briga, quando **tem** o costume de dirigir palavrões aos outros etc.

Nesses casos, vale mais desvalorizar o fato que procurar saber quem tinha razão. Se houve briga, foi porque todos participaram, portanto ninguém pode estar certo.

Se nos dedicarmos a ensinar aos mais novos, em família e na escola, que, para conviver, é preciso ter consideração com o outro, relevar e fazer concessões, eles aprenderão melhor a controlar seus impulsos em favor do equilíbrio da vida em grupo.

*Rosely Sayão. **Brigas e desentendimentos**. In: **Folha de S.Paulo**. "Equilíbrio", 13/11/2008.*

Com relação ao texto acima, julgue os itens.

4. Se, no primeiro parágrafo, "o filho" estivesse no plural, as concordâncias corretas dos verbos que têm essa expressão como sujeito seriam **se desentendem, chegam, têm.**
5. Com a mesma correção gramatical de "Se nos dedicarmos", estão conjugados os verbos **ver**, em "**Se vermos uma estrela cadente, faremos um pedido**", e **pôr**, em "**Se pusermos** a **mão no fogo, nos queimaremos**".

ESAF/CGU - Analista de Finanças e Controle

No embalo da dinâmica mundial, talvez se **justifique** rever a ironia que tem revestido a referência ao Brasil como o "país do futuro".

6. Estaria gramaticalmente correta a substituição de "justifique" por **justifica**.

ESAF/CGU - Analista de Finanças e Controle

Preocupados com o mau desempenho recente das exportações do Brasil para os Estados Unidos, exportadores e especialistas em comércio exterior **preveem** um período maiores dificuldades para os próximos meses. O desaquecimento da economia americana é a causa mais óbvia que **apontam** de um menor crescimento das compras no Brasil.

7. A forma verbal "preveem" está no plural para concordar com "Estados Unidos".
8. A forma verbal "apontam" está no plural para concordar com "próximos meses".

ESAF/CGU - Analista de Finanças e Controle

Julgue os itens quanto à correção gramatical.

9. Várias lições foram aprendidas com o apagão de 2001 e não há dúvida de que a situação em que o País se encontra para prevenir e enfrentar a eventual repetição de cortes forçados de energia são muito melhores que as de sete anos atrás.
10. Se ela [a previsão dos fabricantes de veículos automotores] se confirmar, as vendas do setor alcançarão, e provavelmente superaram, os níveis de 2002 e 2004, o período de melhor desempenho do setor em toda a história, e ao qual se seguiu uma abrupta queda, parcialmente revertida no ano passado.

ESAF/CGU – Analista de Finanças e Controle

Estamos nos deparando com uma cantilena a nos cobrar sobre o voto consciente. Quanto aos candidatos, todos são bons até que nos provem o contrário. Há muitos interesses em jogo, é preciso que saibamos distingui-los. Na campanha, alguém nos falou que iria votar a favor ou contra a CPMF? Da mesma forma, alguém nos disse que iria votar a favor da cobrança de contribuição ao aposentado? É um cheque em branco que nós damos aos partidos, que durante quatro anos irão manobrar os votos de suas bancadas, que nem sempre são favoráveis ao povo que os elegeu. O povo funciona como massa de manobra, **e as tribunas no parlamento como um palanque político eleitoral**. Na verdade, o que menos interessa é o povo.

(Antônio Pereira, Londrina (PR), Sr. Redator, Correio Braziliense, 30/12/2007, p. 14)

11. Ocorre elipse do verbo "funcionar" no trecho "...e as tribunas no parlamento...", que é entendido assim: "...**e as tribunas funcionam no parlamento**..."

FCC/Tribunal Regional do Trabalho da 18ª Região (Cargo: Analista Judiciário – Área Judiciária)

12. Está adequada a correlação entre os tempos e modos verbais na frase:

(A) Ainda recentemente, não se poderia imaginar que uma viagem de ônibus venha a ser tão atribulada.
(B) A cada vez que se colocar um filme no ônibus, a expectativa seria a de que todos passam a ouvir tiros e gritos.
(C) Os que usam fone de ouvido talvez não imaginem que uma chiadeira irritante fique a atormentar os ouvidos do vizinho.
(D) Quem não quiser conhecer os detalhes da vida doméstica de alguém, há de tapar os ouvidos quando tocava o celular.
(E) Muita gente não distingue a versão eletrônica de uma sinfonia que tocasse no celular da versão original que um Mozart tem criado.

FGV/ Prefeitura Municipal de Campinas - Secretaria Municipal de Educação (Cargo: Professor Adjunto II - Português)

"A palavra 'bárbaro' **provém** do grego antigo e significa 'não grego'."

13. Assinale a alternativa em que **não** se tenha flexão correta do verbo destacado no trecho acima.

(A) provêm
(B) proveio
(C) provieste
(D) provisse
(E) provimos

UnB/CESPE - PETROBRAS

Dono de uma mente criativa, Galileu foi inventor de diversos artefatos, entre eles uma balança hidrostática, um compasso geométrico e um termobaroscópio, que **deu** origem ao atual termômetro. Contudo, uma de suas invenções **mudaria** o destino do cientista e o rumo da astronomia. No ano de 1609, a notícia de que um holandês chamado Hans Lipperhey fizera uma descoberta revolucionária **correu** a Europa. **Tratava-se** de um tubo com lentes capazes de **fazer** com que objetos distantes parecessem próximos, utilizado para fins bélicos. Ao ser informado do novo instrumento, Galileu ficou tão entusiasmado que passou a aperfeiçoá-lo. Combinando lentes côncavas e convexas, produziu um telescópio de 30 aumentos, dez vezes mais poderoso que o aparelho de Lipperhey. Com a ajuda do utensílio, Galileu conseguiu ver o que jamais qualquer outro astrônomo havia visto, como as crateras da Lua e detalhes da Via Láctea. Mas a observação de maior importância foi a de quatro luas de Júpiter, o que contradizia a crença dos defensores do geocentrismo, a de que todos os corpos celestes giravam exclusivamente em torno da Terra.

Leituras da História, ano I, n.º 4 (com adaptações).

14. A mesma relação de tempo estabelecida pela forma verbal "fizera" em "Hans Lipperhey fizera uma descoberta revolucionária", é verificada em:

(A) Contudo, uma de suas invenções mudaria o destino do cientista e o rumo da astronomia.

(B) Capazes de fazer com que objetos distantes parecessem próximos.

(C) Com a ajuda do utensílio, Galileu conseguiu ver...

(D) ...o que jamais qualquer outro astrônomo havia visto.

(E) ...o que contradizia a crença dos defensores do geocentrismo.

15. Assinale a opção correta a respeito das relações de concordância verbal no texto.

(A) A flexão de singular em "deu" mostra que a enumeração "uma balança hidrostática, um compasso geométrico e um termobaroscópio" é tratada semanticamente como uma unidade.

(B) A flexão de singular em "mudaria" deve-se à concordância com o núcleo do sujeito "uma de suas invenções".

(C) A flexão de singular em "correu" deve-se ao singular em "descoberta" revolucionária".

(D) A flexão de singular em "Tratava-se" deve-se ao singular em "um tubo".

(E) A flexão de singular em "fazer" deve-se ao singular em "um tubo".

UnB/CESPE - PMV/SEMUS (Cargo 1: Enfermeiro do Trabalho)

Novas dicas para prevenir o infarto

A incidência de casos fatais de infarto **dobra** quando ele ocorre durante a prática de exercícios físicos. Essa conclusão levou um grupo de médicos a **elaborar** uma lista de regras que podem evitar acidentes cardiovasculares durante o esporte.

- Faça aquecimento por, pelo menos, 10 minutos.
- Beba 3 goles de água a cada 30 minutos durante o exercício.
- Não faça esforço se a temperatura superar 30 graus.
- Avise seu médico se sentir dores no peito ou mal-estar.

Com relação ao texto acima, julgue os itens que se seguem.

16. Como o sujeito da primeira oração inclui palavras no plural, a forma verbal "dobra" poderia estar flexionada no plural, sem prejuízo da coerência ou da correção gramatical do texto.
17. Apesar de a forma verbal "elaborar" estar empregada sem flexão de plural, seu sujeito é interpretado como "médicos".
18. As formas verbais "Faça", "Beba" e "Avise" são dirigidas diretamente ao leitor - ou ao praticante de esporte.

UnB/CESPE - IRBr (Admissão à Carreira de Diplomata) Teste de Pré-Seleção

Há algo que une técnicos e humanistas. Ambos se creem marcados por um fator distintivo, inerente a seus cérebros: o dom da inteligência, que os apartaria do trabalhador manual ou mecânico. Gramsci percebe nessa crença um ranço ideológico da divisão do traba-

lho: "Em qualquer trabalho físico, até no mais mecânico e degradado, existe um mínimo de qualificação técnica, um mínimo de atividade intelectual criadora. Todos os homens são intelectuais, pode-se dizer, mas nem todos os homens têm na sociedade a função de intelectuais. Não se pode separar o Homo faber do Homo sapiens."

19. A forma verbal "apartaria" está flexionada no futuro do pretérito porque denota uma ação que compõe uma hipótese, uma suposição.

UnB/CESPE - IRBr (Admissão à Carreira de Diplomata) Teste de Pré-Seleção

A imaginação foi sempre o húmus do jardim de Clio. No caso da África, antes do século XVII, é particularmente válido o definir-se a história como o adivinhar do passado. Dele, abstraídas a Etiópia, a franja sudanesa infiltrada pelo Islão e as cidades-estado do Índico, áreas que conheceram a escrita e nos deixaram alguns poucos documentos - poucos, muitas vezes tardios e também contaminados por lendas -, **sabemos** apenas o que nos devolve uma arqueologia que mal arranhou as imensas extensões africanas, o que anotaram, a partir do século IX, viajantes e eruditos árabes e, mais tarde, os portugueses e outros europeus, bem como o que nos chegou das tradições e das crônicas orais dos povos negros. Se, nos textos em que se profetiza às avessas, ainda que fundados sobre o registro, o depoimento e a memória escrita, o rigor de quem os compõe não afasta de todo o mito e deixa que ele frequente a narrativa e nele se imiscua, é porque é também importante contar, ao lado do que se julga ter realmente acontecido, as imaginações que se fizeram fatos e os fatos que se vestiram de imaginário, porque se incorporaram ao que um povo tem por origem e rastro, e, por isso, o marcam, definem e distinguem. Oraniã, Xangô, Tsoede, Cibinda Ilunga aparecem como personagens neste livro de história porque pertencem iniludivelmente à realidade dos iorubas, dos nupês,

e dos lundas e quiocos. Eles estão aqui como Enéais e sua viagem de Troia ao Lácio, e como Reia Sílvia, a loba, Rômulo e Remo, nos compêndios sobre História romana, cujos autores os sabem mitos, mas não ignoram que fecundaram um destino.

Alberto da Costa e Silva. A enxada e a lança: A África antes dos portugueses. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996, pp. 3-4.

20. O complemento da forma verbal "sabemos" tem mais de um núcleo.
21. As formas verbais "ignoram" e "fecundaram" têm a mesma flexão modo-temporal.

UnB/CESPE - SEAD/CPC (Cargo 1: Perito Criminal - Formação: Administração)

Heróis de bronze e heróis de carne e osso

Houve época em que nos bancos escolares se aprendia a cultuar os chamados heróis da pátria. Figuras como Tiradentes, dom Pedro I, Duque de Caxias e a princesa Isabel, entre outros, eram pintados como patriotas exemplares e seres imaculados. Visões hegemônicas forjam mitos históricos.

Se a Holanda tivesse vencido os portugueses no Nordeste no século XVII, nosso herói não seria Matias de Albuquerque, mas Domingos Fernandes Calabar, senhor de terras e contrabandista que traiu os portugueses e se passou para o lado dos batavos.

22. Segundo as gramáticas, o emprego da voz passiva verbal faz que os efeitos da ação sejam mais destacados do que o agente que a causou. Assinale a opção em que, na estrutura apresentada, aparece esse emprego gramatical.

(A) "Houve época em que"
(B) "eram pintados como patriotas exemplares"
(C) "Se a Holanda tivesse vencido os portugueses"
(D) "e se passou para o lado dos batavos"

ESAF/Auditor-fiscal da Receita Federal

23. O fragmento abaixo foi adaptado do texto "O sentido do som", de Leonardo Sá. Julgue o item quanto ao respeito às regras gramaticais do padrão culto da língua portuguesa.

"A ausência de discurso é o silêncio. O silêncio, enquanto formador do discurso expressivo e entendido em sua forma dinâmica, em contraposição àquele que corresponde à ausência de discurso, ganha amplitude e gravidade quando passa a ser o perfil de comportamento, isto é, quando passa a ser uma atitude assumida por (e imposta a) segmentos sociais que não 'discursam', mas que apenas silenciam, que exercem a expressão em dimensão mínima e deixam **projetarem-se** no discurso de outrem como sendo o seu discurso."

UnB/CESPE/Auditoria-Geral – MG (cargo: Auditor Interno, Nível I-A)

Nas inter-relações pessoais, é inconteste que cada um dá sua própria versão dos fatos e da vida, segundo suas particulares experiências e com base na formação que **tenha** acumulado ao longo de sua existência. Cada indivíduo, assim, é um ser único, que vislumbra as ocorrências à sua volta e dá tratamento específico às informações e ao conhecimento que tenha condições de absorver.

Da mesma forma, mesmo os registros históricos oficiais, como se **sabe há** muito, são somente a versão dos que **venceram** e, portanto, invariavelmente **omitem** ou **distorcem** as razões, os motivos e as realizações dos que foram vencidos.

Não menos temeroso é o conhecimento que se transmite por gerações por meio da arte. Partindo da premissa de que a arte imita a vida e, por consequência, reinventa a realidade, na medida em que a vida também

imita a arte, por certo que perpetuar visões e conceitos mal fundamentados (a despeito de eventuais boas intenções) também representa que o artista acaba sendo, igualmente, um difusor de informações e ideias cuja confiabilidade é relativa.

Em suma, toda e qualquer avaliação da realidade passa, necessariamente, pelas impressões pessoais de quem a avalia.

*Obed de Faria Junior. A **verdade de cada um**. Internet: <recantodasletras.uol.com.br> (com adaptações).*

Julgue o uso de estruturas linguísticas no texto.

24. O emprego do modo subjuntivo em "tenha" é sintaticamente exigido pela oração subordinada iniciada pelo pronome relativo "que".
25. O uso da flexão de singular em "sabe" deve-se à impessoalidade do verbo haver, na mesma oração.
26. A flexão de plural em "omitem" e "distorcem" deve-se à concordância desses verbos com o sujeito da forma verbal "venceram".

UnB/CESPE/Auditoria-Geral - MG (cargo: Auditor Interno, Nível I-A)

Para Vygotsky, a base do funcionamento psicológico tipicamente humano é cultural, portanto, histórica. Os elementos mediadores na relação entre o homem e o mundo — instrumentos, signos e todos os elementos do ambiente humano carregados de significado cultural — **são construídos nas relações entre os homens.** Os sistemas simbólicos e, particularmente, a língua exercem um papel fundamental na comunicação entre os sujeitos e no estabelecimento de significados compartilhados que permitem interpretações dos objetos, eventos e situações do mundo real. **O surgimento da atividade verbal e da língua** como sistema de signos é crucial no desenvolvimento da espécie humana, momento mesmo em que **o biológico se transforma no histórico** e **em que emerge a centralidade** da mediação simbólica na constituição do psiquismo humano. É o trabalho que, **pela**

ação transformadora do homem sobre a natureza, une homem e natureza e cria a cultura e a história humanas.

*Marta Kohl de Oliveira. História, consciência e educação. Coleção Memória da Pedagogia, n.º 2. 2005. **Viver mente&cérebro - especial Vygotsky**, p. 9-10 (com adaptações)*

27. Assinale a opção em que, considerando-se a organização e a coerência textual, as estruturas linguísticas se correspondem.

(A) "são construídos nas relações entre os homens" - constroem-se nas relações entre os homens

(B) "O surgimento da atividade verbal e da língua" - Ao surgirem a atividade verbal e a língua

(C) "o biológico se transforma no histórico" - o biológico transforma o histórico

(D) "em que emerge a centralidade" - na qual emerge a centralidade

(E) "pela ação transformadora do homem sobre a natureza" - o homem transforma pela ação sobre a natureza

UnB/CESPE/IBAMA (Cargo: Analista Ambiental)

Reparação duas décadas depois

Francisco Alves Mendes Filho ainda não era um mito da luta contra a devastação da Amazônia quando foi preso, em 1981, acusado de subversão e incitamento à luta de classes no Acre, em plena ditadura militar. Chico Mendes se tornaria mundialmente conhecido, dali para a frente, por comandar uma campanha contra a ação de grileiros e latifundiários, responsáveis pela destruição da floresta e pela escravização do caboclo amazônico. Por isso mesmo foi assassinado, em 22 de dezembro de 1988, na porta de casa, em Xapuri. O crime, cometido por uma dupla de fazendeiros, foi punido com uma sentença de 19 anos de cadeia para cada um. **Faltava reparar a injustiça cometida pelos militares.**

Leandro Fortes. Internet: <www.cartacapital.com.br> (com adaptações)

Considerando aspectos linguísticos do texto **Reparação duas décadas depois**, julgue o item a seguir.

28. No segmento "Faltava reparar a injustiça cometida pelos militares" o complemento do verbo "reparar" poderia estar precedido da preposição **em**, com a devida contração com o artigo "a", sem prejuízo para o sentido e a correção gramatical do texto.

RESOLUÇÕES COMENTADAS:

NÍVEL 1

✓ 1. Resposta: D. Quando o país contiver o fluxo migratório resolverá um problema muito grave.

✓ 2. Resposta: D. O associado contribui quando quer. Lembre-se: ele contribui/ eles contribuem; ele possui/ eles possuem; ele atribui/ eles atribuem.

✓ 3. Resposta: E. Observe a correlação verbal e a pessoa do discurso: "Na ausência do diretor, fale comigo para que você não intervenha sozinho em algum caso."

✓ 4. Resposta: A. Reescrevendo o trecho "Não te queixas" na segunda pessoa do singular do imperativo afirmativo (retirada do presente do indicativo menos a letra "s"), obtém-se: "Queixa-te. Reescrevendo o trecho "não pensas" na segunda pessoa do singular do imperativo negativo (retirada do presente do subjuntivo), obtém-se: não penses.

✓ 5. Resposta: E. Correlação verbal: Se os adultos soubessem (pretérito imperfeito do subjuntivo) que não entendo o que dizem, não fariam (futuro do pretérito do indicativo) voz esquisita e fanhosa.

✓ 6. Resposta: E. O pretérito mais-que-perfeito do indicativo é derivado do pretérito perfeito do indicativo. Questão fácil: trouxera e disseram.

✓ 7. Resposta: D. Quando eu o vir, avisá-lo-ei de que você já reouve o documento e assim se precaveu contra os malevolentes. Atenção: o futuro do subjuntivo é derivado do pretérito perfeito do indicativo. Eles viram (pret. perf.) - Quando eu vir. Cuidado com o pretérito perfeito de REAVER e PRECAVER (confira a lista de verbos).

✓ 8. Resposta: C. Não confunda: tu foste/ vós fostes. Quanto à letra "c", cuidado com a alomorfia (variação da forma) do verbo ser na formação do imperativo. Esse verbo adotará, ao ser retirar o "s" final (tu é-s/ vós soi-s), as formas sê tu, sede vós.

✓ 9. Resposta: A.

a. ... hoje, redimimos (eu redimo) valores morais e estéticos de décadas passadas...

b. ... emergimos (verbo defectivo, para vários estudiosos) impunemente do "stress" no qual o triunfo tecnológico envolveu nossa civilização.

c. ... na mesma celeridade com que abolimos (verbo defectivo) as verdades e os saberes da ciência de ontem.

d. ...apertamos um botão e colorimos (verbo defectivo) nossa visão com fatos que ocorrem do outro lado do mundo...

e. ...mas não nos precavemos (verbo defectivo) contra as ameaças que cercam nosso cotidiano nem...

✓ 10. Resposta: B.

✓ a. Jamais usar os dedos - Flexionando-se o verbo na 2ª pessoa do singular do imperativo negativo, obtém-se: Não uses jamais.

b. Se a pessoa acha que fica bem - Flexionando-se o verbo no futuro do subjuntivo, obtém-se: Se a pessoa achar.

c. As mulheres vão continuar usando pós, blushes e pincéis. - Temos locução verbal, portanto, uma oração.

d. Dispensam-se as sombras psicodélicas. - O verbo está flexionado na voz passiva sintética ou pronominal (v.t.d. + particula apassivadora).

e. A estratégia é investirmos na trucagem. - Substituindo-se a oração reduzida por uma equivalente desenvolvida, obtém-se: A estratégia é que invistamos (...)

✓ 11. Resposta: C. Correlação verbal. Os objetivos do projeto convergem para a melhoria de vida dos cidadãos e substituem os programas anteriores que não contemplavam as necessidades reais.

✓ 12. Resposta: D.

a. É preciso que esquarteje três pessoas para ser punido com rigor.

b. Se ele vir um crime sendo praticado, ele nunca mais dormirá em paz.

c. Quando ele propuser mudança no sistema penitenciário, apresentaremos relatório esclarecedor.

d. Vossa Excelência, com certeza, gostará de conhecer os seus chefiados.

✓ 13. Resposta: A. Correlação verbal: Se a Indústria não conseguisse (pretérito imperfeito do subjuntivo) arcar com os custos da produção, os funcionários teriam (futuro do pretérito do indicativo) férias coletivas e os diretores continuariam (futuro do pretérito do indicativo) trabalhando.

✓ 14. Resposta: A.

a. Os artistas creem que a restauração do Centro Histórico é uma conquista cultural comunitária.

b. Os intelectuais veem com bons olhos a consolidação da consciência em relação ao patrimônio.

c. Os empresários vêm instalando lojas, cafés, restaurantes, escritórios e estúdios no Centro.

d. É preciso que os cidadãos deem valor ao trabalho de restauração e preservem as características originais do estilo barroco.

e. Cores, formas, detalhes em madeiras e em alvenaria compõem o cenário de casarões coloniais do Centro Histórico.

✓ 15. Resposta: C.

a. Esvazie e alveje as paredes e o fundo do reservatório.

b. Use baldes, panos, rodos, pás e botas de borracha exclusivos para esse trabalho.

c. Espalhe uma solução de água sanitária e água no reservatório e espere meia hora para então enxaguar.

d. Mantenha as caixas, os reservatórios, as torneiras e os canos bem conservados e funcionando adequadamente.

e. Lembre-se de que a água que vaza esvazia seu bolso.

✓ 16. Resposta: D.

a. É preciso vir à agência mais próxima.

b. Quando vier traga os comprovantes.

c. Mande o cliente vir ao posto de atendimento.

d. O técnico não pode vir hoje ao trabalho.

e. Se o cliente vier amanhã ao posto, entregue-lhe o recibo.

✓ 17. Resposta: C.

a. Se não trouxer o dinheiro, não o terá de volta.

b. Chame-o quando quiser sair.

c. Se (tu) mantiveres essa ideia, contradir-te-ás.

d. Esse carro não vale o que estão pedindo.

e. Se pudéssemos, satisfar-lhe-íamos os desejos (satisfaríamos).

✓ 18. Resposta: D. Correlação verbal: Caso eles proponham (presente do subjuntivo) modificações, não aceite, mas, se a Mesa propuser (futuro do subjuntivo) obedeça ao Regimento Interno.

✓ 19. Resposta: B. Se em vez do tratamento na 2ª pessoa do singular, o poeta empregasse a 2ª pessoa do plural, as formas voltes (presente do subjuntivo) parte (imperativo afirmativo/ tu parte- (s)), supões (presente do indicativo) seriam substituídas por volteis, parti - (s), supondes.

✓ 20. Resposta: D. As formas de plural de explico-me, não me aflijo, podes preencher são, respectivamente, explicamo-nos, não nos afligimos, podeis preencher.

✓ 21. Resposta: A. Lembre-se da formação do imperativo afirmativo: a segunda pessoa do singular deve ser retirada do presente do indicativo menos a letra "s": Tu corre (s), tu dize (s). Portanto, "Corre, homem! Dize

à criatura que me deixe, que se não aflija (ou que não se aflija)".

✓ 22. Resposta: B. Imperativo afirmativo: vê tu / veja você / vejamos nós / vede vós / vejam vocês.

✓ 23. Resposta: B. "Bandeira - talvez te rasgue a metralha (presente do subjuntivo)."

✓ 24. Resposta: C. Correlação verbal: "O acordo não substitui (presente do indicativo) as reivindicações, a não ser que abdiquemos (presente do subjuntivo) os nossos direitos e desistamos (presente do subjuntivo) da luta.

✓ 25. Resposta: B. Correlação verbal: "É possível que surjam (presente do subjuntivo) novidades interessantes, que divirtam (presente do subjuntivo) e instruam (presente do subjuntivo) ao mesmo tempo.

✓ 26. Resposta: A. "Peço-te algo: lembra-te sempre de mim." Lembre-se da formação do imperativo afirmativo: a segunda pessoa do singular deve ser retirada do presente do indicativo menos a letra "s": Tu te lembra - (s). / Lembra-te tu.

✓ 27. Resposta: D. Observe: "Não esqueças (formação do imperativo negativo: a segunda pessoa do singular deve ser retirada do presente do subjuntivo) os bens que (tu) recebeste; lembra (formação do imperativo afirmativo: a segunda pessoa do singular deve ser retirada do presente do indicativo menos a letra "s"/ tu te lembra - (s)) sempre que a felicidade se constrói (ou construi/ presente do indicativo) aos poucos".

✓ 28. Resposta: D. Ele interveio (presente do indicativo / derivado de "vir") numa questão difícil de ser resolvida e reouve (reaver: conjugado, no pretérito perfeito do indicativo, como o verbo "haver") seus bens graças ao bom senso.

✓ 29. Resposta: C. Verbo ver - 3ª pessoa do singular do pretérito-mais-que-perfeito do indicativo: VIRA; verbo ser - 3ª pessoa do singular do presente do subjuntivo: SEJA; verbo haver - 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo – HOUVE; verbo vir - 2ª pessoa do singular do imperativo afirmativo: ven – (s) = VEM. Lembre-se da formação do imperativo: a segunda pessoa do singular deve ser retirada do presente do indicativo menos a letra "s".

✓ 30. Resposta: A. Correlação verbal (pretérito imperfeito do subjuntivo): "Se você requeresse (diferente de "querer") e o seu irmão interviesse, quem sabe você reouvesse (lembre-se do pretérito perfeito do indicativo do verbo "reaver" / consulte a lista) o dinheiro.

✓ 31. Resposta: D. Houve que se sair bem, pois interveio na questão a tempo.

✓ 32. Resposta: C. Quem VIR (futuro do subjuntivo, derivado do pretérito perfeito do indicativo: eles viram) o Pedro, ou, pelo menos, PUDER (futuro do subjuntivo, derivado do pretérito perfeito do indicativo: eles puderam), falar com ele, advirta (imperativo afirmativo: 3ª pessoa, retirada do presente do subjuntivo) -o em meu nome.

✓ 33. Resposta: B.

a. Minha mãe hesitou; tu não hesitaste.

b. Esta página vale por meses; quero que valha para sempre.

c. Tu tiveste dezessete anos; vós tivestes sempre a mesma idade.

d. A análise das minhas emoções é que entrava no meu piano; vós não entráveis.

e. Achavam-me lindo e diziam-mo; acháveis-me lindo e dizíeis-mo.

✓ 34. Resposta: C. "Se puserdes tudo em ordem, ficarei satisfeito (futuro do subjuntivo, derivado do pretérito perfeito do indicativo: eles puseram).

✓ 35. Resposta: E. " Quando obtiver (futuro do subjuntivo, derivado do pretérito perfeito do indicativo: eles obtiveram) todos os documentos, redija (você/ imperativo afirmativo) um requerimento e aguarde (você/ imperativo afirmativo) a chamada de seu nome.

NÍVEL 2

1. E (Presente atemporal: admite a substituição por "foram" e "caiu".)

2. E (concordância). "A captação e o consumo representam..."

3. C (predicação - v.t.d.i.)

4. C (concordância)

5. E (Subjuntivo – verbos irregulares *ver*). Correto: "Se virmos..."

6. E ("Talvez" - dúvida - exige o subjuntivo "justifique")

7. E (Concorda com "exportadores e especialistas".)

8. E (Concorda com "exportadores e especialistas".)

9. E (concordância). "... a situação (...) é muito melhor que a ..."

10. E (paralelismo). "... e provavelmente superarão"

11. C (elipse)

12. C (tempos e modos / correlação)

13. D (flexão verbal). Correto: proviesse.

14. D (tempos verbais). Havia visto = vira.

15. B (concordância)

16. E (concordância). Núcleo singular: "incidência".

17. C (flexão)

18. C (tempos e modos)

19. C (futuro do pretérito / semântica)

20. C (complemento verbal)

21. E (concordância - sujeito do verbo). Presente do indicativo e pretérito perfeito do indicativo.

22. B (voz passiva)

23. E (verbo causativo *deixar* + flexão verbal). Correto: deixam projetar-se.

24. E (subjuntivo). Decorrente das relações semânticas.

25. E (Como se sabe = como é sabido)

26. E (concordância). "... os registros históricos oficiais (...) omitem ou distorcem; "... versão dos (= daqueles) que venceram".

27. A (voz passiva analítica e sintética)

28. E (reparar = corrigir; reparar na = perceber)

CAPÍTULO 5

SEMÂNTICA DOS CONECTIVOS E FUNÇÕES DAS PALAVRAS QUE, SE, COMO, ONDE, QUANDO

TEXTO I

Leia o texto a seguir para responder à questão 1.

SE...

Djavan
Você disse que não sabe se não
Mas também não tem certeza que sim
Quer saber?
Quando é assim
Deixa vir do coração
Você sabe que eu só penso em você
Você diz que vive pensando em mim
Pode ser
Se é assim
Você tem que largar a mão do não
Soltar essa louca, arder de paixão
Não há como doer para decidir
Só dizer sim ou não
Mas você adora um se...
Eu levo a sério mas você disfarça
Você me diz à beça e eu nessa de horror
E me remete ao frio que vem lá do sul
Insiste em zero a zero e eu quero um a um
Sei lá o que te dá, não quer meu calor
São Jorge por favor me empresta o dragão

Mais fácil aprender japonês em braile
Do que você decidir se dá ou não

Djavan Caetano Viana, músico popular brasileiro. Cantor e compositor nordestino. Seu trabalho se caracteriza por original tratamento rítmico e pela exploração poética da sonoridade das palavras. Meu bem querer, Oceano são alguns dos seus maiores sucessos.

QUESTÃO 1

Julgue os itens abaixo:

(0) A palavra **que** (l. 1) constitui um pronome relativo. ***(p. 306)***

(1) A locução conjuntiva "mas também" (l. 2) apresenta o sentido de adversidade. ***(p. 307)***

(2) No verso 4, temos uma conjunção subordinativa temporal. ***(p. 308)***

(3) No verso 13, a conjunção exprime negação. ***(p. 308)***

(4) A conjunção presente no verso 14 possui o mesmo valor semântico da que está no verso 2. ***(p. 308)***

(5) A conjunção encontrada no verso 18 apresenta o valor de adição. ***(p. 308)***

(6) No verso 17, identificamos pronome relativo. ***(p. 308)***

TEXTO II

Leia o texto a seguir para responder à questão 2.

Terror e destruição no coração de Nova York

Estrondo, gritos, choro e sirenes acordaram a cidade mais orgulhosa do mundo, Nova York, para o fato de que os Estados Unidos não estão a salvo de ataques terroristas. Por volta das 9h da manhã de ontem, dois aviões sequestrados destruíram um dos cartões-postais

de Nova York, as duas torres que compõem o conjunto de sete prédios do *World Trade Center.*

O primeiro avião, que fazia o voo 11 da *American Airlines*, na rota Boston-Los Angeles, se chocou contra a Torre Norte pouco antes das 9h. O segundo, o voo 175 da *United Airlines* que seguia na mesma rota, bateu cerca de 18 minutos depois na Torre Sul. Como resultado dos choques, as torres desabaram.

Até a noite de ontem, não havia estimativas quanto ao número de vítimas, mas acredita-se que o número chegue a milhares. Durante a tarde de ontem, a imprensa local e nacional trabalhavam com estimativas em torno de dez mil mortos. Trabalham nos prédios, que tinham 110 andares, cerca de 50 mil pessoas, incluindo brasileiros em instituições financeiras como Banco do Brasil, *Morgan Stanley* e *Oppenheimer Fund,* bem como engraxates cadastrados no *shopping center* que funcionava no subsolo do complexo. A estimativa do Departamento de Fogo de Nova York dá conta de que metade dos primeiros 400 bombeiros que chegaram ao *World Trade Center* morreu.

— Vamos ter de enterrar muita gente - disse o vice-presidente do sindicato dos bombeiros, Mike Carter.

Toni Marques, Jornal O Globo, 13/09/2001.

QUESTÃO 2

Considerando a estrutura morfossintática do texto, assinale a opção incorreta:

(1) Em "...mas acredita-**se** que o número chegue a milhares" (l. 13-14), a palavra destacada constitui índice de indeterminação do sujeito. ***(p. 309)***

(2) A palavra **que** (l. 7) é pronome relativo e exerce a função sintática de sujeito do verbo fazia (l. 7). ***(p. 312)***

(3) Em "**Como** resultado dos choques" (l. 11), a palavra destacada classifica-se, morfologicamente, como preposição. ***(p. 316)***

(4) No trecho "Trabalham nos prédios, que tinham 110 andares, cerca de 50 mil pessoas, incluindo brasileiros em instituições financeiras como Banco do Brasil, *Morgan Stanley* e *Oppenheimer Fund*, bem como engraxates cadastrados no *shopping center* que funcionava no subsolo do complexo. A estimativa do Departamento de Fogo de Nova York dá conta de que metade dos primeiros 400 bombeiros que chegaram ao *World Trade Center* morreu", a palavra **que** é sempre pronome relativo. ***(p. 318)***

(5) Em "os Estados Unidos não **estão** a salvo de ataques terroristas" (l. 2-3), o verbo destacado tem função conectiva. ***(p. 318)***

RESOLUÇÕES COMENTADAS

QUESTÃO 1

× (0) Falso. No verso 1, a palavra **que** constitui conjunção integrante ou conectivo oracional.

Os **conectores** ou **conectivos** desempenham um papel importante nos contextos morfossintático e semântico de um texto e são responsáveis pela coesão de nosso pensamento.

Esses **conectores** — preposições, advérbios, pronomes relativos, conjunções, termos denotativos — precisam ser usados com precisão a fim de que os segmentos das frases fiquem bem ajustados.

Valor Representativo: a terceira classe de palavras, pois, é a do conectivo — do latim conectere = unir, juntar — classe que depende inteiramente das outras duas (= do nome e do verbo). Conectivos, portanto, são par-

tículas que representam no universo da linguagem as ligações existentes entre os elementos constitutivos do universo humano. Neste, basicamente há três tipos de ligações: a que se estabelece entre dois seres (= ente, coisa ou fenômeno); a que se estabelece entre um processo ou ação e um ser; e a que se estabelece entre dois processos, ou ações. No universo da linguagem a ligação entre seres, isto é, nomes, é representada fundamentalmente pelo conectivo nominal: preposição; e a ligação entre processos, isto é, verbos, é representada também de modo fundamental pelo conectivo verbal ou oracional: conjunção. Há outras possíveis, no entanto. O esquema global seria:

1. Ligações entre dois nomes: a) por subordinação de um nome ao outro, representadas por preposição. "O livro de Pedro." b) por coordenação de um nome ao outro, representadas pelas conjunções "e" , "ou". "O cavalo e o cão"; "o menino ou a menina."
2. Ligações entre um verbo, ou oração, e um nome: a) por subordinação do nome ao verbo, representadas pela preposição. "Olhou para mim"; "Fugiu do colégio". b) por subordinação do verbo ao nome, representadas pelo pronome relativo: "o homem que eu vi."
3. Ligações entre dois verbos, ou orações: - por coordenação ou subordinação, representadas por conjunções. "Ele lutou mas não venceu" (coordenação); "ele chegou quando a chuva caiu" (subordinada).

Portanto, o que é um conectivo? Conectivo é uma designação genérica de diferentes vocábulos, invariáveis ou variáveis, que estabelecem ligação entre palavras, frases e entre palavras e frases. Abrange preposições, conjunções e pronomes relativos.

× (1) Falso. A locução conjuntiva "mas também" traduz a ideia de adição. Por isso, é importante dominar a carga semântica dos elementos coesivos. Observe: "Você disse / que não sabe se não/ mas também não

tem certeza que sim". Assim como as preposições ligam duas outras palavras entre si, estabelecendo entre elas determinadas relações, as conjunções ligam orações ou termos com a mesma função sintática. No verso de Djavan, as conjunções destacadas conectam orações.

Chama-se de conjunção o conectivo (palavra ou locução) que liga duas orações ou dois termos semelhantes da mesma oração. Isso pode ser feito por coordenação, quando as orações ou termos da oração são sintaticamente independentes, ou por subordinação, quando uma das orações interligadas (a subordinada) depende da outra (a principal) para completar seu sentido. Há também as chamadas locuções conjuntivas, formadas pela partícula **que** precedida por advérbios, preposições ou particípios (antes que, desde que, dado que, etc.).

✓ (2) Verdadeiro. Em "Quando é assim/ deixa vir do coração", a conjunção traduz a ideia de tempo. Releia os comentários do item anterior.

× (3) Falso. Em "Só dizer sim ou não", a conjunção indica alternância.

× (4) Falso. Em "Só dizer sim ou não / Mas você adora um se..." e em "não sabe se não / mas também não tem certeza que sim" as conjunções destacadas evidenciam cargas semânticas diferentes: adversidade e adição, respectivamente. Releia os comentários do item 2.

× (5) Falso. É necessário cuidado. Reescrevendo o verso "Insiste em zero a zero e eu quero um a um", obtém-se, sem prejuízo semântico: "Insiste em zero a zero mas eu quero um a um". Ambos os conectores são de natureza adversativa.

✓ (6) Verdadeiro. Em "E me remete ao frio que vem lá do sul", a palavra **que** retoma o antecedente frio. É pronome relativo. Exerce a função sintática de sujeito do verbo "vem".

Ao empregar um pronome relativo, devemos ter alguns cuidados:

1. **Pronome relativo QUE**: pode ser substituído por **o qual**, a **qual**, **os quais** ou **as quais**; substitui o termo antecedente (função anafórica); apresenta diferentes funções sintáticas.

Ex: Encontramos um bom número de pessoas que estavam reivindicando os mesmos direitos dos vinte funcionários vitoriosos. (Função morfológica: pronome relativo/ função sintática: sujeito)

2. **Pronome relativo CUJO (e variações)**: acompanha sempre o substantivo; não aceita artigo anteposto nem posposto; pode vir precedido de preposição (se o verbo ou o nome a exigir); é sempre adjunto adnominal.

Ex: Os argentinos, cuja vida está pautada em problemas econômicos, fazem manifestações de protesto. (Função morfológica: pronome relativo/ função sintática: adjunto adnominal)

Esse é o advogado de cuja honestidade muitos duvidam.

3. **Pronome relativo ONDE**: retoma o antecedente; traduz sempre a ideia de lugar; é adjunto adverbial de lugar.

Ex: Essa é a cidade onde ocorreram os fatos. (Função morfológica: pronome relativo/ função sintática: adjunto adverbial)

QUESTÃO 2

✓ (1) Verdadeiro. No trecho "mas acredita-se (em) que o número chegue a milhares", o verbo destacado é transitivo indireto e não apresenta sujeito determinado anteposto/ posposto. O sujeito é indeterminado. Nesse caso, a palavra SE constitui índice de indeterminação do sujeito.

FUNÇÕES DA PALAVRA SE

Assim, a palavra SE pode exercer diversas funções dentro da língua portuguesa. Vejamos:

1. **Índice de indeterminação do sujeito**: também chamado de pronome impessoalizador ou símbolo indeterminação do sujeito, aparece junto ao verbo intransitivo , transitivo indireto ou de ligação. Pode até parecer junto ao verbo transitivo direto, desde que o objeto direto venha preposicionado. Como o nome já diz, quando exerce essa função, a palavra SE indetermina ou não revela o sujeito da oração. Esse tipo de oração não admite a passagem para a voz passiva analítica, e o verbo estará sempre na 3ª pessoa do singular.

Ex.: Vive-se bem naquele país. (verbo intransitivo)
Precisa-se de novas fontes de riquezas. (verbo transitivo indireto)
É-se infeliz no sertão nordestino? (verbo de ligação)
Respeitou-se aos regulamentos. (verbo transitivo direto + objeto direto preposicionado)

2. **Pronome partícula apassivadora ou apassivador**: aparece na formação da voz passiva sintética, com verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos; com verbos transitivos indiretos, intransitivos ou de ligação, não há possibilidade de caracterizar a partícula apassivadora. Na prática, a frase pode ser transposta para a passiva analítica (com locução verbal).

Ex.: Reformam-se móveis velhos. (= Móveis velhos são reformados)
Entregou-se o prêmio ao aluno que obteve a melhor nota. (= O prêmio foi entregue ao aluno que obteve a melhor nota.)

3. **Pronome reflexivo (função morfológica)**: usado para indicar que a ação praticada pelo sujeito recai sobre o próprio sujeito (voz reflexiva). É substituível por a si mesmo, a si próprio.

Ex.: Lula machucou-se com a foice. (= machucou a si mesmo)
Localize-se no mapa. (= localize a si próprio)

4. **Pronome reflexivo recíproco (função morfológica)**: usado para indicar que a ação praticada por um dos elementos do sujeito recai sobre o outro elemento do sujeito e vice-versa. Na prática, é substituível por um ao outro, uns aos outros.
ACM e Luiz Estevão abraçaram-se emocionados. (= abraçaram um ao outro)
Argentinos e brasileiros deram-se as mãos afetuosamente. (= deram as mãos um ao outro)

5. **Parte integrante do verbo**: há verbos que são essencialmente pronominais, isto é, são sempre apresentados e conjugados com o pronome. Não se deve confundi-los com os verbos reflexivos, que são acidentalmente pronominais. Os verbos essencialmente pronominais geralmente se referem a sentimentos e fenômenos mentais: indignar-se, ufanar-se, atrever-se, admirar-se, esquecer-se, orgulhar-se, arrepender-se, queixar-se, etc.

Ex.: Os deputados queixaram-se do tratamento recebido.
As sociedades democráticas não se indignam com mais nada.

6. **Partícula expletiva ou de realce**: o SE é considerado partícula expletiva ou de realce quando ocorre, principalmente, ao lado de verbos intransitivos, de movimento ou que exprimem atitudes da pessoa em relação ao próprio corpo (ir-se, partir-se, chegar-se, passar-se, rir-se, sorrir-se e outros.), em construções em que não apresenta nenhuma função essencial para a compreensão da mensagem. Trata-se de um recurso estilístico, um reforço de expressão. Pode ser retirado, portanto, sem qualquer prejuízo sintático.

Ex.: Acabou-se a confiança nos agentes políticos.
Lá se vai mais um deputado corrupto.

7. **Conjunção**: como conjunção, o SE sempre introduz oração subordinada.

a. Conjunção subordinativa integrante: inicia orações subordinadas substantivas (subjetiva, objetiva direta etc.).

Ex.: Ninguém sabe se Dilma será candidata.

Não sabemos se a economia crescerá nos próximos anos.

b. Conjunção subordinativa condicional: introduz as orações subordinadas adverbiais condicionais. Essas orações exprimem a condição necessária para que se realize ou deixe de realizar o fato expresso na oração principal. Essa relação também se pode dar em um nível hipotético.

Ex.: Se não chover, FHC e Lula partirão à tarde.

O processo jurídico será devolvido se o juiz quiser.

8. Quando o **pronome SE** tem **função reflexiva**, é possível caracterizar as seguintes funções sintáticas:

a. Sujeito acusativo ou de infinitivo: trata-se das estruturas formadas pelos verbos causativos (deixar, mandar e fazer - e sinônimos) e sensitivos (ver, ouvir, sentir - e sinônimos), quando seguidos de objeto direto na forma de oração reduzida. Nesses casos, o pronome SE atuará sintaticamente como sujeito.

Capitolina deixou-se ficar à janela a tarde toda.

O jovem deputado sentiu-se fraquejar.

b. Objeto direto reflexivo: acompanha verbo transitivo direto que tenha sujeito animado.

Ex.: Fabiano agrediu-se e passou a toalha no rosto.

Gudesteu viu-se rapidamente, telefonou pedindo um táxi, saiu.

c. Objeto indireto reflexivo: aparece quando o verbo é transitivo direto e indireto.

Ex.: FHC arroga-se a liberdade de viajar a qualquer hora.

Ele impôs-se uma disciplina rigorosa.

✓ (2) Verdadeiro. No trecho "O primeiro avião, que fazia o voo 11 da *American Airlines*, na rota Boston-Los Angeles, se chocou contra a Torre Norte", a palavra

que é pronome relativo e exerce a função sintática de sujeito do verbo "fazia".

FUNÇÕES DA PALAVRA QUE

A palavra QUE pode pertencer a várias categorias gramaticais, exercendo as mais diversas funções sintáticas. Vejamos quais são essas funções e classificações:

1. **Advérbio**: intensifica adjetivos e advérbios, atuando sintaticamente como adjunto adverbial de intensidade. Tem valor aproximado ao das palavras quão e quanto.

Ex.: Que longe está o sonho de reeleger-se!
Que profundo o discurso de Aécio Neves!

2. **Substantivo**: tem o valor de qualquer coisa ou alguma coisa. Nesse caso, é modificado por um artigo, pronome adjetivo ou numeral. Torna-se monossílabo tônico (portanto, acentuado). Pode exercer qualquer função sintática substantiva.

Ex.: Um tentador quê de mistério torna-a cativante. (sujeito)
"Meu bem querer tem um quê de pecado..." (Djavan) (objeto direto)

Também quando indicamos a décima sexta letra do nosso alfabeto, usamos o substantivo quê.

Ex.: Mesmo tendo como símbolo Kg, a palavra quilo deve ser escrita com quê.

3. **Preposição**: equivale à preposição de ou para. Geralmente liga, em uma locução verbal, os verbos auxiliares ter ou haver com o verbo principal.

Ex.: Tem que combinar? (=de)
Em 2003, teremos pouco que fazer no Senado Federal. (= para)

Além disso, a partícula QUE atua como preposição quando possui sentido próximo ao de exceto ou salvo.

Ex: Chegara sem outro aviso que seu silêncio inquietante.

4. **Interjeição**: como interjeição, a palavra QUE (exclamativo) também se torna tônica e deve ser

acentuada. Exprime um sentimento, uma emoção, um estado interior e equivale a uma frase. Não apresenta função sintática.

Ex.: Quê! Você por aqui, FHC?
Quê! Nunca o juiz Nicolau fará isso!

5. **Partícula expletiva ou de realce**: neste caso, a retirada da palavra QUE não prejudica a estrutura sintática da oração. Sua presença é um recurso expressivo, enfático

Ex.: Quase que ela desvia dinheiro público!
Então qual que é a arma do crime?
Atenção: Pode aparecer acompanhado do verbo ser, formando a locução expletiva é que.

Ex.: O general é que vive de mordomias!
É nessas horas que tudo parece incoerente.

6. **Pronome relativo**: refere-se a um termo antecedente (função anafórica), substantivo ou palavra com valor substantivo, ao mesmo tempo que serve de conectivo subordinativo entre orações. Geralmente, introduz uma oração subordinada adjetiva e nela desempenha função substantiva. Nesse caso, pode ser substituído por **o qual, a qual, os quais, as quais**.

Ex.: Sempre defendi ideias que fazem a diferença. (= ideias as quais)
Ela é a que mais fala da vida alheia. (= aquela a qual)

7. **Pronome indefinido adjetivo**: ao funcionar como adjunto adnominal, acompanha um substantivo.

Ex.: Que tempo estranho! Ora faz frio, ora faz calor.
Que cidade linda é Brasília!

8. **Pronome indefinido substantivo interrogativo**: substitui, nas frases da língua, o elemento sobre o qual se deseja resposta. Exerce sempre uma das funções substantivas e significa **que coisa**.

Ex.: Que terá acontecido? (= que coisa)
Que adiantaria a presença de Roriz? (= que coisa)
Que quebrou?
O objeto era feito de quê?

9. **Pronome indefinido adjetivo interrogativo**: acompanha os substantivo nas frases interrogativas e desempenha função de adjunto adnominal.

Ex.: Que quadro você encomendou?

"Por aquela que foi tua, que orvalho em teus olhos tomba?" (Cecília Meireles)

Obs.: Caso semelhante (que não figura entre os tipos de pronomes registrados pela NGB) ocorre em frases exclamativas. Nesse caso, teremos um pronome adjetivo exclamativo, que sintaticamente atua como adjunto adnominal.

Ex.: Que poema acabamos de declamar!

Meu Deus! Que gelo, que frieza aquela!

10. **Conjunção QUE** - pode ser conjunção coordenativa ou subordinada.

▪ Conjunção coordenativa

a. **Aditiva**: liga orações independentes e estabelece uma sequência de fatos. Nesse caso, o QUE tem valor bastante próximo de conjunção **e.**

Ex.: Rouba que rouba e nunca chega a lugar algum.

Fica lá o tempo com aquele chove que chove!

b. **Explicativa**: indica a razão de se ter feito a declaração contida em outra oração coordenada. Quando introduz esse tipo de oração, o QUE tem valor próximo ao da conjunção **pois.**

Ex.: Mantenhamo-nos unidos, que a união faz a força.

Não faças mal ao teu vizinho, que o teu vem pelo caminho.

c. **Adversativa**: indica oposição, ressalva, e apresenta valor equivalente a **mas.**

Ex.: Outro, que não eu, criticaria os políticos brasileiros.

Outro bombeiro, que não eu, deveria falar-lhe sobre a destruição das torres gêmeas.

▪ Conjunção subordinativa

a. **Integrante**: quando introduz oração subordinada substantiva.

Ex.: "E ao lerem os meus versos pensem que eu sou qualquer coisa natural." (Alberto Caeiro)
Parecia-me que a economia cresceria.

b. **Causal**: introduz as orações adverbiais causais e possui valor próximo a porque. Exemplos:

Ex.: Fugimos todos, que a maré não estava pra peixe.
Não esperaria mais, que elas podiam derreter.

c. **Final**: introduz orações subordinadas adverbiais finais e equivale a para que, a fim de que.

Ex.: Todos lhe fizeram sinal que ficasse no mesmo lugar.

d. **Consecutiva**: introduz as orações subordinadas adverbiais consecutivas.

Ex.: A minha sensação de ojeriza foi tal que o expulsei do local.
José Serra e Marco Aurélio se abraçaram com tanto ardor que choraram.

e. **Comparativa**: introduz orações subordinadas adverbiais comparativas.

Ex.: Eu sou maior que os vermes e todos os animais.
As moças eram muito mais frágeis que os rapazes.

f. **Concessiva**: introduz orações subordinadas adverbiais concessivas, equivalente a embora.

Que nos tirem o direito ao saque, continuaremos lutando.
Estude, governador, um pouco que seja!

g. **Temporal**: introduz oração subordinada adverbial temporal, tendo valor aproximado ao desde que.

Ex.: "Porém já cinco sóis eram passados que dali nos partíramos." (Camões)
Agora que FHC está no Brasil, podemos discutir o assunto.

✓ (3) Verdadeiro. Em "Como resultado dos choques, as torres desabaram", a palavra como é preposição (liga palavras, pois temos apenas uma oração). Na verdade, aparece como preposição acidental por ser proveniente de outra classe gramatical (conjunção). Veja outros exemplos:
Obtiveram como resposta o bilhete.

Os jogadores receberam como prêmio um carro importado.

FUNÇÕES DA PALAVRA COMO

▪ Vejamos os valores da palavra **como**:

1. **Conjunção subordinativa causal**: introduz orações que dão ideia de causa. Equivalente a porque, é usado no início da frase.

Ex.: Como esteve doente, Obama não compareceu ao serviço.
Como passou mal, Hipólito não foi à festa.

2. **Conjunção subordinativa comparativa**: introduz orações que exprimem o segundo elemento de uma comparativa. Equivale a quanto, é precedido de tanto, tão, ...

Ex.: Ciro Gomes é tal como me disseram.
Você conhece Aécio Neves tão bem como eu.

3. **Conjunção subordinativa conformativa**: introduz orações que exprimem conformidade de um fato com outro. Equivale a conforme.

Ex.: Executamos o trabalho como diretor-geral solicitou.
Em certas situações, devemos agir como manda nossa consciência.

4. **Pronome relativo**: possui um antecedente que dá ideia de "modo": maneira, jeito, forma,...

Ex.: Este foi o único modo como ele organizou o projeto.
Esta é a maneira como estruturo textos dissertativos.

5. **Substantivo**: por meio da derivação imprópria (conversão) a palavra como muda de classe gramatical e passa a ser sujeito.

Ex.: Não sei o como de tudo isso.
Diga-me o como daquilo.

6. **Advérbio interrogativo (modo)**: pode aparecer tanto nas interrogativas diretas quanto nas indiretas.

Ex.: Não sei como estudar raciocínio lógico-quantitativo.
Antônio Geraldo, como estudar raciocínio lógico-quantitativo?

× (4) Falso. No trecho destacado, a palavra que exerce as seguintes funções: "Trabalham nos prédios, que (pronome relativo: retoma o antecedente "os prédios") tinham 110 andares, cerca de 50 mil pessoas, incluindo brasileiros em instituições financeiras como Banco do Brasil, *Morgan Stanley* e *Oppenheimer Fund*, bem como engraxates cadastrados no *shopping center* que (pronome relativo: retoma o antecedente "o shopping center") funcionava no subsolo do complexo. A estimativa do Departamento de Fogo de Nova York dá conta de que (conjunção integrante: não retoma o antecedente, apenas integra as orações) metade dos primeiros 400 bombeiros que (pronome relativo: retoma o antecedente "os primeiros 400 bombeiros") chegaram ao *World Trade Center* morreu".

✓ (5) Verdadeiro. Lembre-se: o verbo de ligação terá sempre função conectiva e, portanto, deverá estar conectando sujeito e predicativo. Caso isso não ocorra, o verbo apresentará outra predicação. Compare: "... os Estados Unidos (sujeito) não estão (verbo de ligação) a salvo de ataques terroristas (predicativo do sujeito)"/ Os Estados Unidos (sujeito) estão (verbo intransitivo) na América do Norte. Você já sabe quais são os PRINCIPAIS VERBOS DE LIGAÇÃO: ser, estar, parecer, permanecer, continuar, ficar, tornar-se, achar-se, cair, virar, andar, etc.

FUNÇÕES DA PALAVRA ONDE

1. **Advérbio interrogativo**: subordina-se ao verbo e traduz a ideia de lugar. Aparece em frases interrogativas diretas ou indiretas.

Ex.: Onde estão os focos de escravidão?
Não sabemos onde está o líder do grupo.

2. **Pronome relativo**: retoma o antecedente e traduz sintática e semanticamente a ideia de lugar.

Ex.: O fato ocorreu na França, onde a saúde é prioridade.

Enchentes ocorreram em Santa Catarina, onde há líderes ímprobos.

3. **Conjunção subordinativa**: conecta a oração principal à oração subordinada adverbial locativa.
Ex.: Você ficará / onde Dilma, a mãe do PAC, mandar.

FUNÇÕES DA PALAVRA QUANDO

1. **Advérbio interrogativo**: subordina-se ao verbo e traduz a ideia de tempo. Aparece em frases interrogativas diretas ou indiretas.
Ex.: Quando haverá manifestações sociorreligiosas?
Não sabemos quando o assessor chegará.

2. **Pronome relativo**: retoma o antecedente e traduz sintática e semanticamente a ideia de tempo.
Ex.: O fato ocorreu na década de 80, quando a saúde era prioridade.

3. **Conjunção subordinativa**: conecta a oração principal à oração subordinada adverbial temporal.
Ex.: Houve confusão / quando o atleta chegou ao aeroporto.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

NÍVEL 1

Segue uma lista de períodos em que aparece o vocábulo SE, que apresenta múltiplas funções. O desafio é indicar corretamente a função de cada ocorrência. Está pronto (a)? Então, sucesso!

1) Não mais se justifica tanta corrupção no cenário político.

2) Quando se está comprometido politicamente, tudo fica mais difícil.

3) Se se estabelecerem as metas, o projeto ficará mais claro.

4) Se se morrer de amor, a vida será nova e bela.

5) Os agentes políticos recordaram-se do acordo firmado.

6) Muitos casos de corrupção se foram, mas isso é o menos.

7) Quando se age com paciência, o trabalho produz os efeitos desejados.

8) Dirceu deixou-se ficar no comando da Casa Civil.

9) Comunicar-se-ão ao juiz da comarca os resultados do julgamento.

10) Não diria a ninguém tudo que sei sobre o PT, nem a ti se me pedisses.

11) O barro que em quimeras modelaste quebrou-se-te nas mãos.

12) Ao devolver a maleta de dólares, o deputado tranquilizou-se e tranquilizou o tesoureiro.

13) Os brasileiros deram-se as mãos naquele momento de dor.

14) Muitos aliados sentiram-se fraquejar durante a investigação.

15) Lula viu-se no espelho e ficou estupefacto com a quantidade de cabelos brancos.

16) Em muitas faculdades, é-se exigente com o cumprimento de certas regras.

17) Iniciou-se, com as "Diretas-já", o processo de democratização do país.

18) Collor deu-se ares de superioridade durante a entrevista.

19) Os brasileiros se perguntam quando o desemprego será combatido no Brasil.

20) O ministro não se dignou de reler o processo.

21) Os nossos olhos, no desespero do abraço, confessaram-se tudo!

22) Palloci e Meirelles se indignaram com as notas apresentadas pela imprensa.

23) Lula deixou-se cair num abismo de corrupção.

24) No Brasil e na Argentina, vive-se uma séria crise político-ética.

25) Não se acreditou nas palavras proferidas pelo tesoureiro.

26) Portanto, concluiu-se o projeto de modernização do teatro municipal.

27) Naquele restaurante, come-se ao ar livre.

28) Naquele mesmo restaurante, come-se rã grelhada.

29) Vão-se as páginas dos historiadores. O que fazer?

30) Não se atreva a criticar a atual equipe econômica.

31) Tudo se torna mágoa quando não somos transparentes.

32) Meu vizinho queixava-se de uma dor na parte superior da cabeça. Chifres?

33) Novas páginas sobre corrupção se escrevem nos últimos dias.

34) O livro sobre os bastidores da política nacional se me ofereceu.

35) Muitos se entregam a um trabalho exigente.

36) Não se fica à porta dos outros a pedir esmolas.

37) O aluno não se arrependeu das ações intempestivas.

38) Em 1988, assistiu-se à construção de uma nova ordem social.

39) Não se nos fizeram as devidas críticas.

40) Ouviram-se gritos e sussurros durante o ato.

41) Os relatores da CPI indagaram-se algumas questões cruciais.

42) Pode-se dizer que a língua portuguesa é perfeita.

43) Após a entrevista, definiram-se as estratégias.

44) Depois de ler a revista ISTOÉ, Lula pensou em suicidar-se.

45) Nunca se lhe atribuiu a verdadeira missão.

46) Palloci se morria de ciúme do companheiro Dirceu.

47) Enquanto conversávamos, ia desenrolando-se a paisagem.

48) Foi-se esquecendo dela o boticário.

49) Como se vinha desviando dinheiro público!

50) Que se teria experimentado nesta vida?

NÍVEL 2

Mais 50 períodos para exercitar as funções da palavra SE.

1) Depois da entrevista, Valério e Dirceu enfrentaram-se.

2) Não se pode calcular o prejuízo ético vivido nos últimos dias.

3) "Desculpe-me, se falei demais", disse Meirelles.

4) Poder-se-á reduzir a participação de aliados políticos.

5) É-se prudente naquele grupo.

6) Vão-se acendendo lamparinas e lampiões.

7) Joseildo deixou-se sentar no banco dos réus.

8) Jamais se escutaram gritos de inocentes.

9) O ministro não se atreveu a apresentar as provas.

10) Em fazendas, dorme-se ao ar livre.

11) Ontem se produziram diversas películas.

12) Você quer o "mensalão"? Se quero!

13) Ele se arrogou a oportunidade de falar sobre a verdade dos fatos.

14) Procura-se anular as formas de envolvimento.

15) Sabe-se que no Brasil há milhões de analfabetos.

16) É muito justo que se respeitem os juízes.

17) É muito justo que se respeite aos juízes.

18) Ele vai padecer com a situação. Ah, se vai!

19) Se se pretender a anulação, esta será irreversível.

20) Não sei se me verei diante dessa situação.

21) Nesse caso, o verbo constrói-se com objeto indireto.

22) O juiz reservou-se alguns minutos de silêncio.

23) Trata-se de um filme a que eu assisti.

24) Ressaltem-se os valores semânticos dos vocábulos.

25) Lula deve impor-se o dever de esclarecer os fatos à nação.

26) Crê-se que tudo acabará em "pizza".

27) Interessavam-se as três, humanamente, pelos casos familiares.

28) Naquele lugar, perdoa-se aos indivíduos que cometeram adultério.

29) O advogado, mais uma vez, sentiu-se esmorecer.

30) O deputado comportou-se de forma evasiva.

31) Soares houve-se como pôde durante o interrogatório.

32) Esses instrumentos se encontram em lojas especializadas.

33) O candidato portou-se de forma digna.

34) Nunca se compreendeu o processo de unificação das empresas.

35) Só se responderá à pergunta, se houver interesse.

36) Então, não se semeia a justiça entre os homens?

37) O relator deu-se pressa em registrar os fatos.

38) Vê-se logo a intenção do nobre deputado!

39) A vítima não se recordou dos traços do assaltante.

40) Proíbe-se afixar cartazes nos locais mencionados.

41) Logo que se fica extasiado, os olhos brilham.

42) Nunca se foi tão humilhado neste país.

43) Não se conseguiu obter as informações necessárias.

44) Os brasileiros esquecem-se facilmente de muitos fatos políticos.

45) Denominam-se geminadas as consoantes dobradas.

46) Pagaram-se aos credores as dívidas antigas.

47) Ontem, pagou-se a todos os credores.

48) Não se anuiu ao pedido de cassação.

49) Persuadiu-se o brasileiro de todos os fatos.

50) O brasileiro convenceu-se de que a honestidade é valor raro.

NÍVEL 3 - DE OLHO NOS CONCURSOS

UnB/CESPE - SEPLAG/DETRAN/DF (Cargo 15: Auxiliar de Trânsito)

Os acidentes de trânsito representam uma das principais causas externas de morte no Brasil — só não ultrapassam os homicídios. De acordo com a publicação Saúde Brasil 2007, divulgada pelo Ministério da Saúde, 35.155 pessoas morreram em 2006 por causa da violência no trânsito.

As mortes, de acordo com a pesquisa, **concentraram-se** em homens com idade entre 20 e 59 anos, residentes em municípios de pequeno porte populacional. No caso de atropelamentos, o risco de morte foi maior entre os idosos; para ocupantes de veículos, o risco foi maior para o grupo de 20 a 59 anos. Entre os motociclistas, o risco concentra-se na faixa de 20 a 29 anos.

As regiões Centro-Oeste e Sul apresentaram os maiores riscos de morte por acidente de trânsito. Na região Centro-Oeste, registrou-se, segundo o ministério, o maior risco de morte para acidentes que envolvem motociclistas e ocupantes de veículo. Já o maior risco de morte por atropelamento foi registrado na região Norte. Santa Catarina, Mato Grosso e Paraná foram os estados que apresentaram as maiores taxas de morte provocadas pela violência no trânsito.

O ranking de óbitos, de acordo com o estudo, é liderado pelos atropelamentos de pedestres, com o total de 27,9% dos casos — a maioria deles entre idosos, pessoas

com idade igual ou superior a 60 anos e crianças. Em segundo lugar, estão os ocupantes de automóveis, com 21%, e, em terceiro, os motociclistas, com 19,8%. Dados da publicação apontam que os motociclistas mortos no trânsito saltaram de 300, em 1990, para quase 7 mil, em 2006.

Internet: <www.detran.sp.gov.br> (com adaptações).

Em relação ao texto acima, julgue o item que se segue.

1. Em "concentraram-se", o "se" indica sujeito indeterminado.

UnB/CESPE - SEPLAG/DETRAN/DF

[Conhecimentos Básicos e Conhecimentos Complementares (para os cargos de 1 a 3 e de 5 a 14)]

A qualidade do ambiente urbano **torna-se**, cada vez mais, uma destacada fonte de cobrança da população sobre seus governantes. Repleta de problemas nessa área, a cidade de São Paulo experimenta, nos últimos anos, uma notável mudança de comportamento das autoridades municipais, que passam a incorporar o tema em suas prioridades de gestão.

Folha de S.Paulo. Editorial, 8/1/2009 (com adaptações)

Em relação ao texto acima, julgue o item a seguir.

2. O emprego do pronome "se" [destacado] indica que a oração em que o verbo está inserido tem sujeito indeterminado.

ESAF/ANA

O tratamento de esgotos é fundamental para qualquer programa de despoluição das águas. Em grande parte das situações, a viabilidade econômica das estações de tratamento de esgotos (ETE) é reconhecidamente reduzida, em razão dos altos investimentos iniciais necessários à sua construção e, em alguns casos, dos altos custos operacionais. Por esses motivos que mesmo os países

desenvolvidos têm incentivado financeiramente os investimentos de Prestadores de Serviços em ETE, como os Estados Unidos e países da Comunidade Europeia. No Brasil, o problema de viabilidade econômica do investimento público **torna-se** ainda mais agudo, devido à elevada parcela de população de baixa renda. No entanto, vale ressaltar que a água de qualidade também é um fator de exclusão social, uma vez que a população de baixa renda dificilmente tem condições de comprar água de qualidade para beber ou até mesmo de pagar assistência médica para remediar as doenças de veiculação hídrica, decorrentes da ausência de saneamento básico.

(http://www.ana.gov.br/prodes/prodes.asp)

3. Em "torna-se", o "se" indica sujeito indeterminado.

UnB/CESPE - PETROBRAS

As relações internacionais constituem-se em uma das questões centrais referidas ao desenvolvimento em uma conjuntura em que, além do acentuado aumento da interdependência econômica entre as nações, temos agora sua crescente interdependência ecológica. Os países em desenvolvimento têm de atuar em um contexto em que **se** amplia o fosso entre a maioria das nações industrializadas e aquelas em desenvolvimento em matéria de recursos, em que o mundo industrializado impõe as regras que regem as principais organizações internacionais - e já usou grande parte do capital ecológico do planeta.

4. Sem prejuízo para a coerência e a correção gramatical do texto, a relação entre as ideias nele apresentadas permite que se desloque o pronome "se" para depois do verbo e se escreva **amplia-se o fosso.**

UnB/CESPE - MRE/ (Cargo: Oficial de Chancelaria)

Soy loco por ti, América

"A interpretação da nossa realidade com esquemas alheios só contribui para tornar-nos cada vez mais desconhecidos, cada vez menos livres, cada vez mais solitários." Fomos "descobertos" ou reinventados pelos colonizadores, que impuseram o sentido que mais lhes convinha à nossa história. "**Insistem** em medir-nos com o metro que se medem a si mesmos" e assim se consideram "civilizados" e a nós, "bárbaros". (...)

Emir Sader. ***Jornal do Brasil,*** *26/2/2006 (com adaptações).*

5. Seria correta a substituição da forma verbal 'Insistem' por **Insiste-se**, dado que tanto a partícula se quanto a flexão do verbo na terceira pessoa do plural são procedimentos legítimos de indeterminação do sujeito.

UnB/CESPE - MI (Cargo 1: Arquivista)

A internacionalização da cultura não é um fato inédito na história da humanidade. O fenômeno manifestou-se no império de Alexandre Magno, quando a cultura grega impôs-se; no Império Romano, em que o latim e o grego **se generalizaram**; no decorrer da Idade Média, unificada pelo uso do latim e por uma religião comum; finalmente, na época das grandes navegações ibéricas, quando o uso do português e do castelhano ligou os diversos continentes.

Sérgio Paulo Rouanet. "Do fim da cultura ao fim do livro". In: Eduardo Portella (Org.) ***Reflexões sobre o caminho do livro.*** *São Paulo: UNESCO/Moderna, 2003, p. 63 (com adaptações).*

6. Em "se generalizaram", o termo "se" indica que o sujeito da oração é indeterminado.

UnB/CESPE - MDS (Cargo 1: Administrador)

Necessita-se revisar tanto o significado do profissionalismo no setor público quanto no privado. O mais relevante é saber **se** o indicado para um cargo de responsabilidade em qualquer organização, pública ou privada, realmente sabe distinguir o bem do mal, **se** procura ajuda para seus dilemas morais cotidianos no trabalho, **se** elege o caminho do respeito próprio, da honestidade e da integridade e **se** resiste às múltiplas tentações que o afastam do rumo correto.

7. As ocorrências de "se", [nas ocorrências destacadas acima], têm função morfológica diversa.

UnB/CESPE - PCES (Cargo 2: Perito Criminal)

O culto ao individualismo seria um culto à liberdade **se** não elegesse como seu paradigma supremo a liberdade de lucrar, e como referência moral a moral do mercado. **Se** não fosse apenas a última das muitas tentativas de substituir o ser humano como medida de tudo, e seu direito à vida e à dignidade como o único direito a ser cultuado.

Luís Fernando Veríssimo. Internet: HYPERLINK "http://www.dhnet.org.br" http://www.dhnet.org.br

8. Os vocábulos "se" e "se" [nas duas ocorrências indicadas acima] têm a mesma função condicional.

UnB/CESPE - CBMDF (Seleção Interna - Curso de Formação de Sargentos)

O Código de Defesa do Consumidor (CDC) não veda a comercialização de produtos usados com vida útil reduzida, assim como não proíbe a venda de produtos com pequenos defeitos. (...) Como exemplo, imagine-**se** a compra de uma camisa mais barata, justamente por apresentar um problema na costura, e que, posteriormente, logo após a primeira lavada, perca a sua cor original. O

consumidor, nesse caso, pode reclamar, pois a perda da cor não se vincula ao problema com a costura.

Correio Braziliense. "Direito & Justiça", Direitos do Consumidor, 30/10/2006, p. 6.

9. Nas ocorrências [destacadas acima], o pronome "se" indica indeterminação do sujeito.

UnB/CESPE - CBMDF (Seleção Interna - Curso de Formação de Sargentos)

As inovações tecnológicas são constantes - e todo dia um computador novo e mais moderno surge no mercado. E, então, uma dúvida aparece: o que fazer com o seu equipamento antigo, que já ficou ultrapassado? Joga-lo no lixo é, sem dúvida, a pior opção. De um modo geral, as pessoas não sabem **o perigo de se jogar** um computador no lixo.

Fique livre da quinquilharia. In: Correio Braziliense, Tecnologia, 24/10/2006, p. 4.

10. No trecho "o perigo de se jogar", o pronome "se" indica que o verbo jogar está sendo empregado com sentido reflexivo.

UnB/CESPE - TJAC (Titularidade de Serviços Notariais e Registro)

Uma forma bem sofisticada de publicidade registral existiu no antigo Egito. (...) Já nessa época, os notários (que redigiam os contratos) eram obrigados a exigir certidões dos terminais (responsáveis pelos registros) **para que se pudesse dispor de imóveis.**

Internet: HYPERLINK "http://www.irtdpjbrasil.com.br" www.irtdpjbrasil.com.br

11. Em "para que se pudesse dispor de imóveis", o pronome "se" exerce a função de partícula apassivadora.

UnB/CESPE - DP/AC (Cargo: Defensor Público)

Temos uma tendência de atribuir os comportamentos negativos, como crimes brutais, a instintos da natureza. Dizemos que agimos como animais. Por outro lado, nossas características positivas, como altruísmo e empatia, são tidas como humanas. Mas o estudo dos macacos revela que esses tipos de comportamento são ancestrais nos primatas. (...) **Argumenta-se** que os humanos são os únicos que matam os membros da própria espécie. Como se não tivéssemos nosso instinto assassino sob controle. Isso não **se sustenta** diante das evidências.

Frans de Vaal. Nossa porção animal. In: Época, 19/12/2005.

12. (III) Se o texto fizesse parte de um documento oficial, seria obrigatória a substituição do uso frequente da primeira pessoa do plural pela forma verbal com índice de indeterminação do sujeito, como ocorre em "Argumenta-se" e em "se sustenta".

UnB/CESPE - DETRAN/PA (Cargo 1: Analista de Sistemas)

Não há dúvida: as terras indígenas são fundamentais para a proteção da floresta amazônica. (...) Porém, se não houver mais apoio para o manejo dessas terras, essa poderosa ferramenta de proteção da biodiversidade amazônica não deve **se** sustentar por muito tempo.

Planeta, abril de 2006.

13. (D) Na ocorrência destacada acima, a retirada do pronome "se" prejudicaria a correção gramatical do texto porque não respeitaria a significação com que o verbo "sustentar" está empregado.

UnB/CESPE - SESI/SP (Cargo I: PEI - Professor de Educação Infantil)

Só **se** lê e **se** escreve quando **se** tem razões objetivas para tal, quando se sente que a linguagem escrita

pode ser um instrumento de poder sobre a própria vida, que pode ajudar a superar dificuldades enfrentadas no quotidiano. Por isso, o primeiro passo para o estabelecimento de uma política de leitura é identificar os espaços onde a leitura e a escrita podem assumir esse papel. A verdadeira leitura está sempre inscrita em um objetivo de vida.

Anne-Marie Emilie Millon Oliveira. ***Elementos para uma política municipal de leitura.*** *Internet: HYPERLINK "http://www.proler.bn.br/texto2.htm" www.proler.bn.br/texto2.htm*

14. (B) A palavra "se", nas ocorrências [destacadas acima], exerce a mesma função sintática.

UnB/CESPE - SGA/SESACRE (Cargo 1: Assistente Social)

A epidemiologia é uma disciplina básica da saúde pública voltada para a compreensão do processo saúde-doença no âmbito das populações, aspecto que a diferencia da clínica, que tem por objetivo o estudo desse mesmo processo, mas em termos individuais. Como ciência, a epidemiologia fundamenta-**se** no raciocínio causal; já como disciplina da saúde pública, preocupa-**se** com o desenvolvimento de estratégias para as ações voltadas para a proteção e promoção da saúde da comunidade.

15. As duas ocorrências de "se" têm a mesma função sintática: complementam formas verbais pronominais.

UnB/CESPE - SGA/SESACRE (Cargo 1: Assistente Social)

Pode-se afirmar que a vigilância sanitária originou-se na Europa dos séculos XVII e XVIII e no Brasil dos séculos XVIII e XIX, com o surgimento da noção de polícia sanitária (...)

16. Em "Pode-se afirmar", o termo "se" indica que o sujeito é indeterminado.

UnB/CESPE - PCPA (Cargo 1: Delegado de Polícia Civil)

A visão dos direitos humanos, modernamente, não se enriqueceu apenas com a justaposição dos direitos econômicos e sociais aos direitos de liberdade. Ampliaram-se os horizontes.

17. O emprego do pronome "se" em "se enriqueceu" e em "Ampliaram-se" contribui para tornar o texto pessoal e subjetivo.

UnB/CESPE - IRBr/2 (Admissão à Carreira de Diplomata)

Passam-se tempos sem que ouçamos falar em contos de vigário. Muito bem. Tornamo-nos otimistas, imaginamos que, se a reportagem não menciona esses espantosos casos de tolice combinada com safadeza, certamente os homens ficaram sabidos e melhoraram.

Pensamos assim e devemos estar em erro. Provavelmente esse negócio continua a florescer, mas as vítimas têm vergonha de **queixar-se** e confessar que são idiotas.

(...) Convenientemente curado, cicatrizado, esquecida a fraqueza, o sujeito **levanta-se** e adquire consistência para realizar nova tolice.

Graciliano Ramos. ***Linhas tortas: obra póstuma.*** *São Paulo: Record, 1984.*

18. Assinale a opção correta:

A. A forma verbal "Passam-se" está no plural para atender à regra gramatical de concordância com o sujeito da oração.

C. O verbo queixar-se, utilizado no texto como pronominal, conjuga-se facultativamente sem o pronome.

E. Em "levanta-se", a partícula "se" indica a indeterminação do sujeito.

UnB/CESPE - SEAD/PCPA (Cargo 1: Enfermeiro)

As enchentes urbanas vêm fazendo parte, com frequência, da rotina dos habitantes das grandes cidades, tendo como principal causa o próprio processo de urbanização. Nas grandes cidades brasileiras, **pode-se** constatar a ocupação desordenada do solo urbano, a remoção da cobertura vegetal da bacia hidrográfica, com a consequente impermeabilização da superfície, a ocupação de grandes extensões de várzeas naturalmente inundáveis, além do aumento na geração de lixo e esgoto sanitário, coletados e tratados inadequadamente.

19. Em "pode-se", o "se" tem natureza reflexiva.

UnB/CESPE - TJRR (Cargo 1: Administrador)

A morte de Getúlio Vargas abriu em nosso flanco uma ferida secreta e incurável mas, no plano político e malgrado alguma inquietação e angústia, **a crise foi resolvida** de forma bastante civilizada com a eleição de Juscelino Kubitscheck para a presidência da República. Estava armada a equação de nossa futura história política, que, sendo por alguns aspectos importantes, um prolongamento do getulismo, era, pela orientação global, pelas perspectivas que abria e pelo espírito, uma ruptura definitiva com ele. Dir-se-ia que a destruição de Getúlio Vargas tinha sido o rito indispensável para que o país **se desligasse** para sempre do ciclo histórico e social iniciado com a Revolução de 1930.

Wilson Martins. ***História da inteligência brasileira.*** *São Paulo: T.A. Queiroz, p. 345.*

20. Julgue os itens:

B. A substituição de "a crise foi resolvida" por **resolveu-se a crise** prejudica a correção gramatical do período e altera as informações originais.

D. Em "se desligasse" o pronome "se" é empregado como indeterminador do sujeito.

UnB/CESPE - TJRR (Cargo 1: Administrador)

Todo povo tem na sua evolução, vista a distancia, um certo "sentido". Esse percebe não nos pormenores de sua história, mas no conjunto dos fatos e acontecimentos essenciais que a constituem em um largo período de tempo. Quem observa aquele conjunto, desbastando-o do cipoal de incidentes secundários que o acompanham sempre e o fazem, muitas vezes, confuso e incompreensível, não deixará de perceber que ele se forma de uma linha mestra e ininterrupta de acontecimentos que se sucedem em ordem rigorosa, e dirigida sempre em uma determinada orientação. É isto **que se deve,** antes de mais nada, procurar quando se aborda a análise da história de um povo (...)

*Caio Prado Júnior. **Formação do Brasil Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000.*

21. Em "que se deve", o termo "se" tem valor reflexivo.

UnB/CESPE - PMV (Cargo 1: Analista em Tecnologia da Informação)

O Brasil **tem-se** caracterizado por perenizar problemas, para os quais não se encontram soluções ao longo de décadas.

22. Em "tem-se", o "se" indica que o sujeito da oração é indeterminado.

UnB/CESPE - PMRB (Cargo 1: Administrador)

As sociedades indígenas acreanas dividem-se de maneira desigual em duas grandes famílias linguísticas: Pano e Arawak. Alguns desses povos **encontram-se** também nas regiões peruanas e bolivianas fronteiriças do Acre.

23. Em "encontram-se", o pronome "se" indica que o sujeito da oração é indeterminado, o que contribui para a impessoalização do texto.

UnB/CESPE – TSE (Cargo 1: Analista Judiciário – Área: Judiciária)

Falei de esquisitices. Aqui está uma, que prova ao mesmo tempo a capacidade política deste povo e a grande observação dos seus legisladores. Refiro-me ao processo eleitoral. Assisti a uma eleição que aqui se fez em fins de novembro. Como em toda a parte, este povo andou em busca da verdade eleitoral. Reformou muito e sempre; **esbarrava-se**, porém, diante de vícios e paixões, que as leis não podem eliminar.

Machado de Assis. A Semana. Obra Completa, v. III. Rio de Janeiro: Aguilar, 1973.

24. Em "esbarra-se", o termo "se" indica indeterminação do sujeito.

UnB/CESPE – TSE (Cargo 1: Analista Judiciário – Área: Judiciária)

O atual impasse no MERCOSUL só será superado **se** os empresários **se** organizarem na defesa de seus interesses e direitos, por meio da informação e da mobilização da sociedade sobre as implicações internas das decisões tomadas em fóruns internacionais.

25. O vocábulo "se" exerce a mesma função morfológica em ambas as ocorrências.

UnB/CESPE – IRBr (Admissão à Carreira de Diplomata)

A maior contribuição da América Latina para a cultura ocidental vem da destruição sistemática dos conceitos de unidade e pureza: esses dois conceitos perdem o contorno exato do seu significado, perdem seu peso esmagador, seu sinal de superioridade cultural, à medida que o trabalho de contaminação dos latino-americanos **se afirma**, se mostra mais e mais eficaz.

*Silviano Santiago. **Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural.** São Paulo: Perspectiva, 1978.*

26. A partícula "se" que antecede a forma verbal "afirma" é índice de indeterminação do sujeito.

Muita gente acredita que, no momento da morte, **se** vê uma espécie de retrospectiva da própria vida.

27. A partícula "se"[destacada] tem valor reflexivo.

RESOLUÇÕES COMENTADAS

GRUPO 1

1. Partícula apassivadora
2. Índice de indeterminação do sujeito
3. Conj. condicional + partícula apassivadora
4. Conj. condicional + índice de indeterminação do sujeito
5. Parte integrante do verbo
6. Partícula expletiva
7. Índice de indeterminação do sujeito
8. Sujeito acusativo ou de infinitivo
9. Partícula apassivadora
10. Conjunção condicional
11. Partícula apassivadora
12. O.D. reflexivo
13. O.I. reflexivo e recíproco
14. Sujeito acusativo ou de infinitivo
15. O.D. reflexivo
16. Índice de indeterminação do sujeito
17. Partícula apassivadora
18. O.I. reflexivo
19. O.I. reflexivo
20. Parte integrante do verbo
21. O.I. reflexivo e recíproco
22. Parte integrante do verbo
23. Sujeito acusativo ou de infinitivo
24. Partícula apassivadora
25. Índice de indeterminação do sujeito

26. Partícula apassivadora
27. Índice de indeterminação do sujeito
28. Partícula apassivadora
29. Partícula expletiva
30. Parte integrante do verbo
31. Parte integrante do verbo
32. Parte integrante do verbo
33. Partícula apassivadora
34. Partícula apassivadora
35. O.D. reflexivo
36. Índice de indeterminação do sujeito
37. Parte integrante do verbo
38. Índice de indeterminação do sujeito
39. Partícula apassivadora
40. Partícula apassivadora
41. O.I. reflexivo
42. Partícula apassivadora
43. Partícula apassivadora
44. Parte integrante do verbo
45. Partícula apassivadora
46. Partícula expletiva
47. Partícula apassivadora
48. Parte integrante do verbo
49. Partícula apassivadora
50. Partícula apassivadora

GRUPO 2

1) O. D. reflexivo e recíproco
2) Partícula apassivadora
3) Conjunção condicional
4) Partícula apassivadora
5) Índice de indeterminação do sujeito
6) Partícula apassivadora
7) Sujeito acusativo ou de infinitivo
8) Partícula apassivadora
9) Parte integrante do verbo

10) Índice de indeterminação do sujeito
11) Partícula apassivadora
12) Partícula expletiva
13) O.I. reflexivo
14) Partícula apassivadora
15) Partícula apassivadora
16) Partícula apassivadora
17) Índice de indeterminação do sujeito
18) Partícula expletiva
19) Partícula apassivadora
20) Conjunção integrante
21) Partícula apassivadora
22) O. I. reflexivo
23) Parte integrante do verbo (impessoal)
24) Partícula apassivadora
25) O.I. reflexivo
26) Índice de indeterminação do sujeito
27) Parte integrante do verbo
28) Índice de indeterminação do sujeito
29) Sujeito acusativo ou de infinitivo
30) Parte integrante do verbo
31) Parte integrante do verbo
32) Partícula apassivadora
33) Parte integrante do verbo
34) Partícula apassivadora
35) Índice de indeterminação do sujeito
36) Partícula apassivadora
37) O.I. reflexivo
38) Partícula apassivadora
39) Parte integrante do verbo
40) Partícula apassivadora
41) Índice de indeterminação do sujeito
42) Índice de indeterminação do sujeito
43) Partícula apassivadora
44) Parte integrante do verbo
45) Partícula apassivadora
46) Partícula apassivadora
47) Índice de indeterminação do sujeito

48) Índice de indeterminação do sujeito
49) Partícula apassivadora
50) Parte integrante do verbo

GRUPO 3

Gabarito: Funções da Partícula "Se"
1. E (sujeito: As mortes)
2. E (*torna*-**se**: parte integrante do verbo ou pronome fossilizado). Sujeito: A qualidade do ambiente urbano.
3. E (sujeito: ... o problema (...)
4. E (*que*: partícula atrativa)
5. E (Os colonizadores) Insistem em...
6. E (... o latim e o grego foram generalizados)
7. E (conjunções integrantes)
8. C
9. E (Partícula apassivadora)
10. E (Partícula apassivadora)
11. E (Índice de indeterminação do sujeito)
12. E (Partícula apassivadora)
13. C
14. C (Índice de indeterminação do sujeito)
15. C
16. E (Partícula apassivadora)
17. E (Objetivo)
18. A
19. E (Partícula apassivadora)
20. B e D erradas. Sujeito: o país.
21. E (Partícula apassivadora)
22. E (Partícula apassivadora. Sujeito: o Brasil)
23. E (Partícula apassivadora. Alguns desses povos.)
24. E (Sujeito elíptico: este povo)
25. E (Conjunção condicional e pronome)
26. E (Sujeito: o trabalho de contaminação dos latino-americanos)
27. E (Partícula apassivadora)

CAPÍTULO 6

SINTAXE DO PERÍODO E PONTUAÇÃO

Leia os textos a seguir para responder à questão 1:

TEXTO I

História para ninar executivos

Havia um pastor chamado Pedro - como aliás se chamam todos os pastores de histórias como esta. Ele tinha um jeito todo especial para cuidar de seu rebanho. Até parece que os bichinhos reconheciam esse talento e o admiravam por isso. Acho que, se pudessem falar e escolher o próprio pastor, sem dúvida Pedro seria o favorito. Ele sabia criar um clima organizacional muito especial, como, por exemplo, dar nome para cada carneirinho e ovelhinha, respeitando os hábitos e costumes de cada um.

Ao longo dos anos, Pedro acabou desenvolvendo uma sensibilidade muito apurada em seu trabalho. Graças a essa habilidade, aprendeu a identificar com rapidez quando havia uma ovelha mais estressada no grupo. Mas descobriu também que a causa não era tão importante assim. O que realmente interessava era, fosse qual fosse a circunstância, neutralizar o problema. Se não agisse com vigor, o rebanho inteiro poderia se contaminar com o comportamento de uma ovelha, tornando-se incontrolável em alguns minutos.

Revista Exame.

TEXTO II

Espelho, espelho meu

Um historiador de 2092 que se debruçar sobre os jornais, revistas e vídeos de cem anos antes sofrerá a tentação de definir a época atual como a Era de Narciso. *Strip-teases* de homens musculosos, fotos eróticas como as da cantora Madona, a proliferação das academias de ginástica - todas essas informações contribuirão para que o estudioso do futuro chegue à conclusão de que os seus antepassados não saíam da frente do espelho e tinham como principal ocupação exibir-se uns para os outros. "Se o final do século XIX foi marcado pelo niilismo, ou descrença, os últimos anos do século XX tiveram como característica o narcisismo", poderia escrever o hipotético pesquisador.

A novidade, porém, é que o narcisismo nem sempre é ruim. "O narcisismo faz parte da personalidade humana e pode existir em vários graus, desde o patológico e negativo até o saudável e positivo". É o que afirma a psicoterapeuta Raissa Cavalcanti, chamando a atenção para o fato de que, ao contrário do que se supõe, o narcisista negativo não gosta de si próprio e sofre por causa disso. Acrescenta, ainda, que o narcisismo de um indivíduo pode estar relacionado a condições culturais, pois existem também sociedades narcisistas. "Uma sociedade é narcisista quando é mais valorizado o ter que o ser. Quando a busca da notoriedade substitui a da dignidade", afirma ela.

A psicoterapeuta enumera então as principais características dos narcisistas negativos e positivos. Os primeiros investem exageradamente numa auto-imagem que, muitas vezes, não corresponde à realidade, e sempre dependem do reconhecimento do outro para acreditar nas próprias qualidades. Quanto aos narcisistas saudáveis, eles possuem um verdadeiro sentimento de autoestima e sentem gratificação e prazer em relação às suas conquistas e realizações.

(Adaptado de Isto É, 23/12/92).

QUESTÃO 1

Julgue os itens a seguir:

(1) Em "Ao longo dos anos, Pedro acabou desenvolvendo uma sensibilidade muito apurada em seu trabalho", temos exemplo de período simples e oração absoluta. ***(p. 348)***

(2) No trecho "Se não agisse com vigor, o rebanho inteiro poderia se contaminar com o comportamento de uma ovelha", tem-se período composto por coordenação.***(p. 349)***

(3) Em "... eles possuem um verdadeiro sentimento de autoestima e sentem gratificação e prazer em relação às suas conquistas e realizações", a oração destacada classifica-se em coordenada sindética aditiva.***(p. 349)***

(4) Em "Até parece que os bichinhos reconheciam esse talento", a oração destacada classifica-se em subordinada desenvolvida.***(p. 351)***

(5) Em "Acho que Pedro seria o favorito", a função sintática de objeto direto do verbo em destaque é exercida por uma oração.***(p. 352)***

(6) Em "Mas descobriu também que a causa não era tão importante assim" e em "Sabe-se que havia um pastor chamado Pedro", as orações destacadas apresentam a mesma classificação.***(p. 355)***

(7) O primeiro período do TEXTO II apresenta oração subordinada adjetiva restritiva.***(p. 355)***

(8) Em "Os primeiros investem numa autoimagem **que** não corresponde à realidade", o pronome relativo exerce a função sintática de objeto direto.***(p. 357)***

(9) Em "...aprendeu a identificar com rapidez quando havia uma ovelha mais estressada no grupo" , a oração destacada classifica-se em subordinada adverbial temporal.***(p. 357)***

TEXTO III

Leia o texto a seguir para responder à questão 2:

Maria Berlini não mentira quando dissera que não trabalhava nem estudava. Mas trabalhara pouco depois de chegada ao Rio, com minguados recursos, que se evaporaram como por encanto. A tentativa de entrar para o teatro fracassara. Havia só promessas. Não era fácil como pensara. Mesmo não tinha a menor experiência. Fora estrela estudantil em Guará, isso porém era menos que nada! Acabado o dinheiro, não podia viver de brisa! Em oito meses, fora sucessivamente chapeleira, caixeira de perfumaria, manicura, para se sustentar.

Marques Rabelo. A guerra está em nós.

QUESTÃO 2

Julgue os itens a seguir:

(1) O primeiro período do texto apresenta orações subordinadas substantivas coordenadas entre si.***(p. 361)***

(2) Em "Acabado o dinheiro, não podia viver de brisa", a oração destacada é adverbial desenvolvida.***(p. 362)***

(3) A última oração do último período do texto é subordinada adverbial final reduzida de infinitivo. ***(p. 363)***

(4) No trecho "Havia só promessas", temos oração principal.***(p. 363)***

(5) Em "Não era fácil como pensara", destacou-se oração subordinada adverbial comparativa.***(p. 363)***

TEXTO IV

Leia o texto a seguir para responder à questão 3:

O desemprego aumenta, a recessão se avizinha, e um medo cresce cada vez mais na cabeça de muitas pessoas que vivem nesta cidade já tão conturbada: com a crise, com a falta de trabalho, com a falta de dinheiro, a violência e a criminalidade não vão aumentar?

É uma dúvida a que só o tempo irá responder, mas podem-se fazer algumas ilações desde já.

Que a situação está tenebrosa, isso ninguém nega. Aí estão os números — sempre eles — para justificar o temor: os indicadores do trimestre do IBGE constatam forte desaceleração na economia e apontam para o fantasma cada vez mais palpável da recessão.

Mas há quem não concorde inteiramente com a assertiva segundo a qual a falta de dinheiro ou a pobreza são os principais determinantes da violência urbana.

(Folha de São Paulo, 20/10/1999)

QUESTÃO 3

Julgue os itens a seguir:

(1) A vírgula antes da conjunção "e" *(linha 1)* é incorreta. ***(p. 366)***

(2) Em "um medo cresce cada vez mais na cabeça de muitas pessoas **que** vivem nesta cidade já tão conturbada" *(linha 1-3)*, a vírgula antes do pronome relativo **que** é opcional.***(p. 366)***

(3) No trecho "É uma dúvida a que só o tempo irá responder, **mas** podem-se fazer algumas ilações desde já", a vírgula antes da conjunção adversativa **mas** é obrigatória.***(p. 367)***

(4) No terceiro parágrafo, os travessões indicam interrupção ou intercalação.***(p. 367)***

(5) No trecho "os indicadores do trimestre do IBGE constatam forte desaceleração na economia e apontam para o fantasma cada vez mais palpável da recessão", é possível colocar vírgula depois de "IBGE" e de "economia".*(p. 367)*

(6) Em "Mas há quem não concorde inteiramente com a assertiva segundo a qual a falta de dinheiro ou a pobreza são os principais determinantes da violência urbana", a oração destacada tem valor restritivo; por isso, a vírgula anteposta é proibida.*(p. 368)*

RESOLUÇÕES COMENTADAS

QUESTÃO 1

✓ (1) Verdadeiro. Em "Ao longo dos anos, Pedro **acabou desenvolvendo** uma sensibilidade muito apurada em seu trabalho", a locução verbal destacada indica a existência de apenas uma oração. Diz-se, portanto, que o período é simples e a oração absoluta. Entenda melhor:

O período se diz **simples** quando constituído por uma só oração; e **composto**, se houver mais de uma. Assim, as orações podem ser classificadas da seguinte forma:

- **Absoluta**: a única oração de um período simples. Ex.: A morte **está ficando** banal em demasia.

- **Principal**: qualquer oração que possua subordinada. Ex.: **Criaremos uma nova sociedade** / quando tomarmos consciência dos problemas.

- **Coordenada**: diz-se que estão coordenadas entre si duas ou mais orações que não dependam sintaticamente umas das outras. Vale ressaltar que a

independência aqui não é de sentido, mas de função sintática.

Ex.: O lago está na fazenda, por conseguinte me pertence.

× (2) Falso. O trecho "Se não agisse com vigor, o rebanho inteiro poderia se contaminar com o comportamento de uma ovelha" apresenta período composto por **subordinação**. Podemos até parafraseá-lo por meio da inversão: "O rebanho inteiro poderia se contaminar com o comportamento de uma ovelha, se não agisse com vigor". Observe que uma oração é complemento sintático da outra. Portanto, saiba:

- **Coordenação**: quando só existem orações coordenadas, ou seja, orações que não dependem sintaticamente umas das outras.

Ex.: O personagem **toma** um tiro , / **bate** as botas/ e nada mais **acontece**.

1ª Oração: Coordenada Assindética.

2ª Oração: Coordenada Assindética.

3ª Oração: Coordenada Sindética.

- **Subordinação:** quando existem orações principais e subordinadas. Classificam-se a partir de sua função sintática.

Ex.: **Sabe**-se / que 32 milhões de brasileiros **passam** fome.

O. P. Or. Subord. Subst. Subjetiva

- **Coordenação e subordinação (período misto)**: quando existem **orações coordenadas, principais e subordinadas.**

Ex.: O assessor **chegou** atrasado, / mas **deseja** / que todos **concluam** o trabalho.

1ª Oração: Coordenada Assindética.

2ª Oração: Coordenada Sindética Adversativa.

3ª Oração: Subordinada Substantiva Objetiva Direta.

✓ (3) Verdadeiro. Em "... eles possuem um verdadeiro sentimento de autoestima e <u>sentem gratificação e prazer em relação às suas conquistas e realizações</u>",

a segunda oração é coordenada sindética aditiva, uma vez que é independente, do ponto de vista sintático, da primeira oração. Mais uma lição:

A relação entre as orações coordenadas pode-se estabelecer por meio de um elemento de ligação (conectivo ou síndeto), ou diretamente. No primeiro caso, diz-se que as orações são **coordenadas sindéticas**, e, caso não haja conectivo, **assindéticas**.

Ex.: Comerciantes **contratam** "justiceiros"/ **e** estes **matam** indiscriminadamente.

Or. Coord. Assindética Or. Coord. Sindética Aditiva.

☞ **IMPORTANTE: EM UM PERÍODO COMPOSTO POR COORDENAÇÃO, NÃO HÁ ORAÇÃO PRINCIPAL.**

- **COORDENADAS SINDÉTICAS:**

  - **Aditivas**: as que acrescentam uma ideia ao fato anterior. São introduzidas pelas conjunções ou locuções coordenativas aditivas: **e, nem, não só ... mas também, tanto ... como.**

Ex.: Deves regar as plantas **mas também adubá-las.**

  - **Adversativas**: quando apresentam uma ideia contrária ao fato anterior. São introduzidas pelas conjunções ou locuções coordenativas adversativas: **mas, porém, todavia, contudo, entretanto, no entanto, e sim, e não** etc.

Ex.: " Você insiste em zero a zero **e eu quero um a um**". (Djavan) → (e = mas)

  - **Explicativas**: as que apresentam explicação para o fato anterior. São introduzidas pelas conjunções coordenativas explicativas: **pois** (anteposta ao verbo), **porque, que, porquanto** etc.

Ex.: Saia agora, **pois estou extremamente ocupado.**

▪ **Conclusivas:** as que denotam conclusão ou consequência lógica do fato anterior. São introduzidas pelas conjunções ou locuções coordenativas conclusivas: **logo, portanto, então, assim, por isso, por conseguinte, pois** (posposta ao verbo) etc.

Ex.: O intelectual não auferiu a vaga, **está nervoso, pois.**

▪ **Alternativas:** as que indicam alternância ou exclusão. São introduzidas pelas conjunções coordenativas alternativas: **ou ... ou, ora ... ora, quer ... quer, já ... já** etc.

Ex.: **Ou entramos num acordo, ou teremos muitos problemas futuros.**

✓ (4) Verdadeiro. Observe que em "Até parece **que** os bichinhos reconheciam esse talento", a segunda oração é sujeito da primeira. Existe, portanto, uma relação de subordinação entre elas. Atente também para o fato de que a conexão entre as duas orações se deu por meio de conectivo explícito. A oração é desenvolvida, pois. Lembre-se:

Oração **subordinada** é aquela que **depende** sintaticamente de outra oração. Diz-se que uma oração é dependente sintaticamente quando corresponde a uma **função sintática** (sujeito, objeto direto, adjunto adnominal, adjunto adverbial etc.)

Ex.: Não sei **se compreendi o processo**. (Oração com valor de objeto direto do verbo "sei")

Havia um barbeiro **que me conhecia de vista**. (Oração com valor de adjunto adnominal do substantivo "barbeiro")

Saí satisfeito, **embora não tivesse encontrado o chefe**. (Oração com valor de advérbio, modificando o verbo "Saí")

▪ SUBORDINADAS DESENVOLVIDAS E REDUZIDAS

▪ **Desenvolvidas**: têm o verbo em uma das chamadas formas finitas **(indicativo, imperativo e subjuntivo)** e se vinculam à principal por meio de uma palavra de ligação, chamada genericamente de **conectivo**.

Ex.: É óbvio/ **que** existem muitos descalabros sociais.

▪ **Reduzidas**: têm o verbo em uma das chamadas formas nominais **(infinitivo, gerúndio ou particípio passado)** e não apresentam os elementos conectivos das orações desenvolvidas: iniciam-se diretamente ou por uma preposição. O conectivo fica **implícito**.

Ex.: É necessário / **estabelecer normas.** (O conectivo que — conjunção integrante — ficou implícito.)

✓ (5) Verdadeiro. Em "Acho que Pedro seria o favorito", a função sintática de objeto direto do verbo em destaque é exercida por uma oração. Nesse caso, temos oração subordinada substantiva objetiva direta.

Façamos um estudo acerca das **SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS:**

São as que exercem qualquer das funções substantivas (sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto, predicativo).

Quando desenvolvidas, podem ser iniciadas pelas seguintes classes de palavras:
conjunções integrantes: que, se;
pronomes interrogativos: que, quem, qual, quanto, quantos;
advérbios interrogativos: onde, como, quando, quanto, por que

Segundo a NGB, são as orações subordinadas substantivas:

- **Subjetiva:** a que exerce a função de **sujeito** para o verbo da oração principal.
  Ex.: Ficou claro **que ele mordeu a orelha do adversário.**
  Convém **que falemos com o juiz sobre o assunto.**

- **Objetiva direta:** a que exerce a função de **objeto direto** para o verbo da oração principal.
  Ex.: Ignoraste **quanto me custou a tua presença.**
  v. t. d.

  Todos desejam **que você conquiste a medalha.**
  v. t. d.

- **Objetiva indireta:** a que exerce a função de **objeto indireto** para o verbo da oração principal. Vem, portanto, preposicionada.
  Ex.: O professor carecia **de que os alunos ficassem calmos.** v.t.i.

- **Predicativa:** a que completa o sentido do verbo **ser** (na principal) que já possua sujeito.
  Ex.: O fato é **que os homens não aceitam a emancipação delas.**
  A verdade é **que os políticos escamoteiam nossos direitos.**

- **Completiva nominal:** a que completa o sentido de um **nome** da principal. Vem sempre preposicionada.
  Ex.: Tenho receio **de que você use camisas brancas.**
  O técnico não tinha dúvida **de que traria a medalha.**

- **Apositiva:** a que exerce a função de aposto.
  Ex.: Todos têm um desejo: **que haja reeleição.**

A Nomenclatura Gramatical Brasileira não menciona a oração substantiva seguinte.

- **Agente da Passiva:** a que exerce a função de agente da voz passiva analítica.
  Ex.: Ele foi espancado **por quem é responsável pela segurança.**

- **PARTICULARIDADES DAS SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS.**

- **Subjetivas**: podem ocorrer nas seguintes situações: depois dos chamados verbos unipessoais, que só se conjugam na 3ª pessoa e têm normalmente o sujeito (palavra ou oração) posposto. As orações subjetivas aparecem com mais frequência depois das seguintes formas de tais verbos: **basta, consta, urge, parece, convém** etc.:

  Ex.: Urge **que atravessemos a ponte.**

  As mulheres parece **que estão nervosas**. (**Atenção**: a ordem direta apresentaria a seguinte construção → Parece que as mulheres estão nervosas. Essa antecipação do sujeito da segunda oração recebe o nome de **PROLEPSE.**)

  Iniciadas pelos pronomes **quem** ou **quantos**, representando a(s) pessoa(s) de quem se faz uma declaração:

  Ex.: **Quem fala demais** compromete as cordas vocais.

  Quantos chorarem serão repreendidos.

  Depois de verbos **transitivos diretos** acompanhados do pronome apassivador **se** (v. t. d. + se) :

  Ex.: Entendeu-se **que a proposta era inovadora**.

  Depois de um verbo **ser** em cuja oração só exista **predicativo** (verbo de ligação + predicativo)

  Ex.: É imprescindível **que ressaltemos o valor de sua participação.**

- **Objetivas indiretas e completivas nominais**: ambas estarão precedidas de preposição, e a diferença entre elas reside em que as primeiras têm por antecedente um verbo, e as últimas, um nome. Há autores renomados que defendem a ideia, já apresentada em concursos públicos, de que a preposição é opcional, desde que a retirada não provoque ambiguidade.

Ex.: Jamais duvidei **de que você pudesse concretizar tal sonho.** (Obj. ind.)
Nunca tive dúvida **de que pudesse concretizar tal sonho.** (Complet. Nom.)

× (6) Falso. Em "**Mas (ele) descobriu também que a causa não era tão importante assim**", temos oração subordinada substantiva objetiva direta. Já em "**Sabe-se que havia um pastor chamado Pedro**", temos oração subordinada substantiva subjetiva. Lembre-se: "Sabe" é verbo transitivo direto; assim, "se" é partícula apassivadora e, em vez de objeto direto, teremos sujeito (função exercida pela segunda oração).

✓ (7) Verdadeiro. Em "Um historiador de 2092 **que se debruçar sobre os jornais, revistas e vídeos de cem anos antes** sofrerá a tentação de definir a época atual como a Era de Narciso", a oração destacada é subordinada adjetiva restritiva. Adjetiva, porque é introduzida por pronome relativo e caracteriza o termo antecedente "Um historiador de 2092". Restritiva, porque, do ponto de vista semântico, particulariza ou restringe o antecedente. Saiba mais:

▪ **SUBORDINADAS ADJETIVAS:**

As orações adjetivas se referem a um antecedente (substantivo ou equivalente) para **restringir** o seu sentido ou acrescentar-lhe uma **explicação**.

Ex.: O patrão puniu os funcionários **que não cumpriram as normas.** (VALOR RESTRITIVO)
O Sol, **que é um astro brilhante**, pode trazer alguns prejuízos. (VALOR EXPLICATIVO)

Quando desenvolvidas, são iniciadas por uma palavra que funcione como **pronome relativo** (sempre substituível por **o qual** e flexões).

Ex.: Trouxemos as promissórias **que** (= as quais) **o contador solicitou.**

Or. Subord. Adjetiva Restritiva

- **CLASSIFICAÇÃO DAS ORAÇÕES ADJETIVAS.**

  - **Restritivas**: referem-se ao antecedente, para especificar ou restringir o seu sentido. Se retiradas do texto, o sentido da principal fica alterado ou prejudicado.

    Ex.: O material **que você me pediu** está sobre a mesa.

  - **Explicativas**: sempre precedidas de vírgula, apenas acrescentam uma explicação ao antecedente, podendo ser retiradas do texto sem alterar o sentido da principal.

    Ex.: Marcos, **que é o técnico da seleção brasiliense**, chegou.

PARTICULARIDADES DAS SUBORDINADAS ADJETIVAS

- **cujo, cuja, cujos, cujas:** são pronomes relativos que traduzem a noção de posse. Na frase, aparecem entre dois substantivos e concordam com o segundo. Podem vir ou não antecedidos de preposição, mas **exercem sempre a função sintática de adjunto adnominal.**

  Ex.: Estes são os rapazes de **cujos** serviços necessito.

- Não pertencem à mesma oração o pronome demonstrativo **o** (= aquilo ou aquele) e o pronome relativo **que** (= o qual). A divisão se fará entre os dois pronomes, e a oração iniciada pelo relativo será sempre adjetiva restritiva.

Ex.: Devo ao trabalho **o / que sou** . (Devo ao trabalho **aquilo o qual** sou.)

Ela é **a / que** mais grita. (Ela é **aquela a qual** mais grita.)

× (8) Falso. Em "Os primeiros investem numa autoimagem **que** não corresponde à realidade", o pronome relativo **que** não exerce a função sintática de objeto direto, mas sim de **sujeito**. Substitua a palavra **que** pelo antecedente "uma autoimagem": "uma autoimagem (sujeito) não corresponde à realidade".

LEMBRE-SE:

▪ **O PRONOME RELATIVO apresenta diferentes FUNÇÕES SINTÁTICAS. OBSERVE ATENTAMENTE:**

a) Objeto direto

Ex.: A doença **que** o medo do trânsito causa é conhecida como amaxofobia. (O medo do trânsito causa a doença.)

b) Objeto indireto

Ex.: Os fatos **a que** te referiste são falsos. (Tu te referiste aos fatos.)

c) Adjunto adverbial

Ex.: A cidade **em que** (onde) moro foi invadida. (Moro na cidade.)

d) Agente da passiva

Ex.: Esteve aqui o professor **por quem** tu eras procurado. (Tu eras procurado pelo professor.)

e) Predicativo do sujeito

Ex.: O indisciplinado **que** fui fez-me sofrer na escola. (Fui indisciplinado.)

f) Adjunto adnominal

Ex.: O trânsito está espalhando uma doença, **cujos** sintomas variam de uma simples tremedeira até desmaios e pânico. (Os sintomas da doença...)

g) Complemento nominal

Ex.: As informações **de que** tenho necessidade são sigilosas. (Tenho necessidade das informações.)

× (9) Falso. Em "...aprendeu a identificar com rapidez **quando havia uma ovelha mais estressada no grupo**",

a oração destacada classifica-se em subordinada substantiva objetiva direta, ou seja, constitui complemento do verbo "identificar". Observe que o mesmo não acontece em: "Pedro tomou providências **quando a ovelha ficou estressada**". A segunda oração traduz uma função circunstancial ou adverbial (tempo) em relação à primeira. É hora de entender melhor essas relações:

- **SUBORDINADAS ADVERBIAIS.**

São as que funcionam como adjunto adverbial para a sua principal. Tais como os adjuntos adverbiais, recebem o nome da circunstância que indicam (condicionais, temporais, causais etc.)

> Quando desenvolvidas, serão iniciadas por conjunções ou locuções conjuntivas, que não exercem função sintática e recebem o nome da oração que iniciam.

Ex.: **Ficamos surdos** / à medida que ele **fala**.
O. P. Or. Subord. Adv. Proporcional.

Segundo a N.G.B., há nove tipos de orações subordinadas adverbiais.

- **Condicionais:** expressam uma hipótese ou condição necessária a que ocorra o fato da principal. Conectivos mais comuns: **se, caso, sem que, a menos que, contanto que, desde que** (seguido de subjuntivo).

  Ex.: **Caso encontremos a esmeralda**, ficaremos ricos.

- **Concessivas:** indicam que o fato expresso na principal independe de condições e poderá ocorrer mesmo em condições adversas. Conectivos mais comuns: **embora, ainda que, mesmo que, conquanto,**

sem que, posto que, por mais que, por menos que, por muito que, não obstante.

Ex.: **Embora seja eleito prefeito**, não ficará na cidade.

▪ **Causais:** indicam a razão por que ocorre o fato expresso na principal. Em uma relação causa/ efeito, indicam a causa para um efeito que está na principal. Conectivos mais comuns: **que, porque, já que, visto que, uma vez que, como** (quando precede a principal).

Ex.: **Como estava muito trêmulo**, não passou no teste.

▪ **Consecutivas:** ao contrário das causais, indicam efeito ou consequência para uma causa que se encontra na principal. Conectivo: **que** (precedido normalmente de um termo de intensidade, expresso ou subentendido na principal: **tanto, tal, tão, tamanho**).

Ex.: O barulho do carro era tal **que não conseguíamos conversar.**

▪ **Comparativas:** estabelecem uma comparação (de igualdade, superioridade ou inferioridade) com a ideia expressa na principal. Podem-se comparar estados, qualidades, ações verbais, sendo frequente a omissão do verbo da oração comparativa quando é o mesmo da principal. Conectivos: **que, como, do que, quanto.**

Ex.: Ela agiu **como uma moça virgem.**

☞ **IMPORTANTE: APESAR DE CONFIGURAR, NO PERÍODO ACIMA, APENAS UM VERBO, NÃO TEMOS PERÍODO SIMPLES, E, SIM, COMPOSTO, POIS O SEGUNDO VERBO ESTÁ IMPLÍCITO.**

- **Conformativas:** expressam ideia em conformidade com o fato da principal. Conectivos: **como, conforme, segundo, consoante.**

Ex.: **Conforme havíamos previsto**, ela discutiu com o marido.

- **Temporais:** indicam o tempo em que ocorre o fato da principal. Conectivos mais comuns: **quando, assim que, desde que, logo que, que, até que, sempre que.**

Ex.: **Assim que pagarmos o carro**, investiremos em uma casa de praia.

- **Finais:** expressam a finalidade com que se exerce a ação verbal da principal. Conectivos: **para que, a fim de que, que, porque** (com verbo no subjuntivo).

Ex.: Fomos ao supermercado, **a fim de que comprássemos alimentos.**

- **Proporcionais:** estabelecem, com a ideia da principal, uma proporção direta ou inversa. Conectivos: **à proporção que, à medida que, ao passo que, quanto.**

Ex.: **À proporção que os presos gemem**, os governantes riem.

PARTICULARIDADES DAS SUBORDINADAS ADVERBIAIS

A locução **sem que** pode introduzir três tipos de orações adverbiais.

· Condicionais (equivalendo a "a não ser que"):

Ex.: **Sem que me orientem**, não farei a prova.

· Concessivas (equivalendo a mesmo sem que):

Ex.: **Sem que falassem a verdade**, compreendi a situação.

· Modais e locativas — classificações não agasalhadas pela NGB (quando sua oração equivale a um adjunto adverbial de modo ou de lugar):

Ex.: Entrou, **sem que ninguém o visse**. (modo)

Você trabalhará **onde o diretor-geral mandar.** (lugar)

A conjunção <u>se</u> pode, também, iniciar dois tipos de orações adverbiais.

· Condicional: é a construção mais comum, em que se equivale a caso, desde que:

Ex.: **Se o governo investisse em educação**, o país seria mais rico.

· Concessiva: com o verbo no imperfeito do indicativo, correspondendo à construção embora + imperfeito do subjuntivo:

Ex.: **Se falava a verdade,** ninguém lhe dava crédito.

(= **Embora falasse a verdade**, ninguém lhe dava crédito.)

QUESTÃO 2

✓ (1) Verdadeiro. Em "(1ª) Maria Berlini não mentira/ (2ª) quando dissera/ (3ª) que não trabalhava/ (4ª) nem estudava", a terceira e a quarta orações (coordenadas entre si) são objetos diretos do verbo "dissera", presente na segunda oração.

ATENÇÃO

Podem estar coordenadas entre si duas ou mais orações subordinadas a uma mesma principal:

Ex.: Não é natural **que você chore / e que desista facilmente do projeto.**

Orações subord. subst. subjetivas coordenadas entre si.

(Observe a presença da conjunção aditiva "e")

× (2) Falso. Em "Acabado o dinheiro, não podia viver de brisa", a oração destacada é adverbial reduzida (conjunção implícita) de particípio. A oração seria desenvolvida se a **conjunção** (conectivo) estivesse **explícita**. Observe a forma desenvolvida: "Quando acabou o dinheiro, não podia viver de brisa".

Saiba mais sobre as ORAÇÕES REDUZIDAS

▪ **Reduzidas de infinitivo.**

Ex.: Era importante **ressaltar o valor das pequenas coisas**. (Oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo) → DESENVOLVIDA: Era importante **que** ressaltassem o valor das pequenas coisas.

Nosso time foi o primeiro **a marcar um gol**. (Oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de infinitivo) → DESENVOLVIDA: Nosso time foi o primeiro **que** (= **o qual**) marcou um gol.

Ao chegar a casa, ele encontrou a filha no quarto. (Oração subordinada adverbial temporal reduzida de infinitivo) → DESENVOLVIDA: **Quando** chegou a casa, encontrou a filha no quarto.

▪ **Reduzidas de gerúndio.**

Ex.: Na feira, havia homens **carregando caixas**. (Oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de gerúndio) → DESENVOLVIDA: Na feira, havia homens **que** (= **os quais**) carregavam caixas.

Agindo com cuidado, conseguirás a casa. (Oração subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio) → DESENVOLVIDA: **Se** agires com cuidado, conseguirás a casa.

▪ **Reduzidas de particípio passado.**

Ex.: **Concluído o colóquio**, os universitários foram embora. (Oração subordinada adverbial temporal redu-

zida de particípio) → DESENVOLVIDA: **Depois que** foi concluído o colóquio, os universitários foram embora.

✓ (3) Verdadeiro. No trecho "Em oito meses, fora sucessivamente chapeleira, caixeira de perfumaria, manicura, para se sustentar", a última oração é subordinada adverbial final reduzida de infinitivo. Observe a forma desenvolvida: "Em oito meses, fora sucessivamente chapeleira, caixeira de perfumaria, manicura, **para que** se sustentasse".

× (4) Falso. Só há oração principal em período composto por subordinação. Em "Havia só promessas", temos período simples e oração absoluta.

× (5) Falso. Em "Não era fácil **como** pensara", a conjunção **como** traduz a ideia de conformidade.

Saiba mais:

- Lembre-se sempre da CARGA SEMÂNTICA DOS CONECTIVOS.

CLASSIFICAÇÃO	CONECTIVOS	EXEMPLOS
ADITIVOS: exprimem adição e correlação.	e, nem, nem ... nem, não só ... mas também, tampouco (=também não)	Não só desviou dinheiro público mas também nomeou parentes. Não redigiu o relatório tampouco fez a ligação.
ADVERSATIVOS: exprimem contraste, oposição, compensação.	mas, porém, contudo, todavia, no entanto, entretanto, não obstante	Viajou no aerolula, mas não ficou satisfeito. Roriz lê bastante, todavia não se concentra.
ALTERNATIVOS: exprimem alternância e correlação.	ou, ou ... ou, ora ... ora, já ... já, quer ... quer, seja ... seja	Ou sai Palocci ou (saio) eu. Quer leia, quer escreva, Lula está sempre aprimorando sua linguagem.

CLASSIFICAÇÃO	CONECTIVOS	EXEMPLOS
CONCLUSIVOS: exprimem conclusão, consequência.	logo, pois, portanto, por conseguinte, assim, então	Clodoaldo estudou, por conseguinte terá um futuro bem-sucedido.
EXPLICATIVOS: exprimem explicação, esclarecimento.	pois, que, porque, porquanto (Se **que**, **porque** e **porquanto** tiverem valor subordinativo, passam a ser conectivos causais)	Não faças mal ao teu vizinho, que o teu vem pelo caminho.
INTEGRANTES: são os que introduzem orações subordinadas substantivas.	que, se	Esperamos que o Pacote de Aceleração do Crescimento produza efeitos.
CAUSAIS: exprimem causa.	porque, visto que, como, uma vez que, já que, na medida em que, porquanto, haja vista que.	O povo vibrou porque a proposta foi excelente. Já que ele desviou dinheiro, deveria ser preso.
COMPARATIVOS: exprimem comparação.	como, mais ... (do) que, menos ... (do) que, tão ... como, tanto ... quanto, tão ... quanto, assim como.	O senador agiu mais rápido (do) que o deputado: escondeu tudo na cueca. (O elemento "do" é opcional.)
CONCESSIVOS: exprimem concessão, oposição.	embora, conquanto, não obstante, ainda que, mesmo que, se bem que, posto que, por mais que, por pior que, apesar de que, a despeito de, malgrado, em que pese (a), sem embargo (= apesar disso)	Embora Dirceu não fosse gênio, conseguiu grandes realizações. Em que pese ao problema mencionado, o Brasil tem condições de crescer. Houve racionalização do serviço público. Sem embargo, as vocações literárias não se enfraqueceram.

CLASSIFICAÇÃO	CONECTIVOS	EXEMPLOS
CONDICIONAIS: exprimem condição.	se, caso, sem que, se não, a não ser que, exceto se, a menos que, contanto que, salvo se.	A passeata contra o PAC só será adiada se chover. Caso todos estejam de acordo, Collor, em seu gabinete especial, iniciará a reunião às oito horas.
CONFORMATIVOS: exprimem conformidade.	conforme, consoante, como, segundo, que (= conforme).	Consoante a última pesquisa, o custo de vida em Brasília baixou. O carnaval do Ceilambódromo foi um sucesso, segundo os repórteres.
CONSECUTIVOS: exprimem consequência.	de sorte que, de modo que, de maneira que, tão (tanto, tamanho, tal) ... que.	O susto foi tamanho, que Marta Suplicy caiu desmaiada.
FINAIS: exprimem finalidade.	para, para que, a fim de que, que (= para que), de modo que, de forma que, de sorte que, porque.	Deus criou os politicos, para que defendessem os interesses coletivos. Estudemos porque sejamos aprovados.
PROPORCIONAIS: exprimem proporção.	à proporção que, à medida que, quanto mais ... tanto mais, ao passo que.	O meio ambiente é agredido à medida que a ciência avança.
TEMPORAIS: exprimem tempo.	quando, enquanto, assim que, logo que, desde que, até que, mal, depois que, eis que.	Mal José abria a boca, todos riam. Todos se levantaram, eis que o juiz entrou na sala.

QUESTÃO 3

× (1) Falso. No trecho "O desemprego aumenta, a recessão se avizinha, e um medo cresce cada vez mais", a vírgula antes da conjunção "e" é correta, uma vez que esta liga orações que apresentam sujeitos diferentes.

× (2) Falso. Lembre-se: o pronome relativo introduz **ORAÇÃO SUBORDINADA ADJETIVA EXPLICATIVA OU RESTRITIVA**. O valor restritivo ou explicativo diz respeito ao antecedente. Portanto, lembre-se de três regras:

- Antecedente genérico (qualquer) + oração adjetiva particularizante (restritiva): **vírgula proibida**.
  Observe: "... um medo cresce cada vez mais na cabeça de muitas pessoas (quaisquer) **que** vivem nesta cidade já tão conturbada" (valor particularizante, restritivo)./ Procuro um apartamento que seja bem localizado = Procuro um apartamento (qualquer) **que** seja bem localizado (valor particularizante, restritivo).

- Antecedente particularizado + oração adjetiva. Esta evidenciará essência, característica peculiar, explicação: **vírgula obrigatória**. Observe: Visitei a Câmara dos deputados, **que** constitui órgão de representação do povo = Visitei a Câmara dos Deputados (antecedente particularizado), **que** constitui órgão de representação do povo (característica peculiar, explicação)./ A lenda é sumária, bela e genérica. Essas características, **que** a diferem da versão exata dos fatos, estão presentes em nossa história = A lenda é sumária, bela e genérica. Essas características (antecedente particularizado), **que** a diferem da versão exata dos fatos (característica peculiar, explicação), estão presentes em nossa história.

▪ Antecedente genérico (quaisquer e todos) + oração adjetiva generalizante (explicativa): **vírgula obrigatória**. Observe: Esse fato diz respeito aos cidadãos brasileiros, que devem ser tratados com respeito = Esse fato diz respeito aos cidadãos brasileiros (quaisquer e todos), que devem ser tratados com respeito (valor generalizante)./ O homem, que é mortal, merece perdão = O homem (qualquer e todo), que é mortal (valor generalizante), merece perdão.

✓ (3) Verdadeiro. No trecho "É uma dúvida a que só o tempo irá responder, **mas** podem-se fazer algumas ilações desde já", a vírgula antes da conjunção adversativa **mas** é obrigatória. Lembre-se: a vírgula é obrigatória antes das conjunções **adversativas** (mas, porém, todavia, entretanto, contudo, no entanto), **conclusivas** (portanto, por conseguinte, logo) e **explicativas** (pois, porque, porquanto). Cuidados:

- Conjunção deslocada: O Banco Central reduziu as taxas; todos estão, porém, insatisfeitos./ O lago está na fazenda; pertence, portanto, ao Gudesteu.
- Conjunção seguida de interrupção: O Banco Central reduziu as taxas, porém, conforme pesquisa do Correio Braziliense, todos estão insatisfeitos.

✓ (4) Verdadeiro. Nas interrupções ou intercalações, poderemos usar entrevírgulas, travessões ou parênteses. É uma questão de estilo. Em " Aí estão os números — sempre eles — para justificar o temor", há intercalação de pensamento. Observe outros exemplos:

A casa, embora espaçosa, não é adequada para o evento.

Os Estados Unidos, em virtude de interesses capitalistas, desenvolvem políticas opressivas no mundo.

Márcio, apesar do nervosismo, fez uma ótima apresentação.

× (5) Falso. No trecho "os indicadores do trimestre do IBGE constatam forte desaceleração na economia e apontam para o fantasma cada vez mais palpável da

recessão", NÃO é possível colocar vírgula depois de "IBGE" e de "economia". O termo "os indicadores do trimestre do IBGE" é sujeito de "constatam". Além disso, a conjunção "e" conecta orações que apresentam o mesmo sujeito.

✓ (6) Verdadeiro. Em "Mas há quem não concorde inteiramente com a assertiva (qualquer) segundo a qual a falta de dinheiro ou a pobreza são os principais determinantes da violência urbana" (valor particularizante), a oração destacada tem valor restritivo; por isso, a vírgula anteposta é proibida. Reveja os comentários do item 2.

Saiba mais:

EM LINHAS GERAIS, EMPREGA-SE A VÍRGULA:

a) Para separar termos que têm a mesma função sintática.

Ex.: Os terroristas destruíram prédios, vidas, famílias, sonhos.

b) Para isolar o aposto.

Ex.: Norberto Bobbio, cientista e filósofo italiano, criticou as sociedades democráticas.

c) Para isolar o vocativo.

Ex.: O bicho, meu Deus, era um homem.

d) Para isolar o adjunto adverbial deslocado (Se este for de longa extensão, use a vírgula; se for de curta extensão, a vírgula será opcional, desde que a sua retirada não comprometa a interpretabilidade).

Ex.: Num século de significativo desenvolvimento tecnológico, o homem privilegiou o consumo.

Ontem, aconteceu o inesperado/ Ontem aconteceu o inesperado.

Roriz, em campanha política, prometeu reajuste. (Vírgulas obrigatórias. Se retiradas, o sujeito será "Roriz em campanha política".)

O governo criará, aproximadamente, vinte mil empregos. (Vírgulas opcionais. Se retiradas, a interpretabilidade não será comprometida.)

e) Para marcar elipse verbal (verbo subentendido).

Ex.: Luís Estêvão viajou de avião; Roriz, de metrô. (= Roriz viajou de metrô)

f) Para separar expressões exemplificativas, explicativas, retificativas (por exemplo, ou seja, ou melhor, a saber, aliás, isto é, etc).

Ex.: Pedro sabia criar um clima organizacional muito especial, como, por exemplo, dar nome para cada carneirinho e ovelhinha.

g) Para isolar predicativo deslocado.

Ex.: A população, aterrorizada, assistiu ao desmoronamento dos prédios.

h) Para separar as orações adverbiais deslocadas (reduzidas ou não).

Ex.: Ao chegar a casa, deparou com o pai da moça.

A ética e a moral, embora ocupem raios concêntricos, apresentam conceitos diferentes.

OBSERVAÇÃO:

A oração substantiva, com exceção da apositiva, não deve ser separada da oração principal:

É imprescindível que os descalabros sociais desapareçam. (subjetiva)

Ex.: Kant afirmou que a busca do conhecimento não tem fim. (objetiva direta)

Todos têm um sonho: que a paz seja estabelecida. (apositiva) — Use dois pontos (mais comum), vírgula ou travessão.

Aprofundemos um pouco mais o nosso estudo.

PONTUAÇÃO NO CONTEXTO SINTÁTICO-ESTILÍSTICO

Caro(a) aluno(a), as gramáticas trazem poucas informações a respeito dos sinais de pontuação, sobretudo no que tange ao uso da vírgula. O emprego de todos os sinais exige domínio da estrutura morfossintática do período e boa dose de bom-senso, haja vista a preocupação com a carga semântica e a coerência textual.

1) Lembre-se de que, quando um **travessão** coincidir com uma vírgula, devem-se usar os dois sinais. Ex.:

a) Após o pagamento das prestações — três parcelas de R$ 6.000,00 —, o consumidor percebeu que fora enganado.

b) De acordo com Clóvis Bevilácqua — autor do antigo Código civil —, o adultério constitui transgressão.

c) Com a lembrança dos amigos — ex-vizinhos, ex-colegas de trabalho e ex-amantes —, o general se emocionou.

2) O **travessão** também é utilizado nas narrativas para introdução do discurso direto (assim como as aspas) e para isolar **orações intercaladas**.

Ex.: Bush afirmou: — Não quis a guerra. / Bush afirmou: "Não quis a guerra".

No que diz respeito às orações intercaladas, usam-se as entrevírgulas, os travessões ou os parênteses. Estudiosos costumam afirmar que os travessões e os parênteses dão um pouco mais de ênfase ao termo intercalado. Denominam-se orações intercaladas ou interferentes aquelas que, sintaticamente independentes, se interpõem a outras à guisa de esclarecimento, observação, advertência ou ressalva. São orações consideradas "à margem" da frase.

Ex.: a) "Desta vez, disse ele, vais para a Europa" (M. de Assis). b) "Tive (por que não direi tudo?), tive remorsos" (M. de Assis); c) "Rico, e muito rico — pensava Caúla — quem possuía um barco como aquele" (Adonias Filho).

3) Considerando a ordem direta, a vírgula não será usada nos casos seguintes:

a) Entre **sujeito** e **verbo**.

Ex.: **A juíza** proferiu uma sentença condenatória.

b) Entre **verbo** e **objeto direto**.

Ex.: A testemunha apresentou provas.

c) Entre **verbo** e **objeto indireto**.

Ex.: O cientista **depende das verbas.**

d) Entre **verbo** e **predicativo**.
Ex.: A reunião foi cansativa.
e) Entre **verbo** e **agente da passiva**.
Ex.: Uma sentença arbitrária **foi proferida pelo magistrado.**
f) Entre o **adjunto adnominal** e o **substantivo modificado**.
Ex.: A **resposta do réu** provocou indignação.
g) Entre o **complemento nominal** e o **vocábulo por ele completado**.
Ex.: A **resposta ao magistrado** provocou revolta.

4) Lembre-se, com base nos estudos deste capítulo, de que não haverá vírgula entre as **orações principais** e as **orações subordinadas substantivas subjetivas**, as **objetivas diretas**, as **objetivas indiretas**, as **predicativas** e as **completivas nominais**.

5) Também não use a vírgula para indicar **posposição do sujeito ao verbo.**
Ex.: a) "Caminhavam o pai e a filha calmamente".
b) "Saíram o advogado e seu cliente para uma conversa particular".
c) "Conversavam o juiz, os advogados e as teste-munhas".

6) Cuidado com o sujeito de longa extensão. Apesar de alguns estudiosos defenderem o emprego da vírgula como um "respiradouro", evite-a.
Ex: "A novação por substituição do devedor, pode ser efetuada independente de consentimento deste" (Essa vírgula coloca-se, de modo irregular, entre sujeito e verbo).

7) Use a vírgula para :
a) Separar **os elementos de uma enumeração**. Ex.: O réu era **escalafobético, magro, doente**.
b) Isolar **aposto**. Ex.: Clóvis Bevilácqua, **autor do projeto do antigo Código Civil**, é considerado por muitos seu melhor intérprete.

c) Isolar **vocativo**. Ex.: **Deputado**, mantenha-se nos limites da cortesia e da urbanidade de tratamento.
d) Indicar **inversão** ou **intercalação de algum elemento da frase**, fazendo-a sair da ordem direta. Ex.: **Ao final da audiência**, os advogados requereram prazo para memoriais" (inversão)/ Os advogados requereram, **ao final da audiência**, prazo para memoriais (intercalação).
e) Indicar a **elipse do verbo**. Ex.: Depois da tempestade, a bonança. (Depois da tempestade vem a bonança).
f) Isolar **termos pleonásticos** ou **repetidos**. Ex.: Com a presença da testemunha tão inesperada, Gudesteu ficou **branco**, **branco** de espanto.
g) Destacar as expressões **explicativas**, **explanativas** ou **retificadoras** (isto é, a saber, ou seja, além disso, por exemplo, vale dizer...). Ex.: Maluf mentiu, **isto é**, não esclareceu aspectos importantes.

8) Quando a intercalação ou a inversão se dão com uma só palavra ou com expressão de poucas palavras, as vírgulas que marcam essa ocorrência acabam sendo optativas, desde que não se comprometa a carga semântica do texto. Ex.: I) "**Desrespeitosamente**, o réu segurava o queixo com a mão" (correto); II) **Desrespeitosamente** o réu segurava o queixo com a mão" (correto); III) "O réu segurava, **desrespeitosamente**, o queixo com a mão" (correto); IV) "O réu segurava **desrespeitosamente** o queixo com a mão" (correto); V) "**No Brasil**, há fome e corrupção" (correto); "**No Brasil** há fome e corrupção" (correto).

Percebeu? Veja, agora, como a ausência da vírgula pode provocar ambiguidade:

Nos subúrbios americanos comemoram a vitória de Obama.

(Que o autor quis expressar? (1) Nos subúrbios, americanos comemoram a vitória de Obama. (2) Nos subúrbios americanos, comemoram a vitória de Obama.)

Não deixe o leitor perdido. Nesse caso, a vírgula se torna obrigatória, conforme a intenção semântica de quem redige.

☞ **IMPORTANTE:**

Autores renomados, por terem a convicção de que, nas interrupções e deslocamentos curtos, a retirada das entrevírgulas ou da vírgula não compromete o sentido, registram:

"Creio que do *ponto de vista didático* o nascimento da cultura humana iniciou-se com os vestígios materiais da indústria" (Luís Câmara Cascudo. *Civilização e cultura: pesquisas e notas de etnografia geral.* 2ª. Edição. Belo Horizonte: Itatiaia, 1983, p. 65).

"Sobre a tampa desse alçapão deve estar um móvel pesado (...), de tal modo que *à noite* estale com tanto gosto..." (Rubem Braga. *Um pé de milho.* 4ª. Edição. Rio de Janeiro: Record, 1982, p. 129)

"*Na planície avermelhada* os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. *Ordinariamente* andavam pouco, mas, como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da caatinga rala." (Graciliano Ramos. *Vidas Secas*, São Paulo: Editora Três, 1998, p. 13)

9) Também é facultativo o emprego da vírgula depois de conjunções que principiem período. Ex.: I) "Muitos ministros foram julgados. Todavia nem todos foram alvo de críticas"; II) "Muitos ministros foram julgados. Todavia, nem todos foram alvo de críticas".

10) Observe a obrigatoriedade de colocação de vírgula após certas **expressões intercaladas:**

O consumidor, em caso de dúvida, poderá requerer nota. (A retirada das entrevírgulas cria uma unidade semântica que não existe: o consumidor em caso de dúvida. Você é um "consumidor em caso de dúvida"?)

11) Para reforçar, não se usa a vírgula entre orações principais e orações subordinadas que equivalham a um sujeito, objeto direto, objeto indireto, predicativo e complemento nominal (respectivamente orações subordinadas substantivas subjetivas, objetivas diretas, objetivas indiretas, predicativas e completivas nominais).

Ex.: a) "É importante **que se preserve o estado de direito**" (subjetiva).

b) "Os homens de bem querem **que se preserve o estado de direito**" (objetiva direta).

c) "Todos necessitam **de que se preserve o estado de direito**" (objetiva indireta).

d) "O desejo de todos **é que se preserve o estado de direito**" (predicativa).

e) "Todos têm necessidade **de que se preserve o estado de direito**"(completiva nominal).

12) Também se usam entrevírgulas, travessões ou parênteses para **isolar orações intercaladas**.

Ex.: "O homem, **dizia Rousseau**, é puro em estado de natureza".

13) As orações coordenadas adversativas, conclusivas e explicativas são separadas por vírgulas.

Ex.: O réu foi interrogado, **mas nada confessou**. Estou no mercado, **portanto existo**. Cale-se, **pois você está incomodando.**

14) Se as coordenadas são começadas por "**e**" e têm o **mesmo sujeito, não são separadas por vírgulas**.

Ex.: "A testemunha entrou e (a testemunha) **foi inquirida**".

15) Se, porém, as coordenadas são começadas por "**e**" e têm sujeitos diferentes, então são separadas por vírgulas, especialmente para evitar ambiguidade.

Ex.: "A **testemunha** mencionou a prova, e o juiz a recusou. (Observe que a retirada da vírgula dará a entender que a testemunha mencionou a prova e o juiz.)

16) Segundo renomados autores, a conjunção **nem** dispensa vírgula, quando liga orações ou termos de pequena extensão; há vírgula, porém, se expressões ou orações são de razoável extensão (pausa prosódica ou melódica).

Ex.: a) Não falou sobre Modernismo **nem** sobre Simbolismo;

b) O réu não confessou **nem** acusou os demais;

c) O réu não confessou a autoria do delito tão hediondo, **nem** trouxe elementos fidedignos para o real esclarecimento dos fatos.

17) Como já vimos neste capítulo, as orações subordinadas adjetivas explicativas são separadas por vírgulas; não se separam, porém, as adjetivas restritivas.

Ex.: a) A Constituição, **que é a lei máxima**, contém cláusulas pétreas (adjetiva explicativa).

b) O livro **que comprei** é de edição antiga (adjetiva restritiva).

18) As orações subordinadas adverbiais são, por via de regra, separadas por vírgulas (opcionais) de suas principais. Quando deslocadas e de longa extensão, a vírgula se torna obrigatória.

Ex.: a) Muitos candidatos ficaram nervosos, **embora a prova não apresentasse dificuldades** (vírgula opcional).

b) **Quando o mar invadiu a região**, todos ficaram estupefatos (vírgula obrigatória).

19) Atualmente, em virtude da preferência por períodos mais curtos, raro é uso do sinal de **ponto e vírgula**. Lembre-se de que ele visa a separar orações coordenadas de certa extensão e coordenadas que já tiveram vírgulas internas.

Ex.: a) No andamento do processo, explicitam as partes seu pretenso direito e o comprovam; ao final, após regular contraditório, o juiz decide a controvérsia.

b) O chefe enviou o parecer; o assessor, o relatório (= O chefe enviou o parecer, e o assessor enviou o relatório).

c) Sou brasileiro; tenho, portanto, orgulho. (= Sou brasileiro, portanto tenho orgulho)

20) O sinal de ponto e vírgula separa os diversos itens de uma enumeração.

Ex.: a) Durante o seminário, os professores enfocaram três temas: 1) aquecimento global ; 2) crise econômica mundial; 3) direitos humanos.

b) No Brasil, enfrentam-se problemas, tais como: o nepotismo, um mal político; o desemprego, uma agravante econômica; a violência, um signo do nosso tempo.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

NÍVEL 1

1. Julgue os itens a seguir conforme a classificação sintática das orações destacadas.

a. ( )Os doidos inventam a moda, **e o povo os segue**. - oração coordenada sindética aditiva.
b. ( )Preparei o trabalho **e não fui avaliado**. - oração coordenada sindética aditiva.
c. ( )Minha vontade é **que você estude**. - oração subordinada substantiva subjetiva.
d. ( )Brasília, **que é a Capital do Brasil,** é o berço dos corruptos. - oração subordinada adjetiva explicativa.
e. ( )Avisei-o **de que o eclipse acontecerá amanhã**. - oração subordinada substantiva completiva nominal.
f. ( )A gente vive somente **enquanto ama**. - oração subordinada adverbial temporal.
g. ( )Não faças mal ao teu vizinho, **que o teu vem pelo caminho**. - oração subordinada adverbial causal.
h. ( )Rezemos **porque não nos surpreendam aqui**. - oração subordinada adverbial causal.

i. ( )Nada me deram **de comer**. - oração subor-dinada adverbial final reduzida de infinitivo.
j. ( )O lago está na fazenda, **por conseguinte me pertence.** - oração coordenada sindética conclusiva.

2. Julgue os itens a seguir conforme a classificação sintática das orações destacadas.

a. ( )Ela falava tão alto **que ficou quase rouca** - oração subordinada adjetiva restritiva.

b. ( )**Cada vez que saía de casa**, esquecia as chaves e os óculos. - oração subordinada adverbial temporal.

c. ( )Há certas coisas **que a gente não esquece**. - oração subordinada adjetiva restritiva.

d. ( )Urgia **fazer desaparecer os vestígios dele**. - oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo.

e. ( )Deves regar as plantas, **mas também adubá-las**. - oração coordenada sindética adversativa.

f. ( )Ele corre **que corre**. - oração coordenada sindética aditiva.

g. ( )É prudente **que você tenha boa educação**. - oração subordinada substantiva predicativa.

h. ( )Você, **que é mais jovem**, pegue o livro para mim. - oração subordinada adjetiva explicativa.

i. ( )Farei a prova, **desde que não seja difícil.** - oração subordinada adverbial causal.
j. ( )**Ao nascer**, o Butantã era apenas uma fazenda. - oração subordinada adverbial proporcional reduzida de infinitivo.

3. (IDR/FEDF) No período: "É óbvio que a solução ideal passa pela redução dos descalabros sociais.", a oração grifada classifica-se em subordinada substantiva:

a. ( )subjetiva
b. ( )predicativa
c. ( )objetiva direta
d. ( )objetiva indireta

4. (UnB/TCU) Assinale a opção incorreta quanto à função da palavra grifada no trecho:
"O chefe repreendeu apenas os funcionários **que** não cumpriram as tarefas pontualmente."

a. ( )Substitui o antecedente "os funcionários".
b. ( )Tem função sintática de sujeito.
c. ( )Introduz oração subordinada.
d. ( )Funciona como pronome relativo.
e. ( )Corresponde a uma conjunção causal.

5. (ESAF/TRT) Preciso dos documentos que comprovem a compra do carro.
A oração grifada, no período acima, classifica-se como:

a. ( )principal
b. ( )coordenada sindética
c. ( )subordinada substantiva
d. ( )subordinada adverbial
e. ( )subordinada adjetiva

6. (CEFET-MG) Há oração principal em:

a. ( )A paisagem perdeu o encanto da frescura e da bruma.
b. ( )O autor sobre quem falávamos fará uma palestra amanhã.
c. ( )Não vejo flores nem escuto pássaros.
d. ( )Estudamos toda a matéria, depois fomos ao cinema.
e. ( )Vesti-me, rapidamente, tomei um táxi mas ainda cheguei atrasado.

7. (SUPLETIVO-SP) "Apesar de ser indivíduo medianamente impressionável, convenci-me de que este mundo não é mau." (São Bernardo - Graciliano Ramos) As orações do período são, respectivamente:

a. ( )subordinada reduzida de infinitivo, principal, subordinada substantiva objetiva indireta.
b. ( )subordinada adverbial causal, principal, subordinada substantiva completiva nominal.
c. ( )subordinada adverbial causal, principal, subordinada substantiva objetiva apositiva.
d. ( )subordinada reduzida de infinitivo, principal, subordinada substantiva apositiva.

8.(CEUB) Em "Era verdade <u>que havia alguns açorianos</u>...", a oração em destaque é uma subordinada:

a. ( ) substantiva subjetiva
b. ( ) substantiva objetiva direta
c. ( ) substantiva explicativa
d. ( ) adjetiva explicativa
e. ( ) adjetiva restritiva

9.(CEUB) Em "Chamei os santos <u>de que</u> sou devocioneiro", a expressão em destaque é:

a. ( ) complemento nominal
b. ( ) adjunto adnominal
c. ( ) objeto direto
d. ( ) partícula expletiva
e. ( ) adjunto adverbial

10. (CEUB) Em "Seria fatal a cidade americana <u>que vimos construir</u>", a oração sublinhada é:

a. ( ) subordinada substantiva objetiva direta
b. ( ) subordinada substantiva objetiva indireta
c. ( ) subordinada adjetiva restritiva
d. ( ) subordinada adverbial concessiva
e. ( ) subordinada adverbial consecutiva

11. Julgue os itens seguintes:

a. ( ) No texto abaixo, o **que** *(L.2)*, em "impondo normas que limitem", tem a mesma função sintática que em "desenvolvimento de atividades que interfiram" *(L.3)*:

"Como estipula a Constituição, municípios, estados e governo federal podem criar Áreas de Proteção Ambiental, impondo normas que limitem ou proíbam a implantação ou desenvolvimento de atividades que interfiram nas condições ambientais de determinada região."(UnB).

b. ( ) No texto abaixo, a palavra **que** é sempre pronome relativo:

"A mulher e a mãe acomodaram-se finalmente no táxi que as levaria à estação. A mãe contava e recontava as duas malas tentando convencer-se de que ambas estavam no carro. A filha, com seus olhos escuros, a que um ligeiro estrabismo dava um contínuo brilho de zombaria e frieza — assistia."(UnB).

c. ( ) "Se eu rio eles pensam que estou louca." Trata-se de um período composto por subordinação, cuja oração principal é "**eles pensam**". (UnB).

12. Julgue os itens seguintes:

a. ( ) Tem-se a ocorrência de oração sem sujeito em "Parece que o patrão nos queria experimentar". (UnB).

b. ( ) Em "Parecia ter certeza **de que**, em chegando a encostar a mão num cabra, **o cabra era defunto**", a oração em destaque classifica-se como subordinada substantiva objetiva indireta. (UnB)

c. ( ) No texto abaixo, para que *(L.1)* introduz oração subordinada substantiva objetiva indireta:

"Para que o artista consiga transformar elementos materiais como tela e tinta em algo impregnado de significação, deve ele entregar-se a um trabalho difícil e exigente..."(UnB)

13. (CEUB) "...pelas ordens que trazemos por dentro..." A função sintática do que é:

a. ( ) sujeito
b. ( ) objeto direto
c. ( ) objeto indireto
d. ( ) complemento nominal
e. ( ) agente da passiva

14. (CEUB) A oração iniciada pelo que da pergunta anterior é:

a. ( ) coordenada sindética
b. ( ) subordinada adjetiva
c. ( ) subordinada substantiva
d. ( ) subordinada adverbial
e. ( ) coordenada assindética

15. (CEUB) "Criamos o fogo , embora sabendo que somos irmãos."
A primeira oração (Criamos o fogo) classifica-se como:

a. ( ) absoluta
b. ( ) principal
c. ( ) coordenada assindética
d. ( ) coordenada sindética
e. ( ) adjetiva

16. (CEUB) A segunda oração da questão anterior (embora sabendo) é subordinada adverbial:

a. ( ) causal
b. ( ) final
c. ( ) concessiva
d. ( ) consecutiva
e. ( ) condicional

17. (CEUB) A terceira oração da questão 15 (que somos irmãos) é subordinada substantiva:

a. ( ) subjetiva
b. ( ) objetiva direta
c. ( ) objetiva indireta
d. ( ) completiva nominal
e. ( ) apositiva

18. (CEUB) "Perto de casa havia um barbeiro que me conhecia de vista."
O sujeito do verbo <u>conhecer</u> é:

a. ( ) barbeiro
b. ( ) ele (barbeiro)
c. ( ) que (barbeiro)
d. ( ) me
e. ( ) indeterminado

19. (CEUB) "...máxima <u>que</u> os compiladores podem tirar daqui e inserir nos compêndios de escola."

A função sintática do pronome relativo é:
a. ( ) predicativo
b. ( ) sujeito
c. ( ) complemento nominal
d. ( ) objeto indireto
e. ( ) objeto direto

20. (CEUB) Em "... na esperança <u>de que eu pensasse ser uma súcia deles</u>...", a oração em destaque tem valor de:

a. ( ) objeto direto
b. ( ) sujeito
c. ( ) predicativo do sujeito
d. ( ) complemento nominal
e. ( ) objeto indireto

21. (CEUB) Tão devagar vem caindo que dá tempo a um passarinho de pousar nela.

A oração grifada recebe o nome de subordinada adverbial:

a. ( ) causal
b. ( ) final
c. ( ) concessiva
d. ( ) consecutiva
e. ( ) comparativa

22. (CEUB) "O sol declinava no horizonte e deitava-se sobre as grandes florestas, que iluminava com os seus últimos raios."
No texto acima, a oração "que iluminava com os seus últimos raios" recebe o nome de subordinada:

a. ( ) adverbial causal
b. ( ) adverbial temporal
c. ( ) adjetiva
d. ( ) substantiva subjetiva
e. ( ) substantiva objetiva direta

23. (CEUB) O vocábulo que, no texto da questão 22, sintaticamente exerce a função de:

a. ( ) sujeito
b. ( ) objeto indireto
c. ( ) objeto direto
d. ( ) predicativo
e. ( ) complemento nominal

24. (CEUB) "Um concerto de notas graves saudava o pôr-do-sol e confundia-se com o rumor da cascata, que parecia quebrar a aspereza de sua queda e ceder à doce influência da tarde."
No texto acima, em relação ao verbo que lhe segue, o pronome relativo que (que parecia) exerce a função sintática de:

a. ( ) objeto direto
b. ( ) objeto indireto
c. ( ) complemento nominal
d. ( ) agente da passiva
e. ( ) sujeito

25. (FES-SP) No período: "Paredes ficaram tortas, animais enlouqueceram e as plantas caíram", temos:

a. ( ) duas orações coordenadas assindéticas e uma oração subordinada substantiva.
b. ( ) três subordinadas substantivas.
c. ( ) três orações coordenadas.
d. ( ) quatro orações coordenadas.
e. ( ) uma oração principal e duas orações subordinadas.

26. (Mack-SP) Embora todas as conjunções sejam aditivas, uma oração apresenta ideia de adversativa:

a. ( ) Não achou os documentos e nem as fotocópias.
b. ( ) Queria estar atento à palestra e o sono chegou.
c. ( ) Não só aprecio a Medicina como também a Odontologia.
d. ( ) Escutei o réu e lhe dei razão.
e. ( ) Não só escutei o réu mas também lhe dei razão.

27. (UFSM-RS) Identifique a opção que expressa a ideia correta da segunda oração, considerando a conjunção que a introduz:

"A torcida incentivou os jogadores; esses, contudo, não conseguiram vencer."

a. ( ) proporção
b. ( ) conclusão
c. ( ) explicação
d. ( ) oposição
e. ( ) concessão

28. (FCMSC-SP) A palavra se é conjunção subordinativa integrante, por introduzir oração subordinada substantiva objetiva direta, em qual das orações seguintes?

a. ( ) Ele se morria de ciúmes pelo patrão.
b. ( ) A Federação arroga-se o direito de cancelar o jogo.
c. ( ) O aluno fez-se passar pelo doutor.
d. ( ) Precisa-se de pedreiros.
e. ( ) Não sei se o vinho está bom.

29. (CESCEA-SP) Em: "Verdades há que não devem ser publicadas.", a oração destacada é:

a. ( ) subordinada substantiva objetiva direta.
b. ( ) subordinada substantiva predicativa.
c. ( ) subordinada adjetiva restritiva
d. ( ) subordinada substantiva completiva nominal

30. (FUVEST-SP) No período: "Ainda que fosse bom jogador, não ganharia a partida.", a oração destacada encerra ideia de:

a. ( ) causa
b. ( ) concessão
c. ( ) condição
d. ( ) proporção

31. (PUC-SP) "As cunhãs tinham ensinado pra ele que o sagui-açu não era saguim não, chamava elevador e era uma máquina."

Em relação à oração não destacada, as orações em destaque são, respectivamente:

a. ( ) subordinada substantiva objetiva direta - coordenada assindética - coordenada sindética aditiva.
b. ( ) subordinada adjetiva restritiva - coordenada assin-dética - coordenada sindética aditiva.
c. ( ) subordinada substantiva objetiva direta - subordinada substantiva objetiva direta - coordenada sindética aditiva.
d. ( ) subordinada substantiva objetiva direta - subordina-da substantiva objetiva direta - subordinada substantiva objetiva direta.
e. ( ) subordinada substantiva subjetiva - coordenada assindética - coordenada sindética aditiva.

32. (PUC-SP) Assinale a opção cuja oração subordinada é substantiva predicativa:

a. ( ) Espero que venhas hoje.
b. ( ) O aluno que trabalha é bom.
c. ( ) Meu desejo é que te formes logo.
d. ( ) És tão inteligente como teu pai.
e. ( ) n. d. a.

33. (PUC-SP) "Pode-se dizer que a tarefa crítica é puramente formal."

No texto acima, temos uma oração destacada que é ... e um se que é...

a. ( ) substantiva objetiva direta - partícula apassivadora
b. ( ) substantiva predicativa - índice de indeterminação do sujeito
c. ( ) relativa - pronome reflexivo
d. ( ) substantiva subjetiva - partícula apassivadora
e. ( ) adverbial consecutiva - índice de indeterminação do sujeito

34. (FFCLT-SP) No período "Todos tinham certeza de que seriam aprovados", a oração destacada é:

a. ( ) substantiva objetiva indireta
b. ( ) substantiva completiva nominal
c. ( ) substantiva apositiva
d. ( ) substantiva subjetiva
e. ( ) n. d. a.

35. (PUC-SP) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas abaixo:

1 - Veja bem estes olhos.....se tem ouvido falar.
2 - Veja bem estes olhos.....se dedicaram muitos versos.
3 - Veja bem estes olhos.....brilho fala o poeta.
4 - Veja bem estes olhos.....se extraem confissões e promessas.

a. ( ) de que - a que - cujo - dos quais
b. ( ) que - que - sobre o qual - que
c. ( ) sobre os quais - que - de que - de onde
d. ( ) dos quais - aos quais - sobre cujo - dos quais
e. ( ) em quais - aos quais - a cujo - que

36. (CESESP-PE) "... trepado numa rede afavelada cujas varandas serviam-lhe de divisórias do casebre."

Em qual das opções o uso de cujo não está conforme a norma culta?

a. ( ) Tenho um amigo cujos filhos vivem na Europa.
b. ( ) Rico é o livro cujas páginas há lições de vida.
c. ( ) Naquela sociedade, havia um mito cuja memória não se apagava.
d. ( ) Eis o poeta cujo valor exaltamos.
e. ( ) Afirmam-se muitos fatos de cuja veracidade se deve desconfiar.

37. (PUC-SP) Assinale o período em que há uma oração adjetiva restritiva:

a. ( ) A casa onde estou é ótima.
b. ( ) Brasília, que é capital do Brasil, é linda.
c. ( ) Penso que você é de bom coração.
d. ( ) Vê-se que você é de bom coração.
e. ( ) Nada obsta a que você se empregue.

38. (UFPA) Há no período uma oração subordinada adjetiva:

a. ( ) Ele falou que compraria a casa.
b. ( ) Não fale alto, que ela pode ouvir.
c. ( ) Vamos embora, que o dia está amanhecendo.
d. ( ) Em time que ganha não se mexe
e. ( ) Parece que a prova não está difícil.

39. (FMU/FIAM-SP) Na passagem "O receio é substituído pelo pavor, pelo respeito, pela emoção que emudece e paralisa", os termos destacados são:

a. ( ) complementos nominais, orações subordinadas adverbiais concessivas coordenadas entre si.
b. ( ) adjuntos adnominais, orações subordinadas adverbiais comparativas.
c. ( ) agentes da passiva, orações subordinadas adjetivas coordenadas entre si.
d. ( ) objetos diretos, orações subordinadas adjetivas coordenadas entre si.
e. ( ) objetos indiretos, orações subordinadas adverbiais comparativas.

40. (FAAP-SP) "Não compreendíamos a razão por que o ladrão não montava a cavalo."

A oração em destaque é:
a. ( ) subordinada adjetiva restritiva
b. ( ) subordinada adjetiva explicativa
c. ( ) subordinada adverbial causal

d. ( ) substantiva objetiva indireta
e. ( ) substantiva completiva nominal

41. (UFV-MG) "Um dia, como lhe dissesse que iam dar o passarinho, caso continuasse a comportar-se mal, correu para a área e abriu a porta da gaiola."

(Paulo Mendes Campos)

As orações destacadas são, respectivamente, subordinadas adverbiais:

a. ( ) causal e condicional
b. ( ) conformativa e causal
c. ( ) conformativa e consecutiva
d. ( ) condicional e concessiva
e. ( ) comparativa e conformativa

42. (ESAN-SP) Na frase "Como anoitecesse, recolhi-me pouco depois e deitei-me" (Monteiro Lobato), a oração destacada é:

a. ( ) coordenada sindética explicativa
b. ( ) subordinada adverbial causal
c. ( ) subordinada adverbial conformativa
d. ( ) subordinada adjetiva explicativa
e. ( ) subordinada adverbial final

43. (UCMG) A classificação da oração destacada está correta em todas as opções, exceto em:

a. ( ) Ela sabia **que ele estava fazendo o certo**. (subordinada substantiva objetiva indireta).
b. ( ) Era a primeira vez **que ficava assim tão perto de uma mulher**. (subordinada substantiva subjetiva).
c. ( ) Mas não estava neles modificar um namoro **que nascera difícil, cercado, travado**. (subordinada adjetiva).
d. ( ) O momento foi tão intenso **que ela teve medo**. (subordinada adverbial consecutiva).
e. ( ) Solta **que você está me machucando**. (Coordenada sindética explicativa).

44. (PUC-SP) "Nunca chegará ao fim, por mais depressa que ande." A oração destacada é:

a. ( ) subordinada adverbial causal
b. ( ) subordinada adverbial concessiva
c. ( ) subordinada adverbial condicional
d. ( ) subordinada adverbial consecutiva
e. ( ) subordinada adverbial comparativa

45. (FFCLT-SP) No período "Penso, logo existo", a oração em destaque é:

a. ( ) coordenada sindética conclusiva
b. ( ) coordenada sindética aditiva
c. ( ) coordenada sindética alternativa
d. ( ) coordenada sindética adversativa
e. ( ) n. d. a.

Nas questões 46 a 54, julgue os itens considerando os aspectos relacionados à pontuação.

46.

(1) Minha esposa faz aniversário em maio, e eu, em setembro.
(2) Belo Horizonte, 20 de abril de 1991.
(3) Meu filho, saiba que, numa situação dessas, é necessário, acima de tudo, muita discrição.
(4) O arco-íris que, com tantas cores pairava, sobre as nossas cabeças, transformou o céu nublado numa paleta de pintor.
(5) Corre, minha filha, porque, do contrário, perderemos o trem.

47.

(1) A filosofia de Comte afirma, que o espírito humano, no que se refere ao conhecimento da realidade, passou por três estágios culturais.
(2) Como tudo não passara de um mal-entendido, fizeram, pois, as pazes.

(3) No pampa, onde vive o homem da campanha, o cavalo, além de ser utilizado como meio de transporte, é também instrumento de trabalho.
(4) Prometeu-nos no último encontro, que embora suas atividades fossem múltiplas, atender-nos-ia quando dele precisássemos.
(5) Terminada a solenidade, conquanto não estivessem cansados, eles retiraram-se para as suas casas.

48.

(1) Economia doméstica é o conjunto de procedimentos de natureza econômica e financeira relacionados com os cuidados de manutenção da casa e da família.
(2) Pode ter aspectos ao mesmo tempo científicos e artísticos: científicos, porque supõe conhecimentos de nutrição racional, higiene da família, administração e finanças do lar, artísticos, porque inclui noções artísticas, no gosto para a decoração e aparelhamento da casa ou na realização das mais simples tarefas do cotidiano.
(3) São aplicados princípios básicos da economia geral, tais como: a divisão do trabalho.
(4) É hoje consensual que os trabalhos do lar não sejam atribuídos apenas à mulher, pois, abrangendo um vasto campo de interesses humanos, devem constituir tarefa para todos os integrantes da família.
(5) Para a mulher, o objetivo envolve muita coisa: além de adquirir habilidades para o trabalho caseiro, ela deve impregnar-se da responsabilidade para com os acontecimentos domésticos que mais lhe dizem respeito.

49.

(1) Mitos, superstições ou ritos mágicos que as sociedades primitivas teceram em torno de uma existência sobrenatural, inatingível pela razão, equivaleram à

crença num ser superior e ao desejo de comunhão com ele, nas primeiras formas de religião.

(2) Assim, religião constitui um corpo organizado de crenças que ultrapassam, a realidade da ordem natural e que tem por objeto o sagrado ou sobrenatural, sobre o qual elabora sentimentos, pensamentos e ações.

(3) Apesar dessa variedade e da universalidade do fenômeno no tempo e no espaço as religiões têm como característica comum o reconhecimento do sagrado, e a dependência do homem de poderes supramundanos

(4) A observância e a experiência religiosas têm por objetivo prestar tributos e estabelecer formas de submissão a esses poderes, nos quais está implícita a ideia da existência de ser ou seres superiores que criaram e controlam o cosmos e a vida humana.

(5) Aquelas características, que de certa forma não distinguem uma religião de outra levaram ao debate sobre religião natural e religião revelada, o que recebeu significação especial nas teologias judaica e cristã.

50.

(1) Narciso era um jovem de singular beleza, filho do deus-rio Cefiso e da ninfa Liríope, no dia de seu nascimento, o adivinho Tirésias vaticinou que Narciso teria, vida longa, desde que jamais contemplasse a própria figura.

(2) Ao observar o reflexo de seu rosto nas águas de uma fonte, apaixonou-se pela própria imagem e ficou a contemplá-la até consumir-se.

(3) A flor conhecida pelo nome de narciso nasceu, então, no lugar onde morrera.

(4) Em outra versão da lenda, Narciso contemplava a própria imagem para recordar os traços da irmã gêmea morta tragicamente.

(5) Na psiquiatria e particularmente na psicanálise, o termo narcisismo, designa a condição mórbida do indivíduo que tem interesse exagerado pelo próprio corpo.

51.

(1) A atração que suas formas delicadas, texturas, colorido e perfume exercem sobre o ser humano fez das flores material de adorno de casas e templos, objeto de presentes requintados e de reverência aos mortos.
(2) Nesse setor da jardinagem incluem-se também, espécies apreciadas pela beleza de algumas de suas folhas modificadas, semelhantes a flores, como a folha-de-sangue ou bico-de-papagaio.
(3) As flores são usadas para presentear desde a antiguidade, como forma de manifestar, amor e amizade.
(4) Seu cultivo tornou-se tão difundido que, atualmente a floricultura transformou-se numa atividade altamente lucrativa em algumas regiões.
(5) As plantas mais frequentemente cultivadas com fins comerciais, são as que se destacam pelo tamanho de suas flores e por suas qualidades estéticas.

52.

(1) Detectada no final da década de 1970, a AIDS se configurou rapidamente como uma das maiores ameaças, à saúde pública, no século XX.
(2) A grande capacidade de contágio, a elevada taxa de mortalidade e um quadro clínico arrasador fizeram desse mal um dos mais graves problemas sanitários e sociais que o homem moderno tem a enfrentar.
(3) Em consequência, todo o organismo fica exposto a outras infecções, como a pneumocistose (forma de pneumonia rara que acomete também recém-nascidos debilitados), infecções cerebrais, diarreia persistente e herpes ou, ainda, certas variedades de câncer.

(4) A infecção inicial é provocada pela contaminação direta do sangue por fluidos corpóreos que contenham o retrovírus HIV (sigla inglesa de "vírus da imunodeficiência humana").
(5) Os retrovírus se reproduzem com a ajuda, de uma enzima chamada *transcriptase*, que torna o vírus capaz de copiar (transcrever) suas informações genéticas em uma forma que possa ser integrada no próprio código genético da célula hospedeira.

53.

(1) As novas técnicas de espetáculo e o aparecimento do cinema e da televisão, foram fundamentais para a renovação da linguagem cênica e dramatúrgica.
(2) Assim, o teatro contemporâneo tornou-se uma aventura incerta, mas profundamente estimulante.
(3) O teatro, expressão das mais antigas do espírito lúdico da humanidade, é uma arte cênica peculiar, pois, embora tome quase sempre como ponto de partida um texto literário (comédia, drama e outros gêneros), exige uma segunda operação artística: a transformação da literatura em espetáculo cênico e sua confrontação direta com uma plateia.
(4) Assim, por maior que seja a interdependência entre o texto dramático e o espetáculo o ator e a cena criam uma linguagem específica, e uma arte essencialmente distinta da criação literária.
(5) À força da palavra somam-se gestos, inflexões da voz, pausas e mesmo o silêncio, segundo o ritmo da ação que se desenrola diante do espectador e de acordo com as imposições, necessidades e recursos dos demais elementos cênicos: iluminação, cenários, sonoplastia etc.

54.

(1) A divulgação de notícias é apenas a primeira das funções da imprensa, que, além disso, veicula

e forma opiniões e dá a medida exata em que se pratica a liberdade de expressão numa sociedade.

(2) De específico em relação ao rádio e à televisão, desempenha um papel fixador da linguagem, já que registra, as inovações da fala muito antes da literatura e dos dicionários.

(3) Como veículo escrito cujos termos mais se aproximam do coloquial, espelha fielmente o nível cultural do público a que se dirige, e o êxito ou fracasso do sistema educacional de um país.

(4) Imprensa é o meio de comunicação de massa formado pelo conjunto de publicações periódicas (jornais e revistas) que divulgam informações, imagens e opiniões sobre o que acontece na cidade, no país, e no mundo.

(5) Uma das primeiras publicações de que se tem registro, foi o pao, que difundia notícias da corte chinesa entre os servidores civis e circulou durante mais de mil anos (de 618 a 1911).

55. (UnB/CESPE) Assinale a opção cujo fragmento <u>não</u> está pontuado corretamente.

a. ( ) "O nosso sol era a cidade que todos nós íamos construindo, levantando, erguendo, e o sol já existia em nosso desejo e em nossa esperança."(Juscelino Kubitschek de Oliveira)

b. ( )"Mas da próxima vez que eu for a Brasília, eu trago uma flor do cerrado pra você." (Caetano Veloso)

c. ( ) "A nova capital abre novos horizontes à pátria, desvenda as nossas inexploradas riquezas, integra o Brasil em si mesmo." (Ernesto Silva)

d. ( )"Brasília é sede política da primeira civilização tropical." (Sérgio Bernardes)

e. ( ) "Agora conheço tua geografia, a pele macia cidade menina teu sexo teu lago tua simetria até qualquer dia te amo Brasília." (Alceu Valença)

56. (UnB/CESPE) Analise os itens abaixo quanto à pontuação.

I - A devastação, na opinião dos cientistas, ainda não causou a extinção de muitas espécies animais; atingiu, todavia, grande parte dos principais exemplares da vegetação típica do cerrado.

II - A rápida substituição, de animais e plantas típicas da região, por outras a ela estranhas, está alterando as características de sua fauna e flora autóctones.

III - Especialistas da Universidade de Brasília propõem medidas para a conservação de aproximadamente sessenta mil espécies animais, além de várias espécies de plantas, hoje existentes na região.

IV - Os maçaricos, por exemplo, são migradores de grandes distâncias; não se reproduzem ali, mas se alimentam no cerrado.

V - Quanto aos outros habitantes deste ecossistema, a maioria deles se refugia nas margens dos rios, porque são inacessíveis ao homem: devido às cobras e aos pântanos. É ali que se reúnem as urutus, as sucuris, as jiboias; cascavéis e jararacuçus.

Estão certos apenas os itens:

(a) I, II e V.
(b) I, III e IV.
(c) I, IV e V.
(d) II, III e IV.
(e) II, III e V

57. (UnB/CESPE) Assinale a opção em que a pontuação está <u>correta</u>.

(a) Em abril, cientistas australianos revelaram ter identificado a causa de uma infecção misteriosa que, em 1994, matara muitos cavalos e seus treinadores.
(b) O agente era um novo vírus, de uma família, que incluía, o vírus do sarampo, e o organismo responsável pela cinomose canina.

(c) Uma epidemia do vírus ebola na África, levantou a questão dos perigos potenciais dessas novas formas de vírus, que causam doenças mortais e virtualmente incuráveis em seres humanos e animais.
(d) Entre janeiro e abril, 189 pessoas no sudeste do Zaire desenvolveram, uma grave doença cujos sintomas eram febre, vômito e diarreia com perda de sangue.
(e) Em 1889, uma doença fatal entre macacos procedentes das Filipinas, mantidos em laboratórios americanos fora relacionada ao vírus ebola.

NÍVEL 2 - DE OLHO NOS CONCURSOS

UnB/CESPE – SEPLAG/DETRAN (Cargo 15: Auxiliar de Trânsito)

Os acidentes de trânsito representam uma das principais causas externas de morte no Brasil — só não ultrapassam os homicídios. De acordo com a publicação Saúde Brasil 2007, **divulgada pelo Ministério da Saúde**, 35.155 pessoas morreram em 2006 por causa da violência no trânsito.

As mortes, de acordo com a pesquisa, concentraram-se em homens com idade entre 20 e 59 anos, residentes em municípios de pequeno porte populacional. No caso de atropelamentos, o risco de morte foi maior entre os idosos; para ocupantes de veículos, o risco foi maior para o grupo de 20 a 59 anos. Entre os motociclistas, o risco concentra-se na faixa de 20 a 29 anos.

As regiões Centro-Oeste e Sul apresentaram os maiores riscos de morte por acidente de trânsito. Na região Centro-Oeste, registrou-se, segundo o ministério, o maior risco de morte para acidentes que envolvem motociclistas e ocupantes de veículo. Já o maior risco de morte por atropelamento foi registrado na região Norte. Santa Catarina, Mato Grosso e Paraná foram os estados que

apresentaram as maiores taxas de morte provocadas pela violência no trânsito.

O *ranking* de óbitos, de acordo com o estudo, é liderado pelos atropelamentos de pedestres, com o total de 27,9% dos casos — a maioria deles entre idosos, pessoas com idade igual ou superior a 60 anos e crianças. Em segundo lugar, estão os ocupantes de automóveis, com 21%, e, em terceiro, os motociclistas, com 19,8%. Dados da publicação apontam que os motociclistas mortos no trânsito saltaram de 300, em 1990, para quase 7 mil, em 2006.

Internet: <www.detran.sp.gov.br> (com adaptações).

Em relação ao texto acima, julgue o item que se segue.

1. O trecho "divulgada pelo Ministério da Saúde" está entre vírgulas porque constitui oração subordinada adjetiva explicativa.

UnB/CESPE - SEPLAG/DETRAN (Cargo 15: Auxiliar de Trânsito)

O levantamento concluído pelo Instituto Médico Legal (IML) aponta, após a implantação da Lei de Embriaguez ao Volante, uma redução de 63% nas mortes ocasionadas por acidente de trânsito em São Paulo.

No levantamento realizado pelo IML, são comparadas as três primeiras semanas de **junho**, período que antecedeu a chamada **Lei Seca**, com as três semanas posteriores. Na primeira fase, a média é de 11,7 mortos na quinta, sexta, sábado e domingo de cada semana. Depois da implantação da Lei Seca, a média cai para 4,3 mortos em acidentes de trânsito.

A pesquisa foi feita nesses quatro dias de cada semana, pois é o período em que é mais frequente a associação de álcool e direção com o aumento do número de acidentes registrados.

Internet: <www.detran.sp.gov.br>

Com base no texto acima, julgue o item a seguir.

2. O emprego de vírgula após "junho" e "Lei Seca" justifica-se porque isola oração subordinada adjetiva restritiva.

ESAF/ANA

Os rios e lagos **que banham mais de uma unidade da federação** e as águas armazenadas em reservatórios de propriedade federal são de domínio da União. Nesses casos, a outorga é emitida pela Agência Nacional de Águas (ANA). Os demais rios, lagos, reservatórios e as águas subterrâneas são de domínio estadual ou distrital, sendo a outorga emitida pela respectiva autoridade local.

(José Machado http://www.ana.gov.br/SalaImprensa/artigos/ set.2008.pdf)

3. O segmento "que banham mais de uma unidade da federação" é uma **oração adjetiva restritiva**.

UnB/CESPE - IRBr (Admissão à Carreira de Diplomata) Teste de Pré-Seleção

As três almas do poeta

Ênio, poeta latino do século II a. C., falava três línguas: o grego, que ele tinha aprendido por ser, na época, a língua de cultura dominante no sul da Itália; o latim, em que escreveu suas obras; e o osco (uma língua aparentada com o latim), que era, com toda a probabilidade, sua língua nativa. O mais provável é que o latim fosse usado nas relações com as autoridades romanas; o grego, nas grandes cidades; e o osco, nas regiões rurais. E Ênio, que sabia as três, costumava dizer que tinha "três almas".

É curioso observar que ele exprimiu com isso uma coisa muito importante relativa ao conhecimento de uma língua: não se trata simplesmente de "uma outra maneira de dizer as coisas" (*table* em vez de mesa, *te*

quiero em vez de eu te amo), mas de outra maneira de entender, de conceber, talvez mesmo de sentir o mundo.

4. Há, no primeiro parágrafo, quatro orações subordinadas de natureza explicativa.

ESAF/Auditor Fiscal da Receita Federal

Todo homem, como membro da sociedade, tem o direito à segurança social e à realização, pelo esforço nacional, pela cooperação internacional e de acordo com a organização e recursos de cada estado, dos direitos econômicos, sociais e culturais indispensáveis à sua dignidade e ao livre desenvolvimento de sua personalidade.

(Artigo XXII da Declaração Universal dos Direitos Humanos)

5. O artigo acima está organizado em apenas um período sintático. Assinale a opção que o reescreve em dois períodos sintáticos, preservando as relações semânticas entre as ideias originais.

   a) Como membro da sociedade, todo homem tem direito à realização de sua dignidade e ao desenvolvimento de sua personalidade. Tudo isso de acordo com o esforço nacional, a cooperação internacional e a organização de recursos de cada estado.

   b) Todo homem membro da sociedade tem o direito à segurança social e à realização, pelo esforço nacional, pela cooperação internacional e de acordo com a organização e recursos de cada estado, dos direitos econômicos, sociais e culturais indispensáveis à sua dignidade. Tem também direito ao livre desenvolvimento de sua personalidade.

   c) Já que membro da sociedade, todo homem tem direito à segurança social e à realização e ao livre desenvolvimento de sua personalidade; seja pelo esforço nacional, pela cooperação internacional ou de acordo com a organização e recursos de cada

estado, dos direitos econômicos, sociais e culturais indispensáveis à sua dignidade.

d) Todo homem, como membro da sociedade, tem o direito à segurança social e à realização dos direitos econômicos, sociais e culturais indispensáveis à sua dignidade e ao livre desenvolvimento de sua personalidade. Isso se dá pelo esforço nacional, pela cooperação internacional ou de acordo com a organização e recursos de cada estado.

e) Ao ser considerado membro da sociedade, todo homem tem o direito à segurança social e à realização — pelo esforço nacional, pela cooperação internacional e de acordo com a organização e recursos de cada estado, dos direitos econômicos, sociais e culturais indispensáveis à sua dignidade — e ao livre desenvolvimento de sua personalidade.

UnB/CESPE - CBMDF (Seleção Interna - Curso de Formação de Sargentos)

O Código de Defesa do Consumidor (CDC) não veda a comercialização de produtos usados com vida útil reduzida, assim como não proíbe a venda de produtos com pequenos defeitos. (...) Como exemplo, imagine-se a compra de uma camisa mais barata, justamente por apresentar um problema na costura, e que, posteriormente, logo após a primeira lavada, perca a sua cor original. O consumidor, nesse caso, pode reclamar, **pois** a perda da cor não se vincula ao problema com a costura.

Correio Braziliense. "Direito & Justiça", Direitos do Consumidor, 30/10/2006, p. 6.

6. A vírgula antes de "pois" introduz uma oração adjetiva explicativa.

UnB/CESPE/IBAMA (Cargo: Analista Ambiental)

Reparação duas décadas depois

Francisco Alves Mendes Filho ainda não era um mito da luta contra a devastação da Amazônia quando foi preso, em 1981, acusado de subversão e incitamento à luta de classes no Acre, em plena ditadura militar. Chico Mendes se tornaria mundialmente conhecido, dali para a frente, por comandar uma campanha contra a ação de grileiros e **latifundiários**, responsáveis pela destruição da floresta e pela escravização do caboclo amazônico. Por isso mesmo foi assassinado, em 22 de dezembro de 1988, na porta de casa, em Xapuri. O crime, cometido por uma dupla de fazendeiros, foi punido com uma sentença de 19 anos de cadeia para cada um. Faltava reparar a injustiça cometida pelos militares. (...)

O caso de Chico Mendes foi relatado pela conselheira Sueli Bellato. Emocionada, ela disse ter lido muito sobre o seringueiro morto para, então, encadear os argumentos que a fizeram acatar o pedido de reconhecimento e indenização interposto por Izalmar Mendes. Chico Mendes foi vereador em Xapuri, **onde** nasceu, e se firmou como crítico de projetos governamentais de graves consequências ambientais, como a construção de estradas na região amazônica.

Leandro Fortes. Internet: <www.cartacapital.com.br> (com adaptações)

Considerando aspectos linguísticos do texto Reparação duas décadas depois, julgue os itens a seguir.

7. O emprego da vírgula após "latifundiários" justifica-se por isolar o termo explicativo.
8. O termo "onde" introduz oração adjetiva de sentido explicativo.

UnB/CESPE – SEPLAG/DETRAN

O levantamento concluído pelo Instituto Médico Legal (IML) aponta, após a implantação da Lei de Embriaguez ao Volante, uma redução de 63% nas mortes ocasionadas por acidente de trânsito em São Paulo.

No levantamento realizado pelo IML, são comparadas as três primeiras semanas de junho, período que antecedeu a chamada Lei Seca, com as três semanas posteriores. Na primeira fase, a média é de 11,7 mortos na quinta, sexta, sábado e domingo de cada semana. Depois da implantação da Lei Seca, a média cai para 4,3 mortos em acidentes de trânsito.

A pesquisa foi feita nesses quatro dias de cada semana, pois é o período em que é mais frequente a associação de álcool e direção com o aumento do número de acidentes registrados.

Internet: <www.detran.sp.gov.br>.

Com base no texto acima, julgue o item a seguir.

1. O termo "pois" estabelece uma relação de condição no período.

ESAF/ANA

2. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

Havia um sério conflito pelo uso das águas da bacia do Rio Piracicaba ___1___ população da própria bacia (cerca de 4 milhões de habitantes) e a da Região Metropolitana de São Paulo (cerca de 18 milhões de habitantes). Parcela significativa do abastecimento da capital paulista é suprida ___2___ água da bacia do Rio Piracicaba, ___3___Sistema Cantareira (transposição de águas da bacia, por meio de reservatórios e túneis até a Região Metropolitana de São Paulo). Tal intervenção hidráuli-

ca na bacia era desprovida de critérios de uso da água ___4___ contemplassem as necessidades da população local. A ação reguladora da ANA se deu ___5___ definição de critérios técnicos operacionais e de outorga.

(José Machado http://www.ana.gov.br/SalaImprensa/artigos/ set.2008.pdf)

	1	2	3	4	5
a)	da	na	pelo	pelos quais	com a
b)	pela	da	com o	os quais	da
c)	com a	pela	no	cujos	na
d)	entre a	com	por meio do	que	pela
e)	na	de	do	se	cuja

ESAF/ANA

No Brasil, o problema de viabilidade econômica do investimento público torna-se ainda mais agudo, devido à elevada parcela de população de baixa renda. **No entanto**, vale ressaltar que a água de qualidade também é um fator de exclusão social, **uma vez que** a população de baixa renda dificilmente tem condições de comprar água de qualidade para beber ou até mesmo de pagar assistência médica para remediar as doenças de veiculação hídrica, decorrentes da ausência de saneamento básico.

3. Mantém-se a correção gramatical do período se a conjunção "No entanto" for substituída por qualquer uma das seguintes: **Porém, Todavia, Entretanto, Contudo.**
4. Estaria gramaticalmente correta a substituição de "uma vez que" por **porquanto**.

ESAF/ANA

Julgue se os itens estão gramaticalmente corretos.

5. O Fórum de Águas das Américas visa diagnosticar a política e a gestão da água na América e propor políticas adequadas para enfrentar os desafios globais relacionados à água, entre cujos as mudanças climáticas e o crescimento da população mundial.

6. O marco definiu um compromisso de entrega de água pela Paraíba conquanto o Rio Grande do Norte, estabelecendo quotas máximas de uso de água por finalidade e por trecho de rio.

UnB/CESPE/PCES (Cargo: Agente de Polícia Civil)

Muitos pais querem saber que atitudes tomar quando o filho se desentende com amigos ou colegas, quando chega em casa com marcas de briga, quando tem o costume de dirigir palavrões aos outros etc.

Nesses casos, vale mais desvalorizar o fato que procurar saber quem tinha razão. Se houve briga, foi porque todos participaram, **portanto** ninguém pode estar certo.

Se nos dedicarmos a ensinar aos mais novos, em família e na escola, que, para conviver, é preciso ter consideração com o outro, relevar e fazer concessões, eles aprenderão melhor a controlar seus impulsos em favor do equilíbrio da vida em grupo.

*Rosely Sayão. **Brigas e desentendimentos**. In: **Folha de S.Paulo**. "Equilíbrio", 13/11/2008.*

Com relação ao texto acima, julgue o item.

7. A conjunção "portanto" atribui à oração "ninguém pode estar certo" o sentido de causa.

FGV/Prefeitura Municipal de Campinas – Secretaria Municipal de Educação (Cargo: Professor Adjunto II – Português)

Relembremos Pierre Levy: "ainda que as pessoas aprendam em suas experiências profissionais e sociais, **ainda que** a escola e a universidade estejam perdendo progressivamente seu monopólio de criação e transmissão do conhecimento, os sistemas de ensino públicos podem ao menos dar-se por nova missão a de orientar os percursos individuais no saber e contribuir para o reconhecimento do conjunto de *know-how* das pessoas, inclusive os saberes não-acadêmicos.

8. O termo grifado no trecho acima não pode ser substituído por:

(A) embora.
(B) não obstante.
(C) conquanto.
(D) porquanto.
(E) mesmo que.

FGV/Prefeitura Municipal de Campinas – Secretaria Municipal de Educação (Cargo: Professor Adjunto II – Português)

"Independente de querermos ou não, a cultura de rede está rompendo as sólidas estruturas concretadas desde a modernidade. Não podemos mais explicar o mundo a partir da ótica cartesiana. Descartes não dá mais conta de atender à complexidade do caos. As relações em rede formam multidões que atuam sem controle central, na concretude de um outro paradigma. Ninguém sabe aonde essa transformação vai chegar. Mas sabemos que nada será como antes."

9. Uma das frequentes dificuldades no uso da língua reside na opção entre o uso do onde e do aonde, grifado na frase acima. Assinale a opção em que não se tenha empregado a forma correta.

(A) As escolas onde estivemos estavam bem conservadas.
(B) Estivemos naquela cidade onde se deu o encontro de professores.
(C) Sabemos onde nossos projetos pretendem chegar.
(D) A nossa preocupação era onde entregar os rela-tórios.
(E) Haveria, sempre, um lugar onde pudéssemos descansar nossas angústias.

UnB/CESPE - PM/SE (Posto: 1º Tenente - Área: Médico)

A descoberta da ambição

Da ambição se pode dizer que é uma força que, ao contrário da liberdade, não termina onde a do outro começa. O ambicioso não enxerga o cume nem quando o atinge. O céu para ele não é o limite. Não é por outra razão que os maiores desastres humanos foram gestados pela ambição sem limites. **Em contrapartida**, os mais espetaculares saltos intelectuais, científicos e políticos trazem a assinatura de homens e mulheres ambiciosos. Os grandes feitos esportivos, as aventuras, os desbravamentos, as descobertas geográficas **que** moldaram o mundo são o resultado de corações de leão e mentes ousadas turbinadas pela ambição e bafejadas pela sorte. (...)

O que há por trás desse mistério? O que faz com que uma pessoa consiga atingir suas metas e satisfazer seus desejos — mesmo que eles pareçam absolutamente improváveis — e outras não? Que características de sua personalidade e comportamento a distinguem dos demais?

Tais questões têm intrigado psicólogos, antropólogos e cientistas, que passaram a estudar a fundo o assunto. A novidade é que houve muitos avanços e grandes descobertas. As respostas, **embora ainda não totalmente satisfatórias,** são bem mais aceitáveis do que apenas afirmar que a ambição é para poucos.

Os conectores são elementos que, além de permitirem o processo de coesão textual, fazem isso estabelecendo a relação de sentido entre as ideias. Nesse sentido, assinale a opção correta, considerando o comportamento sintático-semântico dos elementos de ligação do texto.

10. A expressão "Em contrapartida" apresenta valor sintático-semântico de um conector, pois, além da

função de ligar duas ideias, estabelece relação de sentido entre elas, no caso de oposição.

11. O conector "**que**" pode ser substituído por **as quais** pelo fato de estar relacionado semanticamente apenas a "descobertas geográficas".
12. O conector "**que**" apresenta valor causal.
13. A passagem "embora ainda não totalmente satisfatórias" tem valor condicional.

UnB/CESPE/Auditoria-Geral - MG (cargo: Auditor Interno, Nível I-A)

Não menos temeroso é o conhecimento que se transmite por gerações por meio da arte. Partindo da premissa de que a arte imita a vida e, por consequência, reinventa a realidade, na medida em que a vida também imita a arte, por certo que perpetuar visões e conceitos mal fundamentados (a despeito de eventuais boas intenções) também representa que o artista acaba sendo, igualmente, um difusor de informações e ideias **cuja confiabilidade é relativa**.

*Obed de Faria Junior. A **verdade de cada um**. Internet: <recantodasletras.uol.com.br> (com adaptações).*

14. Assinale a opção de reescrita que preserva as relações semânticas entre os elementos da seguinte oração do texto: "cuja confiabilidade é relativa".

(A) dos quais têm confiabilidade relativa
(B) de confiabilidade relativa
(C) para confiabilidade relativa
(D) em que confiabilidade relativa
(E) no qual tem relativa confiabilidade

UnB/CESPE/IBAMA (Cargo: Analista Ambiental)

Reparação duas décadas depois

Francisco Alves Mendes Filho ainda não era um mito da luta contra a devastação da Amazônia quando foi preso, em 1981, acusado de subversão e incitamento à

luta de classes no Acre, em plena ditadura militar. Chico Mendes se tornaria mundialmente conhecido, dali para a frente, por comandar uma campanha contra a ação de grileiros e latifundiários, responsáveis pela destruição da floresta e pela escravização do caboclo amazônico. Por isso mesmo foi assassinado, em 22 de dezembro de 1988, na porta de casa, em Xapuri. O crime, cometido por uma dupla de fazendeiros, foi punido com uma sentença de 19 anos de cadeia para cada um. Faltava reparar a injustiça cometida pelos militares.

E ela veio na quarta-feira 10, no palco do Teatro Plácido de Castro, em Rio Branco, na forma de uma portaria assinada pelo ministro da Justiça, Tarso Genro. **Antes, porém, realizou-se uma sessão de julgamento da Comissão de Anistia, cujo resultado foi o reconhecimento, por unanimidade, da perseguição política sofrida por Chico Mendes no início dos anos 80 do século passado.** A viúva do líder seringueiro, Izalmar Gadelha Mendes, vai receber uma pensão vitalícia de 3 mil reais mensais, além de indenização de 337,8 mil reais. (...)

O caso de Chico Mendes foi relatado pela conselheira Sueli Bellato. Emocionada, ela disse ter lido muito sobre o seringueiro morto para, então, encadear os argumentos que a fizeram acatar o pedido de reconhecimento e indenização interposto por Izalmar Mendes. Chico Mendes foi vereador em Xapuri, onde nasceu, e se firmou como crítico de projetos governamentais de graves consequências ambientais, como a construção de estradas na região amazônica.

No relatório, aprovado por unanimidade, a conselheira contou detalhes da vida de Chico Mendes, da infância pobre nos seringais ao dia em que foi assassinado. Segundo Sueli Bellato, a atuação de Mendes contra grileiros e latifundiários rendeu, durante a ditadura, um arquivo de 71 páginas redigidas por agentes do antigo Serviço Nacional de Informações (SNI). Foi por participar de um ato público, em 1980, que Chico Mendes passou a ser fichado e perseguido pelos militares. Em Rio Branco,

o seringueiro fez um discurso exaltado contra a violência no campo provocada pelos fazendeiros.

Na época, Chico Mendes foi enquadrado na Lei de Segurança Nacional, acusado de "atentado contra a paz, a prosperidade e a harmonia entre as classes sociais". Preso em diversas ocasiões, só foi definitivamente absolvido em 1.º de março de 1984, quatro anos depois, portanto, de iniciadas as perseguições. De acordo com a conselheira Sueli Bellato, embora o relatório não tenha se aprofundado na questão, foi possível constatar que Chico Mendes também foi torturado enquanto estava sob custódia de policiais federais.

Leandro Fortes. Internet: <www.cartacapital.com.br> (com adaptações)

Considerando aspectos linguísticos do texto Reparação duas décadas depois, julgue os itens a seguir.

15. Os termos "portanto" e "enquanto", no último parágrafo do texto, estabelecem idênticas relações de sentido.
16. O vocábulo "cujo", destacado no texto, estabelece relação sintático-semântica entre os termos "resultado" e "Comissão de Anistia".

UnB/CESPE/PMDF/Saúde (Especialidade 3: Clínica Geral)

A leitura crítica pressupõe a capacidade do indivíduo de construir o conhecimento, sua visão de mundo, sua ótica de classe. Isso é possível através das discussões em sala, do diálogo com os professores, com outros alunos e, até mesmo, do "diálogo cognitivo" com seu objeto de conhecimento. No "diálogo cognitivo" com o objeto do conhecimento encontra-se o valor da apreensão dos conteúdos curriculares historicamente produzidos, pois não se constrói o conhecimento a partir do nada. À medida que assimila criticamente os conteúdos (momento em que entra em ação a diretividade do professor, selecionando, sistematizando e apresentando os conteúdos), o aluno realiza o diálogo cognitivo com seu objeto. A assimilação

crítica ocorre quando os conteúdos são confrontados com os dados da realidade empírica, quando são historicizados, relativizados no contexto que os gerou, remetidos às suas condições de produção, quando são apreendidos através da relação, tão conhecida na obra de Freire, entre leitura da palavra e leitura do mundo.

Aparecida de Fátima Tiradentes dos Santos. Desigualdade social e dualidade escolar: conhecimento e poder em Paulo Freire e Gramsci. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 89.

Em relação ao texto acima, julgue o item a seguir.

17. O conectivo "À medida que" liga orações e estabelece entre elas relação semântica que poderia ser expressa pelo conectivo **Enquanto**.

NÍVEL 4 - DE OLHO NOS CONCURSOS

UnB/CESPE - SEPLAG/DETRAN (Cargo 15: Auxiliar de Trânsito)

Ao longo da segunda metade do século XIX, época da introdução das ferrovias no Brasil, uma sucessão de planos de viação foi apresentada aos governos, todos eles descartando as rodovias como principal instrumento de integração e colocando ênfase nas vias férreas e na navegação fluvial e marítima como a solução para os problemas do isolamento a que ainda se viam submetidas as regiões brasileiras. O estudo do engenheiro militar Eduardo José de Moraes, apresentado ao governo imperial em 1869, continha ambicioso projeto de aproveitamento de vários rios brasileiros. O seu trabalho, intitulado "Navegação Interior no Brasil", destacava as enormes potencialidades das bacias hidrográficas brasileiras, prevendo a implantação de uma ampla rede de navegação fluvial, que facilitaria as comunicações dos mais remotos pontos do país entre si, por meio da construção de canais, eclusas e outras obras de engenharia. O plano, além de enfatizar o aproveitamento das vias interiores de navegação, preconizava, ainda, a integração

do sistema fluvial com as ferrovias e com a navegação de cabotagem, por meio da construção de três grandes estradas de ferro conectando os portos do Rio de Janeiro, de Salvador e de Recife com as bacias — tudo isso de uma forma harmônica e coordenada. A implementação desses planos e de outros que se seguiram terminou constituindo não mais do que uma aspiração não concretizada de grandes estadistas brasileiros do século XIX.

Olímpio J. de Arroxelas Galvão. In: Internet: <www.ipea.go v.br>.

Com base nesse texto, julgue os próximos itens.

1. A vírgula empregada após "Rio de Janeiro" separa elementos de mesma função sintática componentes de uma enumeração.
2. De acordo com a norma culta da língua portuguesa, as vírgulas depois de "século XIX" e de "Brasil" (primeiro período) são obrigatórias.

Considerando que os fragmentos apresentados nos itens seguintes são trechos sucessivos e adaptados de um texto publicado na Folha de S.Paulo em 11/11/2008, julgue-os quanto à correção gramatical de cada um deles.

3. Na madrugada de ontem, uma caminhonete chegou a delegacia de investigações sobre entorpecentes, em Botucatú. Um grupo de oito homens sairam do veículo, arrombaram uma das portas e invadiram a delegacia.
4. O grupo levou armas, drogas e destruiu arquivos. Artefatos esplosivos foram detonados no interior do predio. Pouco antes, vizinhos contam, que ouviram o barulho de um carro saindo.
5. Ao menos dois carros, que estavam no estacionamento, e uma casa da vizinhança foram atingidos. Não houve feridos.

UnB/CESPE/Auditoria-Geral – MG (cargo: Auditor Interno, Nível I-A)

Nas inter-relações pessoais, é inconteste que cada um dá sua própria versão dos fatos e da vida, segundo suas particulares experiências e com base na formação que tenha acumulado ao longo de sua existência. Cada indivíduo, assim, é um ser único, que vislumbra as ocorrências **à sua volta** e dá tratamento específico **às informações** e ao conhecimento que tenha condições de absorver.

Da mesma forma, mesmo os registros históricos oficiais, como se sabe há muito, são somente a versão dos que venceram e portanto, invariavelmente omitem ou distorcem as razões, os motivos e as realizações dos que foram vencidos.

Não menos temeroso é o conhecimento que se transmite por gerações por meio da arte. Partindo da premissa de que a arte imita a vida e, por consequência, reinventa a realidade, na medida em que a vida também imita a arte, por certo que perpetuar visões e conceitos mal fundamentados (a despeito de eventuais boas intenções) também representa que o artista acaba sendo, igualmente, um difusor de informações e ideias cuja confiabilidade é relativa.

Em suma, toda e qualquer avaliação da realidade passa, necessariamente, pelas impressões pessoais de quem a avalia.

*Obed de Faria Junior. **A verdade de cada um.** Internet: <recantodasletras.uol.com.br> (com adaptações).*

Julgue o uso de estruturas linguísticas no texto.

6. O uso do sinal indicativo de crase em "à sua volta" e "às informações" indica que essas expressões são dois complementos do predicado iniciado pelo verbo **vislumbrar**.

UnB/CESPE/Auditoria-Geral – MG (cargo: Auditor Interno, Nível I-A)

A cultura é como uma lente através da qual o homem vê o **mundo**. Homens de culturas diferentes usam lentes diversas, portanto, têm visões desencontradas das coisas. **Por exemplo**, a floresta amazônica não passa para o antropólogo **— desprovido de um razoável conhecimento de botânica —** de um amontoado confuso de árvores e arbustos dos mais variados tamanhos e com uma imensa variedade de tonalidades verdes. A visão que um índio tupi tem desse mesmo cenário é totalmente diversa: cada um desses vegetais tem um significado qualitativo e uma referência espacial. A nossa herança **cultural**, desenvolvida através de inúmeras **gerações**, sempre nos condicionou a reagir depreciativamente em relação ao comportamento daqueles que agem fora dos padrões aceitos pela maioria da comunidade.

*Roque de Barros Laraia, **Cultura: um conceito antropológico**, RJ: Jorge Zahar, 2003, p. 67 (com adaptações).*

7. Desconsiderando possíveis ajustes nas letras maiúsculas e minúsculas, assinale a alteração incorreta nos sinais de pontuação do texto.

(A) Substituição das vírgulas depois de "cultural" e de "gerações" por travessões.

(B) Substituição do ponto depois de "mundo" pelo sinal de dois-pontos.

(C) Substituição da vírgula depois de "Por exemplo" pelo sinal de ponto e vírgula.

(D) Substituição do duplo travessão que demarca a informação iniciada por "desprovido" pelos sinais de parênteses.

(E) Substituição do sinal de dois-pontos depois de "diversa" pelo sinal de ponto-e-vírgula.

UnB/CESPE/IBAMA (Cargo: Analista Ambiental)

Reparação duas décadas depois

Francisco Alves Mendes Filho ainda não era um mito da luta contra a devastação da Amazônia quando foi preso, em 1981, acusado de subversão e incitamento **à luta de classes** no Acre, em plena ditadura militar. Chico Mendes se tornaria mundialmente conhecido, dali para a frente, por comandar uma campanha contra a ação de grileiros e latifundiários, responsáveis pela destruição da floresta e pela escravização do caboclo **amazônico**. Por isso mesmo foi assassinado, em 22 de dezembro de 1988, na porta de casa, em Xapuri. O crime, **cometido por uma dupla de fazendeiros**, foi punido com uma sentença de 19 anos de cadeia para cada um. Faltava reparar a injustiça cometida pelos militares.

E ela veio na quarta-feira 10, no palco do Teatro Plácido de Castro, em Rio Branco, na forma de uma portaria assinada pelo ministro da Justiça, Tarso Genro. Antes, porém, realizou-se uma sessão de julgamento da Comissão de Anistia, cujo resultado foi o reconhecimento, por unanimidade, da perseguição política sofrida por Chico Mendes no início dos anos 80 do século passado. A **viúva** do líder seringueiro, Izalmar Gadelha Mendes, vai receber uma pensão vitalícia de 3 mil reais mensais, além de indenização de 337,8 mil reais.

Leandro Fortes. Internet: <www.cartacapital.com.br> (com adaptações)

Considerando aspectos linguísticos do texto Reparação duas décadas depois, julgue os itens a seguir.

8. O emprego do sinal indicativo de crase em "à luta de classes" justifica-se pela regência dos termos "subversão" e "incitamento" e pelo gênero do substantivo "classe".
9. As palavras "amazônico" e "viúva" acentuam-se de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.
10. Em "O crime, **cometido por uma dupla de fazendeiros**, foi punido com uma sentença de 19 anos de

cadeia para cada um" a oração destacada está entre vírgulas em virtude de seu caráter explicativo.

UnB/CESPE/PMDF/Saúde (Especialidade 3: Clínica Geral)

A leitura crítica pressupõe a capacidade do indivíduo de construir o conhecimento, sua visão de mundo, sua ótica de classe. Isso é possível através das discussões em sala, do diálogo com os professores, com outros alunos e, até mesmo, do "diálogo cognitivo" com seu objeto de conhecimento. No "diálogo cognitivo" com o objeto do conhecimento encontra-se o valor da apreensão dos conteúdos curriculares historicamente produzidos, pois não se constrói o conhecimento a partir do nada. **À medida que assimila criticamente os conteúdos (momento em que entra em ação a diretividade do professor, selecionando, sistematizando e apresentando os conteúdos), o aluno realiza o diálogo cognitivo com seu objeto.** A assimilação crítica ocorre quando os conteúdos são confrontados com os dados da realidade empírica, quando são historicizados, relativizados no contexto que os gerou, remetidos **às** suas condições de produção, quando são apreendidos através da relação, tão conhecida na obra de Freire, entre leitura da palavra e leitura do mundo.

Aparecida de Fátima Tiradentes dos Santos. Desigualdade social e dualidade escolar: conhecimento e poder em Paulo Freire e Gramsci. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 89.

Em relação ao texto acima, julgue os itens a seguir.

11. O termo "**às**" pode, sem prejuízo para a correção gramatical do período, ser substituído por **a**.
12. Em "À medida que assimila criticamente os conteúdos (momento em que entra em ação a diretividade do professor, selecionando, sistematizando e apresentando os conteúdos), o aluno realiza o diálogo cognitivo com seu objeto", se os parênteses forem substituídos por travessões, a vírgula posposta será desnecessária.

UnB/CESPE - SEPLAG/DETRAN/DF
[Conhecimentos Básicos e Conhecimentos Complementares (para os cargos de 1 a 3 e de 5 a 14)]

A qualidade do ambiente urbano torna-se, cada vez mais, uma destacada fonte de cobrança da população sobre seus governantes. Repleta de problemas nessa área, a cidade de São Paulo experimenta, nos últimos anos, uma notável mudança de comportamento das **autoridades municipais**, que passam a incorporar o tema em suas prioridades de gestão.

Depois de ter implementado uma reforma nos passeios públicos da avenida Paulista, a prefeitura, agora, promove uma *blitz* com o fito de acabar com as diversas formas de invasão da calçada naquela via. Rampas de garagem, escadarias e jardins se apropriam, sem mais, de um espaço reservado ao pedestre.

Construções e usos de interesse particular desrespeitam sistematicamente os códigos de obra e as leis de ocupação do solo. Invadem o espaço público, e o resultado é uma cidade de edificação monstruosa e hostil ao transeunte.

É preciso, portanto, que o espírito da *blitz* na avenida Paulista seja estendido para toda a cidade.

Uma série de pesquisas realizadas, no ano passado, pelo Datafolha, revelou fatias surpreendentemente elevadas de pessoas **que**, nas diversas regiões da **cidade**, costumam caminhar até o trabalho.

No Bom Retiro, por exemplo, 64% dos moradores vão a pé de casa até o emprego. Mas basta percorrer essa e outras áreas do centro — **onde, compreensivelmente, mais se caminha** — para notar o estado precário das calçadas e as constantes irregularidades.

O transtorno que esse problema representa no cotidiano dos cidadãos — que se torna dramático no caso

de idosos e deficientes físicos — requer uma resposta abrangente e firme da prefeitura.

Folha de S.Paulo. Editorial, 8/1/2009 (com adaptações)

Em relação ao texto acima, julgue os itens a seguir.

1. O emprego de vírgula após "**autoridades municipais**" justifica-se porque antecede oração subordinada adjetiva explicativa.
2. As vírgulas após as palavras "**que**" e "**cidade**" foram empregadas para se isolar adjunto adverbial de lugar deslocado.
3. A substituição de travessões por vírgulas em "onde, compreensivelmente, mais se caminha" manteria a correção gramatical do período e suas informações originais.

UnB/CESPE - SEPLAG/DETRAN (Cargo 15: Auxiliar de Trânsito)

O levantamento concluído pelo Instituto Médico Legal (IML) **aponta**, após a implantação da Lei de Embriaguez ao **Volante**, uma redução de 63% nas mortes ocasionadas por acidente de **trânsito** em São Paulo.

No levantamento realizado pelo IML, são comparadas as três primeiras semanas de **junho, período que antecedeu a chamada Lei Seca**, com as três semanas posteriores. Na primeira fase, a média é de 11,7 mortos na quinta, sexta, sábado e domingo de cada semana. Depois da implantação da Lei Seca, a média cai para 4,3 mortos em acidentes de trânsito.

A pesquisa foi feita nesses quatro dias de cada semana, pois é o período em que é mais frequente a associação de álcool e direção com o aumento do número de acidentes registrados.

Internet: <www.detran.sp.gov.br>.

Com base no texto acima, julgue os itens a seguir.

4. O emprego de vírgulas após as palavras "aponta" e "Volante" indica que o adjunto adverbial de tempo está deslocado na oração.
5. Após a palavra "trânsito", não se emprega vírgula porque o adjunto adverbial de lugar está em sua posição lógica na oração.
6. O emprego de vírgula após "junho" e "Lei Seca" justifica-se porque isola oração subordinada adjetiva restritiva.

UnB/CESPE/PCES (Cargo: Agente de Polícia Civil)

Muitos pais querem saber que atitudes tomar quando o filho se desentende com amigos ou colegas, quando chega em casa com marcas de briga, quando tem o costume de dirigir palavrões aos outros etc.

Nesses casos, vale mais desvalorizar o fato do que procurar saber quem tinha razão. Se houve briga, foi porque todos participaram, portanto ninguém pode estar certo.

Se nos dedicarmos a ensinar aos mais novos, **em família e na escola**, que, para conviver, é preciso ter consideração com o outro, relevar e fazer concessões, eles aprenderão melhor a controlar seus impulsos em favor do equilíbrio da vida em grupo.

Rosely Sayão. Brigas e desentendimentos. In: ***Folha de S.Paulo****. "Equilíbrio", 13/11/2008.*

Com relação ao texto acima, julgue o item.

7. A expressão "em família e na escola", com as vírgulas que a intercalam, poderia ser transposta, sem prejuízo da correção gramatical e sem alteração do sentido original, para as seguintes posições dentro do período: ou imediatamente após a palavra "dedicarmos", ou imediatamente após a palavra "ensinar".

8. Entre as opções a seguir, que formam em seu conjunto um texto, assinale a que não apresenta erro de pontuação.

(A) Segundo Gramsci, as várias ciências "humanas" fundadas no século XIX, como a sociologia e a psicologia seriam filosofia de não-filósofos, misturas de observação empírica e racionalizações burguesas; logo, ideologia fatalista com ares de neutralidade. O intelectual que as professa não teria via de regra, condições mentais para viver o nexo entre vontade e estrutura.

(B) Ora, tanto os técnicos, quanto os humanistas postam-se aquém dessa relação, pois, é nos polos isolados da estrutura ou do sujeito, que recai a ênfase da sua vida mental. Mas, como é possível propor a relação vontade-estrutura? Gramsci antecipa a tendência atual de acentuar o caráter, próprio da política em face da economia.

(C) Paradoxalmente, esse modo de pensar Gramsci o recebeu do seu maior adversário, Benedetto Croce que sustentou a distinção da esfera ético-prática, dando-lhe, como princípio formal a vontade. Para Croce, a vontade seria um grau consciente do nível econômico.

(D) Para Gramsci, a vontade é, não só a condição de existência da política mas, um movimento para edificar o homem livre, não se forma sem a consciência das necessidades materiais do homem oprimido. Essa consciência das necessidades é o aguilhão que faz o militante comunista, Antonio Gramsci, opor-se ao pensador liberal, Benedetto Croce.

(E) O intelectual que ignora o tecido de vínculo e violência com que se amarram as classes sociais não poderá atingir o limiar da "consciência da

necessidade", que é, por sua vez, condição para que se produza uma vontade de agir sobre as estruturas. É preciso que ele se encaminhe para uma teoria rigorosa, sem a qual os seus ímpetos de demolir estruturas poderão ser truncados pela tecnologia míope ou diluídos pelo humanismo retórico.

Trechos adaptados de Alfredo Bosi. ***Céu, inferno: ensaios de crítica literária e ideológica.*** *São Paulo: Ática, 1988, p. 242-3*

UnB/CESPE - IRBr (Admissão à Carreira de Diplomata) Teste de Pré-Seleção - Primeira Etapa

9. Entre as opções abaixo, que reproduzem períodos de um texto com a pontuação alterada, assinale a que apresenta erro de emprego da vírgula, segundo a norma gramatical.

(A) Desde o primeiro contato, Jadon admitiu a precariedade das suas relações com os companheiros de refeitório.

(B) Sem manifestar irritação ante o isolamento a que o constrangiam, conjecturava se eles não acabariam, por se tornar mais expansivos.

(C) A princípio, Jadon espreitava-os discretamente, na esperança de surpreendê-los trocando olhares ou segredos entre si.

(D) Nesse momento, talvez se estendessem em alegres diálogos, aos quais não faltariam desprimorosas alusões à sua pessoa, cuja presença deveria ser bastante desagradável para todos.

(E) Por certo, aguardaram sua saída para se atirarem, avidamente, às especialidades da casa.

ESAF/MPOG (Cargo: Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental)

As grandes empresas estatais chinesas estão em plena temporada de compras no mercado internacional. O acúmulo de quase US$ 1,5 trilhão em reservas na China não apenas mudou o jogo do financeiro interna-

cional, com mudanças de paradigma — dinheiro chinês financiando o déficit americano — como tem potencial para alterar o mapa das fusões e aquisições mundiais e também a configuração de forças em vastos setores da economia. O foco da mais recente investida dos chineses é emblemático: mineração.

A **rápida, coordenada**, cautelosa e surpreendente compra de 9% do capital da anglo-australiana Rio Tinto, **a terceira maior mineradora do mundo**, mostra uma mudança de qualidade no planejamento da investida no exterior das estatais chinesas. Até pouco tempo atrás, havia sérias dúvidas sobre a capacidade de arregimentação dessas empresas pelo governo chinês. A imagem predominante era a de que elas realizavam incursões esporádicas e oportunistas em vários mercados, sem objetivos comuns. A compra de parte do capital acionário da Rio Tinto, entretanto, passa a mostrar um alinhamento entre os interesses do Estado e os das estatais enquanto empresas, para assegurar o suprimento de *commodities* que sustente a rápida expansão econômica. Elas entraram em uma disputa de mercado para evitar que eventual monopolização de alguns setores, como o das *commodities* metálicas, traga uma indesejável elevação de preços.

(Valor Econômico, 8/02/2008)

Em relação ao texto acima, julgue os itens.

10. Os travessões, no primeiro parágrafo, podem, sem prejuízo para a correção gramatical do período, ser substituídos por parênteses.
11. O segmento "a terceira maior mineradora do mundo" está entre vírgulas porque é um aposto.
12. O emprego de vírgulas após "rápida" e "coordenada" tem a mesma justificativa gramatical.

ESAF/MPOG (Cargo: Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental)

O objetivo da Embratur é atrair mais turistas estrangeiros. Em média, segundo a empresa, eles permaneceram no Brasil 18 dias em cada viagem, em 2007, dois dias mais do que em 2006. A média geral de gastos diários, por turista, foi de US$ 91,74, mas os europeus gastaram bem mais que isso. Segundo a presidente da Embratur, aumentou em 22% o número de viagens dos turistas espanhóis ao País.

Para atrair mais turistas, é preciso oferecer não apenas mais voos e mais hotéis, o que já vem ocorrendo, mas também serviços de **qualidade**, funcionários **bilíngues**, segurança reforçada nas proximidades de hotéis, aeroportos e infraestrutura. O empenho justifica-se pelo aumento do emprego propiciado pelo turismo e da renda gerada para os mais diversos segmentos - *shopping centers*, restaurantes, cinemas, táxis, transporte especializado, farmácias.

(O Estado de S. Paulo, 6/02/2008)

Em relação ao texto, julgue o item.

13. O emprego de vírgulas após "qualidade" e "bilíngues" isola elementos de mesma função gramatical componentes de uma enumeração.

ESAF/MPOG (Cargo: Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental)

Uma conjuntura contraditória cria hoje desafios para a política econômica: de um lado, a crise bancária **americana**, que está-se transformando em recessão e terá efeitos negativos sobre a economia brasileira; de outro, o aquecimento da economia **brasileira**, que levou a um pequeno aumento da inflação. Diante dessas **evidências**, a ortodoxia e o mercado financeiro têm uma resposta única: aumentar a taxa de **juros**, acompanhando a curva dos juros no mercado futuro.

Mas estão paralisados porque sabem que a recessão americana implicará redução de investimentos e de atividade econômica no Brasil e porque o presidente **Lula**, uma vez que o risco de os empresários começarem a segurar seus investimentos é **real**, recomenda a seus auxiliares econômicos que monitorem com cuidado a economia brasileira para evitar surpresas.

*(Luiz Carlos Bresser-Pereira, **Folha de S. Paulo**, 28/01/2008)*

14. Assinale a justificativa para os sinais de pontuação que está <u>incorreta</u>.
O emprego de vírgula após

a) "americana" justifica-se porque a oração subsequente é adjetiva explicativa.
b) "juros" justifica-se porque a oração subsequente é reduzida de gerúndio.
c) "evidências" justifica-se porque isola adjunto adverbial anteposto à oração principal.
d) "brasileira" justifica-se por isolar a oração subsequente, que é adjetiva restritiva.
e) "Lula" e após "real" justifica-se porque a oração isolada é subordinada adverbial causal intercalada.

FGV/Senado Federal (Cargo: Advogado do Senado Federal)

"Esta deve ser buscada não apenas com uma ou duas ações, mas, sim, com múltiplas iniciativas, que passam pela busca de uma gestão mais eficiente, com o aproveitamento racional dos recursos, a capacitação de magistrados e servidores e a racionalização de procedimentos, por avanços na informatização do processo, de acordo com os procedimentos previstos na Lei 11.419/06, pela reforma processual e por tantas outras medidas."

15. Assinale a opção que apresente pontuação igualmente <u>correta</u> para o trecho acima.

(A) Esta deve ser buscada não apenas com uma ou duas ações, mas sim, com múltiplas iniciativas, que

passam pela busca de uma gestão mais eficiente: com o aproveitamento racional dos recursos; a capacitação de magistrados e servidores e a racionalização de procedimentos; por avanços na informatização do processo, de acordo com os procedimentos previstos na Lei 11.419/06; pela reforma processual e por tantas outras medidas.

(B) Esta deve ser buscada não apenas com uma ou duas ações, mas sim com múltiplas iniciativas, que passam pela busca de uma gestão mais eficiente: com o aproveitamento racional dos recursos; a capacitação de magistrados e servidores e a racionalização de procedimentos; por avanços na informatização do processo, de acordo com os procedimentos previstos na Lei 11.419/06; pela reforma processual; e por tantas outras medidas.

(C) Esta deve ser buscada não apenas com uma ou duas ações, mas sim com múltiplas iniciativas, que passam pela busca de uma gestão mais eficiente — com o aproveitamento racional dos recursos, a capacitação de magistrados e servidores e a racionalização de procedimentos —; por avanços na informatização do processo, de acordo com os procedimentos previstos na Lei 11.419/06; pela reforma processual; e por tantas outras medidas.

(D) Esta deve ser buscada não apenas com uma ou duas ações, mas, sim com múltiplas iniciativas, que passam pela busca de uma gestão mais eficiente — com o aproveitamento racional dos recursos, a capacitação de magistrados e servidores e a racionalização de procedimentos; por avanços na informatização do processo, de acordo com os procedimentos previstos na Lei 11.419/06; pela reforma processual; e por tantas outras medidas.

(E) Esta deve ser buscada, não apenas com uma ou duas ações mas, sim, com múltiplas iniciativas, que

passam pela busca de uma gestão mais eficiente; com o aproveitamento racional dos recursos; a capacitação de magistrados e servidores e a racionalização de procedimentos; por avanços na informatização do processo, de acordo com os procedimentos previstos na Lei 11.419/06; pela reforma processual e por tantas outras medidas.

UnB/CESPE - INPE (Cargo: Técnico)

No final da Segunda Guerra Mundial, o mundo se viu diante da bomba atômica, **a aterrorizante arma construída pelos Estados Unidos da América**. Da forma mais trágica possível, ela mostrou ao mundo o seu poder, dizimando milhares de vidas em Hiroshima e Nagasaki. A partir dessa época, ficou determinado para as lideranças mundiais que a sobrevivência de uma nação ou bloco de nações dependeria de seu avanço tecnológico e científico. A capacidade científica de um país passou a ser a medida de seu progresso e poder.

Descobrindo a História, n.º 5 (com adaptações).

Julgue o seguinte item, a respeito do texto acima.

16. A função de explicação desempenhada pela expressão "a aterrorizante arma construída pelos Estados Unidos da América" justifica a obrigatoriedade do uso da vírgula logo após "atômica".

UnB/CESPE - ABIN (Cargo 2: Agente de Inteligência)

A análise dos assuntos relativos ao Oriente Médio pelos órgãos de inteligência faz parte do esforço em acompanhar o fenômeno do terrorismo internacional, dados os frequentes enfrentamentos entre grupos radicais e a possibilidade de que simpatizantes dessas organizações extremistas possam engajar-se em ações **radicais**, fora da **região**, como forma de retaliação, contra alvos de interesse de grupos rivais ao redor do mundo, inclusive, e de forma potencial, em território brasileiro.

Paulo de Tarso Resende Paniago. O desafio do terrorismo internacional.

*In: **Revista Brasileira de Inteligência**. Brasília: ABIN, v. 3, n.º 4, set./2007, p. 38. (com adaptações).*

Com relação a aspectos linguísticos do texto acima, julgue o item.

17. As vírgulas logo após "radicais" e "região" justificam-se por isolarem expressão de caráter adverbial intercalada em uma oração.

UnB/CESPE – ABIN (Cargo 2: Agente de Inteligência)

A criação da ABIN, em 1995, proporcionou ao Estado brasileiro institucionalizar a atividade de inteligência, mediante ações de coordenação do fluxo de informações necessárias às decisões de governo, no que diz respeito ao aproveitamento de oportunidades, aos antagonismos e às ameaças, reais ou potenciais, para os mais altos interesses da sociedade e do país.

Em 2002, o Congresso Nacional, por meio da Comissão Mista de Controle das Atividades de Inteligência, promoveu o seminário "**Atividades de Inteligência no Brasil**: Contribuições para a Soberania e para a Democracia", com a participação de autoridades **governamentais**, **parlamentares**, **acadêmicos**, pesquisadores e profissionais da área de inteligência. A contribuição do evento foi significativa para o aprofundamento das discussões acerca da atividade de inteligência no Brasil.

Internet: <www.abin.gov.br> (com adaptações).

Com base no texto acima, julgue os itens que se seguem.

18. Se o sinal de dois-pontos após "Atividades de Inteligência no Brasil" fosse substituído por travessão, estaria mantida a correção gramatical do título do seminário.
19. As vírgulas após "governamentais", "parlamentares" e "acadêmicos" são empregadas por motivos gramaticais diferentes.

UnB/CESPE – ANATEL (Cargo 16: Técnico Administrativo)

Até meados do século XX, prevalecia, entre os antropólogos, a ideia de que a família nuclear era uma instituição apenas cultural. Hoje se acredita que a família nuclear tenha-se estabelecido por trazer vantagens evolutivas. Várias hipóteses apontam nesse sentido. A relação estável também ganhou espaço porque, entre humanos, criar um filho não é fácil. O bebê exige cuidados especiais por mais tempo que **outros primatas**. **Sob a ótica do pai**, estar por perto, para arranjar comida, manter as onças afastadas e garantir a sobrevivência da prole, representava uma superioridade evolutiva. Estima-se que a consolidação da família nuclear tenha deixado marcas até mesmo na anatomia e na fisiologia humanas.

Veja, 10/12/2008 (com adaptações).

Julgue o seguinte item, a respeito da organização das ideias no texto acima.

20. O desenvolvimento da argumentação e as regras gramaticais da língua portuguesa permitem que seja feita a seguinte alteração na ligação entre períodos sintáticos: (...) outros primatas; assim, sob a ótica do pai (...).

UnB/CESPE – ANATEL (Cargo 16: Técnico Administrativo)

Todos os indivíduos têm o dever de participar da vida social, procurando exercer influência sobre as decisões de interesse comum. Esse dever tem, sobretudo, dois fundamentos: **em primeiro lugar**, a vida social, necessidade básica dos seres humanos, é uma constante troca de bens e de serviços, não havendo uma só pessoa que não receba alguma coisa de outras; **em segundo lugar**, se muitos ficarem em atitude passiva, deixando as decisões para outros, um pequeno grupo, mais atuante ou mais audacioso, acabará dominando, sem resistência e

limitações. O direito e o dever da participação política são duas faces da mesma **realidade**: a natureza associativa do ser humano. Tendo necessidade de viver com os semelhantes, cada indivíduo deve ter assegurado o seu direito de influir no estabelecimento das regras de convivência.

Dalmo de Abreu Dallari. ***O que é participação política****, p. 33-8 (com adaptações).*

Com base na organização do texto acima, julgue os itens subsequentes.

21. Respeitam-se as regras gramaticais e a organização das ideias no texto ao se usar o sinal de dois-pontos logo após as expressões "**em primeiro lugar**" e "**em segundo lugar**".
22. O uso do sinal de dois-pontos depois de "realidade" assinala o início da explicação de que essa "realidade" é a "natureza associativa do ser humano".

UnB/CESPE – ANATEL (Cargo 16: Técnico Administrativo)

Os homens, para sobreviver, devem produzir seus meios de vida, com o que produzem indiretamente sua própria vida material. Os homens são aquilo que produzem e como o produzem. Isto porque a satisfação das primeiras necessidades, a própria ação de satisfazê-las e a conquista dos instrumentos necessários para tanto conduzem a novas necessidades, cuja satisfação eles terão de buscar. A todo modo de produção corresponde um modo de cooperação. Segundo Marx, a soma das forças produtivas disponíveis ao homem condiciona o estado **social**; por isso, a história da humanidade deve ser sempre estudada a partir da conexão entre a história da produção e do intercâmbio. Os homens, ao produzirem seus meios de vida, produzem a si mesmos, em um infinito processo de autoconstrução.

Vânia Noeli F. de Assunção. ***Karl Marx: teoria e práxis de um gênio das ciências sociais****. Internet: <filosofiacienciaevida.uol.com.br>.*

Com referência ao texto acima, julgue o seguinte item.

23. A substituição do sinal de ponto e vírgula depois da palavra "**social**" pelo ponto-final e o emprego da letra inicial maiúscula na palavra "por" preservariam a coerência e a correção do texto.

UnB/CESPE – ANATEL (Conhecimentos Básicos para os cargos de nível superior)

O real não é constituído por coisas. Nossa experiência direta e imediata da realidade leva-nos a imaginar que o real é feito de coisas **(sejam elas naturais ou humanas)**, isto é, de objetos físicos, psíquicos, culturais oferecidos à nossa percepção e às nossas vivências. Assim, por exemplo, costumamos dizer que uma montanha é real porque é uma coisa. No entanto, o simples fato de que uma coisa possua um nome e de que a chamemos montanha indica que ela é, pelo menos, uma coisa-para-nós, isto é, que possui um sentido em nossa experiência.

Não se trata de supor que há, de um lado, a coisa física ou material e, de outro, a coisa como ideia e significação. Não há, de um lado, a coisa-em-si e de outro, a coisa-para-nós, mas o entrelaçamento do físico-material e da significação. A unidade de um ser é de seu sentido, o que faz com que aquilo que chamamos coisa seja sempre um campo significativo.

*Marilena Chaui. **O que é ideologia**, p. 16-8 (com adaptações).*

24. Como, no primeiro parágrafo, os parênteses demarcam a inserção de uma informação, a sua substituição por duplo travessão preservaria a coerência e a correção do texto.

UnB/CESPE – ANTAQ (Cargo 1: Especialista em Regulação de Serviços de Transportes Aquaviários)

No mundo moderno em que vivemos, é certamente difícil reconstituir as **sensações**, as impressões que tiveram os primeiros homens em contato com a natureza. A imensa variedade de corpos e acontecimentos que nos

envolvem gerou as noções de matéria, de espaço e de tempo, fundamentalmente entrelaçadas no conhecimento das coisas. No estado de repouso e de movimento dos objetos — **esta casa parada, aquela pedra atirada que cai, o movimento do sol, da lua, no céu** — estão intimamente associados os conceitos de lugar que ocupam sucessivamente os corpos, de espaço e de tempo.

Tempo, espaço e matéria são, pois, ideias que penetram o nosso conhecimento das coisas, desde o mais primitivo, e que evoluíram por meio das especulações filosóficas até as modernas investigações científicas, que as integraram em um nível mais profundo de síntese, uma unificação que levou milênios para ser atingida.

José Leite Lopes. Tempo = espaço = matéria. In: Adauto Novaes (Org.). ***Tempo e História.*** *São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 167 (com adaptações).*

Julgue os itens a seguir a respeito da organização do texto apresentado.

25. Devido à função que exerce na oração, a vírgula empregada depois de "sensações" poderia ser substituída tanto pela conjunção **e** como pela conjunção **ou**, sem prejudicar a correção gramatical ou a coerência do texto.
26. O uso dos **travessões** marca a inserção de uma informação que também poderia ser assinalada por duas vírgulas; mas, nesse caso, o texto não deixaria clara a hierarquia de informações em relação aos termos da enumeração já separados por vírgulas.

UnB/CESPE - HEMOBRAS (Conhecimentos básicos para todos os empregos de nível médio)

O crescimento urbano não tem sido um processo harmonioso e gradual. Tem ocorrido em meio a muitas contradições, a diferenças de interesses que configuram, às vezes, um verdadeiro caos. O crescimento rápido e desordenado das cidades faz que não sejam atendidas as necessidades básicas das pessoas, nem mesmo aquelas necessidades que se tornam mais sérias nas áreas

urbanas, como as de abastecimento de água e as de saneamento ambiental. O grande e concentrado número de pessoas vivendo nas cidades cria diferentes tipos de problemas. As pessoas são obrigadas a enfrentar longas esperas em filas e a suportar o desconforto em ônibus e metrôs lotados. Por outro lado, vive-se grande desenvolvimento da produção e consumo de mercadorias. Os novos produtos, os novos processos de produção e os novos estilos de vida trazem consequências — **boas ou más** — para a saúde. As doenças encontradas na sociedade contemporânea representam, assim, um quadro tão complexo quanto as próprias características dessa sociedade. Constituem um espectro diversificado de doenças infecciosas e crônico-degenerativas, frequentes nos países desenvolvidos ou típicas do terceiro mundo.

*Marilisa Berti A. Barros. Doenças na vida moderna. M. Kupstas (Org.). **Saúde em debate**. p. 135-6 (com adaptações).*

Com base na organização do texto acima, julgue o seguinte item.

27. A substituição dos travessões por parênteses ou por duas vírgulas preservaria a coerência da argumentação e respeitaria as regras gramaticais.

UnB/CESPE - TRT/1ª Região (Cargo 1: Analista Judiciário)

28. Uma das funções dos parênteses é a de:

(A) separar os diversos itens de uma enumeração.
(B) imprimir a um texto um tom coloquial.
(C) indicar que termos foram deslocados na oração.
(D) isolar explicações, indicações ou comentários em geral.
(E) caracterizar um texto como essencialmente didático.

UnB/CESPE-SERPRO(Cargo 1: Analista-Especialização: Administração de Serviços de Tecnologia da Informação)

Era uma vez uma rotina em que criança bem-criada e educada era aquela que tinha horário para tudo e não misturava as **coisas**: brincar era brincar, estudar era estudar. Pobres dos pais que ainda alimentam alguma ilusão de ritmo sequencial. Cercadas de aparelhos eletrônicos que dominam desde cedo, as crianças da era dos estímulos constantes e simultâneos são capazes de executar três, quatro, cinco atividades ao mesmo tempo — e prestar pelo menos alguma atenção a todas elas. São crianças multitarefa e encaram isso com total naturalidade.

Mas a rapidez e a multiplicidade podem ter certo custo. Para quem tem pressa em determinar as consequências futuras das atividades simultâneas, a ciência ainda responde em ritmo de passado. Vamos ter de esperar uma ou duas gerações para saber se a multitarefa será predominantemente positiva ou negativa na fase adulta.

Veja, 6/8/2008 (com adaptações).

A partir do texto acima, julgue o item que se segue.

29. O sinal de **dois-pontos** depois de "coisas" tem a função de introduzir uma explicação, ou justificativa, para a ideia expressa nas orações anteriores. Essa função deixaria de ser marcada pela pontuação caso esse sinal fosse substituído pelo ponto — com o correspondente ajuste na letra inicial de "brincar" —, mas a coerência e a correção gramatical do texto seriam preservadas.

UnB/CESPE - TRE/GO (Cargo 9: Técnico Judiciário - Área: Administrativa)

A liberdade não assegura a **igualdade**: ao contrário, sob o regime do livre mercado, está sendo construída a mais desigual de todas as sociedades humanas da história, com exclusão das desigualdades por justificativas divinas como aquelas que davam a reis, sacerdotes ou faraós um poder total sobre os homens. E note-se que esses **monarcas** e suas cortes viviam o mesmo número de anos que os camponeses, sofriam quase as mesmas dificuldades de conforto que estes e levavam o mesmo tempo para se deslocarem de um lugar a outro, por mais que o fizessem sobre o ombro dos **servos**. Finalmente, a imposição da **igualdade**, em um tempo de graves problemas ecológicos, elimina a liberdade de escolha que o mercado oferece e limita os sonhos de riqueza, mesmo que em nome do fim da pobreza.

*Cristovam Buarque. **Os círculos dos intelectuais**. In: Ari Roitman (Org.). **O desafio ético**. Rio de Janeiro: Garamond, 2000, p. 109-110 (com adaptações).*

30. Assinale a proposta de alteração dos sinais de pontuação que preserva a coerência e a correção gramatical de trecho do texto.

(A) Substituir o sinal de dois-pontos depois de "igualdade" pelo sinal de ponto e vírgula.
(B) Inserir uma vírgula depois de "monarcas".
(C) Substituir o ponto depois de "servos" por vírgula, escrevendo-se "Finalmente" com inicial minúscula.
(D) Retirar a vírgula depois de "igualdade".

RESOLUÇÕES COMENTADAS

NÍVEL 1

1.

✓ a) Verdadeiro. Os doidos inventam a moda, **e o povo os segue**. - oração coordenada sindética aditiva.

× b) Falso. Preparei o trabalho **e (=mas) não fui avaliado**. - oração coordenada sindética adversativa.

× c) Falso. Minha vontade é (= verbo de ligação) **que você estude**. - oração subordinada substantiva predicativa.

✓ d) Verdadeiro. Brasília, **que é a Capital do Brasil**, é o berço dos corruptos. - oração subordinada adjetiva explicativa.

× e) Falso. Avisei-o (= v.t.d.i.) **de que o eclipse acontecerá amanhã**. - oração subordinada substantiva objetiva indireta.

✓ f) Verdadeiro. A gente vive somente **enquanto ama**. - oração subordinada adverbial temporal.

× g) Falso. Não faças mal ao teu vizinho, **que (=pois, porque) o teu vem pelo caminho**. - oração coordenada sindética explicativa.

× h) Falso. Rezemos **porque (= a fim de que) não nos surpreendam aqui**. - oração subordinada adverbial final.

✓ i) Verdadeiro. Nada me deram **de comer**. (= **para que** eu comesse) - oração subordinada adverbial final reduzida de infinitivo (conectivo oracional implícito).

✓ j) Verdadeiro. O lago está na fazenda, **por conseguinte (= portanto) me pertence**. - oração coordenada sindética conclusiva.

2.

× a) Falso. Ela falava tão alto **que ficou quase rouca** (consequência) - oração subordinada adverbial consecutiva.

✓ b) Verdadeiro. **Cada vez que (= quando) saía de casa**, esquecia as chaves e os óculos. - oração subordinada adverbial temporal.

✓ c) Verdadeiro. Há certas coisas **que (= as quais/ pronome relativo) a gente não esquece**. - oração subordinada adjetiva restritiva.

✓ d) Verdadeiro. Urgia **fazer desaparecer os vestígios dele**. (= **que** fizesse desaparecer...) - oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo (conectivo oracional implícito).

× e) Falso. Deves regar as plantas, **mas também (= e) adubá-las**. - oração coordenada sindética aditiva.

✓ f) Verdadeiro. Ele corre **que (= e) corre**. - oração coordenada sindética aditiva.

× g) Falso. É prudente **que você tenha boa educação**. - oração subordinada substantiva subjetiva.

✓ h) Verdadeiro. Você, **que (= pronome relativo) é mais jovem**, pegue o livro para mim. - oração subordinada adjetiva explicativa.

× i) Falso. Farei a prova, **desde que (= caso) não seja difícil**. - oração subordinada adverbial condicional.

× j) Falso. **Ao nascer (= Quando nasceu)**, o Butantã era apenas uma fazenda. - oração subordinada adverbial temporal reduzida de infinitivo (conectivo oracional implícito).

✓ 3. Resposta: A . No período: "É óbvio que a solução ideal passa pela redução dos descalabros sociais.", a oração sublinhada classifica-se em subordinada

substantiva subjetiva. Observe que esta constitui sujeito de "É obvio".

✓ 4. Resposta: E. Em "O chefe repreendeu apenas os funcionários **que** não cumpriram as tarefas pontualmente", o pronome relativo (introduz subordinada adjetiva) substitui o antecedente "os funcionários" e, por isso, tem função sintática de sujeito do verbo "cumpriram". Jamais corresponderia a uma conjunção causal.

✓ 5. Resposta: E. Em "Preciso dos documentos **que comprovem a compra do carro**", o pronome relativo introduz, mais uma vez, uma oração subordinada adjetiva.

✓ 6. Resposta: B. Só há oração principal em período composto por subordinação.
a) A paisagem perdeu o encanto da frescura e da bruma (período simples/oração absoluta)
b) O autor sobre quem falávamos fará uma palestra amanhã (oração principal: O autor fará uma palestra amanhã/ oração subordinada adjetiva restritiva: sobre quem falávamos)
c) Não vejo flores/ nem escuto pássaros (orações coordenadas)
d) Estudamos toda a matéria,/ depois fomos ao cinema. (orações coordenadas)
e) Vesti-me, rapidamente,/ tomei um táxi/ mas ainda cheguei atrasado. (orações coordenadas)

✓ 7. Resposta: A. "Apesar de ser indivíduo medianamente impressionável (oração subordinada adverbial concessiva reduzida de infinitivo. Observe que a conjunção está implícita: Apesar de **que** fosse indivíduo...) / , convenci-me (v.t.i.) /de que este mundo não é mau (oração subordinada substantiva objetiva indireta)."

✓ 8. Resposta: A. Em "Era verdade **que havia alguns açorianos**...", a oração em destaque é uma subordinada

substantiva subjetiva. Observe que esta é sujeito de "Era verdade".

✓ 9. Resposta: A . Em "Chamei os santos/ **de que** sou devocioneiro", o pronome relativo **que** retoma o antecedente "os santos". Portanto, fica assim a segunda oração: **dos santos** sou devocioneiro. Na ordem direta: (eu) sou (verbo de ligação) devocioneiro (predicativo do sujeito) dos santos (complemento nominal do adjetivo "devocioneiro").

✓ 10. Resposta: C. Em "Seria fatal a cidade americana que vimos construir", a oração sublinhada é subordinada adjetiva restritiva (introduzida pelo pronome relativo **que**).

11.

✓ a) Verdadeiro. Em "impondo normas **que** limitem", o pronome relativo funciona como sujeito de "limitem". O mesmo acontece em "desenvolvimento de atividades **que** interfiram". O pronome relativo é sujeito de "interfiram".

× b) Falso. Observe: "A mulher e a mãe acomodaram-se finalmente no táxi **que** (= o qual/ pronome relativo) as levaria à estação. A mãe contava e recontava as duas malas tentando convencer-se de **que** (= conjunção integrante) ambas estavam no carro. A filha, com seus olhos escuros, a que (= aos quais/ pronome relativo) um ligeiro estrabismo dava um contínuo brilho de zombaria e frieza — assistia."

✓ c) Verdadeiro. "Se eu rio (oração subordinada adverbial causal = Porque eu rio)/ eles pensam (oração principal)/ que estou louca (oração subordinada substantiva objetiva direta)"

12.

× a) Falso. Em "Parece que o patrão nos queria experimentar", a oração destacada funciona como sujeito de "Parece".

× b) Falso. Em "Parecia ter certeza **de que**, em chegando a encostar a mão num cabra, **o cabra era defunto**", a oração em destaque classifica-se como subordinada substantiva completiva nominal, já que está subordinada ao substantivo "certeza".

× c) Falso. Para que introduz oração subordinada substantiva adverbial final, uma vez que traduz a ideia (circunstância) de finalidade.

✓ 13. Resposta: B. Em "...pelas ordens **que** trazemos por dentro..."a função sintática do **que** é a de objeto direto. O pronome **que** retoma o antecedente **as ordens**. Assim, obtemos: **as ordens** trazemos por dentro. Na ordem direta: (nós) trazemos (v.t.d.) as ordens (obj. direto) por dentro (adj. adv.).

✓ 14. Resposta: B. A oração iniciada pelo **que** (= pronome relativo) da pergunta anterior é subordinada adjetiva restritiva.

✓ 15. Resposta: B. Em "Criamos o fogo , embora sabendo que somos irmãos", a primeira oração (Criamos o fogo) classifica-se como principal.

✓ 16. Resposta: C. Observe: "Criamos o fogo (oração principal)/, embora sabendo - v.t.d. (oração subordinada adverbial concessiva) / que somos irmãos (oração subord. subst. objetiva direta)

✓ 17. Resposta: B. Observe a análise da questão anterior.

✓ 18. Resposta: C. Em "Perto de casa havia um barbeiro **que** me conhecia de vista", o pronome relativo retoma o antecedente **um barbeiro**. Fazendo a substituição, obtém-se: "um barbeiro (sujeito) me conhecia de vista".

✓ 19. Resposta: E. Em "...máxima **que** os compiladores podem tirar daqui e inserir nos compêndios de escola", o pronome relativo retoma o antecedente **máxima**. Fazendo a substituição, obtém-se: máxima os compiladores podem tirar daqui. Na ordem direta: os compiladores (sujeito) podem tirar (v.t.d.) a **máxima** (objeto direto) daqui (adj. adv.).

✓ 20. Resposta: D. Em "... na esperança de que eu pensasse ser uma súcia deles...", a oração em destaque tem valor de complemento nominal do substantivo "esperança" (abstrato/ cognato do verbo "esperar").

✓ 21. Resposta: D. Observe a relação de causa e consequência/efeito: Tão devagar vem caindo (causa) **que dá tempo a um passarinho de pousar nela** (consequência).

✓ 22. Resposta: C. Você já sabe que o pronome relativo introduz oração subordinada adjetiva. Observe: "O sol declinava no horizonte e deitava-se sobre as grandes florestas, **que** (= as quais) iluminava com os seus últimos raios."

✓ 23. Resposta: C. Em "O sol declinava no horizonte e deitava-se sobre as grandes florestas, **que** (= as quais) iluminava com os seus últimos raios", o pronome relativo retoma o antecedente "as grandes florestas". Assim, obtém-se: as grandes florestas (ele) iluminava com os seus últimos raios. Na ordem direta: (ele) iluminava (v.t.d.) **as grandes florestas** (objeto direto) com os seus últimos raios (adj. adv.)

✓ 24. Resposta: E. Em "Um concerto de notas graves saudava o pôr-do-sol e confundia-se com o rumor da cascata, **que** parecia quebrar a aspereza de sua queda e ceder à doce influência da tarde", o pronome relativo retoma o antecedente "o rumor da cascata". Assim, obtém-se: "... o rumor da cascata (sujeito) parecia quebrar (v.t.d.) a aspereza (objeto direto).

✓ 25. Resposta: C. No período: "Paredes ficaram tortas,/ animais enlouqueceram/ e as plantas caíram", temos três orações coordenadas, independentes entre si.

✓ 26. Resposta: B. Em todas as opções, a conjunção "e" traduz a ideia de adição, exceto em "Queria estar atento à palestra e (= mas, porém) o sono chegou", que apresenta ideia de adversidade.

✓ 27. Resposta: D. Em "A torcida incentivou os jogadores; esses, **contudo** (= porém, entretanto, todavia), não conseguiram vencer", a conjunção destacada traduz a ideia de adversidade, de oposição.

✓ 28. Resposta: E.
a) Ele **se** (= partícula expletiva ou de realce: pode ser retirada sem prejuízo sintático para a oração) morria de ciúmes pelo patrão.
b) A Federação arroga-**se** (a si mesma = objeto indireto reflexivo) o direito de cancelar o jogo.
c) O aluno fez-**se** (sujeito acusativo do verbo "passar") passar pelo doutor.
d) Precisa-**se** (v.t.i. + índice de indeterminação do sujeito) de pedreiros.
e) Não sei (v.t.d.) **se** (conjunção integrante introduzindo oração subordinada substantiva objetiva direta) o vinho está bom.

✓ 29. Resposta: C. Em: "Verdades há **que (= as quais) não devem ser publicadas**", a oração destacada é subordinada adjetiva restritiva (introduzida pelo pronome relativo).

✓ 30. Resposta: B. No período: "**Ainda que (= embora, mesmo que) fosse bom jogador**, não ganharia a partida.", a oração destacada encerra ideia de **concessão**.

✓ 31. Resposta: D. Cuidado: classifique as orações em destaque em relação à oração não destacada: "As cunhãs tinham ensinado (verbo transitivo direto e

indireto) pra ele (objeto indireto) **que o sagui-açu não era saguim não** (objeto direto 1) , **chamava elevador** (objeto direto 2) **e era uma máquina** (objeto direto 3)." São subordinadas substantivas objetivas diretas coordenadas entre si.

✓ 32. Resposta: C.
a) Espero (v.t.d.) que venhas hoje (objetiva direta).
b) O aluno que trabalha (subordinada adjetiva restritiva) é bom.
c) Meu desejo (sujeito) é (verbo de ligação) que te formes logo (oração predicativa).
d) És tão inteligente como teu pai (adverbial comparativa).

✓ 33. Resposta: D. Observe: "Pode-**se** (partícula apassivadora) dizer (v. t. d.) **que a tarefa crítica é puramente formal** (oração subordinada substantiva subjetiva. Lembre-se: com a partícula apassivadora, o objeto direto passa a funcionar como sujeito).

✓ 34. Resposta: B. No período "Todos tinham certeza **de que seriam aprovados**", a oração destacada é substantiva completiva nominal, pois está subordinada ao substantivo "certeza".

✓ 35. Resposta: D. Observe as relações de regência: 1 - Veja bem estes olhos **dos** quais tem ouvido falar (quem fala fala **de** ou **sobre**) ./2 - Veja bem estes olhos **aos** quais se dedicaram (quem dedica dedica algo **a** algo) muitos versos./ 3 - Veja bem estes olhos **sobre** cujo brilho fala (quem fala fala **de** ou **sobre**) o poeta./ 4 - Veja bem estes olhos **dos** quais se extraem (quem extrai extrai algo **de** algum lugar) confissões e promessas.

✓ 36. Resposta: B. "Rico é o livro **em** cujas páginas há lições de vida" (= há lições de vida **em** algum lugar/ nas páginas do livro).

✓ 37. Resposta: A .

a) A casa onde estou (o pronome relativo "onde" introduz oração subordinada adjetiva restritiva) é ótima.

b) Brasília, que é capital do Brasil (oração subordinada adjetiva explicativa), é linda.

c) Penso que você é de bom coração (oração subordinada substantiva objetiva direta).

d) Vê (v.t.d.) -**se** (partícula apassivadora) que você é de bom coração (oração subordinada substantiva subjetiva. Lembre-se: com a partícula apassivadora, o objeto direto passa a funcionar como sujeito).

e) Nada obsta (v.t.i.) a que você se empregue (oração subordinada substantiva objetiva indireta).

✓ 38. Resposta: D.

a) Ele falou (v.t.d.) que compraria a casa (sub. subst. objetiva direta).

b) Não fale alto, que (=pois) ela pode ouvir (coordenada sindética explicativa).

c) Vamos embora, que (=pois) o dia está amanhecendo (coordenada sindética explicativa).

d) Em time que (= o qual/ pronome relativo) ganha (oração subordinada adjetiva restritiva) não se mexe.

e) Parece (verbo intransitivo) que a prova não está difícil (oração subordinada substantiva subjetiva).

✓ 39. Resposta: C Observe: "O receio é substituído (voz passiva analítica) **pelo pavor, pelo respeito, pela emoção** (agentes da passiva)/**que** (= a qual) **emudece**/**e** (= a qual) **paralisa**". Temos, portanto, agentes da passiva e orações subordinadas adjetivas coordenadas entre si (introduzidas pelo pronome relativo: "que emudece e paralisa").

✓ 40. Resposta: A . Em "Não compreendíamos a razão **por que (= pela qual) o ladrão não montava a cavalo**", o pronome relativo introduz oração subordinada adjetiva restritiva.

✓ 41. Resposta: A. Observe: "Um dia, **como (= porque) lhe dissesse** que iam dar o passarinho (causa), **caso (= se) continuasse a comportar-se mal** (condição), correu para a área e abriu a porta da gaiola (consequência)."

✓ 42. Resposta: B. Na frase "**Como (= porque) anoitecesse** (causa), recolhi-me pouco depois e deitei-me (consequência)". A oração destacada é subordinada adverbial causal.

✓ 43. Resposta: A.

a) Em "Ela sabia (v.t.d.) **que ele estava fazendo o certo**", temos oração subordinada substantiva objetiva **direta**.

b) Era a primeira vez **que ficava assim tão perto de uma mulher**. (subordinada substantiva subjetiva = sujeito de "Era a primeira vez").

c) Mas não estava neles modificar um namoro **que (= o qual/ pronome relativo) nascera difícil, cercado, travado**.(subordinada adjetiva).

d) O momento foi tão intenso (causa) **que ela teve medo (consequência:** subordinada adverbial consecutiva).

e) Solta **que (= pois) você está me machucando**. (coordenada sindética explicativa).

✓ 44. Resposta: B. Em "Nunca chegará ao fim, **por mais que (= mesmo que, ainda que, embora) depressa ande**", a oração destacada é subordinada adverbial concessiva.

✓ 45. Resposta: A. No período "Penso, **logo (= portanto, por conseguinte) existo**", a oração em destaque é coordenada sindética conclusiva. Um gesto positivo, por favor!

46.

✓ (1) Verdadeiro. **Minha esposa** faz aniversário em maio, e **eu**, em setembro.(Sujeitos diferentes: vírgula antes da conjunção "e" / elipse verbal: eu faço - vírgula obrigatória).

✓ (2) Verdadeiro. Belo Horizonte, 20 de abril de 1991 (localidade e data).

✓ (3) Verdadeiro. Meu filho (vocativo), **saiba que**, numa situação dessas (interrupção), **é necessário**, acima de tudo (interrupção), **muita discrição**.

× (4) Falso. Registro correto: O arco-íris, que com tantas cores pairava sobre as nossas cabeças, transformou o céu nublado numa paleta de pintor.

✓ (5) Verdadeiro. Corre, minha filha (vocativo), **porque**, do contrário (interrupção), **perderemos o trem**.

47.

× (1) Falso. Registro correto: A filosofia de Comte afirma (não separe o verbo do complemento) que o espírito humano, no que se refere ao conhecimento da realidade, passou por três estágios culturais.

✓ (2) Verdadeiro. Como tudo não passara de um mal-entendido (deslocamento), **fizeram**, pois (interrupção), as **pazes**.

✓ (3) Verdadeiro. No pampa, onde vive o homem da campanha, o cavalo, além de ser utilizado como meio de transporte, é também instrumento de trabalho.

× (4) Falso. Registro correto: **Prometeu-nos**, no último encontro, **que**, embora suas atividades fossem múltiplas, **atender-nos-ia quando dele precisássemos** (Observe que há interrupção antes e depois do **que**).

✓ (5) Verdadeiro. Terminada a solenidade, conquanto não estivessem cansados, eles retiraram-se para as suas casas.

48.

✓ (1) Verdadeiro. Economia doméstica é o conjunto de procedimentos de natureza econômica e financeira (não coloque vírgula aqui: caráter restritivo)

relacionados com os cuidados de manutenção da casa e da família.

× (2) Falso. Registro correto: Pode ter aspectos ao mesmo tempo científicos e artísticos: científicos, porque supõe conhecimentos de nutrição racional, higiene da família, administração e finanças do lar; artísticos, porque inclui noções artísticas no gosto para a decoração e aparelhamento da casa ou na realização das mais simples tarefas do cotidiano.

× (3) Falso. São aplicados princípios básicos da economia geral, tais como a divisão do trabalho (Dispense os dois-pontos. Caso houvesse mais de um elemento na citação, os dois-pontos ainda seriam opcionais).

✓ (4) Verdadeiro. É hoje consensual que os trabalhos do lar não sejam atribuídos apenas à mulher, pois, abrangendo um vasto campo de interesses humanos (interrupção) , devem constituir tarefa para todos os integrantes da família.

✓ (5) Verdadeiro. Para a mulher, o objetivo envolve muita coisa: além de adquirir habilidades para o trabalho caseiro (deslocamento longo) , ela deve impregnar-se da responsabilidade para com os acontecimentos domésticos (não coloque vírgula aqui: caráter restritivo) que mais lhe dizem respeito.

49.

✓ (1) Verdadeiro. Mitos, superstições ou ritos mágicos que as sociedades primitivas teceram em torno de uma existência sobrenatural, inatingível pela razão, equivaleram à crença num ser superior e ao desejo de comunhão com ele, (esta vírgula evita problemas de interpretação) nas primeiras formas de religião.

× (2) Falso. Registro correto: Assim, religião constitui um corpo organizado de crenças que ultrapassam (não separe o verbo do complemento) a realidade

da ordem natural e que tem por objeto o sagrado ou sobrenatural, sobre o qual elabora sentimentos, pensamentos e ações.

× (3) Falso. Registro correto: Apesar dessa variedade e da universalidade do fenômeno no tempo e no espaço, (deslocamento longo) as religiões têm como característica comum o reconhecimento do sagrado e a dependência do homem de poderes supramundanos.

✓ (4) Verdadeiro. A observância e a experiência religiosas têm por objetivo prestar tributos e estabelecer formas de submissão a esses poderes, nos quais está implícita a ideia da existência de ser ou seres superiores que criaram e controlam o cosmos e a vida humana.

× (5) Falso. Registro correto: Aquelas características, que de certa forma não distinguem uma religião de outra, (interrupção) levaram ao debate sobre religião natural e religião revelada, o que recebeu significação especial nas teologias judaica e cristã.

50.

× (1) Falso. Registro correto: Narciso era um jovem de singular beleza, filho do deus-rio Céfiso e da ninfa Liríope. No dia de seu nascimento, o adivinho Tirésias vaticinou que Narciso teria (não separe o verbo do complemento) vida longa, desde que jamais contemplasse a própria figura.

✓ (2) Verdadeiro. Ao observar o reflexo de seu rosto nas águas de uma fonte, apaixonou-se pela própria imagem e ficou a contemplá-la até consumir-se.

✓ (3) Verdadeiro. A flor conhecida pelo nome de narciso nasceu, então, no lugar onde morrera.

× (4) Falso. Registro correto: Em outra versão da lenda, Narciso contemplava a própria imagem para recordar os traços da irmã gêmea, morta tragicamente (explicação).

× (5)Falso. Registro correto: Na psiquiatria e particularmente na psicanálise, o termo narcisismo (não separe o sujeito do verbo – ordem direta) designa a condição mórbida do indivíduo que tem interesse exagerado pelo próprio corpo.

51.

✓ (1) Verdadeiro. **A atração que suas formas delicadas, texturas, colorido e perfume exercem sobre o ser humano** (sujeito) fez das flores material de adorno de casas e templos, objeto de presentes requintados e de reverência aos mortos.

× (2) Falso. Registro correto: Nesse setor da jardinagem, incluem-se, também, espécies apreciadas pela beleza de algumas de suas folhas modificadas, semelhantes a flores, como a folha-de-sangue ou bico-de-papagaio.

× (3) Falso. Registro correto: As flores são usadas para presentear desde a antiguidade, como forma de manifestar (não separe o verbo dos complementos) amor e amizade.

× (4) Falso. Registro correto: Seu cultivo tornou-se tão difundido que, atualmente, a floricultura transformou-se numa atividade altamente lucrativa em algumas regiões.

× (5) Falso. Registro correto: As plantas mais frequentemente cultivadas com fins comerciais (não separe o sujeito do verbo – ordem direta) são as que se destacam pelo tamanho de suas flores e por suas qualidades estéticas.

52.

× (1) Falso. Registro correto: Detectada no final da década de 1970, a AIDS se configurou rapidamente como uma das maiores ameaças (não separe o nome do seu complemento) à saúde pública, no século XX.

✓ (2) Verdadeiro. A grande capacidade de contágio, a elevada taxa de mortalidade e um quadro clínico arrasador fizeram desse mal um dos mais graves problemas sanitários e sociais (não coloque vírgula aqui: valor restritivo) que o homem moderno tem a enfrentar.

✓ (3) Verdadeiro. Em consequência, todo o organismo fica exposto a outras infecções, como a pneumocistose (forma de pneumonia rara que acomete também recém-nascidos debilitados) — os parênteses podem ser substituídos por travessões — , infecções cerebrais, diarreia persistente e herpes ou, ainda, certas variedades de câncer .

✓ (4) Verdadeiro. A infecção inicial é provocada pela contaminação direta do sangue por fluidos corpóreos (não coloque vírgula aqui: valor restritivo) que contenham o retrovírus HIV (sigla inglesa de "vírus da imunodeficiência humana").

× (5) Falso. Registro correto: Os retrovírus se reproduzem com a ajuda (não separe o nome de seu complemento) de uma enzima chamada transcriptase, que torna o vírus capaz de copiar (transcrever) suas informações genéticas em uma forma que possa ser integrada no próprio código genético da célula hospedeira.

53.

× (1) Falso. Registro correto: As novas técnicas de espetáculo e o aparecimento do cinema e da televisão (não separe o sujeito do verbo - ordem direta) foram fundamentais para a renovação da linguagem cênica e dramatúrgica.

✓ (2) Verdadeiro. Assim, o teatro contemporâneo tornou-se uma aventura incerta, mas (vírgula obrigatória) profundamente estimulante.

✓ (3) Verdadeiro. Observe as interrupções: O teatro, expressão das mais antigas do espírito lúdico da humanidade, é uma arte cênica peculiar, pois, embora tome quase sempre como ponto de partida um texto literário (comédia, drama e outros gêneros), exige uma segunda operação artística: a transformação da literatura em espetáculo cênico e sua confrontação direta com uma plateia. (Lembre-se: depois de dois-pontos, inicial minúscula).

× (4) Falso. Registro correto: Assim, por maior que seja a interdependência entre o texto dramático e o espetáculo, o ator e a cena criam uma linguagem específica e uma arte essencialmente distinta da criação literária.

✓ (5) Verdadeiro. À força da palavra (deslocamento curto: vírgula opcional) somam-se gestos, inflexões da voz, pausas e mesmo o silêncio, segundo o ritmo da ação que se desenrola diante do espectador e de acordo com as imposições, necessidades e recursos dos demais elementos cênicos: iluminação, cenários, sonoplastia etc (vírgula antes de "etc": opcional).

54.

✓ (1) Verdadeiro. A divulgação de notícias é apenas a primeira das funções da imprensa, que, além disso, veicula e forma opiniões e dá a medida exata em que se pratica a liberdade de expressão numa sociedade.

× (2) Falso. Registro correto: De específico em relação ao rádio e à televisão, desempenha um papel fixador da linguagem, já que registra (não separe o verbo do complemento) as inovações da fala muito antes da literatura e dos dicionários.

× (3) Falso. Registro correto: Como veículo escrito, cujos termos mais se aproximam do coloquial, espelha fielmente o nível cultural do público a que se dirige e o êxito ou fracasso do sistema educacional de um país

(não separe os complementos verbais coordenados entre si).

× (4) Falso. Registro correto: Imprensa é o meio de comunicação de massa formado pelo conjunto de publicações periódicas (jornais e revistas) que divulgam informações, imagens e opiniões sobre o que acontece na cidade, no país e no mundo (não separe os adjuntos adverbiais coordenados entre si).

× (5) Falso. Registro correto: Uma das primeiras publicações de que se tem registro (não separe o sujeito do verbo - ordem direta) foi o pao, que difundia notícias da corte chinesa entre os servidores civis e circulou durante mais de mil anos (de 618 a 1911) = valor explicativo.

✓ 55. Resposta: E . Registro correto: "Agora, (vírgula opcional) conheço tua geografia, a pele macia, cidade menina, teu sexo, teu lago, tua simetria, (destacaram-se os objetos diretos coordenados entre si) até qualquer dia te amo , Brasília (vocativo) ."

56.
Resposta: B.

✓ I - Verdadeiro. A devastação, na opinião dos cientistas, ainda não causou a extinção de muitas espécies animais; atingiu, todavia, grande parte dos principais exemplares da vegetação típica do cerrado. (O ponto-e-vírgula indica a retirada da conjunção "todavia". Observe que ela apareceu deslocada, portanto, entre vírgulas.)

× II - Falso. Registro correto: **A rápida substituição de animais e plantas típicas da região por outras a ela estranhas** (não separe o nome dos seus complementos, nem o sujeito do verbo - ordem direta) **está alterando** as características de sua fauna e flora autóctones.

✓ III - Verdadeiro. Especialistas da Universidade de Brasília propõem medidas para a conservação de aproximadamente sessenta mil espécies animais, além de várias espécies de plantas, hoje existentes na região.

✓ IV - Verdadeiro. Os maçaricos, por exemplo, são migradores de grandes distâncias; não se reproduzem ali, mas se alimentam no cerrado (O ponto-e-vírgula indica a retirada da conjunção "e".)

× V - Falso. Registro correto: Quanto aos outros habitantes deste ecossistema, a maioria deles se refugia nas margens dos rios, porque são inacessíveis ao homem, devido às cobras e aos pântanos. É ali que se reúnem as urutus, as sucuris, as jiboias, as cascavéis e as jararacuçus.

57.

Resposta: A .

✓ a) Verdadeiro. Em abril, (deslocamento) cientistas australianos revelaram ter identificado a causa de uma infecção misteriosa que, em 1994, (interrupção) matara muitos cavalos e seus treinadores.

× b) Falso. Registro correto: O agente era um novo vírus de uma família que incluía o vírus do sarampo e o organismo responsável pela cinomose canina (ordem direta).

× c) Falso. Registro correto: Uma epidemia do vírus ebola, na África, levantou a questão dos perigos potenciais dessas novas formas de vírus, que causam doenças mortais e virtualmente incuráveis em seres humanos e animais (valor explicativo) .

× d) Falso. Registro correto: Entre janeiro e abril, 189 pessoas no sudeste do Zaire desenvolveram (não separe o verbo do complemento) uma grave doença

cujos sintomas eram febre, vômito e diarreia com perda de sangue.

× e) Falso. Registro correto: Em 1889, uma doença fatal entre macacos procedentes das Filipinas, mantidos em laboratórios americanos, (interrupção) fora relacionada ao vírus ebola.

RESOLUÇÕES COMENTADAS

NÍVEL 2

1. C (oração subordinada adjetiva explicativa reduzida de particípio. Equivale a "... que (= a qual) é divulgada pelo Ministério da Saúde...")
2. E (Trata-se de aposto seguido de oração subordinada adjetiva restritiva)
3. C
4. C (Observe as orações sublinhadas)
5. D (período composto reescrito em dois períodos sintáticos)
6. E (Trata-se de oração coordenada sindética explicativa)
7. C
8. C (oração subordinada adjetiva explicativa)

RESOLUÇÕES COMENTADAS

NÍVEL 3

1. E (pois - função explicativa)
2. D (conectivos)
3. C (conectivos com valor adversativo)
4. C (porquanto com valor causal)
5. E (cujos as = construção errada e incoerente)

6. E (conquanto = embora / construção errada e incoerente)
7. E (Trata-se de conectivo conclusivo)
8. D ("porquanto" tem valor causal ou explicativo. Os demais têm valor concessivo)
9. C (chegar aonde)
10. C
11. E (os quais / retoma todos os antecedentes)
12. E (pronome relativo)
13. E (conectivo com valor concessivo)
14. B
15. E (portanto = conclusão / enquanto = tempo)
16. E (Entre "resultado" e "uma sessão de julgamento da Comissão de Anistia")
17. C (enquanto = à medida que. Observe a expressão com valor temporal "... momento em que...")

RESOLUÇÕES COMENTADAS

NÍVEL 4

1. C (vírgula em enumeração)
2. C (Isolam aposto explicativo)
3. E (à, um grupo saiu, arrombou e invadiu)
4. E (prédio / eliminar a vírgula após "contam")
5. C
6. E ("às informações" é complemento de "dá")
7. C (Mantém-se a vírgula)
8. E (Apenas pela regência de "incitamento")
9. E (proparoxítona / "u" tônico em hiato)
10. C
11. C
12. E (A vírgula indica deslocamento da oração subordinada adverbial proporcional)

NÍVEL 5

1. C (vírgula separa oração subordinada adjetiva explicativa)
2. C (vírgula isola adjunto adverbial de lugar em interrupção)
3. C (a substituição de travessões por vírgulas é legítima)
4. C (vírgula isola adjunto adverbial de tempo deslocado)
5. C (o adjunto adverbial está na sua posição lógica na oração)
6. E (aposto explicativo seguido de oração subordinada adjetiva restritiva)
7. C (deslocamento de adjunto adverbial)
8. E (única opção sem erros de pontuação)
9. B (eliminar vírgula após "acabariam")
10. C (a substituição de travessões por parênteses é legítima)
11. C (vírgulas isolam aposto explicativo)
12. C (vírgulas isolam termos com a mesma função sintática = adjuntos adnominais)
13. C (vírgulas isolam termos com a mesma função sintática)
14. D (vírgula separa oração subordinada adjetiva explicativa, e não restritiva)
15. C (opção correta)
16. C (aposto explicativo)
17. C (vírgulas isolam locução adverbial)
18. C (a substituição de dois-pontos por travessão é legítima)
19. E (vírgula separa termos com a mesma função sintática)
20. C (ponto e vírgula substituindo ponto-final)
21. E (Deve-se manter a vírgula)
22. C (dois-pontos)
23. C (ponto e vírgula substituindo ponto-final)

24. C (substituição de parênteses por duplo travessão)
25. C (vírgula separa elementos com a mesma função sintática)
26. C (hierarquia de informações: com a vírgula, "objetos" passa a ser o primeiro elemento da enumeração)
27. C (substituição de travessões por parênteses ou entrevírgulas)
28. D (função dos parênteses)
29. C
30. A (ponto e vírgula separa orações independentes)

CAPÍTULO 7

COLOCAÇÃO PRONOMINAL

Leia o texto a seguir para responder à questão 1.

Até o desabrochar do romantismo, foi justamente graças ao espírito arcádico que se manteve o ideal nativista, contrabalançando a tendência passadista do neoclassicismo, cuja marca exterior mais forte foi o gosto da linguagem arcaizante, quinhentista, dita "clássica". E isso se deve também ao fato de, pela primeira vez, se reunir um grupo de artistas conscientes de seu ofício e superiormente dotados de valor. O arcadismo confunde-se com o que hoje se chama o rococó literário: culto sensual da beleza, afetação, refinamento, frivolidade, elegância, linguagem melodiosa e graciosa, sentimentalismo, lascívia, gosto da natureza, intimismo. Passa-se com ele da época cortês para o subjetivismo da era da classe média. Gonzaga, o vate de Marília, é o modelo brasileiro da literatura arcádica e rococó.

(Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda)

QUESTÃO 1

Julgue os itens a seguir.

(A) Em "...graças ao espírito arcádico que se manteve o ideal nativista", o pronome proclítico encontra justificativa no fato de a palavra **que**, pronome relativo, constituir um fator de atração. ***(p. 458)***

(B) Em "E isso se deve também ao fato" a próclise é facultativa. ***(p. 460)***

(C) No trecho "O arcadismo confunde-se com o que se chama de rococó literário", o pronome enclítico

constitui uma transgressão à norma culta da língua portuguesa. ***(p. 460)***

(D) Ainda com relação ao trecho "O arcadismo confunde-se com o que hoje **se** chama o rococó", a colocação destacada é obrigatória. ***(p. 460)***

(E) Em "O arcadismo se confunde com o que...", caso o verbo fosse flexionado no futuro do pretérito, obter-se-ia em estilo formal culto: "O arcadismo confundiria-se com o que...". ***(p. 460)***

(F) O trecho "Passa-se com ele da época cortês" pode ser reescrito da seguinte forma, em linguagem escorreita: "Se passa com ele da época cortês." ***(p. 461)***

(G) Na sugestão "Aquele estudante não deve lembrar-se do vate de Marília", o pronome átono está mal colocado.***(p. 461)***

RESOLUÇÕES COMENTADAS

QUESTÃO 1

× (A) Falso. Por que o pronome proclítico? Inicialmente, é preciso saber que, em relação ao verbo, o pronome pode assumir três posições:

- antes do verbo (pronome proclítico) - próclise
Ex.: Não mais me lembrarei de suas palavras.

- no meio o verbo (pronome mesoclítico) - mesóclise
Ex.: Ver-te-ei no próximo encontro.

- depois do verbo (pronome enclítico) - ênclise
Ex.: Amigos, encontrem-me no lugar combinado.

Em "...foi(expletivo) graças ao espírito arcádio que (expletivo) se manteve o ideal nativista", o pronome proclítico encontra justificativa no fato de a palavra **que**, partícula expletiva (pode ser retirada sem prejuízo sintático), constituir um fator de atração.

MAS QUANDO USAR A PRÓCLISE?

Em tese, nunca está incorreto o uso do pronome antes do verbo, desde que não inicie oração. Há, entretanto, fatores determinantes da próclise. Observe:

- Palavras atrativas:

Negações

Ex.: Nunca lhe direi a verdade.

Advérbios

Ex.: Aqui se estabelecem as normas primárias.

Amanhã te darei os instrumentos necessários à cirurgia.

☞ **IMPORTANTE:**

Caso haja deslocamento sintático com o emprego da vírgula ou de outro sinal que caracterize pausa acentuada, deverá ocorrer ênclise.

Ex.: Hoje, sublinham-se condições desnecessárias.

Em caso de interrupção ou intercalação, com o emprego das entrevírgulas, haverá próclise ou ênclise.

Ex.: Os cidadãos esperam que, malgrado as dificuldades, se cumpram as normas (certo) .

Os cidadãos esperam que, malgrado as dificuldades, cumpram-se as normas (certo).

- Pronomes indefinidos

Ex.: Tudo se tornou estranho naquele lugar.

- Pronomes demonstrativos

Ex.: Aquilo lhe proporcionou momentos de muita satisfação.

- Conjunções subordinativas e pronomes relativos

Ex.: Desejo, ardentemente, que se cumpra a justiça.

Vi a moça que se abandonou nos seus braços.

Quando o encontrei na rua, fiz-lhe gesto obsceno.

- Orações interrogativas, exclamativas ou optativas (que exprimem desejo).
  Ex.: Como você se chama?
  Como te enganas!
  Bons ventos o levam!

- Gerúndio, precedido de preposição EM.
  Ex.: Em se plantando neste lugar, tudo dá.

- O infinitivo pessoal (flexionado), regido de preposição.
  Ex.: Ninguém te repreenderás, por te esqueceres do documento.

× (B) Falso. Em "E isso se deve também ao fato", a próclise é obrigatória.
Você já sabe: pronome demonstrativo é fator de atração.

× (C) Falso. No trecho "O arcadismo confunde-se com o que hoje se chama o rococó literário", o pronome enclítico não constitui uma transgressão à norma culta da língua portuguesa, já que, em não havendo fator de atração, a próclise é facultativa. Portanto: "O arcadismo se confunde..." ou "O arcadismo confunde-se..."

✓ (D) Verdadeiro. Ainda com relação ao trecho "O arcadismo confunde-se com o que hoje **se** chama de rococó literário", a colocação do pronome destacado é obrigatória. Lembre-se: advérbio é fator de atração.

× (E) Falso. A mesóclise está caindo em desuso. Porém há muitos textos que a mantêm. Em "O arcadismo se confunde com o que...", caso o verbo fosse flexionado no futuro do pretérito, obter-se-ia em estilo formal culto: "O arcadismo confundir-se-ia com o que...." ou, em virtude de o sujeito estar explícito e constituir registro corrente, "O arcadismo se confundiria com o que...".

E QUANDO USAR A MESÓCLISE?

Exclusivamente com verbos no futuro do presente ou futuro do pretérito, sem palavra atrativa que força a próclise.

Ex.: Encontrá-lo-á no campo lavrado.
Beijar-te-ia mil vezes.

Sem fator de atração, o verbo no futuro admitirá a próclise ou a mesóclise (jamais a ênclise).

Ex.: Ele se sujeitará às regras.
Ele sujeitar-se-á às regras.

× (F) Falso. Pronome oblíquo átono não inicia período. O trecho "Passa-se com ele da época cortês" não pode ser reescrito da seguinte forma, em linguagem escorreita: "Se passa com ele da época cortês" (errado).

QUANDO USAR A ÊNCLISE?

- O pronome oblíquo átono não pode iniciar oração.
  Ex.: Dê-me um cigarro de palha.
- Orações imperativas.
  Ex.: Deus, dá-me muita saúde e paz.
- Infinitivo impessoal (não flexionado), precedido de preposição A.
  Ex.: Estamos dispostos a jogá-los no lixo.
- Início de coordenada sindética aditiva.
  Ex.: Arrumou as malas e foi-se embora.

× (G) Falso. Na sugestão "Aquele estudante não deve lembrar-se do vate de Marília", o pronome átono está bem colocado. Apesar de existir a palavra negativa (fator de atração), na locução verbal o infinitivo admitirá a ênclise. Há, portanto, dois registros

corretos: "Aquele estudante não se deve lembrar do vate de Marília".

Como colocar o pronome oblíquo nas **LOCUÇÕES VERBAIS**?

- Verbo no infinitivo ou no gerúndio.

Se não houver atrativa, usa-se o pronome depois do auxiliar ou depois do principal (sempre ligado por hífen).

Ex.: Ele deve-te falar a verdade.
Ele deve falar-te a verdade.

Alguns autores admitem, numa estrutura menos formal, as seguintes construções:

Ex.: Ele te deve falar a verdade.
Ele deve te falar a verdade.

Havendo palavra atrativa, usa-se o pronome antes do auxiliar ou depois do principal.

Ex.: Ninguém nos podia dizer isso.
Ninguém podia dizer-nos isso.

- Verbo no particípio.

Não havendo palavra atrativa, usa-se o pronome antes (exceto iniciando oração) ou depois do verbo auxiliar (jamais depois do particípio).

Ex.: Ele me havia surpreendido.
Ele havia-me surpreendido.
Ele havia me surpreendido.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

NÍVEL 1

Nas questões de 1 a 4, julgue os itens considerando a colocação do pronome obliquo átono.

1.

a) Nada far-se-á sem ele.
b) Posso perguntar-te uma coisa?
c) Não poderia nos ajudar em nada.
d) Os candidatos julgaram-se preparados.
e) Se lavrará o campo, lavrá-lo-á.

2.

a) A pessoa que falar-lhe isso estará mentindo.
b) Não observá-lo muito era a primeira providência.
c) Concederá-te nova oportunidade se te mantiveres atento.
d) Bons ventos levam-na, minha amiga!
e) Talvez o aluno sinta-se melhor quando o professor for chamá-lo.

3.

a) Me poupem, por favor ou por desprezo.
b) Eu havia ordenado-lhe que nunca deixasse faltar vinho.
c) O coração dava-lhe pulos no peito.
d) Me ajudem a colocá-la no lugar certo.
e) Encarregar-se-ia de fazer justiça com as próprias mãos.

4.

a) Depois que eles se retirarem, poderemos comer a sobremesa.
b) Encontrarei-te no escritório amanhã.
c) Quem nos trouxe a solução do problema?
d) Recusei a ideia que apresentaram-me.
e) Nada conhece-se sobre a crise mundial.

5. (ESAF /TRT) Assinale a frase em que o pronome entre parênteses deve ser colocado depois do verbo.

a) Jamais enganaria dessa maneira. (te)
b) Quanto custa entender os motivos! (me)
c) Senhores, apresentem as passagens. (nos)
d) Depois darei maiores informações. (lhe)
e) Aqui resolvem todos os problemas. (se)

6. (SANTA CASA-SP) Nas frases abaixo:

I - "Os miúdos corriam barulhentos, me pedindo dinheiro."
II - "Dizia ele coisas engraçadas, coçando-se todo."
III - "Ficarei no lugar onde encontro-me. Tem sombra."
IV - "Quando me vi sozinho, tremi de medo."

A ênclise e a próclise foram <u>corretamente</u> empregadas nas orações:

a) I e II.
b) III e IV.
c) I e III.
d) II e IV.
e) em todas elas.

7. (ITA-SP) Assinale a opção <u>correta</u>.

a) Jamais importunei-te com minhas crises econômico-financeiras!
b) Jamais te importunei com minhas crises econômicas-financeiras!

c) Jamais importunei-te com minhas crises econômica-financeiras!
d) Jamais te importunei com minhas crises econômico-financeiras!
e) n.d.a.

8. (SANTA CASA-SP) Os técnicos _____ para o jogo, mas, _____ contra nova derrota, pediam que treinasse mais.

Indique a opção que completa corretamente as lacunas.

a) o haviam preparado — se tentando precaver
b) haviam preparado-o — se tentando precaver
c) haviam preparado-o — tentando precaver-se
d) haviam-no preparado — se tentando precaver
e) haviam-no preparado — tentando precaver-se

9. (MACK-SP) Assinale a opção <u>correta</u>.

a) Nunca aborreci-te com pedidos insistentes, nem incomodei-te com minhas amizades lusos-brasileiras.
b) Nunca te aborreci com pedidos insistentes, nem incomodei-te com minhas amizades lusas-brasileiras.
c) Nunca aborreci-te com pedidos insistentes, nem te incomodei com minhas amizades luso-brasileiras.
d) Nunca te aborreci com pedidos insistentes, nem incomodei-te com minhas amizades lusos brasileira.
e) Nunca te aborreci com pedidos insistentes, nem te incomodei com minhas amizades luso-brasileiras.

10. (CESGRANRIO-RJ) Indique a estrutura verbal que <u>contraria</u> a norma culta:

a) Ter-me-ão elogiado.
b) Tinha-me lembrado.
c) Teria-me lembrado.
d) Temo-nos esquecido.
e) Tenho-me alegrado.

11. (EPCAR-MG) Em qual das frases abaixo não se colocou corretamente o pronome átono?

a) Tudo me era completamente indiferente.
b) Ela não me deixou concluir a frase.
c) Este casamento não deve realizar-se.
d) Sentíamo-nos contentes como se nos tivéssemos presenteado.
e) Ninguém havia lembrado-me de fazer reservas ante-cipadamente.

12. (MIN. DA FAZ.-AUDITOR FISCAL) Nas proposições abaixo, a construção que fere a norma gramatical é:

a) Efetuem-se sucessivamente as reduções do estímulo fiscal em várias etapas.
b) Aplica-se a presente instrução aos desembarques aduaneiros efetivados a partir de 1º de janeiro de 1980.
c) Não mais justifica-se tanto atraso.
d) Tais rendimentos devem sujeitar-se ao imposto de renda.

13. (UF VIÇOSA-MG) Todas as frases estão corretas quanto à colocação dos pronomes oblíquos átonos, exceto:

a) Se o tivesse encontrado, eu lhe teria dito tudo.
b) Os alunos tinham preparado-se para a grande prova.
c) Em se tratando de caso urgente, nada o retinha em casa.
d) No portão de entrada da cidade lia-se em letras garrafais, numa placa de bronze: ESTRANHOS, AFASTEM-SE!
e) Logo que me formar, colocar-me-ei à disposição da empresa.

14. (MINISTÉRIO DO EXÉRCITO-CFS) Assinale a colocação inaceitável.

a) "Maria Olívia convidou-o."
b) "Se abre a porta da carruagem por dentro."
c) "Situar-se-ia Orfeu numa gafieira."
d) "D. Pedro II o convidou."
e) "O cinema foi um recurso de leitura."

15. (BANESPA-SP) Assinale a opção em que o uso da mesóclise é incorreto.

a) Nunca sujeitar-me-ia a tal exigência.
b) Dir-se-ia que ela tinha menos de quarenta anos.
c) Convencê-lo-ei, se puder.
d) Dize-me com quem andas, dir-te-ei quem és.
e) Perdoar-te-ia mil vezes, se preciso fosse.

16. (BANCO DO BRASIL) "O funcionário que se inscrever fará prova amanhã." Colocação do pronome - No texto:

1. ocorre próclise em função do pronome relativo.
2. deveria ocorrer ênclise.
3. a mesóclise é impraticável.
4. tanto a ênclise quanto a próclise são aceitáveis.

a) Correta apenas a 1ª afirmativa.
b) Apenas a 2ª é correta.
c) São corretas a 1ª e 3ª.
d) A 4ª é a única correta.

17. (BANCO DO BRASIL) Pronome mal colocado:

a) Lá, disseram-me que entrasse logo.
b) Aqui me disseram que saísse.
c) Posso ir, se me convidarem.
d) Irei, se quiserem-me.
e) Estou pronto. Chamem-me.

UnB/CESPE – TRE/GO (Cargo 1: Analista Judiciário - Área: Administrativa)

Por muitos anos, pensávamos compreender o que era interpretado, o que era uma interpretação; **inquietávamo-nos**, eventualmente, a propósito de uma dificuldade em particular, ocorrida no trabalho de interpretação. Nada mais. Atualmente, não temos certeza, já não estamos tão certos. O conflito de ideologias **fez com que indagássemos** sobre o que quer dizer uma interpretação e duvidássemos sobre o que estávamos fazendo ou teríamos de fazer. Em vez desse tratamento que era dado à questão da interpretação, a Teoria Crítica ou o Criticismo insiste em trabalhar com as palavras que estão inscritas em determinada página.

*Célio Garcia. **Graças à letra "soft", a estrutura "hard" dura**. In: Hugo Mari et al. (Org.). **Estruturalismo, memória e repercussões**. Belo Horizonte: UFMG/Diadorim, p. 192 (com adaptações).*

Julgue se são preservadas a correção gramatical e a coerência das ideias do texto

1. ao se deslocar o pronome átono em "**inquietávamo-nos**" para antes do verbo, escrevendo **nos inquietava**.
2. ao se substituir "**fez com que indagássemos**" por **fez-nos indagarem.**

UnB/CESPE – HEMOBRAS (Prova de conhecimentos básicos para todos os empregos de nível superior)

No que tange à pesquisa, vem sendo publicamente proposto que uma política de ciências, tecnologia e inovação em saúde deva ter como pressupostos essenciais a busca da equidade e a observância de rigorosos princípios bioéticos na pesquisa e na experimentação em geral. Também que essa política se estruture principalmente no compromisso do ganho social em todas suas vertentes — saúde, indústria, comércio e cultura científica —,

na extensão do conhecimento e na abrangência de todos que se envolvem com a pesquisa em saúde.

A preocupação é pertinente porque em todo o mundo graves problemas **vêm-se** instalando e demandando dos governos novos mecanismos de avaliação para a incorporação tecnológica na assistência médico-hospitalar de alta complexidade e de alto custo em geral.

Por isso, temos de conscientizar-nos de que a superação de conflitos éticos é dinâmica e envolve uma ampla interação de necessidades, obrigações e interesses dos vários envolvidos: o governo, por ser o agente protetor, regulador, financiador e comprador maior; a indústria e os fornecedores, que exercem grande pressão inflacionária para a incorporação de seus produtos ou bens; as instituições e os profissionais de saúde, que pressionam pela atualização da sua capacidade instalada, variedade de oferta de serviços e atualização tecnocientífica.

*Jacob Kligerman. **Bioética em saúde pública**. In: Revista Brasileira de Cancerologia, v. 48, n.º 3, jul./ago./set./2002, editorial (com adaptações).*

Com base no texto acima, julgue o item subsequente.

3. Em "**vêm-se**", a substituição do hífen por espaço provoca erro gramatical, por deixar o pronome átono sem apoio sintático.

UnB/CESPE – SGA/SEE (Cargo: Professor Classe A)

Além da habilidade em lidar com a complexa equação que envolve o processo ensino-aprendizagem de conteúdos e a construção do conhecimento, desempenhar positivamente a função de professor pressupõe comprometimento e envolvimento com a tarefa de ensinar e com seus alunos. Essas facetas implicam lidar com aspectos que permeiam as relações entre as pessoas – empatia, simpatia, desconsideração, estima, desconfiança, confiança, autoridade, desrespeito, respeito, crenças e valores, entre outros que apenas quem vive o cotidiano da sala de aula pode com propriedade relatar.

Identificar e atrair profissionais com vocação e conhecimento necessários ao bom desempenho da tarefa do professor exige comprometimento de todo o setor educacional, considerando a valorização da profissão, as condições de trabalho, a qualidade de vida e uma remuneração que corresponda à importância da função. Além disso, para reter e desenvolver bons profissionais, é preciso **estimulá-los**, dar-lhes condições de aperfeiçoamento, **avaliá-los** e **premiá-los** por desempenho. Nesse sentido, a avaliação deve ser continuada, e seus resultados, utilizados como apoio ao desenvolvimento profissional e não como fator de constrangimento.

Guilherme Peirão Leal. ***Formação de Professores.*** *Internet: <www.reescrevendoaeducacao.com.br> (com adaptações)*

4. A grafia das formas verbais "estimulá-los", "avaliá-los" e "premiá-los" justifica-se porque, na ênclise de verbos terminados em "vogal a+r", suprime-se o "r" e acentua-se o "a", o pronome toma a letra "l" e une-se à forma verbal por um hífen.

UnB/CESPE - PGEAP (Cargo: Procurador de Estado de 1ª Categoria)

"As pessoas dão encontrões umas nas outras para buscar contato", diz o detetive negro para sua namorada branca mexicana, em uma das cenas de ***Crash* - no limite,** Oscar de melhor filme deste ano.

Para o diretor do filme, encontrões entre carros e pessoas são expressões de uma busca exasperada por contato — pura carência afetiva. Assim como milhares de jovens que marcam o corpo todo com tatuagens e *piercings* ou se cortam com estilete, os personagens vão às últimas consequências na procura por uma identidade que só se afirma com a dor e a morte.

Diante de *Crash*, **resta-nos debruçar** sobre essas questões dolorosas, sem álibis, para assistir a um filme que não foge das feridas do mundo contemporâneo. Pelo contrário, expõe ao espectador a perplexidade e a ausência de respostas.

Faz sentido que, em *Crash*, não existam protagonistas, o filme é sobre todos nós. Não há culpados nem vítimas e, sim, uma narrativa fragmentada, em um vaivém alucinado. Em *Crash*, exibe-se, com lucidez, a subjetividade esmagada por um mundo onde pouco nos resta a não ser encontrões doloridos.

Viver - Mente & Cérebro, maio/2006, p. 15 (com adaptações).

Com base nesse texto, julgue o item subsequente.

5. A inserção de mais um pronome **nos** — **resta-nos debruçarmo-nos** — imprimiria rigor gramatical ao texto, dado que se atenderia à regência normatizada do verbo **debruçar**.

UnB/CESPE - DOCAS/PA (Cargo1: Advogado)

COMPANHIA DE SANEAMENTO PRIMAVERA

CIRCULAR N.º 96, DE 29 DE FEVEREIRO DE 2006

O Superintendente da COMPANHIA DE SANEAMENTO PRIMAVERA, na forma do artigo 5, alínea "b" e "c", no uso das atribuições que **lhe** são conferidas, faz saber que, a partir de 15 de março de 2006, será adotada a coleta de lixo seletiva em todas as seções e departamentos desta repartição;

Art. 1º Os Chefes de cada seção ou Departamento serão responsáveis pelo cumprimento desta circular.

Art. 2º Serão punidos, na forma da lei os procedimentos que desrespeitarem os termos desta circular.

Cleonaldo Silva
Cleonaldo Silva

A partir desse exemplo de circular, redigida por um empregado e ainda sem revisão, julgue o seguinte item, a respeito das normas de redação oficial.

6. Considerando-se que a circular será assinada pelo superintendente da Companhia de Saneamento Primavera, o pronome "lhe" deve ser substituído por me, conforme exigência do padrão culto da língua portuguesa.

UnB/CESPE – CAIXA (Cargo 1: Advogado Júnior)

Um dia, um filósofo indiano fez a seguinte pergunta aos seus discípulos:

– Por que é que as pessoas gritam quando estão aborrecidas?

– Gritamos porque perdemos a calma, disse um deles.

– Mas por que gritar quando a outra pessoa está ao seu lado?, questionou novamente o pensador.

– Bem, gritamos porque desejamos que a outra pessoa nos ouça, retrucou outro discípulo.

E o mestre voltou a perguntar:

– Então não é possível falar-lhes em voz baixa?

Surgiram várias outras respostas, mas nenhuma convenceu o pensador. Então ele esclareceu:

– Vocês sabem por que se grita com uma pessoa querida quando se está aborrecido? O fato é que, quando duas pessoas estão aborrecidas, os seus corações afastam-se muito. Para cobrir essa distância, precisam gritar, para poderem escutar-se mutuamente. Quanto mais aborrecidas estiverem, mais forte terão que gritar para ouvirem um ao outro, através da grande distância. Por outro lado, o que sucede quando duas pessoas estão apaixonadas? Elas não gritam. Falam suavemente. E por quê? Porque os seus corações estão muito perto. A distância entre elas é pequena. Às vezes, os seus corações estão tão próximos, que nem falam, somente sussurram. E, quando o amor é mais intenso, não necessitam sequer de sussurrar, apenas se olham, e basta. Os seus corações entendem-se. É isso que acontece quando duas pessoas que se amam estão próximas.

Por fim, o filósofo concluiu dizendo:

– Quando vocês discutirem, não deixem que os seus corações se afastem, não digam palavras que os distanciem mais, pois chegará um dia em que a distância será tanta que não mais encontrarão o caminho de volta.

Mahatma Gandhi.

Com base nas ideias e estruturas do texto, julgue o item a seguir.

7. Na oração destacada, estaria correta a inserção do pronome **lhes** entre os vocábulos "a" e "perguntar".

UnB/CESPE – TJPA (Cargo 1: Analista Judiciário – Área: Administrativa)

Se separarmos da palavra civilização as noções de utilitarismo e progressismo, dadas pelo senso comum e pelo pensamento conservador ("desenvolvimento da indústria e do comércio, aquisição de bens materiais e de luxo"), e **restituirmos a ela** o sentido original, "fineza dos costumes", "educação dos espíritos", "desenvolvimento da polidez", "cultura das artes e das ciências", podemos dizer então que a civilização está a perigo.

No plano político, no lugar da antiga ideia de Constituição e respeito à cidadania, o termo civilização passou a ser associado a *performance*, espetáculo, *marketing*, simulação e, principalmente, eficácia.

Adauto Novaes. Sobre tempo e história. In: Adauto Novaes (Org.) ***Tempo e História*** *(com adaptações).*

Considere se a alteração proposta para o texto prejudica sua coerência ou resulta em incorreção gramatical.

8. Substituição de "**restituirmos a ela**" por **lhe restituirmos**.

UnB/CESPE - SGA/AC (Cargo 1: Analista de Sistemas)

9. Em cada opção abaixo, apresentam-se uma oração e uma proposta de reescritura empregando-se o pronome oblíquo átono. Assinale a opção em que esse emprego é feito corretamente.

(A) O aquecimento global está produzindo efeitos devastadores no Ártico - **O aquecimento global os está produzindo no Ártico.**

(B) O derretimento do gelo vai permitir a exploração de reservas de petróleo e gás natural - **O derretimento do gelo vai permiti-las.**

(C) Os interesses econômicos estão provocando outro tipo de corrida - **Os interesses econômicos estão lhe provocando.**

(D) As fronteiras das zonas econômicas nacionais acompanham o limite da plataforma continental de cada país - **As fronteiras das zonas econômicas nacionais acompanham-na.**

UnB/CESPE - SGA/PCAC (Cargo 2: Agente de Polícia Civil)

Não adianta **ficarmos unicamente apresentando denúncias de violações**. É preciso continuar denunciando, evidenciando o quanto a violência aumentou e o quanto o Estado ainda é moroso na reparação, mas, agora, uma nova postura de luta nos é exigida. É preciso intervir na construção de novas políticas públicas que contenham os princípios e as diretrizes dos direitos humanos. Serão essas políticas e ações que construirão uma sociedade mais pacífica.

Precisamos propor políticas que considerem o ponto de vista da vítima da violência, da pessoa que é pobre e sempre esteve alijada do acesso à justiça e dos benefícios da "era dos direitos" em que vivemos. Para isso, creio que o mais importante é ajudarmos as populações locais a se organizarem e a construírem canais próprios

para se expressarem e dizerem abertamente como querem que o Estado aja na defesa de seus direitos.

Nilmário Miranda, Secretário Especial dos Direitos Humanos. ***Políticas públicas em direitos humanos.*** *Internet: <www.presidencia.gov.br/sedh> (com adaptações).*

Com referência às ideias e às estruturas do texto, julgue o item.

10. Em "ficarmos unicamente apresentando **denúncias de violações**", a substituição da parte sublinhada pelo pronome oblíquo correspondente resulta em **ficarmos unicamente apresentando-lhes**.

UnB/CESPE – SESI/SP (Cargo 1: Professor de Educação Infantil)

A literatura é um domínio especial de leitura. Textos considerados literatura são textos em cuja órbita se foram depositando inúmeras camadas de leitura: tantas, que só se pode falar de leituras, no plural. Essas leituras trouxeram sabedoria e prazer aos leitores e leitoras que as construíram ao longo da vida do texto literário. Ou seja, o texto literário é um texto cuja história de leitura é muito densa. Recuperar, reunir e discutir essas leituras, **pondo-as** em circulação entre leitores de diferentes lugares e tempos é o que se faz quando se ensina literatura. E dialogar com essas leituras, nelas incluindo a nossa, é o que se faz quando se aprende literatura.

Marisa Lajolo. ***Leitura e literatura na escola e na vida.*** *Internet: <www.proler.bn.br/texto2.htm>.*

Acerca de aspectos gramaticais do texto acima, julgue o item.

11. No segmento "**pondo-as**", o pronome poderia corretamente assumir a forma **nas**.

UnB/CESPE – TER/MA (Cargo 5: Analista Judiciário – Área Judiciária)

Ser cidadão, perdoem-me os que cultuam o direito, é ser como o Estado, é ser um indivíduo dotado de direitos que lhe permitem não só se defrontar com o Estado, mas **afrontar o Estado**. O cidadão quer ser tão forte quanto o Estado. O indivíduo completo é aquele que tem a **capacidade de entender o mundo**, a sua situação no mundo e que, se ainda não é cidadão, sabe o que poderiam ser os seus direitos.

*Milton Santos. **Cidadania e consciência negra**. Internet: <http://geocities.yahoo.com.br>. Acesso em jun./2005.*

Julgue os itens, com respeito ao texto acima.

12. Estaria garantida a obediência às regras de regência verbal, caso se substituísse a expressão "**afrontar o Estado**" por **afrontar-lhe**.
13. A substituição da expressão "**capacidade de entender o mundo**" por **capacidade de entendê-lo** mantém a coesão e a coerência do texto, além de conferir ao período maior concisão.

UnB/CESPE – SEAD/SEDUC (Cargo 12: Professor AD-4 – Disciplina: Português)

O problema da leitura no contexto brasileiro deve ser colocado, figurativamente falando, em termos de uma lei-dura, isto é, em termos de **um conjunto de restrições agudas que impede a fruição da leitura** do livro por milhões de leitores em potencial. **É essa mesma lei-dura que vem colocar a leitura numa situação de crise**, num reflexo de crises maiores existentes em nossa sociedade, onde estão presentes a injustiça, a desigualdade, a fome e a falta de liberdade e democracia. **Nesse contexto, torna-se muito fácil encontrar pessoas que não têm acesso à informação**, aos diversos referenciais inscritos em diferentes tipos de livros.

***Leituras do Brasil**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995, p. 23 (com adaptações).*

14. Assinale a opção correta quanto à concordância, à regência e à colocação das transformações pronominais.

(A) "um conjunto de restrições agudas que impede a fruição da leitura" > **um conjunto de restrições agudas que lhes impede.**

(B) "É essa mesma lei-dura que vem colocar a leitura numa situação de crise" > **É essa mesma lei-dura que vem as colocar numa situação de crise.**

(C) "Nesse contexto, torna-se muito fácil encontrar pessoas" > **Neste contexto, torna-se muito fácil encontrá-las.**

(D) "pessoas que não têm acesso à informação" > **pessoas que não lhe têm acesso.**

UnB/CESPE – PM/SE (Posto: 1º Tenente – Área: Médico)

Amor, encantadora loucura; ambição, grave tolice.

Sébastien-Roch Chamfort.

Necessitamos sempre ambicionar alguma coisa que, alcançada, não **nos torna** sem ambição.

Carlos Drummond de Andrade. Internet: <www.citador.pt/citador.php>.

Julgue o item com referência às citações acima.

15. Na segunda citação, "nos" pode ocorrer depois de "torna", sem provocar erro de emprego do pronome.

UnB/CESPE – IRBr (Admissão à Carreira de Diplomata – Teste de Pré-Seleção)

Contos de Vigário

Passam-se tempos sem que ouçamos falar em contos de vigário. Muito bem. **Tornamo-nos** otimistas, imaginamos que, se a reportagem não menciona esses espantosos casos de tolice combinada com safadeza, certamente os homens ficaram sabidos e melhoraram.

Pensamos assim e devemos estar em erro. Provavelmente esse negócio continua a florescer, mas as vítimas

têm vergonha de queixar-se e confessar que são idiotas. Raras vezes um cidadão se resolve a afrontar o ridículo, e vai à polícia declarar que, não obstante ser parvo, teve a intenção de embrulhar o seu semelhante.

O que ele faz depois de logrado é meter-se em casa, arrancar os cabelos, evitar os espelhos e passar uns dias de cama, procedimento que todos nós adotamos quando, em consequência de um disparate volumoso, **nos sentimos inferiores ao resto da humanidade**. Convenientemente curado, cicatrizado, esquecida a fraqueza, o sujeito levanta-se e adquire consistência para realizar nova tolice. E assim por diante, até a hora da tolice máxima, em que ninguém reincide porque isto é impossível.

*Graciliano Ramos. **Linhas tortas**: obra póstuma. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 1984. p. 154.*

Quanto à descrição gramatical de elementos do texto, julgue as opções abaixo:

16. Em "Tornamo-nos", a supressão do s é prescrita para se evitar o efeito de eco.
17. Em "nos sentimos inferiores ao resto da humanidade", houve transgressão dos requisitos gramaticais para a colocação pronominal.

UnB/CESPE – TJRR (Cargo 1: Administrador)

Todo povo tem na sua evolução, vista a distância, um certo "sentido". Esse percebe não nos pormenores de sua história, mas no conjunto dos fatos e acontecimentos essenciais que a constituem em um largo período de tempo. Quem observa aquele conjunto, desbastando-o do cipoal de incidentes secundários que o acompanham sempre e o fazem, muitas vezes, confuso e incompreensível, não deixará de perceber que ele se forma de uma linha mestra e ininterrupta de acontecimentos que se sucedem em ordem rigorosa, e dirigida sempre em uma determinada orientação. É isto que se deve, antes de mais nada, procurar quando se aborda a análise da história de um povo, seja, aliás, qual for o momento ou o

aspecto dela que interesse, porque todos os momentos e aspectos não são senão partes, por si só incompletas, de um todo que deve ser sempre o objetivo do historiador, por mais particularista que seja.

Tal indagação é tanto mais importante e essencial que é por ela que se define, tanto no tempo como no espaço, a individualidade da parcela da humanidade que interessa ao pesquisador: povo, país, nação, sociedade, seja qual for a designação apropriada ao caso. É somente aí que ele encontrará aquela unidade que **lhe permite** destacar uma tal parcela da humanidade para estudá-la à parte.

*Caio Prado Júnior. **Formação do Brasil Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000.*

A respeito das características textuais e das estruturas linguísticas do texto, julgue o item.

18. O emprego de "**lhe**" justifica-se, uma vez que "permite" é verbo intransitivo.

UnB/CESPE – Banco da Amazônia S.A. (Cargo 2: Técnico Científico – Área: Direito)

Existem muitas maneiras de se enxergar uma empresa. Uma delas é vê-la como uma máquina. E não se trata de uma analogia nova. A era industrial foi construída com base nesse paradigma, sustentado pelas teorias dos cientistas Taylor e Fayol, que acreditavam (e isso fazia sentido para a época em que viveram) que uma empresa tinha de funcionar como um infalível relógio ou como uma locomotiva, programada para cumprir, rigorosamente, seus tempos de parada e locomoção, de maneira a garantir o andamento do sistema ferroviário, sem atrasos nem acidentes. Para isso, **colocaram a produtividade como principal meta**, assegurada por um sistema técnico de alta eficiência.

Uma empresa até pode se parecer com uma máquina, quando existe uma tarefa contínua a ser desempenhada. Nesse caso, a mecanização da tarefa, de maneira integral-

mente repetitiva, pode diminuir a quantidade de erros. O mesmo raciocínio continua valendo, se a empresa estiver situada em um ambiente estável, ou seja, onde os fatores externos pouco ou nada interferem no seu desempenho. Ou quando a criatividade, produto mais nobre e valioso do sistema humano, é considerada indesejável.

Tornar as tarefas repetitivas para eliminar erros é, talvez, o maior equívoco em que se pode incorrer. Afinal, os erros acontecem justamente quando o indivíduo liga o piloto automático. E o piloto automático é acionado quando o trabalho a ser feito não traz significado algum para aquele que o executa. Destituído de sentido, o trabalho se transforma em tarefa enfadonha, que traz apenas aborrecimento, o que, por sua vez, gera a pressa de acabar logo com aquela tortura, na ânsia de reencontrar a alma deixada na porta de entrada da empresa, ao lado do marcador de ponto.

Internet: <empreendedor.com.br> (com adaptações).

Mantendo-se a correção gramatical do texto, é <u>correto</u> substituir-se

19. "**<u>colocaram a produtividade como principal meta</u>**" por **colocaram-lhe na situação de meta principal**.

UnB/CESPE - PETROBRAS (Cargo 3: Analista de Comércio e Suprimento Júnior)

O aumento do controle e do uso, por parte do homem, da energia contida nos combustíveis fósseis, abundantes e baratos, foi determinante para as transformações econômicas, sociais, tecnológicas — e infelizmente ambientais — que vêm ocorrendo desde a Revolução Industrial.

Entre as consequências ambientais do processo de industrialização e do inerente e progressivo consumo de combustíveis fósseis — leia-se energia —, destaca-se o aumento da contaminação do ar por gases e material particulado provenientes justamente da queima desses combustíveis.

Cabe lembrar que o efeito estufa existe na Terra independentemente da ação do homem. É importante que este fenômeno não seja visto como um problema: sem o efeito estufa, o Sol não conseguiria aquecer a Terra o suficiente para que ela fosse habitável. Portanto o problema não é o efeito estufa, mas, sim, sua intensificação.

A mudança climática coloca em questão os padrões de produção e consumo hoje vigentes. Atualmente **fala-se** muito em descarbonizar a matriz energética mundial, isto é, em aumentar a participação das energias renováveis em detrimento de combustíveis fósseis. Isto seria uma condição necessária mas não suficiente para a atenuação da mudança do clima, que depende também de outras mudanças na infraestrutura, na tecnologia e na economia.

André Santos Pereira. ***Mudança climática e energias renováveis*** *(com adaptações).*

Julgue o seguinte item, a respeito do texto acima.

20. A mudança de posição do pronome átono em "**fala-se**" para antes do verbo desrespeitaria as regras de colocação pronominal da norma culta brasileira.

UnB/CESPE – IRBr (Admissão à Carreira de Diplomata) Teste de Pré-Seleção

Há algo que une técnicos e humanistas. **Ambos se creem marcados** por um fator distintivo, inerente a seus cérebros: o dom da inteligência, **que os apartaria** do trabalhador manual ou mecânico. Gramsci percebe nessa crença um ranço ideológico da divisão do trabalho: "Em qualquer trabalho físico, até no mais mecânico e degradado, existe um mínimo de qualificação técnica, um mínimo de atividade intelectual criadora. Todos os homens são intelectuais, pode-se dizer, mas nem todos os homens têm na sociedade a função de intelectuais. **Não se pode separar** o Homo faber do Homo sapiens."

O que distingue, portanto, a figura pública do homem da palavra é a rede peculiar de funções que os intelectu-

ais costumam desempenhar no complexo das relações sociais.

À medida que o técnico se quer cada vez mais técnico, restringindo-se a mero órgão do sistema, e à medida que o humanista é deixado avulso do contexto, **um e outro se irão fechando** em suas *pseudototalidades*. O seu conhecimento político decairá. E o sistema, contentando-se com alguns profissionais mais à mão, alijará dos centros de decisão a maior parte dos intelectuais.

Um Gramsci puramente historicista talvez não pudesse dizer mais nada. Os fatos têm a sua razão, os intelectuais são o que são, e ponto-final. Mas Gramsci foi um pensador revolucionário. Por isso, via uma possibilidade de projeto no intelectual moderno, que sucederia, nesse caso, o apóstolo e o reformador de outrora.

*Alfredo Bosi. **Céu, inferno: ensaios de crítica literária e ideológica**. São Paulo: Ática, 1988, pp. 242-3 (com adaptações)*

Em cada um dos itens abaixo é apresentada, em relação a trechos do texto, uma alternativa de colocação pronominal. Com base na prescrição gramatical, julgue (C ou E) cada proposta apresentada.

21. ( ) "Ambos se creem marcados" / **Ambos creem-se marcados**
22. ( ) "que os apartaria" / **que apartá-los-ia**
23. ( ) "Não se pode separar" / **Não pode-se separar**
24. ( ) "um e outro se irão fechando" / **um e outro irão-se fechando**

UnB/CESPE – TER/PA (Cargo 1: Analista Judiciário – Área: Administrativa)

A expedição de qualquer diploma pelo TSE e pelos TREs depende, entre outros fatores, também da prova de o eleito estar em dia com o serviço militar. Consta que os candidatos eleitos aos cargos de presidente e vice-presidente da República recebem diplomas assinados pelo presidente do TSE, os demais ministros, pelo procurador-geral eleitoral. Os eleitos aos demais cargos

— governador, senador, deputados federais, estaduais e distritais, assim como os respectivos vices e suplentes — recebem diplomas assinados pelo presidente do respectivo TRE.

Internet: <www.agencia.tse.gov.br> (com adaptações).

25. Assinale a opção correta no que se refere ao emprego de forma pronominal em substituição ao termo "diplomas" na oração "Os demais eleitos receberão diplomas assinados pelo presidente do respectivo TRE".

(A) Os demais eleitos vão receber-lhes assinados pelo presidente do respectivo TRE.
(B) Os demais eleitos receber-lhes-ão assinados pelo presidente do respectivo TRE.
(C) Os demais eleitos lhes receberão assinados pelo presidente do respectivo TRE.
(D) Os demais eleitos recebê-los-ão assinados pelo presidente do respectivo TRE.
(E) Os demais eleitos receberão-nos pelo presidente do respectivo TRE.

Fundação CESGRANRIO - IBGE (Cargo: Agente Censitário Municipal/Agente Censitário Supervisor)

26. A opção em que o termo em negrito não pode ser substituído pelo pronome pessoal oblíquo átono correspondente é:

(A) rejeitar **o bar.**
(B) andar **de skate.**
(C) comer **uma pizza.**
(D) adotar **o vocabulário.**
(E) importar **o indispensável.**

UnB/CESPE - TRE/GO (Cargo 1: Analista Judiciário - Área: Administrativa)

TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL DE GOIÁS
Portaria n.o 443, de 30 de setembro de 2008 - TRE/GO

O Excelentíssimo Senhor Desembargador-Presidente do Tribunal Regional Eleitoral de Goiás, no uso de suas atribuições e
Considerando o disposto no art. 10, parágrafo único, inciso II, da Lei n.º XXXX, de 19 de setembro de 1998, e no art. 8.º, parágrafo 3.º, da Resolução n.º YYYY, de 15 de outubro de 1999, do colendo Tribunal Superior Eleitoral;
Considerando a necessidade de se promover a padronização dos procedimentos relativos à anotação dos órgãos de direção partidária regionais;
Considerando que as solicitações de anotações feitas pelos partidos políticos devem seguir as regras dos estatutos partidários;

RESOLVE:
Art. 1.º Os pedidos **dever-se-ão** ser requeridos nos exatos termos dos partidos.
Art. 2.º Só se dará prosseguimento aos pedidos de prorrogação quando em conformidade com a lei.

Para que o trecho de documento acima atenda às regras gramaticais da norma de padrão culto, é necessário:

27. que se retire o pronome átono de "**dever-se-ão**", grafando-se **deverão**.

UnB/CESPE - TRE/GO (Cargo 1: Analista Judiciário - Área: Administrativa)

Censurar, proibir e reprimir são atitudes antipáticas, porque geralmente **são vistas pela sociedade** como inimigas da liberdade individual, da criatividade e da verdade. A censura esconde dilemas e armadilhas sutis

que podem causar mais confusão do que esclarecer os problemas relacionados a ela, até porque nem todo tipo de censura representa uma interferência odiosa na vida da população. Um exemplo simples de censura socialmente aceitável — ou até considerada necessária para o bom andamento da vida social — é a tentativa de proteger crianças contra filmes, livros e outras manifestações do pensamento que possam incitar à violência ou a outras situações consideradas prejudiciais à formação dos jovens.

Por outro lado, existem formas de censura que, apesar de serem, em princípio, tão odiosas quanto a censura política, tornam-se praticamente invisíveis no interior do corpo social. Elas agem sem que os responsáveis sequer se deem conta do que estão fazendo. É o caso, entre outros, dos preconceitos, que são, por definição, verdades falsas que, quando se disseminam dentro de um grupo ou comunidade, tendem a hostilizar formas de pensamento e de comportamento que, de alguma forma, não se conformam àquela "verdade".

Flávio Dieguez. ***Ver, ouvir e calar. Discutindo a língua portuguesa,*** *ano 2, n.º 12, p. 34-6 (com adaptações).*

Julgue o item a respeito das estruturas linguísticas do texto.

28. A expressão, na voz passiva, "**são vistas pela sociedade**" corresponde à voz ativa **a sociedade vê-nas,** que a pode substituir sem prejudicar a correção e a coerência do texto.

NÍVEL 1

1.

× a) Falso. Nada (pronome indefinido = fator de atração) se fará sem ele.

✓ b) Verdadeiro. Posso perguntar-te uma coisa?

× c) Falso. "Não (advérbio = fator de atração) nos poderia ajudar em nada" ou "Não poderia ajudar-nos em nada.

✓ d) Verdadeiro. Os candidatos julgaram-se (ou se julgaram) preparados.

✓ e) Verdadeiro. Se lavrará o campo, lavrá-lo-á (futuro do presente: mesóclise).

2.

× a) Falso. A pessoa que (pronome relativo = fator de atração) lhe falar (futuro do subjuntivo) isso estará mentindo.

✓ b) Verdadeiro. Não (fator de atração) o observar (infinitivo) muito era a primeira providência ou Não observá-lo (infinitivo sempre admitirá a ênclise mesmo com o fator de atração) muito era a primeira providência (ou atrai o pronome ou o coloca depois do infinitivo).

× c) Falso. Conceder-te-á (futuro do presente: mesóclise) nova oportunidade se te mantiveres atento.

× d) Falso. Bons ventos a levem, minha amiga! (frase optativa: próclise).

✓ e) Verdadeiro. Talvez o aluno sinta-se (ou se sinta) melhor quando o professor for chamá-lo.

3.

× a) Falso. Poupem-me (ênclise), por favor ou por desprezo.

× b) Falso. Eu havia-lhe (ou Eu lhe havia) ordenado (particípio não admite ênclise) que nunca deixasse faltar vinho.

✓ c) Verdadeiro. O coração dava-lhe (ou lhe dava) pulos no peito.

× d) Falso. Ajudem-me (ênclise) a colocá-la no lugar certo.

✓ e) Verdadeiro. Encarregar-se-ia de fazer (futuro do pretérito: mesóclise) justiça com as próprias mãos.

4.

✓ a) Verdadeiro. Depois que eles se retirarem (ou retirarem-se), poderemos comer a sobremesa. (Que falta de gentileza!).

× b) Falso. Encontrar-te-ei (futuro do presente: mesóclise) no escritório amanhã.

✓ c) Verdadeiro. Quem (fator de atração/ frase interrogativa) nos trouxe a solução do problema?

× d) Falso. Recusei a ideia que (pronome relativo = fator de atração) me apresentaram.

× e) Falso. Nada (pronome indefinido = fator de atração) se conhece sobre a crise mundial.

✓ 5. Resposta: C. a) Jamais (advérbio = fator de atração) te enganaria dessa maneira./ b) Quanto me custa entender os motivos! (frase exclamativa: próclise) / c) Senhores, apresentem-nos (em virtude da vírgula, ênclise) as passagens./ d) Depois (advérbio = fator de atração) lhe darei maiores informações./ e) Aqui (advérbio = fator de atração) se resolvem todos os problemas.

✓ 6. Resposta: D. I – "Os miúdos corriam barulhentos, pedindo-me (em virtude da vírgula, ênclise) dinheiro."/ II - "Dizia ele coisas engraçadas, coçando-se (em virtude da vírgula, ênclise) todo."/ III - "Ficarei no lugar onde (pronome relativo = fator de atração) me encontro. Tem sombra."/ IV - "Quando (conjunção subordinativa = fator de atração) me vi sozinho, tremi de medo."

✓ 7. Resposta: D. Jamais (advérbio = fator de atração) te importunei com minhas crises econômico-financeiras (adjetivo + adjetivo = somente o último elemento varia em gênero e número)!

✓ 8. Resposta: E. Os técnicos haviam-no preparado (Lembre-se: particípio não admite ênclise) bem para o jogo, mas, tentando precaver-se (Lembre-se: infinitivo admite ênclise) contra nova derrota, pediam que treinasse mais.

✓ 9. Resposta: E. Nunca (advérbio = fator de atração) te aborreci com pedidos insistentes, nem (palavra negativa = fator de atração) te incomodei com minhas amizades luso-brasileiras.

✓ 10. Resposta: C. Ter-me-ia (futuro do pretérito: mesóclise) lembrado.

✓ 11. Resposta: E. a) Tudo (pronome indefinido = fator de atração) me era completamente indiferente. b) Ela não (advérbio = fator de atração) me deixou concluir a frase./ c) "Este casamento não deve realizar-se (Lembre-se: infinitivo admite ênclise)" ou "Este casamento não (advérbio = fator de atração) se deve realizar"./ d) Sentíamo-nos contentes como se (conjunção subordinativa = fator de atração) nos tivéssemos presenteado./ e) Ninguém (pronome indefinido = fator de atração) me havia lembrado (Lembre-se: particípio não admite ênclise) de fazer reservas antecipadamente.

✓ 12. Resposta: C. "Não (advérbio = fator de atração) se mais justifica tanto atraso" ou "Não mais (advérbio = fator de atração) se justifica tanto atraso".

✓ 13. Resposta: B. Os alunos tinham-se preparado (Lembre-se: particípio não admite ênclise) para a grande prova.

✓ 14. Resposta: B. "Abre-se (Lembre-se: pronome oblíquo átono não inicia período) a porta da carruagem por dentro."

✓ 15. Resposta: A. Com verbo no futuro do presente ou do pretérito, devemos recorrer à mesóclise, como aconteceu nas opções de "b" a "e". Porém, em "Nunca me sujeitaria a tal exigência" o advérbio (= fator de atração) obriga a próclise.

✓ 16. Resposta: C. Em "O funcionário que se inscrever fará prova amanhã" ocorre próclise em virtude do pronome relativo, e a mesóclise é impraticável, já que, além de existir o fator de atração (obriga a próclise), o verbo está flexionado no futuro do subjuntivo.

✓ 17. Resposta: D. Irei, se (conjunção subordinativa condicional = fator de atração) me quiserem.

RESOLUÇÕES COMENTADAS

NÍVEL 2

1. E (Não iniciar a oração com o pronome átono "nos")
2. E (fez-nos <u>indagar</u>)
3. E (vêm-se ou vêm se)
4. C
5. C (resta-nos = a nós / debruçarmo-nos = verbo pronominal)
6. E (lhe = a ele)
7. C ("a lhes perguntar" ou "a perguntar-lhes")

8. E (Não prejudica a coerência nem resulta em incorreção gramatical)
9. A
10. E (... apresentando-as = v.t.d.)
11. E
12. E (... afrontá-lo)
13. E (cria-se ambiguidade)
14. C
15. E ("não" é fator de atração)
16. E (o "s" é opcional)
17. E (intercalação - entrevírgulas + partícula atrativa)
18. E ("permite" é transitivo direto e indireto)
19. E (... colocaram-na)
20. E (o advérbio "Atualmente" é fator de atração)
21. E (Celso Cunha considera o numeral "Ambos" fator de atração)
22. E ("que" é fator de atração)
23. E ("Não" é fator de atração)
24. E ("um e outro", pronomes indefinidos, são fatores de atração)
25. D (Lembre-se de que "receberão" é v.t.d.)
26. B
27. C (Eliminar a partícula apassivadora: "deverão ser requeridos" já constitui voz passiva)
28. E ("a sociedade as vê", "a sociedade vê-as")

CAPÍTULO 8

REGÊNCIA E CRASE

TEXTO I

Leia o texto abaixo para responder à questão 1.

Um dia, o dono do pasto decidiu desfazer-se do negócio e vender a área para uma construtora, que resolveu fazer um condomínio de lazer de luxo. Mas era preciso dar um ar de natureza sem os seus problemas inerentes, como insetos em geral e animais que pudessem sujar o ambiente. Decisivamente, criar ovelhas, até pela falta de espaço, não se enquadrava no novo cenário. Assim, o dono indenizou Pedro e vendeu o rebanho para um frigorífico, congelando o assunto.

Pedro, nessa altura, decide mudar-se para a capital. Passam-se os anos e, para resumir a história, vamos encontrá-lo trabalhando numa grande empresa, num setor que na época se chamava departamento de pessoal — ou DP, que alguns maldosamente diziam ser as iniciais de departamento de polícia. Hoje, com tanta gente sofisticada trabalhando na área, ninguém mais se refere a DP, mas a recursos humanos.

Pedro foi inicialmente contratado para anotar alterações funcionais dos empregados nas suas carteiras de trabalho. Nessa função mecânica, sobrava-lhe tempo para pensar. Sentiu saudades das ovelhas e dos carneiros. Mas para se distrair, passou a imaginar que cada um dos empregados fotografados naquelas carteiras de trabalho era um membro de seu falecido rebanho.

No entanto, quando começava a se afeiçoar aos rostos, eles eram trocados. Descobriu que a causa era o

acentuado número de demissões de funcionários, muitos praticamente recém-contratados. Veio-lhe a lembrança desagradável dos tempos de pasto, quando o mesmo fato ocorria toda vez que o dono resolvia vender parte do rebanho para abate. Neste caso, felizmente, tinha como interferir.

Procurou o diretor da empresa e se ofereceu para cuidar do processo de seleção. Sua tese era que uma escolha correta evitava um desligamento profissional desnecessário. A estratégia deu certo, as demissões diminuíram, e ele foi promovido para o lugar de seu chefe.

Agora, tinha de administrar um rebanho de gente. Lembrou-se do seu modelo de punições e recompensas e o adaptou as novas circunstâncias. Adotou também o critério de chamar a todos pelos seus nomes, quando os encontrava casualmente nos corredores da empresa.

Pedro não se esquecera das lições do pasto. Suas ferramentas, incluindo os sensores que o alertavam a respeito de problemas em potencial, continuavam a ser adotadas. Inventou vários sensores, mas, o mais importante, manteve o rebanho sob controle. Fosse ele constituído de gente ou de carneiros, era fundamental evitar futuros problemas.

(Revista Exame)

QUESTÃO 1

Com base no texto, julgue os itens a seguir.

(A) Em vez de "... vamos encontrá-lo trabalhando numa grande empresa..." *(Ls. 11-12)*, também estaria correto em estilo formal culto: "...vamos encontrar-lhe trabalhando numa grande empresa". ***(p. 495)***

(B) Em "... o dono do pasto decidiu desfazer-se do negócio..." *(L. 1)*, o verbo destacado classifica-se, quanto à transitividade, como transitivo indireto. ***(p. 505)***

(C) Ainda com relação ao verbo destacado no item anterior, caso haja a supressão do pronome -**se**, a regência do mesmo verbo não apresentará alterações. ***(p. 505)***

(D) Em "Decisivamente, criar ovelhas, até pela falta de espaço, não se **enquadrava** no novo cenário" *(Ls. 6-7)*, o verbo destacado, quanto à predicação, classifica-se como intransitivo. ***(p. 506)***

(E) Em "... sobrava-**lhe** tempo para pensar" *(Ls. 20-21)*, a palavra destacada exerce, sintaticamente, a função de adjunto adnominal. ***(p. 506)***

(F) O período "... Sua tese era que uma escolha correta evitava um desligamento" *(Ls. 34-35)* poderia, sem incorrer em erro, ser assim redigido: "... Sua tese era de que uma escolha correta evitava um desligamento". ***(p. 507)***

(G) O período "Lembrou-se do seu modelo de punições e recompensas..." *(L. 39)* pode ser reescrito, sem incorrer em erro, da seguinte maneira: "Lembrou o seu modelo de punições e recompensas". ***(p. 508)***

(H) Em vez de "Pedro não se esquecera das lições do pasto", é também escorreita a forma "Pedro não esquecera as lições do pasto". ***(p. 508)***

(I) No trecho "**Inventou** vários sensores, mas, o mais importante, **manteve** o rebanho sob controle" *(Ls. 46-47)*, os verbos destacados são transitivos diretos. Portanto, considerando a substituição dos complementos por pronomes, o trecho pode ser reescrito assim: "Inventou-os, mas, o mais importante, manteve-o sob controle". ***(p. 508)***

TEXTO II

Leia o texto a seguir para responder à questão 2.

Em 6 de agosto de 1945, quando a guerra entre Estados Unidos e Japão chegava ao fim, a força aérea americana

lançou uma bomba atômica sobre Hiroxima. O resultado foi a morte imediata de um número de pessoas calculado entre 70.000 e 80.000 e a completa destruição da cidade. A essas baixas somaram-se os queimados e mutilados e as mortes posteriores causadas pela radiação.

Hiroxima foi reconstruída segundo modernos critérios urbanísticos e voltou a ocupar importante lugar no Japão. Do desastre e como símbolo do que fora a cidade, só restou o Instituto de Promoção Industrial, único prédio a resistir parcialmente à explosão. Ergueu-se também um monumento, em forma de sela, em alusão às pequeninas selas de barro colocadas nas antigas tumbas japonesas. A moderna Hiroxima produz aço, borracha, navios, produtos químicos e equipamentos de transporte. Uma ferrovia ultrarrápida conecta a cidade a Osaka e Tóquio.

QUESTÃO 2

Julgue os itens a seguir.

(A) Em "... a guerra entre Estados Unidos e Japão chegava ao **fim**" *(Ls. 1-2)*, se substituíssemos a palavra destacada por **etapa final**, o uso do acento grave seria obrigatório. ***(p. 510)***

(B) Na oração "... único prédio a resistir parcialmente à explosão" *(Ls. 11-12)*, o uso do acento grave se justifica pelo fato de introduzir objeto indireto com núcleo feminino. ***(p. 511)***

(C) No trecho "A essas baixas somaram-se os queimados e mutilados" *(L 6)*, o uso do acento grave é opcional. ***(p. 512)***

(D) Em vez de "... voltou a ocupar importante lugar no Japão" *(Ls. 9-10)*, também estaria correto "... voltou à ocupar importante lugar no Japão". ***(p. 515)***

(E) Em "... em alusão **às pequeninas** selas de barro" *(Ls. 13-14)*, o acento grave foi empregado em virtude das relações de regência nominal. ***(p. 515)***

(F) Nas frases "... em alusão **às pequeninas** selas de barro" *(Ls. 13-14)*, "Quero ter direito **à vida**", o acento grave foi empregado em obediência à mesma regra. ***(p. 516)***

(G) Em "Uma ferrovia ultrarrápida conecta a cidade **a** Osaka e Tóquio" *(Ls. 17-18)*, o acento grave é opcional. ***(p. 516)***

RESOLUÇÕES COMENTADAS

QUESTÃO 1

× (A) Falso. Em "... vamos encontrá-**lo** trabalhando numa grande empresa...", o verbo é essencialmente transitivo direto. Portanto, não admite, na substituição lexical, o pronome **lhe**, já que este corresponde a objeto indireto. Assim, dois aspectos muito importantes estão sendo cobrados em concursos e exames vestibulares no tocante à **regência**:

- Carga Semântica (significação)
- Substituição Lexical (uso do pronome oblíquo)

Regência é a relação necessária que se estabelece entre duas palavras, uma das quais servindo de complemento a outra (dependência sintática).

TERMO REGENTE = palavra principal a que outra se subordina.

TERMO REGIDO = palavra dependente que serve de complemento e que se subordina ao TERMO REGENTE.

Portanto, a relação entre o verbo (termo regente) e o seu complemento (termo regido) chama-se REGÊNCIA VERBAL, orientada pela transitividade.

Lembre-se de que o OBJETO DIRETO é o complemento do verbo que não possui preposição e que também pode ser representado pelos pronomes oblíquos átonos "o", "a", "os", "as". O OBJETO INDIRETO vem acrescido

de preposição e pode ser representado pelos pronomes átonos "lhe", "lhes".

Os pronomes "me", "te", "se", "nos" e "vos" podem funcionar como objetos diretos ou indiretos.

REGÊNCIA DE VERBOS IMPORTANTES

- ABRAÇAR.

É transitivo direto.

Ex.: Abracei Ambrosina com ímpeto.

Depois do depósito, o parlamentar abraçou-me agradecido.

Importante:

Esse verbo pode aparecer com outras regências que evidenciam matizes especiais de significação.

Ex.: Meio tonto, o bêbedo abraçou-se ao poste.

Para ter mais apoio, a vítima abraçou-se em mim.

Comemorando a vitória, o vestibulando abraçava-se com o pai.

- ACONSELHAR.

É transitivo direto e indireto no sentido de "dar e tomar conselhos, entrar em acordo".

Ex.: Aconselho você a não sair de casa hoje por causa da chuva.

Aconselhei à Cupertina um bom caminho para ir à praia.

Aconselhamos Gudesteu sobre os investimentos.

- AGRADAR.

É transitivo direto no sentido de "acariciar, fazer agrados".

Ex.: A mãe agradava os filhos antes de sair para o trabalho.

Agradei minha namorada com meus elogios.

É transitivo indireto no sentido de "ser agradável, contentar, satisfazer".

Ex.: A resposta não agradou ao juiz.

Temos convicção de que este resultado não lhe agradará.

- AGRADECER.

É transitivo direto e indireto.

Ex.: Agradecemos a Deus o milagre.

O político agradeceu-me, comovido, o apoio.

Importante:

Evite a construção "agradecer a alguém por algo" (italianismo).

- AJUDAR.

É transitivo direto e indireto.

Ex.: Ajudei-o a entender a petição inicial.

Ajudei a todos os meus parentes (objeto direto preposicionado).

- APOIAR-SE.

É transitivo indireto.

Ex.: Para não cair, o estudante apoiou-se ao muro.

Apoiamo-nos em provas para provar a inocência do réu.

- ANTIPATIZAR / SIMPATIZAR

São transitivos indiretos.

Ex.: Antipatizei com a ministra-chefe.

Simpatizamos com as ideias do PMDB.

☞ **IMPORTANTE: LEMBRE-SE DE QUE ESSES VERBOS NÃO SÃO PRONOMINAIS.**

- ASPIRAR.

É transitivo direto quando significa "respirar, sorver, absorver".

Ex.: A secretária aspirou muita poeira ao limpar aquela sala.

É transitivo indireto no sentido de "ambicionar, pretender, desejar".

Ex.: Lula sempre aspirou **ao cargo de presidente da República**.

IMPORTANTE

Nesse caso, não se admite o pronome átono "lhe" na substituição do objeto indireto. Use as formas tônicas "a ele, a ela, a eles, a elas".

Ex.: Aquele cargo de auditor? Aspiro a ele desde 2001.

- ASSISTIR.

É transitivo direto ou indireto no sentido de "prestar assistência, ajudar, servir, acompanhar".

Ex. : O médico assiste a (à) evolução daquele paciente todos os dias.

O governo local assistiu os (aos) moradores daquela cidade depois da enchente.

É transitivo indireto quando significa "prestar atenção, estar presente, presenciar".

Ex.: Assistiu-se ao espetáculo ontem à tarde.

O mundo assistiu à queda do avião, perplexo.

IMPORTANTE

Nesse caso, também são exigidas as formas tônicas "a ele, a ela, a eles, a elas" na substituição do objeto indireto.

Ex.: Quanto ao julgamento, assistimos a ele surpresos.

É transitivo indireto no sentido de "pertencer, caber direito ou razão".

Ex.: Não lhe assiste o direito de criticar o governo anterior.

Não assiste a ele esse direito. (Nesse caso, usam-se as formas tônicas e átonas na substituição do objeto indireto.)

- ATENDER

É transitivo direto ou indireto, segundo os dicionaristas modernos, com o significado de "servir, escutar e responder".

Ex.: A secretária atendeu o (ao) telefone com presteza.

É transitivo direto ou indireto, indiferentemente, quando significa "dar ou prestar atenção a, dar audiência".

Ex.: O assessor não atendeu as (às) ordens do ministro.

O presidente atenderá a (à) Comissão de Justiça.

Prefira, nos dois casos, a regência transitiva indireta

- ATINGIR

É transitivo direto.

Ex.: A ciência atingiu um progresso significativo.

- ATIRAR

É transitivo direto quando significa "arremessar, lançar, arrojar".

Ex.: "Aquele que estiver sem pecado que atire a primeira pedra!"

É transitivo indireto no sentido de "disparar arma de fogo".

Ex.: O alvo a que os soldados atiravam ficava a duzentos metros.

Atirem nos inimigos quando o general ordenar.

- AVISAR, CERTIFICAR, COMUNICAR, INFORMAR, NOTIFICAR, PREVENIR, CIENTIFICAR

São transitivos diretos e indiretos.

1. ALGUÉM DE ALGO

Eu avisarei o Presidente de sua chegada, Senador.

Eu o avisarei...

2. ALGO A ALGUÉM

Eu avisarei sua chegada ao Presidente, Senador.

Eu lhe avisarei...

▪ CARECER

É transitivo indireto.

Ex: Carecemos de verba pública para concretizar o projeto.

▪ CHAMAR

É transitivo direto ou indireto — com a preposição "por"— quando significa "fazer vir alguém, convocar, invocar, pedir auxílio".

Ex.: Obama chamou os secretários para uma reunião urgente. (Chamou-os)

Em suas preces, Madre Tereza chamou por todos os santos.

Rubinho chamava pelos colegas para empurrarem o carro.

Quando avistou os ladrões, Maluf chamou pela polícia.

☞ **IMPORTANTE**

Com o sentido de "denominar, caracterizar, apelidar", é transitivo direto ou indireto e o predicativo pode vir com ou sem a preposição.

Ex.:

Chamavam o cientista, maluco.

Chamavam o cientista de maluco.

Chamavam ao cientista de maluco.

Chamavam ao cientista, maluco.

▪ CHEGAR

Exige o emprego da preposição "a". Todavia, na linguagem coloquial brasileira, emprega-se a preposição "em".

Ex.: O general chegou ao auditório atrasado.

Maria Fotocópia chegou a casa na manhã seguinte.

- COMUNGAR

É transitivo direto com o sentido de "dar comunhão".

Ex.: O padre Fábio comungou meus amigos ontem. (Comungou-os)

Com o significado de "estar de acordo, participar", pode vir com preposição.

Ex.: Quanto aos benefícios, os deputados comungavam (das/nas/com as) mesmas ideias.

- CONFRATERNIZAR

É transitivo indireto.

Ex.: Os corinthianos confraternizaram com os jogadores após a vitória merecida.

- CONSTITUIR (-SE)

É transitivo direto.

Ex.: O terceiro capítulo constitui o núcleo da obra.

A moralidade pública constitui uma esfera de que todos participam.

A moralidade pública constitui-se uma esfera de que todos participam.

- CONTENTAR

É transitivo direto quando significa "agradar, satisfazer".

Ex.: O pai fez o possível para contentar os filhos.

Com o sentido de "ficar contente", o verbo é pronominal e apresenta-se com as preposições "com, de, em".

Ex.: Há pessoas que se contentam com poucas palavras. Contentou-se em/de viajar amanhã para a Bolívia.

- CONVIDAR

É transitivo direto.

Ex.: Convidarei o deputado para ministrar uma palestra. Não me convidaram para esta festa pobre.

- CUSTAR

É transitivo direto quando significa "valer, ter um preço".

Ex.: Este imóvel custa quatrocentos mil reais.

Quando significa "ser difícil", é transitivo indireto e vem sempre na terceira pessoa, para concordar com o sujeito (cuidado com o sujeito oracional).

Ex.: Custa-me entender os motivos da crise financeira.

Custam aos advogados esses recursos. (Custam-lhes)

Com o infinitivo, este pode vir ou não precedido da preposição "a".

Ex.: Custa-me (a) entender os motivos da crise financeira.

Custou-me (a) encontrar os insetos transmissores.

- DEPARAR

É transitivo direto quando significa "fazer aparecer".

Ex.: Qual é o gênio que depara os pedidos ocultos?

É transitivo indireto, no sentido de "encontrar com alguém de repente".

Ex.: Sarney deparou com Ronan no saguão.

É pronominal com o sentido de "vir, chegar, surgir inesperadamente".

Ex.: Deparou-se-lhe uma perfeita chance de entrar no serviço público.

- DESCULPAR

É transitivo direto e indireto, com o sentido de "pedir desculpas, perdoar e justificar".

Ex.: Desculpe-me de (por) não convencer a ministra.

Todo cristão sempre desculpa os erros de seus semelhantes.

- DIGNAR-SE

É pronominal e exige a preposição "de", que pode ficar elíptica.

Ex.: O desembargador não **se dignou de ler** o recurso.

O governador se **dignou ouvir** as reivindicações dos professores.

- ESTIMAR

É transitivo direto quando significar "ter afeição ou amizade a, apreciar, avaliar, congratular-se por, ser de opinião, achar".

Ex.: Estimo meus afilhados como filhos.

Estimava bastante as obras de Guimarães Rosa.

O corretor estimou esse imóvel em seis milhões de reais.

Estimamos a melhora da ministra.

O engenheiro estima o fim da construção para daqui a sessenta dias.

- FELICITAR

É transitivo direto e indireto.

Ex.: Felicito-o por (de) ter alcançado o segundo lugar.

- GOSTAR

Quando sinônimo de "apreciar", é transitivo indireto.

Ex.: O advogado gostou da petição elaborada.

Quando significa "degustar, provar, experimentar, saborear", é transitivo direto.

Ex.: O advogado gostou o caldo de quiabo.

- IMPLICAR

É transitivo direto quando significa "acarretar, produzir como consequência alguma coisa, pressupor".

Ex.: A inadimplência implicará multa contratual.

Sua atitude implicou suspensão por tempo indeterminado.

Alguns autores, como Celso Pedro Luft e Antônio Houaiss, já admitem a transitividade indireta — **implicar em** — nos exemplos acima. A banca da ESAF, na prova para o cargo de Auditor Fiscal da Receita Federal/2002, considerou corretas as duas regências. Prefira, porém, a regência transitiva direta.

Com o sentido de "envolver, comprometer", é transitivo direto e indireto.

Ex.: O parlamentar implicou muitas pessoas em suas falcatruas.

Com o sentido de "ter antipatia, irritação em relação a alguém ou a alguma coisa", é transitivo indireto.

Ex.: O rei implicava com todos os serviçais do castelo.

- INDAGAR

É transitivo direto e indireto.

Ex.: Os deputados indagaram algumas irregularidades à testemunha.

- PERSUADIR

Quando significa "levar a crer, induzir a acreditar", é transitivo direto e indireto.

Ex.: É preciso persuadir o caseiro dessas verdades.

Com o sentido de "instigar", também é transitivo direto e indireto.

Ex.: Com essa informação, persuadiu a testemunha a mentir.

Persuadi-os a deixar de fumar e de beber.

- QUERER

É transitivo direto quando significa "ter intenção de, desejar, ordenar, fazer o favor de".

Ex.: Os servidores querem fazer uma homenagem ao diretor-geral.

Queremos uma obra que trate da crise econômica.

O general queria todos os soldados a postos.

Com o sentido de "ter afeição a alguém ou a alguma coisa", é transitivo indireto.

Ex.: Os brasileiros querem muito ao país.

Sempre lhe quis muito bem.

- RESIGNAR

Com o significado de "renunciar, desistir", é transitivo direto.

Ex.: Severino Cavalcanti resignou o cargo de deputado.

Com o sentido de "conformar-se", é pronominal.

Ex.: Por acreditar na Justiça Divina, resigno-me com minhas dores.

Resignou-se às tarefas que lhe foram dadas.

✓ (B) Verdadeiro. Em "... o dono do pasto decidiu **desfazer-se** do negócio...", o verbo destacado classifica-se, quanta à transitividade, como transitivo indireto (desfazer-se **de** algo). Observe a regência de outros verbos importantes:

× (C) Falso. Em **desfazer-se**, caso haja a supressão do pronome - **se**, a regência do mesmo verbo apresentará alterações. **Desfazer-se** de algo (verbo transitivo indireto) é diferente de **desfazer** algo (verbo transitivo direto). Processo semelhante acontece com os seguintes verbos:

▪ ESQUECER

· Transitivo direto não é pronominal.

Ex.: Nós não esquecemos o seu passado.

· Transitivo indireto é pronominal.

Ex.: O arquiteto <u>se</u> **esqueceu do projeto.**

☞ **IMPORTANTE**

Existe uma construção em que o verbo **esquecer** tem como sujeito **aquilo que foi esquecido** e como objeto indireto **a pessoa a quem o esquecimento atingiu.**

Ex.: Esqueceu-me o seu nome. (<u>O seu nome</u> esqueceu <u>a mim.</u>)

Sujeito O.I.

▪ LEMBRAR / RECORDAR / ADMIRAR / ESQUECER

· Transitivos diretos não são pronominais.

Ex.: Lembrei **os fatos da infância.**

Recordamos **histórias antigas.**

O anfitrião admirou **os seus dotes físicos.**

· Transitivos indiretos são pronominais. (preposição de).
Ex.: Lembrei-me **dos fatos da infância**.
Recordamo-nos **de histórias antigas.**
O anfitrião admirou-se **dos seus dotes físicos.**

IMPORTANTE

Reveja as orientações acerca do verbo **esquecer**.
Lembrou-**me o fato ocorrido**. (**O fato ocorrido** lembrou a mim.)

× (D) Falso. Em "Decisivamente, criar ovelhas, até pela falta de espaço, não se **enquadrava** no novo cenário", o verbo destacado, quanto à predicação, classifica-se como transitivo **indireto**. Observe: ...não se enquadrava (v.t.i.) criar ovelhas (sujeito oracional) no novo cenário (objeto indireto). Veja outros verbos importantes:

▪ DECLINAR
· Transitivo direto ou indireto, no sentido de recusar.
Ex: Ele **declinou o convite**. / Ele **declinou do convite**.

▪ DESAGRADAR
· Sempre transitivo indireto. (diferente de agradar)
Ex.: O projeto **desagradou ao chefe**. / **O projeto desagradou-lhe**.

× (E) Falso. Em "... sobrava-**lhe** tempo, para pensar", a palavra destacada exerce, sintaticamente, a função de objeto indireto. Observe a ordem direta: "... tempo para pensar (sujeito) sobrava (v.t.i.) - lhe (= a ele / objeto indireto). Cuidado, também, com a regência dos seguintes verbos:

▪ OBEDECER/DESOBEDECER
São transitivos indiretos (preposição a)
Ex.: Desobedecemos **ao regulamento estabelecido**.
Você deve obedecer **aos teus irmãos mais velhos**.

- PAGAR
  - Transitivo direto, no sentido de saldar compromissos. Refere-se a coisas.
    Ex.: O cliente **pagou a consulta**.
  - Transitivo indireto, no sentido de remunerar. Refere-se a pessoas. (preposição a)
    Ex.: O mandante do crime **pagou ao detetive**.

- PERDOAR
  - Transitivo direto, no sentido de desculpar. Refere-se a coisas.
    Ex.: Minha prima **perdoa os meus erros**.
  - Transitivo indireto, no sentido de conceder perdão. Refere-se a pessoas. (preposição a)
    Ex.: Cristo **perdoou aos pecadores**.

- PREFERIR
  - Transitivo direto e indireto. (preposição a)
    Ex.: Eu prefiro comprar uma casa simples a fazer uma dívida enorme.

- PROCEDER
  - Intransitivo, no sentido de ter procedência, ter fundamento, comportar-se.
    Ex.: O gesto infeliz não **procedia**.
    Ele sempre **procedeu** com transparência.
  - Intransitivo, no sentido de provir.
    Ex.: O vendedor procede do Japão.
  - Transitivo indireto, no sentido de dar início. (preposição a)
    Ex.: Ele **procedeu** ao pronunciamento oficial.

× (F) Falso. Observe: "Sua tese (sujeito) era (verbo de ligação/não exige termo regido pela preposição **de**) que uma escolha correta evitava um desligamento..." (oração subordinada substantiva predicativa). Acertou? Mas tome cuidado com estes verbos:

- VISAR
  - Transitivo direto, no sentido de apontar ou pôr o visto.
    Ex.: O gerente do Banco do Brasil **visou o cheque**.
    O grande caçador **visou o alvo**.
  - Transitivo indireto, no sentido de desejar, ter em vista. Não admite o pronome oblíquo átono lhe(s) na função de objeto indireto, sendo substituído por a ele(s), a ela(s). (preposição a)
    Ex.: Nós **visamos ao crescimento da empresa**.
    Nós **visamos a ele**.

Celso Cunha, Luft e Houais também admitem a regência transitiva direta:

Nós visamos o crescimento da empresa.

Prefira a regência transitiva indireta.

- COMPARTILHAR
  Só pode ser **transitivo direto**.
  Ex.: Compartilho **a dor do meu vizinho.**
  Não compartilhamos **essa opinião.**
  Queremos compartilhar **sua alegria**.

✓ (G) Verdadeiro. O período "Lembrou-se (pronominal / v.t.i.) do seu modelo de punições e recompensas..." pode ser reescrito, sem incorrer em erro, da seguinte maneira: "Lembrou (não pronominal / v.t.d.) o seu modelo de punições e recompensas". Releia as observações do item C.

✓ (H) Verdadeiro. Em vez de "Pedro não se esquecera (pronominal / v.t.i.) das lições do pasto", é também escorreita a forma "Pedro não esquecera (não pronominal / v.t.d.) as lições do pasto". Releia as observações do item C.

✓ (I) Verdadeiro. No trecho "**Inventou** vários sensores, mas, o mais importante, **manteve** o rebanho sob controle", os verbos destacados são transitivos diretos. Portanto, considerando a substituição dos

complementos por pronomes, o trecho pode ser reescrito assim: "Inventou-os, mas, o mais importante, manteve-o sob controle". Mais uma lição importante em relação a verbos que exigem cuidados:

- NAMORAR

É sempre **transitivo direto** e não admite, portanto, preposição alguma.

Ex.: Namoro fulana. Você está namorando alguém?

- PEDIR
  - É transitivo direto e indireto, mas com a preposição a.
    Ex.: Pedi **um presente a ela**. Peça **ao governo que o indenize**.
  - Pedir para, só quando há ideia de licença, permissão.
    Ex.: O aluno pediu **para sair**.

- PRECISAR
  - É transitivo direto, no sentido de indicar com exatidão.
    Ex.: O piloto precisou o local do ataque e apertou o botão.
  - No sentido de necessitar, é transitivo indireto.
    Ex.: Não precisamos de ajuda.

- REPARAR
  - Transitivo direto, no sentido de consertar.
    Ex.: O marceneiro reparou **a porta**.
  - Transitivo indireto, no sentido de observar, acompanhado da preposição em.
    Ex.: Repare **no exemplo de seus pais.**
    Não repare **na casa**.

- SERVIR
  - Transitivo direto, no sentido de prestar serviço, ou de pôr sobre a mesa.
    Ex: O assessor serve bem o diretor.
    A cozinheira não serviu o almoço.
  - Transitivo indireto, no sentido de ser útil.
    Ex: Essa máquina não serve ao meu escritório.

- SOBRESSAIR
  - Transitivo indireto, mas nunca pronominal.
    Ex.: Ele é o jogador que mais sobressaiu **nos jogos do campeonato**.
    Nunca sobressaí **em matemática**.
  - Transitivo direto, como desfrutar, nunca com preposição.
- USUFRUIR
    Ex.: Vou usufruir **o verão**.
    Não pude desfrutar **o descanso**.

QUESTÃO 2

✓ (A) Verdadeiro. Em "... a guerra entre Estados Unidos e Japão chegava ao **fim**", se substituíssemos a palavra destacada por **etapa final**, o uso do acento grave seria obrigatório. Observe que o verbo **chegava**, para se ligar ao complemento adverbial, exige a preposição **a** (chegar a). Além disso, a palavra etapa é feminina e aceita o artigo anteposto **a**. Portanto, temos a fusão de **a** (preposição) e **a** (artigo definido feminino). Resultado: acento grave obrigatório. Assim, lembre-se sempre:

REGRAS BÁSICAS PARA O PERFEITO USO DO ACENTO GRAVE

1.ª REGRA - É condição essencial que o acento grave venha antes de palavra feminina.

2.ª REGRA - É necessário que a palavra dependa de outra que exija a preposição **a**.

3.ª REGRA - É necessário que a palavra admita o artigo feminino (sentido particularizado).

✓ (B) Verdadeiro. Na oração "... único prédio a resistir parcialmente à explosão", o uso do acento grave se justifica pelo fato de introduzir objeto indireto com núcleo feminino. Observe que o verbo **resistir**, para se ligar ao complemento verbal, exige a preposição **a** (**resistir** a/ v.t.i.). Além disso, a palavra **explosão** (obj. indireto) é feminina e aceita o artigo anteposto a. Portanto, temos a fusão de **a** (preposição) e **a** (artigo definido feminino). Resultado: acento grave obrigatório. Saiba mais:

Usa-se acento grave ainda	
Nas formas àquela, àquele àquelas, àqueles, àquilo, àqueloutro (e derivados)	Cheguei àquele (a + aquele) lugar. Vou àquelas cidades. Referiu-se àqueles livros. Não deu importância àquilo.
Nas indicações de horas, desde que determinadas.	Chegou às 8 horas, às 10 horas, à 1 hora. Zero e meia incluem-se na regra. O aumento entra em vigor à zero hora. Veio à meia-noite em ponto. A indeterminação afasta a crase: Irá a uma hora qualquer.
Nas locuções adverbiais, prepositivas e conjuntivas, como: às pressas, às vezes, à risca, à noite, à direita, à esquerda, à frente, à maneira de, à moda de, à procura de, à mercê de, à custa de, à medida que, à proporção que, à forma de, à espera de.	Saiu às pressas. Vive à custa do pai. Estava à espera do irmão. Sua tristeza aumentava à medida que os amigos partiam. Serviu o filé à moda da casa.

Usa-se acento grave ainda	
Nas locuções que indicam meio ou instrumento e em outras nas quais a tradição linguística o exija, como: à bala, à faca, à máquina, à chave, à vista, à venda, à toa, à tinta, à mão, à navalha, à espera, à baioneta calda, à fome (matar à fome).	Morto à bala, à faca, à navalha. Escrito à tinta, à mão, à máquina. Pagamento à vista. Produto à venda. Andava à toa.
Observação: neste caso não se pode usar a regra prática de substituir **a** por **ao**.	Há divergências entre os estudiosos da língua. Porém, prefira o uso do acento grave, especialmente para evitar ambiguidade.
Antes dos relativos **que**, **qual** e **quais**, quando o **a** ou **as** puderem ser substituídos por **ao** ou **aos**.	Eis a moça à qual você se referiu (equivalente: eis o rapaz ao qual você se referiu). Fez alusão às pesquisas às quais nos dedicamos (fez alusão aos trabalhos aos quais...). É uma situação semelhante à que enfrentamos ontem (é um problema semelhante ao que...).

× (C) Falso. No trecho "**A** essas baixas (obj. indireto) somaram (v.t.d.i) -se (partícula apassivadora) os queimados e mutilados (sujeito)", o uso do acento grave é proibido. Temos apenas a preposição **a** exigida pelo verbo. Ademais, o pronome **essas** não aceita artigo anteposto. Saiba mais:

Não se usa acento grave antes de	
Palavras masculinas. Exceção: existe a crase quando se pode subentender uma palavra feminina, especialmente moda e maneira, ou qualquer outra que determinar um nome de empresa ou coisa.	andar a pé, pagamento a prazo, caminhadas a esmo, cheirar a suor, viajar a cavalo, vestir-se a caráter. Salto à Luís XV (à moda de Luis XV). Estilo à Machado de Assis (à maneira de). Referiu-se à Apolo (à nave Apolo). Dirigiu-se à (fragata) Gustavo Barroso. Vou à (editora) Melhoramentos. Fez alusão à (revista) Veja.
Nome de cidade. Exceção: há crase quando se atribui uma qualidade à cidade.	Chegou a Brasília. Irão a Roma este ano. Iremos à Roma dos Césares. Referiu-se à bela Lisboa, à Brasília das mordomias, à Londres do século 19.
Verbo	Passou a ver. Começou a fazer. Pôs-se a falar.
Substantivos repetidos.	Cara a cara, frente a frente, gota a gota, de ponta a ponta.
Ela, esta e essa	Pediram a ela que saísse. Cheguei a esta conclusão. Dedicou o livro a essa moça.

Não se usa acento grave antes de	
Outros pronomes que não admitem artigo, como: ninguém, alguém, toda, cada, tudo, você, alguma, qual, etc.	Referiu-se a você. Obedece a alguma regra. Fez críticas a tudo
Formas de tratamento	Escreverei a Vossa Excelência. Recomendamos a Vossa Senhoria... Pediram a Vossa Majestade...
Uma. Exceção: na locução à uma, em que **uma** designa hora.	Foi a uma festa. Sairá à uma hora.
Palavra feminina tomada em sentido genérico.	Não damos ouvido a reclamações. Devido a morte em família, faltou ao serviço (Regra prática: devido a falecimento, e não ao falecimento). Não me refiro a mulheres, mas a meninas.
Substantivos no plural que fazem parte de locuções de modo.	Pegaram-se a dentadas. Agrediram-se a bofetadas. Progrediram a duras penas.
Nomes de mulheres célebres.	Ele a comparou a Ana Néri. Preferia Ingrid Bergman a Greta Garbo.
Dona e madame. Exceção: há crase se **dona** ou **madame** estiverem particularizados.	Deu dinheiro à dona Maria. Já se acostumou à madame Angélica. Referiu-se à Dona Flor dos dois maridos.

Não se usa acento grave antes de	
Distância, desde que não determinada. Observação: quando se define a distância, existe crase.	A polícia ficou a distância. O navio estava a distância. O navio estava à distância de 500 metros dos manifestantes.
Terra, quando a palavra significa terra firme. Observação: nos demais significados de terra, usa-se a crase.	O navio estava chegando a terra. O marinheiro foi a terra. (não há artigo com outras preposições: Viajou por terra. / Esteve em terra.) Voltou à terra natal. Os astronautas regressaram à Terra.
Casa, considerada como o lugar onde se mora. Observação: se a palavra estiver determinada, existe crase.	Voltou a casa. Chegou cedo a casa (Veio de casa, voltou para casa, sem artigo). Voltou à casa dos pais. Iremos à Casa da Moeda. Fez uma visita à Casa Branca.

× (D) Falso. Em "... voltou a ocupar importante lugar no Japão", o acento grave antes do verbo é proibido. Não se trata de palavra feminina. Veja o quadro do item anterior.

✓ (E) Verdadeiro. Em "... em alusão às pequeninas selas de barro", o acento grave foi empregado em virtude das relações de regência nominal. Observe que o nome **alusão**, para se ligar ao complemento, exige a preposição a (**alusão** a). Além disso, a palavra **selas** é feminina e aceita o artigo anteposto as. Portanto, temos a fusão de a (preposição) e as (artigo definido feminino). Resultado: acento grave obrigatório.
Observe o quadro do item B.

✓ (F) Verdadeiro. Nas frases "... em alusão às pequeninas selas de barro", "Quero ter direito à vida", o acento grave foi empregado em obediência à mesma regra. Os termos "às pequeninas selas" e "à vida" são complementos nominais com núcleo feminino, respectivamente, de "alusão" e "vida".

× (G) Falso. Em "Uma ferrovia ultrarrápida conecta a cidade a Osaka e Tóquio", o acento grave é proibido. Observe que o verbo "conecta", para se ligar ao complemento verbal, exige a preposição a("conectar" algo a). Porém, os nomes Osaka e Tóquio não aceitam o artigo anteposto a. Não há fusão. Não há acento grave. Saiba em que circunstâncias o acento grave é opcional:

Uso facultativo	
Antes do possessivo. Observação: na maior parte dos casos, a crase dá clareza ao tipo de oração.	Levou a encomenda a sua (ou à sua) tia. Não fez menção a nossa empresa (ou à nossa empresa).
Antes de nomes de mulheres. Observação: em geral se a pessoa for íntima de quem fala, usa-se a crase, caso contrário, não.	Declarou-se a Joana (ou à Joana)
Com ATÉ	Foi até a porta (ou até à). Até a volta (ou até à).

Saiba mais:

· há - Verbo haver com o sentido de existir.
Ex.: Há alguns políticos honestos.
· Verbo haver referindo-se a tempo decorrido.
Ex.: Há três dias ele partiu.
· a - Pode ser artigo, pronome ou preposição (tempo futuro).
Ex.: Ele marcou a resposta certa. (artigo)
Ela foi a que mais chorou. (pronome demonstrativo = aquela).
Viajaremos daqui a dois dias. (tempo futuro / preposição).
Encontrei-a no cinema. (pronome pessoal).

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

NÍVEL 1

Nas questões de 1 a 5, julgue os itens apresentados, considerando os aspectos relacionados à regência.

1.

a) Os espectadores assistiam atentos ao espetáculo.
b) O presidente esqueceu do projeto em casa.
c) As alunas aspiravam o cargo de nutricionista.
d) Obedecendo a intimação recebida, compareceu em companhia da mulher.
e) O executivo precisou bem os objetivos.

2.

a) Preferia música clássica à música popular.
b) Custa-me entender as suas colocações intempestivas.

c) O diretor procedeu a leitura do discurso de formatura.
d) Este é um pormenor que nem todos se lembram.
e) Informei-lhe do acontecido durante a assembleia.

3.

a) O governo criará as ouvidorias, assegurando-as maior autonomia.
b) Não lhes obedecemos enquanto forem presunçosos.
c) Essa será a conclusão que o presidente chegará.
d) A notícia que passara no vestibular não deve ser ignorada.
e) Prefiro a lenda à história autêntica.

4.

a) Clotildes, vi essas coisas e outras de que me esqueci.
b) Os anjos preservavam e repousavam sobre um sistema hierárquico.
c) Nós adquirimos e gostamos do disco do cantor.
d) O comício foi assistido por milhares de pessoas.
e) Esta é a posição a que todos aspiram.

5.

a) Ele entrava e saía da sala a toda hora.
b) Chegou à cidade e saiu logo dela.
c) Não vi os filmes cujo diretor você tanto gosta.
d) Queria antes as festas do que o trabalho.
e) Preferia antes as festas do que o trabalho.

6. (ESAF/TRT) Assinale a opção que preenche, respectivamente, as lacunas das frases abaixo.

I - Consegui a função _____ que sempre visei.
II - Hei de chegar ao ideal _____ que luto.
III - Este foi o recurso _____ que me utilizei.
a) de/a/em
b) para / em / a
c) a / por / de
d) em / para / com

7. (ESAF/TRT) Assinale a opção <u>incorreta</u> quanto à regência.

a) Creio que os trabalhadores estão muito conscientes de suas obrigações para com a Pátria.
b) O filme a que me refiro aborda corajosamente a problemática dos direitos humanos.
c) Esta nova adaptação teatral do grande romance não está agradando ao público; eu, porém, prefiro esta àquela.
d) O trabalho inovador de Gláuber Rocha que lhe falei chama-se Deus e o Diabo na Terra do Sol.
e) José crê que a classe operária está em condições de desempenhar um papel importante na condução dos problemas nacionais.

8. (FUVEST-SP) Indique a opção na qual a regência utilizada <u>desobedece</u> ao padrão da gramática normativa:

a) Esta alternativa obedece o padrão da gramática normativa.
b) Entretanto, não costuma haver distúrbios na fila.
c) Jamais poderão existir tantos recursos para tantos planos.
d) Só lhe faltou mandar-me embora de casa.
e) Quando Lígia entrou, bateram onze horas no relógio da sala.

9. (UFPA) Assinale a opção que contém as respostas <u>certas</u>:

I - Visando apenas os seus próprios interesses, ele, involuntariamente, prejudicou toda uma família.
II - Como era orgulhoso, preferiu declarar falida a firma a aceitar qualquer ajuda do sogro.
III - Desde criança sempre aspirava a uma posição de destaque, embora fosse tão humilde.
IV - Aspirando o perfume das centenas de flores que enfeitavam a sala, desmaiou.

a) II - III - IV
b) I - II - III
c) I - III - IV
d) I - III
e) I - II

10. (SUPLETIVO-RJ) "... ao tempo em que tudo era belo...". A opção que se completa com a mesma preposição da frase acima é:

a) A imagem _____ que me refiro é de minha mãe.
b) A maneira _____ que ele nos falou foi rude.
c) Há de chegar o dia _____ que todos serão felizes.
d) Eis as ideias _____ que mais me identifico.
e) O tempo _____ que dispomos para o lazer é pouco.

11. (SUPLETIVO-MG) Assinale a opção em que a expressão destacada pode ser substituída pelo pronome oblíquo lhes:

a) O povo traiu aos **líderes**.
b) Era preciso obedecer aos **opressores**.
c) O governante deve estimar a seus **governados**.
d) Ele socorreu a todos **os meninos presentes**.

12. (SUPLETIVO-MG) Assinale a opção em que a preposição em destaque não está corretamente empregada:

a) O crime **de** que foste vítima até hoje está impune.
b) A simpatia **por** quem nos enviou o donativo será eterna.
c) O gosto **de** que manifestaste em público não pode ser desconhecido.
d) Sempre fomos favoráveis **a** que se fizesse um novo templo na cidade.
e) Eles ficaram ansiosos **por** que a construção terminasse logo.

13. (FUVEST-SP) Assinale a opção gramaticalmente correta:

a) Não tenham dúvidas de que ele vencerá.
b) O escravo ama e obedece o seu senhor.
c) Prefiro estudar do que trabalhar.
d) O livro que te referes é célebre.

14. (CESGRANRIO-RJ) Indique a regência que está de acordo com a norma culta:

a) Visei a um passaporte e fui viajar.
b) Aspirei ao perfume e achei-o delicioso.
c) Perdoo aos teus erros, pois acho-os bem humanos.
d) Ensino a você as regras do bem viver.
e) Eu lhe vi e você não me viu.

15. (CONCURSO MAGISTÉRIO-MG) Nas frases abaixo, substituiu-se o termo em destaque pelo pronome átono correspondente. Há, no entanto, erro de substituição em:

a) A ideia de enganar o próximo é tão antiga quanto o homem. (A ideia de enganá-lo é tão antiga quanto o homem.)
b) Herdamos uma grande quantidade de conhecimentos inúteis. (Herdamo-la)
c) Presente toda a corte, el-rei assistiu às demonstrações de fidelidade. (... el-rei assistiu-lhes)
d) Entregamos o relatório ao presidente do clube. (Entregamos-lho)
e) Ajudando a mulher em casa, o marido lhe propiciará uma grande satisfação. (Ajudando a mulher em casa, o marido propiciará a ela uma grande satisfação)

16. (CESGRANRIO-RJ) Assinale a opção cuja lacuna não pode ser preenchida pela preposição entre parênteses:

a) uma companheira desta, _____ cuja figura os mais velhos se comoviam. (com)
b) uma companheira desta, _____ cuja figura já nos referimos anteriormente. (a)
c) uma companheira desta, _____ cuja figura havia um ar de grande dama decadente. (em)
d) uma companheira desta, _____ cuja figura andara todo o regimento apaixonado. (por)
e) uma companheira desta, _____ cuja figura as crianças se assustavam. (de)

17. (UF VIÇOSA-MG) Tendo em vista a regência dos verbos, assinale a opção <u>incorreta</u>:

a) Os estudantes assistiram ao jogo do Flamengo no Maracanã.
b) O aluno aspira a uma profissão de futuro.
c) Ela prefere namorar a estudar.
d) Obedecemos sempre mais o que nos aconselhar a nossa própria voz.
e) Agora me lembra um, antes me lembrava outro.

18. (UF VIÇOSA-MG) Assinale a opção cuja sequência completa corretamente as frases abaixo:

A lei _____ se referiu já foi revogada.
Os problemas _____ se lembraram eram muito grandes.
O cargo _____ aspiras é muito importante.
O filme _____ gostou foi premiado.
O jogo _____ assistimos foi movimentado.

a) que - que - que - que - que
b) a que - de que - que - que - a que
c) que - de que - que - de que - que
d) a que - de que - a que - de que - a que
e) a que - que - que - que - a que

19. (UF VIÇOSA-MG) Considerando a regência verbal, assinale a opção em que não se empregou corretamente a voz verbal:

a) Esqueceu-me o livro.
b) Assistiu-se a todas as palestras sobre a Pátria.
c) Aspira-se a nobres e grandes ideais.
d) Errando; prejudicamo-nos a nós mesmos.
e) Abrir-se-á, naquela região, mais escolas profissionais.

20. (EPCAR-MG) Assinale o item correspondente às frases corretas quanto à regência verbal:

1. Desde quando você assiste em Brasília?
2. Aqui ninguém perdoa aos infratores da lei.
3. Prefiro comer pedra do que dar o braço a torcer.
4. Aliás, é o automóvel que aspiro comprar o ano que vem.
5. Beatriz se foi, mas será mulher de quem sempre me lembrarei com saudade.

a) 1 - 2 - 3
b) 1 - 2 - 5
c) 2 - 3 - 4
d) 2 - 4 - 5
e) 3 - 4 - 5

21. (BANESPA-SP) Assinale a opção em que a regência verbal é incorreta:

a) É saudável aspirar o ar da manhã.
b) Concentrei-me, visei o alvo... e errei.
c) Informe a ele que o trem já partiu.
d) Os torcedores assistiram um grande jogo de futebol.
e) Chegou cedo a casa, e logo dormiu.

22. (EPCAR-MG) Assinale a opção correta:

a) Preferia mais assistir à televisão do que ir ao cinema.
b) Preferia antes assistir à televisão que ir ao cinema.

c) Preferia assistir à televisão do que ir ao cinema.
d) Preferia mais assistir à televisão a ir ao cinema.
e) Preferia assistir à televisão a ir ao cinema.

23. (FMU) Observe o verbo que se repete: "aspirou o ar" e "aspirou à glória". Tal verbo:

a) apresenta a mesma regência e o mesmo sentido nas duas orações;
b) embora apresente regências diferentes, ele tem sentido equivalente nas duas orações;
c) poderia vir regido de preposição também na primeira oração sem que se modificasse o sentido dela;
d) apresenta regência e sentidos diferentes nas duas orações;
e) embora tenha o mesmo sentido nas duas orações, ele apresenta regência diferente em cada uma delas.

24. (OSWALDO CRUZ) Assinale a frase em que a regência do verbo assistir está errada.

a) Assistimos um belo espetáculo de dança na semana passada.
b) Não assisti à missa.
c) Os médicos assistiram os doentes durante a epidemia.
d) O técnico assiste os jogadores.

25. (SANTA CASA) Observe as frases seguintes:

I - Pedro pagou os tomates.
II - Pedro pagou o feirante.
III - Pedro pagou os tomates ao feirante.

Assinale a opção que teve considerações corretas sobre tais frases.

a) Estão corretas apenas a I e a II porque o verbo pagar é transitivo direto.
b) A II está errada porque quando pagar tem por objeto um nome de pessoa, é transitivo indireto (O certo seria "ao feirante").

c) Apenas I está correta.
d) A frase III é a única correta e pagar é transitivo direto nesta frase.
e) Todas as frases estão construídas conforme as regras de regência do verbo pagar.

26. (BARBACENA-MEDICINA) Assinale a opção cuja regência verbal está incorreta.

a) No século XVI, muitos negros preferiram mais a morte do que a escravidão.
b) Informem-no de que não venha.
c) A garotada prefere à ginástica o jogo livre.
d) Informem-lhe que não venha.
e) O jogador visou o ângulo esquerdo da meta.

27. (CEET) Assinale a opção que apresenta erros.

a) Esqueci o nome dele.
b) Esqueci de meu irmão.
c) Esqueceu-me o nome dele.
d) Nunca me esqueceu esse fenômeno.
e) Esqueci-me do nome dele.

28. (UF DO PARANÁ) Onde há erro de regência verbal?

a) Esqueceram-lhe os compromissos assumidos.
b) Nós lhes lembramos o compromisso assumido.
c) Eu esqueci os compromissos assumidos.
d) Não me lembram tais palavras.
e) Lembro-me que tais eram as suas palavras.

29. (CEET) Assinale a opção que apresenta erro.

a) Simpatizei com a nova diretoria e com as novas orientações.
b) Há alguns dos novos diretores com os quais não simpatizamos.
c) A firma toda não se simpatizou com as novas orientações.

d) Somente o tesoureiro não simpatizou com a nova diretoria.
e) Nenhum dos que estavam presentes, nem mesmo o filho do novo diretor simpatizou com as novas orientações.

30. Julgue os itens abaixo, conforme o uso do acento grave:

a) Diga às pessoas que me procurarem que tive de sair.
b) Vamos à sua casa ou à minha?
c) Preciso ir à terra dos meus antepassados.
d) Não há mais nada à fazer.
e) Trago à vocês as últimas novidades.
f) Diga à Sua Excelência que não tenho nada a acrescentar.
g) A pessoa à qual fiz referência não saiu.
h) A cantora à cuja voz me refiro virá ao Brasil.
i) Dobre à esquerda ali adiante.
j) Vou-lhe contar algo à boca pequena.

31. Julgue os itens abaixo, conforme o uso do acento grave:

a) Afirmou que nada pode fazer à curto prazo.
b) Faremos entrega à domicílio.
c) Dia à dia, aumentava a possibilidade de guerra.
d) Prefiro isto àquilo.
e) Entregue tudo àquele homem.
f) Esta casa é igual à que meu pai fez construir.
g) Os astronautas regressaram à Terra.
h) Não posso mais comprar à crédito.
i) Transmita àquelas pessoas a mensagem.

32. (ESAF/TRT) Marque a opção que preenche corretamente as lacunas da seguinte frase:

Dirija-se _____ secretária e entregue-lhe _____ propostas favoráveis _____ compra das máquinas.

a) à - às - a

b) a - às - a
c) a - as - a
d) à - às - à
e) à - as - à

33. (EMBRAPA) O emprego da crase esta incorreto em:

a) Viver é um belo vício, mas faz tanto mal à saúde quanto fumar.
b) À primeira vista, a situação não me pareceu tão dramática.
c) Encontrarei você à uma hora qualquer da tarde.
d) Saiu às pressas, não se despedindo de ninguém.

34. (UnB/TJDF) As frases seguintes são fragmentos da continuação de um texto. Em uma delas admite-se a crase. Assinale esta opção.

a) Um grande capitalista passa os dias a vigiar as oscilações da bolsa.
b) Não se pode amar mais do que a nossa medida de amor.
d) O rico tem que viver a espera do ladrão.
e) O mais que ele faz é chegar a um compromisso.
f) As desgraças do excessivamente rico ainda não estão em nada disso.

35. (UnB/FUB) A opção que contém emprego do acento grave indicativo de crase com a mesma justificativa que em "Um dia pelos outros iria às aulas (...)" é:

a) Cheguei à cidade grande com a alma em sofrimento.
b) Nos sonhos, ia-me à margem do rio.
c) Já à tarde eu previa perigos.
d) Saí à procura de outros conselhos.
e) Gostaria de me aquecer à luz dos raios de sol.

36. (UnB/STJ) Assinale a opção em que o emprego do acento indicativo da crase é obrigatório nas duas ocorrências.

a) Uma lei sempre está ligada a alguma outra. As leis estão subordinadas a Lei-Mãe.
b) Obedecer aqueles preceitos é necessário. É direito que assiste a autora de rever a emenda.
c) Alguns parlamentares anuíram a proposta de emenda. Agiram contra a lei.
d) Estamos sujeitos a muitas leis. São contrários a lei.
e) O Presidente atendeu a reivindicação do ministro. Procurou-se assistir as populações atingidas pela seca.

37. (IDR/METRÔ) Assinale a opção incorreta quanto ao emprego do sinal indicador da crase.

a) Os formulários do Imposto de Renda eram referentes às pessoas jurídicas.
b) Os formulários do Imposto de Renda estavam à espera dos contribuintes na Secretaria da Receita Federal.
c) Os formulários do Imposto de Renda foram entregues à domicílio.
d) Os formulários do Imposto de Renda foram remetidos a Brasília pelos Correios.

38. (UnB/TCU) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas:

Passo _____ passo, a restauração do Pelourinho, com respeito _____ arquitetura barroca, obedeceu _____ rigoroso plano de reconstrução das formas originais.

a) à - à - à
b) à - a - à
c) a - a - a
d) a - à - a
e) à - à - a

39. (CÂMARA DOS DEPUTADOS). Dadas as sentenças:

I - Informo a V. Sa. que já chegaram os livros que encomendamos à Globo.
2 - O astronauta, após um ano no espaço, sentiu grande alívio ao voltar à Terra.
3 - Entreguei o documento a uma senhora que se encontrava postada à entrada da sala.
4 - À uma hora, vou à casa de minha irmã e darei a ela o seu recado.
5 - Daqui a duas léguas encontrará a casa à qual me referi.

Pode-se afirmar que:
a) somente duas estão corretas.
b) somente três estão corretas.
c) somente quatro estão corretas.
d) todas estão corretas.
e) todas estão incorretas

40. (CÂMARA DOS DEPUTADOS) Marque o item <u>incorreto</u> quanto ao uso da crase.

a) Vivemos numa época em que se assiste à derrocada do espírito de 68.
b) A saúde passa à ser identificada a noção de vida.
c) Os artistas criam um espaço que impede os ataques repressivos à vida.
e) A euforia e o desespero propiciam formas distintas de resposta da produção artística à história.

41. (ESAF/TTN) Indique a letra em que os termos preenchem corretamente, pela ordem, as colunas do trecho dado.

Assustada _____ família com os versos em que o via sempre ocupado, foi reclamar ao grande mestre que não o via estudar em casa, ao que lhe foi respondido que _____ sua assiduidade e aplicação _____ aulas nada deixavam _____ desejar. Era o que bastava e daí por diante continuou tranquilo a ler e fazer versos _____. (Francisco Venâncio Filho).

a) à - a - as - à
b) a - à - às - a
c) a - a - às - a
d) à - a - as - a

42. (CAESB/UnB) Todas as opções abaixo estão <u>corretas</u> quanto ao uso do acento grave, <u>exceto</u>:

a) Os termos lençol subterrâneo e lençol freático referem-se a terra encharcada de água como uma esponja.
b) À soma de transpiração e da evaporação dá-se o nome de evapotranspiração.
c) À medida que a água vai-se evaporando, os sais precipitam-se.
d) Um ecossistema deve conter organismos diversos de modo à garantir uma contínua reciclagem de substâncias.
e) O Sol é a energia que faz, pela evaporação, a água voltar às cabeceiras dos rios.

43. (MACK) Assinale a opção <u>incorreta</u> quanto ao emprego da crase:

a) Daqui à pouco, daremos o resultado aquela menina.
b) A caravela estava à mercê das gigantescas ondas.
c) Atitudes insensatas conduzem a mocidade à rebeldia.

d) Às primeiras horas do dia, ele chegou à prisão, porém não a tempo para visitar a assassina.
e) Não sei.

44. (FMU) Assinale a opção em que não deve haver o sinal de crase:

a) O sonho de todo astronauta é voltar a Terra.
b) As vezes, as verdades são duras de se ouvir.
c) Enriqueço, a medida que trabalho.
d) Filiei-me a entidade, sem querer.
e) O sonho de todo marinheiro é voltar a terra.

45. (FUVEST) De _____ muito, ele se desinteressou em chegar a ocupar cargo tão importante, _____ coisas mais simples na vida e que valem mais que a posse momentânea de certos postos de relevo _____ que tantos ambicionam por amor _____ ostentação.

a) a - há - à - à
b) há - as -a - a
c) há - há - a - à
d) a - hão - a - à
e) há - a - a - a

46. (FUVEST) Assinale a frase gramaticalmente correta:

a) O papa caminhava à passo firme.
b) Dirigiu-se ao tribunal disposto à falar ao juiz.
c) Chegou à noite, precisamente as dez horas.
d) Esta é a casa à qual me referi ontem às pressas.
e) Ora aspirava a isto, ora aquilo, ora a nada.

47. (MACK) Apontar a opção cujos elementos completam corretamente o período que segue:

"Quando Mário chegou _____ casa, pediu _____ mãe que lhe entregasse a chave; ela começou _____ procurá-la na bolsa. Não está. Devia tê-la dado _____ alguém. Mas _____ quem? Talvez _____ tia Nastácia, que, _____ cinco horas da tarde, se dirigira _____ Paris."

a) à - a - à - à - a - à - as - a
b) a - à - a - a - a - à - às - a
c) a - a - a - à - à - à - as - à
d) à - à - à -a - à - a - às - à
e) a - à - a - à - a - à - às - a

48. (SANTA CASA) Assinalar a opção que completa corretamente as lacunas da frase apresentada:

Estamos _____ poucas horas da cidade _____ que vieram ter, _____ tempos, nossos avós.

a) a - a - há
b) há - a - a
c) há - à - há
d) à - a - a
e) a - à - há

49. (SANTA CASA) Dê ciência _____ todos de que não mais se atenderá _____ pedidos que não forem dirigidos _____ diretoria.

a) a - a -a
b) a - à - a
c) a - a - à
d) à - à - a
e) à - a - à

50. (FAAP) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas:

Ficaram frente _____ frente, _____ se olharem, pensando no que dizer uma _____ outra.

a) à - à - a
b) a - à - a
c) a - a - à
d) à - a - a
e) à - a - à

51. (MED. ABC) Nas opções que seguem, há três frases, que podem estar corretas ou não. Leia-as atentamente e marque a resposta certa:

I - O seu egoísmo só era comparável à sua feiura.
II - Não pôde entregar-se às suas ilusões.
III - Quem se vir em apuros, deve recorrer à justiça.

a) Se apenas a frase I estiver correta.
b) Se apenas a frase II estiver correta.
c) Se apenas as frases I e II estiverem corretas.
d) Se apenas as frases II e III estiverem corretas.
e) Se as três frases estiverem corretas.

52. (CESCEM) Garanto _____ você que compete _____ ela, pelo menos _____ meu ver, tomar as providências para resolver o caso.

a) a - a - a
b) à - à - a
c) a - à - à
d) a - à - a
e) à - a - a

53. (ENG. SOROCABA) A crase está corretamente usada em:

a) Não assisto à filmes de guerra.
b) A pintura foi executada à óleo.
c) Não vou à festa.
d) A roupa transpira à suor e à vinho.
e) Passeamos à pé todos os dias.

54. (PUCC) Observe a frase e suas lacunas:

_____ hora, _____ chegasse primeiro se entregaria _____ condecoração _____ fizera jus.

Você as completaria com:
a) àquela - à que - a - a qual
b) àquela - a que - à - a qual
c) aquela - à que - a - à qual
d) àquela - à que - a - à qual
e) n. d. a

55. (MACK) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas no seguinte período: "Agradeço _____ Vossa Senhoria _____ oportunidade para manifestar minha opinião _____ respeito".

a) à - a - à
b) à - a - a
c) a - a - à
d) a - a - a
e) à - à - a

56. (ITA) Analisando as sentenças:

I - A vista disso, devemos tomar sérias medidas.
II - Não fale tal coisa as outras.
III - Dia a dia a empresa foi crescendo.
IV - Não ligo aquilo que me disse.

Deduzimos que:

a) apenas a sentença III não tem crase.
b) as sentenças III e IV não têm crase.
c) todas as sentenças têm crase.
d) nenhuma sentença tem crase.
e) apenas a sentença IV não tem crase.

57. (CARLOS CHAGAS) Tomava-se _____ cada hora, mais afeito _____ essas perigosas divagações que levam um homem _____ viver num mundo imaginário.

a) a - a - à
b) a - a - a
c) à - à - à
d) à - a - a
e) à - à - a

58. (CARLOS CHAGAS) Não diga _____ ninguém, mas acho que faltam _____ ela as qualidades indispensáveis _____ função que deverá exercer:

a) a - à - a
b) à - à -a
c) a - a - à
d) à - a - a
e) à - a - à

59. (CARLOS CHAGAS) Primeiro dirigiu-se _____ funcionária e depois exigiu, _____ todo custo, que a levassem _____ diretoria.

a) à - à - à
b) a - a - a
c) à - a - à
d) a - à - a
e) à - à - a

60. (CARLOS CHAGAS) Com a lancheirinha _____ tiracolo, lá ia ela _____ na vida, _____ procura de aventuras mil, _____ caminho da escola.

a) a - à toa - a - à
b) à - atoa - à - a
c) à - a toa - à - à
d) a - à toa - à - a
e) a - atoa - a - à

61. (CARLOS CHAGAS) Quanto _____ revalidação do diploma, fica _____ decisão _____ critério da banca.

a) a - à - a
b) a - à - à
c) à - à - a
d) à - a - a
e) à - à - à

62. (CARLOS CHAGAS) Aponte a opção em que não há erro quanto ao emprego do acento grave:

a) À esta oferta prefiro aquela.
b) Àquela oferta prefiro esta.
c) Darei conhecimento à sua Excelência.
d) Trouxe notícias à Vossa Excelência.
e) À toda velocidade dobrou a esquina.

63. (CARLOS CHAGAS) Eram amigos comuns _____ eles e _____ vovó, mas _____ essa altura já deviam estar muito longe.

a) a - à - à
b) a - à - a
c) à - à - à
d) à - a - a
e) à - a - à

64. (CARLOS CHAGAS) Sentou-se ____ máquina e pôs-se ____ reescrever uma ____ uma as páginas do relatório.

a) a - a - à
b) a - à - à
c) à - a - a
d) à - à - à
e) à - à - a

65. (CARLOS CHAGAS) As devotas, chegando ____ janela, ajoelharam-se ____ passagem da procissão, em reverência ____ imagem do santo.

a) a - a - a
b) à - a - a
c) à - à - à
d) à - a - à
e) a - a - à

66. (CARLOS CHAGAS) A opção em que o acento indicativo de crase não procede é:

a) Tais informações são iguais às que recebi ontem.
b) Perdi uma caneta semelhante à sua.
b) A construção da casa obedece às especificações da Prefeitura.
d) O remédio devia ser ingerido gota à gota, e não de uma só vez.
e) Não assistiu a essa operação, mas à de seu irmão.

NÍVEL 2 - DE OLHO NOS CONCURSOS

UnB/CESPE/Auditoria-Geral - MG (Cargo: Auditor Interno, Nível I-A)

Nas inter-relações pessoais, é inconteste que cada um dá sua própria versão dos fatos e da vida, segundo suas particulares experiências e com base na formação que tenha acumulado ao longo de sua existência. Cada indiví-

duo, assim, é um ser único, que vislumbra as ocorrências **à sua volta** e dá tratamento específico **às informações** e ao conhecimento que tenha condições de absorver.

Da mesma forma, mesmo os registros históricos oficiais, como se sabe há muito, são somente a versão dos que venceram e portanto, invariavelmente omitem ou distorcem as razões, os motivos e as realizações dos que foram vencidos.

Não menos temeroso é o conhecimento que se transmite por gerações por meio da arte. Partindo da premissa de que a arte imita a vida e, por consequência, reinventa a realidade, na medida em que a vida também imita a arte, por certo que perpetuar visões e conceitos mal fundamentados (a despeito de eventuais boas intenções) também representa que o artista acaba sendo, igualmente, um difusor de informações e ideias cuja confiabilidade é relativa.

Em suma, toda e qualquer avaliação da realidade passa, necessariamente, pelas impressões pessoais de quem a avalia.

*Obed de Faria Junior. **A verdade de cada um**. Internet: <recantodasletras.uol.com.br> (com adaptações).*

Julgue o uso de estruturas linguísticas no texto.

1. O uso do sinal indicativo de crase em "à sua volta" e "às informações" indica que tais expressões são dois complementos do predicado iniciado pelo verbo **vislumbrar**.

UnB/CESPE/PCES (Cargo: Agente de Polícia Civil)
Considerando que o fragmento apresentado no item seguinte é um trecho adaptado de um texto publicado na Folha de S. Paulo em 11/11/2008, julgue-o quanto à correção gramatical.

2. Na madrugada de ontem, uma caminhonete chegou a delegacia de investigações sobre entorpecentes, em Botucatú. Um grupo de oito homens sairam do

veículo, arrombaram uma das portas e invadiram a delegacia.

UnB/CESPE/IBAMA (Cargo: Analista Ambiental)

Reparação duas décadas depois

Francisco Alves Mendes Filho ainda não era um mito da luta contra a devastação da Amazônia quando foi preso, em 1981, acusado de subversão e incitamento **à luta de classes** no Acre, em plena ditadura militar. Chico Mendes se tornaria mundialmente conhecido, dali para a frente, por comandar uma campanha contra a ação de grileiros e latifundiários, responsáveis pela destruição da floresta e pela escravização do caboclo amazônico. Por isso mesmo foi assassinado, em 22 de dezembro de 1988, na porta de casa, em Xapuri. O crime, cometido por uma dupla de fazendeiros, foi punido com uma sentença de 19 anos de cadeia para cada um. Faltava reparar a injustiça cometida pelos militares.

E ela veio na quarta-feira 10, no palco do Teatro Plácido de Castro, em Rio Branco, na forma de uma portaria assinada pelo ministro da Justiça, Tarso Genro. Antes, porém, realizou-se uma sessão de julgamento da Comissão de Anistia, cujo resultado foi o reconhecimento, por unanimidade, da perseguição política sofrida por Chico Mendes no início dos anos 80 do século passado. A viúva do líder seringueiro, Izalmar Gadelha Mendes, vai receber uma pensão vitalícia de 3 mil reais mensais, além de indenização de 337,8 mil reais.

Leandro Fortes. Internet: <www.cartacapital.com.br> (com adaptações)

Considerando aspectos linguísticos do texto Reparação duas décadas depois, julgue o item a seguir.

3. O emprego do sinal indicativo de crase em "à luta de classes" justifica-se pela regência dos termos "subversão" e "incitamento" e pelo gênero do substantivo "classe".

UnB/CESPE/PMDF/Saúde (Especialidade 3: Clínica Geral)

A leitura crítica pressupõe a capacidade do indivíduo de construir o conhecimento, sua visão de mundo, sua ótica de classe. Isso é possível através das discussões em sala, do diálogo com os professores, com outros alunos e, até mesmo, do "diálogo cognitivo" com seu objeto de conhecimento. No "diálogo cognitivo" com o objeto do conhecimento encontra-se o valor da apreensão dos conteúdos curriculares historicamente produzidos, pois não se constrói o conhecimento a partir do nada. À medida que assimila criticamente os conteúdos (momento em que entra em ação a diretividade do professor, selecionando, sistematizando e apresentando os conteúdos), o aluno realiza o diálogo cognitivo com seu objeto. A assimilação crítica ocorre quando os conteúdos são confrontados com os dados da realidade empírica, quando são historicizados, relativizados no contexto que os gerou, remetidos **às** suas condições de produção, quando são apreendidos através da relação, tão conhecida na obra de Freire, entre leitura da palavra e leitura do mundo.

Aparecida de Fátima Tiradentes dos Santos. ***Desigualdade social e dualidade escolar: conhecimento e poder em Paulo Freire e Gramsci.*** *Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 89.*

Em relação ao texto acima, julgue o item a seguir.

4. O termo "às" [destacado] pode, sem prejuízo para a correção gramatical do período, ser substituído por **a.**

FGV – Prefeitura Municipal de Campinas – Secretaria Municipal de Educação (Cargo: Professor Adjunto II Português)

"Descartes não dá mais conta de atender à complexidade do caos."

5. Na frase acima, empregou-se corretamente o acento grave indicativo de crase. Assinale a opção em que isso não tenha ocorrido.

(A) Fomos à Campinas dos nossos antepassados.
(B) O curso acontecerá à tarde.
(C) Esperávamos chegar à casa dos nossos amigos antes do pôr do sol.
(D) Não poderíamos deixar que tudo ficasse à expensas dele.
(E) Antes de ir à Espanha, passei por Portugal.

UnB/CESPE - INPE (Cargo: Técnico)

Para os gregos — e mais tarde para os pensadores medievais — a ciência era uma especulação teórica, desligada da prática. A postura de desprezo pela técnica se devia ao fato de que, nessas civilizações, as atividades manuais eram ofício de escravos ou de servos, o que significava uma desvalorização delas. Decorre daí que a ciência, como "saber contemplativo" — isto é, como pura teoria — se achava vinculada **à reflexão** filosófica. Filosofia é uma palavra de origem grega que significa "amor à sabedoria" e na Antiguidade representava um tipo de conhecimento superior e mais geral, alcançado pelo "sábio", capaz de abranger o conhecimento da época, levando toda interrogação à busca das essências. Durante muitos séculos — toda a Antiguidade e a Idade Média —, não se fez distinção entre filosofia e ciência.

Dessa forma, pode-se dizer que qualquer cientista, em certo momento de seu trabalho, pode parar para refletir sobre questões propriamente filosóficas. O bom cientista, no sentido humano da palavra, deve ser aquele que também indaga sobre os fins a que se destinam suas pesquisas.

*Samuel Murgel Branco. O saber científico e outros saberes. In: Márcia Kupstas (Org.). **Ciência e tecnologia em debate**. São Paulo: Moderna, p. 23-5 (com adaptações).*

Com base no texto acima, julgue o item subsequente.

6. A retirada do sinal indicativo da crase em "à reflexão" preservaria a correção gramatical e a coerência textual, apesar de alterar a relação semântica de "reflexão filosófica" com as demais ideias do texto.

UnB/CESPE – SEAD/SEEC/PB

7. Pode-se empregar o acento grave indicativo de crase para marcar a fusão da preposição a com os pronomes demonstrativos aquele, aquela, aquilo. Assinale a opção em que a frase apresentada não obedece a essa regra.

(A) Entreguei o bilhete àquele homem.
(B) Deram emprego àquela senhora.
(C) Não pertenço àquele grupo.
(D) O livro de que preciso está sobre àquela mesa.
(E) Assistiram àquilo calados.

UnB/CESPE – ABIN (Cargo 2: Agente de Inteligência)

Na atualidade, em qualquer parte do mundo, podem desenvolver-se atividades de apoio logístico ou de recrutamento ao terrorismo. Isso se **deve** à sua própria lógica de disseminação transnacional, que busca continuamente novas áreas de atuação e, também, **às vantagens** específicas que cada país pode oferecer a membros de organizações extremistas, como facilidades de obtenção de documentos falsos ou de acesso a seu território, além de movimentação, refúgio e acesso a bens de natureza material e tecnológica.

A descentralização das organizações extremistas amplia sua capacidade operacional e lhes permite realizar atentados quando as circunstâncias lhes forem favoráveis e onde menos se espera, para potencializar o efeito surpresa e o sentimento de insegurança, objetivos próprios do ato terrorista. Desse modo, cidadãos e interesses de qualquer país, ainda que não sejam os alvos ideais, em termos ideológico-religiosos, podem servir

de "pontes" para que organizações extremistas atinjam, embora indiretamente, seus principais oponentes.

Paulo de Tarso Resende Paniago. O desafio do terrorismo internacional. In: ***Revista Brasileira de Inteligência****. Brasília: ABIN, v. 3, n.º 4, set./2007, p. 36. (com adaptações).*

Com base nas ideias, estruturas linguísticas e tipologia do texto acima, julgue o item que se segue.

8. Em "**às vantagens**", o sinal indicativo de crase justifica-se pela regência de "deve" e pela presença de artigo definido feminino plural.

UnB/CESPE – ABIN (Cargo 2: Agente de Inteligência)

Sem o contínuo esforço supranacional para integrar e coordenar ações conjuntas de repressão, o terrorismo internacional continuará, por tempo indeterminado, a ser fator de **ameaça** aos interesses da comunidade internacional e **à segurança** dos povos.

Nesse cenário, os serviços de inteligência assumem papel fundamental, pois o intercâmbio de informações e o trabalho em parceria são requisitos basilares para o enfrentamento assertivo e solidário dessa ameaça, cujas ramificações e desdobramentos atingem direta ou indiretamente todos os países.

O recrudescimento do terrorismo, atualmente, afeta todos os continentes, devido à ação globalizada de grupos extremistas que possuem redes de apoio não apenas nas regiões onde atuam, mas também em várias outras, como forma de dificultar a detecção e a neutralização de suas atividades.

Paulo de Tarso Resende Paniago. O desafio do terrorismo internacional. In: ***Revista Brasileira de Inteligência****. Brasília: ABIN, v. 3, n.º 4, set./2007, p. 37. (com adaptações).*

Em relação ao texto acima, julgue o item a seguir.

9. Em "à segurança", o sinal indicativo de crase justifica-se pela regência de "ameaça" e pela presença de artigo definido feminino singular.

UnB/CESPE - ANATEL (Cargo 16: Técnico Administrativo)

Os homens, para sobreviver, devem produzir seus meios de vida, com o que produzem indiretamente sua própria vida material. Os homens são aquilo que produzem e como o produzem. Isto porque a satisfação das primeiras necessidades, a própria ação de satisfazê-las e a conquista dos instrumentos necessários para tanto conduzem **a novas** necessidades, cuja satisfação eles terão de buscar. A todo modo de produção corresponde um modo de cooperação. Segundo Marx, a soma das forças produtivas disponíveis ao homem condiciona o estado social; por isso, a história da humanidade deve ser sempre estudada a partir da conexão entre a história da produção e do intercâmbio. Os homens, ao produzirem seus meios de vida, produzem a si mesmos, em um infinito processo de autoconstrução.

*Vânia Noeli F. de Assunção. **Karl Marx: teoria e práxis de um gênio das ciências sociais**. Internet: <filosofiacienciaevida.uol.com.br>.*

Com referência ao texto acima, julgue o seguinte item.

10. Preservam-se a correção gramatical do texto e as relações entre os argumentos ao se inserir o sinal indicativo de crase em "**a novas**" , escrevendo-se **à novas**.

UnB/CESPE - ANATEL (Conhecimentos Básicos para os cargos de nível superior)

O real não é constituído por coisas. Nossa experiência direta e imediata da realidade leva-nos a imaginar que o real é feito de coisas (sejam elas naturais ou humanas), isto é, de objetos físicos, psíquicos, culturais **oferecidos à nossa percepção e às nossas vivências**. Assim, por exemplo, costumamos dizer que uma montanha é real porque é uma coisa. No entanto, o simples fato de que uma coisa possua um nome e de que a chamemos montanha indica que ela é, pelo menos, uma coisa-para-nós, isto é, que possui um sentido em nossa experiência.

Não se trata de supor que há, de um lado, a coisa física ou material e, de outro, a coisa como ideia e significação. Não há, de um lado, a coisa-em-si e de outro, a coisa-para-nós, mas o entrelaçamento do físico-material e da significação. A unidade de um ser é de seu sentido, o que faz com que aquilo que chamamos coisa seja sempre um campo significativo.

*Marilena Chaui. **O que é ideologia**, p. 16-8 (com adaptações).*

11. O sinal de crase em "**oferecidos à nossa percepção e às nossas vivências**" indica que "oferecidos" tem complemento regido pela preposição **a**.

UnB/CESPE - HEMOBRAS (Conhecimentos básicos para todos os empregos de nível médio)

O crescimento urbano não tem sido um processo harmonioso e gradual. Tem ocorrido em meio a muitas contradições, **a diferenças de interesses** que configuram, às vezes, um verdadeiro caos. O crescimento rápido e desordenado das cidades faz que não sejam atendidas as necessidades básicas das pessoas, nem mesmo aquelas necessidades que se tornam mais sérias nas áreas urbanas, como as de abastecimento de água e as de saneamento ambiental. O grande e concentrado número de pessoas vivendo nas cidades cria diferentes tipos de problemas. As pessoas são obrigadas a enfrentar longas esperas em filas e a suportar o desconforto em ônibus e metrôs lotados. Por outro lado, vive-se grande desenvolvimento da produção e consumo de mercadorias. Os novos produtos, os novos processos de produção e os novos estilos de vida trazem consequências — boas ou más — para a saúde. As doenças encontradas na sociedade contemporânea representam, assim, um quadro tão complexo quanto as próprias características dessa sociedade. Constituem um espectro diversificado de doenças infecciosas e crônico-degenerativas, frequentes nos países desenvolvidos ou típicas do terceiro mundo.

*Marilisa Berti A. Barros. **Doenças na vida moderna**. M. Kupstas (Org.). Saúde em debate. p. 135-6 (com adaptações).*

Com base na organização do texto acima, julgue o seguinte item.

12. Se o termo "diferenças de interesses" estivesse determinado pelo artigo, o **a** que o precede deveria ser grafado como **às**.

UnB/CESPE - IRBr (Admissão à Carreira de Diplomata - Teste de Pré-Seleção)

A história do Brasil, nos três primeiros séculos, está intimamente **ligada à da expansão comercial e colonial europeia** na Época Moderna. Parte integrante do império ultramarino português, o Brasil-Colônia refletiu, em todo o largo período de sua formação colonial, os problemas e os mecanismos de conjunto que agitaram a política imperial lusitana. Por outro lado, a história da expansão ultramarina e da exploração colonial portuguesa desenrola-se no amplo quadro da competição entre as várias potências, em busca do equilíbrio europeu; dessa forma, é na história do sistema geral de colonização europeia moderna que devemos procurar o esquema de determinações no interior do qual se processou a organização da vida econômica e social do Brasil na primeira fase de sua história e se encaminharam os problemas políticos de que esta região foi o teatro.

Com relação a aspectos linguísticos do texto, julgue (C ou E) o item a seguir.

13. No trecho "ligada à da expansão comercial e colonial europeia", o acento grave indica crase de preposição e pronome, o qual substitui "história".

UnB/CESPE - TRT/1ª Região (Cargo 1: Analista Judiciário)

14. Assinale a opção em que a frase apresenta o emprego correto do acento grave indicativo de crase.

(A) Isto não interessa à ninguém.
(B) Não costumamos comprar roupas à prazo.

(C) O estudante se dirigiu à diretoria da escola.
(D) Caminhamos devagar até o saguão do estabelecimento.
(E) Essa é a instituição à que nos referimos na conversa com o presidente.

UnB/CESPE – MRE (Cargo: Assistente de Chancelaria)

Considerando que os fragmentos incluídos nos itens seguintes, na ordem em que estão apresentados, são partes sucessivas de um texto adaptado de Luiz Carlos Azevedo (Correio Braziliense, 24/2/2008), julgue-os quanto à correção gramatical.

15. Um dos maiores conquistadores que o mundo conheceu foi Gengis Khan (1162-1227), que unificou os mongóis, atravessou a Grande Muralha e conquistou a China, estendendo depois seu império até a Pérsia, a Turquia, a Rússia e a Ucrânia.

16. Seus filhos e netos conquistariam mais tarde a Síria, a Indochina, a Sibéria, o Afeganistão, o Paquistão e uma parte da Índia. O poderio de Gengis Khan lhe é atribuído ao gênio militar e à Horda Dourada, o formidável exército de arqueiros turcos montados, capazes de acertar uma flecha a 500 metros, que foi a mais temível artilharia ligeira da época.

17. Gengis Khan, cujo nome significa "imperador do mundo" é um dos grandes personagens da Era Cristã, mas seu império desmoronou porque não foi capaz de constituir instituições sólidas.

18. Nômades, os generais de Gengis Khan eram dominadores brutais — mataram mais de um milhão de persas — e viviam de uma economia adequada a manutenção de seus exércitos (a pecuária e o saque), mas que levou seus dirigentes sedentários à um beco sem saída histórico.

UnB/CESPE - SERPRO (Cargo 1: Analista - Especialização: Administração de Serviços de Tecnologia da Informação)

Até José Saramago abriu um *blog*. Até o Prêmio Nobel de Literatura. O celebrado escritor, que completou 86 anos em novembro, intensifica sua aproximação com o público. Caiu a última trincheira de resistência contra a ferramenta. O autor de **Ensaio sobre a Cegueira** e **O Evangelho Segundo Jesus Cristo** decidiu criar "um espaço para comentários, reflexões, simples opiniões sobre isto ou aquilo, o que vier a talhe de foice". Se antes os blogueiros tomaram as estantes e livrarias, em uma invasão organizada dos *posts* para as páginas, os escritores descobriram que estavam perdendo espaço e procuraram recuperar o tempo perdido. Sucedendo o movimento da rede aos livros, a trajetória agora é dos livros para a rede.

O *blog* perdeu seu estigma de catarse e escrita sentimental para adquirir o *status* de uma janela fundamental para a comunicação com os leitores. São muitos os ficcionistas que estão adquirindo sítios e realizando uma verdadeira migração digital. A facilidade de postar, o desembaraço de abrir uma página pessoal e a necessidade de prolongar reflexões sobre a literatura dobraram os mais empedernidos discípulos do papel e da caneta.

Revista da Cultura, out./2008, p. 24 (com adaptações).

Tomando por base o texto acima, julgue o item.

19. Preserva-se a correção gramatical ao se reescrever a expressão '**a talhe de foice**' com crase: **à talhe de foice**.

UnB/CESPE - SERPRO (Cargo 1: Analista - Especialização: Administração de Serviços de Tecnologia da Informação)

No século XVIII, o Parlamento Inglês ofereceu uma pequena fortuna **a quem** inventasse uma forma que

permitisse aos marinheiros calcular a longitude em alto-mar. Quem levou o prêmio foi John Harrison, um desconhecido relojoeiro do interior da Inglaterra. Ele criou o primeiro cronômetro marítimo, instrumento que revolucionou a navegação. Hoje, uma dezena de sítios na Internet usa o mesmo princípio em benefício da inovação no mundo dos negócios. Na maioria desses sítios, as empresas descrevem anonimamente um problema que não conseguem resolver e recebem propostas de solução de cientistas, técnicos e outros interessados, muitos sem nenhuma formação acadêmica.

Veja, 20/8/2008 (com adaptações).

Julgue o seguinte item, a respeito das estruturas linguísticas do texto acima.

20. Preservam-se a coerência textual e a correção gramatical ao se substituir "a quem" por **à pessoa que**.

UnB/CESPE – INPE (Cargo: Tecnologista da Carreira de Desenvolvimento Tecnológico)

Creio que há evidência contundente em favor do argumento de que os investimentos públicos em pesquisa científica têm tido um retorno bastante compensador em termos da utilização para o bem-estar social dos progressos científicos obtidos. Por outro lado, creio também que se pode **questionar**, não somente quanto **à aplicação** de conhecimentos científicos com finalidades destrutivas ou nocivas **à humanidade e à natureza**, mas também quanto à distribuição desses benefícios entre diferentes setores da sociedade.

É claro que se deve esperar que os benefícios derivados do progresso tecnológico sejam principalmente canalizados para os países mais desenvolvidos, que, com maior capacidade técnica e econômica, mais investem na pesquisa científica e, consequentemente, se mantêm na liderança do progresso tecnológico de fronteira.

Entretanto, pode-se constatar que, até dentro de uma mesma nação, os benefícios do processo não são distribuídos de maneira mais ou menos equitativa. Em certos casos, essa distribuição torna-se mesmo bastante injusta, com uma grande acumulação de benefícios para pequenos setores sociais, em detrimento da grande maioria da população.

Samuel Macdowell. ***Responsabilidade social dos cientistas.*** *In:* ***Estudos Avançados,*** *vol. 2, n.º 3, São Paulo, set.-dez./1988 (com adaptações).*

Julgue o item, a respeito da organização das ideias e das estruturas linguísticas do texto acima.

21. As ocorrências de crase em "**à aplicação**" e "**à humanidade e à natureza**" justificam-se pelo uso obrigatório da preposição **a** nos complementos de "questionar".

UnB/CESPE - MDS (Cargo: Nível III: Atividade Técnica de Suporte)

É de extrema importância possuir dados estatísticos sobre a oferta e a qualidade dos serviços públicos e sobre a capacidade dos governos municipais em atender suas populações. O conhecimento e a aprendizagem sobre a escala local proporcionados pelas informações estatísticas vêm **responder às exigências imediatas** de compreensão da heterogeneidade estrutural no Brasil, a fim de tornar efetiva a participação da imensa riqueza, diversidade e criatividade brasileira no contexto dos avanços social, político e econômico.

Julgue o item quanto aos sentidos e aos aspectos linguísticos do texto.

22. Mantém a correção gramatical do texto a seguinte reescrita do trecho "responder às exigências imediatas": **responder a exigências imediatas.**

UnB/CESPE - SEAD/SEDS/PCPB (Cargos: Agente de Investigação e Escrivão de Polícia)

Acredito que, no século XXI, o sucesso de qualquer sociedade dependerá de quatro características: sua geografia e sua base de recursos; sua capacidade de administrar mudanças complexas; seu compromisso com os direitos humanos; e seu comprometimento com **a ciência e a tecnologia**. O Brasil pode vir a exceder em todos esses aspectos. No passado, o calcanhar-de-aquiles do Brasil se situou naquela terceira esfera, **a dos direitos** humanos. Como os Estados Unidos da América (EUA) e, na verdade, a maior parte das Américas, o Brasil foi forjado em um cadinho de conquista colonial e escravidão brutal. Esse nascimento violento deixou um legado de enormes divisões étnicas entre as elites de ascendência europeia, **as comunidades indígenas e as populações de origem africana**, descendentes de escravos. Da mesma forma que os EUA, o Brasil ainda não superou essa genealogia cruel. **As desigualdades** associadas **a raça** e etnia configuram um abismo — e, claro, propiciaram a geração de conflitos, a inclinação para o populismo e a instalação ocasional de regimes autoritários.

*Jeffrey Sachs. In: **Veja 40 Anos**, set./2008 (com adaptações).*

23. Preservam-se a coerência do texto e o atendimento às regras gramaticais da língua portuguesa ao se inserir sinal indicativo de crase em:

(A) "a ciência e a tecnologia": **à ciência e à tecnologia**.
(B) "a dos direitos": **à dos direitos**.
(C) "as comunidades indígenas e as populações de origem africana": **às comunidades e às populações de origem africana**.
(D) "As desigualdades": **Às desigualdades**.
(E) "a raça": **à raça**.

UnB/CESPE - TCE/TO (Conhecimentos Básicos e Conhecimentos Complementares para todos os cargos de Nível Médio)

O ferro ao pescoço era aplicado aos escravos fujões. Imaginai uma coleira grossa, com a haste grossa também, **à direita ou à esquerda**, até ao alto da cabeça, e fechada atrás com chave. Pesava, naturalmente, mas era menos castigo que sinal. Escravo que fugia assim, onde quer que andasse, mostrava um reincidente, e com pouco era pegado.

Há meio século, os escravos fugiam com frequência. Eram muitos, e nem todos gostavam da escravidão. Sucedia ocasionalmente apanharem pancada, e nem todos gostavam de apanhar pancada. Grande parte era apenas repreendida; havia alguém de casa que servia de padrinho, e o mesmo dono não era mau; além disso, o sentimento da propriedade moderava a ação, porque dinheiro também dói. A fuga repetia-se, entretanto. Casos houve, ainda que raros, em que o escravo de contrabando, apenas comprado no Valongo, deitava a correr, sem conhecer as ruas da cidade. Dos que seguiam para casa, não raro, apenas ladinos, pediam ao senhor que lhes marcasse aluguel, e iam ganhá-lo fora, quitandando.

Quem perdia um escravo por fuga dava algum dinheiro a quem lho levasse. Punha anúncios nas folhas públicas, com os sinais do fugido, o nome, a roupa, o defeito físico, se o tinha, o bairro por onde andava e a quantia de gratificação. Quando não vinha a quantia, vinha a promessa: "gratificar-se-á generosamente", — ou "receberá uma boa gratificação". Muita vez o anúncio trazia em cima ou ao lado uma vinheta, figura de preto, descalço, correndo, vara ao ombro, e na ponta uma trouxa. Protestava-se com todo o rigor da lei contra quem o açoitasse.

*Machado de Assis. **Pai contra mãe**. In: John Gledson. **50 contos de Machado de Assis**. São Paulo: Cia. das Letras, 2007, p. 466-67 (com adaptações).*

Com relação às estruturas gramaticais do texto, julgue o item.

24. Em **à direita ou à esquerda**, o emprego do sinal indicativo de crase se justifica pela regência da forma verbal "Imaginai", no início da oração.

UnB/CESPE – TRE/GO (Cargo 1: Analista Judiciário - Área: Administrativa)

O conceito de verdade tem sido abordado e compreendido de diferentes formas por diversos pensadores e por diversas escolas filosóficas. Os filósofos gregos começaram a buscar a verdade em relação ou oposição à falsidade, **ilusão**, **aparência**. De acordo com essa concepção, a verdade estaria inscrita na essência, sendo **idêntica à realidade** e acessível apenas **ao pensamento**, e vedada aos sentidos. Assim, um elemento necessário à verdade era a "visão inteligível"; em outras palavras, o ato de revelar, o próprio desvelamento.

Já para os romanos, a verdade era Veritas, a veracidade. O conceito era sempre aplicado, isto é, **remetia a uma história** vivida que pudesse ou não ser comprovada. Essa concepção de verdade subordinava-a, portanto, **à possibilidade** de uma verificação. A formulação do problema do "critério de verdade" ocupou os adeptos da gnosiologia, aqueles que se dedicavam ao estudo das relações do pensamento, e de seu enunciado, sua forma de tradução na comunicação humana com o objeto ou fato real, em que se buscava uma relação de correspondência. Para a lógica, o interesse circunscrevia-se na correção e(ou) coerência semântica do discurso, da enunciação, descartando a reflexão sobre o mundo objetivo.

Para o filósofo Heidegger, as verdades são respostas que o homem dá ao mundo. Ressalte-se a utilização do termo no plural, quando o conceito de verdade perde o critério do absoluto e(ou) do indivisível. Portanto, não haveria mais uma verdade filosófica, mas várias verdades. Esse sentido mais pluralista também é defendido por Foucault, para quem o significado de verdade seria

o de expressão de determinada época, cada qual com sua verdade e seu discurso.

*Iluska Coutinho. **O conceito de verdade e sua utilização no jornalismo.** Internet: <www.metodista.br/unesco/gcsb> (com adaptações).*

25. Assinale a opção correta a respeito do emprego da crase nas estruturas linguísticas do texto.

(A) No segundo período do texto, mantêm-se as relações semânticas, bem como a correção gramatical, ao se inserir **à** antes de **ilusão** e antes de **aparência**.

(B) Tanto o uso da crase em **à realidade** como da contração em **ao pensamento** justificam-se pelas relações de regência de **idêntica**.

(C) Preservam-se as relações de regência de **remetia**, bem como a correção gramatical do texto, ao se inserir um sinal indicativo de crase em "a uma história".

(D) A retirada do sinal indicativo de crase em **à possibilidade** provocaria erro gramatical e incoerência nas ideias do texto, por transformar objeto indireto em objeto direto na oração.

UnB/CESPE - TRE/GO (Cargo 1: Analista Judiciário - Área: Administrativa)

Censurar, proibir e reprimir são atitudes antipáticas, porque geralmente são vistas pela sociedade como inimigas da liberdade individual, da criatividade e da verdade. A censura esconde dilemas e armadilhas sutis que podem causar mais confusão do que esclarecer os problemas relacionados a ela, até porque nem todo tipo de censura representa uma interferência odiosa na vida da população. Um exemplo simples de censura socialmente aceitável — ou até considerada necessária para o bom andamento da vida social — é a tentativa de proteger crianças contra filmes, livros e outras manifestações do pensamento que possam **incitar à violência** ou a outras situações consideradas prejudiciais **à formação** dos jovens.

Por outro lado, existem formas de censura que, apesar de serem, em princípio, tão odiosas quanto a censura política, tornam-se praticamente invisíveis no interior do corpo social. Elas agem sem que os responsáveis sequer se deem conta do que estão fazendo. É o caso, entre outros, dos preconceitos, que são, por definição, verdades falsas que, quando se disseminam dentro de um grupo ou comunidade, tendem a hostilizar formas de pensamento e de comportamento que, de alguma forma, não **se conformam àquela** "verdade".

*Flávio Dieguez. **Ver, ouvir e calar**. Discutindo a língua portuguesa, ano 2, n.º 12, p. 34-6 (com adaptações).*

Julgue os itens a respeito das estruturas linguísticas do texto.

26. Os sinais de crase em **à violência** e **à formação** mostram que se trata de dois termos que servem de complemento ao verbo "incitar".
27. Justifica-se o sinal indicativo de crase em **àquela** pela exigência de iniciar o complemento de "se conformam" com a preposição **a**.

RESOLUÇÕES COMENTADAS

NÍVEL 1

1.

✓ a) Verdadeiro. Os espectadores assistiam (v.t.i) atentos **ao** espetáculo.

× b) Falso. "O presidente esqueceu (não pronominal/v.t.d.) o projeto em casa" ou "O presidente esqueceu-se (pronominal/v.t.i.) do projeto em casa.

× c) Falso. As alunas aspiravam (v.t.i.) **ao** cargo de nutricionista.

× d) Falso. Obedecendo **à** (acento grave obrigatório) intimação recebida, compareceu em companhia da mulher.

✓ e) Verdadeiro. O executivo precisou (v.t.d.) bem os objetivos.

2.

× a) Falso. Preferia música clássica **a** (sem acento grave, pois o primeiro termo — obj. direto — não apresentou artigo anteposto) música popular (paralelismo).

✓ b) Verdadeiro. Custa-me entender as suas colocações intempestivas.

× c) Falso. O diretor procedeu (v.t.i) **à** (acento grave obrigatório) leitura do discurso de formatura.

× d) Falso. Este é um pormenor **de** que nem todos se lembram (pronominal/ v.t.i).

× e) Falso. "Informei-o (obj. direto) do acontecido (obj. indireto) durante a assemb1eia" ou "Informei-lhe (obj. indireto) o acontecido (obj. direto) durante a assembleia".

3.

× a) Falso. O governo criará as ouvidorias, assegurando (v.t.d.i) a elas (obj. indireto) maior autonomia (obj. direto).

✓ b) Verdadeiro. Não lhes (obj. indireto) obedecemos (v.t.i.) enquanto forem presunçosos.

× c) Falso. Essa será a conclusão a que o presidente chegará.

× d) Falso. A notícia **de** (regência nominal) que passara no vestibular não deve ser ignorada.

✓ e) Verdadeiro. Observe o paralelismo: Prefiro a lenda à história autêntica.

4.

✓ a) Verdadeiro. Clotildes, vi essas coisas e outras **de** que me esqueci (pronominal/ v.t.i.).

× b) Falso. Cuidado com a conjunção "e" ligando verbos que possuem predicações diferentes. Melhor dizer: Os anjos preservavam (v.t.d.) um sistema hierárquico e repousavam (v.i.) sobre ele (adj. adv.).

× c) Falso. Cuidado com a conjunção "e" ligando verbos que possuem predicações diferentes. Melhor dizer: Nós adquirimos o disco do cantor e gostamos desse disco.

× d) Falso. Não transponha para a voz passiva verbos transitivos indiretos, embora alguns defendam tal ideia. Melhor dizer: Milhares de pessoas assistiram ao comício.

✓ e) Verdadeiro. Esta é a posição a que todos aspiram (v.t.i.).

5.

× a) Falso. Ele entrava na sala e saía dela a toda hora.

✓ b) Verdadeiro. Chegou à cidade e saiu logo dela.

× c) Falso. Não vi os filmes de cujo diretor você tanto gosta (v.t.i.) .

✓ d) Verdadeiro. Não confunda com o verbo "preferir". Queria antes as festas do que o trabalho.

× e) Falso. Preferia antes as festas **ao** trabalho.

✓ 6. Resposta: C. I - Consegui a função **a** que sempre **visei** (v.t.i.). / II - Hei de chegar ao ideal **por** que **luto** (v.t.i.). / III - Este foi **o** recurso de que **me** utilizei.

✓ 7. Resposta: D. O trabalho inovador de Gláuber Rocha de que (adj. adv. de assunto) lhe (obj. indireto) falei (v.t.i.) chama-se Deus e o Diabo na Terra do Sol.

✓ 8. Resposta: A. Esta alternativa' obedece (v.t.i.) ao padrão da gramática normativa.

✓ 9. Resposta: A. I - Visando apenas (v.t.i. = desejar, almejar) **aos** seus próprios interesses, ele, involuntariamente, prejudicou toda uma família. /II - Como era orgulhoso, preferiu (v.t.d.i.) declarar falida a firma a aceitar qualquer ajuda do sogro./ III - Desde criança sempre aspirava (v.t.i. = almejar, desejar) a uma posição de destaque, embora fosse tão humilde./ IV - Aspirando (v.t.d. = sorver, respirar) o perfume das centenas de flores que enfeitavam a sala, desmaiou.

✓ 10. Resposta: C. a) A imagem a que me refiro é de minha mãe./ b) A maneira com que ele nos falou foi rude./ c) Há de chegar o dia em que todos serão felizes./ d) Eis as ideias com que mais me identifico./ e) O tempo **de** que dispomos para o lazer é pouco.

✓ 11. Resposta: B. Nas outras opções, temos objeto direto preposicionado. a) O povo traiu-os. / b) Era preciso obedecer (v.t.i.) -lhes (ou a eles)./ c) O governante deve estimá-los./ d) Ele socorreu-**os**.

✓ 12. Resposta: C. O gosto que manifestaste (v.t.d. = não exige termo regido pela preposição de) em público não pode ser desconhecido.

✓ 13. Resposta: A. a) Não tenham dúvidas de que ele vencerá/ b) O escravo ama o seu senhor e obedece-lhe (ou a ele)./ c) Prefiro estudar a trabalhar./ d) O livro a que te referes é célebre.

✓ 14. Resposta: D. a) Visei (v.t.d. = dar visto) um passaporte e fui viajar./ b) Aspirei (v.t.d. = sorver, respirar) o perfume e achei-o delicioso./ c) Perdoo (v.t.d. = coisa) os teus erros, pois acho-os bem

humanos./ d) Ensino (v.t.d.i.) a você as regras do bem viver./ e) Eu o vi (v.t.d.) e você não me viu.

✓ 15. Resposta: C. Presente toda a corte, el-rei assistiu **a elas** (pronome tônico: preposicionado). Com esse sentido (= ver, presenciar), o verbo "assistir" não admite pronome átono na substituição lexical.

✓ 16. Resposta: E. Uma companheira desta, **com** cuja figura as crianças se **assustavam**.

✓ 17. Resposta: D. Obedecemos (v.t.i.) sempre mais **ao** que nos aconselhar a nossa própria voz.

✓ 18. Resposta: D. A lei **a que** se referiu já foi revogada./ Os problemas **de que** se lembraram (pronominal/ v. t. i) eram muito grandes./ O cargo **a que** aspiras (v.t.i. = desejar, almejar) é muito importante./ O filme **de que** gostou foi premiado./ O jogo **a que** assistimos (v.t.i. = ver) foi movimentado.

✓ 19. Resposta: E. a) Correto. Atenção: Esqueceu-me o livro (O livro esqueceu-me, ou seja, caiu no esquecimento). e) Abrir-se-**ão**, naquela região, mais escolas profissionais (Mais escolas profissionais serão abertas naquela região).

✓ 20. Resposta: B. 1. Desde quando você assiste (= morar, residir) em Brasília? / 2. Aqui ninguém perdoa (v.t.i = pessoa) aos infratores da lei./ 3. Prefiro comer pedra a dar o braço a torcer./ 4. Aliás, é o automóvel que aspiro (v.t.i. = desejar, almejar) a comprar no ano que vem./ 5. Beatriz se foi, mas será mulher **de** quem sempre me lembrarei (pronominal/ v.t.i.) com saudade.

✓ 21. Resposta: D. Os torcedores assistiram (v.t.i. = ver, presenciar) **a** um grande jogo de futebol.

✓ 22. Resposta: E. Lembre-se: o verbo "preferir" é transitivo direto e indireto. Com ele, é proibido usar:

mais, antes, que, do que./ e) Preferia (v.t.d.i.) assistir (v.t.i. = ver) à televisão a ir ao cinema.

✓ 23. Resposta: D. O verbo que se repete em "aspirou (v.t.d. = sorver, respirar) o ar" e "aspirou (v.t.i. = desejar, almejar) à glória" apresenta regência e sentidos diferentes nas duas orações.

✓ 24. Resposta: A. Assistimos (v.t.i. = ver) a um belo espetáculo de dança na semana passada.

✓ 25. Resposta: B. I - Pedro pagou (v.t.d. = coisa) os tomates./ II - Pedro pagou ao feirante (quando pagar tem por objeto um nome de pessoa, é transitivo indireto). III - Pedro pagou (v.t.d. = coisa) os tomates ao feirante.

✓ 26. Resposta: A. No século XVI, muitos negros preferiram: (v.t.d.i) a morte à escravidão./ Ressalte-se que a opção "c" está correta, apenas houve inversão dos termos: "A garotada prefere (v.t.d.i.) o jogo livre (obj. direto) à ginástica (obj. indireto)".

✓ 27. Resposta: B. a) Esqueci (não pronominal/ v.t.d.) o nome dele./ b) Esqueci-me (pronominal/ v.t.i.) de meu irmão./ c) Esqueceu (v.t.i.) -me (obj. indireto) o nome dele (O nome dele caiu no esquecimento). (Observe que entre o verbo e o pronome não há paralelismo quanto à pessoa gramatical) / d) Mesma situação da opção anterior: Nunca me (1ª pessoa) esqueceu (3ª pessoa) esse fenômeno./ e) Esqueci-me (pronominal/ v.t.i.) do nome dele.

✓ 28. Resposta: E. Lembro-me (pronominal/ v.t.i.) de que tais eram as suas palavras.

✓ 29. Resposta: C. A firma toda não simpatizou (não pronominal) com as novas orientações.

30.

✓ a) Verdadeiro. Diga (v.t.d.i) às pessoas (obj. indireto) que me procurarem que tive de sair.

✓ b) Verdadeiro. Vamos à sua casa ou à minha?

✓ c) Verdadeiro. Preciso ir (ir a algum lugar) à terra dos meus antepassados ("terra" com determinante)./ d) Falso. Não há mais nada a fazer (não se coloca acento grave antes de verbo).

× e) Falso. Trago a vocês (obj. indireto/ núcleo não feminino) as últimas novidades.

× f) Falso. Nunca coloque acento grave antes dessas formas de tratamento. Elas não aceitarão artigo anteposto. Portanto: "Diga a Sua Excelência que não tenho nada a acrescentar".

✓ g) Verdadeiro. A pessoa à qual fiz referência não saiu.

× h) Falso. Nunca coloque acento grave antes da forma "cuja". Ela não aceita artigo anteposto. Apenas aceita preposição. Portanto: "A cantora a cuja voz me refiro virá ao Brasil".

✓ i) Verdadeiro. Dobre à esquerda (locução adverbial com núcleo feminino) ali adiante.

✓ j) Verdadeiro. Vou-lhe contar algo à boca pequena (locução adverbial com núcleo feminino).

31.

× a) Falso. Afirmou que nada pode fazer a curto prazo (locução adverbial com núcleo masculino).

× b) Falso. Faremos entrega a domicílio (adverbial com núcleo masculino). Melhor dizer: Faremos entrega em domicílio.

× c) Falso. Dia a dia (palavras repetidas e masculinas), aumentava a possibilidade de guerra.

✓ d) Verdadeiro. Prefiro (v.t.d.i.) isto àquilo (preposição "a" + pronome "aquilo").

✓ e) Verdadeiro. Entregue (v.t.d.i.) tudo àquele homem (preposição "a" + pronome "aquele").

✓ f) Verdadeiro. Esta casa é igual à (= àquela) que meu pai fez construir.

✓ g) Verdadeiro. Os astronautas regressaram à Terra (= planeta) .

× h) Falso. Não posso mais comprar a crédito (locução adverbial com núcleo masculino).

✓ i) Verdadeiro. Transmita (v.t.d.i.) àquelas (preposição "a" + pronome "aquelas") pessoas a mensagem.

✓ 32. Resposta: E. Dirija-se (v.t.i. que exige a preposição a) à secretaria (palavra feminina que aceita o artigo anteposto a) e entregue (v.t.d.i.) - lhe (obj. indireto) as propostas (obj. direto) favoráveis (nome que exige a preposição a) à compra (palavra feminina que aceita o artigo anteposto a) das máquinas.

✓ 33. Resposta: C. Encontrarei você a uma hora qualquer (não determinada) da tarde.

✓ 34. Resposta: C. O rico tem que viver **à espera do** (locução prepositiva com. núcleo feminino) ladrão.

✓ 35. Resposta: A. "Um dia pelo outros iria **às aulas** (locução adverbial de lugar com núcleo feminino)". a) Cheguei **à cidade** (locução adverbial de lugar com núcleo feminino) grande com a alma em sofrimento./ b) Nos sonhos, ia-me **à margem do** (locução prepositiva com núcleo feminino) rio./ c) Já **à tarde** (locução adverbial de tempo com núcleo feminino) eu previa perigos./ d) Saí **à procura de** (locução prepositiva com núcleo feminino) outros conselhos./ e) Gostaria de me aquecer **à luz** dos (locução prepositiva com núcleo feminino) raios de sol.

✓ 36. Resposta: B. a) Uma lei sempre está ligada a alguma outra. As leis estão subordinadas **à** Lei-Mãe./ b) Obedecer (v.t.i.) **àqueles** (preposição "a" + pronome "aqueles") preceitos é necessário. É direito que assiste (v.t.i.) **à** (preposição "a" + artigo "a") autora de rever a emenda. / c) Alguns parlamentares anuíram (v.t.i.) à proposta de emenda. Agiram contra (preposição) a (artigo) lei./d) Estamos sujeitos **a** (preposição) muitas (pronome indefinido não aceita artigo anteposto) leis. São contrários **à** (preposição "a" + artigo "a") lei./ e) O Presidente atendeu (v.t.i.) à (preposição "a" + artigo "a") reivindicação do ministro. Procurou-se assistir (v.t.d. = socorrer, ajudar) as populações (obj. direto) atingidas pela seca.

✓ 37. Resposta: C. Os formulários do Imposto de Renda foram entregues a domicílio (locução adverbial com núcleo masculino). Melhor dizer: ... entregues **em** domicílio.

✓ 38. Resposta: D. Passo a passo (palavras repetidas e masculinas), a restauração do Pelourinho, com respeito **à** arquitetura (preposição "a" + artigo "a") barroca, obedeceu (v.t.i.) **a** rigoroso plano (obj. indireto com núcleo masculino) de reconstrução das formas originais.

✓ 39. Resposta: D. 1 - Informo (v.t.d.i) **a** V. Sa. (tais formas de tratamento não aceitam o artigo "a" anteposto) que já chegaram os livros que encomendamos (v.t.d.i) **à** (editora) Globo (preposição "a" + artigo "a")./ 2 - O astronauta, após um ano no espaço, sentiu grande alívio ao voltar **à** Terra (= planeta) ./ 3 - Entreguei (v.t.d.i.) o documento a (preposição) uma (artigo indefinido) senhora que se encontrava postada **à entrada da** (locução prepositiva com núcleo feminino) sala. / 4 - À uma hora (determinada), vou **à** casa de minha irmã (determinada) e darei **a** ela o seu recado. / 5 - Daqui a duas léguas encontrará a casa **à qual** (preposição + pronome relativo) me referi (v.t.i.).

✓ 40. Resposta: B. A saúde passa **a** ser (não se coloca acento grave antes de verbo) identificada a noção de vida.

✓ 41. Resposta: C. Assustada **a** família (sujeito) com os versos em que o via sempre ocupado, foi reclamar ao grande mestre que não o via estudar em casa, ao que lhe foi respondido que a sua assiduidade (sujeito) e aplicação (sujeito) **às** aulas (complemento do nome "aplicação") nada deixavam a desejar (não se coloca acento grave antes de verbo).

✓ 42. Resposta: D. a) Os termos lençol subterrâneo e lençol freático referem-se a terra encharcada de água (= chão firme / não aceita acento grave) como uma esponja./ b) À soma (obj. indireto) de transpiração e da evaporação dá (v.t.d.i.) -se o nome de evapotranspiração /c) À medida que (locução conjuntiva com núcleo feminino) a água vai-se evaporando, os sais precipitam-se./ d) Um ecossistema deve conter organismos diversos de modo a garantir (não se coloca acento grave antes de verbo) uma contínua reciclagem de substâncias./ e) O Sol é a energia que faz, pela evaporação, a água voltar às cabeceiras dos rios (locução adverbial com núcleo feminino).

✓ 43. Resposta: A. a) Daqui a pouco (não se coloca acento grave antes de pronome indefinido masculino), daremos (v.t.d.i.) o resultado **àquela** (preposição "a" + pronome "aquela") menina. / b) A caravela estava à mercê das (locução prepositiva com núcleo feminino) gigantescas ondas. / c) Atitudes insensatas conduzem (v.t.d.i.) a mocidade (obj. direto) à rebeldia (obj. indireto) / d) Às primeiras horas do dia (horas determinadas), ele chegou à prisão (locução adverbial de lugar com núcleo feminino), porém não a tempo (palavra masculina) para visitar (v.t.d.) a assassina (obj. direto).

✓ 44. Resposta: E. a) O sonho de todo astronauta é voltar à Terra (= planeta)./ b) Às vezes (locução adverbial com núcleo feminino), as verdades são duras de se ouvir./ c) Enriqueço, à medida que (locução conjuntiva com núcleo feminino) trabalho./ d) Filiei-me (v.t.i.) à entidade (preposição "a" + artigo "a"), sem querer./ e) O sonho de todo marinheiro é voltar a terra (= chão firme / valor genérico / dispensa acento grave).

✓ 45. Resposta: C. De há (tempo decorrido) muito, ele se desinteressou em chegar a ocupar cargo tão importante, há (= existem) coisas mais simples na vida e que valem mais que a posse momentânea de certos postos de relevo a (preposição) que tantos ambicionam por amor à (preposição "a", exigida pelo nome "amor" + artigo "a") ostentação.

✓ 46. Resposta: D. a) O papa caminhava a passo (palavra masculina) firme./ b) Dirigiu-se ao tribunal disposto a falar (não se coloca acento grave antes de verbo) ao juiz./ c) Chegou à noite (locução adverbial com núcleo feminino), precisamente às dez horas (locução adverbial com núcleo feminino/ hora determinada). d) Esta é a casa à qual (preposição "a", exigida pelo verbo "me referi", + pronome relativo "a qual") me referi ontem às pressas (locução adverbial com núcleo feminino)./ e) Ora aspirava (v.t.i.) a isto, ora àquilo (preposição "a", exigida pelo verbo "aspirava", + pronome demonstrativo "aquilo"), ora a nada.

✓ 47. Resposta: B. "Quando Mário chegou a casa (valor genérico / sem determinante / acento grave proibido), pediu (v.t.d.i.) à (preposição "a", exigida pelo verbo "pediu", + artigo "a") mãe que lhe entregasse a chave; ela começou a (não se usa acento grave antes de verbo) procurá-la na bolsa. Não está. Devia tê-la dado a (não se usa acento grave antes desse pronome indefinido) alguém. Mas a quem (pronome indefinido)? Talvez à (preposição "a", exigida pelo verbo "dado", + artigo. "a") tia Nastácia, que, às cinco horas (hora

determinada) da tarde, se dirigira **a** (preposição) Paris (o substantivo "Paris" não aceita não artigo anteposto "a")".

✓ 48. Resposta: A. Estamos **a** (preposição) poucas (o pronome indefinido não aceita artigo anteposto) horas da cidade a (preposição) que (pronome relativo) vieram ter, **há** tempos (tempo decorrido), nossos avós.

✓ 49. Resposta: C. Dê (v.t.d.i.) ciência **a** (preposição) todos (o pronome indefinido não aceita artigo anteposto) de que não mais se atenderá **a** pedidos (palavra masculina) que não forem dirigidos à (preposição "a", exigida pelo verbo "dirigidos", + artigo "a") diretoria.

✓ 50. Resposta: C. Ficaram frente **a** (preposição ligando palavras repetidas) frente, **a** (não se usa acento grave antes de verbo) se olharem, pensando no que dizer uma à (preposição "a", exigida pelo verbo "dizer", + artigo "a") outra.

✓ 51. Resposta: E. I - **O** seu egoísmo só era comparável à (preposição "a", exigida pelo nome "comparável", + artigo "a") sua feiura (o acento grave é obrigatório, nesse caso, para garantir paralelismo)./ II - Não pôde entregar-se **às** (preposição "a", exigida pelo verbo "entregar", + artigo "as") suas ilusões./ III - Quem se vir em apuros, deve recorrer à (preposição "a", exigida pelo verbo "recorrer", + artigo "a") justiça.

✓ 52. Resposta: A. Garanto a (preposição) você (o pronome pessoal não aceita artigo anteposto) que compete à, (preposição) ela (o pronome pessoal não aceita artigo anteposto), pelo menos **a** (preposição) meu (o pronome possessivo masculino, nesse caso, não aceita artigo anteposto) ver, tomar as providências para resolver o caso. Use sempre: **a** meu ver, **a** nosso ver (e não ao meu ver, ao nosso ver).

✓ 53. Resposta: C. a) Não assisto a filmes (palavra masculina) de guerra./ b) A pintura foi executada a

óleo (palavra masculina)./ c) Não vou **à** (preposição "a", exigida pelo verbo "vou", + artigo "a") festa. / d) A roupa transpira a suor e a vinho (palavras masculinas)./ e) Passeamos **a** pé (palavra masculina) todos os dias.

✓ 54. Resposta: D. **Àquela** (preposição "a" + pronome demonstrativo "Aquela"/ hora determinada) hora, **à** (= àquela / preposição "a", exigida pelo verbo "entregaria", + pronome demonstrativo "acentuação: = aquela") **que** chegasse primeiro se entregaria a condecoração (objeto direto) **à qual** (preposição "a", exigida pelo nome "jus", + pronome relativo "a qual") fizera jus.

✓ 55. Resposta: D. "Agradeço (v.t.d.i.) **a** (preposição) Vossa Senhoria (tal pronome de tratamento não aceita artigo anteposto) **a** oportunidade (objeto direto) para manifestar minha opinião a respeito (palavra masculina)".

✓ 56. Resposta: A. I - **À** vista de (locução prepositiva com núcleo feminino) + isso, devemos tomar sérias medidas./ II - Não fale tal coisa **às** (preposição "a", exigida pelo verbo "fale", + artigo "as") outras./ III - Dia a dia (preposição ligando palavras repetidas) a empresa (sujeito) foi crescendo./ IV - Não ligo **àquilo** (preposição "a", exigida pelo verbo "ligo", + pronome demonstrativo "aquilo") que me disse.

✓ 57. Resposta: B. Tomava-se **a** (preposição) cada (o pronome indefinido não aceita artigo anteposto) hora, mais afeito **a** (preposição) essas (o pronome demonstrativo não aceita artigo anteposto) perigosas divagações que levam um homem **a** viver (não se usa acento grave antes de verbo) num mundo imaginário.

✓ 58. Resposta: C. Não diga (v.t.i.) a (preposição) ninguém (o pronome indefinido não aceita artigo anteposto), mas acho que faltam (v.t.d.i.) a (preposição) ela (o pronome pessoal não aceita artigo anteposto) as

qualidades indispensáveis à (preposição "a", exigida pelo nome "indispensáveis", + artigo "a") função que deverá exercer.

✓ 59. Resposta: C. Primeiro dirigiu-se à (preposição "a", exigida pelo verbo "dirigiu-se", + artigo "a") funcionária e depois exigiu, a todo custo (palavra masculina), que o levassem à (preposição "a", exigida pelo verbo "levassem", + artigo "a") diretoria.

✓ 60. Resposta: D. Com a lancheirinha a tiracolo (palavra masculina), lá ia ela **à toa** (locução adverbial com núcleo feminino) na vida, à procura de (locução prepositiva com núcleo feminino) aventuras mil, a caminho (palavra masculina) da escola.

✓ 61. Resposta: D. Quanto à (preposição "a", exigida pelo conectivo "quanto", + artigo "a") revalidação do diploma, fica a decisão (sujeito) a critério (palavra masculina) da banca.

✓ 62. Resposta: B. a) **A** (preposição) esta (o pronome não aceita artigo anteposto) oferta prefiro aquela. / b) **Àquela** (preposição "a", exigida pelo verbo "prefiro", + pronome demonstrativo "aquela") oferta prefiro esta. / c) Darei conhecimento a (preposição) Sua Excelência (tal pronome de tratamento não aceita artigo anteposto)./ d) Trouxe notícias a Vossa Excelência (veja a opção anterior). / e) **A** (preposição) toda (o pronome indefinido não aceita artigo anteposto) velocidade dobrou à esquina (locução adverbial com núcleo feminino).

✓ 63. Resposta: B. Eram amigos comuns a ele (palavra masculina) e à (preposição "a", exigida pelo nome "comuns", + artigo "a") vovó, mas a (preposição) essa (o pronome demonstrativo não aceita artigo anteposto) altura já deviam estar muito longe.

✓ 64. Resposta: C. Sentou-se à máquina (locução adverbial com núcleo feminino) / Por se tratar de

uma locução adverbial de instrumento, alguns estudiosos dispensam o acento grave. Há, portanto, duas correntes: os que aceitam e os que não aceitam o acento. Considero que seja uma questão de bom senso, especialmente quando se deseja evitar ambiguidade. Observe: Fez a máquina (texto ambíguo: a máquina foi feita por ele, ou ele fez algo, utilizando como instrumento a máquina?). Desfazendo a ambiguidade: Fez **à** máquina (ele fez algo, utilizando como instrumento a máquina)/ e pôs-se **a** reescrever (não se usa acento grave antes de verbo) uma a uma(preposição ligando palavras repetidas) as páginas do relatório.

✓ 65. Resposta C. As devotas, chegando **à** (preposição "a" exigida pelo verbo "chegando" + artigo "a") janela ajoelharam-se **à passagem da** (locução prepositiva com núcleo feminino) procissão, em reverência **à** (preposição "a" exigida pelo nome "reverência" + artigo "a") imagem do santo.

✓ 66. Resposta: D. a) Tais informações são iguais **às** (= àquelas/ preposição "a" exigida pelo nome "iguais", + pronome demonstrativo "as" = "aquelas") que recebi ontem. / b) Perdi uma caneta semelhante **à** (preposição "a" exigida pelo nome "semelhante", + artigo "a") sua (caneta) / c) A construção da casa obedece **às** (preposição "a" , exigida pelo verbo "obedece", + artigo "as") especificações da Prefeitura. / d) O remédio devia ser ingerido gota a gota (preposição ligando palavras repetidas), e não de uma só vez. / e) Não assistiu (v.t.i) a essa operação, mas à (= àquela / preposição "a", exigida pelo verbo "assistiu", + pronome demonstrativo "a = aquela") de seu irmão.

NÍVEL 2

1. E ("às informações" é complemento de "dar")
2. E (à delegacia / um grupo saiu, arrombou e invadiu)
3. E (Apenas pela regência de "incitamento")
4. C (O artigo é opcional)
5. D (a expensas dele)
6. C
7. D (sobre aquela mesa)
8. C
9. C
10. E (a novas / às novas)
11. C
12. C
13. C (crase de preposição e pronome)
14. C
15. C
16. E (Eliminar o pronome "lhe")
17. E (Falta vírgula após "mundo")
18. E (Eliminar acento grave)
19. E ("talhe" é palavra masculina)
20. C
21. E (São complementos de "nocivas")
22. C
23. E (associadas à raça)
24. E (locuções adverbiais com núcleo feminino)
25. A
26. E ("incitar à violência" / "prejudiciais à formação")
27. C

CAPÍTULO 9

CONCORDÂNCIA NOMINAL E VERBAL

TEXTO I

Leia o texto a seguir para responder à questão 1.

Por último, afirmam-se que os episódios envolvendo os policiais militares de Minas, que desencadearam um "efeito dominó" em vários Estados, e as exibições de delitos graves, que chocaram a opinião pública nacional e internacional, como os casos da favela Naval e de Cidade de Deus, motivaram o governo federal e o Congresso a estabelecer um amplo debate sobre modificações das polícias no Brasil, que até agora se mostrou infrutífero.

A proposta de emenda constitucional elaborada pelo governador Mário Covas, que unificava as funções de polícia, nem sequer foi discutida naquele momento, e algumas questões pontuais também deixaram de constar da agenda política federal.

A resistência a mudanças estruturais nas polícias e a falta de uma política nacional de segurança pública também alimenta a violência. A questão é: quem quer um novo modelo de polícia?

Texto adaptado de Benedito Domingos Mariano, 39, sociólogo, ouvidor da Polícia do Estado de São Paulo, secretário-geral do Fórum Interamericano de Direitos Humanos (Fideh), diretor do Centro Santo Dias de Direitos Humanos da Arquidiocese de São Paulo e fundador do Movimento Nacional de Direitos Humanos.

QUESTÃO 1

Julgue os itens a seguir:

(A) O verbo "motivaram" *(L. 6)* concorda com sujeito composto. ***(p. 576)***

(B) Em vez de "... motivaram o governo federal e o Congresso a estabelecer ..." *(Ls. 6-7)*, também estaria correto: "...motivaram o governo federal e o Congresso a estabelecerem ...". ***(p. 579)***

(C) Em "... quem quer um novo modelo de polícia?", o verbo concorda com a terceira pessoa do singular em virtude de o sujeito estar indeterminado. ***(p. 579)***

(D) Em " ... e algumas questões pontuais também deixaram de constar da agenda política federal" *(Ls. 11-13)*, o verbo também poderia concordar com o termo "agenda política federal". ***(p. 579)***

(E) No trecho "A resistência a mudanças estruturais nas polícias e a falta de uma política nacional de segurança pública também alimenta a violência" *(Ls. 14-16)*, a concordância verbal está correta. ***(p. 581)***

(F) Em "... **afirmam**-se que os episódios envolvendo os policiais militares de Minas (...) motivaram...", a concordância do verbo destacado está incorreta. ***(p. 581)***

TEXTO II

Leia o texto a seguir para responder à questão 2.

São Bernardo (fragmento)

Faz dois anos que Madalena morreu, dois anos difíceis. E quando os amigos deixaram de vir discutir política, isto se tornou insuportável.

Foi aí que me surgiu a ideia esquisita de, com o auxílio de pessoas mais entendidas que eu, compor esta história. A ideia gorou, o que já declarei. Há cerca de quatro meses, porém, enquanto escrevia a certo sujeito de Minas, recusando um negócio confuso de porcos e gado zebu, ouvi um grito de coruja e sobressaltei-me.

Era necessário mandar no dia seguinte Marciano ao forro da igreja.

De repente voltou-me a ideia de construir o livro. Assinei a carta ao homem dos porcos e, depois de vacilar um instante, porque nem sabia começar a tarefa, redigi um capítulo.

Desde então procuro descansar fatos, aqui sentado à mesa da sala de jantar, fumando cachimbo e bebendo café, à hora em que os grilos cantam e a folhagem das laranjeiras se tinge de preto.

Às vezes entro pela noite, passo tempo sem fim acordando lembranças. Outras vezes não me ajeito com esta ocupação nova.

Graciliano Ramos

QUESTÃO 2

Julgue os itens a seguir:

(A) Em vez de "Faz dois anos que Madalena morreu", também estaria correto em estilo formal culto "Devem fazer dois anos que Madalena morreu". ***(p. 582)***

(B) Se reconstruíssemos a frase "...isto se tornou insuportável" e obtivéssemos " ... a discussão e a política se tornaram **insurportável**", a concordância do termo em destaque estaria correta em virtude de este estar concordando estilisticamente com o elemento mais próximo. ***(p. 583)***

(C) Transpondo o verbo da oração "... compor esta história" para a terceira pessoa do singular do futuro

do subjuntivo obtém-se: "... quando ele compor esta história." ***(p. 583)***

(D) Flexionando-se no plural o período "Era necessário mandar no dia seguinte Marciano ao forro da igreja", obtém-se: "Eram necessários mandar nos dias seguintes Marciano aos forros das igrejas." ***(p. 583)***

(E) Em vez de "...ouvi um grito de coruja", também estaria escorreito do ponto de vista sintático "... ouviram-se gritos de corujas". ***(p. 583)***

(F) Em "... fumando cachimbo e bebendo **café**", a palavra destacada tem valor de substantivo. Como adjetivo, a mesma palavra fica corretamente flexionada nas seguintes construções: sapatos **marrons-cafés** e sapatos **cafés**. ***(p. 583)***

(G) A oração "...a folhagem das laranjeiras se tinge de preto" apresenta erro de concordância verbal. O certo seria: "... a folhagem das laranjeiras se tingem de preto." ***(p. 585)***

TEXTO III

Leia o texto a seguir para responder à questão 3.

NOITES COM SOL

(Flávio Venturini / Ronaldo Bastos)

Ouvi dizer que são milagre
Noites com sol
Mas hoje eu sei não são miragem
Noites com sol
Posso entender o que diz a rosa ao
Rouxinol
Peço um amor que me conceda
Noites com sol
Onde só tem o breu
Vem me trazer o sol

Vem me trazer amor

Pode abrir as janelas
Noites com sol e neblinas
Deixa rolar as retinas
15 Deixa entrar o sol

Livre serás se não te prendem
Constelações
Então verás que não se vendem
Ilusões

20 Vem que eu estou tão só
Vamos fazer amor
Vem me trazer o sol
Vem me livrar do abandono
Meu coração não tem dono
25 Vem me aquecer nesse outono
Deixa entrar o sol

Pode abrir as janelas
Noites com sol são mais belas
Certas canções são eternas
Deixa entrar o sol

Flávio Venturini, músico popular brasileiro. Cantor e compositor mineiro. Seu trabalho se caracteriza por original tratamento rítmico e pela exploração poética das emoções. Clube da Esquina e Luz Viva são alguns dos seus maiores sucessos.

QUESTÃO 3

Julgue os itens a seguir:

(A) Colocando-se os versos 1 e 2 na ordem direta, obtém-se: "Ouvi dizer que noites com sol **são** milagre". Nesse caso, o verbo destacado concorda obrigatoriamente com o sujeito. ***(p. 585)***

(B) Substituindo-se o sujeito em" Mas hoje **eu** sei..." (v.3) por **Vossa Excelência**, obtém-se, em consonância com a norma culta: "Mas hoje Vossa Excelência não sabeis...". ***(p. 586)***

(C) Caso se substitua o artigo em "Pode abrir **as** janelas (v. 12)" pela palavra **bastante**, obtém-se, sem prejuízo gramatical: "Pode abrir **bastantes** janelas". ***(p. 586)***

(D) Em "Então verás que não se vendem/ Ilusões" (v. 18 e 19), temos exemplo de voz passiva com sujeito na terceira pessoa do plural. ***(p. 588)***

(E) Em "Noites com sol são mais belas/ Certas canções são eternas" *(v. 28 e 29)*, o verbo e o predicativo concordam com o sujeito, assim como devem concordar em "A beleza e a eternidade são necessárias nesse milagre". ***(p. 588)***

RESOLUÇÕES COMENTADAS

QUESTÃO 1

✓ (A) Verdadeiro. Em "Por último, afirma-se que os **episódios** envolvendo os policiais militares de Minas, que desencadearam um "efeito dominó" em vários Estados, e as **exibições** de devlitos graves, que chocaram a opinião pública nacional e internacional, como os casos da favela Naval e de Cidade de Deus, **motivaram** o governo federal", observe que o verbo concorda com sujeito composto por dois núcleos. Por isso, lembre-se:

REGRA GERAL: quando o sujeito é simples o verbo concordará com o seu único núcleo.

Ex.: A **definição** dos projetos maiores **dependerá** de sua ajuda.

Sendo composto o sujeito, o verbo poderá concordar com a totalidade dos núcleos (concordância **lógica**),

ou com o núcleo mais próximo (concordância **atrativa** - sujeito composto posposto ao verbo):

Ex.: O **rei** e a **rainha chegaram** num avião especial.
Num avião especial, **chegaram** o **rei** e a **rainha**.
Num avião especial **chegou** o **rei** e a rainha.

CASOS ESPECIAIS:

- SUJEITO COMPOSTO RESUMIDO POR APOSTO. O verbo ficará no singular concordando com essa palavra resumitiva.

Ex.: O ódio, a inveja, o orgulho, tudo deve ser eliminado.

Pelé, Romário, Ronaldinho, Zico, todos devem ser respeitados.

- PREDOMINÂNCIA ENTRE PESSOAS GRAMATICAIS:
  - a) a 1ª pessoa predomina sobre todas as outras, levando o verbo à 1ª pessoa do plural:

    Ex.: Eu, tu e Gudesteu **enviaremos** o documento solicitado.
  - b) na ausência da 1ª pessoa, predominância da 2ª pessoa.

    Ex.: Tu e Deus **sois** testemunhas.

- COM OS VERBOS DAR, BATER, SOAR ETC., NAS INDICAÇÕES DE HORAS.

  Ex.: Deu uma hora.
  Bateram cinco horas no relógio da praça.
  Soaram sete horas.

- PRONOME INTERROGATIVO OU PRONOME INDEFINIDO + DE + PRONOME PESSOAL: Quem de nós, Algum de vós, Quais de nós etc.
  - se o primeiro pronome estiver no singular, o verbo concordará necessariamente com ele, ficando na 3ª pessoa do singular.

    Ex.: Qual de nós **viajará** de trem?

- se os dois pronomes estiverem no plural, o verbo terá obviamente de ficar no plural e poderá concordar com qualquer dos dois pronomes.

  Ex.: Muitos de nós enfrentam problemas familiares.
  Muitos de nós enfrentamos problemas familiares.

▪ SUJEITOS LIGADOS PELA CONJUNÇÃO OU.

- exclusão:

  Ex.: Vitorina ou Brasiliana se **casará** com Gurgel.

- equivalência:

  Ex.: A ambiguidade ou anfibologia **está** presente na obra de Machado de Assis.

- concomitância:

  Ex.: O fumo ou a bebida **fazem** mal à saúde.

▪ NOMES PRÓPRIOS PLURAIS.

- precedido de artigo, o sujeito levará o verbo ao plural:

  Ex.: As Minas Gerais **agasalham** muitas belezas.

- não havendo artigo, o verbo ficará no singular:

  Ex.: Minas Gerais **agasalha** muitas belezas.

- quando o artigo integra o título de uma obra, não podendo, portanto, ser retirado, a concordância se faz normalmente no plural:

  Ex.: Os Lusíadas **glorificaram** a literatura.

Admite-se, porém, o singular quando se quer destacar a unidade da obra, ressaltá-la como um todo:

Ex.: Os Lusíadas **glorificou** a literatura.

▪ MAIS DE UM:

O verbo fica em princípio no singular:

Ex.: Mais de **um** tenista **conquistou** a medalha.

Existem duas situações em que o plural se impõe, pelo sentido das frases:

- quando se repete a expressão:

  Ex.: Mais de um senador, mais de um prefeito **exigiram** medidas rígidas.

· quando o verbo indica reciprocidade:
Ex.: Mais de um aluno **abraçaram-se** no auditório.

▪ COM EXPRESSÃO DE QUANTIDADE APROXIMADA (cerca de ..., perto de ..., menos de... etc.). O verbo ficará no plural.
Ex.: Cerca de dez funcionários **pediram** demissão.
Perto de vinte pessoas **invadiram** o Ministério.

✓ (B) Verdadeiro. Embora os estudiosos da língua não cheguem ao consenso, saiba que, quando o **infinitivo** vier **precedido de preposição** e apresentar referente composto ou plural, caberão **duas** formas de concordância. O trecho "motivaram **o governo federal** e **o Congresso** a **estabelecer** um amplo debate sobre modificações das polícias no Brasil" pode ser reescrito assim: "motivaram **o governo federal** e **o Congresso** a **estabelecerem** um amplo debate sobre modificações das polícias no Brasil".

× (C) Falso. Em "... quem quer um novo modelo de polícia?", o verbo concorda com a terceira pessoa do singular em virtude de o sujeito estar determinado, representado morfologicamente pelo pronome substantivo **quem**.

E lembre-se:

▪ FUI EU QUE FIZ. / FUI EU QUEM FEZ.
Ex.: Fui **eu que fiz** o teste. (Apenas uma forma de concordância)
Fui **eu quem fez** o teste./ Fui **eu quem fiz** o teste. (As duas formas estão corretas)

× (D) Falso. Em " ... e algumas **questões** pontuais (sujeito) também deixaram de constar (v.t.i.) da agenda política federal (obj. indireto) " (l. 7), o verbo jamais poderia concordar com o termo "agenda política federal".

Concorda apenas com o núcleo do sujeito. Saiba quais são os casos de CONCORDÂNCIA FACULTATIVA.

· Coletivo partitivo, percentual ou fracionário

Ex.: A maioria dos aposentados se **descuida (m)**. Grande parte das pessoas **vive (m)** em miséria absoluta.

Portanto, 55% da população **exige(m)** mudanças.

Cuidado: quando houver determinante, só haverá uma forma de concordância.

Ex.: Portanto, **os** 55% da população **exigem** mudanças.

· Um dos que.

Ex.: Ela é uma das que mais **gosta(m)** de falar em público.

· Um e outro.

Ex.: Um e outro **procurou (procuraram)** o juiz mais antigo.

CUIDADO COM A IDEIA DE RECIPROCIDADE: Um e outro **abraçaram-se**.

· Nem um nem outro.

Ex.: Nem um nem outro **falou (falaram)** sobre o assunto.

CUIDADO COM A IDEIA DE RECIPROCIDADE: Nem um nem outro **agrediram-se**.

▪ CONCORDÂNCIA IDEOLÓGICA OU SILEPSE: feita com a ideia implícita.

Ex.: Os brasileiros somos corajosos. (Silepse de pessoa)/ Os brasileiros são corajosos.

São Paulo é movimentada. (Silepse de gênero)/ São Paulo é movimentado.

A turma, depois de muita agitação, procuraram o síndico. (Silepse de número)./ A turma, depois de muita agitação, procurou o síndico.

▪ PARECER + INFINITIVO: um ou outro poderá ser flexionado. Jamais os dois.

Ex.: As crianças parece sorrirem. (Prolepse: o termo "As crianças" é sujeito antecipado de "sorrirem".)

As crianças parecem sorrir. (Locução verbal: flexiona-se apenas o verbo auxiliar.)

× (E) Falso. O verbo deve concordar com o sujeito composto. "A **resistência** a mudanças estruturais nas polícias e a **falta** de uma política nacional de segurança pública também **alimentam** a violência".

✓ (F) Certo. A concordância correta é: "... **afirma**-se que os episódios envolvendo os policiais militares de Minas (...) motivaram...". Por quê, professor? Porque a segunda oração representa sintaticamente o sujeito da primeira. Reveja: "... **afirma** (v.t.d.) -se (partícula apassivadora) que os episódios envolvendo os policiais militares de Minas (...) motivaram (sujeito oracional)...". Duas lições importantes:

- COM O PRONOME <u>SE</u> APASSIVADOR OU INDETERMINADOR.
  - O que era objeto direto passa a ser sujeito, e o verbo ficará no singular ou plural, concordando com esse sujeito:

    Ex.: **Apresentou**-se uma nova **medida** de restrição.

    Apresentaram-se novas **medidas** de restrição.

  - Quando o <u>se</u> é **indeterminador**, o verbo ficará sempre na 3ª pessoa do singular:

  Ex.: **Careceu**-se de orientações técnicas.

- SUJEITO ORACIONAL: O verbo da oração principal fica no singular.

Ex.: **É imprescindível** <u>que a leveza e a harmonia prevaleçam</u>.
Sujeito oracional

QUESTÃO 2

× (A) Falso. Formas corretas: "Faz dois anos que Madalena morreu", "**Deve** fazer dois anos que Madalena morreu". Saiba o porquê:

▪ CONCORDÂNCIA COM O VERBO **FAZER**.

O verbo **fazer** é impessoal em apenas dois de seus possíveis empregos: quando indica tempo ou fenômeno da natureza. Com esses dois sentidos, ele e seus auxiliares se usam sempre na 3ª pessoa do singular:

Ex.: Faz cinco dias que nossos pais viajaram.
Deve fazer dez anos que o fato aconteceu.
Fez dias de muito frio no Rio Grande de Sul.

▪ CONCORDÂNCIA COM O VERBO **HAVER**.

O verbo **haver** só é impessoal quando significa **existir ou indicar tempo decorrido**. Com esses dois sentidos, ele e seus auxiliares só se empregam na 3ª pessoa do singular.

Ex.: **Havia** algumas soluções para o problema.
Vai haver muitas flores naquele jardim.

IMPORTANTE

O verbo **existir** é sempre pessoal, e concorda normalmente com o sujeito, o mesmo se dando com seus auxiliares.

Ex.: **Existem** algumas soluções para o problema.
Vão existir muitas flores naquele jardim.

▪ HAJA VISTA.

Vista é um substantivo sempre no feminino.

Haja visto só existe como tempo composto do verbo ver.

Ex.: **Haja vista** o problema local, ele desfez o contrato.
Haja (m) vista os problemas locais, ele desfez o contrato. (A flexão do verbo, nesse caso, é opcional).

Espero que ele **haja visto** o documento . **(= tenha visto)**

× (B) Falso. A única flexão correta é: "...isto se tornou insuportável" . O termo insuportável é **predicativo do sujeito** e só admite a concordância lógico-formal.

ATENÇÃO: Quando o adjetivo tem valor predicativo, só há concordância lógica.

Ex.: Comprei um apartamento e uma casa **novos (ou nova).** → Adjunto adnominal: concordância lógica ou concordância atrativa.

Considerei o apartamento e a casa **novos.** → Predicativo do objeto: somente concordância lógica.

× (C) Falso. Transpondo o verbo da oração "... compor esta história" para a terceira pessoa do singular do futuro do subjuntivo obtém-se: "... quando ele **compuser** esta história."

× (D) Falso. Flexionando-se no plural o período "Era necessário mandar no dia seguinte Marciano ao forro da igreja", obtém-se: "Era necessário **mandar nos dias seguintes Marciano aos forros das igrejas**" (a oração destacada funciona sintaticamente como sujeito de "Era necessário"). Lembre-se sempre: com sujeito oracional, o verbo da oração principal ficará no singular.

✓ (E) Verdadeiro. Em vez de "...ouvi um grito de coruja", também estaria escorreito do ponto de vista sintático "... **ouviram** (v.t.d.) -se (partícula apassivadora) **gritos** de corujas (sujeito plural) ".

× (F) Falso. Em "... fumando cachimbo e bebendo **café**", a palavra destacada tem valor de substantivo. Como adjetivo, a mesma palavra fica corretamente flexionada nas seguintes construções: sapatos **marrom-café** e sapatos (cor de) **café.** Por isso, domine os seguintes casos:

- CONCORDÂNCIA DO ADJETIVO COMO ADJUNTO ADNOMINAL
  - substantivos de mesmo gênero + adjetivo
    a) o adjetivo vai para o plural do gênero dos substantivos (concordância lógica).
    b) o adjetivo concorda com o substantivo mais próximo (concordância atrativa).
    Ex.: A autora e a atriz **desconhecidas.**
    A autora e a atriz **desconhecida**.
  - substantivos de gêneros diferentes + adjetivo
    a) o adjetivo vai para o masculino plural (concordância lógica).
    b) o adjetivo concorda com o substantivo mais próximo (concordância atrativa)
    Ex.: Atitude e riso **estranhos.**
    Atitude e riso **estranho**.
  - substantivos sinônimos + adjetivo: o adjetivo concorda com o último substantivo.
    Ex.: Trabalho e atividade **prolongada.**
  - substantivos antônimos + adjetivo: o adjetivo vai para o plural do gênero.
    Ex.: Tristeza e alegria **plenas.**
  - adjetivo anteposto a substantivo: o adjetivo concorda com o substantivo mais próximo.
    Ex.: **Jornalísticas** entrevistas e depoimentos.
  - adjetivo composto (adjetivo + adjetivo): varia o último adjetivo.

Exceções: azul-marinho, azul celeste (invariáveis) e surdo-mudo (variam os dois).

Ex.: Painéis **azul-claros.**

Pessoas **luso-brasileiras**.

  - adjetivo composto (adjetivo + substantivos): os dois elementos ficam invariáveis
    Ex.: Olhos **verde-esmeralda.**
    Saia **vermelho-sangue.**
  - adjetivo composto pela expressão cor de escrita ou oculta: fica sempre invariável.
    Ex.: Tecidos (cor-de-) **laranja.**
    Sonhos (cor-de-) **rosa.**

Lembre-se

- Raios **ultravioleta**. (invariável) - **violeta** não é legítimo adjetivo.
- Raios **infravermelhos**. (variável) - **vermelho** é legítimo adjetivo.

× (G) Falso. Na oração "...a **folhagem** das laranjeiras (sujeito) se **tinge** de preto" , o verbo só poderá estabelecer concordância com o núcleo do seu sujeito.

QUESTÃO 3

✓ (A) Verdadeiro. Em "Ouvi dizer que noites com sol **são** milagre" o verbo destacado concorda obrigatoriamente com o sujeito. Portanto, aprenda uma lição importante:

- CONCORDÂNCIA COM O VERBO <u>SER</u>.
  - com o sujeito e predicativo sendo nome de coisas.
  - concorda com o sujeito, se este for plural
  - concorda com o predicativo, se este for plural

    Ex.: Estas **vaidades** são o teu segredo.
    Tua vida são **ilusões**.
  - com o sujeito ou predicativo sendo nome de pessoas.
  - concorda com o nome que se refere a pessoas.

    Ex.: **Você** é a alegria de sua mãe.
    Suas preocupações era a **filha**.
  - com o sujeito ou predicativo sendo pronome pessoal.
  - concorda com o pronome pessoal.

    Ex.: O poeta és **tu**.
    A professora sou **eu**.
    Os alunos somos **nós**.

- na indicação de hora, data, distância.
  - concorda com o predicativo.
    Ex.: É uma hora. São três horas.
    Eram dois quilômetros.
    São 15 de agosto. (É 15 de agosto - concordando com a ideia singular **dia**).
- + expressão **perto de.**
  - concorda com a 3ª pessoa do singular ou plural.
    Ex.: Era ou eram **perto de** duas horas.
- precedido de expressões que indicam quantidade, preço, medida...
  - concorda com a 3ª pessoa do singular.
    Ex.: Cem quilos é muito. Cem mil cruzeiros **é pouco**.

× (B) Falso. Substituindo-se o sujeito em" Mas hoje **eu** sei..." (v.3) por **Vossa Excelência**, obtém-se, em consonância com a norma culta: "Mas hoje Vossa Excelência não **sabe**...". Lembre-se:

- CONCORDÂNCIA NA LINGUAGEM PROTOCOLAR: todos os pronomes de tratamento da linguagem protocolar (**Vossa Senhoria, Vossa Excelência, Sua Eminência** etc.) levam o verbo à 3ª pessoa.
  Ex.: Vossa Eminência **deverá trazer** os **seus** pertences.
  Sua Excelência, o Deputado Marcos Pereira, **estará** aqui amanhã.

✓ (C) Verdadeiro. Caso se substitua o artigo em "Pode abrir **as** janelas (v. 12)" pela palavra **bastante,** obtém-se, sem prejuízo gramatical: "Pode abrir **bastantes** janelas". Nesse caso, o pronome indefinido concorda com o substantivo. Vale a pena entender:

- BASTANTE
  a) **advérbio** (modifica o verbo, o adjetivo ou outro advérbio): invariável.
  Ex.: Estamos **bastante** confiantes no Plano Real.
  Nós moramos **bastante** longe desse lugar.

b) **pronome indefinido** (anteposto ao substantivo): variável.

Ex.: Lemos **bastantes** obras de Clarice Lispector.

Há **bastantes** ossos no armário.

c) **adjetivo** (posposto ao substantivo): variável.

Ex.: Tínhamos motivos **bastantes** para reclamar. (= suficientes)

Ele apresentou razões **bastantes** para condenar o réu. (= suficientes)

SAIBA OS OUTROS CASOS IMPORTANTES:

- MENOS, ALERTA, PSEUDO: sempre ficam invariáveis.
  Ex.: Tinha **menos** experiência agora.
  Todos estavam **alerta**.
  É uma **pseudo**-heroína.

- MEIO:
  a) como advérbio é invariável
  b) como numeral adjetivo, varia concordando com o substantivo
  Ex.: São pessoas **meio** carentes.
  Bebeu **meia** garrafa de cerveja.

- ANEXO, INCLUSO, APENSO, EXTRA, QUITE:
  concordam com a palavra a que se referem.
  Obs.: A expressão **em anexo** é invariável (Recomendação: evite-a. Trata-se de galicismo, forma afrancesada.)
  Ex.: **Anexos** vão os dados.
  Inclusas estão as informações.
  Estou **quite** com ela.
  Fez muitas horas **extras**.
  As folhas seguem **apensas**.

- MESMO, PRÓPRIO, SÓ: concordância normal com a palavra a que se referem.
  Obs.: **SÓ**: como advérbio é invariável; como adjetivo é variável

Ex.: Ela **mesma** fará a pesquisa.
Decidiram a causa eles **próprios**.
Eles estão **sós**.
Só eles vieram à reunião.

- OBRIGADO, SERVIDO: concordam com o nome a que se referem.
  Ex.: Muito **obrigadas** - disseram elas.
  A moça já foi **servida**.

✓ (D) Verdadeiro. Em "Então verás que não se (partícula apassivadora) vendem (v.t.d.) / Ilusões (sujeito)" (v. 18 e 19), temos exemplo de voz passiva com sujeito na terceira pessoa do plural. Lembre-se: na voz passiva, o objeto direto passa a funcionar como sujeito: ... não se vendem ilusões/ ... ilusões não são vendidas.

✓ (E) Verdadeiro. Em "Noites com sol são mais belas/ Certas canções são eternas" (v. 29 e 30), o verbo e o predicativo concordam com o sujeito. Em "A beleza e a eternidade **são necessárias** nesse milagre", o verbo e o predicativo concordam com o sujeito composto. Entendeu? Mais uma explicação:

- CERVEJA É BOM PARA A SAÚDE. O adjetivo só ficará no masculino quando a palavra feminina não vier precedida de artigo.
  Ex.: A cerveja é boa para a saúde.
  Palmatória é bom para os peraltas.
  A palmatória é boa para os peraltas.
  É proibido ultrapassagem.
  É proibida a ultrapassagem.

Outros casos interessantes:

- O MELHOR POSSÍVEL, O MAIS POSSÍVEL, O PIOR POSSÍVEL. A concordância da palavra **possível** dependerá exclusivamente do artigo.
  Ex.: Conheço pessoas **o mais** inteligentes **possível**.
  Conheço pessoas **as mais** inteligentes **possíveis**.

- TAL/ QUAL: **Tal** concorda com o antecedente, e **qual**, com o consequente.
  Ex.: A moça era tal quais os parentes.
  Os portugueses eram tais qual o visitante.

Cuidado com a conjunção aditiva "E": Os gestos da menina eram tais e quais os da mãe.

- CARO/ BARATO
  a) advérbios: invariáveis.
  b) adjetivos: variáveis.
  Ex.: As orientações aos filhos custaram caro aos pais.
  Considero estes automóveis caros.

- TODO/ TODA
  a) advérbio: invariável.
  b) pronome indefinido (anteposto ao substantivo): variável.
  Ex.: Sua saia é **todo** vermelha. (Observe que temos um advérbio modificando um adjetivo. A forma "toda" é aceita por muitos estudiosos da língua.)
  Toda inocência será revelada.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

NÍVEL 1

1. (UnB/TCU) Assinale a opção em que a flexão verbal está <u>incorreta</u>.

a. ( )Há alguns anos observamos a elitização dos bancos.
b. ( )Faz dois anos que os clientes reclamam.
c. ( )É tempo de aperfeiçoar o atendimento.
d. ( )Houve poucas mudanças em benefício do trabalhador.
e. ( )Somente haviam os serviços obrigatórios para os clientes.

2. (UnB/Telebrasília) Assinale a opção correta quanto à concordância.

a. ( )O rosto rebocado, a cara lavada, o cabelo lambido é proibido.
b. ( )A leveza e a harmonia é indispensável.
c. ( )É proibido cara lavada e cabelo lambido.
d. ( )Sair de casa de cara lavada e cabelo lambido são proibidos.
e. ( )São indispensáveis que a leveza e a harmonia prevaleçam.

3. (UnB/Metrô) Assinale a opção correta quanto à concordância nominal ou verbal.

a. ( )O despreparo de alguns candidatos podem dificultar o resultado do concurso público.
b. ( )Há pessoas bem intencionadas que sem perceberem, podem cometer injustiças graves contra os inocentes.
c. ( )Os gabaritos das provas serão publicadas no Diário Oficial do Distrito Federal.
d. ( )Em setembro, o grupo do 2º grau da escola sairão para um passeio ao Rio de Janeiro.

4. (IDR/Metrô) Assinale a opção correta de acordo com a norma culta.

a. ( )Qual de nós faremos o concurso? Haverão muitas vagas para o METRÔ/DF.
b. ( )Três vagas para desenhista mais três para projetista preenche o quadro da área de Arquitetura.
c. ( )Todos aspiram um bom salário no serviço público.
d. ( )Nem Paulo nem Pedro se inscreveram para as provas.

5. (Câmara dos Deputados) Dadas as afirmativas:

1 - Haviam diversas pessoas na fila do banco.
2 - Fazem oito dias que não para de chover.

3 - Verei-te logo depois da prova.
4 - Falta dez minutos para o meio-dia.
5 - Ele disse que não lhe conhece.

Pode-se afirmar que:
a. ( )somente duas estão corretas.
b. ( )somente três estão corretas.
c. ( )somente quatro estão corretas.
d. ( )Todas estão corretas
e. ( )todas estão incorretas.

6. (ESAF/TRT) Todas as opções estão corretas quanto à concordância verbal, exceto:

a. ( )Devem fazer trinta minutos que ela saiu da sala.
b. ( )Devem existir belas flores no jardim da casa do embaixador.
c. ( )Queiram ou não queiram, eles hão de dizer a verdade.
d. ( )Eu e teus amigos iremos à festa.
e. ( )Vendem-se casas e apartamentos na zona sul.

7. (UnB/STJ) Marque a opção em que a concordância verbal está correta.

a. ( )Os encarregados de coibir a violência contra a população não cumpre a lei.
b. ( )João Paulo, um dos melhores advogados da cidade, defenderão a vítima.
c. ( )Tem domicílio em comarcas diferentes os dois réus.
d. ( )Não é permitido que se estacionem os carros sem cartão.
e. ( )Foi publicada em abril as leis necessárias à punição do criminoso.

8. (IDR/Câmara dos Deputados) Assinale o item correto quanto à concordância.

a. ( )Num ano eleitoral, é fundamental que as pessoas se debruce sobre o papel formador de opinião dos meios de comunicação.
b. ( )As últimas campanhas eleitorais no Brasil apresentaram um novo tipo de disputa que desfigurou o próprio sistema.
c. ( )É como se a televisão desprezasse os outros meios de comunicação não por seus defeitos, mas naquilo que eles tem de mais importante: o convite ao raciocínio.
d. ( )Políticos e produtores de televisão, por orgulho ou preguiça, ignora a inteligência e a capacidade de julgamento do público. (Jornal do Brasil - 20 . 03 . 94 - com alterações)

9. (IDR/FEDF) A concordância nominal está correta em:

a. ( )A mãe avisou que seria temerário, mesmo sendo período de férias, a ida do menino à escola.
b. ( )Os atos indisciplinados do menino custaram caros a seu pai e mãe zelosa.
c. ( )Já se acreditou que palmatória era bom para manter a ordem na escola.
d. ( )Depois de machucar a professora, o menino estava certo de que ficou quites com ela.

10. (IDR/FEDF) O verbo concorda com o sujeito composto em:

a. ( )Preparados estavam os meus olhos e a minha alma.
b. ( )À autora e à maioria das pessoas não interessavam as vantagens advindas daquele processo.
c. ( )Brasileiros e brasileiras, não me chamem de inesquecível.
d. ( )Pedaços de dor e de saudade espalham-se pelos cantos da casa.

11. (ESAF/TTN) Assinale o item em que há erro de concordância verbal, segundo a norma culta.

a. ( )Diríamos que há importantes distinções a fazer entre discurso e história.
b. ( )Haveremos de refletir sobre o lugar particular do índio na cultura.
c. ( )Os missionários já haviam amansado o índio e o tornado submisso.
d. ( )Há vários séculos as línguas indígenas têm tradição apenas oral.
e. ( )Devem haver vantagens para o índio no contato com o civilizado.

12. (ESAF/TTN) Assinale a opção em que a conjugação do verbo HAVER desrespeita a norma culta.

a. ( )Dessa maneira, não haveria arrependimentos nem lamentos mais tarde.
b. ( )Naquela situação de tensão, os garotos se houveram com muita discrição e elegância.
c. ( )Todos eles já haviam vivido situações de tensão semelhantes anteriormente.
d. ( )Eles sabiam que deveriam haver punições para os que violassem as regras.
e. ( )Mesmo assim, os adultos houveram por bem recomendar cautela a todos.

13. (IDR/FEDF) Aponte a sentença em que o verbo está corretamente flexionado.

a. ( )Se a diretora, na próxima reunião, propor mudanças, os professores ficarão motivados para concluírem o trabalho.
b. ( )Fazem umas duas semanas que não participamos de encontros pedagógicos.
c. ( )Se ele vir à escola outra vez, recebem-no com delicadeza.
d. ( )Sempre que os colegas vêm me bater, os professores fingem que não veem a briga.

14. (EMBRAPA) A concordância nominal está correta em:

a. ( )Água fria é bom para acalmar os presos mais agitados.
b. ( )Estava claro para todos a discriminação com que tratavam os infratores.
c. ( )Os carros mais modernos custam muito caros.
d. ( )Ele acha contestável as medidas propostas pelo Presidente.

15. (IDR/Metrô) Assinale a opção correta quanto à concordância com os pronomes de tratamento.

a. ( )Vossa Excelência há de convir que vossos esforços pouco valeram. Os recursos destinados por vosso Ministério foram insuficientes para o início das obras.
b. ( )Vossa Senhoria há de convir que seus esforços pouco valeram. Os recursos destinados por sua Secretaria foram insuficientes para o início das obras.
c. ( )Vossa Excelência conheceis todos os nossos problemas, porém seus assessores têm demonstrado pouco conhecimento a respeito das necessidades de nosso Estado.
d. ( )Vossa Senhoria conhece todos os nossos problemas, porém vossos assessores têm demonstrado pouco conhecimento a respeito das necessidades de nosso Estado.

16. (UnB/CAESB) Todas as opções abaixo estão corretas quanto ao uso do verbo haver, exceto:

a. ( )Houve contaminação da água do lago por produtos químicos.
b. ( )O técnico observou que haviam muitos problemas.
c. ( )Haverá muito trabalho para recuperar o lago Paranoá.

d. ( )Tem havido muita colaboração de toda a comunidade.
e. ( )Há muitos meses que os técnicos estudam o assunto.

17. (EMBRAPA) A concordância verbal está correta em:

a. ( )Sou eu que possui argumentos que desabona a prisão especial.
b. ( )Falta argumentos objetivos a quem defende a pena de morte.
c. ( )Deve haver penalidades mais duras para os que praticam crimes hediondos.
d. ( )Qual dos presos não gostariam também de usufruir desses privilégios?

18. (Câmara dos Deputados) Dadas as afirmativas:

1 - Era meio-dia e meia quando ela chegou meio agitada. Haja vista o alvoroço que causou.
2 - Leem bastante os bibliotecários, pois têm bastantes livros à mão.
3 - Ele está quite com suas obrigações, nós, porém, não estamos quites com as nossas.
4 - Os agentes de plantão permanecem alerta toda a noite.
5 - Ele está de mau humor, ou é mal educado?

Pode-se afirmar que:
a. ( )somente duas estão corretas.
b. ( )somente três estão corretas.
c. ( )somente quatro estão corretas.
d. ( )todas estão corretas.
e. ( )todas estão incorretas.

19. (IDR/FEDF) Identifique a sentença que apresenta flexão verbal incorreta.

a. ( )Existem problemas que parecem insolúveis.
b. ( )Faz três anos que não a vejo.

c. ( )Deve existir muitos menores abandonados no Brasil.
d. ( )Eu, tu e Pedro estudaremos na biblioteca à noite.

20. (UnB/TCU) Assinale a opção correta quanto à concordância verbal.

a. ( )Sabe-se que 32 milhões de brasileiros passam fome, isto é, está abaixo do limite aceitável e vive na miséria absoluta.
b. ( )É constrangedor saber que cerca de 70% da população não se alimentam o suficiente para ter saúde e viverem bem.
c. ( )Em consequência da pobreza, trezentas mil crianças morrem no país a cada ano.
d. ( )Projeções do IBGE mostra que dentro de 25 anos o país será a sexta nação do mundo em número de idosos.
e. ( )Enquanto a população como um todo vão crescer cinco vezes, no mesmo período o número de brasileiros com mais de 55 anos aumentarão 15 vezes.

21. (UnB/TCU) Assinale a opção incorreta quanto à concordância verbal.

a. ( )Os avanços da ciência fazem os cidadãos sorrirem de esperança numa vida mais longa, em que a saúde está garantida e a produtividade continua alta.
b. ( )As notícias diárias de novas descobertas, capazes de retardar o envelhecimento, é indício seguro de que a expectativa de vida pode ultrapassar os 85 anos.
c. ( )A maior parte dos aposentados se descuida de desenvolver um planejamento de vida coerente com suas expectativas para a nova fase.
d. ( )A aposentadoria pode parecer muito mais um castigo que um prêmio por uma vida inteira de trabalho e dedicação.

e. ( )O adeus ao trabalho não precisa ter sabor de derrota ou renúncia, pois todos entendem que o ser humano pode ser melhor na maturidade.

22. (UnB/TCU) Assinale a opção incorreta quanto à concordância verbal.

a. ( )Caminhar é um excelente exercício para quem faz pouco esforço físico e não se movimenta, ou seja, leva vida sedentária.
b. ( )A vantagem da caminhada é que o atleta não precisa de equipamentos nem de instruções especiais.
c. ( )Um pouco de bom senso, disposição e um par de sapatos confortáveis assegura uma boa caminhada.
d. ( )O aumento da capacidade respiratória, o fortalecimento do coração, a melhora da circulação e do metabolismo são os benefícios da caminhada.
e. ( )Deve-se começar, de forma moderada, praticar pelo menos uma vez por semana e manter uma rotina regular sem forçar o desempenho.

23. (ESAF/TRT) Considerando a concordância verbal, marque a opção correta.

a. ( )Eu e tu não precisam esperar o ano dois mil para nos entendermos.
b. ( )Falta nove anos para o final do século, época muito esperada.
c. ( )Fomos nós que realizou os estudos sobre este assunto.
d. ( )No grupo, pessoas inteligentes e dispostas a colaborar sempre participavam muito.
e. ( )Pode-se criar condições que melhore a vida da humanidade.

24. (ESAF/TRT) Assinale a frase que apresenta erro de concordância nominal.

a. ( )Os uniformes novos do vigia são fortes e resistentes.
b. ( )As notas fiscais seguiram anexo ao ofício.
c. ( )O guarda-marinha apreendeu carrinhos e bonecas eletrônicas.
d. ( )Os vigilantes mesmos sentiram falta das máquinas pesadas.
e. ( )O fiscal estava quite com todas as obrigações aduaneiras.

25. (ESAF/TRT) O verbo "haver" está empregado incorretamente na opção:

a. ( )Havia uma grande festa no autódromo.
b. ( )Na sala ao lado, há muitos turistas.
c. ( )Daqui há alguns anos seremos pilotos.
d. ( )Ontem e hoje houve diversas aclamações.
e. ( )Haveremos de vencer mais esta luta.

26. (UnB/CAESB) Todas as opções estão corretas quanto à concordância, exceto:

a. ( )Uma tonelada de papéis usados corresponde a mais de 20 árvores de mais ou menos seis anos de idade.
b. ( )A fabricação de uma tonelada de papel exige 100.000 litros de água, enquanto a reciclagem, apenas 2.000 litros.
c. ( )Na reciclagem de 50 toneladas de papéis usados é economizada quatro toneladas de petróleo.
d. ( )Uma tonelada de lixo orgânico decomposto produz 200 quilos de adubo orgânico.
e. ( )O processo de reciclagem reduz a poluição do ar e a poluição da água, promove empregos e economia de energia.

27. (FAC.FRANCISCANA-SP) A relação de verbos que completam, convenientemente e respectivamente, as lacunas dos períodos abaixo é:

1. Hoje _____ 24 de janeiro.
2. Trinta quilômetros _____ muito.
3. Já _____ uma e vinte.
4. _____ ser duas horas.

a. ( )são -são - eram - devem
b. ( )é - são - era - deve
c. ( )é - é - era - devem
d. ( )são - é - eram - deve

28. (TÉCNICO DO TESOURO NACIONAL) Assinale a opção <u>errada</u>.

a. ( )Vossa Senhoria apresentou sugestões muito boas em seu último relatório.
b. ( )Senhor Secretário, comunico-lhe que Sua Excelência, o Senhor Ministro da Fazenda, não participará da reunião.
c. ( )Vossa Excelência recebestes muitos aplausos por causa de vossas atitudes corajosas.
d. ( )Esperamos que Vossa Excelência realize as obras que estão previstas em seu plano.
e. ( )Encaminho a V.Sa. o processo nº 15.424/84 que trata de assunto de seu interesse.

29. (MINISTÉRIO DA FAZENDA - AUDITOR FISCAL) Um erro de concordância verbal acha-se no exemplo:

a. ( )Mais de um funcionário deram-se as mãos na festa do aniversário da empresa.
b. ( )Mais de um relatório foi arquivado.
c. ( )Bateram onze horas no relógio da aldeia.
d. ( )Qual de nós temos certeza de êxito no concurso?

30. (CESGRANRIO-RJ) Assinale a opção em que a lacuna pode ser preenchida por qualquer das duas formas verbais indicadas entre parênteses.

a. ( )Um dos seus sonhos _____ morrer na terra natal. (era/eram)
b. ( )Aqui não _____ os sítios onde eu brincava. (existe/ existem)
c. ( )Uma porção de sabiás _____ na laranjeira. (cantava/cantavam)
d. ( )Não _____ em minha terra belezas naturais. (falta/faltam)
e. ( )Sou eu que _____ morrer ouvindo o canto dos sabiás. (quero/quer)

31. (TÉCNICO DO TESOURO NACIONAL) Está correta a concordância verbal na sentença:

a. ( )As discussões que se trava sobre a questão do endividamento externo serão o tema central do encontro.
b. ( )Durante o seminário, apresentou-se três propostas diferentes de revisão da lei salarial.
c. ( )Inclui-se no parecer do relator as alterações aceitas de comum acordo por todos os partidos.
d. ( )Seria ingênuo pensar que as restrições palacianas do projeto decorre apenas de idiossincrasias pessoais.
e. ( )Positivamente falta clareza e seriedade na condução dos negócios públicos.

32. (CESGRANRIO-RJ) Assinale a opção em que há erro de concordância em relação à língua culta:

a. ( )Estão aparecendo agora novos estudos sobre a função alfabetizadora dos textos didáticos.
b. ( )Ocorrem, na verdade, diversos fatores condicionadores do analfabetismo funcional entre nós.

c. ( )À escola cabe as tarefas mais importantes no combate ao analfabetismo funcional entre nós.
d. ( )Segundo estatísticas extraoficiais, mais de 50% dos brasileiros se apresentam como analfabetos funcionais.
e. ( )O processo de alfabetização funcional é um dos que mais merece a preocupação das autoridades educacionais.

33. Depois do ocorrido, _____ conselhos para que ele não _____ sozinho.

a. ( )choveram - saisse
b. ( )choveu - saísse
c. ( )choveram - saísse
d. ( )chove - saisse

34. _____ já alguns dias que não se _____ ratos naquele quintal.

a. ( )Fazia - viam
b. ( )Faziam - via
c. ( )Fazia - via
d. ( )Faziam - viam

35. Estou enviando, _____ a esta carta, uma cópia daquele artigo que tanto me _____.

a. ( )anexo - facinou
b. ( )anexa - fascinou
c. ( )anexa - facinou
d. ( )anexo - fascinou

36. Muito _____, disse-me a _____ sorridente.

a. ( )obrigada - juisa
b. ( )obrigado - juísa
c. ( )obrigado - juiza
d. ( )obrigada - juíza

37. Creio que _____ algumas palavras gentis para fazer as pessoas um pouco _____.

a. ( )bastam - feliz
b. ( )basta - feliz
c. ( )bastam - felizes
d. ( )basta - felizes

38. _____ algumas noites para terminar o trabalho, mas não _____ mais recursos _____ para o pagamento dos auxiliares.

a. ( )Bastavam - havia - disponíveis
b. ( )Bastava - haviam - disponíveis
c. ( )Bastava - havia - disponível
d. ( )Bastavam - haviam - disponível

39. _____ nestes momentos que me _____ dizer palavras de consolo.

a. ( )É - parecem difíceis
b. ( )São - parece difícil
c. ( )São - parecem difíceis
d. ( )É - parece difícil

40. (TÉCNICO DO TESOURO NACIONAL) Há erro de concordância verbal na sentença:

a. ( )Devemos imaginar que possam haver verdadeiros patriotas entre nós.
b. ( )Hão de existir sempre preconceitos contra os quais não se pode lutar.
c. ( )Haverão os mortos de retornar e retomar o que lhes pertencia de direito?
d. ( )Os acordos havidos entre as partes serão respeitados.
e. ( )Cuidemos para que não haja injustiças na distribuição dos cargos.

41. (INPS-PROCURADOR AUTÁRQUICO) Observe a concordância:

1. Entrada proibida.
2. É proibido entrada.
3. A entrada é proibida.
4. Entrada é proibido.
5. Para quem a entrada é proibido?

a. ( )A nº 5 está errada.
b. ( )A nº 4 e a nº 5 estão erradas.
c. ( )A nº 2 e a nº 3 estão erradas.
d. ( )Todas as alternativas estão corretas.

42. Não _____ mais esperanças de que _____ em tempo os remédios que ainda _____ ministrar.

a. ( )havia - chegassem - faltavam
b. ( )havia - chegasse - faltavam
c. ( )haviam - chegasse - faltavam
d. ( )haviam - chegassem - faltava

43. (BANESPA-SP) O verbo <u>haver</u> está empregado corretamente apenas em:

a. ( )Se haviam estudado, teriam passado de ano.
b. ( )Os bandeirantes voltaram satisfeitos: havia encontrado a tão cobiçada esmeralda.
c. ( )Hão coisas que se aprendem tarde.
d. ( )Pessoas há que não sabem organizar sua vida.
e. ( )No lugar onde é hoje Copacabana, haviam, no século passado, apenas ranchos de pescadores.

É hora de aprofundar os seus conhecimentos. As questões a seguir constituem um instrumento muitíssimo útil a quantos se preparam para concursos e exames vestibulares, pois sugerem a análise cuidadosa de textos. Concentre-se.

(ESAF/ ANALISTA DE COMÉRCIO EXTERIOR)
Nas questões de 44 a 46, marque o item em que um dos dois períodos está gramaticalmente incorreto.

44.

a) Da mesma forma que no direito interno, o consenso de vontades, no direito internacional, só pode visar uma coisa materialmente possível e permitida pelo direito e pela moral. / Da mesma forma que no direito interno, o consenso de vontades, no direito internacional, só pode visar a uma coisa materialmente possível e permitida pelo direito e pela moral.
b) A ratificação é um ato administrativo mediante o qual um chefe de estado confirma o tratado firmado em seu nome ou em nome do estado, declarando aceito o que foi convencionado pelo agente signatário./ A ratificação é um ato administrativo pelo o qual um chefe de estado confirma o tratado firmado em seu nome ou em nome do estado, declarando aceito o que foi convencionado pelo agente signatário.
c) A operação de troca de ratificações, usada para os tratados bilaterais, consiste na permuta das respectivas cartas de ratificação de cada parte contratante. / A operação de troca de ratificações, usada para os tratados bilaterais, é constituída pela permuta das respectivas cartas de ratificação de cada parte contratante.
d) O artigo 18 do Pacto da Liga das Nações mandava que todo tratado ou compromisso internacional fosse registrado e publicado pela Liga. / O artigo 18 do Pacto da Liga das Nações mandava que todo tratado ou compromisso internacional fossem registrados e publicados pela Liga.
e) Os tratados, a exemplo do que sucede com os contratos de direito privado, só produzem efeitos entre as partes contratantes. Para estas, eles são

rigorosamente obrigatórios (*pacta sunt servanda*)./ Os tratados, a exemplo do que sucede com os contratos de direito privado, só produzem efeitos entre as partes contratantes. Para essas, eles são rigorosamente obrigatórios (*pacta sunt servanda*).

(Baseado em Hildebrando Accioly)

45.

a) O tema "narcotráfico" é relativamente novo tanto na agenda política quanto tratando-se do objeto de estudos nas universidades brasileiras. / O tema "narcotráfico" é relativamente novo tanto na agenda política quanto no currículo das universidades brasileiras.

b) As drogas, afetando todos os países, levam os Estados Unidos e a União Europeia a desenvolverem políticas em relação às quais tanto o governo como diferentes segmentos da sociedade brasileira se viram instados a posicionar-se. / As drogas, afetando todos os países, levam os Estados Unidos e a União Europeia a desenvolver políticas em relação às quais tanto o governo como diferentes segmentos da sociedade brasileira se viram instados a posicionar-se.

c) Fora do domínio dos mecanismos de monitoramento e de repressão ao tráfico, há poucas informações sistematizadas para abastecer o processo de formulação de políticas. / Fora do domínio dos mecanismos de monitoramento e de repressão ao tráfico, existem poucas informações sistematizadas para abastecerem o processo de formulação de políticas.

d) Contribui para o aumento do narcotráfico a intensificação do fluxo de bens e de pessoas através das fronteiras nacionais em decorrência da abertura econômica e da integração no âmbito do MERCOSUL. / Contribuem para o aumento do narcotráfico a intensificação do fluxo de bens e de pessoas através

das fronteiras nacionais e a abertura econômica em decorrência da integração no âmbito do MERCOSUL.

e) Atualmente, nas formulações de políticas de combate ao crime organizado, se exige que sejam atacadas as causas do narcotráfico. / Atualmente, nas formulações de políticas de combate ao crime organizado, exige-se que sejam atacadas as causas do narcotráfico.

(Baseado em Argemiro Procópio Filho e Alcides Costa Vaz)

46.

a) A qualquer observador da história moderna pode afigurar-se paradoxal que a primeira conferência multilateral sobre o tema do desenvolvimento social se tenha realizado numa época em que o neoliberalismo, como alternativa "eficiente" ao chamado Estado-Providência, e o culto do mercado, como fator de regulação da convivência social configuram a ideologia dominante. / A qualquer observador da história moderna pode-se afigurar paradoxal que a primeira conferência multilateral sobre o tema do desenvolvimento social se tenha realizado numa época em que o neoliberalismo, como alternativa "eficiente" ao chamado Estado-Providência, e o culto do mercado, como fator de regulação da convivência social configuram a ideologia dominante.

b) O primeiro paradoxo a respeito da Cúpula Mundial sobre o Desenvolvimento Social reside no fato da proposta de sua realização ter sido aceita mais rapidamente pelos países desenvolvidos do que pelo conjunto de países em desenvolvimento. / O primeiro paradoxo a respeito da Cúpula Mundial sobre o Desenvolvimento Social reside no fato de a proposta de sua realização ter sido aceita mais rapidamente pelos países desenvolvidos do que pelo conjunto de países em desenvolvimento.

c) O triunfalismo do Ocidente desenvolvido com o esboroamento do antigo bloco comunista e a alegada vitória do liberalismo traduzia-se, então, não apenas na noção da "nova ordem internacional" preconizada pelo Presidente Bush dentro do Grupo dos Sete. / O triunfalismo do Ocidente desenvolvido com o esboroamento do antigo bloco comunista e a alegada vitória do liberalismo traduziam-se, então, não apenas na noção da "nova ordem internacional" preconizada pelo Presidente Bush dentro do Grupo dos Sete.

d) Alguns países desenvolvidos brandiam a noção de *good governance*, ou "boa governança", na qual se embutia uma crítica aos países do Terceiro Mundo como locus exclusivo do desperdício de resursos e da corrupção governamental — antes, naturalmente, da Operação Mãos Limpas na Itália./ Alguns países desenvolvidos brandiam a noção de *good governance*, ou "boa governança", em que se embutia uma crítica aos países do Terceiro Mundo como locus exclusivo do desperdício de resursos e da corrupção governamental — antes, naturalmente, da Operação Mãos Limpas na Itália.

e) Temiam os países em desenvolvimento que a conferência proposta se transformasse num foro de repreensão no sentido Norte-Sul, em que os países ricos viessem a tentar impor novos tipos de condicionalidades a assistência e cooperação internacionais. / Temiam os países em desenvolvimento que a conferência proposta se transformasse num foro de repreensão no sentido Norte-Sul, em que os países ricos viessem a tentar impor novos tipos de condicionalidades à assistência e à cooperação internacionais.

47. (UnB/CESPE) Assinale a opção correta, de acordo com a sintaxe padrão, considerando o texto escrito formal.

a) Muito importante foram as alterações comerciais dos últimos trinta e cinco anos do século XVIII. Na América, em oposição ao velho sistema de porto único, subiu para vinte os portos legalmente autorizados.
b) As ligações entre a Coroa e a Igreja na América espanhola, foram muito sólidas. O papel evangelizador exercido sobre os índios, população em muitos milhões superior a da América portuguesa, era a outra face da dominação da Coroa.
c) O fim do poder político das metrópoles deram-se através de difícil e longa luta. Ainda que os processos tenham sido diferente no Brasil e na América espanhola, eles marcaram o ponto de ruptura do sistema colonial.
d) No período colonial, duas outras instituições destacavam-se por seus privilégios: o Exército e a Igreja. Os militares possuíam **um** foro particular que os livravam da submissão à Justiça, ainda que fossem réus de crimes.
e) O censo eclesiástico consistia na cessão da propriedade de terras da Igreja a particulares, em troca de renda anual. Isso significava a concentração, nas mãos da Igreja, de **um** vasto e poderoso capital.

(ESAF/AFTN)
Nas questões 48 a 59, marque o texto que contém erro de estruturação sintática.

48.

a) Duas escolas de pensamento econômico tiveram grande influência no desenvolvimento das teorias demográficas a partir do início do século XIX até 1870, aproximadamente: a Escola Clássica da Inglaterra

e seus equivalentes na Europa Continental e na América, e os escritores ou tratadistas socialistas e marxistas.

b) As teorias dos tratadistas da Escola Clássica fundamentavam-se em argumentos mais objetivos que os de Malthus, como a tese de que crescimento da população tende a diminuir os salários e a criar a pobreza.

c) Os argumentos desses estudiosos baseavam-se geralmente nas leis de rendimento dos diversos ramos de atividade econômica, particularmente no rendimento decrescente da agricultura.

d) Entretanto, para alguns autores, como James Mill, os avanços tecnológicos nos processos de produção exerceria uma ação compensadora na relação população-salários e permitiria aumentos demográficos sem que se agravasse a situação econômica e social da população.

e) Esta continuaria a desfrutar um nível de bem-estar médio aceitável.

(Manuel Augusto Costa; com adaptações)

49.

a) A partir da segunda metade do século XVIII, foi cada vez maior o número de autores de estudos econômicos e sociais que se opuseram à teoria de que o crescimento da população era vantajoso e de que o estado deveria fomentá-lo.

b) Os principais estudos e opiniões de que a população dependia dos meios de subsistência partiram principalmente da Inglaterra, França e Itália, onde os opositores das teorias mercantilistas não confiavam em geral na capacidade de ação do Estado para aumentar os meios de subsistência e melhorar a sorte da população.

c) Surgiu assim um amplo debate, durante o qual alguns autores ingleses se opuseram a que se adotasse medidas para socorrer os pobres, argumentando

que, dessa forma, estariam aumentando a irresponsabilidade humana, contribuindo para a imobilidade da mão de obra, a má utilização dos recursos e aumentando a pressão demográfica sobre os meios de subsistência.

d) Nessa ocasião, Malthus escreveu o primeiro ensaio sobre princípios de população.

e) Essa obra foi basicamente uma crítica às teses do perfeccionismo do homem elaboradas por Condorcet e à proposta do sistema igualitário de Godwin, que opinava terem os vícios da humanidade suas origens nas instituições sociais.

(Manuel Augusto Costa; com adaptações)

50.

a) Eis uma realidade fortemente provável: os homens devem falar desde que existam como homens, ter-se-ão multiplicado e progressivamente dividido em grupos, grupos que, falando ao tempo da divisão a mesma língua, em breve, por não mais se intercomunicarem, modificavam sua língua, nova, temporalmente, em relação às outras.

b) A partir de certo momento da ocupação do planeta pelo homem, esse processo de contínua diferenciação linguística (com desaparecimentos conjunturais de línguas e seus usuários) se saturou, em alguns pontos do ecúmeno, coexistindo nesses lugares e a partir de então, com o processo de unificação linguística.

c) Essa expressão pode induzir à suposição de que, confrontando-se povos com línguas diferentes (oriundas ou não da mesma genealogia), ocorra a fusão de duas línguas numa só.

d) Isso, a ter ocorrido, parece ter sido exceção, e exceção muito rara. O "normal" aos processos de unificação linguística parece ter sido que um grupo — povo, nação, gente, clã — acabasse por sobrepor a sua língua a dois, cinco, dez, n grupos cujas línguas

desapareciam mais ou menos, deixando elementos vestigiais na língua perdurante, sobretudo no léxico.

e) Unificações desse tipo, mais ou menos numerosas, ocorreram na história humana pelo menos a mais de oito mil anos, mais ou menos documentadas diretamente.

(Antônio Houaiss; com adaptações)

51.

a) É de crer que o fenômeno de emergência de uma "língua geral" tenha ocorrido em mais de um ponto do território brasileiro.

b) Dois casos são incontroversamente documentados: um é de José de Anchieta, a **Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil,** só publicada em 1595 em Coimbra, quando se sabe que tivera elaborações e prestava serviço bem antes.

c) Outro é de Luís Vicêncio Mamiami, **Arte de gramática da língua brasílica da nação cariri,** só publicada em Lisboa em 1699, embora hajam levantamentos de gramáticas e léxicos de muitas outras línguas indígenas, que Darcy Ribeiro balanceou em 1954.

d) Mas há referências a línguas gerais de base africana em vários pontos do País, línguas essas que, por forte presunção, eram as dos quilombos, que desde o século XVI se multiplicaram no território, quilombos que, quando não intercomunicantes, não teriam por que ter a mesma língua geral de base africana.

e) E na Bahia, em Salvador em particular, o nagô chegou a ser língua comum dos escravos, ou, pelo menos, de muitos escravos.

(Antônio Houaiss; com adaptações)

52.

a) Há razões para crer que algum tempo antes do chamado descobrimento estivesse ocorrendo duas (pelo menos) grandes migrações em ondas sucessivas: uma através do vale amazônico em direção ao Caribe, outra ao largo da costa em direção ao norte.

b) Essas duas migrações teriam sido bastantes para alterar o equilíbrio relativo ao território, criando situações de pressões, contrapressões, invasões, retiradas e beligerência, que a vinda do conquistador europeu-português, francês, batavo — não fez senão agravar.

c) Com a divisão em Capitanias Hereditárias, a instalação de governadores-gerais, a bipartição (por um período) do território brasílico em dois estados — o do Brasil e o do Maranhão e Grão-Pará -, a adjudicação de sesmarias e a autorização de entradas, bandeiras, reduções, minerações, expansões de criatórios — o território brasílico foi-se transformando em ocupação efetiva da coroa portuguesa e seus súditos e prepostos.

d) Essa ocupação efetiva planta-se em vilas e cidades, e seus extensos arredores, pelo Nordeste e pelo Sudeste, enquanto havia, ao longo dos séculos XVI, XVII e XVIII, empreendimentos que incorporavam territórios tais que se pode, figurativamente, falar de um Brasil de fortes penetrações no Nordeste via Maranhão e via rio São Francisco abaixo, e, no Sudeste, via Minas Gerais e Mato Grosso e, depois via Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

e) Pela década de 1770-1780, o território já estava, nos seus limites gerais, reconhecido de fato pelas potências europeias como português.

(Antônio Houaiss; com adaptações)

53.

a) Um dos pesquisadores mais notáveis da história antiga de Portugal salientou, com apoio em ampla documentação, que a nobreza, por maior que fosse a sua preponderância em certo tempo, jamais logrou constituir ali uma aristocracia fechada.
b) A generalização dos mesmos nomes a pessoas das mais diversas condições — observa — não é um fato novo na sociedade portuguesa; explica-o assaz a troca constante de indivíduos, de uns que se ilustram, de outros que voltam à massa popular donde haviam saído.
c) Acentua ainda Alberto Sampaio como a lei consignada nas ordenações confessa que havia homens da linhagem dos Filhos d'algo em todas as profissões, desde os oficiais industriais até os arrendatários de bens rústicos.
d) A comida do povo — declara ainda — não se distinguia muito da dos cavalheiros nobres, por isso que uns e outros estavam em contínuas relações de intimidade; não só os nobres comiam com os populares, mas ainda lhe entregavam a criação dos filhos.
e) Prova está na instituição do amádigo, pela qual os nobres davam a educar seus filhos aos vilões, que desfrutavam , nesse caso, de alguns privilégios e isenções.

(Sérgio Buarque de Holanda; com adaptações)

54.

a) O nome BCCI não era muito conhecido até poucos meses, mas tornou-se um dos maiores pesadelos para cerca de três milhões de depositantes nos 69 países que o banco tinha agências.
b) Neste patamar, a Taxa Referencial reflete o cenário mais otimista para o comportamento dos preços no mês em curso: o de estabilidade.

c) No acumulado do ano, a evolução do índice de preços de setor atinge 96,61%, segundo dados divulgados pela Associação Brasileira do Vestuário (Abravest).
d) A entidade pretende embargar os portos e entrar com processo junto à Procuradoria-Geral da República, pedindo investigação sobre o que considera concorrência desleal.
e) O expediente de atrasar o pagamento de impostos tem sido usado por muitas empresas como recurso para obter capital de giro sem recorrer aos elevados juros bancários.

55.

a) O Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia do Estado de São Paulo — CREA-SP avisa que expediu guias para pagamento de anuidade de 1991 aos profissionais que se encontram em débito, segundo seus cadastros.
b) O valor da cobrança está de acordo com a Resolução nº 355, do Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia — CONFEA, publicada no Diário Oficial do Estado de São Paulo de 14/05/91.
c) O pagamento da anuidade deverá ser feito em Banco, em parcela única até o dia 12/08/91, como consta da guia de pagamento, ou de forma parcelada, com vencimentos nos dias 13/08/91 e 12/09/91.
d) Para pagamento de forma parcelada, o profissional deverá dirigir-se à sede do CREA-SP, situada na Rua Nestor Pestana, nº 87, São Paulo — SP, ou ao Posto de Atendimento de sua cidade.
e) Cumpre-nos alertar que, de acordo com as normas do Banco Central, se for escolhido o pagamento parcelado, incidirão sobre as parcelas pagas em agências bancárias taxa de expediente.

56.

a) Comunico o recebimento do Ofício nº 987 D/RJ, por meio do qual Vossa Senhoria solicita a manifestação da Prefeitura a respeito do pedido de aforamento formulado por Fulano de Tal, relativo ao terreno de marinha situado na Ilha do Ipê, na Barra da Tijuca.
b) Esclareço a Vossa Senhoria que o Decreto nº 345, de 03/06/82, definiu as ilhas da Baixada de Jacarepaguá como áreas de preservação ecológica e paisagística.
c) Posteriormente, a Lei nº 241, de 04/08/86, destinou tais ilhas à atividade de lazer, desde que mantida a citada preservação.
d) Assim, a construção existente no terreno é ilegalizável.
e) Informo Vossa Senhoria ainda que se encontra em fase adiantada o estudo de macrodrenagem da Bacia de Jacarepaguá, que definirá os contornos das margens dos lagos e das ilhas, determinando as alterações que forem julgadas necessárias.

57.

a) Na linguagem comum o vocábulo "infração" significa a "ação de infringir", portanto, quebramento, violação, transgressão.
b) O Direito, possuindo vocabulário próprio, a palavra sanção é equívoca, possuindo dois sentidos distintos: de um lado exprime penalidade como coação legal sobre os indivíduos; de outro, significa a aprovação pela qual a autoridade competente transforma em lei os projetos elaborados pelo órgão legislativo.
c) A palavra "multa", na linguagem comum, também está intimamente ligada à penalidade; representa a pena pecuniária, portanto uma sanção típica.
e) A multa é uma sanção que decorre de um comportamento em face da regra jurídica, não

importando a província jurídica em que se situe tal conduta.

f) O conceito de sanção é genérico, pois se trata de providência inerente às normas jurídicas das mais diversas espécies.

58.

a) Assino esta revista especializada há muitos anos, mas este mês ela chamou a minha atenção de modo especial, e vocês vão logo entender por quê.

b) A decisão final sobre os reajustes das prestações do SFH sairá ainda este mês. Persistem algumas dúvidas porque a indexação voltou só para a parcela do salário até três mínimos.

c) Conforme informação da Caixa Econômica Federal, os mutuários desejam saber porque aqueles que têm data-base em setembro e repasse em sessenta dias terão, em novembro, correção mais elevada.

d) Muitos desconhecem também os motivos por que se aplicarão a todos os mutuários com contratos de equivalência salarial plena as antecipações bimestrais e quadrimestrais pelo INPC.

e) Por que se aplica o índice da poupança de setembro/90 a agosto/91 mais 3% de ganho real, descontando as antecipações?

59.

a) A drástica queda nas vendas e a alta dos custos financeiros obrigaram os empresários e seus executivos a inovar seus métodos administrativos e a recorrer a fórmulas ousadas que, na maioria dos casos, se mostraram eficientes.

b) O baixo índice de insolvência de empresas, diante do aprofundamento da crise de conjuntura econômica nos últimos 60 dias, serve também como indicação da agilidade e da capacidade das empresas brasileiras de reagir diante das situações novas.

c) Cada centavo aplicado no processo da produção merece longa reflexão por parte de alguns executivos. A sua eliminação é motivo de comemoração na empresa.
d) A maior batalha é travada contra os custos dos estoques, pois o tempo de permanência das matérias-primas e componentes nos armazéns representam despesas que, no final do processo, consomem o lucro ou ampliam o prejuízo.
e) Quando se mesclam recessão e inflação, o aumento da carga tributária, sobre gerar aumento de custos para aqueles que produzem e pagam tributos, desorganiza ainda mais a economia.

Nas questões 60 a 62, identifique o item sublinhado que contém erro de natureza ortográfica ou gramatical ou impropriedade vocabular, e marque a letra correspondente.

60. (ESAF/AFTN)

O entendimento dos problemas dos países subdesenvolvidos exigem (1) o conhecimento de certas características básicas desses países. Em relação à (2) utilização dos indicadores econômicos como ponto de referência para situarmos (3) um país no grupo dos desenvolvidos ou dos subdesenvolvidos, observamos que, empregando como único indicador o produto nacional bruto *per capita*, a Venezuela poderia estar classificada no grupo dos desenvolvidos. Utilizando-se (4) como indicadores as taxas de crescimento do produto, países como a Tailândia e, principalmente, o Brasil pertenceriam (5) ao grupo dos países desenvolvidos.

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

61. (ESAF/ANALISTA)

Três setores devem reforçar seus lucros neste ano: telecomunicações, fertilizantes e construção civil. As empresas de telecomunicações devem ganhar com o aumento de demanda e, principalmente, com os ajustes preparando (A) a privatização. A boa safra e a possibilidade de manutenção de preços dos *commodities* agrícolas em patamar elevado (B) poderá (C) ajudar as empresas do setor de fertilizantes. Nesse caso, porém, há um risco: possíveis impactos da crise asiática sobre os preços dos *commodities*. As previsões de crescimento moderado são (D) para as empresas de energia elétrica, pela perspectiva de baixo crescimento do PIB. A queda dos preços internacionais do petróleo e a possível redução de demanda por petroquímicos devem (E) limitar o crescimento do setor.

a) A
b) B
c) C
d) D
e) E

62. (ESAF/TTN)

Oficialmente, a cidade do Rio de Janeiro é apenas o palco da Conferência das Nações Unidas para o Desenvolvimento e o Meio Ambiente. Na prática, porém, a cidade do Rio de Janeiro vem sendo a catalisadora (1) de uma ação política que mobiliza (2) as maiores cidades do mundo e une as várias entidades que as representam. Paralelamente à reunião de cúpula de Chefes de Estado, haverão (3) eventos, encontros e congressos promovidos pelas organizações não-governamentais, as ONG's. Os povos, hoje, já não se fazem representar apenas pelos respectivos governos centrais, até porque (4), na chamada onda neoliberal, os governos centrais pouco podem conceder às reivindicações (5) de caráter social

(José Augusto Ribeiro; com adaptações)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

63. (ESAF/AFTN) Assinale o segmento que apresenta defeito de estruturação sintática.

a) Ligadas ou não ao mundo oficial, as pessoas envolvidas com a cultura têm de capacitar-se de que lhes cumpre atuar na divulgação das produções literárias mais expressivas.
b) Os escritores têm a consciência de um compromisso com a palavra, com a língua e também com o povo a que estão ligados, que procuram entender e cujo destino preocupa a todos.
c) Tem-se visto que os parlamentares mais ativos, devido à própria evidência a que os expõe a sua produção, atraem incumbências paralelas, como presidências de comissões, lideranças e outras.
d) A escolha da profissão, para os jovens, não é um ato simples, o qual se possa chegar sem hesitações e dúvidas.
e) Os promotores da nossa cultura devem levar a outros povos o Brasil imaginário, elaborado por meio dos seus poetas, dos seus narradores, e sem o qual o país chamado real é quase como se não existisse.

NÍVEL 2 - DE OLHO NOS CONCURSOS

UnB/CESPE – INPE (Cargo: Técnico)

Para os gregos — e mais tarde para os pensadores medievais — a ciência era uma especulação teórica, desligada da prática. A postura de desprezo pela técnica **se devia** ao fato de que, nessas **civilizações**, as **atividades**

manuais eram ofício de escravos ou de servos, o que significava uma desvalorização delas. Decorre daí que a ciência, como "saber contemplativo" — isto é, como pura teoria — se achava vinculada à reflexão filosófica. Filosofia é uma palavra de origem grega que significa "amor à sabedoria" e na Antiguidade representava um tipo de conhecimento superior e mais geral, alcançado pelo "sábio", capaz de abranger o conhecimento da época, levando toda interrogação à busca das essências. Durante muitos séculos — toda a Antiguidade e a Idade Média —, não se fez distinção entre filosofia e ciência.

Dessa forma, pode-se dizer que qualquer cientista, em certo momento de seu trabalho, pode parar para refletir sobre questões propriamente filosóficas. O bom cientista, no sentido humano da palavra, deve ser aquele que também indaga sobre os fins a que se destinam suas pesquisas.

*Samuel Murgel Branco. O saber científico e outros saberes. In: Márcia Kupstas (Org.). **Ciência e tecnologia em debate**. São Paulo: Moderna, p. 23-5 (com adaptações).*

Com base no texto acima, julgue os itens subsequentes.

1. A função de sujeito sintático ocupada pelo pronome se justifica a flexão de singular em devia.
2. A flexão de feminino plural em delas permite que esse elemento coesivo concorde tanto com civilizações quanto com atividades manuais; mas o desenvolvimento da argumentação indica que, para haver coerência, o referido elemento deve retomar apenas o segundo termo.

UnB/CESPE – INPE (Cargo: Técnico)

No final da Segunda Guerra Mundial, o mundo se viu diante da bomba atômica, a aterrorizante arma construída pelos Estados Unidos da América. Da forma mais trágica possível, ela mostrou ao mundo o seu poder, dizimando milhares de vidas em Hiroshima e Nagasaki. A partir dessa época, ficou determinado para as lideranças mundiais que a sobrevivência de uma nação ou

bloco de nações dependeria de seu avanço tecnológico e científico. A capacidade científica de um país passou a ser a medida de seu progresso e poder.

Descobrindo a História, n.º 5 (com adaptações).

Julgue o seguinte item, a respeito do texto acima.

3. O uso do substantivo feminino "sobrevivência" permite a substituição de "determinado" por **determinada**, sem que fiquem prejudicadas a coerência e a correção gramatical do texto.

ESAF/MPOG (Cargo: Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental)

4. Assinale a opção em que o trecho do texto de O Globo, 31/01/2008, foi transcrito com erro gramatical.

(A) A acumulação de *superávits* primários nas contas públicas, uma política que teve início no último trimestre de 1998, depois do abalo causado na economia brasileira por uma crise financeira que teve seu estopim na Rússia, vem dando frutos nos últimos anos, com redução do *déficit* e da dívida da União, estados, municípios e companhias estatais em relação ao PIB.

(B) Em 2008, segundo dados do Banco Central, a dívida líquida do setor público recuou para o equivalente a 42,8% do Produto Interno Bruto, o mais baixo percentual apurado desde 1999. E o *déficit* total do setor público, no valor total de R$ 58 bilhões, caiu para 2,27% do PIB.

(C) Com a redução de suas necessidades de financiamento, o setor público pode renovar mais facilmente seu endividamento, e, nesse caso, o mercado tende a aceitar o pagamento de taxas de rentabilidade mais baixas para os títulos do Tesouro.

(D) Para 2008, o Banco Central projeta nova queda na dívida líquida, e queda também do *déficit*,

que encolheria para 1,2% do PIB. Mantendo essa tendência, ao fim de 2009 ou no decorrer de 2010, o *déficit* desapareceria, equilibrando-se as contas públicas e estancando-se completamente o crescimento da dívida.

(E) A diminuição da dívida como proporção do PIB, assim como do *déficit* público total, significa que o Estado passou a avançar menos sobre os recursos disponíveis para financiar o setor privado. Isso viabiliza a ampliação dos investimentos, que pode ser financiado pelo aumento da poupança interna.

ESAF/MPOG (Cargo: Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental)

5. Assinale o trecho do texto, adaptado de O Estado de S. Paulo, 6/02/2008, que apresenta erro gramatical.

(A) Turistas estrangeiros gastaram no Brasil, conforme os registros do Banco Central, o valor recorde de US$ 4,953 bilhões no ano passado, 14,7% mais do que em 2006.

(B) Não se estranhe, pois, que o *déficit* na conta do turismo tenha mais que dobrado, passando de US$ 1,448 bilhão para US$ 3,258 bilhões.

(C) Ainda assim, o balanço cambial do turismo piorou, pois as despesas de brasileiros no exterior aumentaram 42% entre 2006 e 2007, passando de US$ 5,764 bilhões para US$ 8,211 bilhões.

(D) Real valorizado e aumento do emprego e da renda são fatores que estimularam as viagens dos brasileiros ao exterior, ao contrário do que ocorreu com os turistas que vem ao Brasil, que pagaram suas despesas com dólares desvalorizados.

(E) O que não se justifica é o fato de o Brasil ocupar um modestíssimo 59º lugar entre os 124 países

pesquisados pelo Fórum Econômico Mundial, de Davos, no ano passado. E que o setor de turismo tenha um peso tão pequeno na atividade econômica do País, da ordem de 2,8% do PIB, ante cerca de 11% em Portugal e na Espanha.

ESAF/MPOG (Cargo: Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental)

6. Os trechos a seguir constituem um texto adaptado de Zero Hora (RS), 11/02/2008. Assinale a opção que apresenta erro gramatical.

(A) Os mundos cultural, econômico, financeiro e até rural giram em torno do que ocorre nessas concentrações que, pelo menos desde a Idade Média, foram adquirindo feição própria e mostrando problemas específicos.

(B) A concentração mundial das populações nas cidades, fenômeno historicamente recente, torna essas aglomerações o centro nervoso das sociedades. A problemática das cidades concentra a própria problemática da sociedade.

(C) As cidades são o cenário cada vez mais exclusivo em que, pelo desejo de progresso das sociedades, se realiza os direitos e se concretiza a ambição democrática e republicana de tratar a todos igualmente.

(D) Questões como a educação, o trabalho, o lazer, o convívio, a assistência social, a produção ambiental, o transporte, entre muitíssimas outras, têm nas cidades suas expressões mais agudas. Desenvolvimento sustentável é uma expressão que faz sentido para os planejadores das cidades de hoje e de amanhã.

(E) Para metrópoles europeias ou norte-americanas, essa expressão pode significar uma preocupação

fundamental na preservação do ambiente, ao passo que para os demais continentes ela tem um sentido social inevitável, voltado para a necessidade de superação de gargalos sociais e para a conquista de patamares mínimos de dignidade.

ESAF/MPOG (Cargo: Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental)

7. Assinale o segmento do texto retirado de O Globo, 6/02/2008, transcrito corretamente, sem erro gramatical.

(A) Nas seis maiores regiões metropolitanas, o índice apurado pelo IBGE caíram para a faixa de 7% em dezembro, o mais baixo da séria estatística iniciada em 2002, com a adoção de uma nova metodologia. Na Grande São Paulo, segundo a Fundação Seade, a parcela de trabalhadores sem emprego formal caiu para 14% (índice que chegou a ultrapassar 19% há poucos anos).

(B) Mesmo com um aumento significativo da população economicamente ativa — ou seja, pessoas que havia desistido de procurar emprego voltaram ao mercado de trabalho — da ordem de 2%, houve redução dos índices de desemprego.

(C) Depois de vários anos com baixo crescimento e insuficiente geração de empregos, a economia brasileira conseguiu, em 2007, expandir-se em ritmo próximo à média mundial. E o resultado foi ainda mais animador porque a criação de empregos bateu recorde, com mais de 1,6 milhão de contratações com carteira assinada.

(D) Os salários não aumentaram em igual proporção, pois o mercado ainda estava na fase de absorção de mão de obra. Ainda assim, os rendimentos dos

trabalhadores praticamente encostou nos valores de 1995, período áureo do Plano Real.

(E) Tudo indica que esse processo de recuperação continuará se a economia brasileira conseguir sustentar taxas anuais de crescimento acima de 4%, e isso dependerá de ajustes macro e microeconômicos. E deixar o mercado funcionar são o melhor caminho para que esses ajustes se concretizem.

UnB/CESPE – SEAD/SEEC/PB

8. Assinale a opção correta com relação à concordância verbal na frase apresentada.

(A) Alguns políticos podem serem cassados.
(B) Alguns de nós resolveram sair.
(C) Devem haver muitos casos sem solução.
(D) Os Estados Unidos da América ainda é a maior economia ocidental.
(E) Tratavam-se de assuntos muito importantes.

UnB/CESPE – ABIN (Cargo 2: Agente de Inteligência)

Na atualidade, em qualquer parte do mundo, podem desenvolver-se atividades de apoio logístico ou de recrutamento ao terrorismo. Isso se deve à sua própria lógica de disseminação transnacional, que busca continuamente novas áreas de atuação e, também, às vantagens específicas que cada país pode oferecer a membros de organizações extremistas, como facilidades de obtenção de documentos falsos ou de acesso a seu território, além de movimentação, refúgio e acesso a bens de natureza material e tecnológica.

A descentralização das **organizações extremistas** amplia sua capacidade operacional e **lhes** permite realizar atentados quando as circunstâncias **lhes** forem favoráveis e onde menos se espera, para potencializar o efeito surpresa e o sentimento de insegurança, objetivos próprios do ato terrorista. Desse modo, cidadãos e inte-

resses de qualquer país, ainda que não sejam os alvos ideais, em termos ideológico-religiosos, podem servir de "pontes" para que organizações extremistas atinjam, embora indiretamente, seus principais oponentes.

*Paulo de Tarso Resende Paniago. O desafio do terrorismo internacional. In: **Revista Brasileira de Inteligência**. Brasília: ABIN, v. 3, n.º 4, set./2007, p. 36. (com adaptações).*

Com base nas ideias, estruturas linguísticas e tipologia do texto acima, julgue o item que se segue.

9. O pronome "**lhes**", em suas ocorrências, refere-se a "**organizações extremistas**".

UnB/CESPE – ABIN (Cargo 2: Agente de Inteligência)

A análise dos assuntos relativos ao **Oriente Médio** pelos órgãos de inteligência **faz** parte do esforço em acompanhar o fenômeno do terrorismo internacional, dados os frequentes enfrentamentos entre grupos radicais e a possibilidade de que simpatizantes dessas organizações extremistas possam engajar-se em ações radicais, fora da região, como forma de retaliação, contra alvos de interesse de grupos rivais ao redor do mundo, inclusive, e de forma potencial, em território brasileiro.

*Paulo de Tarso Resende Paniago. O desafio do terrorismo internacional. In: **Revista Brasileira de Inteligência**. Brasília: ABIN, v. 3, n.º 4, set./2007, p. 38. (com adaptações).*

Com relação a aspectos linguísticos do texto acima, julgue o item.

10. A forma verbal "**faz**" está no singular porque concorda com "**Oriente Médio**".

UnB/CESPE – ABIN (Cargo 2: Agente de Inteligência)

A criação da ABIN, em 1995, proporcionou ao Estado brasileiro institucionalizar a atividade de inteligência, mediante ações de coordenação do fluxo de informações **necessárias** às decisões de governo, no que diz respeito ao aproveitamento de oportunidades, aos antagonismos

e às ameaças, reais ou potenciais, para os mais altos interesses da sociedade e do país.

Em 2002, o Congresso Nacional, por meio da Comissão Mista de Controle das Atividades de Inteligência, promoveu o seminário "Atividades de Inteligência no Brasil: Contribuições para a Soberania e para a Democracia", com a participação de autoridades governamentais, parlamentares, acadêmicos, pesquisadores e profissionais da área de inteligência. A contribuição do evento foi significativa para o aprofundamento das discussões acerca da atividade de inteligência no Brasil.

Internet: <www.abin.gov.br> (com adaptações).

Com base no texto acima, julgue o item que se segue.

11. A substituição do termo "**necessárias**" por **necessário** mantém a correção gramatical do texto.

UnB/CESPE - ANATEL (Cargo 16: Técnico Administrativo)

Até meados do século XX, prevalecia, entre os antropólogos, a ideia de que a família nuclear era uma instituição apenas cultural. Hoje se acredita que a família nuclear tenha-se estabelecido por trazer vantagens evolutivas. Várias hipóteses apontam nesse sentido. A relação estável também ganhou espaço porque, entre humanos, criar um filho não é fácil. O bebê exige cuidados especiais por mais tempo que outros primatas. Sob a ótica do pai, estar por perto, para arranjar comida, manter as onças afastadas e garantir a sobrevivência da prole, **representava** uma superioridade evolutiva. Estima-se que a consolidação da família nuclear tenha deixado marcas até mesmo na anatomia e na fisiologia humanas.

***Veja**, 10/12/2008 (com adaptações).*

Julgue o seguinte item, a respeito da organização das ideias no texto acima.

12. A forma verbal "**representava**" está flexionada no singular para concordar com o sujeito a que se refere: "**sobrevivência da prole**".

UnB/CESPE – ANATEL (Conhecimentos Básicos para os cargos de nível superior)

O real não é constituído por coisas. Nossa experiência direta e imediata da realidade leva-nos a imaginar que o real é feito de coisas (sejam elas naturais ou humanas), isto é, de objetos físicos, psíquicos, culturais oferecidos à nossa percepção e às nossas vivências. Assim, por exemplo, costumamos dizer que uma montanha é real porque é uma coisa. No entanto, o simples fato de que **uma coisa possua** um nome e de que a chamemos montanha indica que ela é, pelo menos, uma coisa-para-nós, isto é, que possui um sentido em nossa experiência.

Não se trata de supor que **há**, de um lado, a coisa física ou material e, de outro, a coisa como ideia e significação. Não há, de um lado, a coisa-em-si e de outro, a coisa-para-nós, mas o entrelaçamento do físico-material e da significação. A unidade de um ser é de seu sentido, o que faz com que aquilo que chamamos coisa seja sempre um campo significativo.

*Marilena Chaui. **O que é ideologia**, p. 16-8 (com adaptações).*

13. Se, em lugar de "uma coisa possua", fosse empregado o plural correspondente, **coisas possuam**, a forma verbal "indica" deveria, necessariamente, ser substituída pela forma no plural: **indicam**.
14. Devido à organização da estrutura linguística em que ocorre a forma verbal "há", sua substituição por "existe" respeitaria as regras gramaticais.

UnB/CESPE – HEMOBRAS (Conhecimentos básicos para todos os empregos de nível médio)

O crescimento urbano não tem sido um processo harmonioso e gradual. Tem ocorrido em meio a muitas contradições, a diferenças de interesses que configuram,

às vezes, um verdadeiro caos. O crescimento rápido e desordenado das cidades faz que não sejam atendidas as necessidades básicas das pessoas, nem mesmo aquelas necessidades que se tornam mais sérias nas áreas urbanas, como as de abastecimento de água e as de saneamento ambiental. O grande e concentrado número de **pessoas** vivendo nas cidades **cria** diferentes tipos de problemas. As pessoas são obrigadas a enfrentar longas esperas em filas e a suportar o desconforto em ônibus e metrôs lotados. Por outro lado, **vive-se** grande desenvolvimento da produção e consumo de mercadorias. Os novos produtos, os novos processos de produção e os novos estilos de vida trazem consequências — boas ou más — para a saúde. **As doenças encontradas na sociedade contemporânea** representam, assim, um quadro tão complexo quanto as próprias características dessa sociedade. **Constituem** um espectro diversificado de doenças infecciosas e crônico-degenerativas, frequentes nos países desenvolvidos ou típicas do terceiro mundo.

*Marilisa Berti A. Barros. Doenças na vida moderna. M. Kupstas (Org.). **Saúde em debate**. p. 135-6 (com adaptações).*

Com base na organização do texto acima, julgue os seguintes itens.

15. Seriam preservadas a coerência e a correção gramatical do texto, colocando-se a ênfase em "**pessoas**", se a forma verbal "**cria**" fosse flexionada no plural.
16. O desenvolvimento das ideias do texto mostra que a substituição de "vive-se" por **vivem** provocaria incoerência na argumentação.
17. De acordo com o desenvolvimento das ideias do texto, é correto subentender que o sujeito de "Constituem" é "As doenças encontradas na sociedade contemporânea".

UnB/CESPE - HEMOBRAS (Conhecimentos básicos para todos os empregos de nível médio)

A literatura foi também um importante instrumento de registro histórico das grandes epidemias que assolaram o mundo ao longo dos tempos. Em *A Peste* (1947), o francês Albert Camus usa a doença para criar uma narrativa em que os habitantes de Oran, na Argélia, descobrem a solidariedade e refletem sobre a condição humana enquanto convivem com **a ameaça da infecção na cidade isolada**, **o que** também pode ser **entendido** como uma metáfora da guerra. Conhecer essas histórias ajuda a relativizar as ameaças da atualidade, como a gripe aviária. As epidemias sempre existiram, mas a atual facilidade de comunicação encurtou as distâncias e às vezes isso gera uma reação desproporcional nas pessoas. É preciso lembrar que não só a medicina está muito mais preparada para combater os problemas, como também tais eventos foram importantíssimos para impulsionar os avanços médicos.

***Revista da Cultura**. Encarte: Saúde ao pé da letra (com adaptações).*

Julgue o seguinte item, a respeito do texto acima.

18. A flexão de masculino singular em "**entendido**" deve-se à concordância com o termo "**o que**", que retoma a ideia de "ameaça da infecção na cidade isolada".

UnB/CESPE - HEMOBRAS (Prova de conhecimentos básicos para todos os empregos de nível superior)

Fazer ciência implica descobrir, inventar e produzir coisas novas. Antes de o capitalismo se estabelecer como sistema socioeconômico dominante, fazer ciência era uma atividade individual e privada. Hoje, **trata-se** de um **trabalho público**, coletivo, realizado em locais oficialmente reconhecidos como produtores de ciência — as instituições científicas.

A institucionalização da ciência ocorreu com a mudança da atividade científica individual para a coletiva, do espaço privado para o público, e, aliado ao fato de depender de financiamentos de governos, pessoas, instituições privadas, esse processo passou a determinar as rotas de pesquisa.

Existem dúvidas se é possível, democraticamente, um controle social e ético sobre os conhecimentos científicos e os avanços tecnológicos em geral. Discute-se também se, do ponto de vista do direito, as questões éticas devem ser objeto de leis ou de normas, ou de ambas. Assim como se indaga muito se a sociedade não estaria exercendo um controle social e ético sobre as tecnociências mediante normas (códigos de ética) em detrimento dos poderes legalmente constituídos nos estados democráticos, menosprezando as leis e superestimando os códigos de ética.

*Fátima Oliveira. **Bioética — uma face da cidadania**, p. 116 (com adaptações).*

Julgue o seguinte item, a respeito da organização e das ideias do texto acima.

19. A flexão de singular em "**trata-se**" deve-se à concordância com "trabalho público".

UnB/CESPE - MRE (Cargo: Assistente de Chancelaria)

As relações financeiras **do Brasil com o restante do mundo atravessam** um momento excepcional. A passagem do país para a condição de credor internacional é apenas um marco simbólico dessa evolução, mas desperta tamanha euforia que pode passar a falsa impressão de que o país superou definitivamente a sua crônica dependência externa.

O Brasil tornou-se emprestador líquido porque o Banco Central acumulou aplicações em dólares (reservas) mais que suficientes para honrar toda a dívida externa — a pública e a privada. Em uma situação hipotética extrema, em que as fontes de crédito externo ao

Brasil de súbito secassem, haveria meios para saldar os compromissos assumidos.

Países que equacionaram suas contas externas tendem a ser vistos como menos arriscados pelos investidores globais. Quando, além disso, as perspectivas de crescimento da economia são favoráveis e a expectativa de retorno de aplicações em ações e títulos públicos é elevada, forma-se um caldo de cultura para a entrada maciça de dólares sob diversas rubricas. É o caso do Brasil.

Folha de S.Paulo, 26/2/2008.

Julgue os itens que se seguem, relativos às ideias e a aspectos gramaticais do texto acima.

20. A forma verbal "**atravessam**" está no plural para concordar com a expressão "do Brasil com o restante do mundo".

UnB/CESPE - TRT/1ª Região (Cargo 1: Analista Judiciário)

21. Julgue os fragmentos de texto apresentados nos itens abaixo quanto à concordância verbal.

a) De acordo com o respectivo estatuto, a proteção à criança e ao adolescente não constituem obrigação exclusiva da família.
b) Na redação da peça exordial, deve haver indicações precisas quanto à identificação das partes bem como do representante daquele que figurará no polo ativo da eventual ação.
c) A legislação ambiental prevê que o uso de água para o consumo humano e para a irrigação de culturas de subsistência são prioritários em situações de escassez.
d) A administração não pode dispensar a realização do EIA, mesmo que o empreendedor se comprometa expressamente a recuperar os danos ambientais que, porventura, venham a causar.

e) A ausência dos elementos e requisitos a que se referem o CPC pode ser suprida de ofício pelo juiz, em qualquer tempo e grau de jurisdição, enquanto não for proferida a sentença de mérito.

A quantidade de itens certos é igual a:
(A) 1.
(B) 2.
(C) 3.
(D) 4.
(E) 5.

UnB/CESPE-SERPRO (Cargo 1: Analista-Especialização: Administração de Serviços de Tecnologia da Informação)

Na esteira da leitura do mundo pela palavra, vemos emergir uma tecnologia de linguagem cujo espaço de apreensão de sentido não é apenas composto por palavras, mas, junto com elas, encontramos sons, gráficos e diagramas, todos lançados sobre uma mesma superfície perceptual, amalgamados uns com os outros, formando um todo significativo e de onde sentidos são complexamente disponibilizados aos navegantes do oceano digital. É assim o hipertexto. Com ele, ler o mundo tornou-se virtualmente possível, **haja vista** que sua **natureza** imaterial o faz ubíquo por permitir que seja acessado em qualquer parte do planeta, a qualquer hora do dia e por mais de um leitor simultaneamente. O hipertexto concretiza a possibilidade de tornar seu usuário um leitor inserido nas principais discussões em curso no mundo ou, se preferir, fazê-lo adquirir apenas uma visão geral das grandes questões do ser humano na atualidade. Certamente, o hipertexto exige do seu usuário muito mais que a mera decodificação das palavras que flutuam sobre a realidade imediata.

Antonio Carlos Xavier. ***Leitura, texto e hipertexto****. In:L. A. Marcuschi e A. C. Xavier (Orgs.).* ***Hipertexto e gêneros digitais****, p. 171-2 (com adaptações).*

A partir do texto acima, julgue o item.

22. A flexão de feminino em "haja vista" deve-se à concordância com a palavra feminina "natureza".

UnB/CESPE - MMA (Cargo: Agente Administrativo)

Julgue os itens que se seguem, acerca de redação oficial e correção gramatical.

23. Na oração "Há vinte meses que o Decreto foi revogado", a forma verbal "Há" poderia ser corretamente substituída por **Faziam**.
24. Na oração "Segue anexa a nota editorial", foi atendida regra de concordância nominal, visto que o adjetivo "anexa" está no feminino para concordar com a expressão no feminino "a nota editorial", que exerce a função de sujeito da oração.

UnB/CESPE - MDS (Cargo: Nível III - Atividade Técnica de Suporte)

Atualmente, a informação sobre a oferta de serviços de assistência social no Brasil é escassa e dispersa. Não há levantamentos ou pesquisas regulares que identifiquem as instituições que prestam esses serviços e investiguem de que forma o fazem. A maioria das pesquisas **concentra-se** em aspectos relacionados a indicadores sociais de determinados grupos populacionais ou áreas geográficas, fornecendo, desse modo, um perfil da demanda potencial pelos serviços de assistência social, a partir de indicadores relacionados à vulnerabilidade dos grupos pesquisados.

Julgue o item quanto aos sentidos e aos aspectos linguísticos do texto.

25. A substituição da forma verbal "**concentra-se**" pelo seu plural mantém a correção gramatical do período.

UnB/CESPE - SEAD/SEDS/PCPB (Cargos: Agente de Investigação e Escrivão de Polícia)

As mudanças e transformações globais nas estruturas políticas e econômicas no mundo contemporâneo colocam em relevo as questões de identidade e as lutas pela afirmação e manutenção das identidades nacionais e étnicas. Mesmo que o passado que as identidades atuais reconstroem seja, sempre, apenas imaginado, ele proporciona alguma certeza em um clima que é de mudança, fluidez e crescente incerteza. As identidades em conflito estão localizadas no interior de mudanças sociais, políticas e econômicas, mudanças para as quais elas contribuem.

Tomaz Tadeu da Silva (Org.). Stuart Hall e Kathryn Woodward. ***Identidade e diferença — A perspectiva dos estudos culturais.*** *Petrópolis: Vozes, 2004, p. 24-5 (com adaptações).*

Os itens abaixo apresentam propostas de reescrita para a oração inicial do texto. Julgue-os quanto à concordância verbal e nominal.

I. A mudança e a transformação global na estrutura política e econômica no mundo contemporâneo coloca em relevo as questões de identidade.
II. A mudança e a transformação globais nas estruturas políticas e econômicas no mundo contemporâneo coloca em relevo as questões de identidade.
III. A existência de mudanças e transformações globais nas estruturas políticas e econômicas no mundo contemporâneo coloca em relevo as questões de identidade.
IV. O fato de as estruturas políticas e econômicas no mundo contemporâneo passarem por mudanças e transformações globais coloca em relevo as questões de identidade.

26. Estão certos apenas os itens:

(A) I e II.
(B) I e III.
(C) II e III.
(D) II e IV.
(E) III e IV.

UnB/CESPE - SEAD/SEDS/PCPB (Cargos: Agente de Investigação e Escrivão de Polícia)

O que temos em jogo com o poder simbólico é a imposição de um modo de apreensão do mundo social que configura a "naturalização" de uma ordem social vigente. Podemos nos questionar a serviço de quem está o poder. Quem são os excluídos pelo poder? O poder simbólico é uma forma transformada ou mascarada de outras formas de poder, notadamente o poder econômico e o político; todavia não se trata simplesmente de uma dominação estritamente consciente, maniqueísta ou intencional. Ele frequentemente é ignorado e apreendido como arbitrário por quem o exerce.

Rogério Haesbaert e Marcelo de Jesus Santa Bárbara. ***Identidade e migração em áreas fronteiriças.*** *Internet: <www.uff.br> (com adaptações).*

A respeito das estruturas linguísticas do texto acima, julgue os itens.

27. O uso da flexão de singular em "é" deve-se à concordância com "poder simbólico".
28. A forma verbal "trata" está flexionada no singular para concordar com o sujeito da oração, "uma dominação"; se este estivesse no plural, dominações, a forma verbal deveria ser tratam.

UnB/CESPE - TCE/TO (Conhecimentos Básicos e Conhecimentos Complementares para todos os cargos de Nível Médio)

O ferro ao pescoço era aplicado aos escravos fujões. Imaginai uma coleira grossa, com a haste grossa também, à direita ou à esquerda, até ao alto da cabeça, e fechada atrás com chave. Pesava, naturalmente, mas era menos castigo que sinal. Escravo que fugia assim, onde quer que andasse, mostrava um reincidente, e com pouco era pegado.

Há meio século, os escravos fugiam com frequência. Eram muitos, e nem todos gostavam da escravidão. Sucedia ocasionalmente apanharem pancada, e nem

todos gostavam de apanhar pancada. Grande parte era apenas repreendida; havia alguém de casa que servia de padrinho, e o mesmo dono não era mau; além disso, o sentimento da propriedade moderava a ação, porque dinheiro também dói. A fuga repetia-se, entretanto. **Casos houve, ainda que raros**, em que o escravo de contrabando, apenas comprado no Valongo, deitava a correr, sem conhecer as ruas da cidade. Dos que seguiam para casa, não raro, apenas ladinos, pediam ao senhor que lhes marcasse aluguel, e iam ganhá-lo fora, quitandando.

Quem perdia um escravo por fuga dava algum dinheiro a quem lho levasse. Punha anúncios nas folhas públicas, com os sinais do fugido, o nome, a roupa, o defeito físico, se o tinha, o bairro por onde andava e a quantia de gratificação. Quando não vinha a quantia, vinha a promessa: "gratificar-se-á generosamente", — ou "receberá uma boa gratificação". Muita vez o anúncio trazia em cima ou ao lado uma vinheta, figura de preto, descalço, correndo, vara ao ombro, e na ponta uma trouxa. Protestava-se com todo o rigor da lei contra quem o açoitasse.

*Machado de Assis. **Pai contra mãe**. In: John Gledson. 50 contos de **Machado de Assis**. São Paulo: Cia. das Letras, 2007, p. 466-67 (com adaptações).*

Com relação às estruturas gramaticais do texto, julgue o item.

29. No trecho "**Casos houve, ainda que raros**" , a forma verbal "houve" é substituível por **houveram**, sem prejuízo para a correção gramatical e para o sentido original do texto

UnB/CESPE - TRE/GO (Cargo 1: Analista Judiciário - Área: Administrativa)

Tribunal Regional Eleitoral de Goiás
Portaria n.o 443, de 30 de setembro de 2008 - TRE/GO

O Excelentíssimo Senhor Desembargador-Presidente do Tribunal Regional Eleitoral de Goiás, no uso de suas atribuições e
Considerando o disposto no art. 10, parágrafo único, inciso II, da Lei n.º XXXX, de 19 de setembro de 1998, e no art. 8.º, parágrafo 3.º, da Resolução n.º YYYY, de 15 de outubro de 1999, do colendo Tribunal Superior Eleitoral;
Considerando a necessidade de se promover a padronização dos procedimentos relativos à anotação dos órgãos de direção partidária regionais;
Considerando que as solicitações de anotações feitas pelos partidos políticos devem seguir as regras dos estatutos partidários;

RESOLVE:
Art. 1.º Os pedidos dever-se-ão ser requeridos nos exatos termos dos partidos.
Art. 2.º Só se **dará** prosseguimento aos pedidos de prorrogação quando em conformidade com a lei.

Para que o trecho de documento acima atenda às normas de redação de documentos oficiais, é necessário

30. que se substitua "**dará**" por **darão**, para atender às regras gramaticais da norma de padrão culto.

UnB/CESPE - TRE/GO (Cargo 1: Analista Judiciário - Área: Administrativa)

Censurar, proibir e reprimir são atitudes antipáticas, porque geralmente são vistas pela sociedade como inimigas da liberdade individual, da criatividade e da verdade. A censura esconde dilemas e armadilhas sutis

que podem causar mais confusão do que esclarecer os problemas relacionados a ela, até porque nem todo tipo de censura representa uma interferência odiosa na vida da população. Um exemplo simples de censura socialmente aceitável — ou até considerada necessária para o bom andamento da vida social — é a tentativa de proteger crianças contra **filmes, livros** e outras manifestações do pensamento **que possam** incitar à violência ou a outras situações consideradas prejudiciais à formação dos jovens.

Por outro lado, existem formas de censura que, apesar de serem, em princípio, tão odiosas quanto a censura política, tornam-se praticamente invisíveis no interior do corpo social. Elas agem sem que os responsáveis sequer se deem conta do que estão fazendo. É o caso, entre outros, dos preconceitos, que são, por definição, verdades falsas que, quando se disseminam dentro de um grupo ou comunidade, tendem a hostilizar formas de pensamento e de comportamento que, de alguma forma, não se conformam àquela "verdade".

Flávio Dieguez. ***Ver, ouvir e calar. Discutindo a língua portuguesa****, ano 2, n.º 12, p. 34-6 (com adaptações).*

Julgue o item a respeito das estruturas linguísticas do texto.

31. O verbo que se segue ao pronome "**que**" está no plural porque esse pronome tem como referente "**filmes, livros**".

UnB/CESPE - TRE/GO (Cargo 9: Técnico Judiciário - Área: Administrativa)

Até hoje, os que estão de um lado ou de outro veem o processo civilizatório como uma consequência de um tripé sinérgico em que avanço técnico, igualdade e liberdade articulam-se positivamente, cada um como um vetor que induz o outro a crescer. Em nossos dias, porém, **essa sinergia** morreu e o avanço técnico, longe de construir a igualdade, **está ampliando** a desigualda-

de e, em lugar de ampliar o número de pessoas livres, está limitando a liberdade a poucos (mesmo nesses casos, trata-se de uma liberdade condicionada, consumida nos engarrafamentos de trânsito, nos muros dos condomínios).

*Cristovam Buarque. **Os círculos dos intelectuais**. In: Ari Roitman (Org.). **O desafio ético**. Rio de Janeiro: Garamond, 2000, p. 109 (com adaptações).*

Julgue os itens a respeito do uso das estruturas linguísticas no texto.

32. A flexão do verbo estar, no singular, em "está ampliando" e "está limitando", deve-se à concordância com "essa sinergia".
33. A flexão da forma verbal, no singular, em "trata-se", deve-se à concordância com "uma liberdade".

RESOLUÇÕES COMENTADAS

GRUPO 1

✓ 1. Resposta: E. Em "Somente **havia** (= existiam) os serviços obrigatórios para os clientes" o verbo destacado é impessoal.

✓ 2. Resposta: C. a) O rosto rebocado, a cara lavada, o cabelo lambido são proibidos./ b) A leveza e a harmonia são indispensáveis./ c) É proibido cara lavada e cabelo lambido. (Observe que "cara" e "cabelo" não apresentaram os determinantes)/ d) Sair de casa de cara lavada e cabelo lambido (sujeito oracional) é proibido./ e) É indispensável que **a leveza e a harmonia prevaleçam** (sujeito oracional).

✓ 3. Resposta: B. a) O **despreparo** de alguns candidatos **pode** dificultar o resultado do concurso público./ b) Há (= existem) pessoas bem intencionadas que sem perceberem (ou perceber), podem cometer injustiças

graves contra os inocentes./ c) Os **gabaritos** das provas saíram **publicados** no Diário Oficial do Distrito Federal./ d) Em setembro, o **grupo** do 2º grau da escola **sairá** para um passeio ao Rio de Janeiro.

✓ 4. Resposta: D. a) **Qual** de nós **fará** o concurso? **Haverá** (= existirão) muitas vagas para o METRÔ/DF. (O verbo haver, nesse caso, é impessoal)./ b) **Três vagas** para desenhista mais **três** para projetista **preenchem** o quadro da área de Arquitetura./ c).Todos aspiram (= desejam, almejam) **a** um bom salário no serviço público./ d) Nem **Paulo** nem **Pedro** se **inscreveram** para as provas.

✓ 5. Resposta: E. (1) **Havia** diversas pessoas na fila do banco./ (2) **Faz** oito dias que não pára de chover./ (3) Ver-te-ei logo depois da prova (verbo no futuro exige pronome mesoclítico)./ (4) **Faltam** dez minutos para o meio-dia./ (5) Ele disse que não **o** conhece (v.t.d).

✓ 6. Resposta: A. a) **Deve** fazer (o verbo fazer, indicando tempo decorrido, é impessoal e transfere esse critério ao verbo auxiliar) trinta minutos que ela saiu da sala.

✓ 7. Resposta: D. a) Os **encarregados** de coibir (ou coibirem) a violência contra a população não **cumprem** a lei./ b) **João Paulo**, um dos melhores advogados da cidade, **defenderá** a vítima./ c) **Têm** domicílio em comarcas diferentes os dois **réus**. (Os dois réus têm...)/ d) Não é permitido que se estacionem os carros sem cartão (... que os carros sejam estacionados)./ e) **Foram publicadas** em abril **as leis** necessárias à punição do criminoso.

✓ 8. Resposta: B. a) Num ano eleitoral, é fundamental que as pessoas se **debrucem** ... / b) As últimas **campanhas** eleitorais no Brasil **apresentaram** um novo tipo de **disputa que desfigurou** o próprio sistema./ c) É como se a televisão desprezasse os outros meios de comunicação não por seus defeitos, mas **por** aquilo que eles **têm** de mais importante: o

convite ao raciocínio./ d) **Políticos** e **produtores** de televisão, por orgulho ou preguiça, **ignoram** ...

✓ 9. Resposta: C. a) A mãe avisou que seria **temerária**, mesmo sendo período de férias, **a ida** do menino à escola./ b) Os atos indisciplinados do menino custaram **caro** (advérbio é invariável) a seu pai e mãe zelosa./ c) Já se acreditou que palmatória era bom (ou **a** palmatória era **boa)** para manter a ordem na escola./ d) Depois de machucar a professora, o **menino** estava certo de que ficou **quite** com ela.

✓ 10. Resposta: A. a) Preparados estavam **os meus olhos e a minha alma** (sujeito composto)./ b) À autora e à maioria das pessoas (objeto indireto) não interessavam as vantagens advindas daquele processo./ c) Brasileiros e brasileiras (vocativo) , não me chamem de inesquecível./ d) **Pedaços** de dor e de saudade (sujeito simples) espalham-se pelos cantos da casa.

✓ 11. Resposta: E . Em "Deve **haver** (= existir) vantagens para o índio no contato com o civilizado..." , o verbo destacado é impessoal e transfere esse critério ao auxiliar.

✓ 12. Resposta: D. a) Dessa maneira, não haveria (= existiriam) arrependimentos nem lamentos mais tarde./ b) Naquela situação de tensão, os garotos se houveram (= trataram) com muita discrição e elegância./ c) Todos eles já haviam (= tinham) vivido situações de tensão semelhantes anteriormente./ d) Eles sabiam que deveria **haver** (= existir) punições para os que violassem as regras. (O verbo destacado é impessoal e transfere esse critério ao auxiliar.)/ e) Mesmo assim, os adultos houveram (=acharam) por bem recomendar cautela a todos.

✓ 13. Resposta: D. a) Se a diretora, na próxima reunião, **propuser** (futuro do subjuntivo) mudanças, os professores ficarão motivados para concluírem

o trabalho./ b) **Faz** umas duas semanas que não participamos de encontros pedagógicos./ c) Se ele **vier** (futuro do subjuntivo) à escola outra vez, recebem-no com delicadeza./ d) Sempre que os colegas vêm me bater, os professores fingem que não vêem a briga. / Lembre-se: ele vem, eles vêm (**vir**)/ ele vê, eles vêem (**ver**).

✓ 14. Resposta: A . a) Água fria é bom (ou "A água fria é boa") para acalmar os presos mais agitados./ b) Estava **clara** para todos **a discriminação** com que tratavam os infratores./ c) Os carros mais modernos custam muito **caro** (advérbio/invariável) / d) Ele acha **contestáveis as medidas** propostas pelo Presidente.

✓ 15. Resposta: B. O pronome de tratamento exige a concordância com a terceira pessoa: "Vossa Senhoria há de convir que **seus esforços** pouco valeram. Os recursos destinados por **sua Secretaria** foram insuficientes para o início as obras".

✓ 16. Resposta: B. O técnico observou que **havia** (= existiam) muitos problemas.

✓ 17. Resposta: C. a) Sou **eu** que **possuo** argumentos que **desabonam** a prisão especial./ b) **Faltam** argumentos objetivos a quem defende a pena de morte./ c) Deve haver (= existir) penalidades mais duras para os que praticam crimes hediondos./ d) **Qual** dos presos não **gostaria** também de usufruir desses privilégios?

✓ 18. Respsota: D. 1 - Era meio-dia e meia (hora) quando ela chegou meio agitada. Haja vista o alvoroço que causou./ 2 - Lêem bastante (advérbio/invariável) os bibliotecários, pois (eles) têm bastantes livros à mão./ 3 - Ele está quite com suas obrigações, nós, porém, não estamos quites com as nossas./ 4 - Os agentes de plantão permanecem alerta (advérbio/ invariável) toda a noite./ 5 - Ele está de mau (≠ bom) humor, ou é mal (≠ bem) educado?

✓ 19. Resposta: C. **Devem** existir (= pessoal) muitos **menores** abandonados (sujeito) no Brasil.

✓ 20. Resposta: C. a) Sabe-se que 32 milhões de brasileiros **passam** fome, isto é, **estão** abaixo do limite aceitável e **vivem** na miséria absoluta./b) É constrangedor saber que cerca de 70% da população não se **alimentam** o suficiente para **terem** saúde e **viverem** bem./ c) Em consequência da pobreza, trezentas (numeral/ variável) mil crianças morrem no país a cada ano./ d) Projeções do IBGE **mostram** que... / e) Enquanto a **população** como um todo **vai** crescer cinco vezes, no mesmo período o **número** de brasileiros com mais de 55 anos **aumentará** 15 vezes.

✓ 21. Resposta: B. As **notícias** diárias de novas descobertas, capazes de retardar (ou retardarem) o envelhecimento, **são indícios seguros** de que a expectativa de vida pode ultrapassar os 85 anos.

✓ 22. Resposta: C. Um pouco de bom senso, disposição e um par de sapatos confortáveis **asseguram** uma boa caminhada.

✓ 23. Resposta: D. a) Eu e tu não **precisamos** esperar o ano dois mil para nos entendermos./ b) **Faltam** nove anos para o final .../ c) Fomos **nós** que **realizamos** os estudos sobre este assunto./ d) No grupo, pessoas inteligentes e dispostas a colaborar (ou colaborarem) sempre participavam muito./ e) Pode-se (ou podem-se) criar condições que **melhorem** a vida da humanidade.

✓ 24. Resposta: B. As **notas** fiscais seguiram **anexas** ao ofício.

✓ 25. Resposta: C. Daqui **a** alguns anos seremos (tempo futuro) pilotos.

✓ 26. Resposta: C. Na reciclagem de 50 toneladas de papéis usados **são economizadas quatro toneladas** de petróleo.

✓ 27. Resposta: C. (1). Hoje **é** 24 de janeiro (a palavra **dia** está elíptica) ou Hoje são 24 de janeiro (24 dias decorridos)/ (2). Trinta quilômetros **é** muito./ (3). Já **era uma** e vinte./ (4). **Devem** ser **duas** horas.

✓ 28. Resposta: C. Vossa Excelência (3a. pessoa) **recebeu** muitos aplausos por causa de vossas atitudes corajosas.

✓ 29. Resposta: D. a) Mais de um funcionário deram-se (reciprocidade) as mãos na festa do aniversário da empresa./ b) Mais de **um relatório foi** arquivado./ c) Bateram **onze horas** no relógio da aldeia./ d) **Qual** de nós **tem** certeza de êxito no concurso?

✓ 30. Resposta: C. a.) Um dos seus sonhos era **morrer** na terra natal./ b) Aqui não **existem** os sítios onde eu brincava./ c) Uma porção de sabiás (expressão partitiva) **era** (concorda com "porção") ou **eram** (concorda com "sabiás") na laranjeira./ d) Não **faltam** em minha terra **belezas** naturais. / e) Sou **eu** que **quero** morrer ouvindo o canto dos sabiás.

✓ 31. Resposta: E. a) As discussões que se **travam** sobre a questão .../ b) Durante o seminário, **apresentaram**-se três propostas .../ c) **Incluem**-se no parecer do relator as **alterações** aceitas de comum acordo por todos os partidos./ d) Seria ingênuo pensar que as **restrições** palacianas do projeto **decorrem** apenas de idiossincrasias pessoais./ e) Positivamente **falta** (ou **faltam**) clareza e seriedade na condução dos negócios públicos (como o sujeito composto está posposto, podemos concordar com os dois núcleos ou com o mais próximo).

✓ 32. Resposta: C. À escola (obj. indireto) **cabem** as **tarefas** (sujeito) mais importantes no combate ao analfabetismo funcional entre nós.

✓ 33. Resposta: C. Depois do ocorrido, **choveram** conselhos (sujeito) para que ele não **saísse** ("i" tônico em hiato recebe acento agudo) sozinho.

✓ 34. Resposta: A . Fazia (= impessoal/ tempo decorrido) já alguns dias que não **se** (partícula apassivadora) viam ratos (ratos não eram vistos) naquele quintal.

✓ 35. Resposta: B. Estou enviando, **anexa** a esta carta, uma **cópia** daquele artigo que tanto me **fascinou** (grafia correta)

✓ 36. Resposta: D. Muito **obrigada**, disse-me a **juíza** ("i" tônico em hiato recebe acento agudo) sorridente.

✓ 37. Resposta: C. Creio que **bastam** algumas **palavras** gentis para fazer as **pessoas** um pouco **felizes**.

✓ 38. Resposta: A. **Bastavam** algumas **noites** para terminar o trabalho, mas não **havia** (= existiam) mais recursos **disponíveis** para o pagamento dos auxiliares.

✓ 39. Resposta: D. **É** (expletivo: pode ser retirado sem prejuízo) nestes momentos **que** (expletivo) me parece difícil **dizer palavras de consolo** (sujeito oracional). Observe: Nestes momentos parece difícil dizer palavras de consolo.

✓ 40. Resposta: A. a) Devemos imaginar que **possa** haver (=existir) verdadeiros patriotas entre nós. Nesse caso o verbo **haver** é impessoal e transfere esse critério ao verbo auxiliar.

✓ 41. Resposta: A. Para quem **a** entrada é **proibida**?

✓ 42. Resposta: A. Não **havia** (=existiam) mais esperanças de que **chegassem** em tempo os **remédios** que ainda **faltavam** ministrar.

✓ 43. Resposta: D. a) Se houvessem (= tivessem) estudado, teriam passado de ano./ b) Os bandeirantes voltaram satisfeitos: haviam (= tinham) encontrado a tão cobiçada esmeralda./ c) Há (existem) coisas que se aprendem tarde./ d) Pessoas há (ou "Há pessoas") que não sabem organizar sua vida./ e) No lugar onde é hoje Copacabana, **havia** (= existiam), no século passado, apenas ranchos de pescadores.

✓ 44. Resposta: B . Observe: ... é um ato administrativo pelo (per + o) qual...

✓ 45. Resposta: A . Observe o paralelismo: "tanto **na** agenda (...) quanto **no** trato do...

✓ 46. Resposta: B. Observe: ... reside no fato de **a proposta** (sujeito não pode vir preposicionado) de sua realização ter sido aceita.../ - C. Observe: O **triunfalismo** do Ocidente ... e a alegada **vitória** do liberalismo **traduziam**-se...)

✓ 47. Resposta: E. a) Muito **importantes** foram as alterações comerciais dos últimos trinta e cinco anos do século XVIII. Na América, em oposição ao velho sistema de porto único, **subiram** para vinte os **portos** legalmente autorizados./ b) As ligações entre a Coroa e a Igreja, na América espanhola, foram muito sólidas. O papel evangelizador exercido sobre os índios, população em muitos milhões superior **à** da América portuguesa, era a outra face da dominação da Coroa./ c) O **fim** do poder político das metrópoles **deu**-se através de difícil e longa luta. Ainda que os processos tenham sido **diferentes** no Brasil e na América espanhola, eles marcaram o ponto de ruptura do sistema colonial./ d) No período colonial, duas outras instituições destacavam-se por seus privilégios: o Exército e a Igreja. Os militares possuíam um **foro particular que** os **livrava** da submissão à Justiça, ainda que fossem réus de crimes./ e) O censo eclesiástico consistia na cessão da propriedade de terras da Igreja a particulares, em troca de renda anual. Isso significava a concentração, nas mãos da Igreja, de um vasto e poderoso capital

✓ 48. Resposta: D. Observe:... os avanços ... exerceriam... e permitiriam...

✓ 49. Resposta: C. Voz passiva sintética: ... a que se **adotassem** medidas (sujeito plural)...

✓ 50. Resposta: E. ... **há** (haver= tempo decorrido) mais de oito mil anos...

✓ 51. Resposta: C. Lembre-se: ... **haja** (= existam) levantamentos... Nesse caso, o verbo **haver** é impessoal.

✓ 52. Resposta: A. Houve inversão sintática: ... **estivessem** ocorrendo ... duas grandes **migrações** (sujeito) ...

✓ 53. Resposta: D. Cuidado: ... com os populares, mas ainda **lhes** (a eles, aos populares) entregavam...

✓ 54. Resposta: A. Cuidado: ... nos países **em** que o banco tinha agências (tinha agências **em** algum lugar).

✓ 55. Resposta: E. Observe a ordem direta: taxa de expediente **incidirá** sobre as parcelas..

✓ 56. Resposta: E. Questão de regência: Informo a Vossa Senhoria ainda que ... / **ou** Informo Vossa Senhoria ainda de que ...)

✓ 57. Resposta: B. Coesão: No Direito, ...

✓ 58. Resposta: C. Cuidado: ... desejam saber por que (advérbio interrogativo) ...

✓ 59. Resposta: D. O verbo concorda com o núcleo do sujeito: .. o **tempo** ... **representa** despesas...

✓ 60. Resposta: A . O verbo concorda com o núcleo do sujeito : O **entendimento**... **exige**...

✓ 61. Resposta: C. O verbo concorda com os núcleos do sujeito : A boa **safra** e **a possibilidade** ... **poderão** ajudar...

✓ 62. Resposta: C Em " ... **haverá** (= existir) eventos...", o verbo destacado é impessoal.

✓ 63. Resposta: D. Regência: **ao qual** se possa **chegar**...

GRUPO 2

1. E ("se" não é sujeito do verbo. O verbo concorda com "postura")
2. C
3. E (... ficou determinado que ...)
4. E (concordância: pode ser financiada)
5. D (concordância verbal: "turistas que vêm ao Brasil...")
6. C (concordância verbal: "em que se realizam os direitos...")
7. C
8. B
9. C (concordância nominal)
10. E (concordância verbal: "a análise... faz parte")
11. C (concordância nominal: "o fluxo necessário" ou "as informações necessárias")
12. E (concordância verbal: sujeito é a oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo " estar por perto")
13. E (indica concordância com o sujeito "o simples fato")
14. C ("existe" ou "existem")
15. E ("O número cria...")
16. E (O texto permaneceria coerente)
17. C
18. C
19. E (Concorda com "fazer ciência")
20. E (Concorda com "relações")
21. A (Somente a assertiva "b" está correta)
22. E (haja vista, nesse caso, é invariável)
23. E (Faz vinte meses que ...)
24. C
25. C ("concentra-se" ou "concentram-se": núcleo partitivo)
26. E
27. E (Deve-se a/ "O que" = "Aquilo que")
28. E (O verbo não tem sujeito: "de uma denominação" é objeto indireto)

29. E (O verbo "haver", nesse caso, é impessoal)
30. E ("prosseguimento" será dado)
31. E (Referente: filmes, livros e outras manifestações do pensamento)
32. E (Concorda com "o avanço técnico")
33. E (O verbo não tem sujeito: "de uma liberdade condicionada" é objeto indireto)

GRAMÁTICA
TEORIA E EXERCÍCIOS

PASCHOALIN & SPADOTO

ATIVIDADES COMPLEMENTARES

MORFOLOGIA

Substantivo 2
Artigo 7
Adjetivo 8
Numeral 13
Pronome 15
Verbo 19
Advérbio 26
Preposição 28
Conjunção 32
Interjeição 35
Revisão 36
Estrutura das palavras 37
Processos de formação das palavras 38

FTD

1 Identifique os substantivos presentes nas frases.

a. Os cabelos soltos caíam-lhe sobre a testa.
b. João agradeceu o convite.
c. A cada dia eu ficava mais alegre.
d. A festa na casa de Rodrigo foi barulhenta.
e. Fortaleza é uma bela cidade.
f. A tristeza se estampava no seu sorriso.
g. A discussão foi muito animada.
h. Meus tios combinaram a pescaria.
i. O preso denunciou os comparsas.
j. Ele me deu vontade de rir.
k. Sentia angústia com o trânsito.
l. A neve era artificial.
m. Levei um susto com o caminhão.
n. Os vizinhos ouviram alguns latidos.
o. O baralho foi jogado no lixo.
p. "À medida que ouvia aquela conversa, ia vermelhando de raiva."
(Sérgio Capparelli)
q . "Beto recebeu a sacola e prendeu-a ao peito. Seu coração pulsava forte."
(Caio Porfírio Carneiro)

2 Forme frases em que apareçam os substantivos sugeridos em cada item. (resposta pessoal)

a. lago — água — sol
b. floresta — silêncio — cor
c. carro — cidade — barulho

3 Dê um nome próprio aos substantivos comuns: cidade, cachorro, estado, pessoa. (resposta pessoal)

4 Classifique os substantivos destacados em concretos ou abstratos.

a. Foi feita uma boa *limpeza* no *jardim*. abstrato / concreto
b. A *saudade* dos *pais* era revelada pelas *lágrimas*. abstrato / concreto / concreto
c. O *fogo* alastrou-se pela *mata*. concreto / concreto
d. A *saída* dos alunos foi tumultuada. abstrato
e. O *saci* brincou toda a *noite* no meio da *floresta*. concreto / concreto / concreto
f. A *euforia* dos torcedores animava os *jogadores*. abstrato / concreto
g. O *ânimo* do aluno era evidente. abstrato
h. "Para chegar até a *casa*, tivemos de passar por uma *trilha* cheia de *buracos* e *pedras*." (Sérgio Capparelli) concreto / concreto / concreto / concreto

5 Com as palavras abaixo forme substantivos abstratos.
Modelo: bom — bondade

mau	maldade	nobre	nobreza	frio	frieza
pobre	pobreza	amigo	amizade	tolo	tolice
rico	riqueza	feliz	felicidade	esperto	esperteza
simples	simplicidade	justo	justiça	rápido	rapidez

6 Forme um substantivo derivado de cada primitivo abaixo.

chuva	chuvisco	casa	caseiro
flor	florista / floreira	carro	carroça
folha	folhagem	desenho	desenhista
ferro	ferreiro / ferragem / ferrugem	máquina	maquinista / maquinário

7 Classifique os substantivos como simples ou compostos.

casa	simples	vaivém	composto
passatempo	composto	chuvisco	simples
pedacinho	simples	aguardente	composto
água-viva	composto	porco	simples
sol	simples	cachorro-quente	composto
beija-flor	composto	girassol	composto

8 Classifique os substantivos abaixo em: comum ou próprio, concreto ou abstrato, primitivo ou derivado, simples ou composto.

carta comum, concreto, primitivo, simples
amor comum, abstrato, primitivo, simples
floresta comum, concreto, derivado, simples
felicidade comum, abstrato, derivado, simples

9 Complete as frases usando adequadamente os coletivos abaixo.

álbum — flora — ramalhete — revoada — fauna
biblioteca — resma — junta — elenco

a. Os estudantes brasileiros precisam de muita leitura e poucas são as (/) que funcionam. bibliotecas
b. Retiraram quase todas as fotografias daquele (/). álbum
c. Na (/) brasileira existem plantas raríssimas. flora
d. O tema da peça é ótimo e sobre o seu (/) não há o que discutir: somente bons atores. elenco
e. Como o seu problema de saúde era muito delicado, foi necessária uma (/) médica. junta
f. Ofereceram-lhe como presente um (/) de rosas vermelhas. ramalhete
g. Muitas espécies da (/) brasileira estão em extinção. fauna
h. Foram compradas três (/) para a publicação do jornalzinho da escola. resmas
i. Foi uma linda (/) de andorinhas nos céus daquela cidade. revoada

10 Passe os substantivos das frases para o feminino, fazendo as adaptações necessárias.

a. O juiz declarou o barão autor do crime.
A juíza declarou a baronesa autora do crime.
b. O ator declamou versos de um famoso poeta.
A atriz declamou versos de uma famosa poetisa.
c. O cidadão carioca revelou-se um verdadeiro folião no carnaval.
A cidadã carioca revelou-se uma verdadeira foliona no carnaval.
d. O advogado defendeu o réu perante o tribunal.
A advogada defendeu a ré perante o tribunal.
e. O conde italiano orgulhava-se de ser um bom patrão.
A condessa italiana orgulhava-se de ser uma boa patroa.
f. O cantor dedicou a música ao francês.
A cantora dedicou a música à francesa.

11 Dê o feminino de:

genro	nora	cavalheiro	dama	cavaleiro	amazona
espião	espiã	pastor	pastora	carneiro	ovelha
elefante	elefanta	bode	cabra	profeta	profetisa
réu	ré	herói	heroína	cônsul	consulesa
padrasto	madrasta	cão	cadela	imperador	imperatriz

12 Explique o processo de formação do feminino ocorrido em autor/autora e boi/vaca.
Em autor/autora o feminino é formado com o acréscimo de a. Em boi/vaca há duas palavras diferentes: uma para o masculino e outra para o feminino.

13 Dê o significado dos substantivos seguintes:

o cabeça; a cabeça	chefe, líder; parte do corpo
o guia; a guia	pessoa que guia outras; documento
o cura; a cura	pároco; ato ou efeito de curar
o cisma; a cisma	separação religiosa; receio

14 Elabore duas frases com as palavras do exercício anterior: uma com a significação masculina da palavra e outra com a significação feminina.

Modelo: Júnior foi *o cabeça* na organização do campeonato.
Na batida, ele machucou *a cabeça*. (resposta pessoal)

15 Dê o plural dos substantivos.

mês	meses	pajem	pajens	gás	gases
item	itens	álbum	álbuns	rês	reses
mal	males	fuzil	fuzis	hífen	hífenes/hifens
pincel	pincéis	adeus	adeuses	paiol	paióis
sol	sóis	nuvem	nuvens	rã	rãs
amor	amores	tribunal	tribunais	túnel	túneis
éter	éteres	dólar	dólares	raiz	raízes
juiz	juízes	cônsul	cônsules	nível	níveis

16 Identifique os substantivos invariáveis em número.

mel	pôster	ônus	vírus
gás	tórax	ônix	xerox
ônibus	francês	pirex	lápis
sal	cais	ourives	cútis

17 Dê o plural dos substantivos.

pão	pães	cidadão	cidadãos	mão	mãos
tabelião	tabeliães	coração	corações	escrivão	escrivães
espião	espiões	capelão	capelães	alemão	alemães
acórdão	acórdãos	folião	foliões	tecelão	tecelões

18 Os substantivos abaixo admitem mais de uma forma no plural. Indique-as.

hortelão	hortelãos, hortelões	vilão	vilãos, vilões
sacristão	sacristãos, sacristães	peão	peões, peães
ancião	anciãos, anciões, anciães	vulcão	vulcãos, vulcões
cirurgião	cirurgiões, cirurgiães	charlatão	charlatões, charlatães

19 Passe os substantivos compostos para o plural.

vaivém vaivéns	bombom bombons	copo-de-leite copos-de-leite
sempre-viva sempre-vivas	obra-prima obras-primas	guarda-sol guarda-sóis
ave-maria ave-marias	tique-taque tique-taques	peixe-espada peixes-espada
abelha-mestra abelhas-mestras	grã-duquesa grã-duquesas	altar-mor altares-mores
tenente-coronel tenentes-coronéis	abaixo-assinado abaixo-assinados	beija-flor beija-flores

20 Complete as frases com os nomes próprios dos parênteses.

a. Não estão presentes todos os (/) da sala. (Miguel) Miguéis
b. Hoje compareceram todos os (/). (José) Josés
c. Há muitos (/) nesta cidade. (Pereira) Pereiras
d. Há muitas (/) e poucos (/). (Maria, Mário) Marias, Mários

21 Ao passar a palavra "porto" para o plural "portos", além da marca *s* de plural ocorre uma outra marca. Qual é? Como é denominada?

O *o* tônico fechado passa para *o* tônico aberto. É denominada metafonia ou plural metafônico.

22 Explique o fenômeno ocorrido na formação do plural da palavra caráter — caracteres.

Há o deslocamento da sílaba tônica "rá" para a sílaba "te".

23 Complete as frases com as palavras dos parênteses, flexionando-as adequadamente.

a. Ganhei muitos (/) e (/), mas chupei apenas um (/) e um (/). (chiclete, drope) chicletes, dropes , chiclete, drope
b. Eu procurei um (/) e acabei achando vários (/). (clipe) clipe, clipes

24 Explique o significado dos substantivos destacados.

a. Os *bens* deixados pelo pai não lhe trouxeram o *bem*.
propriedades, valores / felicidade
b. O motorista de táxi contou sua *féria* e não fez boa cara.
renda diária
c. As *férias* escolares estão próximas.
descanso
d. Esta é a data do *vencimento* da conta de luz.
prazo final
e. Não recebi os meus *vencimentos*.
salário

25 Informe se o aumentativo destacado nas frases abaixo é analítico ou sintético.

a. Um *grande muro* divide as cidades.
analítico
b. Um *vozeirão* ecoou na sala.
sintético
c. Tudo estava calmo até o aparecimento daquele *homenzarrão*.
sintético
d. Um *animal enorme* espantou os habitantes da cidade.
analítico

26 Dê a forma normal dos aumentativos sintéticos.

corpanzil corpo	cabeçorra cabeça	volumaço volume
bocarra boca	fornalha forno	balázio bala
canzarrão cão	barcaça barca	animalaço animal
manzorra mão	pratarraz prato	vagalhão vaga

27 Identifique os substantivos que, embora terminem em *ão*, não têm sentido de aumentativo.

paredão	caldeirão	janelão
cartão	portão	narigão
ferrão	balão	livrão

28 Informe se o diminutivo destacado nas frases abaixo é analítico ou sintético.

a. Os moradores da *viela* entendiam-se bem. sintético
b. Era uma *pequena cidade* cheia de paz. analítico
c. Um *minúsculo inseto* nadava no vinho. analítico
d. Trouxe apenas uma *maleta* e saudades. sintético

29 Com o auxílio dos sufixos abaixo, forme o diminutivo sintético das palavras dadas.

ola — acho — eto — ico — ote — eta — im — cula — ete — ela — ejo — ilho

fio	filete	namoro	namorico	aldeia	aldeola
rua	ruela	vila	vilarejo	rio	riacho
velho	velhote	poema	poemeto	vidro	vidrilho
flauta	flautim	parte	partícula	história	historieta

30 Dê a forma normal dos diminutivos sintéticos abaixo.

corpúsculo	corpo	banqueta	banco	fogacho	fogo
homúnculo	homem	casebre	casa	película	pele
moçoila	moça	vermículo	verme	papelucho	papel
rapazelho	rapaz	pezito	pé	burrico	burro

31 Identifique os substantivos que, embora sejam formados com sufixos diminutivos, não expressam ideia de diminuição.

saleta — cartilha — cavalete — vilarejo

32 Passe os substantivos abaixo para o diminutivo plural.

Modelo: animal: animais — animaizinhos

caracol (/)	caracóis - caracoizinhos	botão (/)	botões - botõezinhos
carrossel (/)	carrosséis - carrosseizinhos	mão (/)	mãos - mãozinhas
pão (/)	pães - pãezinhos	jornal (/)	jornais - jornaizinhos
troféu (/)	troféus - trofeuzinhos	coração (/)	corações - coraçõezinhos

1 Complete.

O artigo aparece sempre relacionado a um (/). substantivo

O artigo definido indica o (/) de forma (/). substantivo / precisa

O artigo indefinido indica o (/) de forma (/). substantivo / vaga

2 Retire os artigos e classifique-os.

a. A cara dele mostrava a sua pilantragem. definido / definido

b. O palhaço fez umas brincadeiras e logo depois a luz apagou.
definido / indefinido / definido

c. A ave olhava cautelosa e o vaqueiro admirava sua beleza, uma beleza rara. definido / definido / indefinido

d. Quando o gato pulou sobre a mesa, derrubou uns livros empilhados. definido / definido / indefinido

e. Quando o sorveteiro gritou, de uma casa saiu a criançada e de outra o casal de velhos. definido / indefinido / definido / definido

f. E tocava muito o coração daquela gente a profunda simpatia com que ele tratava as crianças. definido / definido / definido

g. "A vida é como um passarinho: tem vida alegre e vida triste." (Duílio Gomes)
definido / indefinido

h. "Veio o período de provas, a turma se dissolveu." (Ildeu Brandão)
definido / definido

3 Complete as frases com o artigo adequado.

a. Falaram tanto e eu acabei recebendo (/) notícia com indiferença. a

b. Recebi (/) recado estranho esta semana. um

c. (/) vez saímos e fizemos (/) belo passeio. Uma / um

d. (/) atleta principal feriu-se no acidente. o

e. "(/) espécie de vento fresco soprou-lhe (/) alma." (Jorge Medauar)
Uma / a

4 Identifique o artigo e faça uma flecha indicando a que substantivo ele se refere.

a. O livro era bonito: uma capa interessante e as ilustrações muito coloridas.

b. Um certo feiticeiro encantou o coração da menina.

c. Ele fazia figa, cruzando os dedos dentro dos bolsos.

d. Se a mãe estivesse perto, daria uma solução para o problema.

e. Uma mulher bem falante atrapalhou o espetáculo de dança.

1 Complete.
Assim como o artigo, o adjetivo também se refere a um (/).
substantivo

2 Informe se os adjetivos destacados indicam qualidade, estado ou lugar de origem.

a. O rapaz *mineiro* venceu o festival de música. lugar de origem
b. Ela andava *distraída* pelas ruas *vazias*. estado / qualidade
c. Na sala *pequena* havia poucos convidados. qualidade
d. O progresso *japonês*, pós-guerra, surpreendeu o mundo. lugar de origem
e. O carro *antigo* foi para a exposição. qualidade
f. "O burrinho permanecia na coberta, *teso*, *sonolento*..."
estado / estado

(João Guimarães Rosa)

3 Retire os adjetivos do trecho que segue.

"Palavras são feito gente, tem de todo jeito: bonitas, feias, gordas, magras, simpáticas, antipáticas, sérias, engraçadas, alegres, tristes, todo jeito. Beto diz que a gente aprende tudo com as palavras, mas para isso é preciso a gente gostar delas feito a gente gosta das pessoas."

(Luiz Vilela)

4 Os adjetivos do trecho anterior referem-se a que substantivo?
palavras

5 Informe se o adjetivo destacado é primitivo ou derivado.

a. O atleta *nadador* foi desclassificado. derivado
b. O pai chegou *cansado* e não jantou. derivado
c. A funcionária *alta* alcançou a lâmpada *queimada*. primitivo / derivado
d. O prédio *novo* foi multado pela prefeitura. primitivo
e. Um *grande* borrão de tinta marcava o seu uniforme. primitivo

6 Informe se o adjetivo destacado é simples ou composto.

a. O empregado *esperto* terminou o serviço rapidamente. simples
b. O cidadão *aposentado* foi, durante toda a vida, um homem *trabalhador*. simples / simples
c. O pôr-do-sol tingia o céu de *vermelho-alaranjado*. composto
d. A professora explicou nossas raízes *afro-indígenas*. composto
e. Aquele livro *infanto-juvenil* foi um sucesso. composto

7 Complete as frases com adjetivos derivados dos substantivos ou dos verbos dos parênteses.

Modelo: Trata-se de um assunto bastante (/). (discutir)
Trata-se de um assunto bastante discutível.

a. A cena foi (/). (comover) comovente
b. Gislene é uma pessoa (/). (amar) amável
c. Foi uma descoberta (/). (gênio) genial
d. Esta estrada é (/). (perigo) perigosa
e. É um trabalho (/). (emocionar) emocionante
f. O jovem está muito (/). (esperança) esperançoso
g. Isso são coisas (/). (dispensar) dispensáveis

8 Identifique os adjetivos.

a. "Em vão usei as rédeas. Inutilmente dei-lhe patadas na barriga roliça, com tapas e chibatadas nas ancas redondas."

(Orígenes Lessa)

b. "O Pau Comeu era um enorme e escuro terreno baldio, cheio de mato e lixo."

(Ildeu Brandão)

c. "... Gibi, um negro desenxavido, mas corajoso, forte, de pés descalços e mãos calejadas."

(Ildeu Brandão)

d. "O delegado de polícia, um bacharel gordo e de bigodes fornidos, lia Spinoza, tomava uma boa pinga e não gostava de amolações."

(Carlos Drummond de Andrade)

9 Informe a classe gramatical a que pertencem as palavras destacadas (substantivo, artigo, adjetivo).

a. *As grandes cidades* têm *sérios problemas habitacionais.* art./adj./subst./adj./subst./adj.

b. *Zezinho* foi *uma criança rebelde*, mas hoje é *um homem trabalhador* e *honesto.* subst./art./subst./adj./art./subst./adj./adj.

c. *O. S. Maciel* é *um excelente pintor*, pois torna *viva a natureza morta.* subst./art./adj./subst./adj./art./subst./adj.

d. *As pequenas ruas* iam ficando cada vez mais *tristes.* art./adj./subst./adj.

e. De repente, *o céu azul* foi ficando *escuro* e *uma forte chuva* desabou sobre *o vasto arrozal.* art./subst./adj./adj./art./adj./subst./art./adj./subst.

10 Complete.

O adjetivo varia em (/). gênero, número e grau

11 Classifique os adjetivos destacados em uniformes ou biformes.

a. Neste *difícil* momento, lutamos por uma causa *comum.*
uniforme / uniforme

b. A situação era *complicada*, pois não estava *fácil* encontrar uma saída *justa.*
biforme / uniforme / biforme

c. Os cidadãos *educados* constroem *grandes* nações.
biforme / uniforme

d. As pessoas são *diferentes*, umas *ricas* outras *pobres*, mas as leis devem ser *únicas.*
uniforme / biforme / uniforme / biforme

12 Complete.

Em gênero e número, o adjetivo varia concordando com o (/).
substantivo

13 Passe para o plural as expressões:

blusão verde-claro
blusões verde-claros

tratado luso-brasileiro
tratados luso-brasileiros

saia azul-marinho
saias azul-marinho

sofá azul-pavão
sofás azul-pavão

criança recém-nascida
crianças recém-nascidas

menina surda-muda
meninas surdas-mudas

capa verde-oliva
capas verde-oliva

céu azul-cinzento
céus azul-cinzentos

festa cívico-religiosa
festas cívico-religiosas

blusa azul-celeste
blusas azul-celeste

conflito russo-americano
conflitos russo-americanos

lente côncavo-convexa
lentes côncavo-convexas

14 Identifique o grau dos adjetivos presentes nas frases.

a. A garota era mais atraente do que bonita. comparativo de superioridade

b. A prova de História foi tão difícil quanto a de Geografia. comparativo de igualdade

c. Mariângela é menos rebelde do que seu irmão. comparativo de inferioridade

d. Ler é tão importante quanto escrever.
comparativo de igualdade

15 Complete as frases usando os adjetivos *melhor* ou *pior*, *maior* ou *menor*.

a. Ir ao cinema é (/) do que ir ao teatro. melhor ou pior
b. A Lua é (/) do que a Terra. menor
c. Brincar com os amigos é (/) do que ver televisão. melhor ou pior
d. O rio Amazonas é (/) do que o rio Paraná. maior

16 Com as palavras abaixo, forme frases em que o grau comparativo apareça em todas as modalidades (igualdade, superioridade e inferioridade).

resposta pessoal

a. Hélder — estudioso — Júnior
b. Cecília — delicada — Cristina
c. Cláudia — apaixonada — Gilberto
d. Regina — ativa — Beto

17 Classifique em grau comparativo de superioridade ou inferioridade e grau superlativo relativo de superioridade ou inferioridade.

a. A cidade de São Paulo é mais populosa do que a cidade de Manaus. comparativo de superioridade
b. A cidade de São Paulo é a mais populosa do Brasil. superlativo relativo de superioridade
c. Júpiter é o maior dos planetas. superlativo relativo de superioridade
d. A Terra é menor que Júpiter. comparativo de inferioridade
e. A região Norte é a menos fria do Brasil. superlativo relativo de inferioridade

18 Classifique os graus em superlativo relativo ou superlativo absoluto.

a. Eu sou baixíssimo. absoluto
b. Eu sou o mais baixo dos irmãos. relativo
c. Édson é extremamente honesto. absoluto
d. Marcelo é estudiosíssimo. absoluto
e. Marlene é a menos morena da família. relativo
f. Claudete é a mais risonha da casa. relativo

19 Substitua o superlativo absoluto analítico pelo superlativo absoluto sintético.

a. Trata-se de um homem *muito humilde*. humílimo
b. Uma grande parte dos brasileiros é *extremamente pobre*. paupérrima
c. Já tratamos de um caso *muito semelhante*. simílimo
d. Romilda é uma pessoa *muito simpática*. simpaticíssima
e. É um tratamento *muito eficaz*. eficacíssimo

20 Identifique o grau em que estão os adjetivos destacados. sup. abs. anal. / sup. abs. sint. / sup. rel. super.

a. "A fazenda do Padrinho era muito *bonita* e rodeada de montanhas *altíssimas*, uma delas, a que ficava do lado norte, era a mais *alta* de todas." (Maria José Dupré)
b. Todos estavam muito *animados* para a festa. superlativo absoluto analítico
c. O lazer é tão *importante* quanto o trabalho. comparativo de igualdade
d. Você é mais *feliz* que eu. comparativo de superioridade
e. Num mesmo país, as condições de vida podem ser muito *boas* para poucos e para a maioria *péssimas*. superlativo absoluto analítico / superlativo absoluto sintético

21 Dê a forma normal dos superlativos absolutos sintéticos que seguem.

juveníssimo	jovem	sapientíssimo	sábio	comuníssimo	comum
fidelíssimo	fiel	agílimo	ágil	crudelíssimo	cruel
frigidíssimo	frio	nigérrimo	negro	sacratíssimo	sagrado
amaríssimo	amargo	dulcíssimo	doce	capacíssimo	capaz

22 Dê o superlativo absoluto sintético dos adjetivos.

livre	libérrimo	áspero	aspérrimo	cru	cruíssimo
terrível	terribilíssimo	sério	seriíssimo	feroz	ferocíssimo
agradável	agradabilíssimo	dócil	docílimo	veloz	velocíssimo

23 Identifique as locuções adjetivas.

a. O ar do campo é mais saudável do que o ar da cidade.
b. O garoto tinha uma força de leão.
c. Os alunos do período da noite têm direito ao mesmo ensino dos alunos do período da manhã e do período da tarde.

24 Amplie as frases, acrescentando aos substantivos destacados as locuções adjetivas sugeridas.

a. As *pinturas* foram feitas com *tinta*. (das crianças, a óleo)
b. Numa pequena *casa*, moravam dois *cães*. (de madeira, de raça)
c. O *baú* parecia mais uma grande *caixa*. (da vovó, de segredos)
d. O *casaco* custou mais caro do que a *calça*. (de lã, de linho)

25 Substitua as locuções adjetivas destacadas pelos adjetivos correspondentes.

a. A água é um líquido *sem cheiro*. inodoro
b. A Psicologia estuda o comportamento *do homem*. humano
c. A garota tinha um semblante *de anjo*. angelical
d. Gilberto teve uma lesão no globo *do olho*. ocular
e. Tratava-se de um sério problema *de família*. familiar
f. Não gosto de carne *de porco*. suína
g. Foi feita uma pesquisa da faixa *de idade* dos alunos. etária
h. Trabalha numa indústria *de tecidos*. têxtil

26 Substitua os adjetivos destacados pelas locuções adjetivas correspondentes.

a. Não podia exceder-se nos esforços devido a problemas *cardíacos*. do coração
b. O rapaz sentia pela moça amor *fraternal*. de irmão
c. Comemoramos as festas *juninas*. de junho
d. Era uma cidade *lacustre*. de lagos
e. A falta de temperos deixou a comida *insípida*. sem sabor
f. Cortaram-lhe o cordão *umbilical*. do umbigo
g. A bebida alcoólica provoca males *hepáticos*. do fígado
h. O Brasil exporta material *bélico*. de guerra

27 Dê os adjetivos referentes aos lugares de origem.

Brasil brasileiro	Brasília brasiliense	Acre acreano
Japão japonês	Marajó marajoara	Campinas campinense, campineiro
Amapá amapaense	Cuiabá cuiabano	Egito egípcio
Atenas ateniense	Belém (do Pará) belenense	Bélgica belga
Vitória vitoriense	Porto Alegre porto-alegrense	Recife recifense
Salvador salvadorense	São Luís são-luisense	Sergipe sergipano

28 Dados os adjetivos pátrios, informe o lugar de origem.

gaúcho R. G. do Sul	carioca Rio de Janeiro (cidade)	paulistano São Paulo (cidade)
teresinense Teresina	rondoniense Rondônia	fluminense Rio de Janeiro (estado)
paulista São Paulo (estado)	catarinense Santa Catarina	tricordiano Três Corações
moscovita Moscou	aracajuense Aracaju	boa-vistense Boa Vista
maceioense Maceió	salvadorenho El Salvador	potiguar R. G. do Norte

29 Substitua a locução adjetiva pelo adjetivo pátrio correspondente.

a. Literatura da Grécia e de Roma. Literatura greco-romana.
b. Aliança entre a Espanha e a França. Aliança franco-espanhola.
c. Relações entre Brasil e África. Relações afro-brasileiras.
d. Conversações entre a França e a Inglaterra. Conversações anglo-francesas.
e. Pacto entre a União Soviética e Cuba. Pacto cubano-soviético.
f. Acordo entre Portugal e Brasil. Acordo luso-brasileiro.

30 Informe a classe gramatical a que pertencem as palavras destacadas.

Modelo: O *gato* *da vizinha* teve *uma crise hepática*.

artigo — substantivo — locução adjetiva — artigo — substantivo — adjetivo

a. *A indústria* *de automóveis* parou por falta de *funcionários especializados*. art./subst./loc. adj./subst./adj.
b. *Uma forte geada* prejudicou *a lavoura* *de café*. art./adj./subst./art./subst./loc. adj.
c. *As águas* *da chuva* provocaram *enchentes* na *grande cidade*. art./subst./loc. adj./subst./adj./subst.
d. *A vida agitada* leva muitas *pessoas* a ter *problemas* *de estômago*. art./subst./adj./subst./subst./loc. adj.

1 Escreva por extenso os numerais cardinais.

a. de 10 a 19
b. 57 cinquenta e sete
c. 66 sessenta e seis
d. 105 cento e cinco
e. 279 duzentos e setenta e nove
f. 312 trezentos e doze
g. 5.615 cinco mil, seiscentos e quinze
h. 13.758 treze mil, setecentos e cinquenta e oito
i. 6.984.533 seis milhões, novecentos e oitenta e quatro mil, quinhentos e trinta e três
j. 52.304.801 cinquenta e dois milhões, trezentos e quatro mil, oitocentos e um

2 Escreva por extenso os numerais ordinais.

a. 33º trigésimo terceiro
b. 55º quinquagésimo quinto
c. 79º septuagésimo nono
d. 124º centésimo vigésimo quarto
e. 248º ducentésimo quadragésimo oitavo
f. 367º trecentésimo sexagésimo sétimo
g. 486º quadringentésimo octogésimo sexto
h. 572º quingentésimo septuagésimo segundo
i. 631º sexcentésimo trigésimo primeiro
j. 780º septingentésimo octogésimo
k. 825º octingentésimo vigésimo quinto
l. 913º nongentésimo décimo terceiro

3 Substitua as palavras destacadas por um multiplicativo.

a. Para aquisição desse imóvel você necessita de *três vezes mais* do que possui. do triplo
b. Neste mês vamos gastar *duas vezes mais* do que no mês passado. o dobro do mês passado
c. Se você fosse comprar essa blusa pronta, pagaria *quatro vezes mais* do que gastou para fazê-la. o quádruplo
d. Há famílias que necessitariam ganhar *cinco vezes mais* do que recebem. o quíntuplo

4 Complete os espaços com os numerais fracionários adequados.

a. Antônio recebe seiscentos reais por mês e sua irmã, trezentos reais. Sua irmã recebe, então, (/) do que Antônio recebe. a metade
b. Se você tem um mil e duzentos reais na poupança e eu tenho quatrocentos reais, o meu dinheiro guardado corresponde a (/) do seu. um terço

5 Classifique os numerais destacados.

a. Moro no *quinto* andar. ordinal
b. A nossa escola conquistou o *primeiro* lugar no campeonato interescolar. ordinal
c. Comprei *duzentos* gramas de mortadela. cardinal
d. Ontem havia o *dobro* de alunos na sala de aula. multiplicativo
e. Comi apenas *um quarto* da maçã. fracionário
f. Em casa somos *cinco* irmãos. O *primeiro*, ou seja, o mais velho é um rapaz que, atualmente, tem o *dobro* da idade do caçula, que tem *um quarto* da idade do pai. cardinal/ordinal/multiplicativo/fracionário

6 Informe se *um* (ou *uma*) é numeral ou artigo indefinido.

a. Hoje saímos atrás de *uma* casa para alugar. Encontramos várias, mas como o aluguel está caro, apenas *uma* nos interessou: tem *um* banheiro, *uma* sala, *um* quarto e a cozinha. artigo indefinido/numeral/numeral/numeral
b. Conhecemos *um* casal que tem dois filhos e outro casal que tem *um*. artigo indefinido/numeral
c. Procurei *uma* casa de chá e encontrei *uma*, mas só servia chá preto. artigo indefinido/numeral

7 Informe a classe gramatical a que pertencem as palavras destacadas.

Modelo: *Os dois colegas* <u>*de classe*</u> são *estudiosos*.

artigo / numeral — substantivo — locução adjetiva — adjetivo

a. *Três alunos* não entregaram *o trabalho* <u>*de História*</u>.
numeral/subst./artigo/subst./locução adjetiva

b. *O pai* ali no *caixão*, e *os cinco filhos* já brigavam por causa da *herança*. art./subst./subst./art./numeral/subst./subst.

c. *As primeiras fileiras* <u>*do teatro*</u>, as *melhores*, necessitavam de *restauração*. art./numeral/subst./loc. adj./adj./subst.

d. *O policial* indicou que *o semáforo* estava *quebrado*. art./subst./art./subst./adj.

1 Informe a que pessoas do discurso pertencem os pronomes pessoais destacados.

a. Apesar da busca, *eu* não *o* encontrei. (eu - 1ª p. sing.; o - 3ª p. sing.)
b. *Eles* aguardavam-*nos* com ansiedade. (eles - 3ª p. pl.; nos - 1ª p. pl.)
c. A saudade *lhe* trazia insegurança e tristeza. (lhe - 3ª p. sing.)
d. Senhor, *nós vos* agradecemos por mais este dia. (nós - 1ª p. pl.; vos - 2ª p. pl.)
e. Pediram-*me* o impossível. (1ª p. sing.)
f. Nada mais existe entre *mim* e *ele*. (mim - 1ª p. sing.; ele - 3ª p. sing.)

2 Classifique os pronomes pessoais destacados em retos e oblíquos.

a. Quando *eu* era pequenina, contavam-*me* lindas histórias... reto/oblíquo
b. Não trouxe nada para *mim*, nem quis falar *comigo*. oblíquo/oblíquo
c. Vi-*os* há pouco no bar, mas não *lhes* disse nada. oblíquo/oblíquo
d. *Tu* és tudo o que quero, não *te* desesperes, pois. reto/oblíquo

3 Copie as frases, eliminando os pronomes pessoais que forem desnecessários.

a. Quando ~~nós~~ dizemos que as pessoas devem ter igualdade de direitos, ~~nós~~ queremos explicar que todos precisam ter oportunidades iguais.
b. Quando ~~ela~~ pegou o dinheiro, ~~ela~~ correu e escondeu na caixinha de surpresa; ali era o lugar onde ela guardava todas as quinquilharias que ~~ela~~ encontrava.

4 Complete as frases com os pronomes pessoais adequados, na pessoa indicada nos parênteses.

a. Encontrei-(/) na porta do cinema e eles disseram-(/) que o filme era muito bom. (3ª pessoa do plural; 1ª pessoa do singular) os/me
b. Fui ao encontro dos dois e disse-(/) que deveriam voltar imediatamente para casa. (3ª pessoa do plural) lhes
c. Contei-(/) a história da maneira como (/) foi contada. (3ª pessoa do plural; 1ª pessoa do singular) lhes/me
d. Com o susto ela desmaiou, mas logo voltou a (/). (3ª pessoa do singular) si
e. Trouxeram muitos livros para (/) ler. (1ª pessoa do singular) eu

5 Classifique *o* — *a* — *os* — *as* como artigos ou pronomes pessoais oblíquos.

a. *As* meninas? Eu *as* vi no portão. artigo/pronome
b. *Os* direitos não são iguais se *as* oportunidades são diferentes. artigo/artigo
c. Encontrei-*a* triste porque *o* cachorrinho estava doente. pronome/artigo
d. Acabou *o* tempo em que *a* mulher era educada para sonhar e *o* homem para trabalhar. artigo/artigo/artigo
e. Perdi *a* hora. E *o* meu relógio não estava ali. Procurei-*o* por todos *os* cantos da casa, mas não *o* encontrei. artigo/artigo/pronome/artigo/pronome

6 Transcreva as frases, substituindo as palavras ou expressões destacadas pelos pronomes *o*, *a*, *os*, *as*, juntando-os adequadamente aos verbos.

a. Preciso vender *minha casa* ainda este ano. vendê-la

b. O trabalho? Fiz *ele* hoje. Fi-lo
c. Vendemos *as joias* todas. Vendemo-las
d. Elogiaram *meu amigo* pelos serviços prestados à comunidade. Elogiaram-no
e. Seguimos *os justos*. Seguimo-los
f. Convidaram *minhas amigas* para um importante debate. Convidaram-nas

7 Qual o pronome de tratamento usado para se dirigir:
a. a um rei? V. M.
b. ao Papa? V. S.
c. ao diretor da escola por meio de requerimento? V. Sª
d. a um senador? V. Exª
e. a um amigo? Você
f. a uma pessoa com a qual não se tenha intimidade? Sr. ou Srª

8 Desenvolva as abreviaturas que seguem.
a. V. M. Vossa Majestade
b. V. S.as Vossas Senhorias
c. V. S. Vossa Santidade
d. v. você
e. VV. AA. Vossas Altezas
f. V. Ex.as Vossas Excelências

9 Identifique os pronomes possessivos.
a. Teus livros são bem cuidados.
b. Nossas intenções eram as melhores, mas fomos reprovados.
c. Na festa, só nossos irmãos, fantasiados, conseguiram aparecer.
d. Tuas esperanças são grandes.
e. "Sabe, nunca saio, porque meu pai e minha mãe precisam trabalhar muito e não têm tempo de me levar a parte alguma." (Antônio Hohlfeldt)
f. "Seus olhos verdes ali estavam, firmes, fincados no centro do rosto e do espelho." (Edson Gabriel Garcia)
g. "Quando a gente saiu, meu estômago doía feito doido. Acho que era do sorvete." (Álvaro Cardoso Gomes)

10 Identifique os pronomes demonstrativos.
a. Admirava aquele homem que passava, todos os dias, curvo de cansaço.
b. Aquela era uma música saída do baú da vovó.
c. Isto é tudo o que possuo.
d. Ana tinha essa mania de remexer as gavetas.

11 Complete com os pronomes demonstrativos adequados.
E o aluno levou o colega ao orientador:
— É (/) o colega que pesquisou sobre poluição. este
— Ah! é (/)? — disse o orientador. — E (/) que pesquisou sobre as nossas tradições africanas? esse/aquele
— (/) ainda não chegou à escola. Aquele

12 Complete as frases com o pronome demonstrativo *mesmo*, fazendo as variações necessárias.

a. Os alunos (/) pediram novas explicações. mesmos
b. As crianças (/) fizeram todo o trabalho. mesmas
c. Resolvi comprar aquele sapato (/). mesmo
d. Falei com a diretora (/) sobre o horário. mesma

13 Classifique *o*, *a*, *os*, *as* em *artigo*, *pronome pessoal oblíquo*, *pronome demonstrativo*.

a. O professor ensina o que sabe; o aluno aprende o que não sabe.
art./dem./art./dem.
b. Encontrei-as, mas não as que procurava.
pess./dem.
c. Os que eu vi não eram assim, eram móveis bem mais simples.
dem.
d. Eu o encontrei chorando e o que ele explicou não me convenceu.
pess./dem.
e. Guarda o que é teu.
dem.
f. Nas novelas de televisão, o tema que predomina é o do amor não correspondido até que chegue o penúltimo capítulo.
art./dem./art.

14 Identifique os pronomes indefinidos.

a. Falou-se do acidente com muita emoção e ninguém soube, de fato, o que aconteceu.
b. É difícil ser adolescente: para uns sou criança, para outros sou adulto; poucos me veem como realmente sou.
c. Todos encontraram explicações, apenas algumas, porém, eram sensatas.
d. Algo está errado?

15 Classifique a palavra *um* em *artigo indefinido*, *numeral* ou *pronome indefinido*.

a. Havia *um* só homem naquela reunião. numeral
b. O que *um* usa todos usam. pronome indefinido
c. Camilo era *um* menino arteiro. artigo indefinido

16 Identifique as locuções pronominais indefinidas.

a. Qualquer um poderá resolver o problema.
b. Seja quem for o responsável pagará o prejuízo causado à escola.
c. Apenas um ou outro aluno comparecia à aula na sexta-feira à noite.
d. Seja qual for o resultado do jogo, será bom para nós.

17 Forme frases com os pronomes *que*, *quem*, de forma que eles sejam interrogativos.
(resposta pessoal)

18 Identifique os pronomes e classifique-os.
p. p. reto/p. ind./p. p. oblíquo/p. possessivo/p. p. oblíquo/loc. pron. ind./p. possessivo/p. possessivo

a. Sem que eu nada lhe contasse, meu chefe, rudemente, disse-me que cada um deve resolver o seu próprio problema.
b. Qualquer pessoa normal não aguentaria tanta injustiça. p. ind./p. ind.
c. No tempo de vovó chamavam de "linha", no de mamãe, de "flerte" e no nosso é "paquera". p. possessivo
d. Quem apenas ouve tende a ser dominado pelo outro. p. ind./p. ind.
e. Que é isso? Não acredito que me tenha trazido tantos presentes! p. inter./
f. Poucos são os que falam; muitos são os que ouvem. p. p. oblíquo/p. ind.
p. ind./p. dem./p. ind./p. dem.

19 Copie cada par de frases, unindo-as por um pronome relativo e fazendo alterações, se necessário.

a. Comprei o livro. Ele foi adotado pela professora.
Comprei o livro que foi adotado pela professora.

b. Buscávamos uma solução para o problema. Essa solução não deveria afetar a classe menos favorecida.
Buscávamos uma solução para o problema a qual não afetasse a classe menos favorecida.

c. Este é o mecânico. Ele consertou meu carro.
Este é o mecânico que consertou meu carro.

d. Este é um grande favor. Não tenho como pagar-lhe.
Este é um grande favor que não tenho como pagar-lhe.

e. A Amazônia é uma vasta área verde. O mundo necessita dela.
A Amazônia é uma vasta área verde de que o mundo necessita
ou da qual o mundo necessita.

20 Sublinhe o pronome relativo e circule o seu antecedente.

a. A máquina de escrever que comprei é ótima.

b. Desejávamos ir para um lugar onde não houvesse poluição.

c. Trouxe apenas as encomendas que me foram pedidas.

d. Esse padre de quem os jornais falam é um grande batalhador pela justiça social.

21 Classifique o pronome *quem* em *indefinido*, *interrogativo* ou *relativo*.

a. *Quem* é você? interrogativo

b. *Quem* cala consente. indefinido

c. Já viu o garoto a *quem* me refiro? relativo

22 Classifique o pronome *que* em *interrogativo* ou *relativo*:

a. Não conhecia a história *que* me contou. relativo

b. *Que* histórias são essas? interrogativo

c. Esta foi a única razão *que* me trouxe aqui. relativo

23 Informe se os pronomes destacados são *pronomes substantivos* ou *pronomes adjetivos*.

a. *Todos* encontraram explicações sensatas para *aquele* caso. PS/PA

b. *Ninguém* acreditava que *tantos* alunos ficariam reprovados. PS/PA

c. *Todos* tinham dúvidas de que *ele* partisse, embora *suas* malas estivessem prontas. PS/PS/PA

d. Conhecemos *muitas* coisas por meio da experiência, do contato com *elas*, mas também conhecemos *outras* por meio da linguagem, pois *esta nos* coloca em contato com o mundo. PA/PS/PS/PS/PS

1 Identifique os verbos e informe o que eles expressam: *ação*, *estado* ou *fenômeno da natureza*.

a. Chovia e ventava muito. Os guarda-chuvas enroscavam-se uns nos outros. O mundo estava molhado e sombrio. fen./fen./ação/estado

b. Devido à seca, os nordestinos abandonam suas terras e partem à procura de melhores condições de vida. ação/ação

c. Geou um pouco e o preço do café subiu muito. fen./ação

d. Enquanto o líder falava, todos permaneciam atentos. ação/estado

e. "O céu parece de algodão: estado
O dia morre. Choveu tanto!" (Manuel Bandeira) ação/fen.

f. "O calor não estava mole. Com as ruas da cidade esburacadas e intransitáveis, por causa do metrô em construção, o tráfego se arrastava. Chegaram à Rodoviária em cima da hora."
estado/ação/ação

(Carlos Heitor Cony)

2 Identifique os verbos do trecho.

"Às vezes abro a janela e encontro o jasmineiro em flor. Outras vezes encontro nuvens espessas. Avisto crianças que vão para a escola. Pardais que pulam pelo muro. Gatos que abrem e fecham os olhos, sonhando com pardais. Borboletas brancas, duas a duas, como refletidas no espelho do ar. Marimbondos que sempre me parecem personagens de Lope de Vega. Às vezes, um galo canta. Às vezes, um avião passa. Tudo está certo, no seu lugar, cumprindo o seu destino. E eu me sinto feliz."

(Cecília Meireles)

3 Faça conforme o modelo.

abro — infinitivo abrir; 3ª conjugação

a. encontro inf.: encontrar; 1ª conj.
b. avisto inf.: avistar; 1ª conj.
c. canta inf.: cantar; 1ª conj.
d. pulam inf.: pular; 1ª conj.
e. sonhando inf.: sonhar; 1ª conj.
f. parecem inf.: parecer; 2ª conj.
g. cumprido inf.: cumprir; 3ª conj.
h. sinto inf.: sentir; 3ª conj.

4 Separe a terminação que marca o infinitivo dos verbos e descubra o radical.

Modelo: abr | ir — radical: *abr*

a. encontrar encontr
b. avistar avist
c. cantar cant
d. pular pul
e. sonhar sonh
f. parecer parec
g. cumprir cumpr
h. sentir sent

5 Informe as terminações das formas verbais.

Modelo: abr | o — terminação: *o*

a. encontro term.: o
b. avisto term.: o
c. canta term.: a
d. pulam term.: am
e. sonhando term.: ando
f. parecem term.: em
g. cumprindo term.: indo
h. abrem term.: em

6 Informe a pessoa do discurso a que se referem as formas verbais destacadas.

Modelo: Eu *abro* a janela e o sol *bate* no meu rosto.

abro — 1ª pessoa do singular

bate — 3ª pessoa do singular

a. "*Tirei* o sapato e bati fortemente com o salto no vidro, que se *espatifou* num tremendo ruído." (Fernando Sabino) 1ª p. sing. / 3ª p. sing.

b. "De todos, Tito era quem mais *batia*; desvantagem de ser caçula... *Éramos* os mais próximos pela idade, e os outros dois, Miguel e Édison, *sentiam* vergonha de sujar as mãos em mim."

3ª p. sing./1ª p. pl./3ª p. pl.

(Carlos Drummond de Andrade)

7 Passe os verbos destacados da 1ª pessoa do singular para a 1ª pessoa do plural.

a. Às vezes *ando* pelo centro e *observo* os prédios antigos.
andamos, observamos

b. *Sinto* saudade da infância quando *viajo* pelo interior.
Sentimos, viajamos

c. *Percebo* que me *irrito* com o individualismo das pessoas.
Percebemos, nos irritamos

d. *Apoio* as mudanças por uma sociedade mais justa.
Apoiamos

8 Passe os verbos destacados da 3ª pessoa do singular para a 3ª pessoa do plural.

a. Ele *queria* ser alfabetizado.
Eles queriam ser alfabetizados.

b. O carro *passou* lentamente pelo cruzamento perigoso.
Os carros passaram lentamente pelo cruzamento perigoso.

c. O pintor *quebrou* o pincel quando *terminava* o quadro.
Os pintores quebraram o pincel quando terminavam o quadro.

d. O cão *revelava* sua linguagem pela expressão dos olhos.
Os cães revelavam sua linguagem pela expressão dos olhos.

9 Identifique a classe gramatical a que pertencem as palavras destacadas.

Conto azul

"Eu já escrevi um *conto* (subst.) azul, *vários* (pr. indef.) até. Mas *este* (pr. dem.) *é* (verbo) um conto de *todas* (pr. indef.) as cores. Porque era uma vez *um* (art. indef.) menino *azul* (adj.), uma menina *verde* (adj.), um negrinho *dourado* (adj.) e um cachorro com todos os tons e entretons do *arco-íris* (subst. composto).

Até que *apareceu* (verbo) *uma* (art. indef.) Comissão de Doutores — *os quais* (pr. rel.), por mais que *esfregassem* (verbo) os *nossos* (pr. poss.) *quatro* (numeral) amigos, *viram* (verbo) que não adiantava. E perguntaram se *aquilo* (pr. dem.) era de nascença ou se...

— Mas *nós* (pr. pess.) não *nascemos* (verbo) — *interrompeu* (verbo) *o* (art. def.) cachorro — Nós *fomos* (verbo) inventados!"

(Mário Quintana)

10 Passe as frases do presente do indicativo para o pretérito imperfeito do indicativo.

a. No centro histórico de Salvador desponta o Pelourinho. despontava

b. Ele empresta partes de sua paisagem para compor significativos cartões-postais da cidade. emprestava

c. É considerado o mais expressivo conjunto de arquitetura colonial dos séculos XVII e XVIII. Era

d. Representa a maior coleção barroca da América Latina. Representava
e. O Pelourinho, porém, não recebe tratamento condizente com sua importância. recebia

11 Passe as frases do pretérito imperfeito do indicativo para o pretérito perfeito e mais-que-perfeito do indicativo.

a. Em São Paulo, um galo cantava às 4 horas da manhã. cantou; cantara
b. O seu canto incomodava um morador do lado. incomodou; incomodara
c. Irritado, o vizinho reclamava ao dono do galo. reclamou; reclamara
d. O galo e seu dono não se importavam com as ameaças. importaram; importaram
e. Alheio ao comportamento humano, o galo continuava a cantar. continuou; continuara

12 Passe as frases do futuro do presente para o futuro do pretérito.

a. Os repórteres entrevistarão os atores de teatro. entrevistariam
b. Os dançarinos estrearão no Teatro Municipal. estreariam
c. A cozinheira apresentará comidas típicas aos turistas. apresentaria
d. Organizaremos a campanha de nosso grêmio estudantil. Organizaríamos

13 Complete as frases com os verbos dos parênteses nos tempos do subjuntivo.

a. Talvez nós nem (/) para casa hoje. (voltar) voltemos ou voltássemos
b. Pedi que nos (/), pois pretendíamos ir com eles. (esperar) esperassem
c. Se (/) cedo, encontrarás teu pai aqui. (chegar) chegares
d. É provável que amanhã eu não (/) à aula. (comparecer) compareça

14 Informe a pessoa e o número das formas verbais destacadas.

a. Enquanto vovô *bebia* sua caipirinha, eu *comia* os bombons recheados com licor e, depois de devorar uma caixa inteira, *senti* que o mundo *rodopiava*. 3ª p. sing./1ª p. sing./1ª p. sing./3ª p. sing.
b. Nem sempre *fazemos* na vida o que *queremos*, porém é importante saber esperar, dar tempo ao tempo, como *dizem* os mais velhos. 1ª p. pl./1ª p. pl./3ª p. pl.

15 Informe o tempo e o modo das formas verbais destacadas.

a. A criança *correu* antes que a mãe a *pegasse*. perf. ind./imp. do subj.
b. Quando *entrei* no quarto, a luz já se *apagara*. perf. ind./mais-que-perf. ind.
c. Se *falares* alto, todos *receberão* a tua mensagem. fut. subj./fut. pres. ind.
d. *Ficaríamos* presos no elevador por mais tempo, se o zelador não *aparecesse*. fut. pres. ind./imp. subj.
e. *Espero* que *volte* cedo para que *jantemos* juntos. pres. ind./pres. subj./pres. subj.
f. Ninguém *sabia* se ele *voltaria* ou não. imp. ind./fut. pret. ind.

16 Complete com o verbo dos parênteses no tempo adequado.

Modelo: Espero que você (/) logo. (voltar)
Espero que você *volte* logo.

a. Pretendíamos que todos (/) bons textos. (escrever) escrevessem
b. Desejamos que Roberto e Celina (/) felizes. (ser) sejam/fossem
c. Romeu e Julieta queriam que seu amor (/) certo. (dar) desse
d. Quando todos voltarem, já (/) longe. (estar) estaremos

17 Forme o imperativo afirmativo e negativo dos verbos *amar*, *entender* e *dividir*.

18 Dê as formas verbais pedidas.

Modelo: *responder*: 1ª pessoa do plural do presente do indicativo (respondemos)

a. *sair*: 1ª pessoa do singular do presente do indicativo saio
b. *nascer*: 2ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo nasceste
c. *florescer*: 3ª pessoa do plural do futuro do presente do indicativo florescerão
d. *saber*: 1ª pessoa do plural do pretérito imperfeito do indicativo sabíamos
e. *prender*: 3ª pessoa do singular do presente do subjuntivo prenda
f. *dividir*: 1ª pessoa do singular do imperfeito do subjuntivo dividisse
g. *registrar*: 2ª pessoa do singular do futuro do subjuntivo registrares

19 Informe o modo de cada forma verbal: *indicativo*, *subjuntivo*, *imperativo*.

a. Essa sua história, eu a *conheço* bem. indicativo
b. *Anda* depressa, senão *chegarás* atrasado. imperativo/indicativo
c. Se ele *chegar* cedo, *iremos* ao cinema. subjuntivo/indicativo
d. Não *sairão* sem que seu pai *tome* conhecimento. indicativo/subjuntivo
e. *Terminaríamos* o trabalho hoje, se todos *colaborassem*. indicativo/subjuntivo
f. *Deixe* de se lamentar e *lute* pelos seus direitos. imperativo/imperativo

20 Informe a pessoa, o número, o tempo, o modo, o infinitivo e a conjugação das formas verbais destacadas.

Modelo: *levanto*: 1ª pessoa do singular do presente; modo indicativo; infinitivo: levantar; 1ª conjugação

"Mas *batem* à porta. Levanto o escuro garfo do magro bife, e *abro*. Céus, é um empregado da Companhia! *Estremeço* de emoção. Mas ele me *estende* um papel: é apenas o cobrador. *Volto* ao bife, *curvo* a cabeça, *mastigo* devagar, como se *estivesse* mastigando meus pensamentos, a larga tristeza de minha humilde vida, as decepções e remorsos. O telefone *continuará* mudo; não importa: ao menos é certo, senhor, que não vos *esquecestes* de mim." (Rubem Braga)

21 Complete as frases com o particípio dos verbos dos parênteses, fazendo as concordâncias necessárias.

a. Ao fim do dia, os operários (/) voltam para suas casas. (cansar) cansados
b. São muitos os menores (/). (abandonar) abandonados
c. Era uma criança (/) na multidão. (perder) perdida
d. Mantinha os olhos (/) no aviso: "Fechado para almoço". (pregar) pregados

22 Nas frases que seguem, determine qual é o verbo auxiliar e qual o principal.

a. *Tenho viajado* muito pouco por falta de dinheiro. aux. princ.
b. Quando o jantar *foi servido*, todos já *haviam chegado*. aux. princ./aux. princ.
c. Eu *estava trabalhando* quando *fui chamado* pelo chefe. aux. princ./aux. princ.
d. Será que o governo *vai anunciar* alguma mudança na economia? aux. princ.
e. Os alunos *serão homenageados* pela colaboração prestada à escola. aux. princ.

20. batem - 3ª pes. pl., presente, ind.; bater, 2ª conj. / abro - 1ª pes. sing., presente, ind.; abrir, 3ª conj. / estremeço - 1ª pes. sing., presente, ind.; estremecer, 2ª conj. / estende - 3ª pes. sing., presente, ind.; estender, 2ª conj. / volto - 1ª pes. sing., presente, ind.; voltar, 1ª conj. / curvo - 1ª pes. sing., presente, ind.; curvar, 1ª conj. / mastigo - 1ª pes. sing., presente, ind.; mastigar, 1ª conj. / estivesse - 1ª pes. sing., pret. imp., subj.; estar, 1ª conj. / continuará - 3ª pes. sing., fut. do pres., ind.; continuar, 1ª conj. / esquecestes - 2ª pes. pl., pret. perf., ind.; esquecer, 2ª conj.

23 Informe se a ação verbal destacada está na voz ativa, passiva ou reflexiva.

a. As árvores *foram derrubadas* pelo vento. passiva
b. A geada *queimou* os cafezais. ativa
c. Nós *derrotamos* o adversário. ativa
d. O pequeno garoto *queimou-se*. reflexiva
e. Essa matéria *será explicada* pelo professor amanhã. passiva
f. Carolina *olhou-se* no espelho. reflexiva
g. As flores *são regadas* pelo jardineiro. passiva
h. *Encontrei-o* na festa. ativa
i. Ele *foi encontrado* por mim. passiva
j. *Foram derretidas* as joias. passiva

24 Identifique se há ou não reciprocidade na voz reflexiva das frases.

a. Ao término do jogo, os jogadores cumprimentaram-se. sim
b. Priscila admirou-se por longo tempo diante do espelho. não
c. Zezinho feriu-se levemente com a faca. não
d. E os dois olharam-se por longo tempo. sim

25 Todas as frases abaixo estão na voz ativa. Informe se os tempos verbais são simples ou compostos.

a. Ultimamente tenho encontrado muitas dificuldades na resolução de meus problemas. composto
b. Eles têm recebido poucas correspondências. composto
c. Paguei a dívida com os poucos reais recebidos no fim do mês. simples
d. Chegamos tarde, por isso ele já havia saído. simples /composto

26 Passe os tempos simples, destacados, para a forma composta.

a. Eles *sonharão* com as Olimpíadas? terão sonhado
b. A mulher *jogara* o lixo no terreno baldio. tinha jogado
c. Você *mandaria* flores ao diretor? teria mandado
d. Assim que ele *telefonar* irei ao seu encontro. tiver telefonado

27 Passe as formas verbais compostas para a forma simples.

a. Amanhã elas *terão regressado* da excursão. regressarão
b. O funcionário já *havia comunicado* sua demissão. comunicara
c. Regina *teria sido* justa com o seu filho? seria
d. Quando eles *tiverem saído*, a casa estará vazia. saírem

28 Identifique o tempo e o modo das formas verbais destacadas.

a. Todos *haviam nadado* naquela semana. pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo
b. Ninguém o *teria visto* se não fosse o latido do cachorro. futuro do pretérito composto do indicativo
c. *Temos encontrado* dificuldades financeiras. pretérito perfeito composto do indicativo
d. Pensaram que *tivéssemos desistido* da viagem. pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo
e. Todos *terão encontrado* a resposta no momento certo. futuro do presente composto do indicativo
f. Se você *tiver desistido* de ir ao teatro, avise-me. futuro composto do subjuntivo

29 Identifique as locuções verbais.

a. Estou lendo muito ultimamente.
b. Haverei de encontrar uma solução para este problema.
c. Você terá de trabalhar muito ainda.
d. Ele anda fazendo coisas estranhas.
e. Terei de fazer tudo para você?
f. Eu não posso contar com a ajuda de ninguém.
g. Irei almoçar com uns amigos no próximo domingo.

30 Identifique a vogal tônica e classifique as formas que seguem em rizotônicas ou arrizotônicas:

venderiam	arr.	chove	riz.	vendia	arr.
correste	arr.	sonhe	riz.	andássemos	arr.
escrevo	riz.	choras	riz.	cantardes	arr.
sofrerão	arr.	mandem	riz.	falaram	arr.

31 O verbo *estar* mantém, durante toda a conjugação, o mesmo radical. Conjugando-o no presente do indicativo tem-se: estou, estás, está, estamos, estais, estão. Trata-se de um verbo regular ou irregular? Por quê?
Trata-se de um verbo irregular, porque mesmo mantendo o radical não possui terminações do verbo paradigma da sua conjugação.

32 A 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo do verbo *atacar* é *ataquei*. Trata-se de um verbo regular ou irregular? Por quê?
Trata-se de um verbo regular, pois a alteração no radical ocorre apenas na escrita para manter a sua regularidade sonora.

33 Dadas as duas pessoas do presente do indicativo do verbo *passear*: passeio (1ª pessoa do singular) e passeamos (1ª pessoa do plural), informe qual é rizotônica e qual é arrizotônica e explique o que ocorre nas formas rizotônicas desse verbo por ser terminado em *-ear*.
passeio — rizotônica passeamos — arrizotônica
Os verbos terminados em *-ear* recebem um *i* depois do *e* nas formas rizotônicas.

34 Os verbos terminados em *-iar* são conjugados regularmente. Conjugue o verbo *elogiar* no presente do indicativo.
elogio, elogias, elogia etc.

35 Há cinco verbos terminados em *-iar* que são conjugados como os terminados em *-ear*. Quais são eles?
ansiar, incendiar, mediar, odiar e remediar

36 Conjugue o verbo *remediar* no presente do indicativo.
remedeio, remedeias, remedeia etc.

37 Complete as frases seguintes com os verbos dos parênteses no presente do indicativo ou no presente do subjuntivo.

a. Enquanto eu (/) a louça, minha mãe enxuga e guarda. (enxaguar) enxáguo
b. Convém que ele (/) a casa antes de marcar a data do casamento. (mobiliar) mobílie
c. É necessário que se (/) tudo sobre o processo. (averiguar) averigúe
d. É preciso que nós (/) as plantas. (aguar) aguemos

38 Complete as frases, flexionando os verbos dos parênteses.

a. Se eles (/) logo, ainda dará tempo de (/) ao cinema. (vir, ir) vierem/irmos
b. Convinha a todos que ela (/) o trabalho terminado. (trazer) trouxesse
c. (/) que ele não chegue a tempo de (/) juntos. (recear, cear) Receio/cearmos
d. Você (/) em tudo o que ouviu? (crer) creu

e. Você só será respeitado se se (/). (impor) impuser
f. Quando ele (/) uma canção de paz, poderá descansar. (compor) compuser
g. Ficarei feliz se você (/) a calma. (manter) mantiver
h. As provas que (/) mais erros seriam comentadas. (conter) contivessem
i. Não cheguei antes porque alguns problemas (/) por mais tempo. (deter) detiveram-me
j. Tu não (/) um sonho como eu (/). (construir) constrói/construo
k. Quando estou nervosa, ao invés de chorar eu (/). (rir) rio
l. Não (/) indelicados com os nossos semelhantes... (ser) sejamos
m. Se ao menos eu (/) o que ia acontecer... (prever) previsse
n. Não é possível que (/) eles os responsáveis por isso. (ser) sejam
o. Vou até lá; talvez (/) algum recado para mim. (haver) haja
p. O importante é competir, não importa que (/) ou não os vencedores. (ser) sejamos
q. Se você (/) estudado mais, (/) passado de ano. (ter) tivesse/teria
r. (/) o direito de usar o meu dinheiro como bem entenderdes? (ter) Tereis
s. (/) nós acertando ou não, o importante é (/) o direito de escolher. (estar, ter) Estejamos/termos
t. Ele nos disse que se (/) muito trabalho chegaria mais tarde. (haver) houvesse

39 Complete as frases com os verbos dos parênteses.

a. Caso ele (/) algum obstáculo no negócio, (/) pelo menos o meu dinheiro. (pôr, reaver) ponha/reaverei
b. Não (/) e acabamos sem carne. (precaver-se) nos precavemos
c. Se você (/) um recurso, talvez (/) seus bens. (interpor, reaver) interpusesse/reouvesse
d. Sem que ninguém tivesse (/), o próprio garoto (/) contra os falsos amigos. (intervir, precaver-se) intervindo/precaveu-se

40 Complete as frases com o particípio dos verbos dos parênteses.

a. Não havíamos (/) bem a porta. (abrir) aberto
b. A gráfica já havia (/) os folhetos. (imprimir) imprimido
c. A testemunha não havia (/) nenhum pormenor. (omitir) omitido
d. A polícia havia (/) o mau elemento. (prender) prendido
e. O mau elemento foi (/) pela polícia. (prender) preso
f. As crianças não têm mais (/) balões. (soltar) soltado
g. Balões não são mais (/) pelas crianças. (soltar) soltos
h. Ele foi (/) por mim. (ver) visto

41 Continue as conjugações do pretérito perfeito e do futuro do presente do indicativo do verbo pronominal que segue.

Eu me alegrei com a notícia.
Tu te alegraste/Ele se alegrou/Nós nos alegramos/Vós vos alegrastes/Eles se alegraram

Alegrar-me-ei com a notícia.
Alegrar-te-ás/Alegrar-se-á/Alegrar-nos-emos/Alegrar-vos-eis/Alegrar-se-ão

42 Complete os espaços com o verbo pronominal dos parênteses no tempo pedido:

a. Ao começar a reza, os fiéis (/). (ajoelhar-se — pretérito perfeito) ajoelharam-se
b. Tu (/) do que dizes. (arrepender-se — futuro do presente) te arrependerás
c. Nós (/) dessa atitude. (envergonhar-se — presente do indicativo) nos envergonhamos
d. (/) de vossos amigos que estão distantes. (lembrar-se — futuro do presente) Lembrar-vos-ei

1 Identifique os advérbios e classifique-os.

a. Partiu hoje, mas voltará amanhã. tempo/tempo
b. Calmamente, expliquei-lhe que não era motivo para choro. modo/negação
c. Poucos ganham muito e muitos ganham pouco. intensidade/intensidade
d. O orador representou muito bem sua turma. intensidade/modo
e. Permanecerei aqui o tempo que for necessário. lugar
f. Talvez eles não voltem logo. dúvida/negação/tempo
g. Sempre estão alegres, nunca tristes. tempo/tempo

2 Informe se o advérbio destacado refere-se ao *verbo*, ao *adjetivo* ou a outro *advérbio*.

Modelo: Ele falou *muito* bem. — refere-se a outro advérbio

a. Regina tem andado *bastante* alegre. refere-se ao adjetivo
b. Essa rua é *bem* perto daqui. refere-se a outro advérbio
c. Todos ouviram *atentamente* as explicações do mestre. refere-se ao verbo
d. O sol estava *muito* quente, por isso saí *logo* da praia. refere-se ao adjetivo; refere-se ao verbo
e. Moro *perto* da escola, mas *bem* longe do serviço. refere-se ao verbo; refere-se a outro advérbio

3 Informe se a palavra destacada é pronome indefinido ou advérbio.

a. Sabe-se *pouco* sobre o assunto apesar das *muitas* pesquisas sobre ele. advérbio/pron. ind.
b. *Muita* gente pensa que competir é ganhar. pronome ind.
c. *Muitos* frequentam a escola, mas *poucos* são os que estudam. pron. ind./pron. ind.
d. Comemos *bastantes* frutas. pron. ind.
e. Todos estamos *bastante* preocupados com os problemas sociais. advérbio

4 Identifique o grau dos advérbios destacados.

a. O filho levanta *tão cedo* quanto o pai. comparativo de igualdade
b. A estrada ficou *muito longe* daqui. superlativo absoluto analítico
c. Paulo se expressa *melhor* do que seu irmão. comparativo sintético de superioridade
d. Agiu *corretissimamente*. superlativo absoluto sintético

5 Identifique as locuções adverbiais e classifique-as.

a. Às vezes vem, às vezes não vem. tempo/tempo
b. De vez em quando aparece alguém para visitá-lo. tempo
c. Solitário, andava a esmo. De repente surgiu-lhe a ideia de comprar um presente. Com certeza ela iria gostar e tudo se arranjaria. modo/tempo/afirmação
d. Ali não havia censura, por isso todos falavam à vontade. modo
e. Entrou à direita e de longe já avistou a pequena casa branca. lugar/lugar
f. "Um dos preceitos do estatuto familiar, em minha casa, era que rapazes não deviam ficar à toa, por tempo nenhum e a nenhum pretexto." (Cyro dos Anjos) modo

6 Crie perguntas iniciadas com advérbios interrogativos para as afirmações abaixo.

Modelo: Seu tio mora *no Ceará*. *Onde* mora seu tio?

a. Seus amigos chegaram ontem. Quando chegaram seus amigos?
b. A criança chorou porque perdeu a boneca. Por que a criança chorou?

c. Édson mora no centro da cidade. Onde mora Édson?
d. Seus pais voltarão daqui a um mês. Quando voltarão seus pais?
e. A camisa custou cinquenta reais. Quanto custou a camisa?
f. A rã anda aos pulos. Como anda a rã?

7 Transcreva as frases, substituindo os advérbios destacados por adjetivos adverbializados.

Modelo: Fomos *diretamente* ao supermercado.
Fomos *direto* ao supermercado.

a. Falem *moderadamente* para as crianças entenderem.
Falem moderado para as crianças entenderem.
b. Vistam-se *rapidamente* porque estamos atrasados.
Vistam-se rápido porque estamos atrasados.
c. Falemos *seriamente*, pois o assunto é importante.
Falemos sério, pois o assunto é importante.
d. Pisem *suavemente* para que ninguém nos ouça.
Pisem suave para que ninguém nos ouça.

8 Informe a classe gramatical a que pertencem as palavras destacadas:

"Começou a ficar escuro e *ela* teve *medo*. A chuva *caía* sem tréguas e *as calçadas brilhavam úmidas* à luz das lâmpadas. *Passavam pessoas* de *guarda-chuva*, impermeável, *muito apressadas*, os rostos *cansados*. Os automóveis deslizavam pelo asfalto *molhado* e uma ou outra buzina tocava *maciamente*." (Clarice Lispector)

pron. pes. reto/subst. abstr./verbo/art. def./subst./verbo/adjetivo/verbo/subst. concr./subst. composto/adv. intens./adjetivo/adjetivo/adjetivo/adv. modo

9 Identifique e classifique as palavras e locuções denotativas.

Modelo: Eliane *também* foi à festa.
também: palavra denotativa de inclusão
Ele *é que* sabe tudo.
é que: locução denotativa de realce

a. Só um aluno foi reprovado. palavra denotativa de limitação
b. Veja só que horror! palavra denotativa de realce
c. Aconteceu nesta semana, aliás, na semana passada. palavra denotativa de retificação
d. Eu lá estou me importando com o que falam? palavra denotativa de realce
e. Até uma criança faz isso. palavra denotativa de inclusão
f. Então, gostaram da festa? palavra denotativa de situação
g. Preciso de você, quer dizer, preciso de um favor seu. locução denotativa de explicação
h. Faz uns dois meses que não como carne. palavra denotativa de aproximação

10 Classifique as palavras e locuções denotativas destacadas.

a. Eu *também* irei. inclusão
b. *Eis* o livro que você não encontrou. designação
c. Todos os alunos fizeram o trabalho, *menos* um. exclusão
d. Você *é que* sabe viver. realce
e. Faremos uma prova nesta semana, *ou melhor*, na semana que vem. retificação

1 Identifique as preposições.

a. Nada mais há entre mim e você.
b. Estou com vontade de sair e assistir a um filme.
c. As Associações de Bairro discutiram, em conjunto, sobre a instalação de novos postos de saúde.
d. Desde sua volta não fiz nada.
e. De repente senti-me perante um juiz, tantas eram as interrogações.
f. Nada fiz por ele.

2 Informe as relações expressas pelas preposições.

a. Voltou *para* ficar. fim, finalidade
b. Cortou-se *com* a gilete. instrumento
c. Lutou *contra* todos. oposição
d. Apanhou *de* chinelo. instrumento
e. Escreva *sobre* sua vida. assunto
f. Chegou *de* trem. meio
g. Pagou *em* cheque. meio
h. Casa *de* tijolos. matéria
i. Saiu *com* o pai. companhia
j. Explicou *com* clareza. modo
k. Foi *a* Santos. destino
l. Sou *de* Florianópolis. origem

3 Identifique as preposições, classificando-as em essenciais e acidentais.

a. A mãe repreendeu o filho ante os convidados. essencial
b. Os ganhadores tiveram como prêmio uma medalha de ouro. acidental/essencial
c. Há quem dance conforme a música. acidental
d. Agimos segundo os nossos princípios. acidental

4 Identifique as locuções prepositivas.

a. Ele veio a fim de me ajudar.
b. Leia algum livro em vez de ficar aí parado em frente à televisão.
c. Conheci-o através de meu tio.
d. Você está a par de tudo o que foi dito na reunião?
e. Mário foi a única pessoa que, além de mim, conseguiu entender a cena que ocorrera junto ao portão de casa.
f. O pouco que tenho foi conseguido à custa de muito sacrifício.
g. Agimos de acordo com a lei.
h. Para que ninguém nos entendesse, comunicamo-nos por meio de gestos.
i. Como proteção, colocaram arame farpado em cima do muro.

5 Faça um círculo nas preposições e sublinhe as locuções prepositivas.

a. Segundo o seu costume, o jantar só era servido quando todos estivessem junto à mesa.
b. Expus com segurança a minha opinião diante de todos os presentes.
c. Perante o juiz, negou o crime, mas vive debatendo-se com sua consciência.
d. A terra quente que estalava sob seus pés transportou-o para longe.

6 Copie as frases, substituindo a locução prepositiva destacada por uma sinônima.

a. Era tarde da noite e alguns homens, na esquina, discutiam *a respeito de* política. (acerca de)
b. Não saímos *devido à* forte chuva. (por causa da)

7 Desfaça as combinações e contrações destacadas.

Modelo: Fui *ao* cinema. ao — preposição *a* + artigo definido *o*

a. Não sei *aonde* ele foi.
aonde - preposição a + advérbio onde

b. *Desta* casa levaremos apenas as saudades *daquelas* tardes de verão em que, sentados *na* varanda, contemplávamos o pôr-do-sol.
desta - prep. de + pron. dem. esta / daquelas - prep. de + pron. dem. aquelas / na - prep. em + artigo definido a

c. Não gostei nada *disso* que você fez.
disso - prep. de + pron. dem. isso

d. Voltei *àquele* mesmo lugar somente depois de muito tempo.
àquele - prep. a + pron. dem. aquele

e. Vive *pelos* arredores e *daqui* não se mudará nunca.
pelos - prep. per + artigo def. os / daqui - prep. de + advérbio aqui

8 Complete as frases com as preposições adequadas, combinando-as ou contraindo-as quando necessário.

a. O município (/) Campinas, (/) 98 quilômetros (/) São Paulo, notabiliza-se, agora, (/) abrir o primeiro Hospital (/) Mulher que, diferente (/) maternidades, cuidará (/) saúde geral (/) mulher.
de/a/de/por/da/das/da/da

b. "O Brasil mudou e agora o trabalho, e não a especulação, é a maneira mais eficaz (/) progredir (/) vida." (Dilson Funaro) de/na

c. A maioria (/) profissionais (/) rádio se assustou, (/) época, (/) o surgimento (/) televisão. dos/de/naquela/com/da

d. Os rapazes ficaram mudos (/) a beleza da moça. ante

e. Reunir a família foi tarefa difícil (/) o neto que queria fazer surpresa (/) avô. para/ao

f. Grande parte (/) doações não chegou (/) seu destino, e as vítimas necessitavam (/) alimentos. das/a/dos

g. Eu costumo dizer (/) alunos que é necessário entender a matéria (/) fixá-la. aos/para

h. Solitário, caminhava triste, (/) passos curtos. a

i. As crianças estavam ansiosas (/) assistir (/) tudo o que acontecia (/) redor. por/a/ao

j. Todos são iguais (/) a lei. perante

k. Ainda resta muito (/) fazer. por

l. Sentindo-se injustiçado, investiu (/) o chefe. contra

9 Identifique as preposições. Se houver combinações e contrações, desfaça-as.

a. "Vida de boi é sonsa e igual todos os dias. Não é fácil. Às vezes ser boi na vida até dói." (Jorge Miguel Marinho) a + as / em + a

b. "No amor, não se deixe levar pelo canto das sereias." (Lourenço Diaféria)
em + o / per + o / de + as

c. "Sindicalistas reagem contra mudança social." (*Folha de S. Paulo*)

d. "Em Brasília, acordo afasta perigo nuclear." (*O Estado de S. Paulo*)

e. "Valentim deixou momentaneamente uma das armas no chão e, enquanto atirava com a mão esquerda, levantou com a direita a criança pelo braço, e através de uma janela, com artes de malabarista, botou-a dentro de casa." (Ildeu Brandão) de + as / em + o
per + o

10 Informe a que classe gramatical pertencem as palavras destacadas.

"Quando chovia, *no meu tempo* de menino, *a* casa virava *um* festival de goteiras. *Eram* pingos do teto ensopando *o* soalho de todas as salas e quartos. Seguia-se um *corre-corre* dos diabos, *todo* mundo levando e trazendo baldes, bacias, panelas, penicos e *o* que mais *houvesse* para aparar a água que caía e para que os vazamentos *não* se transformassem *numa inundação*."

(Fernando Sabino)

prep. em + artigo o/pron. poss./subst./art. def./art. indef./verbo/art. def./subst. composto/pron. indef./pron. demonstr./verbo/adv. de negação/prep. em + artigo uma/subst.

11 Transcreva as frases, substituindo a palavra masculina destacada pela palavra feminina dos parênteses.

a. Refiro-me ao *aluno* sentado lá atrás. (aluna) à aluna

b. Assisti ao *espetáculo* ocorrido ontem. (cena) à cena

c. Nós associamos as cenas do filme ao *momento* presente. (realidade) à realidade

d. Obedecia aos *comandos* do militar sem chance de críticas. (ordens) às ordens

e. Aos *empregados* ofereciam quase nada. (empregadas) Às empregadas

f. Aquele investimento proporcionou ao *pesquisador* grandes descobertas. (pesquisadora) à pesquisadora

g. Dirigimo-nos ao *campo* para fugirmos da poluição. (floresta) à floresta

12 Complete as frases com *a*, *as*, *à*, *às*.

a. Dirigiu-se ao Nordeste (/) procura de figuras e tipos humanos para fotografar. à

b. (/) vergonhosa e miserável condição do povo levava o escritor (/) denúncias ferozes. A / a

c. (/) inundações do rio provocaram (/) mudança da vila inteira para um ponto mais alto. As / a

d. (/) ameaças contra o freguês causaram mal-estar nas pessoas que assistiam (/) cena. As / à

e. Doamos flores (/) conferencistas. às

f. Fomos (/) Paraíba. à

g. "Os ecologistas temem mais danos (/) reservas florestais." às (*Shopping News*)

h. "Mas batem (/) porta. Levanto o escuro garfo do magro bife, e abro. Céus, é um empregado da Companhia!" (Rubem Braga) à

i. "A gente só vai (/) vila de vez em quando." (Pedro Bandeira) à

j. A charrete avançava contra o sol em direção (/) casa amarela. à

k. O sangue subiu (/) cabeça do baixinho. à

13 Justifique a ausência do sinal indicativo de crase.

a. Andar *a* pé é bom para a saúde.
Não ocorre crase antes de palavra masculina.

b. Dirigi-me *a* Vossa Senhoria por confiar nos seus propósitos.
Não ocorre crase antes de pron. de tratamento.

c. Entreguei os folhetos *a* ela.
Não ocorre crase antes de pronomes em geral.

d. Não assisto *a* cenas sensacionalistas apresentadas pela TV.
Palavra no plural usada em sentido geral.

e. Atravessamos a cidade de ponta *a* ponta.
Locução adverbial com elemento repetido.

f. Os transeuntes observavam a tragédia *a* distância.
A expressão *a distância*, quando não aparece determinada, não leva o sinal indicativo de crase.

14 Use o acento grave quando for necessário.

a. As garças, gaivotas e saracuras eram hostis `a invasão barulhenta dos motoqueiros do acampamento.

b. Aproveite a oferta e se contente com a cor do tecido.

c. Os alunos do 7º ano alinharam-se a favor dos alunos do 9º ano.

d. Nós associamos o lazer `a arte, o passeio `a cultura e fomos `a Fundação Casa de Rui Barbosa.

e. O aluno induziu o colega `a briga.

f. Que vá `a festa de formatura!

g. Você, depois que foi aprovada, não veio mais `a aula.

h. Se você sair, avise-me a tempo.

i. Com os amigos, saíram à procura de donativos.
j. "Desse objeto sinistro guardo a lembrança mortificadora de muitas páginas relativas à boa pontuação." (Graciliano Ramos)
k. "Às dezesseis horas do dia seguinte saiu um enterro da rua do Oriente..." (Antônio de Alcântara Machado)
l. Disse o vereador: o negócio não é se adaptar às mudanças, o negócio é fazer as mudanças.
m. Queria, esse era seu velho sonho, um rancho à beira do rio Pardo.
n. "Só o Rei no Palácio deserto vivia braço a braço com a dor." (Raul Brandão)
o. À noite, as costureiras deixavam as oficinas para retornar, no outro dia, às sete horas da manhã.
p. Sentou-se à escrivaninha e pôs-se a escrever.
q. Faço referências à senhora e a Vossa Excelência porque os admiro.
r. Cara a cara, um teve de dizer ao outro toda a verdade.
s. Não fui àquele jantar porque as pessoas às quais me referi no dia anterior estariam lá.
t. Os turistas que foram à Bahia voltaram encantados.
u. A reunião será daqui a duas semanas às dezenove horas.

15 Classifique o *a* ou *as* destacados como *artigo definido*, *pronome pessoal oblíquo*, *pronome demonstrativo*, *preposição* ou *contração*.

a. "Ana sentia-se animada, com vontade de viver. Sabia que, por pior que fossem *as* coisas que estavam por vir, não podiam ser tão horríveis como *as* que já tinha sofrido." (Érico Veríssimo)
art. def./pron. dem.
b. "Há tempos que se habituou ao silêncio, àquela ausência de pés humanos, barulho algum *a* cortar *a* solidão." (Adonias Filho)
prep./art. def.
c. "Enquanto caminhava, puxando os meninos pelas mãos, ia dando nome *às* coisas que viam." (Autran Dourado) contração: prep. a + art. as
d. Ninguém *a* julgava infeliz, pois estava sempre *a* brincar com os netos e *a* tranquilidade tomava conta do seu olhar.
pron. pes. oblíquo/prep./art. def.

16 Informe a classe gramatical a que pertencem as palavras destacadas.

"Há *muitos* *anos* que *ela* não saía de casa, e *talvez* *muita* gente *a* julgasse entrevada, pois além das janelas *do* *grande* *edifício* não se abrirem *nunca*, *as* negras *contavam* *às* *suas* comadres, na *saída* da missa, que ela passava *dias* seguidos fechada em *seu* quarto, recebendo na porta a salva *de prata* *onde* *lhe* arrumavam *as* refeições." (Cornélio Penna)

pron. ind./subst./pron. pess. reto/adv. de dúvida/pron. ind./pron. pess. oblíquo/prep. de + art. o/adj./subst./adv. de tempo/art. def./verbo/prep. a + art. as/pron. poss./subst./subst./pron. poss./loc. adj./pron. rel./pron. pess. obl./art. def.

1 Sublinhe os verbos, faça um círculo nas conjunções e informe o número de orações que a frase contém.

Modelo: O balão subiu e desapareceu no céu. (duas orações)

a. Todos aguardaram ansiosos o brilho do cometa Halley, mas ele não se expôs facilmente. (duas orações)
b. A migração nordestina e o êxodo rural são dois grandes problemas brasileiros. (uma oração)
c. A solidão lhe trazia angústia e rancor. (uma oração)
d. Alguns convidados já se retiravam quando cheguei à festa. (duas orações)
e. Nós estudaremos a matéria se houver tempo. (duas orações)
f. Minha irmã é alta e magra. (uma oração)

2 Sobre as frases do exercício anterior, informe se a conjunção liga orações ou termos de uma mesma oração. Assim:

Na frase *a*, a conjunção liga...orações/ na *b*, termos de uma mesma oração/ na *c*, termos de uma mesma oração/ na *d*, orações/ na *e*, orações/ na *f*, termos de uma mesma oração

3 Na frase que segue, informe se as conjunções destacadas ligam orações ou termos de uma mesma oração.

O menino já estava fora *quando* a mãe o chamou *e* lhe entregou o livro *e* o caderno.

orações orações termos de uma oração

4 Complete.

As conjunções que ligam orações independentes são denominadas conjunções (/) e as que ligam orações dependentes são denominadas conjunções (/). coordenativas / subordinativas

5 Identifique e classifique as conjunções coordenativas dos períodos abaixo.

a. Ora xingava a mãe do juiz, ora reclamava dos jogadores. alternativa / alternativa
b. O pai procurou o filho e humildemente pediu-lhe desculpas. aditiva
c. Não corra, que é perigoso. explicativa
d. O professor não só veio como vai dar prova. aditiva
e. Ele foi eleito, porém suas loucuras não tinham o apoio da população. adversativa
f. O vigário era muito festeiro; logo, qualquer pipoca estourada o atraía. conclusiva
g. Os preços das verduras estão altos; diminuiremos, portanto, o seu consumo. conclusiva
h. Esperei-a; ela, porém, não veio. adversativa
i. Aceitarás minha sugestão, ou darás outra? alternativa
j. Estudem, porque em breve farão uma prova. explicativa

6 Identifique o *pois* como conjunção coordenativa *explicativa* ou conjunção coordenativa *conclusiva*.

a. Deitei-me cedo, *pois* estava muito cansado. explicativa
b. O político não agiu com lealdade; perdeu, *pois*, na disputa pelo cargo. conclusiva
c. O aluno não estudou o suficiente; ficou, *pois*, reprovado. conclusiva
d. As mulheres entendem de economia, *pois* são elas as responsáveis pela organização do orçamento familiar. explicativa

7 Identifique e classifique as conjunções subordinativas dos seguintes períodos.

a. O voo era impossível, já que não havia piloto disponível. causal
b. O rádio anunciava o terremoto, enquanto a cidade ainda não sentia nenhum tremor. temporal
c. Nós venderemos o apartamento, caso você encontre outro melhor. condicional
d. Embora soubéssemos o final, lemos a obra com atenção. concessiva
e. Preparamo-nos bastante para que a discussão, em classe, sobre o significado da reforma agrária fosse bem esclarecedora. final
f. Se a televisão não apresentasse tanto filme enlatado, o seu nível seria melhor. condicional
g. Quando ela acordou, os lençóis estavam molhados por causa da febre. temporal
h. Tamanho era o medo, que a mulher teve de fazer queixa contra o marido. consecutiva
i. Quanto mais a criança chorava, mais o pai ia perdendo a paciência. proporcional
j. O coração envelhece como os outros músculos. comparativa
k. Segundo noticiou o jornal, aquele ilustre homem não pagará pelo crime cometido. conformativa
l. Você gaguejou tanto que não explicou nada. consecutiva
m. O filho é maior que o pai. comparativa
n. O único terno do rapaz rasgara, de modo que não pôde ir ao baile. consecutiva
o. Quanto mais se vive, mais se aprende. proporcional

8 Observando a ideia expressa pela oração, classifique *desde que* em conjunção subordinativa *temporal*, *causal* ou *condicional*.

a. *Desde que* você não concorde, nada posso fazer. causal
b. *Desde que* você concorde, tudo dará certo. condicional
c. *Desde que* a criança acordou, o cachorro ficou ao seu lado. temporal
d. Compro-lhe a blusa, *desde que* você a use de verdade. condicional

9 Observando a ideia expressa pela oração, classifique *como* em conjunção subordinativa *causal*, *comparativa* ou *conformativa*.

a. *Como* o aluno não havia estudado, não obteve bom resultado na prova. causal
b. *Como* foi determinado no início, o tempo da prova está esgotado. conformativa
c. *Como* um cachorrinho novo, a criança só queria saber de brincadeiras. comparativa
d. *Como* a maioria dos alunos não havia entendido a matéria, o professor explicou-a novamente. causal
e. A audiência será realizada *como* a lei determina. conformativa

10 Observando a ideia expressa pela oração, classifique o *que* em conjunção subordinativa *consecutiva*, *comparativa* ou *final*.

a. Fiz-lhe sinal *que* começasse o discurso. final
b. Dali ninguém saía, *que* não fosse percebido. consecutiva
c. Era um pacote tão grande *que* não cabia no porta-malas. consecutiva
d. Tratava-se de uma criança mais inteligente *que* estudiosa. comparativa
e. Falou tanto *que* acabou rouco. consecutiva

11 Nas frases que seguem há conjunções *coordenativas* e *subordinativas*. Identifique-as e classifique-as.

a. As conquistas científicas devem ser utilizadas em favor dos homens e do bem comum. coordenativa aditiva

b. Quando cheguei à feira, encontrei o carregador ocupado. subordinativa temporal

c. Eu ficarei em casa, a menos que você não queira. subordinativa condicional

d. Enquanto eu jantava, ele fazia o café. subordinativa temporal

e. Disse que viria cedo, mas até agora não apareceu. subordinativa integrante/ coordenativa adversativa

f. Ele não percebia, mas muitas vezes agia com o filho tal como o pai agira com ele. coordenativa adversativa/subordinativa comparativa

g. Não se demore, pois preciso de você. coordenativa explicativa

h. Teremos visita para o jantar; não se demore, pois. coordenativa conclusiva

i. Chegou e disse que ia sair. coordenativa aditiva/subordinativa integrante

j. Como houvesse carência de informações, quase se desconheciam os riscos provocados pelas usinas. subordinativa causal

12 Sublinhe os verbos, circule a conjunção ou a locução conjuntiva, separe as orações e classifique as conjunções.

Modelo: Quando o marido chegou, / o jantar estava servido.
quando: conjunção subordinativa temporal

a. Nosso time jogou bem, mas perdeu a partida.
coordenativa adversativa

b. Como o horário não foi confirmado, cheguei atrasado à reunião.
subordinativa causal

c. Quero que ninguém falte no dia da prova.
subordinativa integrante

d. Caso a maioria não concorde, mudaremos o dia da formatura.
subordinativa condicional

e. Queres aprender; deves, por conseguinte, estudar.
coordenativa conclusiva

f. Não abandones o estudo, pois ele sempre é necessário.
coordenativa explicativa

g. Desde que você não me atrapalhe, terminarei isto em um minuto.
subordinativa condicional

h. Enquanto eu escrevia, ele preparava o almoço.
subordinativa temporal

i. Sinto-me perdida desde que ele partiu.
subordinativa temporal

j. Estudo para que o meu espírito se aprimore.
subordinativa final

13 Informe a classe gramatical a que pertencem as palavras destacadas.

Quando num país *o* corrupto é considerado *um* homem *esperto*, *chegou* o momento de mudar *tudo* e começar uma *nova história onde imperem* a *dignidade e* o respeito *pelo valor humano*.

conj. subord. temp./contr. da prep. em + art. ind. um/art. def./art. ind./adj./verbo/pron. ind./ adj./subst./pron. relat./verbo/subst. abstr./conj. coord. aditiva/contração da prep. per + art. def. o/ subst./adj.

1 Identifique as interjeições e as locuções interjetivas das frases.

a. Xi! meu dinheiro acabou...
b. Bom dia, rapazes!
c. Cuidado! Você pode se machucar!
d. Adeus, crianças!
e. Ai! é meu pé que está embaixo!
f. Meus Deus! Que miséria!
g. Ai de mim, se não fizer a lição!

2 Elabore cinco frases utilizando interjeições ou locuções interjetivas. (resposta pessoal)

3 Identifique as interjeições e classifique-as conforme os sentimentos ou emoções que exprimem.

a. Obrigada, é muita gentileza de sua parte. (agradecimento)
b. Ufa! Até que enfim terminamos o trabalho! (alívio)
c. Ah! Você aqui a esta hora! (espanto, admiração)
d. Puxa! Pensei que não viesse mais. (impaciência)
e. Calma, que tudo acabará bem. (advertência)
f. Ora! Não foi assim que eu expliquei a questão. (reprovação)
g. Ih, que bagunça está aqui! (aversão)
h. Olá! Que bom revê-lo! (alegria)
i. Nossa, que lugar lindo!!! (admiração)
j. Puxa! Você é realmente um artista. (admiração)
k. Oba! A festa vai começar! (alegria)
l. Oxalá os preços fiquem realmente estabilizados! (desejo)
m. Psiu! as crianças estão dormindo. (silêncio)
n. Credo, que coisa horrível! (terror, medo)

4 Complete com *Oh!* ou *Ó*.

a. (/) céus, ninguém me entende? (Ó)
b. (/) voltastes! (Oh!)
c. (/) quantos presentes! (Oh!)
d. (/) menino, andar aí é perigoso. (Ó)
e. (/) meu Deus! por que tanta injustiça?! (Ó)

1 Informe a classe gramatical a que pertencem as palavras e as locuções destacadas.

"*De repente* (loc. adv.) me vem *uma* (art. ind.) *ideia* (subst.) *meio* (adv.) *paranoide* (adjetivo). De tanto apalpar o globo *de plástico* (loc. adj.), *ele* (pr. pess. reto) *acabou* (verbo) meio *murcho* (adj.), acho que o ar está se escapando. E *quando* (conj. subord. temporal) me disponho *a* (prep.) enchê-*lo* (pr. pess. obl.) de novo, imagino que *eu* (pr. pess. reto) seja um ser imenso solto no espaço, botando a boca no mundo para enchê-lo *com* (prep.) *meu* (pron. poss.) sopro. O *nosso* (pron. poss.) planeta é mesmo uma bolinha perdida no cosmo, e do tamanho desta que tenho nas mãos é que os astronautas *devem* (verbo) tê-lo visto da lua: uma linda esfera de manchas *coloridas* (adj.), com seus oceanos cheios de peixes e singrados *por* (prep.) navios, *as* (artigo) cidades agarradas *aos* (prep. a + art. os) continentes, ruas cheias de automóveis, casas cheias de gente, o ar riscado de aviões, de gaivotas e de urubus... *Tudo* (pron. ind.) isso pequenino, insignificante, microscópico, os homens *se* (pr. pess. obl.) explorando mutuamente, se maltratando, se assassinando *para* (prep.) colher um segundo de satisfação..." (Fernando Sabino)

2 Os adjetivos *pequenino*, *insignificante* e *microscópico* referem-se a que palavra do texto?

Tudo

3 A que classe gramatical pertence a palavra *e* em: "(...) com seus oceanos cheios de peixes e singrados por navios..."?

conjunção coordenativa aditiva

4 Desfaça as contrações *no*, *do* e *nas*.

no: prep. em + artigo def. o; do: prep. de + artigo def. o; nas: prep. em + artigo def. as

5 Informe a pessoa, o número, o tempo, o modo e o infinitivo das formas verbais abaixo. Antes, localize-as no texto.

a. vem — 3ª pessoa singular, presente do indicativo; vir

b. acho — 1ª pessoa singular, presente do indicativo; achar

c. seja — 1ª pessoa singular, presente do subjuntivo; ser

d. é — 3ª pessoa singular, presente do indicativo; ser

6 Destaque e classifique as conjunções e os advérbios dos períodos abaixo.

a. Embora estivesse cansado, foi à reunião.
Embora – conjunção subordinativa concessiva

b. Mal cheguei ao banco, já me forneceram o talão de cheques.
Mal – conjunção subordinativa temporal / já – advérbio de tempo

c. Paulo fala, mas não faz.
mas – conjunção coordenativa adversativa / não – advérbio de negação

d. Corra, que vai chover logo!
que – conjunção coordenativa explicativa / logo – advérbio de tempo

7 Identifique nos períodos anteriores um verbo que está no modo imperativo. Corra

1 O que é radical?
Radical é o elemento que contém o significado básico da palavra.

2 Destaque o radical.

sapo	amigo	sapatinho
pedreira	amavas	perdido
louvarei	sentássemos	menininha
corrida	sofrera	terráqueo

3 Identifique a vogal temática das formas verbais e a conjugação a que pertence cada verbo.

perderíamos	2ª conj.	calamos	1ª conj.	partistes	3ª conj.	caíras	3ª conj.
estudaram	1ª conj.	corrêsseis	2ª conj.	pensaste	1ª conj.	sofrêreis	2ª conj.
pediram	3ª conj.	comeste	2ª conj.	amava	1ª conj.	jogaram	1ª conj.

4 Identificada a vogal temática, dê o tema dos verbos do exercício anterior.
perde - cala - parti - cai - estuda - corre - pensa - sofre - pedi - come - ama - joga

5 As desinências nominais são usadas para indicar o quê?
As desinências nominais indicam o gênero e o número dos nomes.

6 Separe os elementos mórficos dos nomes abaixo.

Modelo: altas — *alt* — radical; *a* — desinência de gênero; *s* — desinência de número

moça	moç - radical a - desin. de gên	negras	negr - radical a - des. de gên. s - des. de nº	meninas	menin - radical a - des. de gên. s - des. de nº	bela	bel - radical a - des. de gên.
baixas	baix - radical a - des. de gên. s - des. de nº	loira	loir - radical a - des. de gên.	garota	garot - radical a - des. de gên.	bonitas	bonit - radical a - des. de gên. s - des. de nº

7 As desinências verbais são usadas para indicar o quê?
Elas indicam o modo e o tempo (DMT) e o número e a pessoa (DNP) dos verbos.

8 Classifique os elementos estruturais das formas verbais.

a. vendêssemos: vend — e — sse — mos; o tema é? (R, VT, DMT, DNP) vende
b. sonhavam: sonh — a — va — m; o tema é? (R, VT, DMT, DNP) sonha
c. partirão: part — i — rã — o; o tema é? (R, VT, DMT, DNP) parti
d. sofreríeis: sofr — e — ríe — is; o tema é? (R, VT, DMT, DNP) sofre

9 Identifique os prefixos das palavras.

desleal	ilegal	inativo	desfazer
exportar	reler	perfurar	semivogal
subchefe	decair	supermercado	extraordinário

10 Identifique os sufixos das palavras.

garotinho	vendedor	sapateiro	folhagem
civilizar	campestre	jeitoso	mulheraça

11 Forme verbos colocando afixos (prefixos e sufixos) aos nomes.
noite — rico — gesso — tarde — verde
anoitecer / enriquecer / engessar / entardecer / esverdear

12 Destaque a vogal ou a consoante de ligação.
cafeteira — inseticida — pezinho — silvícola — paulada

1 Anexe convenientemente os prefixos às palavras abaixo, formando palavras pelo processo da derivação prefixal.

— prefixos: *des-*, *re-*, *a-*, *com-*, *in-*

— palavras: ler, moral, capaz, contente, pôr

reler / amoral / incapaz / descontente / compor

2 Anexe convenientemente os sufixos às palavras abaixo, formando palavras pelo processo da derivação sufixal.

— sufixos: *-arra*, *-ante*, *-mente*, *-escer*, *-oso*

— palavras: flor, forte, boca, estudar, gostar

florescer / fortemente / bocarra / estudante / gostoso

3 Forme verbos utilizando a derivação parassintética a partir das palavras.

noite	anoitecer	tarde	entardecer	mudo	emudecer
doido	endoidecer	louco	enlouquecer	vermelho	avermelhar
branco	embranquecer	verde	esverdear	maduro	amadurecer
mole	amolecer	pálido	empalidecer	vergonha	envergonhar
quente	esquentar	frio	esfriar	velho	envelhecer
vivo	avivar	baço	embaçar	pressa	apressar
vazio	esvaziar	caro	encarecer	rico	enriquecer

4 Utilizando o processo da derivação regressiva, forme substantivos a partir dos verbos que seguem.

atacar	ataque	cortar	corte
caçar	caça	regressar	regresso
disputar	disputa	castigar	castigo
sustentar	sustento	resgatar	resgate
errar	erro	chorar	choro

5 Identifique o tipo de derivação usado na formação das palavras.

humanidade	sufixal	entristecer	parassintética
infelizmente	prefixal e sufixal	desfeito	prefixal
descampado	parassintética	combate	regressiva
cafezal	sufixal	desalmado	parassintética
inquieto	prefixal	felicidade	sufixal

6 Utilizando as palavras abaixo, forme outras por meio do processo de composição por justaposição.

1º elemento: passa — sempre — gira — beija — vai

2º elemento: sol — vem — tempo — viva — flor

passatempo / sempre-viva / girassol / beija-flor / vaivém

7 Forme palavras pelo processo de composição por aglutinação.

água ardente	aguardente	perna alta	pernalta
em boa hora	embora	filho de algo	fidalgo
pedra óleo	petróleo	vinho acre	vinagre

8 Dê o processo formador de cada uma das palavras.

barbudo	derivação sufixal	quinta-feira	composição por justaposição
arrozal	derivação sufixal	malmequer	composição por justaposição
encadernar	derivação parassintética	manhoso	derivação sufixal
incapacidade	derivação prefixal e sufixal	ataque (substantivo)	derivação regressiva
pumba!	onomatopeia	cine	redução
maldade	derivação sufixal	planalto	derivação por aglutinação
empobrecer	derivação parassintética	riacho	derivação sufixal
foto	redução	ajuda (substantivo)	derivação regressiva

9 Escreva o tipo de derivação usado na formação das palavras.

acalmar derivação parassintética
debate (substantivo) derivação regressiva
belo (substantivo) derivação imprópria
traspasse derivação prefixal

10 Todas as palavras abaixo são formadas com prefixos latinos. Indique-os e dê o seu significado.

bene/volência bem	extra/ordinário posição exterior	i/migrar movimento para dentro
des/fazer ação contrária	justa/posição posição ao lado de	retró/grado para trás
supra/citado em cima	ultra/passar além de	pos/posto posição posterior
ad/mirar aproximação	ante/ontem posição anterior	bi/língue duas vezes
ad/junto aproximação	ex/trair movimento para fora	circun/vizinhança em torno de
cis/alpino posição aquém	ambi/valência duplicidade	sub/solo posição abaixo de

11 Todas as palavras abaixo são formadas com prefixos gregos. Indique-os e dê o seu significado.

êx/odo movimento para fora	meta/morfose mudança	anti/aéreo oposição
a/céfalo privação	pró/clise posição anterior	peri/metro em torno de
eu/femismo bem	dis/fonia dificuldade	hipo/tenusa posição inferior
en/céfalo dentro	endo/térmico dentro	para/grafo ao lado de
sin/crônico simultaneidade	dia/grama através de	epi/derme posição superior
hiper/ácido excesso	arqui/diocese superioridade	dia/cronia através de

12 Relacione as palavras aos significados.

Palavras:	Significados:
análise	crescimento exagerado de um órgão
anômalo	bom som
arquétipo	aquele que luta contra
metáfora	que vive de dois modos
eufonia	separação das partes de um todo
disuria	que não é normal
epitáfio	transposição de sentido
anfíbio	o tipo principal
antagonista	inscrição tumular
hipertrofia	dificuldade de urinar

13 Faça a correspondência de sentido dos prefixos latinos e gregos destacados.

Palavras com prefixos latinos:	Palavras com prefixos gregos:
(1) *super*fino	(9) *êx*odo
(2) *am*bíguo	(4) *perí*metro
(3) *contra*dizer	(1) *hiper*ácido
(4) *circun*vagar	(8) *eu*foria
(5) *sub*solo	(6) *endo*venoso
(6) *intra*venoso	(10) *a*teu
(7) *com*petir	(2) *anfí*bio
(8) *bene*ficente	(5) *hipo*gastro
(9) *ex*pulsar	(3) *antí*doto
(10) *i*legal	(7) *sin*fonia

14 O prefixo da palavra *antitérmico* tem o mesmo sentido que o da palavra:

a. dependência
b. análise
x c. contradizer
d. incorporação

15 Os prefixos das palavras de cada item expressam ideias opostas, *exceto* na alternativa:

a. interior e exterior
b. progressão e regressão
c. antepor e pospor
x d. diálogo e transformação

16 Assinale o par de vocábulos cujos prefixos guardam entre si oposição de sentido.

a. incapaz — amoral
b. contrarregra — antiaéreo
x c. subestimar — superestimar
d. endócrino — intratextual

17 Destaque os sufixos.

Modelo: fartura
fart|ura

leitura	formação	visível
amável	escassez	bondade
dentada	bibliotecário	leiteiro
acendedor	pirataria	dormitório
realismo	babador	orfanato
matadouro	capinzal	simbólico
guloso	campestre	juramento

18 Dê o sentido do sufixo das palavras.

bebedouro	lugar	professor	profissão	beleza	qualidade
gastrite	inflamação	italiana	naturalidade	corpulento	abundância
folhagem	aglomeração	balaço	aumentativo	corpúsculo	diminutivo

19 Forme palavras derivadas com os sufixos:
-aça, -iço, -al, -ose, -udo, -ura
mulheraça/movediço/cafezal/virose/forçudo/doçura/barcaça/alagadiço/arrozal/tuberculose/ narigudo/ formosura

20 Identifique os sufixos e classifique-os em *nominais* ou *verbais*.

aromático	nominal	saltitar	verbal	florescer	verbal
republicano	nominal	faminto	nominal	espiritual	nominal
humanizar	verbal	esperneear	verbal	comestível	nominal
bebericar	verbal	apedrejar	verbal	boiada	nominal

21 Observe o sufixo e classifique os verbos em *frequentativo*, *incoativo* e *diminutivo*.

bebericar	diminutivo	florescer	incoativo	namoricar	diminutivo
amanhecer	incoativo	gotejar	frequentativo	chicotear	frequentativo
enlouquecer	incoativo	fervilhar	frequentativo	sapatear	frequentativo

22 Relacione o radical grego a seu sentido.

Radicais:	Sentidos:
(1) crono	(5) terra
(2) demo	(3) amigo
(3) filo	(8) água
(4) fono	(6) sangue
(5) geo	(1) tempo
(6) hemo	(2) povo
(7) macro	(4) som
(8) hidro	(7) grande

23 Separe os radicais e dê o significado de cada um.

pentágono (cinco / ângulo)	cronômetro (tempo / medida)	hidrofobia (água / medo)
megalomania (grande / loucura, tendência)	filosofia (amigo / sabedoria)	democracia (povo / poder)

24 Substitua cada expressão por uma palavra de radical grego.
aversão a coisas estrangeiras xenofobia
medo da morte necrofobia
medo de permanecer em lugares altos acrofobia
horror à água hidrofobia
mau funcionamento da voz disfonia
mau funcionamento dos intestinos disenteria

25 Identifique as palavras híbridas.
monogamia — anemômetro — alcoômetro — aristocracia — burocracia — automóvel — filosofia — microscópio — televisão — homófono

26 Complete adequadamente.

a. As palavras *desfazer* e *mestre-sala* são, respectivamente, formadas pelos processos da (/) e da (/). derivação prefixal/composição por justaposição

b. As palavras *planalto*, *girassol* e *alto-falante* são, respectivamente, compostas por (/). aglutinação, justaposição e justaposição

c. *Multicolor*, *lígneo* e *apreçar* são palavras formadas pelo processo de derivação (/). prefixal, sufixal e parassintética

d. Na palavra *astronauta* ocorre um radical grego e um latino, portanto se trata de uma palavra (/). híbrida

e. A palavra *acabamento* forma-se pela anexação do (/) à palavra primitiva, que é (/). sufixo mento/acabar

27 Identifique a alternativa incorreta.

a. A palavra sincrônico é formada pelo radical *crono* e contém um prefixo e um sufixo.

b. A palavra hipertrofia é formada pelo radical *trofia* e contém um prefixo com noção de *excesso*.

c. O sentido etimológico da palavra democracia é: povo + governo.

d. O sentido etimológico da palavra analgésico é: ausência + dor.

X e. O sentido etimológico da palavra pentágono é: múltiplos + ângulos.

A resposta correta é: pentágono = cinco + ângulos

28 Identifique a alternativa que contém vocábulos formados por derivação prefixal, sufixal e parassintética, respectivamente.

a. ateu — reagir — vendedor

b. ilegal — barbudo — antebraço

c. analfabeto — inábil — impraticável

X d. infeliz — cruzeiro — adoçante

29 Nas palavras *amanhecer*, *televisão*, *bisavô* temos, respectivamente, os seguintes processos de formação de palavras:

X a. parassíntese, hibridismo, prefixação

b. aglutinação, justaposição, sufixação

c. sufixação, aglutinação, justaposição

d. justaposição, prefixação, parassíntese

e. hibridismo, parassíntese, hibridismo

Morfologia – Revisão – Classes Gramaticais

Classe gramatical	Definição	Exemplos
Substantivos	Nomeiam seres, objetos, sentimentos, ideias, etc.	Gato, mesa, amor, loucura, mãe, vingança
Adjetivos	Caracterizam os seres. Geralmente, referem-se a substantivos explícitos ou subentendidos na frase.	Rápido, redondo, forte, incurável, amoroso, incontrolável
Artigos	São utilizadas para particularizar ou generalizar um substantivo.	**Definidos:** o, a, os, as **Indefinidos:** um, uma, uns, umas
Numerais	Expressam quantidades exatas.	**Cardinais:** um, dois, três **Ordinais:** terceiro, quarto, quinto **Multiplicativos:** dobro, quádruplo **Fracionários:** terço, metade
Pronomes	Substituem ou acompanham outras palavras. Geralmente remetem palavras ou frases expressas anteriormente trazendo coesão ao texto.	**Podem ser:** pessoais, de tratamento. Possessivos. Demonstrativos, indefinidos, interrogativos, relativos.
Verbos	Expressam ação, estado, mudança de estado ou fenômenos meteorológicos.	**1ª conjugação:** ar – pensar **2ª conjugação:** er – vencer ou or – pôr **3ª conjugação:** ir - pedir
Advérbios	Indicam as circunstâncias em que se dá uma ação verbal.	Rapidamente, muito, melhor, pior, bem, mal
Preposições	Ligam duas palavras, de forma que o sentido da primeira é completado pela segunda.	a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por, sem, sob, sobre, trás.
Conjunções	Palavras ou expressões que relacionam duas orações ou dois termos independentes.	e, nem, que, não só, mas, também, porém, todavia, logo , pois, porque
Interjeições	Expressam emoções, apelos, sentimentos, sensações, estados de espírito.	Cuidado!, Olhe!, Ah!, Oba!, Socorro!, Coragem!

Evanildo Bechara

Moderna Gramática Portuguesa

37ª edição atualizada pelo novo Acordo Ortográfico

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.club*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

MODERNA GRAMÁTICA PORTUGUESA

Evanildo Bechara

Professor Titular e Emérito da
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
e da Universidade Federal Fluminense (UFF)

Membro da Academia Brasileira de Letras
e da Academia Brasileira de Filologia

Representante brasileiro do
novo Acordo Ortográfico

MODERNA GRAMÁTICA PORTUGUESA

37.ª Edição
Revista, ampliada e atualizada
conforme o novo Acordo Ortográfico

EDITORA NOVA FRONTEIRA
EDITORA LUCERNA

Rio de Janeiro, 2009

Copyright © 2006 by Evanildo Bechara

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Editora Nova Fronteira Participações S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

Editora Nova Fronteira Participações S.A.
Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso – 21042-235
Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21) 3882-8212 / 8313
http://www.novafronteira.com.br
e-mail: sac@novafronteira.com.br

Conversão para ebook
Singular Digital | Mariana Mello e Souza

CIP-Brasil. Catalogação na fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livro, RJ

B354m Bechara, Evanildo, 1928-
Moderna gramática portuguesa / Evanildo Bechara. – 37. ed. rev., ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. – Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2009.

ISBN 978-85-209-3049-6

1. Língua portuguesa – Gramática. I. Título.

CDD 469.5
CDU 811.134.3'36

À memória de

M. Said Ali,
mestre e amigo

Aos mestres e amigos

Eugenio Coseriu
José G. Herculano de Carvalho
J. Mattoso Câmara Jr.
a cujas lições fui colher o que de
melhor existe nesta nova versão

Prefácio da 37.ª edição

Entregamos aos colegas de magistério, aos alunos e ao público estudioso de língua portuguesa esta edição, revista, ampliada e atualizada, levado que estamos pelos mesmos propósitos que nos fizeram, em 1961, trazer à luz a *Moderna Gramática Portuguesa*.

Amadurecido pela leitura atenta dos teóricos da linguagem, da produção acadêmica universitária, das críticas e sugestões gentilmente formuladas por companheiros da mesma seara e da leitura demorada de nossos melhores escritores, verá facilmente o leitor que se trata aqui de um novo livro.

Dificilmente haverá seção da *Moderna Gramática Portuguesa* que não tenha passado por uma consciente atualização e enriquecimento: atualização no plano teórico da descrição do idioma, e enriquecimento por trazer à discussão e à orientação normativa a maior soma possível de fatos gramaticais levantados pelos melhores estudiosos da língua portuguesa, dentro e fora do país, entre os quais cabe menção honrosa a Mário Barreto e Epifânio Dias.

É de toda justiça – e por isso esta edição é a eles dedicada – lembrar aqui, em primeiro lugar, nosso inesquecível mestre e amigo M. Said Ali, e, não menos presentes, este teórico profundo e admirável que é Eugenio Coseriu, ao lado de seu ilustre colega de reflexão linguística, que é J. G. Herculano de Carvalho, e do nosso primeiro linguista J. Mattoso Câmara Jr., guia seguro desde o lançamento inicial da *Moderna Gramática Portuguesa*.

O arcabouço teórico desta obra poderia bem orientar-se por outros modelos válidos, seguidos pelos nossos melhores linguistas em atuação nos centros universitários brasileiros. A orientação aqui adotada resulta da nossa convicção de que ela também pode oferecer elementos de efetiva operacionalização para uma proposta de reformulação da teoria gramatical entre nós, especialmente quando aplicada a uma obra da natureza desta *Moderna Gramática Portuguesa*, que alia a preocupação de uma científica descrição sincrônica a uma visão sadia da gramática normativa, libertada do ranço do antigo *magister dixit* e sem baralhar os objetivos das duas disciplinas.

Acreditamos que, neste sentido, os colegas de magistério e pesquisa encontrarão úteis sugestões ou temas de reflexão para uma proposta de melhoria da vigente nomenclatura gramatical em nossos compêndios escolares.

Estivemos também atentos à produção de textos gramaticais destinados a outras línguas, especialmente às românicas, e aí vale ressaltar o contributo dos espanhóis, dos franceses e dos italianos. Desejamos sintetizar nossa homenagem a esses colegas na figura excelsa de Emílio Alarcos Llorach, recentemente falecido.

Temos consciência de que ainda há muito que acrescentar e rever, e para tanto convocamos a ajuda dos colegas que neste sentido desejarem pronunciar-se.

Dar-nos-emos por bem pago se o leitor benévolo continuar encontrando nestas páginas os fundamentos que alicercem seu interesse e conhecimento reflexivo da língua portuguesa, traço que é da nacionalidade e elo fraterno da lusofonia.

Rio de Janeiro, 11 de março de 1999

Evanildo Bechara

Prefácio da 1.ª edição (1961)

Ao escrever esta *Moderna Gramática Portuguesa*, foi nosso intuito levar ao magistério brasileiro, num compêndio escolar escrito em estilo simples, o resultado dos progressos que os modernos estudos de linguagem alcançaram no estrangeiro e em nosso país. Não se rompe de vez com uma tradição secular: isto explica por que esta *Moderna Gramática* traz uma disposição da matéria mais ou menos conforme o modelo clássico. A nossa preocupação não residiu aí, mas na doutrina. Encontrarão os colegas de magistério, os alunos e quantos se interessam pelo ensino e aprendizado do idioma um tratamento novo para muitos assuntos importantes que não poderiam continuar a ser encarados pelos prismas por que a tradição os apresentava. Com a humildade necessária a tais empresas, sabemos que as pessoas competentes poderão facilmente verificar que fizemos uma revisão em quase todos os assuntos de que se compõe este livro, e muitos dos quais encontraram aqui um desenvolvimento ainda não conhecido em trabalho congênere. Por outro lado, a esta altura do progresso que a matéria tem tido, não poderíamos escrever esta *Moderna Gramática* sem umas noções, ainda que breves, sobre fonêmica e estilística. Isto nos permitiu, na última, tratar d a *análise literária*, que entre nós passa às vezes confundida com *análise estilística*; ressaltamos os objetivos desta e convidamos os nossos colegas de disciplina a que dela se sirvam num dos escopos supremos de sua missão: educar o sentimento estético do aluno. Na parte relativa à estruturação dos vocábulos e sua formação, pretendemos trazer para a gramática portuguesa os excelentes estudos que a linguística americana tem feito sobre tão importante capítulo. Seguimos a Nomenclatura Gramatical Brasileira. Os termos que aqui se encontrarem e lá faltam não se explicarão por discordância ou desrespeito; é que a NGB não tratou de todos os assuntos aqui ventilados.

A orientação científica por que se norteia esta nossa *Moderna Gramática* não seria possível sem a lição dos mestres (seria ocioso citá-los) que, dentro e fora do Brasil, tanto têm feito pelo desenvolvimento da disciplina. Devemos-lhe o que de melhor os leitores encontrarem neste livro, e a eles, em cada citação, prestamos sincera homenagem. Elegemos, entre eles, um dos mais ilustres para dedicar-lhe o nosso trabalho de hoje, aquele que para nós é tão caro pelo muito que contribuiu para nossa formação linguística: M. Said Ali. No ano em que seus discípulos e admiradores comemoram o 1.º centenário de seu nascimento,

não poderíamos deixar de levar ao mestre e amigo o testemunho de nossa profunda amizade e gratidão.

Evanildo Bechara

Introdução

Breve história externa da língua portuguesa

"As armas e padrões portugueses postos em África e em Ásia e em tantas mil ilhas fora da repartiçam das três partes da terra, materiaes sam, e pode-as o tempo gastar: peró nã gastará doutrina, costumes, linguagem, que os portugueses nestas terras leixarem."

(João de Barros, *Diálogo em Louvor da Nossa Linguagem*)

A língua portuguesa é a continuação ininterrupta, no tempo e no espaço, do latim levado à Península Ibérica pela expansão do império romano, no início do séc. III a.C., particularmente no processo de romanização dos povos do oeste e noroeste (lusitanos e galaicos), processo que encontrou tenaz resistência dos habitantes originários dessas regiões.

Depois do processo de romanização, sofreu a Península a invasão dos bárbaros germânicos, em diversos momentos e com diversidade de influências, que muito contribuíram para a fragmentação linguística da Hispânia: em 409 foi a vez dos alanos, vândalos e suevos; em 416, dos visigodos. Deste contacto encontramos como resultado a visível influência germânica, especialmente dos visigodos, no léxico e na onomástica.

No século VIII, em 711, voltou a Península a ser invadida pelos árabes, consumando a série de fatores externos que viriam a explicar a diferenciação linguística do português no mosaico dialetal que hoje conhecemos; apesar do largo contributo na cultura e na língua – especialmente no léxico –, a permanência muçulmana não teve força suficiente para apagar as indeléveis marcas de romanidade das línguas peninsulares.

O longo movimento de Reconquista anti-islâmico, começado já em 718, prolongou-se por séculos. Já no século X este processo tinha favorecido o nascimento de núcleos cristãos na parte norte e noroeste da Península, lançando os fundamentos de uma divisão linguística bem próxima da divisão administrativa: 1– Condado da Galiza (galego-português); 2– Reino de Leão e das Astúrias (ásturo-leonês); 3– Condado de Castela (castelhano); 4– Reino de Navarra (basco e navarro-aragonês); 5– Reino de Aragão e Condado de Barcelos (catalão).

Em 1095, Afonso VI concede autonomia à Província Portucalense, e, em 1139, Afonso Henriques se proclama o primeiro rei de Portugal.

Foi este falar comum à Galiza e ao território portucalense que o processo de Reconquista propagou em direção ao sul, sobrepondo-se aos dialetos moçárabes aí correntes. Já com a ajuda de cruzados ingleses, alemães, franceses e flamengos, e sob a bandeira portuguesa prossegue a reconquista de novas cidades do sul, tomadas aos muçulmanos: Santarém, em março de 1147 e Lisboa, em outubro do mesmo ano. Até o séc. XV, segundo Orlando Ribeiro, o Minho ainda não constituía limite linguístico entre o galego e o português.

O português, na sua feição originária galega, surgirá entre os séculos IX-XII, mas seus primeiros documentos datados só aparecerão no século XIII: o *Testamento de Afonso II* e a *Notícia de torto*. Curiosamente, a denominação "língua portuguesa" para substituir os antigos títulos "romance" ("romanço"), "linguagem", só passa a correr durante os escritores da Casa de Avis, com D. João I. Foi D. Dinis que oficializou o português como língua veicular dos documentos administrativos, substituindo o latim.

Entre os séculos XV e XVI, Portugal ocupa lugar de relevo no ciclo das grandes navegações, e a língua, "companheira do império", se espraia pelas regiões incógnitas, indo até o fim do mundo, e, na voz do Poeta, "se mais mundo houvera lá chegara" (*Os Lusíadas*, VII, 14).

Depois da expansão interna que, literária e culturalmente, exerce ação unificadora na diversidade dos falares regionais, mas que não elimina de todo essas diferenças refletidas nos dialetos, o português se arroja, na palavra de indômitos marinheiros, pelos mares nunca d'antes navegados, a fim de ser o porta-voz da fé e do império. São passos dessa gigantesca expansão colonial e religiosa, cujos efeitos, além da abertura dos mares, especialmente o Atlântico e o Índico, foram, segundo afirmação de Humboldt, uma duplicação do globo terrestre.

1415 – expedição a Ceuta sob o comando do próprio Rei
1425-1439 – Madeira e Açores
1444 – Cabo Verde, com início de povoamento em 1462
1446 – Guiné
1483-1486 – Angola (primeiros contatos) e colonização de S. Tomé e Príncipe
1498 – Vasco da Gama chega à Índia e passa por Moçambique
1500 – Brasil
1511 – Malaca e Malucas
1512 – Saião e Bornéu
1515 – Ormuz
1518 – Colombo
1536 – Damão
1547 – Macau
além das ilhas de Samatra, Java e Timor.

Tomado o séc. XIII como início da fase a que Leite de Vasconcelos chamou *português histórico*, isto é, documentado historicamente, podemos dividi-lo em períodos linguísticos, cujas delimitações não conseguem, entre os estudiosos, concordância unânime. A dificuldade de consenso advém de vários fatores: o terem as propostas fundamento em textos escritos que, como sabemos, mascaram a realidade e as mudanças linguísticas; o não terem os fenômenos sua data de nascimento e morte; e, finalmente, constitui elemento perturbador nesta ordem de estudos a influência de fatores estético-literários que, conforme sua orientação conservadora

ou progressista, atrasa ou acelera determinadas tendências linguísticas. Foi o que aconteceu com o chamado latim literário sob a influência grega; com o português europeu sob o influxo do Humanismo e Renascimento, e com o português do Brasil, sob a ação iconoclasta inicial do Modernismo.

Adotaremos aqui a seguinte proposta, incluindo na primeira fase a realidade galego-portuguesa:

a) *português arcaico*: séc. XIII ao final do XIV

b) *português arcaico médio*: 1.ª metade do séc. XV à 1.ª metade do séc. XVI

c) *português moderno*: 2.ª metade do séc. XVI ao final do XVII (podendo-se estender aos inícios do séc. XVIII)

d) *português contemporâneo*: séc. XVIII aos nossos dias

Ao primeiro período pertencem, além dos textos administrativos de leis, forais e ordenações, a poesia palaciana encerrada nos Cancioneiros medievais (Ajuda, Vaticana e Biblioteca Nacional, antigo Colocci Brancuti), as *Cantigas de Santa Maria*, algumas vidas de santos (Barlaão e Josafá, S. Aleixo, etc., traduções, em geral, de textos latinos, que chegaram até nós, quase sempre, em cópias mais modernas), o *Livro das Aves*, o *Fabulário de Esopo*, a *Demanda do Santo Graal*, *Corte Imperial*, entre muitas.

Ao segundo período pertencem o *Livro da Montaria*, de D. João I, *Leal Conselheiro* e *Livro da Ensinança de Bem Cavalgar toda Sela* de D. Duarte, as crônicas de Fernão Lopes (*D. João I*, *D. Pedro*, *D. Fernando*), de Zurara (*Crônica dos Feitos da Guiné*, *Crônica da Tomada de Ceuta*), a *Crônica dos Frades Menores*, as crônicas de Rui Pina, entre muitas outras obras.

Ao terceiro período pertencem as obras históricas de João de Barros, Diogo do Couto, Fernão Lopes de Castanheda, Damião de Góis, Gaspar Correia, o *Palmeirim de Inglaterra* de Francisco de Morais, a *Etiópia Oriental* de Frei João dos Santos, a obra literária de Sá de Miranda e o teatro clássico de Antônio Ferreira, a prosa mística da *Imagem da Vida Cristã* de Heitor Pinto, os *Diálogos* de Amador Arrais, os *Trabalhos de Jesus* de Tomé de Jesus e a *Consolação às Tribulações de Israel*, de Samuel Usque, a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, Pero Magalhães de Gandavo, mas a todos excede Luís de Camões que, não sendo "propriamente o criador do português moderno (...), libertou-o de alguns arcaísmos e foi um artista consumado e sem rival em burilar a frase portuguesa, descobrindo e aproveitando todos os recursos de que dispunha o idioma para representar as ideias de modo elegante, enérgico e expressivo. Reconhecida a superioridade da linguagem camoniana, a sua influência fez-se sentir na literatura de então em diante até os nossos dias" [SA.2, 4].

Com muita razão, concede Said Ali, do ponto de vista linguístico, um lugar à parte na literatura quinhentista às comédias, autos e farsas do chamado teatro de medida velha que tem em Gil Vicente seu principal representante, produções de grande importância para o conhecimento da variedade coloquial e popular da época. Pertencem a este gênero especial os *Autos* de Antônio Prestes, de Chiado, de Jerônimo Ribeiro, a *Eufrosina* e *Ulissipo* de Jorge Ferreira de Vasconcelos, sobrelevando-se a todos eles as obras deste genial pintor da

sociedade e dos costumes do séc. XVI em Portugal, que foi Gil Vicente.

No séc. XVII assistimos ao aperfeiçoamento da prosa artística com Frei Luís de Sousa, cuja linguagem representa uma fase de transição entre os dois momentos do português moderno. É o período em que ressaltam os *Sermões* do Padre Antônio Vieira, os *Apólogos Dialogais* de Francisco Manuel de Melo, a prosa religiosa do Padre Manuel Bernardes, os quadros bucólicos de *Corte na Aldeia* de Rodrigues Lobo, além dos representantes da historiografia de Alcobaça.

Fig. 1 – O Mundo da Lusofonia

O século XVIII não é só o século das academias literárias, mas de todo um esforço na renovação da cultura e da instrução pública, sob o influxo dos ideais do neoclassicismo francês, que culminou na reforma pombalina da Universidade, em 1772. Assiste-se a um reflorescimento da poesia com Pedro Antônio Correia Garção, Antônio Dinis da Cruz e Silva, Filinto Elísio, Tomás Antônio Gonzaga e os poetas árcades brasileiros, e Barbosa du Bocage.

Do ponto de vista linguístico, o português contemporâneo, fixado no decorrer do séc. XVIII, chega ao século seguinte sob o influxo de novas ideias estéticas, mas sem sofrer mudanças no sistema gramatical que lhe garantam, neste sentido, nova feição e nova fase histórica.

Os escritores dos séculos XIX e XX de todos os quadrantes da Lusofonia souberam garantir este patrimônio linguístico herdado de tanta tradição literária.

Em Portugal, no Brasil, em Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, a língua portuguesa, patrimônio cultural de todas estas nações, tem sido, e esperamos seja por muito tempo, expressão da sensibilidade e da razão, do sonho e das grandes realizações.

Patrimônio de todos e elo fraterno da Lusofonia de cerca de 200 milhões de falantes espalhados por todos os continentes, continuemos a formular os votos de Antônio Ferreira, no

séc. XVI:

Floresça, fale, cante, ouça-se e viva
A portuguesa língua, e já onde for,
Senhora vá de si, soberba e altiva!

Teoria Gramatical

A) Linguagem: suas dimensões universais

"dizer as coisas como são"
Platão

1 – Linguagem

Entende-se por *linguagem* qualquer sistema de signos simbólicos empregados na intercomunicação social para expressar e comunicar ideias e sentimentos, isto é, conteúdos da consciência.

A linguagem se realiza historicamente mediante sistemas de isoglossas comprovados numa comunidade de falantes, conhecidos com o nome de *línguas*, como veremos adiante.

Tal conceituação envolve as noções preliminares do que seja *sistema*, *signo*, *símbolo* e *intercomunicação social*.

Sistema é todo conjunto de unidades, concretas ou abstratas, reais ou imaginárias, que se encontram organizadas e que se ordenam para a realização de certa ou de certas finalidades [HCv.1, 264].

Entende-se por *signo* ou *sinal* a unidade, concreta ou abstrata, real ou imaginária, que, uma vez conhecida, leva ao conhecimento de algo diferente dele mesmo: as nuvens negras e densas no céu *manifestam* ou são o *sinal* de chuva iminente; o *-s* final em *livros* é o signo ou sinal de pluralizador, assim como em *cantas* é o signo de 2.ª pessoa do singular. Por isso mesmo se diz que tais unidades são *simbólicas*, já que se entende em geral por *símbolo* aquilo que, por convenção, manifesta ou leva ao conhecimento de outra coisa, a qual substitui. Assim, o cordeiro é o "símbolo" da mansidão; o macaco, da astúcia. No que toca estritamente à linguagem humana, pois só ela é a linguagem objeto da *Linguística*, os signos linguísticos diferem dos símbolos porque estes não constituem necessariamente sistema e podem sozinhos e sem nenhuma oposição "simbolizar". A oposição é um princípio fundamental para a determinação da existência dos signos linguísticos, como veremos adiante.

Por fim, *intercomunicação social*, porque a linguagem é sempre um estar no mundo com os outros, não como um indivíduo particular, mas como parte do todo social, de uma comunidade.

2 – Dimensões Universais da Linguagem

A linguagem, entendida como atividade humana de falar, apresenta cinco dimensões universais: *criatividade* (ou enérgeia), *materialidade*, *semanticidade*, *alteridade* e *historicidade*.

Criatividade, porque a linguagem, forma de cultura que é, se manifesta como atividade livre e criadora, ou "do espírito", isto é, como algo que vai mais além do aprendido, que não

simplesmente repete o que já foi produzido.

Materialidade, porque a linguagem é, primeiramente, uma atividade condicionada fisiológica e psiquicamente, pois implica, em relação ao falante, a capacidade de utilizar os órgãos de fonação, produzindo signos fonéticos articulados (fonemas, grafemas, quando representados na escrita, etc.) com que estabelece diferenças de significado (por exemplo, *P*ala, *V*ala, *M*ala, *T*ala, *R*ala, etc.); enquanto em relação ao ouvinte, implica a capacidade de perceber tais fonemas e interpretar o percebido como referência ao conteúdo configurado pelo falante mediante os signos fonéticos articulados. É o nível biológico da linguagem.

Semanticidade, porque a cada forma corresponde um conteúdo significativo, já que na linguagem tudo significa, tudo é semântico.

Alteridade, porque o significar é originariamente e sempre um "ser com outros", próprio da natureza político-social do homem, de indivíduos que são homens juntos a outros e, por exemplo, como falantes e ouvintes, são sempre cofalantes e coouvintes.

Historicidade, porque a linguagem se apresenta sempre sob a forma de *língua*, isto é, de tradição linguística de uma comunidade histórica. Não existe *língua* desacompanhada de sua referência histórica: só há *língua portuguesa*, *língua francesa*, *língua inglesa*, *língua espanhola*, *língua latina*, etc.

Geralmente se ouve que a língua é imposta ao homem, porque este é obrigado a dizer que determinado objeto conhecido por sua comunidade como livro é *livro*, e não *lápis* ou *mesa*. Tal fato não constitui uma limitação ou negação da liberdade do falante; é sim a dimensão histórica da linguagem, que coincide com a própria historicidade do homem. Trata-se de uma obrigação aceita livremente, e não de uma imposição. Este é o significado original da palavra latina *obligatio* [ECs.8, 216]. A língua não é "imposta" ao homem; este "dispõe" dela para manifestar sua liberdade expressiva. As atividades livres implicam um próprio "dever ser", isto é, uma série de normas intrínsecas.

Destas cinco dimensões, a criatividade e a materialidade são universais de todas as formas da cultura, pois são todas atividades criadoras que se realizam no mundo de forma material, sem o que não poderiam existir nem passar ao conhecimento dos outros membros da comunidade. A semanticidade é a "*differentia specifica*" da linguagem em relação às outras formas de cultura. A alteridade é o traço distintivo do significar linguístico em relação aos outros tipos de "conteúdo" das formas de expressão e é, por sua vez, fundamento da historicidade da linguagem [ECs.8, 15-16].

Por fim, há de se levar em conta, na capacidade geral de expressão, a execução de atividades que acompanham e às vezes até a substituem, já que não falamos só com as unidades linguísticas, com a língua concreta. Estas são formas de expressão extralinguísticas, tais como a mímica, a entonação, o ritmo, as pausas e silêncios, os gestos, os recursos gráficos e outros. O emprego da maiúscula serve para estabelecer antíteses entre o verdadeiro e bom e o menos bom e verdadeiro, quando dizemos:

Ele é um *Professor* com *P* maiúsculo, ou a referência à forma gráfica distingue homônimos, como em:

Chegamos na *hora h*.

Há momentos em que expressões só são inteligíveis se acompanhadas de determinado

gesto:

> "Um anjo, meu pateta, um anjo sem asas. Imagina uma moça assim, *desta altura*, viva como um azougue, e uns olhos..." [MA.1, 92].

À mímica corporal junte-se a vocal, a entoação especial com que se proferem certas palavras ou frases inteiras, que o escritor procura reavivar na escrita com a utilização de variados recursos gráficos:

> "Não vou daqui sem uma resposta definitiva, disse meu pai. *De-fi-ni-ti-va*! repetiu, batendo as sílabas com o dedo" [MA.1, 88].
> "Os dois garotos, porém, esperneiam com a mudança de mãe: – Mentira!... *Mentiiiira!... Mentiiiiiiiiiira!* – berra cada um para seu lado" [HC.1, 32].

3 – Atos Linguísticos

A linguagem humana articulada se realiza de maneira concreta por meio de formas específicas chamadas *atos linguísticos*, que se organizam em *sistemas de isoglossas* (*isos* = igual; *glossa* = língua) denominados tradicionalmente *línguas*. Embora o ato linguístico, por sua natureza, seja individual, está vinculado indissoluvelmente a outro indivíduo pela natureza finalística da linguagem, que é sempre um falar com os outros, consoante a dimensão *alteridade*, a que aludimos anteriormente.

Só de modo ideal se pensa em linguagem como um só sistema de signos; na realidade, há na linguagem diversos sistemas de signos – isto é, de línguas –, diversidade que varia entre países, entre comunidades sociais ou outros grupos de falantes.

A realidade concreta da linguagem, como dissemos, é o ato linguístico, quer dizer, é cada unidade de comunicação da linguagem humana, seja uma palavra ou uma frase. Os atos linguísticos não se realizam idênticos de falante para falante de uma mesma comunidade linguística, e até num só falante, em circunstâncias diferentes. Essa diversidade não se dá somente na forma material do ato linguístico, isto é, na sua *expressão*, mas também no seu significado, isto é, no seu *conteúdo*.

Para que se proceda a uma análise coerente e uniforme da linguagem humana, tem-se de considerar idealmente que os atos linguísticos são mais ou menos idênticos na expressão (forma material) e no conteúdo (significado), e é isto que realmente ocorre, porque, se não houvesse essa aparente identidade, não seria possível a comunicação entre os indivíduos, já que a comunicação é a finalidade fundamental da linguagem.

O conjunto sistêmico de atos linguísticos comuns considerados idênticos realizados numa comunidade linguística e por ela comprovada na consciência de seus falantes ("ele fala como eu", "o português dele é diferente do nosso") se acha delimitado por uma linha ideal, imaginária, *isoglossa*, de modo que se pode definir *língua*: *um sistema de isoglossas comprovado numa comunidade linguística.*

Esse sistema de isoglossas pode ser extensíssimo que abarque uma língua histórica de todos os falantes de uma larga comunidade, considerada no seu conjunto geográfico, social e individual (*língua portuguesa*, *língua espanhola*, *língua francesa*, *língua latina*, etc.); pode ser menos extensa, principalmente quando a língua histórica é falada por mais de um país (*língua portuguesa da modalidade europeia* – "português de Portugal" / *língua portuguesa*

da modalidade americana – "português do Brasil" bem como *língua portuguesa da África*; *língua inglesa da Inglaterra* / *língua inglesa dos Estados Unidos*; *francês da França* / *francês da Bélgica* / *francês do Canadá*); pode ser ainda menos extensa do ponto de vista espacial (*português do Rio de Janeiro* / *português de Lisboa*; *francês de Paris*; *alemão da Baviera*); pode ser ainda menos extensa espacial, social e estilisticamente (*português fluminense rural* / *português paulista familiar* / *português literário do Romantismo brasileiro*); pode abarcar um só falante (*português de Machado de Assis* / *português de Eça de Queirós*; *português de um analfabeto*).

Assim, o conceito de língua, considerada como um sistema de isoglossas, varia de acordo com o entendimento mais largo ou mais estreito que se atribui à extensão do conjunto de atos linguísticos comuns.

B) Planos e níveis da linguagem como atividade cultural

I – Planos e Níveis da Linguagem

A linguagem, como atividade humana universal do falar, que se realiza individualmente, mas sempre de acordo com tradições de comunidades históricas, pode diferenciar-se em três planos relativamente autônomos:

a) *Universal* ou do falar em geral, já que se apresenta como prática universalizada não determinada historicamente, isto é, todos os homens adultos e normais falam. É a referência ao plano do *falar em geral*, e a ele se alude, quando se diz que *esta criança ainda não fala* (note-se que não se quer dizer que ela ainda não fala português ou espanhol, por exemplo). Alude-se ainda a este plano quando se declara que *os animais não falam*. Aqui, como no exemplo anterior, não se refere a uma língua concreta, mas à capacidade de falar. O plano universal alude àquilo que faz parte de todo falar, não importa em que língua.

b) *Histórico* ou da língua concreta, já que, ao falar, o homem o faz mediante uma língua determinada: *falar português*, *falar espanhol*, etc. Como já se disse, não há *língua* sem adjetivo; só há *língua portuguesa*, *língua espanhola*, etc., onde o adjetivo pátrio aponta para uma tradição histórica determinada. Até as línguas inventadas, como o esperanto, se constroem e representam uma nova tradição do falar. Este é o plano de uma língua concreta determinada. O falante tem consciência desse saber ao afirmar, por exemplo, que alguém não fala bem o português.

c) *Individual*, já que é sempre um indivíduo que fala mediante uma língua determinada, e o faz, cada vez segundo uma circunstância determinada. A atividade de falar um indivíduo segundo a conveniência de uma circunstância determinada chama-se *discurso*. Não confundir *discurso*, nessa aplicação à atividade, com *texto*, que será entendido como produto dessa atividade, produto do discurso. O discurso – assim o texto como seu

produto – está determinado por quatro fatores: o *falante*, o *destinatário*, o *objeto* ou *tema* de que se fala e a *situação*.

Como toda atividade cultural, a atividade real de falar pode ser considerada sob três pontos de vista diferentes [ECs.8, 88]:

a) Como a própria *atividade*, como falar e entender, isto é, como atividade criadora que se serve de um saber já presente para dizer algo novo e com capacidade de criar um saber linguístico. É este o sentido próprio de *enérgeia*. Uma língua é "forma" e "potência" de uma *enérgeia*.

b) Como o *saber* que está subjacente à atividade, isto é, como a *competência* ou como o que Aristóteles chamava *dýnamis*.

c) Como o *produto* criado pela atividade do falar individual, isto é, como obra ou *érgon*: o *texto*.

Como toda atividade, o falar é uma atividade que revela um saber; assim a estes três níveis correspondem três planos ou tipos de saber linguístico:

a) Ao falar em geral mediante cada língua corresponde o *saber elocutivo*, ou *competência linguística geral*, que não é saber falar uma língua particular, mas, ao falar com qualquer língua, fazê-lo segundo os princípios da *congruência* em relação aos padrões universais do pensamento e ao conhecimento geral que o homem tem do "mundo", do mundo empírico. Na discutida frase "*A mesa quadrada é redonda*", não há propriamente desconhecimento de língua, e sim de formulação do pensamento por desconhecer a realidade do mundo empírico, uma vez que "ser quadrado" é diferente de "ser redondo".

b) Ao falar (em) uma língua particular corresponde o saber histórico denominado *saber idiomático*, ou *competência linguística particular*, que é falar (em) uma língua determinada de acordo com a tradição linguística historicamente determinada de uma comunidade.

c) Ao falar individual e relacionado com a maneira de elaborar textos segundo situações determinadas corresponde o chamado *saber expressivo* ou *competência textual*; é um saber técnico (gr. *téchnē*), isto é, um saber que se manifesta no próprio fazer, um saber fazer gramatical que se manifesta numa língua particular e que pode ir além do já criado nessa língua.

A linguagem se realiza, portanto, de acordo com um saber adquirido e se apresenta sob forma de fatos objetivos ou *produtos*. Mas, como bem caracterizou Humboldt em termos aristotélicos, a linguagem não é na essência *érgon* 'produto', 'coisa feita', mas *enérgeia*, 'atividade', atividade criadora, isto é, que vai além da técnica "aprendida", além do seu saber (*dýnamis*).

Assim, também do ponto de vista do produto se distinguem esses três planos:

a) o produto do falar em geral é a "totalidade de todas as manifestações", empiricamente infinita, *o* falado; não só a totalidade do que já foi dito, mas ainda a totalidade do que se

pode dizer, se considerada sempre como "coisa feita".

b) o produto do falar (em) uma língua particular é a língua particular *abstrata*, isto é, a língua deduzida do falar e concretizada em uma gramática e em um dicionário, ou, em outras palavras, o que no falar se reconhece como constante e que é objeto da linguística das línguas como descrição e como história.

c) o produto do falar individual é o *texto*, tal como pode ser anotado ou escrito.

2 – Juízos de Valor

Frequentemente se ouve um falante nativo dizer que "isso não é português" ou "isso não se diz assim em português" ou "seria melhor dizer assim em português", o que demonstra que os aspectos de juízos de valor devem merecer especial atenção do falante nativo, bem como do linguista e do gramático normativo. Infelizmente, em vista de confusões que Coseriu procurou deslindar, o assunto tem sido mal posto em discussão e, por isso, mal resolvido, de modo que as incoerências e os desencontros são responsáveis pela ideia muito difundida, mas errada, de que o tema não é científico, e fica sujeito ao capricho de pessoas despreparadas e intransigentes.

Distinguem-se três tipos de juízos de valor referentes às conformidades do falar com o respectivo saber linguístico:

a) Ao saber elocutivo corresponde a *norma da congruência*, isto é, os procedimentos em consonância com os princípios do pensar, autônomos ou independentes dos juízos que se referem à língua particular e ao texto. Neste plano do falar em geral temos não só a norma da congruência e da coerência, mas ainda a norma de conduta da tolerância, já que, muitas vezes, diante de frases "desconexas", a incongruência pode ser anulada pela tradição da língua particular e pela intenção do discurso. Assim, quando a canção diz que "*Tudo em volta está deserto, tudo certo / Tudo certo, como dois e dois são cinco*", não se interpreta como falar incongruente por conhecerem os falantes o procedimento da anulação metafórica: o que a canção quer dizer metaforicamente é que nada vai bem entre os tais namorados, como a soma de dois mais dois igual a cinco não está bem.

b) Ao saber idiomático corresponde a *norma da correção*, isto é, a conformidade de falar (em) uma língua particular segundo as normas de falar historicamente determinado e corrente na comunidade que a pratica. Sendo uma língua histórica (todo o português) um conjunto de várias línguas comunitárias, haverá mais de uma norma de correção (o português do Brasil, o português de Portugal, o português exemplar, o português comum, o português familiar, o português popular, etc.). Por falta das distinções até aqui estabelecidas, têm-se atribuído à língua particular ou ao saber idiomático qualidades e atributos que antes pertencem ao plano do falar em geral ou saber elocutivo ("coerência", "eficácia", "concisão", "clareza", "harmonia", etc.) ou ao plano individual ou saber expressivo ("adequado", "apropriado", "elegante", "expressivo", etc.). O juízo de valor concernente à *correção* é juízo de "suficiência" ou "conformidade" somente com o saber idiomático historicamente determinado para uma comunidade.

c) Ao saber expressivo corresponde a *norma de adequação* à constituição de textos

levando em conta o falante, o destinatário, o objeto ou a situação, critério mais complexo, e independente do critério de correção em relação à língua particular e do critério de congruência em relação ao falar em geral. A adequação ao discurso e à constituição de textos pode levar em conta o objeto representado ou o tema (e aí será considerada *adequada* ou *inadequada*), o destinatário (então será considerada *apropriada* ou *inapropriada*) ou a situação ou circunstâncias (e aí será considerada *oportuna* ou *inoportuna*).

A competência ou saber não se manifesta igualmente em todos os planos do linguístico. Na língua particular ele ocorre com mais frequência; nos outros planos – no saber elocutivo e principalmente no saber expressivo – o domínio da competência só se alcança depois de cuidada educação linguística. Muitas vezes se diz que "alguém escreve mal o português", quando, na realidade se quer fazer referência ao saber elocutivo ou ao expressivo, porque escreve sem congruência ou sem coerência, ou ainda com pouca clareza. Quando se diz que "o francês" é uma língua clara", a rigor, não se quer fazer referência a características da língua francesa, mas à capacidade de estruturar o pensamento, o discurso ou o texto com clareza e logicidade mais do que o normal, em virtude de uma larga tradição do falar nessa comunidade, tradição que começa no ensino escolar francês, e que deveríamos cultivar entre nós.

Cabe ainda lembrar o que foi aqui antes esboçado: conforme a intenção do falante, a adequação relativa a um discurso ou a um texto pode anular a incorreção idiomática, enquanto a adequação relativa à correção idiomática pode anular a incongruência ou incoerência do saber elocutivo.

3 – Três Tipos de Conteúdo Linguístico

Aos três planos linguísticos correspondem ainda três tipos diferentes de conteúdo linguístico:

a) Ao plano linguístico geral corresponde a *designação* (ou *referência*), isto é, a referência a uma "realidade" extralinguística, a um estado de coisas extralinguístico. Assim em *A porta está fechada* e *A porta não está aberta* faz-se referência à mesma realidade extralinguística. As orações não são *sinônimas*; são *equivalentes* na referência à designação.

b) Ao plano linguístico particular corresponde o *significado*, isto é, o conteúdo dado linguisticamente em uma língua particular, ou, em outras palavras, a especial configuração da designação numa língua particular.

c) Ao plano do discurso corresponde o *sentido*, que é o "dito" por meio do texto, isto é, o especial conteúdo linguístico que se expressa mediante a designação e o significado, sentido que, num discurso individual, vai além desses outros conteúdos e que corresponde às atitudes, intenções ou suposições do falante. Por exemplo, nas expressões *dar com os burros n'água* ou *torcer o nariz* o sentido é, respectivamente, "ter insucesso" e "rejeitar". Numa anedota, mediante a designação e o significado, atinge-se o *sentido* quando se "pega" o chamado "espírito da coisa". Uma visita de cerimônia ao dizer ao

dono da casa "Hoje está quente" pode ter a intenção de querer dizer "Por favor, abra a janela", que é o verdadeiro "sentido" da sua primeira frase. Quando dizemos a uma pessoa, pela manhã, "Bom dia!" não queremos dizer-lhe que o dia está agradável, mas tão somente cumprimentá-la; esse é o "sentido" da frase. Pode até o tempo estar chuvoso ou ameaçador; porém, é assim que tradicionalmente a nossa comunidade saúda alguém pela manhã. O sentido, portanto, se manifesta no plano individual do discurso.

Assim como o significado pode coincidir com a designação, como ocorre na linguagem técnica, onde tudo o que existe na tradição linguística concernente a ela é "nomenclatura", à medida que vai além do saber linguístico e implica um saber relativo às coisas mesmas, assim também o sentido pode coincidir com o significado, quando o texto é só informativo, e não artístico ou literário ("simbólico"). Mesmo em determinadas formas de "literatura", os fatos designados e significados são informativos, como ocorre na novela policial, que só muito excepcionalmente se alça à literatura artística [ECs.8, 291-292].

O quadro a seguir sintetiza tudo o que vimos até aqui:

	PONTOS DE VISTA				
PLANO	**ATIVIDADE** enérgeia	**SABER** (competência) dýnamis	**PRODUTO** (texto) érgon	**JUÍZO**	**CONTEÚDO**
UNIVERSAL: falar em geral; atividade humana universal	falar em geral	saber elocutivo	totalidade das manifestações	congruente / incongruente	designação (referência)
HISTÓRICO: língua concreta; tradições comunitárias	língua particular	saber idiomático	(língua particular abstrata)	correto / incorreto	significado
INDIVIDUAL: discurso; execução individual	discurso	saber expressivo	texto (obras)	adequado / inadequado	sentido

C) Língua histórica e língua funcional

1 – Língua Histórica

Quando nos referimos a *língua portuguesa*, *língua espanhola*, *língua alemã* ou *língua*

latina, fazemos alusão a uma língua como produto cultural histórico, constituída como unidade ideal, reconhecida pelos falantes nativos ou por falantes de outras línguas, e praticada por todas as comunidades integrantes desse domínio linguístico. Entendido assim, esse produto cultural recebe o nome de *língua histórica*. Esse amplo e diversificado espaço cultural, historicamente relacionado, está presente na frase de Fernando Pessoa: *Minha pátria é a língua portuguesa*.

Fácil é concluir que uma língua histórica encerra em si várias tradições linguísticas, de extensão e limite variáveis, em parte análogas e em parte divergentes, mas historicamente relacionadas. São analogias e divergências fonéticas, gramaticais e léxicas; por isso se diz que uma língua histórica nunca é um sistema único, mas um conjunto de sistemas.

Os sistemas que integram a língua histórica apresentam três aspectos, fundamentais de diferenças internas:

a) No espaço geográfico, constituindo os diferentes *dialetos*; Essa diversidade no espaço se diz *diatópica* (do grego *diá* 'através de', *tópos* 'lugar'), enquanto a relativa uniformidade no espaço se diz *sintópica* (do grego *sýn* 'reunião').

b) No nível sociocultural, constituindo os diferentes *níveis* de língua e estratos ou camadas socioculturais. Essa diferença no estrato sociocultural se diz *diastrática* (do latim *stratum* 'estrato', 'camada'), enquanto a relativa uniformidade correspondente se diz *sinestrática* ou *sinstrática*, também conhecida por *dialeto social*.

c) No estilo ou aspecto expressivo, isto é, em relação a diferentes situações do falar e estilos de língua. Essa diferença se diz *diafásica* (do grego *fásis* 'expressão'), enquanto a relativa uniformidade correspondente se diz *sinfásica* ou homogeneidade estilística.

As diferenças diatópicas ou os dialetos sempre mereceram as atenções dos estudiosos, o que nem sempre ocorreu com as diferenças de níveis (diastráticas) e de estilos de língua (diafásicas). Nem todas as línguas históricas têm muito marcadas as diferenças dialetais como ocorre, por exemplo, na Itália. No português essas diferenças são muito menos profundas, do que no italiano. Alguns linguistas chegam, no caso do português, a preferir *falares* a *dialetos*.

As diferenças diastráticas são mais marcadas em comunidades onde os estratos sociais se apresentam muito distanciados, como na antiga Índia, ou onde a rede escolar se encontra fragilizada ou inexistente entre as camadas populares. Nas comunidades modernas, existem diferenças diastráticas na distinção entre o nível popular (como ocorre no francês e inglês), bem afastado das formas "cultas" ou exemplares destas línguas, ou, com menos intensidade, no espanhol e no italiano populares. Menos intensa é ainda a distância entre o chamado português popular e o padrão ou culto.

As diferenças diafásicas se manifestam quando se comparam língua falada e língua escrita, língua usual e língua literária, língua corrente e língua burocrática ou oficial, etc. Nenhuma dessas variedades diafásicas se apresenta homogeneamente; até a língua literária acusa gradações, às vezes bem nítidas, como é o caso das divergências entre a prosa e a poesia (em verso), entre a poesia épica e a lírica, etc.

Incluem-se nas diferenças diafásicas as que ocorrem, num mesmo estrato sociocultural,

entre grupos "biológicos" (homens, mulheres, jovens, crianças) e profissionais.

Uma língua que apresenta só um estilo já não é uma língua viva; a que apresenta um ou poucos estilos é uma língua morta e funciona como veículo de comunicação para comunidades determinadas que têm sua própria língua, e se destina a finalidades culturais e profissionais, como tem sido o caso do latim na Igreja e, desde a Idade Média, na filosofia, na filologia, na medicina e outros domínios das ciências, e de especiais praxes acadêmicas universitárias (em cerimônias na outorga do título de doutor *honoris causa*, por exemplo a *laudatio*).

Há, contudo, uma realidade linguística idealmente homogênea e unitária, isto é, que se apresenta sintópica, sinstrática e sinfásica; em outras palavras, uma língua unitária quanto ao dialeto, ao nível e ao estilo: é a *língua funcional*, assim chamada porque é a modalidade que de maneira imediata e efetiva funciona nos discursos e textos.

2 – Língua Funcional

É bem verdade que num discurso e texto pode aparecer mais de uma língua funcional, principalmente se se mudam as circunstâncias e fatores (destinatário, objeto, situação). Todo falante de uma língua histórica é plurilíngue, porque domina ativa ou passivamente mais de uma língua funcional, embora não consiga nunca saber toda a extensão de uma língua histórica; e o sucesso da educação linguística é transformá-lo num "poliglota" dentro de sua própria língua nacional. Mas na constituição do discurso e do texto há sempre *uma* língua funcional que se sobrepõe às demais. Mesmo uma língua comum o mais possível unificada e codificada com muita rigidez, como ocorre com o francês "oficial", não corresponde exatamente a essa realidade de língua funcional, em face das diferenças estilísticas nele existentes.

Como por exigência metodológica e de coerência interna só se pode descrever uma realidade homogênea e unitária, é a língua funcional o objeto próprio da descrição estrutural e funcional. Uma gramática como produto desta descrição nunca é o espelho da língua histórica; é apenas a descrição de *uma* das suas línguas funcionais. Por isso não se há de exigir desta gramática o registro de fatos que pertençam a línguas funcionais diferentes: nisto consiste a diferença entre estrutura e arquitetura.

3 – Estrutura e Arquitetura

Estrutura é a descrição das oposições funcionais na expressão e no conteúdo de mesma técnica idiomática, isto é, a homogeneidade de uma língua funcional. *Arquitetura* é o registro da diversidade interna de uma língua histórica, onde coexistem para funções análogas formas distintas e vice-versa, isto é, diversidade de línguas funcionais. Por exemplo, a descrição do emprego dos pronomes *o* e *lhe* no português exemplar ou padrão é um fato de *estrutura*; a comparação do emprego de *o* no português padrão e do corresponde *ele* no português popular ou familiar ou do pronome *lhe* nessas modalidades é um fato de *arquitetura* do português do Brasil.

Para se chegar com coerência ao conceito de língua funcional e à essência do objeto próprio da descrição de uma técnica linguística é necessário fazer, além da distinção entre

estrutura e arquitetura, uma série de outras, quase sempre não levadas em consideração na gramática tradicional e em algumas linguísticas modernas: 1) conhecimento da língua e conhecimento das "coisas" (incluídos aí os seres vivos); 2) linguagem e metalinguagem; 3) sincronia e diacronia; 4) técnica livre e "discurso repetido"[ECs.8, 288].

4 – Conhecimento da Língua e Conhecimento das "coisas"

No plano do saber histórico não contamos somente com fatos linguísticos, mas também com outras tradições ligadas a "coisas" ou ao mundo extralinguístico. Assim, por exemplo, diante de frases do tipo "Macaco velho não mete a mão em cumbuca" ou de expressão como "macaco velho", não se pode dizer que *macaco* ou *macaco velho* evoca em português a ideia de 'prudência', 'sagacidade'. Relativamente à língua portuguesa, *macaco* está relacionado a outros animais, como *mico*, *chimpanzé*, etc.; pela evocação a 'prudência' não é responsável a língua portuguesa, até porque em muitas comunidades lusófonas o animal *macaco* não está relacionado com essa ideia. A evocação resulta exclusivamente do conhecimento que temos do animal, da sua participação em histórias, especialmente do folclore brasileiro.

5 – Linguagem e Metalinguagem

A metalinguagem é um uso linguístico cujo objeto é também uma linguagem; por exemplo quando se fala de palavras e seus componentes ou de orações: "*linguagem é uma palavra derivada de língua*", "*linguagem é um substantivo feminino em português e masculino em espanhol e francês*". "*-ção* é um sufixo formador de substantivo", "*Cadeira tem três sílabas*", etc. A metalinguagem não apresenta unidades estruturais nem pode ser estruturada no nível do saber idiomático; nem por isso seu estudo deixa de merecer o cuidado da ciência.

A linguagem, também chamada *linguagem primária*, não é uma linguagem que tem por objeto uma linguagem.

Esta distinção tem importância especial para a gramática. Por exemplo, qualquer palavra, grupo de palavras, parte de palavras, uma oração inteira, todo um texto tomado materialmente na metalinguagem pode ser considerado uma "palavra", um substantivo masculino por ser nome de algo: "*-mente* é um sufixo", "*lá* marca distância do falante", "Terrível palavra é um *não*", "*Não roubar* é um mandamento divino".

A metalinguagem pode manifestar uma técnica, um saber próprio em uma determinada tradição linguística. Por exemplo, na metalinguagem, em português, diz-se sem artigo "Homem é um dissílabo", enquanto na linguagem primária se diz com artigo "O homem trabalha".

6 – Sincronia e Diacronia

Outra distinção essencial, por sinal a primeira que se deve fazer no estudo das línguas, é a que se estabelece entre *sincronia* e *diacronia*. Por *sincronia* entende-se, em princípio, a referência à língua em um dado momento do seu percurso histórico, "sincronizada" sempre com seus falantes, e considerada no seu funcionamento no falar como descrição sistemática e

estrutural de um só sistema linguístico ("língua funcional"), enquanto por *diacronia* se entende a referência à língua através do tempo, isto é, no estudo histórico das estruturas de um sistema ("gramática histórica"), e como história da língua. Todavia, neste último aspecto, sincronia e diacronia não são correlativos, pois se se levar em conta o caráter parcialmente inovador de todo ato linguístico, toda língua viva está num perpétuo devenir, já que o aspecto sincrônico, para uma língua considerada na sua totalidade, metodologicamente imposto e necessário, é apenas uma abstração científica para estudar como a língua funciona e os traços que, entre dois momentos do seu desenvolvimento, se mostram constantes. Até para fins práticos necessitamos considerar a língua como algo estável e constante. Assim, a descrição sincrônica prescinde da história, no sentido de que não a abarca, mas a diacronia não pode prescindir das sincronias. Por fim, não se pode perder de vista que a descrição da língua num momento do seu desenvolvimento é uma parte da história dessa língua. Uma língua viva nunca está plenamente feita, mas se faz continuamente graças à atividade linguística.

À sincronia corresponde não só a descrição de sistemas unitários (isto é, a disciplina "gramática" em sua acepção mais ampla, abarcando ainda a fonologia e a semântica léxica estrutural ou lexemática), mas também a descrição dos três tipos de variedade já vistos feita por três outras disciplinas ("dialetos" → *dialetologia*, "níveis" → *sociolinguística* e "estilos" → *estilística da língua*).

7 – Estado da Língua Real e Sincronia

Convém distinguir entre *estado de língua real* e *sincronia*, considerada de modo absoluto. No estado de língua também está implícita uma dimensão diacrônica, já que os falantes, principalmente de comunidades com larga tradição de língua escrita, têm consciência de que certas formas são mais antigas que outras; que algumas já não se usam e que outras são recentes. Todavia essa "diacronia dos falantes" – que pode ser bem diferente da diacronia do historiador – não importa em relação ao funcionamento da língua, porque todo fato de "diacronia" subjetiva tem de ser descrito no seu funcionamento, isto é, na sua própria sincronia [ECs.8, 296].

À história da língua compete também referir-se ao aspecto sincrônico à medida que tem de socorrer-se dos vários "estados de língua" sucessivos, pois a "gramática histórica" é a comparação entre os vários sistemas estáticos compreendidos nos limites estabelecidos para estudo. No caso de uma língua românica como o português, pode-se começar pelos diversos sistemas do latim (clássico, vulgar, etc.) e continuar pelos sistemas sucessivos do português ou fases históricas (medieval, clássico, etc.), ou então partir do próprio português como língua já estabelecida e reconhecida pelos seus falantes e pelos falantes de outras comunidades linguísticas.

Pelo que vimos até aqui, e para evitar equívocos que elas implicam, seria melhor fugir às denominações *linguística sincrônica* e *linguística diacrônica* e, em vez delas, usar *descrição* e *história da língua*, porque ambas estão compreendidas no nível histórico da linguagem e constituem juntas a *linguística histórica*. Desligam-se, desta maneira, as noções de sincronia e diacronia da interpretação meramente temporal, como as entendia Saussure, em cuja lição

sincronia estava circunscrita a um só momento e diacronia a vários momentos [ECs.8, 281].

8 – Técnica Livre do Discurso e Discurso Repetido

Outra distinção necessária no estudo "sincrônico" de língua é a que se faz entre *técnica livre do discurso* e *discurso repetido*, porque as tradições linguísticas não só contêm técnica para falar, mas ainda linguagem já falada.

A técnica livre abarca os elementos constitutivos da língua e as regras "atuais" relativas à sua modificação e combinação, isto é, abarca as "palavras" e os instrumentos e procedimentos léxicos e gramaticais.

O discurso repetido abarca tudo aquilo que, no falar de uma comunidade, se repete mais ou menos uniformemente, como algo "já dito": algo já fixado num discurso e que pode ser repetido noutro discurso como "expressão", "giro", "modismo", frase ou locução cujos elementos constitutivos não são nem substituídos nem aceitam ser dispostos noutra ordem conforme permitem as regras de funcionamento da língua, ficando, assim, por não se submeterem a qualquer estruturação – pois só a técnica é estruturável –, fora do objeto da gramática e da lexicologia sincrônicas.

Assim, *bom professor* e *boa semana* pertencem à técnica livre do discurso, enquanto *bom samaritano* e *bom dia* (para a saudação matinal) são exemplos de discurso repetido.

D) Sistema, norma, fala e tipo linguístico

1 – Os Quatro Planos de Estruturação

Uma língua funcional apresenta diversos planos de estruturação. Distinguem-se quatro planos de estruturação: o *falar* (que é o plano da realização, isto é, uma técnica idiomática efetivamente realizada), e três planos de técnica ou de saber enquanto tal: a *norma*, o *sistema* e o *tipo linguístico*, que dizem respeito exclusivamente à estruturação de uma mesma técnica idiomática, em oposição à *arquitetura*, que, como já vimos, diz respeito à diversidade interna da língua histórica, com seu conjunto de línguas funcionais, em parte coincidentes e em parte diferentes umas das outras.

2 – A Norma

A *norma* contém tudo o que na língua não é funcional, mas que é tradicional, comum e constante, ou, em outras palavras, tudo o que se diz "assim, e não de outra maneira". É o plano de estruturação do saber idiomático que está mais próximo das realizações concretas. O sistema e a norma de uma língua funcional refletem a sua estrutura.

3 – O Sistema

O *sistema* contém apenas as oposições funcionais, isto é, contém unicamente os traços distintivos necessários e indispensáveis para que uma unidade da língua (quer no plano da expressão, quer no plano do conteúdo) não se confunda com outra unidade.

Assim, no sistema dos relativos em português, *que* e *o qual* se opõem ambos a *quem* e *cujo*, por exemplo; mas a norma usual da língua prefere unicamente *o qual*, e não *que*, depois de preposição com mais de duas sílabas:

> Os caminhos *de que* (*dos quais*) lhe falei...

mas:

> As razões *segundo as quais* (e não *segundo que*).

O sistema verbal português marca a 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo com o morfema -*o*: eu cant*o*, vend*o*, part*o*.

Crianças e adultos que usam incorretamente a forma verbal *seio* (por *sei*) são levados a fazê-lo por força do sistema, mas desconhecem a norma.

O sistema do português conta, além de outros, com o sufixo -*ção* para formar substantivos, em geral denotadores de ação, oriundos de verbos: *coroar* → *coroação*; *colocar* → *colocação*.

Todavia, a norma prefere *casamento* a *casação*, *livramento* a *livração*, *tomada* a *tomação* o u *tomamento*, etc. Outras vezes, a norma agasalha ambas as formas possibilitadas pelo sistema.

No domínio da sintaxe também se comprova a distinção entre norma e sistema. Os chamados complementos verbais quando constituídos por substantivos normalmente se dispõem na ordem *direto* + *indireto* (Dei *um livro ao primo*), mas quando aparece, numa dessas funções ou nas duas, pronome pessoal, a norma é vir primeiro o indireto: (Dei-*lhe um livro*) / Dei-*lho* (lhe + o).

O falante domina o sistema de uma língua quando está em condições de criar nela. Relativamente à norma, o seu domínio é muito mais complexo e exige do falante uma aprendizagem por toda a vida.

A norma pode coincidir com o sistema quando este oferece uma só possibilidade de realização.

O distanciamento entre sistema e norma de realização se manifesta quando a "novidade" criada à luz do sistema inexiste na norma, na tradição já realizada e, por isso mesmo, não se encontra registrada nos dicionários e nas gramáticas. Foi o caso, entre nós, de *imexível*, nascido com procedimentos do sistema do mesmo modo que *intocável*, *infalível*, etc., mas não ainda realizado na norma. Esqueceram-se os críticos de que uma língua viva não está feita, isto é, que não só estrutura seus atos por modelos precedentes, mas faz-se e refaz-se constantemente, encerra formas feitas e tem potencialidade para criar formas novas, e está sempre a serviço das necessidades expressivas de qualquer falante. É nisto que consiste a dimensão criatividade já aludida aqui anteriormente.

Como também pode conter traços não pertinentes do ponto de vista de oposição funcional, a norma, em certo sentido, tem maior amplitude que o sistema, já que este só contém traços distintivos necessários e indispensáveis para que uma unidade da língua se diferencie de outra

unidade. Por outro lado, o sistema é mais amplo do que a norma, porque propicia também possibilidades inéditas, não realizadas na norma da língua.

4 – O Tipo Linguístico

O *tipo linguístico* é o mais alto plano que se pode comprovar da técnica da língua. É o conjunto coerente de categorias funcionais e de tipos de procedimentos materiais que configuram um sistema ou diferentes sistemas: compreende as categorias de oposições de expressão e de conteúdo e os tipos de funções. Enquanto o sistema é sistema de possibilidades em relação à norma, o tipo é sistema de possibilidades em relação ao sistema.

No processo histórico, a norma pode modificar-se permanecendo inalterável o sistema, bem como o sistema pode modificar-se conservando no tipo seus princípios de configuração. As numerosas semelhanças que se podem apontar nas línguas românicas não se explicam somente pela origem comum e influências recíprocas, mas também porque, com exceção do francês, se configuraram em vários pontos por princípios funcionais análogos de tipo linguístico [ECs.14, 53-54].

Por fim, cabe esclarecer que a tipologia linguística está nos seus começos; alguns estudos que se têm realizado com seu nome nada mais são do que gramática contrastiva no nível dos sistemas e classificação de procedimentos idiomáticos.

No tocante às relações conceituais de fala, norma, sistema e tipo linguístico no quadro teórico de E. Coseriu e de F. de Saussure, fala corresponde mais ou menos à *parole*; a norma e o sistema da língua correspondem, no seu conjunto, mais ou menos à *langue*, enquanto o tipo linguístico não foi identificado como tal pelo linguista genebrino.

E) Propriedades dos estratos de estruturação gramatical 1

1 – Os Estratos Gramaticais

Em português, os estratos gramaticais possíveis são, pela ordem ascendente: o *elemento mínimo* (ou *monema*), a *palavra* gramatical, o *grupo de palavras*, a *cláusula*, a *oração* e o *texto*:

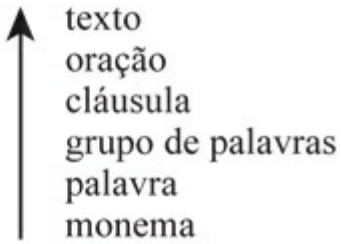

Do ponto de vista de sua função gramatical, *casa-* e *-s* são "monemas"; já *casas*, na oposição *casa* / *casas*, é uma "palavra gramatical" com sua função "plural", uma vez que *-s* é

o "pluralizador" e *casa*- o "pluralizado", e o sintagma inteiro *casas* é o "plural". Em português, a "explicação" e a "especificação" são funções do nível do grupo de palavras e se expressam mediante a posição do adjetivo. No grupo substantivo + adjetivo *o manso boi*, *o vasto oceano*, o adjetivo é explicativo (já que não separa classes menores dentro das classes "boi" e "oceano"; apenas expressa propriedades inerentes a estas classes); no entanto, em *o boi manso*, o adjetivo é "especificativo" (porque serve para opor um boi manso a outros bois não mansos). Como no exemplo anterior, *manso* é "explicador"e *boi* o termo "explicado", e o sintagma inteiro *o manso boi* é um "explicativo".

A oposição correspondente às funções "comentário" e "comentado" ocorre no estrato funcional a que Coseriu dá o nome convencional cláusula, que é o estrato que, no interior de uma só e mesma oração, estabelece a referida oposição. O chamado "advérbio de oração", que não passa de uma cláusula "comentário", ocorre nesse nível de estruturação. Em *Eu sei certo*, só temos uma oração, sem nenhum comentário, porque significa simplesmente 'eu sei com segurança', 'com certeza'. Já na oração em *Certamente, eu sei*, há duas cláusulas: a cláusula comentário *certamente* e a cláusula *eu sei*, e o conteúdo do enunciado oracional é equivalente a 'certamente, eu o sei', 'é certo que eu o sei', 'eu o sei, e este fato é certo'. Assim, *certamente* não determina o valor lexical de *eu sei*, mas assegura a realidade mesma do fato de saber.

O estrato gramatical da oração é caracterizado pela função "predicativa". Nela, o "sujeito" e o "predicado" são funções sintagmáticas e puramente relacionais: o predicado é o termo "referido", e o sujeito, o termo "referente", a função sintagmática é a de "referência", e a unidade resultante é a "predicação referida", que se opõe, neste nível, à "predicação não referida". Em *O aluno estuda* temos uma predicação referida; em *Chove*, *Faz calor*, uma predicação não referida. Registre-se aqui, de passagem, que a oração dita complexa não constitui um estrato superior da oração. O estrato superior da oração – simples ou complexa – é o texto.

No estrato do texto, como estrato gramatical idiomático, – e não como outras estruturas, por exemplo, o "soneto", a "crônica", a "novela"-, podemos ter casos como a oposição entre "pergunta não repetida" e "pergunta repetida". Se se pergunta *Você vai bem*?, no nível do texto, isto significa que se faz a pergunta pela primeira vez, ou pela qual não se manifesta se ela se diz pela primeira vez ou não. Mas já em *E você, como vai*? ou *E você vai bem*? ou *Que você vai bem*?, trata-se, sem dúvida, de uma pergunta repetida, ou porque, depois de uma primeira pergunta, agora se quer saber acerca do nosso interlocutor, ou então porque este não compreendeu a primeira pergunta sobre como passava de saúde ou de situação. Trata-se aqui de uma oposição no nível do discurso ou do texto, e não no nível da oração.

O número dos estratos gramaticais nem sempre é igual de língua para língua. Segundo Halliday, citado por Coseriu, só dois estratos são imprescindíveis, o do monema e o da oração.

2 – Propriedades dos Estratos de Estruturação Gramatical

São quatro estas propriedades: a *superordenação* (ou *hipertaxe*), a *subordinação* (ou

hipotaxe), a *coordenação* (ou *parataxe*) e a *substituição* (ou *antitaxe*).

Tais propriedades podem ser assim representadas graficamente:

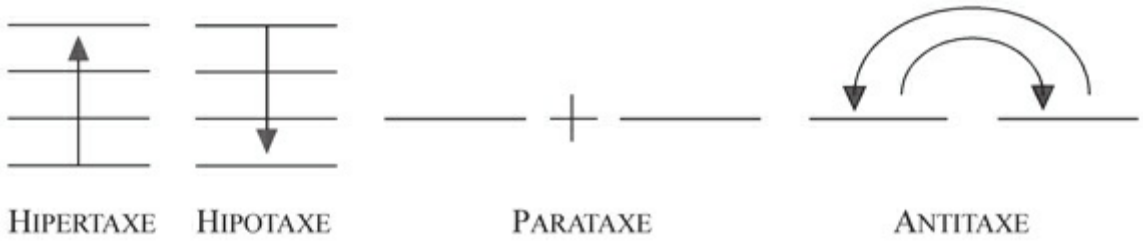

3 – Hipertaxe ou Superordenação

A hipertaxe é a propriedade pela qual uma unidade de um estrato inferior pode funcionar por si só – isto é, combinando-se com zero – em estratos superiores, podendo chegar até ao estrato do texto e aí opor-se a unidades próprias desse novo estrato. Assim, um monema pode, em princípio, funcionar como palavra; uma palavra como grupo de palavras, e assim sucessivamente.

Tomando o exemplo *casa – casas*, o elemento mínimo *casa* funciona como "singular" no nível da palavra gramatical, por oposição a *casas*, por estar "combinado" com zero. Em *casa – a casa*, a palavra *casa*, já determinada como "singular", funciona no nível do grupo de palavras como "virtual, inatual" – em oposição ao "atual" *a casa*. Em *Certamente*! *Claro*!, estamos diante de uma superordenação da palavra no nível da cláusula, e desta ao nível da oração e do texto.

As línguas conhecem restrições na manifestação dessa propriedade; por exemplo, a superordenação de palavras ou grupos de palavras no nível do texto é mais reduzida nas perguntas do que nas respostas. Uma resposta como *Isabel* é muito normal, diante da pergunta *Quem acabou de sair*? Por outro lado, uma pergunta como (*E*) *Isabel*? É certamente possível, mas exige um contexto especial. Salvo num caso de uma retomada de discurso anterior ou de emprego metalinguístico, as palavras morfemáticas, isto é, de significado puramente instrumental (artigos, preposições, conjunções), estão em geral impossibilitadas de se superordenar em nível de texto. Entretanto, nas retomadas de discurso anterior, e na metalinguagem, pode-se superordenar no nível da oração e do texto um monema, uma palavra morfemática ou até uma palavra, como, por exemplo, ocorre com *sem* na resposta à pergunta do tipo: *Viajarás com ou sem teus pais*? – *Sem*. Ou então o sufixo *-ção* na resposta diante da dúvida: *É condenação ou condenamento*? – *Ção*.

Na maioria dos casos reais da chamada *elipse* o que se tem, na verdade, é uma forma de superordenação (quase sempre combinada com uma substituição por retomada).

4 – Hipotaxe ou Subordinação

A hipotaxe é a propriedade oposta à hipertaxe: consiste na possibilidade de uma unidade correspondente a um estrato superior poder funcionar num estrato inferior, ou em estratos inferiores. É o caso de uma oração passar a funcionar como "membro" de outra oração, particularidade muito conhecida em gramática. O importante é, entretanto, verificar que este tipo de propriedade não fica só aqui, mas tem uma aplicação mais extensa. Em princípio, toda unidade superior ao estrato do monema pode ser subordinada. Um texto inteiro pode funcionar como uma oração num outro texto; uma oração como uma cláusula ou grupo de palavras; um grupo de palavras como uma palavra gramatical, e uma palavra como um elemento mínimo.

E m *Verdadeiramente ele disse isso*, a cláusula comentário (*verdadeiramente*), por hipertaxe, passa a oração (é verdade), enquanto temos hipotaxe da cláusula comentada (*ele disse isso*). As palavras compostas, do tipo de *planalto*, e as perífrases lexicais, como *pé de valsa* ('exímio dançarino') são, do ponto de vista gramatical, subordinações ou hipotaxes de grupos de palavras no nível da palavra; por outro lado, locuções do tipo *por meio de*, *por causa de* funcionam no nível de elementos mínimos (aproximadamente como *com*, *por*).

Vista pelo prisma da hipotaxe, percebe-se que a ideia de conceber as "conjunções subordinativas" como elementos que "unem" orações nasce do falso paralelismo entre subordinação (hipotaxe) e coordenação (parataxe). Na realidade, em línguas como o português, as conjunções subordinativas não são mais que morfemas de subordinação ou ainda preposições combinadas com esses morfemas. Em princípio, para subordinar orações ou cláusulas de estrutura oracional, temos necessidade de dois instrumentos: um para marcar a subordinação, isto é, para indicar que uma estrutura oracional de verbo flexionado funciona como membro de uma oração, e não como oração independente, e outro instrumento para indicar a função que esta estrutura exerce na oração complexa. No português essa marca de subordinação é *que*. Em se tratando de função sintagmática não marcada na oração ("sujeito", "complemento direto"), só se emprega esta marca *que*. Pode-se prescindir desta marca se o sintagma oracional subordinado já se acha indicado por um pronome, um advérbio interrogativo (ou exclamativo) ou pela conjunção *se* da interrogação geral: É preciso *que venhas.* Ela espera *que venhas.* Ela sabe *quem vem.* Os alunos não sabem *quando saem* os resultados. O professor não sabe *se haverá feriado nesta semana.*

Se se trata de função sintagmática introduzida (no caso de uma palavra ou de um grupo de palavras) por preposição, a chamada conjunção subordinada é normalmente constituída por essa preposição com *que*: *para acabar* / *para que acabe*; *antes da* (de a) *guerra começar* / *antes de que a guerra comece*, etc...

Pelos exemplos, vê-se que primeiro se subordina mediante o instrumento de subordinação (*que*) e depois se introduz o sintagma subordinado pela preposição correspondente à função sintagmática respectiva.

5 – Parataxe ou Coordenação

Consiste a parataxe na propriedade mediante a qual duas ou mais unidades de um mesmo estrato funcional podem combinar-se nesse mesmo nível para constituir, no mesmo estrato, uma nova unidade suscetível de contrair relações sintagmáticas próprias das unidades simples

deste estrato. Portanto, o que caracteriza a parataxe é a circunstância de que unidades combinadas são equivalentes do ponto de vista gramatical, isto é, uma não determina a outra, de modo que a unidade resultante da combinação é também gramaticalmente equivalente às unidades combinadas. Não sobem a estrato de estruturação superior. Assim, duas palavras combinadas persistem no nível da palavra e não constituem um "grupo de palavras", como se passassem ao nível imediatamente superior.

Podem-se coordenar orações que apresentam uma mesma função textual, palavras e grupos de palavras de mesmas funções (tais como sujeito, complemento, adjunto) e até preposições e conjunções do estrato de monemas, como *com* e *sem*, *e* e *ou*. A única condição a ser respeitada é que se trate de unidades pertencentes ao mesmo estrato ou transpostas ao mesmo estrato em virtude de hipertaxe ou de hipotaxe. Daí que estruturas do tipo [*ricos homens*] *e mulheres*/ [*ricos*] *homens e mulheres*, conforme a ordem de operações levadas a cabo na estruturação da expressão: constituição do grupo de palavras *ricos homens* e depois coordenação com *mulheres* ou, ao contrário, primeiro coordenação de *homens e mulheres*, no nível da palavra, por hipotaxe, e em seguida constituição do grupo de palavras por meio da determinação com *ricos*.

Pode-se, outrossim, coordenar uma palavra com uma oração que funciona como membro de outra oração desde que exerçam a mesma função, como em: Ele agora sabe *a verdade* e *que eu não lhe havia mentido*. Mas para isso foi necessário que a oração subordinada passasse ao estrato de grupo de palavras e de palavra gramatical, por meio da hipotaxe, para então ser possível a coordenação no mesmo nível da palavra.

Tem a parataxe sido vista apenas em relação à coordenação de orações, especialmente a parataxe aditiva com um só verbo flexionado, como se fosse o somatório com apagamento dos elementos idênticos nas orações coordenadas. Isto realmente ocorre em casos como *João e Maria leem*, que corresponde a *João lê* e *Maria lê*, mas já duvidosa em *João e Maria se casaram* e impossível, por absurda em *João e Maria se parecem*, que não vale por *João é parecido + Maria é parecida*. Na realidade, em todos estes casos se trata apenas da *ordem operacional* seguida na constituição da expressão, ordem que na interpretação deve ser refeita às avessas. Assim, tem-se inicialmente a coordenação *João e Maria* e depois a predicação constitutiva da oração.

Outro ponto que há de merecer a nossa atenção é o fato de que, partindo dos três tipos fundamentais e opositivos de coordenação em português (a aditiva, adversativa e a alternativa), estas construções podem ainda exprimir relações internas de "dependência", o que, à primeira vista, parece paradoxal, porque é o mesmo que dizer que "a parataxe inclui a hipotaxe" ou que "a parataxe também é hipotaxe". Na realidade, o que temos nesses casos é, a uma só vez, parataxe e hipotaxe, mas não no mesmo nível de estruturação gramatical. No nível da oração tais construções são paratáticas; mas exprimem ao mesmo tempo relações internas de dependência no que diz ao *sentido do discurso* e, por isso, manifestam funções sintagmáticas no nível do texto: os segundos elementos dessas construções se acham coordenados no nível da oração, mas são subordinados aos primeiros elementos enquanto *unidades textuais*. É o mesmo caso que ocorre com as orações introduzidas por *pois*, *porquanto*, *por isso*, *por conseguinte*, *logo*, a que a gramática tradicional e escolar chama

orações "conclusivas" e "causais-explicativas". Embora exprimindo estados de coisas comparáveis aos das orações subordinadas, são consideradas, não sem razão, orações "principais" ou "independentes". Na realidade, são independentes no nível da oração, mas são elementos subordinados do ponto de vista de unidades de conteúdo no nível superior do texto.

6 – Antitaxe ou Substituição

É a propriedade mediante a qual uma unidade de qualquer estrato gramatical já presente ou virtualmente presente ("prevista") na cadeia falada pode ser representada – retomada ou antecipada – por outra unidade de outro ponto da cadeia falada (quer no discurso individual, quer no diálogo), podendo a unidade que substitui ser parte da unidade substituída, com idêntica função ou mesmo zero. É o fenômeno muito conhecido no domínio dos pronomes que "substituem" (= "representam") lexemas (palavras ou grupos de palavras), inclusive lexemas inexistentes como tais na língua, como é o caso dos pronomes "neutros" (*isto*, *isso*, *aquilo*), que podem referir-se a um fato, a uma circunstância ou a uma situação.

O fenômeno da antitaxe, entretanto, é uma realidade de muito maior amplitude e diz respeito, em princípio, a todos os estratos gramaticais. Assim, a retomada mediante *sim*, *não*, diz respeito aos níveis da oração e do texto; e a não repetição (retomada por zero) de uma preposição na coordenação dos complementos ou do pronome sujeito na coordenação de dois ou mais verbos diz respeito ao estrato de elementos mínimos.

No interior da antitaxe, podemos distinguir, do ponto de vista constitucional (cf.) a antecipação e a retomada (ou "anáfora", "catáfora"), isto é, a representação "antes" e "depois", sendo esta válida até para a representação zero.

Do ponto de vista funcional, é preciso distinguir a antitaxe puramente material em que a unidade que substitui, além de representar a unidade substituída, tem também uma função particular, própria ao domínio da substituição. Assim, no português *clara e duramente*, temos uma antitaxe puramente material (o zero antecipador de *clara* tem exatamente a mesma função que *-mente* em *duramente*), enquanto na retomada por meio de *sim*, *não*, estamos diante de uma antitaxe funcional, já que tais unidades, além de representar o que foi dito pelo interlocutor (constituindo por isso "pro-orações" ou "pro-textos" e não meramente advérbios), exprimem também uma tomada de posição por parte do falante: a concordância ou a discordância com o conteúdo de consciência manifestado pelo interlocutor.

A rigor, a antitaxe é um fenômeno "transfrásico", um fenômeno do plano do "discurso" ou do "texto", uma parte porque concerne à constituição do discurso como tal, à estruturação material e funcional da cadeia falada, conforme as relações presentes na própria cadeia, e por outra parte, porque ela ignora as fronteiras entre as orações, funcionando independentemente dessas fronteiras tão bem numa só e mesma oração como em várias orações ao mesmo tempo e, quase sempre, além dos limites entre as orações. Daí este fenômeno pertencer ao domínio da linguística do texto. Entretanto, deve a antitaxe ser também estudada e descrita na gramática das línguas, mesmo numa "phrase-grammar", porque a expressão substituída apresenta procedimentos, materiais e funções que lhe são próprias e porque as línguas, como sistemas paradigmáticos, apresentam uma grande diversidade a este respeito.

F) Dialeto – Língua comum – Língua exemplar. Correção e exemplaridade. Gramáticas científicas e gramática normativa. Divisões da gramática e disciplinas afins. Linguística do texto

1 – Língua Comum e Dialeto

Já vimos que uma língua histórica, como o português, está constituída de várias "línguas" mais ou menos próximas entre si, mais ou menos diferenciadas, mas que não chegam a perder a configuração de que se trata "do português" (e não do galego, ou do espanhol, ou do francês, etc.), quer na convicção de seus falantes nativos, quer na convicção dos falantes de outros idiomas. Há uma *diversidade* na *unidade*, e uma *unidade* na *diversidade*.

Os falantes dessas diversidades, por motivações de ordem política e cultural, tendem a procurar, graças a um largo período histórico, um veículo comum de comunicação que manifeste a unidade que envolve e sedimenta as várias comunidades em questão. Geralmente, nessas condições, se eleva um dialeto – em geral o que apresenta melhores condições políticas e culturais – como veículo de expressão e comunicação que paire sobre as variedades regionais e se apresente como espelho da unidade que deseja refletir o bloco das comunidades irmanadas.

Esta unidade linguística ideal – que nem sempre cala o prestígio de outros dialetos nem afoga localismos linguísticos – chama-se *língua comum*.

No caso de Portugal, o dialeto falado na região Entre Douro e Minho (dialeto interamnense) – sede do governo e da instrução superior – alçou à condição de língua comum. Como a língua comum recebe, em geral, o nome da língua histórica (isto é, daquela que engloba as variedades dialetais de que vimos falando), em nosso caso particular a língua comum é denominada *língua portuguesa* ou, simplesmente, *português*. Isto ocorre por toda a parte; assim é que o dialeto de Paris (franciano) passou a denominar-se *francês*, o de Florença (toscano florentino) *italiano*, o de Castela *castelhano* ou *espanhol*. Por isso é que se diz que entre *língua* e *dialeto* não há diferença de natureza, e sim de prestígio político e cultural, além do fato da maior extensão geográfica da língua comum. Algumas vezes a língua comum desbanca os primitivos dialetos, como ocorreu com a *koiné* grega.

Por motivações de ordem cultural e para conter, na medida do possível e do razoável, a força diferenciadora, centrífuga, que caracteriza o perpétuo devenir das línguas, pode-se desenvolver dentro da língua comum um tipo de outra língua comum, mais disciplinada, normatizada idealmente, mediante a eleição de usos fonético-fonológicos, gramaticais e léxicos como padrões exemplares a toda a comunidade e a toda a nação, a serem praticados em determinadas situações sociais, culturais e administrativas do intercâmbio superior. É a modalidade a que Coseriu chama língua exemplar, mais relativamente uniforme do que a língua comum, porque está normatizada intencionalmente [ECs.8, 164-165]. Esta uniformidade relativa é mais frequente quando a língua comum é usada em países diferentes. É o que acontece entre nós, onde se registra uma exemplaridade do português do Brasil ao lado de uma exemplaridade do português de Portugal, em grande parte de delineação complexa, porque a

exemplaridade do português – e não fato exclusivo do nosso domínio – não está claramente fixada em suas formas, conteúdos e procedimentos [ECs.8, 35].

2 – O Exemplar e o Correto

Há de distinguir-se cuidadosamente o *exemplar* do *correto*, porque pertencem a planos conceituais diferentes. Quando se fala do exemplar, fala-se de uma forma eleita entre as várias formas de falar que constituem a língua histórica, razão por que o eleito não é nem correto nem incorreto.

Já quando se fala do correto, que é um juízo de valor, fala-se de uma conformidade com tal ou qual estrutura de uma língua funcional de qualquer variedade diatópica, diastrática ou diafásica. Por ele se deseja saber se tal fato está em conformidade com um modo de falar, isto é, com a língua funcional, com a tradição idiomática de uma comunidade, fato que pode ou não ser o modo exemplar de uma língua comunitária.

O modo exemplar pertence à arquitetura da língua histórica, enquanto o correto (ou incorreto) se situa no plano da estrutura da língua funcional. Cada língua funcional tem sua própria correção à medida que se trata de um modo de falar que existe historicamente.

3 – Gramática Descritiva e Gramática Normativa

Daí é fácil concluir que não devemos confundir dois tipos de gramática: a *descritiva* e a *normativa*.

A gramática descritiva é uma disciplina científica que registra e descreve (daí o ser *descritiva*, por isso não lhe cabe definir) um sistema linguístico em todos os seus aspectos (fonético-fonológico, morfossintático e léxico).

Cabe tão somente à gramática descritiva registrar como se diz numa língua funcional.

Por ser de natureza científica, não está preocupada em estabelecer o que é certo ou errado no nível do saber elocutivo, do saber idiomático e do saber expressivo.

A gramática descritiva se reveste de várias formas segundo o que examina mediante uma metodologia empregada, formas que não cabe aqui explicitar, mas tão somente enumerar: *estrutural*, *funcional*, *estrutural e funcional*, *constrastiva*, *distribucional*, *gerativa*, *transformacional*, *estratificacional*, *de dependências*, *de valências*, *de usos*, etc. A gramática estrutural funcional concebida por E. Coseriu aplica-se à depreensão e descrição dos paradigmas do significado gramatical, das estruturas gramaticais de uma língua particular.

Cabe à *gramática normativa*, que não é uma disciplina com finalidade científica e sim pedagógica, elencar os fatos recomendados como modelares da exemplaridade idiomática para serem utilizados em circunstâncias especiais do convívio social.

A gramática normativa recomenda como se deve falar e escrever segundo o uso e a autoridade dos escritores corretos e dos gramáticos e dicionaristas esclarecidos.

4 – Âmbitos de Estudo da Gramática

Como vimos, a gramática descritiva registra e descreve todos os aspectos de uma língua particular, homogênea e unitária. Por isso, aparece diversificada nos capítulos pelos quais costuma ser apresentada: *fonética* e *fonologia*, *morfologia* e *sintaxe* (melhor *morfossintaxe*), *semântica*, *estilística*.

4.1 – Fonética e Fonologia

A fonética e a fonologia estudam o aspecto físico-fisiológico, isto é, o aspecto fônico. A fonética se ocupa do aspecto acústico e fisiológico dos sons reais e concretos dos atos linguísticos: sua produção, articulação e variedades.

Já para a fonologia, a unidade básica não é o som, mas o *fonema*, visto como unidade acústica que desempenha função linguística distintiva de unidades linguísticas superiores dotadas de significado. Assim, em *tinta*, a fonética, levando em conta a realidade acústica na pronúncia carioca, distingue dois sons diferentes de *t*, enquanto a fonologia considera funcionalmente um só *t*, pois, apesar de articulado diferentemente nas várias realizações, o falante se considera diante de uma mesma palavra: *tinta*.

4.2 – Sistema gráfico

Nas línguas em que, ao lado da realidade *oral*, existe a representação escrita de um sistema convencional dessa oralidade chamado *sistema gráfico* ou *ortografia*, este sistema se regula, em geral, ora pela fonética, ora pela fonologia, o que conduz a uma primeira dificuldade para se chegar a um sistema ideal, que exigiria uma só unidade gráfica para um só valor fônico. Neste particular tornou-se necessário não se confundir *letra* com *som* da fala; letra é a representação gráfica com que se procura reproduzir na escrita o som, o que não significa identificá-los. O nosso sistema fonológico tem sete fonemas vocais orais tônicos para cuja representação temos apenas cinco letras (**a** – **e** – **i** – **o** – **u**). Costuma-se hoje chamar *grafema* à unidade gráfica (letra) da escrita.

Em se tratando de línguas modernas que adotaram um sistema gráfico aproveitando o alfabeto latino, como ocorre com a maioria dos idiomas modernos, três fatores contribuem para que não se alcance uma ortografia ideal, apesar de entrarem em seu socorro recursos de letras e sinais diacríticos não existentes em latim:

a) adoção de alfabeto estranho, como o latino, nem sempre capaz de atender à representação de fonemas das novas línguas;

b) mudança através do tempo de fonemas das novas línguas, depois de adotado o alfabeto latino;

c) permanente indecisão das convenções ortográficas entre a opção fonético-fonológica e a "etimológica" (este, pelo prestígio dos hábitos da escrita latina).

4.3 – Alfabeto fonético

Para fins científicos e pedagógicos (principalmente nas gramáticas e dicionários destinados a estrangeiros), usam-se *alfabetos fonéticos* que procuram na transcrição representar fielmente cada unidade fônica por meio de um sinal gráfico, escolhido entre as letras já existentes no alfabeto e mais sinais especiais criados para atingir a fidelidade acústica

desejada.

4.4 – Gramática e Estilística

A gramática pode estudar tanto o aspecto da pura comunicação (chamada linguagem enunciativa ou intelectiva) quanto o aspecto afetivo, de exteriorização psíquica e apelo (linguagem emotiva).

De modo geral, aplica-se a gramática propriamente dita aos aspectos da linguagem intelectiva, ficando a linguagem emotiva para tarefa de uma disciplina chamada *estilística*, de que falaremos mais adiante.

4.5 – Morfossintaxe

A parte central da gramática pura é a morfossintaxe, também com menos rigor estudada como dois domínios relativamente autônomos: a *morfologia* (estudo da palavra e suas "formas") e a *sintaxe* (estudo das combinações materiais ou funções sintáticas). Ocorre que, a rigor, tudo na língua se refere sempre a combinações de "formas", ainda que seja combinação com zero ou ausência de "forma"; assim, toda essa pura gramática é na realidade sintaxe, já que a própria oração não deixa de ser uma "forma"(na lição tradicional, ela não pertence ao domínio da morfologia). Melhor seria se adotássemos a proposta de Eugenio Coseriu que já estava presente numa lição de Gabelentz; a gramática se comporia de três seções: a) "constitucional" (que descreveria a configuração material da "forma" gramatical, abrangendo por forma também o grupo de palavras, a oração e o período); b) "funcional" (que investiga as funções dos diferentes estratos de estruturação gramatical, comprovando os paradigmas que funcionam em cada estrato); c) "relacional" (que estuda as relações entre os diferentes paradigmas pelos quais se expressam funções designativas análogas) [ECs.4, 262-263].

4.6 – Lexicologia

Outro domínio dos estudos gramaticais que, pela sua especificidade e extensão também constitui uma disciplina autônoma, é a *lexicologia*.

É tarefa da lexicologia o estudo dos *lexemas*, suas estruturas e variedades e suas relações com os significantes. Entende-se por lexema a unidade linguística dotada de *significado léxico*, isto é, aquele significado que aponta para o que se apreende do mundo extralinguístico mediante a linguagem. Assim, em *amor*, *amante*, *amar*, *amavelmente* o significado léxico é comum a todas as palavras da série.

Levando-se em conta o plano da expressão (significante) e o plano do conteúdo (significado), a lexicologia abarcará quatro disciplinas subsidiárias [ECs.12, 46-48]:

a) *lexicologia da expressão*: estudo das relações entre os vários significantes léxicos enquanto tais, por exemplo, *amar* ↔ *amante*, *falar* ↔ *falante* ao lado de *saltar* ↔ *saltador*.

b) *lexicologia do conteúdo*: estudo das relações entre os significados léxicos enquanto tais: *salário*, *ordenado*, *provento*, *honorário*, *soldo*, *mesada*; ou *sair* x *chegar*, etc. (sinônimos, antônimos)

c) *semasiologia*: estudo da relação entre os dois planos partindo da expressão para o conteúdo: o significante *hóspede* com os significados de 'aquele que dá a hospedagem' e

‘aquele que recebe a hospedagem’; *nora* ‘esposa de filho em relação aos pais dele’, e *nora* ‘aparelho para tirar água de poço, cisterna’.

Tradicionalmente é este estudo que se reconhece em geral como a disciplina semântica ou semântica lexical.

d) *onomasiologia*: estudo da relação dos dois planos, partindo do conteúdo: para o significado ‘dinheiro’ há os significantes *prata*, *massa*, *erva*, *caraminguá*, *arame*, *mango* (quase todos populares ou familiares).

Há disciplinas lexicológicas preocupadas com a origem dos palavras. Aí temos a *etimologia* (estudo da origem delas), a *onomástica* (estudo histórico dos nomes próprios, dividida em *antroponímia* – história dos nomes de pessoa – e *toponímia* – história dos nomes de lugares).

4.7 – Outra vez a Estilística

A seguir, temos a estilística, a qual, conforme dissemos anteriormente, é o estudo dos aspectos afetivos que envolvem e caracterizam a linguagem emotiva que perpassa todos os fatos de língua. Pode tanto aplicar-se àqueles usos da esfera afetiva e emotiva generalizados na língua, por exemplo, os diminutivos, os aumentativos, as hipérboles, etc. (a chamada *estilística da língua* de Charles Bally), ou então às criações estéticas originais e inéditas de um autor ou de uma obra (a chamada *estilística da fala* da escola idealista alemã de Karl Vossler, Leo Spitzer e seguidores).

4.8 – Outros tipos de Gramática

Além da gramática descritiva, são também gramáticas científicas, isto é, sem finalidade prescritiva ou normativa, e com objeto e metodologia próprios:

a) *gramática geral* (mais impropriamente chamada *gramática universal*): estudo dos fundamentos teóricos dos conceitos gramaticais (e por isso mesmo lhe cabe a definição desses conceitos), ou, noutro sentido, procura os fatos gramaticais comuns e gerais a vários sistemas linguísticos. Também é denominada *teoria gramatical*. Esta gramática investiga o plano universal da linguagem e, por isso, não tem como objeto uma língua particular, como as gramáticas seguintes, que investigam o plano histórico da linguagem, uma vez que estudam línguas históricas, isto é, técnicas (saberes) historicamente determinadas.

b) *gramática comparada*: estudo comparado de línguas pertencentes a um tronco ou “família” procedente de uma fonte comum primitiva, com vista a estabelecer os fatos manifestados pela relação de “parentesco”.

c) *gramática histórica* (considerada em sentido estrito): estudo diacrônico de um só sistema idealmente homogêneo.

d) *história interna da língua*: estudo diacrônico de uma língua histórica.

Citem-se mais as seguintes disciplinas linguísticas:

1) *dialetologia*: estudo das diferenças regionais de uma língua; sua aplicação, mediante método particular para cada uma, se faz com duas subdisciplinas: *geografia linguística* e *paleontologia linguística*.

2) *sociolinguística*: estudo da variedade e variação da linguagem em relação com a estrutura social das comunidades.

3) *etnolinguística*: estudo da variedade e variação da linguagem em relação com a civilização e a cultura [ECs.15, 29].

4) *psicolinguística*: estuda o aspecto psíquico da atividade linguística.

Até aqui, as gramáticas e disciplinas que investigam os fatos de uma língua ou de línguas particulares são disciplinas que se aplicam ao plano idiomático da linguagem.

Por fim, cabe aludir à *linguística do texto*, campo recente de estudo, que visa a examinar o sentido do texto considerado como entidade autônoma da linguagem. Investiga o plano individual da linguagem. É o estudo da hermenêutica do sentido. Para Coseriu, enquanto as disciplinas que estudam a língua se aplicam ao exame da estrutura do significante e à descrição da estrutura do significado, a pura linguística do texto se aplica à interpretação do significante e do significado da língua como expressão do sentido [ECs.3].

1 E. Coseriu [ECs.15, 22; ECs.4, 172].

I – Fonética e Fonologia

A) Produção dos sons e classificação dos fonemas

1 – Fonética Descritiva

Fonemas – Chamam-se fonemas os sons elementares e distintivos que o homem produz quando, pela voz, exprime seus pensamentos e emoções.

Fonemas não são letras – Desde logo uma distinção se impõe: não se há de confundir *fonema* com *letra*. *Fonema* é uma realidade acústica, realidade que nosso ouvido registra; enquanto *letra* é o sinal empregado para representar na escrita o sistema sonoro de uma língua. Não há identidade perfeita, muitas vezes, entre os fonemas e a maneira de representá-los na escrita, o que nos leva facilmente a perceber a impossibilidade de uma *ortografia* ideal. Temos, como veremos mais adiante, *sete* vogais orais tônicas, mas apenas *cinco* símbolos gráficos (letras): *a*, *e*, *i*, *o*, *u*. Quando queremos distinguir um *e* tônico aberto de um *e* tônico fechado – pois são dois fonemas distintos – geralmente utilizamos sinais subsidiários: o acento agudo (*fé*) ou o circunflexo (*vê*). Há letras que se escrevem por várias razões, mas que não se pronunciam, e portanto não representam a vestimenta gráfica do fonema; é o caso do *h* em *homem* ou *oh!* Por outro lado, há fonemas que se ouvem e que não se acham registrados na escrita; assim, no final de *cantavam*, ouvimos um ditongo em *-am* cuja semivogal não vem assinalada /amávãw/. A escrita, graças ao seu convencionalismo tradicional, nem sempre espelha a evolução fonética. Neste livro, diferençamos a letra do fonema, pondo este entre barras; dessarte, indicaremos o *e* aberto e *e* fechado da seguinte maneira: /*é*/, /*ê*/.

Fonética e Fonologia – Na atividade linguística, o importante para os falantes é o fonema, e não a série de movimentos articulatórios que o determina. Assim sendo, enquanto a análise fonética se preocupa tão-somente com a articulação, a fonêmica atenta apenas para o fonema que, reunindo um feixe de traços que o distingue de outro fonema, permite a comunicação linguística. A fonética pode reconhecer, e realmente o faz, diversas realizações para o /*t*/ da série *ta-te-ti-to-tu*; a fonêmica não leva em conta as *variações* (que se chamam *alofones*), porque delas não tomam conhecimento os falantes de língua portuguesa. Um fonema admite uma gama variada de realizações fonéticas que vai até a conservação da integridade do vocábulo: quando isto não ocorre, diz-se que houve mudança de fonema. O /*l*/ admite várias realizações no Brasil, de norte a sul (e estas variantes não interessam à análise fonêmica, análise que deveria ter primazia em nosso estudo de língua); mas haverá mudança de fonemas

quando se não puder fazer a oposição *mal* / *mau*. Como bem ensina Mattoso Câmara, "o fonema, entendido como um feixe de traços distintivos, individualiza-se e ganha realidade gramatical pelo seu contraste com outros feixes em idênticos ambientes fonéticos. Não é, pois, a diferença articulatória e acústica que distingue primariamente dois fonemas, senão a possibilidade de determinarem significações distintas numa mesma situação fonética. Compreende-se assim que um mesmo fonema possa variar amplamente na sua realização, conforme o ambiente fonético ou as peculiaridades do sujeito falante" [MC.7, 44-45].

Fonologia não se opõe a fonética: a primeira estuda o número de oposições utilizadas e suas relações mútuas, enquanto a fonética experimental determina a natureza física e fisiológica das distinções observadas [BM.1, 116]. Ambas disciplinas pertencem ao nível biológico do falar condicionado psicofisicamente.

Aparelho Fonador

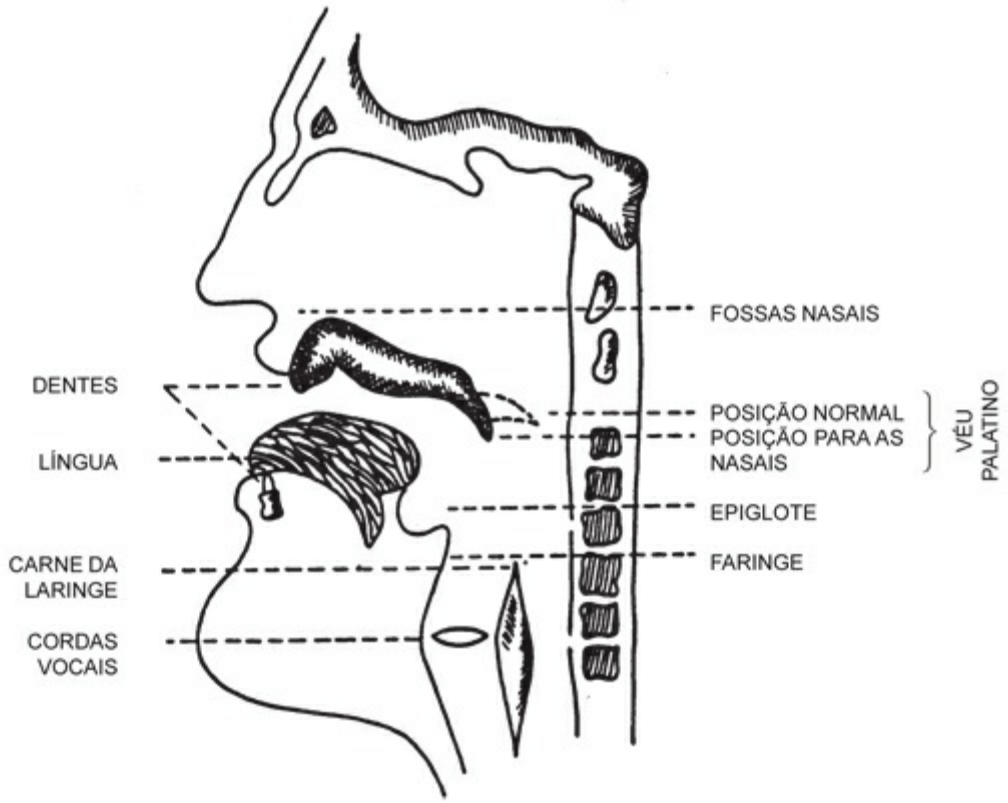

Aparelho fonador – Nós não temos um aparelho especial para a fala; produzimos os fonemas servindo-nos de órgão do aparelho respiratório e da parte superior do aparelho digestivo, que só secundariamente se adaptaram às exigências da comunicação, numa aquisição lenta do homem. A esses órgãos da fala, constitutivos do aparelho fonador, pertencem, além de músculos e nervos: os *brônquios*, a *traqueia*, a *laringe* (com as cordas vocais), a *faringe*, as *fossas nasais* e a *boca* com a *língua* (dividida em ápice, dorso e raiz), as *bochechas*, o *palato duro* (ou céu da boca), o *palato mole* (ou véu palatino) com a *úvula*

ou *campainha*, os *dentes* (mormente os anteriores) com os *alvéolos*, e os *lábios*.

Em português, como na maioria dos idiomas, os fonemas são produzidos graças à modificação que esses órgãos da fala impõem à *corrente de ar que sai dos pulmões*. Línguas há, entretanto, que se servem da corrente inspiratória (entrando o ar nos pulmões) para produzir fonemas, que são conhecidos pelo nome de *cliques*. Produzimos cliques quando fazemos os movimentos bucais, acompanhados da sucção de ar na boca, para o beijo, o muxoxo e certos estalidos como o que serve para animar a caminhada dos cavalos, mas não os utilizamos como sons da fala em português.

Como se produzem os fonemas – A corrente de ar que vem dos pulmões passa pela *traqueia* e chega à sua parte superior que se chama *laringe*, conhecida vulgarmente como *pomo de adão*. Na laringe, a parte mais valiosa e mais complexa do aparelho fonador, se acham, horizontalmente, duas membranas mucosas elásticas, à maneira de lábios: as *cordas vocais*, por cujo estreito intervalo, denominado *glote*, a corrente de ar tem de passar para ganhar a *faringe*, e daí, ou totalmente pela *boca* (*fonemas orais*), ou parte pela boca e parte pelas fossas nasais (*fonemas nasais*), chegar à atmosfera. É esta corrente expiratória que, modificada pelos órgãos da fala, é responsável pela produção dos fonemas.

As diferenças que se notam entre vozes diversas dos sexos, das idades e das pessoas, baseiam-se em geral nas dimensões da laringe.

Fonemas surdos e sonoros – Quando a corrente de ar se dirige à glote, esta pode encontrar-se aberta, fechada ou quase fechada. No primeiro caso, a corrente de ar passa livremente, sem provocar a vibração das cordas vocais. O fonema que, nestas circunstâncias, se produz é chamado *surdo*: /s/, /f/, /x/, /t/, /k/, etc. Se a glote está fechada ou quase fechada, a corrente de ar, ao forçar a passagem, provoca a vibração das cordas vocais, produzindo os fonemas sonoros. São sonoras todas as vogais e certas consoantes como /z/, /v/, /j/, /d/, /g/, etc.

Em muitos casos, podemos perceber a vibração das cordas vocais, pondo de leve a ponta do dedo no pomo de adão e proferindo um fonema sonoro, como /z/, /v/, /j/, tendo o cuidado de não acompanhá-lo de vogal. Sentimos nitidamente um tremular que denota a vibração das cordas vocais. Se proferimos um fonema surdo, como /s/, /f/, /x/, com o cuidado apontado acima, não sentimos o tremular. Podemos ainda repetir a experiência tapando os ouvidos. Só com os fonemas sonoros ouvimos um zumbido característico da vibração das cordas vocais.

Vogais e consoantes – A voz humana se compõe de *tons* (sons musicais) e *ruídos*, que o nosso ouvido distingue com perfeição. Caracterizam-se os tons, quanto às condições acústicas, por suas vibrações periódicas. Esta divisão corresponde, em suas linhas gerais, às vogais (= tons) e às consoantes (= ruídos). As consoantes podem ser ruídos puros, isto é, sem vibrações regulares (correspondem às consoantes surdas), ou ruídos combinados com um tom laríngeo (consoantes sonoras) [BM.1, 20].

Quanto às condições fisiológicas de produção, as vogais são fonemas durante cuja articulação a cavidade bucal se acha completamente livre para a passagem do ar. As consoantes são fonemas durante cuja produção a cavidade bucal está total ou parcialmente fechada, constituindo, assim, num ponto qualquer, um obstáculo à saída da corrente expiratória.

OBSERVAÇÃO: Só por suas condições acústicas e fisiológicas de produção é que se distinguem as vogais das consoantes. Por imitação dos gregos, os antigos gramáticos definiam a vogal pela sua função na sílaba: elemento necessário e suficiente para formar uma sílaba. E daí chegavam à conceituação deficiente de consoante: fonema sem existência independente, que só se profere com uma vogal. Sabemos de idiomas em que há sílabas constituídas apenas de consoantes e em que uma consoante pode fazer as vezes de vogal [LR.1, 75-75].

Na língua portuguesa a *base da sílaba* ou o *elemento silábico* é a vogal; os elementos *assilábicos* são a consoante e a semivogal, que estudaremos mais adiante.

Classificação das vogais – Classificam-se as vogais, segundo a *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, de acordo com quatro critérios:

a) quanto à zona de articulação;

b) quanto à intensidade;

c) quanto ao timbre;

d) quanto ao papel das cavidades bucal e nasal.

a) Quanto à ZONA DE ARTICULAÇÃO, as vogais podem ser *média*, *anteriores* e *posteriores*.

Com a boca ligeiramente aberta e a língua na posição quase de repouso, proferimos o fonema /a/, que é o que exige menor esforço e constitui a vogal *média*. Se daí passarmos à série /é/ – /ê/ – /i/, notaremos que a ponta da língua se eleva, avançando em direção ao palato duro, o que determina uma diminuição da abertura bucal e um aumento da abertura da faringe. A série /é/ – /ê/ – /i/ constitui as vogais *anteriores*. Se passarmos da vogal média /a/ para a série /ó/ – /ô/ – /u/, notaremos que o dorso da língua se eleva, recuando em direção ao véu do paladar, o que provoca uma diminuição da abertura bucal e um arredondamento progressivo dos lábios. A série /ó/ – /ô/ – /u/ forma as vogais *posteriores*.

VOGAIS ANTERIORES 2

POSIÇÃO DOS LÁBIOS POSIÇÃO DA LÍNGUA

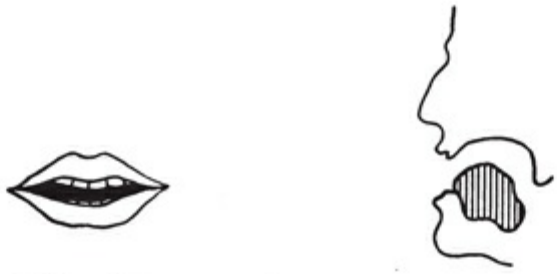

E (aberto) como em *é*

E (fechado) como em *dê*

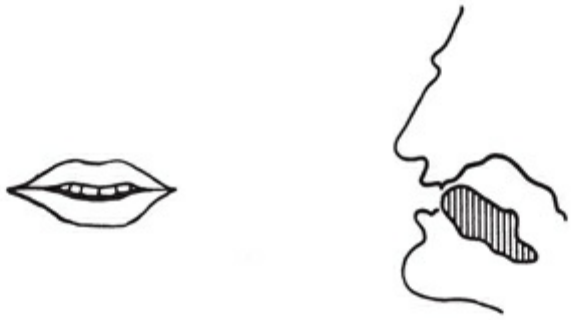

I como em *vi*

VOGAIS POSTERIORES 3

O (aberto) como em *pó*

O (fechado) como em *avô*

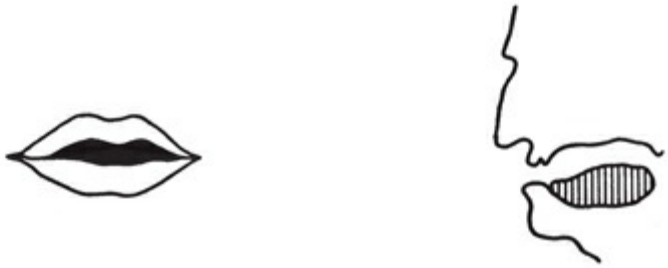

U como em *tu*

ZONAS DE ARTICULAÇÃO

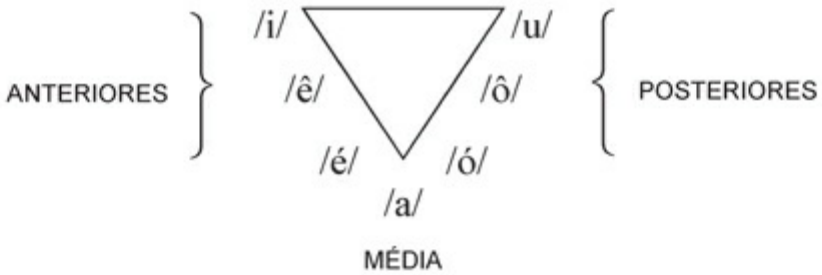

b) Quanto à INTENSIDADE, as vogais podem ser *tônicas* ou *átonas*. Vogal tônica é aquela em que recai o acento tônico da palavra: av*ó*, p*a*ga, t*í*mido.

Vogal átona é a inacentuada: *a*vó, pag*a*, tím*i*do. As vogais átonas podem estar antes da tônica (pretônicas): *a*vó, p*a*gar, ou depois (postônicas): tím*i*d*o*.

Nos vocábulos de maior extensão fonética, mormente nos derivados e nos verbos seguidos de pronome átono, pode aparecer, além da tônica, uma vogal de grande intensidade, a qual

recebe o nome de vogal *subtônica*: pol*i*damente, c*e*gamente, louv*a*r-te-ei.

c) quanto ao TIMBRE, as vogais podem ser *abertas*, *fechadas* e *reduzidas*. *Timbre* é o efeito acústico resultante da distância entre o dorso da língua e o véu do paladar, funcionando a cavidade bucal como caixa de ressonância. O timbre é o traço distintivo das vogais. Na vogal de timbre aberto, a língua se acha baixa: /a/, /é/, /ó/. Na vogal de timbre fechado, a língua se eleva: /ê/, /ô/, /i/, /u. A vogal de timbre reduzido é proferida debilitada, anulando-se a oposição entre aberta e fechada. A distinção entre abertas e fechadas só se dá nas vogais tônicas e subtônicas; nas átonas desaparece a diferença entre /ó/ e /ô/, /é/ e /ê/, e o /a/ reduzido é proferido com menos nitidez, como se pode depreender comparando-se os dois tipos em *casa*, em que o primeiro é aberto e o segundo, reduzido.

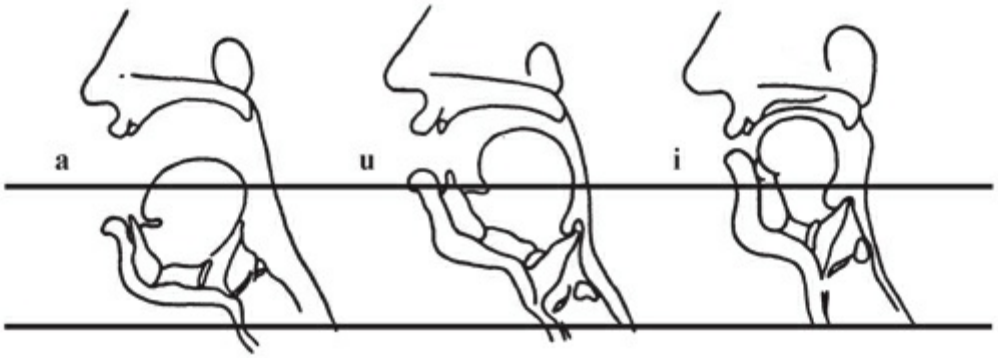

A gravura mostra a posição das vogais /a/, /u/ e /i/. Note-se o fechamento do canal bucal na articulação do /u/ e do /i/ com movimento da epiglote e elevação da língua em direção ao palato [ER.1, 15].

Quase sempre no fim das palavras, as vogais átonas *e* e *o* se enfraquecem e soam, respectivamente, /i/ e /u/ 4. Assim temos sete vogais tônicas orais (/a/, /é/, /ê/, /i/, /ó/, /ô/, /u/), cinco vogais átonas orais (/a/, /e/, /i/, /o/, /u/) e três vogais reduzidas orais (/a/, /i/, /u/). Também são reduzidas as vogais átonas nasais: *a*ntigo, s*e*ntar, l*i*mpeza, c*o*mbate, f*u*ndar.5

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Não temos no Brasil o *a* fechado oral tônico dos portugueses como em c*a*da, p*a*ra, m*a*s.

2.ª) Na pronúncia normal brasileira, as vogais nasais são fechadas ou reduzidas (estas quando átonas).

d) quanto ao papel das CAVIDADES BUCAL e NASAL, as vogais podem ser *orais* e *nasais*. São orais aquelas *cuja ressonância se produz na boca*. Há sete vogais orais tônicas (/á/, /é/, /ê/, /i/, /ó/, /ô/, /u/), cinco orais átonas, por não haver aqui distinção entre /é/ e /ê/, /ó/ e /ô/ (/a/, /e/, /i/, /o/, /u/) e três reduzidas (/a/, /i/, /u/). São nasais as vogais que, em sua produção, *ressoam nas fossas nasais*. Há cinco vogais nasais (/ã/, /ẽ/, /ĩ/, /õ/, /ũ/): l*ã*, c*a*nto, c*a*mpina, v*e*nto, v*e*ntania, l*í*mpido, viz*i*nhança, c*o*nde, c*o*ndessa, t*u*nda, pron*u*nciamos. É o fenômeno da ressonância, e não da saída do ar, o que opõe os fonemas orais aos nasais.

Quanto ao timbre, as nasais tônicas e subtônicas são fechadas e as átonas, reduzidas.

OBSERVAÇÃO: Na pronúncia normal brasileira soam quase sempre como nasais as vogais seguidas de *m*, *n* e principalmente *nh*: c*a*ma, c*a*na, b*a*nha, c*e*na, f*i*na, h*o*mem, Ant*ô*nio, *ú*mido, *u*nha. Assim não distinguimos as formas verbais terminadas em -*amos* e -*emos* do presente e do pretérito do indicativo: *agora cantamos*, *ontem cantamos*; *agora lemos*, *ontem lemos*.

ABERTAS	FECHADAS		REDUZIDAS	
orais	*orais*	*nasais*	*orais*	*nasais*
1) A: p*á*, c*a*veira, c*á*lido, pl*a*cidamente	—	rom*ã*, c*a*nto, l*â*mpada	cas*a*	ím*ã*, c*a*ntinho
2) E: f*é*, t*e*la, p*é*rola, caf*e*zal	v*ê*, n*e*gro, p*ê*ssego	l*e*mbro, v*e*nto	verd*e*	*e*ngolir
3) O: p*ó*, v*o*to, gl*ó*bulo, f*o*rtezinho	av*ô*, p*o*vo, l*ô*brego, gl*o*binho	p*o*nto, t*ô*mbola	globinh*o*	c*o*mprida, c*o*ntínua
4) I:	l*i*, v*i*da, l*í*rico	f*i*m, t*i*nta, l*í*mpido	láp*i*s, júr*i*	t*i*nteiro
5) U:	l*u*z, t*u*do, l*ú*gubre	f*u*ndo, c*u*mpro	vír*u*s	álb*u*m

Elevação da língua: quinto critério para classificação das vogais – A Nomenclatura Gramatical Brasileira não levou em conta a elevação gradual da língua, o que distingue as vogais em: 1 – vogal baixa: /a/; 2 – vogais médias com dois graus de elevação: /é/, /ó/ e /ê/, /ô/; 3 – vogais altas: /i/, /u/. Entre as nasais desaparecem os dois graus de elevação das vogais médias.

ORAIS 6

/ i /	/ u /	Altas
/ ê /	/ ô /	Médias
/ é /	/ ó /	Médias
/ a /		Baixa

NASAIS

/ ĩ /	/ ũ/	Altas
/ ẽ /	/ õ /	Médias
/ ã /		Baixa

Se não estabelecermos este quinto critério para a classificação das vogais, teremos de pôr num mesmo plano fonemas diferentes, como /õ/ e /ũ/, /ẽ/ e /ĩ/, o que não é correto.

QUADRO DA CLASSIFICAÇÃO DAS VOGAIS

VOGAIS	1) *quanto à zona de articulação*	anteriores: /é/, /ê/, /i/ média: /a/ posteriores: /ó/, /ô/, /u/
	2) *quanto ao timbre*	abertas: /a/, /é/, /ó/ fechadas: /ê/, /ô/, /i/, /u/ reduzidas: /a/, /i/, /u/
	3) *quanto ao papel das cavidades bucal e nasal*	orais: /a/, /é/, /ê/, /i/, /ó/, /ô/, /u/ nasais: /ã/, /ẽ/, /ĩ/, /õ/, /ũ/
	4) *quanto à intensidade*	tônicas átonas
	5) *quanto à elevação da língua*	baixa: /a/ médias: /é/, /ó/, /ê/, /ô/ altas: /i/, /u/

Semivogais. Encontros vocálicos: ditongos, tritongos e hiatos – Chamam-se *semivogais* as vogais *i* e *u* (orais ou nasais)7 quando assilábicas, as quais acompanham a vogal numa mesma sílaba. Os encontros vocálicos dão origem aos *ditongos*, *tritongos* e *hiatos*. Representamos as semivogais *i* (*e*) por /y/ e *u* (*o*) por /w/.

DITONGO é o encontro de uma vogal e de uma semivogal, ou vice-versa, na mesma silaba: p*ai*, m*ãe*, ág*ua*, cár*ie*, mág*oa*, r*ei*.

Sendo a vogal a base da sílaba ou o elemento silábico, é ela o som vocálico que, no ditongo, se ouve mais distintamente. Nos exemplos dados são vogais: pAi, mÃe, águA, cáriE, mágoA, rEi.

OBSERVAÇÃO: Os ditongos, como os demais encontros vocálicos, podem ocorrer no interior da palavra (dizem-se *intraverbais*: *pai*, *vaidade*) ou pela aproximação, por fonética sintática, de duas ou mais palavras (dizem-se *interverbais*: *certa* ‿ *idade*, *inculta* ‿ *e bela*).

Os ditongos podem ser:

a) crescentes e decrescentes

b) orais e nasais

Crescente é o ditongo em que a semivogal vem antes da vogal: ág*ua*, cár*ie*, mág*oa*.

Decrescente é o ditongo em que a vogal vem antes da semivogal: p*ai*, m*ãe*, r*ei*.

Como as vogais, os ditongos são *orais* (p*ai*, ág*ua*, cár*ie*, mág*oa*, r*ei*) ou *nasais* (m*ãe*).

Os ditongos nasais são sempre fechados, enquanto os orais podem ser *abertos* (p*ai*, c*éu*, r*ói*, id*ei*a) ou *fechados* (m*eu*, d*oi*do, v*ei*a).

Nos ditongos nasais, são nasais a vogal e a semivogal, mas só se coloca o til sobre a vogal: m*ãe*.

Principais ditongos crescentes:

Orais

1) /ya/: glór*ia*, pátr*ia*, d*ia*bo, ár*ea*, nív*ea*
2) /ye/: (= yi): cár*ie*, calvíc*ie*
3) /yé/: d*ie*ta
4) /yo/: vár*io*, méd*io*, áur*eo*, nív*eo*
5) /yó/: mand*io*ca
6) /yô/: p*io*lho
7) /yu/: m*iú*do
8) /wa/: ág*ua*, q*ua*se, d*ua*l, mág*oa*, nód*oa*
9) /wi/: ling*ui*ça, tên*ue*
10) /wó/: quiproq*uó*
11) /wô/: aq*uo*so
12) /wo/ (= *uu*): oblíq*uo*
13) /wê/: c*oe*lho
14) /wé/: eq*ue*stre, g*oe*la

OBSERVAÇÃO: Em muitos destes casos pode ser discutível a existência de ditongos crescentes "por ser indecisa e variável a sonoridade que se dá ao primeiro fonema. Certo é que tais ditongos se observam mais facilmente na hodierna pronúncia lusitana do que na brasileira, em que a vogal (= semivogal), embora fraca, costuma conservar sonoridade bastante sensível" [SA.2,17]. De qualquer maneira registre-se o descompasso entre a realidade fonética (ora hiato, ora ditongo) e a maneira invariável de grafar *miúdo* com acento agudo no *u*, quer seja proferido como dissílabo (e ditongo, portanto) ou como trissílabo (e hiato). Também palavras como *série*, *glória*, que podem ser proferidas como dissílabas (mais usual) ou trissílabas, não têm os encontros vocálicos separados na divisão silábica: *sé-rie*, *gló-ria*, em ambos os casos de pronúncia.

Nasais: 1) /yã/: cr*ia*nça
2) /wã/: q*ua*ndo
3) /wê/: freq*ue*nte, quinq*uê*nio, dep*oe*nte
4) /wĩ/: arg*ui*ndo, q*ui*nquênio, m*oi*nho

Os principais ditongos decrescentes são:

Orais: 1) /ay/: p*ai*, b*ai*xo, tr*ai*dor
2) /ay/ (*a* fechado e, às vezes, nasalado): f*ai*na, p*ai*na, and*ai*me
3) /aw/: p*au*, cac*au*s, *ao*
4) /éy/: r*éi*s, coron*éi*s
5) /êy/: l*ei*, j*ei*to, fiqu*ei*
6) /éw/: c*éu*, chap*éu*
7) /êw/: l*eu*, comet*eu*
8) /iw/: v*iu*, part*iu*
9) /óy/: her*ói*, anz*ói*s
10) /ôy/: b*oi*, f*oi*ce
11) /ow/: v*ou*, r*ou*bo, est*ou*ro
12) /uy/: f*ui*, az*ui*s

Nasais

1) /ãy/: alem*ãe*s, c*ãi*bra

2) /ãw/: p*ão*, amar*am* (= amárão)

3) /ẽy/: b*em* (= bẽi), ont*em* (= ontẽi)

4) /õy/: p*õe*, sen*õe*s

5) /ũy/: m*ui* (= mũi), m*ui*to (= mũito)

NOTA: Nos ditongos nasais decrescentes /*ẽy*/, /*ãy*/ e /*ãw*/ [cf. SS.3, 320, 18, onde *vãs* rima com *mães*], a semivogal pode não vir representada na escrita. Escrevemos a interjeição *hem!* ou *hein!*, sendo, a rigor, a primeira grafia mais recomendável.

TRITONGO é o encontro de uma vogal entre duas semivogais numa mesma sílaba. Os tritongos podem ser *orais* e *nasais*.

Orais

1) /way/: q*uais*, parag*uaio*

2) /wey/: enxag*uei*, averig*uei*s

3) /wiw/: delinq*uiu*

4) /wow/: apazig*uou*

Nasais

1) /wãw/: míng*uam*, sag*ião*, q*ião*

2) /wẽy/: delinq*uem*, enxág*uem*

3) /wõy/: sag*uõe*s

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Nos tritongos nasais /wãw/ e /wẽy/ a última semivogal pode não vir representada graficamente: mínguam, enxáguem.

2.ª) Entre portugueses, por não haver o maior relevo da primeira vogal – fato que se observa entre brasileiros –, o grupo de vogal seguida de um ditongo pode constituir-se num tritongo: f*iéi*s, p*oei*ra, p*ião*.

HIATO é o encontro de duas vogais em sílabas diferentes por guardarem sua individualidade fonética: s*aí*da, c*aa*tinga, m*oi*nho. Isto se dá porque a passagem da primeira para a segunda se faz mediante um movimento brusco, com interrupção da voz.8

Em português, como em muitas outras línguas, nota-se uma tendência para evitar o hiato, através da ditongação ou da crase.

OBSERVAÇÕES :

1.ª) Desenvolvem-se um /y/ semivogal (símbolo chamado em gramática *iode*) ou /w/ semivogal (símbolo chamado *uau*) nos encontros formados por ditongo decrescente seguido de vogal final ou ditongo átono: praia = prai-ia; cheia = chei-ia; tuxaua = tuxau-ua; goiaba = goi-ia-ba.

2.ª) "Nos hiatos cuja primeira vogal for *u* e cuja segunda vogal for final de vocábulo (seguida ou não de *s* gráfico), o desenvolvimento do *uau* variará de acordo com as necessidades expressionais ou as peculiaridades individuais" 9: nua = nu-a ou nu-ua; recue = re-cu-e ou re-cu-ue; amuo = amu-o ou amu-uo.

3.ª) "Os encontros *ia*, *ie*, *io*, *ua*, *ue*, *uo* finais, átonos, seguidos, ou não, de *s*, classificam-se quer como ditongos, quer como hiatos, uma vez que ambas as emissões existem no domínio da Língua Portuguesa: histó-ri-a e histó-ria; sé-ri-e e sé-rie; pá-ti-o e pá-tio; ár-du-a e ár-dua; tê-nu-e e tê-nue; vá-cu-o e vá-cuo".10

4.ª) Autores há que também consideram hiato quando se trata de uma vogal e uma semivogal, como no caso de *goiaba*, *joia*, etc. Outros consideram dois ditongos: *goi-ia-ba*, *joi-ia*.

Nos encontros vocálicos costumam ocorrer dois fenômenos: a *diérese* e a *sinérese*.

Chama-se DIÉRESE à passagem de semivogal a vogal, transformando, assim, o ditongo num hiato: *trai-ção* = *tra-i-ção*; *vai-da-de* = *va-i-da-de*; *cai* = *ca-i*.

Chama-se SINÉRESE à passagem de duas vogais de um hiato a um ditongo crescente:

su-a-ve = sua-ve; *pi-e-do-so = pie-do-so*; *lu-ar = luar*.

A sinérese é fenômeno bem mais frequente que a diérese. A poesia antiga dava preferência ao hiatismo, enquanto, a partir do século XVI, se nota acentuada predominância do ditonguismo (sinérese). É claro que os poetas modernos continuaram a usar a diérese, mormente como efeito estilístico-fônico para a ênfase, a ideia de grandeza, etc. O conhecido verso de Machado de Assis *auréola* com quatro sílabas acentua o tamanho descomunal ressaltado pela leitura lenta: "Pesa-me esta brilhante *auréola* de nume..."

Classificação das consoantes – De acordo com a *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, classificam-se as consoantes de acordo com quatro critérios:

a) quanto ao modo de articulação;

b) quanto à zona de articulação;

c) quanto ao papel das cordas vocais.

d) quanto ao papel das cavidades bucal e nasal.

a) quanto ao MODO DE ARTICULAÇÃO, as consoantes podem ser *oclusivas* e *constritivas*, e estas se subdividem em *fricativas*, *laterais*, *vibrantes* e *nasais*. O obstáculo que, na cavidade bucal, os órgãos impõem à corrente expiratória pode ser de dois tipos: ou os órgãos da boca estão dispostos de tal modo que impedem *completamente* a saída do ar, ou permitem *parcialmente* que a corrente expiratória chegue à atmosfera. No primeiro caso, dizemos que as consoantes são *oclusivas*; no segundo, *constritivas*. As constritivas são fricativas quando a corrente expiratória, passando por entre os órgãos que formam o obstáculo parcial, produz um atrito à maneira de fricção: /f/, /v/, /s/, /z/, /x/, /j/. São constritivas laterais quando a passagem da corrente expiratória, obstruída pela aproximação do ápice ou dorso da língua aos alvéolos da arcada dentária superior ou ao palato, escapa pelos lados da cavidade bucal: /l/, /lh/. São constritivas vibrantes quando o ápice da língua contra os alvéolos ou a raiz da língua contra o véu do paladar executa movimento vibratório rápido, abrindo e fechando a passagem à corrente expiratória: /r/ (simples) e /rr/ (múltipla). São constritivas nasais quando, pelo abaixamento do véu palatino e um abrimento do nasal, as consoantes ressoam nas fossas nasais. Temos três consoantes nasais: a bilabial /m/, a linguodental /n/ e a palatal /nh/.

b) quanto à ZONA DE ARTICULAÇÃO, as consoantes podem ser:

1) *bilabiais* (lábio contra lábio): /p/, /b/, /m/.

2) *labiodentais* (lábio inferior e arcada dentária superior): /f/, /v/.

3) *linguodentais* (língua contra arcada dentária superior): /t/, /d/, /n/.

4) *alveolares* (língua em direção ou contra os alvéolos): /s/, /z/, /l/, /r/, /rr/.

5) *palatais* (dorso da língua contra o céu da boca): /x/, /j/, /lh/, /nh/.

6) *velares* (raiz da língua contra o véu do paladar): /k/, /g/.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) O /l/ inicial da sílaba é nitidamente alveolar, enquanto o final é proferido relaxado, quase *velar*, mas tendo-se o cuidado de não fazê-lo igual a *u*. Nas ligações com a vogal inicial de outro vocábulo, soa como alveolar.

2.ª) O /rr/ *alveolar* pode ser proferido como *velar*, graças ao maior recuo da língua.

3.ª) As linguodentais /t/ e /d/ seguidas de *i* podem palatalizar-se: *tinta* e *digno* podem soar /txinta/ e /djigno/. Evite-se o exagero destas palatalizações.

c) quanto ao papel das CORDAS VOCAIS, as consoantes podem ser surdas e sonoras.

Surdas: /p/, /f/, /t/, /s/, /x/, /k/.

Sonoras: /b/, /v/, /d/, /z/, /j/, /g/, /m/, /n/, /nh/, /l/, /lh/, /r/, /rr/.

São sonoras as consoantes *vibrantes*, *nasais* e o /l/ lateral.

d) quanto ao papel das CAVIDADES BUCAL e NASAL, as consoantes podem ser *orais* e *nasais*. São nasais /m/, /n/, /nh/.

As outras são orais.

QUADRO DA CLASSIFICAÇÃO DAS CONSOANTES

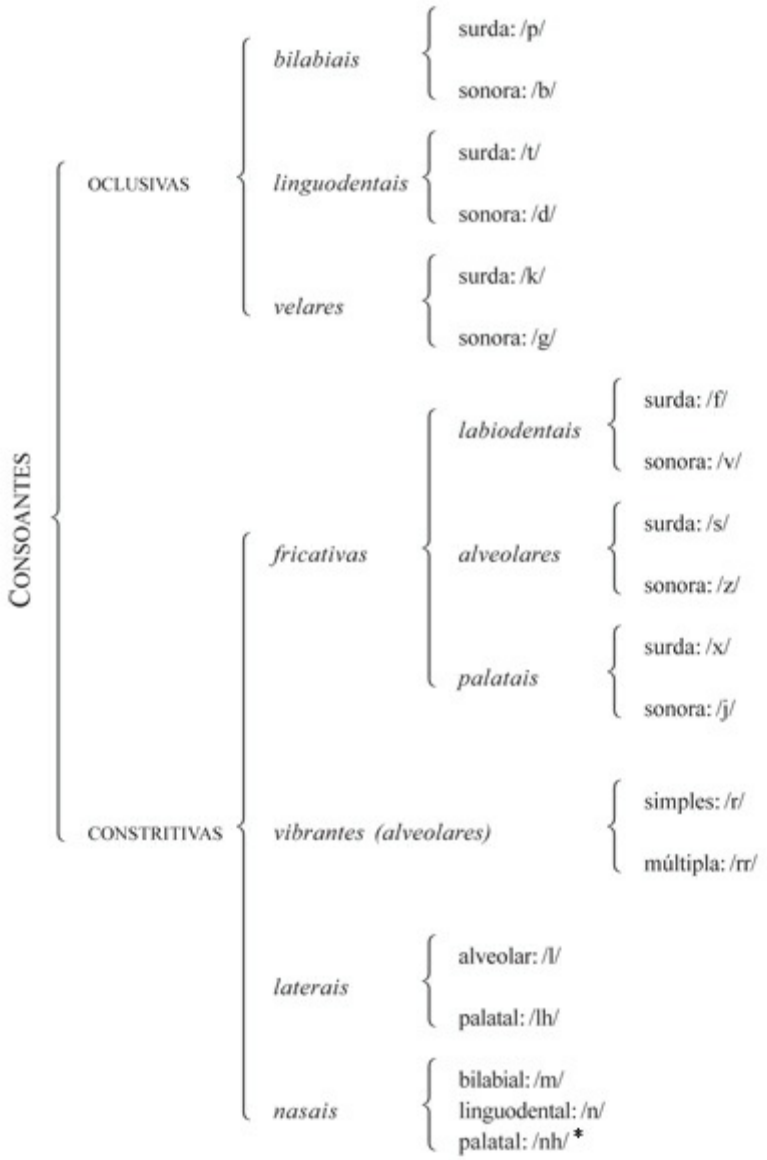

* Para fugir a uma oposição errônea *surda/sonora/nasal*, preferimos, ainda com a aquiescência da NGB, colocar as *nasais* entre as constritivas. Há autores que fazem das *nasais* uma classe à parte, ou as põem entre as oclusivas, critérios também defensáveis.

Encontro consonantal – Assim se chama o seguimento imediato de duas ou mais consoantes de um mesmo vocábulo. Há encontros consonânticos pertencentes a uma sílaba, ou a sílabas diferentes. Os primeiros terminam por *l* ou *r*: li-*vr*o; *bl*u-sa; *pr*o-sa; *cl*a-mor; ri*t-m*o; pa*c-t*o; a*f-t*a, a*d-m*i-tir.

O encontro consonantal /cs/ é representado graficamente pela letra *x*: anexo, fixo.

São mais raros em nossa língua os seguintes encontros consonânticos encontráveis em vocábulos eruditos. Estes encontros são separáveis, salvo os que aparecem no início de vocábulos:

bd: lamb-da	*ft*: af-ta
bs: ab-so-lu-to	*pn*: pneu, pneu-má-ti-co
cç: sec-ção	*ps*: psiu
dm: ad-mi-tir	*pt*: ap-to
gn: dig-no	*tm*: ist-mo
mn: mne-mô-ni-co	*tn*: ét-ni-co

Tais encontros merecem especial cuidado porque, na pronúncia despreocupada, tendem a constituir duas sílabas pela intercalação de uma vogal:

advogado	e não	*adivogado* ou *adevogado*
absoluto	e não	*abissoluto*
admirar	e não	*adimirar*
afta	e não	*áfita*
ritmo	e não	*rítimo*
pneu	e não	*pineu* / *peneu*
indigno	e não	*indíguino*

O desejo de corrigir o engano leva muitas vezes à omissão de vogal de certos vocábulos:

adivinhar	e não	*advinhar*
subentender	e não	*subtender*

Dígrafo – Não se há de confundir *dígrafo* ou *digrama* com encontro consonantal. *Dígrafo* é o emprego de duas letras para a representação gráfica de um só fonema: pa*ss*o (cf. paço), *ch*á (cf. xá), ma*nh*ã, pa*lh*a, *en*viar, m*an*dar.

Há dígrafos para representar consoantes e vogais nasais.11 Os dígrafos para consoantes são os seguintes, todos inseparáveis, com exceção de *rr* e *ss*, *sc*, *sç*, *xc*:

ch:	chá	*xs*:	exsudar 'transpirar'
lh:	malha	*rr*:	carro
nh:	banha	*ss*:	passo
sc:	nascer	*qu*:	quero
sç:	nasça	*gu*:	guerra
xc:	exceto		

Para as vogais nasais:

am ou *an*:	campo, canto
em ou *en*:	tempo, vento
im ou *in*:	limbo, lindo

om ou *on*: ombro, onda
um ou *un*: tumba, tunda

Letra diacrítica – É aquela que se junta a outra para lhe dar valor fonético especial e constituir um dígrafo. Em português as letras diacríticas são *h*, *r*, *s*, *c*, *ç*, *u* para os dígrafos consonantais e *m* e *n* para os dígrafos vocálicos: c*h*á, car*r*o, pas*s*o, q*u*ero, ca*m*po, o*n*da.

OBSERVAÇÃO: Daí se tiram as seguintes conclusões aplicáveis à análise fonética:

1.ª) Não há ditongo em q*u*ero;

2.ª) *M* e *n* não são aqui fonemas consonânticos nasais em caMpo, oNda, mas há autores que os classificam como consoantes, por não aceitarem a existência de vogais nasais (Mattoso Câmara).

3.ª) *Qu* e *gu* se classificam como /k/ e /g/, respectivamente.

2 – FONÉTICA EXPRESSIVA OU FONOESTILÍSTICA

Os fonemas com objetivos simbólicos – Muitas vezes utilizamos os fonemas para melhor evocar certas representações.

É deste emprego que surgem as *aliterações*, as *onomatopeias* e os *vocábulos expressivos*.

Aliteração – É a repetição de fonema, vocálico ou consonântico, igual ou parecido, para descrever ou sugerir acusticamente o que temos em mente e expressar, quer por meio de uma só palavra quer por unidades mais extensas.

O sossego do vento ou o barulho ensurdecedor do mar ganham maior vivacidade através da aliteração dos seguintes versos:

"As asas ao sereno e sossegado vento" (utilização do fonema fricativo alveolar sonoro e surdo).

"Bramindo o negro mar de longe brada" (utilização principal dos fonemas *b*, *r* e *d*).

A aliteração tanto pode servir ao estilo solene e culto, como nos exemplos referidos, como pode estar presente nas manifestações de espontânea expressividade popular, conforme se vê nos provérbios, nas frases feitas, nos modos de dizer populares: *são e salvo*, *cara ou coroa*, *de cabo a rabo*, etc. O que importa acentuar é que a aliteração mais ocorre na exteriorização psíquica e no apelo do *que* na comunicação intelectiva.

Onomatopeia – É o emprego de fonema em vocábulo para descrever acusticamente um objeto pela ação que exprime.

São frequentes as onomatopeias que traduzem as vozes dos animais e os sons das coisas:

O *tique-taque* do relógio, o *marulho* das ondas, o *zunzunar* da abelha, o *arrulhar* dos pombos.

Vocábulo expressivo – É o que não imita um ruído, mas sugere a ideia do ser que se quer designar com a ajuda do valor psicológico de seus fonemas: *romper*, *tagarelar*, *tremeluzir*, *jururu*, *ziriguidum*, *borogodó*.

Encontros de fonemas que produzem efeito desagradável ao ouvido – Muitas vezes, certos encontros de fonemas produzem efeito desagradável que repugna o ouvido e, por isso, cumpre evitar, sempre que possível. Esses defeitos são mais perceptíveis nos textos escritos porque a pessoa que os lê nem sempre faz as pausas e as entonações que o autor utilizou, com as quais diminui ou até anula os encontros de fonema que geram sons desagradáveis.

Entre os efeitos acústicos condenados estão: a *colisão*, o *eco*, o *hiato* e a *cacofonia*.

Colisão – É o encontro de consoantes que produz desagradável efeito acústico:

> "*Se eu tenho de morrer na flor dos anos,*
> *Meu Deus! não seja já*" [CA.1, 73].

Às vezes a omissão de um substantivo aproxima duas preposições de que resulta colisão, fato que os escritores não se esforçam por evitar:

> "Tenho ali na parede o retrato dela, ao lado *do do* marido, tais quais na outra casa" [MA.3, 21]
>
> "A voz da nova mestra era doce, não daquela doçura *da de* sua mãe, um canto de pássaro mais que uma voz humana" [JL.1, 13].

Também quase sempre não se evita a colisão do tipo de *no número*, *na nave*, *na noite*, *na nossa vida*, etc. Pode-se, sem ser obrigatório, fugir à colisão mediante substituição de *no*, *na*, *num*, etc. por *em o*, *em a*, *em um*, etc.: *em o* número, *em a* nave.

Eco – É a repetição, com pequeno intervalo, de palavras que terminam de modo idêntico:

> "Estas palavras subordinam frases em que se exprime condi*ção* necessária à realiza*ção* ou n*ão* realiza*ção* da a*ção* principal."

Hiato – O hiato de vogais tônicas torna-se desagradável principalmente quando formado pela sucessão de palavras:

> *Hoje há aula.*

Cacofonia ou **cacófato** – É o encontro de sílabas de duas ou mais palavras que forma um novo termo de sentido inconveniente ou ridículo em relação ao contexto:

> "Ora veja co*mo ela* está estendendo as mãozinhas inexperientes para a chama das velas..." [CBr.1, 102].
>
> herói *da nação*, no*sso hino*, bo*ca dela*, nun*ca que es*tuda

Deve-se evitar, tanto quanto possível, que uma palavra comece pela mesma sílaba com que a anterior acabe: *torre redonda*, *por razão*, *por respeito*, *pouca cautela*, *nunca casavam*, *ignora-se se se trata disso*.

Cuidado maior há de se ter se a junção lembra palavra pouco delicada: *o* Tiju*ca ga*nhou, o jogador mar*ca gol*, tão comuns na imprensa falada e escrita.

A leitura do texto em voz alta, antes de sua divulgação, surpreenderá muitos casos de cacófatos.

É oportuna a lição de Said Ali:

"Repara-se, hoje, com certo exagero, na cacofonia resultante da junção da sílaba terminal de um vocábulo com a palavra ou parte da palavra imediata. Não se liga, entretanto, maior importância à cacofonia quando esta se acha dentro de um mesmo vocábulo, sendo formada

por algumas das suas sílabas componentes. O mal aqui é irremediável, pois que expressões não se dispensam, nem se substituem. Muitas vezes, parece a cacofonia menos ridícula do que a vontade de percebê-la... O estudante evite, sempre que puder, semelhantes combinações de palavras, assim como quaisquer outras de onde possam nascer uns longes de cacofonia, e não se preocupe com descobri-los nos outros." [SA.1, 306-7]

B) Ortoépia ou Ortoepia

Ortoépia é a parte da gramática que trata da correta pronúncia dos fonemas.

Preocupa-se não apenas com o conhecimento exato dos valores fonéticos dos fonemas que entram na estrutura dos vocábulos, considerados isoladamente ou ligados na enunciação da oração, mas ainda com o ritmo, a entoação e expressão convenientes à boa elocução.

Vogais – Quanto à emissão das vogais, na pronúncia normal brasileira, observemos que:

a) São fechadas as vogais nasais; por isso não distinguimos as formas verbais terminadas em *-amos* e *-emos* do pres. e pret. perf. do indicativo da 1.ª e 2.ª conjugações: Ontem trabalh*amos* e agora trabalh*amos*.

b) Soam muitas vezes como nasais as vogais seguidas de *m*, *n* e principalmente *nh*: c*a*ma, c*a*na, b*a*nha, c*e*na, f*i*na, Ant*ô*nio, *u*nha;

OBSERVAÇÃO: Sem nasalidade proferem-se as vogais desses e de vários outros vocábulos: *emitir*, *emissário*, *eminente*, *energia*, *enaltecer*, *Enaldo*, etc.

c) Soam quase sempre como orais as vogais precedidas de *m*, *n* ou *nh*: m*a*ta, n*a*ta, c*o*mpanhia, m*i*lho. Assim, não tem razão linguística a pronúncia nasalada do *mas* /mãs/. Entretanto, *mui* e *muito* se proferem /mũi/, /mũito/.

d) Soam igualmente o *a* artigo, *a* preposição, *a* pronome e o *à* resultante da crase. Não se alonga o *à*, "salvo, muito excepcionalmente, se houver necessidade imperativa, para a inteligência da frase, caso em que o resultante da crase poderá ser pronunciado com certa tonicidade e ênfase" (*Normas*, 481).

e) São reduzidas as vogais *e* e *o* átonas finais, que soam /*i*/ e /*u*/, respectivamente: frent*e*, carr*o*.

f) São oscilantes /e/, /i/, /*ẽ*/, /ĩ/, /o/, /u/, /õ/, /ũ/, reduzidos pretônicos em numerosos vocábulos, oscilação que corresponde "a uma gradação de frequência de meio cultural, de nível social ou de tensão psíquica do indivíduo falante" (*Normas*, 482): pedir /pedir/ ou /pidir/; estudo /estudu/ ou /istudu/; sentir /sentir/ ou /sintir/; costura /costura/ ou /custura/; compadre /compadre/ ou /cumpadre/. Neste caso estão as preposições *com* e *por* que, salvo nas situações enfáticas, devem ser pronunciadas /kũ/ e /pur/. Fazem exceção muitos vocábulos eruditos e os compostos de *entre*: *embriogenia*, *hendíade*, *hexágono*, *entremeio* [AN.1, 14].

g) Em linguagem cuidada, evita-se a oscilação de que anteriormente se falou, quando tem valor opositivo, isto é, serve para distinguir palavras de significado diferente: eminente /

iminente; emigrar / imigrar; descrição / discrição.

h) u depois de *g* ou *q* ora é vogal ou semivogal (e aí se profere), ora é componente de dígrafo (e aí não se pronuncia).

Entre outras deve ser proferido nas seguintes palavras depois do *g*: *aguentar*, *ambiguidade*, *apaziguar*, *arguição*, *arguir*, *bilíngue*, *consanguíneo*, *contiguidade*, *ensanguentado*, *exiguidade*, *lingueta*, *linguista*, *redarguir*, *sagui* ou *saguim*, *unguento*, *unguiforme*.

Não se deve proferir o *u* depois do *g* em: *distinguir*, *exangue*, *extinguir*, *langue*, *pingue* (= gordo, fértil, rendoso).

É facultativo pronunciá-lo em: *antiguidade*; *sanguíneo*; *sanguinário*; *sanguinoso*.

Profere-se o *u* depois do *q* em: *aquícola*, *consequência*, *delinquência*, *delinquir*, *equestre*, *equevo*, *equidistante*, *equino* (= cavalar), *equitativo*, *equipolente* (também *equipolente*), *frequência*, *iniquidade*, *loquela*, *obliquidade*, *quercina*, *quingentésimo*, *quinquênio*, *quiproquó*, *sequência*, *Tarquínio*, *tranquilo*, *ubiquidade*.

Não se profere o *u* depois do *q* em: *adquirir*, *aniquilar*, *aqueduto*, *equilíbrio*, *equinócio*, *equipar*, *equiparar*, *equitação*, *equívoco*, *extorquir*, *inquérito*, *inquirir*, *sequioso*, *quérulo*, *questão*, *quibebe*.

É facultativo pronunciá-lo em: *antiquíssimo*, *equidade*, *equivalente*, *equivaler*, *liquidação*, *liquidar*, *líquido*, *liquidificador*, *retorquir*.

Diz-se *quatorze* ou *catorze*, sendo a primeira mais generalizada entre brasileiros.

i) Em muitos vocábulos há dúvidas quanto ao timbre das vogais. Recomendamos timbre aberto para o *e* em: *acerbo*, *Aulete*, *anelo*, *badejo*, *benesse*, *blefe*, *caterva*, *cedro*, *cerdo*, *cetro*, *cerne*, *cervo*, *coeso*, *coevo*, *coleta*, *cogumelo*, *confesso*, *corbelhe*, *duelo*, *espectro*, *equevo*, *flagelo*, *ileso* (também *ileso* com *e* fechado), *indefesso*, *besta* ('arma'), *doesto*, *lerdo*, *medievo*, *elmo*, *obsoleto*, *paredro*, *prelo*, *primevo*, *relho*, *septo*, *servo*, *Tejo*, *terso*.

É fechado em: *acervo* (também *acervo* com *e* aberto), *achega*, *adejo*, *adrede*, *alameda*, *amuleto*, *anacoreta*, *arabesco*, *aselha*, *bacelo*, *besta* ('animal de carga'), *bissexto*, *bofete*, *caminhoneta*, *cerebelo*, *cateto*, *cerda*, *destra*, *destro*, *devesa*, *defeso*, *dueto*, *entrevero*, *escaravelho*, *efebo*, *extra*, *fechar* (e suas formas *fecho*, *fechas*, *feche*, etc.), *ginete*, *grumete*, *indefeso*, *interesse* (s.), *ledo*, *lampejo*, *labareda*, *magneto*, *palimpsesto*, *panfleto*, *pez*, *quibebe*, *reses*, *retreta*, *Roquete*, *sobejo*, *veneta*, *vereda*, *vinheta*, *versalete*, *vespa*, *vedeta*, *verbete*, *xerez*, *xepa*. As autoridades recomendam o timbre fechado em *pese* (na expressão *em que pese a*), *centopeia* e *colmeia* (mas a pronúncia com timbre aberto é generalizada entre nós). Diz-se *topete* com *e* aberto ou fechado; *vedete* é mais proferido com *e* aberto no Brasil.

Tem timbre aberto o *o* tônico de: *amorfo*, *canoro*, (de) *envolta*, *dolo*, *forum*, *hissope*, *imoto*, *inodoro*, *manopla*, *meteoro*, *molho* ('feixe'), *noto* ('vento sul'), *opa* ('capa'), *piloro*, *probo*, *sinagoga*, *suor*, *troço* ('coisa'), *trombose*, *tropo*.

Tem timbre fechado o *o* tônico de: *aboio*, *alcova*, *apodo*, *alforje*, *algoz*, *boda*, *bodas*, *cochicholo*, *chope*, *cachopa*, *choldra*, *ciclope* (também aberto), *corça*, *desporto*, *filantropo*, *foro* ('jurisdição'), *loa*, *logro*, *lorpa*, *loto* ('jogo' também aberto), *Mausolo*, *malogro*, *mirolho*, *misantropo*, *molosso*, *odre*, *serôdio*, *teor*, *torpe*, *torso*, *torvo*, *transbordo*, *troço*

('parte'), *trolha*, *volvo*, *zarolho*, *zorro*.

j) Quanto aos ditongos, cumpre notar: *ai*, *ei* e *ou* devem guardar, na pronúncia cultivada, sua integridade, não se exagerando o valor do *i* ou *u*, nem os eliminando, como o faz a modalidade distensa: *caixa*, *queijo*, *ouro*.

Soa como ditongo nasal *ão* a sílaba átona final -*am*: *amam*.

Soam como ditongo nasal *ẽi* as sílabas -*em*, -*ém*, -*en*, -*ens* de muitos vocábulos: *bem*, *vem*; *vintém*, *ninguém*; *vens*, *homens*; *armazéns*, *parabéns*.

Normalmente ditongamos, pelo acréscimo de um *i*, as vogais tônicas finais seguidas de -*z* ou -*s*. Assim não fazemos a diferença entre *pás*, *paz* e *pais*; *más* e *mais*; *rapaz* e *jamais*; *vãs* e *mães*. Os poetas brasileiros nos dão bons exemplos destas ditongações.

Só por imitação dos poetas lusitanos (porque dizem *tãy*), entre os brasileiros, a rima *tem* e *mãe* aparece às vezes, como em Casimiro de Abreu:

> "*O país estrangeiro mais belezas*
> *Do que a pátria, não tem;*
> *E este mundo não val um só dos beijos*
> *Tão doces duma mãe*." [SS.4, 73]

Soam como ditongo, e não como hiato: *gratuito*, *fluido*, *fortuito*, *arraigar*, entre outros.

l) Quanto aos hiatos observemos que se desenvolve um *i* ou *u* semivogais nos encontros formados por ditongo decrescente seguido de vogal final ou ditongo átono: *praia prai-ia*; *tuxaua tuxau-ua*; *goiaba goi-iaba*; *boiem boi-iem* (cf. *Normas*, 486).

O mesmo desenvolvimento das referidas semivogais nos hiatos cuja primeira vogal seja *i* o u *u* tônicos e cuja segunda vogal seja final de vocábulo, "variará de acordo com as necessidades expressionais ou as peculiaridades individuais" (*Normas*, 485-6): via: *vi-a* ou *vi-ia*; lu-a: *lu-a* ou *lu-ua*.

Consoantes – Soam levemente as consoantes *b*, *c*, *d*, *f*, *g*, *s*, *t* quando finais de vocábulos: *sob*, *Moab*, *Isaac*, *Cid*, *Uf*, *Gog*, *fórceps*, *Garrett*, *Laet*.

Nos vocábulos eruditos as terminações átonas -*ar*, -*er*, -*en*, -*ex*, -*on* devem guardar sua integridade em pronúncia: *aljôfar*, *certâmen* (também *certame*) , *esfíncter*, *índex*, *cólon*, *númen* (também *nume*), *regímen* (também *regime*).

O *l* final de sílaba é proferido relaxado, quase velar, mas tendo-se o cuidado de não fazê-lo igual a *u*: *nacional*. Na língua literária dos românticos, mais em poesia, registra-se a troca do *l* por *r* nos grupos *bl*, *cl*, *fl*, *pl*, de algumas palavras: *neblina / nebrina*; *clina / crina*; *flauta / frauta*; *plantar / prantar*, etc.

Na palavra *sublinhar* e derivados o *l* deve ser pronunciado separadamente do *b*. Entre portugueses ouve-se como *sublime*.

O *r* múltiplo alveolar pode ser proferido como velar, graças ao maior recuo da língua, e até com articulação dorso-uvular (portanto mais carregado ainda), embora as *Normas* não a recomendem na pronúncia cuidada: *mar*, *avermelhar*. Nas palavras *abrupto*, *ab-rogar*, *ad-rogar*, *sub-rogar*, e derivados, o *r* deve ser pronunciado múltiplo e separado, isto é, sem fazer grupo com a consoante anterior.

O *m* final pode guardar sua integridade de pronúncia, não nasalizando o *e* anterior, no vocábulo *totem*, admitindo a grafia *tóteme*. Em *bem-amado* e *bem-aventurado*, nasaliza o *e* anterior, e não se liga ao *a* seguinte. Diz-se *infligir*, e não *inflingir*. Em *mancheia*, a sílaba inicial ouve-se /mã/; em *mão-cheia* ouve, naturalmente, /mãũ/. Em outros casos, temos facultativa a nasalização: *Roraima*, *Jaime*, *paina*.

As linguodentais *d* e *t*, seguidas de *i*, podem palatizar-se, evitando-se, entretanto, o exagero (articulação africada linguopalatal): *dia*, *tia*.

O *s* soa aproximadamente como se fora *j*, mas sem exagero, antes de *b*, *d*, *g*, *j*, *l*, *m*, *r* e *v*: *desjejum*, *deslizar*, *esmo*, *asno*, *esbarrar*, *esdrúxulo*, *engasgar*, *asno*, *desregrar*, *desvão*. Como bem acentua Antenor Nascentes [AN.1, 27], em outros pontos do país o *s*, nestes casos, soa aproximadamente como /z/.

Antes de *c*, *f*, *p*, *q*, *t*, *x* e ainda no fim de vocábulo que não se ligue ao seguinte, o *s* tem som próximo de /x/: *descampado*, *esfregar*, *respeito*, *esquivo*, *deste*, *desxadrezar*. Em outros pontos do país, segundo o autor anteriormente citado, o *s* nestas circunstâncias é sibilante, como na palavra *selva*.

Tem o som de /z/ entre vogais nos compostos do prefixo *trans* (*transatlântico*, *transação*, *transitivo*, etc.) e na palavra *obséquio* e derivados. Em *transe* (que se grafa também *trance*), *subsídio*, *subsidiar*, *subsistir*, *subsistência* e outros da mesma família, o *s* pode soar como sibilante (como em *selva*) ou como /z/. Se o elemento a que se prefixa *trans-* começa por *s*, não se duplica esta consoante que será proferida como sibilante: *Transilvânia* e derivados, *transiberiano*. Com o prefixo *ob* seguido a elemento começado por *s*, este soa como sibilante: *obsessão*, *obsidiar*, etc. No final *-simo* (de *vigésimo*, *trigésimo*, etc.) soa como /z/.

Escrevendo-se *aritmética* (com *t*), é mais usual proferir esta consoante. Pode-se ainda grafar *arimética*.

X tem quatro valores: 1) fricativo palatal como em *xarope*; 2) fricativo alveolar sonoro como em *exame*; 3) fricativo alveolar surdo (= ss) como em *auxílio*; 4) vale por /ks/ e /kz/ como em *anexo* e *hexâmetro*.

X soa /z/ nas palavras: *exação*, *exagero*, *exalar*, *exaltar*, *exame*, *exangue*, *exarar*, *exasperar*, *exato*, *exautorar*, *executar*, *êxedra*, *exegese*, *exegeta*, *exemplo*, *exéquias*, *exequível*, *exercer*, *exercício*, *exército*, *exaurir*, *exibir*, *exigir*, *exilar*, *exílio*, *exímio*, *existir*, *êxito*, *êxodo*, *exógeno*, *exonerar*, *exorar*, *exorbitar*, *exorcismo*, *exórdio*, *exornar*, *exótico*, *exuberar*, *exuberante*, *exultar*, *exumar*, *inexorável*.

Soa como /s/ em: *auxílio*, *máxima*, *Maximiliano*, *Maximino*, *máximo*, *próximo*, *sintaxe*, *trouxe*, *trouxera*, *trouxer*.

Soa como /ks/ ou /kz/, conforme o caso, em: *afluxo*, *anexo*, *axila*, *áxis*, *axiômetro*, *complexo*, *convexo*, *crucifixo*, *doxologia*, *fixo*, *flexão*, *fluxo*, *hexâmetro* (também soa como /z/), *hexaedro*, *hexágono* (também soa como /z/), *hexassílabo*, *índex*, *intoxicar*, *léxico*, *maxilar*, *nexo*, *máxime*, *ônix*, *ortodoxo*, *óxido*, *oximoro*, *prolixo*, *oxigênio*, *paradoxo*, *reflexo*, *sexagenário*, *sexagésimo*, *sexo*, *sílex*, *tórax*, *tóxico*.

É proferido indiferentemente como /ks/ ou /s/ em: *apoplexia*, *axioma* e *defluxo*.

Vale por /s/ no final de: *cálix*, *Félix*, *fênix* e na locução adverbial *a flux*.

O *z* em fim de palavra que não se ligue à seguinte, soa levemente chiado: *luz*, *conduz*.

Entre os casos particulares, são de notar:

– o *ch* em *Anchieta* e derivados soa chiado;

– o *cz* de *czar* (que também pode se escrever *tzar*) deve ser proferido como /ts/; o *lh* de *Alhambra* não constitui dígrafo como em *malha*; deve-se proferir o vocábulo como se não houvesse o *h*;

– o *w* do nome *Darwin* e dos derivados (*darwinismo*, *darwinista*, etc.) soa como /u/.

Sc e *xc* soam como /s/ em palavras como *nascer*, *descer*, *crescer*, *excelência*, *exceto*, *excelso*, *excídio*, *excisão*, *excita*.

Os encontros consonânticos devem ser pronunciados com valores fonéticos próprios, sem intercalação de *e* ou *i*: *pseudônimo*, *pneumático*, *mnemônico*, *apto*, *elipse*, *absoluto*, *admissão*, *adjetivo*, *ritmo*, *afta*, *indigno*, *recepção*, *advogado*, *accessível* (ao lado de *acessível*), *secção* (ao lado de *seção*), *samnita*, *sublinhar* (b-li), *subliminar* (b-li).

Ligação dos vocábulos – Cuidado especial merece a boa articulação dos fonemas, mormente finais e iniciais, na sequência dos vocábulos, desde que uma pausa não os separe.

a) *Vogais ou ditongos finais de vocábulo com vogais ou ditongos iniciais de vocábulo*

Quando a palavra termina por vogal tônica e o vocábulo seguinte começa com vogal ou ditongo tônicos, normalmente se respeita o hiato interverbal: *ali há*, *lá houve*, *li ontem*.

Se a vogal final é tônica e o vocábulo seguinte começa por vogal ou ditongo átonos, proferimos normalmente o hiato; mas pode ocorrer, muitas vezes, a ditongação se a vogal átona for *i* ou *e* ou *u* ou *o*:

segui aquela; *já ouvi*, *lá ironizei*, *vê umedecer*.

OBSERVAÇÃO: Evita-se a ditongação quando daí resultar uma sequência de sílabas tônicas: *boné usado*, *lá iremos*.

Se a vogal final é átona e o vocábulo seguinte começa por vogal tônica, normalmente se respeita o hiato: *essa hora*, *terreno árido*.

Neste caso pode ainda ocorrer a fusão (crase) das duas vogais se forem idênticas (essa fusão produz certo alongamento da vogal indicada aqui pelo mácron ¯), ou a ditongação, se a vogal átona final for *i*, *e* ou *u*, *o*:

terra árida: ter / ra / á / rida ou ter / rā / ri / da

esse ano: es / se / a / no ou es / sea / no.

OBSERVAÇÃO: Chama-se *crase* a fusão de dois ou mais sons iguais num só.

Se a vogal final e a inicial do vocábulo seguinte são átonas, pode ocorrer hiato, ditongo, crase ou elisão.

OBSERVAÇÃO: *Elisão* é o desaparecimento de uma vogal final átona em virtude do contato com a vogal inicial do vocábulo seguinte.

1) haverá hiato, fusão ou elisão se a vogal átona final for *a* e a inicial for *a* ou *ã*:

casa amarela
- *hiato*: ca / sa / a / ma / re / la
- *crase*: ca / sã / ma / re / la
- *elisão*: ca / sa / ma / re / la

casa anterior
- *hiato*: ca / sa / an / te / ri / or
- *crase*: ca / sãn / te / ri / or
- *elisão*: ca / san / te / ri / or

2) haverá hiato ou elisão se a vogal átona final for *a* e a vogal inicial *e*, *ẽ*, *o*, *õ*:

roda esportiva
- *hiato*: ro / da / es / por / ti / va
- *elisão*: ro / des / por / ti / va

porta entreaberta
- *hiato*: por / ta / en / trea / ber / ta
- *elisão*: por / ten / trea / ber / ta

3) haverá hiato, ditongo ou elisão se a vogal átona final for *a* e a inicial *i* (*e*), *ĩ* (*ẽ*), *u* (*o*), *ũ* (*õ*):

certa idade
- *ditongo*: cer / tai / da / de
- *hiato*: cer / ta / i / da / de
- *elisão*: cer / ti / da / de

certa indiferença
- *hiato*: cer / ta / in / di / fe / ren / ça
- *ditongo*: cer / tain / di / fe / ren / ça
- *elisão*: cer / tin / di / fe / ren / ça

4) haverá hiato ou ditongo se a vogal átona final for *i* (*e*) e a inicial qualquer uma, exceto *i* (*e*):

júri amigo
- *hiato*: ju / ri / a / mi / go
- *ditongo*: ju / ria / mi / go

livre arbítrio
- *hiato*: li / vre / ar / bí / trio
- *ditongo*: li / vriar / bí / trio

5) haverá hiato, crase ou elisão se a vogal átona final for *i* (*e*) e a inicial *i* (*e*) ou *ĩ* (*ẽ*):

livre imprensa
- *hiato*: li / vre / im / pren / sa
- *crase*: li / vrĩn / pren / sa
- *elisão*: li / vrin / pren / sa

6) haverá hiato, ditongo ou elisão se a vogal átona final for *u* (o u):

Santo Antônio
- *hiato*: san / to / An / tô / nio
- *ditongo*: san / toan / tô / nio
- *elisão*: san / tan / tô / nio

medo horrível
- *hiato*: mê / do / hor / rí / vel
- *ditongo*: me / duor / rí / vel

7) haverá hiato, crase ou elisão se a vogal final for *u* (*o*) e a inicial *u*:

velho humano
- *hiato*: ve / lho / hu / ma / no
- *crase*: ve / lhũ / ma / no
- *elisão*: ve / lhu / ma / no

aviso urgente
- *hiato*: a / vi / so / ur / gen / te
- *crase*: a / vi / sũr / gen / te
- *elisão*: a / vi / sur / gen / te

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Ocorrem os fenômenos acima apontados com os vocábulos iniciados por ditongos decrescentes, por iniciar por vogal. Em vez de ditongo, teremos tritongo:

jeito airoso (cf. 6)
- *hiato*: jei / to / ai / ro / so
- *tritongo*: jei / tuai / ro / so
- *elisão*: jei / tai / ro / so

2.ª) A preposição *para* pode reduzir-se a *pra* (e não p'ra), hoje usada até entre literatos. Esta forma, quando seguida do artigo *o*, *a*, *os*, *as* e com ele combinada, é grafada, respectivamente, *pro*, *pra* (para a), *pros*, *pras*.

3.ª) Pelo se reduz a *plo* (mais comum em Portugal), forma que, combinada com o artigo ou pronome *o*, *a*, *os*, *as*, é grafada *plo*, *pla*, *plos*, *plas*. Entre portugueses ouve-se ainda *pro* e *pros* com *o* aberto.

4.ª) A preposição *com* pode ter a nasalidade enfraquecida e combinar-se com *o*, *a*, *os*, *as*, dando origem às formas *co*, *ca*, *cos*, *cas*, empregadas mais com frequência na linguagem familiar e vulgar, de Portugal. É o que se chama *ectlipse*.

b) *Consoante final de vocábulo com fonema inicial de vocábulo*

A consoante final de uma palavra seguida de vogal inicial (ou semivogal), sem pausa intermediária, deve ser proferida como se fosse intervocálica, isto é, liga-se a uma vogal

obedecendo às normas já estabelecidas:

"*De um sentir*⋃*aventurado*"

"*É talvez*⋃*a voz mimosa*"

"*Gentil*⋃*infante, engraçado*"

"*Que dás*⋃*honra e valor*"

A consoante final *b* (em *sob*, por exemplo) seguida de outra consoante inicial deve ser proferida sem aparecimento de um *i* ou *e* intermédio:

Sob luzes d'esperança

Sob fúria

Se o vocábulo seguinte começa por vogal (ou semivogal), pode o *b* final ligar-se silabicamente a ela ou direta ou com apoio de *i* ou *e* (reduzido), o que é mais comum entre nós.

Sob os céus (so-bos-céus ou so-bios-céus).

Quando a consoante que termina o vocábulo é igual à que inicia o vocábulo seguinte (o que ocorre com *l* ou *r*), ouvem-se os dois fonemas:

Incrível lábia (in-cri-vel-lá-bia)

Temor repentino (te-mor-re-pen-ti-no).

O *s* final soa aproximadamente como se fora /j/, mas sem exagero, em ligação com vocábulo iniciado por *b*, *d*, *g*, *j*, *l*, *m*, *n*, *r*, *v* e *z*, ouvindo-se os dois fonemas:

Os braços, os dedos, as gengivas, dois jeitos, as luzes, os meninos, as nuvens, os ratos, os ventos, os zumbidos.

O *s* final soa aproximadamente como se fora /x/, mas sem exagero, em ligação com vocábulo iniciado por *c*, *f*, *p*, *q*, *s*, *t*, *x* e *ch*, ouvindo-se os dois fonemas:

três cadernos, os felizes, as pessoas, as queixas,
as secas, os tempos, os xaropes, os chás.

As consoantes *x* e *z* finais são tratadas como /s/ final, nas ligações:

faz medo (x = j), *faz calor* (z = x).

O *n* final de vocábulos, como *cânon*, *íon*, *cíclotron*, deve ser proferido sem nasalizar fortemente a vogal anterior, conforme vimos; nas ligações com outro vocábulo, guarda este valor quando é seguido de consoante: *cânon bíblico*.

Seguido de vogal (ou semivogal) liga-se silabicamente a esta, como se fosse inicial de sílaba; *cânon antigo*.

O *m* final de *bem-aventurado*, *bem-amado* e semelhantes nasaliza a vogal anterior, não se ligando à seguinte, como se fosse inicial de sílaba.

Quando o indefinido ou numeral *uma* é seguido de vocábulo começado por *m* não se deve proferir o *m*, soando, portanto, *ũa*, forma com que, às vezes, aparece grafado (evite-se a forma *u'a*):

uma mensagem, uma mão.

Ortografia e Ortoépia – Certos hábitos de grafia tendentes a preservar letras gregas e latinas que não constituem fonemas em português acabaram levando a que tais letras passassem a ser erradamente proferidas. Já vimos o caso do dígrafo *sc* de nascer, piscina, etc. É o que ocorre também com o latim *phlegma* que passou ao português *fleuma*, *fleima*. Por

motivo etimológico, persistem as grafias errôneas *fleugma*, *fleugmático*, onde o *g* não deve ser proferido, mas o é por influência da grafia.

Outras más soluções do sistema gráfico favorecem erros de pronúncia, como ocorre com *sublinhar* (b-li), *abrogar*, *abrupto*, que já se ouvem como se aí houvesse grupo consonantal: *su - bli - nhar*.

C) Prosódia

Prosódia é a parte da fonética que trata da correta acentuação e entonação dos fonemas.

A preocupação maior da prosódia é o conhecimento da sílaba *predominante*, chamada *tônica*.

Sílaba – É um fonema ou grupo de fonemas emitido num só impulso expiratório.

Em português, o elemento essencial da sílaba é a vogal.

Quanto à sua *constituição*, a sílaba pode ser *simples* ou *composta*, e esta última *aberta* (ou *livre*) ou *fechada* (ou *travada*).

Diz-se que a sílaba é *simples* quando é constituída apenas por uma vogal: *e*, *há*, *ah*!

Sílaba composta é a que encerra mais de um fonema: *ar* (vogal + consoante), *lei* (consoante + vogal + semivogal), *vi* (consoante + vogal), *ou* (vogal + semivogal), *mas* (consoante + vogal + consoante).

A sílaba composta é aberta (ou livre) se termina em vogal: *vi*; é fechada (ou travada) em caso contrário, incluindo-se a vogal nasal, porque a nasalidade vale por um travamento de sílaba: *ar*, *lei*, *ou*, *mas*, *um*.

Quanto ao número de sílabas, dividem-se os vocábulos em:

a) monossílabos (se têm uma sílaba): *é*, *há*, *mar*, *de*, *dê*;

b) dissílabos (se têm duas sílabas): *casa*, *amor*, *darás*, *você*;

c) trissílabos (se têm três sílabas): *cadeira*, *átomo*, *rápido*, *cômodo*;

d) polissílabos (se têm mais de três sílabas): *fonética*, *satisfeito*, *camaradagem*, *incovenientemente*.

Quanto à posição, a sílaba pode ser *inicial*, *medial* e *final*, conforme apareça no início, no interior ou no final do vocábulo:

fo	/	*né*	/	*ti*	/	*ca*
inicial		medial		medial		final

Quantidade – É a duração da vogal e da consoante. Distinguem-se as vogais e consoantes breves (se a pronúncia é rápida) das vogais e consoantes longas (se a pronúncia é demorada). Assinalamos a vogal breve com o sinal (˘) que se denomina *braquia* ou *bráquia*, e a vogal longa com o sinal (¯) chamado *mácron*: *ă* (*a* breve), *ā* (*a* longo).

Há língua em que a quantidade desempenha importante papel, para distinguir vocábulos e formas gramaticais, como em latim, em inglês ou alemão. Em latim, *rosă* (com *a breve*) não tem a mesma aplicação gramatical de *rosā* (com *a longo*), distinguindo-se, pela quantidade, o nominativo do ablativo, por exemplo. "Em inglês xĭp e xīp (que se escrevem *ship* e *sheep*) significam, respectivamente, *navio* e *carneiro*" [SA.2, 15]. Em latim, *ŏs* (com *o* breve) significa 'osso'; com *o* longo, *ōs* significa 'boca'.

Em português, a quantidade é pouco sentida e não exerce notável papel na caracterização e distinção dos vocábulos e formas gramaticais. Em geral, são mais rápidas as vogais seguidas de consoante surda (*lato / lado*) ou de *r* vibrante múltipla (*carro / caro*). Só excepcionalmente alongamos vogais e consoantes, como recursos estilísticos para imprimir ênfase, e constitui um dos grandes auxiliares da oratória:

> "Se pudéssemos, nós que temos experiência da vida, abrir os olhos dessas mariposinhas tontas ... Mas é inútil. Encasqueta-se-lhes na cabeça que o *amor*, o *amoor*, o *amooor* é tudo na vida, e adeus" [ML.1, 147].
>
> *BARbaridade*!

Acentuação – é o modo de proferir um som ou grupo de sons com mais relevo do que outros.

Este relevo se denomina *acento*. Diz-se que o acento é de *intensidade* (acento de força, acento dinâmico, acento expiratório ou icto), quando o relevo consiste no maior esforço expiratório. Diz-se que o acento é *musical* (acento de *altura* ou *tom*), quando o relevo consiste na elevação ou maior altura da voz.

O português e as demais línguas românicas, o inglês, o alemão, são línguas de *acento de intensidade*; o latim e o grego, por outro lado, possuem *acento musical*.

O acento de intensidade se manifesta no vocábulo considerado isoladamente (acento vocabular) ou ligado na enunciação da frase (acento frásico).

Acento de intensidade – Numa palavra nem todas as sílabas são proferidas com a mesma intensidade e clareza. Em *sólida*, *barro*, *poderoso*, *material*, há uma sílaba que se sobressai às demais por ser proferida com mais esforço muscular e mais nitidez e, por isso, se chama *tônica*: ***só***lida, ***ba***rro, pode***ro***so, materi***al***. As outras sílabas se dizem *átonas* e podem estar antes (pretônicas) ou depois (postônicas) da tônica:

po	–	*de*	–	*ro*	–	*so*
átona		átona		tônica		átona
pretônica		pretônica				postônica

Dizemos que nas sílabas fortes repousa o *acento tônico* do vocábulo (*acento da palavra* ou *acento vocabular*).

Existem ainda as sílabas semifortes chamadas *subtônicas* que, por questões rítmicas, compensam o seu afastamento da sílaba, tônica, fazendo que se desenvolva um acento de menor intensidade – *acento secundário*. Delas nos ocuparemos mais adiante.

Posição do acento tônico – Em português, quanto à posição do acento tônico, os vocábulos de duas ou mais sílabas podem ser:

a) *oxítonos*: o acento tônico recai na *última* sílaba: materi***al,*** princi***pal***, ca***fé***;

b) *paroxítonos*: o acento recai na *penúltima* sílaba: ***ba***rro, pode***ro***so, ***Pe***dro;

c) *proparoxítonos*: o acento tônico recai na *antepenúltima* sílaba: ***só***lida, feli***cí***ssimo.

OBSERVAÇÕES: Em *estudávamo-lo,* o acento tônico aparece na pré-antepenúltima sílaba, porque os monossílabos átonos formam um todo com o vocábulo a que se ligam foneticamente. É por isso que *fá-lo* é paroxítono e *admiras-te*, proparoxítono.

Em português, geralmente a sílaba tônica coincide com a sílaba tônica da palavra latina de que se origina.

Há vocábulos, como os que vimos até agora, que têm individualidade fonética e, portanto, acento próprio, ao lado de outros sem essa individualidade. Ao serem proferidos acostam-se ou ao vocábulo que vem antes ou ao que os segue. Por isso, são chamados *clíticos* (que se inclinam), e serão *proclíticos* se se inclinam para o vocábulo seguinte (*o* homem, *eu* sei, *vai* ver, *mar* alto, *não* viu) ou enclíticos, se para o vocábulo anterior (vejo-*me*, dou-*a*, fiz-*lhe*).

Os clíticos são geralmente monossilábicos que, por não terem acento próprio, também se dizem *átonos*. Os monossilábicos de individualidade fonética se chamam *tônicos*.

Alguns dissílabos podem ser também clíticos ou átonos: *para* (reduzido a *pra*) ver, *quero* crer, quero *porque* quero.

A tonicidade ou atonicidade de monossílabos e de alguns dissílabos *depende sempre do acento da frase*.

Acento de intensidade e significado da palavra – O acento de intensidade desempenha importante papel linguístico, decisivo para a significação da palavra. Assim, *sábia* é adjetivo sinônimo de *erudita*; *sabia* é forma do pretérito imperfeito do indicativo do verbo *saber*; *sabiá* é substantivo designativo de conhecido pássaro.

Acento principal e acento secundário – Em *rapidamente*, a sílaba *ra* possui um acento de intensidade menos forte que o da sílaba *men*, e se ouve mais distintamente do que as *átonas* existentes nas palavras. Dizemos que a sílaba *men* contém o *acento principal* e *ra* o *acento secundário* da palavra. A sílaba em que recai o acento secundário chama-se, como vimos, *subtônica*.

Geralmente ocorre o acento secundário na sílaba radical dos vocábulos polissilábicos derivados, cujos primitivos possuam acento principal: ***rá***pido – rapidamente. Há de se prestar atenção em certos enganos de pronúncia de vocábulos com acento secundário: por exemplo, respeita-se o hiato de *tardiamente*, e não se acentue fortemente a sílaba inicial: *tárdiamente*.

Acento de insistência e emocional – O português também faz emprego do acento de intensidade para obter, com o chamado acento de insistência, notáveis efeitos. Entra em jogo ainda a quantidade da vogal e da consoante, pois, quando se quer enfatizar uma palavra,

insiste-se mais demoradamente na sílaba tônica. Os escritores costumam indicar na grafia este alongamento enfático repetindo a vogal da sílaba tônica:

> "Os dois garotos, porém, esperneiam com a mudança de mãe:
> – *Mentira*!... *Mentiiiiira*!... *Mentiiiiiiiiira*! – berra cada um para seu lado" [HC.1, 32].
> "encasqueta-se-lhes na cabeça que o *amor*, o *amoor*, o *amooor* é tudo na vida e adeus" [ML.1, 147].

O acento de insistência pode cair noutra sílaba, diferente da tônica:

> ma***ra***vilhosa, ***for***midável, in***te***ligente, ***mi***serável.

Como bem acentua Roudet, a causa essencial do fenômeno do recuo do acento "parece ser a falta de sincronismo entre a emoção e sua expressão através da linguagem. A emoção se adianta à palavra e reforça a voz desde que as condições fonéticas o permitem" [LR.1, 252].

Este acento de insistência não tem apenas caráter emocional; adquire valor intelectual e ocorre ainda para ressaltar uma distinção, principalmente com palavras derivadas por prefixação ou expressões com preposições de sentidos opostos.

> São fatos ***sub***jetivos e não ***ob***jetivos.
> Os problemas de ***im***portação e de ***ex***portação.
> ***com*** dinheiro ou ***sem*** dinheiro.

Diz Bally que a entoação expressiva e a mímica são para quem fala um permanente comentário de suas palavras.

Acento de intensidade na frase – Isoladas, as palavras regulam sua sílaba tônica pela etimologia, isto é, pela sua origem; mas, na sucessão de vocábulos, deixa de prevalecer o acento da palavra para entrar em cena o acento da frase ou *frásico*, pertencente a cada *grupo de força*.

Chama-se *grupo de força* à sucessão de dois ou mais vocábulos que constituem um conjunto fonético subordinado a um acento tônico predominante: *A casa de Pedro / é muito grande*. Notamos aqui, naturalmente, dois grupos de força que se acham indicados por barra. No primeiro, as palavras *a* e *de* se incorporam a *casa* e *Pedro*, ficando o conjunto subordinado a um acento principal na sílaba inicial de *Pedro*, e um acento secundário na sílaba inicial de *casa*. No segundo grupo de força, as palavras *é* e *muito* se incorporam foneticamente a *grande*, ficando o conjunto subordinado a um acento principal na sílaba inicial de *grande* e outro secundário, mais fraco, na sílaba inicial de *muito*.

É quase sempre fácil determinar a sílaba tônica de cada grupo de força; o difícil é precisar, em certos casos, o ponto de divisão entre dois grupos sucessivos [NT.1, 29, n.1].

A distribuição dos grupos de força e a alternância de sílabas proferidas mais rápidas ou mais demoradas, mais fracas ou mais fortes, conforme o que temos em mente expressar, determinam certa cadência do contexto à qual chamamos *ritmo*. *Prosa* e *verso* possuem ritmo. No verso, o ritmo é essencial e específico; na prosa, apresenta-se livre, variando pela iniciativa de quem fala ou escreve12.

Vocábulos tônicos e átonos: os clíticos – Nestes grupos de força certos vocábulos perdem seu acento próprio para unir-se a outro que os segue ou que os precede. Dizemos que tais

vocábulos são *clíticos* (que se inclinam) ou *átonos* (porque se acham destituídos de seu acento vocabular). Aquele vocábulo que, no grupo de força, mantém sua individualidade fonética é chamado *tônico*. Ao conjunto se dá o nome de *vocábulo fonético*: *o rei* /urrey/; *deve estar* /devistar/.

Os clíticos se dizem *proclíticos* se precedem o vocábulo tônico a que se incorporam para constituir o grupo de força:

o∪rei // ele∪disse // bom∪livro // deve∪estar

Dizem enclíticos se vêm depois do vocábulo tônico:

disse-∪me // ei-∪lo // falar-∪lhe

Em português são geralmente átonas e proclíticas as seguintes classes de palavras:

1) artigos (definidos ou indefinidos, combinados ou não com preposição): *o homem // um homem // do livro.*
2) certos numerais: *um livro // três velas // cem homens*.
3) pronomes adjuntos antepostos (demonstrativos, possessivos, indefinidos, interrogativos): *este livro // meu livro // cada dia // que fazer?*
4) pronomes pessoais antepostos: *ele vem // eu disse.*
5) pronomes relativos;
6) verbos auxiliares;
7) certos advérbios: *já vi*, *não posso*, etc.
8) certas preposições: *a*, *de*, *em*, *com*, *por*, *sem*, *sob*, *para*
9) certas conjunções: *e*, *nem*, *ou*, *mas*, *que*, *se*, *como*, etc.

São enclíticas as formas pronominais *me*, *te*, *se*, *nos*, *vos*, *o*, *a*, *os*, *as*, *lhe*, *lhes*, quando pospostas ao vocábulo tônico.

Muitas vezes, uma palavra pode ser átona ou tônica, conforme sua posição no grupo de força a que pertence. Em *o arco desaparece*, o substantivo *arco* é tônico; em *o arco-íris*13, passou a átono proclítico.

Em *grande homem*, *alto mar*, os adjetivos são átonos; em *homem grande*, *mar alto*, já são os substantivos que se atonizam. Em *eu lhe disse*, os dois pronomes pessoais são átonos proclíticos; em *disse-lhe eu*, o pronome *eu* conserva seu acento próprio. Todo este conjunto de fatos são devidos a fenômenos de *fonética sintática*.

Consequência da próclise – Os vocábulos átonos proclíticos, perdendo seu acento próprio para se subordinarem ao do tônico, seguinte, resistem menos à pressa com que são proferidos, e acabam por sofrer reduções no seu volume fonético. Dentre os numerosos exemplos de próclise lembraremos aqui:

a) a passagem de hiato a ditongo, em virtude de uma vogal passar a semivogal (sinérese):

Tuas, normalmente dissilábico, tem de ser proferido com uma sílaba nos seguintes versos de Gonçalves Dias, graças à próclise:

> "E à noite, quando o céu é puro e limpo,
> Teu chão tinges de azul, – *tuas* ondas correm."

Boa (ou *boas*), em próclise, transforma a vogal *o* em semivogal, que chega, na língua popular, a desaparecer:

> "Outros suas terras em *boa* paz regeram
> Armando-as com *boas* leis, e bons preceitos." [AF.1]
> "*bas* noite nhozinho." [L. Cardoso] 14

b) o desaparecimento da vogal da primeira sílaba de um dissílabo; para > pra: Isto é *pra* mim.

c) o desaparecimento da sílaba final de um dissílabo:

1) *santo* > *são* (diante dos nomes começados por consoante): *São* Paulo, *São* Pedro;
2) *cento* > *cem*: *cem* páginas;
3) *grande* > *grã*, *grão*: *grã*-Bretanha, *grão*-vizir;
4) *tanto* > *tão*: *tão* grande;
5) *quanto* > *quão*: *quão* belo

d) outras reduções como *senhor* > *seu*: *seu* João.

Palavras que oferecem dúvidas quanto à posição da sílaba tônica – *Silabada* é o erro de prosódia que consiste na deslocação do acento tônico de uma palavra. Ignorar qual é a sílaba tônica de uma palavra, diz Gonçalves Viana, é ficar na impossibilidade de proferi-la.

Numerosas palavras existem que oferecem dúvidas quanto à posição da sílaba tônica.

São *oxítonas*:

aloés, cateter, Cister, harém, Gibraltar, Gulbenkian, masseter, faz-se mister (= necessário), Nobel, novel, recém, refém, ruim, sutil, ureter.

São *paroxítonas*:

acórdão, âmbar, ambrosia, avaro, aziago, barbaria, cânon, caracteres, cartomancia, ciclope, edito (lei, decreto), Epifania 15, exegese, filantropo, fluido (*ui* ditongo), fortuito (*ui* ditongo), gratuito (*ui* ditongo), ibero, impio (cruel), inaudito, látex, maquinaria, misantropo, necropsia, Normandia, onagro (tb. ônagro), oximoro (tb. oximóron), Pandora, Pólux, pudico, quiromancia, simulacro.

São *proparoxítonas* (incluindo-se os vocábulos terminados por ditongo crescente):

aeródromo, aerólito, álcali, álcool, alcoólatra, *alibi* (lat.), alvíssaras, âmago, amálgama, ambrósia, anátema, andrógino, antídoto, arquétipo, autóctone, barbárie, boêmia, brâmane, cáfila, condômino, crisântemo, década, díptero, écloga, édito (ordem judicial), Éfeso, êmbolo, epíteto, épsilon, escâncaras (às), êxodo, fac-símile, fíbula, idólatra, ímpio (sem fé), ímprobo, ínclito, iníquo, ínterim, máxime ou *maxime* (lat.), ômega, Pégaso, Péricles, Ésquilo, périplo, plêiade (-a), protótipo, Tâmisa, trânsfuga, vândalo.

Palavras que admitem dupla prosódia

acróbata ou acrobata; alópata ou alopata; ambrósia ou ambrosia; crisântemo ou crisantemo; hieróglifo ou hieroglifo; nefelíbata ou nefelibata; Oceânia ou Oceania; ortoépia ou ortoepia; projétil ou projetil; réptil ou reptil; reseda (ê) ou resedá; sóror ou soror; homília ou homilia; geodésia ou geodesia; zângão ou zangão.

D) Ortografia

I – Alfabeto

1) O alfabeto português consta fundamentalmente de vinte e seis letras: *a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v, w, x, y, z*.

II – K, W, Y

2) Empregam-se em abreviaturas e símbolos, bem como em palavras estrangeiras de uso internacional: *K* = potássio; *Kr* = criptônio; *kg* = quilograma; *km* = quilômetro; *kw* = quilowatt; *kwh* = quilowatt-hora; *W* = oeste ou wolfrâmio (tungstênio); *w* = watt; *ws* = watt-segundo; *Y* = ítrio; *yd* = jarda (*yard*, inglês), etc.

3) Os derivados portugueses de nomes próprios estrangeiros devem escrever-se de acordo com as formas primitivas: *frankliniano*, *kantismo*, *darwinismo*, *wagneriano*, *zwinglianista*, *byroniano*, *taylorista*, etc.

4) O *k* é substituído por *qu* antes de *e* e *i* e por *c* antes de outra qualquer letra: *breque*, *caqui*, *faquir*, *níquel*, *caulim*, etc.

5) O *w* substitui-se, em palavras portuguesas ou aportuguesadas, por *u* ou *v*, conforme o seu valor fonético: *sanduíche*, *talvegue*, *visigodo*, etc.

6) O *k* é uma consoante, tal como o *c* antes de *a*, *o*, *u* e o dígrafo *qu* de *quero*. O *w* é uma vogal ou semivogal pronunciado como /u/ em palavras de origem inglesa: *watt-hora*, *whisky*, *waffle*, *Wallace*, *show*. E é consoante como o nosso /v/ em palavras de origem alemã: *Walter*, *Wagner*, *wagneriano*. No nome do célebre naturalista inglês *Darwin* soa como /v/, pronúncia mais geral, ou como /u/. O *y* é um som vocálico pronunciado como /i/ com função de vogal ou semivogal: *yacht* (= certo tipo de embarcação), *yard* (= jarda), *yaki-mono* (= cerâmica japonesa), *yen* (= unidade monetária, e moeda, do Japão), *yenita* (= certo mineral).

III – H

7) Esta letra não é propriamente consoante, mas um símbolo que, em razão da etimologia e da tradição escrita do nosso idioma, se conserva no princípio de várias palavras no fim de algumas interjeições: *haver*, *hélice*, *hidrogênio*, *hóstia*, *humildade*; *hã!*, *hem?*, *puh!*, *ah!*, *ih!*, *oh!*, etc.

OBSERVAÇÃO: Não se escreve com *h* final a interjeição de chamamento ou apelo *ó*: *Ó José, vem aqui!*; *Ó Laura, pare com isso!*

8) No interior do vocábulo, só se emprega em dois casos: quando faz parte do *ch*, do *lh* e do *nh*, que representam fonemas palatais, e nos compostos em que o segundo elemento, com *h* inicial etimológico, se une ao primeiro por meio do hífen: *chave*, *malho*, *rebanho*, *anti-higiênico*, *contra-haste*, *pré-histórico*, *sobre-humano*, etc.

OBSERVAÇÕES: a) Nos compostos sem hífen, elimina-se o *h* do segundo elemento: *anarmônico*, *coabitar*, *coonestar*, *desarmonia*, *exausto*, *inabilitar*, *lobisomem*, *reaver*, etc. b) Nos casos em que não houver perda do som da vogal final do 1.º elemento, e o elemento seguinte começar com *h*, serão usadas as duas formas gráficas: *bi-hebdomadário* e *biebdomadário*; *carbo-hidrato* e *carboidrato*; *zoo-hematina* e *zooematina*; *geo-história* e *geoistória*. Já quando houver perda do som da vogal final do 1.º elemento, consideraremos que a grafia consagrada deve ser mantida: *cloridrato, cloridria, clorídrico, quinidrona, sulfidrila, xilarmônica, xilarmônico*. Devem ficar como estão as palavras que já são de uso consagrado, como *reidratar, reumanizar, reabituar, reabitar, reabilitar* e *reaver*.

9) No futuro do indicativo e no condicional, não se usa o *h* no último elemento, quando há pronome intercalado: *amá-lo-ei*, *dir-se-ia*, etc.

10) Quando a etimologia o não justifica, não se emprega: *arpejo* (substantivo), *ombro*,

ontem, etc. E mesmo que o justifique, não se escreve no fim de substantivos nem no começo de alguns vocábulos que o uso consagrou sem este símbolo, *andorinha*, *erva*, *felá*, *inverno*, etc.

11) Não se escreve *h* depois de *c* (salvo o disposto no n.º 8) nem depois de *p*, *r* e *t*: o *ph* é substituído por *f*, o *ch* (gutural) por *qu* antes de *e* ou *i* e por *c* antes de outra qualquer letra: *corografia*, *cristão*; *querubim*, *química*; *farmácia*, *fósforo*; *retórica*, *ruibarbo*; *teatro*, *turíbulo*, etc.

IV – Consoantes mudas

12) Não se escrevem as consoantes que se não proferem: *asma*, *assinatura*, *ciência*, *diretor*, *ginásio*, *inibir*, *inovação*, *ofício*, e não *asthma*, *assignatura*, *sciencia*, *director*, *gymnasio*, *inhibir*, *innovação*, *officio*. E conservam-se as consoantes nos casos em que são invariavelmente proferidas nas pronúncias cultas da língua: compacto, convicção, ficção; adepto, apto, etc.

OBSERVAÇÃO: Escreve-se, porém, o *s* em palavras como *descer*, *florescer*, *nascer*, etc., e o *x* em vocábulos como *exceto*, *excerto*, etc., apesar de nem sempre se pronunciarem essas consoantes.

13) Em sendo mudo o *p* no grupo *mpc* ou *mpt*, escreve-se *nc* ou *nt*: *assuncionista*, *assunto*, *presunção*, *prontificar*, etc.

14) Em vocábulos cujas consoantes facultativamente se pronunciam, escreve-se preferencialmente o de uso mais generalizado. Assim, serão consignados, além de outros, estes: *aspecto* e *aspeto*, *característico* e *caraterístico*, *circunspecto* e *circunspeto*, *contacto* e *contato*, *corrupção* e *corrução*, *corruptela* e *corrutela*, *dactilografia* e *datilografia*, *expectativa* e *expetativa*, *optimismo* e *otimismo*, *respectivo* e *respetivo*, *secção* e *seção*, *sinóptico* e *sinótico*, *sumptuoso* e *suntuoso*, *tacto* e *tato*. Escreve-se *Egito*, mas *egípcio*, por ser neste último pronuciado o *p*.

V – SC

15) Elimina-se o *s* do grupo inicial *sc*: *cena*, *cenografia*, *ciência*, etc.

16) Os compostos dessa classe de vocábulos, quando são formados em nossa língua, são escritos sem o *s* antes do *c*: *anticientífico*, *contracenar*, *encenação*, etc.; mas, quando vieram já formados para o vernáculo, conservam o *s*: *consciência*, *cônscio*, *imprescindível*, *prescindir*, *rescindir*, *rescisão*, etc.

VI – Letras dobradas

17) Escrevem-se *rr* e *ss* quando, entre vogais, representam os sons simples do *r* e *s* iniciais; e *cc* ou *cç* quando o primeiro soa distintamente do segundo: *carro*, *farra*, *massa*, *passo*; *convicção*, *occipital*, etc.

18) Duplicam-se o *r* e o *s* todas as vezes que a um elemento de composição terminado em vogal se segue, sem interposição do hífen, palavra começada por uma daquelas letras: *arritmia*, *corréu, prerrogativa*, *pressentir*, *ressentimento*, *sacrossanto*, etc.

VII – Vogais nasais

19) As vogais nasais são representadas no fim dos vocábulos por *ã* (*ãs*), *im* (*ins*), *om* (*ons*), *um* (*uns*): *afã*, *cãs*, *flautim*, *folhetins*, *semitom*, *tons*, *tutum*, *zum-zuns*, etc.

20) O *ã* pode figurar na sílaba tônica, pretônica ou átona: *ãatá*, *cristãmente*, *irmãmente*, *maçã*, *manhãzinha*, *órfã*, *romãzeira*, etc.

21) Quando aquelas vogais são iniciais ou mediais, a nasalidade é expressa por *m* antes do *b* e *p*, e por *n* antes de outra qualquer consoante: *ambos*, *campo*; *contudo*, *enfim*, *enquanto*, *homenzinho*, *nuvenzinha*, *vintenzinho*, etc.

VIII – Ditongos

22) Os ditongos orais escrevem-se com a subjuntiva *i* ou *u*: *aipo*, *cai*, *cauto*, *degraus*, *dei*, *fazeis*, *ideia*, *mausoléu*, *neurose*, *retorquiu*, *rói*, *sois*, *sou*, *souto*, *uivo*, *usufrui*, etc.

OBSERVAÇÃO: Escrevem-se com *i*, e não com *e*, a forma verbal *fui*, a 2.ª e 3.ª pess. do sing. do pres. do ind. e a 2.ª do sing. do imper. dos verbos terminados em *uir*: *aflui*, *fruis*, *retribuis*, etc.

23) O ditongo *ou* alterna, em numerosos vocábulos, com *oi*: *balouçar* e *baloiçar*, *calouro* e *caloiro*, *dourar* e *doirar*, etc. Escreve-se, preferencialmente, o de uso mais generalizado.

24) Escrevem-se assim os ditongos nasais: *ãe*, *ãi*, *ão*, *am*, *em*, *en*(*s*), *õe*, *ui* (proferido *ũi*): *mãe*, *pães*, *cãibra*, *acórdão*, *irmão*, *leãozinho*, *amam*, *bem*, *bens*, *devem*, *põe*, *repões*, *muito*, etc.

OBSERVAÇÕES:

a) Dispensa-se o til do ditongo nasal *ui* em *mui* e *muito*.

b) Com o ditongo nasal *ão* se escrevem os monossílabos, tônicos ou não, e os polissílabos oxítonos: *cão*, *dão*, *não*, *quão*; *então*, *irmão*, *viverão*, etc.

c) Também se escrevem com o ditongo *ão* os substantivos e adjetivos paroxítonos, acentuando-se, porém, a sílaba tônica: *órfão*, *órgão*, *sótão*, etc.

d) Nas formas verbais anoxítonas se escreve *am*: *amaram*, *deveram*, *partiram*, etc.

e) Com o ditongo nasal *ãe* se escrevem os vocábulos oxítonos e os seus derivados; e os anoxítonos primitivos grafam-se com o ditongo *ãi*: *capitães*, *mães*, *pãezinhos*; *cãibo*, *zãibo*, etc.

f) O ditongo nasal *e)i*(*s*) escreve-se *em* ou *en*(*s*) assim nos monossílabos como nos polissílabos de qualquer categoria gramatical: *bem*, *convém*, *convéns*, *virgem*, *virgens*, etc.

25) Os encontros vocálicos átonos e finais que podem ser pronunciados como ditongos crescentes escrevem-se da seguinte forma: *ea* (áurea), *eo* (cetáceo), *ia* (colônia), *ie* (espécie), *io* (exímio), *oa* (nódoa), *ua* (contínua), *ue* (tênue), *uo* (tríduo), etc.

IX – Hiatos

26) A 1.ª, 2.ª, 3.ª pess. do sing. do pres. do subj. e a 3.ª pess. do sing. do imper. dos verbos em *oar* escrevem-se com *oe* e não *oi*: *abençoe*, *amaldiçoes*, *perdoe*, etc.

27) As três pessoas do sing. do pres. do subj. e a 3.ª do sing. do imper. dos verbos em *uar* escrevem-se com *eu*, e não *ui*: *cultue*, *habitues*, etc.

X – Parônimos e vocábulos de grafia dupla

28) Deve-se fazer a mais rigorosa distinção entre os vocábulos parônimos e os de grafia dupla que se escrevem com *e* ou com *i*, com *o* ou com *u*, com *c* ou *q*, com *ch* ou *x*, com *g* ou *j*, com *s*, *ss* ou *c*, *ç*, com *s* ou *x*, com *s* ou *z*, e com os diversos valores do *x*:

1.°) com *i* ou com *e*: *acriano*, *camoniano*, *torriense* (em vez das antigas *acreano*, *camoneano*, *torreense*); *coreano*, *daomeano*, *guineense*.

2.°) com *o* ou com *u*: *frágua*, *lugar*, *mágoa*, *manuelino*, *polir*, *tribo*, *urdir*, *veio* (verbo ou substantivo), etc.

3.°) com *c* ou *q*: *quatorze* (seguido de *catorze*), *cinquenta*, *quociente* (seguido do *cociente*), etc.

4.°) com *ch* ou *x*: *anexim*, *bucha*, *charque*, *chimarrão*, *faxina*, *flecha*, *tachar* (= notar; censurar), *taxar* (= determinar a taxa; regular), etc.

5.°) com *g* ou *j*: *estrangeiro*, *jenipapo*, *genitivo*, *gíria*, *jeira*, *jeito*, *jiboia*, *jirau*, *laranjeira*, *lojista*, *majestade*, *viagem* (s.f.), *viajem* (do verbo *viajar*), etc.

6.°) com *s*, *ss* ou *c*, *ç*: *ânsia*, *anticéptico*, *boça* (= cabo de navio), *bossa* (= protuberância; aptidão), *bolçar* (= vomitar), *bolsar* (= fazer bolsos), *caçula*, *censual* (= relativo a censo), *sensual* (= lascivo), etc.

OBSERVAÇÃO: Não se emprega *ç* em início de palavras.

7.°) com *s* ou *x*: *espectador* (= testemunha), *expectador* (= pessoa tem esperança), *experto* (= perito; experimentado), *esperto* (= ativo; acordado), *esplêndido*, *esplendor*, *extremoso*, *flux* (= na locução *a flux*), *justafluvial*, *justapor*, *misto*, etc.

8.°) com *s* ou *z*: *alazão*, *alcaçuz* (= planta), *alisar* (= tornar liso), *alizar* (s.m.), *anestesiar*, *autorizar*, *bazar*, *coliseu*, *comezinho*, *cortês*, *dissensão*, *empresa*, *esfuziar*, *esvaziamento*, *frenesi* (seguido de *frenesim*), *guizo* (s.m.), *irisar* (= dar as cores do íris a), *irizar* (= atacar [o iriz] o cafezeiro), *narcisar-se*, *obséquio*, *prioresa*, *rizotônico*, *sacerdotisa*, *tapiz*, *trânsito*, *xadrez*, etc.

OBSERVAÇÕES:

a) É sonoro o *s* de *obséquio* e seus derivados, bem como o do prefixo *trans*, em se lhe seguindo vogal; quando, porém, a esse prefixo se segue palavra iniciada por *s*, só se escreve um, que se profere como se fora dobrado: *obsequiar* (ze), *transoceânico* (zo), *transecular* (se), *transubstanciação* (su); etc.

b) No final de sílaba átona, seja no interior, seja no fim do vocábulo, emprega-se o *s* em lugar do *z*: *asteca*, *endes*, *mesquita*, etc.

29) O *x* continua a escrever-se com os seus cinco valores, bem como nos casos em que pode ser mudo, como em *exceto*, *excerto*, etc. Tem, pois, o som de:

1.°) *ch*, no princípio e o no interior de muitas palavras: *xerife*, *xícara*, *ameixa*; *enxoval*, etc.

2.°) *cs*, no meio e no fim de várias palavras: *anexo*, *látex*, *tórax*, etc.

3.°) *z*, quando ocorre no prefixo *exo*, ou *ex* seguido de vogal: *exame*, *êxito*, *êxodo*, *exosmose*, *exotérmico*, etc.

4.°) *ss*: *aproximar*, *auxiliar*, *máximo*, *proximidade*, *sintaxe*, etc.

5.°) *s* final de sílaba: *contexto*, *fênix*, *pretextar*, *sexto*, *textual*, etc.

30) No final de sílabas iniciais e interiores se deve empregar o *s* em vez do *x*, quando não o precede a vogal *e*: *justafluvial*, *justaposição*, *misto*, *sistino*, etc.

31) Adotaremos a grafia que seja mais conforme à etimologia do vocábulo e à sua história, mas que esteja em harmonia com a prosódia geral dos brasileiros, nem sempre idêntica à lusitana. P.ex.: *judô* (no Br.) e *judo* (em Port.); *metrô* (no Br.) e *metro* (em Port.); *pônei* (no Br.) e *pónei* (em Port.).

XI – Nomes próprios

32) Os nomes próprios personativos, locativos e de qualquer natureza, sendo portugueses ou aportuguesados, estão sujeitos às mesmas regras estabelecidas para os nomes comuns.

33) Para salvaguardar direitos individuais, quem o quiser manterá em sua assinatura a forma consuetudinária. Poderá também ser mantida a grafia original de quaisquer firmas, sociedades, títulos e marcas que se achem inscritos em registro público.

OBSERVAÇÃO: Não sendo o próprio que assine o nome com a grafia e a acentuação do modo como foi registrado, a indicação do seu nome obedecerá às regras estabelecidas pelo sistema ortográfico vigente: *Fundação Casa de Rui Barbosa* (o notável jurista baiano assinava *Ruy*).

34) Os topônimos de origem estrangeira devem ser usados com as formas vernáculas de uso vulgar; e quando não têm formas vernáculas, transcrevem-se consoante as normas estatuídas pela Conferência de Geografia de 1926 que não contrariarem os princípios estabelecidos aqui.

35) Os topônimos de tradição histórica secular não sofrem alteração alguma na sua grafia, quando já esteja consagrada pelo consenso diuturno dos brasileiros. Sirva de exemplo o topônimo *Bahia*, que conservará esta forma quando se aplicar em referência ao Estado e à cidade que têm esse nome.

OBSERVAÇÃO: Os compostos e derivados desses topônimos obedecerão às normas gerais do vocabulário comum.

XII – Acentuação gráfica

Ver *Regras de acentuação*.

XIII – Apóstrofo

36) Limita-se o emprego do apóstrofo aos seguintes casos:

1.°) Indicar a supressão de uma letra ou letras no verso, por exigência da metrificação: *c'roa*, *esp'rança*, *of'recer*, *'star*, etc.

2.°) Reproduzir certas pronúncias populares: *'tá*, *'teve*, etc.

3.°) Indicar a supressão da vogal, já consagrada pelo uso, em certas palavras compostas ligadas pela preposição *de*: *copo-d'água* (= planta, lanche), *galinha-d'água*, *mãe-d'água*, *pau-d'água* (= árvore, ébrio), etc.

OBSERVAÇÃO: Restringindo-se o emprego do apóstrofo a esses casos, cumpre não se use dele em nenhuma outra hipótese. Assim, não será empregado:

a) nas contrações das preposições *de* e *em* com artigos, adjetivos ou pronomes demonstrativos, indefinidos, pessoais e com alguns advérbios: *dum*, *duma* (a par de *de um*, *de uma*), *num*, *numa* (a par de *em um*, *em uma*); *dalgum*, *dalguma* (a par de *de algum*, *de alguma*); *doutro*, *noutro* (a par de *de outro*, *em outro*); *dele*, *dela*, *nele*, *nela*; *deste*, *desta*, *neste*, *nesta*, *daquele*, *daquela*, *naquele*, *naquela*; *disto*, *nisto*, *daquilo*, *naquilo*; *daqui*, *daí*, *dacolá*, *donde*, *dantes*, *dentre*; etc.

b) nas combinações dos pronomes pessoais; *mo*, *ma*, *mos*, *mas*, *to*, *ta*, *tos*, *tas*, *lho*, *lha*, *lhos*, *lhas*, *no-lo*, *no-los*, *no-la*, *no-las*, *vo-lo*, *vo-la*, *vo-los*, *vo-las*.

c) nas expressões vocabulares que se tornaram unidades fonéticas e semânticas: *dessarte*, *destarte*, *homessa*, *tarrenego*, *tesconjuro*, *vivalma*, etc.

d) nas expressões de uso constante e geral na linguagem vulgar: *co*, *coa*, *ca*, *cos*, *cas*, *coas* (= com o, com a, com os, com as), *plo*, *pla*, *plos*, *plas* (= pelo, pela, pelos, pelas), *pra* (= para), *pro*, *pra*, *pros*, *pras* (= para o, para a, para os, para as), etc.

XIV – Hífen

37) Nos compostos

1.º) Emprega-se o hífen nos compostos sem elemento de ligação quando o 1.º termo, por extenso ou reduzido, está representado por forma substantiva, adjetiva, numeral ou verbal: *ano-luz*, *arco-íris*, *decreto-lei*, *és-sueste*, *joão-ninguém*, *médico-cirurgião*, *mesa-redonda*, *rainha-cláudia*, *tenente-coronel*, *tio-avô*, *zé-povinho*, *afro-asiático*, *afro-luso-brasileiro*, *azul-escuro*, *amor-perfeito*, *boa-fé*, *forma-piloto*, *uarda-noturno*, *luso-brasileiro*, *má-fé*, *mato-grossense*, *norte-americano*, *seu-vizinho* (dedo anelar), *social-democracia*, *sul-africano*, *verbo-nominal*, *primeiro-ministro*, *segunda-feira*, *conta-gotas*, *finca-pé*, *guarda-chuva*, *vaga-lume*, *porta-aviões*, *porta-retrato*.

OBSERVAÇÕES:

a) As formas empregadas adjetivamente do tipo *afro-, anglo-, euro-, franco-, indo-, luso-, sino-* e assemelhadas continuarão a ser grafadas **sem hífen** em empregos em que só há uma etnia: *afrodescendente, anglofalante, anglomania, eurocêntrico, eurodeputado, lusofonia, sinologia*, etc. Porém escreve-se com hífen quando houver mais de uma etnia: *afro-brasileiro, anglo-saxão, euro-asiático,* etc.

b) Com o passar do tempo, alguns compostos perderam a noção de composição, e passaram a se escrever aglutinadamente, como é o caso de: *girassol, madressilva, pontapé,* etc. Já se escrevem aglutinados: *paraquedas, paraquedistas* (e afins, *paraquedismo*, *paraquedístico*) e *mandachuva*.

Os outros compostos com a forma verbal *para-* seguirão sendo separados por hífen conforme a tradição lexicográfica: *para-brisa(s), para-choque, para-lama(s)*, etc.

Os outros compostos com a forma verbal *manda-* seguirão sendo separados por hífen conforme a tradição lexicográfica: *manda-lua*, *manda-tudo*.

A tradição ortográfica também usa o hífen em outras combinações vocabulares: *abaixo-assinado*, *assim-assim*, *ante-à-ré*, *ave-maria*, *salve-rainha*.

Os compostos formados com elementos repetidos, com ou sem alternância vocálica ou consonântica, por serem compostos representados por formas substantivas sem elemento de ligação, ficarão: *blá-blá-blá*, *lenga-lenga*, *reco-reco*, *tico-tico, zum-zum-zum*, *pingue-pongue*, *tique-taque, trouxe-mouxe, xique-xique* (= chocalho; cf. *xiquexique* = planta), *zás-trás, zigue-zague*, etc. Os derivados, entretanto, não serão hifenados: *lengalengar, ronronar, zunzunar*, etc. Não se separam por hífen as palavras com sílaba reduplicativa oriundas da linguagem infantil: *babá, titio, vovó, xixi,* etc.

Serão escritos **com hífen** os compostos entre cujos elementos há o emprego do apóstrofo: *cobra-d'água*, *mãe-d'água, mestre-d'armas, olho-d'água,* etc.

2.º) Emprega-se o hífen nos compostos sem elemento de ligação quando o 1.º elemento está representado pelas formas *além, aquém, recém, bem* e *sem*: *além-Atlântico, além-mar, aquém-Pireneus, recém-casado, recém-nascido, bem-estar, bem-humorado, bem-dito, bem-dizer, bem-vestido, bem-vindo, sem-cerimônia, sem-vergonha*, *sem-terra.*

OBSERVAÇÃO: Em muitos compostos o advérbio *bem* aparece aglutinado ao segundo elemento, quer este tenha ou não vida à parte quando o significado dos termos é alterado: *bendito* (=abençoado), *benfazejo*, *benfeito* [subst.] (=benefício); cf. *bem-feito* [adj.] = feito com capricho, harmonioso, e *bem-feito*! [interj.], *benfeitor, benquerença* e afins: *benfazer*, *benfeitoria, benquerer, benquisto, benquistar*.

3.º) Emprega-se o hífen nos compostos sem elemento de ligação quando o 1.º elemento está representado pela forma *mal* e o 2.º elemento começa por *vogal*, *h* ou *l*: *mal-afortunado, mal-entendido, mal-estar, mal-humorado, mal-informado, mal-limpo*. Porém: *malcriado, malgrado, malvisto*, etc.

OBSERVAÇÃO: *Mal* com o significado de 'doença' grafa-se com hífen: *mal-caduco* (= epilepsia), *mal-francês* (= sífilis), desde que não haja elemento de ligação. Se houver, não se usará hífen: *mal de Alzheimer*.

4.º) Emprega-se o hífen nos nomes geográficos compostos pelas formas *grã*, *grão*, ou por forma verbal ou, ainda, naqueles ligados por artigo: *Grã-Bretanha, Abre-Campo*, *Passa-Quatro*, *Quebra-Costas*, *Traga-Mouro*, *Baía de Todos-os-Santos*, *Entre-os-Rios*, *Montemor-o-Novo*, *Trás-os-Montes*.

OBSERVAÇÕES:

a) Os outros nomes geográficos compostos escrevem-se com os elementos separados, sem o hífen: *América do Sul, Belo Horizonte, Cabo Verde, Castelo Branco, Freixo de Espada à Cinta* , etc. Os topônimos *Guiné-Bissau* e *Timor-Leste* são, contudo, exceções consagradas.

b) Serão hifenizados os adjetivos gentílicos (ou seja, adjetivos que se referem ao lugar onde se nasce) derivados de nomes geográficos compostos que contenham ou não elementos de ligação: *belo-horizontino, mato-grossense-do-sul*, *juiz-forano, cruzeirense-do-sul, alto-rio-docense*.

c) Escreve-se com hífen *indo-chinês*, quando se referir à Índia e à China, ou aos indianos e chineses, diferentemente de *indochinês* (sem hífen), que se refere à Indochina.

5.º) Emprega-se o hífen nos compostos que designam espécies botânicas (planta e fruto) e zoológicas, estejam ou não ligadas por preposição ou qualquer outro elemento: *abóbora-menina*, *andorinha-do-mar*, *andorinha-grande*, *bem-me-quer* (mas *malmequer*), *bem-te-vi*, *bênção-de-deus*, *cobra-capelo*, *couve-flor*, *dente-de-cão*, *erva-doce*, *erva-do-chá*, *ervilha-de-cheiro*, *feijão-verde*, *formiga-branca*, *joão-de-barro*, *lesma-de-conchinha.*

OBSERVAÇÃO: Os compostos que designam espécies botânicas e zoológicas grafados com hífen pela norma acima não serão hifenizados quando tiverem aplicação diferente dessas espécies. Por exemplo: *bola-de-neve* (com hífen) com o significado de 'arbusto europeu', e *bola de neve* (sem hífen) significando 'aquilo que toma vulto rapidamente'; *bico-de-papagaio* (com hífen) referindo-se à planta e *bico de papagaio* (sem hífen) com o significado de 'nariz adunco'; *mata-cobra* (com hífen) referindo-se a inseto, e *mata cobra* (sem hífen) referindo-se a certo tipo de bastão; *não-me-toques* (com hífen) quando se refere a certas espécies de plantas, e *não me toques* (sem hífen) com o significado de 'melindres'.

38) Nas locuções:

Não se emprega o hífen nas locuções, sejam elas substantivas, adjetivas, pronominais, adverbiais, prepositivas ou conjuncionais, salvo algumas exceções já consagradas pelo uso (como é o caso de *água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao deus-dará, à queima-roupa*). Vale lembrar que, se na locução há algum elemento que já tenha hífen, será conservado este sinal: *à trouxe-mouxe, cara de mamão-macho, bem-te-vi de igreja*. Sirvam, pois, de exemplo de emprego **sem hífen** as seguintes locuções: a) Locuções substantivas: *cão de guarda, fim de semana, fim de século, sala de jantar*; b) Locuções adjetivas: *cor de açafrão, cor de café com leite, cor de vinho*; c) Locuções pronominais: *cada um, ele próprio, nós mesmos, quem quer que seja*; d) Locuções adverbiais: *à parte* (diferentemente do substantivo *aparte*), *à vontade, de mais* (locução que se contrapõe a *de menos*; escreve-se junto *demais* quando é advérbio ou pronome), *depois de*

amanhã, em cima, por isso; e) Locuções prepositivas: *abaixo de, acerca de, acima de, a fim de, a par de, à parte de, apesar de, aquando de, debaixo de, enquanto a, por baixo de, por cima de, quanto a*; f) Locuções conjuncionais: *a fim de que, ao passo que, contanto que, logo que, visto que*.

OBSERVAÇÕES:

a) Expressões com valor de substantivo, do tipo *deus nos acuda, salve-se quem puder, um faz de contas, um disse me disse*, *um maria vai com as outras*, *bumba meu boi, tomara que caia*, *aqui del rei*, devem ser grafadas sem hífen. Da mesma forma serão usadas sem hífen locuções como: *à toa* (adjetivo e advérbio), *dia a dia* (substantivo e advérbio), *arco e flecha*, *calcanhar de aquiles*, *comum de dois*, *general de divisão*, *tão somente*, *ponto e vírgula*.

b) Não se emprega o hífen nas locuções latinas usadas como tais, não substantivadas ou aportuguesadas: *ab initio, ab ovo, ad immortalitatem, ad hoc, data venia, de cujus, carpe diem, causa mortis, habeas corpus, in octavo, pari passu, ex libris*. Mas: o *ex-libris,* o *habeas-corpus, in-oitavo,* etc.

39) Nas sequências de palavras:

Emprega-se o hífen para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando não propriamente vocábulos, mas encadeamentos vocabulares, tipo: a divisa *Liberdade-Igualdade-Fraternidade*, a ponte *Rio-Niterói*, o percurso *Lisboa-Coimbra-Porto*, a ligação *Angola-Moçambique* e nas combinações históricas ou até mesmo ocasionais de topônimos, tipo: *Áustria-Hungria, Alsácia-Lorena, Angola-Brasil, Tóquio-Rio de Janeiro*, etc.

40) Nas formações com prefixos:

1.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por vogal igual à que inicia o 2.º elemento: *anti-infeccioso*, *anti-inflamatório*, *contra-almirante*, *eletro-ótica*, *entre-eixo*, *infra-axilar*, *micro-onda*, *neo-ortodoxo*, *semi-interno*, *sobre-elevar*, *sobre-estadia*, *supra-auricular*.

OBSERVAÇÕES:

a) Incluem-se neste princípio geral todos os prefixos terminados por vogal: *agro-* (= terra), *albi-, alfa-*, *ante-, anti-, ântero-, arqui-*, *áudio-*, *auto-, bi-, beta-, bio-, contra-, eletro-, euro-, ínfero-, infra-, íntero-, iso-, macro-, mega-, multi-, poli-, póstero-, pseudo-, súpero-, neuro-, orto-, sócio-,* etc.

Então, se o 1º elemento terminar por vogal diferente daquela que inicia o 2º elemento, escreve-se junto, sem hífen: *anteaurora*, *antiaéreo*, *aeroespacial*, *agroindustrial*, *autoajuda*, *autoaprendizagem*, *autoestrada*, *contraescritura*, *contraindicação*, *contraofensiva*, *extraescolar*, *extraoficial*, *extrauterino*, *hidroelétrico*, *infraestrutura*, *infraordem*, *intrauterino*, *neoafricano*, *neoimperialista*, *plurianual*, *protoariano*, *pseudoalucinação*, *pseudoepígrafe*, *retroalimentação*, *semiárido*, *sobreaquecer*, *socioeconômico*, *supraesofágico*, *supraocular*, *ultraelevado*.

b) O encontro de vogais diferentes tem facilitado a supressão da vogal final do 1.º elemento ou da vogal inicial do 2.º: *eletr**a**cústico*, ao lado de *eletr**oa**cústico*, e *arter**io**sclerose*. Recomendamos que se evitem essas supressões, a não ser nos casos já correntes ou dicionarizados.

c) O encontro de vogais iguais tem facilitado o aparecimento de formas reais ou potencialmente possíveis com a fusão dessas vogais, do tipo de *alfaglutinação*, ao lado de *alfa-aglutinação*; *ovadoblongo*, ao lado de *ovado-oblongo*. Para atender à regra geral de hifenizar o encontro de vogais iguais, é preferível evitar estas fusões no uso corrente, a não ser nos casos em que elas se mostram naturais, e não forçadas, como ocorre em *telespectador* (e não *tele-espectador*), *radiouvinte* (e não *rádio-ouvinte*).

d) Nas formações com os prefixos *co-*, *pro-, pre-* e *re-*, estes unem-se ao segundo elemento, mesmo quando iniciado por *o* ou *e*: *coabitar, coautor, coedição, coerdeiro, coobrigação, coocupante, coordenar, cooperação, cooperar, coemitente, coenzima, cofator, cogerente, cogestão, coirmão* ; *comandante*, *proativo, procônsul, propor, proembrião, proeminente* ; *preeleito* (ou *pré-eleito*), *preembrião* (ou *pré-embrião*), *preeminência, preenchido, preesclerose* (ou *pré-esclerose*), *preestabelecer, preexistir; reedição, reedificar, reeducação, reelaborar, reeleição, reenovelar, reentrar, reescrita, refazer, remarcar*.

2.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por consoante igual à que inicia o 2.º

elemento: *ad-digital*, *inter-racial*, *sub-base*, *super-revista*, etc.

OBSERVAÇÃO: Formas como *abbevilliano*, *addisoniano*, *addisonismo, addisonista* se prendem a nomes próprios estrangeiros: *Abbeville, Addison*.

3.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina acentuado graficamente, *pós-*, *pré-*, *pró-*: *pós-graduação, pós-tônico*; *pré-datado, pré-escolar, pré-história, pré-natal, pré-requisito*; *pró-africano, pró-europeu*.

OBSERVAÇÃO: Pode haver, em certos usos, alternância entre *pre-* e *pré-, pos-* e *pós-*; neste último caso, deve-se usar o hífen: *preesclerótico* ou *pré-esclerótico, postônico* ou *pós-tônico*.

4.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por *m* ou *n* e o 2.º elemento começa por *vogal*, *h*, *m* ou *n: circum-escolar*, *circum-hospitalar*, *circum-murado*, *circum-navegação*, *pan-africano*, *pan-americano*, *pan-harmônico*, *pan-hispânico*, *pan-mágico*, *pan-negritude.*

5.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento é um dos prefixos *ex-* (anterioridade ou cessação), *sota-*, *soto-*, *vice-*, *vizo-*: *ex-almirante*, *ex-diretor*, *ex-presidente*, *sota-almirante, sota-capitão*, *sota-vento*, *soto-almirante*, *soto-pôr* (mas *sobrepor*), *vice-presidente*, *vice-reitor*, *vizo-rei*.

OBSERVAÇÃO: Vimos que o verbo *pôr* não perde o acento gráfico (para se distinguir da preposição *por*). E mesmo em formas compostas como *soto-pôr*, ele continuará acentuado.

6.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por *vogal*, *r* ou *b* e o 2.º elemento se inicia por *h*: *adeno-hipófise*, *abdômino-histerotomia*, *anti-herói*, *anti-hemorrágico*, *arqui-hipérbole*, *auto-hipnose*, *beta-hemolítico*, *bi-hidroquinona*, *bio-histórico*, *contra-haste*, *di-hibridismo*, *entre-hostil*, *foto-heliografia*, *geo-história*, *giga-hertz*, *hétero-hemorragia*, *hiper-hidrose*, *infra-hepático*, *inter-hemisférico*, *poli-hídrico*, *semi-histórico*, *sobre-humano*, *sub-hepático*, *sub-humano*, *super-homem*, *tri-hídrico*.

OBSERVAÇÕES:

a) Nos casos em que não houver perda do som da vogal final do 1.º elemento, e o elemento seguinte começar com *h*, serão usadas as duas formas gráficas: *carbo-hidrato* e *carboidrato*; *zoo-hematina* e *zooematina*. Já quando houver perda do som da vogal final do 1.º elemento, consideraremos que a grafia consagrada deve ser mantida: *cloridrato, cloridria, clorídrico, quinidrona, sulfidrila, xilarmônica, xilarmônico*. Devem ficar como estão as palavras que, fugindo a este princípio, já são de uso consagrado, como *reidratar, reumanizar, reabituar, reabitar, reabilitar* e *reaver*.

b) Não se emprega o hífen com prefixos *des-* e *in-* quando o 2.º elemento perde o *h* inicial: *desumano, inábil, inumano, etc*.

c) Embora não tratado no Acordo, pode-se incluir neste caso o prefixo *an-* (p.ex.: *anistórico, anepático, anidrido*). Na sua forma reduzida *a-*, quando seguido de *h*, a tradição manda hifenizar e conservar o *h* (p.ex.: *a-histórico, a-historicidade*).

d) Não se emprega o hífen com as palavras *não* e *quase* com função prefixal: *não agressão, não beligerante, não fumante; quase delito, quase equilíbrio, quase domicílio,* etc.

e) Não há razão plausível que defenda a grafia *biidroquinona* ao lado de *bi-iodeto*, por este não ter *h* inicial. Foi o mesmo princípio que nos fez optar por *poli-hídrico* (em vez de *poliídrico*) e *poli-hidrite* (em vez de *poliidrite*).

7.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por *b* (*ab-, ob-, sob-, sub-*) ou *d* (*ad-*) e o 2.º elemento começa por *r*: *ab-rupto, ad-renal*, *ad-referendar, ob-rogar, sob-roda, sub-reitor, sub-reptício, sub-rogar*.

OBSERVAÇÃO: *Adrenalina*, *adrenalite* e afins já são exceções consagradas pelo uso. *Ab-rupto* é preferível a *abrupto*.

8.º) Quando o 1.º elemento termina por vogal e o 2.º elemento começa por *r* ou *s*, não se usa hífen, e estas consoantes devem duplicar-se, prática já adotada, também em palavras deste tipo pertencentes aos domínios científico e técnico: *antessala*, *antirreligioso*, *antissocial*, *autorregulamentação*, *biorritmo*, *biossatélite*, *contrarregra*, *contrassenha*, *cosseno*, *ele-*

trossiderurgia, *extrarregular*, *infrassom*, *macrorregião*, *microssistema*, *minissaia*, *multissegmentado*, *neorromano*, *protossatélite*, *pseudossigla*, *semirrígido*, *sobressaia*, *suprarrenal*, *ultrassonografia*.

41) Nas formações com sufixo

Emprega-se hífen apenas nas palavras terminadas por sufixos de origem tupi-guarani que representam formas adjetivas, como *-açu* (= grande), *-guaçu* (= grande), *-mirim* (= pequeno), quando o 1.º elemento termina por vogal acentuada graficamente ou quando a pronúncia exige a distinção gráfica dos dois elementos: *amoré-guaçu, anajá-mirim, andá-açu, capim-açu, Ceará-Mirim*.

42) O hífen nos casos de ênclise, mesóclise (tmese) e com o verbo haver

1.º) Emprega-se o hífen na ênclise e na mesóclise: *amá-lo, dá-se, deixa-o, partir-lhe; amá-lo-ei, enviar-lhe-emos*.

2.º) Não se emprega o hífen nas ligações da preposição *de* às formas monossilábicas do presente do indicativo do verbo *haver*: *hei de, hás de, hão de*, etc.

OBSERVAÇÕES:

a) Embora estejam consagradas pelo uso as formas verbais *quer* e *requer*, dos verbos *querer* e *requerer*, ao lado de *quere* e *requere*, estas últimas formas conservam-se, no entanto, nos casos de ênclise: *quere-o(s), requere-o(s)*.

Nestes contextos, as formas (legítimas, aliás) *qué-lo* e *requé-lo* são pouco usadas. *Quere* e *requere* são formas correntes entre portugueses; a primeira, a partir de 1904.

b) Usa-se também o hífen nas ligações de formas pronominais enclíticas ao advérbio *eis* (*eis-me, ei-lo*) e ainda nas combinações de formas pronominais do tipo *no-lo* (nos + o), *no-las* (nos + as), quando em próclise ao verbo (por exemplo: *Esperamos que no-lo comprem*).

XV – O trema

43) O trema não é usado em palavras portuguesas ou aportuguesadas, como: *aguentar, anguiforme, arguir, bilíngue, lingueta, linguista, linguístico, cinquenta, equestre, frequentar, tranquilo, ubiquidade*.

OBSERVAÇÕES:

a) O trema ocorre em palavras derivadas de nomes próprios estrangeiros que o possuem: *hübneriano*, de *Hübner*, *mülleriano*, de *Müller*, etc.

b) O trema poderá ser usado para indicar, quando for necessário, a pronúncia do *u* em vocabulários ortográficos e dicionários: *lingueta* (gü), *líquido* (qü ou qu), *linguiça* (gü), *equidistante* (qü ou qu).

c) Com o fim do trema em palavras portuguesas ou aportuguesadas, não houve modificação na pronúncia dessas palavras.

XVI – Acento grave

44) Emprega-se o acento grave nos casos de crase e aqueles indicados em **Emprego do à acentuado**.

1.º) Na contração da preposição *a* com as formas femininas do artigo *o* ou pronome demonstrativo *o*: *à* (de *a*+*a*), *às* (de *a*+*as*).

2.º) Na contração da preposição *a* com o *a* inicial dos demonstrativos *aquele*, *aquela*, *aqueles*, *aquelas*, e *aquilo* ou ainda da mesma preposição com compostos *aqueloutro* e suas flexões: *àquele*(*s*), *àquela*(*s*), *àquilo*, *àqueloutro*(*s*), *àqueloutras*(*s*).

3.º) Na contração da preposição *a* com os pronomes relativos *a qual*, *as quais*: *à qual*, *às*

quais.

XVII – Supressão dos acentos em palavras derivadas

45) Ocorre:

1.º) Nos advérbios em *-mente*, oriundos de adjetivos com acento agudo ou circunflexo: *avidamente* (de *ávido*), *debilmente* (de *débil*), *facilmente* (de *fácil*), *habilmente* (de *hábil*), *lucidamente* (de *lúcido*), *mamente* (de *má*), *somente* (de *só*); *candidamente* (de *cândido*), *cortesmente* (de *cortês*), *portuguesamente* (de *português*), *romanticamente* (de *romântico*).

2.º) Nas palavras que têm sufixos inciados por *z* e cujas formas de base apresentam vogal tônica com acento agudo ou circunflexo: *aneizinhos* (de *anéis*), *avozinha* (de *avó*), *bebezito* (de *bebê*), *cafezada* (de *café*), *chapeuzinho* (de *chapéu*), *mazinha* (de *má*), *orfãozinho* (de *órfão*); *avozinho* (de *avô*), *bençãozinha* (de *bênção*), *lampadazita* (de *lâmpada*), *pessegozito* (de *pêssego*).

XVIII – Divisão silábica

46) A divisão de qualquer vocábulo, assinalada pelo hífen, em regra se faz pela soletração, e não pelos seus elementos constitutivos segundo a etimologia.

47) Fundadas neste princípio geral, cumpre respeitar as seguintes normas:

1.º) A consoante inicial não seguida de vogal permanece na sílaba que a segue: *cni-do-se*, *dze-ta*, *gno-ma*, *mne-mô-ni-ca*, *pneu-má-ti-co*, etc.

2.º) No interior do vocábulo, sempre se conserva na sílaba que a precede a consoante não seguida de vogal: *ab-di-car*, *ac-ne*, *ét-ni-co*, *nup-ci-al*, *ob-fir-mar*, *op-ção*, *sig-ma-tis-mo*, *sub-por*, *sub-ju-gar*, etc.

3.º) Não se separam os elementos dos grupos consonânticos iniciais de sílabas nem os dos digramas *ch*, *lh*, *nh*: *a-blu-ção*, *a-bra-sar*, *a-che-gar*, *fi-lho*, *ma-nhã*, etc.

OBSERVAÇÃO: Nem sempre formam grupos articulados as consonâncias *bl* e *br*: nalguns casos o *l* e o *r* se pronunciam separadamente, e a isso se atenderá na partição do vocábulo; e as consoantes *dl*, a não ser no termo onomatopéico *dlim*, que exprime toque de campainha, proferem-se desligadamente, e na divisão silábica ficará o hífen entre essas duas letras. Ex.: *sub-lin-gual*, *sub-rogar*, *ad-le-ga-ção*, etc.

4.º) O *sc* no interior do vocábulo biparte-se, ficando o *s* numa sílaba, e o *c* na sílaba imediata: *a-do-les-cen-te*, *des-cer*, *pres-cin-dir*, *res-ci-são*, etc.

OBSERVAÇÃO: Forma sílaba com o prefixo antecedente o *s* que precede consoantes: *abs-tra-ir*, *ads-cre-ver*, *ins-cri-ção*, *ins-pe-tor*, *ins-tru-ir*, *in-ters-tí-cio*, *pers-pi-caz*, *subs-cre-ver*, *subs-ta-be-le-cer*, etc.

5.º) O *s* dos prefixos *bis*, *cis*, *des*, *dis*, *trans* e o *x* do prefixo *ex* não se separam quando a sílaba seguinte começa por consoante; mas, se principia por vogal, formam sílaba com esta e separam-se do elemento prefixal: *bis-ne-to*, *cis-pla-ti-no*, *des-li-gar*, *dis-tra-ção*, *trans-por-tar*, *ex-tra-ir*; *bi-sa-vô*, *ci-san-di-no*, *de-ses-pe-rar*, *di-sen-té-ri-co*, *tran-sa-tlân-ti-co*, *e-xér-ci-to*, etc.

6.º) As vogais idênticas e as letras *cc*, *cç*, *rr* e *ss* separam-se ficando uma na sílaba que as precede e outra na sílaba seguinte: *ca-a-tin-ga*, *co-or-de-nar*, *in-te-lec-ção*, *oc-ci-pi-tal*, *pror-ro-gar*, *res-sur-gir*, etc.

OBSERVAÇÃO: As vogais de hiatos, ainda que diferentes uma da outra, também se separam: *a-ta-ú-de*, *ca-í-eis*, *ca-ir*, *du-e-lo*, *fi-el*, *flu-iu*, *fru-ir*; *gra-ú-na*, *je-su-í-ta*, *le-al*, *mi-ú-do*, *po-ei-ra*, *ra-i-nha*, *sa-ú-de*, *vi-ví-eis*, *vo-ar*, etc.

7.º) Não se separam as vogais dos ditongos – crescentes e decrescentes – nem as dos tritongos: *ai-ro-so*, *a-ni-mais*, *au-ro-ra*, *a-ve-ri-gueis*, *ca-iu*, *cru-éis*, *en-jei-tar*, *fo-ga-réu*, *fu-giu*, *gló-ria*, *guai-ar*, *i-guais*, *ja-mais*, *joi-as*, *ó-dio*, *quais*, *sá-bio*, *sa-guão*, *sa-guões*, *su-bor-nou*, *ta-fuis*, *vá-rio*, etc.

OBSERVAÇÃO: Não se separa do *u* precedido de *g* ou *q* a vogal que o segue, acompanhada, ou não, de consoante: *am-bí-guo*, *e-qui-va-ler*, *guer-ra*, *u-bí-quo*, etc.

8.º) Na translineação (ou seja, na passagem para a linha seguinte quando se está escrevendo um texto) de uma palavra composta ou de uma combinação de palavras em que há um hífen, ou mais, se a partição coincide com o final de um dos elementos ou membros, por clareza gráfica, se deve repetir o hífen no início da linha seguinte: vice-almirante.

XIX – Emprego das iniciais maiúsculas

48) Emprega-se letra inicial maiúscula:

1.º) No começo do período, verso ou citação direta. Disse o Padre Antônio Vieira: "Estar com Cristo em qualquer lugar, ainda que seja no Inferno, é estar no Paraíso".

> "Auriverde pendão de minha terra
> que a brisa do Brasil beija e balança,
> Estandarte que à luz do sol encerra
> As promessas divinas da Esperança..." (Castro Alves)

OBSERVAÇÃO: Alguns poetas usam, à espanhola, a minúscula no princípio de cada verso, quando a pontuação o permite, como se vê em Castilho:

> "Aqui, sim, no meu cantinho,
> vendo rir-me o candeeiro,
> gozo o bem de estar sozinho
> e esquecer o mundo inteiro".

2.º) Nos substantivos próprios de qualquer espécie – antropônimos, topôninos, patronímicos, cognomes, alcunhas, tribos e castas, designações de comunidades religiosas e políticas, nomes sagrados e relativos a religiões, entidades mitológicas e astronômicas, etc.: *José*, *Maria*, *Macedo*, *Freitas*, *Brasil*, *Antoninos*, *Afonsinhos*, *Conquistador*, *Magnânimo*, *Coração de Leão*, *Sem Pavor*, *Deus*, *Jeová*, *Alá*, *Assunção*, *Ressureição*, *Júpiter*, *Baco*, *Cérbero*, *Via Láctea*, *Canopo*, *Vênus*, etc.

OBSERVAÇÕES:

a) As formas onomásticas que entram na formação de palavras do vocabulário comum escrevem-se com inicial minúscula quando se afastam de seu significado primitivo, excetuando-se os casos em que esse afastamento não ocorre: *água-de-colônia*, *joão-de-barro*, *erva-de-santa-maria*, *folha de flandres*; mas: *além-Brasil*, *aquém-Atlântico*, *doença de Chagas*, *mal de Alzheimer*, *sistema Didot*, *anel de Saturno*.

b) Os nomes de povos escrevem-se com inicial minúscula, não só quando designam habitantes ou naturais de um estado, província, cidade, vila ou distrito, ainda quando representam coletivamente uma nação: *amazonenses*, *baianos*, *estremenhos*, *fluminenses*, *paulistas*, *romenos*, *russos*, *suíços*, *uruguaios*, etc.

3.º) Nos nomes próprios de eras históricas e épocas notáveis: *Héjira*, *Idade Média*, *Quinhentos* (o século XVI), *Seiscentos* (o século XVII), etc.

OBSERVAÇÃO: Os nomes dos meses devem escrever-se com inicial minúscula: *janeiro*, *fevereiro*, *março*, *abril*, *maio*, *junho*, *julho*, *agosto*, *setembro*, *outubro*, *novembro*, *dezembro*.

4.º) Nos nomes de vias e lugares públicos: *Avenida de Rio Branco*, *Beco do Carmo*, *Largo da*

Carioca, *Praia do Flamengo*, *Praça da Bandeira*, *Travessa do Comércio*, *Túnel Noel Rosa*, etc.

5.º) Nos nomes que designam altos conceitos religiosos, políticos ou nacionalistas: *Igreja* (Católica, Apostólica, Romana), *Nação*, *Estado*, *Pátria*, *Raça*, etc.

OBSERVAÇÃO: Esses nomes se escrevem com inicial minúscula quando são empregados em sentido geral ou indeterminado.

6.º) Nos nomes que designam artes, ciências, ou disciplinas, bem como nos que sintetizam, em sentido elevado, as manifestações do engenho e do saber: *Agricultura*, *Arquitetura*, *Filologia Portuguesa*, *Direito*, *Medicina*, *Matemática*, *Pintura*, *Arte*, *Ciência*, *Cultura*, etc.

OBSERVAÇÃO: Os nomes *idioma*, *idioma pátrio*, *língua*, *língua portuguesa*, *vernáculo* e outros análogos escrevem-se com inicial maiúscula quando empregados com especial relevo.

7.º) Nos nomes que designam altos cargos, dignidades ou postos: *Papa*, *Cardeal*, *Arcebispo*, *Bispo*, *Patriarca*, *Vigário*, *Vigário-Geral*, *Presidente da República*, *Ministro da Educação*, *Governador do Estado*, *Embaixador*, *Almirantado*, *Secretário de Estado*, etc.

8.º) Nos nomes de repartições, corporações ou agremiações, edifícios e estabelecimentos públicos ou particulares: *Diretoria Geral do Ensino*, *Ministério das Relações Exteriores*, *Academia Paranaense de Letras*, *Círculo de Estudos "Bandeirantes"*, *Presidência da República*, *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*, *Tesouro do Estado*, *Departamento Administrativo do Serviço Público*, *Banco do Brasil*, *Imprensa Nacional*, *Teatro de São José*, *Tipografia Rolandiana*, *Museu de Arte Moderna*, etc.

9.º) Nos títulos de livros, jornais, revistas, produções artísticas, literárias e científicas: *Imitação de Cristo*, *Horas Marianas*, *Correio da Manhã*, *Revista Filológica*, *Transfiguração* (de Rafael), *Norma* (de Bellini), *O Guarani* (de Carlos Gomes), *O Espírito das Leis* (de Montesquieu), etc.

OBSERVAÇÕES: a) Não se escrevem com maiúscula inicial as partículas monossilábicas que se acham no interior de vocábulos compostos ou de locuções ou expressões que têm iniciais maiúsculas: *Queda do Império*, *O Crepúsculo dos Deuses*, *História sem Data*, *A Mão e a Luva*, *Festas e Tradições Populares do Brasil*, etc.

b) Nos bibliônimos, após o primeiro elemento, que é com maiúscula, os demais vocábulos podem ser escritos com minúscula, salvo nos nomes próprios nele contidos, tudo em grifo.

10.º) Nos nomes de fatos históricos e importantes, de atos solenes e de grandes empreendimentos públicos: *Centenário da Independência do Brasil*, *Descobrimento da América*, *Reforma Ortográfica*, *Acordo Luso-Brasileiro*, *Exposição Nacional*, *Festas das Mães*, *Dia do Município*, *Glorificação da Língua Portuguesa*, etc.

OBSERVAÇÃO: Os nomes de festas pagãs ou populares escrevem-se com inicial minúscula: *carnaval*, *entrudo*, *saturnais*, etc.

11.º) Nos nomes de escolas de qualquer espécie ou grau de ensino: *Faculdade de Filosofia*, *Escola Superior de Comércio*, *Colégio de Pedro II*, *Instituto de Educação*, etc.

12.º) Nos nomes comuns, quando personificados ou individuados, e de seres morais ou fictícios: *A Capital da República*, *a Transbrasiliana*, *moro na Capital*, *o Natal de Jesus*, *o Poeta* (Camões), *a ciência da Antiguidade*, os *habitantes da Península*, *a Bondade*, *o Amor*, *a Ira*, *o Lobo*, *o Cordeiro*, *a Cigarra*, *a Formiga*, etc.

OBSERVAÇÃO: Incluem-se nesta norma os nomes que designam atos das autoridades da República, quando empregados em correspondência ou documentos oficiais: *A Lei de 13 de maio*, *o Decreto-Lei n.º 292*, *o Decreto-Lei n.º 20.108*, *a Portaria de 15 de junho*, *o Regulamento n.º 737*, *o Acórdão de 3 de agosto*, etc.

13.º) Nos nomes dos pontos cardeais, quando designam regiões: *Os povos do Oriente*; *o falar*

do Norte é diferente do falar do Sul; *a guerra do Ocidente*, etc.

OBSERVAÇÃO: Os nomes dos pontos cardeais escrevem-se com iniciais minúsculas quando designam direções ou limites geográficos: *Percorri o país de norte a sul e de leste a oeste*.

14.º) Nos nomes, adjetivos, pronomes e expressões de tratamento ou reverência: *D*. (Dom ou Dona), *Sr*. (Senhor), *Sr.ª* (Senhora), *DD*. ou *Dig.mo* (Digníssimo), *MM*. ou *M.mo* (Meritíssimo), *Rev.mo* (Reverendíssimo), *V.Rev.ª* (Vossa Reverência), *S.E*. (Sua Eminência), *V.M*. (Vossa Majestade), *V.A*. (Vossa Alteza), *V.S.ª* (Vossa Senhoria), *V.Ex.ª* (Vossa Excelência), *V.Ex.ª Rev.ma* (Vossa Excelência Reverendíssima), *V.Ex.as* (Vossa Excelências), etc.

OBSERVAÇÃO: As formas que se acham ligadas a essas expressões de tratamento devem ser também escritas com iniciais maiúsculas: *D. Abade*, *Ex.ma Sr.ª Diretora*, *Sr. Almirante*, *Sr. Capitão-de-Mar-e-Guerra*, *MM. Juiz de Direito*, *Ex.mo e Rev.mo Sr. Arcebispo Primaz*, *Magnífico Reitor*, *Excelentíssimo Senhor Presidente da República*, *Eminentíssimo Senhor Cardeal*, *Sua Alteza Real*, etc.

15.º) Nas palavras que, no estilo epistolar, se dirigem a um amigo, a um colega, a uma pessoa respeitável, as quais, por deferência, consideração ou respeito, se queira realçar por esta maneira: *meu bom Amigo*, *caro Colega*, *meu prezado Mestre*, *estimado Professor*, *meu querido Pai*, *minha amorável Mãe*, *meu bom Padre*, *minha distinta Diretora*, *caro Dr.*, *prezado Capitão*, etc.

OBSERVAÇÃO: Para os itens 4.º, 6.º, 7.º e 14.º usa-se opcionalmente inicial minúscula (exceto para as formas abreviadas do item 14.º).

XX – Sinais de pontuação

Ver *Pontuação*.

Regras de acentuação

A – Monossílabos

Levam acento agudo ou circunflexo os monossílabos terminados em:

a) – a, – as: *já, lá, vás*;
b) – e, – es: *fé, lê, pés*;
c) – o, – os: *pó, dó, pós, sós*.

B – Vocábulos de mais de uma sílaba

1) OXÍTONOS (ou agudos)

Levam acento agudo ou circunflexo os oxítonos terminados em:

a) – a, – as: *cajás, vatapá, ananás, carajás*;
b) – e, – es: *você, café, pontapés;*
c) – o, – os: *cipó, jiló, avô, carijós*;
d) – em, – ens: *também, ninguém, vinténs, armazéns*.

Daí sem acento: *aqui, caqui, poti, caju, urubus*.

2) PAROXÍTONOS (ou graves)

Levam acento agudo ou circunflexo os paroxítonos terminados em:

a) – i, – is: *júri, cáqui, beribéri, lápis, tênis*;

b) – us: *vênus, vírus, bônus*.

OBSERVAÇÃO: Há poucos paroxítonos terminados em –*u*: um deles existente até há pouco era *tribu* que hoje se escreve com *o*: *tribo*, *tribos*.

c) – r: *caráter*, *revólver*, *éter*;

d) – l: *útil*, *amável*, *nível*, *têxtil* (não *téxtil*);

e) – x: *tórax*, *fênix*, *ônix*;

f) – n: *éden*, *hífen* (mas: *edens*, *hifens*, sem acento);

g) – um, – uns: *álbum*, *álbuns*, *médium*;

h) – ão, ãos: *órgão*, *órfão*, *órgãos*, *órfãos*;

i) – ã, – ãs: *órfã*, *ímã*, *órfãs*, *ímãs*;

j) – ps: *bíceps*, *fórceps*;

k) – on(s): *rádon, rádons*.

OBSERVAÇÃO: Devem ser acentuados os nomes técnicos terminados em -*om*: *iândom*, *rádom* (variante de *rádon*).

3) PROPAROXÍTONOS (ou esdrúxulos)

Levam acento agudo ou circunflexo todos os proparoxítonos: *cálido*, *tépido*, *cátedra*, *sólido*, *límpido*, *cômodo*.

4) CASOS ESPECIAIS

a) São sempre acentuadas as palavras oxítonas com os ditongos abertos grafados -*éis*, -*éu*(*s*) ou -*ói*(*s*) : *anéis, batéis, fiéis, papéis*; *céu(s)*, *chapéu(s)*, *ilhéu(s)*, *véu(s)*; *corrói(s)* (flexão de *corroer*), *herói(s)*, *remói(s)* (flexão de *remoer*), *sói(s)* (flexão de *soer*), *sóis* (pl. de *sol*).

b) Não são acentuadas as palavras paroxítonas com os ditongos abertos -*ei* e -*oi*, uma vez que existe oscilação em muitos casos entre a pronúncia aberta e fechada: *assembleia*, *boleia*, *ideia*, tal como *aldeia*, *baleia*, *cadeia*, *cheia*, *meia*; *coreico*, *epopeico*, *onomatopeico*, *proteico*; *alcaloide*, *apoio* (do verbo *apoiar*), tal como *apoio* (substantivo), *Azoia*, *boia*, *boina*, *comboio* (substantivo), tal como *comboio*, *comboias*, etc. (do verbo *comboiar*), *dezoito*, *estroina*, *heroico*, *introito*, *jiboia*, *moina*, *paranoico*, *zoina*.

OBSERVAÇÃO: Receberá acento gráfico a palavra que, mesmo incluída neste caso, se enquadrar em regra geral de acentuação, como ocorre com *blêizer, contêiner, destróier, gêiser, Méier*, etc., porque são paroxítonas terminadas em -*r*.

c) Não se acentuam os encontros vocálicos fechados: *pessoa*, *patroa*, *coroa*, *boa*, *canoa*; *teu*, *judeu*, *camafeu*; *voo*, *enjoo*, *perdoo*, *coroo*.

OBSERVAÇÃO: Será acentuada a palavra que, mesmo incluída neste caso, se enquadrar em regra geral de acentuação gráfica, como ocorre com *herôon* (Br.)/ *heróon* (Port.), paroxítona terminada em -*n*.

d) Não levam acento gráfico as palavras paroxítonas que, tendo respectivamente vogal tônica aberta ou fechada, são homógrafas de artigos, contrações, preposições e conjunções átonas. Assim, não se distinguem pelo acento gráfico: *para* (á) [flexão de *parar*], e *para* [preposição]; *pela(s)* (é) [substantivo e flexão de *pelar*] e *pela(s)* [combinação de *per* e *la(s)*]; *pelo* (é) [flexão de *pelar*] e *pelo(s)* (ê) [substantivo e combinação de *per* e *lo(s)*]; *pera* (ê) [substantivo] e *pera* (é) [preposição antiga]; *polo(s)* (ó) [substantivo] e *polo(s)* [combinação antiga e popular de *por* e *lo(s)*]; etc.

OBSERVAÇÃO: Seguindo esta regra, também perde o acento gráfico a forma *para* (do verbo *parar*) quando entra num composto separado por hífen: *para-balas, para-brisa(s)*, *para-choque(s)*, *para-lama(s)*, etc.

e) Levam acento agudo o *i* e *u*, quando representam a segunda vogal tônica de um hiato, desde que não formem sílaba com *r*, *l*, *m*, *n*, *z* ou não estejam seguidos de *nh*: *saúde*, *viúva*, *saída*, *caído*, *faísca*, *aí*, *Grajaú*; *raiz* (mas *raízes*), *paul*, *ruim*, *ruins*, *rainha*, *moinho*.

f) Não leva acento a vogal tônica dos ditongos *iu* e *ui*: *caiu*, *retribuiu*, *tafuis*, *pauis*.

g) Não serão acentuadas as vogais tônicas ***i*** e ***u*** das palavras **paroxítonas**, quando estas vogais estiverem precedidas de ditongo decrescente: *baiuca, bocaiuva, boiuno, cauila* (var. *cauira*), *cheiinho* (de *cheio*), *feiinho* (de *feio*), *feiura, feiudo, maoismo, maoista, saiinha* (de *saia*), *taoismo, tauismo*.

OBSERVAÇÕES:

1.º) Na palavra ***eoípo*** (= denominação dos primeiros ancestrais dos cavalos), a pronúncia normal assinala hiato (e-o), razão por que tem acento gráfico.

2.º) A palavra paroxítona *guaíba* não perde o acento agudo porque a vogal tônica *i* está precedida de ditongo crescente.

h) Serão acentuadas as vogais tônicas ***i*** e ***u*** das palavras **oxítonas**, quando mesmo precedidas de ditongo decrescente estão em posição final, sozinhas na sílaba, ou seguidas de *s*: *Piauí, teiú, teiús, tuiuiú, tuiuiús*.

OBSERVAÇÃO: Se, neste caso, a consoante final for diferente de *s*, tais vogais **não serão acentuadas**: *cauim, cauins*.

i) A 3.ª pessoa de alguns verbos se grafa da seguinte maneira:

1) quando termina em – *em* (monossílabos):

3.ª pess. sing.	3.ª pess. pl.
– em	– êm
ele tem	*eles têm*
ele vem	*eles vêm*

2) quando termina em – *ém*:

3.ª pess. sing.	3.ª pess. pl.
– ém	– êm
ele contém	*eles contêm*
ele convém	*eles convêm*

3) quando termina em – *ê* (*crê*, *dê*, *lê*, *vê* e derivados):

3.ª pess. sing.	3.ª pess. pl.
– ê	– eem
ele crê	*eles creem*
ele revê	*eles reveem*

j) Levam acento agudo ou circunflexo os vocábulos terminados por ditongo oral átono, quer decrescente ou crescente: *ágeis*, *devêreis*, *jóquei*, *túneis*, *área*, *espontâneo*, *ignorância*, *imundície*, *lírio*, *mágoa*, *régua*, *tênue*.

k) Leva acento agudo ou circunflexo a forma verbal terminada em *a*, *e*, *o* tônicos, seguida de *lo*, *la*, *los*, *las*: *fá-lo*, *fá-los*, *movê-lo-ia*, *sabê-lo-emos*, *trá-lo-ás*.

OBSERVAÇÃO: Pelo último exemplo, vemos que se o verbo estiver no futuro poderá haver dois acentos: *amá-lo-íeis*, *pô-lo-ás*, *fá-lo-íamos*.

l) Também leva acento agudo a vogal tônica *i* das formas verbais **oxítonas** terminadas em *-air* e *-uir*, quando seguidas de *-lo(s), -la(s)*, caso em que perdem o *r* final, como em: *atraí-lo(s)* [de *atrair-lo(s)*] ; *atraí-lo(s)-ia* [de *atrair-lo(s)-ia*] ; *possuí-la(s)* [de *possuir-la(s)*]; *possuí-la(s)-ia* [de *possuir-la(s)-ia*].

m) Não levam acento os prefixos paroxítonos terminados em *-r* e *-i*: *inter-helênico*, *super-homem*, *semi-histórico*.

n) Não leva trema o *u* dos grupos *gue*, *gui*, *que*, *qui*, mesmo quando for pronunciado e átono: *aguentar*, *arguição*, *eloquência*, *frequência*, *tranquilo*.

OBSERVAÇÕES:

1.º) Os verbos *ARGUIR* e *REDARGUIR* não levam acento agudo na vogal tônica *u* nas formas rizotônicas (aquelas cuja sílaba tônica está no radical): *arguo*, *arguis*, *argui*, *arguem*; *argua, arguas,* etc.

2.º) Os verbos do tipo de *AGUAR, APANIGUAR, APAZIGUAR, APROPINQUAR, AVERIGUAR, DESAGUAR, ENXAGUAR, OBLIQUAR, DELINQUIR* e afins podem ser conjugados de duas formas: ou têm as formas rizotônicas (cuja sílaba tônica recai no radical) com o *u* do radical tônico, mas sem acento agudo; ou têm as formas rizotônicas com *a* ou *i* do radical com acento agudo: averiguo (ou averíguo), averiguas (ou averíguas), averigua (ou averígua), etc.; averigue (ou averígue), averigues (ou averígues), etc.; delinquo (ou delínquo), delinques (ou delínques), etc.; delinqua (ou delínqua), delinquas (ou delínquas), etc.

3.º) O verbo *delinquir*, tradicionalmente dado como defectivo (ou seja, verbo que não é conjugado em todas as pessoas), é tratado como verbo que tem todas as suas formas. O Acordo também aceita duas possibilidades de pronúncia, quando a tradição padrão brasileira na gramática para este verbo só aceitava sua conjugação nas formas arrizotônicas.

4.º) Em conexão com os casos citados acima, é importante mencionar que os verbos em *-ingir* (*atingir*, *cingir*, *constringir*, *infringir*, *tingir*, etc.) e os verbos em *-inguir* sem a pronúncia do *u* (*distinguir*, *extinguir*, etc.) têm grafias absolutamente regulares (*atinjo*, *atinja*, *atinge*, *atingimos*, etc.; *distingo*, *distinga*, *distingue*, *distinguimos*, etc.)

o) Leva acento circunflexo diferencial a sílaba tônica da 3.ª pess. sing. do pret. perf. *pôde*, para distinguir-se de *pode*, forma da mesma pess. do pres. do ind.

p) Não se usa acento gráfico para distinguir as palavras oxítonas homógrafas (que possuem a mesma grafia), mas heterofônicas (pronunciadas de formas diferentes), do tipo de *cor* (ô) (substantivo) e *cor* (ó) (elemento da locução *de cor*) ; *colher* (ê) (verbo) e *colher* (é) (substantivo).

OBSERVAÇÃO: A forma verbal *pôr* continuará a ser grafada com acento circunflexo para se distinguir da preposição átona *por*.

q) Não é acentuada nem recebe apóstrofo a forma monossilábica *pra*, redução de *para*. Ou seja, são **incorretas** as grafias *prá* e *p'ra*.

r) Pode ser ou não acentuada a palavra *fôrma* (substantivo), distinta de *forma* (substantivo; 3.ª pess. do sing. do pres. do ind. ou 2.ª pess. do sing. do imper. do verbo *formar*). A grafia *fôrma (com acento gráfico) deve ser usada apenas nos casos em que houver ambiguidade, como nos versos do poema "Os sapos", de Manuel Bandeira: "Reduzi sem danos/ A fôrmas a forma."*

2 Extraído de *Elementos de Língua Pátria* de J. Mattoso Câmara Jr. [MC.5].

3 Extraído de *Elementos de Língua Pátria* de J. Mattoso Câmara Jr. [MC.5].

4 Daí ser possível uma mudança ortográfica do tipo *quasi* → *quase*, *tribu* → *tribo*. Mudou-se a letra, mas não o fonema.

5 Na realidade, as *reduzidas* não estão cientificamente formuladas pela NGB, e o melhor seria bani-las. Em muitos casos das chamadas reduzidas o que temos, na realidade, é mudança ou troca de fonema.

6 J. Mattoso Câmara Jr. [MC.5, II, 121].

7 Em lugar de *i* ou *u*, em certos casos, se pode grafar a semivogal *e* ou *o*, respectivamente, em observância às convenções do nosso sistema ortográfico vigente, segundo as quais a semivogal dos ditongos orais é representada pelo grafema *i* e a dos ditongos nasais pelo grafema *e*: *pai* / *mãe*, *distrai* / *distraem.*

8 Niedermann, *Phonétique Latine*, 37.

9 *Normas para a Língua Falada no Teatro*, 485-63.

10 *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, 16.

11 Destas últimas não cogita a NGB.

12 Na língua portuguesa moderna predomina a sequência progressiva, que consiste em apresentar, de preferência, a declaração no fim (o predicado), o determinado antes do determinante, o que se torna cômodo aos interesses de compreensão do interlocutor.

13 Por isso, nos compostos, para determinação da posição do acento tônico, leva-se em consideração a última palavra. Destarte, é oxítono *couve-flor* e paroxítono *arco-íris*.

14 Exemplos extraídos de [SS.2, 97-98].

15 Epifania - festa dos reis magos

II – Gramática descritiva e normativa

As Unidades no Enunciado

A) Formas e funções

Introdução

Classes de Palavras e Categorias Gramaticais

Os diversos significados – Quase sempre a gramática engloba numa mesma relação palavras que pertencem a grupos bem diferentes: *substantivo*, *adjetivo*, *artigo*, *numeral*, *pronome*, *verbo*, *advérbio*, *preposição*, *conjunção* e *interjeição*. Um exame atento facilmente nos mostrará que a relação junta palavras de natureza e funcionalidade bem diferentes com base em critérios categoriais, morfológicos e sintáticos misturados. E o elemento que as diferencia são os diversos significados que lhes são próprios. Para tanto, devemos distinguir os seguintes significados:16

a) SIGNIFICADO LEXICAL, que já conhecemos antes, é o significado que corresponde ao *quê* da apreensão do mundo extralinguístico, isto é, é o que corresponde à organização do mundo extralinguístico mediante as línguas. Como diz bem Coseriu, a linguagem *classifica* a realidade segundo interesses e atitudes humanas; por isso suas distinções *podem* coincidir com realidades e delimitações objetivas, mas isso não é necessário. A língua é um saber acerca de modelos e esquemas linguísticos, e não sobre os objetos, a respeito dos quais informam nossa experiência (o nosso saber do mundo) e as ciências não linguísticas; assim, que um vulcão se chame *Popocatepetl*, e só haja um com este nome, é um fato da geografia, e não um *fato de língua*.17 É o significado que é comum a cada uma das séries de palavras: *amor – amante – amar – amavelmente*; *verdor – verde – enverdar*, etc.

b) SIGNIFICADO CATEGORIAL é o que corresponde ao *como* da apreensão do mundo extralinguístico, a forma da intuição da realidade ou, ainda, o modo de ser das palavras no discurso, e não classes léxicas fixas: *amor* (quando empregado como substantivo), *amante* (quando empregado como adjetivo), *amar* (quando empregado como verbo), *amavelmente* (quando advérbio). Não cabe à gramática descritiva, mas sim à gramática geral, definir a categoria linguística "substantivo"; à gramática descritiva cabe tão somente comprovar se a língua objeto da descrição tem ou não substantivos, e, em caso afirmativo, quais são os meios materiais, isto é, os esquemas formais para expressar a categoria "substantivo". Assim, a

categoria "substantivo" expressa substantivos por meio de nomes como *homem, livro, saudade*, por meio de pronomes como *isto*, *isso*, *aquilo*, por sintagmas como *Rio Grande do Norte* ou orações (as chamadas subordinadas substantivas). As palavras lexemáticas e categoremáticas só estão categorialmente determinadas como substantivo, adjetivo, verbo e advérbio quando integradas na oração, atualizadas no discurso. No momento em que a gramática geral define o que é "adjetivo", essa definição, se correta, deverá servir a todas as línguas que tenham adjetivos. É equivocado o querer definir "o adjetivo em português". À gramática descritiva cabe descrevê-lo *numa* língua.

Constituem o substantivo, o adjetivo, o verbo e o advérbio as quatro únicas reais "categorias gramaticais" da língua, confusamente misturadas na gramática tradicional, e que aqui chamaremos "categorias verbais", porque são as únicas dotadas do significado categorial. Admitem, como já ensina a gramática tradicional, subdivisões, que serão estudadas no lugar próprio (substantivos próprios e comuns, etc.). Cabe lembrar que o significado categorial não caracteriza apenas os lexemas, mas ainda sintagmas e orações inteiras. Também o significado categorial está sempre implicado com certas funções específicas na estruturação gramatical; por isso, só o "substantivo" (representado por nome, pronome, sintagma nominal, oração nominalizada) pode ser o sujeito da oração, assim como o verbo exerce a função de predicado.18 Os significados categoriais são modos do conteúdo significativo. Todavia isto não serve de definição de substantivo; uma palavra não é substantivo porque funciona como sujeito, mas, ao contrário, pode ser sujeito porque é substantivo ou pode aparecer como tal.

c) SIGNIFICADO INSTRUMENTAL é o significado dos morfemas, isto é, dos elementos pertencentes ao universo da gramática, e podem apresentar-se como palavras morfemáticas (como os *artigos* e as *preposições*, por exemplo, ou como elementos de palavras: o *-s* de *livro-s* ou de *trabalha-s*, etc.); são os chamados englobadamente *instrumentos gramaticais*. O artigo *o* em *o livro* tem o significado "atualizador" e o *-s* em *livro-s* tem o significado "pluralizador". Incluem-se como dotados desse significado instrumental, isto é, como "morfemas", nas combinações gramaticais, os prefixos, os sufixos, as desinências, o acento, o ritmo, a entoação, a ordem das palavras, etc. Os significados instrumentais são modos da expressão material.

d) SIGNIFICADO ESTRUTURAL OU SINTÁTICO (este aqui tomado em sentido restrito) é o significado que resulta das combinações de unidades lexemáticas ou categoremáticas com unidades morfemáticas e morfemas, dentro da oração. São significados estruturais "singular", "plural", "atual", "virtual", "ativo", "passivo", "presente", "passado", "futuro", "indicativo", etc. Assim o *-s* de *livro-s* tem o significado instrumental" pluralizador" (e não "plural") ao lado do pluralizado *livro*; da combinação resulta o significado estrutural ou sintático "plural".

e) SIGNIFICADO ÔNTICO, que só se dá no plano da oração, é o que corresponde ao valor existencial que se comunica ao estado de coisas designado na oração: "afirmativo", "negativo", "interrogativo", "imperativo", etc.

Classe de palavra e classe verbal – Tem-se feito confusão entre *classe de palavra e categoria* ou classe *verbal*, confusão que pode ser desfeita com exemplos simples.[19] Assinalando com F a forma física, com L o significado léxico e com C o significado categorial, as palavras abstratas podem ser constituídas: a) como puras "formas" (F), por exemplo "amo" em português, e somente levando em conta sua forma, pode-se classificar apenas pelo seu lado material: é uma palavra dissílaba; é uma palavra paroxítona; é uma palavra com três fonemas, etc.; b) como "formas léxicas" ou "lexemas" (FL), por exemplo o português *verde*, independentemente dos diferentes significados categoriais, isto é, como adjetivo ou como substantivo; c) como "formas categoriais" ou "categoremas" (FC), por exemplo, *quadro, papel*, como substantivos, independentemente dos diferentes significados léxicos ("*quadro* de um pintor", "*quadro* de futebol", "folha de *papel*", "*papel* de um ator") e d) como palavras com significado léxico e categorial (FCL), por exemplo, em português *amo* 'senhor', substantivo, e *amo* 'quero bem', verbo. Somente as palavras abstratas dotadas com FC ou com FCL podem ser classificadas categorialmente graças ao elemento C; isto significa que uma mesma palavra FL poderá figurar em classes distintas se apresenta diferentes significados C, como foi o caso de *verde* (adjetivo: "folha *verde*", e substantivo: "o *verde* da folha") e *amo* (substantivo e verbo). Em suma: não podemos querer que a palavra *verde*, substantivo, pertença à classe da palavra *verde*, adjetivo, apenas porque tem o mesmo significado lexical, isto é, apelando para um traço que nada tem que ver com o critério com que está constituída a classe verbal.

Se tomarmos por critério FL, "verde" será uma só e mesma palavra, assim como "amo"; se as estabelecermos como FCL, "verde", adjetivo, e "verde", substantivo, serão duas palavras diferentes, assim como "amo" 'senhor' e "amo" 'quero bem', o que também valerá para o inglês (*the*) *fire* e (*to*) *fire*, isto é, substantivo e verbo.

Ao nos referirmos ao significado estrutural, aludimos, junto com as unidades lexemáticas (lexemas), às unidades categoremáticas, os pronomes, que são "formas sem substância", isto porque apresentam apenas, ou em primeiro lugar, um significado categorial, sem representar nenhuma matéria extralinguística. Por isso, os pronomes são substantivos, adjetivos, advérbios e – em algumas línguas que não o português – até verbos. Diferem dos lexemas porque não possuem significado lexical, ou, se o apresentam, têm um significado lexical genérico ("pessoa", "coisa", "lugar", "tempo", "modalidade", etc.), dado pela situação ou por outras palavras do contexto.[20]

Nas mesmas condições do pronome, pode-se incluir na classe das palavras categoremáticas o *numeral*.[21]

Por tudo o que vimos até aqui, os significados léxico, categorial e instrumental nos permitem dividir as palavras em lexemáticas (substantivo, adjetivo, verbo e advérbio), categoremáticas (pronome e numeral) e morfemáticas (artigo, preposição e conjunção).

Isto não impede que uma palavra categoremática possa também aparecer com significado instrumental, como é o caso de *meu lápis*, em que *meu* tem o significado categorial "adjetivo" e o significado instrumental em relação ao substantivo *lápis*, determinado como singular e do

gênero masculino. Vimos que as palavras lexemáticas, além do significado lexical, têm em português significado categorial, e podem funcionar também como instrumentos.

Da lista tradicional das classes de palavras só nos falta falar da *interjeição*, que, a rigor, nem é pura *palavra*, mas uma *palavra-oração*, que só por si pode valer por um conteúdo de pensamento da linguagem emocional.

Distinguidas assim as classes de palavras, podemos agora caracterizar uma a uma.

1 – Substantivo

Substantivo – é a classe de lexema que se caracteriza por significar o que convencionalmente chamamos *objetos substantivos*, isto é, em primeiro lugar, substâncias (*homem, casa, livro*) e, em segundo lugar, quaisquer outros objetos mentalmente apreendidos como substâncias, quais sejam qualidades (*bondade, brancura*), estados (*saúde, doença*), processos (*chegada, entrega, aceitação*).

Concretos e abstratos – Os substantivos se dividem em *concretos* e *abstratos*. Os concretos são *próprios* e *comuns*.

Substantivo concreto é o que designa ser de existência independente: *casa, mar, sol, automóvel, filho, mãe*.

Substantivo abstrato é o que designa ser de existência dependente: *prazer, beijo, trabalho, saída, beleza, cansaço.*

Os substantivos concretos nomeiam pessoas, lugares, animais, vegetais, minerais e coisas.

Os substantivos abstratos designam ações (*beijo, trabalho, saída, cansaço*), estado e qualidade (*prazer, beleza*), considerados fora dos seres, como se tivessem existência individual.

Próprios e comuns – Dividem-se os substantivos em *próprios* e *comuns*, divisão que pertence a planos diferentes.

Substantivo próprio é o que se aplica a um objeto ou a um conjunto de objetos, mas sempre individualmente. Isto significa que o substantivo próprio se aplica a esse objeto ou a esse conjunto de objetos, considerando-os como indivíduos. Assim, um nome como *João, Isabel* ou *Açores* só acidentalmente se aplicará a várias pessoas ou ilhas não porque estas apresentam características comuns que as identifiquem como membro de uma classe ou conjunto específico. Por isso cada *João*, cada *Isabel* e cada *Açores* é uma pessoa ou ilha considerada como indivíduo inconfundível para as demais pessoas. São materialmente idênticos, mas se aplicam a indivíduos diferentes. Se por *palavra* se entende significante (expressão) + significado (conteúdo), dois ou mais nomes *João* ou *Isabel* não representam a rigor uma só palavra.

Os substantivos próprios mais importantes são os *antropônimos* e os *topônimos*. Os primeiros se aplicam às pessoas que, em geral, têm *prenome* (nome próprio individual) e *sobrenome* ou *apelido* ("que situa melhor o indivíduo em função da sua proveniência geográfica [Frei Henrique de Coimbra], da sua profissão [*Caeiro*], da sua filiação (patronímico) [*Soares*, filho de Soeiro], de uma qualidade física ou moral [*Diogo Cão*], de uma circunstância de nascimento [*Neto*]").22

Os topônimos se aplicam a lugares e acidentes geográficos.

SUBSTANTIVO COMUM é o que se aplica a um ou mais objetos particulares que reúnem características inerentes a dada classe: *homem, mesa, livro, cachorro, lua, sol, fevereiro, segunda-feira, papa.*

Os cinco últimos exemplos patenteiam que há substantivos comuns que são nomes individualizados, não como os nomes próprios, mas pelo contexto extralinguístico e pelo nosso saber que nos diz que, no contexto "natural" nosso só há uma lua, um sol, um mês fevereiro, e um só dia da semana segunda-feira, e, no contexto "cultural", só há um papa. Se forem escritos com maiúscula, deve-se o fato à pura convenção ortográfica, e não porque são nomes próprios.

Nomes empregados no plural com referência a uma pluralidade de objetos que individualmente têm o mesmo nome (os *Antônios,* as *Marias*, as *Romas*), ou se aplicam ao conjunto de membros de uma mesma família ou nacionalidade (os *Azevedos,* os *Maias*) ou que significam "entes como..." (os *Tiradentes,* os *Ruis*, os *Pelés*, os *Eldorados*), ou, ainda, os objetos designados pelos nomes dos autores, fabricantes, produtores (os *Rembrandts*, os *Machados de Assis* e os *Fords*), são, na realidade, nomes da "classe" e, portanto, substantivos comuns.

Passagem de nomes próprios a comuns – Não nos prendemos apenas à pessoa ou coisa nomeada; observamos-lhes qualidades e defeitos que se podem transferir a um grupo mais numeroso de seres. Os personagens históricos, artísticos e literários pagam o tributo de sua fama com o desgaste do valor individualizante do seu nome próprio que, por isso, passa a comum. Por esta maneira é que aprendemos a ver no *Judas* não só o nome de um dos doze apóstolos, aquele que traiu Jesus; é também a encarnação mesma do *traidor*, *do amigo falso*, em expressões do tipo: *Fulano é um judas.*

Desta aplicação geral de um nome próprio temos vários outros exemplos: *dom-joão* (= homem formoso; galanteador; irresistível às mulheres), *tartufo* (= homem hipócrita; devoto falso), *cicerone* (guia de estrangeiros, dando-lhes informações que lhes interessam), *benjamim* (= filho predileto, geralmente o mais moço; o mais jovem membro de uma agremiação; prende-se ao personagem bíblico que foi o último e predileto filho de Jacó), *áfrica* (= façanha; proeza; revive as façanhas dos antigos portugueses nessas terras).

Passam a substantivos comuns os nomes próprios de fabricantes e de lugares onde se fazem ou se fabricam certos produtos: *estradivários* (= violino de Stradivárius), *guilhotina* (de J. Inácio Guilhotin), *macadame* (do engenheiro Mac Adam), *sanduíche* (do conde de Sandwich), *havana* (charuto; em Portugal *havano*) , *champanha* (da região francesa Champagne),

cambraia (da cidade francesa de Cambray).

Contáveis e não contáveis – Outra subclasse do substantivo repousa na variedade da sua extensão, que pode ser descontínua e discreta ou contínua. No primeiro caso, a classe é constituída por objetos que existem isolados como partes individualmente consideradas, e recebem o nome de *contáveis*: *homem, mulher, casa, livro,* etc.

No segundo caso, refere-se a classe a objetos contínuos, não separados em partes diversas, que podem ser massa ou matéria ou, ainda, uma ideia abstrata, e recebem o nome de *não contáveis*: *oceano, vinho, bondade, beleza*. Estes não contáveis constituem em geral os *singularia tantum*, isto é, habitualmente só se usam no singular.

À categoria dos não contáveis pertence o substantivo *coletivo*, que, na forma de singular, faz referência a uma coleção ou conjunto de objetos: *arvoredo, folhagem, casario.* Distingue-se o coletivo do plural de um substantivo contável, pois este alude a uma coleção de objetos considerados individualmente: *árvores, folhas, casas*.

Entre os coletivos há os *universais* (*povo, passarada, casario*) e os *particulares* (*caniçal, vinhedo, laranjal*). Os coletivos universais não são contáveis, e, por isso, só se pluralizam nas condições especiais à classe, enquanto os particulares se contam e podem ser pluralizados.

Não se confundem com os coletivos os chamados por Herculano de Carvalho *nomes de grupo* (*bando, rebanho, cardume,* etc.), embora assim o faça a gramática. Na realidade, são nomes de conjunto de objetos contáveis, que se aplicam habitualmente ou a uma espécie definida (*cardume, alcateia, enxame*) ou total ou parcialmente indefinida (*conjunto, grupo, bando*: *bando de pessoas, de aves, de alunos*). Ao contrário dos coletivos, os nomes de grupos, principalmente do 2.º grupo, requerem determinação explícita da espécie de objetos que compõem o conjunto: *um* ***bando*** *de pessoas, de adolescentes,* etc.; *um* ***cardume*** *de baleias, de sardinhas*, etc. Já não seria possível *um vinhedo de vinhos.*

São coletivos e nomes de grupo usuais:

a) CONJUNTO DE PESSOAS:

Alcateia, bando, caterva, corja, horda, farândula, malta, quadrilha, récova, súcia, turba: de ladrões, desordeiros, assassinos, malfeitores e vadios.

Associação, clube, comício, comissão, congresso, conselho, convenção, corporação, grêmio, sociedade: de pessoas, reunidas para fim comum.

Assistência, auditório, concorrência, aglomeração, roda: de assistentes, ouvintes ou espectadores.

Cabido: de cônegos de uma catedral.

Caravana: de viajantes.

Claque, torcida: de espectadores para aplaudir ou patear.

Clientela: de clientes, de advogados, de médicos, etc.

Comitiva, cortejo, séquito, acompanhamento: de pessoas que acompanham outra por dever ou cortesia.

Comunidade, confraria, congregação, irmandade: ordem de religiosos.
Concílio, conclave, consistório, sínodo, assembléia: de párocos ou de outros padres.
Coro: conjunto, bando de pessoas que cantam juntas.
Elenco: de artistas de uma companhia, peça ou filme.
Equipagem, marinhagem, companha, maruja, tripulação: de marinheiros.
Falange: de heróis, guerreiros, espíritos.
Junta: de credores, de médicos.
Pessoal: de uma fábrica, repartição pública ou escola, loja.
Plêiade ou *plêiada*: de poetas, artistas, talentos.
Ronda: de policiais que percorrem as ruas velando pela ordem pública.
Turma: de estudantes, trabalhadores, médicos.

b) Grupo de animais:
Alcateia: de lobos, panteras ou outros animais ferozes.
Bando, revoada: de aves, pardais.
Cáfila: de camelos.
Cardume, boana, corso (ô)*, manta*: de peixes.
Colmeia, enxame, cortiço: de abelhas.
Correição, cordão: de formigas.
Fato: rebanho de cabras.
Fauna: conjunto de animais próprios de uma região.
Gado: conjunto de animais criados nas fazendas.
Junta, obesana, cingel, jugo, jugada: de bois.
Lote: de burros, grupos de bestas de carga.
Malhada, oviário, rebanho: de ovelhas.
Manada: de cavalos, de porcos, éguas.
Matilha: de cães.
Ninhada: rodada de pintos.
Nuvem, miríade, onda, praga: de gafanhotos, marimbondos, percevejos.
Piara, vara: de porcos.
Récova, récua: de cavalgaduras.
Rebanho, armento, armentio, grei, maromba: de bois, ovelhas.

c) Grupo de coisas:
Acervo, chorrilho, enfiada: de asneiras, tolices. *Acervo* também se aplica aos bens materiais: É grande o *acervo* da Biblioteca Nacional.
Antologia, analecto, crestomatia, coletânea, florilégio, seleta: de trechos literários ou científicos.

Aparelho, baixela, serviço: de chá, café, jantar.
Armada, esquadra, frota: de navios de guerra.
Bateria, fileira: de peças de artilharia.
Braçada, braçado, buquê, ramo, ramalhete (ê), *festão*: de flores.
Cacho: de uvas, de bananas.
Cancioneiro: de canções. É erro empregar o vocábulo como sinônimo de cantor em expressões como *cancioneiros românticos*.
Carrada: de razões.
Chuva, chuveiro, granizo, saraiva, saraivada: de balas, pedras, setas.
Coleção: de selos, quadros, medalhas, moedas, livros.
Constelação: de estrelas.
Cordilheira, cadeia, série: de montes, montanhas.
Cordoalha, cordame, enxárcia: de cabos de um navio.
Feixe, lio, molho (ó): de lenha, capim.
Fila, fileira, linha: de cadeiras.
Flora: conjunto de plantas de uma determinada região.
Galeria: de quadros, estátuas.
Gavela ou *gabela, paveia*: feixe de espigas.
Herbário: coleção de plantas para exposição ou estudo.
Hinário: de hinos.
Instrumental: de instrumentos de orquestra, de qualquer ofício mecânico, de cirurgia.
Mobília, mobiliário: de móveis.
Monte, montão: de pedras, palha, lixo.
Penca: de bananas, laranjas, chaves.
Pilha, ruma: de livros, malas, tábuas.
Réstia: de cebolas, alhos.
Sequência: série de cartas do mesmo naipe.
Troféu: de bandeiras.

OBSERVAÇÃO: Para outros coletivos e nomes de grupos consulte-se o dicionário.

Estrutura interna do substantivo – A estrutura interna ou constitucional do substantivo (isto é, sua morfologia) consiste, nas línguas flexivas como o português, em geral, na combinação de um signo lexical expresso pelo radical com signos morfológicos expressos por desinências e alternâncias, ambos destituídos de existência própria fora dessa combinação. Entre as desinências que, na flexão, se combinam com o substantivo está a marca de *número* e, nas línguas que a possuem, a marca de *caso* (nominativo, acusativo, etc., como se dá, por exemplo, no grego, no latim, no alemão). O substantivo, fora da flexão, pode ser dotado da marca de gênero: *menino/menina, gato/gata.*[23]

Número – É uma categoria gramatical inerente primariamente ao substantivo, que se refere aos objetos substantivos considerando-os na sua unidade da classe a que pertencem (é o número *singular*) ou no seu conjunto de dois ou mais objetos da mesma classe (é o número *plural*). Quando o singular designa vários objetos de uma mesma classe considerados num todo, temos o *coletivo* (*professorado, alunado, caravana, cardume*, etc.).

A classe dos objetos substantivos pode conter unidades descontínuas e discretas: são os objetos *contáveis* (*homem, casa, cadeira*, etc.); a classe pode também ser constituída de objetos desprovidos de limites internos, como se fossem objetos únicos: são os *não contáveis*. Estes objetos únicos ou são massa ou matéria, ou concebidos como tal (*ouro, ferro, céu*, etc.), ou uma ideia abstrata (*amor, saudade, riqueza*, etc.).

Facilmente se pluralizam os substantivos que pertencem ao grupo dos contáveis (*homem - homens; casa - casas*); já os não contáveis, em geral, se usam no singular (*singularia tantum*). Em alguns desses nomes não contáveis, o plural alude a diferentes espécies ou à fragmentação: *vinhos* (o tinto, o branco, o rosé), *mares* e, por consequência, se apresentam com variação semântica. [HCv.1, 14, 364; SA.2, 69]

Em português, o significado gramatical plural é obtido com a presença da desinência pluralizadora *-s* fonologicamente constituída pela consoante sibilante pós-vocálica diante de pausa.24 O singular se caracteriza pela ausência desta desinência.

A flexão de número, em português, pelo mecanismo da concordância, se estende ao adjetivo (e demais adjuntos do substantivo) e ao verbo, quando este entra em concordância de número com a pessoa do sujeito.

A flexão de número dos substantivos

a) **Formação do plural com acréscimo de *-s***

Forma-se o plural dos substantivos com o acréscimo do morfema pluralizador (desinência do plural) *-s*, quando terminados explicitamente por:

1 – vogal ou ditongo oral: *livro → livros; lei → leis; cajá → cajás.*

2 – vogal nasal tônica ou átona: *ímã → ímãs*; *irmã → irmãs*; *dom → dons* (grafando-se *ns*); *álbum → álbuns; totem → totens* (para o plural *tótemes*).

3 – ditongos nasais *-ãe* (tônicos ou átonos) e *-ão* (átono): *mãe → mães; bênção → bênçãos*.

b) **Formação do plural com acréscimo de *-es***

Quando não está explícita a vogal temática suprimida no singular deverá ser restituída para constituir a forma teórica (*ás → *ase → ases*) e depois ser acrescida a desinência *-s*. Isto ocorre quando o singular termina por:

1 – *-s* (em sílaba tônica): *ás → ases*; *freguês → fregueses*

Cós serve para os dois números e ainda possui o plural reduplicativo *coses*.

2 – *-z* (em sílaba tônica): *luz → luzes*; *giz → gizes*; *cicatriz → cicatrizes*

3 – *-r*: *cor* → *cores*; *elixir* → *elixires*; *revólver* → *revólveres*

c) **Plural de nomes gregos em *-n***

Nos nomes de origem grega terminados em *-n*, pode-se obter o plural com o acréscimo da desinência *-s*, ou recorrer à forma teórica com a recuperação do *-e* (*abdômen* → **abdomene* → *abdômenes*). Melhor fora dar a estes substantivos feição mais de acordo com o sistema fonológico do português, eliminando o *-n* final ou substituindo-o por *-m* e procedendo-se à formação do plural com o só acréscimo do *-s* (*abdome* → *abdomes*; *pólen* → *polem* → *polens,* grafando *-ns*):

abdômen → abdomens ou abdômenes

certâmen → certamens ou certâmenes

dólmen (dolmem) → dolmens ou dólmenes

espécimen → espécimens ou especímenes

gérmen → germens ou gérmenes

hífen → hifens ou hífenes

pólen (polem) → polens ou pólenes

regímen → regimens ou regímenes

OBSERVAÇÕES:

1.ª) *éden* (melhor seria *edem*, que o *Vocabulário Ortográfico* não registra) faz *edens*.

2.ª) *Cânon,* melhor grafado *cânone*, faz *cânones*.

3.ª) Recorde-se que são acentuados os paroxítonos em *-n*, e não os em *-ens*. Daí *hífen*, mas *hifens* (sem acento gráfico).

d) **Plural dos nomes em *-ão* tônico**

Os nomes em *-ão* tônico a rigor pertencem à classe dos temas em *-o* ou em *-e*, conforme o plural respectivo: *irmãos* (= irmão + s), *pães* (= *pãe + s), *leões* (= *leõe + s). Para uma descrição coerente Mattoso propõe que se parta das formas teóricas do plural para se chegar ao tema, suplementadas pelas regras morfofonêmicas pertinentes, no processo de formação de plural.

Destacando-se a vogal temática (que passa a semivogal de ditongo em contacto com a vogal anterior), teremos o radical em *-õ* (*leõ*) e o radical em *-ã* (*irmã, pã*).

1) os substantivos em *-õ* com tema em *-e* fazem o plural com acréscimo da desinência *-s*:

leão (* leõ + e + s) → *leões*

coração (* coraçõ + e + s) → *corações*

Assim, temos os plurais: *questões, melões, razões,* etc.

Este grupo é o mais numeroso e, por isso mesmo, tende, no uso espontâneo, a assimilar outras formas de plural que a língua exemplar não adota. Neste grupo estão incluídos todos os substantivos abstratos formados com os sufixos *-ção, -são* e *-ão* e grande parte de substantivos concretos.

comoção → *comoções*; *adoração* → *adorações*

apreensão → *apreensões*; *compreensão* → *compreensões*

abusão → *abusões*; *visão* → *visões*

caminhão (*camião*) → *caminhões* (*camiões*); *barracão* → *barracões*

Este radical teórico em *-õ* aparece evidente em adjetivos e verbos da mesma família do substantivo, o que é sinal de que este faz o plural em *-ões*; por exemplo, *leonino* denuncia o plural correto de *leão*: *leões*.

2) os substantivos em *-ã* com tema em *-o* (*irmão*) fazem o plural com o acréscimo da desinência *-s*:

irmão (*irmã + o + s) → *irmãos*

cidadão (*cidadã + o + s) → *cidadãos*

Este radical teórico em *-ã* aparece evidente em adjetivos e verbos da mesma família dos substantivos *irmão* (irm*an*ar) e *cidadão* (cidad*an*ia).

3) os substantivos em *-ã* com vogal temática *-e* (*pã - e* de *pães*) fazem o plural com o acréscimo da desinência *-s*:

pão → (pã + e + s) → *pães*

capitão → (capitã + e + s) → *capitães*

Descrito o processo de flexão, cabe perguntar como, partindo da forma teórica do plural, se chega às formas do singular em *-ão*. Destacando-se a vogal temática, como já vimos, obtemos duas estruturas fonológicas para os radicais: em *-õ* (leõ) e em *ã* (irmã, pã). Os de tema em *-o* não sofrem alteração: *irmão*; os de tema em *-e* ou mudam a vogal para *-o* (*pão*) ou, se a vogal do radical for *-õ*, apresentam duas mudanças: a vogal temática passa de *-e* a *-o* e a vogal do radical passa de *õ* a *ã*: *leão*.

Dada a confluência das formas do singular num único final *-ão* (diferençadas no plural, como acabamos de ver), surgem muitas dúvidas no uso do plural, além de alterações que se deram através da história da língua, algumas das quais se mantêm regional ou popularmente, em geral a favor da forma plural *-ões*, por ser a que encerra maior número de representantes.

"O ensino escolar [comenta Mattoso] se esforça para manter os três tipos de plural, ora apoiando-se na origem latina, ora se inspirando no espanhol (onde há diferença no singular – *razón*: *razones*; *hermano*: *hermanos*; *pan*: *panes*), ora apelando para as preferências (se bem que às vezes inconsistentes) de determinados autores, na língua literária, considerados 'clássicos'[MC.8, 81-82].

Diante do exposto, oferecemos ao leitor relação minuciosa dos dois grupos de substantivos em *-ão* que não fazem o plural mais frequente em *-ões*:

1) plural em *-ães*:

cão → cães	escrivão → escrivães
capelão → capelães	tabelião → tabeliães
alemão → alemães	pão → pães
capitão → capitães	maçapão → maçapães
mata-cão → mata-cães	catalão → catalães

2) plural em *-ãos*:

chão → chãos

cidadão → cidadãos

cristão → cristãos

desvão → desvãos

grão → grãos

irmão → irmãos

mão → mãos

pagão → pagãos

e os paroxítonos apontados em **A flexão de número dos substantivos** - a) 3.

Muitos substantivos apresentam dois e até três plurais:

aldeão	aldeãos	aldeões	aldeães
ancião	anciãos	anciões	anciães
charlatão	—	charlatões	charlatães
corrimão	corrimãos	corrimões	—
cortesão	cortesãos	cortesões	—
deão	deãos	deões	deães
ermitão	ermitãos	ermitões	ermitães
fuão	fuãos	fuões	—
guardião	—	guardiões	guardiães
refrão	refrãos	—	refrães
sacristão	sacristãos	—	sacristães
truão	—	truões	truães
vilão	vilãos	vilões	vilães
vulcão	vulcãos	vulcões	—

e) **Plural dos nomes treminados em *-l***

1 – **Plural dos nomes terminados em *-al, -el, -ol, -ul***

Nos nomes em *-l*, temos de partir da forma teórica com restituição da vogal temática *-e*, acréscimo do pluralizador *-s*, posterior às regras morfofonêmicas: queda do *-l-* intermediário

e passagem da vogal temática a semivogal (grafada *-i*)

carnaval → *carnavale → carnavales → carnavaes → carnavais

papel → *papele → papeles → papees → papéis (tônico)

lençol → *lençole → lençoles → lençoes → lençóis

nível → *nivele → niveles → nívees → níveis (átono)25

paul → *paule → paules → paues → pauis

OBSERVAÇÕES:

1.ª) *cônsul* e *mal* fazem *cônsules* e *males*

2.ª) *cal* e *aval* fazem *cales* (= cano) e *cais*, *avales* (mais comum em Portugal) e *avais*

3.ª) *real* faz *réis* (moeda antiga) e *reais* (moeda nova)

2 – **Plural dos nomes terminados em *-il***

a) *-il* em vogal átona: ocorre a passagem do *i* a *e* e posteriormente o mesmo que o caso anterior:

fóssil → *fóssile → *fossele → fosseles → fossees → fósseis

b) *-il* com vogal tônica: ocorre o acréscimo do pluralizador *-s* e posterior supressão do *-l*, já que não é necessário recorrer à vogal temática, por não aparecer no plural:

*funil → *funils → funis*26

OBSERVAÇÃO: *mírtil* faz *mírtiles* e *mírteis*; *móbil* faz *móbiles* e *móbeis*.

Réptil e *projétil*, como paroxítonos, fazem *répteis* e *projéteis*; como oxítonos, *reptil* e *projetil* fazem *reptis* e *projetis*.

f) **Plural dos nomes terminados em -x (= ce)**

Os terminados em *-x* com o valor de *ce* (final com que podem também ser grafados) fazem o plural normalmente em *-ces*:

cálix (ou *cálice*), *cálices; apêndix* (ou *apêndice*), *apêndices*.

g) **Palavras que não possuem marca de número**

Há significantes terminados por *-s* em sílaba átona (como *lápis, pires*, ou monossílabos como *cais, xis*) que não possuem marca de número, quer no singular quer no plural, pois se mostram alheias à classe gramatical de número. Cremos ser a melhor lição a de Herculano de Carvalho, segundo a qual não se pode aceitar a doutrina corrente que vê nessas formas um singular que permanece invariável no plural. É um caso de sincretismo, e não de neutralização [HCv.3, 608-609 e 642]. A pluralidade é marcada pelos adjuntos (artigo, adjetivo, pronome, numeral): *o lápis, os lápis; um pires, dois pires; este xis, estes xis*.

Estão neste caso os terminados em:

1) *-s* (em sílaba átona; palavras sigmáticas):

o pires, os pires; o lápis, os lápis; a cútis, as cútis.

OBSERVAÇÃO: *Simples* faz *simpleces* ou, o que é mais comum, não varia. *Cós, lais* e *ferrabrás* são mais usados invariáveis, mas possuem o plural *coses, laises* e *ferrabrases*.

2) *-x* (com o valor de *cs*): *o tórax, os tórax; o ônix, os ônix.*

OBSERVAÇÃO: Alguns nomes com *x* = *cs* possuem a variante em *ce*: *índex* ou *índice, ápex* ou *ápice; códex* ou *códice*. Seus plurais são, respectivamente, *índices, códices, ápices.* Aliás, são preferíveis as grafias *índice, códice* e *ápice*, no singular.

h) **Plurais com alteração de *o* fechado para *o* aberto (metafonia)**[27]

Muitas palavras com *o* fechado tônico, quando passam ao plural, mudam esta vogal para *o* aberto:

miolo – miolos

Dentre as que apresentam esta mudança (chamada metafonia) na vogal tônica lembraremos aqui as mais usuais:

abrolho	fogo	porco
antolho	forno	porto
caroço	foro	posto
choco	fosso	povo
corcovo	imposto	reforço
coro	jogo	rogo
corpo	miolo	sobrolho
corvo	mirolho	socorro
despojo	olho	tijolo
destroço	osso	torto
escolho	ovo	troco
esforço	poço	troço

Esta alternância constitui a única marca do feminino em *avô* e formas com ela relacionadas, onde se acha suprimida a desinência *-a*: *avô – avó* (< *avoa* < lat. *aviola*). Nos casos de metafonia, o plural é marcado pelo morfema pluralizador *-s* e pelo morfema suprassegmental.

Continuam com *o* fechado no plural:

acordo	esboço	logro
adorno	esposo	morro
almoço	estorvo	repolho
alvoroço	ferrolho	rolo
arroto	fofo	sogro

boda	forro	soldo
bojo	gafanhoto	sopro
bolo	globo	soro
bolso	gorro	toco
cachorro	gosto	toldo
caolho	gozo	topo
coco	horto	torno
contorno	jorro	transtorno

OBSERVAÇÃO: Como no caso dos plurais em *-ão (-ões, -ães, -ãos)*, a inclusão da palavra no grupo dos metafônicos ou não metafônicos apresenta muitas indecisões. O esforço para dirimir dúvidas nestes casos se tem regulado pela origem do timbre da vogal tônica em latim e na forma paralela das correspondentes em espanhol, onde, como regra, do timbre fechado resulta uma vogal simples e do timbre aberto uma ditongação: *gozo* (esp.) – gozo (port.) – gozos (ô); *fuego* (esp.) – fogo (port.) – fogos (ó). Tanto a etimologia do latim quanto o paralelismo do espanhol nem sempre têm a boa resposta às dúvidas.

Não sofrem alteração os nomes próprios e os de família:

os *Diogos*, os *Mimosos*, os *Raposos*, os *Portos*.

i) **Plurais com deslocação do acento tônico** – Há palavras que, no plural, mudam de sílaba tônica:

caráter	–	caracteres
espécimen	–	especímenes
júnior	–	juniores
Júpiter	–	Jupíteres
Lúcifer	–	Lucíferes
sênior	–	seniores

O plural *sorores* é de *soror*, oxítono, o que se estende a *sóror*.

j) **Variações semânticas do significado entre o singular e o plural** – Normalmente, o plural guarda o mesmo significado do singular. Isto não acontece, porém, em alguns casos, principalmente se se trata de substantivos abstratos em sentidos contextuais:

bem (o que é bom) – *bens* (propriedades)

féria (produto do trabalho diário) – *férias* (dias de descanso)

"Onde não se preza a *honra* se desprezam as *honras*" [MM].

Em nomes abstratos como *injustiças, crueldades, gentilezas,* o plural denota atos repetidos, ora multiplicidade dos mesmos atos, com certa conotação aumentativa [FBr.1, 97].

Também em nomes concretos pode o plural acusar mudança de significado: *ferro* (metal) → *ferros* (algemas) [SA.2, 69].

Estão nestes casos os nomes que no plural indicam o casal:

os pais (pai e mãe), *os irmãos* (irmã e irmão), *os reis* (rei e rainha).

l) **Palavras só usadas no plural** (*pluralia tantum*) – Eis as principais:

ademanes	endoenças
afazeres	exéquias
alvíssaras	férias (= repouso)
anais	núpcias
arredores	trevas
avós (antepassados)	víveres
belas-artes, belas-letras	nomes de naipes: copas,
confins	ouros, espadas, paus

m) **Plural de nomes próprios** – Os nomes próprios usados no plural fazem o plural obedecendo às normas dos nomes comuns, e a língua padrão recomenda se ponham no plural, e não no singular:

"O fidalgo dos Vitos Alarcões tratou da cabeça na cama, uns quinze dias" [CBr.6, 144].

" (...) seria um garfo meritório do tronco dos *Parmas* d'Eça, ao qual ele Rui de Nelas se glorificava de ser estranho?" [CBr.6, 171].

Todavia, não é raro o uso do singular na língua literária:

"Os brasileiros do sul, os *Correia de Sá*, perdiam muito do encanto dessas obras (...)" [GA *apud* TS, 105].

n) **Plural dos nomes estrangeiros não assimilados** – Os nomes estrangeiros que se adaptaram ao sistema fonológico do português têm o seu plural consoante as normas vigentes: *clube → clubes; dólar → dólares; repórter → repórteres; abajur → abajures; ultimato → ultimatos; memorando → memorandos; confete → confetes.*

Os não assimilados ao nosso idioma tomam duas direções: a) terminam com *-s*, sem pretender coincidir com as regras do plural da língua originária, ou b) regulando-se pelas normas da língua estrangeira, o que, em geral, é o procedimento recomendado na língua padrão e nos textos científicos.

Do primeiro caso, temos:

films, leaders, ladys, dandys, lieds, blitzes.

Do segundo temos, entre os latinismos:

curriculum → curricula, memorandum → memoranda,

corpus → *corpora*, etc.,

que podem ser aportuguesados, no singular, em: *currículo, memorando, corpo* (raro).

campus → *campi (o campus, os campi)*

Entre os gregos cabe citar:

tópos → *tópoi*, *lógos* → *lógoi*, *ónoma* → *onómata.*

Entre os anglicismos:

lady → *ladies*; *penny* → *pennies* ou *pence*;

dandy → *dandies*; *sportman* → *sportmen.*

Entre os germanismos:

lied (/ *lid* /) → *lieder*; *leitmotiv* → *leitmotiven*; *blitz* → *blitzen.*

Também se erra usando-se *lieder* como singular.

Os escritores procuram, na medida do possível, acertar o passo; assim é que José Lins do Rego usou *lieds* nesta passagem de *Gordos e Magros* (1942): "Goethe ia ao povo para sentir a força dos *lieds*, a música que dorme na alma popular." Em *Poesia e Vida* (1945) já se pautava pela norma alemã: "Destruindo Mozart, uma grande Alemanha desapareceria; a Alemanha dos *lieder*, dos violinos gemendo por debaixo das macieiras em flor (...)".

Os nomes italianos em *-i* já estão no plural, quando flexionados (*o confetto* → *os confetti*), mas isto não impediu que um escritor correto como Latino Coelho fizesse o plural com acréscimo do *-s*: "Portugal não primou nas invenções admiráveis da ciência: não teve Newtons nem Platões. Não meneou com galhardo luzimento o escopro ou o pincel: não teve Rafaéis, nem Buonarottis." [*apud* SS.2, 70]. Também de *lápis-lazúli* temos o plural *lápis-lazúlis*. A prevalecer a norma da língua exemplar, pode-se dizer que se trata de um elemento funcional pertencente ao sistema português reservado aos plurais estrangeiros não assimilados (*Fremdwörter*) [ECs.1, 11 n.172].

o) **Plural dos nomes de letras** – Os nomes de letras vão normalmente ao plural, de acordo com as normas gerais.

Escreve com todos os *efes* e *erres*.

Coloquemos os pingos nos *is*.

N.B.: *Xis* serve para singular e plural.

Podemos ainda indicar o plural das letras com a sua duplicação: *ff, rr, ii.*

Este processo ocorre em muitas abreviaturas:

E.E.U.U. (Estados Unidos, também representado por EUA, Estados Unidos da América, ainda U.S.A.).

p) **Plural dos nomes com o sufixo *-zinho*** – Põem-se no plural os dois elementos e suprime-se o *s* do substantivo, consoante a regra ortográfica oficial:

animalzinho = animal + zinho
animaizinhos
coraçãozinho = coração + zinho
coraçõezinhos
florzinha = flor + zinha

florezinhas
papelzinho = papel + zinho
papeizinhos
pazinha = pá + zinha
pazinhas

mas

pazinha = paz + inha
pazezinhas

NOTA ORTOGRÁFICA: Os sufixos diminutivos *-inho* (*-ito,* etc.), *-zinho* (*-zito*, etc.) têm hoje uma distribuição regular, conforme o final da palavra básica:

a) se termina por vogal átona ou consoante (exceto *-s* e *-z*), a escolha é materialmente indiferente, apesar de aparecerem nuanças de sentido contextuais: corpo → *corpinho* (com queda da vogal temática) / *corpozinho* (a forma básica intacta); *flor* → *florinha / florzinha*; *mulher* → *mulherinha / mulherzinha*;

b) se termina por vogal tônica, nasal ou ditongo, é de emprego obrigatório *-zinho* (*-zito,* etc.); boné → bonezinho; siri → sirizinho; álbum → albunzinho; bem → benzinho; raio → raiozinho. Com *-zinho* evitam-se hiatos do tipo *irmãinha*, *raioito*, etc.;

c) se termina em *-s* ou *-z*, o emprego normal é com *-inho* (*-ito*, etc.), repudiando-se *-zinho* (*-zito*, etc.); ficando intacta a palavra básica: lapisinho (lápis + inho), cuscuzinho (cuscuz + inho), rapazinho (rapaz + inho), cartazinho (cartaz + inho), exatamente como escrevemos *lapiseira (lápis + eira), lapisar (lápis + ar), lapisada (lápis + ada)*, etc.

Estabelecem-se até oposições léxicas e fonológicas (já que se guardam os acentos das palavras básicas): *cartazinho* (= cartàz + inho), *cartazinha* (= càrta + zinha), *rapazinho* (= rapàz + inho); *rapazinho* (= ràpa + zinho); *masinho* (= mas + inho), *mazinha* (= mà + zinha) [veja-se o exemplo dado por Oiticica: *Você escreveu aí na pedra um masinho que ninguém percebe* (trata-se da conjunção *mas*)]. Às vezes há convergências gráficas: *pazinha* (*paz + inha*) e *pazinha* (*pá + zinha*), que o contexto dissolverá.

Se escrevemos oficialmente *lapisar, lapiseira,* por que o *Vocabulário* oficial preceitua *lapizinho*? Segundo já Epifânio Dias [ED.1, § 94] e José Oiticica, o coerente seria, já que a regra é flexionar as duas unidades: *açãozinha* (no singular) → *açõesinhas* (no plural, já a básica termina em *-s*). A regra que obriga o *-z* e que expusemos por ser a ortografia oficial, foi formulada por Gonçalves Viana (*Ortografia*, 123); Mário Barreto mostrou-se indeciso no pleito: "Da regra de Epifânio depreende-se que nos nomes em *-ão* os sufixos *-inho e -ito* se precedem de *z* (*açãozinha*, escreve o eruditíssimo gramático português) e que no plural perdem o *z*, tomando esta forma no tema e no sufixo: *ações-inhas*. Seja lá como for, o que está fora de dúvida é que o plural é *açõesinhas* ou *açõezinhas, coraçõesinhos* ou *coraçõezinhos*, e não *coraçãozinhos, açãozinhas*" [MBa.4, 226-227].

Oiticica [JO.3, 89] ainda acha que o normal seria *florinhas, florzinhas*, que a língua padrão evita, mas que têm adoções eventuais em bons escritores: "contam os seus amigos que, quando na mocidade frequentava noturnamente os *barzinhos* da Lapa..." [MB.1, II, 493].

A razão do emprego de formas plurais *barzinhos, colherzinhas* se prende ao fato de que com sufixos outros não ocorre o plural das duas unidades *florinha* → *florinhas*.

q) **Plural das palavras substantivadas** – Qualquer palavra, grupo de palavras, oração ou texto pode substantivar-se, isto é, passar a substantivo, que, tomadas materialmente, isto é, como designação de sua própria forma externa, valem por um substantivo masculino e singular:

o *sim,* o *não,* o *quê,* o *pró,* o *contra,* o *h, Peras* é feminino, *Os homens* é o sujeito da oração.

Tais palavras vão normalmente ao plural:

os *sins,* os *nãos,* os *quês,* os *prós,* os *contras,* os *hh* (agás)

Enquadram-se neste caso os nomes que exprimem número, quando aludem aos algarismos.

Na sua caderneta há três *setes* e dois *oitos*. Tire a prova dos *noves*. Há dois *quatros* a mais e três *onzes* a menos nessas parcelas.

Fazem exceção os terminados em *-s* (*dois, três, seis*), *-z* (*dez*) e *mil*, que são invariáveis.

Quatro *seis* e cinco *dez*.

r) **Plural cumulativo** – Alguns nomes possuem duas formas: uma, básica, singular e outra flexionada em plural que passa a valer como se singular fora:

ananá	ananás
eiró (iró)	eirós (irós)
filhó	filhós
ilhó	ilhós
lilá	lilás

o ananá, *os ananás*; *o lilá*, *os lilás*.

OBSERVAÇÃO: *Cós* fica invariável ou tem plural cumulativo *coses*.

Passando a forma plural a ser empregada como um singular (*o ananás, o lilás*, etc.), por semelhança de singulares em *-ós* (*retrós*, por exemplo), admite um novo plural, chamado cumulativo, por esquecimento da etapa de pluralização: *o ananás, os ananases; o eirós, os eiroses; o filhós, os filhoses; o ilhós, os ilhoses; o lilás, os lilases.*

s) **Plural nos etnônimos** – Etnônimo é o nome que se aplica à denominação dos povos, das tribos, das castas ou de agrupamentos outros em que prevalece o conceito de etnia. Estes nomes utilizados na língua comum admitem a forma plural, como todos os outros: *os brasileiros, os portugueses, os espanhóis, os botocudos, os tupis, os tamoios,* etc.

Por convenção internacional de etnólogos, está há anos acertado que, em trabalhos científicos, os etnônimos que não sejam de origem vernácula ou nos quais não haja elementos vernáculos não são alterados na forma plural, sendo a flexão indicada pelo artigo plural: *os tupi, os nambiquara, os caiuá, os tapirapé, os bântu, os somáli,* etc.

t) **Plural dos nomes compostos** – Merece especial atenção o plural dos nomes compostos, uma vez que as dúvidas e vacilações são frequentes. A questão envolve dificuldades de ordem

ortográfica (uso ou não do hífen) e de ordem gramatical. Torna-se imperiosa uma sistematização que venha pôr simplificação ou minorar as dúvidas ainda existentes, mesmo com as últimas propostas do Acordo Ortográfico. Sem pretendermos esgotar o assunto, apresentamos os seguintes critérios:

A – SOMENTE O ÚLTIMO ELEMENTO VARIA:

1) nos compostos grafados ligadamente:

fidalgo	fidalgos
girassol	girassóis
lenga-lenga	lenga-lengas
madressilva	madressilvas
pontapé	pontapés
vai-vem	vai-vens
zum-zum	zum-zuns

2) nos compostos com as formas adjetivas *grão, grã e bel:*

grão-prior	grão-priores
grã-cruz	grã-cruzes
bel-prazer	bel-prazeres

3) nos compostos de tema verbal ou palavra invariável seguida de substantivo ou adjetivo:

furta-cor	furta-cores
beija-flor	beija-flores
abaixo-assinado	abaixo-assinados
alto-falante	alto-falantes
vice-rei	vice-reis
ex-diretor	ex-diretores
ave-maria	ave-marias

4) nos compostos de três ou mais elementos, não sendo o 2.º elemento uma preposição:

bem-te-vi	bem-te-vis

5) nos compostos de emprego onomatopeico em que há repetição total ou parcial da primeira unidade:

reco-reco	reco-recos
tique-taque	tique-taques

B – SOMENTE O PRIMEIRO ELEMENTO VARIA:

1) nos compostos onde haja preposição, clara ou oculta:

cavalo-vapor (= de, a vapor)	cavalos-vapor
ferro de abrir lata	ferros de abrir lata
mula sem cabeça	mulas sem cabeça
pé de moleque	pés de moleque

2) nos compostos de dois substantivos, onde o segundo exprime a ideia de *fim, semelhança*, ou limita a significação do primeiro:

aço-liga	aços-liga
navio-escola	navios-escola (= para escola)
manga-rosa	mangas-rosa (= semelhante a rosa)
peixe-boi	peixes-boi
salário-família	salários-família

C – AMBOS OS ELEMENTOS VARIAM:

1) nos compostos de dois *substantivos*, de um *substantivo* e um *adjetivo* ou de um adjetivo e um *substantivo*:

amor-perfeito	amores-perfeitos
cabra-cega	cabras-cegas
carta-bilhete	cartas-bilhetes
decreto-lei	decretos-leis
gentil-homem	gentis-homens
guarda-civil	guardas-civis
guarda-mor	guardas-mores
lugar-comum	lugares-comuns
salário-mínimo	salários-mínimos
segunda-feira	segundas-feiras

OBSERVAÇÃO: *lugar-tenente* faz o plural *lugar-tenentes*.

2) nos compostos de temas verbais repetidos:

corre-corre	corres-corres
ruge-ruge	ruges-ruges

OBSERVAÇÃO: Os compostos incluídos neste caso também admitem a flexão adotada pelos nomes de *A*, 3): *corre-corres, ruge-ruges*.

D – FICAM INVARIÁVEIS:

1) as frases substantivas:

a estou-fraca (ave)	as estou-fraca
o não sei que diga	os não sei que diga
o disse me disse	os disse me disse
o bumba meu boi	os bumba meu boi

2) os compostos de tema verbal e palavra invariável:

o ganha-pouco	os ganha-pouco
o pisa-mansinho	os pisa-mansinho
o cola-tudo	os cola-tudo

3) nos compostos de dois temas verbais de significado oposto:

o leva e traz	os leva e traz
o vai-volta	os vai-volta

E – ADMITEM MAIS DE UM PLURAL, ENTRE OUTROS:

fruta-pão:	frutas-pão, fruta-pães
guarda-marinha:	guardas-marinha ou guardas-marinhas *
padre-nosso:	padres-nossos ou padre-nossos
ruge-ruge:	ruges-ruges ou ruge-ruges
salvo-conduto:	salvos-condutos ou salvo-condutos

* Rejeita-se, sem razão, o plural guarda-marinhas.

Gênero – A nossa língua conhece dois gêneros: o *masculino* e o *feminino*.

São masculinos os nomes a que se pode antepor o artigo **o**:

o *linho*, o *sol*, o *raio*, o *prazer*, o *filho*, o *beijo*

São femininos os nomes a que se pode antepor o artigo **a**:

a *flor*, a *casa*, a *mosca*, a *nuvem*, a *mãe*

Todo substantivo está dotado de gênero, que, no português, se distribui entre o grupo do *masculino* e o grupo do *feminino*. São masculinos os nomes a que se pode antepor o artigo *o* (*o linho*, *o sol*, *o clima*, *o poeta*, *o grama*, *o pente*, *o raio*, *o prazer*, *o filho*, *o beijo*) e são femininos os nomes a que se pode antepor o artigo *a* (*a linha*, *a lua*, *a grama*, *a ponte*, *a poetisa*, *a filha*, *a dor*). Só que esta determinação genérica não se manifesta no substantivo da mesma maneira que está representada no adjetivo ou no pronome, por exemplo, isto é, pelo processo da flexão. Apesar de haver substantivos em que aparentemente se manifeste a

distinção genérica pela flexão (*menino* / *menina*, *mestre* / *mestra*, *gato* / *gata*), a verdade é que a inclusão num ou noutro gênero depende direta e essencialmente da classe léxica dos substantivos e, como diz Herculano de Carvalho, "não é o fato de em português existirem duas palavras diferentes – *homem* / *mulher*, *pai* / *mãe*, *boi* / *vaca*, e ainda *filho* / *filha*, *lobo* / *loba* (das quais estas *não são* formas de uma flexão, mas palavras diferentes *tanto como* aquelas) – para significar o indivíduo macho e o indivíduo fêmea (duas espécies do mesmo "gênero", em sentido lógico) que permite afirmar a existência das classes do masculino e do feminino, mas, sim, o fato de o adjetivo, o artigo, o pronome, etc., se apresentarem sob duas formas diversas exigidas respectivamente por cada um dos termos de aqueles pares opositivos –, "est*e* homem velh*o*" / "est*a* mulher velh*a*", "*o* filho mais n*ó*v*o*" / "*a* filha mais n*ó*v*a*" –, formas que de fato constituem uma flexão" [HCv.1, v.9 s.v. *gênero*].

A aproximação da função cumulativa derivativa de -*a* como atualizador léxico e morfema categorial se manifesta tanto em *barca* de *barco*, *saca* de *saco*, *fruta* de *fruto*, *mata* de *mato*, *ribeira* de *ribeiro*, etc., quanto em *gata* de *gato*, porque dá "ao tema de que entra a fazer parte a capacidade de significar uma classe distinta de objetos, que em geral constituem uma espécie do gênero designado pelo tema primário" [HCv.3, 536 n.38; HCv.4, 21]. É pacífica, mesmo entre os que admitem o processo de flexão em *barco* → *barca* e *lobo* → *loba*, a informação de que a oposição masculino – feminino faz alusão a outros aspectos da realidade, diferentes da diversidade de sexo, e serve para distinguir os objetos substantivos por certas qualidades semânticas, pelas quais o masculino é uma forma geral, não marcada semanticamente, enquanto o feminino expressa uma especialização qualquer:

barco / *barca* (= barco grande)
jarro / *jarra* (um tipo especial de jarro)
lobo / *loba* (a fêmea do animal chamado lobo)

Esta aplicação semântica faz dos pares *barco* / *barca* e restantes da série acima não serem consideradas primariamente formas de uma flexão, mas palavras diferentes marcadas pelo processo de derivação. Esta função semântica está fora do domínio da flexão. A analogia material da flexão de gênero do adjetivo é que levou o gramático a pôr no mesmo plano *belo* / *bela* e *menino* / *menina*.

Este fato explica por que na manifestação do gênero no substantivo, entre outros processos, existe a indicação por meio de sufixo nominal: *conde* / *condessa*, *galo* / *galinha*, *ator* / *atriz*, *embaixador* / *embaixatriz*, etc.

Sem ser função precípua da morfologia do substantivo, a diferença do sexo nos seres animados pode manifestar-se ou não com diferenças formais neles. Esta manifestação se realiza ou pela mudança de sufixo (como em *menin**o*** / *menin**a***, *gat**o*** / *gat**a***) – é a *moção* –, ou pelo recurso a palavras diferentes que apontam para cada um dos sexos – é a *heteronímia* (*homem* / *mulher*, *boi* / *vaca*). Na primeira série de pares, como já vimos na lição de Herculano de Carvalho, não temos formas de uma flexão, mas, nelas, como na segunda série de pares, estamos diante de palavras diferentes.

Quando não ocorre nenhum destes dois tipos de manifestação formal, ou o substantivo, com o seu gênero gramatical, se mostra indiferente à designação do sexo (*a criança*, *a pessoa*, *o cônjuge*, *a formiga*, *o tatu*) ou, ainda indiferente pela forma, se acompanha de adjuntos

(artigos, adjetivos, pronomes, numerais) com moção de gênero para indicar o sexo (*o artista*, *a artista*, *bom estudante*, *boa estudante*).

Inconsistência do gênero gramatical – A distinção do gênero nos substantivos não tem fundamentos racionais, exceto a tradição fixada pelo uso e pela norma; nada justifica serem, em português, masculinos *lápis*, *papel*, *tinteiro* e femininos *caneta*, *folha* e *tinta*.

A inconsistência do gênero gramatical fica patente quando se compara a distribuição de gênero em duas ou mais línguas, e até no âmbito de uma mesma língua histórica na sua diversidade temporal, regional, social e estilística. Assim é que, para nós, o *sol* é masculino e, para os alemães, é feminino *die Sonne*, a *lua* é feminino, e, para eles, masculino *der Mond*; enquanto o português *mulher* é feminino, em alemão é neutro *das Weib*. *Sal* e *leite* são masculinos em português e femininos em espanhol: *la sal* e *la leche*. *Sangue* é masculino em português e francês e feminino em espanhol: *le sang* (fr.) e *la sangre* (esp.).

Mesmo nos seres animados, as formas do masculino ou do feminino podem não determinar a diversidade de sexo, como ocorre com os substantivos chamados *epicenos* (aplicados a animais irracionais), cuja função semântica é só apontar para a espécie: *a cobra*, *a lebre*, *a formiga* ou *o tatu*, *o colibri*, *o jacaré*, ou os substantivos aplicados a pessoas, denominados *comuns de dois*, distinguidos pela concordância: *o / a* ***estudante***, *este / esta* ***consorte***, *reconhecido / reconhecida* ***mártir***, ou ainda os substantivos de um só gênero denominados *sobrecomuns*, aplicados a pessoas, cuja referência a homem ou a mulher só se depreende pela referência anafórica do contexto: *o* ***algoz***, *o* ***carrasco***, *o* ***cônjuge***.

A mudança de gênero – Aproximações semânticas entre palavras (sinônimos, antônimos), a influência da terminação, o contexto léxico em que a palavra funciona e a própria fantasia que moldura o universo do falante, tudo isto representa alguns dos fatores que determinam a mudança do gênero gramatical dos substantivos. Na variedade temporal da língua, do português antigo ao contemporâneo, muitos substantivos passaram a ter gêneros diferentes, alguns sem deixar vestígios, outros como *mar*, hoje masculino, onde o antigo gênero continua presente em *preamar* (*prea = plena*, *cheia*) e *baixa-mar*.

Já foram femininos *fim*, *planeta*, *cometa*, *mapa*, *tigre*, *fantasma*, entre muitos outros; já foram usados como masculinos: *árvore*, *tribo*, *catástrofe*, *hipérbole*, *linguagem*, *linhagem* [SA.5, I, 65-70; PDo.1].

O gênero nas profissões femininas – A presença, cada vez mais justamente acentuada, da mulher nas atividades profissionais que até bem pouco eram exclusivas ou quase exclusivas do homem tem exigido que as línguas – não só o português – adaptem o seu sistema gramatical a estas novas realidades. Já correm vitoriosos faz muito tempo femininos como *mestra*, *professora*, *médica*, *advogada*, *engenheira*, *psicóloga*, *filóloga*, *juíza*, entre tantos outros.

As convenções sociais e hierárquicas criaram usos particulares que nem sempre são unanimemente adotados na língua comum. Todavia, já se aceita a distinção, por exemplo, entre

a *Cônsul* (= senhora que dirige um consulado) e a *Consulesa* (= esposa do Cônsul), a *Embaixadora* (= senhora que dirige uma Embaixada) e *Embaixatriz* (= esposa do Embaixador). Já para *senador* vigoram indiferentemente as formas de feminino *senadora* e *senatriz* para a mulher que exerce o cargo político ou para a esposa do senador, regra que também poucos gramáticos e lexicógrafos estendem a *consulesa* e *embaixatriz*.

Na hierarquia militar, a denominação para mulheres da profissão parece não haver uma regra generalizada. Correm com maior frequência os empregos28:

o cabo Ester Silva, *o sargento* Andreia.

Na linguagem jurídica, as petições iniciais vêm com o masculino com valor generalizante, dada a circunstância de não se saber quem examinará o processo, se juiz ou juíza.

Meritíssimo Senhor Juiz
Excelentíssimo Senhor Desembargador

Note-se, por fim, que algumas formas femininas podem não vingar por se revestirem de sentido pejorativo: *chefa*, *caba*, por exemplo.

Formação do feminino – Os substantivos que designam pessoas e animais manifestam o gênero e apresentam, quase sempre, duas formas diferentes: uma para indicar os seres do sexo masculino e outra para os seres do sexo feminino:

filho	–	filha
pai	–	mãe
rapaz	–	rapariga

Podemos distinguir, na manifestação do feminino, os seguintes processos:

a) com a mudança ou acréscimo ao radical, suprimindo a vogal temática: *filho* → filh(o) + a → *filha*:

1 – os terminados em -*o* mudam o -*o* em -*a*, por analogia com a flexão dos adjetivos biformes:

filho	–	filha	menino	–	menina
aluno	–	aluna	gato	–	gata

2 – os em -*e* uns há que ficam invariáveis, outros acrescentam -*a* depois de suprimir a vogal temática: *alfaiate* → alfaiat(e) + a → *alfaiata*.

Não variam de forma à semelhança dos adjetivos:

amante, *cliente*, *constituinte*, *doente*, *habitante*,
inocente, *ouvinte*, *servente*, etc.

Variam:

alfaiate – alfaiata
infante – infanta
governante – governanta
presidente – presidenta
parente – parenta
monge – monja

} também aparece invariável

3 – os em -*or* formam geralmente o feminino com acréscimo de *a*:

doutor – doutora
professor – professor

OBSERVAÇÃO: Outros, terminados em -*eira*: *arrumadeira*, *lavadeira*, *faladeira* (a par de *faladora*).

4 – os em vogal atemática (tônica), -*s*, -*l*, -*z* acrescentam *a*, sem qualquer alteração morfofonêmica:

freguês	–	freguesa	zagal	–	zagala
português	–	portuguesa	oficial	–	oficiala
juiz	–	juíza	guri	–	guria
peru	–	perua			

5 – os em -*ão* (dada a confluência no singular e permanência de formas diferençadas no plural, como já vimos, apresentam os seguintes casos:

a) quando este final pertence a nomes de tema em -*o* (transformado em semivogal do ditongo nasal), têm suprimida normalmente esta vogal e acrescida de -*a* e posterior fusão por crase:

irmão → irmã(o) + a → *irmãa* → *irmã* (por crase);
alemão → alemã(o) + a → *alemãa* → *alemã*. 29

b) quando -*ão* corresponde a forma teórica -*õ*, tal qual ocorre com o plural, há desnasalação da vogal temática e acréscimo de -*a*, que favorece o aparecimento de hiato:

bretão (radical teórico *bretõ*, cf. o plural *bretões*) → *breto*(m) + a → *bretoa*;
bom → bo(m) + a → *boa*.

c) quando -*ão* é sufixo derivacional aumentativo, a nasalidade desenvolve o fonema de transição /n/:

valentão (radical teórico *valentõ*, cf. pl. *valentões*) → *valento* + *n* + *a* → *valentona*.

6 – os que têm o sufixo derivacional –*eu* suprimem a vogal temática (aqui sob forma de semivogal do ditongo), acrescentam –*a* e, ao se obter o hiato *ea*, desenvolvem normalmente o ditongo /*ey*/ e conhecem posterior passagem do *e* fechado a aberto /*ey*/ (passagem que não se dá em todo o território onde se fala a língua, como, por exemplo, em Portugal): *europeu* → *europe*(u) + *a* → *europea* → *europeia* → *europeia*.

Assim procedem: *ateu*, *egeu*, *filisteu*, *giganteu*, *pigmeu*.

Fazem exceção: *judeu* → *judia*, *sandeu* → *sandia*.

7 – manifestam o feminino por meio dos sufixos derivacionais *-esa*, *-essa*, *-isa*, *-triz*, *-ez*:

abade – abadessa

alcaide – alcaidessa
(ou alcaidina)

barão – baronesa

bispo – episcopisa

conde – condessa

condastável – condastabelesa

cônego – canonisa

cônsul – consulesa

diácono – diaconisa

doge – dogesa, dogaresa,
dogaressa

druida – druidesa, druidisa
(ocorre em O. Bilac)

duque – duquesa

embaixador – embaixatriz
(embaixadora)

etíope – etiopisa

imperador – imperatriz

jogral – jogralesa

papa – papisa

píton – pitonisa

poeta – poetisa

príncipe – princesa

prior – priora, prioresa

profeta – profetisa

sacerdote – sacerdotisa

visconde – viscondessa

8 – não se enquadram nos casos precedentes:

ator – atriz

avô – avó

capiau – capioa

czar /pron. tçar/ - czarina *

dom – dona

felá – felaína

galo – galinha

grou – grua

herói – heroína

ilhéu – ilhoa

landgrave – landgravina

marajá – marani

mandarim – mandarina

maestro – maestrina
(também *maestra*)

pierrô – pierrete

raja ou rajá – râni ou rani

rapaz – rapariga

rei – rainha

réu – ré

silfo – sílfide

sultão – sultana

tabaréu – tabaroa

* Também grafado: tzar – tzarina.

b) com palavras diferentes para um e outro sexo (heterônimos):

1 – Nomes de pessoas:

cavaleiro – amazona

marido – mulher

cavalheiro – dama

confrade – confreira

compadre – comadre

frade – freira

frei – sóror, soror, sor

genro – nora

homem – mulher

padrasto – madrasta

padre – madre

padrinho – madrinha

pai – mãe

patriarca – matriarca

rico-homem – rica-dona

2 – Nomes de animais:

bode – cabra

boi – vaca

burro – besta

cão – cadela

carneiro – ovelha

cavalo – égua

veado – veada, cerva (é)

zangão, zângão – abelha

c) feminino com auxílio de outra palavra:

Há substantivos que têm uma só forma para os dois sexos:

estudante, consorte, mártir, amanuense, constituinte, escrevente, herege, intérprete, etíope, ouvinte, nigromante, servente, vidente, penitente

São por isso chamados comuns de (ou a) dois. Tais substantivos distinguem o sexo pela anteposição de *o* (para o masculino) e *a* (para o feminino):

o estudante – a estudante
o camarada – a camarada
o mártir – a mártir

Incluem-se neste grupo os nomes de família:

"(...) redarguiu colérica a *Pacheco* (...)" [CBr *apud* MB.2, 150].

Os nomes terminados em -*ista* e muitos terminados em -*e* são comuns de dois:

o capitalista – a capitalista; o doente – a doente

Também nomes próprios terminados em -*i* (antigamente ainda -*y*) são comuns tanto a homens como a mulheres:

Darci, Juraci

Enquadram-se neste grupo os nomes de animais para cuja distinção de sexo empregamos as palavras *macho* e *fêmea*:

cobra macho; jacaré fêmea

Podemos ainda servir-nos de outro torneio:

o macho da cobra; a fêmea do jacaré

Estes se chamam *epicenos*.

d) sobrecomuns

São nomes de um só gênero gramatical que se aplicam, indistintamente, a homens e mulheres: 30

o algoz, o carrasco, o cônjuge, a criatura, a criança, o ente, o indivíduo, a pessoa, o ser, a testemunha, o verdugo, a vítima.

Gênero estabelecido por palavra oculta – São masculinos os nomes de rios, mares, montes, ventos, lagos, pontos cardeais, meses, navios, por subentendermos estas denominações:

O (rio) *Amazonas*, *o* (oceano) *Atlântico*, *o* (vento) *bóreas*, *o* (lago) *Ládoga*, *o* (mês) *abril*, *o* (porta-avião) *Minas Gerais*

Por isso são normalmente femininos os nomes de cidade, ilhas:

A bela (cidade) *Petrópolis*. *A movimentada* (ilha) *Governador*.

Nas denominações de navios, depende do termo subentendido: *o* (transatlântico) *Argentina*, *a* (corveta) *Belmonte*, *a* (canhoneira) *Tijuca*, etc. De modo geral, os grandes transatlânticos são todos masculinos, em vista deste substantivo oculto, embora muitos tenham nomes femininos: "Embarcou *no Lusitânia* e foi para Lisboa" [MBa.5, 294].

Notem-se os seguintes gêneros:

O (vinho) *champanha* (e não *a champanha*!), *o* (vinho) *madeira*, *o* (charuto) *havana*, *o* (café) *moca*, *o* (gato) *angorá*, *o* (cão) *terra-nova*.

Mudança de sentido na mudança de gênero – Há substantivos que são masculinos ou femininos, conforme o sentido com que se achem empregados:

a apocalipse – *o apocalipse*
a cabeça (parte do corpo) – *o cabeça* (o chefe)
a capital (cidade principal) – *o capital* (dinheiro, bens)
a gênesis – *o gênesis*
a língua (órgão muscular; idioma) – *o língua* (o intérprete)
a lotação (capacidade de um carro, navio, sala, etc.) – *o lotação* (forma abreviada de autolotação)
a moral (parte da filosofia; moral de um fato; conclusão) – *o moral* (conjunto de nossas faculdades morais; ânimo)
a rádio (a estação) – *o rádio* (o aparelho)
a voga (moda; popularidade) – *o voga* (o remador)

Gênero de compostos – Os compostos são uma espécie de construção sintática abreviada, de modo que, se são constituídos por substantivos variáveis (biformes), o determinante (a 2.ª unidade) concorda com o gênero do determinado e é responsável pelo gênero do composto: a *batata-rainha* e não a *batata-rei*, a *ponta-seca* (instrumento de corte) [MAg.1, 160; MAg.3, 157].

Nos compostos de unidades uniformes, é evidente que não se dá a concordância do 2.º elemento, mas o gênero do composto continua se regulando pela 1.ª unidade: *a cobra-capelo*, *o pau-paraíba*, *a fruta-pão*.

Neste último caso, dá-se com frequência a perda da noção do composto (tratado como palavra base), o que facilita que o gênero do composto se regule pela 2.ª unidade: *o pontapé* e a indecisão entre o povo se é *a fruta-pão* (o normal), se *o fruta-pão* (com esquecimento do composto).

Se o composto está constituído de tema verbal e substantivo, a regra é o composto ter o gênero masculino singular: *o tira-teima*(s), *o arranca-rabo*, *o trava-língua*, *o trava-conta*(s).

Contrariamente ao gênero da língua e por imitação inglesa, passou-se a usar de compostos em que o determinante, invariável, ocupa o primeiro lugar, e o determinado o segundo, ficando o gênero do composto regulado por este último elemento: *a ferrovia*, *a aeromoça*. Segundo Martinz de Aguiar, por esta porta é que nos chegou o masculino de *o cólera-morbo* (*morbo*, latino, é masculino) e, na forma reduzida, *o cólera*, e não por influência francesa. A passagem ao hoje mais usual e aceito *a cólera-morbo*, *a cólera*, se deveu à analogia com o processo regular no português.

Gêneros que podem oferecer dúvida:

a) *São masculinos*:

Os nomes de letra de alfabeto, clã, champanha, dó, eclipse, formicida, grama (unidade de peso), jângal (jângala), lança-perfume, milhar, orbe, pijama, proclama, saca-rolhas, sanduíche, sósia, telefonema, soma (o organismo tomado como expressão material em oposição às funções psíquicas).

b) *São femininos*:

Aguardente, alface, alcunha, alcíone, análise, anacruse, bacanal, fácies, fama, cal, cataplasma, cólera, cólera-morbo, coma (cabeleira e vírgula), dinamite, eclipse, faringe, fênix, filoxera, fruta-pão, gesta (= façanha), libido, polé, preá, síndrome, tíbia, variante e os nomes terminados em *-gem* (exceção de *personagem* que pode ser masc. ou fem.).

c) *São indiferentemente masculinos ou femininos*:

Ágape, avestruz, caudal, componente (masc. no Br. e fem. em Portugal), crisma, diabete, gambá, hélice, íris, juriti, igarité, lama ou lhama, laringe (mais usado no fem.), ordenança, personagem, renque, sabiá, sentinela, soprano, suástica, suéter, tapa, trama (intriga), víspora.

Mais de um feminino – Além dos já apontados no decorrer do capítulo, lembraremos ainda os mais usuais:

aldeão – aldeã, aldeoa
deus – deusa, deia (poét.)
diabo – diaba, diabra, diáboa
elefante – elefanta, elefoa, aliá
javali – javalina, gironda
ladrão – ladra, ladrona, ladroa
melro – mélroa, melra
motor – motora, motriz (adj.)
pardal – pardoca, pardaloca, pardaleja
parvo – párvoa, parva
polonês – polonesa, polaca
varão – varoa, virago, matrona
vilão – vilã, viloa

OBSERVAÇÃO: As orações, os grupos de palavras, as palavras e suas partes tomadas materialmente são consideradas como do número singular e do gênero masculino: É bom *que estudes*; *o sim*; *o não*; *o re-*, etc.

Aumentativos e diminutivos – Os substantivos apresentam-se com a sua significação aumentada ou diminuída, auxiliados por sufixos derivacionais:

homem – homenzarrão – homenzinho

A NGB, confundindo flexão com derivação, estabelece dois graus de significação do substantivo:

a) aumentativo: *homenzarrão*
b) diminutivo 31: *homenzinho*

A derivação gradativa do substantivo se realiza por dois processos, numa prova evidente

de que estamos diante de um processo de derivação, e não de flexão:

a) *sintético* – consiste no acréscimo de um final especial chamado *sufixo derivacional aumentativo* ou *diminutivo*: homenzarrão, homenzinho;

b) *analítico* – consiste no emprego de uma palavra de aumento ou diminuição (grande, enorme, pequeno, etc.) junto ao substantivo: *homem grande*, *homem pequeno*.

A flexão se processa de modo sistemático, coerente e obrigatório em toda uma classe homogênea, fato que não ocorre na derivação, o que já levara o gramático e erudito romano Varrão a considerá-la uma *derivatio voluntaria*.

Aumentativos e diminutivos afetivos 32 – Fora da ideia de tamanho, as formas aumentativas e diminutivas podem traduzir o nosso desprezo, a nossa crítica, o nosso pouco caso para certos objetos e pessoas, sempre em função da significação lexical da base, auxiliados por uma entoação especial (eufórica, crítica, admirativa, lamentativa, etc.) e os entornos que envolvem falante e ouvinte:

poetastro, *politicalho*, *livreco*, *padreco*, *coisinha*, *issozinho*

Dizemos então que os substantivos estão em sentido pejorativo.

A ideia de pequenez se associa facilmente à de carinho que transparece nas formas diminutivas das seguintes bases léxicas:

paizinho, mãezinha, queridinha

Função sintática do substantivo – Quanto à função sintática, o substantivo exerce por excelência a função de sujeito (ou seu núcleo) da oração e, no domínio da constituição do predicado, as funções de objeto direto, complemento relativo, objeto indireto, predicativo, adjunto adnominal e adjunto adverbial. Em geral, na função de sujeito e de objeto direto dispensa o substantivo o concurso de qualquer outro elemento; nas outras, acompanha-se de índice funcional.

Toda palavra, parte da palavra ou toda unidade linguística de maior extensão – a oração e o texto inclusive – considerada materialmente, como "objetos substantivos" vale por um substantivo, na metalinguagem. Assim, em ***João** é oxítono, **re**-é um prefixo, o **hoje** e o **amanhã*** o que temos são elementos significantes da linguagem primária (isto é, a linguagem cujo objeto é a realidade não linguística) que se podem converter em nomes de si mesmos – e, portanto, em "substantivos" – no plano da metalinguagem do discurso (isto é, a linguagem cujo objeto é uma linguagem), vale dizer, no emprego metalinguístico da linguagem. Em *o **não*** ou *o **ai!*** não temos "substantivações" de advérbio ou de interjeição, mas substantivos metalexicalizados. Em *O **dlim-dlão** dos sinos acordou-me cedo,* não temos uma onomatopeia a funcionar como sujeito; no exemplo, *dlim-dlão* já não é uma onomatopeia (repare-se que só o substantivo ou equivalente funciona como sujeito), mas o seu nome expresso por substantivo designativo do som que o sino emite. É o que a escolástica chamava *suppositio materialis* [ECs.12, 107; HCv.2, 189].

Grafia dos nomes próprios estrangeiros – As ciências, as artes, a cultura, em geral, e o contato intenso entre nações fazem circular uma multiplicidade de nomes próprios estrangeiros, quer antropônimos, quer topônimos. A tradição literária – mais lusitana que brasileira – prefere, quando possível, aportuguesar, nos antropônimos, o prenome, deixando intacto o sobrenome: *Emílio Zola, Ernesto Renan, Renato Descartes, Antônio Meillet, Frederico Diez.* Todavia, também é possível a manutenção integral do nome estrangeiro: *Antoine Meillet*, *John Milton*, *Juan de Mena.*

Há outros que tradicionalmente são mantidos intactos: *William Shakespeare*, *Johann Wolfgang von Goethe*, *Giovanni Boccaccio*, *Wolfgang Amadeus Mozart*.

Particular atenção merecem os nomes latinos que, por imitação francesa, aparecem com a terminação *-us* do nominativo, quando deveriam ter *-o*: *Bruto* (e não *Brutus*), *Júnio* (e não *Junius*), *Quintílio* (e não *Quintilius*) [MBa.7, 252 - 253].

Maiores adeptos do aportuguesamento, especialmente em Portugal, angariam os topônimos, principalmente quando já correram entre escritores desde os séculos XV e XVI. Assim, é pacífica nos dois países (já que os países independentes de expressão oficial portuguesa acertam o passo com a lição e prática dos lusitanos) a aceitação de *Londres* (e não *London*), *Viena* (e não *Wien*), *Florença* (e não *Firenze*), *Colônia* (e não *Köln*), *Mogúncia* (e não *Mainz* ou *Mayence*), ao lado de outras de difícil aportuguesamento, como *Washington, Windsor, Civitàvecchia, St. Etienne.*

Para brasileiros soam estranhos aportuguesamentos como *Moscovo, Aquisgrano* (Aix-la-Chapelle ou Aachen), *Bona* (Bonn), *Vratislávia* (Breslau), *Cambrígia* (Cambridge), *Francoforte* (Frankfurt), *Glásgua* (Glasgow), entre outros, embora várias propostas tenham aceitação unânime: *Antuérpia* (para *Anvers*), *Avinhão* (*Avignon*), *Basileia* (*Bâle ou Basel*), *Berna* (*Berne*), *Cornualha* (*Cornwall*), *Cracóvia* (*Kraków*), *Leida* (*Leyden*), *Nimega* (*Nijmegen*), *Nova Iorque* (*New York*), *Zurique (Zurich*).

2 – ADJETIVO

Adjetivo – é a classe de lexema que se caracteriza por constituir a *delimitação*, isto é, por caracterizar as possibilidades designativas do substantivo, orientando delimitativamente a referência a uma *parte* ou a um *aspecto* do denotado.

O adjetivo pertence a um inventário aberto, sempre suscetível de ser aumentado. A estrutura interna ou constitucional do adjetivo consiste, nas línguas flexivas, na combinação de um signo lexical expresso pelo radical com signos morfológicos expressos por desinências e alternâncias, ambas destituídas de existência própria fora dessas combinações. No português, entre as desinências está a marca de gradação, isto é, o grau absoluto ou relativo da parte, ou aspecto ("qualidade") significado no radical, (*belo – belíssimo*), bem como afixos de gênero e de número. A relação gramatical instaurada entre o signo delimitador e o signo delimitado é geralmente expressa pela "concordância".

A delimitação apresenta distinções; pode ser *explicação*, *especialização* e *especificação*, expressas por instrumentos verbais correspondentes: os *explicadores*, os *especializadores* e

os *especificadores*. Os explicadores destacam e acentuam uma característica inerente do nomeado ou denotado. Os especializadores marcam os limites extensivos ou intensivos pelos quais se considera o determinado, sem isolá-lo nem opô-lo a outros determináveis capazes de caber na mesma denominação. Os especificadores restringem as possibilidades de referência de um signo, ajuntando-lhe notas que não são inerentes a seu significado.

Junto a virtuais, os especificadores delimitam dentro das classes correspondentes outras classes menos amplas (p. ex. *homem* / *homem branco*). Aplicados a atuais, apresentam os objetos denotados como pertencentes a classes que, por sua vez, se consideram incluídas em classes mais extensas (cf. um *menino louro* pertence à classe "menino louro", que é membro da classe "menino"). Este tipo de determinação Coseriu chama *especificação distintiva*.

Formalmente análoga à especificação distintiva, mas muito diferente no que toca ao funcional, é a *especificação informativa* ou *identificação*, que é um tipo autônomo de determinação, expresso pelos instrumentos *identificadores*. Consiste a identificação na especificação do significado de uma forma "multívoca" para garantir sua compreensão por parte do ouvinte atual ou eventual. Não é a identificação um processo que se realiza com *significados*, como a delimitação, mas com *formas*, e com vista à *atribuição do significado*, isto é, é um processo para que as formas se tornem *inequívocas* ao ouvinte.

Instrumentos gramaticais da determinação nominal – Os instrumentos verbais da determinação nominal são expressos por palavras dotadas de significado categorial e léxicos compreendidas pelos adjetivos, locuções adjetivas, orações adjetivas e nomes em aposição, que se aplicam tanto a nomes virtuais quanto a atuais.

São exemplos de:

a) *delimitadores explicadores*: ***o vasto*** *oceano*, ***as líquidas*** *lágrimas*

b) *delimitadores especializadores*: *a vida* ***inteira***, *o sol* ***matutino***, *o dia* ***no ocaso***, *o céu* ***austral***, *o homem* ***como sujeitos pensantes***, *Camões* ***como poeta***.

c) *delimitadores especificadores* (especificação distintiva): *castelo* ***medieval***, *menino* ***louro***, *aves* ***aquáticas***, *o presidente* ***da República***, *o médico* ***de família***.

São exemplos de determinação *identificadora*: *folha* ***de papel***, *folha* ***de zinco***, *quadro* ***de futebol***, *quadro* ***de parede***, *língua-**idioma***, *língua-**órgão,*** *o real* ***moeda***, *homem* ***homem*** (e não *homem* ser humano).

Os identificadores podem ser ocasionais (Caxias, *Maranhão*), usuais (São Lourenço *do Sul*), ou constantes (*Nova* York, Porto *Alegre*). Os identificadores usuais e constantes, como partes integrantes de um signo, constituem, com seus determinados, verdadeiros *nomes compostos*, embora normalmente dissociáveis, no caso dos identificadores usuais, em virtude de circunstâncias do falar a que Coseriu chama *entornos*.

Assim, se o falante estiver no Maranhão, escusará dizer *Caxias*, *Maranhão*, mas tão somente *Caxias*, como o habitante de *São Lourenço do Sul* usará apenas *São Lourenço*, dentro do mesmo entorno.

OBSERVAÇÃO: Outros instrumentos verbais podem, sozinhos ou acompanhados de adjetivo, exercer a função de delimitadores nominais. Entretanto, com os adjetivos propriamente ditos não se confundem, porque não possuem significação lexical (ou,

como vimos atrás, quando a apresentam, têm significado lexical genérico, o que ocorre com certos pronomes), e integram um inventário fechado: são pronomes adjuntos (a que a gramática tradicional chamava "adjetivos determinativos": *possessivos*, *demonstrativos*, *indefinidos*) e, intimamente relacionados com estes últimos, os *numerais*.

NOTA DE NOMENCLATURA: Os gramáticos antigos gregos e latinos reuniam substantivos e adjetivos numa só classe, a dos *nomes*, como ainda fazem alguns gramáticos de línguas estrangeiras (ingleses, por exemplo). Só na Idade Média se fez a distinção entre nomes substantivos e nomes adjetivos. Isto porque um mesmo objeto pode ser apreendido ou como objeto absoluto e independente (isto é, substância afetada por um acidente: *o forte* ***amor***), ou como objeto dependente (inerente a um sujeito: *o homem* ***amoroso***). Daí, com frequência, poder o mesmo significante ocorrer com um ou outro desses valores: ***alto*** *monte* – ***o alto*** *do monte*. Assim também expressões inteiras, inclusive orações, podem "substantivar-se", vale dizer, podem passar a exercer funções que os substantivos exercem; daí as chamadas orações subordinadas substantivas: *Desejo teu* ***progresso*** / *Desejo* ***que progridas*** [ECs.1, 291-308; HVc.1, 427-428]. Por outro lado, uma oração adjetiva não introduzida pelos conectores *cujo* e *o qual* pode voltar a substantivar-se mediante a anteposição do artigo, se se elide o substantivo antecedente: *Não sei* ***o que tem de verdade nisso***, onde a oração transposta de adjetivo passa a substantivo para exercer a função de objeto direto em relação ao predicado *não sei*. Chamar ao *o* (*a, os, as*) pronome demonstrativo é mascarar a substantivação.

Locução adjetiva – é a expressão formada de preposição + substantivo ou equivalente com função de adjetivo:

Homem de *coragem* = homem *corajoso*
Livro *sem capa* = livro *desencapado*
"Era uma noite medonha,
Sem estrelas, *sem luar*" [GD]
Homem *de cor*
Escritores *de hoje*

Note-se que nem sempre encontramos um adjetivo de significado perfeitamente idêntico ao de locução adjetiva:

Colega de turma

A língua poética é mais receptiva ao emprego do adjetivo que exprime matéria em lugar da locução adjetiva:

áureas *estátuas* – *estátuas* ***de ouro***
nuvens ***plúmbeas*** – *nuvens* ***de chumbo***
colunas ***marmóreas*** – *colunas* ***de mármore***

Substantivação do adjetivo – Certos adjetivos são empregados sem qualquer referência a nomes expressos como verdadeiros substantivos. A esta passagem de adjetivos a substantivos chama-se substantivação:

"A vida é combate
que os *fracos* abate,
que os *fortes*, os *bravos*,
só pode exaltar" [GD].

Nestas substantivações, o adjetivo prescinde do substantivo que o podia acompanhar, ou então é tomado em sentido muito geral e indeterminado, não marcado, caso em que se usa o masculino (à maneira do neutro latino, mas não do neutro em português, que não existe):[33]

O ***bom*** da história é que não houve fim.
O ***engraçado*** da anedota passou despercebido.
O ***triste*** do episódio está em que a vida é assim.

Flexões do adjetivo – O adjetivo se combina com certos signos gramaticais para manifestar o *número*, o *gênero* e o *grau*. O grau, entretanto, não constitui, no português, um processo gramatical e, assim, deve ser excluído da nossa descrição como tal, à semelhança do que já fazem gramáticas de outras línguas românicas. O grau, com estas reservas, figura aqui, por ter sido ainda contemplado pela NGB. A gradação em português, tanto no substantivo quanto no adjetivo, se manifesta por procedimentos sintáticos, e não morfológicos, como o era em latim, ou por sufixos derivacionais.

Número do adjetivo – O adjetivo acompanha o número do substantivo a que se refere: *aluno estudioso*, *alunos estudiosos*.

O adjetivo, portanto, conhece os dois números que vimos no substantivo: o *singular* e o *plural*.

Formação do plural dos adjetivos – Aos adjetivos se aplicam, na maioria dos casos, as mesmas regras de plural dos substantivos.

Alguns poucos adjetivos, como já ocorreu nos substantivos, se mostram indiferentes à marca de número, servindo indistintamente para a indicação do singular ou plural: *simples*, *isósceles*, assim:

critério *simples* / solução *simples*
caráter *assim* / coragem *assim*

Quanto aos adjetivos compostos, lembraremos que normalmente só o último varia, quando formados por dois adjetivos:

amizades luso-brasileiras, reuniões lítero-musicais
saias verde-escuras, folhas azul-claras

Variam ambos os elementos, entre outros exemplos, *surdo-mudo*: *surdos-mudos*.

Com exceção dos casos mais gerais, não tem havido unanimidade de uso no plural dos adjetivos compostos, quer na língua literária, quer na variedade espontânea da língua. A dificuldade fica ainda acrescida pelo fato de uma mesma forma poder ser empregada como adjetivo ou como substantivo, e a cada uma dessas funções são atribuídos plurais distintos, especialmente nos dicionários. As denominações de cores é que mais chamam a nossa atenção neste particular. Assim, para *verde-claro* como substantivo, se atribui o plural *verdes-claros* e, como adjetivo, *verde-claros*; já *verde-azul*, substantivo ou adjetivo, é assinalado com o plural *verde-azuis*.

Se o 2.º elemento é um substantivo (*verde-abacate*, *verde-água*), o composto admite dois plurais: *verdes-abacates* e *verdes-abacate*; *verdes-águas* e *verdes-água*.

O melhor, nestes casos, será apelar para as nossas tradicionais maneiras de adjetivar, com o auxílio da preposição *de* ou das locuções *de cor*, *de cor de* ou, simplesmente, *cor de* [SS.3, 74]: *olhos de verde-mar*, *ramagens de cor verde-garrafa*, *luvas de cor de pele*, *olhos cor de safira*, *olhos verdes da cor do mar*.

Mário Barreto, lembrando a possibilidade da elipse da preposição *de* ou da locução *cor de*, recomenda a invariabilidade do substantivo empregado adjetivamente, em *fitas creme*,

luvas café, isto é, fitas de cor de creme, e rejeita *fitas cremes*, *luvas cafés* [MBa.1, 375-377]. Ensina ainda que, sendo frequente o emprego do nome do objeto colorido para expressar a cor desse mesmo objeto: *o* ***lilá*** *pálido*, *um* ***violeta*** *escuro*, aplicando-se aos nomes *lilá*, *violeta* o gênero masculino na acepção da cor: "Prefiro o *rosa* ao *violeta*", em vez de "Prefiro *a* rosa à violeta", oração que pode ser entendida de maneira ambígua.

Gênero do adjetivo – O adjetivo concorda também em gênero com o substantivo a que se refere. Conhece, assim, os gêneros comuns ao substantivo: *masculino* e *feminino*. Todavia, esta distinção (em gênero e em número) tem diferente valor referencial no substantivo e no adjetivo; no substantivo, o gênero e o número modificam a referência, enquanto no adjetivo designam sempre a mesma qualidade e só se explicam como simples repercussão da relação sintática (concordância) que se instaura entre o determinado e o determinante, nada acrescentando semanticamente. Diferente de *menino* / *menina*, o adjetivo *estudioso* / *estudiosa* não assinala *menino* como da classe dos machos nem *menina* da classe das fêmeas.

Formação do feminino dos adjetivos – Os adjetivos *uniformes* são os que apresentam uma só forma para acompanhar substantivos masculinos e femininos. Geralmente estes uniformes terminam em *-a*, *-e*, *-l*, *-m*, *-r*, *-s* e *-z*:

povo *lusíada*	–	nação *lusíada*
breve exame	–	*breve* prova
trabalho *útil*	–	ação *útil*
objeto *ruim*	–	coisa *ruim*
estabelecimento *modelar*	–	escola *modelar*
homem *audaz*	–	mulher *audaz*
conto *simples*	–	história *simples*

Exceções principais: *andaluz*, *andaluza*; *bom*, *boa*; *chim*, *china*; *espanhol*, *espanhola*.

Quanto aos *biformes*, isto é, que têm uma forma para o masculino e outra para o feminino, os adjetivos seguem de perto as mesma regras que apontamos para os substantivos. Lembraremos aqui apenas os casos principais:

a) Os terminados em *–ês*, *-or*, e *–u* acrescentam no feminino um *a*, na maioria das vezes.

chinês, *chinesa*; *lutador*, *lutadora*; *cru*, *crua*.

EXCEÇÕES: 1) *cortês*, *descortês*, *montês* e *pedrês* são invariáveis; 2) *incolor*, *multicor*, *sensabor*, *maior*, *melhor*, *menor*, *pior* e outros são invariáveis. Outros em *-dor* ou *-tor* apresentam-se em *-triz*: *motor*, *motriz* (a par de *motora*, conforme vimos nos substantivos); outros terminam em *-eira*: *trabalhador*, *trabalhadeira* (a par de *trabalhadora*). *Superiora* (de convento) usa-se como substantivo. 3) *hindu* é invariável; *mau* faz *má*.

b) Os terminados em *-eu* passam, no feminino, a *-eia*:

europeu, *europeia*; *ateu*, *ateia*.

EXCEÇÕES: *judeu – judia*; *sandeu – sandia*
tabaréu – tabaroa; *réu – ré*.

c) Alguns adjetivos, como já ocorreu nos substantivos, apresentam uma forma teórica básica do feminino singular com vogal aberta que estará presente também no plural; no masculino esta vogal aberta passa a fechada:

laborioso (ô), *laboriosa* (ó); *disposto* (ô), *disposta* (ó).

Este procedimento de partir do timbre da vogal tônica aberta do feminino para o fechamento da vogal do masculino, e não o inverso, explica-se pelo fato de que há adjetivos em que a vogal tônica fechada do masculino se mantém fechada também no feminino: *encantada*, *encantadora*, *português*, *portuguesa*.

Gradação do adjetivo – Há três tipos de gradação na qualidade expressa pelo adjetivo: *positivo*, *comparativo* e *superlativo*, quando se procede a estabelecer relações entre o que são ou se mostram duas ou mais pessoas. Como já dissemos, a gradação em português se expressa por mecanismo sintático ou derivacional:

O POSITIVO, que não se constitui a rigor numa gradação, enuncia simplesmente a qualidade:

O rapaz é *cuidadoso*.

O COMPARATIVO compara qualidade entre dois ou mais seres, estabelecendo:

a) uma *igualdade*:

O rapaz é *tão cuidadoso quanto* (ou *como*) *os outros*.

b) uma *superioridade*:

O rapaz é *mais cuidadoso que* (ou *do que*) *os outros*.

c) uma *inferioridade*:

O rapaz é *menos cuidadoso que* (ou *do que*) *os outros*.

O SUPERLATIVO pode:

a) ressaltar, com vantagem ou desvantagem, a qualidade do ser em relação a outros seres:

O rapaz é *o mais cuidadoso dos* (ou *dentre os*) *pretendentes ao emprego*.

O rapaz é *o menos cuidadoso dos pretendentes*.

b) indicar que a qualidade do ser ultrapassa a noção comum que temos dessa mesma qualidade:

O rapaz é *muito cuidadoso*.

O rapaz é *cuidadosíssimo*.

No primeiro caso, a *qualidade* é ressaltada em relação ou comparação com os outros pretendentes. Diz-se que o *superlativo* é *relativo*.

Forma-se o *superlativo relativo* do mesmo modo que o comparativo de superioridade ou inferioridade antecedido sempre do artigo definido e seguido de sintagma preposicional iniciado por *de* (ou *dentre*): *o mais... de* (ou *dentre*), *o menos... de* (ou *dentre*).

No segundo caso, a superioridade é ressaltada sem nenhuma relação com outros seres. Diz-se que o *superlativo* é *absoluto* ou *intensivo*.

O superlativo absoluto pode ser *analítico* ou *sintético*.

Forma-se o analítico com a anteposição de palavra intensiva (*muito*, *extremamente*, *extraordinariamente*, etc.) ao adjetivo: *muito cuidadoso*. Na modalidade espontânea, mesmo

em literatura, pode-se obter a manifestação afetiva do superlativo mediante a repetição do adjetivo: *Ela é linda linda*. Ou do advérbio: *Ela é muito muito linda*.

O *sintético* é obtido por meio do sufixo derivacional *-íssimo* (ou outro de valor intensivo) acrescido ao adjetivo na forma positiva, com a supressão da vogal temática, quando o exigirem regras morfofonêmicas: *cuidadosíssimo*.

Quanto ao aspecto semântico, *cuidadosíssimo* diz mais, é mais *enfático* do que *muito cuidadoso*. O sufixo *-íssimo* é recente na longa história do português e se deve a um empréstimo do latim, durante o Renascimento, com o auxílio do italiano, responsável pela recuperação do sufixo. Na linguagem coloquial, se desejamos que o superlativo absoluto analítico seja mais enfático, costumamos repetir a palavra intensiva: *Ele é muito mais cuidadoso*, ou se buscam efeitos expressivos mediante a ajuda de criações sufixais imprevistas como *-ésimo*.

O meio termo entre estes dois superlativos (*muito cuidadoso – cuidadosíssimo*) é obtido com a fórmula: *mais do que cuidadoso*, *menos de*:

> "Estas e outras arguições, complicadas com os procedimentos *mais do que ásperos* da expulsão do coleitor Castracani em 1639, não concorreram pouco para alienar de todo o ânimo das populações..." [RS.2, IV, 75-6].
> "Tomou o estudante uma casa *menos de* modesta, fora de portas em Santo Antônio dos Olivais" [CBr.6, 107].

Alterações gráficas no superlativo absoluto – Ao receber o sufixo intensivo, o adjetivo pode sofrer certas modificações na sua forma:

a) os terminados em *-a*, *-e*, *-o* perdem essas vogais:

cuidadosa – cuidadosíssima
elegante – elegantíssimo
cuidadoso – cuidadosíssimo

b) os terminados em *-vel* mudam este final para *-bil*:

terrível – terribilíssimo
amável – amabilíssimo

c) os terminados em *-m* e *-ão* passam, respectivamente, a *-n* e *-an*:

comum – comuníssimo
são – saníssimo

d) os terminados em *-z* passam esta consoante a *-c*:

feroz – ferocíssimo
sagaz – sagacíssimo

Há adjetivos que não alteram sua forma, como é o caso dos terminados em *-u*, *-l* (exceto *-vel*), *-r*:

cru – cruíssimo; fácil – facílimo – facilíssimo; regular – regularíssimo

Afora estes casos, outros há onde os superlativos se prendem às formas latinas. Apontemos os mais frequentes:

acre – acérrimo
amargo – amaríssimo
amigo – amicíssimo
antigo – antiquíssimo
magnífico – magnificentíssimo
magro – macérrimo
malédico – maledicentíssimo
malévolo – malevolentíssimo

áspero – aspérrimo

benéfico – beneficentíssimo

benévolo – benevolentíssimo

célebre – celebérrimo

célere – celérrimo

cristão – cristianíssimo

cruel – crudelíssimo

difícil – dificílimo

doce – dulcíssimo

fiel – fidelíssimo

frio – frigidíssimo

geral – generalíssimo

honorífico – honorificentíssimo

humilde – humílimo

incrível – incredibilíssimo

inimigo – inimicíssimo

íntegro – integérrimo

livre – libérrimo

maléfico – maleficentíssimo

mísero – misérrimo

miúdo – minutíssimo

negro – nigérrimo

nobre – nobilíssimo

parco – parcíssimo

pessoal – personalíssimo

pobre – paupérrimo

pródigo – prodigalíssimo

público – publicíssimo

provável – probabilíssimo

sábio – sapientíssimo

sagrado – sacratíssimo

salubre – salubérrimo

soberbo – superbíssimo

simples – simplicíssimo

tétrico – tetérrimo

Ao lado do superlativo à base do termo latino, pode circular o que procede do adjetivo acrescido da terminação *–íssimo*:

agílimo – agilíssimo

antiquíssimo – antiguíssimo

crudelíssimo – cruelíssimo

dulcíssimo – docíssimo

facílimo – facilíssimo

humílimo – humildíssimo, humilíssimo

macérrimo – magríssimo

nigérrimo – negríssimo

parcíssimo – parquíssimo

paupérrimo – pobríssimo

OBSERVAÇÃO: Chamamos a atenção para as palavras terminadas em *-io* que, na forma sintética, apresentam dois *is*, por seguirem a regra geral da queda do *-o* final para receber o sufixo:

cheio → cheiíssimo, cheiinho
feio → feiíssimo, feiinho
frio → friíssimo, friinho
necessário → necessariíssimo
precário → precariíssimo
sério → seriíssimo, seriinho
sumário → sumariíssimo
vário → variíssimo

OBSERVAÇÃO: A tendência da língua à fuga ao hiato leva a que apareçam formas com fusão dos dois ii, embora num ou noutro

adjetivo a eufonia impede a mudança: **fríssimo*, **varíssimo*, por exemplo, embora Dias Gomes (séc. XVIII) escrevesse *propríssimo*. Ainda que escritores usem formas com um só *i* (*cheíssimo*, *cheinho*, *feíssimo*, *seríssimo*, etc.), a língua padrão insiste no atendimento à manutenção dos dois ii.34

Comparativos e superlativos irregulares – Afastam-se dos demais na sua formação de comparativo e superlativo os adjetivos seguintes:

	Comparativo de superioridade	*Superlativo*	
Positivo		*absoluto*	*relativo*
bom	melhor	ótimo	o melhor
mau	pior	péssimo	o pior
grande	maior	máximo	o maior
pequeno	menor	mínimo	o menor

Não se diz *mais bom* nem *mais grande* em vez de *melhor* e *maior*; mas podem ocorrer *mais pequeno*, *o mais pequeno*, *mais mau*, por *menor*, *o menor*, *pior*. Também se podem empregar *bom* e *grande* nas expressões *mais ou menos grande*, *mais ou menos bom*, pois que os tais adjetivos se regulam pela última palavra:

> "Os poemas completos do desterrado do Ponto, todas as literaturas europeias os ambicionavam, e os meteram em si, com *mais ou menos boa* mão" [AC *apud* MBa.1, 249].

Note-se o jogo de alternância de *mais pequeno* e *menor* em:

> "Em matéria de amor-próprio o *mais pequeno* inseto não o tem *menor* que a baleia ou o elefante" [MM.1, 151].

É ainda oportuno lembrar que às vezes *bom* e *mau* constituem com o substantivo seguinte uma só lexia, uma só unidade léxica, de modo que, nesta situação, podem ser modificados pelos advérbios *mais*, *menos*, *melhor*, *pior*, que passam a referir-se a toda a expressão: *homem de mais mau-caráter*, *pessoa de menos más intenções*, *palavras da melhor boa-fé*:

> "Pode ser que ele ainda venha para ti com o coração purificado, e o tributo da mocidade avaramente pago. *Mais bom marido* será então" [CBr *apud* MBa.5, 241-242].

Ao lado dos superlativos *o maior*, *o menor*, figuram ainda *o máximo* e *o mínimo* que se aplicam a ideias abstratas e aparecem ainda em expressões científicas, como *a temperatura máxima*, *a temperatura mínima*, *máximo divisor comum*, *mínimo múltiplo comum*, *nota máxima*, *nota mínima*.

Em lugar de *mais alto* e *mais baixo* usam-se os comparativos *superior* e *inferior*; por *o mais alto* e *o mais baixo*, podemos empregar os superlativos *o supremo* ou *o sumo*, e *o ínfimo*.

Comparando-se duas qualidades ou ações, empregam-se *mais bom*, *mais mau*, *mais grande* e *mais pequeno* em vez de *melhor*, *pior*, *maior*, *menor*:

> *É mais bom do que mau* (e não: *é melhor do que mau*).
> *A escola é mais grande do que pequena.*
> *Escreveu mais bem do que mal.*
> *Ele é mais bom do que inteligente.*

Por fim, assinalemos que, depois dos comparativos em *-or* (*superior*, *inferior*, *anterior*,

posterior, *ulterior*), se usa a preposição *a*:

*Superior **a** ti*, *inferior **ao** livro*, *anterior **a** nós*

Repetição de adjetivo com valor superlativo – Na linguagem coloquial, pode-se empregar, em vez do superlativo, a repetição do mesmo adjetivo:

O dia está *belo belo* (= belíssimo).

Ela era *linda linda* (= lindíssima).

Proferindo-se estas orações, dá-se-lhes um tom de voz especial para melhor traduzir a ideia superlativa expressa pela repetição do adjetivo. Geralmente consiste na pausa demorada na vogal da sílaba tônica.

Comparações em lugar do superlativo – Para expressarmos mais vivamente o elevado grau de uma qualidade do ser, empregamos ainda comparações que melhor traduzem a ideia superlativa:

Pobre como Jó (= paupérrimo), *feio como a necessidade* (feiíssimo), *claro como água*, *escuro como breu*, *esperto como ele só*, *malandro como ninguém.*

Usam-se ainda certas expressões não comparativas: *podre de rico*, *feio a mais não poder*, *grande a valer*.

Adjetivos diminutivos – As formas diminutivas de adjetivos podem (precedidas ou não de *muito*, *mais*, *tão*, *bem*) adquirir valor de superlativo:

Blusa amarelinha, *garoto bonitinho*; "É bem *feiozinho*, benza-o Deus, o tal teu amigo!" [AAz].

No estilo coloquial não é raro o reforço deste emprego do diminutivo mediante as locuções *da Silva*, *da Costa* (cf. BF, XVII, 1 – 2, 197).

3 – Artigo

Artigo – Chamam-se *artigo definido* ou simplesmente *artigo **o**, **a**, **os**, **as*** que se antepõem a substantivos, com reduzido valor semântico demonstrativo e com função precípua de adjunto desses substantivos.

A tradição gramatical tem aproximado este verdadeiro artigo de ***um***, ***uns***, ***uma***, ***umas***, chamados *artigos indefinidos*, que se assemelham a ***o***, ***a***, ***os***, ***as*** pela mera circunstância de também funcionarem como adjunto de substantivo, mas que do autêntico artigo diferem pela origem, tonicidade, comportamento no discurso, valor semântico e papéis gramaticais.

Pela origem, porque *o*, *a*, *os*, *as* se prendem a antigo demonstrativo latino (*illum*, *illa*) – o que lhes garante o valor de demonstrativo atenuado –, enquanto *um*, *uma*, *uns*, *umas* representam emprego especial de generalização do numeral *um*. Pela tonicidade, porque, sendo um vocábulo eminentemente átono, não pode funcionar sozinho na oração, como o faz o chamado artigo indefinido que, neste papel, só não se confunde com o pronome indefinido

pelo auxílio que lhe emprestam os entornos linguísticos. Do ponto de vista semântico e consequentes resultados nas funções gramaticais, está o primordial valor *atualizador* do artigo, de que decorrem os demais valores contextuais: 35 o artigo definido identifica o objeto designado pelo nome a que se liga, delimitando-o, extraindo-o de entre os objetos da mesma classe, como aquele que já foi (ou será imediatamente) conhecido do ouvinte – quer através do discurso (que dele faz menção), quer pela "dêixis" (que o mostra, ordenando-o espacial e temporalmente), quer pelo contexto idiomático, no qual a palavra é, quando não ulteriormente determinada, nome de conceito ou de toda uma classe de objetos (assim, "o homem é um animal racional" equivale a "aquilo que conhecemos pela palavra *homem*...") [HCv.1, 2, 1427].

Deste valor atualizador decorre o fato sintático de o artigo ser dispensado quando tal valor já vem expresso por outro identificador adnominal, seja demonstrativo (*este homem*), seja possessivo (*meu livro*), seja por equivalente a este valor, ou antes de um nome próprio, já por si atual e individual. No português, em que a presença do artigo junto ao possessivo adnominal tem sido marcado por um progressivo emprego da fase antiga à moderna, o uso do artigo em "***o** meu livro*" é redundante, e, poderíamos repetir a classificação de um velho filólogo lembrado por Pacheco Júnior: muleta gramatical [PJ.1, 141].

Outra função é a da substantivação: qualquer unidade linguística, do texto ao morfema, pode substantivar-se quando é nome de si mesma, tomada materialmente: "***o** o* é artigo", "***o** este* é dissílabo", "não sabe ***o** como me agradar*", "***o** per-* é um prefixo".

Este fato e a força identificadora contribuem para a possibilidade de calar o nome já antes anunciado ou, se não antes anunciado no discurso, conhecido e identificado pelo falante e pelo ouvinte: "***o** livro de Edu* e ***o** teu*", "***a** blusa* branca e ***a*** azul", "***a** blusa* branca e ***aquela** azul*", etc. Tal possibilidade criou a diferença, na nomenclatura gramatical, entre *o* "artigo" e *o* "pronome demonstrativo", baseada em dois fatos: o segundo *o* vale semanticamente por *isto*, *isso*, *aquilo*, e por usarem outras línguas, nesta situação, um pronome (*ce* em francês, *quello* em italiano), e não o artigo. Gili Gaya [GG.1] já mostrou que línguas há que preferem, nesta situação, o artigo, enquanto outras preferem formas de demonstrativo.

Ora, isto nos leva a acompanhar os autores (Alarcos Llorach, mais recentemente) que veem como substantivações de orações previamente transpostas a subordinadas adjetivas ("Não sei *o que fazes*", objeto direto de *não sei*) ou adverbiais ("Gostou do *quando o filho se defendeu*", complemento relativo de *gostar*).

Esta omissão do antecedente do relativo é análoga à que se dá em subordinadas de *quem* absoluto ("*Quem tudo quer* tudo perde", e nas interrogativas indiretas ("Não sei *quem virá*", "Não sei *quando virá*"), já classificadas como de valor substantivo desde Epifânio Dias, no final do século passado, e adotadas depois, entre outros, por Said Ali e Mário Pereira de Sousa Lima.

Por fim, cumpre acrescentar que se uma operação determinativa passa a supérflua ou se realiza implicitamente, graças à presença de outros determinadores ou pelo contexto, as unidades específicas empregadas na operação podem servir para outras funções [ECs.3, 292-293]. Coseriu lembra que o artigo empregado junto com um quantificado tem função individuadora (*os dois homens*) e, aplicado a um nome próprio – já atual e individual –, pode

exercer função estilística (*Maria* ao lado de *a Maria*).

Junto de nome não marcado por gênero e número, pode o artigo ser responsável pela indicação dessas categorias gramaticais: ***o*** *artista*, ***a*** artista; ***o*** *lápis*, ***os*** *lápis*.

Emprego do Artigo Definido

Emprego do artigo definido – De largo uso no idioma, o artigo assume sentidos especialíssimos, graças aos contornos verbais e extraverbais:

a) Junto dos nomes próprios denota nossa familiaridade (neste mesmo caso pode o artigo ser também omitido):

O Cleto talvez falte hoje. O Antônio comunicou-se com o João.

Observação: O uso mais frequente, na linguagem culta, tendo em vista o valor já de si individualizante, dispensa o artigo junto a nomes próprios de pessoas, com exceção dos que se acham no plural. É tradição ainda só antepor artigo a apelidos: *o* Camões, *o* Tasso, *o* Vieira. Modernamente tem-se estendido a presença do artigo antes dos nomes de escritores, artistas e personagens célebres, principalmente quando usado em sentido figurado: *o* Dante, *o* Torquato, *o* Rafael (= o quadro de Rafael). Dizemos, indiferentemente, *Cristo* ou *o Cristo* (ou ainda *o Cristo Jesus*).

b) Costuma aparecer ao lado de certos nomes próprios geográficos, principalmente os que denotam países, oceanos, rios, montanhas, ilhas:

a Suécia, *o* Atlântico, *o* Amazonas, *os* Andes, *a* Groenlândia

Entre nós, dispensam artigo os nomes dos seguintes Estados: *Alagoas*, *Goiás*, *Mato Grosso*, *Minas Gerais*, *Santa Catarina*, *São Paulo*, *Pernambuco* e *Sergipe*.

Nota: Não se acompanham de artigo as denominações geográficas formadas com nomes ou adjetivos: *São Paulo*, *Belo Horizonte*.

Quanto às cidades, geralmente prescindem de artigo. Há, contudo, exceções devidas à influência de seu primitivo valor de substantivo comum: *a* Bahia, *o* Rio de Janeiro, *o* Porto, etc. Continuando a prática de outros idiomas que, por sua vez, se inspiram no árabe *el-Kahira* (a Vitoriosa), dizemos com artigo *o Cairo*.

Recife sempre se disse acompanhado de artigo: *o Recife*. Modernamente, pode dispensá-lo. *Aracaju*, capital de Sergipe, conhece a mesma liberdade.

c) Entra em numerosas alcunhas e cognomes: Isabel, *a Redentora*; D. Manuel, *o Venturoso*; *mas*: *Frederico Barba-roxa*.

d) Aparecem em certos títulos: *o* professor João Ribeiro, *o* historiador Tito Lívio, *o* doutor Sousa.

Observação: É omitido antes dos ordinais pospostos aos títulos: Pedro I, Henrique VIII, João VI.

e) São omitidos nos títulos de *Vossa Alteza*, *Vossa Majestade*, *Vossa Senhoria* e outras denominações, além das formas abreviadas *dom*, *frei*, *são* e as de origem estrangeira, como *Lord*, *Madame*, *Sir* e o latinismo *sóror* ou *soror* (oxítono): *Vossa Alteza passeia*. *Frei Joaquim do Amor Divino Caneca nasceu em Pernambuco*. *Soror* (ou *Sor*) *Mariana Alcoforado foi célebre escritora portuguesa*.

OBSERVAÇÃO: Ensina-nos JOÃO RIBEIRO: "É um galicismo a intercalação do artigo nas fórmulas: *Sua Excelência* ***o*** *deputado*, *Sua Alteza* ***o*** *príncipe*, *Sua Santidade* ***o*** *Papa*. Estes galicismos foram adotados geralmente na língua para evitar fórmulas menos elegantes, como: *a* excelência do Sr. Deputado, *a* alteza do príncipe, como mandaria dizer a vernaculidade" [JR.1, 266-7]. E, em nota, transcreve exemplos que lhe foram apontados pelo colaborador FIRMINIO COSTA, dos quais lembramos:

"... comunicou a coisa à Alteza de el-rei Dom João o III".

f) Dizem-se com artigo os nomes de trabalhos literários e artísticos (se o artigo pertence ao título, há de ser escrito obrigatoriamente com maiúscula):

a Eneida, *a* Jerusalém Libertada, *Os* Lusíadas, *A* Tempestade.

Mesmo quando precedido de preposição fora do título, deve-se modernamente (a tradição não procedia assim) preservar a integridade do artigo incluído na denominação:

No caso de ***Os Lusíadas****...*

Passando os olhos por ***As Cidades e as Serras****.*

Estampou-se ontem em ***O Globo*** *a notícia...*

Às vezes, aparentemente, se juntam dois artigos porque o primeiro tem subentendida a espécie da publicação: "Um artigo meu publicado ***na*** [revista] *A Águia*" [FP *apud* MAg.1, 21]. "***O*** [livro] *A Padaria Espiritual* está sendo caprichosamente confeccionado..." [LM *apud* MAg.1].

A má interpretação deste fato causou o emprego errôneo e pleonástico do artigo em construções do tipo: *A notícia saiu* ***pelas*** *As Grandes Novidades*.

g) São omitidos antes da palavra *casa*, designando residência ou família, nas expressões do tipo: *fui a casa*, *estou em casa*, *venho de casa*, *passei por casa*, *todos de casa*.

OBSERVAÇÃO: Seguido de nome do possuidor ou de um adjetivo ou expressão adjetiva, pode o vocábulo *casa* acompanhar-se de artigo: *Da* (ou *de*) casa de meus pais.

h) Omite-se ainda o artigo junto ao vocábulo *terra*, em oposição a *bordo* (que também dispensa artigo):

Iam de bordo *a* terra.

i) Costuma-se omitir o artigo com a palavra *palácio*, quando desacompanhada de modificador:

"Perguntou o mestre-escola afoitamente à sentinela do paço se o representante nacional, morgado da Agra, estava *em palácio*" [CBr.1, 144].

j) Aparece junto ao termo denotador da unidade quando se expressa o valor das coisas (aqui o artigo assume o valor de *cada*):

Maçãs de poucos cruzeiros *o* quilo.

k) Aparecem nas designações de tempo com os nomes das estações do ano:

Na primavera há flores em abundância. "Em uma tarde do *estio*, à hora incerta e saudosa..." [AH.2, 154].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Se o nome de estação vier precedido de *de*, significando *próprio de*, o artigo é dispensado: Numa manhã *de primavera*.

2.ª) Se a expressão temporal contiver nome de mês, dispensa ainda o artigo: Meu irmão faz anos *em março*.

l) Nas indicações de tempo com a expressão *uma hora*, significando *uma* a *primeira hora*, o emprego do artigo é facultativo:

Era perto *da* uma hora ou Era perto *de* uma hora.

A primeira construção parece ser mais dos portugueses; a segunda dos brasileiros. Por ser mais antiga na língua, fixou-se o emprego do *a* acentuado em expressões como *à uma hora*, etc.

m) É, na maioria dos casos, de emprego facultativo junto a possessivos em referência a nome expresso:

Meu livro ou *o* meu livro

OBSERVAÇÃO: É obrigatório o artigo, quando o possessivo é usado sem substantivo, em sentido próprio ou translato: Bonita casa era *a minha*. Fazer *das suas*. "Vês, peralta? É assim que um moço deve zelar o nome *dos seus*? Pensas que eu e meus avós ganhamos o dinheiro em casa de jogo ou a vadiar pelas ruas?" [MA.1, 57].

Mas sem artigo dizemos várias expressões, como *de meu*, *de seu natural*, linguagens com que traduzimos "os bens próprios de alguém" – a primeira – e "qualidades naturais" – a última:

Nunca tive *de meu*, outro bem maior.

"Bernardes era como estas formosas *de seu natural* que se não cansam com alindamentos, a quem tudo fica bem" [AC].

Dispensa ainda artigo o possessivo que entra em expressões com o valor de *alguns*:

Os Lusíadas têm *suas* dificuldades de interpretação.

Finalmente, na expressão de um ato usual, que se pratica com frequência, o possessivo vem normalmente sem artigo:

Às oito toma *seu* café.

n) Não se repete o artigo em frases como:

O homem mais virtuoso do lugar.

Estaria errado: *O* homem *o* mais virtuoso do lugar.

NOTA – É preciso distinguirmos cuidadosamente este feio erro de uma expressão tradicional e corretíssima que consiste em acrescentar, depois do substantivo determinado por adjetivo, o conjunto *o mais*, que introduzirá uma explicação, um adendo, uma restrição. Às vezes, exprimem-se tais ideias com ênfase, caso em que costumam aparecer, antes de *o mais*, elementos de valor concessivo como *ainda*, *mesmo*, *até*, *posto que*.

A má pontuação (deveria haver vírgula antes do conjunto iniciado por *o mais*) aproxima os dois tipos de expressão e uma análise menos cuidadosa tem feito que se evitem construções corretíssimas.

MARTINZ DE AGUIAR [MAg.1, 309-324] estudou com muita perspicácia os dois modos e assim concluiu a sua lição:

"Para que haja pureza de linguagem, é necessário, é imprescindível, que o substantivo, sem o acréscimo de *o mais*, combine com os outros termos da proposição num sentido cabal, de tal maneira, que possa repetir-se. Sem isso, estamos, iniludivelmente, à vista de um estrangeirismo de sintaxe ou de uma construção anti-idiomática, quer se trate de *o – o*, quer de *um – o*. Não é, pois, correta, esta construção de Gonçalves de Magalhães:

Seu rosto de leite e rosas,
De um contorno o mais perfeito.

Rosto de um contorno perfeito é tudo, *rosto de um contorno* não é nada" [MAg.1, 324].

Assim, estão corretas as seguintes passagens, notando-se, apenas, a ausência de vírgula antes de *o mais* (exemplos extraídos da série apresentada por AGUIAR):

"A inveja te assaltou, e a quem perdoa
Este monstro o maior do escuro Inferno?" [Pe. AGOSTINHO DE MACEDO].

"O método, que *as ciências as mais exatas* seguem nas suas operações" [JERÔNIMO BARBOSA].

"O *a*, este som o mais claro de todos" [CASTILHO ANTÔNIO].

Note-se que nos exemplos apontados poderíamos colocar vírgula, o que não acontece com os que se seguem:

"Tens mil águas cristalinas,
As frutas as mais divinas,
Uma esposa de invejar,
Que mais podes desejar?" [PA]
"Desde a quadra *a mais antiga*
De que rezam os pergaminhos" [FV]

Os poetas quiseram apenas dizer *as frutas mais divinas*, *a quadra mais antiga*.

O tipo "zero determinação" antes do substantivo seguido de *o mais* é menos enfático (*homem o mais alto*), e se valoriza através de uma inversão (*o mais alto homem*)". [Cf. MAg.1, 319-320].

o) Junto às designações de partes do corpo e nomes de parentesco, os artigos denotam a posse:

Traz *a cabeça* embranquiçada pelas preocupações.
Tem *o rosto* sereno, mas as mãos trêmulas
D. Laura (falando à irmã):
"Pois não! quem me podia aconselhar prudência
a não ser a senhora, a filha singular,
que ousa dispor de si dentro do pátrio lar,
sem ouvir *pai* nem *mãe*. Cuida que a sua escolha
basta, sem que primeiro *a* mãe e *o* pai a acolha?" [AC.3, 17].

p) A palavra *todo*, no singular, pode vir ou não seguida de artigo, com os significados de *inteiro*, *total* e *cada*, *qualquer*.

A presença ou ausência do artigo depende de que o substantivo exija ou repudie a antecipação de *o*, *a*, *os*, *as*.

Na língua moderna, *todo o* corre mais no sentido de totalidade, inteireza, ênfase (aqui principalmente com os termos que denotam sentimento: *de todo o coração*, *com todo o gosto*, *com todo o amor*, *com todo o carinho*, etc.):

Toda a família estava no recinto (= a família toda, inteira).

Entretanto, como traço do seu valor semântico indiferenciado ('qualquer' ou 'inteiro'), ainda pode aparecer nos autores modernos *todo o* ao lado de *todo* sem artigo, para expressar a ideia de 'qualquer':

O coração de *todo o* ser humano
Foi concebido para ter piedade [CS.2].

Não costuma dispensar artigo, entre bons escritores, o adjetivo substantivado modificado por *todo*, ainda sendo este último empregado com o sentido de *qualquer*:

Todo o próximo tem direito natural.

Às vezes, aparecem na escrita incertezas no emprego de *todo o* / *todo*, *toda a* / *toda*, em virtude do fenômeno de fonética sintática que funde o -*o*, -*a* finais com *o*, *a* artigo.

Com as designações geográficas, o emprego de *todo o* e *todo* depende de o nome exigir ou não a presença do artigo:

Todo o Brasil. Todo Portugal.

Usam-se, modernamente, com o artigo numerosas expressões em que entra a palavra *todo*:

todo o gênero, todo o mundo, a toda a parte, em toda a parte, por toda a parte, a toda a brida, a todo o galope, a toda a pressa, em todo o caso, a toda a hora, a todo o instante, a todo o momento, a todo o transe, a todo o custo, etc.

No plural, *todos* não dispensa artigo (salvo se vier acompanhado de palavra que exclua este determinante):

Todas as famílias têm bons e maus componentes.

Todas as famílias estavam no recinto.

Todas estas pessoas são nossas conhecidas.

Se exprimimos a totalidade numérica por numeral precedido do elemento reforçativo *todos*, aparecerá artigo se o substantivo vier expresso:

Todos os dois romances são dignos de leitura.

Todas as seis respostas estavam certas.

Se omitirmos o substantivo, não haverá lugar para o artigo:

Fizeram-me seis perguntas. Respondi, acertadamente, *a todas seis*.

q) Aparece o artigo nas enumerações onde há *contraste* ou *ênfase*:

Ficou entre *a vida* e *a morte*.

"As virtudes civis e, sobretudo, o amor da pátria tinham nascido para os godos que, fixando o seu domicílio nas Espanhas, possuíram de pais a filhos *o* campo agricultado, *o* lar doméstico, *o* templo da oração e *o* cemité rio do repouso e da saudade" [AH.1, 5].

"Notaram todos que *a tarde* e *a noite* daquele dia foram as mais tristes horas de Casimiro na sua prisão de dois meses" [CBr.6, 191].

r) Dispensa-se o artigo nos vocativos, na maioria das exclamações e nas datas que apomos aos escritos:

"*Velhice – Amigo*, diz-me um amigo,

Sabe que a boa idade é a última idade" [AO].

Rio, *10 de maio* de 1956.

s) Costuma-se dispensar o artigo depois de *cheirar a*, *saber a* (= ter o gosto de) e expressões sinônimas:

Isto *cheira a* jasmim. Isto *sabe a* vinho.

t) Em frases feitas, aparece o artigo definido na sua antiga forma *lo*, *la*.

"Tenho ouvido os quinhentistas a la moda, e os galiparlas" [CBr.1, 61].

Assim encontramos: *a la fé*, *a la par*, *a la mar*, etc.

Aparece ainda a forma antiga na expressão *el-rei*, que se deve usar sem a anteposição de o, apesar de alguns raros exemplos em contrário, em páginas de autores mais afastados de nós.

Vestígio provável da época em que tinha o artigo a força dêitica de pronome demonstrativo é o seu emprego junto a *que* em construções cristalizadas como *pelo que*, *no que diz respeito*, etc.

Emprego do artigo indefinido – O artigo indefinido pode assumir matizes variadíssimos de sentido: registraremos as seguintes considerações:

a) Usa-se o indefinido para aclarar melhor as características de um substantivo enunciado

anteriormente com artigo definido:

Estampava no rosto o sorriso, *um* sorriso de criança.

b) Procedente de sua função classificadora, *um* pode adquirir significação enfática, chegando até a vir acompanhado de oração com *que* de valor consecutivo, como se no contexto houvesse *um tal*:

O instrumento é de *uma* precisão admirável.

Ele é *um* herói! (compare com: Ele é herói!)

Falou de *uma* maneira, que pôs medo nos corações.

c) Antes de numeral denota aproximação:

Esperou *uma* meia hora (aproximadamente).

Terá *uns* vinte anos de idade.

d) Antes de pronome de sentido indefinido (*certo*, *tal*, *outro*, etc.), dispensa-se o artigo indefinido, salvo quando o exigir a ênfase:

Depois de *certa* hora não o encontramos em casa (e não *uma certa hora*).

Devia, pois, ser melancólico além do exprimível o que aí se passou nessa grade; triste, e desgraçado direi, a julgá-lo pelas consequências, que se vão descrever, com *um certo* pesar em que esperamos tomem os leitores o seu quinhão de pena, se não todos, ao menos aqueles que não dão nada pela felicidade da terra, quando ela implica ofensa ao Senhor do céu" [CBr.4, 223].

Esta dispensa pode ocorrer também antes do advérbio *tão* e certas locuções adverbiais (*com voz surda*), antes do substantivo que funciona como predicativo do verbo *ser* (*Você é homem* de bem).

Modernamente, cremos que mais por valorização estilística do indefinido que por simples e servil imitação do francês36, *um* aparece em casos que se não podem explicar por ênfase. Nestas circunstâncias, tais casos são censurados pela gramática tradicional.

e) *Um* ocorre como correlativo de *outro* em sentido distributivo:

Um irmão ia ao teatro e o *outro*, ao cinema.

OBSERVAÇÃO: Calando-se o substantivo também junto de *um*, ainda dispensamos a anteposição do artigo definido, ao contrário do que fazia o português antigo e do que fazem, por exemplo, o francês e o espanhol:

Um ia ao teatro e *o outro* ao cinema (*o um ... o outro*, no português antigo, *l'un ... l'autre*, *el uno ... el otro*).

f) Note-se a expressão *um como*, empregada no sentido de "uma coisa como", "um ser como", "uma espécie de", onde *um* concorda com o substantivo seguinte:

Fez *um como* discurso. Proferiu *uma como* prática.

A respeito de *uma* pronunciado *ũa*, veja-se o capítulo de ortoepia.

O artigo partitivo – A língua portuguesa de outros tempos empregava *do*, *dos*, *da*, *das*, junto a nomes concretos para indicar que os mesmos nomes eram apenas considerados nas suas partes ou numa quantidade ou valor indeterminado, indefinido:

Não digas *desta* água não beberei.

É o que a gramática denomina *artigo partitivo*. Modernamente, o partitivo não ocorre com a frequência de outrora e, pode-se dizer, quase se acha banido do uso geral, salvo pouquíssimas expressões em que ele se manteve, mormente nas ideias de *comer* e *beber*.

4 – PRONOME

Pronome – é a classe de palavras categoremáticas que reúne unidades em número limitado e que se refere a um significado léxico pela situação ou por outras palavras do contexto.

De modo geral, esta referência é feita a um objeto substantivo considerando-o apenas como pessoa localizada do discurso.

Pessoas do discurso – São duas as pessoas determinadas do discurso: 1.ª *eu* (a pessoa correspondente ao falante) e 2.ª *tu* (correspondente ao ouvinte).37 A 3.ª pessoa, indeterminada, aponta para outra pessoa em relação aos participantes da relação comunicativa.

Do ponto de vista semântico, os pronomes estão caracterizados porque indicam *dêixis* ("o apontar para"), isto é, estão habilitados, como verdadeiros gestos verbais, como indicadores, determinados ou indeterminados, ou de uma dêixis contextual a um elemento inserido no contexto, como é o caso, por exemplo, dos pronomes relativos, ou de uma dêixis *ad oculos*, que aponta ou indica um elemento presente ao falante. A dêixis será *anafórica* se aponta para um elemento já enunciado ou concebido, ou *catafórica*, se o elemento ainda não foi enunciado ou não está presente no discurso.38

A dêixis também envolve, como vimos, o lugar da 3.ª pessoa no discurso, só que de maneira negativa, em relação a *eu* e *tu*, que tem localização definida. Por isso é que línguas há, como o português, que podem fazer, quando isto se impõe, a distinção entre *localização indeterminada* e *localização determinada* ou *imediatamente determinável* ("objeto que se encontra à vista dos falantes": *aquele* / *aquele ali*, *aquela lá*). Acrescenta Coseriu, de quem tomamos a lição, que é por este caráter relativamente indeterminado da 3.ª pessoa que a situação possessiva que lhe corresponde às vezes pode necessitar de ulteriores esclarecimentos: *seu* / *seu mesmo*, *seu próprio*, *seu dele* [ECs.1, 301 n.37].

A localização positiva de *ele* ou *aquele* pode ainda dar-se pelos entornos extralinguísticos ou pelo gesto, que indica a *direção* em que o objeto pode achar-se.39

Os pronomes podem apresentar-se como *absolutos* – capazes de funcionar como núcleo de sintagma nominal, à maneira dos substantivos – ou como *adjuntos* do núcleo, à maneira dos adjetivos, dos artigos e dos numerais, como veremos abaixo.

Classificação dos pronomes – Os pronomes podem ser: *pessoais*, *possessivos*, *demonstrativos* (abarcando o artigo definido), *indefinidos* (abarcando o artigo indefinido), interrogativos e relativos.

PRONOME SUBSTANTIVO E PRONOME ADJETIVO – O pronome pode aparecer em referência a substantivo claro ou oculto:

> *Meu* livro é melhor que o *teu*.

Meu e *teu* são pronomes porque dão ideia de posse em relação à pessoa do discurso: *meu* (1.ª pessoa, a que fala), *teu* (2.ª pessoa, a com que se fala). Ambos os pronomes estão em

referência ao substantivo *livro* que vem expresso no início, mas se cala no fim por estar perfeitamente claro ao falante e ouvinte. Esta referência a substantivo caracteriza a função *adjetiva* ou de *adjunto* de certos pronomes. Muitas vezes, sem que tenha vindo expresso anteriormente, dispensa-se o substantivo, como em: Quero o *meu* e não o *seu* livro (onde ambos os pronomes possessivos são adjetivos).

Já em: *Isto é melhor que aquilo*, os pronomes *isto* e *aquilo* não se referem a nenhum substantivo determinado, mas fazem as vezes dele. São, por isso, pronomes *absolutos* ou *substantivos*.

Há pronomes que são apenas absolutos ou adjuntos, enquanto outros podem aparecer nas duas funções.

Pronomes pessoais – Os pronomes pessoais designam as duas pessoas do discurso e a não pessoa (não *eu*, não *tu*), considerada, pela tradição, a 3.ª pessoa:

1.ª pessoa: *eu* (singular), *nós* (plural),

2.ª pessoa: *tu* (singular), *vós* (plural) e

3.ª pessoa: *ele*, *ela* (singular), *eles*, *elas* (plural).

O plural *nós* indica *eu* mais outra ou outras pessoas, e não *eu* + *eu*. 40

As formas *eu*, *tu*, *ele*, *ela*, *nós*, *vós*, *eles*, *elas*, que funcionam como sujeito, se dizem *retas*. A cada um destes pronomes pessoais retos corresponde um pronome pessoal oblíquo que funciona como complemento e pode apresentar-se em forma átona ou forma tônica. Ao contrário das formas átonas, *as tônicas vêm sempre presas a preposição*:

PRONOMES PESSOAIS RETOS		PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS	
		átonos (sem prep.)	tônicos (c/prep.)
Singular:	1.ª pessoa: *eu*	*me*	*mim*
	2.ª pessoa: *tu*	*te*	*ti*
	3.ª pessoa: *ele*, *ela*	*lhe*, *o*, *a*, *se*	*ele*, *ela*, *si*
Plural:	1.ª pessoa: *nós*	*nos*	*nós*
	2.ª pessoa: *vós*	*vos*	*vós*
	3.ª pessoa: *eles*, *elas*	*lhes*, *os*, *as*, *se*	*eles*, *elas*, *si*

Exemplos de pronomes oblíquos átonos:

"Queixamo-*nos* da fortuna (destino) para desculpar a nossa preguiça" [MM].

"A melhor companhia acha-*se* em uma escolhida livraria" [MM].

Exemplos de pronomes oblíquos tônicos:

"Os nossos maiores inimigos existem dentro *de nós* mesmos: são os nossos erros, vícios e paixões" [MM].

"As virtudes se harmonizam, os vícios discordam *entre si*" [MM].

Se a preposição é *com*, dizemos *comigo*, *contigo*, *consigo*, *conosco*, *convosco*, e não: *com*

mi, *com ti*, *com si*, *com nós*, *com vós*. Empregam-se, entretanto, *com nós* e *com vós*, ao lado de *conosco* e *convosco*, quando estes pronomes tônicos vêm seguidos ou precedidos de *mesmos*, *próprios*, *todos*, *outros*, *ambos*, numeral ou oração adjetiva, a fim de evidenciar o antecedente:

"Há um céu para *nós outros* na imortalidade das nossas obras terrenas" [JR.2, 185].

Com vós todos ou *com todos vós*.

Com vós ambos ou *com ambos vós*.

Pronome oblíquo reflexivo – É o pronome oblíquo da mesma pessoa do pronome reto, significando *a mim mesmo*, *a ti mesmo*, etc.:

Eu *me* vesti rapidamente.

Nós *nos* vestimos.

Eles *se* vestiram.

Pronome oblíquo recíproco – É representado pelos pronomes *nos*, *vos*, *se* quando traduzem a ideia de *um ao outro*, *reciprocamente*:

Nós *nos* cumprimentamos (um ao outro).

Eles *se* abraçaram (um ao outro).

Formas de tratamento – Existem ainda formas substantivas de tratamento indireto de 2.ª pessoa que levam o verbo para a 3.ª pessoa. São as chamadas *formas substantivas de tratamento* ou *formas pronominais de tratamento*: 41

você, vocês (no tratamento familiar)

o Senhor, a Senhora (no tratamento cerimonioso)

A estes pronomes de tratamento pertencem as formas de reverência que consistem em nos dirigirmos às pessoas pelos seus atributos ou qualidades que ocupam:

Vossa Alteza (V. A., para príncipes, duques)

Vossa Eminência (V. Em.ª, para cardeais)

Vossa Excelência (V. Ex.ª, para altas patentes militares, ministros, Presidente da República, pessoas de alta categoria, bispos e arcebispos)

Vossa Magnificência (para reitores de universidade)

Vossa Majestade (V. M., para reis, imperadores)

Vossa Mercê (V. M.cê, para as pessoas de tratamento cerimonioso)

Vossa Onipotência (para Deus – não se usa abreviadamente)

Vossa Reverendíssima (V. Rev.ma, para os sacerdotes)

Vossa Senhoria (V. S.ª, para oficiais até coronel, funcionários graduados, pessoas de cerimônia)

Observações:

1.ª) Emprega-se *Vossa Alteza* (e demais) quando 2.ª pessoa, isto é, em relação a quem falamos; emprega-se *Sua Alteza* (e demais) quando 3.ª pessoa, isto é, em relação à de quem falamos.

2.ª) Usa-se de *Dom*, abreviadamente *D.*, junto ao nome próprio: D. Afonso, D. Henrique, D. Eugênio; às vezes aparece em autores junto a nome de família, mas esta prática deve ser evitada por contrariar a tradição da língua. Usa-se ainda *D.* junto a outro título: D. Prior, D. Abade, etc.

3.ª) *Você*, hoje usado familiarmente, é a redução da forma de reverência *Vossa Mercê*. Caindo o pronome *vós* em desuso, só usado nas orações e estilo solene, emprega-se *vocês* como o plural de *tu*.

4.ª) O substantivo *gente*, precedido do artigo *a* e em referência a um grupo de pessoas em que se inclui a que fala, ou a esta sozinha, passa a pronome e se emprega fora da linguagem cerimoniosa. Em ambos os casos o verbo fica na 3.ª pessoa do singular:

"É verdade que *a gente*, às vezes, *tem* cá as suas birras" [AH.4, II, 158].

5.ª) Ainda continuam vivos em Portugal *vós*, *vosso*.

Pronomes possessivos – São os que indicam a posse em referência às três pessoas do discurso:

SINGULAR:	1.ª pessoa:	*meu*	*minha*	*meus*	*minhas*
	2.ª pessoa:	*teu*	*tua*	*teus*	*tuas*
	3.ª pessoa:	*seu*	*sua*	*seus*	*suas*
PLURAL:	1.ª pessoa:	*nosso*	*nossa*	*nossos*	*nossas*
	2.ª pessoa:	*vosso*	*vossa*	*vossos*	*vossas*
	3.ª pessoa:	*seu*	*sua*	*seus*	*suas*

Pronomes demonstrativos – São os que indicam a posição dos seres em relação às três pessoas do discurso.

Esta localização pode ser no *tempo*, no *espaço* ou no *discurso*:

1.ª pessoa: este, esta, isto 42
2.ª pessoa: esse, essa, isso
3.ª pessoa: aquele, aquela, aquilo

Este livro é o livro que está perto da pessoa que fala; *esse livro* é o que está longe da pessoa que fala ou perto da pessoa com quem se fala; *aquele livro* é o que se acha distante da 1.ª e da 2.ª pessoa.

Nem sempre se usam com este rigor gramatical os pronomes demonstrativos; muitas vezes interferem situações especiais que escapam à disciplina da gramática.

São ainda pronomes demonstrativos *o*, *mesmo*, *próprio*, *semelhante* e *tal*.

Considera-se *o* pronome demonstrativo, de emprego absoluto, invariável no masculino e singular quando funciona com o valor "grosso modo" de *isto*, *isso*, *aquilo* ou *tal*:

Não *o* consentirei jamais.

"Arquiteto do mosteiro de S. Maria, já *o* não sou" [AH *apud* FB.1, 195].

"Se os olhos corporais estavam mortos, não *o* estavam os do espírito" [AH.4, I, 226].

"(...) residia uma viúva, que *o* era de um fidalgo da casa de Azevedo" [CBr *apud* MBa.3, 343].

Pode aludir a extensos enunciados:

Prometeu-me que sairia comigo nas próximas férias, mas não *o* fez.

O pronome *o*, perdido o seu valor essencialmente demonstrativo e posto antes de substantivo claro ou subentendido, expressão substantivada inclusive oração –, como adjunto, recebe o nome de artigo definido. Assim é que, no exemplo seguinte, consideramos o primeiro *os* e o segundo *o* artigo definido:

"*Os* homens de extraordinários talentos são ordinariamente *os* de menor juízo" [MM].

Mesmo, *próprio*, *semelhante* e *tal* têm valor demonstrativo quando denotam identidades ou se referem a seres e ideias já expressas anteriormente, e valem por *esse*, *essa*, *aquele*, *isso*,

aquilo:

"Depois, como Pádua falasse ao sacristão baixinho, aproximou-se deles; eu fiz a *mesma* coisa" [MA.4, 87].

"Não paguei uns nem outros, mas saindo de almas cândidas e verdadeiras *tais* promessas são como a moeda fiduciária..." [MA.4, 202].

É proibido dizeres *semelhantes* coisas.

Alguns estudiosos, por mera escolha pessoal, têm-se insurgido contra o emprego anafórico do demonstrativo *mesmo*, substantivado pelo artigo, precedido ou não de preposição, para referir-se a palavra ou declaração expressa anteriormente. Não apresentam, entretanto, as razões da crítica:

"Os diretores presos tiveram *habeas corpus*. Apareceu um relatório contra *os mesmos*, e contra outros..." [MA *apud* MMc.1, 274].

"Costuma-se escrever dentro dos livros, na folha de guarda, palavras alusivas *aos mesmos*" [E. Frieiro *apud* MMc.1].

Para estes críticos, *o mesmo*, etc., deve ser substituído por *ele*, etc. Talvez por isso E. Frieiro, na 2.ª edição, alterou seu texto para: "Costuma-se escrever dentro dos livros, na folha de guarda, palavras *a eles* alusivas".

Mesmo e *próprio* aparecem ainda reforçando pronomes pessoais:

Ela *mesma* quis ver o problema.

Nós *próprios* o dissemos.

"Tal faço eu, à medida que me vai lembrando e convindo à construção ou reconstrução de mim *mesmo*" [MA.4, 203].

Pronomes indefinidos – São os que se aplicam à 3.ª pessoa quando têm sentido vago ou exprimem quantidade indeterminada.

Funcionam como pronomes indefinidos substantivos, todos invariáveis: *alguém*, *ninguém*, *tudo*, *nada*, *algo*, *outrem*.

"*Ninguém* mais a voz sentida
Do Trovador escutou!" [GD].

São pronomes indefinidos adjetivos, todos variáveis com exceção de *cada*: *nenhum*, *outro* (também isolado), *um* (também isolado), *certo*, *qualquer* (só variável em número: *quaisquer*), *algum*, *cada*:

"As tiras saem-lhe das mãos, animadas e polidas. *Algumas* trazem poucas emendas ou *nenhumas*" [MA.2, 274].

"A vida a *uns*, a morte confere celebridades a *outros*" [MM].

Aplicam-se a quantidades indeterminadas os indefinidos, todos variáveis, com exceção de *mais* e *menos*: *muito*, *mais*, *menos*, *pouco*, *todo*, *algum*, *tanto*, *quanto*, *vário*, *diverso*:

Mais amores e *menos* confiança. (nunca *menas*!)

Com *pouco* dinheiro compraram *diversos* presentes.

Isto é o *menos* que se pode exigir.

Muito lhe devo.

Erraste por *pouco*.

Quantos não erraram neste caso!

OBSERVAÇÕES:

1.ª) O pronome indefinido *um* pode ser usado como substantivo, principalmente nas locuções do tipo *cada um*, *qualquer um*. Como adjunto, recebe o nome de *artigo indefinido*.

2.ª) Também os pronomes indefinidos *mais* e *menos* podem substantivar-se em expressões do tipo *o mais dos homens*, *o mais das vezes*, *o mais deles*, *o menos*. Por atração, *o mais* pode aparecer num giro derivado da construção original e concordar com o gênero e número do substantivo ou pronome pessoal que entra na expressão: *o mais dos homens* ou *os mais dos homens*; *o mais das vezes* ou *as mais das vezes*; *o mais deles* ou *os mais deles*, etc.

As duplas *quem... quem*, *qual... qual*, *este... este*, *um... outro* com sentido distributivo também são pronomes indefinidos:

"*Qual* se abisma nas lôbregas tristezas,
Qual em suaves júbilos discorre,
Com esperanças mil nas ideias acesas" [BBo].

Isto é: *um* se abisma... *outro* discorre.

OBSERVAÇÃO: Sobre o uso de *um e outro*, *um do outro* em referência a pessoas de sexos diferentes.

Muitas vezes a posição da palavra altera seu sentido e sua classificação:

Certas pessoas (pron. indef.) não chegam na hora *certa* (adjetivo), mas em *certas* horas (pron. indef.).
Algum livro (= certo livro). Livro *algum* (= nenhum livro).

Em outras épocas, *algum* podia ter sentido afirmativo ou negativo independente de sua posição:

"Desta gente refresco *algum* tomamos" [LC.1, V, 69].
Refresco algum = algum refresco
"Vós a quem não somente *algum* perigo
Estorva conquistar o povo imundo" [LC.1, VII, 2].
Algum perigo = nenhum perigo

LOCUÇÃO PRONOMINAL INDEFINIDA – É o grupo de palavras que vale por um pronome indefinido. Eis as principais locuções: *cada um*, *cada qual*, *alguma coisa*, *qualquer um*, *quem quer*, *quem quer que*, *o que quer que*, *seja quem for*, *seja qual for*, *quanto quer que*, *o mais* (hoje menos frequente que *a maior parte*, *a maioria*):

"As verdades não parecem as mesmas a todos, *cada um* as vê em ponto diverso de perspectiva" [MM].

Pronomes interrogativos – São os pronomes indefinidos *quem*, *que*, *qual* e *quanto* que se empregam nas perguntas, diretas ou indiretas:

Quem veio aqui?
Que cabeça, senhora?
Que compraste?
Qual autor desconhece?
Qual consideras melhor?
Quantos vieram?
Quantos anos tens?

Em lugar de *que* pode-se usar a forma enfática *o que*:

"Agora por isso, *o que* será feito de frei Timóteo?! Era naquele tempo um frade guapo e alentado! *O que* será feito dele?" [AH.4, II, 135].

Quem refere-se a pessoas, e é pronome substantivo. *Que* refere-se a pessoas ou coisas, e é pronome substantivo (com o valor de *que coisa?*) ou pronome adjetivo (com o valor de *que espécie?*).43 *Qual* e também *que*, indicadores de seleção, normalmente são pronomes adjetivos:

Em *qual* livraria compraremos o presente?
Em *que* livraria compraremos o presente?

Ressalta-se ainda a seleção antepondo ao substantivo no plural a expressão *qual dos*, *qual das*:

Em *qual dos* livros encontraste o exemplo?

OBSERVAÇÃO: Estes interrogativos saem normalmente dos pronomes indefinidos e por isso costumam ser chamados

indefinidos interrogativos. Aparecem ainda nas exclamações, e neste caso o *que* adquire sentido francamente intensivo:

Que susto levei! (Compare-se com: *que* cabeça, senhora!).

Diz-se *interrogação direta* a pergunta que termina por ponto de interrogação e se caracteriza pela entoação ascendente:

Quem veio aqui?

Interrogação indireta é a pergunta que: *a*) se faz indiretamente e para a qual não se pede resposta imediata; *b*) é proferida com entoação normal descendente; *c*) não termina por ponto de interrogação; *d*) vem depois de verbo que exprime interrogação ou incerteza (*perguntar*, *indagar*, *não saber*, *ignorar*, etc.):

Quero saber quem veio aqui.

Eis outros exemplos de interrogação indireta começados pelos pronomes interrogativos já citados:

Ignoro *que* cabeça, senhora.
Indagaram-me *que* compraste.
Perguntei-te por *que* vieste aqui.
Não sei *qual* autor desconhece.
Desconheço *qual* consideras melhor.
Indagaram *quantos* vieram.

Pronomes relativos – São os que normalmente se referem a um termo anterior chamado antecedente:

Eu sou o freguês *que* por último compra o jornal.
O *que* se refere à palavra *freguês*.

O pronome relativo *que* desempenha dois papéis gramaticais: além de sua referência ao antecedente como pronome, funciona também como transpositor de oração originariamente independente a adjetivo e aí exercer função de adjunto adnominal deste mesmo antecedente. No exemplo, a oração *O freguês compra por último o jornal* é degrada a função de adjunto adnominal na oração complexa: Eu sou o *freguês* [*que* por último compra o jornal].

O transpositor pronome relativo *que* difere do transpositor conjunção integrante porque este não exerce função sintática na oração em que está inserido, enquanto o relativo exerce sempre função sintática.

Os pronomes relativos são: *qual*, *o qual* (*a qual*, *os quais*, *as quais*) , *cujo* (*cuja*, *cujos*, *cujas*), *que*, *quanto* (*quanta*, *quantos*, *quantas*), *onde*.

Quem se refere a pessoas ou coisas personificadas e sempre aparece precedido de preposição. *Que* e *o qual* se referem a pessoas ou coisas. *Que* e *quem* funcionam como pronomes substantivos. *O qual* aparece como substantivo ou adjetivo:

As pessoas de *quem* falas não vieram.
O ônibus *que* esperamos está atrasado.
Não são poucas as alunas *que* faltaram.
Este é o assunto sobre *o qual* falará o professor.
Não vi o menino, *o qual* menino os colegas procuram.
A casa *onde* moro é espaçosa.

Cujo, sempre com função adjetiva, reclama, em geral, antecedente e consequente expressos

e exprime que o antecedente é possuidor do ser indicado pelo substantivo a que se refere:

Ali vai o *homem* ***cuja*** *casa* comprei

anteced. conseq.

(a casa do homem)

OBSERVAÇÃO: Em autores modernos de gosto arcaizante, de vez em quando ocorre *cujo* sem consequente, como em: "(...) a obra *cujo* comentador eu sou", em lugar de: "de que sou comentador" ou "cujo comentador sou".

Quanto tem por antecedente um pronome indefinido (*tudo*, *todo*, *todos*, *todas*, *tanto*):

Esqueça-se de tudo *quanto* lhe disse.

PRONOMES RELATIVOS SEM ANTECEDENTE – Os pronomes relativos *quem* e *onde* podem aparecer com emprego absoluto, sem referência a antecedentes:

Quem tudo quer tudo perde.

Dize-me com *quem* andas e eu te direi *quem* és.

Moro *onde* mais me agrada.

Quem, assim empregado, é considerado como do gênero masculino e do número singular:

Quem com ferro fere com ferro será ferido.

OBSERVAÇÃO: Os relativos sem antecedentes também se dizem *relativos indefinidos*. Muitos autores preferem, neste caso, subentender um antecedente adaptável ao contexto. Interpretando *quem* como *a pessoa que*, *onde* como *o lugar em que* assim substituem:

Quem tudo quer tudo perde = *a pessoa que* tudo quer tudo perde

Este duplo modo de encarar o problema tem repercussões diferentes na classificação das orações subordinadas, conforme veremos em **Orações subordinadas resultantes de substantivação: as interrogativas e exclamativas**.

EMPREGO DOS PRONOMES

Pronome pessoal

Pronome e termos oracionais – A rigor, o pronome pessoal reto funciona como sujeito e predicativo, enquanto o oblíquo como complemento:

Eu *saio.* ***Eu*** *não sou* ***ele****.* *Eu* ***o*** *vi.* *Não* ***lhe*** *respondemos.*

Entre os oblíquos, a forma átona vem desprovida de preposição, enquanto a tônica exige, no português moderno, esta partícula:

Eu ***o*** *vi.* *Referiu-se* ***a ti****.*

Casos há, entretanto, em que esta norma pode ser contrariada. Assim é que pode ocorrer a forma reta pela oblíqua:

a) quando o verbo e o seu complemento nominal estiverem distanciados, separados por pausa:

Subiu! E viu com seus olhos.

Ela a rir-se que dançava [GD].

b) nas enumerações e aposições, também com distanciamento do verbo e complemento:

Depois de muita delonga o diretor escolheu: *eu*, o Henrique e o Paulinho.

c) precedido de *todo*, *só* e mais alguns adjuntos, pode aparecer *ele* (e flexões) por *o* (e flexões); cf. adiante.

d) quando dotado de acentuação enfática, no fim de grupo de força:

Olha *ele*! [EQ].

e) em coordenações de pronomes ou com um substantivo introduzidos pela preposição *entre*:

entre *eu* e *tu* (por entre *mim* e *ti*); entre *eu* e o aluno, entre José e *eu*.

Já há concessões de alguns gramáticos quando o pronome *eu* ou *tu* vem em segundo lugar:

Entre *ele* e *eu*. Entre o José e *eu*.

A língua exemplar insiste na lição do rigor gramatical, recomendando, nestes casos, o uso dos pronomes oblíquos tônicos:

Entre *mim* e *ti*. Entre *ele* e *mim*.

Um exemplo como *Entre José e mim* dificilmente sairia hoje da pena de um escritor moderno.

Este desvio da norma encontra paralelo em outras línguas românicas, como o espanhol e o italiano [MLk.1, III, 76 e 80].

Também depois de expressões comparativas e exceptivas, a língua denuncia certa vacilação no emprego do pronome pessoal, havendo aqui forte divórcio entre a língua literária e a coloquial, escrita ou falada:

Não tenho outro amigo senão *tu*. Não sou como *tu*.
Não tenho outro amigo senão *a ti*. Não sou como *a ti*.

Emprego de pronome tônico pelo átono – Os pronomes tônicos preposicionados *a ele*, *a ela*, *a mim*, *a ti*, *a nós*, *a vós* podem aparecer, na língua exemplar, nos seguintes casos, em vez das formas átonas (*lhe*, *me*, *te*, *nos*, *vos*):

a) quanto anteposto ao verbo:

A ele cumpria encher as guias.

b) quando composto:

Remeti livros *a ele* e ao tio.

c) quando reforçado:

O dinheiro foi entregue *a ele mesmo*.
Darei as joias *só a ela*.

d) quando pleonástico:

Devolvi-*lhe a ele* as máquinas.

e) quando complemento relativo:

Atirou-se *a ele*. Gosto *dela*.

f) quando objeto direto preposicionado:

Nem ele entende *a nós* nem nós *a ele* [JO.3, 345].

Em geral, o português omite o pronome sujeito quando constituído por *eu*, *tu*, *nós* e *vós*:

"Não me lembra o que lhe disse" [MA.1, 65].

O aparecimento do pronome sujeito de regra se dá quando há ênfase ou oposição de pessoas gramaticais:

"*Eu* é que furo o pano, vou adiante, puxando por você, que vem atrás, obedecendo ao que *eu* faço e mando..." [MA.2, 230].
"Há entre nós um abismo: *tu* o abriste; *eu* precipitei-me nele" [AH.1, 295].

Estando perfeitamente conhecido pela situação linguística, pode-se calar o pronome complemento do verbo; esta linguagem é correta, apesar da censura que lhe faziam os gramáticos de outrora. Muitas vezes deve-se o fenômeno ao que o estilista alemão Leo Spitzer chamou "linguagem-eco", constituída de repetição de uma parte da oração, destinada a

reforçar a própria declaração, como no seguinte trecho de A. Herculano:

"Disse já que tinha de fazer uma explicação ao leitor. *Tenho*; e é indispensável" [AH.4, II, 261].

Em casos de ênfase costuma-se repetir:

a) o pronome átono pela sua respectiva forma tônica, precedida de preposição:

"Mas qual será a tua sorte quando na hora fatal os algozes, buscando a sua vítima, só *te* encontrarem *a ti*?" [AH.3, 277].

b) o complemento expresso por um nome pelo pronome átono conveniente ou vice-versa:

Ao *avarento* nada *lhe* peço.

"Ainda hoje estão em pé, mas ninguém *as* habita, *essas* choupanas execrandas..." [CBr.8, 43].

Usa-se o pronome *o* (*os*) em referência a nomes de gêneros diferentes, por neutralização:

"*A generosidade*, *o esforço* e *o amor*, ensinaste-*os* tu em toda a sua sublimidade" [AH.1, 35].

***Ele* como objeto direto** – O pronome *ele*, no português moderno, só aparece como objeto direto quando precedido de *todo* ou *só* (adjetivo) ou se dotado de acentuação enfática, em prosa ou verso:

"No latim eram quatro os pronomes demonstrativos. *Todos eles* conserva o português" [PL.1, 398].

"Subiu! – e viu com seus olhos/ *Ela* a rir-se que dançava..."
[GD *apud* SS].

"Olha *ele*!" [EQ *apud* SS].

Ordem dos pronomes pessoais – Na sequência dos pronomes pessoais sujeitos, o português normalmente apresenta ordem facultativa deles: *eu e tu*, *tu e eu*; *eu e ele*, *ele e eu*; *eu e o senhor*, *o senhor e eu*, etc.:

– Porque nós vamos lá jantar na segunda-feira.

– Nós... Nós, quem?

– Nós. *Eu e tu*, *tu e eu*. A condessa convidou-me no comboio [EQ.3, 382].

É evidente que nas circunstâncias em que há necessidade de superpor à expressão linguística traços de polidez, urbanidade ou, no polo oposto do convívio social, modéstia, pode o falante ou escritor inverter a ordem, dando a primazia da primeira referência ao seu interlocutor, quer manifestado por pronome, quer por substantivo. Esta é, por exemplo, a prática da cortesia entre franceses e espanhóis.

É o que se percebe, por exemplo, na seguinte preferência de Camilo, no início do romance *O Senhor do Paço de Ninães*:

Estamos no Minho, *o leitor e eu*.

O passo da cortesia linguística não para na ordem dos pronomes; invade o domínio da concordância, como a realizou Rui Barbosa neste conhecido trecho de uma carta:

"(...) e S. Exc.ª respondera, declarando aceitaria, sob a condição de anuírem *o Barão do Rio Branco e eu*".

A concordância gramatical, pela presença de pronome de 1.ª pessoa, exigiria o verbo flexionado na 1.ª do plural: *anuirmos*. Todavia, em razão da urbanidade, a polidez se reflete não só na ordem dos pronomes, mas ainda na flexão verbal.

O pronome *se* na construção reflexa 44 – Eis aqui um bom exemplo pelo qual se

patenteia que um significado gramatical unitário, significado de língua, se pode desdobrar em outras acepções, conforme as unidades linguísticas com que se acha combinado e o entorno situacional.

A reflexividade consiste, na essência, na "inversão (ou negação) da transitividade da ação verbal". Em outras palavras, significa que a ação denotada pelo verbo não passa a outra pessoa, mas reverte-se à pessoa do próprio sujeito (ele é, ao mesmo tempo, agente e paciente):

1.a) *João se banha*

A nossa experiência do mundo admite a hipótese de João banhar a si mesmo ou banhar uma outra pessoa: *João banha o filho pela manhã*.

Só que, na reflexividade "própria", ocorre a primeira hipótese:

João se banha. **A** Reflexivo "próprio"

Já na oração

1.b) *João e Maria se amam*,

o significado do verbo *amar* e a nossa experiência do mundo que, em geral, tratando de duas pessoas, supõem o amor de alguém A dirigido a outro alguém B, permitem-nos dar outra acepção, contextual, ao originário significado unitário de "reflexividade"; acreditamos que a oração quer expressar que "João ama Maria" e que "Maria ama ao João". Então, não mais se trata de "reflexividade pura", mas de "reflexividade recíproca":

João e Maria se amam. **A** **B** Reflexo recíproco

A interpretação de reflexivo recíproco não mudará se se tratar de verbo transitivo que se constrói com objeto indireto ou complemento relativo:

João e Maria se escrevem. (um escreve ao outro)

João e Maria se gostam. (um gosta do outro)

As unidades léxicas comprometidas na construção determinam a interpretação. Se dizemos *João e Maria se miram*, a interpretação mais natural seria a de um reflexivo recíproco; mas se acrescentarmos *João e Maria se miram no espelho*, mais natural nos parecerá a interpretação de reflexivo "próprio". Portanto, são interpretações contextuais, e não valores de língua.

Mudando as unidades linguísticas que se combinam com o pronome *se*, poderemos ter:

2) *O banco só se abre às dez horas*.

No presente exemplo, *banco* é um sujeito constituído por substantivo que, por inanimado, não pode ser agente da ação verbal; por isso, a construção é interpretada como "passiva": é o que a gramática chama voz "média" ou "passiva com *se*":

O banco só se abre às dez horas. A ◄ "média" ou "passiva com *se*"

Repare-se que a interpretação da "passiva com *se*" depende só do léxico, isto é, do significado lexical do verbo. A prova disto é que esta interpretação prevalece ainda nas orações cujo sujeito não é inanimado, portanto, passível de executar a ação verbal. Só que há certos verbos que denotam ações que a nossa experiência sabe que não são praticadas pelo termo que lhe serve de sujeito, como ocorre nos verbos *chamar* (= ter nome):

Ele ***se*** *chama João*.

A última acepção a que poderemos chegar nas construções do pronome *se* é a da oração:

3) *Abre-se às dez*.

Temos aqui um *se* na construção em que não aparece substantivo, claro ou subentendido, que funcione como sujeito do conteúdo predicativo. Interpreta-se a construção como *impessoal*.

Diante desta exposição, podemos dizer que o *se* nas construções estudadas e assemelhadas exerce as seguintes funções sintáticas em face das unidades léxicas que com o pronome concorrem:

1) Objeto direto:

Ele se feriu.
Eles se cumprimentaram.

2) Objeto indireto:

Ela se arroga essa liberdade.

3) Complemento relativo:

Eles se gostam.

4) Índice de indeterminação do sujeito:

Vive-se bem.
Lê-se pouco entre nós.
Precisa-se de empregados.
É-se feliz.

OBSERVAÇÕES FINAIS: Pelos exemplos acima, o *se* como índice de indeterminação de sujeito – primitivamente exclusivo em combinação com verbos não acompanhados de objeto direto –, estendeu seu papel aos transitivos diretos (onde a interpretação passiva passa a ter uma interpretação impessoal: *Vendem-se casas* = 'alguém tem casa para vender') e de ligação (*É-se feliz*). A passagem deste emprego da passiva à indeterminação levou o falante a não mais fazer concordância, pois o que era sujeito passou a ser entendido como objeto direto, função que não leva a exigir o acordo do verbo:

Vendem-se casas (= 'casas são vendidas') → *Vendem-se casas* (= 'alguém tem casa para vender') → *Vende-se casas*.

"*Vende-se casas* e *frita-se ovos* são frases de emprego ainda antiliterário, apesar da já multiplicidade de exemplos. A genuína linguagem literária requere *vendem-se*, *fritam-se*. Mas ambas as sintaxes são corretas, e a primeira não é absolutamente, como fica demonstrado, modificação da segunda. São apenas dois estágios diferentes de evolução. Fica também provado o falso testemunho que levantaram à sintaxe francesa, que em verdade nenhuma influência neste particular exerceu em nós..." [MAg.2, 181-183].

Pode ainda o pronome *se* juntar-se a verbos que indicam:

1) sentimento: *indignar-se*, *ufanar-se*, *atrever-se*, *admirar-se*, *lembrar-se*, *esquecer-se*, *orgulhar-se*, *arrepender-se*, *queixar-se*.

2) movimento ou atitudes da pessoa em relação ao seu próprio corpo: *ir-se*, *partir-se*, *sentar-se*, *sorrir-se*.

No primeiro caso, não se percebendo mais o sentido reflexivo da construção, considera-se o *se* como parte integrante do verbo, sem classificação especial.

No segundo, costumam os autores chamar ao *se pronome de realce* ou *expletivo*.

Concorrência de *si* e *ele* na reflexividade – A partir do português contemporâneo (séc. XVIII para cá), nasceu a possibilidade de o pronome tônico *si*, nas construções reflexas, ter a concorrência do pronome *ele*, também preposicionado, em orações do tipo:

> "(...) perguntou Glenda, sentindo que a pergunta não era dirigida apenas a Pablo, mas também *a ela própria*" [RBn.2, 23].
>
> "[a amante] viu *diante dela* o meu eugênico amigo" [MB *apud* RBn.2]. 45

A construção não encontra respaldo nas nossas melhores gramáticas, apesar do emprego largo na literatura moderna brasileira a partir, segundo Barbadinho, de José de Alencar. Nos exemplos acima, a norma gramatical pediria: *a si própria*, *diante de si*, como rezam as passagens onde o pronome se refere ao sujeito do verbo:

> "Simeão *por si mesmo* escolheu o deserto que lhe convinha (...)."
> [JR.2, 35]
>
> "O espetáculo da beleza é bastante *por si mesmo*." [JR.2, 199]
>
> "Depois mudava-se o teatro, e via-se *a si mesmo* (...)." [JR.2, 299]

Note-se a curiosa concorrência das duas sintaxes neste exemplo de Guimarães Rosa, citado por Barbadinho:

> "E o Menino estava muito *dentro dele mesmo*, em algum cantinho *de si*."

Esta novidade de sintaxe tem contra si o fato de às vezes fazer perigar a interpretação da oração, que só se resolve pela ajuda do contexto:

> João levou o livro *para ele*.

Combinação de pronomes átonos – Ocorrem em português as seguintes combinações de pronomes átonos, notando-se que o que funciona como objeto direto vem em segundo lugar: As formas *o*, *a*, *os*, *as* procedem das antigas *lo*, *la*, *los*, *las*:

mo = me + o; *ma* = me + a; *mos* = me + os; *mas* = me + as;

to = te + o; *ta* = te + a; *tos* = te + os; *tas* = te + as;

lho = lhe + o; *lha* = lhe + a; *lhos* = lhe + os; *lhas* = lhe + as;

no-lo = nos + (l)o; *no-la* = nos + (l)a; *no-los* = nos + (l)os; *no-las* = nos + (l)as;

vo-lo = vos + (l)o; *vo-la* = vos + (l)a; *vo-los* = vos + (l)os; *vo-las* = vos + (l)as;

lho = lhe(s) + o; *lha* = lhe(s) + a; *lhos* = lhe(s) + os; *lhas* = lhe(s) + as.

se me	-se-me	se nos	-se-nos
se te	-se-te	se vos	-se-vos
se lhe	-se-lhe	se lhes	-se-lhes

> "Se dizeis isso pela que me destes, tirai-*ma*: que não *vo-la* pedi eu."
> [AH.4, I, 267]
>
> "E como, a pouco e pouco, se foram exaurindo os cascalhos e afundando os veleiros, o banditismo franco impôs-*se-lhes* como derivativo à vida desmandada" [EC.1, 218].

Observações:

1.ª) A rigor, na combinação só entra a forma *lhe*, que, na língua antiga, servia tanto ao singular como ao plural.

2.ª) Nas demais combinações, o português moderno prefere substituir o pronome átono objetivo indireto pela forma tônica equivalente, precedida da preposição *a*. Enquanto dizemos hoje *a mim te mostras* ou *te mostras a mim*, a língua de outros tempos consentia em tais dizeres:

> "Porque assi *te me* mostras odiosa?" [JCR.1 *apud* SS.1, § 271].

3.ª) A língua padrão rejeita a combinação *se o* (e flexões), apesar de uns poucos exemplos na pena de literatos:

> "Parece um rio quando *se o* vê escorrer mansamente por entre as terras próximas..." [LB.2, 49 *apud* SS.6, n.º 198, 268].

Foge-se ao erro de três maneiras diferentes:

a) cala-se o pronome objetivo direto: *Não se quer*.

b) substitui-se o pronome *o* (e flexões) pelo sujeito *ele* (e flexões): *Não se quer ele*.

> Inveja-se a riqueza, mas não o trabalho com que ela se granjeia [MM].

c) se já existe na oração o pronome pessoal de objeto direto (*o*, *a*, *os*, *as*), usa-se o pronome de objeto indireto na forma tônica precedida da preposição *a* ou *para*:

> "É Vieira sem contradição mestre guapíssimo de nossa língua, e o mesmo Bernardes assim o conceituava; que porém *a si o* propusesse como exemplar, nem o indica, nem consta, nem se pode com indução plausível suspeitar" [AC *apud* MBa.5, 54].

Apesar disto, ocorre em bons escritores construção em que se junta o pronome *o* (e diretos) a verbo na voz reflexiva:

> "Temo que *se me* argua de comparações extraordinárias, mas o abismo de Pascal é o que mais prontamente vem ao bico da pena"
> [MA.9, 29 *apud* SS.1].
>
> "Não se dá baixa ao soldado quando já não pode com a milícia? Não *se lha* dá até em tempo de guerra?" [AC.10, II, 106 *apud* SS.1].

4.ª) A língua padrão admite *pode-se compô-lo* ou *pode-se compor*, quando não há locução verbal:

> *Pode-se* de algum modo *ligá-lo* a Schopenhauer... [JR.3, 19]
>
> Júlio Moreira [JM.1, II, 30-31] diz que em Portugal é menos comum do que no Brasil a primeira construção.

5.ª) Em construções do tipo *fi-lo sentar-se* (e também com os verbos *deixar*, *mandar*, *ver*, *ouvir* e sinônimos), isto é, em que depois destes verbos com pronome objetivo se segue o infinitivo de verbo reflexivo, pode-se deixar claro este último pronome ou omiti-lo: *fi-lo sentar*.

Função do pronome átono em *Dou-me ao trabalho* – Em geral, o pronome átono da forma verbal reflexiva portuguesa funciona como objeto direto: *dou-me* (obj. direto) *ao trabalho* (obj. indireto) *de fazer*.

Em francês e espanhol, esse pronome aparece como objeto indireto: *je me donne la peine de le faire*; *me doy el trabajo de hacerlo*.

Pronome pessoal átono e adjunto adverbial – Pode ocorrer a possibilidade de substituírem os pronomes pessoais átonos, na forma de objeto indireto, *me*, *te*, *se*, *nos*, *vos*, *lhe*, *lhes*, termos que na oração funcionam como adjuntos adverbiais [MBa.4, 273-276]:

Pôs-se *diante dele*	–	Pôs-se-*lhe* diante
Ficava *detrás dele*	–	Ficava-*lhe* detrás
Deu um abraço *no pai*	–	Deu-*lhe* um abraço
Bateu *nele*	–	Bateu-*lhe*
Ralhar *com ele*	–	Ralhou-*lhe*
Fugir *de mim*	–	Fugiu-*me*
Tudo girou *em volta dele*	–	Tudo *lhe* girou em volta

> "Ela tinha, porém, no semblante um ar de majestosa bondade que dificilmente esqueceria quem alguma vez se *lhe*

houvesse aproximado" [CL.1, I, 278].

Nestas substituições, o pronome átono faz referência à pessoa e a ideia da circunstância fica por conta do advérbio (ou substantivo adverbializado), quando se trata de locução prepositiva:

Fugia de mim – fugiu-me (não há locução prepositiva)

Tudo girou ***em volta dele*** – *Tudo lhe girou* ***em volta*** (há locução prepositiva)

Pronome possessivo

***Seu* e *dele* para evitar confusão** – Em algumas ocasiões, o possessivo *seu* pode dar lugar a dúvidas a respeito do possuidor. Remedeia-se o mal com a substituição de *seu*, *sua*, *seus*, *suas*, pelas formas *dele*, *dela*, *deles*, *delas*, *de você*, *do senhor*, etc., conforme convier.

Em

José, Pedro levou o seu chapéu,

o vocábulo *seu* não esclarece quem realmente possui o chapéu, se Pedro ou José.

É verdade que a disposição dos termos nos leva a considerar José o dono do chapéu; mas a referência a Pedro também é possível. Assim sendo, serve-se o falante do substituto *dele*, se o possessivo pertence a Pedro:

José, Pedro levou o chapéu *dele*.

"Com efeito, Margarida gostava imenso da presença do rapaz, mas não parecia dar-lhe uma importância que lisonjeasse o coração *dele*". [MA.6, 24]

Se o autor usasse o possessivo *seu*, o coração poderia ser tanto de Margarida quanto do rapaz.

Pode-se, para maior força de expressão, juntar *dele* a *seu*:

José, Pedro levou o *seu* chapéu *dele*.

"Se Adelaide o amava como e quanto Calisto já podia duvidar, *sua* honra *dele* era pôr peito à defesa do opressa..." [CBr.1, 109]

Menos usual, porém correta, é a união dos dois possessivos como no seguinte exemplo da citada obra de Camilo:

"É certo, Sr. Presidente, que a femina toca o requinte da depravação, e chega a efeituar horrores cuja narração é de si para gelar ardências do sangue, para infundir pavor em peitos equânimos; porém, o móbil dos crimes *seus delas* é outro" [CBr.1, 86].

Os pronomes pessoais átonos *me*, *te*, *se*, *nos*, *vos*, *lhe*, *lhes*, podem ser usados com sentido possessivo, mormente em estilo literário, tomando-se o cuidado de evitar o abuso.46

Tomou-*me* o chapéu = Tomou o meu chapéu.

Ainda neste caso, é possível ocorrer a repetição enfática *lhe ... dele*:

"D. Adelaide ficou embaraçada. Seria agravar as meninas de dezoito anos, e educadas como a filha do desembargador, e amantes como elas de um comprometido esposo, estar eu aqui a definir a entranhada zanga que *lhe* fez no espírito *dela* o despropósito de Calisto" [CBr.1, 104].

Foge-se ainda à confusão empregando-se *próprio*:

"Andrade contentou-se com o *seu próprio* sufrágio" [MA.6, 19].

Posição do pronome possessivo – De modo geral, o possessivo vem anteposto ao nome a que se refere:

O *meu* livro. *Tuas* preocupações. *Nossos* deveres.

A posposição ocorre no estilo solene, em prosa ou verso, e, em nome de pessoas ou de graus de parentesco, pode denotar carinho:

Deus meu, ajudai-me!

A ênfase permite também a posposição, principalmente se o substantivo vem desacompanhado do artigo definido:

Conselho *meu* ela não tem. Filho *meu* não faria tal.

Em certas situações, há notável diferença de sentido com a posposição do possessivo.47

Minhas saudades são saudades que sinto de alguém. *Saudades minhas* são saudades que alguém sente de mim.

"Parece que Miss Dólar ficou com boas *recordações suas*, disse D. Antônia" [MA.6, 2, 17].

Notamos o mesmo em *suas cartas* e *cartas suas*.

Recebi suas cartas (i. é, cartas que me mandaram ou que pertencem à pessoa a quem me dirijo).

Recebi cartas suas (i. é, enviadas a mim pela pessoa).

Invariavelmente, usamos de *notícias suas*, como no seguinte exemplo:

"Peço-lhe que me mande *notícias suas*" [EC].

Fora destas construções, a língua moderna evita tal emprego objetivo:

"Mova-te a piedade *sua* e *minha*" [LC.1, III, 127]. Entenda-se: *a piedade delas* (das criancinhas) *e de mim.*

Possessivo para indicar ideia de aproximação – Junto a números o possessivo pode denotar uma quantidade aproximada:

Nessa época, tinha *meus* quinze anos (aproximadamente).

Era já homem de *seus* quarenta anos.

OBSERVAÇÃO: Valorizamos também uma noção quantitativa por meio do adjetivo *bom*:

"O maior Vilela observava um rigoroso regímen que lhe ia entretendo a vida. Tinha uns *bons sessenta anos*" [MA.6, 53].

Valores afetivos do possessivo – O possessivo, como temos visto, não se limita a exprimir apenas a ideia de posse. Adquire variados matizes contextuais de sentido, muitas vezes de difícil delimitação.

Assim, o possessivo pode apenas indicar a coisa que nos interessa, por nos estarmos referindo, com ele, a causa que nos diz respeito, ou por que temos simpatia:

O *nosso* herói (falando-se de um personagem de histórias) não soube que fazer. Trabalho todo dia *minhas* oito horas [cf. JR.4, 206].

Além de exprimir a nossa simpatia, serve também o possessivo para traduzir nosso afeto, cortesia, deferência, submissão, ou ironia:

Meu prezado amigo. *Minha* senhora, esta é a mercadoria que lhe serve.

Meus senhores e *minhas* senhoras! *Meu* presidente, todos o esperam.

Meu coronel, os soldados estão prontos! *Meu* tolo, não vês que estou brincando?

Notemos, porém, que em expressões do tipo:

"Qual cansadas, *seu* Antoninho!" [LB],

"Ande, *seu* diplomático, continue" [MA],

seu não é, como parece a alguns estudiosos, a forma possessiva de 3.ª pessoa do singular. Trata-se aqui de uma redução familiar do tratamento *senhor*.

Difere a forma *seu* (admite ainda as variantes *seo*, *sô*) do termo nobre, *senhor*, por traduzir nossa familiaridade ou depreciação.

Ocorrendo isoladamente, prevalece a forma plena *senhor*, conforme nos mostra o seguinte exemplo:

> "Depressa, depressa, que a filha do Lemos vai cantar; e depois é o *senhor*. Está ouvindo, *seu* Ricardo" [LB.1, 115].

Um fingido respeito ou cortesia – bem entendidos, aliás, pelos presentes – pode determinar a presença da forma plena:

> "Diga, *senhora* mosca-morta?" [AH.4, II, 251].

Pela forma abreviada *seu* modelou-se o feminino *sua*:

> "E ri-se você, *sua* atrevida?! – exclamou o moleiro, voltando-se para Perpétua Rosa" [AH.4, 252].

Emprego do pessoal pelo possessivo – Embora de pouca frequência, pode aparecer o possessivo por uma forma de pronome pessoal precedido da preposição *de*. Neste caso está a expressão *ao pé de* + pronome pessoal.

> "Vós os que não credes em bruxas, nem em almas penadas, nem nas tropelias de Satanás, assentai-vos aqui ao lar bem juntos ao *pé de mim*, e contar-vos-ei a história de D. Diogo Lopes, senhor de Biscaia" [AH.4, II, 7].

> "Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baronesa, que tinha a modista ao *pé de si*, para não andar atrás dela" [MA.2, 31].

Possessivo expresso por uma locução – Expressa-se o possessivo ainda por meio de uma perífrase em que entra o verbo *ter*, *haver* ou sinônimo:

> Oxalá os problemas *que temos* durem pouco (os nossos problemas).

O possessivo em referência a um possuidor de sentido indefinido – Se o possessivo faz referência a pessoa de sentido indefinido, expresso ou sugerido pelo significado da oração, emprega-se o pronome de 3.ª pessoa:

> "É verdade que *a gente*, às vezes, tem cá as *suas* birras – disse ele, com certo ar que queria ser fino e saía parvo" [AH.4, II, 158].

Se o falante se inclui no termo ou expressão indefinida, usar-se-á o possessivo de 1.ª pessoa do plural:

> *A gente* compreende como estas cousas acontecem em *nossas* vidas [cf. CBr.1].

Repetição do possessivo – Numa série de substantivos, pode-se usar o possessivo (como qualquer outro determinante do nome) apenas junto ao primeiro nome, se não for nosso propósito enfatizar cada elemento da série:

> "A prova da *sua perspicácia* e *diligência* estava em ter já no caminho da forca os desgraçados cuja sentença vinha trazer à confirmação real" [AH.4, I, 187].

Note-se a ênfase e a oposição entre os possuidores (*eu* e *tu*):

> "O *teu* amor era como o íris do céu: era a *minha* paz, a *minha* alegria, a *minha* esperança" [AH.4, I, 190].

Se o termo vem acompanhado de modificador, não se costuma omitir o possessivo da série:

> "Foi a *tua* dignidade real, a *tua* justiça, o *teu* nome que eu quis salvar da *tua própria* brandura" [AH.4, I, 191].

Omite-se o possessivo na série sem ênfase, ainda que os substantivos sejam de gênero ou número (ou ambas as coisas) diferente. A repetição que nada acrescenta em ênfase à expressão é considerada, por muitos estudiosos, como imitação da sintaxe francesa [MBa.1, 412-413].

"... entendera (Calisto Elói) que a prudência o mandava viver em Lisboa consoante os costumes de Lisboa, e na província, segundo o *seu gênio* e *hábitos* aldeãos" [CBr.1, 107].

Se se trata de substantivo sinônimo, dispensa-se a repetição do possessivo:

Teu filho, de quinze anos apenas, é *teu* orgulho e ufania.

Se os substantivos forem de significação oposta, o possessivo em regra não é dispensado:

Teu perdão e *teu* ódio não conhecem o equilíbrio necessário à vida.

Substituição do possessivo pelo artigo definido – Sem ser norma de rigor absoluto, pode-se substituir o possessivo pelo artigo definido, quando a ideia de posse se patenteia pelo contexto ou pelo sentido total da oração, ou ainda pela aplicação reflexiva, isto é, quando se faz referência à própria pessoa que fala ou de quem se fala. Este fato ocorre principalmente junto dos nomes de partes do corpo, das peças do vestuário, faculdades do espírito e certas frases feitas:

"D. Fernando afastou-a suavemente de si: ela alevantou *o rosto* celeste orvalhado de pranto... D. Leonor ergueu *as mãos* suplicantes, com um gesto de profunda angústia" [AH.4, I, 190].

"... aqui parou (Calisto Elói), e cruzando *os braços*, se esteve largo espaço quedo, e fito nas janelas" [CBr.1, 110].

"E o vento assobiava no vigamento da casa, e nas orelhas de Calisto, o qual, levado do instinto da conservação, levantou a gola *do capote* à altura *das bossas parietais*..." [CBr.1].

Ele perdeu *o juízo*. Tem *a vida* por um fio. Recuperou *a memória*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Aparece o possessivo no caso de ênfase, quando se deseja insistir na pertença do indivíduo:

"(...) se *as suas* faces eram gordas, *as suas* mãos continuavam magras com longos dedos fusiformes e ágeis" [LB.1, 96].

"E cada lavrador enxugava *os seus* olhos" [CBr.6, 118].

2.ª) Dispensa-se o artigo definido nas expressões *Nosso Senhor*, *Nossa Senhora*, assim como nas fórmulas de tratamento onde entra um possessivo, do tipo: *vossa excelência*, *vossa reverendíssima*, *sua majestade*, etc.

O possessivo e as expressões de tratamento do tipo *Vossa Excelência* – Empregando-se as expressões de tratamento do tipo de *vossa excelência*, *vossa reverendíssima*, *vossa majestade*, *vossa senhoria*, onde aparece a forma possessiva de 2.ª pessoa do plural, a referência ao possuidor se faz hoje em dia com os termos *seu*, *sua*, isto é, com possessivo de 3.ª pessoa do singular:

Vossa Excelência conseguiu realizar todos os *seus* propósitos (e não: todos os *vossos* propósitos).

Tais tipos de títulos honoríficos começaram a aparecer no português entre os séculos XIV e XV e aí havia realmente uma possibilidade de alternância de *seu*, *sua*, *vosso*, *vossa*. A luta durou até aproximadamente o século XVII, quando as formas de 3.ª pessoa saíram vitoriosas. Assim sendo, modernamente só deve aparecer o possessivo conforme o exemplo dado. Raras exceções em escritores do séc. XVIII para cá são devidas a imitações literárias, justamente repudiadas como arcaicas, ou então porque o autor, em romance ou novela histórica, para não cair em anacronismo, faz seus personagens falar a linguagem da época.

Entre os escritores a cuja autoridade se abrigam os defensores do arcaísmo aqui citado, se acha Alexandre Herculano. Ávido leitor e constante hóspede dos monumentos históricos, o autor da *História de Portugal*, tratando do período de D. João I (1385-1433), no *Monge de Cister* (pronuncie-se este último nome como oxítono), teve oportunidade de mostrar o quanto

sabia da evolução de sua língua, conhecimento que o faz o melhor prosador ou um dos melhores que as letras portuguesas tiveram. Assim, pensamos que tal situação especialíssima do probo e perspicaz historiador não abre a porta para a prática da velha construção.

Pronome demonstrativo

A posição indicada pelo demonstrativo pode referir-se ao espaço, ao tempo (demonstrativos dêicticos espaciais e temporais) 48 ou ao discurso (demonstrativo anafórico).

Demonstrativos referidos à noção de espaço – *Este* (e flexões) aplica-se aos seres que pertencem ou estão perto da 1.ª pessoa, isto é, daquela que fala:

> *Este livro* é o livro que possuo ou tenho entre mãos.
> *Esta casa* é a casa onde me encontro.

Esse (e flexões) aplica-se aos seres que pertencem ou estão perto da 2.ª pessoa, isto é, daquela com quem se fala:

> *Esse livro* é o livro que nosso interlocutor traz.
> *Essa casa* é a casa onde se encontra a pessoa a quem me dirijo.

Na correspondência, *este* se refere ao lugar donde se escreve, e *esse* denota o lugar para onde a carta se destina. A referência à missiva que escrevemos se faz com *este*, *esta*:

> "Manaus, 13-1-1905
> Meu bom amigo Dr. José Veríssimo, – escrevo-lhe dissentindo abertamente de sua opinião sobre *este* singularíssimo clima da Amazônia..." [EC].
> Escrevo *estas* linhas para dar-te notícia *desta* nossa cidade e pedir-te as novas *dessa* região aonde foste descansar.

Quando se quer apenas indicar que o objeto se acha afastado da pessoa que fala, sem nenhuma referência à 2.ª pessoa, usa-se de *esse*:

> "Quero ver *esse* céu da minha terra
> Tão lindo e tão azul!" [CA].

Na linguagem animada, o interesse do falante pode favorecer uma aproximação figurada, imaginária, de pessoa ou coisa que realmente se acham afastadas dos que falam. Esta situação exige *este*:

> "Dói-me a certeza de que estou morrendo desde o primeiro dia da tua união com *este* homem... a certeza de que o hás de amar sempre, ainda que ele te despreze como já te desprezou" [CBr.1, 152].

Tal circunstância deve ter contribuído para o emprego de *este* como indicador de personagens que o escritor traz à baila.

> "*Este* Lopo, bacharel em direito, homem de trinta e tantos anos, e sagaz até a protérvia, vivia na companhia do irmão morgado..." [CBr.1, 149].

Por outro lado, cabe a *esse* a missão de afastar de nós pessoa ou coisa que na realidade se acham ou se poderiam achar próximas:

> "Vês África, dos bens do mundo avara,
> .....
> Olha *essa* terra toda, que se habita
> *Dessa* gente sem lei, quase infinita" [LC.1, X, 92 *apud* SA].

Estas expressões não se separam por linhas rigorosas de demarcação; por isso exemplos há de bons escritores que contrariam os princípios aqui examinados e não faltam mesmo certas

orientações momentâneas do escritor que fogem às perscrutações do gramático.

Demonstrativos referidos à noção de tempo – Na designação de tempo, o demonstrativo que denota um período mais ou menos extenso, no qual se inclui o momento em que se fala, é *este* (e flexões):

Neste dia (= no dia de hoje) celebramos a nossa independência.

Este mês (= no mês corrente) não houve novidades.

Aplicado a tempo já passado, o demonstrativo usual é *esse* (e flexões):

Nessa época atravessávamos uma fase difícil.

Se o tempo passado ou vindouro está relativamente próximo do momento em que se fala, pode-se fazer uso de *este*, em algumas expressões:

Esta noite (= a noite passada) tive um sonho belíssimo.

Porém, com a mesma linguagem *esta noite* poderíamos indicar a noite vindoura. Outro exemplo:

"Meu caro Barbosa:

Deves ter admirado o meu silêncio *destes quinze dias*, silêncio para ti, e silêncio para o jornal" [CBr.7, 56].

A indicação temporal de *este* e *esse* dispensa outra expressão adverbial, se a circunstância de tempo não se apresenta ao falante como elemento principal do conjunto:

"Para o jogo bastava *esse* movimento de peão". [ML]

Esse movimento vale por: *o movimento que se fez naquele momento*.

Demonstrativos referidos a nossas próprias palavras – No discurso, quando o falante deseja fazer menção ao que ele acabou de narrar (anáfora) ou ao que vai narrar (catáfora), emprega *este* (e flexões):

"Entrou Calisto na sala um pouco mais tarde que o costume, porque fora vestir-se de calça mais cordata em cor e feitio. Não me acoimem de arquivista de insignificâncias. *Este* pormenor (isto é: o pormenor a que fiz referência) das calças prende mui intimamente com o cataclismo que passa no coração de Barbuda" [CBr.1, 93].

"Se não existisse Ifigênia... acudiu Calisto. Já *este* nome (i.é.: o nome que proferi) me soava docemente quando, na minha mocidade pela angústia da filha de Argamenão, cujo sacrifício o oráculo de Áulida desmandava.

– Ah, também eu conheço *essas* angústias (i.é.: aquelas a que se refere) da tragédia de Racine" [CBr.1, 135].

– "... não há linguagem que não soe divinamente falada por minha prima.

– *Essas* lisonjas – volveu ela sorrindo – aprendeu-as nos seus livros velhos, primo Calisto?" [CBr.1, 136].

Por este último exemplo, podemos verificar que se a referência é feita às palavras da pessoa com quem se fala, o demonstrativo empregado é *esse* (e flexões). No trecho, *essas lisonjas* são as que faz Calisto à sua prima.

Há situações embaraçosas para o emprego do demonstrativo anafórico, isto é, aquele que se refere a palavras ditas ou que se vão dizer dentro do próprio discurso (catáfora). Ocorre o caso, por exemplo, nas referências a enunciados anteriores que envolvem afastamento da 1.ª pessoa ou ao tempo em que se fala. Nestes casos, geralmente, prevalece a preferência para nossas próprias palavras, aparecendo, assim, o anafórico *este* (e flexões) em lugar do dêictico *esse* (e flexões):

– "Então que te disse ele?...

– Que tinhas lá outra... e que te viu passear com ela.

– Viu-me a passear com uma nossa parenta, viúva de um general. Quem disse ao javardo que *esta* (a que me refiro) *senhora* era minha amante" [CBr.1, 157].

Expresso um nome a que, na construção do discurso, se quer juntar uma explicação, comparação, ou se lhe quer apontar característica saliente, costuma-se repetir este nome (ou o que lhe serve de explicação, comparação, ou característica) acompanhado do demonstrativo *esse* (e flexões):

"O olhar da opinião, *esse* olhar agudo e judicial, perde a virtude, logo que pisamos o território da morte" [MA.1, 81 *apud* SS].

"Creio que por então é que começou a desabotoar em mim a hipocondria, *essa* flor amarela, solitária, de um cheiro inebriante e sutil" [MA.1, 83 *apud* SS.1, 307].

Por meio do pronome invariável *o* repetimos pleonasticamente a oração objetiva que se antecipa de sua posição normal, ou, em sentido inverso, antecipa a oração objetiva do texto:

*Que todos iam sair cedo, eu **o** disse ontem.*

*Eu **o** disse ontem, que todos iam sair cedo.*

Reforços de demonstrativos – A necessidade de avivar a situação dos objetos e pessoas tratados pelo falante o leva a reforçar os demonstrativos com os advérbios dêiticos *aqui*, *aí*, *ali*, *acolá*: *este aqui*, *esse aí*, *aquele ali* ou *acolá*.

Eu *cá* tenho minhas dúvidas. Ele *lá* diz o que pensa.

Também desempenham o papel de reforço enfático *mesmo* e *próprio* (e flexões) presos a substantivos ou pronomes, com o valor de *em pessoa* (em sentido próprio ou figurado):

Eu *próprio* assisti à desagradável cena. Ela *mesma* foi verificar o fato.

Neste sentido de identidade, *mesmo* e *próprio* entram no rol dos demonstrativos.

No seguinte trecho de M. de Assis aparece *muito*:

"Você ignora que quem os cose sou eu, e *muito* eu" [MA.2, 230].

Há construções fixas que nem sempre se regulam pelas normas precedentes; entre estas, estão:

a) isto é (e nunca *isso é*) com o valor de 'quer dizer' ou 'significa', para introduzir esclarecimentos;

b) por isso, *nem por isso*, *além disso* são mais frequentes que *por isto*, *nem por isto*, *além disto*, como a introduzir uma conclusão ou aduzir um argumento;

c) isto de (e não *isso de*) com o valor de 'no que toca', 'no que diz respeito a'. [SA.2, 264]

Outros demonstrativos e seus empregos – Já vimos que *mesmo* e *próprio* denotando identidades e com o valor de "em pessoa" são classificados como demonstrativos:

"Tal faço eu, à medida que me vai lembrando e convindo à construção ou reconstrução de mim *mesmo*" [MA.4, 203].

"De resto, naquele *mesmo* tempo senti tal ou qual necessidade de contar a alguém o que se passava entre mim e Capitu" [MA.4, 225].

"Veja os algarismos: não há dois que façam o *mesmo* ofício" [MA.4, 267].

Pode ainda o demonstrativo *mesmo* assumir o valor de *próprio*, *até*:

"Estes e outros semelhantes preceitos não há dúvida que não são pesados e dificultosos; e por tais os estimou o *mesmo* Senhor, quando lhes chamou Cruz nossa" [AV. 1, XI, 150].

"Os *mesmos* animais de carga, se lhe deitam toda a uma parte, caem com ela" [AV *apud* ED.2, § 86, a].

Mesmo, *semelhante* e *tal* têm valor de demonstrativo anafórico, isto é, fazem referência a pensamentos expressos anteriormente:

"Depois, como Pádua falasse ao sacristão, baixinho, aproximou-se deles; eu fiz a *mesma* cousa" [MA.4, 87].

"Não paguei uns nem outros, mas saindo de almas cândidas e verdadeiras *tais* promessas são como a moeda fiduciária, – ainda que o devedor as não pague, valem a soma que dizem" [MA.4, 202; FT.1, 56].

Falaste em dois bons estudantes, mas não encontrei *semelhantes* prendas na sala de aula.

Tal (sozinho ou repetido) e *outro* são demonstrativos de sentido indefinido. O primeiro aparece junto à designação de um dia, lugar ou circunstâncias reais, que não queremos ou não podemos precisar:

"Ele combinou com o assassino assaltarem a casa em *tal* dia, a *tal* hora, por *tais* e *tais* meios" [JO.1, 40].

Outro se emprega com o valor de *um segundo*, *mais um* (no sentido de *diferente*, como *mesmo* no de *igual*, é adjetivo):

Ele me tratou mal e eu fiz *outro* tanto (*tanto*, veremos mais tarde, é pronome indefinido).

Tais acepções imprecisas levam alguns estudiosos a classificar *tal* e *outro* como indefinidos.

Como elemento reforçador dos que foram tratados anteriormente, aparece *mesmo* junto aos advérbios pronominais: *agora mesmo*, *aí mesmo*, *aqui mesmo*, *já mesmo*, etc.

OBSERVAÇÃO: Sobre o emprego tido como errôneo de *mesmo* como advérbio, veja-se, mais adiante.

Um pode ter, em certas expressões, o valor de *mesmo*:

"Oh cousa para espantar
Que ambos a ferida tem
Dum tamanho, em *um* lugar" [LC *apud* JM].

(i. é: do mesmo tamanho e no mesmo lugar)

Honra e proveito não cabem *num* saco.

No estilo familiar e animado, emprega-se o demonstrativo com o valor de artigo definido:

Esse João é das arábias! *Aquela* Maria tem cada ideia! [MA.1, 36].

Registre-se ainda o emprego substantivo de *aquilo* em construções como:

"e apenas, como uma das extravagâncias que mais requerem anotação, citarei *aquilo* da p. 14" [CL.1, I, 245].

Posição dos demonstrativos – Em situações normais, em que não impere a ênfase, o demonstrativo vem anteposto ao nome. Em caso contrário, pode o adjetivo vir posposto, principalmente se o demonstrativo se referir ao pensamento já expresso.

"Logo depois, senti-me transformado na *Summa Theologica* de S. Tomás, impressa num volume, e encadernada em marroquim, com fechos de prata e estampas; ideia *esta* que me deu ao corpo a mais completa imobilidade..." [MA *apud*. SS.1, 306].

"... Os seus olhos serenos, como o céu, que imitavam na cor, tomaram a terrível expressão que ele costumava dar-lhes no revolver dos combates, olhar *esse* que, só por si, fazia recuar os inimigos" [AH *apud* SS].

Nas orações exclamativas ocorre também a posposição: Que dia *este*!

Mesmo pode corresponder a dois vocábulos latinos: *idem* e *ipse*. No primeiro caso, denota identidade e reclama a presença do artigo ou de outro demonstrativo:

Disse as *mesmas* coisas. Referiu-se ao *mesmo* casal. Falou a este *mesmo* homem.

Idêntico a *ipse*, emprega-se junto a substantivo ou pronome e equivale a *próprio*, *em pessoa* (em sentido próprio ou figurado)49:

Ela *mesma* se condenou.

Em ambos os sentidos, *mesmo* pode aparecer antes ou depois do substantivo. Nota-se

apenas, na língua moderna, certa preferência para a anteposição, quando o demonstrativo assume o valor de *idem*, isto é, indica identidade.

É costume calar-se a preposição na oração subordinada que se refere a substantivo antecedente que tem *mesmo* como adjunto:

> Encontrei-o na *mesma situação* (***em***) ***que*** estava no ano passado.
>
> Saiu do trabalho no *mesmo dia* (***em***) ***que*** fora promovido.
>
> "Querias, porventura, ensiná-la a desprezar-me pela *mesma razão* (***por***) ***que*** tu me desprezas" [CBr *apud* MBa.2, 310].

Pronome indefinido

Nem sempre se pode estabelecer claramente a diferença entre simples indefinidos tratados neste lugar dos quantitativos indefinidos; isto porque certos indefinidos aparecem aplicados à quantidade incerta.

Empregos e particularidades dos principais indefinidos – O indefinido pode estender a sua significação a todos os indivíduos de uma classe:

> *Todos* os homens são bons. *Cada* livro deve estar no lugar próprio. *Qualquer* falta merece ser punida.
>
> Livro *algum* será retirado sem autorização. *Nenhum* erro foi cometido.

A significação do indefinido se pode estender apenas a um ou a alguns indivíduos de uma classe:

> *Certas* folhas ficaram em branco.
>
> Daí surgirão *outros* enganos.

Sobre os principais pronomes indefinidos acrescentaremos:

a) Algum

Anteposto ao substantivo tem valor positivo: Recebeu *algum* recado importante.

Posposto ao nome, assume significação negativa, podendo ser substituído pelo indefinido negativo *nenhum*: Resultado *algum* saiu do inquérito.

Ocorre com maior frequência este emprego em frases onde já existem expressões negativas (*não*, *nada*, *sem*, *nem*), em interrogações oratórias ou depois de substantivo precedido da preposição *sem*: "Era pessoa *sem* escrúpulo *algum*" [ED.2, § 106].

b) Algo

Está hoje praticamente desbancado pela locução sinônima *alguma coisa*: 50

> Terás *algo* para contar-me?
>
> Há *algo* novo no ar.

É mais frequente seu emprego como advérbio, em construções do tipo:

> A situação está ***algo*** *perigosa*.
>
> Ali se passaram os momentos ***algo*** *inesquecíveis*.

O mesmo emprego adverbial conhece o seu equivalente *alguma coisa*:

> A leitura deixou-lhe impressão ***alguma coisa*** *agradável*.

Algumas vezes o significado quantitativo de *algo* e *alguma coisa* favorece o aparecimento da preposição *de* com valor partitivo:

Não há ***algo de*** novo.

Ficou-lhe do encontro ***alguma coisa de*** arrependimento.

Alguma coisa de novo deve acontecer hoje.

A presença da preposição junto ao adjetivo o transpõe à classe do substantivo e, por atração, este pode concordar em gênero e número com o nome sujeito do verbo:

Apresento-lhe *estas desculpas* que têm ***algo de*** *engraçadas*.

De repente saíram *umas ideias* ***alguma coisa de*** *ridículas*.

Sem razão, alguns autores consideram galicismo a presença da preposição *de* nestas construções com pronomes indefinidos, todos de valor nitidamente quantitativo [MBa.5, 43].

c) Cada

Junta-se a substantivo singular, a numeral coletivo e expressões formadas por numeral seguido de substantivo no plural:

"Uma ilusão gemia em *cada* canto,

Chorava em *cada* canto uma saudade". [LG]

Cada século possui seus homens importantes.

Faz prova em *cada* trinta dias.

Usa-se combinado a *cada um* e *cada qual*.

É condenado o emprego de *cada* sem substantivo em lugar de *cada um* nas referências a nomes expressos anteriormente, considerado imitação da linguagem comercial francesa, o que pomos em dúvida.

Os livros custam trinta cruzeiros *cada* (por *cada um*).

Cada não sofre variação, mas a concordância do verbo com o sujeito se processa normalmente:

"Convém notar o tríduo das Lemúrias

Não corre a flux: ***cada*** *dois dias levam*

entre si um profano intercalado" [AC.1, III, 57 *apud* FC.1, 53].

OBSERVAÇÃO: Com exagero, já se condenou por mal soante a expressão *por cada*, que, segundo a crítica, lembraria *porcada* (vara de porcos). Rui Barbosa [RB.1, 126] defendeu brilhantemente o falso cacófato (mau som).

Lembra Sousa da Silveira o valor intensivo de *cada*, como no seguinte exemplo (está claro que proferido com entonação expressiva):

"Então é *cada* temporal, que até parece que os montes estremecem" [EQ.1, 288 *apud* SS.1, § 388].

Conta *cada* história!

d) Certo

É exclusivamente na língua moderna pronome indefinido quando antecede ao substantivo:

"A vida celibata podia ter *certas* vantagens próprias, mas seriam tênues, e compradas a troco da solidão" [MA.1, 306].

Havendo ênfase, poderá aparecer *um certo*, expressão que tem sido, com algum exagero, recriminada pelos gramáticos. Alexandre Herculano, notável escritor português, talvez influenciado pelas teorias gramaticais reinantes, aboliu, em redações posteriores, o artigo indefinido (junto ou não a palavras indefinidas), tirando, muita vez, o colorido enfático do trecho primitivo. De *um certo* usou ele nos seguintes passos:

"Forçoso é que um poeta creia no pensamento, que o agita, e no ideal, aonde tem de ir buscar *um certo* número d'existência..." [AH.2, 162].

"Passado todo este tempo os escravos de *um certo* Adócio, que herdara o domínio daquela montanha..." [AH.2, 215].

"O gesto brando com que, uma vez posta, começou a mover as asas, tinha *um certo* ar escarninho, que me aborreceu

muito" [MA.1, 99].

Posposto ao substantivo, *certo* fixou o seu emprego de adjetivo, com o sentido de "acertado", "ajustado", "exato", "verdadeiro". Ambos os sentidos, indefinido e qualificativo, são aproveitados nos seguintes jogos de palavras:

Tenho *certos amigos* que não são *amigos certos*.

Note-se, com o *Dicionário Contemporâneo*, que *certo* atenua o que na significação do substantivo haja de demasiadamente absoluto, quando este indefinido vem anteposto a nome que exprime qualidade, propriedade ou modo de ser:

Goza de *certa* reputação de talento.

A ópera tem uma *certa* novidade.

Nesta significação atenuativa, *certo*, equivalente a *algum* (e flexões), se aproxima dos quantitativos indefinidos.

NOTA: No português de outras épocas, a função de adjetivo ocorria, ou podia ocorrer, ainda anteposto ao nome:

"Deveis de ter sabido claramente
Como é dos fados grandes *certo* intento" (isto é: intento certo)
[LC.1, I, 24].

"Esta ilha pequena que habitamos
É em toda esta terra *certa* escala (isto é: escala certa)
De todos os que as ondas navegamos"
[LC.1, I, 54].

"Atento estava o rei na segurança
Com que provava o Gama o que dizia;
Concebe dele *certa* confiança, (isto é: confiança segura)
Crédito firme em quanto proferia"
[LC.1, VIII, 76].

e) Nenhum

Reforça a negativa *não*, podendo ser substituído pelo indefinido *algum*:

Não tínhamos *nenhuma* dívida até aquele momento.

Sem ênfase, *nenhum* vem geralmente anteposto ao substantivo; havendo desejo de avivar a negação, o indefinido aparece posposto:

"Que é lá? redargui; não cedi *cousa nenhuma*, nem cedo" [MA.1, 134].

Referindo-se o nome no plural, *nenhum* se flexiona:

"Mas se anda nisto mistério, como quer o condestável, espero que não serão *nenhuns feitiços*..." [RS.1, 195].

Em certas frases de forma afirmativa, *nenhum* pode adquirir valor afirmativo, como sinônimo de *qualquer*:

Mais do que *nenhum* homem, ele trabalhava para a tranquilidade.

Enquanto *nenhum* é um termo que generaliza a negação, *nem um* se refere à unidade:

Não tenho *nenhum* livro.

Não tenho *nem um livro*, quanto mais dois.

f) Todo – Tudo 51

Concorda em gênero e número com o substantivo ou pronome a que serve de adjunto adnominal.

Quando no singular está anteposto a substantivo ou adjetivo substantivado, vale por "cada", "qualquer" ou "inteiro", "total", podendo vir ou não acompanhado de artigo. Isto significa que, no singular, *todo* pode referir-se tanto à totalidade distributivamente de um conjunto

plural (*Todo o homem* é mortal = "todos e cada um dos homens") – e neste sentido equivale ao latim *omnis* –, como à totalidade, integralidade, de um indivíduo, de um singular (***Todo** o homem* ou *O homem **todo** é pecado e miséria*; *Trabalhar **todo** o dia* ou *o dia **todo***) – e já neste sentido vale pelo latim *totus* [HCv.3, III, 33 n.4].

Ainda que *todo* possa significar "qualquer", eles podem concorrer juntos na expressão *todo* (*toda*) *e qualquer*:

"Introdução de *todo e qualquer* gênero de produto" [RB *apud* FC.1, 295].
A *toda* falta deve corresponder um castigo adequado (*toda* = "cada").
A *toda a* falta... (*toda* = "cada").
Todo ser merece consideração (*todo* = "qualquer").
Todo o ser merece... (*todo* = "qualquer").
O incêndio destruiu *toda* casa (*toda* = "inteira", "total").
O incêndio destruiu *toda a* casa (*toda* = "inteira", "total")
Todo pobre receberá esmola.
Todo o pobre receberá esmola.

Enquanto em Portugal não se faz a distinção formal entre "*cada*"/ "*qualquer*" e "*inteiro*"/ "*total*", usando-se quase sempre *todo* seguido de artigo (*Todo o homem é mortal*), no Brasil, para o primeiro sentido, modernamente, dispensa-se o artigo (*Todo homem é mortal*) e, para o segundo, o artigo é obrigatório (*Toda a casa pegou fogo*).

Está claro que a presença ou ausência do artigo está inicialmente presa ao fato de o substantivo núcleo do sintagma exigir ou não artigo, independentemente da variedade semântica apontada. Assim, como se diz, nos nomes dos países, com artigo, *o Brasil*, dir-se-á *todo o Brasil*; em contraposição, só se diz, sem artigo, *Portugal*, logo se dirá *todo Portugal*.

A distinção entre "cada"/ "qualquer" e "inteiro"/ "total" fica prejudicada em virtude da ocorrência da fonética sintática que facilita, na pronúncia (com reflexo natural na escrita), a fusão por crase da vogal final de *todo*, *toda* com o artigo singular *o*/ *a*: *todo o* = *todo*; *toda a* = *toda*. Daí, muitas vezes a indecisão que sentem as pessoas na hora de usar *todo* e *todo o*, *toda* e *toda a*.

Assim, diz-se, entre brasileiros, sem distinção de sentido, *todo o mundo*, *toda a vida*, *todo o tempo*, *toda a hora*, *toda a parte*, etc., ao lado de *todo mundo*, *toda vida*, *todo tempo*, *toda hora*, *toda parte*, etc., vacilação que se nota no português europeu literário de épocas passadas, em Camões, por exemplo. Em *todo o mundo*, *toda a gente*, percebe-se, na própria significação dos substantivos, o valor coletivo da expressão.

Todo indica a totalidade numérica, isto é, qualquer indivíduo da classe, quando seguido de oração adjetiva substantivada pelo *o* ou do pronome *aquele* (*todo aquele que*):

"(...) *Todo o que* sofre,
Todo o que espera e crê, *todo o* que almeja
Perscrutar o futuro, se coloca
Ao lado do Senhor" [FV *apud* SS.1, § 366].

Desaparece, naturalmente, a vacilação quando, em vez do artigo definido, aparecer o indefinido *um*, pois aí *todo um* denota "inteiro", "total": *todo um dia*, *toda uma cidade*, construção, aliás, sem razão, rejeitada por puristas intransigentes.

Todo no singular e posposto ao substantivo entra sempre na expressão da totalidade: *o*

homem todo, *a casa toda*, *o país todo*, *a semana toda*, *o tempo todo*, *a fortuna toda*, *o mundo todo*, *uma cidade toda*.

Nas expressões de reforço enfático ou de valor superlativo do tipo de *todo o resto*, *toda a soma*, *todo o mais* (substantivado), *a toda a pressa*, *a toda a brida*, *a todo o galope*, o artigo é de presença obrigatória entre brasileiros.

No plural, *todos*, *todas*, antepostos ou pospostos, exigem sempre a presença do artigo, desde que o substantivo não esteja precedido de adjunto que o exclua:

Todos os alunos entregaram as provas antes do tempo.

Todas as revisões são passíveis de enganos.

Os alunos todos disseram sim.

Todos estes casos foram examinados.

Todas elas responderam às cartas

Estando a totalidade numérica definida por um numeral referido a substantivo explícito ou subentendido, *todos* pode ser ou não acompanhado de artigo (*todo um*, *todos dois* ou *todos os dois*, *todos três* ou *todos os três*, etc.):

"Era belo de verem-se *todos cinco* em redor da criança, como se para outro fim se não reunissem!" [CBr.6, 131].

Todas as quatro razões foram discutidas.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) É mais comum a presença do artigo quando o substantivo está expresso.

2.ª) Em *todas estas quatro razões*, a presença de um adjunto (*estas*) que exclui o artigo explica a sua ausência.

Graças à significação de certos verbos em determinados contextos, *todos* pode ser interpretado em sentido distributivo, com valor aproximado de "cada", como no exemplo:

"Dizia um Secretário de Estado meu amigo que, para se repartir com igualdade o melhoramento das ruas por toda a Lisboa, deviam ser obrigados os ministros a mudar de rua e bairro *todos os três meses*" [AGa.4, 33].

(isto é: a cada três meses, de três em três meses, como interpreta ED.2, § 61, a)

Todo pode ser empregado adverbialmente, com valor de "inteiramente", "em todas as suas partes":

"Desculpe-me, que eu estou *todo* absorvido pela minha mágoa!"

[CBr.6, 93].

"Longe de mim a triste ideia de me intrometer nessa questão *todo* particular"

[CL.1, I, 211].

Suas origens pronominais facultam-lhe a possibilidade de poder, por atração, concordar com a palavra a que se refere:

O professor é ***todo*** *ouvidos.* *Ela é* ***toda*** *ouvidos.*

Ele está ***todo*** *preocupado.* *Ela está* ***toda*** *preocupada.*

Acabamos de ver as crianças ***todas*** *chorosas.*[52]

Todo entra ainda na construção de locuções adverbiais: *em todo*, *de todo*, *de todo em todo*, etc.

Tudo – Refere-se às coisas consideradas em sua totalidade ou conjunto e, normalmente, se apresenta como termo absoluto, desacompanhado de determinado:

Nem *tudo* está perdido.

Põe a esperança em *tudo*.

O seu emprego absoluto apresenta duas exceções: quando se combina com os demonstrativos *isto*, *isso*, *aquilo* ou quando é seguido de oração adjetiva substantivada pelo

artigo:

Tudo isso é impossível. *Isso tudo* é impossível.

Onde você comprou *tudo aquilo*?

Desconhecemos *tudo o que eles disseram.*

Em tais construções, o demonstrativo funciona como núcleo do sintagma nominal e o indefinido como seu adjunto, bem como da oração adjetiva substantivada.

Pronome relativo

Usa-se *o qual* (e flexões) em lugar de *que*, principalmente quando o relativo se acha afastado do seu antecedente e o uso deste último possa dar margem a mais de uma interpretação:

O guia da turma, *o qual* nos veio visitar hoje, prometeu-nos voltar depois (com o emprego de *que* o sentido ficaria ambíguo).

Pode-se ainda recorrer à repetição do termo:

"Arrastaram o saco para o *paiol* e o *paiol* ficou a deitar fora" [CN.1, 12].

Dá-se ainda o afastamento do relativo em relação ao seu antecedente em exemplos como o seguinte:

"No fundo de um triste vale dos Abruges, terra angustiada e sáfara, um pobre eremita vivia *que* deixara as abominações do século pela soledade do deserto" [JR.2, 2, 219].

Hoje é mais comum construir:

"eremita que deixara... vivia" ou "vivia um pobre eremita que deixara...".

Deve-se evitar com cuidado o grande distanciamento entre o antecedente e o correspondente relativo, principalmente se este estiver precedido de dois nomes que possam assumir esta referência. Mário Barreto [MBa.5, 303] cita o trecho de Camilo em que o escritor explicita entre parêntese o real antecedente:

"Eu de mim, se não estivesse amortalhada no sobretudo do meu marido, *que* vou escovar (o sobretudo), era dele, como a borboleta é da chama (...)".

"Lúcia descera com a moça bonita, de calças curtas, *que* guiava o carro" [JL.2, 133].

Muitas vezes a pontuação salva a boa interpretação do texto; a vírgula posta entre um substantivo (ou pronome) e o relativo serve para indicar que este não se está referindo àquele, e sim ao mais afastado:

"mas ele tinha necessidade da sanção de alguns, *que* (isto é, a "sanção", e não "alguns") lhe confirmasse o aplauso dos outros" [MA.1, 138].

Em geral substitui-se *que* por *o* (*a*) *qual* depois de preposição ou locução prepositiva de mais de duas sílabas. Empregamos *sem que* ou *sem o qual*, *a que* ou *ao qual*, *de que* ou *do qual*, mas dizemos com mais frequência *apesar do qual*, *conforme o qual*, *perante o qual*, etc.53 O movimento rítmico da frase e a necessidade expressiva exigem, nestes casos, um vocábulo tônico (como *o qual*) em lugar de um átono (como *que*).

Com frequência, a preposição que deveria acompanhar o relativo emigra para o antecedente deste relativo:

"A barra é perigosa, como dissemos: porém a enseada fechada é ancoradouro seguro, *pelo que* (o porque, razão por que) tem sido sempre couto dos corsários de Berbéria" [AH.2, 69].

"... até o induzirem a mandá-lo sair da corte, *ao que* (o a que) D. Pedro atalhou com retirar-se antes que lhe ordenassem" [AH.2, 91].

"... não tardou a ser atravessado, pelo coração, com uma seta do que (o de que) imediatamente acabou" [AH.2, 97].

A construção regular, sem migração da preposição, é pouco usada e se nos apresenta como artificial:

"Assim me perdoem, também, *os a quem* tenho agravado, *os com quem* houver sido injusto, violento, intolerante..." [RB.2, 23].

No seguinte exemplo de Rui Barbosa a preposição aparece antecipada e depois no lugar devido:

"É *no em* que essa justificação se resume" [RB.1, 519].

Outras vezes omite-se a preposição que pertence a rigor ao relativo, em virtude de já ter o seu antecedente a mesma preposição:

Você só gosta *das coisas que* não deve (por: *das coisas de que não deve*).

Ele falou *do que* não podia falar (por: *de que não podia falar*).

Relativo universal – Na linguagem coloquial e na popular pode aparecer o pronome relativo despido de qualquer função sintática, como simples transpositor oracional. A função que deveria ser desempenhada pelo relativo vem mais adiante expressa por um substantivo ou pronome precedido de preposição. É o chamado *relativo universal* que, desfazendo uma complicada contextura gramatical, se torna um "elemento linguístico extremamente prático" [KN.1, V, 330]:

Ali vai o homem *que* eu falei com *ele*.

por

Ali vai o homem *com quem* eu falei.

Anacoluto no relativo – Costuma-se empregar ainda *que* ou *quem* seguido de pronome pessoal oblíquo (*que* ou *quem... lhe*) onde o rigor gramatical estaria a pedir este relativo precedido de preposição. É prática antiga que ainda persiste no colóquio moderno:

"Agora sim, disse então aquela cotovia astuta, agora sim, irmão, levantemos o voo e mudemos a casa, que vem *quem lhe* dói a fazenda"

(= aquele a quem dói a fazenda) [MBe *apud* AC.8, I, 70].

Quem ama o feio bonito *lhe* parece (= quem ama o feio parece bonito).

Quem cospe para o céu, na cara *lhe* cai.

Pode ocorrer ainda que, em vez do pronome *lhe*, apareça substantivo ou pronome com a preposição que deveria preceder o relativo.

Outras vezes o relativo não se refere propriamente ao seu antecedente, mas a um termo a ele relacionado:

"Bem vês as *lusitânicas* fadigas

Que eu já de muito longe favoreço" [LC.1, II, 171].

O pronome relativo se refere a *lusitanos*, ideia contida no adjetivo *lusitânicas*.

"Isto que parece absurdo ou desgracioso é perfeitamente racional e belo – belo à *nossa* maneira, *que* não andamos a ouvir na rua os rapsodos recitando os seus versos, nem os oradores os seus discursos, nem os filósofos, as suas filosofias" [MA *apud* SS.5, I, 28]. Aqui o relativo se refere ao pronome pessoal *nós* que se depreende do pronome possessivo *nossa*.

Não pertence à boa norma da língua repetir sob forma pronominal a função sintática já desempenhada pelo relativo. São escassos os exemplos como os seguintes:

"(nome) *que to* dissesse a brisa perfumada

Lasciva perpassando pelas flores" [CA.1, ed. SS, § 29].

"... o homem que se destina, ou *que o* destinou seu nascimento, a uma vocação pública, não pode sem vergonha ignorar as belas-letras e os clássicos" [AGa *apud* SS.5].

É preciso distinguir cuidadosamente este caso de outro aparentemente igual, em que não se trata de *que* pronome relativo, mas *que* conjunção causal ou consecutiva (com elipse do intensivo *tão*, *tal*):

"O português hodierno não é nem a língua de sábios nem de filósofos e pensadores *que* não *os* há..." [JR.6, 152].

"Tenho os pés *que os* não sinto, dizia ele ao seu vizinho" [AFg.1, 117].

(isto é: tenho os pés *de tal maneira, que*...)

Já vimos que *cujo*, como pronome relativo, traduz a ideia de posse, com o valor de *dele* (*dela*), *do qual* (*da qual*):

O livro *cujas* páginas... (= as páginas *do qual*, as páginas *dele*, as *suas* páginas).

Conforme a função do núcleo do sintagma nominal, do qual este pronome serve de adjunto, *cujo* pode vir precedido de preposição:

O proprietário *cuja casa* aluguei (a casa *do qual* aluguei).

Os pais *a cujos filhos* damos aula... (aos filhos *dos quais*).

Os pais *de cujos filhos* somos professores... (dos filhos *dos quais*).

O clube *em cujas dependências* faço ginástica (nas dependências *do qual*).

A cidade *por cujas ruas*, na infância, arrastou seus sonhos (pelas ruas da qual).

A prova *com cujas questões* me atrapalhei (com as questões *da qual*).

Para o emprego correto de *cujo*, além do que já dissemos antes, convém atentar para as três seguintes construções viciosas:

a) em vez de *cujo*, empregar um relativo (*que*, *quem*) precedido da preposição *de* para referir-se à ideia de posse:

Não posso trabalhar com uma pessoa *de quem* discordo dos métodos.

Dever-se-á construir:

Não posso trabalhar com uma pessoa *de cujos* métodos discordo (do método *dela*, do método *da qual*).

b) também não é para imitar o emprego de *cujo* (e flexões) significando *o qual* (e flexões). Os exemplos que dele se nos deparam na pena de um bom conhecedor do idioma, como Filinto Elísio, se devem explicar como uma iniciativa do idioleto do escritor, mas que não ganhou foros de cidade:

O livro *cujo* eu comprei ontem é excelente.

c) empregar artigo definido depois de *cujo*:

O pai *cujos os* filhos estudam aqui.

5 – Numeral

Numeral – é a palavra de função quantificadora que denota valor definido:

"A vida tem *uma* só entrada: a saída é por *cem* portas" [MM].

Os numerais propriamente ditos são os *cardinais*: *um*, *dois*, *três*, *quatro*, etc., e respondem às perguntas *quantos?*, *quantas?*.

Observações:

1.ª)Não são quantificadores numerais, ainda que tenham o mesmo significante, os substantivos que designam os algarismos e os números inteiros positivos. São substantivos e, como tais, admitem gênero e podem ir ao plural: *o um*, *os uns*; *o dois*, *os dois*; *o*

quatro, *os quatros*; prova dos *noves*. O gênero masculino se explica pela referência à palavra *número*, que se subentende. [AL.1, 120].

2.ª)Entre brasileiros, principalmente em referência a números de telefone, usa-se *meia dúzia* ou *meia* para o número *seis*. Não vale como numeral.

A tradição gramatical, levando em conta mais a significação de certas palavras denotadoras da quantidade e da ordem definidas, tem incluído entre os numerais próprios – os cardinais – ainda os seguintes: os *ordinais*, os *multiplicativos* e os *fracionários*. Tais palavras não exprimem uma quantidade direta do ponto de vista semântico, e, do ponto de vista sintático, se comportam, em geral, como adjetivos que funcionam como adjuntos e, portanto, passíveis de deslocamentos dentro do sintagma nominal:

Ele era o *segundo* irmão entre os homens.

Ele era o irmão *segundo* entre os homens.

Podem combinar-se coordenativamente com outros adjetivos:

Choveu muito nos *primeiros e gelados* dias deste inverno.

Podem até estar quantificados pelo numeral próprio:

Os *três primeiros* meses foram de muito calor.

Os *dois sêxtuplos* nasceram na mesma cidade, em anos diferentes.

De modo que seria mais coerente incluir os ordinais, multiplicativos e fracionários, conforme se apresentem no discurso, no grupo dos substantivos (*dobro*, *metade*, etc.) ou dos adjetivos (*duplo*, *primeiro*, etc.), como já fizemos com *último*, *penúltimo*, *anterior*, *posterior*, *derradeiro*, *simples*, *múltiplo*, etc., que denotam ordenação ou posição dos seres numa série, sem imediata ou mediata relação com a quantidade. Em nome da tradição e para comodidade de consulta do leitor, incluiremos nesta seção tais palavras, sem considerá-las como numerais.

Também a tradição gramatical tem posto *ambos* como numeral *dual*, como subcategoria de número (singular/plural), por sempre aludir a dois seres concretos já mencionados no discurso. Mas não temos, como alguns dialetos gregos, entre outras línguas, unidades linguísticas para a ideia da dualidade nos nomes e nos verbos [BD.1, II, 2.ª parte, 195; JV.1, 152]. Conforme as informações do contexto, podemos indicá-la por *dois*, *ambos*, pelo plural (*as abotoaduras*) ou possessivo (*suas abotoaduras*, *seus pulsos*), pelo reflexivo (*se amam*), etc. Nem o latim conhecia o dual [ECs.1, 198; HCv.3, III, 34]. Portanto, fica para *ambos* uma das duas classificações mais correntes: ou um *numeral* plural ao lado de *dois*, mas dele diferente por só se referir a seres já previamente indicados ou conhecidos, ou um *pronome*, justamente levando em conta essa referência de dêixis anafórica. *Ambos* admite posição anteposta ou posposta ao nome que modifica, nome (menos o pronome, naturalmente) que pode vir ou não precedido de preposição e pode ser substituído por *um e outro*:

Ambos os filhos ou os filhos *ambos*

Ambos os livros ou os livros *ambos*

Ambas (as) razões – *Uma e outra* razão

OBSERVAÇÃO: *Ambos* podia combinar-se com *dois* em construções enfáticas em que estivesse anteposto ou posposto ao substantivo: João e Maria eram irmãos; os *dois ambos* são engenheiros. Hoje, só no estilo solene, ocorre a construção.

Do ponto de vista material, existem em português os numerais simples (*um*, *dois*, *três*, *vinte*, *trinta*, *cem* [próclise de *cento*]), os compostos, que indicam adição, ligados pela conjunção *e* (*vinte e um*, *dezesseis*, *dezessete*, *cento e dois*, *mil e noventa*, etc.) e os justapostos que indicam multiplicação, quando a primeira unidade, multiplicadora, é menor

que a segunda: *quatrocentos* (4 x *cem*), *setecentos*, *oitocentos* e *novecentos*, *dois mil*, *cinco mil*, etc.54

Na designação dos números, usa-se a conjunção *e* entre as centenas, dezenas e unidades (*duzentos e vinte e seis*). Entre os milhares e as centenas, emprega-se o *e* se as centenas não forem seguidas de outro número (*dois mil e duzentos*); em caso contrário, omite-se a conjunção (*dois mil duzentos e vinte e seis*). Põe-se o *e* entre os milhares e as dezenas como também entre os milhares e as unidades (*dois mil e vinte e seis*; *dois mil e seis*). [SL.1, 164]

Nos números muito extensos, omite-se a conjunção entre as classes, isto é, entre os grupos de três algarismos: 324.312.090.215 – *trezentos e vinte e quatro bilhões trezentos e doze milhões noventa mil duzentos e quinze.*

Têm emprego como substantivos e, entre estes, guardam analogia com os coletivos – mas deles diferem pela indicação de quantidade definida: *dezena*, *década*, *dúzia*, *centena*, *centenar*, *cento*, *milhar*, *milheiro*, *milhão*, *bilhão*, *trilhão*, etc. [SA.2, 88].

Como ainda os coletivos, podem ter adjuntos introduzidos por preposição para indicar a espécie: uma *dúzia de laranjas*, duas *décadas de vida*, três *centos de bananas*, um *milhão de pessoas*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Em lugar de *milhão* pode ocorrer *conto*, na aplicação a dinheiro, em *conto de réis* ou, simplesmente, *conto*.

2.ª) Podem ser grafados com *lh* ou *li*: *bilhão* / *bilião*, *trilhão* / *trilião*, *quatrilião*, *quintilião*, *sextilião*, *setilião*, *octilião*. As formas com *lh* são mais usuais.

Os cardinais funcionam como adjuntos, à maneira dos adjetivos e pronomes adjetivos, e podem substantivar-se, se os seres forem consabidos, precedidos de artigo ou outro determinativo:

> *Os dois* acabaram chegando cedo.
>
> *Estes três* estão à sua espera.

Podem juntar-se a substantivo acompanhado ou não de adjetivos, antepostos ou pospostos ao numeral:

> Os *dois* bons momentos da vida.
>
> Os maravilhosos *três* dias passados na fazenda.

No que toca à flexão de gênero, os numerais são invariáveis, exceção de *um* (*uma*), *dois* (*duas*) e *ambos* (*ambas*), os formados com *um* (*vinte e um*/*vinte e uma*) e as centenas acima de *cem* (*duzentos*/*duzentas*, *trezentos*/*trezentas*, *novecentos*/*novecentas*).

Cumpre lembrar que se o sujeito da oração tiver por núcleo o substantivo *milhões*, acompanhado de adjunto preposicionado no plural, cujo núcleo é um feminino, o particípio ou o adjetivo pode concordar no masculino com seu núcleo, ou no feminino, com o substantivo preposicionado do adjunto:

> *Dois milhões de pessoas* foram aposentados (ou aposentadas) neste ano.

Os adjuntos de *milhar*, masculino, devem também ficar no masculino:

> *Alguns milhares* de pessoas se expõem perigosamente ao sol do meio-dia.
>
> *Os milhares* de pessoas que estudam línguas estrangeira não devem esquecer a materna.

Evite-se o erro, hoje comum: ***algumas*** *milhares de pessoas*, ***as milhares*** *de pessoas*.

Depois dos numerais compostos com *um* pode deixar-se o substantivo no plural: *trinta e um* ***dias***, contrução mais comum.

Na expressão alusiva a um número não conhecido ou que não se queira explicitar (*o número tanto*), pode-se também usar o plural: *o número tantos*, *a folhas tantas*, *a páginas tantas*.

Cabe ainda lembrar que o numeral cardinal pode às vezes ser empregado para indicar número indeterminado:

Peço-lhe *um* minuto de sua atenção (= *alguns poucos minutos*).

Contou-lhe o fato em *duas* palavras (= *poucas palavras*).

F. tem *mil e um* defeitos (por: *muitos defeitos*).

Ela anda com *mil* perguntas (por: *muitas perguntas*).

Como vimos no emprego de *todo*, às vezes expressões como *todos os dois dias*, *todas as três semanas*, etc. podem ser empregadas com o valor de "dois em dois dias" ou "a cada dois dias", "de três em três semanas" ou "a cada três semanas".

A relação entre os nomes numerais, como diz Mattoso Câmara [MC.4, 178], e a arte de contar leva a que, na língua escrita, se usem os algarismos em vez das palavras correspondentes, prática válida para os ordinais: 26 de fevereiro; reunião às 3 horas; rua X, 204; reinou 12 anos; capítulo 4; seção 32.ª; 14.º lugar, etc.

"Assim, os numerais passam a ser indicados na língua escrita por ideogramas" [MC.4, 178].

Ordinais – São as palavras que denotam o número de ordem dos seres numa série:

primeiro, *segundo*, *terceiro*, *quarto*, *quinto*, etc.

OBSERVAÇÃO: *Último*, *penúltimo*, *antepenúltimo*, *anterior*, *posterior*, *derradeiro*, *anteroposterior* e outros tais, ainda que exprimam posição do ser, não têm correspondência entre os numerais e por isso devem ser considerados meros adjetivos. 55

Ordinais e cardinais – Os ordinais têm pouca frequência na língua comum, exceto os casos consagrados pela tradição e, em geral, até o número *dez*:

4.º andar, 2.º pavimento, 3.ª seção, 5.º lugar, 100.º aniversário de fundação.

Todavia, no estilo administrativo e em outras variedades de estilo oficial, correm com mais frequência os ordinais. Os casos mais comuns são os seguintes: até décimo, quando se usam também os algarismos romanos (estes vão além de décimo). A partir de décimo, os cardinais substituem os ordinais correspondentes:

a) na seriação dos monarcas e papas de mesmo nome:

Pedro I, Pedro II, D. João VI, Pio X, Leão XIII, João XXIII

b) na cronologia dos séculos:

século I, século VI, século X, século XXI

c) na indicação dos capítulos de livros:

capítulo I, capítulo III, capítulo IX, capítulo XXXII

O cardinal substitui o ordinal na indicação de horas e em expressões designativas da idade de alguém; neste caso, se o substantivo estiver no plural, o número também irá ao plural:

É *uma hora* (= é a primeira hora).

É *uma hora e meia*.

São *duas horas* (= é a segunda hora).

Castro Alves faleceu aos 24 anos (= no vigésimo quarto ano de vida).

Também o cardinal substitui o ordinal na designação dos dias do mês; se mencionado o

substantivo *dia* antes do algarismo, fica no singular:

No dia 2 de dezembro nasceu Pedro II (por: no segundo dia de dezembro).

Se vier posposto ao algarismo, linguagem usada em documentos oficiais, o substantivo *dia* será usado no plural:

Aos *treze dias* do mês de janeiro nasceu o primogênito.

Aos *26 dias* de agosto de 1944 foi fundada a Academia Brasileira de Filologia.

Para referir-se ao dia que inicia cada mês podemos usar tanto o cardinal quanto o ordinal:

No dia *um* de janeiro nasceu-lhe o segundo filho.

No dia *primeiro* de janeiro nasceu-lhe o segundo filho.

Na referência a páginas ou capítulos de livro, usam-se as preposições *em* ou *a*. Com *em* emprega-se a palavra *página*, *folha* ou *capítulo* no singular seguida do cardinal, se for superior a dez, podendo até aí usar-se o ordinal, anteposto ou posposto:

Na página 32 há um erro de revisão / *na folha 32* / *no capítulo 32*

Na página dois faltou uma vírgula / *na folha 2* / *no capítulo dois*

Na página segunda ou *na segunda página* / *na folha segunda* / *no capítulo segundo*

Com a preposição *a*, usa-se o substantivo no plural:

A páginas 12 *A folhas 12*

Note-se que se pode dizer *à página dois*, *a páginas duas*, *a páginas vinte e uma*, *a páginas tantas*, *na página dois*, *na página vinte e um*, *na página vigésima primeira*. Em resumo: com *página*, no singular, o cardinal fica invariável; com *páginas*, no plural, o cardinal se flexiona em gênero. O ordinal se flexiona sempre: *página primeira*, *páginas vigésima primeira*.

Multiplicativos – São as palavras que exprimem a multiplicidade dos seres. Os mais usados são:

duplo ou *dobro*, *triplo* ou *tríplice*, *quádruplo*, *quíntuplo*, *sêxtuplo*, *séptuplo*, *óctuplo*, *nônuplo*, *décuplo*, *cêntuplo*.

Fracionários – São as palavras que indicam frações dos seres:

meio, *terço*, *quarto*, *quinto*, *sexto*, *sétimo*, *oitavo*, *nono*, *décimo*, *vigésimo*, *centésimo*, *milésimo*, *milionésimo*, empregados como equivalentes de *metade*, *terça parte*, *quarta parte*, etc.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) O fracionário *meio*, funcionando como adjunto, concorda com seu núcleo, explícito ou não: meio-dia e *meia* [hora]; duas e *meia* [hora].

2.ª) Em lugar de *um milhão* (*dois milhões*, etc.) *e meio* pode-se, mais raramente, empregar *um e meio milhão*, *dois e meio milhões*:

> "Para aquilatar a importância dos tropeiros, basta lembrar que o Brasil tem cerca de *oito e meio milhões* de quilômetros quadrados de superfície (...)" [AAr *apud* SS.3, 106].

Para muitos fracionários empregamos o cardinal seguido da palavra *avos*, extraído de *oitavo*, como se fora sufixo. Por hipertaxe passa a funcionar como uma palavra: onze avos, treze avos, quinze avos, etc.

Lista dos principais ordinais com o cardinal correspondente:

primeiro	–	um
segundo	–	dois

terceiro	–	três
quarto	–	quatro
quinto	–	cinco
sexto	–	seis
sétimo	–	sete
oitavo	–	oito
nono	–	nove
décimo	–	dez
undécimo ou décimo primeiro	–	onze
duodécimo ou décimo segundo	–	doze (e não douze!)
décimo terceiro	–	treze
décimo quarto	–	quatorze, catorze
vigésimo	–	vinte
vigésimo primeiro	–	vinte e um
trigésimo	–	trinta
quadragésimo	–	quarenta
quinquagésimo	–	cinquenta
sexagésimo	–	sessenta
septuagésimo ou setuagésimo	–	setenta
octogésimo	–	oitenta
nonagésimo	–	noventa
centésimo	–	cem
ducentésimo	–	duzentos
trecentésimo ou tricentésimo	–	trezentos
quadringentésimo	–	quatrocentos
quingentésimo	–	quinhentos
seiscentésimo, sexcentésimo	–	seiscentos
septingentésimo, setingentésimo	–	setecentos
octingentésimo	–	oitocentos
nongentésimo, noningentésimo	–	novecentos
milésimo	–	mil

dez milésimos	–	dez mil
cem milésimos	–	cem mil
milionésimo	–	um milhão
bilionésimo	–	um bilhão

OBSERVAÇÃO: A tradição da língua estabelece que, se o ordinal é de 2.000 em diante, o primeiro numeral usado é cardinal: 2345.ª – duas milésima trecentésima quadragésima quinta. A língua moderna, entretanto, parece preferir o primeiro numeral como ordinal, se o número é redondo: décimo milésimo aniversário.

6 – VERBO

Considerações gerais – Entende-se por verbo a unidade de significado categorial que se caracteriza por ser um molde pelo qual organiza o falar seu significado lexical.

A – ***A distinção de verbos nocionais e relacionais***

A tradicional distinção de duas subclasses em verbos *nocionais* e verbos *relacionais*, que está na base da distinção de *predicado verbal* e *predicado nominal*, tem sido posta em questionamento por notáveis linguistas modernos. Esta distinção é válida sob certo aspecto semântico, mas não no que se refere à sintaxe; o núcleo da oração é sempre o verbo, ainda que se trate de um verbo de significado léxico muito amplo e vago (costuma-se dizer "vazio", o que justifica a denominação tradicional de "cópula" – marca gramatical de identidade – e a classificação "relacional" de Said Ali). O verbo *ser* e o reduzido grupo de verbos que integram a constituição do chamado predicado nominal em nada diferem dos outros verbos: todos possuem "os morfemas de pessoa e número que com o sujeito gramatical dão fundamento à oração" [AL.1, 1994, 302]. Diz com muita justeza Benveniste que uma oração de verbo *ser* "é uma oração verbal, paralela a todas as orações verbais" [EBv.1, 169].

B – ***Categorias verbais segundo Roman Jakobson***

Para esta organização, além de ser pensado como significado verbal, o verbo se combina, entre outros, com instrumentos gramaticais (morfemas) de tempo, de modo, de pessoa, de número.

Assim, *trabalhar* e o *trabalho* são palavras que têm o mesmo significado lexical, mas diferentes moldes, diferentes significados categoriais, embora se deva ter presente que este não é o simples produto da combinação do significado lexical com o significado instrumental. Por isso, como ensina Coseriu, um lexema não é verbo *porque* se combina, por exemplo, com um morfema de tempo e pessoa, mas, ao contrário, combina-se com esses morfemas *para* ser verbo, e porque está pensado com significação verbal [ECs.7, 70].

Um estudo coerente do verbo requer o estabelecimento do sistema de *categorias verbais*, isto é, tipos ou funções da forma léxicas mediante as quais se estabelecem as oposições funcionais numa língua.

Quando se usam em português as formas:

canto – cantas – canta

vejo – vês – vê
parto – partes – parte

estabelecem-se oposições da mesma espécie que afetam o conceito de "pessoa".

Quando se usam as formas:

canto – cantamos,

estamos diante de uma mesma pessoa ("primeira pessoa") e a oposição afeta outro conceito, o de "número".

E quando se usam as formas:

canto – cante

temos a mesma pessoa e o mesmo número, mas não a mesma categoria de "modo".

As oposições podem ser *simples*, como as dos exemplos até aqui, isto é, quando, em cada caso, só ocorre uma só categoria, um só critério de diferença de conteúdo, ou *complexas*, como:

canto – canteis

em que a diferenciação de conteúdo se dá em três categorias: "pessoa" (1.ª e 2.ª), "número" (singular e plural) e "modo" (indicativo e subjuntivo).

No verbo português, há categorias que sempre estão ligadas: não se separa a "pessoa" do "número" nem o "tempo" do "modo"; isto ocorre em grande parte, senão totalmente, com o "tempo" e o "aspecto", como veremos depois.

O linguista Roman Jakobson elaborou um sistema geral das categorias verbais que é considerado o mais coerente e claro até agora apresentado. Será aqui tomado em consideração, ainda que nem sempre se mostre adequado para a análise do sistema verbal românico, em especial para o português que, para Coseriu, é o mais rico e complexo em comparação com as línguas da mesma família.

Tomando em consideração os atos de fala relacionados com as funções verbais, distingue Jakobson:

a) o ato de fala em si mesmo (F)

b) o conteúdo do ato de fala, isto é, o comunicado (C)

c) o acontecimento, isto é, tanto o ato de fala quanto o comunicado (A)

d) os participantes neste acontecimento (P)

Desta relação se extraem quatro conceitos fundamentais:

a) um acontecimento comunicado (AC)

b) o próprio acontecimento do falar (AF)

c) os participantes no acontecimento comunicado (PC)

d) os participantes no acontecimento da fala (PF)

As categorias verbais podem afetar um só dos elementos b) e c) ou referir-se a mais de um elemento; no primeiro caso dizem-se *caracterizadores* ("*designadores*" na nomenclatura de Jakobson), e no segundo *determinantes de relação* ("*conectores*", para Jakobson).

Assim, a categoria de número é caracterizadora, porque afeta exclusivamente o número de participantes no acontecimento comunicado; já o passivo é determinante de uma relação, porque enquadra uma relação entre o acontecimento comunicado e os participantes: *sou*

escutado encerra a relação entre minha pessoa e o acontecimento de *escutar*.

Por outro lado, as categorias caracterizadoras podem sê-lo por *qualificação* ou por *quantificação* dos elementos; a de gênero é *qualificadora*, e a de número, *quantificadora*.

Vistas por outro prisma, as categorias podem estar *determinadas linguisticamente* ou ser *determinadas pelo discurso*. Assim, o plural, que é uma categoria determinada pela língua, pode ser definido sem nenhuma relação com um ato momentâneo da fala, enquanto não podemos definir do mesmo modo o "eu", porque "eu" é sempre a pessoa que fala, uma categoria "definida pelo discurso".

Com base nestas informações, podemos aproveitar o seguinte quadro sinótico das categorias gerais do sistema verbal, apresentado por Coseriu:

		Que afetam os participantes		Que não afetam os participantes	
		caracte-rizadora	determinante de relação	caracte-rizadora	determinante de relação
deter-minadas linguis-ticamente	qualificadora	GÊNERO		ESTADO	
	quantificadora	NÚMERO		ASPECTO	
			VOZ		TAXIS
deter-minadas pelo discurso		PESSOA		TEMPO	
			MODO		EVIDÊNCIA

Explicação das categorias verbais

Gênero (PC) – Refere-se aos participantes no acontecimento comunicado e daí adquire capacidade qualificadora. Em geral, não necessita marca especial. No português, aparece apenas na voz passiva (*o livro foi escrito* / *a novela foi escrita*). Já no latim, é um morfema típico do particípio; também se manifestava em construções com objeto direto no português até entre os séculos XVII e XVIII, quando desapareceu definitivamente ("[Inês de Castro] *tem pisada a areia ardente*, Camões). Vigora ainda hoje no francês e no italiano (*je l'ai écrite* [*la lettre*], *l'ho scritta*).

Número (PC) – Refere-se aos participantes no acontecimento comunicado e daí adquire capacidade quantificadora. No português e demais línguas românicas, está sempre ligada à pessoa no verbo flexionado ou finito e, em parte, também na forma verbal infinita (port. *o dizê-lo eu*, esp. *el decirlo yo* – "o fato de que eu o diga"). Aparece sem pessoa apenas em uma forma infinita, novamente o particípio (*visto – vistos*).

Pessoa (PC/PF) – Determina a relação dos participantes no acontecimento comunicado com os participantes no ato de fala. Primeira pessoa: coincidência do participante no acontecimento comunicado (PC) com o falante (só em parte também, quando se trata do

plural); segunda pessoa: coincidência PC com o ouvinte; terceira pessoa: PC não coincide com nenhuma das duas pessoas.

Estado (AC) – Afeta a qualidade lógica do sucesso comunicado (*afirmativo*, *negativo*, *interrogativo*, *negativo-interrogativo*). No português e demais línguas românicas, o estado é mais uma qualidade da oração; mas, às vezes, exige também uma forma verbal especial no âmbito da sintaxe (inversão), ou também no âmbito da morfologia (imperativo – imperativo negado: *canta*/*não cantar*, *canta*/*não cantes*; gerúndio – gerúndio negado; particípio – particípio negado).

Aspecto (AC) – Segundo Jakobson, assinala a ação levada até o fim, isto é, como conclusa (perfeita) ou inconclusa (imperfeita). Certas espécies de ação, como *durativa*, *incoativa* (*ingressiva*), *terminativa*, *iterativa*, etc., são apenas subdivisões desta categoria.

Tempo ou **nível temporal** (AC/AF) – Assinala a relação temporal do acontecimento comunicado com o momento do ato de fala; o presente encerra este momento, o passado é anterior, e o futuro ocorrerá depois deste momento:

Voz ou **diátese** (PC/AC) – Determina a relação entre o acontecimento comunicado e seus participantes. O primeiro participante lógico, o sujeito, pode ser agente do acontecimento (*voz ativa*) ou objeto do acontecer (*voz passiva*), ou agente e objeto ao mesmo tempo (*voz média*, incluído o *reflexivo*):

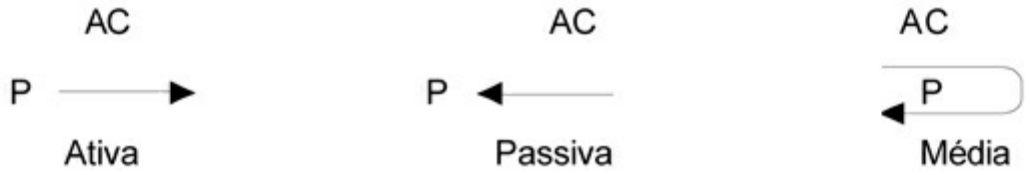

Modo (PC/AC/PF) – Assinala a posição do falante com respeito à relação entre a ação verbal e seu agente ou fim, isto é, o que o falante pensa dessa relação. O falante pode considerar a ação como algo feito, como verossímil – como um fato incerto –, como condicionada, como desejada pelo agente, como um ato que se exige do agente, etc., e assim se originam os modos: indicativo, subjuntivo, condicional, optativo, imperativo.

Taxis (AC/AC) – Assinala a posição de um acontecimento em relação com outro sem consideração do ato de fala. Nas línguas românicas é encontrada em certas construções impessoais com o gerúndio, com o infinitivo ou com o particípio (*comer cantando*, *comer depois de ter cantado*, etc.). Não se trata aqui de níveis temporais, mas de simples série de ações, já que o infinitivo não encerra relação com o ato de fala.

Evidência (AC/ACF/AF) – Assinala que o falante se refere a outro ato de fala – a uma informação indireta – por meio do qual ele experimenta o acontecimento como não vivido por ele mesmo (*Pedro deve ter falado com João*). No português e demais línguas românicas, é muito empregado nestes casos o *modus conditionalis* (*teria partido* = eu não o asseguro, ouvi de outra pessoa) e às vezes o futuro (*serão duas horas*).

C – ***Tempo e aspecto segundo Eugenio Coseriu***

Como assinalamos atrás, as categorias de "tempo" e "aspecto" costumam andar geralmente ligadas no português e nas demais línguas românicas, quer se trate de formas simples, quer de formas perifrásticas, também chamadas locuções verbais. A pura definição temporal e o *tempo* aludem à posição da ação verbal no percurso; a determinação aspectual alude à maneira de considerar a ação verbal no tempo. Coseriu apresenta uma clara e coerente proposta para a interpretação do verbo românico em relação com as categorias de tempo e aspecto com fundamento no sistema das subcategorias verbais.

Para tanto, distingue as seguintes subcategorias:

1) *Nível de tempo* ou simplesmente *nível* – Há uma estrutura temporal dupla no verbo românico: um plano que coincide com a linha do tempo mediante o presente (nível *atual*) e outra paralela onde se situam as ações que não dizem respeito com essa linha do tempo e que representam outra ação (nível *inatual*). O centro do nível atual é o *presente* e do nível inatual é o *imperfeito*:

Presente	nível atual
Imperfeito	nível inatual

Vale lembrar que nem sempre, como geralmente se supõe, o inatual com relação ao presente é interpretado como pertencente ao passado, ou que o imperfeito se enquadra como algo inseguro, condicionado, como algo distante da ação atual, como nas expressões de polidez e em orações principais presas a condicionais:

Eu queria pedir-lhe um favor.
Se soubesse, te dava a resposta.

2) *Perspectiva primária* – Enquadra a posição do falante em relação com a ação verbal. O falante pode ter a ação verbal como "paralela" a si mesmo, antes deste ponto ou depois dele. Por isso, a perspectiva primária pode ser *paralela*, *retrospectiva* ou *prospectiva*, segundo os *espaços de tempo*:

	Passado retrospectiva	Presente paralela	Futuro prospectiva
atual	*fiz*	*faço*	*farei*
inatual	*fizera*	*fazia*	*faria*

Esta estrutura está confirmada pelas possíveis neutralizações: *faço* pode substituir as formas *fiz* e *farei*; *fazia*, as formas *fizera* e *faria*.

De uma só vez a perspectiva primária define dois aspectos que emergem suplementarmente como função anexa da perspectiva:

a) na paralela tem-se uma ação em curso: *cursiva*.

b) na não paralela (retrospectiva ou prospectiva), uma ação como um todo, fora de curso: *complexiva*.

Daí se conclui que o presente e o imperfeito são cursivos e que as outras formas são complexivas.

Como o curso admite certa duração, os verbos pontuais (isto é, aqueles que se caracterizam pela ausência da duração no desenvolvimento do processo) como *encontrar*, *chegar*, etc.), aparecem no presente como formas de neutralização do passado ou do futuro ou, então, significam uma ação repetida (*eu encontro*, *ele chega amanhã*).

3) *Perspectiva secundária* – Consiste no fato de que cada espaço temporal delimitado pela perspectiva primária pode ser disposto outra vez segundo o mesmo princípio:

Presente:

tenho feito	FAÇO	*vou fazer*
tinha feito	FAZIA	*ia fazer*

Passado:

tive feito	FIZ	*fui fazer*
tivera feito	FIZERA	*fora fazer*

Futuro:

terei feito	FAREI	*irei fazer*
teria feito	FARIA	*iria fazer*

4) *Duração* – Esta categoria afeta o lapso em que se dá a ação verbal. A ação pode ser *durativa*, *momentânea* ou *intermitente* (mistura de ambas, isto é, uma ação formada por atos breves):

———	•	- - - - - - - - -
durativa	pontual	iterativa
olhar	*chegar*	*saltitar* (*dar saltos*)

Em português e nas demais línguas românicas, não tem esta categoria uma forma de expressão própria; está determinada lexicalmente ou aparece como categoria anexa à perspectiva.

5) *Repetição* – Impõe-se distinguir a categoria da repetição da de duração: a ação pode ser única (semelfáctiva ÷) ou ação repetida (frequentativa ÷ ÷ ÷ ÷ ...): singular ou repetição indeterminada. É em português uma categoria sem forma de expressão própria. Só a repetição única (÷ ÷) dispõe de perífrases, como *volto a dizer*, ou procedimentos de formação de palavras, como *redizer*.

6) *Conclusão* – Uma ação pode ser considerada *conclusa*, *inconclusa* ou *sem traço de conclusão*. O português não tem neste terreno, como também suas irmãs românicas, nenhum aspecto como categoria. Todavia, noutro sentido, a conclusão pode ser *subjetiva* ou *objetiva*,

na dependência de ter o sujeito levado a ação a um final objetivo ou não. Coseriu chama *terminativa* a conclusão subjetiva, e *completiva* a objetiva.

terminativa: ——————————|
escrevi muito (subjetiva; agora não escrevo)
completiva: ——————————O
escrevi o livro (objetiva; o que devia fazer, levei-o a cabo)

No português, só a conclusão subjetiva é expressa por formas verbais; a objetiva fica assinalada pelo contexto e às vezes pode ser expressa junto à voz verbal.

7) *Resultado* – Uma ação pode ser assinalada como "com resultado" (*resultativa*) ou como "sem resultado" (*não resultativa*). O resultado pode ser *subjetivo* (se afeta o sujeito [agente] e representa uma *reação efetiva*) ou *objetivo* (se afeta o objeto e representa um produto, *produtiva*).

No português, o resultado efetivo se expressa mediante *estar* + particípio: *está escrito*; o resultado produtivo, por *ter* + particípio em concordância com o objeto, porque se aplica na perspectiva secundária [*perfeito composto*]: *tenho escritos dois livros*.

8) *Visão* – É a categoria segundo a qual o falante pode considerar a ação verbal em seu todo ou parcialmente, em fragmentos, entre dois pontos de seu curso.

Na visão parcializante, podem-se diferençar diversas possibilidades:

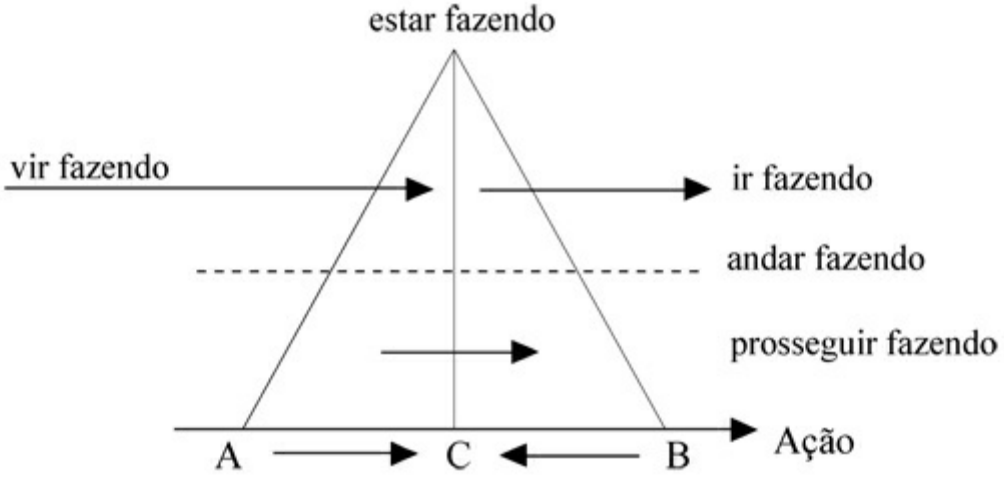

Explicitando esta *visão angular*

Pelo esquema, vê-se a ação entre dois pontos (A,B); ambos podem coincidir em um (C), isto é, podem ser pontos de começo e término de ação, o que não se expressa na forma do verbo e deve ser dito complementariamente: *estive lendo o dia todo*. Explicita-se em português com *estar* + gerúndio (*estou fazendo*) ou *estar a* + infinitivo (*estou a fazer*).

Visão comitativa – Trata-se do acompanhamento da ação verbal em diversos momentos de

seu curso entre A e B, e se expressa em português por *andar* + gerúndio (*ando fazendo*) ou *andar a* + infinitivo (*ando a fazer*).

A expressão pode ser ainda assinalada com o auxílio do adjetivo e particípio, como em *andar enfermo*, *andar desesperado*.

Visão prospectiva – Aqui se vê a ação entre o ponto C e um ponto distante, indefinido; em português há uma forma própria de expressão: *ir* + gerúndio (*vou fazendo*).

Visão retrospectiva – Aqui se vê a ação a partir do ponto indefinido anteriormente mencionado em direção ao ponto C, que coincide com o momento de observação da ação. Também aqui a ação é progressiva, e se expressa em português mediante *vir* + gerúndio (*venho fazendo*).

Visão continuativa – Trata-se de uma combinação de visão retrospectiva e prospectiva, que se expressa em português pelas perífrases: *seguir* + gerúndio (*sigo fazendo*) ou *continuar* + gerúndio (*continuo fazendo*).

Visão global – Aqui se acentua o conjunto da ação e a assinala expressamente como parcializante. A rigor, tal função poderia ser dispensada, já que pode ser desempenhada por membros neutros da oposição. Daí funcionarem as formas simples como membros neutrais:

estou lendo	*leio*
parcializante	neutral (não global parcializante)

Todavia, há expressões para acentuar o global, embora menos frequentes que as parcializantes. Estão representadas por perífrases aditivas com *tomar*, *pegar*, *agarrar*: *pego e escrevo*, *agarro e escrevo*, *tomo e escrevo*.

Para acentuar a globalidade, acompanha-se de todas as significações "enfáticas" do modo de falar, como "de fato", "com efeito", "rápido", "inesperado", "surpreendente", "decidido", "terminantemente", pois pode ocorrer a determinação expressa como "não cursiva" ou ainda como "não parcializante", como "redundante".

De forma esquemática, temos:

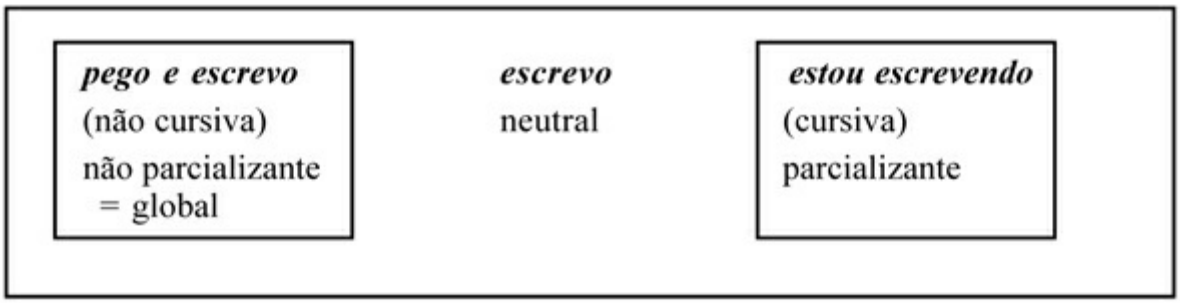

9) *Fase* – Trata-se aqui da relação entre o momento da observação e o grau de desenvolvimento da ação verbal observada.

Em princípio, podem-se distinguir as seguintes "fases":

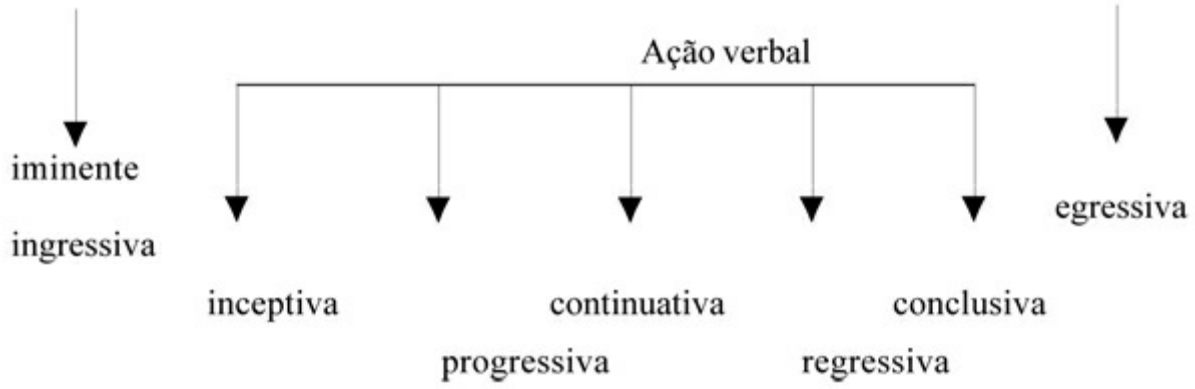

Fase iminente (*ingressiva*) – Trata-se da ação no seu começo. Indica-se com perífrases verbais, em geral, com o verbo *estar*: *estar para* (*por*) + infinitivo: *estou para* (*por*) *escrever*.

Fase inceptiva – Marca o ponto inicial da ação. Além da combinação léxica pura *começar a*, indica-se por várias perífrases verbais pondo ênfase ora na velocidade, ora no repentino da ação:

pôr-se a + infinitivo: *ponho-me a escrever*
meter-se a + infinitivo: *meto-me a escrever*
pegar a (*de*) + infinitivo: *pego a* (*de*) *escrever*
sair + gerúndio: *saio dizendo*

E também com construções aditivas: *ele agarrou e foi-se embora*.

Esta fase é a mais rica em formas e matizes.

Fase progressiva – Considera a ação em seu desenvolvimento; expressa-se mediante *ir* + gerúndio (*vou dizendo*).

Fase continuativa – Considera a ação na zona medial de seu desenvolvimento; expressa-se por *seguir* + gerúndio ou por combinações léxicas (*sigo escrevendo*, *continuo a*) ou conjuntamente com a visão (*estou dizendo*).

Fase regressiva e conclusiva – Considera a ação no seu término ou em sua fase final. Expressa-se exclusivamente com perífrases verbais, sem nenhum procedimento gramatical especial: *terminar de* + infinitivo (*termino de escrever*).

Fase egressiva – Considera a ação após seu término; expressa-se por *acabar de* + infinitivo (*acabo de escrever*).

Sincretismo: visão e fase – Pode ocorrer sincretismo de "visão" e "fase" na fase progressiva, quando o progressivo aparece como determinação secundária da visão: correlaciona-se com a visão comitativa, o que vale dizer dinâmica (*ando fazendo*), um progressivo retrospectivo (*venho fazendo* – de algum tempo até agora), um progressivo prospectivo (*vou fazendo* – desde agora para o futuro), e um progressivo tanto retrospectivo quanto prospectivo, isto é, uma continuativa (*sigo fazendo*).

Conclusão

Concluindo, para Coseriu são as seguintes as subcategorias que devem ser consideradas no exame do tempo e do aspecto do sistema verbal português e românico, levando-se ainda em conta que, entre estas categorias, há diferenças formais que aparecem em oposições funcionais:

• o nível temporal

• a perspectiva primária e secundária

• a visão

• a fase

• o resultado (parcial)

Em relação com outras categorias de sentido conexo, aparecem:

• a duração

• a repetição

• a conclusão (que não são mais do que significações laterais de perspectiva, da visão ou da fase, além de poderem ser constantes, como no caso da conclusão na perspectiva secundária).

Destas categorias, o *nível do tempo* e a *perspectiva primária* devem ser expressas e não podem faltar em cada forma verbal portuguesa. Já as outras categorias podem faltar ou não serem expressas; ficam, assim, "indeterminadas", "neutrais" as formas verbais em relação a essas categorias, ou podem juntar-se até duas. É o que ocorre com *estive fazendo*, que expressa, além do nível do tempo e da perspectiva primária, também a visão. *Tenho estado fazendo* expressa nível temporal, perspectiva primária, perspectiva secundária e visão. Já *tenho estado vindo fazendo*, *tinha-se estado pondo a fazer*, embora teoricamente possíveis, não são correntes. A última forma expressaria formalmente cinco categorias: nível temporal (inatual), perspectiva primária paralela (por causa da forma *tinha*), perspectiva secundária retrospectiva (por causa de *ter* + particípio), visão parcial (por *estar* + gerúndio) e fase inceptiva (por *pôr-se a* + infinitivo).

Exemplo para a descrição funcional – Para a descrição funcional de uma forma verbal

que leve em conta sua posição no sistema a que pertence, temos de enquadrá-la em todas estas categorias. Assim, em relação à forma do português ***fiz*** poderíamos dizer dela:

1) *Nível de tempo*: atual
2) *Perspectiva*: primária, retrospectiva, aspecto complexivo
3) *Visão*: global (neutral)
4) *Fase*: neutral
5) *Resultado*: não resultativa (neutral)
6) *Conclusão*: indefinida

Já de ***tinha estado fazendo***:

1) *Nível de tempo*: inatual
2) *Perspectiva*: primária, paralela, aspecto cursivo;
secundária, retrospectiva, aspecto complexivo
3) *Visão*: parcial
4) *Fase*: continuativa
5) *Resultado*: não resultativa
6) *Conclusão*: não terminativa

Pelo visto, pode-se concluir que o sistema verbal do português – e românico – representa um edifício de três "andares", que se ligam entre si, porque, é importante frisar, cada forma verbal que aparece inserida numa definição vale para todas as outras oposições como membro sem marca (neutral, extensivo).

Estes três "andares" apresentam:

a) no primeiro, temos um sistema fundamental que alude à configuração dos espaços de tempo: às categorias de *nível de tempo* e de *perspectiva primária*. Formalmente correspondem a este sistema fundamental as formas simples de tempo.

b) no segundo, um sistema secundário que alude à determinação do ponto temporal dentro dos espaços de tempo: à categoria da *perspectiva secundária*. A este sistema correspondem formalmente as formas perifrásticas de *ter* (*haver*) + particípio e verbo auxiliar (de preferência com *ir*) + infinitivo.

c) no terceiro, um sistema terciário que alude à definição de valores aspectivos especiais para cada ponto de tempo: às categorias de *visão*, *fase* e, em parte, *resultado*. Formalmente, este sistema coincide com outras diversas locuções verbais.

Cantaremos é uma forma verbal, porque exprime uma ação ou processo (a de cantar), exercida (referência à voz) pela 1.ª pessoa (referência à pessoa) do plural (referência ao número), do presente (referência ao tempo) do indicativo (referência ao modo).

As pessoas do verbo – Geralmente as formas verbais indicam as três pessoas do discurso, para o singular e o plural:

1.ª pessoa do singular: *eu canto*

2.ª pessoa do singular: *tu cantas*
3.ª pessoa do singular: *ele canta*
1.ª pessoa do plural: *nós cantamos*
2.ª pessoa do plural: *vós cantais*
3.ª pessoa do plural: *eles cantam*

Os tempos do verbo – São:

a) PRESENTE – em referência a fatos que se passam ou se estendem ao momento em que falamos: *eu canto*;

b) PRETÉRITO – em referência a fatos anteriores ao momento em que falamos e subdividido em *imperfeito*, *perfeito* e *mais-que-perfeito*:
cantava (imperfeito), *cantei* (perfeito) e *cantara* (mais-que-perfeito);

c) FUTURO – em referência a fatos ainda não realizados e subdividido em *futuro do presente* e *futuro do pretérito*:
cantarei (futuro do presente), *cantaria* (futuro do pretérito),
que implica também a modalidade condicional (cf. abaixo).

Os modos do verbo – São, conforme a posição do falante em face da relação entre a ação verbal e seu agente:

a) INDICATIVO – em referência a fatos como verossímeis ou tidos como tais: *canto*, *cantei*, *cantava*, *cantarei*

b) SUBJUNTIVO (CONJUNTIVO) – em referência a fatos incertos: talvez *cante*, se *cantasse*

c) CONDICIONAL – em referência a fatos dependentes de certa condição: *cantaria*

d) OPTATIVO – em relação a ação como desejada pelo agente:
E viva eu cá na terra sempre triste.

e) IMPERATIVO – em relação a um ato que se exige do agente:
cantai

As vozes do verbo – São:

a) ATIVA: forma em que o verbo se apresenta para normalmente indicar que a pessoa a que se refere é o *agente* da ação. A pessoa diz-se, neste caso, *agente* da ação verbal:

Eu *escrevo* a carta,
Tu *visitaste* o primo,
Nós *plantaremos* a árvore.

b) PASSIVA: forma verbal que indica que a pessoa é o *objeto* da ação verbal. A pessoa, neste caso, diz-se *paciente* da ação verbal:

A carta *é escrita* por mim,
O primo *foi visitado* por ti,
A árvore *será plantada* por nós.

A passiva é formada com um dos verbos *ser*, *estar*, *ficar* seguido de *particípio*.

Voz passiva e passividade – É preciso não confundir voz passiva e passividade. *Voz* é a forma especial em que se apresenta o verbo para indicar que a pessoa recebe a ação:

Ele *foi visitado* pelos amigos.

Alugam-se bicicletas.

Passividade é o fato de a pessoa receber a ação verbal. A passividade pode traduzir-se, além da voz passiva, pela ativa, se o verbo tiver sentido passivo:

Os criminosos recebem o merecido castigo.

Portanto, nem sempre a passividade corresponde à voz passiva56.

c) REFLEXIVA: forma verbal que indica que a ação verbal não passa a outro ser (negação da transitividade), podendo reverter-se ao próprio agente (sentido reflexivo propriamente dito), atuar reciprocamente entre mais de um agente (reflexivo recíproco), sentido de "passividade com se" e sentido de impessoalidade, conforme as interpretações favorecidas pelo contexto, formada de verbo seguido do pronome oblíquo de pessoa igual à que o verbo se refere:

eu *me visto*, tu *te feriste*, ele *se enfeita*.

O verbo empregado na forma reflexiva propriamente dita diz-se *pronominal*.

A voz passiva difere da reflexiva de sentido passivo em dois aspectos:

1) pode apresentar o verbo em qualquer pessoa, enquanto a reflexiva só se constrói na 3.ª pessoa com o pronome *se* (conhecido também pela denominação de "apassivador"):

Eu *fui visitado* pelos meus parentes.

Nós *fomos visitados* pelos parentes.

2) pode seguir-se de uma expressão que denota o agente da passiva, enquanto a reflexiva, no português contemporâneo, dispensa:

Eu *fui visitado* pelos parentes.

Aluga-*se* a casa (não se diz: aluga-se a casa pelo proprietário)

Todavia, há casos em que se explicita o agente, como no seguinte exemplo de Drummond:

Não sei se devemos exaltar Pelé por haver conseguido tanto, ou se nosso louvor deve antes ser dirigido ao gol em si, *que se deixou fazer por Pelé*, recusando-se a tantos outros [CDa.1, 130].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Em construções do tipo *batizei-me*, *chamas-te José*, há professores que veem passiva pronominal com pronomes oblíquos de 1.ª e 2.ª pessoas. Outros, porém, não pensam assim, e interpretam o fato como um emprego da voz reflexiva, indicando "uma atitude de aceitação consciente do nome dado ou do batismo recebido" [MC.4, 36].

2.ª) Em geral, o pronome átono que acompanha a voz reflexiva propriamente dita funciona como objeto direto, embora raras vezes possa exercer a função de indireto.

3.ª) Com verbos como *atrever-se*, *indignar-se*, *queixar-se*, *ufanar-se*, *admirar-se*, não se percebe mais a ação rigorosamente reflexa, mas a indicação de que a pessoa a que o verbo se refere está vivamente afetada. Com os verbos de movimento ou atitudes da pessoa "em relação ao seu próprio corpo" como *ir-se*, *partir-se*, e outros como *servir-se*, onde o pronome oblíquo empresta maior expressividade à oração, também não se expressa a ação reflexa. Alguns gramáticos chamam ao pronome oblíquo, nestas últimas circunstâncias, *pronome de realce*.

4.ª) Muitos verbos normalmente não pronominais se acompanham de pronome átono para exprimirem aspectos estilísticos, como a mudança lenta do estado ou de processo lento:

agonizar-se, *delirar-se*, *desmaiar-se*, *estalar-se, envelhecer-se*, *palpitar-se*, *peregrinar-se*, *repousar-se*, *tresnoitar-se*. [APa.1, 54-57]

5.ª) Inversamente, elimina-se o pronome de muitos verbos que o exigem na língua padrão:

aquecer, *chamar* (ter nome), *mudar* (transferir-se), *gripar*, *machucar*, *formar* (*Eu formei em Medicina*), *classificar* (*Ele classificou em 3.º lugar*), etc. (Obs.).

Formas nominais do verbo – Assim se chamam o *infinitivo*, o *particípio* e o *gerúndio*, porque, ao lado do seu valor verbal, podem desempenhar função de nomes. O infinitivo pode ter função de substantivo (*recordar é viver* = a recordação é vida); o particípio pode valer por um adjetivo (*homem sabido*), e o gerúndio por um advérbio ou adjetivo (*amanhecendo*, *sairemos* = logo pela manhã sairemos; *água fervendo* = água fervente). Nesta função adjetiva, o gerúndio tem sido apontado como galicismo; porém, é antigo na língua este emprego, quando ocupou o lugar vago deixado pelo particípio presente, que desapareceu do quadro verbal português para ingressar no quadro nominal.

As formas nominais do verbo, com exceção do infinitivo, não definem as pessoas do discurso e, por isso, são ainda conhecidas por *formas infinitas*. Possuem, quando possíveis, desinências nominais idênticas às que caracterizam a flexão dos nomes (gênero e número):

O infinitivo português, ao lado da forma infinita, isto é, sem manifestação explícita das pessoas do discurso, possui outra flexionada:

Infinito sem flexão	*Infinito flexionado*
Cantar	Cantar eu
	Cantares tu
	Cantar ele
	Cantarmos nós
	Cantardes vós
	Cantarem eles

As formas nominais do verbo se derivam do tema (radical + vogal temática) acrescido das desinências:

a) -*r*: para o infinitivo: canta-*r*, vende-*r*, parti-*r*

b) -*do* (ou -*to*, -*so*) para o particípio: canta-*do*, vendi-*do*, parti-*do*, acei-*to,* revol-*to*

c) -*ndo*: para o gerúndio: canta-*ndo*, vende-*ndo*, parti-*ndo*

OBSERVAÇÃO: O verbo *vir* (e derivados) forma também o seu particípio com a desinência -*do*; mas, pelo desaparecimento da vogal temática *i*, apresenta-se igual ao gerúndio: *vindo* (por vin-i-*do*) e *vindo* (vi-*ndo*).

Conjugar um verbo – É dizê-lo, de acordo com um sistema determinado, um paradigma, em todas as suas formas nas diversas pessoas, números, tempos, modos e vozes.

Em português temos três conjugações caracterizadas pela vogal temática:

1.ª conjugação – vogal temática ***a***: am***a***r, fal***a***r, tir***a***r.

2.ª conjugação – vogal temática ***e***: tem***e***r, vend***e***r, varr***e***r.

3.ª conjugação – vogal temática ***i***: part***i***r, fer***i***r, serv***i***r.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Não existe a 4.ª conjugação; *pôr* é um verbo da 2.ª conjugação cuja vogal temática desapareceu no infinitivo, mas permanece em outras formas do verbo. Veja-se a correspondência: *vend-e-s / põ-e-s*.

2.ª) Na história da língua, verbos há que mudaram de conjugação, mas deixaram vestígios em outras formas não verbais: *cair* (antigo *caer)*, com vestígio no adjetivo *cadente* (e não *cadinte*, como *ouvinte*). Alencar usa *rangir* por *ranger*, e hoje *viger* (cf. *vigente*) tem o concorrente *vigir* que, apesar de muito usado, não é aceito na norma exemplar: *A lei deve vigir* (por

viger).

Verbos regulares, irregulares e anômalos – Diz-se que um verbo é regular quando se apresenta de acordo com o modelo de sua conjugação: *cantar*, *vender*, *partir*. No verbo regular também o radical não varia. Tem-se o radical de um verbo privando-o, no infinito sem flexão, das terminações *-ar*, *-er*, *-ir*:

am-ar, fal-ar, tir-ar, tem-er, vend-er, varr-er, part-ir, fer-ir, serv-ir.

Irregular é o verbo que, em algumas formas, apresenta modificação no radical ou na flexão, afastando-se do modelo da conjugação a que pertence:

a) variação no radical em comparação com o infinitivo:

ouvir – ouço; *dizer* – digo; *perder* – perco;

b) variação na flexão, em relação ao modelo: *est**ou*** (veja-se *cant**o***), *est**ás*** (veja-se *cant**as***, um tônico e outro átono).

Os irregulares se dividem em *fracos* e *fortes*. Fracos são aqueles cujo radical do infinitivo não se modifica no pretérito: *sentir-senti*; *perder-perdi*.

Fortes são aqueles cujo radical do infinitivo se modifica no pretérito perfeito: *caber – coube*; *fazer – fiz*.

Os irregulares fracos apresentam formas iguais no infinitivo flexionado e futuro do subjuntivo:

Infinitivo	*Futuro do Subjuntivo*
Sentir	Sentir
Sentires	Sentires
Sentir	Sentir
Sentirmos	Sentirmos
Sentirdes	Sentirdes
Sentirem	Sentirem

Os irregulares fortes não apresentam identidade de formas entre o infinitivo flexionado e o futuro do subjuntivo:

Infinitivo flexionado	*Futuro do Subjuntivo*
Caber	Couber
Caberes	Couberes
Caber, etc.	Couber, etc.

OBSERVAÇÃO: Não entram no rol dos verbos irregulares aqueles que, para conservar a pronúncia, têm de sofrer variação de grafia:

carre***g***ar – carre***gu***e – carre***gu***ei – carre***gu***es

fi***c***ar – fi***c***o – fi***qu***ei – fi***que***

Não há portanto os *irregulares gráficos*.

Anômalo é o verbo irregular que apresenta, na sua conjugação, radicais primários diferentes: *ser* (reúne o concurso de dois radicais, os verbos latinos *sedēre* e *ĕsse*) e *ir* (reúne o concurso de três radicais, os verbos latinos *ire*, *vadēre* e *ĕsse*).

Outros autores consideram anômalo o verbo cujo radical sofre alterações que o não podem enquadrar em classificação alguma: *dar*, *estar*, *ter*, *haver*, *ser*, *poder*, *ir*, *vir*, *ver*, *caber*, *dizer*, *saber*, *pôr*, etc.

Verbos defectivos e abundantes – DEFECTIVO é o verbo que, na sua conjugação, não apresenta todas as formas: *colorir*, *precaver-se*, *reaver*, etc. É preciso não confundi-lo com os verbos chamados impessoais e unipessoais, que, como veremos, só se usam nas terceiras pessoas.

A defectividade verbal é devida a várias razões, entre as quais a eufonia e a significação. Entretanto, a defectividade de certos verbos não se assenta em bases morfológicas, mas em razões do uso e da norma vigentes em certos momentos da história da língua. Daí certa disparidade que por vezes se encontra na relação das gramáticas. Se a tradição da língua dispensa, por dissonante, a 1.ª pessoa do singular do verbo *colorir* (*coloro*), não se mostra igualmente exigente com a 1.ª pessoa do singular do verbo *colorar*. Por outro lado, o critério de eufonia pode variar com o tempo e com o gosto dos escritores; daí aparecer de vez em quando uma forma verbal que a gramática diz não ser usada. É na 3.ª conj. que se encontra a maioria dos verbos defectivos.

Quase sempre faltam as formas rizotônicas dos verbos defectivos. Suprimos, *quando necessário*, as lacunas de um defectivo empregando um sinônimo (derivado ou não do defectivo): Eu *recupero* (para *reaver*); eu *redimo* (para *remir*).

Há os seguintes grupos de verbos defectivos, em português:

a) os que não se conjugam nas pessoas em que depois do radical aparecem *a* ou *o*:

banir, *brandir*, *carpir*, *colorir*, *delir*, *explodir*, *fremer* (ou *fremir*), *haurir*, *ruir*, *exaurir*, *abolir*, *demolir*, *puir*, *delinquir*, *fulgir*, *feder*, *aturdir*, *bramir*, *jungir*, *esculpir*, *extorquir*, *impingir*, *puir*, *retorquir*, *soer*, *espargir*.

Tais verbos também não se empregam no pres. do subjuntivo, imperativo negativo, e no imperativo afirmativo só apresentam as segundas pessoas do singular e plural.

b) os que se usam unicamente nas formas em que depois do radical vem *i*:

adir, *aguerrir*, *emolir*, *empedernir*, *esbaforir*, *espavorir*, *exinanir*, *falir*, *fornir*, *remir*, *ressequir*, *revelir*, *vagir*, *florir*, *renhir*, *garrir*, *inanir*, *ressarcir*, *transir*, *combalir*.[57]

c) oferecem particularidades especiais:

1 – *precaver*(*-se*) e *reaver*. No pres. ind. só têm as duas primeiras pessoas do plural: *precavemos*, *precaveis*; *reavemos*, *reaveis*.

Imperativo: *precavei*, *reavei*.

Faltam-lhes o imperat. neg. e pres. do subj. No restante, conjugam-se normalmente.

2 – *adequar*, *antiquar*: cabem-lhes as mesmas observações feitas ao grupo anterior.

3 – *grassar* e *rever* (= destilar): só se usam nas terceiras pessoas.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Muitos verbos apontados outrora como defectivos são hoje conjugados integralmente: *agir*, *advir*, *compelir*, *desmedir-se*,

discernir, *embair*, *emergir*, *imergir*, *fruir*, *polir*, *prazer*, *submergir*. *Ressarcir* (cf. b) e *refulgir* (que alguns gramáticos só mandam conjugar nas formas em que o radical é seguido de *e* ou *i*) tendem a ser empregados como verbos completos.

2.ª) Os verbos que designam vozes de animais geralmente só aparecem nas terceiras pess. do sing. e pl., em virtude de sua significação, e são indevidamente arrolados como defectivos. Melhor chamá-los, quando no seu significado próprio, *unipessoais*.

3.ª) Também são indevidamente considerados defectivos os verbos *impessoais* (pois não se referem a sujeito), que só são empregados na terceira pess. sing.: *Chove* muito. *Relampeja*. Quando em sentido figurado, os verbos desta observação, como os da anterior, conjugam-se em quaisquer pessoas: *Chovam as bênçãos do céu*.

ABUNDANTE é o verbo que apresenta duas ou três formas de igual valor e função: *havemos* e *hemos*; *constrói* e *construi*; *pagado* e *pago*; *nascido*, *nato*, *nado* (pouco usado).

Normalmente esta abundância de forma ocorre no particípio.

Os principais verbos que gozam deste privilégio, no português moderno, são:

a) *comprazer* e *descomprazer*:

Pret. perf. ind.: comprazi, comprazeste, comprazeu, etc. ou comprouve, comprouveste, comprouve, etc.

M.-q-perf. ind.: comprazera, comprazeras, comprazera, etc. ou comprouvera, comprouveras, comprouvera, etc.

Imperf. subj.: comprazesse, comprazesses, comprazesse, etc. ou comprouvesse, comprouvesses, comprouvesse, etc.

Fut. subj.: comprazer, comprazeres, comprazer, etc. ou comprouver, comprouveres, comprouver, etc.

b) *construir* e seu grupo:

Pres. ind.: construo, construis (ou constróis), construi (ou constrói), construímos, construís, construem (ou constroem).

Imper. afirm.: construi tu (ou constrói tu).

Assim se conjugam *desconstruir*, *destruir*, *estruir*, *reconstruir*.

c) *entupir* e *desentupir*:

Pres. ind.: entupo, entupes (ou entopes), entupe (ou entope), entupimos, entupis, entupem (ou entopem).

Imper. afirm.: entupe (ou entope), entupi.

OBSERVAÇÃO: O *o* das formas abundantes é de timbre aberto.

d) *haver*:

Pres. ind.: hei, hás, há, havemos (ou hemos), haveis (ou heis), hão.

Imper. afirm.: há, havei.

e) *ir*:

Pres. ind.: vou, vais, vai, vamos (ou imos), ides (is é forma antiga), vão.

f) *querer* e *requerer*:

Pres. ind.: quero, queres, quer (ou quere), queremos, quereis, querem.

requeiro, requeres, requer (ou requere), requeremos, requereis, requerem.

Quere e *requere* são formas que só têm curso em Portugal; *quere* é criação recente (séc. XIX-XX, sem adoção geral) e *requere* é forma já antiga na língua, sendo *requer* de data recente.

g) *valer*:

Pres. ind.: valho, vales, vale (ou val), valemos, valeis, valem.

Val é forma antiga e ainda hoje corrente, máxime em Portugal.

h) imperativo dos verbos em *-zer*, *-zir*.

Podem perder o *-e* na 2.ª pess. sing.: faze tu (ou faz); traduze tu (ou traduz). São frequentíssimos os exemplos literários com os verbos *dizer*, *fazer*, *trazer* e *traduzir*.

i) particípio de numerosos verbos.

Existe grande número de verbos que admitem dois (e uns poucos até três) particípios: um *regular*, terminado em *-ado* (1.ª conjugação) ou *-ido* (2.ª e 3.ª conjugações), e outro *irregular*, proveniente do latim ou de nome que passou a ter aplicação como verbo, terminado em *-to*, *-so* ou criado por analogia com modelo preexistente. Eis uma relação dessas formas duplas de particípio, indicando-se entre parênteses se ocorrem com a voz ativa ou passiva, ou com ambas:

Infinitivo	*Particípio regular*	*Particípio irregular*
aceitar	aceitado (a., p.)	aceito (p.), aceite (p.)
assentar	assentado (a., p.)	assento (p.), assente (p.)
entregar	entregado (a., p.)	entregue (p.)
enxugar	enxugado (a., p.)	enxuto (p.)
expressar	expressado (a., p.)	expresso (p.)
expulsar	expulsado (a., p.)	expulso (p.)
fartar	fartado (a., p.)	farto (p.)
findar	findado (a., p.)	findo (p.)
ganhar	ganhado (a., p.)	ganho (a., p.)
gastar	gastado (a.)	gasto (a., p.)
isentar	isentado (a.)	isento (p.)
juntar	juntado (a., p.)	junto (a., p.)
limpar	limpado (a., p.)	limpo (a., p.)
matar	matado (a.)	morto (a., p.)
pagar	pagado (a.)	pago (a., p.)
pasmar	pasmado (a., p.)	pasmo (a.)
pegar	pegado (a., p.)	pego (é ou ê)
salvar	salvado (a., p)	salvo (a., p.)
acender	acendido (a., p.)	aceso (p.)
arrepender	arrependido (a., p.)	repeso por arrepeso (a., p.)
desenvolver	desenvolvido (a., p.)	desenvolto (a., p.)
eleger	elegido (a.)	eleito (a., p.)
envolver	envolvido (a., p.)	envolto (a., p.)
prender	prendido (a., p.)	preso (p.)
revolver	revolvido (a., p.)	revolto (a.)

suspender	suspendido (a., p.)	suspenso (p.)
desabrir	desabrido	desaberto
erigir	erigido (a., p.)	erecto (p.)
exprimir	exprimido (a., p.)	expresso (a., p.)
extinguir	extinguido (a., p.)	extinto (p.)
frigir	frigido (a.)	frito (a., p.)
imprimir	imprimido (a., p.)	impresso (a., p.)
inserir	inserido (a., p.)	inserto (a., p.)
tingir	tingido (a., p.)	tinto (p.)

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Em geral emprega-se a forma regular, que fica invariável com os auxiliares *ter* e *haver*, na voz ativa, e a forma irregular, que se flexiona em gênero e número, com os auxiliares *ser*, *estar* e *ficar*, na voz passiva.

Nós temos *aceitado* os documentos.

Os documentos têm sido *aceitos* por nós.

Há outros particípios, regulares ou irregulares, que se usam indiferentemente na voz ativa (auxiliares *ter* ou *haver*) ou passiva (auxiliares *ser, estar ficar*), conforme se assinalou entre parênteses.

2.ª) Há uns poucos particípios irregulares terminados em -*e*, em geral de introdução recente no idioma: *entregue* (o mais antigo), *aceite*, *assente*, *empregue* (em Portugal).

Locução verbal. Verbos auxiliares – Chama-se *locução verbal* a combinação das diversas formas de um verbo auxiliar com o infinitivo, gerúndio ou particípio de outro verbo que se chama *principal*: *hei de estudar*, *estou estudando*, *tenho estudado*. Muitas vezes o auxiliar empresta um matiz semântico ao verbo principal, dando origem aos chamados *aspectos do verbo*.

Entre o auxiliar e o verbo principal no infinitivo pode aparecer ou não uma preposição (*de*, *em*, *por*, *a*, *para*). Na locução verbal, é somente o auxiliar que recebe as flexões de pessoa, número, tempo e modo: *haveremos de fazer*, *estavam por sair*, *iam trabalhando*, *tinham visto*. Da arbitrariedade do uso é que depende o empregar-se em alguns casos a preposição e em outros omiti-la. Também pode ocorrer, em vários casos, a alternância da preposição (*começar a / de fazer*).

Várias são as aplicações dos verbos auxiliares da língua portuguesa:

1 – *ter*, *haver* (raramente) e *ser* (mais raramente) se combinam com o particípio do verbo principal para constituírem novos tempos, chamados *compostos*, que, unidos aos simples, formam o quadro completo da conjugação da voz ativa. Estas combinações exprimem que a ação verbal está concluída.

Temos nove formas compostas:

Indicativo

a) *pretérito perfeito composto*: tenho ou hei cantado, vendido, partido;

b) *pretérito mais-que-perfeito*: tinha ou havia cantado, vendido, partido;

c) *futuro do presente composto*: terei ou haverei cantado, vendido, partido;

d) *futuro do pretérito composto*: teria ou haveria cantado, vendido, partido;

OBSERVAÇÃO: A língua moderna pôs de lado a forma *tive cantado*, corrente no Português antigo.

Subjuntivo

a) *pretérito perfeito*: tenha ou haja cantado, vendido, partido;

b) *pretérito mais-que-perfeito*: tivesse ou houvesse cantado, vendido, partido;

c) *futuro composto*: tiver ou houver cantado, vendido, partido;

Formas nominais

a) *infinitivo composto*: ter ou haver cantado, vendido, partido;

b) *gerúndio composto*: tendo ou havendo cantado, vendido, partido.

O verbo *ser* só aparece em combinações que lembram os depoentes latinos, sobretudo com verbos que denotam movimento: "Os cavaleiros *eram partidos* caminho de Zamora" [AC.2, I, 101]. *Era chegada* a ocasião da fuga. *São passados* três meses.

2 – *ser*, *estar*, *ficar* se combinam com o particípio (variável em gênero e número) do verbo principal para constituir a voz passiva (de ação, de estado e mudança de estado): *é amado*, *está prejudicada*, *ficaram rodeados*.

3 – os auxiliares *acurativos* se combinam com o infinitivo ou gerúndio do verbo principal para determinar com mais rigor os aspectos do momento da ação verbal que não se acham bem definidos na divisão geral de tempo presente, passado e futuro:

a) início de ação: *começar a escrever, pôr-se a escrever*, etc.;

b) iminência de ação: *estar para* (*por*) *escrever*, *pegar a* (*de*) *escrever*, etc.;

c) continuidade da ação: *continua escrevendo*, *continua a escrever*, sendo a primeira forma a que é mais antiga no idioma;

d) desenvolvimento gradual da ação; duração: *estar a escrever*, *andar escrevendo*, *vir escrevendo*, *ir escrevendo*, etc.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) No Brasil prefere-se a construção com gerúndio (*estar escrevendo*), enquanto em Portugal é mais comum o infinitivo (*estar a escrever*), não sendo, entretanto, a única forma.

2.ª) Está mais de acordo com o gênio da nossa língua o uso do gerúndio com auxiliar *estar* ou infinitivo com *a* para traduzir atos que se realizam paulatinamente, em vez do uso de forma simples do verbo, como faz o francês (*Jeanne nous regarde* / Joana está-nos olhando ou *a nos olhar apud* MBa.4, 233).

e) repetição de ação: *tornar a escrever*, *costumar escrever* (repetição habitual), etc.;

f) término de ação: *acabar de escrever*, *cessar de escrever*, *deixar de escrever*, *parar de escrever*, *vir de escrever*, etc.

Vir de + infinitivo é construção antiga no idioma e valia por *voltar de* (ou *chegar*) + infinitivo: "De amor dos lusitanos encendidas/ Que *vêm de descobrir* o novo mundo" [LC.1, IX, 40]. Depois passou a significar *acabar de* + infinitivo e, porque em francês ocorre emprego semelhante, passou a ser, neste sentido, condenado como galicismo pelos gramáticos: "eu, aos doze anos, *vinha de perder* meu pai"[CBr *apud* HG.1, 462].

4 – os auxiliares *modais* se combinam com o infinitivo ou gerúndio do verbo principal para determinar com mais rigor o modo como se realiza ou se deixa de realizar a ação verbal:

a) necessidade, obrigação, dever: *haver de escrever*, *ter de escrever*, *dever escrever*,

precisar (*de*) *escrever*, etc.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Em vez de *ter* ou *haver de* + infinitivo, usa-se ainda, mais modernamente, *ter* ou *haver que* + infinitivo: *tenho que estudar*. Neste caso, *que*, como índice de complemento de natureza nominal, funciona como verdadeira preposição. Não se confunda este *que preposição* com o *que pron. relativo* em construções do tipo: *nada tinha que dizer*, *tenho muito que fazer*, etc.

2.ª) Muitas vezes no Português contemporâneo não é indiferente o sentido da expressão com preposição ou sem ela: *Deve resultar* exprime certa precisão de resultado; *deve de resultar* traduz a probabilidade do resultado.

b) possibilidade ou capacidade: *poder escrever*, etc.

c) vontade ou desejo: *querer escrever*, *desejar escrever*, *odiar escrever*, *abominar escrever*, etc.

d) tentativa ou esforço; às vezes com o sentido secundário depreendido pelo contexto, de que a tentativa acabou em decepção (*foi buscar lã e saiu tosquiado*): *buscar escrever*, *pretender escrever*, *tentar escrever*, *ousar escrever*, *atrever-se a escrever*, etc.

e) consecução: *conseguir escrever*, *lograr escrever*, etc.

f) aparência, dúvida: *parecer escrever*, etc.

g) movimento para realizar um intento futuro (próximo ou remoto): *ir escrever*, etc.

h) resultado: *vir a escrever*, *chegar a escrever*, etc.

Vir a + infinitivo de certos verbos tem quase o mesmo sentido do verbo principal empregado sozinho: *Isto vem a traduzir a mesma ideia* (= isto por fim traduz a mesma ideia). *Vir a ser* pode ainda ser sinônimo de *tornar-se*: *Ele veio a ser famoso*.

NOTA FINAL – Nem sempre a aproximação de dois ou mais verbos constitui uma locução verbal; a intenção da pessoa que fala ou escreve é que determinará a existência ou inexistência da locução. "Por exemplo, na frase: *queríamos colher rosas*, os verbos *queríamos colher* constituirão expressão verbal se pretendo dizer que queríamos colher *rosas* e não outra flor, sendo *rosas* o objeto da declaração. Se, porém, pretendo dizer que o que nós queríamos era *colher rosas* e não fazer outra cousa, o objeto da declaração é *colher rosas* e a declaração principal se contém incompletamente em *queríamos*" [JO.1, 202-203].

Auxiliares causativos e sensitivos – Assim se chamam os verbos *deixar*, *mandar*, *fazer* e sinônimos (causativos) e *ver*, *ouvir*, *olhar*, *sentir* e sinônimos (sensitivos) que, juntando-se a infinitivo ou gerúndio, não formam locução verbal, mas, muitas vezes, se comportam sintaticamente como tal, isto é, segundo as relações internas que se estabelecem dentro do grupo entre o infinitivo e os termos que o acompanham, como veremos no lugar próprio.

Elementos estruturais do verbo: desinências e sufixos verbais – Ao radical do verbo, que é o elemento que encerra o seu significado lexical, se juntam as formas mínimas chamadas *desinências* para constituir as flexões do verbo, indicadoras da *pessoa* e *número*, do *tempo* e *modo*. Segundo Mattoso, a constituição da forma verbal portuguesa é: T (R+VT) + D (DMT+DNP), em que T = tema; R = radical; VT = vogal temática; D = desinência; DMT = desinência modo-temporal e DNP = desinência número-pessoal

Chama-se *vogal temática* aquela classificadora da conjugação:

1.ª conjugação – *a*: cant-*a*-r

2.ª conjugação – *e*: vend-*e*-r

3.ª conjugação – *i*: part-*i*-r

A vogal temática presa ao radical constitui o *tema*:

canta-r , *vende*-r, *parti*-r.

Nem todas as formas verbais possuem a vogal temática, como, por exemplo, a 1.ª pessoa singular do presente do indicativo e do subjuntivo. As vogais ***e*** e ***a*** em cant-***e***, vend-***a***, part-***a*** são desinências temporais (veja abaixo). Outras vezes a vogal temática sofre variação: o ***a*** passa a ***e*** no pret.perf. do ind. da 1.ª conj. em contato com *i*, e passa a ***o*** em contato com *u*: cant-***a***-r, cant-***e***-i, cant-***o***-u; o ***e*** passa a ***i*** no pret. imperf. do ind. e particípio da 2.ª conjugação: vend-***e***-r, vend-***i***-a, vend-***i***-do. A vogal temática ***i*** da 3.ª conjugação passa a ***e*** quando átono, no pres. ind. (2.ª e 3.ª sing. e 3.ª pl.) e imper. (2.ª sing.): part-***e***-s, part-***e*** , part-***e***-m, part-***e***; se é tônico, nos mesmos casos, funde-se com o ***i*** da desinência ***is*** da 2.ª pessoa do plural: *part**is*** por *part-**i-is***.

O *tema* é a parte da palavra pronta para receber o sufixo ou a desinência.

Sufixo verbal é o que entra na formação dos verbos derivados: salt-it-ar, real-iz-ar, etc. (cf. **Afixos: prefixos e sufixos. Interfixos**).

As desinências modo-temporais são:

1) Para o *Indicativo*:

a) Ø no presente

b) -*va*- (-*ve*-) caracteriza o pretérito imperfeito da 1.ª conjugação: *canta-va*; 58

c) -*ia*- (-*ie*-), caracteriza o pretérito imperfeito da 2.ª e 3.ª conjugações: *dev-ia*, *part-ia*;59

d) Ø para o pretérito perfeito (até a 2.ª pess. do pl. e -*ra*- para a 3.ª pess. pl.): *cante-i*, *canta-ra-m*

e) -*ra*- (*re*) átono caracteriza o pretérito mais-que-perfeito: *canta-ra*, *vende-ra*, *parti-ra*; *cantá-re-is*;

f) -*ra*- (-*re*-) tônico caracteriza o futuro: *canta-re-i*, *canta-rá-s*, *canta-rã-o*, *deve-re-i*, *parti-re-i*;

g) -*ria*- (-*rie*-) caracteriza o futuro do pretérito: *canta-ria*, *deve-ria*, *parti-ria*;

2) Para o *Subjuntivo*:

a) -*e*- caracteriza o presente da 1.ª conjugação: *cant-e*;

b) -*a*- caracteriza o presente da 2.ª e 3.ª conjug.: *vend-a*, *part-a*;

c) -*sse*- caracteriza o pretérito imperfeito: *canta-sse*, *vende-sse*, *parti-sse*;

d) -*r*- (-*re*-) caracteriza o futuro: *cant-a-r*, *vend-e-r*, *part-i-r*;

3) Para as *Formas Nominais*:

a) -*ndo* caracteriza o gerúndio: *canta-ndo*, *vende-ndo*, *parti-ndo*;

b) -*do* caracteriza o particípio: *canta-do*, *vendi-do*, *parti-do*;

c) -*r* caracteriza o infinitivo: *canta-r*, *vende-r*, *parti-r*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Nem todas as formas verbais se apresentam com desinências e vogal temática.

2.ª) As características temporais terminadas em -*a* (imperf., m.-q.-perf. do ind. e futuro apresentam esta vogal alterada em *e* na 2.ª pessoa do plural, graças ao contato com a desinência pessoal -*is* que provoca a ditongação *eis*: eu *cantava*, vós *cantáveis*; eu *devia*, vós *devíeis*; eu *partia*, vós *partíeis*; eu *cantara*, vós *cantáreis*; eu *cantaria*, vós *cantaríeis*). O mesmo ocorre com a 1.ª pess. do fut. do presente: *cant-a-re-i*.

3.ª) As desinências pessoais (cf. abaixo) do pretérito perfeito servem, por acumulação, para caracterizar o tempo e modo do verbo.

As desinências número-pessoais são:

SINGULAR	1.ª pessoa: Ø, -*o* (só no pres. ind.), -*i* (só no pret. perf. do ind. e futuro do presente)[1]
	2.ª pessoa: -*s*, -*ste*[2] (só no pret. perf. do ind.) e Ø no imperativo
	3.ª pessoa: Ø, -*u* (só no pret. perf. do ind.)
PLURAL	1.ª pessoa: -*mos*
	2.ª pessoa: -*is*, -*des* (só no fut. do subj., inf. flex. e pres. do ind. de alguns verbos irregulares), -*stes* (só no pret. perfeito do ind.), -*i*(*s*) (no imperativo).
	3.ª pessoa: -*m* (indica que a vogal precedente é nasal).

1. O travessão indica ausência de desinência.

2. Cuidado especial hão de merecer estas desinências (-*ste*, singular, e -*stes*, plural) para que, por falsa analogia, não passem a -*stes* (singular) e -*steis* (plural): tu *comestes* por *comeste*), vós *comesteis* (por *comestes*).

Observações sobre as desinências número-pessoais.

1.ª pessoa do singular: geralmente falta a desinência de 1.ª pessoa do singular, exceto no presente do indicativo, onde aparece a desinência -*o*:

cant-*o*,	vend-*o*,	part-*o*

No pretérito perfeito do indicativo e futuro do presente aparece a desinência -*i*:

cante-*i*,	vend-*i*,	part-*i*
canta-re-*i*,	vende-re-*i*,	parti-re-*i*

2.ª pessoa do singular: a desinência geral é -*s*; no pretérito perfeito do indicativo -*ste;* Ø no imperativo:

canta-*s*,	canta-re-*s*,	canta-*ste*,	canta tu.
vende-*s*,	vende-re-*s*,	vende-*ste*,	vende tu.
parte-*s*,	parti-re-*s*,	parti-*ste*,	parte tu.

3.ª pessoa do singular: geralmente falta a desinência de 3.ª pess. do singular; só o pretérito perfeito do indicativo é que apresenta -*u*:

canto-*u*,	vende-*u*,	parti-*u*

1.ª pessoa do plural: a desinência é sempre -*mos*:

canta-*mos*,	vende-*mos*,	parti-*mos*

2.ª pessoa do plural: a desinência é -*is*; aparece -*des* no futuro do subjuntivo, infinitivo flex. e no presente do indicativo de alguns verbos irregulares (ter, vir, pôr, ver, rir, ir); o pret. perfeito do indicativo apresenta -*stes*, e o imperativo -*i* (na 3.ª conj. há crase com a vogal temática):

canta-*is*,	vende-*is*,	part-*is*
canta-r-*des*,	vende-r-*des*,	parti-r-*des*
canta-*stes*,	vende-*stes*,	parti-*stes*
canta-*i*,	vende-*i*,	part-*i*.

3.ª pessoa do plural: a desinência é -*m*, que nasaliza a vogal precedente:

canta-*m*,	vende-*m*,	parte-*m*
canta-re-*m*,	vende-re-*m*,	parti-re-*m*
canta-ra-*m*,	vende-ra-*m*,	parti-ra-*m*

OBSERVAÇÃO: No futuro do presente, dá-se uma ditongação; a nasalidade é indicada por til e se sobrepõe à característica temporal:

canta-*rão*,	vende-*rão*,	parti-*rão*

Tempos primitivos e derivados – No estudo dos verbos, principalmente dos irregulares, torna-se vantajoso o conhecimento das formas verbais que se derivam de outras chamadas *primitivas*.

1 – Praticamente do radical da 1.ª pessoa do presente do indicativo sai todo o presente do subjuntivo, bastando que se substitua a vogal final por *e*, nos verbos da 1.ª conjugação, e por *a* nos verbos da 2.ª e 3.ª conjugações:

	Presente do indicativo	*Presente do subjuntivo*
cantar	canto	cante
vender	vendo	venda
partir	parto	parta

Exceções:

ser	sou	seja
dar	dou	dê
estar	estou	esteja
haver	hei	haja

ir	vou	vá
querer	quero	queira
saber	sei	saiba

2 – Praticamente da 2.ª pessoa do singular e plural do presente do indicativo saem as 2.as pessoas do singular e plural do imperativo, bastando suprir o *s* final:

cantar	cantas,	cantais	canta,	cantai
vender	vendes,	vendeis	vende,	vendei
partir	partes,	partis	parte,	parti

Exceção: ser: *sê* (tu), *sede* (vós).

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Os verbos em *-zer* ou *-zir* podem ainda perder, na 2.ª pessoa do singular, o *e* final, quando o *z* não é precedido de consoante: *faze* (ou *faz*) tu, *traduze* (ou *traduz*) tu; mas *cirze* tu (cf. **Verbos defectivos e abundantes**, h).

2.ª) Para evitar os inconvenientes da homonímia que, pela identidade de formas, pode provocar ambiguidade com outras formas verbais, escritores portugueses se servem, às vezes, nos verbos da 3.ª conjungação, da antiga desinência *-ide* por *-i*:

Novas tenho e grandes novas, / Amigo, para vos dar: / Tomai esta chave e *abride* [AGa.1]

Ouvide-a e fazei o que Ela vos disser! [CBr *apud* MBa.3, 64-65].

O imperativo em português só tem formas próprias para as segundas pessoas; as pessoas que faltam são supridas pelos correspondentes do presente do subjuntivo. Não se usa o imperativo de 1.ª pessoa do singular como tal, mas com valor optativo. Por isto, estará assinalada nos paradigmas das formas imperativas. As terceiras pessoas do imperativo se referem a *você(s)*, e não a *ele(s)*. Também não se usa o imperativo nas orações negativas; neste caso empregam-se as formas correspondentes do presente do subjuntivo:

Imperativo afirmativo	*Imperativo negativo*
— eu	— eu
canta tu	não cantes tu
cante você, o senhor	não cante você, o senhor
cantemos nós	não cantemos nós
cantai vós	não canteis vós
cantem vocês, os senhores	não cantem vocês, os senhores.

3 – Do tema do pretérito perfeito do indicativo (que praticamente se acha suprimindo a desinência pessoal da 1.ª pessoa do plural ou 2.ª do singular) saem:

a) o mais-que-perfeito do indicativo, com o acréscimo de *-ra* (*-re*):

-ra, *-ra-s*, *-ra*, *-ra-mos*; *-re-is*; *-ra-m*;

b) o imperfeito do subjuntivo, com o acréscimo de *-sse*:

-sse, *-sse-s*, *-sse*; *-sse-mos*; *-sse-m*;

c) o futuro do subjuntivo, com o acréscimo de *-r* (*-re*):

-r, *-re-s*, *-r*, *-r-mos*; *-r-des*; *-re-m*.

Tema do pret. perf.	*M. q. perf. ind.*	*Imperf. subj.*	*Fut. subj.*
vi (-mos)	vira	visse	vir
vie (-mos)	viera	viesse	vier
coube (-mos)	coubera	coubesse	couber
puse (-mos)	pusera	pusesse	puser
fo (-mos)	fora	fosse	for

4 – Do infinitivo não flexionado se formam:

a) futuro do presente, com o acréscimo ao tema de *-ra* (*re*) tônico:

-re-i, *-rá-s*, *-rá*, *-re-mos*, *-re-is*, *-rã-o*.

b) futuro do pretérito, com o acréscimo de *-ria* (*rie*):

-ria, *-ria-s*, *-ria*, *-ría-mos*, *-ríe-is*, *-ria-m*.

Infinitivo	*Futuro do presente*	*Futuro do pretérito*
cantar	cantarei	cantaria
	cantarás	cantarias
	cantará	cantaria
	cantaremos	cantaríamos
	cantareis	cantaríeis
	cantarão	cantariam

Exceções: *dizer*, *fazer*, *trazer*, que fazem *direi*, *farei*, *trarei*, *diria*, *faria*, *traria*.

c) imperfeito do indicativo, com o acréscimo de *-va* (*ve*), na 1.ª conjugação, e *-ia* (*-ie*), na 2.ª e 3.ª:

cant-a-va, cant-a-va-s, cant-a-va, cant-á-va-mos, cant-á-ve-is, cant-a-va-m
vend-ia, vend-ia-s, vend-ia, vend-ía-mos, vend-íe-is, vend-ia-m
part-ia, part-ia-s, part-ia, part-ía-mos, part-íe-is, part-ia-m.

À parte, temos:

a) *ser* (era, eras, etc.)
b) *ter* (tinha, tinhas, etc)
c) *vir* (vinha, vinhas, etc.)
d) *pôr* (punha, punhas, etc.)

A sílaba tônica nos verbos: formas rizotônicas e arrizotônicas – RIZOTÔNICA é a forma verbal cuja sílaba tônica se acha numa das sílabas do radical:

quero, canto, canta, vendem, feito

ARRIZOTÔNICA é a forma verbal cuja sílaba tônica se acha fora do radical:

queremos, cantais, direi, vendido

A língua portuguesa é mais rica de formas rizotônicas.

São normalmente rizotônicas: *a*) as três pessoas do singular e a 3.ª do plural do presente do indicativo e do subjuntivo, e as correspondentes do imperativo; *b*) os particípios irregulares; *c*) a 1.ª pessoa e 3.ª do singular do pretérito perfeito dos verbos irregulares fortes: *coube*, *fiz*, *fez*.

Nos verbos defectivos, em geral, faltam as formas rizotônicas.

Em vista do exposto, as três pessoas do singular e a 3.ª do plural do pres. do indic. e subjuntivo têm sempre acentuada a penúltima sílaba: *frutifico*, *vociferas, sentencia*, *trafegam*.

Exceções:

a) *resfolegar* e *tresfolegar* fazem *resfólego*, *resfólegas*, *resfólega*, *resfólegam*, etc. Existem ainda as formas reduzidas *resfolgar* e *tresfolgar*, de acentuação regular: *resfolgo*, *tresfolgo*, etc.

b) *mobiliar* faz *mobílio*, *mobílias*, *mobília*, *mobiliamos*, *mobiliais*, *mobíliam*; *mobílie*, *mobílies*, *mobílie*, etc. Existem ainda as formas *mobilar* 60 e *mobilhar*, que se conjugam de acordo com a regra geral: *mobilo*, *mobilas*; *mobilho*, *mobilhas*, etc.

Mobilar é forma de pouca aceitação entre brasileiros: "Eu vivia encantonada na sala da frente, que ia de oitão a outro, com várias sacadas para o largo, mobiliada (atenção revisor: não ponha "mobilada", que é palavra que eu detesto) com uma cama de vento, uma cadeira e um lavatório de ferro" [MB.1, 459-460].

Alternância vocálica ou metafonia – Assim se chama a mudança de timbre que sofre a vogal do radical de um vocábulo na forma rizotônica. Muitos verbos da língua portuguesa apresentam este fenômeno:

ferver: fervo, ferves, ferve, fervemos, ferveis, fervem (o *e* tônico é fechado na 1.ª pessoa do sing. e na 1.ª e 2.ª pessoa do plural; nas outras, é de timbre aberto).

Na 1.ª conjugação:

a) a vogal *a*, não seguida de *m*, *n* ou *nh*, passa a ser proferida bem aberta:

falar: falo, falas, fala, falamos, falais, falam

chamar: chamo, chamas, chama, chamamos, chamais, chamam

b) ao *e* fechado corresponde *e* aberto, exceto quando não vem seguido de *m*, *n*, *nh*, *j*, *x*, *ch*, *lh*:

levar: levo, levas, leva, levamos, levais, levam

remar: remo, remas, rema, remamos, remais, remam

alvejar: alvejo, alvejas, alveja, alvejamos, alvejais, alvejam

pretextar: pretexto, pretextas, pretexta, pretextamos, pretextais, pretextam

fechar: fecho, fechas, fecha, fechamos, fechais, fecham

aparelhar: aparelho, aparelhas, aparelha, aparelhamos, aparelhais, aparelham

Exceções: *invejar* (tem *e* aberto); *chegar*, *ensebar* não sofrem metafonia.

Pesar, no sentido de *causar tristeza*, *desprezar*, é arrolado também como exceção; porém, no Brasil, o uso mais corrente é conjugá-lo como *levar*. Os gramáticos recomendam-no com *e*

fechado: *pesa*, *pesam*; *pese*, *pesem*, etc. (é verbo defectivo, só usado nas terceiras pessoas).

c) a vogal *o* passa a *o* aberto quando não seguida de *m*, *n*, *nh* ou o verbo não termina por -*oar*:

tocar: toco, tocas, toca, tocamos, tocais, tocam

sonhar: sonho, sonhas, sonha, sonhamos, sonhais, sonham

perdoar: perdoo, perdoas, perdoa, perdoamos, perdoais, perdoam.

Na 2.ª conjugação:

a) as vogais tônicas *e* e *o* soam com timbre aberto na 2.ª e 3.ª pessoa do singular e na 3.ª do plural do pres. do ind. e na 2.ª pess. sing. do imperativo afirmativo, salvo se vierem seguidas de *m*, *n* ou *nh*:

dever: devo (ê), deves (é), deve (é), devemos, deveis, devem (é)

roer: rói, roei (ô)

volver: volvo (ô), volves (ó), volve (ó), volvemos, volveis, volvem (ó)

temer: temo (ê), temes (ê), teme (ê), tememos, temeis, temem

comer: como (ô), comes (ô), come (ô), etc.

Exceções: *querer* e *poder* têm a vogal tônica aberta na 1.ª pess. do sing.

Na 3.ª conjugação:

a) a vogal *e*, última do radical, sofre alternâncias diversas quando nela recai o acento tônico:

1 – Passa a *i* na 1.ª pess. do sing. do indic. e em todo o presente do subj. e *e* aberto na 2.ª e 3.ª pess. sing. e 3.ª do plural do pres. do indic. e 2.ª pess. sing. do imperativo nos verbos:

aderir, advertir, aferir, assentir, auferir, compelir, competir, concernir, conferir, conseguir, consentir, convergir, deferir, desferir, desmentir, despir, desservir, diferir, digerir, discernir, dissentir, divergir, divertir, expelir, ferir, impelir, ingerir, mentir, preferir, pressentir, preterir, proferir, prosseguir, referir, refletir, repelir, repetir, seguir, servir, sugerir, transferir, vestir:

vestir: visto, vestes, veste, etc.

OBSERVAÇÃO: Se o *e* for nasal mantém-se inalterável, exceto na 1.ª pess. singular do pres. do ind. e em todo o pres. do subj., onde passa a *i*: sentir: *sinto*, *sentes*, *sente*, etc.

2 – Passa a *i* nas três pessoas do singular e 3.ª do plural do presente do indicativo, em todo o pres. do subj. e imperativo, salvo, neste, a 2.ª pessoa do plural:

agredir, cerzir, denegrir, prevenir, progredir, regredir, transgredir, e remir (este defectivo, cf. **Verbos defectivos e abundantes**).

Pres. ind.: agrido, agrides, agride, agredimos, agredis, agridem

Pres. subj.: agrida, agridas, agrida, etc.

Imper. afirm.: agride, agrida, agridamos, agredi, agridam

3 – os verbos *medir*, *pedir*, *despedir*, *impedir* e (derivados) têm *e* aberto nas formas rizotônicas, isto é, nas três pessoas do singular e 3.ª do plural do presente do indicativo e subjuntivo, e no imperativo afirmativo, exceto, neste, na 2.ª pessoa do plural:

medir – pres. ind.: meço, medes, mede, medimos, medis, medem
pres. subj.: meça, meças, meça, etc.
imper. afirm.: mede, meça, meçamos, medi, meçam

4 – Os verbos *aspergir*, *emergir*, *imergir* e *submergir* têm *e* tônico fechado na 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo (e formas que daí se derivam); têm *e* aberto na 2.ª e 3.ª do singular e 3.ª do plural do presente do indicativo (e formas que daí se derivam):

aspergir: asperjo (ê), asperges (é), asperge (é), aspergimos, aspergis, aspergem (é).

b) a vogal *o* sofre também alternâncias diferentes, quando nela recai o acento tônico:

1 – Passa a *u* na 1.ª pessoa sing. do pres. ind., em todo o pres. do subj. e no imperativo, salvo, neste, a 2.ª pess. do singular e plural; e passa a *o* aberto na 2.ª e 3.ª sing. e 3.ª do plural do pres. ind. e 2.ª do singular do imperativo:

dormir – pres. ind.: durmo, dormes, dorme, dormimos, dormis, dormem
pres. subj.: durma, durmas, durma, etc.
imper. afirm.: dorme, durma, durmamos, dormi, durmam

Assim se conjugam *cobrir*, *descobrir*, *encobrir*, *recobrir*, *tossir*. *Dormir* e *tossir* são regulares no particípio: *dormido*, *tossido*.

Para a conjugação de *engolir* e *desengolir* que, a rigor, deveriam seguir este modelo, veja-se o que se diz mais adiante.

2 – Passa a *u* nas três pessoas do sing. e 3.ª do plural do presente do indicativo, em todo o pres. do subjuntivo e no imperativo afirmativo, exceto, neste, a 2.ª pessoa do plural:

sortir – pres. ind.: surto, surtes, surte, sortimos, sortis, surtem
pres. subj.: surta, surtas, surta, etc.
imperat. afirma.: surte, surta, surtamos, sorti, surtam

Por este modelo se conjugam *despolir* e *polir* (cf. **Verbos defectivos e abundantes**). Antigamente seguiam este paradigma *cortir* e *ordir*, hoje grafados *curtir* e *urdir* e de conjugação regular.

c) a vogal *u* da penúltima sílaba do radical passa a *o* aberto na 2.ª e 3.ª pess. do singular e 3.ª do plural do presente do indicativo e na 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo:

acudir – pres. ind.: acudo, acodes (ó), acode (ó), acudimos, acudis, acodem (ó)
pres. subj.: acuda, acudas, acuda, etc.
imper. afirm.: acode (ó), acuda, acudamos, acudi, acudam

Assim se conjugam *bulir*, *cuspir*, *escapulir*, *fugir*, *sacudir*. *Consumir* e *sumir* têm o *o* fechado por estar seguido de *m*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) *Assumir*, *presumir*, *reassumir*, *resumir* são regulares: Pres. ind.: assumo, assumes, assumimos, assumis, assumem.

2.ª) os verbos em *-uir* não apresentam alternâncias vocálicas no radical; a 2.ª e 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo têm *is* e *i* em lugar de *es* e *e*, por haver ditongo oral:

constituir: pres. ind.: constituo, constituis, constitui, constituímos, constituís, constituem.

Assim se conjugam *anuir*, *arguir*, *atribuir*, *constituir*, *destituir*, *diluir*, *diminuir*, *estatuir*, *imbuir*, *influir*, *instituir*, *instruir*, *puir* (defectivo), *restituir*, *redarguir*, *ruir*.

3.ª) *Construir*, *desentupir*, *destruir*, *entupir* (e cognatos) seguem este modelo ou ainda admitem alternância do *u* em *o* aberto na 2.ª e 3.ª pessoa do sing. e 3.ª do plural do presente do indicativo e na 2.ª pessoa do sing. do imperativo afirmativo. *Entupir* e *desentupir* só se afastam do grupo porque apresentam *es* e *e* na 2.ª e 3.ª pessoa do sing. do pres. ind.: *entupo, entupes* (ou *entopes*), *entupe* (ou *entope*), *entupimos, entupis, entupem* (ou *entopem*).

construo, construis (ou *constróis*), *construi* (ou *constrói*), *construímos, construís, construem* (ou *constroem*).

Estes verbos são portanto abundantes. *Obstruir* é, entretanto, conjugado apenas como *constituir*. Cf. obs. 2.ª.

4.ª) *Engolir*, ainda que se escreva com *o*, segue o paradigma de *acudir*; para o Vocabulário de nossa Academia: *engulo, engoles, engole, engulimos, engulis, engolem.* Melhor fora, porém, conjugá-lo com *o* nas duas primeiras pessoas do plural do pres. do indicativo, desfazendo-se a incoerência.

d) a vogal *i* do radical do verbo *frigir* passa a *e* aberto na 2.ª e 3.ª pess. sing. e na 3.ª do plural do pres. do indicativo e na 2.ª pess. sing. do imperativo afirmativo:

Pres. ind.: frijo, freges, frege, frigimos, frigis, fregem

Imper. afirm.: frege, frija, frijamos, frigi, frijam

Não há metafonia, isto é, a vogal é proferida fechada, nos seguintes casos [SA.2, 113]:

1) quando a vogal tônica se acha no fim do radical:
crê, crês; *lê, lês*

2) quando integra os ditongos *ou, ei*:
douro, douras; *cheiro, cheiras*

3) no ditongo *oi* seguido de consoante:
pernoito, pernoitas

4) quando a vogal é seguida de consoante nasal:
como, comes

5) nos verbos terminados em *-ear*, *-elhar*, *-ejar* (exceto *invejar*) e *-oar*:
receio, receias; *aparelho, aparelhas*; *desejo, desejas*; *coroo, coroas*

6) nos verbos *chegar* e *ensebar*:
chego, chegas; *ensebo, ensebas*

Verbos notáveis quanto à pronúncia ou flexão

a) *aguar, desaguar, apaziguar, enxaguar, apropinquar, averiguar,* e afins podem ser conjugados de duas formas:

Pres. ind.: águo, águas, água, aguamos, aguais, águam / aguo, aguas, agua, aguamos, aguais, aguam

Pres. subj.: águe, águes, águe, aguemos, agueis, águem / ague, agues, ague, aguemos, aguis, aguem

b) *arguir* e *redarguir* não levam acento agudo na vogal tônica *u* nas formas rizotônicas:

Pres. ind.: arguo (ú), arguis (ú), argui (ú), arguímos, arguís, arguem (ú)

Pres. subj.: argua (ú), arguas (ú), argua (ú), arguamos, arguais, arguam (ú)

c) *Magoar*, conjuga-se:

Pres. ind.: magoo, magoas, magoa, magoamos, magoais, magoam

Pres. subj.: magoe, magoes, magoe, magoemos, magoeis, magoem

d) *Mobiliar*, conjuga-se:

Pres. ind.: mobílio, mobílias, mobília, mobiliamos, mobiliais, mobíliam

Pres. subj.: mobílie, mobílies, mobílie, mobiliemos, mobilieis, mobíliem

Observação: A variante *mobilar* apresenta-se regularmente: mobilo, mobilas, mobila, etc.

e) *Resfolegar* conjuga-se:

Pres. ind.: resfólego, resfólegas, resfólega, resfolegamos, resfolegais, resfólegam

Pres. subj.: resfólegue, resfólegues, resfólegue, resfoleguemos, resfolegueis, resfóleguem.

Observações:

1.ª) A forma contrata de *resfolegar* é *resfolgar*, que se apresenta regularmente: resfolgo, resfolgas, resfolga, etc.

2.ª) O substantivo é *resfôlego*, proparoxítono, com *o* tônico fechado.

f) *Dignar-se, indignar-se, obstar, optar, adaptar, pugnar, impugnar, ritmar, raptar,* conjugam-se:

Presente do indicativo

indigno-me (dí)	obsto (ó)	opto (ó)	impugno (ú)	ritmo (í)
indignas-te (dí)	obstas (ó)	optas (ó)	impugnas (ú)	ritmas (í)

indigna-se (dí)	obsta (ó)	opta (ó)	impugna (ú)	ritma (í)
indignamo-nos	obstamos	optamos	impugnamos	ritmamos
indignais-vos	obstais	optais	impugnais	ritmais
indignam-se (dí)	obstam (ó)	optam (ó)	impugnam (ú)	ritmam (í)

rapto (rá), *raptas* (rá), *rapta* (rá), *raptamos*, *raptais*, *raptam* (rá)

g) *Obviar* conjuga-se:

Pres. ind.: obvio (í), obvias (í), obvia (í), obviamos, obviais, obviam (í)

h) *Apiedar* e *moscar* conjugam-se:

apiedar – pres. ind.: apiedo, apiedas, apieda, apiedamos, apiedais, apiedam

A lição antiga de alguns gramáticos e ortógrafos confundia o arcaico *apiadar* e *apiedar* numa só conjugação, o que não aconselhamos:

Pres. ind.: apiado, apiadas, apiada, apiedamos, apiedais, apiadam (isto é, *a* nas formas rizotônicas e *e* nas arrizotônicas).

A mesma confusão existia com *moscar* e *muscar* (sumir-se):

Pres. ind.: musco, muscas, musca, moscamos, moscais, muscam (isto é, *u* nas formas rizotônicas e *o* nas arrizotônicas).

Mais certo será conjugarmos regularmente *moscar*:

Pres. ind.: mosco, moscas, mosca, moscamos, moscais, moscam; e *muscar*:

Pres. ind.: musco, muscas, musca, muscamos, muscais, muscam.

A correção, porém, talvez seja mais difícil, por serem muito pouco usados *moscar* e *muscar*.

i) Verbos com os ditongos fechados *ou* e *ei*: *roubar* e *inteirar*.

Conjugam-se não se reduzindo a vogais abertas *o* e *e*, respectivamente:

Roubar	*Inteirar*
roubo (e não *róbo*, etc.)	inteiro (e não *intéro*, etc.)
roubas	inteiras
rouba	inteira
roubamos	inteiramos
roubais	inteirais
roubam	inteiram

j) Verbos com os ditongos fechados *eu* e *oi*: tipos *endeusar* e *noivar*. Conjugam-se mantendo o ditongo sem que o *e* ou o *o* passem a timbre aberto: *endeuso, endeusas, endeusa,* etc.; *noivo, noivas, noiva,* etc.

OBSERVAÇÃO: O verbo *apoiar* tinha primitivamente fechado o ditongo; hoje é mais corrente proferi-lo aberto: *apoio*, *apoias*, etc.

k) Verbos com o hiato *au*, *ai* e *iu*: tipos *saudar*, *embainhar* e *amiudar*. Conjugam-se mantendo o hiato:

saudar	*embainhar*	*amiudar*
saúdo	embainho	amiúdo
saúdas	embainhas	amiúdas
saúda	embainha	amiúda
saudamos	embainhamos	amiudamos
saudais	embainhais	amiudais
saúdam	embainham	amiúdam

OBSERVAÇÃO: *Arraigar* (com hiato) passou desde cedo a *arraigar* (com ditongo, *ar-rai-gar*) e daí a *arreigar*. As formas com ditongo são mais frequentes, embora modernamente se tenha restabelecido *arraigar* com hiato. *Saudar* proferido com ditongo (*saudo, saudas,* etc.) ocorre aqui e ali nos poetas e se fixa no falar coloquial e popular.

Verbos terminados em -*zer*, -*zir*: tipos *fazer* e *traduzir* – Perdem o *e* final na 3.ª pess. sing. do presente do indicativo e na 2.ª pess. sing. do imperativo afirmativo (este caso não é obrigatório e até, com exagero, vem condenado pelos gramáticos), quando o *z* não é precedido de consoante:

fazer: faço, fazes, faz, etc. Imp. afirm.: faze (ou faz) tu
traduzir: traduzo, traduzes, traduz, etc. Imp. afirm.: traduze (ou traduz) tu
Mas, *cerzir*: cirzo, cirzes, cirze, etc.

Variações gráficas na conjugação – Muitas vezes altera-se a maneira de representar na escrita a última consoante do radical para conservar o mesmo som:

1 – os verbos terminados em -*car* e -*gar* mudam o *c* ou *g* em *qu* ou *gu*, quando tais consoantes são seguidas de *e*:

pecar: peco, peques; *cegar*: cego, cegues

2 – os verbos terminados em -*cer* ou -*cir* têm *c* cedilhado antes de *a* ou *o*:

conhecer – conheço, conheces, conhece; *ressarcir* – ressarço, ressarces

3 – os verbos terminados em -*çar* perdem a cedilha antes do *e*:

começar – começo, comeces

4 – os verbos terminados em -*ger* ou -*gir* mudam o *g* em *j* antes de *a* ou *o*:

eleger – elejo, eleges; *fugir* – fujo, foges

5 – os verbos terminados em -*guer* ou -*guir* perdem o *u* antes de *a* ou *o*:

erguer – ergo, ergues, erga
conseguir – consigo, consegues, consiga

A vogal *e* passa a ser grafada *i* quando entra num ditongo *oral* (verbos em -*uir*): atribuo, atribu*is*, atribu*i*.

Estas variações gráficas não constituem irregularidades de conjugação, não havendo, por isso, verbos irregulares gráficos.

Verbos em -*ear* e -*iar* – Os verbos em -*ear* trocam o *e* por *ei* nas formas rizotônicas:

Nomear – pres. ind.: nom*ei*o, nom*ei*as, nom*ei*a, nom*e*amos, nom*e*ais, nom*ei*am.
pres. subj.: nom*ei*e, nom*ei*es, nom*ei*e, nom*e*emos, nom*e*eis, nom*ei*em.
imp. afirm.: nom*ei*a, nom*ei*e, nom*e*emos, nom*e*ai, nom*ei*em.

Os verbos em -*iar* são conjugados regularmente:

Premiar – pres. ind.: premio, premias, premia, premiamos, premiais, premiam.
pres. subj.: premie, premies, premie, etc.
imp. afirm.: premia, premie, premiemos, premiai, premiem.

Cinco verbos em -*iar* se conjugam, nas formas rizotônicas, como se terminassem em -*ear* (MARIO é o anagrama que deles se pode formar):

mediar: med*ei*o, med*ei*as, med*ei*a, mediamos, mediais, med*ei*am

ansiar: ans*ei*o, ans*ei*as, ans*ei*a, ansiamos, ansiais, ans*ei*am

remediar: remed*ei*o, remed*ei*as, remed*ei*a, remediamos, remediais, remed*ei*am

incendiar: incend*ei*o, incend*ei*as, incend*ei*a, incendiamos, incendiais, incend*ei*am

odiar: od*ei*o, od*ei*as, od*ei*a, odiamos, odiais, od*ei*am

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Enquanto no Brasil já vamos conjugando os verbos em -*ear* e -*iar* pelo que acabamos de expor, entre os portugueses ainda se notam vacilações em muitos que, grafados com -*iar*, deveriam seguir o modelo de *premiar*, mas se acostam ao de *nomear*, dada a homofonia dos dois finais na fala corrente: além do próprio *premiar*, *agenciar*, *comerciar*, *licenciar*, *negociar*, *penitenciar*, *obsequiar*, *presenciar*, *providenciar*, *reverenciar*, *sentenciar*, *vangloriar*, *vitoriar*, *evidenciar*, *glorificar*, *diligenciar* e outros.

2.ª) Hoje não fazemos distinção entre *crear* (tirar do nada, dar existência) e *criar* (educar, cultivar, promover o desenvolvimento), usando apenas *criar* para ambos os casos, que se conjuga como *premiar*. Entre escritores modernos, porém, podem ocorrer exemplos de *crear*, conjugado como *nomear*.

3.ª) A diferença de conjugação torna-se imperiosa nos parônimos: *afear* e *afiar*; *arrear* e *arriar*; *estrear* e *estriar*; *vadear* e *vadiar*, etc.

Quando grafar -*ear* ou -*iar* – Grafam-se com -*ear* os verbos que possuem formas substantivas ou adjetivas cognatas terminadas em:

a) -*é*, -*eio*, -*eia*, -*éia*:

pé – apear ceia – cear
passeio – passear ideia – idear
Exceção: fé – fiar

b) consoante ou pelas vogais átonas -*a*, -*e*, -*o* precedidas de consoante:

mar – marear pente – pentear
casa – casear branco – branquear
Exceções: amplo – ampliar lume – alumiar
breve – abreviar sede – sediar
finança – financiar êxtase – extasiar
graça – agraciar

Incluem-se entre os verbos em -*ear*: *atear*, *bambolear*, *bruxulear*, *cecear*, *derrear*, *favonear*, *pavonear*, *semear*, *vadear*.

Grafam-se com -*iar* os verbos que possuem formas substantivas cognatas terminadas em:

a) -*io*, -*ia*:

alívio – aliviar delícia – deliciar
sócio – associar polícia – policiar
óbvio – obviar assovio – assoviar

b) -*ânsia*, -*ência*, -*ença*:

distância – distanciar presença – presenciar
diligência – diligenciar sentença – sentenciar

Incluem-se no rol dos verbos em *-iar*: *anuviar*, *apreciar*, *depreciar*, *saciar*.

OBSERVAÇÃO: Muitas vezes o final *-ear* ou *-iar* se pode alternar com o simples *-ar*: *azular* ou *azulear*; *bajar* ou *bagear* (produzir vagens); *diferenciar* ou *diferençar*; *balançar* ou *balancear*, *homicidar* ou *homicidiar*, etc.

Erros frequentes na conjugação de alguns verbos

a) *Vir* e seus derivados

No presente do indicativo temos: *venho, vens, vem, vimos* (e não *viemos*), *vindes, vêm*.

No pretérito perfeito do indicativo: *vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.*

O gerúndio é igual ao particípio, porque neste desapareceu a vogal temática: *vindo* (vi-ndo) e *vindo* (vin-i-do).

Notem-se estes enganos comuns nos derivados de *vir*, no pret. perf. ind.:

Os guardas *interviram* na discussão (em lugar de *intervieram*).

A professora *interviu* no caso (em lugar de *interveio*).

O futuro do subjuntivo é *vier*: Quando eu *vier*... (e não *vir*):

E, incapazes de negar a beleza (...) assaltaram a ave de Juno (...) *intervieram* para impor silêncio o leão e o tigre [JR.2, 200].

O Senhor Araña y Araña *conveio* em que o panorama era magnificente (...) [JR.2, 189].

b) *Ver* e seus derivados

Prover não se conjuga como *ver* no:

pret. perf. ind.: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram
m.-q.-perf. ind.: provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram
imperf. subj.: provesse, provesses, provesse, provêssemos, provêsseis, provessem
fut. subj.: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem
particípio: provido

Rever é conjugado como *ver*; por isso está errada a flexão em:

A aluna *reveu* (em vez de *reviu*) a prova.

Antever é conjugado como *ver* e, por isso, enganou-se o nosso Casimiro de Abreu ao escrever:

"Quem *antevera* (com *e*) que dum povo a ruína
Pelo seu próprio rei cavada fosse?" [SS.4, 34].

O futuro do subjuntivo é *vir*:

Quando eu vier à cidade e *vir* oportunidade de comprá-lo, então o farei (e não ver!).

c) Precaver-se.

É verbo defectivo que nada tem com *ver* ou *vir*; por isso evite-se dizer

Eu me *precavejo* ou Eu me *precavenho*.

Precavejam-se ou *Precavenham-se*.

Para sua conjugação, veja-se **Verbos defectivos e abundantes**.

d) *Reaver*.

É verbo defectivo, derivado de *haver*, que só se conjuga nas formas em que este possui *-v-*. Não se deve dizer: Eu *reavejo* ou Eu *reavenho*

Cuidado especial merece também o pret. perf.: *reouve*, *reouveste*, *reouve*, *reouvemos*,

reouvestes, *reouveram*.

Por isso evitem-se empregos como: *eu reavi*, *ele reaveu*, etc. Cf. **Verbos defectivos e abundantes**.

e) *Ter* e seus derivados

Deter, derivado de *ter*, conjuga-se como este. Logo está errada a frase:

O policial *deteu* (por *deteve*!) o criminoso.

Sirva de exemplo o caso que vou referir, segundo o texto autorizado de um doutor que (...) *entreteve* um diálogo com um dos últimos gregos [JR.2, 183].

f) *Pôr* e seus derivados.

Opor é derivado de *pôr* e por ele se modela na conjugação. Assim enganou-se o poeta Porto-Alegre nestes versos, usando *opor* em vez de *opuser*:

"Se aos paternos errores de contraste,
E à minha influição *opor* virtudes" [PA.1, II, 154 *apud* SS.4, 34].

g) *Estar* e seus derivados.

Sobrestar é derivado de *estar* e por ele se conjuga; porém, costuma-se ver modelado pelo verbo *ter*, como se fosse *sobrester*. Assim não está certo o seguinte exemplo de Alberto de Oliveira:

"Deixando a enferma, *sobrestenho* o passo" [AO.2 *apud* SS.4].

h) *Haver-se* e *avir-se*.

Estes verbos têm empregos diferentes. *Haver-se* (com alguém) significa:

1) *proceder*, *portar-se*:

"Ele, porém, *houve-se* com a maior delicadeza" [MA.1, 364].

2) *ser chamado a ordem*, *entrar em disputa com alguém*, *conciliar*, e aparece nas ameaças:

Ele tem de *se haver* comigo.

"Aquele que sobre ti lançar vistas de amor ou de cobiça, comigo *se haverá*" [MP.1, 139 *apud* SS.1, 361].

3) *conciliar*

Avir-se é sinônimo de *haver-se*, no sentido 3), isto é, significa *entrar em acordo com*, *conciliar*:

"Lá *se avenham* os sorveteiros com Boileau" [FE.2, V, 46 *apud* RB.1, 391 nota].

Desavir-se é o contrário de *avir-se*:

Os amigos *se desavieram* (e não *se desouveram*!) por muito pouco.

Erra-se frequentes vezes empregando-se, nas ameaças, *avir-se* por *haver-se*: Ele tem de *se avir* comigo (em lugar de *se haver*).

Paradigma dos verbos regulares

Com destaque dos elementos estruturais

1 – Conjugação simples

1.ª – ***Cant-a-r*** 2.ª – ***Vend-e-r*** 3.ª – ***Part-i-r***

MODO INDICATIVO

Presente

Cant-o	Vend-o	Part-o
Cant-a-s	Vend-e-s	Part-e-s
Cant-a	Vend-e	Part-e
Cant-a-mos	Vend-e-mos	Part-i-mos
Cant-a-is	Vend-e-is	Part-is
Cant-a-m	Vend-e-m	Part-e-m

Pretérito imperfeito

Cant-a-va	Vend-ia	Part-ia
Cant-a-va-s	Vend-ia-s	Part-ia-s
Cant-a-va	Vend-ia	Part-ia
Cant-á-va-mos	Vend-ía-mos	Part-ía-mos
Cant-á-ve-is	Vend-íe-is	Part-íe-is
Cant-a-va-m	Vend-ia-m	Part-ia-m

Pretérito perfeito

Cant-e-i	Vend-i	Part-i
Cant-a-ste	Vend-e-ste	Part-i-ste
Cant-o-u	Vend-e-u	Part-i-u
Cant-a-mos	Vend-e-mos	Part-i-mos
Cant-a-stes	Vend-e-stes	Part-i-stes
Cant-a-ra-m	Vend-e-ra-m	Part-i-ra-m

Pretérito mais-que-perfeito

Cant-a-ra	Vend-e-ra	Part-i-ra
Cant-a-ra-s	Vend-e-ras	Part-i-ra-s
Cant-a-ra	Vend-e-ra	Part-i-ra
Cant-á-ra-mos	Vend-ê-ra-mos	Part-í-ra-mos
Cant-á-re-is	Vend-ê-re-is	Part-í-re-is
Cant-a-ra-m	Vend-e-ra-m	Part-i-ra-m

Futuro do presente

Cant-a-re-i	Vend-e-re-i	Part-i-re-i
Cant-a-rá-s	Vend-e-rá-s	Part-i-rá-s
Cant-a-rá	Vend-e-rá	Part-i-rá

Cant-a-re-mos	Vend-e-re-mos	Part-i-re-mos
Cant-a-re-is	Vend-e-re-is	Part-i-re-is
Cant-a-rã-o	Vend-e-rã-o	Part-i-rã-o

Futuro do pretérito

Cant-a-ria	Vend-e-ria	Part-i-ria
Cant-a-ria-s	Vend-e-ria-s	Part-i-ria-s
Cant-a-ria	Vend-e-ria	Part-i-ria
Cant-a-ría-mos	Vend-e-ría-mos	Part-i-ría-mos
Cant-a-ríe-is	Vend-e-ríe-is	Part-i-ríe-is
Cant-a-ria-m	Vend-e-ria-m	Part-i-ria-m

MODO SUBJUNTIVO

Presente

Cant-e	Vend-a	Part-a
Cant-e-s	Vend-a-s	Part-a-s
Cant-e	Vend-a	Part-a
Cant-e-mos	Vend-a-mos	Part-a-mos
Cant-e-is	Vend-a-is	Part-a-is
Cant-e-m	Vend-a-m	Part-a-m

Pretérito Imperfeito

Cant-a-sse	Vend-e-sse	Part-i-sse
Cant-a-sse-s	Vend-e-sse-s	Part-i-sse-s
Cant-a-sse	Vend-e-sse	Part-i-sse
Cant-á-sse-mos	Vend-ê-sse-mos	Part-í-sse-mos
Cant-á-sse-is	Vend-ê-sse-is	Part-í-sse-is
Cant-a-sse-m	Vend-e-sse-m	Part-i-sse-m

Futuro

Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r
Cant-a-re-s	Vend-e-re-s	Part-i-re-s
Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r
Cant-a-r-mos	Vend-e-r-mos	Part-i-r-mos
Cant-a-r-des	Vend-e-r-des	Part-i-r-des
Cant-a-re-m	Vend-e-re-m	Part-i-re-m

MODO IMPERATIVO

Afirmativo

Cant-a tu	Vend-e tu	Part-e tu
Cant-e você	Vend-a você	Part-a você
Cant-e-mos nós	Vend-a-mos nós	Part-a-mos nós
Cant-a-i vós	Vend-e-i vós	Part-i vós
Cant-e-m vocês	Vend-a-m vocês	Part-a-m vocês

Negativo

Não cant-e-s tu	Não vend-a-s tu	Não part-a-s tu
Não cant-e você	Não vend-a você	Não part-a você
Não cant-e-mos nós	Não vend-a-mos nós	Não part-a-mos nós
Não cant-e-is vós	Não vend-a-is vós	Não part-a-is vós
Não cant-e-m vocês	Não vend-a-m vocês	Não part-a-m vocês

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo

Não flexionado

Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r

Flexionado

Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r
Cant-a-re-s	Vend-e-re-s	Part-i-re-s
Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r
Cant-a-r-mos	Vend-e-r-mos	Part-i-r-mos
Cant-a-r-des	Vend-e-r-des	Part-i-r-des
Cant-a-re-m	Vend-e-re-m	Part-i-re-m

Gerúndio

Cant-a-ndo	Vend-e-ndo	Part-i-ndo

Particípio

Cant-a-do	Vend-i-do	Part-i-do

MODO INDICATIVO

Pretérito perfeito composto

Tenho cantado	Tenho vendido	Tenho partido
Tens cantado	Tens vendido	Tens partido
Tem cantado	Tem vendido	Tem partido
Temos cantado	Temos vendido	Temos partido
Tendes cantado	Tendes vendido	Tendes partido
Têm cantado	Têm vendido	Têm partido

Pretérito mais-que-perfeito composto

Tinha cantado	Tinha vendido	Tinha partido
Tinhas cantado	Tinhas vendido	Tinhas partido
Tinha cantado	Tinha vendido	Tinha partido
Tínhamos cantado	Tínhamos vendido	Tínhamos partido
Tínheis cantado	Tínheis vendido	Tínheis partido
Tinham cantado	Tinham vendido	Tinham partido

Futuro do presente composto

Terei cantado	Terei vendido	Terei partido
Terás cantado	Terás vendido	Terás partido
Terá cantado	Terá vendido	Terá partido
Teremos cantado	Teremos vendido	Teremos partido
Tereis cantado	Tereis vendido	Tereis partido
Terão cantado	Terão vendido	Terão partido

Futuro do pretérito composto

Teria cantado	Teria vendido	Teria partido
Terias cantado	Terias vendido	Terias partido
Teria cantado	Teria vendido	Teria partido
Teríamos cantado	Teríamos vendido	Teríamos partido
Teríeis cantado	Teríeis vendido	Teríeis partido
Teriam cantado	Teriam vendido	Teriam partido

MODO SUBJUNTIVO

Pretérito perfeito

Tenha cantado	Tenha vendido	Tenha partido
Tenhas cantado	Tenhas vendido	Tenhas partido
Tenha cantado	Tenha vendido	Tenha partido
Tenhamos cantado	Tenhamos vendido	Tenhamos partido
Tenhais cantado	Tenhais vendido	Tenhais partido
Tenham cantado	Tenham vendido	Tenham partido

Pretérito mais-que-perfeito

Tivesse cantado	Tivesse vendido	Tivesse partido
Tivesses cantado	Tivesses vendido	Tivesses partido
Tivesse cantado	Tivesse vendido	Tivesse partido
Tivéssemos cantado	Tivéssemos vendido	Tivéssemos partido
Tivésseis cantado	Tivésseis vendido	Tivésseis partido
Tivessem cantado	Tivessem vendido	Tivessem partido

Futuro composto

Tiver cantado	Tiver vendido	Tiver partido
Tiveres cantado	Tiveres vendido	Tiveres partido
Tiver cantado	Tiver vendido	Tiver partido
Tivermos cantado	Tivermos vendido	Tivermos partido
Tiverdes cantado	Tiverdes vendido	Tiverdes partido
Tiverem cantado	Tiverem vendido	Tiverem partido

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo

Não flexionado composto

Ter cantado	Ter vendido	Ter partido

Flexionado composto

Ter cantado	Ter vendido	Ter partido
Teres cantado	Teres vendido	Teres partido
Ter cantado	Ter vendido	Ter partido
Termos cantado	Termos vendido	Termos partido
Terdes cantado	Terdes vendido	Terdes partido
Terem cantado	Terem vendido	Terem partido

Gerúndio composto

Tendo cantado	Tendo vendido	Tendo partido

Conjugação de verbos auxiliares mais comuns

1 – Conjugação simples

Ser	***Estar***	***Ter***	***Haver***
		MODO INDICATIVO	
		Presente	
Sou	Estou	Tenho	Hei
És	Estás	Tens	Hás
É	Está	Tem	Há
Somos	Estamos	Temos	Havemos
Sois	Estais	Tendes	Haveis
São	Estão	Têm [1]	Hão
		Pretérito Imperfeito	
Era	Estava	Tinha	Havia
Eras	Estavas	Tinhas	Havias
Era	Estava	Tinha	Havia
Éramos	Estávamos	Tínhamos	Havíamos
Éreis	Estáveis	Tínheis	Havíeis
Eram	Estavam	Tinham	Haviam
		Pretérito perfeito	
Fui	Estive	Tive	Houve
Foste	Estiveste	Tiveste	Houveste
Foi	Esteve	Teve	Houve
Fomos	Estivemos	Tivemos	Houvemos
Fostes	Estivestes	Tivestes	Houvestes
Foram	Estiveram	Tiveram	Houveram
		Pretérito mais-que-perfeito	
Fora	Estivera	Tivera	Houvera
Foras	Estiveras	Tiveras	Houveras

Fora	Estivera	Tivera	Houvera
Fôramos	Estivéramos	Tivéramos	Houvéramos
Fôreis	Estivéreis	Tivéreis	Houvéreis
Foram	Estiveram	Tiveram	Houveram

Futuro do presente

Serei	Estarei	Terei	Haverei
Serás	Estarás	Terás	Haverás
Será	Estará	Terá	Haverá
Seremos	Estaremos	Teremos	Haveremos
Sereis	Estareis	Tereis	Havereis
Serão	Estarão	Terão	Haverão

Futuro do pretérito

Seria	Estaria	Teria	Haveria
Serias	Estarias	Terias	Haverias
Seria	Estaria	Teria	Haveria
Seríamos	Estaríamos	Teríamos	Haveríamos
Seríeis	Estaríeis	Teríeis	Haveríeis
Seriam	Estariam	Teriam	Haveriam

MODO SUBJUNTIVO

Presente

Seja	Esteja	Tenha	Haja
Sejas	Estejas	Tenhas	Hajas
Seja	Esteja	Tenha	Haja
Sejamos	Estejamos	Tenhamos	Hajamos
Sejais	Estejais	Tenhais	Hajais
Sejam	Estejam	Tenham	Hajam

Pretérito imperfeito

Fosse	Estivesse	Tivesse	Houvesse
Fosses	Estivesses	Tivesses	Houvesses
Fosse	Estivesse	Tivesse	Houvesse
Fôssemos	Estivéssemos	Tivéssemos	Houvéssemos
Fôsseis	Estivésseis	Tivésseis	Houvésseis

Fossem	Estivessem	Tivessem	Houvessem

Futuro

For	Estiver	Tiver	Houver
Fores	Estiveres	Tiveres	Houveres
For	Estiver	Tiver	Houver
Formos	Estivermos	Tivermos	Houvermos
Fordes	Estiverdes	Tiverdes	Houverdes
Forem	Estiverem	Tiverem	Houverem

MODO IMPERATIVO

Afirmativo

Sê tu	Está tu	Tem tu[2]	Há tu
Seja você	Esteja você	Tenha você	Haja você
Sejamos nós	Estejamos nós	Tenhamos nós	Hajamos nós
Sede vós	Estai vós	Tende vós	Havei vós
Sejam vocês	Estejam vocês	Tenham vocês	Hajam vocês

Negativo

Não sejas tu	Não estejas tu	Não tenhas tu	Não hajas tu
Não seja você	Não esteja você	Não tenha você	Não haja você
Não sejamos nós	Não estejamos nós	Não tenhamos nós	Não hajamos nós
Não sejais vós	Não estejais vós	Não tenhais vós	Não hajais vós
Não sejam vocês	Não estejam vocês	Não tenham vocês	Não hajam vocês

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado

Ser	Estar	Ter	Haver

Infinitivo flexionado

Ser	Estar	Ter	Haver
Seres	Estares	Teres	Haveres
Ser	Estar	Ter	Haver
Sermos	Estarmos	Termos	Havermos
Serdes	Estardes	Terdes	Haverdes
Serem	Estarem	Terem	Haverem

Gerúndio

Sendo	Estando	Tendo	Havendo

Particípio

Sido	Estado	Tido	Havido

1. O *Vocabulário Oficial* só adota esta forma; porém, nos poetas pode ocorrer a pronúncia como dissílabo – *te-em-*, como dizem *creem*, *deem*, *leem*, *veem*. Ocorre o mesmo com *vêm* (de *vir*). Note-se, de passagem, que os dissílabos *creem*, *deem*, *leem*, *veem*, são pronúncias relativamente modernas. As formas antigas eram: *crem*, *dem*, *lem*, *vem*.

2. Com *m* final, e não com *n*.

2 – Conjugação composta

MODO INDICATIVO

Pretérito perfeito composto

Tenho	(ou hei)	sido, estado, tido, havido
Tens	(ou hás)	
Tem	(ou há)	
Temos	(ou havemos)	
Tendes	(ou haveis)	
Têm	(ou hão)	

Pretérito mais-que-perfeito composto

Tinha	(ou havia)	sido, estado, tido, havido
Tinhas	(ou havias)	
Tinha	(ou havia)	
Tínhamos	(ou havíamos)	
Tínheis	(ou havíeis)	
Tinham	(ou haviam)	

Futuro do presente composto

Terei	(ou haverei)	sido, estado, tido, havido
Terás	(ou haverás)	
Terá	(ou haverá)	
Teremos	(ou haveremos)	
Tereis	(ou havereis)	
Terão	(ou haverão)	

Futuro do Pretérito composto

Teria	(ou haveria)	sido, estado, tido, havido
Terias	(ou haverias)	
Teria	(ou haveria)	
Teríamos	(ou haveríamos)	
Teríeis	(ou haveríeis)	
Teriam	(ou haveriam)	

MODO SUBJUNTIVO

Pretérito perfeito

Tenha	(ou haja)	sido, estado, tido, havido
Tenhas	(ou hajas)	
Tenha	(ou haja)	
Tenhamos	(ou hajamos)	
Tenhais	(ou hajais)	
Tenham	(ou hajam)	

Pretérito mais-que-perfeito

Tivesse	(ou houvesse)	sido, estado, tido, havido
Tivesses	(ou houvesses)	
Tivesse	(ou houvesse)	
Tivéssemos	(ou houvéssemos)	
Tivésseis	(ou houvésseis)	
Tivessem	(ou houvessem)	

Futuro composto

Tiver	(ou houver)	sido, estado, tido, havido
Tiveres	(ou houveres)	
Tiver	(ou houver)	
Tivermos	(ou houvermos)	
Tiverdes	(ou houverdes)	
Tiverem	(ou houverem)	

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado composto

Ter	(ou haver)	sido, estado, tido, havido

Infinitivo flexionado composto

Ter	(ou haver)	sido, estado, tido, havido
Teres	(ou haveres)	
Ter	(ou haver)	
Termos	(ou havermos)	
Terdes	(ou haverdes)	
Terem	(ou haverem)	

Gerúndio

Tendo (ou havendo) sido, estado, tido, havido

Conjugação do verbo *pôr*

1 – Conjugação simples

MODO INDICATIVO

Presente	Pretérito imperfeito	Pretérito perfeito
Ponho	Punha	Pus
Pões	Punhas	Puseste
Põe	Punha	Pôs
Pomos	Púnhamos	Pusemos
Pondes	Púnheis	Pusestes
Põem	Punham	Puseram

Pretérito mais-que-perf.	Futuro do pretérito	Futuro do presente
Pusera	Poria	Porei
Puseras	Porias	Porás
Pusera	Poria	Porá
Puséramos	Poríamos	Poremos
Puséreis	Poríeis	Poreis
Puseram	Poriam	Porão

MODO SUBJUNTIVO

Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
Ponha	Pusesse	Puser
Ponhas	Pusesses	Puseres
Ponha	Pusesse	Puser
Ponhamos	Puséssemos	Pusermos
Ponhais	Puséssеis	Puserdes

Ponham	Pusessem	Puserem

MODO IMPERATIVO

Afirmativo	Negativo
Põe tu	Não ponhas tu
Ponha você	Não ponha você
Ponhamos nós	Não ponhamos nós
Ponde vós	Não ponhais vós
Ponham vocês	Não ponham vocês

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado	Infinitivo flexionado
Pôr	Pôr
	Pores
	Pôr
	Pormos
	Pordes
	Porem

Gerúndio	Particípio
Pondo	Posto

2 - Conjugação composta

MODO INDICATIVO

Pretérito perfeito composto		Pretérito mais-que-perfeito composto	
Tenho	posto	Tinha	posto
Tens	posto	Tinhas	posto
Tem	posto	Tinha	posto
Temos	posto	Tínhamos	posto
Tendes	posto	Tínheis	posto
Têm	posto	Tinham	posto

Futuro do presente composto		Futuro do pretérito composto	
Terei	posto	Teria	posto
Terás	posto	Terias	posto
Terá	posto	Teria	posto

Teremos	posto	Teríamos	posto
Tereis	posto	Teríeis	posto
Terão	posto	Teriam	posto

MODO SUBJUNTIVO

Pretérito perfeito		Pretérito mais-que-perf.		Futuro	
Tenha	posto	Tivesse	posto	Tiver	posto
Tenhas	posto	Tivesses	posto	Tiveres	posto
Tenha	posto	Tivesse	posto	Tiver	posto
Tenhamos	posto	Tivéssemos	posto	Tivermos	posto
Tenhais	posto	Tivésseis	posto	Tiverdes	posto
Tenham	posto	Tivessem	posto	Tiverem	posto

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado		Infinitivo flexionado	
Ter	posto	Ter	posto
		Teres	posto
		Ter	posto
		Termos	posto
		Terdes	posto
		Terem	posto

Gerúndio composto	
Tendo	posto

Conjugação de um verbo composto na voz passiva: *ser amado*

MODO INDICATIVO

Presente		Pretérito imperfeito		Pretérito perf. simples	
Sou	amado	Era	amado	Fui	amado
És	amado	Eras	amado	Foste	amado
É	amado	Era	amado	Foi	amado
Somos	amados	Éramos	amados	Fomos	amados
Sois	amados	Éreis	amados	Fostes	amados

São	amados	Eram	amados	Foram	amados

Pretérito perfeito composto

Tenho	sido amado
Tens	sido amado
Tem	sido amado
Temos	sido amados
Tendes	sido amados
Têm	sido amados

Pretérito mais-que-perfeito simples

Fora	amado
Foras	amado
Fora	amado
Fôramos	amados
Fôreis	amados
Foram	amados

Pret. mais-que-perfeito composto

Tinha	sido amado
Tinhas	sido amado
Tinha	sido amado
Tínhamos	sido amados
Tínheis	sido amados
Tinham	sido amados

Futuro do presente simples

Serei	amado
Serás	amado
Será	amado
Seremos	amados
Sereis	amados
Serão	amados

Futuro do presente composto

Terei	sido amado
Terás	sido amado
Terá	sido amado
Teremos	sido amados
Tereis	sido amados
Terão	sido amados

Futuro do pretérito simples

Seria	amado
Serias	amado
Seria	amado
Seríamos	amados
Seríeis	amados
Seriam	amados

Futuro do pretérito composto

Teria	sido amado
Terias	sido amado
Teria	sido amado
Teríamos	sido amados
Teríeis	sido amados
Teriam	sido amados

MODO SUBJUNTIVO

Presente

Seja	amado

Pretérito imperfeito

Fosse	amado

Pretérito perfeito

Tenha	sido amado

Sejas	amado	Fosses	amado	Tenhas	sido amado
Seja	amado	Fosse	amado	Tenha	sido amado
Sejamos	amados	Fôssemos	amados	Tenhamos	sido amados
Sejais	amados	Fôsseis	amados	Tenhais	sido amados
Sejam	amados	Fossem	amados	Tenham	sido amados

Pretérito mais-que-perfeito		Futuro		Futuro composto	
Tivesse	sido amado	For	amado	Tiver	sido amado
Tivesses	sido amado	Fores	amado	Tiveres	sido amado
Tivesse	sido amado	For	amado	Tiver	sido amado
Tivéssemos	sido amados	Formos	amados	Tivermos	sido amados
Tivésseis	sido amados	Fordes	amados	Tiverdes	sido amados
Tivessem	sido amados	Forem	amados	Tiverem	sido amados

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado		Infinitivo não flexionado composto	
Ser	amado	Ter	sido amado

Infinitivo flexionado composto		Infinitivo flexionado	
Ser	amado	Ter	sido amado
Seres	amado	Teres	sido amado
Ser	amado	Ter	sido amado
Sermos	amados	Termos	sido amados
Serdes	amados	Terdes	sido amados
Serem	amados	Terem	sido amados

Gerúndio	Gerúndio composto	
Sendo amado	Tendo	sido amado

OBSERVAÇÕES sobre a voz passiva:

1.ª) O particípio neste caso aparece na forma feminina se a referência é feita a ser do gênero feminino:

Ele é *amado*. Ela é *amada*.

2.ª) Também nas três pessoas do plural o particípio vai ao plural:

Voz ativa – Ela tem *estudado*. Elas têm *estudado*.

Voz passiva – Ela é *amada*. Elas são *amadas*.

3.ª) Na voz passiva não se usa o imperativo.

Conjugação de um verbo *pronominal*: *apiedar-se* – Já vimos que o verbo se diz

pronominal quando o pronome oblíquo se refere ao pronome reto:

Eu *me* visto. Nós *nos* arrependemos. Eles *se* foram.

O pronome átono pode vir antes, no meio ou depois do verbo ou verbos (se for uma conjugação composta), de acordo com certos princípios que serão futuramente estudados:

a) *próclise*: se o vocábulo átono vem antes: Ele se feriu (pronome átono proclítico);

b) mesóclise: se o vocábulo átono vem no meio (dos futuros, do presente e do pretérito): Vestir-se-á se puder. Vestir-nos-íamos se pudéssemos (pronome átono mesoclítico);

c) *ênclise*: se o vocábulo átono vem depois: Queixamo-nos ao diretor (pronome átono enclítico).

NOTA IMPORTANTE – Se o pronome for enclítico, nestes casos, só haverá uma alteração no verbo a que pertencer o pronome: perderá o *s* final da 1.ª pessoa do plural:

queixo-me
queixas-te
queixa-se
queixamo-nos
queixais-vos
queixam-se

Nas outras posições, o verbo ficará intacto:

Nós nos queixamos. Queixar-nos-emos.

Atente-se para o seguinte modelo e para as observações feitas sobre a impossibilidade da posposição em algumas formas:

Apiedar-se

MODO INDICATIVO

Presente	Pretérito imperfeito	Pretérito perfeito
apiedo-me	apiedava-me	apiedei-me
apiedas-te	apiedavas-te	apiedaste-te
apieda-se	apiedava-se	apiedou-se
apiedamo-nos	*apiedávamo-nos*	*apiedamo-nos*
apiedais-vos	apiedáveis-vos	apiedastes-vos
apiedam-se	apiedavam-se	apiedaram-se

Pretérito perfeito composto		Pretérito mais-que-perfeito
tenho-me	apiedado [1]	apiedara-me
tens-te	apiedado	apiedaras-te
tem-se	apiedado	apiedara-se
temo-nos	*apiedado*	*apiedáramo-nos*
tendes-vos	apiedado	apiedáreis-vos
têm-se	apiedado	apiedaram-se

Pretérito mais-que-perfeito composto

tinha-me	apiedado
tinhas-te	apiedado
tinha-se	apiedado
tínhamo-nos	*apiedado*
tínheis-vos	apiedado
tinham-se	apiedado

Futuro do presente

apiedar-me-ei [2]
apiedar-te-ás
apiedar-se-á
apiedar-nos-emos
apiedar-vos-eis
apiedar-se-ão

Futuro do presente composto

ter-me-ei	apiedado
ter-te-ás	apiedado
ter-se-á	apiedado
ter-nos-emos	apiedado
ter-vos-eis	apiedado
ter-se-ão	apiedado

Futuro do pretérito

apiedar-me-ia
apiedar-te-ias
apiedar-se-ia
apiedar-nos-íamos
apiedar-vos-íeis
apiedar-se-iam

Futuro do pretérito composto

ter-me-ia	apiedado
ter-se-ias	apiedado
ter-se-ia	apiedado
ter-nos-íamos	apiedado
ter-vos-íeis	apiedado
ter-se-iam	apiedado

1 Nunca se use pronome átono posposto a particípio.

2 Nunca se use pronome átono posposto aos futuros do presente e do pretérito; usar-se-á a anteposição ou a interposição, como veremos depois.

MODO SUBJUNTIVO

NOTA: Raramente aparece pronome posposto a verbo neste modo, por aparecer, em geral, em oração subordinada.

Presente	**Pretérito imperfeito**	**Pretérito perfeito**
apiede-me	apiedasse-me	Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!
apiedes-te	apiedasses-te	
apiede-se	apiedasse-se	
apiedemo-nos	*apiedássemo-nos*	
apiedeis-vos	apiedásseis-vos	
apiedem-se	apiedassem-se	

Pretérito mais-que-perfeito		**Futuro composto**
tivesse-me	apiedado	
tivesses-te	apiedado	

tivesse-se	apiedado	Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!
tivéssemo-nos	*apiedado*	
tivésseis-vos	apiedado	
tivessem-se	apiedado	

MODO IMPERATIVO

Afirmativo	**Negativo**
apieda-te tu	
apiede-se você	
apiedemo-nos nós	Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!
apiedai-vos vós	
apiedem-se vocês	

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado simples	**Infinitivo não flexionado composto**	
apiedar-me	ter-me	apiedado
apiedar-te	ter-te	apiedado
apiedar-se	ter-se	apiedado
apiedar-nos	ter-nos	apiedado
apiedar-vos	ter-vos	apiedado
apiedar-se	ter-se	apiedado
Infinito flexionado simples	**Infinito flexionado composto**	
apiedar-me	ter-me	apiedado
apiedares-te	teres-te	apiedado
apiedar-se	ter-se	apiedado
apiedarmo-nos	*termo-nos*	*apiedado*
apiedardes-vos	terdes-vos	apiedado
apiedarem-se	terem-se	apiedado
Gerúndio simples	**Gerúndio composto**	
apiedando-me	tendo-me	apiedado
apiedando-te	tendo-te	apiedado
apiedando-se	tendo-se	apiedado
apiedando-nos	tendo-nos	apiedado
apiedando-vos	tendo-vos	apiedado
apiedando-se	tendo-se	apiedado

Particípio

Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!

Conjugação de um verbo com pronome oblíquo átono (sem ser pronominal): tipo ***pô-lo*** – O verbo pode acompanhar-se de um pronome oblíquo átono que não se refira ao pronome reto, isto é, ao sujeito:

Eu *o* vi. Nós *te* admiramos. Ela *o* chama.

Quando os pronomes oblíquos átonos *o*, *a*, *os*, *as* estiverem depois do verbo ou no meio modificam-se de acordo com o final a que se acham pospostos:

a) se o verbo terminar por vogal ou semivogal oral, os pronomes aparecem inalterados: ponho-*o*, ponho-*a*, ponho-*os*, ponho-*as*;

b) se o verbo terminar por *r*, *s* ou *z*, desaparecem estas consoantes e os pronomes aparecem nas antigas formas *lo*, *la*, *los*, *las*:

pôr lo = pô-lo; pões lo = põe-lo; diz lo = di-lo; deixar lo ia = deixá-lo-ia

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Recorde-se a acentuação dos oxítonos estudada em **Regras de acentuação**.

2.ª) Se o verbo termina por *ns*, o *n* passará a *m*: *tens lo = tem-lo*.

c) se o verbo terminar por som nasal (*m* ou sílaba com til), os pronomes assumem as formas *no*, *na*, *nos, nas*:

põe + o = põe-no; viram + a = viram-na.

NOTA: Se os pronomes vêm antes do verbo, não há nenhuma alteração nos pronomes e no verbo: Ele *o põe* ali. Eu *o fiz*.

OBSERVAÇÃO: Alguns autores chamam *pronominais reflexos* aos verbos na voz reflexiva e pronominais irreflexivos (ou não reflexos) aos verbos deste parágrafo. 62

Atente-se para o seguinte modelo e para as observações feitas sobre a impossibilidade da posposição em algumas formas:

Pô-lo

(só a conjugação simples)

MODO INDICATIVO

Presente	**Pretérito imperfeito**	**Pretérito perfeito**
ponho-o	punha-o	pu-lo
põe-lo	punha-lo	puseste-o
põe-no	punha-o	pô-lo
pomo-lo	púnhamo-lo	pusemo-lo
ponde-lo	púnhei-lo	puseste-lo
põem-no	punham-no	puseram-no
Pret. Mais-que-perf.	**futuro do presente**	**Futuro do pretérito**
Pusera-o	pô-lo-ei [1]	pô-lo-ia
pusera-lo	pô-lo-ás	pô-lo-ias
pusera-o	pô-lo-á	pô-lo-ia
puséramo-lo	pô-lo-emos	pô-lo-íamos
pusérei-lo	pô-lo-eis	pô-lo-íeis
puseram-no	pô-lo-ão	pô-lo-iam

1 Note-se que nos futuros do presente e do pretérito há formas verbais com dois acentos gráficos.

MODO SUBJUNTIVO

NOTA: raramente aparece pronome posposto a verbo neste modo.

Presente	**Pretérito imperfeito**	**Futuro**
ponha-o	pusesse-o	Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!
ponha-lo	pusesse-lo	
ponha-o	pusesse-o	
ponhamo-lo	puséssemo-lo	
ponhai-lo	puséssei-lo	

ponham-no	pusessem-no

MODO IMPERATIVO

Afirmativo	**Negativo**
põe-no tu [2]	Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!
ponha-o você	
ponhamo-lo nós	
ponde-o vós [2]	
ponham-no vocês	

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo	**Gerúndio**	**Particípio**
pô-lo	pondo-o	Não se usa com pronome posposto.

2 Recorde-se que o s final do presente do indicativo desaparece no imperativo afirmativo.

Conjugação dos verbos irregulares – Na seguinte relação de verbos, apresentamos, além das formas irregulares, algumas regulares em que frequentemente se erra. As formas que aqui faltam e se empregam são todas regulares.

1.ª CONJUGAÇÃO:

Dar

Pres. ind.: dou, dás, dá, damos, dais, dão.
Pret. perf. ind.: dei, deste, deu, demos, destes, deram.
M.-que-Perf. ind.: dera, deras, dera, déramos, déreis, deram.
Pres. subj.: dê, dês, dê, demos, deis, deem.
Pret. imperf. subj.: desse, desses, desse, déssemos, désseis, dessem.
Fut. subj.: der, deres, der, dermos, derdes, derem.

Por este modelo conjuga-se *desdar; circundar* é, porém, regular.

Estar

Ver a lista dos verbos auxiliares.

Por este conjugam-se: *sobestar* e *sobrestar*. São regulares os seus derivados *constar, prestar, obstar, instar, distar, restar,* etc.

2.ª CONJUGAÇÃO

Caber

Pres. ind.: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem.

Pret. perf. ind.: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam.
M.-q.-perf. ind.: coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam.
Pres. subj.: caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam.
Pret. imp. subj.: coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem.
Fut. subj.: coube*r,* couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem.

Comprazer

Ver *prazer*.

Crer

Pres. ind.: creio, crês, crê, cremos, credes, creem.
Pret. perf. ind.: cri, creste, creu, cremos, crestes, creram.
Pres. subj.: creia, creias, creia, creiamos, creiais, creiam.
Pret. impa. subj.: cresse, cresses, cresse, crêssemos, crêsseis, cressem.
Fut. subj.: crer, creres, crer, crermos, crerdes, crerem.
Imperativo: crê, crede.
Part.: crido.

Com este conjuga-se *descrer*.

Dizer

Pres. ind.: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem.
Pret. Perf. ind.: disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram.
M.-q.-perf. ind.: dissera, disseras, dissera, disséramos, disséreis, disseram.
Fut. pres.: direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão.
Fut. pret.: diria, dirias, diria, diríamos, diríeis diriam.
Pres. subj.: diga, digas, diga, digamos, digais, digam.
Pret. imperf. subj.: dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem.
Fut. subj.: disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem,
Imperativo: dize, dizei.
Part.: dito.

Por este se conjugam *bendizer*, *condizer*, *contradizer*, *desdizer*, *maldizer*, *predizer*.

Fazer

Pres. ind.: faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem.
Pret. perf. ind.: fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram.
M.-q.-perf. ind.: fizera, fizeras, fizera, fizéramos, fizéreis, fizeram.
Fut. pres.: farei, farás, fará, faremos, fareis, farão.
Fut. pret.: faria, farias, faria, faríamos, faríeis, fariam.
Pres. subj.: faça, faças, faça, façamos, façais, façam.
Pret. imp. subj.: fizesse, fizesses, fizesse fizéssemos, fizésseis, fizessem.
Fut. subj.: fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem.
Imperativo: faz(e), fazei.
Part. : feito.

Por este se conjugam *afazer*, *contrafazer*, *desfazer*, *liquefazer*, *perfazer*, *refazer*, *rarefazer*, *satisfazer*.

Haver

Ver a conjugação dos verbos auxiliares.

Jazer

Pret. ind.: jazo, jazes, jaz, jazemos, jazeis, jazem.
Pret. Perf. ind.: jazi, jazeste, jazeu, jazemos, jazestes, jazeram.

As outras formas – pois é totalmente conjugado – são regulares.

Por este se modela *adjazer*.

Ler

Pres. ind.: leio, lês, lê, lemos, ledes, leem.

Pret. perf. ind.: li, leste, leu, lemos, lestes, leram.

M.-q.-perf. ind.: lera, leras, lera, lêramos, lêreis, leram.

Pres. subj.: leia, leias, leia, leiamos, leiais, leiam.

Pret. imp. subj.: lesse, lesses, lesse, lêssemos, lêsseis, lessem.

Fut. subj.: ler, leres, ler, lermos, lerdes, lerem.

Por este se conjugam *reler* e *tresler*.

Perder

Pres. ind.: perco (ê), perdes, perde, perdemos, perdeis, perdem.

Pres. subj.: perca (ê), percas (ê), perca (ê), percamos (ê), percais (ê), percam (ê).

Poder

Pres. ind.: posso, podes, pode, podemos, podeis, podem.

Pret. perf. ind.: pude, pudeste, pôde, pudemos, pudestes, puderam.

M.-q.-perf. ind.: pudera, puderas, pudera, pudéramos, pudéreis, puderam.

Pres. subj.: possa, possas, possa, possamos, possais, possam.

Pret. imp.: pudesse, pudesses, pudesse, pudéssemos, pudésseis, pudessem.

Fut. subj.: puder, puderes, puder, pudermos, puderdes, puderem.

Desusado modernamente no imperativo.

Prazer

(Pouco usado na 1.ª e 2.ª pessoa)

Pres. ind.: praz, prazem.

Pret. perf. ind.: prouve, prouveram.

M.-q.-perf. ind.: prouvera, prouveram.

Pret. imp. subj.: prouvesse, prouvessem.

Fut. subj.: prouver, prouverem.

Por este se conjugam *aprazer, desprazer, desaprazer,* verbos que se apresentam em todas as pessoas. *Comprazer* e *descomprazer são* verbos completos e se modelam por *prazer;* no pret. perfeito e m.-q.-perfeito do indicativo, pret. imperfeito e futuro do subjuntivo podem ainda ser conjugados regularmente.

> (...) o poeta (...) não *aprazia* a uma companhia ortodoxa [JR.2, 195].

Querer

Pres. ind.: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem.

Pret. Perf. ind.: quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram.

M.-q.-perf. ind.: quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram.

Pres. subj.: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram.

Pret. imp. subj.: quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem.

Fut. subj.: quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem.

Part.: querido (a forma quisto só se usa em *benquisto* e *malquisto).*

A moderna forma *quere*, 3.ª pessoa do singular, em lugar de *quer,* só é usada pelos portugueses. Normalmente não se usa o verbo *querer* no imperativo; há exemplos de *querei* nos *Sermões* do Pe. Antônio Vieira. Quando se usa pronome átono (*o*, *a*, *os*, *as*) posposto à 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo, emprega-se *qué-lo* ou *quere-o:* "Qué-lo o teu povo" [AH.4, 1, 79].

Desusado modernamente no imperativo; aparece no optativo que traduz um desejo de realização de um fato expresso pelo infinitivo seguinte: *Queira aceitar meus cumprimentos.*

Requerer

Pres. ind.: requeiro, requeres, requer (ou requere), requeremos, requereis, requerem.
Pret. Perf. ind.: requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram.
M.-q.-perf. ind.: requerera, requereras, requerera, requerêramos, requerêreis, requereram.
Pres. subj.: requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram.
Pret. imp. subj.: requeresse, requeresses, requeresse, requerêssemos, requerêsseis, requeressem.
Fut. subj.: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.
Imperativo: requer(e), requerei.
Part.: requerido.

A 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo *requer* é modernamente mais usada que *requere*, esta mais lusitana.

Saber

Pres. ind.: sei, sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem.
Pret. perf. ind.: soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, souberam.
M.-q.-perf. ind.: soubera, souberas, soubera, soubéramos, soubéreis, souberam.
Pres. subj.: saiba, saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam.
Pret. imp. subj.: soubesse, soubesses, soubesse, soubéssemos, soubésseis, soubessem.
Fut. subj.: souber, souberes, souber, soubermos, souberdes, souberem.

Ser

Veja a conjugação dos verbos auxiliares.

Ter

Veja a conjugação dos verbos auxiliares.

Trazer

Pres. ind.: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem.
Pret. perf. ind.: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram.
M.-q.-perf. ind.: trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram.
Futuro do pres.: trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão.
Fut. do pret.: traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam.
Pres. subj.: traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam.
Pret. imp. subj.: trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem.
Imperativo: traz(e), trazei.

Valer

Pres. ind.: valho, vales, vale (ou val), valemos, valeis, valem.
Pres. subj.: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham.

Val, por *vale*, é forma corrente entre os portugueses.

Como *valer* conjugam-se *desvaler* e *equivaler*.

Ver

Pres. ind.: vejo, vês, vê, vemos, vedes veem.
Pret. imp. ind.: via, vias, via, víamos, víeis, viam.
Pret. perf. ind.: vi, viste, viu, vimos, vistes, viram.
M.-q.-perf. ind.: vira, viras, vira, víramos, víreis, viram.
Pres. subj.: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam.
Pret. imp. subj.: visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem.
Fut. subj.: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.
Part.: visto.

Assim se conjugam *antever*, *entrever*, *prever* e *rever*. *Prover* e *desprover* modelam-se por *ver*, exceto no pretérito

perfeito do indicativo e derivados, e particípio, quando se conjugam regularmente.

Pret. Perf. ind.: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram.

M.-q.-perf. ind.: provera, proveras, provera, provéramos, provêreis, proveram.

Fut. subj.: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.

Part.: provido.

3.ª Conjugação:

Acudir

Pres. ind.: acudo, acodes, acode, acudimos, acudis, acodem.

Pret. Perf. ind.: acudi, acudiste, acudiu, acudimos, acudistes, acudirem.

Pres. subi.: acuda, acudas, acuda, acudamos, acudais, acudam.

Pret. imp. subj.: acudisse, acudisses, acudisse, acudíssemos, acudísseis, acudissem.

Imperativo: acode, acudi.

Assim se conjugam *bulir, construir, cuspir, destruir, engolir* 63, *entupir*64, *escapulir, fugir* 65, *sacudir, subir, sumir* 66.

Construir, destruir e *entupir,* como verbos abundantes, apresentam como formas menos usadas, *construis, construi, destrui, entupes, entupe.*

Os demais verbos em *udir* (*aludir*, *eludir*, *iludir*) são regulares.

Cair

Pres. ind.: caio, cais, cai, caímos, caís, caem.

Pret. imp. ind.: caía, caías, caía, caíamos, caíeis, caíam.

Pret. perf. ind.: caiu, caíste, caiu, caímos, caístes, caíram.

M.-q.-perf. ind.: caíra, caíras, caíra, caíramos, caíreis, caíram.

Fut. pres.: cairei, cairás, cairá, cairemos, caireis, cairão.

Fut. pret.: cairia, cairias, cairia, cairíamos, cairíeis, cairiam.

Pres. subj.: caia, caias, caia, caiamos, caiais, caiam.

Pret. imp. subj.: caísse, caísses, caísse, caíssemos, caísseis, caíssem.

Fut. subj.: cair, caíres, cair, cairmos, cairdes, caírem.

Por este se conjugam *atrair, contrair, distrair, esvair, retrair, sair, subtrair, trair, embair*.

Para a boa acentuação deste tipo de verbos, recorde-se o que se disse em **Regras de acentuação**.

Cobrir

Pres. ind.: cubro, cobres, cobre, cobrimos, cobris, cobrem.

Pret. Perf. ind.: cobri, cobriste, cobriu, cobrimos, cobristes, cobriram.

Pres. subj.: cubra, cubras, cubra, cubramos, cubrais, cubram.

Imperativo: cobre tu, cubra você, cubramos nós, cobri vós, cubram vocês.

Por este se conjugam *descobrir, dormir* (regular no part.: dormido), *encobrir, recobrir e tossir* (regular no part.: *tossido).*

Frigir

Pres. ind.: frijo, freges, frege, frigimos, frigis, fregem.

Pres. subj.: frija, frijas, frija, frijamos, frijais, frijam.

Imperativo: frege, frija, frijamos, frigi, frijam.

Part.: frigido e frito.

Atente-se para a troca de *g por j antes* de *a* e *o*.

Ir

Pres. ind.: vou, vais, vai, vamos (ou imos), ides, vão.

Pret. imp. ind.: ia, ias, ia, íamos, íeis, iam.
Pret. Perf.: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.
m.-q.-perf. ind.: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.
Fut. pres.: irei, irás, irá, iremos, ireis, irão.
Fut. Pret.: iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam.
Pres. subj.: vá, vás, vá, vamos, vades, vão.
Pret. imp. subj.: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.
Fut. subj.: for, fores, for, formos, fordes, forem.
Imperativo: vai, vá, vamos, ide, vão.
Gerúndio: indo.
Part.: ido.

Medir

Pres. ind.: meço, medes, mede, medimos, medis, medem.
Pres. subj.: meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam.
Assim se conjugam *desmedir e pedir*.

Mentir

Pres. ind.: minto, mentes, mente, mentimos, mentis, mentem.
Pres. subj.: minta, mintas, minta, mintamos, mintais, mintam.
Por este verbo se conjugam *consentir, desmentir, persentir* (sentir profundamente), *pressentir* (prever), *ressentir, sentir*.

Ouvir

Pres. ind.: ouço, ouves, ouve, ouvimos, ouvis, ouvem.
Pres. subj.: ouça, ouças, ouça, ouçamos, ouçais, ouçam.
Entre portugueses ocorre a variante *oiço,* ao lado de *ouço*. Também no presente do subjuntivo: *oiça, oiças, oiça, oiçamos, oiçais, oiçam.*

Pedir

Pres. ind.: peço, pedes, pede, etc.
Pres. subj.: peça, peças, peça, etc.
Pedir serve hoje de modelo para *desimpedir, despedir, expedir* e *impedir* (que não são derivados de *pedir*).

Parir

Polir (= *lustrar*, *civilizar*)

Pres. ind.: pulo, pules, pule, polimos, polis, pulem.
Pret. perf.: poli, poliste, poliu, polimos, polistes, poliram.
Pres. subj.: pula, pulas, pula, pulamos, pulais, pulam.
Imperativo: pule, pula, pulamos, poli, pulam.
Por este verbo se conjugam *despolir* e *sortir* (= abastecer, prover, misturar, combinar). *Surtir* (com *u*) é regular: *surto, surtes, surte, surtimos, surtis, surtem*[67].

> "...enquanto o progresso das ciências e das artes pule e melhora exteriormente o gênero humano, destruiria o intolerável egoísmo que destrói ou afeia o formoso edifício da moderna civilização". [AH.2, 142].

Progredir

Pres. ind.: progrido, progrides, progride, progredimos, progredis, progridem.
Pret. imp. ind.: progredia, progredias, progredia, progredíamos, progredíeis, progrediam.
Pret. perf. ind.: progredi, progrediste, progrediu, progredimos, progredistes, progrediram.
Pres. subj.: progrida, progridas, progrida, progridamos, progridais, progridam.
Por este verbo se conjugam *agredir, cerzir, denegrir, prevenir, regredir, transgredir. Remir,* hoje mais usado como defectivo (cf. **Verbos defectivos e abundantes**), seguia outrora o modelo de *progredir:* rimo, rimes, rime, remimos, remis,

rimem.

"Por 20 libras anuais a aldeia de Favaios rime todos os tributos e obtém o privilégio de nomear o seu juiz" [AH.2, 149].

Rir

Pres. ind.: rio, ris, ri, rimos, rides, riem.

Pret. imperf. ind. : ria, rias, ria, ríamos, ríeis, riam.

Pret. perf. ind.: ri, riste, riu, rimos, ristes, riram.

Part. : rido.

Segue este modelo o verbo *sorrir*.

Servir

Pres. ind.: sirvo, serves, serve, servimos, servis, servem.

Pres. subj.: sirva, sirvas, sirva, sirvamos, sirvais, sirvam.

Imperativo: serve, sirva, sirvamos, servi, sirvam.

Por este verbo se conjugam aderir, advertir, aferir, compelir, competir, concernir, conferir, conseguir, convergir, deferir, despir, digerir, divertir, expelir, impelir, inserir, perseguir, preferir, preterir, repelir, seguir, sugerir, vestir.

Submergir

Pres. ind.: submerjo (ê), submerges (é), submerge (é), submergimos, submergis, submergem (é).

Pres. subj.: submerja (ê), submerjas (ê), submerja (ê), submerjamos, submerjais, submerjam (ê).

Imperativo: submerge (é), submerja (ê), submerjamos, submergi, submerjam (ê).

Seguem este modelo *aspergir, emergir, imergir*.

Vir

Pres. ind.: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm.

Pret. imperf. ind.: vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham.

Pret. Perf. ind.: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.

Fut. pres.: virei, virás, virá, viremos, vireis virão.

Fut. pret.: viria, virias, viria, viríamos, viríeis, viriam.

Pres. subj.: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham.

Fut. subj.: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.

Imperativo: vem, venha, venhamos, vinde, venham.

Gerúndio: vindo.

Part.: vindo.

Por este modelo se conjugam advir, avir-se, convir, desavir, intervir, provir, sobrevir.

EMPREGO DO VERBO

Emprego de tempos e modos

1) **Indicativo** – É o modo que normalmente aparece nas orações independentes, e nas dependentes que encerram um fato real ou tido como tal.

Presente – Para bem entender os diversos empregos por que se desdobra o presente no sistema de oposições em que se insere, temos de considerar a lição de Coseriu, que propõe o seguinte esquema [ECs.5, 139]:

<table>
<tr><td></td><td>Presente</td><td colspan="2">Passado</td><td></td></tr>
<tr><td rowspan="2">Não futuro</td><td rowspan="2">canto</td><td>cantava</td><td>cantei</td><td>Presente</td></tr>
<tr><td colspan="2">cantara</td><td rowspan="2">Passado</td></tr>
<tr><td>Futuro</td><td>cantarei</td><td colspan="2">cantaria</td></tr>
</table>

Ainda teríamos de, no interior do passado, admitir outra vez a oposição presente/passado, isto é, uma oposição entre um "presente do passado" (*cantava – cantei*) e um "passado do passado" (*cantara*).

Isto significa que o presente, a rigor, se caracteriza pelo traço "negativo" ou "neutral" em relação ao pretérito (passado) e ao futuro, que são termos "positivos", isto é, aplicados ao ocorrido, o que lhe permite, ao presente, empregar-se, em determinados contextos, "em lugar" do passado e do futuro [ECs.1, 234]. Não ocorrendo a neutralização, tais substituições ficam impedidas: em *agora estarei muito cansado*, se entendermos "agora mesmo", e não "em seguida", depois do momento em que falo" (quando a construção será perfeitamente possível), não se empregará o futuro pelo presente.

O presente denota uma declaração:

a) que se verifica ou que se prolonga até o momento em que se fala:

"Ocorre-me uma reflexão imoral, que é ao mesmo tempo uma correção de estilo" [MA.1, 56].

b) que acontece habitualmente:

A Terra gira em torno do Sol.

c) que representa uma verdade universal (o "presente eterno"):

"O interesse adota e defende opiniões que a consciência reprova" [MM].

Emprega-se o presente:

a) pelo *pretérito*, em narrações animadas e seguidas (presente histórico), como para dar a fatos passados o sabor de novidade das coisas atuais:

"Pela manhã, *bates*-lhe à porta, chamando-o. Como ninguém responda, *procuras* entrar. Um peso imprevisto *detém* o esforço do teu braço. *Insistes*. *Entras*. E *recuas*, os olhos escancarados, o rosto transfigurado pela dor e pelo assombro, o coração parado no peito" [HC.1, 16-17]. 68

b) pelo *futuro do indicativo* para indicar com ênfase uma decisão:

Amanhã eu *vou* à cidade.

c) pelo *pretérito imperfeito* do subjuntivo:

Se *respondo* mal, ele se zangaria.

d) pelo *futuro do subjuntivo*:

Se *queres* a paz, prepara-te para a guerra.

OBSERVAÇÃO: Para exprimir ação começada emprega-se, em geral, o verbo *estar* seguido de gerúndio ou de infinitivo precedido de *a* preposição.

Estava { falando / a falar { sobre tal assunto

Pretérito imperfeito – O imperfeito, como ensina Coseriu [ECs.5, 165], é um membro não marcado, extensivo, de uma oposição que encerra três membros, dois dos quais são marcados e intensivos: o mais-que-perfeito e o chamado condicional presente, na forma simples.

Nesta oposição, o mais-que-perfeito significa um "anterior", enquanto o condicional presente (futuro do pretérito) um "depois". Daí o imperfeito não significar nem "antes" nem "depois" e, por isso, pode ocupar todo o espaço da oposição. Isto implica que não se pode, a rigor, atribuir ao imperfeito a pura e simples significação de passado, a não ser que ele seja considerado um "presente" do passado. Como um segundo "presente" pode – como ocorre com o presente próprio, que tem seu pretérito representado pelo perfeito simples, e o seu futuro representado pelo futuro simples – ter seu próprio passado (o mais-que-perfeito) e seu próprio futuro (o condicional presente). Por isso, o presente pode substituir o pretérito perfeito simples e o futuro, mas o imperfeito não.

Pode-se, neste gráfico, representar o presente e o imperfeito no sistema dos tempos em português; o imperfeito, sendo um termo neutro do plano "inatual", pode ser empregado "em lugar" do seu pretérito (passado) e de seu futuro:

Passado		Atualidade		Futuro
Perfeito simples	←	Presente	→	Futuro
Mais-que-perfeito	←	Imperfeito	→	Condicional presente (Fut. do pret.)

Daí a variedade e ambivalências destes dois tempos na atividade do discurso; geralmente uma forma verbal não está por outra ou em lugar de outra, mas sim no lugar de *outra significação* [ECs.5, 150].

Emprega-se o pret. imperfeito quando nos transportamos mentalmente a uma época passada e descrevemos o que então era presente:

"Eugênia *coxeava* um pouco, tão pouco, que eu cheguei a perguntar-lhe se machucara o pé" [MA.1, 193].

Nos pedidos e solicitações ou denota que duvidamos da realização do fato ou exprime um desejo feito com modéstia ou com o simples propósito:

"*Queria* viver para o seu filho – é como ele explicava o desejo da vida" [CBr.9, 22].

Sr. Manuel, eu *desejava* telefonar.

Pode substituir, principalmente na conversação, o futuro do pretérito, quando se quer exprimir fato categórico ou a segurança do falante:

"Se me desprezasses, morreria, *matava*-me" [CBr.9, 19].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Emprega-se o pretérito imperfeito do verbo *dever* (fazer uma coisa) em lugar do pretérito perfeito:

Ele *devia* (e não *deveu*) ser (ou *ter sido*) ontem mais atencioso para contigo [ED.1, § 207, a, obs].

2.ª) Aparece em lugar do futuro do pretérito para denotar um fato certo como consequência de outro que não se deu:

Eu, se tivesse crédito na praça, *pedia* outro empréstimo.

3.ª) Ainda na referência ao futuro, entra o imperfeito chamado "prelúdico" ou imperfeito dos jogos: *então* [neste jogo que

vamos começar a jogar] eu *era* o rei e tu *eras* a rainha [ECS.1, 207]. "Agora eu era o herói e o meu cavalo só falava inglês" (*João e Maria*, de Chico Buarque e Sivuca).

Pretérito perfeito – "O pretérito imperfeito é o tempo da ação prolongada ou repetida com limites imprecisos; ou não nos esclarece sobre a ocasião em que a ação terminaria ou nada nos informa quanto ao momento do início. O pretérito perfeito, pelo contrário, fixa e enquadra a ação dentro de um espaço de tempo determinado" [SA.5, II, 103]:

> "Marcela *teve* primeiro um silêncio indignado; depois *fez* um gesto magnífico: *tentou* atirar o colar à rua. Eu *retive*-lhe o braço; *pedi*-lhe muito que não me fizesse tal desfeita, que ficasse com a joia. *Sorriu* e *ficou*" [MA.1, 55].

Não se pode dizer, comenta Coseriu 69, que o perfeito simples e o imperfeito se contrapõem por uma simples oposição. Na essência, o imperfeito em português e no românico visualiza as ações como num pano de fundo, como se completando num nível secundário.

O pretérito composto (*tenho trabalhado*) exprime:

a) repetição ou prolongação de um fato até o momento em que se fala, ou fato habitual:

> "Não me *tens dito* nada das tuas ocupações nessa casa" [CBr.3, II, 133].

b) fato consumado:

> *Tenho dito* (no fim dos discursos).

Pretérito mais-que-perfeito (simples e composto) – Denota uma ação anterior a outra já passada:

> "No dia seguinte, antes de me recitar nada, explicou-me o capitão que só por motivos graves *abraçara* a profissão marítima..." [MA.1, 66-67].

OBSERVAÇÃO: Em certas orações temporais, aparece o pretérito perfeito onde se esperaria o mais-que-perfeito:

> "Logo que se *retirou* o inimigo, mandou D. João Mascarenhas enterrar os mortos" [ED.1, § 208].
>
> "Ao revés encontra-se em orações subordinadas o mais-que-perfeito correspondendo a um presente da oração subordinada, quando este presente tem o sentido de um pretérito, v.g. Os antiquários dizem (= deixaram escrito) que ele *vivera* neste reinado" [ED.1].

Emprega-se ainda o mais-que-perfeito simples em lugar do futuro do pretérito do indicativo e do pretérito do subjuntivo, o que serve hoje como traço estilístico de linguagem solene:

> "dizendo: Mais *servira* (= serviria), se não *fora* (= fosse) para tão longo amor tão curta a vida" [LC.2, 147].
>
> "Que *fora* (= seria) a vida, se nela não *houvera* (= houvesse) lágrimas?" [AH.1, 32].

Futuro – O futuro do presente e o do pretérito denotam uma ação que ainda se vai realizar:

> "Os homens nos *parecerão* sempre injustos enquanto o forem as pretensões do nosso amor-próprio" [MM].
>
> "Sem a crença em uma vida futura, a presente *seria* inexplicável" [MM].

O futuro do presente pode ainda exprimir:

a) em lugar do *presente*, incerteza ou ideia aproximada, simples possibilidade ou asseveração modesta:

> "O mal não *será* a especiaria do bem?" [MM].
>
> Ele *terá* seus vinte anos.

No caso de ser empregado, em linguagem polida, nas interrogações, o futuro "não obriga o interlocutor a responder, como quando se emprega o verbo no presente ou no pretérito" [SA.2, 225].

b) em lugar do *imperativo*, uma ordem ou recomendação, principalmente nas prescrições e recomendações morais:

> *Defenderás* os teus direitos.
>
> Não *furtarás*.

"Nas orações condicionais de *se*, nas temporais de *quando* e *enquanto*, nas conformativas (de *segundo* e *conforme*, etc.), nas adjetivas que denotam simples concepção", o futuro do indicativo é substituído pelo futuro conjuntivo (subjuntivo) – o qual só nestas orações se usa (ou também em certos casos pelo presente conjuntivo); assim diz-se: *se vejo*, *se vi*, mas: *se vir*; *quando vejo*, *quando vi*, mas: *quando vir*; *aquele que vê*, *aquele que viu*, mas: *aquele que vir*" [ED.1, § 209, a, obs.].

O futuro do pretérito se emprega ainda para denotar:

a) que um fato se dará, agora ou no futuro, dependendo de certa condição:

"A vida humana *seria* incomportável sem as ilusões e prestígios que a circundam" [MM].

"Se pudéssemos chegar a um certo grau de sabedoria, *morreríamos* tísicos de amor e admiração por Deus" [MM].

b) asseveração modesta em relação ao passado, admiração por um fato se ter realizado:

Eu *teria* ficado satisfeito com as tuas cartas [RV].

Nós *pretenderíamos* saber a verdade.

Seria isso verdadeiro?

c) incerteza:

Haveria na festa umas doze pessoas.

Emprega-se o auxiliar *tivera* (ou *houvera*) na oração condicional, em lugar do mais-que-perfeito, em relação a um futuro do pretérito posto na oração principal:

Estudaria (ou *teria estudado*), se *tivera* (= *tivesse*) *sabido* da prova.

2) **Subjuntivo** – O modo subjuntivo ocorre normalmente nas orações independentes optativas, nas imperativas negativas e afirmativas (nestas últimas com exceção da 2.ª pessoa do singular e plural), nas dubitativas com o advérbio *talvez* e nas subordinadas em que o fato é considerado como incerto, duvidoso ou impossível de se realizar:

Bons ventos o *levem.*

"Não *emprestes*, não *disputes*, não *maldigas* e não terás de arrepender-te" [MM].

"Não *desenganemos* os tolos se não queremos ter inumeráveis inimigos" [MM].

"*Louvemos* a quem nos louva para abonarmos o seu testemunho" [MM].

"Talvez a estas horas *desejem* dizer-te *pecavi*! Talvez *chorem* com lágrimas de sangue" [AH.5, I, 58].

"Faltam-nos memórias e documentos coevos em que *possamos* estribar-nos para relatar tais sucessos" [AH.6, I, 451].

OBSERVAÇÃO: Às vezes ocorre o indicativo com *talvez*: "Magistrado ou guerreiro de justo ou generoso se gaba: – e as turbas talvez o *aplaudem* e *celebram* seu nome" [AH.2, 180]. Parece que o indicativo deixa antever melhor a certeza de que o de que se duvida se pode bem realizar.

Nas orações subordinadas substantivas, ocorre o subjuntivo nos seguintes principais casos:

a) depois de expressões (verbos, nomes ou locuções equivalentes) que denotam ordem, vontade, consentimento, aprovação, proibição, receio, admiração, surpresa, contentamento:

"Prouvera a Deus, venerável Crimilde – tornou o quingentário – que nos *fosse* lícito desamparar estes muros" [AH.1, 146].

"Proibi-te que o *revelasses*" [AH.5, I, 294].

Espero que *estudes* e que *sejas* feliz.

b) depois de expressões (verbos ou locuções formadas por *ser*, *estar*, *ficar* + substantivo ou adjetivo) que denotam desejo, probabilidade, vulgaridade, justiça, necessidade, utilidade:

Cumpre que *venhas* cedo.

Convém que não nos *demoremos*.

É bom que *compreenda* logo o problema.

c) depois dos verbos *duvidar*, *suspeitar*, *desconfiar* e nomes cognatos (dúvida, duvidoso, suspeita, desconfiança, etc.) quando empregados afirmativamente, isto é, quando se trata de dúvida, suspeita ou desconfiança reais:

"... me vinham à mente *suspeitas* de que ela *fosse* um anjo transviado do céu..." [AH.5, II, 321].

"A luz... que *suspeitávamos procedesse* de lâmpada esquecida por sonolento moço de reposte..." [AH.5, 333].

Se o falante tem a suspeita como coisa certa, ou nela acredita, o normal é aparecer o indicativo:

"*Suspeitava*-se que era a alma da velha Brites que andava ali penada" [AH.5, 364].

Usa-se o subjuntivo nas orações adjetivas que exprimem:

a) fim:

"Ando à cata de um criado que *seja* econômico e fiel" [RB].

b) consequência (o relativo vem precedido de preposição, geralmente, *com*):

"Daqui levarás tudo tão sobejo
Com que faças (= que com isso) o fim a teu desejo" [LC.1, II, 4].

c) uma conjectura e não uma realidade:

Compare-se:

O cidadão que *ama* sua pátria engrandece-a. (realidade)

O cidadão que *ame* sua pátria engrandece-a. (conjectura)

d) depois de um predicado negativo, ou de uma interrogação de sentido negativo quando enunciam uma qualidade que determine e restrinja a ideia expressa por esse predicado ou interrogação:

"Não há homem algum que *possa* gabar-se de ser completamente feliz.
Quem há aí que *seja* completamente feliz?" [RV.1, 274-5]

Nas orações adverbiais usa-se o subjuntivo:

a) nas causais de *não porque*, *não* (ou *nem*), quando se quer dizer que a razão aludida não é verdadeira:

"Deitei-me ontem mais cedo, não porque *tivesse* sono, mas porque precisava de me levantar hoje de madrugada" [RV.1, 274].

b) nas concessivas de *ainda que*, *embora*, *conquanto*, *posto que*, *se bem que*, *por muito que*, *por pouco que* (e semelhantes), não havendo, entretanto, completo rigor a respeito:

"Ainda que *perdoemos* aos maus, a ordem moral não lhes perdoa, e castiga a nossa indulgência" [MM].

"Por mais sagaz que *seja* o nosso amor próprio, a lisonja quase sempre o engana" [MM].

Entram neste rol as alternativas de sentido concessivo (ou... ou, quer... quer) e as concessivas justapostas do tipo de *fosse ele o culpado*, *ainda assim lhe perdoaria*.

c) nas condições de *se*, *contanto que*, *sem que*, *a não ser que*, *suposto que*, *caso*, *dado que*, para exprimir hipótese, e não uma realidade. Entra ainda neste grupo a comparativa hipotética *como se*:

"Se as viagens simplesmente *instruíssem* os homens, os marinheiros seriam os mais instruídos" [MM].

"E moviam os lábios, como se *tentassem* falar" [AH.1, 26].

Se se tratar de coisa real ou tida como tal, geralmente aparece o indicativo:

"Não há momento que perder, se *queremos* salvar-nos" [AH.1, 253].

d) nas consecutivas quando se exprime uma simples concepção e não um fato real:

"Devemos regular a nossa vida de modo que *possamos* esperar e não recear depois de nossa morte" [MM].

"Não subais tão alto que a queda *seja* mortal" [MM].

e) nas finais:

"Os maus são exaltados para serem felizes, para que *caiam* do mais alto e *sejam* esmagados" [MM].

f) nas temporais de *antes que*, *assim que*, *até que*, *enquanto*, *depois que*, *logo que*, quando ocorrem nas negações ou nas indicações de simples concepção, e não uma realidade (caso em que aparece o indicativo):

"Cumprirei o que ordenas, porque jurei obedecer-te cegamente enquanto não *salvássemos* a irmã de Pelágio" [AH.1, 215].

Casos particulares:

1) A oração substantiva que completa a exclamação de surpresa *quem diria* constrói-se com indicativo ou subjuntivo:

Quem diria que ele *era* capaz disso.

Quem diria que ele *fosse* capaz disso.

2) Com os indefinidos do tipo *o que quer que* é mais comum o emprego do subjuntivo:

Saiu com o que quer que *fosse*.

Alexandre Herculano vacilou entre o emprego de *fosse* (ed. de 1876) e *era* (ed. de 1864) no seguinte passo:

"Com um olhar de simpatia e compaixão, misturada do que quer que *era* de admiração e de terror involuntário" [AH.1, 265 ed. 1864].

3) Também têm o verbo no subjuntivo as orações introduzidas por *que*, quando restringem a generalidade de um asserto:

"Não há, que eu *saiba*, expressão mais suave" [ED.1, 128].

3) **Imperativo** – Cumpre apenas acrescentar ao que disse anteriormente:

a) que o infinitivo pode substituir o imperativo nas ordens instantes:

"Todos se chegavam para o ferir, sem que a D. Álvaro se ouvissem outras palavras, senão estas: *Fartar*, rapazes" [AH.2, 98].

b) que se usa o imperativo do verbo *querer* (ao lado do subjuntivo presente) seguido de infinitivo para suavizar uma ordem:

Queira aceitar meus cumprimentos.

OBSERVAÇÃO: Os casos aqui lembrados estão longe de enquadrar a trama complexa do emprego de tempos e modos em português. São várias as situações que podem, ferindo os princípios aqui expostos, levar o falante ou escritor a buscar novos meios expressivos. São questões que fogem ao âmbito da Gramática e constituem preocupação da Estilística.

Emprego das formas nominais – A respeito das formas nominais, cumpre acrescentar ao que se disse nas páginas anteriores:

A – **Infinitivo histórico** – Entende-se por *infinitivo histórico* ou *de narração* aquele que, numa narração animada, considera a ação como já passada, e não no seu desenvolvimento:

"E os médicos a *insistirem* que saísse de Lisboa" [J. Dinis].

"Ela a *voltar* as costas, e o reitor a pôr o chapéu na cabeça" [J. Dinis].

"E ele a *rir*-se, ele a *regalar*-se" [EQ] 70

B – **Emprego do infinitivo** (flexionado e sem flexão):

1) *Infinitivo pertencente a uma locução verbal*:

Não se flexiona normalmente o infinitivo que faz parte de uma locução verbal:

"E o seu gesto era tão desgracioso, coitadinho, que todos, à exceção de Santa, *puseram*-se *a rir*" [AAz *apud* FB.1, 138].

"Pois, se *ousais levar* a cabo vosso desenho, eu ordeno que o façais" [AH *apud* FB.1, 196].

"Depois mostraram-lhe, um a um, os instrumentos das execuções, e explicaram-lhe por miúdo como *haviam de morrer* seu marido, seus filhos e o marido de sua filha" [CBr *apud* FB.1, 221].

Encontram-se exemplos que se afastam deste critério quando ocorrem os seguintes casos:

a) o verbo principal se acha afastado do auxiliar e se deseja avivar a pessoa a quem a ação se refere:

"*Possas* tu, descendente maldito
De uma tribo de nobres guerreiros,
Implorando cruéis forasteiros,
Seres presa de vis Aimorés" [GD.4, II, 31].

"... dentro dos mesmos limites atuais *podem* as cristandades *nascerem* ou *anularem*-se, *crescerem* ou *diminuírem* em certos pontos desses vastos territórios" [AH.2, 173].

b) o verbo auxiliar, expresso anteriormente, cala-se depois:

"*Queres ser* mau filho, *deixares* uma nódoa d'infância na tua linhagem" [AH.2, 174].

2) *Infinitivo dependente dos verbos causativos e sensitivos*:

Com os causativos *deixar*, *mandar*, *fazer* (e sinônimos), a norma é aparecer o infinitivo sem flexão, qualquer que seja o seu agente:

"Sancho II deu-lhe depois por válida a carta e *mandou*-lhes *erguer* de novo os marcos onde eles os haviam posto" [AH.2, 64].

"*Fazei*-os *parar*" [AH.2, 75].

"*Deixai vir* a mim as criancinhas".

Mas flexionado em:

"e *deixou fugirem*-lhe duas lágrimas pelas faces" [AH.2, 155]. 71

"Não são poucas as doenças para as quais, por desídia, vamos *deixando perderem*-se os nomes velhos que têm em português" [MBa.5, 211].

Com os sensitivos *ver*, *ouvir*, *olhar*, *sentir* (e sinônimos), o normal é empregar-se o infinitivo sem flexão, embora aqui o critério não seja tão rígido:

"Olhou para o céu, viu estrelas... escutou, *ouviu ramalhar* as árvores" [AH.2, 101].

"... o terror fazia-lhes crer que já *sentiam ranger* e *estalar* as vigas dos simples..." [AH.2, 172].

Os seguintes exemplos atestam o emprego do infinitivo flexionado:

"Em Alcoentre os ginetes e corredores do exército real vieram escaramuçar com os do infante, e ele próprio os *ouvia chamarem*-lhe traidor e hipócrita" [AH.2, 96].

"Creio que comi: *senti renovarem*-se-me as forças" [AH.2, 172].

Observações:

1.ª) Com os causativos e sensitivos pode aparecer ou não o pronome átono que pertence ao infinitivo (obs. 5.ª):

"*Deixei*-o *embrenhar* (por *embrenhar-se*) e transpus o rio após ele" [AH.2, 77].

"O faquir *deixou*-o *afastar* (por *afastar-se*)" [AH.2].

"Enconstando-se outra vez na sua dura jazida, Egas *sentiu alongar*-se a estrupiada dos cavalheiros..." [AH.3, 265-6].

"E o eremita *viu*-a, ave pernalta e branca, *bambolear*-se em voo, ir chegando, *passar*-se para cima do leito, *aconchegar*-se

ao pobre homem...” [JR.2, 327].

Por isso não cabe razão a Mário Barreto [MBa.4, 51] quando condena, nestes casos, o aparecimento do pronome átono.

2.ª) Aqui também o infinitivo pode aparecer flexionado, por se calar o auxiliar:

“*viu alvejar* os turbantes, e, depois *surgirem* rostos tostados, e, depois, *reluzirem* armas” [AH.1, 257].

3) *Infinitivo fora da locução verbal*:

Fora da locução verbal, “a escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos somente da ação ou do intuito ou necessidade de pormos em evidência o agente do verbo” [SA.2, 246].

O infinitivo sem flexão revela que a nossa atenção se volta com especial atenção para a ação verbal; o flexionamento serve de insistir na pessoa do sujeito:

Estudamos { para *vencer* na vida
para *vencermos* na vida

“As crianças são acalentadas por *dormirem*, e os homens enganados para *sossegarem*” [MM].

Ocorre o infinitivo flexionado nos seguintes casos principais:

1.º) “sempre que o infinitivo estiver acompanhado de um nominativo sujeito, nome ou pronome (quer igual ao de outro verbo, quer diferente);

2.º) sempre que se tornar necessário destacar o agente, e referir a ação especialmente a um sujeito, seja para evitar confusão, seja para tornar mais claro o pensamento. O infinitivo concordará com o sujeito que temos em mente;

3.º) quando o autor intencionalmente põe em relevo a pessoa a que o verbo se refere” [SA.1, 72]:

Estudamos para nós *vencermos* na vida.

“Beijo-vos as mãos, senhor rei, por vos *lembrardes* ainda de um velho homem de armas que para nada presta hoje” [AH *apud* FB.1, 195].

“É permitido aos versistas *poetarem* em prosa” [CBr.1, 60].

APÊNDICE

PASSAGEM DA VOZ ATIVA À PASSIVA E VICE-VERSA

Em geral, só pode ser construído na voz passiva verbo que pede objeto direto, acompanhado ou não de outro complemento. Daí a língua padrão lutar contra linguagens do tipo:

A missa foi assistida por todos,

uma vez que o verbo *assistir*, nesta acepção, só se constrói com complemento relativo:

Todos assistiram à missa.

À força do uso já se fazem concessões aos verbos:

apelar: A sentença não foi *apelada*.
aludir: Todas as faltas foram *aludidas*.
obedecer: Os regulamentos não são *obedecidos*.
pagar: As pensionistas foram *pagas* ontem.
perdoar: Os pecadores devem ser *perdoados*.

responder: Os bilhetes seriam *respondidos* hoje.

Na passagem da ativa para a passiva segue-se o esquema:

1.º) o sujeito da ativa, se houver, passa a agente da passiva;

2.º) o objeto direto da ativa, se houver, passa a sujeito da passiva;

3.º) o verbo da voz ativa passa para a voz passiva, conservando-se o mesmo tempo e modo;

4.º) não sofrem alteração os outros termos oracionais que apareçam.

Exemplo 1:

Ativa	*Passiva*
Eu li o livro	O livro foi lido por mim

Exemplo 2 (com pronome oblíquo):

Ativa	*Passiva*
Nós o ajudamos ontem	Ele, ontem, foi ajudado por nós

Exemplo 3 (com sujeito indeterminado):

Ativa	*Passiva*
Enganar-me-ão	Eu serei enganado

Exemplo 4 (com tempo composto):

Ativa	*Passiva*
Eles têm cometido erros	Erros têm sido cometidos por eles

Exemplo 5 (com sujeito indeterminado de verbo que aparecerá na passiva pronominal):

Ativa	*Passiva*
Vendem casas	Vendem-se casas
Vendem esta casa	Vende-se esta casa

7 – Advérbio

Advérbio – É a expressão modificadora que por si só denota uma circunstância (de lugar, de tempo, modo, intensidade, condição, etc.) e desempenha na oração a função de adjunto adverbial:

Aqui tudo vai *bem* (lugar e modo).

Hoje não irei *lá* (tempo, negação, lugar).

O aluno *talvez não* tenha redigido *muito bem* (dúvida, negação, intensidade, modo).

O *advérbio* é constituído por palavra de natureza nominal ou pronominal e se refere geralmente ao verbo, ou ainda, dentro de um grupo nominal unitário, a um adjetivo e a um advérbio (como intensificador), ou a uma declaração inteira:

José escreve *bem* (advérbio em referência ao verbo).

José é *muito* bom escritor (advérbio em referência ao adjetivo *bom*).

José escreve *muito* bem (advérbio em referência ao advérbio *bem*).

Felizmente José chegou (advérbio em referência a toda a declaração: José chegou; o advérbio deste tipo geralmente exprime um juízo pessoal de quem fala e constitui a cláusula comentário.

Fundamentalmente, distribuem-se os advérbios em assinalar a posição temporal (os de tempo) ou espacial do falante (os de lugar), ou ainda o modo pelo qual se visualiza o "estado de coisas" designado na oração.

Certos advérbios são assinalados em função de modificador de substantivo, principalmente

quando este é entendido não tanto enquanto substância, mas enquanto qualidade que esta substância apresenta: *Gonçalves Dias é verdadeiramente poeta* [PL *apud* por EBm.1, 8].

Pessoas ***assim*** não merecem nossa atenção.

Também certos advérbios funcionam como predicativo, à maneira dos adjetivos:

A vida é ***assim***.

Como bem diz Mattoso Câmara [MC.8, 122], perturba a descrição e a demarcação classificatória "a extrema mobilidade semântica e funcional que caracteriza os advérbios".

Combinações com advérbios – Advérbios há de *tempo* e *lugar* que marcam melhor sua função ou designação mediante o emprego de uma preposição [AL.1, §188]:

Por agora, estão encerrados os trabalhos.

Até então os telefones não funcionavam.

Desde cedo já havia compradores de ingresso.

De longe já se viam as chamas.

Por aqui se pode entrar na cidade.

As crianças *de hoje* contam com mais divertimentos.

Eles sempre se apresentam com as promessas *de sempre*.

Alguns advérbios – como as preposições que veremos ao seu tempo – precedem o transpositor ***que*** para marcar a circunstância, formando o que a gramática tradicional chama de *locuções conjuntivas* adverbiais. A rigor, trata-se de um grupo de palavras que, por hipotaxe, funciona como conjunção:

Agora que tudo serenou, podemos retornar.

Sabíamos que ele estava errado *sempre que* gaguejava.

Ainda que estude, terá de aperfeiçoar-se *depois que* se gradue.

Já que não me responde, sinto-me desobrigado de convidá-lo.

Assim que chegou, começou a trabalhar.

No capítulo de conjunção, teremos oportunidade de fazer referência a certos advérbios que, graças à sua mobilidade posicional, se colocam – quase sempre no início – de maneira tal, que têm levado alguns gramáticos a classificá-los como conjunção coordenativa explicativa (causal), conclusiva, etc. É o caso de advérbios como *pois*, *logo*, *entretanto*, *contudo*, *por conseguinte*, em construções do tipo [MMa.1, 153]:

Ela saiu cedo, *por conseguinte* encontrou facilidade de condução.

Tudo estava preparado, *logo* se poderia começar a reunião.

Advérbio e preposição – Já vimos que alguns advérbios se constituem pela união de preposição a substantivos, adjetivos ou a próprio advérbio, apresentando-se, conforme a ortografia vigente, ora escritos numa só palavra, ora separadamente. Unido o grupo a preposições, teremos um conjunto que, por hipotaxe, funciona como simples preposição a introduzir um adjunto adverbial: *apenas*, *em frente*, *em cima*, *depressa*, *debaixo*, *em baixo* (*embaixo*), *detrás*, etc.

Os livros ficam *debaixo da* mesa. (*sob* a mesa)

O carro estacionou *em frente da* casa.

A jarra repousa *em cima da* mesa. (*sobre* a mesa)

Construções como:

O vizinho escreveu *contra* o argumento,

permitem a passagem da preposição a advérbio pela redução da unidade introduzida pela preposição, construção breve, mas sem circulação frequente no idioma:

"Toda a minha vida colegial se desenha no espírito com tão vivas cores, que parecem frescas de ontem, e todavia mais de trinta anos já lhes pairaram *sobre*" [JA.4, 102].

O vizinho escreveu *contra*.

Já falei *a respeito*.

O advérbio estabelece a transição dos vocábulos variáveis para os invariáveis; a rigor não tem flexão propriamente dita, mas há uns tantos advérbios que admitem graus de qualidade como os nomes [RV.1, 71].

Locução adverbial – é o grupo geralmente constituído de preposição + substantivo (claro ou subentendido) que tem o valor e o emprego de advérbio. A preposição, funcionando como transpositor, prepara o substantivo para exercer uma função que primariamente não lhe é própria:

com efeito, *de graça*, *às vezes*, *em silêncio*, *por prazer*, *sem dúvida*, etc.

Na constituição das locuções adverbiais, o substantivo que nelas entra pode estar no masculino ou no feminino e no singular ou no plural, segundo as normas fixadas pela tradição.

Outras vezes o substantivo vem com acompanhante e pode ocorrer até a omissão do substantivo, em expressões fixas:

na verdade, *de nenhum modo*, *em breve* (subentende-se *tempo*), *à direita* (ao lado de *à mão direita*), *à francesa* (subentende-se *à moda*), etc.

Frequentemente se cala a preposição nas locuções adverbiais de tempo e modo:

Esta semana (por *nesta semana*) teremos prova.

Espingarda ao ombro (por *de espingarda ao ombro*), juntou-se ao grupo de pessoas.

Circunstâncias adverbiais – Constituindo o advérbio uma classe de palavra muito heterogênea, torna-se difícil atribuir-lhe uma classificação uniforme e coerente. Em geral, seu papel na oração se prende não apenas a um núcleo (verbo), mas se amplia na extensão em que se espraia o conteúdo manifestado no predicado. Isto lhe permite, em primeiro lugar, certa flexibilidade de posição não só no espaço em que se prolonga o predicado (com seu núcleo verbal), mas se estende aos domínios do sujeito, podendo antecedê-lo ou vir-lhe posposto. Este papel singular do advérbio lhe dá também certa autonomia fonológica, de contorno entonacional muito variado, a serviço do intuito comunicativo do falante.

Assim, há advérbios de papel semântico-sintático mais *internamente* ligados ao núcleo verbal (e estes não gozam das flexibilidades de posição e entoação atrás referidas), e há os advérbios mais externamente ligados ao núcleo verbal. Daí escapar ao analista uma classificação unitária que abarque todos os casos possíveis. É bom caminho, parece-nos, adotar a proposta de Alarcos Llorach no sentido de ater-se o analista "às relações que cada advérbio contrai dentro do enunciado, quer no seu papel primário de adjacente circunstancial,

quer por sua combinação com outras unidades no interior de um grupo nominal unitário" [AL.1, § 178].

Na classificação do advérbio, ora se pauta pelos valores léxicos (semânticos) das unidades que o constituem, ora por critérios funcionais. No primeiro caso, são os advérbios classificados como denotadores de *tempo* (*agora*, *antes*, *tarde*, etc.), de *lugar* (*aqui*, *fora*, etc.), de *quantidade* (*tanto*, *muito*, *bastante*, etc.), etc. Pelo segundo critério, teremos os *demonstrativos* (*aqui*, *então*, *agora*, *aí*, etc.), os *relativos* (*onde*, *como*, *quando*, etc.) e *interrogativos* (*quando*?, *onde*?, *como*?).

As principais circunstâncias expressas por advérbio ou locução adverbial são:

1) *assunto*: Conversar sobre música.

2) *causa*: Morrer de fome.

3) *companhia*: Sair com os amigos.

4) *concessão*: Voltaram apesar do escuro.

5) *condição*: Só entrará com autorização. Não sairá sem licença.

6) *conformidade*: Fez a casa conforme a planta.

7) *dúvida*: Talvez melhore o tempo. Acaso encontrou o livro.

8) *fim*: Preparou-se para o baile.

9) *instrumento*: Escrever com lápis.

10) *intensidade*: Andou mais depressa.

11) *lugar*: Estuda aqui. Foi lá. Passou pela cidade. Veio dali.

12) *modo*: Falou assim. Anda mal. Saiu às pressas.

13) *referência*: "O que nos sobra *em glória* de ousados e venturosos navegantes, míngua-nos *em fama* de enérgicos e previdentes colonizadores" [LCo *apud* FB.1, 218].

14) *tempo*: Visitaram-nos hoje. Então não havia recursos. Sempre nos cumprimentaram. Jamais mentiu.

15) *negação*: Não lerá sem óculos.

OBSERVAÇÃO: A Nomenclatura Gramatical Brasileira põe os denotadores de *inclusão*, *exclusão*, *situação*, *retificação*, *designação*, *realce*, etc. à parte, sem a rigor incluí-los entre os advérbios, mas constituindo uma classe ou grupo heterogêneo chamado *denotadores*, que coincide, em parte, com a proposta de José Oiticica das *palavras denotativas*, muitas das quais têm papel transfrástico e melhor atendem a fatores de função textual estranhos às relações semântico-sintáticas inerentes às orações em que se acham inseridas:

1 – *inclusão*: também, até, mesmo, etc.:

Até o professor riu-se.

Ninguém veio, *mesmo* o irmão.

2 – *exclusão*: só, somente, salvo, senão, apenas, etc.:

Só Deus é imortal.

Apenas o livro foi vendido.

3 – *situação*:

Mas que felicidade.

Então duvida que se falasse latim?

Pois não é que ele veio.

4 – *retificação*: aliás, melhor, isto é, ou antes, etc.:

Comprei cinco, *aliás*, seis livros.

Correu, *isto é*, voou até nossa casa.

5 – *designação*:

Eis o homem.

6 – *realce*:

Nós *é que* somos brasileiros.

7 – *expletivo*: lá, só, ora, que:

Eu sei *lá*!

Vejam *só* que coisa!

Oh! *Que* saudade *que* tenho!

Ora decidamos logo o negócio.

8 – *explicação*: a saber, por exemplo, isto é, etc.:

Eram três irmãos, *a saber*: Pedro, Antônio e Gilberto.

O plano "transfrástico" e os advérbios – No estudo de certas unidades torna-se de capital importância não deixar de lado as diversas camadas ou estratos de estruturação gramatical. No que toca particularmente a certos advérbios, merece atenção a camada da *antitaxe*, que diz respeito à retomada ou substituição de uma unidade de um plano gramatical qualquer, já presente ou virtualmente presente ou previsto no discurso, poder ser retomada ou antecipada por outra unidade, num ponto do discurso individual ou dialogado [ECs.2, 38]. A substituição ou retomada já vinha sendo posta em evidência pela gramática tradicional no caso dos pronomes; mas a ação da antitaxe é mais ampla e vai desembocar no papel textual de alguns advérbios, como veremos a seguir.

Assim, não são advérbios mas substitutos de oração (pro-orações ou pro-textos) *sim*, *não*, *talvez*, *também*, quando retomam, como respostas, enunciados textuais:

Você vai ao cinema? – *Sim.*

Ela fez os exercícios? – *Não*.

Tu não foste escolhido? *Também.*

Estão no mesmo caso as unidades de valor circunstancial (advérbios) que aparecem em orações do tipo seguinte, mas que retomam "estados de coisas" designados ou intuídos anteriormente, que exprimem relações ligadas ao sentido do discurso:

De fato nós saímos cedo.

Isto, *sem dúvida*, está errado.

Estes casos de antitaxe (retomada ou substituição) se combinam com outra camada de estruturação gramatical que é a *hipertaxe* ou *superordenação*, fenômeno pelo qual uma unidade de camada inferior pode funcionar sozinha em camadas superiores. É o caso de advérbios em *-mente* quando saem da camada no nível da palavra para funcionar no nível da cláusula e daí no nível da oração ou do texto, em exemplos como:

Certamente!

Naturalmente!

ambos no nível da oração e do texto, ou em:

Certamente ela não virá hoje.

Todos saíram ilesos, *felizmente*.

Naturalmente ele negará o que disse ontem.

todos no nível da cláusula comentário.

Portanto, a tais advérbios não se há de querer aplicar a série de características canônicas do advérbio que se acha exclusivamente preso às referências do núcleo verbal.

Também merecem referência especial os advérbios que estão no papel de diferençar as orações pelo seu "significado ôntico", isto é, o valor de existência que se atribui ao "estado de coisas" designado pela oração (existência certa, negada, duvidosa, desejada, etc.) 72. É o caso dos advérbios de *negação* e de *dúvida*:

Ele veio / Ele *não* veio

Ela chega / Ela *talvez* chegue

Advérbios de base nominal e pronominal – O advérbio, pela sua origem e significação, se prende a nomes ou pronomes, havendo, por isso, advérbios nominais e pronominais.

Entre os *nominais* se acham aqueles formados de adjetivos acrescidos do "sufixo" *-mente*: *rapidamente* (= de modo rápido), *pessimamente*. Na realidade, ficam a meio caminho, fonológica e morfologicamente, da derivação e da composição (locução).

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Se o nome tem forma para masculino e feminino, junta-se o sufixo ao feminino. Fazem exceção alguns adjetivos terminados em *ês* e *or*, que no português antigo só apresentavam uma forma para ambos os gêneros. Daí dizer-se *portuguesmente* (e não *portuguesamente*); *superiormente* (e não *superioramente*), *melhormente*.

2.ª) Estes advérbios em *-mente* se caracterizam por conservar o acento vocabular de cada elemento constitutivo, ainda que mais atenuado, o que lhes permite, numa série de advérbios, em geral só apresentar a forma em *-mente* no fim: Estuda *atenta* e *resolutamente*. Havendo ênfase, pode-se repetir o advérbio na forma plena:

"Depois, ainda falou *gravemente* e *longamente* sobre a promessa que fizera" [MA *apud* SS.1, § 480].

Entre os *pronominais*, temos:

a) *demonstrativos*: aqui, aí, acolá, lá, cá.

b) *relativos*: onde (em que), quando (em que), como (por que).

c) *indefinidos*: algures, alhures, muito, pouco, que.

d) *interrogativos*: onde?, quando?, como?, por que? (por quê?).

Os advérbios relativos, como os pronomes relativos, servem para referir-se a unidades que estão postas na oração anterior. Nas ideias de lugar empregamos *onde*, em vez de *em que*, *no qual* (e flexões):

A casa *onde* mora é excelente.

Precedido das preposições *a* ou *de*, grafa-se *aonde* e *donde*:

O sítio *aonde* vais é pequeno.

É bom o colégio *donde* saímos.

Ainda como os pronomes relativos, os advérbios relativos podem empregar-se de modo absoluto, isto é, sem referência a antecedente:

Moro onde mais me agrada.

Os advérbios interrogativos de base pronominal se empregam nas perguntas diretas e indiretas em referência ao lugar, tempo, modo ou causa:

Onde está estudando o primo? Ignoro onde estuda.

Quando irão os rapazes? Não sei quando irão os rapazes.

Como fizeram o trabalho? 73. Perguntei-lhes como fizeram o trabalho.

Por que chegaram tarde? Dir-me-ás por que chegaram tarde.

OBSERVAÇÃO: O *Vocabulário Oficial* preceitua que se escreva em duas palavras o advérbio interrogativo *por que*, por estar preocupado em indicar a origem pronominal do advérbio, distinguindo-o de *porque* conjunção, que, na essência, se prende também a uma combinação de *por* + *que*. Melhor seria, seguindo a tradição do idioma, grafar todo *porque* num só vocábulo. Quanto à origem, *por que* e *porque* se identificam: *porque* (e o mesmo vale para *quando* e *como*) não se enquadra apenas como conjunção; *porque*, *quando* e *como* são, em verdade, "expressões adverbiais conjuntivas, isto é, expressões que, sem perderem a sua função adverbial, têm concomitantemente função conjuntiva" [MAg.1, 197].

Adverbialização de adjetivos – Muitos adjetivos, permanecendo imóveis na sua flexão de gênero e número, podem passar a funcionar como advérbio:

Fala *claro* na hora da sua defesa.

Compraram *caro* a fazenda.

Agora estão vivendo *melhor*.

O critério formal de diferenciação das duas classes de modificador (adjetivo: modificador nominal; advérbio: modificador verbal) é a variabilidade do primeiro e a invariabilidade do segundo74:

Eles vendem muito *cara* a fruta. (adjetivo)

Eles vendem *caro* a fruta. (advérbio)

A concordância atrativa e intenções estilísticas e rítmicas podem desfazer as fronteiras acima apontadas.

Intensificação gradual dos advérbios – Há certos advérbios, principalmente os de modo, que podem manifestar uma relação intensificadora gradual, empregando-se, no comparativo e superlativo, de acordo com as regras que se aplicam aos adjetivos:

1 – COMPARATIVO DE
- a) *inferioridade*: Falou *menos* alto *que* (ou *do que*) o irmão.
- b) *igualdade*: Falou *tão* alto *quanto* (ou *como*) o irmão.
- c) *superioridade*:
  - 1) *analítico*: Falou *mais* alto *que* (ou *do que*) o irmão.
  - 2) *sintético*: Falou *melhor* (ou *pior*) *que* (ou *do que*) o irmão.

2 – SUPERLATIVO ABSOLUTO
- a) *sintético*: Falou *pessimamente*, *altíssimo*, *baixíssimo*, *dificílimo*.
- b) *analítico*: Falou *muito* ruim, *muito* alto, *extremamente* baixo, *consideravelmente* difícil, *o mais* depressa possível (indica o limite da possibilidade).

Na realidade, tais intensificações ou gradações do advérbio – como do adjetivo – se expressam por estruturas sintáticas que devem merecer atenção no estudo dos padrões frasais

do português.

3 – Diminutivo com valor de superlativo – Em linguagem familiar pode-se expressar o valor superlativo do advérbio pela sua forma diminutiva, combinada com o valor lexical das unidades que com ele concorrem:

Andar *devagarzinho* (muito devagar, um tanto devagar).

Acordava *cedinho* e só voltava à noitinha.

Saiu *agorinha*.

O diminutivo das fórmulas de recomendação não indica mais lentidão ou ligeireza da realização do fato, mas serve de expressar ou acentuar a recomendação:

Vá *depressinha* apanhar o meu chapéu.

É bom que estudes *devagarinho*.

Observação: Em lugar de *mais bem* e *mais mal* empregam-se *melhor* e *pior*:

"Ninguém conhece *melhor* os interesses do que o homem virtuoso; promovendo a felicidade dos outros assegura também a própria" [MM].

Usa-se, entretanto, de *mais bem* e *mais mal* junto a adjetivos:

"Os esquadrões *mais bem* encavalgados foram despedidos logo em seguimento dos fugitivos" [AH.1, 224].

"Com a maça jogada às mãos ambas abalava e rompia as armas *mais bem* temperadas..." [AH.1, 108].

8 – Preposição

Preposição – Chama-se preposição a uma unidade linguística desprovida de independência – isto é, não aparece sozinha no discurso, salvo por hipertaxe – e, em geral, átona, que se junta a substantivos, adjetivos, verbos e advérbios para marcar as relações gramaticais que elas desempenham no discurso, quer nos grupos unitários nominais, quer nas orações.

Não exerce nenhum outro papel que não seja ser índice da função gramatical de termo que ela introduz.

Em:

Aldenora gosta de Belo Horizonte

a preposição *de* une a forma verbal *gosta* ao seu termo complementar *Belo Horizonte* para ser o índice da função gramatical preposicionada *complemento relativo*.

Já em:

homem de coragem,

a mesma preposição *de* vai permitir que o substantivo *coragem* exerça o papel de *adjunto adnominal* do substantivo *homem* – função normalmente desempenhada por adjetivo. Daí dizer-se que, nestes casos, a preposição é um *transpositor*, isto é, elemento gramatical que habilita uma determinada unidade linguística a exercer papel gramatical diferente daquele que normalmente exerce. Ora, o substantivo normalmente não tem por missão ser palavra modificadora de outro substantivo, razão por que não é comum dizer-se *homem coragem*; para que *coragem* esteja habilitado a assumir o papel gramatical do adjetivo *corajoso* (homem corajoso), faz-se necessário o concurso do transpositor *de*: homem *de coragem*.

Neste papel, o termo anterior à preposição chama-se *antecedente* ou subordinante, e o posterior chama-se *consequente* ou subordinado. O subordinante pode ser substantivo, adjetivo, pronome, verbo, advérbio ou interjeição:

livro de história
útil a todos
alguns de vocês
necessito de ajuda
referentemente ao assunto
ai de mim!

O subordinado é constituído por substantivo, adjetivo, verbo (no infinitivo ou gerúndio) ou advérbio:

casa de *Pedro*
pulou de *contente*
gosta de *estudar*
em chegando
ficou por *aqui*

No exemplo:

De noite todos os gatos são pardos,

o grupo unitário *de noite* exerce na oração o papel de adjunto adverbial; mas o que temos como núcleo é outro substantivo, cujo significado lexical está incluído no amplo campo semântico das designações temporais das partes do dia: *noite*. Impõe-se a presença do transpositor *de* para que o substantivo fique habilitado ou constituindo uma locução adverbial temporal (*de noite*) e assim possa exercer a função de adjunto adverbial na oração acima.

No exemplo primeiro:

Aldenora gosta de Belo Horizonte,

diz-se que a preposição aparece por *servidão gramatical*, isto é, ela é mero índice de função sintática, sem correspondência com uma noção ou categoria gramatical, exigida pela noção léxica do grupo verbal e que, exterior ao falante, impõe a este o uso exclusivo de uma unidade linguística [GGh.1, 99]. É o que ocorre, por exemplo, com "a regência obrigatória de determinada preposição para os objetos que são alvo direto do processo verbal (*tratar de alguma coisa*, etc.)" [MC.4, 217].

Preposição e significado – Já vimos que tudo na língua é semântico, isto é, tudo tem um significado, que varia conforme o papel léxico ou puramente gramatical que as unidades linguísticas desempenham nos grupos nominais unitários e nas orações. As preposições não fazem exceção a isto:

Nós trabalhamos *com* ele, e não *contra* ele.

Contextos deste tipo ressaltam bem o significado de unidades como *com ele* e *contra ele*, auxiliados por diferentes preposições. Todavia, devemos lembrar aqui a noção de *significado unitário* (que não quer dizer significado *único*), exposta nas páginas de introdução.

Ora, cada preposição tem o seu significado unitário, fundamental, primário, que se desdobra em outros significados contextuais (sentido), em acepções particulares que emergem do nosso saber sobre as coisas e da nossa experiência de mundo.

Coseriu lembra, para tanto, o caso da preposição *com*, à qual as gramáticas atribuem englobadamente os significados de "companhia" (*dancei com Marlit*), "modo" (*estudei com prazer*), "instrumento" (*cortei o pão com a faca*), "causa" (*fugiu com medo do ladrão*),

“oposição” (*lutou com o ladrão*), entre outras.

A língua portuguesa só atribui a *com* o significado de “copresença”; o que, na língua, mediante o seu sistema semântico, se procura expressar com esta preposição é que, na fórmula *com* + *x*, *x* está sempre presente no “estado de coisas” designado. Os significados ou sentidos contextuais, analisados pela nossa experiência de mundo e saber sobre as coisas (inclusive as coisas da língua, que constitui a nossa competência linguística) nos permitem dar um passo a mais na interpretação e depreender uma acepção secundária.

Assim, em *cortar o pão com faca*, pelo que sabemos o que é “cortar”, “pão”, “faca”, entendemos que a *faca* não só esteve presente ao ato de “cortar o pão”, mas foi o “instrumento” utilizado para a realização desta ação.

Já em *dancei com Marlit*, emerge, depois da noção da “copresença”, o sentido de “companhia”, pois que em geral não se pratica a dança sozinho.

Em *estudei com prazer*, o *prazer* não só esteve “presente”, mas representou o “modo” de como a ação foi levada a termo.

Mas que a preposição *com* por si não significa “instrumento”, prova-o que esta interpretação não se ajusta a:

Everaldo cortou o pão *com* a Rosa,

pois que, assim como sabíamos o que significa *faca*, sabemos o que é *Rosa*: não se trata de nenhum instrumento cortante, capaz de fatiar o *pão*; teríamos, neste exemplo, uma acepção contextual (sentido) de “ajuda”, ou “companhia”, por esta ou aquela circunstância em que o *pão* se achava e que só o entorno ou situação poderia explicar o conteúdo da oração.

Assim, não se deve perder de vista que, na relação dos “significados” das preposições, há sempre um significado unitário de língua, que se desdobra em sentidos contextuais a que se chega pelo contexto e pela situação.

O sistema preposicional do português, do ponto de vista semântico, está dividido em dois campos centrais: um que se caracteriza pelo traço “dinamicidade” (física ou figurada) e outro em que os traços de noções “estáticas” e “dinâmicas” são indiferentemente marcados ambos, tanto em referência ao espaço quanto ao tempo.[75]

Ao primeiro campo pertencem: *a*, *contra*, *até*, *para*, *por*, *de* e *desde*; ao segundo: *ante*, *trás*, *sob*, *sobre*, *com*, *sem*, *em* e *entre*.

O primeiro grupo admite divisão em dois subgrupos: *a*) movimento de aproximação ao ponto de chegada (*a*, *contra*, *até*, *para*) ; *b*) movimento de afastamento (*de*, *desde*). A preposição *por* se mostra compatível com as duas noções aqui apontadas.

O primeiro subgrupo ainda se pode dividir em duas outras noções suplementares: *a*) “chegada ao limite” (*a*, *até*, *contra*, sendo que a *contra* se adiciona a noção de “limite como obstáculo” ou “confrontamento”); *b*) “mera direção” (*para*).

O segundo subgrupo também admite divisão em duas outras noções de afastamento: *a*) “origem” (*de*); *b*) “mero afastamento” (*desde*).

O segundo grupo admite divisão em dois subgrupos: *a*) situação definida e concreta (*ante*, *trás*, *sob*, *sobre*); *b*) situação mais imprecisa (*com*, *sem*, *em*, *entre*).

O primeiro subgrupo acima ainda se pode dividir em duas outras noções suplementares: *a*)

“situação horizontal” (*ante*, *trás*); *b*) “situação vertical” (*sob*, *sobre*).

O segundo subgrupo também admite divisão em duas outras noções suplementares: *a*) “copresença”, distribuída em “positiva” (*com*) e “negativa” (*sem*) ; *b*) em que a noção de “limite”, dentro da imprecisão que caracteriza o par, marca a preposição *entre*.

Veja adiante o quadro resumo do sistema preposicional do português do ponto de vista semântico.

Unidades convertidas em preposições – No sentido inverso à criação de advérbios ou locuções adverbiais mediante o emprego de preposições combinadas com substantivos (*à noite*, *de tarde*, *com prazer*, etc.), certos advérbios ou outras palavras transpostas à classe de advérbio, e certos adjetivos imobilizados no masculino podem converter-se em preposição:

Fora os alunos, ninguém mais pôde entrar no salão.

Após a chuva, vieram os prejuízos.

Os negociantes foram soltos *mediante* fiança.

Durante o jogo, a torcida cantava o hino do clube.

Também podem converter-se em preposição adjetivos como *exceto*, *salvo*, *visto*, *conforme*, *segundo*, *consoante*, *mediante* e os quantificadores indefinidos *mais* e *menos* quando estão empregados para exprimir não a quantidade, mas a soma e a subtração (***mais*** *estes reais*, ***menos*** *estes reais*; *ele* ***mais*** *o pai*).

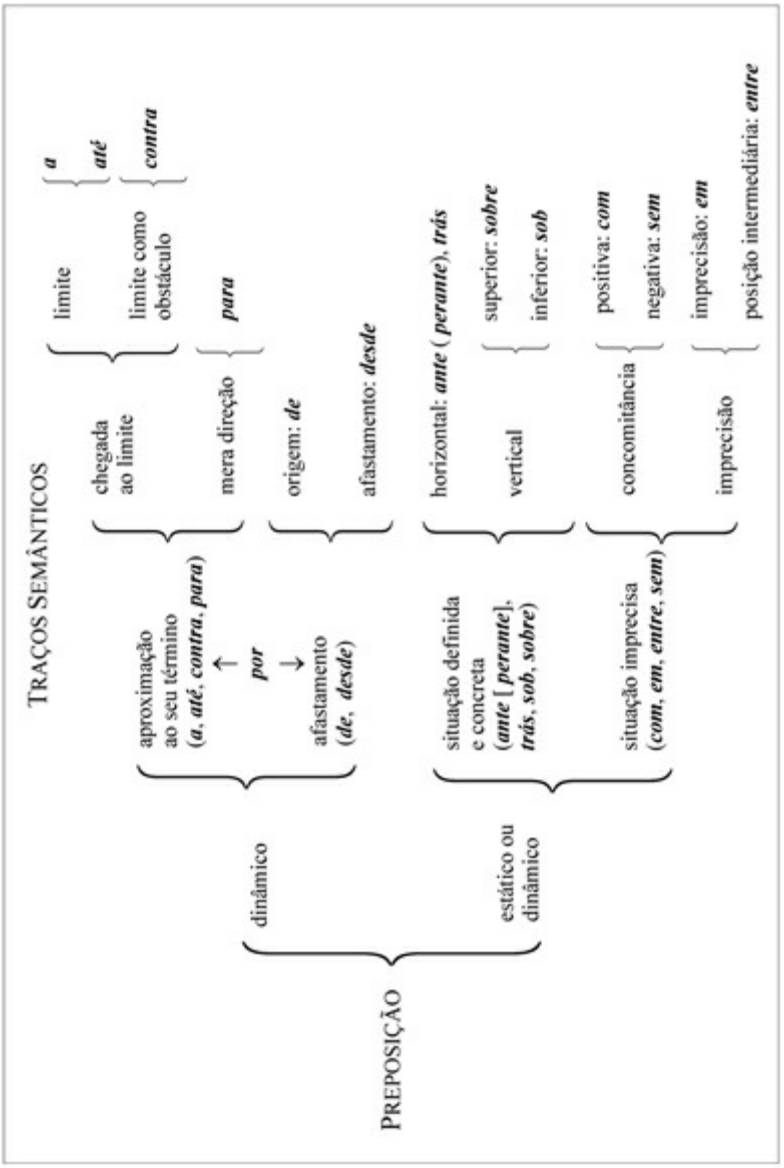

Locução prepositiva – é o grupo de palavras com valor e emprego de uma preposição. Em geral a locução prepositiva é constituída de advérbio ou locução adverbial seguida da preposição *de*, *a* ou *com*:

O garoto escondeu-se *atrás do* móvel.

Não saímos *por causa da* chuva.

O colégio ficava *em frente a* casa.

O ofício foi redigido *de acordo com* o modelo.

Às vezes a locução prepositiva se forma de duas preposições, como: *de per* (na locução *de per si*), *até a* e *para com*.

Foi *até ao* colégio.

Mostrava-se bom *para com* todos.

OBSERVAÇÃO: O substantivo que às vezes entra para formar estas locuções em geral está no singular; mas o plural também é possível: *Viver à custa do pai* (ou *às custas do pai*), *O negócio está em via de solução* (ou *em vias de solução*).

Preposições essenciais e acidentais – Há palavras que só aparecem na língua como preposições e, por isso, se dizem *preposições essenciais*: *a*, *ante*, *até*, *com*, *contra*, *de*,

desde, *em*, *entre*, *para*, *perante*, *por*, *sem*, *sob*, *sobre*, *trás*.

São ACIDENTAIS as palavras que, perdendo seu valor e emprego primitivos, passaram a funcionar como preposições: *durante*, *como*, *conforme*, *feito*, *exceto*, *salvo*, *visto*, *segundo*, *mediante*, *tirante*, *fora*, *afora*, etc.

Só as preposições *essenciais* se acompanham de formas tônicas dos pronomes oblíquos:

Sem *mim* não fariam isso.

Exceto *eu*, todos foram contemplados.

Acúmulo de preposições – Não raro duas preposições se juntam para dar maior efeito expressivo às ideias, guardando cada uma seu sentido primitivo:

Andou *por sobre* o mar.

Estes acúmulos de preposições não constituem uma locução prepositiva porque valem por duas preposições distintas. Combinam-se com mais frequência as preposições: *de*, *para* e *por* com *entre*, *sob* e *sobre*.

"De uma vez olhou *por entre* duas portadas mal fechadas para o interior de outra sala..." [CBr.1, 175].

"Os deputados oposicionistas conjuravam-no a não levantar mão *de sobre* os projetos depredadores" [CBr.1].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Pode ocorrer depois de algumas preposições acidentais (*exceto*, *salvo*, *tirante*, *inclusive*, etc. de sentido exceptivo ou inclusivo) outra preposição requerida pelo verbo, sendo que esta última preposição não é obrigatoriamente explicitada:

Gosto de todos daqui, exceto *ela* (ou *dela*).

Sem razão, alguns autores condenam, nestes casos, a explicitação da segunda preposição (*dela*, no exemplo acima).

Senhoreou-se de tudo, *exceto dos* dois sacos de prata [CBr *apud* MBa.3, 326].

2.ª) Na coordenação, não é necessário repetir as preposições, salvo quando assim o exigirem a ênfase, a clareza ou a eufonia:

Quase não falaram *com* o diretor e repórteres.

Quase não falaram *com* o diretor e *com* os repórteres.

A repetição é mais frequente antes dos pronomes pessoais tônicos e do reflexivo:

Então desde o Nilo ao Ganges / Cem povos armados vi / erguendo torvas falanges / *contra mim* e *contra ti* [Passos *apud* ED.2, § 223, a].

A norma se estende às locuções prepositivas, quando é mais comum a repetição do último elemento da locução:

Antes *do* bem e *do* mal estamos nós.

Quando a preposição se encontra combinada com artigo, deve ser repetida se repetido está o artigo:

"Opor-se *aos* projetos e *aos* desígnios d'alguns" [ED.2]

3.ª) Uma expressão preposicionada indicativa de lugar ou tempo pode ser acompanhada de uma segunda de significado local ou temporal:

Levou-o *para ao* pé da cruz.

Desde pela manhã, esperava novas notícias.

"Nós não fazemos senão andar atrás delas, *desde pela* manhã até a noite, desde a noite *até pela* manhã" [Mesquita *apud* MBa.2, 70].

Trata-se aqui de expressões petrificadas que valem por uma unidade léxica (*ao pé de*, *pela manhã*, etc.) e como tais podem depois ser precedidas de preposição.

Combinação e contração com outras palavras – Diz-se que há *combinação* quando a preposição, ligando-se a outra palavra, não sofre redução. A preposição *a* combina-se com o artigo definido masculino: *a+o = ao; a+os = aos*.

Diz-se que há *contração* quando, na ligação com outra palavra, a preposição sofre redução. As preposições que se contraem são: 76

A

1) com o artigo definido ou pronome demonstrativo feminino:

a + a = à; a + as = às (esta fusão recebe o nome de *crase*)

2) com o pronome demonstrativo:

a + aquele = àquele; a + aqueles = àqueles (crase)
a + aquela = àquela; a + aquelas = àquelas (crase)
a + aquilo = àquilo (crase)

Observações:

1.ª) Muitas vezes a ligação ou não da preposição à palavra seguinte depende da necessidade de garantir a clareza da mensagem, amparada por entoação especial:

> "Para Saussure a "ciência" dos signos era para ser um ramo da psicologia social, e a linguística uma subespécie deste ramo *apesar de a* mais importante" [JDe.1, 20].

M. Bandeira sentiu necessidade de não proceder à crase em *a aquela*, no exemplo:

> "Para tudo isso, porém, existe a adesão em massa. É o maior medo de Oswald de Andrade. De fato nada resiste *a aquela* estratégia paradoxal" [MB.2, 248].

2.ª) Não se combina o artigo quando este é parte integrante do sintagma nominal, como no seguinte exemplo:

> Há quem conheça o que se decidiu chamar *de o espírito carioca*.

É pela mesma razão de conservar a integridade que se deve evitar fazer a combinação da preposição com a palavra inicial dos títulos de livros, jornais e demais periódicos:

> *de* Os Lusíadas; *em* Os Sertões.

Também é preferível não se usar apóstrofo (*d'Os Lusíadas*), nem a repetição do artigo (*dos Os Lusíadas*).

> A prática dos escritores se mostra muito indecisa neste particular [AK.2, 55].

De

1) com o artigo definido masculino e feminino:

de + o = do; de + a = da; de + os = dos; de + as = das

2) com o artigo indefinido (menos frequente):

de + um = dum; de + uns = duns
de + uma = duma; de + umas = dumas

3) com o pronome demonstrativo:

de + aquele = daquele; de + aqueles = daqueles
de + aquela = daquela; de + aquelas = daquelas
de + aquilo = daquilo
de + esse = desse; de + esses = desses; de + este = deste; de + estes = destes
de + essa = dessa; de + essas = dessas; de + esta = desta; de + estas = destas
de + isso = disso; de + isto = disto

4) com o pronome pessoal:

de + ele = dele; de + eles = deles
de + ela = dela; de + elas = delas

5) com o pronome indefinido:

de + outro = doutro; de + outros = doutros
de + outra = doutra; de + outras = doutras

6) com advérbio:

de + aqui = daqui; de + aí = daí; de + ali = dali, etc.

Em

1) com o artigo definido, graças à ressonância da nasal:

em + o = no; em + os = nos; em + a = na; em + as = nas

2) com o artigo indefinido:

em + um = num; em + uns = nuns
em + uma = numa; em + umas = numas

3) com o pronome demonstrativo:

em + aquele = naquele; em + aqueles = naqueles
em + aquela = naquela; em + aquelas = naquelas
em + aquilo = naquilo
em + esse = nesse; em + esses = nesses; em + este = neste; em + estes = nestes
em + essa = nessa; em + essas = nessas; em + esta = nesta; em + estas = nestas
em + isso = nisso; em + isto = nisto

4) com o pronome pessoal:

em + ele = nele; em + eles = neles
em + ela = nela; em + elas = nelas

Per – com as formas antigas do artigo definido:

per + lo = pelo; per + los = pelos; per + la = pela; per + las = pelas

Para (*pra*) – com o artigo definido:

para (pra) + o = pro; para (pra) + os = pros; para (pra) + a = pra; para (pra) + as = pras

***Co*(*m*)** – com artigo definido, graças à supressão da ressonância nasal (ectlipse):

co(m) + o = co; co(m) + os = cos; co(m) + a = coa; co(m) + as = coas

A preposição e sua posição – Em vez de vir entre o termo subordinante e o subordinado, a preposição, graças à possibilidade de outra disposição das palavras, pode vir aparentemente sem o primeiro:

Por lá *todos* ***passaram***.
(subordinado) (subordinante)
Os primos ***estudaram com José***.
(subordinante) (subordinado)
Com José *os primos* ***estudaram***.
(subordinado) (subordinante)
"*Quem há de resistir*?
Resistir quem há de?" [LG]

Principais preposições e locuções prepositivas

a	de	exceto
abaixo de	de acordo com	fora de
acerca de, cerca de	debaixo de	junto a
acima de	de cima de	junto de

a fim de
à frente de
ante
antes de
ao lado de
ao longo de
ao redor de
a par com
apesar de
após
após de
a respeito de
à roda de
até
até a
atrás de
através de
com
como
conforme
consoante
contra
de conformidade com
defronte de
dentre
dentro
dentro de
dentro em
desde, dês
detrás de
diante de
durante
em
embaixo de
em cima de
em favor de
em frente de
em lugar de
em prol de
em razão de
em troco de
em vez de
entre
mediante
na conta de
não obstante
para
para com
per
por
por baixo de
por cima de
por defronte de
por dentro de
por detrás de
por diante de
por meio de
quanto a, enquanto a
segundo
sem
sem embargo de
sob
sobre
trás

Emprego da preposição

1) ***A***

Esta preposição aparece nos seguintes principais empregos:

a) Introduz complementos verbais (objetos indiretos) e nominais representados por nomes ou

pronomes oblíquos tônicos:

"Perdoamos mais vezes *aos nossos inimigos* por fraqueza, que por virtude" [MM].

"O nosso amor próprio é muitas vezes contrário *aos nossos interesses*".

"A força é hostil *a si própria*, quando a inteligência a não dirige" [MM].

b) Introduz objetos diretos:

"O mundo intelectual deleita *a poucos*, o material agrada *a todos*" [MM].

"O homem que não é indulgente com os outros, ainda se não conhece *a si próprio*" [MM].

c) Prende infinitivos a certos verbos que o uso ensinará:

"Os homens, dizendo em certos casos que vão falar com franqueza, parecem *dar a entender* que o fazem por exceção de regra" [MM].

Geralmente tais verbos indicam a causa, o início, a duração, a continuação ou o termo de movimento ou extensão da ideia contida no verbo principal. Os principais são: abalançar-se, acostumar-se, animar-se, anuir, aparelhar-se, aprender, apressar-se, arrojar-se, aspirar, atender, atrever-se, autorizar, aventurar-se, chegar, começar (também com *de* e *por*), concorrer, condenar, continuar, costumar, convidar (também com *para*), decidir-se, entrar, estimular, excitar-se, expor-se, habilitar-se, habituar-se, meter-se, obrigar, pôr-se, principiar, resolver-se, vir.

d) Prende infinitivos a certos verbos, formando locuções equivalentes e gerúndios de sentido progressivo:

"*Anda visitando* os defuntos? disse-lhe eu. Ora defuntos! respondeu Virgília com um muxoxo. E depois de me apertar as mãos: – *Ando a ver* se ponho os vadios para a rua" [MA *apud* SS.1, 309].

e) Introduz infinitivo designando condição, hipótese, concessão, exceção:

A ser verdade o que dizes, prefiro não colaborar.

"A filha estava com quatorze anos; mas era muito fraquinha, e não fazia nada, *a não ser* namorar os capadócios que lhe rondavam a rótula" [MA.1, 201].

f) Introduz ou pode introduzir o infinitivo da oração substantiva subjetiva do verbo *custar*:

"Custou-lhe muito *a aceitar* a casa" [MA.1, 194].

g) Introduz numerosas circunstâncias, tais como:

1) termo de movimento ou extensão:

"Nesse mesmo dia levei-os *ao Banco do Brasil*" [MA.1, 151].

OBSERVAÇÃO: Com os advérbios *aqui*, *lá*, *cá* e semelhantes não se emprega preposição:

"Vem *cá*, Eugênia, disse ela..." [MA.1, 96].

2) tempo em que uma coisa sucede:

"Indaguei do guarda; disse-me que efetivamente "esse sujeito" ia por ali às vezes. – *A* que horas?" [MA.1, 172].

3) fim ou destino:

"... apresentaram-se *a* falar ao imperador" [RP *apud* FB.1, 145].

Tocar *à* missa (= para assistir à missa).

Tocar o sino *a* ave-marias [EQ.5, 217].

4) meio, instrumento e modo:

matar à fome, fechar à chave, vender a dinheiro, falar aos gritos, escrever a lápis, viver a frutas, andar a cavalo.

Com os verbos *limpar*, *enxugar*, *assoar* indicamos de preferência o instrumento com *em*, e os portugueses com *a*: "limpar as lágrimas *no lenço*", "limpar as lágrimas *ao lenço*".

5) lugar, aproximação, contiguidade, exposição a um agente físico:

"Vejo-a a assomar *à porta* da alcova..." [MA.1, 14].

Estar *à janela*, ficar *à mesa*, *ao portão*, *ao sol*, falar *ao telefone*

6) semelhança, conformidade:

"Não sai *a nós*, que gostamos da paz..." [MA *apud* SS.1, 310].

"Desta vez falou *ao modo bíblico*" [MA *apud* SS.1].

Quem puxa *aos seus* não degenera.

7) distribuição proporcional, gradação:

um *a* um, mês *a* mês, pouco *a* pouco

OBSERVAÇÃO: Diz-se *pouco a pouco*, *pouco e pouco*, *a pouco e pouco*.

"*Pouco a pouco* muitas graves matronas... se tinham alongado da corte para suas honras e solares" [AH.3, 21].

8) preço:

A como estão as maçãs? *A* um real o quilo.

9) posse:

Tomou o pulso *ao* doente (= do doente).

10) forma numerosas locuções adverbiais:

à pressa, às pressas, às claras, às ocultas, às cegas, a granel, a rodo, etc.

Emprego do *à* acentuado – Emprega-se o acento grave no *a* para indicar que soa como vogal aberta nos seguintes dois casos:

1.º) quando representa a construção da preposição *a* com o artigo *a* ou o início de *aquele*(*s*), *aquela*(*s*), *aquilo*, fenômeno que em gramática se chama crase:

Fui *à* cidade.

O verbo *ir* pede a preposição *a*; o substantivo *cidade* pede o artigo feminino *a*: Fui *a a* cidade.

2.º) quando representa a *pura preposição a* que rege um substantivo feminino singular, formando uma locução adverbial que, por motivo de clareza, vem assinalada com acento diferencial:

à força, à míngua, à bala, à faca, à espada, à fome, à sede, à pressa, à noite, à tarde, etc. [SA.4, 11-23; CR.2, 233; ED.2, §§ 58 e 156; SL.1, 224].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) *Crase* é um fenômeno fonético que se estende a toda fusão de vogais iguais, e não só ao *a* acentuado.

2.ª) Não há razão para condenar-se o verbo *crasear* para significar "pôr o acento grave indicativo da crase". O que se não deve é chamar *crase* ao acento grave:

"Alencar *craseava* a preposição simples *a*" [JO.3, 27].

Ocorre a crase nos seguintes casos principais:

a) diante de palavra feminina, clara ou oculta, que não repele artigo:

Fui *à* cidade.

Dirigia-se *à* Bahia e depois *a* Paris.

Para sabermos se um substantivo feminino não repele artigo, basta construí-lo em orações em que apareçam regidos das preposições *de*, *em*, *por*. Se tivermos puras preposições, o nome dispensa artigo; se tivermos necessidade de usar, respectivamente *da*, *na*, *pela*, o artigo será obrigatório:

Fui *à* Gávea { Venho *da* Gávea / Moro *na* Gávea / Passo *pela* Gávea

Fui *a* Copacabana { Venho *de* Copacabana / Moro *em* Copacabana / Passo *por* Copacabana

Observações:

1.ª) O nome que sozinho dispensa artigo, pode tê-lo quando acompanhado de adjetivo ou locução adjetiva:

Fui *à* Copacabana de minha infância { Venho *da* Copacabana de minha infância. / Moro *na* Copacabana de minha infância. / Passo *pela* Copacabana de minha infância.

Assim se diz: Irei *à* casa paterna.

2.ª) Se for facultativo, nas condições acima, o emprego de *de* ou *da*, *em* ou *na*, *por* ou *pela*, será também facultativo o emprego do *a* acentuado:

Fui { *à* / *a* } França { Venho { *da* / *de* } França / Moro { *na* / *em* } França / Passo { *pela* / *por* } França

b) diante do artigo *a* e dos demonstrativos *aquele*, *aquela*, *aquilo*:

Referiu-se { à / *àquele* / *àquela* / *àquilo* } { que estava do seu lado

c) diante de possessivo em referência a substantivo oculto:

Dirigiu-se àquela casa e não *à* sua.

d) diante de locuções adverbiais constituídas de substantivo feminino plural:

às vezes, às claras, às ocultas, às escondidas, às três da manhã.

Não ocorre a crase nos seguintes casos principais:

a) diante de palavra de sentido indefinido:

Falou a { uma / certa / qualquer / cada / toda } pessoa

OBSERVAÇÃO: Há acento antes do numeral *uma*: Irei vê-la à uma hora.

b) diante dos pronomes relativos *que* (quando o *a* anterior for uma preposição), *quem*, *cuja*:

Está aí a pessoa *a* que fizeste alusão.
O autor *a* cuja obra a crítica se referiu é muito pouco conhecido.
Ali vai a criança *a* quem disseste a notícia.

c) diante de verbo no infinitivo:

Ficou *a* ver navios.
Livro *a* sair em breve.

d) diante de pronome pessoal e expressões de tratamento como V. Ex.ª, V.S.ª, V. M., etc.:

Não disseram *a* ela e *a* você toda a verdade.
Requeiro *a* V. Ex.ª com razão.

e) nas expressões formadas com a repetição de mesmo termo (ainda que seja um nome feminino), por se tratar de pura preposição:

frente *a* frente, cara *a* cara, face *a* face, gota *a* gota

f) diante da palavra *casa* quando desacompanhada de adjunto:

Irei *a* casa logo mais (cf. Entrei *em* casa; Saí *de* casa).

A crase é facultativa nos seguintes casos principais:

a) antes de pronome possessivo com substantivo feminino claro:

Dirigiu-se { *à* / *a* } minha casa, e não à sua

No português moderno dá-se preferência ao emprego do possessivo com artigo e, neste caso, ao *a* acentuado.

b) antes de nome próprio feminino:

As alusões eram feitas { *à* / *a* } Ângela

c) antes da palavra *casa* quando acompanhada de expressão que denota o dono ou morador, ou qualquer qualificação:

Irei { *à* / *a* } casa de meus pais

OBSERVAÇÕES:

1.ª) É preciso não identificar *crase* e *craseado* com acento e acentuado. Em tempos passados, principalmente entre os românticos, a preposição pura *a* era em geral acentuada, ainda diante de masculino, sem que isso quisesse indicar *a* craseado. Daí os falsos erros que se apontam em escritores dessa época, mormente em J. de Alencar.

2.ª) Deve-se usar *dormir a sesta*, e não *dormir à sesta*; *levá-lo a breca*, e não *levá-lo à breca*; *tudo está indo a breca*; *ele teria levado a breca*.

2) *Até*

Esta preposição indica o limite, o termo de movimento, e, acompanhando substantivo com artigo (definido ou indefinido) pode vir ou não seguida da preposição *a*:

Caminharam *até* { a / à } escola

"Ouvido isto, o desembargador comoveu-se *até às* lágrimas, e disse com mui entranhado afeto" [CBr.1, 67].

"... e prometem ser-lhe amparo *até ao* fim" [CBr.1, 77].

"Albernaz saiu fora da roda dos amigos e foi *até a* um canto da sala..." [LB *apud* SS.1, § 496].

É preciso distinguir a preposição da palavra de inclusão *até* que se usa para reforçar uma declaração com o sentido de "inclusive", "também", "mesmo", "ainda". A preposição pede pronome pessoal oblíquo tônico e a palavra de inclusão pede pronome pessoal reto:

Ele chegou *até mim* e disse toda a verdade.

Até eu recebi o castigo.

3) *Com*

Aparece nas circunstâncias de companhia, ajuntamento, simultaneidade, modo, maneira, meio, instrumento, causa, concessão (principalmente seguida de infinitivo), oposição:

"Quando os bons capitulam *com* os maus sancionam a própria ruína" [MM].

"Nunca agradecemos *com* tanto fervor como quando esperamos um novo favor" [MM].

"A economia *com* o trabalho é uma preciosa mina de ouro" [MM].

"Somos atletas na vida; lutamos *com* as paixões dos outros homens e *com* as nossas" [MM].

"Queremos governos perfeitos *com* homens imperfeitos: disparate" [MM].

"O silêncio *com* ser mudo não deixa de ser por vezes um grande impostor" [MM].

"A sociedade política nasceu da família; mas a família não acabou *com* (= temporal) a existência da sociedade" [AH.2, 144].

Inicia o complemento de muitos verbos e nomes (complemento relativo e complemento nominal):

"O lisonjeiro conta sempre *com* a abonação do nosso amor-próprio" [MM].

"O homem que não é indulgente *com* os outros, ainda se não conhece a si próprio" [MM].

4) *Contra*

Denota oposição, direção contrária, hostilidade:

Lutava *contra* tudo e *contra* todos.

Remar *contra* a maré

Votar *contra* alguém

Condenam bons mestres como galicismo o emprego desta preposição depois do verbo *apertar*, *estreitar* (e sinônimos), apesar dos exemplos de escritores corretos, uso que se vai generalizando:

"*Apertei contra* o coração o punho da espada" [AH.5, I, 37].

"E Dulce caiu nos braços do guerreiro trovador, que desta vez a *estreitou contra* o peito..." [AH.3, 144].

Também se considera como galicismo *contra* no sentido de "em troca de", bem como no sentido de "junto a", "ao lado de":

Dar a mercadoria *contra* recibo (por *mediante recibo*).

Encostar o móvel *contra* a parede (por *junto à parede*).

5) ***De***

a) Introduz complemento de verbos (complemento relativo) e nomes (complemento nominal) que o uso ensinará:

"Os sábios vivem ordinariamente solitários: receiam-se *dos velhacos*, e não podem tolerar os tolos" [MM].

"O temor *da morte* é a sentinela da vida" [MM].

b) Indica a circunstância de lugar donde, origem, ponto de partida dum movimento ou extensão (no tempo e no espaço), a pessoa ou coisa de que outra provém ou depende, em sentido próprio ou figurado e o agente da passiva (por ser o ponto de partida da ação), principalmente com os verbos que exprimem sentimento e manifestação de sentimentos:

"A maior parte dos erros em que laboramos neste mundo provém *da falsa definição*, ou *das noções falazes* que temos do bem e do mal" [MM].

"A doçura e beleza *das mulheres* parecem inculcar que são anjos e serafins que desceram *dos céus* e se humanaram na terra" [MM].

"Sancionada a virtude só pela opinião pública, ela desaparece *da* vida doméstica e *de* todos aqueles lugares não vistos *da multidão*" [AH.2, 143].

OBSERVAÇÃO: Modernamente o agente da passiva se rege mais de *por*.

c) Indica a pessoa, coisa, grupo ou série a que pertence ou de que se salienta, por qualquer razão, o nome precedido de preposição:

"A credulidade e confiança *de* muitos tolos faz o triunfo *de* poucos velhacos" [MM].

d) Indica a matéria de que uma coisa é feita:

"... ela só lhe aceitava sem relutância os mimos *de* escasso preço, como a cruz *de* ouro, que lhe deu, uma vez, de festas" [MA.1, 54].

e) Indica a razão ou a causa por que uma coisa sucede:

"O luxo, como o fogo, devora tudo e perece *de* faminto" [MM].

Cantar de alegria, morrer *de* medo.

f) Indica o assunto ou o objeto de que se trata:

"Dizer-se *de* um homem que tem juízo é o maior elogio que se lhe pode fazer" [MM].

g) Indica o meio, o instrumento ou modo, em sentido próprio ou figurado:

"O espírito vive *de* ficções, como o corpo se nutre *de* alimentos" [MM].

h) Indica a comparação, hoje principalmente na expressão *do que*:

São mais *de* três horas.

i) Indica a posição, o lugar:

"Sucede frequentes vezes admirarmos *de* longe o que *de* perto desprezamos" [MM].

j) Indica medida:

Copo *de* leite (= o leite na medida do copo), copo *d*'água, garrafa *de* vinho

OBSERVAÇÃO: Pode-se dizer também: *copo com leite*, *com água*, mas aí não se visa à medida, mas ao conteúdo.

l) Indica o fim, principalmente com infinitivo:

Dá-me *de* beber um copo d'água.

m) Indica o tempo:

De noite todos os gatos são pardos.

n) Ligando dois substantivos, imediatamente ou por intermédio de certos verbos, serve para caracterizar e definir uma pessoa ou coisa:

"O homem *de* juízo aproveita, o tolo desaproveita a experiência própria" [MM].

Rua *do* Ouvidor.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Nas denominações de ruas, escolas, teatros, monumentos, edifícios, festas religiosas e casas comerciais, e em circunstâncias que tais, se costuma omitir a preposição sem que haja regra fixa para tal critério: Avenida Rio Branco, Colégio Pedro II (mas Rua *do* Ouvidor, Praça *da* República).

2.ª) Usa-se a preposição *de* nas datas: 26 *de* fevereiro. Não é praxe da língua omiti-la nestas circunstâncias. Do mesmo modo, diz-se *o ano de 1928*, embora aqui se possa também empregar *o ano 1928*.

o) Indica o todo depois de palavras que significam parte:

A maioria *dos* homens, um terço *dos* soldados, um punhado *de* bravos; um pouco (ou uma pouca) *de* água.

OBSERVAÇÃO: Depois dos comparativos *maior*, *menor*, etc. pode ser substituído por *entre*: O maior *de* todos (= *entre* todos).

p) Indica modo de ser, semelhança, e normalmente vem precedendo predicativo:

"Muitos figuram *de* Diógenes, para se consolarem de não poderem ser Alexandres" [MM].

q) Liga adjetivo étnico ou gentílico aos substantivos *nação*, *nascimento*, *origem*:

brasileiro *de* nascimento, alemão *de* origem

r) Pode equivaler a *desde*:

Havia meio século *da* (= *desde a*) descoberta.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Note-se a fórmula *é de* com o sentido de *é próprio de*: "*É da* natureza humana que muitos homens trabalhem para manter os poucos que se ocupam em pensar para eles, instruí-los e governá-los" [MM].

2.ª) Em construção do tipo *acusar de negligente*, *presumir de formosa*, "explicam-se geralmente pela omissão de um verbo atributivo (*ser*, *estar*, etc.) ou pela fusão da construção do adjetivo com a de substantivo no mesmo lugar" [MBa.5, 297]. *Acusar de negligente* = *acusar de ser negligente*, *acusar de sua negligência*.

Não ocorre esta preposição nos seguintes principais casos:

a) em construções de tipo:

A primeira coisa que fiz foi vir a Madri (e não *foi de vir*).

b) "com os verbos e adjetivos que significam afastamento ou diferença, e com os que envolvem a ideia de aumento ou diminuição, superioridade ou inferioridade, a designação da medida que não tem preposição" [ED.1, § 125; JM.1, II, 46-47]:

Aumentar um centímetro (e não *aumentar de um*).

Este número excede aquele duas dezenas (e não *excede de duas dezenas*).

Mais novo alguns meses (e não *mais novo de alguns meses*).

c) depois do verbo *consistir*:

A prova consiste em duas páginas mimeografadas (e *não consiste de duas*).

NOTA: Os puristas, sem maiores exames, têm tachado de galicismo a expressão *de resto* (= quanto ao mais). Além de usada por grandes escritores, tem raízes no latim *de reliquo*.

6) *Em*

Denota:

a) lugar onde, situação, em sentido próprio ou figurado:

"Formam-se mais tempestades *em* nós mesmos que *no* ar, *na* terra e *nos* mares" [MM].

OBSERVAÇÃO: Com alguns verbos, para se exprimir esta circunstância, se emprega um pronome oblíquo átono em lugar da expressão introduzida por *em*:

"Pulsa-*lhe* (= nele) aquele afeto verdadeiro" [MA].

Não *me* toque. Bateu-*nos*. Mexeu-*lhe*.

b) tempo, duração, prazo:

"Os homens *em* todos os tempos, sobre o que não compreenderam, fabularam" [MM].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Precedendo um gerúndio, a preposição *em* aparece nas circunstâncias de tempo, condição ou hipótese:

"Ninguém, desde que entrou, *em* lhe *chegando* o turno, se conseguirá evadir à saída" [RB].

2.ª) Para denotar o espaço ou decurso de tempo usa-se a preposição *em* em concorrência a *dentro de* ou *daqui a*, emprego que alguns estudiosos, com exagero, veem como abuso ou imitação do francês [MBa.5, 75]:

Em cinco minutos irei atendê-lo.

c) modo, meio:

Foi *em pessoa* receber os convidados.

Pagava *em cheque* tudo o que comprava.

d) a nova natureza ou forma em que uma pessoa ou coisa se converte, disfarça, desfaz ou divide:

"O homem de juízo converte a desgraça *em* ventura, o tolo muda a fortuna *em* miséria" [MM].

Dar *em* doido.

e) preço, avaliação:

A casa foi avaliada *em* milhares de reais.

f) fim, destinação:

Vir *em* auxílio. Tomar *em* penhor. Pedir *em* casamento.

g) estado, qualidade ou matéria:

General *em* chefe. Ferro *em* brasa. Imagem *em* barro. Gravura *em* aço.

OBSERVAÇÃO: Tem-se, sem maior exame, condenado este emprego da preposição *em* como galicismo. Tem-se também querido evitar a expressão *em questão*, por se ter inspirado em modo de falar francês; mas é linguagem hoje comuníssima e corrente nas principais línguas literárias modernas.

h) causa, motivo (geralmente antes do infinitivo):

"Há povos que são felizes *em* não ter mais que um só tirano" [MM].

i) lugar para onde se dirige um movimento, sucessão, em sentido próprio ou figurado:

Saltar *em* terra. Entrar *em* casa. De grão *em* grão.

OBSERVAÇÃO: A língua padrão não agasalha este emprego com os verbos *vir*, *chegar*, preferindo a preposição *a*: Ir *à* cidade; chegar *ao* colégio.

j) forma, semelhança, significação de um gesto ou ação:

"Resoluta estendeu os braços, juntando as mãos *em* talhadeira e arrojou-se d'alto, mergulhando..." [CN *apud* SS.1, § 506, 7].

7) ***Entre***

Denota posição intermediária no espaço ou no tempo, em sentido próprio ou figurado:

"*Entre* o queijo e o café, demonstrou-me Quincas Borba que o sistema era a destruição da dor" [MA.1, 301].

Como as outras preposições, rege pronome oblíquo tônico, de modo que se diz *entre mim e ti*, *entre ele e mim*, *entre você e mim*, etc.

"Por que vens, pois, pedir-me adorações quando *entre mim e ti* está a cruz ensaguentada do Calvário...?" [AH.1, 46-47].

A língua exemplar evita exemplos como *entre eu e tu*, *entre eu e eles*, *entre eles e eu* e semelhantes. Deste último caso, em que o pronome reto não vem junto da preposição *entre* ocorrem alguns exemplos literários que a tradição do idioma evita:

"Odeio toda a gente / com tantas veras d'almas e tão profundamente /, que me ufano de ouvir que *entre eles e eu* existe / separação formal" [AC.4, 11-12].

8) ***Para***

Denota:

a) a pessoa ou coisa em proveito ou prejuízo de quem uma ação é praticada (objeto indireto, complemento relativo ou complemento nominal):

"Aborrecemos o absolutismo nos outros, porque o cobiçamos *para* nós mesmos" [MM].

"A preguiça nos maus é salutar *para* os bons" [MM].

b) a pessoa a que se atribui uma opinião (dativo livre):

"O pedir *para* quem não tem vergonha é menos penoso que trabalhar" [MM].

c) fim, destinação:

"A filha deu-me recomendações *para* Capitu e *para* minha mãe" [MA *apud* SS.1, 509, b].

d) fim:

"O ambicioso, *para* ser muito, afeta algumas vezes não valer nada" [MM].

e) termo de movimento, direção para um lugar com a ideia acessória de demora ou destino:

Foi *para* Europa.

OBSERVAÇÃO: Denota apenas "o lugar onde" em construções do tipo: Ele está agora *para* o Norte.

f) tempo a que se destina um objeto ou ação, ou para quando alguma coisa se reserva:

"Faz *para* as matanças seis anos que você justou comigo uma porca por 4 moedas..." [CBr *apud* JM.1, II, 49].

Vou aí *para* as seis horas.

9) ***Por*** (e ***per***)

Denota:

a) lugar por onde, em sentido próprio ou figurado:

"Tais eram as reflexões que eu vinha fazendo, *por* aquele Valongo fora, logo depois de ver e ajustar a casa" [MA.1,

190].

b) meio:

Puxar *pelo* paletó, rezar *pelo* livro, segurar *pelos* cabelos, levar *pela* mão, ler *pelo* rascunho, contar *pelos* dedos, enviar *pelo* correio.

c) modo:

Repetir *por* ordem, estudar *por* vontade.

"Louvamos *por* grosso, mas censuramos *por* miúdo" [MM].

d) distribuição:

Várias vezes *por* dia.

e) divisão, indicando a pessoa ou coisa que recebe o quinhão:

Distribuir *pelos* pobres, repartir *pelos* amigos, dividir *por* três a herança.

f) substituição, troca, valor igual, preço:

Comer gato *por* lebre.

"O barão dizia ontem, no seu camarote, que uma só italiana vale *por* cinco brasileiras" [MA.1, 183].

g) causa, motivo:

"O amor criou o Universo que *pelo* amor se perpetua" [MM].

"Muitos se abstêm *por* acanhados do que outros fogem *por* virtuosos" [MM].

h) nos juramentos e petições, designando a pessoa ou coisa invocada para firmar o juramento e para interceder:

jurar *pela* sua honra, pedir *pela* saúde de alguém [ED.1, § 163, b].

i) em favor de, em prol de:

Morrer *pela* pátria, lutar *pela* liberdade.

j) tempo, duração:

"Qual é aquele que, assentado, *por* noite de luar e serena sobre uma fraga marinha, não sente irem-se-lhe os olhos...?" [AH.2, 159].

l) agente da passiva:

"As mulheres são melhor dirigidas *pelo* seu coração do que os homens *pela* razão" [MM].

m) depois dos nomes que exprimem disposição ou manifestação de disposição de ânimo para com alguma coisa:

"A paixão *pelo* jogo pressupõe ordinariamente pouco amor *pelas* letras" [MM].

OBSERVAÇÃO: Não procede mais o ter-se como errônea a construção com *por*, nestes casos, porque, no português contemporâneo, o uso de *de* se especializou no sentido de genitivo objetivo. No português de outros tempos, *amor de Deus* era tanto o que consagramos a ele (genitivo objetivo) ou o que ele tem, o que nos consagra (genitivo subjetivo). Em lugar de *amor pelas letras* diz-se também corretamente *amor às letras*. Quando nos casos de genitivo objetivo pode ocorrer ambiguidade com o emprego da preposição *de*, costuma-se substituir esta preposição por *contra* (se o nome designa sentimento hostil) ou *para com* (se o sentimento é benévolo): Guerra *contra* os inimigos e respeito *para com* todos.

n) fim (em vez de *para*):

"Forcejava *por* obter-lhe a benevolência, depois a confiança" [MA.1, 194].

o) introduzindo o predicativo do objeto direto, denota qualidade, estado ou conceito em que se tem uma pessoa ou coisa:

Ter alguém *por* sábio. Enviar alguém *por* embaixador. Tenho *por* certo que ele virá.

OBSERVAÇÃO: Neste emprego pode ser substituída pela preposição *como*, apesar da crítica injusta dos puristas.77

9 – CONJUNÇÃO

Conector e transpositor – A língua possui unidades que têm por missão reunir orações num mesmo enunciado.

Estas unidades são tradicionalmente chamadas conjunções, que se repartem em dois tipos: *coordenadas* e *subordinadas*.

As conjunções coordenadas reúnem orações que pertencem ao mesmo nível sintático: dizem-se *independentes* umas das outras e, por isso mesmo, podem aparecer em enunciados separados.

Pedro fez concurso para medicina, *e* Maria se prepara para a mesma profissão.

Podíamos dizer desta maneira, em dois enunciados independentes:

Pedro fez concurso para medicina.
Maria se prepara para mesma profissão.

Daí ser a conjunção coordenativa um *conector*.

Como sua missão é reunir unidades independentes, pode também "conectar" duas unidades menores que a oração, desde que do mesmo valor funcional dentro de mesmo enunciado. Assim:

Pedro *e* Maria (dois substantivos)
Ele *e* ela (dois pronomes)
Ele *e* Maria (um pronome e um substantivo)
rico *e* inteligente (dois adjetivos)
ontem *e* hoje (dois advérbios)
saiu *e* voltou (dois verbos)
com *e* sem dinheiro (duas preposições)

Bem diferente é, entretanto, o papel da conjunção subordinada. No enunciado:

Soubemos que vai chover,

a missão da conjunção subordinada é assinalar que a oração que poderia ser sozinha um enunciado:

Vai chover

se insere num enunciado complexo em que ela (*vai chover*) perde a característica de enunciado independente, de oração, para exercer, num nível inferior da estruturação gramatical, a função de *palavra*, já que *vai chover* é agora objeto direto do núcleo verbal *soubemos*.

Assim, a conjunção subordinativa é um *transpositor* de um enunciado que passa a uma função de palavra, portanto de nível inferior dentro das camadas de estruturação gramatical. Diz-se, por isso, que *que vai chover* é uma oração "degradada" ao nível da palavra, e isto se deveu ao fenômeno de *hipotaxe* ou *subordinação*.

A oração degradada ou subordinada passa a exercer uma das funções sintáticas próprias do substantivo, do adjetivo e do advérbio, como veremos mais adiante.

Podemos aproximar o papel do transpositor *que* ao pronome relativo – que é um transpositor de oração degradada ao nível do adjetivo – e das preposições que, como vimos, transpõem uma unidade a exercer papel de outra unidade. Na oração *Ninguém é de ferro*, a preposição *de* transpõe o substantivo *ferro* à função de predicativo por ter *de ferro* passado a equivalente de adjetivo [AL.1, 229].

Conectores ou conjunções coordenativas – Os conectores ou conjunções coordenativas são de três tipos, conforme o significado com que envolvem a relação das unidades que unem: *aditivas*, *alternativas* e *adversativas*.

Conjunções aditivas – A aditiva apenas indica que as unidades que une (palavras, grupos de palavras e orações) estão marcadas por uma relação de adição. Temos dois conectores aditivos: *e* (para a adição das unidades positivas) e *nem* (para as unidades negativas). Vejam-se os exemplos extraídos do Marquês de Maricá:

O velho teme o futuro *e* se abriga no passado.

Uma velhice alegre *e* vigorosa é de ordinário a recompensa da mocidade virtuosa.

A pobreza *e* a preguiça andam sempre em companhia.

Não emprestes o vosso *nem* o alheio, não tereis cuidados *nem* receio.

Muitas vezes, graças ao significado dos lexemas envolvidos na adição, o grupo das orações coordenadas permite-nos extrair um conteúdo suplementar de "causa", "consequência", "oposição", etc. Estes sentidos contextuais, importantes na mensagem global, não interessam nem modificam a relação aditiva das unidades envolvidas: *Rico* ***e*** *inteligente* e *rico* ***e*** *desonesto*, ambas se unem por uma relação gramatical de adição, embora a oposição semântica existente entre *rico* e *desonesto* apresente um sentido suplementar, como se estivesse enunciado *rico* ***mas*** *desonesto*. O mesmo se dá se uma unidade for afirmativa e outra negativa: *rico e não honesto*.

Em lugar de *nem* usa-se *e não*, se a primeira unidade for positiva e a segunda negativa: rico *e não* honesto (compare com: ele *não* é rico *nem* honesto).

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Evite-se (embora não constitua erro) o emprego de *e nem* quando não houver necessidade de ênfase:

"Nunca vira uma boneca *e nem sequer* o nome desse brinquedo" [ML.2, 9].

"(...) mas o primo Nicolau está a dormir até tarde *e nem* à missa vai" [CBr.15].

2.ª) Algumas vezes *e* aparece depois de pausa, introduzindo grupos unitários e orações; são unidades enfáticas com função textual que extrapolam as relações internas da oração e constituem unidades textuais de situação:

"*E* repito: não é meu" [MA.1, 314].

3.ª) A expressão enfática da conjunção aditiva *e* pode ser expressa pela série *não só... mas também* e equivalentes.

Não só o estudo *mas também* a sorte são decisivos na vida.

Conjunções alternativas – Como o nome indica, enlaçam as unidades coordenadas matizando-as de um valor alternativo, quer para exprimir a incompatibilidade dos conceitos envolvidos, quer para exprimir a equivalência deles. A conjunção alternativa por excelência é *ou*, sozinha ou duplicada junto a cada unidade:

"Quando a cólera *ou* o amor nos visita, a razão se despede" [MM].

A enumeração distributiva que matiza a ideia de alternância leva a que se empreguem neste significado advérbios como *já*, *bem*, *ora* (repetidos ou não) ou formas verbais imobilizadas como *quer... quer*, *seja... seja*. Tais unidades não são conectores e, por isso, as orações enlaçadas se devem considerar justapostas.

OBSERVAÇÃO: "Cumpre lembrar que o par *seja... seja* não está de todo gramaticalizado, tanto que, em certas construções, aparece flexionado. *Sempre discordam de tudo,* ***sejam*** *as discordâncias ligeiras,* ***sejam*** *de peso*. S*empre discordavam de*

*tudo, **fossem** as discordâncias ligeiras, **fossem** as de peso*" [AK.1, 68].

Conjunções adversativas – Enlaçam unidades apontando uma oposição entre elas. As adversativas por excelência são *mas*, *porém* e *senão*.

Ao contrário das aditivas e alternativas, que podem enlaçar duas ou mais unidades, as adversativas se restringem a duas. *Mas* e *porém* acentuam a oposição; *senão* marca a incompatibilidade:

"Acabou-se o tempo das ressurreições, *mas* continua o das insurreições" [MM].

Unidades adverbiais que não são conjunções coordenativas – Levada pelo aspecto de certa proximidade de equivalência semântica, a tradição gramatical tem incluído entre as conjunções coordenativas certos advérbios que estabelecem relações interoracionais ou intertextuais. É o caso de *pois*, *logo*, *portanto*, *entretanto*, *contudo*, *todavia*, *não obstante*. Assim, além das conjunções coordenativas já assinaladas, teríamos as *explicativas* (*pois*, *porquanto*, etc.) e *conclusivas* (*pois* [posposto], *logo*, *portanto*, *então*, *assim*, *por conseguinte*, etc.), sem contar *contudo*, *entretanto*, *todavia* que se alinham junto com as adversativas. Não incluir tais palavras entre as conjunções coordenativas já era lição antiga na gramaticografia de língua portuguesa; vemo-la em Epifânio Dias [ED.1] e, entre brasileiros, em Maximino Maciel, nas últimas versões de sua *Gramática* [MMa.1]. Perceberam que tais advérbios marcam relações textuais e não desempenham o papel conector das conjunções coordenativas78, apesar de alguns manterem com elas certas aproximações ou mesmo identidades semânticas.

Que esses advérbios não são conjunções coordenativas e desempenham funções diversas prova-o o fato de poderem se compatibilizar, em exemplos como:

Não foram ao mesmo cinema *e*, *portanto*, não se poderiam encontrar.

Ele *e*, *portanto*, seu filho são responsáveis pela denúncia.

"Não queremos pensar na morte, *e por isso* nos ocupamos tanto da vida" [MM].

Cabe ao *e*, como conjunção, reunir num mesmo grupo oracional as duas orações independentes do enunciado, enquanto *portanto*, como advérbio, marca uma relação semântica com o que já foi dito. Poder-se-ia eliminar a conjunção *e* e, então, teríamos uma coordenação assindética, caso em que haveria uma pausa para marcar a fronteira das duas orações (marcada por vírgula ou ponto e vírgula):

Não foram ao mesmo cinema; *portanto* não se poderiam encontrar.

Poder-se-ia também eliminar o advérbio:

Não foram ao mesmo cinema *e* não se poderiam encontrar.

Não sendo próprio do advérbio exercer o papel de conector, ele poderia aparecer até numa oração subordinada, para marcar essa relação semântica entre os dois enunciados:

"Nunca perdemos de vista o nosso interesse, *ainda mesmo quando* nos inculcamos desinteressados" [MM].

Outra diferença entre as conjunções coordenativas e os advérbios (a que poderíamos chamar textuais ou discursivos) é que só as primeiras efetivam a coordenação entre subordinadas equifuncionais, isto é, do mesmo valor (substantiva, adjetiva ou adverbial) e com a mesma função sintática:

Espero que estudes *e* que sejas feliz.

Como advérbios, que guardam com o núcleo verbal uma relação, em geral, mais frouxa, esses advérbios podem vir em princípio em qualquer posição dentro da oração em que se inserem:

Eles não chegaram *nem todavia* deram certeza da presença.

Eles não chegaram *nem* deram, *todavia*, certeza da presença.

Eles não chegaram *nem* deram certeza da presença, *todavia*.

Também os advérbios não participam da particularidade das conjunções coordenativas de constituírem um bloco unitário de enunciados coordenados por sua vez coordenado a outro anterior [CA.1]:

Luís é vegetariano, *mas* [não come abóbora nem bebe chá].

Remetemos dois convites ao Paulo, *mas* [ou ele se mudou ou está doente].

Transpositores ou conjunções subordinativas – Já dissemos que o transpositor ou conjunção subordinativa transpõe oração degradada ou subordinada ao nível de equivalência de um substantivo capaz de exercer na *oração complexa* uma das funções sintáticas que têm por núcleo o substantivo.

Falamos em *oração complexa* e chegou o momento de diferençá-la em relação ao *grupo oracional*. Oração complexa é aquela que tem um ou mais dos seus termos sintáticos sob forma de uma oração subordinada.

Esperamos [*que todos venham ao baile*],

em que a oração transposta pelo *que* exerce uma das funções comuns ao substantivo: objeto direto do núcleo verbal *esperamos*.

Já no *grupo oracional* temos orações coordenadas, independentes, e que, por isso mesmo, podem ser usadas separadamente umas das outras:

Chegamos tarde e não assistimos a todo o filme, mas vimos o mais interessante dele.

Chegamos tarde. Não assistimos a todo o filme. Vimos o mais interessante dele.

As conjunções *e* e *mas* não modificam o valor sintático das orações reunidas; apenas indicam o tipo de relação semântica: *adição* (*e*) e *contraste* (*mas*).

Além do *que* transpositor de oração ao nível de substantivo, chamado *conjunção integrante*, e do *que* pronome relativo, que transpõe oração ao nível de adjetivo, a língua portuguesa conta com poucos outros transpositores:

a) *Se* que transpõe oração originariamente interrogativa total, isto é, desprovida de unidade interrogativa, ao nível de substantivo, conhecida, por isso mesmo, como conjunção integrante, a exemplo do *que* anterior:

Ela não sabe [*se terá sido aprovada*].

Aqui a oração interrogativa *Terá ela sido aprovada*? se transpõe, mediante o *se*, ao nível de substantivo e como tal está habilitada a exercer a função de objeto direto do núcleo verbal *não sabe*, sem o primitivo contorno melódico interrogativo.

b) *Se* que transpõe oração ao nível de advérbio, e como tal está habilitada a exercer a função de adjunto adverbial, com valor de circunstância de condição e é, por isso mesmo, chamado *conjunção condicional*.

***Que* e locuções: as chamadas locuções conjuntivas** – A oração transposta a substantivo pela conjunção *que*, de acordo com a função sintática que exerce em relação ao núcleo verbal da oração chamada "principal", pode receber um índice funcional representado por uma preposição. Se exerce função de sujeito, objeto direto, predicativo, não precisará deste índice funcional:

Parece [*que vai chover*].
Esperamos [*que cheguem cedo*].
A verdade é [*que todos se saíram bem*].

Se a função é de complemento relativo ou de objeto indireto, ou complemento nominal, a conjunção *que* vem precedida da conveniente preposição:

Estavam precisando [*de que os ajudassem*].
Ela dedicava seu cuidado [*a que o filho tivesse boa educação*].
Eram poucas as esperanças [*de que tudo acabasse bem*].

Como todo substantivo transposto, a oração subordinada substantiva pode exercer a função de adjunto adverbial; neste caso, o *que* também terá a companhia de uma preposição adequada, que marcará a relação semântica da circunstância:

Tudo sairá bem [*desde que as providências sejam tomadas a tempo*].
[*Sem que estivesse tudo acertado*], não iria viajar.
Trabalhou afincadamente [*para que tivesse uma velhice tranquila*].
Ela só dizia tudo aquilo *porque* [= *por que gostava da verdade*].

Pelo que podemos observar, tais combinações de preposição e conjunção *que* não constituem outros tipos especiais de locuções; são, na realidade, o concurso de um *que*, transpositor de oração a substantivo e de uma preposição que o acompanha como índice de sua função sintática em relação ao núcleo verbal, função, aliás, exercida pela oração inteira.

Nisto, o *que* conjunção difere do *que* pronome relativo, pois aqui a preposição é índice da função sintática que o relativo exerce na oração em que está inserido:

O homem *de que falavas* era pouco conhecido na cidade,

em que o transpositor *que*, precedido de preposição, funciona como complemento relativo do núcleo verbal *falavas*, enquanto a oração transposta a adjetivo *de que falavas* funciona como adjunto adnominal do substantivo *homem*.

Também se formam "locuções" aparentemente especiais quando temos segmentos do tipo *logo que*, *sempre que*, *ainda que*, etc., em que aparecem advérbios (que sozinhos podem funcionar como adjunto adverbial) seguidos do transpositor relativo *que*, já que esse relativo é um "repetidor" de advérbio, papel análogo ao que desempenha como "repetidor" (isto é, referente) de substantivo ou pronome. Assim, se na oração independente *Logo saiu de casa*, o advérbio *logo* funciona como adjunto adverbial; quando a oração se transpõe a subordinada:

[*Logo que saía de casa*], encontrou o amigo,

exercerá também a função de adjunto adverbial. O *que* degrada a oração *saía de casa* a subordinada e lhe confere o papel de termo adjunto do advérbio *logo*. Formalmente, esse relativo será equivalente a *quando*: ***Quando saía de casa**, encontrou o amigo* [AL.1, 236].

Este papel repetidor do relativo *que* parece estar presente em construções do tipo *há* (*faz*)

dias (*meses*, *anos*, *tempo*, etc.), em que já não temos um advérbio, mas substantivo cujo significado léxico aponta para o campo das expressões denotadoras de espaço ou percurso de tempo:

Há *dias que* não o vejo,

em que também, pelo sentido, o relativo equivale a *quando*.

Cabe lembrar, por fim, que, em algumas construções, se pode alterar o significado originário do advérbio, motivado pelos significados dos lexemas que entram na oração e por uma interpretação suplementar, contextual, do falante, calcada na sua experiência de mundo. Assim, *já*, que tem valor originário temporal, ao unir-se ao *que* na fórmula *já que*, passa a uma interpretação causal ou condicional:

Já que todos saíram, desisto do negócio.

Da mesma sorte, *ainda*, nitidamente temporal, ao unir-se ao *que* na locução *ainda que*, altera seu significado para valor concessivo, equivalente a *embora*:

Nada conseguiu da justiça, *ainda que* juntasse todas as provas em sua defesa.

Da mesma sorte que não são conjunções coordenativas os advérbios *contudo*, *entretanto*, *pois*, etc., equivalentes pelo sentido a unidades introdutoras de enunciados adversativos, explicativos e conclusivos, assim também não são conjunções subordinativas certos advérbios de significado causal, concessivo, temporal, consecutivo, etc.

Damos a seguir uma lista das principais conjunções e "locuções conjuntivas" subordinativas, relacionando-as pelo matiz semântico, reunindo, ainda, as que se formam com o concurso do transpositor *que* conjunção e do transpositor relativo *que*, examinados anteriormente, bem como das comparativas e consecutivas que têm outro tratamento. Estudo complementar delas veremos ao tratar das orações subordinadas:

1) CAUSAIS: quando iniciam oração que exprime a causa, o motivo, a razão do pensamento da oração principal: *que* (= *porque*) , *porque*, *como* (= *porque*, sempre anteposta a sua principal, no português moderno), *visto que*, *visto como*, *já que*, *uma vez que* (com verbo no indicativo), *desde que* (com o verbo no indicativo), etc.:

"A memória dos velhos é menos pronta *porque* o seu arquivo é muito extenso" [MM].

"*Como* ia de olhos fechados, não via o caminho" [MA.1, 19].

"*Desde que* se fala, indeterminadamente, e no plural, em direitos adquiridos e atos jurídicos perfeitos, razão era que no plural e indeterminadamente se aludisse a casos julgados" [RB.4, 25].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Já se condenou injustamente o emprego de *desde que* em sentido causal, só o aceitando com ideia temporal (*assim que*) ou condicional.

2.ª) Evite-se o emprego de *de vez que* por não ser locução legítima.

2) COMPARATIVAS: quando iniciam oração que exprime o outro termo da comparação. A comparação pode ser *assimilativa* ou *quantitativa*. É assimilativa "quando consiste em assimilar uma coisa, pessoa, qualidade ou fato a outra mais impressionante, ou mais conhecida" [MC.3, II, 48]. As unidades comparativas assimilativas são *como* ou *qual*, podendo estar em correlação com *assim* ou *tal* postos na oração principal, ou ainda aparecer *assim como*:

"O medo é a arma dos fracos, *como* a bravura a dos fortes" [MM].

"A ignorância, *qual* outro Faetonte, ousa muito e se precipita *como* ele" [MM].

"O jogo, *assim como* o fogo, consome em poucas horas o trabalho de muitos anos" [MM].

A comparação *quantitativa* "consiste em comparar, na sua quantidade ou intensidade, coisas, pessoas, qualidades ou fatos" [MC.3]. Há três tipos de comparação quantitativa:

a) *Igualdade* – introduzida por *como* ou *quanto* em correlação com o advérbio *tanto* ou *tão* da oração principal:

"Nenhum homem é *tão* bom *como* o seu partido o apregoa, nem *tão* mau *como* o contrário o representa" [MM].

"Nada incomoda *tanto* aos homens maus *como* a luz, a consciência e a razão" [MM].

b) *Superioridade* – introduzida por *que* ou *do que* em correlação com o advérbio *mais* da oração principal:

"O orgulho do saber é talvez *mais* odioso *que* o do poder" [MM].

"O homem bom espera *mais do que* teme, o mau receia *mais do que* espera" [MM].

c) *Inferioridade* – introduzida por *que* ou *do que* em correlação com o advérbio *menos* da oração principal:

"Tempos há em que é *menos* perigoso mentir *que* dizer verdades" [MM].

3) Concessivas: quando iniciam oração que exprime que um obstáculo – real ou suposto – não impedirá ou modificará a declaração da oração principal: *ainda que*, *embora*, *posto que*, *se bem que*, *apesar de que*, etc.:

"*Ainda que* perdoemos aos maus, a ordem moral não lhes perdoa, e castiga a nossa indulgência" [MM].

4) Condicionais (e *hipotéticas*): quando iniciam oração que em geral exprime:

a) uma condição necessária para que se realize ou se deixe de realizar o que se declara na oração principal;

b) um fato – real ou suposto – em contradição com o que se exprime na principal.

Este modo de dizer é frequente nas argumentações. As principais conjunções condicionais (e hipotéticas) são: *se*, *caso*, *sem que*, *uma vez que* (com o verbo no subjuntivo), *desde que* (com o verbo no subjuntivo), *dado que*, *contanto que*, etc:

"*Se* os homens não tivessem alguma coisa de loucos, seriam incapazes de heroísmo" [MM].

"*Se* as viagens simplesmente instruíssem os homens, os marinheiros seriam os mais instruídos" [MM].

5) Conformativas: quando iniciam oração que exprime um fato em conformidade com outro expresso na oração principal: *como*, *conforme*, *segundo*, *consoante*:

"Tranquilizei-a *como* pude" [MA.1, 174].

Fez os exercícios *conforme* o professor determinou.

6) Consecutivas: quando iniciam oração que exprime o efeito ou consequência do fato expresso na oração principal. A unidade consecutiva é *que*, que se prende a uma expressão de natureza intensiva como *tal*, *tanto*, *tão*, *tamanho*, posta na oração principal. Estes termos intensivos podem facilmente calar-se:

"Os povos exigem *tanto* dos seus validos, *que* estes em breve tempo se enfadam e os atraiçoam" [MM].

"Os vícios são *tão* feios *que*, ainda enfeitados, não podem inteiramente dissimilar a sua fealdade" [MM].

"Vive de maneira *que* ao morrer não te lastimes de haver vivido" [MM].

isto é: *vive de tal maneira que* (que em consequência...).

7) FINAIS: quando iniciam oração que exprime a intenção, o objetivo, a finalidade da declaração expressa na oração principal: *para que*, *a fim de que*, *que* (*para que*), *porque* (*para que*):

"Levamos ao Japão o nosso nome, *para que* outros mais felizes implantassem naquela terra singular os primeiros rudimentos da civilização ocidental" [LCo *apud* FB.1, 219].

8) MODAIS: quando iniciam oração que exprime o modo pelo qual se executou o fato expresso na oração principal: *sem que*:

Fez o trabalho *sem que* cometesse erros graves.

OBSERVAÇÃO: A Nomenclatura Gramatical Brasileira não agasalhou as conjunções modais e, assim, as orações modais, apesar de pôr o modo entre as circunstâncias adverbiais.

9) PROPORCIONAIS: quando iniciam oração que exprime um fato que ocorre, aumenta ou diminui na mesma proporção daquilo que se declara na oração principal: *à medida que*, *à proporção que*, *ao passo que*, (*tanto mais*)... *quanto mais*, (*tanto mais*)... *quanto menos*, (*tanto menos*)... *quanto mais*, (*tanto mais*)... *menos*, etc.:

"O anão *quanto mais* alto sobe, *mais* pequeno se afigura" [MM].

Progredia *à medida que* se dedicava aos estudos sérios.

10) TEMPORAIS: quando iniciam oração que exprime o tempo da realização do fato expresso na oração principal. As principais conjunções e "locuções temporais" são:

a) para o tempo anterior: *antes que*, *primeiro que*:

"Ninguém, senhores meus, que empreenda uma jornada extraordinária, *primeiro que* meta o pé na estrada, se esquecerá de entrar em conta com suas forças..." [RB *apud* FB.1, 126].

b) para o tempo posterior (de modo indeterminado): *depois que*, *quando*:

Quando disse isso, ninguém acreditou.

c) para o tempo posterior imediato: *logo que*, *tanto que* (hoje raro), *assim que*, *desde que*, *eis que*, (*eis*) *senão quando*, *eis senão que*:

Logo que saíram, o ambiente melhorou.

d) para o tempo frequentativo (repetido): *quando* (com o verbo no presente), *todas as vezes que*, (*de*) *cada vez que*, *sempre que*:

"Quando o povo não acredita na probidade, a imoralidade é geral" [MM].

OBSERVAÇÃO: Evite-se o erro de preceder com *em* o *que* da locução *todas as vezes que* (dizendo: *todas as vezes em que*).

e) para o tempo concomitante: *enquanto*, (*no*) *entretanto que* (hoje raro):

Dormiu *enquanto* estava no cinema.

OBSERVAÇÃO: *Entretanto* ou *no entretanto* são advérbios de tempo, com o sentido de *nesse ínterim*, *nesse tempo*, *nesse intervalo*:

"O aperto dos sitiados aumentava *entretanto* de dia para dia" [RS.2, IV, 208].

Mais modernamente *entretanto* passou a ter sentido adversativo, e, por influência do advérbio, tem sido empregado precedido da combinação *no* (*no entretanto*). Muitos puristas condenam tal acréscimo.

f) para o tempo terminal: *até que*:

Passeou *até que* se sentisse esgotado.

O relativo *que* entra em expressões de tempo: *agora que*, *hoje que*, *a primeira vez que*,

etc.

Agora, *que* tudo acabou, posso pensar mais tranquilamente.

Se o conjunto é proferido sem pausa, estabelece-se uma unidade de sentido à semelhança de *depois que*, *já que*, etc., e se passa a considerar o todo como locução conjuntiva temporal:

Agora que tudo acabou, posso pensar mais tranquilamente.

***Que* excessivo** – Sob o modelo das "locuções" conjuntivas finalizadas por *que*, desenvolveu-se o costume de acrescentar este transpositor junto a advérbio que só por si funciona como adjunto adverbial: *enquanto que*, *apenas que*, *embora que*, *mal que*, etc., construções que os puristas não têm visto com bons olhos, apesar dos exemplos de escritores corretos:

"... porque a ciência é mais lenta e a imaginação mais vaga, *enquanto que* o que eu ali via era a condensação viva de todos os tempos" [MA.1, 24].

Aparece ainda o *que* excessivo depois de expressões de sentido temporal como:

Desde aquele dia *que* o procuro.

Conjunções e expressões enfáticas – As conjunções coordenativas podem aparecer enfatizadas. Para esta ênfase o idioma se serve de vários recursos. Assim, a adição pode vir encarecida das expressões do tipo:

não só... mas (*também*)
não só... mas (*ainda*)
não só... senão (*também*)
não só... que também, etc.

Não só se aplica ao português *mas ainda* ao latim.

A alternativa pode ser enfatizada pela repetição:

Ou estudas *ou* brincas.
Já dizes sim *já* dizes não.
Ora vem aqui, *ora* vai ali.

A série *nem... nem* adquire sentido aditivo negativo.

Nem estudou *nem* tirou boas notas (não estudou e não tirou...)

Quer... quer e *ou... ou*, com o verbo no subjuntivo e tom de voz descendente, podem adquirir um sentido suplementar de concessão quando a possibilidade de ações opostas não impede a declaração contida na oração principal:

Quer estudes *quer* não, aprenderás facilmente a lição.

Nas subordinadas e principais, a correlação de uma expressão com o conectivo ou outro termo da oração a que se prende, para mostrar relação semântica em que essas orações se acham com a circunstância ou fato já expresso, é outro meio de enfatizar a interdependência oracional. Esta expressão memorativa é constituída por advérbio ou equivalente:

"Como os sábios não adulam os povos, *também* estes os não promovem" [MM].
"Quando os homens se desigualam, *então* se harmonizam" [MM].
Embora não me digam a verdade, *ainda assim* perguntarei mais vezes.
"Acabemos, *pois*, de despertar deste mortal letargo" [ED.1, 119].

"Estudemos *portanto*, e não nos deixemos dominar pela preguiça" [RV.1, 251].

10 – Interjeição

Interjeição – É a expressão com que traduzimos os nossos estados emotivos. Têm elas existência autônoma e, a rigor, constituem por si verdadeiras orações. Em certas situações, algumas podem estabelecer relações com outras unidades e com elas constituir unidades complexas. Acompanham-se de um contorno melódico exclamativo. Podem, entretanto, assumir papel de unidades interrogativo-exclamativas e de certas unidades próprias do chamamento, chamadas vocativo, e ainda por unidades verbais, como é o caso do imperativo [AL.1, 240; MC.4, 147].

As interjeições se repartem por quatro tipos:

a) certos sons vocálicos que na escrita se representam de maneira convencional: *ah!*, *oh!*, *hui!*, *hum*; o *h* no final pode marcar uma aspiração, alheia ao sistema do português;

b) palavras já correntes na língua, como *olá!*, *puxa!*, *bolas!*, *bravo!*, *homem!*, *valha!* (com contorno melódico exclamativo);

c) palavras que procuram reproduzir ruídos de animais ou de objetos, ou de outra origem, como: *clic* (*clique*), *tic-tac* (*tique-taque*), *pum!*.

d) locuções interjetivas: *ai de mim!*, *cruz credo!*, *valha-me Deus!*, *aqui d'el-rei!*.

Eis uma relação das interjeições mais comuns da língua, conforme a situação em que se apresentam:

1) de exclamação: *viva!*

2) de admiração: *ah!*, *oh!*

3) de alívio: *ah!*, *eh!*

4) de animação: *coragem!*, *eia!*, *sus!*

5) de apelo ou chamamento: *ó!*, *olá!*, *alô!*, *psit!*, *psiu!*

6) de aplauso: *bem!*, *bravo!*

7) de desejo ou ansiedade: *oh!*, *oxalá!*, *tomara!*

8) de dor física: *ai!*, *ui!*

9) de dor moral: *oh!*

10) de dúvida, suspeita, admiração: *hum!*, *hem!* (também *hein*)

11) de impaciência: *arre!*, *irra!*, *apre!*, *puxa!* (melhor será, não registrado oficialmente, *pucha*)

12) de imposição de silêncio: *caluda!*, *psiu!* (demorado)

13) de repetição: *bis!*

14) de satisfação: *upa!*, *oba!*, *opa!*

15) de zombaria: *fiau!*

Locução interjetiva – é um grupo de palavras com valor de interjeição: *ai de mim*, *ora*

bolas, com todos os diabos.

As interjeições são proferidas em tom de voz especial, ascendente ou descendente, conforme as diversas circunstâncias dos nossos estados emotivos.

Quando estão combinadas com uma frase maior exclamativa, podem-se separar da frase por meio de uma vírgula, ou por meio do ponto de exclamação, ao qual se deve seguir, entretanto, letra minúscula:

> "*Oh!* que doce harmonia traz-me a brisa" [CAv *apud* MC.3, I, 65].

B) Estrutura das unidades: análise mórfica

I – Estrutura das palavras

Palavra e morfema

Palavra e vocábulo: conceito – O termo *palavra* se nos apresenta com aplicações diferentes, que devem ser distinguidas e, portanto, classificadas de maneira diversa. Podemos ver a palavra *habilidade* sob três prismas diferentes: a) o seu aspecto *material, fônico*, como *significante* ou *expressão*; b) a sua *significação gramatical* como uma classe de palavra que se apresenta sob forma de um substantivo feminino singular; c) a sua *significação lexical*, isto é, o que significa a palavra *habilidade* em relação, por exemplo, a *caridade* ou *amabilidade*.

Como expressão material, quanto ao seu aspecto fônico, como "simples" palavra, de formas, não tem nenhum significado e só pode ser classificada pelas suas características físicas: *habilidade* pode ser classificada, por exemplo, pelo seu número de sílabas (polissílabo), ou pela posição da sílaba tônica (paroxítono). Consideradas como puras palavras, há uma só forma *"amo"* (*amo*, 'quero bem' e *amo* 'senhor') e uma só forma "casa" ("a *casa* de meu amigo" e "Maria se *casa* amanhã") [ECs.7, 54]. Nesta acepção, em vez de palavra, se pode usar o termo *vocábulo*, do latim *vox*, que significa 'a voz'.

Aqui temos de relembrar que a fronteira do vocábulo difere se se trata de língua oral ou de língua escrita. Na língua oral, na fala, predomina o ritmo acentual, o que resulta em que as sílabas átonas se agrupam em torno da sílaba tônica, de modo que são as pausas que marcam os limites ou fronteiras dos grupos fônicos, também chamadas *grupos de força*. Assim é que, na língua oral, há um só grupo fônico e, portanto, um só vocábulo, em *aluga-se*, em que a sílaba átona *se* se agrupa em torno da sílaba tônica (*lu*). Por isso, se dá, como reflexo na escrita, a grafia errônea *alugasse* (ou *alugase*). O vocábulo, portanto, nem sempre coincide com a palavra; no exemplo, temos um vocábulo e duas palavras significativas (*aluga* e *se*).

Como já vimos, as sílabas átonas que se agrupam em torno da sílaba tônica podem, segundo a posição, ser *proclíticas* | *syaluga* | – se vêm antes – ou *enclíticas* | *alugase* | – se vêm depois.

Na língua escrita, as fronteiras são demarcadas pelos espaços em branco: *se aluga* ou

aluga-se.

Quando, além da parte fônica (significante), se considera a parte significativa (significado), também há diferenças que devem ser levadas em conta. A questão se põe quando se pergunta quantas palavras existem no conhecido verso de Bilac: *Cheguei. Chegaste. Vinhas fatigada.*

Responderemos que há quatro ou três palavras conforme o conceito por que tomemos o termo *palavra*. Serão quatro se entendermos *cheguei, chegaste* como palavras de significação gramatical diferentes, já que expressam uma o pretérito perfeito do indicativo na 1.ª pessoa do singular (*eu cheguei*) e a outra o pretérito perfeito do indicativo na 2.ª pessoa do singular (*tu chegaste*). Tais significações se dizem "gramaticais" porque decorrem de classificações estabelecidas na gramática da língua portuguesa. Assim, *cheguei* e *chegaste* são contadas como duas *palavras gramaticais*.

Diremos que só há no referido verso três palavras se entendermos *cheguei, chegaste* como palavras de uma só significação lexical, já que ambas têm em comum o significado lexical 'atingir o final de movimento de ida ou vinda', um significado dado pela língua, mas que se situa fora da gramática, pois se trata de uma realidade do mundo em que vivemos. Assim, *cheguei* e *chegaste* são duas formas, duas "flexões" de uma mesma *palavra léxica*, o verbo *"chegar"*.

É neste sentido de *palavra léxica* que dizemos que *boa* é o feminino da "palavra *bom*", que *meninos* é o "substantivo *menino* no plural"[HCv.1, II, 594-595].

Repare-se que nos nossos dicionários o normal é iniciar o verbete com a *palavra léxica* básica: verbo no infinitivo, substantivo no gênero gramatical usual (*livro, vela, pente, ponte*) e adjetivo no masculino singular. Explica-se o procedimento porque o infinitivo, o masculino e o singular representam as formas não marcadas respectivamente do verbo, do substantivo e do adjetivo.

OBSERVAÇÃO: Na literatura linguística e gramatical, costumam os autores distinguir convencionalmente a maneira de indicar o vocábulo e a palavra. Coseriu, por exemplo, usa *itálico* para a palavra como signo, isto é, como expressão (significante) + conteúdo (significado): *chegar* = a palavra portuguesa *chegar* concomitantemente como expressão e conteúdo; itálico e aspas normais (duplas) para a expressão: "*chegar*" = o significante de *chegar* / xegar/; só aspas duplas para o conteúdo: "chegar" = o significado de *chegar*; só aspas simples para os traços distintivos de conteúdo: 'chegar' = traço distintivo que se encontra no conteúdo de *chegar, chegada, chegança, aconchego* e demais componentes da família.

Palavra e morfema – Do que foi exposto acima, conclui-se que em nossa língua, como se repete nas chamadas línguas flexionais, a palavra está constituída indissoluvelmente (a separação só se faz para efeito de análise e estudo) de uma base fônica e de duas formas semânticas, a gramatical e a lexical, conhecidas pelo nome técnico *morfema*.

Chama-se morfema a unidade mínima significativa ou dotada de significado que integra a palavra.

A depreensão do morfema ou dos morfemas que integram a palavra nem sempre constitui uma operação fácil e sujeita a uma única solução. Se tomarmos

falávamos
falava

facilmente depreendemos o elemento comum *falava*, e *mos* como distintivo. A unidade *-mos* indica estar a primeira forma verbal referida à 1.ª pessoa do plural (*nós*), e assim, portadora

de um conteúdo gramatical, é um morfema.

Se agora compararmos

falava
fala,

destacamos o morfema -*va*- que indica que a ação verbal se dá num passado que se prolonga (pret. imperfeito do indicativo). É, assim, outro morfema.

Se agora compararmos

falava
falara

se poderia chegar à conclusão que o elemento ou unidade distintiva das duas formas verbais fosse o -*v*- para a primeira ou o -*r*- para a segunda. A comparação com outras formas (*falava / fala; falara / falasse*, etc.) nos mostraria que as unidades a serem consideradas serão -*va*- e -*ra*-, que marcam o pret. imperf. e o mais-que-perf. do indicativo. Portanto, a depreensão de um morfema não é uma operação puramente material; há de se levar em consideração o seu conteúdo ou significado.

Também, como são unidades que se acham em concorrência com outras unidades, estão passíveis de mudanças na sua estrutura material, devidas a regras morfofonêmicas; no português, são frequentes a elisão e a crase: *porta* + *eiro* → port (*a*) *eiro* → *porteiro* (elisão); *porta* + *aria* → *portaria* (crase). Outras vezes, trata-se de alteração fônica: *fala*VA / *fala*VE*is* (por influência do *i* de *is*); outras vezes, de haplologia: *idade* + *oso* → *idoso* (por *idadoso*).

Tipos de morfema na estrutura das palavras – Na estrutura das palavras, os morfemas derivativos e flexionais se distribuem, quanto ao aspecto formal, pelos seguintes tipos, conforme ocorram por acréscimo (*aditivos*), por subtração (*subtrativos*) e por alternância (*modificativos*).

Há ainda relações gramaticais que se estabelecem no plano sintagmático, como a *concordância*, a *regência* e a "*consecutio temporum*", e também pela posição dos termos no sintagma, conhecida na gramática tradicional pelo rótulo "*ordem das palavras*". Destes tipos falaremos mais adiante.

Em nossa língua, são mais produtivos os morfemas aditivos, ao lado das formações com compostos; são raros os subtrativos, e os modificativos ocorrem com frequência nos casos de flexão nominal e verbal, conforme veremos no lugar competente.

Morfemas aditivos – Representados por:

1) *prefixos*: anteposição à base lexical: *pôr* → *repor; quieto* → *inquieto*
2) *sufixos, interfixos* e *desinências*: posposição à base lexical
3) *infixos:* intercalação no interior da estrutura da base
4) *circunfixos*: anteposição e posposição simultaneamente à base (parassintéticos)
5) *discontínuos*: fragmentação pela intercalação de outro morfema
6) *reduplicativos*: repetição da parte inicial da base

Morfemas subtrativos – Representados por:

1) *subtrativos*: subtração de fonema do radical para exprimir uma indicação gramatical

2) *supressivos*:

a) supressão de um segmento medial pertencente a qualquer das bases;

b) supressão do segmento final

c) supressão de elemento medial por cruzamento de bases

3) *abreviativos*: redução da extensão da palavra, que passa a valer pelo todo

Morfemas modificativos – Representados por:

1) *apofonia*: substituição de fonema vocálico de um radical de um mesmo paradigma flexional ou derivacional por mudança de timbre para indicação de significado gramatical

2) *metátese*: por mudança da sílaba tônica

Os morfemas podem ser classificados ainda como *livres* e *presos*, conforme apareçam independente ou dependentemente no discurso. Os morfemas apresentam: a) uma significação *externa*, referente a noções do nosso mundo (ações, estados, qualidades, ofícios, seres em geral, etc.), b) uma significação *interna* (puramente da esfera das noções gramaticais). A depreensão de um morfema depende de dois requisitos: a) a *significação* e b) a *forma fônica*. É importante observarmos que uma só forma fônica pode representar mais de um morfema: assim *-s* é marca pluralizadora em *as casas* e a 2.ª pessoa do singular em *cantas*. Por outro lado, um só morfema pode ter realizações fônicas diferentes em virtude do contexto fonético em que se acha; por exemplo, o morfema que corresponde à letra *-s* para indicar o plural em português se realiza como / x / diante de consoante surda (os cães), como / j / diante de consoante sonora (os gatos) e como / z / diante de vogal (os homens).79

Os elementos mórficos – Em português, as palavras se podem apresentar sob formas de estrutura diferentes:

a) *mar, sol, ar, é, hoje, lápis;*

b) *aluno, alunas, trabalhávamos;*

c) *casarão, livrinho, cantor, casamento, folhagem, alemão, fertilizar, chuviscar;*

d) *reter, conter, deter;*

e) *guarda-chuva, lanígero, agrícola, planalto, fidalgo.*

Em a) as palavras não se podem dividir em formas menores significativas porque só possuem um elemento mórfico chamado *radical*. *Radical* é o núcleo onde repousa a significação externa da palavra, isto é, relacionada com o mundo em que vivemos.

Já no grupo b) segue-se ao radical (de significação externa) um ou mais elementos de significação interna ou puramente gramatical. *Aluno* pode desmembrar-se em *alun-* e *-o*. O

primeiro elemento (radical) encerra a significação da palavra, cabendo ao final *-o* primeiramente atualizá-la para funcionar como palavra, integrando-a no léxico e secundariamente relacioná-la à marca de gênero, no caso de *-o* e *-a* (este de modo não geral, como acontece com *mapa*, *nauta*, masculinos). Em *alunas* o radical é *alun-*, e *as* encerra dois elementos de significação interna: 1) *-a* (indicador do significado gramatical gênero feminino) e 2) *-s* (indicador do significado gramatical número plural). Em *trabalhávamos* o radical é *trabalh-* e os elementos mórficos de significação interna são: 1) *-va* (que caracteriza o pret. imperf. do indicativo dos verbos da 1.ª conjugação) e 2) *-mos* (que caracteriza a 1.ª pessoa do plural).

Os elementos mórficos de significação interna, indicadores das flexões gramaticais, chamam-se *desinências* e se dividem em *nominais* e *verbais*.

As desinências nos nomes e em certos pronomes marcam as flexões de *gênero* e *número*; nos verbos: *número, pessoa, tempo* e *modo.*

Muitas vezes o radical não pode funcionar imediatamente como palavra; completa-o uma vogal para constituir o *tema* da palavra e por isso se chama *vogal temática* ou atualizador léxico, isto é, atualiza-o para funcionar concretamente no discurso [HCv.4, 7-26].

Tema é, portanto, o radical acrescido da *vogal temática* e que constitui a parte da palavra pronta para funcionar no discurso e para receber a desinência ou sufixo. São exemplos de temas: *livro-, trabalha-*. A vogal temática pode ocorrer num tema simples (*livr- o*) ou derivado (*livr- eir- o*).

Nos nomes as vogais temáticas estão representadas na escrita pelos grafemas *-a*, *-o* e *-e* e nos verbos por *-a*, *-e* e *-i*.

Nos nomes, a vogal temática (*a, o*) cumulativa e secundariamente funciona como a desinência de gênero. A vogal temática *o* ou *e* se acha representada, às vezes, por uma semivogal de um ditongo: *pã*O*, pã*ES. A vogal temática pode passar à variante *u* como ocorre com *afeto* → *afetuoso,* o que se dá, sem ser automático, quando se junta ao *-o* desinência ou sufixo iniciado por vogal [VK.2, 35]. Não têm vogal temática os nomes terminados em vogal tônica, e por isso se dizem *atemáticos*: *fé*. Neste caso, o tema coincide com o radical. Os nomes terminados em consoante (*mar, paz, mal*) apresentam a vogal temática *e*, latente no singular, mas patente no plural (*mares, pazes, males*). Uma característica desses atemáticos terminados em vogal tônica é que esta não é elidida quando seguida de sufixo: *café* → *cafezal, cafeeiro*.

OBSERVAÇÃO: Em geral a vogal tônica final (á, é, ó, ê, ô) resulta da crase da vogal do radical com a temática: *fé* < *fee* < *fide*(*m*). Em análise mórfica fora do plano histórico não cabe desfazer esta fusão.

Afixos: prefixos e sufixos. Interfixos – Nas palavras do grupo c) junta-se ao final da base um elemento mórfico chamado *sufixo* que não tem curso independente na língua (e por isso se chama *forma presa*) para formar uma palavra nova, emprestando-lhe uma ideia acessória e marcando-lhe a categoria (substantivo, adjetivo, etc.) a que pertence. O sufixo assume uma função morfológica, pois, em geral, altera a categoria gramatical do radical de que sai o

derivado (*real* adj. → *realidade* s., embora também possa não lhe alternar a categoria, como *feio* adj. → *feioso* adj.), e relaciona a palavra a que se agrega aos nomes aumentativos ou diminutivos, aos nomes de agente, de ação, de instrumento, aos coletivos, aos pátrios, etc.: *casarão* (aumento), *livrinho* (diminuição), *cantor, lavrador, sapateiro* (nomes de agente ou ofício), *punição, casamento, aprendizagem* (nomes de ação ou seu resultado), *folhagem, lodaçal, cardume, boiada* (nomes coletivos), *alemão, sergipano, cearense, português, minhoto, brasileiro* (nomes pátrios), *fertilizar* (ação), *chuviscar* (ação de pouca intensidade), *alvorecer* (início de ação), *mercadejar* (repetição de ação), *suavemente* (modo). Daí se distribuírem os sufixos em *nominais* (formadores de substantivos e adjetivos), *verbais* (do verbo) e o único adverbial, que é *-mente*, que se prende a adjetivos uniformes ou, quando biformes, à forma feminina: *cômoda* → *comodamente*.80

Nas palavras do grupo d) acrescenta-se ao início da base um elemento mórfico chamado *prefixo*, que empresta ao radical uma nova significação e que se relaciona semanticamente com as preposições. Os prefixos, em geral, se agregam a verbos, como nos exemplos do grupo d), ou a adjetivos: *in- feliz*, *des- leal, sub- terrâneo*. São menos frequentes os derivados em que os prefixos se agregam a substantivos; os que mais ocorrem são, na realidade, deverbais, como em *des- empate.* Ao contrário dos sufixos, que assumem valor morfológico, os prefixos têm mais força significativa, podem aparecer como formas livres (isto é, ter existência independente na língua) e não servem, como aqueles, para determinar uma nova categoria gramatical. Nem sempre existe em português a preposição que corresponde ao prefixo empregado: *intermédio* (cf. preposição *entre*), *combater* (cf. preposição *com*), *depenar* (cf. preposição *de*), *avocar* (cf. prep. *a* = ao lado, para perto de), *sobraçar* (cf. prep. *sob*), *sobrepor* (cf. prep. *sobre*), *embainhar* (cf. prep. *em* = movimento para dentro), mas *abusar* (*ab* = afastamento, privação), *progresso* (*pro* = movimento para diante, favorecimento), *refazer* (*re* = repetição).

Do ponto de vista formal, há ainda para notar que os sufixos derivativos são em geral mais longos que as desinências gramaticais, além de serem estas quase sempre átonas, enquanto aqueles são normalmente tônicos; outra distinção consiste em que os sufixos vêm imediatamente após o núcleo, e as desinências após os sufixos [cf. HCv.2, II, 530 n.35].

Prefixos e sufixos recebem o nome de *afixos*; são prefixos os afixos que se antepõem ao radical, e sufixos os que se lhe pospõem. Há ainda os *infixos* próprios, pois o que se costuma apontar como tal (representado por uma nasal) é de responsabilidade do latim (por exemplo, para distinguir o presente de alguns verbos, como *rumpo* e *findo* dos perfeitos *rupi*, *fidi* e do particípio passado *ruptus, fissus*, e, excepcionalmente, em certas formações nominais)81 e não interessa à gramática descritiva portuguesa. É preciso não confundir esta noção de *infixo* com as vogais e consoantes desprovidas de significado que, na formação de nossa palavras e das que importamos de línguas estrangeiras, principalmente quando o radical termina por vogal tônica, se intercalam para facilitar a pronúncia ou para evitar hiatos, e que, por isso, se chamam *vogais* e *consoantes de ligação*: cha-*l*-eira, pau-*l*-ada, cafe-*t*-eira, lan-*í*-gero, come-*z*-aina, pa-*z*-ada, chapeu-*z*-inho, pedre-*g*-ulho, pedre-*g*-oso.82 A rigor, há em português duas vogais de ligação: *i* e *o*. A vogal *i* na composição de elementos latinos e *o* de elementos gregos: dent*i*frício, gas*ô*metro83.

Temos ainda de considerar o caso dos *interfixos* (denominação adotada por Y. Malkiel), que são elementos átonos sem função gramatical e significativa que servem de ligação entre a base léxica e o sufixo, como ocorre em *glorificar* e *fumarada*, *fogaréu*, *solaréu*, em que os elementos *-ific*, *-ar* se interpõem entre as bases *glória* e o sufixo verbal *-ar* ou *fogo*, *sol* e o sufixo nominal *-éu*. A noção de interfixo não é ponto pacífico entre os estudiosos; muitas vezes se pode entendê-lo como integrante de um conglomerado de sufixos; nos exemplos acima, os conglomerados sufixais seriam *-ificar* e *-aréu*. Outras vezes, muito próxima desta noção, é ver o interfixo como resultado de um alongamento de sufixo, como se pode interpretá-lo na formação *ridículo* → *ridicularizar* (em vez de *ridiculizar*).

Nas palavras do grupo e) temos uma reunião de dois radicais, isto é, ao lado de um radical mais fundamental acrescenta-se outro (e até outros) para dar um significado especial ao conjunto. Dizemos então que as palavras são *compostas*. Estes radicais podem ser *livres*, isto é, usados independentemente na língua (como *guarda-chuva*) ou *presos*, isto é, não são usados isoladamente (como *agrícola* = agr + i + cola, *lanígero* = lan + i + gero).

Nas palavras compostas com radicais livres, do tipo *guarda-chuva*, persiste, como é fácil de observar, a individualidade de seus componentes. Esta individualidade se traduz: a) na escrita, pela mera justaposição de um radical a outro, normalmente separados por hífen; b) na pronúncia, pelo fato de ter cada radical seu acento tônico, sendo o último o mais forte e o que nos orienta na classificação da posição do acento nas palavras compostas (por isso que *couve-flor* é oxítono e *guarda-chuva* é paroxítono). Em tais casos dizemos que as palavras são compostas por *justaposição*.

Chamamos *aglutinação* o processo de formar palavras compostas pela fusão ou maior integração dos dois radicais: *planalto, fidalgo, lanígero, agrícola*. Esta maior integração traduz-se pela perda da delimitação vocabular decorrente: 1) da existência de um único acento tônico; 2) da troca ou perda de fonema; 3) da modificação da ordem mórfica [MC.4, 30].

"A adaptação da primeira palavra pode ser de quatro espécies: 1) mudança da parte final em relação à mesma palavra quando isolada; ex.: *lobis* – (comparar – *lobo*, em *lobisomem*); 2) redução da palavra ao seu elemento radical; ex.: *planalto*, onde *plan-* é o radical de *plano* (o composto indica um solo plano e alto numa montanha); 3) elemento radical alterado em relação à palavra quando isolada; ex.: *vinicultura* (*vin-,* mas *vinh-* em *vinha* 'árvore da uva'); 4) elemento radical que não aparece em português em palavra isolada; ex.: agricultura (a *agr* corresponde, em palavra isolada, *campo*)" [MC.2, 95].

A segunda palavra pode ocorrer com as seguintes alterações: "1) com mudança na parte final; ex.: *monocórdio* (instrumento de uma só corda); 2) com o elemento radical alterado; ex.: *vinagre* (um vinho que é acre); 3) com um elemento radical diverso do que a correspondente palavra isolada; ex.: *agrícola* (ao elemento de composição *cola* corresponde a ideia de *habitar* ou *cultivar*)"[MC.2, 95].

Na língua literária e técnica prefere-se empregar o radical de forma latina a utilizar o de forma vernácula, principalmente quando este já sofreu a evolução fonética. Emprega-se preferencialmente *silvicultura* (e não *selvicultura*), *viticultura* (e não *vidicultura*). Assim ocorre com *áureo, capilar, auricular, ocular, digital,* etc. [Cf. MBa.1, 429-430].

Diferença entre flexão e derivação – A flexão consiste fundamentalmente no morfema aditivo sufixal acrescido ao radical, enquanto a derivação consiste no acréscimo ao radical de um sufixo lexical ou derivacional: *casa + s: casas* (flexão de plural); *casa + inha*: *casinha* (derivação).

A flexão dos nomes e dos verbos apresenta muito frequentemente uma alternância complementar interna que recai na vogal tônica básica: *avô → avó, novo → nova; novo → novos; fiz → fez* (1.ª pessoa → 3.ª pessoa).

Quando falta o morfema aditivo à flexão, e só há alternância, a forma diz-se *forte: avô → avó* ou, mais restritamente se aplica, na gramática portuguesa, às 1.ª e 3.ª pessoas do singular do pret. perfeito do indicativo quando rizotônicas e atemáticas: *ter → tive, teve* (*i/e*), em oposição a *dizer → disse* (eu/ele); *poder → pude, pôde* (*u/o*), em oposição a *haver → houve* (eu/ele).

No plano sintagmático, a flexão provoca o fenômeno da concordância: *móvel novo → móveis novos* em oposição a *a casa nova → a casinha nova.*

Conceito de raiz ou radical primário – Chama-se *raiz*, em gramática descritiva, ao radical primário ou irredutível a que se chega dentro da língua portuguesa e comum a todas as palavras de uma mesma família.

Se tomarmos um vocábulo como *desregularizar* 84, facilmente podemos surpreender diversos graus de radical: o primeiro, destacando-se-lhe a vogal temática e a desinência de infinitivo, é *desregulariz-* (que aparece em *desregularização*); este radical pode ser reduzido, por destaques sucessivos, a: *regulariz* (sem o prefixo) > *regular* (sem o sufixo) > *regul* (cf. o latim *regu(la)* > *reg* (que aparece em *reger, régua*). Este último radical que constitui o elemento irredutível e comum a todas as palavras do grupo chama-se *primário* e coincide, em relação à língua atual, com a *raiz*. *Regul-* é um radical secundário (ou do 2.º grau), como *regular-* um radical terciário (ou do 3.º grau), e assim por diante.

OBSERVAÇÃO: Não interessa à gramática descritiva o conceito de raiz do ponto de vista histórico, que só é válido para a gramática histórica. Há frequentes divergências entre o estabelecimento de uma raiz dentro dos dois tipos de gramática; assim é que, enquanto para a histórica há raiz *ed-* em *comer* (do latim *comedere*, de *edere* = comer), a descritiva a esta reconhece em *com-* (cf. *com-ida, com-ilão, com-ilança*).

A raiz ou radical primário pode apresentar variante ou variantes; assim, a raiz *reg-* se altera em *regr-* (em *regra, regrar, desregrar*).

Base lexical real e base lexical teórica – Na análise mórfica (constitucional), torna-se importante acentuar, como já deixamos claro anteriormente, que nem sempre a unidade léxica que entra na constituição de uma forma derivada ou flexionada é a que se apresenta como básica. Muitas vezes, temos de nos socorrer de uma forma básica teórica, possível no sistema mas não vigente na norma. Assim é que nos plurais dos nomes terminados em consoante, socorremo-nos de uma forma teórica integrada pela vogal temática *-e-* para depois lhe acrescentar o pluralizador *-s*: *mar → *mare* → pl.: *mares.*

Palavras cognatas – Chamam-se cognatas as palavras que pertencem a uma família de raiz e significação comuns: *corpo, corporal, incorporar, corporação, corpúsculo, corpanzil; fugir* (em *foges,* temos a raiz alterada), *fugaz, refúgio, subterfúgio, trânsfuga.* Uma só família de palavras pode ter dois radicais, um de forma erudita, outro de forma popular: *digital* e *dedal, parietal* e *parede*, *capilar* e *cabelo, auricular* e *orelha, acutíssimo* e *agudíssimo*, *paupérrimo* e *pobríssimo, sacratíssimo* e *sagradíssimo*, etc.

Constituintes imediatos – Em análise mórfica, é importante ter em conta o princípio dos constituintes imediatos para que não se façam confusões no plano descritivo da classificação morfológica (vale o mesmo para as relações sintáticas) e se estabeleçam as possíveis gradações de estrutura. Assim é que diante de uma forma como *descobrimento*, não iremos enquadrá-la no grupo das palavras chamadas *parassintéticas* (considerando *des* + *cobri* + *mento*); trata-se de um derivado secundário cujos constituintes imediatos são o radical secundário *descobri-* e o sufixo *ment* (*o*). Em *arduamente* desprezaremos a desinência de feminino *-a-* (válida no vocábulo *árdua*) e analisaremos os constituintes imediatos: *ardua* + *mente*, sendo *ardua-* o radical secundário. Também em *desrespeitosamente* os constituintes imediatos são *desrespeitosa* (por destaques sucessivos > *respeitosa* > *respeit* > *speit,* este último radical primário ou raiz). Em *cantorezinhos* temos os constituintes imediatos *cantor* (*es*) e *zinho* (*s*), depois *cantor* e finalmente *cant-or*. Nessa gradação de elementos componentes de uma estrutura morfológica, nota-se que há certa ordem em sua distribuição; destacam-se primeiro, como nos constituintes imediatos, os elementos externos característicos da flexão, seguidos de elementos internos característicos do processo de transformação das palavras. Em nosso último exemplo, os externos de natureza flexional são representados pelas desinências de plural: *cantor(es),* e *zinho(s)*, enquanto os elementos internos são indicados pelos sufixos diminutivos de *cantor-zinho* (derivação sufixal) e pela desinência de nome de agente em *cant-or* (derivação sufixal).

A parassíntese ou circunfixação – Intimamente ligado à noção dos constituintes imediatos está o conceito de *parassíntese*, conceito não de todo assente entre os estudiosos. Para uns, para haver parassíntese basta a presença de prefixo e sufixo no derivado; é o caso de *descobrimento*, maneira de ver que rejeitamos, por não levar em conta a noção dos constituintes imediatos. Para outros, o processo consiste na entrada *simultânea* de prefixo e sufixo, de tal modo que não existirá na língua a forma ou só com prefixo ou só com sufixo; é o caso de *claro* para formar *aclarar*, em cujo processo entram concomitantemente o prefixo *a-* e o final *-ar*, elemento de flexão verbal que funciona, por acumulação, como sufixo. Como lembra Mattoso Câmara, pode dar-se ainda na parassíntese a adjunção de um sufixo de valor iterativo ou incoativo, o que ocorre em *entardecer* (*en* + *tard(e)* + *ec* + *er*) e *amanhecer* (*a* + *manh(ã)* + *ec* + *er*). Pode-se ainda entender que, a rigor, não existe parassíntese, se partirmos do fato de que, numa cadeia de novas formações, não poucas vezes ocorre o pulo de etapa do

processo, de modo que só virtualmente no sistema exista a forma primitiva. Assim, para se chegar a *farmacolando*, parte-se de um virtual **farmacolar* (à semelhança de *doutorar* em relação com *doutorando*), ou, para *prefeitável*, de um virtual **prefeitar* (como de *amar* para *amável*, ou de um *pagar* para *pagável*). Deste modo, em *aclarar, entardecer, amanhecer* se poderá pensar em partir dos virtuais **clarar, *tardecer, *manhecer* ou **aclaro, *entarde* e **amanhã*. Esta última explicação do fenômeno nos parece ser a melhor solução, abolindo a parassíntese como processo especial de formação de palavras, além de não contrariar o princípio geral da linearidade do signo linguístico.

As formações parassintéticas mais comuns no português ocorrem com o concurso dos prefixos *es -, a-, en-,* e os sufixos *-ear, -ejar, -ecer, -izar: esverdear, esclarecer, apodrecer, anoitecer, enraivecer, entardecer, encolerizar, aterrorizar.*

Haplologia na formação de palavras – A fim de evitar reduplicações de sílabas que pertencem à palavra primitiva e ao sufixo, é comum ocorrer *haplologia* ou *braquilogia*, como em: *caridad(e) + oso → caridoso* (por *caridadoso*) , *bondad(e) + oso → bondoso* (por *bondadoso*), *idad(e) + oso → idoso*. Estas simplificações também ocorrem em produtos por composição: *trágico + cômico → tragicômico*. Podem ocorrer também na língua as formas plenas: *caridadoso, bondadoso*.

Variantes dos elementos mórficos – É comum a variante de determinado elemento mórfico. Assim, altera-se a raiz em *reger* (reg-) e *regra* (regr-) ou *fazer* (faz-) e *fiz*; a desinência modo-temporal do pretérito imperfeito *-va-* (na 1.ª conjugação) ou *-ia-* (na 2.ª e 3.ª conjugações) passe a *-ve-* ou *-ie-*, respectivamente, na 2.ª pessoa do plural, pelo contato do *i* d e *is* da desinência pessoal (*amavas, amáveis, vendias, vendíeis, partias, partíeis*); a desinência de plural dos nomes é sempre *-s-*, mas diante de um plural como *mares*, temos, como já vimos em, de admitir uma forma teórica latente, no singular, não existente na norma, mas prevista no sistema, **mare*, que, servirá de forma básica para o plural *mares*. Ter-se-á de recorrer a essa forma teórica quando o pluralizador *-s* tiver de anexar-se a nome terminado em consoante: *sol → *sole + s > sols > soes → sóis; gás → *gase → gases,* etc. Quando temos formas variantes, aquela que ocorre isoladamente é a que se há de considerar a forma básica; assim é que temos as formas *chapéu* e *chapel* (em *chapelaria, chapeleiro*), mas a básica é *chapéu*, pois a outra só aparece nos derivados [VK.2, 20 n.2].

A forma livre *caber* (em *descaber*) apresenta, por exemplo, uma variante mórfica presa *-ceber* (em *receber, perceber*, etc.).

Tais variantes se chamam, à semelhança dos alofones, *alomorfes*. Destes alomorfes precisam ser distinguidos novos elementos mórficos oriundos de uma análise subjetiva do falante; não conhecendo a etimologia, muitas vezes o falante separa elementos que essa mesma etimologia não consigna. Por este processo, nasceram vocábulos como *sarampo* (do espanhol *sarampión*, e este do latim *sirimpionem*, por se pensar que *sarampão* fosse formado com o sufixo *-ão*), e *rosmano* (tirado de *rosmaninho*, do latim *rosmarinum*, também imaginado um

derivado com o sufixo de grau -*inho*).

Neutralização e sincretismo – A neutralização representa uma restrição no funcionamento das oposições distintivas existentes numa língua, quer no plano da fonologia, quer no plano gramatical (morfologia e sintaxe), quer no plano léxico.

Entende-se por neutralização a suspensão de uma oposição distintiva. Assim, o português estabelece oposição entre *e* aberto e *e* fechado, o que permite distinguir, por exemplo, *sede* (de um governo) e *sede* (sinto sede). Todavia, esta posição distintiva só funciona em posição tônica; se a vogal estiver em sílaba átona, só aparecerá o *e* fechado, na pronúncia normal brasileira, podendo fechar-se ainda mais a um *i*: *pedir/pidir*, sem que se altere o significado.

No plano do conteúdo gramatical, a oposição masculino/feminino fica suspensa com frequência no plural, apresentando-se apenas o masculino. Assim, *a menina e a prima estudiosas* no feminino, mas *a menina e o primo estudiosos*, em que o plural masculino se refere aos substantivos de gêneros diferentes.

Também o singular masculino pode, em certos contextos, assumir valor genérico e, assim, referir-se englobadamente a pessoas do sexo masculino e feminino: *O homem é mortal* (i.é, o homem e a mulher).

Ocorre o mesmo no léxico: *meus tios* pode fazer alusão a meus tios Benedito e Henrique, ou a meu tio Benedito e minha tia Noêmia. *Noite* e *dia* se dizem de partes distintas das "24 horas", mas *dia* pode englobar as duas partes quando empregado em contextos do tipo *Passei dois dias em Maceió*. Assim, o plural como termo marcado apresenta um traço diferencial positivo (com o valor "mais de um"), enquanto o singular, como termo não marcado apresenta dois valores: o contrário do outro (já que o singular é "unidade") e o valor genérico ("pluralidade"). Deste modo se explica por que o termo não marcado pode funcionar "em lugar" do marcado em certos contextos, não podendo haver o fenômeno contrário, isto é, o marcado aparecer "em lugar" do não marcado.

Em todos estes exemplos de neutralização, o termo que abrange toda a extensão da oposição se chamará *neutro*, *não marcado* ou *negativo*, e englobará o termo *positivo* ou *marcado*; assim, os masculinos *menino* e *dia* são termos neutros, e os femininos *menina* e *noite*, termos positivos ou marcados. Também, no sistema verbal, o presente se caracteriza pelo traço neutro, pois que, por isso, pode ser empregado "em lugar" do futuro (*Vou amanhã / Irei amanhã*) e do pretérito (*Pedro I proclama* nossa independência em 7 de setembro de 1822 / Pedro I *proclamou...*). Como ensina Coseriu, o presente, como termo neutro, pode ser empregado "em lugar" de qualquer outro tempo, e até em sentido "atemporal", ou em contextos de valor genérico ou em referência ao "presente eterno": *A terra gira em torno do sol*.

Não se há de confundir *neutralização* ou *sincretismo*. A neutralização, como vimos, é a suspensão, em determinado contexto, de uma oposição funcional que existe na língua em *um* dos seus dois planos: o da expressão ou o do conteúdo.

O sincretismo, por seu turno, é a ausência de manifestação material, numa seção de um paradigma ou em um paradigma, de uma distinção de conteúdo que, em outras seções do

mesmo paradigma ou em outros paradigmas análogos, se manifesta também materialmente. Assim, no paradigma verbal do português, a 1.ª e a 3.ª pessoas, que se distinguem em outros casos (*canto/canta; cantei/cantou*, etc.), não se distinguem, por exemplo, no imperfeito (*cantava*/*cantava*; *saía*/*saía*, etc.). Assim também haverá sincretismo, e não neutralização, em *falaram* como forma da 3.ª pessoa do plural do pret. perf. e do pret. mais-que-perfeito do indicativo, oposição recuperada na forma de 3.ª pessoa do singular (*falou/falara*) e ainda pelo contexto. Repare-se em que não se distinguem *na expressão* (na forma material, no significante), mas a diferença de conteúdo (de significado) persiste.

A diferença é que no sincretismo não há suspensão da oposição, nem há um termo de valor neutro que represente a soma "1.ª pessoa" + "3.ª pessoa". Pode haver sincretismos sintáticos, como, por exemplo, em *sábio alemão*, que admite duas interpretações exclusivas, conforme se entenda *sábio* como substantivo e *alemão* como adjetivo ou vice-versa.

Também em *amor de mãe* temos um sincretismo sintático, pois não se faz nenhuma distinção material se se trata do amor que a mãe tem ou nutre (pelos filhos, por exemplo) ou do amor que os filhos nutrem pela mãe; é o caso análogo ao genitivo "subjetivo" ou "objetivo" em latim. Mas os falantes fazem a distinção de conteúdo e não consideram a mãe como sujeito e objeto ao mesmo tempo.

O sincretismo pode ocorrer, principalmente, por *homonímia*, ou por *alomorfia* e desaparecimento do elemento mórfico, devidos a regras morfofonêmicas. Exemplos de homonímia: a) a vogal temática da 2.ª conjugação é *e*; esta vogal entretanto, passa a *i* no pret. imperf.; na 1.ª pessoa do singular do pret. perf. do indicativo e no particípio, suspendendo a oposição material distintiva com a 3.ª conjugação: vend + i + ia (com crase dos dois *ii*) → *vendia*; *vend + i + i → vendi; vend + i + do → vendido;* b) por outro lado, a vogal temática da 3.ª conjugação (*i*) passa a *e* quando átona, isto é, 2.ª e 3.ª pessoa do singular e 3.ª pessoa do plural do presente do indicativo e a 2.ª pessoa do singular do imperativo, suspendendo a oposição material entre a 2.ª e 3.ª conjugações: *vendes, partes; vende, parte; vendem, partem; vende tu, parte tu.* Também em *falaram*, a análise mórfica auxiliada pelo contexto dirá existir a 3.ª pessoa do plural do pret. perf. do indicativo (*fal-a-ra-m*) ou do pret. mais-que-perfeito (*fal-a-ra-m*).

Exemplos de desaparecimento: a) pela queda da vogal temática *i* do verbo *vir*, suspende-se a oposição, material entre o gerúndio e o particípio: *vindo* (gerúndio), *vindo* (particípio); b) pela queda da vogal temática *e* no infinitivo de *pôr*, este verbo ficou aparentemente afastado da 2.ª conjugação, chegando, durante muito tempo, a constituir razão para uma falsa 4.ª conjugação em português.

Graus de coesão de morfemas – A adição de morfemas nas constituições das palavras apresenta uma combinatória que cabe aqui ser referida. A adição aponta para uma combinatória rígida de modo que a ordem das unidades mórficas se mostra bem determinada. Assim, na estrutura do verbo em português – tomamos o verbo por exemplificação por ser, nas línguas flexivas como a nossa, aquela palavra de elementos estruturais mais rica – temos:

T (radical + vogal temática) + *D* (DMT + DNP)

am-a + re-mos

Em *recompor*, o prefixo *com* se acha mais integrado à significação do verbo *pôr* do que o prefixo *re-*. Também numa construção em que dois adjetivos modificam um mesmo substantivo, o adjetivo mais distante do substantivo é o menos coeso a ele, o que lhe permite normalmente permutar de posição: *céu azul maravilhoso / maravilhoso céu azul*, mas não *azul céu maravilhoso*. Entre prefixos isto não se dá: *recompor* (e nunca **comrepor*) [VK.2, 41].

Subtração nos elementos mórficos – Já vimos que os elementos mórficos podem ocorrer num processo de subtração, ao contrário do que ocorre com o processo por adição. A supressão de morfema é menos comum em português que o processo por adição.

Em português, um exemplo de morfema subtrativo é o que ocorre com os femininos de *anã, irmã, órfã*, obtidos pela eliminação do *-o* do masculino: 85

anão / anã
irmão / irmã
órfão / órfã

Temos ainda formação de palavras por procedimentos supressivos:

a) supressão do segmento medial pertencente a qualquer das bases: *petrodólares, apart-hotel, cineclube, credifone, tragicômico*

b) supressão do segmento final: *narcótico* → *narcotizar; prioridade* → *priorizar; maldade* → *maldoso*.

c) supressão do elemento final por cruzamento de bases: *motel* (motor + hotel), *brasiguaio* (brasileiro + uruguaio), *malular* (malufar + Lula), *sofressora* (sofrer + professora), *criança* (criança + onça), *aborrescente* (aborrecer + adolescente), *chafé* (chá + café). Este procedimento tem sido usado por bons escritores modernos (Guimarães Rosa, Mia Couto).

A subtração pode ocorrer por um processo de abreviação, em que a parte vale pelo todo: *foto* (grafia), *pneu* (mático), *metrô* (politano).

Morfema zero – Diferente do morfema subtrativo é o morfema zero (Ø). Consiste o morfema zero na ausência de uma marca de oposição gramatical em referência a outro termo marcado. Só haverá morfema zero se a noção por ele expressa for inerente à classe gramatical em que ele ocorra.

Assim, no par *alto/alta*, a oposição de gênero aparece marcada nos dois termos mediante *-o* e *-a*, já no par *alto/altos*, a noção de número plural, inerente à classe dos nomes, se acha marcada pelo pluralizador *-s*, enquanto a noção de singular está marcada pela ausência de uma marca. É esta ausência que tem o significado do valor do singular, e assim podemos considerá-la um verdadeiro morfema, a que chamaremos morfema zero (Ø).

Também em *amo, amas, ama*, as duas primeiras formas verbais apresentam marca de 1.ª e 2.ª pessoas do singular; a última (*ama*), pela falta de marca em relação às outras do mesmo

paradigma apresenta morfema zero para significado da 3.ª pessoa do singular.

OBSERVAÇÃO: Têm-se apresentado substantivos do tipo *pires, lápis, alferes*, adjetivos do tipo *simples, triste, feliz, capaz* como exemplos de morfema zero, por terem a mesma forma para o singular e o plural (nos substantivos) e para o masculino e feminino (nos adjetivos). Concordamos com a lição de Herculano de Carvalho, que não vê nestes casos morfema zero; trata-se de palavras que se mostram excepcionalmente alheias às classes gramaticais de número e gênero [HCv.2, II, 608-609]. Desta forma, *pires* não é um singular que permanece invariável no plural, pois não é em si nem singular nem plural, como *simples* não é nem masculino nem feminino.

Acumulação nos elementos mórficos – Entende-se, em geral, por *morfema cumulativo* aquele que reúne em si várias funções gramaticais. Assim, vê-se no *-o* final das formas verbais da 1.ª pessoa do presente do indicativo (*estudo, vendo, parto*) exemplo de morfema cumulativo, já que significa, simultaneamente, a pessoa (1.ª), o número (singular), o tempo (presente ou não passado) e o modo (indicativo).

Também entram na exemplificação de morfema cumulativo as desinências pessoais do pret. perfeito (*-i, -ste, -u, -stes*) porque eventualmente acumulam as funções de desinências modo-temporais que, nestas formas, é zero.

Todavia, esta descrição não é unanimemente aceita. Segundo alguns autores, entretanto, a condição para se considerar que estamos diante de um morfema cumulativo é o fato de duas ou mais significações gramaticais *nunca* serem marcadas por morfemas diferentes: é o que ocorre com as categorias de número e caso em algumas línguas indo-européias mais antigas ou conservadoras.86 Não é o caso, a rigor, do nosso *-o* final de *estud-o, vend-o, part-o*. Como ensina Matthews, tal caso não se ajusta a um modelo regular, pois a desinência costuma permanecer constante nos diferentes tempos e modos verbais. É bem verdade que o tempo e o modo estão sem morfemas aditivos, mas é um caso meramente especial de morfema sobreposto (cumulação acidental, para Sílvio Elia), como lhe chama o linguista citado, em relação com a totalidade do paradigma.

Em relação às desinências número-pessoais do pret. perf. do indicativo, lembremos que o verbo em português separa as desinências número-pessoais das modo-temporais. Assim, parece-nos que a melhor análise é considerar que no pret. perfeito do indicativo a desinência modo-temporal é zero, tal como se dá no presente do indicativo e no presente do subjuntivo. Não passa a sua função gramatical para a desinência número-pessoal.87

Muitas vezes um elemento mórfico utilizado para certa noção pode, por acumulação acidental, servir também para determinar outra noção desprovida de elemento característico (*elemento mórfico subtrativo*). As desinências de pessoa especiais para o pret. perfeito (*-i, ste, -u, -stes*), acumulam as funções de desinência modo-temporal por não existirem elas nestas formas verbais. Assim é que, embora haja elemento mórfico subtrativo, sabemos que *cantei, vendi* e *parti*, por exemplo, estão na 1ª pessoa do singular (função essencial da desinência *i*) do pret. perfeito do indicativo (função acumulativa da referida desinência), como ocorre com *-o* final de *estud-o*, *vend-o*, *part-o*, formas que estão na 1.ª pess. do sing. do pres. do indicativo.

Fusão nos elementos mórficos – Os elementos mórficos podem combinar-se por

justaposição ou por *fusão*. Em *livros* juntou-se ao radical primário a desinência pluralizadora *-s*, justaposta. No plural *canais* (*canale + s) ou *funis* (*funile + s) a integração do radical e desinência é mais íntima, não permitindo a análise dos dois elementos fundidos. No primeiro exemplo (*canais*), a fusão deu origem a um ditongo enquanto no segundo (*funis*) favoreceu uma crase (**funile + s = funi(l)es > funiis> funis*). Na 1.ª pessoa do singular do pretérito perfeito e na 2.ª pessoa do plural do pres. do indicativo da 3.ª conjugação há crase resultante da fusão da vogal temática com a desinência pessoal: *parti* (< partii), *partis* (< partiis) [Cf. VK.2, 20 n.2].

A aglutinação é um caso de fusão e, às vezes, pode ser tão íntima que o sentimento de linguagem moderno não perceba os dois elementos justapostos que a análise histórica patenteia. Dessarte, a gramática descritiva vê em *relógio* uma palavra simples, cujo radical é *relog-*; a histórica remonta aos dois radicais *hora lógio* (isto é, máquina que "diz a hora") [MC.2, 95].

O sufixo adverbial *-mente* foi primitivamente um substantivo de forma livre que se juntava aos femininos de adjetivos: *boa mente, clara mente*; depois houve maior integração dos dois elementos porque a forma livre passou a ser usada como afixo (forma presa) formador de advérbios. Foi desta aplicação de uma palavra como forma presa (afixo) que se originaram, para o português, o futuro do presente (*trabalharei*) e do pretérito (*trabalharia*), pois se uniram ao infinitivo (*trabalhar*) o presente e o pretérito imperfeito do verbo *haver* (*dar hei, dar hia* por *havia*). São casos de *hipotaxe* ou subordinação.

Passando as formas do verbo *haver* a constituir parte da desinência modo-temporal (*trabalharei* desdobra-se em *trabalh-a-re-i, trabalharia* em *trabalh-a-ria*, a gramática descritiva considera as nossas duas formas de futuro como formas simples.

Suplementação nos elementos mórficos – O ponto alto de uma irregularidade em relação ao paradigma da forma regular de determinado elemento mórfico é o processo chamado suplementação (ou *alternância supletiva*), que consiste em suprir uma forma com outra oriunda de radical diferente. O nosso verbo *ser* é anômalo porque, nas suas flexões, pede o concurso de dois verbos: *esse* e *sedēre*, também *ir* está neste caso, pois, além de suas formas próprias, possui as dos verbos *vadĕre* e *esse.*

A intensidade, a quantidade, o timbre e os elementos mórficos – Muitas vezes, em lugar de uma forma linguística, a intensidade, a quantidade e o timbre servem para ressaltar uma noção gramatical. Já vimos como o acento intensivo se mostra decisivo para distinguir o adjetivo, o verbo e o substantivo em *sábia, sabia* e *sabiá*.

A maior demora numa sílaba em regra traduz uma ênfase no significado da palavra:

> "Idiota! Trezentos e sessenta contos não se entregam nem à mão de Deus Padre! Idiota! Idioota!... Idiooooota..." [ML.1, 219].

A desinência do mais-que-perfeito do indicativo *-ra-* (variante *re-*) difere da semelhante que ocorre no futuro do presente, porque aquela é átona e esta é tônica: *cantara* (cant-a-ra) e *cantará* (cant-a-rá), *cantaras* (cant-a-ra-s) e *cantarás* (cant-a-rá-s).

A mudança de timbre (metafonia) concorre com a desinência da palavra para caracterizar o gênero, o número ou a pessoa do verbo: *caroço* (singular com *o* tônico fechado) → *caroços* (plural com *o* tônico aberto); *esse/essa, fez/fiz,* etc.

Há três grupos de alternância de timbre da vogal tônica com funções de indicações gramaticais:

a) | ê | → | é |; |ô | → | ó |

Em alguns nomes e pronomes, marca a oposição entre masculino e feminino ou singular e plural: *esse/essa; novo/nova*; *ovo/ovos.*

Em verbos da 2.ª conjugação marca, no presente do indicativo, a oposição entre a 1.ª pessoa do singular e as outras formas rizotônicas: *devo/deves, deve, devem; torço/torces, torce, torcem.*

b) | ê | → | i |; | ô | → | u |

Em pronomes, marca a oposição entre a referência de masculinos adjuntos e absolutos: *este, esse/isso; aquele/aquilo; todo/tudo.*

Em verbos fortes, marca a oposição entre 1.ª e 3.ª pessoas: *fez/fiz; pôs/pus.*

c) | i | → | ê |; | u | → | ô |; | i | → | é |; | u | → | ó |

Em verbos da 3.ª conjugação, marca, no presente do indicativo, a oposição entre a 1.ª pessoa e as outras rizotônicas: *minto/mentes, sinto/sentes*; *sumo/somes*; *firo/feres*; *durmo/dormes* [VK.2, 43-44].

Em Portugal, em geral, é o timbre aberto ou fechado da vogal tônica que distingue a 1.ª pessoa do plural do presente do indicativo e do pret. perfeito dos verbos da 1.ª e 2.ª conjugações: *lavamos* (â) (presente), *lavamos* (á) (pretérito), *devemos* (ê) (presente), *devemos* (é) (pretérito). No Brasil não fazemos em regra esta distinção, que fica, em geral, a cargo do advérbio adequado: *Hoje falamos disso. Ontem falamos disso.*88

2 – Formação de Palavras do Ponto de Vista Constitucional

Renovação do léxico: criação de palavras – As múltiplas atividades dos falantes no comércio da vida em sociedade favorecem a criação de palavras para atender às necessidades culturais, científicas e da comunicação de um modo geral. As palavras que vêm ao encontro dessas necessidades renovadoras chamam-se *neologismos*, que têm, do lado oposto ao movimento criador, os *arcaísmos*, representados por palavras e expressões que, por diversas razões, saem de uso e acabam esquecidas por uma comunidade linguística, embora permaneçam em comunidades mais conservadoras, ou lembrados em formações deles originados. De tudo isto trataremos no lugar próprio.

Os neologismos ou criações novas penetram na língua por diversos caminhos. O primeiro deles é mediante utilização da prata da casa, isto é, dos elementos (palavras, prefixos, sufixos) já existentes no idioma, quer no significado usual, quer por mudança do significado, o que já é um modo de revitalizar o léxico da língua.

Entre os procedimentos formais temos, assim, a *composição* e a *derivação* (*prefixal* e *sufixal*).

Outra fonte de revitalização lexical são os *empréstimos* e *calcos linguísticos*, isto é, palavras e elementos gramaticais (prefixos, preposições, ordem de palavras) tomados (empréstimos) ou traduzidos (calcos linguísticos) ou de outra comunidade linguística dentro da mesma língua histórica (regionalismos, nomenclaturas técnicas e gírias) ou de outras línguas estrangeiras – inclusive grego e latim –, que são incorporados ao léxico da língua comum e exemplar.

Uma fonte muito produtiva do neologismo vem da criação de certos produtos ou novidades que recebem o nome de seus inventores ou fabricantes, como *macadame, gilete*, etc. Muito próxima a esta via são os nomes criados levando em conta os sons naturais (fonossimbolismo) produzidos por seres e objetos: *Kodak, pipilar,* etc., são as onomatopéias e palavras expressivas.

De todos esses procedimentos de revitalização do léxico, merecem atenção especial para a gramática a composição e a derivação, tendo em vista a regularidade e sistematicidade com que operam na criação de novas palavras.

Conceito de composição e de lexia 89 – Já está assentada a distinção entre *composição* e *lexia*; por composição entende-se a junção de dois elementos identificáveis pelo falante numa unidade nova de significado único e constante: *papel-moeda, boquiaberto, planalto*. Há os compostos com elementos eruditos, geralmente de origem grega e latina, que só ocorrem na língua nessas novas unidades, isto é, que não aparecem independentes no discurso, e há os compostos com elementos vernáculos, de existência independente na língua (*papel-moeda*) ou com leves alterações formais (*planalto: plan*[*o*]*alto, boquiaberto: boqu*[*i*]*aberto*).

Por seu turno, a *lexia* complexa (termo cunhado pelo linguista francês Bernardo Pottier), também dita *sinapsia* (termo de outro linguista francês Emílio Benveniste – em grego ‘junção’, ‘conexão’, ‘coleção de coisas juntas’), é formada de sintagmas complexos que podem ser constituídos de mais de dois elementos: *negócio da China* (‘transação comercial vantajosa’), *pé de chinelo* (‘diz-se da pessoa de poucos recursos’), etc.

Alguns autores incluem a sinapsia no rol dos tipos de compostos, mas Benveniste – e cremos que com razão – prefere distingui-la. São características da sinapsia, segundo este autor:

a) a natureza sintática (não morfológica) da ligação dos elementos, o que muitas vezes torna difícil verificar se houve ou não lexicalização do conjunto;

b) o emprego de transpositores (preposições);

c) a ordem fixa *determinado* + *determinante*;

d) sua forma lexical plena, e a livre escolha de qualquer substantivo ou adjetivo;

e) a ausência de artigo antes do determinante, pois a presença do artigo romperia a unidade do conjunto, como se pode ver em *ar de família / ar da família; casa de pensão / casa da pensão;*

f) a possibilidade de expansão tanto do determinado quanto do determinante, *pouco ar de família / ar de boa família,* pois seu significado, apesar da expansão, é único e constante;

g) o caráter único e constante do significado.

Vê-se que algumas das características apontadas são também comuns aos compostos, o que explica, muitas vezes, a dificuldade de se traçarem limites rígidos entre os dois processos, já que, na língua, é tênue o limite entre o que é livre e o que está fixado.

A sinapsia, cujo resultado é sempre um substantivo ou adjetivo, tem grande vitalidade, especialmente na linguagem científica e técnica e, por isso mesmo, cria problemas na dicionarização dessas unidades lexicalizadas, já que dicionários e gramáticas, no seu levantamento, se guiam com maior atenção pela ortografia.

A relação sintática nas formações sinápticas é marcada normalmente mediante a preposição *de*, aparecendo ainda a preposição *em* ou *a*, esta última por influência estrangeira, em especial quando a unidade designa um artefato, em que o determinante indica o agente motor; *barco à vela, motor à explosão, fogão a gás*, ou uma característica distintiva *televisão a cores / televisão em cores.*

Há compostos em que a lexicalização se apresenta mais evidente que na sinapsia, é o caso dos compostos por *disjunção* e por *contraposição*.

Nos compostos por disjunção nem sempre os dois elementos se juntam graficamente por mais que seja evidente a lexicalização:

opinião pública guerra civil

mas

bicho-carpinteiro peixe-espada

Nestes compostos, o primeiro elemento é a denominação, enquanto o segundo é a sua especificação; assim *peixe-espada* é um *peixe* "que se assemelha a uma espada" e *opinião pública* é uma *opinião* "que é pública". A relação se diz de disjunção porque, embora o segundo seja uma especificação do primeiro, *espada* não é uma subclasse de *peixe* nem *pública* o é de *opinião*, como se os dois elementos pertencessem a classes diferentes.

Os compostos por disjunção são muito empregados nas denominações de plantas e animais, e menos frequentes na linguagem comum.

Os compostos por *contraposição* quando se constituem por dois substantivos, o segundo exerce uma função predicativa que designa a finalidade do primeiro, e há entre eles uma relação sintática de coordenação:

escola-modelo navio-escola
carro-leito carro-bomba

Em *acordo luso-brasileiro* é um acordo que envolve *portugueses* e *brasileiros*.

Nesses compostos com adjetivos étnicos, em geral são preferidas as formas reduzidas às plenas no primeiro elemento: luso-brasileiro (e não lusitano-brasileiro), aliança nipo-russa (e não japonês-russa).

A composição é uma transformação sintática em expressão nominal – Já vimos que compostos como *papel-moeda* se prendem a uma oração de base do tipo de "papel que é

moeda" o que aponta para o fato de tais unidades léxicas serem transformações de construções sintáticas simples ou complexas. Benveniste dá-nos sobre isto lição magistral:

> Os compostos "representam a transformação de certas orações típicas, simples ou complexas, em signos nominais. Não se pode, portanto, explicar a criação dos compostos pela simples junção imediata de dois signos anteriores. Se a composição nominal fosse, como é sempre apresentada, um processo de natureza morfológica, não se compreenderia por que ela parece se realizar em toda a parte, nem como puderam surgir essas classes formais em número limitado, tão parecidos entre as línguas mais diversas. É que o impulso que produziu os compostos não veio da morfologia, onde nenhuma necessidade os solicitaria; ele provém das construções sintáticas com suas variedades de predicação. É o modelo sintático que cria a possibilidade do composto morfológico e que o produz por transformação. A oração, com seus diferentes tipos, emerge assim na zona nominal. Consequentemente, é preciso reconhecer nos compostos uma situação particular. Em geral, eles são arrolados, com os derivados, na "formação dos nomes". Seria preciso, de preferência, fazê-los entrar em um capítulo novo da teoria das formas, consagrado ao fenômeno que poderia se chamar "*metamorfismo*"; entendemos por isso o processo de transformação de certas classes em outras (...). No momento em que a oração é transformada em composto e que os termos da oração se tornam membros do composto, a predicação é colocada em suspenso, e o enunciado atual torna-se virtual. É esta a consequência do processo de transformação.
>
> Assim se define então a função do composto: transferir para o virtual a relação atual de predicação enunciada pela oração de base. É justamente a essa função que correspondem também as características formais dos compostos. Tudo o que pode remeter a uma situação atual é apagado: a predicação verbal está apenas implícita; o primeiro membro, desprovido de qualquer índice de caso, de número, de gênero, é reduzido a um semantema; o segundo termo, sobre o qual repousa a relação sintagmática, toma uma forma e um final novos, índices do estatuto de adjetivo que o composto recebe (...). Ao passar assim para o quadro formal do nome, a oração livre sofre uma inevitável redução de suas latitudes de expressão. Seria seguramente impossível conter os dois termos do composto a multiplicidade de relações sintáticas a que é suscetível a oração livre. Todavia o composto é capaz de maior diversidade do que parece, e suas numerosas variedades recenseadas pelas gramáticas correspondem justamente a tipos diversos de orações (...).
>
> Mas esse relativo empobrecimento da expressão sintática transformada em expressão nominal é compensado pela variedade das combinações que o composto oferece à língua. Ele dá o poder de manejar como adjetivos ou nomes orações inteiras e de fazê-las entrar revestidas nessas novas espécies em outras orações. Assim se constitui particularmente um vasto repertório, sempre aberto, de compostos descritivos, instrumentos da classificação e da nomenclatura, aptos a se tornarem denominações científicas ou epítetos poéticos, e que, além do enriquecimento que proporcionam, mantêm essa atividade metamórfica, talvez o trabalho mais singular da língua" [EBv, 2, 163-164].

Palavras indivisíveis e divisíveis – INDIVISÍVEL é a palavra que só possui como elemento mórfico o radical: *mar, sol, ar, é, hoje, lápis, luz.*

DIVISÍVEL é a palavra que, ao lado do radical, pode desmembrar-se em outros elementos mórficos:

> mares (mar-e-s), alunas (alun-a-s), trabalhávamos (trabalh-á-va-mos).

Palavras divisíveis simples e compostas – Diz-se SIMPLES a palavra divisível que só possui um radical. Os outros elementos mórficos que a compõem ou são de significação puramente gramatical ou acrescentam ao radical a ideia subsidiária que denotam os afixos (prefixos ou sufixos).

Por causa desta nova aplicação de significado que os afixos comunicam ao radical, as palavras simples se dividem em *primitivas* e *derivadas*.

PRIMITIVA é a palavra simples que não resulta de outra dentro da língua portuguesa: *livro, belo, barco*

DERIVADA é a palavra simples que resulta de outra fundamental: *livraria, embelezar, barquinho.*

COMPOSTA é a palavra que possui mais de um radical: guarda-chuva, lanígero, planalto

Tanto as palavras simples (primitivas ou derivadas) como as compostas podem ser acrescidas de desinências que servem para exprimir uma categoria gramatical (flexão) que,

nos nomes e pronomes, traduz as noções de *gênero* e *número* e, nos verbos, *número, pessoa, tempo* e *modo*:

a) primitivas flexionadas: *livros, meninas*

b) derivadas flexionadas: *livrarias, meninadas*

c) compostas flexionadas: *couves-flores, guarda-livros, planaltos*

Quando a palavra é constituída de vários elementos mórficos, cabe, antes de mais nada, estabelecer o princípio dos constituintes imediatos. Analisando, por exemplo, *fidalgotes,* estabeleceremos que a palavra é primeiramente constituída de *fidalgote* + desinência de pluralizador *s*, através de *fidalg(o)* + diminutivo *-ote*.

Processos de formação de palavras – Dois são os principais processos de formação de palavras em português do ponto de vista da expressão ou da sua constituição material:

a) *composição*

b) *derivação*

A COMPOSIÇÃO consiste na criação de uma palavra nova de significado único e constante, sempre e somente por meio de dois radicais relacionados entre si. Isto não impede que um dos elementos do composto seja ele mesmo já um composto, contado como um termo único, pelo princípio dos constituintes imediatos.

1) Substantivo + substantivo:

a) Coordenação – quando há sequência de coordenação de elemento: 1– o determinante precede: *mãe-pátria, papel-moeda;* 2– o determinante vem depois: *peixe-espada, carro-dormitório, couve-flor*;

OBSERVAÇÃO: Os compostos com o determinado antes do determinante são os tipicamente portugueses. Nos compostos coordenativos um dos substantivos funciona como aposto do outro, em geral, o segundo: *peixe-espada* (peixe que se parece com uma espada). Compostos deste tipo em que o determinante vem antes do determinado, como em *mãe-pátria*, são mais raros. "Os realistas e os simbolistas são, porém, os que fazem mais vasto emprego artístico do substantivo por aposição, e cumpre confessar que, pela sua brevidade e viveza, têm estas formações alto poder estético: "A *nau-fantasma*, cortada a amarra, bamboleia nas ondas, prestes a largar" [G. Junqueiro *apud* MBa.2, 116-117]. Quando os elementos são constituídos por substantivos que apresentam formas para os dois gêneros, o determinante vai para o gênero do determinado, por ser este o principal: *batata-rainha*. As exceções explicam-se por analogia. Se não há distinção genérica, não se dará, naturalmente, a concordância: *a cobra-cascavel, a cobra-capelo, o pau-maçã, a fruta-pão, a cólera-morbo*. Quando fica obliterada ou esmaecida a natureza da composição, mais parecendo tratar-se de palavra simples, pode predominar o gênero do último, como ocorre com *o pontapé* [cf. MAg.3, 151-152].

b) Subordinação – quando há subordinação de um elemento, isto é, de um determinante a outro determinado: *arco-íris, estrada de ferro, pão de ló.*

OBSERVAÇÃO: Nesse tipo de subordinação, os elementos se unem por uma relação de complemento de substantivo, do adjetivo ou do verbo [cf. VK.3, 42 n. 5]. É muito natural no português a omissão da preposição *de*, como acontece com *arco-íris* (por *arco da íris, Íris* é nome mitológico). Assim, *porco-espinho* (= porco de espinho), *beira-mar* (= beira do mar), *pontapé* (= ponta do pé), etc. Observe-se que quando o gênero ou o número do 2.º elemento diverge do do 1.º, dá-se muitas vezes a concordância por influência deste: *pedra-raia* (por pedra de raio), *bolo-rei* (por bolo de Reis [Magos]), *sete-estrelo* (por sete estrelas) [cf. LV.2, 1, 441-442].

2) Substantivo + adjetivo (ou vice-versa):

aguardente, obra-prima, fogo-fátuo, belas-artes, baixa-mar, boquiaberto.

3) Adjetivo + adjetivo:

surdo-mudo, luso-brasileiro, auriverde.

4) Pronome + substantivo:

Nosso Senhor, Sua Excelência.

5) Numeral (inclusive latino) + substantivo:

onze-letras (alcoviteira), segunda-feira, bisneto, trigêmeo, sesquicentenário (sesqui = um e meio).

6) Advérbio (*bem, mal, sempre*) + substantivo, adjetivo ou verbo:

benquerença, benquisto, benquerer, malcriação (inutilmente corrigido para má-criação), malcriado, sempre-viva.

7) Verbo + substantivo:

lança-perfume, porta-voz, busca-pé, passatempo.

8) Verbo + verbo ou verbo + conjunção + verbo:

vai-vém, leva e traz, corre-corre.

9) Verbo + advérbio:

pisa-mansinho, ganha-pouco.

10) Um grupo de palavras ou uma oração inteira pode passar, pelo processo da hipotaxe ao nível de palavra:

um *Deus nos acuda*, mais vale um *toma* que dois *te darei*, os *disse me disse*.

Como já vimos, a associação dos componentes das palavras compostas se pode dar por:

a) *justaposição*: guarda-roupa, mãe-pátria, vai-vém.

b) *aglutinação*: planalto, auriverde, fidalgo.

OBSERVAÇÃO: Incluem-se no processo da aglutinação os casos, raros nas línguas românticas, de *incorporação nominal*, mediante os quais se incorpora ao verbo o seu complemento, nome ou pronome, que exerce a função semântica de paciente, locativo ou instrumental: *pesa-me - pêsame,* esp. *rabiatar* (= *atar el rabo*), etc.

"Na análise mórfica de um composto por justaposição, separam-se primeiramente as duas palavras, e, depois procede-se à separação de cada uma delas, se são divisíveis" [MC.2, 94].

Derivação – Derivação consiste em formar palavras de outra primitiva por meio de afixos. De modo geral, especialmente na língua literária e técnica, os derivados se formam dos radicais de tipo latino em vez dos de tipo português quando este sofreu a evolução própria da história da língua: *áureo* (e não *ouro*), *capilar* (e não *cabelo*), *aurícula* (e não *orelha*), etc. [MBa.1, 429-430].

Os afixos se dividem, em português, em *prefixos* (se vêm antes do radical) ou *sufixos* (se vêm depois). Daí a divisão em *derivação prefixal* e *sufixal*.

DERIVAÇÃO SUFIXAL: *livraria, livrinho, livresco.*

DERIVAÇÃO PREFIXAL: *reter, deter, conter.*

OBSERVAÇÃO: Como vimos em **Afixos: prefixos e sufixos. Interfixos**, os prefixos assumem valor semântico que empresta ao radical um novo significado, patenteando, assim, a sua natureza de elemento mórfico de significação externa subsidiária.

Baseados nisto, a gramática antiga e vários autores modernos fazem da prefixação um

processo de composição de palavras.

Sufixos – Os sufixos dificilmente aparecem com uma só aplicação; em regra, revestem-se de múltiplas acepções e empregá-los com exatidão, adequando-os às situações variadas, requer e revela completo conhecimento do idioma. Ao lado dos valores sistêmicos, associam-se aos sufixos valores ilocutórios intimamente ligados aos valores semânticos das bases a que se agregam, dos quais não se dissociam.90 A noção de aumento corre muitas vezes paralela à de coisa grotesca e se aplica às ideias pejorativas: *poetastro, mulheraça.* Os sufixos que formam nomes diminutivos traduzem ainda carinho: *mãezinha, paizinho, maninho.* Outras vezes, alguns sufixos assumem valores especiais (por exemplo *florão* não se aplica em geral a flor grande, mas a uma espécie de ornato de arquitetura), enquanto outros perdem o seu primitivo significado, como *carreta, camisola*. Por fim, cabe assinalar que temos sufixos de várias procedências, sendo os latinos e gregos os mais comuns nas formações eruditas.

Nas formações eruditas greco-latinas serão considerados nesta gramática elementos sufixais formas como - *ífic* -, - *ífer* -, - *duct* - e quejandos, em unidades como *sudorífico, frutífero, aqueduto*, assim como são elementos prefixais formas como *anfi-, extra-, inter-, mono-, multi-, poli-,* em *anfiteatro, extrafino, monovalente, multicolor, polianteia,* etc.

I – *Principais sufixos formadores de substantivos*:

1) Para a formação de nomes de agente, e ainda instrumento, lugar: 91

-tor, -dor, -sor, -or: narrador, genitor, ascensor, cantor, metralhadora, corredor (= lugar por onde se anda)

-nte, estudante, requerente, ouvinte

-ista: dentista, jornalista

-eira, -eiro: lavadeira, padeiro, vendeiro, derradeiro

-ária, -ário: bibliotecária, secretário

2) Para formação de nomes de ação ou resultado de ação, estado, qualidade, semelhança, composição, instrumento, lugar:

a) Derivados de verbo:

-ame: gravame

-ção, -são: coroação, perdição, compreensão, ascensão

OBSERVAÇÃO: Há de se atentar para a correta grafia de *-ção* e *-são*.

-mento: casamento, descobrimento

-ura, -dura, -tura: feitura, mordedura, formatura

-ança (-ancia), -ença (-encia): mudança, esperança, parecença, abundância, convalescença, (ou convalescência)

-ata: passeata

-ada: estada (estadia na norma de Portugal)

-ida (verbos da 2.ª e 3.ª conjugações): acolhida, partida

-agem: vadiagem

-ário: lapidário

b) Derivados de substantivo:

-ada: laçada, braçada, pousada

-ura: cintura

-astro: poetastro

-*estre*: silvestre, campestre
-*ato*: orfanato
-*aço, -aça*: vidraça
-*cínio*: patrocínio (não confundir com o radical -*cinio*, de *canĕre* 'cantar': galicínio 'o canto do galo')

c) Derivados de adjetivos:

-*ismo*: charlatanismo, civismo
-*tude*, -*dão:* amplitude, amplidão, solidão
-*ura*: doçura, brancura (concorrente vitorioso sobre -*or*: *verdor*, *amargor*)
-*eza, -ez*: beleza, viuvez
-*ácia*: audácia, falácia
-*dade*: dignidade
-*mônia*: acrimônia

3) Para significar lugar, meio, instrumento:

-*douro, -doura*: bebedouro, manjedoura
-*tério*: necrotério
-*tório*: dormitório
-*aria, -eria*: livraria, tesouraria, sorveteria
-*edo*: arvoredo
-*bulo*: turíbulo
-*or*: corredor
-*il*: covil (relacionado a nomes de animal, para indicar onde se recolhem)
-*anco*: barranco
-*cro*: simulacro, ambulacro

4) Para significar abundância, aglomeração, coleção:

-*aria, -ário, -eria*: cavalaria, infantaria (ou infanteria), casario
-*al:* laranjal, cipoal
-*edo*: arvoredo
-*eira*: doenceira, desgraceira
-*io*: mulherio
-*ama, -ame, -ume, -um*: mourama, velame, ervum, mulherum, homum, negrume
-*agem*: folhagem
-*ada*: boiada
-*aço*: chumaço
-*alha*: parentalha
-*ardo*: moscardo
-*ana, -aina* (por alongamento): andana, andaina

5) Para significar causa produtora, lugar onde se encontra ou se faz a coisa denotada pela palavra primitiva:

-*ário*: relicário, herbanário
-*eiro, -eira*: açucareiro, chocolateira
-*aria*: livraria, mercearia

6) Para formar nomes de naturalidade:

-*aco*: austríaco
-*ano,-ão*: pernambucano, coimbrão
-*ense, -ês*: cearense, português
-*enho*: estremenho (da Estremadura, Portugal)
-*eno*: madrileno, chileno

-*eu, -éu*: caldeu, hebreu, ilhéu (fem. *ilhoa*)

-*engo*: *flamengo*

-*ico*: brasílico

OBSERVAÇÃO: Em *algarvio* não há sufixo -*io*.

-*ista*: paulista

-*ol*: espanhol

-*oto*: minhoto (ô)

-*ato*: maiato (natural de Maia)

-*ino*: platino, bragantino

-*eiro*: brasileiro

-*eta*: lisboeta

-*aico*: hebraico, caldaico

7) Para formar nomes que indicam maneira de pensar; doutrina que alguém segue; seitas; ocupação relacionada com a coisa expressa pela palavra primitiva:

-*ismo*: cristianismo, classicismo

-*ista*: socialista, espiritista

-*ano*: maometano, anglicano

8) Para formar outros nomes técnicos usados nas ciências [AN.1, 123-124]:

-*ite* (emprega-se para as inflamações): pleurite, rinite, bronquite

-*ema* (é utilizado nos modernos estudos de linguagem com o sentido de "mínima unidade distintiva"): fonema (menor unidade de som); morfema (menor unidade significativa de forma), lexema, semema, estilema, etc.

-*oso* e -*ico* (distinguem óxidos, anídridos, ácidos e sais, reservando-se o último para os compostos que encerrem maior proporção do metaloide empregado): cloreto mercuroso, cloreto mercúrico

-*ato, -eto, -ito* (formam nomes de sais: clorato, cloreto, clorito): clorato de potássio, cloreto de sódio. Para os sais de enxofre usa-se o radical *sulf*: sulfeto, sulfito, e não *sulfur*, que é forma latina: sulfato de quinino, hipossulfito de sódio. Para os de fósforo usa-se o radical *fosf*, para os de flúor *flu*: fosfato, fluato. Para os de carbônio, o uso vulgar aceitou as formas *carbonato*, bem derivada, e *carbureto* (em vez de *carboneto*), que denota influência francesa: bicarbonato de sódio, carbureto de cálcio.

-*ênio* (caracteriza carbonetos de hidrogênio): acetilênio, etilênio, metilênio, etc.

-*ilio* (aparece em certos compostos chamados radicais químicos): amílio, metílio.

-*ina* (aparece em alcaloides e álcalis artificiais): *atropina*, alcaloide da beladona; *cafeína*, do café; *cocaína*, da coca; *codeína*, do ópio; *conicina,* da cicuta; *estricnina*, da noz-vômica; *morfina*, da papoula; *nicotina*, do fumo; *quinina*, da quina; *teína*, da árvore do chá, etc.; anilina, alizarina, etc.

-*io* (aparece em corpos simples): silício, telúrio, selênio, sódio, potássio, etc.

-*ol* (se encontra em derivados de hidrocarbonetos): fenol, naftol, etc.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) A Mineralogia e a Geologia têm também sufixos tomados em sentidos particulares:

-*ita* (para espécies minerais): pirita

-*ito* (para as rochas): granito

-*ite* (para fósseis): amonite

2.ª) Na indústria moderna os produtos novos são marcados com finais -*ax, -ex, -ix, -ox, -ux*, que passaram a ser entendidos como verdadeiros sufixos: ajax, tenax, paredex, pirex, atrix, inox, matox, rodox. Em *xerox* (ou etimológico *xérox*) não temos esse final, pois se prende a um adjetivo grego, que significa *enxuto*.

II – *Principais sufixos de nomes aumentativos e diminutivos, muitas vezes tomados pejorativa ou afetivamente*:

1) Aumentativos:

-*ão, -zão*: cadeirão, homenzão

-*anço*: falhanço, copianço

-arro, -arrão, -zarrão, arraz (arro + az): naviarra, bebarro, santarrão, coparrão, homenzarrão, pratarraz

-eirão: vozeirão

-aço, -aça: ricaço, barcaça, copaço

-astro: poetastro, politicastro, padrasto, madrasta (nos dois últimos houve dissimilação)

-alho, -alha, -alhão: politicalho, muralha, grandalhão

-ama: ourama, poeirama

-anzil: corpanzil

-ázio: copázio

-uça: dentuça

-eima: guleima, guloseima, boleima

-anca: bicanca

-asco: penhasco

-az: fatacaz, famanaz, famaraz

-ola: beiçola

-orra: cabeçorra

-eirão: chapeirão, toleirão

-ento: farturento

2) Diminutivos:

-inho, -zinho, -im, zim: livrinho, livrozinho, dormindinho, florzinha, espadim, bodim, valzim 92

Observação: Nem sempre é indiferente a opção por *-inho* ou *-zinho*. Não toleram *-inho* (e *-ito*) mas *-zinho* (e *-zito*) os nomes terminados em nasal, ditongo e vogal tônica: *cãozinho, cãozito, irmãzinha, albunzinho, raiozinho, bonezinho, urubuzinho*. Também se incluem os terminados em *-r*, embora aí haja alguns em *-inho*, facultativamente: *serzinho, cadaverzinho, caraterzinho; colher* admite *colherinha*, ao lado de *colherzinha*. Os terminados em *-s* e *-z* só toleram *-inho* (*-ito*): *tenisinho, lapisinho, rapazinho*.

-ito, -zito: copito, amorzito, passeandito

-ico: namorico, veranico

-isco: chuvisco, petisco

-eta, -ete, -eto: saleta, diabrete, livreto, saberete

-eco: livreco, padreco

-ota, -ote, -oto: ilhota, caixote, perdigoto

-ejo: lugarejo, animalejo

-acho: riacho, fogacho

-el, -ela, -elo (ora com *e* aberto ora fechado): cabedelo, magricela, donzela, donzel

-iola: arteríola

-ola: camisola (também tem sentido aumentativo quando designa a camisa longa de dormir); rapazola (cf. *-iola*)

-ucho: gorducho, pepelucho

-ebre: casebre

-ula, -ulo, -cula, -culo: nótula, glóbulo, radícula, corpúsculo

-alho, -elho, -ilho, -olho, -ulha: ramalho, rapazelho, pesadilho, ferrolho, bagulho

-aça, -aço, -iça, -iço: fumaça, caniço, nabiça

-el: cordel

III – *Principais sufixos para formar adjetivos*:

-(d)io, -(d)iço: fugidio, movediço (todos tirados do tema do particípio)

-vel, -bil: notável, crível, solúvel, flébil, ignóbil

-ento, -(l)ento: cruento, corpulento

-oso, -uoso: bondoso, primoroso, fastoso (ou fastuoso), untuoso, espirituoso

-onho: medonho, risonho

-az: mordaz, voraz

-udo: barrigudo, cabeçudo
-ício, -iço: acomodatício, enfermiço
-ário, -eiro: diário, ordinário, verdadeiro, costumeiro
-ano: humano
-asco: pardavasco
-esco, -isco: dantesco, principesco, mourisco
-ático: problemático, aromático
-eno: terreno
-áceo: rosáceo, galináceo
-acho: verdacho
-aco: demoníaco
-ado: barbado
-ardo: felizardo
-al: vital, *boçal*
-âneo, -anho: sucedâneo, estranho
-átil: portátil, volátil
-ino, -im: bailarino, paladino, paladim (a apócope de *-ino* a *-im* ocorre mais entre substantivos: *latino* [adj.], *latim* [s.])
-bundo: furibundo
-undo, -ondo: fecundo, redondo
-eo: róseo
-timo: marítimo
-urno: diurno
-iano: canoniano, virgiliano

OBSERVAÇÃO: Dos nomes próprios formam-se adjetivos em *-iano* e não *-eano*: comoniano, machadiano, saussuriano, wagneriano, como já era em latim. [cf. JMa.1, § 189, 2).

-ico: público
-engo, *-lengo*: mulherengo, avoengo, verdoengo (verdolengo)
-al, -ar: anual, escolar
-aico: prosaico
-estre: campestre
-este: celeste
-douro: vindouro, imorredouro
-tório: expiatório, satisfatório
-ivo: afirmativo, lucrativo
-ácea, -áceo (em família de plantas): liliáceas, papilonáceos
-ndo (equivalente ao particípio futuro passivo latino): graduando ('que vai ser graduado'), vitando ('que deve ser evitado'), venerando ('digno de ser venerado'), despiciendo ('digno de ser desprezado', 'desprezível'). Tem tido larga aceitação na nomenclatura de profissões universitárias, nem sempre bem visto pelos puristas: doutorando, farmacolando, engenheirando, etc.

IV – *Principais sufixos para formar verbos*:

1) Para indicar ação que deve ser praticada ou dar certa qualidade a uma coisa (verbo causativo):

-ant(*ar*): quebrantar
-it(*ar*): periclitar, debilitar
-iz(*ar*): civilizar, humanizar, realizar

2) Para indicar ação repetida (verbos frequentativos):

-aç(*ar*): espicaçar, adelgaçar

-*ej*(*ar*): mercadejar, voejar

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Nem sempre indicam repetição da ação; muitas vezes servem para exprimir a mesma noção, apenas por meio de forma entendida por mais sonora.

2.ª) Sobre -*ear* / -*ejar* [cf.MBa.5, 128].

3) Para indicar ação pouco intensa (verbos diminutivos):

-*it(ar*): saltitar, dormitar

OBSERVAÇÃO: Muitos verbos exprimem esta ideia por se formarem de nomes diminutivos: petisco + ar = petiscar; chuvisco + ar = chuviscar; cuspinho + ar = cuspinhar, namorico + ar = namoricar

4) Para indicar início de ação ou passagem para um novo estado ou qualidade (verbos incoativos):

-*ec*(*er*): alvorecer, anoitecer, apodrecer, endurecer, enfurecer

-*esc*(*er*): florescer

OBSERVAÇÃO: A grafia -*escer* é própria das palavras importadas que já chegaram à língua com -*sc-,* ou devidas à analogia.

V – *Sufixo para formar advérbio:*

-*mente* (junta-se a adjetivo na forma feminina, quando houver):

claramente, sinceramente, sossegadamente, simplesmente, horrivelmente, enormemente, primeiramente.

Por extensão, pode ainda muito expressivamente combinar-se com substantivos.

OBSERVAÇÃO: Os nomes terminados em -*ês* e alguns terminados em -*or*, porque no português antigo só tinham uma forma para os dois gêneros, não se apresentam no feminino: portuguesmente, superiormente.

Os advérbios em -*mente* podem ser distribuídos em três classes, conforme o sentido do adjetivo de que se formam [NE.1, 17-18]:

1) exprimem uma ideia de qualidade: *claramente*, *sinceramente*, *simplesmente*, *horrivelmente*;
2) exprimem uma ideia de quantidade ou medida: *copiosamente*, *imensamente*, *enormemente*;
3) exprimem uma ideia de relação de dois seres independente um do outro; entre as idéias de relação citamos as de *tempo* e *lugar*: *primeiramente*, *anteriormente*, *atualmente*.

Prefixos – Os principais prefixos que ocorrem em português são de procedência latina ou grega, sendo que muitos dos primeiros correspondem a preposições portuguesas. Ainda que os prefixos latinos tenham o mesmo significado de seus correspondentes gregos, formando assim palavras sinônimas, estas em regra não se podem substituir mutuamente, porque têm esferas semânticas diferentes.

Assim é que *transformação* e *metamorfose, circunferência* e *periferia, composição* e *síntese* são equivalentes, a rigor, mas não se aplicam indistintamente: *transformação*, por exemplo, é de emprego mais amplo que *metamorfose*.

Algumas vezes há duplicidade da noção expressa pelo prefixo e pela preposição que se segue à palavra derivada prefixalmente: *concorrer com, incorrer em, apor-se a,* etc.93 Outras vezes, o reforço se dá mediante o prefixo e o significado mesmo da palavra base; repare-se a repetição da ideia de *função, aproximidade* do prefixo *com-* e da base *vizinho* neste trecho de Euclides da Cunha: "Esta solidariedade de esforços evidencia-se melhor na vaquejada,

trabalho consistindo essencialmente no reunir, e discriminar depois, os gados de diferentes fazendas *convizinhas*...” [EC.1, 125].

Prefixos e elementos latinos

ab, abs (afastamento, separação): abstrair, abuso

ad, a (movimento para aproximação; adicionamento; passagem para outro estado; às vezes não tem significação própria): adjunto, apor

OBSERVAÇÃO: Não confundir com o *a* sem significação de certas palavras como *alevantar, assentar, atambor*.

ante (anteriormente, procedência – no tempo ou no espaço): antessala, antelóquio, antegozar, antevéspera

ambi (duplicidade): ambiguidade, ambidestro

bene, bem, ben (bem, excelência de um fato ou ação): bendizer, benfazejo

bis, bi, bin (dois, duplicidade): bisneto, biciclo, binóculo

centum, cento: centuplicar, centopeia

circum, circu (em roda de): circunferência, circulação

cis (posição aquém): cisalpino, cisatlântico, cisandino, cisplatino

OBSERVAÇÃO: Ocorre como antônimo de *trans*: transatlântico – cisatlântico.

cum, com, con-, co-, cor (companhia, sociedade, concomitância): cumplicidade, compadre, companheiro, condutor, colaborar, corroborar

contra (oposição, situação fronteira; o *a* final pode passar a *o* diante de certas derivações do verbo): contramarchar, contrapor, contramuro, controverter. Em *contradança* não ocorre o prefixo *contra*; o vocábulo nos veio do francês *contredanse*, do inglês *country-dance* (dança rústica), por etimologia popular, talvez devida ao fato de os pares se defrontarem, uns com os outros (daí o francês *contre*).

decem, deci, decu, dec (dez): decenviro, decilitro, décuplo

de- (movimento para baixo, separação, intensidade, negação): depenar, decompor. Às vezes alterna com *des-: decair — descair*.

de(s), di(s) (negação, ação contrária, cessação de um ato ou estado, ablação, intensidade): desventura, discordância, difícil (dis + fácil), desinfeliz, desfear (= fazer muito feio), desmudar (= mudar muito)

dis(s) (duplicidade, separação, diversidade de partes): dissecar (‘cortar em dois’), disjungir (‘separar duas coisas que estavam juntas’), dispor

ex-, es-, e- (movimento para fora, mudança de estado, esforço): esvaziar, evadir, expatriar, expectorar, emigrar, esforçar

OBSERVAÇÃO: Às vezes alterna-se com *des-, dis:* escampado – descampado; extenso – distenso; esguedelhar – desguedelhar; esmaiar – desmaiar; estripar e destripar; desapropriar e espropriar; desfiar e esfiar; desencarcerar e excarcerar; deserdar e exerdar [MBa.4, 211].

em-, en-, e-, in- (movimento para dentro, passagem para um estado ou forma, guarnecimento, revestimento): embeber, enterrar, enevoar, ingerir

OBSERVAÇÃO: Às vezes alterna-se a forma prefixada com o seu prefixo: *couraçar* e *encouraçar*, *cavalgar* e *encavalgar, trajar* e *entrajar, viuvar* e *enviuvar, bainhar* e *embainhar* [MBa.4, 206].

extra- (fora de, além de; superioridade; o *a* final passa, às vezes, a *o*): extradição, extralegal, extrafino, extroverter

in-, im-, i- (sentido contrário, negação, privação): impenitente, incorrigível, ilegal, ignorância

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Às vezes parece atribuir ao derivado o mesmo valor semântico da forma de base: *incruento, incrueldade*.

2.ª) Algumas vezes indica no que alguma coisa se transforma, isto é, mudança de estado: *incinerar* (‘reduzir a cinzas’), *inflamável* (‘que se transforma em chama’, ‘que se transforma em fogo’), etc.

3.ª) “Os prefixos negativos mais comuns são *in* e *des* ou *de*. São poucas as palavras verdadeiramente antigas formadas com o prefixo *in*, que só se tornam frequentes por imitação literária do latim, dos quinhentistas para cá; a derivação popular é sempre feita com o prefixo *des* ou *de*: *desfazer, descoser, desandar, desamor, desigual,* etc. Alguns tiveram a forma *in*, como *injustiça*, mas ainda em tal caso sempre (antigamente) se preferiu dizer a *sem-justiça* e dizer cousa *sem-nome* a cousa *inominada* ou quejandas expressões” [JR.5, n. 124].

infra- (abaixo): infra-assinado

inter-, entre (posição no meio, reciprocidade): entreter, interpor, intercâmbio

intro- (dentro): introduzir

intra- (posição interior, movimento para dentro; o *a* final passa, às vezes, a *o*): intramuscular, introverter, introduzir

ob-, o- (posição em frente): obstar, opor

per- (através de, coisa ou ação completa, intensidade): percorrer, perfazer, perdurar, persentir (sentir profundamente)

pluri- (muito): pluricelular

pos-, post- (posição posterior, no tempo e no espaço): postônico, pós-escrito

praeter (preter): preterir

primu (primeiro): primogênito

pre-, prae- (anteriormente, antecedência, superioridade): prefácio, prever, predomínio

pro- (movimento para frente, em lugar de, em proveito de): progredir, projeção

re- (movimento para trás, repetição, reciprocidade, intensidade): regredir, refazer, ressaudar (saudar mutuamente), ressaltar, rescaldar (escaldar muito)

retro- (para trás): retroceder, retroagir

satis (suficiente): satisfazer

semi- (metade de, quase, que faz as vezes de): semicírculo, semibárbaro, semivogal

so-, sob-, sub-, sus- (em baixo de, imediatamente abaixo num cargo ou função; inferioridade, ação pouco intensa): soterrar, sobestar, submarino, sustentar, supor

sobre- (nas formações vernáculas), *super-, supra-* (nas formações eruditas) (posição superior, saliência, parte final de um ato ou fenômeno; em seguida; excesso): sobrestar, superfície, supracitado, superlotado

soto-, sota- (posição inferior, inferioridade; logo após): soto-pôr, soto-mestre, sota-voga

trans-, tras-, tres-, tra-, tre- (além de, através de, passar de um lugar a outro, intensidade): transportar, traduzir, transladar, tresloucar, tresmalhar, tresnoitar, trespassar, tresler, tresgastar[94]

Observações:

1.ª) Não se há de confundir *três* (numeral) com *tres* (de *trans*): tresdobrar (triplicar);

2.ª) Às vezes *trans* é empregado como antônimo de *cis*: *transalpino* e *transandino*, por exemplo, opõem-se a *cisalpino* e *cisandino*;

3.ª) Também em certas palavras se podem alternar as variantes deste prefixo: transpassar, traspassar, trespassar; transmontar, tramontar

tris, tri, tres, tre (três): trissílabo, triciclo

ultra- (além de, excesso, passar além de): ultrapassar, ultrafino

un, uni (unidade): uniforme

vice-, vis- (em lugar de, imediatamente abaixo num cargo ou função): vice-presidente, visconde[95]

Prefixos e elementos gregos

a, an, este último antes de vogal (privação, negação, insuficiência, carência, contradição): afônico, anemia, anônimo, anoxia, amoral

aná (inversão, mudança, reduplicação): anabatista, anacrônico, analogia, anatomia, anáfora

anfí (duplicidade, ao redor, dos dois lados): anfíbio, anfibologia, anfiteatro

antí (oposição, ação contrária): antídoto, antártico, antípodas, antiaéreo

apó (afastamento): apologia, apocalipse

arqui, arce (superioridade hierárquica, primazia, excesso): arquiduque, arquimilionário, arcediago

catá (movimento para baixo): catacumba, catarata, católico

di (duplicidade, intensidade): dilema, dissílabo, ditongo

diá, di (através de): diálogo, diagrama

Observação: Pensando-se que *diálogo* é conversa de dois, tem-se empregado erradamente *triálogo* para conversa de três.

dis (dificuldade): dispepsia, disenteria

ec-, ex-, exo-, ecto (exterioridade, movimento para fora, separação): eczema, exegese, êxodo, exógeno, ectoderma

en-, em-, e- (interioridade): encômio, encíclica, enciclopédia, emblema, elipse

endo (movimento em direção para dentro): endocarpo, endovenosa

ento (interior): entófito (planta que vive dentro de outra)
epí (sobre, em cima de): epiderme, epitáfio
eu (excelência, perfeição, bondade): eufonia, euforia, eufemismo
hemi (metade, divisão de duas partes): hemiciclo, hemisfério
hipér (excesso): hipérbolo, hipérbato
hipó (posição inferior): hipocrisia, hipótese, hipoteca
metá (mudança, sucessão): metamorfose, metáfora, metonímia
pará (proximidade, semelhança, defeito, vício, intensidade): parábola, paradigma, paralela, paramnésia
perí (em torno de): perímetro, período, periscópio
pró (anterioridade): prólogo, prognóstico, profeta
prós (adjunção, em adição a): prosélito, prosódia
proto- (início, começo, anterioridade): protótipo, proto-história, proto-mártir
polí- (multiplicidade): polissílabo, politeísmo
sýn-, sým-, sý- (conjunto, simultaneidade): sinagoga, sinopse, simpatia, silogeu
tele- (distância, afastamento, controle feito à distância): telégrafo, telepatia, teleguiado

Correspondência entre prefixos e elementos latinos e gregos

Latinos	Gregos
des, in [1]: desleal, infeliz	*a, an*: amoral, anemia
contra: contrapor	*antí*: antipatia
ambi: ambiguidade	*anfi*: anfibologia
ab: abuso	*apó*: apogeu
bi(s): bilabial	*di*: dissílabo
trans: transparente, transformação	*diá, metá*: diáfano, metamorfose
in: ingressar	*en*: encéfalo
intra: intramuscular	*endo*: endovenoso
ex: exportar	*ec, ex:* êxodo
super, supra: superfície, supralingual, superlotar	*epí, hipér*: epiderme, hipertrofia
bene: benefício	*eu*: eufonia
semi: semicírculo	*hemi*: hemisfério
sub: subterrâneo	*hipó*: hipótese
ad: adjetivo	*pará*: paralelo
circum: circunferência	*perí*: periferia
de: depenar	*catá*: catarata
cum: composição	*sýn*: síntese

1. O prefixo *in* literário e erudito, ao contrário de *des-* popular, ganhou por isso certa cortesia e polidez, e constitui em neologismos, um recurso de eufemismos que cada vez mais se generaliza: *inverdade* (por *mentira*), *inexato, indelicado, indonto, impolido, inverídico, imerecido, inativo.*

OBSERVAÇÃO: Há também sinônimos ou equivalentes semânticos greco-latinos ou *doublets* bilíngues. Vejam-se os lembrados por [MBa.5, 103, n.18].

Latinos	Gregos
abecedário	*alfabeto*
florilégio	*antologia*
sudorífico	*diaforético*
unicórnio	*monoceronte*
rouxinol	*filomela*
península	*quersoneso*
novilúnio	*neomênio*
avareza	*filargiria*
favânio	*zéfiro*

Outros processos de formação de palavras – Além dos processos gerais típicos de formação de palavras, possui o português mais os seguintes: *formação regressiva, abreviação, reduplicação, conversão* e *combinação*.

Intimamente relacionada com a derivação temos a formação regressiva ou deverbal, que consiste em criar palavras por analogia, pela subtração de algum sufixo, dando a falsa impressão de serem vocábulos derivantes: de *atrasar* tiramos *atraso*, de *embarcar, embarque*; de *pescar, pesca*; de *gritar, grito*. Assim também os vocábulos *rosmaninho* e *sarampão* foram tomados, respectivamente como diminutivo e aumentativo, marcados, portanto, com sufixos de grau, e daí se tiraram as formas regressivas *rosmano* e *sarampo*, como falsos primitivos.

Tais derivados regressivos procedem da primeira ou da terceira pessoa do singular do presente do indicativo, o que explica sua distribuição em substantivos de tema em *-o* (se provindos da 1.ª pessoa) ou de tema em *-a* ou *-e* (se provindos da 3.ª pessoa), sem que se possa prever a opção da norma para a escolha da vogal temática. Os de tema em *-o* têm maior vitalidade no português moderno, especialmente na variedade informal: *o amasso, o agito, o chego, o sufoco, o apago* [VK.3, 23-24].

O Prof. Said Ali distribui-os em quatro grupos, levando em conta seu gênero gramatical:

"1.º) Masculino em *-o*: atraso, assento, emprego, voo, esforço, choro, degelo, remo, mergulho, suspiro, mando, confronto, rodeio, galanteio, festejo, gargarejo, etc.

2.º) Masculino em *-e*: embarque, desembarque, combate, corte, toque, etc.

3.º) Feminino em *-a*: amarra, pesca, sobra, suplica, leva, engorda, desova, renúncia, rega, esfrega, entrega, escolha, etc.

4.º) Masculinos e femininos: pago, paga, custo, custa, troco, troca, achego, achega, grito, grita, ameaço, ameaça" [SA.2, 163]

Neste processo, os substantivos tirados de verbos denotam ação, enquanto os substantivos que dão origem a verbos denotam, em geral, objeto ou substância, como *arquivo* → *arquivar, timbre* → *timbrar, apelido* → *apelidar*, e assim por diante. A vitalidade lhes garante formação de derivados: de *apago* se formou *apagão* nos blecautes, momentâneos ou demorados, das grandes cidades.

A ABREVIAÇÃO consiste no emprego de uma parte da palavra pelo todo. É comum não só no falar coloquial, mas ainda na linguagem cuidada, por brevidade de expressão: *extra* por *extraordinário* ou *extrafino*.

A forma abreviada passa realmente a constituir uma nova palavra e, nos dicionários, tem tratamento à parte, quando sofre variação de sentido ou adquire matriz especial em relação àquela donde procede. *Fotografia* e *foto* são *sinônimos* porque designam a mesma coisa, embora a sinonímia não seja absoluta. *Foto*, além de ser de emprego mais corrente, ainda serve para títulos de casas do gênero, o que não se dá com o termo *fotografia*.

Pode-se incluir como caso especial da abreviação o processo de se criarem palavras, com vitalidade no léxico, mediante a leitura (isoladas ou não) das letras que compõem siglas, como, por exemplo:

ONU (Organização das Nações Unidas)

PUC (Pontifícia Universidade Católica)

UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

USP (Universidade de São Paulo)

PT (Partido dos Trabalhadores)

Destas abreviaturas se derivam, mediante sufixos: *puquiano*, *uergiano*, *uspiano*, *petista*, etc.

A REDUPLICAÇÃO, também chamada *duplicação silábica*, consiste na repetição de vogal ou consoante, acompanhada quase sempre de alternância vocálica, para formar uma palavra imitativa:

> *tique-taque, reco-reco, pingue-pongue* (que provavelmente representa o chinês *ping-pang*, através do inglês *ping-pong*, segundo Sapir [ES.1, 82].

Este é o processo geralmente usado para formar as onomatopeias (Ú 74).

A CONVERSÃO consiste no emprego de uma palavra fora de sua classe normal:

> *Terrível palavra é um* ***não****. Não consegui descobrir o* ***porquê*** *da questão.*
>
> *Ele é o* ***benjamim*** *da família.*

Entre os casos de conversão podemos incluir a passagem, por hipertaxe, um grupo de vocábulos (geralmente o final) a palavra isolada: *Ele tem certas* ***fobias*** *(fobia* é a parte de um grupo de palavras que designam aversão a uma coisa: *fotofobia, xenofobia, hidrofobia,* etc). Estamos no século dos *ismos* e das *logias*.

OBSERVAÇÃO: Os casos de conversão recebiam o nome de *derivação imprópria*. Como a conversão não repercute na estrutura do significante de base, muitos estudiosos, com razão, não a incluem como processo especial de formaçao de palavras, como demonstra a hipertaxe.

A COMBINAÇÃO é um caso especial de composição em que a nova unidade resulta da combinação de parte de cada um dos dois termos que entram, na formação: *português + espanhol → portunhol; Bahia + Vitória → Bavi.* São comuns na linguagem jocosa: *sofrer +*

professor → sofressor; *aborrecer + adolescente → aborrecente.*

A INTENSIFICAÇÃO é um caso especial de intensificação ou expressividade semântica de uma palavra já existente mediante o alargamento de sufixos, quase sempre -*izar*, ou às vezes por modelos franceses ou ingleses: *agilizar* por *agir*, *veiculizar* por *veicular*, *obstaculizar* por *obstar*, *protocolizar* por *protocolar*, *culpabilizar* por *culpar*, *depauperizar* por *depauperar.*

Hibridismo – Chama-se hibridismo à formação de palavras com elementos de idiomas diferentes. São mais comuns os hibridismos constituídos da combinação de elemento grego com outro latino ou românico: *sociologia* (latino e grego), *autossugestão* (grego e português), *televisão* (grego e português), *burocracia* (francês *bureau* e grego), *automóvel* (grego e português), *decímetro* (latino e grego).

A nossa língua forma com facilidade hibridismos com elementos estrangeiros que se acham perfeitamente assimilados ao idioma, que passam como elementos nativos. Assim é que *fobia*, *mania, filo, tele, macro, micro, neo, pseudo, auto* e sufixos como *ismo, ista, ico* se juntam a elementos de qualquer procedência: *germanófilo, russófilo, germanofobia, russofobia, retratomania, teleguiado, micro-ônibus, neovencedor, pseudovencedor, autocrítica, autorretrato, caiporismo, governista.*[96]

Radicais gregos mais usados em português – Grande é o número de radicais gregos que encontramos no vocabulário português. Muitos deles nos chegaram através do latim e são antiquíssimos; lembremo-nos de que nos sécs. XVI a XVIII o latim era o veículo das obras de ciência e de filosofia em que abundavam os empréstimos de palavras gregas. Na adaptação dos termos gregos para o latim, geralmente se procedia da seguinte maneira: *k, ai, ei, oi, ou, u, r* (aspirado) gregos eram transliterados para latim, respectivamente em *c, ae, i, oe, u, y* e *rh*, e esta prática prevalecia para o português e demais línguas modernas. Esta norma nem sempre é hoje obedecida quando se trata de novos termos científicos. Assim é que se prefere *calidoscópio* a *caleidoscópio* (ei > i), apesar de, na linguagem técnica, dizer-se *dêictico* e não *díctico*. Aberta a porta para a introdução de palavras ou elementos de empréstimo numa língua, esta pode utilizá-los como bem lhe aprouver, criando distinções até então desconhecidas na língua de origem; assim é que, em português, distinguimos *amoral* 'que não é nem contrário nem conforme a moral' e *imoral* 'contrário a moral'.

Nessas criações com elementos eruditos, como bem diz Benveniste, o criador pensa na sua língua e escolhe o termo greco-latino, cujo significado originário nem sempre é o pretendido; o citado linguista estuda o termo *micróbio* criado por Sédillot (1804-1882) e mostra que, além da palavra não existir no grego, jamais seria criada para significar 'vida curta', pois *mikrós* não se ligaria a *bíos*, como em português não se apõe *breve* a *vista*, mas *vista curta.* Por outro lado, em regra não vamos ao grego para formar palavras novas; elas nos vêm do estrangeiro, mormente de França, e agora dos países de língua inglesa, através da nomenclatura científica

comum à maioria das nações cultas. E os erros que lá fora se cometem na formação dos neologismos não são por nós corrigidos. Aceitamos, e não há como corrigi-las, formas errôneas, como *quilômetro* (por *quiliômetro*), *hectômetro* (por *hecatômetro*).

Outras vezes não se leva em conta o significado rigoroso do termo grego. Assim se aplica *álgos* à dor física em vez da moral e se diz *cefalalgia* (dor de cabeça), *odontalgia* (dor de dente), *nevralgia* (dor de um nervo); também empregando-se *geo* para indicar *terra* como elemento, em vez de *argila* (uma vez que o primeiro só se poderia aplicar ao globo terrestre), se diz *geófago* (= comedor de terra) por *argilófago*. Ainda nos cabe dizer que muitos dos nomes técnicos, principalmente gregos, trazem na sua etimologia uma noção que o progresso científico considera errônea ou imperfeita. Destarte, *átomo*, que significa *indivisível*, *o que não se pode mais dividir*, não pode ser hoje tomado ao pé da letra; *oxigênio* quer dizer *gerador de ácidos*, como se todos os ácidos contivessem este corpo. Como são termos cuja etimologia não é inquirida, podem continuar a ser empregados sem inconveniência. Por fim, lembramos os casos de *esquecimento etimológico* em que o sentimento moderno não dá conta do significado de elemento constitutivo da palavra, dizendo, por exemplo, *ortografia correta* (orthós = correta), *caligrafia bonita* (calós = belo). Os bem falantes reagem contra muitos esquecimentos como *hemorragia de sangue, decapitar a cabeça, exultar de alegria*, estes dois últimos latinos.

Os principais radicais gregos usados em português são:

aér, aér-os (ar, vapor): aeronauta, aerostato, aéreo
ángel-os, aggel-os (enviado, mensageiro): anjo, evangelho
ág-o, agog-ós (conduzir, condutor): demagogo, pedagogo
ag-ón, ôn-os (combate, luta): agonia, antagonista
agr-ós (campo): agronomia
aithér (céu): etéreo
âthlon (certame): atleta
eti-a, aití-a (causa): etiologia
ácr-on, ákr-on (alto, extremidade): acrópole, acrobata, acróstico
álg-os (sofrimento, dor): nevralgia, nostalgia
állos (outro): alopatia
alpha (a = 1.ª letra do alfabeto): alfabeto
ánem-os (vento, sopro): anemoscópio, anêmona
ânt-os, ânth-os (flor): antologia
antrop-os, ánthrop-os (homem): filantropo, misantropo, antropófago
arc-aîos, arch-aîos (antigo): arcaico, arqueologia
arc, arkh-é (governo): anarquia, monarquia
arc, arch-ós (chefe que comanda): monarca
aritm-ós, arithm-ós (número): aritmética, logaritmo
árct-os (urso): ártico, antártico ("o nome *ártico* refere-se às constelações Grande Urso e Pequena Ursa, em uma das quais se acha a Estrela Polar", [SA.2, 167].
astér, ast(é)r-os (estrela): asteróide, astronomia
atmós (vapor): atmosfera
aut-ós (si mesmo): autógrafo, autonomia
bál-o, báll-o (projetar, lançar): balística, problema, símbolo
bor-is, bor-ýs, bár-os (pesado, grave): barítono, barômetro
bibl-íon (livro): bibliófilo, biblioteca

bí-os (vida): biografia, anfíbio
cené, skené (tenda): cenografia
cianos, *kýanos* (azul): cinanídrico
cir, *quir-ós*, *cheír*, *cheir-ós* (mão): quiróptero, cirurgia, quiromancia
cion, *kýon* (cão): cinegética
col-é, *khol-é* (bílis): melancolia
cor-os, *corea*, *chor-ós* (coro): coreía, (dança em coro), coreografia
clorós, klorós (verde): clorofila
cron-os, *chrón-os* (tempo): crônico, cronologia, isócrono, anacronismo
cópto, *kópto* (bato, corto): síncope
crom-a, *khrôm-a* (cor): cromolitografia
chíliai, *chília* (mil): quilômetro, quilograma
cris-ós – chrys-ós (ouro): crisóstomo, crisália, crisântemo
crátos, *krátos* (força): democracia
crípto, *krípto* (escondo): criptônimo, criptografia
quil-ós – chylós (suco): quilífero
dáctil-os – dáktyl-os (dedo): datilografia ou dactilografia
déca, *déka* (dez): decassílabo, decálogo
dêm-os (povo) democracia, epidemia
dérm-a (pele): epiderme, paquiderme
dís, di (dois): dissílabo, ditongo
dis, *dys* (mal, difícil): digestão
dô-ron (dom, presente): dose, antídoto, Pandora
dóx-a (opinião): ortodoxo, paradoxo
drâ-ma — atos (ação, drama): drama, dramático, melodrama
dróm-os (corrida, curso): hipódromo, pródromo
dínam-is — dýnam-*is* (força): dinâmica, dinamômetro
édr-a (base, lado): pentaedro, poliedro
id-os, *eîd-os* (forma), donde procede *óide* (que se assemelha a): elipsoide
ic-ón — eik-ón — ón-os (imagem): ícono, iconoclasta
électra — élektr-on (âmbar, eletricidade): elétrico, eletrômetro
estoma, *stóma* (boca): estômago, estomatite
érg-on (obra, trabalho), daí os sufixos — urgo, — urgia: metalurgia, dramaturgo, energia
escafe, scáphe (barco): escafandro
énter-a (entranhas, intestino): enterite, disenteria
estásis, *stásis* (ação de estar): hipóstaxe
étn-os — éthn-os (raça, nação): étnico, etnografia
étimos, *étymos* (verdadeiro): etimologia
gám-os (casamento), daí *gamo* (o que se casa): polígamo, bígamo, criptógamo
gastér, *gast(é)-ros* (ventre, estômago): gastrônomo, gastralgia
gê, *geo* (terra): geografia, geologia
génes-is (ação de gerar): gênese, hidrogênio
gén-os (gênero, espécie): homogêneo, heterogêneo
giné, *gyné* (mulher): ginecologia
giminós, *gyminós* (nu): ginástica
glôss-a ou *glôtt-a* (língua): glossário, glotologia, epiglote
gon-ía (ângulo): polígono, diagonal
gon-ós (formação, geração): cosmogonia, teogonia
gráf-o, gráph-o (escrever), e daí *graph-ía* (descrição), *gráph-o* (que escreve), *grámm-a* (o que está escrito):

geografia, telégrafo, telegrama
hágios (sagrado): hagiologia
hem-a — haêm-a — atos (sangue): anemia, hemorragia
here-o — hairé-o (tomar, escolher): heresia, herético
hélios (sol): helioscópio, heliotrópio
hemér-a (dia): efêmero, efemérides
hemí (metade): hemiciclo
héter-os (outro): heterodoxo, heterogêneo
heptá (sete): heptassílabo
héx (seis): hexágono
hier-ós (sagrado): hierarquia, hieróglifo
híp-os — hípp-os (cavalo): hipódromo, hipófago
hól-os (entregue de todo, inteiramente): ológrafo, holocausto
hom-ós, *homeo* (semelhante, o mesmo): homogêneo, homônimo, homeopatia
hór-a (hora): horóscopo
horáo (vejo), *hórama* (visão): panorama
hid-or — hýd-or (água), daí *hidro, hydro,* como elemento de composição: hidrogênio, hidrografia
ict-io — icht-ýo — ýos (peixe): ictiologia, ictiófago
ídios (próprio, particular): idioma, idiotismo
ísos (igual): isócrono, isotérmico
cac-ós — kak-ós (mau): cacofonia, cacografia
cal-ós — káll-os (belo), *kallos* (beleza): caligrafia
card-ía — kard-ía (coração): cardíaco, pericárdio
carp-ós — karp-ós (fruto): pericarpo, endocarpo
cefal-é — kephal-é (cabeça): cefalgia, encéfalo
clíno, klíno (inclino): ênclise, próclise
cósm-os — kósm-os (mundo): cosmografia, cosmopolita
coinós, *koinós* (em comum): cenobita
crát-os — krát-os (poder): democrático, aristocrático
cicl-os — kykl-os (círculo): hemicídio, bicicleta
lég-o (dizer, escolher): prolegômeno, ecletismo
lepís, *lepídeos* (escama): lepidóptero
lambán-o (tomar, daí *lêps-is* (ação de tomar), *lémma* (coisa tomada): eplepsia, lema, dilema
lítos, líthos (pedra): monólito, litografia
lóg-os (discurso, tratado, ciência): diálogo, arqueologia, bacteriologia, epílogo
máqu-e — mách-e (combate): logomaquia
macr-ós — makr-ós (comprido, longo): macróbio
man-ía (mania, loucura, gosto apaixonado por): bibliomania, monomania
manci-a — manteí-a (adivinhação, profecia): cartomancia, quiromancia
mártys — mártyros (testemunha): mártir, martirólogo
mazós (mama, seio): mastodonte
mégas, megále (grande): megalomania, megalócito
mélas, *mélan* (negro): melancolia, melanésia
mélos (música, canto): melodia, melodrama
méros (parte): pentâmero
mésos (meio): Mesopotâmia
méter, metrós (mãe): metrópole
métron (medida): barômetro, termômetro
micrós, mikrós (pequeno): micróbio, microscópio

mîmos (que imita): mimetismo, mímica
mis, mŷs, myós (músculo): miocárdio
mîsos (ódio): misantropo
mnéme (memória): amnésia, mnemotécnica
mónos (só): monólogo, monólio
morfé — morphé (forma): morfologia
mitos — mŷthos (fábula, mito): mitologia
miria — myria plural de *myrías* (dez mil): miriápode
naûs (nau): navio, náutica
necros — nekrós (morto, cadáver): necrópole, necrologia
né-os (novo): neologismo, neófito
nês-os (ilha): micronésia, melanésia
neûron (nervo): nevralgia, neurastenia
nóm-os (lei, administração, porção): astronomia, autonomia
octó (oito): octossílabo
od-é (canto): paródia
ad-os, hodós (caminho, via): êxodo, método, período
odus, odóntos (dente): odontologia
ónima, ónom-a, onyma (nome): pseudônimo, sinônimo
ófis, ofid — ophis, ophidos (serpente): ofídio
oftalmós — ophthlmós (olho, vista): oftalmia, oftalmoscópio
oîcos, oîkos (casa): economia, paróquia
óps, opós (vista): *ópsis* (ação de ver)
optikós (que se refere a visão): miopia, autópsia
hóram-a (vista): cosmorama, panorama
órnis, órnitos, órnithos (pássaro): ornitologia
óros (montanha): orografia
ortós — orthós (direito, reto): ortodoxo, ortografia, ortopedia
ostéon (osso): osteologia, periósteo, osteoporose
osmós (impulso): osmose
óxis — óxys (ácido, agudo): oxigênio, paroxismo
paideía, pedia (educação): pedagogo, enciclopédia
pente (cinco): pentágono
pes, pedos — paîs, paidós (criança, menino): pedagogia
paleos — palaiós (antigo): paleontologia, paleografia
pân, pantós (todos): panorama, panóplia, panteísmo, pantógrafo
patos — páthos (afecção, doença): patologia, simpatia
fag-o, phágo, phageîn (comer): antropófago, hipófago
fan-o, fen-o, phaíno (fazer aparecer, brilhar): diáfano, fenômeno
femi — phemí (eu digo, falo): eufemismo, profeta
fero, foros — phéro (levar, trazer):, *phor-ós* (que leva): fósforo, semáforo
filon, *phŷllon* (folha): clorofila
fílos — phílos (amigo): filarmonia, filantropo
físis, phýsis (natureza): fisionomia
fobeo, fóbos — phobe-os (temer, fazer fugir), daí *phob-os*: hidrófobo, anglófobo, russófobo
fôs, fotós — phos, photós (luz): fósforo, fotografia
frasis, phrásis (ato de dizer): perífrase
plut-os — ploût-os (riqueza): plutocracia
fon-é — phon-é (voz articulada): cacofonia

poléo (vendo): monopólio
pólis (cidade): acrópole, metrópole, necrópole
pépsis (cozimento): dispepsia
polis — polýs (muito): poligamia, polígono, policromia, polinésia, policlínica
pús, podós — poús, pod-ós (pé): antípoda, miriápode
pétalon (pétala): minopétalo
prôtos (primário, primeiro): protagonista, protocolo, protozoário, protoplasma
plésso (bato, firo): apoplexia
pseûdos (falsidade, mentira): pseudônimo
pleurá, *pleurón* (lado, flanco): pleurite
psiqué — psyché (alma): psicologia, metempsicose
pnêuma, *pnêumatos* (que respira, sopra): pneumático, dispneia
pterón (asa): quiróptero, coleóptero
ptôma (cadáver): ptomaína, ptomofagia
pir, pir-os — pŷr, pyr-ós (fogo, febre): pirotécnico, antipirina
poiéo (eu faço): onomatopeia
pénte (cinco): pentassílabo
potamós (rio): hipopótamo
pile, *pŷle* (porta): piloro
ptissis, ptýsis (escarro): hemoptise
sárx (carne): sarcoma, sarcófago
semion, *semeîon* (sinal): semiologia, semântica
sépo (apodreço): antissético, antisséptico
síderos (ferro): siderurgia, siderita, siderografia
spérma (semente): esperma, espermatozoide
stéllo (envio): epístola
sticos, *stíkhos* (verso): hemistíquio, dístico
re-o – rhé-o (correr, fluir): catarro, diarreia
sism-os – seism-ós, daí *sism* (estremecimento): sismologia, sísmico
scope-o – skopéo (examinar, daí *scópio* (que faz ver): telescópio, microscópio, osciloscópio
sofós – sophós (sábio): filósofo
estatós – statós (que se mantém): aeróstato, hidrostática
esfera, *sphaîra* (esfera): atmosfera
estilo, *stŷlos* (coluna): peristilo
estere-o – stere-o (sólido): estereótipo, estereomia
estratos, *stratós* (exército): estratégia
estref-o – stréph-o (virar, voltar): apóstrofe, catástrofe
tafos – taphos (túmulo): epitáfio, cenotáfio
témno (divido): anatomia
tautó por *tò autó* (o mesmo): tautologia
táxis (arranjo, ordem): sintaxe
taumatos, *thaumatós* (prodígio, milagre): taumaturgo
técne — téchne (arte): politécnico
téras, *tératos* (prodígio, fenômeno, monstro): teratologia
tema, *théma* (ato de colocar): anátema
têle (longe): telégrafo, telefone, telescópio
tétara, *tetra* (quatro): tetraedro
te-os — the-ós (deus): teologia, teocracia, politeísmo
termós — thermós (calor): termômetro

tésis — *thésis* (ação de por, ter): antítese, síntese
trefo, *trépho* (alimento): atrofia
tomé (cortadura, seção): tomo, átomo, estereotomia
trépo (envolto, mudo): heliotrópico
tópos (lugar): tópico, topografia, atopia
triás, *tríados*, *trees*, *tria* (três): trinômico, tríade
traûm-a – atos (ferimentos): traumático
tip-os – týp-os (tipo caráter): tipografia, arquétipo
zôi-on (animal, ser vivo): zoologia, zoófito

Famílias etimológicas de radical latino – Chama-se *família etimológica* a uma série de palavras cognatas. Cabem aqui as judiciosas observações do Prof. Said Ali: "parece cousa extremamente fácil distinguir palavras derivadas de palavras primitivas quando se trata de exemplo como *pedreiro, pedraria, pedregulho* ou *fechamento, laranjal, bananeira*, que não requerem especial cultivo da inteligência para alguém saber que se filiam respectivamente a *pedra, fechar, laranja, banana*. São entretanto numerosos os casos em que transparece menos lúcida a relação entre o termo derivado e o derivante, sendo necessário algum estudo para perceber a filiação. Outras vezes tem havido tal exclusão de forma e sentido, que surge um curioso conflito entre o sentimento geral do vulgo e o fato encarado à luz da pesquisa científica"[SA.2, II, 3].

Nesta matéria cabe distinguir cuidadosamente uma forma *livre* de uma forma *presa* (cf. **Afixos: prefixos e sufixos. Interfixos**). *Receber*, por exemplo, é considerada como derivada prefixal, embora *-ceber* não tenha curso independente na língua, porque é uma forma presa de *caber*, que aparece numa série de palavras portuguesas 97:

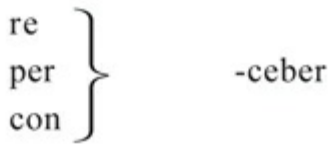

O mesmo ocorre com *resistir* e *iludir* cujas formas presas *-ludir* e *-sistir* são elemento comum a uma série:

Já o mesmo critério não se aplica a outras palavras como *esquecer* e *inteligência*, que passaram a funcionar, para o sentimento dos que falam português, como palavras primitivas.

Tenha-se presente ainda que, muitas vezes, se usam em português dois radicais oriundos de duas formas flexivas de uma mesma palavra: *câncer* e *cancro*.

Eis uma pequena lista de cognatos com radical latino:

aequus, a, um (direito, justo): adequar, equação, equidade, igual, iníquo.

ager, agri (campo): agrário, agricultor, agrícola, peregrino

ago, agis, egi, actum, agere (impelir, fazer): ágil, ator, coagir, exigir, indagar, pródigo

alter, a, um (outro): alterar, alternância, altruísmo, outro

ango, angis, anxi, ângere (apertar): angina, ângulo, angústia, ânsia, angusto

audio, audis, audivi, auditum, audire (ouvir): auditório, audiência

bellum, i (pugna, combate): belonave

bos, bovis (boi): bovino

cado, cadis, cécidi, casum, cadere (cair): acidente, cadente, incidir, ocaso

caedo, caedis, cecidi, caesum, caedere (cortar): cesariana, cesura, conciso, incisão, precisar

Há numerosos derivados em *cida, cidio*, cuja significação é "matar":

fratricida, homicida, infanticida, matricida, patricida, regicida, uxoricida, suicida, fratricídio, homicídio, suicídio, etc.

candeo, candes, candui, candere (embranquecer): cândido, candura, incandescer

cano, canis, cecini, cantum, canere (cantar): celebrar, predizer (este na língua religiosa): canoro, cântico, cantilena, acento. Há numerosos derivados em *-cínio*: vaticínio ('canto do vate', no significado de *profeta*), galicínio ('canto do galo'), tirocínio

capio, capis, cepi, captum, capere (tomar): antecipar, cativo, emancipar, incipiente, mancebo

caput, capitis (cabeça): cabeça, capitão, capital, decapitar, precipício

caveo, caves, cavi, cautum, cavere (ter cuidado): cautela, incauto, precaver-se

cedo, cedis, cessi, cessum, cedere (ceder): cessão, concessão, conceder

cerno, cernis, crevi, cretum, cernere (núcleo): discernir, cerne, concernir

clamo, clamas, clamavi, clamatum, clamare (chamar): proclamar, clamador

clarus, clara, clarum (claro): claridade, clareza

colo, colis, colui, cultum, colere (habitar, cultivar): agrícola, colônia, culto, íncola, inquilino, cultura (*agri-, avi-, hort-, pisci-, triti-, vini-,* etc.)

cor, cordis (coração): acordo, discórdia, misericórdia, recordar

dico, dicis, dixi, dictum, dicere (dizer): abdicar, bendito, dicionário, ditador, fatídico, maledicência

do, das, dedi, datum, dare (dar): data, doação, editar, perdoar, recôndito

doceo, doces, docui, doctum, docere (ensinar): docente, documento, doutor, doutrina, indócil

duo, duae, duo (dois): dobro, dual, duelo, duplicata, dúvida

duco, ducis, duxi, ductum, decere (levar, dirigir): conduto, duque, educação, dútil, produzir, tradução, viaduto

Deste radical há numerosos derivados em *duzir* (*a-, con-, de-, intro-, pro-, re-, se-, tra-,* etc.).

edo, edes, edi, esum, edere (comer): comer, comida, comestível (*cum* + *edo*)

eo, is, ivi, itum, ire (ir): comício, circuito, itinerário, transitivo, subir

facio, facis, feci, factum, facere (fazer): afeto, difícil, edificar, facínora, infecto, malefício, perfeito, suficiente

Há numerosos derivados em *ficar* (*clari-, falsi-, grati-, puri-,* etc.)...

fero, fers, tuli, latum, ferre (levar, conter): ablativo, aferir, conferência, fértil, oferecer, prelado, relação98

frango, frangis, fregi, fractum, frangere (quebrar): fração, frágil, infringir, naufrágio, refratário

fundo, fundis, fudi, fusum, fundere (derreter): fútil, funil, refutar, fundir (*con-, di-, in-, re-*), confuso, difuso, profuso

gero, geris, gessi, gestum, genere (gerar): beligerância, exagero, famigerado, gerúndio, registro

gigno, gignis, genui, genitum, gignere (produzir): genitor, genital

iaceo, iaces, iacui [part. fut. *iaciturus*], *iacere* (jazer): jazigo, jacente, adjacente, subjacente

gradior, graderis, gressus sum, gradi (avançar andando): egresso, ingressar

iacio, iacis, ieci, iactum, iacere (lançar): abjecto, jato, jeito, injeção, sujeito

lac, lactis (leite): lácteo, lactante, lactente, leiteria, laticínio

lateo, lates, latui, latum, latere (estar escondido): latente

lego, legis, legi, lectum, legere (ler): florilégio, legível, leitura, lente
loquor, loqueris, locutus sum, loqui (falar): colóquio, eloquência, locução, prolóquio
ludo, ludes, lusi, lusum, ludere (jogar): ludopédio, lúdico
misceo, misces, miscui, mistum (e *mixtum*) *miscere* (misturar): mexer, misturar, miscível
mitto, mittis, misi, missum, mittere (mandar): demitir, emissão, missionário, remeter, promessa
moneo, mones, monui, monitum, monere (advertir, fazer lembrar): admoestar, admonitor
mentior, mentiris, mentitus sum, mentiri (mentir): mentir, mentira
moveo, moves, movi, motum, movere (mover): motorista, motriz, comoção, móvel
nascor, nasceris, natus sum, nasci (nascer): natal, nativo, nascituro, renascimento
nosco, noscis, novi, notum, noscere (conhecer): incógnita, noção, notável
opus, operis (obra): obra, cooperar, operário, opereta, opúsculo
os, oris (boca): oral, oralidade
patior, pateris, passus sum, pati (sofrer): compatível, paciente, paixão, passional, passivo
pendeo, pendis, pependi, pensum, pendere (pender): suspenso
pes, pedis (pé): pedal, pé
plico, plicas, plicavi ou *plicui*, *plicatum* ou *plictum*, *plicare* (fazer pregas): dobrar, aplicar, chegar, cúmplice, explicar, implícito, réplica
pono, ponis, posui, positum, ponere (colocar): aposto, dispositivo, disponível, posição, posto
quaero, quaeris, quaesivi ou *quaesii, quaesitum, quaerere* (procurar): adquirir, inquirir, quesito, questão, questor
rapio, rapis, rapui, raptum, rapere (roubar): rapto, raptar
rego, regis, rexi, rectum, regere (dirigir): correto, reitor, regência, regime, reto
rumpo, rumpis, rupi, ruptum, rumpere (romper): corrupção, corruptela, roto, ruptura, erupção
scribo, scribes, scripsi, scriptum, scribere (escrever): escritor, escritura
seco, secas, secui, sectum, secare (cortar): bissetriz, inseto, secante, seção, segador, segmento
sedeo, sedes, sedi, sessum, sedere (estar sentado): sedestre
solvo, solvis, solvi, solutum, solvere (desunir): absolver, dissoluto, resolver, solução, solúvel
specio, specis, spexi, spectum, specere (ver): aspecto, espetáculo, perspectiva, prospecto, respeito, suspeito
sto, stas, steti, statum, stare (estar): estado, distância, estante, obstáculo, substância
sterno, sternis, stravi, stratum, sternere (estender por cima): consternar, estrada, estratificar, prostrar
sumo, sumis, sumpsi, sumptum, sumere (tomar, apoderar-se): assumir, consumir, sumidade, sumário
tango, tangis, tetige, tactum, tangere (tocar): contagioso, contingência, tato, contato, atingir
tendo, tendis, tetendi, tensum ou *tentum, tendere* (estender): atender, distenso, contente, extenso, pretensão
teneo, tenes, tenui, tentum, tenere (ter): contentar, abstinência, tenaz, sustentar, tenor, detento
trado, tradis, tradidi, traditum, tradere (trazer): tradição, extraditar
tribuo, tribuis, tribui, tributum, tribuere (repartir): atribuir, retribuir
torqueo, torques, torsi, tortum, torquere (torcer): extorsão, tortura, extorquir, tortuoso, distorção
verto, vertis, verti, versum, vertere (tornar, voltar): verter, versão
video, vides, vidi, visum, videre (ver): evidência, próvido, vidente, visionário, previdência
venio, venis, veni, ventum, venire (vir): vir, vinda
vivo, vivis, vixi, victurus, vivere (viver): vida, viver
volvo, volvis, volvi, volutum, volvere (envolver): devolver, envolto, revolução

3 – Estudo Estrutural do Léxico: A Lexemática

Entende-se por *lexemática* ou *semântica estrutural* o estudo da estrutura do conteúdo ("significado") léxico.

Para evitar confusões que perturbam tal estudo, convém distinguir as *relações de significação* das *relações de designação*. As relações de significação são relações entre significados dos signos linguísticos, enquanto as relações de designação são relações entre signos linguísticos inteiros e os "objetos", isto é, as realidades extralinguísticas por eles designados e representados no discurso. Só as relações de significação são estruturáveis. Um exemplo para clarear a distinção: a designação de dois signos pode ser a mesma sem que seus significados sejam idênticos. Coseriu exemplifica com os termos gregos *brotós* e *ánthropos*, que designam a mesma classe de objetos (os homens), mas não têm o mesmo significado, isto é, não significam "o mesmo": *brotós* significa "homem como não deus" e *ánthropos* significa "homem como não animal".

Outras disciplinas *semânticas* – É justamente o estudo da estruturação das relações de significação que separa a lexemática de outras disciplinas, todas importantes, que, chamadas ou não "estruturais", estudam a "semântica", no sentido amplo do termo. Todo problema que lide com a significação é, em certo sentido, "semântico"; todavia nem todo problema "semântico" é *lexemático*, pois este só diz respeito às relações estruturais, paradigmáticas e sintagmáticas, dos significados léxicos num mesmo sistema linguístico, isto é, numa *língua funcional*.

O objeto ideal das disciplinas lexicológicas 99 – a lexemática inclusive –, como de qualquer descrição estrutural, deve ser a língua funcional, como já vimos.

Destarte, a lexemática, entendida como estrutura do significado, tem propósito diferente da *onomasiologia* (partindo do significado, a disciplina estuda as relações entre este significado e os diferentes significantes que o expressam, como, por exemplo, as denominações do corpo humano "interidiomaticamente" estudadas, quer nas várias línguas funcionais de uma mesma "língua histórica" (o português, por exemplo) ou em "línguas históricas" diferentes (o português e o francês, por exemplo), da *semasiologia* (partindo do significante, a disciplina estuda as relações que unem este significante aos diferentes significados que pode expressar) como, por exemplo, os diferentes significados que idiomaticamente podem ser expressos pelo significante "*ponto*" (*ponto* para a geometria, para a linguagem escolar, para o teatro, para a costureira, para o funcionário, etc.) 100, dos *campos associativos* (estudam as associações de um signo com outros signos estabelecidos por similitude ou por contiguidade, tanto dos significantes quanto dos significados, associações motivadas por ideias, crenças e atitudes relativas às "coisas" (como *boi* associado não só a *vaca*, *touro*, *bezerro*, *chifre*, mas também a *trabalho*, *força*, *vigor*, *paciência*, *mansidão*). São configurações associativas, como diz Coseriu, que têm interesse para a psicolinguística, para a linguística do falar e para a do texto, mas não constituem objeto da descrição estrutural das línguas [ECs.1, 165].

A lexemática e as palavras lexemáticas – Se cabe à lexemática o estudo das relações de significação, só lhe interessam, em princípio, as palavras lexemáticas, que manifestam a configuração semântica do léxico.

Por isso estão fora da consideração da lexemática as palavras que constituem

“equivalências de orações”(interjeições, partículas de afirmação e de negação, como *sim*, *não*), as palavras morfemáticas (artigos, preposições, conjunções) e as palavras categoremáticas (dêiticos ou pronomes, como *eu*, *meu*, *agora*, *aqui*), bem como os nomes próprios e os numerais, porque não são estruturáveis, embora participem da maioria dos fenômenos léxicos (como a modificação, o desenvolvimento, a composição) [ECs.2, 88].

Estruturas paradigmáticas – As estruturas lexemáticas que podem ser identificadas no léxico ou são paradigmáticas ou sintagmáticas.

Chamam-se estruturas paradigmáticas no léxico as estruturas constituídas por unidades léxicas que se encontram em oposição no eixo da seleção. Assim, “bom-mau”, “casa – casinha”, “morrer – mortal” são oposições que manifestam estruturas paradigmáticas.

Diz-se *estrutura primária* se seus termos se implicam reciprocamente, sem que um deles seja primário em relação aos outros; “jovem” implica “velho” e “velho” implica “jovem”, mas nenhum deles é primário em relação ao outro.

Diz-se *estrutura secundária* se a implicação entre seus termos é de “direção única”. Assim “casa” - “casinha”, “morrer” - “mortal”, “trabalhar” - “trabalhador” são estruturas secundárias, porque o primeiro termo de cada par está implicado pelo segundo, mas não o inverso, pois a definição do conteúdo “casa” é independente do conteúdo “casinha”, mas a definição do conteúdo “casinha” inclui necessariamente o conteúdo “casa”.

Os dois tipos de estruturas primárias – Há dois tipos de estruturas paradigmáticas primárias: o *campo léxico* e a *classe léxica*.

Um *campo léxico* é uma estrutura paradigmática constituída por unidades léxicas que se repartem numa zona de significação comum e que se encontram em oposição imediata umas com as outras.

Por exemplo, podemos preencher a lacuna em:

Estive três _____ *em Fortaleza*;

selecionando um dos seguintes lexemas do paradigma: *segundo*, *minuto*, *hora*, *dia*, *semana*, *mês*, *ano*, etc., ficando excluídos termos como: *árvore*, *casa*, *rio*, *cadeira*, etc.

Em *O muro é verde*, *verde* exclui imediatamente *azul*, *branco*, *cinza*, etc., que pertencem ao mesmo campo léxico (o das cores), mas não termos como *muito*, *pouco*, *bastante*, *menos*, etc., que pertencem a outros campos.

Cada unidade de conteúdo léxico expresso no sistema linguístico é um *lexema*. Nos exemplos acima, *segundo*, *minuto*, *hora*, etc. são lexemas.

Uma unidade cujo conteúdo é idêntico ao conteúdo comum de duas ou mais unidades de um campo é um *arquilexema*. Os traços distintivos que caracterizam os lexemas chamam-se *semas*, como emprega o linguista B. Pottier.

Tomemos, para simples exemplo, o campo lexical de “assento”, estudado pelo citado Pottier, em que “assento” é o arquilexema desse campo, que tem como lexemas, em português, entre outros que deixaremos de lado: *cadeira*, *poltrona*, *sofá*, *canapé*, *banco* e *divã* [BP.1;

MV.1, 80-81].

Como traços distintivos dos lexemas, proporemos os seguintes *semas*:

s1: ‘objeto construído para a gente se sentar’

s2: ‘com encosto’

s3: ‘para uma pessoa’

s4: ‘com braços’

s5: ‘com pés’

s6: ‘feito de material rijo’

Levando-se em conta que a presença do sema será indicado por + e, sua ausência por – , teremos:

	s1	s2	s3	s4	s5	s6
banco	+	–	–	–	+	+
cadeira	+	+	+	–	+	+
poltrona	+	+	+	+	+	–
sofá	+	+	–	+	+	–
divã	+	–	+	–	+	–
canapé	+	+	–	+	+	+

Pelo exposto, vê-se que não basta dizer, por exemplo, que “*banco* é um objeto construído para a gente se sentar”, pois tal definição se aplicaria indistintamente a todos os lexemas incluídos no campo léxico. Com base nos semas, isto é, nos traços distintivos que separam os lexemas arrolados no exemplo, diremos que “banco é um objeto construído para a gente se sentar, com material rijo (madeira, ferro, cimento), dotado de pés”.

Se se tratasse de *cadeira*, definiríamos “objeto construído para a gente se sentar, com encosto, para uma pessoa, dotado de pés e feito de material rijo”.

Um lexema pode funcionar em vários campos; é o caso do adjetivo *fresco* que funciona no campo dos adjetivos como *novo*, *velho*, etc. (cf. *queijo fresco*, *fruta fresca*), ou no campo dos adjetivos *frio*, *quente*, *morno*, etc. (*manhã fresca*, *brisa fresca*).

Sobre *neutralizações* e *sincretismos* no léxico.

Classe léxica – Chama-se *classe léxica* a uma classe de lexemas determinados por um *classema*. *Classema* é um traço distintivo comum que define uma classe, independentemente dos campos léxicos. Assim, *jovem*, *inteligente*, *gago* pertencem a campos léxicos distintos,

mas podem estar incluídos na mesma classe pelo classema "ser humano", já que podemos dizer de uma pessoa que ela é *jovem*, ou *inteligente* ou, finalmente, *gago* [MV.1, 1979, 70 e ECs.2, 176].

Para os substantivos, podem-se estabelecer, por exemplo, classes como: "seres vivos", "coisas" e, dentro da classe "seres vivos", por exemplo, "seres humanos", "seres não humanos", etc.

Para os adjetivos, pode haver classes como "positivo", "negativo" que justificam coordenações aditivas do tipo "*bom* e *inteligente*", ou coordenações adversativas do tipo "*bom* mas *brigão*".

Para os verbos podem-se também constituir várias classes, como as já conhecidas "transitivo e intransitivo" (com possibilidades de subtipos, como "transitivos que não admitem voz passiva e transitivos que a admitem), ou ainda, com base no classema "direção" (em relação ao agente da ação), os verbos "adlativos", isto é, em direção de aproximação do agente (do tipo de *comprar*, *ganhar*, *receber*, *recolher*, etc.) e os "ablativos", isto é, em direção de afastamento do agente (do tipo de *vender*, *dar*, *entregar*, *soltar*, *devolver*, etc.).

Há lexemas que se apresentam na intersecção de duas classes quanto ao seu significante, mostrando-se insensível à diferença classemática, cujo significado em uso só se pode depreender no contexto.

É o que ocorre com substantivos como *hóspede* ("aquele que dá ou recebe hospedagem"), com verbos como *alugar* ("aquele que dá ou recebe de aluguel"), em orações do tipo: *Enildo é meu hóspede*; *Zélia alugou o apartamento*.

Entram neste rol palavras como *saudoso* ("que sente ou causa saudade"), *temeroso* ("que sente ou causa temor"), *arrendar* ("que dá ou toma de renda"), *esmolar* ("que dá ou pede esmola") [MBa.3, 290 e MBa.5, 151].

É o caso também de substantivos e adjetivos que podem ser tomados à boa e à má parte, como *sucesso*, *fortuna* (= destino), *êxito*, *ventura*, e que foram depois especializados no bom sentido; quando se empregam hoje diferentemente, requerem um adjetivo da classe "negativo": *mau sucesso*, *triste fortuna*, *mau êxito*, *pobre ventura*, etc. [MBa.3, 282].

Às vezes, a língua desfaz a duplicidade de conteúdo com o recurso a novas palavras; assim *hóspede* se especializa ou pode-se especializar em "aquele que recebe a hospedagem", e se cria a palavra *hospedeiro* para o que dá hospedagem. Outras vezes, com a especialização da classe, como ocorre com *hóspede* (especializado modernamente para aquele que recebe hospedagem), o que não ocorre, entretanto, com o verbo *hospedar* (= dar ou receber hospedagem; neste último significado, aparece como pronominal: *Eu me hospedei num hotel barato*).

Estruturas secundárias – As estruturas paradigmáticas secundárias correspondem ao domínio da formação de palavras e podem manifestar-se por estruturas de *modificação*, de *desenvolvimento* e de *composição*, que implicam sempre a transformação irreversível de um termo primário existente como lexema de conteúdo (significado) e de expressão (significante) na língua. Consumada a transformação, o termo – agora secundário – pode receber

determinações gramaticais explícitas próprias dos termos primários, como a pluralização: *casa* → *casas*; *casa* → *casinha* → *casinhas*.

Dada a extensão que merece o estudo dos três tipos de estruturas secundárias, trataremos dele na parte mais adiante em que se estudam os procedimentos de formação de palavras do ponto de vista das relações de significação.

Estruturas sintagmáticas: as solidariedades – As estruturas sintagmáticas são solidariedades, isto é, relação entre dois lexemas pertencentes a campos diferentes dos quais um está compreendido, em parte ou totalmente, no outro, como traço distintivo (sema), que limita sua combinação.

Distinguem-se três tipos de solidariedade: *afinidade*, *seleção* e *implicação*.

Na AFINIDADE, o classema do primeiro lexema funciona como traço distintivo no segundo. Assim, *pé* e *pata* têm como traços distintivos ao conteúdo 'membro de sustentação do corpo' a classe 'pessoa' (*pé*: "membro de sustentação de pessoa") e 'animal' (*pata*: "pé de animal"). O mesmo com *grávida* e *prenhe*; os traços distintivos do conteúdo "fecundação" são a classe 'pessoa' (*grávida*: "fecundada em relação a pessoas"), e 'animal' (*prenhe*: "fecundada em relação a animal") [ECs.2, 141; MV.1, 77].

Na SELEÇÃO, é o arquilexema do primeiro lexema que funciona como traço distintivo no segundo. Os lexemas *pelo* e *pena*, quanto ao conteúdo 'sistema piloso' incluem como traço distintivo o arquilexema *mamífero* e *ave*: *pelo* ("sistema piloso dito de mamíferos") e *pena* ("sistema piloso dito de aves").

Na IMPLICAÇÃO é todo o primeiro lexema que funciona como traço distintivo no segundo. Por exemplo, a cor *baio* tem como traço distintivo o lexema "cavalo", pois *baio* só se diz dos cavalos. Outro bom exemplo de implicação são as chamadas vozes dos animais, pois os lexemas *relinchar*, *mugir*, *zurrar*, *balir*, *grunhir*, *ladrar*, *miar*, *cacarejar*, *regougar* são o grito relativo, respectivamente, a "cavalo", "vaca", "burro", "cabra", "porco", "cão", "gato", "galinha", "raposa".

É preciso distinguir as solidariedades semânticas vistas aqui, propriamente linguísticas, dos "clichês léxicos", ou sintagmas estereotipados e das solidariedades frequentes, determinadas pelo nosso conhecimento das "coisas"; assim, *branco* aplicado às *gaivotas* não é exemplo de solidariedade semântica, porque a combinação não é um fato de língua, mas apenas assinala a frequência de gaivotas brancas na realidade extralinguística, sem que se despreze a possibilidade de gaivotas de outra cor. Pelo contrário, em *cavalo alazão* temos um fato de língua, porque *alazão* implica o traço distintivo "próprio do cavalo", razão por que no discurso se pode usar só de *alazão*, sem que seja necessário explicitar o lexema *cavalo*. Esta operação não se estende a *branco* em relação a *gaivota*.

4 – Formação de Palavras do Ponto de Vista do Conteúdo

Já vimos na lição de Benveniste que o problema de procedimentos de formação de

palavras ultrapassa os limites da morfologia, em que, tradicionalmente, parece enquadrada, na tradição linguística.

Por outro lado, como assinala Coseriu 101, um estudo coerente da formação das palavras que se atenha estrita e exclusivamente ao ponto de vista da expressão – como o vimos até aqui – é possível; mas para o aspecto funcional e, portanto, para a compreensão e descrição de uma língua, tal estudo é pouco proveitoso, já que os procedimentos materiais (prefixação, sufixação, etc.) e os funcionais não guardam entre si nenhum paralelismo, uma vez que procedimentos materiais diferentes podem corresponder ao mesmo tipo funcional e vice-versa. A não consideração do aspecto de significado é a causa de muita discussão e incertezas em incluir no domínio da formação de palavras as combinações casuais do tipo *um salve-se quem puder*, *bom dia*, *manu tenere* > *manter*, que não constituem propriamente *procedimentos* da formação de palavras, entre outros casos.

Ainda com apoio na lição de Coseriu, um estudo de formação de palavras do ponto de vista do conteúdo, isto é, fundado no significado, está mais ajustado a seu objeto. Partindo deste ponto de vista, a formação de palavras corresponde a uma particular *gramaticalização* do léxico "primário". Tomemos a este linguista o seguinte exemplo para mostrar que as relações, digamos assim, gramaticais, que se dão nos produtos da formação de palavras são consequências das equivalências semânticas entre esses produtos e as construções que lhes correspondem do ponto de vista do conteúdo. Em *beldade* como equivalente a "o fato de ser belo/bela", o termo "fato" não é a palavra *fato* da linguagem primária e que em seguida seria determinada por "ser belo / bela", mas sim um *nome* para a substantivação efetuada nesta formação; do mesmo modo, "ser" é nome da 'predicatividade de ser', isto é, da predicação atribuída, e "belo / bela" é nome da unidade de *belo*(s) + *bela*(s) na linguagem primária, ou seja, um *belo* sem gênero e sem número. Em outros termos, seria o mesmo que dizer, abstratamente, acerca de nossa fórmula: "*belo*(s) / *bela*(s) gramaticalizado por predicação atributiva e com posterior substantivação". Isto significa que os produtos de formação de palavras dizem sempre mais do que suas respectivas bases léxicas.

Por tudo isto, conclui Coseriu que a formação de palavras é um domínio autônomo das línguas, que abarca fatos "paragramaticais" e fatos puramente léxicos, e seu estudo é um ramo autônomo da semântica funcional, que deve começar pelas funções "paragramaticais" dos procedimentos de formação e chegar até as fixações na designação.

Dissemos "paragramaticais" porque, na realidade, a formação de palavras encerra uma "gramática do léxico", mas essa gramática não deve ser confundida com a gramática que conhecemos, já que, na formação de palavras, estamos diante de funções gramaticais distintas daquelas que ocorrem na morfossintaxe. Por isso, não falamos aqui em funções gramaticais e sim em funções paragramaticais. Uns exemplos podem esclarecer o que dizemos: a formação de "coletivos" (*arvoredo*, *laranjal*, *casario*, etc.) implica, por certo, uma pluralização, mas aqui não se trata de um simples "plural", (*árvores*), sim de uma "pluralização" que se dá e se considera como unidade.

Assim também, *chegada* implica um verbo predicativo mas não implica nem modo, nem tempo, nem número, nem pessoa; *beleza* implica um nome predicativo, mas não implica nem número nem gênero. É exatamente por isso, continua Coseriu a sua lição, que tais formações

não remontam a orações concretas como *João chega* e *Maria é bela* (ou *João é belo*), mas tão somente a uma função predicativa genérica de *chegar* e *belo*(*s*), *bela*(*s*).

Assim também em *papeleira* está implicada uma "função preposicional", mas não uma determinada preposição (p.ex. "*para*"*papéis*), e *despertador* implica um elemento pronominal genérico "alguém ou algo" que, de outro modo, não tem realização em português. 102

Os três tipos fundamentais de formação de palavras – Do ponto de vista do conteúdo podem-se distinguir três tipos (ou quatro se considerarmos a composição como dois) fundamentais de formação de palavras, consoante dois critérios que se entrecruzam e dizem respeito à determinação gramatical do termo primário:

a) a gramaticalização implícita afeta um só elemento ou os dois na base da formação;

b) a gramaticalização corresponde a uma função "inatual" (i. é, "não semelhante a uma função oracional") ou a uma função "atual" (i. é, "semelhante a uma função oracional").

Pelo primeiro critério, teremos, de um lado, a *modificação* e o *desenvolvimento* (em que a gramaticalização afeta um só termo) e do outro a *composição*.

Pelo segundo critério, a função gramatical implicada na modificação é "inatual" (do tipo do "gênero" ou do "número"), enquanto no desenvolvimento a função implicada é "atual" (do tipo das funções "sujeito", "predicado", "complemento verbal"). Na composição, a função pode ser inatual ou atual (por exemplo, em português *alvinegro* e *leitor*).

Na modificação, a categoria verbal dos produtos é sempre a mesma das respectivas bases, isto é, os substantivos produzem substantivos, os adjetivos adjetivos e assim por diante, porque a função gramatical implicada é "inatual", isto é, função que afeta os lexemas modificando-os enquanto tais (e não como membros de oração ou de sintagmas). Trata-se das formações diminutivas, dos coletivos, dos verbos formados com prefixos:

cavalo → cavalinho, forte → fortão, beijar → beijocar, ver → prever

No desenvolvimento – que sempre parte de lexemas com funções de membros de oração ou de sintagma – a categoria verbal dos produtos formados é distinta da categoria da base correspondente, vale dizer, o desenvolvimento implica sempre mudança da categoria verbal do termo primário desenvolvido, isto é, substantivo produz adjetivo, substantivo produz verbo, adjetivo produz substantivo, etc., advertindo-se, na oportunidade, que pode ainda tratar-se de base não realizada como tal na norma da língua. Em:

prefeito → [verbo] → *prefeitável*,

não existe na norma do português o verbo **prefeitar*, implicado no desenvolvimento citado.

Exemplos de desenvolvimentos são também *terra* → *terreno*, *céu* → *celeste*; *roda* → *rodar*, *voo* → *voar*; *útil* → *utilidade*; *rico* → *riqueza*.

Tais formações devem ser explicadas desta maneira: *belo* + função predicativa → *beleza* ("o fato de ser belo"); *chegar* + função predicativa → *chegada* ("o fato de chegar"); *branco* + função de epíteto → o *branco*; *em barco* + função predicativa → *embarcar*; *com o martelo* + função predicativa → *martelar*.

A composição implica sempre a presença de dois elementos básicos unidos por uma

relação gramatical, quase sempre por uma relação de recção. Pode ser de dois tipos:

a) *prolexemática*: se um dos dois elementos da base é um "prolexema", isto é, um elemento de natureza pronominal, não identificável com um lexema existente na língua,[103] como ocorre em "elemento substantivo-pronominal" [do tipo "alguém" ou "algo"] + *ler* → *leitor*; o mesmo elemento + *despertar* → *despertador*. Em lugar desse tipo genérico "alguém ou algo", pode ser um arquilexema de ordem muito geral [por exemplo, *agente* + *ler* → *leitor*] ou também um arquilexema (ou um lexema) de um campo particular [por exemplo, "árvore", "comerciante": "*árvore*" + *limão* → *limoeiro*; "comerciante" + *leite* → *leiteiro*].

b) *lexemática*: em que os dois elementos implicados são lexemas e a categoria verbal dos compostos é sempre a dos elementos "determinados" na composição; são exemplos de compostos lexemáticos: *tira-teima*, *guarda-chuva*.

O primeiro tipo corresponde ao que tradicionalmente se chama "derivação" (como podemos ver, tal denominação também abarca o processo de *modificação* e *desenvolvimento* agora expostos); o segundo tipo corresponde ao que tradicionalmente se chama composição, com exceção da prefixação verbal, a qual, nesta nova concepção de processos de formação de palavras entra como um tipo de modificação.

Combinações dos procedimentos formativos – Os procedimentos de formação de palavras podem combinar-se uma ou mais vezes, sendo decisiva a ordem das combinações para o significado do produto final, não se perdendo de vista o fato de que nessa sequência podem ocorrer combinações "prévias" cujos produtos não se realizam como fatos autônomos na norma da língua, como já aconteceu com o implicado *prefeitar* (< *prefeito*) no desenvolvimento *prefeitável*; *guarda-sol* é uma combinação de composição prolexemática e lexemática: composição prolexemática *guardar* → guarda [equivalente a *guardador*, 'o que guarda', com morfema zero] e uma composição lexemática, o composto *guarda-sol*. Deste podemos ter um novo composto prolexemático: elemento substantivo-pronominal do tipo "alguém" [ou, como também vimos, o lexema "comerciante"; "fabricante"] + *guarda-sol* → *guarda-soleiro* 'comerciante ou fabricante de guarda-sol'.

O termo *desembarcar* resulta da combinação do desenvolvimento *em* + *barco* (→ embarcar) e modificação (→ *des-embarcar*).

Um termo formado por desenvolvimento pode dar origem a nova forma desenvolvida (produto de desenvolvimento), e pode assim estender-se por uma série, perfeitamente identificáveis como constituintes imediatos, quando há paralelismo entre a expressão e o conteúdo:

rico → *enriquecer* → *enriquecimento*

nação → *nacional* → *nacionalizar* → *nacionalização*

Está neste rol de combinação dos tipos fundamentais de formação de palavras o discutidíssimo tipo de compostos como *tira-teima*, *guarda-roupa* em que entra um tema verbal puro seguido em geral de substantivo, mas não necessariamente, pois pode aparecer outra classe, como um advérbio (*ganha-pouco*, *pisa-mansinho*), um numeral (*mata-sete*). Quanto à função oracional implícita nesse segundo elemento, temos em geral um objeto direto,

mas podemos ter um predicativo (*espanta-coió*), um circunstancial (*pisa-mansinho*, *ganha-pouco*, *saltinvão*).

Há também particularidades formais na constituição desses compostos: na fase da composição lexemáticas o composto prolexemático se reduz pela supressão de possíveis sufixos, ou pelas preposições que normalmente seriam empregadas na construção de um composto prolexemático substantivo com outro substantivo; dá-se a supressão regularmente quando o segundo elemento corresponde a uma função oracional com a qual o verbo implicado na composição prolexemática se constrói sem preposição, do tipo de *girassol*, que se parafraseia aproximadamente com "algo que gira na direção do sol". Em outros casos, como vimos em *saltinvão*, mantém-se a preposição.

Entendem-se tais compostos como "alguma coisa que tira teima", "alguém ou alguma coisa que guarda roupa", isto é, paráfrases de uma composição prolexemática como *tirador* (ou *tiradora*), *guardador* (*guardadora*), a que se acrescentam o lexema *teima* ou *roupa*. Trata-se, portanto, da combinação de uma composição prolexemática com uma composição lexemática ("tirador, tiradora") + *teima* → *tira-teima*.

Em face desta análise semântica, chega-se à conclusão de que o chamado "elemento verbal" deste tipo de composição não é nem um imperativo nem nenhuma outra forma verbal conjugada; trata-se de uma derivação regressiva, que, do ponto de vista funcional, é um substantivo ou, então, semanticamente, um particípio substantivado. Este "particípio" pode ser um particípio ativo transitivo (como em *guarda-roupa*), um particípio causativo (como em *passatempo*: "qualquer coisa que faz passar o tempo").

Esta análise é confirmada pelo fato de, quando não há na língua um composto deste tipo, se utilizarem compostos prolexemáticos em construção preposicional com um segundo elemento: *medidor de gás*, *espalhador de cera*, *prendedor de gravata*, etc.

Subtipos dos procedimentos de formação de palavra – Dentro dos procedimentos vistos até aqui podem ocorrer subtipos, de acordo com os subtipos de funções "paragramaticais" implicadas.

Assim, na modificação podemos ter, entre outros:

a) uma mudança do gênero "natural" (sexo): *rei* → *rainha*; *galo* → *galinha*;

b) uma quantificação: 1) para diminutivos (*carro* → *carrinho*; *doente* → *doentinho*; *beber* → *bebericar*); com a variante "apreciação aproximativa" (*velho* → *velhusco*; 2) para aumentativos (*casa* → *casarão*; *grande* → *grandalhão*); 3) para coletivos (*casa* → *casario*); 4) para intensificação (*feio* → *feinho*);

c) repetição: *fazer* → *refazer*;

d) negação: *leal* → *desleal*; *útil* → *inútil*.

No desenvolvimento podemos ter, segundo a função oracional implícita de sua base:

a) predicação: *chegar* → *chegada*; *belo* → *beleza*;

b) atributivo: *de inverno* ("pertencente ao inverno") → *invernal*.

Generalização do significado no desenvolvimento – O desenvolvimento implica, em cada fase de produção, uma desconcentração ou generalização do significado da base. Assim, *de inverno* significa "pertencente ao inverno" (cf. *jogos de inverno*); já o termo desenvolvido *invernal* significa tanto "pertencente ao inverno" quanto "semelhante ao que pertence ao inverno" (cf. *jogos invernais*). Trata-se de um valor único de língua, que se "amplia" quando comparado com a base do desenvolvimento.

Homofonias em desenvolvimento – Desenvolvimentos formados de bases diferentes podem resultar homofonias totalmente distintas das homofonias casuais dos termos simples ou primários. Assim, em português existem duas séries homófonas *mortal-mortalidade*; a primeira desenvolvida a partir do conteúdo "morrer" ("o homem é mortal" – "a mortalidade do homem"), e a segunda a partir do conteúdo "matar" ("o golpe, o remédio foi mortal" – "a mortalidade do golpe, do remédio"). *Mortandade* é variante de *mortalidade*, e só se aplica ao conteúdo de "morrer" (= grande número de mortes por pestes, em batalha").

Cabe ainda observar que, já que o desenvolvimento implica sempre um emprego determinado do termo primário ou de base, pode haver desenvolvimentos diferentes, conforme o significado implicado nesse termo e nos elementos formativos:

terra → *terrestre*, *terreal*, *terral*, *terreiro*, *terreno*.

esperar → *espera* (de *esperar* "aguardar") e *esperança* (de *esperar* "confiar").

5 – Alterações Semânticas

A se*mântica estrutural diacrônica* é o estudo funcional das mudanças semânticas no léxico. É uma disciplina ainda muito recente, e dada a natureza desta gramática dela não nos ocuparemos aqui. Nosso intento é tão somente chamar a atenção para alterações semânticas no léxico. Como disse muito bem Pagliaro "Também as palavras são uma espécie de conchas, às quais temos de encostar o ouvido com humilde atenção, se quisermos apreender a voz que dentro delas ressoa" [APg.1, 210].

No decorrer de sua história nem sempre a palavra guarda seu significado etimológico, isto é, originário. Por motivos variadíssimos, ultrapassa os limites de sua primitiva "esfera semântica" e assume valores novos.

"A língua – disse Moritz Regula –, expressão consciente de impressões exteriores e interiores, está sujeita a uma perpétua transformação. As palavras mudam de significado ou porque as coisas se modificam ou porque a "constelação psíquica" sob cuja influência nasce o sentido do objeto, se altera graças a causas diversas" [MR.1, 26].

A significação das palavras está intimamente relacionada com o mundo das ideias e dos sentimentos; "entre as ideias, entre os pensamentos não há separação absoluta por isso que as associações se estabelecem, sem cessar, de uns para outros. Vendo uma substância ou um objeto muito achatado, muito delgado e pouco resistente, por exemplo de estanho ou de ouro finamente laminado, alguém foi levado a compará-lo a uma folha de árvore; pôde-se assim

dizer com propriedade e clareza: *uma folha de estanho*, *de ouro*, *de papel*, etc. Outra associação, posterior à precedente, deu à palavra *folha* o significado bem elástico de jornal: *uma folha diária*. É que se imprimem as notícias de cada dia em folhas de papel. A palavra *coração* serviu para exprimir tanto a parte interior de um legume ou fruta: *coração da melancia*, ou a essência de um assunto: *está no coração da questão*, como ainda os sentimentos cuja sede parece estar no fundo de nosso ser: *este homem não tem coração*, etc. Todas as associações deste gênero dão origem ao que se chama, em literatura, *imagem*; as imagens da linguagem corrente não diferem muito, pela sua natureza, das que brotam da imaginação dos poetas e dos escritores em geral" [AGr.1, 93-94 – com leves adaptações para o português].

Entre as causas que motivam a mudança de significação das palavras, as principais são:

a) Metáfora – translação de significado motivada pelo emprego em solidariedades, em que os termos implicados pertencem a classes diferentes mas pela combinação se percebem também como assimilados:

*cabelos de **neve**, **pesar** as razões, **negros** pressentimentos, **doces** sonhos, passos **religiosos*** [AR.1, 17 – nos queria ressaltar a religiosidade de sua personagem], ***boca** do estômago*, ***dentes** do garfo*, ***costas** da cadeira*, ***braços** do sofá*, ***pés** da mesa*, ***gastar rios** de dinheiro*, ***vale** de lágrimas*, *o **sol** da liberdad*e, *os dias **correm***, *a noite **caiu***.

OBSERVAÇÃO: Assim, a metáfora não resulta – como tradicionalmente se diz – de uma comparação abreviada; ao contrário, a comparação é que é uma metáfora explicitada. Importa, outrossim, distinguir a metáfora *linguística* (linguisticamente motivada pelo descompasso dos termos implicados nas solidariedades) da metáfora *motivada extralinguisticamente* pelo nosso saber sobre as coisas, como ocorre em expressões metafóricas do tipo de *não ponha a carroça diante dos bois* para expressar a inversão incorreta de uma ação ou de um juízo. As metáforas têm largo emprego na língua espontânea e na literária, e nesta teve grande difusão entre os poetas simbolistas. Cf. [ECs.1, 291], [ECs.2, 207], [ECs.3, 293 n. 22] e [HM.1, 109]: "A literatura moderna tem uma preferência para a metáfora oposta à comparação explícita. É a fusão imediata do mundo pessoal e do objetivo, do espiritual e do concreto, que levam a uma identificação direta, sem elos de ligação que intermedeiem a passagem dum plano para outro".

b) Metonímia – translação de significado pela proximidade de ideias:

1 – causa pelo efeito ou vice-versa ou o produtor pelo objeto produzido:

*um **Rafael*** (por um *quadro de Rafael), as **pálidas** doenças* (por *doenças que produzem palidez*), ***ganhar** a vida* (por *meios que permitam viver), ler **Machado de Assis*** (i.é, *um livro escrito por M. de Assis)*.

2 – o tempo ou o lugar pelos seres que se acham no tempo ou lugar:

*a **posteridade*** (i.é, *as pessoas do futuro*), *a **nação*** (i.é, *os componentes da nação*).

3 – o continente pelo conteúdo ou vice-versa:

*passe-me a **farinha*** (i.é, a farinheira), *comi **dois pratos*** (i.é, *a porção da comida que dois pratos continham*).

4 – o todo pela parte ou vice-versa:

*diz a **Escritura*** (i.é, *um versículo da Escritura*), *encontrar um **teto amigo*** (i.é, *uma casa*).

5 – a matéria pelo objeto:

*um **níquel*** (i.é, *moeda de níquel*), *uma **prata*** (i.é, *moeda de prata*)

6 – o lugar pelo produto ou características ou vice-versa:

jérsei (= *tecido da cidade Jersey*), ***gaza*** (= *tecido da cidade de Gaza*), ***havana*** (= *charutos da cidade de Havana*); ***greve*** (*as reuniões feitas na Place de la Grève*).

7 – o abstrato pelo concreto:

*A **virtude** vence o **crime*** (isto é, *as pessoas virtuosas vencem os criminosos*); *praticar a **caridade*** (= *atos de caridade*).

8 – o sinal pela coisa significada ou vice-versa:

o ***trono*** (= *o rei*), *o* ***rei*** (= *a realeza*)

c) Catacrese – translação do significado por esquecimento do significado original:

panaceia universal (*panaceia* '*remédio* para todos os males' já tem no elemento *pan-* a ideia de universalidade, generalidade), *etimologia verdadeira, abismo sem fundo, anedota inédita, correta ortografia, bela caligrafia, caldo quente, homicida do vizinho, hecatombe de almas, embarcar no trem, calçar as luvas.* [MBa.3, 311-317]

Produtos correntes da translação de significado, as catacreses são fatos normais que só devem ser evitados quando a noção primitiva ainda estiver patente para o falante.

d) Braquilogia ou abreviação – as diversas acepções de uma palavra devidas à elipse do determinante ou vice-versa:

dou-lhe a minha ***palavra*** (i.é, *palavra de honra*), *vamos à* ***cidade*** (i.é, *ao centro da cidad*e), *um* ***possesso*** (i.é, *pessoa possuída do demônio*), *aproveitar a* ***ocasião*** (= *a boa ocasião*), *a festa da* ***Ascensão*** (= da *Ascensão de Jesus Cristo*).

e) Eufemismo – translação de sentido pela suavização da ideia:

1 – para a morte:

finar-se, falecer, entregar a alma a Deus, dar o último suspiro (literários), passar desta a *melhor, ir para a cidade dos pés juntos, dizer adeus ao mundo, esticar as canelas, desocupar o beco, bater as botas, etc.* (*estes* populares).

2 – para a bebida:

abrideira, *água que gato* (*passarinho*) *não bebe*, *januária*.

O tabu linguístico pode favorecer o aparecimento de expressões eufemísticas. O medo de proferir palavras como *diabo*, *demônio*, *satanás* nos leva a usar desfigurações voluntárias como *diacho*, *diogo*, *demo*, *satã*. [MG.1, 76 e ss.]

f) Alterações semânticas por influência de um fato de civilização:

tonto (= *louco*) particípio do verbo *tondere*, por *tonso*, lembra-nos o tempo em que se rapava a cabeça aos loucos.104

pagão (= *indivíduo que não foi batizado*) se prende à época inicial do Cristianismo, pois a Igreja fez uso especial do termo que tinha curso na linguagem militar: *paganus*, o civil, em oposição ao soldado (castrensis) passou a ser o oposto a *christianus* [cf. EG.1, 134; RH.1, 132].

cor (*saber guardar*, *ter de* – = *de memória*) relembra-nos a época em que a anatomia antiga fazia do coração a sede dos sentimentos, da inteligência, da memória.

judiar (= *zombar*, *atormentar*) lembra-nos a época dos tormentos praticados ou sofridos pelos judeus. A palavra ***judas*** (= *homem mal trajado*) é uma aplicação do nome próprio *Judas* a quem o povo atribui qualidades negativas.

calabrear (= *misturar*; *confundir*; *mudar para pior*; *alterar vinhos*): documenta a má fama em que eram tidos os calabreses, acrescida pela lenda popular de que Judas era natural da Calábria, no sul da Itália. Cf. artigo de L. Spitzer, *Boletim de Filologia* (Lisboa), V, 3-4, pág. 376.

A maneira aristocrática de ver as coisas é responsável pela mudança de significado de algumas palavras:

vilão (saído do latim *villa* = quinta, aldeia), de "*camponês*" passou a designar "homem grosseiro", "perverso", "infame".

De vez em quando, surgem pessoas que querem ver expurgadas dos dicionários certas palavras depreciativas de povo ou localidade (como *judiar*, *baianada* e outros). É excesso de sentimento a que a História não se curva, nem o povo leva em conta, porque, no uso do termo,

não entra nas minúcias históricas do pesquisador, nem procura, usando a palavra, fazer juízo específico a respeito do povo ou da localidade.

g) Etimologia popular ou associativa

É a tendência que o falante – culto ou inculto – revela em aproximar uma palavra a um determinado significado, com o qual verdadeiramente não se relaciona.105

Às vezes a palavra recebe novo matiz semântico sem que altere sua forma. *Famigerado*, por exemplo, que significa "célebre", "notável",106 influenciado pela ideia e semelhança morfológica de faminto, passa, na linguagem popular, a este último significado. *Intemerato* (= sem mancha, puro), graças a *temer*, é considerado como sinônimo de *intimorato*; *inconteste* (= *s*em testemunho) passa a sinônimo de *incontestável*; *falaz* (= falso, enganador) é aproximado de *falador*.

Espécies de alteração semântica

A) Extensão do significado;

B) Enobrecimento do significado;

C) Enfraquecimento do significado.

A – ***Extensão do significado***

prédio (= propriedade rústica ou urbana inamovível) passou a designar qualquer edifício sem referência ao solo.

espraiar (= jogar algo à praia) alargou o significado como sinônimo de "estender-se por larga área".

embarcar (= entrar na barca) significa hoje "entrar em qualquer condução".

aliviar (= tornar mais leve uma carga) se diz hoje como igual a "minorar", "diminuir", "abrandar", uma culpa, um mal, o tempo (a chuva aliviou).

1 – **Restrição ou especialização do significado**

a) *fortuna* (destino bom ou mau) especializa seu sentido na direção positiva.

sucesso (acontecimento bom ou mau) passa a exprimir só o lado bom.

carta (= epístola) tinha em latim o sentido de qualquer livro, papel, escrito.

britar (significava "quebrar qualquer coisa") restringiu hoje o seu significado para "quebrar pedras".

b) *abreviação ou condensação: um havana* (= charuto de Havana); o champanha (= o vinho de Champagne); um (a) jato (= avião a jato).

2 – **Plenitude do significado**

Um milhão de reais já é uma *quantia*; José mostrou-se um *homem.*

B – ***Enobrecimento do significado***

emérito (aplicado ao funcionário que se aposentava) significa hoje *distinguido*, *ilustre*.

marechal (= criado do cavalo) passou a indicar o posto mais elevado do Exército.

pedagogo (era o escravo que conduzia as crianças à escola); significou depois o professor ou profissional em educação.

3 – **Degradação do significado (Pejorativos)**

vilão.

libertino (= escravo liberto) passou a indicar o indivíduo devasso, sem pudor.

libidinoso (= que segue seu capricho) significa hoje o dissoluto.
valetudinário (= de boa ou má saúde ou compleição) significa hoje só à má parte

C – ***Enfraquecimento do significado***

O emprego contínuo de uma palavra provoca a diminuição de sua energia semântica, mormente nas expressões afetivas. *Bajular* era "levar alguém às costas", o que enfatiza a ideia de servidão que tinha a palavra no início do seu emprego em expressões como "bajular o chefe".

Pequena nomenclatura de outros aspectos semânticos

1) **Polissemia** – É o fato de haver uma só forma (significante) com mais de um significado unitário pertencentes a campos semânticos diferentes. Ou, em outras palavras, a polissemia é um conjunto de significados, cada um unitário, relacionados com uma mesma forma. Portanto, não se pode ver a polissemia como "significados imprecisos e indeterminados", porque cada um desses significados é preciso e determinado:

pregar (um sermão) – *pregar* (= preguear uma bainha da roupa) – *pregar* (um prego)

manga (de camisa ou de candeeiro) – *manga* (fruto) – *manga* (= bando, ajuntamento) – *manga* (parede)

cabo (cabeça, extremidade, posto na hierarquia militar) – *cabo* (= parte de instrumento por onde esse se impunha ou utiliza: *cabo* da faca)

A polissemia é, portanto, um fato de língua.

É preciso não confundir a polissemia léxica ou *homofonia*107 com variação semântica ou polivalência no falar (fato de fala), que consiste na diversidade de acepções (sentidos) de um mesmo significado da língua segundo os valores contextuais, ou pela designação, isto é, graças ao conhecimento dos "estados de coisas" extralinguísticos:

pensar { um assunto / um ferimento

ponto {
- em geometria: um ponto no espaço
- em gramática: sinal de pontuação
- em teatro: auxiliar de atores
- em táxi: ponto de táxi
- em gíria escolar: o professor deu *ponto* novo ("matéria") / o aluno precisa de dois *pontos* (= grau)

Como lembra Coseriu, "antes de optar pela homofonia, dever-se-á perguntar se não se trata de variação (semântica): em todos os casos em que as homofonias ou polissemias não sejam evidentes (por exemplo, por se tratar de formas que pertencem a paradigmas diversos) (...), há de se buscar primeiro aquilo que caracteriza as línguas, isto é, invariantes de significado ou "significado unitário". E só quando se mostre absolutamente impossível "reduzir" todas as

acepções de uma forma a um valor unitário de língua, será lícito admitir homofonia (...)" [ECs.1, 206; AV.1, 101-102].

NOTA DE NOMENCLATURA: A tradição gramatical e os linguistas divergem na conceituação de *polissemia* e *homonímia*, criada ao tempo da linguística diacrônica. Por polissemia entende a tradição a "propriedade da significação linguística de abarcar toda uma gama de significações, que se definem e precisam dentro de seu contexto" [MC.4]. Exemplifica com a preposição *a* (significação gramatical) e a palavra *andar* (significação lexical): *ir a Lisboa*, *andar a* pé, *falar a Pedro*; *andar a largos passos*, *andar de automóvel*, *andar doente.*

2) **Homonímia** – Já por *homonímia* entende a tradição: "propriedade de duas ou mais formas, inteiramente distintas pela significação ou função, terem a mesma estrutura fonológica, os mesmos fonemas, dispostos na mesma ordem e subordinados ao mesmo tipo de acentuação; como exemplo: um homem *são*; *São* Jorge; *são* várias as circunstâncias (...)

Ela é possível sem prejuízo da comunicação em virtude do papel do contexto na significação de uma forma, como sucede com *são* nos exemplos dados [MC.4, s.v.].

Dentro da homonímia, alude-se, em relação à língua escrita, aos *homófonos* distinguidos por ter cada qual um grafema diferente, de acordo com o sistema ortográfico: *coser* 'costurar'; *cozer* 'cozinhar'; *expiar* 'sofrer'; *espiar* 'olhar sorrateiramente'; *sessão* 'ato de assistir'; *cessão* 'ato de ceder'; *cela* 'quarto para enclausuramento'; *sela* 'peça de arreio'[MC.4, s.v.].

O mesmo linguista aponta o artificialismo do conceito de *homógrafos*, "formas que se escrevem com as mesmas letras mas correspondendo elas a fonemas distintos, pois já não se trata evidentemente de homônimos da língua, cuja essência são as formas orais" [MC.4, s.v.].

Todos apontam a dificuldade de nem sempre se poder distinguir a polissemia da homonímia. Têm sido propostos alguns critérios para aclarar se se trata de uma mesma palavra com dois ou mais significados diferentes (polissemia) ou de duas palavras distintas com idênticos fonemas (homonímia):

a) critério histórico-etimológico – é o que fazem, em geral, os nossos dicionários;

b) a consciência linguística do falante;

c) critério das relações associativas;

d) critério dos campos léxicos.

Todos estes critérios estão sujeitos a críticas, como resenhou exaustivamente Geckeler [HG.1, 146-158].

Em erudito artigo, Coseriu chega, cremos, à correta interpretação da *polissemia*, na análise que faz do ensinamento de Aristóteles e resumo crítico desse artigo em AV.1, 92-107.

3) **Sinonímia** – É o fato de haver mais de uma palavra com semelhante significação, podendo uma estar em lugar da outra em determinado contexto, apesar dos diferentes matizes de sentido ou de carga estilística.

casa, *lar*, *morada*, *residência*, *mansão*

Um exame detido nos mostrará que a identidade dos sinônimos é muito relativa; no uso (quer literário, quer popular), eles assumem sentidos "ocasionais" que no contexto um não pode ser empregado pelo outro sem que se quebre um pouco o matiz da expressão. Uma série sinonímica apresenta-se-nos com pequenas gradações semânticas quanto a diversos domínios:

o sentido abstrato ou concreto; o valor literário ou popular (*fenecer* / *morrer*); a maior ou menor intensidade de significação (*chamar* / *clamar* / *bradar* / *berrar*); o aspecto cultural (*escutar*/*auscultar*) e tantas outras.

4) **Antonímia** – É o fato de haver palavras que entre si estabelecem uma oposição *contraditória* (*vida*; *morte*), *contrária* (*chegar*; *partir*) ou *correlativa* (*irmão*; *irmã*) [JK.1 *apud* HGe.1, 288 n.23].

Já Lyons [JLy.1 *apud* HGe.1, 291] entende que se podem distinguir três subconceitos do que se há de compreender por antonímia em sentido amplo:

a) *complementaridade* (a negação de uma implica a afirmação da outra e vice-versa: *João não está casado* implica que *João é solteiro*; *João está casado* implica que *João não é solteiro*);

b) *antonímia* (opostos por excelência: *grande* : *pequeno*);

c) *correlação* (*comprar* : *vender*; *marido* : *mulher*).

Quanto à sua manifestação constitucional, Mattoso cita os três aspectos diferentes:

a) mediante palavras de radicais diferentes: *bom* : *mau*;

b) com auxílio de um prefixo negativo em palavras do mesmo radical: *feliz* : *infeliz*; *legal* : *ilegal*; *político* : *apolítico*;

c) palavras que têm prefixos de significação contrária: *excluir* : *incluir*; *progredir* : *regredir*; *superpor* : *soto-pôr*.

Às vezes, a negação serve para atenuar a oração afirmativa: *Pedro não está bem* : *Pedro está mal*.

Às vezes ocorre a antonímia porque a palavra apresenta valor ativo e passivo:

alugar { a) dar de aluguel / b) receber de aluguel

emprestar { a) dar de empréstimo / b) receber de empréstimo

hóspede { a) quem recebe a hospedagem / b) quem dá a hospedagem (hoje hospedeiro)

esmolar { a) dar esmolas / b) receber esmolas

5) **Paronímia** – É o fato de haver palavras parecidas na forma e diferentes no significado:

Os parônimos dão margem a frequentes erros de impropriedade lexicais:

proscrever: proibir
prescrever: aconselhar

tráfego: trânsito
tráfico: comércio

ratificar: confirmar
retificar: corrigir

infringir: transgredir, violentar
infligir: aplicar pena, castigo

descrição: ato de descrever
discrição: qualidade de quem é discreto

intimorato: destemido, intrépido
intemerato: puro, imaculado

iminente: pendente, próximo para acontecer
eminente: ilustre

C) Estrutura do enunciado ou período. A oração e a frase

I – A Oração e as Funções Oracionais

Enunciado ou período – Toda a manifestação da linguagem com vistas à comunicação com nossos semelhantes se constrói com uma sequência de unidades delimitadas por um silêncio que precede o início dessa atividade e o que se lhe segue, acompanhada de contorno melódico, também chamado curva de entoação e normalmente marcada, na escrita, pelos sinais de pontuação e pelo emprego da maiúscula inicial:

O galo-da-campina ergue a poupa escarlate fora do ninho.

A esta unidade linguística que faz referência a uma experiência comunicada e que deve ser aceita e depreendida cabalmente pelo nosso interlocutor se dá o nome de *enunciado* ou *período*.

Há enunciados relativamente curtos, como o do nosso exemplo, ou ainda mais curtos, como *Sim* ou *Vou*, e há os que se dilatam por muito maior extensão:

O galo-da-campina ergue a poupa escarlate fora do ninho e seu límpido trinado anuncia a aproximação do dia.

Conforme a realidade designada, os enunciados se apresentam com formas variadas:

1. Os homens desejam a paz.
2. Ela não trabalha aos sábados.
3. Muitas crianças viram os pássaros.
4. Bebel gosta do colégio.
5. O chefe dará oportunidades aos jovens.
6. O sol é um astro luminoso.
7. Chove muito no verão.

8. Relampeja.
9. Que achou você da festa?
10. Eles ainda não chegaram?!
11. Vivam os campeões!
12. Que calor!
13. Depressa!

Apesar de tão variadas formas por que se apresentam os enunciados, há traços comuns que devem ser ressaltados [AL.1, 256]:

a) são mensagens completas e de acordo com a situação em que se acham falante e ouvinte;

b) são unidades sequenciais delimitadas por um silêncio precedente a ele e uma pausa final;

c) são proferidos com um contorno melódico particular.

Esta curva de entonação é o significante ou expressão material que evoca a modalidade de intenção comunicativa do enunciado (significado ôntico) que o falante quer transmitir ao seu interlocutor:

a) ou para lhe expor, afirmando ou negando, certos fatos (*Pedro estuda. Pedro não estuda*.);

b) ou para indagar sobre algo (*Pedro estuda*? *Pedro não estuda*? *Quem chegou*?);

c) ou para apelar-lhe, em geral, atuando sobre ele (*Dê-me o livro. Não me dê o livro. Volte cedo*.);

d) ou para chamar-lhe a atenção (*Ó Pedro.*);

e) ou para traduzir-lhe os próprios pontos de vista ou sentimentos (*Que prazer*! *Como está frio*!).

Assim, quanto à significação fundamental do enunciado, temos cinco tipos ou classes essenciais deles: *declarativo* ou *enunciativo*, *interrogativo*, *imperativo-exortativo*, *vocativo* e *exclamativo*, dos quais o primeiro corresponde à função representativa – informativa da linguagem, os três seguintes à função apelativa e o último à função expressiva [HC.1, s. v. Frase].

Entre o primeiro e o segundo tipos há maior afinidade do que entre o primeiro e os restantes. Talvez porque o primeiro encerre o aspecto ou papel fundamental da intenção comunicativa da linguagem, é considerado o enunciado típico – base do impulso inicial da especulação gramatical pela lógica grega –, do qual os outros tipos são considerados derivados ou ao qual todos os outros tipos se podem reduzir. Por isso é que a unidade linguística, dentro desta concepção original, recebe o nome de *enunciado*; na tradição gramatical brasileira, *período.*

Oração e frase – Entre os tipos de enunciados há um conhecido pelo nome de *oração* que, pela sua estrutura, representa o objeto mais propício à análise gramatical, por melhor revelar as relações que seus componentes mantêm entre si, sem apelar fundamentalmente para o entorno (situação e outros elementos extralinguísticos) em que se acha inserido. É neste tipo de enunciado chamado *oração* que se alicerça, portanto, a gramática, e será especificamente dela que trataremos a seguir.

Mas antes devemos adiantar que o enunciado também aparece sob forma de *frase*, cuja estrutura interna difere da oração porque não apresenta relação predicativa. São às vezes simples palavras, outras vezes uma reunião delas, que são transpostas à função do enunciado. Em nosso exemplário anterior, constituem *frases* os seguintes enunciados:

Depressa!
Que calor!

Mais adiante trataremos desse tipo de enunciado com mais atenção.

A oração se caracteriza por ter uma palavra fundamental que é o *verbo* (ou sintagma verbal) que reúne, na maioria das vezes, duas unidades significativas entre as quais se estabelece a *relação predicativa* – o *sujeito* e o *predicado*:

Sujeito	*Predicado*
Pedro	estuda.
Pedro	não estuda.

Comparemos agora as seguintes possibilidades:

Eu estudo português às segundas-feiras no horário da manhã.
Eu estudo português às segundas-feiras.
Eu estudo português.
Eu estudo.
Estudo.

Nas possibilidades acima, o único constituinte indispensável foi o verbo *estudo*, o que o faz *núcleo* da oração, enquanto os outros constituintes são adjacentes ao núcleo. Esta adjacência não guarda a mesma relação entre os diversos constituintes da oração, pois a relação entre o sujeito *eu* é mais estreita com o verbo *estudo* que os demais. Mas a relação predicativa pode ser *referida* a um sujeito, como em *Eu estudo*, ou *não referida*, como *Chove*. Por isso, nem mesmo o sujeito é um constituinte imprescindível da oração e, por conseguinte, da relação predicativa, embora a sua presença ao lado do verbo pessoal constitua o tipo mais frequente – diríamos até a estrutura favorita – de oração em português.

Em *Chove*, o verbo flexionado na 3.ª pessoa – marca o sujeito gramatical, isto é, assinalado apenas gramaticalmente, mas temos uma relação predicativa não referida, pois não admite sujeito explícito. Diz-se que o verbo é *impessoal* e a oração é *sem sujeito explícito*. A chamada 3.ª pessoa é a não pessoa, é a não eu nem meu interlocutor, e assim é a forma utilizada para indicar a relação predicativa não referida, isto é, as orações sem sujeito explícito.

Sujeito e predicado – O primeiro grupo natural corretamente identificado exerce uma função sintático-semântica chamada SUJEITO, e o segundo grupo exerce outra função sintático-semântica chamada PREDICADO.

Sujeito	*Predicado*
Os homens	desejam a paz.
Eu	trabalho como professor.
Muitas crianças	viram os pássaros
O bom filho	compreende o esforço dos pais
O sol	é um astro luminoso.

Conhecendo melhor o sujeito: núcleo e determinantes 108 – Chama-se sujeito à unidade ou sintagma nominal que estabelece uma relação predicativa com o núcleo verbal para constituir uma oração. É, na realidade, uma *explicitação léxica* do sujeito gramatical que o núcleo verbal da oração normalmente inclui como morfema número-pessoal. Em:

Eu estudo no colégio e eu e dois irmãos brincamos no clube,

os núcleos verbais das duas orações *estudo* e *brincamos* incluem os morfemas *–o* (*estud-o*) e *–mos* (*brinca-mos*), que indicam os sujeitos gramaticais "1.ª pessoa do singular" e "1.ª pessoa do plural", respectivamente. Estes sujeitos gramaticais, quando necessários ao melhor conhecimento da mensagem veiculada no texto, podem ser explicitados por *formas léxicas* que guardam com os sujeitos gramaticais a relação gramatical de concordância em número e pessoa. Assim é que em *Eu estudo*, *eu*, pronome de 1.ª pessoa do singular, se acomoda à indicação do morfema *–o*, indicador, nos verbos, da 1.ª pessoa do singular no presente do indicativo:

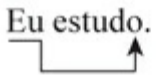

Já em *brincamos*, o sujeito gramatical "1.ª pessoa do plural" está indicado pelo morfema *–mos*. Este sujeito inclui necessariamente a pessoa que fala (eu), mas abre um amplo leque de pessoas que com ela participam do processo indicado pelo lexema *brincar*:

Eu e meu vizinho
Eu e minha colega
Eu e os primos, etc.

Por isso, sente o falante a necessidade de explicitar, de indicar claramente a que pessoas ele quer referir-se:

Eu e dois irmãos brincamos no clube.

Vê-se, então, que não se pode falar, a rigor, de elipse do sujeito, quando aparece apenas o núcleo verbal da oração (*Estudo*, *Brincamos*), já que ele aparece sempre presente na forma verbal flexionada no morfema que representa o sujeito gramatical (1.ª, 2.ª e 3.ª pessoas, do singular ou plural). Trata-se, pelo contrário, da sua expansão ou não, mediante o sujeito explícito, fato que não está mais na exigência da gramática (quando há, é claro, relação predicativa referida, mas do texto, para a transmissão efetiva e clara da mensagem).

Sujeito é uma noção gramatical, e não semântica, isto é, uma referência à realidade designada, como ocorre com as noções de *agente* e *paciente*. Assim, o sujeito não é necessariamente o agente do processo designado pelo núcleo verbal, como se patenteia em:

Machado de Assis escreveu extraordinários romances.

O sujeito pode representar o paciente desse processo:

Extraordinários romances foram escritos por Machado de Assis.

O sujeito, quando explicitado ou claro na oração, está representado – e só pode sê-lo – por uma expressão substantiva exercida por um *substantivo* (*homem*, *criança*, *sol*) ou pronome (*eu*) ou equivalente. Diz-se, portanto, que o núcleo do sujeito é um substantivo ou equivalente. Uma palavra não é substantivo porque pode exercer a função de sujeito; ao contrário, só pode ser sujeito porque é um substantivo ou equivalente.

A característica fundamental do sujeito explícito é estar em consonância com o sujeito gramatical do verbo do predicado, isto é, se adapte (isto é, *concorde*) a seu número, pessoa e gênero (neste caso quando há particípio no predicado):

Eu nasci. *Nós nascemos*. Elas não *eram nascidas*.

O reconhecimento seguinte do sujeito se faz pela sua posição normal à esquerda do predicado, bem como por responder às perguntas *quem*? (aplicado a seres animados), *que*? *o quê*? (aplicado a coisas), feitas antes do verbo.

José escreveu uma bela redação.

Quem escreveu uma bela redação? – *José*

O livro caiu.

Que caiu? – *O livro*.

Muitas vezes a expressão substantiva núcleo do sujeito – ou de qualquer função que tem por núcleo uma expressão substantiva – se faz acompanhar de determinantes que têm por papel expressivo *dizer algo acerca de algo com signos da língua*, isto é, com instrumentos verbais da língua. Assim, para ficarmos só nos limites do grupo natural representado pelo sujeito de enunciados, os determinantes dos núcleos substantivos são: *os* (homens), *muitas* (crianças), *o* e *bom* (filho), *o* (sol).

1) Determinantes, pré-determinantes e pós-determinantes

O exemplo da oração:

O bom filho compreende o esforço dos pais

nos põe diante da possibilidade de estar o núcleo substantivo que funciona como sujeito explícito acompanhado de mais de um determinante (*o* e *bom*). Nestes casos, a língua portuguesa conhece determinantes que podem figurar antes de outro determinante (os pré-determinantes) e os que podem figurar depois de outro determinante (os pós-determinantes).

Os determinantes estão, em geral, representados pelas seguintes classes de palavras: *adjetivo*, *artigo* e *pronome demonstrativo* ou equivalentes de adjetivos (estes veremos mais adiante):

Noites *claras* prenunciam bom tempo.

O livro está esgotado.

Esta manhã prometia chuva.

Na sequência de determinantes, aparecem como pré-determinantes, à esquerda do determinante, as palavras que podem receber globalmente o nome de *Quantificador* (*algum*, *certo*, *vários*, *todo*, *todos*, *qualquer*, *alguns* (*de*), *vários* (*de*), etc.:

Alguns bons momentos são inesquecíveis.

Todos os alunos saíram.

Alguns de nós não foram à festa.

Aparecem como pós-determinantes, isto é, as palavras que ocorrem à direita do determinante e do pré-determinante, o *pronome possessivo* e o *numeral*:

Os *seus* livros não estavam na estante.

Aqueles *dois* erros eram graves.

Vários de *meus* sobrinhos são engenheiros.

Aqueles *dois seus* vizinhos trabalham no comércio.

Antes de passarmos à descrição dos termos sintáticos integrantes da oração em português, precisamos falar de algumas noções que se fazem necessárias a que tal tarefa se realize o mais adequadamente possível. Estas noções dizem respeito *a termos nucleares* e *marginais* e *termos argumentais* e *não argumentais*, *termos opcionais* e *não opcionais*, e, finalmente, *termos integráveis* e *não integráveis*.

2) Termos nucleares e marginais

Numa oração como:

Graciliano falou de temas universais em seus romances,

além de *Graciliano* e *falou*, que são núcleos do sujeito e do predicado, temos os termos *de temas universais* e *em seus romances*, que se dizem *nucleares*, do ponto de vista sintático-semântico, porque estão intimamente referidos à relação predicativa, já que *de temas universais* explicita aquilo de que falam os romances de Graciliano Ramos, enquanto *em seus romances* faz alusão ao tipo de escritos nos quais o autor fala desses temas.

Já em:

Certamente, Graciliano viveu experiências amargas, durante sua vida,

muitas experiências amargas e *durante sua vida* são *nucleares*, porque também estão intimamente ligados, pelas relações sintáticas e semânticas, à função predicativa da oração, que tem por núcleo o verbo *viveu*. Tal não ocorre, porém, com o termo *certamente*, que não está referido nem somente ao sujeito nem somente ao predicado, mas a toda a oração. Esta independência sintática e semântica lhe permite deslocar-se livremente nos limites da oração:

Certamente, Graciliano viveu experiências amargas durante sua vida.
Graciliano, certamente, viveu experiências amargas, durante sua vida.
Graciliano viveu, certamente, experiências amargas durante a sua vida.
Graciliano viveu experiências amargas, certamente, durante a sua vida.
Graciliano viveu experiências amargas durante a sua vida, certamente.

Este termo *certamente*, verdadeiro comentário à parte do narrador, se considera um termo *marginal* da frase, de que nos ocuparemos mais adiante.

3) Termos argumentais e não argumentais – Se os termos nucleares se referem sintática e semanticamente à relação predicativa da oração, eles nem sempre o são no mesmo grau de coesão e de dependência ou subordinação. Assim, na oração:

Graciliano conheceu experiências amargas durante sua vida,

experiências amargas e *durante sua vida*, já o dissemos, são termos nucleares, mas o primeiro (*experiências amargas*) está mais estreitamente ligado ao conteúdo do pensamento designado pelo verbo *conhecer* do que o termo *durante sua vida*. Dizemos, então, que o termo nuclear *experiências amargas* é também um termo *argumental* ou é um *argumento*, porque aparece solicitado ou regido pelo significado lexical referido pelo verbo *conheceu*. Já o termo *durante sua vida* não está condicionado pelas relações sintáticas e semânticas do mesmo verbo; por isso pode não aparecer na referida oração, sem que esta se prejudique na sua estruturação sintático-semântica:

Graciliano conheceu experiências amargas,

o que não se daria, se eliminássemos o termo argumental *experiências amargas*:

* Graciliano conheceu durante sua vida.

Assim, *durante sua vida* é um termo *não argumental*. *Argumental* e *não argumental* distinguem as mesmas características sintáticas e semânticas que a gramática tradicional utiliza para separar os *complementos* ou termos *regidos* ou ainda *integrantes* dos *adjuntos* ou termos *acessórios*.

Além da capacidade de poder ser eliminado da oração, o termo não argumental, pela sua coesão fraca e independência sintático-semântica em relação ao predicado, goza de maior liberdade de colocação na *oração*, marcado com pausa adequada, assinalada quase sempre por sinais de pontuação:

Graciliano conheceu experiências amargas durante sua vida.
Durante sua vida, Graciliano conheceu experiências amargas.
Graciliano conheceu, durante sua vida, experiências amargas.

Esta liberdade, já o vimos, conheceu também o termo marginal *certamente*, do exemplo anterior; só que *durante sua vida* é termo nuclear, e não marginal, porque está referido ao predicado das orações acima. Esta liberdade se deve às características sintáticas e semânticas do verbo *conheceu*.

É oportuno lembrar também que um termo argumental o é por motivação das características sintáticas e semânticas da relação predicativa, e não apenas pelo conteúdo designado. Assim, uma noção de lugar como *no Brasil* pode funcionar como argumental ou complemento na oração (1), e como não argumental na oração (2):

(1) Ele mora *no Brasil.*
(2) Ele trabalha *no Brasil.*

Na oração (1), em condições normais, não se pode prescindir de *no Brasil*:

* Ele mora.

Já na oração (2), o apagamento de *no Brasil* é perfeitamente normal:

Ele trabalha.

4) Termos opcionais e não opcionais – É preciso não confundir termo argumental e não-argumental com termo não-opcional e opcional, respectivamente.

Muitas vezes um termo argumental, isto é, condicionado pelas características sintáticas e semânticas de recção ou regência do termo regente, pode ser dispensado, apagado ou eliminado da oração pelo falante ou porque já foi referido anteriormente e, por isso, é facilmente subentendido pelo ouvinte, ou porque, graças ao conhecimento que temos das coisas e do mundo, a nossa experiência também facilmente entende aquilo de que estamos falando.

Assim é que não se precisa repetir o sujeito *Antônio* junto ao segundo verbo do grupo de orações:

Antônio saiu cedo, mas não gostou da ideia,

que seria

Antônio saiu cedo, mas Antônio não gostou da ideia.

Também em razão do nosso saber sobre as coisas do mundo extralinguístico é que podemos fazer o chamado "emprego absoluto" de vários verbos, desacompanhados de seus argumentos ou complementos, implícitos na ação designada pelo verbo, mas que a nossa experiência recupera. Podemos ser entendidos e a oração "fazer sentido" com enunciados do tipo:

Hoje não *escrevi* [sabe-se que se trata de um texto qualquer]

Enchi o copo [sabe-se que se trata de um líquido, água, suco, etc.]

Não se fazem tais apagamentos se se trata de uma declaração que contrarie a nossa experiência:

Enchi o copo *de areia*.

5) Termos integráveis e não integráveis – Cabe, por fim, distinguir termos *integráveis* e termos *não integráveis*. Chamam-se integráveis aquelas funções sintáticas que podem ser substituídas por pronome pessoal adverbal átono, também chamado *clítico* (do grego *klísis* 'inclinação') pela possibilidade de integrar-se no mesmo grupo acentual da palavra a que se inclina na pronunciação, na curva melódica.

No português, são integráveis os complementos direto e indireto, como veremos ao seu tempo. Bastem-nos estes exemplos:

Li *o livro* – Li-*o*.

Viu *as crianças* – Viu-*as*.

Dei o livro *a Pedro* – Dei-*lhe* o livro.

Escreveram carta *aos primos* – Escreveram-*lhes* cartas.

Termos argumentais podem não ser integráveis: é o que acontece com o complemento relativo. Neste caso, a expressão que substitui esta função está representada por um sintagma prepositivo que repete a mesma preposição seguida dos pronomes *ele*, *ela*, *eles*, *elas* ou *isso*:

Não pensava *nos amigos* / Não pensava *neles*.

Assistimos *ao jogo* / Assistimos *a ele*.

Por outro lado, termos não argumentais podem ser integráveis, como ocorre com o chamado dativo de interesse, que estudaremos mais adiante:

Não *me* mexam nesses papéis!

Conhecendo melhor o predicado: núcleo e determinantes – Já vimos que sujeito e predicado organizam a relação predicativa, relação que constitui oração favorita e normal da língua portuguesa, organização que se traduz por marcas formais, como a concordância de número e pessoa, que estudaremos mais adiante.

O núcleo do predicado está constituído por uma classe de palavra chamada *verbo*; assim é que as orações ditas favoritas não dispensam o verbo, explícito, ou oculto pelas possibilidades da referência discursiva.

O predicado de uma oração pode ser *simples* ou *complexo*, conforme o conteúdo léxico do verbo que lhe serve de núcleo. Há verbos cujo conteúdo léxico é de grande extensão semântica; de modo que, se desejamos expressar determinada realidade, temos de delimitar essa extensão semântica mediante o auxílio de outros signos léxicos adequados à realidade concreta. Estes outros signos léxicos que nos socorrem nessa delimitação da extensão

semântica do verbo, verdadeiros delimitadores semânticos verbais, se chamam *argumentos* ou *complementos verbais*.

Os verbos que necessitam dessa delimitação semântica recebem o nome de *transitivos*:

O porteiro *viu o automóvel.*

Eles *precisam de socorro*.

Os verbos que apresentam significado lexical referente a realidades bem concretas não necessitam de outros signos léxicos, como fazem os que integram predicados complexos. Dizemos, então, que o predicado é *simples*. A tradição gramatical chama *intransitivos* a tais verbos:

Ela não *trabalha*.

José *acordou* cedo.

As crianças *cresceram* rapidamente.

Um mesmo verbo pode ser usado transitiva ou intransitivamente, principalmente quando o processo verbal tem aplicação muito vaga:

Eles *comeram* maçãs (transitivo).

Eles não *comeram* (intransitivo).

Esta particularidade só é possível quando a extensão significativa do verbo aponta para um termo geral (arquilexema) que englobe a natureza de todos os signos léxicos que naturalmente apareceriam à direita do verbo:

Eles *bebem* pouco (algo líquido: *água*, *refrigerante*, *suco*, etc.).

O aluno não *escreveu* (um texto: *bilhete*, *carta*, *oração*, etc.).

E é justamente por isso que não se podem usar intransitivamente, a não ser que os entornos venham em socorro da perfeita compreensão da mensagem, predicados do tipo:

Ele ofereceu

Nós reparamos,

já que o signo lexical do complemento não pode ser preenchido por um signo léxico abrangente, um arquilexema, como ocorreu nos exemplos anteriores.

Certos verbos normalmente transitivos, quando empregados intransitivamente, podem adquirir especial matiz semântico:

Ele não *vê* / 'não enxerga', 'é cego'

Já não *bebe* / 'abandonou o alcoolismo'

Ainda não *lê* / 'é analfabeto'

Por tudo isto, conclui-se que a oposição entre transitivo e intransitivo não é absoluta, e mais pertence ao léxico do que à gramática.

1) Os tipos de argumentos determinantes do predicado complexo

a) O complemento direto ou objeto direto – O predicado complexo acompanha-se de tipos diferentes de argumentos, conhecidos por *complementos verbais*.

O primeiro deles é o *complemento direto*, também chamado *objeto direto*, representado por um signo léxico de natureza substantiva (substantivo ou pronome) não introduzido por preposição necessária:

Os vizinhos não viram *o incêndio*.

Não encontramos *os responsáveis*.

O pai comprou *nova casa*.

Constituído, como o sujeito, por expressão substantiva não marcado por um índice funcional (a preposição, neste caso), o complemento direto se distingue do sujeito por vir à direita do verbo (o sujeito vem normalmente à esquerda) e não influir na flexão deste. Assim, a troca de posição destes dois termos na oração está circunscrita aos casos em que dela não resulte ambiguidade ou ruído de comunicação, principalmente no texto escrito. No texto oral, são as pausas e a entonação elementos decisivos para que a oração respeite a intenção comunicativa do falante, sem deixar de haver também, é evidente, a contribuição dos entornos:

José viu o irmão não é a mesma coisa que *O irmão viu José*. Mas já em *José viu os irmãos* e *Os irmãos viu José*, a flexão do verbo no singular patenteia que o sujeito, nas duas orações, só pode ser *José*.

A identificação deste tipo de complemento se faz, além da não presença de preposição necessária, mediante as seguintes estratégias:

a) a comutação do complemento direto pelos pronomes pessoais *o*, *a*, *os*, *as*, marcados formalmente com o gênero e o número do termo comutado:

Os vizinhos não viram *o incêndio* / ... não *o* viram
Não encontramos *os responsáveis* / ... não *os* encontramos
O pai comprou *nova casa* / ... *a* comprou

b) a passagem da oração na chamada voz ativa para a oração de voz passiva, mediante a qual o sujeito da ativa se transforma em agente da passiva introduzido pela preposição *por* (na combinação *per*), enquanto o complemento direto da ativa passa a sujeito da passiva:

Os vizinhos não viram *o incêndio* / *O incêndio* não foi visto *pelos vizinhos*.
Não encontramos *os responsáveis* / *Os responsáveis* não foram encontrados *por nós*.
O pai comprou *nova casa* / *Nova casa* foi comprada *pelo pai*.

c) a substituição do complemento direto pelos pronomes interrogativos *quem?* [é que] (para pessoas) e [o] *que* [é que]*?* antes da sequência sujeito + verbo, ou antes dos verbos *fazer* ou *acontecer*:

O caçador viu *o companheiro*.
Quem é que o caçador viu? – *o companheiro* (complemento direto)
O caçador viu *o lobo*.
Que é que o caçador viu? – *o lobo* (complemento direto)

d) finalmente, a transposição (topicalização) do complemento direto para a esquerda do verbo, operação que permite a presença de um pronome pessoal objetivo no local vizinho ao verbo onde deveria estar o complemento direto:

O caçador viu *o lobo* / *O lobo*, o caçador *o* viu

Nenhuma dessas estratégias por si só é operação infalível na identificação do complemento

direto; devemos, portanto, utilizar mais de uma estratégia, porque:

a) nem todo predicado complexo de oração de voz ativa admite a passagem à oração de voz passiva; ocorre o fato com certos verbos, como os seguintes [AB.1]:

*Eu quis o livro → *O livro foi querido por mim.*
*Cremos isso → *Isso é crido por nós.*
*O aluno tem o livro → *O livro é tido pelo aluno.*
*Os refugiados perderam tudo → *Tudo foi perdido pelos refugiados.*
*O atleta pesava 60 quilos → *60 quilos eram pesados pelo atleta.*

b) por outro lado, certos predicados complexos delimitados por signo léxico não constituído com complemento direto também admitem a transformação de oração de voz ativa em oração de voz passiva:

Assistimos à missa → A missa foi assistida por nós.
O proprietário pagou aos operários → Os operários foram pagos pelo proprietário.
O diretor perdoará aos alunos → Os alunos serão perdoados pelo diretor.
Os cidadãos obedecem à lei → A lei é obedecida pelos cidadãos.
Todos responderam ao anúncio → O anúncio foi respondido por todos.
Apelaram da sentença → A sentença foi apelada.
Não aludiram a essas razões → Essas razões não foram aludidas.

c) não são naturais, embora gramaticalmente possíveis, as perguntas com *quem*?, *que*? nas frases cujos predicados complexos contêm verbos que significam medida, peso, preço e tempo:

O corredor mede cinco metros.
O atleta pesa sessenta quilos.
O novo carro custou trinta mil reais.
O filme durou três horas.

d) também não são frequentes, embora gramaticalmente possíveis, as pronominalizações com os verbos da natureza semântica referida no item anterior:

O corredor mede-os.
O atleta pesa-os.
O novo carro custou-os.
O filme durou-as.

b) Objeto direto preposicionado – Não raro o objeto aparece iniciado por preposição:

Amar a Deus sobre todas as coisas.

A preposição quase sempre aparece para evidenciar o contraste entre o sujeito e o complemento, não se confundindo com o caso do posvérbio, porque este repercute na significação do verbo. Ocorre o objeto direto preposicionado nos seguintes casos principais:

a) quando se trata de pronome oblíquo tônico (uso hoje obrigatório):

"Nem ele entende *a nós*, nem nós *a ele"* [LC.1, V, 28].

b) quando, principalmente nos verbos que exprimem sentimentos ou manifestações de sentimento, se deseja encarecer a pessoa ou ser personificado a quem a ação verbal se

dirige ou favorece:

Amar *a Deus* sobre todas as coisas.

Consolou *aos amigos*.

c) quando se deseja evitar confusão de sentido, principalmente quando ocorre:

1) *inversão* (o objeto direto vem antes do sujeito):

A Abel matou Caim.

2) *comparação*:

"Isto causou estranheza e cuidados ao amorável Sarmento, que prezava Calisto como *a filho*" [CBr.1, 80].

OBSERVAÇÃO: Sem preposição poder-se-ia interpretar *filho* como sujeito: *como filho preza*; todavia, o uso da preposição neste caso não é gramaticalmente obrigatório.

d) na expressão de reciprocidade: *um ao outro*, *uns aos outros*:

Conhecem-se *uns aos outros*.

e) com o pronome relativo *quem*:

Conheci a pessoa *a quem* admiras.

f) nas construções paralelas com pronomes oblíquos (átonos ou tônicos) do tipo:

"Mas engana-se contando com os falsos que nos cercam. Conheço-os, e *aos leais*" [AH.3, 102].

g) nas construções de objeto direto pleonástico, sem que constitua norma obrigatória:

"Ao ingrato, ou não o sirvo, porque (para que) me não magoe" [RLb.2, 278].

c) A preposição como posvérbio – Muitas vezes aparece depois de certos verbos uma preposição que mais serve para lhes acrescentar um novo matiz de sentido do que reger o complemento desses mesmos verbos:

Arrancar a espada.

Arrancar da espada (acentua a ideia de uso do objeto e a retirada total da bainha ou cinta).

Cumprir o dever.

Cumprir com o dever (acentua a ideia de zelo ou boa vontade para executar algo).

Fiz que ele visse.

Fiz com que ele visse (acentua a ideia do esforço ou dedicação empregada).

A preposição que se emprega nestes casos deu-lhe o Prof. Antenor Nascentes o nome de *posvérbio* [AN.2, 17].

d) O complemento relativo – O predicado complexo também pode conter verbo cujo conteúdo léxico é de grande extensão semântica, que exige outro tipo de signo léxico que delimite e especifique a experiência comunicada, à semelhança do que vimos com o complemento direto. A diferença é que neste segundo caso o determinante do predicado complexo vem introduzido por preposição; a tal termo preposicionado chamamos *complemento relativo* [RL.1, 251]:

Todos nós *gostamos de cinema*.

O marido não *concordou com a mulher*.

Poucos *assistiram ao concerto*.

O comerciante não *confiou no empregado*.

A preposição que introduz o complemento relativo constitui uma extensão do signo léxico verbal como parece indicar o fato de que cada verbo se acompanha de sua própria preposição, por servidão gramatical.

A escolha de qual preposição deva introduzir este complemento relativo depende da norma estabelecida pela tradição, tradição que pode permitir, às vezes, o emprego variado e indiferente de mais de uma preposição:

Ela se parece *ao* pai Ela se parece *com* o pai.

Há, todavia, certos usos gramaticalmente previsíveis, como a frequente identidade do prefixo e da preposição (*depender de*, *concorrer com*, *agregar a*, por exemplo), ou a preferência relativa da preposição *de* depois de verbos pronominais (*arrepender-se de*, *queixar-se de*, *lembrar-se de*, *condoer-se de*, por exemplo), o que não deixa de ser aspectos da historicidade da norma.

A identidade, como termos funcionais argumentais do predicado complexo, entre o complemento direto e o complemento relativo justifica a quase nula frequência de coexistirem os dois termos no mesmo predicado, e nenhuma na coordenação deles:

O vizinho disse *mentiras do primo*.

O comerciante encheu *o copo de vinho*.

A jovem pôs *os livros na estante*.

Por outro lado, essa identidade funcional explica a possibilidade de, para muitos verbos, alternar a construção do complemento direto com o complemento relativo e até a norma admite indiferentemente qualquer dos dois complementos:

Ajudar a missa	*Ajudar à missa*
Atender o telefone	*Atender ao telefone*
Assistir os carentes	*Assistir aos carentes*
Chamar românicas essas línguas	*Chamar românicas a essas línguas*
Presidir a sessão	*Presidir à sessão*
Satisfazer o pedido	*Satisfazer ao pedido*

No decurso do tempo e nas variedades linguísticas (diatópicas, diastráticas e diafásicas é muito documentada essa mudança entre o complemento direto e o complemento relativo; assim, já se usaram como complemento relativo (o que hoje se fixou como complemento direto) os verbos *socorrer*, *contentar* e muitos outros.

O signo léxico que representa o complemento relativo é comutável pelos pronomes pessoais tônicos *ele*, *ela*, *eles*, *elas*, introduzidos pela respectiva preposição, marcando o gênero e o número da expressão substantiva comutada:

Todos gostam *do ator*. Todos gostam *dele*.

Os turistas assistiram *à opera*. Os turistas assistiram *a ela*.

O comerciante não confiou *nos empregados*. O negociante não confiou *neles*.

Porque delimitam a extensão semântica do signo léxico do predicado complexo, incluem-se como complemento relativo os argumentos dos verbos ditos locativos, situativos e direcionais, o que permite sua comutação com advérbios de equivalência semântica:

Seus parentes moram *no Rio*. / Seus parentes moram *aqui*.

O artista já não vive *em São Paulo*. / O artista já não vive *lá*.

Iremos *a Petrópolis*. / Iremos *aí* (*ali*).

Ela chegou *do Ceará*. / Ela chegou *de lá*.

OBSERVAÇÃO: Não há unanimidade entre os estudiosos em considerar tais argumentos do predicado complexo como complementos relativos. Levando em conta exclusivamente o aspecto semântico, muitos preferem considerar tais termos como adjuntos circunstanciais ou adverbiais, que estudaremos mais adiante. Pelas mesmas razões, também não é unânime a identificação como objeto direto argumentos do predicado complexo que têm por núcleo verbos que significam medida, peso, preço e tempo. A verdade é que significados gramaticais ["agente", "paciente", "locativo", "direção", etc.] se manifestam mediante esquemas sintáticos muito variados. Repare-se que, numa oração como *O policial acompanhou o idoso ao banco na hora do tumulto*, o termo indicativo do lugar (*ao banco*) é inerente ao predicado, e, portanto, não pode ser dispensado, como ocorre com *na hora do tumulto* [E. Paiva, 71 e ss.]

e) O complemento objeto indireto – Integrada a delimitação da amplitude semântica do predicado complexo mediante um signo léxico (*complemento direto* ou *complemento relativo*), pode aparecer um outro signo léxico, subsidiário desse conjunto da função predicativa, que denota geralmente relação a um ser animado, introduzido pela preposição *a* e que se refere à pessoa destinada ou beneficiada pela experiência comunicada no primeiro momento da intenção comunicativa do predicado complexo (verbo + argumento):

O diretor *escreveu cartas AOS PAIS*.

Os vizinhos *se queixaram* do *barulho À POLÍCIA*.

Este novo argumento do predicado complexo se chama *complemento* ou *objeto indireto* [HB.1, 261] e apresenta as seguintes características formais e semânticas: a) é introduzido apenas pela preposição *a* (raramento *para*); b) o signo léxico denota um ser animado ou concebido como tal; c) expressa o significado gramatical "beneficiário", "destinatário"; d) é comutável pelo pronome pessoal objetivo *lhe* / *lhes*, que leva a marca de número do signo léxico referido, mas não a de gênero, como ocorre no caso dos pronomes pessoais que comutam o signo léxico correspondente ao complemento direto (*o*, *a*, *os*, *as*) ou ao complemento relativo (prep. + *ele*, *ela*, *eles*, *elas*).

Enviaram o presente *à aniversariante*. / Enviaram-*lhe* o presente.

O diretor escreveu cartas *aos pais*. / O diretor escreveu-*lhes* cartas.

Acrescente-se ainda a possibilidade de poder esse pronome duplicar o complemento indireto na mesma oração, sem que este termo esteja obrigado a topicalizar-se, isto é, a aparecer antecipado na oração:

Sempre *lhe* dei *ao aluno* muita atenção.

Ao aluno sempre *lhe* dei muita atenção.

Assim, o complemento indireto é um termo que se distancia mais da delimitação semântica do predicado complexo e parece melhor um elemento adicional da intenção comunicativa que fica, no esquema sintático, a meio caminho entre os verdadeiros complementos verbais e os adjuntos circunstanciais.

Os estudiosos têm encontrado dificuldade em estabelecer um rigoroso critério de identificação do complemento indireto, preferindo servir-se concomitantemente de critérios

léxicos, formais e sintáticos.

A integração da relação predicativa se faz *imediatamente* com o complemento direto e relativo, e só *mediatamente* com o complemento indireto. Tanto é assim que em condições normais (isto é, quando não se trate de evidente elipse ou de auxílio de entorno, não se pode eliminar o complemento direto ou complemento relativo, mas é possível não anunciar o complemento indireto:

Vi o acidente	*Vi
Preciso do auxílio	*Preciso

mas:

Escrevi cartas aos pais	Escrevi cartas
Queixou-se da turma ao diretor	Queixou-se da turma

Embora o complemento ou objeto indireto integre o conjunto *verbo + complemento direto* ou *complemento relativo*, as circunstâncias do discurso (os entornos, a referência anterior ou seguinte no discurso) permitem que se omita o complemento direto ou complemento relativo, permanecendo na oração apenas o indireto, ou se pode omiti-lo, deixando apenas um daqueles complementos:

O diretor escreveu *aos pais*. O diretor escreveu *cartas*.

Os vizinhos se queixaram *à polícia*. Os vizinhos se queixaram *do barulho*.

f) Objeto indireto e adjuntos com *para* – Cabe insistir que a preposição que introduz o complemento indireto é *a*; muitas vezes, parece que, nesta função, se acha a preposição *para*, já que *a* e *para* se alternam em muitos esquemas sintáticos, mas não quando se trata do complemento indireto, o que só raramente acontece:

Alguns alunos compraram flores *para a professora*.

Se prestarmos atenção, *para a professora* do exemplo não introduz o termo que funcionaria como complemento indireto, e a prova disto está na possibilidade, na referida oração, de aparecer um complemento indireto:

Alguns alunos compraram flores *ao florista* para a professora.

Note-se que se *ao florista* e *para a professora* exercessem a mesma função de complemento indireto, deveriam aparecer coordenados mediante a conjunção *e*, como ocorre com todos os termos de igual valor gramatical. Não seria possível construir a seguinte oração:

Alguns alunos compraram flores *ao florista e para a professora*.

Diante de uma oração como a nossa

Alguns alunos compraram flores *ao florista para a professora*,

a pronominalização só pode ser comutada com o objeto indireto *ao florista*:

Alguns alunos compraram-lhe flores para a professora.

mas não:

*Alguns alunos compraram-lhe ao florista.

g) Construção especial com objeto indireto – Um pequeno número de verbos contraria o princípio geral que aqui adotamos, segundo o qual o objeto indireto integra a função predicativa exercida por *verbo* + *argumento* (objeto direto ou complemento relativo).

A notícia não agradou *ao povo*.

A notícia não *lhe* agradou.

Ocorre esta construção com verbos como *agradar*, *desagradar*, *pertencer*, *ocorrer*, *acontecer*, *saber* (= sentir sabor), *cheirar* (= sentir o cheiro), *interessar*, *aparecer*, *sorrir* (= aparecer favoravelmente).

O imóvel pertence *aos herdeiros* (pertence-*lhes*).

Esses fatos *lhe* aconteceram repentinamente.

Isto não *lhe* sabe bem.

O café *lhe* cheira bem.

Apareceram-lhe uns ruídos estranhos.

A sorte *lhe* sorriu nesta semana.

h) Os chamados "dativos livres" – Os objetos indiretos vistos nesta seção são argumentos sintático-semânticos extensivos da função predicativa do conteúdo comunicado nas respectivas orações.

Todavia, remanescentes de construções, algumas das quais da sintaxe latina, aparecem sob forma de objeto indireto, nominal ou pronominal, alguns termos que não estão direta ou indiretamente ligados à esfera do predicado: são os chamados *dativos livres*, representados pelos seguintes tipos:

a) *dativo de interesse* (*dativus commodi et incommodi*) – é aquele mediante o qual se indica de maneira secundária a quem aproveita ou prejudica a ação verbal:

Ele só trabalha *para os seus*.

Ele ligou-*me* amavelmente a luz [MV.2, 123].

Este dativo fica muito próximo da circunstância de fim ou proveito (beneficiário).

b) *dativo ético* – é uma variedade do anterior, muito comum da linguagem da conversação, e representa aquele pelo qual o falante tenta captar a benevolência do seu interlocutor na execução de um desejo:

Não *me* reprovem estas ideias!

Não *me* mexam nos papéis!

Ele sempre *te* saiu um grande mentiroso.

Não *me* enviem cartões a essas pessoas.

Repare-se que, neste último exemplo, o verbo se acompanha de complemento direto (*cartões*) e indireto (*a essas pessoas*), enquanto o pronome *me*, fora da esfera da transitividade verbal, denuncia o meu interesse de que a tais pessoas não sejam enviados cartões.

c) *dativo de posse* – exprimem o possuidor:

O médico tomou o pulso *ao* doente (tomou-*lhe* o pulso).

Doem-*me* as costas.

O vaso partiu-se-*me* [MV].

d) *dativo de opinião* – exprime a opinião de uma pessoa:

Para ele a vida deve ser intensamente vivida.

Para nós ela é a culpada.

A alguns destes dativos o velho e grande filólogo venezuelano Andres Bello chamava *dativos supérfluos*.

Isto evidencia que os pronomes adverbiais átonos, especialmente o caso do *lhe* como símbolo formal do objeto indireto, cobrem outras funções além daquela de complementação verbal.

i) O complemento predicativo – Um grupo reduzido de verbos integra o predicado complexo acompanhado de outro tipo de argumento verbal conhecido pelo nome de *complemento predicativo* ou tão somente *predicativo*. Estes verbos se caracterizam por uma referência tão vaga à realidade comunicada, que fazem do predicativo um argumento, pelo aspecto semântico, muito mais intrinsecamente relacionado com o verbo do que os demais integrantes do predicado complexo (os complementos direto, relativo e indireto) e portador de referência a traços essenciais do sujeito.

Esta pequena lista de verbos inclui *ser*, *estar*, *ficar*, *permanecer*, *parecer* e poucos outros, que aparecem matizados semanticamente pelo signo léxico que funciona como predicativo:

O trabalho *é* proveitoso.

Janete *é* minha irmã.

As alegrias *eram* passageiras.

O céu *está* azulado.

Os argumentos *permaneceram* incompletos.

A situação *parecia* resolvida.

Esses livros não *são* seus.

Se atentarmos para o aspecto formal, tirante o fenômeno da concordância do predicativo com o sujeito, verificaremos que há pontos de contato entre este predicativo e o complemento direto: a) ambos matizam a extensão semântica do verbo, funcionando como seu delimitante; b) aparecem normal e imediatamente (sem preposição) à direita do verbo; c) são comutados por pronome átono, ainda que de maneira diferente, quando o verbo é *ser*, *estar*, *ficar*, *parecer*; d) e, finalmente, porque muitas das construções oracionais com predicativo são equivalentes na designação, isto é, na referência à realidade comunicada, são equivalentes a orações com verbos que exprimem ação e processo, especialmente se o verbo está no presente: *Pedro é cantor* / *Pedro canta*; *O colega está irritado* / *O colega irrita-se.*

Tais aproximações levaram alguns estudiosos a considerar que, em orações do tipo, *Ele é meu irmão*, *meu irmão* poderia identificar-se com o *complemento direto*; outros, adotando a distinção, insistiam em juntar essas duas como variantes funcionais duma só função.

A primeira particularidade formal que distingue o predicativo dos demais argumentos verbais é a concordância (quando representada por adjetivo e alguns pronomes) em gênero e número com o sujeito da oração, conforme demonstram os exemplos acima.

A segunda particularidade é a possibilidade de comutação do predicativo pelo pronome invariável *o*, qualquer que seja o gênero e o número do núcleo do predicativo que substitui, quando o verbo é *ser*, *estar*, *ficar* e *parecer*:[109]

O trabalho é *proveitoso*. → O trabalho *o* é.

As alegrias eram *passageiras*. → As alegrias *o* eram.

Janete é *minha irmã* → Janete *o* é.

Mas:

A professora continua *doente* → * A professora *o* continua.

A terceira particularidade é a impossibilidade de ser a oração com tais verbos construída na voz passiva, como ocorre com a que tem complemento direto.

A quarta particularidade é a incompatibilidade de aparecer com o seu representante invariável *o* na mesma oração:

Filipe é *simpático*. Filipe *o* é. *Filipe *o* é *simpático*

2) Vale a pena distinguir predicado verbal e predicado nominal? – Tal esvaziamento do signo léxico representado por esses verbos, esvaziamento que se supre com o auxílio de um nome (substantivo ou adjetivo), e a particularidade de concordar o predicativo em gênero e número com o sujeito levaram a uma distinção entre predicado *verbal* (*Pedro canta*) e predicado *nominal* (*Pedro é cantor*, *Maria é professora*), o que implicava retirar de tais verbos o *status* de verbo, – pois sua missão gramatical se restringiria a "ligar" (daí os nomes de *copulativos*, *de ligação* ou *relacionais* que se lhes atribuíam) o predicativo ao sujeito. A realidade comunicada residiria no nome predicativo e o verbo seria apenas o marcador do tempo, modo e aspecto da oração. Ora, do ponto de vista funcional e formal, tais verbos apresentam todas as condições necessárias à classe dos verbos, incluindo-se aí os morfemas de gênero, número, pessoa, tempo e modo; daí acompanharmos neste livro os linguistas e gramáticos que defendem a não distinção entre o *predicado verbal* e o *predicado nominal*, incluindo também a desnecessidade de distinguir o *predicado verbo-nominal* [EBv.1, cap. 13 e 16]. Toda relação predicativa que se estabelece na oração tem por núcleo um verbo.

Como o signo linguístico que aparece na função de predicativo costuma ser um nome – substantivo ou adjetivo –, a tradição gramatical passou a designar *nominal* a esse tipo de predicado complexo, para diferi-lo dos outros chamados *verbais*. Além da sem razão dessa diferença, conforme acabamos de ver, cabe lembrar que funcionam como predicativo outras classes de palavras, inclusive advérbios.

João é meu *irmão*.
O sol está *quente*.
Os argumentos continuam os *mesmos*.
Ela mais parece uma *Maria vai com as outras*.
Os vizinhos estão *bem*.
Os jovens são *assim*.
O primo é *dos nossos*.
A mesa parece *de madeira*.
Nós somos *do Norte*.
As provas parecem *de boas fontes*.
Está *tarde*.
O compromisso está *de pé*.
Ela estava *que estava*.

Observações:

1.ª) Levada pela equivalência do conteúdo do pensamento designado com orações declarativas que têm por núcleo os verbos *ser*, *estar* ou outro adequado à intenção comunicativa, a tradição tem considerado que há elipse de um de tais verbos em

enunciados como os seguintes, comuns em provérbios, refrãos, clichês do discurso repetido, isto é, de fórmulas fossilizadas da língua ou a elas assimiladas:

Tal pai, tal filho.

Casa de ferreiro, espeto de pau.

Povo educado povo limpo.

Na realidade, trata-se de exemplos de frases de estrutura bimembre, de que falaremos mais adiante, em que não há necessidade de se apelar para elipse.

2.ª) Conforme já vimos, um mesmo verbo pode ser usado de maneira diferente, conforme a realidade comunicada; vejamos, por exemplo, o verbo *virar*:

O tempo virou (usado num predicado simples, intransitivamente).

O vento virou o barco (usado num predicado complexo, com o argumento complemento direto *o barco*).

O vizinho virou fera (usado num predicado complexo, com o argumento predicativo *fera*).

3) A posição do predicativo – A construção básica da oração apresenta o predicativo à direita do verbo: *Meu amigo é inteligente*. Mas pode apresentar uma construção derivada em que o predicativo se antecipa e aparece antes do sujeito. Se o predicativo é representado por adjetivo, não há dificuldade em identificá-lo como tal: *Inteligente é meu amigo*, em que inteligente, apesar de colocar-se antes do sujeito *meu amigo* continua a exercer a função de predicativo. Todavia, a dificuldade pode surgir, se o sujeito e o predicativo estão representados por dois substantivos ou um substantivo e um pronome:

O meu amigo é o padrinho. / O padrinho é o meu amigo.

Eu sou o padrinho. / O padrinho sou eu.

João é o padrinho. / O padrinho é João.

Pelo expediente da comutação podemos com facilidade assinalar a correta classificação, já que vimos que o predicativo é, nesses casos, comutável com o pronome invariável *o*; quando não se trata do verdadeiro predicativo, a comutação não se mostra natural:

O meu amigo é o padrinho → O meu amigo o é.

*O padrinho é o meu amigo → *O padrinho o é.*

Eu sou o padrinho → Eu o sou.

*O padrinho sou eu → *O padrinho o sou.*

João é o padrinho → João o é.

*O padrinho é João → *O padrinho o é.*

É justamente pela comutação que no exemplo *Seu orgulho eram os velhinhos* ficamos sabendo que houve apenas inversão do predicativo: Os velhinhos *o* eram / *Seu orgulho *o* era.

Tiramos, assim, duas conclusões importantes para a sintaxe:

a) *Seu orgulho eram os velhinhos* é uma construção derivada da construção básica *Os velhinhos eram seu orgulho*;

b) em *Seu orgulho eram os velhinhos* o verbo concorda com seu verdadeiro *sujeito* (*os velhinhos*), e não com o predicativo (*seu orgulho*) [VK.1, 438].

Ainda a comutação vem pôr luz a um falso problema de classificação sintática de *dez horas* na oração de função predicativa não referida (a oração não tem sujeito): *São dez horas*.

A classificação corrente é atribuir a *dez horas* a função de predicativo. Como o verbo é impessoal e está, por concordância atrativa, no plural, tem-se-lhe proposto a função de sujeito. Ora, a comutação nos mostra ser a classificação como predicativo a única possível:

*São dez horas? – São-**no**.*

Jamais o sentimento linguístico do falante aceitaria como normal:

São dez horas? – ***Elas** são*,

como seria, se o sujeito fosse *dez horas*.

4) Outro tipo de predicativo: *anexo predicativo* – Esse determinante predicativo não se restringe à referência ao sujeito, em orações com o concurso de verbos como *ser*, *estar*, *ficar*, etc. Pode aparecer em predicados simples e complexos, com o concurso de verbos outros de ação ou processo, referidos ao sujeito, ao complemento direto, ao complemento relativo e ao complemento indireto (talvez restrito ao verbo *chamar* 'dar nome'):

Ele estudou *atento*. Ela estudou *atenta* (predicativo do sujeito).

Os trens chegaram *atrasados* (predicativo do sujeito).

O auditório ouviu os conferencistas *atento* (predicativo do sujeito).

A polícia encontrou a porta *arrombada* (predicativo do complemento direto).

Definiu-se o caso como *impossível* (predicativo do sujeito) [ABo.1, 71].

Tratou-se da questão como *insolúvel*. (predicativo do complemento relativo).

Nós lhe chamávamos *doutor* (predicativo do complemento indireto).

Não é raro vir o predicativo precedido de preposição ou palavra equivalente:

Tachou-o *de louco*.

A maioria tinha o réu *por* (ou *como*) *inocente*.

"Jesus, pareces desenterrado! exclamou assustadíssima a pobre mulher, vendo-o *pálido e de olheiras* cavadas e negras" (AFg, 118).

Com o verbo *chamar* podemos dizer:

Chamaram-no *tolo* / *de tolo*.

Chamaram-lhe *tolo* / *de tolo*.

Acompanham-se de predicativo do complemento direto os verbos:

a) que significam 'chamar' e 'ter na conta de': *chamar*, *considerar*, *reputar*, *julgar*, *supor*, *declarar*, *intitular*, *crer*, *estimar*, *ter* e *haver por*, *dar* e *tomar por*, etc.;

b) *deixar*, *ver*, *ouvir*, *encontrar*, em construções do tipo:

Viu-o *vivo e forte*.

Deixei-o *de cama* e encontrei-o *sarado*.

Pode o predicativo que exprime resultado ou consequência do processo verbal, indicar a situação anterior e a que resulta da mudança:

O secretário passou José *de auxiliar a chefe*.

À semelhança do predicativo em predicado complexo com *ser*, *estar*, etc., esse argumento concorda em gênero e número com o núcleo referido, e por isso tem merecido em muitos autores a classificação de *predicativo*; todavia há entre os dois predicativos diferenças:

a) é normalmente representado por um adjetivo, enquanto o outro tipo de predicativo pode vir expresso por adjetivo, substantivo, pronome, advérbio, etc.;

b) este último determinante apresenta-se numa relação semântica intermédia, entre a realidade comunicada pelo verbo e uma qualificação ao signo lexical núcleo do sujeito ou do complemento verbal;

c) por essa maior frouxidão relacional com o verbo, pode ser suprimido sem provocar uma construção agramatical:

Ele é estudioso / **Ele é*; *Ele estudou atento* / *Ele estudou*; *O auditório ouviu os conferencistas atento* / *O auditório ouviu os conferencistas*;

d) ao contrário dos outros predicativos, esse determinante não pode ser comutado pelo pronome invariável *o*, mas por um advérbio como *assim*:

Ele estudou atento / Ele estudou *assim.* / Ela estudou *assim.*

A polícia encontrou a porta arrombada. / A polícia encontrou a porta *assim.*

e) essa relação com uma palavra de natureza adverbial (*assim*), permite a substituição do adjetivo por advérbio, resultando daí orações equivalentes na designação:

Ele estudou atento / Ele estudou atentamente; O auditório ouviu os conferencistas atento / O auditório ouviu os conferencistas atentamente.

Tais diferenças levaram alguns autores a dar outra classificação a predicativos dessa natureza; Said Ali chamou-lhes *anexo predicativo*, e cremos que, se houver necessidade de dar nomes diferentes a tais predicativos, a expressão pode ser utilizada. As propostas *predicativo atributivo* ou *atributo predicativo* também correm em bons autores [AK.1, 83; SL.1, 46-47].

Pode-se variar a construção em que entra esse segundo tipo de predicativo transpondo-o para junto do termo referido, caso em que se profere com breve pausa ou com pausa mais longa; neste último caso, usa-se vírgula na língua escrita:

Os rios corriam sonorosos.

Os rios sonorosos corriam.

Sonorosos corriam os rios.

Os rios, sonorosos, corriam.

OBSERVAÇÃO: No exemplo *Os rios sonorosos corriam* podemos ver em *sonorosos* tanto um adjunto adnominal de *rios* como um predicativo do sujeito. A intenção comunicativa do falante ou escritor, quando possível, dependerá do sentido textual que será resgatado mediante a gramática do texto ou análise gramatical. Para o responsável pelo conteúdo do pensamento designado não há essa ambiguidade, porque, como diz Coseriu, "os falantes intuem e conhecem determinadas relações entre paradigmas diversos de sua língua" [ECs.1, 254].

Dentro desta função do predicativo podemos incluir o determinante que denota o "tempo, hipótese, concessão, causa, comparação, ou debaixo de que respeito é considerada a pessoa ou cousa", na época referida pela relação predicativa [ED.2, 45,b]:

'Stamos em pleno mar... Doudo no espaço.

Brinca o luar – *dourada borboleta* [CAv.1, 92].

(isto é, "como dourada borboleta)

"*Rainha* esquece o que sofreu *vassala*" [BBo].

(isto é, "como rainha esquece o que sofreu quando vassala")

Também esses predicativos podem vir introduzidos por preposição ou advérbio, ou palavras em função equivalente:

Em rapaz dizia verdades que *quando velho* silenciou.

Audaz D. *Quixote* ele entrou na discussão.

Quando Presidente esqueceu-se das promessas *como candidato*.

Os exemplos acima podem ser reescritos sem os instrumentos verbais introdutórios, quando esses predicativos à moda latina emprestam ao enunciado certa energia e elegância. Neste caso são marcados por pausa, ainda que breve; no exemplo acima de Castro Alves, a pausa é indicada graficamente pelo travessão, enquanto no de Bocage não há sinal de pontuação, ainda que a pausa exista para que *rainha* não seja proferido com a linha melódica igual à que o marcaria como sujeito de *esquece*. O seguinte exemplo de Eça de Queirós é bom testemunho

desse tipo de predicativo marcado por pausa, para distingui-lo do adjetivo com função de adjunto adnominal; observe que a pausa, marcada por vírgula, é decisiva para tal distinção:

> Mas os meses passaram, naquela vida de uma regularidade triste de pêndulo, entre a casa e a farmácia e o grosso livro encadernado, onde ele devia copiar os *Esmaltes e Jóias*, permanecia ainda quase todo branco. Lá estavam os três poemas que o *Pensamento* acolhera: *Ofélia, A ti* – que era a Aninhas Serrana, *amada* – e *Mulher de Mármore* – que era a Aninhas Serrana, *odiada*! [EQ.1, 53-54]

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Levados pela equivalência designativa, alguns autores preferem considerar como se fossem orações abreviadas sem verbo explícito os predicativos introduzidos por *como*, *quando*, *porque*, por considerá-los, nestes casos, conjunções subordinativas:

Quando Presidente → Quando era Presidente...

2.ª)Exemplos como o já citado

Os rios, sonorosos, corriam,

aproximam formalmente este tipo de anexo predicativo.

5) O infinitivo e o gerúndio como predicativo 110 – Já tivemos oportunidade de ver que o infinitivo, como forma nominal do verbo, funciona também como substantivo: *Querer é poder*. *Escrever é um ato de cultura*.

Em *Convém prestar atenção aos conselhos*, *prestar atenção aos conselhos* (em que o infinitivo é núcleo de um predicado complexo, com objeto direto [*atenção*] e indireto [*aos conselhos*]) funciona unitariamente como sujeito explícito do núcleo *convém*.

Em *Vejo abrir a porta*, o infinitivo com seu objeto direto (*abrir a porta*) funciona unitariamente como objeto direto do núcleo *vejo*: *vejo-o*.

Mas em enunciados do tipo *Ouço soprar o vento* ou *Vejo crescer as árvores*, apesar de serem aparentemente análogos aos anteriores, temos outras construções em que entram como núcleo verbos que significam atos mentais de percepção, embora os conjuntos *soprar o vento* ou *crescer as árvores* possam ser comutados por pronomes adverbais átonos (Ouço-*o* e Vejo-*as*). Os substantivos *vento* e *árvores* não funcionam como objeto direto do infinitivo, mas sim dos núcleos *ouço* e *vejo*, razão por que são comutados por pronomes adverbais átonos: *Ouço-o* (= o vento) *soprar* e *vejo-as* (= as árvores) *crescer*, em cujo procedimento não se incluem os infinitivos *soprar* e *crescer*.

Agora, se compararmos as construções estudadas antes:

Encontrou a porta arrombada,

em que *arrombada* funciona como predicativo do objeto direto *porta* e em que, comutando este objeto direto por pronome adverbal átono, teremos:

Encontrei-a arrombada,

onde o predicativo *arrombada* não fica incluído na função de *a*.

Analogamente, nos nossos exemplos

Ouço-o soprar
Vejo-as crescer

os infinitivos funcionam como modificadores dos respectivos pronomes adverbais e funcionam como seus predicativos.

Desta maneira, não cabe falar aqui de "sujeito" de infinitivo exercido por *vento* e *árvores* nas construções:

Ouço soprar o vento / Ouço o vento soprar

Vejo crescer as árvores / Vejo as árvores crescer

A analogia se deve ao fato de *vento* e *árvores* serem, na análise do conteúdo semântico, *agente* da ação da atividade percebida, como em *O vento sopra* e *As árvores crescem*, o que não quer dizer que, naqueles exemplos, exerçam a função sintática de sujeito. Por isso, em *Ouço soprar o vento* e *Vejo crescer as árvores*, o normal é que não se precise flexionar o infinitivo, já que *vento* e *árvores* não funcionam como sujeito de *soprar* e *crescer*.

Repare-se que, ao comutar o objeto direto do núcleo *ouço* ou *vejo*, se tem de deixar à parte o infinitivo, que, como vimos, funciona como predicativo do objeto direto *vento* ou *árvores*:

Ouço o vento soprar → Ouço-o soprar.
Vejo as árvores crescer → Vejo-as crescer.

Tal como ocorreu com:

Encontrou a porta arrombada → Encontrou-a arrombada.

Se, como vimos, não se pode falar nestes casos de "sujeito" de infinitivo, também é impróprio afirmar que tais substantivos são "objeto direto" do núcleo *ouço* ou *vejo* e ao mesmo tempo "sujeito" do infinitivo.

A concordância que pode aparecer em

Ouço soprarem os ventos / Ouço os ventos soprarem.
Vejo crescerem as árvores / Vejo as árvores crescerem.

se deve à análise do conteúdo semântico da equivalência na designação, isto é, na referência à realidade percebida, com:

Ouço que os ventos sopram.
Vejo que as árvores crescem.

em que *ventos* e *árvores* são agentes e agora também sujeitos.

A diferença entre o *agente* da análise semântica e o sujeito da análise gramatical (da estrutura sintática) é comparável à que ocorre entre o *paciente* da análise semântica e o *sujeito* da construção sintática reflexiva em (só que aqui a língua padrão ainda não agasalhou o resultado do procedimento):

Alugam-se casas / Aluga-se casas.

Pelo mesmo efeito da equivalência na designação é que aparece o primeiro verbo no singular quando se combina com o pronome reflexivo se, procedimento que, na análise gramatical, passa os antigos objetos diretos (*ouço os ventos* / *vejo as árvores*) a sujeito do sentido passivo da nova construção:

Ouve-se soprar os ventos / Ouve-se os ventos soprar.
Vê-se crescer as árvores / Vê-se as árvores crescer.

Trata-se aqui de concordâncias tão irregulares à luz da análise gramatical e da tradição da língua exemplar, quanto as que ocorrem em:

Aluga-se casas.
Vende-se apartamentos.

Em lugar do infinitivo em função de predicativo, pode aparecer o *gerúndio*, quando é representado por signo léxico que denote atividade:

Ouço o vento soprando.
Vejo as árvores crescendo.
"No entanto ouvia [eu] as negras falando da morte dele com pavor" [JL.3, 37].

À semelhança da construção com infinitivo, a de gerúndio, na referência à realidade

percebida, pode ser substituída pela de relativo:

> Ouço o vento que sopra.
> Vejo as árvores que crescem.
> "Subitamente a chuva fustigou as vidraças; o primeiro bofar do vento fez ramalhar as árvores meias calvas; e *senti-o que se abismava* debaixo das arcarias de pedra" [AH.7, I, 139].

A mesma particularidade se repete com *eis*, que rigorosamente se acompanha de objeto direto:

> "... apenas os primeiros raios de sol faziam reluzir as armas,semelhantes no brilho trêmulo ao alvejar da geada, *ei-las* que pareciam rolar-se pelas encostas..." [AH.7, I, 172].

6) O complemento agente ("agente da passiva") – Um tipo de termo argumental não obrigatório é o que a gramática tradicional chama *agente da passiva*; caracteriza-se por ser um termo preposicionado marcado pela preposição *por* e, mais raramente por *de*, com verbos empregados como transitivos diretos na chamada voz ou construção passiva:

> Os exercícios foram feitos *por José*.
> O réu é condenado *pelo júri*.

Tal complemento de agente pode ser opcional, pois são construções gramaticalmente corretas:

> Os exercícios foram feitos.
> O réu é condenado.

A gramática tradicional tem posto este agente entre os complementos verbais em vista de seu relacionamento com o sujeito e com o complemento direto. Com o sujeito, porque, na transformação da estrutura passiva à estrutura ativa, o complemento agente passa a sujeito:

> Os exercícios foram feitos *por José* / *José* fez os exercícios.

Com o complemento direto, porque, enquanto este vem exigido pela característica gramatical da construção ativa, o agente o é da construção passiva.

Em geral, o complemento de agente apresenta o traço semântico *animado*, como revelam, nos exemplos acima, *José* (*por José*) e *júri* (*pelo júri*).

Quando não há o traço *animado*, pode apresentar o traço *potente*, representado lexicalmente por nome de coisa, mas capaz de praticar ou fazer desenvolver uma ação, como nos exemplos seguintes [PD.1, 46]:

> O menino foi atropelado *pelo ônibus escolar*.
> Os alpinistas foram surpreendidos *pelo vendaval*.

Dissemos que o complemento de agente pode vir introduzido pela preposição *de*, construção mais comum em outros tempos da história do português, e ainda usado literariamente; no português contemporâneo, *de* está praticamente restrito a unidades léxicas que exprimem sentimentos ou manifestações de sentimentos:

> Ela é estimada *de todos*.
> O professor não foi esquecido *dos alunos*.

Nem todo termo introduzido pela preposição *por* funciona como complemento de agente, principalmente se apresenta o traço *não animado*, referente a uma coisa, quando deve ser classificado como adjunto circunstancial de causa ou meio. Neste caso, *por* é comutável por outra preposição (p. ex., *com*) ou por locuções prepositivas do tipo *por causa de*, *por meio*

de, *em virtude de* e equivalentes:

O artista foi elogiado *pela sua técnica.*

Ficaram aborrecidos *pelas falsas promessas.*

Os ladrões foram encontrados *pela denúncia anônima.*

Em tais exemplos, a experiência comunicada em *pelas falsas promessas* e *pela denúncia anônima* pode ser expressa mediante outra construção:

Ficaram aborrecidos *com* (*por causa de*) *as falsas promessas.*

Os ladrões foram encontrados *em virtude de* (*graças a*) *denúncia anônima.*

Não é, portanto, a relação sintática, mas o contexto em que se enquadra a experiência comunicada, que irá resolver se se trata de um complemento de agente ou de adjunto circunstancial ou adverbial.

A construção dita "passiva pronominal" ou "passiva reflexa" (denominações melhores que "passiva sintética") não se acompanha, no português contemporâneo, do complemento de agente, como acontece na chamada construção passiva com auxiliar + particípio, vista até aqui.

Vendem-se casas.

O complemento de agente pode aparecer junto a substantivo ou adjetivo constituído por um signo léxico referido a um processo ou ação, como *assalto*, *vitória*, *derrota*, etc.

O assalto *pelo primeiro batalhão* foi decisivo.

O derrotado *pelo concorrente* achou justa a classificação.

7) Construção passiva e o predicativo – Partindo do fato de que a realidade comunicada nas orações *A casa está espaçosa* e *A casa está pintada* aponta ao sujeito *a casa* um atributo, muitos estudiosos não veem razão de estruturação sintática para distinguir o adjetivo *espaçosa* como predicativo do sujeito, e o signo léxico *pintada* como verbo na forma de particípio. Ora, já sabemos que um particípio verbal pode funcionar como adjetivo. A dificuldade desta distinção fica ainda mais notável, quando comparamos *A equipe é vencedora* e *A equipe é vencida*, em que, não havendo nenhuma diferença na estrutura sintática das duas orações, (um sujeito *a equipe*, um núcleo verbal e um termo que, à maneira dos predicativos, concorda em número com o núcleo da oração (o verbo) e em gênero e número com o sujeito explícito), a distinção repousa apenas no traço semântico 'ativo' do lexema *vencedora* em oposição ao traço semântico 'passivo' do lexema *vencido*.

Poder-se-ia objetar contra tal identificação dos dois termos o fato de poder levar o particípio *vencido*, ao contrário do predicativo como *vencedora*, uma expansão preposicionada "que se refere na realidade ao agente da atividade designada pelo signo léxico do particípio" [AL.1, 303], apesar do paralelismo da estrutura sintática.

Um argumento forte em favor de considerar o particípio como adjetivo e, assim, na função de predicativo, na construção dita "voz passiva", é a possibilidade de comutação do particípio pelo pronome invariável *o* – como ocorre com o signo léxico na função de predicativo:

A equipe é *vencedora.* A equipe *o* é.

A equipe é *vencida*. A equipe *o* é.
A equipe é *vencida* pelo adversário. A equipe *o* é pelo adversário.

Ocorre o mesmo se se trata de adjunto adverbial de causa ou meio, e não de complemento de agente.

A pressão é *controlada* com remédios. A pressão *o* é com remédios.
O artista foi *elogiado* pela sua técnica. O artista *o* foi pela sua técnica.

Fica, assim, ao analista optar por uma das duas maneiras, apesar dos fortes argumentos em favor da solução como predicativo. Neste livro, por motivação didática, seguimos a análise como passiva.

Os determinantes circunstanciais ou adverbiais

Se atentarmos para as frases:

A criança caiu da cama durante a noite
Os carregadores puseram o móvel na sala logo pela manhã
O marido acompanhou a esposa ao hospital na ambulância,

facilmente verificaremos que os termos *da cama* e *durante a noite* – para só ficarmos por enquanto no primeiro exemplo – denotam uma circunstância de lugar donde (*da cama*) e de tempo (*durante a noite*). Levada exclusivamente pelo aspecto semântico, a gramática tradicional igualou estes termos também sintaticamente, considerando-os ambos *adjuntos adverbiais*, isto é, como termos não argumentais, vale dizer, fora do âmbito da regência do verbo da oração, isto é, não pedidos por ele.

Ora, basta aplicarmos o *teste da redução* para verificarmos que o termo *da cama* é termo obrigatório, argumental, pois pertence à regência do verbo *cair*; assim, torna-se incompleta do ponto de vista sintático (e semântico, naturalmente) a oração sem este complemento relativo:

A criança caiu durante a noite.

Já não se dá o mesmo com a redução ou supressão do termo *durante a noite*:

A criança caiu da cama.

OBSERVAÇÃO: Para distinguir a identidade designativa de circunstância, presente em *da cama* e *durante a noite* da função sintática diferente dos dois termos, talvez fosse conveniente encontrar outra denominação para o *adjunto circunstancial* que evitasse a alusão à natureza de "circunstância".

Se *da cama* é o complemento relativo de *cair*, *durante a noite*, mero acréscimo à informação, à realidade comunicada, receberá a classificação de *adjunto circunstancial*. Os adjuntos adverbiais são semântica e sintaticamente opcionais. Respondem às clássicas perguntas *como?*, *quando?*, *onde?*, *por quê?*, enquanto o complemento relativo responde à pergunta *que? quem?*, precedidos da preposição que acompanha tradicionalmente o verbo:

Pedro fala sempre *de negócios* (fala de quê?: compl. relativo).
Pedro fala sempre *de memória* (como fala?: adjunto adverbial).

Se recorrermos ao teste de clivagem ou relevo mediante o usual instrumento *é ... que*/*quem*, verificaremos a diferença de resultado entre o complemento relativo e o adjunto adverbial:

É de negócios *de que* sempre fala o José.
É de memória *como* sempre fala o José [AL.1, 323].

Semanticamente, o papel desses adjuntos adverbiais é matizar o processo designado na relação predicativa, acrescentando à mensagem informações que o falante julga

indispensáveis ao conhecimento do seu interlocutor.

Entretanto, se o conteúdo semântico desses adjuntos adverbiais não oferece maiores problemas, seu comportamento sintático na oração é heterogêneo e requer maior atenção de quem procura descrever esse termo. Assim, a coesão dele ora é maior com o verbo ou com o sintagma verbal, ora faz referência a toda a oração, sem que com isso deixe de formar parte dela, à maneira dos termos marginais. São aspectos muitas vezes que fogem ao âmbito dos esquemas idiomáticos e entram no domínio da gramática do texto. É o caso, por exemplo, do termo *em casa* nas orações:

(1) *Em minha casa* grito eu.

(2) Eu grito *em casa*.

Enquanto na segunda, *em casa* afeta exclusivamente o verbo *grito*, na primeira *em minha casa* modifica a oração como um todo, a combinação *sujeito* + *predicado*, e esta coesão tênue com o verbo permite a possibilidade de pausa que normalmente aparece ao ser proferida a oração [PD.1, 18].

Tais variedades de coesão gramatical motivadas por objetivos pragmáticos, discursivos e entonacionais, têm levado estudiosos a enveredar por indagações de graus ou níveis de hierarquização de adjuntos adverbiais, tema que extrapola a natureza deste livro; por isso, consideraremos aqui todos estes casos uniformemente como adjuntos adverbiais.

Falam, assim, dos adjuntos adverbiais na condição de adjuntos de substantivos e adjetivos:

O inverno *em Campos do Jordão* é rigoroso.

Os conflitos *em praça pública* nem sempre são prenúncios de direitos feridos.

As brincadeiras *nas praias* são sempre ruidosas.

Retornando aos outros exemplos do início, notaremos que os termos *na sala* e *ao hospital*, apesar de semanticamente denotarem circunstâncias, funcionam como complemento relativo dos verbos *puseram* e *acompanhou*, respectivamente:

Os carregadores puseram o móvel logo pela manhã.
(sintaticamente incompleta)

Os carregadores *puseram* o móvel *na sala*.

O marido acompanhou a esposa na ambulância. (sintaticamente incompleta)

O marido *acompanhou* a esposa *ao hospital*.

Um termo preposicionado designativo da mesma circunstância (aqui "de lugar") pode exercer na oração diferentes funções sintáticas dependendo do conteúdo de pensamento designado, isto é, das circunstâncias concretas do discurso; por exemplo, *de Minas* é um complemento relativo em:

O escritor saiu jovem *de Minas*

é um complemento predicativo em:

O escritor é *de Minas*.

é um adjunto adverbial em:

O escritor telegrafou *de Minas*

é um adjunto adnominal em:

Os escritores *de Minas* gozam de muita aceitação

é um complemento nominal (de substantivo ou adjetivo):

Sua permanência *em Minas* foi breve.

Necessária na vida toda, a educação começa na infância.

Que não se trata de termos sintaticamente equivalentes mostra o fato de não poderem coordenar-se. Não é possível uma construção do tipo:

A criança caiu *da cama e durante a noite*,

como seria possível em:

As crianças caem *do balanço e do escorrega* durante o recreio.

Outra particularidade a ser observada entre as diferenças que separam o complemento relativo do adjunto adverbial é o caráter semântico bastante tênue (e às vezes até vazio) da preposição que introduz a primeira dessas funções que faz o papel de marca de função sintática, em oposição ao valor semântico da preposição que encabeça o adjunto adverbial. A preposição que marca o complemento relativo está determinada pela tradição do idioma, razão por que só muito raramente admite a substituição por outra preposição, salvo nos casos em que a mesma tradição o permite:

Preciso *do* livro.

*Preciso *ao* livro.

*Preciso *no* livro, etc.

Já a preposição que encabeça o adjunto adverbial conhece quase sempre a possibilidade dessa substituição:

Fez a horta *sob* as árvores.

Fez a horta *debaixo das* árvores.

Com frequência esses adjuntos adverbiais de conteúdo posicional ou temporal se combinam com uma ideia secundária de direção ou extensão, o que leva ao emprego concomitante de duas preposições:

Fez a horta *por debaixo das* árvores.

A janela estava aberta *desde pela* manhã.

A neve escorregou *de sobre* o telhado.

Enquanto no âmbito dos termos argumentais só pode existir no domínio da relação predicativa um só complemento direto ou indireto (salvo aqui os chamados dativos livres), predicativo ou complemento relativo – excluindo o caso de termos coordenados –, os adjuntos adverbiais não conhecem esta restrição, podendo aparecer quantos forem necessários à experiência comunicada:

De noite, o jovem trabalhava *em casa em companhia dos irmãos.*

Também ao contrário dos termos argumentais, se for elidido, o adjunto adverbial não exige preenchimento da casa vazia:

O jovem trabalhava em casa, em companhia dos irmãos.

O jovem trabalhava em companhia dos irmãos.

O jovem trabalhava.

1) Os principais tipos de adjuntos adverbiais – O adjunto adverbial constitui uma classe muito heterogênea – à semelhança do advérbio que normalmente desempenha o papel de seu núcleo – não só do ponto de vista formal como ainda do ponto de vista de valor semântico. Tal fato leva a que constantemente esteja a não delimitar com nitidez as fronteiras com outras funções sintáticas – conforme aqui mesmo já assinalamos – e com conteúdos de pensamento

designado vizinhos. Diante de tão vasta amplitude, fixar-nos-emos nos principais adjuntos adverbiais, detendo-nos aos aspectos mais interessantes à descrição gramatical e aos esquemas com que se representam tais funções nas circunstâncias concretas do discurso [PD.1, 30].

a) Adjuntos adverbiais de lugar – A característica de tais adjuntos é responder à pergunta *onde*?, precedido este advérbio ou não de preposição que marca a designação circunstancial (*donde?*, *por onde?*, *aonde, até onde*, etc.), em relação à ideia expressa pelo verbo, pelo sintagma, verbal ou ao conteúdo de uma oração dita principal.

Pedro trabalhava *em Petrópolis*. (onde?)
Pedro trabalhava *aí*. (onde?)
O professor tem parentes no *Recife*. (onde?)
Contemplamos *da janela* o cair da tarde. (donde?)
Procuraram-no *por toda a cidade*. (por onde?)
O atleta correu *até a chegada*. (até onde?)
"*Onde me espetam* fico". [M. de Assis]

Distinguimos, assim, vários matizes da ideia locativa: *lugar onde* ou *de situação*, *direção*, *origem* e *ponto de partida*, *lugar por onde*, *proximidade*, *distância*, *orientação*, *extensão*, etc., tanto numa perspectiva horizontal quanto na vertical.

Algumas expressões preposicionadas que funcionam como adjunto adverbial compartilham tanto do valor locativo quanto do temporal modal ou instrumental, como ocorre nas seguintes orações:

Ela me foi apresentada *na festa* (onde? ou quando?).
O primo não viaja *em avião* (onde? ou por que transporte?).

O advérbio núcleo do adjunto de lugar pode vir anteposto de um substantivo, e o conjunto precedido ou não de preposição, como ocorre nos exemplos:

O barco navegava *rio acima*.
O capitão anda *mundo fora*. (ou *afora*)
O sonâmbulo andava *casa dentro* (ou *pela casa dentro*).

b) Adjuntos adverbiais temporais – Respondem às perguntas *quando?*, *desde quando?*, *até quando?*, *durante quanto tempo?* e podem referir-se ao verbo, ao sintagma verbal ou a toda a oração:

A natureza *resplandece na primavera*. (referida ao verbo)
O fazendeiro *colhe frutas pela manhã*. (referido ao sintagma verbal *colhe frutas*)
De noite todos os gatos são pardos (referido a toda a oração).

Podem vir representados por advérbio, por sintagmas preposicionados ou por oração dita subordinada :

Augusto *não* trabalha *hoje*.
Estuda-se melhor *pela manhã*.
Ele saiu *quando o professor chegou*.

Também entre os adjuntos adverbiais de tempo distinguimos vários matizes temporais: o tempo propriamente dito, a duração, a quantificação temporal, a repetição, etc.:

Pedro não trabalha *hoje*.

Pedro trabalhou *das três às cinco*.

Pedro trabalhou *duas horas*.

Pedro trabalha *todos os dias*.

Os diversos tipos de adjuntos adverbiais de tempo podem vir ou não introduzidos por preposição ou locução prepositiva; estas matizam o valor temporal:

Não se trabalha *domingo* / *no domingo*.

Pedro não trabalha *hoje* / *por hoje*.

O vizinho viu televisão *até as três da madrugada*.

O baile terminou *depois das quatro*.

O aniversário será *daqui a cinco dias*.

OBSERVAÇÃO: Não se há de confundir o emprego da preposição *a* para indicar tempo vindouro com a expressão em que entra o verbo *haver* (há) para indicar tempo passado: Sairá *daqui a três horas* // Saiu *há três horas*.

Para a análise da oração em que, nestes casos, entra o verbo *haver*, veja-se o capítulo da oração complexa.

Em circunstâncias do tipo de

Pedro trabalha muitas horas,

o adjunto adverbial *muitas horas*, do ponto de vista semântico, se situa entre a ideia temporal e a quantitativa, zona limítrofe que explica como resultado, por exemplo, o uso indistinto do advérbio *já*, nitidamente temporal, e do advérbio *mais*, nitidamente quantitativo, em orações negativas do tipo:

Já não chove / Não chove *mais*.

No início, deve ter havido perfeita distinção; a ideia temporal existia em *Já não quero*, *Já não o tem*, *Já não serve*, onde o advérbio *já*, como lembra Morais (1813), se refere a "cousas que agora se acham em situação diversa da em que estavam antes" e a quantitativa em *Não quero mais*, *Não tem mais*. Sem levar em conta o trânsito semântico, alguns puristas consideram injustamente como galicismo o emprego temporal de *não mais* pelo *já não*, imitação servil, dizem, do francês *plus*. Ocorre que, nas orações citadas no início, poder-se-ia usar o *plus* francês como equivalente do *mais* (quantitativo) e do *já* (temporal): *Não quero mais* (*je n'en veux plus*), *Já não quero* (*je ne veux plus*) [PS.1, 603].

No Brasil, é mais geral o emprego de *não mais* em ambos os valores semânticos; em Portugal, como ensina Gladstone Chaves de Melo, *já não* é mais comumente usado "quando o que se focaliza é um trânsito de passado para presente", enquanto *não mais* se usa quando se quer "significar o futuro em relação ao tempo indicado pelo verbo" [GM.1, 111].

Também não têm razão os puristas na condenação da negativa enfática *já não...mais* em construções do tipo *Já não se faz mais musical como antigamente*. Ênfase nas orações negativas é fato corriqueiro nas línguas [OJ.1, 62-80; HS.1, 19-91].

Também apresentam pontos de contacto com a circunstância modal os advérbios de tempo do tipo de *rapidamente*, *de imediato*, *logo*, *num instante* e locuções equivalentes como *abrir e fechar de olhos*, *num piscar de olhos*, etc., que integram os adjuntos adverbiais de orações iguais a:

Saiu rapidamente.

Chegou de imediato.

Respondeu num piscar de olhos.

Essa ideia subsidiária de modo aproxima tais adjuntos adverbiais de outra função sintática já vista aqui, o anexo predicativo; basta que se use adjetivo (flexionado, para formalmente estabelecer a diferença de marca de função sintática):

Eles saíram rápidos.
Elas saíram rápidas.

Se se empregar *Ele saiu rápido*, *rápido* pode ser tanto considerado advérbio (=adjunto adverbial, igual a *rapidamente*), quanto adjetivo (=anexo predicativo). Já em *Ela saiu rápido*, *rápido* só pode ser classificado, graças à sua invariabilidade em gênero, como *advérbio* [HM.1, 55-56].

Como os locativos, o advérbio de tempo se deixa antepor de substantivo, conjunto que pode ou não vir introduzido por preposição:

Ela trabalhava *semana adentro*.
O fato ocorreu *dias atrás*.

c) Adjuntos adverbiais modais – Respondem à pergunta *como? de que modo ou maneira?* e se reportam ao verbo ou ao sintagma verbal da oração, para qualificar ou descrever como o processo verbal se realiza:

O aluno está escrevendo *bem*.
O fogo propagou-se *imperceptivelmente*.
Os vizinhos falaram do incêndio *com tristeza*.
Entraram no estádio *aos empurrões*.
Os ladrões fugiram *sem que fossem percebidos*.

Como vimos, podem tais adjuntos adverbiais estar integrados por advérbios, palavras ou sintagmas prepositivos com valor adverbial e orações inteiras; destas falaremos no capítulo sobre a oração complexa.

Muitas vezes a experiência que se comunica aproxima o valor modal de adjuntos adverbiais ao sentido modal ou qualitativo que se atribui ao sujeito e ao complemento direto por meio de um anexo predicativo.

Ela me cumprimentou muito educadamente / Ela me cumprimentou muito *educada*.

Esta aproximação semântica também ocorre quando a expressão encerra um sintagma preposicionado introduzido por *com* ou *sem* em construções alusivas à posse ou carência do sujeito ou de complemento direto; a melhor classificação parece ser como anexo predicativo [PD.1, 39].

O garoto chegou a casa *com a calça rasgada*.
Ele foi deitar-se *sem pijama*.

d) Adjuntos adverbiais de fim, de causa, de instrumento e de companhia – Característica comum a essas quatro circunstâncias adverbiais é que não podem ser representadas por meros advérbios, mas sim por sintagmas preposicionados ou, com exceção da de companhia, por uma oração subordinada, fato que estudaremos no capítulo da oração complexa:

Ele estudou *para médico* (fim).
Tremiam *de frio* (causa).
Fechou a porta *com a chave* (instrumento).

Saiu *com Maria* (companhia).

A realidade designada por meio desses adjuntos adverbiais pode ser equivalente àquela expressa por meio de complementos relativos:

O vizinho casou-se *com a prima*.

O garçom encheu o copo *de vinho*.

No que toca ao adjunto adverbial de fim, cabe não confundi-lo com o chamado dativo de interesse; este se refere sempre a pessoa e às vezes integrável pelo pronome *lhe*, e alude ao beneficiário ou prejudicado pelo processo verbal:

Mário trabalha *para a família*.

Comprou as flores [ao florista] *para a noiva*.

Como o complemento de agente da passiva é introduzido pelas preposições *por* e *de*, pode haver dificuldade em distingui-lo do adjunto adverbial de causa. Todavia, o agente da passiva está sempre representado por ser animado ou então capaz de praticar a ação verbal, além de, na transformação para a ativa, passar a sujeito; por seu turno, o adjunto adverbial de causa pode ter a preposição substituída pelas locuções *por causa de*, *devido a*, o que não se dá com o agente da passiva. Assim, estamos diante de agente da passiva em orações como:

A atriz foi bafejada *pela sorte* / *A sorte* bafejou a atriz.

A exposição era admirada *por todos* / *Todos* admiraram a exposição.

Já nas orações abaixo a expressão introduzida pela preposição *por* funciona como adjunto adverbial de causa:

O pintor foi admirado *pelos seus quadros*.

O jogador é expulso *pela falta desleal*.

Não é natural a transformação em ativa.

* Os quadros admiraram o pintor.

* A falta desleal expulsa o jogador.

Por outro lado, podemos substituir *por* pela locução *por causa de*:

O pintor foi admirado *por causa de seus quadros*.

O adjunto adverbial de causa, além das preposições *por*, *com* e *de*, pode vir introduzido por locuções prepositivas, como *por causa de*, *em virtude de*, *em razão de*, *devido a*, *graças a*, etc.:

Não saiu cedo *por causa da chuva*.

Houve faltas *devido à greve de ônibus*.

OBSERVAÇÃO: Não se usa neste emprego *devido* sem a preposição *a*: *Devido ao mau tempo* (e não *Devido o mau tempo*).

Em vez de um substantivo (ou pronome), pode vir um adjetivo usado neutralmente, para expressar a ideia de causa, aproximando o adjunto adverbial do anexo predicativo:

Os marginais fugiram *de medrosos*.

Por teimoso não viajou conosco.

Dentro da denominação de instrumento incluem-se circunstâncias afins, como o meio, a intermediação, a matéria, o domínio, o utensílio, e, por extensão, os contextos matemáticos do tipo de *multiplicar por*, *dividir por*:

Os amigos nunca viajaram *de avião*.

Mediu o quarto *com o metro*.

Escrever *à máquina*.

O jogador fez gol *com a proteção do juiz*.

Prenderam o ladrão *com a arma*.

O índice epidêmico foi multiplicado *por dois*.

A partida foi ganha *pela estratégia do técnico*.

Este último exemplo evidencia a possibilidade de aproximação designativa da circunstância de instrumento ao agente da passiva introduzido também pela preposição *por*. Um modo de distinguí-los, além da análise da experiência comunicada, é substituir a preposição *por* do instrumental por *com* ou *mediante*:

A partida foi ganha *com* (*mediante*) a estratégia do técnico.

Os adjuntos adverbiais de companhia repartem-se em dois grupos: os associativos, ou participativos e os que não o são. Os primeiros participam ou ajudam, ao lado do sujeito, ou, no caso de complemento verbal, são afetados pelo estado de coisas designado no predicado, como nos exemplos:

O capitão *com seus soldados* desbaratou o inimigo.

O professor *com seus colegas* dirigiu a exposição.

A diretora expulsou da sala o aluno *com os colegas de arruaça*.

Como exemplos de não participativos temos:

O colega trouxe *consigo* o livro pedido.

Minha irmã foi ao baile *com o vestido novo*.

O pai gostava dos filhos *com os avós*.

Pelos últimos exemplos, vê-se que a noção de companhia abarca o que é levado ou possuído pelo sujeito ou pelo complemento verbal.

O adjunto adverbial pode, por meio da preposição *sem*, assinalar a ausência ou a carência:

A garota já vai à escola *sem a mãe*.

Em muitos contextos, alguns desses adjuntos de companhia se aproximam dos de valor modal.

Com a presença do adjunto de companhia participativo pode o verbo da oração ir ao plural, como se se tratasse de um sujeito composto:

O capitão com seus soldados *desbaratou* o inimigo.

O capitão com seus soldados *desbarataram* o inimigo.

Em tais condições, a estrutura *sujeito + adjunto adverbial* pode alternar com a estrutura de sujeito composto:

O capitão e os seus soldados desbarataram o inimigo.

Se a estrutura gramatical permite esta alternância, do ponto de vista de estado de coisas comunicado, não é indiferente o emprego de um modo por outro; com o adjunto adverbial, a ênfase do processo verbal recai na pessoa do sujeito, enquanto na construção com sujeito composto desaparece essa ênfase especial.

e) Adjuntos adverbiais de quantidade – Tais adjuntos adverbiais respondem a perguntas do tipo *quanto?*, *até quanto?*, *em que medida?* e se repartem em intensivos ou gradativos, de medida e de preço, conforme a realidade designada:

Nesta região chove *mais* no verão.

Maria trabalha *muito* aos domingos.

Andaram *bastante* em busca de emprego.

A assistência ria *às bandeiras despregadas*.

O clube ganhou a partida *por dois a zero*.

O cavalo perdeu a corrida *por pescoço*.

Ela deixou de comprar o carro *por bom preço*.

Unidades léxicas designativas de unidades de tempo, peso, medida, preço, duração e quantidade que acompanham verbos (*durar*, *passar*, *percorrer*, *correr*, *medir*, *pesar*, etc.) empregados transitivamente, têm merecido classificações diferentes; há autores que as consideram adjuntos adverbiais:

O filme durou *uma hora*.

O atleta percorreu *dez quilômetros*.

A criança já pesa *vinte quilos*.

O viaduto mede *duzentos metros*.

Outros autores, levando em conta traços semânticos e sintáticos que caracterizam o complemento direto (além do valor de termo argumental, quase sempre estas unidades léxicas atendem aos testes da passiva, da integração, com a pergunta *que?*, etc.) preferem vê-los como verdadeiros objetos. Tome-se por exemplo, a oração:

O atleta percorreu *dez quilômetros*,

verifica-se que a expressão constitui um termo argumental, isto é, exigido pelas características semânticas do verbo, já que estaria imperfeita a construção:

*O atleta percorreu.

Por outro lado, a oração admite a transformação em passiva:

Dez quilômetros foram percorridos pelo atleta.

E também a passagem a termo integrável, por meio do pronome átono *os*, referido a *dez quilômetros*:

O atleta percorreu-*os*.

Pode-se ainda incluir neste problema classificatório o caso de unidades léxicas de significado intensivo do tipo de *muito*, *pouco*, *demasiado*, *bastante*, que não se referem diretamente a substantivos, mas à sua quantidade. Com verbos usados transitivamente assumem papel de termo argumental, isto é, necessário à integração sintático-semântica da oração, em textos do tipo:

Sabia *muito* para ser aprovado (*muito* = muitas coisas).

Vimos *pouco* por causa do nevoeiro (*pouco* = pouca coisa).

Não disse *bastante* em sua defesa.

Em favor de classificar estas unidades léxicas como termo argumental, leva-se em conta o fato de poderem vir referidas na oração adjetiva por meio de pronome relativo, como em orações do tipo:

Tenho muito *que* pedir-lhe.

Sabe pouco *que* dizer-me.

Também fala em favor desta classificação a possibilidade de virem tais unidades léxicas precedidas de artigo definido:

Você sabe *o muito* que lhe devo.

Elas não fizeram *o bastante* para vencer.

OBSERVAÇÃO: Sobre o falso erro no emprego de *o quanto* em construções do tipo: *Não soube o quanto se enganara*, veja-se o ensinamento de Epifânio Dias:

"Às orações interrogativas indiretas de *como*, *porque* e *quão* pode antepor-se o artigo definido" [ED.2, § 362]. Vale a pena a leitura da nota 138 de R. J. Cuervo à *Gramática* de A. Bello.

Tratar-se-á sem dúvida de adjunto adverbial se o verbo for usado intransitivamente ou se, transitivo, já vier acompanhado de complemento verbal:

Comprou a casa por cem mil reais.
O pedreiro mediu o aposento com linha.
Ela já sabia muito matemática.

f) Adjuntos adverbial de distribuição

Os jogadores ganham prêmio extra *por partida vencida*.

g) Adjunto adverbial de inclinação e oposição 111 – São os adjuntos que expressam a relação de "favor", "ajuda" ou "disposição favorável", muito próximo ao valor benefactivo do dativo, bem como as relações contrárias, de "oposição", "disposição desfavorável".

Trabalhou sempre *pelos amigos*.

Para a primeira relação, introduz-se o adjunto adverbial por meio da preposição *por* ou de locuções prepositivas equivalentes, do tipo de *a favor de*, *em benefício de*, *em prol de*, *em auxílio de*, etc.

Para a segunda relação, usa-se a preposição *contra* ou locuções do tipo:

Esforçava-se *por lutar contra os maus pensamentos*.

h) Adjunto adverbial de substituição, troca ou equivalência – Assim se chama o adjunto adverbial que expressa a relação de "substituição", "troca" de algo por outro no processo designado no predicado, seja pessoa, coisa, circunstância ou processo verbal. Tal adjunto vem introduzido pela preposição *por* ou pelas locuções prepositivas *em vez de*, *em lugar de*.

O guarda-costa se passou *pelo presidente*.
A colega fez a redação *pelo namorado*.
Na época de exames, trocava o dia *pela noite*.
Iremos amanhã *em vez de hoje*.
Durante o recreio jogava *em vez de alimentar-se*.
Comeu gato *por lebre*.
João trabalha *por dois*.
Ana trocou a merenda *por uma revista*.

Entra no âmbito deste adjunto adverbial a circunstância de delegação, pela qual uma pessoa representa outra na execução do processo expresso no predicado. Aparece para introduzi-lo a preposição *de* ou, então, as locuções prepositivas *da parte de*, *na representação de*:

Retribua-lhe o favor *de minha parte*.

Esta circunstância adverbial deixa estes adjuntos muito próximos do valor de "preço", em orações do tipo:

Deu vinte mil reais *pela motocicleta* (preço).
Deu a motocicleta *por vinte mil reais* (troca).

i) Adjunto adverbial de campo ou aspecto – É o adjunto adverbial que exprime o campo ou o aspecto da realidade referida:

O primo formou-se *em medicina*.
Deixaram de examinar a questão *por esse prisma*.

Nos exemplos abaixo, a circunstância se aproxima à de lugar virtual:

Cometeu-se grave erro *nesse tipo de explicação*.
A decisão do júri surpreendeu a todos *sob o ponto de vista ético*.

j) Adjunto adverbial de assunto ou matéria tratada – Introduz-se tal adjunto adverbial por meio das preposições *de*, *em* ou *sobre*, ou das locuções prepositivas *acerca de*, *a respeito de*, *em torno de* e equivalentes:

Hoje o professor falou pouco
- *de história.*
- *em moral.*
- *sobre tais fatos.*
- *acerca do caso.*
- *a respeito de crase.*

José de Alencar escreveu romances *sobre os brasileiros de várias regiões do país.*

É muito frequente aparecer o assunto ou a matéria tratada expressos como termo argumental exigido pelo significado léxico do verbo, em predicados em que entram unidades léxicos do tipo de *tratar*, *versar*, *falar* e equivalentes, como nas orações abaixo:

O orador tratou *de fatos literários.*
A dissertação versou *sobre história.*
Na aula o professor falou *de regência verbal.*

Outras vezes aparece como adjunto adnominal de substantivo:

O vizinho escreveu um livro *de histórias infantis.*

k) Adjunto adverbial de adição ou inclusão, exclusão e concessão – Os adjuntos adverbiais que expressam adição vêm introduzidos pela preposição *sobre*, por palavras de valor inclusivo (*mesmo*, *inclusive*, etc.), mais frequentemente, pelas locuções prepositivas *além de*, *a mais de*, *ademais de*:

Sobre desemprego, havia doença.
Além das notas ruins, faltava muito às aulas.
Ademais dos parentes, vinham os convidados.
Todos ficaram, *mesmo Ana*.
Os visitantes já se foram, *Daniel inclusive.*

Os que expressam exclusão vêm introduzidos por *menos*, *salvo*, *exceto*, *fora*, *exclusive*, e pelas locuções prepositivas ou não (*com*) *a exceção de*, *a não ser* e equivalentes:

Todos saíram, *menos o culpado*.
Eles foram a todos os bairros, *salvo Casa Amarela*.

Os que expressam concessão vêm introduzidos por *malgrado*, pela locução prepositiva *apesar de*:

Malgrado a chuva, fomos ao passeio.

Diva ganhou o concurso, *apesar da resistência da colega*.

Ainda uma vez os determinantes nominais

1) Adjunto adnominal – Depois de conhecidas as funções sintáticas até aqui enumeradas, estamos em condições de prosseguir no aprofundamento dos determinantes nominais, também chamados *adjuntos adnominais* que começamos a ver quando falamos da expansão do núcleo do sujeito em **Conhecendo melhor o sujeito: núcleo e determinantes**.

Toda expressão nominal, qualquer que seja a função exercida pelo seu núcleo, pode ser expandida por determinantes que têm por missão acrescer ideia acidental complementar ao significado desse substantivo nuclear. O resultado dessa expansão é um grupo unitário sintagmático nominal. Estas expansões não alteram a relação gramatical do núcleo, mas tão somente aludem a aspectos diferentes da realidade do conteúdo significativo do substantivo ou da expressão nominal a ele equivalente. Daí o resultado de a expansão exercer na oração a mesma função do núcleo despojado do(s) seu(s) determinante(s):

Sujeito	*Núcleo do Predicado*	*Objeto direto*	*Compl. relativo*	*Compl indireto*	*Adj. Adv.*
José	estuda.				
O meu primo José	estuda.				
Ela	comprou	livros.			
Ela	comprou	muitos livros de literatura.			
Nós	demos	presentes		a parentes.	
Nós	demos	muitos presentes		a todos os parentes distantes.	
Os professores	gostam		de alunos.		
Os professores	gostam		de alunos estudiosos.		
Meus pais	trabalham				em casa.
Meus pais	trabalham				em casa de campo.

O grupo sintagmático nominal pode constituir-se de vários tipos:

1– Os que podem ocorrer à esquerda ou à direita do *subtantivo* + *adjetivo*

Passei *belos dias* em *cidades agradáveis*.

Os determinantes estão, em geral, representados pelas seguintes classes de palavras: *adjetivo*, *artigo* e *pronome demonstrativo* ou equivalentes de adjetivos (estes veremos

adiante):

Noites *claras* prenunciam bom tempo.

O livro está esgotado.

Esta manhã prometia chuva.

Na sequência de determinantes, aparecem como pré-determinantes, à esquerda do determinante, as palavras que podem receber globalmente o nome de *Quantificador* (*algum*, *certo*, *vários*, *todo*, *todos*, *qualquer*, *alguns* (de), *vários* (de), etc.):

Alguns bons momentos são inesquecíveis.

Todos os alunos saíram.

Alguns de nós não foram à festa.

Aparecem como pós-determinantes, isto é, as palavras que ocorrem à direita do determinante, e do pré-determinante, o *pronome possessivo* e o *numeral*:

Os *seus* livros não estavam na estante.

Aqueles *dois* erros eram graves.

Vários de *meus* sobrinhos são engenheiros.

Aqueles *dois seus* vizinhos trabalham no comércio.

2 – Os que normalmente só ocorrem à esquerda do *substantivo* + *determinantes*, que incluem as seguintes classes de palavras:

a) artigo e os pronomes demonstrativos

Os bons filmes entrarão em cartaz *esta semana*.

b) substantivo + pré-determinantes (que incluem as seguintes classes de palavras: *pronome possessivo* e o *numeral*):

Os *seus livros* não estavam na estante.

Aqueles *dois erros* eram graves.

c) substantivo + pós-determinantes (que incluem os quantificadores, representados pelos pronomes indefinidos)

Todos os três meus bons amigos chegam hoje.

Os do tipo 1 (*substantivo* + *adjetivo*) podem ter estruturas diferentes:

a) um adjetivo:

belos dias em cidades *agradáveis*

b) um grupo preposicionado equivalente a adjetivo, que pode ou não ter um correspondente signo léxico na língua. Neste caso, quando o substantivo entra num grupo adjetivado, não concorda em gênero e número com o substantivo núcleo, e, se aparece no plural, não o faz pelo fenômeno da concordância, mas em atenção à realidade comunicada: *copo com defeito* / *copos com defeito*; mas *copo com defeito* / *copo com defeitos* (por se querer referir a mais de um defeito existente no *copo*).

homem *de coragem* (corajoso)

pão *com manteiga* (amanteigado)

copo *com defeito* (defeituoso)

casa *de Pedro*

cama *de solteiro*

c) uma oração transposta à função adjetiva:

O homem *que tem coragem* (corajoso)

A casa *que Pedro possui*

2) Complemento nominal – Uma tradição gramatical mais recente, atentando para o aspecto da realidade comunicada, e de certas relações gramaticais nela existentes, tem procurado distinguir os diversos sentidos em que se interpretam as expansões de substantivo como as seguintes, sem esgotar a exemplificação:

a resolução *do diretor*
a prisão *do criminoso pela polícia*
a remessa *dos livros*
a resposta *ao crítico*
o assalto *pelo batalhão*
a ida *a Petrópolis*

Assim é que essa tradição, partindo do conteúdo de *resolução do diretor* equivalente a *o diretor resolveu*, classifica *do diretor* como "*complemento* (e não *adjunto*) nominal subjetivo". Já em *prisão do criminoso*, equivalente a *o criminoso foi preso*, teremos um "complemento nominal subjetivo passivo". Em *a remessa dos livros*, equivalente a *alguém remeteu os livros*, *dos livros* se classificará como "complemento nominal objetivo". Como "complemento nominal objetivo indireto ou terminativo" será *ao crítico* do grupo sintagmático nominal *a resposta ao crítico*. Em *o assalto pelo batalhão*, a expressão preposicionada será classificada como "complemento de agente ou de causa eficiente". Já em *ida a Petrópolis*, teremos um "complemento nominal circunstancial" [JO.1, 223-227].

À primeira vista, em relação aos termos primários da relação predicativa (sujeito-predicado), não há razão para um tratamento sintático diferente do adjunto adnominal, tendo em vista que também com o complemento nominal a expansão do grupo sintagmático não modifica a relação gramatical do núcleo:

Sujeito	*Predicado*
A casa de Pedro	é espaçosa
A resolução do diretor	surpreendeu a todos
A prisão do criminoso pela polícia	mereceu elogio da imprensa

Assim também qualquer variação tanto no núcleo do adjunto adnominal quanto no do complemento nominal não alterará a relação com o núcleo verbal:

A casa *do vizinho* / A casa *dos vizinhos* } é espaçosa

A resolução *do diretor* / A resolução *dos diretores* } surpreendeu a todos

Poderíamos apontar outros aspectos gramaticais em que os dois termos apresentam traços comuns, como: a) a posição à direita do núcleo; b) a inexistência de pausa; c) a introdução por preposição, obrigatória no complemento nominal e muito frequente no adjunto.

Todavia, o complemento nominal está semanticamente mais coeso ao núcleo, por representar uma construção derivada mediante a nominalização, fenômeno que não ocorre no adjunto adnominal:

O diretor resolveu → A resolução do diretor

A polícia prendeu o criminoso → A prisão do criminoso pela polícia

Esta relação semântico-sintática provoca a impossibilidade – se não estiver já assinalado ou conhecido no contexto – de apagamento do complemento nominal, *sem que isto estabeleça a razão primordial para distinguir o complemento do adjunto*, uma vez que há adjuntos imprescindíveis:

**A resolução* surpreendeu a todos

**A prisão pela polícia* mereceu elogio

Estando a nominalização presente quer no complemento nominal de função primária subjetiva (*a resolução do diretor ← o diretor resolveu*), quer no de função primária objetiva (*a descoberta da imprensa ← Gutenberg descobriu a imprensa*), não cabe classificar no exemplo *a resolução do diretor*, *do diretor* como adjunto adnominal, enquanto no exemplo *a descoberta da imprensa*, *da imprensa* como complemento nominal [VK.4].

Ambos os termos participam das mesmas características próprias ao complemento nominal; além da nominalização, não admitem apagamento:

a resolução do diretor → *a resolução

a descoberta da imprensa → *a descoberta

Impõe-se, desta maneira, incluir o complemento nominal como termo argumental.

OBSERVAÇÃO: Cabe não confundir casos de impossibilidade de apagamento com outros em que o nosso saber sobre as coisas do mundo impede, por incoerentes, construções do tipo *Conheci um homem de pernas*, *João tem uma voz*, uma vez que a nossa experiência concebe todo homem com pernas, ou com voz. Todavia, anula-se a incoerência se tais substantivos vêm acompanhados de adjetivos: *Conheci um homem de pernas longuíssimas*, *João tem uma voz roufenha*, já que nem todos os homens têm pernas longuíssimas nem voz fanhosa. Portanto, nestes casos não se trata de um saber idiomático, mas de um saber elocutivo.

Há evidente paralelismo entre a estrutura interna do complemento nominal e das orações. Este tratamento especial do complemento nominal serve para explicar fatos gramaticais que ficam mais evidentes à luz desta distinção.

Por exemplo, o termo nominalizado (substantivo, adjetivo ou advérbio de base nominal) pode contrair as mesmas relações sintáticas da construção básica; se o núcleo verbal é complexo e se acompanha de complementos, a construção derivada apresenta estes termos:

A mãe ama o filho → O amor *de mãe ao filho*

A polícia prendeu o ladrão → A prisão *do ladrão pela polícia*

Jesus ama as criancinhas → o amor *de Jesus às criancinhas*

O carteiro entregou a carta de José ao Mário → A entrega *da carta de José ao Mário pelo carteiro*

A seleção da preposição que introduz o complemento nominal quase sempre está determinada pela preposição que acompanha o complemento verbal:

Foi *à cidade* → A ida *à cidade*

Penetrou *na floresta* → A penetração *na floresta*

Inclinou-se *à música* → A inclinação *à música*

De modo geral, a gramática tradicional tem apontado complementos nominais restritos a processos de nominalizações que envolvem substantivos (***desejo** de vitória ↔ desejar a vitória*), a adjetivos (***desejoso** de vitória ↔ desejar a vitória*), ou a advérbios (***referentemente** ao assunto ↔ referente* [adjetivo] *ao assunto ↔ referência* [substantivo] *ao assunto*). Mas há outros que devem sua presença a traços semânticos do núcleo nominal, independentes de nominalizações. Vejamos alguns desses tipos.

Como núcleo do sintagma nominal, teremos, de início, substantivos formalmente relacionados a verbos que assumem relações muito semelhantes às que ocorrem nas orações, conforme já vimos nos exemplos:

a saída do trem / *o trem saiu*

a entrega da carta / (alguém) *entregou a carta* ou *a carta foi entregue*

O substantivo formado de adjetivo também goza da estrutura argumental que lhe é própria:

a *cultura* do professor / o professor *culto*

Todavia, como a estrutura argumental depende do significado léxico de cada palavra, substantivos há que, não se relacionando morfológica ou materialmente a verbos e adjetivos, selecionam termos argumentais, inerentes ao conteúdo de pensamento designado. Tais termos atendem às duas condições básicas do estatuto dos argumentos: a) o núcleo os seleciona semântica e categorialmente; b) o núcleo lhes impõe uma interpretação determinada [EV.1, 32].

Estão neste caso de argumentos inerentes:

a) Os substantivos relacionais, isto é, aqueles que não fazem referência a indivíduos, mas expressam relações entre indivíduos. É o caso dos termos de parentesco, do tipo de *pai*, *mãe*, *filho*, *irmão*:

o pai *de Eduardo*

a tia *do Daniel*

o irmão *da Bebel*

Incluem-se neste rol, naturalmente, substantivos como *amigo*, *colega*, *companheiro*:

o amigo *de Cleto*

a colega *de Georgete*

Cabe lembrar que substantivos referidos à mesma entidade podem incluir-se ou não no grupo dos relacionais. Por exemplo, *pátria* e *país*; o primeiro é relacional, se significa o lugar de nascimento, porque é pátria sempre relacionado a alguém, enquanto *país* ('nação', 'região') não faz necessariamente referência a um indivíduo. O exemplo apresentado por Escandell Vidal *mascote* e *cão* é mais evidente, porque a mascote pressupõe sê-lo de alguém, o que não se dá com o substantivo *cão*.

Os nomes de partes do corpo e aqueles que aludem a partes constitutivas de uma entidade, física ou abstratamente considerada:

os *braços* da *dançarina*

o *rosto* da *criança*

a *face* do *problema*

o *galho* da *árvore*

o *cérebro* da *equipe*

o *x* da *questão*

b) Os substantivos icônicos, isto é, que designam representação, tais como *retrato*, *quadro*, *fotografia*, *filme*, *película*, quando referidos a entidades retratadas, pintadas, fotografadas, etc.

Note-se a diferença entre:

(1) *O retrato de Machado de Assis*

(2) *O retrato da galeria*

Em (1), o significado de *retrato* seleciona o termo argumental *Machado de Assis*, interpretado o sintagma nominal como 'o retrato em que aparece M. de Assis'.

Em (2), já *retrato* se acha acompanhado de um adjunto adnominal, sendo 'o retrato da galeria' interpretado como 'o retrato exposto na galeria'.

Também pode, no caso (1), o termo argumental referir-se não à entidade retratada, mas ao próprio autor do retrato ou quadro:

O quadro de Vitor Meireles

As referências à entidade retratada e ao seu autor podem concorrer no sintagma nominal mediante os dois termos argumentais:

O quadro da Proclamação da Independência de Vitor Meireles (i. é, o quadro que retrata a Proclamação da Independência de autoria de Vitor Meireles).

Pode até juntar-se a esses dois termos argumentais o adjunto adnominal:

O quadro do Grito do Ipiranga de Vitor Meireles do Museu de Belas Artes

Incluem-se entre os substantivos que designam representação os que se aplicam a produtos da atividade intelectual, como *livro*, *artigo*, etc.:

O livro de Graciliano Ramos intitula-se Vidas Secas

Assim como o adjunto adnominal pode ser representado por uma expansão mais complexa do núcleo nominal, isto é, por uma oração subordinada adjetiva:

A casa *comprada* está perto da cidade
A casa *que comprei* está perto da cidade,

assim também o complemento nominal pode ser representado por uma oração subordinada (originalmente substantiva) completiva nominal:

O desejo *de tua vitória* é constante
O desejo *de que venças* é constante

3) O aposto – Outro componente do grupo sintagmático nominal é o chamado *aposto*, cujo limite de distinção com o adjunto adnominal propriamente dito é muitas vezes difícil de traçar. Aparece em construções do tipo:

O rio *Amazonas* deságua no Atlântico.
O professor *Machado* honrou o magistério.
Sousa *cabeleireiro* me conhece bem.
Meu *primo* José morou na Itália.
"E com ele [programa] tem vindo pela vida, satisfazendo a portugueses e brasileiros, que o consideramos *uns e outros*, soldado do seu grupo." [MC.2, 206]
Clarice, *a primeira neta da família*, cursa Direito.
Sousa, nosso cabeleireiro, não trabalha hoje.
Pedro II, *imperador do Brasil*, protegia jovens talentosos.
Eu *Anibal* peço a paz [MMa].
Amanhã, *sábado*, não sairei [AK].

Chama-se *aposto* a um substantivo ou expressão equivalente que modifica um núcleo nominal (ou pronominal ou palavra de natureza substantiva como *amanhã*, *hoje*, etc.), também conhecido pela denominação *fundamental*, sem precisar de outro instrumento gramatical que marque esta função adnominal.

Há diferença de conteúdo semântico entre uma construção do tipo *O rio Amazonas* e *Pedro*

II, imperador do Brasil; na primeira, o substantivo que funciona como aposto se aplica diretamente ao nome núcleo e restringe seu conteúdo semântico de valor genérico, tal como faz um adjetivo, enquanto na segunda a sua missão é tão somente explicar o conceito do termo fundamental, razão pela qual é em geral marcado por pausa, indicada por vírgula ou por sinal equivalente (travessão e parêntese). Daí a aposição do primeiro tipo se chamar *específica* ou *especificativa* e a do segundo, *explicativa*.

O aposto explicativo pode apresentar valores secundários que merecem descrição especial, como ocorre com os seguintes:

a) Enumerativo, quando a explicação consiste em desdobrar o fundamental representado por um dos pronomes (ou locução) *tudo*, *nada*, *ninguém*, *cada um*, *um e outro*, etc., ou por substantivo:

Tudo – *alegrias, tristezas, preocupações* – ficava estampado logo no seu rosto.

Duas coisas o encorajavam, *a fé na religião e a confiança em si.*

"Duas cousas se não perdoam entre os partidos políticos: *a neutralidade e a apostasia*" [MM].

Às vezes esse tipo de aposto precede o fundamental:

A matemática, *a história*, *a língua portuguesa*, nada tinha segredos para ele.

Em todos estes exemplos, o fundamental (*tudo*, *duas coisas*, *nada*) funciona como sujeito das orações e, por isso, se estabelece a concordância entre ele e o verbo.

Este aposto pode vir precedido das locuções explicativas *isto é*, *por exemplo*, *a saber*, *verbi gratia* (abreviatura [v. g.]):

Duas coisas o incomodavam, *a saber*, *o barulho da rua e o frio intenso*.

b) *Distributivo*:

Machado de Assis e Gonçalves Dias são os meus escritores preferidos, *aquele na prosa e este na poesia*.

Um no automobilismo, *outro* no futebol, Senna e Pelé marcaram um período de ouro no esporte brasileiro.

c) *Circunstancial* (comparação, tempo, causa, etc., precedido ou não de palavra que marca esta relação a mais, já que o aposto explicativo acrescenta um dado a mais acerca do fundamental):

"As estrelas, *grandes olhos curiosos*, espreitavam através da folhagem". [EQ.2, 8 *apud* AK.1].

"*Artista* – corta o mármor de Carrara;

Poetisa – tange os hinos de Ferrara" [CAv.1, II: 142]

Este tipo de aposto pode ser introduzido por *como*, *na qualidade de*:

As estrelas, *como grandes olhos curiosos*, espreitavam através da folhagem.

A ti, *como general*, compete o comandar.

D. João de Castro, *vice-rei da Índia*, empenhou os cabelos da barba.

Este tipo de aposto pode ser introduzido por *quando*:

D. João de Castro, quando *vice-rei da Índia*, empenhou os cabelos da barba [Epifânio Dias].

Paulinho, *amigo*, tirou-o da dificuldade.

Paulinho, *porque amigo*, tirou-o da dificuldade.

4) Aposição com *de* x Adjunto adnominal – Algumas vezes, o aposto especificativo vem introduzido pela preposição *de*, especialmente se se trata de denominações de instituições, de

logradouros, de acidentes geográficos:

Colégio *de Santa Rita*
Praça *da República*
Ilha *de Marajó*
Cidade *do Recife*

Tal construção, materialmente falando, aproxima o aposto do adjunto adnominal preposicionado, que vimos antes; todavia, do ponto de vista semântico, há diferença entre *Ilha de Marajó* e *casa de Pedro*. Em *casa de Pedro*, *casa* e *Pedro* são duas realidades distintas, enquanto em *ilha* e *Marajó* se trata de uma só realidade, já que ambos querem referir-se a um só conteúdo de pensamento designado112 . Quanto ao emprego da preposição *de* nas construções deste último tipo, como bem ensina Epifânio Dias, "da arbitrariedade do uso é que depende o empregar-se em uns casos *de* definitivo, em outros a aposição. Diz-se, por exemplo: *o nome de Augusto*, mas *a palavra Augusto*; *a cidade de Lisboa*, mas *o rio Tejo*".

Às vezes podem as construções com *de* provocar casos de sincretismo sintático, com consequente efeito de ambiguidade, não diferençando o título da ideia de posse ou pertença. Por isso, para os títulos, no desejo de evitar a ambiguidade, vai-se generalizando o não emprego da preposição *de*: *Rua Santa Teresa*, *Praça Paris*, etc. Esta construção é antiga na língua e paralela ao uso latino (*Urbs Roma*, *Garumna flumen*). Mas a presença da justaposição no francês e inglês tem feito que tal prática seja condenada sem sucesso por estrangeirismo. A justaposição vai-se impondo em *bomba relógio*, *mandato tampão*, *homem bala*, *traje passeio*, em que o procedimento morfológico de formação de compostos se sobrepõe ao processo sintático. A prática, nestes casos, vacila entre o emprego ou não do hífen.

De qualquer maneira, o aposto e o adjunto adnominal são ambos expansões sintáticas do núcleo nominal.

5) As construções *uma joia de pessoa* e *o pobre do rapaz* – Em vez de *uma pessoa joia* e *o pobre rapaz*, em que o núcleo nominal (*pessoa*, *rapaz*) se acha acompanhado de um adjunto adnominal (*joia*, *pobre*), aparecem, numa forma carregada de afetividade, as expressões *uma joia de pessoa* e *o pobre do rapaz*, em que o primitivo adjunto passa formalmente a núcleo e o antigo núcleo passa a adjunto, mediante a presença da preposição *de*. Tem-se muito discutido como se formaram estas expressões derivadas, sem que tenhamos uma solução cabal; mas se pode filiá-las a frases exclamativas sem verbo do tipo de *ai de mim!*, *pobre de mim!*, etc. [FDz.1, III:131].

Ao lado da carga afetiva positiva em construções do tipo *o bom do pároco* pode ocorrer a carga negativa *o burro do cliente*, *a droga do cliente*; neste último caso cria-se uma ambiguidade entre as equivalências "o cliente é uma droga" e "o cliente tem uma droga".

Substantivo + adjetivo = Adjetivo + substantivo

Pode ocorrer sincretismo sintático em grupos nominais do tipo *sábio alemão*, em que se pode corretamente entender, de um lado, a existência de um *sábio* (substantivo) de

nacionalidade alemã (adjetivo), ou, de outro, um *alemão* (substantivo) que é *sábio* (adjetivo). Há aqui, portanto, uma coincidência material de combinação de formas linguísticas, mediante a qual substantivo + adjetivo = adjetivo + substantivo [ECs.4, 246].

A interpretação mais natural ou, pelo menos, mais imediata, é considerar o segundo termo como adjetivo, isto é, como adjunto adnominal. É a lição de M. Barreto, em grupos nominais do tipo *menino rei / rei menino*, *filósofo rei / rei filósofo* [MBa.7, 326]. Assim entendeu Machado de Assis ao definir que as *Memórias Póstumas de Brás Cubas* eram as de um *defunto autor* (= que escreve) e não de um *autor defunto* (= que morreu).

6) Graus de coesão nos grupos nominais – Às vezes, o núcleo nominal já expandido por um adjunto adnominal constituído por adjetivo vem acrescido de outro adjetivo, como

os competentes atletas mineiros,

em que ao grupo inicial *os competentes atletas* se junta o adjunto adnominal *mineiros*, que não se refere tão somente ao substantivo *atletas*, mas ao conjunto *competentes atletas*. Assim, *competentes* guarda maior grau de coesão em relação a *atletas* do que o adjetivo *mineiros*. Temos aqui um exemplo de hipotaxe estudada em, em que o grupo de palavras *competentes atletas* passa a funcionar no estrato de palavra e, assim, pode receber o adjunto adnominal *mineiros*.

Podem estar juntos os dois adjetivos, sem que se altere o grau de coesão:

a situação política atual [VK.1, 161]

O adjetivo menos coeso (*atual*) em relação ao nome (*situação*) pode mudar de posição, diferentemente do mais coeso (*política*):

a atual situação política

mas não:

**a política situação atual*

Também o menos coeso não pode intercalar-se entre o núcleo e o mais coeso:

* *a situação atual política*

7) O aposto com expressões do tipo *pôr nome* – Depois do substantivo das expressões *pôr nome*, *ter nome* e equivalentes, com o significado de "chamar(-se)", "dar nome", pode aparecer um aposto:

Quem o seu cão quer matar, *raiva* lhe põe nome [MBa.4, 64].

8) Aposto referido a uma oração – O aposto não só se refere a qualquer núcleo nominal em qualquer função da oração; pode referir-se ao conteúdo de pensamento expresso numa oração inteira:

Depois da prova, Filipe estava radiante, *sinal de seu sucesso*.

Como aposto de uma oração inteira costuma aparecer um substantivo como *coisa*, *razão*, *motivo*, *fato* e equivalente, sempre acompanhado de um adjunto adnominal, ou de uma oração subordinada adjetiva substantivada pelo artigo *o*:

O desastre provocou muitas vítimas, *coisa lastimável*.

Os convidados não foram à festa, *o que deixou o aniversariante frustrado*.

OBSERVAÇÃO: A tradição gramatical entre nós tem considerado neste último caso como pronome demonstrativo (= aquele, aquilo, isto) usado neutralmente, o *o* que precede o *que*, modificado por uma oração adjetiva, em vez de considerar essa mesma oração adjetiva substantivada pelo artigo *o*, como fizemos aqui. Discutimos o assunto mais adiante.

9) Vocativo: uma unidade à parte – Desligado da estrutura argumental da oração e desta separado por curva de entoação exclamativa, o vocativo cumpre uma função apelativa de 2.ª pessoa, pois, por seu intermédio, chamamos ou pomos em evidência a pessoa ou coisa a que nos dirigimos:

José, vem cá!

Tu, *meu irmão*, precisas estudar!

Felicidade, onde te escondes?

Algumas vezes vem precedido de *ó*, que a tradição gramatical inclui entre as interjeições, pela sua correspondência material, mas que, na realidade, pode ser considerado um morfema de vocativo, dada a característica entonacional que a diferencia das interjeições propriamente ditas [HCv.2, 197 n.47].

"*Deus*, *ó Deus*, onde estás que não respondes?" [CAv.1, 141]

Estes exemplos nos põem diante de algumas particularidades que envolvem o vocativo. Pelo desligamento da estrutura argumental da oração, constitui, por si só, a rigor, uma frase exclamativa à parte ou um fragmento de oração, à semelhança das interjeições. Por outro lado, como no caso de *Tu, meu irmão, precisas estudar!*, às vezes, se aproxima do aposto explicativo, pela razão que vai constituir a particularidade seguinte. Por fim, o vocativo, na função apelativa, está ligado ao imperativo ou conteúdo volitivo da forma verbal, já que, em se tratando de ordem ou manifestação de desejo endereçada à pessoa com quem falamos ou a quem nos dirigimos, presente quase sempre, não há necessidade de marcar gramaticalmente o sujeito. Quando surge a necessidade de explicitá-lo, por algum motivo, aludimos a esse sujeito em forma de vocativo [RLz.1, 66].

Assim é que em:

"Deixa-me! Deixa-me a vagar perdida...

Tu! - parte! volve para os lares teus". [CAv.1, 191],

tu não é o sujeito de *parte*, e sim vocativo, "espécie de aposição à ideia do sujeito, contida no imperativo" [HCv.2, 197 n.47]. Ocorre o mesmo com o substantivo *poeta* em:

Vai, *Poeta*... (*Id*., *ibid*.: 116)

Pelos exemplos aduzidos até aqui, vê-se que o vocativo pode ser representado por substantivo ou pronome, podendo admitir a presença de expansões (p. ex., de adjuntos adnominais, de orações adjetivas):

Desce do espaço imenso, *ó águia do oceano*!

"*Senhor Deus*, *que após a noite*

Mandas a luz do arrebol,

Que vestes a esfarrapada

Com o manto rico do sol". [CAv.1, 88]

Na correspondência epistolar, o vocativo vem separado do resto do enunciado por vírgula, enquanto em textos de outra natureza costuma aparecer o emprego dos dois pontos (:) ou do ponto de exclamação (!).

2 – Orações Complexas e Grupos Oracionais: a Subordinação e a Coordenação. A Justaposição

Subordinação: oração complexa – Uma oração independente do ponto de vista sintático, que sozinha, considerada como unidade material, constitui um texto, se este nela se resumir, como em

A noite chegou,

pode, pelo fenômeno de estruturação das camadas gramaticais conhecido por *hipotaxe* ou *subordinação*, passar a uma camada inferior e aí funcionar como pertença, como membro sintático de outra unidade;

O caçador percebeu que *a noite chegou*.

A primitiva oração independente *a noite chegou* transportou-se do nível sintático de independência para exercer a função de complemento ou objeto direto da relação predicativa da oração a que pertence o núcleo verbal *percebeu*: *o caçador percebeu.*

Dizemos, então, que a unidade sintática *que a noite chegou* é uma oração *subordinada*. A gramática tradicional chama à unidade *o caçador percebeu* oração principal. Gramaticalmente, a unidade oracional *O caçador percebeu que a noite chegou* é uma unidade sintática igual a *O caçador percebeu a chegada da noite*, onde *a chegada da noite* integra indissoluvelmente a relação predicativa que tem por núcleo e verbo *percebeu*, na função de complemento ou objeto direto.

Assim, levando em conta os constituintes imediatos, há um primeiro momento em que se analisa por inteiro a unidade sintática *O caçador percebeu que a noite chegou*, para depois se analisar o termo sintático que se apresenta sob forma oracional:

Sujeito: *o caçador*

Predicado: *percebeu que a noite chegou*

Objeto direto: *que a noite chegou*.

Como o objeto direto está constituído por uma oração subordinada, são passíveis de análise suas unidades sintáticas constitutivas:

Sujeito: *a noite*

Predicado: *chegou*

Oração complexa e grupos oracionais – A rigor, o conjunto complexo *que a noite chegou* não passa de um termo sintático na oração complexa *O caçador percebeu que a noite chegou*, que funciona como objeto direto do núcleo verbal *percebeu*. Estas unidades transpostas exercem função própria de meros substantivos, adjetivos e advérbios, razão por que são assim classificadas na oração complexa. Todavia, a presença de um núcleo verbal (que a noite *chegou*) leva a tradição a ver aí também uma unidade de caráter oracional, ao lado da unidade oracional (porque também tem verbo) a que se prende, embora, isoladamente, nenhuma das duas satisfaça as demais condições que caracterizam uma oração, além da presença do verbo integrando uma relação predicativa:

a) a delimitação entre duas pausas e o contorno melódico;

b) existência de um ato completo de comunicação em cada situação de fala concreta.

Assim, apesar destas considerações, esta gramática respeitará o peso da tradição e verá, num primeiro momento de análise em constituintes imediatos, uma oração complexa (a que também alguns gramáticos nossos chamavam *oração geral*, como, por exemplo, José Oiticica), para depois analisar como oração subordinada o complexo unitário correspondente a uma função sintática exercida por substantivo, adjetivo ou advérbio.

Diferente deste caso será o *grupo oracional* integrado por orações sintaticamente independentes, que, por isso, poderiam aparecer em separado:

O caçador chegou à cidade e procurou um hotel.

ou

O caçador chegou à cidade. Procurou um hotel.

Temos aqui um grupo de enunciados da mesma camada gramatical, isto é, como *orações*, o que caracteriza uma das propriedades de estruturação das camadas gramaticais conhecida por *parataxe* ou *coordenação*.

Daí só podermos, a rigor, falar em *orações compostas*, *grupos oracionais* ou *período composto* quando estivermos diante de orações coordenadas.

Não causará estranheza, se atentarmos para o princípio dos constituintes imediatos, que haja coordenação entre qualquer unidade da mesma camada gramatical: *homem e mulher,* (dois substantivos) *estudioso e inteligente* (dois adjetivos), *ontem e hoje* (dois advérbios), *leio e compreendo* (dois verbos), *com e sem* (duas preposições), um substantivo e oração substantiva (*desejo a vitória e que tenhas sucesso*), um adjetivo e oração adjetiva (*inteligente e que tem bom coração*), advérbio e oração adverbial (*agora e quando estiveres pronto*), duas orações da mesma função sintática (*desejo que venças e que sejas feliz*), etc.

Por hipertaxe ou hipotaxe, uma unidade pode passar, respectivamente, a camadas gramaticais superiores ou inferiores, e depois ocorrer a coordenação.

***Que*: marca de subordinação oracional** – No exemplo *O caçador percebeu que a noite chegou*, a marca de que a oração independente passou pelo processo da subordinação, a funcionar como membro de uma outra oração, é o *que*, conhecido tradicionalmente como "conjunção" integrante.

Na realidade esse *que* não tem por missão precípua "juntar" duas orações – como fazem as conjunções coordenativas – , mas tão somente marcar o processo por que se transpôs uma unidade de camada superior (uma oração independente) para funcionar, numa camada inferior, como membro de outra oração.

Daí não corresponder à nova realidade material da unidade sintática subordinada a denominação tradicional de *orações compostas* ou *período composto.* Temos sim orações *complexas*, isto é, orações que têm termos determinantes ou argumentais complexos, representados sob forma de outra oração. Só haverá orações ou períodos *compostos* quando houver *coordenação*. Dizemos que esse *que* é um *transpositor*.

Orações complexas de transposição substantiva – A oração transposta, inserida na oração complexa, é classificada conforme a categoria a que corresponde e pela qual pode ser substituída no desempenho da mesma função. Daí ser a oração transposta classificada como *substantiva*, *adjetiva* ou *adverbial*, segundo a tradição gramatical, pois desempenha função sintática normalmente constituída por substantivo, adjetivo ou advérbio. Assim, em nosso exemplo, *O caçador percebeu que a noite chegou*, a oração transposta inserida na oração complexa (que) *a noite chegou* será substituída pelo substantivo *a chegada da noite* (*O caçador percebeu a chegada da noite*), e a oração transposta pelo processo da subordinação funcionará também como objeto direto da relação predicativa que tem como núcleo verbal *percebeu*.

A oração subordinada transposta substantiva aparece inserida na oração complexa exercendo funções próprias do substantivo, ressaltando-se que a conjunção *que* pode vir precedida de preposição conforme exerça função que necessite desse índice funcional:

a) Sujeito: *Convém que tu estudes / Convém o teu estudo.*

b) Objeto direto: *O pai viu que a filha saíra / O pai viu a saída da filha.*

c) Complemento relativo: *Todos gostam de que sejam premiados / Todos gostam de prêmio.*

d) Predicativo: *A verdade é que todos foram aprovados / A verdade é a aprovação de todos.*

e) Objeto indireto: *Enildo dedica sua atenção a que os filhos se eduquem / Enildo dedica sua atenção à educação dos filhos.*

f) Aposto: *Uma coisa lhe posso adiantar, que as crianças são a alegria dos adultos. Uma coisa lhe posso adiantar, a alegria das crianças aos adultos.*

OBSERVAÇÃO: Para as funções de complemento nominal e agente da passiva.

5 – Orações subordinadas resultantes de substantivação: as interrogativas e exclamativas – Sem precisar do transpositor *que*, as orações interrogativas e exclamativas, desprovidas do particular contorno melódico e iniciadas por uma unidade desses valores semânticos, podem-se substantivar e exercer função própria de substantivo na oração complexa:

Ainda não sei *que vou fazer hoje* (cf. *Que vou fazer hoje?*)

Os comerciantes desconhecem *que a mercadoria terá mais saída no próximo verão*.

O professor pergunta *qual é o motivo da algazarra*.

Ainda não descobrimos *por que ele saiu cedo*.

A vizinha descobriu *quem lhe telefonou de madrugada*.

O treinador decidiu *como o time conterá o adversário*.

O calouro ainda não sabe *para que especialidade médica se dirigirá*.

Não adivinhava *quanta alegria causou em nós*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Opondo-se ao transpositor *que,* que não exerce função sintática, as unidades interrogativas e exclamativas (pronomes e advérbios) têm função sintática na oração subordinada a que pertencem.

2.ª) Na língua popular e regional – reminiscência de antigo uso –, pode aparecer o transpositor *que* antes da unidade interrogativa: Não sei *que por que só chega tarde.* Perguntavam-me *que por onde havia fugido*.

Também aparece desprovida do *que* a oração subordinada de valor semântico de incerteza ou dúvida, que primitivamente era uma interrogativa geral, passando a conjunção *se* a transpositora: Não sei *se a prima virá cedo.* Perguntavas *se o jogo seria hoje.*

Orações complexas de transposição adjetiva

1) Orações adjetivas ou de relativo

Tomemos a seguinte oração

O aluno estudioso vence na vida,

em que o adjunto adnominal representado pelo adjetivo *estudioso* pode também ser representado por uma oração que, pela equivalência semântica e sintática com *estudioso*, se chama *adjetiva*:

O aluno	que estuda	vence na vida.
O aluno	estudioso	vence na vida.

Repare que a oração independente

O aluno estuda,

mediante o transpositor *que*, representado pelo pronome relativo, transpõe a oração independente a funcionar, num nível inferior, como adjunto adnominal do substantivo *aluno,* tal qual fazia o adjetivo *estudioso* da oração básica *O aluno estudioso vence na vida.* Daí dizer-se que a oração transposta *que estuda* é *subordinada adjetiva.*

O transpositor relativo que, na oração subordinada reintroduz o antecedente a que se refere, acumula também uma função de acordo com a estrutura sintática da oração transposta.

No exemplo acima:

O aluno que estuda vence na vida,

a oração *que estuda* vale por *o aluno estuda*, já que o pronome relativo é aí o representante do antecedente *aluno.* Analisando *o aluno estuda,* o sujeito explícito é *o aluno*, o que nos leva a verificar que o pronome em *que estuda* funciona como sujeito explícito do núcleo verbal *estuda*.

2) O relativo marcado por índice preposicional

Já em

O livro de que gostas está esgotado,

o relativo *que* reintroduz também o antecedente *livro*, de modo que a oração subordinada *de que gostas* vale por *gostas do livro*, em que *do livro* é complemento relativo do núcleo verbal *gostas.* Se assim é, na oração subordinada *de que gostas* o pronome relativo funciona como complemento relativo. E como o complemento relativo é um termo argumental marcado por um índice preposicional e como o verbo *gostar* se acompanha da preposição *de*, é imprescindível que este índice esteja introduzindo o relativo *que*:

O livro *de que gostas* está esgotado.

Em

A cidade a que nos dirigimos ainda está longe,

o relativo *que* reintroduz na oração subordinada adjetiva *a que nos dirigimos* o substantivo

cidade, e vale por *nos dirigimos à cidade*, em que o núcleo verbal *dirigimos* requer um termo argumental marcado pelo índice preposicional *a*, preposição que, portanto, não deve faltar anteposta ao relativo, que funciona como complemento relativo do núcleo verbal *nos dirigimos*:

A cidade *a que* nos dirigimos ainda está longe.

Orações adjetivas explicativas e restritivas – Já vimos que o adjetivo pode antepor-se ou pospor-se ao substantivo e que, segundo sua posição o adjetivo pode variar de valor. Em geral, o adjetivo anteposto (também chamado *epíteto*) traduz, por parte da perspectiva do falante, valor *explicativo* ou *descritivo*: *a triste vida*. Aqui o adjetivo não designa nenhum tipo de *vida* que se oponha a outro que não seja *triste*; apenas se descreve como a *vida* é, e, como diz Alarcos Llorach, quase vale por "a vida com sua tristeza" [AL.1, 82]. Agora, se disséssemos, *a vida triste*, nos estaríamos restringindo a uma realidade que se opõe a outras, como *vida alegre, vida boêmia,* etc. Neste caso, o adjetivo se diz *restritivo.*

A oração adjetiva também conhece esses dois valores; a adjetiva explicativa alude a uma particularidade que não modifica a referência do antecedente e que, por ser mero apêndice, pode ser dispensada sem prejuízo total da mensagem. Na língua falada, aparece marcada por pausa em relação ao antecedente e, na escrita, é assinalada por adequado sinal de pontuação, em geral, entre vírgulas:

O homem, que vinha a cavalo, parou defronte da igreja.

Repare-se em que a oração adjetiva *que vinha a cavalo* denuncia que, na narração, só havia um homem, de modo que a declaração *que vinha a cavalo* pode ser dispensada:

O homem parou defronte da igreja

Já em

O homem que vinha a cavalo parou defronte da igreja,

a oração adjetiva, proferida sem pausa e não indicada na escrita por sinal de pontuação a separá-la do antecedente, demonstra que na narração havia mais de um homem, mas só o "que vinha a cavalo" *parou defronte* da igreja. A esta subordinada adjetiva se chama *restritiva.*

À semelhança do que se fez com a oração complexa em cuja estrutura há uma oração subordinada substantiva, num primeiro momento da análise, levando em conta o princípio dos constituintes imediatos, analisar-se-á por inteiro a unidade sintática *O aluno que estuda vence na vida*, para depois se analisar o termo sintático que se apresenta sob forma oracional:

Sujeito: *O aluno que estuda*
Predicado: *vence na vida*
Adjunto adverbial: *na vida*

Como o adjunto adnominal está constituído por uma oração subordinada adjetiva, são passíveis de análise suas unidades sintáticas constitutivas:

Sujeito: *que* (= o aluno)
Predicado: *estuda*

Adjetivação de oração originariamente substantiva – A unidade complexa *homem corajoso* pode ser substituída por *homem de coragem*, em que o substantivo *coragem* transposto por uma preposição ao papel de adjetivo funciona também como adjunto do núcleo nominal.

Esta mesma possibilidade de transposição a adjetivo modificador de um grupo nominal mediante o concurso de preposição conhece a oração originariamente substantiva. Este grupo nominal pode ter como núcleo um substantivo, um adjetivo.

Núcleo substantivo:

O desejo *de que se apurem os fatos* é a maior preocupação dos diretores.

A crença *em que a crise se espalhe* atormenta todos nós.

A desconfiança *de se devemos ir avante* é logo desfeita.

Núcleo adjetivo:

Estávamos todos desejosos *de que o concurso saísse logo*.

O negociante estava cônscio *de que sua responsabilidade era grande*.

OBSERVAÇÃO: Sendo as expressões preposicionadas de *desejo de glória*, *ânsia de liberdade*, *desejoso da glória*, *ansioso de liberdade* modificadores dos núcleos nominais (e por isso mesmo chamados *complementos nominais*) e funcionalmente partícipes da natureza dos adjetivos, manda a coerência que as orações que funcionam como complemento nominal sejam incluídas entre as adjetivas – como fizemos aqui – e não entre as substantivas, como faz a tradição entre nós. Como vimos, elas são primitivamente substantivas, mas que, num segundo momento de estruturação, para funcionarem como modificadoras de substantivos e adjetivos, são transpostas a adjetivas mediante o concurso da preposição.

Ocorre o mesmo com as orações que funcionam como agente da passiva que, primitivamente substantivas, são transpostas a adverbiais mediante a preposição *por*.

Substantivação de orações originariamente adjetivas – Em *O homem sábio é guia seguro,* o adjetivo *sábio* pode ocupar o papel da unidade complexa mediante sua substantivação: *O sábio é guia seguro,* onde se deu o apagamento do substantivo *homem* e se marcou o novo caráter substantivo de *sábio* com a anteposição do artigo *o*.

Também conhece esse expediente de substantivação a oração transposta adjetiva mediante o apagamento do antecedente dos relativos *quem* e *que* e a presença do artigo, se o antecedente, pela situação do discurso, é conhecido dos interlocutores ou se lhe quer dar certo ar de generalização:

O homem que cala e ouve não *dissipa o que sabe*, e aprende *o que ignora* [MM].

Os que mais blasonam de honra e probidade, são como os poltrões que se inculcam de valentes [MM].

Os elogios de maior crédito são *os que os nossos próprios inimigos nos tributam* [MM].

Para quem não tem juízo os maiores bens da vida se convertem em gravíssimos males [MM].

OBSERVAÇÃO: Alguns autores preferem desdobrar o *quem* em *aquele(s) que, aquela(s) que* e considerar a unidade *o, a, os , as* como pronomes demonstrativos representados na oração adjetiva pelo pronome relativo *que,* de modo que, não aceitando a substantivação nesses casos, analisam a subordinada como adjetiva: *Não conheço quem chegou = Não conheço aquele que chegou. Não conheço os que chegaram = Não conheço aqueles que chegaram.* São possíveis as duas maneiras de analisar tais construções.

Ocorre o mesmo com outros pronomes e advérbios relativos destituídos de antecedente:

quanto
por que

Não sabemos	como quando onde que qual	comprou

NOTA: A oração substantiva funciona, nestes exemplos, como objeto direto do verbo saber.

Desconheço QUE admiráveis presentes ganhaste.

Ignorava QUAIS os alunos que haviam perturbado as aulas.

QUEM *tudo quer* tudo perde (oração *subjetiva*).113

Falava a QUEM *lhe pedia conselhos* (oração *objetiva indireta*).

Fizeram QUANTO *lhes pedi* (oração *objetiva direta*).

Reconheço QUÃO *enganados nos achávamos a seu respeito* (oração *objetiva direta*).

Peço que anote QUAIS *foram os responsáveis* (oração *objetiva direta*).

A polícia descobriu QUANDO *foi o roubo* (oração *objetiva direta*).

Os jornais explicaram COMO *os ladrões conseguiram fugir* (oração *objetiva direta*).

Os garotos não descobriram ONDE *os pais tinham posto os presentes* (oração *objetiva direta*).

Os vizinhos não entenderam POR QUE *o fogo foi violento* (oração *objetiva direta*).

Ele é QUEM *os avisa* (oração *predicativa*).

Não sabia *por* QUEM *tinha sido enganado* (oração *objetiva direta*).

Assim, substituem *quem* por *a pessoa que, aquele que; quanto* por *o tanto que; quando* por *o momento em que; como* por *o modo pelo qual; onde* por *o lugar em que; por que* por *o motivo pelo qual*.

Analisam *Quem tudo quer tudo perde* desta maneira:

A pessoa | que tudo quer | tudo perde.

1.ª oração: – principal: *a pessoa tudo perde.*

2.ª oração: – subordinada adjetiva: *que tudo quer.*

A análise que adotamos tem a vantagem de encarar uma realidade da língua, e não uma substituição que a ela realmente nem sempre equivale.114

Não se transportam a substantivas as orações adjetivas introduzidas pelos relativos *cujo* e *o qual*.

Transposta a substantiva, a oração de relativo sem antecedente expresso pode exercer as funções próprias das substantivas originais. Assim, nos exemplos acima, *o que sabe* e *o que ignora* fazem o papel de objeto direto dos núcleos verbais *dissipa* e *aprende,* do primeiro. No segundo, *os que mais blasonam de honra e probidade* é o sujeito de *são*; no terceiro, *os que os nossos próprios nos tributam* é predicativo de *são*. No quarto exemplo, *a quem não tem juízo* funciona como objeto indireto da unidade verbal complexa *dar liberdade.*

Para marcar a natureza substantiva da oração transposta costuma-se anteceder de artigo a interrogativa indireta, prática às vezes injustamente condenada [ED.2, § 362]:

Não sei *o* quanto lhe devo nessa ajuda.

Mais uma construção de oração já transposta – A oração relativa sem antecedente transposta a substantiva pode ser de novo transposta a adjetiva com o concurso de preposição – geralmente *de* – e funcionar como modificador de substantivo.

Repare-se nas construções derivadas da construção básica *o homem sábio → o sábio → o trabalho do sábio,* em que, nesta última fase, o adjetivo substantivado *sábio* recebe o concurso da preposição *de* para desempenhar o papel de modificador ou adjunto do núcleo *trabalho*. Assim também em:

O maior trabalho dos que governam é tolerar os importunos [MM],

a oração relativa substantivada *os que governam*, mediante a preposição em *dos que governam*, passa a exercer função própria de adjetivo como modificador do substantivo *trabalho.*

Também a oração de relativo transposta a substantiva pode, com o curso de preposição, passar a exercer papel de advérbio e, assim, funcionar como adjunto circunstancial.

Nenhum senhorio é tão absoluto *como o que conferem os povos aos tiranos de sua escolha* [MM] (comparativa).

O tempo voa *para quem goza,* e se arrasta *para quem padece* [MM] (inclinação).

O livro foi escrito *por quem não se esperava* (agente da passiva).

Orações complexas de transposição adverbial – Refletindo a classe heterogênea dos advérbios, também as orações transpostas que exercem funções da natureza do advérbio se repartem por dois grupos:

a) as subordinadas adverbiais propriamente ditas, porque exercem função própria de advérbio ou locução adverbial e podem ser substituídas por um destes (advérbio ou locução adverbial): estão neste caso as que exprimem as noções de *tempo, lugar, modo* (substituíveis por advérbio), *causa, concessão, condição* e *fim* (substituíveis por locuções adverbiais formadas por substantivo e grupos nominais equivalentes introduzidos pelas respectivas preposições);

b) as subordinadas *comparativas* e *consecutivas.*

As subordinadas adverbiais propriamente ditas – As adverbiais do 1.º grupo exercem função própria de advérbio, que é, como vimos, um adjunto ou determinante circunstancial não argumental do núcleo verbal. Do ponto de vista constitucional, estão representados por advérbios (os de *tempo*, *lugar* e *modo*) ou pelas chamadas locuções adverbiais, constituídas por substantivos ou grupos nominais equivalentes introduzidos pelas respectivas preposições (as circunstâncias anteriores e, especialmente, as que denotam causa, concessão, condição e fim).

Daí tais orações adverbiais, do ponto de vista constitucional, se assemelharem às substantivas, já que se identificam com estas em funções adverbiais, como ocorre com o substantivo transposto ao papel de advérbio mediante o concurso de preposição:

Saiu *de noite.*

Estudamos *com prazer.*

Trabalhas *na fábrica.*

Passeamos *pela cidade.*

Destarte, quando as orações mediante o transpositor *que* se transpõem a subordinadas substantivas e passam a funcionar como adverbiais, são marcadas pela respectiva preposição, constituindo assim as impropriamente chamadas *locuções conjuntivas*: *sem que, para que, desde que, porque* (= *por* + *que*), *que*, etc. Impropriamente locuções conjuntivas, porque não se trata de uma unidade complexa, mas de dois elementos com papéis diferentes: a preposição assinala a noção circunstancial de que semanticamente se reveste a oração transposta ou subordinada; o *que* marca o novo papel da oração independente originária que passa a funcionar, num plano inferior, como termo sintático dentro da oração complexa:

Os alunos estudam muito *para que possam preparar-se para as exigências da vida.*

Os convidados saíram *sem que fossem notados.*

O advogado não o defendeu *porque o réu só mentiu no depoimento.*

Outras particularidades nos transpositores das orações adverbiais – Além do *que* precedido da conveniente preposição como vimos até aqui, devemos assinalar as seguintes outras particularidades:

a) Quando usados sem referência a antecedente, os advérbios relativos *onde, quando, como* e *quanto* (este com preposição) transpõem a oração a que pertencem, que passa a exercer papel de adjunto adverbial:

Onde me espetam fico.

Saíste *quando a festa melhorava.*

O prédio foi construído *como estava planejado.*

Só trabalhava *por quanto dinheiro ganhase para a viagem.*

b) Outros advérbios ou unidades de valor adverbial, próximos aos advérbios relativos, também transpõem orações para exercer papel adverbial, como ocorre com *se* (hipotético), *conforme, apenas, caso, enquanto:*

Se o emprego é nessas condições, ele não me interessa.

Seus sonhos se realizaram *conforme ela planejara.*

c) Também os pronomes relativos sem referência a antecedente ou precedidos de artigo transpõem oração subordinada a substantivo, podendo esta oração subordinada substantiva passar a exercer função adverbial se vem acompanhada da conveniente preposição:

Ela só saía *com quem lhe merecia confiança*

O vizinho errou quando depositou suas economias *no que era bastante precário.*

d) A oração transposta de *que* pode funcionar como determinante de um advérbio, de modo que às vezes o conjunto advérbio + *que* passa a funcionar como um transpositor unitário (*ainda que, ainda quando, já que, sempre que, logo que, assim que,* etc), em que o significado originário do advérbio fica modificado [AL.1, 355]:

Sempre que corríamos à janela, assistíamos ao espetáculo da natureza.

Logo que tudo fique resolvido, o vizinho se mudará.

OBSERVAÇÃO: Primitivamente o advérbio era um elemento da oração deslocado, que devia modificar um núcleo verbal daquela a que a rigor pertencia, e que passou a integrar outra oração.

e) Pelo fenômeno da subordinação ou hipotaxe, palavras ou grupos de palavras (advérbio ou substantivo adverbializado) passam a um estrato inferior e exercem papel próprio de

morfema, aqui de preposição, pela qual podem ser substituídos:

em virtude de doença = *por* doença
em cima da mesa = *sobre* a mesa
graças à ajuda = *com* a ajuda
debaixo da escada = *sob* a escada
dentro de pouco = *por* pouco

Neste caso, introduzindo uma oração transposta mediante *que*, esta exercerá papel adverbial:

Em virtude de que era o mais saudável, dispôs-se a trabalhar pelo grupo.

f) Alguns particípios fixos no masculino singular se unem a orações transpostas mediante *que* dando origem a transpositores complexos de orações adverbiais, do tipo de *dado que, posto que, visto que, suposto que, salvo que, exceto que, não obstante que*:

Nada resolveu o problema, *visto que não houve entendimento prévio das partes em litígio.*
Os turistas desistiram da visita *dado que chovia torrencialmente.*

OBSERVAÇÃO: Primitivamente o *que* introduzia oração que funcionava como sujeito do particípio, o que explica estar este no masculino singular, pois uma oração definida materialmente é considerada do gênero masculino e do número singular.

As subordinadas adverbiais comparativas e consecutivas – As subordinadas adverbiais do 2.º grupo, integradas pelas comparativas e consecutivas, guardam certa analogia com as adjetivas porque dependem de um antecedente, de natureza quantificadora ou de unidade quantificada (adjetivo ou advérbio) e só mantêm relação direta com o núcleo verbal da oração junto com seu antecedente. Assim é que em

Janete estuda mais que trabalha,

a oração subordinada *que trabalha* está presa ao advérbio *mais*, e o conjunto *mais que trabalha,* que manifesta uma comparação com o fato anterior, funciona como adjunto adverbial do núcleo verbal *estuda*.

O mesmo ocorre em

Janete é tão aplicada aos estudos que não lhe sobra tempo para o trabalho.

Aqui a oração subordinada *que não lhe sobra tempo para o trabalho*, que manifesta a consequência ou encarecimento do fato anterior, também está presa ao quantificador *tão* que funciona como adjunto adverbial de *aplicada*, e o conjunto *tão aplicada aos estudos que não lhe sobra tempo para o trabalho,* valendo por um adjetivo a modificar o substantivo *Janete*, funciona como predicativo do verbo *é.*

O caráter do adjunto, portanto de termo não argumental, tanto da oração subordinada comparativa quanto da consecutiva, se manifesta pelo fato de se poder eliminar, em cada caso, a oração subordinada, e continuar perfeita a oração anterior:

Janete estuda mais.
Janete é tão aplicada aos estudos.

Os diversos tipos de comparativas – Como já vimos, a comparação pode manifestar-se estabelecendo uma igualdade (*tanto... quanto*), uma superioridade (*mais...que* ou *do que*), uma inferioridade (*menos...que* ou *do que*) entre duas realidades ou conceitos.

A alternância de *que* e *do que* nasceu, em época relativamente recente, da construção primitiva em que a oração transposta que modificava *mais* ou *menos* era uma substantivada

iniciada por *o que...*, precedida de preposição *de*: *mais* (*menos*) *do que* = *mais* (*menos*) *daquilo que* [ED.2, 171; TM.1, 205].

Dos quantificadores, também já dissemos que só aparece flexionado em gênero e número o *tanto* adnominal, em conformidade com o substantivo ou pronome que modifique. *Tanto* é invariável quando se apresenta como advérbio. Vale ainda lembrar que os quantificadores *mais* e *menos* podem ser reforçados por advérbio: *muito mais, pouco mais, muito menos, pouco menos,* etc.

Outras unidades comparativas – Além dos quantificadores referidos, podem em seu lugar aparecer:

a) as formas adjetivas *maior, menor, melhor, pior:*

As qualidades devem ser *maiores que os vícios.*

b) unidades multiplicativas, indefinidas (como *outro, mesmo, igual*) e advérbios de valor seletivo (como *antes*):

A nota conseguida é o *dobro que o candidato merecia.*

Não pensava em *outra coisa que tirar proveito dos amigos.*

Tudo nele era o *mesmo que se vira antes.*

O roubo antes denigre o ladrão *que lhe aumenta os haveres.*

As orações subordinadas consecutivas – Como vimos, a oração transposta consecutiva também se aproxima da adjetiva relativa por estar o transpositor *que* relacionado com uma unidade quantificadora da oração anterior:

Janete é tão aplicada aos estudos *que não lhe sobra tempo para o trabalho.*

Pelo exemplo acima percebe-se que a oração subordinada manifesta uma consequência; mas o valor semântico primordial é assinalar que o quantificador encarece o conteúdo de pensamento designado.

No exemplo:

Ela sentia tal medo que a deixava paralisada,

se eliminarmos o encarecedor, o quantificador *tal*, a oração subordinada poderá confundir-se com a adjetiva relativa se não for proferida com o contorno melódico que em geral marca a consecutiva, o que a faz poder ser assinalada por vírgula:

Ela sentia medo que a deixava paralisada.

OBSERVAÇÃO: Esta aproximação da adverbial consecutiva desprovida de quantificador com a adjetiva relativa tem levado alguns escritores a repetir a função sintática desempenhada pelo *que* relativo mediante o pronome adverbal *o* (*a, os, as*), construção que a norma padrão desaconselha: "o homem que se destina, ou *que o* destinou seu nascimento, a uma vocação pública, não pode, sem vergonha, ignorar as belas letras e os clássicos" [AGa.4, 29].

Tal como ocorreu nas orações subordinadas comparativas, em *Ela sentia tal medo que a deixava paralisada,* constitui uma unidade complexa o conjunto *tal medo que a deixava paralisada*, que, na oração complexa, funciona como objeto direto do núcleo verbal *sentia.*

Outras unidades consecutivas – Os quantificadores a que se prendem as orações

consecutivas podem ser substituídos por outras unidades, naturalmente sem que deixem de ser marcadas pelo contorno melódico que manifesta o encarecimento do conteúdo do pensamento designado:

a) O indefinido *cada:*

Ele diz *cada* mentira *que já está desacreditado no grupo.*

b) O indefinido *um* (*uma, uns, umas*):

De repente caiu *uma ventania que afugentou do estádio todos os espectadores.*

c) As unidades *de modo, de maneira, assim*:

O mágico falava *de modo que impressionava a plateia.*

O escritor escrevia *de maneira que compunha um livro por mês.*

O atleta era *assim forte que punha nos concorrentes a certeza da derrota.*

OBSERVAÇÃO: Acerca da substituição de *de modo que, de maneira que* + verbo flexionado por *de modo a, de maneira a* + infinitivo (*de modo a fazer,* etc.) cf. link.

d) Pode faltar a unidade quantificadora, garantida pelo contorno melódico e pelo contexto:

É feio *que mete medo.*

Grupos oracionais: a coordenação – Já vimos que as orações coordenadas são orações sintaticamente independentes entre si e que se podem combinar para formar *grupos oracionais* ou *períodos compostos:*

Mário lê muitos livros e aumenta sua cultura.

Mário lê muitos livros e aprende pouco.

É fácil observar que as duas orações do primeiro exemplo são sintaticamente independentes, porque, ao analisar a primeira (*Mário lê muitos livros*), verificamos que possui todos os termos sintáticos previstos na relação predicativa, ao contrário da oração complexa, conforme vimos:

Sujeito: *Mário*

Predicado: *lê muitos livros*

Objeto direto: *muitos livros*

Entretanto, é também fácil verificarmos que a segunda oração *e aumenta sua cultura* manifesta o resultado, uma consequência do fato de Mário ler muito. Esta interpretação, aliás correta, não interfere na relação sintática que as duas orações mantêm entre si no grupo oracional. Esta interpretação adicional não resulta da relação sintática existente nas duas orações, mas sim da nossa experiência do mundo, porque sabemos que a leitura é uma das nossas fontes de cultura. E muito menos a manifestação nasce do emprego da conjunção *e* que, por ser mero conector das orações, tem por missão semântica apenas adicionar um conteúdo de pensamento a outro. Por isso, é denominada *conjunção* (= conector) *aditiva.*

Prova evidente do que estamos falando é o segundo exemplo:

Mário lê muitos livros e aprende pouco.

Do ponto de vista sintático, já vimos que aqui também estamos diante de orações independentes e que podem figurar isoladamente:

Mário lê muitos livros. Ele aprende pouco.

É partindo desse nosso saber sobre as coisas do mundo e dos significados dos lexemas utilizados que interpretamos a 2.ª oração como o contrário do que estávamos esperando pelo

fato de Mário ler muitos livros.

Como no exemplo anterior, essa interpretação adicional não tira da 2.ª oração o caráter de *coordenada aditiva* nem permite que se classifique o *e* diferentemente de uma conjunção aditiva. É o texto, com suas unidades léxicas, e não a gramática, que manifesta o sentido adversativo que claramente expressa a 2.ª oração em face do conteúdo que se enunciou na 1.ª. São, assim, unidades textuais, o que vale dizer, são unidades que manifestam funções sintagmáticas no nível do texto. Trata-se de exemplos de coordenação no nível da oração e de subordinação no nível do texto.

Cabe também assinalar que as orações conectadas por *e* não manifestam nenhum sentido textual subsidiário, além da adição; a ordem das orações é, em geral, livre, salvo quando o significado dos lexemas estabelece uma disposição natural dos conteúdos de pensamento designados. São, neste último caso, questões relativas ao nosso saber elocutivo, e não ao saber idiomático, exclusivamente:

Trabalhava de dia e estudava de noite.
Estudava de noite e trabalhava de dia.

Mas há ordem fixa em:

Ficou noivo em fevereiro e casou-se em junho.
Cursava a Faculdade de Direito e formou-se em advocacia.

Em sentido inverso, muitas orações subordinadas – especialmente as reduzidas, em vista da amplitude semântica em que podem ser envolvidas pela influência das unidades léxicas empregadas e do nosso saber e experiências do mundo – podem admitir um sentido "aditivo", como nos seguintes casos:

a) as orações reduzidas de gerúndio, quando equivalente a uma oração coordenada iniciada pela conjunção *e*:

Compreendeu bem a lição, *fazendo* depois corretamente os exercícios (= e fez depois...)

b) as reduzidas de infinitivo precedida da preposição *sobre* e da locução prepositiva *além de*:

"Além de que a fumarada do charuto, *sobre ser* purificante ou antipútrida, dava aos alvéolos solidez, e consistência aos dentes" [CBr.1, 108] (*sobre ser* = além de ser purificante... a fumarada do charuto dava...).

Apesar destas interpretações "aditivas", estas reduzidas, quanto à sua estruturação gramatical, pertencem ao quadro das orações subordinadas.

Os tipos de orações coordenadas e seus conectores – As orações coordenadas estão ligadas por conectores chamados conjunções coordenativas, que apenas marcam o tipo de relação semântica que o falante manifesta entre os conteúdos de pensamento designado em cada uma das orações sintaticamente independentes.

São três as relações semânticas marcadas pelas conjunções coordenativas ou conectores:

1) *Aditiva*: adiciona ou entrelaça duas ou mais orações, sem nenhuma ideia subsidiária.

As conjunções aditivas são *e* e *nem* (esta para os conteúdos negativos, e pode vir na 2.ª oração ou em ambas).

Pedro estuda *e* Maria trabalha.
Pedro não estuda *nem* trabalha.
Nem Pedro estuda *nem* Maria trabalha.

2) *Adversativa*: contrapõe o conteúdo de uma oração ao de outra expressa anteriormente:

João veio visitar o primo, *mas* não o encontrou.

As conjunções adversativas são *mas, porém, senão* (depois de conteúdo negativo).

Não saía senão com os primos.

3) *Alternativa*: contrapõe o conteúdo de uma oração ao de outra e manifesta exclusão de um deles, isto é, se um se realizar, o outro não se cumprirá:

Estudas *ou* brincas.

Enlaces adverbiais em grupos de orações – Certas unidades de natureza adverbial e que manifestam valores de concessão, conclusão, continuação, explicação, causa, que fazem referência anafórica ao que anteriormente se expressou, podem aparecer como aparentes conectores de orações em grupos oracionais: *logo, pois, portanto, por conseguinte, entretanto, contudo, todavia, por isso, por isto, também, daí, então, pelo contrário,* etc:

Será a primeira vez que copiará estes quadros, *pois* não há oito dias que os comprei [JA.3, 257].

O amor, como eu sonho e espero, há de ser a minha vida inteira; *portanto* parece-me que tenho o direito e até o dever de conhecê-lo antes (...) [JA.3, 379].

O que a protegia na confusão não era tanto o rápido olhar, como um sétimo sentido, que só ela possuía: uma espécie de previsão dos objetos que se aproximavam.

Contudo, eu sofria muito vendo Emília assim esquecida de mim e engolfada nos prazeres (...) [JA.3, 380].

Partindo desses valores semânticos, a gramática tradicional estabeleceu, entre os conectores coordenativos, as conjunções *conclusivas* e *causais-explicativas*. Realmente, nestes casos se trata de unidades que manifestam esses valores de dependência interna, semelhantes às orações subordinadas, mas no nível do sentido do texto. São unidades transfrásticas, já que ultrapassam os limites de fronteira das orações.

OBSERVAÇÃO: A inexistência, a rigor, das conjunções conclusivas e causais – explicativas, orientação que também é seguida em gramáticas de outras línguas, já tinha sido defendida entre nós por Maximino Maciel (1865-1923) na última revisão de sua *Gramática Descritiva*, em que as considerava advérbios, dada a facilidade com que se deslocavam nas orações, aparecendo em várias posições, o que lhes tirava o caráter de conectores.

Justaposição ou assindetismo – Ao lado da presença de transpositores e conectores vistos até aqui, as orações podem encadear-se, como ocorre com os termos sintáticos dentro da oração, sem que venham entrelaçadas por unidades especiais; basta-lhes apenas a sequência, em geral proferidas com contorno melódico descendente e com pausa demarcadora, assinalada quase sempre na escrita por vírgulas, ponto e vírgula e ainda por dois pontos:

O moço que dizia Simíles costumava zombar de mim com barulho. *Qualquer dito nem o excitava: mordia os beiços, avermelhava-se como um peru, lacrimejava, enfim não se continha, caía num riso convulso, rolava sobre o balcão, meio sufocado.* [GrR.1, 197].

Este procedimento de enlace chama-se *justaposição.*

Sob o ponto de vista sintático e semântico, tais justaposições se aproximam, pela independência sintática e estreito relacionamento semântico, da parataxe ou coordenação. Seu efeito para o discurso é variado, ora apontando para um estilo cortado com grande dose impressionista, ora para um estilo que focaliza quadros rápidos e movimentos ascendentes, especialmente se está constituído por sequência de verbos. Já a sequência de substantivos

manifesta lentidão.

Aproximam-se as orações justapostas das coordenadas, e com elas às vezes se alternam, por permitirem, no nível da camada superior do texto, um sentido subsidiário de causa-explicação, concessão, consequência, oposição, tempo, levando-se em conta o conteúdo de pensamento nelas designado:

> Uma vez por dia o grito severo me chamava à lição. Levantava-me, com um baque por dentro, dirigia-me à sala, gelado. *E emburrava: a língua fugia dos dentes, engrolava ruídos confusos* [GrR.1, 102].
>
> Não me ajeitava a esse trabalho: a mão segurava mal a caneta, ia e vinha em sacudidelas, *a pena caprichosa fugia da linha, evitava as curvas, rasgava o papel, andava à toa como uma barata* doida, semeando borrões [GrR.1, 114].

A chamada " coordenação distributiva" – Podem-se incluir nas orações justapostas aquelas que a gramática tradicional arrola sob o rótulo de coordenadas distributivas, caracterizadas por virem enlaçadas pelas unidades que manifestam uma reiteração anafórica do tipo de *ora...ora, já...já, quer...quer, um...outro, este...aquele, parte...parte, seja...seja,* e que assumem valores distributivos alternativos, e subsidiariamente concessivos, temporais, condicionais.

Do ponto de vista constitucional, essas unidades são integradas por várias classes de palavras: substantivo, pronome, advérbio e verbo, e do ponto de vista funcional não se incluem entre os conectores que congregam orações coordenadas:

> *Ora* eram eles capazes de atos de vandalismo, *ora* eram capazes de atos de ajuda ao próximo.
>
> *Já* não se mostravam como pessoas educadas, *já* se revelavam como se fossem inocentes crianças.
>
> *Uns* estavam sempre satisfeitos, *outros* só viviam reclamando da vida.

Orações intercaladas – Também se incluem nos grupos oracionais como orações justapostas as intercaladas, também caracterizadas por estarem separadas do conjunto por pausa e por contorno melódico particular. Na escrita, aparecem marcadas por vírgula, travessão ou parêntese. Do ponto de vista de conteúdo de pensamento designado, dividem-se em:115

1) *citação*: onde se acrescenta a pessoa que proferiu a oração anterior:

> Dê-me água, *me pediu o rapaz.*116
>
> Quem é ele? – *interrompeu a jovem.*

2) *advertência*: esclarece um ponto que o falante julga necessário:

> Em 1945 – *isto aconteceu no dia de meu aniversário* –, conheci um dos meus melhores amigos.

3) *opinião*: em que o falante aproveita a ocasião para opinar:

> D. Benta (*malvada é que era*) dizia que a sua doença impedia a brincadeira da garotada.
>
> "Comíamos, *é verdade*, mas era um comer virgulado de palavrinhas doces" [MA.1, 198].

4) *desejo*: em que o falante aproveita a ocasião para exprimir um desejo, bom ou mau:

> José – *Deus o conserve assim!* – conquistou o primeiro lugar da classe.
>
> "É bem feiozinho, *benza-o Deus,* o tal teu amigo!" (Aluísio Azevedo)
>
> O teu primo – *raios que o partam!* – pôs-me de cabelos brancos.

5) *escusa*: em que o falante se desculpa:

> "Pouco depois retirou-se: eu fui vê-la descer as escadas, e não sei por que fenômenos de ventriloquismo cerebral (*perdoem-me os filósofos essa frase bárbara*) murmurei comigo..." [MA.1, 325].

6) *permissão*: em que solicita algo:

"Meu espírito (*permita-me aqui uma comparação de criança*), meu espírito era naquela ocasião uma espécie de peteca" [MA.1, 282].

7) *ressalva*: em que faz uma limitação à generalidade de um enunciado:

"Daqui a um crime distava apenas um breve espaço e ela transpôs, *ao que parece*" [AH.2, 123].

Ele, *que eu saiba,* nunca veio aqui.117

"Cobiça de cátedras e borlas que, *diga-se de passagem,* Jesus Cristo repreendeu severamente aos fariseus" [CBr.2, 300].

Os livros, *pode-se bem dizer*, são o alimento do espírito.

Aparentes orações complexas – Entram, assim, neste caso as intercaladas de citação que, em estilo direto, reproduzem o que no estilo indireto funcionaria como objeto direto do núcleo verbal, claro ou subentendido: *Dê-me água, me pediu o rapaz*, equivalente no conteúdo a *O rapaz pediu que lhe desse água; Quem é ele? – interrompeu o jovem*, equivalente no conteúdo a *O jovem interrompeu* [*perguntando*] *quem é ele.*

Atendendo às equivalências do conteúdo, mas em contradição com a estrutura sintática e textual, alguns autores analisam tais orações justapostas como complexas. Só poderíamos proceder dessa maneira e considerá-las orações complexas se viessem introduzidas pelo transpositor, como ocorreu nas equivalências apontadas.

Como bem ensina A. da Gama Kury, devemos "considerar essas orações interferentes como períodos à parte, intercalados ou justapostos, que se analisarão lado a lado com aquele em que se inserem" [AK.1, 70].

3 – Discurso direto, indireto e indireto livre

O português, como outras línguas, apresenta normas textuais para nos referirmos no enunciado às palavras ou aos pensamentos de responsabilidade do nosso interlocutor, mediante os chamados *discurso direto, discurso indireto* e *discurso indireto livre.*

No DISCURSO DIRETO reproduzimos ou supomos reproduzir fiel e textualmente as nossas palavras e as do nosso interlocutor, em diálogo, conforme vimos nos exemplos das orações ou períodos intercalados de citação, com a ajuda explícita ou não de verbos como *disse, respondeu, perguntou, retrucou* ou sinônimos (os chamados verbos *dicendi*). Às vezes, usam-se outros verbos de intenção mais descritiva, como *gaguejar* (do nosso exemplo), *balbuciar, berrar,* etc. São os *sentiendi*, que exprimem reação psicológica do personagem.118 No diálogo, a sucessão da fala dos personagens é indicada por travessão (outras vezes, pelos nomes dos intervenientes):

Uma vez em que me extenuava na desgraçada tarefa percebi um murmúrio:

— *Lavou as orelhas hoje?*

— Lavei o rosto, *gaguejei* atarantado.

— Perguntei se lavou as orelhas.

— Então? Se lavei o rosto, devo ter lavado as orelhas [GrR, 114].

No DISCURSO INDIRETO os verbos *dicendi* se inserem na oração principal de uma oração complexa tendo por subordinada as porções do enunciado que reproduzem as palavras próprias ou do nosso interlocutor. Introduzem-se pelo transpositor *que,* pela dubitativa *se* e

pelos pronomes e advérbios de natureza pronominal *quem, qual, onde, como, por que, quando,* etc., já vistos antes:

Perguntei *se lavou as orelhas.*

O discurso direto em:

José Dias recusou, dizendo: *É justo levar a saúde à casa de sapé do pobre*

passa a discurso indireto, em que se transpõe o presente *é* do discurso direto para o pretérito imperfeito do indireto:

José Dias recusou, dizendo *que era justo levar a saúde à casa de sapé do pobre* [MA.4, 14].

O DISCURSO INDIRETO LIVRE consiste em, conservando os enunciados próprios do nosso interlocutor, não fazer-lhe referência direta. Como ensina Mattoso Câmara, mediante o estilo indireto livre reproduz-se a fala dos personagens – inclusive o narrador – sem "qualquer elo subordinativo com um verbo introdutor *dicendi*" [MC.4, 28]. Se tomássemos o exemplo acima d e *Dom Casmurro*, bastaria suprimir a forma verbal *dizendo* e construir dois períodos independentes com as duas partes restantes:

José Dias recusou. *Era justo levar a saúde à casa de sapé do pobre.*

Uma particularidade do estilo indireto livre é a permanência das interrogações e exclamações da forma oracional originária, ao contrário do caráter declarativo do estilo indireto. Mattoso Câmara cita um trecho de *Dom Casmurro* em que D. Glória tenta demover Pádua da ideia de suicídio por lhe ter mudado a vida financeira de repente, mediante um enunciado em estilo indireto livre a partir do segundo período:

> Minha mãe foi achá-lo à beira do poço, e intimou-lhe que vivesse. Que maluquice era aquela de parecer que ia ficar desgraçado, por causa de uma gratificação menos, e perder um emprego interino? Não, senhor, devia ser homem, pai de família, imitar a mulher e a filha... (p. 48)

Em suma, o discurso indireto livre "estabelece um elo psíquico entre o narrador e o personagem que fala (...) o narrador associa-se ao seu personagem, transpõe-se para junto dele e fala em uníssono com ele" [MC.4, 30-31].

Particularidades outras das orações transpostas substantivas – O transpositor da oração substantiva junto à oração principal se diz *conjunção integrante: que* (nas declarações de certeza) e *se* (nas declarações de incerteza):

Sei *que* virá hoje.

Não sei *se* virá hoje.

Conforme vimos, pode a conjunção integrante vir ou não precedida de preposição necessária. O quadro seguinte resumirá as orações substantivas, levando-se em conta a preposição necessária:

- Subordinadas Substantivas
  - a) sem preposição necessária
    - 1) *subjetiva*
    - 2) *objetiva direta*
    - 3) *predicativa*
    - 4) *apositiva*
  - b) com preposição necessária
    - 1) *completiva relativa* (complemento de verbo)
    - 2) *objetiva indireta* (complemento de verbo + objeto direto ou complemento relativo)

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Continuamos a insistir no termo *necessária (preposição necessária),* porque ela pode aparecer, esporadicamente, em lugares que a não exigem, como omitir-se onde seria esperada. Assim, pode-se prescindir da preposição que inicia uma oração objetiva indireta ou completiva nominal:

> "Em Coimbra recebeu o infante esta triste nova por uma carta da rainha sua filha, em que o avisava que *em conselho se decidira que o fossem cercar...*" [AH.2, 94],

isto é: em que o avisava que está por *em que o avisava* ***de que***.

2.ª) Pode ocorrer a omissão tanto da preposição quanto do transpositor:

> Quis defendê-la, mas Capitu não me deixou, continuou a chamar-lhe beata e carola, em voz tão alta que tive medo *fosse* ouvida os pais [MA *apud* MBa.3, 80],
>
> isto é: tive medo *de que* fosse ouvida.

Também se pode preceder de preposição uma oração subjetiva ou objetiva direta. Assim, por influência da construção *fazer com alguém* (= conseguir deste alguém) *que viesse* passamos a empregar *fazer com que* ao lado de *fazer que* em orações objetivas diretas do tipo:

> "...fizeram (os cortesãos) *com que se retirasse para Sintra...*" [AH.2, 93],
>
> onde *fazer* significa "diligenciar e conseguir que uma coisa aconteça".

Ou subjetiva, como:

> "Desaire real seria *de a deixar sem prêmio*" [AGa].

Registrem-se ainda as construções *dizer de sim, dizer de não,* em lugar de *dizer que sim, dizer que não:* "Eu me abalanço a lhes dizer e redizer *de não* [RB.5, 225]".

Características da oração subjetiva e predicativa – A oração substantiva subjetiva apresenta as seguintes características:

Estar o verbo da oração principal na 3.ª pessoa do singular e num destes quatro casos:

a) verbo na voz reflexiva de sentido passivo:

> Sabe-se que tudo vai bem.

b) verbo na voz passiva (*ser, estar, ficar*) seguidos de particípio:

> Ficou provado *que estava inocente.*

c) verbos *ser, estar, ficar* seguidos de substantivo ou adjetivo:

> É verdade que *sairemos cedo*.
>
> Foi bom *que fugissem.*

Está claro *que consentirei.*

Ficou certo *que me telefonariam.*

d) verbo do tipo *parece, consta, ocorre, corre, urge, importa, convém, dói, punge, acontece:*

Parece *que vai chover.*

Urge *que estudem.*

Cumpre *que façamos com cuidado todos os exercícios.*

Acontece *que todos já foram punidos.*

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Não se pautam pela tradição literária as construções em que se personaliza o verbo *pesar* significando arrependimento ou dor, do tipo de:

Pesam-me os dissabores que lhe causei.

A boa construção é dar-lhe objeto indireto de pessoa e complemento relativo de coisa introduzida pela preposição *de*, e na forma de 3.ª pessoa do singular:

Pesa-me dos dissabores que lhe causei.

2.ª) O Prof. Sousa Lima [SL.1, § 530] acha que só se poderá considerar *predicativa* a oração que contiver o verbo *parecer* concordando "com outro sujeito que não seja a proposição: *Tu pareces ser estrangeiro* ", outro exemplo, "Nunca nos esquecemos de nós, ainda quando *parecemos* que mais nos ocupamos dos outros" [MM].

A oração substantiva predicativa introduzida pela conjunção complementa, na maioria das vezes, o verbo *ser*:

A verdade *é que não ficaremos aqui.*

Omissão da conjunção integrante – Se o enunciado encerra mais de um *que,* podemos, com elegância, omitir a conjunção integrante, principalmente nas orações subjetivas e objetivas presas a núcleos verbais que exprimem vontade ou temor:

"Devia, pois, ser melancólico, além do exprimível o que aí se passou nessa grade: triste, e desgraçado direi, a julgá-lo pelas consequências *que* se vão descrever, com um certo pesar em *que esperamos tomem* os leitores o seu quinhão de pena..." [CBr.4, 223].

Esperamos tomem está por e*speramos que tomem.*

Ainda que não haja acúmulo de *quês*, constitui leveza a omissão da conjunção integrante, que ocorre principalmente no estilo administrativo:

"Frequentes vezes me *disse esperava* lhe anulassem no supremo tribunal o processo" [CBr.10, 51].

Requeiro *seja enviado o Processo a outra instância.*

Evitou-se, no primeiro exemplo, o emprego de duas conjunções integrantes: "...me disse *que esperava que* lhe anulassem o processo".

"Posto que, dizia ele, muito desejasse ver levar o negócio a cabo, *aconselhava-o não tentasse* nada de leve..."[AH.6, 262, *apud* AH.2, 149].

Aconselhava-o não tentasse está por *aconselhava-o a que não tentasse.*

Também se dá a omissão da integrante *que* depois do transpositor na comparação com *que* ou *do que*, como se observa no seguinte exemplo:

É melhor *que* lhe deem uma oportunidade *do que estejam* a retê-lo na prisão,

isto é: *é melhor que lhe deem...do que que estejam...*

Pode-se ainda fugir à repetição pondo-se o verbo no infinitivo:

do que *estar* a retê-lo na prisão.

Pleonasmos da conjunção integrante

Quando a oração substantiva não segue imediatamente o verbo de que serve de integração, pode ocorrer, mormente no falar coloquial, o pleonasmo da conjunção integrante, como o provam os seguintes exemplos:

"e disse *que*, se lhe não queríamos mais nada, *que* podíamos ir à nossa vida" [CBr, 45].

"O meu amor me disse ontem
Que eu *que* andava coradinha" [AO.1] 119

A verdade é *que* desde que anunciei ao rapaz a volta de sua mãe, *que* observei nele uma bizarra mudança de atitude [LCa.1].

Particularidades sobre as *orações transpostas adjetivas*

Funções sintáticas do relativo das orações adjetivas – As orações adjetivas iniciam-se por pronome relativo que, além de marcar a subordinação, *exerce uma função sintática da oração a que pertence.* Em:

"Há enganos *que* nos deleitam, como desenganos *que* nos afligem" [MM],

os dois *quês* exercem funções sintáticas na oração subordinada que iniciam. O primeiro é sujeito de *deleitam* (que nos deleita? – *enganos*, representado na oração subordinada pelo *que*); o segundo é sujeito de *afligem* (que nos aflige? – *desenganos*, representado na oração subordinada pelo *que*).

É importante assinalar que *a função sintática do pronome relativo nada tem a ver com a função do seu antecedente; ela é indicada pelo papel que desempenha na oração subordinada a que pertence.*

Desta maneira, no exemplo dado, *enganos* e *desenganos* são *objetos diretos* (a oração não tem sujeito, porque o verbo *haver* = *existir* é impessoal) e os *quês* são sujeitos.

a) *Que* – não precedido de preposição necessária – pode exercer as funções de *sujeito, objeto direto* ou *predicativo*:

O menino *que* estuda aprende (*sujeito*).

O livro *que* lemos é instrutivo (*objeto direto*).

Somos o *que* somos (*predicativo*).

b) *Que* – precedido de preposição necessária – pode exercer as funções de *objeto indireto, complemento relativo, adjunto adverbial* ou *agente da passiva*:

A pessoa *a que* entreguei o livro deixou-o no táxi (*objeto indireto*).

Os filmes *de que* gostamos são muitos (*complemento relativo*).

A cidade *a que* te diriges tem bom clima (*complemento relativo*).

A pena *com que* escrevo não está boa (*adjunto adverbial de meio*).

Este é o escritor *por que* foi escrito o livro (*agente da passiva*).

OBSERVAÇÃO: Constitui impropriedade o emprego do pronome relativo precedido de preposição *de* como adjunto adnominal, em lugar de *cujo*. Assim se evita dizer "o escritor *de que* todos conhecemos o livro", "as pessoas *de quem* reconheceis os privilégios". Em boa linguagem diremos "o escritor *cujo* livro todos conhecemos", "as pessoas *cujos* privilégios reconheceis". Todavia não são raros os exemplos em bons escritores: O anarquista maldiz de todos os governos *de que* não compartilha as vantagens [MM]. Para certa classe de gente, a consciência é uma gaveta fechada *de que* se perdeu a chave [AR.2, 168], isto é, *de cujas vantagens não compartilha; gaveta cuja chave se perdeu.*

c) *Quem* – sempre em referência a pessoas ou coisas personificadas – só se emprega precedido de preposição, e exerce as seguintes funções sintáticas:

Ali vai o professor *a quem* ofereci o livro (*objeto indireto*).

Apresento-te o amigo *a quem* hospedei no verão passado (*objeto direto*).

Não conheci o professor *a quem* te referes (*complemento relativo*).

As companhias *com quem* andas são péssimas (*adjunto adverbial*).

O amigo *por quem* fomos enganados desapareceu (*agente da passiva*).

d) *Cujo(s), cuja(s)* – precedidos ou não de preposição – valem sempre *do qual, da qual, dos quais, das quais* (caso em que a preposição *de* tem sentido de posse) e funcionam como *adjunto adnominal* do substantivo seguinte com o qual concordam em gênero e número. O sintagma a que *cujo* pertence exercerá a função que determinar sua relação com o núcleo verbal. Assim, *cuja casa* é objeto direto de *comprei* e *sobre cuja matéria* é complemento relativo de *discutíamos*:

O homem *cuja* casa comprei embarcou ontem (= a casa do qual).

Terminei o livro *sobre cuja* matéria tanto discutíamos (= sobre a matéria do qual).

OBSERVAÇÃO: *Erros no emprego de* CUJO.

Constitui erro empregar *cujo*:

a) como sinônimo de *o qual, a qual, os quais, as quais:*

Aqui está o livro *cujo* livro compramos (= o qual);

b) precedido ou seguido de artigo:

Este é o autor *à cuja* obra te referiste (Não há acento indicativo da crase).

Compramos os livros de *cujos os* autores nos esquecemos.

Emprego de relativos – Em lugar de *em que, de que, a que,* nas referências a lugar, empregam-se, respectivamente, *onde, donde, aonde* (que funcionam como adjunto adverbial ou complemento relativo):

O colégio *onde* estudas é excelente.

A cidade *donde* vens tem fama de ter bom clima.

A praia *aonde* te diriges parece perigosa.

Modernamente, os gramáticos têm tentado evitar o uso indiscriminado de *onde* e *aonde*, reservando o primeiro para a ideia de repouso e o segundo para a de movimento:

O lugar *onde* estudas...

O lugar *aonde* vais...

Esta lição da gramática tende a ser cada vez mais respeitada na língua escrita contemporânea, embora não sejam poucos os exemplos em contrário, entre escritores brasileiros e portugueses.

e) *O qual* – e flexões que concordam em gênero e número com o antecedente – substitui *que* e dá à expressão mais ênfase. Para maior vigor ou clareza pode-se até repetir o antecedente depois de *o qual*:

"O primeiro senhor de Ormuz de que temos notícia foi Male-Caez, *o qual*, habitando na ilha de Caez, dominava todas as ilhas daquele estreito" [AH.2, 54].

Ao livro ninguém fez referência, *o qual* livro merece a maior consideração, no meu entender.

Às vezes o antecedente se acha apenas esboçado, como no seguinte exemplo, onde se percebe claramente o termo *cidade*.

> "Logo, porém, que este prazo expirou, o rei de Leão fez uma estrada até Talavera, perto *da qual cidade* destroçou as tropas que intentaram opor-se-lhe" [AH.6, 94].

É mais comum a substituição de *que* por *o qual* depois de preposição, principalmente depois de preposição ou locução prepositiva de duas ou mais sílabas. Dizemos indiferentemente *de que*, ou *do qual*, *com que* ou *com o qual*, *a que* ou *ao qual*, *sem que* ou *sem o qual,* mas só ocorrem *apesar do qual, conforme o qual, segundo o qual, entre o qual, fora dos quais, perante os quais,* etc. A razão se deve ao movimento rítmico da oração e a uma necessidade expressiva que exigem um vocábulo tônico (como o *qual*), e não átono (como *que*).

Posição do relativo – Normalmente o *que* vem junto do seu antecedente; quando isto não se dá e o sentido da oração periga, desfaz-se a dúvida com o emprego de *o qual*, de *e este* ou se repete o antecedente, ou se põe vírgula para mostrar que o relativo não se refere ao antecedente mais próximo:

> "Mas ele tinha necessidade da sanção de alguns, que [isto é, *sanção* e não *alguns*] lhe confirmassem o aplauso dos outros" [MA.1, 138].
> "Arrastaram o saco para o paiol e o *paiol* ficou a deitar fora" [CN.1, 12].

Poderia também dizer o autor:

> Arrastaram o saco para o paiol *que* ficou a deitar fora.
> Arrastaram o saco para o paiol *o qual* ficou...
> Arrastaram o saco para o paiol *e este* ficou...

Note-se como Camilo evita o equívoco nesta passagem:

> "Eu de mim, se não estivesse amortalhada no sobretudo do meu marido, *que* vou escovar (o sobretudo), era dele, como a borboleta é da chama..." [CBr.12, 18 *apud* MBa.5, 303].

Não é impossível, entretanto, mormente nos autores mais antigos e naqueles que, embora contemporâneos, primam por escrever como os clássicos, vir o pronome relativo afastado do seu antecedente, como neste trecho de João Ribeiro, depois do verbo da oração principal [MLk.2, §637; ECs.4, 257-258]:

> "No fundo de um triste vale dos Abruzos, terra angustiada e sáfara, um pobre eremita vivia *que deixara as abominações do século pela soledade do deserto*" [JR.2, 219].

Era comum nos clássicos:

> "...àquele haveis de dar vosso voto para governar, *que* entre todos tiver mais saber" [HP, 178-9].

Por fim, cumpre assinalar que ocorre ainda a inversão de um termo da oração adjetiva para antes do relativo, como no exemplo de Vieira:

> "O padre Francisco Gonçalves, *provincial* que acabou de ser [em lugar de: *que acabou de ser provincial*] da província do Brasil..." [AV *apud* FB, 289].

Pronome relativo sem função na oração em que se encontra

Em expressões do tipo:

> Ali está o homem que eu pensei que tivesse desaparecido.
> Não faças a outrem o que não queres que te façam,

o pronome relativo *que* inicia as orações *que eu pensei*, *que não queres*, dando-lhes o caráter

de adjetivas, mas não exerce nelas função sintática; pertence, isto sim, às orações substantivas *que tivesse desaparecido* ou *que te façam*, das quais é o sujeito (na 1.ª) e objeto direto (na 2.ª). Cuidado especial há de ter-se no que toca à concordância, pois o escritor inexperiente logo opta por flexionar o verbo: ...distinção adiada *sine die* por motivos que não *vem* (e não *vêm* no plural) a pelo declarar [CL.1, 66].

Esta construção é correta e coerente, e resiste a um enquadramento nos processos normais de análise sintática.120

Pode-se evitar a repetição dos *quês* substituindo-se o verbo da oração substantiva por um infinitivo:

> Ali está o homem que eu pensei ter desaparecido.

"No português moderno, esta construção só tem lugar, em geral, quando a oração subordinada é substantiva; fora deste caso só se emprega, de ordinário, com o pronome *o qual*, e então coloca-se este pronome depois da expressão por ele determinada: *É problema, para resolver o qual são necessárias duas condições:* "O jugo da obediência, para lhes impor *o qual* muitas vezes faltava a força" [AH.6, 244]. Todavia, evita-se esta construção quanto possível, e diz por exemplo: *É problema para cuja resolução são necessárias* duas condições" [ED.2, § 367].

O QUE, A QUE, OS QUE, AS QUE

No exemplo:

> "De ordinário os que reclamam mais liberdade são os que menos a merecem" [MM],

as orações adjetivas substantivadas *das que reclamam mais liberdade* e *os que menos a merecem* não têm seus antecedentes explícitos.

Analisando a oração complexa constitutiva do enunciado, teremos uma cláusula do comentário *de ordinário* e uma comentada, assim analisada:

> Sujeito: *os que reclamam mais liberdade*
> Predicado: *são os que menos a merecem*
> Predicativo: *os que menos a merecem*

Análise do sujeito oracional:

> Sujeito: *os que*
> Predicado: *reclamam mais liberdade*
> Obj. direto: *mais liberdade*

Análise do predicativo oracional:

> Sujeito: *os que*
> Predicado: *menos a merecem*
> Obj. direto: *a*

Em

> José partiu, o que deixou a casa triste.

a oração adjetiva transposta a substantivo *o que...triste* é aposto da oração *José partiu*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Foge do plano de interpretação sintática o entender-se *o que* = *e isto*, como querem alguns gramáticos. Veja-se [CP.1, § 510].

2.ª) Em lugar de *o que* também pode ocorrer apenas *que*, construção que vai caindo em desuso: "... depois a 17 de agosto de 1710 acabou de expirar *que* (= o que) foi, como bem podemos presumir, voar do cárcere carregado com as palmas de

confessor e mártir para a pátria onde os frutos se colhem do que na terra se cultivou"[AC.8, 278 *apud* MBa.4, 139. Cf. ainda MBa.5, 234].

Com *o que, a que, os que, as que,* pode ocorrer uma preposição regendo toda a oração substantivada, o relativo ou ambos:

a) Gostei *do que disseste.*

b) O professor dissertou *sobre o de que* ontem conversávamos.

Com frequência, a preposição que deveria acompanhar o relativo emigra para o artigo que introduz a oração substantivada:

Não sei *no que* pensas (por *o em que*).

"Agora já sabe a fidalga *no que* ele estraga dinheiro" [CBr.1, 148].

Estas migrações de preposição para a unidade anterior ao relativo tornam a construção mais harmoniosa e espontânea. Os seguintes exemplos de Rui Barbosa, embora gramaticalmente corretos, trazem o selo do artificialismo:

"Assim me perdoem, também, *os a quem* tenho agravado, *os com quem* houver sido injusto, violento, intolerante..." [RB.2, 23].

"e daí, com estupenda mudança, começa a deixar ver *o a que* era destinada..." [RB.2, 36].

"Os meus serão *os a que* me julgo obrigado..." [RB.2, 61].

O DE que mais gosto é DE

É frequente ver-se a preposição que acompanha o relativo repetida junto ao termo ou oração que faz o papel de predicativo:

"do que [= de que] duvido é *de* que comecemos, se por el-rei houvermos de esperar" [AH.4, 222].

"No que [= o em que] em grande parte discordo de Schlegel é *no* severo conceito que forma do estilo de Addison" [AGa.4, 35; cf. MBa.4, 239-40].

Emprego de À em À QUE, ÀS QUE

As linguagens *a que, as que,* sendo o *a* artigo, podem vir regidas da preposição *a*, caso em que se usam as unidades complexas acentuadas *à que, às que:*

Não se referiu *à que* estava ao nosso lado (*à que* equivalente a *àquela que*).

Os prêmios foram entregues *às que* discursaram (*às que* equivalente a *àquelas que*).

É claro que se o *a* antes de *que* for apenas preposição não levará acento grave indicativo de crase, e não mais se tratará de adjetiva substantivada, mas tão somente adjetiva:

A pessoa *a que* te referes não veio hoje.

Relativo universal

Frequentes vezes a linguagem coloquial e a popular despem o relativo de qualquer função sintática, tomando-o por simples elemento transpositor oracional. A função que deveria ser exercida pelo relativo vem mais adiante expressa por substantivo ou pronome. A este relativo chamamos *universal*:

O homem QUE eu falei COM ELE

em vez de :

O homem COM QUEM (ou COM QUE) eu falei.

A amizade é coisa QUE nem sempre sabemos SEU SIGNIFICADO

em vez de:

A amizade é coisa CUJO SIGNIFICADO nem sempre sabemos.

Embora a língua padrão recomende o correto emprego dos relativos, o relativo universal se torna, no falar despreocupado, um "elemento linguístico extremamente prático" [KN.1, 330].

Observações finais:

1.ª) É frequente aparecer, na linguagem de outrora e ainda ocorre no colóquio moderno, *que* ou *quem* seguido de pronome pessoal oblíquo (*que* ou *quem... lhe*) onde o rigor gramatical exigiria aqueles pronomes precedidos de preposição:

"Agora sim, disse então aquela cotovia astuta, agora sim, irmãs, levantemos o voo e mudemos a casa, que vem *quem lhe* dói a fazenda" [MBe.1, I, 70].

Quem lhe dói a fazenda = a quem dói a fazenda.

"A Natureza, negando-lhe a ordinária ração de outros gostos, sente-o, e amua-se como menino, *que lhe tiram a merenda*" [*Vários Tratados*, II, 354 *apud* MBa.1, 254].

Tais construções não se enquadram nos processos rigorosos da análise.

2.ª) Às vezes o relativo não se refere à *forma* do seu antecedente, mas à *ideia* que ele traduz:

"Bem vês as *lusitânicas* fadigas

Que eu já de muito longe favoreço" [LC, IX, 38].

O relativo *que* se refere a *lusitanos*, ideia que, ensina-nos bem Epifânio Dias, está contida no adjetivo *lusitânicas* [LC, II, 171].121

Outras vezes o relativo se refere ao pronome pessoal que se depreende do pronome possessivo usado:

"Isto que parece absurdo ou desgracioso é perfeitamente racional e belo – belo à *nossa* maneira, *que* não andamos a ouvir na rua os rapsodos recitando os seus versos, nem os oradores os seus discursos, nem os filósofos as suas filosofias" [MA *apud* SS.5, I, 28],

que diz: "Quando leio este trecho, sinto como antecedente do *que* sublinhado a ideia de *nós*, encerrada no adjetivo *nossa.* Esse *que* não se me afigura conjunção causal". Julgo perfeitamente cabível a interpretação do mestre e constitui prática de linguagem corrente no latim: "*Vestra, qui cum summa integritate vixistis, hoc maxime interest*" [Cícero pro Sall, 28 *apud* JMa.1, § 317, a].

Outras particularidades das orações adverbiais

Tipos de oração subordinada adverbial – A oração subordinada adverbial funciona como adjunto adverbial da sua oração principal:

Toca sempre a sineta, *quando terminam as aulas*

(subordinada adverbial temporal).

As orações subordinadas adverbiais iniciam-se pelo transpositor *que*, acompanhado de preposição ou advérbios ou de outras unidades adverbiais:

1 – CAUSAIS: quando a subordinada exprime a causa, o motivo, a razão do pensamento

expresso na oração principal — *que* (= porque), *porque, como* (= porque), *visto que, visto como, já que, uma vez que* (com o verbo no indicativo), *desde que* (com o verbo no indicativo), etc.:

Saiu cedo *porque precisou ir à cidade.*

Como está chovendo, transferiremos o passeio.

Desde que assim quiseram, vão arrepender-se.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Evite-se na língua padrão o emprego de *de vez que* e *eis que* por não serem locuções legítimas.

2.ª) A língua moderna só usa *como* causal quando vier antes da principal.

2 – COMPARATIVAS: quando a subordinada exprime o ser com que se compara outro ser da oração principal. A comparação é *assimilativa*, quando "consiste em assimilar uma coisa, pessoa, qualidade ou fato a outra mais impressionante, ou mais conhecida" [MC.3, II, 48].

É introduzida a oração subordinada comparativa desta espécie por *como* ou *qual*, podendo ainda estarem em correlação com *assim* ou *tal* postos na oração principal:

"Os importunos são *como as moscas* que, enxotadas, revertem logo" [MM].

A comparação pode ainda ser *quantitativa*, quando "consiste em comparar, na sua quantidade ou intensidade, coisas, pessoas, qualidades ou fatos" [MC.3, II, 48].

Há três tipos de comparação quantitativa:

a) *igualdade,* introduzida por *como* ou *quanto* em correlação com *tanto* ou *tão* da oração principal, ou o *mesmo que:*

"Nada conserva e resguarda *tanto* a vida *como a virtude*" [MM].

Isto é o *mesmo que* nadar em ouro.

b) *superioridade*, introduzida por *que* ou *do que* em correlação com *mais* da oração principal:

"Um homem pode saber *mais do que muitos*, porém nunca tanto como todos" [MM].

c) *inferioridade,* introduzida por *que* ou *do que* em correlação com *menos* da oração principal:

"O governo dos loucos dura pouco, o dos tolos ainda *menos que o dos velhacos*" (*id.*).

As orações subordinadas comparativas, geralmente, não repetem certos termos que, já existentes na sua principal, são facilmente subentendidos:

Os importunos são como as moscas *são*...

Nada conserva e resguarda tanto a vida como a virtude *conserva e resguarda*...

Um homem pode saber mais do que muitos *sabem*...

O governo dos loucos dura pouco, o dos tolos ainda *dura menos* que *dura* o dos velhacos... (note-se que o primeiro *dura* omitido não está em oração comparativa).

Ocorre a presença do verbo em:

"Não tens inimigo mais poderoso, mais astuto, mais emperrado e mais doméstico *do que é teu* amor-próprio" [MBe.2, 213].

"O ar como que *era* cortado de relâmpagos sensuais, sentiam-se passar lufadas de tépida volúpia" [JRi.1,70].

Em lugar de *mais bom, mais grande, mais mau, mais pequeno, mais bem* e *mais mal* dizemos normalmente *melhor, maior, pior, menor* (*melhor* e *pior* se aplicam tanto para os adjetivos como para os advérbios).

"Os velhacos têm de ordinário mais talento, porém *menor* juízo do que os homens probos" [MM].

"Não há escravidão *pior* do que a dos vícios e paixões" [MM].

"Não há *maior* nem *pior* tirania que a dos maus hábitos inveterados" [MM].

"Dão-se os conselhos com *melhor* vontade do que geralmente se aceitam" [MM].

"Ninguém conhece *melhor* (advérbio) os seus interesses do que o homem virtuoso; promovendo a felicidade dos outros assegura também a própria" [MM].

Entretanto, se compararmos duas qualidades, usaremos os comparativos analíticos (*mais bom, mais grande,* etc.), em vez dos sintéticos (*melhor, maior,* etc.):

Ele é mais grande do que pequeno e não *Ele é maior do que menor.*

Para evitar confusões no sentido, usam-se as comparativas *como, que, do que* junto ao sujeito e, seguidas de preposição, *como a, que a, do que a* junto de objeto direto (o *a* é preposição).

Estimo-o *como* um pai (= como pai estima).

Estimo-o *como a* um pai (= como se estima a um pai).

Se o contexto não admitir esta dupla interpretação, pode-se dispensar o auxílio da preposição:

"Meu pai encarregou-a do governo doméstico e nós habituamo-nos a tê-la em conta de segunda mãe; também ela nos amava *como filhos*" [AH *apud* MBa.7, 172].

Para realçar-se a semelhança, a aparência, em vez de simples *como* pode-se usar *como que* quando se lhe segue o verbo:

"A luz do dia, ao desaparecer, *como que* se dobrava para afagar e beijar o desgraçado, que talvez não a tornaria a ver" [AH.3, 225]. Entenda-se: a luz do dia *parecia dobrar* para afagar...

"Entretanto, ainda no espírito me passa *como que* a visão profética do futuro concílio..." [AH.8, I, 19].

NOTA – *Como que*, neste último caso, não inicia oração subordinada comparativa.

Quando depois do termo de comparação vem um substantivo, denota-se ainda a aparência, a semelhança, por meio da expressão *um como*, caso em que *um* concorda em gênero e número com o substantivo seguinte:

Refrescou-o *um como orvalho* do céu.

Aproximou-se dele *uma como visão* fantástica.

NOTA — Também aqui não se tem oração comparativa.

Através de *como se* indicamos que o termo de comparação é hipotético:

"O velho fidalgo estremeceu *como se* acordasse sobressaltado" [RS.1, 174]. Entenda-se: ele não acordou sobressaltado, mas, se acordasse, estremeceria daquele jeito.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) A maioria dos gramáticos de língua portuguesa prefere desdobrar o *como se* em duas orações, sendo a primeira *comparativa* e a segunda *condicional*:

O velho fidalgo estremeceu como estremeceria se acordasse sobressaltado.

2.ª) Pode-se obter a mesma expressão por meio de *como a* + infinitivo:

"(...) outro ia no céu *como a decifrar* o enigma da sensação nunca experimentada" [CBr.6, 50].

3.ª) Atente-se para a concordância dos termos correlatos *tal qual*, que devem concordar com o substantivo ou pronome a que se referem:

Ele era *tal quais* os colegas.

Elas eram *tais qual* o irmão.

Nós somos *tais quais* os pais.

4.ª) Deve-se preferir *mais... (do) que* a *mais... a* + infinitivo em construções comparativas do tipo: Talvez seja *mais* interessante ao país gastar na educação *do que investir* na construção de presídios (e não: *a investir*).

Em vez de *como*, *do mesmo modo que*, *tanto como,* empregamos com frequência *que nem*:

É forte *que nem* um touro.

O verbo *preferir* sugere uma ideia implícita de comparação, à semelhança de *querer mais*, *querer antes*, mas exige complemento regido da preposição *a*:

Prefiro a praia *ao campo*.

Preferia estudar *a não fazer nada*.

A aproximação de *preferir* a *querer mais* e *querer antes* (embora não sejam perfeitamente sinônimos) tem gerado duas construções tidas como errôneas pelos nossos gramáticos:

a) a adjunção dos advérbios *mais* ou *antes* ao verbo *preferir*:

Antes prefiro... ou *Prefiro mais...*

b) iniciar o complemento do verbo *preferir* pelos transpositores comparativos *que* ou *do que*:

Prefiro a praia *do que o campo*.

Preferia estudar *do que não fazer nada*.

Preferiam *mais* mentir *do que dizer a verdade*.

Aluísio Azevedo poderia ter dado outro torneio à construção para evitar o desvio no seguinte trecho de *O Coruja:*

"E que, no caso de erro, *é preferível* sempre nos enganarmos, contra, *do que* a favor de quem quer que seja..." (cap. VI).

Note-se que a simples substituição de *do que* por *a* não seria ideal pela aproximação dos dois *aa*.

OBSERVAÇÃO: Distinga-se a construção errada de *preferir* da sequência *antes preferir* do seguinte exemplo do Marquês de Maricá, em que leve pausa aparece depois de *antes* [MM.1]:

"Ninguém quer passar por tolo, *antes prefere* parecer velhaco" [MM].

3 – CONCESSIVAS: quando a subordinada exprime que um obstáculo – real ou suposto – não impedirá ou modificará de modo algum a declaração da oração principal – *ainda que*, *embora, posto que, se bem que, conquanto,* etc.:

Embora chova, sairei.

Isto é, a chuva não será obstáculo tal, que me impedirá de sair.

"*Ainda que* perdoemos aos maus, a ordem moral não lhes perdoa, e castiga a nossa indulgência" [MM].

Ao lado destas concessivas comuns, empregam-se ainda as concessivas *intensivas* quando é nosso intuito assinalar qualidade ou modalidade qualquer, "consideradas em grau intensivo e sem limites" [SA]:

Por inteligente que seja, encontrará dificuldades em entender o problema.

Por mais que estude, ainda tem muito que aprender.

As concessivas intensivas caracterizam-se pelas expressões *por mais... que, por menos... que, por muito... que,* onde se pode dar ainda a eliminação do advérbio *mais, menos, muito.*

Em vez de *ainda que, ainda quando*, pode-se empregar simplesmente *que* e *quando* em construções que, proferidas com tom de voz descendente e com verbo no subjuntivo, exprimem a ideia concessiva:

Os obstáculos, *que fossem muitos*, não tiravam aos rapazes a certeza da vitória.

E, *quando as palavras não o digam*, aí estão os fatos, para comprovar que só enunciei verdades.

Nestes casos, empregando *que*, dá-se preferência à inversão de termos, passando a iniciar a oração concessiva a expressão que funciona como predicativo, ou complemento do verbo:

Os rapazes, *pobres que sejam,* merecem a nossa consideração.

Aqueles livros, *difíceis que fossem*, sempre nos serviram para elucidação de muitas dúvidas.

Mil desculpas que me desse, eu continuaria achando que procedeu mal comigo.

Não raro a oração principal contém uma expressão adverbial (*contudo, todavia, ainda assim, não obstante,* ou equivalente) que, no nível do texto, serve como resumo do pensamento anterior, avivando ao ouvinte a ideia concessiva da subordinada:

Ainda que todos saiam, *todavia* ficarei.

Embora não me queiram acompanhar, *ainda assim* não deixarei de ir à festa.

Conteúdos de valor concessivo podem vir, justapostos, iniciados por unidades alternativas (neste caso o verbo está no subjuntivo), quando denotam que a possibilidade de ações opostas ou diferentes não impede a declaração principal:

Quer estudes, quer não, aprenderás facilmente a lição.

Ou estudemos medicina, ou sejamos advogados, conquistaremos na sociedade um lugar de relevo.

4 – CONDICIONAIS: quando a oração subordinada exprime uma condição necessária para que se realize ou deixe de se realizar o que se declara na principal: *se, caso, sem que, uma vez que* (com o verbo no subjuntivo), *desde que* (verbo no subjuntivo), *dado que, contanto que, com a condição que*, etc.

A oração condicional exprime um fato que não se realizou ou, com toda a certeza, não se realizará:

a) falando-se do presente:

Se eu fosse aplicado, obteria o prêmio.

b) falando-se do passado:

Se eu fosse aplicado, obteria o prêmio.

ou

Se eu tivesse sido aplicado, teria obtido o prêmio.

No primeiro caso, usam-se na oração condicional o pretérito imperfeito do subjuntivo (*fosse*), e, na principal, o futuro do pretérito (*teria*).

No segundo caso, ou se repete o verbo nas formas apontadas para o caso anterior, ou usam-se na condicional o pretérito mais-que-perfeito (*tivesse sido*) e, na principal, o futuro do pretérito composto (*teria obtido*).

Pode ainda a oração condicional exprimir um fato cuja realização esperamos como provável:

Se eu estudar, obterei o prêmio.

Nestas circunstâncias, empregam-se o futuro do subjuntivo na condicional, e, na principal, o futuro do presente (*obterei*).

OBSERVAÇÃO: Cumpre notar que no caso a), estudado acima, em lugar de *Se eu fosse aplicado, obteria o prêmio,* a linguagem coloquial realça a ideia do presente usando no presente indicativo os verbos das duas orações: *Se eu sou aplicado, obtenho o prêmio.*

As orações condicionais não só exprimem condição, mas ainda podem encerrar as ideias d e *hipótese, eventualidade, concessão, tempo,* sem que muitas vezes se possam traçar demarcações entre esses vários campos do pensamento. Esta é a razão por que *sem que* admite mais de uma interpretação textual. O *que não* (= sem que) flutua entre a condição e o tempo frequentativo (repetido) em *Não lê que não cometa vários enganos;* o *quer... quer* (*ou... ou,* etc.) é um misto de concessão e condição (cf. por exemplo de [JO.1, 64-66]), e tantos outros casos que fogem à alçada de uma descrição gramatical por pertencerem ao plano textual.

5 – CONFORMATIVAS: quando a subordinada exprime um fato apresentado em conformidade com a declaração da principal: *como, conforme, segundo, consoante:*

Conseguiu fazer o trabalho *como lhe ensinaram.*

Todos procederam *conforme a ocasião* ensejava.

6 – CONSECUTIVAS: quando a subordinada exprime o efeito ou consequência do fato expresso na principal.

A oração consecutiva é introduzida pelo transpositor *que* a que se prende, na principal, uma expressão de natureza intensiva como *tal, tanto, tão, tamanho,* termos que também se podem facilmente subentender:

Alongou-se tanto no passeio, *que chegou tarde.*

Executou a obra com tal perfeição, *que foi premiada.*

É feio *que mete medo* (= *É tão* feio...).

A oração consecutiva não só exprime a consequência devida à ação ou ao estado indicado na principal, mas pode denotar que se deve a consequência ao modo pelo qual é praticada a ação da principal. Para este último caso, servimo-nos, *na oração principal,* das unidades complexas *de tal maneira, de tal sorte, de tal forma, de tal modo*:

Convenceu-se *de tal maneira* que surpreendeu a todos.122

Estando completo o conteúdo da primeira oração, empregam-se as expressões (destituídas

d e *tal*) *de maneira que, de sorte que, de forma que, de modo que,* como "locuções" conjuntivas, sem pausa entre o substantivo e o *que*, para introduzir uma consecutiva atenuada em orações justapostas:

Você estudou bem, *de modo que pôde tirar boa* colocação.

O livro estava rasgado, *de modo que muitas páginas tiveram sua leitura prejudicada.*

A independência sintática das duas orações, neste caso, pode vir indicada por uma pausa maior, isto é, por ponto e vírgula ou por ponto, valendo assim a unidade por um advérbio de oração para avivar ao ouvinte o pensamento anterior, com o sentido aproximado de *por conseguinte, consequentemente, daí:*

As alegrias da vida quase sempre são rápidas e fugidias, ainda que disto não tomemos conhecimento. *De modo que* elas devem ser aproveitadas inteligentemente.

Por tudo isto se vê que nem sempre podemos delimitar, no nível do texto, os campos dos valores consecutivo e conclusivo, acrescentando-se ainda que há vizinhanças destes valores com outros, como, por exemplo, a ideia de finalidade, o que estudaremos mais adiante.

Cumpre evitar um erro frequente com a expressão do pensamento consecutivo (e conclusivo): pôr no plural o substantivo nas locuções *de maneira que, de modo que,* etc., dizendo-se incorretamente:

Saiu rapidamente *de maneiras que* não pude vê-lo.

Estudou *de formas que* conseguiu aprender.

As unidades *de maneira que, de modo que*, etc., seguidas de verbo na forma finita, só modernamente aparecem substituídas por *de maneira a, de modo a,* etc., seguidas de infinitivo:

Estudou *de forma a conseguir* aprender (em lugar de: *de forma que conseguiu aprender*).

"(...) arredar o biombo da sua estreiteza natural, *de modo a deixar* entrar ar fresco" [AR.3, 170].

Aquilo que se apresenta na oração consecutiva como efeito ou resultado pode representar uma consequência intencional, de modo que se associa ao conteúdo consecutivo uma noção subsidiária de finalidade. Neste caso o verbo se acha normalmente no subjuntivo:

Chegou cedo ao serviço *de maneira que pudesse ser* elogiado pelo patrão.

Correu *de sorte que os inimigos não o pudessem alcançar.*

Daí resultam certos cruzamentos consecutivo-finais na construção do enunciado, cruzamentos que nem sempre são vistos com bons olhos pelos gramáticos (porque tais fatos não estão de acordo com a tradição do idioma e se repetem no francês), embora uns datem de longo tempo. Entre os tipos condenados está a construção acima referida *de modo a, de maneira a + infinitivo.* Com tais fórmulas, realmente se procura traduzir uma consecutiva intencional. Ao lado de: *Estudou de modo a poder passar*, usa-se: *Estudou de modo (a) que passasse.*

Presa ao mesmo caso parece estar a construção que emprega depois de *demais, demasiado, muito* (= *assaz, bastante, demasiado*) uma oração final de *para que* ou *para a + infinitivo,* para indicar a noção de proporção ou desproporção:

"*É demasiado esperto para que caia em tal,* equivalente a: não é tão pouco esperto que caia em tal" [ED.2, § 395].

"(...) os tempos não são mais de *bastante* fé ou desprendimento *para que* os ricos católicos façam doações (...)" [MB.1, II, 144].

"Entretanto a igrejinha tem tanto caráter (...), que ela só e mais uma meia dúzia de palmeiras bastam *a guardar* a fisionomia (...)" [MB.1, II, 149].

OBSERVAÇÃO: O ilustre sintaticista português Epifânio Dias aponta o fato como imitação do francês; cremos, entretanto, que o problema exige revisão.

7 – FINAIS: quando a oração subordinada indica a intenção, o objetivo, a finalidade do pensamento expresso na principal: *para que, a fim de, porque* (= para que),123 *que* (= para que):

Saíram *para que pudessem ver o incêndio.*

Reclamou *a fim de que o nomeassem.*

Trabalhou *porque fosse promovido.*

Falta pouco *que isto suceda.*

Abreviadamente usa-se de *não* + *subjuntivo* com o valor de *para que não, de modo que não,* quando se quer expressar a cautela, cuidado, restrição:

"Senhor, que estás nos céus, e vês as almas,
Que cuidam, que propõem, que determinam,
Alumia minha alma, *não se cegue*
No perigo, em que está" [AF.2, vv. 770-773 *apud* SS.1, § 485-a].

OBSERVAÇÃO: Os antigos, e hoje mais raramente, se serviam de *por se* em que *por* é o vestígio de uma ideia final: "Deixai-o amaldiçoar (lhes disse), *por se acaso* se compadece Deus, por essa causa, da minha aflição..." [MBe.2, III, 51 *apud* MBa.4, 227].

Por se acaso compadece = *para ver se acaso* compadece.

8 – LOCATIVAS: (iniciadas por *onde, quem, quanto* sem referência a antecedentes):

"Os meninos sobejam *onde estão* e faltam *onde não se acham"* [MM].

"Não pode haver reflexão *onde tudo é distração*" [MM].

"*Onde o luxo vence* a probidade afraca e desfalece" [MM].

9 – MODAIS:

"*De um relance* leu na fisionomia do mancebo, sem que suas pupilas estáticas se movessem nas órbitas" [JA.1, 157].

Se a oração principal estiver na negativa, usar-se-á de *que não* + subjuntivo:

Não emite um parecer *que não se aconselhe com o diretor.*

10 – PROPORCIONAIS: quando a subordinada exprime um fato que aumenta ou diminui na mesma proporção do fato que se declara na principal – *à medida que, à proporção que, ao passo que, tanto mais... quanto mais, tanto mais... quanto menos, tanto menos... quanto mais,* etc.:

À medida que a idade chega, a nossa experiência aumenta.

Aprendia *à proporção que* lia o livro.

Aumentava o seu vocabulário *ao passo que* consultava os mestres da língua.

OBSERVAÇÃO: A unidade *ao passo que* pode ser empregada sem ideia proporcional, para indicar que um fato não se deu ou não tem as características de outro já enunciado: "A surdez habitual, dada a multiplicação das obras e dos cuidados do indivíduo, tenderia a embotar os sentidos e a retardar os sexos, *ao passo que* o vestuário, negaceando a natureza, aguça e atrai as vontades, ativa-as, reprodu-las e conseguintemente faz andar a civilização" [MA.1, 260].

Ele foi ao cinema, *ao passo que* eu resolvi ir à praia.

11 – TEMPORAIS: quando a oração subordinada denota o tempo da realização do fato expresso na principal.

As principais chamadas conjunções e "locuções" conjuntivas e temporais são :

a) para o tempo anterior: *antes que, primeiro que* (raro):

Saiu *antes que* eu lhe desse o recado.

"Ninguém, senhores meus, que empreenda uma jornada extraordinária, *primeiro que* meta o pé na estrada, se esquecerá de entrar em conta com as suas forças..." [RB].

b) para o tempo posterior (de modo vago): *depois que, quando:*

Saiu *depois que* ele chegou.

c) para o tempo posterior imediato: *logo que, tanto que* (raro), *assim que, desde que, apenas, mal, eis que, (eis) senão quando, eis senão que:*

Saiu *logo que* ele chegou.

"*Eis senão quando* entra o patrão..." [AAr.1, 183].

d) para o tempo frequentativo (repetido): *quando* (estando o verbo no presente), *todas as vezes que, (de) cada vez que, sempre que:*

Todas as vezes que saio de casa, encontro-o à esquina.

Quando o vejo, lembro-me do que me pediu.

OBSERVAÇÃO: Evite-se o erro de se preceder da preposição *em* o *que*, dizendo-se: *todas as vezes em que*.

e) para o tempo concomitante: *enquanto, (no) entretanto que* (hoje raro):

Dormia *enquanto* o professor dissertava.

"... e se aposentou (S. Caetano) junto à Igreja de S. Jorge, e perto do Hospital maior, para *no entretanto* que regulava as dependências da renúncia se entreter no exercício da caridade" (Contador de Argote, *Vida de S. Caetano,* 1722, 90).

OBSERVAÇÕES:

1.ª) *Entretanto* ou *no entretanto* são advérbios de tempo, com o sentido de *neste ínterim, neste intervalo de tempo, neste meio tempo*. Mais modernamente, *entretanto* passou a valer por uma unidade de valor adversativa e, por influência do advérbio, tem sido empregado precedido da combinação *no* (*no entretanto*). Muitos puristas não aprovam esta última construção.

2.ª) A rigor, as "conjunções" proporcionais também indicam tempo concomitante; por isso, uns autores não distinguem as *temporais* das *concomitantes*, fazendo destas classes à parte das *temporais*. A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* não fala em *concomitante*.

3.ª) Evite-se o emprego *mais (menos)... mais (menos)* em lugar de *quanto mais (menos)... tanto mais (menos)* em construções do tipo: *Quanto mais* estudamos, *tanto mais* aumentam nossas possibilidades de vitória (e não: *Mais* estudamos e *mais* vencemos).

Pode-se omitir o *tanto* no segundo termo: *Quanto mai*s estudamos, *mais*...

f) para o tempo limite terminal: *até que:*

Brincou *até que fosse* repreendido.

Assume valor temporal o *que* relativo repetidor de advérbio e expressões que designam "desde que época um fato acontece": *agora que, hoje que, então que, a primeira vez que, a última vez que,* etc.:

Agora que consegui aprender a lição, passarei adiante.

Esta foi *a última vez que* o vi.

Não se fazendo pausa entre o advérbio e o transpositor (*agora que, então que,* etc.), estabelece-se uma unidade de valor semelhante ao que existe em *depois que,* etc., e se pode passar a considerar o todo como "locução conjuntiva":

Agora que tudo está certo vou embora.

Sob o modelo de tais linguagens, desenvolveu-se o costume de se acrescentar o transpositor *que* depois de expressões que denotam "desde que tempo uma coisa acontece", reduzida a simples palavra de realce temporal:

Desde aquele dia *que* o procuro.

Analisando, dispensa-se o *que*.

Depois dos verbos *haver* e *fazer* com sentido temporal (*há dias que, faz dias que*) o transpositor *que* (parece ter sido, neste caso, primitivamente integrante)124 adquiriu, por contato, a ideia de tempo, com valor aproximado de *desde que*:

Há quatro dias *que* não o vejo.

Fazia quatro meses *que* estivera doente.

Em tais orações, a análise se torna difícil pelo fato de a construção ter-se fixado apesar de alterado o sentimento linguístico. Há um visível descompasso entre a sua estrutura de superfície e a profunda. Considerar o *que* com valor temporal e, portanto, temporal a respectiva oração, é classificar como principal justamente a oração que expressa a circunstância de tempo:

1.ª oração — *principal*: Há quatro dias

2.ª oração — *subordinada adverbial temporal*: que não o vejo.125

Poder-se-á analisar como substantiva subjetiva a oração de *que*, depois de *fazer*, como fazem os autores patrícios lembrados na nota anterior.

Cremos, também, ser possível considerar que o *que* não serve de introduzir uma oração subordinada adverbial temporal, mas, *reduzido a simples palavra memorativa,* relembra, na oração principal, a partir de que fato se faz alusão ao tempo na subordinada anterior. Esta subordinada, não se ligando à principal por transpositor, será considerada justaposta:

1.ª oração — *subordinada adverbial temporal:* Há quatro dias

2.ª oração — *principal:* (que) não o vejo.126

Entretanto, não misturando o plano gramatical com o conteúdo designado, a orientação mais seguida é classificar a oração de *que* como adverbial temporal.

Tais orações temporais admitem mais de uma construção:

Há muito tempo que não o vejo.
Há muito tempo não o vejo.
Não o vejo há muito.
De há muito não o vejo.
Desde há muito não o vejo.
Até há pouco eu o vi por aqui.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Advérbios e unidades adverbializadas (*ontem, hoje, há muito*, *há pouco, há tantos anos,* etc.), precedidos da preposição *de,* são transpostos a adjetivos (adjuntos adnominais):

As notícias *de hoje*.

As lembranças *de ontem.*

Um testamento *de há cem anos.*

Modas *de há trinta anos.*

Meninos *de há pouco*. [ED.2, §423; MBa.3, 158]

2.ª) A preposição junto ao verbo *haver* em *De há muito não o vejo, desde há muito, até há pouco,* assinala melhor a ideia temporal. Adolfo Coelho considera sem razão, viciosa e linguagem *de há muito* que explica desta maneira: "Influência semelhante (fala da influência por analogia) se nota na expressão frequente, mas viciosa, *de há muito* por *há muito*. *Há muito* fixa-se como a indicação dum tempo passado; *há* não é apercebido como verbo, mas antes como preposição (*a*); daí o anterpor-se-lhe a preposição *de* por analogia de expressões como *de então* (*para cá*, *até hoje*), *de ontem, de muito"* [ACo.2, I, 82].

3.ª) Em lugar de *quando foi a vez dele* diz-se também *quando foi da vez dele* ou, abreviadamente, *quando da vez dele*. Estas duas últimas construções são modernas e Epifânio Dias as considera incorretas, devidas à má tradução do francês *lors de* [ED.2, § 182]. Júlio Moreira [JM.1, II, 68] e com ele Mário Barreto [MBa.3, 230] explicam o fenômeno por cruzamento sintático das duas expressões; *quando foi a vez dele* e *da vez dele,* de que resultou uma terceira mista: *quando foi da vez dele*. Ocorre ainda *a quando de* (*a quando da vez dele*), onde Epifânio Dias vê ainda influência do *a* do francês *alors*, "com requinte de barbarismo" (*ibid*.). Preferimos a explicação de Julio Moreira por não vermos na correspondente francesa a vitalidade suficiente para tal repercussão no português.

4.ª) Em muitos dizeres de sentido temporal, "há tendência, bem notória hoje em dia, para confundir *que* conjunção com *que* pronome relativo, e para afirmar este caráter pronominal em certos casos, hoje se prefere *em que* ao simples *que* da linguagem antiga" [SA.2, 197]. Dá-se com frequência esta alternância de *que* e *em que* quando o substantivo que se considera antecedente do pronome relativo vem precedido da preposição *em.* Prefere-se dizer *ao mesmo tempo que*, *a tempo que, ao tempo que,* mas *no tempo que* (ou *em que*), *no dia que* (ou *em que*), etc. Tem-se estendido sem razão nem tradição no idioma o emprego de *em que* em construções onde só deve figurar o *que*, como *todas as vezes em que.* Prefira-se *todas as vezes que* ou *em todas as vezes em que* (ou simplesmente *que*).

5.ª) O verbo *haver* (*HÁ*) *e a preposição A em sentido temporal.* Atente-se no emprego correto destas duas formas. *Há,* verbo, refere-se a tempo decorrido e *a,* preposição, a tempo futuro:

Há três dias não o vejo.

Já devia ter-lhe escrito *há* mais tempo.

Daqui *a* a três dias o verei.

Este produto é famoso *há* mais de meio século.

Usa-se ainda a preposição *a* nas indicações da distância de lugar:

Estamos *a* cinco quilômetros do sítio.

Cuidado especial hão de merecer também as expressões *a cerca de* e *há cerca de,* onde a locução *cerca de* (= aproximadamente, perto de, mais ou menos) vem precedida da preposição *a* ou da forma verbal *há*:

Ele falou *a cerca de* mil ouvintes (= para cerca de mil ouvintes).

Há cerca de trinta dias foi feita esta proposta.

Temos ainda a locução *acerca de* que significa *sobre, a respeito de, em relação a:*

O professor dissertou *acerca dos* progressos científicos.

Por outro lado, podem-se suprimir as palavras *atrás* ou *passado(s)* que aparecem com o verbo *haver*, uma vez que este já indica tempo decorrido:

Há três dias atrás ou *Há três dias.*

Há três dias passados ou *Há três dias.*

6.ª) Nas orações adverbiais precedidas de principal que encerra advérbio de valor temporal (*apenas, mal*), devemos empregar *quando* e não *que*:

Apenas tinha terminado a questão, *quando o professor recolheu a prova.*

Mal saía da escola, *quando se lembrou da pasta.*

Pode-se também suprimir o *quando*:

Apenas Pelágio transpôs o escuro portal da gruta, Eurico levantou-se [AH *apud* MBa.5, 20].

Análise de SEM QUE

De modo geral, tem-se enquadrado a locução *sem que* no grupo das chamadas "conjunções condicionais". A verdade é que a locução assume variados sentidos contextuais, entre os quais lembraremos:

1) *condição* (subordinada condicional):

Sem que estude, não passará.

2) nega uma *consequência* (subordinada consecutiva):

Estudou *sem que conseguisse aprovação.*

3) exprime uma *consequência* esperada (depois de negativa):

Não brinca *sem que acabe chorando* (todas as vezes que brinca acaba chorando).

4) exprime uma *concessão* (subordinada concessiva):

Ele é responsável, *sem que o saiba,* por todas essas coisas erradas.

5) nega uma *causa*, chegando quase a exprimir *concessão* (subordinada causal ou concessiva):

Estudou *sem que seus pais lho pedissem* (nega-se a causa ou uma das causas do estudo: o pedido dos pais, e vale quase por: *estudou ainda que seus pais não lho* pedissem).

6) denota simplesmente que tal ou qual circunstância não se deu, aproximando-se da ideia de *modo* (subordinada modal):

Entrou em casa *sem que tomasse nenhum alimento.*
Retirou-se *sem que chamasse seus colegas.*

A *Nomenclatura Gramatical Brasileira,* entretanto, desprezou as orações modais.

Em lugar de *sem que* pode-se usar também de *sem + infinitivo:*

Saiu *sem ser* percebido.

Estes foram os melhores teatrólogos, *sem falar* em Machado de Assis e Franklin Távora, mais ilustres no romance e no conto.

Em lugar de *sem que*, depois de uma principal de valor negativo, usa-se também *que não*, para indicar que a consequência se dá a todo o transe, se repete sempre que ocorrer o fato expresso na principal (o verbo da subordinada está no subjuntivo):

Não brinca *sem que acabe chorando.*

Não brinca *que não acabe chorando.*

"Eu não posso abrir um livro de história *que não me ria*" [AGa.5, 255].

OBSERVAÇÃO: Alguns autores dão à construção *não... que não* valor condicional. Cf. [AGo, 420] e [MBa.7, 48-9].

QUE depois de advérbio

Muitas vezes emprega-se *que* depois de advérbio onde a rigor poderia ser dispensado. São comuns as linguagens *talvez que, apenas que, felizmente que, oxalá que, quase que, enquanto que, embora que:*

"Assim, sem mais preâmbulos,
e *apenas que* te vejo,
venço o nativo pejo,
meu belo sedutor" [AC, 96 *apud* MBa.1, 176].

"Mas eu creio que Capitu olhava para dentro de si *enquanto que* eu fitava deveras o chão..." [MA.4, 130 *apud* MBa.1, 177].

Puristas têm condenado tais modos de dizer.

Orações justapostas de valor contextual adverbial

A justaposição pode, no nível do texto, apresentar as seguintes interpretações:

a) *concessivas:* tendo o verbo no subjuntivo anteposto ao sujeito ou caracterizadas por expressões do tipo *digam o que quiserem, custe o que custar, dê onde der, seja o que for, aconteça o que acontecer, venha donde vier, seja como for,* etc.:

Tivesse ele dito a verdade, ainda assim não lhe perdoaríamos.

Sairemos, *aconteça o que acontecer.*

Não é o subjuntivo que de per si denota a concessão, mas sim o contexto e a entoação descendente.

b) *condicionais*: tendo o verbo no tempo passado (mais-que-perfeito do indicativo ou imperfeito do subjuntivo) anteposto ao sujeito:

Tivesse eu dinheiro, conheceria o mundo.

Não *fora* a escuridão, veria o perigo.

"*Eu quisesse*, à força, hoje mesmo a Ritinha vinha comigo" [GR, 97].

Em tais casos, a segunda oração pode começar pela conjunção *e*:

Vencesse eu, *e não* me dariam o prêmio.

Vissem-na, *e* ninguém a reconheceria.

c) *temporais:*

Há dias não o encontro.

Chegaram àquela cidade *havia pouco.*

Não lhe escrevia *fazia meses.*

d) *finais:*

"Cala-te já, minha filha, *ninguém te oiça mais falar"* [AGa.1, II, 83].

"Mudemos, porém, de tecla, *não vá* alguém julgar-me candidato a revisor de gralhas" [CF *apud* MB.2, 321].

Composição do enunciado

O enunciado ou período pode encerrar, ao mesmo tempo, orações independentes (coordenadas e justapostas) e dependentes (subordinadas). Daremos exemplos de análise depois de serem apontadas as orações complexas e os enunciados justapostos:

a) *coordenada* e *subordinada*:

"Todos se tinham posto em pé quando el-rei erguera e esperavam ansiosos o que diria o velho" (Alexandre Herculano).

1.ª oração – *principal de 1.ª categoria:*

Todos se tinham posto em pé + subordinada temporal

2.ª oração – *subordinada adverbial temporal:*

quando el-rei se erguera,

3.ª oração – *coordenada à principal e principal de 2.ª categoria:*

e esperavam ansiosos + subordinada substantiva

4.ª oração – *subordinada substantivada (de primitiva adjetiva) objetiva direta:*

o que diria o velho.

OBSERVAÇÃO: Não é novidade o achar-se mais de uma oração principal num período. Se conceituarmos com rigor tal tipo de oração, seremos levados a esta necessidade. Com efeito, no exemplo dado, temos duas orações que apresentam um dos seus termos sob forma oracional; a subordinada *quando el-rei se erguera* denota o tempo da primeira principal, e a subordinada *o que diria o velho* funciona como objeto direto da segunda principal que, por sua vez, se acha coordenada à primeira principal. As expressões *principal de 1.ª categoria, de 2.ª categoria,* etc., já se acham nas excelentes noções elementares de análise sintática que abrem, desde 1887, a hoje tradicional *Antologia Nacional,* devidas a Fausto Barreto (o título primitivo era *Seleção Literária*, de parceria com Vicente de Sousa). Outra maneira de ver a principal, diferente desta (como, por exemplo, na excelente *Gramática* de Celso Cunha – Lindley Cintra), atenta mais para estruturação textual do que a gramatical, objeto da análise sintática.

b) *justaposição* e *subordinação:*

"Lembrai-vos", cavaleiro – disse ele – de que falais com D. João I" (Alexandre Herculano).

1.ª oração do 1.º período – *principal*:

lembrai-vos, cavaleiro + oração subordinada

2.ª oração do 1.º período – *subordinada substantiva completiva relativa:*

de que falais com D. João I.

1.ª oração do 2.º período – *justaposta de citação*:

disse ele

c) *coordenação* e *justaposição*:

"El-rei manda nos vivos e eu vou morrer! – atalhou o ancião em voz áspera, mas sumida" (Rebelo da Silva).

1.ª oração do 1.º período – *coordenada* (ou *coordenante*):

El-rei manda nos vivos

2.ª oração do 1.º período – *coordenada aditiva*:

e eu vou morrer!

1.ª oração do 2.º período – *justaposta de citação*:

atalhou o ancião em voz áspera, mas sumida.

d) *coordenação*, *justaposição* e *subordinação*:

"Agora sim, disse então aquela cotovia astuta, agora sim, irmãs, levantemos o voo e mudemos a casa, que vem quem lhe dói a fazenda" (Pe. Manuel Bernardes).

1.ª oração do 1.º período – *coordenada* (ou *coordenante*):

Agora sim, agora sim, irmãs, levantemos o voo

2.ª oração do 1.º período – *coordenada aditiva* e *principal* da 3.ª:

e mudemos a casa

3.ª oração do 1.º período – *subordinada causal* e *principal* da 4.ª:

que vem

4.ª oração do 1.º período – *subordinada substantiva subjetiva justaposta*:

quem lhe dói a fazenda.

1.ª oração do 2.º período – *justaposta de citação*:

disse então aquela cotovia astuta

OBSERVAÇÃO: Quando o período encerra mais de um tipo de oração, dá-se-lhe comumente o nome de *misto*, denominação que a *Nomenclatura Gramatical Brasileira* não agasalha. Todos os exemplos acima analisados são de períodos ou enunciados mistos.

Decorrência de subordinadas

A oração principal é aquela que tem um dos seus termos sob forma de outra oração. Ora, no período, mais de uma oração – qualquer que seja o seu valor sintático – pode acompanhar-se de oração subordinada:

Não sei se José disse que viria hoje.

A 1.ª principal pede a oração subordinada objetiva direta *se José disse*, que, por sua vez, pede a terceira *que viria hoje*. Assim sendo, a 2.ª oração se nos apresenta sob duplo aspecto sintático: subordinada em relação à 1.ª e principal em relação à 3.ª.

Não sei
se José disse
que viria hoje.

Havendo mais de uma oração principal, designá-las-emos, respectivamente, por *principal de 1.ª categoria, de 2.ª categoria, de 3.ª categoria,* etc.:

1.ª oração – *principal de 1.ª categoria:*

Não sei + subordinada

2.ª oração – *subordinada substantiva objetiva direta* (em relação à anterior) e *principal de 2.ª categoria* (em relação à seguinte):

se José disse + subordinada

3.ª oração – *subordinada substantiva objetiva direta:*

que viria hoje.

Neste ponto, precisamos assentar algumas noções importantes:

a) *no período pode haver mais de uma oração principal;*

b) *a oração ou orações principais podem ter o seu verbo no indicativo ou subjuntivo:*

Espero que vá embora (indicativo).
Espero que me *diga* se vai embora (indicativo e subjuntivo).

c) *a oração ou orações principais podem vir iniciadas por conectivos coordenativos ou transpositores:*

"Rubião passa muitas horas fora de casa, mas não o trata mal, e consente que vá acima..." [MA].

A oração coordenada aditiva *e consente* é também principal da subordinada *que vá acima*, pois esta lhe serve de objeto direto.

Concorrência de subordinadas: equipolência interoracional

Assim como uma oração pode depender de outra subordinada, assim também duas ou mais orações subordinadas podem servir à mesma principal:

Espero que estudes e que sejas feliz.

Isto é:

Espero { que estudes (*objetiva direta*)
e
que sejas feliz (*objetiva direta*) }

Como a concorrência de subordinadas só é possível se *as orações exercem a mesma função,* elas estarão coordenadas entre si, porque a *coordenação se dá com expressões do mesmo valor* e na mesma camada de estruturação gramatical.

No exemplo dado, a 3.ª oração se nos apresenta sob duplo aspecto sintático: *é coordenada* em relação à 2.ª (porque são do mesmo valor) e *subordinada* em relação à principal (*espero*), comum às duas subordinadas. Em vez desta classificação um tanto longa (*coordenada à anterior e subordinada à principal*), dizemos apenas que a 3.ª oração é *equipolente* à 2.ª oração. Infelizmente, esta denominação cômoda não encontrou agasalho na *Nomenclatura Gramatical Brasileira.*

A equipolente pode ser:

a) *substantiva:*

Espero que estudes *e que sejas feliz.*

b) *adjetiva:*

O livro que li *e que lhe devolvi* é ótimo.

c) *adverbial:*

Quando chegou *e quando me disse o ocorrido,* não acreditei.

Costuma-se, com elegância, omitir o transpositor subordinativo da oração equipolente (quando se tratar de pronome relativo, este exerce a mesma função sintática do pronome relativo anterior):

Espero que estudes *e sejas feliz.*

O livro que li *e lhe devolvi* é ótimo.

Quando chegou *e me disse o ocorrido,* não acreditei.

Venho *porque se trata de instrução e tenho embocadura para o magistério* [GrR.2, 59].

Se os pronomes relativos exercem funções diferentes, o normal é repetir cada pronome, sendo raros os exemplos como o seguinte:

"Pois vão também essas que aí deixei, e mais a figura de Tristão, *a que* cuidei dar meia dúzia de linhas e levou a maior parte delas" [MA.12, 37 *apud* MBa.2, 102. Cf. ainda ED.2, § 375 c].

Em construção do tipo "magistrado a cujo cargo estavam as obras públicas e *cuidava* do reparo dos templos da cidade de Roma" há vício de sintaxe, pois que antes de *cuidava* há de se subentender *que*, e não o anterior *a cujo*. [Cf. MBa.1, 387].

No português moderno cumpre evitar a prática de se lembrar na oração ou orações equipolentes uma unidade adverbial simples (geralmente *quando* e *como*) por meio de um simples *que:*[127]

Quando chegou e *que* me disse o ocorrido, não acreditei.

Ou se repete a unidade anterior, ou se omite: *quando* chegou e (*quando*) me disse:

Se se trata, porém, de "locução conjuntiva", é possível, na boa linguagem, repetir-se simplesmente o *que*:

Logo que chegou e me disse o ocorrido...

ou

Logo que chegou e *que* me disse o ocorrido...

Pode-se também omitir a conjunção coordenativa numa série de equipolentes:

> "Rubião passa muitas horas fora de casa, mas não o trata mal, e consente que vá acima, *que assista ao almoço ou ao jantar, que o acompanhe à sala ou ao gabinete*" [MA].

1.ª oração – *coordenada* (ou *coordenante*):

> Rubião passa muitas horas fora de casa,

2.ª oração – *coordenada adversativa:*

> mas não o trata mal,

3.ª oração – *coordenada aditiva e principal:*

> e consente + subordinada

4.ª oração – *subordinada substantiva objetiva direta:*

> que vá acima,

5.ª oração – *equipolente à 4.ª:*

> que assista ao almoço ou ao jantar,

6.ª oração – *equipolente à 5.ª:*

> que o acompanhe à sala ou ao gabinete.

Concorrência de termo + oração subordinada

Às vezes a concorrência não se dá entre duas orações da mesma função sintática, mas entre um termo da oração e outra oração:

> "conheci a violência das suas paixões e que a do ciúme devia ser terrível naquele coração" [AH.3, 119].

O verbo *conhecer* tem dois objetos diretos: o substantivo *violência* e a oração substantiva *que a do ciúme devia ser terrível naquele coração*, que se acham coordenados entre si.

No seguinte exemplo de Machado de Assis [MA.1, 242]:

> "Virgília tragou raivosa esse malogro, e disse-mo com certa cautela, não pela cousa em si, senão porque entendia com o filho"

temos dois adjuntos adverbiais de causa: a expressão *pela cousa em si* e a oração subordinada adverbial *porque entendia com o filho*, que se acham conectadas pela série *não... senão.*

3 – As chamadas Orações Reduzidas

Que é oração reduzida

Em

> *Estuda* agora, porque, quando o verão *chegar*, *entraremos* de férias.

as três orações se dizem *desenvolvidas*, porque seus verbos estão no imperativo (*estuda*), no subjuntivo (*chegar*)128 e no indicativo (*entraremos*).

Podemos, entretanto, alterar a maneira de expressar a subordinada *quando o verão chegar* sem nos utilizarmos dos três modos verbais acima apontados:

> quando o verão chegar = ao chegar o verão
>
> quando o verão chegar = chegando o verão
>
> quando o verão chegar = chegado o verão

Dizemos então que as subordinadas *ao chegar o verão, chegando o verão* e *chegado o*

verão são orações *reduzidas*, porque apresentam o seu verbo (principal ou auxiliar, este último nas locuções verbais), respectivamente, no *infinitivo, gerúndio e particípio* (reduzidas infinitivas, gerundiais e participiais).

Nota sobre o conceito de oração reduzida – Dentro e fora da gramática portuguesa tem sido muito diversificado o conceito de oração reduzida. A opinião mais generalizada, partindo da ideia de que o que caracteriza a relação predicativa é a presença de verbo na forma finita, é que a construção com verbo nas formas nominais (infinitivo, gerúndio e particípio) não constitui oração, e, neste caso, é uma subunidade da oração, um termo dela, quase sempre como um adjunto adnominal ou adverbial. Esta maneira de ver se estende até àquelas construções em que vem acompanhada a forma nominal de unidades que, se estivessem numa oração com verbo finito, funcionariam como termo argumental ou não argumental (no caso de papel de adjunto adverbial).

Outros autores, nestas últimas construções, dão estatuto de orações à parte (nem sempre usando a nomenclatura "reduzida") apenas àquelas que encerram infinitivo e gerúndio independentes, considerando as de particípio meros termos oracionais.

Em português, que possui o infinitivo flexionado, fica ainda mais difícil não aproximar *É necessário que estudes a lição* a *É necessário estudares a lição*, ainda que se trate de um idiotismo da língua.

Neste livro, optamos por dar estatuto à parte às reduzidas de qualquer forma nominal do verbo desde que apresentem autonomia sintática dentro do enunciado e possam estar estruturadas analogamente às orações com verbo de forma finita, as desenvolvidas.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Havendo locução verbal é o auxiliar que indica o tipo de reduzida. Assim são exemplos de reduzidas de gerúndio: "estando amanhecendo", "tendo de partir", "tendo partido"; são exemplos de reduzidas de infinitivo: "ter de partir", "depois de ter partido"; é exemplo de reduzida de particípio: "acabado de fazer". Se, por outro lado, o auxiliar da locução estiver na forma finita, não haverá oração reduzida: *Quanta gente havia de chorar.*

2.ª) Nem toda oração desprovida de transpositor é reduzida, uma vez que este transpositor pode estar oculto: *Espero que sejas feliz* ou *Espero sejas feliz.* Em ambos os exemplos a subordinada *que sejas feliz* ou *sejas feliz* é desenvolvida. *O que caracteriza a reduzida é a forma infinita ou nominal do verbo (principal ou auxiliar): infinitivo, gerúndio e particípio.*

3.ª) A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* desprezou a denominação *infinito* para designar as *formas nominais* do verbo, desfazendo uma incômoda sinonímia antiga entre *infinito* = *infinitivo*, que, em muitos casos, levava os leitores de gramática a confusões. *Infinita* é uma forma verbal normalmente sem flexão, enquanto *infinitivo* é uma das chamadas formas nominais do verbo; assim, se fala em emprego do *infinitivo*, e não em emprego do *infinito*.

O desdobramento das orações reduzidas

As orações reduzidas são subordinadas e quase sempre se podem desdobrar em orações desenvolvidas.129 O emprego de reduzidas por desenvolvidas e vice-versa, quando feito com arte e bom gosto, permite ao escritor variados modos de tornar o estilo conciso, não acumulado de quês e outros transpositores, enfim, elegante.130

Vejamos os seguintes exemplos:

a) Declarei *estar ocupado* = declarei *que estava ocupado.*

b) *Para estudarmos* precisamos de sossego = *para que estudemos*, precisamos de sossego.

c) *Chovendo* não sairei = *se chover*, não sairei.

d) *Acabada a festa,* retirou-se = *quando acabou a festa,* retirou-se.

Estes desdobramentos são meros artifícios de equivalências textuais, que nos ajudam a classificar as orações reduzidas, uma vez que poderemos proceder da seguinte maneira:

a) Declarei *estar ocupado* = declarei *que estava ocupado.*

que estava ocupado: *subordinada substantiva objetiva direta.*

Logo:

estar ocupado: *subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo* (ou *reduzida infinitiva*).

b) *Chovendo* não sairei = *se chover*, não sairei.

se chover: *subordinada adverbial condicional.*

Logo:

chovendo: *subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio* (ou *reduzida gerundial*).

c) *Acabada a festa,* retirou-se = *quando acabou a festa,* retirou-se.

quando acabou a festa: *subordinada adverbial temporal.*

Logo:

acabada a festa: *subordinada adverbial temporal reduzida de particípio* (ou *reduzida participal*).

Orações substantivas reduzidas

Normalmente as orações substantivas reduzidas têm o verbo, principal ou auxiliar, no infinitivo:

a) *subjetiva:*

"Agora mesmo, custava-me *responder* alguma coisa, mas enfim contei-lhe o motivo da minha ausência" [MA.1, 208].

b) *objetiva direta:*

"... como se estivesse ainda no vigor da mocidade e contasse como certo *vir a gastar frutos desta planta"* [LCo *apud* FB.1, 38].

c) *objetiva indireta:*

"Tudo, pois, aconselhava o rei de Portugal *a tentar uma expedição para aquele lado*" [AH.2, 148].

d) *completiva relativa:*

"Um povo que se embevecesse na História, que cultivasse a tradição, que amasse o passado, folgaria *de relembrar esses feitos*..." [CL.1, I, 123].

e) *predicativa* (do sujeito ou do objeto):

"O primeiro ímpeto de Luísa foi *atirar-se-lhe aos braços,* mas não se atreveu" [MLe *apud* FB.1, 31].

"... o averbara *de não possuir atributos de administrador".*

"O resultado foi eu *arrumar* uns cocotes na Germana e esfaquear João Fagundes" [GrR.2, 13].

f) *apositiva:*

"Dois meios havia em seguir esta empresa: *ou atacar com a armada por mar, ou marchar o exército por terra e sitiar aquela cidade*" [AH.2, 69].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Não é raro vir precedido de preposição o infinitivo das orações reduzidas subjetivas e objetivas:

"Desaire real seria *de a deixar sem prêmio*" [AGa.3, 122, da 5.ª ed.].

"mas não era assaz difícil *de reconhecer um cadáver coberto de feridas*..." [AH.2, 72].

"Custou-lhe muito *a aceitar a casa*" [MA.1, 194].

"Mostrou-se pesarosa de não o encontrar, e prometeu *de voltar hoje às três horas*" [CBr.1, 118].

"Senhor Luís de Melo, eu tenho por princípio *de me não intrometer*..." [AGa.6, 173 *apud* MBa.3, 212, da 2ª ed.].

2.ª) Não raro também a oração substantiva reduzida de infinitivo vem precedida de artigo (mormente se a oração funciona como sujeito ou objeto direto):

"*o haver de marchar* em um país inimigo, ocupado por gente belicosa, era considerado muito grave..." [AH.2, 69].

"Daí nasce *o trabalharem* os mais notáveis escritores da Europa por vivificarem o espírito religioso" [AH.2, 145].

"Aumentando (o rei) as fortificações da ilha, tornou impossível aos portugueses *o reconquistá-la*" [AH.2, 62].

Orações adjetivas reduzidas

As orações adjetivas reduzidas têm o verbo, principal ou auxiliar, no:

a) *infinitivo:*

"O orador ílhavo não era homem *de se dar assim por derrotado*" [AGa.5, 14 *apud* ED.2, § 308].

Está marcada a festa *a realizar-se na próxima semana*.

"mas nem um momento duvidamos de que a sua convicção íntima seja a necessidade *de restituir o antigo lustre e preço à filosofia do Evangelho*" [AH.2, 145].

Observações:

1.ª) "Ligar qualificativamente a substantivos o infinitivo precedido de *a* (*v. g.*: *livros a consultar*) em vez de uma oração relativa (*v. g.*: *livros que se hão de consultar*), ou de um infinitivo precedido de *para* (*v. g.*: *roupa para consertar*), é imitação moderna da sintaxe francesa, imitação que só por descuido se encontra nos que melhor falam a língua pátria.

"Qual é a relação a deduzir destas considerações e destes fatos?" [AH.8, IV, 177]. [ED.2, § 304]. [Cf. MBa.1, 490, 515].

2.ª) Condenam também algumas autoridades o emprego do infinitivo precedido da preposição *a* depois de adjetivos como *único, último, derradeiro,* além dos ordinais (*primeiro,* etc.). Para tais mestres o melhor é o emprego da preposição *em*, nesses casos, ou de uma oração iniciada por pronome relativo: *o primeiro em fazer* ou *o primeiro que fez*, e não *o primeiro a fazer.* Epifânio Dias, excelente conhecedor do português e francês, aceita a expressão condenada [Cf. ED.2, § 299], no que concordamos com ele.

b) *gerúndio, indicando de um substantivo ou pronome:*

1) uma atividade passageira:

"cujos brados selvagens de guerra começavam a soar ao longe como um trovão *ribombando no vale*" [AH.3, 218, ed. de 1878].

"Realmente, não sei como lhes diga que não me senti mal, ao pé da moça, *trajando* garridamente um vestido fino..." [MA.1, 260].

Em todos estes exemplos o gerúndio figura com a ideia de tempo transitório muito acentuada, servindo de atribuir um modo de ser, uma qualidade, uma atividade a um nome ou pronome, mas apenas dentro de certo período e em determinada situação. Assim, *água fervendo* é água *que naquele momento fervia* ou *fervia dentro de certo espaço de tempo.* Vale o gerúndio, nestas circunstâncias, por uma expressão formada de preposição *a* + *infinitivo: água a ferver*:

"Também algumas vezes foram dar com ela *a abraçar* a cadelinha" [MLe *apud* JR.5, 32].

2) uma atividade permanente, qualidade essencial, inerente aos seres, própria das coisas:

"O livro V, *compreendendo* as leis penais, aquele que, após os progressos efetuados na legislação e na humanidade, mais carecia de pronta reformação" [LCo.1, I, 288].

"Decreto de 14 de fevereiro de 1786, *proibindo* a entrada das meias de seda que não fossem pretas, e decreto de 2 de

agosto de 1786, *suscitando* a observância e *ampliando* o cap. II...” [LCo.1, I, 298].

“Algumas comédias havia com este nome *contendo* argumentos mais sólidos” [FF *apud* SA.2, 249].

Estes e muitíssimos outros exemplos atestam que tal emprego do gerúndio131 ocorre vitorioso na língua culta portuguesa, desde longos anos, dando-nos a impressão de se tratar de uma evolução normal, comum a mais de uma língua românica, e não de uma simples influência francesa. Entretanto, notáveis mestres condenam este uso como galicismo: Epifânio Dias, Júlio Moreira, Leite de Vasconcelos, Mário Barreto, entre outros. Defendem-no Otoniel Mota, Said Ali, Eduardo Carlos Pereira, Cláudio Brandão, entre outros.

Para os que têm a expressão como francesa, deve-se substituir o gerúndio por uma oração adjetiva iniciada por pronome relativo, ou por uma preposição conveniente:

Livro *contendo* gravuras

passaria a

Livro *que contém* gravuras

ou

Livro *com* (ou *de*) gravuras.

Aceitar o gerúndio como construção vernácula não implica adotá-lo a todo momento, acumulando-o numa série de mau gosto. Em muitos casos, como bem pondera Rodrigues Lapa [RLp.1, 227], “não há dúvida que o uso do gerúndio é preferível à oração relativa, sobretudo quando não temos o recurso acertado, expressivo das preposições. Não abusemos dele, mas não hesitemos em empregá-lo, sempre que o reconheçamos superior a outros modos de escrever”.

c) *particípio:*

“Os anais ensanguentados da humanidade estão cheios de facínoras, *empuxados* (= que foram empuxados) ao crime pela ingratidão injuriosa de mulheres muito amadas, e perversíssimas” [CBr.1, 120].

Orações adverbiais reduzidas

Têm o verbo, principal ou auxiliar, no:

A) *infinitivo:* caso em que, normalmente, se emprega o verbo regido de preposição adequada. Para o desdobramento da reduzida em desenvolvida basta substituir a preposição ou locução prepositiva por uma conjunção ou locução conjuntiva do mesmo valor e pôr o verbo na forma finita. É de toda conveniência conhecermos as principais preposições que correspondem a “conjunções” subordinativas adverbiais, porque isso melhor nos adestra na plástica da sintaxe portuguesa:

1) para as *causais* temos:

a) *com*:

“Porém, deixando o coração cativo,/ *com fazer-te* a meus rogos sempre humano,/ fugiste-me traidor...” [RD.1, c. VI].

Com fazer-te = porque te fizeste sempre humano.

b) *em*:

“Em verdade, bem louco deve ser este homem *em estar a plantar* agora esta nogueira, como se estivesse ainda no vigor da mocidade” [LCo *apud* JR.5, 38].

em estar a plantar = porque está a plantar;

c) *por*:

"... é tão desairoso falar um homem a sua língua mal, sob o pretexto de que ela é difícil, como tirar as botas num salão *por lhe doerem os calos*" [SR.1].

d) *visto*:

Visto sair de manhã bem cedo, não é muito conhecido pelos vizinhos.132

e) locuções prepositivas: *à força de, em virtude de, em vista de, por causa de, por motivo de, devido a,* etc.:

"*À força de se tornar trivial,* esta verdade eterna, que resume todo o espírito do cristianismo, deixou de ser para muitos" [AH.2, 159].

2) para as *concessivas:*

a) *com*:

Com fazer todas as obrigações corretamente, não conseguiu livrar-se da falência.

com fazer = embora fizesse;

b) *sem*, negando a causa e a consequência, pode exprimir a *concessão*:

"Este era funestamente o sistema colonial adotado pelas nações que copiavam *sem o entender* nem fecundar, como os romanos, o governo discricionário das províncias avassaladoras" [LCo *apud* FB.1, 215].

c) *malgrado*:

Estudou *malgrado ter perdido o caderno*.

d) *não obstante*:

Saíram *não obstante terem ouvido os conselhos do pai.*

e) locuções prepositivas: *apesar de, sem embargo de*:

"*Apesar, porém, da casa ser tida* como imagem dos perigos e privações da guerra, *e do duque haver adquirido* com ela grande disposição e robustez, observou-se depois que as armas o atraíam pouco" [RS.2, IV, 96].

3) para as *condicionais (e hipotéticas):*

a) *a*:

"... houve quem visse, ou fingisse ver, um notável reflexo que *a ser verdadeiro* devia nascer das muitas luzes que provavelmente estariam acesas" [AH.2, 83].133

No seguinte trecho vale por uma comparativa hipotética do tipo de *como se* ou modal:

"... depois veio a mim, que estava sentado, deu-me pancadinhas na testa, com um só dedo, *a repetir*: – Isto, isto – e eu não tive remédio senão rir também, e tudo acabou em galhofa" [MA.1, 209].134

OBSERVAÇÃO: *como* a + infinitivo

b) *sem*:

Não sairá *sem apresentar os exercícios.*

4) para a *consecutiva: de*:

É feio *de meter medo*.

5) para as *finais*:

a) *a*:

"Muitos personagens eminentes do Império e diversas famílias, ligadas por aproximação de afeto à família imperial, apresentaram-se *a falar ao imperador...*" [RP *apud* FB.1, 145].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) O infinitivo das orações finais pode aparecer sem preposição: "Diz-se que ele era um dos doze que foram a Inglaterra *pelejar* (= para pelejar) em desagravo das damas inglesas, fato assaz duvidoso..." [AH.2, 92].

Construções deste tipo, aproximando-se o infinitivo do verbo principal anterior (*foram pelejar*), permitiriam um início de locução verbal, onde o 1.º verbo passaria a ser sentido como auxiliar modal denotador de movimento para realizar um intento futuro. Este histórico importa para a explicação do emprego antigo da preposição *a*, suplantado depois, entre brasileiros principalmente, pela preposição *em*, no termo adverbial de lugar. Em *O rio Amazonas vai desaguar ao Atlântico,* temos ainda vestígio da fase em que o sentimento linguístico levava em consideração o verbo de movimento, *vai desaguar* (= para desaguar). Perdida esta noção de movimento, *vai ao Atlântico desaguar* passou a ser interpretado como um todo, prevalecendo a regência que competia ao verbo *desaguar*: *vai desaguar no Atlântico*.

Ambas as construções são corretas, tendo sido esta última, sem razão, recriminada por certos gramáticos:

"*Veio embarcar-se* (D. João) *a Aldeia Galega,* aonde o guardavam muitos fidalgos e eclesiásticos" [RS.2, IV, 171];

"Do outro lado da povoação corre o pequeno rio... que *vem desaguar no Lucus*" [AH.2, 70];

"... enquanto a frota *se ia colocar na boca do rio* a que deu nome aquela povoação" [AH.2. 70].

2.ª) Sobre a construção *questão a resolver*.

b) *de*:

Dava aos pobres algo *de comer pela manhã*.

OBSERVAÇÃO: Estas expressões alternam com as de preposição *a*: Dava aos pobres algo *a comer pela manhã*. Entretanto, parece entrever aqui uma imitação do francês: "A preposição *à* entre *donner* e infinitivo equivale a *de: donner à boire et à manger, dar de comer e beber; donner à diner à quelqu'um, dar de jantar; elle lui donna à souper, deu-lhe de cear.* Nessas construções *dar de comer, dar de almoçar, dar de mamar, pedir de beber, pedir de almoçar, ganhar de comer,* o complemento formado por *de* e um infinitivo é, na sua origem, de caráter adjetivo. *Dê-me algo, alguma coisa, qualquer coisa de comer,* é como se disséramos *algo comível* ou *comestível.* Omitido o substantivo, significa por si só as coisas sobre que se exerce a ação do infinitivo: *dê-me de comer* = dê-me coisa que comer" [MBa.3, 129]. Apesar do voto do ilustre mestre, julgamos ser irreprovável a linguagem *dar a comer*. Epifânio Dias [ED.2, § 293, a, 1] não vê galicismo na construção: *dar a alguém algo a beber.*135

c) *para*:

"Tudo isto diz o quadro a quem tiver olhos *para ver*, coração *para sentir,* entendimento *para perceber*" [AH.2, 165].

d) *por*, hoje mais rara, fixada em *por assim dizer* e semelhantes:

"Recomendava el-rei D. Manuel, por suas cartas, a Afonso de Albuquerque que trabalhasse *por haver às mãos* a cidade de Adém" [AH.2, 105].

e) *em*:

"e por isso posto que a Inglaterra não precisasse dela, para este fim, *trabalhou em possuí-la* para que os holandeses não se aproveitassem das vantagens que a sua situação oferecia" [AH.2, 102-3].

"Dois meios havia *em seguir esta empresa*" [AH.2, 69].

f) locuções prepositivas: *a fim de, com o fim de,* etc.:

"Da sua parte, os alunos não devem dar de mão à gramática elementar *a fim de se* exercitarem nos verbos e adquirirem outras noções básicas e, como tais, indispensáveis..." [SR.1].

6) para iniciar orações *locativas* reduzidas (correspondem a orações justapostas): *em*:

"Filha, *no muito possuir* não é ainda posta a felicidade, mas sim *no esperar e amar muito*" [AC *apud* JR.5, I, 37].136

7) para as ideias de *meio* e *instrumento*:

a) *com*:

"... até o (D. Afonso) induzirem a mandá-lo (D. Pedro) sair da corte, ao que D. Pedro atalhou *com retirar-se* antes que lho ordenassem" [AH.2, 91].

b) *de*:

"Eu não sou, minha Nise, pegureiro,
Que viva *de guardar alheio gado*" [TG.1, 15].

8) para as *temporais*:

a) tempo anterior: *antes de*:

"E, se ambos, morrermos *antes de estarem em idade* que se possam por si manter, terão por pai aquele que mora nos céus" [AC *apud* JR.5, 35].

b) tempo concomitante: *a* (neste caso o infinitivo pode vir ou não precedido de artigo):

"Tais eram as minhas reflexões *ao afastar-me* do pobre..." [AH.2, 190].

"E o moço, *a falar* de sua mãe, chorava..." [CBr.6, 59].

c) tempo posterior: *depois de, após*:

"A borboleta, *depois de esvoaçar* muito em torno de mim, pousou-me na testa" [MA.1, 99].137

d) tempo futuro próximo: *perto de, prestes a*:

"... e só abandona (o comandante) o posto quando voa em socorro da Parnaíba ou do Belmonte, *prestes a soçobar*" [Ouro Preto *apud* FB.l, 84].

e) duração de prazo: *até*:

"... o Sália... arrancava os penedos, aluía as raízes das árvores seculares, carreava as terras e rebramia com som medonho, *até chegar às planícies*..." [AH.1, 236].

OBSERVAÇÃO FINAL: É importante não confundirmos (e às vezes se não podem traçar limites rigorosos neste assunto (por serem razões extraídas dos elementos fornecidos pelo texto e não pela gramática) em certas expressões, o conjunto preposicional com um substantivo seguido de seu complemento nominal reduzido de infinitivo. Como bem ensina José Oiticica, "em certas locuções como *por causa de, por motivo de, em virtude de, em vista de,* etc., a oração de infinitivo não deve ser tida por *complementar*. *Exemplo:* "Em vista de lhe haverem furtado a chave, não pôde abrir o depósito". Esta oração de infinitivo seria *complementar* se o substantivo *vista* conservasse seu valor semântico; porém, na locução, desapareceu tal valor, e vigora num todo meramente prepositivo".138 E mais adiante continua: "Com locuções: *no intuito de, no propósito de, com intenção de,* etc., as orações são *complementares*, porque os substantivos mantêm seu valor (semântico) normal". Destarte, é de valor adjetiva completiva nominal reduzida grifada do seguinte período:

"Mandou então el-rei por seus arautos apregoar à roda do arraial de D. Pedro que, sob pena *de serem havidos em conta de traidores*, todos os que seguiam o Duque de Coimbra o abandonassem" [AH.2, 96}.

B) *gerúndio* e aí equivalente a:

1) uma oração *causal*:

"Vendo este os seus maltratados, mandou disparar algumas bombardas contra os espingardeiros" [AH.2, 97].

vendo = porque visse;

2) uma oração *consecutiva*:

"Isto acendeu por tal modo os ânimos dos soldados, que sem mandado, nem ordem de peleja, deram no arraial do infante, *rompendo-o por muitas partes*" [AH.2, 97].

rompendo-o = e como consequência o romperam;

3) uma oração *concessiva*:

Tendo mais do que imaginavam não socorreu os irmãos.

tendo = embora tivesse;

4) uma oração *condicional*:

Tendo livres as mãos, poderia fugir do cativeiro.

tendo *livre as mãos = tivesse livres as mãos.*

5) uma oração que denota *modo, meio, instrumento*:

"Um homem agigantado e de fera catadura saiu da choupana *murmurando sons* mal-articulados" [AH.1 *apud* ED.2, § 316, b, 1].

"E não os (destinos) podia realizar senão *ceifando cidades em lugar de farragiais, e enfeixando com mão robusta povos*" [AC.1 *apud* ED.2, 2].

6) uma oração *temporal:*

"El-rei, quando o mancebo o cumprimentou pela última vez, sorriu-se e disse *voltando-se:* Por que virá o conde quase de luto à festa?" [RS *apud* FB.5, 205].

voltando-se = enquanto se voltava;

No seguinte exemplo se acha reforçado por um advérbio de tempo:

"*Desviando* depois a mão que o suspendia baixou mais dois degraus" [RS *apud* FB.5, 209].

desviando = depois que desviou, no momento em que desviou.

Observação: O gerúndio pode aparecer precedido de preposição *em* quando indica tempo, condição ou hipótese. Neste caso, o português moderno exige que o verbo da oração principal denote acontecimento futuro ou ação que costuma acontecer:

"Ninguém, desde que entrou, *em lhe chegando* o turno, se conseguirá evadir à saída" [RB *apud* FB.1, 126].

Aqui o gerúndio indica tempo, e o verbo da principal exprime ação futura (*conseguirá*).

"Em Vieira morava o gênio: em Bernardes o amor, que, *em sendo verdadeiro,* é também gênio" [AC *apud* FB.1, 186].

Nesta passagem, o gerúndio exprime condição ou hipótese, e o verbo da oração *que é também gênio* (subordinante da condicional) denota um acontecimento que costuma ocorrer.

C) *particípio* e aí equivale a:

1) uma oração *causal*:

"*Irado* o infante com as injúrias que lhe tinham dito, mandou enforcar uns e degolar outros..." [AH.2, 96].

2) uma oração *condicional*:

Entramos em uma batalha, onde, *vencidos* os inimigos, honraremos nosso país.

vencidos = se forem vencidos.

3) uma oração *temporal*:

"E neste sentido, *mudados* os nomes, fez uma comunicação à sociedade cientista dos avicultores da imperial cidade da Mogúncia" [JR.2, 42].

Observações:

1.ª) Nestes empregos do particípio, observam-se as regras de concordância, estudadas no capítulo da Concordância, entre o verbo e o seu sujeito.

2.ª) Alguns particípios passaram a ter emprego equivalente a preposições e advérbios: *exceto, salvo, mediante, não obstante, tirante,* etc., e, como tais, normalmente devem aparecer invariáveis. Entretanto, não se perdeu totalmente a consciência de seu antigo valor, e muitos escritores de nota procedem à concordância necessária:

"Os tribunais, *salvas* exceções honrosas, reproduziam, povoados de criaturas do valido, todos os defeitos do sistema" [RS.2, IV, 67].

"A razão desta diferença é que a mulher (*salva* a hipótese do capítulo CI e outras) entrega-se por amor..." [MA.1, 327}.

Utilizar estas maneiras de dizer, devidas ao "amor excessivo da exatidão" é, como bem pondera Epifânio, expressar-se na verdade com correção gramatical, mas de modo desusado [ED.2, § 220, a].

3.ª) Elegantemente podemos empregar, para a ideia de tempo, o particípio seguido de *que* e duma forma adequada do verbo

ser:

Acabado que foi o prazo destinado à revisão, os candidatos continuaram insatisfeitos.

Há discordância entre os autores quanto à natureza deste *que* posposto ao particípio. Para Maximino Maciel (*Gramática Descritiva,* 368), é conjunção, segundo este trecho: "Também *elegantemente* se conjuncionalizam as reduzidas de particípio passado, interpondo entre o particípio e o substantivo sujeito a conjunção *que* a uma forma do verbo *ser*, adaptável ao tempo, exemplo: 'A ideia republicana e democrática se acabaria em toda a Europa, eclipsado *que* fosse o esplêndido luzeiro que até então lhe serviu de fanal'" (Latino Coelho, *República e Monarquia*).

Para Epifânio, o *que* é pronome relativo, e julgamos que com ele está a razão (cf. *Sintaxe Histórica Portuguesa,* § 91,c): "Na qualidade de nome predicativo ou aposto, pode (o pronome relativo) referir-se a adjetivos (ou particípios), servindo de realçar a qualidade ou estado: *acabada que esteja a obra*" (Cf. ainda a *Gramática Francesa,* § 282, 2, Obs. 1.ª).139

Orações reduzidas fixas

A nossa língua possui certo número de orações reduzidas que normalmente não aparecem sob forma desenvolvida. Neste grupo se acham:

a) as orações subjetivas que se seguem a certos verbos, como *caber, valer, impedir,* em construções do tipo de:

Coube-nos *ornamentar o salão* (e não: *que ornamentássemos*).

Valeu-nos *estarem perto alguns amigos* (e não: *que estivessem perto*).

Impediu-nos a viagem *ter vindo ordem* de voltarmos (e não: *que veio*).140

b) as orações objetivas diretas que se seguem a verbos como *agradecer, perdoar* e o impessoal *haver* na expressão *não há valer-lhe* (e equivalentes) em construções do tipo:

"Perdoou-lhes o *haverem-nos ofendido*" [ED.1, § 226, b].

"E lá se vão: não há mais *contê-los ou alcançá-los*" [EC, 128].

c) as de sentido aditivo enfático do tipo (verbo no infinitivo):

"Além de que a fumarada do charuto, *sobre ser purificante e antipútrida,* dava aos alvéolos solidez, e consistência aos dentes" [CBr.1, 108].

d) as que denotam pensamentos para cuja expressão não existem conjunções subordinativas, como as que indicam:

1) *exclusão* (verbo no infinitivo):

"*Em vez* (diziam) *dos nossos navios carregarem as mercadorias daqueles portos para o de Lisboa...* são embarcações estranhas as que hoje demandam as ilhas..." [RS.2, IV, 533].

Longe de desanimar com os obstáculos, reanima-se para vencê-los.

2) *exceção* (verbo no infinitivo):

"A filha estava com quatorze anos; mas era muito fraquinha, e não fazia nada, *a não ser* namorar os capadócios..." [MA.1, 201].

3) *meio* ou *instrumento* (verbo no infinitivo ou gerúndio) e *modo* (verbo no gerúndio, embora aqui haja conjunção correspondente):

"Salvou-o o senado, *segurando-lhe a pessoa* até poder sair a bordo de uma nau holandesa a 21 de maio" [RS.2, IV, 244].

Desmoralizou-o *com desmenti-lo em público*.

"Procurou este logo estorvar-lhe (a missão) por todos os ombros, *prendendo-o* ou *matando-o*." [RS.2, 244].

Enfrenta a vida *sorrindo dos perigos*.141

Quando o infinitivo não constitui oração reduzida

A presença do infinitivo não caracteriza oração reduzida nos seguintes principais casos, podendo, contudo, constituir, em alguns exemplos, oração (não reduzida):

a) quando, sem referência a nenhum sujeito, denota a ação de modo vago, à maneira de um substantivo:

Recordar é viver.

b) quando faz parte de uma oração verbal:

Tinham de chegar cedo ao trabalho.

c) quando, precedido de preposição e em referência a substantivo, o infinitivo tem sentido qualificativo, o que ocorre:

1) quando exprime a destinação:

sala de jantar, ferro de engomar, tábua de passar, criado de servir.

2) quando equivale a um adjetivo terminado em *-vel*:

É *de esperar* que todos se saiam bem (esperável).

Pareciam menos *de louvar* (louvável).

Foi caso muito *de recear* (receável).

d) quando, precedido de preposição e depois de certos adjetivos (*difícil, fácil, duro, bom,* etc.), o infinitivo tem sentido limitativo (com certa interpretação passiva ou ativa):

Osso duro *de roer* (*de ser roído* ou *de alguém roer*).

Poesia fácil *de decorar* (*de ser decorada* ou *de alguém decorar*).

e) quando, equivalente a imperativo, exprime o infinitivo ordem, recomendação:

"Todos se chegavam para a ferir, sem que a D. Álvaro se ouvissem outras palavras senão estas: *Fartar*, rapazes!" [AH.2, 98].

f) quando, nas exclamações, o infinitivo exprime estranheza pela realização de um acontecimento:

"*Pôr-me* a mim lá fora?! – bradou Teodora" [CBr.1, 175].

"Tu, Hermengarda, *recordas-te?!*" [AH.1, 47].

g) quando entra em orações interrogativas (diretas ou indiretas):

*Que fazer?*142

Não sei *que fazer.*

Nada tinha *que dizer*.

h) quando se trata de um infinitivo de narração, isto é, aquele que, numa narração animada, considera a ação como já passada, e não no seu desenvolvimento.143

"E os médicos *a insistirem que saísse* de Lisboa [Júlio Dinis]

"Ela *a voltar as costas*, e o *reitor a pôr* o chapéu na cabeça" [*id.*]

"E ele *a rir-se*, ele a *regalar-se*" [EQ]

"O senhor *a dizer-lhe* uma palavra, e eu *a provar-lhe* que..." [ED.2, §309,3].

NOTA: Não estão acordes os autores quanto à origem do infinitivo de narração: a hipótese mais cômoda, mas nem por isso

mais convincente, é a da elipse. Assim pensavam Quintiliano, para o latim, e Burguy, Littré, Kastner, Plattner, Lubker, entre outros para o francês. É a opinião que expende M. Barreto para o português: "Na frase: – *Eu falo, e eles a rir* (isto é, põem-se a rir, estão a rir-se, começam a rir) – temos o que se chama *infinitivo histórico*, que assim se diz o que na proposição tem valor de voz verbal de modo finito. A proposição que tem por predicado perifrástico, um elemento do qual está subentendido" (*Últimos Estudos*, 241). Contra esta maneira de explicar estão Diez, Schulze, Darmesteter, Strohmeyer e Brøndal. A segunda hipótese é a que o deriva do infinitivo de ordem ou infinitivo imperativo (opinião de Wackernagel, para o latim e Marcou, Spitzer e Lerch, para o francês). Para Lombard (*Op. cit.* 212) o infinitivo de narração é originariamente uma oração nominal. O problema se acha exaustivamente tratado nas páginas 186-243 do citado livro do romancista sueco.

OBSERVAÇÃO: Foge a uma análise rigorosa a série de expressões do tipo *temer, não teme,* com que, na linguagem afetiva, enunciamos réplicas e objeções. Epifânio (*Sintaxe História Portuguesa*, § 309, 3, Obs.) e Bello-Cuervo (*Gramática Castelhana*, § 926 e *Notas*, p. 63) supõem que se trata de uma construção elíptica, subentendendo-se, antes do infinitivo, a expressão *quanto a*, Meyer-Lübke crê que se trata de um *infinitivo de intensidade* e explica assim o nascimento do torneio de frase: "Nous devons prendre comme point de départ la question et la réponse prononcés sous l'empire de l'émotion. Ainsi, pour nous en tenir au premier exemple, on raconte quelque chose qui, de l'avis du conteur, pourrait provoquer de la crainte chez un des auditeurs ou chez tous. Un d'entre eux repousse cette pensée en demandant avec indignation: "Craindre?! Je ne crains pas". En conséquence, à l'origine il devait y avoir une pause entre l'infinitif et le verbe personnel. Plus tard, naturellement, la formule finit par devenir, comme expression de l'intensité d'une action, plus fixe et par conséquent plus générale" (*Grammaire*, III, § 135). Levando-se em conta que se devem algumas alterações de linguagem a esta atenção que o falante dá a um público, real ou imaginário, a hipótese do romanista é assaz sugestiva, apesar de Epifânio achar "improvável que o infinitivo, sendo rigorosamente interrogativo, viesse a deixar de o ser" (*ibid.*). Cremos que o problema estaria melhor resolvido se levássemos em conta os níveis da oração e do texto, conforme nos ensina Coseriu, já esboçado, aliás, na explicação de Meyer-Lübke. Em *temer, não teme* estamos diante de um enunciado que, no nível do texto (e não da oração), pressupõe uma declaração repetida em relação ao que proferiu nosso interlocutor e a que nos referimos agora mediante o *temer*, e que só no nível do texto deve encontrar cabal explicação.

O gerúndio e o particípio não constituem oração reduzida

a) quando fazem parte de uma locução verbal:

Estão saindo todos os alunos.

As lições *foram aprendidas* sem esforço.

b) quando aparecem como simples função qualificadora, à maneira dos adjetivos:

Livro *encadernado*.

Construções particulares com o infinitivo

São dignas de atenção certas construções em que o infinitivo precedido de verbos que exprimem percepção física (*ver, ouvir, olhar, sentir*) ou atuação e ordenação (*deixar, mandar, fazer*). Já tivemos oportunidade de nos referir ao caso, quando examinamos a função sintática do infinitivo e gerúndio que entram nestas construções.

Praticamente, estas construções de infinitivo se repartem em dois grupos:

a) um, em que o infinitivo tem o mesmo agente e sujeito do primeiro verbo (regente):

Preferimos *estudar* pela manhã.

b) outro, mais complexo, em que o infinitivo, depois dos verbos regentes acima aludidos, tem diferente agente:

Vejo *abrir* a porta.

Ouço *soprar* o vento.

Eu a vi *sair* de casa.

Ouvimos a sineta *chamar* os alunos.

No primeiro grupo, o infinitivo integra uma oração reduzida que exerce o papel de objeto direto do verbo regente *preferimos*, e por isso, pode ser comutado pelo pronome adverbal

átono *o*:

Preferimos *estudar* pela manhã → Nós *o* preferimos → Preferimo-*lo*.

O segundo grupo se subdivide em dois tipos: o infinitivo sozinho ou acompanhado de complementos:

1) o infinitivo integra uma oração subordinada objetiva direta:

Vejo *abrir* a porta.

Ouço *soprar* o vento.

em que *abrir a porta* e *soprar o vento* podem ser comutados pelo pronome adverbal átono *o*:

Vejo-*o*. Ouço-*o*.

Vês abrir a porta? Vejo-*o*.

Ouves sobrar o vento? Ouço-*o*.

2) o verbo regente exprime percepção física e o infinitivo exerce o papel de predicativo do objeto direto:

Eu *a* vi *sair* de casa.

Ouvimos *a sineta chamar* os alunos.

Aqui os verbos regentes que exprimem percepção física (*vi* e *ouvimos*) se acompanham do objeto direto (*a* e *a* sineta) que se acham modificados pelos infinitivos que exercem a função de seus predicativos (*sair* e *chamar*).

Por mais que equivalham no plano do conteúdo de pensamento designado, *Eu a vi sair de casa* a *Eu vi que ela saía de casa*, do ponto de vista gramatical as construções são diferentes. O pronome *a* (Eu *a* vi sair) e *ela* (Eu vi que *ela* saía de casa) são ambos *agentes* do processo *sair de casa*, mas *a* é *objeto direto* e *ela* é *sujeito*. Pela análise do conteúdo, a gramática tradicional tem atribuído a esse pronome *a* dupla função sintática: objeto direto do verbo regente (*vi*) e sujeito do infinitivo (*sair*).

Também os verbos que exprimem atuação ou ordenação (*deixar, mandar, fazer*) apresentam a mesma construção dos verbos de percepção física:

O policial fez calar o assaltante / O policial fê-lo calar.

O professor mandou o aluno saltar / O professor mandou-o saltar.

Até aqui o infinitivo não se acompanha de objeto direto próprio, mas ele pode aparecer, como ocorre em:

O professor mandou o aluno fazer o exercício,

quando os complementos do verbo regente *mandou* (*o aluno*) e do infinitivo *fazer* (*os exercícios*) podem ser teoricamente comutados pelos pronomes adverbais átonos *o*:

O professor mandou-o fazê-lo.

ou ainda:

O professor mandou-*o o* fazer,

o que daria uma contiguidade incômoda e artificial de dois *o... o*, onde a clareza do texto poderia ser prejudicada. Veja-se este exemplo de A. Herculano:

"(...) a tia Domingas ouviu-*o* chamá-*la* de novo mansamente" [AH.2, 76].

A tradição literária contornou o problema adotando duas normas seguintes:

a) Expressar o complemento do verbo regente sob forma de objeto direto se constituído por

substantivo:

O professor mandou *o aluno* fazê-lo.

b) Expressar o complemento do verbo regente sob forma de objeto indireto se constituído por pronome adverbal átono:

O professor mandou-*lhe* fazer os exercícios.

O professor mandou-*lhe* fazê-lo.

O professor *lhe* ouviu dizer que melhoraria seu comportamento.

A colega *lhe* deixou ver suas bonecas.144

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Pela possibilidade de poder o complemento do infinitivo se aproximar do verbo regente, pode ocorrer a junção do pronome adverbal átono *lhe* (ou outro indireto) com o pronome *o*, como no seguinte exemplo:

"... posto que Afonso I se houvesse apoderado de vários lugares... a desgraça de Badajoz *lhos* fizera perder..." [AH.2, 76], isto é: a desgraça *lhe* fizera perdê-los.

2.ª) É raro o emprego de *lhe* por *o* quando o verbo no infinitivo não se acompanha de objeto direto: "A vista só da vaca... nem *lhes* deixa pensar em soutos e pastios" [AC.9, 181].

A prática se estenderia a se empregar sob forma de objeto indireto o complemento do verbo regente, mesmo se constituído por substantivo:

O professor mandou *ao menino* fazer o exercício.

O professor ouviu *ao aluno* dizer que melhoraria o comportamento.

O namoro fez *ao jovem* perder a cabeça.

Por fim, cumpre assinalar que normalmente se usa *o*, e não *lhe*, quando o infinitivo é pronominal.

"o Sália... rebramia com som medonho, até chegar às planícies, onde o solo não comprimia e *o deixou espraiar-se* pelos pauis e juncais..." [AH.2, 76-77].

OBSERVAÇÃO: O infinitivo que se segue a *deixar, mandar e fazer* pode ser tomado em sentido passivo, e neste caso o agente da ação do infinitivo é regido pelas preposições *por* ou *de:*

"D. João de Castro, sem *deixar-se vencer do amor do filho,* nem *dos medos do tempo,* resolveu enviar o socorro" [FF *apud* ED.2, 289, a), Obs. 2.ª].

A omissão do pronome átono em EU OS VI AFASTAR DAQUI em vez de AFASTAR-SE DAQUI

Não é rara a omissão do pronome átono que devia acompanhar um infinitivo pronominal, quando este mesmo infinitivo tem por agente um pronome átono:

"*Deixei-o embrenhar* e transpus o rio após ele" [AH.2, 77].

"O faqui *deixou-o afastar*" [AH.2, 77].

Os seguintes exemplos mostram-nos que a presença do pronome também é correta:

"*Sentiu-o* para aqui um pouco e depois *encaminhar-se* ao longo do corredor" [AH.2, 76].

"E o eremita *viu-a*, ave pernalta e branca, *bambolear-se* em voo, ir chegando, *passar-se* para cima do leito, *aconchegar-se* ao pobre homem..." [JR.2, 227].145

A construção PEDIR PARA

Em

"Eu retive-a, *pedi-lhe* que ficasse, que esquecesse" [MA.1, 271]

o verbo *pedir* exige dois objetos: o indireto *lhe* e o direto oracional composto *que ficasse, que esquecesse*.

Normalmente, em tais casos, não se usa o objeto direto oracional sob forma reduzida. Evita-se dizer: *Pedi-lhe ficar, pedi-lhe esquecer.*

Em:

> "Dito isto, *peço licença para ir* um dia destes expor-lhe um trabalho..." [MA.1, 245]

o verbo *pedir* vem acompanhado apenas do objeto direto *licença*; a oração reduzida de infinitivo *para ir um dia destes expor-lhe um trabalho* é adverbial de fim.

Pode-se omitir o objeto direto e construir o verbo *pedir*, assim: *peço-lhe para ir um dia destes expor-lhe um trabalho*.

Como estão próximas as ideias de *pedir que algo aconteça* e *trabalhar para que algo aconteça*, passou-se a usar a preposição *para* no início da oração que seria objeto direto do verbo *pedir*, tendo-se em mira indicar a finalidade da coisa pedida:

> *Pediu para que* Pedro *saísse*

ou

> *Pediu para* Pedro *sair.*

Os gramáticos não aceitaram a operação mental e ainda hoje esta maneira condensada de dizer é repudiada, apesar da insistência com que penetra na linguagem das pessoas cultas. Para as autoridades de nossa língua, só está certo o emprego do verbo *pedir* quando se tem para objeto direto o substantivo *licença* (claro ou subentendido) e a oração de *para que* ou *para* + infinitivo é sentida como adverbial de fim, *com sujeito igual ao da oração principal*.146 Assim, em:

> O aluno pedia-lhe para sair,

o *aluno* pedia licença para ele mesmo sair.

A confusão dos dois empregos do verbo *pedir* traz ao enunciado incontestavelmente duplicidade de sentido, pois que em:

> *Ele pedia-lhe para sair*

ficamos em dúvida sobre a pessoa que sairá. Para o gramático só pode ser a que fez o pedido, e, na realidade, todos, ou quase todos, os exemplos abonados dos bons escritores têm o mesmo sujeito para a oração de *pedir* e para a oração iniciada pela preposição *para*.

A construção DIZER PARA

Semelhantemente ao que ocorre com o verbo *pedir*, a linguagem coloquial despreocupada constrói o verbo *dizer* (*falar* e sinônimos) seguido da preposição *para* junto ao que normalmente seria o seu objeto direto:

> *Disse para que ele fosse embora*

ou

> *Disse para ele ir embora.*

São expressões condenadas que os gramáticos recomendam se evitem no falar correto.

A construção PARA EU FAZER

Em

> O exercício é para eu fazer

a preposição *para* rege o verbo *fazer*, cujo sujeito é o pronome pessoal *eu*. Evite-se a construção errônea *o exercício é para mim fazer*, devida ao fato de se supor que a preposição se prende ao pronome, como: *este presente é para mim.*

Diz-se corretamente *o presente é para mim*, porque a preposição sempre rege pronome oblíquo tônico.

Distinga-se claramente este uso errôneo do correto, em que há antecipação do objeto indireto livre de opinião; o ritmo oracional marca a diferença:

> Para mim (pausa) fazer isso é sempre agradável.

A posição do sujeito nas orações reduzidas

No português contemporâneo, o sujeito das orações reduzidas de gerúndio e particípio vem normalmente depois do verbo (nas locuções verbais pode aparecer depois do auxiliar):

> "A guerra diplomática andava acesa em Roma, *lidando o enviado português* por contrariar com energia os meneios e dilações do Cardeal Torregiani" [LCo.1, I, 44].
>
> *Não me havendo chegado notícia das viagens de Gulliver*, penso que a minha gente liliputiana teve origem nas baratas e nas aranhas [GrR.1, 94].
>
> *Findo o susto*, considerava-me isolado, continuava nas infrações sem nenhuma vergonha [GrR.1, 180].
>
> *Acabada a festa*, foram ao cinema.

Estariam erradas as construções se colocássemos o sujeito antes do verbo: *o enviado português lidando, o susto findo, a festa acabada*.

Nas reduzidas de gerúndio é preciso distinguir cuidadosamente essas linguagens imperfeitas daquelas que, por falta de pontuação adequada, nos fazem supor que se trata de anteposições do sujeito. Nos seguintes exemplos só houve falta da vírgula para separar a principal da subordinada:

> "*O cristianismo elevando o culto* da mulher inspirou a cavalaria e a poesia cavaleiresca, nobilitando pelo amor e pelo sacrifício o sexo que era também o de Maria Santíssima" [JR.2, 51].
>
> "Então *Gonçalo Mendes fazendo* recuar o capuz que cobria a cabeça do suposto mensageiro olhou para ele alguns instantes" [AH.3, 116].147

Entre as reduzidas de gerúndio, fazem exceção ao princípio exposto aquelas que, precedidas da preposição *em*, denotam circunstâncias de tempo, hipótese ou condição, quando o sujeito pode vir antes ou depois desta forma verbal:

> "Ninguém, desde que entrou, *em lhe chegando o turno*, se conseguirá evadir à saída" [RB *apud* FB.1, 126].
>
> "A semelhança entre as filhas de Felipe da Gama reduzia-se a isto: mas era tão grande, que *em as duas conversando* a fala confundia-se, e o ouvinte mais não era capaz de distinguir" [RS.3, 2, 122 *apud* ED.2, §316,b,2,obs].

No tocante às reduzidas de particípio, podem ter o sujeito anteposto ou posposto ao verbo, quando constituído pelos pronomes *isto, isso, aquilo* e *o que*:

> *Isto posto*, resolvemos voltar

ou

> *Posto isto*, resolvemos voltar.

A construção É DA GENTE RIR

A antecipação do sujeito ao verbo, nas orações reduzidas de infinitivo preposicionado, possibilita a combinação da preposição com o sujeito ou um adjunto do sujeito:

> Já era tempo *de* saírem *os alunos* de férias.

pode passar facilmente a *Já era tempo* ***de os alunos*** *saírem de férias* e daí à combinação *Já era tempo* ***dos alunos*** *saírem de férias.*

A preposição pode-se combinar com o núcleo do sujeito. Assim, diremos:

É tempo DE ELE sair

ou

É tempo DELE sair.

Alguns gramáticos não aceitam a combinação apontada sob o pretexto de que o sujeito "não pode vir regido de preposição"; *não se trata aqui, entretanto, de regência preposicional de sujeito, mas do contato de duas palavras que, por hábito e por eufonia, costumam ser incorporadas na pronúncia.* Se tais combinações parecem contrariar a lógica da gramática, cumpre observar que não repugnam a tradição do idioma com o testemunho de seus melhores escritores, antigos e modernos. O que a lição dos fatos nos permite ensinar é que ambas as construções são corretas, segundo nos atestam as seguintes passagens que não se podem dar como errôneas ou descuidos de revisão.148 Trata-se de um problema de estilística fônica, pelo qual a não combinação encarece o papel do sujeito do infinitivo. Do ponto de vista meramente gramatical são válidas ambas construções:

"só voltou *depois do infante estar* proclamado regedor" [AH.2*,* 44].

"Os que no serviço militar perdiam o cavalo tiravam o valor deste dos despojos *antes destes* (*d'estes*, no original) se repartirem" [AH.2].

"*Apesar da sua ação ser...* superior à autoridade dos bispos..." [AH.2].

"... a unidade que resulta da síntese do ideal, *antes deste ser* revelado pela expressão material" [AH.2, 162].

"sabia-o, senhor, *antes do caso suceder*" [AH.4, I, 267].149

"... mesmo *depois dos descobrimentos dos portugueses haverem* transformado as condições do comércio geral do mundo" [RS.2*,* IV, 16].

"*Apesar*, porém, da *caça ser tida* como imagem dos perigos e privações da guerra..." [RS.2, 96].

"Notou, igualmente, a vantagem dos *confederados repartirem* de antemão os postos entre si..." [RS.2, 139].

"... e *a despeito do dia estar* chuvoso" [RS.2, 171-2].

"Nos dias pequenos o sino de recolher soava muito antes *dos mercadores terem* acabado a ceia nas hospedarias..." [RS.2, 527]

"*Depois do Garrett escrever* erradamente no seu *Camões...*" [AC, "Anotações à 6.ª edição do Dicionário de Morais", in *Arquivos Literários* de Delfim Guimarães, V *apud* P. A. Pinto, revista *Colaboração,* nº 5, p. 20].

"... se, por exemplo me concederem um monopólio do plantar couves, *apesar das couves serem* uma das muitas espécies de legumes" [RB *apud* P. A. Pinto, *ibid*.].

"Pelo fato *do verbo* restituir, numa de suas acepções, e entregar, em certos casos, *terem*, como diz o Dr. Rui, o mesmo sentido..." [CR.2 *apud* P. A. Pinto].

"... no caso do *infinitivo trazer compl. direto*" [ED.2, 226).150

Terminamos esta pequena lista com um fato que não deixa dúvidas de que os exemplos aduzidos não se explicam por descuidos. Na página 87 do vol. IV da sua excelentemente escrita *História de Portugal*, contrariando a sintaxe que lhe vem natural e frequente, Rebelo da Silva não faz a combinação:

"Nem o rei, nem o ministro apreciaram o perigo, senão *depois de ele declarado e irremediável*".

Mas, para surpresa de muitos gramáticos, no final do volume, na página destinada a erratas, declara textualmente:

"Onde se lê: *depois de ele* leia-se *depois dele* (*d'elle* no original). 151

Tem-se estendido o exagero da condenação aos casos em que a preposição precede um advérbio, quando, na realidade, o que decide a existência ou não existência da combinação é a menor ou a maior pausa no proferir as duas palavras, ou ainda a eufonia e, como vimos, o realce. No seguinte exemplo de Alexandre Herculano, a pausa maior entre a preposição e o advérbio evita a combinação:

"A afirmativa *de ali* se ajuntarem e agasalharem 20.000 pessoas é naturalmente impossível" [AH.2, 44].

É forçoso reconhecer que a facilidade da combinação da preposição *de* não se estendeu, com a mesma frequência, a outras preposições, nas circunstâncias aqui estudadas. Dá prova disto o seguinte trecho de Rebelo da Silva, tão afeito às construções combinadas:

"*No caso do reino se constituir* em república, que partido seguiria D. João, o do país, ou o dos castelhanos?" "Em qualquer acontecimento, redarguiu o duque, hei de acostar-me ao que seguir o comum do reino". "Então, continuou o secretário, está dada a resposta. Mais vale arriscar tudo para reinar, do que arriscar tudo ainda e ficar vassalo. A ocasião é chegada, e parece que Deus a trouxe. A maior dificuldade consistia *em os outros proporem* a empresa..." [RS.2, IV, 134].

Por fim, cabe-nos assinalar que, neste assunto de combinações de preposição, o português moderno desprezou certos giros que – embora também contrários à lógica da gramática – foram estimados dos antigos e ainda hoje puristas aplaudem. Interessa-nos agora aquela em que se combinava a preposição *por* (antigo *per*) com os pronomes *o, a, os, as,* em função de objeto direto:

Esforcei-me pelo convencer.

hoje desbancado por:

Esforcei-me por convencê-lo (ou *para convencê-lo*) ou *por o convencer* (mais raro entre os brasileiros).

Apesar de exemplos de autores modernos (Rui Barbosa entre eles) e do voto de Mário Barreto [MBa.1, cap. VII, 111-25], concordo com o parecer de Said Ali [SA.6, 4, 160]:

"A construção de *por* e antigo *per* com as formas pronominais *o, a, os, as,* pertence ao número das formas arcaicas, de que se encontram ainda restos, na linguagem popular de Portugal. É imprópria da linguagem culta de hoje, e se ocorre – o que é muitíssimo raro – em algum escritor moderno, deixa-nos logo a impressão de um estilo afetado. Não provam exemplos dessa espécie o uso geral, nem podem servir de norma para o falar correto".152

É elucidativo este passo de Rebelo da Silva, onde ocorrem os dois casos aqui estudados:

"... em que o tribunal proferiu a sentença, mandando entregar as fazendas a Adão Bans e sócios sob fiança *de as* restituírem *no caso dos portugueses* dentro de seis meses *pagarem a quantia*..." [RS.2, 515].

Reduzidas decorrentes e concorrentes

Como as desenvolvidas, as orações reduzidas podem ser:

a) *decorrentes:*

"O Conde de Avranches saiu a eles com quase toda a gente do arraial e *fazendo-os fugir* tomou alguns prisioneiros" [AH.2, 96].

A oração de *fazendo* é reduzida gerundial de tempo e se acompanha da oração também reduzida *fugir* (reduzida de infinitivo), modificadora do objeto direto *os*.

b) *concorrentes:*

"Irado o infante com as injúrias que lhe tinham dito, mandou *enforcar uns e degolar outros*, e o conde perseguiu o resto até Portugal" [AH.2, 96].

As orações reduzidas de infinitivo *enforcar uns* e *degolar outros* são subordinadas equipolentes; por isso se acham coordenadas entre si.

Não raro aparece, entre as orações equipolentes, uma reduzida coordenada à outra desenvolvida ou vice-versa [MBa.1, 168, nota].

> "*Para provar-lhe* que não falto à menor condição estipulada, *e para que a minha consciência fique pura de escrúpulos*, vou dar-lhe a gratificação prometida" [CBr.14, drama, ato II, cena IX].
>
> "Na província de Alentejo o recrutamento fazia-se para exclusiva defesa dela, cabendo um terço de cada comarca, *se era grande*, ou a duas unidas, *sendo pequenas*" [RS.2, 227].

4 – As Frases: Enunciados sem Núcleo Verbal

Oração e frase – Já tínhamos antecipado que a unidade sintática chamada *oração* constitui o centro da atenção da gramática por se tratar de uma unidade em que se relacionam sintaticamente seus termos constituintes e se manifestam as relações de ordem e recção que partem do núcleo verbal e das quais se ocupa a descrição gramatical.

Isto não impede a presença de enunciados destituídos desse núcleo verbal conhecidos pelo nome de *frases*:

> Bom dia!
> Saúde!
> Depressa!
> Que calor!
> Casa de ferreiro, espeto de pau.

Estas frases diferem da oração porque são proferidas, quase sempre, em situações especiais, fora as quais o enunciado não se manifesta em toda sua plenitude.

Em geral seus elementos constituintes são de natureza nominal (substantivos, adjetivos ou advérbios), e a ausência do núcleo verbal, donde dimanam as relações sintático-semânticas, impede que se identifiquem entre seus constituintes as funções que se manifestam na oração. Por outro lado, a frase aponta para asserção de uma verdade geral, já que exclui a forma verbal responsável por uma particularização da expressão [EBv.2, 181]. Entretanto, como são enunciados reais, apela-se para a interpretação mais ou menos próxima dos possíveis equivalentes expressos sob forma de oração. Assim, "entende-se" que um enunciado como *Bom dia!* equivale a *Desejo bom dia* ou *Espero que tenha bom dia!*, ou *Casa de ferreiro, espeto de pau* valeria aproximadamente a *Casa de ferreiro usa espeto de pau* ou *Quando a casa é de ferreiro, o espeto é de pau* ou, ainda, *Em casa de ferreiro não se usa espeto de ferro, mas de pau*.

A simples verificação das várias possibilidades de paráfrases mostra bem como são tênues as relações gramaticais que os termos existentes mantêm entre si dentro da frase. Por isso a descrição da frase não se fará pelos mesmos critérios empregados na oração, mas segundo sua constituição interna. Inicialmente, podemos dividir as frases em *unimembres* e *bimembres*.

Frases unimembres: interjeição – O tipo mais simples de frase é o constituído por

interjeição. Já é antiga em gramática a ideia de a interjeição não ser, a rigor, uma "palavra", mas que equivale a um enunciado independente ou a uma oração inteira:

Oh! Psiu!

Pode ainda aparecer combinada com outras unidades para constituir frases mais complexas:

Ai de mim!
Oh pátria minha!

Já vimos que outras classes de palavras e grupos nominais se podem transpor ao papel de interjeição, empregados em função apelativa, endereçada ao interlocutor, ou como manifestação da atitude do falante [AL.1, 385]:

Socorro!
Depressa!
Meu pai!
Que horror!
Viva!

Podem aparecer unidades mais longas resultantes de respostas ou comentários a diálogos reais ou imaginários com o interlocutor. São frases elípticas, quase sempre de valor nominal, resíduos de orações sintaticamente incompletas ou truncadas, que devem ser tratadas no rol dos enunciados independentes sem núcleo verbal, ao largo de qualquer restituição corretiva do ponto de vista sintático:

"— Está bem, deixe-me ficar algum tempo mais, estou na pista de
um mistério
— *Que mistério*?" [MA.1, 28].
"— Raposo, vou sair; há alguma cousa?
— *Nada, Capitão Viveiros*" [LB.3, 91].
"Fez-me sentar ao pé de si, na varanda, entre muitas exclamações
de contentamento:
— *Ora, o Brasinho*! *Um homem*! Quem diria, há anos... *Um homenzarrão*! *E bonito*! *Qual*! Você não se lembra de mim... [MA.1, 94-95]
— Qual é a sua profissão?
— *Estudante*." [LB.3, 91]

Entre essas verdadeiras *pro-orações* estão as palavras *sim*, *não*, *talvez*, *tampouco* e assemelhadas (sozinhas ou combinadas) que de primitivos advérbios passam por transposição hipertáxica ao papel de frases:

— Já deste a notícia?
— *Ainda não* [LB.3, 165].

Algumas vezes nestes casos um dos interlocutores ou o autor num monólogo faz uso de uma frase exclamativa complexa que vale, unitariamente, por transposição hipotáxica, por uma interjeição:

Eugênia sentou-se a concertar uma das tranças. *Que dissimulação graciosa*! *Que arte infinita e delicada*! *Que tartufice profunda*! [MA.1, 107]

Etiquetas e rótulos – Diferente contexto linguístico ocorre com frases que entram na indicação de etiquetas, letreiros e rótulos situados em circunstâncias tais que, com ajuda de

tais entornos, são suficientes para constituir informações precisas. Deste rol fazem parte a sinalização verbal das indicações de trânsito (*Entrada*, *Saída*, *Retorno*, etc.), de estabelecimentos bancários e comerciais (*Clientes de Conta Ouro*, *Fila Única*, *Padaria*, *Carnes*, *Laticínios*, *Limpeza*, *Estacionamento*, *Entrada proibida*, *Entrada só permitida a funcionários*, etc.)

Frases assertivas bimembres – Embora frases assertivas bimembres possam ser facilmente parafraseadas a orações de estrutura regular e com estas, muitas vezes, se alternar no discurso, não devem ser "reconstituídas" e "emendadas" com auxílio de elipses e outros recursos, para depois serem descritas como orações. A expressividade decorre da leveza e espontaneidade com que se caracterizam.

Incluem-se, portanto, no rol de frases assertivas bimembres (dotadas também de entoação ou contorno melódico assertivos) os seguintes exemplos:

Casa de ferreiro, espeto de pau

Tal pai, tal filho

A vivacidade e leveza que tais frases emprestam ao discurso explicam o seu largo emprego nas máximas e provérbios.

5 – Concordância

Considerações gerais – Em português a *concordância* consiste em se adaptar a palavra determinante ao gênero, número e pessoa da palavra determinada.

A concordância pode ser *nominal* ou *verbal* – Diz-se *concordância nominal* a que se verifica em gênero e número entre o adjetivo e o pronome (adjetivo), o artigo, o numeral ou o particípio (palavras determinantes) e o substantivo ou pronome (palavras determinadas) a que se referem:

"O capitão rosnou *alguma* cousa, deu *dous* passos, meteu *a* mão no bolso, sacou *um* pedaço de papel, muito *amarrotado*; depois *à* luz de *uma* lanterna, leu *uma* ode *horaciana* sobre *a* liberdade *da* vida *marítima*" [MA.1, 65].

Diz-se *concordância verbal* a que se verifica em número e pessoa entre o sujeito (e às vezes o *predicativo*) e o verbo da oração:

"Os outros não sabendo o que *era*, *falavam*, *olhavam*, *gesticulavam*, ao tempo que ela *olhava* só, ora fixa, ora móvel, levando a astúcia ao ponto de olhar às vezes para dentro de si, porque *deixava cair* as pálpebras" [MA.1, 183]

"Chegando à rua, *arrependi*-me de ter saído" [MA.1]

"*Eram* 2 de novembro de 1952" [AH.2, 124].

A concordância pode ser estabelecida de *palavra* para *palavra* ou de *palavra* para *sentido*. A concordância de *palavra* para *palavra* será *total* ou *parcial* (também chamada *atrativa*), conforme se leve em conta a totalidade ou o mais próximo das palavras determinadas numa série de coordenação:

"Repeli-a, porque se me *ofereciam* vida e honra a troco de perpétua infâmia" [AH.1, 147].

O verbo *ofereciam* concorda com a totalidade do sujeito composto: *vida* e *honra*.

"porque entre ele e Suintila... *está* o céu e o inferno" [AH.1, 143].

O verbo *está* concorda, atrativamente, com o sujeito mais próximo (o céu) da série coordenada o *céu* e o *inferno*.

"... *via*-se em todas as faces *pintado* o espantoso e o terror" [AH.2, 124].

O verbo *via* e o adjetivo *pintado* concordam, por atração, com o sujeito mais próximo da série *o espantoso* e *o terror*.

"Quando a educação, os livros, e o sentir daqueles que nos odeiam *apagou* em nossa alma o selo da cruz" [AH.2, 143].

O verbo *apagou* concorda, por atração, com o sujeito mais próximo (*o sentir daqueles*) do sujeito composto, ainda que este venha anteposto ao verbo.

A concordância de *palavra* para *sentido* se diz ainda *concordância* "*ad sensum*" ou *silepse*:

"A plebe *vociferava* as mais afrontosas injúrias contra D. Leonor: e se *chegassem* a entrar no paço, ela sem dúvida seria feita pedaços pelo tropel furioso" [AH.2, 41].

O verbo *vociferava* concorda com o sujeito *plebe* que, sendo um coletivo, pôde, pelo seu conteúdo semântico de pluralidade, levar ao plural o verbo *chegassem*, mais afastado dele.

"Era gente colectícia, *muitos*, acaso, sem pátria da guerra, e por isso pouco *habituados* a resignar-se com as várias e tediosas fases de um assédio" [AH.2, 51].

O termo *gente*, de valor coletivo, é o responsável pela flexão masculina de *muitos* e *habituados*, por se levar em conta a ideia de *soldados* contida na palavra *gente*.

É preciso estar atento a que a liberdade de concordância que a língua portuguesa muitas vezes oferece deve ser cuidadosamente aproveitada para não prejudicar a clareza da mensagem e a harmonia do estilo.

Na língua oral, em que o fluxo do pensamento corre mais rápido que a formulação e estruturação da oração, é muito comum enunciar primeiro o verbo – elemento fulcral da atividade comunicativa – para depois se seguirem os outros termos oracionais. Nestas circunstâncias, o falante costuma enunciar o verbo no singular, porque ainda não pensou no sujeito a quem atribuirá a função predicativa contida no verbo; se o sujeito, neste momento, for pensado como pluralidade, os casos de discordância serão aí frequentes. O mesmo ocorre com a concordância nominal, do particípio.

A língua escrita, formalmente mais elaborada, tem meios de evitar estas discordâncias.

Concordância nominal

A – Concordância de palavra para palavra

1) *Há uma só palavra determinada.*

A palavra determinante irá para o gênero e número da palavra determinada:

"Aflige-nos a glória *alheia contestada* com a *nossa* insignificância" [MM].

"*Os bons* exemplos *dos* pais são *as melhores* lições e a *melhor* herança para *os* filhos" [MM].

"Eu amo *a* noite *solitária* e *muda*" [GD.3, I, 314].

Eu estou *quite*. Nós estamos *quites*.

OBSERVAÇÃO: Os nomes femininos como *sentinela*, *guarda*, *guia* e assemelhados, quando aplicados a pessoas do sexo masculino, mantêm o gênero feminino, e levam para este gênero os determinantes a eles referidos: *a sentinela avançada*; "Depois desta digressão que acabais de fazer pelo mundo, com tão *má guia* como eu, voltemos a ouvir de novo as vossas pedras" [Agostinho de Campos *apud* MBa.2, 212].

2) *Há mais de uma palavra determinada.*

Observar-se-ão os seguintes casos:

1.º) Se as palavras determinadas forem do mesmo gênero, a palavra determinante irá para o plural e para o gênero comum, ou poderá concordar, principalmente se vier anteposta, em gênero e número com a mais próxima:

A língua e (a) literatura *portuguesas* ou A língua e (a) literatura *portuguesa*.

"Amava no estribeiro-mor as virtudes e a lealdade nunca *desmentidas*"

[RS.1, 124].

"O tom e gesto *caricioso*, com que ela dizia isto, não moveu medianamente o esposo" [CBr.1, 158].

"*e os nossos* Basílio e Durão, bem assim o Sr. Magalhães..." [OM, 72].153

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Se as palavras determinadas se referirem a uma só pessoa ou coisa, impõe-se o singular do determinante:

seu fiel amigo e servidor

2.ª) É injusta a crítica do gramático E. Carlos Pereira [CP.1, § 427, 3, nota] aos seguintes exemplos: "... a mão esquerda, entre *cujos* índice e polegar pendia o pergaminho..." [AH.5, II, 24] e "... pelas exigências cada vez maiores destas *devoradoras* e *insaciáveis* fome e sede de leitura" [AC.1, 315].

3.ª) Precedendo um substantivo (título ou prenome), ocorre o plural: Os *irmãos* Pedro e Paulo. Os *apóstolos* Barnabé e Paulo.

4.ª) Um determinante (adjetivo) no plural pode estar aposto a um sujeito do singular que venha colocado depois, quando este sujeito é algum dos pronomes *cada um*, *cada qual*, *ninguém*, *nenhum*, referidos a pessoas ou coisas já mencionadas:

sobressaltados com esta vista, procurava *cada um* pôr-se a salvo [ED].

2.º) Se as palavras determinadas forem de gêneros diferentes, a palavra determinante irá para o plural masculino ou concordará em gênero e número com a mais próxima:

"Vinha todo coberto de negro: *negros* o elmo, a couraça e o saio"

[AH.1, 107].

"como se um grande incêndio devorasse as brenhas e os carvalhais *antigos*" [AH.1, 86].

"*Calada* a natureza, a terra e os homens" [GD.3, I, 315].

com *boa* coragem e zelo, com coragem e zelo *bom* (ou *bons*), com *bons* coragem e zelo

toda sua luta e sacrifícios.

todos seus sacrifícios e luta.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Por uma questão de agrado auditivo (eufonia), prefere-se que numa série de palavras determinadas de gêneros diferentes seguida de palavra determinante no masculino plural, venha a determinada masculina em último lugar.

2.ª) Se, neste caso, se tratar de pronome possessivo posposto, a concordância deste se fará com o último substantivo:

"Este velho desterrado por *gosto* e *eleição sua*..." [RS.1, 16].

3.ª) Quando há ideia de reciprocidade, torna-se obrigatório o emprego do plural: "Ele entrou prazenteiro... e encontrou padrinho e afilhada *empenhados* em uma discussão sobre autoridade" [LBa *apud* SS.1, § 257 obs.].

3) *Há uma só palavra determinada e mais de uma determinante.*

A palavra determinada irá para o plural ou ficará no singular, sendo, neste último caso,

facultativa a repetição do artigo. Em geral, isto ocorre com adjetivos de nacionalidade: *As literaturas* brasileira e portuguesa ou *A literatura* brasileira e portuguesa (maneira de dizer menos frequente e, com exagero de lógica gramatical, considerada errônea por muitos autores) ou *A literatura* brasileira e *a* portuguesa.

"e os *cronistas tudense e toledano* fazem a luta dos dous reis depois daquele consórcio" [AH.6, III, 86].

"Li um anúncio, convidando mestra de *línguas inglesa* e *francesa* para o colégio" [CBr.1, 128].

"O pequeno reino sucessivamente perlustrou *as costas ocidental e oriental* da África..." (C. de Laet, I, 211).

as séries quarta e quinta

a quarta e quinta série (ou *séries*)

B – Concordância de palavra para sentido

A palavra determinante pode deixar de concordar em gênero e número com a *forma* da palavra determinada para levar em consideração, apenas, o *sentido* em que esta se aplica: *o* (vinho) *champanha*, *o* (rio) *Amazonas*.

Entre os diversos casos desta concordância pelo sentido aparecem os seguintes:

1) As expressões de tratamento do tipo de V. Ex.ª, V. S.ª, etc.:

V.Ex.ª é { *atencioso* (referindo-se a homem)
atenciosa (referindo-se a mulher)

OBSERVAÇÃO: Quando se junta um adjetivo a tais formas de tratamento, tal adjetivo fica no gênero da forma de tratamento:

Sua Majestade *fidelíssima* foi contrariado pelos representantes diplomáticos.

2) A expressão *a gente* aplicada a uma ou mais pessoas com inclusão da que fala:

"Pergunta a gente a si *próprio* (refere-se a pessoa do sexo masculino) quanto levaria o solicitador ao seu cliente por ter sonhado com o seu negócio" [PC *apud* MBa.2, 413]154.

3) O termo determinado é um coletivo seguido de determinante em gênero ou número (ou ambos) diferentes:

"*Acocorada* em torno, *nus*, a negralhada *miúda*, de dois a oito anos" [HC.2, 84].

Note-se que *acocorada* e *miúda* concordam com a forma gramatical de *negralhada*, enquanto *nus* o faz levando em conta o seu sentido (= grupo de negrinhos de dois a oito anos).

4) A palavra determinada aparece no singular e mais adiante o determinante no plural em virtude de se subentender aquela no plural:

"Não compres *livro* somente pelo título: ainda que pareçam bons, são muitas vezes péssimos" [JR.1, 321].

"Mas não nos constou em que *ano* começou nem *quantos* esteve com ele" [LS *apud* JR.1]155.

C – Outros casos de concordância nominal

1) ***Um e outro, nem um nem outro*** – Com *um e outro*, põe-se no singular o determinado (substantivo), e no singular ou no plural o verbo da oração, quando estas expressões aparecem

como sujeito:

"Alceu Amoroso Lima (...) teve a boa ideia de caracterizar e diferençar o ensaio e a crônica, dizendo que *um e outro* gênero se afirmam pelo estilo".

"Parou um momento e, olhando para *um e outro lado*, endireitou a carreira..." [AH.1, 107].

"Mas *uma e outra cousa duraram* apenas rápido instante" [AH.1, 218].

Com *nem um nem outro* é de rigor o singular para o substantivo e verbo:

Nem um nem outro livro merece ser lido.

Com *um ou outro* o substantivo também fica no singular e invariavelmente no singular aparece o verbo de que a expressão serve de sujeito:

"*Um ou outro* soldado, indisciplinadamente, *revidava*, disparando à toa, a arma para os ares" [EC, 2.ª ed., 428].

Se as expressões *um e outro*, *nem um nem outro* se aplicarem a nomes de gêneros diferentes, é mais comum o emprego das formas masculinas:

"Tornou a vê-la, foi visto por ela, e acabaram namorados *um do outro*" [MA.12, 1.ª ed., 39].

"Ali teve el-rei escondido algum tempo, e lá começaram os seus amores com a rainha, que tão fatais foram para *um e outro*" [AH.2, 35].

"Repousavam bem perto *um do outro* a matéria e o espírito" [AH.1, 44].

Não raro pode aparecer a concordância com o termo referido:

"... vivia o casal venturoso de um certo Izraim persa letrado e da sua esposa Proftásia que *um e outra* cultivavam para deleite do espírito a filosofia grega" [JR.2, 15].

2) ***Mesmo, próprio, só*** – Concordam com a palavra determinada em gênero e número:

Ele *mesmo* disse a verdade. Ela *mesma* disse a verdade.

Elas *próprias* foram ao local.

Nós não estamos *sós*.

"Eles *sós* se encaminham para essa parte..." [AH.1, 153].

Em língua literária ocorre o adjetivo *só* variável onde no colóquio se prefere usar do advérbio *só*, portanto invariável:

"Com *sós* 27 anos de idade... já a palidez da morte se via lutar no seu rosto com as rosas da mocidade [AC.10].

Mesmo, além de se empregar na ideia de identidade (= em pessoa), aparece ainda como sinônimo de *próprio*, *até*:

"ao *mesmo* demônio se deve fazer justiça, quando ele a tiver" [AV *apud* ED.2, § 86, a].

Este último sentido e mais o emprego adverbial junto de *aqui*, *já*, *agora* (aqui mesmo, já mesmo, agora mesmo) facilitaram o aparecimento moderno da palavra como advérbio, modo de dizer que os puristas condenam, mas que vem ganhando a simpatia geral:

"... vaidosos de seus apelidos, mas inofensivos, e virtuosos *mesmo* por vaidade de imitarem seus avoengos" [CBr.6, 219].156

3) ***Menos* e *somenos*** – É preciso atenção para não fazer a concordância de *menos* com o substantivo seguinte:

Mais amores e *menos* confiança (e não *menas*!).

Vale a mesma observação para *somenos* (= de menor valor):

"Há neles coisas boas e coisas más ou *somenos*" [MB.2, 239].

4) ***Leso*** – É adjetivo, e não forma do verbo *lesar*, em construções de tipo: crime de lesa-pátria, crime de leso-patriotismo. Por isso há de concordar com o seu determinado em gênero e número:

"Como se a substância não fosse já um crime de *leso-gosto* e *lesa-seriedade*, ainda por cima as pernas saíam sobre as botas" [CBr.1, 83].

5) ***Anexo***, ***apenso*** e ***incluso*** – *Anexo*, *apenso* e *incluso*, como adjetivo, concordam com a palavra determinada em gênero e número:

Correm *anexos* (*inclusos, apensos*) aos processos vários documentos.

Vai *anexa* (*inclusa, apensa*) a declaração solicitada.

OBSERVAÇÃO: Usa-se invariável *em anexo*, *em apenso*: Vai *em anexo* (*em apenso*) a declaração. Vão *em anexo* (*em apenso*) as declarações.

6) ***Dado*** e ***visto*** – Usados adjetivamente, concordam em gênero e número com o substantivo determinado:

Dado (*Visto*) o problema que se nos apresentou, resolvemos desistir do contrato.

Dadas (*Vistas*) as circunstâncias, foram-se embora.

7) ***Meio*** – Com o valor de "metade", usado adjetivamente, concorda em gênero e número com o termo determinado, claro ou oculto:

"Para aquilatar a importância do tropeiro, basta lembrar que o Brasil tem cerca de oito e *meio* milhões de quilômetros quadrados de superfície..." [AAr.2, 102].

Era *meio-dia e meia* (i.é: e *meia hora*).

8) ***Pseudo*** e ***todo*** – Usados em termos compostos ficam invariáveis.

A *pseudo-sabedoria* dos tolos é bem grande.

A *fé todo-poderosa* que nos guia é nossa salvação.

9) ***Tal*** e ***qual*** – *Tal*, como todo determinante, concorda em gênero e número com o determinado:

Tal opinião é absurda.

Tais razões não me movem.

Em correlação, *tal qual* também procedem à mesma concordância:

Ele não era *tal quais* seus primos.

Os filhos são *tais qual* o pai.

Os boatos são *tais quais* as notícias.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Em lugar de *tal qual*, podem aparecer: *tal e qual*, *tal ou qual*.

2.ª) Não confundir *tal qual* flexionáveis com *tal qual*, *tal qual como* invariáveis que valem "como":

"Descerra uns sorrisos discretos, sem mostrar os dentes, *tal qual como* as inglesas de primeiro sangue" [CBr *apud* CJ.1, 32].

1 0) ***Possível*** – Com *o mais possível*, *o menos possível*, *o melhor possível*, *o pior*

possível, *quanto possível*, o adjetivo *possível* fica invariável, ainda que se afaste da palavra *mais*:

Paisagens o mais *possível* belas
Paisagens o mais belas *possível*
Paisagens quanto *possível* belas

Com o plural *os mais*, *os menos*, *os piores*, *os melhores*, o adjetivo *possível* vai ao plural:

Paisagens as mais belas *possíveis*.

Estão erradas concordâncias como:

Paisagens as mais belas ***possível.***

Fora destes giros, a concordância de *possível* se processa normalmente:

"As alturas e o abismo são as fronteiras dele: no meio estão todos os universos *possíveis*" [AH.2, 160].
Sob todos os pontos de vista *possíveis*.

11) ***A olhos vistos*** – É tradicional o emprego da expressão *a olhos vistos* no sentido de *claramente*, *visivelmente*, em referência a nomes femininos ou masculinos:

"... padecia calada e definhava *a olhos vistos*" [MA.5, 13 *apud Tradições Clássicas*, 370].

Mais rara, porém correta, é a concordância de *visto* com a pessoa ou coisa que se vê:

"As minhas forças medravam *a olhos vistas* de dia para dia"
[AC *apud* CR.1, 554].
"O barão desmedrara *a olhos visto*" [CBr *apud* PDo.2, 32].

12) ***É necessário paciência*** – Com as expressões do tipo *é necessário*, *é bom*, *é preciso*, significando 'é necessário', o adjetivo pode ficar invariável, qualquer que seja o gênero e o número do termo determinado, quando se deseja fazer uma referência de modo vago ou geral. Poder-se-á também fazer normalmente a concordância:

É *necessário* paciência.
É *necessária* muita paciência.
"O fato de ter sido *precisa* a explicação (...)" [AP.1, 424 n.º 25].
"Eram *precisos* outros três homens" [AM.1 *apud* RBa.1, 33].

É possível ainda, em tais casos, aparecer no singular o próprio verbo da oração:

"É doce ao velho
Sons d'argentina voz" [GD *apud* SS.1, 254]

Como acentua Barbadinho, a flexão de *necessária*(*s*) é mais frequente que a de *precisa.*

13) **Adjetivo composto** – Nos adjetivos compostos de dois ou mais elementos referidos a nacionalidades, a concordância em gênero e número com o determinado só ocorrerá no último adjetivo do composto:

Acordo *luso-brasileiro*
Amizade *luso-brasileira*
Lideranças *luso-brasileiras*

14) ***Alguma coisa boa*** **ou** ***alguma coisa de bom*** – Em *alguma coisa boa* o adjetivo

concorda com o termo determinado:

"Quem tivesse reparado em Fr. Vasco perceberia facilmente que na sua alma se passava também *alguma cousa extraordinária*" [AH *apud* MBa.7, 144].

Em *alguma coisa de bom*, o adjetivo não concorda com *coisa*, sendo empregado neutralmente (como *algo de novo*, *nada de extraordinário*, *nada de trágico,* etc.).

Por atração pode-se fazer a concordância do adjetivo com o termo determinado que funciona como sujeito da oração:

"Que tinha pois, Ricardina, de *sedutora*!" [CBr *apud* MBa.7, 146].

"Amor próprio do vilão; que a infâmia nada tinha de *engenhosa*" [*Id*., *ibid*.].

Se os homens não tivessem alguma coisa de *loucos* seriam incapazes de heroísmo [MM].

A vida nada tem de *trágica*.

15) ***Um pouco de luz* e *uma pouca de luz*** – Ao lado da construção normal *um pouco de luz* pode ocorrer a concordância atrativa *uma pouca de luz*, por se haverem fundido numa só expressão as duas seguintes maneiras de dizer: *pouco de luz* + *pouca luz* 157:

"e aos pés deles os fiéis que obtinham para última jazida *uma pouca de terra*..." [AH.1, 154].

16) **Concordância do pronome** – O pronome, como palavra determinante, concorda em gênero e número com a palavra determinada.

Emprega-se o pronome oblíquo *os* em referência a nomes de diferentes gêneros:

"A generosidade, o esforço e o amor ensinaste-*os* tu em toda a sua sublimidade" [AH.1, 35].

17) ***Nós* por *eu*, *vós* por *tu*** – Empregando-se *vós* em referência a uma só pessoa, põe-se no singular o adjetivo:

"Sois *injusto* comigo" [AH *apud* ED.2, §14, b].

Ao se empregar, em idênticas condições, o pronome *nós*, o adjetivo pode ficar no singular ou ir ao plural:

Antes sejamos *breve* que *prolixo*.

"Entre o desejo de alimentar a curiosidade do leitor e o receio de faltar à exação histórica, hesitávamos perplexos" [AH *apud* ED.2, §14, b].

18) **Alternância entre adjetivo e advérbio** – Há casos em que a língua permite usar ora o advérbio (invariável) ora o adjetivo (variável):

"Vamos a falar *sérios*" [CBr *apud* MBa.1, 265].

Vamos a falar *sério*.

"Os momentos custam *caros* [RS *apud* MBa.1, 265].

Os momentos custam *caro*.

A vida custa tão *cara* aos velhos quanto é *barata* para os moços [MM].

"Era esta a herança dos miseráveis, que ele sabia não escassearem na quase solitária e *meia* arruinada Carteia" [AH.1, 12].

A voz sumiu-se-lhe, *toda* trêmula [EQ.3, 647].

A distinção entre adjetivos e advérbios só se dá claramente quando a palavra determinada está no feminino ou no plural, caso em que a flexão nos leva a melhor interpretar o termo

como adjetivo. Na língua padrão atual, a tendência é para nestes casos proceder dentro da estrita regra da gramática e usar tais termos sem flexão, adverbialmente.

Entram nesta possibilidade de flexão as construções de *tanto mais*, *quanto menos*, *pouco mais*, *muito mais*, em que o primeiro elemento pode concordar ou não com o substantivo:

Com *quanto* mais *razão*, *muito* mais honra.

Com *quanta* mais *razão*, *muita* mais honra.

Poucas mais *palavras* trocamos [CBr *apud* MBa.4, 21].

Notemos, por fim, que *alerta* é rigorosamente um advérbio e, assim, não aparece flexionado:

Estamos todos *alerta*.

Há uma tendência para se usar desta palavra como adjetivo, mas a língua padrão recomenda se evite tal prática. Junto de substantivo *alerta* adquire significado e função de adjetivo:

"A moça aguardava com inteligência curta, os sentidos *alertas*" [CLi *apud* RBa.2, 14].

Em sentido contrário, aparece o engano de não se flexionar o adjetivo *quite*. Deve-se dizer:

Estou *quite*.

Estamos *quites*.

19) **Particípios que passaram a preposição e advérbios** – Alguns particípios passaram a ter emprego equivalente a preposição e advérbio (por exemplo: *exceto*, *salvo*, *mediante*, *não obstante*, *tirante*, etc.) e, como tais, normalmente devem aparecer invariáveis. Entretanto, não se perdeu de todo a consciência de seu antigo valor, e muitos escritores procedem à concordância necessária:

"Os tribunais, *salvas* exceções honrosas, reproduziam... todos os defeitos do sistema" [RS.2, IV, 67].

"A razão desta diferença é que a mulher (*salva* a hipótese do cap. CI e outras) entrega-se por amor..." [MA.1, 327].

Como bem pondera Epifânio Dias, flexionar tais termos "é expressar-se na verdade com correção gramatical, mas de modo desusado" [ED.2, §220, a].

Deste modo, a língua moderna dá preferência a dizer "*salvo* exceções", "*salvo* a hipótese".

20) **A concordância com numerais** – Quando se empregam os cardinais pelos ordinais, não ocorre a flexão:

Página *um*. Figura *vinte e um*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Na linguagem jurídica diz-se: A folhas *vinte e uma*. A folhas *quarenta e duas*.

2.ª) Embora se tenha usado o substantivo no singular precedido de numeral combinado com *um*, *uma*, a preferência atual é pô-lo no plural: *vinte e um dias*, *as mil e uma noites*, etc.

3.ª) *Milhar* é masculino e portanto não admite seus adjuntos postos no feminino a concordar com o núcleo substantivo feminino: *Os milhares de pessoas* (e não *as milhares* de pessoas).

21) **A concordância com os adjetivos designativos de nomes de cores** – Surgem as incertezas quando o nome de cor é constituído de dois adjetivos. Neste caso, a prática mais comum é deixar o primeiro invariável na forma do masculino e fazer a concordância do

segundo com o substantivo determinado, embora não deixem de aparecer exemplos em bons autores em que estejam flexionados os dois adjetivos:

olhos verde-claros, *ondas verde-azuladas*.

Concordância verbal

A – Concordância de palavra para palavra

1) Há um só sujeito:

a) Se o sujeito for simples e singular, o verbo irá para o singular, ainda que seja um coletivo:

"A vida *tem* uma só entrada: a saída *é* por cem portas" [MM].

"Povo sem lealdade não *alcança* estabilidade" [MM].

b) Se o sujeito for simples e plural, o verbo irá para o plural:

"Os bons conselhos desprezados *são* com dor comemorados" [MM].

"A virtude aromatiza e purifica o ar, os vícios o *corrompem*" [MM].

2) Há mais de um sujeito:

Se o sujeito for composto, o verbo irá, normalmente, para o plural, qualquer que seja a sua posição em relação ao verbo:

"... os ódios civis, as ambições, a ousadia dos bandos e a corrupção dos costumes *haviam* feito incríveis progressos" [AH.1, 21].

"Repeti-as, porque se me *ofereciam* vida e honras a troco de perpétua infâmia" [AH.1, 144].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Pode dar-se a concordância com o núcleo mais próximo, *principalmente se o sujeito vem depois do verbo*:

"O romeiro é livre como a ave do céu: *respeitam*-no o besteiro e o homem d'armas; dá-lhe abrigo o vilão sobre o seu colmo, o abade no seu mosteiro, o nobre no seu castelo" [AH.3, 145].

2.ª) Quando o núcleo é singular e seguido de dois ou mais adjuntos, pode ocorrer o verbo no plural, como se tratasse na realidade de sujeito composto:

"ainda quando *a autoridade paterna e materna fossem delegada*s..." [AGa.2, 25].

A concordância do verbo no singular é a mais corrente na língua padrão.

3.ª) Nas obras com mais de um autor adota-se modernamente o hábito alemão de se indicar a autoria com os nomes separados por hífen, caso em que o verbo da oração vai ao plural ou ao singular (levando-se, neste caso, apenas em conta a obra em si): Meillet-Ernout *dizem* (ou *diz*) no seu *Dictionnaire Étymologique* – que a origem é duvidosa.

4.ª) Pode ocorrer o verbo no singular ainda nos casos seguintes:

a) se a sucessão dos substantivos indicar gradação de um mesmo fato:

A censura, a autoridade, o poder público, inexorável, frio, grave, calculado, lá *estava* [AH.7, VII, 113].

b) se se tratar de substantivos sinônimos ou assim considerados:

O ódio e a guerra que declaramos aos outros nos *gasta* e *consome* a nós mesmos [MM].

c) se o segundo substantivo exprimir o resultado ou a consequência do primeiro:

A doença e a morte de Filipe II (...) *foi* como a imagem (...) [RS.2, IV, 6].

d) se os substantivos formam juntos uma noção única:

O fluxo e refluxo das ondas nos *encanta*.

5.ª) Quando o verbo se põe entre os núcleos do sujeito, como acontece às vezes em poesia e no estilo solene, a concordância pode ser feita com o núcleo mais próximo ou gramaticalmente com a totalidade do sujeito [RC.1, 251].

B – Concordância de palavra para sentido

Quando o sujeito simples é constituído de nome ou pronome que se aplica a uma coleção ou grupo, pode o verbo ir ao plural. A língua moderna impõe apenas a condição estética, uma vez que soa geralmente desagradável ao ouvido construção do tipo:

O povo trabalham ou A gente vamos.

Se houver, entretanto, distância suficiente entre o sujeito e o verbo e se quiser acentuar a ideia de plural do coletivo, não repugnam à sensibilidade do escritor exemplos como os seguintes:

> "Começou então *o povo* a alborotar-se, e pegando do desgraçado cético o *arrastaram* até o meio do rossio e ali o *assassinaram*, e *queimaram*, com incrível presteza" [AH.2, 83].
>
> "Faça como eu: lamente as misérias dos homens, e viva com eles, sem participar-lhe dos defeitos; porque, meu nobre amigo, se *a gente* vai a rejeitar as relações das famílias, justa ou injustamente abocanhadas pela maledicência, a poucos passos não *temos* quem nos receba" [CBr.1, 64].

C – Outros casos de concordância verbal

1) **Sujeito constituído por pronomes pessoais**

Se o sujeito composto é constituído por diferentes pronomes pessoais em que entra *eu* ou *nós*, o verbo irá para a 1.ª pessoa do plural:

> "*Vínhamos* da missa ela, o pai e eu" [MA.1, 309].

Se na série entra *tu* ou *vós* e nenhum pronome de 1.ª pessoa, o verbo irá normalmente para a 2.ª pessoa do plural:

> "E, assim, te repito, Carlota, que Francisco Salter voltará, será teu marido, e tereis (i.é, *tu* e *ele*) larga remuneração dos sofrimentos que oferecerdes a Deus..." [CBr.4, 79].

OBSERVAÇÃO: Ou porque avulta como ideia principal o último sujeito ou porque, na língua contemporânea, vai desaparecendo o tratamento *vós*, nestes casos, a norma consagrou o verbo na 3.ª pessoa do plural:

> "quando *tu e os outros velhacos* da tua laia lhe *estorroaram* na cara lixo e terra..." [AH.5, I, 152 *apud* SA.5, II, 69].

Para a concordância com expressões de tratamento.

2) **Sujeito ligado por série aditiva enfática**

Se o sujeito composto tem os seus núcleos ligados por série aditiva enfática (não só... mas, tanto... quanto, não só... como, etc.), o verbo concorda com o mais próximo ou vai ao plural (o que é mais comum quando o verbo vem depois do sujeito):

> "Tanto o lidador como o abade *haviam* seguido para o sítio que ele parecia buscar com toda a precaução" [AH.3, 184].

3) **Sujeito ligado por *com***

Se o sujeito no singular é seguido imediatamente de outro no singular ou no plural mediante a preposição *com*, ou locução equivalente, pode o verbo ficar no singular, ou ir ao plural *para realçar a participação simultânea na ação*:

> "El-rei, com toda a corte e toda a nobreza, *estava* fora da cidade, por causa da peste em que então Lisboa ardia" [AH.2, 84].
>
> "Estas explicações não evitaram que o desembargador, com os seus velhos amigos, *prognosticassem* o derrancamento do morgado da Agra..." [CBr.1, 108].
>
> "Nesta conjuntura, um deputado dileto da rainha, por nome Antônio José da Silva Peixoto, *coadjuvado pelo foliculário José Acúrsio das Neves, levantaram-se e prorromperam* em 'vivas'..." [CBr *apud* MBa.1, 206].

4) **Sujeito ligado por *nem... nem***

O sujeito composto ligado pela série aditiva negativa *nem... nem* leva o verbo normalmente ao plural e, às vezes, ao singular:

"É a nobre dama recém-chegada, à qual *nem* o cansaço de trabalhosa jornada, *nem* o hábito dos cômodos do mundo *puderam impedir*..." [AH.1, 136].

"... *nem* Deus, *nem* o mundo lhes *dará* a mínima recompensa" [AH.2, 16].

Constituído o sujeito pela série *nem um... nem outro*, fica o verbo no singular:

Nem um nem outro *compareceu* ao exame.

5) **Sujeito ligado por *ou***

O verbo concordará com o sujeito mais próximo se a conjunção indicar:

a) *exclusão*:

"a quem a doença *ou* a idade *impossibilitou* de ganharem o sustento..." [AH.2, 16].

Se João Fernandes (*ou* Platzhoff) os *dá* como entes sem afeições (...) [CL.1, II, 304]

b) *retificação de número gramatical*:

"Cantares é o nome que o autor *ou* autores do Cancioneiro chamado do Colégio dos Nobres *dão* a cada um dos poemetos..." [AH.3, 131].

Sei que algures existe a alma ou as almas, às quais eu me dirijo [ACt.1, 23].

c) *identidade* ou *equivalência*:

O professor ou o nosso segundo pai *merece* o respeito da pátria.

Se a ideia expressa pelo predicado puder referir-se a toda a série do sujeito composto, o verbo irá para o plural mais frequentemente, porém pode ocorrer o singular:

"A nulidade *ou* a validade do contrato... *eram* assunto de direito civil"

[AH.2, 20].

"A ignorância *ou* errada compreensão da lei não *eximem* de pena (...)" [Código Civil].

"Mas aí, como se o destino *ou* o acaso, *ou* o que quer que fosse *se lembrasse* de dar algum pastos aos meus arrombos possessórios" [MA.1, 146].

6) **Sujeito representado por expressão como *a maioria dos homens***

Se o sujeito é representado por expressões do tipo de *a maioria de*, *a maior parte de*, *grande parte de*, *parte de* e um nome no plural, o verbo irá para o singular ou plural:

"a maior parte deles *recusou* segui-lo com temor do poder da regente" [AH.2, 38].

"e a maior parte dos esquadrões *seguiram-nos*" [AH.1, 111].

7) **Sujeito representado por *cada um de* + plural**

Neste caso, o verbo fica no singular:

Cada um dos concorrentes *deve* preencher corretamente as fichas de inscrição (e não *devem* preencher!).

8) **Concordância do verbo *ser***

Como se dá com a relação sintática de qualquer verbo e o sujeito da oração, o normal é que sujeito e verbo *ser* concordem em número:

José era um aluno aplicado.

Os dias de inverno são menores que os de verão.

Todavia, em alguns casos, o verbo *ser* se acomoda à flexão do predicativo, especialmente quando se acha no plural. São os seguintes os casos em que se dá esta concordância:

a) quando um dos pronomes *isto*, *isso*, *aquilo*, *tudo*, *ninguém*, *nenhum* ou expressão de

valor coletivo do tipo de *o resto*, *o mais* é sujeito do verbo *ser*:

Tudo *eram alegrias* e *cânticos* [RS.1, 5].

A concordância normal com o sujeito ocorre, apesar de mais rara:

Tudo é alegrias.

b) quando o sujeito é constituído pelos pronomes interrogativos *quem*, *que*, *o que*:

O que são comédias? [CBr.1, 40].

Quem eram os convidados?

Não sei *quem são os vencedores*.

c) quando o verbo *ser* está empregado na acepção de "ser constituído por":

A provisão *eram alguns quilos de arroz*.

d) quando o verbo *ser* é empregado impessoalmente, isto é, sem sujeito, nas designações de horas, datas, distâncias:

São dez horas? Ainda não *o são*.

Hoje *são 15* de agosto.

Da estação à fazenda *são três léguas* a cavalo [M. Said Ali].

OBSERVAÇÃO: Precedido o predicativo plural da expressão *perto de* é ainda possível vir o verbo *ser* no singular:

Era perto de duas horas quando saiu da janela [MA.3 *apud* SS].

Eram perto de oito horas [MA.3, *apud* SS].

e) quando o verbo *ser* aparece nas expressões *é muito*, *é pouco*, *é mais de*, *é tanto* e o sujeito é representado por termo no plural que denota preço, medida ou quantidade:

Sessenta mil homens *muita gente é* para casa tão pequena [RS.1, 1873, 172].

Dez reais *é pouco*.

Nas orações ditas equativas em que com *ser* se exprime a definição ou a identidade, o verbo, posto entre dois substantivos de números diferentes, concorda em geral com aquele que estiver no plural. Às vezes, um dos termos é um pronome:

A pátria não *é* ninguém: *são* todos [RB.3, 11].

Mas:

Justiça é tudo, justiça *é as virtudes todas* [AGa.2, 45].

Às vezes em vez de *ser* aparece o verbo *parecer*:

Essa imensa papelada

- - - - - - - - - - - - - - -

Parecem indiscrições [GD.3, II, 445].158

Se o sujeito está representado por pronome pessoal, o verbo *ser* concorda com o sujeito, qualquer que seja o número do termo que funciona como predicativo:

Ela *era* as preocupações do pai.

Na expressão, que introduz narrações, do tipo de *era uma princesa*, o verbo *ser* é intransitivo, com o significado de *existir*, funcionando como sujeito o substantivo seguinte, com o qual concorda:

Era uma princesa muito formosa que vivia num castelo de cristal.

Eram quatro irmãs tatibitates e a mãe delas tinha muito desgosto com esse defeito [CC.1, 292].

Com a expressão *era uma vez uma princesa*, continua o verbo *ser* como intransitivo e o substantivo seguinte como sujeito; todavia, como diz A.G. Kury, "a atração fortíssima que exerce o numeral *uma* da locução *uma vez*", leva a que o verbo fique no singular ainda quando o sujeito seja um plural:

Disse que *era uma vez* dois (...) compadres, um rico e outro pobre [CC.1, 31].

Era uma vez três moças muito bonitas e trabalhadeiras [CC.1, 120].

A verdade é que muitos idiomas, em textos de níveis distensos, apresentam essas irregularidades que se afastam do uso normal e padrão, principalmente quando o verbo é anunciado antes do sujeito, com alguma distância, como se o falante ao começar a oração pelo verbo ainda não tivesse decidido como iria apresentar formalmente a expressão do sujeito.

A moderna expressão *é que*, de valor reforçativo de qualquer termo oracional, aparece em geral com o verbo *ser* invariável em número:

*Nós é que s*omos brasileiros / Nós somos brasileiros.

Esses livros é que não compraremos agora.

Afastado do *que* e junto do termo no plural, aparece às vezes o verbo *ser* no plural:

São de homens assim *que* depende o futuro da pátria / De homens assim *é que* depende o futuro da pátria.

Foram nesses livros *que* estavam as respostas / Nesses livros *foi que* estavam as respostas.

Nas expressões que denotam operação aritmética do tipo *um e um*, *um mais um*, *um com um*, que funcionam como sujeito do verbo *ser* (*fazer*, *somar*, etc.), o verbo vai ao plural concordando normalmente com o sujeito:

— Sempre ouvi dizer que duas semanas são quinze dias.

— Eu também tenho ouvido, confessou o Dr. Magalhães. Mas é um engano. Uma semana tem sete dias. *Sete e sete não são* catorze? E então? [GR.2, 3.ª ed., 75].

9) **A concordância com *mais de um***

Depois de *mais de um* o verbo é em geral empregado no singular, sendo raro o aparecimento de verbo no plural:

"... *mais de um* poeta *tem* derramado..." [AH.2, 155].

"*Mais de um* coração de guerreiro *batia* apressado..." [AH.2, 169].

"Sei que há *mais de um* que não se *envergonham* dela" [AH.2, 169].

10) **A concordância com *que de***

Com *que de* (= que quantidade de, quanta) seguido de substantivo sujeito no plural o verbo vai ao plural:

Que de forças *existem* no coração feminino!

11) **A concordância com *quais de vós***.

Se o sujeito for constituído de um pronome plural de sentido partitivo (*quais, quantos, algumas, nenhuns, muitos, poucos,* etc.), o verbo concorda com a expressão partitiva introduzida por *de* ou *dentre*:

"*Quais dentre vós... sois* neste mundo sós e não tendes quem na morte regue com lágrima a terra que vos cobrir? *Quais de vós sois*, como eu, desterrados no meio do gênero humano?" [AH.1, 188-9].

Pode ainda ocorrer o verbo na 3.ª pessoa de plural:

"*quantos dentre vós estudam* conscienciosamente o passado?" [JA *apud* SS.1, § 456].

12) **A concordância com os pronomes relativos**

a) Se o sujeito da oração é o pronome relativo *que*, o verbo concorda com o antecedente, desde que este não funcione como predicativo de outra oração:

"Não gastava ele as horas *que* lhe *sobejavam* do exercício do seu laborioso ministério numa obra do senhor?" [AH.1, 18].

"Ó tu, *que tens* de humano o gesto e o peito" [LC.1, III, 127].

b) Se o antecedente do sujeito *que* for um pronome demonstrativo, o verbo da oração adjetiva vai para a 3.ª pessoa:

Aquele que trabalha acredita num futuro melhor.

Aqueles que trabalham acreditam num futuro melhor.

OBSERVAÇÃO:

Entra neste princípio a oração adjetiva que se substantiva mediante *o*, *a*, *os*, *as*:

Os que prometem fazer felizes os povos *são* ordinariamente os que pretendem sê-lo à custa deles. [MM].

Quando, por silepse, se quer incluir a pessoa que fala ou a que se dirige, pode-se pôr o verbo da oração adjetiva na 1.ª ou 2.ª pessoa do plural:

Por que a verdade é que somos nós *os que fabricamos* os próprios aspectos da natureza (...) [JR.2, 191].

Porque voltastes sem vo-lo eu ordenar, *vós os que tínheis* jurado obedecer-me em tudo? [AH.1, 223].

(...) *vós a que não tendes* nenhum préstamo de minhas mãos! [AH.3, 174, ed. 1878].

c) Se o antecedente do pronome relativo funciona como predicativo, o verbo da oração adjetiva pode concordar com o sujeito de sua principal ou ir para a 3.ª pessoa (se não se quer insistir na íntima relação entre o predicativo e o sujeito):

"Sou eu o primeiro que não *sei* classificar este livro" [AH.1, 311].

Fui o primeiro que *conseguiu* sair.

"Éramos dois sócios, que *entravam* no comércio da vida com diferente capital"[MA *apud* SS.1, § 461].

d) É de rigor a concordância do verbo com o sujeito de *ser* nas expressões de tipo *sou eu que*, *és tu que*, *foste tu que*, etc. (neste caso, era prática da língua até fins do séc. XVIII usar o artigo como antecedente do relativo: *sou eu o que*, etc.):

"Não fui eu que o *assassinei*" [AH *apud* SA.5, II, 75].

"Foste *tu que* me *buscaste*" [AH *apud* SA.5, II, 75].

e) Se ocorrer o pronome *quem*, o verbo da oração subordinada vai para a 3.ª pessoa do singular, qualquer que seja o antecedente do relativo, ou concorda com este antecedente:159

"Eram as paixões, os vícios, os afetos personalizados *quem fazia* o serviço dos seus poemas" [AH *apud* SA.5, 77].

"*És tu quem me dás* rumor à quieta noite,

És tu quem me dás frescor à mansa brisa,

Quem dás fulgor ao raio, asas ao vento,

Quem na voz do trovão longe *rouquejas*" [GD *apud* SA.5, 77].

f) Em linguagem do tipo *um dos... que*, o verbo da oração adjetiva pode ficar no singular

(concordando com o seletivo *um*)160 ou no plural (concordando com o termo sujeito no plural), prática, aliás, mais frequente, se o dito verbo se aplicar não só ao relativo mas ainda ao seletivo *um*:

"Este era *um dos que* mais se *doíam* do procedimento de D. Leonor"

[AH.2, 37].

"*Um dos* nossos escritores modernos *que* mais *abusou* do talento, e que mais portentos auferiu do sistema..." [AH.2, 46].

"Demais, *um dos que* hoje *deviam* estar tristes, eras tu" [CL.1, I, 190].

O singular é de regra quando o verbo da oração só se aplica ao seletivo *um*. Assim nos dizeres "foi um dos teus filhos que jantou ontem comigo", "é uma das tragédias de Racine que se representará hoje no teatro", será incorreto o emprego do número plural; o singular impõe-se imperiosamente pelo sentido do discurso" [Cr.2, 763].

13) **A concordância com os verbos impessoais**

Nas orações sem sujeito o verbo assume a forma de 3.ª pessoa do singular:

Há vários nomes aqui.

Deve haver cinco premiados.

Não o vejo *há* três meses.

Não o vejo *faz* três meses.

OBSERVAÇÃO: Os exemplos literários que se encontram de tais verbos no plural não ganharam foros de cidade: "Houveram alguns que aluminados da graça do Espírito Santo abraçaram o culto e a fé de Cristo" [FE.1, I, 20].

"*Houveram* coisas terríveis" [CBr *apud* JC, I, 98].

14) **A concordância com *dar* (e sinônimos) aplicado a horas**

Se aparece o sujeito *relógio*, com ele concorda o verbo da oração:

O *relógio deu* duas horas.

Não havendo o sujeito *relógio*, o verbo concorda com o sujeito expresso pela expressão numérica:

No *relógio deram* duas horas.

15) **A concordância com o verbo na passiva pronominal**

A língua padrão pede que o verbo concorde com o termo que a gramática aponta como sujeito:

Alugam-se casas.

Vendem-se apartamentos.

Fazem-se chaves.

Não *se perdem cinco contos*, como se perde um lenço de tabaco. *Cinco contos levam-se* com trinta mil sentidos, *apalpam-se* a miúdo, não *se* lhes *tiram* os olhos de cima, nem as mãos, nem o pensamento, e para *se perderem* assim totalmente, numa praia, é necessário que... [MA.1, 151].

OBSERVAÇÃO: Se o verbo estiver no infinitivo com sujeito explícito, o normal é usar o infinitivo flexionado como no exemplo acima de M. de Assis:

"e para *se perderem* assim..."

Todavia, aqui e ali, bons escritores deixam escapar exemplos com o infinitivo sem flexão:

Basta ver o que este bom povo é para *se avaliar* as excelências de quem assim o educou [CBr.6, 53].

16) **A concordância na locução verbal**

Havendo locução verbal cabe ao verbo auxiliar concordar com o sujeito:

"Bem sei que me *podem vir* com duas objeções que geralmente se *costumam fazer*" [AC.11 *apud* MBa.1, 215].

Se se considera *costumar fazer* como dois verbos principais sem que haja locução verbal, o *costumar* terá como sujeito a 2.ª oração que, considerada materialmente, vale como substantivo do número singular:

"Não *se costuma punir* os erros dos súditos sobre a efígie venerável dos monarcas" [RS *apud* MBa.1, 215]

Assim se poderá dizer:

As estrelas { *parecem brilhar* (loc. verbal)
parece brilharem (= parece brilharem as estrelas)

Em *as estrelas parecem brilharem* temos a contaminação sintática das duas construções, prática que deve ser evitada como norma.

Com *poder* e *dever* seguidos de infinitivo, a prática mais generalizada é considerar a presença de uma locução verbal, isto é, fazendo-se que o *poder* e *dever* concordem com o sujeito plural:

Podem-se dizer essas coisas.

Devem-se fazer esses serviços.

Todavia aparece o singular, corretamente:

Não é como a embriaguez que se *deve celebrar os sucessos* felizes (...) (M. Maricá, 3326).

São ambas construções corretas e correntes que se distinguem por apresentar diferentemente a ênfase sobre o sujeito da oração.

Quando, porém, o sentido determinar exatamente o sujeito verdadeiro, a concordância não pode ser arbitrária. Ex.: "*Quer-se inverter as leis*, e nunca *querem-se inverter as leis*. Neste caso, é evidente que o único sujeito possível é *inverter*" [JR.1, 322].

17) **A concordância com a expressão *não* (*nunca*)... *senão***

O verbo concorda com o sujeito que se interpõe na expressão exceptiva *não… senão* (ou *mais que*):

"Ao aparecer o dia, por quanto os olhos podiam alcançar, não se *viam* senão cadáveres" [AH.2, 117].

O mesmo ocorre com *não* (*nunca*)... *mais que* (*do que*):

Não se *viam* mais do que cadáveres.

Quando a exceção recai na 1.ª ou 2.ª pessoa, tem-se de dar outro torneio à oração, como, por exemplo:

Ninguém votou contra o projeto *senão nós três* [SA.2, 215].

Não haveria outro culpado *senão tu*.

OBSERVAÇÃO: Em vez de *não… mais que* pode-se usar *mais não… que*: "O som que vos fere os ouvidos *mais não é que* um rude eco da voz íntima" [*apud* MBa.4, 181]. Deve-se evitar o emprego de *que* em lugar de *senão*, por ser imitação do francês: "Isto não é *que* uma insolência" por "Isto não é *senão* uma insolência" [FF *apud* MBa.4].

Construção vernácula é o emprego de *que* por *senão* precedido de *outro*: *outro*, *outra coisa*, etc.: "Quando deu por ele, quis expeli-lo, para que entre ele e Fortunato não houvesse *outro laço que* o da amizade; mas não pôde" [MA.2 *apud* MBa.4]. "(...) sem obter *outra coisa que* a atenção cortês o acaso numa palavra sem valor" [MA.8 *apud* MBa.4].

18) **A concordância com títulos no plural**

Geralmente se usa o verbo no plural:

"Por isso, as *Cartas Persas anunciam* o Espírito das Leis" [MBa.6, XII].

Com o verbo *ser* e predicativo no singular pode ocorrer o singular:

"as *Cartas Persas é* um livro genial..." [MBa.6, XII].

Dos seus livros didáticos *é* o mais importante as *Lições de História do Brasil* professadas no antigo Colégio de Pedro II [JR.4, 76 da 15.ª ed.].

19) **A concordância no aposto**

Quando a um sujeito composto se seguem, como apostos, expressões de valor distributivo como *cada um*, *cada qual*, o verbo, posposto a tais expressões, concorda com elas:

Pai e filho *cada um seguia* por seu caminho [ED.2, 28].

Se o verbo vem anteposto a essas expressões, dá-se normalmente a concordância no plural com o sujeito composto ou no plural: "(...) não era possível que os aventureiros *tivessem cada um* o seu cubículo [JA *apud* SS.1, §465, obs.].

Eles *saíram cada um* com sua bicicleta.

20) **A concordância com *Haja vista***

A construção mais natural e frequente da expressão *haja vista*, com o valor de *veja*, é ter invariável o verbo, qualquer que seja o número do substantivo seguinte:

Haja vista os exemplos disso em Castilho [RB.1, 572].

Pode-se construir com o verbo no singular e substantivo seguinte à expressão precedido das preposições *a* ou *de*:

Haja vista às tangas [CBr.16, 61].

Haja vista dos elos que eles representam (...) [CBr *apud* CR.1, 624].

21) **A concordância do verbo com sujeito oracional**

Fica no singular o verbo que tem por sujeito uma oração, que, tomada materialmente, vale por um substantivo do número singular e do gênero masculino:

Parece que tudo vai bem.

Cá não se *usa* as noivas andarem a namoriscar à surdina [CBr *apud* MBa.1, 2.ª ed., 207].

É bom que compreendas estas razões.

Permanece no singular o verbo que tem como sujeito duas ou mais orações coordenadas entre si:

Que Sócrates nada escreveu e que Platão expôs as doutrinas de Sócrates *é sabido* [JR.1, 318].

22) **Concordância nas expressões de porcentagem**

Nas linguagens modernas em que entram expressões numéricas de porcentagem, a tendência

é fazer concordar o verbo com o termo preposicionado que especifica a referência numérica:

Trinta por cento *do Brasil assistiu* à transmissão dos jogos da Copa.

Trinta por cento *dos brasileiros assistiram* aos jogos da Copa.

Dois por cento *da assistência detestou* o filme.

Dois por cento *dos espectadores detestaram* o filme.

6 – Regência

Ao que dissemos no capítulo sobre complementos verbais e nominais e emprego de preposição, cumpre acrescentar os seguintes principais casos:

A preposição que serve a dois termos coordenados pode vir repetida ou calada junto ao segundo (e aos mais termos), conforme haja ou não desejo de enfatizar o valor semântico da preposição:

> As alegrias *de* infância e *de* juventude / As alegrias *de* infância e juventude.
>
> Precisava da ajuda *dos* pais e *dos* parentes / Precisava da ajuda *dos* pais e parentes.
>
> (...) mas as argolas do caixão foram seguras *pelos* cinco familiares e *o* Benjamim [MA *apud* MBa.4, 250].

A omissão da preposição parece ser mais natural quando não se combina com artigo, talvez porque em português (ao contrário, por exemplo, do francês e do espanhol) a presença de ambos leva-os a combinarem-se, como supõe Mário Barreto.

1) ***Isto é para eu fazer*** – Se a preposição seguida de pronome não serve de introduzir este pronome (que funciona como sujeito), mas um infinitivo, usam-se as formas retas *eu* e *tu*, e não *mim* e *ti*:

> Isto é para *mim* (a preposição rege o pronome).
>
> Isto é para *eu* fazer (a preposição rege o infinitivo: isto é, para que *eu* faça).

2) ***Pedir para*** – O verbo *pedir* pede objeto direto de coisa e indireto de pessoa a quem se pede:

> Pedi-lhe (obj. indireto) um favor (obj. direto).

Se o objeto direto é *licença* (ou equivalente), pode-se acrescentar uma oração adverbial de fim que indique o objetivo do pedido:

> Pediu-lhe *licença para sair* (ou *para que saísse*).

Este objeto direto *licença* pode calar-se, mas o sujeito de *pedir* terá de ser entendido como o mesmo do verbo da subordinada, para ter sanção tranquila na norma exemplar:

> O Antônio pediu-lhe para sair (i. é: o Antônio é quem sairá).
>
> Pediu para ajudar a vestir sua filha, mas não o obteve [CBr *apud* MBa.3, 2.ª ed. pág. 287 n.].

A linguagem coloquial aproximou as ideias de *pedir que algo aconteça* (oração objetiva direta) e *trabalhar para que algo aconteça* (oração adverbial final), passando a usar a preposição *para* a introduzir a oração que seria objeto direto do verbo *pedir*.

> *Pediu para que Antônio saísse*

em lugar de

Pediu que Antônio saísse.

Os gramáticos ainda não aceitaram a operação mental, apesar da insistência com que penetra na linguagem das pessoas cultas. O novo modo de expressão traz também uma ambiguidade, porque se fica sem saber qual é, na realidade, o sujeito da oração subordinada. Em:

Antônio pediu a José para sair,

custa-nos a dizer de pronto se quem sai é o mesmo Antônio ou José. O gramático só considera a expressão correta se o sujeito for Antônio, mas a linguagem coloquial constrói o período como se o sujeito fosse José, pois interpreta a oração subordinada como objetiva direta: *Antônio pediu que José saísse*.

Sob a alegação de que o objeto direto oracional não pode vir introduzido por preposição (argumento, aliás, fraco) é que gramáticos repudiam tal linguagem. Pode-se ver na construção o *para* como posvérbio iniciando a oração objetiva direta para denotar o interesse ou a insistência do pedido, como *cumprir o dever* ao lado de *cumprir com o dever*.

3) ***Está na hora da onça beber água*** – A possibilidade de se pôr o sujeito de infinitivo antes ou depois desta forma verbal nos permite dizer:

Está na hora de beber a onça água (posição rara)
Está na hora de a onça beber água (posição mais frequente).

Este último meio de expressão aproxima dois vocábulos (a preposição *de* e o artigo *a*) que a tradição do idioma contrai em *da*, surgindo assim um terceiro modo de dizer:

Está na hora da onça beber água,

construção normal que não tem repugnado os ouvidos dos que melhor conhecem e escrevem a língua portuguesa. Alguns gramáticos viram aí, entretanto, um solecismo, pelo fato de *se reger de preposição um sujeito*. Na realidade, não se trata de regência preposicional do sujeito, mas do contato de dois vocábulos que, por hábito e por eufonia, costumam vir incorporados na pronúncia. A lição dos bons autores nos manda aceitar ambas as construções, *de a onça beber água* e *da onça beber água*. Que a contração é possível mostram-nos os seguintes exemplos:

"... só voltou *depois do infante* estar proclamado regedor" [AH.2, 44]; "Sabia-o, senhor, *antes do caso* suceder" [AH.4, 267]; "se, por exemplo, me concederem um monopólio do plantar couves, *apesar das couves* serem uma das espécies de legumes" [RB *apud* PP]; "*Pelo fato do verbo restituir*, numa das suas acepções, e *entregar*, em certos casos, terem..." [CR.2, 579]; "*no caso do infinitivo* trazer compl. direto" [ED.2, § 289, b].

O problema que, do ponto de vista puramente gramatical, a rigor, termina nessa dupla possibilidade de emprego; já não se mostra indiferente do ponto de vista da necessidade de proferir o sujeito enunciando-o com maior ou menor realce. Deixa-se o domínio da gramática para se entrar no domínio da estilística, da expressividade. A não combinação da preposição com o sujeito garante o valor expressivo da preposição e a ênfase posta no sujeito: *É tempo de o povo querer melhores escolas*, diferente, sob o aspecto de expressividade, de *É tempo do povo querer melhores escolas*. A simples – e contrária à dupla possibilidade que a tradição literária registra – solução gramatical de rejeitar uma forma com privilégio de outra empobrece os recursos estilísticos da língua.

Pode-se evitar a combinação pondo o infinitivo entre a preposição e o sujeito, como fez Manuel Bandeira nesta passagem: E o Prefeito recordou que uma semana *antes de ser o*

grande romancista hospitalizado (...) [MB.1, II, 601].

4) **Migrações de preposição** – Com muita frequência vê-se migrar a preposição que deveria aparecer com o relativo para junto do antecedente deste pronome:

Não sei no que pensar por
Não sei o em que pensas

Ou:

Lisboa e Porto, *das quais cidades venho agora* por
Lisboa e Porto, *cidades das quais venho agora*
[LV.1, 312].

Destas migrações resultam giros mais agradáveis ao ouvido e que nos afastam de certas durezas de estilo artificial a que nos poderia levar a construção rigorosamente gramatical, como se depreende dos seguintes trechos de Rui Barbosa:

"Assim me perdoem, também, *os a quem* tenho agravado, *os com quem* houver sido injusto, violento, intolerante..." [RB.2, 23];
"e daí, com estupenda mudança, começa a deixar ver *o a que* era destinada..." [RB.2, 36].

Estas migrações correm na língua literária apadrinhadas pelos seus melhores representantes. Alexandre Herculano e Carlos de Laet nos dão testemunho do fato:

"A barra é perigosa, como dissemos; porém a enseada fechada é ancoradouro seguro, *pelo que* (= o por que) tem sido sempre couto dos corsários de Berbéria" [AH.2, 69];
"... até o induzirem a mandá-lo sair da corte, *ao que* (= o a que) D. Pedro atalhou com retirar-se antes que lhe ordenassem" [AH.2, 91].
"Eis para *o que* (= o para que) esperas utilizar o domínio dos ares" [CL in SS.3, 180].

É interessante a posição da preposição *de* a introduzir o predicativo quando se esperava antes do relativo:

"O que precisamos é *de* braços valorosos e de peitos resolutos"
[RS.2, IV, 184].

Note-se de passagem que, em construções como a do último exemplo, é possível haver o pleonasmo da preposição, a qual aparece antes do termo a que rigorosamente se prende e antes de *de braços*:

"O *de que* me não penitencio, é *do* esmero, bem ou malsucedido, que pus em dar os cuidados que dei à forma, com que nos veio da câmara o projeto" [RB.1, *apud* MBa.4, 3.ª ed., 235 e ss.].

5) **Repetição de prefixo e preposição** – Sem atentar para a tradição do idioma e de suas raízes latinas, alguns autores (p. ex., Cândido Figueiredo) condenam a concorrência de prefixo com preposição em usos como *con*correr *com*, *de*duzir *de*, *de*pender *de*, *in*cluir *em*, *a*derir *a*, *con*cordar *com*, *co*incidir *com*, etc. Daí repudiarem, por exemplo, a construção *consentâneo com*, recomendando se diga *duas coisas consentâneas* em vez de *uma coisa consentânea com outra*. Também substituem *uma coisa coincide com outra* por *uma coisa incide na outra*. São lições que, pela concorrência de prefixo e preposição, devem ser rejeitadas [VB.1].

6) **Complementos de termos de regências diferentes** – O rigor gramatical exige que não se dê complemento comum a termos de regência de natureza diferente. Assim não podemos dizer,

consoante este preceito:

Entrei e saí de casa

em lugar de

Entrei em casa e dela saí (ou equivalente),

porque *entrar* pede a preposição *em* e *sair* a preposição *de*.

Ao gênio de nossa língua, porém, não repugnam tais fórmulas abreviadas de dizer, principalmente quando vêm dar à expressão uma agradável concisão que o giro gramaticalmente correto nem sempre conhece:

"Tenho-o visto *entrar e sair do Colégio de S. Paulo*" [AH.5, I, 154];

"... que se deduz daí *a favor* ou *contra o direito* de propriedade literária?" [AH.7, II, 60].

Estendem certos autores a proibição aos dizeres em que duas ou mais preposições de sentido diferente, e até contrário, se referem a um só termo:

Com ou sem vantagens sairei

Antes e depois da luta

Para tais autores devemos dizer: *com vantagens ou sem elas*, *antes da luta e depois dela*, ou repetindo-se o substantivo como fez M. de Assis em:

"Os gritos da vítima, *antes da luta e durante a luta*, continuavam a repercutir dentro de mim" [*apud* MBa.3, 103].

Salvo as situações de ênfase e de encarecimento semântico de cada preposição, como a que se depreende do trecho acima, a língua dá preferência às construções abreviadas que a gramática insiste em condenar, sem, contudo, obter grandes vitórias.

7) **Termos preposicionados e pronomes átonos** – Tanto se pode dizer *não fujas* ***de mim*** como *não* ***me*** *fujas*:

O corajoso major tem afrontado teu irmão (...) mas Simão teme-o e *foge-lhe* com o pretexto de desafiar primeiro quem primeiro o ofendeu [CBr *apud* MBa.4, 273, de onde se colhem os exemplos abaixo].

Assim em vez de *pôs-se diante dele* se pode dizer *pôs-se-lhe diante*; em vez de *aparecer diante dele*, *aparecer-lhe diante*.

Nunca *me* tornaria a pôr a vista *em cima*.

Pretendem cair-*nos em cima*.

Tudo *lhe* girou *em volta*.

Sentaram-se-*lhe* em frente dois guardas.

Assim também em equivalência com a preposição *em*:

Deu um beijo *em* Nelina / Deu-*lhe* um beijo

Deu um abraço *em* Dolores / Deu-*lhe* um abraço

A mesma possibilidade se dá com verbos que se constroem com *de* ou *a* (*avizinhar-se*, *aproximar-se*, *acercar-se de*, entre outras) e *com* (*ralhar*, por exemplo):

Avizinhou-se *dela* / Avizinhou-se-*lhe*

Aproximar-se *dela* (ou *a ela*) / Aproximou-se-*lhe*

Ralhar *com o filho* / Ralhar-*lhe*

Vale lembrar aqui de passagem – pois não se trata de regência –, pois estamos falando de simplificações formais, que o mesmo processo se repete com alguns prefixos:

(...) o apalpá-la nas costelas *sobre* e *subjacentes* ao coração [CBr *apud* MBa.3, 113 n.].

(...) algumas faíscas de amor profano tinham entrado *ob* e *sub-repticiamente* (*Id.*, *ibid.*)

Esperemos, e oxalá não esperemos em vão, que chegue o dia longínquo em que todos os escritores *cis* e *transatlânticos* aprendam a sua língua (...) [MBa.3, 127n.].

Também nas expressões comparativas podem-se encontrar simplificações ou braquilogias, como nos seguintes exemplos muito comuns *tanto* (*tão*) *mais que*, *tanto* (*tão*) *ou menos que* (por *tanto* ou *quanto* e *mais que*, etc.):

A gota, o reumatismo, a ciática impacientavam-no *tanto ou menos que* o desmancho das coisas políticas [CBr.6, 55].

8) **Emprego de relativos precedidos de preposição** – O pronome relativo exerce função sintática na oração a que pertence:

a) *Sujeito*: O livro *que* está em cima da mesa é meu.

b) *Objeto direto*: O livro *que* eu li encerra uma bonita história.

c) *Predicativo*: Dividimos o pão como bons amigos *que* éramos.

d) *Complemento relativo*: O livro de *que* precisamos esgotou-se.

e) *Objeto indireto*: Este é o aluno *a que* dei o livro.

f) *Adjunto adverbial*: O livro *por que* aprendeste a ler é antigo. A casa *em que* moro é espaçosa.

g) *Agente da passiva*: Este é o autor *por que* a novela foi escrita.

As três primeiras funções sintáticas dispensam preposição enquanto as quatro últimas a exigem. Deve-se evitar, em língua literária, o emprego do relativo universal.

9) **Relação de regências de alguns verbos e nomes**161:

A

Abalançar-se a
aborrecer-se com
abrigado de
absolver– de
abster-se de
abundar em
abusar de
acabar– com
acautelar-se com
aceder a
acessível a
aceito a
acercar-se de
acomodar-se a
acontecer a, com
aconselhar– a
acordar com
acreditar– em
acudir a
acusar– de

adaptar– a
adequado a
aderir– a
admirar-se de, com, por
afastar– de
afável com, para com
afixar– a
agradar a
agradável a
agradecer a
agregar-se a
ajudar– a
ajuntar– a, -se com
alertar– de, sobre, contra
alhear-se de
alheio a
alimentar– com, de
almejar– por
aludir a
amante de
ameaçar– com, de
amercear-se de
amigo de
amofinar-se com
amoroso com, para com
análogo a
anelar por
ansiar– por, (trans. direto)
ansioso de, por
antecipar-se a
antepor– a
anterior a
apaixonar-se por, de
aparentado com
apartar– de
apear-se de
apegar-se a
apelar para, de
aperceber-se de
apetrechar-se com
apiedar-se de
aplicar-se a
apoderar-se de
apoiar-se em
aportar– a
aprender–
apressar-se a, em, por, para
aproveitar-se de
apto para, a

arguir– de
arrancar– de
aproximar-se a, de
arrepender-se de
arribar a
arrimar-se a
arriscar-se a
arrostar-se com
aspirar a (= desejar);
trans. direto (= inspirar)
assemelhar-se a, com
assenhorear-se de
assentir a
assinalar– com
assistir a (= presenciar)
assistir– (= ajudar)
assustar-se com
atapetar-se de, em
atemorizar-se com
atender– a
atestar contra, por
atento a, em
ater-se a
atinar com
atingir (sem *a*!)
atrair– a
atrever-se a, em
atribuir– a
aumentar
ausentar-se de
autorizar– a
avaliar– em
avaro de
averiguar– de
avesso a
avezar (-se) a
aviar-se de
ávido de
avir-se com
avisar– de
avizinhar-se de, a
avocar– a

B

bacharel em
bandear-se para
baixar– a
bastante a, para

bastar a
batalhar com
benéfico a
bater a, em
bem (fazer) em, de
blasfemar contra
blasonar de
bom para, para com
brigar com
brindar– com

C

cair em, sobre
calcar– a
capaz de, para
capitular– com
carecer de
caritativo com, para com
caro a
casar-se com
ceder– a
cego a
chamar 162
chegar (-se) a (não *em* junto
à expressão de lugar)
cheio de
cheirar a
cheiro a, de
chorar por
cingir– de, (-se) a
circunscrever-se a
circunvizinho de
clamar por
cobiçoso de
cobrar– de
cobrir– de
coetâneo de
coevo de, a
coexistir– com
coincidir– com
coligar-se com
combater– contra, por
combinar– com
começar a, por
comedir-se com, em
cometer– a
compadecer-se de
comparar– a, com

comparecer a
compatível com
compelir– a
competir com, a
compor-se de
comprazer– a, (-se) em, com
compreensível a
comprometer-se a
comprovar– com
comum a, de
comungar com
comunicar– a
comutar– em
concentrar– em
concordar com, em
conforme a, com
concorrer a, com
condenar– a
condescender com
condoer-se de
confabular com
confederar-se com
conferenciar com
confessar– a
confiar em, a
confinar com
conformar-se com, a
conforme com, a
confrontar– com
confundir-se com
congraçar-se com
congratular-se com
consagrar a
consentir em, tr. direto
considerar como
consistir em (e não *de*!)
consolar-se com
conspirar a, contra, para
constante em
constar de
constituir-se em
contagiar-se com
contaminar-se de, com
contemporizar com
contemporâneo de
contender com, de, sobre
contentar-se com, de, em
conter-se em
contíguo a

continuar em, com
contrapor a
contrário a
contribuir para, com
convalescer de
conversar– com 163
convencer-se de
converter– em, a
convidar– a, para
convir a, com, em
convocar– a, para
cooperar com, para
coroar– de, com
corresponder a, (-se) com
corrigir-se de
cotejar– com
crer– em, a
cristalizar– em
cruel com, para com
cuidadoso com
cuidar de, em (tr. direto)
culpar de
cúmplice em
cumprir com, a 164
curar-se de
curioso de
curtir-se em

D

dar a, em, com, por
dar-se (pressa) a, em
decair de
decidir sobre
declarar-se contra
declinar– de
dedicar– a
dedignar-se de
deduzir– de
deitar-se a, em, sobre
deleitar-se com, em, de
denotar– a, em
deparar– com
depender de
dependurar – de
depressivo de
derivar– de
desafiar– para
desagradar a

desagradável a
desalojar– de
desapegar-se de
desapossar– de
desapropriar– de
desatar– de, em
desatento a
desavir-se com
descansar– de
descansar com
descartar-se de
descender de
descer de, a
desconfiar de
descontar– de
descontente com
descuidar-se de
desculpar-se de, com
descurar-se de (não *por*)
desdizer-se de
desejoso de
desembaraçar-se de
desempenhar-se de
desenganar-se de
desertar– de
desesperar– de
desfavorável a
desfazer-se de
desgostar-se de, com
designar-se de
desistir de
desleal a
desobedecer a
despedir-se de
despenhar de
despojar– de
desprender– de
desquitar-se de
declinar a, para
destituir– de
deter-se em, com
determinar-se a
dever– de 165
devoto de
diferenciar– de
diferente de
difícil de
dignar-se de, a
digno de

diligente em, para
discordar de
discrepar em
disfarçar– em
dispensar– de, a
dispor– de, -se a, para
disposto a
disputar com
dissemelhante de
dissentir de
dissuadir– de
distar de
distinguir– de
distrair-se com
distribuir– a, por com, entre
ditoso com
diverso de
divertir-se com
divorciar-se de
dizer– de
doce a
dócil a, para com
doente de
doer-se de
dotado de
dotar– com, em
doutor em
duro de
duvidar de

E

eleger– por, em, como
embaraçar-se com
embeber– de, em
embelezar-se com
embevecer-se em, com
emboscar-se em
embriagar-se de, com
embutir– em
emendar-se de
empapar– de, em, com
empenhar-se por, em, com
emular com
empregar-se com
êmulo de
encarar– com
encarregar– de
encarniçar-se com, contra

encharcar-se em
encher– de
encomendar– a
encostar– a
encontrar-se com
enfadar-se com
enfastiar-se de, com
enfatuar-se com
enfeitar-se com
enfermar– de
enfurecer-se com, contra
engalanar-se com
enganar-se com, em
engenhar-se a
engolfar-se em
enlaçar-se em
enlear-se em
enraivecer-se contra
enredar-se em
ensaiar-se em, para
ensinar– a
entender de
entendido em
entregar-se a
entreter-se com, em
entristecer-se com, de
envaidar-se com, por
envelhecer– (sem *de*!)
equiparar a, com
equivalente a
equivaler– a
eriçado de
erigir (-se) em
erudito em
escapar a, de
escapulir de
escarmentado de, com
escarnecer de
escasso de
escolher– entre
escrupulizar em
escusar-se de
esforçar-se em, por, para
esmaltar– de
esmerar-se em
espantar-se com, de
especular– com, em
esperar– de, em
espraiar-se em

esquecer-se de
esquivar– de
esquivar-se a
essencial para
estabelecer-se com
estender-se em, a, por
estéril de
estimular– a, com
estranho a
estreito de, para
estribar-se em
estropiado de
exato em
exceder–, a, em, de
excetuar de
excitar– a
excluir– de
exercitar-se em
exortar– a
expor– a
extrair– de
exigir– de, a
eximir– de
exonerar– de
extorquir– a, de

F

fácil de
falar de, em, com, a, sobre
faltar com, a
falto de
fartar– com, de
farto em
fatigar-se de, com
favorável a
favorecer– com, de
fechar (-se) a
fecundo em
feder a
felicitar– por, de
fértil de, em
fiar-se em, de
fiel a
fincar-se em
firme em
florescer em
folgar de, em
formar-se em

forrar– de, com
forte de, em
fraco de, em
franco para com, de, em
franquear– de, a
frouxo de
fugir– de, a
fundar-se em
furioso com, de
furtar– a, de

G

gabar-se de
galardoar– com
ganhar– de, a
generoso com
glorificar-se de
gordo de
gostar de
gostoso a
gozar de
graduar-se em
grande de
grato a
gravar– com
gravoso a
grosso de
guardar-se de
guarnecer com
guerra a
guindar-se a

H

hábil em
habilitar– com, para
habituar-se a
habituado a
haver-se com
herdar– de
hesitar em, sobre
horror a
hostil a
humilhar-se a

I

ida a
idêntico a

idôneo para, a
imbuir-se de, em
imediato a
impaciente com
impedir– de, a
impelir– a
impenetrável a
impetrar– de, a
implicar com 166
impor– a
importar a (impessoal),
de (país), em (quantia) 167
inconsequente com
impossibilitar– para, a
impossibilidade de
impossível de
impotente contra, para
impróprio para
imputar– a
inábil para
inabilitar– para
inacessível a
incansável em
incapaz de, para
incerto de, em
incessante em
incidir em
incitar– a
inclinar– a, para
incluir– em
incompatível com
incompreensível a
inconsequente com
inconstante em
incorporar– a, em
incorrer em
incrível a, para
inculcar– em
incumbir– de
indébito a
indeciso em
indenizar– de
independente de, em
indiferente a
indignar-se com
indigno de
indispor– contra, (-se) com
indócil a
indulgente para, para com

indultar– de
induzir– a, em
inerente a
inexorável a
infatigável em
infeccionar– em
inferior a
inferior de
infestar– de
infiel a
inflamar-se de
inflexível a
influir em, para, sobre
informar– sobre, de,
(-se) de
ingerir– em
ingrato com, para com
inibir– de
iniciar– em, a
inimigo de
inimizar-se com
injuriar com
inocente de
inquietar-se de, com
insaciável de
insensível a
inseparável de
inserir– em
insinuar– em
insípido a
insistir sobre, em
instar– por, a
instruir– de, em, sobre
inteirar-se de
intercalar entre
interceder por
interessar-se por
interesse em, por
intermédio a
internar-se em
interpolar– entre, com
interpor– entre
interrogar a
intervir em
intolerante com, para com
inundar– de, em
intrometer-se em
inútil para, a
investir contra, com

irmanar– com
isentar– de

J

jactar-se de
jubilar– em
juncar– de
juntar– a, com
justificar– de, a; (-se)

L

lamentar-se de
lançar– em (-se) sobre
lastimar-se de
leal a, com, para com
lembrar-se de
lento em
levar– em, a, por
liberal com
libertar– de
lidar com
ligar– a, com
ligeiro de
limitar-se a, com
limitado de
limpar– em, a (-se), de, em
limpo de
lisonjear-se de
litigiar com, contra
livrar– de
livre de
lograr (-se) de
longe de
longínquo de
louco de, com
lutar com, contra

M

maior de, entre
maldizer– de
maliciar– de
malquistar-se com
manco de
mancomunar-se com
manso de
manter-se com
maquinar– contra

maravilhar-se com, de
matizar– de
mau com, para,
para com
mediano de, em
mediar entre
medir (-se) com, por
meditar em, sobre
medrar– em
melhorar de
menor de
merecer de
mergulhar– em
mesclar– em
meter-se– a, em juiz
mimosear– com
ministrar– a
misericordioso com, para com
moderar-se em
mofar– de, com
molestar– com
molesto a
morador em168
moroso de, em
morrer de, por
mortificar-se com
motejar– de
mudar– de; mudar-se para
murmurar– de

N

namorar 169
namorar-se de, namorar
(tr. direto), com
natural de
necessário a
necessitar de
negligente em
negar-se a
negociar– em, com
nivelar-se a, com
nobre de, em, por
nocivo a
nutrir-se de, com

O

obedecer a

obediente a
oblíquo a
obrigar– a
obrigação de
obsequioso com
obstar– a
obstinar-se em
obviar– a
ocupar-se com, em, de
ódio a, de, contra,
para com
odioso a, para
ofender– com, por
ombrear-se a, com
oneroso a
opinar sobre, de
opor (-se) a
oposto a
oprimir– com
optar por, entre
orar por
orgulhoso com, para
com, de

P

pactuar com
padecer de
pagar– a, de, em 170
pálido de
parco em, de
parecer com, a, de
parecido a, com
paralelo a
participar– de, em, a
pasmar de
passar de, com, em
passível de
peculiar a
pegar de, em
pender– de, a
pendurar– de, a
penetrado de
pensar em
perdoar– a
perfumar– com
perguntar a, por
perito em
permutar– com, por

pernicioso a
perpendicular a
persistir em
perseverar em
persuadir– de
pertencer a, pertencer
para (= ser próprio de)
pertinaz em
pesado a
pesar de (impessoal), a
piedade de
pleitear– com, contra
pobre de
poderoso para, em
porfiar em, por
pospor– a
possível de
possuído de
posterior a
povoar– de
prático em
precaver-se contra, de
preceder– em
precisar de
proeminência sobre, de
preferir– a 171
prejudicial a
preocupar-se com
preparar-se para
preponderar sobre
prescindir de
presentear– com
preservar– de
presidir– a, em
prestes a, para
presto a, para
presumir de
prevalecer– sobre
prevenir– de, para, contra
prezar-se de
primeiro de, dentre, a, em 172
privar– de, com
proceder a, com
processar– por
pródigo de, em
professar– em
proibir– a
promover– a
pronto para, em

propender para
propício a
propínquo de
próprio para, de
proporcionado a, com
prorromper em
prosseguir– em
prestar por
protestar contra
provar– de, a
proveitoso a
prever– a, de
provocar– a, contra
próximo a, de
pugnar por, contra
purgar-se de
purificar-se de
puxar– de, por

Q

quadrar– com
qualificar– de
queixar-se a, de
querelar contra
querer– a173
quebrado
querido de, por
quebrantar-se com

R

radicar-se em
ralhar com
rebaixar– de, -se a
rebelde a
rebentar de
recair em, sobre
reclamar– contra
reclinar-se sobre
recolher-se a
recomendar– a
recompensar com
reconciliar-se com
reconvir sobre
recorrer a
recostar-se sobre, em
recrear-se com
recusar– a

redundar em
reduzir– a (não *em*)
referir-se a
refletir em, sobre
refugiar-se em
regalar-se com
regar– de
regozijar-se de, com
regular-se por
reincidir em
reintegrar– em
rejubilar com
relaxar-se em
remontar– a
remover– de
renascer a
render-se a
renegar de
rente com, a, de
renunciar a
repartir entre, com, por
representar– contra
reptar para
requerer– a
resguardar-se de, contra
residir em
resignar-se a, com
resistir a
resolver-se a
respeito a, de, por
responsável por
ressentir-se de
restabelecer-se de
resultar de
retirar-se de, a
retrair-se a
retratar-se de
retroceder– a, para
revestir– de, com
rico de, em
rígido de
rijo de
rir-se de
rivalizar– com
roçar-se com
rodear-se de, com
rogar– por
romper– com

S

saber a (ter gosto), de
sábio em
sacar– de
saciar– de, a
sacrificar– a, (-se) por
sacudir– de
safar-se de
sair de, (-se) com
salpicar– de
salvar– de
sanar de
são de
sarar– de
satisfazer– a, (-se) com
seco de
sedento de, por
seguro de, em
segregar– de, a
semelhante a
semelhar– a
sensível a
sentir-se de
separar– de
serviço em
servir– a, (-se), de, para
severo com, para com, em
sindicar de
singularizar-se por
sito em174
soberbo com, de
sobrar a
sobreviver a
sobrevir a
sobrepujar– em
sobressair em, por
sobressaltar-se com
sóbrio de, em
socorrer– (-se) de, com, a
sofrido em
solicitar– de
solícito com
solto de
sonhar com
sortir de
submeter– a
subordinar– a
sub-rogar em

subsistir com
substabelecer em
substituir– por, a
subtrair– de, (-se) a
suceder a
sujar-se com
sujeitar-se a
sujo de
sumir-se em
superior a
suplicar– a
surdo a, de
surpreender-se com
suspeitar de
suspeito a, de
suspender– de
sustentar-se de, com
suster– com
suster-se de

T

tachar– de
tapar– com
tapizar de
tardar em
tardo a, em
tauxiado de
teimar em
temer de, por
temeroso de
temível a
terçar– com
terminar em, por
terno de
timbrar em, de
tingir– de
tirar– de
tiritar de
topar com
tornar a
trabalhar de, por, para, em
traduzir– em, para, de
traficar– com, em
traidor a, de
transbordar– de
transferir– a
transfigurar-se em
transformar– em

transido de
transitar por
transplantar– de, para
transportar-se de
trasladar– a, em, de
tratar– de
travar-se de
tremer de
tresandar a
trespassado de
tributar– a
triste de, com
triunfar de
trocar– por, de

U

ufanar-se de, com
último em, de, a
ultrajar– com
ungir– com
único em
uniformizar– com
unir– a, com
untar– de, com
usar– de
útil a, para
utilizar-se de

V

vacilar em
valer-se de, valer–, a
vangloriar-se de, por
variar– de, em
vazar– em
vazio de
vedar– a
velar– por, em,
versado em
verter– de, para, em
vestir-se com, de
viciar-se com ,em
vincular– a
vingar-se de, em
visar– (= pretender) a,
visar– (= dar o visto)
visível a
vizinho a, de

voltar de, a

Z

zangar-se com
zombar de
zelar por

7 – Colocação

Sintaxe de colocação* ou *de ordem – é aquela que trata da maneira de dispor os termos dentro da oração e as orações dentro do período.

A *colocação*, dentro de um idioma, obedece a tendências variadas, quer de ordem estritamente gramatical, quer de ordem rítmica, psicológica e estilística, que se coordenam e completam. O maior responsável pela ordem favorita numa língua ou grupo de línguas parece ser a entonação oracional. Entre os casos de colocação usual ou normal em português sobressaem os seguintes:

a) a colocação do adjunto preposicionado depois do seu substantivo:
a casa *de Vera*

b) a colocação do adjunto adjetivo depois do seu substantivo:
homem *rico*

c) a colocação do adjunto não representado por adjetivo (artigo, pronome adjunto, quantificadores) antes do substantivo:
o homem bom
meu tio rico
sete pecados capitais
muitos livros raros

d) a colocação do verbo depois do sujeito, não havendo passiva com o pronome *se* ou quando não se trata de interrogação parcial com pronome não sujeito ou advérbio interrogativo:
Dudu mudou de colégio.
Mas: Aluga-se *esta casa*. Por que cometeu *ele* essa falta?

e) a colocação do complemento verbal depois do verbo:
Compramos *maçãs*.
Assistiram *ao filme*.
Bebel é *estudiosa*.

f) a colocação do objeto direto antes do indireto, quando constituídos por substantivos:
Escreveram *cartas ao sócio prejudicado*.

g) a colocação do objeto indireto antes do direto, quando constituídos por pronomes (ou o direto por substantivos):
Escreveram-*lhe cartas*.
Escreveram-*lhas*. (*lhe* + *as*)
"O português pertence ao número daquelas que se caracterizam pelo ritmo ascendente, em que se anuncia o termo

menos importante e depois, com acentuação mais forte, a informação nova e de relevância para o ouvinte" [SA.2, 270].

Isto nos leva a uma ordem considerada *direta*, *usual* ou *habitual*, que consiste em enunciar, no rosto da oração, o sujeito, depois o verbo e, em seguida, os seus complementos, como vimos antes.

A ordem que saia do esquema SVC (sujeito – verbo – complemento) se diz *inversa* ou *ocasional*.

Chama-se *anástrofe* a ordem inversa que colide com a norma geral da colocação:

De teus olhos a cor vejo eu agora

Quando a colocação chega a prejudicar a clareza da mensagem, pela disposição violenta dos termos, diz-se que há um *hipérbato*:

a grita se levanta ao céu da gente por

a grita da gente se levanta ao céu [MC.4, s.v. Ambiguidade].

Diziam os retóritos que o hipérbato era a forma de expressões da paixão. Quando a deslocação cria a ambiguidade ou mais de uma interpretação do texto, alguns autores dão à forma o nome *sínquise*.

Quase sempre essa deslocação violenta dos termos oracionais, fonte de ambiguidades, exige, para o perfeito entendimento da mensagem, nosso conhecimento sobre as coisas e de ordem cultural:

Abel matou Caim

Pela lição bíblica não se há de entender que Abel praticou a ação e Caim a sofreu, mas sim ao contrário.

Sendo a ordem direta um padrão sintático, a ordem inversa, como afastamento da norma, pode adquirir valor estilístico. E realmente se lança mão da ordem inversa para enfatizar esse ou aquele termo oracional.

Posto no rosto da oração um termo sobre o qual queremos chamar a atenção do nosso ouvinte, quebra-se a norma sintática e consegue-se o efeito estilístico desejado. Por um jogo natural de oposição, a ordem direta também pode assumir valor estilístico para traduzir situações do campo da novidade. O estilo descritivo ama a ordem direta; José de Alencar tirou dela notáveis efeitos no seguinte trecho:

"A tarde ia morrendo. O sol declinava no horizonte e deitava-se sobre as grandes florestas, que iluminava com os seus últimos raios. A luz frouxa e suave do acaso, deslizando pela verde alcatifa, enrolava-se como ondas de ouro e de púrpura sobre a folhagem das árvores. Os espinheiros silvestres desatavam as flores alvas e delicadas; e o ouricuri abria as suas palmas mais novas, para receber no seu cálice o orvalho da noite. Os animais retardados procuravam a pousada; enquanto a juriti, chamando a companheira, soltava os arrulhos doces e saudosos com que se despede o dia. Um concerto de notas graves saudava o pôr do sol, e confundia o rumo da cascata, que parecia quebrar a aspereza de sua queda, e ceder à doce influência da tarde. Era Ave-Maria" [JA.2, 37].

O ritmo ascendente predominante no português, dispondo os termos de acentuação mais fraca e menos significativos antes dos termos mais fortes, estabelece as seguintes normas válidas para as situações em que não predomine a linguagem emocional, algumas delas já enunciadas anteriormente e agora completadas:

a) os artigos, os pronomes (adjuntos), os quantificadores (com exceção dos cardinais com valor de ordinais) se antepõem:

O livro, *um* livro, *este* livro, *meu* livro, *cada* livro, *três* livros;

b) a preposição vem antes de um termo nominal ou pronominal:

de noite, *a* ele;

c) o advérbio *não* precede o verbo:

não quero;

d) o verbo auxiliar precede seu verbo principal:

hei de ver, *quero* dizer, *costuma* falar

e) o adjetivo monossilábico modificador precede o nome de maior extensão fonética:

bom dia, *má* hora, etc.

f) o adjetivo que exprime forma ou cor vem depois do substantivo, especificando seu conceito e o opondo a outros da espécie:

rua larga, *blusa verde*;

g) vem antes o adjetivo empregado não para designar o seu sentido próprio, mas para atribuir uma significação figurada:

grande homem / homem grande

"... eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor" [MA.1, 1].

h) Numa sequência de dois adjetivos e um substantivo, aqueles aparecem em geral juntos: *Bons e estimados livros* ou *Livros bons e estimados*. A quebra desta disposição, pondo o substantivo no meio, é recurso comum na poesia, mas também não ausente na prosa artística: *Bons livros e estimados*. No seguinte passo João Ribeiro afastou ainda mais os dois adjetivos:

E quando foi noite, a donzela *transida* de terror e *lagrimosa* buscou o eremita [JR.2, 97].

i) Na sequência dos pronomes sujeitos *eu* e *tu*, *eu* e *ele* ou entre *eu* + pronome de tratamento ou substantivo, em geral a série começa com *eu*:

Eu e ele saímos juntos.

Todavia a inversão é possível (apesar de já ter sido apontada como francesismo), especialmente quando, por delicadeza e educação, se quer dar precedência ao interlocutor:

Estamos no Minho, o leitor e eu [CBr.12, 1].

E assim galgamos ele e eu o rochedo [JR.2, 194].

Colocação dos termos na oração e das orações no período – A norma sintática do português registra os seguintes casos:

1.º) Põe-se de ordinário o sujeito representado por substantivo depois do verbo na passiva pronominal:

Alugam-se casas.

Outra posição pode mudar a análise da oração, desde que entre um termo a que nossa tendência anímica atribua a realização da oração. Note-se a diferença contextual entre *Abriu-*

se a porta (voz passiva) e *A porta abriu-se* (voz ativa).

A norma já não é imperiosa se o sujeito está representado por um pronome:

Aquilo nunca se vira por ali [JL.1, 74].

2.º) Nas orações reduzidas de gerúndio e particípio, o sujeito vem depois do verbo:

Terminando o discurso, dirigiu-se ao hotel.

Terminado o discurso, dirigiu-se ao hotel.

3.º) O verbo vem no início das orações que indicam existência (*ser*, *existir*, *haver*, *fazer*), tempo, peso, medida:

Era uma vez um príncipe

Existiam várias razões

Houve discussão

Faz três anos que não o vejo

São várias horas de distância

Faltam dois dias para a festa

4.º) O verbo no início das subordinadas condicionais e concessivas sem transpositor:

Tivesse-me ele dito a verdade, tudo acabaria bem.

Acabasse falando comigo, mesmo assim não lhe perdoaria.

5.º) Nas orações intercaladas de citação, o sujeito vem de ordinário depois do verbo:

Suma-se – ordenou *o policial*.

6º) Nas interrogações introduzidas por pronomes e advérbios (*quem*, *que*, *o que*, *quanto*, *qual*, *como*, *quando*, *onde*, *por que*), o verbo vem em geral antes do sujeito, desde que este não seja o pronome interrogativo:

Quem veio aqui? (*quem* sujeito)

De quem falava você quando chegamos?

Como foi ele passar nessa encrenca?

Usa-se ainda, neste caso, sujeito antes do verbo ou a palavra interrogativa no fim da oração:

De quem você falava?

Ele comprou o quê?

OBSERVAÇÃO: Na pergunta retórica costuma-se pôr o sujeito antes do verbo em construção do tipo: *O médico aconselhou esta dieta, e você seguiu?*

7.º) Nas orações exclamativas, de sentido optativo ou não, é frequente o sujeito vir depois do verbo:

Como era verde o meu vale!

Viva o rei! (construção fixa)

8.º) A oração subordinada subjetiva vem normalmente depois do verbo regente:

Consta que o trem atrasou.

Ficou patente que o progresso começara.

É aconselhável que não se retirem agora.

9.º) A oração subordinada adverbial causal iniciada por *como* vem em geral no início do enunciador de sua principal:

Como o tempo melhorou, sairemos agora.

10.º) Numa sequência de pronomes átonos, vem em primeiro lugar o que funciona como objeto indireto seguido do objeto direto:

Eu vo-lo darei

Nunca *lho* dissemos

OBSERVAÇÃO: Nas ocorrências com o pronome *se* + *me*, *te*, *lhe*, *nos*, *vos*, o *se* vem sempre em primeiro lugar:

Não *se me* afiguram boas as soluções.

Pouco *se nos* dá esse tipo de solução.

11.º) Diante de negação, o pronome átono pode vir antes ou depois do advérbio *não*:

Ele *não me* disse. Ele *me não* disse (rara entre brasileiros)

12.º) Não raro se intercala uma ou mais palavras entre o pronome átono em próclise e o verbo:

Eram grandes raids, entradas, como se então dizia" [AAr.2, 128].

13.º) Nas orações em que entra verbo intransitivo parece haver preferência da posposição do sujeito, como indica esta passagem de Garrett:

"Assim passaram *meses*, assim correu *o inverno* quase todo, e já as amendoeiras se toucavam de suas alvíssimas flores de esperança, já uma depois de outras iam renascendo *as plantas*, iam abrolhando *as árvores*; logo vieram *as aves* trinando seus amores pelos ramos... insensivelmente era chegando *o mês* de abril, estávamos em plena e bela primavera" [AGa *apud* GM.1, 365].

14.º) Por elegância e ênfase de expressão, pode-se deslocar para antes do pronome relativo o predicativo da oração adjetiva:

Daniel, *professor* que foi daquela escola, nunca se dispôs a mudar de cidade.

Colocação e clareza – Levadas em conta as construções fundamentais de que a linguagem natural e espontânea não costuma afastar-se, é certo que para a estrutura oracional temos em português bastante liberdade. Esta, porém, é maior no verso, em que ocorrem certas transformações complementares estranhas não só ao falar comum, mas ainda ao discurso limado. Alguns escritores abusaram da liberdade poética, a ponto de tornarem a linguagem obscura e quase ininteligível:

"Ama a vivenda dos contrários ao fogo undosos rios" (Castilho)

"A do rei potente mimosa filha

Dos sem conto que há passado maléficos portentos" [AC *apud* SA.2, 276].

Colocação dos pronomes pessoais átonos e do demonstrativo *o* é questão de fonética sintática – Durante muito tempo viu-se o problema apenas pelo aspecto sintático, criando-se a falsa teoria da "atração" vocabular do *não*, do *quê*, de certas conjunções e tantos outros vocábulos. Graças a notáveis pesquisadores, e principalmente a Said Ali, passou-se a considerar o assunto pelo aspecto fonético-sintático. Abriram-se com isso os horizontes,

estudou-se a questão dos vocábulos átonos e tônicos, e chegou-se à conclusão de que muitas das regras estabelecidas pelos puristas ou estavam erradas, ou se aplicavam em especial atenção ao falar lusitano. A Gramática, alicerçada na tradição literária, ainda não se dispôs a fazer concessões a algumas tendências do falar de brasileiros cultos, e não leva em conta as possibilidades estilísticas que os escritores conseguem extrair da colocação de pronomes átonos. Daremos aqui apenas aquelas normas que, sem exagero, são observadas na linguagem escrita e falada das pessoas cultas. Não se infringindo os critérios expostos, o problema é questão pessoal de escolha, atendendo-se às exigências da eufonia. É urgente afastar a ideia de que a colocação brasileira é inferior à que os portugueses observam, porque:

> "*a pronúncia brasileira diversifica da lusitana; daí resulta que a colocação pronominal em nosso falar espontâneo não coincide perfeitamente com a do falar dos portugueses*" [SA.2, 279].

O pronome átono pode assumir três posições em relação ao vocábulo tônico, donde a *ênclise*, *próclise* e *mesóclise*.

Ênclise é a posposição do pronome átono (vocábulo átono) ao vocábulo tônico a que se liga:

> Deu-*me* a notícia.

Próclise é a anteposição ao vocábulo tônico:

> Não *me* deu a notícia.

Mesóclise é a interposição ao vocábulo tônico:

> Dar-*me*-ás a notícia.

Critérios para a colocação dos pronomes pessoais átonos e do demonstrativo *o*.

A – Em relação a um só verbo

1.º) Não se inicia período por pronome átono:

> "Sentei-*me*, enquanto Virgília, calada, fazia estalar as unhas" [MA.1, 125].
>
> "Não! *vos* digo eu!" [AH *apud* FB.1, 197].
>
> "Querendo parecer originais, *nos* tornamos ridículos ou extravagantes" [MM].

Observações:

1.ª) Ainda que não vitoriosa na língua exemplar, mormente na sua modalidade escrita, este princípio é, em nosso falar espontâneo, desrespeitado, e, como diz Sousa da Silveira, em alguns exemplos literários, a próclise comunica "à expressão encantadora suavidade e beleza" [SS.1, § 523, a, obs.]. Alguns modernistas, com Mário de Andrade à frente, tentaram estender essa próclise inicial de enunciado a todos os pronomes átonos, exagerando, porque isto não ocorre com *o*, *a*, *os*, *as*: *O vi.* Depois, só Mário persistiu no uso, apesar das ponderações de Manuel Bandeira.

2.ª) Preso a critério de *oração* (e não *período*, como aqui fizemos), Rui Barbosa [RB.1] tem por errônea a colocação em: "Se a simulação for absoluta, sem que tenha havido intenção de prejudicar a terceiros, ou de violar disposições de lei, e for assim provado a requerimento de algum dos contratantes, – *se julgará o ato inexistente*". Os que adotarem o critério de *oração*, só aceitam a posição inicial do pronome átono na intercalada de citação, como ocorre no exemplo de Herculano acima transcrito.

3.ª) Em expressões cristalizadas de cunho popular aparece o pronome no início do período: "*T'esconjuro*!... *sai*, *diabo!...*" [MA.1, 97].

2.º) Não se pospõe, em geral, pronome átono a verbo flexionado em oração subordinada:

"Confesso que tudo aquilo *me* pareceu obscuro " [MA.1, 79].

"Se *a* visse, iria logo pedi-la ao pai" [MA.1, 87].

"Tu que *me* lês, Virgília amada, não reparas na diferença entre a linguagem de hoje...?" [MA.1, 91].

OBSERVAÇÃO: Quando se trata de orações subordinadas coordenadas entre si, às vezes ocorre a ênclise do pronome átono na segunda oração subordinada. Também quando na subordinada se intercalam palavras ou oração, exigindo uma pausa antes do verbo, o pronome átono pode vir enclítico: "Mas a primeira parte se trocou por intervenção do tio Cosme, que, ao ver a criança, *disse-lhe* entre outros carinhos..." [MA *apud* MBa.2, 197]. Em todos estes e outros casos que se poderiam lembrar, a ação dos gramáticos se tem dirigido para a obediência ao critério exposto, considerando esporádicos e não dignos de imitação os exemplos que dele se afastam.

3.º) Não se pospõe pronome átono a verbo modificado diretamente por advérbio (isto é, sem pausa entre os dois, indicada ou não por vírgula) ou precedido de palavra de sentido negativo:

"Não *me* parece; acho os versos perfeitos" [MA.1, 69].

Sempre *me* recebiam bem.

Ninguém *lhe* disse a verdade.

Se houver pausa, o pronome pode vir antes ou depois do verbo:

"Ele esteve alguns instantes de pé, a olhar para mim; depois estendeu-*me* a mão com um gesto comovido" [MA.1, 86].

OBSERVAÇÃO: Como já foi indicado antes, o pronome átono, não inicial, pode vir antes da palavra negativa:

(...) descia eu para Nápoles a busca de sol que *o não* havia nas terras do norte [JR.2, 187].

4.º) Não se pospõe pronome átono a verbo no futuro do presente e futuro do pretérito (condicional). Se não forem contrariados os princípios anteriores, ou se coloca o pronome átono proclítico ou mesoclítico ao verbo:

"Teodomiro *recordar-se-á* ainda de qual foi o desfecho do amor de Eurico..." [AH.1, 60].

"Os infiéis... *contentar-se-ão*, talvez, com as riquezas..." [AH.1, 146].

5.º) Não se pospõe ou intercala pronome átono a verbo flexionado em oração iniciada por palavra interrogativa ou exclamativa:

"Quantos *lhe* dá?" [MA.1, 97].

"Quem *me* explicará a razão dessa diferença?" [MA.1, 158].

Como *te* perseguem!

B – EM RELAÇÃO A UMA LOCUÇÃO VERBAL

Temos de considerar dois casos:

a) Auxiliar + { infinitivo: ***quero falar*** / ou / gerúndio: ***estou falando*** }

Se os princípios já expostos não forem contrariados, o pronome átono poderá aparecer:

1) Proclítico ao auxiliar:

Eu *lhe* quero falar.

Eu *lhe* estou falando.

2) Enclítico ao auxiliar (ligado por hífen).

Eu quero-*lhe* falar.

Eu estou-*lhe* falando

(...) e a conversação de Adrião *foi-a* lentamente acostumado à sua presença [EQ.4, 56].

3) Enclítico ao verbo principal (ligado por hífen):

Eu quero falar-*lhe*

Eu estou falando-*lhe* (mais raro)

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Com mais frequência ocorre entre brasileiros, na linguagem falada ou escrita, o pronome átono proclítico ao verbo principal, sem hífen:

Eu quero *lhe* falar

Eu estou *lhe* falando

A Gramática clássica, com certo exagero, ainda não aceitou tal maneira de colocar o pronome átono, salvo se o infinitivo está precedido de preposição: *Começou a lhe falar* ou *a falar-lhe*.

2.ª) Com o infinitivo podem-se contrariar os princípios 2.º e 3.º anteriormente formulados:

Eu não quero falar-*lhe*

Espero que não queira falar-*lhe*

3.ª) Nas construções com o verbo *haver* do tipo *há-se de + infinitivo* ou *há de se + infinitivo*, esta última é mais corrente e a primeira, mais comum em Portugal, aparece apenas como reminiscência literária:

"(...) e *hão-me* ainda a face

De encobrir ervançais, para não *ver-te*" [AO *apud* SS.1, § 524, 3, obs.].

b) Auxiliar + particípio: ***tenho falado***...

Não contrariando os princípios iniciais, o pronome átono pode vir:

1) Proclítico ao auxiliar:

Eu *lhe* tenho falado.

2) Enclítico ao auxiliar (ligado por hífen):

Eu tenho-*lhe* falado

Jamais se pospõe pronome átono a particípio. Entre brasileiros também ocorre a próclise ao particípio:

Eu tenho *lhe* falado.

Posições fixas – A tradição fixou a próclise ainda nos seguintes casos:

1) com o gerúndio precedido da preposição *em*:

"Ninguém, desde que entrou, *em* lhe chegando o turno, se conseguirá evadir à saída" [RB.2, 30].

2) nas orações exclamativas e optativas, com o verbo no subjuntivo e sujeito anteposto ao verbo:

Bons ventos *o* levem!

Deus *te* ajude!

Explicação da colocação dos pronomes átonos no Brasil – Nos princípios anteriormente comentados, vimos certas tendências brasileiras que nem sempre a Gramática agasalha como dignas de imitação, presa que está a um critério de autoridade que a linguística moderna pede seja revisto.

Sobre o assunto, em lúcido resumo, comenta o Prof. Martinz de Aguiar:

"A colocação de pronomes complementos em português não se rege pela fonética, nem é o ritmo, o mesmo binário-ternário, em ambas as modalidades, brasileira e lusitana, que impõe uma colocação aqui, outra ali, não. Ela obedece a um complexo de fatores, fonético (rítmico), lógico, psicológico (estilístico), estético, histórico, que às vezes se entreajudam e às vezes se contrapõem. Numa frase como *ele vem-me ver*, geral em Portugal, literária no Brasil, o fator lógico deslocou o pronome *me* do verbo *vem*, para adjudicá-lo ao verbo *ver*, por ser ele determinante, objeto direto, do segundo, e não do primeiro. Isto é: deixou a língua falada no Brasil de dizer *vem-me ver* (fator histórico, por ser mera continuação do esquema geral português), para dizer *vem me-ver* (escrito sem hífen), que também vigia na língua, ligando-se o pronome ao verbo que o rege (fator lógico). Esta colocação de tal maneira se estabilizou, que pouco se diz *vem ver-me* e trouxe consequências imprevistas:

1.ª) Pôde-se juntar o pronome ao particípio, procliticamente:

Aqueles *haviam se-corrompido* (escrito sem hífen aqui e nos iguais exemplos).

2.ª) Pôde-se pôr o pronome depois dos futuros (do presente e do pretérito):

Poderá se-reduzir, *poderia se-reduzir*. Deixando de ligar-se aos futuros, para unir-se ao infinitivo, deixou igualmente de interpor-se-lhe aos elementos constitutivos.

3.ª) Em frases como *vamos nos-encontrar*, deixando o pronome de pospor-se à forma verbal pura, para antepor-se à nominal, deixou igualmente de determinar a dissimilação das sílabas parafônicas, podendo-se então dizer *vamo-nos encontrar*" [MAg.1, 408-409].

Pelas mesmas razões variadíssimas é que no Brasil, na linguagem coloquial, o pronome átono pode assumir posição inicial de período.

APÊNDICE

1 – Figuras de Sintaxe

Fenômenos de sintaxe mais importantes

1) **Elipse** – Chama-se *elipse* a omissão de um termo facilmente subentendido por faltar onde normalmente aparece, ou por ter sido anteriormente enunciado ou sugerido, ou ainda por ser depreendido pela situação, ou contexto. É o que ocorre quando, diante de um quadro, uma pessoa dá sua opinião:

É belo! [MC.4, s.v.].

São barulhentos, mas eu admiro *meus alunos*.

Assim, não se há de considerar elipse a omissão do sujeito léxico já que ele está indicado na desinência verbal, o sujeito gramatical. A necessidade de explicitação do sujeito gramatical mediante um sujeito explícito é ditada pelo texto; a rigor, portanto, não se trata da "elipse" do sujeito, mas do "acréscimo" de expressão que identifique ou explicite a que se refere o sujeito gramatical indicado na desinência do verbo finito ou flexionado. Em português, salvo nos casos de ênfase ou contraste, não se explicita o sujeito gramatical mediante os pronomes sujeitos de 1.ª e 2.ª pessoas do singular e do plural:

Sairei depois do almoço (desnecessário: *Eu* sairei...)

Foste contemplado na crítica (desnecessário: *Tu* foste...)

Mas:

Eu sairei, e *tu* ficarás.

Entre as elipses que ocorrem com mais frequência estão:

a) a da preposição em algumas circunstâncias adverbiais depreendidas pelo contexto:

As visitas, *pés sujos*, entraram no salão.

O tecido custava dez reais *o metro*.

Domingo irás à festa.

Conhecem-no *uma légua* em redondo.

OBSERVAÇÃO: Também ocorre a elipse de preposição em séries coordenadas:

eu disse a seu pai que a sustentação *de sua filha e marido*... [CBr.6, 104].

"Deus não dá *para ócios ou desperdícios*" [CBr.6].

Geralmente é mais rara a elipse quando a preposição vem com artigo:

Estou farto das afrontas *dos nobres e dos plebeus* [CBr.6, 110].

Ou quando há ênfase:

(...) (duas almas) recolhidas *em si e em Deus* [CBr.6].

Também é mais comum repetir-se a preposição antes dos pronomes pessoais monossilábicos e do pronome reflexivo:

Não se lembrou *de mim e de ti*.

Nas locuções prepositivas também é comum esta praxe; entretanto, só se costuma repetir o último componente da locução:

Através da história e *da* lenda, o fato chegou até nós.

Antes de mim e *de* ti há a justiça.

b) a da preposição antes do conectivo que introduz as orações de complemento relativo e completivas nominais:

Preciso (*de*) que venhas aqui.

Estou necessitado (*de*) que venhas aqui.

OBSERVAÇÃO: Pode ocorrer a elipse não só da preposição, mas também da conjunção integrantes:

Quis defendê-la, mas Capitu não me deixou, continuou a chamar-lhe beata e carola, em voz tão alta que *tive medo fosse* ouvida dos pais [MA *apud* MBa.3, 80].

c) a da conjugação integrante, mormente como transpositor das subordinadas subjetivas e objetivas diretas:

É necessário (*que*) se faça tudo rapidamente.

Espero (*que*) sejam felizes.

OBSERVAÇÃO: Às vezes dois verbos seguidos vêm desacompanhados das respectivas conjunções integrantes:

Frequentes vezes me *disse esperava* lhe arrumarem o processo [CBr.10, I, 51].

d) a do verbo *dizer* (e semelhante) nos diálogos:

E ela: — Você está zangado comigo?

e) a do objeto direto representado por pronome átono para aludir ao substantivo anteriormente expresso:

Você recebeu *o convite*? *Recebi* sim (por Recebi-*o* sim)

Cuidas que não tem cura lançar sangue? *Tem*, meu filho, *tem* [CBr. *apud* MBa.5, 172].

Alguns autores condenaram sem razão este tipo de elipse, tipo de antífrase.

f) a da preposição *de* em construções do tipo *vestido cor de rosa* por vestido *de cor de rosa*; pode-se também omitir toda a expressão *de cor de*: *vestido rosa*.

g) note-se a construção *para* + *particípio* para exprimir a ideia de "que há de ser", "digno de ser", à semelhança do particípio futuro passivo latino:

Não é *para dito* o que ali aconteceu [MBa.5, 218].

h) a elipse de rigor da conjunção integrante *que* depois de *que* ou *do que* comparativo:

A um animal atacado de raiva é melhor que o matem do que esteja a penar (por *do que que esteja a penar*).

i) a elipse do primeiro elemento (preposição ou advérbio) que integra a chamada locução conjuntiva (*posto que*, *dado que*, etc.) na oração subordinada coordenada à anterior:

Nada houve contra ela, *se bem que* uma voz rouca se levantou no tribunal e *que* (por: *se bem que*) dois ou três presentes a acompanharam com certo entusiasmo.

OBSERVAÇÃO: Evite-se a simples lembrança da conjunção subordinada da 1.ª oração por um *que* na 2.ª subordinada, coordenada à anterior:

Quando ele me viu e *que* disse isso, acreditei na sua versão do fato.

Ou se repete o *quando* (*Quando... e quando*) ou só se usa a conjunção coordenativa (*Quando... e disse*).

2) **Pleonasmo** – É a repetição de um termo já expresso ou de uma ideia já sugerida, para fins de clareza ou ênfase:

Vi-*o a ele* (pleonasmo do objeto direto).

Ao pobre não *lhe* devo (pleonasmo do objeto indireto).

(...) o conde atirava à mísera cantora alguns soldos que ainda *lhe* reforçavam *a ela* as cordas vocais [JR.2, 188] (pleonasmo do dativo de posse).

Subir para cima.

O grande juiz entre os pleonasmos de valor expressivo e os de valor negativo (por isso considerado erro de gramática) é o *uso*, e não a *lógica*. Se não dizemos, em geral, fora de situação especial de ênfase: *Subir para cima* ou *Descer para baixo*, não nos repugnam construções com *O leite está saindo por fora* ou *Palavra de rei não volta atrás*.

Eis alguns casos comuns de pleonasmo:

a) a série possessiva *seu... dele*, *sua... dela* para fugir à ambiguidade:

Mas não esmoreceu o Sr. Conde de Laet. Ninguém melhor do que ele fez então a psicologia da maior parte dos nossos movimentos revolucionários. Não só mostrou que quase sempre a *sua* causa *deles*, "é um segredo" (...) [JF *apud* CL.1, II, 333].

b) o emprego de dois termos de significado negativo para afirmar (*não indouto* = douto; *não sem razão* = *com razão*; *nada anormal* = *muito normal*; *sem desconhecer* = *conhecendo*; *indesculpável* = *culpável*) [MBa.3, 54 e MBa.4, 64].

c) a repetição da conjunção integrante em construções do tipo:

"e disse *que*, se lhe não queríamos mais nada, *que* podíamos ir à nossa vida" [CBr.1, 45].

É frequente na variedade coloquial falada acompanhando transpositores de oração subordinada:

Quero saber *como que* você fez isso.

Ainda não marcamos *quando que* iremos nos casar.

Finalmente, há de se ter presente para não usá-lo sempre que possível o pleonasmo léxico que resulta do esquecimento do verdadeiro significado de certas expressões portuguesas ou estrangeiras: *decapitar* (por *decepar*, já que *decapitar* só pode referir-se à *cabeça*) *a cabeça*, *exultar de alegria*, *panaceia universal*, *esquecimento involuntário*, *desde ab aeterno* (*ab aeterno* é expressão latina que já indica *desde a eternidade*) , *desde ab initio*, *tornar a*

repetir, *prever de antemão*, *antídoto contra* e tantos outros. Alguns, usados pelos melhores escritores, já correm com alguma despreocupação diante da crítica mais severa, como é o caso de *suicidar-se*. Já está incorporada a repetição do prefixo e preposição de mesmo significado, como: *in*corporar *em*, *co*abitar *com*, *co*incidir *com*, *con*formar-se *com*, etc.

3) **Anacoluto** – É a quebra da estruturação lógica da oração:

> "Eu que era branca e linda, *eis*-me medonha e escura"
> [MB *apud* SS.1, § 536].

"Resulta esta anomalia em geral do fato de não poder a linguagem acompanhar o pensamento em que as ideias se sucedem rápidas e tumultuárias. É a precipitação de começar a dizer alguma cousa sem calcular que pelo rumo escolhido não se chega diretamente a concluir o pensamento. Em meio do caminho dá-se pelo descuido, faz-se pausa, e, não convindo tornar atrás, procura-se saída em outra direção" [SA.4, 38].

O anacoluto, fora de certas situações especiais, é evitado pelas pessoas que timbram em falar e escrever corretamente a língua.

Coloca-se entre as construções anacolúticas o começar o enunciado por um termo não preposicionado e depois recuperá-lo na sua função própria, como que desprezando o inicial:

> *A pessoa* que não sabe viver em sociedade, *contra ela* se põe a lei.
> A construção gramatical seria: *Contra a pessoa* que... se põe a lei.

Um anacoluto muito comum é: *Eu parece-me* que tudo vai bem.

4) **Antecipação** – É a colocação de uma expressão fora do lugar que logicamente lhe compete:

> *O tempo parece que vai piorar*

por

> *Parece que o tempo vai piorar*.

As antecipações são ditadas por ênfase e muitas vezes geram anacolutos, mas destes diferem porque não quebram a estrutura gramatical do enunciado. Assim há apenas antecipação do termo *irapuru* (que deve ficar na oração de *quando*), e não anacoluto, nos conhecidos versos de Humberto Campos:

> Dizem que o irapuru quando desata
> A voz – Orfeu do seringal tranquilo –
> O passaredo, rápido a segui-lo
> Em derredor agrupa-se na mata,

isto é: dizem que, *quando o irapuru* desata a voz (...) o passaredo (...) agrupa-se na mata.

5) **Braquilogia** – É o emprego de uma expressão mais curta equivalente a outra mais ampla ou de estruturação mais complexa:

> *Estudou como estudaria se fosse passar*

por

> *Estudou como se fosse passar*

Incluem-se nos casos de braquilogia deste tipo construções como *Entrei e saí de casa*,

derivada de *Entrei em casa e daí saí* (ou *donde saí*).

É o que também ocorre naquelas em que entram graus de comparação, como: *Eles são melhores ou tão bons como nós* por *Eles são melhores do que nós ou tão bons como nós*.

Ainda há braquilogia quando se coordenam dois verbos de complementos diferentes e se simplifica a expressão dando-se a ambos o regime do verbo mais próximo: *Eu vi e gostei do filme* (por *Eu vi o filme e gostei dele*).

6) **Haplologia sintática** – É a omissão de uma palavra por estar em contato com outra (ou final de outra palavra) foneticamente igual ou parecida:

> Iracema *antes quer que* o sangue de Caubi tinja sua mão *que* a tua [JA.4, 223]. Isto é: *antes quer que... que quer que* a tua.

7) **Contaminação sintática** – "É a fusão irregular de duas construções que, em separado, são regulares" [ED.2, § 482].

Fiz com que Pedro viesse
(fusão de *Fiz com Pedro que viesse* e *Fiz que Pedro viesse*)

Caminhar por entre mares
(fusão de *caminhar por mares* e *caminhar entre mares*)

As estrelas pareciam brilharem
(fusão de *as estrelas pareciam brilhar* com *parecia que as estrelas brilhavam*).

Fazer de conta
(fusão de *fazer conta* = *imaginar*, *supor*, com expressões em que *fazer* é seguido de *de*: *fez de tolo*, *de sonso*, etc).

Estas contaminações são frequentes e ocorrem nos bons escritores quando o verbo admite uma construção com complemento direto de pessoa e preposicionado de coisa e outra com preposicionado de pessoa e direto de coisa. É o caso, entre muitos outros, de *persuadir* (*persuadir alguém a fazer* ou *persuadir a alguém que faça*), *fazer* (*fazer que alguém* e *fazer com alguém que*), que admitem fusões do tipo:

> O fato *lhe* persuadiu *a* deixar o trabalho.
> *Fizemos com que Pedro* chegasse logo.

Também resultam de contaminações sintáticas acumulações de preposições como:

> Andar *por entre* espinhos (*andar por espinhos* + *andar entre espinhos*).

8) **Expressão expletiva ou de realce** – É a que não exerce função gramatical:

> Nós *é que* sabemos viver
> Aqui *é onde a* ilusão se acaba.
> Oh! Que saudades *que* tenho!
> Quanto *que* é a conta?

É frequente o aparecimento de um *que* expletivo depois de conjunções, advérbios e expressões adverbiais:

> Eu não sei *quando que* ele vem.
> *Enquanto que* isso acontecia, não vinha nenhum socorro.
> *Desde cedo que* esperavam por elas.

Havia *muito que* não o via.

Verdadeiramente que ficamos amedrontados.

Quase que o incidente se transforma num caso de polícia.

OBSERVAÇÃO: Quando há circunstâncias de lugar, tempo, o *que* é substituído, respectivamente por *onde* e *quando*.

No Recife *é onde* fez o primário.

Durante a chuva *é quando* ocorrem mais acidentes de trânsito.

É preciso distinguir o *é que* expletivo do *é que* que indica:

a) *é* + *que* (conj. integrante):

A verdade *é que* saíram.

b) *é* (verbo vicário) + *que* (conj. integrante):

"Que quer dizer este nome? *É que* as almas..." [MBe *apud* JO.1]. (*É que* = *quer dizer que*)

c) *é* (vicário) + *que* (conj. causal):

Por que veio? *É que* teve medo (*é que* = *veio porque*)

d) *é que* = *é o que*

Este livro *é que* lemos ontem (= *é o que* lemos ontem)

e) há um *é que* que difere dos demais pela forte pausa que separa os dois termos, dando a impressão de se tratar de um resquício de oração seguido de conj. integrante que introduz seu antigo sujeito (= *é verdade*, *é certo que*):

"Ou *é que* o digesto não vale para os que o estudaram?" [AH.5, II, 35].

Modernamente se usa muito desta linguagem em *será que*:

Ou *será que* eu estou errado!

2 – Vícios e Anomalias de Linguagem

Entre os vícios de linguagem cabe menção aos seguintes:

1) **Solecismo** – É o erro de sintaxe (que abrange a concordância, a regência, a colocação e a má estruturação dos termos da oração) que a torna incompreensível ou imprecisa, ou a inadequação de se levar para uma variedade de língua a norma de outra variedade; em geral, da norma coloquial ou popular para a norma exemplar:

Eu *lhe* abracei (por *o*)

A gente *vamos* (por *vai*)

Tu *fostes* (por *foste*)

Aluga-se casas (por *alugam-se*)

Vendas *à* prazo (por *a*)

Queremos *fazermos* tudo certo (por *queremos fazer*)

Como acertadamente frisa Mattoso Câmara, "não constituem solecismos os desvios das normas sintáticas feitas com intenção estilística, em que a afetividade predomina sobre a análise intelectiva, como na silepse, na atração, no anacoluto" [MC.4, 227].

2) **Barbarismo** – É o erro no emprego de uma palavra, em oposição ao solecismo, que o é em referência à construção ou combinação de palavra. Inclui o erro de pronúncia (ortoepia), de

prosódia, de ortografia, de flexões, de significado, de palavras inexistentes na língua, de formação irregular de palavras:

contricto	por	*contrito*
gratuíto	por	*gratuito*
rúbrica	por	*rubrica*
proesa	por	*proeza*
cidadões	por	*cidadãos*
fosteis	por	*fostes*
a telefonema	por	*o telefonema*
areonáutica	por	*aeronáutica*
intemerato (= sem temor)	por	*intimorato*

Também já se empregou o termo *barbarismo* para referir-se aos erros cometidos pelos estrangeiros ao adaptar ao seu idioma palavras e expressões de outra língua.

3) **Estrangeirismo** – É o emprego de palavras, expressões e construções alheias ao idioma que a ele chegam por empréstimos tomados de outra língua. Os estrangeirismos léxicos que entram no idioma, por um processo natural de assimilação de cultura ou de contiguidade geográfica, assumem aspecto de sentimento político-patriótico que, aos olhos dos puristas extremados, trazem o selo da subserviência e da degradação do país. Esquecem-se de que a língua, como produto social, registra, em tais estrangeirismos, os contatos de povos. Este tipo de patriotismo linguístico (Leo Spitzer lhe dava pejorativamente o nome de *patriotite*) é antigo e revela reflexos de antigas dissensões históricas. Bréal lembra que os filólogos gregos que baniam os vocábulos turcos do léxico continuavam, à sua moda, a guerra da independência [MBr.1, 226]. Entre nós, o repúdio ao francesismo ou galicismo nasceu da repulsa, aliás, justa, dos portugueses aos excessos dos soldados de Junot quando Napoleão ordenou a invasão de Portugal. O que se deve combater é o excesso de importação de línguas estrangeiras, mormente aquela desnecessária por se encontrarem no vernáculo palavras e giros equivalentes. A introdução de uma palavra estrangeira para substituir uma vernácula em geral se explica pela debilidade funcional da palavra ameaçada de substituição.

Modernamente no mundo globalizado em que vivemos, onde os contactos de nações e de cultura são propiciados por mil modos, os estrangeirismos interpenetram-se com muita facilidade e rapidez. Para nós, brasileiros, os estrangeirismos de maior frequência são os *francesismos* ou *galicismos* (de língua francesa), *anglicismos* (de língua inglesa), *espanholismos* ou *castelhanismos* (de língua espanhola), *italianismos* (de língua italiana).

De modo geral, os estrangeirismos léxicos se repartem em dois grupos: os que se assimilam de tal maneira à língua que os recebe, que só são identificados como empréstimos pelas pessoas que lhes conhecem a história (*guerra*, *detalhe*, etc. – a esses os alemães chamam *Lehnwörter*, "empréstimos"); mas há os que facilmente mostram não ser prata da

casa, e se apresentam na vestimenta estrangeira (*maillot*, *ballet*, *feedback*, *footing*, etc.) ou se mascaram de vernáculos, como *maiô*, *abajur*, *tíquete*, etc. (são os, em alemão, *Fremdwörter*, "estrangeirismos"). O termo *empréstimo* abarca estas duas noções e se aplica tanto aos estrangeirismos léxicos quanto aos sintáticos e semânticos.

Os empréstimos lexicais durante muito tempo sofreram as críticas dos puristas, mas hoje vão sendo aceitos com mais facilidade, exceto aqueles comprovadamente desnecessários e sem muita repercussão em outros idiomas de cultura do mundo.

Entretanto, os de sintaxe e os de semântica continuam merecendo o reparo dos guardiães da vernaculidade, aliás de meritória atividade quando não se mostram extremados. Por isto, relacionaremos aqui um pequeno rol desses dois tipos de empréstimos. Começaremos pelos galicismos: 175

1) Certos empregos da preposição *a* em vez de *de*:

incumbido a dizer
moinho a vento
combinação a dois
equação a duas incógnitas

2) Certos empregos da preposição *contra*:

pagar contra recibo	por	*pagar com, mediante recibo*
encostar a mesa contra a parede	por	*encostar a mesa à parede*
remete-se contra reembolso	por	*remete-se a reembolso* (ou *a cobrança*)

3) Certos empregos da preposição *de*:

envelhecer de dez anos	por	*envelhecer dez anos*
aumentar de vinte reais	por	*aumentar vinte reais*
aposento largo de três metros	por	*aposento de* (ou *com*) *três metros de largura*

4) Certo empregos da preposição *em*:

barco em madeira	por	*barco de madeira*
relógio em ouro	por	*relógio de ouro*
chão em mármore	por	*chão de mármore*
capa em azul	por	*capa azul*
tingir em azul	por	*tingir de azul*

5) Expressões como:

estar ao fato de	por	*estar ciente de*
declarar a guerra	por	*declarar guerra*

pôr o acento nesse problema	por	*enfatizar esse problema*
pessoa de alguns vinte anos	por	*pessoa dos seus vinte anos*

6) Emprego do *que* nas orações negativas de exclusão:

a mãe nada viu que seu filho	por	*a mãe só viu o filho*
o egoísta não procura que o seu bem	por	*o egoísta não procura senão o seu bem*

7) Emprego, na coordenação de orações subordinadas adverbiais, do *que* para evitar a repetição da conjunção da subordinada anterior, quando não constituída pelas chamadas locuções conjuntivas:

Quando me viu e que me falou por *Quando me viu e me falou*

Mas já é vernácula a substituição pelo simples *que* em:

Logo que me viu e que me falou...

8) Anteposição do sujeito de orações com verbo no gerúndio e particípio:

O dia amanhecendo	por	*Amanhecendo o dia*
A aula terminada	por	*Terminada a aula*

9) Não flexão dos nomes e sobrenomes pluralizados pelo artigo:

Os Almeida	por	*Os Almeidas*
Os irmãos Paiva	por	*Os irmãos Paivas*
Os Pereira de Abreu	por	*Os Pereiras de Abreu*

Quanto aos *anglicismos*, vale chamar a atenção para o fato de que o inglês vai constantemente ao grego e ao latim buscar-lhes os tesouros, mas os usa com tal liberdade, que muitas vezes deturpa o emprego ou o significado original. Daí, não basta acalmar os ânimos com a alegação de que se trata não imediata, mas mediatamente, da boa cepa clássica. Alguns nos chegaram pela porta da França.

São exemplos de *anglicismos*:

1) Léxicos:

admitir (= julgar possível, dar como provável, acreditar, crer). Quando o significado vernáculo é ‘receber’, ‘deixar entrar’, ‘concordar’.

assumir por *supor*, *acreditar*

básico (inglês, francês, etc.)

contactar por *entrar em contacto com*

diferente por *melhor* (um produto diferente)

doméstico (voo) por *nacional*

leasing

marketing

politicamente correto
praticamente por *virtualmente*, *faltando pouco* (o tanque está praticamente cheio)
relax

2) Sintáticos [MC.4, s.v.]:

a) a anteposição do adjetivo ao seu substantivo, com valor meramente descritivo, como nos nomes de hotéis e estabelecimentos comerciais: *Majestoso Hotel*.

b) o emprego de um substantivo com função de adjetivo por vir anteposto: *Rio Hotel*.

c) o emprego da preposição *com* isolada do nome que deveria reger ou da preposição *contra* no fim da oração: *capa com e sem forro*; *eu sou pelo povo e tu és contra*.

São exemplos de *castelhanismos* (léxicos):
aficionado
bolero: jaqueta
charla
contestar (= responder, replicar). É vernáculo no significado de *refutar*, *negar direitos*.
ensimesmar-se
entretenimento
frente a (= ante)
muchacho (= garoto, rapazinho)
piso (= andar, pavimento)
quefazer (es) (= ocupações)
recuerdo (= lembrança)
redatar (= redigir)
resultar (tornar-se, ficar). É vernáculo *provir*, *proceder*
suelto (= artiguinho, nota crítica de jornal)

São exemplos de *italianismos* léxicos (muito frequentes em termos de arte, música)
adágio (= andamento musical vagaroso)
allegro (= movimento alegre)
andante (= andamento moderado)
aquarela
bambino
belvedere
bel-canto
cicerone
condottiere
confete (confetti, plural)

corso (= cortejo, desfile)
diletante
dueto
furbesco (= velhaco)
imbroglio (= confusão, enredo, atrapalhada)
influenza (= doença catarral, *gripe*, fr.)
intermezzo (entreato)
libreto
Madonna (= Nossa Senhora)
maestro (= regente de orquestra)
nitrido (= relincho)
nitrir (= relinchar)
piano (= com suavidade)
primadona (= cantora principal de ópera)
raconto (= conto, história)
sonata
soprano
espaguete
estúdio (= galeria de arte, sala de trabalho)
tarantela
terracota
trombone
vendeta (= vingança)
virtuose (= músico de talento)

Anomalias de Linguagem

Idiotismo ou expressão idiomática é toda a maneira de dizer que, não podendo ser analisada ou estando em choque com os princípios gerais da Gramática, é aceita no falar culto.

São idiotismos de nossa língua a expressão *é que*, o *infinitivo flexionado*, a preposição em *o bom do pároco*, etc.

Sobre o conceito de idiotismo nunca é demais relembrar a lição de Said Ali: "Não devemos definir o idiotismo, segundo alguns gramáticos, como construção particular de *uma* língua, estranha, portanto, às outras línguas, porque ninguém conhece todos os outros idiomas em todos os seus segredos e modos especiais de falar" [SA.2, 310].

Assim, o infinitivo flexionado é um idiotismo não porque só exista em português (na realidade outras línguas o conhecem, como alguns dialetos do sul da Itália, e outras o conhecem com aplicação diferente da que tem em português, como em húngaro), mas porque a

sua flexão contraria o conceito de forma infinita (i.é, não flexionada).

16 E. Coseriu [ECs.7, 136 - 138; ECs.15, 20 - 21].

17 E. Coseriu [ECs.12, 104; ECs.1, 265].

18 E. Coseriu [ECs.15, 21-22].

19 E. Coseriu [ECs.7, 59].

20 E. Coseriu [ECs.15, 20].

21 E. Coseriu [ECs.7, 60 n. 13].

22 Mattoso [MC.4, s.v.].

23 "Quanto a este ponto, a afirmação generalizada de que o substantivo tem flexão de gênero, aparentemente justificada pela existência de pares masculinos/femininos, tais como *irmão/irmã, noivo/noiva, gato/gata*, que significam, respectivamente, o macho e a fêmea de uma dada espécie de ser animado (sexuado). Com efeito, é propriedade essencial da flexão o fato de que por esse processo mórfico variem as significações gramaticais de 2.º grau (isto é, de gênero, número, tempo-aspecto, modo, pessoa, etc.) somadas, alternadamente, ao tema por meio dos morfemas próprios, sem que se altere a significação inerente da palavra semântica, que permanece a mesma em cada um dos membros do paradigma flexional. É isso que se dá com a variação de número *casa/casas* e, no adjetivo (pronome, etc.) com a de gênero: na variação *alto/alta* não se altera a significação inerente do adjetivo, presente no seu tema *alt-*. Ora, o que se passa com *lobo/loba* é precisamente o contrário, porque o termo masculino e o termo feminino manifestam significações inerentes diversas, a saber, respectivamente, a de espécie macho e a de espécie fêmea do gênero (lógico) *lupus* (significado este também pelo masculino, na sua qualidade de termo não marcado da oposição). Quer dizer que se trata aqui, não de flexão, mas antes de derivação, como a que se observa em *barco/barca*, *saco/saca*, etc." [HCv.2, 745-746].

24 "Por morfofonêmica, a sibilante da desinência é surda diante de pausa ou de consoante surda (ex.: *livros pretos /* livrus petrus) e sonora diante de vogal ou consoante sonora, sendo que diante de vogal passa a funcionar como pré-vocálica dessa vogal (ex.: *livros brancos* / livruz brankus / *livros alvos* / livruz álvus/)" [MC.4, 179].

25 *Mel* e *fel* fazem *meles* ou *méis, feles* ou *féis*, respectivamente, sendo as segundas formas mais frequentes por conformes no processo regular.

26 Mattoso assinala que, tendo em vista a pronúncia distensa da pronúncia brasileira do *-l* como | w |, passam a ser outras as regras morfofonêmicas: no caso de *carnaval*, por exemplo, temos a alternância | w | - | y |: | carnavau | - | carnavays |, e em *funil* temos a supressão do | w |: | funiu | - | funis |

27 Obs.: Continuamos a relacionar o singular como a forma básica em relação ao plural, nestes casos. A gramática histórica, entretanto, nos dá outra versão do fato linguístico.

28 Uma Lei federal (2.749 de 2 de abril de 1956) pretendeu disciplinar os gêneros dos nomes designativos das funções públicas no âmbito federal, que dispõe: "O gênero gramatical desse nome, em seu natural acolhimento ao sexo do funcionário a quem se refira, tem que obedecer aos tradicionais preceitos pertinentes ao assunto e consagrados na lexicologia do idioma. Devem, portanto, acompanhá-lo neste particular, se forem genericamente variáveis, assumindo, conforme o caso, feição masculina ou feminina, quaisquer adjetivos ou expressões pronominais sintaticamente relacionadas com o dito nome".

29 Mattoso prefere ver aqui um exemplo de morfema subtrativo, dizendo que ocorre a supressão da vogal temática sem adjunção de desinência: *irmão* → *irmã*(*o*) → *irmã*. Dada a raridade de ocorrência de morfema subtrativo em português, e, pelo contrário, a frequência da regra morfofonêmica de crase, optamos pela lição acima.

30 Embora esta seja a norma exemplar, o idioma não está fechado a feminizações expressivas, especialmente em nível coloquial e popular, com reflexos em estilizações literárias: *a carrasca*, *a verduga*, *a pássara*, etc. cf. [MBa5, 328-329].

31 Evite-se cuidadosamente o erro *diminuitivo* (com i).

32 Rio-Torto, *Sistêmica*, 203 – 227, onde tece importantes comentários contra a antiga concepção afixocêntrica da produção lexical.

33 [MBa.3, 282], preso ao critério diacrônico, vê no emprego dessas formas um neutro.

34 " O epíteto *benéfico*, assim como os antecedentes são *propríssimos* do sujeito Estrela" [DG.1, 362].

"A falsa notícia do falecimento de Gonçalves Dias teve a boa consequência de mover o Governo a aliviar-lhe a situação material, que era precaríssima" [MB.1, 778].

35 É válido o comentário de Coseriu: "(...) o artigo de per si não individua. Nos casos em que isto parece ocorrer (p. ex. "Leram *o livro*? Estou vendo *o* mapa"), a individuação está dada, na realidade, pelos contornos verbais e extraverbais" [ECs.1, 300 n.36].

36 Tem-se desprezado, nestes casos, a influência do inglês em nosso idioma.

37 “A definição da segunda pessoa como sendo a pessoa à qual a primeira se dirige convém sem dúvida ao seu emprego mais ordinário. Ordinário, porém, não quer dizer único e constante. Pode utilizar-se a segunda pessoa fora da alocução e fazê-la entrar numa variedade de “impessoal”. Por exemplo, *vous* funciona em francês como anafórico de “*on*” (ex: *on* ne peut *se* promener sans que quelqu’un *vous* aborde, port. “não *se* pode passear sem que alguém aborde *você*”) [EBv.1, 254]. Este fato, como a tradução revela, ocorre também em português, tanto na língua escrita como na falada. É um *você* ou *tu* que se referem ao próprio falante, mesmo que o ouvinte esteja presente:

“Daniel, a situação comigo está difícil. Chega um momento que *você* (= “eu”, “a gente”, impessoalizador) não sabe o que fazer”. “*Você* já vinha conhecendo que o tempo passava danadamente rápido por causa de uns indícios sutis. Por exemplo: quando um desconhecido fala a seu respeito não diz mais “aquela moça”, e sim “aquela senhora” (...) Sem falar nos que morreram, porque morrem muitos à medida que *a gente* fica mais velha” [RQ.1, 108].

Não levando em conta o jogo psicológico envolvido na situação, o giro tem sido injustamente condenado por alguns gramáticos que não atentam para o respaldo da língua escrita nem o testemunho de outras línguas. No português, nesta aplicação se usa de *você* ou *tu* (ou expressões substantivas como *a pessoa*, *o indivíduo*, *o cristão*, etc.).

38 Desde K. Brugmann (1904) foram estabelecidos quatro tipos de dêixis em relação à posição do falante: “*este*-dêixis”, “*eu*-dêixis”, “*tu*-dêixis” e “*aquele*-dêixis”. K. Buhler acrescenta uma dêixis especial: “dêixis em fantasma”, que se produz “quando um narrador transporta o ouvinte ao reino do ausente recordável ou ao reino da fantasia construtiva e lhe põe à disposição ali de todos os mesmos indicadores para que veja e ouça o que há ali para ver e ouvir (e tocar, se o desejar), e, quem sabe, cheirar e degustar” [*apud* LCr.1, s.v.]. Para o linguista são válidas as considerações de Herculano de Carvalho: “É evidente que esta espécie de mostração [em fantasma] assume real interesse para o psicólogo (que era Buhler) e para o estudioso da criação poética, mas não para o linguista, para quem ela se identifica com a mostração “ad oculos”, embora (...) ela possa estar implicada na anafórica” [HCv.3, 662].

39 [ECs.1, 301 n. 37]. Já o nosso João Ribeiro [JR.1, 88] lembrara a lição de A. Darmesteter, que considerava os pronomes, pelo seu ofício de indicar a posição da pessoa ou coisa no discurso, “gestos falados”.

40 “O simples fato de que palavras diferentes sejam muito geralmente empregadas para “eu” e “nós” (e também para “tu” e “vós”) é suficiente para excetuar os pronomes dos processos ordinários de pluralização (...). Na grande maioria das línguas, o plural pronominal não coincide com o plural nominal, pelo menos tal como se representa ordinariamente. Está claro, de fato, que a unidade e a subjetividade inerente a “eu” contradizem a possibilidade de uma pluralização. Se não pode haver vários “eus” concebidos pelo próprio “eu” que fala, é porque “nós” não é uma multiplicação de objetos idênticos, mas uma *junção* entre o “eu” e o “não eu”, seja qual for o conteúdo desse “não eu”. Essa junção forma uma totalidade nova e de um tipo totalmente particular, no qual os componentes não se equivalem: em “nós” é sempre “eu” que predomina, uma vez que só há “nós” a partir de “eu” e esse “eu” sujeita o elemento “não eu” pela sua qualidade transcendente. A presença do “eu” é constitutiva de “nós” [EBv.I, 256].

O plural de “eu” como “mera palavra” ou como substantivo para significar ‘a personalidade de quem fala’ tem normalmente o plural “eus”:

“Não poderiam mostrar, num dado instante e numa atmosfera única, todos os *eus* sucessivos que guardam dentro de si (...) [RCo.1, 164].

41 Para a discussão de considerar “o senhor”, “a senhora”, etc. formas substantivas de tratamento ou pronome de tratamento, vejam-se os estudos de HM, *Anrede*; LCi, *Formas*; EW, *Pronomes*. No fundo, trata-se de um falso problema, pela natureza categoremática do pronome.

42 Tradicionalmente a série *isto*, *isso*, *aquilo* e *o* (invariável) é dada como remanescente do neutro latino. Já o nosso primeiro gramático Fernão de Oliveira (1536) tinha desvinculado tais pronomes do neutro latino. Epifânio Dias considera-os como masculinos (*isto*, *isso*, *aquilo*), e o erudito artigo de Herculano de Carvalho sobre o gênero nos pronomes [HCv.4, 30-48] mostra que só lhes cabe o gênero masculino. É assim que os trataremos aqui, inclusive ao *o* invariável em gênero e número.

43 *Que é lá?*, aplicado a indagar sobre pessoas, talvez seja o resultado de desnasalação do *quem* por fonética sintática: “E começava a despir-se, quando ouviu passos no negro corredor, passos muito lentos, muito pesados, que se adiantavam (...) Assustado, gritou “*Que é lá*?” [EQ.3, 663].

44 Coseriu [ECs.4, 211-212].

45 No excelente livro de Barbadinho, há boa messe de exemplos. O fato sintático está a exigir investigação, pois parece ter raízes mais longínquas na família românica. A bibliografia aí já é extensa: [FDz.1, III, 56]; [MLk.1, III, § 67]; [WZ.1, § 709]; [FH.1, § 512], e o livro de G. Brandt sobre a concorrência de *soi* e *lui*, *eux*, *elle*(*s*) em francês.

46 Deve-se evitar o emprego do pronome pessoal pelo possessivo quando na oração já estiver um objeto indireto ou complemento relativo. Assim, Carneiro Ribeiro não aceitou, com razão, a emenda proposta por Rui Barbosa à redação de um artigo do Código Civil. Este rezava: “*A fortuna do pai passa* ***a seu filho***, emendada para: “A fortuna do pai passa-lhe ao filho”. Para Carneiro Ribeiro a emenda torna “o pensamento menos preciso e a frase forçada e desenxabida” [CR.2, 586].

47 Diz-se que o possessivo tem *sentido objetivo* quando designa o ser que é alvo de uma ação ou sentimento qualquer. Fora deste caso, tem *sentido subjetivo*. É muitas vezes difícil distinguirmos os dois casos.

48 Sabemos que o termo *dêictico*, se viesse no caudal das palavras hereditárias, não representaria a boa forma portuguesa de adaptação do vocabulário grego, conforme mostrou o Prof. Cândido Jucá (filho) [CJ.1, 35 e ss.]. Adotamo-lo por ser empréstimo científico disseminado, introduzido na língua técnica da gramática portuguesa por M. Said Ali.

49 A respeito do *ipse* latino faz Blatt um comentário que se pode aplicar ao nosso *mesmo*: "Pour des raisons historiques, on a l'habitude de ranger ipse... parmi les pronoms démonstratifs, bien que, si l'on tient au sens, on puisse plus légitimement le qualifier d'intensif" [FBl.1, § 186].

50 "*Algo* é obsolescente, usado praticamente só no estilo refletido, e mesmo aí não com muita frequência. O que é realmente de lamentar, visto o seu substituto *alguma coisa*, apesar do elevado grau de abstração aí alcançado pelo substantivo *coisa*, não ser facilmente separável da significação de "algo" concreto e até material" [HCv.3, 656 n. 93].

51 [SA.1, 105; SA.2, 266 – cf. Pág. 333, a]

52 É por causa de construções semelhantes que Epifânio Dias [ED.2, § 104, b] diz que a posposição de *todo* pode dar ocasião a ambiguidades, como neste exemplo em que a intenção do escritor foi usar *todo* como advérbio, e não como pronome. Poder-se-ia, é claro, não fazer a flexão, evitando a ambiguidade.

53 A tradição tem evitado o emprego de *sem quem*, substituindo-o por *sem o qual*, *sem a qual*, *sem os quais*, *sem as quais*, para evitar o eco.

54 As formas *duzentos*, *trezentos*, *quinhentos* e *seiscentos* representam diretamente numerais latinos.

55 "O quadro dos numerais ordinais é muito complexo e apresenta compostos e locuções rebarbativas, para cuja utilização o saber e a habilidade do homem do povo depressa se esgotam; daí se usarem como ordinais os próprios cardinais (...) Tal emprego dos cardinais se justifica logicamente, de um ponto de vista novo, segundo o qual o número passa a ser como que uma qualidade intrínseca daquela hora, daquela página, etc., desprendidas em nosso espírito, das horas, das páginas anteriores e assim por diante" [MC.4, 178].

56 Assim sendo, não se pode falar em voz passiva diante de linguagens do tipo *osso duro de roer*. Houve aqui, se interpretarmos *roer = de ser roído*, apenas passividade, com verbo na voz ativa. Sobre o sentido ativo ou passivo de infinitivo, veja o link.

57 Moderna e normalmente o verbo parir está incluído neste grupo: Pres. *parimos* e *paris*. Mas também, apesar de, por tabu linguístico, ser desusado na linguagem de sociedade, pode ser conjugado integralmente, com irregularidade apenas na 1.ª pess. do ind. e em todo o pres. do subj.: *pairo*, *pares*, *pare*, *parimos*, *paris*, *parem.* Pres. subj.: *paira*, *pairas*, *paira*, *pairamos*, *pairais*, *pairam.*

58 Pomos entre parênteses a variante do morfema ou alomorfe (cf. **Variantes dos elementos mórficos**).

59 Aceitamos as ponderações de Mattoso: "SMT é *-ia*, opondo-se a *-a*, do subjuntivo presente: *temia*, *partia*: *tema, parta*. Seria uma análise falsa considerar *-i* a vogal do tema e SMT a vogal *-a*, porque os dois tempos passariam a se distinguir não pelo seu SMT, mas pela presença ou ausência da vogal do tema" [MC.8, 148 n.27]. A solução com *-a* não seria de todo falsa, porque a vogal temática poderia acumular a função modo-temporal, mas a análise apresentada é mais coerente com a descrição e o papel normal da vogal temática.

60 No Brasil só por imitação literária aparece este verbo. Dele nos diz Manuel Bandeira: "Esse lusitanismo está sendo introduzido por certos revisores à revelia dos autores; já me enxertaram a antipática palavra numa tradução minha, mas eu juro que não a escrevi, nem jamais a escreverei: escreverei sempre "mobiliada" [MB.1, 441].

61 Sobre o emprego dos auxiliares *ter* e *haver* na conjugação composta veja-se **Conjugação de verbos auxiliares mais comuns**, 2.

62 Acompanhado de outro pronome que não esteja nos dois casos até aqui apontados, nenhuma alteração ocorre no verbo e no pronome posposto: *conhecemos-te*, *chamamos-lhe*, *requeremos-lhe*, etc. Evitem-se, portanto, *enviamo-lhe*, *informamo-lhe*!

63 Para seguir este modelo, melhor seria escrever *engulir* (com *u*). A forma *engolir* (com *o*) nos leva, naturalmente, à seguinte conjugação que o *Vocabulário Oficial* não registra: *engulo, engoles, engole, engolimos* (com *o*), *engolis* (com *o*), *engolem.*

64 O verbo *entupir* pode também ser conjugado sem sofrer a metafonia que ocorre no grupo: *entupo, entupes, entupe, entupimos, entupis, entupem.*

65 Leve-se em consideração a mudança de *g* para *j* antes de *o* e *a*: *fujo, foges foge,* etc.

66 Conjugam-se, porém, regularmente *assumir, presumir, reassumir, resumir.*

67 Significa *originar, produzir efeito*. Como *surtir* são também regulares *curtir* (pouco usado na 1.ª pessoa do singular e em todo o presente do subjuntivo) e *urdir*.

68 Algumas vezes os escritores, numa oração subordinada a um presente histórico, usam o pretérito imperfeito em vez do

presente, como se na oração subordinante estivesse um pretérito perfeito: "O mestre da nau em que navegava Jonas... examinou todo o navio, até o lastro, onde ia dormindo o Profeta. *Desperta*-o a gritos e *repreende*-lhe o sono em ocasião que o baixel *estava* em perigo de se ir a pique" [AV *apud* MBa.2, 117].

69 Coseriu [ECs.5, 143] que cita Togeby: "Le plus souvent les parfaits et les imparfaits alternent, en formant dans le texte, pour ainsi dire, deux plans. Les parfaits constituent le premier plan, les événements, les actions qui sont accomplies et qui font avancer le récit, tandis que les imparfaits composent le second plan, tantôt le décor, tantôt les raisons ou les conséquences, tantôt le contenu de déclarations ou de pensées".

70 [ALb.1, 8-10 e 98], donde extraímos os exemplos.

71 A flexão se apresenta geralmente quando o infinitivo vem acompanhado de um pronome pessoal oblíquo átono.

72 [EBm.1], onde se encontra o levantamento de alguns destes casos.

73 Aparece ainda em exclamações diretas e indiretas:

*Como chove! Veja como chov*e.

74 [HM.1, 55], em que as fronteiras entre o advérbio e o adjetivo são estudadas com muita erudição e acuidade estilística.

75 [AL.1, § 289], cuja proposta retocada adotamos; [MMa.1, 149]; [MPz.1], onde se faz exaustivo estudo do sistema preposicional do espanhol [VBr.1].

76 Pode-se também considerar *contração* apenas o caso de crase; nos outros, diremos que houve *combinação*. A NGB não tomou posição neste ponto. Na realidade, o termo *combinação* é muito amplo para ficar assim restringido. A nomenclatura tradicional, por exemplo, só emprega *combinação de pronomes*.

77 Que o português procedeu como as demais línguas românicas prova o trabalho de V. Väänämen, *Il est venu comme ambassadeur, il agit en soldat*, Helsinquia, 1951.

78 "(...) sem todavia influírem na ordenação das orações" [ED.1, § 195, obs.].

79 O estudo das diversas realizações fônicas de um dado morfema, como é o caso do nosso índice de plural, recebe, em linguística descritiva, o nome de *morfofonêmica* ou *morfonêmica*.

80 Parecem, à primeira vista, constituir exceção, formas como *portuguesmente, superiormente,* mas o fato se explica porque tais adjetivos em *-ês* e *-or* eram uniformes no português antigo, à época dessas derivações adverbiais.

81 Mesmo aí, integrando o indo-europeu, a aceitação desse infixo nasal é discutível. Vejam-se os comentários em Meillet-Vendryès, GC, §§ 237-238.

82 M. Barreto [MBa.1, 408-410; MBa.3, 347; MBa.5, 138] condena formações do tipo de *labiodental, labionasal, linguodental,* etc., em vez de *labidental, labinasal, linguidental,* etc., por aparecer a vogal *o* em vez de *i*, por serem latinas e não gregas. Aceita, embora as considere bárbaras, as formações *novo-latino, dento-labial, anglo-russo, hispano-americano,* etc., onde também aparece o *o* grego em lugar do *i* latino, como em *plenilúnio* (p.207)*, alvinitente, altíssono, lanígero, flamífero*. A questão é muito complexa (já o era no próprio grego e no latim), porque se trata de formações nascidas em épocas diversas e em domínios culturais diferentes, além de procedimentos que se repartem pela composição e pela justaposição, com ou sem braquilogias e reduções. O português, como as línguas românicas (algumas das quais nos serviram de modelo), sofreu o impacto dessas diferentes portas de entrada de tais neologismos eruditos, e até de reflexo popular, como *gaticídio, burricida,* etc. É um domínio que está, no português, a exigir estudos mais aprofundados. Cf. A.G. Hatcher *Modern English Word-Formation and Neo-Latin* (Baltimore, 1951), B. Migliorini *Saggi sulla lingua del novecento* (Firenze, 1963, p. 9-60) e FM, 1973, 1, 68-72.

83 A rigor, em *geografia* e *bibliófilo* não temos a vogal de ligação *o* (ge-o), porque não existe formação em que apareça o radical *ge*, ou *bibli*, como em *chá, pau, café* e *lã*. O radical grego é *ge*, mas em português é *geo*, como o é *biblio*, já que aí, como em outros casos, não se pode isolar a vogal *o*, tal qual fazemos em *gás + o + metro*. [VK.2, 37-38].

84 Cf. J. Mattoso Câmara Jr. *Dicionário de Filologia e Gramática*, 293. Para estudos mais adiantados veja-se Saussure, *Cours de Linguistique Générale*, 253 e E. Nida, *Morphology* (cap. de introdução).

85 Kehdi, *Morfologia*, 42, Rio-Torto, *FLP*, 2, 45-46; Sandmann, *Formação*, 145-152.

86 Matthews, *Morphology*, 1982, 146-147, *Inflectional Morphology,* 1972, 72.

87 Sílvio Elia, *Confluência* (2), 1991, 87.

88 Para Sten (*Particularités*, 24-25), citado por Nascentes (*Linguajar*, 96), a não diferenciação do português dialetal e do Brasil na pronúncia de *amamos* e *amámos* se deve à analogia, num processo de uniformização, com a 2.ª e 3.ª conjugações, e não à fonologia. Todavia, cumpre lembrar que a precedência de nasal é um fator de fechamento do timbre.

89 [EBv.2, 147] e [AE.1, 22 e ss.].

90 Rio-Torto, *Sistêmica,* 203 e ss.

91 É constantemente contrariada pela realidade da língua a hipótese de se estabelecer uma distribuição complementar entre tais construções agentivas calcada nos critérios 'grau prestígio social', 'formalidade' e 'grau de especialidade'. Não se podem

deixar de lado os valores semânticos dos elementos que integram os constituintes e seus reflexos não só nos produtos derivacionais mas também as motivações do contexto. A concepção afixocêntrica na produção lexical está sendo revista, para pôr em evidência o papel que desempenham as bases e os mecanismos derivacionais na criação lexical.

92 Se a palavra é masculino e termina em *-a*, este *a* reaparece quando se lhe acrescenta o sufixo *-inho*. O mesmo acontece se é feminino em *-o* ou singular em *-s*: *Jarbas* → *Jarbinhas; Carmo* (João do) → *Carminha; o Maia* → *o Mainha*. (Nota que me foi fornecida por Martinz de Aguiar). Note-se ainda que os diminutivos *-inho, -zinho* podem assumir valor patronímico, quando pais e filhos têm o mesmo nome: *Pacheco* (o pai), *Pachequinho* (o filho), *Diva* (a mãe), *Divinha* (a filha).

93 Cf. [VB.1].

94 *Tresler* é ler além do que está escrito, podendo, portanto, significar 'ler mal', 'ler sem entender': "Assim, em um artigo de seis páginas, João Fernandes diz, rediz, a si próprio se contradiz, anda para trás e para diante, e de tudo só deixa apurar que leu, releu, mas só *treslia* ao tomar da pena" [CL.1, II, 305].

95 "Do emprego de *vice* houve até abuso: *vice-deus* "grande santo", por distinguir de *semi-deuses*, que eram do paganismo. Vieira chamou a ausência de *vice-morte*. Filinto Elísio criou o verbo *vice-reinar*" [JR.5].

96 O ar vernáculo é tal, que a rigor não se poderia falar de hibridismo em muitas dessas inovações lexicais. Só aos olhos de quem conhece a história desses elementos é que fica patente sua origem estrangeira.

97 esta uma forma livre: *re(meter), re(fazer)*, etc. Este critério de negar a *receber* uma derivação prefixal colide com a aceitação de formas presas em compostos do tipo *agrimensor, aqueduto*, etc., nos quais o falante tem a mesma dificuldade em depreender o significado de um ou dos dois elementos da unidade criada. Preferimos ficar com a lição de Mattoso Câmara, que era também a de Nida: "A depreensão dos prefixos é uma técnica de análise descritiva. Para isso há a considerar três casos: 1) quando o radical a que se acrescenta constitui uma forma livre na língua (ex.: *predizer* = *pre* + *dizer*, *desconsolo* + *des* + *consolo*); 2) quando esse radical é forma livre numa estrutura variante (ex.: *permitir*, cf. *meter*); 3) quando esse radical só é forma presa, mas constitui a base de duas palavras, pelo menos, com prefixos distintos (ex.: *colisão, elisão*)" [MC.4, s.v. Prefixo]. Nossa questão se quadra neste último caso.

98 *Fero* é defectivo, apresentando forma do radical de *tollo* (tulli, latum); assim, não são cognatos *aferir* e *ablativo*. Ao primeiro se associam *conferência, fértil, oferecer*; ao segundo, *prelado* e *relaxado*. Esta observação se estende a qualquer forma latina que apresentar semelhante defectividade.

99 Para L. Weisgerber: *Lexicologia da expressão* (al. *Wortformenlehre*), *lexicologia do conteúdo* (al. *Wortinhaltslehre*), *semasiologia* (al. *Semasiologie*) e *onomasiologia* (al. *Onomasiologie*). A lexemática corresponde ao nível estrutural sistemático da *lexicologia do conteúdo*, a qual abarca também a *lexicologia semântica associativa*, e, em outros níveis estruturais, a *lexicologia semântica da norma* e a *lexicologia semântica do discurso* (compreendendo o estudo das preferências e "constâncias" semânticas dos escritores). Cf. [ECs.2, 46-50].

100 Um especial enfoque semasiológico está representado pela "semântica estrutural" dos linguistas americanos J. J. Katz e J. A. Fodor que, na realidade, trata da estrutura da interpretação, e não da estrutura do significado, pois que parte de um significante léxico para chegar à identificação do seu significado, resolvendo o problema de *desambiguização* dos signos. Cf. [ECs.2, 165-168].

101 Este fato já foi de há muito assinalado. Coseriu lembra a antecipação possivelmente no gramático romano Varrão, em nosso primeiro gramático Fernão de Oliveira (1536), em Chr. Wolff (1730) e, mais recentemente, em Gabelentz (1901).

102 Esta aplicação do termo paragramatical vai ser importante para entendermos o fato e a explicação em compostos do tipo *corta-papel*.

103 Estes dois elementos combinados pertencem normalmente a campos diferentes, um dos quais (o que está representado no significante) determina (recção) o outro (que está representado no significante por um sufixo derivacional ou por zero (este último caso é o de compostos como *tira-teima*, de que falaremos mais adiante).

104 Recente etimologia proposta pelo sueco Gunnar Tilander. Cf. nossa nota em Revista Brasileira de Filologia, vol. 6, tomo I, junho de 1961, 142-144. A etimologia não goza de aceitação unânime.

105 "A etimologia popular (...) não difere, na essência, de sua irmã erudita, a etimologia dos filólogos. Mais vivaz, mais 'operativa' que esta última, realiza instintivamente, intuitivamente e de pronto o que a outra faz intencionalmente, graças a um sem-número de alfarrábios e fichas" [J. Orr *apud* SU.1, 104].

106 A palavra *famigerado* pode aplicar-se à pessoa notável pelos seus dotes positivos ou negativos; todavia, no uso mais geral, a palavra se aplica às qualidades negativas.

107 Pode haver homofonia em um mesmo paradigma ("sincretismo"), como em *cantava*, 1.ª e 3.ª pess. do imperfeito, ou *-s* morfema pluralizador nos nomes e de 2.ª pess. sing. nos verbos.

108 Usamos aqui determinantes numa aplicação muito abrangente, que inclui as noções de adjunto e complemento, funções de que falaremos mais adiante.

109 Este emprego invariável do *o* parece dever-se à confluência de alguns fatos, entre os quais se destaca o de só haver

obrigatoriedade de concordância do predicativo com o sujeito quando é representado por adjetivo ou alguns pronomes e pela referência de dêixis e de valor neutral do pronome *o*.

110 [BC.1, §1100; AL.1, 311, AL.2, 182].

111 [PD.1, 51].

112 Esta diferença de conteúdo de pensamento designado em *Ilha de Marajó* se reflete bem no exemplo da maiúscula.

113 Estas orações de *quem* apresentam certa liberdade de colocação em relação à sua principal, e aparecem frequentemente no início do período.

114 Ensina-nos SAID ALI: "Em proposições como *quem porfia mata a caça, quem espera sempre alcança,* servimo-nos de um pronome visivelmente destituído de antecedente. Mas como o vocábulo *quem* aí sugere a noção de "homem (ou mulher) que", "alguém que", sentimo-nos propensos a ladear a questão linguística, analisando não já o pronome tal qual em tais frases se apresenta, mas sim o seu equivalente semântico. Esse método condenável, de conciliação forçada, não satisfaz todavia ao espírito quando aplicado a *quem quer que,* expressão ampliativa do mesmo pronome *quem* nestas proposições: *quem quer que o disse: não faças mal a quem quer que te ofenda.* SWEET propõe para o pronome nas condições dos dois primeiros como dos dois últimos exemplos a denominação de relativo *condensado* "por desempenhar o próprio relativo também funções de antecedente". Qualificativo cômodo, sem dúvida, mas não ditado pelo critério histórico-comparativo. Estudos mais rigorosos (DELBRÜCK e BRUGMANN) permitem presumir que o pronome em questão deve a sua origem a uma causa dupla: ao interrogativo *quem* nas interrogativas indiretas e ao indefinido *quem*" [SA.5, 114-5].

115 A que chamamos intercalada de *desejo* José Oiticica denominava de *exclamação*.

116 Professores há que preferem, havendo na intercalada um verbo transitivo direto, considerar este tipo de oração com principal. Assim, analisam:

Oração principal: *me pediu o rapaz*.

Oração subordinada, substantiva objetiva direta, justaposta: *dê-me água*.

Se a intercalada não encerra verbo transitivo direto, acham-no por elipse.

117 Com seus alunos deve apenas o professor insistir na conceituação de oração intercalada, desprezando minúcias de classificação. Nem sempre se traçam linhas rigorosas de demarcação entre o sentido de muitas dessas intercaladas.

118 Cf. [OG.1, 123], onde se encontra excelente e larga exposição sobre o emprego dos verbos *dicendi* e *sentiendi*, bem como as alterações que podem ter os tempos e modos verbais e os pronomes demonstrativos e possessivos na passagem do discurso direto a indireto, a pontuação e a colocação desses verbos. O assunto extrapola, na sua análise mais profunda, o âmbito da gramática para inserir-se na linguística do texto.

119 Para estes e outros exemplos ver [MBa.1, 181-3].

120 O fato ocorre também em francês, alemão e línguas escandinavas, conforme observa NYROP, *Grammaire Historique*, VI, §377 e *REMARQUE: Les confidences que je ne doutais pas qu'elle eût reçues de ma soeur. This man who I thought was my friend. "Ferner will ich deinem Vater sagen, was ich glaube, dass du wünschest*"(LESSING).

121 O fato se repete no latim: "Vejens bellum ortum est, *quibus* Sabini arma conjunxerant" [Tito Lívio, 2, 53 *apud* JMa.1, § 317, d) Obs. 1.ª)]. Cf. ainda [MBa.4, 25].

122 Pode ainda aqui faltar *o tal*:

Falaste *de modo* que desistiram do pedido.

Há acentuada pausa entre o substantivo e o *que*.

123 Hoje raro.

124 Cf. Lôfstedt, *Philologischer Kommentar zur Peregrinatio Aetheria*e, 56 e ss.; Norberg, *Syntaktische Forschungen auf dem Gebiete des Spätlaeins und des frühen Mittellateins*, 239; *Svennung, Untersuchngen zu Palladius und zur lateinischen Fach — und Volkssprache*, 505, nº 4. Maximino Maciel, *Lições Elementares de Língua Portuguesa*, 120: Mário Barreto, *Estudos da Língua Portuguesa*, 93 e ss. Martinz de Aguiar (em carta particular), Cândido Jucá (filho), *O Fator Psicológico na Evolução Sintática*, 91 consideram a oração de *fazer* como *subjetiva*.

125 Assim fazem os mestres Said Ali e Epifânio Dias.

126 Outros autores supõem que as orações do tipo de "há quatro dias", "faz quatro dias", sofreram um processo de *gramaticalização*, passando a ser consideradas como simples adjuntos adverbiais de tempo. Distinguindo — a meu ver sem razão — a sintaxe de *fazer* e *haver* nestas expressões, diz Maximino Maciel a respeito deste último verbo: "Procurar conferir ao verbo *haver* nestes casos a função proposicional é complicar a análise sem proveito na prática; e, além disso, nestas frases equivale praticamente à preposição *desde*" (*Lições Elementares*, 122, nº 1). Cf. *Gramática Descritiva* do autor, p. 343 e 395.

127 Este emprego do *que* é comum no francês e, por isso, se tem a construção como galicismo.

128 Deve-se distinguir cuidadosamente o infinitivo do futuro do subjuntivo: este aparece na oração não integrante. Assim as formas verbais do seguinte exemplo estão no futuro do subjuntivo, e não no infinitivo (a oração é adverbial condicional

introduzida por *se*): "Se do céu, onde estais, *abaterdes* os olhos e os *puserdes* em Amarante..." [AV.1, 7, VII, 294 *apud* FB.1]. O texto foi eliminado das edições modernas.

129 Com razão insiste Adolfo Coelho [ACo.1, 121, nota]: "Não *deve* nunca confundir-se o que é simplesmente equivalente com que é idêntico na forma, conquanto haja vantagem em fazer ver aos alunos que o mesmo pensamento se exprime de diversos modos".

130 Leia-se a respeito [MBa.1, cap. XI].

131 Cf. [CBd.1, 62; SA.5, II, 151 e ss; LSp.2]

132 Falando-se com rigor, funcionava originariamente como sujeito de um particípio absoluto o infinitivo que se junta a *não obstante*, *visto*, *posto*, etc. [Cf. ED.2, § 288 a)] e [EB.1, 35].

133 Melhor fora pontuar: *que*, a ser verdadeiro, devia...

134 Presos a um critério semântico, e não sintático, alguns professores ensinam que este *a* é conjunção condicional, lição que deve ser cuidadosamente evitada. Cf. a crítica de E. Carneiro Ribeiro [CR.1, 454], embora não seja convincente a solução que apresenta, socorrendo-se ao cômodo, mas enganador, recurso da elipse.

135 Temos dúvidas em apontar como galicismos vários empregos da preposição *a* em sentido final, pois é modo que as línguas românicas herdaram do latim. Para as condenações ver Mário Barreto [MBa.1, 515] e Epifânio Dias [ED.2, § 325, a) obs]. Para fontes de estudos remetemos o leitor a Meyer-Lübke [MLk.1, III, §§ 331 e 505] e Dag Norberg [DN.1, 211].

136 Pode-se enquadrar este tipo no caso dos infinitivos substantivados, sem formar oração à parte.

137 Carlos de Laet já condenou a Camilo o emprego pronominal do verbo *esvoaçar-se*, e o notável escritor lusitano defendeu-se com exemplo de Castilho (Cf. *Ecos Humorísticos do Minho*, n.º 2, p. 11). Rui Barbosa comenta [RB.1, 159]: "Teve-se por erro a Camilo haver pronominado o verbo *esvoaçar*. Não havia razão: várias vezes lhe dera Castilho Antônio essa categoria... e Vieira usara de *voar-se*". Cf. ainda [JC.1, 16, n.º 3]. Em [CBr.1, 56] colhemos *volitar-se*: "... a pomba que *se volita da arca*...".

138 Curso dado no INEP, 1949. Súmula 14.ª, p. 2. Vale a pena lembrar que aqui estamos diante de um exemplo do fenômeno de hipotaxe ou subordinação: são palavras (lexemas) ou grupos de palavras que experimentam o procedimento da subordinação no nível dos elementos mínimos da camada de estruturação gramatical e passaram a funcionar, na condição de unidades deste nível, como preposições.

139 F. Brunot dá o *que* também como pronome relativo em expressões francesas do tipo: *Arrivé que fut ledict conte* [cf. FBr.1, 767]. Também Meyer-Lübke [MLk.1, III, § 633] e A. Llorach [AL.1, § 208].

140 Exemplos de José Oiticica, *Curso do INEP*.

141 "Às vezes procura-se desdobrar este tipo de orações em explícitas [= desenvolvidas] temporais iniciadas por *quando* ou *enquanto*. É mero expediente, pois a noção de tempo não é equivalente à de modo ou meio de fazer alguma coisa" [SA.2, 183].

142 Baseados nesta construção, muitos romanistas explicam a construção *não sei que fazer* pelo emprego do infinitivo numa interrogação indireta por influência do infinitivo da interrogação direta *que fazer?* Estudos mais recentes nos ensinam que o infinitivo, nestes casos, se explica por contaminação sintática de uma oração de infinitivo (no latim *nihil habeo dicere*) com uma oração de relativo (no latim *nihil habeo quod dicam*). A discussão do problema se acha no artigo de Dag Norberg, *Zum Infinitiv in lat. Frage – und Relativsätzen* (na revista alemã *Glotta*, 1939, XXVII, 3-4, p. 261-70) e no livro do mesmo autor *Syntaktische Forschungen*, 259 e ss., onde se encontra extensa bibliografia.

Esta singular inexatidão de expressão (para usar as palavras de Meyer-Lübke, *Grammaire*, III, § 676), porque contraria o conceito de orações desenvolvidas e reduzidas, se explica, para Epifânio Dias (*Gramática Portuguesa Elementar*, § 244 e *Sintaxe Histórica*, §§ 274, a, Obs. 2ª e 307), por uma elipse de *poder*, *dever* ou *haver*, no presente ou pret. imperfeito: Não há um momento que (*possamos*) perder. Não sabia que (*havia de*) fazer.

Não nos foi possível fixar a opinião definitiva de Mário Barreto, pois que, através de sua extensa obra, encontramos as duas explicações. Nos *Últimos Estudos*, pp. 277-279, em artigo de 1929, pensa como Epifânio Dias e lhe cita a *Gramática Portuguesa Elementar*. Na 2ª edição dos *Novíssimos Estudos*, p. 132, nota, anterior, portanto ao artigo antes citado, contraria a Epifânio Dias, visivelmente influenciado que estava pelo § 133, b) dos excelentes *Élements de Linguistique Romane*, de E. Bourciez, embora não lhe faça referência, e nos dá uma lição digna de repetida:

"Quando se trata de interrogação indireta, feita por meio de um pronome ou de um advérbio interrogativo, o emprego do infinitivo na frase subordinada (com condição que o sujeito dela seja o mesmo que o da principal) é efeito de um cruzamento sintático. Uma frase como *nescio quid dicam*, aproximada no nosso espírito *de nescio dicere*, dá lugar a *nescio quid dicere* no latim falado. Contaminam-se duas construções: *Não sabe que diga + não sabe dizer nada = não sabe que dizer*. Idêntica combinação ou fusão de duas frases sinônimas de estrutura normal acharemos em: *Não sei como diga isso + não sei dizer isso = não sei como dizer*. — Buscou aquele lugar onde fizesse penitência + buscou aquele lugar para fazer penitência = buscou aquele lugar onde fazer penitência. — Eis aqui três exemplos da construção com infinitivo, construção que, neste caso,

o latim clássico não admitia, mas sim a do verbo finito em subjuntivo, a qual também admite o idioma português: "Dinheiro não acitavam de esmola, porque não achavam *que comprar* com ele" (Sousa, *Anais de El-rei D. João Terceiro*, publicados por A. Herculano, Lisboa, 1844, p. 44); "Não sei *que fazer* ao teu coração" (Camilo, *Memórias de Guilherme do Amaral*, 3ª ed., p. 171): "Não sabia escrever, não tinha ninguém *a quem pedir* a esmola de uma carta" (Id., *Maria Moisés*, 1ª parte, p. 40, ed. de 1876). Mas isto faz-se quando o agente da oração subordinante é o mesmo que o da proposição subordinada. Quando cada uma tem o seu nominativo, não tem cabimento usar o infinitivo. — Indaga-me tu *que* poderá ela ter. — Pergunta-lhe *que* tem. — Não sei *que* notou. Não é aceitável a explicação que do infinitivo dão alguns autores (e entre eles o ilustre filólogo Sr. Epifânio Dias na sua excelente *Gramática Portuguesa Elementar*, § 244), supondo a elipse dos verbos *poder*, *dever* no presente ou pretérito imperfeito do conjuntivo. Figure-se este exemplo: *Não lhe ocorreu que poder replicar-me*. Não é possível subentender-se o mesmo verbo num modo pessoal. O mesmo se dirá destoutro exemplo, só com diferença que em vez da frase interrogativa se trata da relativa: "Não tinha o governador baixelas, nem diamantes, *de que poder valer-se*; assim recorreu a outros penhores, a que a fidelidade deu valia, a Natureza não" (Jacinto Freire, *Vida de D. João de Castro*, liv. III, número 29). Antes de pôr fim a esta nota, lembra-nos a seguinte passagem do livro divino de Frei Luís de Sousa, na qual se emprega em orações relativas o infinitivo como equivalente do subjuntivo latino: "Estava o arcebispo só, não tinha homem *de quem se valer*; lançou os olhos pela casa, não viu coisa *que dar*, e viu-se obrigado a acudir"(*Vida de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires*, liv. I, cap. 21).

143 Cf. [ALb.1, 9-10 e 98 e ss.], donde extraímos os exemplos.

144 Cf. [SA.5, 194-196]. Para o latim [DN.1, 48].

145 Julgamos injusta a condenação de Mário Barreto [MBa.4, 51 da 3ª ed.]:

"É um dos instintos mais naturais do nosso falar: mas, em muitos textos escritos, uma preocupação pedantesca das mais descabidas põe de novo o pronome: é um indício singular de deformação artificial". Nos *Últimos Estudos* se mostra menos rigoroso: "Os verbos reflexivos no infinitivo depois dos verbos *fazer*, *deixar*, *ouvir*, *ver*, perdem em geral o seu pronome complemento" [MBa.2, 206].

146 Tem-se dito que Epifânio Dias (*Sintaxe Histórica*, § 347, 6, Obs. 1ª) admite a construção censurada pelos gramáticos (veja-se entre outros, A. C. Pires de Lima na sua resenha in *Revista Lusitana*, XXX, p. 205, nº 4): mas a redação do ilustre sintaticista não nos autoriza a pensar assim. Tratando dos verbos que pedem oração objetiva direta, diz em observação: "Alguns dos verbos de que trata este § também têm outra sintaxe. v. g.: 1) *pedir* também se constrói intransitivamente seguido de *para que*, ou *para* (com infinitivo)". E acrescenta: "Também em latim a oração de *ut* que se junta ao verbo *peto* é originariamente uma oração final". Pondo de lado a argumentação do latim, creio não encontrarmos fundamento de que a construção censurada tenha o beneplácito de Epifânio. Aquele *intransitivamente* nos leva a interpretar assim a lição (note-se que, na nomenclatura gramatical do sintaticista português, *Intransitivo* é o verbo que não pede complemento ou que pede complemento indireto): Epifânio defendia o emprego do verbo *pedir* sem o objeto direto *licença*, modo de dizer que Cândido de Figueiredo e outros tinham por errôneo, conforme se vê da defesa de Rui Barbosa, *Réplica*, 136 da 1.ª ed. nota 3 do n.º 95.

Somos de opinião que no caso do verbo *pedir* houve contágio da noção de objeto direto com a de adverbial de fim, que a expressão linguística traduz por formas condensadas, dando ocasião, muitas vezes, ao aparecimento da preposição como posvérbio (cf. o capítulo dos complementos verbais). Tais formas condensadas são frequentes: *atirar o livro* e *atirar com o livro* (condensação da noção de objeto direto com a de adverbial de instrumento), *olhar os campos* e *olhar para os campos* (do objeto direto e adjunto adverbial de direção, de lugar), *puxar a espada* e *puxar da espada* (do objeto direto e adjunto adverbial de lugar donde, origem), *pegar a pena* e *pegar na pena* (do objeto direto e do adjunto adverbial de lugar), etc., onde o pensamento não considera apenas o objeto, mas encarece uma circunstância concomitante na realização do processo indicado pelo verbo.

Entretanto, Carlos Góis, pensando que o *para* rege a oração objetiva direta, explica o fato por cruzamento sintático: "Do cruzamento da primeira forma (com o objeto direto expresso: *um soldado pediu-lhe licença para sair*) com a segunda (com o objeto direto indeterminado: *um soldado pediu-lhe para sair*) resultou uma terceira – a do verbo *pedir* seguida da preposição *para* regendo esta, não mais o adjunto adverbial de fim (note-se bem), mas o próprio objeto direto!" (*Sintaxe de Regência*, 124).

147 Por isso é injusta a crítica feita por A. Feliciano de Castilho – e a crítica foi acolhida pelo nosso ilustre gramático. E. Carlos Pereira (*Gramática Expositiva*, § 496 in Galicismos Fraseológicos) ao seguinte trecho do Padre Bernardes (e note-se que está com a respectiva vírgula!): "Nos casos chamados nas escolas absolutos ou ablativos absolutos dos romanos, antepõe (Bernardes) alguma vez o substantivo ao adjetivo, o que mais soa a francês que a português genuíno, e se deve evitar com grande escrúpulo: "Frei Domingos, vindo de Tortosa para Valença, com outros companheiros, que tinham ido tomar ordens, se lhe ajuntou ao caminho um moço mui confiado, etc." Havia de dizer: "Vindo Frei Domingos, etc."(Livraria Clássica, Padre Manuel Bernardes, II, 304-5). Pondo de lado a lição de gramática de um amador, ainda que ilustre, adiantamos que o pretenso erro não é de Bernardes, mas do crítico, uma vez que se lê o seguinte na *Nova Floresta*: "Vindo o servo de Deus de tortosa para Valença..." (III, 492).

148 Sem razão, Leite de Vasconcelos (*Lições de Filologia*, 382) condena como galicismo, a palavra *passagem*, no sentido aqui empregado, mandando substituí-la por *passo*. Os melhores escritores da língua usam *passagem* nesta acepção, e o clássico *Dicionário de Morais* (1813) a registra sem nenhuma crítica.

149 Assim escreveu Alexandre Herculano e não como aparece na edição moderna da *Antologia Nacional* de Fausto Barreto e Carlos de Laet (p. 196): *antes de o caso suceder*. Com a responsabilidade dos antigos editores da *A. Nacional* corria a combinação tida por correta. Aliás, Laet praticava a combinação: Entre as duas opiniões antinômicas e inconciliáveis do João Fernandes, esta *do cara* ser exótico (...) e aquela de ser indígena (...) (*Obras Seletas*, II, 261).

150 Para maiores exemplos, veja-se o prestimoso livro do Padre Pedro Adrião, *Tradições Clássicas da Língua Portuguesa*, § 691, p. 259).

151 Tal preceito gramatical se torna ainda mais difícil de se conciliar com a prática, quando se está diante de construções como: *O fato é devido AO* (por *a o*) *avião se ter atrasado* (ou, noutra ordem: *é devido a se ter o avião atrasado*); *PRO menino* (por *para o menino*) *ver*. Sentimos discordar da lição de Rebelo Gonçalves no seu *Tratado de Ortografia* (p. 286, Obs. 2.ª) cujos exemplos não vão em sua defesa. Cf. Diez, *Grammaire*, III, 425 e Meyer-Lübke, *Grammaire*, III, § 744).

152 Cf. ainda do mesmo autor *Dificuldades da Língua Portuguesa*, 30-1, e Solidônio Leite, *Clássicos Esquecidos*, 211 e ss. Também consideram arcaica a combinação Epifânio Dias 1933: 457, Obs. 3ª e Cláudio Brandão 1963: 354.

153 Comenta com razão Sousa da Silveira (*Trechos Seletos*, 251 da 4.a ed.): "O possesivo no plural, determinando dois substantivos do singular, e evitando assim o impreciso de "o nosso Basílio e Durão" e o pesado de "o nosso Basílio e nosso Durão. Cf.: "Os mesmos Pitt e Napoleão, apesar de precoces, não foram tudo aos vinte e um anos" (M. de Assis, *Papéis Avulsos*, 88).

154 Está correto neste caso também o emprego da concordância com a forma gramatical da palavra determinada: "Com estes leitores assim previstos, o mais acertado e modesto é *a gente ser sincera*" [CBr. *apud* MBa.2, 411].

155 Pode ocorrer a aparente discordância entre um nome e um pronome: "Luís escreveu uma *ode* admirável como sabia escrevê-*las* (João Ribeiro).

156 O mesmo Camilo reprovou a um amigo tal prática de linguagem: "Se fizeres terceira edição deves purificá-la das palavras *mesmo* como advérbio, posto que tenhas um exemplo em Camões e outros em D. Francisco Manuel de Melo" [CBr.3, II, 167].

157 Dá-se ao fenômeno o nome de contaminação ou cruzamento sintático. Cf. **Contaminação sintática**.

158 Elemento decisivo aqui é o ritmo com que se profere a oração, que determina a concordância com o sujeito ou com o predicativo. São oportunas as considerações de Rodrigues Lapa neste sentido, na sua *Estilística*.

159 Sobre esta última possibilidade comenta Said Ali: "A força de combater-se uma concordância que não é mais do que o corolário de um fenômeno de sintaxe histórica portuguesa fundada em sintaxe latina, tem desaparecido da linguagem literária o emprego de *quem* com verbo em 1.a e 2.a pessoa, vigorando todavia a antiga concordância desde que se empregue *que* em lugar de *quem*" (*op. laud.*).

160 Pode dar-se a omissão de *um*: "Foi dos últimos que *usaram* presilhas, rodaque e gravata de moda" (M. de Assis, D. Casmurro).

161 A presente lista não dispensa a consulta ao dicionário, o de regência, uma vez que o emprego do verbo como transitivo (com ou sem preposição) ou intransitivo depende de sua significação.

Quando ao verbo se segue um travessão (–), isto significa que ele pode ser também usado transitivamente. Por exemplo: *atender– a*: *atender o cliente*, *o cliente foi atendido*, *atendê-lo*, *atender ao cliente*. Umas vezes a variedade não implica mudança de significado; outras vezes sim. Daí a necessidade de consulta aos dicionários para se ter uma lição mais completa e adequada. O principal objetivo da relação é oferecer ao leitor a preposição que acompanha o verbo, quer no complemento quer no adjunto adverbial.

162 "No sentido de *mandar vir* é transitivo direto; no de *dar nome* é transitivo indireto. Já é muito corrente no Brasil a construção *chamar de* com obj. dir., contaminada de outras, como *acusar*, *arguir de*" [AN.1, 38].

163 Usa-se também transitivo em Portugal, com o sentido de "namorar", tratar intimamente.

164 Ou cumprir simplesmente.

165 Sem a preposição exprime obrigação; com *de*, probabilidade. Ex: *Você deve ter capricho*. *Ela deve de ter quinze anos*.

166 No significado de *resultar* é transitivo direto: *Isto implica erro*.

167 No significado de *produzir*, *acarretar* é transitivo direto.

168 *Morador na rua tal*, *no largo tal* (e não *à rua tal*).

169 É coloquial o uso da preposição *com*, influenciado talvez pela regência de *casar*.

170 Não pode aceitar obj. direto de pessoa: Paguei *o médico*, mas sim de coisa paga: Pagu*ei a conta* ao garção.

171 É errôneo o emprego do advérbio *antes* ou *mais* com este verbo porque a noção de preferência ou excelência já está contida no prefixo. É também errôneo o uso da conjunção comparativa *que* (ou *do que*). Deve dizer-se *prefiro isto àquilo*,

prefiro o teatro ao cinema.

172 O uso de *a* é considerado errado com exagero, por francesismo.

173 No sentido de *estimar*, *querer bem.*

174 *Sito na rua tal*, *no largo tal* e não *à rua*.

175 Seleção de fatos apresentados por F. J. Martins Sequeira em *Rol de Estrangeirismos*.

III – Pontuação

Os diversos tipos de sinais de pontuação – Com Nina Catach, entendemos por pontuação um "sistema de reforço da escrita, constituído de sinais sintáticos, destinados a organizar as relações e a proporção das partes do discurso e das pausas orais e escritas. Estes sinais também participam de todas as funções da sintaxe, gramaticais, entonacionais e semânticas" [NC.1, 7].

Os sinais de pontuação datam de época relativamente recente na história da escrita, embora se possa afirmar uma continuidade de alguns sinais desde os gregos, latinos e alta Idade Média; constituem hoje peça fundamental da comunicação e se impõem como objeto de estudo e aprendizado. Ao lado dos grafemas que "vestem" os fonemas, os morfemas e as unidades superiores, esses sinais extra-alfabéticos, como assinala Catach, são essencialmente unidades sintáticas, "sinais de orações" e "sinais de palavras", podendo comutar com tais unidades alfabéticas, substituí-las e tomar de empréstimo seu valor. Assim, um apóstrofo indica a supressão de um grafema, uma vírgula uma unidade de coordenação ou de subordinação. Na essência, os sinais de pontuação constituem um tipo especial de grafemas.

Pode-se entender a pontuação de duas maneiras: numa acepção larga e noutra restrita. A primeira abarca não só os sinais de pontuação propriamente ditos, mas de realce e valorização do texto: títulos, rubricas, margens, escolha de espaços e de caracteres e, indo mais além, a disposição dos capítulos e o modo de confecção do livro.

Segundo a concepção restrita, a pontuação é constituída por uns tantos sinais gráficos assim distribuídos: os essencialmente *separadores* (vírgula [,], ponto e vírgula [;], ponto final [.], ponto de exclamação [!], reticências [...]), e os sinais de comunicação ou "mensagem" (dois pontos [:], aspas simples [‘ ’], aspas duplas [“ ”], o travessão simples [–], o travessão duplo [—], os parênteses [( )], os colchetes ou parênteses retos [[ ]], a chave aberta [{], a chave fechada [}]. Alguns destes dois tipos de sinais admitem ainda uma subdivisão em sinais de *pausa conclusa* (fundamentalmente o ponto, e depois ponto e vírgula, o ponto de interrogação, o ponto de exclamação, as reticências, quando em função conclusa) e d e *pausa inconclusa* (fundamentalmente pela vírgula, mas também por dois pontos, parênteses, travessão, colchetes, quando em função inconclusa, i. é, quando as orações estão articuladas entre si).

A primeira palavra depois de um sinal de pausa conclusa é escrita com letra inicial maiúscula; se a oração seguinte constitui novo conjunto de ideias, ou mudança de interlocutor de diálogo, será escrito na outra linha e terá o seu final marcado pelo ponto parágrafo.

Estes sinais não se aplicam igualmente a todas as atividades linguísticas, razão por que podem ser distribuídos em três domínios de função da pontuação:

a) *a pontuação de palavras* (espaços em branco; maiúsculas iniciais; ponto abreviativo; traço de união, hífen ou traço de separação; apóstrofo; sublinhado; itálico).

b) *a pontuação sintática e comunicativa* (a pontuação propriamente dita e objeto deste capítulo).

c) *a pontuação do texto.*

Os dois primeiros, assinala ainda Catach, têm uma série de características que os distinguem do terceiro tipo: são *interiores* ao texto, aparecem de maneira linear, são comuns ao manuscrito e ao texto impresso e, em princípio, fazem parte da mensagem linguística. Apesar de poderem sofrer interferência de outra pessoa, é bem provável que pertençam à iniciativa e decisão do autor no seu desejo de levar ao texto algo mais de expressividade, de contorno melódico, rítmico e entonacional, além das palavras e construções utilizadas. Todavia, há de se levar em conta que os editores e preparadores de textos antigos (quando nem sempre se pode pensar em critérios inexistentes ou caóticos) a modernos têm muito interferido na pontuação original do autor de tal maneira, que é muito precária a certeza de que os sinais – e principalmente a falta deles – revelem as funções sintáticas, comunicativas expressivas que o escritor pretendera passar às palavras e orações empregadas no texto.

Ao contrário, no que toca ao terceiro tipo de pontuação, dela participam todos os que exercem atividade nesse âmbito, com funções específicas: calígrafos, secretários, tipógrafos, digitadores, revisores, editores.

Levando em conta tais distinções, podemos definir o conjunto dos dois primeiros tipos de pontuação que constituem essencialmente o objeto deste capítulo, como o fez Catach:

> "Conjunto de sinais visuais de organização e apresentação que acompanham o texto, *interiores* ao texto e *comuns* tanto ao manuscrito quanto ao impresso; abrange a pontuação várias classes de sinais gráficos discretos e constitutivos de um sistema, complementando ou suplementando a informação escrita".

Já o terceiro tipo é assim definido pela mesma autora:

> "Conjunto de técnicas visuais de organização e de apresentação do objeto livro, que vão do espaço entre palavras aos espaços de páginas, passando por todos os procedimentos interiores e exteriores ao texto, com vista ao seu arranjo e sua valoração".

A pontuação e o entendimento do texto – O enunciado não se constrói com um amontoado de palavras e orações. Elas se organizam segundo princípios gerais de dependência e independência sintática e semântica, recobertos por unidades melódicas e rítmicas que sedimentam estes princípios. Proferidas as palavras e orações sem tais aspectos melódicos e rítmicos, o enunciado estaria prejudicado na sua função comunicativa. Os sinais de pontuação, que já vêm sendo empregados desde muito tempo, procuram garantir no texto escrito esta solidariedade sintática e semântica. Por isso, uma pontuação errônea produz efeitos tão desastrosos à comunicação quanto o desconhecimento dessa solidariedade a que nos referimos.

Várias situações incômodas já foram criadas pelo mau emprego dos sinais de pontuação. Notem-se as diferenças entre as seguintes ordens de comando:

> Não podem atirar!
> Não, podem atirar!

Há numerosos jogos, bem mais divertidos e inocentes do que as situações de ordem anterior, cuja integridade comunicativa depende do bem emprego desses sinais.

Vejamos um exemplo:

Levar uma pedra para Europa uma andorinha não faz verão.

Ou

Um fazendeiro tinha um bezerro e a mãe do fazendeiro era também o pai do bezerro.

Para integridade da mensagem, basta colocar vírgula ou ponto e vírgula depois de *mãe*, no último exemplo. No primeiro, basta uma vírgula depois de *faz*, sendo *verão* a forma de futuro do verbo *ver*.

Ponto – O ponto simples final, que é dos sinais o que denota maior pausa, serve para encerrar períodos que terminem por qualquer tipo de oração que não seja a interrogativa direta, a exclamativa e as reticências.

É empregado ainda, sem ter relação com a pausa oracional, para acompanhar muitas palavras abreviadas: *p.*, *2.ª*, etc.

Quando o período, oração ou frase termina por abreviatura, não se coloca o ponto final adiante do ponto abreviativo, pois este, quando coincide com aquele, tem dupla serventia. Ex.: "O ponto abreviativo põe-se depois das palavras indicadas abreviadamente por suas iniciais ou por algumas das letras com que se representam, *v.g.* ; *V. S.ª* ; *Il.mo* ; *Ex.ª* ; etc." (Dr. Ernesto Carneiro Ribeiro)

Com frequência, aproxima-se das funções do ponto e vírgula e do travessão, que às vezes aparecem em seu lugar.

Ponto parágrafo – Um grupo de períodos cujas orações se prendem pelo mesmo centro de interesse é separado por ponto. Quando se passa de um para outro centro de interesse, impõe-se-nos o emprego do ponto parágrafo iniciando-se a escrever, na outra linha, com a mesma distância da margem com que começamos o escrito.

Na linguagem oficial dos artigos de lei, o parágrafo é indicado por um sinal especial (§).

Ponto de interrogação – Põe-se no fim da oração enunciada com entonação interrogativa ou de incerteza, real ou fingida, também chamada retórica.

Enquanto a interrogação conclusa de final de enunciado requer maiúscula inicial da palavra seguinte, a interrogação interna, quase sempre fictícia, não exige essa inicial maiúscula da palavra seguinte:

Pensas que eu e meus avós ganhamos o dinheiro em casas de jogos ou a vadiar pelas ruas? Pelintra! [MA.1, 72].

— Nhonhô, diga a estes senhores como é que se chama seu padrinho?

— Meu padrinho? É o Excelentíssimo Senhor coronel Paulo Vaz Lobo Cesar de Andrade e Sousa Rodrigues de Matos [MA.1, 32].

O ponto de interrogação, à semelhança dos outros sinais, não pede que a oração termine por ponto final, exceto, naturalmente, se for interna.

— "Esqueceu alguma cousa? perguntou Marcela de pé, no patamar" [MA.1, 50].

A interrogação indireta, não sendo enunciada em entonação especial, dispensa ponto de interrogação. O nosso sistema gráfico não distingue o ponto de interrogação da pergunta de sim ou não da pergunta total.

No diálogo pode aparecer sozinho ou acompanhado do de exclamação para indicar o

estado de dúvida do personagem diante do fato:

— "Esteve cá o homem da casa e disse que do próximo mês em diante são mais cinquenta...
— ? !..." [ML.1, 226].176

Ponto de exclamação – Põe-se no fim da oração enunciada com entonação exclamativa:

"Que gentil que estava a espanhola!" [MA.1, 50].
"Mas, na morte, que diferença! Que liberdade!" [MA.1, 81].

Põe-se o ponto de exclamação depois de uma interjeição:

Olé! exclamei. [MA.1, 74].
Ah! brejeiro! [MA.1, 93].

Aplicam-se ao ponto de exclamação as mesmas observações feitas ao ponto de interrogação, no que se refere ao emprego do ponto final e ao uso da maiúscula ou minúscula inicial da palavra seguinte.

Há escritores que denotam a gradação da surpresa através da narração com aumento progressivo do ponto de exclamação ou de interrogação:

"E será assim até que um senhor Darwin surja e prove a verdadeira origem do *Homo sapiens*...
— ? !
— Sim. Eles nomear-se-ão *Homo sapiens* apesar do teu sorriso, Gabriel, e ter-se-ão como feitos por mim de um barro especial e à minha imagem e semelhança.
— ? ! !" [ML.1, 204].

Reticências – Denotam interrupção ou incompletude do pensamento (ou porque se quer deixar em suspenso, ou porque os fatos se dão com breve espaço de tempo intervalar, ou porque o nosso interlocutor nos toma a palavra), ou hesitação em enunciá-lo:

"Ao proferir estas palavras havia um tremor de alegria na voz de Marcela: e no rosto como que se lhe espraiou uma onda de ventura..." [MA.1, 121].
"Não imagina o que ela é lá em casa: fala na senhora a todos os instantes, e aqui aparece uma pamonha. Ainda ontem... Digo, Maricota?" [MA.1, 120].
— "Moro na rua...
— Não quero saber onde mora, atalhou Quincas Borba" [MA.1, 169].

Postas no fim do enunciado, as reticências dispensam o ponto final, como se pode ver nos exemplos acima.

Se as reticências servem para indicar uma enumeração inconclusa, podem ser substituídas por *etc*.

Na transcrição de um diálogo, as reticências indicam a não resposta do interlocutor.

Numa citação, as reticências podem ser colocadas no início, no meio o no fim, para indicar supressão no texto transcrito, em cada uma dessas partes. Quando há supressão de um trecho de certa extensão, costuma-se usar uma linha pontilhada. Depois de um ponto de interrogação ou exclamação podem aparecer as reticências.

Vírgula – Emprega-se a vírgula:

a) para separar termos coordenados, ainda quando ligados por conjunção (no caso de haver pausa).

"Sim, eu era esse garção bonito, airoso, abastado" [MA.1, 48].
— "Ah! brejeiro! Contanto que não te deixes ficar aí inútil, obscuro, e triste" [MA.1, 93].

Observação: Na série de sujeitos seguidos imediatamente de verbo, o último sujeito da série não é separado do verbo por

vírgula:

Carlos Gomes, Vítor Meireles, Pedro Américo, José de Alencar tinham-nas começado [CL.1, I, 102].

b) para separar orações coordenadas aditivas ainda que sejam iniciadas pela conjunção e, proferidas com pausa.

"Gostava muito das nossas antigas dobras de ouro, e eu levava-lhe quanta podia obter" [CL.1, I, 53].

"No fim da meia hora, ninguém diria que ele não era o mais afortunado dos homens; conversava, chasqueava, e ria, e riam todos" [CL.1, I, 163].

c) para separar orações coordenadas alternativas (*ou*, *quer*, etc), quando proferidas com pausa:

Ele sairá daqui logo, *ou eu me desligarei do grupo*.

OBSERVAÇÃO: Vigora esta norma quando *ou* exprimir retificação:

Teve duas fases a nossa paixão, *ou* ligação, *ou* qualquer outro nome, que eu de nome não curo [MA.1, 52].

Se denota equivalência, não se separa por vírgula o *ou* posto entre dois termos: Solteiro *ou* solitário se prende ao mesmo termo latino.

d) nas aposições, exceto no especificativo:

"ora enfim de uma casa que ele meditava construir, para residência própria, casa de feitio moderno..." [MA.1, 238].

e) para separar, em geral, os pleonasmos, e as repetições (quando não têm efeito superlativamente).

"Nunca, nunca, meu amor!" [MA.1, 55].

A casa é linda, linda.

f) para separar ou intercalar vocativos; nas cartas a pontuação é vária (em geral, vírgula), e na redação oficial usam-se dois pontos.

g) para separar as orações adjetivas de valor explicativo:

"perguntava a mim mesmo por que não seria melhor deputado e melhor marquês do que o lobo Neves, – eu, *que valia mais*, muito mais do que ele, – ..." [MA.1, 137].

h) para separar, quase sempre, as orações adjetivas restritivas de certa extensão, principalmente quando os verbos de duas orações diferentes se juntam:

"No meio da confusão que produzira por toda a parte este acontecimento inesperado e cujo motivo e circunstâncias inteiramente se ignoravam, ninguém reparou nos dois cavaleiros..." [AH.1, 210].

OBSERVAÇÃO: Esta pontuação pode ocorrer ainda que separe por vírgula o sujeito expandido pela oração adjetiva:

Os que falam em matérias que não entendem, parecem fazer gala da sua própria ignorância [MM].

i) para separar as orações intercaladas:

"Não lhe posso dizer com certeza, respondi eu" [MA.1, 183].

j) para separar, em geral, adjuntos adverbiais que precedem o verbo e as orações adverbiais que vêm antes ou no meio da sua principal:

"Eu mesmo, até então, tinha-vos em má conta..." [MA.1, 185].

"mas, como as pestanas eram rótulas, o olhar continuava o seu ofício..." [MA.1, 183].

k) para separar, nas datas, o nome do lugar:

Rio de Janeiro, 8 de agosto de 1961.

l) para separar as partículas e expressões de explicação, correção, continuação, conclusão, concessão:

"e, *não obstante*, havia certa lógica, certa dedução" [MA.1, 89].

Sairá amanhã, *aliás*, depois de amanhã.

m) para separar as conjunções e advérbios adversativos (*porém*, *todavia*, *contudo*, *entretanto*), principalmente quando pospostos:

"A proposta, *porém*, desdizia tanto das minhas sensações últimas..."

[MA.1, 87].

n) para indicar, às vezes, a elipse do verbo:

Ele sai agora: eu, logo mais.

o) para assinalar a interrupção de um seguimento natural das ideias e se intercala um juízo de valor ou uma reflexão subsidiária.

p) para desfazer possível má interpretação resultante da distribuição irregular dos termos da oração, separa-se por vírgula a expressão deslocada:

De todas as revoluções, para o homem, a morte é a maior e a derradeira [MM].

Dois pontos – Usam-se dois pontos na:

1) enumeração, explicação, notícia subsidiária:177

Comprou dois presentes: um livro e uma caneta.

"que (Viegas) padecia de um reumatismo teimoso, de uma asma não menos teimosa e de uma lesão de coração: era um hospital concentrado"

[MA.1, 184].

"Queremos governos perfeitos com homens imperfeitos: disparate"

[M. de Maricá].

2) nas expressões que se seguem aos verbos *dizer*, *retrucar*, *responder* (e semelhantes) e que encerram a declaração textual, ou que assim julgamos, de outra pessoa:

"Não me quis dizer o que era: mas, como eu instasse muito:

— Creio que o Damião desconfia alguma coisa" [MA.1, 174].

Às vezes, para caracterizar textualmente o discurso do interlocutor, vem acompanhada de aspas a transcrição, e raras vezes de travessão:

"Ao cabo de alguns anos de peregrinação, atendi às suplicas de meu pai:

— Vem, dizia ele na última carta; se não vieres depressa acharás tua mãe morta!" [MA.1, 75].

3) nas expressões que, enunciadas com entonação especial, sugerem, pelo contexto, causa, explicação ou consequência:

"Explico-me: o diploma era uma carta de alforria" [MA.1, 71].

4) nas expressões que apresentam uma quebra da sequência das ideias:

Sacudiu o vestido, ainda molhado, e caminhou.

"Não! bradei eu; não hás de entrar... não quero... Ia a lançar-lhe as mãos: era tarde; ela entrara e fechara-se" [MA.1, 59].

Ponto e vírgula – Representa uma pausa mais forte que a vírgula e menos que o ponto, e é empregado:

a) num trecho longo, onde já existam vírgulas, para enunciar pausa mais forte:

"Enfim, cheguei-me a Virgília, que estava sentada, e travei-lhe da mão; D. Plácida foi à janela" [MA.1, 211].

b) separa as adversativas em que se quer ressaltar o contraste:

"Não se disse mais nada; mas de noite Lobo Neves insistiu no projeto" [MA.1, 210].

c) na redação oficial separa os diversos itens de um considerando, lei ou outro documento.

Travessão – Não confundir o travessão com o traço de união ou hífen e com o traço de divisão empregado na partição de sílabas (*ab-so-lu-ta-men-te*) e de palavras no fim de linha. O travessão pode substituir vírgulas, parênteses, colchetes, para assinalar uma expressão intercalada:

"... e eu falava-lhe de mil cousas diferentes – do último baile, da discussão das câmaras, berlindas e cavalos, de tudo, menos dos seus versos ou prosas" [MA.1, 138-9].

Usa-se simples se a intercalação termina o texto; em caso contrário, usa-se o travessão duplo:

"Duas, três vezes por semana, havia de lhe deixar na algibeira das calças – uma largas calças de enfiar –, ou na gaveta da mesa, ou ao pé do tinteiro, uma barata morta" [MA.1, 46].

OBSERVAÇÃO: Como se vê pelo exemplo, pode haver vírgula depois de travessão.

Pode denotar uma pausa mais forte:

"... e se estabelece uma cousa que poderemos chamar – solidariedade do aborrecimento humano" [MA.1, 126].

Pode indicar ainda a mudança de interlocutor, na transcrição de um diálogo, com ou sem aspas:

– Ah! respirou Lobo Neves, sentando-se preguiçosamente no sofá.
– Cansado? perguntei eu.
– Muito; aturei duas maçadas de primeira ordem (...) [MA.1, 177].

Neste caso, pode, ou não, combinar-se com as aspas.

Parênteses e colchetes – Os parênteses assinalam um isolamento sintático e semântico mais completo dentro do enunciado, além de estabelecer maior intimidade entre o autor e o seu leitor. Em geral, a inserção do parêntese é assinalada por uma entonação especial.

Quando uma pausa coincide com o início da construção parentética, o respectivo sinal de pontuação deve ficar depois dos parênteses, mas, estando a proposição ou a frase inteira encerrada pelos parênteses, dentro deles se põe a competente notação:

"Não, filhos meus (deixai-me experimentar, uma vez que seja, convosco, este suavíssimo nome); não: o coração não é tão frívolo, tão exterior, tão carnal, quanto se cuida" [RB]

"A imprensa (quem o contesta?) é o mais poderoso meio que se tem inventado para a divulgação do pensamento". (Carta inserta nos Anais da Biblioteca Nacional, vol. I) [CARLOS DE LAET]

Intimamente ligados aos parênteses pela sua função discursiva, os colchetes são utilizados quando já se acham empregados os parênteses, para introduzirem uma nova inserção.

Também se usam para preencher lacunas de textos ou ainda para introduzir, principalmente em citações, adendos ou explicações que facilitam o entendimento do texto. Nos dicionários e gramáticas, explicitam informações como a ortoépia, a prosódia etc., no que também podem

ser usados os parênteses.

Aspas – De modo geral, usamos como aspas o sinal [“ ”]; mas pode haver, para empregos diferentes as aspas simples [‘ ’], ou invertidas (simples ou duplas) [‘ ’], [“ ”]. Nos trabalhos científicos sobre línguas, as aspas simples referem-se a significados ou sentidos: *amare*, lat.‘*amar*’ port. Às vezes, usa-se nesta aplicação o sublinhado (cada vez menos frequente no texto impresso) ou o itálico. As aspas também são empregadas para dar a certa expressão sentido particular (na linguagem falada é em geral proferida com entoação especial) para ressaltar uma expressão dentro do contexto ou para apontar uma palavra como estrangeirismo ou gíria:

OBSERVAÇÃO: Escrevendo, ressaltamos a expressão também com o sublinhado, o que, nos textos impressos, corresponde ao emprego de tipo diferente:

— “Sim, mas percebo-o agora, porque só agora nos surgiu a ocasião de enriquecer. Foi uma sorte grande que Deus nos mandou.

— “Deus”...

— Deus, sim, e você o ofendeu afastando-a com o pé” [ML.1, 223].

“Você já reparou Miloca, na “ganja” da Sinhazinha? Disse uma sirigaita de “beleza” na testa” [ML.1, 102].

Quando uma pausa coincide com o final da expressão ou sentença que se acha entre aspas, coloca-se o competente sinal de pontuação depois delas, se encerram apenas uma parte da proposição; quando, porém, as aspas abrangem todo o período, sentença, frase ou expressão, a respectiva notação fica abrangida por elas:

“Aí temos a lei”, dizia o Florentino. “Mas quem as há de segurar? Ninguém.” [RB]

“Mísera, tivesse eu aquela enorme, aquela
Claridade imortal, que toda a luz resume!”

“Por que não nasce eu um simples vaga-lume?” [MA]

Alínea – Tem a mesma função do parágrafo, pois denota diversos centros de assuntos e, como este, exige mudança de linha. Geralmente vem indicada por número ou letra seguida de um traço curvo, semelhante ao que fecha parêntese para assinalar subdivisão da matéria tratada:

Os substantivos podem ser:

a) *próprios*

b) *comuns*

Chave – A chave [{ }] tem aplicação maior em obras de caráter científico, como pode exemplificar sua utilização neste livro.

Apêndice

Asterisco 178 – O asterisco (*) é colocado depois e em cima de uma palavra do trecho para se fazer uma citação ou comentário qualquer sobre o termo ou o que é tratado no trecho (neste caso o asterisco se põe no fim do período).

Nas obras sobre linguagem, o asterisco colocado antes e em cima da palavra o apresenta como forma reconstituída ou hipotética, isto é, de provável existência mas até então não documentada. Deve-se ao linguista alemão Augusto Schleicher (1821-1868) esta aplicação do sinal.

Emprega-se ainda um ou mais asteriscos depois de uma inicial para indicar uma pessoa cujo nome não se quer ou não se pode declinar: o *Dr.* *, *B.* **, *L.* ***

176 Em português, em geral se despreza o cômodo expediente do espanhol de indicar a interrogação no início da oração, com o sinal invertido: ¿O José chegou? Alguns escritores nossos fizeram uso deste expediente.

177 A imprensa moderna usa e abusa dos dois pontos para resumir, às vezes numa síntese de pensamento difícil de ser acompanhada, certas notícias. *Verão*: *cidade desprotegida das chuvas.*

178 Costuma-se ouvir este vocábulo deturpado para *asterístico*. *Asterisco* quer dizer *estrelinha*, nome devido à sua forma.

IV – Noções elementares de Estilística

Estilística – A *Estilística* é a parte dos estudos da linguagem que se preocupa com o *estilo.*

Que é estilo nesta conceituação – Entende-se por *estilo* o conjunto de processos que fazem da língua representativa um meio de exteriorização psíquica e apelo.

"O estilo, que é a solução para se fazer a língua da representação intelectiva servir às funções não intelectivas da manifestação psíquica e do apelo, é naturalmente levado a "deformar" os fatos gramaticais quando por eles aquelas funções não poderiam figurar".179

Estilística e Gramática – A compreensão deste conceito de *estilo* se fundamenta na lição de Charles Bally, segundo a qual o que caracteriza o estilo não é a oposição entre o *individual* e o *coletivo,* mas o contraste entre o *emocional* e o *intelectivo.* É neste sentido que diferem *Estilística* (que estuda a língua afetiva) e *Gramática* (que trabalha no campo da língua intelectiva). Baralhá-las, de modo que a Estilística se "dissolva" na Gramática, é pôr em perigo duas importantes disciplinas por confundir os seus objetos de estudo.

Uma não é a negação da outra, nem uma tem por missão destruir o que a outra, com orientação científica, tem podido construir. Ambas se completam no estudo dos processos do material de que o gênero humano se utiliza na exteriorização das ideias e sentimentos ou do conteúdo do pensamento designado.

Estilística e a Retórica – Tem-se apresentado a Estilística também como – a negação da antiga Retórica que predomina ainda na crítica tradicional do estilo com suas múltiplas indagações literárias, históricas, sociais, filosóficas e tantos outros domínios que na obra se espalham através do temperamento e atitude do escritor. Cabe aqui recordar as justas considerações de Amado Alonso:180 " ... a estilística não pretende petulantemente declarar caduca a crítica tradicional; reconhece seu alto valor e aprende nela; sabe que na análise de obras de arte nem tudo termina com o prazer estético e que há valores culturais, sociais, ideológicos, morais, enfim, valores históricos que não pode nem quer desprezar. E com a mesma se vê o que pretende e o seu valor: completar os estudos da crítica tradicional fazendo agora entrar um aspecto que estava menosprezado. E não apenas mais um aspecto, senão o aspecto básico e específico da obra de arte, o que dá valor a todos os outros. Por isso a estilística, sobre estudar temas novos, continua estudando com igual amor todos os velhos, apenas o faz do seu ponto de vista. Por exemplo, sempre se estudaram as fontes de um autor ou de uma obra, ou – o que vale o mesmo – a origem das ideias dominantes em um período literário. Porém realizou-se isso por interesse histórico, para fixar procedências. Este é o

ponto de chegada da crítica tradicional. Para a estilística é o ponto de partida, e a si pergunta: que fez meu autor ou minha época com estas fontes? Para usar a velha comparação: estudando o mel, a crítica tradicional estabelece em que flores e de que campos extraiu a abelha; a estilística se pergunta: como resultou este produto heterogêneo com todas as suas procedências, qual é a alquimia, que originais e triunfantes intenções lhe insuflaram vida nova? Ou voltando à comparação da estátua: a crítica tradicional estuda as canteiras donde procede o mármore; a estilística, que é que o artista fez com ele''.

Análise literária e análise estilística – Da lição de Amado Alonso se patenteia que não se há de confundir *análise literária* com *análise estilística*, pois que, trabalhando num mesmo trecho, tem preocupações diferentes e utilizam ferramentas também diversas. Em que pese à autoridade de nossos programas oficiais para ensino de Língua Portuguesa, o que deve ser, primordialmente, objeto da tarefa do professor de língua é a *análise estilística* (ainda que *elementar,* como reza a letra deste mesmo programa), e não a *análise literária,* que é da alçada do professor de Literatura. Ensinando-se a *língua* portuguesa, nada mais natural do que, num texto literário ou não, ressaltar o *sistema expressivo e sua eficácia estética* no idioma ou nas particularidades idiomáticas de um autor literário ou de um simples falante. Para a estilística, interessa tanto a depreensão dos traços estilísticos da língua oral como da escrita, do falante comum e do literato. Com razão disse Vossler que na linguagem de um mendigo vagabundo há gotinhas estilísticas da mesma natureza que todo o mundo expressional de um Shakespeare.

Traços estilísticos – O conjunto de particularidades do sistema expressivo para eficácia estética recebe o nome de *traços estilísticos.* São numerosos os traços estilísticos – e há um avultado número deles cujo valor ainda está para ser analisado – em todos os compartimentos de um idioma.

Cabe-nos agora indagar quando uma *particularidade linguística* se nos apresenta como traço estilístico. "Já sabemos – ensina-nos J. Mattoso Câmara Jr.181 – que o traço estilístico não se trata de uma maneira de dizer necessariamente pessoal; nem pelo fato de ser pessoal se tem necessariamente um traço estilístico. Esta dupla consideração é tão importante que hão de me relevar insistir um pouco mais. Para isso, peço desculpas de me citar a mim mesmo e me reportar a um pequeno artigo que publiquei há tempos na *Revista do Livro* sobre "A Coroa do Rubião": diz-nos Machado de Assis, no *Quincas Borba,* que Rubião, demente, julgando-se "imperador dos franceses" no momento da agonia, cingiu a "coroa", que não era sequer uma bacia, "onde se pudesse palpar a ilusão", "ele pegou nada, ergueu nada e cingiu nada". O emprego de *nada* depois do verbo sem se completar com um *não* antes do verbo, é uma maneira anômala de expressar a negação verbal em português. E é um traço estilístico: não porque seja exclusivamente pessoal de Machado de Assis (quem nos garante que outrem já não tinha feito isto? – nem o escritor faz isto sistematicamente), mas porque nesse dado contexto o emprego de *nada* nessas condições tem um valor "estético", fazendo-nos ver dolorosamente o gesto do pobre louco, mercê do tratamento de *nada*, não como mera partícula

negativa, mas como um substantivo negativo – o oposto de *alguma coisa*: a emoção do escritor e o seu apelo à nossa simpatia se comunicam através desse emprego de *nada*, que é, pois, um emprego estilístico. Ao contrário, quando José de Alencar acentuava a preposição simples *a,* exibia um uso *pessoal* da língua literária (que era um erro do ponto de vista de norma social vigente), mas não um traço estilístico, pois se circunscrevia ao domínio intelectivo (o escritor achava que assim devia escrever por um raciocínio gramatical em falso); seria, ao contrário, um traço estilístico se uma ou outra vez, apenas, aparecesse em seus textos como recurso para insistir na preposição, dando-lhe uma tonicidade excepcional.

Daí o erro dos que, pensando escrever bem, enxameiam suas páginas das chamadas figuras de linguagem (pleonasmos, hipérboles, anacolutos, metáforas, etc.). Essas figuras não se impõem "à outrance" às circunstâncias; estas é que favorecem o aparecimento daquelas para fins estéticos. Terá falhado na pesquisa estilística quem se contentar em dizer que há anacoluto no derradeiro terceto desta conhecida joia de Machado de Assis, que é o soneto à Carolina:

> "que eu, se tenho nos olhos malferidos
> pensamentos de vida formulados,
> são pensamentos idos e vividos".

O anacoluto ultrapassa os limites de uma simples figura, para ser um eficaz recurso estético que põe diante de nossos olhos a profunda dor do esposo que, pensando na companheira que se foi, não tem a paz interior necessária para estruturar racionalmente, intelectivamente, todo o tumulto de ideias que lhe vai n'alma.

Em suma, a Estilística é o passo mais decisivo, no estudo de uma língua, para a educação do sentimento estético e manifestação da competência expressiva.

Traço estilístico e erro gramatical – Não se há de entender que o estilo seja sempre uma deformação da norma linguística. Isto nos leva à distinção entre *traço estilístico* e *erro gramatical*.

O traço estilístico pode ser um desvio ocasional de norma gramatical vigente, mas se impõe pela sua intenção estético-expressiva.

O erro gramatical é o desvio sem intenção estética.

Campo da Estilística – O estudo da Estilística abarca, semelhante à Gramática, todos os domínios do idioma. Lembremos a lição de Bally: "Todos os fenômenos linguísticos, desde os sons até as combinações sintáticas mais complexas, podem revelar algum caráter fundamental da língua estudada. Todos os fatos linguísticos, sejam quais forem, podem manifestar alguma parcela da ida do espírito e algum movimento da sensibilidade. A estilística não é o estudo de uma parte da linguagem, mas o é da linguagem inteira, observada de um ângulo particular. Nunca pretendi (isto é para responder a umas críticas que me fizeram) que a linguagem afetiva existe independentemente da linguagem intelectual, nem que a estilística deva estudar a primeira excluindo a segunda; o que faz é estudá-las ambas em suas relações recíprocas, e examinar em que proporção se aliam para compor este ou aquele tipo de expressão".[182]

Teremos assim os seguintes campos da Estilística:

Estilística
- 1) fônica
- 2) morfológica
- 3) sintática
- 4) semântica

A Estilística Fônica procura indagar o emprego do valor expressivo dos sons: a harmonia imitativa, no amplo sentido do termo. É a *fonética expressiva* de que falamos na parte inicial deste livro.

A Estilística Morfológica sonda o uso expressivo das formas gramaticais. Entre os usos expressivos deste campo lembraremos:

1) *o plural de convite*: põe-se o verbo no plural como que se quisesse incentivar uma pessoa a praticar uma ação trabalhosa ou desagradável. É o caso da mãe que diz à filhinha que insiste em não tomar o remédio:

Olha, filhinha, *vamos* tomar o remedinho.

2) *o plural de modéstia*: o autor, falando de si mesmo, poderá dizer:

Nós, ao escrevermos este livro, tivemos em mira dar novos horizontes ao ensino do idioma.

3) *o emprego expressivo dos sufixos* (mormente os de gradação):

paizinho, mãezinha, poetastro, padreco, politicalha

4) *o emprego de tempos e modos verbais,* como, por exemplo:

a) o presente pelo futuro para indicar desejo firme, fato categórico:

Amanhã eu *vou* ao cinema.

b) o imperfeito para traduzir pedido:

Eu *queria* um quilo de queijo (em vez do categórico e, às vezes, ameaçador *quero*).

c) o presente pelo pretérito para emprestar à narração o ar de novidade e poder comover o ouvinte:

Aí César *invade* a Gália.

5) a *mudança de tratamento*, de um período para outro, para indicar mudança da situação psicológica entre falante e ouvinte, ou entre escritor e leitor. No soneto *Última Folha,* Casimiro de Abreu chama a Deus por *Meu Pai* e ora o trata por *tu,* ora por *vós*. É que em *Meu Pai* o poeta vê Deus como seu íntimo, ligado a ele tão intimamente que lhe cabe o tratamento *tu*. Mas ao poeta Deus se apresentava também como o criador de todas as coisas, o poder supremo a quem só podia caber a fórmula respeitosa e cerimoniosa assumida por *vós*.

A Estilística Sintática procura explicar o valor expressivo das construções:

1) na regência, como, por exemplo, o emprego do posvérbio;
2) na concordância, como, por exemplo, na *atração*, na *silepse*, no infinitivo flexionado para realce da pessoa sobre a ação mesma;
3) na colocação dos termos na oração, na colocação de pronomes, etc.
4) no emprego expressivo das chamadas *figuras de sintaxe.*

A Estilística Semântica pesquisa:

1) a significação ocasional e expressiva de certas palavras:
   Você é um *abacaxi.*
   Aquele aluno é um *monstro.*
   Ele tem uns *bons* sessenta anos.
2) no emprego expressivo das chamadas figuras de palavras ou *tropos* (metáfora, metonímia, etc.) e figuras de pensamento e sentimento (antítese, eufemismo, hipérbole, etc.).

Apêndice

DOIS EXEMPLOS DE ANÁLISE ESTILÍSTICA

A título de meras sugestões aos leitores ainda não familiarizados com as técnicas da análise estilística, temos a satisfação de transcrever aqui dois excertos assinados, um por excelente mestre brasileiro, J. Mattoso Câmara Jr., e outro pelo não menos distinto estudioso português, Jacinto do Prado Coelho. Outras interessantes amostras pode o leitor curioso ver nos estudos de Augusto Meyer, Othon Moacyr Garcia e uma plêiade de patrícios onde está indicada farta bibliografia especializada.

1) *Um soneto de Antônio Nobre*

O comentário de poemas será ainda, em grande parte, criação, inventiva, uma série de desdobramentos psicológicos, evocações, associações de imagens, que mostram a personalidade do leitor a colaborar com simpatia na obra do comentário. A visão de conjunto originária iluminará todo o comentário. A linguagem será encarada, segundo quer Spitzer, como floração da substância espiritual do poema. A divisão metodológica em comentário ideológico e comentário de forma não me parece justa. O poema deve ser olhado como um todo. A consideração das formas linguísticas conduzirá ao psicológico, e acompanhará o comentário da substância do princípio ao fim. O que se pretende, em primeiro lugar, é que o *eu* do leitor comungue no eu do poeta (e Berdiaeff mostrou muito bem a impossibilidade desta comunicação por meios que não sejam de natureza afetiva; pensar é objetivar, é separar). É claro que sem objetivação não há crítica. Mas no comentário de poemas a crítica aos pormenores deve incluir-se num estado de adesão que permaneça durante o comentário.

Tudo isto, eu sei, é muito difícil; nunca consegui realizá-lo satisfatoriamente. Dou, todavia, com exemplo, o comentário dum soneto que tentei fazer segundo a orientação exposta. Começo pela introdução à leitura:

"Antônio Nobre, não só pela concepção que teve da poesia, como pela estranha riqueza da

sua personalidade, é verdadeiramente um poeta moderno. Se ainda vivesse, teria setenta e cinco anos. Talvez a sua presença nos impedisse o convívio estreito com esse rapaz triste que escreveu o *Só*, o livro mais triste que há em Portugal. A sua presença física torná-lo-ia, porventura, mais distante. Assim, porque morreu aos trinta e dois anos, ficou sempre rapaz na nossa lembrança, de olhos doces, pálido, feições finas, embrulhado numa capa de estudante, absorto como é sina dos poetas.

Quando ouvimos o tom lastimoso da sua voz, quando o sentimos tão perto, os nossos braços procuram estender-se através da bruma que separa as almas, para lhe darem finalmente, com piedade fraterna, o carinho que pediu sem receber. Continua vivo a nosso lado, continua conversando, obriga-nos, pelo tom das suas palavras, a ver o mundo como ele via, sentir como ele sentia.

Mas não era assim, pela vida subjetiva, que Nobre queria viver. Nobre foi um homem de desejo. Emigrou para um país diferente, recolheu-se no sonho da infância, chegou a bem-dizer a velha, a senhora Morte, apenas pela força do seu destino.

Antônio Nobre queria viver a nossa vida, queria ser como os outros saudável e contente. Ambicionava uma purinha de cabelo negro e boca vermelha. Confessou-nos o seu "ideal de parisiense": casa defronte do mar, sardinha ao lume, economias no mealheiro, sendo possível, e mulher e filhos. Nobre fora feito para este mundo, e só a doença o afastou dele. O seu desespero dissolveu-se numa resignação de menino suave e obediente, que se entretém com brinquedos de luxo. O seu brinquedo foi a arte. Mas não somente um brinquedo: um meio de confissão, de transmissão da sua humanidade confrangida. Por isso (pensando que ele queria viver, e que morreu tão novo, tão triste, tão só) ouviremos sempre com piedade a voz do seu lamento, e choro de quem já não espera nada, nem mesmo o ópio do regresso, pela memória, aos tempos de criança:

Tombou da haste a flor da minha infância alada,
Murchou na jarra de oiro o pudico jasmim:
Voou aos altos céus a pomba enamorada
Que dantes estendia as asas sobre mim.

Julguei que fosse eterna a luz dessa alvorada,
E que era sempre dia, e nunca tinha fim
Essa visão de luar que vivia encantada
Num castelo ideal com torres de marfim!

Mas hoje as pombas de oiro, aves da minha infância,
Que me enchiam de lua o coração, outrora,
Partiram e no céu evoam-se a distância!

Debalde clamo e choro, erguendo aos céus meus ais:
Voltam na asa do vento os ais que a alma chora,
Elas, porém, Senhor! elas não voltam mais...

De leitura deste soneto fica-nos o travo da desilusão, a amargura de perder o que nunca mais se recupera. As metáforas, cuja finura e cuja riqueza nos impressionam, vêm transmitir uma visão encantada dos anos da meninice. Segundo o poeta, a infância é alada, tem asas, talvez porque o pensamento infantil voa a cada instante para o reino da fantasia, talvez porque a criança é um anjo, pela sua pureza, ainda visível da sua divisa.

Nobre escolheu uma flor, “um pudico jasmim”, para simbolizar essa candura perdida. O jasmim é branco, de perfume penetrante, mas suave. Também as crianças têm a graça, o perfume, a brancura da alma. O adjetivo “pudico” estabeleceu, no espírito do poeta, a ligação entre a flor e a criança: ambos possuem a pudicícia, a castidade, a inocência.

Vejam em tudo isto a delicadeza da arte de Antônio Nobre. Ele pôs de lado os processos declamatórios, a eloquência romântica, os meios diretos e demasiado conhecidos. Para nos dizer que terminou o sonho da sua meninice, a alegria da visão imaculada, Nobre fala-nos da flor que também tombou da haste, do jasmim que murchou num vaso de oiro, da pomba enamorada que se sumiu no azul e nunca mais voltou (lembramos aqui as lindas asas brancas de Garrett, que ele batia para voar ao céu).

Todo o soneto é construído sobre estas metáforas brilhantes, desde as pombas de oiro às torres de marfim. Somos levados a aludir ao simbolismo de Antônio Nobre, à preferência pela magia das insinuações indiretas. Na verdade o simbolismo não passou, a princípio, duma reação contra o processo parnasiano de mostrar as coisas, francamente, inteiramente, dando-as pelo nome próprio, sem rodeio nem véu. Isso tirava ao leitor o prazer de participar na criação.

“Nomear um objeto – escrevia Mallarmé em 1891 – é suprimir três quartos do gozo do poema, que consiste na delícia de adivinhar pouco a pouco; o sonho é sugerir o objeto. O uso perfeito deste mistério constitui o símbolo: evocar lentamente um objeto para mostrar um estado de alma, ou, inversamente, escolher um objeto e tirar dele um estado de alma por uma série de decifrações”. Estas palavras de Mallarmé (que foi o maior dos poetas simbolistas franceses) quadra à poesia de Antônio Nobre; notamos, porém, que, no soneto que hoje comentamos, não há imagens tão ousadas ou alucinantes que revoltem o senso comum; pelo contrário, é bem compreensível que se represente a candura da infância por uma flor branca, o mundo fantástico e hermético das crianças por um castelo de marfim.

O que parece estranho é não ser uma dor humana, dilacerante como a de Antônio Nobre, transmitida sem rodeios, no seu ímpeto de expansão, desalinhada e convulsiva. Não há dúvida de que Nobre foi sempre sincero. Desde pequeno, começou a meditar na morte, porque a esperava. Os prenúncios da tuberculose vieram pouco depois dos vinte anos. E ele, que já em criança pedia que, depois de morto, o embrulhassem num cobertor, “porque tinha medo do frio do jazigo”, depois começou a ver em todas as coisas o riso macabro da morte:

> Em tudo via a Velha, em tudo via a Morte;
> Um berço que dormia era um caixão pr‘a cova:
> Via a Foice no Céu quando era Lua Nova...

Antônio Nobre foi, portanto, um poeta espontâneo. Escreveu com o sangue das suas veias. Mas não foi apenas um homem que sofreu, porque fez dos pedaços da sua dor filigranas de beleza e harmonia. Ele próprio disse uma vez: “A dor que dura sempre produz o prazer que não dura mais que um momento”. Esse momento de que fala Nobre é, sem dúvida, o momento da criação poética, o momento da graça. O poeta depôs no altar da Arte a sua humanidade passageira, que sangrava. Contempla-se na própria imagem, acriançado e um pouco *dândi*, saboreando as palavras, procurando ritmos.

É notar como a palavra “lua” tem na sua poesia um halo especial de associações de imagens. As palavras recebem das outras mais próximas uma incidência de estímulos

psicológicos que muitas vezes transfiguram.

Por isso "lua", nos versos de Nobre ("...aves na minha infância que me enchiam de lua o coração outrora") sugere-nos o mundo saudoso e feminino do poeta, com as graças pálidas e os seus fantasmas adormecidos.

No último terceto, Nobre lança uma queixa dolorida e todavia humilde e resignada:

Debalde clamo e choro, erguendo aos céus meu ais:
Voltam na asa do vento os ais que a alma chora.
Elas, porém, Senhor! elas não voltam mais...

Nobre não renega o Senhor, embora tenha clamado antes de chorar. A rapidez saltitante do segundo verso, composto por palavras todas muito curtas, parece trazer o eco dos ais do poeta, vindos nas asas do vento. Voltam os ais que redobram a sua dor, mas não voltam as pombas de oiro da sua infância alada. O último verso, mais de que a chave racional do soneto, à maneira clássica, é uma frase sentimental: a primeira parte, ascendente, é um grito de alma ("elas, porém, Senhor!"); a segunda parte, descendente, é um suspiro de aceitação ("elas não voltam mais").

Antônio Nobre conformou-se, acabou por amar a sua cruz. Conseguiu tornar-se criança meiga e obediente, de olhos muito abertos, de sorriso tão triste. O sorriso de quem fala de ir viajar, sequinho, para o sol-posto; o sorriso de quem pede que componham com jeito o travesseiro, de modo que lhe faça bom encosto no caixão:

De modo que me faça bom encosto,
O travesseiro comporá com jeito,
E eu, tão feliz! Por não estar afeito,

Talvez este sorriso derive duma atitude premeditada, um último "coquetismo" de moribundo que compõe o lençol, manda abrir a janela e diz qualquer coisa infantil para distrair os outros da sua desgraça. Talvez seja a última defesa de quem teve de entregar-se todo, esfarrapado e sangrando, aos olhos da multidão compadecida".

Jacinto do Prado Coelho (*A Educação do Sentimento Poético*, pág. 65-71).

2) *Um soneto de Machado de Assis*:

A Carolina

...O estilo tem um cunho nitidamente quinhentista.

Sugere-o a formulação global, linguística e rítmica, e sublinham-no certos dados concretos, como, por exemplo, o qualificativo "malferidos", aconselhado por Mário Barreto justamente por se casar ao seu ideal de restauração da linguagem clássica183, a já citada locução de "pensamentos idos e vividos", e a pobreza das rimas dos tercetos em *-ados* e *-idos*, onde se alinham fácil e espontâneamente particípios da 1.ª conjugação e da 2.ª e 3.ª:

Trago-te flores, – restos arrancados
Da terra que nos viu passar unidos
E ora mortos nos deixa e separados
Que eu, se tenho nos olhos malferidos

Pensamentos de vida formulados,
São pensamentos idos e vividos.

O que, entretanto, mais aí nos deve interessar é a "forma interna", isto é, o plano formal imanente no desdobramento das frases.

Para o soneto, a forma interna, assim concebida, se processa pela concatenação de ideias, ascendentes em amplitude e intensidade, até o coroamento de uma larga e culminante expressão final. É o que naturalmente estava prefigurando no microcosmo da copla esparsa, de que vimos provavelmente ter evoluído o soneto.

Em Bocage, esta estruturação chega muitas vezes ao uso de um único período, que só na parte final apresenta as suas orações capitais. Um bom exemplo é o soneto sobre a existência de Deus184 onde vão-se anunciando os fatos da natureza comprobatórios, até se chegar à afirmação dessa existência na base desses fatos –

tudo que há a confessar me obriga

– acrescentando-se o conceito de que tal existência se impõe à Razão, e não apenas à Fé, pela evidência física e pela necessidade no plano moral, o que tinha de ser o capital argumento para o iluminismo oitocentista:

E para crer num braço autor de tudo,
Que recompensa os bons, que os maus castiga,
Não só da Fé mas da Razão me ajudo.

Esse plano formal interno pode, é verdade, oferecer a variante do chamado "soneto elisabetano" (que praticou Shakespeare)185 onde a três estrofes de quatro versos, independentes entre si quanto à rima, se adjunge um dístico final, que resume o pensamento anteriormente desenvolvido. Neste particular, Antônio Nobre nos ilustra uma forma interna de soneto elisabetano moldado na forma externa italiana, quando disjunge pela ideia os dois versos finais do último terceto, neles resumindo todo o teor da poesia, cujo pensamento se concluíra no décimo segundo verso:

Ó virgem que passais ao sol poente,
Pelas estradas ermas a cantar,
Eu quero ouvir uma canção ardente
Que me transporte ao meu perdido lar.
Cantai-me nessa voz onipotente
O sol que venha aureolando o mar,
A fartura da seara reluzente,
O vinho, a graça, a formosura, o luar.
Cantai, cantai, as límpidas cantigas
Do fundo do meu lar desaterrai
Todas aquelas ilusões antigas,
Que eu vi morrer num sonho como um ai!...
Ó suaves e frescas raparigas,
Adormecei-me nessa voz... Cantai! 186

Voltando, entretanto, a "A Carolina" de Machado de Assis, examinemos-lhe a forma interna na base das considerações acima feitas.

Não temos aí, em verdade, um desdobramento de ideias cada vez mais amplas e intensas até um clímax de versos finais.

O poeta combina pensamentos cognatos e paralelos: um nos quartetos, outro no primeiro terceto, enquanto um terceiro pensamento, que é a essência do pequeno poema, se

consubstancia finalmente no último terceto.

Recitemos a produção, comparando-a com o esquema assim depreendido:

A) Visita à sepultura com as ideias que acompanham esse gesto de saudade e carinho: a evocação da felicidade e a afirmação de uma lembrança e um afeto que não mais se apaga ou sequer desfalece:

> Querida, ao pé do leito derradeiro
> Em que descansas dessa longa vida,
> Aqui venho e virei, pobre querida,
> Trazer-te o coração de companheiro.
> Pulsa-lhe aquele afeto verdadeiro
> Que, a despeito de toda a humana lida,
> Fez a nossa existência apetecida
> E num recanto pôs o mundo inteiro.

B) Oferta de flores, como símbolo dessa saudade, que assim se concretiza num gesto ritual:

> Trago-te flores, restos arrancados
> Da terra que nos viu passar unidos
> E ora mortos nos deixa e separados.

C) Finalmente, o conceito de que o poeta está morto para o mundo, e a sua vida física se prolonga automaticamente pelo impulso adquirido de uma força vital que desapareceu:

> Que, se eu tenho nos olhos malferidos
> Pensamentos de vida formulados,
> São pensamentos idos e vividos.

Mas não é tudo. Não se resume nesta análise o plano complexo do soneto.

O poeta articulou sutilmente a parte C com a parte B, tirando-a da expressão, aparentemente secundária, de que ele está tão morto quanto a sua Carolina.

Digo "aparentemente secundária", porque o termo está colocado em meio de frase e como primeiro elemento de um conjugado copulativo, em que predomina formalmente, portanto, o segundo qualificativo *separados*.

Há a intenção de provocar a perplexidade *a posteriori* do leitor, cuja atenção desliza até *separados* e, *depois* de aceitar essa ideia *self-evident*, há de retornar, sem querer, para o paradoxal adjetivo *mortos*, que o antecede. "Mortos, por quê?" Assim concentrado num novo conceito, que obviamente tem de intrigá-lo, está ele preparado para receber o impacto de pensamento final, introduzido ao último terceto por um *que* de valor causal.

Temos, assim, – não um desdobramento que regularmente vai ascendendo para uma ideia ápice –, mas um primeiro pensamento concluso (a evocação da felicidade perdida e a lembrança perene da mulher amada), um segundo que o ilustra numa concretização simbólica, e, saindo de um elemento aí lançado quase ao acaso, um pensamento final, que transfigura o poema e lhe dá a substância definitiva.

É nesta forma interna e no seu contraste com o plano natural de um soneto, que me parece estar, estilisticamente, a significação da pequena joia poética que acabamos de rapidamente apreciar.

Joaquim Mattoso Câmara Jr. (*Revista do Livro*, no. 5, p. 71-73)

179 J. Mattoso Câmara Jr., “Noções de Estilística” in *Littera*, n.º 2, 91.
180 Matéria y Forma en Poesia, 103-104.
181 No artigo citado.
182 *Le Langage et la Vie*, 100.
183 Mário Barreto, *Novos Estudos da Língua Portuguesa*. Rio, 1921; p. 364.
184 *Obras Poéticas de Bocage*, ed. Tavares Cardoso e Irmão. Lisboa 1902, vol. I, 234.
185 Sobre o soneto na literatura inglesa, consultar Enid Hammer, *The Meters of English Poetry*, London, 1954; p. 186 ss.
186 Antônio Nobre, *Só*, 3.a. ed. (Aillaud e Bertrand)., 1913, p. 120.

V – Noções Elementares de Versificação

"La métrique est une science, mais c'est aussi un art.
Le métricien doit connaître la technique du vers, mais
il doit aussi être un homme de bon sens, avoir de la finesse
et du goût" (G. Millardet, *Romania*, 43, 1914, p. 260).

Poesia e prosa – Em sentido formal, chama-se **poesia** à forma de expressão ordenada segundo certas regras e dividida em unidades rítmicas.

Prosa é a forma de expressão continuada. Embora a prosa também possa ter ritmo, aqui ele é menos rigoroso que na poesia.

Verso é o conjunto de palavras que formam, dentro de qualquer número de sílabas, uma unidade fônica sujeita a um determinado ritmo.

Ritmo é a divisão do tempo em período uniformes mediante os apoios sucessivos da intensidade.

Metro é o verso que, além de atender ao ritmo, se apresenta dentro de uma norma regular de medida silábica.

O ritmo, comum ao verso e ao metro, não se manifesta de maneira uniforme; por isso produz efeitos diferentes conforme a disposição das cláusulas silábicas que constituem o período rítmico do verso.

Por sua vez, um mesmo metro pode apresentar-se sob várias modalidades rítmicas.

Pode-se mudar de ritmo sem alterar o metro ou o verso, como se pode mudar de metro ou verso sem alterar o ritmo.

Como ensina Navarro Tomás, o ritmo nasce da disposição acentual, o verso depende da ação do ritmo, e o metro obedece justamente ao ritmo e à medida silábica.

Além do ritmo acentual, outros recursos suplementares contribuem para dar ao verso as qualidades de sua fisionomia e de colorido; são recursos fônicos, morfológicos e semânticos. Além da rima e da estrofe, figuram, entre outros, a harmonia vocálica, a aliteração de consoantes, o paralelismo, a anáfora, a ordem das palavras ou a valorização semântica de uma palavra ou expressão.

Por melhor que seja o verso, perderá muito de seu valor se proferido por um leitor – e até mesmo pelo seu autor - que não saiba pôr em evidência as características de sua estrutura rítmica, métrica e de seus apoios fônicos.

Pausa final. Cavalgamento – Na leitura de um poema, marca-se o final de cada verso ou final de cada unidade de verso composto (*hemistíquio*) com uma pausa, a chamada *pausa métrica*. Esta pausa métrica não passa de uma pequena interrupção, que não chega a confundir com a pausa mais demorada, resultante da entoação da oração, marcada em geral por vírgula ou outro sinal de pontuação.

Não levar na devida conta a pausa métrica, além de atentar contra o ritmo, pode converter o verso em falsa prosa.

A pausa métrica é transferida para a primeira sílaba tônica do verso seguinte, quando a unidade sintática excede o limite de um verso e, para completar-se, "cavalga" ou "monta" no verso a seguir, patenteando, assim, um desacordo entre a unidade sintática e a unidade métrica. Este fenômeno é conhecido pela denominação francesa *enjambement*, que se pode traduzir, como fez Said Ali, por *cavalgamento*. Também se usa o termo *encavalgamento*:

> "Sonho profundo, ó Sonho doloroso,
> Doloroso e profundo Sentimento!
> *Vai, vai nas harpas trêmulas do vento*
> *Chorar o teu mistério tenebroso*" [CS.1, II, 63].

Versificação – é a técnica de fazer versos ou de estudar-lhes os expedientes rítmicos de que se constituem.

"Não se há de confundir *versificação* com *poesia*. A poesia é um *dom*: nasce-se poeta. A versificação é uma arte: torna-se um versejador. Grandes poetas, como Vigny, foram medíocres versejadores. Hábeis versejadores, como Teodoro de Banville, não podem jamais ser chamados poetas" [BH.1, 431].

O **ritmo poético**, que na essência não difere das outras modalidades de ritmo, se caracteriza pela repetição. O ritmo consiste na divisão perceptível do tempo e do espaço em intervalos iguais. Quando a poesia se constitui de unidades rítmicas iguais, diz-se que a versificação é *regular;* quando isto não ocorre, a versificação é *irregular* ou *livre*.

O ritmo poético utiliza recursos que nem sempre são coincidentes de idioma para idioma.

Entre nós, por exemplo, não figura a quantidade que é o alicerce da versificação latina ou grega. A rima, por outro lado, que hoje nos é tão familiar e querida, não constituía peça essencial da poesia até a Idade Média latina.

Em português o ritmo poético é assegurado pela utilização dos seguintes expedientes que se podem combinar de maneira variadíssima:

1) número fixo de sílabas;

2) distribuição das sílabas fortes (ou tônicas) e fracas (ou átonas);

3) cesura;

4) rima;

5) aliteração;

6) encadeamento;
7) paralelismo.

O número fixo de sílabas coordenado com a distribuição das sílabas fortes e fracas constitui um *metro poético* e o seu estudo recebe o nome de *métrica*.

I – Número Fixo de Sílabas

Como se contam as sílabas de um verso – Na recitação a contagem das sílabas se processa diferentemente da análise gramatical; nesta se atenta para a sua representação na escrita enquanto naquela se busca a realidade auditiva. No verso:

"É toda um hino: – esperança!" [CA.1, 97]

Há sete sílabas para o poeta (este só conta até a última tônica) e dez sílabas para o gramático; aquele não profere o *a* final de *toda*, liga a consoante *d* a *um*, omite o *o* final de *hino* e junta o *n* à sílaba inicial de *esperança*:

É / to / d(a)um / hi / n(o): – es / pe / ran / ça
1 2 3 4 5 6 7

Só se conta até a última sílaba tônica: verso agudos, graves e esdrúxulos – Uma das orientações que distinguem a contagem das sílabas entre o poeta e o gramático, é que o primeiro, de acordo com orientação revivida (foi iniciada por Couto Guerreiro, no século XVIII) 187 por Antônio Feliciano de Castilho, no século XIX, só leva em conta até a última sílaba tônica, desprezando a átona ou as átonas finais. Daí a divisão dos versos em *agudos*, *graves* ou *esdrúxulos*, conforme terminarem, respectivamente, por vocábulos oxítonos, paroxítonos, ou proparoxítonos, como nos seguintes versos, todos de dez sílabas:

"O padre não falou – mostrou-lhe o céu!" [CA.1, 137] **Agudo**
"Eu vi-a lacrimosa sobre as *pedras*." [CA.1, 106] **Grave**
"Estátua da aflição aos pés dum túmulo!" [CA.1, 106] **Esdrúxulo**

Neste livro indicaremos a sílaba métrica pelo símbolo ∪ ; quando for tônica poremos nele um acento tônico: ∪.188

Fenômenos fonéticos correntes na leitura dos versos – Na leitura dos versos, proferimos as palavras com as junções e as pausas que o falar de todos os momentos conhece; por exagero, entretanto, tais fenômenos fonéticos costumam ser explicados como "exigência da técnica versificatória".

Estes fenômenos são: 1) sinérese; 2) diérese; 3) elisão; 4) crase; 5) ectlipse; e podem ocorrer uns dentro do mesmo vocábulo (*intraverbais* ou *internos*) e outros pela junção de dois vocábulos (*interverbais* ou *externos*).

Sinérese ou ditongação é a junção de vogais contínuas numa só sílaba em virtude de uma das vogais passar a semivogal, no interior da palavra.

Na língua portuguesa moderna, especialmente no Brasil, é normal a sinérese interna: "a) nos grupos vocálicos átonos não finais, de segunda vogal, alta, correspondente em vocábulo derivado ou composto à vogal tônica do primitivo (ex.: *traidor*, de *trair*) ou à vogal inicial de uma das formas mínimas componentes (ex.: *vaidade*, rad. *va-*, suf. *-idade*), sendo que, fora dessas duas condições, se tem aí um ditongo sistemático (ex.: *lei-tu-ra*, *cau-te-la*, etc.); b) nos grupos vocálicos átonos não finais, de primeira vogal alta (ex.: *piedade*, *suavidade*); c) nos grupos vocálicos átonos finais, de primeira vogal átona (ex.: *glória*, *áscua*, *série*, *tênue*), sendo que não há primeira vogal média nesses grupos (cf. *níveo*/*níviu*/*mágoa*/*mágua*). A intenção estilística ou a métrica, no verso, criam frequentemente diérese nos dois primeiros casos" [MC.4, 221].

DIÉRESE é a dissolução de um ditongo em hiato no interior da palavra.

A diérese, que é sempre interna, é fenômeno hoje raro em poesia, geralmente usado apenas para certos fins expressivos ou como expediente para dar ao verso o número de sílabas exigidas:

"Pe / sa / -me es / ta / bri / lhan / te au / ré / o / la / de / nu / me..." [MA].

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12

O movimento lento, proferindo *auréola* (*au-ré-o-la*) como vocábulo de quatro sílabas, parece emprestar à situação o colosso do tamanho que tem o sol, em relação à simplicidade do vaga-lume.

Às vezes costuma-se indicar a diérese pondo-se trema no *i* ou *u*: *vaïdade* (*va-i-da-de*), *saudade* (*sa-u-da-de*).189

SINALEFA, é a perda de autonomia de uma vogal para tornar-se semivogal e, assim, constituir um ditongo com a vogal seguinte:

E triste e triste e fatigado eu‿vinha (lido como tritongo: /wew/).

ELISÃO é o desaparecimento de uma vogal quando pronunciada junto de outra vogal diferente:

e fatigad(o)‿eu vinha (lido: /ew/) [CCh.1, 667].

A pronúncia rápida dos portugueses leva mais frequentemente à realização de elisões do que a pronúncia mais lenta dos brasileiros. Nem sempre, como no exemplo acima, a elisão é indicada graficamente:

Mas se forçoso *t'é* deixar a pátria [CA.1, 125].

Note-se também que a elisão pode abarcar mais de duas vogais.

CRASE é a fusão de dois ou mais sons iguais num só:

"Teu pensamento, como‿o sol que morre,
Há de cismando mergulhar-se‿em mágoas" [CA.1, 125].
"Durante a noite quando‿o orvalho desce" [CA.1, 144].

ECTLIPSE é a supressão da ressonância nasal de uma vogal final de vocábulo para facilitar a sinérese ou a crase com a vogal contígua.190

Ocorre com mais frequência a ectlipse no final *-em* e na preposição *com*. Neste último caso, é comum ser indicada por apóstrofo, porque, a rigor, a ectlipse não passa de uma elisão considerada a palavra no seu sentido mais geral (o Vocabulário Oficial recomenda não usar apóstrofo: coa, coas, co, cos):

"Co'as tranças presas na fita,
Co'as flores no samburá" [CA.1, 116].

É preciso insistir, mais uma vez, que os fenômenos fonéticos aqui estudados só na mão do versejador são frios recursos de aumento ou diminuição de sílabas para atender às exigências da técnica versificatória; na mão do verdadeiro poeta constituem intencionais e vigorosos elementos do quadro que o artista deseja pôr diante de nossos olhos. O ritmo que devemos imprimir ao verso, acelerado aqui, com pausas acolá, é uma como harmonia imitativa das ideias que o poeta nos quer transmitir.

O ritmo e a pontuação do verso – Já acentuamos que nem sempre a unidade de sentido do poema coincide com os limites de sua linha, o que nos mostra o erro daqueles que leem verso fazendo longa pausa no fim de cada um deles.191 Esta longa pausa só é lícita quando a unidade sintática o exigir ou permitir:

"Meus Amigos, Adeus – Verei fulgindo
A lua em campo azul, e o sol no ocaso
Tingir de fogo a implacidez das águas;
Verei hórridas trevas lento e lento
Descerem, como um crepe funerário
Em negro esquife, onde repoisa a morte" [GD.3, I, 213].

Às vezes se podem ligar fonemas de palavras separadas por algum sinal de pontuação ou, ao contrário, pode haver uma pausa sem que seja indicada por sinal gráfico adequado, como nestes versos de dez sílabas:

"E eu, fitando-a, abençoava a vida" [CA.1, 279], lido:
E / eu / fi / tan / do-a a / ben / ço / a / va a / vi / da
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
"Ama-se a vida – a mocidade é crença" [CA.1, 144].

Expedientes mais raros na contagem das sílabas – Ao lado dos casos até aqui apontados, há outros de menos incidência, mas que merecem nossa atenção. Lembraremos os três seguintes:

a) o movimento rítmico de um verso pode estar sob a influência do verso anterior ou do seguinte, fazendo com que a vogal ou sílaba inicial de um verso fique incorporada no verso precedente; isto vem explicar a exatidão métrica de alguns versos aparentemente errados por se apresentarem mais curtos do que deviam:

"Chorar a virgem formosa
Morta na flor dos anos" [CA.1, 83], que será lido:
Cho / rar / a / vir / gem / for / mo /
1 2 3 4 5 6 7
sa / mor / ta na / flor / dos / a / nos
1 2 3 4 5 6 7

b) o silêncio ou pausa mais forte valendo como sílaba:

"Às vezes, oh, sim, / derramam tão fraco" [GD.3, I, 68].
"O céu era azul, / tão meigo e tão brando" [GD.3, I, 45].

são versos de onze sílabas aos quais a pausa intencional do poeta (indicada aqui por /) vale por uma sílaba métrica.

c) a dissolução de um encontro consonântico pela intercalação de uma vogal (/ *i* / ou / *e* /), não indicada na escrita, fazendo da primeira consoante uma sílaba à parte, o que revela uma tendência da pronúncia brasileira corrente:

"Ninguém mais *observa* o tratado" [GD.2] – *observa* deve ser lido com quatro sílabas.
"Contudo os olhos *d'ignóbil* pranto" [GD.1] – *ignóbil* deve ser lido também com quatro sílabas.

2 – Número Fixo de Sílabas e Pausas

O número fixo de sílabas e pausas é o principal dos apoios rítmicos do verso. O poeta tem a liberdade de não ficar, em todo o poema, preso ao mesmo metro. No poema de Gonçalves Dias, intitulado *Minha Vida e Meus Amores*, ocorre uma mudança de metro muito interessante. O poeta vinha versejando em decassílabos acentuados na sexta sílaba ou na quarta e oitava:

Outra vez que lá fui, que a vi, que a medo
Terna voz lhe escutei: – sonhei contigo! –
Inefável prazer banhou meu peito,
Senti delícias; mas a sós comigo
Pensei – talvez! – e já não pude crê-lo.

De súbito, nos versos 67 e 68 faz cair as pausas na quarta e sétima sílaba, aproximando o ritmo decassílabo do ritmo de onze sílabas, que vai aparecer nos versos 70 e 71:

Ela tão meiga e tão cheia de encantos,
Ela tão nova, tão pura e tão bela...
Amar-me! – Eu que sou?
Meus olhos enxergam, enquanto duvida
Minh'alma sem crença, de força exaurida,
Já farta da vida,
Que amor não doirou. [MB.1, II, 127].

Na poesia *A Tempestade*, Gonçalves Dias varia a medida de estrofe; a estrofe começando por duas sílabas até chegar a onze, quando retorna num movimento decrescente até voltar ao

de duas sílabas. Com isto o poeta quis-nos indicar mais vivamente "a aproximação gradativa da tempestade, cuja maior fúria estoura na décima estrofe, para depois afastar-se pouco a pouco" [Manuel Bandeira, editor das Obras de Gonçalves Dias, II, 235].

Os versos em português variam, em geral, de uma a doze sílabas, sendo raros os que ultrapassam este número. Para sua designação empregam-se os nomes gregos denotativos de número prefixados ao elemento -*sílabo*: *mono*- (um só), *dis*- (dois), *tri*- (três), *tetra*- (quatro), *penta*- (cinco), *hexa*- (seis), *hepta*- (sete), *octo*- (oito), *enea*- (nove), *deca*- (dez), *hendeca*- (onze), *dodeca*- (doze): *monossílabo*, *dissílabo*, *trissílabo*, *tetrassílabo* (também chamado *quadrissílabo*) , *pentassílabo* (também dito *redondilha menor*) , *hexassílabo*, *heptassílabo* (também dito *redondilha maior* ou só *redondilha*) , *octossílabo*, *eneassílabo*, *decassílabo* (também chamado *heróico*) , *hendecassílabo* (também chamado de *arte maior*) e *dodecassílabo* (ou também *alexandrino*), nome tirado das numerosas composições medievais que cantavam os feitos do guerreiro Alexandre, mormente o *Poema de Alexandre*, composto no século XII, por Alexandre de Bernay e Lambert Licor.

Cesura – Os versos longos, de ordinário a partir dos de dez sílabas, apresentam uma pausa interna, chamada *cesura*, para ressaltar o movimento rítmico, dividindo o verso em duas partes, nem sempre iguais, conhecidas pelo nome de *hemistíquios*. A *cesura* pode ser uma pausa menor (não indicada por sinal de pontuação), ou mais acentuada (indicada na escrita por sinal de pontuação).

Como assinala Navarro Tomás, "em qualquer ponto do verso pode ocorrer uma interrupção requerida pela sintaxe ou pela necessidade de destacar o significado de uma palavra. Estas paradas ocasionais não têm a função métrica da cesura ou da pausa" [NT.1, 28].

Versos de uma a doze sílabas – Os versos de uma, duas e três sílabas só têm uma sílaba forte:

a) Monossílabos (raríssimos):

"quebra
queima
reina
dança
sangue
gosma..." [MAn *apud* MB.3, 3242].

b) Dissílabos:

"Um raio
Fulgura
No espaço
Esparso
De luz" [GD.4, 229].

c) Trissílabos:

"Vem a aurora
Pressurosa,
Cor-de-rosa,

Que se cora
De carmim" [GD.4, 229].

d) Tetrassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ↺ ∪ ↺
"O sol desponta" [GD.4, 230].

2 – ∪ ∪ ∪ ↺
"Que entre verdores" [GD.4, 230].

3 – ↺ ∪ ∪ ↺
"Lá no horizonte" [GD.4, 230].

4 – ∪∪↺ ↺
"Salomé vinha" [*apud* MB.3, VI, 3242].

e) Pentassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ↺ ∪ ∪ ∪ ↺
"Gados que pasceis" [LC *apud* SA.3, 30].

2 – ∪ ↺ ∪ ∪↺
"Um ponto aparece" [GD *apud* SA.3].

3 – ∪ ∪ ↺ ∪ ↺
"Não sou eu tão tola" [JD *apud* SA.3].

f) Hexassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ↺ ∪ ↺ ∪↺
"Não solta a voz canora" [GD, *ibid.*].

2 – ∪ ↺∪ ∪ ∪↺
"Que um canto d'inspirado" [*Id.*, *ibid.*].

3 – ∪ ∪ ↺ ∪ ∪↺
"Como é fundo o sentir" [CA *apud* SA.3, 33].

4 – ↺ ∪↺ ∪ ∪ ↺
"Pois permite e consente" [LC *apud* SA.3, 32].

5 – ↺ ∪ ∪↺∪ ↺
"Tu já mataste a sede,
Mate-me a sede a mim" [JD *apud* SA.3].

6 – ∪ ∪ ∪ ↺ ∪↺
"E à luz do luar incerto" [AG *apud* MC.3, II, 149].

g) Heptassílabos – são os versos mais usados e populares em português e apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ◡ ◡ ◡ ◡ ◡◡◡
"Cresce a chuva, os rios crescem" [GD, *ibid.*].

2 – ◡´◡ ◡ ◡◡◡ ◡ ◡
"Fogem do vento que ruge" [*Id.*, *ibid.*].

3 – ◡ ◡◡ ◡ ◡◡◡ ◡
"Ardendo na usada sanha" [*Id.*, *ibid.*].

4 – ◡ ◡ ◡◡ ◡◡◡◡◡
"Como ovelhas assustadas" [*Id.*, *ibid.*].

5 – ◡ ◡ ◡◡ ◡ ◡◡ ◡ ◡
"Que da praia arreda o mar" [*Id.*, *ibid.*].

6 – ◡ ◡◡◡ ◡◡◡ ◡◡◡
"É já torrente bravia" [*Id.*, *ibid.*].

7 – ◡ ◡ ◡◡ ◡ ◡◡◡◡
"Grossos troncos a boiar"

8 – ◡ ◡◡ ◡ ◡ ◡ ◡ ◡◡
"Aqui nestas redondezas" [V. de Carvalho *apud* MC.3, 148].

h) Octossílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ◡ ◡◡ ◡ ◡◡ ◡ ◡◡ ◡ ◡◡
"Demônios mil, que, ouvindo-as, digam" [RC *apud* SA.3, 39].

2 – ◡◡ ◡◡ ◡ ◡◡◡◡ ◡◡
"Sabes tu de um poeta enorme" [MA *apud* SA.3, 40].

3 – ◡◡ ◡ ◡◡ ◡◡◡◡ ◡◡
"Roxas, brancas, rajadas, pretas" [*Id.*, *ibid.*].

4 – ◡ ◡◡ ◡ ◡ ◡◡◡◡ ◡◡◡
"Deixando a palhoça singela" [*Id.*, *ibid.*].

5 – ◡ ◡ ◡◡◡ ◡ ◡◡◡◡
"São Bom Jesus de Matozinhos" [AG *apud* MC.3, 150].

6 – ◡ ◡ ◡◡ ◡ ◡ ◡ ◡◡◡
"Querem vê-lo no seu altar" [*Id.*, *ibid.*].

7 – ◡◡◡◡ ◡◡ ◡ ◡ ◡◡
"Para ficar perto dos ninhos" [*Id.*, *ibid.*].

8 – ◡◡ ◡◡◡ ◡ ◡◡◡◡
"Alto, porém, tão alto soa" [RC *apud* SA.3, 40].

i) Eneassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ∪ ↺∪ ∪↺∪ ∪ ↺
"E no túrgido ocaso se avista" [GD, *op. laud.*]

2 – ∪∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ∪∪ ↺
"Além, nos mares tremulamente" [RC *apud* MC.3].

3 – ∪ ↺ ∪ ∪ ∪↺∪ ∪ ↺
"Da cor de uma menina sem vida" [AG *apud* MC.3, 152].

4 – ↺ ∪ ∪ ↺ ∪ ↺ ∪ ∪↺
"Pobres de pobres são pobrezinhos" [G. Junqueira *apud* SA.3, 42].

5 – ↺ ∪ ∪↺∪ ∪ ↺ ∪ ↺
"Dei-me ao relento, num mar de lua" [R. Correia *apud* SA.3].

6 – ∪ ↺ ∪↺∪ ∪ ↺ ∪ ↺
"Também outrora num mar de lua" [*Id.*, *ibid.*].

7 – ↺ ∪∪∪↺∪ ∪ ∪ ↺
"Pobre lua nova, tão pequena" [A. Guimarães *apud* MC.3].

j) Decassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ∪↺ ∪ ↺
"Um som longínquo cavernoso e ouco" [GD, *ibid.*].

2 – ∪ ∪ ∪ ∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ∪ ↺
"Eis outro inda mais perto, inda mais rouco" [*Id.*, *ibid.*].

3 – ∪↺ ∪ ↺ ∪ ↺ ∪ ∪ ∪ ↺
"Troveja, estoura, atroa; e dentro em pouco" [*Id.*, *ibid.*].

4 – ↺ ∪ ∪ ∪ ∪ ↺∪ ∪∪↺
"Rasga-se o negro bojo carregado" [*Id.*, *ibid.*].

5 – ∪ ↺ ∪ ∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ∪↺
"E enquanto a luz do raio o sol roxeia" [*Id.*, *ibid.*].

6 – ∪ ∪↺∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ∪ ↺
"Das ruínas completas o grande estrago" [*Id.*, *ibid.*].

7 – ∪∪ ∪ ∪ ↺ ∪ ↺ ∪ ∪ ↺
"O sonho passou. Traz magoado o rim" [MB.3, 3243].

8 – ∪ ∪ ∪ ∪↺ ∪ ↺ ∪ ∪↺
"Magoada a cabeça exposta à umidade" [*Id.*, *ibid.*].

9 – ∪∪ ∪ ↺∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ↺
"Doce repouso de minha lembrança" [LC *apud* MB.3].

k) Hendecassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ↺∪∪ ↺ ∪ ∪ ↺ ∪∪ ↺
"Nos últimos cimos dos montes erguidos"

2 – ↺ ∪ ∪ ∪↺ ∪ ∪ ↺ ∪∪ ↺
"Ai! há quantos anos que eu parti chorando" [GJ.1, 117].

3 – ∪∪ ∪ ∪ ↺∪ ∪∪∪∪ ↺
"Deste meu saudoso, carinhoso lar!..." (*Id.*, *ibid.*).

4 – ∪ ∪ ↺ ∪ ↺∪ ∪ ∪ ↺∪ ↺
"Foi há vinte?... há trinta?... Nem eu sei já quando!..." [*Id.*, *ibid.*].

l) Dodecassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ∪ ↺∪∪↺ / ∪∪↺∪ ∪ ↺
"Já não fala Tupã no ulular da procela" [OB *apud* SA.3, 56].

2 – ∪ ↺ ∪ ↺∪↺/ ∪ ↺∪↺∪↺
"E espalham tanto brilho as asas infinitas" [*Id.*, *ibid.*].

3 – ∪ ∪ ↺∪∪ ↺ / ∪ ↺ ∪ ↺ ∪↺
"Como a faixa de luz que o povo hebreu guiava" [*Id.*, *ibid.*].

4 – ∪ ↺ ∪ ↺ ∪ ↺ / ∪∪↺ ∪∪↺
"Teu pé também deixou um sinal neste solo" [*Id.*, *ibid.*].

5 – ↺∪ ∪↺ ∪ ↺ / ↺ ∪ ∪ ↺ ∪↺
"Ruge soturno o mar; turva-se hediondo o dia" [*Id.*, *ibid.*].

6 – ↺∪ ∪ ↺ ∪ ↺/ ∪ ↺∪ ↺∪ ↺
"Súbito a nota extrema anseia, treme, rola" [CAv.1, I, 115].

7 – ↺ ∪ ∪ ↺ ∪ ↺/ ∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ↺
"Noiva que espera o noivo e suspira em segredo" [OB *apud* SA.3].

8 – ∪ ↺ ∪ ↺∪ ↺/ ↺ ∪ ∪↺ ∪ ↺
"Em torno a cada ninho anda bailando uma asa" [*Id.*, *ibid.*].

9 – ∪ ∪ ↺∪ ∪ ↺ / ↺∪ ∪ ↺ ∪ ↺
"Vês com olhos do céu cousas que são do mundo" [MA, *ibid.*].

10 – ↺∪ ↺∪ ∪ ↺ / ↺∪ ↺ ∪ ∪↺
"Essa que ora nos céus anjos chamam Lenora" [*Id.*, *ibid.*].

11 – ↺∪ ↺∪ ∪↺ / ↺∪ ∪ ↺ ∪ ↺
"Casa, rico jardim, servas de toda a parte" (*Id.*, *ibid.*).

12 – ↺ ∪ ↺ ∪ ∪ ↺/∪ ↺ ∪ ↺ ∪↺
"Berço em que se emplumou o meu primeiro idílio" [OB, *ibid.*].

13 – ↺ ∪ ↺∪ ∪ ↺/∪∪↺ ∪ ∪ ↺
"Passa um velho judeu, avarento e mesquinho" (G. Junqueira, *ibid.*).

"A lei orgânica do alexandrino pode ser expressa em dois artigos: 1.º) quando a última palavra do primeiro verso de seis sílabas é grave (1.º hemistíquio), a primeira palavra do segundo deve começar por uma vogal ou por um *h*; 2.º) a última palavra do primeiro verso nunca pode ser esdrúxula. Claro está que, quando a última palavra do primeiro verso é aguda,

a primeira do segundo pode indiferentemente começar por qualquer letra, vogal ou consoante.

Alguns poetas modernos, desprezando essa regra essencial, têm abolido a tirania da censura. Mas o alexandrino clássico, o verdadeiro, o legítimo, é o que obedece a esses preceitos".192

3 – Rima: Perfeita e Imperfeita 193

Chama-se *rima* a igualdade ou semelhança de sons pertencentes ao fim das palavras, a partir da sua última vogal tônica.

As palavras em rima podem estar no fim (*rima final*, a mais usual) ou no interior do verso (*rima interna*), podendo, neste último caso, uma das palavras ocupar a posição final.

Interna é a rima que se faz com a última palavra de um verso e uma palavra no interior do verso seguinte. Em *Aventura Meridiana* (*Os Amores* de P. Ovídio Nasão, 63 e ss.), A. F. de Castilho, compondo quartetos de versos alternados, de 12 e 6 sílabas, rima o 1.º verso com a 2.ª sílaba do 2.º; o 2.º com o 4.º; o 3.º com a 2.ª sílaba do 4.º; finalmente variando o verso ora grave, ora agudo:

"Era na estiva quadra! Intenso meio-dia
Pedia um respirar;
No meio do meu peito
Me deito a descansar.

Janela entreaberta, esquiva ao sol fogoso,
Repouso ali mantém;
Luz como a de espessura
Escura ao quarto vem".

A rima pode ser *perfeita* (ou com *homofonia*) ou *imperfeita* (ou com *semi-homofonia*). Diz-se *perfeita* quando é completa a identidade dos fonemas finais, a partir da última vogal tônica:

"És engraçada e formosa
Como a rosa,
Como a rosa em mês d'abril;
És como a nuvem doirada
Deslizada,
Deslizada em céus d'anil" (G. Dias, *Obras*, 59).

Na rima perfeita, pode haver ainda identidade da(s) consoante(s) anterior(es) à vogal tônica. Para os versos inglês e alemão o fato constitui falta grave.

Diz-se *imperfeita* aquela em que a identidade de fonemas finais não é completa, insistindo-se apenas naqueles fonemas que se diferenciam fundamentalmente dos demais [CCh.2, 200]. Ocorre a rima imperfeita quando:

a) se rima uma vogal de timbre semiaberto com outra de timbre semifechado:

"Bailando no ar, gemia inquieto vaga-lume:
– "Quem me dera que fosse aquela loura *estrela*,
Que arde no eterno azul, como eterna *vela*!"
Mas a estrela, fitando a lua, com ciúme." (M. de Assis).

b) um dos finais tem um som que o outro não tem:

"Nessa *vertigem*
Amara a *virgem*" (C. de Abreu, *Obras*, 194).

Muitas vezes, a perfeição ou imperfeição da rima é relativa, conforme a pronúncia padrão. No Brasil, por exemplo, constituem rimas perfeitas as que se fazem entre certas vogais e ditongos (*desejos* com *beijos*; *luz* com *azuis*; *atroz* com *heróis*; *vãs* com *mães*; *espirais* com *Satanás*; *bondoso* com *repouso*). Em Portugal é perfeita a rima entre *mãe* e *também* (ou *tem*, etc.), prática que, por imitação literária, ocorre entre alguns de nossos poetas românticos.

c) se rima uma vogal oral com uma vogal nasal:

De que ele, o sol, inunda
O mar, quando se *põe*,
Imagem moribunda
De um coração que *foi* [JD *apud* CCh.1, 694].

d) se rimam vocábulos com só identidade das vogais tônicas (rima *toante* ou *assonante*).

Rimas consoantes e toantes – A rima se diz *consoante* quando é perfeita, isto é, tem os mesmos fonemas a partir da última vogal tônica do verso: *vaga-lume* / *ciúme*.

Toante (também *assonante*, de *assonância*) é a rima imperfeita, em que há apenas identidade nas vogais tônicas:

calma / *cada*; *terra* / *pedra*.

Disposição das rimas – Quanto à maneira por que se dispõem nos versos, as rimas podem ser *emparelhadas*, *alternadas* (ou *cruzadas*), *opostas* (ou *entrelaçadas* ou *enlaçadas*), *interpoladas* e *misturadas*.

Cada rima de uma estrofe é designada por uma letra maiúscula ou minúscula do alfabeto, de modo que a sucessão de letras indica a sucessão das rimas. Assim no exemplo:

"Moços, quero, entre vós, falar à nossa terra...
Somos sua esperança e o seu último amparo;
Em nosso corpo e em nosso espírito se encerra
O que ela agora tem de mais certo e mais caro" [JO.2, 159].

A distribuição das rimas é representada pelo esquema *abab* (ou ABAB) onde *a* indica a rima -*erra* (terra / encerra) e *b* a rima -*aro* (amparo / caro).

EMPARELHADAS são as que se sucedem duas a duas (o esquema é *aabbcc*, etc.):

"Numa vida anterior, fui um xeque macilento
E pobre... Eu galopava, o albornoz solto ao vento,
Na soalheira candente; e, herói de vida obscura,
Possuía tudo: o espaço, um cavalo, e a bravura" [OB.1].

ALTERNADAS (ou *cruzadas*) são as que, num grupo de quatro versos, se alteram, fazendo que o 1.º verso rime com o 3.º (e os demais ímpares) e o 2.º com o 4.º (e os demais pares).

Correspondem ao esquema *abab*:

"Ora (direis) ouvir estrelas! Certo
Perdeste o senso!" E eu vos direi, no entanto,
Que, para ouvi-las, muita vez desperto
E abro as janelas, pálido de espanto..." [OB.1].

OPOSTAS (ou *entrelaças* ou *enlaçadas*) são as que se verificam em dois versos entre os quais medeiam dois outros também rimados.

Correspondem ao esquema *abba*:

"Vai-se a primeira pomba despertada.
Vai-se outra mais... Mais outra... E enfim dezenas
De pombas vão-se dos pombais apenas
Raia, sanguínea e fresca, a madrugada" [R. Correia].

INTERPOLADAS são aquelas em que, num grupo de seis versos, o terceiro rima com o sexto, enquanto o primeiro rima com o segundo, e o quarto com o quinto. Correspondem ao esquema *aabccb*:

Eu nasci além dos mares
Os meus lares,
Meus amores ficam lá!
– Onde canta nos retiros
Seus suspiros,
Seus suspiros o sabiá! (C. de Abreu).

MISTURADAS são aquelas em que a distribuição é livre. As rimas misturadas, para lograrem êxito, requerem constância, vivacidade e sonoridade:

"É meia-noite... e rugindo
Passa triste a ventania,
Como um verbo da desgraça,
Como um grito de agonia.
E eu digo ao vento que passa
Por meus cabelos fugaz:
"Vento frio do deserto,
Onde ela está? Longe ou perto?
Mas, como um hálito incerto,
Responde-me o eco ao longe.
"Oh! Minh'amante, onde estás?..." [C. Alves].

4 – ALITERAÇÃO

Aliteração – É o apoio rítmico que consiste em repetir fonemas em palavras simetricamente dispostas. A aliteração nasce, em geral, de desejo de harmonia imitativa.

"A juruti suspira sobre as folhas secas" [C. de Abreu].
"É a perda dura dum futuro inteiro" [*Id.*].
"Vozes veladas, veludosas vozes,
Volúpias dos violões, vozes veladas,
Vagam nos velhos vórtices velozes

Dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas" [Cruz e Sousa].

5 – Encadeamento

Encadeamento – Consiste na repetição simetricamente disposta de fonemas, palavras, expressões ou um verso inteiro.

Foi recurso rítmico muitíssimo usado na poesia medieval e é frequente na poesia moderna em versos livres. Exemplos colhidos em Augusto Frederico Schmidt:

"No entanto este *motivo escolhido existe*.
Não *vejo*, esta *tristeza*, da saudade da que é *sempr*e a *Ausente*
Nem da sua graça desaparecida..." (repetição de fonema)
"*Pensei* em mortos que morreram entre indiferentes.
Pensei nas velhas mulheres..." (repetição de palavra)
"No princípio foi um balanço contínuo e vagaroso,
Depois foi descendo uma sombra indistinta,
Um grande leito surgiu e lençóis brancos como espuma
.....
No princípio foi um balanço contínuo e vagaroso" (repetição de verso).

6 – Paralelismo

Paralelismo – É a repetição de ideias mediante expressões aproximadas:

"O monstrengo que está no fim do mar
Na noite de breu ergueu-se a voar;
À roda da nau voou três vezes,
Voou três vezes a chiar,
E disse: *Quem é que ousou entrar*
Nas minhas cavernas que não desvendo,
Meus tetos negros do fim do mundo?
E o homem do leme disse, tremendo:
"El-Rei Dom João Segundo!"

"*De quem são as velas onde me roço?*
De quem as quilhas que vejo e ouço?"
Disse o monstrengo, e rodou três vezes,
Três vezes rodou imundo e grosso:
"*Quem vem poder o que eu só posso*,
Que moro onde nunca ninguém me visse
E escorro os medos do mar sem fundo?"
E o homem do leme tremeu, e disse:
"El-Rei Dom João Segundo!" (F. Pessoa).

7 – Estrofação

O poema pode conter dois ou mais versos os quais se agrupam para formar uma *estrofe*.

O costume tradicional é iniciar cada verso com letra maiúscula, qualquer que seja a sua relação sintática. Pode-se, entretanto, pôr, no início, letra minúscula, conforme a sua relação sintática com o verso precedente.

As estrofes podem ser *simples*, *compostas* e *livres*.

SIMPLES são as estrofes formadas de versos com a mesma medida.

COMPOSTAS são as que encerram versos de diferentes medidas.

LIVRES são as que admitem versos de qualquer medida.

As estrofes de dois, três, quatro, cinco, seis, oito e dez versos recebem, respectivamente, os seguintes nomes especiais: *dísticos*, *tercetos*, *quadras* (ou *quartetos*) , *quintilhas*, *sextilhas*, *oitavas* e *décimas*. As estrofes de *sete* e *nove* versos não têm nome especial.

8 – VERSO DE RITMO LIVRE

"O que chamamos impropriamente *versos livres* é uma série irregular de versos que tomados em separado são regulares" [BH.1, 427].

O verso de ritmo livre não tem número regular de sílabas, versos e estrofes, nem são uniformes e coincidentes o número e a distribuição das sílabas átonas e tônicas responsáveis pelo movimento rítmico.

O verso de ritmo livre exige do poeta uma realização tão completa quanto o verso regular. "À primeira vista, parece mais fácil de fazer do que o verso metrificado. Mas é engano. Basta dizer que no verso livre o poeta tem de criar o seu ritmo sem auxílio de fora. É como o sujeito que solto no recesso da floresta deva achar o seu caminho e sem bússola, sem vozes que de longe o orientem, sem os grãozinhos de feijão da história de João e Maria. Sem dúvida não custa nada escrever um trecho de prosa e depois distribuí-lo em linhas irregulares, obedecendo tão somente às pausas do pensamento. Mas isso nunca foi verso livre... O modernismo teve isso de catastrófico: trazendo para a nossa língua o verso livre, deu a todo o mundo a ilusão de que uma série de linhas desiguais é poema" [MB.1, II, 1282].

9 – RECITAÇÃO

"A recitação do verso, além dos requisitos exigidos para a da prosa, exige uma gesticulação adequada, sem exageros, um jogo fisionômico apropriado e que o recitalista não faça sentir demais a rima nem a cesura. No caso dos versos livres modernos é preciso descobrir o ritmo e a intenção que o poeta lhes quis dar" [AN.1, V, 108].

187 É interessante observar que Guerreiro optou pela contagem do verso até a última sílaba tônica por amor à brevidade, como declara, para evitar a "frequente repetição de *agudo*, *grave* e *esdrúxulo*, já que a última sílaba tônica basta para o verso ser

constante" (*Tratado de Versificação Portuguesa*, Lisboa, 1784, p. 6). À semelhança dos italianos e espanhóis, a contagem antiga dos versos portugueses levava sempre em conta a existência de sílaba átona depois da última tônica (a base era o verso grave).

188 O emprego antigo e ainda corrente do *mácron* (¯) para as tônicas e da *braquia* (˘) para as átonas pode confundir os conceitos de quantidade e intensidade.

189 O novo sistema ortográfico proposto não agasalha este emprego do trema.

190 "Sem isso, a sinérese, ou a crase, é anômala, porque a ressonância nasal corresponde a um travamento da sílaba e só as sílabas terminadas por vogal são propriamente *livres* e se prestam à crase ou sinérese" [MC.4, 103].

191 "(...) na leitura da poesia em que (pondo de parte o encavalgamento) o final de verso correspondente a uma cláusula (e, significativamente, a um sintagma), não é muitas vezes marcado por um silêncio, mas por algo como a combinação de uma descida de tom com um nítido prolongamento da última sílaba tônica" [HCv.2, II, 464 n. 33].

192 O. Bilac - G. Passos, Tratado de Versificação, 68-69.

193 Os versos que não rimam chamam-se *soltos* ou *brancos*.

Abreviatura de Autores e Obras Citadas

[AA] Amado Alonso

[AA.1] *Materia y Forma en Poesía*. Madrid, Gredos, 1952.

[AAr] Afonso Arinos

[AAr.1] *Pelo Sertão*. Rio de Janeiro, Garnier, 1915.

[AAr.2] *História e Paisagens*. Rio de Janeiro, Garnier, 1921.

[AAz] Aluísio Azevedo

[AB] Andreas Blinkenberg

[AB.1] *L'Ordre des Mots en Français Moderne*, 2 vols. Copenhague, Hørst, 1928.

[ABo] Amini Boainain Hauy

[ABo.1] *Da Necessidade de uma Gramática-Padrão da Língua Portuguesa*. São Paulo, Ática, 1983.

[AC] Antônio Feliciano de Castilho

[AC.1] *Tradução dos Fastos de Ovidio*, 3 vols. Lisboa, 1862.

[AC.2] *Quadros Históricos*. Lisboa, 1864.

[AC.3] *As Sabichonas – Trad. do Teatro de Molière*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1928.

[AC.4] *Misantropo – Trad. do Teatro de Molière*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1924.

[AC.5] *Tratado de Metrificação Portuguesa*, 3.ª ed. Lisboa, 1889.

[AC.6] *Sonho de uma Noite de S. João*. Porto, 1874.

[AC.7] *Rev. Lisbonense* nº 24.

[AC.8] *Livraria Clássica – Padre Manuel Bernardes*, 2 vols. Lisboa, 1865.

[AC.9] *As Geórgicas de Vergílio* , 2.ª ed. anotada por Otoniel Mota. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1938.

[AC.10] *Felicidade pela Agricultura*. Ponta Delgada, 1849.

[AC.11] *Colóquios Aldeãos*, 2.ª ed. Lisboa, 1872.

[ACo] Adolfo Coelho

[ACo.1] *Noções Elementares de Gramática Portuguesa*. Porto, Lemos Editora, 1891.

[ACo.2] *A Língua Portuguesa*, 3.ª ed. Porto, Magalhães-Moniz Editora, 1896.

[ACt] Armando Cortesão

[ACt.1] *Cartas à Mocidade.* Lisboa, 1954.

[AE] M. Alvar Ezquerra

[AE.1] *La Formación de Palabras en Español*. Madrid, Arcos Libros, 1996.

[AF] Antônio Ferreira

[AF.1] *Poemas Lusitanos*. Lisboa, Sá da Costa.

[AF.2] *A Castro*, ed. Sousa da Silveira. In *Textos Quinhentistas*.

[AFg] Antero de Figueiredo

[AFg.1] *O Último Olhar de N. Senhora*. Lisboa, Bertrand, 1944.

[AG] A. Guimarães

[AGa] Almeida Garrett

[AGa.1] *Romanceiro*. In *Obras Completas*. Ed. Teófilo Braga. 2 vols. Lisboa, 1904.

[AGa.2] *Da Educação*. In *Obras Completas*.

[AGa.3] *Camões*, 3.ª ed. Lisboa, Imprensa Nacional, 1944.

[AGa.4] *Viagens na minha Terra*, ed. Estanco Louro. Lisboa, F. Franco, 1934.

[AGa.5] *Tio Simplício* in *Obras Completas*.

[AGo] Alfredo Gomes

[AGo.1] *Gramática Portuguesa*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1930.

[AGr] Antoine Grégoire

[AGr.1] *Petit Traité de Linguistique*. Paris, Delagrave, 1923.

[AH] Alexandre Herculano

[AH.1] *Eurico*. Lisboa, 1876.

[AH.2] *Fragmentos Literários*, ed. de A. Leite. Rio de Janeiro, Sauer, 1921.

[AH.3] *O Bobo*. Lisboa, 1878

[AH.4] *Lendas e Narrativas*, 2 vols. Lisboa, 1876.

[AH.5] *O Monge de Cister*, ed. dirigida por David Lopes. Lisboa, Aillaud, s/d.

[AH.6] *História de Portugal*, ed. dirigida por David Lopes. Lisboa, Aillaud, 1914.

[AH.7] *Opúsculos*, ed. dirigida por David Lopes, 1878.

[AK] Adriano da Gama Kury

[AK.1] *Novas Lições de Análise Sintática*, 6.ª ed. São Paulo, Ática, 1993.

[AK.2] *Elaboração e Editoração de Trabalhos de Nível Universitário*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1987.

[AK.3] Normas de Editoração. Vide [AK.2].

[AL] Emilio Alarcos Llorach

[AL.1] *Gramatica de la Lengua Española*, 4.ª ed. Madrid, Espasa Calpe, 1994.

[AL.2] *Estudios de Gramática Funcional del Español*, 3.ª ed. Madrid, Gredos, 1976.

[ALb] Alf Lombard

[ALb.1] *L'Infinitif de Narration dans les Langues Romanes*. Upsala-Leipzig, 1911.

[AM] Aníbal Machado

[AM.1] *Vida Feliz*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1944.

[AN] Antenor Nascentes

[AN.1] *O Idioma Nacional*, 5 vols. Rio, 1919. 3.ª ed. S.Paulo, Ed. Nacional, 1957.

[AN.2] *O Problema da Regência*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1960.

[AN.3] *Dificuldades de Análise Sintática*. Rio de Janeiro, 1959.

[AN.4] *O Linguajar Carioca*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1963.

[ANb] Antônio Nobre

[ANb.1] *Só*, ed. Vitório Nemésio. Lisboa, Bertrand, 1947.

[AO] Alberto de Oliveira

[AO.1] *Mil Trovas*. Lisboa, Livraria Clássica Ed., 1945.

[AOl] Alberto de Oliveira

[AOl.2] *Poesias*, 4 séries. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1912.

[AP] Afonso Pena Jr.

[AP.1] *A Arte de Furtar e o seu Autor*. 2 vols. Rio de Janeiro, José Olympio Ed.,1946.

[APa] Antônio de Pádua

[APa.1] *Notas de Estilística*. Rio de Janeiro, Org. Simões, s/d.

[APg] Antonino Pagliaro

[APg.1] *A Vida do Sinal*, trad. Aníbal Pinto de Castro. Lisboa, Fund. Calouste Gulbenkian, 1965.

[AR] Aquilino Ribeiro

[AR.1] *Jardim de Tormenta*. Lisboa, Ailland (??), 1919.

[AS] Antônio Sandmann

[AS.1] *Formação de Palavras no Português Brasileiro Contemporâneo*. Curitiba, Scientia et Labor/ Ícone, 1989.

[AV] Pe. Antônio Vieira

[AV.1] *Sermões*, ed. fac-similada. São Paulo, Anchieta, 1945.

[AVi] Antonio Vilarnovo Caamaño

[AVi.1] *Lógica y Lenguaje en Eugenio Coseriu*. Madrid, Gredos, 1997.

[BBo] José M. Barbosa du Bocage

[BBo.1] *Poesias*. 5 vols., ed. Rebelo da Silva. Lisboa, A. Lopes, 1853.

[BC] Andrés Bello-Rufino J. Cuervo

[BC.1] *Gramática de la Lengua Castelhana*. Paris, Roger-Chervoviz, 1903.

[BD] Karl Brugmann-Berthold Delbruck

[BD.1] *Grundriss der vergleichenden Grammatik der indogermanischen Sprachen*. L. Aufl.

[BH] Ch. Bruneau-M. Heulluy

[BH.1] *Grammaire Pratique de la Langue Française*. Paris, Delagrave, 1937.

[BM] Bertil Malmberg

[BM.1] *La Phonétique*. Paris, PUF, 1962.

[BP] Bernard Pottier

[BP.1] *Linguística General. Teoría y Descripción*, trad. esp. Madrid, Gredos, 1977.

[CA] Casimiro de Abreu

[CA.1] *Obras de Casimiro de Abreu*, 2.ª ed. anotada por S. da Silveira. Rio de Janeiro, MEC-Casa de Rui Barbosa, 1955.

[CAl] Cesar H. Alonso

[CAl.1] *Gramática Funcional del Español*, 2.ª ed. Madrid, Gredos, 1986.

[CAv] Castro Alves

[CAv.1] *Obras Completas*, 2 vols., ed. Afrânio Peixoto. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1921.

[CAz] José Carlos Azeredo

[CAz] Revendo Análises: A descrição sintática e seu ensino In *Língua e Linguagem em Questão*. Org. Maria Teresa G. Pereira. Rio de Janeiro, EDUERJ, 1997.

[CB] Charles Bally

[CB.1] *Le Langage et la Vie*, 3.ª ed. Paris, Payot.

[CB.2] *Linguistique Générale et Linguistique Française*, 3.ª ed. Framke, Berne, 1954.

[CBd] Cláudio Brandão

[CBd.1] *O Particípio Presente e o Gerúndio em Português*. Belo Horizonte, 1933.

[CBd.2] *Sintaxe Clássica Portuguesa*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1961.

[CBr] Camilo Castelo Branco

[CBr.1] *A Queda de um Anjo*, ed. de P. A. Pinto. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1953.

[CBr.2] *Bohemia do Espírito*, 1.ª ed. Porto, Livr. Civilização, 1886.

[CBr.3] *Correspondência Epistolar*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.4] *Carlota Ângela*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.5] *A Bruxa de Monte Córdova*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.6] *O Bem e o Mal*, ed. M. Casassanta. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1955.

[CBr.7] *Cem Cartas*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa.

[CBr.8] *A Morgada de Romariz*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.9] *A Neta do Arcediago*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.10] *Memórias do Cárcere*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d

[CBr.11] *Os Brilhantes do Brasileiro*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.12] *O Senhor do Paço dos Ninhães*, ed. Júlio Nogueira. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1955.

[CBr.13] *O Vinho do Porto*, 1.ª ed. Porto, Livr. Civilização, 1844.

[CBr.14] *Justiça*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa.

[CC] Luís da Câmara Cascudo

[CC.1] *Contos Tradicionais do Brasil*. Rio de Janeiro, Americ. Edit., 1942.

[CCh] Celso Cunha - Lindley Cintra

[CCh.1] *Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa, João Sá da Costa, 1984.

[CCh.2] *Estudos de Poética Trovadoresca*. Rio de Janeiro, INL.

[CDa] Carlos Drummond de Andrade

[CDa.1] *O Poder*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1973.

[CF] Cândido de Figueiredo

[CF.1] *Combate sem Sangue*. Lisboa, 1923.

[CG] Carlos Góis

[CG.1] *Sintaxe de Regência*, 4.ª ed. Rio de Janeiro, 1924.

[CJ] Cândido Jucá (filho)

[CJ.1] *As Categorias Gramaticais*. Rio de Janeiro, 1957.

[CL] Carlos de Laet

[CL.1] *Obras Seletas*, 3 vols. Rio de Janeiro, Fund. Casa de Rui Barbosa, 1983.

[CLu] Celso Pedro Luft

[CLu.1] *Dicionário Prático de Regência Verbal*. São Paulo, Ática, 1996.

[CN] Coelho Neto

[CN.1] *Apólogos.* Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1945.

[CP] Eduardo Carlos Pereira

[CP.1] *Gramática Expositiva* (curso superior), 81.ª ed. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1951.

[CR] Ernesto Carneiro Ribeiro

[CR.1] *Serões Gramaticais*, 2.ªed. Bahia, 1902.

[CR.2] *Redação do Projeto do Código Civil* [Tréplica]. Bahia, Of. Dois Mundos,1905

[CS] Cruz e Sousa

[CS.1] *Obras Completas*, 2 vols., ed. de Nestor Vítor, R. Janeiro, Anuário do Brasil.

[CS.2] *Últimos Sonetos*, ed. e notas de A. da Gama Kury. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa.

[DG] Francisco Dias Gomes

[DG.1] *Obras Poéticas*. Lisboa, ed. da Academia. 1779.

[DN] Dag Norberg

[DN.1] *Syntaktische Forschungen auf dem Gebiete des Spätlateins und des fruhen Mittellateins*. Upsala, 1943.

[EB] Evanildo Bechara

[EB.1] *Estudos sobre os Meios de Expressão do Pensamento Concessivo em Português*. Rio de Janeiro, 1954.

[EBc] Edouard Bourciez

[EBe.1] *Éléments de Linguistique Romane*, 4.ª ed. Paris, 1946.

[EBm] Eneida Bonfim

[EBm.1] *Advérbios*. São Paulo, Ática, 1988.

[EBv] Emile Benveniste

[EBv.1] *Problemas de Linguística Geral* (trad. bras.). São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1976.

[EBv.2] *Problemas de Linguística Geral* (trad. bras.). São Paulo, Pontes, 1989.

[EC] Euclides da Cunha

[EC.1] *Os Sertões*, 2ª ed. Rio de Janeiro, Laemmert, 1903.

[ECs] Eugenio Coseriu

[ECs.1] *Teoría del Lenguaje y Linguística General*. Madrid, Gredos, 1973.

[ECs.2] *Sincronía, Diacronía e Historia* (El Problema del Cambio Linguístico). Madrid, Gredos, 1973.

[ECs.3] *Linguística Testuale*. Roma, Boringhiere, 1997.
[ECs.4] *Lecciones de Linguística General*. Madrid, Gredos, 1981.

[ECs.5] *Principes de Syntaxe Fonctionnelle*. Strabourg-Nancy, Klincksieck, 1989.

[ECs.6] *Introducción a la Linguística*. Madrid, Gredos, 1986.

[ECs.7] *Gramática, Semántica, Universales*. Madrid, Gredos, 1978.

[ECs.8] *Competencia Linguística*. Madrid, Gredos, 1992.

[ECs.9] *El Sistema Verbal Románico*. México, Siglo Veinteuno, 1996. Versão em parte reduzida de *Das romanische Verbalsystem*. Tubingen, Verlag Gunter Narr, 1976.

[ECs.10] *Tradición y Novedad en la Ciencia del Lenguaje*. Madrid, Gredos, 1977.

[ECs.11] *Estudios de Linguística Románica*. Madrid, Gredos, 1977.

[ECs.12] *Principios de Semántica Estrutural*. Madrid, Gredos, 1977.

[ECs.13] "O Meu Saussure". In *Confluência*, 14: 33-36, 1997.

[ECs.14] *El Hombre y su Lenguaje*. Madrid, Gredos, 1977.

[ECs.15] "Fundamentos e Tarefas da Sócio e Etnolinguística". In *Atas do 1º Congresso de Sócio e Etnolinguística*, João Pessoa, UFParaíba, 1990.

[ED] Epifânio Dias

[ED.1] *Gramática Portuguesa Elementar*, 12.ª ed. Lisboa, A.F. Machado Editor, 1905.

[ED.2] *Sintaxe Histórica Portuguesa*, 5.ª ed. Livraria Clássica Editora, 1970.

[EG] Ernst Gamillscheg

[EG.1] *Französische Bedeutungslehre.* Tubingen, Niemeyer, 1951.

[EM] Alfred Ernout-Antoine Meillet

[EM.1] *Dictionnaire Etymologique de la Langue Latine*, 4.ª ed. Paris.

[EN] Eugene Nida

[EN.1] *Morphology*, 2.ª ed. Baltimore, Ann Arbor, 1961.

[EQ] Eça de Queirós

[EQ.1] *A Cidade e as Serras*. Porto, Chardron, 1921.

[EQ.2] *Primo Basílio*. Porto, Chardron, 1909.

[EQ.3] *Os Maias*, 2.ª ed. Porto, Chardron, 1921.

[EQ.4] *Contos*. Porto, Chardron, 1920.

[EQ.5] *A Correspondência de Fradique Mendes*. Porto, Chardron, 1900.

[ER] Elise Richter

[ER.1] *Wie wir sprechen*. Leipzig, Teubner, 1912.

[ES] Eduard Sapir

[ES.1] *A Linguagem*, trad. J. Mattoso Câmara Jr., Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica.

[EV] Mª Victoria Escandell Vidal

[EV.1] *Los Complementos del Nombre*. Madrid, Arcos Libros, 1995.

[EVm] Érico Veríssimo

[FB] Fausto Barreto

[FB.1] *Antologia Nacional*, 7.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1915.

[FBl] Franz Blatt

[FBl.1] *Précis de Syntaxe Latine*, Paris, Ed. IAC, 1952.

[FBr] Ferdinand Brunot

[FBr.1] *La Pensée et la Langue*, 3.ª ed. Paris, Nasson, 1953.

[FC] Firmino Costa

[FC.1] *Léxico Gramatical*. São Paulo, Melhoramentos, s/d.

[FDz] Friederic Diez

[FDz.1] *Grammaire des Langues Romanes*, 3 vols., 3.ª ed. Paris, Viewew, 1874-76.

[FE] Filinto Elísio

[FE.1] *Vidas e Feitos d'El-Rei D. Manuel*, 2 vols. Porto, 1946.

[FE.2] *Obras Completas*, 11 vols., ed. Paris, Of. A. Bobée, 1817-1819.

[FF] Francisco José Freire

[FH] Frederico Hanssen

[FH.1] *Gramática Histórica de la Lengua Castelhana*. Halle, Niemeyer, 1913.

[FP] Fernando Pessoa

[FP.1] *Mensagem*, ed. Ivo Castro.

[FT] Franklin Távaro

[FT.1] *O Cabeleira*, 2.ª ed., Rio de Janeiro, Tip. Nacional, 1876.

[FV] Fagundes Varela

[GD] Gonçalves Dias

[GD.1] *Juca Pirama* in *Obras Poéticas*.

[GD.2] *Tabira* in *Obras Poéticas*.

[GD.3] *Obras Poéticas*, ed. M. Bandeira, 2 vols. São Paulo, Cia. Editora Nacional.

[GG] Samuel Gili Gaya

[GG.1] *Curso Superior de Sintáxis Española*, 2.ª ed. Barcelona, 1948.

[GGh] Georges Gougenheim

[GGh.1] *Système Gramatical de la Langue Française*. Paris, D'Artrey-D'Artrey, 1939.

[GJ] Guerra Junqueira

[GJ.1] *Os Simples*. Lisboa, 1920.

[GM] Gladstone Chaves de Melo

[GM.1] *Gramática Fundamental da Língua Portuguesa*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Livraria Padrão, 1970.

[GM.2] *Excelências Vernáculas de Gonçalves Dias*. Rio de Janeiro, Livraria Padrão, 1986.

[GR] J. Guimarães Rosa

[GR.1] *Sagarana*, 10.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1968.

[GrR] Graciliano Ramos

[GrR.1] *Infância*, 5.ª ed.. São Paulo, Martins Editora, 1961.

[GrR.2] *São Bernardo*, 3ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora.

[HB] Mª Lluísa Hernanz-José Mª Brucart

[HB.1] *La Sintáxis. Principios Teóricos. La oración simple*. Barcelona, Editora Crítica, 1987.

[HC] Humberto de Campos

[HC.1] *Sombras que Sofrem*. São Paulo, Editora Jackson, 1945.

[HC.2] *Memórias*, 2 vols. São Paulo, Editora Jackson, 1945.

[HCv] J. G. Herculano de Carvalho

[HCv.1] *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa, Editora Verbo.

[HCv.2] *Teoria da Linguagem*, 6.ª ed., I. Coimbra, Coimbra Editora, 1983.

[HCv.3] *Teoria da Linguagem*, 4.ª reimpr., II. Coimbra, Coimbra Editora, 1984.

[HCv.4] *Estudos Linguísticos*, vol. III. Coimbra, Coimbra Editora, 1984.

[HG] Heráclito Graça

[HG.1] *Factos da Linguagem*. Rio de Janeiro, Viúva Azevedo, 1904.

[HGe] Hørst Geckeler

[HGe.1] *Semántica Estrutural y Teoría del Campo Léxico*. Madrid, Gredos, 1987.

[HM] Harri Meier

[HM.1] *Ensaios de Filologia Românica*. Lisboa, Rev. de Portugal, 1948.

[HR] Horácio Rolim de Freitas

[HR.1] *Princípios de Morfologia*, 4.ª ed. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1997.

[HS] Holger Stein

[HS.1] *Les Particularités de la Langue Portugaise*. Copenhague, 1944.

[JA] José de Alencar

[JA.1] *Sertanejo*. In *Obra Completa*, 2.ª ed., 5 vols., Rio de Janeiro, Aguilar, 1965.

[JA.2] *O Guarani*. In *Obra Completa*.

[JA.3] *Iracema*. In *Obra Completa.*

[JCo] Jacinto de Prado Coelho

[JCo.1] *A Educação do Sentimento Poético*, *Coimbra*, Coimbra Edit., 1944.

[JCR] Jacinto Corte-Real

[JCR.1] *Naufrágio de Sepúlveda*. Lisboa, Tip. Rolandiana, 1842.

[JD] João de Deus

[JDe] J. Deely

[JDe.1] *Semiótica Básica*. São Paulo, Ática, 1994.

[JF] Jackson de Figueiredo

[JL] José Lins do Rego

[JL.1] *Riacho Doce*, 1.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1939.

[JL.2] *Água Mãe*, 1.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1941.

[JL.3] *Bangue*, 6.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1966.

[JLy] John Lyons

[JLy] *Introdução à Linguística Teórica*, trad. bras. de Rosa Virgínia M. e Silva e Helio Pimentel, revista por Isaac Salum. São Paulo, 1979.

[JM] Júlio Moreira

[JM.1] *Estudos da Língua Portuguesa*, 2 vols. Lisboa, 1907-1913.

[JMa] Johan Nicolau Madvig

[JMa.1] *Grammatica Latina*, trad. de A. Epifânio Dias. Porto, Tip. M. Pereira, 1872.

[JO] José Oiticica

[JO.1] *Manual de Análise Léxica e Sintática*, 6.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1942.

[JO.2] *Sonetos*, 1911.

[JO.3] in *Rev. Filológica*, n.º 29, Rio de Janeiro.

[JO.4] in *Revista Filológica*, n.º 16, Rio de Janeiro.

[JR] João Ribeiro

[JR.1] *Gramática Portuguesa*, 21.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1921.

[JR.2] *Floresta de Exemplos*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1959.

[JR.3] *Fabordão*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1964.

[JR.4] *Autores Contemporâneos*, 15.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1926.

[JR.5] *Seleta Clássica*, 4.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves.

[JR.6] *Cartas Devolvidas*. Lisboa.

[JV] Jules Vendryes

[JV.1] *Le Langage*, 2.ª ed. Paris, Albin, 1925.

[KB] Karl Brugmann

[KB.1] *Abregé de Grammaire Comparée des Langues Indo-Européennes*. Paris, 1905.

[KN] Kristofer Nyrop

[KN.1] *Grammaire Historique de la Langue Française*, V, 6 vols. Copenhague, 1935.

[LB] Lima Barreto

[LB.1] *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, 1.ª ed. Rio de Janeiro, 1915.

[LB.2] *Vida e Morte de Gonzaga de Sá*, 1.ª ed. Rio de Janeiro, 1919.

[LB.3] *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, 2.ª ed. Rio de Janeiro.

[LBl] Leonard Bloomfield

[LBl.1] *Language*, New York, Henry Holt, 1941.

[LC] Luís de Camões

[LC.1] *Os Lusíadas*, 2.ª ed. anotada por A. Epifânio Dias.

[LC.2] *Rimas*, ed. anotada por A. da Costa Pimpão.

[LCa] Lúcio Cardoso

[LCa.1] *Crônica da Casa Assassinada*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Edit. Letras e Artes, 1963.

[LCi] Luís Felipe Lindley Cintra

[LCi.1] *Formas de Tratamento na Língua Portuguesa*. Lisboa, 1972.

[LCo] Latino Coelho

[LCo.1] *História Política e Militar de Portugal*. Lisboa.

[LCo.2] *República e Monarquia*. Lisboa.

[LCr] F. Lázaro Carreter

[LCr.1] *Diccionario de Términos Filológicos*, 3.ª ed. Madrid, Gredos, 1968.

[LG] Luís Guimarães Jr.

[LM] Leonardo Mota

[LR] Léonce Roudet

[LR.1] *Éléments de Phonétique Générale*. Paris, H. Walter, 1911.

[LS] Frei Luís de Sousa

[LS.1] *A Vida de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires*, 2 vol., Lisboa, 1818.

[LSp] Leo Spitzer

[LSp.1] "Le Langage-éco". In *Boletim de Filologia*, V. Lisboa.

[LSp.2] *Attributives Gerundium* in *Zfr. Sprache und Literatur*, vol. L.

[LV] José Leite de Vasconcelos

[LV.1] *Lições de Filologia Portuguesa*, 2.ª ed. Lisboa, 1926.

[LV.2] *Opúsculos*, 7 vols. Lisboa, Imprensa da Universidade.

[MA] Machado de Assis

[MA.1] *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, 4.ª ed., Garnier, 1899.

[MA.2] *Várias Histórias*, 2.ª ed., Garnier, 1896.

[MA.3] *Quincas Borba*, Editora Garnier, 1909.

[MA.4] *D. Casmurro*, Editora Garnier, 1899.

[MA.5] *Papéis Avulsos*, Editora Garnier, 1882.

[MA.6] *Contos Fluminenses*, Editora Garnier, 1899.

[MA.7] *Memorial de Aires*, Editora Garnier, 1908.

[MA.8] *Esaú e Jacó*, Editora Garnier, 1904.

[MA.9] *Histórias sem Data*, Editora Garnier, 1884.

[MAg] Martinz de Aguiar

[MAg.1] *Notas de Português de Filinto e Odorico*. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1953.

[MAg.2] *Notas e Estudos de Português*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Fund. Getúlio Vargas.

[MAg.3] *Repasse Crítico da Gramática Portuguesa*, 2.ª ed. Fortaleza, Casa José de Alencar – Univ. do Ceará, 1996.

[MAn] Mário de Andrade

[MB] Manuel Bandeira

[MB.1] *Poesia e Prosa*, 2 vols. Rio de Janeiro, Aguilar, 1958.

[MB.2] *Andorinha, Andorinha*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1966.

[MB.3] Versificação Portuguesa. In *Enciclopédia Delta-Larousse*.
[MBa] Mário Barreto

[MBa.1] *Novos Estudos da Língua Portuguesa*, 3.ª ed., Rio de Janeiro, Presença, 1980.

[MBa.2] *Últimos Estudos da Língua Portuguesa*, 2.ª ed.. Rio de Janeiro, Presença, 1986.

[MBa.3] *Novíssimos Estudos da Língua Portuguesa*, 3.ª ed., 1980.

[MBa.4] *Através do Dicionário e da Gramática*, 3.ª ed., 1986.

[MBa.5] *De Gramática e de Linguagem*, 3.ª ed., 1982.

[MBa.6] *Cartas Persas de Montesquieu*, trad. de MBa, Editora Garnier, 1923.

[MBa.7] *Factos da Língua Portuguesa*, 3.ª ed., 1982.

[MBe] Pe. Manuel Bernardes

[MBe.1] *Nova Floresta*, ed. fac-similada da 1.ª. São Paulo, Anchieta, 1945.

[MBe.2] *Luz e Calor*, ed. fac-similada da 1.ª. São Paulo, Anchieta, 1945.

[MBr] Michel Bréal

[MBr.1] *Essai de Sémantique*, 3.ª ed. Paris, Hachette, 1903.

[MBs] Margarida Basílio

[MBs.1] *Teoria Lexical*. São Paulo, Ática, 1987.

[MC] J. Mattoso Câmara Jr.

[MC.1] *Princípios de Linguística Geral*, 4.ª ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica.

[MC.2] *Teoria da Análise Léxica*. Rio de Janeiro, Aquarone, 1956.

[MC.3] *Gramática*, 3.ª e 4.ª séries, R. Janeiro, Briguiet, 1956.

[MC.4] *Dicionário de Linguística e Gramática*. Petrópolis, Vozes, 1977.

[MC.5] *Elementos da Língua Pátria*, 2.ª ed., 4 vols. Rio de Janeiro, Briguiet, 1938.

[MC.6] Noções de Estilística. In *Littera*, Rio de Janeiro, Grifo.

[MC.7] *Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa*, 2.ª ed, R. Janeiro, Padrão, 1977.

[MC.8] *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Padrão.

[MG] R. F. Mansur Guérios

[MG.1] *Tabus Linguísticos*. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1979.

[ML] Monteiro Lobato

[ML.1] *Cidades Mortas*. São Paulo, Editora Brasileira.

[MLe] Mendes Leal

[MLk] W. Meyer Lubke

[MLk.1] *Grammaire des Langues Romanes*, 4 vols., trad. fr. de Doutrefont e Rabiet. New York, Stechert, 1923.

[MM] Marquês de Maricá

[MM.1] *Máximas do Marquês de Maricá*, ed. anotada por Sousa da Silveira. Rio de Janeiro, MEC/Casa de Rui Barbosa, 1958.

[MMa] Maximino Maciel

[MMa.1] *Gramática Descritiva*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1923.

[MMa.2] *Lições Elementares de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1923.

[MMc] Aires da Mata Machado Filho

[MMc.1] *Nos Domínios do Vocabulário*. São Paulo, Boa Leitura Ed., s/d.

[MMe] Francisco Manuel de Mello

[MMe.1] *Feira de Anexins*, ed. Inocêncio, Lisboa, 1876.

[MP] Martins Pena

[MP.1] *Teatro*, ed. Darcy Damasceno.

[MPz] Marcial Morera Perez

[MPz.1] *Semántica del Sistema Preposicional del Español Moderno y sus Campos de Uso*. Puerto del Rosário, 1988.

[MR] Moritz Regula

[MR.1] *Grammaire Française Explicative*. Berne, Francke Verlag, 1952.

[MV] Mário Vilela

[MV.1] *Estruturas Léxicas do Português*. Coimbra, Almedina, 1979.

[MV.2] *Gramática de Valências: teoria e aplicação*. Coimbra, Almedina, 1992.

[NC] Nina Catach

[NC.1] *La Pontuaction*. Paris, PUF, 1994.

[NE] Hans Nilsson-Ehle

[NE.1] *Les Adverbes en -ment Compléments d'un Verbe*. Lund-Leipzig, 1941.

[NT] T. Navarro Tomás

[NT.1] *Manual de Pronunciación Española*, 4.ª ed. Madrid, Hernando, 1933.

[NT.2] *Arte del Verso*, 5.ª ed. México, Málaga Editora, 1971.

[OB] Olavo Bilac

[OB.1] Avatar. In *Poesias*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1902.

[OG] Othon Moacir Garcia

[OG.1] *Comunicação em Prosa Moderna*. Rio de Janeiro, Fund. Getúlio Vargas, 1967.

[OJ] Otto Jespersen

[OJ.1] *Negation in English and other Languages*. Copenhague, Bianco Lunos, 1917.

[OM] Manuel Odorico Mendes

[OM.1] *Eneida Brasileira*. Paris, Tip. de Rignouse, 1854.

[PA] Manuel de Araújo Porto-Alegre

[PA.1] *Colombo*. Rio de Janeiro, 1892.

[PAd] Pedro Adrião

[PAd.1] *Tradições Clássicas da Língua Portuguesa*. Porto Alegre, 1945.

[PC] Pinheiro Chagas

[PD] Porto Dapena

[PD.1] *Complementos Argumentales del Verbo: directo, indirecto, suplemento y agente* . Madrid, Arcos Libros, 1992.

[PDo] Conde Pinheiro Domingues

[PDo.1] "Variação de Gênero em Português". In *Revista de Cultura*. Petrópolis, 1932.

[PDo.2] João Curioso [pseudônimo] *Camilo e a Caturrice dos Puristas*, I. Rio de Janeiro, 1924.

[PL] Pacheco da Silva Jr. e Lameira de Andrade

[PL] *Gramática da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, 1887.

[PJ] Pacheco da Silva Júnior

[PJ.1] *Noções de Semântica*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1903.

[PP] Pedro Augusto Pinto

[PR] Ernesto de Paiva Raposo

[PR.1] *Introdução à Gramática Generativa. Sintaxe do Português*, 2.ª ed. Lisboa, Moraes Editora, 1983.

[PS] Paulino de Sousa

[PS.1] *Grammaire Portugaise*. Paris, Garnier, 1896.

[RB] Rui Barbosa

[RB.1] *Réplica*, 1.ª ed., Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1904.

[RB.2] *Oração aos Moços*, ed. de Rocha Lima.

[RB.3] *Discurso no Colégio Anchieta*, ed. Casa de Rui Barbosa.

[RB.4] *Parecer*, I, ed. Casa de Rui Barbosa, 1990.

[RBa] Raimundo Barbadinho Neto

[RBa.1] *Em Busca da Verdade da Língua*: Dois Estudos

[RBa.2] *Sobre a Norma Literária do Modernismo*. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1977.

[RC] Raimundo Correia

[RC.1] *Poesias*. Lisboa.

[RCo] Ribeiro Couto

[RCo.1] *Conversa Inocente*. Rio de Janeiro, 1946.

[RD] Santa Rita Durão

[RD.1] *Caramuru*, ed. Academia Brasileira de Letras.

[RG] F. Rebelo Gonçalves

[RG.1] *Tratado de Ortografia da Língua Portuguesa*. Coimbra, Atlântida, 1947.

[RL] C. Henrique da Rocha Lima

[RL.1] *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, 37.ª ed., José Olympio Editora, 1992.

[RLb] Rodrigues Lobo

[RLb.1] *O Pastor Peregrino*. Lisboa, 1906.

[RLp] Manuel Rodrigues Lapa

[RLp.1] *Estilística da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica.

[RLz] Rodolfo Lenz

[RLz.1] *La Oración y sus Partes*, 3.ª ed. Madrid, Centro de Estudios Históricos, 1935.

[RP] Raul Pompéia

[RQ] Rachel de Queiroz

[RQ.1] *O Brasileiro Perplexo*. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1963.

[RS] Augusto Rebelo da Silva

[RS.1] *Contos e Lendas*. Lisboa, 1873

[RS.2] *História de Portugal*, 1.ª ed., 5 vols.

[RS.3] *A Mocidade de D. João V*, 3.ª ed., 3 vols. Lisboa.

[RT] Graça Maria Rio-Torto

[RT.1] Sistêmica e Pragmática dos Sufixos Avaliativos. In *Rev. Portuguesa de Filologia*, vol. 21. Coimbra, 1996-7, 203-228.

[RT.2] Operações e Paradigmas Genolexicais do Português. In *Filologia e Linguística* n.º 2, 39-60. São Paulo, Humanitas/USP, 1998.

[RV] A. G. Ribeiro de Vasconcelos

[RV.1] *Gramática Portuguesa*. Lisboa-Rio de Janeiro, s/d.

[SA] Manuel Said Ali

[SA.1] *Dificuldades da Língua Portuguesa*, 5.ª ed. preparada por Maximiano de Carvalho e Silva. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1957.

[SA.2] *Gramática Secundária da Língua Portuguesa*, 4.ª ed. São Paulo, Melhoramentos.

[SA.3] *Versificação Portuguesa*. Rio de Janeiro, INL, 1949.

[SA.4] *Meios de Expressão e Alterações Semânticas*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1930.

[SA.5] *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, 2.ª ed. São Paulo, Melhoramentos, s/d [1931].

[SA.6] Colocação de Pronomes. In *Revista Americana*, II.

[SL] Mário Pereira de Sousa Lima

[SL.1] *Gramática Portuguesa*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1945.

[SR] Silva Ramos

[SR.1] artigo in *Revista de Cultura* nº22.

[SS] Álvaro F. de Sousa da Silveira

[SS.1] *Lições de Português*, 6.ª ed. preparada por Maximiano de Carvalho e Silva.

[SS.2] *Fonética Sintática*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Fund. Getúlio Vargas, 1971.

[SS.3] *Trechos Seletos*, 7.ª ed. Rio de Janeiro, Briguiet, 1963.

[SS.4] *Obras de Casimiro de Abreu*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, MEC/Casa de Rui Barbosa, 1955.

[SS.5] Um Verso Obscuro dos Lusíadas. In *Revista de Philosofia e de História*, tomo II. Rio de Janeiro, 1934, 374-377.

[SS.6] Notas sobre os Pronomes Se e Ele. In *Revista de Cultura*, ano 17, jun. 1943, 265-268.

[SU] S. Ulmann

[SU.1] *Semántica*, trad. port., Lisboa, Fund. Calouste Gulbenkian, 1977.

[TG] Tomás Antônio Gonzaga

[TG.1] *Poesias*, ed. M. Rodrigues Lapa.

[TM] Theodoro Henrique Maurer

[TM.1] *Dois Problemas da Língua Portuguesa*. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1954.

[VB] Vittório E. Bergo

[VB.1] *Concorrência Pleonástica da Preposição com o Prefixo*. Tese de Concurso, 1945.

[VBr] Viggo Brøndal

[VBr.1] *Théorie des Prépositions*. Copenhague, Munksgaard, 1950.

[VC] Vicente de Carvalho

[VK] Valter Kehdi

[VK.1] *A Construção do Verbo Ser*. São Paulo, GEL, 1985.

[VK.2] *Morfemas do Português*. São Paulo, Ática, 1989.

[VK.3] *Formação de Palavras em Português*. São Paulo, Ática, 1990.

[VK.4] Complemento Nominal: Problemas de Caracterização. In *Confluência*, 5/1993, 60-65.

[VV] Verkko Väänänen

[VV.1] *Il est venu comme ambassadeur, il agit en soldat*. Helsinke, 1951.

[WZ] Walther von Wartburg-Paul Zumptor

[WZ.1] *Précis de Syntaxe du Français Contemporain*. Berne, Francke, 1973.

[YM] Yakob Malquiel

[YM.1] Los Interfijos Hispánicos. In *Miscelanea Martinet*, II, Canárias, 1958.

DO MESMO AUTOR

A nova ortografia

Evanildo Bechara

O livro que responde a todas as suas dúvidas, com comentários, histórico dos acordos, além de uma Nota Explicativa da Comissão responsável pelo Acordo Ortográfico.

O que muda com o novo Acordo Ortográfico

Evanildo Bechara

Guia prático e completo das mudanças estabelecidas pelo novo Acordo Ortográfico, elaborado de forma clara e didática pelo grande gramático e lexicógrafo da língua portuguesa. Um manual fácil de ser consultado, que vai esclarecer todas as suas dúvidas relacionadas à nova ortografia.

Gramática Escolar da Língua Portuguesa

Evanildo Bechara

Com exercícios ao final de cada capítulo. Inclui capítulo especial sobre compreensão e interpretação de textos. Índice de assuntos, para auxiliar a consulta dos leitores.

Anexo encarte com as respostas aos exercícios propostos. Indicada para o ensino médio e preparatórios para concursos.

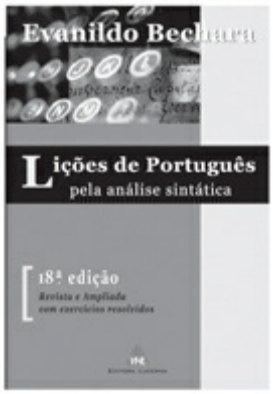

Lições de Português pela Análise Sintática

Evanildo Bechara

Inclui rica seleção de exercícios rigorosamente ordenados, partindo dos fatos idiomáticos mais simples para os mais complexos. Nesta nova edição, esses exercícios vêm resolvidos, para permitir ao leitor constante e proveitoso diálogo com o autor.

Produção editorial
Daniele Cajueiro
Shahira Mahmud
Janaína Senna

Revisão
Glória Braga Onelley
Mariana Elia

Conversão para ebook
Singular Digital | Mariana Mello e Souza

Este livro foi impresso no Rio de Janeiro, em novembro de 2009,
pela Ediouro Gráfica, para a Editora Nova Fronteira.
A fonte usada no miolo é Times New Roman, corpo 11/12.
O papel do miolo é offset 75g/m^2, e o da capa é cartão 250g/m^2.

Visite nosso site: www.novafronteira.com.br

Evanildo Bechara

Moderna Gramática Portuguesa

37ª edição atualizada pelo novo Acordo Ortográfico

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.club*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

MODERNA GRAMÁTICA PORTUGUESA

Evanildo Bechara

Professor Titular e Emérito da
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
e da Universidade Federal Fluminense (UFF)

Membro da Academia Brasileira de Letras
e da Academia Brasileira de Filologia

Representante brasileiro do
novo Acordo Ortográfico

MODERNA GRAMÁTICA PORTUGUESA

37.ª Edição
Revista, ampliada e atualizada
conforme o novo Acordo Ortográfico

EDITORA NOVA FRONTEIRA
EDITORA LUCERNA

Rio de Janeiro, 2009

Copyright © 2006 by Evanildo Bechara

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Editora Nova Fronteira Participações S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

Editora Nova Fronteira Participações S.A.
Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso – 21042-235
Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21) 3882-8212 / 8313
http://www.novafronteira.com.br
e-mail: sac@novafronteira.com.br

Conversão para ebook
Singular Digital | Mariana Mello e Souza

CIP-Brasil. Catalogação na fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livro, RJ

B354m Bechara, Evanildo, 1928-
Moderna gramática portuguesa / Evanildo Bechara. – 37. ed. rev., ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. – Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2009.

ISBN 978-85-209-3049-6

1. Língua portuguesa – Gramática. I. Título.

CDD 469.5
CDU 811.134.3'36

À memória de

M. Said Ali,
mestre e amigo

Aos mestres e amigos

Eugenio Coseriu
José G. Herculano de Carvalho
J. Mattoso Câmara Jr.
a cujas lições fui colher o que de
melhor existe nesta nova versão

Prefácio da 37.ª edição

Entregamos aos colegas de magistério, aos alunos e ao público estudioso de língua portuguesa esta edição, revista, ampliada e atualizada, levado que estamos pelos mesmos propósitos que nos fizeram, em 1961, trazer à luz a *Moderna Gramática Portuguesa*.

Amadurecido pela leitura atenta dos teóricos da linguagem, da produção acadêmica universitária, das críticas e sugestões gentilmente formuladas por companheiros da mesma seara e da leitura demorada de nossos melhores escritores, verá facilmente o leitor que se trata aqui de um novo livro.

Dificilmente haverá seção da *Moderna Gramática Portuguesa* que não tenha passado por uma consciente atualização e enriquecimento: atualização no plano teórico da descrição do idioma, e enriquecimento por trazer à discussão e à orientação normativa a maior soma possível de fatos gramaticais levantados pelos melhores estudiosos da língua portuguesa, dentro e fora do país, entre os quais cabe menção honrosa a Mário Barreto e Epifânio Dias.

É de toda justiça – e por isso esta edição é a eles dedicada – lembrar aqui, em primeiro lugar, nosso inesquecível mestre e amigo M. Said Ali, e, não menos presentes, este teórico profundo e admirável que é Eugenio Coseriu, ao lado de seu ilustre colega de reflexão linguística, que é J. G. Herculano de Carvalho, e do nosso primeiro linguista J. Mattoso Câmara Jr., guia seguro desde o lançamento inicial da *Moderna Gramática Portuguesa*.

O arcabouço teórico desta obra poderia bem orientar-se por outros modelos válidos, seguidos pelos nossos melhores linguistas em atuação nos centros universitários brasileiros. A orientação aqui adotada resulta da nossa convicção de que ela também pode oferecer elementos de efetiva operacionalização para uma proposta de reformulação da teoria gramatical entre nós, especialmente quando aplicada a uma obra da natureza desta *Moderna Gramática Portuguesa*, que alia a preocupação de uma científica descrição sincrônica a uma visão sadia da gramática normativa, libertada do ranço do antigo *magister dixit* e sem baralhar os objetivos das duas disciplinas.

Acreditamos que, neste sentido, os colegas de magistério e pesquisa encontrarão úteis sugestões ou temas de reflexão para uma proposta de melhoria da vigente nomenclatura gramatical em nossos compêndios escolares.

Estivemos também atentos à produção de textos gramaticais destinados a outras línguas, especialmente às românicas, e aí vale ressaltar o contributo dos espanhóis, dos franceses e dos italianos. Desejamos sintetizar nossa homenagem a esses colegas na figura excelsa de Emílio Alarcos Llorach, recentemente falecido.

Temos consciência de que ainda há muito que acrescentar e rever, e para tanto convocamos a ajuda dos colegas que neste sentido desejarem pronunciar-se.

Dar-nos-emos por bem pago se o leitor benévolo continuar encontrando nestas páginas os fundamentos que alicercem seu interesse e conhecimento reflexivo da língua portuguesa, traço que é da nacionalidade e elo fraterno da lusofonia.

Rio de Janeiro, 11 de março de 1999

Evanildo Bechara

Prefácio da 1.ª edição (1961)

Ao escrever esta *Moderna Gramática Portuguesa*, foi nosso intuito levar ao magistério brasileiro, num compêndio escolar escrito em estilo simples, o resultado dos progressos que os modernos estudos de linguagem alcançaram no estrangeiro e em nosso país. Não se rompe de vez com uma tradição secular: isto explica por que esta *Moderna Gramática* traz uma disposição da matéria mais ou menos conforme o modelo clássico. A nossa preocupação não residiu aí, mas na doutrina. Encontrarão os colegas de magistério, os alunos e quantos se interessam pelo ensino e aprendizado do idioma um tratamento novo para muitos assuntos importantes que não poderiam continuar a ser encarados pelos prismas por que a tradição os apresentava. Com a humildade necessária a tais empresas, sabemos que as pessoas competentes poderão facilmente verificar que fizemos uma revisão em quase todos os assuntos de que se compõe este livro, e muitos dos quais encontraram aqui um desenvolvimento ainda não conhecido em trabalho congênere. Por outro lado, a esta altura do progresso que a matéria tem tido, não poderíamos escrever esta *Moderna Gramática* sem umas noções, ainda que breves, sobre fonêmica e estilística. Isto nos permitiu, na última, tratar d a *análise literária*, que entre nós passa às vezes confundida com *análise estilística*; ressaltamos os objetivos desta e convidamos os nossos colegas de disciplina a que dela se sirvam num dos escopos supremos de sua missão: educar o sentimento estético do aluno. Na parte relativa à estruturação dos vocábulos e sua formação, pretendemos trazer para a gramática portuguesa os excelentes estudos que a linguística americana tem feito sobre tão importante capítulo. Seguimos a Nomenclatura Gramatical Brasileira. Os termos que aqui se encontrarem e lá faltam não se explicarão por discordância ou desrespeito; é que a NGB não tratou de todos os assuntos aqui ventilados.

A orientação científica por que se norteia esta nossa *Moderna Gramática* não seria possível sem a lição dos mestres (seria ocioso citá-los) que, dentro e fora do Brasil, tanto têm feito pelo desenvolvimento da disciplina. Devemos-lhe o que de melhor os leitores encontrarem neste livro, e a eles, em cada citação, prestamos sincera homenagem. Elegemos, entre eles, um dos mais ilustres para dedicar-lhe o nosso trabalho de hoje, aquele que para nós é tão caro pelo muito que contribuiu para nossa formação linguística: M. Said Ali. No ano em que seus discípulos e admiradores comemoram o 1.º centenário de seu nascimento,

não poderíamos deixar de levar ao mestre e amigo o testemunho de nossa profunda amizade e gratidão.

Evanildo Bechara

Introdução

Breve história externa da língua portuguesa

"As armas e padrões portugueses postos em África e em Ásia e em tantas mil ilhas fora da repartiçam das três partes da terra, materiaes sam, e pode-as o tempo gastar: peró nã gastará doutrina, costumes, linguagem, que os portugueses nestas terras leixarem."

(João de Barros, *Diálogo em Louvor da Nossa Linguagem*)

A língua portuguesa é a continuação ininterrupta, no tempo e no espaço, do latim levado à Península Ibérica pela expansão do império romano, no início do séc. III a.C., particularmente no processo de romanização dos povos do oeste e noroeste (lusitanos e galaicos), processo que encontrou tenaz resistência dos habitantes originários dessas regiões.

Depois do processo de romanização, sofreu a Península a invasão dos bárbaros germânicos, em diversos momentos e com diversidade de influências, que muito contribuíram para a fragmentação linguística da Hispânia: em 409 foi a vez dos alanos, vândalos e suevos; em 416, dos visigodos. Deste contacto encontramos como resultado a visível influência germânica, especialmente dos visigodos, no léxico e na onomástica.

No século VIII, em 711, voltou a Península a ser invadida pelos árabes, consumando a série de fatores externos que viriam a explicar a diferenciação linguística do português no mosaico dialetal que hoje conhecemos; apesar do largo contributo na cultura e na língua – especialmente no léxico –, a permanência muçulmana não teve força suficiente para apagar as indeléveis marcas de romanidade das línguas peninsulares.

O longo movimento de Reconquista anti-islâmico, começado já em 718, prolongou-se por séculos. Já no século X este processo tinha favorecido o nascimento de núcleos cristãos na parte norte e noroeste da Península, lançando os fundamentos de uma divisão linguística bem próxima da divisão administrativa: 1– Condado da Galiza (galego-português); 2– Reino de Leão e das Astúrias (ásturo-leonês); 3– Condado de Castela (castelhano); 4– Reino de Navarra (basco e navarro-aragonês); 5– Reino de Aragão e Condado de Barcelos (catalão).

Em 1095, Afonso VI concede autonomia à Província Portucalense, e, em 1139, Afonso Henriques se proclama o primeiro rei de Portugal.

Foi este falar comum à Galiza e ao território portucalense que o processo de Reconquista propagou em direção ao sul, sobrepondo-se aos dialetos moçárabes aí correntes. Já com a ajuda de cruzados ingleses, alemães, franceses e flamengos, e sob a bandeira portuguesa prossegue a reconquista de novas cidades do sul, tomadas aos muçulmanos: Santarém, em março de 1147 e Lisboa, em outubro do mesmo ano. Até o séc. XV, segundo Orlando Ribeiro, o Minho ainda não constituía limite linguístico entre o galego e o português.

O português, na sua feição originária galega, surgirá entre os séculos IX-XII, mas seus primeiros documentos datados só aparecerão no século XIII: o *Testamento de Afonso II* e a *Notícia de torto*. Curiosamente, a denominação "língua portuguesa" para substituir os antigos títulos "romance" ("romanço"), "linguagem", só passa a correr durante os escritores da Casa de Avis, com D. João I. Foi D. Dinis que oficializou o português como língua veicular dos documentos administrativos, substituindo o latim.

Entre os séculos XV e XVI, Portugal ocupa lugar de relevo no ciclo das grandes navegações, e a língua, "companheira do império", se espraia pelas regiões incógnitas, indo até o fim do mundo, e, na voz do Poeta, "se mais mundo houvera lá chegara" (*Os Lusíadas*, VII, 14).

Depois da expansão interna que, literária e culturalmente, exerce ação unificadora na diversidade dos falares regionais, mas que não elimina de todo essas diferenças refletidas nos dialetos, o português se arroja, na palavra de indômitos marinheiros, pelos mares nunca d'antes navegados, a fim de ser o porta-voz da fé e do império. São passos dessa gigantesca expansão colonial e religiosa, cujos efeitos, além da abertura dos mares, especialmente o Atlântico e o Índico, foram, segundo afirmação de Humboldt, uma duplicação do globo terrestre.

1415 – expedição a Ceuta sob o comando do próprio Rei
1425-1439 – Madeira e Açores
1444 – Cabo Verde, com início de povoamento em 1462
1446 – Guiné
1483-1486 – Angola (primeiros contatos) e colonização de S. Tomé e Príncipe
1498 – Vasco da Gama chega à Índia e passa por Moçambique
1500 – Brasil
1511 – Malaca e Malucas
1512 – Saião e Bornéu
1515 – Ormuz
1518 – Colombo
1536 – Damão
1547 – Macau
além das ilhas de Samatra, Java e Timor.

Tomado o séc. XIII como início da fase a que Leite de Vasconcelos chamou *português histórico*, isto é, documentado historicamente, podemos dividi-lo em períodos linguísticos, cujas delimitações não conseguem, entre os estudiosos, concordância unânime. A dificuldade de consenso advém de vários fatores: o terem as propostas fundamento em textos escritos que, como sabemos, mascaram a realidade e as mudanças linguísticas; o não terem os fenômenos sua data de nascimento e morte; e, finalmente, constitui elemento perturbador nesta ordem de estudos a influência de fatores estético-literários que, conforme sua orientação conservadora

ou progressista, atrasa ou acelera determinadas tendências linguísticas. Foi o que aconteceu com o chamado latim literário sob a influência grega; com o português europeu sob o influxo do Humanismo e Renascimento, e com o português do Brasil, sob a ação iconoclasta inicial do Modernismo.

Adotaremos aqui a seguinte proposta, incluindo na primeira fase a realidade galego-portuguesa:

a) *português arcaico*: séc. XIII ao final do XIV

b) *português arcaico médio*: 1.ª metade do séc. XV à 1.ª metade do séc. XVI

c) *português moderno*: 2.ª metade do séc. XVI ao final do XVII (podendo-se estender aos inícios do séc. XVIII)

d) *português contemporâneo*: séc. XVIII aos nossos dias

Ao primeiro período pertencem, além dos textos administrativos de leis, forais e ordenações, a poesia palaciana encerrada nos Cancioneiros medievais (Ajuda, Vaticana e Biblioteca Nacional, antigo Colocci Brancuti), as *Cantigas de Santa Maria*, algumas vidas de santos (Barlaão e Josafá, S. Aleixo, etc., traduções, em geral, de textos latinos, que chegaram até nós, quase sempre, em cópias mais modernas), o *Livro das Aves*, o *Fabulário de Esopo*, a *Demanda do Santo Graal*, *Corte Imperial*, entre muitas.

Ao segundo período pertencem o *Livro da Montaria*, de D. João I, *Leal Conselheiro* e *Livro da Ensinança de Bem Cavalgar toda Sela* de D. Duarte, as crônicas de Fernão Lopes (*D. João I*, *D. Pedro*, *D. Fernando*), de Zurara (*Crônica dos Feitos da Guiné*, *Crônica da Tomada de Ceuta*), a *Crônica dos Frades Menores*, as crônicas de Rui Pina, entre muitas outras obras.

Ao terceiro período pertencem as obras históricas de João de Barros, Diogo do Couto, Fernão Lopes de Castanheda, Damião de Góis, Gaspar Correia, o *Palmeirim de Inglaterra* de Francisco de Morais, a *Etiópia Oriental* de Frei João dos Santos, a obra literária de Sá de Miranda e o teatro clássico de Antônio Ferreira, a prosa mística da *Imagem da Vida Cristã* de Heitor Pinto, os *Diálogos* de Amador Arrais, os *Trabalhos de Jesus* de Tomé de Jesus e a *Consolação às Tribulações de Israel*, de Samuel Usque, a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, Pero Magalhães de Gandavo, mas a todos excede Luís de Camões que, não sendo "propriamente o criador do português moderno (...), libertou-o de alguns arcaísmos e foi um artista consumado e sem rival em burilar a frase portuguesa, descobrindo e aproveitando todos os recursos de que dispunha o idioma para representar as ideias de modo elegante, enérgico e expressivo. Reconhecida a superioridade da linguagem camoniana, a sua influência fez-se sentir na literatura de então em diante até os nossos dias" [SA.2, 4].

Com muita razão, concede Said Ali, do ponto de vista linguístico, um lugar à parte na literatura quinhentista às comédias, autos e farsas do chamado teatro de medida velha que tem em Gil Vicente seu principal representante, produções de grande importância para o conhecimento da variedade coloquial e popular da época. Pertencem a este gênero especial os *Autos* de Antônio Prestes, de Chiado, de Jerônimo Ribeiro, a *Eufrosina* e *Ulissipo* de Jorge Ferreira de Vasconcelos, sobrelevando-se a todos eles as obras deste genial pintor da

sociedade e dos costumes do séc. XVI em Portugal, que foi Gil Vicente.

No séc. XVII assistimos ao aperfeiçoamento da prosa artística com Frei Luís de Sousa, cuja linguagem representa uma fase de transição entre os dois momentos do português moderno. É o período em que ressaltam os *Sermões* do Padre Antônio Vieira, os *Apólogos Dialogais* de Francisco Manuel de Melo, a prosa religiosa do Padre Manuel Bernardes, os quadros bucólicos de *Corte na Aldeia* de Rodrigues Lobo, além dos representantes da historiografia de Alcobaça.

Fig. 1 – O Mundo da Lusofonia

O século XVIII não é só o século das academias literárias, mas de todo um esforço na renovação da cultura e da instrução pública, sob o influxo dos ideais do neoclassicismo francês, que culminou na reforma pombalina da Universidade, em 1772. Assiste-se a um reflorescimento da poesia com Pedro Antônio Correia Garção, Antônio Dinis da Cruz e Silva, Filinto Elísio, Tomás Antônio Gonzaga e os poetas árcades brasileiros, e Barbosa du Bocage.

Do ponto de vista linguístico, o português contemporâneo, fixado no decorrer do séc. XVIII, chega ao século seguinte sob o influxo de novas ideias estéticas, mas sem sofrer mudanças no sistema gramatical que lhe garantam, neste sentido, nova feição e nova fase histórica.

Os escritores dos séculos XIX e XX de todos os quadrantes da Lusofonia souberam garantir este patrimônio linguístico herdado de tanta tradição literária.

Em Portugal, no Brasil, em Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, a língua portuguesa, patrimônio cultural de todas estas nações, tem sido, e esperamos seja por muito tempo, expressão da sensibilidade e da razão, do sonho e das grandes realizações.

Patrimônio de todos e elo fraterno da Lusofonia de cerca de 200 milhões de falantes espalhados por todos os continentes, continuemos a formular os votos de Antônio Ferreira, no

séc. XVI:

Floresça, fale, cante, ouça-se e viva
A portuguesa língua, e já onde for,
Senhora vá de si, soberba e altiva!

Teoria Gramatical

A) Linguagem: suas dimensões universais

"dizer as coisas como são"
Platão

1 – Linguagem

Entende-se por *linguagem* qualquer sistema de signos simbólicos empregados na intercomunicação social para expressar e comunicar ideias e sentimentos, isto é, conteúdos da consciência.

A linguagem se realiza historicamente mediante sistemas de isoglossas comprovados numa comunidade de falantes, conhecidos com o nome de *línguas*, como veremos adiante.

Tal conceituação envolve as noções preliminares do que seja *sistema*, *signo*, *símbolo* e *intercomunicação social*.

Sistema é todo conjunto de unidades, concretas ou abstratas, reais ou imaginárias, que se encontram organizadas e que se ordenam para a realização de certa ou de certas finalidades [HCv.1, 264].

Entende-se por *signo* ou *sinal* a unidade, concreta ou abstrata, real ou imaginária, que, uma vez conhecida, leva ao conhecimento de algo diferente dele mesmo: as nuvens negras e densas no céu *manifestam* ou são o *sinal* de chuva iminente; o *-s* final em *livros* é o signo ou sinal de pluralizador, assim como em *cantas* é o signo de 2.ª pessoa do singular. Por isso mesmo se diz que tais unidades são *simbólicas*, já que se entende em geral por *símbolo* aquilo que, por convenção, manifesta ou leva ao conhecimento de outra coisa, a qual substitui. Assim, o cordeiro é o "símbolo" da mansidão; o macaco, da astúcia. No que toca estritamente à linguagem humana, pois só ela é a linguagem objeto da *Linguística*, os signos linguísticos diferem dos símbolos porque estes não constituem necessariamente sistema e podem sozinhos e sem nenhuma oposição "simbolizar". A oposição é um princípio fundamental para a determinação da existência dos signos linguísticos, como veremos adiante.

Por fim, *intercomunicação social*, porque a linguagem é sempre um estar no mundo com os outros, não como um indivíduo particular, mas como parte do todo social, de uma comunidade.

2 – Dimensões Universais da Linguagem

A linguagem, entendida como atividade humana de falar, apresenta cinco dimensões universais: *criatividade* (ou enérgeia), *materialidade*, *semanticidade*, *alteridade* e *historicidade*.

Criatividade, porque a linguagem, forma de cultura que é, se manifesta como atividade livre e criadora, ou "do espírito", isto é, como algo que vai mais além do aprendido, que não

simplesmente repete o que já foi produzido.

Materialidade, porque a linguagem é, primeiramente, uma atividade condicionada fisiológica e psiquicamente, pois implica, em relação ao falante, a capacidade de utilizar os órgãos de fonação, produzindo signos fonéticos articulados (fonemas, grafemas, quando representados na escrita, etc.) com que estabelece diferenças de significado (por exemplo, *P*ala, *V*ala, *M*ala, *T*ala, *R*ala, etc.); enquanto em relação ao ouvinte, implica a capacidade de perceber tais fonemas e interpretar o percebido como referência ao conteúdo configurado pelo falante mediante os signos fonéticos articulados. É o nível biológico da linguagem.

Semanticidade, porque a cada forma corresponde um conteúdo significativo, já que na linguagem tudo significa, tudo é semântico.

Alteridade, porque o significar é originariamente e sempre um "ser com outros", próprio da natureza político-social do homem, de indivíduos que são homens juntos a outros e, por exemplo, como falantes e ouvintes, são sempre cofalantes e coouvintes.

Historicidade, porque a linguagem se apresenta sempre sob a forma de *língua*, isto é, de tradição linguística de uma comunidade histórica. Não existe *língua* desacompanhada de sua referência histórica: só há *língua portuguesa*, *língua francesa*, *língua inglesa*, *língua espanhola*, *língua latina*, etc.

Geralmente se ouve que a língua é imposta ao homem, porque este é obrigado a dizer que determinado objeto conhecido por sua comunidade como livro é *livro*, e não *lápis* ou *mesa*. Tal fato não constitui uma limitação ou negação da liberdade do falante; é sim a dimensão histórica da linguagem, que coincide com a própria historicidade do homem. Trata-se de uma obrigação aceita livremente, e não de uma imposição. Este é o significado original da palavra latina *obligatio* [ECs.8, 216]. A língua não é "imposta" ao homem; este "dispõe" dela para manifestar sua liberdade expressiva. As atividades livres implicam um próprio "dever ser", isto é, uma série de normas intrínsecas.

Destas cinco dimensões, a criatividade e a materialidade são universais de todas as formas da cultura, pois são todas atividades criadoras que se realizam no mundo de forma material, sem o que não poderiam existir nem passar ao conhecimento dos outros membros da comunidade. A semanticidade é a "*differentia specifica*" da linguagem em relação às outras formas de cultura. A alteridade é o traço distintivo do significar linguístico em relação aos outros tipos de "conteúdo" das formas de expressão e é, por sua vez, fundamento da historicidade da linguagem [ECs.8, 15-16].

Por fim, há de se levar em conta, na capacidade geral de expressão, a execução de atividades que acompanham e às vezes até a substituem, já que não falamos só com as unidades linguísticas, com a língua concreta. Estas são formas de expressão extralinguísticas, tais como a mímica, a entonação, o ritmo, as pausas e silêncios, os gestos, os recursos gráficos e outros. O emprego da maiúscula serve para estabelecer antíteses entre o verdadeiro e bom e o menos bom e verdadeiro, quando dizemos:

Ele é um *Professor* com *P* maiúsculo, ou a referência à forma gráfica distingue homônimos, como em:

Chegamos na *hora h*.

Há momentos em que expressões só são inteligíveis se acompanhadas de determinado

gesto:

> "Um anjo, meu pateta, um anjo sem asas. Imagina uma moça assim, *desta altura*, viva como um azougue, e uns olhos..." [MA.1, 92].

À mímica corporal junte-se a vocal, a entoação especial com que se proferem certas palavras ou frases inteiras, que o escritor procura reavivar na escrita com a utilização de variados recursos gráficos:

> "Não vou daqui sem uma resposta definitiva, disse meu pai. *De-fi-ni-ti-va*! repetiu, batendo as sílabas com o dedo" [MA.1, 88].
> "Os dois garotos, porém, esperneiam com a mudança de mãe: – Mentira!... *Mentiiiira!... Mentiiiiiiiiiira!* – berra cada um para seu lado" [HC.1, 32].

3 – Atos Linguísticos

A linguagem humana articulada se realiza de maneira concreta por meio de formas específicas chamadas *atos linguísticos*, que se organizam em *sistemas de isoglossas* (*isos* = igual; *glossa* = língua) denominados tradicionalmente *línguas*. Embora o ato linguístico, por sua natureza, seja individual, está vinculado indissoluvelmente a outro indivíduo pela natureza finalística da linguagem, que é sempre um falar com os outros, consoante a dimensão *alteridade*, a que aludimos anteriormente.

Só de modo ideal se pensa em linguagem como um só sistema de signos; na realidade, há na linguagem diversos sistemas de signos – isto é, de línguas –, diversidade que varia entre países, entre comunidades sociais ou outros grupos de falantes.

A realidade concreta da linguagem, como dissemos, é o ato linguístico, quer dizer, é cada unidade de comunicação da linguagem humana, seja uma palavra ou uma frase. Os atos linguísticos não se realizam idênticos de falante para falante de uma mesma comunidade linguística, e até num só falante, em circunstâncias diferentes. Essa diversidade não se dá somente na forma material do ato linguístico, isto é, na sua *expressão*, mas também no seu significado, isto é, no seu *conteúdo*.

Para que se proceda a uma análise coerente e uniforme da linguagem humana, tem-se de considerar idealmente que os atos linguísticos são mais ou menos idênticos na expressão (forma material) e no conteúdo (significado), e é isto que realmente ocorre, porque, se não houvesse essa aparente identidade, não seria possível a comunicação entre os indivíduos, já que a comunicação é a finalidade fundamental da linguagem.

O conjunto sistêmico de atos linguísticos comuns considerados idênticos realizados numa comunidade linguística e por ela comprovada na consciência de seus falantes ("ele fala como eu", "o português dele é diferente do nosso") se acha delimitado por uma linha ideal, imaginária, *isoglossa*, de modo que se pode definir *língua*: *um sistema de isoglossas comprovado numa comunidade linguística.*

Esse sistema de isoglossas pode ser extensíssimo que abarque uma língua histórica de todos os falantes de uma larga comunidade, considerada no seu conjunto geográfico, social e individual (*língua portuguesa*, *língua espanhola*, *língua francesa*, *língua latina*, etc.); pode ser menos extensa, principalmente quando a língua histórica é falada por mais de um país (*língua portuguesa da modalidade europeia* – "português de Portugal" / *língua portuguesa*

da modalidade americana – "português do Brasil" bem como *língua portuguesa da África*; *língua inglesa da Inglaterra* / *língua inglesa dos Estados Unidos*; *francês da França* / *francês da Bélgica* / *francês do Canadá*); pode ser ainda menos extensa do ponto de vista espacial (*português do Rio de Janeiro* / *português de Lisboa*; *francês de Paris*; *alemão da Baviera*); pode ser ainda menos extensa espacial, social e estilisticamente (*português fluminense rural* / *português paulista familiar* / *português literário do Romantismo brasileiro*); pode abarcar um só falante (*português de Machado de Assis* / *português de Eça de Queirós*; *português de um analfabeto*).

Assim, o conceito de língua, considerada como um sistema de isoglossas, varia de acordo com o entendimento mais largo ou mais estreito que se atribui à extensão do conjunto de atos linguísticos comuns.

B) Planos e níveis da linguagem como atividade cultural

I – Planos e Níveis da Linguagem

A linguagem, como atividade humana universal do falar, que se realiza individualmente, mas sempre de acordo com tradições de comunidades históricas, pode diferenciar-se em três planos relativamente autônomos:

a) *Universal* ou do falar em geral, já que se apresenta como prática universalizada não determinada historicamente, isto é, todos os homens adultos e normais falam. É a referência ao plano do *falar em geral*, e a ele se alude, quando se diz que *esta criança ainda não fala* (note-se que não se quer dizer que ela ainda não fala português ou espanhol, por exemplo). Alude-se ainda a este plano quando se declara que *os animais não falam*. Aqui, como no exemplo anterior, não se refere a uma língua concreta, mas à capacidade de falar. O plano universal alude àquilo que faz parte de todo falar, não importa em que língua.

b) *Histórico* ou da língua concreta, já que, ao falar, o homem o faz mediante uma língua determinada: *falar português*, *falar espanhol*, etc. Como já se disse, não há *língua* sem adjetivo; só há *língua portuguesa*, *língua espanhola*, etc., onde o adjetivo pátrio aponta para uma tradição histórica determinada. Até as línguas inventadas, como o esperanto, se constroem e representam uma nova tradição do falar. Este é o plano de uma língua concreta determinada. O falante tem consciência desse saber ao afirmar, por exemplo, que alguém não fala bem o português.

c) *Individual*, já que é sempre um indivíduo que fala mediante uma língua determinada, e o faz, cada vez segundo uma circunstância determinada. A atividade de falar um indivíduo segundo a conveniência de uma circunstância determinada chama-se *discurso*. Não confundir *discurso*, nessa aplicação à atividade, com *texto*, que será entendido como produto dessa atividade, produto do discurso. O discurso – assim o texto como seu

produto – está determinado por quatro fatores: o *falante*, o *destinatário*, o *objeto* ou *tema* de que se fala e a *situação*.

Como toda atividade cultural, a atividade real de falar pode ser considerada sob três pontos de vista diferentes [ECs.8, 88]:

a) Como a própria *atividade*, como falar e entender, isto é, como atividade criadora que se serve de um saber já presente para dizer algo novo e com capacidade de criar um saber linguístico. É este o sentido próprio de *enérgeia*. Uma língua é "forma" e "potência" de uma *enérgeia*.

b) Como o *saber* que está subjacente à atividade, isto é, como a *competência* ou como o que Aristóteles chamava *dýnamis*.

c) Como o *produto* criado pela atividade do falar individual, isto é, como obra ou *érgon*: o *texto*.

Como toda atividade, o falar é uma atividade que revela um saber; assim a estes três níveis correspondem três planos ou tipos de saber linguístico:

a) Ao falar em geral mediante cada língua corresponde o *saber elocutivo*, ou *competência linguística geral*, que não é saber falar uma língua particular, mas, ao falar com qualquer língua, fazê-lo segundo os princípios da *congruência* em relação aos padrões universais do pensamento e ao conhecimento geral que o homem tem do "mundo", do mundo empírico. Na discutida frase "*A mesa quadrada é redonda*", não há propriamente desconhecimento de língua, e sim de formulação do pensamento por desconhecer a realidade do mundo empírico, uma vez que "ser quadrado" é diferente de "ser redondo".

b) Ao falar (em) uma língua particular corresponde o saber histórico denominado *saber idiomático*, ou *competência linguística particular*, que é falar (em) uma língua determinada de acordo com a tradição linguística historicamente determinada de uma comunidade.

c) Ao falar individual e relacionado com a maneira de elaborar textos segundo situações determinadas corresponde o chamado *saber expressivo* ou *competência textual*; é um saber técnico (gr. *téchnē*), isto é, um saber que se manifesta no próprio fazer, um saber fazer gramatical que se manifesta numa língua particular e que pode ir além do já criado nessa língua.

A linguagem se realiza, portanto, de acordo com um saber adquirido e se apresenta sob forma de fatos objetivos ou *produtos*. Mas, como bem caracterizou Humboldt em termos aristotélicos, a linguagem não é na essência *érgon* 'produto', 'coisa feita', mas *enérgeia*, 'atividade', atividade criadora, isto é, que vai além da técnica "aprendida", além do seu saber (*dýnamis*).

Assim, também do ponto de vista do produto se distinguem esses três planos:

a) o produto do falar em geral é a "totalidade de todas as manifestações", empiricamente infinita, *o* falado; não só a totalidade do que já foi dito, mas ainda a totalidade do que se

pode dizer, se considerada sempre como "coisa feita".

b) o produto do falar (em) uma língua particular é a língua particular *abstrata*, isto é, a língua deduzida do falar e concretizada em uma gramática e em um dicionário, ou, em outras palavras, o que no falar se reconhece como constante e que é objeto da linguística das línguas como descrição e como história.

c) o produto do falar individual é o *texto*, tal como pode ser anotado ou escrito.

2 – Juízos de Valor

Frequentemente se ouve um falante nativo dizer que "isso não é português" ou "isso não se diz assim em português" ou "seria melhor dizer assim em português", o que demonstra que os aspectos de juízos de valor devem merecer especial atenção do falante nativo, bem como do linguista e do gramático normativo. Infelizmente, em vista de confusões que Coseriu procurou deslindar, o assunto tem sido mal posto em discussão e, por isso, mal resolvido, de modo que as incoerências e os desencontros são responsáveis pela ideia muito difundida, mas errada, de que o tema não é científico, e fica sujeito ao capricho de pessoas despreparadas e intransigentes.

Distinguem-se três tipos de juízos de valor referentes às conformidades do falar com o respectivo saber linguístico:

a) Ao saber elocutivo corresponde a *norma da congruência*, isto é, os procedimentos em consonância com os princípios do pensar, autônomos ou independentes dos juízos que se referem à língua particular e ao texto. Neste plano do falar em geral temos não só a norma da congruência e da coerência, mas ainda a norma de conduta da tolerância, já que, muitas vezes, diante de frases "desconexas", a incongruência pode ser anulada pela tradição da língua particular e pela intenção do discurso. Assim, quando a canção diz que "*Tudo em volta está deserto, tudo certo / Tudo certo, como dois e dois são cinco*", não se interpreta como falar incongruente por conhecerem os falantes o procedimento da anulação metafórica: o que a canção quer dizer metaforicamente é que nada vai bem entre os tais namorados, como a soma de dois mais dois igual a cinco não está bem.

b) Ao saber idiomático corresponde a *norma da correção*, isto é, a conformidade de falar (em) uma língua particular segundo as normas de falar historicamente determinado e corrente na comunidade que a pratica. Sendo uma língua histórica (todo o português) um conjunto de várias línguas comunitárias, haverá mais de uma norma de correção (o português do Brasil, o português de Portugal, o português exemplar, o português comum, o português familiar, o português popular, etc.). Por falta das distinções até aqui estabelecidas, têm-se atribuído à língua particular ou ao saber idiomático qualidades e atributos que antes pertencem ao plano do falar em geral ou saber elocutivo ("coerência", "eficácia", "concisão", "clareza", "harmonia", etc.) ou ao plano individual ou saber expressivo ("adequado", "apropriado", "elegante", "expressivo", etc.). O juízo de valor concernente à *correção* é juízo de "suficiência" ou "conformidade" somente com o saber idiomático historicamente determinado para uma comunidade.

c) Ao saber expressivo corresponde a *norma de adequação* à constituição de textos

levando em conta o falante, o destinatário, o objeto ou a situação, critério mais complexo, e independente do critério de correção em relação à língua particular e do critério de congruência em relação ao falar em geral. A adequação ao discurso e à constituição de textos pode levar em conta o objeto representado ou o tema (e aí será considerada *adequada* ou *inadequada*), o destinatário (então será considerada *apropriada* ou *inapropriada*) ou a situação ou circunstâncias (e aí será considerada *oportuna* ou *inoportuna*).

A competência ou saber não se manifesta igualmente em todos os planos do linguístico. Na língua particular ele ocorre com mais frequência; nos outros planos – no saber elocutivo e principalmente no saber expressivo – o domínio da competência só se alcança depois de cuidada educação linguística. Muitas vezes se diz que "alguém escreve mal o português", quando, na realidade se quer fazer referência ao saber elocutivo ou ao expressivo, porque escreve sem congruência ou sem coerência, ou ainda com pouca clareza. Quando se diz que "o francês" é uma língua clara", a rigor, não se quer fazer referência a características da língua francesa, mas à capacidade de estruturar o pensamento, o discurso ou o texto com clareza e logicidade mais do que o normal, em virtude de uma larga tradição do falar nessa comunidade, tradição que começa no ensino escolar francês, e que deveríamos cultivar entre nós.

Cabe ainda lembrar o que foi aqui antes esboçado: conforme a intenção do falante, a adequação relativa a um discurso ou a um texto pode anular a incorreção idiomática, enquanto a adequação relativa à correção idiomática pode anular a incongruência ou incoerência do saber elocutivo.

3 – Três Tipos de Conteúdo Linguístico

Aos três planos linguísticos correspondem ainda três tipos diferentes de conteúdo linguístico:

a) Ao plano linguístico geral corresponde a *designação* (ou *referência*), isto é, a referência a uma "realidade" extralinguística, a um estado de coisas extralinguístico. Assim em *A porta está fechada* e *A porta não está aberta* faz-se referência à mesma realidade extralinguística. As orações não são *sinônimas*; são *equivalentes* na referência à designação.

b) Ao plano linguístico particular corresponde o *significado*, isto é, o conteúdo dado linguisticamente em uma língua particular, ou, em outras palavras, a especial configuração da designação numa língua particular.

c) Ao plano do discurso corresponde o *sentido*, que é o "dito" por meio do texto, isto é, o especial conteúdo linguístico que se expressa mediante a designação e o significado, sentido que, num discurso individual, vai além desses outros conteúdos e que corresponde às atitudes, intenções ou suposições do falante. Por exemplo, nas expressões *dar com os burros n'água* ou *torcer o nariz* o sentido é, respectivamente, "ter insucesso" e "rejeitar". Numa anedota, mediante a designação e o significado, atinge-se o *sentido* quando se "pega" o chamado "espírito da coisa". Uma visita de cerimônia ao dizer ao

dono da casa "Hoje está quente" pode ter a intenção de querer dizer "Por favor, abra a janela", que é o verdadeiro "sentido" da sua primeira frase. Quando dizemos a uma pessoa, pela manhã, "Bom dia!" não queremos dizer-lhe que o dia está agradável, mas tão somente cumprimentá-la; esse é o "sentido" da frase. Pode até o tempo estar chuvoso ou ameaçador; porém, é assim que tradicionalmente a nossa comunidade saúda alguém pela manhã. O sentido, portanto, se manifesta no plano individual do discurso.

Assim como o significado pode coincidir com a designação, como ocorre na linguagem técnica, onde tudo o que existe na tradição linguística concernente a ela é "nomenclatura", à medida que vai além do saber linguístico e implica um saber relativo às coisas mesmas, assim também o sentido pode coincidir com o significado, quando o texto é só informativo, e não artístico ou literário ("simbólico"). Mesmo em determinadas formas de "literatura", os fatos designados e significados são informativos, como ocorre na novela policial, que só muito excepcionalmente se alça à literatura artística [ECs.8, 291-292].

O quadro a seguir sintetiza tudo o que vimos até aqui:

	PONTOS DE VISTA				
PLANO	**ATIVIDADE** enérgeia	**SABER** (competência) dýnamis	**PRODUTO** (texto) érgon	**JUÍZO**	**CONTEÚDO**
UNIVERSAL: falar em geral; atividade humana universal	falar em geral	saber elocutivo	totalidade das manifestações	congruente / incongruente	designação (referência)
HISTÓRICO: língua concreta; tradições comunitárias	língua particular	saber idiomático	(língua particular abstrata)	correto / incorreto	significado
INDIVIDUAL: discurso; execução individual	discurso	saber expressivo	texto (obras)	adequado / inadequado	sentido

C) Língua histórica e língua funcional

1 – Língua Histórica

Quando nos referimos a *língua portuguesa*, *língua espanhola*, *língua alemã* ou *língua*

latina, fazemos alusão a uma língua como produto cultural histórico, constituída como unidade ideal, reconhecida pelos falantes nativos ou por falantes de outras línguas, e praticada por todas as comunidades integrantes desse domínio linguístico. Entendido assim, esse produto cultural recebe o nome de *língua histórica*. Esse amplo e diversificado espaço cultural, historicamente relacionado, está presente na frase de Fernando Pessoa: *Minha pátria é a língua portuguesa*.

Fácil é concluir que uma língua histórica encerra em si várias tradições linguísticas, de extensão e limite variáveis, em parte análogas e em parte divergentes, mas historicamente relacionadas. São analogias e divergências fonéticas, gramaticais e léxicas; por isso se diz que uma língua histórica nunca é um sistema único, mas um conjunto de sistemas.

Os sistemas que integram a língua histórica apresentam três aspectos, fundamentais de diferenças internas:

a) No espaço geográfico, constituindo os diferentes *dialetos*; Essa diversidade no espaço se diz *diatópica* (do grego *diá* 'através de', *tópos* 'lugar'), enquanto a relativa uniformidade no espaço se diz *sintópica* (do grego *sýn* 'reunião').

b) No nível sociocultural, constituindo os diferentes *níveis* de língua e estratos ou camadas socioculturais. Essa diferença no estrato sociocultural se diz *diastrática* (do latim *stratum* 'estrato', 'camada'), enquanto a relativa uniformidade correspondente se diz *sinestrática* ou *sinstrática*, também conhecida por *dialeto social*.

c) No estilo ou aspecto expressivo, isto é, em relação a diferentes situações do falar e estilos de língua. Essa diferença se diz *diafásica* (do grego *fásis* 'expressão'), enquanto a relativa uniformidade correspondente se diz *sinfásica* ou homogeneidade estilística.

As diferenças diatópicas ou os dialetos sempre mereceram as atenções dos estudiosos, o que nem sempre ocorreu com as diferenças de níveis (diastráticas) e de estilos de língua (diafásicas). Nem todas as línguas históricas têm muito marcadas as diferenças dialetais como ocorre, por exemplo, na Itália. No português essas diferenças são muito menos profundas, do que no italiano. Alguns linguistas chegam, no caso do português, a preferir *falares* a *dialetos*.

As diferenças diastráticas são mais marcadas em comunidades onde os estratos sociais se apresentam muito distanciados, como na antiga Índia, ou onde a rede escolar se encontra fragilizada ou inexistente entre as camadas populares. Nas comunidades modernas, existem diferenças diastráticas na distinção entre o nível popular (como ocorre no francês e inglês), bem afastado das formas "cultas" ou exemplares destas línguas, ou, com menos intensidade, no espanhol e no italiano populares. Menos intensa é ainda a distância entre o chamado português popular e o padrão ou culto.

As diferenças diafásicas se manifestam quando se comparam língua falada e língua escrita, língua usual e língua literária, língua corrente e língua burocrática ou oficial, etc. Nenhuma dessas variedades diafásicas se apresenta homogeneamente; até a língua literária acusa gradações, às vezes bem nítidas, como é o caso das divergências entre a prosa e a poesia (em verso), entre a poesia épica e a lírica, etc.

Incluem-se nas diferenças diafásicas as que ocorrem, num mesmo estrato sociocultural,

entre grupos "biológicos" (homens, mulheres, jovens, crianças) e profissionais.

Uma língua que apresenta só um estilo já não é uma língua viva; a que apresenta um ou poucos estilos é uma língua morta e funciona como veículo de comunicação para comunidades determinadas que têm sua própria língua, e se destina a finalidades culturais e profissionais, como tem sido o caso do latim na Igreja e, desde a Idade Média, na filosofia, na filologia, na medicina e outros domínios das ciências, e de especiais praxes acadêmicas universitárias (em cerimônias na outorga do título de doutor *honoris causa*, por exemplo a *laudatio*).

Há, contudo, uma realidade linguística idealmente homogênea e unitária, isto é, que se apresenta sintópica, sinstrática e sinfásica; em outras palavras, uma língua unitária quanto ao dialeto, ao nível e ao estilo: é a *língua funcional*, assim chamada porque é a modalidade que de maneira imediata e efetiva funciona nos discursos e textos.

2 – Língua Funcional

É bem verdade que num discurso e texto pode aparecer mais de uma língua funcional, principalmente se se mudam as circunstâncias e fatores (destinatário, objeto, situação). Todo falante de uma língua histórica é plurilíngue, porque domina ativa ou passivamente mais de uma língua funcional, embora não consiga nunca saber toda a extensão de uma língua histórica; e o sucesso da educação linguística é transformá-lo num "poliglota" dentro de sua própria língua nacional. Mas na constituição do discurso e do texto há sempre *uma* língua funcional que se sobrepõe às demais. Mesmo uma língua comum o mais possível unificada e codificada com muita rigidez, como ocorre com o francês "oficial", não corresponde exatamente a essa realidade de língua funcional, em face das diferenças estilísticas nele existentes.

Como por exigência metodológica e de coerência interna só se pode descrever uma realidade homogênea e unitária, é a língua funcional o objeto próprio da descrição estrutural e funcional. Uma gramática como produto desta descrição nunca é o espelho da língua histórica; é apenas a descrição de *uma* das suas línguas funcionais. Por isso não se há de exigir desta gramática o registro de fatos que pertençam a línguas funcionais diferentes: nisto consiste a diferença entre estrutura e arquitetura.

3 – Estrutura e Arquitetura

Estrutura é a descrição das oposições funcionais na expressão e no conteúdo de mesma técnica idiomática, isto é, a homogeneidade de uma língua funcional. *Arquitetura* é o registro da diversidade interna de uma língua histórica, onde coexistem para funções análogas formas distintas e vice-versa, isto é, diversidade de línguas funcionais. Por exemplo, a descrição do emprego dos pronomes *o* e *lhe* no português exemplar ou padrão é um fato de *estrutura*; a comparação do emprego de *o* no português padrão e do corresponde *ele* no português popular ou familiar ou do pronome *lhe* nessas modalidades é um fato de *arquitetura* do português do Brasil.

Para se chegar com coerência ao conceito de língua funcional e à essência do objeto próprio da descrição de uma técnica linguística é necessário fazer, além da distinção entre

estrutura e arquitetura, uma série de outras, quase sempre não levadas em consideração na gramática tradicional e em algumas linguísticas modernas: 1) conhecimento da língua e conhecimento das "coisas" (incluídos aí os seres vivos); 2) linguagem e metalinguagem; 3) sincronia e diacronia; 4) técnica livre e "discurso repetido"[ECs.8, 288].

4 – Conhecimento da Língua e Conhecimento das "coisas"

No plano do saber histórico não contamos somente com fatos linguísticos, mas também com outras tradições ligadas a "coisas" ou ao mundo extralinguístico. Assim, por exemplo, diante de frases do tipo "Macaco velho não mete a mão em cumbuca" ou de expressão como "macaco velho", não se pode dizer que *macaco* ou *macaco velho* evoca em português a ideia de 'prudência', 'sagacidade'. Relativamente à língua portuguesa, *macaco* está relacionado a outros animais, como *mico*, *chimpanzé*, etc.; pela evocação a 'prudência' não é responsável a língua portuguesa, até porque em muitas comunidades lusófonas o animal *macaco* não está relacionado com essa ideia. A evocação resulta exclusivamente do conhecimento que temos do animal, da sua participação em histórias, especialmente do folclore brasileiro.

5 – Linguagem e Metalinguagem

A metalinguagem é um uso linguístico cujo objeto é também uma linguagem; por exemplo quando se fala de palavras e seus componentes ou de orações: "*linguagem é uma palavra derivada de língua*", "*linguagem é um substantivo feminino em português e masculino em espanhol e francês*". "*-ção* é um sufixo formador de substantivo", "*Cadeira tem três sílabas*", etc. A metalinguagem não apresenta unidades estruturais nem pode ser estruturada no nível do saber idiomático; nem por isso seu estudo deixa de merecer o cuidado da ciência.

A linguagem, também chamada *linguagem primária*, não é uma linguagem que tem por objeto uma linguagem.

Esta distinção tem importância especial para a gramática. Por exemplo, qualquer palavra, grupo de palavras, parte de palavras, uma oração inteira, todo um texto tomado materialmente na metalinguagem pode ser considerado uma "palavra", um substantivo masculino por ser nome de algo: "*-mente* é um sufixo", "*lá* marca distância do falante", "Terrível palavra é um *não*", "*Não roubar* é um mandamento divino".

A metalinguagem pode manifestar uma técnica, um saber próprio em uma determinada tradição linguística. Por exemplo, na metalinguagem, em português, diz-se sem artigo "Homem é um dissílabo", enquanto na linguagem primária se diz com artigo "O homem trabalha".

6 – Sincronia e Diacronia

Outra distinção essencial, por sinal a primeira que se deve fazer no estudo das línguas, é a que se estabelece entre *sincronia* e *diacronia*. Por *sincronia* entende-se, em princípio, a referência à língua em um dado momento do seu percurso histórico, "sincronizada" sempre com seus falantes, e considerada no seu funcionamento no falar como descrição sistemática e

estrutural de um só sistema linguístico ("língua funcional"), enquanto por *diacronia* se entende a referência à língua através do tempo, isto é, no estudo histórico das estruturas de um sistema ("gramática histórica"), e como história da língua. Todavia, neste último aspecto, sincronia e diacronia não são correlativos, pois se se levar em conta o caráter parcialmente inovador de todo ato linguístico, toda língua viva está num perpétuo devenir, já que o aspecto sincrônico, para uma língua considerada na sua totalidade, metodologicamente imposto e necessário, é apenas uma abstração científica para estudar como a língua funciona e os traços que, entre dois momentos do seu desenvolvimento, se mostram constantes. Até para fins práticos necessitamos considerar a língua como algo estável e constante. Assim, a descrição sincrônica prescinde da história, no sentido de que não a abarca, mas a diacronia não pode prescindir das sincronias. Por fim, não se pode perder de vista que a descrição da língua num momento do seu desenvolvimento é uma parte da história dessa língua. Uma língua viva nunca está plenamente feita, mas se faz continuamente graças à atividade linguística.

À sincronia corresponde não só a descrição de sistemas unitários (isto é, a disciplina "gramática" em sua acepção mais ampla, abarcando ainda a fonologia e a semântica léxica estrutural ou lexemática), mas também a descrição dos três tipos de variedade já vistos feita por três outras disciplinas ("dialetos" → *dialetologia*, "níveis" → *sociolinguística* e "estilos" → *estilística da língua*).

7 – Estado da Língua Real e Sincronia

Convém distinguir entre *estado de língua real* e *sincronia*, considerada de modo absoluto. No estado de língua também está implícita uma dimensão diacrônica, já que os falantes, principalmente de comunidades com larga tradição de língua escrita, têm consciência de que certas formas são mais antigas que outras; que algumas já não se usam e que outras são recentes. Todavia essa "diacronia dos falantes" – que pode ser bem diferente da diacronia do historiador – não importa em relação ao funcionamento da língua, porque todo fato de "diacronia" subjetiva tem de ser descrito no seu funcionamento, isto é, na sua própria sincronia [ECs.8, 296].

À história da língua compete também referir-se ao aspecto sincrônico à medida que tem de socorrer-se dos vários "estados de língua" sucessivos, pois a "gramática histórica" é a comparação entre os vários sistemas estáticos compreendidos nos limites estabelecidos para estudo. No caso de uma língua românica como o português, pode-se começar pelos diversos sistemas do latim (clássico, vulgar, etc.) e continuar pelos sistemas sucessivos do português ou fases históricas (medieval, clássico, etc.), ou então partir do próprio português como língua já estabelecida e reconhecida pelos seus falantes e pelos falantes de outras comunidades linguísticas.

Pelo que vimos até aqui, e para evitar equívocos que elas implicam, seria melhor fugir às denominações *linguística sincrônica* e *linguística diacrônica* e, em vez delas, usar *descrição* e *história da língua*, porque ambas estão compreendidas no nível histórico da linguagem e constituem juntas a *linguística histórica*. Desligam-se, desta maneira, as noções de sincronia e diacronia da interpretação meramente temporal, como as entendia Saussure, em cuja lição

sincronia estava circunscrita a um só momento e diacronia a vários momentos [ECs.8, 281].

8 – Técnica Livre do Discurso e Discurso Repetido

Outra distinção necessária no estudo "sincrônico" de língua é a que se faz entre *técnica livre do discurso* e *discurso repetido*, porque as tradições linguísticas não só contêm técnica para falar, mas ainda linguagem já falada.

A técnica livre abarca os elementos constitutivos da língua e as regras "atuais" relativas à sua modificação e combinação, isto é, abarca as "palavras" e os instrumentos e procedimentos léxicos e gramaticais.

O discurso repetido abarca tudo aquilo que, no falar de uma comunidade, se repete mais ou menos uniformemente, como algo "já dito": algo já fixado num discurso e que pode ser repetido noutro discurso como "expressão", "giro", "modismo", frase ou locução cujos elementos constitutivos não são nem substituídos nem aceitam ser dispostos noutra ordem conforme permitem as regras de funcionamento da língua, ficando, assim, por não se submeterem a qualquer estruturação – pois só a técnica é estruturável –, fora do objeto da gramática e da lexicologia sincrônicas.

Assim, *bom professor* e *boa semana* pertencem à técnica livre do discurso, enquanto *bom samaritano* e *bom dia* (para a saudação matinal) são exemplos de discurso repetido.

D) Sistema, norma, fala e tipo linguístico

1 – Os Quatro Planos de Estruturação

Uma língua funcional apresenta diversos planos de estruturação. Distinguem-se quatro planos de estruturação: o *falar* (que é o plano da realização, isto é, uma técnica idiomática efetivamente realizada), e três planos de técnica ou de saber enquanto tal: a *norma*, o *sistema* e o *tipo linguístico*, que dizem respeito exclusivamente à estruturação de uma mesma técnica idiomática, em oposição à *arquitetura*, que, como já vimos, diz respeito à diversidade interna da língua histórica, com seu conjunto de línguas funcionais, em parte coincidentes e em parte diferentes umas das outras.

2 – A Norma

A *norma* contém tudo o que na língua não é funcional, mas que é tradicional, comum e constante, ou, em outras palavras, tudo o que se diz "assim, e não de outra maneira". É o plano de estruturação do saber idiomático que está mais próximo das realizações concretas. O sistema e a norma de uma língua funcional refletem a sua estrutura.

3 – O Sistema

O *sistema* contém apenas as oposições funcionais, isto é, contém unicamente os traços distintivos necessários e indispensáveis para que uma unidade da língua (quer no plano da expressão, quer no plano do conteúdo) não se confunda com outra unidade.

Assim, no sistema dos relativos em português, *que* e *o qual* se opõem ambos a *quem* e *cujo*, por exemplo; mas a norma usual da língua prefere unicamente *o qual*, e não *que*, depois de preposição com mais de duas sílabas:

> Os caminhos *de que* (*dos quais*) lhe falei...

mas:

> As razões *segundo as quais* (e não *segundo que*).

O sistema verbal português marca a 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo com o morfema -*o*: eu cant*o*, vend*o*, part*o*.

Crianças e adultos que usam incorretamente a forma verbal *seio* (por *sei*) são levados a fazê-lo por força do sistema, mas desconhecem a norma.

O sistema do português conta, além de outros, com o sufixo -*ção* para formar substantivos, em geral denotadores de ação, oriundos de verbos: *coroar* → *coroação*; *colocar* → *colocação*.

Todavia, a norma prefere *casamento* a *casação*, *livramento* a *livração*, *tomada* a *tomação* o u *tomamento*, etc. Outras vezes, a norma agasalha ambas as formas possibilitadas pelo sistema.

No domínio da sintaxe também se comprova a distinção entre norma e sistema. Os chamados complementos verbais quando constituídos por substantivos normalmente se dispõem na ordem *direto* + *indireto* (Dei *um livro ao primo*), mas quando aparece, numa dessas funções ou nas duas, pronome pessoal, a norma é vir primeiro o indireto: (Dei-*lhe um livro*) / Dei-*lho* (lhe + o).

O falante domina o sistema de uma língua quando está em condições de criar nela. Relativamente à norma, o seu domínio é muito mais complexo e exige do falante uma aprendizagem por toda a vida.

A norma pode coincidir com o sistema quando este oferece uma só possibilidade de realização.

O distanciamento entre sistema e norma de realização se manifesta quando a "novidade" criada à luz do sistema inexiste na norma, na tradição já realizada e, por isso mesmo, não se encontra registrada nos dicionários e nas gramáticas. Foi o caso, entre nós, de *imexível*, nascido com procedimentos do sistema do mesmo modo que *intocável*, *infalível*, etc., mas não ainda realizado na norma. Esqueceram-se os críticos de que uma língua viva não está feita, isto é, que não só estrutura seus atos por modelos precedentes, mas faz-se e refaz-se constantemente, encerra formas feitas e tem potencialidade para criar formas novas, e está sempre a serviço das necessidades expressivas de qualquer falante. É nisto que consiste a dimensão criatividade já aludida aqui anteriormente.

Como também pode conter traços não pertinentes do ponto de vista de oposição funcional, a norma, em certo sentido, tem maior amplitude que o sistema, já que este só contém traços distintivos necessários e indispensáveis para que uma unidade da língua se diferencie de outra

unidade. Por outro lado, o sistema é mais amplo do que a norma, porque propicia também possibilidades inéditas, não realizadas na norma da língua.

4 – O Tipo Linguístico

O *tipo linguístico* é o mais alto plano que se pode comprovar da técnica da língua. É o conjunto coerente de categorias funcionais e de tipos de procedimentos materiais que configuram um sistema ou diferentes sistemas: compreende as categorias de oposições de expressão e de conteúdo e os tipos de funções. Enquanto o sistema é sistema de possibilidades em relação à norma, o tipo é sistema de possibilidades em relação ao sistema.

No processo histórico, a norma pode modificar-se permanecendo inalterável o sistema, bem como o sistema pode modificar-se conservando no tipo seus princípios de configuração. As numerosas semelhanças que se podem apontar nas línguas românicas não se explicam somente pela origem comum e influências recíprocas, mas também porque, com exceção do francês, se configuraram em vários pontos por princípios funcionais análogos de tipo linguístico [ECs.14, 53-54].

Por fim, cabe esclarecer que a tipologia linguística está nos seus começos; alguns estudos que se têm realizado com seu nome nada mais são do que gramática contrastiva no nível dos sistemas e classificação de procedimentos idiomáticos.

No tocante às relações conceituais de fala, norma, sistema e tipo linguístico no quadro teórico de E. Coseriu e de F. de Saussure, fala corresponde mais ou menos à *parole*; a norma e o sistema da língua correspondem, no seu conjunto, mais ou menos à *langue*, enquanto o tipo linguístico não foi identificado como tal pelo linguista genebrino.

E) Propriedades dos estratos de estruturação gramatical 1

1 – Os Estratos Gramaticais

Em português, os estratos gramaticais possíveis são, pela ordem ascendente: o *elemento mínimo* (ou *monema*), a *palavra* gramatical, o *grupo de palavras*, a *cláusula*, a *oração* e o *texto*:

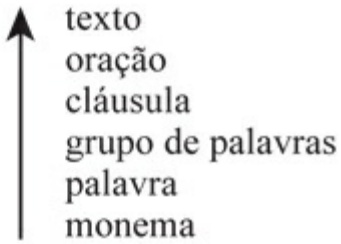

Do ponto de vista de sua função gramatical, *casa-* e *-s* são "monemas"; já *casas*, na oposição *casa* / *casas*, é uma "palavra gramatical" com sua função "plural", uma vez que *-s* é

o "pluralizador" e *casa*- o "pluralizado", e o sintagma inteiro *casas* é o "plural". Em português, a "explicação" e a "especificação" são funções do nível do grupo de palavras e se expressam mediante a posição do adjetivo. No grupo substantivo + adjetivo *o manso boi*, *o vasto oceano*, o adjetivo é explicativo (já que não separa classes menores dentro das classes "boi" e "oceano"; apenas expressa propriedades inerentes a estas classes); no entanto, em *o boi manso*, o adjetivo é "especificativo" (porque serve para opor um boi manso a outros bois não mansos). Como no exemplo anterior, *manso* é "explicador"e *boi* o termo "explicado", e o sintagma inteiro *o manso boi* é um "explicativo".

A oposição correspondente às funções "comentário" e "comentado" ocorre no estrato funcional a que Coseriu dá o nome convencional cláusula, que é o estrato que, no interior de uma só e mesma oração, estabelece a referida oposição. O chamado "advérbio de oração", que não passa de uma cláusula "comentário", ocorre nesse nível de estruturação. Em *Eu sei certo*, só temos uma oração, sem nenhum comentário, porque significa simplesmente 'eu sei com segurança', 'com certeza'. Já na oração em *Certamente, eu sei*, há duas cláusulas: a cláusula comentário *certamente* e a cláusula *eu sei*, e o conteúdo do enunciado oracional é equivalente a 'certamente, eu o sei', 'é certo que eu o sei', 'eu o sei, e este fato é certo'. Assim, *certamente* não determina o valor lexical de *eu sei*, mas assegura a realidade mesma do fato de saber.

O estrato gramatical da oração é caracterizado pela função "predicativa". Nela, o "sujeito" e o "predicado" são funções sintagmáticas e puramente relacionais: o predicado é o termo "referido", e o sujeito, o termo "referente", a função sintagmática é a de "referência", e a unidade resultante é a "predicação referida", que se opõe, neste nível, à "predicação não referida". Em *O aluno estuda* temos uma predicação referida; em *Chove*, *Faz calor*, uma predicação não referida. Registre-se aqui, de passagem, que a oração dita complexa não constitui um estrato superior da oração. O estrato superior da oração – simples ou complexa – é o texto.

No estrato do texto, como estrato gramatical idiomático, – e não como outras estruturas, por exemplo, o "soneto", a "crônica", a "novela"-, podemos ter casos como a oposição entre "pergunta não repetida" e "pergunta repetida". Se se pergunta *Você vai bem*?, no nível do texto, isto significa que se faz a pergunta pela primeira vez, ou pela qual não se manifesta se ela se diz pela primeira vez ou não. Mas já em *E você, como vai*? ou *E você vai bem*? ou *Que você vai bem*?, trata-se, sem dúvida, de uma pergunta repetida, ou porque, depois de uma primeira pergunta, agora se quer saber acerca do nosso interlocutor, ou então porque este não compreendeu a primeira pergunta sobre como passava de saúde ou de situação. Trata-se aqui de uma oposição no nível do discurso ou do texto, e não no nível da oração.

O número dos estratos gramaticais nem sempre é igual de língua para língua. Segundo Halliday, citado por Coseriu, só dois estratos são imprescindíveis, o do monema e o da oração.

2 – Propriedades dos Estratos de Estruturação Gramatical

São quatro estas propriedades: a *superordenação* (ou *hipertaxe*), a *subordinação* (ou

hipotaxe), a *coordenação* (ou *parataxe*) e a *substituição* (ou *antitaxe*).

Tais propriedades podem ser assim representadas graficamente:

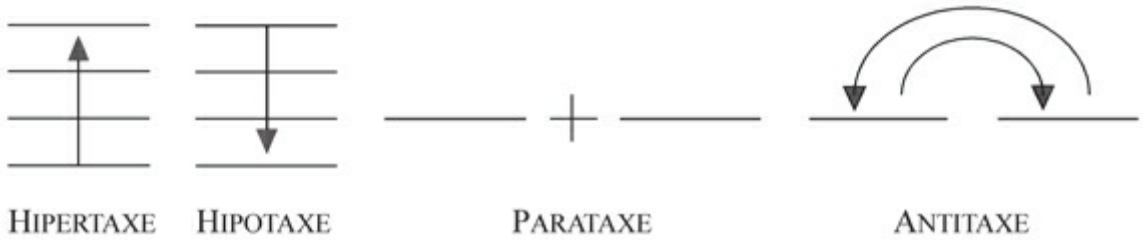

3 – Hipertaxe ou Superordenação

A hipertaxe é a propriedade pela qual uma unidade de um estrato inferior pode funcionar por si só – isto é, combinando-se com zero – em estratos superiores, podendo chegar até ao estrato do texto e aí opor-se a unidades próprias desse novo estrato. Assim, um monema pode, em princípio, funcionar como palavra; uma palavra como grupo de palavras, e assim sucessivamente.

Tomando o exemplo *casa – casas*, o elemento mínimo *casa* funciona como "singular" no nível da palavra gramatical, por oposição a *casas*, por estar "combinado" com zero. Em *casa – a casa*, a palavra *casa*, já determinada como "singular", funciona no nível do grupo de palavras como "virtual, inatual" – em oposição ao "atual" *a casa*. Em *Certamente*! *Claro*!, estamos diante de uma superordenação da palavra no nível da cláusula, e desta ao nível da oração e do texto.

As línguas conhecem restrições na manifestação dessa propriedade; por exemplo, a superordenação de palavras ou grupos de palavras no nível do texto é mais reduzida nas perguntas do que nas respostas. Uma resposta como *Isabel* é muito normal, diante da pergunta *Quem acabou de sair*? Por outro lado, uma pergunta como (*E*) *Isabel*? É certamente possível, mas exige um contexto especial. Salvo num caso de uma retomada de discurso anterior ou de emprego metalinguístico, as palavras morfemáticas, isto é, de significado puramente instrumental (artigos, preposições, conjunções), estão em geral impossibilitadas de se superordenar em nível de texto. Entretanto, nas retomadas de discurso anterior, e na metalinguagem, pode-se superordenar no nível da oração e do texto um monema, uma palavra morfemática ou até uma palavra, como, por exemplo, ocorre com *sem* na resposta à pergunta do tipo: *Viajarás com ou sem teus pais*? – *Sem*. Ou então o sufixo *-ção* na resposta diante da dúvida: *É condenação ou condenamento*? – *Ção*.

Na maioria dos casos reais da chamada *elipse* o que se tem, na verdade, é uma forma de superordenação (quase sempre combinada com uma substituição por retomada).

4 – Hipotaxe ou Subordinação

A hipotaxe é a propriedade oposta à hipertaxe: consiste na possibilidade de uma unidade correspondente a um estrato superior poder funcionar num estrato inferior, ou em estratos inferiores. É o caso de uma oração passar a funcionar como "membro" de outra oração, particularidade muito conhecida em gramática. O importante é, entretanto, verificar que este tipo de propriedade não fica só aqui, mas tem uma aplicação mais extensa. Em princípio, toda unidade superior ao estrato do monema pode ser subordinada. Um texto inteiro pode funcionar como uma oração num outro texto; uma oração como uma cláusula ou grupo de palavras; um grupo de palavras como uma palavra gramatical, e uma palavra como um elemento mínimo.

E m *Verdadeiramente ele disse isso*, a cláusula comentário (*verdadeiramente*), por hipertaxe, passa a oração (é verdade), enquanto temos hipotaxe da cláusula comentada (*ele disse isso*). As palavras compostas, do tipo de *planalto*, e as perífrases lexicais, como *pé de valsa* ('exímio dançarino') são, do ponto de vista gramatical, subordinações ou hipotaxes de grupos de palavras no nível da palavra; por outro lado, locuções do tipo *por meio de*, *por causa de* funcionam no nível de elementos mínimos (aproximadamente como *com*, *por*).

Vista pelo prisma da hipotaxe, percebe-se que a ideia de conceber as "conjunções subordinativas" como elementos que "unem" orações nasce do falso paralelismo entre subordinação (hipotaxe) e coordenação (parataxe). Na realidade, em línguas como o português, as conjunções subordinativas não são mais que morfemas de subordinação ou ainda preposições combinadas com esses morfemas. Em princípio, para subordinar orações ou cláusulas de estrutura oracional, temos necessidade de dois instrumentos: um para marcar a subordinação, isto é, para indicar que uma estrutura oracional de verbo flexionado funciona como membro de uma oração, e não como oração independente, e outro instrumento para indicar a função que esta estrutura exerce na oração complexa. No português essa marca de subordinação é *que*. Em se tratando de função sintagmática não marcada na oração ("sujeito", "complemento direto"), só se emprega esta marca *que*. Pode-se prescindir desta marca se o sintagma oracional subordinado já se acha indicado por um pronome, um advérbio interrogativo (ou exclamativo) ou pela conjunção *se* da interrogação geral: É preciso *que venhas.* Ela espera *que venhas.* Ela sabe *quem vem.* Os alunos não sabem *quando saem* os resultados. O professor não sabe *se haverá feriado nesta semana.*

Se se trata de função sintagmática introduzida (no caso de uma palavra ou de um grupo de palavras) por preposição, a chamada conjunção subordinada é normalmente constituída por essa preposição com *que*: *para acabar* / *para que acabe*; *antes da* (de a) *guerra começar* / *antes de que a guerra comece*, etc...

Pelos exemplos, vê-se que primeiro se subordina mediante o instrumento de subordinação (*que*) e depois se introduz o sintagma subordinado pela preposição correspondente à função sintagmática respectiva.

5 – Parataxe ou Coordenação

Consiste a parataxe na propriedade mediante a qual duas ou mais unidades de um mesmo estrato funcional podem combinar-se nesse mesmo nível para constituir, no mesmo estrato, uma nova unidade suscetível de contrair relações sintagmáticas próprias das unidades simples

deste estrato. Portanto, o que caracteriza a parataxe é a circunstância de que unidades combinadas são equivalentes do ponto de vista gramatical, isto é, uma não determina a outra, de modo que a unidade resultante da combinação é também gramaticalmente equivalente às unidades combinadas. Não sobem a estrato de estruturação superior. Assim, duas palavras combinadas persistem no nível da palavra e não constituem um "grupo de palavras", como se passassem ao nível imediatamente superior.

Podem-se coordenar orações que apresentam uma mesma função textual, palavras e grupos de palavras de mesmas funções (tais como sujeito, complemento, adjunto) e até preposições e conjunções do estrato de monemas, como *com* e *sem*, *e* e *ou*. A única condição a ser respeitada é que se trate de unidades pertencentes ao mesmo estrato ou transpostas ao mesmo estrato em virtude de hipertaxe ou de hipotaxe. Daí que estruturas do tipo [*ricos homens*] *e mulheres*/ [*ricos*] *homens e mulheres*, conforme a ordem de operações levadas a cabo na estruturação da expressão: constituição do grupo de palavras *ricos homens* e depois coordenação com *mulheres* ou, ao contrário, primeiro coordenação de *homens e mulheres*, no nível da palavra, por hipotaxe, e em seguida constituição do grupo de palavras por meio da determinação com *ricos*.

Pode-se, outrossim, coordenar uma palavra com uma oração que funciona como membro de outra oração desde que exerçam a mesma função, como em: Ele agora sabe *a verdade* e *que eu não lhe havia mentido*. Mas para isso foi necessário que a oração subordinada passasse ao estrato de grupo de palavras e de palavra gramatical, por meio da hipotaxe, para então ser possível a coordenação no mesmo nível da palavra.

Tem a parataxe sido vista apenas em relação à coordenação de orações, especialmente a parataxe aditiva com um só verbo flexionado, como se fosse o somatório com apagamento dos elementos idênticos nas orações coordenadas. Isto realmente ocorre em casos como *João e Maria leem*, que corresponde a *João lê* e *Maria lê*, mas já duvidosa em *João e Maria se casaram* e impossível, por absurda em *João e Maria se parecem*, que não vale por *João é parecido + Maria é parecida*. Na realidade, em todos estes casos se trata apenas da *ordem operacional* seguida na constituição da expressão, ordem que na interpretação deve ser refeita às avessas. Assim, tem-se inicialmente a coordenação *João e Maria* e depois a predicação constitutiva da oração.

Outro ponto que há de merecer a nossa atenção é o fato de que, partindo dos três tipos fundamentais e opositivos de coordenação em português (a aditiva, adversativa e a alternativa), estas construções podem ainda exprimir relações internas de "dependência", o que, à primeira vista, parece paradoxal, porque é o mesmo que dizer que "a parataxe inclui a hipotaxe" ou que "a parataxe também é hipotaxe". Na realidade, o que temos nesses casos é, a uma só vez, parataxe e hipotaxe, mas não no mesmo nível de estruturação gramatical. No nível da oração tais construções são paratáticas; mas exprimem ao mesmo tempo relações internas de dependência no que diz ao *sentido do discurso* e, por isso, manifestam funções sintagmáticas no nível do texto: os segundos elementos dessas construções se acham coordenados no nível da oração, mas são subordinados aos primeiros elementos enquanto *unidades textuais*. É o mesmo caso que ocorre com as orações introduzidas por *pois*, *porquanto*, *por isso*, *por conseguinte*, *logo*, a que a gramática tradicional e escolar chama

orações "conclusivas" e "causais-explicativas". Embora exprimindo estados de coisas comparáveis aos das orações subordinadas, são consideradas, não sem razão, orações "principais" ou "independentes". Na realidade, são independentes no nível da oração, mas são elementos subordinados do ponto de vista de unidades de conteúdo no nível superior do texto.

6 – Antitaxe ou Substituição

É a propriedade mediante a qual uma unidade de qualquer estrato gramatical já presente ou virtualmente presente ("prevista") na cadeia falada pode ser representada – retomada ou antecipada – por outra unidade de outro ponto da cadeia falada (quer no discurso individual, quer no diálogo), podendo a unidade que substitui ser parte da unidade substituída, com idêntica função ou mesmo zero. É o fenômeno muito conhecido no domínio dos pronomes que "substituem" (= "representam") lexemas (palavras ou grupos de palavras), inclusive lexemas inexistentes como tais na língua, como é o caso dos pronomes "neutros" (*isto*, *isso*, *aquilo*), que podem referir-se a um fato, a uma circunstância ou a uma situação.

O fenômeno da antitaxe, entretanto, é uma realidade de muito maior amplitude e diz respeito, em princípio, a todos os estratos gramaticais. Assim, a retomada mediante *sim*, *não*, diz respeito aos níveis da oração e do texto; e a não repetição (retomada por zero) de uma preposição na coordenação dos complementos ou do pronome sujeito na coordenação de dois ou mais verbos diz respeito ao estrato de elementos mínimos.

No interior da antitaxe, podemos distinguir, do ponto de vista constitucional (cf.) a antecipação e a retomada (ou "anáfora", "catáfora"), isto é, a representação "antes" e "depois", sendo esta válida até para a representação zero.

Do ponto de vista funcional, é preciso distinguir a antitaxe puramente material em que a unidade que substitui, além de representar a unidade substituída, tem também uma função particular, própria ao domínio da substituição. Assim, no português *clara e duramente*, temos uma antitaxe puramente material (o zero antecipador de *clara* tem exatamente a mesma função que *-mente* em *duramente*), enquanto na retomada por meio de *sim*, *não*, estamos diante de uma antitaxe funcional, já que tais unidades, além de representar o que foi dito pelo interlocutor (constituindo por isso "pro-orações" ou "pro-textos" e não meramente advérbios), exprimem também uma tomada de posição por parte do falante: a concordância ou a discordância com o conteúdo de consciência manifestado pelo interlocutor.

A rigor, a antitaxe é um fenômeno "transfrásico", um fenômeno do plano do "discurso" ou do "texto", uma parte porque concerne à constituição do discurso como tal, à estruturação material e funcional da cadeia falada, conforme as relações presentes na própria cadeia, e por outra parte, porque ela ignora as fronteiras entre as orações, funcionando independentemente dessas fronteiras tão bem numa só e mesma oração como em várias orações ao mesmo tempo e, quase sempre, além dos limites entre as orações. Daí este fenômeno pertencer ao domínio da linguística do texto. Entretanto, deve a antitaxe ser também estudada e descrita na gramática das línguas, mesmo numa "phrase-grammar", porque a expressão substituída apresenta procedimentos, materiais e funções que lhe são próprias e porque as línguas, como sistemas paradigmáticos, apresentam uma grande diversidade a este respeito.

F) Dialeto – Língua comum – Língua exemplar. Correção e exemplaridade. Gramáticas científicas e gramática normativa. Divisões da gramática e disciplinas afins. Linguística do texto

1 – Língua Comum e Dialeto

Já vimos que uma língua histórica, como o português, está constituída de várias "línguas" mais ou menos próximas entre si, mais ou menos diferenciadas, mas que não chegam a perder a configuração de que se trata "do português" (e não do galego, ou do espanhol, ou do francês, etc.), quer na convicção de seus falantes nativos, quer na convicção dos falantes de outros idiomas. Há uma *diversidade* na *unidade*, e uma *unidade* na *diversidade*.

Os falantes dessas diversidades, por motivações de ordem política e cultural, tendem a procurar, graças a um largo período histórico, um veículo comum de comunicação que manifeste a unidade que envolve e sedimenta as várias comunidades em questão. Geralmente, nessas condições, se eleva um dialeto – em geral o que apresenta melhores condições políticas e culturais – como veículo de expressão e comunicação que paire sobre as variedades regionais e se apresente como espelho da unidade que deseja refletir o bloco das comunidades irmanadas.

Esta unidade linguística ideal – que nem sempre cala o prestígio de outros dialetos nem afoga localismos linguísticos – chama-se *língua comum*.

No caso de Portugal, o dialeto falado na região Entre Douro e Minho (dialeto interamnense) – sede do governo e da instrução superior – alçou à condição de língua comum. Como a língua comum recebe, em geral, o nome da língua histórica (isto é, daquela que engloba as variedades dialetais de que vimos falando), em nosso caso particular a língua comum é denominada *língua portuguesa* ou, simplesmente, *português*. Isto ocorre por toda a parte; assim é que o dialeto de Paris (franciano) passou a denominar-se *francês*, o de Florença (toscano florentino) *italiano*, o de Castela *castelhano* ou *espanhol*. Por isso é que se diz que entre *língua* e *dialeto* não há diferença de natureza, e sim de prestígio político e cultural, além do fato da maior extensão geográfica da língua comum. Algumas vezes a língua comum desbanca os primitivos dialetos, como ocorreu com a *koiné* grega.

Por motivações de ordem cultural e para conter, na medida do possível e do razoável, a força diferenciadora, centrífuga, que caracteriza o perpétuo devenir das línguas, pode-se desenvolver dentro da língua comum um tipo de outra língua comum, mais disciplinada, normatizada idealmente, mediante a eleição de usos fonético-fonológicos, gramaticais e léxicos como padrões exemplares a toda a comunidade e a toda a nação, a serem praticados em determinadas situações sociais, culturais e administrativas do intercâmbio superior. É a modalidade a que Coseriu chama língua exemplar, mais relativamente uniforme do que a língua comum, porque está normatizada intencionalmente [ECs.8, 164-165]. Esta uniformidade relativa é mais frequente quando a língua comum é usada em países diferentes. É o que acontece entre nós, onde se registra uma exemplaridade do português do Brasil ao lado de uma exemplaridade do português de Portugal, em grande parte de delineação complexa, porque a

exemplaridade do português – e não fato exclusivo do nosso domínio – não está claramente fixada em suas formas, conteúdos e procedimentos [ECs.8, 35].

2 – O Exemplar e o Correto

Há de distinguir-se cuidadosamente o *exemplar* do *correto*, porque pertencem a planos conceituais diferentes. Quando se fala do exemplar, fala-se de uma forma eleita entre as várias formas de falar que constituem a língua histórica, razão por que o eleito não é nem correto nem incorreto.

Já quando se fala do correto, que é um juízo de valor, fala-se de uma conformidade com tal ou qual estrutura de uma língua funcional de qualquer variedade diatópica, diastrática ou diafásica. Por ele se deseja saber se tal fato está em conformidade com um modo de falar, isto é, com a língua funcional, com a tradição idiomática de uma comunidade, fato que pode ou não ser o modo exemplar de uma língua comunitária.

O modo exemplar pertence à arquitetura da língua histórica, enquanto o correto (ou incorreto) se situa no plano da estrutura da língua funcional. Cada língua funcional tem sua própria correção à medida que se trata de um modo de falar que existe historicamente.

3 – Gramática Descritiva e Gramática Normativa

Daí é fácil concluir que não devemos confundir dois tipos de gramática: a *descritiva* e a *normativa*.

A gramática descritiva é uma disciplina científica que registra e descreve (daí o ser *descritiva*, por isso não lhe cabe definir) um sistema linguístico em todos os seus aspectos (fonético-fonológico, morfossintático e léxico).

Cabe tão somente à gramática descritiva registrar como se diz numa língua funcional.

Por ser de natureza científica, não está preocupada em estabelecer o que é certo ou errado no nível do saber elocutivo, do saber idiomático e do saber expressivo.

A gramática descritiva se reveste de várias formas segundo o que examina mediante uma metodologia empregada, formas que não cabe aqui explicitar, mas tão somente enumerar: *estrutural*, *funcional*, *estrutural e funcional*, *constrastiva*, *distribucional*, *gerativa*, *transformacional*, *estratificacional*, *de dependências*, *de valências*, *de usos*, etc. A gramática estrutural funcional concebida por E. Coseriu aplica-se à depreensão e descrição dos paradigmas do significado gramatical, das estruturas gramaticais de uma língua particular.

Cabe à *gramática normativa*, que não é uma disciplina com finalidade científica e sim pedagógica, elencar os fatos recomendados como modelares da exemplaridade idiomática para serem utilizados em circunstâncias especiais do convívio social.

A gramática normativa recomenda como se deve falar e escrever segundo o uso e a autoridade dos escritores corretos e dos gramáticos e dicionaristas esclarecidos.

4 – Âmbitos de Estudo da Gramática

Como vimos, a gramática descritiva registra e descreve todos os aspectos de uma língua particular, homogênea e unitária. Por isso, aparece diversificada nos capítulos pelos quais costuma ser apresentada: *fonética* e *fonologia*, *morfologia* e *sintaxe* (melhor *morfossintaxe*), *semântica*, *estilística*.

4.1 – Fonética e Fonologia

A fonética e a fonologia estudam o aspecto físico-fisiológico, isto é, o aspecto fônico. A fonética se ocupa do aspecto acústico e fisiológico dos sons reais e concretos dos atos linguísticos: sua produção, articulação e variedades.

Já para a fonologia, a unidade básica não é o som, mas o *fonema*, visto como unidade acústica que desempenha função linguística distintiva de unidades linguísticas superiores dotadas de significado. Assim, em *tinta*, a fonética, levando em conta a realidade acústica na pronúncia carioca, distingue dois sons diferentes de *t*, enquanto a fonologia considera funcionalmente um só *t*, pois, apesar de articulado diferentemente nas várias realizações, o falante se considera diante de uma mesma palavra: *tinta*.

4.2 – Sistema gráfico

Nas línguas em que, ao lado da realidade *oral*, existe a representação escrita de um sistema convencional dessa oralidade chamado *sistema gráfico* ou *ortografia*, este sistema se regula, em geral, ora pela fonética, ora pela fonologia, o que conduz a uma primeira dificuldade para se chegar a um sistema ideal, que exigiria uma só unidade gráfica para um só valor fônico. Neste particular tornou-se necessário não se confundir *letra* com *som* da fala; letra é a representação gráfica com que se procura reproduzir na escrita o som, o que não significa identificá-los. O nosso sistema fonológico tem sete fonemas vocais orais tônicos para cuja representação temos apenas cinco letras (**a** – **e** – **i** – **o** – **u**). Costuma-se hoje chamar *grafema* à unidade gráfica (letra) da escrita.

Em se tratando de línguas modernas que adotaram um sistema gráfico aproveitando o alfabeto latino, como ocorre com a maioria dos idiomas modernos, três fatores contribuem para que não se alcance uma ortografia ideal, apesar de entrarem em seu socorro recursos de letras e sinais diacríticos não existentes em latim:

a) adoção de alfabeto estranho, como o latino, nem sempre capaz de atender à representação de fonemas das novas línguas;

b) mudança através do tempo de fonemas das novas línguas, depois de adotado o alfabeto latino;

c) permanente indecisão das convenções ortográficas entre a opção fonético-fonológica e a "etimológica" (este, pelo prestígio dos hábitos da escrita latina).

4.3 – Alfabeto fonético

Para fins científicos e pedagógicos (principalmente nas gramáticas e dicionários destinados a estrangeiros), usam-se *alfabetos fonéticos* que procuram na transcrição representar fielmente cada unidade fônica por meio de um sinal gráfico, escolhido entre as letras já existentes no alfabeto e mais sinais especiais criados para atingir a fidelidade acústica

desejada.

4.4 – Gramática e Estilística

A gramática pode estudar tanto o aspecto da pura comunicação (chamada linguagem enunciativa ou intelectiva) quanto o aspecto afetivo, de exteriorização psíquica e apelo (linguagem emotiva).

De modo geral, aplica-se a gramática propriamente dita aos aspectos da linguagem intelectiva, ficando a linguagem emotiva para tarefa de uma disciplina chamada *estilística*, de que falaremos mais adiante.

4.5 – Morfossintaxe

A parte central da gramática pura é a morfossintaxe, também com menos rigor estudada como dois domínios relativamente autônomos: a *morfologia* (estudo da palavra e suas "formas") e a *sintaxe* (estudo das combinações materiais ou funções sintáticas). Ocorre que, a rigor, tudo na língua se refere sempre a combinações de "formas", ainda que seja combinação com zero ou ausência de "forma"; assim, toda essa pura gramática é na realidade sintaxe, já que a própria oração não deixa de ser uma "forma"(na lição tradicional, ela não pertence ao domínio da morfologia). Melhor seria se adotássemos a proposta de Eugenio Coseriu que já estava presente numa lição de Gabelentz; a gramática se comporia de três seções: a) "constitucional" (que descreveria a configuração material da "forma" gramatical, abrangendo por forma também o grupo de palavras, a oração e o período); b) "funcional" (que investiga as funções dos diferentes estratos de estruturação gramatical, comprovando os paradigmas que funcionam em cada estrato); c) "relacional" (que estuda as relações entre os diferentes paradigmas pelos quais se expressam funções designativas análogas) [ECs.4, 262-263].

4.6 – Lexicologia

Outro domínio dos estudos gramaticais que, pela sua especificidade e extensão também constitui uma disciplina autônoma, é a *lexicologia*.

É tarefa da lexicologia o estudo dos *lexemas*, suas estruturas e variedades e suas relações com os significantes. Entende-se por lexema a unidade linguística dotada de *significado léxico*, isto é, aquele significado que aponta para o que se apreende do mundo extralinguístico mediante a linguagem. Assim, em *amor*, *amante*, *amar*, *amavelmente* o significado léxico é comum a todas as palavras da série.

Levando-se em conta o plano da expressão (significante) e o plano do conteúdo (significado), a lexicologia abarcará quatro disciplinas subsidiárias [ECs.12, 46-48]:

a) *lexicologia da expressão*: estudo das relações entre os vários significantes léxicos enquanto tais, por exemplo, *amar* ↔ *amante*, *falar* ↔ *falante* ao lado de *saltar* ↔ *saltador*.

b) *lexicologia do conteúdo*: estudo das relações entre os significados léxicos enquanto tais: *salário*, *ordenado*, *provento*, *honorário*, *soldo*, *mesada*; ou *sair* x *chegar*, etc. (sinônimos, antônimos)

c) *semasiologia*: estudo da relação entre os dois planos partindo da expressão para o conteúdo: o significante *hóspede* com os significados de 'aquele que dá a hospedagem' e

‘aquele que recebe a hospedagem’; *nora* ‘esposa de filho em relação aos pais dele’, e *nora* ‘aparelho para tirar água de poço, cisterna’.

Tradicionalmente é este estudo que se reconhece em geral como a disciplina semântica ou semântica lexical.

d) *onomasiologia*: estudo da relação dos dois planos, partindo do conteúdo: para o significado ‘dinheiro’ há os significantes *prata*, *massa*, *erva*, *caraminguá*, *arame*, *mango* (quase todos populares ou familiares).

Há disciplinas lexicológicas preocupadas com a origem dos palavras. Aí temos a *etimologia* (estudo da origem delas), a *onomástica* (estudo histórico dos nomes próprios, dividida em *antroponímia* – história dos nomes de pessoa – e *toponímia* – história dos nomes de lugares).

4.7 – Outra vez a Estilística

A seguir, temos a estilística, a qual, conforme dissemos anteriormente, é o estudo dos aspectos afetivos que envolvem e caracterizam a linguagem emotiva que perpassa todos os fatos de língua. Pode tanto aplicar-se àqueles usos da esfera afetiva e emotiva generalizados na língua, por exemplo, os diminutivos, os aumentativos, as hipérboles, etc. (a chamada *estilística da língua* de Charles Bally), ou então às criações estéticas originais e inéditas de um autor ou de uma obra (a chamada *estilística da fala* da escola idealista alemã de Karl Vossler, Leo Spitzer e seguidores).

4.8 – Outros tipos de Gramática

Além da gramática descritiva, são também gramáticas científicas, isto é, sem finalidade prescritiva ou normativa, e com objeto e metodologia próprios:

a) *gramática geral* (mais impropriamente chamada *gramática universal*): estudo dos fundamentos teóricos dos conceitos gramaticais (e por isso mesmo lhe cabe a definição desses conceitos), ou, noutro sentido, procura os fatos gramaticais comuns e gerais a vários sistemas linguísticos. Também é denominada *teoria gramatical*. Esta gramática investiga o plano universal da linguagem e, por isso, não tem como objeto uma língua particular, como as gramáticas seguintes, que investigam o plano histórico da linguagem, uma vez que estudam línguas históricas, isto é, técnicas (saberes) historicamente determinadas.

b) *gramática comparada*: estudo comparado de línguas pertencentes a um tronco ou “família” procedente de uma fonte comum primitiva, com vista a estabelecer os fatos manifestados pela relação de “parentesco”.

c) *gramática histórica* (considerada em sentido estrito): estudo diacrônico de um só sistema idealmente homogêneo.

d) *história interna da língua*: estudo diacrônico de uma língua histórica.

Citem-se mais as seguintes disciplinas linguísticas:

1) *dialetologia*: estudo das diferenças regionais de uma língua; sua aplicação, mediante método particular para cada uma, se faz com duas subdisciplinas: *geografia linguística* e *paleontologia linguística*.

2) *sociolinguística*: estudo da variedade e variação da linguagem em relação com a estrutura social das comunidades.

3) *etnolinguística*: estudo da variedade e variação da linguagem em relação com a civilização e a cultura [ECs.15, 29].

4) *psicolinguística*: estuda o aspecto psíquico da atividade linguística.

Até aqui, as gramáticas e disciplinas que investigam os fatos de uma língua ou de línguas particulares são disciplinas que se aplicam ao plano idiomático da linguagem.

Por fim, cabe aludir à *linguística do texto*, campo recente de estudo, que visa a examinar o sentido do texto considerado como entidade autônoma da linguagem. Investiga o plano individual da linguagem. É o estudo da hermenêutica do sentido. Para Coseriu, enquanto as disciplinas que estudam a língua se aplicam ao exame da estrutura do significante e à descrição da estrutura do significado, a pura linguística do texto se aplica à interpretação do significante e do significado da língua como expressão do sentido [ECs.3].

1 E. Coseriu [ECs.15, 22; ECs.4, 172].

I – Fonética e Fonologia

A) Produção dos sons e classificação dos fonemas

1 – Fonética Descritiva

Fonemas – Chamam-se fonemas os sons elementares e distintivos que o homem produz quando, pela voz, exprime seus pensamentos e emoções.

Fonemas não são letras – Desde logo uma distinção se impõe: não se há de confundir *fonema* com *letra*. *Fonema* é uma realidade acústica, realidade que nosso ouvido registra; enquanto *letra* é o sinal empregado para representar na escrita o sistema sonoro de uma língua. Não há identidade perfeita, muitas vezes, entre os fonemas e a maneira de representá-los na escrita, o que nos leva facilmente a perceber a impossibilidade de uma *ortografia* ideal. Temos, como veremos mais adiante, *sete* vogais orais tônicas, mas apenas *cinco* símbolos gráficos (letras): *a*, *e*, *i*, *o*, *u*. Quando queremos distinguir um *e* tônico aberto de um *e* tônico fechado – pois são dois fonemas distintos – geralmente utilizamos sinais subsidiários: o acento agudo (*fé*) ou o circunflexo (*vê*). Há letras que se escrevem por várias razões, mas que não se pronunciam, e portanto não representam a vestimenta gráfica do fonema; é o caso do *h* em *homem* ou *oh!* Por outro lado, há fonemas que se ouvem e que não se acham registrados na escrita; assim, no final de *cantavam*, ouvimos um ditongo em *-am* cuja semivogal não vem assinalada /amávãw/. A escrita, graças ao seu convencionalismo tradicional, nem sempre espelha a evolução fonética. Neste livro, diferençamos a letra do fonema, pondo este entre barras; dessarte, indicaremos o *e* aberto e *e* fechado da seguinte maneira: /*é*/, /*ê*/.

Fonética e Fonologia – Na atividade linguística, o importante para os falantes é o fonema, e não a série de movimentos articulatórios que o determina. Assim sendo, enquanto a análise fonética se preocupa tão-somente com a articulação, a fonêmica atenta apenas para o fonema que, reunindo um feixe de traços que o distingue de outro fonema, permite a comunicação linguística. A fonética pode reconhecer, e realmente o faz, diversas realizações para o /*t*/ da série *ta-te-ti-to-tu*; a fonêmica não leva em conta as *variações* (que se chamam *alofones*), porque delas não tomam conhecimento os falantes de língua portuguesa. Um fonema admite uma gama variada de realizações fonéticas que vai até a conservação da integridade do vocábulo: quando isto não ocorre, diz-se que houve mudança de fonema. O /*l*/ admite várias realizações no Brasil, de norte a sul (e estas variantes não interessam à análise fonêmica, análise que deveria ter primazia em nosso estudo de língua); mas haverá mudança de fonemas

quando se não puder fazer a oposição *mal* / *mau*. Como bem ensina Mattoso Câmara, "o fonema, entendido como um feixe de traços distintivos, individualiza-se e ganha realidade gramatical pelo seu contraste com outros feixes em idênticos ambientes fonéticos. Não é, pois, a diferença articulatória e acústica que distingue primariamente dois fonemas, senão a possibilidade de determinarem significações distintas numa mesma situação fonética. Compreende-se assim que um mesmo fonema possa variar amplamente na sua realização, conforme o ambiente fonético ou as peculiaridades do sujeito falante" [MC.7, 44-45].

Fonologia não se opõe a fonética: a primeira estuda o número de oposições utilizadas e suas relações mútuas, enquanto a fonética experimental determina a natureza física e fisiológica das distinções observadas [BM.1, 116]. Ambas disciplinas pertencem ao nível biológico do falar condicionado psicofisicamente.

Aparelho Fonador

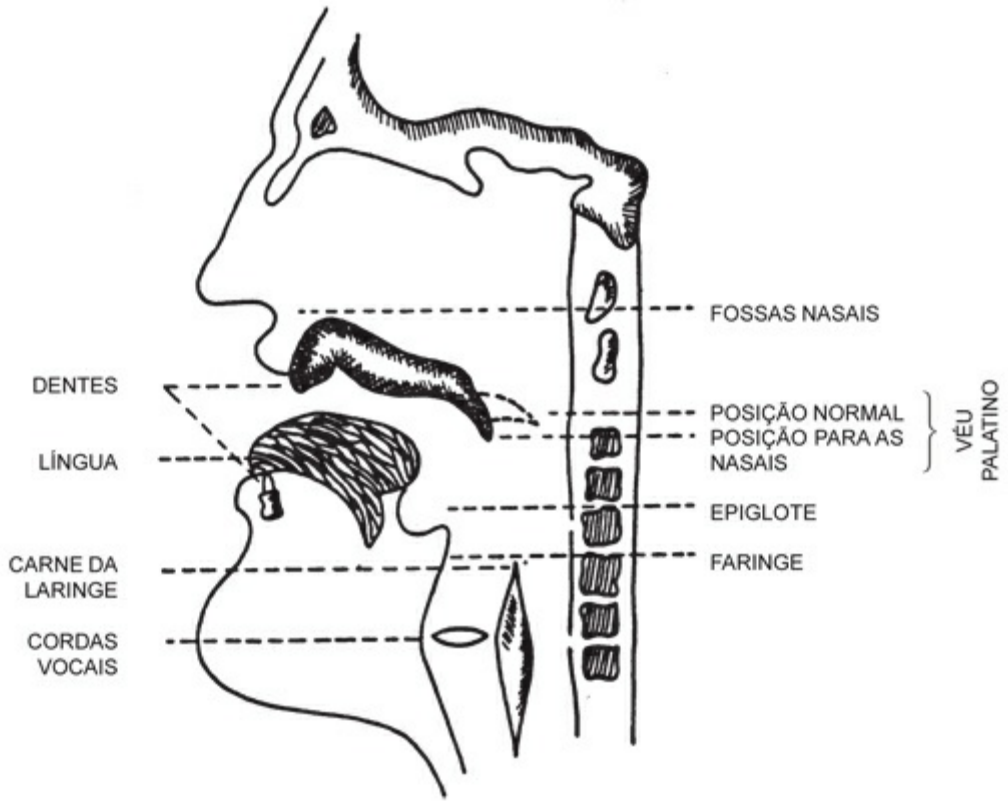

Aparelho fonador – Nós não temos um aparelho especial para a fala; produzimos os fonemas servindo-nos de órgão do aparelho respiratório e da parte superior do aparelho digestivo, que só secundariamente se adaptaram às exigências da comunicação, numa aquisição lenta do homem. A esses órgãos da fala, constitutivos do aparelho fonador, pertencem, além de músculos e nervos: os *brônquios*, a *traqueia*, a *laringe* (com as cordas vocais), a *faringe*, as *fossas nasais* e a *boca* com a *língua* (dividida em ápice, dorso e raiz), as *bochechas*, o *palato duro* (ou céu da boca), o *palato mole* (ou véu palatino) com a *úvula*

ou *campainha*, os *dentes* (mormente os anteriores) com os *alvéolos*, e os *lábios*.

Em português, como na maioria dos idiomas, os fonemas são produzidos graças à modificação que esses órgãos da fala impõem à *corrente de ar que sai dos pulmões*. Línguas há, entretanto, que se servem da corrente inspiratória (entrando o ar nos pulmões) para produzir fonemas, que são conhecidos pelo nome de *cliques*. Produzimos cliques quando fazemos os movimentos bucais, acompanhados da sucção de ar na boca, para o beijo, o muxoxo e certos estalidos como o que serve para animar a caminhada dos cavalos, mas não os utilizamos como sons da fala em português.

Como se produzem os fonemas – A corrente de ar que vem dos pulmões passa pela *traqueia* e chega à sua parte superior que se chama *laringe*, conhecida vulgarmente como *pomo de adão*. Na laringe, a parte mais valiosa e mais complexa do aparelho fonador, se acham, horizontalmente, duas membranas mucosas elásticas, à maneira de lábios: as *cordas vocais*, por cujo estreito intervalo, denominado *glote*, a corrente de ar tem de passar para ganhar a *faringe*, e daí, ou totalmente pela *boca* (*fonemas orais*), ou parte pela boca e parte pelas fossas nasais (*fonemas nasais*), chegar à atmosfera. É esta corrente expiratória que, modificada pelos órgãos da fala, é responsável pela produção dos fonemas.

As diferenças que se notam entre vozes diversas dos sexos, das idades e das pessoas, baseiam-se em geral nas dimensões da laringe.

Fonemas surdos e sonoros – Quando a corrente de ar se dirige à glote, esta pode encontrar-se aberta, fechada ou quase fechada. No primeiro caso, a corrente de ar passa livremente, sem provocar a vibração das cordas vocais. O fonema que, nestas circunstâncias, se produz é chamado *surdo*: /s/, /f/, /x/, /t/, /k/, etc. Se a glote está fechada ou quase fechada, a corrente de ar, ao forçar a passagem, provoca a vibração das cordas vocais, produzindo os fonemas sonoros. São sonoras todas as vogais e certas consoantes como /z/, /v/, /j/, /d/, /g/, etc.

Em muitos casos, podemos perceber a vibração das cordas vocais, pondo de leve a ponta do dedo no pomo de adão e proferindo um fonema sonoro, como /z/, /v/, /j/, tendo o cuidado de não acompanhá-lo de vogal. Sentimos nitidamente um tremular que denota a vibração das cordas vocais. Se proferimos um fonema surdo, como /s/, /f/, /x/, com o cuidado apontado acima, não sentimos o tremular. Podemos ainda repetir a experiência tapando os ouvidos. Só com os fonemas sonoros ouvimos um zumbido característico da vibração das cordas vocais.

Vogais e consoantes – A voz humana se compõe de *tons* (sons musicais) e *ruídos*, que o nosso ouvido distingue com perfeição. Caracterizam-se os tons, quanto às condições acústicas, por suas vibrações periódicas. Esta divisão corresponde, em suas linhas gerais, às vogais (= tons) e às consoantes (= ruídos). As consoantes podem ser ruídos puros, isto é, sem vibrações regulares (correspondem às consoantes surdas), ou ruídos combinados com um tom laríngeo (consoantes sonoras) [BM.1, 20].

Quanto às condições fisiológicas de produção, as vogais são fonemas durante cuja articulação a cavidade bucal se acha completamente livre para a passagem do ar. As consoantes são fonemas durante cuja produção a cavidade bucal está total ou parcialmente fechada, constituindo, assim, num ponto qualquer, um obstáculo à saída da corrente expiratória.

OBSERVAÇÃO: Só por suas condições acústicas e fisiológicas de produção é que se distinguem as vogais das consoantes. Por imitação dos gregos, os antigos gramáticos definiam a vogal pela sua função na sílaba: elemento necessário e suficiente para formar uma sílaba. E daí chegavam à conceituação deficiente de consoante: fonema sem existência independente, que só se profere com uma vogal. Sabemos de idiomas em que há sílabas constituídas apenas de consoantes e em que uma consoante pode fazer as vezes de vogal [LR.1, 75-75].

Na língua portuguesa a *base da sílaba* ou o *elemento silábico* é a vogal; os elementos *assilábicos* são a consoante e a semivogal, que estudaremos mais adiante.

Classificação das vogais – Classificam-se as vogais, segundo a *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, de acordo com quatro critérios:

a) quanto à zona de articulação;

b) quanto à intensidade;

c) quanto ao timbre;

d) quanto ao papel das cavidades bucal e nasal.

a) Quanto à ZONA DE ARTICULAÇÃO, as vogais podem ser *média*, *anteriores* e *posteriores*.

Com a boca ligeiramente aberta e a língua na posição quase de repouso, proferimos o fonema /a/, que é o que exige menor esforço e constitui a vogal *média*. Se daí passarmos à série /é/ – /ê/ – /i/, notaremos que a ponta da língua se eleva, avançando em direção ao palato duro, o que determina uma diminuição da abertura bucal e um aumento da abertura da faringe. A série /é/ – /ê/ – /i/ constitui as vogais *anteriores*. Se passarmos da vogal média /a/ para a série /ó/ – /ô/ – /u/, notaremos que o dorso da língua se eleva, recuando em direção ao véu do paladar, o que provoca uma diminuição da abertura bucal e um arredondamento progressivo dos lábios. A série /ó/ – /ô/ – /u/ forma as vogais *posteriores*.

VOGAIS ANTERIORES 2

POSIÇÃO DOS LÁBIOS POSIÇÃO DA LÍNGUA

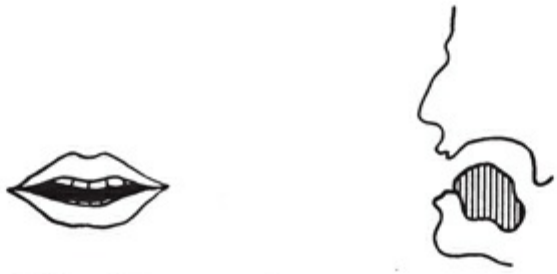

E (aberto) como em *é*

E (fechado) como em *dê*

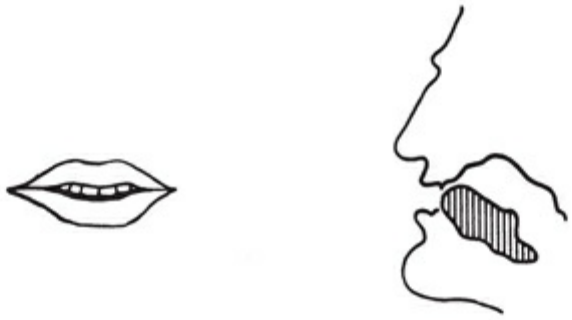

I como em *vi*

VOGAIS POSTERIORES 3

O (aberto) como em *pó*

O (fechado) como em *avô*

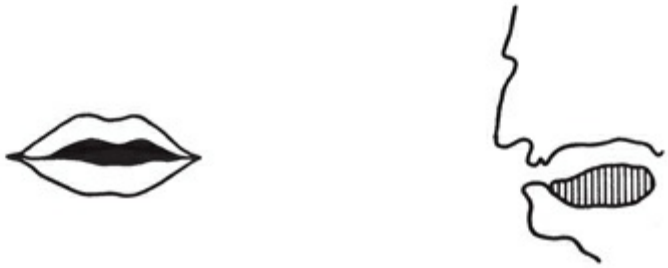

U como em *tu*

ZONAS DE ARTICULAÇÃO

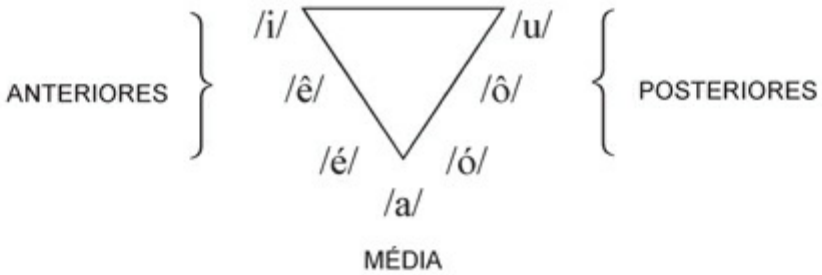

b) Quanto à INTENSIDADE, as vogais podem ser *tônicas* ou *átonas*. Vogal tônica é aquela em que recai o acento tônico da palavra: av*ó*, p*a*ga, t*í*mido.

Vogal átona é a inacentuada: *a*vó, pag*a*, tím*i*do. As vogais átonas podem estar antes da tônica (pretônicas): *a*vó, p*a*gar, ou depois (postônicas): tím*i*d*o*.

Nos vocábulos de maior extensão fonética, mormente nos derivados e nos verbos seguidos de pronome átono, pode aparecer, além da tônica, uma vogal de grande intensidade, a qual

recebe o nome de vogal *subtônica*: pol*i*damente, c*e*gamente, louv*a*r-te-ei.

c) quanto ao TIMBRE, as vogais podem ser *abertas*, *fechadas* e *reduzidas*. *Timbre* é o efeito acústico resultante da distância entre o dorso da língua e o véu do paladar, funcionando a cavidade bucal como caixa de ressonância. O timbre é o traço distintivo das vogais. Na vogal de timbre aberto, a língua se acha baixa: /a/, /é/, /ó/. Na vogal de timbre fechado, a língua se eleva: /ê/, /ô/, /i/, /u. A vogal de timbre reduzido é proferida debilitada, anulando-se a oposição entre aberta e fechada. A distinção entre abertas e fechadas só se dá nas vogais tônicas e subtônicas; nas átonas desaparece a diferença entre /ó/ e /ô/, /é/ e /ê/, e o /a/ reduzido é proferido com menos nitidez, como se pode depreender comparando-se os dois tipos em *casa*, em que o primeiro é aberto e o segundo, reduzido.

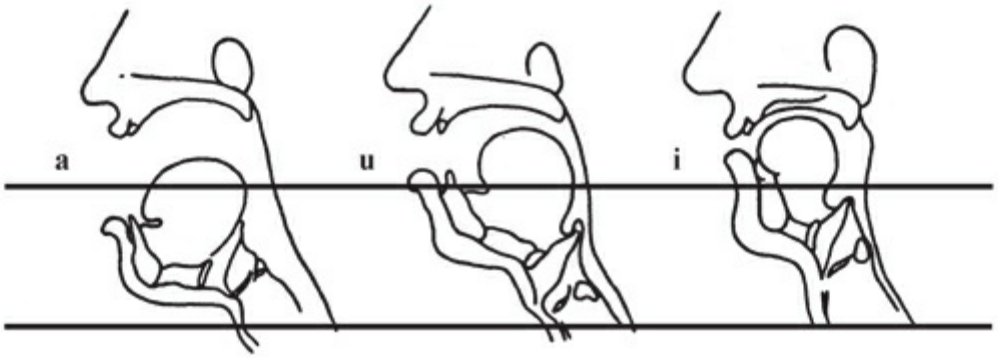

A gravura mostra a posição das vogais /a/, /u/ e /i/. Note-se o fechamento do canal bucal na articulação do /u/ e do /i/ com movimento da epiglote e elevação da língua em direção ao palato [ER.1, 15].

Quase sempre no fim das palavras, as vogais átonas *e* e *o* se enfraquecem e soam, respectivamente, /i/ e /u/ 4. Assim temos sete vogais tônicas orais (/a/, /é/, /ê/, /i/, /ó/, /ô/, /u/), cinco vogais átonas orais (/a/, /e/, /i/, /o/, /u/) e três vogais reduzidas orais (/a/, /i/, /u/). Também são reduzidas as vogais átonas nasais: *a*ntigo, s*e*ntar, l*i*mpeza, c*o*mbate, f*u*ndar.5

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Não temos no Brasil o *a* fechado oral tônico dos portugueses como em c*a*da, p*a*ra, m*a*s.

2.ª) Na pronúncia normal brasileira, as vogais nasais são fechadas ou reduzidas (estas quando átonas).

d) quanto ao papel das CAVIDADES BUCAL e NASAL, as vogais podem ser *orais* e *nasais*. São orais aquelas *cuja ressonância se produz na boca*. Há sete vogais orais tônicas (/á/, /é/, /ê/, /i/, /ó/, /ô/, /u/), cinco orais átonas, por não haver aqui distinção entre /é/ e /ê/, /ó/ e /ô/ (/a/, /e/, /i/, /o/, /u/) e três reduzidas (/a/, /i/, /u/). São nasais as vogais que, em sua produção, *ressoam nas fossas nasais*. Há cinco vogais nasais (/ã/, /ẽ/, /ĩ/, /õ/, /ũ/): l*ã*, c*a*nto, c*a*mpina, v*e*nto, v*e*ntania, l*í*mpido, viz*i*nhança, c*o*nde, c*o*ndessa, t*u*nda, pron*u*nciamos. É o fenômeno da ressonância, e não da saída do ar, o que opõe os fonemas orais aos nasais.

Quanto ao timbre, as nasais tônicas e subtônicas são fechadas e as átonas, reduzidas.

OBSERVAÇÃO: Na pronúncia normal brasileira soam quase sempre como nasais as vogais seguidas de *m*, *n* e principalmente *nh*: c*a*ma, c*a*na, b*a*nha, c*e*na, f*i*na, h*o*mem, Ant*ô*nio, *ú*mido, *u*nha. Assim não distinguimos as formas verbais terminadas em -*amos* e -*emos* do presente e do pretérito do indicativo: *agora cantamos*, *ontem cantamos*; *agora lemos*, *ontem lemos*.

ABERTAS	FECHADAS		REDUZIDAS	
orais	*orais*	*nasais*	*orais*	*nasais*
1) A: p*á*, c*a*veira, c*á*lido, pl*a*cidamente	—	rom*ã*, c*a*nto, l*â*mpada	cas*a*	ím*ã*, c*a*ntinho
2) E: f*é*, t*e*la, p*é*rola, caf*e*zal	v*ê*, n*e*gro, p*ê*ssego	l*e*mbro, v*e*nto	verd*e*	*e*ngolir
3) O: p*ó*, v*o*to, gl*ó*bulo, f*o*rtezinho	av*ô*, p*o*vo, l*ô*brego, gl*o*binho	p*o*nto, t*ô*mbola	globinh*o*	c*o*mprida, c*o*ntínua
4) I:	l*i*, v*i*da, l*í*rico	f*i*m, t*i*nta, l*í*mpido	láp*i*s, júr*i*	t*i*nteiro
5) U:	l*u*z, t*u*do, l*ú*gubre	f*u*ndo, c*u*mpro	vír*u*s	álb*u*m

Elevação da língua: quinto critério para classificação das vogais – A Nomenclatura Gramatical Brasileira não levou em conta a elevação gradual da língua, o que distingue as vogais em: 1 – vogal baixa: /a/; 2 – vogais médias com dois graus de elevação: /é/, /ó/ e /ê/, /ô/; 3 – vogais altas: /i/, /u/. Entre as nasais desaparecem os dois graus de elevação das vogais médias.

ORAIS 6

/ i /	/ u /	Altas
/ ê /	/ ô /	Médias
/ é /	/ ó /	Médias
/ a /		Baixa

NASAIS

/ ĩ /	/ ũ/	Altas
/ ẽ /	/ õ /	Médias
/ ã /		Baixa

Se não estabelecermos este quinto critério para a classificação das vogais, teremos de pôr num mesmo plano fonemas diferentes, como /õ/ e /ũ/, /ẽ/ e /ĩ/, o que não é correto.

QUADRO DA CLASSIFICAÇÃO DAS VOGAIS

VOGAIS	1) *quanto à zona de articulação*	anteriores: /é/, /ê/, /i/ média: /a/ posteriores: /ó/, /ô/, /u/
	2) *quanto ao timbre*	abertas: /a/, /é/, /ó/ fechadas: /ê/, /ô/, /i/, /u/ reduzidas: /a/, /i/, /u/
	3) *quanto ao papel das cavidades bucal e nasal*	orais: /a/, /é/, /ê/, /i/, /ó/, /ô/, /u/ nasais: /ã/, /ẽ/, /ĩ/, /õ/, /ũ/
	4) *quanto à intensidade*	tônicas átonas
	5) *quanto à elevação da língua*	baixa: /a/ médias: /é/, /ó/, /ê/, /ô/ altas: /i/, /u/

Semivogais. Encontros vocálicos: ditongos, tritongos e hiatos – Chamam-se *semivogais* as vogais *i* e *u* (orais ou nasais)7 quando assilábicas, as quais acompanham a vogal numa mesma sílaba. Os encontros vocálicos dão origem aos *ditongos*, *tritongos* e *hiatos*. Representamos as semivogais *i* (*e*) por /y/ e *u* (*o*) por /w/.

DITONGO é o encontro de uma vogal e de uma semivogal, ou vice-versa, na mesma silaba: p*ai*, m*ãe*, ág*ua*, cár*ie*, mág*oa*, r*ei*.

Sendo a vogal a base da sílaba ou o elemento silábico, é ela o som vocálico que, no ditongo, se ouve mais distintamente. Nos exemplos dados são vogais: pAi, mÃe, águA, cáriE, mágoA, rEi.

OBSERVAÇÃO: Os ditongos, como os demais encontros vocálicos, podem ocorrer no interior da palavra (dizem-se *intraverbais*: *pai*, *vaidade*) ou pela aproximação, por fonética sintática, de duas ou mais palavras (dizem-se *interverbais*: *certa* ‿ *idade*, *inculta* ‿ *e bela*).

Os ditongos podem ser:

a) crescentes e decrescentes

b) orais e nasais

Crescente é o ditongo em que a semivogal vem antes da vogal: ág*ua*, cár*ie*, mág*oa*.

Decrescente é o ditongo em que a vogal vem antes da semivogal: p*ai*, m*ãe*, r*ei*.

Como as vogais, os ditongos são *orais* (p*ai*, ág*ua*, cár*ie*, mág*oa*, r*ei*) ou *nasais* (m*ãe*).

Os ditongos nasais são sempre fechados, enquanto os orais podem ser *abertos* (p*ai*, c*éu*, r*ói*, id*ei*a) ou *fechados* (m*eu*, d*oi*do, v*ei*a).

Nos ditongos nasais, são nasais a vogal e a semivogal, mas só se coloca o til sobre a vogal: m*ãe*.

Principais ditongos crescentes:

Orais

1) /ya/: glór*ia*, pátr*ia*, d*ia*bo, ár*ea*, nív*ea*
2) /ye/: (= yi): cár*ie*, calvíc*ie*
3) /yé/: d*ie*ta
4) /yo/: vár*io*, méd*io*, áur*eo*, nív*eo*
5) /yó/: mand*io*ca
6) /yô/: p*io*lho
7) /yu/: m*iú*do
8) /wa/: ág*ua*, q*ua*se, d*ua*l, mág*oa*, nód*oa*
9) /wi/: ling*ui*ça, tên*ue*
10) /wó/: quiproq*uó*
11) /wô/: aq*uo*so
12) /wo/ (= *uu*): oblíq*uo*
13) /wê/: c*oe*lho
14) /wé/: eq*ue*stre, g*oe*la

OBSERVAÇÃO: Em muitos destes casos pode ser discutível a existência de ditongos crescentes "por ser indecisa e variável a sonoridade que se dá ao primeiro fonema. Certo é que tais ditongos se observam mais facilmente na hodierna pronúncia lusitana do que na brasileira, em que a vogal (= semivogal), embora fraca, costuma conservar sonoridade bastante sensível" [SA.2,17]. De qualquer maneira registre-se o descompasso entre a realidade fonética (ora hiato, ora ditongo) e a maneira invariável de grafar *miúdo* com acento agudo no *u*, quer seja proferido como dissílabo (e ditongo, portanto) ou como trissílabo (e hiato). Também palavras como *série*, *glória*, que podem ser proferidas como dissílabas (mais usual) ou trissílabas, não têm os encontros vocálicos separados na divisão silábica: *sé-rie*, *gló-ria*, em ambos os casos de pronúncia.

Nasais: 1) /yã/: cr*ia*nça
2) /wã/: q*ua*ndo
3) /wê/: freq*ue*nte, quinq*uê*nio, dep*oe*nte
4) /wĩ/: arg*ui*ndo, q*ui*nquênio, m*oi*nho

Os principais ditongos decrescentes são:

Orais: 1) /ay/: p*ai*, b*ai*xo, tr*ai*dor
2) /ay/ (*a* fechado e, às vezes, nasalado): f*ai*na, p*ai*na, and*ai*me
3) /aw/: p*au*, cac*au*s, *ao*
4) /éy/: r*éi*s, coron*éi*s
5) /êy/: l*ei*, j*ei*to, fiqu*ei*
6) /éw/: c*éu*, chap*éu*
7) /êw/: l*eu*, comet*eu*
8) /iw/: v*iu*, part*iu*
9) /óy/: her*ói*, anz*ói*s
10) /ôy/: b*oi*, f*oi*ce
11) /ow/: v*ou*, r*ou*bo, est*ou*ro
12) /uy/: f*ui*, az*ui*s

Nasais

1) /ãy/: alem*ãe*s, c*ãi*bra

2) /ãw/: p*ão*, amar*am* (= amárão)

3) /ẽy/: b*em* (= bẽi), ont*em* (= ontẽi)

4) /õy/: p*õe*, sen*õe*s

5) /ũy/: m*ui* (= mũi), m*ui*to (= mũito)

NOTA: Nos ditongos nasais decrescentes /*ẽy*/, /*ãy*/ e /*ãw*/ [cf. SS.3, 320, 18, onde *vãs* rima com *mães*], a semivogal pode não vir representada na escrita. Escrevemos a interjeição *hem!* ou *hein!*, sendo, a rigor, a primeira grafia mais recomendável.

TRITONGO é o encontro de uma vogal entre duas semivogais numa mesma sílaba. Os tritongos podem ser *orais* e *nasais*.

Orais

1) /way/: q*uais*, parag*uaio*

2) /wey/: enxag*uei*, averig*uei*s

3) /wiw/: delinq*uiu*

4) /wow/: apazig*uou*

Nasais

1) /wãw/: míng*uam*, sag*ião*, q*ião*

2) /wẽy/: delinq*uem*, enxág*uem*

3) /wõy/: sag*uõe*s

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Nos tritongos nasais /wãw/ e /wẽy/ a última semivogal pode não vir representada graficamente: mínguam, enxáguem.

2.ª) Entre portugueses, por não haver o maior relevo da primeira vogal – fato que se observa entre brasileiros –, o grupo de vogal seguida de um ditongo pode constituir-se num tritongo: f*iéi*s, p*oei*ra, p*ião*.

HIATO é o encontro de duas vogais em sílabas diferentes por guardarem sua individualidade fonética: s*aí*da, c*aa*tinga, m*oi*nho. Isto se dá porque a passagem da primeira para a segunda se faz mediante um movimento brusco, com interrupção da voz.8

Em português, como em muitas outras línguas, nota-se uma tendência para evitar o hiato, através da ditongação ou da crase.

OBSERVAÇÕES :

1.ª) Desenvolvem-se um /y/ semivogal (símbolo chamado em gramática *iode*) ou /w/ semivogal (símbolo chamado *uau*) nos encontros formados por ditongo decrescente seguido de vogal final ou ditongo átono: praia = prai-ia; cheia = chei-ia; tuxaua = tuxau-ua; goiaba = goi-ia-ba.

2.ª) "Nos hiatos cuja primeira vogal for *u* e cuja segunda vogal for final de vocábulo (seguida ou não de *s* gráfico), o desenvolvimento do *uau* variará de acordo com as necessidades expressionais ou as peculiaridades individuais" 9: nua = nu-a ou nu-ua; recue = re-cu-e ou re-cu-ue; amuo = amu-o ou amu-uo.

3.ª) "Os encontros *ia*, *ie*, *io*, *ua*, *ue*, *uo* finais, átonos, seguidos, ou não, de *s*, classificam-se quer como ditongos, quer como hiatos, uma vez que ambas as emissões existem no domínio da Língua Portuguesa: histó-ri-a e histó-ria; sé-ri-e e sé-rie; pá-ti-o e pá-tio; ár-du-a e ár-dua; tê-nu-e e tê-nue; vá-cu-o e vá-cuo".10

4.ª) Autores há que também consideram hiato quando se trata de uma vogal e uma semivogal, como no caso de *goiaba*, *joia*, etc. Outros consideram dois ditongos: *goi-ia-ba*, *joi-ia*.

Nos encontros vocálicos costumam ocorrer dois fenômenos: a *diérese* e a *sinérese*.

Chama-se DIÉRESE à passagem de semivogal a vogal, transformando, assim, o ditongo num hiato: *trai-ção* = *tra-i-ção*; *vai-da-de* = *va-i-da-de*; *cai* = *ca-i*.

Chama-se SINÉRESE à passagem de duas vogais de um hiato a um ditongo crescente:

su-a-ve = sua-ve; *pi-e-do-so = pie-do-so*; *lu-ar = luar*.

A sinérese é fenômeno bem mais frequente que a diérese. A poesia antiga dava preferência ao hiatismo, enquanto, a partir do século XVI, se nota acentuada predominância do ditonguismo (sinérese). É claro que os poetas modernos continuaram a usar a diérese, mormente como efeito estilístico-fônico para a ênfase, a ideia de grandeza, etc. O conhecido verso de Machado de Assis *auréola* com quatro sílabas acentua o tamanho descomunal ressaltado pela leitura lenta: "Pesa-me esta brilhante *auréola* de nume..."

Classificação das consoantes – De acordo com a *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, classificam-se as consoantes de acordo com quatro critérios:

a) quanto ao modo de articulação;

b) quanto à zona de articulação;

c) quanto ao papel das cordas vocais.

d) quanto ao papel das cavidades bucal e nasal.

a) quanto ao MODO DE ARTICULAÇÃO, as consoantes podem ser *oclusivas* e *constritivas*, e estas se subdividem em *fricativas*, *laterais*, *vibrantes* e *nasais*. O obstáculo que, na cavidade bucal, os órgãos impõem à corrente expiratória pode ser de dois tipos: ou os órgãos da boca estão dispostos de tal modo que impedem *completamente* a saída do ar, ou permitem *parcialmente* que a corrente expiratória chegue à atmosfera. No primeiro caso, dizemos que as consoantes são *oclusivas*; no segundo, *constritivas*. As constritivas são fricativas quando a corrente expiratória, passando por entre os órgãos que formam o obstáculo parcial, produz um atrito à maneira de fricção: /f/, /v/, /s/, /z/, /x/, /j/. São constritivas laterais quando a passagem da corrente expiratória, obstruída pela aproximação do ápice ou dorso da língua aos alvéolos da arcada dentária superior ou ao palato, escapa pelos lados da cavidade bucal: /l/, /lh/. São constritivas vibrantes quando o ápice da língua contra os alvéolos ou a raiz da língua contra o véu do paladar executa movimento vibratório rápido, abrindo e fechando a passagem à corrente expiratória: /r/ (simples) e /rr/ (múltipla). São constritivas nasais quando, pelo abaixamento do véu palatino e um abrimento do nasal, as consoantes ressoam nas fossas nasais. Temos três consoantes nasais: a bilabial /m/, a linguodental /n/ e a palatal /nh/.

b) quanto à ZONA DE ARTICULAÇÃO, as consoantes podem ser:

1) *bilabiais* (lábio contra lábio): /p/, /b/, /m/.

2) *labiodentais* (lábio inferior e arcada dentária superior): /f/, /v/.

3) *linguodentais* (língua contra arcada dentária superior): /t/, /d/, /n/.

4) *alveolares* (língua em direção ou contra os alvéolos): /s/, /z/, /l/, /r/, /rr/.

5) *palatais* (dorso da língua contra o céu da boca): /x/, /j/, /lh/, /nh/.

6) *velares* (raiz da língua contra o véu do paladar): /k/, /g/.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) O /l/ inicial da sílaba é nitidamente alveolar, enquanto o final é proferido relaxado, quase *velar*, mas tendo-se o cuidado de não fazê-lo igual a *u*. Nas ligações com a vogal inicial de outro vocábulo, soa como alveolar.

2.ª) O /rr/ *alveolar* pode ser proferido como *velar*, graças ao maior recuo da língua.

3.ª) As linguodentais /t/ e /d/ seguidas de *i* podem palatalizar-se: *tinta* e *digno* podem soar /txinta/ e /djigno/. Evite-se o exagero destas palatalizações.

c) quanto ao papel das CORDAS VOCAIS, as consoantes podem ser surdas e sonoras.

Surdas: /p/, /f/, /t/, /s/, /x/, /k/.

Sonoras: /b/, /v/, /d/, /z/, /j/, /g/, /m/, /n/, /nh/, /l/, /lh/, /r/, /rr/.

São sonoras as consoantes *vibrantes*, *nasais* e o /l/ lateral.

d) quanto ao papel das CAVIDADES BUCAL e NASAL, as consoantes podem ser *orais* e *nasais*. São nasais /m/, /n/, /nh/.

As outras são orais.

QUADRO DA CLASSIFICAÇÃO DAS CONSOANTES

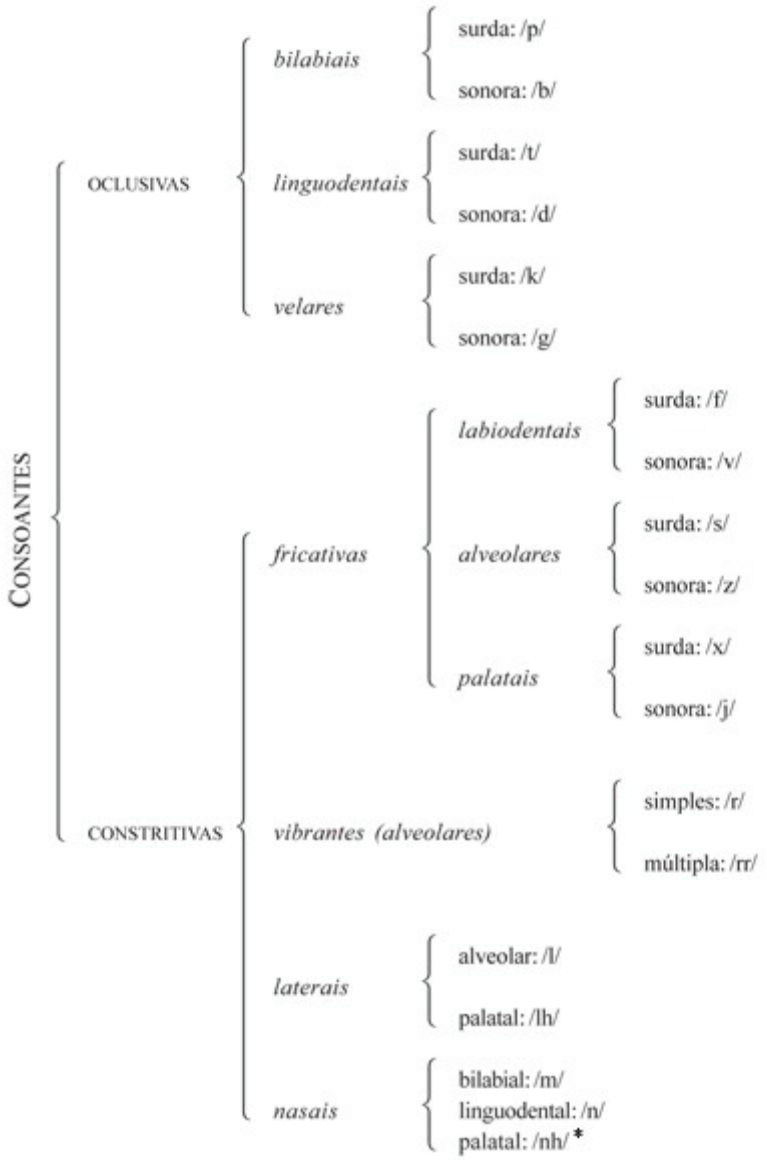

* Para fugir a uma oposição errônea *surda/sonora/nasal*, preferimos, ainda com a aquiescência da NGB, colocar as *nasais* entre as constritivas. Há autores que fazem das *nasais* uma classe à parte, ou as põem entre as oclusivas, critérios também defensáveis.

Encontro consonantal – Assim se chama o seguimento imediato de duas ou mais consoantes de um mesmo vocábulo. Há encontros consonânticos pertencentes a uma sílaba, ou a sílabas diferentes. Os primeiros terminam por *l* ou *r*: li-*vr*o; *bl*u-sa; *pr*o-sa; *cl*a-mor; ri*t-m*o; pa*c-t*o; a*f-t*a, a*d-m*i-tir.

O encontro consonantal /cs/ é representado graficamente pela letra *x*: anexo, fixo.

São mais raros em nossa língua os seguintes encontros consonânticos encontráveis em vocábulos eruditos. Estes encontros são separáveis, salvo os que aparecem no início de vocábulos:

bd: lamb-da	*ft*: af-ta
bs: ab-so-lu-to	*pn*: pneu, pneu-má-ti-co
cç: sec-ção	*ps*: psiu
dm: ad-mi-tir	*pt*: ap-to
gn: dig-no	*tm*: ist-mo
mn: mne-mô-ni-co	*tn*: ét-ni-co

Tais encontros merecem especial cuidado porque, na pronúncia despreocupada, tendem a constituir duas sílabas pela intercalação de uma vogal:

advogado	e não	*adivogado* ou *adevogado*
absoluto	e não	*abissoluto*
admirar	e não	*adimirar*
afta	e não	*áfita*
ritmo	e não	*rítimo*
pneu	e não	*pineu* / *peneu*
indigno	e não	*indíguino*

O desejo de corrigir o engano leva muitas vezes à omissão de vogal de certos vocábulos:

adivinhar	e não	*advinhar*
subentender	e não	*subtender*

Dígrafo – Não se há de confundir *dígrafo* ou *digrama* com encontro consonantal. *Dígrafo* é o emprego de duas letras para a representação gráfica de um só fonema: pa*ss*o (cf. paço), *ch*á (cf. xá), ma*nh*ã, pa*lh*a, *en*viar, m*an*dar.

Há dígrafos para representar consoantes e vogais nasais.11 Os dígrafos para consoantes são os seguintes, todos inseparáveis, com exceção de *rr* e *ss*, *sc*, *sç*, *xc*:

ch:	chá	*xs*:	exsudar 'transpirar'
lh:	malha	*rr*:	carro
nh:	banha	*ss*:	passo
sc:	nascer	*qu*:	quero
sç:	nasça	*gu*:	guerra
xc:	exceto		

Para as vogais nasais:

am ou *an*:	campo, canto
em ou *en*:	tempo, vento
im ou *in*:	limbo, lindo

om ou *on*: ombro, onda
um ou *un*: tumba, tunda

Letra diacrítica – É aquela que se junta a outra para lhe dar valor fonético especial e constituir um dígrafo. Em português as letras diacríticas são *h*, *r*, *s*, *c*, *ç*, *u* para os dígrafos consonantais e *m* e *n* para os dígrafos vocálicos: c*h*á, car*r*o, pas*s*o, q*u*ero, ca*m*po, o*n*da.

OBSERVAÇÃO: Daí se tiram as seguintes conclusões aplicáveis à análise fonética:

1.ª) Não há ditongo em q*u*ero;

2.ª) *M* e *n* não são aqui fonemas consonânticos nasais em caMpo, oNda, mas há autores que os classificam como consoantes, por não aceitarem a existência de vogais nasais (Mattoso Câmara).

3.ª) *Qu* e *gu* se classificam como /k/ e /g/, respectivamente.

2 – FONÉTICA EXPRESSIVA OU FONOESTILÍSTICA

Os fonemas com objetivos simbólicos – Muitas vezes utilizamos os fonemas para melhor evocar certas representações.

É deste emprego que surgem as *aliterações*, as *onomatopeias* e os *vocábulos expressivos*.

Aliteração – É a repetição de fonema, vocálico ou consonântico, igual ou parecido, para descrever ou sugerir acusticamente o que temos em mente e expressar, quer por meio de uma só palavra quer por unidades mais extensas.

O sossego do vento ou o barulho ensurdecedor do mar ganham maior vivacidade através da aliteração dos seguintes versos:

"As asas ao sereno e sossegado vento" (utilização do fonema fricativo alveolar sonoro e surdo).

"Bramindo o negro mar de longe brada" (utilização principal dos fonemas *b*, *r* e *d*).

A aliteração tanto pode servir ao estilo solene e culto, como nos exemplos referidos, como pode estar presente nas manifestações de espontânea expressividade popular, conforme se vê nos provérbios, nas frases feitas, nos modos de dizer populares: *são e salvo*, *cara ou coroa*, *de cabo a rabo*, etc. O que importa acentuar é que a aliteração mais ocorre na exteriorização psíquica e no apelo do *que* na comunicação intelectiva.

Onomatopeia – É o emprego de fonema em vocábulo para descrever acusticamente um objeto pela ação que exprime.

São frequentes as onomatopeias que traduzem as vozes dos animais e os sons das coisas:

O *tique-taque* do relógio, o *marulho* das ondas, o *zunzunar* da abelha, o *arrulhar* dos pombos.

Vocábulo expressivo – É o que não imita um ruído, mas sugere a ideia do ser que se quer designar com a ajuda do valor psicológico de seus fonemas: *romper*, *tagarelar*, *tremeluzir*, *jururu*, *ziriguidum*, *borogodó*.

Encontros de fonemas que produzem efeito desagradável ao ouvido – Muitas vezes, certos encontros de fonemas produzem efeito desagradável que repugna o ouvido e, por isso, cumpre evitar, sempre que possível. Esses defeitos são mais perceptíveis nos textos escritos porque a pessoa que os lê nem sempre faz as pausas e as entonações que o autor utilizou, com as quais diminui ou até anula os encontros de fonema que geram sons desagradáveis.

Entre os efeitos acústicos condenados estão: a *colisão*, o *eco*, o *hiato* e a *cacofonia*.

Colisão – É o encontro de consoantes que produz desagradável efeito acústico:

> "*Se eu tenho de morrer na flor dos anos,*
> *Meu Deus! não seja já*" [CA.1, 73].

Às vezes a omissão de um substantivo aproxima duas preposições de que resulta colisão, fato que os escritores não se esforçam por evitar:

> "Tenho ali na parede o retrato dela, ao lado *do do* marido, tais quais na outra casa" [MA.3, 21]
>
> "A voz da nova mestra era doce, não daquela doçura *da de* sua mãe, um canto de pássaro mais que uma voz humana" [JL.1, 13].

Também quase sempre não se evita a colisão do tipo de *no número*, *na nave*, *na noite*, *na nossa vida*, etc. Pode-se, sem ser obrigatório, fugir à colisão mediante substituição de *no*, *na*, *num*, etc. por *em o*, *em a*, *em um*, etc.: *em o* número, *em a* nave.

Eco – É a repetição, com pequeno intervalo, de palavras que terminam de modo idêntico:

> "Estas palavras subordinam frases em que se exprime condi*ção* necessária à realiza*ção* ou n*ão* realiza*ção* da a*ção* principal."

Hiato – O hiato de vogais tônicas torna-se desagradável principalmente quando formado pela sucessão de palavras:

> *Hoje há aula.*

Cacofonia ou **cacófato** – É o encontro de sílabas de duas ou mais palavras que forma um novo termo de sentido inconveniente ou ridículo em relação ao contexto:

> "Ora veja co*mo ela* está estendendo as mãozinhas inexperientes para a chama das velas..." [CBr.1, 102].
>
> herói *da nação*, no*sso hino*, bo*ca dela*, nun*ca que es*tuda

Deve-se evitar, tanto quanto possível, que uma palavra comece pela mesma sílaba com que a anterior acabe: *torre redonda*, *por razão*, *por respeito*, *pouca cautela*, *nunca casavam*, *ignora-se se se trata disso*.

Cuidado maior há de se ter se a junção lembra palavra pouco delicada: *o* Tiju*ca ga*nhou, o jogador mar*ca gol*, tão comuns na imprensa falada e escrita.

A leitura do texto em voz alta, antes de sua divulgação, surpreenderá muitos casos de cacófatos.

É oportuna a lição de Said Ali:

"Repara-se, hoje, com certo exagero, na cacofonia resultante da junção da sílaba terminal de um vocábulo com a palavra ou parte da palavra imediata. Não se liga, entretanto, maior importância à cacofonia quando esta se acha dentro de um mesmo vocábulo, sendo formada

por algumas das suas sílabas componentes. O mal aqui é irremediável, pois que expressões não se dispensam, nem se substituem. Muitas vezes, parece a cacofonia menos ridícula do que a vontade de percebê-la... O estudante evite, sempre que puder, semelhantes combinações de palavras, assim como quaisquer outras de onde possam nascer uns longes de cacofonia, e não se preocupe com descobri-los nos outros." [SA.1, 306-7]

B) Ortoépia ou Ortoepia

Ortoépia é a parte da gramática que trata da correta pronúncia dos fonemas.

Preocupa-se não apenas com o conhecimento exato dos valores fonéticos dos fonemas que entram na estrutura dos vocábulos, considerados isoladamente ou ligados na enunciação da oração, mas ainda com o ritmo, a entoação e expressão convenientes à boa elocução.

Vogais – Quanto à emissão das vogais, na pronúncia normal brasileira, observemos que:

a) São fechadas as vogais nasais; por isso não distinguimos as formas verbais terminadas em *-amos* e *-emos* do pres. e pret. perf. do indicativo da 1.ª e 2.ª conjugações: Ontem trabalh*amos* e agora trabalh*amos*.

b) Soam muitas vezes como nasais as vogais seguidas de *m*, *n* e principalmente *nh*: c*a*ma, c*a*na, b*a*nha, c*e*na, f*i*na, Ant*ô*nio, *u*nha;

OBSERVAÇÃO: Sem nasalidade proferem-se as vogais desses e de vários outros vocábulos: *emitir*, *emissário*, *eminente*, *energia*, *enaltecer*, *Enaldo*, etc.

c) Soam quase sempre como orais as vogais precedidas de *m*, *n* ou *nh*: m*a*ta, n*a*ta, c*o*mpanhia, m*i*lho. Assim, não tem razão linguística a pronúncia nasalada do *mas* /mãs/. Entretanto, *mui* e *muito* se proferem /mũi/, /mũito/.

d) Soam igualmente o *a* artigo, *a* preposição, *a* pronome e o *à* resultante da crase. Não se alonga o *à*, "salvo, muito excepcionalmente, se houver necessidade imperativa, para a inteligência da frase, caso em que o resultante da crase poderá ser pronunciado com certa tonicidade e ênfase" (*Normas*, 481).

e) São reduzidas as vogais *e* e *o* átonas finais, que soam /*i*/ e /*u*/, respectivamente: frent*e*, carr*o*.

f) São oscilantes /e/, /i/, /*ẽ*/, /ĩ/, /o/, /u/, /õ/, /ũ/, reduzidos pretônicos em numerosos vocábulos, oscilação que corresponde "a uma gradação de frequência de meio cultural, de nível social ou de tensão psíquica do indivíduo falante" (*Normas*, 482): pedir /pedir/ ou /pidir/; estudo /estudu/ ou /istudu/; sentir /sentir/ ou /sintir/; costura /costura/ ou /custura/; compadre /compadre/ ou /cumpadre/. Neste caso estão as preposições *com* e *por* que, salvo nas situações enfáticas, devem ser pronunciadas /kũ/ e /pur/. Fazem exceção muitos vocábulos eruditos e os compostos de *entre*: *embriogenia*, *hendíade*, *hexágono*, *entremeio* [AN.1, 14].

g) Em linguagem cuidada, evita-se a oscilação de que anteriormente se falou, quando tem valor opositivo, isto é, serve para distinguir palavras de significado diferente: eminente /

iminente; emigrar / imigrar; descrição / discrição.

h) u depois de *g* ou *q* ora é vogal ou semivogal (e aí se profere), ora é componente de dígrafo (e aí não se pronuncia).

Entre outras deve ser proferido nas seguintes palavras depois do *g*: *aguentar*, *ambiguidade*, *apaziguar*, *arguição*, *arguir*, *bilíngue*, *consanguíneo*, *contiguidade*, *ensanguentado*, *exiguidade*, *lingueta*, *linguista*, *redarguir*, *sagui* ou *saguim*, *unguento*, *unguiforme*.

Não se deve proferir o *u* depois do *g* em: *distinguir*, *exangue*, *extinguir*, *langue*, *pingue* (= gordo, fértil, rendoso).

É facultativo pronunciá-lo em: *antiguidade*; *sanguíneo*; *sanguinário*; *sanguinoso*.

Profere-se o *u* depois do *q* em: *aquícola*, *consequência*, *delinquência*, *delinquir*, *equestre*, *equevo*, *equidistante*, *equino* (= cavalar), *equitativo*, *equipolente* (também *equipolente*), *frequência*, *iniquidade*, *loquela*, *obliquidade*, *quercina*, *quingentésimo*, *quinquênio*, *quiproquó*, *sequência*, *Tarquínio*, *tranquilo*, *ubiquidade*.

Não se profere o *u* depois do *q* em: *adquirir*, *aniquilar*, *aqueduto*, *equilíbrio*, *equinócio*, *equipar*, *equiparar*, *equitação*, *equívoco*, *extorquir*, *inquérito*, *inquirir*, *sequioso*, *quérulo*, *questão*, *quibebe*.

É facultativo pronunciá-lo em: *antiquíssimo*, *equidade*, *equivalente*, *equivaler*, *liquidação*, *liquidar*, *líquido*, *liquidificador*, *retorquir*.

Diz-se *quatorze* ou *catorze*, sendo a primeira mais generalizada entre brasileiros.

i) Em muitos vocábulos há dúvidas quanto ao timbre das vogais. Recomendamos timbre aberto para o *e* em: *acerbo*, *Aulete*, *anelo*, *badejo*, *benesse*, *blefe*, *caterva*, *cedro*, *cerdo*, *cetro*, *cerne*, *cervo*, *coeso*, *coevo*, *coleta*, *cogumelo*, *confesso*, *corbelhe*, *duelo*, *espectro*, *equevo*, *flagelo*, *ileso* (também *ileso* com *e* fechado), *indefesso*, *besta* ('arma'), *doesto*, *lerdo*, *medievo*, *elmo*, *obsoleto*, *paredro*, *prelo*, *primevo*, *relho*, *septo*, *servo*, *Tejo*, *terso*.

É fechado em: *acervo* (também *acervo* com *e* aberto), *achega*, *adejo*, *adrede*, *alameda*, *amuleto*, *anacoreta*, *arabesco*, *aselha*, *bacelo*, *besta* ('animal de carga'), *bissexto*, *bofete*, *caminhoneta*, *cerebelo*, *cateto*, *cerda*, *destra*, *destro*, *devesa*, *defeso*, *dueto*, *entrevero*, *escaravelho*, *efebo*, *extra*, *fechar* (e suas formas *fecho*, *fechas*, *feche*, etc.), *ginete*, *grumete*, *indefeso*, *interesse* (s.), *ledo*, *lampejo*, *labareda*, *magneto*, *palimpsesto*, *panfleto*, *pez*, *quibebe*, *reses*, *retreta*, *Roquete*, *sobejo*, *veneta*, *vereda*, *vinheta*, *versalete*, *vespa*, *vedeta*, *verbete*, *xerez*, *xepa*. As autoridades recomendam o timbre fechado em *pese* (na expressão *em que pese a*), *centopeia* e *colmeia* (mas a pronúncia com timbre aberto é generalizada entre nós). Diz-se *topete* com *e* aberto ou fechado; *vedete* é mais proferido com *e* aberto no Brasil.

Tem timbre aberto o *o* tônico de: *amorfo*, *canoro*, (de) *envolta*, *dolo*, *forum*, *hissope*, *imoto*, *inodoro*, *manopla*, *meteoro*, *molho* ('feixe'), *noto* ('vento sul'), *opa* ('capa'), *piloro*, *probo*, *sinagoga*, *suor*, *troço* ('coisa'), *trombose*, *tropo*.

Tem timbre fechado o *o* tônico de: *aboio*, *alcova*, *apodo*, *alforje*, *algoz*, *boda*, *bodas*, *cochicholo*, *chope*, *cachopa*, *choldra*, *ciclope* (também aberto), *corça*, *desporto*, *filantropo*, *foro* ('jurisdição'), *loa*, *logro*, *lorpa*, *loto* ('jogo' também aberto), *Mausolo*, *malogro*, *mirolho*, *misantropo*, *molosso*, *odre*, *serôdio*, *teor*, *torpe*, *torso*, *torvo*, *transbordo*, *troço*

('parte'), *trolha*, *volvo*, *zarolho*, *zorro*.

j) Quanto aos ditongos, cumpre notar: *ai*, *ei* e *ou* devem guardar, na pronúncia cultivada, sua integridade, não se exagerando o valor do *i* ou *u*, nem os eliminando, como o faz a modalidade distensa: *caixa*, *queijo*, *ouro*.

Soa como ditongo nasal *ão* a sílaba átona final -*am*: *amam*.

Soam como ditongo nasal *ẽi* as sílabas -*em*, -*ém*, -*en*, -*ens* de muitos vocábulos: *bem*, *vem*; *vintém*, *ninguém*; *vens*, *homens*; *armazéns*, *parabéns*.

Normalmente ditongamos, pelo acréscimo de um *i*, as vogais tônicas finais seguidas de -*z* ou -*s*. Assim não fazemos a diferença entre *pás*, *paz* e *pais*; *más* e *mais*; *rapaz* e *jamais*; *vãs* e *mães*. Os poetas brasileiros nos dão bons exemplos destas ditongações.

Só por imitação dos poetas lusitanos (porque dizem *tãy*), entre os brasileiros, a rima *tem* e *mãe* aparece às vezes, como em Casimiro de Abreu:

> "*O país estrangeiro mais belezas*
> *Do que a pátria, não tem;*
> *E este mundo não val um só dos beijos*
> *Tão doces duma mãe*." [SS.4, 73]

Soam como ditongo, e não como hiato: *gratuito*, *fluido*, *fortuito*, *arraigar*, entre outros.

l) Quanto aos hiatos observemos que se desenvolve um *i* ou *u* semivogais nos encontros formados por ditongo decrescente seguido de vogal final ou ditongo átono: *praia prai-ia*; *tuxaua tuxau-ua*; *goiaba goi-iaba*; *boiem boi-iem* (cf. *Normas*, 486).

O mesmo desenvolvimento das referidas semivogais nos hiatos cuja primeira vogal seja *i* o u *u* tônicos e cuja segunda vogal seja final de vocábulo, "variará de acordo com as necessidades expressionais ou as peculiaridades individuais" (*Normas*, 485-6): via: *vi-a* ou *vi-ia*; lu-a: *lu-a* ou *lu-ua*.

Consoantes – Soam levemente as consoantes *b*, *c*, *d*, *f*, *g*, *s*, *t* quando finais de vocábulos: *sob*, *Moab*, *Isaac*, *Cid*, *Uf*, *Gog*, *fórceps*, *Garrett*, *Laet*.

Nos vocábulos eruditos as terminações átonas -*ar*, -*er*, -*en*, -*ex*, -*on* devem guardar sua integridade em pronúncia: *aljôfar*, *certâmen* (também *certame*) , *esfíncter*, *índex*, *cólon*, *númen* (também *nume*), *regímen* (também *regime*).

O *l* final de sílaba é proferido relaxado, quase velar, mas tendo-se o cuidado de não fazê-lo igual a *u*: *nacional*. Na língua literária dos românticos, mais em poesia, registra-se a troca do *l* por *r* nos grupos *bl*, *cl*, *fl*, *pl*, de algumas palavras: *neblina / nebrina*; *clina / crina*; *flauta / frauta*; *plantar / prantar*, etc.

Na palavra *sublinhar* e derivados o *l* deve ser pronunciado separadamente do *b*. Entre portugueses ouve-se como *sublime*.

O *r* múltiplo alveolar pode ser proferido como velar, graças ao maior recuo da língua, e até com articulação dorso-uvular (portanto mais carregado ainda), embora as *Normas* não a recomendem na pronúncia cuidada: *mar*, *avermelhar*. Nas palavras *abrupto*, *ab-rogar*, *ad-rogar*, *sub-rogar*, e derivados, o *r* deve ser pronunciado múltiplo e separado, isto é, sem fazer grupo com a consoante anterior.

O *m* final pode guardar sua integridade de pronúncia, não nasalizando o *e* anterior, no vocábulo *totem*, admitindo a grafia *tóteme*. Em *bem-amado* e *bem-aventurado*, nasaliza o *e* anterior, e não se liga ao *a* seguinte. Diz-se *infligir*, e não *inflingir*. Em *mancheia*, a sílaba inicial ouve-se /mã/; em *mão-cheia* ouve, naturalmente, /mãũ/. Em outros casos, temos facultativa a nasalização: *Roraima*, *Jaime*, *paina*.

As linguodentais *d* e *t*, seguidas de *i*, podem palatizar-se, evitando-se, entretanto, o exagero (articulação africada linguopalatal): *dia*, *tia*.

O *s* soa aproximadamente como se fora *j*, mas sem exagero, antes de *b*, *d*, *g*, *j*, *l*, *m*, *r* e *v*: *desjejum*, *deslizar*, *esmo*, *asno*, *esbarrar*, *esdrúxulo*, *engasgar*, *asno*, *desregrar*, *desvão*. Como bem acentua Antenor Nascentes [AN.1, 27], em outros pontos do país o *s*, nestes casos, soa aproximadamente como /z/.

Antes de *c*, *f*, *p*, *q*, *t*, *x* e ainda no fim de vocábulo que não se ligue ao seguinte, o *s* tem som próximo de /x/: *descampado*, *esfregar*, *respeito*, *esquivo*, *deste*, *desxadrezar*. Em outros pontos do país, segundo o autor anteriormente citado, o *s* nestas circunstâncias é sibilante, como na palavra *selva*.

Tem o som de /z/ entre vogais nos compostos do prefixo *trans* (*transatlântico*, *transação*, *transitivo*, etc.) e na palavra *obséquio* e derivados. Em *transe* (que se grafa também *trance*), *subsídio*, *subsidiar*, *subsistir*, *subsistência* e outros da mesma família, o *s* pode soar como sibilante (como em *selva*) ou como /z/. Se o elemento a que se prefixa *trans-* começa por *s*, não se duplica esta consoante que será proferida como sibilante: *Transilvânia* e derivados, *transiberiano*. Com o prefixo *ob* seguido a elemento começado por *s*, este soa como sibilante: *obsessão*, *obsidiar*, etc. No final *-simo* (de *vigésimo*, *trigésimo*, etc.) soa como /z/.

Escrevendo-se *aritmética* (com *t*), é mais usual proferir esta consoante. Pode-se ainda grafar *arimética*.

X tem quatro valores: 1) fricativo palatal como em *xarope*; 2) fricativo alveolar sonoro como em *exame*; 3) fricativo alveolar surdo (= ss) como em *auxílio*; 4) vale por /ks/ e /kz/ como em *anexo* e *hexâmetro*.

X soa /z/ nas palavras: *exação*, *exagero*, *exalar*, *exaltar*, *exame*, *exangue*, *exarar*, *exasperar*, *exato*, *exautorar*, *executar*, *êxedra*, *exegese*, *exegeta*, *exemplo*, *exéquias*, *exequível*, *exercer*, *exercício*, *exército*, *exaurir*, *exibir*, *exigir*, *exilar*, *exílio*, *exímio*, *existir*, *êxito*, *êxodo*, *exógeno*, *exonerar*, *exorar*, *exorbitar*, *exorcismo*, *exórdio*, *exornar*, *exótico*, *exuberar*, *exuberante*, *exultar*, *exumar*, *inexorável*.

Soa como /s/ em: *auxílio*, *máxima*, *Maximiliano*, *Maximino*, *máximo*, *próximo*, *sintaxe*, *trouxe*, *trouxera*, *trouxer*.

Soa como /ks/ ou /kz/, conforme o caso, em: *afluxo*, *anexo*, *axila*, *áxis*, *axiômetro*, *complexo*, *convexo*, *crucifixo*, *doxologia*, *fixo*, *flexão*, *fluxo*, *hexâmetro* (também soa como /z/), *hexaedro*, *hexágono* (também soa como /z/), *hexassílabo*, *índex*, *intoxicar*, *léxico*, *maxilar*, *nexo*, *máxime*, *ônix*, *ortodoxo*, *óxido*, *oximoro*, *prolixo*, *oxigênio*, *paradoxo*, *reflexo*, *sexagenário*, *sexagésimo*, *sexo*, *sílex*, *tórax*, *tóxico*.

É proferido indiferentemente como /ks/ ou /s/ em: *apoplexia*, *axioma* e *defluxo*.

Vale por /s/ no final de: *cálix*, *Félix*, *fênix* e na locução adverbial *a flux*.

O *z* em fim de palavra que não se ligue à seguinte, soa levemente chiado: *luz*, *conduz*.

Entre os casos particulares, são de notar:

– o *ch* em *Anchieta* e derivados soa chiado;

– o *cz* de *czar* (que também pode se escrever *tzar*) deve ser proferido como /ts/; o *lh* de *Alhambra* não constitui dígrafo como em *malha*; deve-se proferir o vocábulo como se não houvesse o *h*;

– o *w* do nome *Darwin* e dos derivados (*darwinismo*, *darwinista*, etc.) soa como /u/.

Sc e *xc* soam como /s/ em palavras como *nascer*, *descer*, *crescer*, *excelência*, *exceto*, *excelso*, *excídio*, *excisão*, *excita*.

Os encontros consonânticos devem ser pronunciados com valores fonéticos próprios, sem intercalação de *e* ou *i*: *pseudônimo*, *pneumático*, *mnemônico*, *apto*, *elipse*, *absoluto*, *admissão*, *adjetivo*, *ritmo*, *afta*, *indigno*, *recepção*, *advogado*, *accessível* (ao lado de *acessível*), *secção* (ao lado de *seção*), *samnita*, *sublinhar* (b-li), *subliminar* (b-li).

Ligação dos vocábulos – Cuidado especial merece a boa articulação dos fonemas, mormente finais e iniciais, na sequência dos vocábulos, desde que uma pausa não os separe.

a) *Vogais ou ditongos finais de vocábulo com vogais ou ditongos iniciais de vocábulo*

Quando a palavra termina por vogal tônica e o vocábulo seguinte começa com vogal ou ditongo tônicos, normalmente se respeita o hiato interverbal: *ali há*, *lá houve*, *li ontem*.

Se a vogal final é tônica e o vocábulo seguinte começa por vogal ou ditongo átonos, proferimos normalmente o hiato; mas pode ocorrer, muitas vezes, a ditongação se a vogal átona for *i* ou *e* ou *u* ou *o*:

segui aquela; *já ouvi*, *lá ironizei*, *vê umedecer*.

OBSERVAÇÃO: Evita-se a ditongação quando daí resultar uma sequência de sílabas tônicas: *boné usado*, *lá iremos*.

Se a vogal final é átona e o vocábulo seguinte começa por vogal tônica, normalmente se respeita o hiato: *essa hora*, *terreno árido*.

Neste caso pode ainda ocorrer a fusão (crase) das duas vogais se forem idênticas (essa fusão produz certo alongamento da vogal indicada aqui pelo mácron ¯), ou a ditongação, se a vogal átona final for *i*, *e* ou *u*, *o*:

terra árida: ter / ra / á / rida ou ter / rā / ri / da

esse ano: es / se / a / no ou es / sea / no.

OBSERVAÇÃO: Chama-se *crase* a fusão de dois ou mais sons iguais num só.

Se a vogal final e a inicial do vocábulo seguinte são átonas, pode ocorrer hiato, ditongo, crase ou elisão.

OBSERVAÇÃO: *Elisão* é o desaparecimento de uma vogal final átona em virtude do contato com a vogal inicial do vocábulo seguinte.

1) haverá hiato, fusão ou elisão se a vogal átona final for *a* e a inicial for *a* ou *ã*:

casa amarela
- *hiato*: ca / sa / a / ma / re / la
- *crase*: ca / sã / ma / re / la
- *elisão*: ca / sa / ma / re / la

casa anterior
- *hiato*: ca / sa / an / te / ri / or
- *crase*: ca / sãn / te / ri / or
- *elisão*: ca / san / te / ri / or

2) haverá hiato ou elisão se a vogal átona final for *a* e a vogal inicial *e*, *ẽ*, *o*, *õ*:

roda esportiva
- *hiato*: ro / da / es / por / ti / va
- *elisão*: ro / des / por / ti / va

porta entreaberta
- *hiato*: por / ta / en / trea / ber / ta
- *elisão*: por / ten / trea / ber / ta

3) haverá hiato, ditongo ou elisão se a vogal átona final for *a* e a inicial *i* (*e*), *ĩ* (*ẽ*), *u* (*o*), *ũ* (*õ*):

certa idade
- *ditongo*: cer / tai / da / de
- *hiato*: cer / ta / i / da / de
- *elisão*: cer / ti / da / de

certa indiferença
- *hiato*: cer / ta / in / di / fe / ren / ça
- *ditongo*: cer / tain / di / fe / ren / ça
- *elisão*: cer / tin / di / fe / ren / ça

4) haverá hiato ou ditongo se a vogal átona final for *i* (*e*) e a inicial qualquer uma, exceto *i* (*e*):

júri amigo
- *hiato*: ju / ri / a / mi / go
- *ditongo*: ju / ria / mi / go

livre arbítrio
- *hiato*: li / vre / ar / bí / trio
- *ditongo*: li / vriar / bí / trio

5) haverá hiato, crase ou elisão se a vogal átona final for *i* (*e*) e a inicial *i* (*e*) ou *ĩ* (*ẽ*):

livre imprensa
- *hiato*: li / vre / im / pren / sa
- *crase*: li / vrĩn / pren / sa
- *elisão*: li / vrin / pren / sa

6) haverá hiato, ditongo ou elisão se a vogal átona final for *u* (o u):

Santo Antônio
- *hiato*: san / to / An / tô / nio
- *ditongo*: san / toan / tô / nio
- *elisão*: san / tan / tô / nio

medo horrível
- *hiato*: mê / do / hor / rí / vel
- *ditongo*: me / duor / rí / vel

7) haverá hiato, crase ou elisão se a vogal final for *u* (*o*) e a inicial *u*:

velho humano
- *hiato*: ve / lho / hu / ma / no
- *crase*: ve / lhũ / ma / no
- *elisão*: ve / lhu / ma / no

aviso urgente
- *hiato*: a / vi / so / ur / gen / te
- *crase*: a / vi / sũr / gen / te
- *elisão*: a / vi / sur / gen / te

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Ocorrem os fenômenos acima apontados com os vocábulos iniciados por ditongos decrescentes, por iniciar por vogal. Em vez de ditongo, teremos tritongo:

jeito airoso (cf. 6)
- *hiato*: jei / to / ai / ro / so
- *tritongo*: jei / tuai / ro / so
- *elisão*: jei / tai / ro / so

2.ª) A preposição *para* pode reduzir-se a *pra* (e não p'ra), hoje usada até entre literatos. Esta forma, quando seguida do artigo *o*, *a*, *os*, *as* e com ele combinada, é grafada, respectivamente, *pro*, *pra* (para a), *pros*, *pras*.

3.ª) Pelo se reduz a *plo* (mais comum em Portugal), forma que, combinada com o artigo ou pronome *o*, *a*, *os*, *as*, é grafada *plo*, *pla*, *plos*, *plas*. Entre portugueses ouve-se ainda *pro* e *pros* com *o* aberto.

4.ª) A preposição *com* pode ter a nasalidade enfraquecida e combinar-se com *o*, *a*, *os*, *as*, dando origem às formas *co*, *ca*, *cos*, *cas*, empregadas mais com frequência na linguagem familiar e vulgar, de Portugal. É o que se chama *ectlipse*.

b) *Consoante final de vocábulo com fonema inicial de vocábulo*

A consoante final de uma palavra seguida de vogal inicial (ou semivogal), sem pausa intermediária, deve ser proferida como se fosse intervocálica, isto é, liga-se a uma vogal

obedecendo às normas já estabelecidas:

"*De um sentir*⋃*aventurado*"

"*É talvez*⋃*a voz mimosa*"

"*Gentil*⋃*infante, engraçado*"

"*Que dás*⋃*honra e valor*"

A consoante final *b* (em *sob*, por exemplo) seguida de outra consoante inicial deve ser proferida sem aparecimento de um *i* ou *e* intermédio:

Sob luzes d'esperança

Sob fúria

Se o vocábulo seguinte começa por vogal (ou semivogal), pode o *b* final ligar-se silabicamente a ela ou direta ou com apoio de *i* ou *e* (reduzido), o que é mais comum entre nós.

Sob os céus (so-bos-céus ou so-bios-céus).

Quando a consoante que termina o vocábulo é igual à que inicia o vocábulo seguinte (o que ocorre com *l* ou *r*), ouvem-se os dois fonemas:

Incrível lábia (in-cri-vel-lá-bia)

Temor repentino (te-mor-re-pen-ti-no).

O *s* final soa aproximadamente como se fora /j/, mas sem exagero, em ligação com vocábulo iniciado por *b*, *d*, *g*, *j*, *l*, *m*, *n*, *r*, *v* e *z*, ouvindo-se os dois fonemas:

Os braços, os dedos, as gengivas, dois jeitos, as luzes, os meninos, as nuvens, os ratos, os ventos, os zumbidos.

O *s* final soa aproximadamente como se fora /x/, mas sem exagero, em ligação com vocábulo iniciado por *c*, *f*, *p*, *q*, *s*, *t*, *x* e *ch*, ouvindo-se os dois fonemas:

três cadernos, os felizes, as pessoas, as queixas,
as secas, os tempos, os xaropes, os chás.

As consoantes *x* e *z* finais são tratadas como /s/ final, nas ligações:

faz medo (x = j), *faz calor* (z = x).

O *n* final de vocábulos, como *cânon*, *íon*, *cíclotron*, deve ser proferido sem nasalizar fortemente a vogal anterior, conforme vimos; nas ligações com outro vocábulo, guarda este valor quando é seguido de consoante: *cânon bíblico*.

Seguido de vogal (ou semivogal) liga-se silabicamente a esta, como se fosse inicial de sílaba; *cânon antigo*.

O *m* final de *bem-aventurado*, *bem-amado* e semelhantes nasaliza a vogal anterior, não se ligando à seguinte, como se fosse inicial de sílaba.

Quando o indefinido ou numeral *uma* é seguido de vocábulo começado por *m* não se deve proferir o *m*, soando, portanto, *ũa*, forma com que, às vezes, aparece grafado (evite-se a forma *u'a*):

uma mensagem, uma mão.

Ortografia e Ortoépia – Certos hábitos de grafia tendentes a preservar letras gregas e latinas que não constituem fonemas em português acabaram levando a que tais letras passassem a ser erradamente proferidas. Já vimos o caso do dígrafo *sc* de nascer, piscina, etc. É o que ocorre também com o latim *phlegma* que passou ao português *fleuma*, *fleima*. Por

motivo etimológico, persistem as grafias errôneas *fleugma*, *fleugmático*, onde o *g* não deve ser proferido, mas o é por influência da grafia.

Outras más soluções do sistema gráfico favorecem erros de pronúncia, como ocorre com *sublinhar* (b-li), *abrogar*, *abrupto*, que já se ouvem como se aí houvesse grupo consonantal: *su - bli - nhar*.

C) Prosódia

Prosódia é a parte da fonética que trata da correta acentuação e entonação dos fonemas.

A preocupação maior da prosódia é o conhecimento da sílaba *predominante*, chamada *tônica*.

Sílaba – É um fonema ou grupo de fonemas emitido num só impulso expiratório.

Em português, o elemento essencial da sílaba é a vogal.

Quanto à sua *constituição*, a sílaba pode ser *simples* ou *composta*, e esta última *aberta* (ou *livre*) ou *fechada* (ou *travada*).

Diz-se que a sílaba é *simples* quando é constituída apenas por uma vogal: *e*, *há*, *ah*!

Sílaba composta é a que encerra mais de um fonema: *ar* (vogal + consoante), *lei* (consoante + vogal + semivogal), *vi* (consoante + vogal), *ou* (vogal + semivogal), *mas* (consoante + vogal + consoante).

A sílaba composta é aberta (ou livre) se termina em vogal: *vi*; é fechada (ou travada) em caso contrário, incluindo-se a vogal nasal, porque a nasalidade vale por um travamento de sílaba: *ar*, *lei*, *ou*, *mas*, *um*.

Quanto ao número de sílabas, dividem-se os vocábulos em:

a) monossílabos (se têm uma sílaba): *é*, *há*, *mar*, *de*, *dê*;

b) dissílabos (se têm duas sílabas): *casa*, *amor*, *darás*, *você*;

c) trissílabos (se têm três sílabas): *cadeira*, *átomo*, *rápido*, *cômodo*;

d) polissílabos (se têm mais de três sílabas): *fonética*, *satisfeito*, *camaradagem*, *incovenientemente*.

Quanto à posição, a sílaba pode ser *inicial*, *medial* e *final*, conforme apareça no início, no interior ou no final do vocábulo:

fo	/	*né*	/	*ti*	/	*ca*
inicial		medial		medial		final

Quantidade – É a duração da vogal e da consoante. Distinguem-se as vogais e consoantes breves (se a pronúncia é rápida) das vogais e consoantes longas (se a pronúncia é demorada). Assinalamos a vogal breve com o sinal (˘) que se denomina *braquia* ou *bráquia*, e a vogal longa com o sinal (¯) chamado *mácron*: *ă* (*a* breve), *ā* (*a* longo).

Há língua em que a quantidade desempenha importante papel, para distinguir vocábulos e formas gramaticais, como em latim, em inglês ou alemão. Em latim, *rosă* (com *a breve*) não tem a mesma aplicação gramatical de *rosā* (com *a longo*), distinguindo-se, pela quantidade, o nominativo do ablativo, por exemplo. "Em inglês xĭp e xīp (que se escrevem *ship* e *sheep*) significam, respectivamente, *navio* e *carneiro*" [SA.2, 15]. Em latim, *ŏs* (com *o* breve) significa 'osso'; com *o* longo, *ōs* significa 'boca'.

Em português, a quantidade é pouco sentida e não exerce notável papel na caracterização e distinção dos vocábulos e formas gramaticais. Em geral, são mais rápidas as vogais seguidas de consoante surda (*lato / lado*) ou de *r* vibrante múltipla (*carro / caro*). Só excepcionalmente alongamos vogais e consoantes, como recursos estilísticos para imprimir ênfase, e constitui um dos grandes auxiliares da oratória:

> "Se pudéssemos, nós que temos experiência da vida, abrir os olhos dessas mariposinhas tontas ... Mas é inútil. Encasqueta-se-lhes na cabeça que o *amor*, o *amoor*, o *amooor* é tudo na vida, e adeus" [ML.1, 147].
>
> *BARbaridade*!

Acentuação – é o modo de proferir um som ou grupo de sons com mais relevo do que outros.

Este relevo se denomina *acento*. Diz-se que o acento é de *intensidade* (acento de força, acento dinâmico, acento expiratório ou icto), quando o relevo consiste no maior esforço expiratório. Diz-se que o acento é *musical* (acento de *altura* ou *tom*), quando o relevo consiste na elevação ou maior altura da voz.

O português e as demais línguas românicas, o inglês, o alemão, são línguas de *acento de intensidade*; o latim e o grego, por outro lado, possuem *acento musical*.

O acento de intensidade se manifesta no vocábulo considerado isoladamente (acento vocabular) ou ligado na enunciação da frase (acento frásico).

Acento de intensidade – Numa palavra nem todas as sílabas são proferidas com a mesma intensidade e clareza. Em *sólida*, *barro*, *poderoso*, *material*, há uma sílaba que se sobressai às demais por ser proferida com mais esforço muscular e mais nitidez e, por isso, se chama *tônica*: ***só***lida, ***ba***rro, pode***ro***so, materi***al***. As outras sílabas se dizem *átonas* e podem estar antes (pretônicas) ou depois (postônicas) da tônica:

po	–	*de*	–	*ro*	–	*so*
átona		átona		tônica		átona
pretônica		pretônica				postônica

Dizemos que nas sílabas fortes repousa o *acento tônico* do vocábulo (*acento da palavra* ou *acento vocabular*).

Existem ainda as sílabas semifortes chamadas *subtônicas* que, por questões rítmicas, compensam o seu afastamento da sílaba, tônica, fazendo que se desenvolva um acento de menor intensidade – *acento secundário*. Delas nos ocuparemos mais adiante.

Posição do acento tônico – Em português, quanto à posição do acento tônico, os vocábulos de duas ou mais sílabas podem ser:

a) *oxítonos*: o acento tônico recai na *última* sílaba: materi***al,*** princi***pal***, ca***fé***;

b) *paroxítonos*: o acento recai na *penúltima* sílaba: ***ba***rro, pode***ro***so, ***Pe***dro;

c) *proparoxítonos*: o acento tônico recai na *antepenúltima* sílaba: ***só***lida, feli***cí***ssimo.

OBSERVAÇÕES: Em *estudávamo-lo,* o acento tônico aparece na pré-antepenúltima sílaba, porque os monossílabos átonos formam um todo com o vocábulo a que se ligam foneticamente. É por isso que *fá-lo* é paroxítono e *admiras-te*, proparoxítono.

Em português, geralmente a sílaba tônica coincide com a sílaba tônica da palavra latina de que se origina.

Há vocábulos, como os que vimos até agora, que têm individualidade fonética e, portanto, acento próprio, ao lado de outros sem essa individualidade. Ao serem proferidos acostam-se ou ao vocábulo que vem antes ou ao que os segue. Por isso, são chamados *clíticos* (que se inclinam), e serão *proclíticos* se se inclinam para o vocábulo seguinte (*o* homem, *eu* sei, *vai* ver, *mar* alto, *não* viu) ou enclíticos, se para o vocábulo anterior (vejo-*me*, dou-*a*, fiz-*lhe*).

Os clíticos são geralmente monossilábicos que, por não terem acento próprio, também se dizem *átonos*. Os monossilábicos de individualidade fonética se chamam *tônicos*.

Alguns dissílabos podem ser também clíticos ou átonos: *para* (reduzido a *pra*) ver, *quero* crer, quero *porque* quero.

A tonicidade ou atonicidade de monossílabos e de alguns dissílabos *depende sempre do acento da frase*.

Acento de intensidade e significado da palavra – O acento de intensidade desempenha importante papel linguístico, decisivo para a significação da palavra. Assim, *sábia* é adjetivo sinônimo de *erudita*; *sabia* é forma do pretérito imperfeito do indicativo do verbo *saber*; *sabiá* é substantivo designativo de conhecido pássaro.

Acento principal e acento secundário – Em *rapidamente*, a sílaba *ra* possui um acento de intensidade menos forte que o da sílaba *men*, e se ouve mais distintamente do que as *átonas* existentes nas palavras. Dizemos que a sílaba *men* contém o *acento principal* e *ra* o *acento secundário* da palavra. A sílaba em que recai o acento secundário chama-se, como vimos, *subtônica*.

Geralmente ocorre o acento secundário na sílaba radical dos vocábulos polissilábicos derivados, cujos primitivos possuam acento principal: ***rá***pido – rapidamente. Há de se prestar atenção em certos enganos de pronúncia de vocábulos com acento secundário: por exemplo, respeita-se o hiato de *tardiamente*, e não se acentue fortemente a sílaba inicial: *tárdiamente*.

Acento de insistência e emocional – O português também faz emprego do acento de intensidade para obter, com o chamado acento de insistência, notáveis efeitos. Entra em jogo ainda a quantidade da vogal e da consoante, pois, quando se quer enfatizar uma palavra,

insiste-se mais demoradamente na sílaba tônica. Os escritores costumam indicar na grafia este alongamento enfático repetindo a vogal da sílaba tônica:

> "Os dois garotos, porém, esperneiam com a mudança de mãe:
> – *Mentira*!... *Mentiiiiira*!... *Mentiiiiiiiiira*! – berra cada um para seu lado" [HC.1, 32].
> "encasqueta-se-lhes na cabeça que o *amor*, o *amoor*, o *amooor* é tudo na vida e adeus" [ML.1, 147].

O acento de insistência pode cair noutra sílaba, diferente da tônica:

> ma***ra***vilhosa, ***for***midável, in***te***ligente, ***mi***serável.

Como bem acentua Roudet, a causa essencial do fenômeno do recuo do acento "parece ser a falta de sincronismo entre a emoção e sua expressão através da linguagem. A emoção se adianta à palavra e reforça a voz desde que as condições fonéticas o permitem" [LR.1, 252].

Este acento de insistência não tem apenas caráter emocional; adquire valor intelectual e ocorre ainda para ressaltar uma distinção, principalmente com palavras derivadas por prefixação ou expressões com preposições de sentidos opostos.

> São fatos ***sub***jetivos e não ***ob***jetivos.
> Os problemas de ***im***portação e de ***ex***portação.
> ***com*** dinheiro ou ***sem*** dinheiro.

Diz Bally que a entoação expressiva e a mímica são para quem fala um permanente comentário de suas palavras.

Acento de intensidade na frase – Isoladas, as palavras regulam sua sílaba tônica pela etimologia, isto é, pela sua origem; mas, na sucessão de vocábulos, deixa de prevalecer o acento da palavra para entrar em cena o acento da frase ou *frásico*, pertencente a cada *grupo de força*.

Chama-se *grupo de força* à sucessão de dois ou mais vocábulos que constituem um conjunto fonético subordinado a um acento tônico predominante: *A casa de Pedro / é muito grande*. Notamos aqui, naturalmente, dois grupos de força que se acham indicados por barra. No primeiro, as palavras *a* e *de* se incorporam a *casa* e *Pedro*, ficando o conjunto subordinado a um acento principal na sílaba inicial de *Pedro*, e um acento secundário na sílaba inicial de *casa*. No segundo grupo de força, as palavras *é* e *muito* se incorporam foneticamente a *grande*, ficando o conjunto subordinado a um acento principal na sílaba inicial de *grande* e outro secundário, mais fraco, na sílaba inicial de *muito*.

É quase sempre fácil determinar a sílaba tônica de cada grupo de força; o difícil é precisar, em certos casos, o ponto de divisão entre dois grupos sucessivos [NT.1, 29, n.1].

A distribuição dos grupos de força e a alternância de sílabas proferidas mais rápidas ou mais demoradas, mais fracas ou mais fortes, conforme o que temos em mente expressar, determinam certa cadência do contexto à qual chamamos *ritmo*. *Prosa* e *verso* possuem ritmo. No verso, o ritmo é essencial e específico; na prosa, apresenta-se livre, variando pela iniciativa de quem fala ou escreve12.

Vocábulos tônicos e átonos: os clíticos – Nestes grupos de força certos vocábulos perdem seu acento próprio para unir-se a outro que os segue ou que os precede. Dizemos que tais

vocábulos são *clíticos* (que se inclinam) ou *átonos* (porque se acham destituídos de seu acento vocabular). Aquele vocábulo que, no grupo de força, mantém sua individualidade fonética é chamado *tônico*. Ao conjunto se dá o nome de *vocábulo fonético*: *o rei* /urrey/; *deve estar* /devistar/.

Os clíticos se dizem *proclíticos* se precedem o vocábulo tônico a que se incorporam para constituir o grupo de força:

o∪rei // ele∪disse // bom∪livro // deve∪estar

Dizem enclíticos se vêm depois do vocábulo tônico:

disse-∪me // ei-∪lo // falar-∪lhe

Em português são geralmente átonas e proclíticas as seguintes classes de palavras:

1) artigos (definidos ou indefinidos, combinados ou não com preposição): *o homem // um homem // do livro.*
2) certos numerais: *um livro // três velas // cem homens*.
3) pronomes adjuntos antepostos (demonstrativos, possessivos, indefinidos, interrogativos): *este livro // meu livro // cada dia // que fazer?*
4) pronomes pessoais antepostos: *ele vem // eu disse.*
5) pronomes relativos;
6) verbos auxiliares;
7) certos advérbios: *já vi*, *não posso*, etc.
8) certas preposições: *a*, *de*, *em*, *com*, *por*, *sem*, *sob*, *para*
9) certas conjunções: *e*, *nem*, *ou*, *mas*, *que*, *se*, *como*, etc.

São enclíticas as formas pronominais *me*, *te*, *se*, *nos*, *vos*, *o*, *a*, *os*, *as*, *lhe*, *lhes*, quando pospostas ao vocábulo tônico.

Muitas vezes, uma palavra pode ser átona ou tônica, conforme sua posição no grupo de força a que pertence. Em *o arco desaparece*, o substantivo *arco* é tônico; em *o arco-íris*13, passou a átono proclítico.

Em *grande homem*, *alto mar*, os adjetivos são átonos; em *homem grande*, *mar alto*, já são os substantivos que se atonizam. Em *eu lhe disse*, os dois pronomes pessoais são átonos proclíticos; em *disse-lhe eu*, o pronome *eu* conserva seu acento próprio. Todo este conjunto de fatos são devidos a fenômenos de *fonética sintática*.

Consequência da próclise – Os vocábulos átonos proclíticos, perdendo seu acento próprio para se subordinarem ao do tônico, seguinte, resistem menos à pressa com que são proferidos, e acabam por sofrer reduções no seu volume fonético. Dentre os numerosos exemplos de próclise lembraremos aqui:

a) a passagem de hiato a ditongo, em virtude de uma vogal passar a semivogal (sinérese):

Tuas, normalmente dissilábico, tem de ser proferido com uma sílaba nos seguintes versos de Gonçalves Dias, graças à próclise:

> "E à noite, quando o céu é puro e limpo,
> Teu chão tinges de azul, – *tuas* ondas correm."

Boa (ou *boas*), em próclise, transforma a vogal *o* em semivogal, que chega, na língua popular, a desaparecer:

> "Outros suas terras em *boa* paz regeram
> Armando-as com *boas* leis, e bons preceitos." [AF.1]
> "*bas* noite nhozinho." [L. Cardoso] 14

b) o desaparecimento da vogal da primeira sílaba de um dissílabo; para > pra: Isto é *pra* mim.

c) o desaparecimento da sílaba final de um dissílabo:

1) *santo* > *são* (diante dos nomes começados por consoante): *São* Paulo, *São* Pedro;
2) *cento* > *cem*: *cem* páginas;
3) *grande* > *grã*, *grão*: *grã*-Bretanha, *grão*-vizir;
4) *tanto* > *tão*: *tão* grande;
5) *quanto* > *quão*: *quão* belo

d) outras reduções como *senhor* > *seu*: *seu* João.

Palavras que oferecem dúvidas quanto à posição da sílaba tônica – *Silabada* é o erro de prosódia que consiste na deslocação do acento tônico de uma palavra. Ignorar qual é a sílaba tônica de uma palavra, diz Gonçalves Viana, é ficar na impossibilidade de proferi-la.

Numerosas palavras existem que oferecem dúvidas quanto à posição da sílaba tônica.

São *oxítonas*:

aloés, cateter, Cister, harém, Gibraltar, Gulbenkian, masseter, faz-se mister (= necessário), Nobel, novel, recém, refém, ruim, sutil, ureter.

São *paroxítonas*:

acórdão, âmbar, ambrosia, avaro, aziago, barbaria, cânon, caracteres, cartomancia, ciclope, edito (lei, decreto), Epifania 15, exegese, filantropo, fluido (*ui* ditongo), fortuito (*ui* ditongo), gratuito (*ui* ditongo), ibero, impio (cruel), inaudito, látex, maquinaria, misantropo, necropsia, Normandia, onagro (tb. ônagro), oximoro (tb. oximóron), Pandora, Pólux, pudico, quiromancia, simulacro.

São *proparoxítonas* (incluindo-se os vocábulos terminados por ditongo crescente):

aeródromo, aerólito, álcali, álcool, alcoólatra, *alibi* (lat.), alvíssaras, âmago, amálgama, ambrósia, anátema, andrógino, antídoto, arquétipo, autóctone, barbárie, boêmia, brâmane, cáfila, condômino, crisântemo, década, díptero, écloga, édito (ordem judicial), Éfeso, êmbolo, epíteto, épsilon, escâncaras (às), êxodo, fac-símile, fíbula, idólatra, ímpio (sem fé), ímprobo, ínclito, iníquo, ínterim, máxime ou *maxime* (lat.), ômega, Pégaso, Péricles, Ésquilo, périplo, plêiade (-a), protótipo, Tâmisa, trânsfuga, vândalo.

Palavras que admitem dupla prosódia

acróbata ou acrobata; alópata ou alopata; ambrósia ou ambrosia; crisântemo ou crisantemo; hieróglifo ou hieroglifo; nefelíbata ou nefelibata; Oceânia ou Oceania; ortoépia ou ortoepia; projétil ou projetil; réptil ou reptil; reseda (ê) ou resedá; sóror ou soror; homília ou homilia; geodésia ou geodesia; zângão ou zangão.

D) Ortografia

I – Alfabeto

1) O alfabeto português consta fundamentalmente de vinte e seis letras: *a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v, w, x, y, z*.

II – K, W, Y

2) Empregam-se em abreviaturas e símbolos, bem como em palavras estrangeiras de uso internacional: *K* = potássio; *Kr* = criptônio; *kg* = quilograma; *km* = quilômetro; *kw* = quilowatt; *kwh* = quilowatt-hora; *W* = oeste ou wolfrâmio (tungstênio); *w* = watt; *ws* = watt-segundo; *Y* = ítrio; *yd* = jarda (*yard*, inglês), etc.

3) Os derivados portugueses de nomes próprios estrangeiros devem escrever-se de acordo com as formas primitivas: *frankliniano*, *kantismo*, *darwinismo*, *wagneriano*, *zwinglianista*, *byroniano*, *taylorista*, etc.

4) O *k* é substituído por *qu* antes de *e* e *i* e por *c* antes de outra qualquer letra: *breque*, *caqui*, *faquir*, *níquel*, *caulim*, etc.

5) O *w* substitui-se, em palavras portuguesas ou aportuguesadas, por *u* ou *v*, conforme o seu valor fonético: *sanduíche*, *talvegue*, *visigodo*, etc.

6) O *k* é uma consoante, tal como o *c* antes de *a*, *o*, *u* e o dígrafo *qu* de *quero*. O *w* é uma vogal ou semivogal pronunciado como /u/ em palavras de origem inglesa: *watt-hora*, *whisky*, *waffle*, *Wallace*, *show*. E é consoante como o nosso /v/ em palavras de origem alemã: *Walter*, *Wagner*, *wagneriano*. No nome do célebre naturalista inglês *Darwin* soa como /v/, pronúncia mais geral, ou como /u/. O *y* é um som vocálico pronunciado como /i/ com função de vogal ou semivogal: *yacht* (= certo tipo de embarcação), *yard* (= jarda), *yaki-mono* (= cerâmica japonesa), *yen* (= unidade monetária, e moeda, do Japão), *yenita* (= certo mineral).

III – H

7) Esta letra não é propriamente consoante, mas um símbolo que, em razão da etimologia e da tradição escrita do nosso idioma, se conserva no princípio de várias palavras no fim de algumas interjeições: *haver*, *hélice*, *hidrogênio*, *hóstia*, *humildade*; *hã!*, *hem?*, *puh!*, *ah!*, *ih!*, *oh!*, etc.

OBSERVAÇÃO: Não se escreve com *h* final a interjeição de chamamento ou apelo *ó*: *Ó José, vem aqui!*; *Ó Laura, pare com isso!*

8) No interior do vocábulo, só se emprega em dois casos: quando faz parte do *ch*, do *lh* e do *nh*, que representam fonemas palatais, e nos compostos em que o segundo elemento, com *h* inicial etimológico, se une ao primeiro por meio do hífen: *chave*, *malho*, *rebanho*, *anti-higiênico*, *contra-haste*, *pré-histórico*, *sobre-humano*, etc.

OBSERVAÇÕES: a) Nos compostos sem hífen, elimina-se o *h* do segundo elemento: *anarmônico*, *coabitar*, *coonestar*, *desarmonia*, *exausto*, *inabilitar*, *lobisomem*, *reaver*, etc. b) Nos casos em que não houver perda do som da vogal final do 1.º elemento, e o elemento seguinte começar com *h*, serão usadas as duas formas gráficas: *bi-hebdomadário* e *biebdomadário*; *carbo-hidrato* e *carboidrato*; *zoo-hematina* e *zooematina*; *geo-história* e *geoistória*. Já quando houver perda do som da vogal final do 1.º elemento, consideraremos que a grafia consagrada deve ser mantida: *cloridrato, cloridria, clorídrico, quinidrona, sulfidrila, xilarmônica, xilarmônico*. Devem ficar como estão as palavras que já são de uso consagrado, como *reidratar, reumanizar, reabituar, reabitar, reabilitar* e *reaver*.

9) No futuro do indicativo e no condicional, não se usa o *h* no último elemento, quando há pronome intercalado: *amá-lo-ei*, *dir-se-ia*, etc.

10) Quando a etimologia o não justifica, não se emprega: *arpejo* (substantivo), *ombro*,

ontem, etc. E mesmo que o justifique, não se escreve no fim de substantivos nem no começo de alguns vocábulos que o uso consagrou sem este símbolo, *andorinha*, *erva*, *felá*, *inverno*, etc.

11) Não se escreve *h* depois de *c* (salvo o disposto no n.º 8) nem depois de *p*, *r* e *t*: o *ph* é substituído por *f*, o *ch* (gutural) por *qu* antes de *e* ou *i* e por *c* antes de outra qualquer letra: *corografia*, *cristão*; *querubim*, *química*; *farmácia*, *fósforo*; *retórica*, *ruibarbo*; *teatro*, *turíbulo*, etc.

IV – Consoantes mudas

12) Não se escrevem as consoantes que se não proferem: *asma*, *assinatura*, *ciência*, *diretor*, *ginásio*, *inibir*, *inovação*, *ofício*, e não *asthma*, *assignatura*, *sciencia*, *director*, *gymnasio*, *inhibir*, *innovação*, *officio*. E conservam-se as consoantes nos casos em que são invariavelmente proferidas nas pronúncias cultas da língua: compacto, convicção, ficção; adepto, apto, etc.

OBSERVAÇÃO: Escreve-se, porém, o *s* em palavras como *descer*, *florescer*, *nascer*, etc., e o *x* em vocábulos como *exceto*, *excerto*, etc., apesar de nem sempre se pronunciarem essas consoantes.

13) Em sendo mudo o *p* no grupo *mpc* ou *mpt*, escreve-se *nc* ou *nt*: *assuncionista*, *assunto*, *presunção*, *prontificar*, etc.

14) Em vocábulos cujas consoantes facultativamente se pronunciam, escreve-se preferencialmente o de uso mais generalizado. Assim, serão consignados, além de outros, estes: *aspecto* e *aspeto*, *característico* e *caraterístico*, *circunspecto* e *circunspeto*, *contacto* e *contato*, *corrupção* e *corrução*, *corruptela* e *corrutela*, *dactilografia* e *datilografia*, *expectativa* e *expetativa*, *optimismo* e *otimismo*, *respectivo* e *respetivo*, *secção* e *seção*, *sinóptico* e *sinótico*, *sumptuoso* e *suntuoso*, *tacto* e *tato*. Escreve-se *Egito*, mas *egípcio*, por ser neste último pronuciado o *p*.

V – SC

15) Elimina-se o *s* do grupo inicial *sc*: *cena*, *cenografia*, *ciência*, etc.

16) Os compostos dessa classe de vocábulos, quando são formados em nossa língua, são escritos sem o *s* antes do *c*: *anticientífico*, *contracenar*, *encenação*, etc.; mas, quando vieram já formados para o vernáculo, conservam o *s*: *consciência*, *cônscio*, *imprescindível*, *prescindir*, *rescindir*, *rescisão*, etc.

VI – Letras dobradas

17) Escrevem-se *rr* e *ss* quando, entre vogais, representam os sons simples do *r* e *s* iniciais; e *cc* ou *cç* quando o primeiro soa distintamente do segundo: *carro*, *farra*, *massa*, *passo*; *convicção*, *occipital*, etc.

18) Duplicam-se o *r* e o *s* todas as vezes que a um elemento de composição terminado em vogal se segue, sem interposição do hífen, palavra começada por uma daquelas letras: *arritmia*, *corréu, prerrogativa*, *pressentir*, *ressentimento*, *sacrossanto*, etc.

VII – Vogais nasais

19) As vogais nasais são representadas no fim dos vocábulos por *ã* (*ãs*), *im* (*ins*), *om* (*ons*), *um* (*uns*): *afã*, *cãs*, *flautim*, *folhetins*, *semitom*, *tons*, *tutum*, *zum-zuns*, etc.

20) O *ã* pode figurar na sílaba tônica, pretônica ou átona: *ãatá*, *cristãmente*, *irmãmente*, *maçã*, *manhãzinha*, *órfã*, *romãzeira*, etc.

21) Quando aquelas vogais são iniciais ou mediais, a nasalidade é expressa por *m* antes do *b* e *p*, e por *n* antes de outra qualquer consoante: *ambos*, *campo*; *contudo*, *enfim*, *enquanto*, *homenzinho*, *nuvenzinha*, *vintenzinho*, etc.

VIII – Ditongos

22) Os ditongos orais escrevem-se com a subjuntiva *i* ou *u*: *aipo*, *cai*, *cauto*, *degraus*, *dei*, *fazeis*, *ideia*, *mausoléu*, *neurose*, *retorquiu*, *rói*, *sois*, *sou*, *souto*, *uivo*, *usufrui*, etc.

OBSERVAÇÃO: Escrevem-se com *i*, e não com *e*, a forma verbal *fui*, a 2.ª e 3.ª pess. do sing. do pres. do ind. e a 2.ª do sing. do imper. dos verbos terminados em *uir*: *aflui*, *fruis*, *retribuis*, etc.

23) O ditongo *ou* alterna, em numerosos vocábulos, com *oi*: *balouçar* e *baloiçar*, *calouro* e *caloiro*, *dourar* e *doirar*, etc. Escreve-se, preferencialmente, o de uso mais generalizado.

24) Escrevem-se assim os ditongos nasais: *ãe*, *ãi*, *ão*, *am*, *em*, *en*(*s*), *õe*, *ui* (proferido *ũi*): *mãe*, *pães*, *cãibra*, *acórdão*, *irmão*, *leãozinho*, *amam*, *bem*, *bens*, *devem*, *põe*, *repões*, *muito*, etc.

OBSERVAÇÕES:

a) Dispensa-se o til do ditongo nasal *ui* em *mui* e *muito*.

b) Com o ditongo nasal *ão* se escrevem os monossílabos, tônicos ou não, e os polissílabos oxítonos: *cão*, *dão*, *não*, *quão*; *então*, *irmão*, *viverão*, etc.

c) Também se escrevem com o ditongo *ão* os substantivos e adjetivos paroxítonos, acentuando-se, porém, a sílaba tônica: *órfão*, *órgão*, *sótão*, etc.

d) Nas formas verbais anoxítonas se escreve *am*: *amaram*, *deveram*, *partiram*, etc.

e) Com o ditongo nasal *ãe* se escrevem os vocábulos oxítonos e os seus derivados; e os anoxítonos primitivos grafam-se com o ditongo *ãi*: *capitães*, *mães*, *pãezinhos*; *cãibo*, *zãibo*, etc.

f) O ditongo nasal *e)i*(*s*) escreve-se *em* ou *en*(*s*) assim nos monossílabos como nos polissílabos de qualquer categoria gramatical: *bem*, *convém*, *convéns*, *virgem*, *virgens*, etc.

25) Os encontros vocálicos átonos e finais que podem ser pronunciados como ditongos crescentes escrevem-se da seguinte forma: *ea* (áurea), *eo* (cetáceo), *ia* (colônia), *ie* (espécie), *io* (exímio), *oa* (nódoa), *ua* (contínua), *ue* (tênue), *uo* (tríduo), etc.

IX – Hiatos

26) A 1.ª, 2.ª, 3.ª pess. do sing. do pres. do subj. e a 3.ª pess. do sing. do imper. dos verbos em *oar* escrevem-se com *oe* e não *oi*: *abençoe*, *amaldiçoes*, *perdoe*, etc.

27) As três pessoas do sing. do pres. do subj. e a 3.ª do sing. do imper. dos verbos em *uar* escrevem-se com *eu*, e não *ui*: *cultue*, *habitues*, etc.

X – Parônimos e vocábulos de grafia dupla

28) Deve-se fazer a mais rigorosa distinção entre os vocábulos parônimos e os de grafia dupla que se escrevem com *e* ou com *i*, com *o* ou com *u*, com *c* ou *q*, com *ch* ou *x*, com *g* ou *j*, com *s*, *ss* ou *c*, *ç*, com *s* ou *x*, com *s* ou *z*, e com os diversos valores do *x*:

1.°) com *i* ou com *e*: *acriano*, *camoniano*, *torriense* (em vez das antigas *acreano*, *camoneano*, *torreense*); *coreano*, *daomeano*, *guineense*.

2.°) com *o* ou com *u*: *frágua*, *lugar*, *mágoa*, *manuelino*, *polir*, *tribo*, *urdir*, *veio* (verbo ou substantivo), etc.

3.°) com *c* ou *q*: *quatorze* (seguido de *catorze*), *cinquenta*, *quociente* (seguido do *cociente*), etc.

4.°) com *ch* ou *x*: *anexim*, *bucha*, *charque*, *chimarrão*, *faxina*, *flecha*, *tachar* (= notar; censurar), *taxar* (= determinar a taxa; regular), etc.

5.°) com *g* ou *j*: *estrangeiro*, *jenipapo*, *genitivo*, *gíria*, *jeira*, *jeito*, *jiboia*, *jirau*, *laranjeira*, *lojista*, *majestade*, *viagem* (s.f.), *viajem* (do verbo *viajar*), etc.

6.°) com *s*, *ss* ou *c*, *ç*: *ânsia*, *anticéptico*, *boça* (= cabo de navio), *bossa* (= protuberância; aptidão), *bolçar* (= vomitar), *bolsar* (= fazer bolsos), *caçula*, *censual* (= relativo a censo), *sensual* (= lascivo), etc.

OBSERVAÇÃO: Não se emprega *ç* em início de palavras.

7.°) com *s* ou *x*: *espectador* (= testemunha), *expectador* (= pessoa tem esperança), *experto* (= perito; experimentado), *esperto* (= ativo; acordado), *esplêndido*, *esplendor*, *extremoso*, *flux* (= na locução *a flux*), *justafluvial*, *justapor*, *misto*, etc.

8.°) com *s* ou *z*: *alazão*, *alcaçuz* (= planta), *alisar* (= tornar liso), *alizar* (s.m.), *anestesiar*, *autorizar*, *bazar*, *coliseu*, *comezinho*, *cortês*, *dissensão*, *empresa*, *esfuziar*, *esvaziamento*, *frenesi* (seguido de *frenesim*), *guizo* (s.m.), *irisar* (= dar as cores do íris a), *irizar* (= atacar [o iriz] o cafezeiro), *narcisar-se*, *obséquio*, *prioresa*, *rizotônico*, *sacerdotisa*, *tapiz*, *trânsito*, *xadrez*, etc.

OBSERVAÇÕES:

a) É sonoro o *s* de *obséquio* e seus derivados, bem como o do prefixo *trans*, em se lhe seguindo vogal; quando, porém, a esse prefixo se segue palavra iniciada por *s*, só se escreve um, que se profere como se fora dobrado: *obsequiar* (ze), *transoceânico* (zo), *transecular* (se), *transubstanciação* (su); etc.

b) No final de sílaba átona, seja no interior, seja no fim do vocábulo, emprega-se o *s* em lugar do *z*: *asteca*, *endes*, *mesquita*, etc.

29) O *x* continua a escrever-se com os seus cinco valores, bem como nos casos em que pode ser mudo, como em *exceto*, *excerto*, etc. Tem, pois, o som de:

1.°) *ch*, no princípio e o no interior de muitas palavras: *xerife*, *xícara*, *ameixa*; *enxoval*, etc.

2.°) *cs*, no meio e no fim de várias palavras: *anexo*, *látex*, *tórax*, etc.

3.°) *z*, quando ocorre no prefixo *exo*, ou *ex* seguido de vogal: *exame*, *êxito*, *êxodo*, *exosmose*, *exotérmico*, etc.

4.°) *ss*: *aproximar*, *auxiliar*, *máximo*, *proximidade*, *sintaxe*, etc.

5.°) *s* final de sílaba: *contexto*, *fênix*, *pretextar*, *sexto*, *textual*, etc.

30) No final de sílabas iniciais e interiores se deve empregar o *s* em vez do *x*, quando não o precede a vogal *e*: *justafluvial*, *justaposição*, *misto*, *sistino*, etc.

31) Adotaremos a grafia que seja mais conforme à etimologia do vocábulo e à sua história, mas que esteja em harmonia com a prosódia geral dos brasileiros, nem sempre idêntica à lusitana. P.ex.: *judô* (no Br.) e *judo* (em Port.); *metrô* (no Br.) e *metro* (em Port.); *pônei* (no Br.) e *pónei* (em Port.).

XI – Nomes próprios

32) Os nomes próprios personativos, locativos e de qualquer natureza, sendo portugueses ou aportuguesados, estão sujeitos às mesmas regras estabelecidas para os nomes comuns.

33) Para salvaguardar direitos individuais, quem o quiser manterá em sua assinatura a forma consuetudinária. Poderá também ser mantida a grafia original de quaisquer firmas, sociedades, títulos e marcas que se achem inscritos em registro público.

OBSERVAÇÃO: Não sendo o próprio que assine o nome com a grafia e a acentuação do modo como foi registrado, a indicação do seu nome obedecerá às regras estabelecidas pelo sistema ortográfico vigente: *Fundação Casa de Rui Barbosa* (o notável jurista baiano assinava *Ruy*).

34) Os topônimos de origem estrangeira devem ser usados com as formas vernáculas de uso vulgar; e quando não têm formas vernáculas, transcrevem-se consoante as normas estatuídas pela Conferência de Geografia de 1926 que não contrariarem os princípios estabelecidos aqui.

35) Os topônimos de tradição histórica secular não sofrem alteração alguma na sua grafia, quando já esteja consagrada pelo consenso diuturno dos brasileiros. Sirva de exemplo o topônimo *Bahia*, que conservará esta forma quando se aplicar em referência ao Estado e à cidade que têm esse nome.

OBSERVAÇÃO: Os compostos e derivados desses topônimos obedecerão às normas gerais do vocabulário comum.

XII – Acentuação gráfica

Ver *Regras de acentuação*.

XIII – Apóstrofo

36) Limita-se o emprego do apóstrofo aos seguintes casos:

1.°) Indicar a supressão de uma letra ou letras no verso, por exigência da metrificação: *c'roa*, *esp'rança*, *of'recer*, *'star*, etc.

2.°) Reproduzir certas pronúncias populares: *'tá*, *'teve*, etc.

3.°) Indicar a supressão da vogal, já consagrada pelo uso, em certas palavras compostas ligadas pela preposição *de*: *copo-d'água* (= planta, lanche), *galinha-d'água*, *mãe-d'água*, *pau-d'água* (= árvore, ébrio), etc.

OBSERVAÇÃO: Restringindo-se o emprego do apóstrofo a esses casos, cumpre não se use dele em nenhuma outra hipótese. Assim, não será empregado:

a) nas contrações das preposições *de* e *em* com artigos, adjetivos ou pronomes demonstrativos, indefinidos, pessoais e com alguns advérbios: *dum*, *duma* (a par de *de um*, *de uma*), *num*, *numa* (a par de *em um*, *em uma*); *dalgum*, *dalguma* (a par de *de algum*, *de alguma*); *doutro*, *noutro* (a par de *de outro*, *em outro*); *dele*, *dela*, *nele*, *nela*; *deste*, *desta*, *neste*, *nesta*, *daquele*, *daquela*, *naquele*, *naquela*; *disto*, *nisto*, *daquilo*, *naquilo*; *daqui*, *daí*, *dacolá*, *donde*, *dantes*, *dentre*; etc.

b) nas combinações dos pronomes pessoais; *mo*, *ma*, *mos*, *mas*, *to*, *ta*, *tos*, *tas*, *lho*, *lha*, *lhos*, *lhas*, *no-lo*, *no-los*, *no-la*, *no-las*, *vo-lo*, *vo-la*, *vo-los*, *vo-las*.

c) nas expressões vocabulares que se tornaram unidades fonéticas e semânticas: *dessarte*, *destarte*, *homessa*, *tarrenego*, *tesconjuro*, *vivalma*, etc.

d) nas expressões de uso constante e geral na linguagem vulgar: *co*, *coa*, *ca*, *cos*, *cas*, *coas* (= com o, com a, com os, com as), *plo*, *pla*, *plos*, *plas* (= pelo, pela, pelos, pelas), *pra* (= para), *pro*, *pra*, *pros*, *pras* (= para o, para a, para os, para as), etc.

XIV – Hífen

37) Nos compostos

1.º) Emprega-se o hífen nos compostos sem elemento de ligação quando o 1.º termo, por extenso ou reduzido, está representado por forma substantiva, adjetiva, numeral ou verbal: *ano-luz*, *arco-íris*, *decreto-lei*, *és-sueste*, *joão-ninguém*, *médico-cirurgião*, *mesa-redonda*, *rainha-cláudia*, *tenente-coronel*, *tio-avô*, *zé-povinho*, *afro-asiático*, *afro-luso-brasileiro*, *azul-escuro*, *amor-perfeito*, *boa-fé*, *forma-piloto*, *uarda-noturno*, *luso-brasileiro*, *má-fé*, *mato-grossense*, *norte-americano*, *seu-vizinho* (dedo anelar), *social-democracia*, *sul-africano*, *verbo-nominal*, *primeiro-ministro*, *segunda-feira*, *conta-gotas*, *finca-pé*, *guarda-chuva*, *vaga-lume*, *porta-aviões*, *porta-retrato*.

OBSERVAÇÕES:

a) As formas empregadas adjetivamente do tipo *afro-, anglo-, euro-, franco-, indo-, luso-, sino-* e assemelhadas continuarão a ser grafadas **sem hífen** em empregos em que só há uma etnia: *afrodescendente, anglofalante, anglomania, eurocêntrico, eurodeputado, lusofonia, sinologia*, etc. Porém escreve-se com hífen quando houver mais de uma etnia: *afro-brasileiro, anglo-saxão, euro-asiático,* etc.

b) Com o passar do tempo, alguns compostos perderam a noção de composição, e passaram a se escrever aglutinadamente, como é o caso de: *girassol, madressilva, pontapé,* etc. Já se escrevem aglutinados: *paraquedas, paraquedistas* (e afins, *paraquedismo*, *paraquedístico*) e *mandachuva*.

Os outros compostos com a forma verbal *para-* seguirão sendo separados por hífen conforme a tradição lexicográfica: *para-brisa(s), para-choque, para-lama(s)*, etc.

Os outros compostos com a forma verbal *manda-* seguirão sendo separados por hífen conforme a tradição lexicográfica: *manda-lua*, *manda-tudo*.

A tradição ortográfica também usa o hífen em outras combinações vocabulares: *abaixo-assinado*, *assim-assim*, *ante-à-ré*, *ave-maria*, *salve-rainha*.

Os compostos formados com elementos repetidos, com ou sem alternância vocálica ou consonântica, por serem compostos representados por formas substantivas sem elemento de ligação, ficarão: *blá-blá-blá*, *lenga-lenga*, *reco-reco*, *tico-tico, zum-zum-zum*, *pingue-pongue*, *tique-taque, trouxe-mouxe, xique-xique* (= chocalho; cf. *xiquexique* = planta), *zás-trás, zigue-zague*, etc. Os derivados, entretanto, não serão hifenados: *lengalengar, ronronar, zunzunar*, etc. Não se separam por hífen as palavras com sílaba reduplicativa oriundas da linguagem infantil: *babá, titio, vovó, xixi,* etc.

Serão escritos **com hífen** os compostos entre cujos elementos há o emprego do apóstrofo: *cobra-d'água*, *mãe-d'água, mestre-d'armas, olho-d'água,* etc.

2.º) Emprega-se o hífen nos compostos sem elemento de ligação quando o 1.º elemento está representado pelas formas *além, aquém, recém, bem* e *sem*: *além-Atlântico, além-mar, aquém-Pireneus, recém-casado, recém-nascido, bem-estar, bem-humorado, bem-dito, bem-dizer, bem-vestido, bem-vindo, sem-cerimônia, sem-vergonha*, *sem-terra.*

OBSERVAÇÃO: Em muitos compostos o advérbio *bem* aparece aglutinado ao segundo elemento, quer este tenha ou não vida à parte quando o significado dos termos é alterado: *bendito* (=abençoado), *benfazejo*, *benfeito* [subst.] (=benefício); cf. *bem-feito* [adj.] = feito com capricho, harmonioso, e *bem-feito*! [interj.], *benfeitor, benquerença* e afins: *benfazer*, *benfeitoria, benquerer, benquisto, benquistar*.

3.º) Emprega-se o hífen nos compostos sem elemento de ligação quando o 1.º elemento está representado pela forma *mal* e o 2.º elemento começa por *vogal*, *h* ou *l*: *mal-afortunado, mal-entendido, mal-estar, mal-humorado, mal-informado, mal-limpo*. Porém: *malcriado, malgrado, malvisto*, etc.

OBSERVAÇÃO: *Mal* com o significado de 'doença' grafa-se com hífen: *mal-caduco* (= epilepsia), *mal-francês* (= sífilis), desde que não haja elemento de ligação. Se houver, não se usará hífen: *mal de Alzheimer*.

4.º) Emprega-se o hífen nos nomes geográficos compostos pelas formas *grã*, *grão*, ou por forma verbal ou, ainda, naqueles ligados por artigo: *Grã-Bretanha, Abre-Campo*, *Passa-Quatro*, *Quebra-Costas*, *Traga-Mouro*, *Baía de Todos-os-Santos*, *Entre-os-Rios*, *Montemor-o-Novo*, *Trás-os-Montes*.

OBSERVAÇÕES:

a) Os outros nomes geográficos compostos escrevem-se com os elementos separados, sem o hífen: *América do Sul, Belo Horizonte, Cabo Verde, Castelo Branco, Freixo de Espada à Cinta* , etc. Os topônimos *Guiné-Bissau* e *Timor-Leste* são, contudo, exceções consagradas.

b) Serão hifenizados os adjetivos gentílicos (ou seja, adjetivos que se referem ao lugar onde se nasce) derivados de nomes geográficos compostos que contenham ou não elementos de ligação: *belo-horizontino, mato-grossense-do-sul*, *juiz-forano, cruzeirense-do-sul, alto-rio-docense*.

c) Escreve-se com hífen *indo-chinês*, quando se referir à Índia e à China, ou aos indianos e chineses, diferentemente de *indochinês* (sem hífen), que se refere à Indochina.

5.º) Emprega-se o hífen nos compostos que designam espécies botânicas (planta e fruto) e zoológicas, estejam ou não ligadas por preposição ou qualquer outro elemento: *abóbora-menina*, *andorinha-do-mar*, *andorinha-grande*, *bem-me-quer* (mas *malmequer*), *bem-te-vi*, *bênção-de-deus*, *cobra-capelo*, *couve-flor*, *dente-de-cão*, *erva-doce*, *erva-do-chá*, *ervilha-de-cheiro*, *feijão-verde*, *formiga-branca*, *joão-de-barro*, *lesma-de-conchinha.*

OBSERVAÇÃO: Os compostos que designam espécies botânicas e zoológicas grafados com hífen pela norma acima não serão hifenizados quando tiverem aplicação diferente dessas espécies. Por exemplo: *bola-de-neve* (com hífen) com o significado de 'arbusto europeu', e *bola de neve* (sem hífen) significando 'aquilo que toma vulto rapidamente'; *bico-de-papagaio* (com hífen) referindo-se à planta e *bico de papagaio* (sem hífen) com o significado de 'nariz adunco'; *mata-cobra* (com hífen) referindo-se a inseto, e *mata cobra* (sem hífen) referindo-se a certo tipo de bastão; *não-me-toques* (com hífen) quando se refere a certas espécies de plantas, e *não me toques* (sem hífen) com o significado de 'melindres'.

38) Nas locuções:

Não se emprega o hífen nas locuções, sejam elas substantivas, adjetivas, pronominais, adverbiais, prepositivas ou conjuncionais, salvo algumas exceções já consagradas pelo uso (como é o caso de *água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao deus-dará, à queima-roupa*). Vale lembrar que, se na locução há algum elemento que já tenha hífen, será conservado este sinal: *à trouxe-mouxe, cara de mamão-macho, bem-te-vi de igreja*. Sirvam, pois, de exemplo de emprego **sem hífen** as seguintes locuções: a) Locuções substantivas: *cão de guarda, fim de semana, fim de século, sala de jantar*; b) Locuções adjetivas: *cor de açafrão, cor de café com leite, cor de vinho*; c) Locuções pronominais: *cada um, ele próprio, nós mesmos, quem quer que seja*; d) Locuções adverbiais: *à parte* (diferentemente do substantivo *aparte*), *à vontade, de mais* (locução que se contrapõe a *de menos*; escreve-se junto *demais* quando é advérbio ou pronome), *depois de*

amanhã, em cima, por isso; e) Locuções prepositivas: *abaixo de, acerca de, acima de, a fim de, a par de, à parte de, apesar de, aquando de, debaixo de, enquanto a, por baixo de, por cima de, quanto a*; f) Locuções conjuncionais: *a fim de que, ao passo que, contanto que, logo que, visto que*.

OBSERVAÇÕES:

a) Expressões com valor de substantivo, do tipo *deus nos acuda, salve-se quem puder, um faz de contas, um disse me disse*, *um maria vai com as outras*, *bumba meu boi, tomara que caia*, *aqui del rei*, devem ser grafadas sem hífen. Da mesma forma serão usadas sem hífen locuções como: *à toa* (adjetivo e advérbio), *dia a dia* (substantivo e advérbio), *arco e flecha*, *calcanhar de aquiles*, *comum de dois*, *general de divisão*, *tão somente*, *ponto e vírgula*.

b) Não se emprega o hífen nas locuções latinas usadas como tais, não substantivadas ou aportuguesadas: *ab initio, ab ovo, ad immortalitatem, ad hoc, data venia, de cujus, carpe diem, causa mortis, habeas corpus, in octavo, pari passu, ex libris*. Mas: o *ex-libris,* o *habeas-corpus, in-oitavo,* etc.

39) Nas sequências de palavras:

Emprega-se o hífen para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando não propriamente vocábulos, mas encadeamentos vocabulares, tipo: a divisa *Liberdade-Igualdade-Fraternidade*, a ponte *Rio-Niterói*, o percurso *Lisboa-Coimbra-Porto*, a ligação *Angola-Moçambique* e nas combinações históricas ou até mesmo ocasionais de topônimos, tipo: *Áustria-Hungria, Alsácia-Lorena, Angola-Brasil, Tóquio-Rio de Janeiro*, etc.

40) Nas formações com prefixos:

1.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por vogal igual à que inicia o 2.º elemento: *anti-infeccioso*, *anti-inflamatório*, *contra-almirante*, *eletro-ótica*, *entre-eixo*, *infra-axilar*, *micro-onda*, *neo-ortodoxo*, *semi-interno*, *sobre-elevar*, *sobre-estadia*, *supra-auricular*.

OBSERVAÇÕES:

a) Incluem-se neste princípio geral todos os prefixos terminados por vogal: *agro-* (= terra), *albi-, alfa-*, *ante-, anti-, ântero-, arqui-*, *áudio-*, *auto-, bi-, beta-, bio-, contra-, eletro-, euro-, ínfero-, infra-, íntero-, iso-, macro-, mega-, multi-, poli-, póstero-, pseudo-, súpero-, neuro-, orto-, sócio-,* etc.

Então, se o 1º elemento terminar por vogal diferente daquela que inicia o 2º elemento, escreve-se junto, sem hífen: *anteaurora*, *antiaéreo*, *aeroespacial*, *agroindustrial*, *autoajuda*, *autoaprendizagem*, *autoestrada*, *contraescritura*, *contraindicação*, *contraofensiva*, *extraescolar*, *extraoficial*, *extrauterino*, *hidroelétrico*, *infraestrutura*, *infraordem*, *intrauterino*, *neoafricano*, *neoimperialista*, *plurianual*, *protoariano*, *pseudoalucinação*, *pseudoepígrafe*, *retroalimentação*, *semiárido*, *sobreaquecer*, *socioeconômico*, *supraesofágico*, *supraocular*, *ultraelevado*.

b) O encontro de vogais diferentes tem facilitado a supressão da vogal final do 1.º elemento ou da vogal inicial do 2.º: *eletr**a**cústico*, ao lado de *eletr**oa**cústico*, e *arter**io**sclerose*. Recomendamos que se evitem essas supressões, a não ser nos casos já correntes ou dicionarizados.

c) O encontro de vogais iguais tem facilitado o aparecimento de formas reais ou potencialmente possíveis com a fusão dessas vogais, do tipo de *alfaglutinação*, ao lado de *alfa-aglutinação*; *ovadoblongo*, ao lado de *ovado-oblongo*. Para atender à regra geral de hifenizar o encontro de vogais iguais, é preferível evitar estas fusões no uso corrente, a não ser nos casos em que elas se mostram naturais, e não forçadas, como ocorre em *telespectador* (e não *tele-espectador*), *radiouvinte* (e não *rádio-ouvinte*).

d) Nas formações com os prefixos *co-*, *pro-, pre-* e *re-*, estes unem-se ao segundo elemento, mesmo quando iniciado por *o* ou *e*: *coabitar, coautor, coedição, coerdeiro, coobrigação, coocupante, coordenar, cooperação, cooperar, coemitente, coenzima, cofator, cogerente, cogestão, coirmão* ; *comandante*, *proativo, procônsul, propor, proembrião, proeminente* ; *preeleito* (ou *pré-eleito*), *preembrião* (ou *pré-embrião*), *preeminência, preenchido, preesclerose* (ou *pré-esclerose*), *preestabelecer, preexistir; reedição, reedificar, reeducação, reelaborar, reeleição, reenovelar, reentrar, reescrita, refazer, remarcar*.

2.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por consoante igual à que inicia o 2.º

elemento: *ad-digital*, *inter-racial*, *sub-base*, *super-revista*, etc.

OBSERVAÇÃO: Formas como *abbevilliano*, *addisoniano*, *addisonismo, addisonista* se prendem a nomes próprios estrangeiros: *Abbeville, Addison*.

3.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina acentuado graficamente, *pós-*, *pré-*, *pró-*: *pós-graduação, pós-tônico*; *pré-datado, pré-escolar, pré-história, pré-natal, pré-requisito*; *pró-africano, pró-europeu*.

OBSERVAÇÃO: Pode haver, em certos usos, alternância entre *pre-* e *pré-, pos-* e *pós-*; neste último caso, deve-se usar o hífen: *preesclerótico* ou *pré-esclerótico, postônico* ou *pós-tônico*.

4.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por *m* ou *n* e o 2.º elemento começa por *vogal*, *h*, *m* ou *n: circum-escolar*, *circum-hospitalar*, *circum-murado*, *circum-navegação*, *pan-africano*, *pan-americano*, *pan-harmônico*, *pan-hispânico*, *pan-mágico*, *pan-negritude.*

5.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento é um dos prefixos *ex-* (anterioridade ou cessação), *sota-*, *soto-*, *vice-*, *vizo-*: *ex-almirante*, *ex-diretor*, *ex-presidente*, *sota-almirante, sota-capitão*, *sota-vento*, *soto-almirante*, *soto-pôr* (mas *sobrepor*), *vice-presidente*, *vice-reitor*, *vizo-rei*.

OBSERVAÇÃO: Vimos que o verbo *pôr* não perde o acento gráfico (para se distinguir da preposição *por*). E mesmo em formas compostas como *soto-pôr*, ele continuará acentuado.

6.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por *vogal*, *r* ou *b* e o 2.º elemento se inicia por *h*: *adeno-hipófise*, *abdômino-histerotomia*, *anti-herói*, *anti-hemorrágico*, *arqui-hipérbole*, *auto-hipnose*, *beta-hemolítico*, *bi-hidroquinona*, *bio-histórico*, *contra-haste*, *di-hibridismo*, *entre-hostil*, *foto-heliografia*, *geo-história*, *giga-hertz*, *hétero-hemorragia*, *hiper-hidrose*, *infra-hepático*, *inter-hemisférico*, *poli-hídrico*, *semi-histórico*, *sobre-humano*, *sub-hepático*, *sub-humano*, *super-homem*, *tri-hídrico*.

OBSERVAÇÕES:

a) Nos casos em que não houver perda do som da vogal final do 1.º elemento, e o elemento seguinte começar com *h*, serão usadas as duas formas gráficas: *carbo-hidrato* e *carboidrato*; *zoo-hematina* e *zooematina*. Já quando houver perda do som da vogal final do 1.º elemento, consideraremos que a grafia consagrada deve ser mantida: *cloridrato, cloridria, clorídrico, quinidrona, sulfidrila, xilarmônica, xilarmônico*. Devem ficar como estão as palavras que, fugindo a este princípio, já são de uso consagrado, como *reidratar, reumanizar, reabituar, reabitar, reabilitar* e *reaver*.

b) Não se emprega o hífen com prefixos *des-* e *in-* quando o 2.º elemento perde o *h* inicial: *desumano, inábil, inumano, etc*.

c) Embora não tratado no Acordo, pode-se incluir neste caso o prefixo *an-* (p.ex.: *anistórico, anepático, anidrido*). Na sua forma reduzida *a-*, quando seguido de *h*, a tradição manda hifenizar e conservar o *h* (p.ex.: *a-histórico, a-historicidade*).

d) Não se emprega o hífen com as palavras *não* e *quase* com função prefixal: *não agressão, não beligerante, não fumante; quase delito, quase equilíbrio, quase domicílio,* etc.

e) Não há razão plausível que defenda a grafia *biidroquinona* ao lado de *bi-iodeto*, por este não ter *h* inicial. Foi o mesmo princípio que nos fez optar por *poli-hídrico* (em vez de *poliídrico*) e *poli-hidrite* (em vez de *poliidrite*).

7.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por *b* (*ab-, ob-, sob-, sub-*) ou *d* (*ad-*) e o 2.º elemento começa por *r*: *ab-rupto, ad-renal*, *ad-referendar, ob-rogar, sob-roda, sub-reitor, sub-reptício, sub-rogar*.

OBSERVAÇÃO: *Adrenalina*, *adrenalite* e afins já são exceções consagradas pelo uso. *Ab-rupto* é preferível a *abrupto*.

8.º) Quando o 1.º elemento termina por vogal e o 2.º elemento começa por *r* ou *s*, não se usa hífen, e estas consoantes devem duplicar-se, prática já adotada, também em palavras deste tipo pertencentes aos domínios científico e técnico: *antessala*, *antirreligioso*, *antissocial*, *autorregulamentação*, *biorritmo*, *biossatélite*, *contrarregra*, *contrassenha*, *cosseno*, *ele-*

trossiderurgia, *extrarregular*, *infrassom*, *macrorregião*, *microssistema*, *minissaia*, *multissegmentado*, *neorromano*, *protossatélite*, *pseudossigla*, *semirrígido*, *sobressaia*, *suprarrenal*, *ultrassonografia*.

41) Nas formações com sufixo

Emprega-se hífen apenas nas palavras terminadas por sufixos de origem tupi-guarani que representam formas adjetivas, como *-açu* (= grande), *-guaçu* (= grande), *-mirim* (= pequeno), quando o 1.º elemento termina por vogal acentuada graficamente ou quando a pronúncia exige a distinção gráfica dos dois elementos: *amoré-guaçu, anajá-mirim, andá-açu, capim-açu, Ceará-Mirim*.

42) O hífen nos casos de ênclise, mesóclise (tmese) e com o verbo haver

1.º) Emprega-se o hífen na ênclise e na mesóclise: *amá-lo, dá-se, deixa-o, partir-lhe; amá-lo-ei, enviar-lhe-emos*.

2.º) Não se emprega o hífen nas ligações da preposição *de* às formas monossilábicas do presente do indicativo do verbo *haver*: *hei de, hás de, hão de*, etc.

OBSERVAÇÕES:

a) Embora estejam consagradas pelo uso as formas verbais *quer* e *requer*, dos verbos *querer* e *requerer*, ao lado de *quere* e *requere*, estas últimas formas conservam-se, no entanto, nos casos de ênclise: *quere-o(s), requere-o(s)*.

Nestes contextos, as formas (legítimas, aliás) *qué-lo* e *requé-lo* são pouco usadas. *Quere* e *requere* são formas correntes entre portugueses; a primeira, a partir de 1904.

b) Usa-se também o hífen nas ligações de formas pronominais enclíticas ao advérbio *eis* (*eis-me, ei-lo*) e ainda nas combinações de formas pronominais do tipo *no-lo* (nos + o), *no-las* (nos + as), quando em próclise ao verbo (por exemplo: *Esperamos que no-lo comprem*).

XV – O trema

43) O trema não é usado em palavras portuguesas ou aportuguesadas, como: *aguentar, anguiforme, arguir, bilíngue, lingueta, linguista, linguístico, cinquenta, equestre, frequentar, tranquilo, ubiquidade*.

OBSERVAÇÕES:

a) O trema ocorre em palavras derivadas de nomes próprios estrangeiros que o possuem: *hübneriano*, de *Hübner*, *mülleriano*, de *Müller*, etc.

b) O trema poderá ser usado para indicar, quando for necessário, a pronúncia do *u* em vocabulários ortográficos e dicionários: *lingueta* (gü), *líquido* (qü ou qu), *linguiça* (gü), *equidistante* (qü ou qu).

c) Com o fim do trema em palavras portuguesas ou aportuguesadas, não houve modificação na pronúncia dessas palavras.

XVI – Acento grave

44) Emprega-se o acento grave nos casos de crase e aqueles indicados em **Emprego do à acentuado**.

1.º) Na contração da preposição *a* com as formas femininas do artigo *o* ou pronome demonstrativo *o*: *à* (de *a*+*a*), *às* (de *a*+*as*).

2.º) Na contração da preposição *a* com o *a* inicial dos demonstrativos *aquele*, *aquela*, *aqueles*, *aquelas*, e *aquilo* ou ainda da mesma preposição com compostos *aqueloutro* e suas flexões: *àquele*(*s*), *àquela*(*s*), *àquilo*, *àqueloutro*(*s*), *àqueloutras*(*s*).

3.º) Na contração da preposição *a* com os pronomes relativos *a qual*, *as quais*: *à qual*, *às*

quais.

XVII – Supressão dos acentos em palavras derivadas

45) Ocorre:

1.º) Nos advérbios em *-mente*, oriundos de adjetivos com acento agudo ou circunflexo: *avidamente* (de *ávido*), *debilmente* (de *débil*), *facilmente* (de *fácil*), *habilmente* (de *hábil*), *lucidamente* (de *lúcido*), *mamente* (de *má*), *somente* (de *só*); *candidamente* (de *cândido*), *cortesmente* (de *cortês*), *portuguesamente* (de *português*), *romanticamente* (de *romântico*).

2.º) Nas palavras que têm sufixos inciados por *z* e cujas formas de base apresentam vogal tônica com acento agudo ou circunflexo: *aneizinhos* (de *anéis*), *avozinha* (de *avó*), *bebezito* (de *bebê*), *cafezada* (de *café*), *chapeuzinho* (de *chapéu*), *mazinha* (de *má*), *orfãozinho* (de *órfão*); *avozinho* (de *avô*), *bençãozinha* (de *bênção*), *lampadazita* (de *lâmpada*), *pessegozito* (de *pêssego*).

XVIII – Divisão silábica

46) A divisão de qualquer vocábulo, assinalada pelo hífen, em regra se faz pela soletração, e não pelos seus elementos constitutivos segundo a etimologia.

47) Fundadas neste princípio geral, cumpre respeitar as seguintes normas:

1.º) A consoante inicial não seguida de vogal permanece na sílaba que a segue: *cni-do-se*, *dze-ta*, *gno-ma*, *mne-mô-ni-ca*, *pneu-má-ti-co*, etc.

2.º) No interior do vocábulo, sempre se conserva na sílaba que a precede a consoante não seguida de vogal: *ab-di-car*, *ac-ne*, *ét-ni-co*, *nup-ci-al*, *ob-fir-mar*, *op-ção*, *sig-ma-tis-mo*, *sub-por*, *sub-ju-gar*, etc.

3.º) Não se separam os elementos dos grupos consonânticos iniciais de sílabas nem os dos digramas *ch*, *lh*, *nh*: *a-blu-ção*, *a-bra-sar*, *a-che-gar*, *fi-lho*, *ma-nhã*, etc.

OBSERVAÇÃO: Nem sempre formam grupos articulados as consonâncias *bl* e *br*: nalguns casos o *l* e o *r* se pronunciam separadamente, e a isso se atenderá na partição do vocábulo; e as consoantes *dl*, a não ser no termo onomatopéico *dlim*, que exprime toque de campainha, proferem-se desligadamente, e na divisão silábica ficará o hífen entre essas duas letras. Ex.: *sub-lin-gual*, *sub-rogar*, *ad-le-ga-ção*, etc.

4.º) O *sc* no interior do vocábulo biparte-se, ficando o *s* numa sílaba, e o *c* na sílaba imediata: *a-do-les-cen-te*, *des-cer*, *pres-cin-dir*, *res-ci-são*, etc.

OBSERVAÇÃO: Forma sílaba com o prefixo antecedente o *s* que precede consoantes: *abs-tra-ir*, *ads-cre-ver*, *ins-cri-ção*, *ins-pe-tor*, *ins-tru-ir*, *in-ters-tí-cio*, *pers-pi-caz*, *subs-cre-ver*, *subs-ta-be-le-cer*, etc.

5.º) O *s* dos prefixos *bis*, *cis*, *des*, *dis*, *trans* e o *x* do prefixo *ex* não se separam quando a sílaba seguinte começa por consoante; mas, se principia por vogal, formam sílaba com esta e separam-se do elemento prefixal: *bis-ne-to*, *cis-pla-ti-no*, *des-li-gar*, *dis-tra-ção*, *trans-por-tar*, *ex-tra-ir*; *bi-sa-vô*, *ci-san-di-no*, *de-ses-pe-rar*, *di-sen-té-ri-co*, *tran-sa-tlân-ti-co*, *e-xér-ci-to*, etc.

6.º) As vogais idênticas e as letras *cc*, *cç*, *rr* e *ss* separam-se ficando uma na sílaba que as precede e outra na sílaba seguinte: *ca-a-tin-ga*, *co-or-de-nar*, *in-te-lec-ção*, *oc-ci-pi-tal*, *pror-ro-gar*, *res-sur-gir*, etc.

OBSERVAÇÃO: As vogais de hiatos, ainda que diferentes uma da outra, também se separam: *a-ta-ú-de*, *ca-í-eis*, *ca-ir*, *du-e-lo*, *fi-el*, *flu-iu*, *fru-ir*; *gra-ú-na*, *je-su-í-ta*, *le-al*, *mi-ú-do*, *po-ei-ra*, *ra-i-nha*, *sa-ú-de*, *vi-ví-eis*, *vo-ar*, etc.

7.º) Não se separam as vogais dos ditongos – crescentes e decrescentes – nem as dos tritongos: *ai-ro-so*, *a-ni-mais*, *au-ro-ra*, *a-ve-ri-gueis*, *ca-iu*, *cru-éis*, *en-jei-tar*, *fo-ga-réu*, *fu-giu*, *gló-ria*, *guai-ar*, *i-guais*, *ja-mais*, *joi-as*, *ó-dio*, *quais*, *sá-bio*, *sa-guão*, *sa-guões*, *su-bor-nou*, *ta-fuis*, *vá-rio*, etc.

OBSERVAÇÃO: Não se separa do *u* precedido de *g* ou *q* a vogal que o segue, acompanhada, ou não, de consoante: *am-bí-guo*, *e-qui-va-ler*, *guer-ra*, *u-bí-quo*, etc.

8.º) Na translineação (ou seja, na passagem para a linha seguinte quando se está escrevendo um texto) de uma palavra composta ou de uma combinação de palavras em que há um hífen, ou mais, se a partição coincide com o final de um dos elementos ou membros, por clareza gráfica, se deve repetir o hífen no início da linha seguinte: vice-almirante.

XIX – Emprego das iniciais maiúsculas

48) Emprega-se letra inicial maiúscula:

1.º) No começo do período, verso ou citação direta. Disse o Padre Antônio Vieira: "Estar com Cristo em qualquer lugar, ainda que seja no Inferno, é estar no Paraíso".

> "Auriverde pendão de minha terra
> que a brisa do Brasil beija e balança,
> Estandarte que à luz do sol encerra
> As promessas divinas da Esperança..." (Castro Alves)

OBSERVAÇÃO: Alguns poetas usam, à espanhola, a minúscula no princípio de cada verso, quando a pontuação o permite, como se vê em Castilho:

> "Aqui, sim, no meu cantinho,
> vendo rir-me o candeeiro,
> gozo o bem de estar sozinho
> e esquecer o mundo inteiro".

2.º) Nos substantivos próprios de qualquer espécie – antropônimos, topôninos, patronímicos, cognomes, alcunhas, tribos e castas, designações de comunidades religiosas e políticas, nomes sagrados e relativos a religiões, entidades mitológicas e astronômicas, etc.: *José*, *Maria*, *Macedo*, *Freitas*, *Brasil*, *Antoninos*, *Afonsinhos*, *Conquistador*, *Magnânimo*, *Coração de Leão*, *Sem Pavor*, *Deus*, *Jeová*, *Alá*, *Assunção*, *Ressureição*, *Júpiter*, *Baco*, *Cérbero*, *Via Láctea*, *Canopo*, *Vênus*, etc.

OBSERVAÇÕES:

a) As formas onomásticas que entram na formação de palavras do vocabulário comum escrevem-se com inicial minúscula quando se afastam de seu significado primitivo, excetuando-se os casos em que esse afastamento não ocorre: *água-de-colônia*, *joão-de-barro*, *erva-de-santa-maria*, *folha de flandres*; mas: *além-Brasil*, *aquém-Atlântico*, *doença de Chagas*, *mal de Alzheimer*, *sistema Didot*, *anel de Saturno*.

b) Os nomes de povos escrevem-se com inicial minúscula, não só quando designam habitantes ou naturais de um estado, província, cidade, vila ou distrito, ainda quando representam coletivamente uma nação: *amazonenses*, *baianos*, *estremenhos*, *fluminenses*, *paulistas*, *romenos*, *russos*, *suíços*, *uruguaios*, etc.

3.º) Nos nomes próprios de eras históricas e épocas notáveis: *Héjira*, *Idade Média*, *Quinhentos* (o século XVI), *Seiscentos* (o século XVII), etc.

OBSERVAÇÃO: Os nomes dos meses devem escrever-se com inicial minúscula: *janeiro*, *fevereiro*, *março*, *abril*, *maio*, *junho*, *julho*, *agosto*, *setembro*, *outubro*, *novembro*, *dezembro*.

4.º) Nos nomes de vias e lugares públicos: *Avenida de Rio Branco*, *Beco do Carmo*, *Largo da*

Carioca, *Praia do Flamengo*, *Praça da Bandeira*, *Travessa do Comércio*, *Túnel Noel Rosa*, etc.

5.º) Nos nomes que designam altos conceitos religiosos, políticos ou nacionalistas: *Igreja* (Católica, Apostólica, Romana), *Nação*, *Estado*, *Pátria*, *Raça*, etc.

OBSERVAÇÃO: Esses nomes se escrevem com inicial minúscula quando são empregados em sentido geral ou indeterminado.

6.º) Nos nomes que designam artes, ciências, ou disciplinas, bem como nos que sintetizam, em sentido elevado, as manifestações do engenho e do saber: *Agricultura*, *Arquitetura*, *Filologia Portuguesa*, *Direito*, *Medicina*, *Matemática*, *Pintura*, *Arte*, *Ciência*, *Cultura*, etc.

OBSERVAÇÃO: Os nomes *idioma*, *idioma pátrio*, *língua*, *língua portuguesa*, *vernáculo* e outros análogos escrevem-se com inicial maiúscula quando empregados com especial relevo.

7.º) Nos nomes que designam altos cargos, dignidades ou postos: *Papa*, *Cardeal*, *Arcebispo*, *Bispo*, *Patriarca*, *Vigário*, *Vigário-Geral*, *Presidente da República*, *Ministro da Educação*, *Governador do Estado*, *Embaixador*, *Almirantado*, *Secretário de Estado*, etc.

8.º) Nos nomes de repartições, corporações ou agremiações, edifícios e estabelecimentos públicos ou particulares: *Diretoria Geral do Ensino*, *Ministério das Relações Exteriores*, *Academia Paranaense de Letras*, *Círculo de Estudos "Bandeirantes"*, *Presidência da República*, *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*, *Tesouro do Estado*, *Departamento Administrativo do Serviço Público*, *Banco do Brasil*, *Imprensa Nacional*, *Teatro de São José*, *Tipografia Rolandiana*, *Museu de Arte Moderna*, etc.

9.º) Nos títulos de livros, jornais, revistas, produções artísticas, literárias e científicas: *Imitação de Cristo*, *Horas Marianas*, *Correio da Manhã*, *Revista Filológica*, *Transfiguração* (de Rafael), *Norma* (de Bellini), *O Guarani* (de Carlos Gomes), *O Espírito das Leis* (de Montesquieu), etc.

OBSERVAÇÕES: a) Não se escrevem com maiúscula inicial as partículas monossilábicas que se acham no interior de vocábulos compostos ou de locuções ou expressões que têm iniciais maiúsculas: *Queda do Império*, *O Crepúsculo dos Deuses*, *História sem Data*, *A Mão e a Luva*, *Festas e Tradições Populares do Brasil*, etc.

b) Nos bibliônimos, após o primeiro elemento, que é com maiúscula, os demais vocábulos podem ser escritos com minúscula, salvo nos nomes próprios nele contidos, tudo em grifo.

10.º) Nos nomes de fatos históricos e importantes, de atos solenes e de grandes empreendimentos públicos: *Centenário da Independência do Brasil*, *Descobrimento da América*, *Reforma Ortográfica*, *Acordo Luso-Brasileiro*, *Exposição Nacional*, *Festas das Mães*, *Dia do Município*, *Glorificação da Língua Portuguesa*, etc.

OBSERVAÇÃO: Os nomes de festas pagãs ou populares escrevem-se com inicial minúscula: *carnaval*, *entrudo*, *saturnais*, etc.

11.º) Nos nomes de escolas de qualquer espécie ou grau de ensino: *Faculdade de Filosofia*, *Escola Superior de Comércio*, *Colégio de Pedro II*, *Instituto de Educação*, etc.

12.º) Nos nomes comuns, quando personificados ou individuados, e de seres morais ou fictícios: *A Capital da República*, *a Transbrasiliana*, *moro na Capital*, *o Natal de Jesus*, *o Poeta* (Camões), *a ciência da Antiguidade*, os *habitantes da Península*, *a Bondade*, *o Amor*, *a Ira*, *o Lobo*, *o Cordeiro*, *a Cigarra*, *a Formiga*, etc.

OBSERVAÇÃO: Incluem-se nesta norma os nomes que designam atos das autoridades da República, quando empregados em correspondência ou documentos oficiais: *A Lei de 13 de maio*, *o Decreto-Lei n.º 292*, *o Decreto-Lei n.º 20.108*, *a Portaria de 15 de junho*, *o Regulamento n.º 737*, *o Acórdão de 3 de agosto*, etc.

13.º) Nos nomes dos pontos cardeais, quando designam regiões: *Os povos do Oriente*; *o falar*

do Norte é diferente do falar do Sul; *a guerra do Ocidente*, etc.

OBSERVAÇÃO: Os nomes dos pontos cardeais escrevem-se com iniciais minúsculas quando designam direções ou limites geográficos: *Percorri o país de norte a sul e de leste a oeste*.

14.º) Nos nomes, adjetivos, pronomes e expressões de tratamento ou reverência: *D*. (Dom ou Dona), *Sr*. (Senhor), *Sr.ª* (Senhora), *DD*. ou *Dig.mo* (Digníssimo), *MM*. ou *M.mo* (Meritíssimo), *Rev.mo* (Reverendíssimo), *V.Rev.ª* (Vossa Reverência), *S.E*. (Sua Eminência), *V.M*. (Vossa Majestade), *V.A*. (Vossa Alteza), *V.S.ª* (Vossa Senhoria), *V.Ex.ª* (Vossa Excelência), *V.Ex.ª Rev.ma* (Vossa Excelência Reverendíssima), *V.Ex.as* (Vossa Excelências), etc.

OBSERVAÇÃO: As formas que se acham ligadas a essas expressões de tratamento devem ser também escritas com iniciais maiúsculas: *D. Abade*, *Ex.ma Sr.ª Diretora*, *Sr. Almirante*, *Sr. Capitão-de-Mar-e-Guerra*, *MM. Juiz de Direito*, *Ex.mo e Rev.mo Sr. Arcebispo Primaz*, *Magnífico Reitor*, *Excelentíssimo Senhor Presidente da República*, *Eminentíssimo Senhor Cardeal*, *Sua Alteza Real*, etc.

15.º) Nas palavras que, no estilo epistolar, se dirigem a um amigo, a um colega, a uma pessoa respeitável, as quais, por deferência, consideração ou respeito, se queira realçar por esta maneira: *meu bom Amigo*, *caro Colega*, *meu prezado Mestre*, *estimado Professor*, *meu querido Pai*, *minha amorável Mãe*, *meu bom Padre*, *minha distinta Diretora*, *caro Dr.*, *prezado Capitão*, etc.

OBSERVAÇÃO: Para os itens 4.º, 6.º, 7.º e 14.º usa-se opcionalmente inicial minúscula (exceto para as formas abreviadas do item 14.º).

XX – Sinais de pontuação

Ver *Pontuação*.

Regras de acentuação

A – Monossílabos

Levam acento agudo ou circunflexo os monossílabos terminados em:

a) – a, – as: *já, lá, vás*;
b) – e, – es: *fé, lê, pés*;
c) – o, – os: *pó, dó, pós, sós*.

B – Vocábulos de mais de uma sílaba

1) OXÍTONOS (ou agudos)

Levam acento agudo ou circunflexo os oxítonos terminados em:

a) – a, – as: *cajás, vatapá, ananás, carajás*;
b) – e, – es: *você, café, pontapés;*
c) – o, – os: *cipó, jiló, avô, carijós*;
d) – em, – ens: *também, ninguém, vinténs, armazéns*.

Daí sem acento: *aqui, caqui, poti, caju, urubus*.

2) PAROXÍTONOS (ou graves)

Levam acento agudo ou circunflexo os paroxítonos terminados em:

a) – i, – is: *júri, cáqui, beribéri, lápis, tênis*;

b) – us: *vênus, vírus, bônus*.

OBSERVAÇÃO: Há poucos paroxítonos terminados em –*u*: um deles existente até há pouco era *tribu* que hoje se escreve com *o*: *tribo*, *tribos*.

c) – r: *caráter*, *revólver*, *éter*;

d) – l: *útil*, *amável*, *nível*, *têxtil* (não *téxtil*);

e) – x: *tórax*, *fênix*, *ônix*;

f) – n: *éden*, *hífen* (mas: *edens*, *hifens*, sem acento);

g) – um, – uns: *álbum*, *álbuns*, *médium*;

h) – ão, ãos: *órgão*, *órfão*, *órgãos*, *órfãos*;

i) – ã, – ãs: *órfã*, *ímã*, *órfãs*, *ímãs*;

j) – ps: *bíceps*, *fórceps*;

k) – on(s): *rádon, rádons*.

OBSERVAÇÃO: Devem ser acentuados os nomes técnicos terminados em -*om*: *iândom*, *rádom* (variante de *rádon*).

3) PROPAROXÍTONOS (ou esdrúxulos)

Levam acento agudo ou circunflexo todos os proparoxítonos: *cálido*, *tépido*, *cátedra*, *sólido*, *límpido*, *cômodo*.

4) CASOS ESPECIAIS

a) São sempre acentuadas as palavras oxítonas com os ditongos abertos grafados -*éis*, -*éu*(*s*) ou -*ói*(*s*) : *anéis, batéis, fiéis, papéis*; *céu(s)*, *chapéu(s)*, *ilhéu(s)*, *véu(s)*; *corrói(s)* (flexão de *corroer*), *herói(s)*, *remói(s)* (flexão de *remoer*), *sói(s)* (flexão de *soer*), *sóis* (pl. de *sol*).

b) Não são acentuadas as palavras paroxítonas com os ditongos abertos -*ei* e -*oi*, uma vez que existe oscilação em muitos casos entre a pronúncia aberta e fechada: *assembleia*, *boleia*, *ideia*, tal como *aldeia*, *baleia*, *cadeia*, *cheia*, *meia*; *coreico*, *epopeico*, *onomatopeico*, *proteico*; *alcaloide*, *apoio* (do verbo *apoiar*), tal como *apoio* (substantivo), *Azoia*, *boia*, *boina*, *comboio* (substantivo), tal como *comboio*, *comboias*, etc. (do verbo *comboiar*), *dezoito*, *estroina*, *heroico*, *introito*, *jiboia*, *moina*, *paranoico*, *zoina*.

OBSERVAÇÃO: Receberá acento gráfico a palavra que, mesmo incluída neste caso, se enquadrar em regra geral de acentuação, como ocorre com *blêizer, contêiner, destróier, gêiser, Méier*, etc., porque são paroxítonas terminadas em -*r*.

c) Não se acentuam os encontros vocálicos fechados: *pessoa*, *patroa*, *coroa*, *boa*, *canoa*; *teu*, *judeu*, *camafeu*; *voo*, *enjoo*, *perdoo*, *coroo*.

OBSERVAÇÃO: Será acentuada a palavra que, mesmo incluída neste caso, se enquadrar em regra geral de acentuação gráfica, como ocorre com *herôon* (Br.)/ *heróon* (Port.), paroxítona terminada em -*n*.

d) Não levam acento gráfico as palavras paroxítonas que, tendo respectivamente vogal tônica aberta ou fechada, são homógrafas de artigos, contrações, preposições e conjunções átonas. Assim, não se distinguem pelo acento gráfico: *para* (á) [flexão de *parar*], e *para* [preposição]; *pela(s)* (é) [substantivo e flexão de *pelar*] e *pela(s)* [combinação de *per* e *la(s)*]; *pelo* (é) [flexão de *pelar*] e *pelo(s)* (ê) [substantivo e combinação de *per* e *lo(s)*]; *pera* (ê) [substantivo] e *pera* (é) [preposição antiga]; *polo(s)* (ó) [substantivo] e *polo(s)* [combinação antiga e popular de *por* e *lo(s)*]; etc.

OBSERVAÇÃO: Seguindo esta regra, também perde o acento gráfico a forma *para* (do verbo *parar*) quando entra num composto separado por hífen: *para-balas, para-brisa(s)*, *para-choque(s)*, *para-lama(s)*, etc.

e) Levam acento agudo o *i* e *u*, quando representam a segunda vogal tônica de um hiato, desde que não formem sílaba com *r*, *l*, *m*, *n*, *z* ou não estejam seguidos de *nh*: *saúde*, *viúva*, *saída*, *caído*, *faísca*, *aí*, *Grajaú*; *raiz* (mas *raízes*), *paul*, *ruim*, *ruins*, *rainha*, *moinho*.

f) Não leva acento a vogal tônica dos ditongos *iu* e *ui*: *caiu*, *retribuiu*, *tafuis*, *pauis*.

g) Não serão acentuadas as vogais tônicas ***i*** e ***u*** das palavras **paroxítonas**, quando estas vogais estiverem precedidas de ditongo decrescente: *baiuca, bocaiuva, boiuno, cauila* (var. *cauira*), *cheiinho* (de *cheio*), *feiinho* (de *feio*), *feiura, feiudo, maoismo, maoista, saiinha* (de *saia*), *taoismo, tauismo*.

OBSERVAÇÕES:

1.º) Na palavra ***eoípo*** (= denominação dos primeiros ancestrais dos cavalos), a pronúncia normal assinala hiato (e-o), razão por que tem acento gráfico.

2.º) A palavra paroxítona *guaíba* não perde o acento agudo porque a vogal tônica *i* está precedida de ditongo crescente.

h) Serão acentuadas as vogais tônicas ***i*** e ***u*** das palavras **oxítonas**, quando mesmo precedidas de ditongo decrescente estão em posição final, sozinhas na sílaba, ou seguidas de *s*: *Piauí, teiú, teiús, tuiuiú, tuiuiús*.

OBSERVAÇÃO: Se, neste caso, a consoante final for diferente de *s*, tais vogais **não serão acentuadas**: *cauim, cauins*.

i) A 3.ª pessoa de alguns verbos se grafa da seguinte maneira:

1) quando termina em – *em* (monossílabos):

3.ª pess. sing.	3.ª pess. pl.
– em	– êm
ele tem	*eles têm*
ele vem	*eles vêm*

2) quando termina em – *ém*:

3.ª pess. sing.	3.ª pess. pl.
– ém	– êm
ele contém	*eles contêm*
ele convém	*eles convêm*

3) quando termina em – *ê* (*crê*, *dê*, *lê*, *vê* e derivados):

3.ª pess. sing.	3.ª pess. pl.
– ê	– eem
ele crê	*eles creem*
ele revê	*eles reveem*

j) Levam acento agudo ou circunflexo os vocábulos terminados por ditongo oral átono, quer decrescente ou crescente: *ágeis*, *devêreis*, *jóquei*, *túneis*, *área*, *espontâneo*, *ignorância*, *imundície*, *lírio*, *mágoa*, *régua*, *tênue*.

k) Leva acento agudo ou circunflexo a forma verbal terminada em *a*, *e*, *o* tônicos, seguida de *lo*, *la*, *los*, *las*: *fá-lo*, *fá-los*, *movê-lo-ia*, *sabê-lo-emos*, *trá-lo-ás*.

OBSERVAÇÃO: Pelo último exemplo, vemos que se o verbo estiver no futuro poderá haver dois acentos: *amá-lo-íeis*, *pô-lo-ás*, *fá-lo-íamos*.

l) Também leva acento agudo a vogal tônica *i* das formas verbais **oxítonas** terminadas em *-air* e *-uir*, quando seguidas de *-lo(s), -la(s)*, caso em que perdem o *r* final, como em: *atraí-lo(s)* [de *atrair-lo(s)*] ; *atraí-lo(s)-ia* [de *atrair-lo(s)-ia*] ; *possuí-la(s)* [de *possuir-la(s)*]; *possuí-la(s)-ia* [de *possuir-la(s)-ia*].

m) Não levam acento os prefixos paroxítonos terminados em *-r* e *-i*: *inter-helênico*, *super-homem*, *semi-histórico*.

n) Não leva trema o *u* dos grupos *gue*, *gui*, *que*, *qui*, mesmo quando for pronunciado e átono: *aguentar*, *arguição*, *eloquência*, *frequência*, *tranquilo*.

OBSERVAÇÕES:

1.º) Os verbos *ARGUIR* e *REDARGUIR* não levam acento agudo na vogal tônica *u* nas formas rizotônicas (aquelas cuja sílaba tônica está no radical): *arguo*, *arguis*, *argui*, *arguem*; *argua, arguas,* etc.

2.º) Os verbos do tipo de *AGUAR, APANIGUAR, APAZIGUAR, APROPINQUAR, AVERIGUAR, DESAGUAR, ENXAGUAR, OBLIQUAR, DELINQUIR* e afins podem ser conjugados de duas formas: ou têm as formas rizotônicas (cuja sílaba tônica recai no radical) com o *u* do radical tônico, mas sem acento agudo; ou têm as formas rizotônicas com *a* ou *i* do radical com acento agudo: averiguo (ou averíguo), averiguas (ou averíguas), averigua (ou averígua), etc.; averigue (ou averígue), averigues (ou averígues), etc.; delinquo (ou delínquo), delinques (ou delínques), etc.; delinqua (ou delínqua), delinquas (ou delínquas), etc.

3.º) O verbo *delinquir*, tradicionalmente dado como defectivo (ou seja, verbo que não é conjugado em todas as pessoas), é tratado como verbo que tem todas as suas formas. O Acordo também aceita duas possibilidades de pronúncia, quando a tradição padrão brasileira na gramática para este verbo só aceitava sua conjugação nas formas arrizotônicas.

4.º) Em conexão com os casos citados acima, é importante mencionar que os verbos em *-ingir* (*atingir*, *cingir*, *constringir*, *infringir*, *tingir*, etc.) e os verbos em *-inguir* sem a pronúncia do *u* (*distinguir*, *extinguir*, etc.) têm grafias absolutamente regulares (*atinjo*, *atinja*, *atinge*, *atingimos*, etc.; *distingo*, *distinga*, *distingue*, *distinguimos*, etc.)

o) Leva acento circunflexo diferencial a sílaba tônica da 3.ª pess. sing. do pret. perf. *pôde*, para distinguir-se de *pode*, forma da mesma pess. do pres. do ind.

p) Não se usa acento gráfico para distinguir as palavras oxítonas homógrafas (que possuem a mesma grafia), mas heterofônicas (pronunciadas de formas diferentes), do tipo de *cor* (ô) (substantivo) e *cor* (ó) (elemento da locução *de cor*) ; *colher* (ê) (verbo) e *colher* (é) (substantivo).

OBSERVAÇÃO: A forma verbal *pôr* continuará a ser grafada com acento circunflexo para se distinguir da preposição átona *por*.

q) Não é acentuada nem recebe apóstrofo a forma monossilábica *pra*, redução de *para*. Ou seja, são **incorretas** as grafias *prá* e *p'ra*.

r) Pode ser ou não acentuada a palavra *fôrma* (substantivo), distinta de *forma* (substantivo; 3.ª pess. do sing. do pres. do ind. ou 2.ª pess. do sing. do imper. do verbo *formar*). A grafia *fôrma (com acento gráfico) deve ser usada apenas nos casos em que houver ambiguidade, como nos versos do poema "Os sapos", de Manuel Bandeira: "Reduzi sem danos/ A fôrmas a forma."*

2 Extraído de *Elementos de Língua Pátria* de J. Mattoso Câmara Jr. [MC.5].

3 Extraído de *Elementos de Língua Pátria* de J. Mattoso Câmara Jr. [MC.5].

4 Daí ser possível uma mudança ortográfica do tipo *quasi* → *quase*, *tribu* → *tribo*. Mudou-se a letra, mas não o fonema.

5 Na realidade, as *reduzidas* não estão cientificamente formuladas pela NGB, e o melhor seria bani-las. Em muitos casos das chamadas reduzidas o que temos, na realidade, é mudança ou troca de fonema.

6 J. Mattoso Câmara Jr. [MC.5, II, 121].

7 Em lugar de *i* ou *u*, em certos casos, se pode grafar a semivogal *e* ou *o*, respectivamente, em observância às convenções do nosso sistema ortográfico vigente, segundo as quais a semivogal dos ditongos orais é representada pelo grafema *i* e a dos ditongos nasais pelo grafema *e*: *pai* / *mãe*, *distrai* / *distraem.*

8 Niedermann, *Phonétique Latine*, 37.

9 *Normas para a Língua Falada no Teatro*, 485-63.

10 *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, 16.

11 Destas últimas não cogita a NGB.

12 Na língua portuguesa moderna predomina a sequência progressiva, que consiste em apresentar, de preferência, a declaração no fim (o predicado), o determinado antes do determinante, o que se torna cômodo aos interesses de compreensão do interlocutor.

13 Por isso, nos compostos, para determinação da posição do acento tônico, leva-se em consideração a última palavra. Destarte, é oxítono *couve-flor* e paroxítono *arco-íris*.

14 Exemplos extraídos de [SS.2, 97-98].

15 Epifania - festa dos reis magos

II – Gramática descritiva e normativa

As Unidades no Enunciado

A) Formas e funções

Introdução

Classes de Palavras e Categorias Gramaticais

Os diversos significados – Quase sempre a gramática engloba numa mesma relação palavras que pertencem a grupos bem diferentes: *substantivo*, *adjetivo*, *artigo*, *numeral*, *pronome*, *verbo*, *advérbio*, *preposição*, *conjunção* e *interjeição*. Um exame atento facilmente nos mostrará que a relação junta palavras de natureza e funcionalidade bem diferentes com base em critérios categoriais, morfológicos e sintáticos misturados. E o elemento que as diferencia são os diversos significados que lhes são próprios. Para tanto, devemos distinguir os seguintes significados:16

a) SIGNIFICADO LEXICAL, que já conhecemos antes, é o significado que corresponde ao *quê* da apreensão do mundo extralinguístico, isto é, é o que corresponde à organização do mundo extralinguístico mediante as línguas. Como diz bem Coseriu, a linguagem *classifica* a realidade segundo interesses e atitudes humanas; por isso suas distinções *podem* coincidir com realidades e delimitações objetivas, mas isso não é necessário. A língua é um saber acerca de modelos e esquemas linguísticos, e não sobre os objetos, a respeito dos quais informam nossa experiência (o nosso saber do mundo) e as ciências não linguísticas; assim, que um vulcão se chame *Popocatepetl*, e só haja um com este nome, é um fato da geografia, e não um *fato de língua*.17 É o significado que é comum a cada uma das séries de palavras: *amor – amante – amar – amavelmente*; *verdor – verde – enverdar*, etc.

b) SIGNIFICADO CATEGORIAL é o que corresponde ao *como* da apreensão do mundo extralinguístico, a forma da intuição da realidade ou, ainda, o modo de ser das palavras no discurso, e não classes léxicas fixas: *amor* (quando empregado como substantivo), *amante* (quando empregado como adjetivo), *amar* (quando empregado como verbo), *amavelmente* (quando advérbio). Não cabe à gramática descritiva, mas sim à gramática geral, definir a categoria linguística "substantivo"; à gramática descritiva cabe tão somente comprovar se a língua objeto da descrição tem ou não substantivos, e, em caso afirmativo, quais são os meios materiais, isto é, os esquemas formais para expressar a categoria "substantivo". Assim, a

categoria "substantivo" expressa substantivos por meio de nomes como *homem, livro, saudade*, por meio de pronomes como *isto*, *isso*, *aquilo*, por sintagmas como *Rio Grande do Norte* ou orações (as chamadas subordinadas substantivas). As palavras lexemáticas e categoremáticas só estão categorialmente determinadas como substantivo, adjetivo, verbo e advérbio quando integradas na oração, atualizadas no discurso. No momento em que a gramática geral define o que é "adjetivo", essa definição, se correta, deverá servir a todas as línguas que tenham adjetivos. É equivocado o querer definir "o adjetivo em português". À gramática descritiva cabe descrevê-lo *numa* língua.

Constituem o substantivo, o adjetivo, o verbo e o advérbio as quatro únicas reais "categorias gramaticais" da língua, confusamente misturadas na gramática tradicional, e que aqui chamaremos "categorias verbais", porque são as únicas dotadas do significado categorial. Admitem, como já ensina a gramática tradicional, subdivisões, que serão estudadas no lugar próprio (substantivos próprios e comuns, etc.). Cabe lembrar que o significado categorial não caracteriza apenas os lexemas, mas ainda sintagmas e orações inteiras. Também o significado categorial está sempre implicado com certas funções específicas na estruturação gramatical; por isso, só o "substantivo" (representado por nome, pronome, sintagma nominal, oração nominalizada) pode ser o sujeito da oração, assim como o verbo exerce a função de predicado.18 Os significados categoriais são modos do conteúdo significativo. Todavia isto não serve de definição de substantivo; uma palavra não é substantivo porque funciona como sujeito, mas, ao contrário, pode ser sujeito porque é substantivo ou pode aparecer como tal.

c) SIGNIFICADO INSTRUMENTAL é o significado dos morfemas, isto é, dos elementos pertencentes ao universo da gramática, e podem apresentar-se como palavras morfemáticas (como os *artigos* e as *preposições*, por exemplo, ou como elementos de palavras: o *-s* de *livro-s* ou de *trabalha-s*, etc.); são os chamados englobadamente *instrumentos gramaticais*. O artigo *o* em *o livro* tem o significado "atualizador" e o *-s* em *livro-s* tem o significado "pluralizador". Incluem-se como dotados desse significado instrumental, isto é, como "morfemas", nas combinações gramaticais, os prefixos, os sufixos, as desinências, o acento, o ritmo, a entoação, a ordem das palavras, etc. Os significados instrumentais são modos da expressão material.

d) SIGNIFICADO ESTRUTURAL OU SINTÁTICO (este aqui tomado em sentido restrito) é o significado que resulta das combinações de unidades lexemáticas ou categoremáticas com unidades morfemáticas e morfemas, dentro da oração. São significados estruturais "singular", "plural", "atual", "virtual", "ativo", "passivo", "presente", "passado", "futuro", "indicativo", etc. Assim o *-s* de *livro-s* tem o significado instrumental" pluralizador" (e não "plural") ao lado do pluralizado *livro*; da combinação resulta o significado estrutural ou sintático "plural".

e) SIGNIFICADO ÔNTICO, que só se dá no plano da oração, é o que corresponde ao valor existencial que se comunica ao estado de coisas designado na oração: "afirmativo", "negativo", "interrogativo", "imperativo", etc.

Classe de palavra e classe verbal – Tem-se feito confusão entre *classe de palavra e categoria* ou classe *verbal*, confusão que pode ser desfeita com exemplos simples.[19] Assinalando com F a forma física, com L o significado léxico e com C o significado categorial, as palavras abstratas podem ser constituídas: a) como puras "formas" (F), por exemplo "amo" em português, e somente levando em conta sua forma, pode-se classificar apenas pelo seu lado material: é uma palavra dissílaba; é uma palavra paroxítona; é uma palavra com três fonemas, etc.; b) como "formas léxicas" ou "lexemas" (FL), por exemplo o português *verde*, independentemente dos diferentes significados categoriais, isto é, como adjetivo ou como substantivo; c) como "formas categoriais" ou "categoremas" (FC), por exemplo, *quadro, papel*, como substantivos, independentemente dos diferentes significados léxicos ("*quadro* de um pintor", "*quadro* de futebol", "folha de *papel*", "*papel* de um ator") e d) como palavras com significado léxico e categorial (FCL), por exemplo, em português *amo* 'senhor', substantivo, e *amo* 'quero bem', verbo. Somente as palavras abstratas dotadas com FC ou com FCL podem ser classificadas categorialmente graças ao elemento C; isto significa que uma mesma palavra FL poderá figurar em classes distintas se apresenta diferentes significados C, como foi o caso de *verde* (adjetivo: "folha *verde*", e substantivo: "o *verde* da folha") e *amo* (substantivo e verbo). Em suma: não podemos querer que a palavra *verde*, substantivo, pertença à classe da palavra *verde*, adjetivo, apenas porque tem o mesmo significado lexical, isto é, apelando para um traço que nada tem que ver com o critério com que está constituída a classe verbal.

Se tomarmos por critério FL, "verde" será uma só e mesma palavra, assim como "amo"; se as estabelecermos como FCL, "verde", adjetivo, e "verde", substantivo, serão duas palavras diferentes, assim como "amo" 'senhor' e "amo" 'quero bem', o que também valerá para o inglês (*the*) *fire* e (*to*) *fire*, isto é, substantivo e verbo.

Ao nos referirmos ao significado estrutural, aludimos, junto com as unidades lexemáticas (lexemas), às unidades categoremáticas, os pronomes, que são "formas sem substância", isto porque apresentam apenas, ou em primeiro lugar, um significado categorial, sem representar nenhuma matéria extralinguística. Por isso, os pronomes são substantivos, adjetivos, advérbios e – em algumas línguas que não o português – até verbos. Diferem dos lexemas porque não possuem significado lexical, ou, se o apresentam, têm um significado lexical genérico ("pessoa", "coisa", "lugar", "tempo", "modalidade", etc.), dado pela situação ou por outras palavras do contexto.[20]

Nas mesmas condições do pronome, pode-se incluir na classe das palavras categoremáticas o *numeral*.[21]

Por tudo o que vimos até aqui, os significados léxico, categorial e instrumental nos permitem dividir as palavras em lexemáticas (substantivo, adjetivo, verbo e advérbio), categoremáticas (pronome e numeral) e morfemáticas (artigo, preposição e conjunção).

Isto não impede que uma palavra categoremática possa também aparecer com significado instrumental, como é o caso de *meu lápis*, em que *meu* tem o significado categorial "adjetivo" e o significado instrumental em relação ao substantivo *lápis*, determinado como singular e do

gênero masculino. Vimos que as palavras lexemáticas, além do significado lexical, têm em português significado categorial, e podem funcionar também como instrumentos.

Da lista tradicional das classes de palavras só nos falta falar da *interjeição*, que, a rigor, nem é pura *palavra*, mas uma *palavra-oração*, que só por si pode valer por um conteúdo de pensamento da linguagem emocional.

Distinguidas assim as classes de palavras, podemos agora caracterizar uma a uma.

1 – Substantivo

Substantivo – é a classe de lexema que se caracteriza por significar o que convencionalmente chamamos *objetos substantivos*, isto é, em primeiro lugar, substâncias (*homem, casa, livro*) e, em segundo lugar, quaisquer outros objetos mentalmente apreendidos como substâncias, quais sejam qualidades (*bondade, brancura*), estados (*saúde, doença*), processos (*chegada, entrega, aceitação*).

Concretos e abstratos – Os substantivos se dividem em *concretos* e *abstratos*. Os concretos são *próprios* e *comuns*.

Substantivo concreto é o que designa ser de existência independente: *casa, mar, sol, automóvel, filho, mãe*.

Substantivo abstrato é o que designa ser de existência dependente: *prazer, beijo, trabalho, saída, beleza, cansaço.*

Os substantivos concretos nomeiam pessoas, lugares, animais, vegetais, minerais e coisas.

Os substantivos abstratos designam ações (*beijo, trabalho, saída, cansaço*), estado e qualidade (*prazer, beleza*), considerados fora dos seres, como se tivessem existência individual.

Próprios e comuns – Dividem-se os substantivos em *próprios* e *comuns*, divisão que pertence a planos diferentes.

Substantivo próprio é o que se aplica a um objeto ou a um conjunto de objetos, mas sempre individualmente. Isto significa que o substantivo próprio se aplica a esse objeto ou a esse conjunto de objetos, considerando-os como indivíduos. Assim, um nome como *João, Isabel* ou *Açores* só acidentalmente se aplicará a várias pessoas ou ilhas não porque estas apresentam características comuns que as identifiquem como membro de uma classe ou conjunto específico. Por isso cada *João*, cada *Isabel* e cada *Açores* é uma pessoa ou ilha considerada como indivíduo inconfundível para as demais pessoas. São materialmente idênticos, mas se aplicam a indivíduos diferentes. Se por *palavra* se entende significante (expressão) + significado (conteúdo), dois ou mais nomes *João* ou *Isabel* não representam a rigor uma só palavra.

Os substantivos próprios mais importantes são os *antropônimos* e os *topônimos*. Os primeiros se aplicam às pessoas que, em geral, têm *prenome* (nome próprio individual) e *sobrenome* ou *apelido* ("que situa melhor o indivíduo em função da sua proveniência geográfica [Frei Henrique de Coimbra], da sua profissão [*Caeiro*], da sua filiação (patronímico) [*Soares*, filho de Soeiro], de uma qualidade física ou moral [*Diogo Cão*], de uma circunstância de nascimento [*Neto*]").22

Os topônimos se aplicam a lugares e acidentes geográficos.

SUBSTANTIVO COMUM é o que se aplica a um ou mais objetos particulares que reúnem características inerentes a dada classe: *homem, mesa, livro, cachorro, lua, sol, fevereiro, segunda-feira, papa.*

Os cinco últimos exemplos patenteiam que há substantivos comuns que são nomes individualizados, não como os nomes próprios, mas pelo contexto extralinguístico e pelo nosso saber que nos diz que, no contexto "natural" nosso só há uma lua, um sol, um mês fevereiro, e um só dia da semana segunda-feira, e, no contexto "cultural", só há um papa. Se forem escritos com maiúscula, deve-se o fato à pura convenção ortográfica, e não porque são nomes próprios.

Nomes empregados no plural com referência a uma pluralidade de objetos que individualmente têm o mesmo nome (os *Antônios,* as *Marias*, as *Romas*), ou se aplicam ao conjunto de membros de uma mesma família ou nacionalidade (os *Azevedos,* os *Maias*) ou que significam "entes como..." (os *Tiradentes,* os *Ruis*, os *Pelés*, os *Eldorados*), ou, ainda, os objetos designados pelos nomes dos autores, fabricantes, produtores (os *Rembrandts*, os *Machados de Assis* e os *Fords*), são, na realidade, nomes da "classe" e, portanto, substantivos comuns.

Passagem de nomes próprios a comuns – Não nos prendemos apenas à pessoa ou coisa nomeada; observamos-lhes qualidades e defeitos que se podem transferir a um grupo mais numeroso de seres. Os personagens históricos, artísticos e literários pagam o tributo de sua fama com o desgaste do valor individualizante do seu nome próprio que, por isso, passa a comum. Por esta maneira é que aprendemos a ver no *Judas* não só o nome de um dos doze apóstolos, aquele que traiu Jesus; é também a encarnação mesma do *traidor*, *do amigo falso*, em expressões do tipo: *Fulano é um judas.*

Desta aplicação geral de um nome próprio temos vários outros exemplos: *dom-joão* (= homem formoso; galanteador; irresistível às mulheres), *tartufo* (= homem hipócrita; devoto falso), *cicerone* (guia de estrangeiros, dando-lhes informações que lhes interessam), *benjamim* (= filho predileto, geralmente o mais moço; o mais jovem membro de uma agremiação; prende-se ao personagem bíblico que foi o último e predileto filho de Jacó), *áfrica* (= façanha; proeza; revive as façanhas dos antigos portugueses nessas terras).

Passam a substantivos comuns os nomes próprios de fabricantes e de lugares onde se fazem ou se fabricam certos produtos: *estradivários* (= violino de Stradivárius), *guilhotina* (de J. Inácio Guilhotin), *macadame* (do engenheiro Mac Adam), *sanduíche* (do conde de Sandwich), *havana* (charuto; em Portugal *havano*) , *champanha* (da região francesa Champagne),

cambraia (da cidade francesa de Cambray).

Contáveis e não contáveis – Outra subclasse do substantivo repousa na variedade da sua extensão, que pode ser descontínua e discreta ou contínua. No primeiro caso, a classe é constituída por objetos que existem isolados como partes individualmente consideradas, e recebem o nome de *contáveis*: *homem, mulher, casa, livro,* etc.

No segundo caso, refere-se a classe a objetos contínuos, não separados em partes diversas, que podem ser massa ou matéria ou, ainda, uma ideia abstrata, e recebem o nome de *não contáveis*: *oceano, vinho, bondade, beleza*. Estes não contáveis constituem em geral os *singularia tantum*, isto é, habitualmente só se usam no singular.

À categoria dos não contáveis pertence o substantivo *coletivo*, que, na forma de singular, faz referência a uma coleção ou conjunto de objetos: *arvoredo, folhagem, casario.* Distingue-se o coletivo do plural de um substantivo contável, pois este alude a uma coleção de objetos considerados individualmente: *árvores, folhas, casas*.

Entre os coletivos há os *universais* (*povo, passarada, casario*) e os *particulares* (*caniçal, vinhedo, laranjal*). Os coletivos universais não são contáveis, e, por isso, só se pluralizam nas condições especiais à classe, enquanto os particulares se contam e podem ser pluralizados.

Não se confundem com os coletivos os chamados por Herculano de Carvalho *nomes de grupo* (*bando, rebanho, cardume,* etc.), embora assim o faça a gramática. Na realidade, são nomes de conjunto de objetos contáveis, que se aplicam habitualmente ou a uma espécie definida (*cardume, alcateia, enxame*) ou total ou parcialmente indefinida (*conjunto, grupo, bando*: *bando de pessoas, de aves, de alunos*). Ao contrário dos coletivos, os nomes de grupos, principalmente do 2.º grupo, requerem determinação explícita da espécie de objetos que compõem o conjunto: *um* ***bando*** *de pessoas, de adolescentes,* etc.; *um* ***cardume*** *de baleias, de sardinhas*, etc. Já não seria possível *um vinhedo de vinhos.*

São coletivos e nomes de grupo usuais:

a) CONJUNTO DE PESSOAS:

Alcateia, bando, caterva, corja, horda, farândula, malta, quadrilha, récova, súcia, turba: de ladrões, desordeiros, assassinos, malfeitores e vadios.

Associação, clube, comício, comissão, congresso, conselho, convenção, corporação, grêmio, sociedade: de pessoas, reunidas para fim comum.

Assistência, auditório, concorrência, aglomeração, roda: de assistentes, ouvintes ou espectadores.

Cabido: de cônegos de uma catedral.

Caravana: de viajantes.

Claque, torcida: de espectadores para aplaudir ou patear.

Clientela: de clientes, de advogados, de médicos, etc.

Comitiva, cortejo, séquito, acompanhamento: de pessoas que acompanham outra por dever ou cortesia.

Comunidade, confraria, congregação, irmandade: ordem de religiosos.
Concílio, conclave, consistório, sínodo, assembléia: de párocos ou de outros padres.
Coro: conjunto, bando de pessoas que cantam juntas.
Elenco: de artistas de uma companhia, peça ou filme.
Equipagem, marinhagem, companha, maruja, tripulação: de marinheiros.
Falange: de heróis, guerreiros, espíritos.
Junta: de credores, de médicos.
Pessoal: de uma fábrica, repartição pública ou escola, loja.
Plêiade ou *plêiada*: de poetas, artistas, talentos.
Ronda: de policiais que percorrem as ruas velando pela ordem pública.
Turma: de estudantes, trabalhadores, médicos.

b) Grupo de animais:
Alcateia: de lobos, panteras ou outros animais ferozes.
Bando, revoada: de aves, pardais.
Cáfila: de camelos.
Cardume, boana, corso (ô)*, manta*: de peixes.
Colmeia, enxame, cortiço: de abelhas.
Correição, cordão: de formigas.
Fato: rebanho de cabras.
Fauna: conjunto de animais próprios de uma região.
Gado: conjunto de animais criados nas fazendas.
Junta, obesana, cingel, jugo, jugada: de bois.
Lote: de burros, grupos de bestas de carga.
Malhada, oviário, rebanho: de ovelhas.
Manada: de cavalos, de porcos, éguas.
Matilha: de cães.
Ninhada: rodada de pintos.
Nuvem, miríade, onda, praga: de gafanhotos, marimbondos, percevejos.
Piara, vara: de porcos.
Récova, récua: de cavalgaduras.
Rebanho, armento, armentio, grei, maromba: de bois, ovelhas.

c) Grupo de coisas:
Acervo, chorrilho, enfiada: de asneiras, tolices. *Acervo* também se aplica aos bens materiais: É grande o *acervo* da Biblioteca Nacional.
Antologia, analecto, crestomatia, coletânea, florilégio, seleta: de trechos literários ou científicos.

Aparelho, baixela, serviço: de chá, café, jantar.
Armada, esquadra, frota: de navios de guerra.
Bateria, fileira: de peças de artilharia.
Braçada, braçado, buquê, ramo, ramalhete (ê), *festão*: de flores.
Cacho: de uvas, de bananas.
Cancioneiro: de canções. É erro empregar o vocábulo como sinônimo de cantor em expressões como *cancioneiros românticos*.
Carrada: de razões.
Chuva, chuveiro, granizo, saraiva, saraivada: de balas, pedras, setas.
Coleção: de selos, quadros, medalhas, moedas, livros.
Constelação: de estrelas.
Cordilheira, cadeia, série: de montes, montanhas.
Cordoalha, cordame, enxárcia: de cabos de um navio.
Feixe, lio, molho (ó): de lenha, capim.
Fila, fileira, linha: de cadeiras.
Flora: conjunto de plantas de uma determinada região.
Galeria: de quadros, estátuas.
Gavela ou *gabela, paveia*: feixe de espigas.
Herbário: coleção de plantas para exposição ou estudo.
Hinário: de hinos.
Instrumental: de instrumentos de orquestra, de qualquer ofício mecânico, de cirurgia.
Mobília, mobiliário: de móveis.
Monte, montão: de pedras, palha, lixo.
Penca: de bananas, laranjas, chaves.
Pilha, ruma: de livros, malas, tábuas.
Réstia: de cebolas, alhos.
Sequência: série de cartas do mesmo naipe.
Troféu: de bandeiras.

OBSERVAÇÃO: Para outros coletivos e nomes de grupos consulte-se o dicionário.

Estrutura interna do substantivo – A estrutura interna ou constitucional do substantivo (isto é, sua morfologia) consiste, nas línguas flexivas como o português, em geral, na combinação de um signo lexical expresso pelo radical com signos morfológicos expressos por desinências e alternâncias, ambos destituídos de existência própria fora dessa combinação. Entre as desinências que, na flexão, se combinam com o substantivo está a marca de *número* e, nas línguas que a possuem, a marca de *caso* (nominativo, acusativo, etc., como se dá, por exemplo, no grego, no latim, no alemão). O substantivo, fora da flexão, pode ser dotado da marca de gênero: *menino/menina, gato/gata.*[23]

Número – É uma categoria gramatical inerente primariamente ao substantivo, que se refere aos objetos substantivos considerando-os na sua unidade da classe a que pertencem (é o número *singular*) ou no seu conjunto de dois ou mais objetos da mesma classe (é o número *plural*). Quando o singular designa vários objetos de uma mesma classe considerados num todo, temos o *coletivo* (*professorado, alunado, caravana, cardume*, etc.).

A classe dos objetos substantivos pode conter unidades descontínuas e discretas: são os objetos *contáveis* (*homem, casa, cadeira*, etc.); a classe pode também ser constituída de objetos desprovidos de limites internos, como se fossem objetos únicos: são os *não contáveis*. Estes objetos únicos ou são massa ou matéria, ou concebidos como tal (*ouro, ferro, céu*, etc.), ou uma ideia abstrata (*amor, saudade, riqueza*, etc.).

Facilmente se pluralizam os substantivos que pertencem ao grupo dos contáveis (*homem - homens; casa - casas*); já os não contáveis, em geral, se usam no singular (*singularia tantum*). Em alguns desses nomes não contáveis, o plural alude a diferentes espécies ou à fragmentação: *vinhos* (o tinto, o branco, o rosé), *mares* e, por consequência, se apresentam com variação semântica. [HCv.1, 14, 364; SA.2, 69]

Em português, o significado gramatical plural é obtido com a presença da desinência pluralizadora *-s* fonologicamente constituída pela consoante sibilante pós-vocálica diante de pausa.24 O singular se caracteriza pela ausência desta desinência.

A flexão de número, em português, pelo mecanismo da concordância, se estende ao adjetivo (e demais adjuntos do substantivo) e ao verbo, quando este entra em concordância de número com a pessoa do sujeito.

A flexão de número dos substantivos

a) **Formação do plural com acréscimo de *-s***

Forma-se o plural dos substantivos com o acréscimo do morfema pluralizador (desinência do plural) *-s*, quando terminados explicitamente por:

1 – vogal ou ditongo oral: *livro → livros; lei → leis; cajá → cajás.*

2 – vogal nasal tônica ou átona: *ímã → ímãs*; *irmã → irmãs*; *dom → dons* (grafando-se *ns*); *álbum → álbuns; totem → totens* (para o plural *tótemes*).

3 – ditongos nasais *-ãe* (tônicos ou átonos) e *-ão* (átono): *mãe → mães; bênção → bênçãos*.

b) **Formação do plural com acréscimo de *-es***

Quando não está explícita a vogal temática suprimida no singular deverá ser restituída para constituir a forma teórica (*ás → *ase → ases*) e depois ser acrescida a desinência *-s*. Isto ocorre quando o singular termina por:

1 – *-s* (em sílaba tônica): *ás → ases*; *freguês → fregueses*

Cós serve para os dois números e ainda possui o plural reduplicativo *coses*.

2 – *-z* (em sílaba tônica): *luz → luzes*; *giz → gizes*; *cicatriz → cicatrizes*

3 – *-r*: *cor* → *cores*; *elixir* → *elixires*; *revólver* → *revólveres*

c) **Plural de nomes gregos em *-n***

Nos nomes de origem grega terminados em *-n*, pode-se obter o plural com o acréscimo da desinência *-s*, ou recorrer à forma teórica com a recuperação do *-e* (*abdômen* → **abdomene* → *abdômenes*). Melhor fora dar a estes substantivos feição mais de acordo com o sistema fonológico do português, eliminando o *-n* final ou substituindo-o por *-m* e procedendo-se à formação do plural com o só acréscimo do *-s* (*abdome* → *abdomes*; *pólen* → *polem* → *polens,* grafando *-ns*):

abdômen → abdomens ou abdômenes

certâmen → certamens ou certâmenes

dólmen (dolmem) → dolmens ou dólmenes

espécimen → espécimens ou especímenes

gérmen → germens ou gérmenes

hífen → hifens ou hífenes

pólen (polem) → polens ou pólenes

regímen → regimens ou regímenes

OBSERVAÇÕES:

1.ª) *éden* (melhor seria *edem*, que o *Vocabulário Ortográfico* não registra) faz *edens*.

2.ª) *Cânon,* melhor grafado *cânone*, faz *cânones*.

3.ª) Recorde-se que são acentuados os paroxítonos em *-n*, e não os em *-ens*. Daí *hífen*, mas *hifens* (sem acento gráfico).

d) **Plural dos nomes em *-ão* tônico**

Os nomes em *-ão* tônico a rigor pertencem à classe dos temas em *-o* ou em *-e*, conforme o plural respectivo: *irmãos* (= irmão + s), *pães* (= *pãe + s), *leões* (= *leõe + s). Para uma descrição coerente Mattoso propõe que se parta das formas teóricas do plural para se chegar ao tema, suplementadas pelas regras morfofonêmicas pertinentes, no processo de formação de plural.

Destacando-se a vogal temática (que passa a semivogal de ditongo em contacto com a vogal anterior), teremos o radical em *-õ* (*leõ*) e o radical em *-ã* (*irmã, pã*).

1) os substantivos em *-õ* com tema em *-e* fazem o plural com acréscimo da desinência *-s*:

leão (* leõ + e + s) → *leões*

coração (* coraçõ + e + s) → *corações*

Assim, temos os plurais: *questões, melões, razões,* etc.

Este grupo é o mais numeroso e, por isso mesmo, tende, no uso espontâneo, a assimilar outras formas de plural que a língua exemplar não adota. Neste grupo estão incluídos todos os substantivos abstratos formados com os sufixos *-ção, -são* e *-ão* e grande parte de substantivos concretos.

comoção → *comoções*; *adoração* → *adorações*

apreensão → *apreensões*; *compreensão* → *compreensões*

abusão → *abusões*; *visão* → *visões*

caminhão (*camião*) → *caminhões* (*camiões*); *barracão* → *barracões*

Este radical teórico em *-õ* aparece evidente em adjetivos e verbos da mesma família do substantivo, o que é sinal de que este faz o plural em *-ões*; por exemplo, *leonino* denuncia o plural correto de *leão*: *leões*.

2) os substantivos em *-ã* com tema em *-o* (*irmão*) fazem o plural com o acréscimo da desinência *-s*:

irmão (*irmã + o + s) → *irmãos*

cidadão (*cidadã + o + s) → *cidadãos*

Este radical teórico em *-ã* aparece evidente em adjetivos e verbos da mesma família dos substantivos *irmão* (irm*an*ar) e *cidadão* (cidad*an*ia).

3) os substantivos em *-ã* com vogal temática *-e* (*pã - e* de *pães*) fazem o plural com o acréscimo da desinência *-s*:

pão → (pã + e + s) → *pães*

capitão → (capitã + e + s) → *capitães*

Descrito o processo de flexão, cabe perguntar como, partindo da forma teórica do plural, se chega às formas do singular em *-ão*. Destacando-se a vogal temática, como já vimos, obtemos duas estruturas fonológicas para os radicais: em *-õ* (leõ) e em *ã* (irmã, pã). Os de tema em *-o* não sofrem alteração: *irmão*; os de tema em *-e* ou mudam a vogal para *-o* (*pão*) ou, se a vogal do radical for *-õ*, apresentam duas mudanças: a vogal temática passa de *-e* a *-o* e a vogal do radical passa de *õ* a *ã*: *leão*.

Dada a confluência das formas do singular num único final *-ão* (diferençadas no plural, como acabamos de ver), surgem muitas dúvidas no uso do plural, além de alterações que se deram através da história da língua, algumas das quais se mantêm regional ou popularmente, em geral a favor da forma plural *-ões*, por ser a que encerra maior número de representantes.

"O ensino escolar [comenta Mattoso] se esforça para manter os três tipos de plural, ora apoiando-se na origem latina, ora se inspirando no espanhol (onde há diferença no singular – *razón*: *razones*; *hermano*: *hermanos*; *pan*: *panes*), ora apelando para as preferências (se bem que às vezes inconsistentes) de determinados autores, na língua literária, considerados 'clássicos'[MC.8, 81-82].

Diante do exposto, oferecemos ao leitor relação minuciosa dos dois grupos de substantivos em *-ão* que não fazem o plural mais frequente em *-ões*:

1) plural em *-ães*:

cão → cães	escrivão → escrivães
capelão → capelães	tabelião → tabeliães
alemão → alemães	pão → pães
capitão → capitães	maçapão → maçapães
mata-cão → mata-cães	catalão → catalães

2) plural em *-ãos*:

chão → chãos

cidadão → cidadãos

cristão → cristãos

desvão → desvãos

grão → grãos

irmão → irmãos

mão → mãos

pagão → pagãos

e os paroxítonos apontados em **A flexão de número dos substantivos** - a) 3.

Muitos substantivos apresentam dois e até três plurais:

aldeão	aldeãos	aldeões	aldeães
ancião	anciãos	anciões	anciães
charlatão	—	charlatões	charlatães
corrimão	corrimãos	corrimões	—
cortesão	cortesãos	cortesões	—
deão	deãos	deões	deães
ermitão	ermitãos	ermitões	ermitães
fuão	fuãos	fuões	—
guardião	—	guardiões	guardiães
refrão	refrãos	—	refrães
sacristão	sacristãos	—	sacristães
truão	—	truões	truães
vilão	vilãos	vilões	vilães
vulcão	vulcãos	vulcões	—

e) **Plural dos nomes treminados em *-l***

1 – **Plural dos nomes terminados em *-al, -el, -ol, -ul***

Nos nomes em *-l*, temos de partir da forma teórica com restituição da vogal temática *-e*, acréscimo do pluralizador *-s*, posterior às regras morfofonêmicas: queda do *-l-* intermediário

e passagem da vogal temática a semivogal (grafada *-i*)

carnaval → *carnavale → carnavales → carnavaes → carnavais

papel → *papele → papeles → papees → papéis (tônico)

lençol → *lençole → lençoles → lençoes → lençóis

nível → *nivele → niveles → nívees → níveis (átono)25

paul → *paule → paules → paues → pauis

OBSERVAÇÕES:

1.ª) *cônsul* e *mal* fazem *cônsules* e *males*

2.ª) *cal* e *aval* fazem *cales* (= cano) e *cais*, *avales* (mais comum em Portugal) e *avais*

3.ª) *real* faz *réis* (moeda antiga) e *reais* (moeda nova)

2 – **Plural dos nomes terminados em *-il***

a) *-il* em vogal átona: ocorre a passagem do *i* a *e* e posteriormente o mesmo que o caso anterior:

fóssil → *fóssile → *fossele → fosseles → fossees → fósseis

b) *-il* com vogal tônica: ocorre o acréscimo do pluralizador *-s* e posterior supressão do *-l*, já que não é necessário recorrer à vogal temática, por não aparecer no plural:

*funil → *funils → funis*26

OBSERVAÇÃO: *mírtil* faz *mírtiles* e *mírteis*; *móbil* faz *móbiles* e *móbeis*.

Réptil e *projétil*, como paroxítonos, fazem *répteis* e *projéteis*; como oxítonos, *reptil* e *projetil* fazem *reptis* e *projetis*.

f) **Plural dos nomes terminados em -x (= ce)**

Os terminados em *-x* com o valor de *ce* (final com que podem também ser grafados) fazem o plural normalmente em *-ces*:

cálix (ou *cálice*), *cálices; apêndix* (ou *apêndice*), *apêndices*.

g) **Palavras que não possuem marca de número**

Há significantes terminados por *-s* em sílaba átona (como *lápis, pires*, ou monossílabos como *cais, xis*) que não possuem marca de número, quer no singular quer no plural, pois se mostram alheias à classe gramatical de número. Cremos ser a melhor lição a de Herculano de Carvalho, segundo a qual não se pode aceitar a doutrina corrente que vê nessas formas um singular que permanece invariável no plural. É um caso de sincretismo, e não de neutralização [HCv.3, 608-609 e 642]. A pluralidade é marcada pelos adjuntos (artigo, adjetivo, pronome, numeral): *o lápis, os lápis; um pires, dois pires; este xis, estes xis*.

Estão neste caso os terminados em:

1) *-s* (em sílaba átona; palavras sigmáticas):

o pires, os pires; o lápis, os lápis; a cútis, as cútis.

OBSERVAÇÃO: *Simples* faz *simpleces* ou, o que é mais comum, não varia. *Cós, lais* e *ferrabrás* são mais usados invariáveis, mas possuem o plural *coses, laises* e *ferrabrases*.

2) *-x* (com o valor de *cs*): *o tórax, os tórax; o ônix, os ônix.*

OBSERVAÇÃO: Alguns nomes com *x* = *cs* possuem a variante em *ce*: *índex* ou *índice, ápex* ou *ápice; códex* ou *códice*. Seus plurais são, respectivamente, *índices, códices, ápices.* Aliás, são preferíveis as grafias *índice, códice* e *ápice*, no singular.

h) **Plurais com alteração de *o* fechado para *o* aberto (metafonia)**[27]

Muitas palavras com *o* fechado tônico, quando passam ao plural, mudam esta vogal para *o* aberto:

miolo – miolos

Dentre as que apresentam esta mudança (chamada metafonia) na vogal tônica lembraremos aqui as mais usuais:

abrolho	fogo	porco
antolho	forno	porto
caroço	foro	posto
choco	fosso	povo
corcovo	imposto	reforço
coro	jogo	rogo
corpo	miolo	sobrolho
corvo	mirolho	socorro
despojo	olho	tijolo
destroço	osso	torto
escolho	ovo	troco
esforço	poço	troço

Esta alternância constitui a única marca do feminino em *avô* e formas com ela relacionadas, onde se acha suprimida a desinência *-a*: *avô – avó* (< *avoa* < lat. *aviola*). Nos casos de metafonia, o plural é marcado pelo morfema pluralizador *-s* e pelo morfema suprassegmental.

Continuam com *o* fechado no plural:

acordo	esboço	logro
adorno	esposo	morro
almoço	estorvo	repolho
alvoroço	ferrolho	rolo
arroto	fofo	sogro

boda	forro	soldo
bojo	gafanhoto	sopro
bolo	globo	soro
bolso	gorro	toco
cachorro	gosto	toldo
caolho	gozo	topo
coco	horto	torno
contorno	jorro	transtorno

OBSERVAÇÃO: Como no caso dos plurais em *-ão (-ões, -ães, -ãos)*, a inclusão da palavra no grupo dos metafônicos ou não metafônicos apresenta muitas indecisões. O esforço para dirimir dúvidas nestes casos se tem regulado pela origem do timbre da vogal tônica em latim e na forma paralela das correspondentes em espanhol, onde, como regra, do timbre fechado resulta uma vogal simples e do timbre aberto uma ditongação: *gozo* (esp.) – gozo (port.) – gozos (ô); *fuego* (esp.) – fogo (port.) – fogos (ó). Tanto a etimologia do latim quanto o paralelismo do espanhol nem sempre têm a boa resposta às dúvidas.

Não sofrem alteração os nomes próprios e os de família:

os *Diogos*, os *Mimosos*, os *Raposos*, os *Portos*.

i) **Plurais com deslocação do acento tônico** – Há palavras que, no plural, mudam de sílaba tônica:

caráter	–	caracteres
espécimen	–	especímenes
júnior	–	juniores
Júpiter	–	Jupíteres
Lúcifer	–	Lucíferes
sênior	–	seniores

O plural *sorores* é de *soror*, oxítono, o que se estende a *sóror*.

j) **Variações semânticas do significado entre o singular e o plural** – Normalmente, o plural guarda o mesmo significado do singular. Isto não acontece, porém, em alguns casos, principalmente se se trata de substantivos abstratos em sentidos contextuais:

bem (o que é bom) – *bens* (propriedades)

féria (produto do trabalho diário) – *férias* (dias de descanso)

"Onde não se preza a *honra* se desprezam as *honras*" [MM].

Em nomes abstratos como *injustiças, crueldades, gentilezas,* o plural denota atos repetidos, ora multiplicidade dos mesmos atos, com certa conotação aumentativa [FBr.1, 97].

Também em nomes concretos pode o plural acusar mudança de significado: *ferro* (metal) → *ferros* (algemas) [SA.2, 69].

Estão nestes casos os nomes que no plural indicam o casal:

os pais (pai e mãe), *os irmãos* (irmã e irmão), *os reis* (rei e rainha).

l) **Palavras só usadas no plural** (*pluralia tantum*) – Eis as principais:

ademanes	endoenças
afazeres	exéquias
alvíssaras	férias (= repouso)
anais	núpcias
arredores	trevas
avós (antepassados)	víveres
belas-artes, belas-letras	nomes de naipes: copas,
confins	ouros, espadas, paus

m) **Plural de nomes próprios** – Os nomes próprios usados no plural fazem o plural obedecendo às normas dos nomes comuns, e a língua padrão recomenda se ponham no plural, e não no singular:

"O fidalgo dos Vitos Alarcões tratou da cabeça na cama, uns quinze dias" [CBr.6, 144].

" (...) seria um garfo meritório do tronco dos *Parmas* d'Eça, ao qual ele Rui de Nelas se glorificava de ser estranho?" [CBr.6, 171].

Todavia, não é raro o uso do singular na língua literária:

"Os brasileiros do sul, os *Correia de Sá*, perdiam muito do encanto dessas obras (...)" [GA *apud* TS, 105].

n) **Plural dos nomes estrangeiros não assimilados** – Os nomes estrangeiros que se adaptaram ao sistema fonológico do português têm o seu plural consoante as normas vigentes: *clube → clubes; dólar → dólares; repórter → repórteres; abajur → abajures; ultimato → ultimatos; memorando → memorandos; confete → confetes.*

Os não assimilados ao nosso idioma tomam duas direções: a) terminam com *-s*, sem pretender coincidir com as regras do plural da língua originária, ou b) regulando-se pelas normas da língua estrangeira, o que, em geral, é o procedimento recomendado na língua padrão e nos textos científicos.

Do primeiro caso, temos:

films, leaders, ladys, dandys, lieds, blitzes.

Do segundo temos, entre os latinismos:

curriculum → curricula, memorandum → memoranda,

corpus → *corpora*, etc.,

que podem ser aportuguesados, no singular, em: *currículo, memorando, corpo* (raro).

campus → *campi (o campus, os campi)*

Entre os gregos cabe citar:

tópos → *tópoi*, *lógos* → *lógoi*, *ónoma* → *onómata.*

Entre os anglicismos:

lady → *ladies*; *penny* → *pennies* ou *pence*;

dandy → *dandies*; *sportman* → *sportmen.*

Entre os germanismos:

lied (/ *lid* /) → *lieder*; *leitmotiv* → *leitmotiven*; *blitz* → *blitzen.*

Também se erra usando-se *lieder* como singular.

Os escritores procuram, na medida do possível, acertar o passo; assim é que José Lins do Rego usou *lieds* nesta passagem de *Gordos e Magros* (1942): "Goethe ia ao povo para sentir a força dos *lieds*, a música que dorme na alma popular." Em *Poesia e Vida* (1945) já se pautava pela norma alemã: "Destruindo Mozart, uma grande Alemanha desapareceria; a Alemanha dos *lieder*, dos violinos gemendo por debaixo das macieiras em flor (...)".

Os nomes italianos em *-i* já estão no plural, quando flexionados (*o confetto* → *os confetti*), mas isto não impediu que um escritor correto como Latino Coelho fizesse o plural com acréscimo do *-s*: "Portugal não primou nas invenções admiráveis da ciência: não teve Newtons nem Platões. Não meneou com galhardo luzimento o escopro ou o pincel: não teve Rafaéis, nem Buonarottis." [*apud* SS.2, 70]. Também de *lápis-lazúli* temos o plural *lápis-lazúlis*. A prevalecer a norma da língua exemplar, pode-se dizer que se trata de um elemento funcional pertencente ao sistema português reservado aos plurais estrangeiros não assimilados (*Fremdwörter*) [ECs.1, 11 n.172].

o) **Plural dos nomes de letras** – Os nomes de letras vão normalmente ao plural, de acordo com as normas gerais.

Escreve com todos os *efes* e *erres*.

Coloquemos os pingos nos *is*.

N.B.: *Xis* serve para singular e plural.

Podemos ainda indicar o plural das letras com a sua duplicação: *ff, rr, ii.*

Este processo ocorre em muitas abreviaturas:

E.E.U.U. (Estados Unidos, também representado por EUA, Estados Unidos da América, ainda U.S.A.).

p) **Plural dos nomes com o sufixo *-zinho*** – Põem-se no plural os dois elementos e suprime-se o *s* do substantivo, consoante a regra ortográfica oficial:

animalzinho = animal + zinho
animaizinhos
coraçãozinho = coração + zinho
coraçõezinhos
florzinha = flor + zinha

florezinhas
papelzinho = papel + zinho
papeizinhos
pazinha = pá + zinha
pazinhas

mas

pazinha = paz + inha
pazezinhas

NOTA ORTOGRÁFICA: Os sufixos diminutivos *-inho* (*-ito,* etc.), *-zinho* (*-zito*, etc.) têm hoje uma distribuição regular, conforme o final da palavra básica:

a) se termina por vogal átona ou consoante (exceto *-s* e *-z*), a escolha é materialmente indiferente, apesar de aparecerem nuanças de sentido contextuais: corpo → *corpinho* (com queda da vogal temática) / *corpozinho* (a forma básica intacta); *flor* → *florinha / florzinha*; *mulher* → *mulherinha / mulherzinha*;

b) se termina por vogal tônica, nasal ou ditongo, é de emprego obrigatório *-zinho* (*-zito,* etc.); boné → bonezinho; siri → sirizinho; álbum → albunzinho; bem → benzinho; raio → raiozinho. Com *-zinho* evitam-se hiatos do tipo *irmãinha*, *raioito*, etc.;

c) se termina em *-s* ou *-z*, o emprego normal é com *-inho* (*-ito*, etc.), repudiando-se *-zinho* (*-zito*, etc.); ficando intacta a palavra básica: lapisinho (lápis + inho), cuscuzinho (cuscuz + inho), rapazinho (rapaz + inho), cartazinho (cartaz + inho), exatamente como escrevemos *lapiseira (lápis + eira), lapisar (lápis + ar), lapisada (lápis + ada)*, etc.

Estabelecem-se até oposições léxicas e fonológicas (já que se guardam os acentos das palavras básicas): *cartazinho* (= cartàz + inho), *cartazinha* (= càrta + zinha), *rapazinho* (= rapàz + inho); *rapazinho* (= ràpa + zinho); *masinho* (= mas + inho), *mazinha* (= mà + zinha) [veja-se o exemplo dado por Oiticica: *Você escreveu aí na pedra um masinho que ninguém percebe* (trata-se da conjunção *mas*)]. Às vezes há convergências gráficas: *pazinha* (*paz + inha*) e *pazinha* (*pá + zinha*), que o contexto dissolverá.

Se escrevemos oficialmente *lapisar, lapiseira,* por que o *Vocabulário* oficial preceitua *lapizinho*? Segundo já Epifânio Dias [ED.1, § 94] e José Oiticica, o coerente seria, já que a regra é flexionar as duas unidades: *açãozinha* (no singular) → *açõesinhas* (no plural, já a básica termina em *-s*). A regra que obriga o *-z* e que expusemos por ser a ortografia oficial, foi formulada por Gonçalves Viana (*Ortografia*, 123); Mário Barreto mostrou-se indeciso no pleito: "Da regra de Epifânio depreende-se que nos nomes em *-ão* os sufixos *-inho e -ito* se precedem de *z* (*açãozinha*, escreve o eruditíssimo gramático português) e que no plural perdem o *z*, tomando esta forma no tema e no sufixo: *ações-inhas*. Seja lá como for, o que está fora de dúvida é que o plural é *açõesinhas* ou *açõezinhas, coraçõesinhos* ou *coraçõezinhos*, e não *coraçãozinhos, açãozinhas*" [MBa.4, 226-227].

Oiticica [JO.3, 89] ainda acha que o normal seria *florinhas, florzinhas*, que a língua padrão evita, mas que têm adoções eventuais em bons escritores: "contam os seus amigos que, quando na mocidade frequentava noturnamente os *barzinhos* da Lapa..." [MB.1, II, 493].

A razão do emprego de formas plurais *barzinhos, colherzinhas* se prende ao fato de que com sufixos outros não ocorre o plural das duas unidades *florinha* → *florinhas*.

q) **Plural das palavras substantivadas** – Qualquer palavra, grupo de palavras, oração ou texto pode substantivar-se, isto é, passar a substantivo, que, tomadas materialmente, isto é, como designação de sua própria forma externa, valem por um substantivo masculino e singular:

o *sim,* o *não,* o *quê,* o *pró,* o *contra,* o *h, Peras* é feminino, *Os homens* é o sujeito da oração.

Tais palavras vão normalmente ao plural:

os *sins,* os *nãos,* os *quês,* os *prós,* os *contras,* os *hh* (agás)

Enquadram-se neste caso os nomes que exprimem número, quando aludem aos algarismos.

Na sua caderneta há três *setes* e dois *oitos*. Tire a prova dos *noves*. Há dois *quatros* a mais e três *onzes* a menos nessas parcelas.

Fazem exceção os terminados em *-s* (*dois, três, seis*), *-z* (*dez*) e *mil*, que são invariáveis.

Quatro *seis* e cinco *dez*.

r) **Plural cumulativo** – Alguns nomes possuem duas formas: uma, básica, singular e outra flexionada em plural que passa a valer como se singular fora:

ananá	ananás
eiró (iró)	eirós (irós)
filhó	filhós
ilhó	ilhós
lilá	lilás

o ananá, *os ananás*; *o lilá*, *os lilás*.

OBSERVAÇÃO: *Cós* fica invariável ou tem plural cumulativo *coses*.

Passando a forma plural a ser empregada como um singular (*o ananás, o lilás*, etc.), por semelhança de singulares em *-ós* (*retrós*, por exemplo), admite um novo plural, chamado cumulativo, por esquecimento da etapa de pluralização: *o ananás, os ananases; o eirós, os eiroses; o filhós, os filhoses; o ilhós, os ilhoses; o lilás, os lilases.*

s) **Plural nos etnônimos** – Etnônimo é o nome que se aplica à denominação dos povos, das tribos, das castas ou de agrupamentos outros em que prevalece o conceito de etnia. Estes nomes utilizados na língua comum admitem a forma plural, como todos os outros: *os brasileiros, os portugueses, os espanhóis, os botocudos, os tupis, os tamoios,* etc.

Por convenção internacional de etnólogos, está há anos acertado que, em trabalhos científicos, os etnônimos que não sejam de origem vernácula ou nos quais não haja elementos vernáculos não são alterados na forma plural, sendo a flexão indicada pelo artigo plural: *os tupi, os nambiquara, os caiuá, os tapirapé, os bântu, os somáli,* etc.

t) **Plural dos nomes compostos** – Merece especial atenção o plural dos nomes compostos, uma vez que as dúvidas e vacilações são frequentes. A questão envolve dificuldades de ordem

ortográfica (uso ou não do hífen) e de ordem gramatical. Torna-se imperiosa uma sistematização que venha pôr simplificação ou minorar as dúvidas ainda existentes, mesmo com as últimas propostas do Acordo Ortográfico. Sem pretendermos esgotar o assunto, apresentamos os seguintes critérios:

A – SOMENTE O ÚLTIMO ELEMENTO VARIA:

1) nos compostos grafados ligadamente:

fidalgo	fidalgos
girassol	girassóis
lenga-lenga	lenga-lengas
madressilva	madressilvas
pontapé	pontapés
vai-vem	vai-vens
zum-zum	zum-zuns

2) nos compostos com as formas adjetivas *grão, grã e bel:*

grão-prior	grão-priores
grã-cruz	grã-cruzes
bel-prazer	bel-prazeres

3) nos compostos de tema verbal ou palavra invariável seguida de substantivo ou adjetivo:

furta-cor	furta-cores
beija-flor	beija-flores
abaixo-assinado	abaixo-assinados
alto-falante	alto-falantes
vice-rei	vice-reis
ex-diretor	ex-diretores
ave-maria	ave-marias

4) nos compostos de três ou mais elementos, não sendo o 2.º elemento uma preposição:

bem-te-vi	bem-te-vis

5) nos compostos de emprego onomatopeico em que há repetição total ou parcial da primeira unidade:

reco-reco	reco-recos
tique-taque	tique-taques

B – SOMENTE O PRIMEIRO ELEMENTO VARIA:

1) nos compostos onde haja preposição, clara ou oculta:

cavalo-vapor (= de, a vapor)	cavalos-vapor
ferro de abrir lata	ferros de abrir lata
mula sem cabeça	mulas sem cabeça
pé de moleque	pés de moleque

2) nos compostos de dois substantivos, onde o segundo exprime a ideia de *fim, semelhança*, ou limita a significação do primeiro:

aço-liga	aços-liga
navio-escola	navios-escola (= para escola)
manga-rosa	mangas-rosa (= semelhante a rosa)
peixe-boi	peixes-boi
salário-família	salários-família

C – AMBOS OS ELEMENTOS VARIAM:

1) nos compostos de dois *substantivos*, de um *substantivo* e um *adjetivo* ou de um adjetivo e um *substantivo*:

amor-perfeito	amores-perfeitos
cabra-cega	cabras-cegas
carta-bilhete	cartas-bilhetes
decreto-lei	decretos-leis
gentil-homem	gentis-homens
guarda-civil	guardas-civis
guarda-mor	guardas-mores
lugar-comum	lugares-comuns
salário-mínimo	salários-mínimos
segunda-feira	segundas-feiras

OBSERVAÇÃO: *lugar-tenente* faz o plural *lugar-tenentes*.

2) nos compostos de temas verbais repetidos:

corre-corre	corres-corres
ruge-ruge	ruges-ruges

OBSERVAÇÃO: Os compostos incluídos neste caso também admitem a flexão adotada pelos nomes de *A*, 3): *corre-corres, ruge-ruges*.

D – FICAM INVARIÁVEIS:

1) as frases substantivas:

a estou-fraca (ave)	as estou-fraca
o não sei que diga	os não sei que diga
o disse me disse	os disse me disse
o bumba meu boi	os bumba meu boi

2) os compostos de tema verbal e palavra invariável:

o ganha-pouco	os ganha-pouco
o pisa-mansinho	os pisa-mansinho
o cola-tudo	os cola-tudo

3) nos compostos de dois temas verbais de significado oposto:

o leva e traz	os leva e traz
o vai-volta	os vai-volta

E – ADMITEM MAIS DE UM PLURAL, ENTRE OUTROS:

fruta-pão:	frutas-pão, fruta-pães
guarda-marinha:	guardas-marinha ou guardas-marinhas *
padre-nosso:	padres-nossos ou padre-nossos
ruge-ruge:	ruges-ruges ou ruge-ruges
salvo-conduto:	salvos-condutos ou salvo-condutos

* Rejeita-se, sem razão, o plural guarda-marinhas.

Gênero – A nossa língua conhece dois gêneros: o *masculino* e o *feminino*.

São masculinos os nomes a que se pode antepor o artigo **o**:

o *linho*, o *sol*, o *raio*, o *prazer*, o *filho*, o *beijo*

São femininos os nomes a que se pode antepor o artigo **a**:

a *flor*, a *casa*, a *mosca*, a *nuvem*, a *mãe*

Todo substantivo está dotado de gênero, que, no português, se distribui entre o grupo do *masculino* e o grupo do *feminino*. São masculinos os nomes a que se pode antepor o artigo *o* (*o linho*, *o sol*, *o clima*, *o poeta*, *o grama*, *o pente*, *o raio*, *o prazer*, *o filho*, *o beijo*) e são femininos os nomes a que se pode antepor o artigo *a* (*a linha*, *a lua*, *a grama*, *a ponte*, *a poetisa*, *a filha*, *a dor*). Só que esta determinação genérica não se manifesta no substantivo da mesma maneira que está representada no adjetivo ou no pronome, por exemplo, isto é, pelo processo da flexão. Apesar de haver substantivos em que aparentemente se manifeste a

distinção genérica pela flexão (*menino* / *menina*, *mestre* / *mestra*, *gato* / *gata*), a verdade é que a inclusão num ou noutro gênero depende direta e essencialmente da classe léxica dos substantivos e, como diz Herculano de Carvalho, "não é o fato de em português existirem duas palavras diferentes – *homem* / *mulher*, *pai* / *mãe*, *boi* / *vaca*, e ainda *filho* / *filha*, *lobo* / *loba* (das quais estas *não são* formas de uma flexão, mas palavras diferentes *tanto como* aquelas) – para significar o indivíduo macho e o indivíduo fêmea (duas espécies do mesmo "gênero", em sentido lógico) que permite afirmar a existência das classes do masculino e do feminino, mas, sim, o fato de o adjetivo, o artigo, o pronome, etc., se apresentarem sob duas formas diversas exigidas respectivamente por cada um dos termos de aqueles pares opositivos –, "est*e* homem velh*o*" / "est*a* mulher velh*a*", "*o* filho mais n*ó*v*o*" / "*a* filha mais n*ó*v*a*" –, formas que de fato constituem uma flexão" [HCv.1, v.9 s.v. *gênero*].

A aproximação da função cumulativa derivativa de -*a* como atualizador léxico e morfema categorial se manifesta tanto em *barca* de *barco*, *saca* de *saco*, *fruta* de *fruto*, *mata* de *mato*, *ribeira* de *ribeiro*, etc., quanto em *gata* de *gato*, porque dá "ao tema de que entra a fazer parte a capacidade de significar uma classe distinta de objetos, que em geral constituem uma espécie do gênero designado pelo tema primário" [HCv.3, 536 n.38; HCv.4, 21]. É pacífica, mesmo entre os que admitem o processo de flexão em *barco* → *barca* e *lobo* → *loba*, a informação de que a oposição masculino – feminino faz alusão a outros aspectos da realidade, diferentes da diversidade de sexo, e serve para distinguir os objetos substantivos por certas qualidades semânticas, pelas quais o masculino é uma forma geral, não marcada semanticamente, enquanto o feminino expressa uma especialização qualquer:

barco / *barca* (= barco grande)
jarro / *jarra* (um tipo especial de jarro)
lobo / *loba* (a fêmea do animal chamado lobo)

Esta aplicação semântica faz dos pares *barco* / *barca* e restantes da série acima não serem consideradas primariamente formas de uma flexão, mas palavras diferentes marcadas pelo processo de derivação. Esta função semântica está fora do domínio da flexão. A analogia material da flexão de gênero do adjetivo é que levou o gramático a pôr no mesmo plano *belo* / *bela* e *menino* / *menina*.

Este fato explica por que na manifestação do gênero no substantivo, entre outros processos, existe a indicação por meio de sufixo nominal: *conde* / *condessa*, *galo* / *galinha*, *ator* / *atriz*, *embaixador* / *embaixatriz*, etc.

Sem ser função precípua da morfologia do substantivo, a diferença do sexo nos seres animados pode manifestar-se ou não com diferenças formais neles. Esta manifestação se realiza ou pela mudança de sufixo (como em *menin**o*** / *menin**a***, *gat**o*** / *gat**a***) – é a *moção* –, ou pelo recurso a palavras diferentes que apontam para cada um dos sexos – é a *heteronímia* (*homem* / *mulher*, *boi* / *vaca*). Na primeira série de pares, como já vimos na lição de Herculano de Carvalho, não temos formas de uma flexão, mas, nelas, como na segunda série de pares, estamos diante de palavras diferentes.

Quando não ocorre nenhum destes dois tipos de manifestação formal, ou o substantivo, com o seu gênero gramatical, se mostra indiferente à designação do sexo (*a criança*, *a pessoa*, *o cônjuge*, *a formiga*, *o tatu*) ou, ainda indiferente pela forma, se acompanha de adjuntos

(artigos, adjetivos, pronomes, numerais) com moção de gênero para indicar o sexo (*o artista*, *a artista*, *bom estudante*, *boa estudante*).

Inconsistência do gênero gramatical – A distinção do gênero nos substantivos não tem fundamentos racionais, exceto a tradição fixada pelo uso e pela norma; nada justifica serem, em português, masculinos *lápis*, *papel*, *tinteiro* e femininos *caneta*, *folha* e *tinta*.

A inconsistência do gênero gramatical fica patente quando se compara a distribuição de gênero em duas ou mais línguas, e até no âmbito de uma mesma língua histórica na sua diversidade temporal, regional, social e estilística. Assim é que, para nós, o *sol* é masculino e, para os alemães, é feminino *die Sonne*, a *lua* é feminino, e, para eles, masculino *der Mond*; enquanto o português *mulher* é feminino, em alemão é neutro *das Weib*. *Sal* e *leite* são masculinos em português e femininos em espanhol: *la sal* e *la leche*. *Sangue* é masculino em português e francês e feminino em espanhol: *le sang* (fr.) e *la sangre* (esp.).

Mesmo nos seres animados, as formas do masculino ou do feminino podem não determinar a diversidade de sexo, como ocorre com os substantivos chamados *epicenos* (aplicados a animais irracionais), cuja função semântica é só apontar para a espécie: *a cobra*, *a lebre*, *a formiga* ou *o tatu*, *o colibri*, *o jacaré*, ou os substantivos aplicados a pessoas, denominados *comuns de dois*, distinguidos pela concordância: *o / a* ***estudante***, *este / esta* ***consorte***, *reconhecido / reconhecida* ***mártir***, ou ainda os substantivos de um só gênero denominados *sobrecomuns*, aplicados a pessoas, cuja referência a homem ou a mulher só se depreende pela referência anafórica do contexto: *o* ***algoz***, *o* ***carrasco***, *o* ***cônjuge***.

A mudança de gênero – Aproximações semânticas entre palavras (sinônimos, antônimos), a influência da terminação, o contexto léxico em que a palavra funciona e a própria fantasia que moldura o universo do falante, tudo isto representa alguns dos fatores que determinam a mudança do gênero gramatical dos substantivos. Na variedade temporal da língua, do português antigo ao contemporâneo, muitos substantivos passaram a ter gêneros diferentes, alguns sem deixar vestígios, outros como *mar*, hoje masculino, onde o antigo gênero continua presente em *preamar* (*prea = plena*, *cheia*) e *baixa-mar*.

Já foram femininos *fim*, *planeta*, *cometa*, *mapa*, *tigre*, *fantasma*, entre muitos outros; já foram usados como masculinos: *árvore*, *tribo*, *catástrofe*, *hipérbole*, *linguagem*, *linhagem* [SA.5, I, 65-70; PDo.1].

O gênero nas profissões femininas – A presença, cada vez mais justamente acentuada, da mulher nas atividades profissionais que até bem pouco eram exclusivas ou quase exclusivas do homem tem exigido que as línguas – não só o português – adaptem o seu sistema gramatical a estas novas realidades. Já correm vitoriosos faz muito tempo femininos como *mestra*, *professora*, *médica*, *advogada*, *engenheira*, *psicóloga*, *filóloga*, *juíza*, entre tantos outros.

As convenções sociais e hierárquicas criaram usos particulares que nem sempre são unanimemente adotados na língua comum. Todavia, já se aceita a distinção, por exemplo, entre

a *Cônsul* (= senhora que dirige um consulado) e a *Consulesa* (= esposa do Cônsul), a *Embaixadora* (= senhora que dirige uma Embaixada) e *Embaixatriz* (= esposa do Embaixador). Já para *senador* vigoram indiferentemente as formas de feminino *senadora* e *senatriz* para a mulher que exerce o cargo político ou para a esposa do senador, regra que também poucos gramáticos e lexicógrafos estendem a *consulesa* e *embaixatriz*.

Na hierarquia militar, a denominação para mulheres da profissão parece não haver uma regra generalizada. Correm com maior frequência os empregos28:

o cabo Ester Silva, *o sargento* Andreia.

Na linguagem jurídica, as petições iniciais vêm com o masculino com valor generalizante, dada a circunstância de não se saber quem examinará o processo, se juiz ou juíza.

Meritíssimo Senhor Juiz
Excelentíssimo Senhor Desembargador

Note-se, por fim, que algumas formas femininas podem não vingar por se revestirem de sentido pejorativo: *chefa*, *caba*, por exemplo.

Formação do feminino – Os substantivos que designam pessoas e animais manifestam o gênero e apresentam, quase sempre, duas formas diferentes: uma para indicar os seres do sexo masculino e outra para os seres do sexo feminino:

filho	–	filha
pai	–	mãe
rapaz	–	rapariga

Podemos distinguir, na manifestação do feminino, os seguintes processos:

a) com a mudança ou acréscimo ao radical, suprimindo a vogal temática: *filho* → filh(o) + a → *filha*:

1 – os terminados em -*o* mudam o -*o* em -*a*, por analogia com a flexão dos adjetivos biformes:

filho	–	filha	menino	–	menina
aluno	–	aluna	gato	–	gata

2 – os em -*e* uns há que ficam invariáveis, outros acrescentam -*a* depois de suprimir a vogal temática: *alfaiate* → alfaiat(e) + a → *alfaiata*.

Não variam de forma à semelhança dos adjetivos:

amante, *cliente*, *constituinte*, *doente*, *habitante*,
inocente, *ouvinte*, *servente*, etc.

Variam:

alfaiate – alfaiata
infante – infanta
governante – governanta
presidente – presidenta
parente – parenta
monge – monja

} também aparece invariável

3 – os em -*or* formam geralmente o feminino com acréscimo de *a*:

doutor – doutora
professor – professor

OBSERVAÇÃO: Outros, terminados em -*eira*: *arrumadeira*, *lavadeira*, *faladeira* (a par de *faladora*).

4 – os em vogal atemática (tônica), -*s*, -*l*, -*z* acrescentam *a*, sem qualquer alteração morfofonêmica:

freguês	–	freguesa	zagal	–	zagala
português	–	portuguesa	oficial	–	oficiala
juiz	–	juíza	guri	–	guria
peru	–	perua			

5 – os em -*ão* (dada a confluência no singular e permanência de formas diferençadas no plural, como já vimos, apresentam os seguintes casos:

a) quando este final pertence a nomes de tema em -*o* (transformado em semivogal do ditongo nasal), têm suprimida normalmente esta vogal e acrescida de -*a* e posterior fusão por crase:

irmão → irmã(o) + a → *irmãa* → *irmã* (por crase);
alemão → alemã(o) + a → *alemãa* → *alemã*. 29

b) quando -*ão* corresponde a forma teórica -*õ*, tal qual ocorre com o plural, há desnasalação da vogal temática e acréscimo de -*a*, que favorece o aparecimento de hiato:

bretão (radical teórico *bretõ*, cf. o plural *bretões*) → *breto*(m) + a → *bretoa*;
bom → bo(m) + a → *boa*.

c) quando -*ão* é sufixo derivacional aumentativo, a nasalidade desenvolve o fonema de transição /n/:

valentão (radical teórico *valentõ*, cf. pl. *valentões*) → *valento* + *n* + *a* → *valentona*.

6 – os que têm o sufixo derivacional –*eu* suprimem a vogal temática (aqui sob forma de semivogal do ditongo), acrescentam –*a* e, ao se obter o hiato *ea*, desenvolvem normalmente o ditongo /*ey*/ e conhecem posterior passagem do *e* fechado a aberto /*ey*/ (passagem que não se dá em todo o território onde se fala a língua, como, por exemplo, em Portugal): *europeu* → *europe*(u) + *a* → *europea* → *europeia* → *europeia*.

Assim procedem: *ateu*, *egeu*, *filisteu*, *giganteu*, *pigmeu*.

Fazem exceção: *judeu* → *judia*, *sandeu* → *sandia*.

7 – manifestam o feminino por meio dos sufixos derivacionais *-esa*, *-essa*, *-isa*, *-triz*, *-ez*:

abade – abadessa

alcaide – alcaidessa
(ou alcaidina)

barão – baronesa

bispo – episcopisa

conde – condessa

condastável – condastabelesa

cônego – canonisa

cônsul – consulesa

diácono – diaconisa

doge – dogesa, dogaresa,
dogaressa

druida – druidesa, druidisa
(ocorre em O. Bilac)

duque – duquesa

embaixador – embaixatriz
(embaixadora)

etíope – etiopisa

imperador – imperatriz

jogral – jogralesa

papa – papisa

píton – pitonisa

poeta – poetisa

príncipe – princesa

prior – priora, prioresa

profeta – profetisa

sacerdote – sacerdotisa

visconde – viscondessa

8 – não se enquadram nos casos precedentes:

ator – atriz

avô – avó

capiau – capioa

czar /pron. tçar/ - czarina *

dom – dona

felá – felaína

galo – galinha

grou – grua

herói – heroína

ilhéu – ilhoa

landgrave – landgravina

marajá – marani

mandarim – mandarina

maestro – maestrina
(também *maestra*)

pierrô – pierrete

raja ou rajá – râni ou rani

rapaz – rapariga

rei – rainha

réu – ré

silfo – sílfide

sultão – sultana

tabaréu – tabaroa

* Também grafado: tzar – tzarina.

b) com palavras diferentes para um e outro sexo (heterônimos):

1 – Nomes de pessoas:

cavaleiro – amazona

marido – mulher

cavalheiro – dama

confrade – confreira

compadre – comadre

frade – freira

frei – sóror, soror, sor

genro – nora

homem – mulher

padrasto – madrasta

padre – madre

padrinho – madrinha

pai – mãe

patriarca – matriarca

rico-homem – rica-dona

2 – Nomes de animais:

bode – cabra

boi – vaca

burro – besta

cão – cadela

carneiro – ovelha

cavalo – égua

veado – veada, cerva (é)

zangão, zângão – abelha

c) feminino com auxílio de outra palavra:

Há substantivos que têm uma só forma para os dois sexos:

estudante, consorte, mártir, amanuense, constituinte, escrevente, herege, intérprete, etíope, ouvinte, nigromante, servente, vidente, penitente

São por isso chamados comuns de (ou a) dois. Tais substantivos distinguem o sexo pela anteposição de *o* (para o masculino) e *a* (para o feminino):

o estudante – a estudante
o camarada – a camarada
o mártir – a mártir

Incluem-se neste grupo os nomes de família:

"(...) redarguiu colérica a *Pacheco* (...)" [CBr *apud* MB.2, 150].

Os nomes terminados em -*ista* e muitos terminados em -*e* são comuns de dois:

o capitalista – a capitalista; o doente – a doente

Também nomes próprios terminados em -*i* (antigamente ainda -*y*) são comuns tanto a homens como a mulheres:

Darci, Juraci

Enquadram-se neste grupo os nomes de animais para cuja distinção de sexo empregamos as palavras *macho* e *fêmea*:

cobra macho; jacaré fêmea

Podemos ainda servir-nos de outro torneio:

o macho da cobra; a fêmea do jacaré

Estes se chamam *epicenos*.

d) sobrecomuns

São nomes de um só gênero gramatical que se aplicam, indistintamente, a homens e mulheres: 30

o algoz, o carrasco, o cônjuge, a criatura, a criança, o ente, o indivíduo, a pessoa, o ser, a testemunha, o verdugo, a vítima.

Gênero estabelecido por palavra oculta – São masculinos os nomes de rios, mares, montes, ventos, lagos, pontos cardeais, meses, navios, por subentendermos estas denominações:

O (rio) *Amazonas*, *o* (oceano) *Atlântico*, *o* (vento) *bóreas*, *o* (lago) *Ládoga*, *o* (mês) *abril*, *o* (porta-avião) *Minas Gerais*

Por isso são normalmente femininos os nomes de cidade, ilhas:

A bela (cidade) *Petrópolis*. *A movimentada* (ilha) *Governador*.

Nas denominações de navios, depende do termo subentendido: *o* (transatlântico) *Argentina*, *a* (corveta) *Belmonte*, *a* (canhoneira) *Tijuca*, etc. De modo geral, os grandes transatlânticos são todos masculinos, em vista deste substantivo oculto, embora muitos tenham nomes femininos: "Embarcou *no Lusitânia* e foi para Lisboa" [MBa.5, 294].

Notem-se os seguintes gêneros:

O (vinho) *champanha* (e não *a champanha*!), *o* (vinho) *madeira*, *o* (charuto) *havana*, *o* (café) *moca*, *o* (gato) *angorá*, *o* (cão) *terra-nova*.

Mudança de sentido na mudança de gênero – Há substantivos que são masculinos ou femininos, conforme o sentido com que se achem empregados:

a apocalipse – *o apocalipse*
a cabeça (parte do corpo) – *o cabeça* (o chefe)
a capital (cidade principal) – *o capital* (dinheiro, bens)
a gênesis – *o gênesis*
a língua (órgão muscular; idioma) – *o língua* (o intérprete)
a lotação (capacidade de um carro, navio, sala, etc.) – *o lotação* (forma abreviada de autolotação)
a moral (parte da filosofia; moral de um fato; conclusão) – *o moral* (conjunto de nossas faculdades morais; ânimo)
a rádio (a estação) – *o rádio* (o aparelho)
a voga (moda; popularidade) – *o voga* (o remador)

Gênero de compostos – Os compostos são uma espécie de construção sintática abreviada, de modo que, se são constituídos por substantivos variáveis (biformes), o determinante (a 2.ª unidade) concorda com o gênero do determinado e é responsável pelo gênero do composto: a *batata-rainha* e não a *batata-rei*, a *ponta-seca* (instrumento de corte) [MAg.1, 160; MAg.3, 157].

Nos compostos de unidades uniformes, é evidente que não se dá a concordância do 2.º elemento, mas o gênero do composto continua se regulando pela 1.ª unidade: *a cobra-capelo*, *o pau-paraíba*, *a fruta-pão*.

Neste último caso, dá-se com frequência a perda da noção do composto (tratado como palavra base), o que facilita que o gênero do composto se regule pela 2.ª unidade: *o pontapé* e a indecisão entre o povo se é *a fruta-pão* (o normal), se *o fruta-pão* (com esquecimento do composto).

Se o composto está constituído de tema verbal e substantivo, a regra é o composto ter o gênero masculino singular: *o tira-teima*(s), *o arranca-rabo*, *o trava-língua*, *o trava-conta*(s).

Contrariamente ao gênero da língua e por imitação inglesa, passou-se a usar de compostos em que o determinante, invariável, ocupa o primeiro lugar, e o determinado o segundo, ficando o gênero do composto regulado por este último elemento: *a ferrovia*, *a aeromoça*. Segundo Martinz de Aguiar, por esta porta é que nos chegou o masculino de *o cólera-morbo* (*morbo*, latino, é masculino) e, na forma reduzida, *o cólera*, e não por influência francesa. A passagem ao hoje mais usual e aceito *a cólera-morbo*, *a cólera*, se deveu à analogia com o processo regular no português.

Gêneros que podem oferecer dúvida:

a) *São masculinos*:

Os nomes de letra de alfabeto, clã, champanha, dó, eclipse, formicida, grama (unidade de peso), jângal (jângala), lança-perfume, milhar, orbe, pijama, proclama, saca-rolhas, sanduíche, sósia, telefonema, soma (o organismo tomado como expressão material em oposição às funções psíquicas).

b) *São femininos*:

Aguardente, alface, alcunha, alcíone, análise, anacruse, bacanal, fácies, fama, cal, cataplasma, cólera, cólera-morbo, coma (cabeleira e vírgula), dinamite, eclipse, faringe, fênix, filoxera, fruta-pão, gesta (= façanha), libido, polé, preá, síndrome, tíbia, variante e os nomes terminados em *-gem* (exceção de *personagem* que pode ser masc. ou fem.).

c) *São indiferentemente masculinos ou femininos*:

Ágape, avestruz, caudal, componente (masc. no Br. e fem. em Portugal), crisma, diabete, gambá, hélice, íris, juriti, igarité, lama ou lhama, laringe (mais usado no fem.), ordenança, personagem, renque, sabiá, sentinela, soprano, suástica, suéter, tapa, trama (intriga), víspora.

Mais de um feminino – Além dos já apontados no decorrer do capítulo, lembraremos ainda os mais usuais:

aldeão – aldeã, aldeoa
deus – deusa, deia (poét.)
diabo – diaba, diabra, diáboa
elefante – elefanta, elefoa, aliá
javali – javalina, gironda
ladrão – ladra, ladrona, ladroa
melro – mélroa, melra
motor – motora, motriz (adj.)
pardal – pardoca, pardaloca, pardaleja
parvo – párvoa, parva
polonês – polonesa, polaca
varão – varoa, virago, matrona
vilão – vilã, viloa

OBSERVAÇÃO: As orações, os grupos de palavras, as palavras e suas partes tomadas materialmente são consideradas como do número singular e do gênero masculino: É bom *que estudes*; *o sim*; *o não*; *o re-*, etc.

Aumentativos e diminutivos – Os substantivos apresentam-se com a sua significação aumentada ou diminuída, auxiliados por sufixos derivacionais:

homem – homenzarrão – homenzinho

A NGB, confundindo flexão com derivação, estabelece dois graus de significação do substantivo:

a) aumentativo: *homenzarrão*
b) diminutivo 31: *homenzinho*

A derivação gradativa do substantivo se realiza por dois processos, numa prova evidente

de que estamos diante de um processo de derivação, e não de flexão:

a) *sintético* – consiste no acréscimo de um final especial chamado *sufixo derivacional aumentativo* ou *diminutivo*: homenzarrão, homenzinho;

b) *analítico* – consiste no emprego de uma palavra de aumento ou diminuição (grande, enorme, pequeno, etc.) junto ao substantivo: *homem grande*, *homem pequeno*.

A flexão se processa de modo sistemático, coerente e obrigatório em toda uma classe homogênea, fato que não ocorre na derivação, o que já levara o gramático e erudito romano Varrão a considerá-la uma *derivatio voluntaria*.

Aumentativos e diminutivos afetivos 32 – Fora da ideia de tamanho, as formas aumentativas e diminutivas podem traduzir o nosso desprezo, a nossa crítica, o nosso pouco caso para certos objetos e pessoas, sempre em função da significação lexical da base, auxiliados por uma entoação especial (eufórica, crítica, admirativa, lamentativa, etc.) e os entornos que envolvem falante e ouvinte:

poetastro, *politicalho*, *livreco*, *padreco*, *coisinha*, *issozinho*

Dizemos então que os substantivos estão em sentido pejorativo.

A ideia de pequenez se associa facilmente à de carinho que transparece nas formas diminutivas das seguintes bases léxicas:

paizinho, mãezinha, queridinha

Função sintática do substantivo – Quanto à função sintática, o substantivo exerce por excelência a função de sujeito (ou seu núcleo) da oração e, no domínio da constituição do predicado, as funções de objeto direto, complemento relativo, objeto indireto, predicativo, adjunto adnominal e adjunto adverbial. Em geral, na função de sujeito e de objeto direto dispensa o substantivo o concurso de qualquer outro elemento; nas outras, acompanha-se de índice funcional.

Toda palavra, parte da palavra ou toda unidade linguística de maior extensão – a oração e o texto inclusive – considerada materialmente, como "objetos substantivos" vale por um substantivo, na metalinguagem. Assim, em ***João** é oxítono, **re**-é um prefixo, o **hoje** e o **amanhã*** o que temos são elementos significantes da linguagem primária (isto é, a linguagem cujo objeto é a realidade não linguística) que se podem converter em nomes de si mesmos – e, portanto, em "substantivos" – no plano da metalinguagem do discurso (isto é, a linguagem cujo objeto é uma linguagem), vale dizer, no emprego metalinguístico da linguagem. Em *o **não*** ou *o **ai!*** não temos "substantivações" de advérbio ou de interjeição, mas substantivos metalexicalizados. Em *O **dlim-dlão** dos sinos acordou-me cedo,* não temos uma onomatopeia a funcionar como sujeito; no exemplo, *dlim-dlão* já não é uma onomatopeia (repare-se que só o substantivo ou equivalente funciona como sujeito), mas o seu nome expresso por substantivo designativo do som que o sino emite. É o que a escolástica chamava *suppositio materialis* [ECs.12, 107; HCv.2, 189].

Grafia dos nomes próprios estrangeiros – As ciências, as artes, a cultura, em geral, e o contato intenso entre nações fazem circular uma multiplicidade de nomes próprios estrangeiros, quer antropônimos, quer topônimos. A tradição literária – mais lusitana que brasileira – prefere, quando possível, aportuguesar, nos antropônimos, o prenome, deixando intacto o sobrenome: *Emílio Zola, Ernesto Renan, Renato Descartes, Antônio Meillet, Frederico Diez.* Todavia, também é possível a manutenção integral do nome estrangeiro: *Antoine Meillet*, *John Milton*, *Juan de Mena.*

Há outros que tradicionalmente são mantidos intactos: *William Shakespeare*, *Johann Wolfgang von Goethe*, *Giovanni Boccaccio*, *Wolfgang Amadeus Mozart*.

Particular atenção merecem os nomes latinos que, por imitação francesa, aparecem com a terminação *-us* do nominativo, quando deveriam ter *-o*: *Bruto* (e não *Brutus*), *Júnio* (e não *Junius*), *Quintílio* (e não *Quintilius*) [MBa.7, 252 - 253].

Maiores adeptos do aportuguesamento, especialmente em Portugal, angariam os topônimos, principalmente quando já correram entre escritores desde os séculos XV e XVI. Assim, é pacífica nos dois países (já que os países independentes de expressão oficial portuguesa acertam o passo com a lição e prática dos lusitanos) a aceitação de *Londres* (e não *London*), *Viena* (e não *Wien*), *Florença* (e não *Firenze*), *Colônia* (e não *Köln*), *Mogúncia* (e não *Mainz* ou *Mayence*), ao lado de outras de difícil aportuguesamento, como *Washington, Windsor, Civitàvecchia, St. Etienne.*

Para brasileiros soam estranhos aportuguesamentos como *Moscovo, Aquisgrano* (Aix-la-Chapelle ou Aachen), *Bona* (Bonn), *Vratislávia* (Breslau), *Cambrígia* (Cambridge), *Francoforte* (Frankfurt), *Glásgua* (Glasgow), entre outros, embora várias propostas tenham aceitação unânime: *Antuérpia* (para *Anvers*), *Avinhão* (*Avignon*), *Basileia* (*Bâle ou Basel*), *Berna* (*Berne*), *Cornualha* (*Cornwall*), *Cracóvia* (*Kraków*), *Leida* (*Leyden*), *Nimega* (*Nijmegen*), *Nova Iorque* (*New York*), *Zurique (Zurich*).

2 – ADJETIVO

Adjetivo – é a classe de lexema que se caracteriza por constituir a *delimitação*, isto é, por caracterizar as possibilidades designativas do substantivo, orientando delimitativamente a referência a uma *parte* ou a um *aspecto* do denotado.

O adjetivo pertence a um inventário aberto, sempre suscetível de ser aumentado. A estrutura interna ou constitucional do adjetivo consiste, nas línguas flexivas, na combinação de um signo lexical expresso pelo radical com signos morfológicos expressos por desinências e alternâncias, ambas destituídas de existência própria fora dessas combinações. No português, entre as desinências está a marca de gradação, isto é, o grau absoluto ou relativo da parte, ou aspecto ("qualidade") significado no radical, (*belo – belíssimo*), bem como afixos de gênero e de número. A relação gramatical instaurada entre o signo delimitador e o signo delimitado é geralmente expressa pela "concordância".

A delimitação apresenta distinções; pode ser *explicação*, *especialização* e *especificação*, expressas por instrumentos verbais correspondentes: os *explicadores*, os *especializadores* e

os *especificadores*. Os explicadores destacam e acentuam uma característica inerente do nomeado ou denotado. Os especializadores marcam os limites extensivos ou intensivos pelos quais se considera o determinado, sem isolá-lo nem opô-lo a outros determináveis capazes de caber na mesma denominação. Os especificadores restringem as possibilidades de referência de um signo, ajuntando-lhe notas que não são inerentes a seu significado.

Junto a virtuais, os especificadores delimitam dentro das classes correspondentes outras classes menos amplas (p. ex. *homem* / *homem branco*). Aplicados a atuais, apresentam os objetos denotados como pertencentes a classes que, por sua vez, se consideram incluídas em classes mais extensas (cf. um *menino louro* pertence à classe "menino louro", que é membro da classe "menino"). Este tipo de determinação Coseriu chama *especificação distintiva*.

Formalmente análoga à especificação distintiva, mas muito diferente no que toca ao funcional, é a *especificação informativa* ou *identificação*, que é um tipo autônomo de determinação, expresso pelos instrumentos *identificadores*. Consiste a identificação na especificação do significado de uma forma "multívoca" para garantir sua compreensão por parte do ouvinte atual ou eventual. Não é a identificação um processo que se realiza com *significados*, como a delimitação, mas com *formas*, e com vista à *atribuição do significado*, isto é, é um processo para que as formas se tornem *inequívocas* ao ouvinte.

Instrumentos gramaticais da determinação nominal – Os instrumentos verbais da determinação nominal são expressos por palavras dotadas de significado categorial e léxicos compreendidas pelos adjetivos, locuções adjetivas, orações adjetivas e nomes em aposição, que se aplicam tanto a nomes virtuais quanto a atuais.

São exemplos de:

a) *delimitadores explicadores*: ***o vasto*** *oceano*, ***as líquidas*** *lágrimas*

b) *delimitadores especializadores*: *a vida* ***inteira***, *o sol* ***matutino***, *o dia* ***no ocaso***, *o céu* ***austral***, *o homem* ***como sujeitos pensantes***, *Camões* ***como poeta***.

c) *delimitadores especificadores* (especificação distintiva): *castelo* ***medieval***, *menino* ***louro***, *aves* ***aquáticas***, *o presidente* ***da República***, *o médico* ***de família***.

São exemplos de determinação *identificadora*: *folha* ***de papel***, *folha* ***de zinco***, *quadro* ***de futebol***, *quadro* ***de parede***, *língua-**idioma***, *língua-**órgão,*** *o real* ***moeda***, *homem* ***homem*** (e não *homem* ser humano).

Os identificadores podem ser ocasionais (Caxias, *Maranhão*), usuais (São Lourenço *do Sul*), ou constantes (*Nova* York, Porto *Alegre*). Os identificadores usuais e constantes, como partes integrantes de um signo, constituem, com seus determinados, verdadeiros *nomes compostos*, embora normalmente dissociáveis, no caso dos identificadores usuais, em virtude de circunstâncias do falar a que Coseriu chama *entornos*.

Assim, se o falante estiver no Maranhão, escusará dizer *Caxias*, *Maranhão*, mas tão somente *Caxias*, como o habitante de *São Lourenço do Sul* usará apenas *São Lourenço*, dentro do mesmo entorno.

OBSERVAÇÃO: Outros instrumentos verbais podem, sozinhos ou acompanhados de adjetivo, exercer a função de delimitadores nominais. Entretanto, com os adjetivos propriamente ditos não se confundem, porque não possuem significação lexical (ou,

como vimos atrás, quando a apresentam, têm significado lexical genérico, o que ocorre com certos pronomes), e integram um inventário fechado: são pronomes adjuntos (a que a gramática tradicional chamava "adjetivos determinativos": *possessivos*, *demonstrativos*, *indefinidos*) e, intimamente relacionados com estes últimos, os *numerais*.

NOTA DE NOMENCLATURA: Os gramáticos antigos gregos e latinos reuniam substantivos e adjetivos numa só classe, a dos *nomes*, como ainda fazem alguns gramáticos de línguas estrangeiras (ingleses, por exemplo). Só na Idade Média se fez a distinção entre nomes substantivos e nomes adjetivos. Isto porque um mesmo objeto pode ser apreendido ou como objeto absoluto e independente (isto é, substância afetada por um acidente: *o forte* ***amor***), ou como objeto dependente (inerente a um sujeito: *o homem* ***amoroso***). Daí, com frequência, poder o mesmo significante ocorrer com um ou outro desses valores: ***alto*** *monte* – ***o alto*** *do monte*. Assim também expressões inteiras, inclusive orações, podem "substantivar-se", vale dizer, podem passar a exercer funções que os substantivos exercem; daí as chamadas orações subordinadas substantivas: *Desejo teu* ***progresso*** / *Desejo* ***que progridas*** [ECs.1, 291-308; HVc.1, 427-428]. Por outro lado, uma oração adjetiva não introduzida pelos conectores *cujo* e *o qual* pode voltar a substantivar-se mediante a anteposição do artigo, se se elide o substantivo antecedente: *Não sei* ***o que tem de verdade nisso***, onde a oração transposta de adjetivo passa a substantivo para exercer a função de objeto direto em relação ao predicado *não sei*. Chamar ao *o* (*a, os, as*) pronome demonstrativo é mascarar a substantivação.

Locução adjetiva – é a expressão formada de preposição + substantivo ou equivalente com função de adjetivo:

Homem de *coragem* = homem *corajoso*
Livro *sem capa* = livro *desencapado*
"Era uma noite medonha,
Sem estrelas, *sem luar*" [GD]
Homem *de cor*
Escritores *de hoje*

Note-se que nem sempre encontramos um adjetivo de significado perfeitamente idêntico ao de locução adjetiva:

Colega de turma

A língua poética é mais receptiva ao emprego do adjetivo que exprime matéria em lugar da locução adjetiva:

áureas *estátuas* – *estátuas* ***de ouro***
nuvens ***plúmbeas*** – *nuvens* ***de chumbo***
colunas ***marmóreas*** – *colunas* ***de mármore***

Substantivação do adjetivo – Certos adjetivos são empregados sem qualquer referência a nomes expressos como verdadeiros substantivos. A esta passagem de adjetivos a substantivos chama-se substantivação:

"A vida é combate
que os *fracos* abate,
que os *fortes*, os *bravos*,
só pode exaltar" [GD].

Nestas substantivações, o adjetivo prescinde do substantivo que o podia acompanhar, ou então é tomado em sentido muito geral e indeterminado, não marcado, caso em que se usa o masculino (à maneira do neutro latino, mas não do neutro em português, que não existe):[33]

O ***bom*** da história é que não houve fim.
O ***engraçado*** da anedota passou despercebido.
O ***triste*** do episódio está em que a vida é assim.

Flexões do adjetivo – O adjetivo se combina com certos signos gramaticais para manifestar o *número*, o *gênero* e o *grau*. O grau, entretanto, não constitui, no português, um processo gramatical e, assim, deve ser excluído da nossa descrição como tal, à semelhança do que já fazem gramáticas de outras línguas românicas. O grau, com estas reservas, figura aqui, por ter sido ainda contemplado pela NGB. A gradação em português, tanto no substantivo quanto no adjetivo, se manifesta por procedimentos sintáticos, e não morfológicos, como o era em latim, ou por sufixos derivacionais.

Número do adjetivo – O adjetivo acompanha o número do substantivo a que se refere: *aluno estudioso*, *alunos estudiosos*.

O adjetivo, portanto, conhece os dois números que vimos no substantivo: o *singular* e o *plural*.

Formação do plural dos adjetivos – Aos adjetivos se aplicam, na maioria dos casos, as mesmas regras de plural dos substantivos.

Alguns poucos adjetivos, como já ocorreu nos substantivos, se mostram indiferentes à marca de número, servindo indistintamente para a indicação do singular ou plural: *simples*, *isósceles*, assim:

critério *simples* / solução *simples*
caráter *assim* / coragem *assim*

Quanto aos adjetivos compostos, lembraremos que normalmente só o último varia, quando formados por dois adjetivos:

amizades luso-brasileiras, reuniões lítero-musicais
saias verde-escuras, folhas azul-claras

Variam ambos os elementos, entre outros exemplos, *surdo-mudo*: *surdos-mudos*.

Com exceção dos casos mais gerais, não tem havido unanimidade de uso no plural dos adjetivos compostos, quer na língua literária, quer na variedade espontânea da língua. A dificuldade fica ainda acrescida pelo fato de uma mesma forma poder ser empregada como adjetivo ou como substantivo, e a cada uma dessas funções são atribuídos plurais distintos, especialmente nos dicionários. As denominações de cores é que mais chamam a nossa atenção neste particular. Assim, para *verde-claro* como substantivo, se atribui o plural *verdes-claros* e, como adjetivo, *verde-claros*; já *verde-azul*, substantivo ou adjetivo, é assinalado com o plural *verde-azuis*.

Se o 2.º elemento é um substantivo (*verde-abacate*, *verde-água*), o composto admite dois plurais: *verdes-abacates* e *verdes-abacate*; *verdes-águas* e *verdes-água*.

O melhor, nestes casos, será apelar para as nossas tradicionais maneiras de adjetivar, com o auxílio da preposição *de* ou das locuções *de cor*, *de cor de* ou, simplesmente, *cor de* [SS.3, 74]: *olhos de verde-mar*, *ramagens de cor verde-garrafa*, *luvas de cor de pele*, *olhos cor de safira*, *olhos verdes da cor do mar*.

Mário Barreto, lembrando a possibilidade da elipse da preposição *de* ou da locução *cor de*, recomenda a invariabilidade do substantivo empregado adjetivamente, em *fitas creme*,

luvas café, isto é, fitas de cor de creme, e rejeita *fitas cremes*, *luvas cafés* [MBa.1, 375-377]. Ensina ainda que, sendo frequente o emprego do nome do objeto colorido para expressar a cor desse mesmo objeto: *o* ***lilá*** *pálido*, *um* ***violeta*** *escuro*, aplicando-se aos nomes *lilá*, *violeta* o gênero masculino na acepção da cor: "Prefiro o *rosa* ao *violeta*", em vez de "Prefiro *a* rosa à violeta", oração que pode ser entendida de maneira ambígua.

Gênero do adjetivo – O adjetivo concorda também em gênero com o substantivo a que se refere. Conhece, assim, os gêneros comuns ao substantivo: *masculino* e *feminino*. Todavia, esta distinção (em gênero e em número) tem diferente valor referencial no substantivo e no adjetivo; no substantivo, o gênero e o número modificam a referência, enquanto no adjetivo designam sempre a mesma qualidade e só se explicam como simples repercussão da relação sintática (concordância) que se instaura entre o determinado e o determinante, nada acrescentando semanticamente. Diferente de *menino* / *menina*, o adjetivo *estudioso* / *estudiosa* não assinala *menino* como da classe dos machos nem *menina* da classe das fêmeas.

Formação do feminino dos adjetivos – Os adjetivos *uniformes* são os que apresentam uma só forma para acompanhar substantivos masculinos e femininos. Geralmente estes uniformes terminam em *-a*, *-e*, *-l*, *-m*, *-r*, *-s* e *-z*:

povo *lusíada*	–	nação *lusíada*
breve exame	–	*breve* prova
trabalho *útil*	–	ação *útil*
objeto *ruim*	–	coisa *ruim*
estabelecimento *modelar*	–	escola *modelar*
homem *audaz*	–	mulher *audaz*
conto *simples*	–	história *simples*

Exceções principais: *andaluz*, *andaluza*; *bom*, *boa*; *chim*, *china*; *espanhol*, *espanhola*.

Quanto aos *biformes*, isto é, que têm uma forma para o masculino e outra para o feminino, os adjetivos seguem de perto as mesma regras que apontamos para os substantivos. Lembraremos aqui apenas os casos principais:

a) Os terminados em *–ês*, *-or*, e *–u* acrescentam no feminino um *a*, na maioria das vezes.

chinês, *chinesa*; *lutador*, *lutadora*; *cru*, *crua*.

EXCEÇÕES: 1) *cortês*, *descortês*, *montês* e *pedrês* são invariáveis; 2) *incolor*, *multicor*, *sensabor*, *maior*, *melhor*, *menor*, *pior* e outros são invariáveis. Outros em *-dor* ou *-tor* apresentam-se em *-triz*: *motor*, *motriz* (a par de *motora*, conforme vimos nos substantivos); outros terminam em *-eira*: *trabalhador*, *trabalhadeira* (a par de *trabalhadora*). *Superiora* (de convento) usa-se como substantivo. 3) *hindu* é invariável; *mau* faz *má*.

b) Os terminados em *-eu* passam, no feminino, a *-eia*:

europeu, *europeia*; *ateu*, *ateia*.

EXCEÇÕES: *judeu – judia*; *sandeu – sandia*
tabaréu – tabaroa; *réu – ré*.

c) Alguns adjetivos, como já ocorreu nos substantivos, apresentam uma forma teórica básica do feminino singular com vogal aberta que estará presente também no plural; no masculino esta vogal aberta passa a fechada:

laborioso (ô), *laboriosa* (ó); *disposto* (ô), *disposta* (ó).

Este procedimento de partir do timbre da vogal tônica aberta do feminino para o fechamento da vogal do masculino, e não o inverso, explica-se pelo fato de que há adjetivos em que a vogal tônica fechada do masculino se mantém fechada também no feminino: *encantada*, *encantadora*, *português*, *portuguesa*.

Gradação do adjetivo – Há três tipos de gradação na qualidade expressa pelo adjetivo: *positivo*, *comparativo* e *superlativo*, quando se procede a estabelecer relações entre o que são ou se mostram duas ou mais pessoas. Como já dissemos, a gradação em português se expressa por mecanismo sintático ou derivacional:

O POSITIVO, que não se constitui a rigor numa gradação, enuncia simplesmente a qualidade:

O rapaz é *cuidadoso*.

O COMPARATIVO compara qualidade entre dois ou mais seres, estabelecendo:

a) uma *igualdade*:

O rapaz é *tão cuidadoso quanto* (ou *como*) *os outros*.

b) uma *superioridade*:

O rapaz é *mais cuidadoso que* (ou *do que*) *os outros*.

c) uma *inferioridade*:

O rapaz é *menos cuidadoso que* (ou *do que*) *os outros*.

O SUPERLATIVO pode:

a) ressaltar, com vantagem ou desvantagem, a qualidade do ser em relação a outros seres:

O rapaz é *o mais cuidadoso dos* (ou *dentre os*) *pretendentes ao emprego*.

O rapaz é *o menos cuidadoso dos pretendentes*.

b) indicar que a qualidade do ser ultrapassa a noção comum que temos dessa mesma qualidade:

O rapaz é *muito cuidadoso*.

O rapaz é *cuidadosíssimo*.

No primeiro caso, a *qualidade* é ressaltada em relação ou comparação com os outros pretendentes. Diz-se que o *superlativo* é *relativo*.

Forma-se o *superlativo relativo* do mesmo modo que o comparativo de superioridade ou inferioridade antecedido sempre do artigo definido e seguido de sintagma preposicional iniciado por *de* (ou *dentre*): *o mais... de* (ou *dentre*), *o menos... de* (ou *dentre*).

No segundo caso, a superioridade é ressaltada sem nenhuma relação com outros seres. Diz-se que o *superlativo* é *absoluto* ou *intensivo*.

O superlativo absoluto pode ser *analítico* ou *sintético*.

Forma-se o analítico com a anteposição de palavra intensiva (*muito*, *extremamente*, *extraordinariamente*, etc.) ao adjetivo: *muito cuidadoso*. Na modalidade espontânea, mesmo

em literatura, pode-se obter a manifestação afetiva do superlativo mediante a repetição do adjetivo: *Ela é linda linda*. Ou do advérbio: *Ela é muito muito linda*.

O *sintético* é obtido por meio do sufixo derivacional *-íssimo* (ou outro de valor intensivo) acrescido ao adjetivo na forma positiva, com a supressão da vogal temática, quando o exigirem regras morfofonêmicas: *cuidadosíssimo*.

Quanto ao aspecto semântico, *cuidadosíssimo* diz mais, é mais *enfático* do que *muito cuidadoso*. O sufixo *-íssimo* é recente na longa história do português e se deve a um empréstimo do latim, durante o Renascimento, com o auxílio do italiano, responsável pela recuperação do sufixo. Na linguagem coloquial, se desejamos que o superlativo absoluto analítico seja mais enfático, costumamos repetir a palavra intensiva: *Ele é muito mais cuidadoso*, ou se buscam efeitos expressivos mediante a ajuda de criações sufixais imprevistas como *-ésimo*.

O meio termo entre estes dois superlativos (*muito cuidadoso – cuidadosíssimo*) é obtido com a fórmula: *mais do que cuidadoso*, *menos de*:

> "Estas e outras arguições, complicadas com os procedimentos *mais do que ásperos* da expulsão do coleitor Castracani em 1639, não concorreram pouco para alienar de todo o ânimo das populações..." [RS.2, IV, 75-6].
> "Tomou o estudante uma casa *menos de* modesta, fora de portas em Santo Antônio dos Olivais" [CBr.6, 107].

Alterações gráficas no superlativo absoluto – Ao receber o sufixo intensivo, o adjetivo pode sofrer certas modificações na sua forma:

a) os terminados em *-a*, *-e*, *-o* perdem essas vogais:

cuidadosa – cuidadosíssima
elegante – elegantíssimo
cuidadoso – cuidadosíssimo

b) os terminados em *-vel* mudam este final para *-bil*:

terrível – terribilíssimo
amável – amabilíssimo

c) os terminados em *-m* e *-ão* passam, respectivamente, a *-n* e *-an*:

comum – comuníssimo
são – saníssimo

d) os terminados em *-z* passam esta consoante a *-c*:

feroz – ferocíssimo
sagaz – sagacíssimo

Há adjetivos que não alteram sua forma, como é o caso dos terminados em *-u*, *-l* (exceto *-vel*), *-r*:

cru – cruíssimo; fácil – facílimo – facilíssimo; regular – regularíssimo

Afora estes casos, outros há onde os superlativos se prendem às formas latinas. Apontemos os mais frequentes:

acre – acérrimo
amargo – amaríssimo
amigo – amicíssimo
antigo – antiquíssimo
magnífico – magnificentíssimo
magro – macérrimo
malédico – maledicentíssimo
malévolo – malevolentíssimo

áspero – aspérrimo

benéfico – beneficentíssimo

benévolo – benevolentíssimo

célebre – celebérrimo

célere – celérrimo

cristão – cristianíssimo

cruel – crudelíssimo

difícil – dificílimo

doce – dulcíssimo

fiel – fidelíssimo

frio – frigidíssimo

geral – generalíssimo

honorífico – honorificentíssimo

humilde – humílimo

incrível – incredibilíssimo

inimigo – inimicíssimo

íntegro – integérrimo

livre – libérrimo

maléfico – maleficentíssimo

mísero – misérrimo

miúdo – minutíssimo

negro – nigérrimo

nobre – nobilíssimo

parco – parcíssimo

pessoal – personalíssimo

pobre – paupérrimo

pródigo – prodigalíssimo

público – publicíssimo

provável – probabilíssimo

sábio – sapientíssimo

sagrado – sacratíssimo

salubre – salubérrimo

soberbo – superbíssimo

simples – simplicíssimo

tétrico – tetérrimo

Ao lado do superlativo à base do termo latino, pode circular o que procede do adjetivo acrescido da terminação *–íssimo*:

agílimo – agilíssimo

antiquíssimo – antiguíssimo

crudelíssimo – cruelíssimo

dulcíssimo – docíssimo

facílimo – facilíssimo

humílimo – humildíssimo, humilíssimo

macérrimo – magríssimo

nigérrimo – negríssimo

parcíssimo – parquíssimo

paupérrimo – pobríssimo

OBSERVAÇÃO: Chamamos a atenção para as palavras terminadas em *-io* que, na forma sintética, apresentam dois *is*, por seguirem a regra geral da queda do *-o* final para receber o sufixo:

cheio → cheiíssimo, cheiinho
feio → feiíssimo, feiinho
frio → friíssimo, friinho
necessário → necessariíssimo
precário → precariíssimo
sério → seriíssimo, seriinho
sumário → sumariíssimo
vário → variíssimo

OBSERVAÇÃO: A tendência da língua à fuga ao hiato leva a que apareçam formas com fusão dos dois ii, embora num ou noutro

adjetivo a eufonia impede a mudança: **fríssimo*, **varíssimo*, por exemplo, embora Dias Gomes (séc. XVIII) escrevesse *propríssimo*. Ainda que escritores usem formas com um só *i* (*cheíssimo*, *cheinho*, *feíssimo*, *seríssimo*, etc.), a língua padrão insiste no atendimento à manutenção dos dois ii.34

Comparativos e superlativos irregulares – Afastam-se dos demais na sua formação de comparativo e superlativo os adjetivos seguintes:

	Comparativo de superioridade	*Superlativo*	
Positivo		*absoluto*	*relativo*
bom	melhor	ótimo	o melhor
mau	pior	péssimo	o pior
grande	maior	máximo	o maior
pequeno	menor	mínimo	o menor

Não se diz *mais bom* nem *mais grande* em vez de *melhor* e *maior*; mas podem ocorrer *mais pequeno*, *o mais pequeno*, *mais mau*, por *menor*, *o menor*, *pior*. Também se podem empregar *bom* e *grande* nas expressões *mais ou menos grande*, *mais ou menos bom*, pois que os tais adjetivos se regulam pela última palavra:

> "Os poemas completos do desterrado do Ponto, todas as literaturas europeias os ambicionavam, e os meteram em si, com *mais ou menos boa* mão" [AC *apud* MBa.1, 249].

Note-se o jogo de alternância de *mais pequeno* e *menor* em:

> "Em matéria de amor-próprio o *mais pequeno* inseto não o tem *menor* que a baleia ou o elefante" [MM.1, 151].

É ainda oportuno lembrar que às vezes *bom* e *mau* constituem com o substantivo seguinte uma só lexia, uma só unidade léxica, de modo que, nesta situação, podem ser modificados pelos advérbios *mais*, *menos*, *melhor*, *pior*, que passam a referir-se a toda a expressão: *homem de mais mau-caráter*, *pessoa de menos más intenções*, *palavras da melhor boa-fé*:

> "Pode ser que ele ainda venha para ti com o coração purificado, e o tributo da mocidade avaramente pago. *Mais bom marido* será então" [CBr *apud* MBa.5, 241-242].

Ao lado dos superlativos *o maior*, *o menor*, figuram ainda *o máximo* e *o mínimo* que se aplicam a ideias abstratas e aparecem ainda em expressões científicas, como *a temperatura máxima*, *a temperatura mínima*, *máximo divisor comum*, *mínimo múltiplo comum*, *nota máxima*, *nota mínima*.

Em lugar de *mais alto* e *mais baixo* usam-se os comparativos *superior* e *inferior*; por *o mais alto* e *o mais baixo*, podemos empregar os superlativos *o supremo* ou *o sumo*, e *o ínfimo*.

Comparando-se duas qualidades ou ações, empregam-se *mais bom*, *mais mau*, *mais grande* e *mais pequeno* em vez de *melhor*, *pior*, *maior*, *menor*:

> *É mais bom do que mau* (e não: *é melhor do que mau*).
> *A escola é mais grande do que pequena.*
> *Escreveu mais bem do que mal.*
> *Ele é mais bom do que inteligente.*

Por fim, assinalemos que, depois dos comparativos em *-or* (*superior*, *inferior*, *anterior*,

posterior, *ulterior*), se usa a preposição *a*:

*Superior **a** ti*, *inferior **ao** livro*, *anterior **a** nós*

Repetição de adjetivo com valor superlativo – Na linguagem coloquial, pode-se empregar, em vez do superlativo, a repetição do mesmo adjetivo:

O dia está *belo belo* (= belíssimo).

Ela era *linda linda* (= lindíssima).

Proferindo-se estas orações, dá-se-lhes um tom de voz especial para melhor traduzir a ideia superlativa expressa pela repetição do adjetivo. Geralmente consiste na pausa demorada na vogal da sílaba tônica.

Comparações em lugar do superlativo – Para expressarmos mais vivamente o elevado grau de uma qualidade do ser, empregamos ainda comparações que melhor traduzem a ideia superlativa:

Pobre como Jó (= paupérrimo), *feio como a necessidade* (feiíssimo), *claro como água*, *escuro como breu*, *esperto como ele só*, *malandro como ninguém.*

Usam-se ainda certas expressões não comparativas: *podre de rico*, *feio a mais não poder*, *grande a valer*.

Adjetivos diminutivos – As formas diminutivas de adjetivos podem (precedidas ou não de *muito*, *mais*, *tão*, *bem*) adquirir valor de superlativo:

Blusa amarelinha, *garoto bonitinho*; "É bem *feiozinho*, benza-o Deus, o tal teu amigo!" [AAz].

No estilo coloquial não é raro o reforço deste emprego do diminutivo mediante as locuções *da Silva*, *da Costa* (cf. BF, XVII, 1 – 2, 197).

3 – Artigo

Artigo – Chamam-se *artigo definido* ou simplesmente *artigo **o**, **a**, **os**, **as*** que se antepõem a substantivos, com reduzido valor semântico demonstrativo e com função precípua de adjunto desses substantivos.

A tradição gramatical tem aproximado este verdadeiro artigo de ***um***, ***uns***, ***uma***, ***umas***, chamados *artigos indefinidos*, que se assemelham a ***o***, ***a***, ***os***, ***as*** pela mera circunstância de também funcionarem como adjunto de substantivo, mas que do autêntico artigo diferem pela origem, tonicidade, comportamento no discurso, valor semântico e papéis gramaticais.

Pela origem, porque *o*, *a*, *os*, *as* se prendem a antigo demonstrativo latino (*illum*, *illa*) – o que lhes garante o valor de demonstrativo atenuado –, enquanto *um*, *uma*, *uns*, *umas* representam emprego especial de generalização do numeral *um*. Pela tonicidade, porque, sendo um vocábulo eminentemente átono, não pode funcionar sozinho na oração, como o faz o chamado artigo indefinido que, neste papel, só não se confunde com o pronome indefinido

pelo auxílio que lhe emprestam os entornos linguísticos. Do ponto de vista semântico e consequentes resultados nas funções gramaticais, está o primordial valor *atualizador* do artigo, de que decorrem os demais valores contextuais: 35 o artigo definido identifica o objeto designado pelo nome a que se liga, delimitando-o, extraindo-o de entre os objetos da mesma classe, como aquele que já foi (ou será imediatamente) conhecido do ouvinte – quer através do discurso (que dele faz menção), quer pela "dêixis" (que o mostra, ordenando-o espacial e temporalmente), quer pelo contexto idiomático, no qual a palavra é, quando não ulteriormente determinada, nome de conceito ou de toda uma classe de objetos (assim, "o homem é um animal racional" equivale a "aquilo que conhecemos pela palavra *homem*...") [HCv.1, 2, 1427].

Deste valor atualizador decorre o fato sintático de o artigo ser dispensado quando tal valor já vem expresso por outro identificador adnominal, seja demonstrativo (*este homem*), seja possessivo (*meu livro*), seja por equivalente a este valor, ou antes de um nome próprio, já por si atual e individual. No português, em que a presença do artigo junto ao possessivo adnominal tem sido marcado por um progressivo emprego da fase antiga à moderna, o uso do artigo em "***o** meu livro*" é redundante, e, poderíamos repetir a classificação de um velho filólogo lembrado por Pacheco Júnior: muleta gramatical [PJ.1, 141].

Outra função é a da substantivação: qualquer unidade linguística, do texto ao morfema, pode substantivar-se quando é nome de si mesma, tomada materialmente: "***o** o* é artigo", "***o** este* é dissílabo", "não sabe ***o** como me agradar*", "***o** per-* é um prefixo".

Este fato e a força identificadora contribuem para a possibilidade de calar o nome já antes anunciado ou, se não antes anunciado no discurso, conhecido e identificado pelo falante e pelo ouvinte: "***o** livro de Edu* e ***o** teu*", "***a** blusa* branca e ***a*** azul", "***a** blusa* branca e ***aquela** azul*", etc. Tal possibilidade criou a diferença, na nomenclatura gramatical, entre *o* "artigo" e *o* "pronome demonstrativo", baseada em dois fatos: o segundo *o* vale semanticamente por *isto*, *isso*, *aquilo*, e por usarem outras línguas, nesta situação, um pronome (*ce* em francês, *quello* em italiano), e não o artigo. Gili Gaya [GG.1] já mostrou que línguas há que preferem, nesta situação, o artigo, enquanto outras preferem formas de demonstrativo.

Ora, isto nos leva a acompanhar os autores (Alarcos Llorach, mais recentemente) que veem como substantivações de orações previamente transpostas a subordinadas adjetivas ("Não sei *o que fazes*", objeto direto de *não sei*) ou adverbiais ("Gostou do *quando o filho se defendeu*", complemento relativo de *gostar*).

Esta omissão do antecedente do relativo é análoga à que se dá em subordinadas de *quem* absoluto ("*Quem tudo quer* tudo perde", e nas interrogativas indiretas ("Não sei *quem virá*", "Não sei *quando virá*"), já classificadas como de valor substantivo desde Epifânio Dias, no final do século passado, e adotadas depois, entre outros, por Said Ali e Mário Pereira de Sousa Lima.

Por fim, cumpre acrescentar que se uma operação determinativa passa a supérflua ou se realiza implicitamente, graças à presença de outros determinadores ou pelo contexto, as unidades específicas empregadas na operação podem servir para outras funções [ECs.3, 292-293]. Coseriu lembra que o artigo empregado junto com um quantificado tem função individuadora (*os dois homens*) e, aplicado a um nome próprio – já atual e individual –, pode

exercer função estilística (*Maria* ao lado de *a Maria*).

Junto de nome não marcado por gênero e número, pode o artigo ser responsável pela indicação dessas categorias gramaticais: ***o*** *artista*, ***a*** artista; ***o*** *lápis*, ***os*** *lápis*.

Emprego do Artigo Definido

Emprego do artigo definido – De largo uso no idioma, o artigo assume sentidos especialíssimos, graças aos contornos verbais e extraverbais:

a) Junto dos nomes próprios denota nossa familiaridade (neste mesmo caso pode o artigo ser também omitido):

O Cleto talvez falte hoje. O Antônio comunicou-se com o João.

Observação: O uso mais frequente, na linguagem culta, tendo em vista o valor já de si individualizante, dispensa o artigo junto a nomes próprios de pessoas, com exceção dos que se acham no plural. É tradição ainda só antepor artigo a apelidos: *o* Camões, *o* Tasso, *o* Vieira. Modernamente tem-se estendido a presença do artigo antes dos nomes de escritores, artistas e personagens célebres, principalmente quando usado em sentido figurado: *o* Dante, *o* Torquato, *o* Rafael (= o quadro de Rafael). Dizemos, indiferentemente, *Cristo* ou *o Cristo* (ou ainda *o Cristo Jesus*).

b) Costuma aparecer ao lado de certos nomes próprios geográficos, principalmente os que denotam países, oceanos, rios, montanhas, ilhas:

a Suécia, *o* Atlântico, *o* Amazonas, *os* Andes, *a* Groenlândia

Entre nós, dispensam artigo os nomes dos seguintes Estados: *Alagoas*, *Goiás*, *Mato Grosso*, *Minas Gerais*, *Santa Catarina*, *São Paulo*, *Pernambuco* e *Sergipe*.

Nota: Não se acompanham de artigo as denominações geográficas formadas com nomes ou adjetivos: *São Paulo*, *Belo Horizonte*.

Quanto às cidades, geralmente prescindem de artigo. Há, contudo, exceções devidas à influência de seu primitivo valor de substantivo comum: *a* Bahia, *o* Rio de Janeiro, *o* Porto, etc. Continuando a prática de outros idiomas que, por sua vez, se inspiram no árabe *el-Kahira* (a Vitoriosa), dizemos com artigo *o Cairo*.

Recife sempre se disse acompanhado de artigo: *o Recife*. Modernamente, pode dispensá-lo. *Aracaju*, capital de Sergipe, conhece a mesma liberdade.

c) Entra em numerosas alcunhas e cognomes: Isabel, *a Redentora*; D. Manuel, *o Venturoso*; *mas*: *Frederico Barba-roxa*.

d) Aparecem em certos títulos: *o* professor João Ribeiro, *o* historiador Tito Lívio, *o* doutor Sousa.

Observação: É omitido antes dos ordinais pospostos aos títulos: Pedro I, Henrique VIII, João VI.

e) São omitidos nos títulos de *Vossa Alteza*, *Vossa Majestade*, *Vossa Senhoria* e outras denominações, além das formas abreviadas *dom*, *frei*, *são* e as de origem estrangeira, como *Lord*, *Madame*, *Sir* e o latinismo *sóror* ou *soror* (oxítono): *Vossa Alteza passeia*. *Frei Joaquim do Amor Divino Caneca nasceu em Pernambuco*. *Soror* (ou *Sor*) *Mariana Alcoforado foi célebre escritora portuguesa*.

OBSERVAÇÃO: Ensina-nos JOÃO RIBEIRO: "É um galicismo a intercalação do artigo nas fórmulas: *Sua Excelência* ***o*** *deputado*, *Sua Alteza* ***o*** *príncipe*, *Sua Santidade* ***o*** *Papa*. Estes galicismos foram adotados geralmente na língua para evitar fórmulas menos elegantes, como: *a* excelência do Sr. Deputado, *a* alteza do príncipe, como mandaria dizer a vernaculidade" [JR.1, 266-7]. E, em nota, transcreve exemplos que lhe foram apontados pelo colaborador FIRMINIO COSTA, dos quais lembramos:

"... comunicou a coisa à Alteza de el-rei Dom João o III".

f) Dizem-se com artigo os nomes de trabalhos literários e artísticos (se o artigo pertence ao título, há de ser escrito obrigatoriamente com maiúscula):

a Eneida, *a* Jerusalém Libertada, *Os* Lusíadas, *A* Tempestade.

Mesmo quando precedido de preposição fora do título, deve-se modernamente (a tradição não procedia assim) preservar a integridade do artigo incluído na denominação:

No caso de ***Os Lusíadas****...*

Passando os olhos por ***As Cidades e as Serras****.*

Estampou-se ontem em ***O Globo*** *a notícia...*

Às vezes, aparentemente, se juntam dois artigos porque o primeiro tem subentendida a espécie da publicação: "Um artigo meu publicado ***na*** [revista] *A Águia*" [FP *apud* MAg.1, 21]. "***O*** [livro] *A Padaria Espiritual* está sendo caprichosamente confeccionado..." [LM *apud* MAg.1].

A má interpretação deste fato causou o emprego errôneo e pleonástico do artigo em construções do tipo: *A notícia saiu* ***pelas*** *As Grandes Novidades*.

g) São omitidos antes da palavra *casa*, designando residência ou família, nas expressões do tipo: *fui a casa*, *estou em casa*, *venho de casa*, *passei por casa*, *todos de casa*.

OBSERVAÇÃO: Seguido de nome do possuidor ou de um adjetivo ou expressão adjetiva, pode o vocábulo *casa* acompanhar-se de artigo: *Da* (ou *de*) casa de meus pais.

h) Omite-se ainda o artigo junto ao vocábulo *terra*, em oposição a *bordo* (que também dispensa artigo):

Iam de bordo *a* terra.

i) Costuma-se omitir o artigo com a palavra *palácio*, quando desacompanhada de modificador:

"Perguntou o mestre-escola afoitamente à sentinela do paço se o representante nacional, morgado da Agra, estava *em palácio*" [CBr.1, 144].

j) Aparece junto ao termo denotador da unidade quando se expressa o valor das coisas (aqui o artigo assume o valor de *cada*):

Maçãs de poucos cruzeiros *o* quilo.

k) Aparecem nas designações de tempo com os nomes das estações do ano:

Na primavera há flores em abundância. "Em uma tarde do *estio*, à hora incerta e saudosa..." [AH.2, 154].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Se o nome de estação vier precedido de *de*, significando *próprio de*, o artigo é dispensado: Numa manhã *de primavera*.

2.ª) Se a expressão temporal contiver nome de mês, dispensa ainda o artigo: Meu irmão faz anos *em março*.

l) Nas indicações de tempo com a expressão *uma hora*, significando *uma* a *primeira hora*, o emprego do artigo é facultativo:

Era perto *da* uma hora ou Era perto *de* uma hora.

A primeira construção parece ser mais dos portugueses; a segunda dos brasileiros. Por ser mais antiga na língua, fixou-se o emprego do *a* acentuado em expressões como *à uma hora*, etc.

m) É, na maioria dos casos, de emprego facultativo junto a possessivos em referência a nome expresso:

Meu livro ou *o* meu livro

OBSERVAÇÃO: É obrigatório o artigo, quando o possessivo é usado sem substantivo, em sentido próprio ou translato: Bonita casa era *a minha*. Fazer *das suas*. "Vês, peralta? É assim que um moço deve zelar o nome *dos seus*? Pensas que eu e meus avós ganhamos o dinheiro em casa de jogo ou a vadiar pelas ruas?" [MA.1, 57].

Mas sem artigo dizemos várias expressões, como *de meu*, *de seu natural*, linguagens com que traduzimos "os bens próprios de alguém" – a primeira – e "qualidades naturais" – a última:

Nunca tive *de meu*, outro bem maior.

"Bernardes era como estas formosas *de seu natural* que se não cansam com alindamentos, a quem tudo fica bem" [AC].

Dispensa ainda artigo o possessivo que entra em expressões com o valor de *alguns*:

Os Lusíadas têm *suas* dificuldades de interpretação.

Finalmente, na expressão de um ato usual, que se pratica com frequência, o possessivo vem normalmente sem artigo:

Às oito toma *seu* café.

n) Não se repete o artigo em frases como:

O homem mais virtuoso do lugar.

Estaria errado: *O* homem *o* mais virtuoso do lugar.

NOTA – É preciso distinguirmos cuidadosamente este feio erro de uma expressão tradicional e corretíssima que consiste em acrescentar, depois do substantivo determinado por adjetivo, o conjunto *o mais*, que introduzirá uma explicação, um adendo, uma restrição. Às vezes, exprimem-se tais ideias com ênfase, caso em que costumam aparecer, antes de *o mais*, elementos de valor concessivo como *ainda*, *mesmo*, *até*, *posto que*.

A má pontuação (deveria haver vírgula antes do conjunto iniciado por *o mais*) aproxima os dois tipos de expressão e uma análise menos cuidadosa tem feito que se evitem construções corretíssimas.

MARTINZ DE AGUIAR [MAg.1, 309-324] estudou com muita perspicácia os dois modos e assim concluiu a sua lição:

"Para que haja pureza de linguagem, é necessário, é imprescindível, que o substantivo, sem o acréscimo de *o mais*, combine com os outros termos da proposição num sentido cabal, de tal maneira, que possa repetir-se. Sem isso, estamos, iniludivelmente, à vista de um estrangeirismo de sintaxe ou de uma construção anti-idiomática, quer se trate de *o – o*, quer de *um – o*. Não é, pois, correta, esta construção de Gonçalves de Magalhães:

Seu rosto de leite e rosas,
De um contorno o mais perfeito.

Rosto de um contorno perfeito é tudo, *rosto de um contorno* não é nada" [MAg.1, 324].

Assim, estão corretas as seguintes passagens, notando-se, apenas, a ausência de vírgula antes de *o mais* (exemplos extraídos da série apresentada por AGUIAR):

"A inveja te assaltou, e a quem perdoa
Este monstro o maior do escuro Inferno?" [Pe. AGOSTINHO DE MACEDO].

"O método, que *as ciências as mais exatas* seguem nas suas operações" [JERÔNIMO BARBOSA].

"O *a*, este som o mais claro de todos" [CASTILHO ANTÔNIO].

Note-se que nos exemplos apontados poderíamos colocar vírgula, o que não acontece com os que se seguem:

"Tens mil águas cristalinas,
As frutas as mais divinas,
Uma esposa de invejar,
Que mais podes desejar?" [PA]
"Desde a quadra *a mais antiga*
De que rezam os pergaminhos" [FV]

Os poetas quiseram apenas dizer *as frutas mais divinas*, *a quadra mais antiga*.

O tipo "zero determinação" antes do substantivo seguido de *o mais* é menos enfático (*homem o mais alto*), e se valoriza através de uma inversão (*o mais alto homem*)". [Cf. MAg.1, 319-320].

o) Junto às designações de partes do corpo e nomes de parentesco, os artigos denotam a posse:

Traz *a cabeça* embranquiçada pelas preocupações.
Tem *o rosto* sereno, mas as mãos trêmulas
D. Laura (falando à irmã):
"Pois não! quem me podia aconselhar prudência
a não ser a senhora, a filha singular,
que ousa dispor de si dentro do pátrio lar,
sem ouvir *pai* nem *mãe*. Cuida que a sua escolha
basta, sem que primeiro *a* mãe e *o* pai a acolha?" [AC.3, 17].

p) A palavra *todo*, no singular, pode vir ou não seguida de artigo, com os significados de *inteiro*, *total* e *cada*, *qualquer*.

A presença ou ausência do artigo depende de que o substantivo exija ou repudie a antecipação de *o*, *a*, *os*, *as*.

Na língua moderna, *todo o* corre mais no sentido de totalidade, inteireza, ênfase (aqui principalmente com os termos que denotam sentimento: *de todo o coração*, *com todo o gosto*, *com todo o amor*, *com todo o carinho*, etc.):

Toda a família estava no recinto (= a família toda, inteira).

Entretanto, como traço do seu valor semântico indiferenciado ('qualquer' ou 'inteiro'), ainda pode aparecer nos autores modernos *todo o* ao lado de *todo* sem artigo, para expressar a ideia de 'qualquer':

O coração de *todo o* ser humano
Foi concebido para ter piedade [CS.2].

Não costuma dispensar artigo, entre bons escritores, o adjetivo substantivado modificado por *todo*, ainda sendo este último empregado com o sentido de *qualquer*:

Todo o próximo tem direito natural.

Às vezes, aparecem na escrita incertezas no emprego de *todo o* / *todo*, *toda a* / *toda*, em virtude do fenômeno de fonética sintática que funde o -*o*, -*a* finais com *o*, *a* artigo.

Com as designações geográficas, o emprego de *todo o* e *todo* depende de o nome exigir ou não a presença do artigo:

Todo o Brasil. Todo Portugal.

Usam-se, modernamente, com o artigo numerosas expressões em que entra a palavra *todo*:

todo o gênero, todo o mundo, a toda a parte, em toda a parte, por toda a parte, a toda a brida, a todo o galope, a toda a pressa, em todo o caso, a toda a hora, a todo o instante, a todo o momento, a todo o transe, a todo o custo, etc.

No plural, *todos* não dispensa artigo (salvo se vier acompanhado de palavra que exclua este determinante):

Todas as famílias têm bons e maus componentes.

Todas as famílias estavam no recinto.

Todas estas pessoas são nossas conhecidas.

Se exprimimos a totalidade numérica por numeral precedido do elemento reforçativo *todos*, aparecerá artigo se o substantivo vier expresso:

Todos os dois romances são dignos de leitura.

Todas as seis respostas estavam certas.

Se omitirmos o substantivo, não haverá lugar para o artigo:

Fizeram-me seis perguntas. Respondi, acertadamente, *a todas seis*.

q) Aparece o artigo nas enumerações onde há *contraste* ou *ênfase*:

Ficou entre *a vida* e *a morte*.

"As virtudes civis e, sobretudo, o amor da pátria tinham nascido para os godos que, fixando o seu domicílio nas Espanhas, possuíram de pais a filhos *o* campo agricultado, *o* lar doméstico, *o* templo da oração e *o* cemité rio do repouso e da saudade" [AH.1, 5].

"Notaram todos que *a tarde* e *a noite* daquele dia foram as mais tristes horas de Casimiro na sua prisão de dois meses" [CBr.6, 191].

r) Dispensa-se o artigo nos vocativos, na maioria das exclamações e nas datas que apomos aos escritos:

"*Velhice – Amigo*, diz-me um amigo,

Sabe que a boa idade é a última idade" [AO].

Rio, *10 de maio* de 1956.

s) Costuma-se dispensar o artigo depois de *cheirar a*, *saber a* (= ter o gosto de) e expressões sinônimas:

Isto *cheira a* jasmim. Isto *sabe a* vinho.

t) Em frases feitas, aparece o artigo definido na sua antiga forma *lo*, *la*.

"Tenho ouvido os quinhentistas a la moda, e os galiparlas" [CBr.1, 61].

Assim encontramos: *a la fé*, *a la par*, *a la mar*, etc.

Aparece ainda a forma antiga na expressão *el-rei*, que se deve usar sem a anteposição de o, apesar de alguns raros exemplos em contrário, em páginas de autores mais afastados de nós.

Vestígio provável da época em que tinha o artigo a força dêitica de pronome demonstrativo é o seu emprego junto a *que* em construções cristalizadas como *pelo que*, *no que diz respeito*, etc.

Emprego do artigo indefinido – O artigo indefinido pode assumir matizes variadíssimos de sentido: registraremos as seguintes considerações:

a) Usa-se o indefinido para aclarar melhor as características de um substantivo enunciado

anteriormente com artigo definido:

Estampava no rosto o sorriso, *um* sorriso de criança.

b) Procedente de sua função classificadora, *um* pode adquirir significação enfática, chegando até a vir acompanhado de oração com *que* de valor consecutivo, como se no contexto houvesse *um tal*:

O instrumento é de *uma* precisão admirável.

Ele é *um* herói! (compare com: Ele é herói!)

Falou de *uma* maneira, que pôs medo nos corações.

c) Antes de numeral denota aproximação:

Esperou *uma* meia hora (aproximadamente).

Terá *uns* vinte anos de idade.

d) Antes de pronome de sentido indefinido (*certo*, *tal*, *outro*, etc.), dispensa-se o artigo indefinido, salvo quando o exigir a ênfase:

Depois de *certa* hora não o encontramos em casa (e não *uma certa hora*).

Devia, pois, ser melancólico além do exprimível o que aí se passou nessa grade; triste, e desgraçado direi, a julgá-lo pelas consequências, que se vão descrever, com *um certo* pesar em que esperamos tomem os leitores o seu quinhão de pena, se não todos, ao menos aqueles que não dão nada pela felicidade da terra, quando ela implica ofensa ao Senhor do céu" [CBr.4, 223].

Esta dispensa pode ocorrer também antes do advérbio *tão* e certas locuções adverbiais (*com voz surda*), antes do substantivo que funciona como predicativo do verbo *ser* (*Você é homem* de bem).

Modernamente, cremos que mais por valorização estilística do indefinido que por simples e servil imitação do francês36, *um* aparece em casos que se não podem explicar por ênfase. Nestas circunstâncias, tais casos são censurados pela gramática tradicional.

e) *Um* ocorre como correlativo de *outro* em sentido distributivo:

Um irmão ia ao teatro e o *outro*, ao cinema.

OBSERVAÇÃO: Calando-se o substantivo também junto de *um*, ainda dispensamos a anteposição do artigo definido, ao contrário do que fazia o português antigo e do que fazem, por exemplo, o francês e o espanhol:

Um ia ao teatro e *o outro* ao cinema (*o um ... o outro*, no português antigo, *l'un ... l'autre*, *el uno ... el otro*).

f) Note-se a expressão *um como*, empregada no sentido de "uma coisa como", "um ser como", "uma espécie de", onde *um* concorda com o substantivo seguinte:

Fez *um como* discurso. Proferiu *uma como* prática.

A respeito de *uma* pronunciado *ũa*, veja-se o capítulo de ortoepia.

O artigo partitivo – A língua portuguesa de outros tempos empregava *do*, *dos*, *da*, *das*, junto a nomes concretos para indicar que os mesmos nomes eram apenas considerados nas suas partes ou numa quantidade ou valor indeterminado, indefinido:

Não digas *desta* água não beberei.

É o que a gramática denomina *artigo partitivo*. Modernamente, o partitivo não ocorre com a frequência de outrora e, pode-se dizer, quase se acha banido do uso geral, salvo pouquíssimas expressões em que ele se manteve, mormente nas ideias de *comer* e *beber*.

4 – PRONOME

Pronome – é a classe de palavras categoremáticas que reúne unidades em número limitado e que se refere a um significado léxico pela situação ou por outras palavras do contexto.

De modo geral, esta referência é feita a um objeto substantivo considerando-o apenas como pessoa localizada do discurso.

Pessoas do discurso – São duas as pessoas determinadas do discurso: 1.ª *eu* (a pessoa correspondente ao falante) e 2.ª *tu* (correspondente ao ouvinte).37 A 3.ª pessoa, indeterminada, aponta para outra pessoa em relação aos participantes da relação comunicativa.

Do ponto de vista semântico, os pronomes estão caracterizados porque indicam *dêixis* ("o apontar para"), isto é, estão habilitados, como verdadeiros gestos verbais, como indicadores, determinados ou indeterminados, ou de uma dêixis contextual a um elemento inserido no contexto, como é o caso, por exemplo, dos pronomes relativos, ou de uma dêixis *ad oculos*, que aponta ou indica um elemento presente ao falante. A dêixis será *anafórica* se aponta para um elemento já enunciado ou concebido, ou *catafórica*, se o elemento ainda não foi enunciado ou não está presente no discurso.38

A dêixis também envolve, como vimos, o lugar da 3.ª pessoa no discurso, só que de maneira negativa, em relação a *eu* e *tu*, que tem localização definida. Por isso é que línguas há, como o português, que podem fazer, quando isto se impõe, a distinção entre *localização indeterminada* e *localização determinada* ou *imediatamente determinável* ("objeto que se encontra à vista dos falantes": *aquele* / *aquele ali*, *aquela lá*). Acrescenta Coseriu, de quem tomamos a lição, que é por este caráter relativamente indeterminado da 3.ª pessoa que a situação possessiva que lhe corresponde às vezes pode necessitar de ulteriores esclarecimentos: *seu* / *seu mesmo*, *seu próprio*, *seu dele* [ECs.1, 301 n.37].

A localização positiva de *ele* ou *aquele* pode ainda dar-se pelos entornos extralinguísticos ou pelo gesto, que indica a *direção* em que o objeto pode achar-se.39

Os pronomes podem apresentar-se como *absolutos* – capazes de funcionar como núcleo de sintagma nominal, à maneira dos substantivos – ou como *adjuntos* do núcleo, à maneira dos adjetivos, dos artigos e dos numerais, como veremos abaixo.

Classificação dos pronomes – Os pronomes podem ser: *pessoais*, *possessivos*, *demonstrativos* (abarcando o artigo definido), *indefinidos* (abarcando o artigo indefinido), interrogativos e relativos.

PRONOME SUBSTANTIVO E PRONOME ADJETIVO – O pronome pode aparecer em referência a substantivo claro ou oculto:

> *Meu* livro é melhor que o *teu*.

Meu e *teu* são pronomes porque dão ideia de posse em relação à pessoa do discurso: *meu* (1.ª pessoa, a que fala), *teu* (2.ª pessoa, a com que se fala). Ambos os pronomes estão em

referência ao substantivo *livro* que vem expresso no início, mas se cala no fim por estar perfeitamente claro ao falante e ouvinte. Esta referência a substantivo caracteriza a função *adjetiva* ou de *adjunto* de certos pronomes. Muitas vezes, sem que tenha vindo expresso anteriormente, dispensa-se o substantivo, como em: Quero o *meu* e não o *seu* livro (onde ambos os pronomes possessivos são adjetivos).

Já em: *Isto é melhor que aquilo*, os pronomes *isto* e *aquilo* não se referem a nenhum substantivo determinado, mas fazem as vezes dele. São, por isso, pronomes *absolutos* ou *substantivos*.

Há pronomes que são apenas absolutos ou adjuntos, enquanto outros podem aparecer nas duas funções.

Pronomes pessoais – Os pronomes pessoais designam as duas pessoas do discurso e a não pessoa (não *eu*, não *tu*), considerada, pela tradição, a 3.ª pessoa:

1.ª pessoa: *eu* (singular), *nós* (plural),

2.ª pessoa: *tu* (singular), *vós* (plural) e

3.ª pessoa: *ele*, *ela* (singular), *eles*, *elas* (plural).

O plural *nós* indica *eu* mais outra ou outras pessoas, e não *eu* + *eu*. 40

As formas *eu*, *tu*, *ele*, *ela*, *nós*, *vós*, *eles*, *elas*, que funcionam como sujeito, se dizem *retas*. A cada um destes pronomes pessoais retos corresponde um pronome pessoal oblíquo que funciona como complemento e pode apresentar-se em forma átona ou forma tônica. Ao contrário das formas átonas, *as tônicas vêm sempre presas a preposição*:

PRONOMES PESSOAIS RETOS		PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS	
		átonos (sem prep.)	tônicos (c/prep.)
Singular:	1.ª pessoa: *eu*	*me*	*mim*
	2.ª pessoa: *tu*	*te*	*ti*
	3.ª pessoa: *ele*, *ela*	*lhe*, *o*, *a*, *se*	*ele*, *ela*, *si*
Plural:	1.ª pessoa: *nós*	*nos*	*nós*
	2.ª pessoa: *vós*	*vos*	*vós*
	3.ª pessoa: *eles*, *elas*	*lhes*, *os*, *as*, *se*	*eles*, *elas*, *si*

Exemplos de pronomes oblíquos átonos:

"Queixamo-*nos* da fortuna (destino) para desculpar a nossa preguiça" [MM].

"A melhor companhia acha-*se* em uma escolhida livraria" [MM].

Exemplos de pronomes oblíquos tônicos:

"Os nossos maiores inimigos existem dentro *de nós* mesmos: são os nossos erros, vícios e paixões" [MM].

"As virtudes se harmonizam, os vícios discordam *entre si*" [MM].

Se a preposição é *com*, dizemos *comigo*, *contigo*, *consigo*, *conosco*, *convosco*, e não: *com*

mi, *com ti*, *com si*, *com nós*, *com vós*. Empregam-se, entretanto, *com nós* e *com vós*, ao lado de *conosco* e *convosco*, quando estes pronomes tônicos vêm seguidos ou precedidos de *mesmos*, *próprios*, *todos*, *outros*, *ambos*, numeral ou oração adjetiva, a fim de evidenciar o antecedente:

"Há um céu para *nós outros* na imortalidade das nossas obras terrenas" [JR.2, 185].

Com vós todos ou *com todos vós*.

Com vós ambos ou *com ambos vós*.

Pronome oblíquo reflexivo – É o pronome oblíquo da mesma pessoa do pronome reto, significando *a mim mesmo*, *a ti mesmo*, etc.:

Eu *me* vesti rapidamente.

Nós *nos* vestimos.

Eles *se* vestiram.

Pronome oblíquo recíproco – É representado pelos pronomes *nos*, *vos*, *se* quando traduzem a ideia de *um ao outro*, *reciprocamente*:

Nós *nos* cumprimentamos (um ao outro).

Eles *se* abraçaram (um ao outro).

Formas de tratamento – Existem ainda formas substantivas de tratamento indireto de 2.ª pessoa que levam o verbo para a 3.ª pessoa. São as chamadas *formas substantivas de tratamento* ou *formas pronominais de tratamento*: 41

você, vocês (no tratamento familiar)

o Senhor, a Senhora (no tratamento cerimonioso)

A estes pronomes de tratamento pertencem as formas de reverência que consistem em nos dirigirmos às pessoas pelos seus atributos ou qualidades que ocupam:

Vossa Alteza (V. A., para príncipes, duques)

Vossa Eminência (V. Em.ª, para cardeais)

Vossa Excelência (V. Ex.ª, para altas patentes militares, ministros, Presidente da República, pessoas de alta categoria, bispos e arcebispos)

Vossa Magnificência (para reitores de universidade)

Vossa Majestade (V. M., para reis, imperadores)

Vossa Mercê (V. M.cê, para as pessoas de tratamento cerimonioso)

Vossa Onipotência (para Deus – não se usa abreviadamente)

Vossa Reverendíssima (V. Rev.ma, para os sacerdotes)

Vossa Senhoria (V. S.ª, para oficiais até coronel, funcionários graduados, pessoas de cerimônia)

Observações:

1.ª) Emprega-se *Vossa Alteza* (e demais) quando 2.ª pessoa, isto é, em relação a quem falamos; emprega-se *Sua Alteza* (e demais) quando 3.ª pessoa, isto é, em relação à de quem falamos.

2.ª) Usa-se de *Dom*, abreviadamente *D.*, junto ao nome próprio: D. Afonso, D. Henrique, D. Eugênio; às vezes aparece em autores junto a nome de família, mas esta prática deve ser evitada por contrariar a tradição da língua. Usa-se ainda *D.* junto a outro título: D. Prior, D. Abade, etc.

3.ª) *Você*, hoje usado familiarmente, é a redução da forma de reverência *Vossa Mercê*. Caindo o pronome *vós* em desuso, só usado nas orações e estilo solene, emprega-se *vocês* como o plural de *tu*.

4.ª) O substantivo *gente*, precedido do artigo *a* e em referência a um grupo de pessoas em que se inclui a que fala, ou a esta sozinha, passa a pronome e se emprega fora da linguagem cerimoniosa. Em ambos os casos o verbo fica na 3.ª pessoa do singular:

"É verdade que *a gente*, às vezes, *tem* cá as suas birras" [AH.4, II, 158].

5.ª) Ainda continuam vivos em Portugal *vós*, *vosso*.

Pronomes possessivos – São os que indicam a posse em referência às três pessoas do discurso:

SINGULAR:	1.ª pessoa:	*meu*	*minha*	*meus*	*minhas*
	2.ª pessoa:	*teu*	*tua*	*teus*	*tuas*
	3.ª pessoa:	*seu*	*sua*	*seus*	*suas*
PLURAL:	1.ª pessoa:	*nosso*	*nossa*	*nossos*	*nossas*
	2.ª pessoa:	*vosso*	*vossa*	*vossos*	*vossas*
	3.ª pessoa:	*seu*	*sua*	*seus*	*suas*

Pronomes demonstrativos – São os que indicam a posição dos seres em relação às três pessoas do discurso.

Esta localização pode ser no *tempo*, no *espaço* ou no *discurso*:

1.ª pessoa: este, esta, isto 42
2.ª pessoa: esse, essa, isso
3.ª pessoa: aquele, aquela, aquilo

Este livro é o livro que está perto da pessoa que fala; *esse livro* é o que está longe da pessoa que fala ou perto da pessoa com quem se fala; *aquele livro* é o que se acha distante da 1.ª e da 2.ª pessoa.

Nem sempre se usam com este rigor gramatical os pronomes demonstrativos; muitas vezes interferem situações especiais que escapam à disciplina da gramática.

São ainda pronomes demonstrativos *o*, *mesmo*, *próprio*, *semelhante* e *tal*.

Considera-se *o* pronome demonstrativo, de emprego absoluto, invariável no masculino e singular quando funciona com o valor "grosso modo" de *isto*, *isso*, *aquilo* ou *tal*:

Não *o* consentirei jamais.

"Arquiteto do mosteiro de S. Maria, já *o* não sou" [AH *apud* FB.1, 195].

"Se os olhos corporais estavam mortos, não *o* estavam os do espírito" [AH.4, I, 226].

"(...) residia uma viúva, que *o* era de um fidalgo da casa de Azevedo" [CBr *apud* MBa.3, 343].

Pode aludir a extensos enunciados:

Prometeu-me que sairia comigo nas próximas férias, mas não *o* fez.

O pronome *o*, perdido o seu valor essencialmente demonstrativo e posto antes de substantivo claro ou subentendido, expressão substantivada inclusive oração –, como adjunto, recebe o nome de artigo definido. Assim é que, no exemplo seguinte, consideramos o primeiro *os* e o segundo *o* artigo definido:

"*Os* homens de extraordinários talentos são ordinariamente *os* de menor juízo" [MM].

Mesmo, *próprio*, *semelhante* e *tal* têm valor demonstrativo quando denotam identidades ou se referem a seres e ideias já expressas anteriormente, e valem por *esse*, *essa*, *aquele*, *isso*,

aquilo:

"Depois, como Pádua falasse ao sacristão baixinho, aproximou-se deles; eu fiz a *mesma* coisa" [MA.4, 87].

"Não paguei uns nem outros, mas saindo de almas cândidas e verdadeiras *tais* promessas são como a moeda fiduciária..." [MA.4, 202].

É proibido dizeres *semelhantes* coisas.

Alguns estudiosos, por mera escolha pessoal, têm-se insurgido contra o emprego anafórico do demonstrativo *mesmo*, substantivado pelo artigo, precedido ou não de preposição, para referir-se a palavra ou declaração expressa anteriormente. Não apresentam, entretanto, as razões da crítica:

"Os diretores presos tiveram *habeas corpus*. Apareceu um relatório contra *os mesmos*, e contra outros..." [MA *apud* MMc.1, 274].

"Costuma-se escrever dentro dos livros, na folha de guarda, palavras alusivas *aos mesmos*" [E. Frieiro *apud* MMc.1].

Para estes críticos, *o mesmo*, etc., deve ser substituído por *ele*, etc. Talvez por isso E. Frieiro, na 2.ª edição, alterou seu texto para: "Costuma-se escrever dentro dos livros, na folha de guarda, palavras *a eles* alusivas".

Mesmo e *próprio* aparecem ainda reforçando pronomes pessoais:

Ela *mesma* quis ver o problema.

Nós *próprios* o dissemos.

"Tal faço eu, à medida que me vai lembrando e convindo à construção ou reconstrução de mim *mesmo*" [MA.4, 203].

Pronomes indefinidos – São os que se aplicam à 3.ª pessoa quando têm sentido vago ou exprimem quantidade indeterminada.

Funcionam como pronomes indefinidos substantivos, todos invariáveis: *alguém*, *ninguém*, *tudo*, *nada*, *algo*, *outrem*.

"*Ninguém* mais a voz sentida
Do Trovador escutou!" [GD].

São pronomes indefinidos adjetivos, todos variáveis com exceção de *cada*: *nenhum*, *outro* (também isolado), *um* (também isolado), *certo*, *qualquer* (só variável em número: *quaisquer*), *algum*, *cada*:

"As tiras saem-lhe das mãos, animadas e polidas. *Algumas* trazem poucas emendas ou *nenhumas*" [MA.2, 274].

"A vida a *uns*, a morte confere celebridades a *outros*" [MM].

Aplicam-se a quantidades indeterminadas os indefinidos, todos variáveis, com exceção de *mais* e *menos*: *muito*, *mais*, *menos*, *pouco*, *todo*, *algum*, *tanto*, *quanto*, *vário*, *diverso*:

Mais amores e *menos* confiança. (nunca *menas*!)

Com *pouco* dinheiro compraram *diversos* presentes.

Isto é o *menos* que se pode exigir.

Muito lhe devo.

Erraste por *pouco*.

Quantos não erraram neste caso!

OBSERVAÇÕES:

1.ª) O pronome indefinido *um* pode ser usado como substantivo, principalmente nas locuções do tipo *cada um*, *qualquer um*. Como adjunto, recebe o nome de *artigo indefinido*.

2.ª) Também os pronomes indefinidos *mais* e *menos* podem substantivar-se em expressões do tipo *o mais dos homens*, *o mais das vezes*, *o mais deles*, *o menos*. Por atração, *o mais* pode aparecer num giro derivado da construção original e concordar com o gênero e número do substantivo ou pronome pessoal que entra na expressão: *o mais dos homens* ou *os mais dos homens*; *o mais das vezes* ou *as mais das vezes*; *o mais deles* ou *os mais deles*, etc.

As duplas *quem... quem*, *qual... qual*, *este... este*, *um... outro* com sentido distributivo também são pronomes indefinidos:

"*Qual* se abisma nas lôbregas tristezas,
Qual em suaves júbilos discorre,
Com esperanças mil nas ideias acesas" [BBo].

Isto é: *um* se abisma... *outro* discorre.

OBSERVAÇÃO: Sobre o uso de *um e outro*, *um do outro* em referência a pessoas de sexos diferentes.

Muitas vezes a posição da palavra altera seu sentido e sua classificação:

Certas pessoas (pron. indef.) não chegam na hora *certa* (adjetivo), mas em *certas* horas (pron. indef.).
Algum livro (= certo livro). Livro *algum* (= nenhum livro).

Em outras épocas, *algum* podia ter sentido afirmativo ou negativo independente de sua posição:

"Desta gente refresco *algum* tomamos" [LC.1, V, 69].
Refresco algum = algum refresco
"Vós a quem não somente *algum* perigo
Estorva conquistar o povo imundo" [LC.1, VII, 2].
Algum perigo = nenhum perigo

LOCUÇÃO PRONOMINAL INDEFINIDA – É o grupo de palavras que vale por um pronome indefinido. Eis as principais locuções: *cada um*, *cada qual*, *alguma coisa*, *qualquer um*, *quem quer*, *quem quer que*, *o que quer que*, *seja quem for*, *seja qual for*, *quanto quer que*, *o mais* (hoje menos frequente que *a maior parte*, *a maioria*):

"As verdades não parecem as mesmas a todos, *cada um* as vê em ponto diverso de perspectiva" [MM].

Pronomes interrogativos – São os pronomes indefinidos *quem*, *que*, *qual* e *quanto* que se empregam nas perguntas, diretas ou indiretas:

Quem veio aqui?
Que cabeça, senhora?
Que compraste?
Qual autor desconhece?
Qual consideras melhor?
Quantos vieram?
Quantos anos tens?

Em lugar de *que* pode-se usar a forma enfática *o que*:

"Agora por isso, *o que* será feito de frei Timóteo?! Era naquele tempo um frade guapo e alentado! *O que* será feito dele?" [AH.4, II, 135].

Quem refere-se a pessoas, e é pronome substantivo. *Que* refere-se a pessoas ou coisas, e é pronome substantivo (com o valor de *que coisa?*) ou pronome adjetivo (com o valor de *que espécie?*).43 *Qual* e também *que*, indicadores de seleção, normalmente são pronomes adjetivos:

Em *qual* livraria compraremos o presente?
Em *que* livraria compraremos o presente?

Ressalta-se ainda a seleção antepondo ao substantivo no plural a expressão *qual dos*, *qual das*:

Em *qual dos* livros encontraste o exemplo?

OBSERVAÇÃO: Estes interrogativos saem normalmente dos pronomes indefinidos e por isso costumam ser chamados

indefinidos interrogativos. Aparecem ainda nas exclamações, e neste caso o *que* adquire sentido francamente intensivo:

Que susto levei! (Compare-se com: *que* cabeça, senhora!).

Diz-se *interrogação direta* a pergunta que termina por ponto de interrogação e se caracteriza pela entoação ascendente:

Quem veio aqui?

Interrogação indireta é a pergunta que: *a*) se faz indiretamente e para a qual não se pede resposta imediata; *b*) é proferida com entoação normal descendente; *c*) não termina por ponto de interrogação; *d*) vem depois de verbo que exprime interrogação ou incerteza (*perguntar*, *indagar*, *não saber*, *ignorar*, etc.):

Quero saber quem veio aqui.

Eis outros exemplos de interrogação indireta começados pelos pronomes interrogativos já citados:

Ignoro *que* cabeça, senhora.
Indagaram-me *que* compraste.
Perguntei-te por *que* vieste aqui.
Não sei *qual* autor desconhece.
Desconheço *qual* consideras melhor.
Indagaram *quantos* vieram.

Pronomes relativos – São os que normalmente se referem a um termo anterior chamado antecedente:

Eu sou o freguês *que* por último compra o jornal.
O *que* se refere à palavra *freguês*.

O pronome relativo *que* desempenha dois papéis gramaticais: além de sua referência ao antecedente como pronome, funciona também como transpositor de oração originariamente independente a adjetivo e aí exercer função de adjunto adnominal deste mesmo antecedente. No exemplo, a oração *O freguês compra por último o jornal* é degrada a função de adjunto adnominal na oração complexa: Eu sou o *freguês* [*que* por último compra o jornal].

O transpositor pronome relativo *que* difere do transpositor conjunção integrante porque este não exerce função sintática na oração em que está inserido, enquanto o relativo exerce sempre função sintática.

Os pronomes relativos são: *qual*, *o qual* (*a qual*, *os quais*, *as quais*) , *cujo* (*cuja*, *cujos*, *cujas*), *que*, *quanto* (*quanta*, *quantos*, *quantas*), *onde*.

Quem se refere a pessoas ou coisas personificadas e sempre aparece precedido de preposição. *Que* e *o qual* se referem a pessoas ou coisas. *Que* e *quem* funcionam como pronomes substantivos. *O qual* aparece como substantivo ou adjetivo:

As pessoas de *quem* falas não vieram.
O ônibus *que* esperamos está atrasado.
Não são poucas as alunas *que* faltaram.
Este é o assunto sobre *o qual* falará o professor.
Não vi o menino, *o qual* menino os colegas procuram.
A casa *onde* moro é espaçosa.

Cujo, sempre com função adjetiva, reclama, em geral, antecedente e consequente expressos

e exprime que o antecedente é possuidor do ser indicado pelo substantivo a que se refere:

Ali vai o *homem* ***cuja*** *casa* comprei

anteced. conseq.

(a casa do homem)

OBSERVAÇÃO: Em autores modernos de gosto arcaizante, de vez em quando ocorre *cujo* sem consequente, como em: "(...) a obra *cujo* comentador eu sou", em lugar de: "de que sou comentador" ou "cujo comentador sou".

Quanto tem por antecedente um pronome indefinido (*tudo*, *todo*, *todos*, *todas*, *tanto*):

Esqueça-se de tudo *quanto* lhe disse.

PRONOMES RELATIVOS SEM ANTECEDENTE – Os pronomes relativos *quem* e *onde* podem aparecer com emprego absoluto, sem referência a antecedentes:

Quem tudo quer tudo perde.

Dize-me com *quem* andas e eu te direi *quem* és.

Moro *onde* mais me agrada.

Quem, assim empregado, é considerado como do gênero masculino e do número singular:

Quem com ferro fere com ferro será ferido.

OBSERVAÇÃO: Os relativos sem antecedentes também se dizem *relativos indefinidos*. Muitos autores preferem, neste caso, subentender um antecedente adaptável ao contexto. Interpretando *quem* como *a pessoa que*, *onde* como *o lugar em que* assim substituem:

Quem tudo quer tudo perde = *a pessoa que* tudo quer tudo perde

Este duplo modo de encarar o problema tem repercussões diferentes na classificação das orações subordinadas, conforme veremos em **Orações subordinadas resultantes de substantivação: as interrogativas e exclamativas**.

EMPREGO DOS PRONOMES

Pronome pessoal

Pronome e termos oracionais – A rigor, o pronome pessoal reto funciona como sujeito e predicativo, enquanto o oblíquo como complemento:

Eu *saio.* ***Eu*** *não sou* ***ele****.* *Eu* ***o*** *vi.* *Não* ***lhe*** *respondemos.*

Entre os oblíquos, a forma átona vem desprovida de preposição, enquanto a tônica exige, no português moderno, esta partícula:

Eu ***o*** *vi.* *Referiu-se* ***a ti****.*

Casos há, entretanto, em que esta norma pode ser contrariada. Assim é que pode ocorrer a forma reta pela oblíqua:

a) quando o verbo e o seu complemento nominal estiverem distanciados, separados por pausa:

Subiu! E viu com seus olhos.

Ela a rir-se que dançava [GD].

b) nas enumerações e aposições, também com distanciamento do verbo e complemento:

Depois de muita delonga o diretor escolheu: *eu*, o Henrique e o Paulinho.

c) precedido de *todo*, *só* e mais alguns adjuntos, pode aparecer *ele* (e flexões) por *o* (e flexões); cf. adiante.

d) quando dotado de acentuação enfática, no fim de grupo de força:

Olha *ele*! [EQ].

e) em coordenações de pronomes ou com um substantivo introduzidos pela preposição *entre*:

entre *eu* e *tu* (por entre *mim* e *ti*); entre *eu* e o aluno, entre José e *eu*.

Já há concessões de alguns gramáticos quando o pronome *eu* ou *tu* vem em segundo lugar:

Entre *ele* e *eu*. Entre o José e *eu*.

A língua exemplar insiste na lição do rigor gramatical, recomendando, nestes casos, o uso dos pronomes oblíquos tônicos:

Entre *mim* e *ti*. Entre *ele* e *mim*.

Um exemplo como *Entre José e mim* dificilmente sairia hoje da pena de um escritor moderno.

Este desvio da norma encontra paralelo em outras línguas românicas, como o espanhol e o italiano [MLk.1, III, 76 e 80].

Também depois de expressões comparativas e exceptivas, a língua denuncia certa vacilação no emprego do pronome pessoal, havendo aqui forte divórcio entre a língua literária e a coloquial, escrita ou falada:

Não tenho outro amigo senão *tu*. Não sou como *tu*.
Não tenho outro amigo senão *a ti*. Não sou como *a ti*.

Emprego de pronome tônico pelo átono – Os pronomes tônicos preposicionados *a ele*, *a ela*, *a mim*, *a ti*, *a nós*, *a vós* podem aparecer, na língua exemplar, nos seguintes casos, em vez das formas átonas (*lhe*, *me*, *te*, *nos*, *vos*):

a) quanto anteposto ao verbo:

A ele cumpria encher as guias.

b) quando composto:

Remeti livros *a ele* e ao tio.

c) quando reforçado:

O dinheiro foi entregue *a ele mesmo*.
Darei as joias *só a ela*.

d) quando pleonástico:

Devolvi-*lhe a ele* as máquinas.

e) quando complemento relativo:

Atirou-se *a ele*. Gosto *dela*.

f) quando objeto direto preposicionado:

Nem ele entende *a nós* nem nós *a ele* [JO.3, 345].

Em geral, o português omite o pronome sujeito quando constituído por *eu*, *tu*, *nós* e *vós*:

"Não me lembra o que lhe disse" [MA.1, 65].

O aparecimento do pronome sujeito de regra se dá quando há ênfase ou oposição de pessoas gramaticais:

"*Eu* é que furo o pano, vou adiante, puxando por você, que vem atrás, obedecendo ao que *eu* faço e mando..." [MA.2, 230].
"Há entre nós um abismo: *tu* o abriste; *eu* precipitei-me nele" [AH.1, 295].

Estando perfeitamente conhecido pela situação linguística, pode-se calar o pronome complemento do verbo; esta linguagem é correta, apesar da censura que lhe faziam os gramáticos de outrora. Muitas vezes deve-se o fenômeno ao que o estilista alemão Leo Spitzer chamou "linguagem-eco", constituída de repetição de uma parte da oração, destinada a

reforçar a própria declaração, como no seguinte trecho de A. Herculano:

"Disse já que tinha de fazer uma explicação ao leitor. *Tenho*; e é indispensável" [AH.4, II, 261].

Em casos de ênfase costuma-se repetir:

a) o pronome átono pela sua respectiva forma tônica, precedida de preposição:

"Mas qual será a tua sorte quando na hora fatal os algozes, buscando a sua vítima, só *te* encontrarem *a ti*?" [AH.3, 277].

b) o complemento expresso por um nome pelo pronome átono conveniente ou vice-versa:

Ao *avarento* nada *lhe* peço.

"Ainda hoje estão em pé, mas ninguém *as* habita, *essas* choupanas execrandas..." [CBr.8, 43].

Usa-se o pronome *o* (*os*) em referência a nomes de gêneros diferentes, por neutralização:

"*A generosidade*, *o esforço* e *o amor*, ensinaste-*os* tu em toda a sua sublimidade" [AH.1, 35].

***Ele* como objeto direto** – O pronome *ele*, no português moderno, só aparece como objeto direto quando precedido de *todo* ou *só* (adjetivo) ou se dotado de acentuação enfática, em prosa ou verso:

"No latim eram quatro os pronomes demonstrativos. *Todos eles* conserva o português" [PL.1, 398].

"Subiu! – e viu com seus olhos/ *Ela* a rir-se que dançava..."
[GD *apud* SS].

"Olha *ele*!" [EQ *apud* SS].

Ordem dos pronomes pessoais – Na sequência dos pronomes pessoais sujeitos, o português normalmente apresenta ordem facultativa deles: *eu e tu*, *tu e eu*; *eu e ele*, *ele e eu*; *eu e o senhor*, *o senhor e eu*, etc.:

– Porque nós vamos lá jantar na segunda-feira.

– Nós... Nós, quem?

– Nós. *Eu e tu*, *tu e eu*. A condessa convidou-me no comboio [EQ.3, 382].

É evidente que nas circunstâncias em que há necessidade de superpor à expressão linguística traços de polidez, urbanidade ou, no polo oposto do convívio social, modéstia, pode o falante ou escritor inverter a ordem, dando a primazia da primeira referência ao seu interlocutor, quer manifestado por pronome, quer por substantivo. Esta é, por exemplo, a prática da cortesia entre franceses e espanhóis.

É o que se percebe, por exemplo, na seguinte preferência de Camilo, no início do romance *O Senhor do Paço de Ninães*:

Estamos no Minho, *o leitor e eu*.

O passo da cortesia linguística não para na ordem dos pronomes; invade o domínio da concordância, como a realizou Rui Barbosa neste conhecido trecho de uma carta:

"(...) e S. Exc.ª respondera, declarando aceitaria, sob a condição de anuírem *o Barão do Rio Branco e eu*".

A concordância gramatical, pela presença de pronome de 1.ª pessoa, exigiria o verbo flexionado na 1.ª do plural: *anuirmos*. Todavia, em razão da urbanidade, a polidez se reflete não só na ordem dos pronomes, mas ainda na flexão verbal.

O pronome *se* na construção reflexa 44 – Eis aqui um bom exemplo pelo qual se

patenteia que um significado gramatical unitário, significado de língua, se pode desdobrar em outras acepções, conforme as unidades linguísticas com que se acha combinado e o entorno situacional.

A reflexividade consiste, na essência, na "inversão (ou negação) da transitividade da ação verbal". Em outras palavras, significa que a ação denotada pelo verbo não passa a outra pessoa, mas reverte-se à pessoa do próprio sujeito (ele é, ao mesmo tempo, agente e paciente):

1.a) *João se banha*

A nossa experiência do mundo admite a hipótese de João banhar a si mesmo ou banhar uma outra pessoa: *João banha o filho pela manhã*.

Só que, na reflexividade "própria", ocorre a primeira hipótese:

João se banha. **A** Reflexivo "próprio"

Já na oração

1.b) *João e Maria se amam*,

o significado do verbo *amar* e a nossa experiência do mundo que, em geral, tratando de duas pessoas, supõem o amor de alguém A dirigido a outro alguém B, permitem-nos dar outra acepção, contextual, ao originário significado unitário de "reflexividade"; acreditamos que a oração quer expressar que "João ama Maria" e que "Maria ama ao João". Então, não mais se trata de "reflexividade pura", mas de "reflexividade recíproca":

João e Maria se amam. **A** **B** Reflexo recíproco

A interpretação de reflexivo recíproco não mudará se se tratar de verbo transitivo que se constrói com objeto indireto ou complemento relativo:

João e Maria se escrevem. (um escreve ao outro)

João e Maria se gostam. (um gosta do outro)

As unidades léxicas comprometidas na construção determinam a interpretação. Se dizemos *João e Maria se miram*, a interpretação mais natural seria a de um reflexivo recíproco; mas se acrescentarmos *João e Maria se miram no espelho*, mais natural nos parecerá a interpretação de reflexivo "próprio". Portanto, são interpretações contextuais, e não valores de língua.

Mudando as unidades linguísticas que se combinam com o pronome *se*, poderemos ter:

2) *O banco só se abre às dez horas*.

No presente exemplo, *banco* é um sujeito constituído por substantivo que, por inanimado, não pode ser agente da ação verbal; por isso, a construção é interpretada como "passiva": é o que a gramática chama voz "média" ou "passiva com *se*":

O banco só se abre às dez horas. A ◄ "média" ou "passiva com *se*"

Repare-se que a interpretação da "passiva com *se*" depende só do léxico, isto é, do significado lexical do verbo. A prova disto é que esta interpretação prevalece ainda nas orações cujo sujeito não é inanimado, portanto, passível de executar a ação verbal. Só que há certos verbos que denotam ações que a nossa experiência sabe que não são praticadas pelo termo que lhe serve de sujeito, como ocorre nos verbos *chamar* (= ter nome):

Ele ***se*** *chama João*.

A última acepção a que poderemos chegar nas construções do pronome *se* é a da oração:

3) *Abre-se às dez*.

Temos aqui um *se* na construção em que não aparece substantivo, claro ou subentendido, que funcione como sujeito do conteúdo predicativo. Interpreta-se a construção como *impessoal*.

Diante desta exposição, podemos dizer que o *se* nas construções estudadas e assemelhadas exerce as seguintes funções sintáticas em face das unidades léxicas que com o pronome concorrem:

1) Objeto direto:

Ele se feriu.
Eles se cumprimentaram.

2) Objeto indireto:

Ela se arroga essa liberdade.

3) Complemento relativo:

Eles se gostam.

4) Índice de indeterminação do sujeito:

Vive-se bem.
Lê-se pouco entre nós.
Precisa-se de empregados.
É-se feliz.

OBSERVAÇÕES FINAIS: Pelos exemplos acima, o *se* como índice de indeterminação de sujeito – primitivamente exclusivo em combinação com verbos não acompanhados de objeto direto –, estendeu seu papel aos transitivos diretos (onde a interpretação passiva passa a ter uma interpretação impessoal: *Vendem-se casas* = 'alguém tem casa para vender') e de ligação (*É-se feliz*). A passagem deste emprego da passiva à indeterminação levou o falante a não mais fazer concordância, pois o que era sujeito passou a ser entendido como objeto direto, função que não leva a exigir o acordo do verbo:

Vendem-se casas (= 'casas são vendidas') → *Vendem-se casas* (= 'alguém tem casa para vender') → *Vende-se casas*.

"*Vende-se casas* e *frita-se ovos* são frases de emprego ainda antiliterário, apesar da já multiplicidade de exemplos. A genuína linguagem literária requere *vendem-se*, *fritam-se*. Mas ambas as sintaxes são corretas, e a primeira não é absolutamente, como fica demonstrado, modificação da segunda. São apenas dois estágios diferentes de evolução. Fica também provado o falso testemunho que levantaram à sintaxe francesa, que em verdade nenhuma influência neste particular exerceu em nós..." [MAg.2, 181-183].

Pode ainda o pronome *se* juntar-se a verbos que indicam:

1) sentimento: *indignar-se*, *ufanar-se*, *atrever-se*, *admirar-se*, *lembrar-se*, *esquecer-se*, *orgulhar-se*, *arrepender-se*, *queixar-se*.

2) movimento ou atitudes da pessoa em relação ao seu próprio corpo: *ir-se*, *partir-se*, *sentar-se*, *sorrir-se*.

No primeiro caso, não se percebendo mais o sentido reflexivo da construção, considera-se o *se* como parte integrante do verbo, sem classificação especial.

No segundo, costumam os autores chamar ao *se pronome de realce* ou *expletivo*.

Concorrência de *si* e *ele* na reflexividade – A partir do português contemporâneo (séc. XVIII para cá), nasceu a possibilidade de o pronome tônico *si*, nas construções reflexas, ter a concorrência do pronome *ele*, também preposicionado, em orações do tipo:

> "(...) perguntou Glenda, sentindo que a pergunta não era dirigida apenas a Pablo, mas também *a ela própria*" [RBn.2, 23].
>
> "[a amante] viu *diante dela* o meu eugênico amigo" [MB *apud* RBn.2]. 45

A construção não encontra respaldo nas nossas melhores gramáticas, apesar do emprego largo na literatura moderna brasileira a partir, segundo Barbadinho, de José de Alencar. Nos exemplos acima, a norma gramatical pediria: *a si própria*, *diante de si*, como rezam as passagens onde o pronome se refere ao sujeito do verbo:

> "Simeão *por si mesmo* escolheu o deserto que lhe convinha (...)."
> [JR.2, 35]
>
> "O espetáculo da beleza é bastante *por si mesmo*." [JR.2, 199]
>
> "Depois mudava-se o teatro, e via-se *a si mesmo* (...)." [JR.2, 299]

Note-se a curiosa concorrência das duas sintaxes neste exemplo de Guimarães Rosa, citado por Barbadinho:

> "E o Menino estava muito *dentro dele mesmo*, em algum cantinho *de si*."

Esta novidade de sintaxe tem contra si o fato de às vezes fazer perigar a interpretação da oração, que só se resolve pela ajuda do contexto:

> João levou o livro *para ele*.

Combinação de pronomes átonos – Ocorrem em português as seguintes combinações de pronomes átonos, notando-se que o que funciona como objeto direto vem em segundo lugar: As formas *o*, *a*, *os*, *as* procedem das antigas *lo*, *la*, *los*, *las*:

mo = me + o; *ma* = me + a; *mos* = me + os; *mas* = me + as;

to = te + o; *ta* = te + a; *tos* = te + os; *tas* = te + as;

lho = lhe + o; *lha* = lhe + a; *lhos* = lhe + os; *lhas* = lhe + as;

no-lo = nos + (l)o; *no-la* = nos + (l)a; *no-los* = nos + (l)os; *no-las* = nos + (l)as;

vo-lo = vos + (l)o; *vo-la* = vos + (l)a; *vo-los* = vos + (l)os; *vo-las* = vos + (l)as;

lho = lhe(s) + o; *lha* = lhe(s) + a; *lhos* = lhe(s) + os; *lhas* = lhe(s) + as.

se me	-se-me	se nos	-se-nos
se te	-se-te	se vos	-se-vos
se lhe	-se-lhe	se lhes	-se-lhes

> "Se dizeis isso pela que me destes, tirai-*ma*: que não *vo-la* pedi eu."
> [AH.4, I, 267]
>
> "E como, a pouco e pouco, se foram exaurindo os cascalhos e afundando os veleiros, o banditismo franco impôs-*se-lhes* como derivativo à vida desmandada" [EC.1, 218].

Observações:

1.ª) A rigor, na combinação só entra a forma *lhe*, que, na língua antiga, servia tanto ao singular como ao plural.

2.ª) Nas demais combinações, o português moderno prefere substituir o pronome átono objetivo indireto pela forma tônica equivalente, precedida da preposição *a*. Enquanto dizemos hoje *a mim te mostras* ou *te mostras a mim*, a língua de outros tempos consentia em tais dizeres:

> "Porque assi *te me* mostras odiosa?" [JCR.1 *apud* SS.1, § 271].

3.ª) A língua padrão rejeita a combinação *se o* (e flexões), apesar de uns poucos exemplos na pena de literatos:

> "Parece um rio quando *se o* vê escorrer mansamente por entre as terras próximas..." [LB.2, 49 *apud* SS.6, n.º 198, 268].

Foge-se ao erro de três maneiras diferentes:

a) cala-se o pronome objetivo direto: *Não se quer*.

b) substitui-se o pronome *o* (e flexões) pelo sujeito *ele* (e flexões): *Não se quer ele*.

> Inveja-se a riqueza, mas não o trabalho com que ela se granjeia [MM].

c) se já existe na oração o pronome pessoal de objeto direto (*o*, *a*, *os*, *as*), usa-se o pronome de objeto indireto na forma tônica precedida da preposição *a* ou *para*:

> "É Vieira sem contradição mestre guapíssimo de nossa língua, e o mesmo Bernardes assim o conceituava; que porém *a si o* propusesse como exemplar, nem o indica, nem consta, nem se pode com indução plausível suspeitar" [AC *apud* MBa.5, 54].

Apesar disto, ocorre em bons escritores construção em que se junta o pronome *o* (e diretos) a verbo na voz reflexiva:

> "Temo que *se me* argua de comparações extraordinárias, mas o abismo de Pascal é o que mais prontamente vem ao bico da pena"
> [MA.9, 29 *apud* SS.1].
>
> "Não se dá baixa ao soldado quando já não pode com a milícia? Não *se lha* dá até em tempo de guerra?" [AC.10, II, 106 *apud* SS.1].

4.ª) A língua padrão admite *pode-se compô-lo* ou *pode-se compor*, quando não há locução verbal:

> *Pode-se* de algum modo *ligá-lo* a Schopenhauer... [JR.3, 19]
>
> Júlio Moreira [JM.1, II, 30-31] diz que em Portugal é menos comum do que no Brasil a primeira construção.

5.ª) Em construções do tipo *fi-lo sentar-se* (e também com os verbos *deixar*, *mandar*, *ver*, *ouvir* e sinônimos), isto é, em que depois destes verbos com pronome objetivo se segue o infinitivo de verbo reflexivo, pode-se deixar claro este último pronome ou omiti-lo: *fi-lo sentar*.

Função do pronome átono em *Dou-me ao trabalho* – Em geral, o pronome átono da forma verbal reflexiva portuguesa funciona como objeto direto: *dou-me* (obj. direto) *ao trabalho* (obj. indireto) *de fazer*.

Em francês e espanhol, esse pronome aparece como objeto indireto: *je me donne la peine de le faire*; *me doy el trabajo de hacerlo*.

Pronome pessoal átono e adjunto adverbial – Pode ocorrer a possibilidade de substituírem os pronomes pessoais átonos, na forma de objeto indireto, *me*, *te*, *se*, *nos*, *vos*, *lhe*, *lhes*, termos que na oração funcionam como adjuntos adverbiais [MBa.4, 273-276]:

Pôs-se *diante dele*	–	Pôs-se-*lhe* diante
Ficava *detrás dele*	–	Ficava-*lhe* detrás
Deu um abraço *no pai*	–	Deu-*lhe* um abraço
Bateu *nele*	–	Bateu-*lhe*
Ralhar *com ele*	–	Ralhou-*lhe*
Fugir *de mim*	–	Fugiu-*me*
Tudo girou *em volta dele*	–	Tudo *lhe* girou em volta

> "Ela tinha, porém, no semblante um ar de majestosa bondade que dificilmente esqueceria quem alguma vez se *lhe*

houvesse aproximado" [CL.1, I, 278].

Nestas substituições, o pronome átono faz referência à pessoa e a ideia da circunstância fica por conta do advérbio (ou substantivo adverbializado), quando se trata de locução prepositiva:

Fugia de mim – fugiu-me (não há locução prepositiva)

Tudo girou ***em volta dele*** – *Tudo lhe girou* ***em volta*** (há locução prepositiva)

Pronome possessivo

***Seu* e *dele* para evitar confusão** – Em algumas ocasiões, o possessivo *seu* pode dar lugar a dúvidas a respeito do possuidor. Remedeia-se o mal com a substituição de *seu*, *sua*, *seus*, *suas*, pelas formas *dele*, *dela*, *deles*, *delas*, *de você*, *do senhor*, etc., conforme convier.

Em

José, Pedro levou o seu chapéu,

o vocábulo *seu* não esclarece quem realmente possui o chapéu, se Pedro ou José.

É verdade que a disposição dos termos nos leva a considerar José o dono do chapéu; mas a referência a Pedro também é possível. Assim sendo, serve-se o falante do substituto *dele*, se o possessivo pertence a Pedro:

José, Pedro levou o chapéu *dele*.

"Com efeito, Margarida gostava imenso da presença do rapaz, mas não parecia dar-lhe uma importância que lisonjeasse o coração *dele*". [MA.6, 24]

Se o autor usasse o possessivo *seu*, o coração poderia ser tanto de Margarida quanto do rapaz.

Pode-se, para maior força de expressão, juntar *dele* a *seu*:

José, Pedro levou o *seu* chapéu *dele*.

"Se Adelaide o amava como e quanto Calisto já podia duvidar, *sua* honra *dele* era pôr peito à defesa do opressa..." [CBr.1, 109]

Menos usual, porém correta, é a união dos dois possessivos como no seguinte exemplo da citada obra de Camilo:

"É certo, Sr. Presidente, que a femina toca o requinte da depravação, e chega a efeituar horrores cuja narração é de si para gelar ardências do sangue, para infundir pavor em peitos equânimos; porém, o móbil dos crimes *seus delas* é outro" [CBr.1, 86].

Os pronomes pessoais átonos *me*, *te*, *se*, *nos*, *vos*, *lhe*, *lhes*, podem ser usados com sentido possessivo, mormente em estilo literário, tomando-se o cuidado de evitar o abuso.46

Tomou-*me* o chapéu = Tomou o meu chapéu.

Ainda neste caso, é possível ocorrer a repetição enfática *lhe ... dele*:

"D. Adelaide ficou embaraçada. Seria agravar as meninas de dezoito anos, e educadas como a filha do desembargador, e amantes como elas de um comprometido esposo, estar eu aqui a definir a entranhada zanga que *lhe* fez no espírito *dela* o despropósito de Calisto" [CBr.1, 104].

Foge-se ainda à confusão empregando-se *próprio*:

"Andrade contentou-se com o *seu próprio* sufrágio" [MA.6, 19].

Posição do pronome possessivo – De modo geral, o possessivo vem anteposto ao nome a que se refere:

O *meu* livro. *Tuas* preocupações. *Nossos* deveres.

A posposição ocorre no estilo solene, em prosa ou verso, e, em nome de pessoas ou de graus de parentesco, pode denotar carinho:

Deus meu, ajudai-me!

A ênfase permite também a posposição, principalmente se o substantivo vem desacompanhado do artigo definido:

Conselho *meu* ela não tem. Filho *meu* não faria tal.

Em certas situações, há notável diferença de sentido com a posposição do possessivo.47

Minhas saudades são saudades que sinto de alguém. *Saudades minhas* são saudades que alguém sente de mim.

"Parece que Miss Dólar ficou com boas *recordações suas*, disse D. Antônia" [MA.6, 2, 17].

Notamos o mesmo em *suas cartas* e *cartas suas*.

Recebi suas cartas (i. é, cartas que me mandaram ou que pertencem à pessoa a quem me dirijo).

Recebi cartas suas (i. é, enviadas a mim pela pessoa).

Invariavelmente, usamos de *notícias suas*, como no seguinte exemplo:

"Peço-lhe que me mande *notícias suas*" [EC].

Fora destas construções, a língua moderna evita tal emprego objetivo:

"Mova-te a piedade *sua* e *minha*" [LC.1, III, 127]. Entenda-se: *a piedade delas* (das criancinhas) *e de mim.*

Possessivo para indicar ideia de aproximação – Junto a números o possessivo pode denotar uma quantidade aproximada:

Nessa época, tinha *meus* quinze anos (aproximadamente).

Era já homem de *seus* quarenta anos.

OBSERVAÇÃO: Valorizamos também uma noção quantitativa por meio do adjetivo *bom*:

"O maior Vilela observava um rigoroso regímen que lhe ia entretendo a vida. Tinha uns *bons sessenta anos*" [MA.6, 53].

Valores afetivos do possessivo – O possessivo, como temos visto, não se limita a exprimir apenas a ideia de posse. Adquire variados matizes contextuais de sentido, muitas vezes de difícil delimitação.

Assim, o possessivo pode apenas indicar a coisa que nos interessa, por nos estarmos referindo, com ele, a causa que nos diz respeito, ou por que temos simpatia:

O *nosso* herói (falando-se de um personagem de histórias) não soube que fazer. Trabalho todo dia *minhas* oito horas [cf. JR.4, 206].

Além de exprimir a nossa simpatia, serve também o possessivo para traduzir nosso afeto, cortesia, deferência, submissão, ou ironia:

Meu prezado amigo. *Minha* senhora, esta é a mercadoria que lhe serve.

Meus senhores e *minhas* senhoras! *Meu* presidente, todos o esperam.

Meu coronel, os soldados estão prontos! *Meu* tolo, não vês que estou brincando?

Notemos, porém, que em expressões do tipo:

"Qual cansadas, *seu* Antoninho!" [LB],

"Ande, *seu* diplomático, continue" [MA],

seu não é, como parece a alguns estudiosos, a forma possessiva de 3.ª pessoa do singular. Trata-se aqui de uma redução familiar do tratamento *senhor*.

Difere a forma *seu* (admite ainda as variantes *seo*, *sô*) do termo nobre, *senhor*, por traduzir nossa familiaridade ou depreciação.

Ocorrendo isoladamente, prevalece a forma plena *senhor*, conforme nos mostra o seguinte exemplo:

> "Depressa, depressa, que a filha do Lemos vai cantar; e depois é o *senhor*. Está ouvindo, *seu* Ricardo" [LB.1, 115].

Um fingido respeito ou cortesia – bem entendidos, aliás, pelos presentes – pode determinar a presença da forma plena:

> "Diga, *senhora* mosca-morta?" [AH.4, II, 251].

Pela forma abreviada *seu* modelou-se o feminino *sua*:

> "E ri-se você, *sua* atrevida?! – exclamou o moleiro, voltando-se para Perpétua Rosa" [AH.4, 252].

Emprego do pessoal pelo possessivo – Embora de pouca frequência, pode aparecer o possessivo por uma forma de pronome pessoal precedido da preposição *de*. Neste caso está a expressão *ao pé de* + pronome pessoal.

> "Vós os que não credes em bruxas, nem em almas penadas, nem nas tropelias de Satanás, assentai-vos aqui ao lar bem juntos ao *pé de mim*, e contar-vos-ei a história de D. Diogo Lopes, senhor de Biscaia" [AH.4, II, 7].

> "Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baronesa, que tinha a modista ao *pé de si*, para não andar atrás dela" [MA.2, 31].

Possessivo expresso por uma locução – Expressa-se o possessivo ainda por meio de uma perífrase em que entra o verbo *ter*, *haver* ou sinônimo:

> Oxalá os problemas *que temos* durem pouco (os nossos problemas).

O possessivo em referência a um possuidor de sentido indefinido – Se o possessivo faz referência a pessoa de sentido indefinido, expresso ou sugerido pelo significado da oração, emprega-se o pronome de 3.ª pessoa:

> "É verdade que *a gente*, às vezes, tem cá as *suas* birras – disse ele, com certo ar que queria ser fino e saía parvo" [AH.4, II, 158].

Se o falante se inclui no termo ou expressão indefinida, usar-se-á o possessivo de 1.ª pessoa do plural:

> *A gente* compreende como estas cousas acontecem em *nossas* vidas [cf. CBr.1].

Repetição do possessivo – Numa série de substantivos, pode-se usar o possessivo (como qualquer outro determinante do nome) apenas junto ao primeiro nome, se não for nosso propósito enfatizar cada elemento da série:

> "A prova da *sua perspicácia* e *diligência* estava em ter já no caminho da forca os desgraçados cuja sentença vinha trazer à confirmação real" [AH.4, I, 187].

Note-se a ênfase e a oposição entre os possuidores (*eu* e *tu*):

> "O *teu* amor era como o íris do céu: era a *minha* paz, a *minha* alegria, a *minha* esperança" [AH.4, I, 190].

Se o termo vem acompanhado de modificador, não se costuma omitir o possessivo da série:

> "Foi a *tua* dignidade real, a *tua* justiça, o *teu* nome que eu quis salvar da *tua própria* brandura" [AH.4, I, 191].

Omite-se o possessivo na série sem ênfase, ainda que os substantivos sejam de gênero ou número (ou ambas as coisas) diferente. A repetição que nada acrescenta em ênfase à expressão é considerada, por muitos estudiosos, como imitação da sintaxe francesa [MBa.1, 412-413].

"... entendera (Calisto Elói) que a prudência o mandava viver em Lisboa consoante os costumes de Lisboa, e na província, segundo o *seu gênio* e *hábitos* aldeãos" [CBr.1, 107].

Se se trata de substantivo sinônimo, dispensa-se a repetição do possessivo:

Teu filho, de quinze anos apenas, é *teu* orgulho e ufania.

Se os substantivos forem de significação oposta, o possessivo em regra não é dispensado:

Teu perdão e *teu* ódio não conhecem o equilíbrio necessário à vida.

Substituição do possessivo pelo artigo definido – Sem ser norma de rigor absoluto, pode-se substituir o possessivo pelo artigo definido, quando a ideia de posse se patenteia pelo contexto ou pelo sentido total da oração, ou ainda pela aplicação reflexiva, isto é, quando se faz referência à própria pessoa que fala ou de quem se fala. Este fato ocorre principalmente junto dos nomes de partes do corpo, das peças do vestuário, faculdades do espírito e certas frases feitas:

"D. Fernando afastou-a suavemente de si: ela alevantou *o rosto* celeste orvalhado de pranto... D. Leonor ergueu *as mãos* suplicantes, com um gesto de profunda angústia" [AH.4, I, 190].

"... aqui parou (Calisto Elói), e cruzando *os braços*, se esteve largo espaço quedo, e fito nas janelas" [CBr.1, 110].

"E o vento assobiava no vigamento da casa, e nas orelhas de Calisto, o qual, levado do instinto da conservação, levantou a gola *do capote* à altura *das bossas parietais*..." [CBr.1].

Ele perdeu *o juízo*. Tem *a vida* por um fio. Recuperou *a memória*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Aparece o possessivo no caso de ênfase, quando se deseja insistir na pertença do indivíduo:

"(...) se *as suas* faces eram gordas, *as suas* mãos continuavam magras com longos dedos fusiformes e ágeis" [LB.1, 96].

"E cada lavrador enxugava *os seus* olhos" [CBr.6, 118].

2.ª) Dispensa-se o artigo definido nas expressões *Nosso Senhor*, *Nossa Senhora*, assim como nas fórmulas de tratamento onde entra um possessivo, do tipo: *vossa excelência*, *vossa reverendíssima*, *sua majestade*, etc.

O possessivo e as expressões de tratamento do tipo *Vossa Excelência* – Empregando-se as expressões de tratamento do tipo de *vossa excelência*, *vossa reverendíssima*, *vossa majestade*, *vossa senhoria*, onde aparece a forma possessiva de 2.ª pessoa do plural, a referência ao possuidor se faz hoje em dia com os termos *seu*, *sua*, isto é, com possessivo de 3.ª pessoa do singular:

Vossa Excelência conseguiu realizar todos os *seus* propósitos (e não: todos os *vossos* propósitos).

Tais tipos de títulos honoríficos começaram a aparecer no português entre os séculos XIV e XV e aí havia realmente uma possibilidade de alternância de *seu*, *sua*, *vosso*, *vossa*. A luta durou até aproximadamente o século XVII, quando as formas de 3.ª pessoa saíram vitoriosas. Assim sendo, modernamente só deve aparecer o possessivo conforme o exemplo dado. Raras exceções em escritores do séc. XVIII para cá são devidas a imitações literárias, justamente repudiadas como arcaicas, ou então porque o autor, em romance ou novela histórica, para não cair em anacronismo, faz seus personagens falar a linguagem da época.

Entre os escritores a cuja autoridade se abrigam os defensores do arcaísmo aqui citado, se acha Alexandre Herculano. Ávido leitor e constante hóspede dos monumentos históricos, o autor da *História de Portugal*, tratando do período de D. João I (1385-1433), no *Monge de Cister* (pronuncie-se este último nome como oxítono), teve oportunidade de mostrar o quanto

sabia da evolução de sua língua, conhecimento que o faz o melhor prosador ou um dos melhores que as letras portuguesas tiveram. Assim, pensamos que tal situação especialíssima do probo e perspicaz historiador não abre a porta para a prática da velha construção.

Pronome demonstrativo

A posição indicada pelo demonstrativo pode referir-se ao espaço, ao tempo (demonstrativos dêicticos espaciais e temporais) 48 ou ao discurso (demonstrativo anafórico).

Demonstrativos referidos à noção de espaço – *Este* (e flexões) aplica-se aos seres que pertencem ou estão perto da 1.ª pessoa, isto é, daquela que fala:

> *Este livro* é o livro que possuo ou tenho entre mãos.
> *Esta casa* é a casa onde me encontro.

Esse (e flexões) aplica-se aos seres que pertencem ou estão perto da 2.ª pessoa, isto é, daquela com quem se fala:

> *Esse livro* é o livro que nosso interlocutor traz.
> *Essa casa* é a casa onde se encontra a pessoa a quem me dirijo.

Na correspondência, *este* se refere ao lugar donde se escreve, e *esse* denota o lugar para onde a carta se destina. A referência à missiva que escrevemos se faz com *este*, *esta*:

> "Manaus, 13-1-1905
> Meu bom amigo Dr. José Veríssimo, – escrevo-lhe dissentindo abertamente de sua opinião sobre *este* singularíssimo clima da Amazônia..." [EC].
> Escrevo *estas* linhas para dar-te notícia *desta* nossa cidade e pedir-te as novas *dessa* região aonde foste descansar.

Quando se quer apenas indicar que o objeto se acha afastado da pessoa que fala, sem nenhuma referência à 2.ª pessoa, usa-se de *esse*:

> "Quero ver *esse* céu da minha terra
> Tão lindo e tão azul!" [CA].

Na linguagem animada, o interesse do falante pode favorecer uma aproximação figurada, imaginária, de pessoa ou coisa que realmente se acham afastadas dos que falam. Esta situação exige *este*:

> "Dói-me a certeza de que estou morrendo desde o primeiro dia da tua união com *este* homem... a certeza de que o hás de amar sempre, ainda que ele te despreze como já te desprezou" [CBr.1, 152].

Tal circunstância deve ter contribuído para o emprego de *este* como indicador de personagens que o escritor traz à baila.

> "*Este* Lopo, bacharel em direito, homem de trinta e tantos anos, e sagaz até a protérvia, vivia na companhia do irmão morgado..." [CBr.1, 149].

Por outro lado, cabe a *esse* a missão de afastar de nós pessoa ou coisa que na realidade se acham ou se poderiam achar próximas:

> "Vês África, dos bens do mundo avara,
> .....
> Olha *essa* terra toda, que se habita
> *Dessa* gente sem lei, quase infinita" [LC.1, X, 92 *apud* SA].

Estas expressões não se separam por linhas rigorosas de demarcação; por isso exemplos há de bons escritores que contrariam os princípios aqui examinados e não faltam mesmo certas

orientações momentâneas do escritor que fogem às perscrutações do gramático.

Demonstrativos referidos à noção de tempo – Na designação de tempo, o demonstrativo que denota um período mais ou menos extenso, no qual se inclui o momento em que se fala, é *este* (e flexões):

Neste dia (= no dia de hoje) celebramos a nossa independência.

Este mês (= no mês corrente) não houve novidades.

Aplicado a tempo já passado, o demonstrativo usual é *esse* (e flexões):

Nessa época atravessávamos uma fase difícil.

Se o tempo passado ou vindouro está relativamente próximo do momento em que se fala, pode-se fazer uso de *este*, em algumas expressões:

Esta noite (= a noite passada) tive um sonho belíssimo.

Porém, com a mesma linguagem *esta noite* poderíamos indicar a noite vindoura. Outro exemplo:

"Meu caro Barbosa:

Deves ter admirado o meu silêncio *destes quinze dias*, silêncio para ti, e silêncio para o jornal" [CBr.7, 56].

A indicação temporal de *este* e *esse* dispensa outra expressão adverbial, se a circunstância de tempo não se apresenta ao falante como elemento principal do conjunto:

"Para o jogo bastava *esse* movimento de peão". [ML]

Esse movimento vale por: *o movimento que se fez naquele momento*.

Demonstrativos referidos a nossas próprias palavras – No discurso, quando o falante deseja fazer menção ao que ele acabou de narrar (anáfora) ou ao que vai narrar (catáfora), emprega *este* (e flexões):

"Entrou Calisto na sala um pouco mais tarde que o costume, porque fora vestir-se de calça mais cordata em cor e feitio. Não me acoimem de arquivista de insignificâncias. *Este* pormenor (isto é: o pormenor a que fiz referência) das calças prende mui intimamente com o cataclismo que passa no coração de Barbuda" [CBr.1, 93].

"Se não existisse Ifigênia... acudiu Calisto. Já *este* nome (i.é.: o nome que proferi) me soava docemente quando, na minha mocidade pela angústia da filha de Argamenão, cujo sacrifício o oráculo de Áulida desmandava.

– Ah, também eu conheço *essas* angústias (i.é.: aquelas a que se refere) da tragédia de Racine" [CBr.1, 135].

– "... não há linguagem que não soe divinamente falada por minha prima.

– *Essas* lisonjas – volveu ela sorrindo – aprendeu-as nos seus livros velhos, primo Calisto?" [CBr.1, 136].

Por este último exemplo, podemos verificar que se a referência é feita às palavras da pessoa com quem se fala, o demonstrativo empregado é *esse* (e flexões). No trecho, *essas lisonjas* são as que faz Calisto à sua prima.

Há situações embaraçosas para o emprego do demonstrativo anafórico, isto é, aquele que se refere a palavras ditas ou que se vão dizer dentro do próprio discurso (catáfora). Ocorre o caso, por exemplo, nas referências a enunciados anteriores que envolvem afastamento da 1.ª pessoa ou ao tempo em que se fala. Nestes casos, geralmente, prevalece a preferência para nossas próprias palavras, aparecendo, assim, o anafórico *este* (e flexões) em lugar do dêictico *esse* (e flexões):

– "Então que te disse ele?...

– Que tinhas lá outra... e que te viu passear com ela.

– Viu-me a passear com uma nossa parenta, viúva de um general. Quem disse ao javardo que *esta* (a que me refiro) *senhora* era minha amante" [CBr.1, 157].

Expresso um nome a que, na construção do discurso, se quer juntar uma explicação, comparação, ou se lhe quer apontar característica saliente, costuma-se repetir este nome (ou o que lhe serve de explicação, comparação, ou característica) acompanhado do demonstrativo *esse* (e flexões):

"O olhar da opinião, *esse* olhar agudo e judicial, perde a virtude, logo que pisamos o território da morte" [MA.1, 81 *apud* SS].

"Creio que por então é que começou a desabotoar em mim a hipocondria, *essa* flor amarela, solitária, de um cheiro inebriante e sutil" [MA.1, 83 *apud* SS.1, 307].

Por meio do pronome invariável *o* repetimos pleonasticamente a oração objetiva que se antecipa de sua posição normal, ou, em sentido inverso, antecipa a oração objetiva do texto:

*Que todos iam sair cedo, eu **o** disse ontem.*

*Eu **o** disse ontem, que todos iam sair cedo.*

Reforços de demonstrativos – A necessidade de avivar a situação dos objetos e pessoas tratados pelo falante o leva a reforçar os demonstrativos com os advérbios dêiticos *aqui*, *aí*, *ali*, *acolá*: *este aqui*, *esse aí*, *aquele ali* ou *acolá*.

Eu *cá* tenho minhas dúvidas. Ele *lá* diz o que pensa.

Também desempenham o papel de reforço enfático *mesmo* e *próprio* (e flexões) presos a substantivos ou pronomes, com o valor de *em pessoa* (em sentido próprio ou figurado):

Eu *próprio* assisti à desagradável cena. Ela *mesma* foi verificar o fato.

Neste sentido de identidade, *mesmo* e *próprio* entram no rol dos demonstrativos.

No seguinte trecho de M. de Assis aparece *muito*:

"Você ignora que quem os cose sou eu, e *muito* eu" [MA.2, 230].

Há construções fixas que nem sempre se regulam pelas normas precedentes; entre estas, estão:

a) isto é (e nunca *isso é*) com o valor de 'quer dizer' ou 'significa', para introduzir esclarecimentos;

b) por isso, *nem por isso*, *além disso* são mais frequentes que *por isto*, *nem por isto*, *além disto*, como a introduzir uma conclusão ou aduzir um argumento;

c) isto de (e não *isso de*) com o valor de 'no que toca', 'no que diz respeito a'. [SA.2, 264]

Outros demonstrativos e seus empregos – Já vimos que *mesmo* e *próprio* denotando identidades e com o valor de "em pessoa" são classificados como demonstrativos:

"Tal faço eu, à medida que me vai lembrando e convindo à construção ou reconstrução de mim *mesmo*" [MA.4, 203].

"De resto, naquele *mesmo* tempo senti tal ou qual necessidade de contar a alguém o que se passava entre mim e Capitu" [MA.4, 225].

"Veja os algarismos: não há dois que façam o *mesmo* ofício" [MA.4, 267].

Pode ainda o demonstrativo *mesmo* assumir o valor de *próprio*, *até*:

"Estes e outros semelhantes preceitos não há dúvida que não são pesados e dificultosos; e por tais os estimou o *mesmo* Senhor, quando lhes chamou Cruz nossa" [AV. 1, XI, 150].

"Os *mesmos* animais de carga, se lhe deitam toda a uma parte, caem com ela" [AV *apud* ED.2, § 86, a].

Mesmo, *semelhante* e *tal* têm valor de demonstrativo anafórico, isto é, fazem referência a pensamentos expressos anteriormente:

"Depois, como Pádua falasse ao sacristão, baixinho, aproximou-se deles; eu fiz a *mesma* cousa" [MA.4, 87].

"Não paguei uns nem outros, mas saindo de almas cândidas e verdadeiras *tais* promessas são como a moeda fiduciária, – ainda que o devedor as não pague, valem a soma que dizem" [MA.4, 202; FT.1, 56].

Falaste em dois bons estudantes, mas não encontrei *semelhantes* prendas na sala de aula.

Tal (sozinho ou repetido) e *outro* são demonstrativos de sentido indefinido. O primeiro aparece junto à designação de um dia, lugar ou circunstâncias reais, que não queremos ou não podemos precisar:

"Ele combinou com o assassino assaltarem a casa em *tal* dia, a *tal* hora, por *tais* e *tais* meios" [JO.1, 40].

Outro se emprega com o valor de *um segundo*, *mais um* (no sentido de *diferente*, como *mesmo* no de *igual*, é adjetivo):

Ele me tratou mal e eu fiz *outro* tanto (*tanto*, veremos mais tarde, é pronome indefinido).

Tais acepções imprecisas levam alguns estudiosos a classificar *tal* e *outro* como indefinidos.

Como elemento reforçador dos que foram tratados anteriormente, aparece *mesmo* junto aos advérbios pronominais: *agora mesmo*, *aí mesmo*, *aqui mesmo*, *já mesmo*, etc.

OBSERVAÇÃO: Sobre o emprego tido como errôneo de *mesmo* como advérbio, veja-se, mais adiante.

Um pode ter, em certas expressões, o valor de *mesmo*:

"Oh cousa para espantar
Que ambos a ferida tem
Dum tamanho, em *um* lugar" [LC *apud* JM].

(i. é: do mesmo tamanho e no mesmo lugar)

Honra e proveito não cabem *num* saco.

No estilo familiar e animado, emprega-se o demonstrativo com o valor de artigo definido:

Esse João é das arábias! *Aquela* Maria tem cada ideia! [MA.1, 36].

Registre-se ainda o emprego substantivo de *aquilo* em construções como:

"e apenas, como uma das extravagâncias que mais requerem anotação, citarei *aquilo* da p. 14" [CL.1, I, 245].

Posição dos demonstrativos – Em situações normais, em que não impere a ênfase, o demonstrativo vem anteposto ao nome. Em caso contrário, pode o adjetivo vir posposto, principalmente se o demonstrativo se referir ao pensamento já expresso.

"Logo depois, senti-me transformado na *Summa Theologica* de S. Tomás, impressa num volume, e encadernada em marroquim, com fechos de prata e estampas; ideia *esta* que me deu ao corpo a mais completa imobilidade..." [MA *apud*. SS.1, 306].

"... Os seus olhos serenos, como o céu, que imitavam na cor, tomaram a terrível expressão que ele costumava dar-lhes no revolver dos combates, olhar *esse* que, só por si, fazia recuar os inimigos" [AH *apud* SS].

Nas orações exclamativas ocorre também a posposição: Que dia *este*!

Mesmo pode corresponder a dois vocábulos latinos: *idem* e *ipse*. No primeiro caso, denota identidade e reclama a presença do artigo ou de outro demonstrativo:

Disse as *mesmas* coisas. Referiu-se ao *mesmo* casal. Falou a este *mesmo* homem.

Idêntico a *ipse*, emprega-se junto a substantivo ou pronome e equivale a *próprio*, *em pessoa* (em sentido próprio ou figurado)49:

Ela *mesma* se condenou.

Em ambos os sentidos, *mesmo* pode aparecer antes ou depois do substantivo. Nota-se

apenas, na língua moderna, certa preferência para a anteposição, quando o demonstrativo assume o valor de *idem*, isto é, indica identidade.

É costume calar-se a preposição na oração subordinada que se refere a substantivo antecedente que tem *mesmo* como adjunto:

> Encontrei-o na *mesma situação* (***em***) ***que*** estava no ano passado.
>
> Saiu do trabalho no *mesmo dia* (***em***) ***que*** fora promovido.
>
> "Querias, porventura, ensiná-la a desprezar-me pela *mesma razão* (***por***) ***que*** tu me desprezas" [CBr *apud* MBa.2, 310].

Pronome indefinido

Nem sempre se pode estabelecer claramente a diferença entre simples indefinidos tratados neste lugar dos quantitativos indefinidos; isto porque certos indefinidos aparecem aplicados à quantidade incerta.

Empregos e particularidades dos principais indefinidos – O indefinido pode estender a sua significação a todos os indivíduos de uma classe:

> *Todos* os homens são bons. *Cada* livro deve estar no lugar próprio. *Qualquer* falta merece ser punida.
>
> Livro *algum* será retirado sem autorização. *Nenhum* erro foi cometido.

A significação do indefinido se pode estender apenas a um ou a alguns indivíduos de uma classe:

> *Certas* folhas ficaram em branco.
>
> Daí surgirão *outros* enganos.

Sobre os principais pronomes indefinidos acrescentaremos:

a) Algum

Anteposto ao substantivo tem valor positivo: Recebeu *algum* recado importante.

Posposto ao nome, assume significação negativa, podendo ser substituído pelo indefinido negativo *nenhum*: Resultado *algum* saiu do inquérito.

Ocorre com maior frequência este emprego em frases onde já existem expressões negativas (*não*, *nada*, *sem*, *nem*), em interrogações oratórias ou depois de substantivo precedido da preposição *sem*: "Era pessoa *sem* escrúpulo *algum*" [ED.2, § 106].

b) Algo

Está hoje praticamente desbancado pela locução sinônima *alguma coisa*: 50

> Terás *algo* para contar-me?
>
> Há *algo* novo no ar.

É mais frequente seu emprego como advérbio, em construções do tipo:

> A situação está ***algo*** *perigosa*.
>
> Ali se passaram os momentos ***algo*** *inesquecíveis*.

O mesmo emprego adverbial conhece o seu equivalente *alguma coisa*:

> A leitura deixou-lhe impressão ***alguma coisa*** *agradável*.

Algumas vezes o significado quantitativo de *algo* e *alguma coisa* favorece o aparecimento da preposição *de* com valor partitivo:

Não há ***algo de*** novo.

Ficou-lhe do encontro ***alguma coisa de*** arrependimento.

Alguma coisa de novo deve acontecer hoje.

A presença da preposição junto ao adjetivo o transpõe à classe do substantivo e, por atração, este pode concordar em gênero e número com o nome sujeito do verbo:

Apresento-lhe *estas desculpas* que têm ***algo de*** *engraçadas*.

De repente saíram *umas ideias* ***alguma coisa de*** *ridículas*.

Sem razão, alguns autores consideram galicismo a presença da preposição *de* nestas construções com pronomes indefinidos, todos de valor nitidamente quantitativo [MBa.5, 43].

c) Cada

Junta-se a substantivo singular, a numeral coletivo e expressões formadas por numeral seguido de substantivo no plural:

"Uma ilusão gemia em *cada* canto,

Chorava em *cada* canto uma saudade". [LG]

Cada século possui seus homens importantes.

Faz prova em *cada* trinta dias.

Usa-se combinado a *cada um* e *cada qual*.

É condenado o emprego de *cada* sem substantivo em lugar de *cada um* nas referências a nomes expressos anteriormente, considerado imitação da linguagem comercial francesa, o que pomos em dúvida.

Os livros custam trinta cruzeiros *cada* (por *cada um*).

Cada não sofre variação, mas a concordância do verbo com o sujeito se processa normalmente:

"Convém notar o tríduo das Lemúrias

Não corre a flux: ***cada*** *dois dias levam*

entre si um profano intercalado" [AC.1, III, 57 *apud* FC.1, 53].

OBSERVAÇÃO: Com exagero, já se condenou por mal soante a expressão *por cada*, que, segundo a crítica, lembraria *porcada* (vara de porcos). Rui Barbosa [RB.1, 126] defendeu brilhantemente o falso cacófato (mau som).

Lembra Sousa da Silveira o valor intensivo de *cada*, como no seguinte exemplo (está claro que proferido com entonação expressiva):

"Então é *cada* temporal, que até parece que os montes estremecem" [EQ.1, 288 *apud* SS.1, § 388].

Conta *cada* história!

d) Certo

É exclusivamente na língua moderna pronome indefinido quando antecede ao substantivo:

"A vida celibata podia ter *certas* vantagens próprias, mas seriam tênues, e compradas a troco da solidão" [MA.1, 306].

Havendo ênfase, poderá aparecer *um certo*, expressão que tem sido, com algum exagero, recriminada pelos gramáticos. Alexandre Herculano, notável escritor português, talvez influenciado pelas teorias gramaticais reinantes, aboliu, em redações posteriores, o artigo indefinido (junto ou não a palavras indefinidas), tirando, muita vez, o colorido enfático do trecho primitivo. De *um certo* usou ele nos seguintes passos:

"Forçoso é que um poeta creia no pensamento, que o agita, e no ideal, aonde tem de ir buscar *um certo* número d'existência..." [AH.2, 162].

"Passado todo este tempo os escravos de *um certo* Adócio, que herdara o domínio daquela montanha..." [AH.2, 215].

"O gesto brando com que, uma vez posta, começou a mover as asas, tinha *um certo* ar escarninho, que me aborreceu

muito" [MA.1, 99].

Posposto ao substantivo, *certo* fixou o seu emprego de adjetivo, com o sentido de "acertado", "ajustado", "exato", "verdadeiro". Ambos os sentidos, indefinido e qualificativo, são aproveitados nos seguintes jogos de palavras:

Tenho *certos amigos* que não são *amigos certos*.

Note-se, com o *Dicionário Contemporâneo*, que *certo* atenua o que na significação do substantivo haja de demasiadamente absoluto, quando este indefinido vem anteposto a nome que exprime qualidade, propriedade ou modo de ser:

Goza de *certa* reputação de talento.

A ópera tem uma *certa* novidade.

Nesta significação atenuativa, *certo*, equivalente a *algum* (e flexões), se aproxima dos quantitativos indefinidos.

NOTA: No português de outras épocas, a função de adjetivo ocorria, ou podia ocorrer, ainda anteposto ao nome:

"Deveis de ter sabido claramente
Como é dos fados grandes *certo* intento" (isto é: intento certo)
[LC.1, I, 24].

"Esta ilha pequena que habitamos
É em toda esta terra *certa* escala (isto é: escala certa)
De todos os que as ondas navegamos"
[LC.1, I, 54].

"Atento estava o rei na segurança
Com que provava o Gama o que dizia;
Concebe dele *certa* confiança, (isto é: confiança segura)
Crédito firme em quanto proferia"
[LC.1, VIII, 76].

e) Nenhum

Reforça a negativa *não*, podendo ser substituído pelo indefinido *algum*:

Não tínhamos *nenhuma* dívida até aquele momento.

Sem ênfase, *nenhum* vem geralmente anteposto ao substantivo; havendo desejo de avivar a negação, o indefinido aparece posposto:

"Que é lá? redargui; não cedi *cousa nenhuma*, nem cedo" [MA.1, 134].

Referindo-se o nome no plural, *nenhum* se flexiona:

"Mas se anda nisto mistério, como quer o condestável, espero que não serão *nenhuns feitiços*..." [RS.1, 195].

Em certas frases de forma afirmativa, *nenhum* pode adquirir valor afirmativo, como sinônimo de *qualquer*:

Mais do que *nenhum* homem, ele trabalhava para a tranquilidade.

Enquanto *nenhum* é um termo que generaliza a negação, *nem um* se refere à unidade:

Não tenho *nenhum* livro.

Não tenho *nem um livro*, quanto mais dois.

f) Todo – Tudo 51

Concorda em gênero e número com o substantivo ou pronome a que serve de adjunto adnominal.

Quando no singular está anteposto a substantivo ou adjetivo substantivado, vale por "cada", "qualquer" ou "inteiro", "total", podendo vir ou não acompanhado de artigo. Isto significa que, no singular, *todo* pode referir-se tanto à totalidade distributivamente de um conjunto

plural (*Todo o homem* é mortal = "todos e cada um dos homens") – e neste sentido equivale ao latim *omnis* –, como à totalidade, integralidade, de um indivíduo, de um singular (***Todo** o homem* ou *O homem **todo** é pecado e miséria*; *Trabalhar **todo** o dia* ou *o dia **todo***) – e já neste sentido vale pelo latim *totus* [HCv.3, III, 33 n.4].

Ainda que *todo* possa significar "qualquer", eles podem concorrer juntos na expressão *todo* (*toda*) *e qualquer*:

"Introdução de *todo e qualquer* gênero de produto" [RB *apud* FC.1, 295].
A *toda* falta deve corresponder um castigo adequado (*toda* = "cada").
A *toda a* falta... (*toda* = "cada").
Todo ser merece consideração (*todo* = "qualquer").
Todo o ser merece... (*todo* = "qualquer").
O incêndio destruiu *toda* casa (*toda* = "inteira", "total").
O incêndio destruiu *toda a* casa (*toda* = "inteira", "total")
Todo pobre receberá esmola.
Todo o pobre receberá esmola.

Enquanto em Portugal não se faz a distinção formal entre "*cada*"/ "*qualquer*" e "*inteiro*"/ "*total*", usando-se quase sempre *todo* seguido de artigo (*Todo o homem é mortal*), no Brasil, para o primeiro sentido, modernamente, dispensa-se o artigo (*Todo homem é mortal*) e, para o segundo, o artigo é obrigatório (*Toda a casa pegou fogo*).

Está claro que a presença ou ausência do artigo está inicialmente presa ao fato de o substantivo núcleo do sintagma exigir ou não artigo, independentemente da variedade semântica apontada. Assim, como se diz, nos nomes dos países, com artigo, *o Brasil*, dir-se-á *todo o Brasil*; em contraposição, só se diz, sem artigo, *Portugal*, logo se dirá *todo Portugal*.

A distinção entre "cada"/ "qualquer" e "inteiro"/ "total" fica prejudicada em virtude da ocorrência da fonética sintática que facilita, na pronúncia (com reflexo natural na escrita), a fusão por crase da vogal final de *todo*, *toda* com o artigo singular *o*/ *a*: *todo o* = *todo*; *toda a* = *toda*. Daí, muitas vezes a indecisão que sentem as pessoas na hora de usar *todo* e *todo o*, *toda* e *toda a*.

Assim, diz-se, entre brasileiros, sem distinção de sentido, *todo o mundo*, *toda a vida*, *todo o tempo*, *toda a hora*, *toda a parte*, etc., ao lado de *todo mundo*, *toda vida*, *todo tempo*, *toda hora*, *toda parte*, etc., vacilação que se nota no português europeu literário de épocas passadas, em Camões, por exemplo. Em *todo o mundo*, *toda a gente*, percebe-se, na própria significação dos substantivos, o valor coletivo da expressão.

Todo indica a totalidade numérica, isto é, qualquer indivíduo da classe, quando seguido de oração adjetiva substantivada pelo *o* ou do pronome *aquele* (*todo aquele que*):

"(...) *Todo o que* sofre,
Todo o que espera e crê, *todo o* que almeja
Perscrutar o futuro, se coloca
Ao lado do Senhor" [FV *apud* SS.1, § 366].

Desaparece, naturalmente, a vacilação quando, em vez do artigo definido, aparecer o indefinido *um*, pois aí *todo um* denota "inteiro", "total": *todo um dia*, *toda uma cidade*, construção, aliás, sem razão, rejeitada por puristas intransigentes.

Todo no singular e posposto ao substantivo entra sempre na expressão da totalidade: *o*

homem todo, *a casa toda*, *o país todo*, *a semana toda*, *o tempo todo*, *a fortuna toda*, *o mundo todo*, *uma cidade toda*.

Nas expressões de reforço enfático ou de valor superlativo do tipo de *todo o resto*, *toda a soma*, *todo o mais* (substantivado), *a toda a pressa*, *a toda a brida*, *a todo o galope*, o artigo é de presença obrigatória entre brasileiros.

No plural, *todos*, *todas*, antepostos ou pospostos, exigem sempre a presença do artigo, desde que o substantivo não esteja precedido de adjunto que o exclua:

Todos os alunos entregaram as provas antes do tempo.

Todas as revisões são passíveis de enganos.

Os alunos todos disseram sim.

Todos estes casos foram examinados.

Todas elas responderam às cartas

Estando a totalidade numérica definida por um numeral referido a substantivo explícito ou subentendido, *todos* pode ser ou não acompanhado de artigo (*todo um*, *todos dois* ou *todos os dois*, *todos três* ou *todos os três*, etc.):

"Era belo de verem-se *todos cinco* em redor da criança, como se para outro fim se não reunissem!" [CBr.6, 131].

Todas as quatro razões foram discutidas.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) É mais comum a presença do artigo quando o substantivo está expresso.

2.ª) Em *todas estas quatro razões*, a presença de um adjunto (*estas*) que exclui o artigo explica a sua ausência.

Graças à significação de certos verbos em determinados contextos, *todos* pode ser interpretado em sentido distributivo, com valor aproximado de "cada", como no exemplo:

"Dizia um Secretário de Estado meu amigo que, para se repartir com igualdade o melhoramento das ruas por toda a Lisboa, deviam ser obrigados os ministros a mudar de rua e bairro *todos os três meses*" [AGa.4, 33].

(isto é: a cada três meses, de três em três meses, como interpreta ED.2, § 61, a)

Todo pode ser empregado adverbialmente, com valor de "inteiramente", "em todas as suas partes":

"Desculpe-me, que eu estou *todo* absorvido pela minha mágoa!"

[CBr.6, 93].

"Longe de mim a triste ideia de me intrometer nessa questão *todo* particular"

[CL.1, I, 211].

Suas origens pronominais facultam-lhe a possibilidade de poder, por atração, concordar com a palavra a que se refere:

O professor é ***todo*** *ouvidos.* *Ela é* ***toda*** *ouvidos.*

Ele está ***todo*** *preocupado.* *Ela está* ***toda*** *preocupada.*

Acabamos de ver as crianças ***todas*** *chorosas.*[52]

Todo entra ainda na construção de locuções adverbiais: *em todo*, *de todo*, *de todo em todo*, etc.

Tudo – Refere-se às coisas consideradas em sua totalidade ou conjunto e, normalmente, se apresenta como termo absoluto, desacompanhado de determinado:

Nem *tudo* está perdido.

Põe a esperança em *tudo*.

O seu emprego absoluto apresenta duas exceções: quando se combina com os demonstrativos *isto*, *isso*, *aquilo* ou quando é seguido de oração adjetiva substantivada pelo

artigo:

Tudo isso é impossível. *Isso tudo* é impossível.

Onde você comprou *tudo aquilo*?

Desconhecemos *tudo o que eles disseram.*

Em tais construções, o demonstrativo funciona como núcleo do sintagma nominal e o indefinido como seu adjunto, bem como da oração adjetiva substantivada.

Pronome relativo

Usa-se *o qual* (e flexões) em lugar de *que*, principalmente quando o relativo se acha afastado do seu antecedente e o uso deste último possa dar margem a mais de uma interpretação:

O guia da turma, *o qual* nos veio visitar hoje, prometeu-nos voltar depois (com o emprego de *que* o sentido ficaria ambíguo).

Pode-se ainda recorrer à repetição do termo:

"Arrastaram o saco para o *paiol* e o *paiol* ficou a deitar fora" [CN.1, 12].

Dá-se ainda o afastamento do relativo em relação ao seu antecedente em exemplos como o seguinte:

"No fundo de um triste vale dos Abruges, terra angustiada e sáfara, um pobre eremita vivia *que* deixara as abominações do século pela soledade do deserto" [JR.2, 2, 219].

Hoje é mais comum construir:

"eremita que deixara... vivia" ou "vivia um pobre eremita que deixara...".

Deve-se evitar com cuidado o grande distanciamento entre o antecedente e o correspondente relativo, principalmente se este estiver precedido de dois nomes que possam assumir esta referência. Mário Barreto [MBa.5, 303] cita o trecho de Camilo em que o escritor explicita entre parêntese o real antecedente:

"Eu de mim, se não estivesse amortalhada no sobretudo do meu marido, *que* vou escovar (o sobretudo), era dele, como a borboleta é da chama (...)".

"Lúcia descera com a moça bonita, de calças curtas, *que* guiava o carro" [JL.2, 133].

Muitas vezes a pontuação salva a boa interpretação do texto; a vírgula posta entre um substantivo (ou pronome) e o relativo serve para indicar que este não se está referindo àquele, e sim ao mais afastado:

"mas ele tinha necessidade da sanção de alguns, *que* (isto é, a "sanção", e não "alguns") lhe confirmasse o aplauso dos outros" [MA.1, 138].

Em geral substitui-se *que* por *o* (*a*) *qual* depois de preposição ou locução prepositiva de mais de duas sílabas. Empregamos *sem que* ou *sem o qual*, *a que* ou *ao qual*, *de que* ou *do qual*, mas dizemos com mais frequência *apesar do qual*, *conforme o qual*, *perante o qual*, etc.53 O movimento rítmico da frase e a necessidade expressiva exigem, nestes casos, um vocábulo tônico (como *o qual*) em lugar de um átono (como *que*).

Com frequência, a preposição que deveria acompanhar o relativo emigra para o antecedente deste relativo:

"A barra é perigosa, como dissemos: porém a enseada fechada é ancoradouro seguro, *pelo que* (o porque, razão por que) tem sido sempre couto dos corsários de Berbéria" [AH.2, 69].

"... até o induzirem a mandá-lo sair da corte, *ao que* (o a que) D. Pedro atalhou com retirar-se antes que lhe ordenassem" [AH.2, 91].

"... não tardou a ser atravessado, pelo coração, com uma seta do que (o de que) imediatamente acabou" [AH.2, 97].

A construção regular, sem migração da preposição, é pouco usada e se nos apresenta como artificial:

"Assim me perdoem, também, *os a quem* tenho agravado, *os com quem* houver sido injusto, violento, intolerante..." [RB.2, 23].

No seguinte exemplo de Rui Barbosa a preposição aparece antecipada e depois no lugar devido:

"É *no em* que essa justificação se resume" [RB.1, 519].

Outras vezes omite-se a preposição que pertence a rigor ao relativo, em virtude de já ter o seu antecedente a mesma preposição:

Você só gosta *das coisas que* não deve (por: *das coisas de que não deve*).

Ele falou *do que* não podia falar (por: *de que não podia falar*).

Relativo universal – Na linguagem coloquial e na popular pode aparecer o pronome relativo despido de qualquer função sintática, como simples transpositor oracional. A função que deveria ser desempenhada pelo relativo vem mais adiante expressa por um substantivo ou pronome precedido de preposição. É o chamado *relativo universal* que, desfazendo uma complicada contextura gramatical, se torna um "elemento linguístico extremamente prático" [KN.1, V, 330]:

Ali vai o homem *que* eu falei com *ele*.

por

Ali vai o homem *com quem* eu falei.

Anacoluto no relativo – Costuma-se empregar ainda *que* ou *quem* seguido de pronome pessoal oblíquo (*que* ou *quem... lhe*) onde o rigor gramatical estaria a pedir este relativo precedido de preposição. É prática antiga que ainda persiste no colóquio moderno:

"Agora sim, disse então aquela cotovia astuta, agora sim, irmão, levantemos o voo e mudemos a casa, que vem *quem lhe* dói a fazenda"

(= aquele a quem dói a fazenda) [MBe *apud* AC.8, I, 70].

Quem ama o feio bonito *lhe* parece (= quem ama o feio parece bonito).

Quem cospe para o céu, na cara *lhe* cai.

Pode ocorrer ainda que, em vez do pronome *lhe*, apareça substantivo ou pronome com a preposição que deveria preceder o relativo.

Outras vezes o relativo não se refere propriamente ao seu antecedente, mas a um termo a ele relacionado:

"Bem vês as *lusitânicas* fadigas

Que eu já de muito longe favoreço" [LC.1, II, 171].

O pronome relativo se refere a *lusitanos*, ideia contida no adjetivo *lusitânicas*.

"Isto que parece absurdo ou desgracioso é perfeitamente racional e belo – belo à *nossa* maneira, *que* não andamos a ouvir na rua os rapsodos recitando os seus versos, nem os oradores os seus discursos, nem os filósofos, as suas filosofias" [MA *apud* SS.5, I, 28]. Aqui o relativo se refere ao pronome pessoal *nós* que se depreende do pronome possessivo *nossa*.

Não pertence à boa norma da língua repetir sob forma pronominal a função sintática já desempenhada pelo relativo. São escassos os exemplos como os seguintes:

"(nome) *que to* dissesse a brisa perfumada

Lasciva perpassando pelas flores" [CA.1, ed. SS, § 29].

"... o homem que se destina, ou *que o* destinou seu nascimento, a uma vocação pública, não pode sem vergonha ignorar as belas-letras e os clássicos" [AGa *apud* SS.5].

É preciso distinguir cuidadosamente este caso de outro aparentemente igual, em que não se trata de *que* pronome relativo, mas *que* conjunção causal ou consecutiva (com elipse do intensivo *tão*, *tal*):

"O português hodierno não é nem a língua de sábios nem de filósofos e pensadores *que* não *os* há..." [JR.6, 152].

"Tenho os pés *que os* não sinto, dizia ele ao seu vizinho" [AFg.1, 117].

(isto é: tenho os pés *de tal maneira, que*...)

Já vimos que *cujo*, como pronome relativo, traduz a ideia de posse, com o valor de *dele* (*dela*), *do qual* (*da qual*):

O livro *cujas* páginas... (= as páginas *do qual*, as páginas *dele*, as *suas* páginas).

Conforme a função do núcleo do sintagma nominal, do qual este pronome serve de adjunto, *cujo* pode vir precedido de preposição:

O proprietário *cuja casa* aluguei (a casa *do qual* aluguei).

Os pais *a cujos filhos* damos aula... (aos filhos *dos quais*).

Os pais *de cujos filhos* somos professores... (dos filhos *dos quais*).

O clube *em cujas dependências* faço ginástica (nas dependências *do qual*).

A cidade *por cujas ruas*, na infância, arrastou seus sonhos (pelas ruas da qual).

A prova *com cujas questões* me atrapalhei (com as questões *da qual*).

Para o emprego correto de *cujo*, além do que já dissemos antes, convém atentar para as três seguintes construções viciosas:

a) em vez de *cujo*, empregar um relativo (*que*, *quem*) precedido da preposição *de* para referir-se à ideia de posse:

Não posso trabalhar com uma pessoa *de quem* discordo dos métodos.

Dever-se-á construir:

Não posso trabalhar com uma pessoa *de cujos* métodos discordo (do método *dela*, do método *da qual*).

b) também não é para imitar o emprego de *cujo* (e flexões) significando *o qual* (e flexões). Os exemplos que dele se nos deparam na pena de um bom conhecedor do idioma, como Filinto Elísio, se devem explicar como uma iniciativa do idioleto do escritor, mas que não ganhou foros de cidade:

O livro *cujo* eu comprei ontem é excelente.

c) empregar artigo definido depois de *cujo*:

O pai *cujos os* filhos estudam aqui.

5 – Numeral

Numeral – é a palavra de função quantificadora que denota valor definido:

"A vida tem *uma* só entrada: a saída é por *cem* portas" [MM].

Os numerais propriamente ditos são os *cardinais*: *um*, *dois*, *três*, *quatro*, etc., e respondem às perguntas *quantos?*, *quantas?*.

Observações:

1.ª)Não são quantificadores numerais, ainda que tenham o mesmo significante, os substantivos que designam os algarismos e os números inteiros positivos. São substantivos e, como tais, admitem gênero e podem ir ao plural: *o um*, *os uns*; *o dois*, *os dois*; *o*

quatro, *os quatros*; prova dos *noves*. O gênero masculino se explica pela referência à palavra *número*, que se subentende. [AL.1, 120].

2.ª)Entre brasileiros, principalmente em referência a números de telefone, usa-se *meia dúzia* ou *meia* para o número *seis*. Não vale como numeral.

A tradição gramatical, levando em conta mais a significação de certas palavras denotadoras da quantidade e da ordem definidas, tem incluído entre os numerais próprios – os cardinais – ainda os seguintes: os *ordinais*, os *multiplicativos* e os *fracionários*. Tais palavras não exprimem uma quantidade direta do ponto de vista semântico, e, do ponto de vista sintático, se comportam, em geral, como adjetivos que funcionam como adjuntos e, portanto, passíveis de deslocamentos dentro do sintagma nominal:

Ele era o *segundo* irmão entre os homens.

Ele era o irmão *segundo* entre os homens.

Podem combinar-se coordenativamente com outros adjetivos:

Choveu muito nos *primeiros e gelados* dias deste inverno.

Podem até estar quantificados pelo numeral próprio:

Os *três primeiros* meses foram de muito calor.

Os *dois sêxtuplos* nasceram na mesma cidade, em anos diferentes.

De modo que seria mais coerente incluir os ordinais, multiplicativos e fracionários, conforme se apresentem no discurso, no grupo dos substantivos (*dobro*, *metade*, etc.) ou dos adjetivos (*duplo*, *primeiro*, etc.), como já fizemos com *último*, *penúltimo*, *anterior*, *posterior*, *derradeiro*, *simples*, *múltiplo*, etc., que denotam ordenação ou posição dos seres numa série, sem imediata ou mediata relação com a quantidade. Em nome da tradição e para comodidade de consulta do leitor, incluiremos nesta seção tais palavras, sem considerá-las como numerais.

Também a tradição gramatical tem posto *ambos* como numeral *dual*, como subcategoria de número (singular/plural), por sempre aludir a dois seres concretos já mencionados no discurso. Mas não temos, como alguns dialetos gregos, entre outras línguas, unidades linguísticas para a ideia da dualidade nos nomes e nos verbos [BD.1, II, 2.ª parte, 195; JV.1, 152]. Conforme as informações do contexto, podemos indicá-la por *dois*, *ambos*, pelo plural (*as abotoaduras*) ou possessivo (*suas abotoaduras*, *seus pulsos*), pelo reflexivo (*se amam*), etc. Nem o latim conhecia o dual [ECs.1, 198; HCv.3, III, 34]. Portanto, fica para *ambos* uma das duas classificações mais correntes: ou um *numeral* plural ao lado de *dois*, mas dele diferente por só se referir a seres já previamente indicados ou conhecidos, ou um *pronome*, justamente levando em conta essa referência de dêixis anafórica. *Ambos* admite posição anteposta ou posposta ao nome que modifica, nome (menos o pronome, naturalmente) que pode vir ou não precedido de preposição e pode ser substituído por *um e outro*:

Ambos os filhos ou os filhos *ambos*

Ambos os livros ou os livros *ambos*

Ambas (as) razões – *Uma e outra* razão

OBSERVAÇÃO: *Ambos* podia combinar-se com *dois* em construções enfáticas em que estivesse anteposto ou posposto ao substantivo: João e Maria eram irmãos; os *dois ambos* são engenheiros. Hoje, só no estilo solene, ocorre a construção.

Do ponto de vista material, existem em português os numerais simples (*um*, *dois*, *três*, *vinte*, *trinta*, *cem* [próclise de *cento*]), os compostos, que indicam adição, ligados pela conjunção *e* (*vinte e um*, *dezesseis*, *dezessete*, *cento e dois*, *mil e noventa*, etc.) e os justapostos que indicam multiplicação, quando a primeira unidade, multiplicadora, é menor

que a segunda: *quatrocentos* (4 x *cem*), *setecentos*, *oitocentos* e *novecentos*, *dois mil*, *cinco mil*, etc.54

Na designação dos números, usa-se a conjunção *e* entre as centenas, dezenas e unidades (*duzentos e vinte e seis*). Entre os milhares e as centenas, emprega-se o *e* se as centenas não forem seguidas de outro número (*dois mil e duzentos*); em caso contrário, omite-se a conjunção (*dois mil duzentos e vinte e seis*). Põe-se o *e* entre os milhares e as dezenas como também entre os milhares e as unidades (*dois mil e vinte e seis*; *dois mil e seis*). [SL.1, 164]

Nos números muito extensos, omite-se a conjunção entre as classes, isto é, entre os grupos de três algarismos: 324.312.090.215 – *trezentos e vinte e quatro bilhões trezentos e doze milhões noventa mil duzentos e quinze.*

Têm emprego como substantivos e, entre estes, guardam analogia com os coletivos – mas deles diferem pela indicação de quantidade definida: *dezena*, *década*, *dúzia*, *centena*, *centenar*, *cento*, *milhar*, *milheiro*, *milhão*, *bilhão*, *trilhão*, etc. [SA.2, 88].

Como ainda os coletivos, podem ter adjuntos introduzidos por preposição para indicar a espécie: uma *dúzia de laranjas*, duas *décadas de vida*, três *centos de bananas*, um *milhão de pessoas*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Em lugar de *milhão* pode ocorrer *conto*, na aplicação a dinheiro, em *conto de réis* ou, simplesmente, *conto*.

2.ª) Podem ser grafados com *lh* ou *li*: *bilhão* / *bilião*, *trilhão* / *trilião*, *quatrilião*, *quintilião*, *sextilião*, *setilião*, *octilião*. As formas com *lh* são mais usuais.

Os cardinais funcionam como adjuntos, à maneira dos adjetivos e pronomes adjetivos, e podem substantivar-se, se os seres forem consabidos, precedidos de artigo ou outro determinativo:

> *Os dois* acabaram chegando cedo.
>
> *Estes três* estão à sua espera.

Podem juntar-se a substantivo acompanhado ou não de adjetivos, antepostos ou pospostos ao numeral:

> Os *dois* bons momentos da vida.
>
> Os maravilhosos *três* dias passados na fazenda.

No que toca à flexão de gênero, os numerais são invariáveis, exceção de *um* (*uma*), *dois* (*duas*) e *ambos* (*ambas*), os formados com *um* (*vinte e um*/*vinte e uma*) e as centenas acima de *cem* (*duzentos*/*duzentas*, *trezentos*/*trezentas*, *novecentos*/*novecentas*).

Cumpre lembrar que se o sujeito da oração tiver por núcleo o substantivo *milhões*, acompanhado de adjunto preposicionado no plural, cujo núcleo é um feminino, o particípio ou o adjetivo pode concordar no masculino com seu núcleo, ou no feminino, com o substantivo preposicionado do adjunto:

> *Dois milhões de pessoas* foram aposentados (ou aposentadas) neste ano.

Os adjuntos de *milhar*, masculino, devem também ficar no masculino:

> *Alguns milhares* de pessoas se expõem perigosamente ao sol do meio-dia.
>
> *Os milhares* de pessoas que estudam línguas estrangeira não devem esquecer a materna.

Evite-se o erro, hoje comum: ***algumas*** *milhares de pessoas*, ***as milhares*** *de pessoas*.

Depois dos numerais compostos com *um* pode deixar-se o substantivo no plural: *trinta e um* ***dias***, contrução mais comum.

Na expressão alusiva a um número não conhecido ou que não se queira explicitar (*o número tanto*), pode-se também usar o plural: *o número tantos*, *a folhas tantas*, *a páginas tantas*.

Cabe ainda lembrar que o numeral cardinal pode às vezes ser empregado para indicar número indeterminado:

Peço-lhe *um* minuto de sua atenção (= *alguns poucos minutos*).

Contou-lhe o fato em *duas* palavras (= *poucas palavras*).

F. tem *mil e um* defeitos (por: *muitos defeitos*).

Ela anda com *mil* perguntas (por: *muitas perguntas*).

Como vimos no emprego de *todo*, às vezes expressões como *todos os dois dias*, *todas as três semanas*, etc. podem ser empregadas com o valor de "dois em dois dias" ou "a cada dois dias", "de três em três semanas" ou "a cada três semanas".

A relação entre os nomes numerais, como diz Mattoso Câmara [MC.4, 178], e a arte de contar leva a que, na língua escrita, se usem os algarismos em vez das palavras correspondentes, prática válida para os ordinais: 26 de fevereiro; reunião às 3 horas; rua X, 204; reinou 12 anos; capítulo 4; seção 32.ª; 14.º lugar, etc.

"Assim, os numerais passam a ser indicados na língua escrita por ideogramas" [MC.4, 178].

Ordinais – São as palavras que denotam o número de ordem dos seres numa série:

primeiro, *segundo*, *terceiro*, *quarto*, *quinto*, etc.

OBSERVAÇÃO: *Último*, *penúltimo*, *antepenúltimo*, *anterior*, *posterior*, *derradeiro*, *anteroposterior* e outros tais, ainda que exprimam posição do ser, não têm correspondência entre os numerais e por isso devem ser considerados meros adjetivos. 55

Ordinais e cardinais – Os ordinais têm pouca frequência na língua comum, exceto os casos consagrados pela tradição e, em geral, até o número *dez*:

4.º andar, 2.º pavimento, 3.ª seção, 5.º lugar, 100.º aniversário de fundação.

Todavia, no estilo administrativo e em outras variedades de estilo oficial, correm com mais frequência os ordinais. Os casos mais comuns são os seguintes: até décimo, quando se usam também os algarismos romanos (estes vão além de décimo). A partir de décimo, os cardinais substituem os ordinais correspondentes:

a) na seriação dos monarcas e papas de mesmo nome:

Pedro I, Pedro II, D. João VI, Pio X, Leão XIII, João XXIII

b) na cronologia dos séculos:

século I, século VI, século X, século XXI

c) na indicação dos capítulos de livros:

capítulo I, capítulo III, capítulo IX, capítulo XXXII

O cardinal substitui o ordinal na indicação de horas e em expressões designativas da idade de alguém; neste caso, se o substantivo estiver no plural, o número também irá ao plural:

É *uma hora* (= é a primeira hora).

É *uma hora e meia*.

São *duas horas* (= é a segunda hora).

Castro Alves faleceu aos 24 anos (= no vigésimo quarto ano de vida).

Também o cardinal substitui o ordinal na designação dos dias do mês; se mencionado o

substantivo *dia* antes do algarismo, fica no singular:

No dia 2 de dezembro nasceu Pedro II (por: no segundo dia de dezembro).

Se vier posposto ao algarismo, linguagem usada em documentos oficiais, o substantivo *dia* será usado no plural:

Aos *treze dias* do mês de janeiro nasceu o primogênito.

Aos *26 dias* de agosto de 1944 foi fundada a Academia Brasileira de Filologia.

Para referir-se ao dia que inicia cada mês podemos usar tanto o cardinal quanto o ordinal:

No dia *um* de janeiro nasceu-lhe o segundo filho.

No dia *primeiro* de janeiro nasceu-lhe o segundo filho.

Na referência a páginas ou capítulos de livro, usam-se as preposições *em* ou *a*. Com *em* emprega-se a palavra *página*, *folha* ou *capítulo* no singular seguida do cardinal, se for superior a dez, podendo até aí usar-se o ordinal, anteposto ou posposto:

Na página 32 há um erro de revisão / *na folha 32* / *no capítulo 32*

Na página dois faltou uma vírgula / *na folha 2* / *no capítulo dois*

Na página segunda ou *na segunda página* / *na folha segunda* / *no capítulo segundo*

Com a preposição *a*, usa-se o substantivo no plural:

A páginas 12 *A folhas 12*

Note-se que se pode dizer *à página dois*, *a páginas duas*, *a páginas vinte e uma*, *a páginas tantas*, *na página dois*, *na página vinte e um*, *na página vigésima primeira*. Em resumo: com *página*, no singular, o cardinal fica invariável; com *páginas*, no plural, o cardinal se flexiona em gênero. O ordinal se flexiona sempre: *página primeira*, *páginas vigésima primeira*.

Multiplicativos – São as palavras que exprimem a multiplicidade dos seres. Os mais usados são:

duplo ou *dobro*, *triplo* ou *tríplice*, *quádruplo*, *quíntuplo*, *sêxtuplo*, *séptuplo*, *óctuplo*, *nônuplo*, *décuplo*, *cêntuplo*.

Fracionários – São as palavras que indicam frações dos seres:

meio, *terço*, *quarto*, *quinto*, *sexto*, *sétimo*, *oitavo*, *nono*, *décimo*, *vigésimo*, *centésimo*, *milésimo*, *milionésimo*, empregados como equivalentes de *metade*, *terça parte*, *quarta parte*, etc.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) O fracionário *meio*, funcionando como adjunto, concorda com seu núcleo, explícito ou não: meio-dia e *meia* [hora]; duas e *meia* [hora].

2.ª) Em lugar de *um milhão* (*dois milhões*, etc.) *e meio* pode-se, mais raramente, empregar *um e meio milhão*, *dois e meio milhões*:

> "Para aquilatar a importância dos tropeiros, basta lembrar que o Brasil tem cerca de *oito e meio milhões* de quilômetros quadrados de superfície (...)" [AAr *apud* SS.3, 106].

Para muitos fracionários empregamos o cardinal seguido da palavra *avos*, extraído de *oitavo*, como se fora sufixo. Por hipertaxe passa a funcionar como uma palavra: onze avos, treze avos, quinze avos, etc.

Lista dos principais ordinais com o cardinal correspondente:

primeiro	–	um
segundo	–	dois

terceiro	–	três
quarto	–	quatro
quinto	–	cinco
sexto	–	seis
sétimo	–	sete
oitavo	–	oito
nono	–	nove
décimo	–	dez
undécimo ou décimo primeiro	–	onze
duodécimo ou décimo segundo	–	doze (e não douze!)
décimo terceiro	–	treze
décimo quarto	–	quatorze, catorze
vigésimo	–	vinte
vigésimo primeiro	–	vinte e um
trigésimo	–	trinta
quadragésimo	–	quarenta
quinquagésimo	–	cinquenta
sexagésimo	–	sessenta
septuagésimo ou setuagésimo	–	setenta
octogésimo	–	oitenta
nonagésimo	–	noventa
centésimo	–	cem
ducentésimo	–	duzentos
trecentésimo ou tricentésimo	–	trezentos
quadringentésimo	–	quatrocentos
quingentésimo	–	quinhentos
seiscentésimo, sexcentésimo	–	seiscentos
septingentésimo, setingentésimo	–	setecentos
octingentésimo	–	oitocentos
nongentésimo, noningentésimo	–	novecentos
milésimo	–	mil

dez milésimos	–	dez mil
cem milésimos	–	cem mil
milionésimo	–	um milhão
bilionésimo	–	um bilhão

OBSERVAÇÃO: A tradição da língua estabelece que, se o ordinal é de 2.000 em diante, o primeiro numeral usado é cardinal: 2345.ª – duas milésima trecentésima quadragésima quinta. A língua moderna, entretanto, parece preferir o primeiro numeral como ordinal, se o número é redondo: décimo milésimo aniversário.

6 – VERBO

Considerações gerais – Entende-se por verbo a unidade de significado categorial que se caracteriza por ser um molde pelo qual organiza o falar seu significado lexical.

A – ***A distinção de verbos nocionais e relacionais***

A tradicional distinção de duas subclasses em verbos *nocionais* e verbos *relacionais*, que está na base da distinção de *predicado verbal* e *predicado nominal*, tem sido posta em questionamento por notáveis linguistas modernos. Esta distinção é válida sob certo aspecto semântico, mas não no que se refere à sintaxe; o núcleo da oração é sempre o verbo, ainda que se trate de um verbo de significado léxico muito amplo e vago (costuma-se dizer "vazio", o que justifica a denominação tradicional de "cópula" – marca gramatical de identidade – e a classificação "relacional" de Said Ali). O verbo *ser* e o reduzido grupo de verbos que integram a constituição do chamado predicado nominal em nada diferem dos outros verbos: todos possuem "os morfemas de pessoa e número que com o sujeito gramatical dão fundamento à oração" [AL.1, 1994, 302]. Diz com muita justeza Benveniste que uma oração de verbo *ser* "é uma oração verbal, paralela a todas as orações verbais" [EBv.1, 169].

B – ***Categorias verbais segundo Roman Jakobson***

Para esta organização, além de ser pensado como significado verbal, o verbo se combina, entre outros, com instrumentos gramaticais (morfemas) de tempo, de modo, de pessoa, de número.

Assim, *trabalhar* e o *trabalho* são palavras que têm o mesmo significado lexical, mas diferentes moldes, diferentes significados categoriais, embora se deva ter presente que este não é o simples produto da combinação do significado lexical com o significado instrumental. Por isso, como ensina Coseriu, um lexema não é verbo *porque* se combina, por exemplo, com um morfema de tempo e pessoa, mas, ao contrário, combina-se com esses morfemas *para* ser verbo, e porque está pensado com significação verbal [ECs.7, 70].

Um estudo coerente do verbo requer o estabelecimento do sistema de *categorias verbais*, isto é, tipos ou funções da forma léxicas mediante as quais se estabelecem as oposições funcionais numa língua.

Quando se usam em português as formas:

canto – cantas – canta

vejo – vês – vê
parto – partes – parte

estabelecem-se oposições da mesma espécie que afetam o conceito de "pessoa".

Quando se usam as formas:

canto – cantamos,

estamos diante de uma mesma pessoa ("primeira pessoa") e a oposição afeta outro conceito, o de "número".

E quando se usam as formas:

canto – cante

temos a mesma pessoa e o mesmo número, mas não a mesma categoria de "modo".

As oposições podem ser *simples*, como as dos exemplos até aqui, isto é, quando, em cada caso, só ocorre uma só categoria, um só critério de diferença de conteúdo, ou *complexas*, como:

canto – canteis

em que a diferenciação de conteúdo se dá em três categorias: "pessoa" (1.ª e 2.ª), "número" (singular e plural) e "modo" (indicativo e subjuntivo).

No verbo português, há categorias que sempre estão ligadas: não se separa a "pessoa" do "número" nem o "tempo" do "modo"; isto ocorre em grande parte, senão totalmente, com o "tempo" e o "aspecto", como veremos depois.

O linguista Roman Jakobson elaborou um sistema geral das categorias verbais que é considerado o mais coerente e claro até agora apresentado. Será aqui tomado em consideração, ainda que nem sempre se mostre adequado para a análise do sistema verbal românico, em especial para o português que, para Coseriu, é o mais rico e complexo em comparação com as línguas da mesma família.

Tomando em consideração os atos de fala relacionados com as funções verbais, distingue Jakobson:

a) o ato de fala em si mesmo (F)

b) o conteúdo do ato de fala, isto é, o comunicado (C)

c) o acontecimento, isto é, tanto o ato de fala quanto o comunicado (A)

d) os participantes neste acontecimento (P)

Desta relação se extraem quatro conceitos fundamentais:

a) um acontecimento comunicado (AC)

b) o próprio acontecimento do falar (AF)

c) os participantes no acontecimento comunicado (PC)

d) os participantes no acontecimento da fala (PF)

As categorias verbais podem afetar um só dos elementos b) e c) ou referir-se a mais de um elemento; no primeiro caso dizem-se *caracterizadores* ("*designadores*" na nomenclatura de Jakobson), e no segundo *determinantes de relação* ("*conectores*", para Jakobson).

Assim, a categoria de número é caracterizadora, porque afeta exclusivamente o número de participantes no acontecimento comunicado; já o passivo é determinante de uma relação, porque enquadra uma relação entre o acontecimento comunicado e os participantes: *sou*

escutado encerra a relação entre minha pessoa e o acontecimento de *escutar*.

Por outro lado, as categorias caracterizadoras podem sê-lo por *qualificação* ou por *quantificação* dos elementos; a de gênero é *qualificadora*, e a de número, *quantificadora*.

Vistas por outro prisma, as categorias podem estar *determinadas linguisticamente* ou ser *determinadas pelo discurso*. Assim, o plural, que é uma categoria determinada pela língua, pode ser definido sem nenhuma relação com um ato momentâneo da fala, enquanto não podemos definir do mesmo modo o "eu", porque "eu" é sempre a pessoa que fala, uma categoria "definida pelo discurso".

Com base nestas informações, podemos aproveitar o seguinte quadro sinótico das categorias gerais do sistema verbal, apresentado por Coseriu:

		Que afetam os participantes		Que não afetam os participantes	
		caracte-rizadora	determinante de relação	caracte-rizadora	determinante de relação
deter-minadas linguis-ticamente	qualificadora	GÊNERO		ESTADO	
	quantificadora	NÚMERO		ASPECTO	
			VOZ		TAXIS
deter-minadas pelo discurso		PESSOA		TEMPO	
			MODO		EVIDÊNCIA

Explicação das categorias verbais

Gênero (PC) – Refere-se aos participantes no acontecimento comunicado e daí adquire capacidade qualificadora. Em geral, não necessita marca especial. No português, aparece apenas na voz passiva (*o livro foi escrito* / *a novela foi escrita*). Já no latim, é um morfema típico do particípio; também se manifestava em construções com objeto direto no português até entre os séculos XVII e XVIII, quando desapareceu definitivamente ("[Inês de Castro] *tem pisada a areia ardente*, Camões). Vigora ainda hoje no francês e no italiano (*je l'ai écrite* [*la lettre*], *l'ho scritta*).

Número (PC) – Refere-se aos participantes no acontecimento comunicado e daí adquire capacidade quantificadora. No português e demais línguas românicas, está sempre ligada à pessoa no verbo flexionado ou finito e, em parte, também na forma verbal infinita (port. *o dizê-lo eu*, esp. *el decirlo yo* – "o fato de que eu o diga"). Aparece sem pessoa apenas em uma forma infinita, novamente o particípio (*visto – vistos*).

Pessoa (PC/PF) – Determina a relação dos participantes no acontecimento comunicado com os participantes no ato de fala. Primeira pessoa: coincidência do participante no acontecimento comunicado (PC) com o falante (só em parte também, quando se trata do

plural); segunda pessoa: coincidência PC com o ouvinte; terceira pessoa: PC não coincide com nenhuma das duas pessoas.

Estado (AC) – Afeta a qualidade lógica do sucesso comunicado (*afirmativo*, *negativo*, *interrogativo*, *negativo-interrogativo*). No português e demais línguas românicas, o estado é mais uma qualidade da oração; mas, às vezes, exige também uma forma verbal especial no âmbito da sintaxe (inversão), ou também no âmbito da morfologia (imperativo – imperativo negado: *canta*/*não cantar*, *canta*/*não cantes*; gerúndio – gerúndio negado; particípio – particípio negado).

Aspecto (AC) – Segundo Jakobson, assinala a ação levada até o fim, isto é, como conclusa (perfeita) ou inconclusa (imperfeita). Certas espécies de ação, como *durativa*, *incoativa* (*ingressiva*), *terminativa*, *iterativa*, etc., são apenas subdivisões desta categoria.

Tempo ou **nível temporal** (AC/AF) – Assinala a relação temporal do acontecimento comunicado com o momento do ato de fala; o presente encerra este momento, o passado é anterior, e o futuro ocorrerá depois deste momento:

Voz ou **diátese** (PC/AC) – Determina a relação entre o acontecimento comunicado e seus participantes. O primeiro participante lógico, o sujeito, pode ser agente do acontecimento (*voz ativa*) ou objeto do acontecer (*voz passiva*), ou agente e objeto ao mesmo tempo (*voz média*, incluído o *reflexivo*):

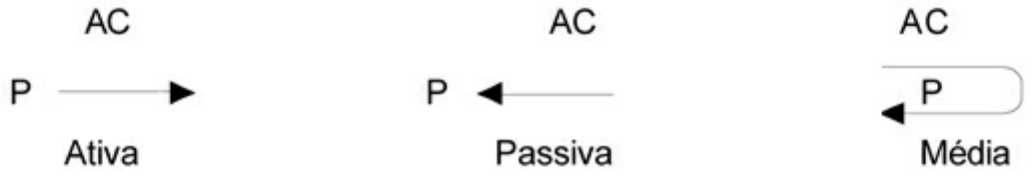

Modo (PC/AC/PF) – Assinala a posição do falante com respeito à relação entre a ação verbal e seu agente ou fim, isto é, o que o falante pensa dessa relação. O falante pode considerar a ação como algo feito, como verossímil – como um fato incerto –, como condicionada, como desejada pelo agente, como um ato que se exige do agente, etc., e assim se originam os modos: indicativo, subjuntivo, condicional, optativo, imperativo.

Taxis (AC/AC) – Assinala a posição de um acontecimento em relação com outro sem consideração do ato de fala. Nas línguas românicas é encontrada em certas construções impessoais com o gerúndio, com o infinitivo ou com o particípio (*comer cantando*, *comer depois de ter cantado*, etc.). Não se trata aqui de níveis temporais, mas de simples série de ações, já que o infinitivo não encerra relação com o ato de fala.

Evidência (AC/ACF/AF) – Assinala que o falante se refere a outro ato de fala – a uma informação indireta – por meio do qual ele experimenta o acontecimento como não vivido por ele mesmo (*Pedro deve ter falado com João*). No português e demais línguas românicas, é muito empregado nestes casos o *modus conditionalis* (*teria partido* = eu não o asseguro, ouvi de outra pessoa) e às vezes o futuro (*serão duas horas*).

C – ***Tempo e aspecto segundo Eugenio Coseriu***

Como assinalamos atrás, as categorias de "tempo" e "aspecto" costumam andar geralmente ligadas no português e nas demais línguas românicas, quer se trate de formas simples, quer de formas perifrásticas, também chamadas locuções verbais. A pura definição temporal e o *tempo* aludem à posição da ação verbal no percurso; a determinação aspectual alude à maneira de considerar a ação verbal no tempo. Coseriu apresenta uma clara e coerente proposta para a interpretação do verbo românico em relação com as categorias de tempo e aspecto com fundamento no sistema das subcategorias verbais.

Para tanto, distingue as seguintes subcategorias:

1) *Nível de tempo* ou simplesmente *nível* – Há uma estrutura temporal dupla no verbo românico: um plano que coincide com a linha do tempo mediante o presente (nível *atual*) e outra paralela onde se situam as ações que não dizem respeito com essa linha do tempo e que representam outra ação (nível *inatual*). O centro do nível atual é o *presente* e do nível inatual é o *imperfeito*:

Presente	nível atual
Imperfeito	nível inatual

Vale lembrar que nem sempre, como geralmente se supõe, o inatual com relação ao presente é interpretado como pertencente ao passado, ou que o imperfeito se enquadra como algo inseguro, condicionado, como algo distante da ação atual, como nas expressões de polidez e em orações principais presas a condicionais:

Eu queria pedir-lhe um favor.
Se soubesse, te dava a resposta.

2) *Perspectiva primária* – Enquadra a posição do falante em relação com a ação verbal. O falante pode ter a ação verbal como "paralela" a si mesmo, antes deste ponto ou depois dele. Por isso, a perspectiva primária pode ser *paralela*, *retrospectiva* ou *prospectiva*, segundo os *espaços de tempo*:

	Passado retrospectiva	Presente paralela	Futuro prospectiva
atual	*fiz*	*faço*	*farei*
inatual	*fizera*	*fazia*	*faria*

Esta estrutura está confirmada pelas possíveis neutralizações: *faço* pode substituir as formas *fiz* e *farei*; *fazia*, as formas *fizera* e *faria*.

De uma só vez a perspectiva primária define dois aspectos que emergem suplementarmente como função anexa da perspectiva:

a) na paralela tem-se uma ação em curso: *cursiva*.

b) na não paralela (retrospectiva ou prospectiva), uma ação como um todo, fora de curso: *complexiva*.

Daí se conclui que o presente e o imperfeito são cursivos e que as outras formas são complexivas.

Como o curso admite certa duração, os verbos pontuais (isto é, aqueles que se caracterizam pela ausência da duração no desenvolvimento do processo) como *encontrar*, *chegar*, etc.), aparecem no presente como formas de neutralização do passado ou do futuro ou, então, significam uma ação repetida (*eu encontro*, *ele chega amanhã*).

3) *Perspectiva secundária* – Consiste no fato de que cada espaço temporal delimitado pela perspectiva primária pode ser disposto outra vez segundo o mesmo princípio:

Presente:

tenho feito	FAÇO	*vou fazer*
tinha feito	FAZIA	*ia fazer*

Passado:

tive feito	FIZ	*fui fazer*
tivera feito	FIZERA	*fora fazer*

Futuro:

terei feito	FAREI	*irei fazer*
teria feito	FARIA	*iria fazer*

4) *Duração* – Esta categoria afeta o lapso em que se dá a ação verbal. A ação pode ser *durativa*, *momentânea* ou *intermitente* (mistura de ambas, isto é, uma ação formada por atos breves):

———	•	- - - - - - - - -
durativa	pontual	iterativa
olhar	*chegar*	*saltitar* (*dar saltos*)

Em português e nas demais línguas românicas, não tem esta categoria uma forma de expressão própria; está determinada lexicalmente ou aparece como categoria anexa à perspectiva.

5) *Repetição* – Impõe-se distinguir a categoria da repetição da de duração: a ação pode ser única (semelfáctiva ÷) ou ação repetida (frequentativa ÷ ÷ ÷ ÷ ...): singular ou repetição indeterminada. É em português uma categoria sem forma de expressão própria. Só a repetição única (÷ ÷) dispõe de perífrases, como *volto a dizer*, ou procedimentos de formação de palavras, como *redizer*.

6) *Conclusão* – Uma ação pode ser considerada *conclusa*, *inconclusa* ou *sem traço de conclusão*. O português não tem neste terreno, como também suas irmãs românicas, nenhum aspecto como categoria. Todavia, noutro sentido, a conclusão pode ser *subjetiva* ou *objetiva*,

na dependência de ter o sujeito levado a ação a um final objetivo ou não. Coseriu chama *terminativa* a conclusão subjetiva, e *completiva* a objetiva.

terminativa: ——————————|
escrevi muito (subjetiva; agora não escrevo)
completiva: ——————————O
escrevi o livro (objetiva; o que devia fazer, levei-o a cabo)

No português, só a conclusão subjetiva é expressa por formas verbais; a objetiva fica assinalada pelo contexto e às vezes pode ser expressa junto à voz verbal.

7) *Resultado* – Uma ação pode ser assinalada como "com resultado" (*resultativa*) ou como "sem resultado" (*não resultativa*). O resultado pode ser *subjetivo* (se afeta o sujeito [agente] e representa uma *reação efetiva*) ou *objetivo* (se afeta o objeto e representa um produto, *produtiva*).

No português, o resultado efetivo se expressa mediante *estar* + particípio: *está escrito*; o resultado produtivo, por *ter* + particípio em concordância com o objeto, porque se aplica na perspectiva secundária [*perfeito composto*]: *tenho escritos dois livros*.

8) *Visão* – É a categoria segundo a qual o falante pode considerar a ação verbal em seu todo ou parcialmente, em fragmentos, entre dois pontos de seu curso.

Na visão parcializante, podem-se diferençar diversas possibilidades:

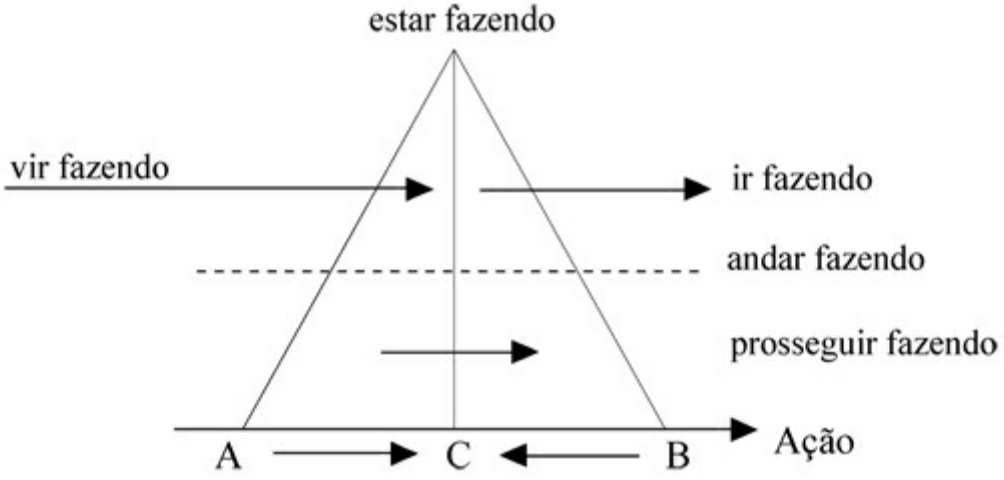

Explicitando esta *visão angular*

Pelo esquema, vê-se a ação entre dois pontos (A,B); ambos podem coincidir em um (C), isto é, podem ser pontos de começo e término de ação, o que não se expressa na forma do verbo e deve ser dito complementariamente: *estive lendo o dia todo*. Explicita-se em português com *estar* + gerúndio (*estou fazendo*) ou *estar a* + infinitivo (*estou a fazer*).

Visão comitativa – Trata-se do acompanhamento da ação verbal em diversos momentos de

seu curso entre A e B, e se expressa em português por *andar* + gerúndio (*ando fazendo*) ou *andar a* + infinitivo (*ando a fazer*).

A expressão pode ser ainda assinalada com o auxílio do adjetivo e particípio, como em *andar enfermo*, *andar desesperado*.

Visão prospectiva – Aqui se vê a ação entre o ponto C e um ponto distante, indefinido; em português há uma forma própria de expressão: *ir* + gerúndio (*vou fazendo*).

Visão retrospectiva – Aqui se vê a ação a partir do ponto indefinido anteriormente mencionado em direção ao ponto C, que coincide com o momento de observação da ação. Também aqui a ação é progressiva, e se expressa em português mediante *vir* + gerúndio (*venho fazendo*).

Visão continuativa – Trata-se de uma combinação de visão retrospectiva e prospectiva, que se expressa em português pelas perífrases: *seguir* + gerúndio (*sigo fazendo*) ou *continuar* + gerúndio (*continuo fazendo*).

Visão global – Aqui se acentua o conjunto da ação e a assinala expressamente como parcializante. A rigor, tal função poderia ser dispensada, já que pode ser desempenhada por membros neutros da oposição. Daí funcionarem as formas simples como membros neutrais:

estou lendo	*leio*
parcializante	neutral (não global parcializante)

Todavia, há expressões para acentuar o global, embora menos frequentes que as parcializantes. Estão representadas por perífrases aditivas com *tomar*, *pegar*, *agarrar*: *pego e escrevo*, *agarro e escrevo*, *tomo e escrevo*.

Para acentuar a globalidade, acompanha-se de todas as significações "enfáticas" do modo de falar, como "de fato", "com efeito", "rápido", "inesperado", "surpreendente", "decidido", "terminantemente", pois pode ocorrer a determinação expressa como "não cursiva" ou ainda como "não parcializante", como "redundante".

De forma esquemática, temos:

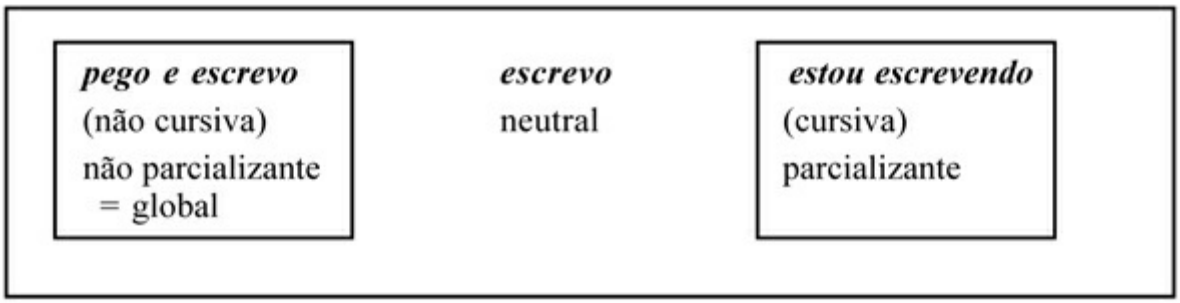

9) *Fase* – Trata-se aqui da relação entre o momento da observação e o grau de desenvolvimento da ação verbal observada.

Em princípio, podem-se distinguir as seguintes "fases":

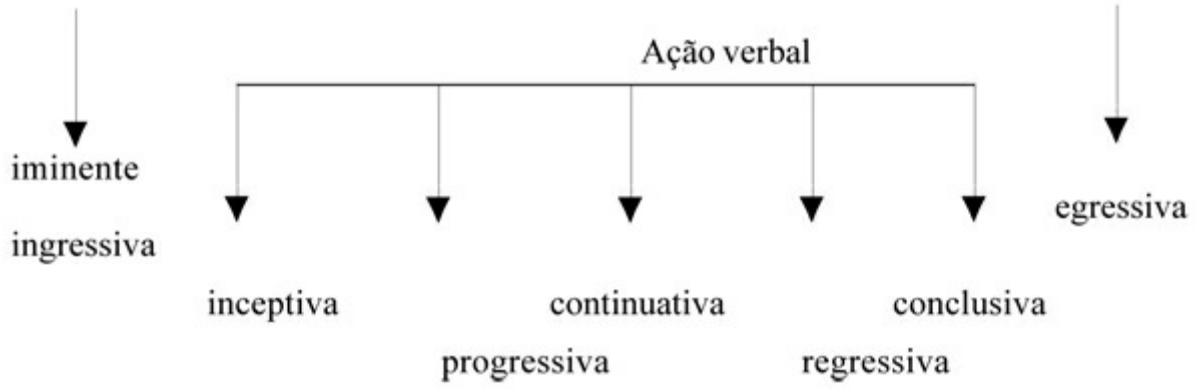

Fase iminente (*ingressiva*) – Trata-se da ação no seu começo. Indica-se com perífrases verbais, em geral, com o verbo *estar*: *estar para* (*por*) + infinitivo: *estou para* (*por*) *escrever*.

Fase inceptiva – Marca o ponto inicial da ação. Além da combinação léxica pura *começar a*, indica-se por várias perífrases verbais pondo ênfase ora na velocidade, ora no repentino da ação:

pôr-se a + infinitivo: *ponho-me a escrever*
meter-se a + infinitivo: *meto-me a escrever*
pegar a (*de*) + infinitivo: *pego a* (*de*) *escrever*
sair + gerúndio: *saio dizendo*

E também com construções aditivas: *ele agarrou e foi-se embora*.

Esta fase é a mais rica em formas e matizes.

Fase progressiva – Considera a ação em seu desenvolvimento; expressa-se mediante *ir* + gerúndio (*vou dizendo*).

Fase continuativa – Considera a ação na zona medial de seu desenvolvimento; expressa-se por *seguir* + gerúndio ou por combinações léxicas (*sigo escrevendo*, *continuo a*) ou conjuntamente com a visão (*estou dizendo*).

Fase regressiva e conclusiva – Considera a ação no seu término ou em sua fase final. Expressa-se exclusivamente com perífrases verbais, sem nenhum procedimento gramatical especial: *terminar de* + infinitivo (*termino de escrever*).

Fase egressiva – Considera a ação após seu término; expressa-se por *acabar de* + infinitivo (*acabo de escrever*).

Sincretismo: visão e fase – Pode ocorrer sincretismo de "visão" e "fase" na fase progressiva, quando o progressivo aparece como determinação secundária da visão: correlaciona-se com a visão comitativa, o que vale dizer dinâmica (*ando fazendo*), um progressivo retrospectivo (*venho fazendo* – de algum tempo até agora), um progressivo prospectivo (*vou fazendo* – desde agora para o futuro), e um progressivo tanto retrospectivo quanto prospectivo, isto é, uma continuativa (*sigo fazendo*).

Conclusão

Concluindo, para Coseriu são as seguintes as subcategorias que devem ser consideradas no exame do tempo e do aspecto do sistema verbal português e românico, levando-se ainda em conta que, entre estas categorias, há diferenças formais que aparecem em oposições funcionais:

• o nível temporal

• a perspectiva primária e secundária

• a visão

• a fase

• o resultado (parcial)

Em relação com outras categorias de sentido conexo, aparecem:

• a duração

• a repetição

• a conclusão (que não são mais do que significações laterais de perspectiva, da visão ou da fase, além de poderem ser constantes, como no caso da conclusão na perspectiva secundária).

Destas categorias, o *nível do tempo* e a *perspectiva primária* devem ser expressas e não podem faltar em cada forma verbal portuguesa. Já as outras categorias podem faltar ou não serem expressas; ficam, assim, "indeterminadas", "neutrais" as formas verbais em relação a essas categorias, ou podem juntar-se até duas. É o que ocorre com *estive fazendo*, que expressa, além do nível do tempo e da perspectiva primária, também a visão. *Tenho estado fazendo* expressa nível temporal, perspectiva primária, perspectiva secundária e visão. Já *tenho estado vindo fazendo*, *tinha-se estado pondo a fazer*, embora teoricamente possíveis, não são correntes. A última forma expressaria formalmente cinco categorias: nível temporal (inatual), perspectiva primária paralela (por causa da forma *tinha*), perspectiva secundária retrospectiva (por causa de *ter* + particípio), visão parcial (por *estar* + gerúndio) e fase inceptiva (por *pôr-se a* + infinitivo).

Exemplo para a descrição funcional – Para a descrição funcional de uma forma verbal

que leve em conta sua posição no sistema a que pertence, temos de enquadrá-la em todas estas categorias. Assim, em relação à forma do português ***fiz*** poderíamos dizer dela:

1) *Nível de tempo*: atual
2) *Perspectiva*: primária, retrospectiva, aspecto complexivo
3) *Visão*: global (neutral)
4) *Fase*: neutral
5) *Resultado*: não resultativa (neutral)
6) *Conclusão*: indefinida

Já de ***tinha estado fazendo***:

1) *Nível de tempo*: inatual
2) *Perspectiva*: primária, paralela, aspecto cursivo;
secundária, retrospectiva, aspecto complexivo
3) *Visão*: parcial
4) *Fase*: continuativa
5) *Resultado*: não resultativa
6) *Conclusão*: não terminativa

Pelo visto, pode-se concluir que o sistema verbal do português – e românico – representa um edifício de três "andares", que se ligam entre si, porque, é importante frisar, cada forma verbal que aparece inserida numa definição vale para todas as outras oposições como membro sem marca (neutral, extensivo).

Estes três "andares" apresentam:

a) no primeiro, temos um sistema fundamental que alude à configuração dos espaços de tempo: às categorias de *nível de tempo* e de *perspectiva primária*. Formalmente correspondem a este sistema fundamental as formas simples de tempo.

b) no segundo, um sistema secundário que alude à determinação do ponto temporal dentro dos espaços de tempo: à categoria da *perspectiva secundária*. A este sistema correspondem formalmente as formas perifrásticas de *ter* (*haver*) + particípio e verbo auxiliar (de preferência com *ir*) + infinitivo.

c) no terceiro, um sistema terciário que alude à definição de valores aspectivos especiais para cada ponto de tempo: às categorias de *visão*, *fase* e, em parte, *resultado*. Formalmente, este sistema coincide com outras diversas locuções verbais.

Cantaremos é uma forma verbal, porque exprime uma ação ou processo (a de cantar), exercida (referência à voz) pela 1.ª pessoa (referência à pessoa) do plural (referência ao número), do presente (referência ao tempo) do indicativo (referência ao modo).

As pessoas do verbo – Geralmente as formas verbais indicam as três pessoas do discurso, para o singular e o plural:

1.ª pessoa do singular: *eu canto*

2.ª pessoa do singular: *tu cantas*
3.ª pessoa do singular: *ele canta*
1.ª pessoa do plural: *nós cantamos*
2.ª pessoa do plural: *vós cantais*
3.ª pessoa do plural: *eles cantam*

Os tempos do verbo – São:

a) PRESENTE – em referência a fatos que se passam ou se estendem ao momento em que falamos: *eu canto*;

b) PRETÉRITO – em referência a fatos anteriores ao momento em que falamos e subdividido em *imperfeito*, *perfeito* e *mais-que-perfeito*:
cantava (imperfeito), *cantei* (perfeito) e *cantara* (mais-que-perfeito);

c) FUTURO – em referência a fatos ainda não realizados e subdividido em *futuro do presente* e *futuro do pretérito*:
cantarei (futuro do presente), *cantaria* (futuro do pretérito),
que implica também a modalidade condicional (cf. abaixo).

Os modos do verbo – São, conforme a posição do falante em face da relação entre a ação verbal e seu agente:

a) INDICATIVO – em referência a fatos como verossímeis ou tidos como tais: *canto*, *cantei*, *cantava*, *cantarei*

b) SUBJUNTIVO (CONJUNTIVO) – em referência a fatos incertos: talvez *cante*, se *cantasse*

c) CONDICIONAL – em referência a fatos dependentes de certa condição: *cantaria*

d) OPTATIVO – em relação a ação como desejada pelo agente:
E viva eu cá na terra sempre triste.

e) IMPERATIVO – em relação a um ato que se exige do agente:
cantai

As vozes do verbo – São:

a) ATIVA: forma em que o verbo se apresenta para normalmente indicar que a pessoa a que se refere é o *agente* da ação. A pessoa diz-se, neste caso, *agente* da ação verbal:

Eu *escrevo* a carta,
Tu *visitaste* o primo,
Nós *plantaremos* a árvore.

b) PASSIVA: forma verbal que indica que a pessoa é o *objeto* da ação verbal. A pessoa, neste caso, diz-se *paciente* da ação verbal:

A carta *é escrita* por mim,
O primo *foi visitado* por ti,
A árvore *será plantada* por nós.

A passiva é formada com um dos verbos *ser*, *estar*, *ficar* seguido de *particípio*.

Voz passiva e passividade – É preciso não confundir voz passiva e passividade. *Voz* é a forma especial em que se apresenta o verbo para indicar que a pessoa recebe a ação:

Ele *foi visitado* pelos amigos.

Alugam-se bicicletas.

Passividade é o fato de a pessoa receber a ação verbal. A passividade pode traduzir-se, além da voz passiva, pela ativa, se o verbo tiver sentido passivo:

Os criminosos recebem o merecido castigo.

Portanto, nem sempre a passividade corresponde à voz passiva56.

c) REFLEXIVA: forma verbal que indica que a ação verbal não passa a outro ser (negação da transitividade), podendo reverter-se ao próprio agente (sentido reflexivo propriamente dito), atuar reciprocamente entre mais de um agente (reflexivo recíproco), sentido de "passividade com se" e sentido de impessoalidade, conforme as interpretações favorecidas pelo contexto, formada de verbo seguido do pronome oblíquo de pessoa igual à que o verbo se refere:

eu *me visto*, tu *te feriste*, ele *se enfeita*.

O verbo empregado na forma reflexiva propriamente dita diz-se *pronominal*.

A voz passiva difere da reflexiva de sentido passivo em dois aspectos:

1) pode apresentar o verbo em qualquer pessoa, enquanto a reflexiva só se constrói na 3.ª pessoa com o pronome *se* (conhecido também pela denominação de "apassivador"):

Eu *fui visitado* pelos meus parentes.

Nós *fomos visitados* pelos parentes.

2) pode seguir-se de uma expressão que denota o agente da passiva, enquanto a reflexiva, no português contemporâneo, dispensa:

Eu *fui visitado* pelos parentes.

Aluga-*se* a casa (não se diz: aluga-se a casa pelo proprietário)

Todavia, há casos em que se explicita o agente, como no seguinte exemplo de Drummond:

Não sei se devemos exaltar Pelé por haver conseguido tanto, ou se nosso louvor deve antes ser dirigido ao gol em si, *que se deixou fazer por Pelé*, recusando-se a tantos outros [CDa.1, 130].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Em construções do tipo *batizei-me*, *chamas-te José*, há professores que veem passiva pronominal com pronomes oblíquos de 1.ª e 2.ª pessoas. Outros, porém, não pensam assim, e interpretam o fato como um emprego da voz reflexiva, indicando "uma atitude de aceitação consciente do nome dado ou do batismo recebido" [MC.4, 36].

2.ª) Em geral, o pronome átono que acompanha a voz reflexiva propriamente dita funciona como objeto direto, embora raras vezes possa exercer a função de indireto.

3.ª) Com verbos como *atrever-se*, *indignar-se*, *queixar-se*, *ufanar-se*, *admirar-se*, não se percebe mais a ação rigorosamente reflexa, mas a indicação de que a pessoa a que o verbo se refere está vivamente afetada. Com os verbos de movimento ou atitudes da pessoa "em relação ao seu próprio corpo" como *ir-se*, *partir-se*, e outros como *servir-se*, onde o pronome oblíquo empresta maior expressividade à oração, também não se expressa a ação reflexa. Alguns gramáticos chamam ao pronome oblíquo, nestas últimas circunstâncias, *pronome de realce*.

4.ª) Muitos verbos normalmente não pronominais se acompanham de pronome átono para exprimirem aspectos estilísticos, como a mudança lenta do estado ou de processo lento:

agonizar-se, *delirar-se*, *desmaiar-se*, *estalar-se, envelhecer-se*, *palpitar-se*, *peregrinar-se*, *repousar-se*, *tresnoitar-se*. [APa.1, 54-57]

5.ª) Inversamente, elimina-se o pronome de muitos verbos que o exigem na língua padrão:

aquecer, *chamar* (ter nome), *mudar* (transferir-se), *gripar*, *machucar*, *formar* (*Eu formei em Medicina*), *classificar* (*Ele classificou em 3.º lugar*), etc. (Obs.).

Formas nominais do verbo – Assim se chamam o *infinitivo*, o *particípio* e o *gerúndio*, porque, ao lado do seu valor verbal, podem desempenhar função de nomes. O infinitivo pode ter função de substantivo (*recordar é viver* = a recordação é vida); o particípio pode valer por um adjetivo (*homem sabido*), e o gerúndio por um advérbio ou adjetivo (*amanhecendo*, *sairemos* = logo pela manhã sairemos; *água fervendo* = água fervente). Nesta função adjetiva, o gerúndio tem sido apontado como galicismo; porém, é antigo na língua este emprego, quando ocupou o lugar vago deixado pelo particípio presente, que desapareceu do quadro verbal português para ingressar no quadro nominal.

As formas nominais do verbo, com exceção do infinitivo, não definem as pessoas do discurso e, por isso, são ainda conhecidas por *formas infinitas*. Possuem, quando possíveis, desinências nominais idênticas às que caracterizam a flexão dos nomes (gênero e número):

O infinitivo português, ao lado da forma infinita, isto é, sem manifestação explícita das pessoas do discurso, possui outra flexionada:

Infinito sem flexão	*Infinito flexionado*
Cantar	Cantar eu
	Cantares tu
	Cantar ele
	Cantarmos nós
	Cantardes vós
	Cantarem eles

As formas nominais do verbo se derivam do tema (radical + vogal temática) acrescido das desinências:

a) -*r*: para o infinitivo: canta-*r*, vende-*r*, parti-*r*

b) -*do* (ou -*to*, -*so*) para o particípio: canta-*do*, vendi-*do*, parti-*do*, acei-*to,* revol-*to*

c) -*ndo*: para o gerúndio: canta-*ndo*, vende-*ndo*, parti-*ndo*

OBSERVAÇÃO: O verbo *vir* (e derivados) forma também o seu particípio com a desinência -*do*; mas, pelo desaparecimento da vogal temática *i*, apresenta-se igual ao gerúndio: *vindo* (por vin-i-*do*) e *vindo* (vi-*ndo*).

Conjugar um verbo – É dizê-lo, de acordo com um sistema determinado, um paradigma, em todas as suas formas nas diversas pessoas, números, tempos, modos e vozes.

Em português temos três conjugações caracterizadas pela vogal temática:

1.ª conjugação – vogal temática ***a***: am***a***r, fal***a***r, tir***a***r.

2.ª conjugação – vogal temática ***e***: tem***e***r, vend***e***r, varr***e***r.

3.ª conjugação – vogal temática ***i***: part***i***r, fer***i***r, serv***i***r.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Não existe a 4.ª conjugação; *pôr* é um verbo da 2.ª conjugação cuja vogal temática desapareceu no infinitivo, mas permanece em outras formas do verbo. Veja-se a correspondência: *vend-e-s / põ-e-s*.

2.ª) Na história da língua, verbos há que mudaram de conjugação, mas deixaram vestígios em outras formas não verbais: *cair* (antigo *caer)*, com vestígio no adjetivo *cadente* (e não *cadinte*, como *ouvinte*). Alencar usa *rangir* por *ranger*, e hoje *viger* (cf. *vigente*) tem o concorrente *vigir* que, apesar de muito usado, não é aceito na norma exemplar: *A lei deve vigir* (por

viger).

Verbos regulares, irregulares e anômalos – Diz-se que um verbo é regular quando se apresenta de acordo com o modelo de sua conjugação: *cantar*, *vender*, *partir*. No verbo regular também o radical não varia. Tem-se o radical de um verbo privando-o, no infinito sem flexão, das terminações *-ar*, *-er*, *-ir*:

am-ar, fal-ar, tir-ar, tem-er, vend-er, varr-er, part-ir, fer-ir, serv-ir.

Irregular é o verbo que, em algumas formas, apresenta modificação no radical ou na flexão, afastando-se do modelo da conjugação a que pertence:

a) variação no radical em comparação com o infinitivo:

ouvir – ouço; *dizer* – digo; *perder* – perco;

b) variação na flexão, em relação ao modelo: *est**ou*** (veja-se *cant**o***), *est**ás*** (veja-se *cant**as***, um tônico e outro átono).

Os irregulares se dividem em *fracos* e *fortes*. Fracos são aqueles cujo radical do infinitivo não se modifica no pretérito: *sentir-senti*; *perder-perdi*.

Fortes são aqueles cujo radical do infinitivo se modifica no pretérito perfeito: *caber – coube*; *fazer – fiz*.

Os irregulares fracos apresentam formas iguais no infinitivo flexionado e futuro do subjuntivo:

Infinitivo	*Futuro do Subjuntivo*
Sentir	Sentir
Sentires	Sentires
Sentir	Sentir
Sentirmos	Sentirmos
Sentirdes	Sentirdes
Sentirem	Sentirem

Os irregulares fortes não apresentam identidade de formas entre o infinitivo flexionado e o futuro do subjuntivo:

Infinitivo flexionado	*Futuro do Subjuntivo*
Caber	Couber
Caberes	Couberes
Caber, etc.	Couber, etc.

OBSERVAÇÃO: Não entram no rol dos verbos irregulares aqueles que, para conservar a pronúncia, têm de sofrer variação de grafia:

carre***g***ar – carre***gu***e – carre***gu***ei – carre***gu***es

fi***c***ar – fi***c***o – fi***qu***ei – fi***que***

Não há portanto os *irregulares gráficos*.

Anômalo é o verbo irregular que apresenta, na sua conjugação, radicais primários diferentes: *ser* (reúne o concurso de dois radicais, os verbos latinos *sedēre* e *ĕsse*) e *ir* (reúne o concurso de três radicais, os verbos latinos *ire*, *vadēre* e *ĕsse*).

Outros autores consideram anômalo o verbo cujo radical sofre alterações que o não podem enquadrar em classificação alguma: *dar*, *estar*, *ter*, *haver*, *ser*, *poder*, *ir*, *vir*, *ver*, *caber*, *dizer*, *saber*, *pôr*, etc.

Verbos defectivos e abundantes – DEFECTIVO é o verbo que, na sua conjugação, não apresenta todas as formas: *colorir*, *precaver-se*, *reaver*, etc. É preciso não confundi-lo com os verbos chamados impessoais e unipessoais, que, como veremos, só se usam nas terceiras pessoas.

A defectividade verbal é devida a várias razões, entre as quais a eufonia e a significação. Entretanto, a defectividade de certos verbos não se assenta em bases morfológicas, mas em razões do uso e da norma vigentes em certos momentos da história da língua. Daí certa disparidade que por vezes se encontra na relação das gramáticas. Se a tradição da língua dispensa, por dissonante, a 1.ª pessoa do singular do verbo *colorir* (*coloro*), não se mostra igualmente exigente com a 1.ª pessoa do singular do verbo *colorar*. Por outro lado, o critério de eufonia pode variar com o tempo e com o gosto dos escritores; daí aparecer de vez em quando uma forma verbal que a gramática diz não ser usada. É na 3.ª conj. que se encontra a maioria dos verbos defectivos.

Quase sempre faltam as formas rizotônicas dos verbos defectivos. Suprimos, *quando necessário*, as lacunas de um defectivo empregando um sinônimo (derivado ou não do defectivo): Eu *recupero* (para *reaver*); eu *redimo* (para *remir*).

Há os seguintes grupos de verbos defectivos, em português:

a) os que não se conjugam nas pessoas em que depois do radical aparecem *a* ou *o*:

banir, *brandir*, *carpir*, *colorir*, *delir*, *explodir*, *fremer* (ou *fremir*), *haurir*, *ruir*, *exaurir*, *abolir*, *demolir*, *puir*, *delinquir*, *fulgir*, *feder*, *aturdir*, *bramir*, *jungir*, *esculpir*, *extorquir*, *impingir*, *puir*, *retorquir*, *soer*, *espargir*.

Tais verbos também não se empregam no pres. do subjuntivo, imperativo negativo, e no imperativo afirmativo só apresentam as segundas pessoas do singular e plural.

b) os que se usam unicamente nas formas em que depois do radical vem *i*:

adir, *aguerrir*, *emolir*, *empedernir*, *esbaforir*, *espavorir*, *exinanir*, *falir*, *fornir*, *remir*, *ressequir*, *revelir*, *vagir*, *florir*, *renhir*, *garrir*, *inanir*, *ressarcir*, *transir*, *combalir*.[57]

c) oferecem particularidades especiais:

1 – *precaver*(*-se*) e *reaver*. No pres. ind. só têm as duas primeiras pessoas do plural: *precavemos*, *precaveis*; *reavemos*, *reaveis*.

Imperativo: *precavei*, *reavei*.

Faltam-lhes o imperat. neg. e pres. do subj. No restante, conjugam-se normalmente.

2 – *adequar*, *antiquar*: cabem-lhes as mesmas observações feitas ao grupo anterior.

3 – *grassar* e *rever* (= destilar): só se usam nas terceiras pessoas.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Muitos verbos apontados outrora como defectivos são hoje conjugados integralmente: *agir*, *advir*, *compelir*, *desmedir-se*,

discernir, *embair*, *emergir*, *imergir*, *fruir*, *polir*, *prazer*, *submergir*. *Ressarcir* (cf. b) e *refulgir* (que alguns gramáticos só mandam conjugar nas formas em que o radical é seguido de *e* ou *i*) tendem a ser empregados como verbos completos.

2.ª) Os verbos que designam vozes de animais geralmente só aparecem nas terceiras pess. do sing. e pl., em virtude de sua significação, e são indevidamente arrolados como defectivos. Melhor chamá-los, quando no seu significado próprio, *unipessoais*.

3.ª) Também são indevidamente considerados defectivos os verbos *impessoais* (pois não se referem a sujeito), que só são empregados na terceira pess. sing.: *Chove* muito. *Relampeja*. Quando em sentido figurado, os verbos desta observação, como os da anterior, conjugam-se em quaisquer pessoas: *Chovam as bênçãos do céu*.

ABUNDANTE é o verbo que apresenta duas ou três formas de igual valor e função: *havemos* e *hemos*; *constrói* e *construi*; *pagado* e *pago*; *nascido*, *nato*, *nado* (pouco usado).

Normalmente esta abundância de forma ocorre no particípio.

Os principais verbos que gozam deste privilégio, no português moderno, são:

a) *comprazer* e *descomprazer*:

Pret. perf. ind.: comprazi, comprazeste, comprazeu, etc. ou comprouve, comprouveste, comprouve, etc.

M.-q-perf. ind.: comprazera, comprazeras, comprazera, etc. ou comprouvera, comprouveras, comprouvera, etc.

Imperf. subj.: comprazesse, comprazesses, comprazesse, etc. ou comprouvesse, comprouvesses, comprouvesse, etc.

Fut. subj.: comprazer, comprazeres, comprazer, etc. ou comprouver, comprouveres, comprouver, etc.

b) *construir* e seu grupo:

Pres. ind.: construo, construis (ou constróis), construi (ou constrói), construímos, construís, construem (ou constroem).

Imper. afirm.: construi tu (ou constrói tu).

Assim se conjugam *desconstruir*, *destruir*, *estruir*, *reconstruir*.

c) *entupir* e *desentupir*:

Pres. ind.: entupo, entupes (ou entopes), entupe (ou entope), entupimos, entupis, entupem (ou entopem).

Imper. afirm.: entupe (ou entope), entupi.

OBSERVAÇÃO: O *o* das formas abundantes é de timbre aberto.

d) *haver*:

Pres. ind.: hei, hás, há, havemos (ou hemos), haveis (ou heis), hão.

Imper. afirm.: há, havei.

e) *ir*:

Pres. ind.: vou, vais, vai, vamos (ou imos), ides (is é forma antiga), vão.

f) *querer* e *requerer*:

Pres. ind.: quero, queres, quer (ou quere), queremos, quereis, querem.

requeiro, requeres, requer (ou requere), requeremos, requereis, requerem.

Quere e *requere* são formas que só têm curso em Portugal; *quere* é criação recente (séc. XIX-XX, sem adoção geral) e *requere* é forma já antiga na língua, sendo *requer* de data recente.

g) *valer*:

Pres. ind.: valho, vales, vale (ou val), valemos, valeis, valem.

Val é forma antiga e ainda hoje corrente, máxime em Portugal.

h) imperativo dos verbos em *-zer*, *-zir*.

Podem perder o *-e* na 2.ª pess. sing.: faze tu (ou faz); traduze tu (ou traduz). São frequentíssimos os exemplos literários com os verbos *dizer*, *fazer*, *trazer* e *traduzir*.

i) particípio de numerosos verbos.

Existe grande número de verbos que admitem dois (e uns poucos até três) particípios: um *regular*, terminado em *-ado* (1.ª conjugação) ou *-ido* (2.ª e 3.ª conjugações), e outro *irregular*, proveniente do latim ou de nome que passou a ter aplicação como verbo, terminado em *-to*, *-so* ou criado por analogia com modelo preexistente. Eis uma relação dessas formas duplas de particípio, indicando-se entre parênteses se ocorrem com a voz ativa ou passiva, ou com ambas:

Infinitivo	*Particípio regular*	*Particípio irregular*
aceitar	aceitado (a., p.)	aceito (p.), aceite (p.)
assentar	assentado (a., p.)	assento (p.), assente (p.)
entregar	entregado (a., p.)	entregue (p.)
enxugar	enxugado (a., p.)	enxuto (p.)
expressar	expressado (a., p.)	expresso (p.)
expulsar	expulsado (a., p.)	expulso (p.)
fartar	fartado (a., p.)	farto (p.)
findar	findado (a., p.)	findo (p.)
ganhar	ganhado (a., p.)	ganho (a., p.)
gastar	gastado (a.)	gasto (a., p.)
isentar	isentado (a.)	isento (p.)
juntar	juntado (a., p.)	junto (a., p.)
limpar	limpado (a., p.)	limpo (a., p.)
matar	matado (a.)	morto (a., p.)
pagar	pagado (a.)	pago (a., p.)
pasmar	pasmado (a., p.)	pasmo (a.)
pegar	pegado (a., p.)	pego (é ou ê)
salvar	salvado (a., p)	salvo (a., p.)
acender	acendido (a., p.)	aceso (p.)
arrepender	arrependido (a., p.)	repeso por arrepeso (a., p.)
desenvolver	desenvolvido (a., p.)	desenvolto (a., p.)
eleger	elegido (a.)	eleito (a., p.)
envolver	envolvido (a., p.)	envolto (a., p.)
prender	prendido (a., p.)	preso (p.)
revolver	revolvido (a., p.)	revolto (a.)

suspender	suspendido (a., p.)	suspenso (p.)
desabrir	desabrido	desaberto
erigir	erigido (a., p.)	erecto (p.)
exprimir	exprimido (a., p.)	expresso (a., p.)
extinguir	extinguido (a., p.)	extinto (p.)
frigir	frigido (a.)	frito (a., p.)
imprimir	imprimido (a., p.)	impresso (a., p.)
inserir	inserido (a., p.)	inserto (a., p.)
tingir	tingido (a., p.)	tinto (p.)

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Em geral emprega-se a forma regular, que fica invariável com os auxiliares *ter* e *haver*, na voz ativa, e a forma irregular, que se flexiona em gênero e número, com os auxiliares *ser*, *estar* e *ficar*, na voz passiva.

Nós temos *aceitado* os documentos.

Os documentos têm sido *aceitos* por nós.

Há outros particípios, regulares ou irregulares, que se usam indiferentemente na voz ativa (auxiliares *ter* ou *haver*) ou passiva (auxiliares *ser, estar ficar*), conforme se assinalou entre parênteses.

2.ª) Há uns poucos particípios irregulares terminados em -*e*, em geral de introdução recente no idioma: *entregue* (o mais antigo), *aceite*, *assente*, *empregue* (em Portugal).

Locução verbal. Verbos auxiliares – Chama-se *locução verbal* a combinação das diversas formas de um verbo auxiliar com o infinitivo, gerúndio ou particípio de outro verbo que se chama *principal*: *hei de estudar*, *estou estudando*, *tenho estudado*. Muitas vezes o auxiliar empresta um matiz semântico ao verbo principal, dando origem aos chamados *aspectos do verbo*.

Entre o auxiliar e o verbo principal no infinitivo pode aparecer ou não uma preposição (*de*, *em*, *por*, *a*, *para*). Na locução verbal, é somente o auxiliar que recebe as flexões de pessoa, número, tempo e modo: *haveremos de fazer*, *estavam por sair*, *iam trabalhando*, *tinham visto*. Da arbitrariedade do uso é que depende o empregar-se em alguns casos a preposição e em outros omiti-la. Também pode ocorrer, em vários casos, a alternância da preposição (*começar a / de fazer*).

Várias são as aplicações dos verbos auxiliares da língua portuguesa:

1 – *ter*, *haver* (raramente) e *ser* (mais raramente) se combinam com o particípio do verbo principal para constituírem novos tempos, chamados *compostos*, que, unidos aos simples, formam o quadro completo da conjugação da voz ativa. Estas combinações exprimem que a ação verbal está concluída.

Temos nove formas compostas:

Indicativo

a) *pretérito perfeito composto*: tenho ou hei cantado, vendido, partido;

b) *pretérito mais-que-perfeito*: tinha ou havia cantado, vendido, partido;

c) *futuro do presente composto*: terei ou haverei cantado, vendido, partido;

d) *futuro do pretérito composto*: teria ou haveria cantado, vendido, partido;

OBSERVAÇÃO: A língua moderna pôs de lado a forma *tive cantado*, corrente no Português antigo.

Subjuntivo

a) *pretérito perfeito*: tenha ou haja cantado, vendido, partido;

b) *pretérito mais-que-perfeito*: tivesse ou houvesse cantado, vendido, partido;

c) *futuro composto*: tiver ou houver cantado, vendido, partido;

Formas nominais

a) *infinitivo composto*: ter ou haver cantado, vendido, partido;

b) *gerúndio composto*: tendo ou havendo cantado, vendido, partido.

O verbo *ser* só aparece em combinações que lembram os depoentes latinos, sobretudo com verbos que denotam movimento: "Os cavaleiros *eram partidos* caminho de Zamora" [AC.2, I, 101]. *Era chegada* a ocasião da fuga. *São passados* três meses.

2 – *ser*, *estar*, *ficar* se combinam com o particípio (variável em gênero e número) do verbo principal para constituir a voz passiva (de ação, de estado e mudança de estado): *é amado*, *está prejudicada*, *ficaram rodeados*.

3 – os auxiliares *acurativos* se combinam com o infinitivo ou gerúndio do verbo principal para determinar com mais rigor os aspectos do momento da ação verbal que não se acham bem definidos na divisão geral de tempo presente, passado e futuro:

a) início de ação: *começar a escrever, pôr-se a escrever*, etc.;

b) iminência de ação: *estar para* (*por*) *escrever*, *pegar a* (*de*) *escrever*, etc.;

c) continuidade da ação: *continua escrevendo*, *continua a escrever*, sendo a primeira forma a que é mais antiga no idioma;

d) desenvolvimento gradual da ação; duração: *estar a escrever*, *andar escrevendo*, *vir escrevendo*, *ir escrevendo*, etc.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) No Brasil prefere-se a construção com gerúndio (*estar escrevendo*), enquanto em Portugal é mais comum o infinitivo (*estar a escrever*), não sendo, entretanto, a única forma.

2.ª) Está mais de acordo com o gênio da nossa língua o uso do gerúndio com auxiliar *estar* ou infinitivo com *a* para traduzir atos que se realizam paulatinamente, em vez do uso de forma simples do verbo, como faz o francês (*Jeanne nous regarde* / Joana está-nos olhando ou *a nos olhar apud* MBa.4, 233).

e) repetição de ação: *tornar a escrever*, *costumar escrever* (repetição habitual), etc.;

f) término de ação: *acabar de escrever*, *cessar de escrever*, *deixar de escrever*, *parar de escrever*, *vir de escrever*, etc.

Vir de + infinitivo é construção antiga no idioma e valia por *voltar de* (ou *chegar*) + infinitivo: "De amor dos lusitanos encendidas/ Que *vêm de descobrir* o novo mundo" [LC.1, IX, 40]. Depois passou a significar *acabar de* + infinitivo e, porque em francês ocorre emprego semelhante, passou a ser, neste sentido, condenado como galicismo pelos gramáticos: "eu, aos doze anos, *vinha de perder* meu pai"[CBr *apud* HG.1, 462].

4 – os auxiliares *modais* se combinam com o infinitivo ou gerúndio do verbo principal para determinar com mais rigor o modo como se realiza ou se deixa de realizar a ação verbal:

a) necessidade, obrigação, dever: *haver de escrever*, *ter de escrever*, *dever escrever*,

precisar (*de*) *escrever*, etc.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Em vez de *ter* ou *haver de* + infinitivo, usa-se ainda, mais modernamente, *ter* ou *haver que* + infinitivo: *tenho que estudar*. Neste caso, *que*, como índice de complemento de natureza nominal, funciona como verdadeira preposição. Não se confunda este *que preposição* com o *que pron. relativo* em construções do tipo: *nada tinha que dizer*, *tenho muito que fazer*, etc.

2.ª) Muitas vezes no Português contemporâneo não é indiferente o sentido da expressão com preposição ou sem ela: *Deve resultar* exprime certa precisão de resultado; *deve de resultar* traduz a probabilidade do resultado.

b) possibilidade ou capacidade: *poder escrever*, etc.

c) vontade ou desejo: *querer escrever*, *desejar escrever*, *odiar escrever*, *abominar escrever*, etc.

d) tentativa ou esforço; às vezes com o sentido secundário depreendido pelo contexto, de que a tentativa acabou em decepção (*foi buscar lã e saiu tosquiado*): *buscar escrever*, *pretender escrever*, *tentar escrever*, *ousar escrever*, *atrever-se a escrever*, etc.

e) consecução: *conseguir escrever*, *lograr escrever*, etc.

f) aparência, dúvida: *parecer escrever*, etc.

g) movimento para realizar um intento futuro (próximo ou remoto): *ir escrever*, etc.

h) resultado: *vir a escrever*, *chegar a escrever*, etc.

Vir a + infinitivo de certos verbos tem quase o mesmo sentido do verbo principal empregado sozinho: *Isto vem a traduzir a mesma ideia* (= isto por fim traduz a mesma ideia). *Vir a ser* pode ainda ser sinônimo de *tornar-se*: *Ele veio a ser famoso*.

NOTA FINAL – Nem sempre a aproximação de dois ou mais verbos constitui uma locução verbal; a intenção da pessoa que fala ou escreve é que determinará a existência ou inexistência da locução. "Por exemplo, na frase: *queríamos colher rosas*, os verbos *queríamos colher* constituirão expressão verbal se pretendo dizer que queríamos colher *rosas* e não outra flor, sendo *rosas* o objeto da declaração. Se, porém, pretendo dizer que o que nós queríamos era *colher rosas* e não fazer outra cousa, o objeto da declaração é *colher rosas* e a declaração principal se contém incompletamente em *queríamos*" [JO.1, 202-203].

Auxiliares causativos e sensitivos – Assim se chamam os verbos *deixar*, *mandar*, *fazer* e sinônimos (causativos) e *ver*, *ouvir*, *olhar*, *sentir* e sinônimos (sensitivos) que, juntando-se a infinitivo ou gerúndio, não formam locução verbal, mas, muitas vezes, se comportam sintaticamente como tal, isto é, segundo as relações internas que se estabelecem dentro do grupo entre o infinitivo e os termos que o acompanham, como veremos no lugar próprio.

Elementos estruturais do verbo: desinências e sufixos verbais – Ao radical do verbo, que é o elemento que encerra o seu significado lexical, se juntam as formas mínimas chamadas *desinências* para constituir as flexões do verbo, indicadoras da *pessoa* e *número*, do *tempo* e *modo*. Segundo Mattoso, a constituição da forma verbal portuguesa é: T (R+VT) + D (DMT+DNP), em que T = tema; R = radical; VT = vogal temática; D = desinência; DMT = desinência modo-temporal e DNP = desinência número-pessoal

Chama-se *vogal temática* aquela classificadora da conjugação:

1.ª conjugação – *a*: cant-*a*-r

2.ª conjugação – *e*: vend-*e*-r

3.ª conjugação – *i*: part-*i*-r

A vogal temática presa ao radical constitui o *tema*:

canta-r , *vende*-r, *parti*-r.

Nem todas as formas verbais possuem a vogal temática, como, por exemplo, a 1.ª pessoa singular do presente do indicativo e do subjuntivo. As vogais ***e*** e ***a*** em cant-***e***, vend-***a***, part-***a*** são desinências temporais (veja abaixo). Outras vezes a vogal temática sofre variação: o ***a*** passa a ***e*** no pret.perf. do ind. da 1.ª conj. em contato com *i*, e passa a ***o*** em contato com *u*: cant-***a***-r, cant-***e***-i, cant-***o***-u; o ***e*** passa a ***i*** no pret. imperf. do ind. e particípio da 2.ª conjugação: vend-***e***-r, vend-***i***-a, vend-***i***-do. A vogal temática ***i*** da 3.ª conjugação passa a ***e*** quando átono, no pres. ind. (2.ª e 3.ª sing. e 3.ª pl.) e imper. (2.ª sing.): part-***e***-s, part-***e*** , part-***e***-m, part-***e***; se é tônico, nos mesmos casos, funde-se com o ***i*** da desinência ***is*** da 2.ª pessoa do plural: *part**is*** por *part-**i-is***.

O *tema* é a parte da palavra pronta para receber o sufixo ou a desinência.

Sufixo verbal é o que entra na formação dos verbos derivados: salt-it-ar, real-iz-ar, etc. (cf. **Afixos: prefixos e sufixos. Interfixos**).

As desinências modo-temporais são:

1) Para o *Indicativo*:

a) Ø no presente

b) -*va*- (-*ve*-) caracteriza o pretérito imperfeito da 1.ª conjugação: *canta-va*; 58

c) -*ia*- (-*ie*-), caracteriza o pretérito imperfeito da 2.ª e 3.ª conjugações: *dev-ia*, *part-ia*;59

d) Ø para o pretérito perfeito (até a 2.ª pess. do pl. e -*ra*- para a 3.ª pess. pl.): *cante-i*, *canta-ra-m*

e) -*ra*- (*re*) átono caracteriza o pretérito mais-que-perfeito: *canta-ra*, *vende-ra*, *parti-ra*; *cantá-re-is*;

f) -*ra*- (-*re*-) tônico caracteriza o futuro: *canta-re-i*, *canta-rá-s*, *canta-rã-o*, *deve-re-i*, *parti-re-i*;

g) -*ria*- (-*rie*-) caracteriza o futuro do pretérito: *canta-ria*, *deve-ria*, *parti-ria*;

2) Para o *Subjuntivo*:

a) -*e*- caracteriza o presente da 1.ª conjugação: *cant-e*;

b) -*a*- caracteriza o presente da 2.ª e 3.ª conjug.: *vend-a*, *part-a*;

c) -*sse*- caracteriza o pretérito imperfeito: *canta-sse*, *vende-sse*, *parti-sse*;

d) -*r*- (-*re*-) caracteriza o futuro: *cant-a-r*, *vend-e-r*, *part-i-r*;

3) Para as *Formas Nominais*:

a) -*ndo* caracteriza o gerúndio: *canta-ndo*, *vende-ndo*, *parti-ndo*;

b) -*do* caracteriza o particípio: *canta-do*, *vendi-do*, *parti-do*;

c) -*r* caracteriza o infinitivo: *canta-r*, *vende-r*, *parti-r*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Nem todas as formas verbais se apresentam com desinências e vogal temática.

2.ª) As características temporais terminadas em -*a* (imperf., m.-q.-perf. do ind. e futuro apresentam esta vogal alterada em *e* na 2.ª pessoa do plural, graças ao contato com a desinência pessoal -*is* que provoca a ditongação *eis*: eu *cantava*, vós *cantáveis*; eu *devia*, vós *devíeis*; eu *partia*, vós *partíeis*; eu *cantara*, vós *cantáreis*; eu *cantaria*, vós *cantaríeis*). O mesmo ocorre com a 1.ª pess. do fut. do presente: *cant-a-re-i*.

3.ª) As desinências pessoais (cf. abaixo) do pretérito perfeito servem, por acumulação, para caracterizar o tempo e modo do verbo.

As desinências número-pessoais são:

SINGULAR	1.ª pessoa: Ø, -*o* (só no pres. ind.), -*i* (só no pret. perf. do ind. e futuro do presente)[1]
	2.ª pessoa: -*s*, -*ste*[2] (só no pret. perf. do ind.) e Ø no imperativo
	3.ª pessoa: Ø, -*u* (só no pret. perf. do ind.)
PLURAL	1.ª pessoa: -*mos*
	2.ª pessoa: -*is*, -*des* (só no fut. do subj., inf. flex. e pres. do ind. de alguns verbos irregulares), -*stes* (só no pret. perfeito do ind.), -*i*(*s*) (no imperativo).
	3.ª pessoa: -*m* (indica que a vogal precedente é nasal).

1. O travessão indica ausência de desinência.

2. Cuidado especial hão de merecer estas desinências (-*ste*, singular, e -*stes*, plural) para que, por falsa analogia, não passem a -*stes* (singular) e -*steis* (plural): tu *comestes* por *comeste*), vós *comesteis* (por *comestes*).

Observações sobre as desinências número-pessoais.

1.ª pessoa do singular: geralmente falta a desinência de 1.ª pessoa do singular, exceto no presente do indicativo, onde aparece a desinência -*o*:

cant-*o*,	vend-*o*,	part-*o*

No pretérito perfeito do indicativo e futuro do presente aparece a desinência -*i*:

cante-*i*,	vend-*i*,	part-*i*
canta-re-*i*,	vende-re-*i*,	parti-re-*i*

2.ª pessoa do singular: a desinência geral é -*s*; no pretérito perfeito do indicativo -*ste;* Ø no imperativo:

canta-*s*,	canta-re-*s*,	canta-*ste*,	canta tu.
vende-*s*,	vende-re-*s*,	vende-*ste*,	vende tu.
parte-*s*,	parti-re-*s*,	parti-*ste*,	parte tu.

3.ª pessoa do singular: geralmente falta a desinência de 3.ª pess. do singular; só o pretérito perfeito do indicativo é que apresenta -*u*:

canto-*u*,	vende-*u*,	parti-*u*

1.ª pessoa do plural: a desinência é sempre -*mos*:

canta-*mos*,	vende-*mos*,	parti-*mos*

2.ª pessoa do plural: a desinência é -*is*; aparece -*des* no futuro do subjuntivo, infinitivo flex. e no presente do indicativo de alguns verbos irregulares (ter, vir, pôr, ver, rir, ir); o pret. perfeito do indicativo apresenta -*stes*, e o imperativo -*i* (na 3.ª conj. há crase com a vogal temática):

canta-*is*,	vende-*is*,	part-*is*
canta-r-*des*,	vende-r-*des*,	parti-r-*des*
canta-*stes*,	vende-*stes*,	parti-*stes*
canta-*i*,	vende-*i*,	part-*i*.

3.ª pessoa do plural: a desinência é -*m*, que nasaliza a vogal precedente:

canta-*m*,	vende-*m*,	parte-*m*
canta-re-*m*,	vende-re-*m*,	parti-re-*m*
canta-ra-*m*,	vende-ra-*m*,	parti-ra-*m*

OBSERVAÇÃO: No futuro do presente, dá-se uma ditongação; a nasalidade é indicada por til e se sobrepõe à característica temporal:

canta-*rão*,	vende-*rão*,	parti-*rão*

Tempos primitivos e derivados – No estudo dos verbos, principalmente dos irregulares, torna-se vantajoso o conhecimento das formas verbais que se derivam de outras chamadas *primitivas*.

1 – Praticamente do radical da 1.ª pessoa do presente do indicativo sai todo o presente do subjuntivo, bastando que se substitua a vogal final por *e*, nos verbos da 1.ª conjugação, e por *a* nos verbos da 2.ª e 3.ª conjugações:

	Presente do indicativo	*Presente do subjuntivo*
cantar	canto	cante
vender	vendo	venda
partir	parto	parta

Exceções:

ser	sou	seja
dar	dou	dê
estar	estou	esteja
haver	hei	haja

ir	vou	vá
querer	quero	queira
saber	sei	saiba

2 – Praticamente da 2.ª pessoa do singular e plural do presente do indicativo saem as 2.as pessoas do singular e plural do imperativo, bastando suprir o *s* final:

cantar	cantas,	cantais	canta,	cantai
vender	vendes,	vendeis	vende,	vendei
partir	partes,	partis	parte,	parti

Exceção: ser: *sê* (tu), *sede* (vós).

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Os verbos em *-zer* ou *-zir* podem ainda perder, na 2.ª pessoa do singular, o *e* final, quando o *z* não é precedido de consoante: *faze* (ou *faz*) tu, *traduze* (ou *traduz*) tu; mas *cirze* tu (cf. **Verbos defectivos e abundantes**, h).

2.ª) Para evitar os inconvenientes da homonímia que, pela identidade de formas, pode provocar ambiguidade com outras formas verbais, escritores portugueses se servem, às vezes, nos verbos da 3.ª conjungação, da antiga desinência *-ide* por *-i*:

Novas tenho e grandes novas, / Amigo, para vos dar: / Tomai esta chave e *abride* [AGa.1]

Ouvide-a e fazei o que Ela vos disser! [CBr *apud* MBa.3, 64-65].

O imperativo em português só tem formas próprias para as segundas pessoas; as pessoas que faltam são supridas pelos correspondentes do presente do subjuntivo. Não se usa o imperativo de 1.ª pessoa do singular como tal, mas com valor optativo. Por isto, estará assinalada nos paradigmas das formas imperativas. As terceiras pessoas do imperativo se referem a *você(s)*, e não a *ele(s)*. Também não se usa o imperativo nas orações negativas; neste caso empregam-se as formas correspondentes do presente do subjuntivo:

Imperativo afirmativo	*Imperativo negativo*
— eu	— eu
canta tu	não cantes tu
cante você, o senhor	não cante você, o senhor
cantemos nós	não cantemos nós
cantai vós	não canteis vós
cantem vocês, os senhores	não cantem vocês, os senhores.

3 – Do tema do pretérito perfeito do indicativo (que praticamente se acha suprimindo a desinência pessoal da 1.ª pessoa do plural ou 2.ª do singular) saem:

a) o mais-que-perfeito do indicativo, com o acréscimo de *-ra* (*-re*):

-ra, *-ra-s*, *-ra*, *-ra-mos*; *-re-is*; *-ra-m*;

b) o imperfeito do subjuntivo, com o acréscimo de *-sse*:

-sse, *-sse-s*, *-sse*; *-sse-mos*; *-sse-m*;

c) o futuro do subjuntivo, com o acréscimo de *-r* (*-re*):

-r, *-re-s*, *-r*, *-r-mos*; *-r-des*; *-re-m*.

Tema do pret. perf.	*M. q. perf. ind.*	*Imperf. subj.*	*Fut. subj.*
vi (-mos)	vira	visse	vir
vie (-mos)	viera	viesse	vier
coube (-mos)	coubera	coubesse	couber
puse (-mos)	pusera	pusesse	puser
fo (-mos)	fora	fosse	for

4 – Do infinitivo não flexionado se formam:

a) futuro do presente, com o acréscimo ao tema de *-ra* (*re*) tônico:

-re-i, *-rá-s*, *-rá*, *-re-mos*, *-re-is*, *-rã-o*.

b) futuro do pretérito, com o acréscimo de *-ria* (*rie*):

-ria, *-ria-s*, *-ria*, *-ría-mos*, *-ríe-is*, *-ria-m*.

Infinitivo	*Futuro do presente*	*Futuro do pretérito*
cantar	cantarei	cantaria
	cantarás	cantarias
	cantará	cantaria
	cantaremos	cantaríamos
	cantareis	cantaríeis
	cantarão	cantariam

Exceções: *dizer*, *fazer*, *trazer*, que fazem *direi*, *farei*, *trarei*, *diria*, *faria*, *traria*.

c) imperfeito do indicativo, com o acréscimo de *-va* (*ve*), na 1.ª conjugação, e *-ia* (*-ie*), na 2.ª e 3.ª:

cant-a-va, cant-a-va-s, cant-a-va, cant-á-va-mos, cant-á-ve-is, cant-a-va-m
vend-ia, vend-ia-s, vend-ia, vend-ía-mos, vend-íe-is, vend-ia-m
part-ia, part-ia-s, part-ia, part-ía-mos, part-íe-is, part-ia-m.

À parte, temos:

a) *ser* (era, eras, etc.)
b) *ter* (tinha, tinhas, etc)
c) *vir* (vinha, vinhas, etc.)
d) *pôr* (punha, punhas, etc.)

A sílaba tônica nos verbos: formas rizotônicas e arrizotônicas – RIZOTÔNICA é a forma verbal cuja sílaba tônica se acha numa das sílabas do radical:

quero, canto, canta, vendem, feito

ARRIZOTÔNICA é a forma verbal cuja sílaba tônica se acha fora do radical:

queremos, cantais, direi, vendido

A língua portuguesa é mais rica de formas rizotônicas.

São normalmente rizotônicas: *a*) as três pessoas do singular e a 3.ª do plural do presente do indicativo e do subjuntivo, e as correspondentes do imperativo; *b*) os particípios irregulares; *c*) a 1.ª pessoa e 3.ª do singular do pretérito perfeito dos verbos irregulares fortes: *coube*, *fiz*, *fez*.

Nos verbos defectivos, em geral, faltam as formas rizotônicas.

Em vista do exposto, as três pessoas do singular e a 3.ª do plural do pres. do indic. e subjuntivo têm sempre acentuada a penúltima sílaba: *frutifico*, *vociferas, sentencia*, *trafegam*.

Exceções:

a) *resfolegar* e *tresfolegar* fazem *resfólego*, *resfólegas*, *resfólega*, *resfólegam*, etc. Existem ainda as formas reduzidas *resfolgar* e *tresfolgar*, de acentuação regular: *resfolgo*, *tresfolgo*, etc.

b) *mobiliar* faz *mobílio*, *mobílias*, *mobília*, *mobiliamos*, *mobiliais*, *mobíliam*; *mobílie*, *mobílies*, *mobílie*, etc. Existem ainda as formas *mobilar* 60 e *mobilhar*, que se conjugam de acordo com a regra geral: *mobilo*, *mobilas*; *mobilho*, *mobilhas*, etc.

Mobilar é forma de pouca aceitação entre brasileiros: "Eu vivia encantonada na sala da frente, que ia de oitão a outro, com várias sacadas para o largo, mobiliada (atenção revisor: não ponha "mobilada", que é palavra que eu detesto) com uma cama de vento, uma cadeira e um lavatório de ferro" [MB.1, 459-460].

Alternância vocálica ou metafonia – Assim se chama a mudança de timbre que sofre a vogal do radical de um vocábulo na forma rizotônica. Muitos verbos da língua portuguesa apresentam este fenômeno:

ferver: fervo, ferves, ferve, fervemos, ferveis, fervem (o *e* tônico é fechado na 1.ª pessoa do sing. e na 1.ª e 2.ª pessoa do plural; nas outras, é de timbre aberto).

Na 1.ª conjugação:

a) a vogal *a*, não seguida de *m*, *n* ou *nh*, passa a ser proferida bem aberta:

falar: falo, falas, fala, falamos, falais, falam

chamar: chamo, chamas, chama, chamamos, chamais, chamam

b) ao *e* fechado corresponde *e* aberto, exceto quando não vem seguido de *m*, *n*, *nh*, *j*, *x*, *ch*, *lh*:

levar: levo, levas, leva, levamos, levais, levam

remar: remo, remas, rema, remamos, remais, remam

alvejar: alvejo, alvejas, alveja, alvejamos, alvejais, alvejam

pretextar: pretexto, pretextas, pretexta, pretextamos, pretextais, pretextam

fechar: fecho, fechas, fecha, fechamos, fechais, fecham

aparelhar: aparelho, aparelhas, aparelha, aparelhamos, aparelhais, aparelham

Exceções: *invejar* (tem *e* aberto); *chegar*, *ensebar* não sofrem metafonia.

Pesar, no sentido de *causar tristeza*, *desprezar*, é arrolado também como exceção; porém, no Brasil, o uso mais corrente é conjugá-lo como *levar*. Os gramáticos recomendam-no com *e*

fechado: *pesa*, *pesam*; *pese*, *pesem*, etc. (é verbo defectivo, só usado nas terceiras pessoas).

c) a vogal *o* passa a *o* aberto quando não seguida de *m*, *n*, *nh* ou o verbo não termina por -*oar*:

tocar: toco, tocas, toca, tocamos, tocais, tocam

sonhar: sonho, sonhas, sonha, sonhamos, sonhais, sonham

perdoar: perdoo, perdoas, perdoa, perdoamos, perdoais, perdoam.

Na 2.ª conjugação:

a) as vogais tônicas *e* e *o* soam com timbre aberto na 2.ª e 3.ª pessoa do singular e na 3.ª do plural do pres. do ind. e na 2.ª pess. sing. do imperativo afirmativo, salvo se vierem seguidas de *m*, *n* ou *nh*:

dever: devo (ê), deves (é), deve (é), devemos, deveis, devem (é)

roer: rói, roei (ô)

volver: volvo (ô), volves (ó), volve (ó), volvemos, volveis, volvem (ó)

temer: temo (ê), temes (ê), teme (ê), tememos, temeis, temem

comer: como (ô), comes (ô), come (ô), etc.

Exceções: *querer* e *poder* têm a vogal tônica aberta na 1.ª pess. do sing.

Na 3.ª conjugação:

a) a vogal *e*, última do radical, sofre alternâncias diversas quando nela recai o acento tônico:

1 – Passa a *i* na 1.ª pess. do sing. do indic. e em todo o presente do subj. e *e* aberto na 2.ª e 3.ª pess. sing. e 3.ª do plural do pres. do indic. e 2.ª pess. sing. do imperativo nos verbos:

aderir, advertir, aferir, assentir, auferir, compelir, competir, concernir, conferir, conseguir, consentir, convergir, deferir, desferir, desmentir, despir, desservir, diferir, digerir, discernir, dissentir, divergir, divertir, expelir, ferir, impelir, ingerir, mentir, preferir, pressentir, preterir, proferir, prosseguir, referir, refletir, repelir, repetir, seguir, servir, sugerir, transferir, vestir:

vestir: visto, vestes, veste, etc.

OBSERVAÇÃO: Se o *e* for nasal mantém-se inalterável, exceto na 1.ª pess. singular do pres. do ind. e em todo o pres. do subj., onde passa a *i*: sentir: *sinto*, *sentes*, *sente*, etc.

2 – Passa a *i* nas três pessoas do singular e 3.ª do plural do presente do indicativo, em todo o pres. do subj. e imperativo, salvo, neste, a 2.ª pessoa do plural:

agredir, cerzir, denegrir, prevenir, progredir, regredir, transgredir, e remir (este defectivo, cf. **Verbos defectivos e abundantes**).

Pres. ind.: agrido, agrides, agride, agredimos, agredis, agridem

Pres. subj.: agrida, agridas, agrida, etc.

Imper. afirm.: agride, agrida, agridamos, agredi, agridam

3 – os verbos *medir*, *pedir*, *despedir*, *impedir* e (derivados) têm *e* aberto nas formas rizotônicas, isto é, nas três pessoas do singular e 3.ª do plural do presente do indicativo e subjuntivo, e no imperativo afirmativo, exceto, neste, na 2.ª pessoa do plural:

medir – pres. ind.: meço, medes, mede, medimos, medis, medem
pres. subj.: meça, meças, meça, etc.
imper. afirm.: mede, meça, meçamos, medi, meçam

4 – Os verbos *aspergir*, *emergir*, *imergir* e *submergir* têm *e* tônico fechado na 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo (e formas que daí se derivam); têm *e* aberto na 2.ª e 3.ª do singular e 3.ª do plural do presente do indicativo (e formas que daí se derivam):

aspergir: asperjo (ê), asperges (é), asperge (é), aspergimos, aspergis, aspergem (é).

b) a vogal *o* sofre também alternâncias diferentes, quando nela recai o acento tônico:

1 – Passa a *u* na 1.ª pessoa sing. do pres. ind., em todo o pres. do subj. e no imperativo, salvo, neste, a 2.ª pess. do singular e plural; e passa a *o* aberto na 2.ª e 3.ª sing. e 3.ª do plural do pres. ind. e 2.ª do singular do imperativo:

dormir – pres. ind.: durmo, dormes, dorme, dormimos, dormis, dormem
pres. subj.: durma, durmas, durma, etc.
imper. afirm.: dorme, durma, durmamos, dormi, durmam

Assim se conjugam *cobrir*, *descobrir*, *encobrir*, *recobrir*, *tossir*. *Dormir* e *tossir* são regulares no particípio: *dormido*, *tossido*.

Para a conjugação de *engolir* e *desengolir* que, a rigor, deveriam seguir este modelo, veja-se o que se diz mais adiante.

2 – Passa a *u* nas três pessoas do sing. e 3.ª do plural do presente do indicativo, em todo o pres. do subjuntivo e no imperativo afirmativo, exceto, neste, a 2.ª pessoa do plural:

sortir – pres. ind.: surto, surtes, surte, sortimos, sortis, surtem
pres. subj.: surta, surtas, surta, etc.
imperat. afirma.: surte, surta, surtamos, sorti, surtam

Por este modelo se conjugam *despolir* e *polir* (cf. **Verbos defectivos e abundantes**). Antigamente seguiam este paradigma *cortir* e *ordir*, hoje grafados *curtir* e *urdir* e de conjugação regular.

c) a vogal *u* da penúltima sílaba do radical passa a *o* aberto na 2.ª e 3.ª pess. do singular e 3.ª do plural do presente do indicativo e na 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo:

acudir – pres. ind.: acudo, acodes (ó), acode (ó), acudimos, acudis, acodem (ó)
pres. subj.: acuda, acudas, acuda, etc.
imper. afirm.: acode (ó), acuda, acudamos, acudi, acudam

Assim se conjugam *bulir*, *cuspir*, *escapulir*, *fugir*, *sacudir*. *Consumir* e *sumir* têm o *o* fechado por estar seguido de *m*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) *Assumir*, *presumir*, *reassumir*, *resumir* são regulares: Pres. ind.: assumo, assumes, assumimos, assumis, assumem.

2.ª) os verbos em *-uir* não apresentam alternâncias vocálicas no radical; a 2.ª e 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo têm *is* e *i* em lugar de *es* e *e*, por haver ditongo oral:

constituir: pres. ind.: constituo, constituis, constitui, constituímos, constituís, constituem.

Assim se conjugam *anuir*, *arguir*, *atribuir*, *constituir*, *destituir*, *diluir*, *diminuir*, *estatuir*, *imbuir*, *influir*, *instituir*, *instruir*, *puir* (defectivo), *restituir*, *redarguir*, *ruir*.

3.ª) *Construir*, *desentupir*, *destruir*, *entupir* (e cognatos) seguem este modelo ou ainda admitem alternância do *u* em *o* aberto na 2.ª e 3.ª pessoa do sing. e 3.ª do plural do presente do indicativo e na 2.ª pessoa do sing. do imperativo afirmativo. *Entupir* e *desentupir* só se afastam do grupo porque apresentam *es* e *e* na 2.ª e 3.ª pessoa do sing. do pres. ind.: *entupo, entupes* (ou *entopes*), *entupe* (ou *entope*), *entupimos, entupis, entupem* (ou *entopem*).

construo, construis (ou *constróis*), *construi* (ou *constrói*), *construímos, construís, construem* (ou *constroem*).

Estes verbos são portanto abundantes. *Obstruir* é, entretanto, conjugado apenas como *constituir*. Cf. obs. 2.ª.

4.ª) *Engolir*, ainda que se escreva com *o*, segue o paradigma de *acudir*; para o Vocabulário de nossa Academia: *engulo, engoles, engole, engulimos, engulis, engolem.* Melhor fora, porém, conjugá-lo com *o* nas duas primeiras pessoas do plural do pres. do indicativo, desfazendo-se a incoerência.

d) a vogal *i* do radical do verbo *frigir* passa a *e* aberto na 2.ª e 3.ª pess. sing. e na 3.ª do plural do pres. do indicativo e na 2.ª pess. sing. do imperativo afirmativo:

Pres. ind.: frijo, freges, frege, frigimos, frigis, fregem

Imper. afirm.: frege, frija, frijamos, frigi, frijam

Não há metafonia, isto é, a vogal é proferida fechada, nos seguintes casos [SA.2, 113]:

1) quando a vogal tônica se acha no fim do radical:
crê, crês; *lê, lês*

2) quando integra os ditongos *ou, ei*:
douro, douras; *cheiro, cheiras*

3) no ditongo *oi* seguido de consoante:
pernoito, pernoitas

4) quando a vogal é seguida de consoante nasal:
como, comes

5) nos verbos terminados em *-ear*, *-elhar*, *-ejar* (exceto *invejar*) e *-oar*:
receio, receias; *aparelho, aparelhas*; *desejo, desejas*; *coroo, coroas*

6) nos verbos *chegar* e *ensebar*:
chego, chegas; *ensebo, ensebas*

Verbos notáveis quanto à pronúncia ou flexão

a) *aguar, desaguar, apaziguar, enxaguar, apropinquar, averiguar,* e afins podem ser conjugados de duas formas:

Pres. ind.: águo, águas, água, aguamos, aguais, águam / aguo, aguas, agua, aguamos, aguais, aguam

Pres. subj.: águe, águes, águe, aguemos, agueis, águem / ague, agues, ague, aguemos, aguis, aguem

b) *arguir* e *redarguir* não levam acento agudo na vogal tônica *u* nas formas rizotônicas:

Pres. ind.: arguo (ú), arguis (ú), argui (ú), arguímos, arguís, arguem (ú)

Pres. subj.: argua (ú), arguas (ú), argua (ú), arguamos, arguais, arguam (ú)

c) *Magoar*, conjuga-se:

Pres. ind.: magoo, magoas, magoa, magoamos, magoais, magoam

Pres. subj.: magoe, magoes, magoe, magoemos, magoeis, magoem

d) *Mobiliar*, conjuga-se:

Pres. ind.: mobílio, mobílias, mobília, mobiliamos, mobiliais, mobíliam

Pres. subj.: mobílie, mobílies, mobílie, mobiliemos, mobilieis, mobíliem

Observação: A variante *mobilar* apresenta-se regularmente: mobilo, mobilas, mobila, etc.

e) *Resfolegar* conjuga-se:

Pres. ind.: resfólego, resfólegas, resfólega, resfolegamos, resfolegais, resfólegam

Pres. subj.: resfólegue, resfólegues, resfólegue, resfoleguemos, resfolegueis, resfóleguem.

Observações:

1.ª) A forma contrata de *resfolegar* é *resfolgar*, que se apresenta regularmente: resfolgo, resfolgas, resfolga, etc.

2.ª) O substantivo é *resfôlego*, proparoxítono, com *o* tônico fechado.

f) *Dignar-se, indignar-se, obstar, optar, adaptar, pugnar, impugnar, ritmar, raptar,* conjugam-se:

Presente do indicativo

indigno-me (dí)	obsto (ó)	opto (ó)	impugno (ú)	ritmo (í)
indignas-te (dí)	obstas (ó)	optas (ó)	impugnas (ú)	ritmas (í)

indigna-se (dí)	obsta (ó)	opta (ó)	impugna (ú)	ritma (í)
indignamo-nos	obstamos	optamos	impugnamos	ritmamos
indignais-vos	obstais	optais	impugnais	ritmais
indignam-se (dí)	obstam (ó)	optam (ó)	impugnam (ú)	ritmam (í)

rapto (rá), *raptas* (rá), *rapta* (rá), *raptamos*, *raptais*, *raptam* (rá)

g) *Obviar* conjuga-se:

Pres. ind.: obvio (í), obvias (í), obvia (í), obviamos, obviais, obviam (í)

h) *Apiedar* e *moscar* conjugam-se:

apiedar – pres. ind.: apiedo, apiedas, apieda, apiedamos, apiedais, apiedam

A lição antiga de alguns gramáticos e ortógrafos confundia o arcaico *apiadar* e *apiedar* numa só conjugação, o que não aconselhamos:

Pres. ind.: apiado, apiadas, apiada, apiedamos, apiedais, apiadam (isto é, *a* nas formas rizotônicas e *e* nas arrizotônicas).

A mesma confusão existia com *moscar* e *muscar* (sumir-se):

Pres. ind.: musco, muscas, musca, moscamos, moscais, muscam (isto é, *u* nas formas rizotônicas e *o* nas arrizotônicas).

Mais certo será conjugarmos regularmente *moscar*:

Pres. ind.: mosco, moscas, mosca, moscamos, moscais, moscam; e *muscar*:

Pres. ind.: musco, muscas, musca, muscamos, muscais, muscam.

A correção, porém, talvez seja mais difícil, por serem muito pouco usados *moscar* e *muscar*.

i) Verbos com os ditongos fechados *ou* e *ei*: *roubar* e *inteirar*.

Conjugam-se não se reduzindo a vogais abertas *o* e *e*, respectivamente:

Roubar	*Inteirar*
roubo (e não *róbo*, etc.)	inteiro (e não *intéro*, etc.)
roubas	inteiras
rouba	inteira
roubamos	inteiramos
roubais	inteirais
roubam	inteiram

j) Verbos com os ditongos fechados *eu* e *oi*: tipos *endeusar* e *noivar*. Conjugam-se mantendo o ditongo sem que o *e* ou o *o* passem a timbre aberto: *endeuso, endeusas, endeusa,* etc.; *noivo, noivas, noiva,* etc.

OBSERVAÇÃO: O verbo *apoiar* tinha primitivamente fechado o ditongo; hoje é mais corrente proferi-lo aberto: *apoio*, *apoias*, etc.

k) Verbos com o hiato *au*, *ai* e *iu*: tipos *saudar*, *embainhar* e *amiudar*. Conjugam-se mantendo o hiato:

saudar	*embainhar*	*amiudar*
saúdo	embainho	amiúdo
saúdas	embainhas	amiúdas
saúda	embainha	amiúda
saudamos	embainhamos	amiudamos
saudais	embainhais	amiudais
saúdam	embainham	amiúdam

OBSERVAÇÃO: *Arraigar* (com hiato) passou desde cedo a *arraigar* (com ditongo, *ar-rai-gar*) e daí a *arreigar*. As formas com ditongo são mais frequentes, embora modernamente se tenha restabelecido *arraigar* com hiato. *Saudar* proferido com ditongo (*saudo, saudas,* etc.) ocorre aqui e ali nos poetas e se fixa no falar coloquial e popular.

Verbos terminados em -*zer*, -*zir*: tipos *fazer* e *traduzir* – Perdem o *e* final na 3.ª pess. sing. do presente do indicativo e na 2.ª pess. sing. do imperativo afirmativo (este caso não é obrigatório e até, com exagero, vem condenado pelos gramáticos), quando o *z* não é precedido de consoante:

fazer: faço, fazes, faz, etc. Imp. afirm.: faze (ou faz) tu
traduzir: traduzo, traduzes, traduz, etc. Imp. afirm.: traduze (ou traduz) tu
Mas, *cerzir*: cirzo, cirzes, cirze, etc.

Variações gráficas na conjugação – Muitas vezes altera-se a maneira de representar na escrita a última consoante do radical para conservar o mesmo som:

1 – os verbos terminados em -*car* e -*gar* mudam o *c* ou *g* em *qu* ou *gu*, quando tais consoantes são seguidas de *e*:

pecar: peco, peques; *cegar*: cego, cegues

2 – os verbos terminados em -*cer* ou -*cir* têm *c* cedilhado antes de *a* ou *o*:

conhecer – conheço, conheces, conhece; *ressarcir* – ressarço, ressarces

3 – os verbos terminados em -*çar* perdem a cedilha antes do *e*:

começar – começo, comeces

4 – os verbos terminados em -*ger* ou -*gir* mudam o *g* em *j* antes de *a* ou *o*:

eleger – elejo, eleges; *fugir* – fujo, foges

5 – os verbos terminados em -*guer* ou -*guir* perdem o *u* antes de *a* ou *o*:

erguer – ergo, ergues, erga
conseguir – consigo, consegues, consiga

A vogal *e* passa a ser grafada *i* quando entra num ditongo *oral* (verbos em -*uir*): atribuo, atribu*is*, atribu*i*.

Estas variações gráficas não constituem irregularidades de conjugação, não havendo, por isso, verbos irregulares gráficos.

Verbos em -*ear* e -*iar* – Os verbos em -*ear* trocam o *e* por *ei* nas formas rizotônicas:

Nomear – pres. ind.: nom*ei*o, nom*ei*as, nom*ei*a, nom*e*amos, nom*e*ais, nom*ei*am.
pres. subj.: nom*ei*e, nom*ei*es, nom*ei*e, nom*e*emos, nom*e*eis, nom*ei*em.
imp. afirm.: nom*ei*a, nom*ei*e, nom*e*emos, nom*e*ai, nom*ei*em.

Os verbos em -*iar* são conjugados regularmente:

Premiar – pres. ind.: premio, premias, premia, premiamos, premiais, premiam.
pres. subj.: premie, premies, premie, etc.
imp. afirm.: premia, premie, premiemos, premiai, premiem.

Cinco verbos em -*iar* se conjugam, nas formas rizotônicas, como se terminassem em -*ear* (MARIO é o anagrama que deles se pode formar):

mediar: med*ei*o, med*ei*as, med*ei*a, mediamos, mediais, med*ei*am

ansiar: ans*ei*o, ans*ei*as, ans*ei*a, ansiamos, ansiais, ans*ei*am

remediar: remed*ei*o, remed*ei*as, remed*ei*a, remediamos, remediais, remed*ei*am

incendiar: incend*ei*o, incend*ei*as, incend*ei*a, incendiamos, incendiais, incend*ei*am

odiar: od*ei*o, od*ei*as, od*ei*a, odiamos, odiais, od*ei*am

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Enquanto no Brasil já vamos conjugando os verbos em -*ear* e -*iar* pelo que acabamos de expor, entre os portugueses ainda se notam vacilações em muitos que, grafados com -*iar*, deveriam seguir o modelo de *premiar*, mas se acostam ao de *nomear*, dada a homofonia dos dois finais na fala corrente: além do próprio *premiar*, *agenciar*, *comerciar*, *licenciar*, *negociar*, *penitenciar*, *obsequiar*, *presenciar*, *providenciar*, *reverenciar*, *sentenciar*, *vangloriar*, *vitoriar*, *evidenciar*, *glorificar*, *diligenciar* e outros.

2.ª) Hoje não fazemos distinção entre *crear* (tirar do nada, dar existência) e *criar* (educar, cultivar, promover o desenvolvimento), usando apenas *criar* para ambos os casos, que se conjuga como *premiar*. Entre escritores modernos, porém, podem ocorrer exemplos de *crear*, conjugado como *nomear*.

3.ª) A diferença de conjugação torna-se imperiosa nos parônimos: *afear* e *afiar*; *arrear* e *arriar*; *estrear* e *estriar*; *vadear* e *vadiar*, etc.

Quando grafar -*ear* ou -*iar* – Grafam-se com -*ear* os verbos que possuem formas substantivas ou adjetivas cognatas terminadas em:

a) -*é*, -*eio*, -*eia*, -*éia*:

pé – apear ceia – cear
passeio – passear ideia – idear
Exceção: fé – fiar

b) consoante ou pelas vogais átonas -*a*, -*e*, -*o* precedidas de consoante:

mar – marear pente – pentear
casa – casear branco – branquear
Exceções: amplo – ampliar lume – alumiar
breve – abreviar sede – sediar
finança – financiar êxtase – extasiar
graça – agraciar

Incluem-se entre os verbos em -*ear*: *atear*, *bambolear*, *bruxulear*, *cecear*, *derrear*, *favonear*, *pavonear*, *semear*, *vadear*.

Grafam-se com -*iar* os verbos que possuem formas substantivas cognatas terminadas em:

a) -*io*, -*ia*:

alívio – aliviar delícia – deliciar
sócio – associar polícia – policiar
óbvio – obviar assovio – assoviar

b) -*ânsia*, -*ência*, -*ença*:

distância – distanciar presença – presenciar
diligência – diligenciar sentença – sentenciar

Incluem-se no rol dos verbos em *-iar*: *anuviar*, *apreciar*, *depreciar*, *saciar*.

OBSERVAÇÃO: Muitas vezes o final *-ear* ou *-iar* se pode alternar com o simples *-ar*: *azular* ou *azulear*; *bajar* ou *bagear* (produzir vagens); *diferenciar* ou *diferençar*; *balançar* ou *balancear*, *homicidar* ou *homicidiar*, etc.

Erros frequentes na conjugação de alguns verbos

a) *Vir* e seus derivados

No presente do indicativo temos: *venho, vens, vem, vimos* (e não *viemos*), *vindes, vêm*.

No pretérito perfeito do indicativo: *vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.*

O gerúndio é igual ao particípio, porque neste desapareceu a vogal temática: *vindo* (vi-ndo) e *vindo* (vin-i-do).

Notem-se estes enganos comuns nos derivados de *vir*, no pret. perf. ind.:

Os guardas *interviram* na discussão (em lugar de *intervieram*).

A professora *interviu* no caso (em lugar de *interveio*).

O futuro do subjuntivo é *vier*: Quando eu *vier*... (e não *vir*):

E, incapazes de negar a beleza (...) assaltaram a ave de Juno (...) *intervieram* para impor silêncio o leão e o tigre [JR.2, 200].

O Senhor Araña y Araña *conveio* em que o panorama era magnificente (...) [JR.2, 189].

b) *Ver* e seus derivados

Prover não se conjuga como *ver* no:

pret. perf. ind.: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram
m.-q.-perf. ind.: provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram
imperf. subj.: provesse, provesses, provesse, provêssemos, provêsseis, provessem
fut. subj.: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem
particípio: provido

Rever é conjugado como *ver*; por isso está errada a flexão em:

A aluna *reveu* (em vez de *reviu*) a prova.

Antever é conjugado como *ver* e, por isso, enganou-se o nosso Casimiro de Abreu ao escrever:

"Quem *antevera* (com *e*) que dum povo a ruína
Pelo seu próprio rei cavada fosse?" [SS.4, 34].

O futuro do subjuntivo é *vir*:

Quando eu vier à cidade e *vir* oportunidade de comprá-lo, então o farei (e não ver!).

c) Precaver-se.

É verbo defectivo que nada tem com *ver* ou *vir*; por isso evite-se dizer

Eu me *precavejo* ou Eu me *precavenho*.

Precavejam-se ou *Precavenham-se*.

Para sua conjugação, veja-se **Verbos defectivos e abundantes**.

d) *Reaver*.

É verbo defectivo, derivado de *haver*, que só se conjuga nas formas em que este possui *-v-*. Não se deve dizer: Eu *reavejo* ou Eu *reavenho*

Cuidado especial merece também o pret. perf.: *reouve*, *reouveste*, *reouve*, *reouvemos*,

reouvestes, *reouveram*.

Por isso evitem-se empregos como: *eu reavi*, *ele reaveu*, etc. Cf. **Verbos defectivos e abundantes**.

e) *Ter* e seus derivados

Deter, derivado de *ter*, conjuga-se como este. Logo está errada a frase:

O policial *deteu* (por *deteve*!) o criminoso.

Sirva de exemplo o caso que vou referir, segundo o texto autorizado de um doutor que (...) *entreteve* um diálogo com um dos últimos gregos [JR.2, 183].

f) *Pôr* e seus derivados.

Opor é derivado de *pôr* e por ele se modela na conjugação. Assim enganou-se o poeta Porto-Alegre nestes versos, usando *opor* em vez de *opuser*:

"Se aos paternos errores de contraste,
E à minha influição *opor* virtudes" [PA.1, II, 154 *apud* SS.4, 34].

g) *Estar* e seus derivados.

Sobrestar é derivado de *estar* e por ele se conjuga; porém, costuma-se ver modelado pelo verbo *ter*, como se fosse *sobrester*. Assim não está certo o seguinte exemplo de Alberto de Oliveira:

"Deixando a enferma, *sobrestenho* o passo" [AO.2 *apud* SS.4].

h) *Haver-se* e *avir-se*.

Estes verbos têm empregos diferentes. *Haver-se* (com alguém) significa:

1) *proceder*, *portar-se*:

"Ele, porém, *houve-se* com a maior delicadeza" [MA.1, 364].

2) *ser chamado a ordem*, *entrar em disputa com alguém*, *conciliar*, e aparece nas ameaças:

Ele tem de *se haver* comigo.

"Aquele que sobre ti lançar vistas de amor ou de cobiça, comigo *se haverá*" [MP.1, 139 *apud* SS.1, 361].

3) *conciliar*

Avir-se é sinônimo de *haver-se*, no sentido 3), isto é, significa *entrar em acordo com*, *conciliar*:

"Lá *se avenham* os sorveteiros com Boileau" [FE.2, V, 46 *apud* RB.1, 391 nota].

Desavir-se é o contrário de *avir-se*:

Os amigos *se desavieram* (e não *se desouveram*!) por muito pouco.

Erra-se frequentes vezes empregando-se, nas ameaças, *avir-se* por *haver-se*: Ele tem de *se avir* comigo (em lugar de *se haver*).

Paradigma dos verbos regulares

Com destaque dos elementos estruturais

1 – Conjugação simples

1.ª – ***Cant-a-r*** 2.ª – ***Vend-e-r*** 3.ª – ***Part-i-r***

MODO INDICATIVO

Presente

Cant-o	Vend-o	Part-o
Cant-a-s	Vend-e-s	Part-e-s
Cant-a	Vend-e	Part-e
Cant-a-mos	Vend-e-mos	Part-i-mos
Cant-a-is	Vend-e-is	Part-is
Cant-a-m	Vend-e-m	Part-e-m

Pretérito imperfeito

Cant-a-va	Vend-ia	Part-ia
Cant-a-va-s	Vend-ia-s	Part-ia-s
Cant-a-va	Vend-ia	Part-ia
Cant-á-va-mos	Vend-ía-mos	Part-ía-mos
Cant-á-ve-is	Vend-íe-is	Part-íe-is
Cant-a-va-m	Vend-ia-m	Part-ia-m

Pretérito perfeito

Cant-e-i	Vend-i	Part-i
Cant-a-ste	Vend-e-ste	Part-i-ste
Cant-o-u	Vend-e-u	Part-i-u
Cant-a-mos	Vend-e-mos	Part-i-mos
Cant-a-stes	Vend-e-stes	Part-i-stes
Cant-a-ra-m	Vend-e-ra-m	Part-i-ra-m

Pretérito mais-que-perfeito

Cant-a-ra	Vend-e-ra	Part-i-ra
Cant-a-ra-s	Vend-e-ras	Part-i-ra-s
Cant-a-ra	Vend-e-ra	Part-i-ra
Cant-á-ra-mos	Vend-ê-ra-mos	Part-í-ra-mos
Cant-á-re-is	Vend-ê-re-is	Part-í-re-is
Cant-a-ra-m	Vend-e-ra-m	Part-i-ra-m

Futuro do presente

Cant-a-re-i	Vend-e-re-i	Part-i-re-i
Cant-a-rá-s	Vend-e-rá-s	Part-i-rá-s
Cant-a-rá	Vend-e-rá	Part-i-rá

Cant-a-re-mos	Vend-e-re-mos	Part-i-re-mos
Cant-a-re-is	Vend-e-re-is	Part-i-re-is
Cant-a-rã-o	Vend-e-rã-o	Part-i-rã-o

Futuro do pretérito

Cant-a-ria	Vend-e-ria	Part-i-ria
Cant-a-ria-s	Vend-e-ria-s	Part-i-ria-s
Cant-a-ria	Vend-e-ria	Part-i-ria
Cant-a-ría-mos	Vend-e-ría-mos	Part-i-ría-mos
Cant-a-ríe-is	Vend-e-ríe-is	Part-i-ríe-is
Cant-a-ria-m	Vend-e-ria-m	Part-i-ria-m

MODO SUBJUNTIVO

Presente

Cant-e	Vend-a	Part-a
Cant-e-s	Vend-a-s	Part-a-s
Cant-e	Vend-a	Part-a
Cant-e-mos	Vend-a-mos	Part-a-mos
Cant-e-is	Vend-a-is	Part-a-is
Cant-e-m	Vend-a-m	Part-a-m

Pretérito Imperfeito

Cant-a-sse	Vend-e-sse	Part-i-sse
Cant-a-sse-s	Vend-e-sse-s	Part-i-sse-s
Cant-a-sse	Vend-e-sse	Part-i-sse
Cant-á-sse-mos	Vend-ê-sse-mos	Part-í-sse-mos
Cant-á-sse-is	Vend-ê-sse-is	Part-í-sse-is
Cant-a-sse-m	Vend-e-sse-m	Part-i-sse-m

Futuro

Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r
Cant-a-re-s	Vend-e-re-s	Part-i-re-s
Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r
Cant-a-r-mos	Vend-e-r-mos	Part-i-r-mos
Cant-a-r-des	Vend-e-r-des	Part-i-r-des
Cant-a-re-m	Vend-e-re-m	Part-i-re-m

MODO IMPERATIVO

Afirmativo

Cant-a tu	Vend-e tu	Part-e tu
Cant-e você	Vend-a você	Part-a você
Cant-e-mos nós	Vend-a-mos nós	Part-a-mos nós
Cant-a-i vós	Vend-e-i vós	Part-i vós
Cant-e-m vocês	Vend-a-m vocês	Part-a-m vocês

Negativo

Não cant-e-s tu	Não vend-a-s tu	Não part-a-s tu
Não cant-e você	Não vend-a você	Não part-a você
Não cant-e-mos nós	Não vend-a-mos nós	Não part-a-mos nós
Não cant-e-is vós	Não vend-a-is vós	Não part-a-is vós
Não cant-e-m vocês	Não vend-a-m vocês	Não part-a-m vocês

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo

Não flexionado

Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r

Flexionado

Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r
Cant-a-re-s	Vend-e-re-s	Part-i-re-s
Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r
Cant-a-r-mos	Vend-e-r-mos	Part-i-r-mos
Cant-a-r-des	Vend-e-r-des	Part-i-r-des
Cant-a-re-m	Vend-e-re-m	Part-i-re-m

Gerúndio

Cant-a-ndo	Vend-e-ndo	Part-i-ndo

Particípio

Cant-a-do	Vend-i-do	Part-i-do

MODO INDICATIVO

Pretérito perfeito composto

Tenho cantado	Tenho vendido	Tenho partido
Tens cantado	Tens vendido	Tens partido
Tem cantado	Tem vendido	Tem partido
Temos cantado	Temos vendido	Temos partido
Tendes cantado	Tendes vendido	Tendes partido
Têm cantado	Têm vendido	Têm partido

Pretérito mais-que-perfeito composto

Tinha cantado	Tinha vendido	Tinha partido
Tinhas cantado	Tinhas vendido	Tinhas partido
Tinha cantado	Tinha vendido	Tinha partido
Tínhamos cantado	Tínhamos vendido	Tínhamos partido
Tínheis cantado	Tínheis vendido	Tínheis partido
Tinham cantado	Tinham vendido	Tinham partido

Futuro do presente composto

Terei cantado	Terei vendido	Terei partido
Terás cantado	Terás vendido	Terás partido
Terá cantado	Terá vendido	Terá partido
Teremos cantado	Teremos vendido	Teremos partido
Tereis cantado	Tereis vendido	Tereis partido
Terão cantado	Terão vendido	Terão partido

Futuro do pretérito composto

Teria cantado	Teria vendido	Teria partido
Terias cantado	Terias vendido	Terias partido
Teria cantado	Teria vendido	Teria partido
Teríamos cantado	Teríamos vendido	Teríamos partido
Teríeis cantado	Teríeis vendido	Teríeis partido
Teriam cantado	Teriam vendido	Teriam partido

MODO SUBJUNTIVO

Pretérito perfeito

Tenha cantado	Tenha vendido	Tenha partido
Tenhas cantado	Tenhas vendido	Tenhas partido
Tenha cantado	Tenha vendido	Tenha partido
Tenhamos cantado	Tenhamos vendido	Tenhamos partido
Tenhais cantado	Tenhais vendido	Tenhais partido
Tenham cantado	Tenham vendido	Tenham partido

Pretérito mais-que-perfeito

Tivesse cantado	Tivesse vendido	Tivesse partido
Tivesses cantado	Tivesses vendido	Tivesses partido
Tivesse cantado	Tivesse vendido	Tivesse partido
Tivéssemos cantado	Tivéssemos vendido	Tivéssemos partido
Tivésseis cantado	Tivésseis vendido	Tivésseis partido
Tivessem cantado	Tivessem vendido	Tivessem partido

Futuro composto

Tiver cantado	Tiver vendido	Tiver partido
Tiveres cantado	Tiveres vendido	Tiveres partido
Tiver cantado	Tiver vendido	Tiver partido
Tivermos cantado	Tivermos vendido	Tivermos partido
Tiverdes cantado	Tiverdes vendido	Tiverdes partido
Tiverem cantado	Tiverem vendido	Tiverem partido

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo

Não flexionado composto

Ter cantado	Ter vendido	Ter partido

Flexionado composto

Ter cantado	Ter vendido	Ter partido
Teres cantado	Teres vendido	Teres partido
Ter cantado	Ter vendido	Ter partido
Termos cantado	Termos vendido	Termos partido
Terdes cantado	Terdes vendido	Terdes partido
Terem cantado	Terem vendido	Terem partido

Gerúndio composto

Tendo cantado	Tendo vendido	Tendo partido

Conjugação de verbos auxiliares mais comuns

1 – Conjugação simples

Ser	***Estar***	***Ter***	***Haver***
		MODO INDICATIVO	
		Presente	
Sou	Estou	Tenho	Hei
És	Estás	Tens	Hás
É	Está	Tem	Há
Somos	Estamos	Temos	Havemos
Sois	Estais	Tendes	Haveis
São	Estão	Têm [1]	Hão
		Pretérito Imperfeito	
Era	Estava	Tinha	Havia
Eras	Estavas	Tinhas	Havias
Era	Estava	Tinha	Havia
Éramos	Estávamos	Tínhamos	Havíamos
Éreis	Estáveis	Tínheis	Havíeis
Eram	Estavam	Tinham	Haviam
		Pretérito perfeito	
Fui	Estive	Tive	Houve
Foste	Estiveste	Tiveste	Houveste
Foi	Esteve	Teve	Houve
Fomos	Estivemos	Tivemos	Houvemos
Fostes	Estivestes	Tivestes	Houvestes
Foram	Estiveram	Tiveram	Houveram
		Pretérito mais-que-perfeito	
Fora	Estivera	Tivera	Houvera
Foras	Estiveras	Tiveras	Houveras

Fora	Estivera	Tivera	Houvera
Fôramos	Estivéramos	Tivéramos	Houvéramos
Fôreis	Estivéreis	Tivéreis	Houvéreis
Foram	Estiveram	Tiveram	Houveram

Futuro do presente

Serei	Estarei	Terei	Haverei
Serás	Estarás	Terás	Haverás
Será	Estará	Terá	Haverá
Seremos	Estaremos	Teremos	Haveremos
Sereis	Estareis	Tereis	Havereis
Serão	Estarão	Terão	Haverão

Futuro do pretérito

Seria	Estaria	Teria	Haveria
Serias	Estarias	Terias	Haverias
Seria	Estaria	Teria	Haveria
Seríamos	Estaríamos	Teríamos	Haveríamos
Seríeis	Estaríeis	Teríeis	Haveríeis
Seriam	Estariam	Teriam	Haveriam

MODO SUBJUNTIVO

Presente

Seja	Esteja	Tenha	Haja
Sejas	Estejas	Tenhas	Hajas
Seja	Esteja	Tenha	Haja
Sejamos	Estejamos	Tenhamos	Hajamos
Sejais	Estejais	Tenhais	Hajais
Sejam	Estejam	Tenham	Hajam

Pretérito imperfeito

Fosse	Estivesse	Tivesse	Houvesse
Fosses	Estivesses	Tivesses	Houvesses
Fosse	Estivesse	Tivesse	Houvesse
Fôssemos	Estivéssemos	Tivéssemos	Houvéssemos
Fôsseis	Estivésseis	Tivésseis	Houvésseis

Fossem	Estivessem	Tivessem	Houvessem

Futuro

For	Estiver	Tiver	Houver
Fores	Estiveres	Tiveres	Houveres
For	Estiver	Tiver	Houver
Formos	Estivermos	Tivermos	Houvermos
Fordes	Estiverdes	Tiverdes	Houverdes
Forem	Estiverem	Tiverem	Houverem

MODO IMPERATIVO

Afirmativo

Sê tu	Está tu	Tem tu[2]	Há tu
Seja você	Esteja você	Tenha você	Haja você
Sejamos nós	Estejamos nós	Tenhamos nós	Hajamos nós
Sede vós	Estai vós	Tende vós	Havei vós
Sejam vocês	Estejam vocês	Tenham vocês	Hajam vocês

Negativo

Não sejas tu	Não estejas tu	Não tenhas tu	Não hajas tu
Não seja você	Não esteja você	Não tenha você	Não haja você
Não sejamos nós	Não estejamos nós	Não tenhamos nós	Não hajamos nós
Não sejais vós	Não estejais vós	Não tenhais vós	Não hajais vós
Não sejam vocês	Não estejam vocês	Não tenham vocês	Não hajam vocês

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado

Ser	Estar	Ter	Haver

Infinitivo flexionado

Ser	Estar	Ter	Haver
Seres	Estares	Teres	Haveres
Ser	Estar	Ter	Haver
Sermos	Estarmos	Termos	Havermos
Serdes	Estardes	Terdes	Haverdes
Serem	Estarem	Terem	Haverem

Gerúndio

Sendo	Estando	Tendo	Havendo

Particípio

Sido	Estado	Tido	Havido

1. O *Vocabulário Oficial* só adota esta forma; porém, nos poetas pode ocorrer a pronúncia como dissílabo – *te-em-*, como dizem *creem*, *deem*, *leem*, *veem*. Ocorre o mesmo com *vêm* (de *vir*). Note-se, de passagem, que os dissílabos *creem*, *deem*, *leem*, *veem*, são pronúncias relativamente modernas. As formas antigas eram: *crem*, *dem*, *lem*, *vem*.

2. Com *m* final, e não com *n*.

2 – Conjugação composta

MODO INDICATIVO

Pretérito perfeito composto

Tenho	(ou hei)	sido, estado, tido, havido
Tens	(ou hás)	
Tem	(ou há)	
Temos	(ou havemos)	
Tendes	(ou haveis)	
Têm	(ou hão)	

Pretérito mais-que-perfeito composto

Tinha	(ou havia)	sido, estado, tido, havido
Tinhas	(ou havias)	
Tinha	(ou havia)	
Tínhamos	(ou havíamos)	
Tínheis	(ou havíeis)	
Tinham	(ou haviam)	

Futuro do presente composto

Terei	(ou haverei)	sido, estado, tido, havido
Terás	(ou haverás)	
Terá	(ou haverá)	
Teremos	(ou haveremos)	
Tereis	(ou havereis)	
Terão	(ou haverão)	

Futuro do Pretérito composto

Teria	(ou haveria)	sido, estado, tido, havido
Terias	(ou haverias)	
Teria	(ou haveria)	
Teríamos	(ou haveríamos)	
Teríeis	(ou haveríeis)	
Teriam	(ou haveriam)	

MODO SUBJUNTIVO

Pretérito perfeito

Tenha	(ou haja)	sido, estado, tido, havido
Tenhas	(ou hajas)	
Tenha	(ou haja)	
Tenhamos	(ou hajamos)	
Tenhais	(ou hajais)	
Tenham	(ou hajam)	

Pretérito mais-que-perfeito

Tivesse	(ou houvesse)	sido, estado, tido, havido
Tivesses	(ou houvesses)	
Tivesse	(ou houvesse)	
Tivéssemos	(ou houvéssemos)	
Tivésseis	(ou houvésseis)	
Tivessem	(ou houvessem)	

Futuro composto

Tiver	(ou houver)	sido, estado, tido, havido
Tiveres	(ou houveres)	
Tiver	(ou houver)	
Tivermos	(ou houvermos)	
Tiverdes	(ou houverdes)	
Tiverem	(ou houverem)	

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado composto

Ter	(ou haver)	sido, estado, tido, havido

Infinitivo flexionado composto

Ter	(ou haver)	sido, estado, tido, havido
Teres	(ou haveres)	
Ter	(ou haver)	
Termos	(ou havermos)	
Terdes	(ou haverdes)	
Terem	(ou haverem)	

Gerúndio

Tendo (ou havendo) sido, estado, tido, havido

Conjugação do verbo *pôr*

1 – Conjugação simples

MODO INDICATIVO

Presente	Pretérito imperfeito	Pretérito perfeito
Ponho	Punha	Pus
Pões	Punhas	Puseste
Põe	Punha	Pôs
Pomos	Púnhamos	Pusemos
Pondes	Púnheis	Pusestes
Põem	Punham	Puseram

Pretérito mais-que-perf.	Futuro do pretérito	Futuro do presente
Pusera	Poria	Porei
Puseras	Porias	Porás
Pusera	Poria	Porá
Puséramos	Poríamos	Poremos
Puséreis	Poríeis	Poreis
Puseram	Poriam	Porão

MODO SUBJUNTIVO

Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
Ponha	Pusesse	Puser
Ponhas	Pusesses	Puseres
Ponha	Pusesse	Puser
Ponhamos	Puséssemos	Pusermos
Ponhais	Puséssеis	Puserdes

Ponham	Pusessem	Puserem

MODO IMPERATIVO

Afirmativo	Negativo
Põe tu	Não ponhas tu
Ponha você	Não ponha você
Ponhamos nós	Não ponhamos nós
Ponde vós	Não ponhais vós
Ponham vocês	Não ponham vocês

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado	Infinitivo flexionado
Pôr	Pôr
	Pores
	Pôr
	Pormos
	Pordes
	Porem

Gerúndio	Particípio
Pondo	Posto

2 - Conjugação composta

MODO INDICATIVO

Pretérito perfeito composto		Pretérito mais-que-perfeito composto	
Tenho	posto	Tinha	posto
Tens	posto	Tinhas	posto
Tem	posto	Tinha	posto
Temos	posto	Tínhamos	posto
Tendes	posto	Tínheis	posto
Têm	posto	Tinham	posto

Futuro do presente composto		Futuro do pretérito composto	
Terei	posto	Teria	posto
Terás	posto	Terias	posto
Terá	posto	Teria	posto

Teremos	posto	Teríamos	posto
Tereis	posto	Teríeis	posto
Terão	posto	Teriam	posto

MODO SUBJUNTIVO

Pretérito perfeito		Pretérito mais-que-perf.		Futuro	
Tenha	posto	Tivesse	posto	Tiver	posto
Tenhas	posto	Tivesses	posto	Tiveres	posto
Tenha	posto	Tivesse	posto	Tiver	posto
Tenhamos	posto	Tivéssemos	posto	Tivermos	posto
Tenhais	posto	Tivésseis	posto	Tiverdes	posto
Tenham	posto	Tivessem	posto	Tiverem	posto

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado		Infinitivo flexionado	
Ter	posto	Ter	posto
		Teres	posto
		Ter	posto
		Termos	posto
		Terdes	posto
		Terem	posto

Gerúndio composto	
Tendo	posto

Conjugação de um verbo composto na voz passiva: *ser amado*

MODO INDICATIVO

Presente		Pretérito imperfeito		Pretérito perf. simples	
Sou	amado	Era	amado	Fui	amado
És	amado	Eras	amado	Foste	amado
É	amado	Era	amado	Foi	amado
Somos	amados	Éramos	amados	Fomos	amados
Sois	amados	Éreis	amados	Fostes	amados

São	amados	Eram	amados	Foram	amados

Pretérito perfeito composto

Tenho	sido amado
Tens	sido amado
Tem	sido amado
Temos	sido amados
Tendes	sido amados
Têm	sido amados

Pretérito mais-que-perfeito simples

Fora	amado
Foras	amado
Fora	amado
Fôramos	amados
Fôreis	amados
Foram	amados

Pret. mais-que-perfeito composto

Tinha	sido amado
Tinhas	sido amado
Tinha	sido amado
Tínhamos	sido amados
Tínheis	sido amados
Tinham	sido amados

Futuro do presente simples

Serei	amado
Serás	amado
Será	amado
Seremos	amados
Sereis	amados
Serão	amados

Futuro do presente composto

Terei	sido amado
Terás	sido amado
Terá	sido amado
Teremos	sido amados
Tereis	sido amados
Terão	sido amados

Futuro do pretérito simples

Seria	amado
Serias	amado
Seria	amado
Seríamos	amados
Seríeis	amados
Seriam	amados

Futuro do pretérito composto

Teria	sido amado
Terias	sido amado
Teria	sido amado
Teríamos	sido amados
Teríeis	sido amados
Teriam	sido amados

MODO SUBJUNTIVO

Presente

Seja	amado

Pretérito imperfeito

Fosse	amado

Pretérito perfeito

Tenha	sido amado

Sejas	amado	Fosses	amado	Tenhas	sido amado
Seja	amado	Fosse	amado	Tenha	sido amado
Sejamos	amados	Fôssemos	amados	Tenhamos	sido amados
Sejais	amados	Fôsseis	amados	Tenhais	sido amados
Sejam	amados	Fossem	amados	Tenham	sido amados

Pretérito mais-que-perfeito		Futuro		Futuro composto	
Tivesse	sido amado	For	amado	Tiver	sido amado
Tivesses	sido amado	Fores	amado	Tiveres	sido amado
Tivesse	sido amado	For	amado	Tiver	sido amado
Tivéssemos	sido amados	Formos	amados	Tivermos	sido amados
Tivésseis	sido amados	Fordes	amados	Tiverdes	sido amados
Tivessem	sido amados	Forem	amados	Tiverem	sido amados

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado		Infinitivo não flexionado composto	
Ser	amado	Ter	sido amado

Infinitivo flexionado composto		Infinitivo flexionado	
Ser	amado	Ter	sido amado
Seres	amado	Teres	sido amado
Ser	amado	Ter	sido amado
Sermos	amados	Termos	sido amados
Serdes	amados	Terdes	sido amados
Serem	amados	Terem	sido amados

Gerúndio	Gerúndio composto	
Sendo amado	Tendo	sido amado

OBSERVAÇÕES sobre a voz passiva:

1.ª) O particípio neste caso aparece na forma feminina se a referência é feita a ser do gênero feminino:

Ele é *amado*. Ela é *amada*.

2.ª) Também nas três pessoas do plural o particípio vai ao plural:

Voz ativa – Ela tem *estudado*. Elas têm *estudado*.

Voz passiva – Ela é *amada*. Elas são *amadas*.

3.ª) Na voz passiva não se usa o imperativo.

Conjugação de um verbo *pronominal*: *apiedar-se* – Já vimos que o verbo se diz

pronominal quando o pronome oblíquo se refere ao pronome reto:

Eu *me* visto. Nós *nos* arrependemos. Eles *se* foram.

O pronome átono pode vir antes, no meio ou depois do verbo ou verbos (se for uma conjugação composta), de acordo com certos princípios que serão futuramente estudados:

a) *próclise*: se o vocábulo átono vem antes: Ele se feriu (pronome átono proclítico);

b) mesóclise: se o vocábulo átono vem no meio (dos futuros, do presente e do pretérito): Vestir-se-á se puder. Vestir-nos-íamos se pudéssemos (pronome átono mesoclítico);

c) *ênclise*: se o vocábulo átono vem depois: Queixamo-nos ao diretor (pronome átono enclítico).

NOTA IMPORTANTE – Se o pronome for enclítico, nestes casos, só haverá uma alteração no verbo a que pertencer o pronome: perderá o *s* final da 1.ª pessoa do plural:

queixo-me
queixas-te
queixa-se
queixamo-nos
queixais-vos
queixam-se

Nas outras posições, o verbo ficará intacto:

Nós nos queixamos. Queixar-nos-emos.

Atente-se para o seguinte modelo e para as observações feitas sobre a impossibilidade da posposição em algumas formas:

Apiedar-se

MODO INDICATIVO

Presente	Pretérito imperfeito	Pretérito perfeito
apiedo-me	apiedava-me	apiedei-me
apiedas-te	apiedavas-te	apiedaste-te
apieda-se	apiedava-se	apiedou-se
apiedamo-nos	*apiedávamo-nos*	*apiedamo-nos*
apiedais-vos	apiedáveis-vos	apiedastes-vos
apiedam-se	apiedavam-se	apiedaram-se

Pretérito perfeito composto		Pretérito mais-que-perfeito
tenho-me	apiedado [1]	apiedara-me
tens-te	apiedado	apiedaras-te
tem-se	apiedado	apiedara-se
temo-nos	*apiedado*	*apiedáramo-nos*
tendes-vos	apiedado	apiedáreis-vos
têm-se	apiedado	apiedaram-se

Pretérito mais-que-perfeito composto

tinha-me	apiedado
tinhas-te	apiedado
tinha-se	apiedado
tínhamo-nos	*apiedado*
tínheis-vos	apiedado
tinham-se	apiedado

Futuro do presente

apiedar-me-ei [2]
apiedar-te-ás
apiedar-se-á
apiedar-nos-emos
apiedar-vos-eis
apiedar-se-ão

Futuro do presente composto

ter-me-ei	apiedado
ter-te-ás	apiedado
ter-se-á	apiedado
ter-nos-emos	apiedado
ter-vos-eis	apiedado
ter-se-ão	apiedado

Futuro do pretérito

apiedar-me-ia
apiedar-te-ias
apiedar-se-ia
apiedar-nos-íamos
apiedar-vos-íeis
apiedar-se-iam

Futuro do pretérito composto

ter-me-ia	apiedado
ter-se-ias	apiedado
ter-se-ia	apiedado
ter-nos-íamos	apiedado
ter-vos-íeis	apiedado
ter-se-iam	apiedado

1 Nunca se use pronome átono posposto a particípio.

2 Nunca se use pronome átono posposto aos futuros do presente e do pretérito; usar-se-á a anteposição ou a interposição, como veremos depois.

MODO SUBJUNTIVO

NOTA: Raramente aparece pronome posposto a verbo neste modo, por aparecer, em geral, em oração subordinada.

Presente	**Pretérito imperfeito**	**Pretérito perfeito**
apiede-me	apiedasse-me	Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!
apiedes-te	apiedasses-te	
apiede-se	apiedasse-se	
apiedemo-nos	*apiedássemo-nos*	
apiedeis-vos	apiedásseis-vos	
apiedem-se	apiedassem-se	

Pretérito mais-que-perfeito		**Futuro composto**
tivesse-me	apiedado	
tivesses-te	apiedado	

tivesse-se	apiedado	Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!
tivéssemo-nos	*apiedado*	
tivésseis-vos	apiedado	
tivessem-se	apiedado	

MODO IMPERATIVO

Afirmativo	**Negativo**
apieda-te tu	
apiede-se você	
apiedemo-nos nós	Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!
apiedai-vos vós	
apiedem-se vocês	

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado simples	**Infinitivo não flexionado composto**	
apiedar-me	ter-me	apiedado
apiedar-te	ter-te	apiedado
apiedar-se	ter-se	apiedado
apiedar-nos	ter-nos	apiedado
apiedar-vos	ter-vos	apiedado
apiedar-se	ter-se	apiedado
Infinito flexionado simples	**Infinito flexionado composto**	
apiedar-me	ter-me	apiedado
apiedares-te	teres-te	apiedado
apiedar-se	ter-se	apiedado
apiedarmo-nos	*termo-nos*	*apiedado*
apiedardes-vos	terdes-vos	apiedado
apiedarem-se	terem-se	apiedado
Gerúndio simples	**Gerúndio composto**	
apiedando-me	tendo-me	apiedado
apiedando-te	tendo-te	apiedado
apiedando-se	tendo-se	apiedado
apiedando-nos	tendo-nos	apiedado
apiedando-vos	tendo-vos	apiedado
apiedando-se	tendo-se	apiedado

Particípio

Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!

Conjugação de um verbo com pronome oblíquo átono (sem ser pronominal): tipo ***pô-lo*** – O verbo pode acompanhar-se de um pronome oblíquo átono que não se refira ao pronome reto, isto é, ao sujeito:

Eu *o* vi. Nós *te* admiramos. Ela *o* chama.

Quando os pronomes oblíquos átonos *o*, *a*, *os*, *as* estiverem depois do verbo ou no meio modificam-se de acordo com o final a que se acham pospostos:

a) se o verbo terminar por vogal ou semivogal oral, os pronomes aparecem inalterados: ponho-*o*, ponho-*a*, ponho-*os*, ponho-*as*;

b) se o verbo terminar por *r*, *s* ou *z*, desaparecem estas consoantes e os pronomes aparecem nas antigas formas *lo*, *la*, *los*, *las*:

pôr lo = pô-lo; pões lo = põe-lo; diz lo = di-lo; deixar lo ia = deixá-lo-ia

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Recorde-se a acentuação dos oxítonos estudada em **Regras de acentuação**.

2.ª) Se o verbo termina por *ns*, o *n* passará a *m*: *tens lo = tem-lo*.

c) se o verbo terminar por som nasal (*m* ou sílaba com til), os pronomes assumem as formas *no*, *na*, *nos, nas*:

põe + o = põe-no; viram + a = viram-na.

NOTA: Se os pronomes vêm antes do verbo, não há nenhuma alteração nos pronomes e no verbo: Ele *o põe* ali. Eu *o fiz*.

OBSERVAÇÃO: Alguns autores chamam *pronominais reflexos* aos verbos na voz reflexiva e pronominais irreflexivos (ou não reflexos) aos verbos deste parágrafo. 62

Atente-se para o seguinte modelo e para as observações feitas sobre a impossibilidade da posposição em algumas formas:

Pô-lo

(só a conjugação simples)

MODO INDICATIVO

Presente	**Pretérito imperfeito**	**Pretérito perfeito**
ponho-o	punha-o	pu-lo
põe-lo	punha-lo	puseste-o
põe-no	punha-o	pô-lo
pomo-lo	púnhamo-lo	pusemo-lo
ponde-lo	púnhei-lo	puseste-lo
põem-no	punham-no	puseram-no
Pret. Mais-que-perf.	**futuro do presente**	**Futuro do pretérito**
Pusera-o	pô-lo-ei [1]	pô-lo-ia
pusera-lo	pô-lo-ás	pô-lo-ias
pusera-o	pô-lo-á	pô-lo-ia
puséramo-lo	pô-lo-emos	pô-lo-íamos
pusérei-lo	pô-lo-eis	pô-lo-íeis
puseram-no	pô-lo-ão	pô-lo-iam

1 Note-se que nos futuros do presente e do pretérito há formas verbais com dois acentos gráficos.

MODO SUBJUNTIVO

NOTA: raramente aparece pronome posposto a verbo neste modo.

Presente	**Pretérito imperfeito**	**Futuro**
ponha-o	pusesse-o	Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!
ponha-lo	pusesse-lo	
ponha-o	pusesse-o	
ponhamo-lo	puséssemo-lo	
ponhai-lo	puséssei-lo	

ponham-no	pusessem-no

MODO IMPERATIVO

Afirmativo	**Negativo**
põe-no tu [2]	Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!
ponha-o você	
ponhamo-lo nós	
ponde-o vós [2]	
ponham-no vocês	

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo	**Gerúndio**	**Particípio**
pô-lo	pondo-o	Não se usa com pronome posposto.

2 Recorde-se que o s final do presente do indicativo desaparece no imperativo afirmativo.

Conjugação dos verbos irregulares – Na seguinte relação de verbos, apresentamos, além das formas irregulares, algumas regulares em que frequentemente se erra. As formas que aqui faltam e se empregam são todas regulares.

1.ª CONJUGAÇÃO:

Dar

Pres. ind.: dou, dás, dá, damos, dais, dão.
Pret. perf. ind.: dei, deste, deu, demos, destes, deram.
M.-que-Perf. ind.: dera, deras, dera, déramos, déreis, deram.
Pres. subj.: dê, dês, dê, demos, deis, deem.
Pret. imperf. subj.: desse, desses, desse, déssemos, désseis, dessem.
Fut. subj.: der, deres, der, dermos, derdes, derem.

Por este modelo conjuga-se *desdar; circundar* é, porém, regular.

Estar

Ver a lista dos verbos auxiliares.

Por este conjugam-se: *sobestar* e *sobrestar*. São regulares os seus derivados *constar, prestar, obstar, instar, distar, restar,* etc.

2.ª CONJUGAÇÃO

Caber

Pres. ind.: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem.

Pret. perf. ind.: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam.
M.-q.-perf. ind.: coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam.
Pres. subj.: caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam.
Pret. imp. subj.: coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem.
Fut. subj.: coube*r,* couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem.

Comprazer

Ver *prazer*.

Crer

Pres. ind.: creio, crês, crê, cremos, credes, creem.
Pret. perf. ind.: cri, creste, creu, cremos, crestes, creram.
Pres. subj.: creia, creias, creia, creiamos, creiais, creiam.
Pret. impa. subj.: cresse, cresses, cresse, crêssemos, crêsseis, cressem.
Fut. subj.: crer, creres, crer, crermos, crerdes, crerem.
Imperativo: crê, crede.
Part.: crido.

Com este conjuga-se *descrer*.

Dizer

Pres. ind.: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem.
Pret. Perf. ind.: disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram.
M.-q.-perf. ind.: dissera, disseras, dissera, disséramos, disséreis, disseram.
Fut. pres.: direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão.
Fut. pret.: diria, dirias, diria, diríamos, diríeis diriam.
Pres. subj.: diga, digas, diga, digamos, digais, digam.
Pret. imperf. subj.: dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem.
Fut. subj.: disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem,
Imperativo: dize, dizei.
Part.: dito.

Por este se conjugam *bendizer*, *condizer*, *contradizer*, *desdizer*, *maldizer*, *predizer*.

Fazer

Pres. ind.: faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem.
Pret. perf. ind.: fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram.
M.-q.-perf. ind.: fizera, fizeras, fizera, fizéramos, fizéreis, fizeram.
Fut. pres.: farei, farás, fará, faremos, fareis, farão.
Fut. pret.: faria, farias, faria, faríamos, faríeis, fariam.
Pres. subj.: faça, faças, faça, façamos, façais, façam.
Pret. imp. subj.: fizesse, fizesses, fizesse fizéssemos, fizésseis, fizessem.
Fut. subj.: fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem.
Imperativo: faz(e), fazei.
Part. : feito.

Por este se conjugam *afazer*, *contrafazer*, *desfazer*, *liquefazer*, *perfazer*, *refazer*, *rarefazer*, *satisfazer*.

Haver

Ver a conjugação dos verbos auxiliares.

Jazer

Pret. ind.: jazo, jazes, jaz, jazemos, jazeis, jazem.
Pret. Perf. ind.: jazi, jazeste, jazeu, jazemos, jazestes, jazeram.

As outras formas – pois é totalmente conjugado – são regulares.

Por este se modela *adjazer*.

Ler

Pres. ind.: leio, lês, lê, lemos, ledes, leem.

Pret. perf. ind.: li, leste, leu, lemos, lestes, leram.

M.-q.-perf. ind.: lera, leras, lera, lêramos, lêreis, leram.

Pres. subj.: leia, leias, leia, leiamos, leiais, leiam.

Pret. imp. subj.: lesse, lesses, lesse, lêssemos, lêsseis, lessem.

Fut. subj.: ler, leres, ler, lermos, lerdes, lerem.

Por este se conjugam *reler* e *tresler*.

Perder

Pres. ind.: perco (ê), perdes, perde, perdemos, perdeis, perdem.

Pres. subj.: perca (ê), percas (ê), perca (ê), percamos (ê), percais (ê), percam (ê).

Poder

Pres. ind.: posso, podes, pode, podemos, podeis, podem.

Pret. perf. ind.: pude, pudeste, pôde, pudemos, pudestes, puderam.

M.-q.-perf. ind.: pudera, puderas, pudera, pudéramos, pudéreis, puderam.

Pres. subj.: possa, possas, possa, possamos, possais, possam.

Pret. imp.: pudesse, pudesses, pudesse, pudéssemos, pudésseis, pudessem.

Fut. subj.: puder, puderes, puder, pudermos, puderdes, puderem.

Desusado modernamente no imperativo.

Prazer

(Pouco usado na 1.ª e 2.ª pessoa)

Pres. ind.: praz, prazem.

Pret. perf. ind.: prouve, prouveram.

M.-q.-perf. ind.: prouvera, prouveram.

Pret. imp. subj.: prouvesse, prouvessem.

Fut. subj.: prouver, prouverem.

Por este se conjugam *aprazer, desprazer, desaprazer,* verbos que se apresentam em todas as pessoas. *Comprazer* e *descomprazer são* verbos completos e se modelam por *prazer;* no pret. perfeito e m.-q.-perfeito do indicativo, pret. imperfeito e futuro do subjuntivo podem ainda ser conjugados regularmente.

> (...) o poeta (...) não *aprazia* a uma companhia ortodoxa [JR.2, 195].

Querer

Pres. ind.: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem.

Pret. Perf. ind.: quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram.

M.-q.-perf. ind.: quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram.

Pres. subj.: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram.

Pret. imp. subj.: quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem.

Fut. subj.: quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem.

Part.: querido (a forma quisto só se usa em *benquisto* e *malquisto).*

A moderna forma *quere*, 3.ª pessoa do singular, em lugar de *quer,* só é usada pelos portugueses. Normalmente não se usa o verbo *querer* no imperativo; há exemplos de *querei* nos *Sermões* do Pe. Antônio Vieira. Quando se usa pronome átono (*o*, *a*, *os*, *as*) posposto à 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo, emprega-se *qué-lo* ou *quere-o:* "Qué-lo o teu povo" [AH.4, 1, 79].

Desusado modernamente no imperativo; aparece no optativo que traduz um desejo de realização de um fato expresso pelo infinitivo seguinte: *Queira aceitar meus cumprimentos.*

Requerer

Pres. ind.: requeiro, requeres, requer (ou requere), requeremos, requereis, requerem.
Pret. Perf. ind.: requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram.
M.-q.-perf. ind.: requerera, requereras, requerera, requerêramos, requerêreis, requereram.
Pres. subj.: requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram.
Pret. imp. subj.: requeresse, requeresses, requeresse, requerêssemos, requerêsseis, requeressem.
Fut. subj.: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.
Imperativo: requer(e), requerei.
Part.: requerido.

A 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo *requer* é modernamente mais usada que *requere*, esta mais lusitana.

Saber

Pres. ind.: sei, sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem.
Pret. perf. ind.: soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, souberam.
M.-q.-perf. ind.: soubera, souberas, soubera, soubéramos, soubéreis, souberam.
Pres. subj.: saiba, saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam.
Pret. imp. subj.: soubesse, soubesses, soubesse, soubéssemos, soubésseis, soubessem.
Fut. subj.: souber, souberes, souber, soubermos, souberdes, souberem.

Ser

Veja a conjugação dos verbos auxiliares.

Ter

Veja a conjugação dos verbos auxiliares.

Trazer

Pres. ind.: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem.
Pret. perf. ind.: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram.
M.-q.-perf. ind.: trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram.
Futuro do pres.: trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão.
Fut. do pret.: traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam.
Pres. subj.: traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam.
Pret. imp. subj.: trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem.
Imperativo: traz(e), trazei.

Valer

Pres. ind.: valho, vales, vale (ou val), valemos, valeis, valem.
Pres. subj.: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham.

Val, por *vale*, é forma corrente entre os portugueses.

Como *valer* conjugam-se *desvaler* e *equivaler*.

Ver

Pres. ind.: vejo, vês, vê, vemos, vedes veem.
Pret. imp. ind.: via, vias, via, víamos, víeis, viam.
Pret. perf. ind.: vi, viste, viu, vimos, vistes, viram.
M.-q.-perf. ind.: vira, viras, vira, víramos, víreis, viram.
Pres. subj.: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam.
Pret. imp. subj.: visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem.
Fut. subj.: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.
Part.: visto.

Assim se conjugam *antever*, *entrever*, *prever* e *rever*. *Prover* e *desprover* modelam-se por *ver*, exceto no pretérito

perfeito do indicativo e derivados, e particípio, quando se conjugam regularmente.

Pret. Perf. ind.: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram.

M.-q.-perf. ind.: provera, proveras, provera, provéramos, provêreis, proveram.

Fut. subj.: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.

Part.: provido.

3.ª Conjugação:

Acudir

Pres. ind.: acudo, acodes, acode, acudimos, acudis, acodem.

Pret. Perf. ind.: acudi, acudiste, acudiu, acudimos, acudistes, acudirem.

Pres. subi.: acuda, acudas, acuda, acudamos, acudais, acudam.

Pret. imp. subj.: acudisse, acudisses, acudisse, acudíssemos, acudísseis, acudissem.

Imperativo: acode, acudi.

Assim se conjugam *bulir, construir, cuspir, destruir, engolir* 63, *entupir*64, *escapulir, fugir* 65, *sacudir, subir, sumir* 66.

Construir, destruir e *entupir,* como verbos abundantes, apresentam como formas menos usadas, *construis, construi, destrui, entupes, entupe.*

Os demais verbos em *udir* (*aludir*, *eludir*, *iludir*) são regulares.

Cair

Pres. ind.: caio, cais, cai, caímos, caís, caem.

Pret. imp. ind.: caía, caías, caía, caíamos, caíeis, caíam.

Pret. perf. ind.: caiu, caíste, caiu, caímos, caístes, caíram.

M.-q.-perf. ind.: caíra, caíras, caíra, caíramos, caíreis, caíram.

Fut. pres.: cairei, cairás, cairá, cairemos, caireis, cairão.

Fut. pret.: cairia, cairias, cairia, cairíamos, cairíeis, cairiam.

Pres. subj.: caia, caias, caia, caiamos, caiais, caiam.

Pret. imp. subj.: caísse, caísses, caísse, caíssemos, caísseis, caíssem.

Fut. subj.: cair, caíres, cair, cairmos, cairdes, caírem.

Por este se conjugam *atrair, contrair, distrair, esvair, retrair, sair, subtrair, trair, embair*.

Para a boa acentuação deste tipo de verbos, recorde-se o que se disse em **Regras de acentuação**.

Cobrir

Pres. ind.: cubro, cobres, cobre, cobrimos, cobris, cobrem.

Pret. Perf. ind.: cobri, cobriste, cobriu, cobrimos, cobristes, cobriram.

Pres. subj.: cubra, cubras, cubra, cubramos, cubrais, cubram.

Imperativo: cobre tu, cubra você, cubramos nós, cobri vós, cubram vocês.

Por este se conjugam *descobrir, dormir* (regular no part.: dormido), *encobrir, recobrir e tossir* (regular no part.: *tossido).*

Frigir

Pres. ind.: frijo, freges, frege, frigimos, frigis, fregem.

Pres. subj.: frija, frijas, frija, frijamos, frijais, frijam.

Imperativo: frege, frija, frijamos, frigi, frijam.

Part.: frigido e frito.

Atente-se para a troca de *g por j antes* de *a* e *o*.

Ir

Pres. ind.: vou, vais, vai, vamos (ou imos), ides, vão.

Pret. imp. ind.: ia, ias, ia, íamos, íeis, iam.
Pret. Perf.: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.
m.-q.-perf. ind.: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.
Fut. pres.: irei, irás, irá, iremos, ireis, irão.
Fut. Pret.: iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam.
Pres. subj.: vá, vás, vá, vamos, vades, vão.
Pret. imp. subj.: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.
Fut. subj.: for, fores, for, formos, fordes, forem.
Imperativo: vai, vá, vamos, ide, vão.
Gerúndio: indo.
Part.: ido.

Medir

Pres. ind.: meço, medes, mede, medimos, medis, medem.
Pres. subj.: meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam.
Assim se conjugam *desmedir e pedir*.

Mentir

Pres. ind.: minto, mentes, mente, mentimos, mentis, mentem.
Pres. subj.: minta, mintas, minta, mintamos, mintais, mintam.
Por este verbo se conjugam *consentir, desmentir, persentir* (sentir profundamente), *pressentir* (prever), *ressentir, sentir*.

Ouvir

Pres. ind.: ouço, ouves, ouve, ouvimos, ouvis, ouvem.
Pres. subj.: ouça, ouças, ouça, ouçamos, ouçais, ouçam.
Entre portugueses ocorre a variante *oiço,* ao lado de *ouço*. Também no presente do subjuntivo: *oiça, oiças, oiça, oiçamos, oiçais, oiçam.*

Pedir

Pres. ind.: peço, pedes, pede, etc.
Pres. subj.: peça, peças, peça, etc.
Pedir serve hoje de modelo para *desimpedir, despedir, expedir* e *impedir* (que não são derivados de *pedir*).

Parir

Polir (= *lustrar*, *civilizar*)

Pres. ind.: pulo, pules, pule, polimos, polis, pulem.
Pret. perf.: poli, poliste, poliu, polimos, polistes, poliram.
Pres. subj.: pula, pulas, pula, pulamos, pulais, pulam.
Imperativo: pule, pula, pulamos, poli, pulam.
Por este verbo se conjugam *despolir* e *sortir* (= abastecer, prover, misturar, combinar). *Surtir* (com *u*) é regular: *surto, surtes, surte, surtimos, surtis, surtem*[67].

> "...enquanto o progresso das ciências e das artes pule e melhora exteriormente o gênero humano, destruiria o intolerável egoísmo que destrói ou afeia o formoso edifício da moderna civilização". [AH.2, 142].

Progredir

Pres. ind.: progrido, progrides, progride, progredimos, progredis, progridem.
Pret. imp. ind.: progredia, progredias, progredia, progredíamos, progredíeis, progrediam.
Pret. perf. ind.: progredi, progrediste, progrediu, progredimos, progredistes, progrediram.
Pres. subj.: progrida, progridas, progrida, progridamos, progridais, progridam.
Por este verbo se conjugam *agredir, cerzir, denegrir, prevenir, regredir, transgredir. Remir,* hoje mais usado como defectivo (cf. **Verbos defectivos e abundantes**), seguia outrora o modelo de *progredir:* rimo, rimes, rime, remimos, remis,

rimem.

"Por 20 libras anuais a aldeia de Favaios rime todos os tributos e obtém o privilégio de nomear o seu juiz" [AH.2, 149].

Rir

Pres. ind.: rio, ris, ri, rimos, rides, riem.

Pret. imperf. ind. : ria, rias, ria, ríamos, ríeis, riam.

Pret. perf. ind.: ri, riste, riu, rimos, ristes, riram.

Part. : rido.

Segue este modelo o verbo *sorrir*.

Servir

Pres. ind.: sirvo, serves, serve, servimos, servis, servem.

Pres. subj.: sirva, sirvas, sirva, sirvamos, sirvais, sirvam.

Imperativo: serve, sirva, sirvamos, servi, sirvam.

Por este verbo se conjugam aderir, advertir, aferir, compelir, competir, concernir, conferir, conseguir, convergir, deferir, despir, digerir, divertir, expelir, impelir, inserir, perseguir, preferir, preterir, repelir, seguir, sugerir, vestir.

Submergir

Pres. ind.: submerjo (ê), submerges (é), submerge (é), submergimos, submergis, submergem (é).

Pres. subj.: submerja (ê), submerjas (ê), submerja (ê), submerjamos, submerjais, submerjam (ê).

Imperativo: submerge (é), submerja (ê), submerjamos, submergi, submerjam (ê).

Seguem este modelo *aspergir, emergir, imergir*.

Vir

Pres. ind.: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm.

Pret. imperf. ind.: vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham.

Pret. Perf. ind.: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.

Fut. pres.: virei, virás, virá, viremos, vireis virão.

Fut. pret.: viria, virias, viria, viríamos, viríeis, viriam.

Pres. subj.: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham.

Fut. subj.: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.

Imperativo: vem, venha, venhamos, vinde, venham.

Gerúndio: vindo.

Part.: vindo.

Por este modelo se conjugam advir, avir-se, convir, desavir, intervir, provir, sobrevir.

EMPREGO DO VERBO

Emprego de tempos e modos

1) **Indicativo** – É o modo que normalmente aparece nas orações independentes, e nas dependentes que encerram um fato real ou tido como tal.

Presente – Para bem entender os diversos empregos por que se desdobra o presente no sistema de oposições em que se insere, temos de considerar a lição de Coseriu, que propõe o seguinte esquema [ECs.5, 139]:

<table>
<tr><td></td><td>Presente</td><td colspan="2">Passado</td><td></td></tr>
<tr><td rowspan="2">Não futuro</td><td rowspan="2">canto</td><td>cantava</td><td>cantei</td><td>Presente</td></tr>
<tr><td colspan="2">cantara</td><td rowspan="2">Passado</td></tr>
<tr><td>Futuro</td><td>cantarei</td><td colspan="2">cantaria</td></tr>
</table>

Ainda teríamos de, no interior do passado, admitir outra vez a oposição presente/passado, isto é, uma oposição entre um "presente do passado" (*cantava – cantei*) e um "passado do passado" (*cantara*).

Isto significa que o presente, a rigor, se caracteriza pelo traço "negativo" ou "neutral" em relação ao pretérito (passado) e ao futuro, que são termos "positivos", isto é, aplicados ao ocorrido, o que lhe permite, ao presente, empregar-se, em determinados contextos, "em lugar" do passado e do futuro [ECs.1, 234]. Não ocorrendo a neutralização, tais substituições ficam impedidas: em *agora estarei muito cansado*, se entendermos "agora mesmo", e não "em seguida", depois do momento em que falo" (quando a construção será perfeitamente possível), não se empregará o futuro pelo presente.

O presente denota uma declaração:

a) que se verifica ou que se prolonga até o momento em que se fala:

"Ocorre-me uma reflexão imoral, que é ao mesmo tempo uma correção de estilo" [MA.1, 56].

b) que acontece habitualmente:

A Terra gira em torno do Sol.

c) que representa uma verdade universal (o "presente eterno"):

"O interesse adota e defende opiniões que a consciência reprova" [MM].

Emprega-se o presente:

a) pelo *pretérito*, em narrações animadas e seguidas (presente histórico), como para dar a fatos passados o sabor de novidade das coisas atuais:

"Pela manhã, *bates*-lhe à porta, chamando-o. Como ninguém responda, *procuras* entrar. Um peso imprevisto *detém* o esforço do teu braço. *Insistes*. *Entras*. E *recuas*, os olhos escancarados, o rosto transfigurado pela dor e pelo assombro, o coração parado no peito" [HC.1, 16-17]. 68

b) pelo *futuro do indicativo* para indicar com ênfase uma decisão:

Amanhã eu *vou* à cidade.

c) pelo *pretérito imperfeito* do subjuntivo:

Se *respondo* mal, ele se zangaria.

d) pelo *futuro do subjuntivo*:

Se *queres* a paz, prepara-te para a guerra.

OBSERVAÇÃO: Para exprimir ação começada emprega-se, em geral, o verbo *estar* seguido de gerúndio ou de infinitivo precedido de *a* preposição.

Estava { falando / a falar { sobre tal assunto

Pretérito imperfeito – O imperfeito, como ensina Coseriu [ECs.5, 165], é um membro não marcado, extensivo, de uma oposição que encerra três membros, dois dos quais são marcados e intensivos: o mais-que-perfeito e o chamado condicional presente, na forma simples.

Nesta oposição, o mais-que-perfeito significa um "anterior", enquanto o condicional presente (futuro do pretérito) um "depois". Daí o imperfeito não significar nem "antes" nem "depois" e, por isso, pode ocupar todo o espaço da oposição. Isto implica que não se pode, a rigor, atribuir ao imperfeito a pura e simples significação de passado, a não ser que ele seja considerado um "presente" do passado. Como um segundo "presente" pode – como ocorre com o presente próprio, que tem seu pretérito representado pelo perfeito simples, e o seu futuro representado pelo futuro simples – ter seu próprio passado (o mais-que-perfeito) e seu próprio futuro (o condicional presente). Por isso, o presente pode substituir o pretérito perfeito simples e o futuro, mas o imperfeito não.

Pode-se, neste gráfico, representar o presente e o imperfeito no sistema dos tempos em português; o imperfeito, sendo um termo neutro do plano "inatual", pode ser empregado "em lugar" do seu pretérito (passado) e de seu futuro:

Passado		Atualidade		Futuro
Perfeito simples	←	Presente	→	Futuro
Mais-que-perfeito	←	Imperfeito	→	Condicional presente (Fut. do pret.)

Daí a variedade e ambivalências destes dois tempos na atividade do discurso; geralmente uma forma verbal não está por outra ou em lugar de outra, mas sim no lugar de *outra significação* [ECs.5, 150].

Emprega-se o pret. imperfeito quando nos transportamos mentalmente a uma época passada e descrevemos o que então era presente:

"Eugênia *coxeava* um pouco, tão pouco, que eu cheguei a perguntar-lhe se machucara o pé" [MA.1, 193].

Nos pedidos e solicitações ou denota que duvidamos da realização do fato ou exprime um desejo feito com modéstia ou com o simples propósito:

"*Queria* viver para o seu filho – é como ele explicava o desejo da vida" [CBr.9, 22].

Sr. Manuel, eu *desejava* telefonar.

Pode substituir, principalmente na conversação, o futuro do pretérito, quando se quer exprimir fato categórico ou a segurança do falante:

"Se me desprezasses, morreria, *matava*-me" [CBr.9, 19].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Emprega-se o pretérito imperfeito do verbo *dever* (fazer uma coisa) em lugar do pretérito perfeito:

Ele *devia* (e não *deveu*) ser (ou *ter sido*) ontem mais atencioso para contigo [ED.1, § 207, a, obs].

2.ª) Aparece em lugar do futuro do pretérito para denotar um fato certo como consequência de outro que não se deu:

Eu, se tivesse crédito na praça, *pedia* outro empréstimo.

3.ª) Ainda na referência ao futuro, entra o imperfeito chamado "prelúdico" ou imperfeito dos jogos: *então* [neste jogo que

vamos começar a jogar] eu *era* o rei e tu *eras* a rainha [ECS.1, 207]. "Agora eu era o herói e o meu cavalo só falava inglês" (*João e Maria*, de Chico Buarque e Sivuca).

Pretérito perfeito – "O pretérito imperfeito é o tempo da ação prolongada ou repetida com limites imprecisos; ou não nos esclarece sobre a ocasião em que a ação terminaria ou nada nos informa quanto ao momento do início. O pretérito perfeito, pelo contrário, fixa e enquadra a ação dentro de um espaço de tempo determinado" [SA.5, II, 103]:

> "Marcela *teve* primeiro um silêncio indignado; depois *fez* um gesto magnífico: *tentou* atirar o colar à rua. Eu *retive*-lhe o braço; *pedi*-lhe muito que não me fizesse tal desfeita, que ficasse com a joia. *Sorriu* e *ficou*" [MA.1, 55].

Não se pode dizer, comenta Coseriu 69, que o perfeito simples e o imperfeito se contrapõem por uma simples oposição. Na essência, o imperfeito em português e no românico visualiza as ações como num pano de fundo, como se completando num nível secundário.

O pretérito composto (*tenho trabalhado*) exprime:

a) repetição ou prolongação de um fato até o momento em que se fala, ou fato habitual:

> "Não me *tens dito* nada das tuas ocupações nessa casa" [CBr.3, II, 133].

b) fato consumado:

> *Tenho dito* (no fim dos discursos).

Pretérito mais-que-perfeito (simples e composto) – Denota uma ação anterior a outra já passada:

> "No dia seguinte, antes de me recitar nada, explicou-me o capitão que só por motivos graves *abraçara* a profissão marítima..." [MA.1, 66-67].

OBSERVAÇÃO: Em certas orações temporais, aparece o pretérito perfeito onde se esperaria o mais-que-perfeito:

> "Logo que se *retirou* o inimigo, mandou D. João Mascarenhas enterrar os mortos" [ED.1, § 208].
>
> "Ao revés encontra-se em orações subordinadas o mais-que-perfeito correspondendo a um presente da oração subordinada, quando este presente tem o sentido de um pretérito, v.g. Os antiquários dizem (= deixaram escrito) que ele *vivera* neste reinado" [ED.1].

Emprega-se ainda o mais-que-perfeito simples em lugar do futuro do pretérito do indicativo e do pretérito do subjuntivo, o que serve hoje como traço estilístico de linguagem solene:

> "dizendo: Mais *servira* (= serviria), se não *fora* (= fosse) para tão longo amor tão curta a vida" [LC.2, 147].
>
> "Que *fora* (= seria) a vida, se nela não *houvera* (= houvesse) lágrimas?" [AH.1, 32].

Futuro – O futuro do presente e o do pretérito denotam uma ação que ainda se vai realizar:

> "Os homens nos *parecerão* sempre injustos enquanto o forem as pretensões do nosso amor-próprio" [MM].
>
> "Sem a crença em uma vida futura, a presente *seria* inexplicável" [MM].

O futuro do presente pode ainda exprimir:

a) em lugar do *presente*, incerteza ou ideia aproximada, simples possibilidade ou asseveração modesta:

> "O mal não *será* a especiaria do bem?" [MM].
>
> Ele *terá* seus vinte anos.

No caso de ser empregado, em linguagem polida, nas interrogações, o futuro "não obriga o interlocutor a responder, como quando se emprega o verbo no presente ou no pretérito" [SA.2, 225].

b) em lugar do *imperativo*, uma ordem ou recomendação, principalmente nas prescrições e recomendações morais:

> *Defenderás* os teus direitos.
>
> Não *furtarás*.

"Nas orações condicionais de *se*, nas temporais de *quando* e *enquanto*, nas conformativas (de *segundo* e *conforme*, etc.), nas adjetivas que denotam simples concepção", o futuro do indicativo é substituído pelo futuro conjuntivo (subjuntivo) – o qual só nestas orações se usa (ou também em certos casos pelo presente conjuntivo); assim diz-se: *se vejo*, *se vi*, mas: *se vir*; *quando vejo*, *quando vi*, mas: *quando vir*; *aquele que vê*, *aquele que viu*, mas: *aquele que vir*" [ED.1, § 209, a, obs.].

O futuro do pretérito se emprega ainda para denotar:

a) que um fato se dará, agora ou no futuro, dependendo de certa condição:

"A vida humana *seria* incomportável sem as ilusões e prestígios que a circundam" [MM].

"Se pudéssemos chegar a um certo grau de sabedoria, *morreríamos* tísicos de amor e admiração por Deus" [MM].

b) asseveração modesta em relação ao passado, admiração por um fato se ter realizado:

Eu *teria* ficado satisfeito com as tuas cartas [RV].

Nós *pretenderíamos* saber a verdade.

Seria isso verdadeiro?

c) incerteza:

Haveria na festa umas doze pessoas.

Emprega-se o auxiliar *tivera* (ou *houvera*) na oração condicional, em lugar do mais-que-perfeito, em relação a um futuro do pretérito posto na oração principal:

Estudaria (ou *teria estudado*), se *tivera* (= *tivesse*) *sabido* da prova.

2) **Subjuntivo** – O modo subjuntivo ocorre normalmente nas orações independentes optativas, nas imperativas negativas e afirmativas (nestas últimas com exceção da 2.ª pessoa do singular e plural), nas dubitativas com o advérbio *talvez* e nas subordinadas em que o fato é considerado como incerto, duvidoso ou impossível de se realizar:

Bons ventos o *levem.*

"Não *emprestes*, não *disputes*, não *maldigas* e não terás de arrepender-te" [MM].

"Não *desenganemos* os tolos se não queremos ter inumeráveis inimigos" [MM].

"*Louvemos* a quem nos louva para abonarmos o seu testemunho" [MM].

"Talvez a estas horas *desejem* dizer-te *pecavi*! Talvez *chorem* com lágrimas de sangue" [AH.5, I, 58].

"Faltam-nos memórias e documentos coevos em que *possamos* estribar-nos para relatar tais sucessos" [AH.6, I, 451].

OBSERVAÇÃO: Às vezes ocorre o indicativo com *talvez*: "Magistrado ou guerreiro de justo ou generoso se gaba: – e as turbas talvez o *aplaudem* e *celebram* seu nome" [AH.2, 180]. Parece que o indicativo deixa antever melhor a certeza de que o de que se duvida se pode bem realizar.

Nas orações subordinadas substantivas, ocorre o subjuntivo nos seguintes principais casos:

a) depois de expressões (verbos, nomes ou locuções equivalentes) que denotam ordem, vontade, consentimento, aprovação, proibição, receio, admiração, surpresa, contentamento:

"Prouvera a Deus, venerável Crimilde – tornou o quingentário – que nos *fosse* lícito desamparar estes muros" [AH.1, 146].

"Proibi-te que o *revelasses*" [AH.5, I, 294].

Espero que *estudes* e que *sejas* feliz.

b) depois de expressões (verbos ou locuções formadas por *ser*, *estar*, *ficar* + substantivo ou adjetivo) que denotam desejo, probabilidade, vulgaridade, justiça, necessidade, utilidade:

Cumpre que *venhas* cedo.

Convém que não nos *demoremos*.

É bom que *compreenda* logo o problema.

c) depois dos verbos *duvidar*, *suspeitar*, *desconfiar* e nomes cognatos (dúvida, duvidoso, suspeita, desconfiança, etc.) quando empregados afirmativamente, isto é, quando se trata de dúvida, suspeita ou desconfiança reais:

"... me vinham à mente *suspeitas* de que ela *fosse* um anjo transviado do céu..." [AH.5, II, 321].

"A luz... que *suspeitávamos procedesse* de lâmpada esquecida por sonolento moço de reposte..." [AH.5, 333].

Se o falante tem a suspeita como coisa certa, ou nela acredita, o normal é aparecer o indicativo:

"*Suspeitava*-se que era a alma da velha Brites que andava ali penada" [AH.5, 364].

Usa-se o subjuntivo nas orações adjetivas que exprimem:

a) fim:

"Ando à cata de um criado que *seja* econômico e fiel" [RB].

b) consequência (o relativo vem precedido de preposição, geralmente, *com*):

"Daqui levarás tudo tão sobejo
Com que faças (= que com isso) o fim a teu desejo" [LC.1, II, 4].

c) uma conjectura e não uma realidade:

Compare-se:

O cidadão que *ama* sua pátria engrandece-a. (realidade)

O cidadão que *ame* sua pátria engrandece-a. (conjectura)

d) depois de um predicado negativo, ou de uma interrogação de sentido negativo quando enunciam uma qualidade que determine e restrinja a ideia expressa por esse predicado ou interrogação:

"Não há homem algum que *possa* gabar-se de ser completamente feliz.
Quem há aí que *seja* completamente feliz?" [RV.1, 274-5]

Nas orações adverbiais usa-se o subjuntivo:

a) nas causais de *não porque*, *não* (ou *nem*), quando se quer dizer que a razão aludida não é verdadeira:

"Deitei-me ontem mais cedo, não porque *tivesse* sono, mas porque precisava de me levantar hoje de madrugada" [RV.1, 274].

b) nas concessivas de *ainda que*, *embora*, *conquanto*, *posto que*, *se bem que*, *por muito que*, *por pouco que* (e semelhantes), não havendo, entretanto, completo rigor a respeito:

"Ainda que *perdoemos* aos maus, a ordem moral não lhes perdoa, e castiga a nossa indulgência" [MM].

"Por mais sagaz que *seja* o nosso amor próprio, a lisonja quase sempre o engana" [MM].

Entram neste rol as alternativas de sentido concessivo (ou... ou, quer... quer) e as concessivas justapostas do tipo de *fosse ele o culpado*, *ainda assim lhe perdoaria*.

c) nas condições de *se*, *contanto que*, *sem que*, *a não ser que*, *suposto que*, *caso*, *dado que*, para exprimir hipótese, e não uma realidade. Entra ainda neste grupo a comparativa hipotética *como se*:

"Se as viagens simplesmente *instruíssem* os homens, os marinheiros seriam os mais instruídos" [MM].

"E moviam os lábios, como se *tentassem* falar" [AH.1, 26].

Se se tratar de coisa real ou tida como tal, geralmente aparece o indicativo:

"Não há momento que perder, se *queremos* salvar-nos" [AH.1, 253].

d) nas consecutivas quando se exprime uma simples concepção e não um fato real:

"Devemos regular a nossa vida de modo que *possamos* esperar e não recear depois de nossa morte" [MM].

"Não subais tão alto que a queda *seja* mortal" [MM].

e) nas finais:

"Os maus são exaltados para serem felizes, para que *caiam* do mais alto e *sejam* esmagados" [MM].

f) nas temporais de *antes que*, *assim que*, *até que*, *enquanto*, *depois que*, *logo que*, quando ocorrem nas negações ou nas indicações de simples concepção, e não uma realidade (caso em que aparece o indicativo):

"Cumprirei o que ordenas, porque jurei obedecer-te cegamente enquanto não *salvássemos* a irmã de Pelágio" [AH.1, 215].

Casos particulares:

1) A oração substantiva que completa a exclamação de surpresa *quem diria* constrói-se com indicativo ou subjuntivo:

Quem diria que ele *era* capaz disso.

Quem diria que ele *fosse* capaz disso.

2) Com os indefinidos do tipo *o que quer que* é mais comum o emprego do subjuntivo:

Saiu com o que quer que *fosse*.

Alexandre Herculano vacilou entre o emprego de *fosse* (ed. de 1876) e *era* (ed. de 1864) no seguinte passo:

"Com um olhar de simpatia e compaixão, misturada do que quer que *era* de admiração e de terror involuntário" [AH.1, 265 ed. 1864].

3) Também têm o verbo no subjuntivo as orações introduzidas por *que*, quando restringem a generalidade de um asserto:

"Não há, que eu *saiba*, expressão mais suave" [ED.1, 128].

3) **Imperativo** – Cumpre apenas acrescentar ao que disse anteriormente:

a) que o infinitivo pode substituir o imperativo nas ordens instantes:

"Todos se chegavam para o ferir, sem que a D. Álvaro se ouvissem outras palavras, senão estas: *Fartar*, rapazes" [AH.2, 98].

b) que se usa o imperativo do verbo *querer* (ao lado do subjuntivo presente) seguido de infinitivo para suavizar uma ordem:

Queira aceitar meus cumprimentos.

OBSERVAÇÃO: Os casos aqui lembrados estão longe de enquadrar a trama complexa do emprego de tempos e modos em português. São várias as situações que podem, ferindo os princípios aqui expostos, levar o falante ou escritor a buscar novos meios expressivos. São questões que fogem ao âmbito da Gramática e constituem preocupação da Estilística.

Emprego das formas nominais – A respeito das formas nominais, cumpre acrescentar ao que se disse nas páginas anteriores:

A – **Infinitivo histórico** – Entende-se por *infinitivo histórico* ou *de narração* aquele que, numa narração animada, considera a ação como já passada, e não no seu desenvolvimento:

"E os médicos a *insistirem* que saísse de Lisboa" [J. Dinis].

"Ela a *voltar* as costas, e o reitor a pôr o chapéu na cabeça" [J. Dinis].

"E ele a *rir*-se, ele a *regalar*-se" [EQ] 70

B – **Emprego do infinitivo** (flexionado e sem flexão):

1) *Infinitivo pertencente a uma locução verbal*:

Não se flexiona normalmente o infinitivo que faz parte de uma locução verbal:

"E o seu gesto era tão desgracioso, coitadinho, que todos, à exceção de Santa, *puseram*-se *a rir*" [AAz *apud* FB.1, 138].

"Pois, se *ousais levar* a cabo vosso desenho, eu ordeno que o façais" [AH *apud* FB.1, 196].

"Depois mostraram-lhe, um a um, os instrumentos das execuções, e explicaram-lhe por miúdo como *haviam de morrer* seu marido, seus filhos e o marido de sua filha" [CBr *apud* FB.1, 221].

Encontram-se exemplos que se afastam deste critério quando ocorrem os seguintes casos:

a) o verbo principal se acha afastado do auxiliar e se deseja avivar a pessoa a quem a ação se refere:

"*Possas* tu, descendente maldito
De uma tribo de nobres guerreiros,
Implorando cruéis forasteiros,
Seres presa de vis Aimorés" [GD.4, II, 31].

"... dentro dos mesmos limites atuais *podem* as cristandades *nascerem* ou *anularem*-se, *crescerem* ou *diminuírem* em certos pontos desses vastos territórios" [AH.2, 173].

b) o verbo auxiliar, expresso anteriormente, cala-se depois:

"*Queres ser* mau filho, *deixares* uma nódoa d'infância na tua linhagem" [AH.2, 174].

2) *Infinitivo dependente dos verbos causativos e sensitivos*:

Com os causativos *deixar*, *mandar*, *fazer* (e sinônimos), a norma é aparecer o infinitivo sem flexão, qualquer que seja o seu agente:

"Sancho II deu-lhe depois por válida a carta e *mandou*-lhes *erguer* de novo os marcos onde eles os haviam posto" [AH.2, 64].

"*Fazei*-os *parar*" [AH.2, 75].

"*Deixai vir* a mim as criancinhas".

Mas flexionado em:

"e *deixou fugirem*-lhe duas lágrimas pelas faces" [AH.2, 155]. 71

"Não são poucas as doenças para as quais, por desídia, vamos *deixando perderem*-se os nomes velhos que têm em português" [MBa.5, 211].

Com os sensitivos *ver*, *ouvir*, *olhar*, *sentir* (e sinônimos), o normal é empregar-se o infinitivo sem flexão, embora aqui o critério não seja tão rígido:

"Olhou para o céu, viu estrelas... escutou, *ouviu ramalhar* as árvores" [AH.2, 101].

"... o terror fazia-lhes crer que já *sentiam ranger* e *estalar* as vigas dos simples..." [AH.2, 172].

Os seguintes exemplos atestam o emprego do infinitivo flexionado:

"Em Alcoentre os ginetes e corredores do exército real vieram escaramuçar com os do infante, e ele próprio os *ouvia chamarem*-lhe traidor e hipócrita" [AH.2, 96].

"Creio que comi: *senti renovarem*-se-me as forças" [AH.2, 172].

Observações:

1.ª) Com os causativos e sensitivos pode aparecer ou não o pronome átono que pertence ao infinitivo (obs. 5.ª):

"*Deixei*-o *embrenhar* (por *embrenhar-se*) e transpus o rio após ele" [AH.2, 77].

"O faquir *deixou*-o *afastar* (por *afastar-se*)" [AH.2].

"Enconstando-se outra vez na sua dura jazida, Egas *sentiu alongar*-se a estrupiada dos cavalheiros..." [AH.3, 265-6].

"E o eremita *viu*-a, ave pernalta e branca, *bambolear*-se em voo, ir chegando, *passar*-se para cima do leito, *aconchegar*-se

ao pobre homem...” [JR.2, 327].

Por isso não cabe razão a Mário Barreto [MBa.4, 51] quando condena, nestes casos, o aparecimento do pronome átono.

2.ª) Aqui também o infinitivo pode aparecer flexionado, por se calar o auxiliar:

“*viu alvejar* os turbantes, e, depois *surgirem* rostos tostados, e, depois, *reluzirem* armas” [AH.1, 257].

3) *Infinitivo fora da locução verbal*:

Fora da locução verbal, “a escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos somente da ação ou do intuito ou necessidade de pormos em evidência o agente do verbo” [SA.2, 246].

O infinitivo sem flexão revela que a nossa atenção se volta com especial atenção para a ação verbal; o flexionamento serve de insistir na pessoa do sujeito:

Estudamos { para *vencer* na vida
para *vencermos* na vida

“As crianças são acalentadas por *dormirem*, e os homens enganados para *sossegarem*” [MM].

Ocorre o infinitivo flexionado nos seguintes casos principais:

1.º) “sempre que o infinitivo estiver acompanhado de um nominativo sujeito, nome ou pronome (quer igual ao de outro verbo, quer diferente);

2.º) sempre que se tornar necessário destacar o agente, e referir a ação especialmente a um sujeito, seja para evitar confusão, seja para tornar mais claro o pensamento. O infinitivo concordará com o sujeito que temos em mente;

3.º) quando o autor intencionalmente põe em relevo a pessoa a que o verbo se refere” [SA.1, 72]:

Estudamos para nós *vencermos* na vida.

“Beijo-vos as mãos, senhor rei, por vos *lembrardes* ainda de um velho homem de armas que para nada presta hoje” [AH *apud* FB.1, 195].

“É permitido aos versistas *poetarem* em prosa” [CBr.1, 60].

APÊNDICE

PASSAGEM DA VOZ ATIVA À PASSIVA E VICE-VERSA

Em geral, só pode ser construído na voz passiva verbo que pede objeto direto, acompanhado ou não de outro complemento. Daí a língua padrão lutar contra linguagens do tipo:

A missa foi assistida por todos,

uma vez que o verbo *assistir*, nesta acepção, só se constrói com complemento relativo:

Todos assistiram à missa.

À força do uso já se fazem concessões aos verbos:

apelar: A sentença não foi *apelada*.
aludir: Todas as faltas foram *aludidas*.
obedecer: Os regulamentos não são *obedecidos*.
pagar: As pensionistas foram *pagas* ontem.
perdoar: Os pecadores devem ser *perdoados*.

responder: Os bilhetes seriam *respondidos* hoje.

Na passagem da ativa para a passiva segue-se o esquema:

1.º) o sujeito da ativa, se houver, passa a agente da passiva;

2.º) o objeto direto da ativa, se houver, passa a sujeito da passiva;

3.º) o verbo da voz ativa passa para a voz passiva, conservando-se o mesmo tempo e modo;

4.º) não sofrem alteração os outros termos oracionais que apareçam.

Exemplo 1:

Ativa	*Passiva*
Eu li o livro	O livro foi lido por mim

Exemplo 2 (com pronome oblíquo):

Ativa	*Passiva*
Nós o ajudamos ontem	Ele, ontem, foi ajudado por nós

Exemplo 3 (com sujeito indeterminado):

Ativa	*Passiva*
Enganar-me-ão	Eu serei enganado

Exemplo 4 (com tempo composto):

Ativa	*Passiva*
Eles têm cometido erros	Erros têm sido cometidos por eles

Exemplo 5 (com sujeito indeterminado de verbo que aparecerá na passiva pronominal):

Ativa	*Passiva*
Vendem casas	Vendem-se casas
Vendem esta casa	Vende-se esta casa

7 – Advérbio

Advérbio – É a expressão modificadora que por si só denota uma circunstância (de lugar, de tempo, modo, intensidade, condição, etc.) e desempenha na oração a função de adjunto adverbial:

Aqui tudo vai *bem* (lugar e modo).

Hoje não irei *lá* (tempo, negação, lugar).

O aluno *talvez não* tenha redigido *muito bem* (dúvida, negação, intensidade, modo).

O *advérbio* é constituído por palavra de natureza nominal ou pronominal e se refere geralmente ao verbo, ou ainda, dentro de um grupo nominal unitário, a um adjetivo e a um advérbio (como intensificador), ou a uma declaração inteira:

José escreve *bem* (advérbio em referência ao verbo).

José é *muito* bom escritor (advérbio em referência ao adjetivo *bom*).

José escreve *muito* bem (advérbio em referência ao advérbio *bem*).

Felizmente José chegou (advérbio em referência a toda a declaração: José chegou; o advérbio deste tipo geralmente exprime um juízo pessoal de quem fala e constitui a cláusula comentário.

Fundamentalmente, distribuem-se os advérbios em assinalar a posição temporal (os de tempo) ou espacial do falante (os de lugar), ou ainda o modo pelo qual se visualiza o "estado de coisas" designado na oração.

Certos advérbios são assinalados em função de modificador de substantivo, principalmente

quando este é entendido não tanto enquanto substância, mas enquanto qualidade que esta substância apresenta: *Gonçalves Dias é verdadeiramente poeta* [PL *apud* por EBm.1, 8].

Pessoas ***assim*** não merecem nossa atenção.

Também certos advérbios funcionam como predicativo, à maneira dos adjetivos:

A vida é ***assim***.

Como bem diz Mattoso Câmara [MC.8, 122], perturba a descrição e a demarcação classificatória "a extrema mobilidade semântica e funcional que caracteriza os advérbios".

Combinações com advérbios – Advérbios há de *tempo* e *lugar* que marcam melhor sua função ou designação mediante o emprego de uma preposição [AL.1, §188]:

Por agora, estão encerrados os trabalhos.

Até então os telefones não funcionavam.

Desde cedo já havia compradores de ingresso.

De longe já se viam as chamas.

Por aqui se pode entrar na cidade.

As crianças *de hoje* contam com mais divertimentos.

Eles sempre se apresentam com as promessas *de sempre*.

Alguns advérbios – como as preposições que veremos ao seu tempo – precedem o transpositor ***que*** para marcar a circunstância, formando o que a gramática tradicional chama de *locuções conjuntivas* adverbiais. A rigor, trata-se de um grupo de palavras que, por hipotaxe, funciona como conjunção:

Agora que tudo serenou, podemos retornar.

Sabíamos que ele estava errado *sempre que* gaguejava.

Ainda que estude, terá de aperfeiçoar-se *depois que* se gradue.

Já que não me responde, sinto-me desobrigado de convidá-lo.

Assim que chegou, começou a trabalhar.

No capítulo de conjunção, teremos oportunidade de fazer referência a certos advérbios que, graças à sua mobilidade posicional, se colocam – quase sempre no início – de maneira tal, que têm levado alguns gramáticos a classificá-los como conjunção coordenativa explicativa (causal), conclusiva, etc. É o caso de advérbios como *pois*, *logo*, *entretanto*, *contudo*, *por conseguinte*, em construções do tipo [MMa.1, 153]:

Ela saiu cedo, *por conseguinte* encontrou facilidade de condução.

Tudo estava preparado, *logo* se poderia começar a reunião.

Advérbio e preposição – Já vimos que alguns advérbios se constituem pela união de preposição a substantivos, adjetivos ou a próprio advérbio, apresentando-se, conforme a ortografia vigente, ora escritos numa só palavra, ora separadamente. Unido o grupo a preposições, teremos um conjunto que, por hipotaxe, funciona como simples preposição a introduzir um adjunto adverbial: *apenas*, *em frente*, *em cima*, *depressa*, *debaixo*, *em baixo* (*embaixo*), *detrás*, etc.

Os livros ficam *debaixo da* mesa. (*sob* a mesa)

O carro estacionou *em frente da* casa.

A jarra repousa *em cima da* mesa. (*sobre* a mesa)

Construções como:

O vizinho escreveu *contra* o argumento,

permitem a passagem da preposição a advérbio pela redução da unidade introduzida pela preposição, construção breve, mas sem circulação frequente no idioma:

"Toda a minha vida colegial se desenha no espírito com tão vivas cores, que parecem frescas de ontem, e todavia mais de trinta anos já lhes pairaram *sobre*" [JA.4, 102].

O vizinho escreveu *contra*.

Já falei *a respeito*.

O advérbio estabelece a transição dos vocábulos variáveis para os invariáveis; a rigor não tem flexão propriamente dita, mas há uns tantos advérbios que admitem graus de qualidade como os nomes [RV.1, 71].

Locução adverbial – é o grupo geralmente constituído de preposição + substantivo (claro ou subentendido) que tem o valor e o emprego de advérbio. A preposição, funcionando como transpositor, prepara o substantivo para exercer uma função que primariamente não lhe é própria:

com efeito, *de graça*, *às vezes*, *em silêncio*, *por prazer*, *sem dúvida*, etc.

Na constituição das locuções adverbiais, o substantivo que nelas entra pode estar no masculino ou no feminino e no singular ou no plural, segundo as normas fixadas pela tradição.

Outras vezes o substantivo vem com acompanhante e pode ocorrer até a omissão do substantivo, em expressões fixas:

na verdade, *de nenhum modo*, *em breve* (subentende-se *tempo*), *à direita* (ao lado de *à mão direita*), *à francesa* (subentende-se *à moda*), etc.

Frequentemente se cala a preposição nas locuções adverbiais de tempo e modo:

Esta semana (por *nesta semana*) teremos prova.

Espingarda ao ombro (por *de espingarda ao ombro*), juntou-se ao grupo de pessoas.

Circunstâncias adverbiais – Constituindo o advérbio uma classe de palavra muito heterogênea, torna-se difícil atribuir-lhe uma classificação uniforme e coerente. Em geral, seu papel na oração se prende não apenas a um núcleo (verbo), mas se amplia na extensão em que se espraia o conteúdo manifestado no predicado. Isto lhe permite, em primeiro lugar, certa flexibilidade de posição não só no espaço em que se prolonga o predicado (com seu núcleo verbal), mas se estende aos domínios do sujeito, podendo antecedê-lo ou vir-lhe posposto. Este papel singular do advérbio lhe dá também certa autonomia fonológica, de contorno entonacional muito variado, a serviço do intuito comunicativo do falante.

Assim, há advérbios de papel semântico-sintático mais *internamente* ligados ao núcleo verbal (e estes não gozam das flexibilidades de posição e entoação atrás referidas), e há os advérbios mais externamente ligados ao núcleo verbal. Daí escapar ao analista uma classificação unitária que abarque todos os casos possíveis. É bom caminho, parece-nos, adotar a proposta de Alarcos Llorach no sentido de ater-se o analista "às relações que cada advérbio contrai dentro do enunciado, quer no seu papel primário de adjacente circunstancial,

quer por sua combinação com outras unidades no interior de um grupo nominal unitário" [AL.1, § 178].

Na classificação do advérbio, ora se pauta pelos valores léxicos (semânticos) das unidades que o constituem, ora por critérios funcionais. No primeiro caso, são os advérbios classificados como denotadores de *tempo* (*agora*, *antes*, *tarde*, etc.), de *lugar* (*aqui*, *fora*, etc.), de *quantidade* (*tanto*, *muito*, *bastante*, etc.), etc. Pelo segundo critério, teremos os *demonstrativos* (*aqui*, *então*, *agora*, *aí*, etc.), os *relativos* (*onde*, *como*, *quando*, etc.) e *interrogativos* (*quando*?, *onde*?, *como*?).

As principais circunstâncias expressas por advérbio ou locução adverbial são:

1) *assunto*: Conversar sobre música.

2) *causa*: Morrer de fome.

3) *companhia*: Sair com os amigos.

4) *concessão*: Voltaram apesar do escuro.

5) *condição*: Só entrará com autorização. Não sairá sem licença.

6) *conformidade*: Fez a casa conforme a planta.

7) *dúvida*: Talvez melhore o tempo. Acaso encontrou o livro.

8) *fim*: Preparou-se para o baile.

9) *instrumento*: Escrever com lápis.

10) *intensidade*: Andou mais depressa.

11) *lugar*: Estuda aqui. Foi lá. Passou pela cidade. Veio dali.

12) *modo*: Falou assim. Anda mal. Saiu às pressas.

13) *referência*: "O que nos sobra *em glória* de ousados e venturosos navegantes, míngua-nos *em fama* de enérgicos e previdentes colonizadores" [LCo *apud* FB.1, 218].

14) *tempo*: Visitaram-nos hoje. Então não havia recursos. Sempre nos cumprimentaram. Jamais mentiu.

15) *negação*: Não lerá sem óculos.

OBSERVAÇÃO: A Nomenclatura Gramatical Brasileira põe os denotadores de *inclusão*, *exclusão*, *situação*, *retificação*, *designação*, *realce*, etc. à parte, sem a rigor incluí-los entre os advérbios, mas constituindo uma classe ou grupo heterogêneo chamado *denotadores*, que coincide, em parte, com a proposta de José Oiticica das *palavras denotativas*, muitas das quais têm papel transfrástico e melhor atendem a fatores de função textual estranhos às relações semântico-sintáticas inerentes às orações em que se acham inseridas:

1 – *inclusão*: também, até, mesmo, etc.:

Até o professor riu-se.

Ninguém veio, *mesmo* o irmão.

2 – *exclusão*: só, somente, salvo, senão, apenas, etc.:

Só Deus é imortal.

Apenas o livro foi vendido.

3 – *situação*:

Mas que felicidade.

Então duvida que se falasse latim?

Pois não é que ele veio.

4 – *retificação*: aliás, melhor, isto é, ou antes, etc.:

Comprei cinco, *aliás*, seis livros.

Correu, *isto é*, voou até nossa casa.

5 – *designação*:

Eis o homem.

6 – *realce*:

Nós *é que* somos brasileiros.

7 – *expletivo*: lá, só, ora, que:

Eu sei *lá*!

Vejam *só* que coisa!

Oh! *Que* saudade *que* tenho!

Ora decidamos logo o negócio.

8 – *explicação*: a saber, por exemplo, isto é, etc.:

Eram três irmãos, *a saber*: Pedro, Antônio e Gilberto.

O plano "transfrástico" e os advérbios – No estudo de certas unidades torna-se de capital importância não deixar de lado as diversas camadas ou estratos de estruturação gramatical. No que toca particularmente a certos advérbios, merece atenção a camada da *antitaxe*, que diz respeito à retomada ou substituição de uma unidade de um plano gramatical qualquer, já presente ou virtualmente presente ou previsto no discurso, poder ser retomada ou antecipada por outra unidade, num ponto do discurso individual ou dialogado [ECs.2, 38]. A substituição ou retomada já vinha sendo posta em evidência pela gramática tradicional no caso dos pronomes; mas a ação da antitaxe é mais ampla e vai desembocar no papel textual de alguns advérbios, como veremos a seguir.

Assim, não são advérbios mas substitutos de oração (pro-orações ou pro-textos) *sim*, *não*, *talvez*, *também*, quando retomam, como respostas, enunciados textuais:

Você vai ao cinema? – *Sim.*

Ela fez os exercícios? – *Não*.

Tu não foste escolhido? *Também.*

Estão no mesmo caso as unidades de valor circunstancial (advérbios) que aparecem em orações do tipo seguinte, mas que retomam "estados de coisas" designados ou intuídos anteriormente, que exprimem relações ligadas ao sentido do discurso:

De fato nós saímos cedo.

Isto, *sem dúvida*, está errado.

Estes casos de antitaxe (retomada ou substituição) se combinam com outra camada de estruturação gramatical que é a *hipertaxe* ou *superordenação*, fenômeno pelo qual uma unidade de camada inferior pode funcionar sozinha em camadas superiores. É o caso de advérbios em *-mente* quando saem da camada no nível da palavra para funcionar no nível da cláusula e daí no nível da oração ou do texto, em exemplos como:

Certamente!

Naturalmente!

ambos no nível da oração e do texto, ou em:

Certamente ela não virá hoje.

Todos saíram ilesos, *felizmente*.

Naturalmente ele negará o que disse ontem.

todos no nível da cláusula comentário.

Portanto, a tais advérbios não se há de querer aplicar a série de características canônicas do advérbio que se acha exclusivamente preso às referências do núcleo verbal.

Também merecem referência especial os advérbios que estão no papel de diferençar as orações pelo seu "significado ôntico", isto é, o valor de existência que se atribui ao "estado de coisas" designado pela oração (existência certa, negada, duvidosa, desejada, etc.) 72. É o caso dos advérbios de *negação* e de *dúvida*:

Ele veio / Ele *não* veio

Ela chega / Ela *talvez* chegue

Advérbios de base nominal e pronominal – O advérbio, pela sua origem e significação, se prende a nomes ou pronomes, havendo, por isso, advérbios nominais e pronominais.

Entre os *nominais* se acham aqueles formados de adjetivos acrescidos do "sufixo" *-mente*: *rapidamente* (= de modo rápido), *pessimamente*. Na realidade, ficam a meio caminho, fonológica e morfologicamente, da derivação e da composição (locução).

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Se o nome tem forma para masculino e feminino, junta-se o sufixo ao feminino. Fazem exceção alguns adjetivos terminados em *ês* e *or*, que no português antigo só apresentavam uma forma para ambos os gêneros. Daí dizer-se *portuguesmente* (e não *portuguesamente*); *superiormente* (e não *superioramente*), *melhormente*.

2.ª) Estes advérbios em *-mente* se caracterizam por conservar o acento vocabular de cada elemento constitutivo, ainda que mais atenuado, o que lhes permite, numa série de advérbios, em geral só apresentar a forma em *-mente* no fim: Estuda *atenta* e *resolutamente*. Havendo ênfase, pode-se repetir o advérbio na forma plena:

"Depois, ainda falou *gravemente* e *longamente* sobre a promessa que fizera" [MA *apud* SS.1, § 480].

Entre os *pronominais*, temos:

a) *demonstrativos*: aqui, aí, acolá, lá, cá.

b) *relativos*: onde (em que), quando (em que), como (por que).

c) *indefinidos*: algures, alhures, muito, pouco, que.

d) *interrogativos*: onde?, quando?, como?, por que? (por quê?).

Os advérbios relativos, como os pronomes relativos, servem para referir-se a unidades que estão postas na oração anterior. Nas ideias de lugar empregamos *onde*, em vez de *em que*, *no qual* (e flexões):

A casa *onde* mora é excelente.

Precedido das preposições *a* ou *de*, grafa-se *aonde* e *donde*:

O sítio *aonde* vais é pequeno.

É bom o colégio *donde* saímos.

Ainda como os pronomes relativos, os advérbios relativos podem empregar-se de modo absoluto, isto é, sem referência a antecedente:

Moro onde mais me agrada.

Os advérbios interrogativos de base pronominal se empregam nas perguntas diretas e indiretas em referência ao lugar, tempo, modo ou causa:

Onde está estudando o primo? Ignoro onde estuda.

Quando irão os rapazes? Não sei quando irão os rapazes.

Como fizeram o trabalho? 73. Perguntei-lhes como fizeram o trabalho.

Por que chegaram tarde? Dir-me-ás por que chegaram tarde.

OBSERVAÇÃO: O *Vocabulário Oficial* preceitua que se escreva em duas palavras o advérbio interrogativo *por que*, por estar preocupado em indicar a origem pronominal do advérbio, distinguindo-o de *porque* conjunção, que, na essência, se prende também a uma combinação de *por* + *que*. Melhor seria, seguindo a tradição do idioma, grafar todo *porque* num só vocábulo. Quanto à origem, *por que* e *porque* se identificam: *porque* (e o mesmo vale para *quando* e *como*) não se enquadra apenas como conjunção; *porque*, *quando* e *como* são, em verdade, "expressões adverbiais conjuntivas, isto é, expressões que, sem perderem a sua função adverbial, têm concomitantemente função conjuntiva" [MAg.1, 197].

Adverbialização de adjetivos – Muitos adjetivos, permanecendo imóveis na sua flexão de gênero e número, podem passar a funcionar como advérbio:

Fala *claro* na hora da sua defesa.

Compraram *caro* a fazenda.

Agora estão vivendo *melhor*.

O critério formal de diferenciação das duas classes de modificador (adjetivo: modificador nominal; advérbio: modificador verbal) é a variabilidade do primeiro e a invariabilidade do segundo74:

Eles vendem muito *cara* a fruta. (adjetivo)

Eles vendem *caro* a fruta. (advérbio)

A concordância atrativa e intenções estilísticas e rítmicas podem desfazer as fronteiras acima apontadas.

Intensificação gradual dos advérbios – Há certos advérbios, principalmente os de modo, que podem manifestar uma relação intensificadora gradual, empregando-se, no comparativo e superlativo, de acordo com as regras que se aplicam aos adjetivos:

1 – COMPARATIVO DE
- a) *inferioridade*: Falou *menos* alto *que* (ou *do que*) o irmão.
- b) *igualdade*: Falou *tão* alto *quanto* (ou *como*) o irmão.
- c) *superioridade*:
  - 1) *analítico*: Falou *mais* alto *que* (ou *do que*) o irmão.
  - 2) *sintético*: Falou *melhor* (ou *pior*) *que* (ou *do que*) o irmão.

2 – SUPERLATIVO ABSOLUTO
- a) *sintético*: Falou *pessimamente*, *altíssimo*, *baixíssimo*, *dificílimo*.
- b) *analítico*: Falou *muito* ruim, *muito* alto, *extremamente* baixo, *consideravelmente* difícil, *o mais* depressa possível (indica o limite da possibilidade).

Na realidade, tais intensificações ou gradações do advérbio – como do adjetivo – se expressam por estruturas sintáticas que devem merecer atenção no estudo dos padrões frasais

do português.

3 – Diminutivo com valor de superlativo – Em linguagem familiar pode-se expressar o valor superlativo do advérbio pela sua forma diminutiva, combinada com o valor lexical das unidades que com ele concorrem:

Andar *devagarzinho* (muito devagar, um tanto devagar).

Acordava *cedinho* e só voltava à noitinha.

Saiu *agorinha*.

O diminutivo das fórmulas de recomendação não indica mais lentidão ou ligeireza da realização do fato, mas serve de expressar ou acentuar a recomendação:

Vá *depressinha* apanhar o meu chapéu.

É bom que estudes *devagarinho*.

Observação: Em lugar de *mais bem* e *mais mal* empregam-se *melhor* e *pior*:

"Ninguém conhece *melhor* os interesses do que o homem virtuoso; promovendo a felicidade dos outros assegura também a própria" [MM].

Usa-se, entretanto, de *mais bem* e *mais mal* junto a adjetivos:

"Os esquadrões *mais bem* encavalgados foram despedidos logo em seguimento dos fugitivos" [AH.1, 224].

"Com a maça jogada às mãos ambas abalava e rompia as armas *mais bem* temperadas..." [AH.1, 108].

8 – Preposição

Preposição – Chama-se preposição a uma unidade linguística desprovida de independência – isto é, não aparece sozinha no discurso, salvo por hipertaxe – e, em geral, átona, que se junta a substantivos, adjetivos, verbos e advérbios para marcar as relações gramaticais que elas desempenham no discurso, quer nos grupos unitários nominais, quer nas orações.

Não exerce nenhum outro papel que não seja ser índice da função gramatical de termo que ela introduz.

Em:

Aldenora gosta de Belo Horizonte

a preposição *de* une a forma verbal *gosta* ao seu termo complementar *Belo Horizonte* para ser o índice da função gramatical preposicionada *complemento relativo*.

Já em:

homem de coragem,

a mesma preposição *de* vai permitir que o substantivo *coragem* exerça o papel de *adjunto adnominal* do substantivo *homem* – função normalmente desempenhada por adjetivo. Daí dizer-se que, nestes casos, a preposição é um *transpositor*, isto é, elemento gramatical que habilita uma determinada unidade linguística a exercer papel gramatical diferente daquele que normalmente exerce. Ora, o substantivo normalmente não tem por missão ser palavra modificadora de outro substantivo, razão por que não é comum dizer-se *homem coragem*; para que *coragem* esteja habilitado a assumir o papel gramatical do adjetivo *corajoso* (homem corajoso), faz-se necessário o concurso do transpositor *de*: homem *de coragem*.

Neste papel, o termo anterior à preposição chama-se *antecedente* ou subordinante, e o posterior chama-se *consequente* ou subordinado. O subordinante pode ser substantivo, adjetivo, pronome, verbo, advérbio ou interjeição:

livro de história
útil a todos
alguns de vocês
necessito de ajuda
referentemente ao assunto
ai de mim!

O subordinado é constituído por substantivo, adjetivo, verbo (no infinitivo ou gerúndio) ou advérbio:

casa de *Pedro*
pulou de *contente*
gosta de *estudar*
em chegando
ficou por *aqui*

No exemplo:

De noite todos os gatos são pardos,

o grupo unitário *de noite* exerce na oração o papel de adjunto adverbial; mas o que temos como núcleo é outro substantivo, cujo significado lexical está incluído no amplo campo semântico das designações temporais das partes do dia: *noite*. Impõe-se a presença do transpositor *de* para que o substantivo fique habilitado ou constituindo uma locução adverbial temporal (*de noite*) e assim possa exercer a função de adjunto adverbial na oração acima.

No exemplo primeiro:

Aldenora gosta de Belo Horizonte,

diz-se que a preposição aparece por *servidão gramatical*, isto é, ela é mero índice de função sintática, sem correspondência com uma noção ou categoria gramatical, exigida pela noção léxica do grupo verbal e que, exterior ao falante, impõe a este o uso exclusivo de uma unidade linguística [GGh.1, 99]. É o que ocorre, por exemplo, com "a regência obrigatória de determinada preposição para os objetos que são alvo direto do processo verbal (*tratar de alguma coisa*, etc.)" [MC.4, 217].

Preposição e significado – Já vimos que tudo na língua é semântico, isto é, tudo tem um significado, que varia conforme o papel léxico ou puramente gramatical que as unidades linguísticas desempenham nos grupos nominais unitários e nas orações. As preposições não fazem exceção a isto:

Nós trabalhamos *com* ele, e não *contra* ele.

Contextos deste tipo ressaltam bem o significado de unidades como *com ele* e *contra ele*, auxiliados por diferentes preposições. Todavia, devemos lembrar aqui a noção de *significado unitário* (que não quer dizer significado *único*), exposta nas páginas de introdução.

Ora, cada preposição tem o seu significado unitário, fundamental, primário, que se desdobra em outros significados contextuais (sentido), em acepções particulares que emergem do nosso saber sobre as coisas e da nossa experiência de mundo.

Coseriu lembra, para tanto, o caso da preposição *com*, à qual as gramáticas atribuem englobadamente os significados de "companhia" (*dancei com Marlit*), "modo" (*estudei com prazer*), "instrumento" (*cortei o pão com a faca*), "causa" (*fugiu com medo do ladrão*),

“oposição” (*lutou com o ladrão*), entre outras.

A língua portuguesa só atribui a *com* o significado de “copresença”; o que, na língua, mediante o seu sistema semântico, se procura expressar com esta preposição é que, na fórmula *com* + *x*, *x* está sempre presente no “estado de coisas” designado. Os significados ou sentidos contextuais, analisados pela nossa experiência de mundo e saber sobre as coisas (inclusive as coisas da língua, que constitui a nossa competência linguística) nos permitem dar um passo a mais na interpretação e depreender uma acepção secundária.

Assim, em *cortar o pão com faca*, pelo que sabemos o que é “cortar”, “pão”, “faca”, entendemos que a *faca* não só esteve presente ao ato de “cortar o pão”, mas foi o “instrumento” utilizado para a realização desta ação.

Já em *dancei com Marlit*, emerge, depois da noção da “copresença”, o sentido de “companhia”, pois que em geral não se pratica a dança sozinho.

Em *estudei com prazer*, o *prazer* não só esteve “presente”, mas representou o “modo” de como a ação foi levada a termo.

Mas que a preposição *com* por si não significa “instrumento”, prova-o que esta interpretação não se ajusta a:

Everaldo cortou o pão *com* a Rosa,

pois que, assim como sabíamos o que significa *faca*, sabemos o que é *Rosa*: não se trata de nenhum instrumento cortante, capaz de fatiar o *pão*; teríamos, neste exemplo, uma acepção contextual (sentido) de “ajuda”, ou “companhia”, por esta ou aquela circunstância em que o *pão* se achava e que só o entorno ou situação poderia explicar o conteúdo da oração.

Assim, não se deve perder de vista que, na relação dos “significados” das preposições, há sempre um significado unitário de língua, que se desdobra em sentidos contextuais a que se chega pelo contexto e pela situação.

O sistema preposicional do português, do ponto de vista semântico, está dividido em dois campos centrais: um que se caracteriza pelo traço “dinamicidade” (física ou figurada) e outro em que os traços de noções “estáticas” e “dinâmicas” são indiferentemente marcados ambos, tanto em referência ao espaço quanto ao tempo.[75]

Ao primeiro campo pertencem: *a*, *contra*, *até*, *para*, *por*, *de* e *desde*; ao segundo: *ante*, *trás*, *sob*, *sobre*, *com*, *sem*, *em* e *entre*.

O primeiro grupo admite divisão em dois subgrupos: *a*) movimento de aproximação ao ponto de chegada (*a*, *contra*, *até*, *para*) ; *b*) movimento de afastamento (*de*, *desde*). A preposição *por* se mostra compatível com as duas noções aqui apontadas.

O primeiro subgrupo ainda se pode dividir em duas outras noções suplementares: *a*) “chegada ao limite” (*a*, *até*, *contra*, sendo que a *contra* se adiciona a noção de “limite como obstáculo” ou “confrontamento”); *b*) “mera direção” (*para*).

O segundo subgrupo também admite divisão em duas outras noções de afastamento: *a*) “origem” (*de*); *b*) “mero afastamento” (*desde*).

O segundo grupo admite divisão em dois subgrupos: *a*) situação definida e concreta (*ante*, *trás*, *sob*, *sobre*); *b*) situação mais imprecisa (*com*, *sem*, *em*, *entre*).

O primeiro subgrupo acima ainda se pode dividir em duas outras noções suplementares: *a*)

“situação horizontal” (*ante*, *trás*); *b*) “situação vertical” (*sob*, *sobre*).

O segundo subgrupo também admite divisão em duas outras noções suplementares: *a*) “copresença”, distribuída em “positiva” (*com*) e “negativa” (*sem*) ; *b*) em que a noção de “limite”, dentro da imprecisão que caracteriza o par, marca a preposição *entre*.

Veja adiante o quadro resumo do sistema preposicional do português do ponto de vista semântico.

Unidades convertidas em preposições – No sentido inverso à criação de advérbios ou locuções adverbiais mediante o emprego de preposições combinadas com substantivos (*à noite*, *de tarde*, *com prazer*, etc.), certos advérbios ou outras palavras transpostas à classe de advérbio, e certos adjetivos imobilizados no masculino podem converter-se em preposição:

Fora os alunos, ninguém mais pôde entrar no salão.

Após a chuva, vieram os prejuízos.

Os negociantes foram soltos *mediante* fiança.

Durante o jogo, a torcida cantava o hino do clube.

Também podem converter-se em preposição adjetivos como *exceto*, *salvo*, *visto*, *conforme*, *segundo*, *consoante*, *mediante* e os quantificadores indefinidos *mais* e *menos* quando estão empregados para exprimir não a quantidade, mas a soma e a subtração (***mais*** *estes reais*, ***menos*** *estes reais*; *ele* ***mais*** *o pai*).

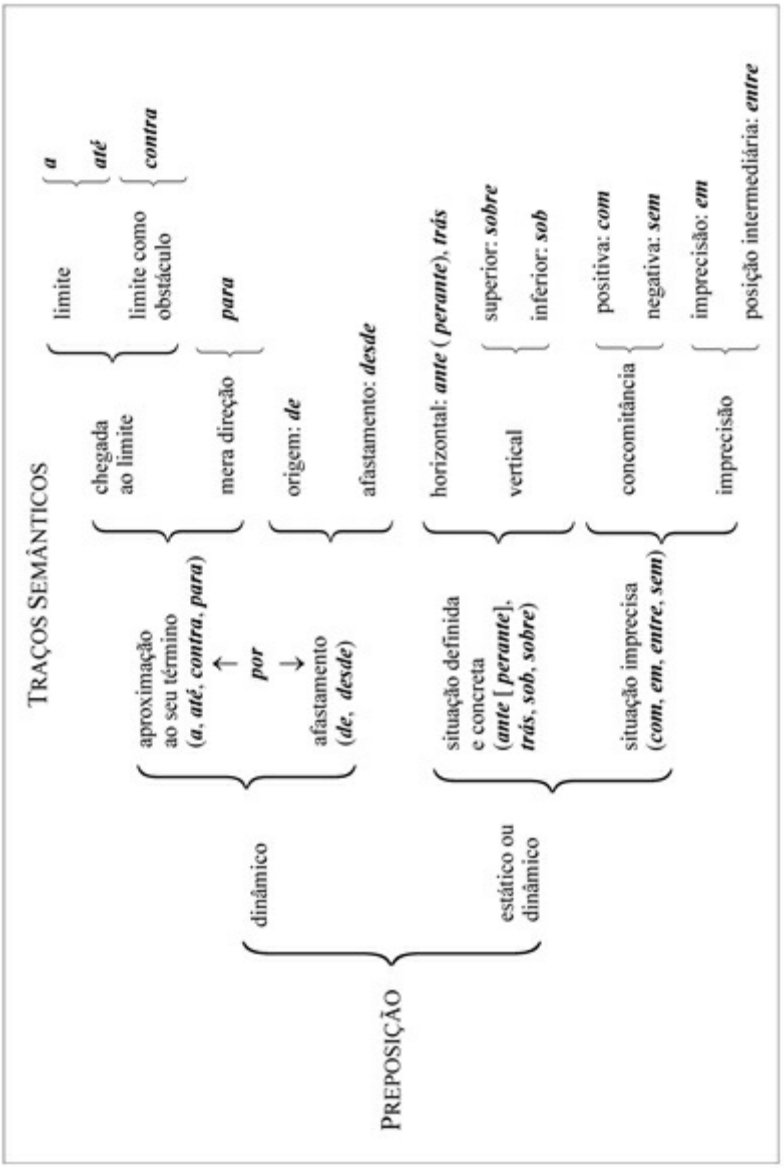

Locução prepositiva – é o grupo de palavras com valor e emprego de uma preposição. Em geral a locução prepositiva é constituída de advérbio ou locução adverbial seguida da preposição *de*, *a* ou *com*:

O garoto escondeu-se *atrás do* móvel.

Não saímos *por causa da* chuva.

O colégio ficava *em frente a* casa.

O ofício foi redigido *de acordo com* o modelo.

Às vezes a locução prepositiva se forma de duas preposições, como: *de per* (na locução *de per si*), *até a* e *para com*.

Foi *até ao* colégio.

Mostrava-se bom *para com* todos.

OBSERVAÇÃO: O substantivo que às vezes entra para formar estas locuções em geral está no singular; mas o plural também é possível: *Viver à custa do pai* (ou *às custas do pai*), *O negócio está em via de solução* (ou *em vias de solução*).

Preposições essenciais e acidentais – Há palavras que só aparecem na língua como preposições e, por isso, se dizem *preposições essenciais*: *a*, *ante*, *até*, *com*, *contra*, *de*,

desde, *em*, *entre*, *para*, *perante*, *por*, *sem*, *sob*, *sobre*, *trás*.

São ACIDENTAIS as palavras que, perdendo seu valor e emprego primitivos, passaram a funcionar como preposições: *durante*, *como*, *conforme*, *feito*, *exceto*, *salvo*, *visto*, *segundo*, *mediante*, *tirante*, *fora*, *afora*, etc.

Só as preposições *essenciais* se acompanham de formas tônicas dos pronomes oblíquos:

Sem *mim* não fariam isso.

Exceto *eu*, todos foram contemplados.

Acúmulo de preposições – Não raro duas preposições se juntam para dar maior efeito expressivo às ideias, guardando cada uma seu sentido primitivo:

Andou *por sobre* o mar.

Estes acúmulos de preposições não constituem uma locução prepositiva porque valem por duas preposições distintas. Combinam-se com mais frequência as preposições: *de*, *para* e *por* com *entre*, *sob* e *sobre*.

"De uma vez olhou *por entre* duas portadas mal fechadas para o interior de outra sala..." [CBr.1, 175].

"Os deputados oposicionistas conjuravam-no a não levantar mão *de sobre* os projetos depredadores" [CBr.1].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Pode ocorrer depois de algumas preposições acidentais (*exceto*, *salvo*, *tirante*, *inclusive*, etc. de sentido exceptivo ou inclusivo) outra preposição requerida pelo verbo, sendo que esta última preposição não é obrigatoriamente explicitada:

Gosto de todos daqui, exceto *ela* (ou *dela*).

Sem razão, alguns autores condenam, nestes casos, a explicitação da segunda preposição (*dela*, no exemplo acima).

Senhoreou-se de tudo, *exceto dos* dois sacos de prata [CBr *apud* MBa.3, 326].

2.ª) Na coordenação, não é necessário repetir as preposições, salvo quando assim o exigirem a ênfase, a clareza ou a eufonia:

Quase não falaram *com* o diretor e repórteres.

Quase não falaram *com* o diretor e *com* os repórteres.

A repetição é mais frequente antes dos pronomes pessoais tônicos e do reflexivo:

Então desde o Nilo ao Ganges / Cem povos armados vi / erguendo torvas falanges / *contra mim* e *contra ti* [Passos *apud* ED.2, § 223, a].

A norma se estende às locuções prepositivas, quando é mais comum a repetição do último elemento da locução:

Antes *do* bem e *do* mal estamos nós.

Quando a preposição se encontra combinada com artigo, deve ser repetida se repetido está o artigo:

"Opor-se *aos* projetos e *aos* desígnios d'alguns" [ED.2]

3.ª) Uma expressão preposicionada indicativa de lugar ou tempo pode ser acompanhada de uma segunda de significado local ou temporal:

Levou-o *para ao* pé da cruz.

Desde pela manhã, esperava novas notícias.

"Nós não fazemos senão andar atrás delas, *desde pela* manhã até a noite, desde a noite *até pela* manhã" [Mesquita *apud* MBa.2, 70].

Trata-se aqui de expressões petrificadas que valem por uma unidade léxica (*ao pé de*, *pela manhã*, etc.) e como tais podem depois ser precedidas de preposição.

Combinação e contração com outras palavras – Diz-se que há *combinação* quando a preposição, ligando-se a outra palavra, não sofre redução. A preposição *a* combina-se com o artigo definido masculino: *a+o = ao; a+os = aos*.

Diz-se que há *contração* quando, na ligação com outra palavra, a preposição sofre redução. As preposições que se contraem são: 76

A

1) com o artigo definido ou pronome demonstrativo feminino:

a + a = à; a + as = às (esta fusão recebe o nome de *crase*)

2) com o pronome demonstrativo:

a + aquele = àquele; a + aqueles = àqueles (crase)
a + aquela = àquela; a + aquelas = àquelas (crase)
a + aquilo = àquilo (crase)

Observações:

1.ª) Muitas vezes a ligação ou não da preposição à palavra seguinte depende da necessidade de garantir a clareza da mensagem, amparada por entoação especial:

> "Para Saussure a "ciência" dos signos era para ser um ramo da psicologia social, e a linguística uma subespécie deste ramo *apesar de a* mais importante" [JDe.1, 20].

M. Bandeira sentiu necessidade de não proceder à crase em *a aquela*, no exemplo:

> "Para tudo isso, porém, existe a adesão em massa. É o maior medo de Oswald de Andrade. De fato nada resiste *a aquela* estratégia paradoxal" [MB.2, 248].

2.ª) Não se combina o artigo quando este é parte integrante do sintagma nominal, como no seguinte exemplo:

> Há quem conheça o que se decidiu chamar *de o espírito carioca*.

É pela mesma razão de conservar a integridade que se deve evitar fazer a combinação da preposição com a palavra inicial dos títulos de livros, jornais e demais periódicos:

> *de* Os Lusíadas; *em* Os Sertões.

Também é preferível não se usar apóstrofo (*d'Os Lusíadas*), nem a repetição do artigo (*dos Os Lusíadas*).

> A prática dos escritores se mostra muito indecisa neste particular [AK.2, 55].

De

1) com o artigo definido masculino e feminino:

de + o = do; de + a = da; de + os = dos; de + as = das

2) com o artigo indefinido (menos frequente):

de + um = dum; de + uns = duns
de + uma = duma; de + umas = dumas

3) com o pronome demonstrativo:

de + aquele = daquele; de + aqueles = daqueles
de + aquela = daquela; de + aquelas = daquelas
de + aquilo = daquilo
de + esse = desse; de + esses = desses; de + este = deste; de + estes = destes
de + essa = dessa; de + essas = dessas; de + esta = desta; de + estas = destas
de + isso = disso; de + isto = disto

4) com o pronome pessoal:

de + ele = dele; de + eles = deles
de + ela = dela; de + elas = delas

5) com o pronome indefinido:

de + outro = doutro; de + outros = doutros
de + outra = doutra; de + outras = doutras

6) com advérbio:

de + aqui = daqui; de + aí = daí; de + ali = dali, etc.

Em

1) com o artigo definido, graças à ressonância da nasal:

em + o = no; em + os = nos; em + a = na; em + as = nas

2) com o artigo indefinido:

em + um = num; em + uns = nuns
em + uma = numa; em + umas = numas

3) com o pronome demonstrativo:

em + aquele = naquele; em + aqueles = naqueles
em + aquela = naquela; em + aquelas = naquelas
em + aquilo = naquilo
em + esse = nesse; em + esses = nesses; em + este = neste; em + estes = nestes
em + essa = nessa; em + essas = nessas; em + esta = nesta; em + estas = nestas
em + isso = nisso; em + isto = nisto

4) com o pronome pessoal:

em + ele = nele; em + eles = neles
em + ela = nela; em + elas = nelas

Per – com as formas antigas do artigo definido:

per + lo = pelo; per + los = pelos; per + la = pela; per + las = pelas

Para (*pra*) – com o artigo definido:

para (pra) + o = pro; para (pra) + os = pros; para (pra) + a = pra; para (pra) + as = pras

***Co*(*m*)** – com artigo definido, graças à supressão da ressonância nasal (ectlipse):

co(m) + o = co; co(m) + os = cos; co(m) + a = coa; co(m) + as = coas

A preposição e sua posição – Em vez de vir entre o termo subordinante e o subordinado, a preposição, graças à possibilidade de outra disposição das palavras, pode vir aparentemente sem o primeiro:

Por lá *todos* ***passaram***.
(subordinado) (subordinante)
Os primos ***estudaram com José***.
(subordinante) (subordinado)
Com José *os primos* ***estudaram***.
(subordinado) (subordinante)
"*Quem há de resistir*?
Resistir quem há de?" [LG]

Principais preposições e locuções prepositivas

a	de	exceto
abaixo de	de acordo com	fora de
acerca de, cerca de	debaixo de	junto a
acima de	de cima de	junto de

a fim de
à frente de
ante
antes de
ao lado de
ao longo de
ao redor de
a par com
apesar de
após
após de
a respeito de
à roda de
até
até a
atrás de
através de
com
como
conforme
consoante
contra
de conformidade com
defronte de
dentre
dentro
dentro de
dentro em
desde, dês
detrás de
diante de
durante
em
embaixo de
em cima de
em favor de
em frente de
em lugar de
em prol de
em razão de
em troco de
em vez de
entre
mediante
na conta de
não obstante
para
para com
per
por
por baixo de
por cima de
por defronte de
por dentro de
por detrás de
por diante de
por meio de
quanto a, enquanto a
segundo
sem
sem embargo de
sob
sobre
trás

Emprego da preposição

1) ***A***

Esta preposição aparece nos seguintes principais empregos:

a) Introduz complementos verbais (objetos indiretos) e nominais representados por nomes ou

pronomes oblíquos tônicos:

"Perdoamos mais vezes *aos nossos inimigos* por fraqueza, que por virtude" [MM].

"O nosso amor próprio é muitas vezes contrário *aos nossos interesses*".

"A força é hostil *a si própria*, quando a inteligência a não dirige" [MM].

b) Introduz objetos diretos:

"O mundo intelectual deleita *a poucos*, o material agrada *a todos*" [MM].

"O homem que não é indulgente com os outros, ainda se não conhece *a si próprio*" [MM].

c) Prende infinitivos a certos verbos que o uso ensinará:

"Os homens, dizendo em certos casos que vão falar com franqueza, parecem *dar a entender* que o fazem por exceção de regra" [MM].

Geralmente tais verbos indicam a causa, o início, a duração, a continuação ou o termo de movimento ou extensão da ideia contida no verbo principal. Os principais são: abalançar-se, acostumar-se, animar-se, anuir, aparelhar-se, aprender, apressar-se, arrojar-se, aspirar, atender, atrever-se, autorizar, aventurar-se, chegar, começar (também com *de* e *por*), concorrer, condenar, continuar, costumar, convidar (também com *para*), decidir-se, entrar, estimular, excitar-se, expor-se, habilitar-se, habituar-se, meter-se, obrigar, pôr-se, principiar, resolver-se, vir.

d) Prende infinitivos a certos verbos, formando locuções equivalentes e gerúndios de sentido progressivo:

"*Anda visitando* os defuntos? disse-lhe eu. Ora defuntos! respondeu Virgília com um muxoxo. E depois de me apertar as mãos: – *Ando a ver* se ponho os vadios para a rua" [MA *apud* SS.1, 309].

e) Introduz infinitivo designando condição, hipótese, concessão, exceção:

A ser verdade o que dizes, prefiro não colaborar.

"A filha estava com quatorze anos; mas era muito fraquinha, e não fazia nada, *a não ser* namorar os capadócios que lhe rondavam a rótula" [MA.1, 201].

f) Introduz ou pode introduzir o infinitivo da oração substantiva subjetiva do verbo *custar*:

"Custou-lhe muito *a aceitar* a casa" [MA.1, 194].

g) Introduz numerosas circunstâncias, tais como:

1) termo de movimento ou extensão:

"Nesse mesmo dia levei-os *ao Banco do Brasil*" [MA.1, 151].

OBSERVAÇÃO: Com os advérbios *aqui*, *lá*, *cá* e semelhantes não se emprega preposição:

"Vem *cá*, Eugênia, disse ela..." [MA.1, 96].

2) tempo em que uma coisa sucede:

"Indaguei do guarda; disse-me que efetivamente "esse sujeito" ia por ali às vezes. – *A* que horas?" [MA.1, 172].

3) fim ou destino:

"... apresentaram-se *a* falar ao imperador" [RP *apud* FB.1, 145].

Tocar *à* missa (= para assistir à missa).

Tocar o sino *a* ave-marias [EQ.5, 217].

4) meio, instrumento e modo:

matar à fome, fechar à chave, vender a dinheiro, falar aos gritos, escrever a lápis, viver a frutas, andar a cavalo.

Com os verbos *limpar*, *enxugar*, *assoar* indicamos de preferência o instrumento com *em*, e os portugueses com *a*: "limpar as lágrimas *no lenço*", "limpar as lágrimas *ao lenço*".

5) lugar, aproximação, contiguidade, exposição a um agente físico:

"Vejo-a a assomar *à porta* da alcova..." [MA.1, 14].

Estar *à janela*, ficar *à mesa*, *ao portão*, *ao sol*, falar *ao telefone*

6) semelhança, conformidade:

"Não sai *a nós*, que gostamos da paz..." [MA *apud* SS.1, 310].

"Desta vez falou *ao modo bíblico*" [MA *apud* SS.1].

Quem puxa *aos seus* não degenera.

7) distribuição proporcional, gradação:

um *a* um, mês *a* mês, pouco *a* pouco

OBSERVAÇÃO: Diz-se *pouco a pouco*, *pouco e pouco*, *a pouco e pouco*.

"*Pouco a pouco* muitas graves matronas... se tinham alongado da corte para suas honras e solares" [AH.3, 21].

8) preço:

A como estão as maçãs? *A* um real o quilo.

9) posse:

Tomou o pulso *ao* doente (= do doente).

10) forma numerosas locuções adverbiais:

à pressa, às pressas, às claras, às ocultas, às cegas, a granel, a rodo, etc.

Emprego do *à* acentuado – Emprega-se o acento grave no *a* para indicar que soa como vogal aberta nos seguintes dois casos:

1.º) quando representa a construção da preposição *a* com o artigo *a* ou o início de *aquele*(*s*), *aquela*(*s*), *aquilo*, fenômeno que em gramática se chama crase:

Fui *à* cidade.

O verbo *ir* pede a preposição *a*; o substantivo *cidade* pede o artigo feminino *a*: Fui *a a* cidade.

2.º) quando representa a *pura preposição a* que rege um substantivo feminino singular, formando uma locução adverbial que, por motivo de clareza, vem assinalada com acento diferencial:

à força, à míngua, à bala, à faca, à espada, à fome, à sede, à pressa, à noite, à tarde, etc. [SA.4, 11-23; CR.2, 233; ED.2, §§ 58 e 156; SL.1, 224].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) *Crase* é um fenômeno fonético que se estende a toda fusão de vogais iguais, e não só ao *a* acentuado.

2.ª) Não há razão para condenar-se o verbo *crasear* para significar "pôr o acento grave indicativo da crase". O que se não deve é chamar *crase* ao acento grave:

"Alencar *craseava* a preposição simples *a*" [JO.3, 27].

Ocorre a crase nos seguintes casos principais:

a) diante de palavra feminina, clara ou oculta, que não repele artigo:

Fui *à* cidade.

Dirigia-se *à* Bahia e depois *a* Paris.

Para sabermos se um substantivo feminino não repele artigo, basta construí-lo em orações em que apareçam regidos das preposições *de*, *em*, *por*. Se tivermos puras preposições, o nome dispensa artigo; se tivermos necessidade de usar, respectivamente *da*, *na*, *pela*, o artigo será obrigatório:

Fui *à* Gávea { Venho *da* Gávea / Moro *na* Gávea / Passo *pela* Gávea

Fui *a* Copacabana { Venho *de* Copacabana / Moro *em* Copacabana / Passo *por* Copacabana

Observações:

1.ª) O nome que sozinho dispensa artigo, pode tê-lo quando acompanhado de adjetivo ou locução adjetiva:

Fui *à* Copacabana de minha infância { Venho *da* Copacabana de minha infância. / Moro *na* Copacabana de minha infância. / Passo *pela* Copacabana de minha infância.

Assim se diz: Irei *à* casa paterna.

2.ª) Se for facultativo, nas condições acima, o emprego de *de* ou *da*, *em* ou *na*, *por* ou *pela*, será também facultativo o emprego do *a* acentuado:

Fui { *à* / *a* } França { Venho { *da* / *de* } França / Moro { *na* / *em* } França / Passo { *pela* / *por* } França

b) diante do artigo *a* e dos demonstrativos *aquele*, *aquela*, *aquilo*:

Referiu-se { à / *àquele* / *àquela* / *àquilo* } { que estava do seu lado

c) diante de possessivo em referência a substantivo oculto:

Dirigiu-se àquela casa e não *à* sua.

d) diante de locuções adverbiais constituídas de substantivo feminino plural:

às vezes, às claras, às ocultas, às escondidas, às três da manhã.

Não ocorre a crase nos seguintes casos principais:

a) diante de palavra de sentido indefinido:

Falou a { uma / certa / qualquer / cada / toda } pessoa

OBSERVAÇÃO: Há acento antes do numeral *uma*: Irei vê-la à uma hora.

b) diante dos pronomes relativos *que* (quando o *a* anterior for uma preposição), *quem*, *cuja*:

Está aí a pessoa *a* que fizeste alusão.
O autor *a* cuja obra a crítica se referiu é muito pouco conhecido.
Ali vai a criança *a* quem disseste a notícia.

c) diante de verbo no infinitivo:

Ficou *a* ver navios.
Livro *a* sair em breve.

d) diante de pronome pessoal e expressões de tratamento como V. Ex.ª, V.S.ª, V. M., etc.:

Não disseram *a* ela e *a* você toda a verdade.
Requeiro *a* V. Ex.ª com razão.

e) nas expressões formadas com a repetição de mesmo termo (ainda que seja um nome feminino), por se tratar de pura preposição:

frente *a* frente, cara *a* cara, face *a* face, gota *a* gota

f) diante da palavra *casa* quando desacompanhada de adjunto:

Irei *a* casa logo mais (cf. Entrei *em* casa; Saí *de* casa).

A crase é facultativa nos seguintes casos principais:

a) antes de pronome possessivo com substantivo feminino claro:

Dirigiu-se { *à* / *a* } minha casa, e não à sua

No português moderno dá-se preferência ao emprego do possessivo com artigo e, neste caso, ao *a* acentuado.

b) antes de nome próprio feminino:

As alusões eram feitas { *à* / *a* } Ângela

c) antes da palavra *casa* quando acompanhada de expressão que denota o dono ou morador, ou qualquer qualificação:

Irei { *à* / *a* } casa de meus pais

OBSERVAÇÕES:

1.ª) É preciso não identificar *crase* e *craseado* com acento e acentuado. Em tempos passados, principalmente entre os românticos, a preposição pura *a* era em geral acentuada, ainda diante de masculino, sem que isso quisesse indicar *a* craseado. Daí os falsos erros que se apontam em escritores dessa época, mormente em J. de Alencar.

2.ª) Deve-se usar *dormir a sesta*, e não *dormir à sesta*; *levá-lo a breca*, e não *levá-lo à breca*; *tudo está indo a breca*; *ele teria levado a breca*.

2) *Até*

Esta preposição indica o limite, o termo de movimento, e, acompanhando substantivo com artigo (definido ou indefinido) pode vir ou não seguida da preposição *a*:

Caminharam *até* { a / à } escola

"Ouvido isto, o desembargador comoveu-se *até às* lágrimas, e disse com mui entranhado afeto" [CBr.1, 67].

"... e prometem ser-lhe amparo *até ao* fim" [CBr.1, 77].

"Albernaz saiu fora da roda dos amigos e foi *até a* um canto da sala..." [LB *apud* SS.1, § 496].

É preciso distinguir a preposição da palavra de inclusão *até* que se usa para reforçar uma declaração com o sentido de "inclusive", "também", "mesmo", "ainda". A preposição pede pronome pessoal oblíquo tônico e a palavra de inclusão pede pronome pessoal reto:

Ele chegou *até mim* e disse toda a verdade.

Até eu recebi o castigo.

3) *Com*

Aparece nas circunstâncias de companhia, ajuntamento, simultaneidade, modo, maneira, meio, instrumento, causa, concessão (principalmente seguida de infinitivo), oposição:

"Quando os bons capitulam *com* os maus sancionam a própria ruína" [MM].

"Nunca agradecemos *com* tanto fervor como quando esperamos um novo favor" [MM].

"A economia *com* o trabalho é uma preciosa mina de ouro" [MM].

"Somos atletas na vida; lutamos *com* as paixões dos outros homens e *com* as nossas" [MM].

"Queremos governos perfeitos *com* homens imperfeitos: disparate" [MM].

"O silêncio *com* ser mudo não deixa de ser por vezes um grande impostor" [MM].

"A sociedade política nasceu da família; mas a família não acabou *com* (= temporal) a existência da sociedade" [AH.2, 144].

Inicia o complemento de muitos verbos e nomes (complemento relativo e complemento nominal):

"O lisonjeiro conta sempre *com* a abonação do nosso amor-próprio" [MM].

"O homem que não é indulgente *com* os outros, ainda se não conhece a si próprio" [MM].

4) *Contra*

Denota oposição, direção contrária, hostilidade:

Lutava *contra* tudo e *contra* todos.

Remar *contra* a maré

Votar *contra* alguém

Condenam bons mestres como galicismo o emprego desta preposição depois do verbo *apertar*, *estreitar* (e sinônimos), apesar dos exemplos de escritores corretos, uso que se vai generalizando:

"*Apertei contra* o coração o punho da espada" [AH.5, I, 37].

"E Dulce caiu nos braços do guerreiro trovador, que desta vez a *estreitou contra* o peito..." [AH.3, 144].

Também se considera como galicismo *contra* no sentido de "em troca de", bem como no sentido de "junto a", "ao lado de":

Dar a mercadoria *contra* recibo (por *mediante recibo*).

Encostar o móvel *contra* a parede (por *junto à parede*).

5) ***De***

a) Introduz complemento de verbos (complemento relativo) e nomes (complemento nominal) que o uso ensinará:

"Os sábios vivem ordinariamente solitários: receiam-se *dos velhacos*, e não podem tolerar os tolos" [MM].

"O temor *da morte* é a sentinela da vida" [MM].

b) Indica a circunstância de lugar donde, origem, ponto de partida dum movimento ou extensão (no tempo e no espaço), a pessoa ou coisa de que outra provém ou depende, em sentido próprio ou figurado e o agente da passiva (por ser o ponto de partida da ação), principalmente com os verbos que exprimem sentimento e manifestação de sentimentos:

"A maior parte dos erros em que laboramos neste mundo provém *da falsa definição*, ou *das noções falazes* que temos do bem e do mal" [MM].

"A doçura e beleza *das mulheres* parecem inculcar que são anjos e serafins que desceram *dos céus* e se humanaram na terra" [MM].

"Sancionada a virtude só pela opinião pública, ela desaparece *da* vida doméstica e *de* todos aqueles lugares não vistos *da multidão*" [AH.2, 143].

OBSERVAÇÃO: Modernamente o agente da passiva se rege mais de *por*.

c) Indica a pessoa, coisa, grupo ou série a que pertence ou de que se salienta, por qualquer razão, o nome precedido de preposição:

"A credulidade e confiança *de* muitos tolos faz o triunfo *de* poucos velhacos" [MM].

d) Indica a matéria de que uma coisa é feita:

"... ela só lhe aceitava sem relutância os mimos *de* escasso preço, como a cruz *de* ouro, que lhe deu, uma vez, de festas" [MA.1, 54].

e) Indica a razão ou a causa por que uma coisa sucede:

"O luxo, como o fogo, devora tudo e perece *de* faminto" [MM].

Cantar de alegria, morrer *de* medo.

f) Indica o assunto ou o objeto de que se trata:

"Dizer-se *de* um homem que tem juízo é o maior elogio que se lhe pode fazer" [MM].

g) Indica o meio, o instrumento ou modo, em sentido próprio ou figurado:

"O espírito vive *de* ficções, como o corpo se nutre *de* alimentos" [MM].

h) Indica a comparação, hoje principalmente na expressão *do que*:

São mais *de* três horas.

i) Indica a posição, o lugar:

"Sucede frequentes vezes admirarmos *de* longe o que *de* perto desprezamos" [MM].

j) Indica medida:

Copo *de* leite (= o leite na medida do copo), copo *d*'água, garrafa *de* vinho

OBSERVAÇÃO: Pode-se dizer também: *copo com leite*, *com água*, mas aí não se visa à medida, mas ao conteúdo.

l) Indica o fim, principalmente com infinitivo:

Dá-me *de* beber um copo d'água.

m) Indica o tempo:

De noite todos os gatos são pardos.

n) Ligando dois substantivos, imediatamente ou por intermédio de certos verbos, serve para caracterizar e definir uma pessoa ou coisa:

"O homem *de* juízo aproveita, o tolo desaproveita a experiência própria" [MM].

Rua *do* Ouvidor.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Nas denominações de ruas, escolas, teatros, monumentos, edifícios, festas religiosas e casas comerciais, e em circunstâncias que tais, se costuma omitir a preposição sem que haja regra fixa para tal critério: Avenida Rio Branco, Colégio Pedro II (mas Rua *do* Ouvidor, Praça *da* República).

2.ª) Usa-se a preposição *de* nas datas: 26 *de* fevereiro. Não é praxe da língua omiti-la nestas circunstâncias. Do mesmo modo, diz-se *o ano de 1928*, embora aqui se possa também empregar *o ano 1928*.

o) Indica o todo depois de palavras que significam parte:

A maioria *dos* homens, um terço *dos* soldados, um punhado *de* bravos; um pouco (ou uma pouca) *de* água.

OBSERVAÇÃO: Depois dos comparativos *maior*, *menor*, etc. pode ser substituído por *entre*: O maior *de* todos (= *entre* todos).

p) Indica modo de ser, semelhança, e normalmente vem precedendo predicativo:

"Muitos figuram *de* Diógenes, para se consolarem de não poderem ser Alexandres" [MM].

q) Liga adjetivo étnico ou gentílico aos substantivos *nação*, *nascimento*, *origem*:

brasileiro *de* nascimento, alemão *de* origem

r) Pode equivaler a *desde*:

Havia meio século *da* (= *desde a*) descoberta.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Note-se a fórmula *é de* com o sentido de *é próprio de*: "*É da* natureza humana que muitos homens trabalhem para manter os poucos que se ocupam em pensar para eles, instruí-los e governá-los" [MM].

2.ª) Em construção do tipo *acusar de negligente*, *presumir de formosa*, "explicam-se geralmente pela omissão de um verbo atributivo (*ser*, *estar*, etc.) ou pela fusão da construção do adjetivo com a de substantivo no mesmo lugar" [MBa.5, 297]. *Acusar de negligente* = *acusar de ser negligente*, *acusar de sua negligência*.

Não ocorre esta preposição nos seguintes principais casos:

a) em construções de tipo:

A primeira coisa que fiz foi vir a Madri (e não *foi de vir*).

b) "com os verbos e adjetivos que significam afastamento ou diferença, e com os que envolvem a ideia de aumento ou diminuição, superioridade ou inferioridade, a designação da medida que não tem preposição" [ED.1, § 125; JM.1, II, 46-47]:

Aumentar um centímetro (e não *aumentar de um*).

Este número excede aquele duas dezenas (e não *excede de duas dezenas*).

Mais novo alguns meses (e não *mais novo de alguns meses*).

c) depois do verbo *consistir*:

A prova consiste em duas páginas mimeografadas (e *não consiste de duas*).

NOTA: Os puristas, sem maiores exames, têm tachado de galicismo a expressão *de resto* (= quanto ao mais). Além de usada por grandes escritores, tem raízes no latim *de reliquo*.

6) *Em*

Denota:

a) lugar onde, situação, em sentido próprio ou figurado:

"Formam-se mais tempestades *em* nós mesmos que *no* ar, *na* terra e *nos* mares" [MM].

OBSERVAÇÃO: Com alguns verbos, para se exprimir esta circunstância, se emprega um pronome oblíquo átono em lugar da expressão introduzida por *em*:

"Pulsa-*lhe* (= nele) aquele afeto verdadeiro" [MA].

Não *me* toque. Bateu-*nos*. Mexeu-*lhe*.

b) tempo, duração, prazo:

"Os homens *em* todos os tempos, sobre o que não compreenderam, fabularam" [MM].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Precedendo um gerúndio, a preposição *em* aparece nas circunstâncias de tempo, condição ou hipótese:

"Ninguém, desde que entrou, *em* lhe *chegando* o turno, se conseguirá evadir à saída" [RB].

2.ª) Para denotar o espaço ou decurso de tempo usa-se a preposição *em* em concorrência a *dentro de* ou *daqui a*, emprego que alguns estudiosos, com exagero, veem como abuso ou imitação do francês [MBa.5, 75]:

Em cinco minutos irei atendê-lo.

c) modo, meio:

Foi *em pessoa* receber os convidados.

Pagava *em cheque* tudo o que comprava.

d) a nova natureza ou forma em que uma pessoa ou coisa se converte, disfarça, desfaz ou divide:

"O homem de juízo converte a desgraça *em* ventura, o tolo muda a fortuna *em* miséria" [MM].

Dar *em* doido.

e) preço, avaliação:

A casa foi avaliada *em* milhares de reais.

f) fim, destinação:

Vir *em* auxílio. Tomar *em* penhor. Pedir *em* casamento.

g) estado, qualidade ou matéria:

General *em* chefe. Ferro *em* brasa. Imagem *em* barro. Gravura *em* aço.

OBSERVAÇÃO: Tem-se, sem maior exame, condenado este emprego da preposição *em* como galicismo. Tem-se também querido evitar a expressão *em questão*, por se ter inspirado em modo de falar francês; mas é linguagem hoje comuníssima e corrente nas principais línguas literárias modernas.

h) causa, motivo (geralmente antes do infinitivo):

"Há povos que são felizes *em* não ter mais que um só tirano" [MM].

i) lugar para onde se dirige um movimento, sucessão, em sentido próprio ou figurado:

Saltar *em* terra. Entrar *em* casa. De grão *em* grão.

OBSERVAÇÃO: A língua padrão não agasalha este emprego com os verbos *vir*, *chegar*, preferindo a preposição *a*: Ir *à* cidade; chegar *ao* colégio.

j) forma, semelhança, significação de um gesto ou ação:

"Resoluta estendeu os braços, juntando as mãos *em* talhadeira e arrojou-se d'alto, mergulhando..." [CN *apud* SS.1, § 506, 7].

7) ***Entre***

Denota posição intermediária no espaço ou no tempo, em sentido próprio ou figurado:

"*Entre* o queijo e o café, demonstrou-me Quincas Borba que o sistema era a destruição da dor" [MA.1, 301].

Como as outras preposições, rege pronome oblíquo tônico, de modo que se diz *entre mim e ti*, *entre ele e mim*, *entre você e mim*, etc.

"Por que vens, pois, pedir-me adorações quando *entre mim e ti* está a cruz ensaguentada do Calvário...?" [AH.1, 46-47].

A língua exemplar evita exemplos como *entre eu e tu*, *entre eu e eles*, *entre eles e eu* e semelhantes. Deste último caso, em que o pronome reto não vem junto da preposição *entre* ocorrem alguns exemplos literários que a tradição do idioma evita:

"Odeio toda a gente / com tantas veras d'almas e tão profundamente /, que me ufano de ouvir que *entre eles e eu* existe / separação formal" [AC.4, 11-12].

8) ***Para***

Denota:

a) a pessoa ou coisa em proveito ou prejuízo de quem uma ação é praticada (objeto indireto, complemento relativo ou complemento nominal):

"Aborrecemos o absolutismo nos outros, porque o cobiçamos *para* nós mesmos" [MM].

"A preguiça nos maus é salutar *para* os bons" [MM].

b) a pessoa a que se atribui uma opinião (dativo livre):

"O pedir *para* quem não tem vergonha é menos penoso que trabalhar" [MM].

c) fim, destinação:

"A filha deu-me recomendações *para* Capitu e *para* minha mãe" [MA *apud* SS.1, 509, b].

d) fim:

"O ambicioso, *para* ser muito, afeta algumas vezes não valer nada" [MM].

e) termo de movimento, direção para um lugar com a ideia acessória de demora ou destino:

Foi *para* Europa.

OBSERVAÇÃO: Denota apenas "o lugar onde" em construções do tipo: Ele está agora *para* o Norte.

f) tempo a que se destina um objeto ou ação, ou para quando alguma coisa se reserva:

"Faz *para* as matanças seis anos que você justou comigo uma porca por 4 moedas..." [CBr *apud* JM.1, II, 49].

Vou aí *para* as seis horas.

9) ***Por*** (e ***per***)

Denota:

a) lugar por onde, em sentido próprio ou figurado:

"Tais eram as reflexões que eu vinha fazendo, *por* aquele Valongo fora, logo depois de ver e ajustar a casa" [MA.1,

190].

b) meio:

Puxar *pelo* paletó, rezar *pelo* livro, segurar *pelos* cabelos, levar *pela* mão, ler *pelo* rascunho, contar *pelos* dedos, enviar *pelo* correio.

c) modo:

Repetir *por* ordem, estudar *por* vontade.

"Louvamos *por* grosso, mas censuramos *por* miúdo" [MM].

d) distribuição:

Várias vezes *por* dia.

e) divisão, indicando a pessoa ou coisa que recebe o quinhão:

Distribuir *pelos* pobres, repartir *pelos* amigos, dividir *por* três a herança.

f) substituição, troca, valor igual, preço:

Comer gato *por* lebre.

"O barão dizia ontem, no seu camarote, que uma só italiana vale *por* cinco brasileiras" [MA.1, 183].

g) causa, motivo:

"O amor criou o Universo que *pelo* amor se perpetua" [MM].

"Muitos se abstêm *por* acanhados do que outros fogem *por* virtuosos" [MM].

h) nos juramentos e petições, designando a pessoa ou coisa invocada para firmar o juramento e para interceder:

jurar *pela* sua honra, pedir *pela* saúde de alguém [ED.1, § 163, b].

i) em favor de, em prol de:

Morrer *pela* pátria, lutar *pela* liberdade.

j) tempo, duração:

"Qual é aquele que, assentado, *por* noite de luar e serena sobre uma fraga marinha, não sente irem-se-lhe os olhos...?" [AH.2, 159].

l) agente da passiva:

"As mulheres são melhor dirigidas *pelo* seu coração do que os homens *pela* razão" [MM].

m) depois dos nomes que exprimem disposição ou manifestação de disposição de ânimo para com alguma coisa:

"A paixão *pelo* jogo pressupõe ordinariamente pouco amor *pelas* letras" [MM].

OBSERVAÇÃO: Não procede mais o ter-se como errônea a construção com *por*, nestes casos, porque, no português contemporâneo, o uso de *de* se especializou no sentido de genitivo objetivo. No português de outros tempos, *amor de Deus* era tanto o que consagramos a ele (genitivo objetivo) ou o que ele tem, o que nos consagra (genitivo subjetivo). Em lugar de *amor pelas letras* diz-se também corretamente *amor às letras*. Quando nos casos de genitivo objetivo pode ocorrer ambiguidade com o emprego da preposição *de*, costuma-se substituir esta preposição por *contra* (se o nome designa sentimento hostil) ou *para com* (se o sentimento é benévolo): Guerra *contra* os inimigos e respeito *para com* todos.

n) fim (em vez de *para*):

"Forcejava *por* obter-lhe a benevolência, depois a confiança" [MA.1, 194].

o) introduzindo o predicativo do objeto direto, denota qualidade, estado ou conceito em que se tem uma pessoa ou coisa:

Ter alguém *por* sábio. Enviar alguém *por* embaixador. Tenho *por* certo que ele virá.

OBSERVAÇÃO: Neste emprego pode ser substituída pela preposição *como*, apesar da crítica injusta dos puristas.77

9 – CONJUNÇÃO

Conector e transpositor – A língua possui unidades que têm por missão reunir orações num mesmo enunciado.

Estas unidades são tradicionalmente chamadas conjunções, que se repartem em dois tipos: *coordenadas* e *subordinadas*.

As conjunções coordenadas reúnem orações que pertencem ao mesmo nível sintático: dizem-se *independentes* umas das outras e, por isso mesmo, podem aparecer em enunciados separados.

Pedro fez concurso para medicina, *e* Maria se prepara para a mesma profissão.

Podíamos dizer desta maneira, em dois enunciados independentes:

Pedro fez concurso para medicina.
Maria se prepara para mesma profissão.

Daí ser a conjunção coordenativa um *conector*.

Como sua missão é reunir unidades independentes, pode também "conectar" duas unidades menores que a oração, desde que do mesmo valor funcional dentro de mesmo enunciado. Assim:

Pedro *e* Maria (dois substantivos)
Ele *e* ela (dois pronomes)
Ele *e* Maria (um pronome e um substantivo)
rico *e* inteligente (dois adjetivos)
ontem *e* hoje (dois advérbios)
saiu *e* voltou (dois verbos)
com *e* sem dinheiro (duas preposições)

Bem diferente é, entretanto, o papel da conjunção subordinada. No enunciado:

Soubemos que vai chover,

a missão da conjunção subordinada é assinalar que a oração que poderia ser sozinha um enunciado:

Vai chover

se insere num enunciado complexo em que ela (*vai chover*) perde a característica de enunciado independente, de oração, para exercer, num nível inferior da estruturação gramatical, a função de *palavra*, já que *vai chover* é agora objeto direto do núcleo verbal *soubemos*.

Assim, a conjunção subordinativa é um *transpositor* de um enunciado que passa a uma função de palavra, portanto de nível inferior dentro das camadas de estruturação gramatical. Diz-se, por isso, que *que vai chover* é uma oração "degradada" ao nível da palavra, e isto se deveu ao fenômeno de *hipotaxe* ou *subordinação*.

A oração degradada ou subordinada passa a exercer uma das funções sintáticas próprias do substantivo, do adjetivo e do advérbio, como veremos mais adiante.

Podemos aproximar o papel do transpositor *que* ao pronome relativo – que é um transpositor de oração degradada ao nível do adjetivo – e das preposições que, como vimos, transpõem uma unidade a exercer papel de outra unidade. Na oração *Ninguém é de ferro*, a preposição *de* transpõe o substantivo *ferro* à função de predicativo por ter *de ferro* passado a equivalente de adjetivo [AL.1, 229].

Conectores ou conjunções coordenativas – Os conectores ou conjunções coordenativas são de três tipos, conforme o significado com que envolvem a relação das unidades que unem: *aditivas*, *alternativas* e *adversativas*.

Conjunções aditivas – A aditiva apenas indica que as unidades que une (palavras, grupos de palavras e orações) estão marcadas por uma relação de adição. Temos dois conectores aditivos: *e* (para a adição das unidades positivas) e *nem* (para as unidades negativas). Vejam-se os exemplos extraídos do Marquês de Maricá:

O velho teme o futuro *e* se abriga no passado.

Uma velhice alegre *e* vigorosa é de ordinário a recompensa da mocidade virtuosa.

A pobreza *e* a preguiça andam sempre em companhia.

Não emprestes o vosso *nem* o alheio, não tereis cuidados *nem* receio.

Muitas vezes, graças ao significado dos lexemas envolvidos na adição, o grupo das orações coordenadas permite-nos extrair um conteúdo suplementar de "causa", "consequência", "oposição", etc. Estes sentidos contextuais, importantes na mensagem global, não interessam nem modificam a relação aditiva das unidades envolvidas: *Rico* ***e*** *inteligente* e *rico* ***e*** *desonesto*, ambas se unem por uma relação gramatical de adição, embora a oposição semântica existente entre *rico* e *desonesto* apresente um sentido suplementar, como se estivesse enunciado *rico* ***mas*** *desonesto*. O mesmo se dá se uma unidade for afirmativa e outra negativa: *rico e não honesto*.

Em lugar de *nem* usa-se *e não*, se a primeira unidade for positiva e a segunda negativa: rico *e não* honesto (compare com: ele *não* é rico *nem* honesto).

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Evite-se (embora não constitua erro) o emprego de *e nem* quando não houver necessidade de ênfase:

"Nunca vira uma boneca *e nem sequer* o nome desse brinquedo" [ML.2, 9].

"(...) mas o primo Nicolau está a dormir até tarde *e nem* à missa vai" [CBr.15].

2.ª) Algumas vezes *e* aparece depois de pausa, introduzindo grupos unitários e orações; são unidades enfáticas com função textual que extrapolam as relações internas da oração e constituem unidades textuais de situação:

"*E* repito: não é meu" [MA.1, 314].

3.ª) A expressão enfática da conjunção aditiva *e* pode ser expressa pela série *não só... mas também* e equivalentes.

Não só o estudo *mas também* a sorte são decisivos na vida.

Conjunções alternativas – Como o nome indica, enlaçam as unidades coordenadas matizando-as de um valor alternativo, quer para exprimir a incompatibilidade dos conceitos envolvidos, quer para exprimir a equivalência deles. A conjunção alternativa por excelência é *ou*, sozinha ou duplicada junto a cada unidade:

"Quando a cólera *ou* o amor nos visita, a razão se despede" [MM].

A enumeração distributiva que matiza a ideia de alternância leva a que se empreguem neste significado advérbios como *já*, *bem*, *ora* (repetidos ou não) ou formas verbais imobilizadas como *quer... quer*, *seja... seja*. Tais unidades não são conectores e, por isso, as orações enlaçadas se devem considerar justapostas.

OBSERVAÇÃO: "Cumpre lembrar que o par *seja... seja* não está de todo gramaticalizado, tanto que, em certas construções, aparece flexionado. *Sempre discordam de tudo,* ***sejam*** *as discordâncias ligeiras,* ***sejam*** *de peso*. S*empre discordavam de*

*tudo, **fossem** as discordâncias ligeiras, **fossem** as de peso*" [AK.1, 68].

Conjunções adversativas – Enlaçam unidades apontando uma oposição entre elas. As adversativas por excelência são *mas*, *porém* e *senão*.

Ao contrário das aditivas e alternativas, que podem enlaçar duas ou mais unidades, as adversativas se restringem a duas. *Mas* e *porém* acentuam a oposição; *senão* marca a incompatibilidade:

"Acabou-se o tempo das ressurreições, *mas* continua o das insurreições" [MM].

Unidades adverbiais que não são conjunções coordenativas – Levada pelo aspecto de certa proximidade de equivalência semântica, a tradição gramatical tem incluído entre as conjunções coordenativas certos advérbios que estabelecem relações interoracionais ou intertextuais. É o caso de *pois*, *logo*, *portanto*, *entretanto*, *contudo*, *todavia*, *não obstante*. Assim, além das conjunções coordenativas já assinaladas, teríamos as *explicativas* (*pois*, *porquanto*, etc.) e *conclusivas* (*pois* [posposto], *logo*, *portanto*, *então*, *assim*, *por conseguinte*, etc.), sem contar *contudo*, *entretanto*, *todavia* que se alinham junto com as adversativas. Não incluir tais palavras entre as conjunções coordenativas já era lição antiga na gramaticografia de língua portuguesa; vemo-la em Epifânio Dias [ED.1] e, entre brasileiros, em Maximino Maciel, nas últimas versões de sua *Gramática* [MMa.1]. Perceberam que tais advérbios marcam relações textuais e não desempenham o papel conector das conjunções coordenativas78, apesar de alguns manterem com elas certas aproximações ou mesmo identidades semânticas.

Que esses advérbios não são conjunções coordenativas e desempenham funções diversas prova-o o fato de poderem se compatibilizar, em exemplos como:

Não foram ao mesmo cinema *e*, *portanto*, não se poderiam encontrar.

Ele *e*, *portanto*, seu filho são responsáveis pela denúncia.

"Não queremos pensar na morte, *e por isso* nos ocupamos tanto da vida" [MM].

Cabe ao *e*, como conjunção, reunir num mesmo grupo oracional as duas orações independentes do enunciado, enquanto *portanto*, como advérbio, marca uma relação semântica com o que já foi dito. Poder-se-ia eliminar a conjunção *e* e, então, teríamos uma coordenação assindética, caso em que haveria uma pausa para marcar a fronteira das duas orações (marcada por vírgula ou ponto e vírgula):

Não foram ao mesmo cinema; *portanto* não se poderiam encontrar.

Poder-se-ia também eliminar o advérbio:

Não foram ao mesmo cinema *e* não se poderiam encontrar.

Não sendo próprio do advérbio exercer o papel de conector, ele poderia aparecer até numa oração subordinada, para marcar essa relação semântica entre os dois enunciados:

"Nunca perdemos de vista o nosso interesse, *ainda mesmo quando* nos inculcamos desinteressados" [MM].

Outra diferença entre as conjunções coordenativas e os advérbios (a que poderíamos chamar textuais ou discursivos) é que só as primeiras efetivam a coordenação entre subordinadas equifuncionais, isto é, do mesmo valor (substantiva, adjetiva ou adverbial) e com a mesma função sintática:

Espero que estudes *e* que sejas feliz.

Como advérbios, que guardam com o núcleo verbal uma relação, em geral, mais frouxa, esses advérbios podem vir em princípio em qualquer posição dentro da oração em que se inserem:

Eles não chegaram *nem todavia* deram certeza da presença.

Eles não chegaram *nem* deram, *todavia*, certeza da presença.

Eles não chegaram *nem* deram certeza da presença, *todavia*.

Também os advérbios não participam da particularidade das conjunções coordenativas de constituírem um bloco unitário de enunciados coordenados por sua vez coordenado a outro anterior [CA.1]:

Luís é vegetariano, *mas* [não come abóbora nem bebe chá].

Remetemos dois convites ao Paulo, *mas* [ou ele se mudou ou está doente].

Transpositores ou conjunções subordinativas – Já dissemos que o transpositor ou conjunção subordinativa transpõe oração degradada ou subordinada ao nível de equivalência de um substantivo capaz de exercer na *oração complexa* uma das funções sintáticas que têm por núcleo o substantivo.

Falamos em *oração complexa* e chegou o momento de diferençá-la em relação ao *grupo oracional*. Oração complexa é aquela que tem um ou mais dos seus termos sintáticos sob forma de uma oração subordinada.

Esperamos [*que todos venham ao baile*],

em que a oração transposta pelo *que* exerce uma das funções comuns ao substantivo: objeto direto do núcleo verbal *esperamos*.

Já no *grupo oracional* temos orações coordenadas, independentes, e que, por isso mesmo, podem ser usadas separadamente umas das outras:

Chegamos tarde e não assistimos a todo o filme, mas vimos o mais interessante dele.

Chegamos tarde. Não assistimos a todo o filme. Vimos o mais interessante dele.

As conjunções *e* e *mas* não modificam o valor sintático das orações reunidas; apenas indicam o tipo de relação semântica: *adição* (*e*) e *contraste* (*mas*).

Além do *que* transpositor de oração ao nível de substantivo, chamado *conjunção integrante*, e do *que* pronome relativo, que transpõe oração ao nível de adjetivo, a língua portuguesa conta com poucos outros transpositores:

a) *Se* que transpõe oração originariamente interrogativa total, isto é, desprovida de unidade interrogativa, ao nível de substantivo, conhecida, por isso mesmo, como conjunção integrante, a exemplo do *que* anterior:

Ela não sabe [*se terá sido aprovada*].

Aqui a oração interrogativa *Terá ela sido aprovada*? se transpõe, mediante o *se*, ao nível de substantivo e como tal está habilitada a exercer a função de objeto direto do núcleo verbal *não sabe*, sem o primitivo contorno melódico interrogativo.

b) *Se* que transpõe oração ao nível de advérbio, e como tal está habilitada a exercer a função de adjunto adverbial, com valor de circunstância de condição e é, por isso mesmo, chamado *conjunção condicional*.

***Que* e locuções: as chamadas locuções conjuntivas** – A oração transposta a substantivo pela conjunção *que*, de acordo com a função sintática que exerce em relação ao núcleo verbal da oração chamada "principal", pode receber um índice funcional representado por uma preposição. Se exerce função de sujeito, objeto direto, predicativo, não precisará deste índice funcional:

Parece [*que vai chover*].
Esperamos [*que cheguem cedo*].
A verdade é [*que todos se saíram bem*].

Se a função é de complemento relativo ou de objeto indireto, ou complemento nominal, a conjunção *que* vem precedida da conveniente preposição:

Estavam precisando [*de que os ajudassem*].
Ela dedicava seu cuidado [*a que o filho tivesse boa educação*].
Eram poucas as esperanças [*de que tudo acabasse bem*].

Como todo substantivo transposto, a oração subordinada substantiva pode exercer a função de adjunto adverbial; neste caso, o *que* também terá a companhia de uma preposição adequada, que marcará a relação semântica da circunstância:

Tudo sairá bem [*desde que as providências sejam tomadas a tempo*].
[*Sem que estivesse tudo acertado*], não iria viajar.
Trabalhou afincadamente [*para que tivesse uma velhice tranquila*].
Ela só dizia tudo aquilo *porque* [= *por que gostava da verdade*].

Pelo que podemos observar, tais combinações de preposição e conjunção *que* não constituem outros tipos especiais de locuções; são, na realidade, o concurso de um *que*, transpositor de oração a substantivo e de uma preposição que o acompanha como índice de sua função sintática em relação ao núcleo verbal, função, aliás, exercida pela oração inteira.

Nisto, o *que* conjunção difere do *que* pronome relativo, pois aqui a preposição é índice da função sintática que o relativo exerce na oração em que está inserido:

O homem *de que falavas* era pouco conhecido na cidade,

em que o transpositor *que*, precedido de preposição, funciona como complemento relativo do núcleo verbal *falavas*, enquanto a oração transposta a adjetivo *de que falavas* funciona como adjunto adnominal do substantivo *homem*.

Também se formam "locuções" aparentemente especiais quando temos segmentos do tipo *logo que*, *sempre que*, *ainda que*, etc., em que aparecem advérbios (que sozinhos podem funcionar como adjunto adverbial) seguidos do transpositor relativo *que*, já que esse relativo é um "repetidor" de advérbio, papel análogo ao que desempenha como "repetidor" (isto é, referente) de substantivo ou pronome. Assim, se na oração independente *Logo saiu de casa*, o advérbio *logo* funciona como adjunto adverbial; quando a oração se transpõe a subordinada:

[*Logo que saía de casa*], encontrou o amigo,

exercerá também a função de adjunto adverbial. O *que* degrada a oração *saía de casa* a subordinada e lhe confere o papel de termo adjunto do advérbio *logo*. Formalmente, esse relativo será equivalente a *quando*: ***Quando saía de casa**, encontrou o amigo* [AL.1, 236].

Este papel repetidor do relativo *que* parece estar presente em construções do tipo *há* (*faz*)

dias (*meses*, *anos*, *tempo*, etc.), em que já não temos um advérbio, mas substantivo cujo significado léxico aponta para o campo das expressões denotadoras de espaço ou percurso de tempo:

Há *dias que* não o vejo,

em que também, pelo sentido, o relativo equivale a *quando*.

Cabe lembrar, por fim, que, em algumas construções, se pode alterar o significado originário do advérbio, motivado pelos significados dos lexemas que entram na oração e por uma interpretação suplementar, contextual, do falante, calcada na sua experiência de mundo. Assim, *já*, que tem valor originário temporal, ao unir-se ao *que* na fórmula *já que*, passa a uma interpretação causal ou condicional:

Já que todos saíram, desisto do negócio.

Da mesma sorte, *ainda*, nitidamente temporal, ao unir-se ao *que* na locução *ainda que*, altera seu significado para valor concessivo, equivalente a *embora*:

Nada conseguiu da justiça, *ainda que* juntasse todas as provas em sua defesa.

Da mesma sorte que não são conjunções coordenativas os advérbios *contudo*, *entretanto*, *pois*, etc., equivalentes pelo sentido a unidades introdutoras de enunciados adversativos, explicativos e conclusivos, assim também não são conjunções subordinativas certos advérbios de significado causal, concessivo, temporal, consecutivo, etc.

Damos a seguir uma lista das principais conjunções e "locuções conjuntivas" subordinativas, relacionando-as pelo matiz semântico, reunindo, ainda, as que se formam com o concurso do transpositor *que* conjunção e do transpositor relativo *que*, examinados anteriormente, bem como das comparativas e consecutivas que têm outro tratamento. Estudo complementar delas veremos ao tratar das orações subordinadas:

1) CAUSAIS: quando iniciam oração que exprime a causa, o motivo, a razão do pensamento da oração principal: *que* (= *porque*) , *porque*, *como* (= *porque*, sempre anteposta a sua principal, no português moderno), *visto que*, *visto como*, *já que*, *uma vez que* (com verbo no indicativo), *desde que* (com o verbo no indicativo), etc.:

"A memória dos velhos é menos pronta *porque* o seu arquivo é muito extenso" [MM].

"*Como* ia de olhos fechados, não via o caminho" [MA.1, 19].

"*Desde que* se fala, indeterminadamente, e no plural, em direitos adquiridos e atos jurídicos perfeitos, razão era que no plural e indeterminadamente se aludisse a casos julgados" [RB.4, 25].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Já se condenou injustamente o emprego de *desde que* em sentido causal, só o aceitando com ideia temporal (*assim que*) ou condicional.

2.ª) Evite-se o emprego de *de vez que* por não ser locução legítima.

2) COMPARATIVAS: quando iniciam oração que exprime o outro termo da comparação. A comparação pode ser *assimilativa* ou *quantitativa*. É assimilativa "quando consiste em assimilar uma coisa, pessoa, qualidade ou fato a outra mais impressionante, ou mais conhecida" [MC.3, II, 48]. As unidades comparativas assimilativas são *como* ou *qual*, podendo estar em correlação com *assim* ou *tal* postos na oração principal, ou ainda aparecer *assim como*:

"O medo é a arma dos fracos, *como* a bravura a dos fortes" [MM].

"A ignorância, *qual* outro Faetonte, ousa muito e se precipita *como* ele" [MM].

"O jogo, *assim como* o fogo, consome em poucas horas o trabalho de muitos anos" [MM].

A comparação *quantitativa* "consiste em comparar, na sua quantidade ou intensidade, coisas, pessoas, qualidades ou fatos" [MC.3]. Há três tipos de comparação quantitativa:

a) *Igualdade* – introduzida por *como* ou *quanto* em correlação com o advérbio *tanto* ou *tão* da oração principal:

"Nenhum homem é *tão* bom *como* o seu partido o apregoa, nem *tão* mau *como* o contrário o representa" [MM].

"Nada incomoda *tanto* aos homens maus *como* a luz, a consciência e a razão" [MM].

b) *Superioridade* – introduzida por *que* ou *do que* em correlação com o advérbio *mais* da oração principal:

"O orgulho do saber é talvez *mais* odioso *que* o do poder" [MM].

"O homem bom espera *mais do que* teme, o mau receia *mais do que* espera" [MM].

c) *Inferioridade* – introduzida por *que* ou *do que* em correlação com o advérbio *menos* da oração principal:

"Tempos há em que é *menos* perigoso mentir *que* dizer verdades" [MM].

3) Concessivas: quando iniciam oração que exprime que um obstáculo – real ou suposto – não impedirá ou modificará a declaração da oração principal: *ainda que*, *embora*, *posto que*, *se bem que*, *apesar de que*, etc.:

"*Ainda que* perdoemos aos maus, a ordem moral não lhes perdoa, e castiga a nossa indulgência" [MM].

4) Condicionais (e *hipotéticas*): quando iniciam oração que em geral exprime:

a) uma condição necessária para que se realize ou se deixe de realizar o que se declara na oração principal;

b) um fato – real ou suposto – em contradição com o que se exprime na principal.

Este modo de dizer é frequente nas argumentações. As principais conjunções condicionais (e hipotéticas) são: *se*, *caso*, *sem que*, *uma vez que* (com o verbo no subjuntivo), *desde que* (com o verbo no subjuntivo), *dado que*, *contanto que*, etc:

"*Se* os homens não tivessem alguma coisa de loucos, seriam incapazes de heroísmo" [MM].

"*Se* as viagens simplesmente instruíssem os homens, os marinheiros seriam os mais instruídos" [MM].

5) Conformativas: quando iniciam oração que exprime um fato em conformidade com outro expresso na oração principal: *como*, *conforme*, *segundo*, *consoante*:

"Tranquilizei-a *como* pude" [MA.1, 174].

Fez os exercícios *conforme* o professor determinou.

6) Consecutivas: quando iniciam oração que exprime o efeito ou consequência do fato expresso na oração principal. A unidade consecutiva é *que*, que se prende a uma expressão de natureza intensiva como *tal*, *tanto*, *tão*, *tamanho*, posta na oração principal. Estes termos intensivos podem facilmente calar-se:

"Os povos exigem *tanto* dos seus validos, *que* estes em breve tempo se enfadam e os atraiçoam" [MM].

"Os vícios são *tão* feios *que*, ainda enfeitados, não podem inteiramente dissimilar a sua fealdade" [MM].

"Vive de maneira *que* ao morrer não te lastimes de haver vivido" [MM].

isto é: *vive de tal maneira que* (que em consequência...).

7) FINAIS: quando iniciam oração que exprime a intenção, o objetivo, a finalidade da declaração expressa na oração principal: *para que*, *a fim de que*, *que* (*para que*), *porque* (*para que*):

"Levamos ao Japão o nosso nome, *para que* outros mais felizes implantassem naquela terra singular os primeiros rudimentos da civilização ocidental" [LCo *apud* FB.1, 219].

8) MODAIS: quando iniciam oração que exprime o modo pelo qual se executou o fato expresso na oração principal: *sem que*:

Fez o trabalho *sem que* cometesse erros graves.

OBSERVAÇÃO: A Nomenclatura Gramatical Brasileira não agasalhou as conjunções modais e, assim, as orações modais, apesar de pôr o modo entre as circunstâncias adverbiais.

9) PROPORCIONAIS: quando iniciam oração que exprime um fato que ocorre, aumenta ou diminui na mesma proporção daquilo que se declara na oração principal: *à medida que*, *à proporção que*, *ao passo que*, (*tanto mais*)... *quanto mais*, (*tanto mais*)... *quanto menos*, (*tanto menos*)... *quanto mais*, (*tanto mais*)... *menos*, etc.:

"O anão *quanto mais* alto sobe, *mais* pequeno se afigura" [MM].

Progredia *à medida que* se dedicava aos estudos sérios.

10) TEMPORAIS: quando iniciam oração que exprime o tempo da realização do fato expresso na oração principal. As principais conjunções e "locuções temporais" são:

a) para o tempo anterior: *antes que*, *primeiro que*:

"Ninguém, senhores meus, que empreenda uma jornada extraordinária, *primeiro que* meta o pé na estrada, se esquecerá de entrar em conta com suas forças..." [RB *apud* FB.1, 126].

b) para o tempo posterior (de modo indeterminado): *depois que*, *quando*:

Quando disse isso, ninguém acreditou.

c) para o tempo posterior imediato: *logo que*, *tanto que* (hoje raro), *assim que*, *desde que*, *eis que*, (*eis*) *senão quando*, *eis senão que*:

Logo que saíram, o ambiente melhorou.

d) para o tempo frequentativo (repetido): *quando* (com o verbo no presente), *todas as vezes que*, (*de*) *cada vez que*, *sempre que*:

"Quando o povo não acredita na probidade, a imoralidade é geral" [MM].

OBSERVAÇÃO: Evite-se o erro de preceder com *em* o *que* da locução *todas as vezes que* (dizendo: *todas as vezes em que*).

e) para o tempo concomitante: *enquanto*, (*no*) *entretanto que* (hoje raro):

Dormiu *enquanto* estava no cinema.

OBSERVAÇÃO: *Entretanto* ou *no entretanto* são advérbios de tempo, com o sentido de *nesse ínterim*, *nesse tempo*, *nesse intervalo*:

"O aperto dos sitiados aumentava *entretanto* de dia para dia" [RS.2, IV, 208].

Mais modernamente *entretanto* passou a ter sentido adversativo, e, por influência do advérbio, tem sido empregado precedido da combinação *no* (*no entretanto*). Muitos puristas condenam tal acréscimo.

f) para o tempo terminal: *até que*:

Passeou *até que* se sentisse esgotado.

O relativo *que* entra em expressões de tempo: *agora que*, *hoje que*, *a primeira vez que*,

etc.

Agora, *que* tudo acabou, posso pensar mais tranquilamente.

Se o conjunto é proferido sem pausa, estabelece-se uma unidade de sentido à semelhança de *depois que*, *já que*, etc., e se passa a considerar o todo como locução conjuntiva temporal:

Agora que tudo acabou, posso pensar mais tranquilamente.

***Que* excessivo** – Sob o modelo das "locuções" conjuntivas finalizadas por *que*, desenvolveu-se o costume de acrescentar este transpositor junto a advérbio que só por si funciona como adjunto adverbial: *enquanto que*, *apenas que*, *embora que*, *mal que*, etc., construções que os puristas não têm visto com bons olhos, apesar dos exemplos de escritores corretos:

"... porque a ciência é mais lenta e a imaginação mais vaga, *enquanto que* o que eu ali via era a condensação viva de todos os tempos" [MA.1, 24].

Aparece ainda o *que* excessivo depois de expressões de sentido temporal como:

Desde aquele dia *que* o procuro.

Conjunções e expressões enfáticas – As conjunções coordenativas podem aparecer enfatizadas. Para esta ênfase o idioma se serve de vários recursos. Assim, a adição pode vir encarecida das expressões do tipo:

não só... mas (*também*)
não só... mas (*ainda*)
não só... senão (*também*)
não só... que também, etc.

Não só se aplica ao português *mas ainda* ao latim.

A alternativa pode ser enfatizada pela repetição:

Ou estudas *ou* brincas.
Já dizes sim *já* dizes não.
Ora vem aqui, *ora* vai ali.

A série *nem... nem* adquire sentido aditivo negativo.

Nem estudou *nem* tirou boas notas (não estudou e não tirou...)

Quer... quer e *ou... ou*, com o verbo no subjuntivo e tom de voz descendente, podem adquirir um sentido suplementar de concessão quando a possibilidade de ações opostas não impede a declaração contida na oração principal:

Quer estudes *quer* não, aprenderás facilmente a lição.

Nas subordinadas e principais, a correlação de uma expressão com o conectivo ou outro termo da oração a que se prende, para mostrar relação semântica em que essas orações se acham com a circunstância ou fato já expresso, é outro meio de enfatizar a interdependência oracional. Esta expressão memorativa é constituída por advérbio ou equivalente:

"Como os sábios não adulam os povos, *também* estes os não promovem" [MM].
"Quando os homens se desigualam, *então* se harmonizam" [MM].
Embora não me digam a verdade, *ainda assim* perguntarei mais vezes.
"Acabemos, *pois*, de despertar deste mortal letargo" [ED.1, 119].

"Estudemos *portanto*, e não nos deixemos dominar pela preguiça" [RV.1, 251].

10 – Interjeição

Interjeição – É a expressão com que traduzimos os nossos estados emotivos. Têm elas existência autônoma e, a rigor, constituem por si verdadeiras orações. Em certas situações, algumas podem estabelecer relações com outras unidades e com elas constituir unidades complexas. Acompanham-se de um contorno melódico exclamativo. Podem, entretanto, assumir papel de unidades interrogativo-exclamativas e de certas unidades próprias do chamamento, chamadas vocativo, e ainda por unidades verbais, como é o caso do imperativo [AL.1, 240; MC.4, 147].

As interjeições se repartem por quatro tipos:

a) certos sons vocálicos que na escrita se representam de maneira convencional: *ah!*, *oh!*, *hui!*, *hum*; o *h* no final pode marcar uma aspiração, alheia ao sistema do português;

b) palavras já correntes na língua, como *olá!*, *puxa!*, *bolas!*, *bravo!*, *homem!*, *valha!* (com contorno melódico exclamativo);

c) palavras que procuram reproduzir ruídos de animais ou de objetos, ou de outra origem, como: *clic* (*clique*), *tic-tac* (*tique-taque*), *pum!*.

d) locuções interjetivas: *ai de mim!*, *cruz credo!*, *valha-me Deus!*, *aqui d'el-rei!*.

Eis uma relação das interjeições mais comuns da língua, conforme a situação em que se apresentam:

1) de exclamação: *viva!*

2) de admiração: *ah!*, *oh!*

3) de alívio: *ah!*, *eh!*

4) de animação: *coragem!*, *eia!*, *sus!*

5) de apelo ou chamamento: *ó!*, *olá!*, *alô!*, *psit!*, *psiu!*

6) de aplauso: *bem!*, *bravo!*

7) de desejo ou ansiedade: *oh!*, *oxalá!*, *tomara!*

8) de dor física: *ai!*, *ui!*

9) de dor moral: *oh!*

10) de dúvida, suspeita, admiração: *hum!*, *hem!* (também *hein*)

11) de impaciência: *arre!*, *irra!*, *apre!*, *puxa!* (melhor será, não registrado oficialmente, *pucha*)

12) de imposição de silêncio: *caluda!*, *psiu!* (demorado)

13) de repetição: *bis!*

14) de satisfação: *upa!*, *oba!*, *opa!*

15) de zombaria: *fiau!*

Locução interjetiva – é um grupo de palavras com valor de interjeição: *ai de mim*, *ora*

bolas, com todos os diabos.

As interjeições são proferidas em tom de voz especial, ascendente ou descendente, conforme as diversas circunstâncias dos nossos estados emotivos.

Quando estão combinadas com uma frase maior exclamativa, podem-se separar da frase por meio de uma vírgula, ou por meio do ponto de exclamação, ao qual se deve seguir, entretanto, letra minúscula:

> "*Oh!* que doce harmonia traz-me a brisa" [CAv *apud* MC.3, I, 65].

B) Estrutura das unidades: análise mórfica

I – Estrutura das palavras

Palavra e morfema

Palavra e vocábulo: conceito – O termo *palavra* se nos apresenta com aplicações diferentes, que devem ser distinguidas e, portanto, classificadas de maneira diversa. Podemos ver a palavra *habilidade* sob três prismas diferentes: a) o seu aspecto *material, fônico*, como *significante* ou *expressão*; b) a sua *significação gramatical* como uma classe de palavra que se apresenta sob forma de um substantivo feminino singular; c) a sua *significação lexical*, isto é, o que significa a palavra *habilidade* em relação, por exemplo, a *caridade* ou *amabilidade*.

Como expressão material, quanto ao seu aspecto fônico, como "simples" palavra, de formas, não tem nenhum significado e só pode ser classificada pelas suas características físicas: *habilidade* pode ser classificada, por exemplo, pelo seu número de sílabas (polissílabo), ou pela posição da sílaba tônica (paroxítono). Consideradas como puras palavras, há uma só forma *"amo"* (*amo*, 'quero bem' e *amo* 'senhor') e uma só forma "casa" ("a *casa* de meu amigo" e "Maria se *casa* amanhã") [ECs.7, 54]. Nesta acepção, em vez de palavra, se pode usar o termo *vocábulo*, do latim *vox*, que significa 'a voz'.

Aqui temos de relembrar que a fronteira do vocábulo difere se se trata de língua oral ou de língua escrita. Na língua oral, na fala, predomina o ritmo acentual, o que resulta em que as sílabas átonas se agrupam em torno da sílaba tônica, de modo que são as pausas que marcam os limites ou fronteiras dos grupos fônicos, também chamadas *grupos de força*. Assim é que, na língua oral, há um só grupo fônico e, portanto, um só vocábulo, em *aluga-se*, em que a sílaba átona *se* se agrupa em torno da sílaba tônica (*lu*). Por isso, se dá, como reflexo na escrita, a grafia errônea *alugasse* (ou *alugase*). O vocábulo, portanto, nem sempre coincide com a palavra; no exemplo, temos um vocábulo e duas palavras significativas (*aluga* e *se*).

Como já vimos, as sílabas átonas que se agrupam em torno da sílaba tônica podem, segundo a posição, ser *proclíticas* | *syaluga* | – se vêm antes – ou *enclíticas* | *alugase* | – se vêm depois.

Na língua escrita, as fronteiras são demarcadas pelos espaços em branco: *se aluga* ou

aluga-se.

Quando, além da parte fônica (significante), se considera a parte significativa (significado), também há diferenças que devem ser levadas em conta. A questão se põe quando se pergunta quantas palavras existem no conhecido verso de Bilac: *Cheguei. Chegaste. Vinhas fatigada.*

Responderemos que há quatro ou três palavras conforme o conceito por que tomemos o termo *palavra*. Serão quatro se entendermos *cheguei, chegaste* como palavras de significação gramatical diferentes, já que expressam uma o pretérito perfeito do indicativo na 1.ª pessoa do singular (*eu cheguei*) e a outra o pretérito perfeito do indicativo na 2.ª pessoa do singular (*tu chegaste*). Tais significações se dizem "gramaticais" porque decorrem de classificações estabelecidas na gramática da língua portuguesa. Assim, *cheguei* e *chegaste* são contadas como duas *palavras gramaticais*.

Diremos que só há no referido verso três palavras se entendermos *cheguei, chegaste* como palavras de uma só significação lexical, já que ambas têm em comum o significado lexical 'atingir o final de movimento de ida ou vinda', um significado dado pela língua, mas que se situa fora da gramática, pois se trata de uma realidade do mundo em que vivemos. Assim, *cheguei* e *chegaste* são duas formas, duas "flexões" de uma mesma *palavra léxica*, o verbo *"chegar"*.

É neste sentido de *palavra léxica* que dizemos que *boa* é o feminino da "palavra *bom*", que *meninos* é o "substantivo *menino* no plural"[HCv.1, II, 594-595].

Repare-se que nos nossos dicionários o normal é iniciar o verbete com a *palavra léxica* básica: verbo no infinitivo, substantivo no gênero gramatical usual (*livro, vela, pente, ponte*) e adjetivo no masculino singular. Explica-se o procedimento porque o infinitivo, o masculino e o singular representam as formas não marcadas respectivamente do verbo, do substantivo e do adjetivo.

OBSERVAÇÃO: Na literatura linguística e gramatical, costumam os autores distinguir convencionalmente a maneira de indicar o vocábulo e a palavra. Coseriu, por exemplo, usa *itálico* para a palavra como signo, isto é, como expressão (significante) + conteúdo (significado): *chegar* = a palavra portuguesa *chegar* concomitantemente como expressão e conteúdo; itálico e aspas normais (duplas) para a expressão: "*chegar*" = o significante de *chegar* / xegar/; só aspas duplas para o conteúdo: "chegar" = o significado de *chegar*; só aspas simples para os traços distintivos de conteúdo: 'chegar' = traço distintivo que se encontra no conteúdo de *chegar, chegada, chegança, aconchego* e demais componentes da família.

Palavra e morfema – Do que foi exposto acima, conclui-se que em nossa língua, como se repete nas chamadas línguas flexionais, a palavra está constituída indissoluvelmente (a separação só se faz para efeito de análise e estudo) de uma base fônica e de duas formas semânticas, a gramatical e a lexical, conhecidas pelo nome técnico *morfema*.

Chama-se morfema a unidade mínima significativa ou dotada de significado que integra a palavra.

A depreensão do morfema ou dos morfemas que integram a palavra nem sempre constitui uma operação fácil e sujeita a uma única solução. Se tomarmos

falávamos
falava

facilmente depreendemos o elemento comum *falava*, e *mos* como distintivo. A unidade *-mos* indica estar a primeira forma verbal referida à 1.ª pessoa do plural (*nós*), e assim, portadora

de um conteúdo gramatical, é um morfema.

Se agora compararmos

falava
fala,

destacamos o morfema -*va*- que indica que a ação verbal se dá num passado que se prolonga (pret. imperfeito do indicativo). É, assim, outro morfema.

Se agora compararmos

falava
falara

se poderia chegar à conclusão que o elemento ou unidade distintiva das duas formas verbais fosse o -*v*- para a primeira ou o -*r*- para a segunda. A comparação com outras formas (*falava / fala; falara / falasse*, etc.) nos mostraria que as unidades a serem consideradas serão -*va*- e -*ra*-, que marcam o pret. imperf. e o mais-que-perf. do indicativo. Portanto, a depreensão de um morfema não é uma operação puramente material; há de se levar em consideração o seu conteúdo ou significado.

Também, como são unidades que se acham em concorrência com outras unidades, estão passíveis de mudanças na sua estrutura material, devidas a regras morfofonêmicas; no português, são frequentes a elisão e a crase: *porta* + *eiro* → port (*a*) *eiro* → *porteiro* (elisão); *porta* + *aria* → *portaria* (crase). Outras vezes, trata-se de alteração fônica: *fala*VA / *fala*VE*is* (por influência do *i* de *is*); outras vezes, de haplologia: *idade* + *oso* → *idoso* (por *idadoso*).

Tipos de morfema na estrutura das palavras – Na estrutura das palavras, os morfemas derivativos e flexionais se distribuem, quanto ao aspecto formal, pelos seguintes tipos, conforme ocorram por acréscimo (*aditivos*), por subtração (*subtrativos*) e por alternância (*modificativos*).

Há ainda relações gramaticais que se estabelecem no plano sintagmático, como a *concordância*, a *regência* e a "*consecutio temporum*", e também pela posição dos termos no sintagma, conhecida na gramática tradicional pelo rótulo "*ordem das palavras*". Destes tipos falaremos mais adiante.

Em nossa língua, são mais produtivos os morfemas aditivos, ao lado das formações com compostos; são raros os subtrativos, e os modificativos ocorrem com frequência nos casos de flexão nominal e verbal, conforme veremos no lugar competente.

Morfemas aditivos – Representados por:

1) *prefixos*: anteposição à base lexical: *pôr* → *repor; quieto* → *inquieto*
2) *sufixos, interfixos* e *desinências*: posposição à base lexical
3) *infixos:* intercalação no interior da estrutura da base
4) *circunfixos*: anteposição e posposição simultaneamente à base (parassintéticos)
5) *discontínuos*: fragmentação pela intercalação de outro morfema
6) *reduplicativos*: repetição da parte inicial da base

Morfemas subtrativos – Representados por:

1) *subtrativos*: subtração de fonema do radical para exprimir uma indicação gramatical

2) *supressivos*:

a) supressão de um segmento medial pertencente a qualquer das bases;

b) supressão do segmento final

c) supressão de elemento medial por cruzamento de bases

3) *abreviativos*: redução da extensão da palavra, que passa a valer pelo todo

Morfemas modificativos – Representados por:

1) *apofonia*: substituição de fonema vocálico de um radical de um mesmo paradigma flexional ou derivacional por mudança de timbre para indicação de significado gramatical

2) *metátese*: por mudança da sílaba tônica

Os morfemas podem ser classificados ainda como *livres* e *presos*, conforme apareçam independente ou dependentemente no discurso. Os morfemas apresentam: a) uma significação *externa*, referente a noções do nosso mundo (ações, estados, qualidades, ofícios, seres em geral, etc.), b) uma significação *interna* (puramente da esfera das noções gramaticais). A depreensão de um morfema depende de dois requisitos: a) a *significação* e b) a *forma fônica*. É importante observarmos que uma só forma fônica pode representar mais de um morfema: assim *-s* é marca pluralizadora em *as casas* e a 2.ª pessoa do singular em *cantas*. Por outro lado, um só morfema pode ter realizações fônicas diferentes em virtude do contexto fonético em que se acha; por exemplo, o morfema que corresponde à letra *-s* para indicar o plural em português se realiza como / x / diante de consoante surda (os cães), como / j / diante de consoante sonora (os gatos) e como / z / diante de vogal (os homens).79

Os elementos mórficos – Em português, as palavras se podem apresentar sob formas de estrutura diferentes:

a) *mar, sol, ar, é, hoje, lápis;*

b) *aluno, alunas, trabalhávamos;*

c) *casarão, livrinho, cantor, casamento, folhagem, alemão, fertilizar, chuviscar;*

d) *reter, conter, deter;*

e) *guarda-chuva, lanígero, agrícola, planalto, fidalgo.*

Em a) as palavras não se podem dividir em formas menores significativas porque só possuem um elemento mórfico chamado *radical*. *Radical* é o núcleo onde repousa a significação externa da palavra, isto é, relacionada com o mundo em que vivemos.

Já no grupo b) segue-se ao radical (de significação externa) um ou mais elementos de significação interna ou puramente gramatical. *Aluno* pode desmembrar-se em *alun-* e *-o*. O

primeiro elemento (radical) encerra a significação da palavra, cabendo ao final *-o* primeiramente atualizá-la para funcionar como palavra, integrando-a no léxico e secundariamente relacioná-la à marca de gênero, no caso de *-o* e *-a* (este de modo não geral, como acontece com *mapa*, *nauta*, masculinos). Em *alunas* o radical é *alun-*, e *as* encerra dois elementos de significação interna: 1) *-a* (indicador do significado gramatical gênero feminino) e 2) *-s* (indicador do significado gramatical número plural). Em *trabalhávamos* o radical é *trabalh-* e os elementos mórficos de significação interna são: 1) *-va* (que caracteriza o pret. imperf. do indicativo dos verbos da 1.ª conjugação) e 2) *-mos* (que caracteriza a 1.ª pessoa do plural).

Os elementos mórficos de significação interna, indicadores das flexões gramaticais, chamam-se *desinências* e se dividem em *nominais* e *verbais*.

As desinências nos nomes e em certos pronomes marcam as flexões de *gênero* e *número*; nos verbos: *número, pessoa, tempo* e *modo.*

Muitas vezes o radical não pode funcionar imediatamente como palavra; completa-o uma vogal para constituir o *tema* da palavra e por isso se chama *vogal temática* ou atualizador léxico, isto é, atualiza-o para funcionar concretamente no discurso [HCv.4, 7-26].

Tema é, portanto, o radical acrescido da *vogal temática* e que constitui a parte da palavra pronta para funcionar no discurso e para receber a desinência ou sufixo. São exemplos de temas: *livro-, trabalha-*. A vogal temática pode ocorrer num tema simples (*livr- o*) ou derivado (*livr- eir- o*).

Nos nomes as vogais temáticas estão representadas na escrita pelos grafemas *-a*, *-o* e *-e* e nos verbos por *-a*, *-e* e *-i*.

Nos nomes, a vogal temática (*a, o*) cumulativa e secundariamente funciona como a desinência de gênero. A vogal temática *o* ou *e* se acha representada, às vezes, por uma semivogal de um ditongo: *pã*O*, pã*ES. A vogal temática pode passar à variante *u* como ocorre com *afeto* → *afetuoso,* o que se dá, sem ser automático, quando se junta ao *-o* desinência ou sufixo iniciado por vogal [VK.2, 35]. Não têm vogal temática os nomes terminados em vogal tônica, e por isso se dizem *atemáticos*: *fé*. Neste caso, o tema coincide com o radical. Os nomes terminados em consoante (*mar, paz, mal*) apresentam a vogal temática *e*, latente no singular, mas patente no plural (*mares, pazes, males*). Uma característica desses atemáticos terminados em vogal tônica é que esta não é elidida quando seguida de sufixo: *café* → *cafezal, cafeeiro*.

OBSERVAÇÃO: Em geral a vogal tônica final (á, é, ó, ê, ô) resulta da crase da vogal do radical com a temática: *fé* < *fee* < *fide*(*m*). Em análise mórfica fora do plano histórico não cabe desfazer esta fusão.

Afixos: prefixos e sufixos. Interfixos – Nas palavras do grupo c) junta-se ao final da base um elemento mórfico chamado *sufixo* que não tem curso independente na língua (e por isso se chama *forma presa*) para formar uma palavra nova, emprestando-lhe uma ideia acessória e marcando-lhe a categoria (substantivo, adjetivo, etc.) a que pertence. O sufixo assume uma função morfológica, pois, em geral, altera a categoria gramatical do radical de que sai o

derivado (*real* adj. → *realidade* s., embora também possa não lhe alternar a categoria, como *feio* adj. → *feioso* adj.), e relaciona a palavra a que se agrega aos nomes aumentativos ou diminutivos, aos nomes de agente, de ação, de instrumento, aos coletivos, aos pátrios, etc.: *casarão* (aumento), *livrinho* (diminuição), *cantor, lavrador, sapateiro* (nomes de agente ou ofício), *punição, casamento, aprendizagem* (nomes de ação ou seu resultado), *folhagem, lodaçal, cardume, boiada* (nomes coletivos), *alemão, sergipano, cearense, português, minhoto, brasileiro* (nomes pátrios), *fertilizar* (ação), *chuviscar* (ação de pouca intensidade), *alvorecer* (início de ação), *mercadejar* (repetição de ação), *suavemente* (modo). Daí se distribuírem os sufixos em *nominais* (formadores de substantivos e adjetivos), *verbais* (do verbo) e o único adverbial, que é *-mente*, que se prende a adjetivos uniformes ou, quando biformes, à forma feminina: *cômoda* → *comodamente*.80

Nas palavras do grupo d) acrescenta-se ao início da base um elemento mórfico chamado *prefixo*, que empresta ao radical uma nova significação e que se relaciona semanticamente com as preposições. Os prefixos, em geral, se agregam a verbos, como nos exemplos do grupo d), ou a adjetivos: *in- feliz*, *des- leal, sub- terrâneo*. São menos frequentes os derivados em que os prefixos se agregam a substantivos; os que mais ocorrem são, na realidade, deverbais, como em *des- empate.* Ao contrário dos sufixos, que assumem valor morfológico, os prefixos têm mais força significativa, podem aparecer como formas livres (isto é, ter existência independente na língua) e não servem, como aqueles, para determinar uma nova categoria gramatical. Nem sempre existe em português a preposição que corresponde ao prefixo empregado: *intermédio* (cf. preposição *entre*), *combater* (cf. preposição *com*), *depenar* (cf. preposição *de*), *avocar* (cf. prep. *a* = ao lado, para perto de), *sobraçar* (cf. prep. *sob*), *sobrepor* (cf. prep. *sobre*), *embainhar* (cf. prep. *em* = movimento para dentro), mas *abusar* (*ab* = afastamento, privação), *progresso* (*pro* = movimento para diante, favorecimento), *refazer* (*re* = repetição).

Do ponto de vista formal, há ainda para notar que os sufixos derivativos são em geral mais longos que as desinências gramaticais, além de serem estas quase sempre átonas, enquanto aqueles são normalmente tônicos; outra distinção consiste em que os sufixos vêm imediatamente após o núcleo, e as desinências após os sufixos [cf. HCv.2, II, 530 n.35].

Prefixos e sufixos recebem o nome de *afixos*; são prefixos os afixos que se antepõem ao radical, e sufixos os que se lhe pospõem. Há ainda os *infixos* próprios, pois o que se costuma apontar como tal (representado por uma nasal) é de responsabilidade do latim (por exemplo, para distinguir o presente de alguns verbos, como *rumpo* e *findo* dos perfeitos *rupi*, *fidi* e do particípio passado *ruptus, fissus*, e, excepcionalmente, em certas formações nominais)81 e não interessa à gramática descritiva portuguesa. É preciso não confundir esta noção de *infixo* com as vogais e consoantes desprovidas de significado que, na formação de nossa palavras e das que importamos de línguas estrangeiras, principalmente quando o radical termina por vogal tônica, se intercalam para facilitar a pronúncia ou para evitar hiatos, e que, por isso, se chamam *vogais* e *consoantes de ligação*: cha-*l*-eira, pau-*l*-ada, cafe-*t*-eira, lan-*í*-gero, come-*z*-aina, pa-*z*-ada, chapeu-*z*-inho, pedre-*g*-ulho, pedre-*g*-oso.82 A rigor, há em português duas vogais de ligação: *i* e *o*. A vogal *i* na composição de elementos latinos e *o* de elementos gregos: dent*i*frício, gas*ô*metro83.

Temos ainda de considerar o caso dos *interfixos* (denominação adotada por Y. Malkiel), que são elementos átonos sem função gramatical e significativa que servem de ligação entre a base léxica e o sufixo, como ocorre em *glorificar* e *fumarada*, *fogaréu*, *solaréu*, em que os elementos *-ific*, *-ar* se interpõem entre as bases *glória* e o sufixo verbal *-ar* ou *fogo*, *sol* e o sufixo nominal *-éu*. A noção de interfixo não é ponto pacífico entre os estudiosos; muitas vezes se pode entendê-lo como integrante de um conglomerado de sufixos; nos exemplos acima, os conglomerados sufixais seriam *-ificar* e *-aréu*. Outras vezes, muito próxima desta noção, é ver o interfixo como resultado de um alongamento de sufixo, como se pode interpretá-lo na formação *ridículo* → *ridicularizar* (em vez de *ridiculizar*).

Nas palavras do grupo e) temos uma reunião de dois radicais, isto é, ao lado de um radical mais fundamental acrescenta-se outro (e até outros) para dar um significado especial ao conjunto. Dizemos então que as palavras são *compostas*. Estes radicais podem ser *livres*, isto é, usados independentemente na língua (como *guarda-chuva*) ou *presos*, isto é, não são usados isoladamente (como *agrícola* = agr + i + cola, *lanígero* = lan + i + gero).

Nas palavras compostas com radicais livres, do tipo *guarda-chuva*, persiste, como é fácil de observar, a individualidade de seus componentes. Esta individualidade se traduz: a) na escrita, pela mera justaposição de um radical a outro, normalmente separados por hífen; b) na pronúncia, pelo fato de ter cada radical seu acento tônico, sendo o último o mais forte e o que nos orienta na classificação da posição do acento nas palavras compostas (por isso que *couve-flor* é oxítono e *guarda-chuva* é paroxítono). Em tais casos dizemos que as palavras são compostas por *justaposição*.

Chamamos *aglutinação* o processo de formar palavras compostas pela fusão ou maior integração dos dois radicais: *planalto, fidalgo, lanígero, agrícola*. Esta maior integração traduz-se pela perda da delimitação vocabular decorrente: 1) da existência de um único acento tônico; 2) da troca ou perda de fonema; 3) da modificação da ordem mórfica [MC.4, 30].

"A adaptação da primeira palavra pode ser de quatro espécies: 1) mudança da parte final em relação à mesma palavra quando isolada; ex.: *lobis* – (comparar – *lobo*, em *lobisomem*); 2) redução da palavra ao seu elemento radical; ex.: *planalto*, onde *plan-* é o radical de *plano* (o composto indica um solo plano e alto numa montanha); 3) elemento radical alterado em relação à palavra quando isolada; ex.: *vinicultura* (*vin-,* mas *vinh-* em *vinha* 'árvore da uva'); 4) elemento radical que não aparece em português em palavra isolada; ex.: agricultura (a *agr* corresponde, em palavra isolada, *campo*)" [MC.2, 95].

A segunda palavra pode ocorrer com as seguintes alterações: "1) com mudança na parte final; ex.: *monocórdio* (instrumento de uma só corda); 2) com o elemento radical alterado; ex.: *vinagre* (um vinho que é acre); 3) com um elemento radical diverso do que a correspondente palavra isolada; ex.: *agrícola* (ao elemento de composição *cola* corresponde a ideia de *habitar* ou *cultivar*)"[MC.2, 95].

Na língua literária e técnica prefere-se empregar o radical de forma latina a utilizar o de forma vernácula, principalmente quando este já sofreu a evolução fonética. Emprega-se preferencialmente *silvicultura* (e não *selvicultura*), *viticultura* (e não *vidicultura*). Assim ocorre com *áureo, capilar, auricular, ocular, digital,* etc. [Cf. MBa.1, 429-430].

Diferença entre flexão e derivação – A flexão consiste fundamentalmente no morfema aditivo sufixal acrescido ao radical, enquanto a derivação consiste no acréscimo ao radical de um sufixo lexical ou derivacional: *casa + s: casas* (flexão de plural); *casa + inha*: *casinha* (derivação).

A flexão dos nomes e dos verbos apresenta muito frequentemente uma alternância complementar interna que recai na vogal tônica básica: *avô → avó, novo → nova; novo → novos; fiz → fez* (1.ª pessoa → 3.ª pessoa).

Quando falta o morfema aditivo à flexão, e só há alternância, a forma diz-se *forte: avô → avó* ou, mais restritamente se aplica, na gramática portuguesa, às 1.ª e 3.ª pessoas do singular do pret. perfeito do indicativo quando rizotônicas e atemáticas: *ter → tive, teve* (*i/e*), em oposição a *dizer → disse* (eu/ele); *poder → pude, pôde* (*u/o*), em oposição a *haver → houve* (eu/ele).

No plano sintagmático, a flexão provoca o fenômeno da concordância: *móvel novo → móveis novos* em oposição a *a casa nova → a casinha nova.*

Conceito de raiz ou radical primário – Chama-se *raiz*, em gramática descritiva, ao radical primário ou irredutível a que se chega dentro da língua portuguesa e comum a todas as palavras de uma mesma família.

Se tomarmos um vocábulo como *desregularizar* 84, facilmente podemos surpreender diversos graus de radical: o primeiro, destacando-se-lhe a vogal temática e a desinência de infinitivo, é *desregulariz-* (que aparece em *desregularização*); este radical pode ser reduzido, por destaques sucessivos, a: *regulariz* (sem o prefixo) > *regular* (sem o sufixo) > *regul* (cf. o latim *regu(la)* > *reg* (que aparece em *reger, régua*). Este último radical que constitui o elemento irredutível e comum a todas as palavras do grupo chama-se *primário* e coincide, em relação à língua atual, com a *raiz*. *Regul-* é um radical secundário (ou do 2.º grau), como *regular-* um radical terciário (ou do 3.º grau), e assim por diante.

OBSERVAÇÃO: Não interessa à gramática descritiva o conceito de raiz do ponto de vista histórico, que só é válido para a gramática histórica. Há frequentes divergências entre o estabelecimento de uma raiz dentro dos dois tipos de gramática; assim é que, enquanto para a histórica há raiz *ed-* em *comer* (do latim *comedere*, de *edere* = comer), a descritiva a esta reconhece em *com-* (cf. *com-ida, com-ilão, com-ilança*).

A raiz ou radical primário pode apresentar variante ou variantes; assim, a raiz *reg-* se altera em *regr-* (em *regra, regrar, desregrar*).

Base lexical real e base lexical teórica – Na análise mórfica (constitucional), torna-se importante acentuar, como já deixamos claro anteriormente, que nem sempre a unidade léxica que entra na constituição de uma forma derivada ou flexionada é a que se apresenta como básica. Muitas vezes, temos de nos socorrer de uma forma básica teórica, possível no sistema mas não vigente na norma. Assim é que nos plurais dos nomes terminados em consoante, socorremo-nos de uma forma teórica integrada pela vogal temática *-e-* para depois lhe acrescentar o pluralizador *-s*: *mar → *mare* → pl.: *mares.*

Palavras cognatas – Chamam-se cognatas as palavras que pertencem a uma família de raiz e significação comuns: *corpo, corporal, incorporar, corporação, corpúsculo, corpanzil; fugir* (em *foges,* temos a raiz alterada), *fugaz, refúgio, subterfúgio, trânsfuga.* Uma só família de palavras pode ter dois radicais, um de forma erudita, outro de forma popular: *digital* e *dedal, parietal* e *parede*, *capilar* e *cabelo, auricular* e *orelha, acutíssimo* e *agudíssimo*, *paupérrimo* e *pobríssimo, sacratíssimo* e *sagradíssimo*, etc.

Constituintes imediatos – Em análise mórfica, é importante ter em conta o princípio dos constituintes imediatos para que não se façam confusões no plano descritivo da classificação morfológica (vale o mesmo para as relações sintáticas) e se estabeleçam as possíveis gradações de estrutura. Assim é que diante de uma forma como *descobrimento*, não iremos enquadrá-la no grupo das palavras chamadas *parassintéticas* (considerando *des* + *cobri* + *mento*); trata-se de um derivado secundário cujos constituintes imediatos são o radical secundário *descobri-* e o sufixo *ment* (*o*). Em *arduamente* desprezaremos a desinência de feminino *-a-* (válida no vocábulo *árdua*) e analisaremos os constituintes imediatos: *ardua* + *mente*, sendo *ardua-* o radical secundário. Também em *desrespeitosamente* os constituintes imediatos são *desrespeitosa* (por destaques sucessivos > *respeitosa* > *respeit* > *speit,* este último radical primário ou raiz). Em *cantorezinhos* temos os constituintes imediatos *cantor* (*es*) e *zinho* (*s*), depois *cantor* e finalmente *cant-or*. Nessa gradação de elementos componentes de uma estrutura morfológica, nota-se que há certa ordem em sua distribuição; destacam-se primeiro, como nos constituintes imediatos, os elementos externos característicos da flexão, seguidos de elementos internos característicos do processo de transformação das palavras. Em nosso último exemplo, os externos de natureza flexional são representados pelas desinências de plural: *cantor(es),* e *zinho(s)*, enquanto os elementos internos são indicados pelos sufixos diminutivos de *cantor-zinho* (derivação sufixal) e pela desinência de nome de agente em *cant-or* (derivação sufixal).

A parassíntese ou circunfixação – Intimamente ligado à noção dos constituintes imediatos está o conceito de *parassíntese*, conceito não de todo assente entre os estudiosos. Para uns, para haver parassíntese basta a presença de prefixo e sufixo no derivado; é o caso de *descobrimento*, maneira de ver que rejeitamos, por não levar em conta a noção dos constituintes imediatos. Para outros, o processo consiste na entrada *simultânea* de prefixo e sufixo, de tal modo que não existirá na língua a forma ou só com prefixo ou só com sufixo; é o caso de *claro* para formar *aclarar*, em cujo processo entram concomitantemente o prefixo *a-* e o final *-ar*, elemento de flexão verbal que funciona, por acumulação, como sufixo. Como lembra Mattoso Câmara, pode dar-se ainda na parassíntese a adjunção de um sufixo de valor iterativo ou incoativo, o que ocorre em *entardecer* (*en* + *tard(e)* + *ec* + *er*) e *amanhecer* (*a* + *manh(ã)* + *ec* + *er*). Pode-se ainda entender que, a rigor, não existe parassíntese, se partirmos do fato de que, numa cadeia de novas formações, não poucas vezes ocorre o pulo de etapa do

processo, de modo que só virtualmente no sistema exista a forma primitiva. Assim, para se chegar a *farmacolando*, parte-se de um virtual **farmacolar* (à semelhança de *doutorar* em relação com *doutorando*), ou, para *prefeitável*, de um virtual **prefeitar* (como de *amar* para *amável*, ou de um *pagar* para *pagável*). Deste modo, em *aclarar, entardecer, amanhecer* se poderá pensar em partir dos virtuais **clarar, *tardecer, *manhecer* ou **aclaro, *entarde* e **amanhã*. Esta última explicação do fenômeno nos parece ser a melhor solução, abolindo a parassíntese como processo especial de formação de palavras, além de não contrariar o princípio geral da linearidade do signo linguístico.

As formações parassintéticas mais comuns no português ocorrem com o concurso dos prefixos *es -, a-, en-,* e os sufixos *-ear, -ejar, -ecer, -izar: esverdear, esclarecer, apodrecer, anoitecer, enraivecer, entardecer, encolerizar, aterrorizar.*

Haplologia na formação de palavras – A fim de evitar reduplicações de sílabas que pertencem à palavra primitiva e ao sufixo, é comum ocorrer *haplologia* ou *braquilogia*, como em: *caridad(e) + oso → caridoso* (por *caridadoso*) , *bondad(e) + oso → bondoso* (por *bondadoso*), *idad(e) + oso → idoso*. Estas simplificações também ocorrem em produtos por composição: *trágico + cômico → tragicômico*. Podem ocorrer também na língua as formas plenas: *caridadoso, bondadoso*.

Variantes dos elementos mórficos – É comum a variante de determinado elemento mórfico. Assim, altera-se a raiz em *reger* (reg-) e *regra* (regr-) ou *fazer* (faz-) e *fiz*; a desinência modo-temporal do pretérito imperfeito *-va-* (na 1.ª conjugação) ou *-ia-* (na 2.ª e 3.ª conjugações) passe a *-ve-* ou *-ie-*, respectivamente, na 2.ª pessoa do plural, pelo contato do *i* d e *is* da desinência pessoal (*amavas, amáveis, vendias, vendíeis, partias, partíeis*); a desinência de plural dos nomes é sempre *-s-*, mas diante de um plural como *mares*, temos, como já vimos em, de admitir uma forma teórica latente, no singular, não existente na norma, mas prevista no sistema, **mare*, que, servirá de forma básica para o plural *mares*. Ter-se-á de recorrer a essa forma teórica quando o pluralizador *-s* tiver de anexar-se a nome terminado em consoante: *sol → *sole + s > sols > soes → sóis; gás → *gase → gases,* etc. Quando temos formas variantes, aquela que ocorre isoladamente é a que se há de considerar a forma básica; assim é que temos as formas *chapéu* e *chapel* (em *chapelaria, chapeleiro*), mas a básica é *chapéu*, pois a outra só aparece nos derivados [VK.2, 20 n.2].

A forma livre *caber* (em *descaber*) apresenta, por exemplo, uma variante mórfica presa *-ceber* (em *receber, perceber*, etc.).

Tais variantes se chamam, à semelhança dos alofones, *alomorfes*. Destes alomorfes precisam ser distinguidos novos elementos mórficos oriundos de uma análise subjetiva do falante; não conhecendo a etimologia, muitas vezes o falante separa elementos que essa mesma etimologia não consigna. Por este processo, nasceram vocábulos como *sarampo* (do espanhol *sarampión*, e este do latim *sirimpionem*, por se pensar que *sarampão* fosse formado com o sufixo *-ão*), e *rosmano* (tirado de *rosmaninho*, do latim *rosmarinum*, também imaginado um

derivado com o sufixo de grau -*inho*).

Neutralização e sincretismo – A neutralização representa uma restrição no funcionamento das oposições distintivas existentes numa língua, quer no plano da fonologia, quer no plano gramatical (morfologia e sintaxe), quer no plano léxico.

Entende-se por neutralização a suspensão de uma oposição distintiva. Assim, o português estabelece oposição entre *e* aberto e *e* fechado, o que permite distinguir, por exemplo, *sede* (de um governo) e *sede* (sinto sede). Todavia, esta posição distintiva só funciona em posição tônica; se a vogal estiver em sílaba átona, só aparecerá o *e* fechado, na pronúncia normal brasileira, podendo fechar-se ainda mais a um *i*: *pedir/pidir*, sem que se altere o significado.

No plano do conteúdo gramatical, a oposição masculino/feminino fica suspensa com frequência no plural, apresentando-se apenas o masculino. Assim, *a menina e a prima estudiosas* no feminino, mas *a menina e o primo estudiosos*, em que o plural masculino se refere aos substantivos de gêneros diferentes.

Também o singular masculino pode, em certos contextos, assumir valor genérico e, assim, referir-se englobadamente a pessoas do sexo masculino e feminino: *O homem é mortal* (i.é, o homem e a mulher).

Ocorre o mesmo no léxico: *meus tios* pode fazer alusão a meus tios Benedito e Henrique, ou a meu tio Benedito e minha tia Noêmia. *Noite* e *dia* se dizem de partes distintas das "24 horas", mas *dia* pode englobar as duas partes quando empregado em contextos do tipo *Passei dois dias em Maceió*. Assim, o plural como termo marcado apresenta um traço diferencial positivo (com o valor "mais de um"), enquanto o singular, como termo não marcado apresenta dois valores: o contrário do outro (já que o singular é "unidade") e o valor genérico ("pluralidade"). Deste modo se explica por que o termo não marcado pode funcionar "em lugar" do marcado em certos contextos, não podendo haver o fenômeno contrário, isto é, o marcado aparecer "em lugar" do não marcado.

Em todos estes exemplos de neutralização, o termo que abrange toda a extensão da oposição se chamará *neutro*, *não marcado* ou *negativo*, e englobará o termo *positivo* ou *marcado*; assim, os masculinos *menino* e *dia* são termos neutros, e os femininos *menina* e *noite*, termos positivos ou marcados. Também, no sistema verbal, o presente se caracteriza pelo traço neutro, pois que, por isso, pode ser empregado "em lugar" do futuro (*Vou amanhã / Irei amanhã*) e do pretérito (*Pedro I proclama* nossa independência em 7 de setembro de 1822 / Pedro I *proclamou...*). Como ensina Coseriu, o presente, como termo neutro, pode ser empregado "em lugar" de qualquer outro tempo, e até em sentido "atemporal", ou em contextos de valor genérico ou em referência ao "presente eterno": *A terra gira em torno do sol*.

Não se há de confundir *neutralização* ou *sincretismo*. A neutralização, como vimos, é a suspensão, em determinado contexto, de uma oposição funcional que existe na língua em *um* dos seus dois planos: o da expressão ou o do conteúdo.

O sincretismo, por seu turno, é a ausência de manifestação material, numa seção de um paradigma ou em um paradigma, de uma distinção de conteúdo que, em outras seções do

mesmo paradigma ou em outros paradigmas análogos, se manifesta também materialmente. Assim, no paradigma verbal do português, a 1.ª e a 3.ª pessoas, que se distinguem em outros casos (*canto/canta; cantei/cantou*, etc.), não se distinguem, por exemplo, no imperfeito (*cantava*/*cantava*; *saía*/*saía*, etc.). Assim também haverá sincretismo, e não neutralização, em *falaram* como forma da 3.ª pessoa do plural do pret. perf. e do pret. mais-que-perfeito do indicativo, oposição recuperada na forma de 3.ª pessoa do singular (*falou/falara*) e ainda pelo contexto. Repare-se em que não se distinguem *na expressão* (na forma material, no significante), mas a diferença de conteúdo (de significado) persiste.

A diferença é que no sincretismo não há suspensão da oposição, nem há um termo de valor neutro que represente a soma "1.ª pessoa" + "3.ª pessoa". Pode haver sincretismos sintáticos, como, por exemplo, em *sábio alemão*, que admite duas interpretações exclusivas, conforme se entenda *sábio* como substantivo e *alemão* como adjetivo ou vice-versa.

Também em *amor de mãe* temos um sincretismo sintático, pois não se faz nenhuma distinção material se se trata do amor que a mãe tem ou nutre (pelos filhos, por exemplo) ou do amor que os filhos nutrem pela mãe; é o caso análogo ao genitivo "subjetivo" ou "objetivo" em latim. Mas os falantes fazem a distinção de conteúdo e não consideram a mãe como sujeito e objeto ao mesmo tempo.

O sincretismo pode ocorrer, principalmente, por *homonímia*, ou por *alomorfia* e desaparecimento do elemento mórfico, devidos a regras morfofonêmicas. Exemplos de homonímia: a) a vogal temática da 2.ª conjugação é *e*; esta vogal entretanto, passa a *i* no pret. imperf.; na 1.ª pessoa do singular do pret. perf. do indicativo e no particípio, suspendendo a oposição material distintiva com a 3.ª conjugação: vend + i + ia (com crase dos dois *ii*) → *vendia*; *vend + i + i → vendi; vend + i + do → vendido;* b) por outro lado, a vogal temática da 3.ª conjugação (*i*) passa a *e* quando átona, isto é, 2.ª e 3.ª pessoa do singular e 3.ª pessoa do plural do presente do indicativo e a 2.ª pessoa do singular do imperativo, suspendendo a oposição material entre a 2.ª e 3.ª conjugações: *vendes, partes; vende, parte; vendem, partem; vende tu, parte tu.* Também em *falaram*, a análise mórfica auxiliada pelo contexto dirá existir a 3.ª pessoa do plural do pret. perf. do indicativo (*fal-a-ra-m*) ou do pret. mais-que-perfeito (*fal-a-ra-m*).

Exemplos de desaparecimento: a) pela queda da vogal temática *i* do verbo *vir*, suspende-se a oposição, material entre o gerúndio e o particípio: *vindo* (gerúndio), *vindo* (particípio); b) pela queda da vogal temática *e* no infinitivo de *pôr*, este verbo ficou aparentemente afastado da 2.ª conjugação, chegando, durante muito tempo, a constituir razão para uma falsa 4.ª conjugação em português.

Graus de coesão de morfemas – A adição de morfemas nas constituições das palavras apresenta uma combinatória que cabe aqui ser referida. A adição aponta para uma combinatória rígida de modo que a ordem das unidades mórficas se mostra bem determinada. Assim, na estrutura do verbo em português – tomamos o verbo por exemplificação por ser, nas línguas flexivas como a nossa, aquela palavra de elementos estruturais mais rica – temos:

T (radical + vogal temática) + *D* (DMT + DNP)

am-a + re-mos

Em *recompor*, o prefixo *com* se acha mais integrado à significação do verbo *pôr* do que o prefixo *re-*. Também numa construção em que dois adjetivos modificam um mesmo substantivo, o adjetivo mais distante do substantivo é o menos coeso a ele, o que lhe permite normalmente permutar de posição: *céu azul maravilhoso / maravilhoso céu azul*, mas não *azul céu maravilhoso*. Entre prefixos isto não se dá: *recompor* (e nunca **comrepor*) [VK.2, 41].

Subtração nos elementos mórficos – Já vimos que os elementos mórficos podem ocorrer num processo de subtração, ao contrário do que ocorre com o processo por adição. A supressão de morfema é menos comum em português que o processo por adição.

Em português, um exemplo de morfema subtrativo é o que ocorre com os femininos de *anã, irmã, órfã*, obtidos pela eliminação do *-o* do masculino: 85

anão / anã
irmão / irmã
órfão / órfã

Temos ainda formação de palavras por procedimentos supressivos:

a) supressão do segmento medial pertencente a qualquer das bases: *petrodólares, apart-hotel, cineclube, credifone, tragicômico*

b) supressão do segmento final: *narcótico* → *narcotizar; prioridade* → *priorizar; maldade* → *maldoso*.

c) supressão do elemento final por cruzamento de bases: *motel* (motor + hotel), *brasiguaio* (brasileiro + uruguaio), *malular* (malufar + Lula), *sofressora* (sofrer + professora), *criança* (criança + onça), *aborrescente* (aborrecer + adolescente), *chafé* (chá + café). Este procedimento tem sido usado por bons escritores modernos (Guimarães Rosa, Mia Couto).

A subtração pode ocorrer por um processo de abreviação, em que a parte vale pelo todo: *foto* (grafia), *pneu* (mático), *metrô* (politano).

Morfema zero – Diferente do morfema subtrativo é o morfema zero (Ø). Consiste o morfema zero na ausência de uma marca de oposição gramatical em referência a outro termo marcado. Só haverá morfema zero se a noção por ele expressa for inerente à classe gramatical em que ele ocorra.

Assim, no par *alto/alta*, a oposição de gênero aparece marcada nos dois termos mediante *-o* e *-a*, já no par *alto/altos*, a noção de número plural, inerente à classe dos nomes, se acha marcada pelo pluralizador *-s*, enquanto a noção de singular está marcada pela ausência de uma marca. É esta ausência que tem o significado do valor do singular, e assim podemos considerá-la um verdadeiro morfema, a que chamaremos morfema zero (Ø).

Também em *amo, amas, ama*, as duas primeiras formas verbais apresentam marca de 1.ª e 2.ª pessoas do singular; a última (*ama*), pela falta de marca em relação às outras do mesmo

paradigma apresenta morfema zero para significado da 3.ª pessoa do singular.

OBSERVAÇÃO: Têm-se apresentado substantivos do tipo *pires, lápis, alferes*, adjetivos do tipo *simples, triste, feliz, capaz* como exemplos de morfema zero, por terem a mesma forma para o singular e o plural (nos substantivos) e para o masculino e feminino (nos adjetivos). Concordamos com a lição de Herculano de Carvalho, que não vê nestes casos morfema zero; trata-se de palavras que se mostram excepcionalmente alheias às classes gramaticais de número e gênero [HCv.2, II, 608-609]. Desta forma, *pires* não é um singular que permanece invariável no plural, pois não é em si nem singular nem plural, como *simples* não é nem masculino nem feminino.

Acumulação nos elementos mórficos – Entende-se, em geral, por *morfema cumulativo* aquele que reúne em si várias funções gramaticais. Assim, vê-se no *-o* final das formas verbais da 1.ª pessoa do presente do indicativo (*estudo, vendo, parto*) exemplo de morfema cumulativo, já que significa, simultaneamente, a pessoa (1.ª), o número (singular), o tempo (presente ou não passado) e o modo (indicativo).

Também entram na exemplificação de morfema cumulativo as desinências pessoais do pret. perfeito (*-i, -ste, -u, -stes*) porque eventualmente acumulam as funções de desinências modo-temporais que, nestas formas, é zero.

Todavia, esta descrição não é unanimemente aceita. Segundo alguns autores, entretanto, a condição para se considerar que estamos diante de um morfema cumulativo é o fato de duas ou mais significações gramaticais *nunca* serem marcadas por morfemas diferentes: é o que ocorre com as categorias de número e caso em algumas línguas indo-européias mais antigas ou conservadoras.86 Não é o caso, a rigor, do nosso *-o* final de *estud-o, vend-o, part-o*. Como ensina Matthews, tal caso não se ajusta a um modelo regular, pois a desinência costuma permanecer constante nos diferentes tempos e modos verbais. É bem verdade que o tempo e o modo estão sem morfemas aditivos, mas é um caso meramente especial de morfema sobreposto (cumulação acidental, para Sílvio Elia), como lhe chama o linguista citado, em relação com a totalidade do paradigma.

Em relação às desinências número-pessoais do pret. perf. do indicativo, lembremos que o verbo em português separa as desinências número-pessoais das modo-temporais. Assim, parece-nos que a melhor análise é considerar que no pret. perfeito do indicativo a desinência modo-temporal é zero, tal como se dá no presente do indicativo e no presente do subjuntivo. Não passa a sua função gramatical para a desinência número-pessoal.87

Muitas vezes um elemento mórfico utilizado para certa noção pode, por acumulação acidental, servir também para determinar outra noção desprovida de elemento característico (*elemento mórfico subtrativo*). As desinências de pessoa especiais para o pret. perfeito (*-i, ste, -u, -stes*), acumulam as funções de desinência modo-temporal por não existirem elas nestas formas verbais. Assim é que, embora haja elemento mórfico subtrativo, sabemos que *cantei, vendi* e *parti*, por exemplo, estão na 1ª pessoa do singular (função essencial da desinência *i*) do pret. perfeito do indicativo (função acumulativa da referida desinência), como ocorre com *-o* final de *estud-o*, *vend-o*, *part-o*, formas que estão na 1.ª pess. do sing. do pres. do indicativo.

Fusão nos elementos mórficos – Os elementos mórficos podem combinar-se por

justaposição ou por *fusão*. Em *livros* juntou-se ao radical primário a desinência pluralizadora *-s*, justaposta. No plural *canais* (*canale + s) ou *funis* (*funile + s) a integração do radical e desinência é mais íntima, não permitindo a análise dos dois elementos fundidos. No primeiro exemplo (*canais*), a fusão deu origem a um ditongo enquanto no segundo (*funis*) favoreceu uma crase (**funile + s = funi(l)es > funiis> funis*). Na 1.ª pessoa do singular do pretérito perfeito e na 2.ª pessoa do plural do pres. do indicativo da 3.ª conjugação há crase resultante da fusão da vogal temática com a desinência pessoal: *parti* (< partii), *partis* (< partiis) [Cf. VK.2, 20 n.2].

A aglutinação é um caso de fusão e, às vezes, pode ser tão íntima que o sentimento de linguagem moderno não perceba os dois elementos justapostos que a análise histórica patenteia. Dessarte, a gramática descritiva vê em *relógio* uma palavra simples, cujo radical é *relog-*; a histórica remonta aos dois radicais *hora lógio* (isto é, máquina que "diz a hora") [MC.2, 95].

O sufixo adverbial *-mente* foi primitivamente um substantivo de forma livre que se juntava aos femininos de adjetivos: *boa mente, clara mente*; depois houve maior integração dos dois elementos porque a forma livre passou a ser usada como afixo (forma presa) formador de advérbios. Foi desta aplicação de uma palavra como forma presa (afixo) que se originaram, para o português, o futuro do presente (*trabalharei*) e do pretérito (*trabalharia*), pois se uniram ao infinitivo (*trabalhar*) o presente e o pretérito imperfeito do verbo *haver* (*dar hei, dar hia* por *havia*). São casos de *hipotaxe* ou subordinação.

Passando as formas do verbo *haver* a constituir parte da desinência modo-temporal (*trabalharei* desdobra-se em *trabalh-a-re-i, trabalharia* em *trabalh-a-ria*, a gramática descritiva considera as nossas duas formas de futuro como formas simples.

Suplementação nos elementos mórficos – O ponto alto de uma irregularidade em relação ao paradigma da forma regular de determinado elemento mórfico é o processo chamado suplementação (ou *alternância supletiva*), que consiste em suprir uma forma com outra oriunda de radical diferente. O nosso verbo *ser* é anômalo porque, nas suas flexões, pede o concurso de dois verbos: *esse* e *sedēre*, também *ir* está neste caso, pois, além de suas formas próprias, possui as dos verbos *vadĕre* e *esse.*

A intensidade, a quantidade, o timbre e os elementos mórficos – Muitas vezes, em lugar de uma forma linguística, a intensidade, a quantidade e o timbre servem para ressaltar uma noção gramatical. Já vimos como o acento intensivo se mostra decisivo para distinguir o adjetivo, o verbo e o substantivo em *sábia, sabia* e *sabiá*.

A maior demora numa sílaba em regra traduz uma ênfase no significado da palavra:

> "Idiota! Trezentos e sessenta contos não se entregam nem à mão de Deus Padre! Idiota! Idioota!... Idiooooota..." [ML.1, 219].

A desinência do mais-que-perfeito do indicativo *-ra-* (variante *re-*) difere da semelhante que ocorre no futuro do presente, porque aquela é átona e esta é tônica: *cantara* (cant-a-ra) e *cantará* (cant-a-rá), *cantaras* (cant-a-ra-s) e *cantarás* (cant-a-rá-s).

A mudança de timbre (metafonia) concorre com a desinência da palavra para caracterizar o gênero, o número ou a pessoa do verbo: *caroço* (singular com *o* tônico fechado) → *caroços* (plural com *o* tônico aberto); *esse/essa, fez/fiz,* etc.

Há três grupos de alternância de timbre da vogal tônica com funções de indicações gramaticais:

a) | ê | → | é |; |ô | → | ó |

Em alguns nomes e pronomes, marca a oposição entre masculino e feminino ou singular e plural: *esse/essa; novo/nova*; *ovo/ovos.*

Em verbos da 2.ª conjugação marca, no presente do indicativo, a oposição entre a 1.ª pessoa do singular e as outras formas rizotônicas: *devo/deves, deve, devem; torço/torces, torce, torcem.*

b) | ê | → | i |; | ô | → | u |

Em pronomes, marca a oposição entre a referência de masculinos adjuntos e absolutos: *este, esse/isso; aquele/aquilo; todo/tudo.*

Em verbos fortes, marca a oposição entre 1.ª e 3.ª pessoas: *fez/fiz; pôs/pus.*

c) | i | → | ê |; | u | → | ô |; | i | → | é |; | u | → | ó |

Em verbos da 3.ª conjugação, marca, no presente do indicativo, a oposição entre a 1.ª pessoa e as outras rizotônicas: *minto/mentes, sinto/sentes*; *sumo/somes*; *firo/feres*; *durmo/dormes* [VK.2, 43-44].

Em Portugal, em geral, é o timbre aberto ou fechado da vogal tônica que distingue a 1.ª pessoa do plural do presente do indicativo e do pret. perfeito dos verbos da 1.ª e 2.ª conjugações: *lavamos* (â) (presente), *lavamos* (á) (pretérito), *devemos* (ê) (presente), *devemos* (é) (pretérito). No Brasil não fazemos em regra esta distinção, que fica, em geral, a cargo do advérbio adequado: *Hoje falamos disso. Ontem falamos disso.*88

2 – Formação de Palavras do Ponto de Vista Constitucional

Renovação do léxico: criação de palavras – As múltiplas atividades dos falantes no comércio da vida em sociedade favorecem a criação de palavras para atender às necessidades culturais, científicas e da comunicação de um modo geral. As palavras que vêm ao encontro dessas necessidades renovadoras chamam-se *neologismos*, que têm, do lado oposto ao movimento criador, os *arcaísmos*, representados por palavras e expressões que, por diversas razões, saem de uso e acabam esquecidas por uma comunidade linguística, embora permaneçam em comunidades mais conservadoras, ou lembrados em formações deles originados. De tudo isto trataremos no lugar próprio.

Os neologismos ou criações novas penetram na língua por diversos caminhos. O primeiro deles é mediante utilização da prata da casa, isto é, dos elementos (palavras, prefixos, sufixos) já existentes no idioma, quer no significado usual, quer por mudança do significado, o que já é um modo de revitalizar o léxico da língua.

Entre os procedimentos formais temos, assim, a *composição* e a *derivação* (*prefixal* e *sufixal*).

Outra fonte de revitalização lexical são os *empréstimos* e *calcos linguísticos*, isto é, palavras e elementos gramaticais (prefixos, preposições, ordem de palavras) tomados (empréstimos) ou traduzidos (calcos linguísticos) ou de outra comunidade linguística dentro da mesma língua histórica (regionalismos, nomenclaturas técnicas e gírias) ou de outras línguas estrangeiras – inclusive grego e latim –, que são incorporados ao léxico da língua comum e exemplar.

Uma fonte muito produtiva do neologismo vem da criação de certos produtos ou novidades que recebem o nome de seus inventores ou fabricantes, como *macadame, gilete*, etc. Muito próxima a esta via são os nomes criados levando em conta os sons naturais (fonossimbolismo) produzidos por seres e objetos: *Kodak, pipilar,* etc., são as onomatopéias e palavras expressivas.

De todos esses procedimentos de revitalização do léxico, merecem atenção especial para a gramática a composição e a derivação, tendo em vista a regularidade e sistematicidade com que operam na criação de novas palavras.

Conceito de composição e de lexia 89 – Já está assentada a distinção entre *composição* e *lexia*; por composição entende-se a junção de dois elementos identificáveis pelo falante numa unidade nova de significado único e constante: *papel-moeda, boquiaberto, planalto*. Há os compostos com elementos eruditos, geralmente de origem grega e latina, que só ocorrem na língua nessas novas unidades, isto é, que não aparecem independentes no discurso, e há os compostos com elementos vernáculos, de existência independente na língua (*papel-moeda*) ou com leves alterações formais (*planalto: plan*[*o*]*alto, boquiaberto: boqu*[*i*]*aberto*).

Por seu turno, a *lexia* complexa (termo cunhado pelo linguista francês Bernardo Pottier), também dita *sinapsia* (termo de outro linguista francês Emílio Benveniste – em grego ‘junção’, ‘conexão’, ‘coleção de coisas juntas’), é formada de sintagmas complexos que podem ser constituídos de mais de dois elementos: *negócio da China* (‘transação comercial vantajosa’), *pé de chinelo* (‘diz-se da pessoa de poucos recursos’), etc.

Alguns autores incluem a sinapsia no rol dos tipos de compostos, mas Benveniste – e cremos que com razão – prefere distingui-la. São características da sinapsia, segundo este autor:

a) a natureza sintática (não morfológica) da ligação dos elementos, o que muitas vezes torna difícil verificar se houve ou não lexicalização do conjunto;

b) o emprego de transpositores (preposições);

c) a ordem fixa *determinado* + *determinante*;

d) sua forma lexical plena, e a livre escolha de qualquer substantivo ou adjetivo;

e) a ausência de artigo antes do determinante, pois a presença do artigo romperia a unidade do conjunto, como se pode ver em *ar de família / ar da família; casa de pensão / casa da pensão;*

f) a possibilidade de expansão tanto do determinado quanto do determinante, *pouco ar de família / ar de boa família,* pois seu significado, apesar da expansão, é único e constante;

g) o caráter único e constante do significado.

Vê-se que algumas das características apontadas são também comuns aos compostos, o que explica, muitas vezes, a dificuldade de se traçarem limites rígidos entre os dois processos, já que, na língua, é tênue o limite entre o que é livre e o que está fixado.

A sinapsia, cujo resultado é sempre um substantivo ou adjetivo, tem grande vitalidade, especialmente na linguagem científica e técnica e, por isso mesmo, cria problemas na dicionarização dessas unidades lexicalizadas, já que dicionários e gramáticas, no seu levantamento, se guiam com maior atenção pela ortografia.

A relação sintática nas formações sinápticas é marcada normalmente mediante a preposição *de*, aparecendo ainda a preposição *em* ou *a*, esta última por influência estrangeira, em especial quando a unidade designa um artefato, em que o determinante indica o agente motor; *barco à vela, motor à explosão, fogão a gás*, ou uma característica distintiva *televisão a cores / televisão em cores.*

Há compostos em que a lexicalização se apresenta mais evidente que na sinapsia, é o caso dos compostos por *disjunção* e por *contraposição*.

Nos compostos por disjunção nem sempre os dois elementos se juntam graficamente por mais que seja evidente a lexicalização:

opinião pública guerra civil

mas

bicho-carpinteiro peixe-espada

Nestes compostos, o primeiro elemento é a denominação, enquanto o segundo é a sua especificação; assim *peixe-espada* é um *peixe* "que se assemelha a uma espada" e *opinião pública* é uma *opinião* "que é pública". A relação se diz de disjunção porque, embora o segundo seja uma especificação do primeiro, *espada* não é uma subclasse de *peixe* nem *pública* o é de *opinião*, como se os dois elementos pertencessem a classes diferentes.

Os compostos por disjunção são muito empregados nas denominações de plantas e animais, e menos frequentes na linguagem comum.

Os compostos por *contraposição* quando se constituem por dois substantivos, o segundo exerce uma função predicativa que designa a finalidade do primeiro, e há entre eles uma relação sintática de coordenação:

escola-modelo navio-escola
carro-leito carro-bomba

Em *acordo luso-brasileiro* é um acordo que envolve *portugueses* e *brasileiros*.

Nesses compostos com adjetivos étnicos, em geral são preferidas as formas reduzidas às plenas no primeiro elemento: luso-brasileiro (e não lusitano-brasileiro), aliança nipo-russa (e não japonês-russa).

A composição é uma transformação sintática em expressão nominal – Já vimos que compostos como *papel-moeda* se prendem a uma oração de base do tipo de "papel que é

moeda" o que aponta para o fato de tais unidades léxicas serem transformações de construções sintáticas simples ou complexas. Benveniste dá-nos sobre isto lição magistral:

> Os compostos "representam a transformação de certas orações típicas, simples ou complexas, em signos nominais. Não se pode, portanto, explicar a criação dos compostos pela simples junção imediata de dois signos anteriores. Se a composição nominal fosse, como é sempre apresentada, um processo de natureza morfológica, não se compreenderia por que ela parece se realizar em toda a parte, nem como puderam surgir essas classes formais em número limitado, tão parecidos entre as línguas mais diversas. É que o impulso que produziu os compostos não veio da morfologia, onde nenhuma necessidade os solicitaria; ele provém das construções sintáticas com suas variedades de predicação. É o modelo sintático que cria a possibilidade do composto morfológico e que o produz por transformação. A oração, com seus diferentes tipos, emerge assim na zona nominal. Consequentemente, é preciso reconhecer nos compostos uma situação particular. Em geral, eles são arrolados, com os derivados, na "formação dos nomes". Seria preciso, de preferência, fazê-los entrar em um capítulo novo da teoria das formas, consagrado ao fenômeno que poderia se chamar "*metamorfismo*"; entendemos por isso o processo de transformação de certas classes em outras (...). No momento em que a oração é transformada em composto e que os termos da oração se tornam membros do composto, a predicação é colocada em suspenso, e o enunciado atual torna-se virtual. É esta a consequência do processo de transformação.
>
> Assim se define então a função do composto: transferir para o virtual a relação atual de predicação enunciada pela oração de base. É justamente a essa função que correspondem também as características formais dos compostos. Tudo o que pode remeter a uma situação atual é apagado: a predicação verbal está apenas implícita; o primeiro membro, desprovido de qualquer índice de caso, de número, de gênero, é reduzido a um semantema; o segundo termo, sobre o qual repousa a relação sintagmática, toma uma forma e um final novos, índices do estatuto de adjetivo que o composto recebe (...). Ao passar assim para o quadro formal do nome, a oração livre sofre uma inevitável redução de suas latitudes de expressão. Seria seguramente impossível conter os dois termos do composto a multiplicidade de relações sintáticas a que é suscetível a oração livre. Todavia o composto é capaz de maior diversidade do que parece, e suas numerosas variedades recenseadas pelas gramáticas correspondem justamente a tipos diversos de orações (...).
>
> Mas esse relativo empobrecimento da expressão sintática transformada em expressão nominal é compensado pela variedade das combinações que o composto oferece à língua. Ele dá o poder de manejar como adjetivos ou nomes orações inteiras e de fazê-las entrar revestidas nessas novas espécies em outras orações. Assim se constitui particularmente um vasto repertório, sempre aberto, de compostos descritivos, instrumentos da classificação e da nomenclatura, aptos a se tornarem denominações científicas ou epítetos poéticos, e que, além do enriquecimento que proporcionam, mantêm essa atividade metamórfica, talvez o trabalho mais singular da língua" [EBv, 2, 163-164].

Palavras indivisíveis e divisíveis – INDIVISÍVEL é a palavra que só possui como elemento mórfico o radical: *mar, sol, ar, é, hoje, lápis, luz.*

DIVISÍVEL é a palavra que, ao lado do radical, pode desmembrar-se em outros elementos mórficos:

> mares (mar-e-s), alunas (alun-a-s), trabalhávamos (trabalh-á-va-mos).

Palavras divisíveis simples e compostas – Diz-se SIMPLES a palavra divisível que só possui um radical. Os outros elementos mórficos que a compõem ou são de significação puramente gramatical ou acrescentam ao radical a ideia subsidiária que denotam os afixos (prefixos ou sufixos).

Por causa desta nova aplicação de significado que os afixos comunicam ao radical, as palavras simples se dividem em *primitivas* e *derivadas*.

PRIMITIVA é a palavra simples que não resulta de outra dentro da língua portuguesa: *livro, belo, barco*

DERIVADA é a palavra simples que resulta de outra fundamental: *livraria, embelezar, barquinho.*

COMPOSTA é a palavra que possui mais de um radical: guarda-chuva, lanígero, planalto

Tanto as palavras simples (primitivas ou derivadas) como as compostas podem ser acrescidas de desinências que servem para exprimir uma categoria gramatical (flexão) que,

nos nomes e pronomes, traduz as noções de *gênero* e *número* e, nos verbos, *número, pessoa, tempo* e *modo*:

a) primitivas flexionadas: *livros, meninas*

b) derivadas flexionadas: *livrarias, meninadas*

c) compostas flexionadas: *couves-flores, guarda-livros, planaltos*

Quando a palavra é constituída de vários elementos mórficos, cabe, antes de mais nada, estabelecer o princípio dos constituintes imediatos. Analisando, por exemplo, *fidalgotes,* estabeleceremos que a palavra é primeiramente constituída de *fidalgote* + desinência de pluralizador *s*, através de *fidalg(o)* + diminutivo *-ote*.

Processos de formação de palavras – Dois são os principais processos de formação de palavras em português do ponto de vista da expressão ou da sua constituição material:

a) *composição*

b) *derivação*

A COMPOSIÇÃO consiste na criação de uma palavra nova de significado único e constante, sempre e somente por meio de dois radicais relacionados entre si. Isto não impede que um dos elementos do composto seja ele mesmo já um composto, contado como um termo único, pelo princípio dos constituintes imediatos.

1) Substantivo + substantivo:

a) Coordenação – quando há sequência de coordenação de elemento: 1– o determinante precede: *mãe-pátria, papel-moeda;* 2– o determinante vem depois: *peixe-espada, carro-dormitório, couve-flor*;

OBSERVAÇÃO: Os compostos com o determinado antes do determinante são os tipicamente portugueses. Nos compostos coordenativos um dos substantivos funciona como aposto do outro, em geral, o segundo: *peixe-espada* (peixe que se parece com uma espada). Compostos deste tipo em que o determinante vem antes do determinado, como em *mãe-pátria*, são mais raros. "Os realistas e os simbolistas são, porém, os que fazem mais vasto emprego artístico do substantivo por aposição, e cumpre confessar que, pela sua brevidade e viveza, têm estas formações alto poder estético: "A *nau-fantasma*, cortada a amarra, bamboleia nas ondas, prestes a largar" [G. Junqueiro *apud* MBa.2, 116-117]. Quando os elementos são constituídos por substantivos que apresentam formas para os dois gêneros, o determinante vai para o gênero do determinado, por ser este o principal: *batata-rainha*. As exceções explicam-se por analogia. Se não há distinção genérica, não se dará, naturalmente, a concordância: *a cobra-cascavel, a cobra-capelo, o pau-maçã, a fruta-pão, a cólera-morbo*. Quando fica obliterada ou esmaecida a natureza da composição, mais parecendo tratar-se de palavra simples, pode predominar o gênero do último, como ocorre com *o pontapé* [cf. MAg.3, 151-152].

b) Subordinação – quando há subordinação de um elemento, isto é, de um determinante a outro determinado: *arco-íris, estrada de ferro, pão de ló.*

OBSERVAÇÃO: Nesse tipo de subordinação, os elementos se unem por uma relação de complemento de substantivo, do adjetivo ou do verbo [cf. VK.3, 42 n. 5]. É muito natural no português a omissão da preposição *de*, como acontece com *arco-íris* (por *arco da íris, Íris* é nome mitológico). Assim, *porco-espinho* (= porco de espinho), *beira-mar* (= beira do mar), *pontapé* (= ponta do pé), etc. Observe-se que quando o gênero ou o número do 2.º elemento diverge do do 1.º, dá-se muitas vezes a concordância por influência deste: *pedra-raia* (por pedra de raio), *bolo-rei* (por bolo de Reis [Magos]), *sete-estrelo* (por sete estrelas) [cf. LV.2, 1, 441-442].

2) Substantivo + adjetivo (ou vice-versa):

aguardente, obra-prima, fogo-fátuo, belas-artes, baixa-mar, boquiaberto.

3) Adjetivo + adjetivo:

surdo-mudo, luso-brasileiro, auriverde.

4) Pronome + substantivo:

Nosso Senhor, Sua Excelência.

5) Numeral (inclusive latino) + substantivo:

onze-letras (alcoviteira), segunda-feira, bisneto, trigêmeo, sesquicentenário (sesqui = um e meio).

6) Advérbio (*bem, mal, sempre*) + substantivo, adjetivo ou verbo:

benquerença, benquisto, benquerer, malcriação (inutilmente corrigido para má-criação), malcriado, sempre-viva.

7) Verbo + substantivo:

lança-perfume, porta-voz, busca-pé, passatempo.

8) Verbo + verbo ou verbo + conjunção + verbo:

vai-vém, leva e traz, corre-corre.

9) Verbo + advérbio:

pisa-mansinho, ganha-pouco.

10) Um grupo de palavras ou uma oração inteira pode passar, pelo processo da hipotaxe ao nível de palavra:

um *Deus nos acuda*, mais vale um *toma* que dois *te darei*, os *disse me disse*.

Como já vimos, a associação dos componentes das palavras compostas se pode dar por:

a) *justaposição*: guarda-roupa, mãe-pátria, vai-vém.

b) *aglutinação*: planalto, auriverde, fidalgo.

OBSERVAÇÃO: Incluem-se no processo da aglutinação os casos, raros nas línguas românticas, de *incorporação nominal*, mediante os quais se incorpora ao verbo o seu complemento, nome ou pronome, que exerce a função semântica de paciente, locativo ou instrumental: *pesa-me - pêsame,* esp. *rabiatar* (= *atar el rabo*), etc.

"Na análise mórfica de um composto por justaposição, separam-se primeiramente as duas palavras, e, depois procede-se à separação de cada uma delas, se são divisíveis" [MC.2, 94].

Derivação – Derivação consiste em formar palavras de outra primitiva por meio de afixos. De modo geral, especialmente na língua literária e técnica, os derivados se formam dos radicais de tipo latino em vez dos de tipo português quando este sofreu a evolução própria da história da língua: *áureo* (e não *ouro*), *capilar* (e não *cabelo*), *aurícula* (e não *orelha*), etc. [MBa.1, 429-430].

Os afixos se dividem, em português, em *prefixos* (se vêm antes do radical) ou *sufixos* (se vêm depois). Daí a divisão em *derivação prefixal* e *sufixal*.

DERIVAÇÃO SUFIXAL: *livraria, livrinho, livresco.*

DERIVAÇÃO PREFIXAL: *reter, deter, conter.*

OBSERVAÇÃO: Como vimos em **Afixos: prefixos e sufixos. Interfixos**, os prefixos assumem valor semântico que empresta ao radical um novo significado, patenteando, assim, a sua natureza de elemento mórfico de significação externa subsidiária.

Baseados nisto, a gramática antiga e vários autores modernos fazem da prefixação um

processo de composição de palavras.

Sufixos – Os sufixos dificilmente aparecem com uma só aplicação; em regra, revestem-se de múltiplas acepções e empregá-los com exatidão, adequando-os às situações variadas, requer e revela completo conhecimento do idioma. Ao lado dos valores sistêmicos, associam-se aos sufixos valores ilocutórios intimamente ligados aos valores semânticos das bases a que se agregam, dos quais não se dissociam.90 A noção de aumento corre muitas vezes paralela à de coisa grotesca e se aplica às ideias pejorativas: *poetastro, mulheraça.* Os sufixos que formam nomes diminutivos traduzem ainda carinho: *mãezinha, paizinho, maninho.* Outras vezes, alguns sufixos assumem valores especiais (por exemplo *florão* não se aplica em geral a flor grande, mas a uma espécie de ornato de arquitetura), enquanto outros perdem o seu primitivo significado, como *carreta, camisola*. Por fim, cabe assinalar que temos sufixos de várias procedências, sendo os latinos e gregos os mais comuns nas formações eruditas.

Nas formações eruditas greco-latinas serão considerados nesta gramática elementos sufixais formas como - *ífic* -, - *ífer* -, - *duct* - e quejandos, em unidades como *sudorífico, frutífero, aqueduto*, assim como são elementos prefixais formas como *anfi-, extra-, inter-, mono-, multi-, poli-,* em *anfiteatro, extrafino, monovalente, multicolor, polianteia,* etc.

I – *Principais sufixos formadores de substantivos*:

1) Para a formação de nomes de agente, e ainda instrumento, lugar: 91

-tor, -dor, -sor, -or: narrador, genitor, ascensor, cantor, metralhadora, corredor (= lugar por onde se anda)

-nte, estudante, requerente, ouvinte

-ista: dentista, jornalista

-eira, -eiro: lavadeira, padeiro, vendeiro, derradeiro

-ária, -ário: bibliotecária, secretário

2) Para formação de nomes de ação ou resultado de ação, estado, qualidade, semelhança, composição, instrumento, lugar:

a) Derivados de verbo:

-ame: gravame

-ção, -são: coroação, perdição, compreensão, ascensão

OBSERVAÇÃO: Há de se atentar para a correta grafia de *-ção* e *-são*.

-mento: casamento, descobrimento

-ura, -dura, -tura: feitura, mordedura, formatura

-ança (-ancia), -ença (-encia): mudança, esperança, parecença, abundância, convalescença, (ou convalescência)

-ata: passeata

-ada: estada (estadia na norma de Portugal)

-ida (verbos da 2.ª e 3.ª conjugações): acolhida, partida

-agem: vadiagem

-ário: lapidário

b) Derivados de substantivo:

-ada: laçada, braçada, pousada

-ura: cintura

-astro: poetastro

-*estre*: silvestre, campestre
-*ato*: orfanato
-*aço, -aça*: vidraça
-*cínio*: patrocínio (não confundir com o radical -*cinio*, de *canĕre* 'cantar': galicínio 'o canto do galo')

c) Derivados de adjetivos:

-*ismo*: charlatanismo, civismo
-*tude*, -*dão:* amplitude, amplidão, solidão
-*ura*: doçura, brancura (concorrente vitorioso sobre -*or*: *verdor*, *amargor*)
-*eza, -ez*: beleza, viuvez
-*ácia*: audácia, falácia
-*dade*: dignidade
-*mônia*: acrimônia

3) Para significar lugar, meio, instrumento:

-*douro, -doura*: bebedouro, manjedoura
-*tério*: necrotério
-*tório*: dormitório
-*aria, -eria*: livraria, tesouraria, sorveteria
-*edo*: arvoredo
-*bulo*: turíbulo
-*or*: corredor
-*il*: covil (relacionado a nomes de animal, para indicar onde se recolhem)
-*anco*: barranco
-*cro*: simulacro, ambulacro

4) Para significar abundância, aglomeração, coleção:

-*aria, -ário, -eria*: cavalaria, infantaria (ou infanteria), casario
-*al:* laranjal, cipoal
-*edo*: arvoredo
-*eira*: doenceira, desgraceira
-*io*: mulherio
-*ama, -ame, -ume, -um*: mourama, velame, ervum, mulherum, homum, negrume
-*agem*: folhagem
-*ada*: boiada
-*aço*: chumaço
-*alha*: parentalha
-*ardo*: moscardo
-*ana, -aina* (por alongamento): andana, andaina

5) Para significar causa produtora, lugar onde se encontra ou se faz a coisa denotada pela palavra primitiva:

-*ário*: relicário, herbanário
-*eiro, -eira*: açucareiro, chocolateira
-*aria*: livraria, mercearia

6) Para formar nomes de naturalidade:

-*aco*: austríaco
-*ano,-ão*: pernambucano, coimbrão
-*ense, -ês*: cearense, português
-*enho*: estremenho (da Estremadura, Portugal)
-*eno*: madrileno, chileno

-*eu, -éu*: caldeu, hebreu, ilhéu (fem. *ilhoa*)

-*engo*: *flamengo*

-*ico*: brasílico

OBSERVAÇÃO: Em *algarvio* não há sufixo -*io*.

-*ista*: paulista

-*ol*: espanhol

-*oto*: minhoto (ô)

-*ato*: maiato (natural de Maia)

-*ino*: platino, bragantino

-*eiro*: brasileiro

-*eta*: lisboeta

-*aico*: hebraico, caldaico

7) Para formar nomes que indicam maneira de pensar; doutrina que alguém segue; seitas; ocupação relacionada com a coisa expressa pela palavra primitiva:

-*ismo*: cristianismo, classicismo

-*ista*: socialista, espiritista

-*ano*: maometano, anglicano

8) Para formar outros nomes técnicos usados nas ciências [AN.1, 123-124]:

-*ite* (emprega-se para as inflamações): pleurite, rinite, bronquite

-*ema* (é utilizado nos modernos estudos de linguagem com o sentido de "mínima unidade distintiva"): fonema (menor unidade de som); morfema (menor unidade significativa de forma), lexema, semema, estilema, etc.

-*oso* e -*ico* (distinguem óxidos, anídridos, ácidos e sais, reservando-se o último para os compostos que encerrem maior proporção do metaloide empregado): cloreto mercuroso, cloreto mercúrico

-*ato, -eto, -ito* (formam nomes de sais: clorato, cloreto, clorito): clorato de potássio, cloreto de sódio. Para os sais de enxofre usa-se o radical *sulf*: sulfeto, sulfito, e não *sulfur*, que é forma latina: sulfato de quinino, hipossulfito de sódio. Para os de fósforo usa-se o radical *fosf*, para os de flúor *flu*: fosfato, fluato. Para os de carbônio, o uso vulgar aceitou as formas *carbonato*, bem derivada, e *carbureto* (em vez de *carboneto*), que denota influência francesa: bicarbonato de sódio, carbureto de cálcio.

-*ênio* (caracteriza carbonetos de hidrogênio): acetilênio, etilênio, metilênio, etc.

-*ilio* (aparece em certos compostos chamados radicais químicos): amílio, metílio.

-*ina* (aparece em alcaloides e álcalis artificiais): *atropina*, alcaloide da beladona; *cafeína*, do café; *cocaína*, da coca; *codeína*, do ópio; *conicina,* da cicuta; *estricnina*, da noz-vômica; *morfina*, da papoula; *nicotina*, do fumo; *quinina*, da quina; *teína*, da árvore do chá, etc.; anilina, alizarina, etc.

-*io* (aparece em corpos simples): silício, telúrio, selênio, sódio, potássio, etc.

-*ol* (se encontra em derivados de hidrocarbonetos): fenol, naftol, etc.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) A Mineralogia e a Geologia têm também sufixos tomados em sentidos particulares:

-*ita* (para espécies minerais): pirita

-*ito* (para as rochas): granito

-*ite* (para fósseis): amonite

2.ª) Na indústria moderna os produtos novos são marcados com finais -*ax, -ex, -ix, -ox, -ux*, que passaram a ser entendidos como verdadeiros sufixos: ajax, tenax, paredex, pirex, atrix, inox, matox, rodox. Em *xerox* (ou etimológico *xérox*) não temos esse final, pois se prende a um adjetivo grego, que significa *enxuto*.

II – *Principais sufixos de nomes aumentativos e diminutivos, muitas vezes tomados pejorativa ou afetivamente*:

1) Aumentativos:

-*ão, -zão*: cadeirão, homenzão

-*anço*: falhanço, copianço

-arro, -arrão, -zarrão, arraz (arro + az): naviarra, bebarro, santarrão, coparrão, homenzarrão, pratarraz

-eirão: vozeirão

-aço, -aça: ricaço, barcaça, copaço

-astro: poetastro, politicastro, padrasto, madrasta (nos dois últimos houve dissimilação)

-alho, -alha, -alhão: politicalho, muralha, grandalhão

-ama: ourama, poeirama

-anzil: corpanzil

-ázio: copázio

-uça: dentuça

-eima: guleima, guloseima, boleima

-anca: bicanca

-asco: penhasco

-az: fatacaz, famanaz, famaraz

-ola: beiçola

-orra: cabeçorra

-eirão: chapeirão, toleirão

-ento: farturento

2) Diminutivos:

-inho, -zinho, -im, zim: livrinho, livrozinho, dormindinho, florzinha, espadim, bodim, valzim 92

Observação: Nem sempre é indiferente a opção por *-inho* ou *-zinho*. Não toleram *-inho* (e *-ito*) mas *-zinho* (e *-zito*) os nomes terminados em nasal, ditongo e vogal tônica: *cãozinho, cãozito, irmãzinha, albunzinho, raiozinho, bonezinho, urubuzinho*. Também se incluem os terminados em *-r*, embora aí haja alguns em *-inho*, facultativamente: *serzinho, cadaverzinho, caraterzinho; colher* admite *colherinha*, ao lado de *colherzinha*. Os terminados em *-s* e *-z* só toleram *-inho* (*-ito*): *tenisinho, lapisinho, rapazinho*.

-ito, -zito: copito, amorzito, passeandito

-ico: namorico, veranico

-isco: chuvisco, petisco

-eta, -ete, -eto: saleta, diabrete, livreto, saberete

-eco: livreco, padreco

-ota, -ote, -oto: ilhota, caixote, perdigoto

-ejo: lugarejo, animalejo

-acho: riacho, fogacho

-el, -ela, -elo (ora com *e* aberto ora fechado): cabedelo, magricela, donzela, donzel

-iola: arteríola

-ola: camisola (também tem sentido aumentativo quando designa a camisa longa de dormir); rapazola (cf. *-iola*)

-ucho: gorducho, pepelucho

-ebre: casebre

-ula, -ulo, -cula, -culo: nótula, glóbulo, radícula, corpúsculo

-alho, -elho, -ilho, -olho, -ulha: ramalho, rapazelho, pesadilho, ferrolho, bagulho

-aça, -aço, -iça, -iço: fumaça, caniço, nabiça

-el: cordel

III – *Principais sufixos para formar adjetivos*:

-(d)io, -(d)iço: fugidio, movediço (todos tirados do tema do particípio)

-vel, -bil: notável, crível, solúvel, flébil, ignóbil

-ento, -(l)ento: cruento, corpulento

-oso, -uoso: bondoso, primoroso, fastoso (ou fastuoso), untuoso, espirituoso

-onho: medonho, risonho

-az: mordaz, voraz

-udo: barrigudo, cabeçudo
-ício, -iço: acomodatício, enfermiço
-ário, -eiro: diário, ordinário, verdadeiro, costumeiro
-ano: humano
-asco: pardavasco
-esco, -isco: dantesco, principesco, mourisco
-ático: problemático, aromático
-eno: terreno
-áceo: rosáceo, galináceo
-acho: verdacho
-aco: demoníaco
-ado: barbado
-ardo: felizardo
-al: vital, *boçal*
-âneo, -anho: sucedâneo, estranho
-átil: portátil, volátil
-ino, -im: bailarino, paladino, paladim (a apócope de *-ino* a *-im* ocorre mais entre substantivos: *latino* [adj.], *latim* [s.])
-bundo: furibundo
-undo, -ondo: fecundo, redondo
-eo: róseo
-timo: marítimo
-urno: diurno
-iano: canoniano, virgiliano

OBSERVAÇÃO: Dos nomes próprios formam-se adjetivos em *-iano* e não *-eano*: comoniano, machadiano, saussuriano, wagneriano, como já era em latim. [cf. JMa.1, § 189, 2).

-ico: público
-engo, *-lengo*: mulherengo, avoengo, verdoengo (verdolengo)
-al, -ar: anual, escolar
-aico: prosaico
-estre: campestre
-este: celeste
-douro: vindouro, imorredouro
-tório: expiatório, satisfatório
-ivo: afirmativo, lucrativo
-ácea, -áceo (em família de plantas): liliáceas, papilonáceos
-ndo (equivalente ao particípio futuro passivo latino): graduando ('que vai ser graduado'), vitando ('que deve ser evitado'), venerando ('digno de ser venerado'), despiciendo ('digno de ser desprezado', 'desprezível'). Tem tido larga aceitação na nomenclatura de profissões universitárias, nem sempre bem visto pelos puristas: doutorando, farmacolando, engenheirando, etc.

IV – *Principais sufixos para formar verbos*:

1) Para indicar ação que deve ser praticada ou dar certa qualidade a uma coisa (verbo causativo):

-ant(*ar*): quebrantar
-it(*ar*): periclitar, debilitar
-iz(*ar*): civilizar, humanizar, realizar

2) Para indicar ação repetida (verbos frequentativos):

-aç(*ar*): espicaçar, adelgaçar

-*ej*(*ar*): mercadejar, voejar

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Nem sempre indicam repetição da ação; muitas vezes servem para exprimir a mesma noção, apenas por meio de forma entendida por mais sonora.

2.ª) Sobre -*ear* / -*ejar* [cf.MBa.5, 128].

3) Para indicar ação pouco intensa (verbos diminutivos):

-*it(ar*): saltitar, dormitar

OBSERVAÇÃO: Muitos verbos exprimem esta ideia por se formarem de nomes diminutivos: petisco + ar = petiscar; chuvisco + ar = chuviscar; cuspinho + ar = cuspinhar, namorico + ar = namoricar

4) Para indicar início de ação ou passagem para um novo estado ou qualidade (verbos incoativos):

-*ec*(*er*): alvorecer, anoitecer, apodrecer, endurecer, enfurecer

-*esc*(*er*): florescer

OBSERVAÇÃO: A grafia -*escer* é própria das palavras importadas que já chegaram à língua com -*sc-,* ou devidas à analogia.

V – *Sufixo para formar advérbio:*

-*mente* (junta-se a adjetivo na forma feminina, quando houver):

claramente, sinceramente, sossegadamente, simplesmente, horrivelmente, enormemente, primeiramente.

Por extensão, pode ainda muito expressivamente combinar-se com substantivos.

OBSERVAÇÃO: Os nomes terminados em -*ês* e alguns terminados em -*or*, porque no português antigo só tinham uma forma para os dois gêneros, não se apresentam no feminino: portuguesmente, superiormente.

Os advérbios em -*mente* podem ser distribuídos em três classes, conforme o sentido do adjetivo de que se formam [NE.1, 17-18]:

1) exprimem uma ideia de qualidade: *claramente*, *sinceramente*, *simplesmente*, *horrivelmente*;
2) exprimem uma ideia de quantidade ou medida: *copiosamente*, *imensamente*, *enormemente*;
3) exprimem uma ideia de relação de dois seres independente um do outro; entre as idéias de relação citamos as de *tempo* e *lugar*: *primeiramente*, *anteriormente*, *atualmente*.

Prefixos – Os principais prefixos que ocorrem em português são de procedência latina ou grega, sendo que muitos dos primeiros correspondem a preposições portuguesas. Ainda que os prefixos latinos tenham o mesmo significado de seus correspondentes gregos, formando assim palavras sinônimas, estas em regra não se podem substituir mutuamente, porque têm esferas semânticas diferentes.

Assim é que *transformação* e *metamorfose, circunferência* e *periferia, composição* e *síntese* são equivalentes, a rigor, mas não se aplicam indistintamente: *transformação*, por exemplo, é de emprego mais amplo que *metamorfose*.

Algumas vezes há duplicidade da noção expressa pelo prefixo e pela preposição que se segue à palavra derivada prefixalmente: *concorrer com, incorrer em, apor-se a,* etc.93 Outras vezes, o reforço se dá mediante o prefixo e o significado mesmo da palavra base; repare-se a repetição da ideia de *função, aproximidade* do prefixo *com-* e da base *vizinho* neste trecho de Euclides da Cunha: "Esta solidariedade de esforços evidencia-se melhor na vaquejada,

trabalho consistindo essencialmente no reunir, e discriminar depois, os gados de diferentes fazendas *convizinhas*...” [EC.1, 125].

Prefixos e elementos latinos

ab, abs (afastamento, separação): abstrair, abuso

ad, a (movimento para aproximação; adicionamento; passagem para outro estado; às vezes não tem significação própria): adjunto, apor

OBSERVAÇÃO: Não confundir com o *a* sem significação de certas palavras como *alevantar, assentar, atambor*.

ante (anteriormente, procedência – no tempo ou no espaço): antessala, antelóquio, antegozar, antevéspera

ambi (duplicidade): ambiguidade, ambidestro

bene, bem, ben (bem, excelência de um fato ou ação): bendizer, benfazejo

bis, bi, bin (dois, duplicidade): bisneto, biciclo, binóculo

centum, cento: centuplicar, centopeia

circum, circu (em roda de): circunferência, circulação

cis (posição aquém): cisalpino, cisatlântico, cisandino, cisplatino

OBSERVAÇÃO: Ocorre como antônimo de *trans*: transatlântico – cisatlântico.

cum, com, con-, co-, cor (companhia, sociedade, concomitância): cumplicidade, compadre, companheiro, condutor, colaborar, corroborar

contra (oposição, situação fronteira; o *a* final pode passar a *o* diante de certas derivações do verbo): contramarchar, contrapor, contramuro, controverter. Em *contradança* não ocorre o prefixo *contra*; o vocábulo nos veio do francês *contredanse*, do inglês *country-dance* (dança rústica), por etimologia popular, talvez devida ao fato de os pares se defrontarem, uns com os outros (daí o francês *contre*).

decem, deci, decu, dec (dez): decenviro, decilitro, décuplo

de- (movimento para baixo, separação, intensidade, negação): depenar, decompor. Às vezes alterna com *des-: decair — descair*.

de(s), di(s) (negação, ação contrária, cessação de um ato ou estado, ablação, intensidade): desventura, discordância, difícil (dis + fácil), desinfeliz, desfear (= fazer muito feio), desmudar (= mudar muito)

dis(s) (duplicidade, separação, diversidade de partes): dissecar (‘cortar em dois’), disjungir (‘separar duas coisas que estavam juntas’), dispor

ex-, es-, e- (movimento para fora, mudança de estado, esforço): esvaziar, evadir, expatriar, expectorar, emigrar, esforçar

OBSERVAÇÃO: Às vezes alterna-se com *des-, dis:* escampado – descampado; extenso – distenso; esguedelhar – desguedelhar; esmaiar – desmaiar; estripar e destripar; desapropriar e espropriar; desfiar e esfiar; desencarcerar e excarcerar; deserdar e exerdar [MBa.4, 211].

em-, en-, e-, in- (movimento para dentro, passagem para um estado ou forma, guarnecimento, revestimento): embeber, enterrar, enevoar, ingerir

OBSERVAÇÃO: Às vezes alterna-se a forma prefixada com o seu prefixo: *couraçar* e *encouraçar*, *cavalgar* e *encavalgar, trajar* e *entrajar, viuvar* e *enviuvar, bainhar* e *embainhar* [MBa.4, 206].

extra- (fora de, além de; superioridade; o *a* final passa, às vezes, a *o*): extradição, extralegal, extrafino, extroverter

in-, im-, i- (sentido contrário, negação, privação): impenitente, incorrigível, ilegal, ignorância

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Às vezes parece atribuir ao derivado o mesmo valor semântico da forma de base: *incruento, incrueldade*.

2.ª) Algumas vezes indica no que alguma coisa se transforma, isto é, mudança de estado: *incinerar* (‘reduzir a cinzas’), *inflamável* (‘que se transforma em chama’, ‘que se transforma em fogo’), etc.

3.ª) “Os prefixos negativos mais comuns são *in* e *des* ou *de*. São poucas as palavras verdadeiramente antigas formadas com o prefixo *in*, que só se tornam frequentes por imitação literária do latim, dos quinhentistas para cá; a derivação popular é sempre feita com o prefixo *des* ou *de*: *desfazer, descoser, desandar, desamor, desigual,* etc. Alguns tiveram a forma *in*, como *injustiça*, mas ainda em tal caso sempre (antigamente) se preferiu dizer a *sem-justiça* e dizer cousa *sem-nome* a cousa *inominada* ou quejandas expressões” [JR.5, n. 124].

infra- (abaixo): infra-assinado

inter-, entre (posição no meio, reciprocidade): entreter, interpor, intercâmbio

intro- (dentro): introduzir

intra- (posição interior, movimento para dentro; o *a* final passa, às vezes, a *o*): intramuscular, introverter, introduzir

ob-, o- (posição em frente): obstar, opor

per- (através de, coisa ou ação completa, intensidade): percorrer, perfazer, perdurar, persentir (sentir profundamente)

pluri- (muito): pluricelular

pos-, post- (posição posterior, no tempo e no espaço): postônico, pós-escrito

praeter (preter): preterir

primu (primeiro): primogênito

pre-, prae- (anteriormente, antecedência, superioridade): prefácio, prever, predomínio

pro- (movimento para frente, em lugar de, em proveito de): progredir, projeção

re- (movimento para trás, repetição, reciprocidade, intensidade): regredir, refazer, ressaudar (saudar mutuamente), ressaltar, rescaldar (escaldar muito)

retro- (para trás): retroceder, retroagir

satis (suficiente): satisfazer

semi- (metade de, quase, que faz as vezes de): semicírculo, semibárbaro, semivogal

so-, sob-, sub-, sus- (em baixo de, imediatamente abaixo num cargo ou função; inferioridade, ação pouco intensa): soterrar, sobestar, submarino, sustentar, supor

sobre- (nas formações vernáculas), *super-, supra-* (nas formações eruditas) (posição superior, saliência, parte final de um ato ou fenômeno; em seguida; excesso): sobrestar, superfície, supracitado, superlotado

soto-, sota- (posição inferior, inferioridade; logo após): soto-pôr, soto-mestre, sota-voga

trans-, tras-, tres-, tra-, tre- (além de, através de, passar de um lugar a outro, intensidade): transportar, traduzir, transladar, tresloucar, tresmalhar, tresnoitar, trespassar, tresler, tresgastar[94]

Observações:

1.ª) Não se há de confundir *três* (numeral) com *tres* (de *trans*): tresdobrar (triplicar);

2.ª) Às vezes *trans* é empregado como antônimo de *cis*: *transalpino* e *transandino*, por exemplo, opõem-se a *cisalpino* e *cisandino*;

3.ª) Também em certas palavras se podem alternar as variantes deste prefixo: transpassar, traspassar, trespassar; transmontar, tramontar

tris, tri, tres, tre (três): trissílabo, triciclo

ultra- (além de, excesso, passar além de): ultrapassar, ultrafino

un, uni (unidade): uniforme

vice-, vis- (em lugar de, imediatamente abaixo num cargo ou função): vice-presidente, visconde[95]

Prefixos e elementos gregos

a, an, este último antes de vogal (privação, negação, insuficiência, carência, contradição): afônico, anemia, anônimo, anoxia, amoral

aná (inversão, mudança, reduplicação): anabatista, anacrônico, analogia, anatomia, anáfora

anfí (duplicidade, ao redor, dos dois lados): anfíbio, anfibologia, anfiteatro

antí (oposição, ação contrária): antídoto, antártico, antípodas, antiaéreo

apó (afastamento): apologia, apocalipse

arqui, arce (superioridade hierárquica, primazia, excesso): arquiduque, arquimilionário, arcediago

catá (movimento para baixo): catacumba, catarata, católico

di (duplicidade, intensidade): dilema, dissílabo, ditongo

diá, di (através de): diálogo, diagrama

Observação: Pensando-se que *diálogo* é conversa de dois, tem-se empregado erradamente *triálogo* para conversa de três.

dis (dificuldade): dispepsia, disenteria

ec-, ex-, exo-, ecto (exterioridade, movimento para fora, separação): eczema, exegese, êxodo, exógeno, ectoderma

en-, em-, e- (interioridade): encômio, encíclica, enciclopédia, emblema, elipse

endo (movimento em direção para dentro): endocarpo, endovenosa

ento (interior): entófito (planta que vive dentro de outra)
epí (sobre, em cima de): epiderme, epitáfio
eu (excelência, perfeição, bondade): eufonia, euforia, eufemismo
hemi (metade, divisão de duas partes): hemiciclo, hemisfério
hipér (excesso): hipérbolo, hipérbato
hipó (posição inferior): hipocrisia, hipótese, hipoteca
metá (mudança, sucessão): metamorfose, metáfora, metonímia
pará (proximidade, semelhança, defeito, vício, intensidade): parábola, paradigma, paralela, paramnésia
perí (em torno de): perímetro, período, periscópio
pró (anterioridade): prólogo, prognóstico, profeta
prós (adjunção, em adição a): prosélito, prosódia
proto- (início, começo, anterioridade): protótipo, proto-história, proto-mártir
polí- (multiplicidade): polissílabo, politeísmo
sýn-, sým-, sý- (conjunto, simultaneidade): sinagoga, sinopse, simpatia, silogeu
tele- (distância, afastamento, controle feito à distância): telégrafo, telepatia, teleguiado

Correspondência entre prefixos e elementos latinos e gregos

Latinos	Gregos
des, in [1]: desleal, infeliz	*a, an*: amoral, anemia
contra: contrapor	*antí*: antipatia
ambi: ambiguidade	*anfi*: anfibologia
ab: abuso	*apó*: apogeu
bi(s): bilabial	*di*: dissílabo
trans: transparente, transformação	*diá, metá*: diáfano, metamorfose
in: ingressar	*en*: encéfalo
intra: intramuscular	*endo*: endovenoso
ex: exportar	*ec, ex:* êxodo
super, supra: superfície, supralingual, superlotar	*epí, hipér*: epiderme, hipertrofia
bene: benefício	*eu*: eufonia
semi: semicírculo	*hemi*: hemisfério
sub: subterrâneo	*hipó*: hipótese
ad: adjetivo	*pará*: paralelo
circum: circunferência	*perí*: periferia
de: depenar	*catá*: catarata
cum: composição	*sýn*: síntese

1. O prefixo *in* literário e erudito, ao contrário de *des-* popular, ganhou por isso certa cortesia e polidez, e constitui em neologismos, um recurso de eufemismos que cada vez mais se generaliza: *inverdade* (por *mentira*), *inexato, indelicado, indonto, impolido, inverídico, imerecido, inativo.*

OBSERVAÇÃO: Há também sinônimos ou equivalentes semânticos greco-latinos ou *doublets* bilíngues. Vejam-se os lembrados por [MBa.5, 103, n.18].

Latinos	Gregos
abecedário	*alfabeto*
florilégio	*antologia*
sudorífico	*diaforético*
unicórnio	*monoceronte*
rouxinol	*filomela*
península	*quersoneso*
novilúnio	*neomênio*
avareza	*filargiria*
favânio	*zéfiro*

Outros processos de formação de palavras – Além dos processos gerais típicos de formação de palavras, possui o português mais os seguintes: *formação regressiva, abreviação, reduplicação, conversão* e *combinação*.

Intimamente relacionada com a derivação temos a formação regressiva ou deverbal, que consiste em criar palavras por analogia, pela subtração de algum sufixo, dando a falsa impressão de serem vocábulos derivantes: de *atrasar* tiramos *atraso*, de *embarcar, embarque*; de *pescar, pesca*; de *gritar, grito*. Assim também os vocábulos *rosmaninho* e *sarampão* foram tomados, respectivamente como diminutivo e aumentativo, marcados, portanto, com sufixos de grau, e daí se tiraram as formas regressivas *rosmano* e *sarampo*, como falsos primitivos.

Tais derivados regressivos procedem da primeira ou da terceira pessoa do singular do presente do indicativo, o que explica sua distribuição em substantivos de tema em *-o* (se provindos da 1.ª pessoa) ou de tema em *-a* ou *-e* (se provindos da 3.ª pessoa), sem que se possa prever a opção da norma para a escolha da vogal temática. Os de tema em *-o* têm maior vitalidade no português moderno, especialmente na variedade informal: *o amasso, o agito, o chego, o sufoco, o apago* [VK.3, 23-24].

O Prof. Said Ali distribui-os em quatro grupos, levando em conta seu gênero gramatical:

"1.º) Masculino em *-o*: atraso, assento, emprego, voo, esforço, choro, degelo, remo, mergulho, suspiro, mando, confronto, rodeio, galanteio, festejo, gargarejo, etc.

2.º) Masculino em *-e*: embarque, desembarque, combate, corte, toque, etc.

3.º) Feminino em *-a*: amarra, pesca, sobra, suplica, leva, engorda, desova, renúncia, rega, esfrega, entrega, escolha, etc.

4.º) Masculinos e femininos: pago, paga, custo, custa, troco, troca, achego, achega, grito, grita, ameaço, ameaça" [SA.2, 163]

Neste processo, os substantivos tirados de verbos denotam ação, enquanto os substantivos que dão origem a verbos denotam, em geral, objeto ou substância, como *arquivo* → *arquivar, timbre* → *timbrar, apelido* → *apelidar*, e assim por diante. A vitalidade lhes garante formação de derivados: de *apago* se formou *apagão* nos blecautes, momentâneos ou demorados, das grandes cidades.

A ABREVIAÇÃO consiste no emprego de uma parte da palavra pelo todo. É comum não só no falar coloquial, mas ainda na linguagem cuidada, por brevidade de expressão: *extra* por *extraordinário* ou *extrafino*.

A forma abreviada passa realmente a constituir uma nova palavra e, nos dicionários, tem tratamento à parte, quando sofre variação de sentido ou adquire matriz especial em relação àquela donde procede. *Fotografia* e *foto* são *sinônimos* porque designam a mesma coisa, embora a sinonímia não seja absoluta. *Foto*, além de ser de emprego mais corrente, ainda serve para títulos de casas do gênero, o que não se dá com o termo *fotografia*.

Pode-se incluir como caso especial da abreviação o processo de se criarem palavras, com vitalidade no léxico, mediante a leitura (isoladas ou não) das letras que compõem siglas, como, por exemplo:

ONU (Organização das Nações Unidas)

PUC (Pontifícia Universidade Católica)

UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

USP (Universidade de São Paulo)

PT (Partido dos Trabalhadores)

Destas abreviaturas se derivam, mediante sufixos: *puquiano*, *uergiano*, *uspiano*, *petista*, etc.

A REDUPLICAÇÃO, também chamada *duplicação silábica*, consiste na repetição de vogal ou consoante, acompanhada quase sempre de alternância vocálica, para formar uma palavra imitativa:

> *tique-taque, reco-reco, pingue-pongue* (que provavelmente representa o chinês *ping-pang*, através do inglês *ping-pong*, segundo Sapir [ES.1, 82].

Este é o processo geralmente usado para formar as onomatopeias (Ú 74).

A CONVERSÃO consiste no emprego de uma palavra fora de sua classe normal:

> *Terrível palavra é um* ***não****. Não consegui descobrir o* ***porquê*** *da questão.*
>
> *Ele é o* ***benjamim*** *da família.*

Entre os casos de conversão podemos incluir a passagem, por hipertaxe, um grupo de vocábulos (geralmente o final) a palavra isolada: *Ele tem certas* ***fobias*** *(fobia* é a parte de um grupo de palavras que designam aversão a uma coisa: *fotofobia, xenofobia, hidrofobia,* etc). Estamos no século dos *ismos* e das *logias*.

OBSERVAÇÃO: Os casos de conversão recebiam o nome de *derivação imprópria*. Como a conversão não repercute na estrutura do significante de base, muitos estudiosos, com razão, não a incluem como processo especial de formaçao de palavras, como demonstra a hipertaxe.

A COMBINAÇÃO é um caso especial de composição em que a nova unidade resulta da combinação de parte de cada um dos dois termos que entram, na formação: *português + espanhol → portunhol; Bahia + Vitória → Bavi.* São comuns na linguagem jocosa: *sofrer +*

professor → sofressor; *aborrecer + adolescente → aborrecente.*

A INTENSIFICAÇÃO é um caso especial de intensificação ou expressividade semântica de uma palavra já existente mediante o alargamento de sufixos, quase sempre -*izar*, ou às vezes por modelos franceses ou ingleses: *agilizar* por *agir*, *veiculizar* por *veicular*, *obstaculizar* por *obstar*, *protocolizar* por *protocolar*, *culpabilizar* por *culpar*, *depauperizar* por *depauperar.*

Hibridismo – Chama-se hibridismo à formação de palavras com elementos de idiomas diferentes. São mais comuns os hibridismos constituídos da combinação de elemento grego com outro latino ou românico: *sociologia* (latino e grego), *autossugestão* (grego e português), *televisão* (grego e português), *burocracia* (francês *bureau* e grego), *automóvel* (grego e português), *decímetro* (latino e grego).

A nossa língua forma com facilidade hibridismos com elementos estrangeiros que se acham perfeitamente assimilados ao idioma, que passam como elementos nativos. Assim é que *fobia*, *mania, filo, tele, macro, micro, neo, pseudo, auto* e sufixos como *ismo, ista, ico* se juntam a elementos de qualquer procedência: *germanófilo, russófilo, germanofobia, russofobia, retratomania, teleguiado, micro-ônibus, neovencedor, pseudovencedor, autocrítica, autorretrato, caiporismo, governista.*[96]

Radicais gregos mais usados em português – Grande é o número de radicais gregos que encontramos no vocabulário português. Muitos deles nos chegaram através do latim e são antiquíssimos; lembremo-nos de que nos sécs. XVI a XVIII o latim era o veículo das obras de ciência e de filosofia em que abundavam os empréstimos de palavras gregas. Na adaptação dos termos gregos para o latim, geralmente se procedia da seguinte maneira: *k, ai, ei, oi, ou, u, r* (aspirado) gregos eram transliterados para latim, respectivamente em *c, ae, i, oe, u, y* e *rh*, e esta prática prevalecia para o português e demais línguas modernas. Esta norma nem sempre é hoje obedecida quando se trata de novos termos científicos. Assim é que se prefere *calidoscópio* a *caleidoscópio* (ei > i), apesar de, na linguagem técnica, dizer-se *dêictico* e não *díctico*. Aberta a porta para a introdução de palavras ou elementos de empréstimo numa língua, esta pode utilizá-los como bem lhe aprouver, criando distinções até então desconhecidas na língua de origem; assim é que, em português, distinguimos *amoral* 'que não é nem contrário nem conforme a moral' e *imoral* 'contrário a moral'.

Nessas criações com elementos eruditos, como bem diz Benveniste, o criador pensa na sua língua e escolhe o termo greco-latino, cujo significado originário nem sempre é o pretendido; o citado linguista estuda o termo *micróbio* criado por Sédillot (1804-1882) e mostra que, além da palavra não existir no grego, jamais seria criada para significar 'vida curta', pois *mikrós* não se ligaria a *bíos*, como em português não se apõe *breve* a *vista*, mas *vista curta.* Por outro lado, em regra não vamos ao grego para formar palavras novas; elas nos vêm do estrangeiro, mormente de França, e agora dos países de língua inglesa, através da nomenclatura científica

comum à maioria das nações cultas. E os erros que lá fora se cometem na formação dos neologismos não são por nós corrigidos. Aceitamos, e não há como corrigi-las, formas errôneas, como *quilômetro* (por *quiliômetro*), *hectômetro* (por *hecatômetro*).

Outras vezes não se leva em conta o significado rigoroso do termo grego. Assim se aplica *álgos* à dor física em vez da moral e se diz *cefalalgia* (dor de cabeça), *odontalgia* (dor de dente), *nevralgia* (dor de um nervo); também empregando-se *geo* para indicar *terra* como elemento, em vez de *argila* (uma vez que o primeiro só se poderia aplicar ao globo terrestre), se diz *geófago* (= comedor de terra) por *argilófago*. Ainda nos cabe dizer que muitos dos nomes técnicos, principalmente gregos, trazem na sua etimologia uma noção que o progresso científico considera errônea ou imperfeita. Destarte, *átomo*, que significa *indivisível*, *o que não se pode mais dividir*, não pode ser hoje tomado ao pé da letra; *oxigênio* quer dizer *gerador de ácidos*, como se todos os ácidos contivessem este corpo. Como são termos cuja etimologia não é inquirida, podem continuar a ser empregados sem inconveniência. Por fim, lembramos os casos de *esquecimento etimológico* em que o sentimento moderno não dá conta do significado de elemento constitutivo da palavra, dizendo, por exemplo, *ortografia correta* (orthós = correta), *caligrafia bonita* (calós = belo). Os bem falantes reagem contra muitos esquecimentos como *hemorragia de sangue, decapitar a cabeça, exultar de alegria*, estes dois últimos latinos.

Os principais radicais gregos usados em português são:

aér, aér-os (ar, vapor): aeronauta, aerostato, aéreo
ángel-os, aggel-os (enviado, mensageiro): anjo, evangelho
ág-o, agog-ós (conduzir, condutor): demagogo, pedagogo
ag-ón, ôn-os (combate, luta): agonia, antagonista
agr-ós (campo): agronomia
aithér (céu): etéreo
âthlon (certame): atleta
eti-a, aití-a (causa): etiologia
ácr-on, ákr-on (alto, extremidade): acrópole, acrobata, acróstico
álg-os (sofrimento, dor): nevralgia, nostalgia
állos (outro): alopatia
alpha (a = 1.ª letra do alfabeto): alfabeto
ánem-os (vento, sopro): anemoscópio, anêmona
ânt-os, ânth-os (flor): antologia
antrop-os, ánthrop-os (homem): filantropo, misantropo, antropófago
arc-aîos, arch-aîos (antigo): arcaico, arqueologia
arc, arkh-é (governo): anarquia, monarquia
arc, arch-ós (chefe que comanda): monarca
aritm-ós, arithm-ós (número): aritmética, logaritmo
árct-os (urso): ártico, antártico ("o nome *ártico* refere-se às constelações Grande Urso e Pequena Ursa, em uma das quais se acha a Estrela Polar", [SA.2, 167].
astér, ast(é)r-os (estrela): asteróide, astronomia
atmós (vapor): atmosfera
aut-ós (si mesmo): autógrafo, autonomia
bál-o, báll-o (projetar, lançar): balística, problema, símbolo
bor-is, bor-ýs, bár-os (pesado, grave): barítono, barômetro
bibl-íon (livro): bibliófilo, biblioteca

bí-os (vida): biografia, anfíbio
cené, skené (tenda): cenografia
cianos, *kýanos* (azul): cinanídrico
cir, *quir-ós*, *cheír*, *cheir-ós* (mão): quiróptero, cirurgia, quiromancia
cion, *kýon* (cão): cinegética
col-é, *khol-é* (bílis): melancolia
cor-os, *corea*, *chor-ós* (coro): coreía, (dança em coro), coreografia
clorós, klorós (verde): clorofila
cron-os, *chrón-os* (tempo): crônico, cronologia, isócrono, anacronismo
cópto, *kópto* (bato, corto): síncope
crom-a, *khrôm-a* (cor): cromolitografia
chíliai, *chília* (mil): quilômetro, quilograma
cris-ós – chrys-ós (ouro): crisóstomo, crisália, crisântemo
crátos, *krátos* (força): democracia
crípto, *krípto* (escondo): criptônimo, criptografia
quil-ós – chylós (suco): quilífero
dáctil-os – dáktyl-os (dedo): datilografia ou dactilografia
déca, *déka* (dez): decassílabo, decálogo
dêm-os (povo) democracia, epidemia
dérm-a (pele): epiderme, paquiderme
dís, di (dois): dissílabo, ditongo
dis, *dys* (mal, difícil): digestão
dô-ron (dom, presente): dose, antídoto, Pandora
dóx-a (opinião): ortodoxo, paradoxo
drâ-ma — atos (ação, drama): drama, dramático, melodrama
dróm-os (corrida, curso): hipódromo, pródromo
dínam-is — dýnam-*is* (força): dinâmica, dinamômetro
édr-a (base, lado): pentaedro, poliedro
id-os, *eîd-os* (forma), donde procede *óide* (que se assemelha a): elipsoide
ic-ón — eik-ón — ón-os (imagem): ícono, iconoclasta
électra — élektr-on (âmbar, eletricidade): elétrico, eletrômetro
estoma, *stóma* (boca): estômago, estomatite
érg-on (obra, trabalho), daí os sufixos — urgo, — urgia: metalurgia, dramaturgo, energia
escafe, scáphe (barco): escafandro
énter-a (entranhas, intestino): enterite, disenteria
estásis, *stásis* (ação de estar): hipóstaxe
étn-os — éthn-os (raça, nação): étnico, etnografia
étimos, *étymos* (verdadeiro): etimologia
gám-os (casamento), daí *gamo* (o que se casa): polígamo, bígamo, criptógamo
gastér, *gast(é)-ros* (ventre, estômago): gastrônomo, gastralgia
gê, *geo* (terra): geografia, geologia
génes-is (ação de gerar): gênese, hidrogênio
gén-os (gênero, espécie): homogêneo, heterogêneo
giné, *gyné* (mulher): ginecologia
giminós, *gyminós* (nu): ginástica
glôss-a ou *glôtt-a* (língua): glossário, glotologia, epiglote
gon-ía (ângulo): polígono, diagonal
gon-ós (formação, geração): cosmogonia, teogonia
gráf-o, gráph-o (escrever), e daí *graph-ía* (descrição), *gráph-o* (que escreve), *grámm-a* (o que está escrito):

geografia, telégrafo, telegrama
hágios (sagrado): hagiologia
hem-a — haêm-a — atos (sangue): anemia, hemorragia
here-o — hairé-o (tomar, escolher): heresia, herético
hélios (sol): helioscópio, heliotrópio
hemér-a (dia): efêmero, efemérides
hemí (metade): hemiciclo
héter-os (outro): heterodoxo, heterogêneo
heptá (sete): heptassílabo
héx (seis): hexágono
hier-ós (sagrado): hierarquia, hieróglifo
híp-os — hípp-os (cavalo): hipódromo, hipófago
hól-os (entregue de todo, inteiramente): ológrafo, holocausto
hom-ós, *homeo* (semelhante, o mesmo): homogêneo, homônimo, homeopatia
hór-a (hora): horóscopo
horáo (vejo), *hórama* (visão): panorama
hid-or — hýd-or (água), daí *hidro, hydro,* como elemento de composição: hidrogênio, hidrografia
ict-io — icht-ýo — ýos (peixe): ictiologia, ictiófago
ídios (próprio, particular): idioma, idiotismo
ísos (igual): isócrono, isotérmico
cac-ós — kak-ós (mau): cacofonia, cacografia
cal-ós — káll-os (belo), *kallos* (beleza): caligrafia
card-ía — kard-ía (coração): cardíaco, pericárdio
carp-ós — karp-ós (fruto): pericarpo, endocarpo
cefal-é — kephal-é (cabeça): cefalgia, encéfalo
clíno, klíno (inclino): ênclise, próclise
cósm-os — kósm-os (mundo): cosmografia, cosmopolita
coinós, *koinós* (em comum): cenobita
crát-os — krát-os (poder): democrático, aristocrático
cicl-os — kykl-os (círculo): hemicídio, bicicleta
lég-o (dizer, escolher): prolegômeno, ecletismo
lepís, *lepídeos* (escama): lepidóptero
lambán-o (tomar, daí *lêps-is* (ação de tomar), *lémma* (coisa tomada): eplepsia, lema, dilema
lítos, líthos (pedra): monólito, litografia
lóg-os (discurso, tratado, ciência): diálogo, arqueologia, bacteriologia, epílogo
máqu-e — mách-e (combate): logomaquia
macr-ós — makr-ós (comprido, longo): macróbio
man-ía (mania, loucura, gosto apaixonado por): bibliomania, monomania
manci-a — manteí-a (adivinhação, profecia): cartomancia, quiromancia
mártys — mártyros (testemunha): mártir, martirólogo
mazós (mama, seio): mastodonte
mégas, megále (grande): megalomania, megalócito
mélas, *mélan* (negro): melancolia, melanésia
mélos (música, canto): melodia, melodrama
méros (parte): pentâmero
mésos (meio): Mesopotâmia
méter, metrós (mãe): metrópole
métron (medida): barômetro, termômetro
micrós, mikrós (pequeno): micróbio, microscópio

mîmos (que imita): mimetismo, mímica
mis, mŷs, myós (músculo): miocárdio
mîsos (ódio): misantropo
mnéme (memória): amnésia, mnemotécnica
mónos (só): monólogo, monólio
morfé — morphé (forma): morfologia
mitos — mŷthos (fábula, mito): mitologia
miria — myria plural de *myrías* (dez mil): miriápode
naûs (nau): navio, náutica
necros — nekrós (morto, cadáver): necrópole, necrologia
né-os (novo): neologismo, neófito
nês-os (ilha): micronésia, melanésia
neûron (nervo): nevralgia, neurastenia
nóm-os (lei, administração, porção): astronomia, autonomia
octó (oito): octossílabo
od-é (canto): paródia
ad-os, hodós (caminho, via): êxodo, método, período
odus, odóntos (dente): odontologia
ónima, ónom-a, onyma (nome): pseudônimo, sinônimo
ófis, ofid — ophis, ophidos (serpente): ofídio
oftalmós — ophthlmós (olho, vista): oftalmia, oftalmoscópio
oîcos, oîkos (casa): economia, paróquia
óps, opós (vista): *ópsis* (ação de ver)
optikós (que se refere a visão): miopia, autópsia
hóram-a (vista): cosmorama, panorama
órnis, órnitos, órnithos (pássaro): ornitologia
óros (montanha): orografia
ortós — orthós (direito, reto): ortodoxo, ortografia, ortopedia
ostéon (osso): osteologia, periósteo, osteoporose
osmós (impulso): osmose
óxis — óxys (ácido, agudo): oxigênio, paroxismo
paideía, pedia (educação): pedagogo, enciclopédia
pente (cinco): pentágono
pes, pedos — paîs, paidós (criança, menino): pedagogia
paleos — palaiós (antigo): paleontologia, paleografia
pân, pantós (todos): panorama, panóplia, panteísmo, pantógrafo
patos — páthos (afecção, doença): patologia, simpatia
fag-o, phágo, phageîn (comer): antropófago, hipófago
fan-o, fen-o, phaíno (fazer aparecer, brilhar): diáfano, fenômeno
femi — phemí (eu digo, falo): eufemismo, profeta
fero, foros — phéro (levar, trazer):, *phor-ós* (que leva): fósforo, semáforo
filon, *phŷllon* (folha): clorofila
fílos — phílos (amigo): filarmonia, filantropo
físis, phýsis (natureza): fisionomia
fobeo, fóbos — phobe-os (temer, fazer fugir), daí *phob-os*: hidrófobo, anglófobo, russófobo
fôs, fotós — phos, photós (luz): fósforo, fotografia
frasis, phrásis (ato de dizer): perífrase
plut-os — ploût-os (riqueza): plutocracia
fon-é — phon-é (voz articulada): cacofonia

poléo (vendo): monopólio
pólis (cidade): acrópole, metrópole, necrópole
pépsis (cozimento): dispepsia
polis — polýs (muito): poligamia, polígono, policromia, polinésia, policlínica
pús, podós — poús, pod-ós (pé): antípoda, miriápode
pétalon (pétala): minopétalo
prôtos (primário, primeiro): protagonista, protocolo, protozoário, protoplasma
plésso (bato, firo): apoplexia
pseûdos (falsidade, mentira): pseudônimo
pleurá, *pleurón* (lado, flanco): pleurite
psiqué — psyché (alma): psicologia, metempsicose
pnêuma, *pnêumatos* (que respira, sopra): pneumático, dispneia
pterón (asa): quiróptero, coleóptero
ptôma (cadáver): ptomaína, ptomofagia
pir, pir-os — pŷr, pyr-ós (fogo, febre): pirotécnico, antipirina
poiéo (eu faço): onomatopeia
pénte (cinco): pentassílabo
potamós (rio): hipopótamo
pile, *pŷle* (porta): piloro
ptissis, ptýsis (escarro): hemoptise
sárx (carne): sarcoma, sarcófago
semion, *semeîon* (sinal): semiologia, semântica
sépo (apodreço): antissético, antisséptico
síderos (ferro): siderurgia, siderita, siderografia
spérma (semente): esperma, espermatozoide
stéllo (envio): epístola
sticos, *stíkhos* (verso): hemistíquio, dístico
re-o – rhé-o (correr, fluir): catarro, diarreia
sism-os – seism-ós, daí *sism* (estremecimento): sismologia, sísmico
scope-o – skopéo (examinar, daí *scópio* (que faz ver): telescópio, microscópio, osciloscópio
sofós – sophós (sábio): filósofo
estatós – statós (que se mantém): aeróstato, hidrostática
esfera, *sphaîra* (esfera): atmosfera
estilo, *stŷlos* (coluna): peristilo
estere-o – stere-o (sólido): estereótipo, estereomia
estratos, *stratós* (exército): estratégia
estref-o – stréph-o (virar, voltar): apóstrofe, catástrofe
tafos – taphos (túmulo): epitáfio, cenotáfio
témno (divido): anatomia
tautó por *tò autó* (o mesmo): tautologia
táxis (arranjo, ordem): sintaxe
taumatos, *thaumatós* (prodígio, milagre): taumaturgo
técne — téchne (arte): politécnico
téras, *tératos* (prodígio, fenômeno, monstro): teratologia
tema, *théma* (ato de colocar): anátema
têle (longe): telégrafo, telefone, telescópio
tétara, *tetra* (quatro): tetraedro
te-os — the-ós (deus): teologia, teocracia, politeísmo
termós — thermós (calor): termômetro

tésis — *thésis* (ação de por, ter): antítese, síntese
trefo, *trépho* (alimento): atrofia
tomé (cortadura, seção): tomo, átomo, estereotomia
trépo (envolto, mudo): heliotrópico
tópos (lugar): tópico, topografia, atopia
triás, *tríados*, *trees*, *tria* (três): trinômico, tríade
traûm-a – atos (ferimentos): traumático
tip-os – týp-os (tipo caráter): tipografia, arquétipo
zôi-on (animal, ser vivo): zoologia, zoófito

Famílias etimológicas de radical latino – Chama-se *família etimológica* a uma série de palavras cognatas. Cabem aqui as judiciosas observações do Prof. Said Ali: "parece cousa extremamente fácil distinguir palavras derivadas de palavras primitivas quando se trata de exemplo como *pedreiro, pedraria, pedregulho* ou *fechamento, laranjal, bananeira*, que não requerem especial cultivo da inteligência para alguém saber que se filiam respectivamente a *pedra, fechar, laranja, banana*. São entretanto numerosos os casos em que transparece menos lúcida a relação entre o termo derivado e o derivante, sendo necessário algum estudo para perceber a filiação. Outras vezes tem havido tal exclusão de forma e sentido, que surge um curioso conflito entre o sentimento geral do vulgo e o fato encarado à luz da pesquisa científica"[SA.2, II, 3].

Nesta matéria cabe distinguir cuidadosamente uma forma *livre* de uma forma *presa* (cf. **Afixos: prefixos e sufixos. Interfixos**). *Receber*, por exemplo, é considerada como derivada prefixal, embora *-ceber* não tenha curso independente na língua, porque é uma forma presa de *caber*, que aparece numa série de palavras portuguesas 97:

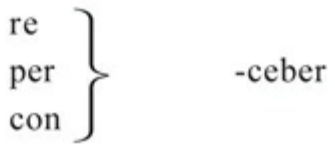

O mesmo ocorre com *resistir* e *iludir* cujas formas presas *-ludir* e *-sistir* são elemento comum a uma série:

Já o mesmo critério não se aplica a outras palavras como *esquecer* e *inteligência*, que passaram a funcionar, para o sentimento dos que falam português, como palavras primitivas.

Tenha-se presente ainda que, muitas vezes, se usam em português dois radicais oriundos de duas formas flexivas de uma mesma palavra: *câncer* e *cancro*.

Eis uma pequena lista de cognatos com radical latino:

aequus, a, um (direito, justo): adequar, equação, equidade, igual, iníquo.

ager, agri (campo): agrário, agricultor, agrícola, peregrino

ago, agis, egi, actum, agere (impelir, fazer): ágil, ator, coagir, exigir, indagar, pródigo

alter, a, um (outro): alterar, alternância, altruísmo, outro

ango, angis, anxi, ângere (apertar): angina, ângulo, angústia, ânsia, angusto

audio, audis, audivi, auditum, audire (ouvir): auditório, audiência

bellum, i (pugna, combate): belonave

bos, bovis (boi): bovino

cado, cadis, cécidi, casum, cadere (cair): acidente, cadente, incidir, ocaso

caedo, caedis, cecidi, caesum, caedere (cortar): cesariana, cesura, conciso, incisão, precisar

Há numerosos derivados em *cida, cidio*, cuja significação é "matar":

fratricida, homicida, infanticida, matricida, patricida, regicida, uxoricida, suicida, fratricídio, homicídio, suicídio, etc.

candeo, candes, candui, candere (embranquecer): cândido, candura, incandescer

cano, canis, cecini, cantum, canere (cantar): celebrar, predizer (este na língua religiosa): canoro, cântico, cantilena, acento. Há numerosos derivados em *-cínio*: vaticínio ('canto do vate', no significado de *profeta*), galicínio ('canto do galo'), tirocínio

capio, capis, cepi, captum, capere (tomar): antecipar, cativo, emancipar, incipiente, mancebo

caput, capitis (cabeça): cabeça, capitão, capital, decapitar, precipício

caveo, caves, cavi, cautum, cavere (ter cuidado): cautela, incauto, precaver-se

cedo, cedis, cessi, cessum, cedere (ceder): cessão, concessão, conceder

cerno, cernis, crevi, cretum, cernere (núcleo): discernir, cerne, concernir

clamo, clamas, clamavi, clamatum, clamare (chamar): proclamar, clamador

clarus, clara, clarum (claro): claridade, clareza

colo, colis, colui, cultum, colere (habitar, cultivar): agrícola, colônia, culto, íncola, inquilino, cultura (*agri-, avi-, hort-, pisci-, triti-, vini-,* etc.)

cor, cordis (coração): acordo, discórdia, misericórdia, recordar

dico, dicis, dixi, dictum, dicere (dizer): abdicar, bendito, dicionário, ditador, fatídico, maledicência

do, das, dedi, datum, dare (dar): data, doação, editar, perdoar, recôndito

doceo, doces, docui, doctum, docere (ensinar): docente, documento, doutor, doutrina, indócil

duo, duae, duo (dois): dobro, dual, duelo, duplicata, dúvida

duco, ducis, duxi, ductum, decere (levar, dirigir): conduto, duque, educação, dútil, produzir, tradução, viaduto

Deste radical há numerosos derivados em *duzir* (*a-, con-, de-, intro-, pro-, re-, se-, tra-,* etc.).

edo, edes, edi, esum, edere (comer): comer, comida, comestível (*cum* + *edo*)

eo, is, ivi, itum, ire (ir): comício, circuito, itinerário, transitivo, subir

facio, facis, feci, factum, facere (fazer): afeto, difícil, edificar, facínora, infecto, malefício, perfeito, suficiente

Há numerosos derivados em *ficar* (*clari-, falsi-, grati-, puri-,* etc.)...

fero, fers, tuli, latum, ferre (levar, conter): ablativo, aferir, conferência, fértil, oferecer, prelado, relação98

frango, frangis, fregi, fractum, frangere (quebrar): fração, frágil, infringir, naufrágio, refratário

fundo, fundis, fudi, fusum, fundere (derreter): fútil, funil, refutar, fundir (*con-, di-, in-, re-*), confuso, difuso, profuso

gero, geris, gessi, gestum, genere (gerar): beligerância, exagero, famigerado, gerúndio, registro

gigno, gignis, genui, genitum, gignere (produzir): genitor, genital

iaceo, iaces, iacui [part. fut. *iaciturus*], *iacere* (jazer): jazigo, jacente, adjacente, subjacente

gradior, graderis, gressus sum, gradi (avançar andando): egresso, ingressar

iacio, iacis, ieci, iactum, iacere (lançar): abjecto, jato, jeito, injeção, sujeito

lac, lactis (leite): lácteo, lactante, lactente, leiteria, laticínio

lateo, lates, latui, latum, latere (estar escondido): latente

lego, legis, legi, lectum, legere (ler): florilégio, legível, leitura, lente
loquor, loqueris, locutus sum, loqui (falar): colóquio, eloquência, locução, prolóquio
ludo, ludes, lusi, lusum, ludere (jogar): ludopédio, lúdico
misceo, misces, miscui, mistum (e *mixtum*) *miscere* (misturar): mexer, misturar, miscível
mitto, mittis, misi, missum, mittere (mandar): demitir, emissão, missionário, remeter, promessa
moneo, mones, monui, monitum, monere (advertir, fazer lembrar): admoestar, admonitor
mentior, mentiris, mentitus sum, mentiri (mentir): mentir, mentira
moveo, moves, movi, motum, movere (mover): motorista, motriz, comoção, móvel
nascor, nasceris, natus sum, nasci (nascer): natal, nativo, nascituro, renascimento
nosco, noscis, novi, notum, noscere (conhecer): incógnita, noção, notável
opus, operis (obra): obra, cooperar, operário, opereta, opúsculo
os, oris (boca): oral, oralidade
patior, pateris, passus sum, pati (sofrer): compatível, paciente, paixão, passional, passivo
pendeo, pendis, pependi, pensum, pendere (pender): suspenso
pes, pedis (pé): pedal, pé
plico, plicas, plicavi ou *plicui*, *plicatum* ou *plictum*, *plicare* (fazer pregas): dobrar, aplicar, chegar, cúmplice, explicar, implícito, réplica
pono, ponis, posui, positum, ponere (colocar): aposto, dispositivo, disponível, posição, posto
quaero, quaeris, quaesivi ou *quaesii, quaesitum, quaerere* (procurar): adquirir, inquirir, quesito, questão, questor
rapio, rapis, rapui, raptum, rapere (roubar): rapto, raptar
rego, regis, rexi, rectum, regere (dirigir): correto, reitor, regência, regime, reto
rumpo, rumpis, rupi, ruptum, rumpere (romper): corrupção, corruptela, roto, ruptura, erupção
scribo, scribes, scripsi, scriptum, scribere (escrever): escritor, escritura
seco, secas, secui, sectum, secare (cortar): bissetriz, inseto, secante, seção, segador, segmento
sedeo, sedes, sedi, sessum, sedere (estar sentado): sedestre
solvo, solvis, solvi, solutum, solvere (desunir): absolver, dissoluto, resolver, solução, solúvel
specio, specis, spexi, spectum, specere (ver): aspecto, espetáculo, perspectiva, prospecto, respeito, suspeito
sto, stas, steti, statum, stare (estar): estado, distância, estante, obstáculo, substância
sterno, sternis, stravi, stratum, sternere (estender por cima): consternar, estrada, estratificar, prostrar
sumo, sumis, sumpsi, sumptum, sumere (tomar, apoderar-se): assumir, consumir, sumidade, sumário
tango, tangis, tetige, tactum, tangere (tocar): contagioso, contingência, tato, contato, atingir
tendo, tendis, tetendi, tensum ou *tentum, tendere* (estender): atender, distenso, contente, extenso, pretensão
teneo, tenes, tenui, tentum, tenere (ter): contentar, abstinência, tenaz, sustentar, tenor, detento
trado, tradis, tradidi, traditum, tradere (trazer): tradição, extraditar
tribuo, tribuis, tribui, tributum, tribuere (repartir): atribuir, retribuir
torqueo, torques, torsi, tortum, torquere (torcer): extorsão, tortura, extorquir, tortuoso, distorção
verto, vertis, verti, versum, vertere (tornar, voltar): verter, versão
video, vides, vidi, visum, videre (ver): evidência, próvido, vidente, visionário, previdência
venio, venis, veni, ventum, venire (vir): vir, vinda
vivo, vivis, vixi, victurus, vivere (viver): vida, viver
volvo, volvis, volvi, volutum, volvere (envolver): devolver, envolto, revolução

3 – Estudo Estrutural do Léxico: A Lexemática

Entende-se por *lexemática* ou *semântica estrutural* o estudo da estrutura do conteúdo ("significado") léxico.

Para evitar confusões que perturbam tal estudo, convém distinguir as *relações de significação* das *relações de designação*. As relações de significação são relações entre significados dos signos linguísticos, enquanto as relações de designação são relações entre signos linguísticos inteiros e os "objetos", isto é, as realidades extralinguísticas por eles designados e representados no discurso. Só as relações de significação são estruturáveis. Um exemplo para clarear a distinção: a designação de dois signos pode ser a mesma sem que seus significados sejam idênticos. Coseriu exemplifica com os termos gregos *brotós* e *ánthropos*, que designam a mesma classe de objetos (os homens), mas não têm o mesmo significado, isto é, não significam "o mesmo": *brotós* significa "homem como não deus" e *ánthropos* significa "homem como não animal".

Outras disciplinas *semânticas* – É justamente o estudo da estruturação das relações de significação que separa a lexemática de outras disciplinas, todas importantes, que, chamadas ou não "estruturais", estudam a "semântica", no sentido amplo do termo. Todo problema que lide com a significação é, em certo sentido, "semântico"; todavia nem todo problema "semântico" é *lexemático*, pois este só diz respeito às relações estruturais, paradigmáticas e sintagmáticas, dos significados léxicos num mesmo sistema linguístico, isto é, numa *língua funcional*.

O objeto ideal das disciplinas lexicológicas 99 – a lexemática inclusive –, como de qualquer descrição estrutural, deve ser a língua funcional, como já vimos.

Destarte, a lexemática, entendida como estrutura do significado, tem propósito diferente da *onomasiologia* (partindo do significado, a disciplina estuda as relações entre este significado e os diferentes significantes que o expressam, como, por exemplo, as denominações do corpo humano "interidiomaticamente" estudadas, quer nas várias línguas funcionais de uma mesma "língua histórica" (o português, por exemplo) ou em "línguas históricas" diferentes (o português e o francês, por exemplo), da *semasiologia* (partindo do significante, a disciplina estuda as relações que unem este significante aos diferentes significados que pode expressar) como, por exemplo, os diferentes significados que idiomaticamente podem ser expressos pelo significante "*ponto*" (*ponto* para a geometria, para a linguagem escolar, para o teatro, para a costureira, para o funcionário, etc.) 100, dos *campos associativos* (estudam as associações de um signo com outros signos estabelecidos por similitude ou por contiguidade, tanto dos significantes quanto dos significados, associações motivadas por ideias, crenças e atitudes relativas às "coisas" (como *boi* associado não só a *vaca*, *touro*, *bezerro*, *chifre*, mas também a *trabalho*, *força*, *vigor*, *paciência*, *mansidão*). São configurações associativas, como diz Coseriu, que têm interesse para a psicolinguística, para a linguística do falar e para a do texto, mas não constituem objeto da descrição estrutural das línguas [ECs.1, 165].

A lexemática e as palavras lexemáticas – Se cabe à lexemática o estudo das relações de significação, só lhe interessam, em princípio, as palavras lexemáticas, que manifestam a configuração semântica do léxico.

Por isso estão fora da consideração da lexemática as palavras que constituem

“equivalências de orações”(interjeições, partículas de afirmação e de negação, como *sim*, *não*), as palavras morfemáticas (artigos, preposições, conjunções) e as palavras categoremáticas (dêiticos ou pronomes, como *eu*, *meu*, *agora*, *aqui*), bem como os nomes próprios e os numerais, porque não são estruturáveis, embora participem da maioria dos fenômenos léxicos (como a modificação, o desenvolvimento, a composição) [ECs.2, 88].

Estruturas paradigmáticas – As estruturas lexemáticas que podem ser identificadas no léxico ou são paradigmáticas ou sintagmáticas.

Chamam-se estruturas paradigmáticas no léxico as estruturas constituídas por unidades léxicas que se encontram em oposição no eixo da seleção. Assim, “bom-mau”, “casa – casinha”, “morrer – mortal” são oposições que manifestam estruturas paradigmáticas.

Diz-se *estrutura primária* se seus termos se implicam reciprocamente, sem que um deles seja primário em relação aos outros; “jovem” implica “velho” e “velho” implica “jovem”, mas nenhum deles é primário em relação ao outro.

Diz-se *estrutura secundária* se a implicação entre seus termos é de “direção única”. Assim “casa” - “casinha”, “morrer” - “mortal”, “trabalhar” - “trabalhador” são estruturas secundárias, porque o primeiro termo de cada par está implicado pelo segundo, mas não o inverso, pois a definição do conteúdo “casa” é independente do conteúdo “casinha”, mas a definição do conteúdo “casinha” inclui necessariamente o conteúdo “casa”.

Os dois tipos de estruturas primárias – Há dois tipos de estruturas paradigmáticas primárias: o *campo léxico* e a *classe léxica*.

Um *campo léxico* é uma estrutura paradigmática constituída por unidades léxicas que se repartem numa zona de significação comum e que se encontram em oposição imediata umas com as outras.

Por exemplo, podemos preencher a lacuna em:

Estive três _____ *em Fortaleza*;

selecionando um dos seguintes lexemas do paradigma: *segundo*, *minuto*, *hora*, *dia*, *semana*, *mês*, *ano*, etc., ficando excluídos termos como: *árvore*, *casa*, *rio*, *cadeira*, etc.

Em *O muro é verde*, *verde* exclui imediatamente *azul*, *branco*, *cinza*, etc., que pertencem ao mesmo campo léxico (o das cores), mas não termos como *muito*, *pouco*, *bastante*, *menos*, etc., que pertencem a outros campos.

Cada unidade de conteúdo léxico expresso no sistema linguístico é um *lexema*. Nos exemplos acima, *segundo*, *minuto*, *hora*, etc. são lexemas.

Uma unidade cujo conteúdo é idêntico ao conteúdo comum de duas ou mais unidades de um campo é um *arquilexema*. Os traços distintivos que caracterizam os lexemas chamam-se *semas*, como emprega o linguista B. Pottier.

Tomemos, para simples exemplo, o campo lexical de “assento”, estudado pelo citado Pottier, em que “assento” é o arquilexema desse campo, que tem como lexemas, em português, entre outros que deixaremos de lado: *cadeira*, *poltrona*, *sofá*, *canapé*, *banco* e *divã* [BP.1;

MV.1, 80-81].

Como traços distintivos dos lexemas, proporemos os seguintes *semas*:

s1: ‘objeto construído para a gente se sentar’

s2: ‘com encosto’

s3: ‘para uma pessoa’

s4: ‘com braços’

s5: ‘com pés’

s6: ‘feito de material rijo’

Levando-se em conta que a presença do sema será indicado por + e, sua ausência por – , teremos:

	s1	s2	s3	s4	s5	s6
banco	+	–	–	–	+	+
cadeira	+	+	+	–	+	+
poltrona	+	+	+	+	+	–
sofá	+	+	–	+	+	–
divã	+	–	+	–	+	–
canapé	+	+	–	+	+	+

Pelo exposto, vê-se que não basta dizer, por exemplo, que “*banco* é um objeto construído para a gente se sentar”, pois tal definição se aplicaria indistintamente a todos os lexemas incluídos no campo léxico. Com base nos semas, isto é, nos traços distintivos que separam os lexemas arrolados no exemplo, diremos que “banco é um objeto construído para a gente se sentar, com material rijo (madeira, ferro, cimento), dotado de pés”.

Se se tratasse de *cadeira*, definiríamos “objeto construído para a gente se sentar, com encosto, para uma pessoa, dotado de pés e feito de material rijo”.

Um lexema pode funcionar em vários campos; é o caso do adjetivo *fresco* que funciona no campo dos adjetivos como *novo*, *velho*, etc. (cf. *queijo fresco*, *fruta fresca*), ou no campo dos adjetivos *frio*, *quente*, *morno*, etc. (*manhã fresca*, *brisa fresca*).

Sobre *neutralizações* e *sincretismos* no léxico.

Classe léxica – Chama-se *classe léxica* a uma classe de lexemas determinados por um *classema*. *Classema* é um traço distintivo comum que define uma classe, independentemente dos campos léxicos. Assim, *jovem*, *inteligente*, *gago* pertencem a campos léxicos distintos,

mas podem estar incluídos na mesma classe pelo classema "ser humano", já que podemos dizer de uma pessoa que ela é *jovem*, ou *inteligente* ou, finalmente, *gago* [MV.1, 1979, 70 e ECs.2, 176].

Para os substantivos, podem-se estabelecer, por exemplo, classes como: "seres vivos", "coisas" e, dentro da classe "seres vivos", por exemplo, "seres humanos", "seres não humanos", etc.

Para os adjetivos, pode haver classes como "positivo", "negativo" que justificam coordenações aditivas do tipo "*bom* e *inteligente*", ou coordenações adversativas do tipo "*bom* mas *brigão*".

Para os verbos podem-se também constituir várias classes, como as já conhecidas "transitivo e intransitivo" (com possibilidades de subtipos, como "transitivos que não admitem voz passiva e transitivos que a admitem), ou ainda, com base no classema "direção" (em relação ao agente da ação), os verbos "adlativos", isto é, em direção de aproximação do agente (do tipo de *comprar*, *ganhar*, *receber*, *recolher*, etc.) e os "ablativos", isto é, em direção de afastamento do agente (do tipo de *vender*, *dar*, *entregar*, *soltar*, *devolver*, etc.).

Há lexemas que se apresentam na intersecção de duas classes quanto ao seu significante, mostrando-se insensível à diferença classemática, cujo significado em uso só se pode depreender no contexto.

É o que ocorre com substantivos como *hóspede* ("aquele que dá ou recebe hospedagem"), com verbos como *alugar* ("aquele que dá ou recebe de aluguel"), em orações do tipo: *Enildo é meu hóspede*; *Zélia alugou o apartamento*.

Entram neste rol palavras como *saudoso* ("que sente ou causa saudade"), *temeroso* ("que sente ou causa temor"), *arrendar* ("que dá ou toma de renda"), *esmolar* ("que dá ou pede esmola") [MBa.3, 290 e MBa.5, 151].

É o caso também de substantivos e adjetivos que podem ser tomados à boa e à má parte, como *sucesso*, *fortuna* (= destino), *êxito*, *ventura*, e que foram depois especializados no bom sentido; quando se empregam hoje diferentemente, requerem um adjetivo da classe "negativo": *mau sucesso*, *triste fortuna*, *mau êxito*, *pobre ventura*, etc. [MBa.3, 282].

Às vezes, a língua desfaz a duplicidade de conteúdo com o recurso a novas palavras; assim *hóspede* se especializa ou pode-se especializar em "aquele que recebe a hospedagem", e se cria a palavra *hospedeiro* para o que dá hospedagem. Outras vezes, com a especialização da classe, como ocorre com *hóspede* (especializado modernamente para aquele que recebe hospedagem), o que não ocorre, entretanto, com o verbo *hospedar* (= dar ou receber hospedagem; neste último significado, aparece como pronominal: *Eu me hospedei num hotel barato*).

Estruturas secundárias – As estruturas paradigmáticas secundárias correspondem ao domínio da formação de palavras e podem manifestar-se por estruturas de *modificação*, de *desenvolvimento* e de *composição*, que implicam sempre a transformação irreversível de um termo primário existente como lexema de conteúdo (significado) e de expressão (significante) na língua. Consumada a transformação, o termo – agora secundário – pode receber

determinações gramaticais explícitas próprias dos termos primários, como a pluralização: *casa* → *casas*; *casa* → *casinha* → *casinhas*.

Dada a extensão que merece o estudo dos três tipos de estruturas secundárias, trataremos dele na parte mais adiante em que se estudam os procedimentos de formação de palavras do ponto de vista das relações de significação.

Estruturas sintagmáticas: as solidariedades – As estruturas sintagmáticas são solidariedades, isto é, relação entre dois lexemas pertencentes a campos diferentes dos quais um está compreendido, em parte ou totalmente, no outro, como traço distintivo (sema), que limita sua combinação.

Distinguem-se três tipos de solidariedade: *afinidade*, *seleção* e *implicação*.

Na AFINIDADE, o classema do primeiro lexema funciona como traço distintivo no segundo. Assim, *pé* e *pata* têm como traços distintivos ao conteúdo 'membro de sustentação do corpo' a classe 'pessoa' (*pé*: "membro de sustentação de pessoa") e 'animal' (*pata*: "pé de animal"). O mesmo com *grávida* e *prenhe*; os traços distintivos do conteúdo "fecundação" são a classe 'pessoa' (*grávida*: "fecundada em relação a pessoas"), e 'animal' (*prenhe*: "fecundada em relação a animal") [ECs.2, 141; MV.1, 77].

Na SELEÇÃO, é o arquilexema do primeiro lexema que funciona como traço distintivo no segundo. Os lexemas *pelo* e *pena*, quanto ao conteúdo 'sistema piloso' incluem como traço distintivo o arquilexema *mamífero* e *ave*: *pelo* ("sistema piloso dito de mamíferos") e *pena* ("sistema piloso dito de aves").

Na IMPLICAÇÃO é todo o primeiro lexema que funciona como traço distintivo no segundo. Por exemplo, a cor *baio* tem como traço distintivo o lexema "cavalo", pois *baio* só se diz dos cavalos. Outro bom exemplo de implicação são as chamadas vozes dos animais, pois os lexemas *relinchar*, *mugir*, *zurrar*, *balir*, *grunhir*, *ladrar*, *miar*, *cacarejar*, *regougar* são o grito relativo, respectivamente, a "cavalo", "vaca", "burro", "cabra", "porco", "cão", "gato", "galinha", "raposa".

É preciso distinguir as solidariedades semânticas vistas aqui, propriamente linguísticas, dos "clichês léxicos", ou sintagmas estereotipados e das solidariedades frequentes, determinadas pelo nosso conhecimento das "coisas"; assim, *branco* aplicado às *gaivotas* não é exemplo de solidariedade semântica, porque a combinação não é um fato de língua, mas apenas assinala a frequência de gaivotas brancas na realidade extralinguística, sem que se despreze a possibilidade de gaivotas de outra cor. Pelo contrário, em *cavalo alazão* temos um fato de língua, porque *alazão* implica o traço distintivo "próprio do cavalo", razão por que no discurso se pode usar só de *alazão*, sem que seja necessário explicitar o lexema *cavalo*. Esta operação não se estende a *branco* em relação a *gaivota*.

4 – Formação de Palavras do Ponto de Vista do Conteúdo

Já vimos na lição de Benveniste que o problema de procedimentos de formação de

palavras ultrapassa os limites da morfologia, em que, tradicionalmente, parece enquadrada, na tradição linguística.

Por outro lado, como assinala Coseriu 101, um estudo coerente da formação das palavras que se atenha estrita e exclusivamente ao ponto de vista da expressão – como o vimos até aqui – é possível; mas para o aspecto funcional e, portanto, para a compreensão e descrição de uma língua, tal estudo é pouco proveitoso, já que os procedimentos materiais (prefixação, sufixação, etc.) e os funcionais não guardam entre si nenhum paralelismo, uma vez que procedimentos materiais diferentes podem corresponder ao mesmo tipo funcional e vice-versa. A não consideração do aspecto de significado é a causa de muita discussão e incertezas em incluir no domínio da formação de palavras as combinações casuais do tipo *um salve-se quem puder*, *bom dia*, *manu tenere* > *manter*, que não constituem propriamente *procedimentos* da formação de palavras, entre outros casos.

Ainda com apoio na lição de Coseriu, um estudo de formação de palavras do ponto de vista do conteúdo, isto é, fundado no significado, está mais ajustado a seu objeto. Partindo deste ponto de vista, a formação de palavras corresponde a uma particular *gramaticalização* do léxico "primário". Tomemos a este linguista o seguinte exemplo para mostrar que as relações, digamos assim, gramaticais, que se dão nos produtos da formação de palavras são consequências das equivalências semânticas entre esses produtos e as construções que lhes correspondem do ponto de vista do conteúdo. Em *beldade* como equivalente a "o fato de ser belo/bela", o termo "fato" não é a palavra *fato* da linguagem primária e que em seguida seria determinada por "ser belo / bela", mas sim um *nome* para a substantivação efetuada nesta formação; do mesmo modo, "ser" é nome da 'predicatividade de ser', isto é, da predicação atribuída, e "belo / bela" é nome da unidade de *belo*(s) + *bela*(s) na linguagem primária, ou seja, um *belo* sem gênero e sem número. Em outros termos, seria o mesmo que dizer, abstratamente, acerca de nossa fórmula: "*belo*(s) / *bela*(s) gramaticalizado por predicação atributiva e com posterior substantivação". Isto significa que os produtos de formação de palavras dizem sempre mais do que suas respectivas bases léxicas.

Por tudo isto, conclui Coseriu que a formação de palavras é um domínio autônomo das línguas, que abarca fatos "paragramaticais" e fatos puramente léxicos, e seu estudo é um ramo autônomo da semântica funcional, que deve começar pelas funções "paragramaticais" dos procedimentos de formação e chegar até as fixações na designação.

Dissemos "paragramaticais" porque, na realidade, a formação de palavras encerra uma "gramática do léxico", mas essa gramática não deve ser confundida com a gramática que conhecemos, já que, na formação de palavras, estamos diante de funções gramaticais distintas daquelas que ocorrem na morfossintaxe. Por isso, não falamos aqui em funções gramaticais e sim em funções paragramaticais. Uns exemplos podem esclarecer o que dizemos: a formação de "coletivos" (*arvoredo*, *laranjal*, *casario*, etc.) implica, por certo, uma pluralização, mas aqui não se trata de um simples "plural", (*árvores*), sim de uma "pluralização" que se dá e se considera como unidade.

Assim também, *chegada* implica um verbo predicativo mas não implica nem modo, nem tempo, nem número, nem pessoa; *beleza* implica um nome predicativo, mas não implica nem número nem gênero. É exatamente por isso, continua Coseriu a sua lição, que tais formações

não remontam a orações concretas como *João chega* e *Maria é bela* (ou *João é belo*), mas tão somente a uma função predicativa genérica de *chegar* e *belo*(*s*), *bela*(*s*).

Assim também em *papeleira* está implicada uma "função preposicional", mas não uma determinada preposição (p.ex. "*para*"*papéis*), e *despertador* implica um elemento pronominal genérico "alguém ou algo" que, de outro modo, não tem realização em português. 102

Os três tipos fundamentais de formação de palavras – Do ponto de vista do conteúdo podem-se distinguir três tipos (ou quatro se considerarmos a composição como dois) fundamentais de formação de palavras, consoante dois critérios que se entrecruzam e dizem respeito à determinação gramatical do termo primário:

a) a gramaticalização implícita afeta um só elemento ou os dois na base da formação;

b) a gramaticalização corresponde a uma função "inatual" (i. é, "não semelhante a uma função oracional") ou a uma função "atual" (i. é, "semelhante a uma função oracional").

Pelo primeiro critério, teremos, de um lado, a *modificação* e o *desenvolvimento* (em que a gramaticalização afeta um só termo) e do outro a *composição*.

Pelo segundo critério, a função gramatical implicada na modificação é "inatual" (do tipo do "gênero" ou do "número"), enquanto no desenvolvimento a função implicada é "atual" (do tipo das funções "sujeito", "predicado", "complemento verbal"). Na composição, a função pode ser inatual ou atual (por exemplo, em português *alvinegro* e *leitor*).

Na modificação, a categoria verbal dos produtos é sempre a mesma das respectivas bases, isto é, os substantivos produzem substantivos, os adjetivos adjetivos e assim por diante, porque a função gramatical implicada é "inatual", isto é, função que afeta os lexemas modificando-os enquanto tais (e não como membros de oração ou de sintagmas). Trata-se das formações diminutivas, dos coletivos, dos verbos formados com prefixos:

cavalo → cavalinho, forte → fortão, beijar → beijocar, ver → prever

No desenvolvimento – que sempre parte de lexemas com funções de membros de oração ou de sintagma – a categoria verbal dos produtos formados é distinta da categoria da base correspondente, vale dizer, o desenvolvimento implica sempre mudança da categoria verbal do termo primário desenvolvido, isto é, substantivo produz adjetivo, substantivo produz verbo, adjetivo produz substantivo, etc., advertindo-se, na oportunidade, que pode ainda tratar-se de base não realizada como tal na norma da língua. Em:

prefeito → [verbo] → *prefeitável*,

não existe na norma do português o verbo **prefeitar*, implicado no desenvolvimento citado.

Exemplos de desenvolvimentos são também *terra* → *terreno*, *céu* → *celeste*; *roda* → *rodar*, *voo* → *voar*; *útil* → *utilidade*; *rico* → *riqueza*.

Tais formações devem ser explicadas desta maneira: *belo* + função predicativa → *beleza* ("o fato de ser belo"); *chegar* + função predicativa → *chegada* ("o fato de chegar"); *branco* + função de epíteto → o *branco*; *em barco* + função predicativa → *embarcar*; *com o martelo* + função predicativa → *martelar*.

A composição implica sempre a presença de dois elementos básicos unidos por uma

relação gramatical, quase sempre por uma relação de recção. Pode ser de dois tipos:

a) *prolexemática*: se um dos dois elementos da base é um "prolexema", isto é, um elemento de natureza pronominal, não identificável com um lexema existente na língua,[103] como ocorre em "elemento substantivo-pronominal" [do tipo "alguém" ou "algo"] + *ler* → *leitor*; o mesmo elemento + *despertar* → *despertador*. Em lugar desse tipo genérico "alguém ou algo", pode ser um arquilexema de ordem muito geral [por exemplo, *agente* + *ler* → *leitor*] ou também um arquilexema (ou um lexema) de um campo particular [por exemplo, "árvore", "comerciante": "*árvore*" + *limão* → *limoeiro*; "comerciante" + *leite* → *leiteiro*].

b) *lexemática*: em que os dois elementos implicados são lexemas e a categoria verbal dos compostos é sempre a dos elementos "determinados" na composição; são exemplos de compostos lexemáticos: *tira-teima*, *guarda-chuva*.

O primeiro tipo corresponde ao que tradicionalmente se chama "derivação" (como podemos ver, tal denominação também abarca o processo de *modificação* e *desenvolvimento* agora expostos); o segundo tipo corresponde ao que tradicionalmente se chama composição, com exceção da prefixação verbal, a qual, nesta nova concepção de processos de formação de palavras entra como um tipo de modificação.

Combinações dos procedimentos formativos – Os procedimentos de formação de palavras podem combinar-se uma ou mais vezes, sendo decisiva a ordem das combinações para o significado do produto final, não se perdendo de vista o fato de que nessa sequência podem ocorrer combinações "prévias" cujos produtos não se realizam como fatos autônomos na norma da língua, como já aconteceu com o implicado *prefeitar* (< *prefeito*) no desenvolvimento *prefeitável*; *guarda-sol* é uma combinação de composição prolexemática e lexemática: composição prolexemática *guardar* → guarda [equivalente a *guardador*, 'o que guarda', com morfema zero] e uma composição lexemática, o composto *guarda-sol*. Deste podemos ter um novo composto prolexemático: elemento substantivo-pronominal do tipo "alguém" [ou, como também vimos, o lexema "comerciante"; "fabricante"] + *guarda-sol* → *guarda-soleiro* 'comerciante ou fabricante de guarda-sol'.

O termo *desembarcar* resulta da combinação do desenvolvimento *em* + *barco* (→ embarcar) e modificação (→ *des-embarcar*).

Um termo formado por desenvolvimento pode dar origem a nova forma desenvolvida (produto de desenvolvimento), e pode assim estender-se por uma série, perfeitamente identificáveis como constituintes imediatos, quando há paralelismo entre a expressão e o conteúdo:

rico → *enriquecer* → *enriquecimento*

nação → *nacional* → *nacionalizar* → *nacionalização*

Está neste rol de combinação dos tipos fundamentais de formação de palavras o discutidíssimo tipo de compostos como *tira-teima*, *guarda-roupa* em que entra um tema verbal puro seguido em geral de substantivo, mas não necessariamente, pois pode aparecer outra classe, como um advérbio (*ganha-pouco*, *pisa-mansinho*), um numeral (*mata-sete*). Quanto à função oracional implícita nesse segundo elemento, temos em geral um objeto direto,

mas podemos ter um predicativo (*espanta-coió*), um circunstancial (*pisa-mansinho*, *ganha-pouco*, *saltinvão*).

Há também particularidades formais na constituição desses compostos: na fase da composição lexemáticas o composto prolexemático se reduz pela supressão de possíveis sufixos, ou pelas preposições que normalmente seriam empregadas na construção de um composto prolexemático substantivo com outro substantivo; dá-se a supressão regularmente quando o segundo elemento corresponde a uma função oracional com a qual o verbo implicado na composição prolexemática se constrói sem preposição, do tipo de *girassol*, que se parafraseia aproximadamente com "algo que gira na direção do sol". Em outros casos, como vimos em *saltinvão*, mantém-se a preposição.

Entendem-se tais compostos como "alguma coisa que tira teima", "alguém ou alguma coisa que guarda roupa", isto é, paráfrases de uma composição prolexemática como *tirador* (ou *tiradora*), *guardador* (*guardadora*), a que se acrescentam o lexema *teima* ou *roupa*. Trata-se, portanto, da combinação de uma composição prolexemática com uma composição lexemática ("tirador, tiradora") + *teima* → *tira-teima*.

Em face desta análise semântica, chega-se à conclusão de que o chamado "elemento verbal" deste tipo de composição não é nem um imperativo nem nenhuma outra forma verbal conjugada; trata-se de uma derivação regressiva, que, do ponto de vista funcional, é um substantivo ou, então, semanticamente, um particípio substantivado. Este "particípio" pode ser um particípio ativo transitivo (como em *guarda-roupa*), um particípio causativo (como em *passatempo*: "qualquer coisa que faz passar o tempo").

Esta análise é confirmada pelo fato de, quando não há na língua um composto deste tipo, se utilizarem compostos prolexemáticos em construção preposicional com um segundo elemento: *medidor de gás*, *espalhador de cera*, *prendedor de gravata*, etc.

Subtipos dos procedimentos de formação de palavra – Dentro dos procedimentos vistos até aqui podem ocorrer subtipos, de acordo com os subtipos de funções "paragramaticais" implicadas.

Assim, na modificação podemos ter, entre outros:

a) uma mudança do gênero "natural" (sexo): *rei* → *rainha*; *galo* → *galinha*;

b) uma quantificação: 1) para diminutivos (*carro* → *carrinho*; *doente* → *doentinho*; *beber* → *bebericar*); com a variante "apreciação aproximativa" (*velho* → *velhusco*; 2) para aumentativos (*casa* → *casarão*; *grande* → *grandalhão*); 3) para coletivos (*casa* → *casario*); 4) para intensificação (*feio* → *feinho*);

c) repetição: *fazer* → *refazer*;

d) negação: *leal* → *desleal*; *útil* → *inútil*.

No desenvolvimento podemos ter, segundo a função oracional implícita de sua base:

a) predicação: *chegar* → *chegada*; *belo* → *beleza*;

b) atributivo: *de inverno* ("pertencente ao inverno") → *invernal*.

Generalização do significado no desenvolvimento – O desenvolvimento implica, em cada fase de produção, uma desconcentração ou generalização do significado da base. Assim, *de inverno* significa "pertencente ao inverno" (cf. *jogos de inverno*); já o termo desenvolvido *invernal* significa tanto "pertencente ao inverno" quanto "semelhante ao que pertence ao inverno" (cf. *jogos invernais*). Trata-se de um valor único de língua, que se "amplia" quando comparado com a base do desenvolvimento.

Homofonias em desenvolvimento – Desenvolvimentos formados de bases diferentes podem resultar homofonias totalmente distintas das homofonias casuais dos termos simples ou primários. Assim, em português existem duas séries homófonas *mortal-mortalidade*; a primeira desenvolvida a partir do conteúdo "morrer" ("o homem é mortal" – "a mortalidade do homem"), e a segunda a partir do conteúdo "matar" ("o golpe, o remédio foi mortal" – "a mortalidade do golpe, do remédio"). *Mortandade* é variante de *mortalidade*, e só se aplica ao conteúdo de "morrer" (= grande número de mortes por pestes, em batalha").

Cabe ainda observar que, já que o desenvolvimento implica sempre um emprego determinado do termo primário ou de base, pode haver desenvolvimentos diferentes, conforme o significado implicado nesse termo e nos elementos formativos:

terra → *terrestre*, *terreal*, *terral*, *terreiro*, *terreno*.

esperar → *espera* (de *esperar* "aguardar") e *esperança* (de *esperar* "confiar").

5 – Alterações Semânticas

A se*mântica estrutural diacrônica* é o estudo funcional das mudanças semânticas no léxico. É uma disciplina ainda muito recente, e dada a natureza desta gramática dela não nos ocuparemos aqui. Nosso intento é tão somente chamar a atenção para alterações semânticas no léxico. Como disse muito bem Pagliaro "Também as palavras são uma espécie de conchas, às quais temos de encostar o ouvido com humilde atenção, se quisermos apreender a voz que dentro delas ressoa" [APg.1, 210].

No decorrer de sua história nem sempre a palavra guarda seu significado etimológico, isto é, originário. Por motivos variadíssimos, ultrapassa os limites de sua primitiva "esfera semântica" e assume valores novos.

"A língua – disse Moritz Regula –, expressão consciente de impressões exteriores e interiores, está sujeita a uma perpétua transformação. As palavras mudam de significado ou porque as coisas se modificam ou porque a "constelação psíquica" sob cuja influência nasce o sentido do objeto, se altera graças a causas diversas" [MR.1, 26].

A significação das palavras está intimamente relacionada com o mundo das ideias e dos sentimentos; "entre as ideias, entre os pensamentos não há separação absoluta por isso que as associações se estabelecem, sem cessar, de uns para outros. Vendo uma substância ou um objeto muito achatado, muito delgado e pouco resistente, por exemplo de estanho ou de ouro finamente laminado, alguém foi levado a compará-lo a uma folha de árvore; pôde-se assim

dizer com propriedade e clareza: *uma folha de estanho*, *de ouro*, *de papel*, etc. Outra associação, posterior à precedente, deu à palavra *folha* o significado bem elástico de jornal: *uma folha diária*. É que se imprimem as notícias de cada dia em folhas de papel. A palavra *coração* serviu para exprimir tanto a parte interior de um legume ou fruta: *coração da melancia*, ou a essência de um assunto: *está no coração da questão*, como ainda os sentimentos cuja sede parece estar no fundo de nosso ser: *este homem não tem coração*, etc. Todas as associações deste gênero dão origem ao que se chama, em literatura, *imagem*; as imagens da linguagem corrente não diferem muito, pela sua natureza, das que brotam da imaginação dos poetas e dos escritores em geral" [AGr.1, 93-94 – com leves adaptações para o português].

Entre as causas que motivam a mudança de significação das palavras, as principais são:

a) Metáfora – translação de significado motivada pelo emprego em solidariedades, em que os termos implicados pertencem a classes diferentes mas pela combinação se percebem também como assimilados:

*cabelos de **neve**, **pesar** as razões, **negros** pressentimentos, **doces** sonhos, passos **religiosos*** [AR.1, 17 – nos queria ressaltar a religiosidade de sua personagem], ***boca** do estômago*, ***dentes** do garfo*, ***costas** da cadeira*, ***braços** do sofá*, ***pés** da mesa*, ***gastar rios** de dinheiro*, ***vale** de lágrimas*, *o **sol** da liberdad*e, *os dias **correm***, *a noite **caiu***.

OBSERVAÇÃO: Assim, a metáfora não resulta – como tradicionalmente se diz – de uma comparação abreviada; ao contrário, a comparação é que é uma metáfora explicitada. Importa, outrossim, distinguir a metáfora *linguística* (linguisticamente motivada pelo descompasso dos termos implicados nas solidariedades) da metáfora *motivada extralinguisticamente* pelo nosso saber sobre as coisas, como ocorre em expressões metafóricas do tipo de *não ponha a carroça diante dos bois* para expressar a inversão incorreta de uma ação ou de um juízo. As metáforas têm largo emprego na língua espontânea e na literária, e nesta teve grande difusão entre os poetas simbolistas. Cf. [ECs.1, 291], [ECs.2, 207], [ECs.3, 293 n. 22] e [HM.1, 109]: "A literatura moderna tem uma preferência para a metáfora oposta à comparação explícita. É a fusão imediata do mundo pessoal e do objetivo, do espiritual e do concreto, que levam a uma identificação direta, sem elos de ligação que intermedeiem a passagem dum plano para outro".

b) Metonímia – translação de significado pela proximidade de ideias:

1 – causa pelo efeito ou vice-versa ou o produtor pelo objeto produzido:

*um **Rafael*** (por um *quadro de Rafael), as **pálidas** doenças* (por *doenças que produzem palidez*), ***ganhar** a vida* (por *meios que permitam viver), ler **Machado de Assis*** (i.é, *um livro escrito por M. de Assis)*.

2 – o tempo ou o lugar pelos seres que se acham no tempo ou lugar:

*a **posteridade*** (i.é, *as pessoas do futuro*), *a **nação*** (i.é, *os componentes da nação*).

3 – o continente pelo conteúdo ou vice-versa:

*passe-me a **farinha*** (i.é, a farinheira), *comi **dois pratos*** (i.é, *a porção da comida que dois pratos continham*).

4 – o todo pela parte ou vice-versa:

*diz a **Escritura*** (i.é, *um versículo da Escritura*), *encontrar um **teto amigo*** (i.é, *uma casa*).

5 – a matéria pelo objeto:

*um **níquel*** (i.é, *moeda de níquel*), *uma **prata*** (i.é, *moeda de prata*)

6 – o lugar pelo produto ou características ou vice-versa:

jérsei (= *tecido da cidade Jersey*), ***gaza*** (= *tecido da cidade de Gaza*), ***havana*** (= *charutos da cidade de Havana*); ***greve*** (*as reuniões feitas na Place de la Grève*).

7 – o abstrato pelo concreto:

*A **virtude** vence o **crime*** (isto é, *as pessoas virtuosas vencem os criminosos*); *praticar a **caridade*** (= *atos de caridade*).

8 – o sinal pela coisa significada ou vice-versa:

o ***trono*** (= *o rei*), *o* ***rei*** (= *a realeza*)

c) Catacrese – translação do significado por esquecimento do significado original:

panaceia universal (*panaceia* '*remédio* para todos os males' já tem no elemento *pan-* a ideia de universalidade, generalidade), *etimologia verdadeira, abismo sem fundo, anedota inédita, correta ortografia, bela caligrafia, caldo quente, homicida do vizinho, hecatombe de almas, embarcar no trem, calçar as luvas.* [MBa.3, 311-317]

Produtos correntes da translação de significado, as catacreses são fatos normais que só devem ser evitados quando a noção primitiva ainda estiver patente para o falante.

d) Braquilogia ou abreviação – as diversas acepções de uma palavra devidas à elipse do determinante ou vice-versa:

dou-lhe a minha ***palavra*** (i.é, *palavra de honra*), *vamos à* ***cidade*** (i.é, *ao centro da cidad*e), *um* ***possesso*** (i.é, *pessoa possuída do demônio*), *aproveitar a* ***ocasião*** (= *a boa ocasião*), *a festa da* ***Ascensão*** (= da *Ascensão de Jesus Cristo*).

e) Eufemismo – translação de sentido pela suavização da ideia:

1 – para a morte:

finar-se, falecer, entregar a alma a Deus, dar o último suspiro (literários), passar desta a *melhor, ir para a cidade dos pés juntos, dizer adeus ao mundo, esticar as canelas, desocupar o beco, bater as botas, etc.* (*estes* populares).

2 – para a bebida:

abrideira, *água que gato* (*passarinho*) *não bebe*, *januária*.

O tabu linguístico pode favorecer o aparecimento de expressões eufemísticas. O medo de proferir palavras como *diabo*, *demônio*, *satanás* nos leva a usar desfigurações voluntárias como *diacho*, *diogo*, *demo*, *satã*. [MG.1, 76 e ss.]

f) Alterações semânticas por influência de um fato de civilização:

tonto (= *louco*) particípio do verbo *tondere*, por *tonso*, lembra-nos o tempo em que se rapava a cabeça aos loucos.104

pagão (= *indivíduo que não foi batizado*) se prende à época inicial do Cristianismo, pois a Igreja fez uso especial do termo que tinha curso na linguagem militar: *paganus*, o civil, em oposição ao soldado (castrensis) passou a ser o oposto a *christianus* [cf. EG.1, 134; RH.1, 132].

cor (*saber guardar*, *ter de* – = *de memória*) relembra-nos a época em que a anatomia antiga fazia do coração a sede dos sentimentos, da inteligência, da memória.

judiar (= *zombar*, *atormentar*) lembra-nos a época dos tormentos praticados ou sofridos pelos judeus. A palavra ***judas*** (= *homem mal trajado*) é uma aplicação do nome próprio *Judas* a quem o povo atribui qualidades negativas.

calabrear (= *misturar*; *confundir*; *mudar para pior*; *alterar vinhos*): documenta a má fama em que eram tidos os calabreses, acrescida pela lenda popular de que Judas era natural da Calábria, no sul da Itália. Cf. artigo de L. Spitzer, *Boletim de Filologia* (Lisboa), V, 3-4, pág. 376.

A maneira aristocrática de ver as coisas é responsável pela mudança de significado de algumas palavras:

vilão (saído do latim *villa* = quinta, aldeia), de "*camponês*" passou a designar "homem grosseiro", "perverso", "infame".

De vez em quando, surgem pessoas que querem ver expurgadas dos dicionários certas palavras depreciativas de povo ou localidade (como *judiar*, *baianada* e outros). É excesso de sentimento a que a História não se curva, nem o povo leva em conta, porque, no uso do termo,

não entra nas minúcias históricas do pesquisador, nem procura, usando a palavra, fazer juízo específico a respeito do povo ou da localidade.

g) Etimologia popular ou associativa

É a tendência que o falante – culto ou inculto – revela em aproximar uma palavra a um determinado significado, com o qual verdadeiramente não se relaciona.105

Às vezes a palavra recebe novo matiz semântico sem que altere sua forma. *Famigerado*, por exemplo, que significa "célebre", "notável",106 influenciado pela ideia e semelhança morfológica de faminto, passa, na linguagem popular, a este último significado. *Intemerato* (= sem mancha, puro), graças a *temer*, é considerado como sinônimo de *intimorato*; *inconteste* (= *s*em testemunho) passa a sinônimo de *incontestável*; *falaz* (= falso, enganador) é aproximado de *falador*.

Espécies de alteração semântica

A) Extensão do significado;

B) Enobrecimento do significado;

C) Enfraquecimento do significado.

A – ***Extensão do significado***

prédio (= propriedade rústica ou urbana inamovível) passou a designar qualquer edifício sem referência ao solo.

espraiar (= jogar algo à praia) alargou o significado como sinônimo de "estender-se por larga área".

embarcar (= entrar na barca) significa hoje "entrar em qualquer condução".

aliviar (= tornar mais leve uma carga) se diz hoje como igual a "minorar", "diminuir", "abrandar", uma culpa, um mal, o tempo (a chuva aliviou).

1 – **Restrição ou especialização do significado**

a) *fortuna* (destino bom ou mau) especializa seu sentido na direção positiva.

sucesso (acontecimento bom ou mau) passa a exprimir só o lado bom.

carta (= epístola) tinha em latim o sentido de qualquer livro, papel, escrito.

britar (significava "quebrar qualquer coisa") restringiu hoje o seu significado para "quebrar pedras".

b) *abreviação ou condensação: um havana* (= charuto de Havana); o champanha (= o vinho de Champagne); um (a) jato (= avião a jato).

2 – **Plenitude do significado**

Um milhão de reais já é uma *quantia*; José mostrou-se um *homem.*

B – ***Enobrecimento do significado***

emérito (aplicado ao funcionário que se aposentava) significa hoje *distinguido*, *ilustre*.

marechal (= criado do cavalo) passou a indicar o posto mais elevado do Exército.

pedagogo (era o escravo que conduzia as crianças à escola); significou depois o professor ou profissional em educação.

3 – **Degradação do significado (Pejorativos)**

vilão.

libertino (= escravo liberto) passou a indicar o indivíduo devasso, sem pudor.

libidinoso (= que segue seu capricho) significa hoje o dissoluto.
valetudinário (= de boa ou má saúde ou compleição) significa hoje só à má parte

C – ***Enfraquecimento do significado***

O emprego contínuo de uma palavra provoca a diminuição de sua energia semântica, mormente nas expressões afetivas. *Bajular* era "levar alguém às costas", o que enfatiza a ideia de servidão que tinha a palavra no início do seu emprego em expressões como "bajular o chefe".

Pequena nomenclatura de outros aspectos semânticos

1) **Polissemia** – É o fato de haver uma só forma (significante) com mais de um significado unitário pertencentes a campos semânticos diferentes. Ou, em outras palavras, a polissemia é um conjunto de significados, cada um unitário, relacionados com uma mesma forma. Portanto, não se pode ver a polissemia como "significados imprecisos e indeterminados", porque cada um desses significados é preciso e determinado:

pregar (um sermão) – *pregar* (= preguear uma bainha da roupa) – *pregar* (um prego)

manga (de camisa ou de candeeiro) – *manga* (fruto) – *manga* (= bando, ajuntamento) – *manga* (parede)

cabo (cabeça, extremidade, posto na hierarquia militar) – *cabo* (= parte de instrumento por onde esse se impunha ou utiliza: *cabo* da faca)

A polissemia é, portanto, um fato de língua.

É preciso não confundir a polissemia léxica ou *homofonia*107 com variação semântica ou polivalência no falar (fato de fala), que consiste na diversidade de acepções (sentidos) de um mesmo significado da língua segundo os valores contextuais, ou pela designação, isto é, graças ao conhecimento dos "estados de coisas" extralinguísticos:

pensar { um assunto / um ferimento

ponto {
- em geometria: um ponto no espaço
- em gramática: sinal de pontuação
- em teatro: auxiliar de atores
- em táxi: ponto de táxi
- em gíria escolar: o professor deu *ponto* novo ("matéria") / o aluno precisa de dois *pontos* (= grau)

Como lembra Coseriu, "antes de optar pela homofonia, dever-se-á perguntar se não se trata de variação (semântica): em todos os casos em que as homofonias ou polissemias não sejam evidentes (por exemplo, por se tratar de formas que pertencem a paradigmas diversos) (...), há de se buscar primeiro aquilo que caracteriza as línguas, isto é, invariantes de significado ou "significado unitário". E só quando se mostre absolutamente impossível "reduzir" todas as

acepções de uma forma a um valor unitário de língua, será lícito admitir homofonia (...)" [ECs.1, 206; AV.1, 101-102].

NOTA DE NOMENCLATURA: A tradição gramatical e os linguistas divergem na conceituação de *polissemia* e *homonímia*, criada ao tempo da linguística diacrônica. Por polissemia entende a tradição a "propriedade da significação linguística de abarcar toda uma gama de significações, que se definem e precisam dentro de seu contexto" [MC.4]. Exemplifica com a preposição *a* (significação gramatical) e a palavra *andar* (significação lexical): *ir a Lisboa*, *andar a* pé, *falar a Pedro*; *andar a largos passos*, *andar de automóvel*, *andar doente.*

2) **Homonímia** – Já por *homonímia* entende a tradição: "propriedade de duas ou mais formas, inteiramente distintas pela significação ou função, terem a mesma estrutura fonológica, os mesmos fonemas, dispostos na mesma ordem e subordinados ao mesmo tipo de acentuação; como exemplo: um homem *são*; *São* Jorge; *são* várias as circunstâncias (...)

Ela é possível sem prejuízo da comunicação em virtude do papel do contexto na significação de uma forma, como sucede com *são* nos exemplos dados [MC.4, s.v.].

Dentro da homonímia, alude-se, em relação à língua escrita, aos *homófonos* distinguidos por ter cada qual um grafema diferente, de acordo com o sistema ortográfico: *coser* 'costurar'; *cozer* 'cozinhar'; *expiar* 'sofrer'; *espiar* 'olhar sorrateiramente'; *sessão* 'ato de assistir'; *cessão* 'ato de ceder'; *cela* 'quarto para enclausuramento'; *sela* 'peça de arreio'[MC.4, s.v.].

O mesmo linguista aponta o artificialismo do conceito de *homógrafos*, "formas que se escrevem com as mesmas letras mas correspondendo elas a fonemas distintos, pois já não se trata evidentemente de homônimos da língua, cuja essência são as formas orais" [MC.4, s.v.].

Todos apontam a dificuldade de nem sempre se poder distinguir a polissemia da homonímia. Têm sido propostos alguns critérios para aclarar se se trata de uma mesma palavra com dois ou mais significados diferentes (polissemia) ou de duas palavras distintas com idênticos fonemas (homonímia):

a) critério histórico-etimológico – é o que fazem, em geral, os nossos dicionários;

b) a consciência linguística do falante;

c) critério das relações associativas;

d) critério dos campos léxicos.

Todos estes critérios estão sujeitos a críticas, como resenhou exaustivamente Geckeler [HG.1, 146-158].

Em erudito artigo, Coseriu chega, cremos, à correta interpretação da *polissemia*, na análise que faz do ensinamento de Aristóteles e resumo crítico desse artigo em AV.1, 92-107.

3) **Sinonímia** – É o fato de haver mais de uma palavra com semelhante significação, podendo uma estar em lugar da outra em determinado contexto, apesar dos diferentes matizes de sentido ou de carga estilística.

casa, *lar*, *morada*, *residência*, *mansão*

Um exame detido nos mostrará que a identidade dos sinônimos é muito relativa; no uso (quer literário, quer popular), eles assumem sentidos "ocasionais" que no contexto um não pode ser empregado pelo outro sem que se quebre um pouco o matiz da expressão. Uma série sinonímica apresenta-se-nos com pequenas gradações semânticas quanto a diversos domínios:

o sentido abstrato ou concreto; o valor literário ou popular (*fenecer* / *morrer*); a maior ou menor intensidade de significação (*chamar* / *clamar* / *bradar* / *berrar*); o aspecto cultural (*escutar*/*auscultar*) e tantas outras.

4) **Antonímia** – É o fato de haver palavras que entre si estabelecem uma oposição *contraditória* (*vida*; *morte*), *contrária* (*chegar*; *partir*) ou *correlativa* (*irmão*; *irmã*) [JK.1 *apud* HGe.1, 288 n.23].

Já Lyons [JLy.1 *apud* HGe.1, 291] entende que se podem distinguir três subconceitos do que se há de compreender por antonímia em sentido amplo:

a) *complementaridade* (a negação de uma implica a afirmação da outra e vice-versa: *João não está casado* implica que *João é solteiro*; *João está casado* implica que *João não é solteiro*);

b) *antonímia* (opostos por excelência: *grande* : *pequeno*);

c) *correlação* (*comprar* : *vender*; *marido* : *mulher*).

Quanto à sua manifestação constitucional, Mattoso cita os três aspectos diferentes:

a) mediante palavras de radicais diferentes: *bom* : *mau*;

b) com auxílio de um prefixo negativo em palavras do mesmo radical: *feliz* : *infeliz*; *legal* : *ilegal*; *político* : *apolítico*;

c) palavras que têm prefixos de significação contrária: *excluir* : *incluir*; *progredir* : *regredir*; *superpor* : *soto-pôr*.

Às vezes, a negação serve para atenuar a oração afirmativa: *Pedro não está bem* : *Pedro está mal*.

Às vezes ocorre a antonímia porque a palavra apresenta valor ativo e passivo:

alugar { a) dar de aluguel / b) receber de aluguel

emprestar { a) dar de empréstimo / b) receber de empréstimo

hóspede { a) quem recebe a hospedagem / b) quem dá a hospedagem (hoje hospedeiro)

esmolar { a) dar esmolas / b) receber esmolas

5) **Paronímia** – É o fato de haver palavras parecidas na forma e diferentes no significado:

Os parônimos dão margem a frequentes erros de impropriedade lexicais:

proscrever: proibir
prescrever: aconselhar

tráfego: trânsito
tráfico: comércio

ratificar: confirmar
retificar: corrigir

infringir: transgredir, violentar
infligir: aplicar pena, castigo

descrição: ato de descrever
discrição: qualidade de quem é discreto

intimorato: destemido, intrépido
intemerato: puro, imaculado

iminente: pendente, próximo para acontecer
eminente: ilustre

C) Estrutura do enunciado ou período. A oração e a frase

I – A Oração e as Funções Oracionais

Enunciado ou período – Toda a manifestação da linguagem com vistas à comunicação com nossos semelhantes se constrói com uma sequência de unidades delimitadas por um silêncio que precede o início dessa atividade e o que se lhe segue, acompanhada de contorno melódico, também chamado curva de entoação e normalmente marcada, na escrita, pelos sinais de pontuação e pelo emprego da maiúscula inicial:

O galo-da-campina ergue a poupa escarlate fora do ninho.

A esta unidade linguística que faz referência a uma experiência comunicada e que deve ser aceita e depreendida cabalmente pelo nosso interlocutor se dá o nome de *enunciado* ou *período*.

Há enunciados relativamente curtos, como o do nosso exemplo, ou ainda mais curtos, como *Sim* ou *Vou*, e há os que se dilatam por muito maior extensão:

O galo-da-campina ergue a poupa escarlate fora do ninho e seu límpido trinado anuncia a aproximação do dia.

Conforme a realidade designada, os enunciados se apresentam com formas variadas:

1. Os homens desejam a paz.
2. Ela não trabalha aos sábados.
3. Muitas crianças viram os pássaros.
4. Bebel gosta do colégio.
5. O chefe dará oportunidades aos jovens.
6. O sol é um astro luminoso.
7. Chove muito no verão.

8. Relampeja.
9. Que achou você da festa?
10. Eles ainda não chegaram?!
11. Vivam os campeões!
12. Que calor!
13. Depressa!

Apesar de tão variadas formas por que se apresentam os enunciados, há traços comuns que devem ser ressaltados [AL.1, 256]:

a) são mensagens completas e de acordo com a situação em que se acham falante e ouvinte;

b) são unidades sequenciais delimitadas por um silêncio precedente a ele e uma pausa final;

c) são proferidos com um contorno melódico particular.

Esta curva de entonação é o significante ou expressão material que evoca a modalidade de intenção comunicativa do enunciado (significado ôntico) que o falante quer transmitir ao seu interlocutor:

a) ou para lhe expor, afirmando ou negando, certos fatos (*Pedro estuda. Pedro não estuda*.);

b) ou para indagar sobre algo (*Pedro estuda*? *Pedro não estuda*? *Quem chegou*?);

c) ou para apelar-lhe, em geral, atuando sobre ele (*Dê-me o livro. Não me dê o livro. Volte cedo*.);

d) ou para chamar-lhe a atenção (*Ó Pedro.*);

e) ou para traduzir-lhe os próprios pontos de vista ou sentimentos (*Que prazer*! *Como está frio*!).

Assim, quanto à significação fundamental do enunciado, temos cinco tipos ou classes essenciais deles: *declarativo* ou *enunciativo*, *interrogativo*, *imperativo-exortativo*, *vocativo* e *exclamativo*, dos quais o primeiro corresponde à função representativa – informativa da linguagem, os três seguintes à função apelativa e o último à função expressiva [HC.1, s. v. Frase].

Entre o primeiro e o segundo tipos há maior afinidade do que entre o primeiro e os restantes. Talvez porque o primeiro encerre o aspecto ou papel fundamental da intenção comunicativa da linguagem, é considerado o enunciado típico – base do impulso inicial da especulação gramatical pela lógica grega –, do qual os outros tipos são considerados derivados ou ao qual todos os outros tipos se podem reduzir. Por isso é que a unidade linguística, dentro desta concepção original, recebe o nome de *enunciado*; na tradição gramatical brasileira, *período.*

Oração e frase – Entre os tipos de enunciados há um conhecido pelo nome de *oração* que, pela sua estrutura, representa o objeto mais propício à análise gramatical, por melhor revelar as relações que seus componentes mantêm entre si, sem apelar fundamentalmente para o entorno (situação e outros elementos extralinguísticos) em que se acha inserido. É neste tipo de enunciado chamado *oração* que se alicerça, portanto, a gramática, e será especificamente dela que trataremos a seguir.

Mas antes devemos adiantar que o enunciado também aparece sob forma de *frase*, cuja estrutura interna difere da oração porque não apresenta relação predicativa. São às vezes simples palavras, outras vezes uma reunião delas, que são transpostas à função do enunciado. Em nosso exemplário anterior, constituem *frases* os seguintes enunciados:

Depressa!
Que calor!

Mais adiante trataremos desse tipo de enunciado com mais atenção.

A oração se caracteriza por ter uma palavra fundamental que é o *verbo* (ou sintagma verbal) que reúne, na maioria das vezes, duas unidades significativas entre as quais se estabelece a *relação predicativa* – o *sujeito* e o *predicado*:

Sujeito	*Predicado*
Pedro	estuda.
Pedro	não estuda.

Comparemos agora as seguintes possibilidades:

Eu estudo português às segundas-feiras no horário da manhã.
Eu estudo português às segundas-feiras.
Eu estudo português.
Eu estudo.
Estudo.

Nas possibilidades acima, o único constituinte indispensável foi o verbo *estudo*, o que o faz *núcleo* da oração, enquanto os outros constituintes são adjacentes ao núcleo. Esta adjacência não guarda a mesma relação entre os diversos constituintes da oração, pois a relação entre o sujeito *eu* é mais estreita com o verbo *estudo* que os demais. Mas a relação predicativa pode ser *referida* a um sujeito, como em *Eu estudo*, ou *não referida*, como *Chove*. Por isso, nem mesmo o sujeito é um constituinte imprescindível da oração e, por conseguinte, da relação predicativa, embora a sua presença ao lado do verbo pessoal constitua o tipo mais frequente – diríamos até a estrutura favorita – de oração em português.

Em *Chove*, o verbo flexionado na 3.ª pessoa – marca o sujeito gramatical, isto é, assinalado apenas gramaticalmente, mas temos uma relação predicativa não referida, pois não admite sujeito explícito. Diz-se que o verbo é *impessoal* e a oração é *sem sujeito explícito*. A chamada 3.ª pessoa é a não pessoa, é a não eu nem meu interlocutor, e assim é a forma utilizada para indicar a relação predicativa não referida, isto é, as orações sem sujeito explícito.

Sujeito e predicado – O primeiro grupo natural corretamente identificado exerce uma função sintático-semântica chamada SUJEITO, e o segundo grupo exerce outra função sintático-semântica chamada PREDICADO.

Sujeito	*Predicado*
Os homens	desejam a paz.
Eu	trabalho como professor.
Muitas crianças	viram os pássaros
O bom filho	compreende o esforço dos pais
O sol	é um astro luminoso.

Conhecendo melhor o sujeito: núcleo e determinantes 108 – Chama-se sujeito à unidade ou sintagma nominal que estabelece uma relação predicativa com o núcleo verbal para constituir uma oração. É, na realidade, uma *explicitação léxica* do sujeito gramatical que o núcleo verbal da oração normalmente inclui como morfema número-pessoal. Em:

Eu estudo no colégio e eu e dois irmãos brincamos no clube,

os núcleos verbais das duas orações *estudo* e *brincamos* incluem os morfemas *–o* (*estud-o*) e *–mos* (*brinca-mos*), que indicam os sujeitos gramaticais "1.ª pessoa do singular" e "1.ª pessoa do plural", respectivamente. Estes sujeitos gramaticais, quando necessários ao melhor conhecimento da mensagem veiculada no texto, podem ser explicitados por *formas léxicas* que guardam com os sujeitos gramaticais a relação gramatical de concordância em número e pessoa. Assim é que em *Eu estudo*, *eu*, pronome de 1.ª pessoa do singular, se acomoda à indicação do morfema *–o*, indicador, nos verbos, da 1.ª pessoa do singular no presente do indicativo:

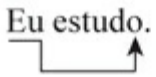

Já em *brincamos*, o sujeito gramatical "1.ª pessoa do plural" está indicado pelo morfema *–mos*. Este sujeito inclui necessariamente a pessoa que fala (eu), mas abre um amplo leque de pessoas que com ela participam do processo indicado pelo lexema *brincar*:

Eu e meu vizinho
Eu e minha colega
Eu e os primos, etc.

Por isso, sente o falante a necessidade de explicitar, de indicar claramente a que pessoas ele quer referir-se:

Eu e dois irmãos brincamos no clube.

Vê-se, então, que não se pode falar, a rigor, de elipse do sujeito, quando aparece apenas o núcleo verbal da oração (*Estudo*, *Brincamos*), já que ele aparece sempre presente na forma verbal flexionada no morfema que representa o sujeito gramatical (1.ª, 2.ª e 3.ª pessoas, do singular ou plural). Trata-se, pelo contrário, da sua expansão ou não, mediante o sujeito explícito, fato que não está mais na exigência da gramática (quando há, é claro, relação predicativa referida, mas do texto, para a transmissão efetiva e clara da mensagem).

Sujeito é uma noção gramatical, e não semântica, isto é, uma referência à realidade designada, como ocorre com as noções de *agente* e *paciente*. Assim, o sujeito não é necessariamente o agente do processo designado pelo núcleo verbal, como se patenteia em:

Machado de Assis escreveu extraordinários romances.

O sujeito pode representar o paciente desse processo:

Extraordinários romances foram escritos por Machado de Assis.

O sujeito, quando explicitado ou claro na oração, está representado – e só pode sê-lo – por uma expressão substantiva exercida por um *substantivo* (*homem*, *criança*, *sol*) ou pronome (*eu*) ou equivalente. Diz-se, portanto, que o núcleo do sujeito é um substantivo ou equivalente. Uma palavra não é substantivo porque pode exercer a função de sujeito; ao contrário, só pode ser sujeito porque é um substantivo ou equivalente.

A característica fundamental do sujeito explícito é estar em consonância com o sujeito gramatical do verbo do predicado, isto é, se adapte (isto é, *concorde*) a seu número, pessoa e gênero (neste caso quando há particípio no predicado):

Eu nasci. *Nós nascemos*. Elas não *eram nascidas*.

O reconhecimento seguinte do sujeito se faz pela sua posição normal à esquerda do predicado, bem como por responder às perguntas *quem*? (aplicado a seres animados), *que*? *o quê*? (aplicado a coisas), feitas antes do verbo.

José escreveu uma bela redação.

Quem escreveu uma bela redação? – *José*

O livro caiu.

Que caiu? – *O livro*.

Muitas vezes a expressão substantiva núcleo do sujeito – ou de qualquer função que tem por núcleo uma expressão substantiva – se faz acompanhar de determinantes que têm por papel expressivo *dizer algo acerca de algo com signos da língua*, isto é, com instrumentos verbais da língua. Assim, para ficarmos só nos limites do grupo natural representado pelo sujeito de enunciados, os determinantes dos núcleos substantivos são: *os* (homens), *muitas* (crianças), *o* e *bom* (filho), *o* (sol).

1) Determinantes, pré-determinantes e pós-determinantes

O exemplo da oração:

O bom filho compreende o esforço dos pais

nos põe diante da possibilidade de estar o núcleo substantivo que funciona como sujeito explícito acompanhado de mais de um determinante (*o* e *bom*). Nestes casos, a língua portuguesa conhece determinantes que podem figurar antes de outro determinante (os pré-determinantes) e os que podem figurar depois de outro determinante (os pós-determinantes).

Os determinantes estão, em geral, representados pelas seguintes classes de palavras: *adjetivo*, *artigo* e *pronome demonstrativo* ou equivalentes de adjetivos (estes veremos mais adiante):

Noites *claras* prenunciam bom tempo.

O livro está esgotado.

Esta manhã prometia chuva.

Na sequência de determinantes, aparecem como pré-determinantes, à esquerda do determinante, as palavras que podem receber globalmente o nome de *Quantificador* (*algum*, *certo*, *vários*, *todo*, *todos*, *qualquer*, *alguns* (*de*), *vários* (*de*), etc.:

Alguns bons momentos são inesquecíveis.

Todos os alunos saíram.

Alguns de nós não foram à festa.

Aparecem como pós-determinantes, isto é, as palavras que ocorrem à direita do determinante e do pré-determinante, o *pronome possessivo* e o *numeral*:

Os *seus* livros não estavam na estante.

Aqueles *dois* erros eram graves.

Vários de *meus* sobrinhos são engenheiros.

Aqueles *dois seus* vizinhos trabalham no comércio.

Antes de passarmos à descrição dos termos sintáticos integrantes da oração em português, precisamos falar de algumas noções que se fazem necessárias a que tal tarefa se realize o mais adequadamente possível. Estas noções dizem respeito *a termos nucleares* e *marginais* e *termos argumentais* e *não argumentais*, *termos opcionais* e *não opcionais*, e, finalmente, *termos integráveis* e *não integráveis*.

2) Termos nucleares e marginais

Numa oração como:

Graciliano falou de temas universais em seus romances,

além de *Graciliano* e *falou*, que são núcleos do sujeito e do predicado, temos os termos *de temas universais* e *em seus romances*, que se dizem *nucleares*, do ponto de vista sintático-semântico, porque estão intimamente referidos à relação predicativa, já que *de temas universais* explicita aquilo de que falam os romances de Graciliano Ramos, enquanto *em seus romances* faz alusão ao tipo de escritos nos quais o autor fala desses temas.

Já em:

Certamente, Graciliano viveu experiências amargas, durante sua vida,

muitas experiências amargas e *durante sua vida* são *nucleares*, porque também estão intimamente ligados, pelas relações sintáticas e semânticas, à função predicativa da oração, que tem por núcleo o verbo *viveu*. Tal não ocorre, porém, com o termo *certamente*, que não está referido nem somente ao sujeito nem somente ao predicado, mas a toda a oração. Esta independência sintática e semântica lhe permite deslocar-se livremente nos limites da oração:

Certamente, Graciliano viveu experiências amargas durante sua vida.
Graciliano, certamente, viveu experiências amargas, durante sua vida.
Graciliano viveu, certamente, experiências amargas durante a sua vida.
Graciliano viveu experiências amargas, certamente, durante a sua vida.
Graciliano viveu experiências amargas durante a sua vida, certamente.

Este termo *certamente*, verdadeiro comentário à parte do narrador, se considera um termo *marginal* da frase, de que nos ocuparemos mais adiante.

3) Termos argumentais e não argumentais – Se os termos nucleares se referem sintática e semanticamente à relação predicativa da oração, eles nem sempre o são no mesmo grau de coesão e de dependência ou subordinação. Assim, na oração:

Graciliano conheceu experiências amargas durante sua vida,

experiências amargas e *durante sua vida*, já o dissemos, são termos nucleares, mas o primeiro (*experiências amargas*) está mais estreitamente ligado ao conteúdo do pensamento designado pelo verbo *conhecer* do que o termo *durante sua vida*. Dizemos, então, que o termo nuclear *experiências amargas* é também um termo *argumental* ou é um *argumento*, porque aparece solicitado ou regido pelo significado lexical referido pelo verbo *conheceu*. Já o termo *durante sua vida* não está condicionado pelas relações sintáticas e semânticas do mesmo verbo; por isso pode não aparecer na referida oração, sem que esta se prejudique na sua estruturação sintático-semântica:

Graciliano conheceu experiências amargas,

o que não se daria, se eliminássemos o termo argumental *experiências amargas*:

* Graciliano conheceu durante sua vida.

Assim, *durante sua vida* é um termo *não argumental*. *Argumental* e *não argumental* distinguem as mesmas características sintáticas e semânticas que a gramática tradicional utiliza para separar os *complementos* ou termos *regidos* ou ainda *integrantes* dos *adjuntos* ou termos *acessórios*.

Além da capacidade de poder ser eliminado da oração, o termo não argumental, pela sua coesão fraca e independência sintático-semântica em relação ao predicado, goza de maior liberdade de colocação na *oração*, marcado com pausa adequada, assinalada quase sempre por sinais de pontuação:

Graciliano conheceu experiências amargas durante sua vida.
Durante sua vida, Graciliano conheceu experiências amargas.
Graciliano conheceu, durante sua vida, experiências amargas.

Esta liberdade, já o vimos, conheceu também o termo marginal *certamente*, do exemplo anterior; só que *durante sua vida* é termo nuclear, e não marginal, porque está referido ao predicado das orações acima. Esta liberdade se deve às características sintáticas e semânticas do verbo *conheceu*.

É oportuno lembrar também que um termo argumental o é por motivação das características sintáticas e semânticas da relação predicativa, e não apenas pelo conteúdo designado. Assim, uma noção de lugar como *no Brasil* pode funcionar como argumental ou complemento na oração (1), e como não argumental na oração (2):

(1) Ele mora *no Brasil.*
(2) Ele trabalha *no Brasil.*

Na oração (1), em condições normais, não se pode prescindir de *no Brasil*:

* Ele mora.

Já na oração (2), o apagamento de *no Brasil* é perfeitamente normal:

Ele trabalha.

4) Termos opcionais e não opcionais – É preciso não confundir termo argumental e não-argumental com termo não-opcional e opcional, respectivamente.

Muitas vezes um termo argumental, isto é, condicionado pelas características sintáticas e semânticas de recção ou regência do termo regente, pode ser dispensado, apagado ou eliminado da oração pelo falante ou porque já foi referido anteriormente e, por isso, é facilmente subentendido pelo ouvinte, ou porque, graças ao conhecimento que temos das coisas e do mundo, a nossa experiência também facilmente entende aquilo de que estamos falando.

Assim é que não se precisa repetir o sujeito *Antônio* junto ao segundo verbo do grupo de orações:

Antônio saiu cedo, mas não gostou da ideia,

que seria

Antônio saiu cedo, mas Antônio não gostou da ideia.

Também em razão do nosso saber sobre as coisas do mundo extralinguístico é que podemos fazer o chamado "emprego absoluto" de vários verbos, desacompanhados de seus argumentos ou complementos, implícitos na ação designada pelo verbo, mas que a nossa experiência recupera. Podemos ser entendidos e a oração "fazer sentido" com enunciados do tipo:

Hoje não *escrevi* [sabe-se que se trata de um texto qualquer]

Enchi o copo [sabe-se que se trata de um líquido, água, suco, etc.]

Não se fazem tais apagamentos se se trata de uma declaração que contrarie a nossa experiência:

Enchi o copo *de areia*.

5) Termos integráveis e não integráveis – Cabe, por fim, distinguir termos *integráveis* e termos *não integráveis*. Chamam-se integráveis aquelas funções sintáticas que podem ser substituídas por pronome pessoal adverbal átono, também chamado *clítico* (do grego *klísis* 'inclinação') pela possibilidade de integrar-se no mesmo grupo acentual da palavra a que se inclina na pronunciação, na curva melódica.

No português, são integráveis os complementos direto e indireto, como veremos ao seu tempo. Bastem-nos estes exemplos:

Li *o livro* – Li-*o*.

Viu *as crianças* – Viu-*as*.

Dei o livro *a Pedro* – Dei-*lhe* o livro.

Escreveram carta *aos primos* – Escreveram-*lhes* cartas.

Termos argumentais podem não ser integráveis: é o que acontece com o complemento relativo. Neste caso, a expressão que substitui esta função está representada por um sintagma prepositivo que repete a mesma preposição seguida dos pronomes *ele*, *ela*, *eles*, *elas* ou *isso*:

Não pensava *nos amigos* / Não pensava *neles*.

Assistimos *ao jogo* / Assistimos *a ele*.

Por outro lado, termos não argumentais podem ser integráveis, como ocorre com o chamado dativo de interesse, que estudaremos mais adiante:

Não *me* mexam nesses papéis!

Conhecendo melhor o predicado: núcleo e determinantes – Já vimos que sujeito e predicado organizam a relação predicativa, relação que constitui oração favorita e normal da língua portuguesa, organização que se traduz por marcas formais, como a concordância de número e pessoa, que estudaremos mais adiante.

O núcleo do predicado está constituído por uma classe de palavra chamada *verbo*; assim é que as orações ditas favoritas não dispensam o verbo, explícito, ou oculto pelas possibilidades da referência discursiva.

O predicado de uma oração pode ser *simples* ou *complexo*, conforme o conteúdo léxico do verbo que lhe serve de núcleo. Há verbos cujo conteúdo léxico é de grande extensão semântica; de modo que, se desejamos expressar determinada realidade, temos de delimitar essa extensão semântica mediante o auxílio de outros signos léxicos adequados à realidade concreta. Estes outros signos léxicos que nos socorrem nessa delimitação da extensão

semântica do verbo, verdadeiros delimitadores semânticos verbais, se chamam *argumentos* ou *complementos verbais*.

Os verbos que necessitam dessa delimitação semântica recebem o nome de *transitivos*:

O porteiro *viu o automóvel.*

Eles *precisam de socorro*.

Os verbos que apresentam significado lexical referente a realidades bem concretas não necessitam de outros signos léxicos, como fazem os que integram predicados complexos. Dizemos, então, que o predicado é *simples*. A tradição gramatical chama *intransitivos* a tais verbos:

Ela não *trabalha*.

José *acordou* cedo.

As crianças *cresceram* rapidamente.

Um mesmo verbo pode ser usado transitiva ou intransitivamente, principalmente quando o processo verbal tem aplicação muito vaga:

Eles *comeram* maçãs (transitivo).

Eles não *comeram* (intransitivo).

Esta particularidade só é possível quando a extensão significativa do verbo aponta para um termo geral (arquilexema) que englobe a natureza de todos os signos léxicos que naturalmente apareceriam à direita do verbo:

Eles *bebem* pouco (algo líquido: *água*, *refrigerante*, *suco*, etc.).

O aluno não *escreveu* (um texto: *bilhete*, *carta*, *oração*, etc.).

E é justamente por isso que não se podem usar intransitivamente, a não ser que os entornos venham em socorro da perfeita compreensão da mensagem, predicados do tipo:

Ele ofereceu

Nós reparamos,

já que o signo lexical do complemento não pode ser preenchido por um signo léxico abrangente, um arquilexema, como ocorreu nos exemplos anteriores.

Certos verbos normalmente transitivos, quando empregados intransitivamente, podem adquirir especial matiz semântico:

Ele não *vê* / 'não enxerga', 'é cego'

Já não *bebe* / 'abandonou o alcoolismo'

Ainda não *lê* / 'é analfabeto'

Por tudo isto, conclui-se que a oposição entre transitivo e intransitivo não é absoluta, e mais pertence ao léxico do que à gramática.

1) Os tipos de argumentos determinantes do predicado complexo

a) O complemento direto ou objeto direto – O predicado complexo acompanha-se de tipos diferentes de argumentos, conhecidos por *complementos verbais*.

O primeiro deles é o *complemento direto*, também chamado *objeto direto*, representado por um signo léxico de natureza substantiva (substantivo ou pronome) não introduzido por preposição necessária:

Os vizinhos não viram *o incêndio*.

Não encontramos *os responsáveis*.

O pai comprou *nova casa*.

Constituído, como o sujeito, por expressão substantiva não marcado por um índice funcional (a preposição, neste caso), o complemento direto se distingue do sujeito por vir à direita do verbo (o sujeito vem normalmente à esquerda) e não influir na flexão deste. Assim, a troca de posição destes dois termos na oração está circunscrita aos casos em que dela não resulte ambiguidade ou ruído de comunicação, principalmente no texto escrito. No texto oral, são as pausas e a entonação elementos decisivos para que a oração respeite a intenção comunicativa do falante, sem deixar de haver também, é evidente, a contribuição dos entornos:

José viu o irmão não é a mesma coisa que *O irmão viu José*. Mas já em *José viu os irmãos* e *Os irmãos viu José*, a flexão do verbo no singular patenteia que o sujeito, nas duas orações, só pode ser *José*.

A identificação deste tipo de complemento se faz, além da não presença de preposição necessária, mediante as seguintes estratégias:

a) a comutação do complemento direto pelos pronomes pessoais *o*, *a*, *os*, *as*, marcados formalmente com o gênero e o número do termo comutado:

Os vizinhos não viram *o incêndio* / ... não *o* viram
Não encontramos *os responsáveis* / ... não *os* encontramos
O pai comprou *nova casa* / ... *a* comprou

b) a passagem da oração na chamada voz ativa para a oração de voz passiva, mediante a qual o sujeito da ativa se transforma em agente da passiva introduzido pela preposição *por* (na combinação *per*), enquanto o complemento direto da ativa passa a sujeito da passiva:

Os vizinhos não viram *o incêndio* / *O incêndio* não foi visto *pelos vizinhos*.
Não encontramos *os responsáveis* / *Os responsáveis* não foram encontrados *por nós*.
O pai comprou *nova casa* / *Nova casa* foi comprada *pelo pai*.

c) a substituição do complemento direto pelos pronomes interrogativos *quem?* [é que] (para pessoas) e [o] *que* [é que]*?* antes da sequência sujeito + verbo, ou antes dos verbos *fazer* ou *acontecer*:

O caçador viu *o companheiro*.
Quem é que o caçador viu? – *o companheiro* (complemento direto)
O caçador viu *o lobo*.
Que é que o caçador viu? – *o lobo* (complemento direto)

d) finalmente, a transposição (topicalização) do complemento direto para a esquerda do verbo, operação que permite a presença de um pronome pessoal objetivo no local vizinho ao verbo onde deveria estar o complemento direto:

O caçador viu *o lobo* / *O lobo*, o caçador *o* viu

Nenhuma dessas estratégias por si só é operação infalível na identificação do complemento

direto; devemos, portanto, utilizar mais de uma estratégia, porque:

a) nem todo predicado complexo de oração de voz ativa admite a passagem à oração de voz passiva; ocorre o fato com certos verbos, como os seguintes [AB.1]:

*Eu quis o livro → *O livro foi querido por mim.*
*Cremos isso → *Isso é crido por nós.*
*O aluno tem o livro → *O livro é tido pelo aluno.*
*Os refugiados perderam tudo → *Tudo foi perdido pelos refugiados.*
*O atleta pesava 60 quilos → *60 quilos eram pesados pelo atleta.*

b) por outro lado, certos predicados complexos delimitados por signo léxico não constituído com complemento direto também admitem a transformação de oração de voz ativa em oração de voz passiva:

Assistimos à missa → A missa foi assistida por nós.
O proprietário pagou aos operários → Os operários foram pagos pelo proprietário.
O diretor perdoará aos alunos → Os alunos serão perdoados pelo diretor.
Os cidadãos obedecem à lei → A lei é obedecida pelos cidadãos.
Todos responderam ao anúncio → O anúncio foi respondido por todos.
Apelaram da sentença → A sentença foi apelada.
Não aludiram a essas razões → Essas razões não foram aludidas.

c) não são naturais, embora gramaticalmente possíveis, as perguntas com *quem*?, *que*? nas frases cujos predicados complexos contêm verbos que significam medida, peso, preço e tempo:

O corredor mede cinco metros.
O atleta pesa sessenta quilos.
O novo carro custou trinta mil reais.
O filme durou três horas.

d) também não são frequentes, embora gramaticalmente possíveis, as pronominalizações com os verbos da natureza semântica referida no item anterior:

O corredor mede-os.
O atleta pesa-os.
O novo carro custou-os.
O filme durou-as.

b) Objeto direto preposicionado – Não raro o objeto aparece iniciado por preposição:

Amar a Deus sobre todas as coisas.

A preposição quase sempre aparece para evidenciar o contraste entre o sujeito e o complemento, não se confundindo com o caso do posvérbio, porque este repercute na significação do verbo. Ocorre o objeto direto preposicionado nos seguintes casos principais:

a) quando se trata de pronome oblíquo tônico (uso hoje obrigatório):

"Nem ele entende *a nós*, nem nós *a ele"* [LC.1, V, 28].

b) quando, principalmente nos verbos que exprimem sentimentos ou manifestações de sentimento, se deseja encarecer a pessoa ou ser personificado a quem a ação verbal se

dirige ou favorece:

Amar *a Deus* sobre todas as coisas.

Consolou *aos amigos*.

c) quando se deseja evitar confusão de sentido, principalmente quando ocorre:

1) *inversão* (o objeto direto vem antes do sujeito):

A Abel matou Caim.

2) *comparação*:

"Isto causou estranheza e cuidados ao amorável Sarmento, que prezava Calisto como *a filho*" [CBr.1, 80].

OBSERVAÇÃO: Sem preposição poder-se-ia interpretar *filho* como sujeito: *como filho preza*; todavia, o uso da preposição neste caso não é gramaticalmente obrigatório.

d) na expressão de reciprocidade: *um ao outro*, *uns aos outros*:

Conhecem-se *uns aos outros*.

e) com o pronome relativo *quem*:

Conheci a pessoa *a quem* admiras.

f) nas construções paralelas com pronomes oblíquos (átonos ou tônicos) do tipo:

"Mas engana-se contando com os falsos que nos cercam. Conheço-os, e *aos leais*" [AH.3, 102].

g) nas construções de objeto direto pleonástico, sem que constitua norma obrigatória:

"Ao ingrato, ou não o sirvo, porque (para que) me não magoe" [RLb.2, 278].

c) A preposição como posvérbio – Muitas vezes aparece depois de certos verbos uma preposição que mais serve para lhes acrescentar um novo matiz de sentido do que reger o complemento desses mesmos verbos:

Arrancar a espada.

Arrancar da espada (acentua a ideia de uso do objeto e a retirada total da bainha ou cinta).

Cumprir o dever.

Cumprir com o dever (acentua a ideia de zelo ou boa vontade para executar algo).

Fiz que ele visse.

Fiz com que ele visse (acentua a ideia do esforço ou dedicação empregada).

A preposição que se emprega nestes casos deu-lhe o Prof. Antenor Nascentes o nome de *posvérbio* [AN.2, 17].

d) O complemento relativo – O predicado complexo também pode conter verbo cujo conteúdo léxico é de grande extensão semântica, que exige outro tipo de signo léxico que delimite e especifique a experiência comunicada, à semelhança do que vimos com o complemento direto. A diferença é que neste segundo caso o determinante do predicado complexo vem introduzido por preposição; a tal termo preposicionado chamamos *complemento relativo* [RL.1, 251]:

Todos nós *gostamos de cinema*.

O marido não *concordou com a mulher*.

Poucos *assistiram ao concerto*.

O comerciante não *confiou no empregado*.

A preposição que introduz o complemento relativo constitui uma extensão do signo léxico verbal como parece indicar o fato de que cada verbo se acompanha de sua própria preposição, por servidão gramatical.

A escolha de qual preposição deva introduzir este complemento relativo depende da norma estabelecida pela tradição, tradição que pode permitir, às vezes, o emprego variado e indiferente de mais de uma preposição:

Ela se parece *ao* pai Ela se parece *com* o pai.

Há, todavia, certos usos gramaticalmente previsíveis, como a frequente identidade do prefixo e da preposição (*depender de*, *concorrer com*, *agregar a*, por exemplo), ou a preferência relativa da preposição *de* depois de verbos pronominais (*arrepender-se de*, *queixar-se de*, *lembrar-se de*, *condoer-se de*, por exemplo), o que não deixa de ser aspectos da historicidade da norma.

A identidade, como termos funcionais argumentais do predicado complexo, entre o complemento direto e o complemento relativo justifica a quase nula frequência de coexistirem os dois termos no mesmo predicado, e nenhuma na coordenação deles:

O vizinho disse *mentiras do primo*.

O comerciante encheu *o copo de vinho*.

A jovem pôs *os livros na estante*.

Por outro lado, essa identidade funcional explica a possibilidade de, para muitos verbos, alternar a construção do complemento direto com o complemento relativo e até a norma admite indiferentemente qualquer dos dois complementos:

Ajudar a missa	*Ajudar à missa*
Atender o telefone	*Atender ao telefone*
Assistir os carentes	*Assistir aos carentes*
Chamar românicas essas línguas	*Chamar românicas a essas línguas*
Presidir a sessão	*Presidir à sessão*
Satisfazer o pedido	*Satisfazer ao pedido*

No decurso do tempo e nas variedades linguísticas (diatópicas, diastráticas e diafásicas é muito documentada essa mudança entre o complemento direto e o complemento relativo; assim, já se usaram como complemento relativo (o que hoje se fixou como complemento direto) os verbos *socorrer*, *contentar* e muitos outros.

O signo léxico que representa o complemento relativo é comutável pelos pronomes pessoais tônicos *ele*, *ela*, *eles*, *elas*, introduzidos pela respectiva preposição, marcando o gênero e o número da expressão substantiva comutada:

Todos gostam *do ator*. Todos gostam *dele*.

Os turistas assistiram *à opera*. Os turistas assistiram *a ela*.

O comerciante não confiou *nos empregados*. O negociante não confiou *neles*.

Porque delimitam a extensão semântica do signo léxico do predicado complexo, incluem-se como complemento relativo os argumentos dos verbos ditos locativos, situativos e direcionais, o que permite sua comutação com advérbios de equivalência semântica:

Seus parentes moram *no Rio*. / Seus parentes moram *aqui*.

O artista já não vive *em São Paulo*. / O artista já não vive *lá*.

Iremos *a Petrópolis*. / Iremos *aí* (*ali*).

Ela chegou *do Ceará*. / Ela chegou *de lá*.

OBSERVAÇÃO: Não há unanimidade entre os estudiosos em considerar tais argumentos do predicado complexo como complementos relativos. Levando em conta exclusivamente o aspecto semântico, muitos preferem considerar tais termos como adjuntos circunstanciais ou adverbiais, que estudaremos mais adiante. Pelas mesmas razões, também não é unânime a identificação como objeto direto argumentos do predicado complexo que têm por núcleo verbos que significam medida, peso, preço e tempo. A verdade é que significados gramaticais ["agente", "paciente", "locativo", "direção", etc.] se manifestam mediante esquemas sintáticos muito variados. Repare-se que, numa oração como *O policial acompanhou o idoso ao banco na hora do tumulto*, o termo indicativo do lugar (*ao banco*) é inerente ao predicado, e, portanto, não pode ser dispensado, como ocorre com *na hora do tumulto* [E. Paiva, 71 e ss.]

e) O complemento objeto indireto – Integrada a delimitação da amplitude semântica do predicado complexo mediante um signo léxico (*complemento direto* ou *complemento relativo*), pode aparecer um outro signo léxico, subsidiário desse conjunto da função predicativa, que denota geralmente relação a um ser animado, introduzido pela preposição *a* e que se refere à pessoa destinada ou beneficiada pela experiência comunicada no primeiro momento da intenção comunicativa do predicado complexo (verbo + argumento):

O diretor *escreveu cartas AOS PAIS*.

Os vizinhos *se queixaram* do *barulho À POLÍCIA*.

Este novo argumento do predicado complexo se chama *complemento* ou *objeto indireto* [HB.1, 261] e apresenta as seguintes características formais e semânticas: a) é introduzido apenas pela preposição *a* (raramento *para*); b) o signo léxico denota um ser animado ou concebido como tal; c) expressa o significado gramatical "beneficiário", "destinatário"; d) é comutável pelo pronome pessoal objetivo *lhe* / *lhes*, que leva a marca de número do signo léxico referido, mas não a de gênero, como ocorre no caso dos pronomes pessoais que comutam o signo léxico correspondente ao complemento direto (*o*, *a*, *os*, *as*) ou ao complemento relativo (prep. + *ele*, *ela*, *eles*, *elas*).

Enviaram o presente *à aniversariante*. / Enviaram-*lhe* o presente.

O diretor escreveu cartas *aos pais*. / O diretor escreveu-*lhes* cartas.

Acrescente-se ainda a possibilidade de poder esse pronome duplicar o complemento indireto na mesma oração, sem que este termo esteja obrigado a topicalizar-se, isto é, a aparecer antecipado na oração:

Sempre *lhe* dei *ao aluno* muita atenção.

Ao aluno sempre *lhe* dei muita atenção.

Assim, o complemento indireto é um termo que se distancia mais da delimitação semântica do predicado complexo e parece melhor um elemento adicional da intenção comunicativa que fica, no esquema sintático, a meio caminho entre os verdadeiros complementos verbais e os adjuntos circunstanciais.

Os estudiosos têm encontrado dificuldade em estabelecer um rigoroso critério de identificação do complemento indireto, preferindo servir-se concomitantemente de critérios

léxicos, formais e sintáticos.

A integração da relação predicativa se faz *imediatamente* com o complemento direto e relativo, e só *mediatamente* com o complemento indireto. Tanto é assim que em condições normais (isto é, quando não se trate de evidente elipse ou de auxílio de entorno, não se pode eliminar o complemento direto ou complemento relativo, mas é possível não anunciar o complemento indireto:

Vi o acidente	*Vi
Preciso do auxílio	*Preciso

mas:

Escrevi cartas aos pais	Escrevi cartas
Queixou-se da turma ao diretor	Queixou-se da turma

Embora o complemento ou objeto indireto integre o conjunto *verbo + complemento direto* ou *complemento relativo*, as circunstâncias do discurso (os entornos, a referência anterior ou seguinte no discurso) permitem que se omita o complemento direto ou complemento relativo, permanecendo na oração apenas o indireto, ou se pode omiti-lo, deixando apenas um daqueles complementos:

O diretor escreveu *aos pais*. O diretor escreveu *cartas*.

Os vizinhos se queixaram *à polícia*. Os vizinhos se queixaram *do barulho*.

f) Objeto indireto e adjuntos com *para* – Cabe insistir que a preposição que introduz o complemento indireto é *a*; muitas vezes, parece que, nesta função, se acha a preposição *para*, já que *a* e *para* se alternam em muitos esquemas sintáticos, mas não quando se trata do complemento indireto, o que só raramente acontece:

Alguns alunos compraram flores *para a professora*.

Se prestarmos atenção, *para a professora* do exemplo não introduz o termo que funcionaria como complemento indireto, e a prova disto está na possibilidade, na referida oração, de aparecer um complemento indireto:

Alguns alunos compraram flores *ao florista* para a professora.

Note-se que se *ao florista* e *para a professora* exercessem a mesma função de complemento indireto, deveriam aparecer coordenados mediante a conjunção *e*, como ocorre com todos os termos de igual valor gramatical. Não seria possível construir a seguinte oração:

Alguns alunos compraram flores *ao florista e para a professora*.

Diante de uma oração como a nossa

Alguns alunos compraram flores *ao florista para a professora*,

a pronominalização só pode ser comutada com o objeto indireto *ao florista*:

Alguns alunos compraram-lhe flores para a professora.

mas não:

*Alguns alunos compraram-lhe ao florista.

g) Construção especial com objeto indireto – Um pequeno número de verbos contraria o princípio geral que aqui adotamos, segundo o qual o objeto indireto integra a função predicativa exercida por *verbo* + *argumento* (objeto direto ou complemento relativo).

A notícia não agradou *ao povo*.

A notícia não *lhe* agradou.

Ocorre esta construção com verbos como *agradar*, *desagradar*, *pertencer*, *ocorrer*, *acontecer*, *saber* (= sentir sabor), *cheirar* (= sentir o cheiro), *interessar*, *aparecer*, *sorrir* (= aparecer favoravelmente).

O imóvel pertence *aos herdeiros* (pertence-*lhes*).

Esses fatos *lhe* aconteceram repentinamente.

Isto não *lhe* sabe bem.

O café *lhe* cheira bem.

Apareceram-lhe uns ruídos estranhos.

A sorte *lhe* sorriu nesta semana.

h) Os chamados "dativos livres" – Os objetos indiretos vistos nesta seção são argumentos sintático-semânticos extensivos da função predicativa do conteúdo comunicado nas respectivas orações.

Todavia, remanescentes de construções, algumas das quais da sintaxe latina, aparecem sob forma de objeto indireto, nominal ou pronominal, alguns termos que não estão direta ou indiretamente ligados à esfera do predicado: são os chamados *dativos livres*, representados pelos seguintes tipos:

a) *dativo de interesse* (*dativus commodi et incommodi*) – é aquele mediante o qual se indica de maneira secundária a quem aproveita ou prejudica a ação verbal:

Ele só trabalha *para os seus*.

Ele ligou-*me* amavelmente a luz [MV.2, 123].

Este dativo fica muito próximo da circunstância de fim ou proveito (beneficiário).

b) *dativo ético* – é uma variedade do anterior, muito comum da linguagem da conversação, e representa aquele pelo qual o falante tenta captar a benevolência do seu interlocutor na execução de um desejo:

Não *me* reprovem estas ideias!

Não *me* mexam nos papéis!

Ele sempre *te* saiu um grande mentiroso.

Não *me* enviem cartões a essas pessoas.

Repare-se que, neste último exemplo, o verbo se acompanha de complemento direto (*cartões*) e indireto (*a essas pessoas*), enquanto o pronome *me*, fora da esfera da transitividade verbal, denuncia o meu interesse de que a tais pessoas não sejam enviados cartões.

c) *dativo de posse* – exprimem o possuidor:

O médico tomou o pulso *ao* doente (tomou-*lhe* o pulso).

Doem-*me* as costas.

O vaso partiu-se-*me* [MV].

d) *dativo de opinião* – exprime a opinião de uma pessoa:

Para ele a vida deve ser intensamente vivida.

Para nós ela é a culpada.

A alguns destes dativos o velho e grande filólogo venezuelano Andres Bello chamava *dativos supérfluos*.

Isto evidencia que os pronomes adverbiais átonos, especialmente o caso do *lhe* como símbolo formal do objeto indireto, cobrem outras funções além daquela de complementação verbal.

i) O complemento predicativo – Um grupo reduzido de verbos integra o predicado complexo acompanhado de outro tipo de argumento verbal conhecido pelo nome de *complemento predicativo* ou tão somente *predicativo*. Estes verbos se caracterizam por uma referência tão vaga à realidade comunicada, que fazem do predicativo um argumento, pelo aspecto semântico, muito mais intrinsecamente relacionado com o verbo do que os demais integrantes do predicado complexo (os complementos direto, relativo e indireto) e portador de referência a traços essenciais do sujeito.

Esta pequena lista de verbos inclui *ser*, *estar*, *ficar*, *permanecer*, *parecer* e poucos outros, que aparecem matizados semanticamente pelo signo léxico que funciona como predicativo:

O trabalho *é* proveitoso.

Janete *é* minha irmã.

As alegrias *eram* passageiras.

O céu *está* azulado.

Os argumentos *permaneceram* incompletos.

A situação *parecia* resolvida.

Esses livros não *são* seus.

Se atentarmos para o aspecto formal, tirante o fenômeno da concordância do predicativo com o sujeito, verificaremos que há pontos de contato entre este predicativo e o complemento direto: a) ambos matizam a extensão semântica do verbo, funcionando como seu delimitante; b) aparecem normal e imediatamente (sem preposição) à direita do verbo; c) são comutados por pronome átono, ainda que de maneira diferente, quando o verbo é *ser*, *estar*, *ficar*, *parecer*; d) e, finalmente, porque muitas das construções oracionais com predicativo são equivalentes na designação, isto é, na referência à realidade comunicada, são equivalentes a orações com verbos que exprimem ação e processo, especialmente se o verbo está no presente: *Pedro é cantor* / *Pedro canta*; *O colega está irritado* / *O colega irrita-se.*

Tais aproximações levaram alguns estudiosos a considerar que, em orações do tipo, *Ele é meu irmão*, *meu irmão* poderia identificar-se com o *complemento direto*; outros, adotando a distinção, insistiam em juntar essas duas como variantes funcionais duma só função.

A primeira particularidade formal que distingue o predicativo dos demais argumentos verbais é a concordância (quando representada por adjetivo e alguns pronomes) em gênero e número com o sujeito da oração, conforme demonstram os exemplos acima.

A segunda particularidade é a possibilidade de comutação do predicativo pelo pronome invariável *o*, qualquer que seja o gênero e o número do núcleo do predicativo que substitui, quando o verbo é *ser*, *estar*, *ficar* e *parecer*:[109]

O trabalho é *proveitoso*. → O trabalho *o* é.

As alegrias eram *passageiras*. → As alegrias *o* eram.

Janete é *minha irmã* → Janete *o* é.

Mas:

A professora continua *doente* → * A professora *o* continua.

A terceira particularidade é a impossibilidade de ser a oração com tais verbos construída na voz passiva, como ocorre com a que tem complemento direto.

A quarta particularidade é a incompatibilidade de aparecer com o seu representante invariável *o* na mesma oração:

Filipe é *simpático*. Filipe *o* é. *Filipe *o* é *simpático*

2) Vale a pena distinguir predicado verbal e predicado nominal? – Tal esvaziamento do signo léxico representado por esses verbos, esvaziamento que se supre com o auxílio de um nome (substantivo ou adjetivo), e a particularidade de concordar o predicativo em gênero e número com o sujeito levaram a uma distinção entre predicado *verbal* (*Pedro canta*) e predicado *nominal* (*Pedro é cantor*, *Maria é professora*), o que implicava retirar de tais verbos o *status* de verbo, – pois sua missão gramatical se restringiria a "ligar" (daí os nomes de *copulativos*, *de ligação* ou *relacionais* que se lhes atribuíam) o predicativo ao sujeito. A realidade comunicada residiria no nome predicativo e o verbo seria apenas o marcador do tempo, modo e aspecto da oração. Ora, do ponto de vista funcional e formal, tais verbos apresentam todas as condições necessárias à classe dos verbos, incluindo-se aí os morfemas de gênero, número, pessoa, tempo e modo; daí acompanharmos neste livro os linguistas e gramáticos que defendem a não distinção entre o *predicado verbal* e o *predicado nominal*, incluindo também a desnecessidade de distinguir o *predicado verbo-nominal* [EBv.1, cap. 13 e 16]. Toda relação predicativa que se estabelece na oração tem por núcleo um verbo.

Como o signo linguístico que aparece na função de predicativo costuma ser um nome – substantivo ou adjetivo –, a tradição gramatical passou a designar *nominal* a esse tipo de predicado complexo, para diferi-lo dos outros chamados *verbais*. Além da sem razão dessa diferença, conforme acabamos de ver, cabe lembrar que funcionam como predicativo outras classes de palavras, inclusive advérbios.

João é meu *irmão*.
O sol está *quente*.
Os argumentos continuam os *mesmos*.
Ela mais parece uma *Maria vai com as outras*.
Os vizinhos estão *bem*.
Os jovens são *assim*.
O primo é *dos nossos*.
A mesa parece *de madeira*.
Nós somos *do Norte*.
As provas parecem *de boas fontes*.
Está *tarde*.
O compromisso está *de pé*.
Ela estava *que estava*.

Observações:

1.ª) Levada pela equivalência do conteúdo do pensamento designado com orações declarativas que têm por núcleo os verbos *ser*, *estar* ou outro adequado à intenção comunicativa, a tradição tem considerado que há elipse de um de tais verbos em

enunciados como os seguintes, comuns em provérbios, refrãos, clichês do discurso repetido, isto é, de fórmulas fossilizadas da língua ou a elas assimiladas:

Tal pai, tal filho.

Casa de ferreiro, espeto de pau.

Povo educado povo limpo.

Na realidade, trata-se de exemplos de frases de estrutura bimembre, de que falaremos mais adiante, em que não há necessidade de se apelar para elipse.

2.ª) Conforme já vimos, um mesmo verbo pode ser usado de maneira diferente, conforme a realidade comunicada; vejamos, por exemplo, o verbo *virar*:

O tempo virou (usado num predicado simples, intransitivamente).

O vento virou o barco (usado num predicado complexo, com o argumento complemento direto *o barco*).

O vizinho virou fera (usado num predicado complexo, com o argumento predicativo *fera*).

3) A posição do predicativo – A construção básica da oração apresenta o predicativo à direita do verbo: *Meu amigo é inteligente*. Mas pode apresentar uma construção derivada em que o predicativo se antecipa e aparece antes do sujeito. Se o predicativo é representado por adjetivo, não há dificuldade em identificá-lo como tal: *Inteligente é meu amigo*, em que inteligente, apesar de colocar-se antes do sujeito *meu amigo* continua a exercer a função de predicativo. Todavia, a dificuldade pode surgir, se o sujeito e o predicativo estão representados por dois substantivos ou um substantivo e um pronome:

O meu amigo é o padrinho. / O padrinho é o meu amigo.

Eu sou o padrinho. / O padrinho sou eu.

João é o padrinho. / O padrinho é João.

Pelo expediente da comutação podemos com facilidade assinalar a correta classificação, já que vimos que o predicativo é, nesses casos, comutável com o pronome invariável *o*; quando não se trata do verdadeiro predicativo, a comutação não se mostra natural:

O meu amigo é o padrinho → O meu amigo o é.

*O padrinho é o meu amigo → *O padrinho o é.*

Eu sou o padrinho → Eu o sou.

*O padrinho sou eu → *O padrinho o sou.*

João é o padrinho → João o é.

*O padrinho é João → *O padrinho o é.*

É justamente pela comutação que no exemplo *Seu orgulho eram os velhinhos* ficamos sabendo que houve apenas inversão do predicativo: Os velhinhos *o* eram / *Seu orgulho *o* era.

Tiramos, assim, duas conclusões importantes para a sintaxe:

a) *Seu orgulho eram os velhinhos* é uma construção derivada da construção básica *Os velhinhos eram seu orgulho*;

b) em *Seu orgulho eram os velhinhos* o verbo concorda com seu verdadeiro *sujeito* (*os velhinhos*), e não com o predicativo (*seu orgulho*) [VK.1, 438].

Ainda a comutação vem pôr luz a um falso problema de classificação sintática de *dez horas* na oração de função predicativa não referida (a oração não tem sujeito): *São dez horas*.

A classificação corrente é atribuir a *dez horas* a função de predicativo. Como o verbo é impessoal e está, por concordância atrativa, no plural, tem-se-lhe proposto a função de sujeito. Ora, a comutação nos mostra ser a classificação como predicativo a única possível:

*São dez horas? – São-**no**.*

Jamais o sentimento linguístico do falante aceitaria como normal:

São dez horas? – ***Elas** são*,

como seria, se o sujeito fosse *dez horas*.

4) Outro tipo de predicativo: *anexo predicativo* – Esse determinante predicativo não se restringe à referência ao sujeito, em orações com o concurso de verbos como *ser*, *estar*, *ficar*, etc. Pode aparecer em predicados simples e complexos, com o concurso de verbos outros de ação ou processo, referidos ao sujeito, ao complemento direto, ao complemento relativo e ao complemento indireto (talvez restrito ao verbo *chamar* 'dar nome'):

Ele estudou *atento*. Ela estudou *atenta* (predicativo do sujeito).

Os trens chegaram *atrasados* (predicativo do sujeito).

O auditório ouviu os conferencistas *atento* (predicativo do sujeito).

A polícia encontrou a porta *arrombada* (predicativo do complemento direto).

Definiu-se o caso como *impossível* (predicativo do sujeito) [ABo.1, 71].

Tratou-se da questão como *insolúvel*. (predicativo do complemento relativo).

Nós lhe chamávamos *doutor* (predicativo do complemento indireto).

Não é raro vir o predicativo precedido de preposição ou palavra equivalente:

Tachou-o *de louco*.

A maioria tinha o réu *por* (ou *como*) *inocente*.

"Jesus, pareces desenterrado! exclamou assustadíssima a pobre mulher, vendo-o *pálido e de olheiras* cavadas e negras" (AFg, 118).

Com o verbo *chamar* podemos dizer:

Chamaram-no *tolo* / *de tolo*.

Chamaram-lhe *tolo* / *de tolo*.

Acompanham-se de predicativo do complemento direto os verbos:

a) que significam 'chamar' e 'ter na conta de': *chamar*, *considerar*, *reputar*, *julgar*, *supor*, *declarar*, *intitular*, *crer*, *estimar*, *ter* e *haver por*, *dar* e *tomar por*, etc.;

b) *deixar*, *ver*, *ouvir*, *encontrar*, em construções do tipo:

Viu-o *vivo e forte*.

Deixei-o *de cama* e encontrei-o *sarado*.

Pode o predicativo que exprime resultado ou consequência do processo verbal, indicar a situação anterior e a que resulta da mudança:

O secretário passou José *de auxiliar a chefe*.

À semelhança do predicativo em predicado complexo com *ser*, *estar*, etc., esse argumento concorda em gênero e número com o núcleo referido, e por isso tem merecido em muitos autores a classificação de *predicativo*; todavia há entre os dois predicativos diferenças:

a) é normalmente representado por um adjetivo, enquanto o outro tipo de predicativo pode vir expresso por adjetivo, substantivo, pronome, advérbio, etc.;

b) este último determinante apresenta-se numa relação semântica intermédia, entre a realidade comunicada pelo verbo e uma qualificação ao signo lexical núcleo do sujeito ou do complemento verbal;

c) por essa maior frouxidão relacional com o verbo, pode ser suprimido sem provocar uma construção agramatical:

Ele é estudioso / **Ele é*; *Ele estudou atento* / *Ele estudou*; *O auditório ouviu os conferencistas atento* / *O auditório ouviu os conferencistas*;

d) ao contrário dos outros predicativos, esse determinante não pode ser comutado pelo pronome invariável *o*, mas por um advérbio como *assim*:

Ele estudou atento / Ele estudou *assim.* / Ela estudou *assim.*

A polícia encontrou a porta arrombada. / A polícia encontrou a porta *assim.*

e) essa relação com uma palavra de natureza adverbial (*assim*), permite a substituição do adjetivo por advérbio, resultando daí orações equivalentes na designação:

Ele estudou atento / Ele estudou atentamente; O auditório ouviu os conferencistas atento / O auditório ouviu os conferencistas atentamente.

Tais diferenças levaram alguns autores a dar outra classificação a predicativos dessa natureza; Said Ali chamou-lhes *anexo predicativo*, e cremos que, se houver necessidade de dar nomes diferentes a tais predicativos, a expressão pode ser utilizada. As propostas *predicativo atributivo* ou *atributo predicativo* também correm em bons autores [AK.1, 83; SL.1, 46-47].

Pode-se variar a construção em que entra esse segundo tipo de predicativo transpondo-o para junto do termo referido, caso em que se profere com breve pausa ou com pausa mais longa; neste último caso, usa-se vírgula na língua escrita:

Os rios corriam sonorosos.

Os rios sonorosos corriam.

Sonorosos corriam os rios.

Os rios, sonorosos, corriam.

OBSERVAÇÃO: No exemplo *Os rios sonorosos corriam* podemos ver em *sonorosos* tanto um adjunto adnominal de *rios* como um predicativo do sujeito. A intenção comunicativa do falante ou escritor, quando possível, dependerá do sentido textual que será resgatado mediante a gramática do texto ou análise gramatical. Para o responsável pelo conteúdo do pensamento designado não há essa ambiguidade, porque, como diz Coseriu, "os falantes intuem e conhecem determinadas relações entre paradigmas diversos de sua língua" [ECs.1, 254].

Dentro desta função do predicativo podemos incluir o determinante que denota o "tempo, hipótese, concessão, causa, comparação, ou debaixo de que respeito é considerada a pessoa ou cousa", na época referida pela relação predicativa [ED.2, 45,b]:

'Stamos em pleno mar... Doudo no espaço.

Brinca o luar – *dourada borboleta* [CAv.1, 92].

(isto é, "como dourada borboleta)

"*Rainha* esquece o que sofreu *vassala*" [BBo].

(isto é, "como rainha esquece o que sofreu quando vassala")

Também esses predicativos podem vir introduzidos por preposição ou advérbio, ou palavras em função equivalente:

Em rapaz dizia verdades que *quando velho* silenciou.

Audaz D. *Quixote* ele entrou na discussão.

Quando Presidente esqueceu-se das promessas *como candidato*.

Os exemplos acima podem ser reescritos sem os instrumentos verbais introdutórios, quando esses predicativos à moda latina emprestam ao enunciado certa energia e elegância. Neste caso são marcados por pausa, ainda que breve; no exemplo acima de Castro Alves, a pausa é indicada graficamente pelo travessão, enquanto no de Bocage não há sinal de pontuação, ainda que a pausa exista para que *rainha* não seja proferido com a linha melódica igual à que o marcaria como sujeito de *esquece*. O seguinte exemplo de Eça de Queirós é bom testemunho

desse tipo de predicativo marcado por pausa, para distingui-lo do adjetivo com função de adjunto adnominal; observe que a pausa, marcada por vírgula, é decisiva para tal distinção:

> Mas os meses passaram, naquela vida de uma regularidade triste de pêndulo, entre a casa e a farmácia e o grosso livro encadernado, onde ele devia copiar os *Esmaltes e Jóias*, permanecia ainda quase todo branco. Lá estavam os três poemas que o *Pensamento* acolhera: *Ofélia, A ti* – que era a Aninhas Serrana, *amada* – e *Mulher de Mármore* – que era a Aninhas Serrana, *odiada*! [EQ.1, 53-54]

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Levados pela equivalência designativa, alguns autores preferem considerar como se fossem orações abreviadas sem verbo explícito os predicativos introduzidos por *como*, *quando*, *porque*, por considerá-los, nestes casos, conjunções subordinativas:

Quando Presidente → Quando era Presidente...

2.ª)Exemplos como o já citado

Os rios, sonorosos, corriam,

aproximam formalmente este tipo de anexo predicativo.

5) O infinitivo e o gerúndio como predicativo 110 – Já tivemos oportunidade de ver que o infinitivo, como forma nominal do verbo, funciona também como substantivo: *Querer é poder*. *Escrever é um ato de cultura*.

Em *Convém prestar atenção aos conselhos*, *prestar atenção aos conselhos* (em que o infinitivo é núcleo de um predicado complexo, com objeto direto [*atenção*] e indireto [*aos conselhos*]) funciona unitariamente como sujeito explícito do núcleo *convém*.

Em *Vejo abrir a porta*, o infinitivo com seu objeto direto (*abrir a porta*) funciona unitariamente como objeto direto do núcleo *vejo*: *vejo-o*.

Mas em enunciados do tipo *Ouço soprar o vento* ou *Vejo crescer as árvores*, apesar de serem aparentemente análogos aos anteriores, temos outras construções em que entram como núcleo verbos que significam atos mentais de percepção, embora os conjuntos *soprar o vento* ou *crescer as árvores* possam ser comutados por pronomes adverbais átonos (Ouço-*o* e Vejo-*as*). Os substantivos *vento* e *árvores* não funcionam como objeto direto do infinitivo, mas sim dos núcleos *ouço* e *vejo*, razão por que são comutados por pronomes adverbais átonos: *Ouço-o* (= o vento) *soprar* e *vejo-as* (= as árvores) *crescer*, em cujo procedimento não se incluem os infinitivos *soprar* e *crescer*.

Agora, se compararmos as construções estudadas antes:

Encontrou a porta arrombada,

em que *arrombada* funciona como predicativo do objeto direto *porta* e em que, comutando este objeto direto por pronome adverbal átono, teremos:

Encontrei-a arrombada,

onde o predicativo *arrombada* não fica incluído na função de *a*.

Analogamente, nos nossos exemplos

Ouço-o soprar
Vejo-as crescer

os infinitivos funcionam como modificadores dos respectivos pronomes adverbais e funcionam como seus predicativos.

Desta maneira, não cabe falar aqui de "sujeito" de infinitivo exercido por *vento* e *árvores* nas construções:

Ouço soprar o vento / Ouço o vento soprar

Vejo crescer as árvores / Vejo as árvores crescer

A analogia se deve ao fato de *vento* e *árvores* serem, na análise do conteúdo semântico, *agente* da ação da atividade percebida, como em *O vento sopra* e *As árvores crescem*, o que não quer dizer que, naqueles exemplos, exerçam a função sintática de sujeito. Por isso, em *Ouço soprar o vento* e *Vejo crescer as árvores*, o normal é que não se precise flexionar o infinitivo, já que *vento* e *árvores* não funcionam como sujeito de *soprar* e *crescer*.

Repare-se que, ao comutar o objeto direto do núcleo *ouço* ou *vejo*, se tem de deixar à parte o infinitivo, que, como vimos, funciona como predicativo do objeto direto *vento* ou *árvores*:

Ouço o vento soprar → Ouço-o soprar.
Vejo as árvores crescer → Vejo-as crescer.

Tal como ocorreu com:

Encontrou a porta arrombada → Encontrou-a arrombada.

Se, como vimos, não se pode falar nestes casos de "sujeito" de infinitivo, também é impróprio afirmar que tais substantivos são "objeto direto" do núcleo *ouço* ou *vejo* e ao mesmo tempo "sujeito" do infinitivo.

A concordância que pode aparecer em

Ouço soprarem os ventos / Ouço os ventos soprarem.
Vejo crescerem as árvores / Vejo as árvores crescerem.

se deve à análise do conteúdo semântico da equivalência na designação, isto é, na referência à realidade percebida, com:

Ouço que os ventos sopram.
Vejo que as árvores crescem.

em que *ventos* e *árvores* são agentes e agora também sujeitos.

A diferença entre o *agente* da análise semântica e o sujeito da análise gramatical (da estrutura sintática) é comparável à que ocorre entre o *paciente* da análise semântica e o *sujeito* da construção sintática reflexiva em (só que aqui a língua padrão ainda não agasalhou o resultado do procedimento):

Alugam-se casas / Aluga-se casas.

Pelo mesmo efeito da equivalência na designação é que aparece o primeiro verbo no singular quando se combina com o pronome reflexivo se, procedimento que, na análise gramatical, passa os antigos objetos diretos (*ouço os ventos* / *vejo as árvores*) a sujeito do sentido passivo da nova construção:

Ouve-se soprar os ventos / Ouve-se os ventos soprar.
Vê-se crescer as árvores / Vê-se as árvores crescer.

Trata-se aqui de concordâncias tão irregulares à luz da análise gramatical e da tradição da língua exemplar, quanto as que ocorrem em:

Aluga-se casas.
Vende-se apartamentos.

Em lugar do infinitivo em função de predicativo, pode aparecer o *gerúndio*, quando é representado por signo léxico que denote atividade:

Ouço o vento soprando.
Vejo as árvores crescendo.
"No entanto ouvia [eu] as negras falando da morte dele com pavor" [JL.3, 37].

À semelhança da construção com infinitivo, a de gerúndio, na referência à realidade

percebida, pode ser substituída pela de relativo:

> Ouço o vento que sopra.
> Vejo as árvores que crescem.
> "Subitamente a chuva fustigou as vidraças; o primeiro bofar do vento fez ramalhar as árvores meias calvas; e *senti-o que se abismava* debaixo das arcarias de pedra" [AH.7, I, 139].

A mesma particularidade se repete com *eis*, que rigorosamente se acompanha de objeto direto:

> "... apenas os primeiros raios de sol faziam reluzir as armas,semelhantes no brilho trêmulo ao alvejar da geada, *ei-las* que pareciam rolar-se pelas encostas..." [AH.7, I, 172].

6) O complemento agente ("agente da passiva") – Um tipo de termo argumental não obrigatório é o que a gramática tradicional chama *agente da passiva*; caracteriza-se por ser um termo preposicionado marcado pela preposição *por* e, mais raramente por *de*, com verbos empregados como transitivos diretos na chamada voz ou construção passiva:

> Os exercícios foram feitos *por José*.
> O réu é condenado *pelo júri*.

Tal complemento de agente pode ser opcional, pois são construções gramaticalmente corretas:

> Os exercícios foram feitos.
> O réu é condenado.

A gramática tradicional tem posto este agente entre os complementos verbais em vista de seu relacionamento com o sujeito e com o complemento direto. Com o sujeito, porque, na transformação da estrutura passiva à estrutura ativa, o complemento agente passa a sujeito:

> Os exercícios foram feitos *por José* / *José* fez os exercícios.

Com o complemento direto, porque, enquanto este vem exigido pela característica gramatical da construção ativa, o agente o é da construção passiva.

Em geral, o complemento de agente apresenta o traço semântico *animado*, como revelam, nos exemplos acima, *José* (*por José*) e *júri* (*pelo júri*).

Quando não há o traço *animado*, pode apresentar o traço *potente*, representado lexicalmente por nome de coisa, mas capaz de praticar ou fazer desenvolver uma ação, como nos exemplos seguintes [PD.1, 46]:

> O menino foi atropelado *pelo ônibus escolar*.
> Os alpinistas foram surpreendidos *pelo vendaval*.

Dissemos que o complemento de agente pode vir introduzido pela preposição *de*, construção mais comum em outros tempos da história do português, e ainda usado literariamente; no português contemporâneo, *de* está praticamente restrito a unidades léxicas que exprimem sentimentos ou manifestações de sentimentos:

> Ela é estimada *de todos*.
> O professor não foi esquecido *dos alunos*.

Nem todo termo introduzido pela preposição *por* funciona como complemento de agente, principalmente se apresenta o traço *não animado*, referente a uma coisa, quando deve ser classificado como adjunto circunstancial de causa ou meio. Neste caso, *por* é comutável por outra preposição (p. ex., *com*) ou por locuções prepositivas do tipo *por causa de*, *por meio*

de, *em virtude de* e equivalentes:

O artista foi elogiado *pela sua técnica.*

Ficaram aborrecidos *pelas falsas promessas.*

Os ladrões foram encontrados *pela denúncia anônima.*

Em tais exemplos, a experiência comunicada em *pelas falsas promessas* e *pela denúncia anônima* pode ser expressa mediante outra construção:

Ficaram aborrecidos *com* (*por causa de*) *as falsas promessas.*

Os ladrões foram encontrados *em virtude de* (*graças a*) *denúncia anônima.*

Não é, portanto, a relação sintática, mas o contexto em que se enquadra a experiência comunicada, que irá resolver se se trata de um complemento de agente ou de adjunto circunstancial ou adverbial.

A construção dita "passiva pronominal" ou "passiva reflexa" (denominações melhores que "passiva sintética") não se acompanha, no português contemporâneo, do complemento de agente, como acontece na chamada construção passiva com auxiliar + particípio, vista até aqui.

Vendem-se casas.

O complemento de agente pode aparecer junto a substantivo ou adjetivo constituído por um signo léxico referido a um processo ou ação, como *assalto*, *vitória*, *derrota*, etc.

O assalto *pelo primeiro batalhão* foi decisivo.

O derrotado *pelo concorrente* achou justa a classificação.

7) Construção passiva e o predicativo – Partindo do fato de que a realidade comunicada nas orações *A casa está espaçosa* e *A casa está pintada* aponta ao sujeito *a casa* um atributo, muitos estudiosos não veem razão de estruturação sintática para distinguir o adjetivo *espaçosa* como predicativo do sujeito, e o signo léxico *pintada* como verbo na forma de particípio. Ora, já sabemos que um particípio verbal pode funcionar como adjetivo. A dificuldade desta distinção fica ainda mais notável, quando comparamos *A equipe é vencedora* e *A equipe é vencida*, em que, não havendo nenhuma diferença na estrutura sintática das duas orações, (um sujeito *a equipe*, um núcleo verbal e um termo que, à maneira dos predicativos, concorda em número com o núcleo da oração (o verbo) e em gênero e número com o sujeito explícito), a distinção repousa apenas no traço semântico 'ativo' do lexema *vencedora* em oposição ao traço semântico 'passivo' do lexema *vencido*.

Poder-se-ia objetar contra tal identificação dos dois termos o fato de poder levar o particípio *vencido*, ao contrário do predicativo como *vencedora*, uma expansão preposicionada "que se refere na realidade ao agente da atividade designada pelo signo léxico do particípio" [AL.1, 303], apesar do paralelismo da estrutura sintática.

Um argumento forte em favor de considerar o particípio como adjetivo e, assim, na função de predicativo, na construção dita "voz passiva", é a possibilidade de comutação do particípio pelo pronome invariável *o* – como ocorre com o signo léxico na função de predicativo:

A equipe é *vencedora.* A equipe *o* é.

A equipe é *vencida*. A equipe *o* é.
A equipe é *vencida* pelo adversário. A equipe *o* é pelo adversário.

Ocorre o mesmo se se trata de adjunto adverbial de causa ou meio, e não de complemento de agente.

A pressão é *controlada* com remédios. A pressão *o* é com remédios.
O artista foi *elogiado* pela sua técnica. O artista *o* foi pela sua técnica.

Fica, assim, ao analista optar por uma das duas maneiras, apesar dos fortes argumentos em favor da solução como predicativo. Neste livro, por motivação didática, seguimos a análise como passiva.

Os determinantes circunstanciais ou adverbiais

Se atentarmos para as frases:

A criança caiu da cama durante a noite
Os carregadores puseram o móvel na sala logo pela manhã
O marido acompanhou a esposa ao hospital na ambulância,

facilmente verificaremos que os termos *da cama* e *durante a noite* – para só ficarmos por enquanto no primeiro exemplo – denotam uma circunstância de lugar donde (*da cama*) e de tempo (*durante a noite*). Levada exclusivamente pelo aspecto semântico, a gramática tradicional igualou estes termos também sintaticamente, considerando-os ambos *adjuntos adverbiais*, isto é, como termos não argumentais, vale dizer, fora do âmbito da regência do verbo da oração, isto é, não pedidos por ele.

Ora, basta aplicarmos o *teste da redução* para verificarmos que o termo *da cama* é termo obrigatório, argumental, pois pertence à regência do verbo *cair*; assim, torna-se incompleta do ponto de vista sintático (e semântico, naturalmente) a oração sem este complemento relativo:

A criança caiu durante a noite.

Já não se dá o mesmo com a redução ou supressão do termo *durante a noite*:

A criança caiu da cama.

OBSERVAÇÃO: Para distinguir a identidade designativa de circunstância, presente em *da cama* e *durante a noite* da função sintática diferente dos dois termos, talvez fosse conveniente encontrar outra denominação para o *adjunto circunstancial* que evitasse a alusão à natureza de "circunstância".

Se *da cama* é o complemento relativo de *cair*, *durante a noite*, mero acréscimo à informação, à realidade comunicada, receberá a classificação de *adjunto circunstancial*. Os adjuntos adverbiais são semântica e sintaticamente opcionais. Respondem às clássicas perguntas *como?*, *quando?*, *onde?*, *por quê?*, enquanto o complemento relativo responde à pergunta *que? quem?*, precedidos da preposição que acompanha tradicionalmente o verbo:

Pedro fala sempre *de negócios* (fala de quê?: compl. relativo).
Pedro fala sempre *de memória* (como fala?: adjunto adverbial).

Se recorrermos ao teste de clivagem ou relevo mediante o usual instrumento *é ... que*/*quem*, verificaremos a diferença de resultado entre o complemento relativo e o adjunto adverbial:

É de negócios *de que* sempre fala o José.
É de memória *como* sempre fala o José [AL.1, 323].

Semanticamente, o papel desses adjuntos adverbiais é matizar o processo designado na relação predicativa, acrescentando à mensagem informações que o falante julga

indispensáveis ao conhecimento do seu interlocutor.

Entretanto, se o conteúdo semântico desses adjuntos adverbiais não oferece maiores problemas, seu comportamento sintático na oração é heterogêneo e requer maior atenção de quem procura descrever esse termo. Assim, a coesão dele ora é maior com o verbo ou com o sintagma verbal, ora faz referência a toda a oração, sem que com isso deixe de formar parte dela, à maneira dos termos marginais. São aspectos muitas vezes que fogem ao âmbito dos esquemas idiomáticos e entram no domínio da gramática do texto. É o caso, por exemplo, do termo *em casa* nas orações:

(1) *Em minha casa* grito eu.

(2) Eu grito *em casa*.

Enquanto na segunda, *em casa* afeta exclusivamente o verbo *grito*, na primeira *em minha casa* modifica a oração como um todo, a combinação *sujeito* + *predicado*, e esta coesão tênue com o verbo permite a possibilidade de pausa que normalmente aparece ao ser proferida a oração [PD.1, 18].

Tais variedades de coesão gramatical motivadas por objetivos pragmáticos, discursivos e entonacionais, têm levado estudiosos a enveredar por indagações de graus ou níveis de hierarquização de adjuntos adverbiais, tema que extrapola a natureza deste livro; por isso, consideraremos aqui todos estes casos uniformemente como adjuntos adverbiais.

Falam, assim, dos adjuntos adverbiais na condição de adjuntos de substantivos e adjetivos:

O inverno *em Campos do Jordão* é rigoroso.

Os conflitos *em praça pública* nem sempre são prenúncios de direitos feridos.

As brincadeiras *nas praias* são sempre ruidosas.

Retornando aos outros exemplos do início, notaremos que os termos *na sala* e *ao hospital*, apesar de semanticamente denotarem circunstâncias, funcionam como complemento relativo dos verbos *puseram* e *acompanhou*, respectivamente:

Os carregadores puseram o móvel logo pela manhã.
(sintaticamente incompleta)

Os carregadores *puseram* o móvel *na sala*.

O marido acompanhou a esposa na ambulância. (sintaticamente incompleta)

O marido *acompanhou* a esposa *ao hospital*.

Um termo preposicionado designativo da mesma circunstância (aqui "de lugar") pode exercer na oração diferentes funções sintáticas dependendo do conteúdo de pensamento designado, isto é, das circunstâncias concretas do discurso; por exemplo, *de Minas* é um complemento relativo em:

O escritor saiu jovem *de Minas*

é um complemento predicativo em:

O escritor é *de Minas*.

é um adjunto adverbial em:

O escritor telegrafou *de Minas*

é um adjunto adnominal em:

Os escritores *de Minas* gozam de muita aceitação

é um complemento nominal (de substantivo ou adjetivo):

Sua permanência *em Minas* foi breve.

Necessária na vida toda, a educação começa na infância.

Que não se trata de termos sintaticamente equivalentes mostra o fato de não poderem coordenar-se. Não é possível uma construção do tipo:

A criança caiu *da cama e durante a noite*,

como seria possível em:

As crianças caem *do balanço e do escorrega* durante o recreio.

Outra particularidade a ser observada entre as diferenças que separam o complemento relativo do adjunto adverbial é o caráter semântico bastante tênue (e às vezes até vazio) da preposição que introduz a primeira dessas funções que faz o papel de marca de função sintática, em oposição ao valor semântico da preposição que encabeça o adjunto adverbial. A preposição que marca o complemento relativo está determinada pela tradição do idioma, razão por que só muito raramente admite a substituição por outra preposição, salvo nos casos em que a mesma tradição o permite:

Preciso *do* livro.

*Preciso *ao* livro.

*Preciso *no* livro, etc.

Já a preposição que encabeça o adjunto adverbial conhece quase sempre a possibilidade dessa substituição:

Fez a horta *sob* as árvores.

Fez a horta *debaixo das* árvores.

Com frequência esses adjuntos adverbiais de conteúdo posicional ou temporal se combinam com uma ideia secundária de direção ou extensão, o que leva ao emprego concomitante de duas preposições:

Fez a horta *por debaixo das* árvores.

A janela estava aberta *desde pela* manhã.

A neve escorregou *de sobre* o telhado.

Enquanto no âmbito dos termos argumentais só pode existir no domínio da relação predicativa um só complemento direto ou indireto (salvo aqui os chamados dativos livres), predicativo ou complemento relativo – excluindo o caso de termos coordenados –, os adjuntos adverbiais não conhecem esta restrição, podendo aparecer quantos forem necessários à experiência comunicada:

De noite, o jovem trabalhava *em casa em companhia dos irmãos.*

Também ao contrário dos termos argumentais, se for elidido, o adjunto adverbial não exige preenchimento da casa vazia:

O jovem trabalhava em casa, em companhia dos irmãos.

O jovem trabalhava em companhia dos irmãos.

O jovem trabalhava.

1) Os principais tipos de adjuntos adverbiais – O adjunto adverbial constitui uma classe muito heterogênea – à semelhança do advérbio que normalmente desempenha o papel de seu núcleo – não só do ponto de vista formal como ainda do ponto de vista de valor semântico. Tal fato leva a que constantemente esteja a não delimitar com nitidez as fronteiras com outras funções sintáticas – conforme aqui mesmo já assinalamos – e com conteúdos de pensamento

designado vizinhos. Diante de tão vasta amplitude, fixar-nos-emos nos principais adjuntos adverbiais, detendo-nos aos aspectos mais interessantes à descrição gramatical e aos esquemas com que se representam tais funções nas circunstâncias concretas do discurso [PD.1, 30].

a) Adjuntos adverbiais de lugar – A característica de tais adjuntos é responder à pergunta *onde*?, precedido este advérbio ou não de preposição que marca a designação circunstancial (*donde?*, *por onde?*, *aonde, até onde*, etc.), em relação à ideia expressa pelo verbo, pelo sintagma, verbal ou ao conteúdo de uma oração dita principal.

Pedro trabalhava *em Petrópolis*. (onde?)
Pedro trabalhava *aí*. (onde?)
O professor tem parentes no *Recife*. (onde?)
Contemplamos *da janela* o cair da tarde. (donde?)
Procuraram-no *por toda a cidade*. (por onde?)
O atleta correu *até a chegada*. (até onde?)
"*Onde me espetam* fico". [M. de Assis]

Distinguimos, assim, vários matizes da ideia locativa: *lugar onde* ou *de situação*, *direção*, *origem* e *ponto de partida*, *lugar por onde*, *proximidade*, *distância*, *orientação*, *extensão*, etc., tanto numa perspectiva horizontal quanto na vertical.

Algumas expressões preposicionadas que funcionam como adjunto adverbial compartilham tanto do valor locativo quanto do temporal modal ou instrumental, como ocorre nas seguintes orações:

Ela me foi apresentada *na festa* (onde? ou quando?).
O primo não viaja *em avião* (onde? ou por que transporte?).

O advérbio núcleo do adjunto de lugar pode vir anteposto de um substantivo, e o conjunto precedido ou não de preposição, como ocorre nos exemplos:

O barco navegava *rio acima*.
O capitão anda *mundo fora*. (ou *afora*)
O sonâmbulo andava *casa dentro* (ou *pela casa dentro*).

b) Adjuntos adverbiais temporais – Respondem às perguntas *quando?*, *desde quando?*, *até quando?*, *durante quanto tempo?* e podem referir-se ao verbo, ao sintagma verbal ou a toda a oração:

A natureza *resplandece na primavera*. (referida ao verbo)
O fazendeiro *colhe frutas pela manhã*. (referido ao sintagma verbal *colhe frutas*)
De noite todos os gatos são pardos (referido a toda a oração).

Podem vir representados por advérbio, por sintagmas preposicionados ou por oração dita subordinada :

Augusto *não* trabalha *hoje*.
Estuda-se melhor *pela manhã*.
Ele saiu *quando o professor chegou*.

Também entre os adjuntos adverbiais de tempo distinguimos vários matizes temporais: o tempo propriamente dito, a duração, a quantificação temporal, a repetição, etc.:

Pedro não trabalha *hoje*.

Pedro trabalhou *das três às cinco*.

Pedro trabalhou *duas horas*.

Pedro trabalha *todos os dias*.

Os diversos tipos de adjuntos adverbiais de tempo podem vir ou não introduzidos por preposição ou locução prepositiva; estas matizam o valor temporal:

Não se trabalha *domingo* / *no domingo*.

Pedro não trabalha *hoje* / *por hoje*.

O vizinho viu televisão *até as três da madrugada*.

O baile terminou *depois das quatro*.

O aniversário será *daqui a cinco dias*.

OBSERVAÇÃO: Não se há de confundir o emprego da preposição *a* para indicar tempo vindouro com a expressão em que entra o verbo *haver* (há) para indicar tempo passado: Sairá *daqui a três horas* // Saiu *há três horas*.

Para a análise da oração em que, nestes casos, entra o verbo *haver*, veja-se o capítulo da oração complexa.

Em circunstâncias do tipo de

Pedro trabalha muitas horas,

o adjunto adverbial *muitas horas*, do ponto de vista semântico, se situa entre a ideia temporal e a quantitativa, zona limítrofe que explica como resultado, por exemplo, o uso indistinto do advérbio *já*, nitidamente temporal, e do advérbio *mais*, nitidamente quantitativo, em orações negativas do tipo:

Já não chove / Não chove *mais*.

No início, deve ter havido perfeita distinção; a ideia temporal existia em *Já não quero*, *Já não o tem*, *Já não serve*, onde o advérbio *já*, como lembra Morais (1813), se refere a "cousas que agora se acham em situação diversa da em que estavam antes" e a quantitativa em *Não quero mais*, *Não tem mais*. Sem levar em conta o trânsito semântico, alguns puristas consideram injustamente como galicismo o emprego temporal de *não mais* pelo *já não*, imitação servil, dizem, do francês *plus*. Ocorre que, nas orações citadas no início, poder-se-ia usar o *plus* francês como equivalente do *mais* (quantitativo) e do *já* (temporal): *Não quero mais* (*je n'en veux plus*), *Já não quero* (*je ne veux plus*) [PS.1, 603].

No Brasil, é mais geral o emprego de *não mais* em ambos os valores semânticos; em Portugal, como ensina Gladstone Chaves de Melo, *já não* é mais comumente usado "quando o que se focaliza é um trânsito de passado para presente", enquanto *não mais* se usa quando se quer "significar o futuro em relação ao tempo indicado pelo verbo" [GM.1, 111].

Também não têm razão os puristas na condenação da negativa enfática *já não...mais* em construções do tipo *Já não se faz mais musical como antigamente*. Ênfase nas orações negativas é fato corriqueiro nas línguas [OJ.1, 62-80; HS.1, 19-91].

Também apresentam pontos de contacto com a circunstância modal os advérbios de tempo do tipo de *rapidamente*, *de imediato*, *logo*, *num instante* e locuções equivalentes como *abrir e fechar de olhos*, *num piscar de olhos*, etc., que integram os adjuntos adverbiais de orações iguais a:

Saiu rapidamente.

Chegou de imediato.

Respondeu num piscar de olhos.

Essa ideia subsidiária de modo aproxima tais adjuntos adverbiais de outra função sintática já vista aqui, o anexo predicativo; basta que se use adjetivo (flexionado, para formalmente estabelecer a diferença de marca de função sintática):

Eles saíram rápidos.
Elas saíram rápidas.

Se se empregar *Ele saiu rápido*, *rápido* pode ser tanto considerado advérbio (=adjunto adverbial, igual a *rapidamente*), quanto adjetivo (=anexo predicativo). Já em *Ela saiu rápido*, *rápido* só pode ser classificado, graças à sua invariabilidade em gênero, como *advérbio* [HM.1, 55-56].

Como os locativos, o advérbio de tempo se deixa antepor de substantivo, conjunto que pode ou não vir introduzido por preposição:

Ela trabalhava *semana adentro*.
O fato ocorreu *dias atrás*.

c) Adjuntos adverbiais modais – Respondem à pergunta *como? de que modo ou maneira?* e se reportam ao verbo ou ao sintagma verbal da oração, para qualificar ou descrever como o processo verbal se realiza:

O aluno está escrevendo *bem*.
O fogo propagou-se *imperceptivelmente*.
Os vizinhos falaram do incêndio *com tristeza*.
Entraram no estádio *aos empurrões*.
Os ladrões fugiram *sem que fossem percebidos*.

Como vimos, podem tais adjuntos adverbiais estar integrados por advérbios, palavras ou sintagmas prepositivos com valor adverbial e orações inteiras; destas falaremos no capítulo sobre a oração complexa.

Muitas vezes a experiência que se comunica aproxima o valor modal de adjuntos adverbiais ao sentido modal ou qualitativo que se atribui ao sujeito e ao complemento direto por meio de um anexo predicativo.

Ela me cumprimentou muito educadamente / Ela me cumprimentou muito *educada*.

Esta aproximação semântica também ocorre quando a expressão encerra um sintagma preposicionado introduzido por *com* ou *sem* em construções alusivas à posse ou carência do sujeito ou de complemento direto; a melhor classificação parece ser como anexo predicativo [PD.1, 39].

O garoto chegou a casa *com a calça rasgada*.
Ele foi deitar-se *sem pijama*.

d) Adjuntos adverbiais de fim, de causa, de instrumento e de companhia – Característica comum a essas quatro circunstâncias adverbiais é que não podem ser representadas por meros advérbios, mas sim por sintagmas preposicionados ou, com exceção da de companhia, por uma oração subordinada, fato que estudaremos no capítulo da oração complexa:

Ele estudou *para médico* (fim).
Tremiam *de frio* (causa).
Fechou a porta *com a chave* (instrumento).

Saiu *com Maria* (companhia).

A realidade designada por meio desses adjuntos adverbiais pode ser equivalente àquela expressa por meio de complementos relativos:

O vizinho casou-se *com a prima*.

O garçom encheu o copo *de vinho*.

No que toca ao adjunto adverbial de fim, cabe não confundi-lo com o chamado dativo de interesse; este se refere sempre a pessoa e às vezes integrável pelo pronome *lhe*, e alude ao beneficiário ou prejudicado pelo processo verbal:

Mário trabalha *para a família*.

Comprou as flores [ao florista] *para a noiva*.

Como o complemento de agente da passiva é introduzido pelas preposições *por* e *de*, pode haver dificuldade em distingui-lo do adjunto adverbial de causa. Todavia, o agente da passiva está sempre representado por ser animado ou então capaz de praticar a ação verbal, além de, na transformação para a ativa, passar a sujeito; por seu turno, o adjunto adverbial de causa pode ter a preposição substituída pelas locuções *por causa de*, *devido a*, o que não se dá com o agente da passiva. Assim, estamos diante de agente da passiva em orações como:

A atriz foi bafejada *pela sorte* / *A sorte* bafejou a atriz.

A exposição era admirada *por todos* / *Todos* admiraram a exposição.

Já nas orações abaixo a expressão introduzida pela preposição *por* funciona como adjunto adverbial de causa:

O pintor foi admirado *pelos seus quadros*.

O jogador é expulso *pela falta desleal*.

Não é natural a transformação em ativa.

* Os quadros admiraram o pintor.

* A falta desleal expulsa o jogador.

Por outro lado, podemos substituir *por* pela locução *por causa de*:

O pintor foi admirado *por causa de seus quadros*.

O adjunto adverbial de causa, além das preposições *por*, *com* e *de*, pode vir introduzido por locuções prepositivas, como *por causa de*, *em virtude de*, *em razão de*, *devido a*, *graças a*, etc.:

Não saiu cedo *por causa da chuva*.

Houve faltas *devido à greve de ônibus*.

OBSERVAÇÃO: Não se usa neste emprego *devido* sem a preposição *a*: *Devido ao mau tempo* (e não *Devido o mau tempo*).

Em vez de um substantivo (ou pronome), pode vir um adjetivo usado neutralmente, para expressar a ideia de causa, aproximando o adjunto adverbial do anexo predicativo:

Os marginais fugiram *de medrosos*.

Por teimoso não viajou conosco.

Dentro da denominação de instrumento incluem-se circunstâncias afins, como o meio, a intermediação, a matéria, o domínio, o utensílio, e, por extensão, os contextos matemáticos do tipo de *multiplicar por*, *dividir por*:

Os amigos nunca viajaram *de avião*.

Mediu o quarto *com o metro*.

Escrever *à máquina*.

O jogador fez gol *com a proteção do juiz*.

Prenderam o ladrão *com a arma*.

O índice epidêmico foi multiplicado *por dois*.

A partida foi ganha *pela estratégia do técnico*.

Este último exemplo evidencia a possibilidade de aproximação designativa da circunstância de instrumento ao agente da passiva introduzido também pela preposição *por*. Um modo de distinguí-los, além da análise da experiência comunicada, é substituir a preposição *por* do instrumental por *com* ou *mediante*:

A partida foi ganha *com* (*mediante*) a estratégia do técnico.

Os adjuntos adverbiais de companhia repartem-se em dois grupos: os associativos, ou participativos e os que não o são. Os primeiros participam ou ajudam, ao lado do sujeito, ou, no caso de complemento verbal, são afetados pelo estado de coisas designado no predicado, como nos exemplos:

O capitão *com seus soldados* desbaratou o inimigo.

O professor *com seus colegas* dirigiu a exposição.

A diretora expulsou da sala o aluno *com os colegas de arruaça*.

Como exemplos de não participativos temos:

O colega trouxe *consigo* o livro pedido.

Minha irmã foi ao baile *com o vestido novo*.

O pai gostava dos filhos *com os avós*.

Pelos últimos exemplos, vê-se que a noção de companhia abarca o que é levado ou possuído pelo sujeito ou pelo complemento verbal.

O adjunto adverbial pode, por meio da preposição *sem*, assinalar a ausência ou a carência:

A garota já vai à escola *sem a mãe*.

Em muitos contextos, alguns desses adjuntos de companhia se aproximam dos de valor modal.

Com a presença do adjunto de companhia participativo pode o verbo da oração ir ao plural, como se se tratasse de um sujeito composto:

O capitão com seus soldados *desbaratou* o inimigo.

O capitão com seus soldados *desbarataram* o inimigo.

Em tais condições, a estrutura *sujeito + adjunto adverbial* pode alternar com a estrutura de sujeito composto:

O capitão e os seus soldados desbarataram o inimigo.

Se a estrutura gramatical permite esta alternância, do ponto de vista de estado de coisas comunicado, não é indiferente o emprego de um modo por outro; com o adjunto adverbial, a ênfase do processo verbal recai na pessoa do sujeito, enquanto na construção com sujeito composto desaparece essa ênfase especial.

e) Adjuntos adverbiais de quantidade – Tais adjuntos adverbiais respondem a perguntas do tipo *quanto?*, *até quanto?*, *em que medida?* e se repartem em intensivos ou gradativos, de medida e de preço, conforme a realidade designada:

Nesta região chove *mais* no verão.

Maria trabalha *muito* aos domingos.

Andaram *bastante* em busca de emprego.

A assistência ria *às bandeiras despregadas*.

O clube ganhou a partida *por dois a zero*.

O cavalo perdeu a corrida *por pescoço*.

Ela deixou de comprar o carro *por bom preço*.

Unidades léxicas designativas de unidades de tempo, peso, medida, preço, duração e quantidade que acompanham verbos (*durar*, *passar*, *percorrer*, *correr*, *medir*, *pesar*, etc.) empregados transitivamente, têm merecido classificações diferentes; há autores que as consideram adjuntos adverbiais:

O filme durou *uma hora*.

O atleta percorreu *dez quilômetros*.

A criança já pesa *vinte quilos*.

O viaduto mede *duzentos metros*.

Outros autores, levando em conta traços semânticos e sintáticos que caracterizam o complemento direto (além do valor de termo argumental, quase sempre estas unidades léxicas atendem aos testes da passiva, da integração, com a pergunta *que?*, etc.) preferem vê-los como verdadeiros objetos. Tome-se por exemplo, a oração:

O atleta percorreu *dez quilômetros*,

verifica-se que a expressão constitui um termo argumental, isto é, exigido pelas características semânticas do verbo, já que estaria imperfeita a construção:

*O atleta percorreu.

Por outro lado, a oração admite a transformação em passiva:

Dez quilômetros foram percorridos pelo atleta.

E também a passagem a termo integrável, por meio do pronome átono *os*, referido a *dez quilômetros*:

O atleta percorreu-*os*.

Pode-se ainda incluir neste problema classificatório o caso de unidades léxicas de significado intensivo do tipo de *muito*, *pouco*, *demasiado*, *bastante*, que não se referem diretamente a substantivos, mas à sua quantidade. Com verbos usados transitivamente assumem papel de termo argumental, isto é, necessário à integração sintático-semântica da oração, em textos do tipo:

Sabia *muito* para ser aprovado (*muito* = muitas coisas).

Vimos *pouco* por causa do nevoeiro (*pouco* = pouca coisa).

Não disse *bastante* em sua defesa.

Em favor de classificar estas unidades léxicas como termo argumental, leva-se em conta o fato de poderem vir referidas na oração adjetiva por meio de pronome relativo, como em orações do tipo:

Tenho muito *que* pedir-lhe.

Sabe pouco *que* dizer-me.

Também fala em favor desta classificação a possibilidade de virem tais unidades léxicas precedidas de artigo definido:

Você sabe *o muito* que lhe devo.

Elas não fizeram *o bastante* para vencer.

OBSERVAÇÃO: Sobre o falso erro no emprego de *o quanto* em construções do tipo: *Não soube o quanto se enganara*, veja-se o ensinamento de Epifânio Dias:

"Às orações interrogativas indiretas de *como*, *porque* e *quão* pode antepor-se o artigo definido" [ED.2, § 362]. Vale a pena a leitura da nota 138 de R. J. Cuervo à *Gramática* de A. Bello.

Tratar-se-á sem dúvida de adjunto adverbial se o verbo for usado intransitivamente ou se, transitivo, já vier acompanhado de complemento verbal:

Comprou a casa por cem mil reais.
O pedreiro mediu o aposento com linha.
Ela já sabia muito matemática.

f) Adjuntos adverbial de distribuição

Os jogadores ganham prêmio extra *por partida vencida*.

g) Adjunto adverbial de inclinação e oposição 111 – São os adjuntos que expressam a relação de "favor", "ajuda" ou "disposição favorável", muito próximo ao valor benefactivo do dativo, bem como as relações contrárias, de "oposição", "disposição desfavorável".

Trabalhou sempre *pelos amigos*.

Para a primeira relação, introduz-se o adjunto adverbial por meio da preposição *por* ou de locuções prepositivas equivalentes, do tipo de *a favor de*, *em benefício de*, *em prol de*, *em auxílio de*, etc.

Para a segunda relação, usa-se a preposição *contra* ou locuções do tipo:

Esforçava-se *por lutar contra os maus pensamentos*.

h) Adjunto adverbial de substituição, troca ou equivalência – Assim se chama o adjunto adverbial que expressa a relação de "substituição", "troca" de algo por outro no processo designado no predicado, seja pessoa, coisa, circunstância ou processo verbal. Tal adjunto vem introduzido pela preposição *por* ou pelas locuções prepositivas *em vez de*, *em lugar de*.

O guarda-costa se passou *pelo presidente*.
A colega fez a redação *pelo namorado*.
Na época de exames, trocava o dia *pela noite*.
Iremos amanhã *em vez de hoje*.
Durante o recreio jogava *em vez de alimentar-se*.
Comeu gato *por lebre*.
João trabalha *por dois*.
Ana trocou a merenda *por uma revista*.

Entra no âmbito deste adjunto adverbial a circunstância de delegação, pela qual uma pessoa representa outra na execução do processo expresso no predicado. Aparece para introduzi-lo a preposição *de* ou, então, as locuções prepositivas *da parte de*, *na representação de*:

Retribua-lhe o favor *de minha parte*.

Esta circunstância adverbial deixa estes adjuntos muito próximos do valor de "preço", em orações do tipo:

Deu vinte mil reais *pela motocicleta* (preço).
Deu a motocicleta *por vinte mil reais* (troca).

i) Adjunto adverbial de campo ou aspecto – É o adjunto adverbial que exprime o campo ou o aspecto da realidade referida:

O primo formou-se *em medicina*.
Deixaram de examinar a questão *por esse prisma*.

Nos exemplos abaixo, a circunstância se aproxima à de lugar virtual:

Cometeu-se grave erro *nesse tipo de explicação*.
A decisão do júri surpreendeu a todos *sob o ponto de vista ético*.

j) Adjunto adverbial de assunto ou matéria tratada – Introduz-se tal adjunto adverbial por meio das preposições *de*, *em* ou *sobre*, ou das locuções prepositivas *acerca de*, *a respeito de*, *em torno de* e equivalentes:

Hoje o professor falou pouco
- *de história.*
- *em moral.*
- *sobre tais fatos.*
- *acerca do caso.*
- *a respeito de crase.*

José de Alencar escreveu romances *sobre os brasileiros de várias regiões do país.*

É muito frequente aparecer o assunto ou a matéria tratada expressos como termo argumental exigido pelo significado léxico do verbo, em predicados em que entram unidades léxicos do tipo de *tratar*, *versar*, *falar* e equivalentes, como nas orações abaixo:

O orador tratou *de fatos literários.*
A dissertação versou *sobre história.*
Na aula o professor falou *de regência verbal.*

Outras vezes aparece como adjunto adnominal de substantivo:

O vizinho escreveu um livro *de histórias infantis.*

k) Adjunto adverbial de adição ou inclusão, exclusão e concessão – Os adjuntos adverbiais que expressam adição vêm introduzidos pela preposição *sobre*, por palavras de valor inclusivo (*mesmo*, *inclusive*, etc.), mais frequentemente, pelas locuções prepositivas *além de*, *a mais de*, *ademais de*:

Sobre desemprego, havia doença.
Além das notas ruins, faltava muito às aulas.
Ademais dos parentes, vinham os convidados.
Todos ficaram, *mesmo Ana*.
Os visitantes já se foram, *Daniel inclusive.*

Os que expressam exclusão vêm introduzidos por *menos*, *salvo*, *exceto*, *fora*, *exclusive*, e pelas locuções prepositivas ou não (*com*) *a exceção de*, *a não ser* e equivalentes:

Todos saíram, *menos o culpado*.
Eles foram a todos os bairros, *salvo Casa Amarela*.

Os que expressam concessão vêm introduzidos por *malgrado*, pela locução prepositiva *apesar de*:

Malgrado a chuva, fomos ao passeio.

Diva ganhou o concurso, *apesar da resistência da colega*.

Ainda uma vez os determinantes nominais

1) Adjunto adnominal – Depois de conhecidas as funções sintáticas até aqui enumeradas, estamos em condições de prosseguir no aprofundamento dos determinantes nominais, também chamados *adjuntos adnominais* que começamos a ver quando falamos da expansão do núcleo do sujeito em **Conhecendo melhor o sujeito: núcleo e determinantes**.

Toda expressão nominal, qualquer que seja a função exercida pelo seu núcleo, pode ser expandida por determinantes que têm por missão acrescer ideia acidental complementar ao significado desse substantivo nuclear. O resultado dessa expansão é um grupo unitário sintagmático nominal. Estas expansões não alteram a relação gramatical do núcleo, mas tão somente aludem a aspectos diferentes da realidade do conteúdo significativo do substantivo ou da expressão nominal a ele equivalente. Daí o resultado de a expansão exercer na oração a mesma função do núcleo despojado do(s) seu(s) determinante(s):

Sujeito	*Núcleo do Predicado*	*Objeto direto*	*Compl. relativo*	*Compl indireto*	*Adj. Adv.*
José	estuda.				
O meu primo José	estuda.				
Ela	comprou	livros.			
Ela	comprou	muitos livros de literatura.			
Nós	demos	presentes		a parentes.	
Nós	demos	muitos presentes		a todos os parentes distantes.	
Os professores	gostam		de alunos.		
Os professores	gostam		de alunos estudiosos.		
Meus pais	trabalham				em casa.
Meus pais	trabalham				em casa de campo.

O grupo sintagmático nominal pode constituir-se de vários tipos:

1– Os que podem ocorrer à esquerda ou à direita do *subtantivo* + *adjetivo*

Passei *belos dias* em *cidades agradáveis*.

Os determinantes estão, em geral, representados pelas seguintes classes de palavras: *adjetivo*, *artigo* e *pronome demonstrativo* ou equivalentes de adjetivos (estes veremos

adiante):

Noites *claras* prenunciam bom tempo.

O livro está esgotado.

Esta manhã prometia chuva.

Na sequência de determinantes, aparecem como pré-determinantes, à esquerda do determinante, as palavras que podem receber globalmente o nome de *Quantificador* (*algum*, *certo*, *vários*, *todo*, *todos*, *qualquer*, *alguns* (de), *vários* (de), etc.):

Alguns bons momentos são inesquecíveis.

Todos os alunos saíram.

Alguns de nós não foram à festa.

Aparecem como pós-determinantes, isto é, as palavras que ocorrem à direita do determinante, e do pré-determinante, o *pronome possessivo* e o *numeral*:

Os *seus* livros não estavam na estante.

Aqueles *dois* erros eram graves.

Vários de *meus* sobrinhos são engenheiros.

Aqueles *dois seus* vizinhos trabalham no comércio.

2 – Os que normalmente só ocorrem à esquerda do *substantivo* + *determinantes*, que incluem as seguintes classes de palavras:

a) artigo e os pronomes demonstrativos

Os bons filmes entrarão em cartaz *esta semana*.

b) substantivo + pré-determinantes (que incluem as seguintes classes de palavras: *pronome possessivo* e o *numeral*):

Os *seus livros* não estavam na estante.

Aqueles *dois erros* eram graves.

c) substantivo + pós-determinantes (que incluem os quantificadores, representados pelos pronomes indefinidos)

Todos os três meus bons amigos chegam hoje.

Os do tipo 1 (*substantivo* + *adjetivo*) podem ter estruturas diferentes:

a) um adjetivo:

belos dias em cidades *agradáveis*

b) um grupo preposicionado equivalente a adjetivo, que pode ou não ter um correspondente signo léxico na língua. Neste caso, quando o substantivo entra num grupo adjetivado, não concorda em gênero e número com o substantivo núcleo, e, se aparece no plural, não o faz pelo fenômeno da concordância, mas em atenção à realidade comunicada: *copo com defeito* / *copos com defeito*; mas *copo com defeito* / *copo com defeitos* (por se querer referir a mais de um defeito existente no *copo*).

homem *de coragem* (corajoso)

pão *com manteiga* (amanteigado)

copo *com defeito* (defeituoso)

casa *de Pedro*

cama *de solteiro*

c) uma oração transposta à função adjetiva:

O homem *que tem coragem* (corajoso)

A casa *que Pedro possui*

2) Complemento nominal – Uma tradição gramatical mais recente, atentando para o aspecto da realidade comunicada, e de certas relações gramaticais nela existentes, tem procurado distinguir os diversos sentidos em que se interpretam as expansões de substantivo como as seguintes, sem esgotar a exemplificação:

a resolução *do diretor*
a prisão *do criminoso pela polícia*
a remessa *dos livros*
a resposta *ao crítico*
o assalto *pelo batalhão*
a ida *a Petrópolis*

Assim é que essa tradição, partindo do conteúdo de *resolução do diretor* equivalente a *o diretor resolveu*, classifica *do diretor* como "*complemento* (e não *adjunto*) nominal subjetivo". Já em *prisão do criminoso*, equivalente a *o criminoso foi preso*, teremos um "complemento nominal subjetivo passivo". Em *a remessa dos livros*, equivalente a *alguém remeteu os livros*, *dos livros* se classificará como "complemento nominal objetivo". Como "complemento nominal objetivo indireto ou terminativo" será *ao crítico* do grupo sintagmático nominal *a resposta ao crítico*. Em *o assalto pelo batalhão*, a expressão preposicionada será classificada como "complemento de agente ou de causa eficiente". Já em *ida a Petrópolis*, teremos um "complemento nominal circunstancial" [JO.1, 223-227].

À primeira vista, em relação aos termos primários da relação predicativa (sujeito-predicado), não há razão para um tratamento sintático diferente do adjunto adnominal, tendo em vista que também com o complemento nominal a expansão do grupo sintagmático não modifica a relação gramatical do núcleo:

Sujeito	*Predicado*
A casa de Pedro	é espaçosa
A resolução do diretor	surpreendeu a todos
A prisão do criminoso pela polícia	mereceu elogio da imprensa

Assim também qualquer variação tanto no núcleo do adjunto adnominal quanto no do complemento nominal não alterará a relação com o núcleo verbal:

A casa *do vizinho* / A casa *dos vizinhos* } é espaçosa

A resolução *do diretor* / A resolução *dos diretores* } surpreendeu a todos

Poderíamos apontar outros aspectos gramaticais em que os dois termos apresentam traços comuns, como: a) a posição à direita do núcleo; b) a inexistência de pausa; c) a introdução por preposição, obrigatória no complemento nominal e muito frequente no adjunto.

Todavia, o complemento nominal está semanticamente mais coeso ao núcleo, por representar uma construção derivada mediante a nominalização, fenômeno que não ocorre no adjunto adnominal:

O diretor resolveu → A resolução do diretor

A polícia prendeu o criminoso → A prisão do criminoso pela polícia

Esta relação semântico-sintática provoca a impossibilidade – se não estiver já assinalado ou conhecido no contexto – de apagamento do complemento nominal, *sem que isto estabeleça a razão primordial para distinguir o complemento do adjunto*, uma vez que há adjuntos imprescindíveis:

**A resolução* surpreendeu a todos

**A prisão pela polícia* mereceu elogio

Estando a nominalização presente quer no complemento nominal de função primária subjetiva (*a resolução do diretor ← o diretor resolveu*), quer no de função primária objetiva (*a descoberta da imprensa ← Gutenberg descobriu a imprensa*), não cabe classificar no exemplo *a resolução do diretor*, *do diretor* como adjunto adnominal, enquanto no exemplo *a descoberta da imprensa*, *da imprensa* como complemento nominal [VK.4].

Ambos os termos participam das mesmas características próprias ao complemento nominal; além da nominalização, não admitem apagamento:

a resolução do diretor → *a resolução

a descoberta da imprensa → *a descoberta

Impõe-se, desta maneira, incluir o complemento nominal como termo argumental.

OBSERVAÇÃO: Cabe não confundir casos de impossibilidade de apagamento com outros em que o nosso saber sobre as coisas do mundo impede, por incoerentes, construções do tipo *Conheci um homem de pernas*, *João tem uma voz*, uma vez que a nossa experiência concebe todo homem com pernas, ou com voz. Todavia, anula-se a incoerência se tais substantivos vêm acompanhados de adjetivos: *Conheci um homem de pernas longuíssimas*, *João tem uma voz roufenha*, já que nem todos os homens têm pernas longuíssimas nem voz fanhosa. Portanto, nestes casos não se trata de um saber idiomático, mas de um saber elocutivo.

Há evidente paralelismo entre a estrutura interna do complemento nominal e das orações. Este tratamento especial do complemento nominal serve para explicar fatos gramaticais que ficam mais evidentes à luz desta distinção.

Por exemplo, o termo nominalizado (substantivo, adjetivo ou advérbio de base nominal) pode contrair as mesmas relações sintáticas da construção básica; se o núcleo verbal é complexo e se acompanha de complementos, a construção derivada apresenta estes termos:

A mãe ama o filho → O amor *de mãe ao filho*

A polícia prendeu o ladrão → A prisão *do ladrão pela polícia*

Jesus ama as criancinhas → o amor *de Jesus às criancinhas*

O carteiro entregou a carta de José ao Mário → A entrega *da carta de José ao Mário pelo carteiro*

A seleção da preposição que introduz o complemento nominal quase sempre está determinada pela preposição que acompanha o complemento verbal:

Foi *à cidade* → A ida *à cidade*

Penetrou *na floresta* → A penetração *na floresta*

Inclinou-se *à música* → A inclinação *à música*

De modo geral, a gramática tradicional tem apontado complementos nominais restritos a processos de nominalizações que envolvem substantivos (***desejo** de vitória ↔ desejar a vitória*), a adjetivos (***desejoso** de vitória ↔ desejar a vitória*), ou a advérbios (***referentemente** ao assunto ↔ referente* [adjetivo] *ao assunto ↔ referência* [substantivo] *ao assunto*). Mas há outros que devem sua presença a traços semânticos do núcleo nominal, independentes de nominalizações. Vejamos alguns desses tipos.

Como núcleo do sintagma nominal, teremos, de início, substantivos formalmente relacionados a verbos que assumem relações muito semelhantes às que ocorrem nas orações, conforme já vimos nos exemplos:

a saída do trem / *o trem saiu*

a entrega da carta / (alguém) *entregou a carta* ou *a carta foi entregue*

O substantivo formado de adjetivo também goza da estrutura argumental que lhe é própria:

a *cultura* do professor / o professor *culto*

Todavia, como a estrutura argumental depende do significado léxico de cada palavra, substantivos há que, não se relacionando morfológica ou materialmente a verbos e adjetivos, selecionam termos argumentais, inerentes ao conteúdo de pensamento designado. Tais termos atendem às duas condições básicas do estatuto dos argumentos: a) o núcleo os seleciona semântica e categorialmente; b) o núcleo lhes impõe uma interpretação determinada [EV.1, 32].

Estão neste caso de argumentos inerentes:

a) Os substantivos relacionais, isto é, aqueles que não fazem referência a indivíduos, mas expressam relações entre indivíduos. É o caso dos termos de parentesco, do tipo de *pai*, *mãe*, *filho*, *irmão*:

o pai *de Eduardo*

a tia *do Daniel*

o irmão *da Bebel*

Incluem-se neste rol, naturalmente, substantivos como *amigo*, *colega*, *companheiro*:

o amigo *de Cleto*

a colega *de Georgete*

Cabe lembrar que substantivos referidos à mesma entidade podem incluir-se ou não no grupo dos relacionais. Por exemplo, *pátria* e *país*; o primeiro é relacional, se significa o lugar de nascimento, porque é pátria sempre relacionado a alguém, enquanto *país* ('nação', 'região') não faz necessariamente referência a um indivíduo. O exemplo apresentado por Escandell Vidal *mascote* e *cão* é mais evidente, porque a mascote pressupõe sê-lo de alguém, o que não se dá com o substantivo *cão*.

Os nomes de partes do corpo e aqueles que aludem a partes constitutivas de uma entidade, física ou abstratamente considerada:

os *braços* da *dançarina*

o *rosto* da *criança*

a *face* do *problema*

o *galho* da *árvore*

o *cérebro* da *equipe*

o *x* da *questão*

b) Os substantivos icônicos, isto é, que designam representação, tais como *retrato*, *quadro*, *fotografia*, *filme*, *película*, quando referidos a entidades retratadas, pintadas, fotografadas, etc.

Note-se a diferença entre:

(1) *O retrato de Machado de Assis*

(2) *O retrato da galeria*

Em (1), o significado de *retrato* seleciona o termo argumental *Machado de Assis*, interpretado o sintagma nominal como 'o retrato em que aparece M. de Assis'.

Em (2), já *retrato* se acha acompanhado de um adjunto adnominal, sendo 'o retrato da galeria' interpretado como 'o retrato exposto na galeria'.

Também pode, no caso (1), o termo argumental referir-se não à entidade retratada, mas ao próprio autor do retrato ou quadro:

O quadro de Vitor Meireles

As referências à entidade retratada e ao seu autor podem concorrer no sintagma nominal mediante os dois termos argumentais:

O quadro da Proclamação da Independência de Vitor Meireles (i. é, o quadro que retrata a Proclamação da Independência de autoria de Vitor Meireles).

Pode até juntar-se a esses dois termos argumentais o adjunto adnominal:

O quadro do Grito do Ipiranga de Vitor Meireles do Museu de Belas Artes

Incluem-se entre os substantivos que designam representação os que se aplicam a produtos da atividade intelectual, como *livro*, *artigo*, etc.:

O livro de Graciliano Ramos intitula-se Vidas Secas

Assim como o adjunto adnominal pode ser representado por uma expansão mais complexa do núcleo nominal, isto é, por uma oração subordinada adjetiva:

A casa *comprada* está perto da cidade
A casa *que comprei* está perto da cidade,

assim também o complemento nominal pode ser representado por uma oração subordinada (originalmente substantiva) completiva nominal:

O desejo *de tua vitória* é constante
O desejo *de que venças* é constante

3) O aposto – Outro componente do grupo sintagmático nominal é o chamado *aposto*, cujo limite de distinção com o adjunto adnominal propriamente dito é muitas vezes difícil de traçar. Aparece em construções do tipo:

O rio *Amazonas* deságua no Atlântico.
O professor *Machado* honrou o magistério.
Sousa *cabeleireiro* me conhece bem.
Meu *primo* José morou na Itália.
"E com ele [programa] tem vindo pela vida, satisfazendo a portugueses e brasileiros, que o consideramos *uns e outros*, soldado do seu grupo." [MC.2, 206]
Clarice, *a primeira neta da família*, cursa Direito.
Sousa, nosso cabeleireiro, não trabalha hoje.
Pedro II, *imperador do Brasil*, protegia jovens talentosos.
Eu *Anibal* peço a paz [MMa].
Amanhã, *sábado*, não sairei [AK].

Chama-se *aposto* a um substantivo ou expressão equivalente que modifica um núcleo nominal (ou pronominal ou palavra de natureza substantiva como *amanhã*, *hoje*, etc.), também conhecido pela denominação *fundamental*, sem precisar de outro instrumento gramatical que marque esta função adnominal.

Há diferença de conteúdo semântico entre uma construção do tipo *O rio Amazonas* e *Pedro*

II, imperador do Brasil; na primeira, o substantivo que funciona como aposto se aplica diretamente ao nome núcleo e restringe seu conteúdo semântico de valor genérico, tal como faz um adjetivo, enquanto na segunda a sua missão é tão somente explicar o conceito do termo fundamental, razão pela qual é em geral marcado por pausa, indicada por vírgula ou por sinal equivalente (travessão e parêntese). Daí a aposição do primeiro tipo se chamar *específica* ou *especificativa* e a do segundo, *explicativa*.

O aposto explicativo pode apresentar valores secundários que merecem descrição especial, como ocorre com os seguintes:

a) Enumerativo, quando a explicação consiste em desdobrar o fundamental representado por um dos pronomes (ou locução) *tudo*, *nada*, *ninguém*, *cada um*, *um e outro*, etc., ou por substantivo:

Tudo – *alegrias, tristezas, preocupações* – ficava estampado logo no seu rosto.

Duas coisas o encorajavam, *a fé na religião e a confiança em si.*

"Duas cousas se não perdoam entre os partidos políticos: *a neutralidade e a apostasia*" [MM].

Às vezes esse tipo de aposto precede o fundamental:

A matemática, *a história*, *a língua portuguesa*, nada tinha segredos para ele.

Em todos estes exemplos, o fundamental (*tudo*, *duas coisas*, *nada*) funciona como sujeito das orações e, por isso, se estabelece a concordância entre ele e o verbo.

Este aposto pode vir precedido das locuções explicativas *isto é*, *por exemplo*, *a saber*, *verbi gratia* (abreviatura [v. g.]):

Duas coisas o incomodavam, *a saber*, *o barulho da rua e o frio intenso*.

b) *Distributivo*:

Machado de Assis e Gonçalves Dias são os meus escritores preferidos, *aquele na prosa e este na poesia*.

Um no automobilismo, *outro* no futebol, Senna e Pelé marcaram um período de ouro no esporte brasileiro.

c) *Circunstancial* (comparação, tempo, causa, etc., precedido ou não de palavra que marca esta relação a mais, já que o aposto explicativo acrescenta um dado a mais acerca do fundamental):

"As estrelas, *grandes olhos curiosos*, espreitavam através da folhagem". [EQ.2, 8 *apud* AK.1].

"*Artista* – corta o mármor de Carrara;

Poetisa – tange os hinos de Ferrara" [CAv.1, II: 142]

Este tipo de aposto pode ser introduzido por *como*, *na qualidade de*:

As estrelas, *como grandes olhos curiosos*, espreitavam através da folhagem.

A ti, *como general*, compete o comandar.

D. João de Castro, *vice-rei da Índia*, empenhou os cabelos da barba.

Este tipo de aposto pode ser introduzido por *quando*:

D. João de Castro, quando *vice-rei da Índia*, empenhou os cabelos da barba [Epifânio Dias].

Paulinho, *amigo*, tirou-o da dificuldade.

Paulinho, *porque amigo*, tirou-o da dificuldade.

4) Aposição com *de* x Adjunto adnominal – Algumas vezes, o aposto especificativo vem introduzido pela preposição *de*, especialmente se se trata de denominações de instituições, de

logradouros, de acidentes geográficos:

Colégio *de Santa Rita*
Praça *da República*
Ilha *de Marajó*
Cidade *do Recife*

Tal construção, materialmente falando, aproxima o aposto do adjunto adnominal preposicionado, que vimos antes; todavia, do ponto de vista semântico, há diferença entre *Ilha de Marajó* e *casa de Pedro*. Em *casa de Pedro*, *casa* e *Pedro* são duas realidades distintas, enquanto em *ilha* e *Marajó* se trata de uma só realidade, já que ambos querem referir-se a um só conteúdo de pensamento designado112 . Quanto ao emprego da preposição *de* nas construções deste último tipo, como bem ensina Epifânio Dias, "da arbitrariedade do uso é que depende o empregar-se em uns casos *de* definitivo, em outros a aposição. Diz-se, por exemplo: *o nome de Augusto*, mas *a palavra Augusto*; *a cidade de Lisboa*, mas *o rio Tejo*".

Às vezes podem as construções com *de* provocar casos de sincretismo sintático, com consequente efeito de ambiguidade, não diferençando o título da ideia de posse ou pertença. Por isso, para os títulos, no desejo de evitar a ambiguidade, vai-se generalizando o não emprego da preposição *de*: *Rua Santa Teresa*, *Praça Paris*, etc. Esta construção é antiga na língua e paralela ao uso latino (*Urbs Roma*, *Garumna flumen*). Mas a presença da justaposição no francês e inglês tem feito que tal prática seja condenada sem sucesso por estrangeirismo. A justaposição vai-se impondo em *bomba relógio*, *mandato tampão*, *homem bala*, *traje passeio*, em que o procedimento morfológico de formação de compostos se sobrepõe ao processo sintático. A prática, nestes casos, vacila entre o emprego ou não do hífen.

De qualquer maneira, o aposto e o adjunto adnominal são ambos expansões sintáticas do núcleo nominal.

5) As construções *uma joia de pessoa* e *o pobre do rapaz* – Em vez de *uma pessoa joia* e *o pobre rapaz*, em que o núcleo nominal (*pessoa*, *rapaz*) se acha acompanhado de um adjunto adnominal (*joia*, *pobre*), aparecem, numa forma carregada de afetividade, as expressões *uma joia de pessoa* e *o pobre do rapaz*, em que o primitivo adjunto passa formalmente a núcleo e o antigo núcleo passa a adjunto, mediante a presença da preposição *de*. Tem-se muito discutido como se formaram estas expressões derivadas, sem que tenhamos uma solução cabal; mas se pode filiá-las a frases exclamativas sem verbo do tipo de *ai de mim!*, *pobre de mim!*, etc. [FDz.1, III:131].

Ao lado da carga afetiva positiva em construções do tipo *o bom do pároco* pode ocorrer a carga negativa *o burro do cliente*, *a droga do cliente*; neste último caso cria-se uma ambiguidade entre as equivalências "o cliente é uma droga" e "o cliente tem uma droga".

Substantivo + adjetivo = Adjetivo + substantivo

Pode ocorrer sincretismo sintático em grupos nominais do tipo *sábio alemão*, em que se pode corretamente entender, de um lado, a existência de um *sábio* (substantivo) de

nacionalidade alemã (adjetivo), ou, de outro, um *alemão* (substantivo) que é *sábio* (adjetivo). Há aqui, portanto, uma coincidência material de combinação de formas linguísticas, mediante a qual substantivo + adjetivo = adjetivo + substantivo [ECs.4, 246].

A interpretação mais natural ou, pelo menos, mais imediata, é considerar o segundo termo como adjetivo, isto é, como adjunto adnominal. É a lição de M. Barreto, em grupos nominais do tipo *menino rei / rei menino*, *filósofo rei / rei filósofo* [MBa.7, 326]. Assim entendeu Machado de Assis ao definir que as *Memórias Póstumas de Brás Cubas* eram as de um *defunto autor* (= que escreve) e não de um *autor defunto* (= que morreu).

6) Graus de coesão nos grupos nominais – Às vezes, o núcleo nominal já expandido por um adjunto adnominal constituído por adjetivo vem acrescido de outro adjetivo, como

os competentes atletas mineiros,

em que ao grupo inicial *os competentes atletas* se junta o adjunto adnominal *mineiros*, que não se refere tão somente ao substantivo *atletas*, mas ao conjunto *competentes atletas*. Assim, *competentes* guarda maior grau de coesão em relação a *atletas* do que o adjetivo *mineiros*. Temos aqui um exemplo de hipotaxe estudada em, em que o grupo de palavras *competentes atletas* passa a funcionar no estrato de palavra e, assim, pode receber o adjunto adnominal *mineiros*.

Podem estar juntos os dois adjetivos, sem que se altere o grau de coesão:

a situação política atual [VK.1, 161]

O adjetivo menos coeso (*atual*) em relação ao nome (*situação*) pode mudar de posição, diferentemente do mais coeso (*política*):

a atual situação política

mas não:

**a política situação atual*

Também o menos coeso não pode intercalar-se entre o núcleo e o mais coeso:

* *a situação atual política*

7) O aposto com expressões do tipo *pôr nome* – Depois do substantivo das expressões *pôr nome*, *ter nome* e equivalentes, com o significado de "chamar(-se)", "dar nome", pode aparecer um aposto:

Quem o seu cão quer matar, *raiva* lhe põe nome [MBa.4, 64].

8) Aposto referido a uma oração – O aposto não só se refere a qualquer núcleo nominal em qualquer função da oração; pode referir-se ao conteúdo de pensamento expresso numa oração inteira:

Depois da prova, Filipe estava radiante, *sinal de seu sucesso*.

Como aposto de uma oração inteira costuma aparecer um substantivo como *coisa*, *razão*, *motivo*, *fato* e equivalente, sempre acompanhado de um adjunto adnominal, ou de uma oração subordinada adjetiva substantivada pelo artigo *o*:

O desastre provocou muitas vítimas, *coisa lastimável*.

Os convidados não foram à festa, *o que deixou o aniversariante frustrado*.

OBSERVAÇÃO: A tradição gramatical entre nós tem considerado neste último caso como pronome demonstrativo (= aquele, aquilo, isto) usado neutralmente, o *o* que precede o *que*, modificado por uma oração adjetiva, em vez de considerar essa mesma oração adjetiva substantivada pelo artigo *o*, como fizemos aqui. Discutimos o assunto mais adiante.

9) Vocativo: uma unidade à parte – Desligado da estrutura argumental da oração e desta separado por curva de entoação exclamativa, o vocativo cumpre uma função apelativa de 2.ª pessoa, pois, por seu intermédio, chamamos ou pomos em evidência a pessoa ou coisa a que nos dirigimos:

José, vem cá!

Tu, *meu irmão*, precisas estudar!

Felicidade, onde te escondes?

Algumas vezes vem precedido de *ó*, que a tradição gramatical inclui entre as interjeições, pela sua correspondência material, mas que, na realidade, pode ser considerado um morfema de vocativo, dada a característica entonacional que a diferencia das interjeições propriamente ditas [HCv.2, 197 n.47].

"*Deus*, *ó Deus*, onde estás que não respondes?" [CAv.1, 141]

Estes exemplos nos põem diante de algumas particularidades que envolvem o vocativo. Pelo desligamento da estrutura argumental da oração, constitui, por si só, a rigor, uma frase exclamativa à parte ou um fragmento de oração, à semelhança das interjeições. Por outro lado, como no caso de *Tu, meu irmão, precisas estudar!*, às vezes, se aproxima do aposto explicativo, pela razão que vai constituir a particularidade seguinte. Por fim, o vocativo, na função apelativa, está ligado ao imperativo ou conteúdo volitivo da forma verbal, já que, em se tratando de ordem ou manifestação de desejo endereçada à pessoa com quem falamos ou a quem nos dirigimos, presente quase sempre, não há necessidade de marcar gramaticalmente o sujeito. Quando surge a necessidade de explicitá-lo, por algum motivo, aludimos a esse sujeito em forma de vocativo [RLz.1, 66].

Assim é que em:

"Deixa-me! Deixa-me a vagar perdida...

Tu! - parte! volve para os lares teus". [CAv.1, 191],

tu não é o sujeito de *parte*, e sim vocativo, "espécie de aposição à ideia do sujeito, contida no imperativo" [HCv.2, 197 n.47]. Ocorre o mesmo com o substantivo *poeta* em:

Vai, *Poeta*... (*Id*., *ibid*.: 116)

Pelos exemplos aduzidos até aqui, vê-se que o vocativo pode ser representado por substantivo ou pronome, podendo admitir a presença de expansões (p. ex., de adjuntos adnominais, de orações adjetivas):

Desce do espaço imenso, *ó águia do oceano*!

"*Senhor Deus*, *que após a noite*

Mandas a luz do arrebol,

Que vestes a esfarrapada

Com o manto rico do sol". [CAv.1, 88]

Na correspondência epistolar, o vocativo vem separado do resto do enunciado por vírgula, enquanto em textos de outra natureza costuma aparecer o emprego dos dois pontos (:) ou do ponto de exclamação (!).

2 – Orações Complexas e Grupos Oracionais: a Subordinação e a Coordenação. A Justaposição

Subordinação: oração complexa – Uma oração independente do ponto de vista sintático, que sozinha, considerada como unidade material, constitui um texto, se este nela se resumir, como em

A noite chegou,

pode, pelo fenômeno de estruturação das camadas gramaticais conhecido por *hipotaxe* ou *subordinação*, passar a uma camada inferior e aí funcionar como pertença, como membro sintático de outra unidade;

O caçador percebeu que *a noite chegou*.

A primitiva oração independente *a noite chegou* transportou-se do nível sintático de independência para exercer a função de complemento ou objeto direto da relação predicativa da oração a que pertence o núcleo verbal *percebeu*: *o caçador percebeu.*

Dizemos, então, que a unidade sintática *que a noite chegou* é uma oração *subordinada*. A gramática tradicional chama à unidade *o caçador percebeu* oração principal. Gramaticalmente, a unidade oracional *O caçador percebeu que a noite chegou* é uma unidade sintática igual a *O caçador percebeu a chegada da noite*, onde *a chegada da noite* integra indissoluvelmente a relação predicativa que tem por núcleo e verbo *percebeu*, na função de complemento ou objeto direto.

Assim, levando em conta os constituintes imediatos, há um primeiro momento em que se analisa por inteiro a unidade sintática *O caçador percebeu que a noite chegou*, para depois se analisar o termo sintático que se apresenta sob forma oracional:

Sujeito: *o caçador*

Predicado: *percebeu que a noite chegou*

Objeto direto: *que a noite chegou*.

Como o objeto direto está constituído por uma oração subordinada, são passíveis de análise suas unidades sintáticas constitutivas:

Sujeito: *a noite*

Predicado: *chegou*

Oração complexa e grupos oracionais – A rigor, o conjunto complexo *que a noite chegou* não passa de um termo sintático na oração complexa *O caçador percebeu que a noite chegou*, que funciona como objeto direto do núcleo verbal *percebeu*. Estas unidades transpostas exercem função própria de meros substantivos, adjetivos e advérbios, razão por que são assim classificadas na oração complexa. Todavia, a presença de um núcleo verbal (que a noite *chegou*) leva a tradição a ver aí também uma unidade de caráter oracional, ao lado da unidade oracional (porque também tem verbo) a que se prende, embora, isoladamente, nenhuma das duas satisfaça as demais condições que caracterizam uma oração, além da presença do verbo integrando uma relação predicativa:

a) a delimitação entre duas pausas e o contorno melódico;

b) existência de um ato completo de comunicação em cada situação de fala concreta.

Assim, apesar destas considerações, esta gramática respeitará o peso da tradição e verá, num primeiro momento de análise em constituintes imediatos, uma oração complexa (a que também alguns gramáticos nossos chamavam *oração geral*, como, por exemplo, José Oiticica), para depois analisar como oração subordinada o complexo unitário correspondente a uma função sintática exercida por substantivo, adjetivo ou advérbio.

Diferente deste caso será o *grupo oracional* integrado por orações sintaticamente independentes, que, por isso, poderiam aparecer em separado:

O caçador chegou à cidade e procurou um hotel.

ou

O caçador chegou à cidade. Procurou um hotel.

Temos aqui um grupo de enunciados da mesma camada gramatical, isto é, como *orações*, o que caracteriza uma das propriedades de estruturação das camadas gramaticais conhecida por *parataxe* ou *coordenação*.

Daí só podermos, a rigor, falar em *orações compostas*, *grupos oracionais* ou *período composto* quando estivermos diante de orações coordenadas.

Não causará estranheza, se atentarmos para o princípio dos constituintes imediatos, que haja coordenação entre qualquer unidade da mesma camada gramatical: *homem e mulher,* (dois substantivos) *estudioso e inteligente* (dois adjetivos), *ontem e hoje* (dois advérbios), *leio e compreendo* (dois verbos), *com e sem* (duas preposições), um substantivo e oração substantiva (*desejo a vitória e que tenhas sucesso*), um adjetivo e oração adjetiva (*inteligente e que tem bom coração*), advérbio e oração adverbial (*agora e quando estiveres pronto*), duas orações da mesma função sintática (*desejo que venças e que sejas feliz*), etc.

Por hipertaxe ou hipotaxe, uma unidade pode passar, respectivamente, a camadas gramaticais superiores ou inferiores, e depois ocorrer a coordenação.

***Que*: marca de subordinação oracional** – No exemplo *O caçador percebeu que a noite chegou*, a marca de que a oração independente passou pelo processo da subordinação, a funcionar como membro de uma outra oração, é o *que*, conhecido tradicionalmente como "conjunção" integrante.

Na realidade esse *que* não tem por missão precípua "juntar" duas orações – como fazem as conjunções coordenativas – , mas tão somente marcar o processo por que se transpôs uma unidade de camada superior (uma oração independente) para funcionar, numa camada inferior, como membro de outra oração.

Daí não corresponder à nova realidade material da unidade sintática subordinada a denominação tradicional de *orações compostas* ou *período composto.* Temos sim orações *complexas*, isto é, orações que têm termos determinantes ou argumentais complexos, representados sob forma de outra oração. Só haverá orações ou períodos *compostos* quando houver *coordenação*. Dizemos que esse *que* é um *transpositor*.

Orações complexas de transposição substantiva – A oração transposta, inserida na oração complexa, é classificada conforme a categoria a que corresponde e pela qual pode ser substituída no desempenho da mesma função. Daí ser a oração transposta classificada como *substantiva*, *adjetiva* ou *adverbial*, segundo a tradição gramatical, pois desempenha função sintática normalmente constituída por substantivo, adjetivo ou advérbio. Assim, em nosso exemplo, *O caçador percebeu que a noite chegou*, a oração transposta inserida na oração complexa (que) *a noite chegou* será substituída pelo substantivo *a chegada da noite* (*O caçador percebeu a chegada da noite*), e a oração transposta pelo processo da subordinação funcionará também como objeto direto da relação predicativa que tem como núcleo verbal *percebeu*.

A oração subordinada transposta substantiva aparece inserida na oração complexa exercendo funções próprias do substantivo, ressaltando-se que a conjunção *que* pode vir precedida de preposição conforme exerça função que necessite desse índice funcional:

a) Sujeito: *Convém que tu estudes / Convém o teu estudo.*

b) Objeto direto: *O pai viu que a filha saíra / O pai viu a saída da filha.*

c) Complemento relativo: *Todos gostam de que sejam premiados / Todos gostam de prêmio.*

d) Predicativo: *A verdade é que todos foram aprovados / A verdade é a aprovação de todos.*

e) Objeto indireto: *Enildo dedica sua atenção a que os filhos se eduquem / Enildo dedica sua atenção à educação dos filhos.*

f) Aposto: *Uma coisa lhe posso adiantar, que as crianças são a alegria dos adultos. Uma coisa lhe posso adiantar, a alegria das crianças aos adultos.*

OBSERVAÇÃO: Para as funções de complemento nominal e agente da passiva.

5 – Orações subordinadas resultantes de substantivação: as interrogativas e exclamativas – Sem precisar do transpositor *que*, as orações interrogativas e exclamativas, desprovidas do particular contorno melódico e iniciadas por uma unidade desses valores semânticos, podem-se substantivar e exercer função própria de substantivo na oração complexa:

Ainda não sei *que vou fazer hoje* (cf. *Que vou fazer hoje?*)

Os comerciantes desconhecem *que a mercadoria terá mais saída no próximo verão*.

O professor pergunta *qual é o motivo da algazarra*.

Ainda não descobrimos *por que ele saiu cedo*.

A vizinha descobriu *quem lhe telefonou de madrugada*.

O treinador decidiu *como o time conterá o adversário*.

O calouro ainda não sabe *para que especialidade médica se dirigirá*.

Não adivinhava *quanta alegria causou em nós*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Opondo-se ao transpositor *que,* que não exerce função sintática, as unidades interrogativas e exclamativas (pronomes e advérbios) têm função sintática na oração subordinada a que pertencem.

2.ª) Na língua popular e regional – reminiscência de antigo uso –, pode aparecer o transpositor *que* antes da unidade interrogativa: Não sei *que por que só chega tarde.* Perguntavam-me *que por onde havia fugido*.

Também aparece desprovida do *que* a oração subordinada de valor semântico de incerteza ou dúvida, que primitivamente era uma interrogativa geral, passando a conjunção *se* a transpositora: Não sei *se a prima virá cedo.* Perguntavas *se o jogo seria hoje.*

Orações complexas de transposição adjetiva

1) Orações adjetivas ou de relativo

Tomemos a seguinte oração

O aluno estudioso vence na vida,

em que o adjunto adnominal representado pelo adjetivo *estudioso* pode também ser representado por uma oração que, pela equivalência semântica e sintática com *estudioso*, se chama *adjetiva*:

O aluno	que estuda	vence na vida.
O aluno	estudioso	vence na vida.

Repare que a oração independente

O aluno estuda,

mediante o transpositor *que*, representado pelo pronome relativo, transpõe a oração independente a funcionar, num nível inferior, como adjunto adnominal do substantivo *aluno,* tal qual fazia o adjetivo *estudioso* da oração básica *O aluno estudioso vence na vida.* Daí dizer-se que a oração transposta *que estuda* é *subordinada adjetiva.*

O transpositor relativo que, na oração subordinada reintroduz o antecedente a que se refere, acumula também uma função de acordo com a estrutura sintática da oração transposta.

No exemplo acima:

O aluno que estuda vence na vida,

a oração *que estuda* vale por *o aluno estuda*, já que o pronome relativo é aí o representante do antecedente *aluno.* Analisando *o aluno estuda,* o sujeito explícito é *o aluno*, o que nos leva a verificar que o pronome em *que estuda* funciona como sujeito explícito do núcleo verbal *estuda*.

2) O relativo marcado por índice preposicional

Já em

O livro de que gostas está esgotado,

o relativo *que* reintroduz também o antecedente *livro*, de modo que a oração subordinada *de que gostas* vale por *gostas do livro*, em que *do livro* é complemento relativo do núcleo verbal *gostas.* Se assim é, na oração subordinada *de que gostas* o pronome relativo funciona como complemento relativo. E como o complemento relativo é um termo argumental marcado por um índice preposicional e como o verbo *gostar* se acompanha da preposição *de*, é imprescindível que este índice esteja introduzindo o relativo *que*:

O livro *de que gostas* está esgotado.

Em

A cidade a que nos dirigimos ainda está longe,

o relativo *que* reintroduz na oração subordinada adjetiva *a que nos dirigimos* o substantivo

cidade, e vale por *nos dirigimos à cidade*, em que o núcleo verbal *dirigimos* requer um termo argumental marcado pelo índice preposicional *a*, preposição que, portanto, não deve faltar anteposta ao relativo, que funciona como complemento relativo do núcleo verbal *nos dirigimos*:

A cidade *a que* nos dirigimos ainda está longe.

Orações adjetivas explicativas e restritivas – Já vimos que o adjetivo pode antepor-se ou pospor-se ao substantivo e que, segundo sua posição o adjetivo pode variar de valor. Em geral, o adjetivo anteposto (também chamado *epíteto*) traduz, por parte da perspectiva do falante, valor *explicativo* ou *descritivo*: *a triste vida*. Aqui o adjetivo não designa nenhum tipo de *vida* que se oponha a outro que não seja *triste*; apenas se descreve como a *vida* é, e, como diz Alarcos Llorach, quase vale por "a vida com sua tristeza" [AL.1, 82]. Agora, se disséssemos, *a vida triste*, nos estaríamos restringindo a uma realidade que se opõe a outras, como *vida alegre, vida boêmia,* etc. Neste caso, o adjetivo se diz *restritivo.*

A oração adjetiva também conhece esses dois valores; a adjetiva explicativa alude a uma particularidade que não modifica a referência do antecedente e que, por ser mero apêndice, pode ser dispensada sem prejuízo total da mensagem. Na língua falada, aparece marcada por pausa em relação ao antecedente e, na escrita, é assinalada por adequado sinal de pontuação, em geral, entre vírgulas:

O homem, que vinha a cavalo, parou defronte da igreja.

Repare-se em que a oração adjetiva *que vinha a cavalo* denuncia que, na narração, só havia um homem, de modo que a declaração *que vinha a cavalo* pode ser dispensada:

O homem parou defronte da igreja

Já em

O homem que vinha a cavalo parou defronte da igreja,

a oração adjetiva, proferida sem pausa e não indicada na escrita por sinal de pontuação a separá-la do antecedente, demonstra que na narração havia mais de um homem, mas só o "que vinha a cavalo" *parou defronte* da igreja. A esta subordinada adjetiva se chama *restritiva.*

À semelhança do que se fez com a oração complexa em cuja estrutura há uma oração subordinada substantiva, num primeiro momento da análise, levando em conta o princípio dos constituintes imediatos, analisar-se-á por inteiro a unidade sintática *O aluno que estuda vence na vida*, para depois se analisar o termo sintático que se apresenta sob forma oracional:

Sujeito: *O aluno que estuda*
Predicado: *vence na vida*
Adjunto adverbial: *na vida*

Como o adjunto adnominal está constituído por uma oração subordinada adjetiva, são passíveis de análise suas unidades sintáticas constitutivas:

Sujeito: *que* (= o aluno)
Predicado: *estuda*

Adjetivação de oração originariamente substantiva – A unidade complexa *homem corajoso* pode ser substituída por *homem de coragem*, em que o substantivo *coragem* transposto por uma preposição ao papel de adjetivo funciona também como adjunto do núcleo nominal.

Esta mesma possibilidade de transposição a adjetivo modificador de um grupo nominal mediante o concurso de preposição conhece a oração originariamente substantiva. Este grupo nominal pode ter como núcleo um substantivo, um adjetivo.

Núcleo substantivo:

O desejo *de que se apurem os fatos* é a maior preocupação dos diretores.

A crença *em que a crise se espalhe* atormenta todos nós.

A desconfiança *de se devemos ir avante* é logo desfeita.

Núcleo adjetivo:

Estávamos todos desejosos *de que o concurso saísse logo*.

O negociante estava cônscio *de que sua responsabilidade era grande*.

OBSERVAÇÃO: Sendo as expressões preposicionadas de *desejo de glória*, *ânsia de liberdade*, *desejoso da glória*, *ansioso de liberdade* modificadores dos núcleos nominais (e por isso mesmo chamados *complementos nominais*) e funcionalmente partícipes da natureza dos adjetivos, manda a coerência que as orações que funcionam como complemento nominal sejam incluídas entre as adjetivas – como fizemos aqui – e não entre as substantivas, como faz a tradição entre nós. Como vimos, elas são primitivamente substantivas, mas que, num segundo momento de estruturação, para funcionarem como modificadoras de substantivos e adjetivos, são transpostas a adjetivas mediante o concurso da preposição.

Ocorre o mesmo com as orações que funcionam como agente da passiva que, primitivamente substantivas, são transpostas a adverbiais mediante a preposição *por*.

Substantivação de orações originariamente adjetivas – Em *O homem sábio é guia seguro,* o adjetivo *sábio* pode ocupar o papel da unidade complexa mediante sua substantivação: *O sábio é guia seguro,* onde se deu o apagamento do substantivo *homem* e se marcou o novo caráter substantivo de *sábio* com a anteposição do artigo *o*.

Também conhece esse expediente de substantivação a oração transposta adjetiva mediante o apagamento do antecedente dos relativos *quem* e *que* e a presença do artigo, se o antecedente, pela situação do discurso, é conhecido dos interlocutores ou se lhe quer dar certo ar de generalização:

O homem que cala e ouve não *dissipa o que sabe*, e aprende *o que ignora* [MM].

Os que mais blasonam de honra e probidade, são como os poltrões que se inculcam de valentes [MM].

Os elogios de maior crédito são *os que os nossos próprios inimigos nos tributam* [MM].

Para quem não tem juízo os maiores bens da vida se convertem em gravíssimos males [MM].

OBSERVAÇÃO: Alguns autores preferem desdobrar o *quem* em *aquele(s) que, aquela(s) que* e considerar a unidade *o, a, os , as* como pronomes demonstrativos representados na oração adjetiva pelo pronome relativo *que,* de modo que, não aceitando a substantivação nesses casos, analisam a subordinada como adjetiva: *Não conheço quem chegou = Não conheço aquele que chegou. Não conheço os que chegaram = Não conheço aqueles que chegaram.* São possíveis as duas maneiras de analisar tais construções.

Ocorre o mesmo com outros pronomes e advérbios relativos destituídos de antecedente:

quanto
por que

Não sabemos	como quando onde que qual	comprou

NOTA: A oração substantiva funciona, nestes exemplos, como objeto direto do verbo saber.

Desconheço QUE admiráveis presentes ganhaste.

Ignorava QUAIS os alunos que haviam perturbado as aulas.

QUEM *tudo quer* tudo perde (oração *subjetiva*).113

Falava a QUEM *lhe pedia conselhos* (oração *objetiva indireta*).

Fizeram QUANTO *lhes pedi* (oração *objetiva direta*).

Reconheço QUÃO *enganados nos achávamos a seu respeito* (oração *objetiva direta*).

Peço que anote QUAIS *foram os responsáveis* (oração *objetiva direta*).

A polícia descobriu QUANDO *foi o roubo* (oração *objetiva direta*).

Os jornais explicaram COMO *os ladrões conseguiram fugir* (oração *objetiva direta*).

Os garotos não descobriram ONDE *os pais tinham posto os presentes* (oração *objetiva direta*).

Os vizinhos não entenderam POR QUE *o fogo foi violento* (oração *objetiva direta*).

Ele é QUEM *os avisa* (oração *predicativa*).

Não sabia *por* QUEM *tinha sido enganado* (oração *objetiva direta*).

Assim, substituem *quem* por *a pessoa que, aquele que; quanto* por *o tanto que; quando* por *o momento em que; como* por *o modo pelo qual; onde* por *o lugar em que; por que* por *o motivo pelo qual*.

Analisam *Quem tudo quer tudo perde* desta maneira:

A pessoa | que tudo quer | tudo perde.

1.ª oração: – principal: *a pessoa tudo perde.*

2.ª oração: – subordinada adjetiva: *que tudo quer.*

A análise que adotamos tem a vantagem de encarar uma realidade da língua, e não uma substituição que a ela realmente nem sempre equivale.114

Não se transportam a substantivas as orações adjetivas introduzidas pelos relativos *cujo* e *o qual*.

Transposta a substantiva, a oração de relativo sem antecedente expresso pode exercer as funções próprias das substantivas originais. Assim, nos exemplos acima, *o que sabe* e *o que ignora* fazem o papel de objeto direto dos núcleos verbais *dissipa* e *aprende,* do primeiro. No segundo, *os que mais blasonam de honra e probidade* é o sujeito de *são*; no terceiro, *os que os nossos próprios nos tributam* é predicativo de *são*. No quarto exemplo, *a quem não tem juízo* funciona como objeto indireto da unidade verbal complexa *dar liberdade.*

Para marcar a natureza substantiva da oração transposta costuma-se anteceder de artigo a interrogativa indireta, prática às vezes injustamente condenada [ED.2, § 362]:

Não sei *o* quanto lhe devo nessa ajuda.

Mais uma construção de oração já transposta – A oração relativa sem antecedente transposta a substantiva pode ser de novo transposta a adjetiva com o concurso de preposição – geralmente *de* – e funcionar como modificador de substantivo.

Repare-se nas construções derivadas da construção básica *o homem sábio → o sábio → o trabalho do sábio,* em que, nesta última fase, o adjetivo substantivado *sábio* recebe o concurso da preposição *de* para desempenhar o papel de modificador ou adjunto do núcleo *trabalho*. Assim também em:

O maior trabalho dos que governam é tolerar os importunos [MM],

a oração relativa substantivada *os que governam*, mediante a preposição em *dos que governam*, passa a exercer função própria de adjetivo como modificador do substantivo *trabalho.*

Também a oração de relativo transposta a substantiva pode, com o curso de preposição, passar a exercer papel de advérbio e, assim, funcionar como adjunto circunstancial.

Nenhum senhorio é tão absoluto *como o que conferem os povos aos tiranos de sua escolha* [MM] (comparativa).

O tempo voa *para quem goza,* e se arrasta *para quem padece* [MM] (inclinação).

O livro foi escrito *por quem não se esperava* (agente da passiva).

Orações complexas de transposição adverbial – Refletindo a classe heterogênea dos advérbios, também as orações transpostas que exercem funções da natureza do advérbio se repartem por dois grupos:

a) as subordinadas adverbiais propriamente ditas, porque exercem função própria de advérbio ou locução adverbial e podem ser substituídas por um destes (advérbio ou locução adverbial): estão neste caso as que exprimem as noções de *tempo, lugar, modo* (substituíveis por advérbio), *causa, concessão, condição* e *fim* (substituíveis por locuções adverbiais formadas por substantivo e grupos nominais equivalentes introduzidos pelas respectivas preposições);

b) as subordinadas *comparativas* e *consecutivas.*

As subordinadas adverbiais propriamente ditas – As adverbiais do 1.º grupo exercem função própria de advérbio, que é, como vimos, um adjunto ou determinante circunstancial não argumental do núcleo verbal. Do ponto de vista constitucional, estão representados por advérbios (os de *tempo*, *lugar* e *modo*) ou pelas chamadas locuções adverbiais, constituídas por substantivos ou grupos nominais equivalentes introduzidos pelas respectivas preposições (as circunstâncias anteriores e, especialmente, as que denotam causa, concessão, condição e fim).

Daí tais orações adverbiais, do ponto de vista constitucional, se assemelharem às substantivas, já que se identificam com estas em funções adverbiais, como ocorre com o substantivo transposto ao papel de advérbio mediante o concurso de preposição:

Saiu *de noite.*

Estudamos *com prazer.*

Trabalhas *na fábrica.*

Passeamos *pela cidade.*

Destarte, quando as orações mediante o transpositor *que* se transpõem a subordinadas substantivas e passam a funcionar como adverbiais, são marcadas pela respectiva preposição, constituindo assim as impropriamente chamadas *locuções conjuntivas*: *sem que, para que, desde que, porque* (= *por* + *que*), *que*, etc. Impropriamente locuções conjuntivas, porque não se trata de uma unidade complexa, mas de dois elementos com papéis diferentes: a preposição assinala a noção circunstancial de que semanticamente se reveste a oração transposta ou subordinada; o *que* marca o novo papel da oração independente originária que passa a funcionar, num plano inferior, como termo sintático dentro da oração complexa:

Os alunos estudam muito *para que possam preparar-se para as exigências da vida.*

Os convidados saíram *sem que fossem notados.*

O advogado não o defendeu *porque o réu só mentiu no depoimento.*

Outras particularidades nos transpositores das orações adverbiais – Além do *que* precedido da conveniente preposição como vimos até aqui, devemos assinalar as seguintes outras particularidades:

a) Quando usados sem referência a antecedente, os advérbios relativos *onde, quando, como* e *quanto* (este com preposição) transpõem a oração a que pertencem, que passa a exercer papel de adjunto adverbial:

Onde me espetam fico.

Saíste *quando a festa melhorava.*

O prédio foi construído *como estava planejado.*

Só trabalhava *por quanto dinheiro ganhase para a viagem.*

b) Outros advérbios ou unidades de valor adverbial, próximos aos advérbios relativos, também transpõem orações para exercer papel adverbial, como ocorre com *se* (hipotético), *conforme, apenas, caso, enquanto:*

Se o emprego é nessas condições, ele não me interessa.

Seus sonhos se realizaram *conforme ela planejara.*

c) Também os pronomes relativos sem referência a antecedente ou precedidos de artigo transpõem oração subordinada a substantivo, podendo esta oração subordinada substantiva passar a exercer função adverbial se vem acompanhada da conveniente preposição:

Ela só saía *com quem lhe merecia confiança*

O vizinho errou quando depositou suas economias *no que era bastante precário.*

d) A oração transposta de *que* pode funcionar como determinante de um advérbio, de modo que às vezes o conjunto advérbio + *que* passa a funcionar como um transpositor unitário (*ainda que, ainda quando, já que, sempre que, logo que, assim que,* etc), em que o significado originário do advérbio fica modificado [AL.1, 355]:

Sempre que corríamos à janela, assistíamos ao espetáculo da natureza.

Logo que tudo fique resolvido, o vizinho se mudará.

OBSERVAÇÃO: Primitivamente o advérbio era um elemento da oração deslocado, que devia modificar um núcleo verbal daquela a que a rigor pertencia, e que passou a integrar outra oração.

e) Pelo fenômeno da subordinação ou hipotaxe, palavras ou grupos de palavras (advérbio ou substantivo adverbializado) passam a um estrato inferior e exercem papel próprio de

morfema, aqui de preposição, pela qual podem ser substituídos:

em virtude de doença = *por* doença
em cima da mesa = *sobre* a mesa
graças à ajuda = *com* a ajuda
debaixo da escada = *sob* a escada
dentro de pouco = *por* pouco

Neste caso, introduzindo uma oração transposta mediante *que*, esta exercerá papel adverbial:

Em virtude de que era o mais saudável, dispôs-se a trabalhar pelo grupo.

f) Alguns particípios fixos no masculino singular se unem a orações transpostas mediante *que* dando origem a transpositores complexos de orações adverbiais, do tipo de *dado que, posto que, visto que, suposto que, salvo que, exceto que, não obstante que*:

Nada resolveu o problema, *visto que não houve entendimento prévio das partes em litígio.*
Os turistas desistiram da visita *dado que chovia torrencialmente.*

OBSERVAÇÃO: Primitivamente o *que* introduzia oração que funcionava como sujeito do particípio, o que explica estar este no masculino singular, pois uma oração definida materialmente é considerada do gênero masculino e do número singular.

As subordinadas adverbiais comparativas e consecutivas – As subordinadas adverbiais do 2.º grupo, integradas pelas comparativas e consecutivas, guardam certa analogia com as adjetivas porque dependem de um antecedente, de natureza quantificadora ou de unidade quantificada (adjetivo ou advérbio) e só mantêm relação direta com o núcleo verbal da oração junto com seu antecedente. Assim é que em

Janete estuda mais que trabalha,

a oração subordinada *que trabalha* está presa ao advérbio *mais*, e o conjunto *mais que trabalha,* que manifesta uma comparação com o fato anterior, funciona como adjunto adverbial do núcleo verbal *estuda*.

O mesmo ocorre em

Janete é tão aplicada aos estudos que não lhe sobra tempo para o trabalho.

Aqui a oração subordinada *que não lhe sobra tempo para o trabalho*, que manifesta a consequência ou encarecimento do fato anterior, também está presa ao quantificador *tão* que funciona como adjunto adverbial de *aplicada*, e o conjunto *tão aplicada aos estudos que não lhe sobra tempo para o trabalho,* valendo por um adjetivo a modificar o substantivo *Janete*, funciona como predicativo do verbo *é.*

O caráter do adjunto, portanto de termo não argumental, tanto da oração subordinada comparativa quanto da consecutiva, se manifesta pelo fato de se poder eliminar, em cada caso, a oração subordinada, e continuar perfeita a oração anterior:

Janete estuda mais.
Janete é tão aplicada aos estudos.

Os diversos tipos de comparativas – Como já vimos, a comparação pode manifestar-se estabelecendo uma igualdade (*tanto... quanto*), uma superioridade (*mais...que* ou *do que*), uma inferioridade (*menos...que* ou *do que*) entre duas realidades ou conceitos.

A alternância de *que* e *do que* nasceu, em época relativamente recente, da construção primitiva em que a oração transposta que modificava *mais* ou *menos* era uma substantivada

iniciada por *o que...*, precedida de preposição *de*: *mais* (*menos*) *do que* = *mais* (*menos*) *daquilo que* [ED.2, 171; TM.1, 205].

Dos quantificadores, também já dissemos que só aparece flexionado em gênero e número o *tanto* adnominal, em conformidade com o substantivo ou pronome que modifique. *Tanto* é invariável quando se apresenta como advérbio. Vale ainda lembrar que os quantificadores *mais* e *menos* podem ser reforçados por advérbio: *muito mais, pouco mais, muito menos, pouco menos,* etc.

Outras unidades comparativas – Além dos quantificadores referidos, podem em seu lugar aparecer:

a) as formas adjetivas *maior, menor, melhor, pior:*

As qualidades devem ser *maiores que os vícios.*

b) unidades multiplicativas, indefinidas (como *outro, mesmo, igual*) e advérbios de valor seletivo (como *antes*):

A nota conseguida é o *dobro que o candidato merecia.*

Não pensava em *outra coisa que tirar proveito dos amigos.*

Tudo nele era o *mesmo que se vira antes.*

O roubo antes denigre o ladrão *que lhe aumenta os haveres.*

As orações subordinadas consecutivas – Como vimos, a oração transposta consecutiva também se aproxima da adjetiva relativa por estar o transpositor *que* relacionado com uma unidade quantificadora da oração anterior:

Janete é tão aplicada aos estudos *que não lhe sobra tempo para o trabalho.*

Pelo exemplo acima percebe-se que a oração subordinada manifesta uma consequência; mas o valor semântico primordial é assinalar que o quantificador encarece o conteúdo de pensamento designado.

No exemplo:

Ela sentia tal medo que a deixava paralisada,

se eliminarmos o encarecedor, o quantificador *tal*, a oração subordinada poderá confundir-se com a adjetiva relativa se não for proferida com o contorno melódico que em geral marca a consecutiva, o que a faz poder ser assinalada por vírgula:

Ela sentia medo que a deixava paralisada.

OBSERVAÇÃO: Esta aproximação da adverbial consecutiva desprovida de quantificador com a adjetiva relativa tem levado alguns escritores a repetir a função sintática desempenhada pelo *que* relativo mediante o pronome adverbal *o* (*a, os, as*), construção que a norma padrão desaconselha: "o homem que se destina, ou *que o* destinou seu nascimento, a uma vocação pública, não pode, sem vergonha, ignorar as belas letras e os clássicos" [AGa.4, 29].

Tal como ocorreu nas orações subordinadas comparativas, em *Ela sentia tal medo que a deixava paralisada,* constitui uma unidade complexa o conjunto *tal medo que a deixava paralisada*, que, na oração complexa, funciona como objeto direto do núcleo verbal *sentia.*

Outras unidades consecutivas – Os quantificadores a que se prendem as orações

consecutivas podem ser substituídos por outras unidades, naturalmente sem que deixem de ser marcadas pelo contorno melódico que manifesta o encarecimento do conteúdo do pensamento designado:

a) O indefinido *cada:*

Ele diz *cada* mentira *que já está desacreditado no grupo.*

b) O indefinido *um* (*uma, uns, umas*):

De repente caiu *uma ventania que afugentou do estádio todos os espectadores.*

c) As unidades *de modo, de maneira, assim*:

O mágico falava *de modo que impressionava a plateia.*

O escritor escrevia *de maneira que compunha um livro por mês.*

O atleta era *assim forte que punha nos concorrentes a certeza da derrota.*

OBSERVAÇÃO: Acerca da substituição de *de modo que, de maneira que* + verbo flexionado por *de modo a, de maneira a* + infinitivo (*de modo a fazer,* etc.) cf. link.

d) Pode faltar a unidade quantificadora, garantida pelo contorno melódico e pelo contexto:

É feio *que mete medo.*

Grupos oracionais: a coordenação – Já vimos que as orações coordenadas são orações sintaticamente independentes entre si e que se podem combinar para formar *grupos oracionais* ou *períodos compostos:*

Mário lê muitos livros e aumenta sua cultura.

Mário lê muitos livros e aprende pouco.

É fácil observar que as duas orações do primeiro exemplo são sintaticamente independentes, porque, ao analisar a primeira (*Mário lê muitos livros*), verificamos que possui todos os termos sintáticos previstos na relação predicativa, ao contrário da oração complexa, conforme vimos:

Sujeito: *Mário*

Predicado: *lê muitos livros*

Objeto direto: *muitos livros*

Entretanto, é também fácil verificarmos que a segunda oração *e aumenta sua cultura* manifesta o resultado, uma consequência do fato de Mário ler muito. Esta interpretação, aliás correta, não interfere na relação sintática que as duas orações mantêm entre si no grupo oracional. Esta interpretação adicional não resulta da relação sintática existente nas duas orações, mas sim da nossa experiência do mundo, porque sabemos que a leitura é uma das nossas fontes de cultura. E muito menos a manifestação nasce do emprego da conjunção *e* que, por ser mero conector das orações, tem por missão semântica apenas adicionar um conteúdo de pensamento a outro. Por isso, é denominada *conjunção* (= conector) *aditiva.*

Prova evidente do que estamos falando é o segundo exemplo:

Mário lê muitos livros e aprende pouco.

Do ponto de vista sintático, já vimos que aqui também estamos diante de orações independentes e que podem figurar isoladamente:

Mário lê muitos livros. Ele aprende pouco.

É partindo desse nosso saber sobre as coisas do mundo e dos significados dos lexemas utilizados que interpretamos a 2.ª oração como o contrário do que estávamos esperando pelo

fato de Mário ler muitos livros.

Como no exemplo anterior, essa interpretação adicional não tira da 2.ª oração o caráter de *coordenada aditiva* nem permite que se classifique o *e* diferentemente de uma conjunção aditiva. É o texto, com suas unidades léxicas, e não a gramática, que manifesta o sentido adversativo que claramente expressa a 2.ª oração em face do conteúdo que se enunciou na 1.ª. São, assim, unidades textuais, o que vale dizer, são unidades que manifestam funções sintagmáticas no nível do texto. Trata-se de exemplos de coordenação no nível da oração e de subordinação no nível do texto.

Cabe também assinalar que as orações conectadas por *e* não manifestam nenhum sentido textual subsidiário, além da adição; a ordem das orações é, em geral, livre, salvo quando o significado dos lexemas estabelece uma disposição natural dos conteúdos de pensamento designados. São, neste último caso, questões relativas ao nosso saber elocutivo, e não ao saber idiomático, exclusivamente:

Trabalhava de dia e estudava de noite.
Estudava de noite e trabalhava de dia.

Mas há ordem fixa em:

Ficou noivo em fevereiro e casou-se em junho.
Cursava a Faculdade de Direito e formou-se em advocacia.

Em sentido inverso, muitas orações subordinadas – especialmente as reduzidas, em vista da amplitude semântica em que podem ser envolvidas pela influência das unidades léxicas empregadas e do nosso saber e experiências do mundo – podem admitir um sentido "aditivo", como nos seguintes casos:

a) as orações reduzidas de gerúndio, quando equivalente a uma oração coordenada iniciada pela conjunção *e*:

Compreendeu bem a lição, *fazendo* depois corretamente os exercícios (= e fez depois...)

b) as reduzidas de infinitivo precedida da preposição *sobre* e da locução prepositiva *além de*:

"Além de que a fumarada do charuto, *sobre ser* purificante ou antipútrida, dava aos alvéolos solidez, e consistência aos dentes" [CBr.1, 108] (*sobre ser* = além de ser purificante... a fumarada do charuto dava...).

Apesar destas interpretações "aditivas", estas reduzidas, quanto à sua estruturação gramatical, pertencem ao quadro das orações subordinadas.

Os tipos de orações coordenadas e seus conectores – As orações coordenadas estão ligadas por conectores chamados conjunções coordenativas, que apenas marcam o tipo de relação semântica que o falante manifesta entre os conteúdos de pensamento designado em cada uma das orações sintaticamente independentes.

São três as relações semânticas marcadas pelas conjunções coordenativas ou conectores:

1) *Aditiva*: adiciona ou entrelaça duas ou mais orações, sem nenhuma ideia subsidiária.

As conjunções aditivas são *e* e *nem* (esta para os conteúdos negativos, e pode vir na 2.ª oração ou em ambas).

Pedro estuda *e* Maria trabalha.
Pedro não estuda *nem* trabalha.
Nem Pedro estuda *nem* Maria trabalha.

2) *Adversativa*: contrapõe o conteúdo de uma oração ao de outra expressa anteriormente:

João veio visitar o primo, *mas* não o encontrou.

As conjunções adversativas são *mas, porém, senão* (depois de conteúdo negativo).

Não saía senão com os primos.

3) *Alternativa*: contrapõe o conteúdo de uma oração ao de outra e manifesta exclusão de um deles, isto é, se um se realizar, o outro não se cumprirá:

Estudas *ou* brincas.

Enlaces adverbiais em grupos de orações – Certas unidades de natureza adverbial e que manifestam valores de concessão, conclusão, continuação, explicação, causa, que fazem referência anafórica ao que anteriormente se expressou, podem aparecer como aparentes conectores de orações em grupos oracionais: *logo, pois, portanto, por conseguinte, entretanto, contudo, todavia, por isso, por isto, também, daí, então, pelo contrário,* etc:

Será a primeira vez que copiará estes quadros, *pois* não há oito dias que os comprei [JA.3, 257].

O amor, como eu sonho e espero, há de ser a minha vida inteira; *portanto* parece-me que tenho o direito e até o dever de conhecê-lo antes (...) [JA.3, 379].

O que a protegia na confusão não era tanto o rápido olhar, como um sétimo sentido, que só ela possuía: uma espécie de previsão dos objetos que se aproximavam.

Contudo, eu sofria muito vendo Emília assim esquecida de mim e engolfada nos prazeres (...) [JA.3, 380].

Partindo desses valores semânticos, a gramática tradicional estabeleceu, entre os conectores coordenativos, as conjunções *conclusivas* e *causais-explicativas*. Realmente, nestes casos se trata de unidades que manifestam esses valores de dependência interna, semelhantes às orações subordinadas, mas no nível do sentido do texto. São unidades transfrásticas, já que ultrapassam os limites de fronteira das orações.

OBSERVAÇÃO: A inexistência, a rigor, das conjunções conclusivas e causais – explicativas, orientação que também é seguida em gramáticas de outras línguas, já tinha sido defendida entre nós por Maximino Maciel (1865-1923) na última revisão de sua *Gramática Descritiva*, em que as considerava advérbios, dada a facilidade com que se deslocavam nas orações, aparecendo em várias posições, o que lhes tirava o caráter de conectores.

Justaposição ou assindetismo – Ao lado da presença de transpositores e conectores vistos até aqui, as orações podem encadear-se, como ocorre com os termos sintáticos dentro da oração, sem que venham entrelaçadas por unidades especiais; basta-lhes apenas a sequência, em geral proferidas com contorno melódico descendente e com pausa demarcadora, assinalada quase sempre na escrita por vírgulas, ponto e vírgula e ainda por dois pontos:

O moço que dizia Simíles costumava zombar de mim com barulho. *Qualquer dito nem o excitava: mordia os beiços, avermelhava-se como um peru, lacrimejava, enfim não se continha, caía num riso convulso, rolava sobre o balcão, meio sufocado.* [GrR.1, 197].

Este procedimento de enlace chama-se *justaposição.*

Sob o ponto de vista sintático e semântico, tais justaposições se aproximam, pela independência sintática e estreito relacionamento semântico, da parataxe ou coordenação. Seu efeito para o discurso é variado, ora apontando para um estilo cortado com grande dose impressionista, ora para um estilo que focaliza quadros rápidos e movimentos ascendentes, especialmente se está constituído por sequência de verbos. Já a sequência de substantivos

manifesta lentidão.

Aproximam-se as orações justapostas das coordenadas, e com elas às vezes se alternam, por permitirem, no nível da camada superior do texto, um sentido subsidiário de causa-explicação, concessão, consequência, oposição, tempo, levando-se em conta o conteúdo de pensamento nelas designado:

> Uma vez por dia o grito severo me chamava à lição. Levantava-me, com um baque por dentro, dirigia-me à sala, gelado. *E emburrava: a língua fugia dos dentes, engrolava ruídos confusos* [GrR.1, 102].
>
> Não me ajeitava a esse trabalho: a mão segurava mal a caneta, ia e vinha em sacudidelas, *a pena caprichosa fugia da linha, evitava as curvas, rasgava o papel, andava à toa como uma barata* doida, semeando borrões [GrR.1, 114].

A chamada " coordenação distributiva" – Podem-se incluir nas orações justapostas aquelas que a gramática tradicional arrola sob o rótulo de coordenadas distributivas, caracterizadas por virem enlaçadas pelas unidades que manifestam uma reiteração anafórica do tipo de *ora...ora, já...já, quer...quer, um...outro, este...aquele, parte...parte, seja...seja,* e que assumem valores distributivos alternativos, e subsidiariamente concessivos, temporais, condicionais.

Do ponto de vista constitucional, essas unidades são integradas por várias classes de palavras: substantivo, pronome, advérbio e verbo, e do ponto de vista funcional não se incluem entre os conectores que congregam orações coordenadas:

> *Ora* eram eles capazes de atos de vandalismo, *ora* eram capazes de atos de ajuda ao próximo.
>
> *Já* não se mostravam como pessoas educadas, *já* se revelavam como se fossem inocentes crianças.
>
> *Uns* estavam sempre satisfeitos, *outros* só viviam reclamando da vida.

Orações intercaladas – Também se incluem nos grupos oracionais como orações justapostas as intercaladas, também caracterizadas por estarem separadas do conjunto por pausa e por contorno melódico particular. Na escrita, aparecem marcadas por vírgula, travessão ou parêntese. Do ponto de vista de conteúdo de pensamento designado, dividem-se em:115

1) *citação*: onde se acrescenta a pessoa que proferiu a oração anterior:

> Dê-me água, *me pediu o rapaz.*116
>
> Quem é ele? – *interrompeu a jovem.*

2) *advertência*: esclarece um ponto que o falante julga necessário:

> Em 1945 – *isto aconteceu no dia de meu aniversário* –, conheci um dos meus melhores amigos.

3) *opinião*: em que o falante aproveita a ocasião para opinar:

> D. Benta (*malvada é que era*) dizia que a sua doença impedia a brincadeira da garotada.
>
> "Comíamos, *é verdade*, mas era um comer virgulado de palavrinhas doces" [MA.1, 198].

4) *desejo*: em que o falante aproveita a ocasião para exprimir um desejo, bom ou mau:

> José – *Deus o conserve assim!* – conquistou o primeiro lugar da classe.
>
> "É bem feiozinho, *benza-o Deus,* o tal teu amigo!" (Aluísio Azevedo)
>
> O teu primo – *raios que o partam!* – pôs-me de cabelos brancos.

5) *escusa*: em que o falante se desculpa:

> "Pouco depois retirou-se: eu fui vê-la descer as escadas, e não sei por que fenômenos de ventriloquismo cerebral (*perdoem-me os filósofos essa frase bárbara*) murmurei comigo..." [MA.1, 325].

6) *permissão*: em que solicita algo:

"Meu espírito (*permita-me aqui uma comparação de criança*), meu espírito era naquela ocasião uma espécie de peteca" [MA.1, 282].

7) *ressalva*: em que faz uma limitação à generalidade de um enunciado:

"Daqui a um crime distava apenas um breve espaço e ela transpôs, *ao que parece*" [AH.2, 123].

Ele, *que eu saiba,* nunca veio aqui.117

"Cobiça de cátedras e borlas que, *diga-se de passagem,* Jesus Cristo repreendeu severamente aos fariseus" [CBr.2, 300].

Os livros, *pode-se bem dizer*, são o alimento do espírito.

Aparentes orações complexas – Entram, assim, neste caso as intercaladas de citação que, em estilo direto, reproduzem o que no estilo indireto funcionaria como objeto direto do núcleo verbal, claro ou subentendido: *Dê-me água, me pediu o rapaz*, equivalente no conteúdo a *O rapaz pediu que lhe desse água; Quem é ele? – interrompeu o jovem*, equivalente no conteúdo a *O jovem interrompeu* [*perguntando*] *quem é ele.*

Atendendo às equivalências do conteúdo, mas em contradição com a estrutura sintática e textual, alguns autores analisam tais orações justapostas como complexas. Só poderíamos proceder dessa maneira e considerá-las orações complexas se viessem introduzidas pelo transpositor, como ocorreu nas equivalências apontadas.

Como bem ensina A. da Gama Kury, devemos "considerar essas orações interferentes como períodos à parte, intercalados ou justapostos, que se analisarão lado a lado com aquele em que se inserem" [AK.1, 70].

3 – Discurso direto, indireto e indireto livre

O português, como outras línguas, apresenta normas textuais para nos referirmos no enunciado às palavras ou aos pensamentos de responsabilidade do nosso interlocutor, mediante os chamados *discurso direto, discurso indireto* e *discurso indireto livre.*

No DISCURSO DIRETO reproduzimos ou supomos reproduzir fiel e textualmente as nossas palavras e as do nosso interlocutor, em diálogo, conforme vimos nos exemplos das orações ou períodos intercalados de citação, com a ajuda explícita ou não de verbos como *disse, respondeu, perguntou, retrucou* ou sinônimos (os chamados verbos *dicendi*). Às vezes, usam-se outros verbos de intenção mais descritiva, como *gaguejar* (do nosso exemplo), *balbuciar, berrar,* etc. São os *sentiendi*, que exprimem reação psicológica do personagem.118 No diálogo, a sucessão da fala dos personagens é indicada por travessão (outras vezes, pelos nomes dos intervenientes):

Uma vez em que me extenuava na desgraçada tarefa percebi um murmúrio:

— *Lavou as orelhas hoje?*

— Lavei o rosto, *gaguejei* atarantado.

— Perguntei se lavou as orelhas.

— Então? Se lavei o rosto, devo ter lavado as orelhas [GrR, 114].

No DISCURSO INDIRETO os verbos *dicendi* se inserem na oração principal de uma oração complexa tendo por subordinada as porções do enunciado que reproduzem as palavras próprias ou do nosso interlocutor. Introduzem-se pelo transpositor *que,* pela dubitativa *se* e

pelos pronomes e advérbios de natureza pronominal *quem, qual, onde, como, por que, quando,* etc., já vistos antes:

Perguntei *se lavou as orelhas.*

O discurso direto em:

José Dias recusou, dizendo: *É justo levar a saúde à casa de sapé do pobre*

passa a discurso indireto, em que se transpõe o presente *é* do discurso direto para o pretérito imperfeito do indireto:

José Dias recusou, dizendo *que era justo levar a saúde à casa de sapé do pobre* [MA.4, 14].

O DISCURSO INDIRETO LIVRE consiste em, conservando os enunciados próprios do nosso interlocutor, não fazer-lhe referência direta. Como ensina Mattoso Câmara, mediante o estilo indireto livre reproduz-se a fala dos personagens – inclusive o narrador – sem "qualquer elo subordinativo com um verbo introdutor *dicendi*" [MC.4, 28]. Se tomássemos o exemplo acima d e *Dom Casmurro*, bastaria suprimir a forma verbal *dizendo* e construir dois períodos independentes com as duas partes restantes:

José Dias recusou. *Era justo levar a saúde à casa de sapé do pobre.*

Uma particularidade do estilo indireto livre é a permanência das interrogações e exclamações da forma oracional originária, ao contrário do caráter declarativo do estilo indireto. Mattoso Câmara cita um trecho de *Dom Casmurro* em que D. Glória tenta demover Pádua da ideia de suicídio por lhe ter mudado a vida financeira de repente, mediante um enunciado em estilo indireto livre a partir do segundo período:

> Minha mãe foi achá-lo à beira do poço, e intimou-lhe que vivesse. Que maluquice era aquela de parecer que ia ficar desgraçado, por causa de uma gratificação menos, e perder um emprego interino? Não, senhor, devia ser homem, pai de família, imitar a mulher e a filha... (p. 48)

Em suma, o discurso indireto livre "estabelece um elo psíquico entre o narrador e o personagem que fala (...) o narrador associa-se ao seu personagem, transpõe-se para junto dele e fala em uníssono com ele" [MC.4, 30-31].

Particularidades outras das orações transpostas substantivas – O transpositor da oração substantiva junto à oração principal se diz *conjunção integrante: que* (nas declarações de certeza) e *se* (nas declarações de incerteza):

Sei *que* virá hoje.

Não sei *se* virá hoje.

Conforme vimos, pode a conjunção integrante vir ou não precedida de preposição necessária. O quadro seguinte resumirá as orações substantivas, levando-se em conta a preposição necessária:

- Subordinadas Substantivas
  - a) sem preposição necessária
    - 1) *subjetiva*
    - 2) *objetiva direta*
    - 3) *predicativa*
    - 4) *apositiva*
  - b) com preposição necessária
    - 1) *completiva relativa* (complemento de verbo)
    - 2) *objetiva indireta* (complemento de verbo + objeto direto ou complemento relativo)

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Continuamos a insistir no termo *necessária (preposição necessária),* porque ela pode aparecer, esporadicamente, em lugares que a não exigem, como omitir-se onde seria esperada. Assim, pode-se prescindir da preposição que inicia uma oração objetiva indireta ou completiva nominal:

> "Em Coimbra recebeu o infante esta triste nova por uma carta da rainha sua filha, em que o avisava que *em conselho se decidira que o fossem cercar...*" [AH.2, 94],

isto é: em que o avisava que está por *em que o avisava* ***de que***.

2.ª) Pode ocorrer a omissão tanto da preposição quanto do transpositor:

> Quis defendê-la, mas Capitu não me deixou, continuou a chamar-lhe beata e carola, em voz tão alta que tive medo *fosse* ouvida os pais [MA *apud* MBa.3, 80],
>
> isto é: tive medo *de que* fosse ouvida.

Também se pode preceder de preposição uma oração subjetiva ou objetiva direta. Assim, por influência da construção *fazer com alguém* (= conseguir deste alguém) *que viesse* passamos a empregar *fazer com que* ao lado de *fazer que* em orações objetivas diretas do tipo:

> "...fizeram (os cortesãos) *com que se retirasse para Sintra...*" [AH.2, 93],
>
> onde *fazer* significa "diligenciar e conseguir que uma coisa aconteça".

Ou subjetiva, como:

> "Desaire real seria *de a deixar sem prêmio*" [AGa].

Registrem-se ainda as construções *dizer de sim, dizer de não,* em lugar de *dizer que sim, dizer que não:* "Eu me abalanço a lhes dizer e redizer *de não* [RB.5, 225]".

Características da oração subjetiva e predicativa – A oração substantiva subjetiva apresenta as seguintes características:

Estar o verbo da oração principal na 3.ª pessoa do singular e num destes quatro casos:

a) verbo na voz reflexiva de sentido passivo:

> Sabe-se que tudo vai bem.

b) verbo na voz passiva (*ser, estar, ficar*) seguidos de particípio:

> Ficou provado *que estava inocente.*

c) verbos *ser, estar, ficar* seguidos de substantivo ou adjetivo:

> É verdade que *sairemos cedo*.
>
> Foi bom *que fugissem.*

Está claro *que consentirei.*

Ficou certo *que me telefonariam.*

d) verbo do tipo *parece, consta, ocorre, corre, urge, importa, convém, dói, punge, acontece:*

Parece *que vai chover.*

Urge *que estudem.*

Cumpre *que façamos com cuidado todos os exercícios.*

Acontece *que todos já foram punidos.*

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Não se pautam pela tradição literária as construções em que se personaliza o verbo *pesar* significando arrependimento ou dor, do tipo de:

Pesam-me os dissabores que lhe causei.

A boa construção é dar-lhe objeto indireto de pessoa e complemento relativo de coisa introduzida pela preposição *de*, e na forma de 3.ª pessoa do singular:

Pesa-me dos dissabores que lhe causei.

2.ª) O Prof. Sousa Lima [SL.1, § 530] acha que só se poderá considerar *predicativa* a oração que contiver o verbo *parecer* concordando "com outro sujeito que não seja a proposição: *Tu pareces ser estrangeiro* ", outro exemplo, "Nunca nos esquecemos de nós, ainda quando *parecemos* que mais nos ocupamos dos outros" [MM].

A oração substantiva predicativa introduzida pela conjunção complementa, na maioria das vezes, o verbo *ser*:

A verdade *é que não ficaremos aqui.*

Omissão da conjunção integrante – Se o enunciado encerra mais de um *que,* podemos, com elegância, omitir a conjunção integrante, principalmente nas orações subjetivas e objetivas presas a núcleos verbais que exprimem vontade ou temor:

"Devia, pois, ser melancólico, além do exprimível o que aí se passou nessa grade: triste, e desgraçado direi, a julgá-lo pelas consequências *que* se vão descrever, com um certo pesar em *que esperamos tomem* os leitores o seu quinhão de pena..." [CBr.4, 223].

Esperamos tomem está por e*speramos que tomem.*

Ainda que não haja acúmulo de *quês*, constitui leveza a omissão da conjunção integrante, que ocorre principalmente no estilo administrativo:

"Frequentes vezes me *disse esperava* lhe anulassem no supremo tribunal o processo" [CBr.10, 51].

Requeiro *seja enviado o Processo a outra instância.*

Evitou-se, no primeiro exemplo, o emprego de duas conjunções integrantes: "...me disse *que esperava que* lhe anulassem o processo".

"Posto que, dizia ele, muito desejasse ver levar o negócio a cabo, *aconselhava-o não tentasse* nada de leve..."[AH.6, 262, *apud* AH.2, 149].

Aconselhava-o não tentasse está por *aconselhava-o a que não tentasse.*

Também se dá a omissão da integrante *que* depois do transpositor na comparação com *que* ou *do que*, como se observa no seguinte exemplo:

É melhor *que* lhe deem uma oportunidade *do que estejam* a retê-lo na prisão,

isto é: *é melhor que lhe deem...do que que estejam...*

Pode-se ainda fugir à repetição pondo-se o verbo no infinitivo:

do que *estar* a retê-lo na prisão.

Pleonasmos da conjunção integrante

Quando a oração substantiva não segue imediatamente o verbo de que serve de integração, pode ocorrer, mormente no falar coloquial, o pleonasmo da conjunção integrante, como o provam os seguintes exemplos:

"e disse *que*, se lhe não queríamos mais nada, *que* podíamos ir à nossa vida" [CBr, 45].

"O meu amor me disse ontem
Que eu *que* andava coradinha" [AO.1] 119

A verdade é *que* desde que anunciei ao rapaz a volta de sua mãe, *que* observei nele uma bizarra mudança de atitude [LCa.1].

Particularidades sobre as *orações transpostas adjetivas*

Funções sintáticas do relativo das orações adjetivas – As orações adjetivas iniciam-se por pronome relativo que, além de marcar a subordinação, *exerce uma função sintática da oração a que pertence.* Em:

"Há enganos *que* nos deleitam, como desenganos *que* nos afligem" [MM],

os dois *quês* exercem funções sintáticas na oração subordinada que iniciam. O primeiro é sujeito de *deleitam* (que nos deleita? – *enganos*, representado na oração subordinada pelo *que*); o segundo é sujeito de *afligem* (que nos aflige? – *desenganos*, representado na oração subordinada pelo *que*).

É importante assinalar que *a função sintática do pronome relativo nada tem a ver com a função do seu antecedente; ela é indicada pelo papel que desempenha na oração subordinada a que pertence.*

Desta maneira, no exemplo dado, *enganos* e *desenganos* são *objetos diretos* (a oração não tem sujeito, porque o verbo *haver* = *existir* é impessoal) e os *quês* são sujeitos.

a) *Que* – não precedido de preposição necessária – pode exercer as funções de *sujeito, objeto direto* ou *predicativo*:

O menino *que* estuda aprende (*sujeito*).

O livro *que* lemos é instrutivo (*objeto direto*).

Somos o *que* somos (*predicativo*).

b) *Que* – precedido de preposição necessária – pode exercer as funções de *objeto indireto, complemento relativo, adjunto adverbial* ou *agente da passiva*:

A pessoa *a que* entreguei o livro deixou-o no táxi (*objeto indireto*).

Os filmes *de que* gostamos são muitos (*complemento relativo*).

A cidade *a que* te diriges tem bom clima (*complemento relativo*).

A pena *com que* escrevo não está boa (*adjunto adverbial de meio*).

Este é o escritor *por que* foi escrito o livro (*agente da passiva*).

OBSERVAÇÃO: Constitui impropriedade o emprego do pronome relativo precedido de preposição *de* como adjunto adnominal, em lugar de *cujo*. Assim se evita dizer "o escritor *de que* todos conhecemos o livro", "as pessoas *de quem* reconheceis os privilégios". Em boa linguagem diremos "o escritor *cujo* livro todos conhecemos", "as pessoas *cujos* privilégios reconheceis". Todavia não são raros os exemplos em bons escritores: O anarquista maldiz de todos os governos *de que* não compartilha as vantagens [MM]. Para certa classe de gente, a consciência é uma gaveta fechada *de que* se perdeu a chave [AR.2, 168], isto é, *de cujas vantagens não compartilha; gaveta cuja chave se perdeu.*

c) *Quem* – sempre em referência a pessoas ou coisas personificadas – só se emprega precedido de preposição, e exerce as seguintes funções sintáticas:

Ali vai o professor *a quem* ofereci o livro (*objeto indireto*).

Apresento-te o amigo *a quem* hospedei no verão passado (*objeto direto*).

Não conheci o professor *a quem* te referes (*complemento relativo*).

As companhias *com quem* andas são péssimas (*adjunto adverbial*).

O amigo *por quem* fomos enganados desapareceu (*agente da passiva*).

d) *Cujo(s), cuja(s)* – precedidos ou não de preposição – valem sempre *do qual, da qual, dos quais, das quais* (caso em que a preposição *de* tem sentido de posse) e funcionam como *adjunto adnominal* do substantivo seguinte com o qual concordam em gênero e número. O sintagma a que *cujo* pertence exercerá a função que determinar sua relação com o núcleo verbal. Assim, *cuja casa* é objeto direto de *comprei* e *sobre cuja matéria* é complemento relativo de *discutíamos*:

O homem *cuja* casa comprei embarcou ontem (= a casa do qual).

Terminei o livro *sobre cuja* matéria tanto discutíamos (= sobre a matéria do qual).

OBSERVAÇÃO: *Erros no emprego de* CUJO.

Constitui erro empregar *cujo*:

a) como sinônimo de *o qual, a qual, os quais, as quais:*

Aqui está o livro *cujo* livro compramos (= o qual);

b) precedido ou seguido de artigo:

Este é o autor *à cuja* obra te referiste (Não há acento indicativo da crase).

Compramos os livros de *cujos os* autores nos esquecemos.

Emprego de relativos – Em lugar de *em que, de que, a que,* nas referências a lugar, empregam-se, respectivamente, *onde, donde, aonde* (que funcionam como adjunto adverbial ou complemento relativo):

O colégio *onde* estudas é excelente.

A cidade *donde* vens tem fama de ter bom clima.

A praia *aonde* te diriges parece perigosa.

Modernamente, os gramáticos têm tentado evitar o uso indiscriminado de *onde* e *aonde*, reservando o primeiro para a ideia de repouso e o segundo para a de movimento:

O lugar *onde* estudas...

O lugar *aonde* vais...

Esta lição da gramática tende a ser cada vez mais respeitada na língua escrita contemporânea, embora não sejam poucos os exemplos em contrário, entre escritores brasileiros e portugueses.

e) *O qual* – e flexões que concordam em gênero e número com o antecedente – substitui *que* e dá à expressão mais ênfase. Para maior vigor ou clareza pode-se até repetir o antecedente depois de *o qual*:

"O primeiro senhor de Ormuz de que temos notícia foi Male-Caez, *o qual*, habitando na ilha de Caez, dominava todas as ilhas daquele estreito" [AH.2, 54].

Ao livro ninguém fez referência, *o qual* livro merece a maior consideração, no meu entender.

Às vezes o antecedente se acha apenas esboçado, como no seguinte exemplo, onde se percebe claramente o termo *cidade*.

> "Logo, porém, que este prazo expirou, o rei de Leão fez uma estrada até Talavera, perto *da qual cidade* destroçou as tropas que intentaram opor-se-lhe" [AH.6, 94].

É mais comum a substituição de *que* por *o qual* depois de preposição, principalmente depois de preposição ou locução prepositiva de duas ou mais sílabas. Dizemos indiferentemente *de que*, ou *do qual*, *com que* ou *com o qual*, *a que* ou *ao qual*, *sem que* ou *sem o qual,* mas só ocorrem *apesar do qual, conforme o qual, segundo o qual, entre o qual, fora dos quais, perante os quais,* etc. A razão se deve ao movimento rítmico da oração e a uma necessidade expressiva que exigem um vocábulo tônico (como o *qual*), e não átono (como *que*).

Posição do relativo – Normalmente o *que* vem junto do seu antecedente; quando isto não se dá e o sentido da oração periga, desfaz-se a dúvida com o emprego de *o qual*, de *e este* ou se repete o antecedente, ou se põe vírgula para mostrar que o relativo não se refere ao antecedente mais próximo:

> "Mas ele tinha necessidade da sanção de alguns, que [isto é, *sanção* e não *alguns*] lhe confirmassem o aplauso dos outros" [MA.1, 138].
> "Arrastaram o saco para o paiol e o *paiol* ficou a deitar fora" [CN.1, 12].

Poderia também dizer o autor:

> Arrastaram o saco para o paiol *que* ficou a deitar fora.
> Arrastaram o saco para o paiol *o qual* ficou...
> Arrastaram o saco para o paiol *e este* ficou...

Note-se como Camilo evita o equívoco nesta passagem:

> "Eu de mim, se não estivesse amortalhada no sobretudo do meu marido, *que* vou escovar (o sobretudo), era dele, como a borboleta é da chama..." [CBr.12, 18 *apud* MBa.5, 303].

Não é impossível, entretanto, mormente nos autores mais antigos e naqueles que, embora contemporâneos, primam por escrever como os clássicos, vir o pronome relativo afastado do seu antecedente, como neste trecho de João Ribeiro, depois do verbo da oração principal [MLk.2, §637; ECs.4, 257-258]:

> "No fundo de um triste vale dos Abruzos, terra angustiada e sáfara, um pobre eremita vivia *que deixara as abominações do século pela soledade do deserto*" [JR.2, 219].

Era comum nos clássicos:

> "...àquele haveis de dar vosso voto para governar, *que* entre todos tiver mais saber" [HP, 178-9].

Por fim, cumpre assinalar que ocorre ainda a inversão de um termo da oração adjetiva para antes do relativo, como no exemplo de Vieira:

> "O padre Francisco Gonçalves, *provincial* que acabou de ser [em lugar de: *que acabou de ser provincial*] da província do Brasil..." [AV *apud* FB, 289].

Pronome relativo sem função na oração em que se encontra

Em expressões do tipo:

> Ali está o homem que eu pensei que tivesse desaparecido.
> Não faças a outrem o que não queres que te façam,

o pronome relativo *que* inicia as orações *que eu pensei*, *que não queres*, dando-lhes o caráter

de adjetivas, mas não exerce nelas função sintática; pertence, isto sim, às orações substantivas *que tivesse desaparecido* ou *que te façam*, das quais é o sujeito (na 1.ª) e objeto direto (na 2.ª). Cuidado especial há de ter-se no que toca à concordância, pois o escritor inexperiente logo opta por flexionar o verbo: ...distinção adiada *sine die* por motivos que não *vem* (e não *vêm* no plural) a pelo declarar [CL.1, 66].

Esta construção é correta e coerente, e resiste a um enquadramento nos processos normais de análise sintática.120

Pode-se evitar a repetição dos *quês* substituindo-se o verbo da oração substantiva por um infinitivo:

> Ali está o homem que eu pensei ter desaparecido.

"No português moderno, esta construção só tem lugar, em geral, quando a oração subordinada é substantiva; fora deste caso só se emprega, de ordinário, com o pronome *o qual*, e então coloca-se este pronome depois da expressão por ele determinada: *É problema, para resolver o qual são necessárias duas condições:* "O jugo da obediência, para lhes impor *o qual* muitas vezes faltava a força" [AH.6, 244]. Todavia, evita-se esta construção quanto possível, e diz por exemplo: *É problema para cuja resolução são necessárias* duas condições" [ED.2, § 367].

O QUE, A QUE, OS QUE, AS QUE

No exemplo:

> "De ordinário os que reclamam mais liberdade são os que menos a merecem" [MM],

as orações adjetivas substantivadas *das que reclamam mais liberdade* e *os que menos a merecem* não têm seus antecedentes explícitos.

Analisando a oração complexa constitutiva do enunciado, teremos uma cláusula do comentário *de ordinário* e uma comentada, assim analisada:

> Sujeito: *os que reclamam mais liberdade*
> Predicado: *são os que menos a merecem*
> Predicativo: *os que menos a merecem*

Análise do sujeito oracional:

> Sujeito: *os que*
> Predicado: *reclamam mais liberdade*
> Obj. direto: *mais liberdade*

Análise do predicativo oracional:

> Sujeito: *os que*
> Predicado: *menos a merecem*
> Obj. direto: *a*

Em

> José partiu, o que deixou a casa triste.

a oração adjetiva transposta a substantivo *o que...triste* é aposto da oração *José partiu*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Foge do plano de interpretação sintática o entender-se *o que* = *e isto*, como querem alguns gramáticos. Veja-se [CP.1, § 510].

2.ª) Em lugar de *o que* também pode ocorrer apenas *que*, construção que vai caindo em desuso: "... depois a 17 de agosto de 1710 acabou de expirar *que* (= o que) foi, como bem podemos presumir, voar do cárcere carregado com as palmas de

confessor e mártir para a pátria onde os frutos se colhem do que na terra se cultivou"[AC.8, 278 *apud* MBa.4, 139. Cf. ainda MBa.5, 234].

Com *o que, a que, os que, as que,* pode ocorrer uma preposição regendo toda a oração substantivada, o relativo ou ambos:

a) Gostei *do que disseste.*

b) O professor dissertou *sobre o de que* ontem conversávamos.

Com frequência, a preposição que deveria acompanhar o relativo emigra para o artigo que introduz a oração substantivada:

Não sei *no que* pensas (por *o em que*).

"Agora já sabe a fidalga *no que* ele estraga dinheiro" [CBr.1, 148].

Estas migrações de preposição para a unidade anterior ao relativo tornam a construção mais harmoniosa e espontânea. Os seguintes exemplos de Rui Barbosa, embora gramaticalmente corretos, trazem o selo do artificialismo:

"Assim me perdoem, também, *os a quem* tenho agravado, *os com quem* houver sido injusto, violento, intolerante..." [RB.2, 23].

"e daí, com estupenda mudança, começa a deixar ver *o a que* era destinada..." [RB.2, 36].

"Os meus serão *os a que* me julgo obrigado..." [RB.2, 61].

O DE que mais gosto é DE

É frequente ver-se a preposição que acompanha o relativo repetida junto ao termo ou oração que faz o papel de predicativo:

"do que [= de que] duvido é *de* que comecemos, se por el-rei houvermos de esperar" [AH.4, 222].

"No que [= o em que] em grande parte discordo de Schlegel é *no* severo conceito que forma do estilo de Addison" [AGa.4, 35; cf. MBa.4, 239-40].

Emprego de À em À QUE, ÀS QUE

As linguagens *a que, as que,* sendo o *a* artigo, podem vir regidas da preposição *a*, caso em que se usam as unidades complexas acentuadas *à que, às que:*

Não se referiu *à que* estava ao nosso lado (*à que* equivalente a *àquela que*).

Os prêmios foram entregues *às que* discursaram (*às que* equivalente a *àquelas que*).

É claro que se o *a* antes de *que* for apenas preposição não levará acento grave indicativo de crase, e não mais se tratará de adjetiva substantivada, mas tão somente adjetiva:

A pessoa *a que* te referes não veio hoje.

Relativo universal

Frequentes vezes a linguagem coloquial e a popular despem o relativo de qualquer função sintática, tomando-o por simples elemento transpositor oracional. A função que deveria ser exercida pelo relativo vem mais adiante expressa por substantivo ou pronome. A este relativo chamamos *universal*:

O homem QUE eu falei COM ELE

em vez de :

O homem COM QUEM (ou COM QUE) eu falei.

A amizade é coisa QUE nem sempre sabemos SEU SIGNIFICADO

em vez de:

A amizade é coisa CUJO SIGNIFICADO nem sempre sabemos.

Embora a língua padrão recomende o correto emprego dos relativos, o relativo universal se torna, no falar despreocupado, um "elemento linguístico extremamente prático" [KN.1, 330].

Observações finais:

1.ª) É frequente aparecer, na linguagem de outrora e ainda ocorre no colóquio moderno, *que* ou *quem* seguido de pronome pessoal oblíquo (*que* ou *quem... lhe*) onde o rigor gramatical exigiria aqueles pronomes precedidos de preposição:

"Agora sim, disse então aquela cotovia astuta, agora sim, irmãs, levantemos o voo e mudemos a casa, que vem *quem lhe* dói a fazenda" [MBe.1, I, 70].

Quem lhe dói a fazenda = a quem dói a fazenda.

"A Natureza, negando-lhe a ordinária ração de outros gostos, sente-o, e amua-se como menino, *que lhe tiram a merenda*" [*Vários Tratados*, II, 354 *apud* MBa.1, 254].

Tais construções não se enquadram nos processos rigorosos da análise.

2.ª) Às vezes o relativo não se refere à *forma* do seu antecedente, mas à *ideia* que ele traduz:

"Bem vês as *lusitânicas* fadigas

Que eu já de muito longe favoreço" [LC, IX, 38].

O relativo *que* se refere a *lusitanos*, ideia que, ensina-nos bem Epifânio Dias, está contida no adjetivo *lusitânicas* [LC, II, 171].121

Outras vezes o relativo se refere ao pronome pessoal que se depreende do pronome possessivo usado:

"Isto que parece absurdo ou desgracioso é perfeitamente racional e belo – belo à *nossa* maneira, *que* não andamos a ouvir na rua os rapsodos recitando os seus versos, nem os oradores os seus discursos, nem os filósofos as suas filosofias" [MA *apud* SS.5, I, 28],

que diz: "Quando leio este trecho, sinto como antecedente do *que* sublinhado a ideia de *nós*, encerrada no adjetivo *nossa.* Esse *que* não se me afigura conjunção causal". Julgo perfeitamente cabível a interpretação do mestre e constitui prática de linguagem corrente no latim: "*Vestra, qui cum summa integritate vixistis, hoc maxime interest*" [Cícero pro Sall, 28 *apud* JMa.1, § 317, a].

Outras particularidades das orações adverbiais

Tipos de oração subordinada adverbial – A oração subordinada adverbial funciona como adjunto adverbial da sua oração principal:

Toca sempre a sineta, *quando terminam as aulas*

(subordinada adverbial temporal).

As orações subordinadas adverbiais iniciam-se pelo transpositor *que*, acompanhado de preposição ou advérbios ou de outras unidades adverbiais:

1 – CAUSAIS: quando a subordinada exprime a causa, o motivo, a razão do pensamento

expresso na oração principal — *que* (= porque), *porque, como* (= porque), *visto que, visto como, já que, uma vez que* (com o verbo no indicativo), *desde que* (com o verbo no indicativo), etc.:

Saiu cedo *porque precisou ir à cidade.*

Como está chovendo, transferiremos o passeio.

Desde que assim quiseram, vão arrepender-se.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Evite-se na língua padrão o emprego de *de vez que* e *eis que* por não serem locuções legítimas.

2.ª) A língua moderna só usa *como* causal quando vier antes da principal.

2 – COMPARATIVAS: quando a subordinada exprime o ser com que se compara outro ser da oração principal. A comparação é *assimilativa*, quando "consiste em assimilar uma coisa, pessoa, qualidade ou fato a outra mais impressionante, ou mais conhecida" [MC.3, II, 48].

É introduzida a oração subordinada comparativa desta espécie por *como* ou *qual*, podendo ainda estarem em correlação com *assim* ou *tal* postos na oração principal:

"Os importunos são *como as moscas* que, enxotadas, revertem logo" [MM].

A comparação pode ainda ser *quantitativa*, quando "consiste em comparar, na sua quantidade ou intensidade, coisas, pessoas, qualidades ou fatos" [MC.3, II, 48].

Há três tipos de comparação quantitativa:

a) *igualdade,* introduzida por *como* ou *quanto* em correlação com *tanto* ou *tão* da oração principal, ou o *mesmo que:*

"Nada conserva e resguarda *tanto* a vida *como a virtude*" [MM].

Isto é o *mesmo que* nadar em ouro.

b) *superioridade*, introduzida por *que* ou *do que* em correlação com *mais* da oração principal:

"Um homem pode saber *mais do que muitos*, porém nunca tanto como todos" [MM].

c) *inferioridade,* introduzida por *que* ou *do que* em correlação com *menos* da oração principal:

"O governo dos loucos dura pouco, o dos tolos ainda *menos que o dos velhacos*" (*id.*).

As orações subordinadas comparativas, geralmente, não repetem certos termos que, já existentes na sua principal, são facilmente subentendidos:

Os importunos são como as moscas *são*...

Nada conserva e resguarda tanto a vida como a virtude *conserva e resguarda*...

Um homem pode saber mais do que muitos *sabem*...

O governo dos loucos dura pouco, o dos tolos ainda *dura menos* que *dura* o dos velhacos... (note-se que o primeiro *dura* omitido não está em oração comparativa).

Ocorre a presença do verbo em:

"Não tens inimigo mais poderoso, mais astuto, mais emperrado e mais doméstico *do que é teu* amor-próprio" [MBe.2, 213].

"O ar como que *era* cortado de relâmpagos sensuais, sentiam-se passar lufadas de tépida volúpia" [JRi.1,70].

Em lugar de *mais bom, mais grande, mais mau, mais pequeno, mais bem* e *mais mal* dizemos normalmente *melhor, maior, pior, menor* (*melhor* e *pior* se aplicam tanto para os adjetivos como para os advérbios).

"Os velhacos têm de ordinário mais talento, porém *menor* juízo do que os homens probos" [MM].

"Não há escravidão *pior* do que a dos vícios e paixões" [MM].

"Não há *maior* nem *pior* tirania que a dos maus hábitos inveterados" [MM].

"Dão-se os conselhos com *melhor* vontade do que geralmente se aceitam" [MM].

"Ninguém conhece *melhor* (advérbio) os seus interesses do que o homem virtuoso; promovendo a felicidade dos outros assegura também a própria" [MM].

Entretanto, se compararmos duas qualidades, usaremos os comparativos analíticos (*mais bom, mais grande,* etc.), em vez dos sintéticos (*melhor, maior,* etc.):

Ele é mais grande do que pequeno e não *Ele é maior do que menor.*

Para evitar confusões no sentido, usam-se as comparativas *como, que, do que* junto ao sujeito e, seguidas de preposição, *como a, que a, do que a* junto de objeto direto (o *a* é preposição).

Estimo-o *como* um pai (= como pai estima).

Estimo-o *como a* um pai (= como se estima a um pai).

Se o contexto não admitir esta dupla interpretação, pode-se dispensar o auxílio da preposição:

"Meu pai encarregou-a do governo doméstico e nós habituamo-nos a tê-la em conta de segunda mãe; também ela nos amava *como filhos*" [AH *apud* MBa.7, 172].

Para realçar-se a semelhança, a aparência, em vez de simples *como* pode-se usar *como que* quando se lhe segue o verbo:

"A luz do dia, ao desaparecer, *como que* se dobrava para afagar e beijar o desgraçado, que talvez não a tornaria a ver" [AH.3, 225]. Entenda-se: a luz do dia *parecia dobrar* para afagar...

"Entretanto, ainda no espírito me passa *como que* a visão profética do futuro concílio..." [AH.8, I, 19].

NOTA – *Como que*, neste último caso, não inicia oração subordinada comparativa.

Quando depois do termo de comparação vem um substantivo, denota-se ainda a aparência, a semelhança, por meio da expressão *um como*, caso em que *um* concorda em gênero e número com o substantivo seguinte:

Refrescou-o *um como orvalho* do céu.

Aproximou-se dele *uma como visão* fantástica.

NOTA — Também aqui não se tem oração comparativa.

Através de *como se* indicamos que o termo de comparação é hipotético:

"O velho fidalgo estremeceu *como se* acordasse sobressaltado" [RS.1, 174]. Entenda-se: ele não acordou sobressaltado, mas, se acordasse, estremeceria daquele jeito.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) A maioria dos gramáticos de língua portuguesa prefere desdobrar o *como se* em duas orações, sendo a primeira *comparativa* e a segunda *condicional*:

O velho fidalgo estremeceu como estremeceria se acordasse sobressaltado.

2.ª) Pode-se obter a mesma expressão por meio de *como a* + infinitivo:

"(...) outro ia no céu *como a decifrar* o enigma da sensação nunca experimentada" [CBr.6, 50].

3.ª) Atente-se para a concordância dos termos correlatos *tal qual*, que devem concordar com o substantivo ou pronome a que se referem:

Ele era *tal quais* os colegas.

Elas eram *tais qual* o irmão.

Nós somos *tais quais* os pais.

4.ª) Deve-se preferir *mais... (do) que* a *mais... a* + infinitivo em construções comparativas do tipo: Talvez seja *mais* interessante ao país gastar na educação *do que investir* na construção de presídios (e não: *a investir*).

Em vez de *como*, *do mesmo modo que*, *tanto como,* empregamos com frequência *que nem*:

É forte *que nem* um touro.

O verbo *preferir* sugere uma ideia implícita de comparação, à semelhança de *querer mais*, *querer antes*, mas exige complemento regido da preposição *a*:

Prefiro a praia *ao campo*.

Preferia estudar *a não fazer nada*.

A aproximação de *preferir* a *querer mais* e *querer antes* (embora não sejam perfeitamente sinônimos) tem gerado duas construções tidas como errôneas pelos nossos gramáticos:

a) a adjunção dos advérbios *mais* ou *antes* ao verbo *preferir*:

Antes prefiro... ou *Prefiro mais...*

b) iniciar o complemento do verbo *preferir* pelos transpositores comparativos *que* ou *do que*:

Prefiro a praia *do que o campo*.

Preferia estudar *do que não fazer nada*.

Preferiam *mais* mentir *do que dizer a verdade*.

Aluísio Azevedo poderia ter dado outro torneio à construção para evitar o desvio no seguinte trecho de *O Coruja:*

"E que, no caso de erro, *é preferível* sempre nos enganarmos, contra, *do que* a favor de quem quer que seja..." (cap. VI).

Note-se que a simples substituição de *do que* por *a* não seria ideal pela aproximação dos dois *aa*.

OBSERVAÇÃO: Distinga-se a construção errada de *preferir* da sequência *antes preferir* do seguinte exemplo do Marquês de Maricá, em que leve pausa aparece depois de *antes* [MM.1]:

"Ninguém quer passar por tolo, *antes prefere* parecer velhaco" [MM].

3 – CONCESSIVAS: quando a subordinada exprime que um obstáculo – real ou suposto – não impedirá ou modificará de modo algum a declaração da oração principal – *ainda que*, *embora, posto que, se bem que, conquanto,* etc.:

Embora chova, sairei.

Isto é, a chuva não será obstáculo tal, que me impedirá de sair.

"*Ainda que* perdoemos aos maus, a ordem moral não lhes perdoa, e castiga a nossa indulgência" [MM].

Ao lado destas concessivas comuns, empregam-se ainda as concessivas *intensivas* quando é nosso intuito assinalar qualidade ou modalidade qualquer, "consideradas em grau intensivo e sem limites" [SA]:

Por inteligente que seja, encontrará dificuldades em entender o problema.

Por mais que estude, ainda tem muito que aprender.

As concessivas intensivas caracterizam-se pelas expressões *por mais... que, por menos... que, por muito... que,* onde se pode dar ainda a eliminação do advérbio *mais, menos, muito.*

Em vez de *ainda que, ainda quando*, pode-se empregar simplesmente *que* e *quando* em construções que, proferidas com tom de voz descendente e com verbo no subjuntivo, exprimem a ideia concessiva:

Os obstáculos, *que fossem muitos*, não tiravam aos rapazes a certeza da vitória.

E, *quando as palavras não o digam*, aí estão os fatos, para comprovar que só enunciei verdades.

Nestes casos, empregando *que*, dá-se preferência à inversão de termos, passando a iniciar a oração concessiva a expressão que funciona como predicativo, ou complemento do verbo:

Os rapazes, *pobres que sejam,* merecem a nossa consideração.

Aqueles livros, *difíceis que fossem*, sempre nos serviram para elucidação de muitas dúvidas.

Mil desculpas que me desse, eu continuaria achando que procedeu mal comigo.

Não raro a oração principal contém uma expressão adverbial (*contudo, todavia, ainda assim, não obstante,* ou equivalente) que, no nível do texto, serve como resumo do pensamento anterior, avivando ao ouvinte a ideia concessiva da subordinada:

Ainda que todos saiam, *todavia* ficarei.

Embora não me queiram acompanhar, *ainda assim* não deixarei de ir à festa.

Conteúdos de valor concessivo podem vir, justapostos, iniciados por unidades alternativas (neste caso o verbo está no subjuntivo), quando denotam que a possibilidade de ações opostas ou diferentes não impede a declaração principal:

Quer estudes, quer não, aprenderás facilmente a lição.

Ou estudemos medicina, ou sejamos advogados, conquistaremos na sociedade um lugar de relevo.

4 – CONDICIONAIS: quando a oração subordinada exprime uma condição necessária para que se realize ou deixe de se realizar o que se declara na principal: *se, caso, sem que, uma vez que* (com o verbo no subjuntivo), *desde que* (verbo no subjuntivo), *dado que, contanto que, com a condição que*, etc.

A oração condicional exprime um fato que não se realizou ou, com toda a certeza, não se realizará:

a) falando-se do presente:

Se eu fosse aplicado, obteria o prêmio.

b) falando-se do passado:

Se eu fosse aplicado, obteria o prêmio.

ou

Se eu tivesse sido aplicado, teria obtido o prêmio.

No primeiro caso, usam-se na oração condicional o pretérito imperfeito do subjuntivo (*fosse*), e, na principal, o futuro do pretérito (*teria*).

No segundo caso, ou se repete o verbo nas formas apontadas para o caso anterior, ou usam-se na condicional o pretérito mais-que-perfeito (*tivesse sido*) e, na principal, o futuro do pretérito composto (*teria obtido*).

Pode ainda a oração condicional exprimir um fato cuja realização esperamos como provável:

Se eu estudar, obterei o prêmio.

Nestas circunstâncias, empregam-se o futuro do subjuntivo na condicional, e, na principal, o futuro do presente (*obterei*).

OBSERVAÇÃO: Cumpre notar que no caso a), estudado acima, em lugar de *Se eu fosse aplicado, obteria o prêmio,* a linguagem coloquial realça a ideia do presente usando no presente indicativo os verbos das duas orações: *Se eu sou aplicado, obtenho o prêmio.*

As orações condicionais não só exprimem condição, mas ainda podem encerrar as ideias d e *hipótese, eventualidade, concessão, tempo,* sem que muitas vezes se possam traçar demarcações entre esses vários campos do pensamento. Esta é a razão por que *sem que* admite mais de uma interpretação textual. O *que não* (= sem que) flutua entre a condição e o tempo frequentativo (repetido) em *Não lê que não cometa vários enganos;* o *quer... quer* (*ou... ou,* etc.) é um misto de concessão e condição (cf. por exemplo de [JO.1, 64-66]), e tantos outros casos que fogem à alçada de uma descrição gramatical por pertencerem ao plano textual.

5 – CONFORMATIVAS: quando a subordinada exprime um fato apresentado em conformidade com a declaração da principal: *como, conforme, segundo, consoante:*

Conseguiu fazer o trabalho *como lhe ensinaram.*

Todos procederam *conforme a ocasião* ensejava.

6 – CONSECUTIVAS: quando a subordinada exprime o efeito ou consequência do fato expresso na principal.

A oração consecutiva é introduzida pelo transpositor *que* a que se prende, na principal, uma expressão de natureza intensiva como *tal, tanto, tão, tamanho,* termos que também se podem facilmente subentender:

Alongou-se tanto no passeio, *que chegou tarde.*

Executou a obra com tal perfeição, *que foi premiada.*

É feio *que mete medo* (= *É tão* feio...).

A oração consecutiva não só exprime a consequência devida à ação ou ao estado indicado na principal, mas pode denotar que se deve a consequência ao modo pelo qual é praticada a ação da principal. Para este último caso, servimo-nos, *na oração principal,* das unidades complexas *de tal maneira, de tal sorte, de tal forma, de tal modo*:

Convenceu-se *de tal maneira* que surpreendeu a todos.122

Estando completo o conteúdo da primeira oração, empregam-se as expressões (destituídas

d e *tal*) *de maneira que, de sorte que, de forma que, de modo que,* como "locuções" conjuntivas, sem pausa entre o substantivo e o *que*, para introduzir uma consecutiva atenuada em orações justapostas:

Você estudou bem, *de modo que pôde tirar boa* colocação.

O livro estava rasgado, *de modo que muitas páginas tiveram sua leitura prejudicada.*

A independência sintática das duas orações, neste caso, pode vir indicada por uma pausa maior, isto é, por ponto e vírgula ou por ponto, valendo assim a unidade por um advérbio de oração para avivar ao ouvinte o pensamento anterior, com o sentido aproximado de *por conseguinte, consequentemente, daí:*

As alegrias da vida quase sempre são rápidas e fugidias, ainda que disto não tomemos conhecimento. *De modo que* elas devem ser aproveitadas inteligentemente.

Por tudo isto se vê que nem sempre podemos delimitar, no nível do texto, os campos dos valores consecutivo e conclusivo, acrescentando-se ainda que há vizinhanças destes valores com outros, como, por exemplo, a ideia de finalidade, o que estudaremos mais adiante.

Cumpre evitar um erro frequente com a expressão do pensamento consecutivo (e conclusivo): pôr no plural o substantivo nas locuções *de maneira que, de modo que,* etc., dizendo-se incorretamente:

Saiu rapidamente *de maneiras que* não pude vê-lo.

Estudou *de formas que* conseguiu aprender.

As unidades *de maneira que, de modo que*, etc., seguidas de verbo na forma finita, só modernamente aparecem substituídas por *de maneira a, de modo a,* etc., seguidas de infinitivo:

Estudou *de forma a conseguir* aprender (em lugar de: *de forma que conseguiu aprender*).

"(...) arredar o biombo da sua estreiteza natural, *de modo a deixar* entrar ar fresco" [AR.3, 170].

Aquilo que se apresenta na oração consecutiva como efeito ou resultado pode representar uma consequência intencional, de modo que se associa ao conteúdo consecutivo uma noção subsidiária de finalidade. Neste caso o verbo se acha normalmente no subjuntivo:

Chegou cedo ao serviço *de maneira que pudesse ser* elogiado pelo patrão.

Correu *de sorte que os inimigos não o pudessem alcançar.*

Daí resultam certos cruzamentos consecutivo-finais na construção do enunciado, cruzamentos que nem sempre são vistos com bons olhos pelos gramáticos (porque tais fatos não estão de acordo com a tradição do idioma e se repetem no francês), embora uns datem de longo tempo. Entre os tipos condenados está a construção acima referida *de modo a, de maneira a + infinitivo.* Com tais fórmulas, realmente se procura traduzir uma consecutiva intencional. Ao lado de: *Estudou de modo a poder passar*, usa-se: *Estudou de modo (a) que passasse.*

Presa ao mesmo caso parece estar a construção que emprega depois de *demais, demasiado, muito* (= *assaz, bastante, demasiado*) uma oração final de *para que* ou *para a + infinitivo,* para indicar a noção de proporção ou desproporção:

"*É demasiado esperto para que caia em tal,* equivalente a: não é tão pouco esperto que caia em tal" [ED.2, § 395].

"(...) os tempos não são mais de *bastante* fé ou desprendimento *para que* os ricos católicos façam doações (...)" [MB.1, II, 144].

"Entretanto a igrejinha tem tanto caráter (...), que ela só e mais uma meia dúzia de palmeiras bastam *a guardar* a fisionomia (...)" [MB.1, II, 149].

OBSERVAÇÃO: O ilustre sintaticista português Epifânio Dias aponta o fato como imitação do francês; cremos, entretanto, que o problema exige revisão.

7 – FINAIS: quando a oração subordinada indica a intenção, o objetivo, a finalidade do pensamento expresso na principal: *para que, a fim de, porque* (= para que),123 *que* (= para que):

Saíram *para que pudessem ver o incêndio.*

Reclamou *a fim de que o nomeassem.*

Trabalhou *porque fosse promovido.*

Falta pouco *que isto suceda.*

Abreviadamente usa-se de *não* + *subjuntivo* com o valor de *para que não, de modo que não,* quando se quer expressar a cautela, cuidado, restrição:

"Senhor, que estás nos céus, e vês as almas,
Que cuidam, que propõem, que determinam,
Alumia minha alma, *não se cegue*
No perigo, em que está" [AF.2, vv. 770-773 *apud* SS.1, § 485-a].

OBSERVAÇÃO: Os antigos, e hoje mais raramente, se serviam de *por se* em que *por* é o vestígio de uma ideia final: "Deixai-o amaldiçoar (lhes disse), *por se acaso* se compadece Deus, por essa causa, da minha aflição..." [MBe.2, III, 51 *apud* MBa.4, 227].

Por se acaso compadece = *para ver se acaso* compadece.

8 – LOCATIVAS: (iniciadas por *onde, quem, quanto* sem referência a antecedentes):

"Os meninos sobejam *onde estão* e faltam *onde não se acham"* [MM].

"Não pode haver reflexão *onde tudo é distração*" [MM].

"*Onde o luxo vence* a probidade afraca e desfalece" [MM].

9 – MODAIS:

"*De um relance* leu na fisionomia do mancebo, sem que suas pupilas estáticas se movessem nas órbitas" [JA.1, 157].

Se a oração principal estiver na negativa, usar-se-á de *que não* + subjuntivo:

Não emite um parecer *que não se aconselhe com o diretor.*

10 – PROPORCIONAIS: quando a subordinada exprime um fato que aumenta ou diminui na mesma proporção do fato que se declara na principal – *à medida que, à proporção que, ao passo que, tanto mais... quanto mais, tanto mais... quanto menos, tanto menos... quanto mais,* etc.:

À medida que a idade chega, a nossa experiência aumenta.

Aprendia *à proporção que* lia o livro.

Aumentava o seu vocabulário *ao passo que* consultava os mestres da língua.

OBSERVAÇÃO: A unidade *ao passo que* pode ser empregada sem ideia proporcional, para indicar que um fato não se deu ou não tem as características de outro já enunciado: "A surdez habitual, dada a multiplicação das obras e dos cuidados do indivíduo, tenderia a embotar os sentidos e a retardar os sexos, *ao passo que* o vestuário, negaceando a natureza, aguça e atrai as vontades, ativa-as, reprodu-las e conseguintemente faz andar a civilização" [MA.1, 260].

Ele foi ao cinema, *ao passo que* eu resolvi ir à praia.

11 – TEMPORAIS: quando a oração subordinada denota o tempo da realização do fato expresso na principal.

As principais chamadas conjunções e "locuções" conjuntivas e temporais são :

a) para o tempo anterior: *antes que, primeiro que* (raro):

Saiu *antes que* eu lhe desse o recado.

"Ninguém, senhores meus, que empreenda uma jornada extraordinária, *primeiro que* meta o pé na estrada, se esquecerá de entrar em conta com as suas forças..." [RB].

b) para o tempo posterior (de modo vago): *depois que, quando:*

Saiu *depois que* ele chegou.

c) para o tempo posterior imediato: *logo que, tanto que* (raro), *assim que, desde que, apenas, mal, eis que, (eis) senão quando, eis senão que:*

Saiu *logo que* ele chegou.

"*Eis senão quando* entra o patrão..." [AAr.1, 183].

d) para o tempo frequentativo (repetido): *quando* (estando o verbo no presente), *todas as vezes que, (de) cada vez que, sempre que:*

Todas as vezes que saio de casa, encontro-o à esquina.

Quando o vejo, lembro-me do que me pediu.

OBSERVAÇÃO: Evite-se o erro de se preceder da preposição *em* o *que*, dizendo-se: *todas as vezes em que*.

e) para o tempo concomitante: *enquanto, (no) entretanto que* (hoje raro):

Dormia *enquanto* o professor dissertava.

"... e se aposentou (S. Caetano) junto à Igreja de S. Jorge, e perto do Hospital maior, para *no entretanto* que regulava as dependências da renúncia se entreter no exercício da caridade" (Contador de Argote, *Vida de S. Caetano,* 1722, 90).

OBSERVAÇÕES:

1.ª) *Entretanto* ou *no entretanto* são advérbios de tempo, com o sentido de *neste ínterim, neste intervalo de tempo, neste meio tempo*. Mais modernamente, *entretanto* passou a valer por uma unidade de valor adversativa e, por influência do advérbio, tem sido empregado precedido da combinação *no* (*no entretanto*). Muitos puristas não aprovam esta última construção.

2.ª) A rigor, as "conjunções" proporcionais também indicam tempo concomitante; por isso, uns autores não distinguem as *temporais* das *concomitantes*, fazendo destas classes à parte das *temporais*. A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* não fala em *concomitante*.

3.ª) Evite-se o emprego *mais (menos)... mais (menos)* em lugar de *quanto mais (menos)... tanto mais (menos)* em construções do tipo: *Quanto mais* estudamos, *tanto mais* aumentam nossas possibilidades de vitória (e não: *Mais* estudamos e *mais* vencemos).

Pode-se omitir o *tanto* no segundo termo: *Quanto mai*s estudamos, *mais*...

f) para o tempo limite terminal: *até que:*

Brincou *até que fosse* repreendido.

Assume valor temporal o *que* relativo repetidor de advérbio e expressões que designam "desde que época um fato acontece": *agora que, hoje que, então que, a primeira vez que, a última vez que,* etc.:

Agora que consegui aprender a lição, passarei adiante.

Esta foi *a última vez que* o vi.

Não se fazendo pausa entre o advérbio e o transpositor (*agora que, então que,* etc.), estabelece-se uma unidade de valor semelhante ao que existe em *depois que,* etc., e se pode passar a considerar o todo como "locução conjuntiva":

Agora que tudo está certo vou embora.

Sob o modelo de tais linguagens, desenvolveu-se o costume de se acrescentar o transpositor *que* depois de expressões que denotam "desde que tempo uma coisa acontece", reduzida a simples palavra de realce temporal:

Desde aquele dia *que* o procuro.

Analisando, dispensa-se o *que*.

Depois dos verbos *haver* e *fazer* com sentido temporal (*há dias que, faz dias que*) o transpositor *que* (parece ter sido, neste caso, primitivamente integrante)124 adquiriu, por contato, a ideia de tempo, com valor aproximado de *desde que*:

Há quatro dias *que* não o vejo.

Fazia quatro meses *que* estivera doente.

Em tais orações, a análise se torna difícil pelo fato de a construção ter-se fixado apesar de alterado o sentimento linguístico. Há um visível descompasso entre a sua estrutura de superfície e a profunda. Considerar o *que* com valor temporal e, portanto, temporal a respectiva oração, é classificar como principal justamente a oração que expressa a circunstância de tempo:

1.ª oração — *principal*: Há quatro dias

2.ª oração — *subordinada adverbial temporal*: que não o vejo.125

Poder-se-á analisar como substantiva subjetiva a oração de *que*, depois de *fazer*, como fazem os autores patrícios lembrados na nota anterior.

Cremos, também, ser possível considerar que o *que* não serve de introduzir uma oração subordinada adverbial temporal, mas, *reduzido a simples palavra memorativa,* relembra, na oração principal, a partir de que fato se faz alusão ao tempo na subordinada anterior. Esta subordinada, não se ligando à principal por transpositor, será considerada justaposta:

1.ª oração — *subordinada adverbial temporal:* Há quatro dias

2.ª oração — *principal:* (que) não o vejo.126

Entretanto, não misturando o plano gramatical com o conteúdo designado, a orientação mais seguida é classificar a oração de *que* como adverbial temporal.

Tais orações temporais admitem mais de uma construção:

Há muito tempo que não o vejo.
Há muito tempo não o vejo.
Não o vejo há muito.
De há muito não o vejo.
Desde há muito não o vejo.
Até há pouco eu o vi por aqui.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Advérbios e unidades adverbializadas (*ontem, hoje, há muito*, *há pouco, há tantos anos,* etc.), precedidos da preposição *de,* são transpostos a adjetivos (adjuntos adnominais):

As notícias *de hoje*.

As lembranças *de ontem.*

Um testamento *de há cem anos.*

Modas *de há trinta anos.*

Meninos *de há pouco*. [ED.2, §423; MBa.3, 158]

2.ª) A preposição junto ao verbo *haver* em *De há muito não o vejo, desde há muito, até há pouco,* assinala melhor a ideia temporal. Adolfo Coelho considera sem razão, viciosa e linguagem *de há muito* que explica desta maneira: "Influência semelhante (fala da influência por analogia) se nota na expressão frequente, mas viciosa, *de há muito* por *há muito*. *Há muito* fixa-se como a indicação dum tempo passado; *há* não é apercebido como verbo, mas antes como preposição (*a*); daí o anterpor-se-lhe a preposição *de* por analogia de expressões como *de então* (*para cá*, *até hoje*), *de ontem, de muito"* [ACo.2, I, 82].

3.ª) Em lugar de *quando foi a vez dele* diz-se também *quando foi da vez dele* ou, abreviadamente, *quando da vez dele*. Estas duas últimas construções são modernas e Epifânio Dias as considera incorretas, devidas à má tradução do francês *lors de* [ED.2, § 182]. Júlio Moreira [JM.1, II, 68] e com ele Mário Barreto [MBa.3, 230] explicam o fenômeno por cruzamento sintático das duas expressões; *quando foi a vez dele* e *da vez dele,* de que resultou uma terceira mista: *quando foi da vez dele*. Ocorre ainda *a quando de* (*a quando da vez dele*), onde Epifânio Dias vê ainda influência do *a* do francês *alors*, "com requinte de barbarismo" (*ibid*.). Preferimos a explicação de Julio Moreira por não vermos na correspondente francesa a vitalidade suficiente para tal repercussão no português.

4.ª) Em muitos dizeres de sentido temporal, "há tendência, bem notória hoje em dia, para confundir *que* conjunção com *que* pronome relativo, e para afirmar este caráter pronominal em certos casos, hoje se prefere *em que* ao simples *que* da linguagem antiga" [SA.2, 197]. Dá-se com frequência esta alternância de *que* e *em que* quando o substantivo que se considera antecedente do pronome relativo vem precedido da preposição *em.* Prefere-se dizer *ao mesmo tempo que*, *a tempo que, ao tempo que,* mas *no tempo que* (ou *em que*), *no dia que* (ou *em que*), etc. Tem-se estendido sem razão nem tradição no idioma o emprego de *em que* em construções onde só deve figurar o *que*, como *todas as vezes em que.* Prefira-se *todas as vezes que* ou *em todas as vezes em que* (ou simplesmente *que*).

5.ª) O verbo *haver* (*HÁ*) *e a preposição A em sentido temporal.* Atente-se no emprego correto destas duas formas. *Há,* verbo, refere-se a tempo decorrido e *a,* preposição, a tempo futuro:

Há três dias não o vejo.

Já devia ter-lhe escrito *há* mais tempo.

Daqui *a* a três dias o verei.

Este produto é famoso *há* mais de meio século.

Usa-se ainda a preposição *a* nas indicações da distância de lugar:

Estamos *a* cinco quilômetros do sítio.

Cuidado especial hão de merecer também as expressões *a cerca de* e *há cerca de,* onde a locução *cerca de* (= aproximadamente, perto de, mais ou menos) vem precedida da preposição *a* ou da forma verbal *há*:

Ele falou *a cerca de* mil ouvintes (= para cerca de mil ouvintes).

Há cerca de trinta dias foi feita esta proposta.

Temos ainda a locução *acerca de* que significa *sobre, a respeito de, em relação a:*

O professor dissertou *acerca dos* progressos científicos.

Por outro lado, podem-se suprimir as palavras *atrás* ou *passado(s)* que aparecem com o verbo *haver*, uma vez que este já indica tempo decorrido:

Há três dias atrás ou *Há três dias.*

Há três dias passados ou *Há três dias.*

6.ª) Nas orações adverbiais precedidas de principal que encerra advérbio de valor temporal (*apenas, mal*), devemos empregar *quando* e não *que*:

Apenas tinha terminado a questão, *quando o professor recolheu a prova.*

Mal saía da escola, *quando se lembrou da pasta.*

Pode-se também suprimir o *quando*:

Apenas Pelágio transpôs o escuro portal da gruta, Eurico levantou-se [AH *apud* MBa.5, 20].

Análise de SEM QUE

De modo geral, tem-se enquadrado a locução *sem que* no grupo das chamadas "conjunções condicionais". A verdade é que a locução assume variados sentidos contextuais, entre os quais lembraremos:

1) *condição* (subordinada condicional):

Sem que estude, não passará.

2) nega uma *consequência* (subordinada consecutiva):

Estudou *sem que conseguisse aprovação.*

3) exprime uma *consequência* esperada (depois de negativa):

Não brinca *sem que acabe chorando* (todas as vezes que brinca acaba chorando).

4) exprime uma *concessão* (subordinada concessiva):

Ele é responsável, *sem que o saiba,* por todas essas coisas erradas.

5) nega uma *causa*, chegando quase a exprimir *concessão* (subordinada causal ou concessiva):

Estudou *sem que seus pais lho pedissem* (nega-se a causa ou uma das causas do estudo: o pedido dos pais, e vale quase por: *estudou ainda que seus pais não lho* pedissem).

6) denota simplesmente que tal ou qual circunstância não se deu, aproximando-se da ideia de *modo* (subordinada modal):

Entrou em casa *sem que tomasse nenhum alimento.*
Retirou-se *sem que chamasse seus colegas.*

A *Nomenclatura Gramatical Brasileira,* entretanto, desprezou as orações modais.

Em lugar de *sem que* pode-se usar também de *sem + infinitivo:*

Saiu *sem ser* percebido.

Estes foram os melhores teatrólogos, *sem falar* em Machado de Assis e Franklin Távora, mais ilustres no romance e no conto.

Em lugar de *sem que*, depois de uma principal de valor negativo, usa-se também *que não*, para indicar que a consequência se dá a todo o transe, se repete sempre que ocorrer o fato expresso na principal (o verbo da subordinada está no subjuntivo):

Não brinca *sem que acabe chorando.*

Não brinca *que não acabe chorando.*

"Eu não posso abrir um livro de história *que não me ria*" [AGa.5, 255].

OBSERVAÇÃO: Alguns autores dão à construção *não... que não* valor condicional. Cf. [AGo, 420] e [MBa.7, 48-9].

QUE depois de advérbio

Muitas vezes emprega-se *que* depois de advérbio onde a rigor poderia ser dispensado. São comuns as linguagens *talvez que, apenas que, felizmente que, oxalá que, quase que, enquanto que, embora que:*

"Assim, sem mais preâmbulos,
e *apenas que* te vejo,
venço o nativo pejo,
meu belo sedutor" [AC, 96 *apud* MBa.1, 176].

"Mas eu creio que Capitu olhava para dentro de si *enquanto que* eu fitava deveras o chão..." [MA.4, 130 *apud* MBa.1, 177].

Puristas têm condenado tais modos de dizer.

Orações justapostas de valor contextual adverbial

A justaposição pode, no nível do texto, apresentar as seguintes interpretações:

a) *concessivas:* tendo o verbo no subjuntivo anteposto ao sujeito ou caracterizadas por expressões do tipo *digam o que quiserem, custe o que custar, dê onde der, seja o que for, aconteça o que acontecer, venha donde vier, seja como for,* etc.:

Tivesse ele dito a verdade, ainda assim não lhe perdoaríamos.

Sairemos, *aconteça o que acontecer.*

Não é o subjuntivo que de per si denota a concessão, mas sim o contexto e a entoação descendente.

b) *condicionais*: tendo o verbo no tempo passado (mais-que-perfeito do indicativo ou imperfeito do subjuntivo) anteposto ao sujeito:

Tivesse eu dinheiro, conheceria o mundo.

Não *fora* a escuridão, veria o perigo.

"*Eu quisesse*, à força, hoje mesmo a Ritinha vinha comigo" [GR, 97].

Em tais casos, a segunda oração pode começar pela conjunção *e*:

Vencesse eu, *e não* me dariam o prêmio.

Vissem-na, *e* ninguém a reconheceria.

c) *temporais:*

Há dias não o encontro.

Chegaram àquela cidade *havia pouco.*

Não lhe escrevia *fazia meses.*

d) *finais:*

"Cala-te já, minha filha, *ninguém te oiça mais falar"* [AGa.1, II, 83].

"Mudemos, porém, de tecla, *não vá* alguém julgar-me candidato a revisor de gralhas" [CF *apud* MB.2, 321].

Composição do enunciado

O enunciado ou período pode encerrar, ao mesmo tempo, orações independentes (coordenadas e justapostas) e dependentes (subordinadas). Daremos exemplos de análise depois de serem apontadas as orações complexas e os enunciados justapostos:

a) *coordenada* e *subordinada*:

"Todos se tinham posto em pé quando el-rei erguera e esperavam ansiosos o que diria o velho" (Alexandre Herculano).

1.ª oração – *principal de 1.ª categoria:*

Todos se tinham posto em pé + subordinada temporal

2.ª oração – *subordinada adverbial temporal:*

quando el-rei se erguera,

3.ª oração – *coordenada à principal e principal de 2.ª categoria:*

e esperavam ansiosos + subordinada substantiva

4.ª oração – *subordinada substantivada (de primitiva adjetiva) objetiva direta:*

o que diria o velho.

OBSERVAÇÃO: Não é novidade o achar-se mais de uma oração principal num período. Se conceituarmos com rigor tal tipo de oração, seremos levados a esta necessidade. Com efeito, no exemplo dado, temos duas orações que apresentam um dos seus termos sob forma oracional; a subordinada *quando el-rei se erguera* denota o tempo da primeira principal, e a subordinada *o que diria o velho* funciona como objeto direto da segunda principal que, por sua vez, se acha coordenada à primeira principal. As expressões *principal de 1.ª categoria, de 2.ª categoria,* etc., já se acham nas excelentes noções elementares de análise sintática que abrem, desde 1887, a hoje tradicional *Antologia Nacional,* devidas a Fausto Barreto (o título primitivo era *Seleção Literária*, de parceria com Vicente de Sousa). Outra maneira de ver a principal, diferente desta (como, por exemplo, na excelente *Gramática* de Celso Cunha – Lindley Cintra), atenta mais para estruturação textual do que a gramatical, objeto da análise sintática.

b) *justaposição* e *subordinação:*

"Lembrai-vos", cavaleiro – disse ele – de que falais com D. João I" (Alexandre Herculano).

1.ª oração do 1.º período – *principal*:

lembrai-vos, cavaleiro + oração subordinada

2.ª oração do 1.º período – *subordinada substantiva completiva relativa:*

de que falais com D. João I.

1.ª oração do 2.º período – *justaposta de citação*:

disse ele

c) *coordenação* e *justaposição*:

"El-rei manda nos vivos e eu vou morrer! – atalhou o ancião em voz áspera, mas sumida" (Rebelo da Silva).

1.ª oração do 1.º período – *coordenada* (ou *coordenante*):

El-rei manda nos vivos

2.ª oração do 1.º período – *coordenada aditiva*:

e eu vou morrer!

1.ª oração do 2.º período – *justaposta de citação*:

atalhou o ancião em voz áspera, mas sumida.

d) *coordenação*, *justaposição* e *subordinação*:

"Agora sim, disse então aquela cotovia astuta, agora sim, irmãs, levantemos o voo e mudemos a casa, que vem quem lhe dói a fazenda" (Pe. Manuel Bernardes).

1.ª oração do 1.º período – *coordenada* (ou *coordenante*):

Agora sim, agora sim, irmãs, levantemos o voo

2.ª oração do 1.º período – *coordenada aditiva* e *principal* da 3.ª:

e mudemos a casa

3.ª oração do 1.º período – *subordinada causal* e *principal* da 4.ª:

que vem

4.ª oração do 1.º período – *subordinada substantiva subjetiva justaposta*:

quem lhe dói a fazenda.

1.ª oração do 2.º período – *justaposta de citação*:

disse então aquela cotovia astuta

OBSERVAÇÃO: Quando o período encerra mais de um tipo de oração, dá-se-lhe comumente o nome de *misto*, denominação que a *Nomenclatura Gramatical Brasileira* não agasalha. Todos os exemplos acima analisados são de períodos ou enunciados mistos.

Decorrência de subordinadas

A oração principal é aquela que tem um dos seus termos sob forma de outra oração. Ora, no período, mais de uma oração – qualquer que seja o seu valor sintático – pode acompanhar-se de oração subordinada:

Não sei se José disse que viria hoje.

A 1.ª principal pede a oração subordinada objetiva direta *se José disse*, que, por sua vez, pede a terceira *que viria hoje*. Assim sendo, a 2.ª oração se nos apresenta sob duplo aspecto sintático: subordinada em relação à 1.ª e principal em relação à 3.ª.

Não sei
se José disse
que viria hoje.

Havendo mais de uma oração principal, designá-las-emos, respectivamente, por *principal de 1.ª categoria, de 2.ª categoria, de 3.ª categoria,* etc.:

1.ª oração – *principal de 1.ª categoria:*

Não sei + subordinada

2.ª oração – *subordinada substantiva objetiva direta* (em relação à anterior) e *principal de 2.ª categoria* (em relação à seguinte):

se José disse + subordinada

3.ª oração – *subordinada substantiva objetiva direta:*

que viria hoje.

Neste ponto, precisamos assentar algumas noções importantes:

a) *no período pode haver mais de uma oração principal;*

b) *a oração ou orações principais podem ter o seu verbo no indicativo ou subjuntivo:*

Espero que vá embora (indicativo).
Espero que me *diga* se vai embora (indicativo e subjuntivo).

c) *a oração ou orações principais podem vir iniciadas por conectivos coordenativos ou transpositores:*

"Rubião passa muitas horas fora de casa, mas não o trata mal, e consente que vá acima..." [MA].

A oração coordenada aditiva *e consente* é também principal da subordinada *que vá acima*, pois esta lhe serve de objeto direto.

Concorrência de subordinadas: equipolência interoracional

Assim como uma oração pode depender de outra subordinada, assim também duas ou mais orações subordinadas podem servir à mesma principal:

Espero que estudes e que sejas feliz.

Isto é:

Espero { que estudes (*objetiva direta*)
e
que sejas feliz (*objetiva direta*) }

Como a concorrência de subordinadas só é possível se *as orações exercem a mesma função,* elas estarão coordenadas entre si, porque a *coordenação se dá com expressões do mesmo valor* e na mesma camada de estruturação gramatical.

No exemplo dado, a 3.ª oração se nos apresenta sob duplo aspecto sintático: *é coordenada* em relação à 2.ª (porque são do mesmo valor) e *subordinada* em relação à principal (*espero*), comum às duas subordinadas. Em vez desta classificação um tanto longa (*coordenada à anterior e subordinada à principal*), dizemos apenas que a 3.ª oração é *equipolente* à 2.ª oração. Infelizmente, esta denominação cômoda não encontrou agasalho na *Nomenclatura Gramatical Brasileira.*

A equipolente pode ser:

a) *substantiva:*

Espero que estudes *e que sejas feliz.*

b) *adjetiva:*

O livro que li *e que lhe devolvi* é ótimo.

c) *adverbial:*

Quando chegou *e quando me disse o ocorrido,* não acreditei.

Costuma-se, com elegância, omitir o transpositor subordinativo da oração equipolente (quando se tratar de pronome relativo, este exerce a mesma função sintática do pronome relativo anterior):

Espero que estudes *e sejas feliz.*

O livro que li *e lhe devolvi* é ótimo.

Quando chegou *e me disse o ocorrido,* não acreditei.

Venho *porque se trata de instrução e tenho embocadura para o magistério* [GrR.2, 59].

Se os pronomes relativos exercem funções diferentes, o normal é repetir cada pronome, sendo raros os exemplos como o seguinte:

"Pois vão também essas que aí deixei, e mais a figura de Tristão, *a que* cuidei dar meia dúzia de linhas e levou a maior parte delas" [MA.12, 37 *apud* MBa.2, 102. Cf. ainda ED.2, § 375 c].

Em construção do tipo "magistrado a cujo cargo estavam as obras públicas e *cuidava* do reparo dos templos da cidade de Roma" há vício de sintaxe, pois que antes de *cuidava* há de se subentender *que*, e não o anterior *a cujo*. [Cf. MBa.1, 387].

No português moderno cumpre evitar a prática de se lembrar na oração ou orações equipolentes uma unidade adverbial simples (geralmente *quando* e *como*) por meio de um simples *que:*[127]

Quando chegou e *que* me disse o ocorrido, não acreditei.

Ou se repete a unidade anterior, ou se omite: *quando* chegou e (*quando*) me disse:

Se se trata, porém, de "locução conjuntiva", é possível, na boa linguagem, repetir-se simplesmente o *que*:

Logo que chegou e me disse o ocorrido...

ou

Logo que chegou e *que* me disse o ocorrido...

Pode-se também omitir a conjunção coordenativa numa série de equipolentes:

> "Rubião passa muitas horas fora de casa, mas não o trata mal, e consente que vá acima, *que assista ao almoço ou ao jantar, que o acompanhe à sala ou ao gabinete*" [MA].

1.ª oração – *coordenada* (ou *coordenante*):

> Rubião passa muitas horas fora de casa,

2.ª oração – *coordenada adversativa:*

> mas não o trata mal,

3.ª oração – *coordenada aditiva e principal:*

> e consente + subordinada

4.ª oração – *subordinada substantiva objetiva direta:*

> que vá acima,

5.ª oração – *equipolente à 4.ª:*

> que assista ao almoço ou ao jantar,

6.ª oração – *equipolente à 5.ª:*

> que o acompanhe à sala ou ao gabinete.

Concorrência de termo + oração subordinada

Às vezes a concorrência não se dá entre duas orações da mesma função sintática, mas entre um termo da oração e outra oração:

> "conheci a violência das suas paixões e que a do ciúme devia ser terrível naquele coração" [AH.3, 119].

O verbo *conhecer* tem dois objetos diretos: o substantivo *violência* e a oração substantiva *que a do ciúme devia ser terrível naquele coração*, que se acham coordenados entre si.

No seguinte exemplo de Machado de Assis [MA.1, 242]:

> "Virgília tragou raivosa esse malogro, e disse-mo com certa cautela, não pela cousa em si, senão porque entendia com o filho"

temos dois adjuntos adverbiais de causa: a expressão *pela cousa em si* e a oração subordinada adverbial *porque entendia com o filho*, que se acham conectadas pela série *não... senão.*

3 – As chamadas Orações Reduzidas

Que é oração reduzida

Em

> *Estuda* agora, porque, quando o verão *chegar*, *entraremos* de férias.

as três orações se dizem *desenvolvidas*, porque seus verbos estão no imperativo (*estuda*), no subjuntivo (*chegar*)128 e no indicativo (*entraremos*).

Podemos, entretanto, alterar a maneira de expressar a subordinada *quando o verão chegar* sem nos utilizarmos dos três modos verbais acima apontados:

> quando o verão chegar = ao chegar o verão
>
> quando o verão chegar = chegando o verão
>
> quando o verão chegar = chegado o verão

Dizemos então que as subordinadas *ao chegar o verão, chegando o verão* e *chegado o*

verão são orações *reduzidas*, porque apresentam o seu verbo (principal ou auxiliar, este último nas locuções verbais), respectivamente, no *infinitivo, gerúndio e particípio* (reduzidas infinitivas, gerundiais e participiais).

Nota sobre o conceito de oração reduzida – Dentro e fora da gramática portuguesa tem sido muito diversificado o conceito de oração reduzida. A opinião mais generalizada, partindo da ideia de que o que caracteriza a relação predicativa é a presença de verbo na forma finita, é que a construção com verbo nas formas nominais (infinitivo, gerúndio e particípio) não constitui oração, e, neste caso, é uma subunidade da oração, um termo dela, quase sempre como um adjunto adnominal ou adverbial. Esta maneira de ver se estende até àquelas construções em que vem acompanhada a forma nominal de unidades que, se estivessem numa oração com verbo finito, funcionariam como termo argumental ou não argumental (no caso de papel de adjunto adverbial).

Outros autores, nestas últimas construções, dão estatuto de orações à parte (nem sempre usando a nomenclatura "reduzida") apenas àquelas que encerram infinitivo e gerúndio independentes, considerando as de particípio meros termos oracionais.

Em português, que possui o infinitivo flexionado, fica ainda mais difícil não aproximar *É necessário que estudes a lição* a *É necessário estudares a lição*, ainda que se trate de um idiotismo da língua.

Neste livro, optamos por dar estatuto à parte às reduzidas de qualquer forma nominal do verbo desde que apresentem autonomia sintática dentro do enunciado e possam estar estruturadas analogamente às orações com verbo de forma finita, as desenvolvidas.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Havendo locução verbal é o auxiliar que indica o tipo de reduzida. Assim são exemplos de reduzidas de gerúndio: "estando amanhecendo", "tendo de partir", "tendo partido"; são exemplos de reduzidas de infinitivo: "ter de partir", "depois de ter partido"; é exemplo de reduzida de particípio: "acabado de fazer". Se, por outro lado, o auxiliar da locução estiver na forma finita, não haverá oração reduzida: *Quanta gente havia de chorar.*

2.ª) Nem toda oração desprovida de transpositor é reduzida, uma vez que este transpositor pode estar oculto: *Espero que sejas feliz* ou *Espero sejas feliz.* Em ambos os exemplos a subordinada *que sejas feliz* ou *sejas feliz* é desenvolvida. *O que caracteriza a reduzida é a forma infinita ou nominal do verbo (principal ou auxiliar): infinitivo, gerúndio e particípio.*

3.ª) A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* desprezou a denominação *infinito* para designar as *formas nominais* do verbo, desfazendo uma incômoda sinonímia antiga entre *infinito* = *infinitivo*, que, em muitos casos, levava os leitores de gramática a confusões. *Infinita* é uma forma verbal normalmente sem flexão, enquanto *infinitivo* é uma das chamadas formas nominais do verbo; assim, se fala em emprego do *infinitivo*, e não em emprego do *infinito*.

O desdobramento das orações reduzidas

As orações reduzidas são subordinadas e quase sempre se podem desdobrar em orações desenvolvidas.129 O emprego de reduzidas por desenvolvidas e vice-versa, quando feito com arte e bom gosto, permite ao escritor variados modos de tornar o estilo conciso, não acumulado de quês e outros transpositores, enfim, elegante.130

Vejamos os seguintes exemplos:

a) Declarei *estar ocupado* = declarei *que estava ocupado.*

b) *Para estudarmos* precisamos de sossego = *para que estudemos*, precisamos de sossego.

c) *Chovendo* não sairei = *se chover*, não sairei.

d) *Acabada a festa,* retirou-se = *quando acabou a festa,* retirou-se.

Estes desdobramentos são meros artifícios de equivalências textuais, que nos ajudam a classificar as orações reduzidas, uma vez que poderemos proceder da seguinte maneira:

a) Declarei *estar ocupado* = declarei *que estava ocupado.*

que estava ocupado: *subordinada substantiva objetiva direta.*

Logo:

estar ocupado: *subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo* (ou *reduzida infinitiva*).

b) *Chovendo* não sairei = *se chover*, não sairei.

se chover: *subordinada adverbial condicional.*

Logo:

chovendo: *subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio* (ou *reduzida gerundial*).

c) *Acabada a festa,* retirou-se = *quando acabou a festa,* retirou-se.

quando acabou a festa: *subordinada adverbial temporal.*

Logo:

acabada a festa: *subordinada adverbial temporal reduzida de particípio* (ou *reduzida participal*).

Orações substantivas reduzidas

Normalmente as orações substantivas reduzidas têm o verbo, principal ou auxiliar, no infinitivo:

a) *subjetiva:*

"Agora mesmo, custava-me *responder* alguma coisa, mas enfim contei-lhe o motivo da minha ausência" [MA.1, 208].

b) *objetiva direta:*

"... como se estivesse ainda no vigor da mocidade e contasse como certo *vir a gastar frutos desta planta"* [LCo *apud* FB.1, 38].

c) *objetiva indireta:*

"Tudo, pois, aconselhava o rei de Portugal *a tentar uma expedição para aquele lado*" [AH.2, 148].

d) *completiva relativa:*

"Um povo que se embevecesse na História, que cultivasse a tradição, que amasse o passado, folgaria *de relembrar esses feitos*..." [CL.1, I, 123].

e) *predicativa* (do sujeito ou do objeto):

"O primeiro ímpeto de Luísa foi *atirar-se-lhe aos braços,* mas não se atreveu" [MLe *apud* FB.1, 31].

"... o averbara *de não possuir atributos de administrador".*

"O resultado foi eu *arrumar* uns cocotes na Germana e esfaquear João Fagundes" [GrR.2, 13].

f) *apositiva:*

"Dois meios havia em seguir esta empresa: *ou atacar com a armada por mar, ou marchar o exército por terra e sitiar aquela cidade*" [AH.2, 69].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Não é raro vir precedido de preposição o infinitivo das orações reduzidas subjetivas e objetivas:

"Desaire real seria *de a deixar sem prêmio*" [AGa.3, 122, da 5.ª ed.].

"mas não era assaz difícil *de reconhecer um cadáver coberto de feridas*..." [AH.2, 72].

"Custou-lhe muito *a aceitar a casa*" [MA.1, 194].

"Mostrou-se pesarosa de não o encontrar, e prometeu *de voltar hoje às três horas*" [CBr.1, 118].

"Senhor Luís de Melo, eu tenho por princípio *de me não intrometer*..." [AGa.6, 173 *apud* MBa.3, 212, da 2ª ed.].

2.ª) Não raro também a oração substantiva reduzida de infinitivo vem precedida de artigo (mormente se a oração funciona como sujeito ou objeto direto):

"*o haver de marchar* em um país inimigo, ocupado por gente belicosa, era considerado muito grave..." [AH.2, 69].

"Daí nasce *o trabalharem* os mais notáveis escritores da Europa por vivificarem o espírito religioso" [AH.2, 145].

"Aumentando (o rei) as fortificações da ilha, tornou impossível aos portugueses *o reconquistá-la*" [AH.2, 62].

Orações adjetivas reduzidas

As orações adjetivas reduzidas têm o verbo, principal ou auxiliar, no:

a) *infinitivo:*

"O orador ílhavo não era homem *de se dar assim por derrotado*" [AGa.5, 14 *apud* ED.2, § 308].

Está marcada a festa *a realizar-se na próxima semana*.

"mas nem um momento duvidamos de que a sua convicção íntima seja a necessidade *de restituir o antigo lustre e preço à filosofia do Evangelho*" [AH.2, 145].

Observações:

1.ª) "Ligar qualificativamente a substantivos o infinitivo precedido de *a* (*v. g.*: *livros a consultar*) em vez de uma oração relativa (*v. g.*: *livros que se hão de consultar*), ou de um infinitivo precedido de *para* (*v. g.*: *roupa para consertar*), é imitação moderna da sintaxe francesa, imitação que só por descuido se encontra nos que melhor falam a língua pátria.

"Qual é a relação a deduzir destas considerações e destes fatos?" [AH.8, IV, 177]. [ED.2, § 304]. [Cf. MBa.1, 490, 515].

2.ª) Condenam também algumas autoridades o emprego do infinitivo precedido da preposição *a* depois de adjetivos como *único, último, derradeiro,* além dos ordinais (*primeiro,* etc.). Para tais mestres o melhor é o emprego da preposição *em*, nesses casos, ou de uma oração iniciada por pronome relativo: *o primeiro em fazer* ou *o primeiro que fez*, e não *o primeiro a fazer.* Epifânio Dias, excelente conhecedor do português e francês, aceita a expressão condenada [Cf. ED.2, § 299], no que concordamos com ele.

b) *gerúndio, indicando de um substantivo ou pronome:*

1) uma atividade passageira:

"cujos brados selvagens de guerra começavam a soar ao longe como um trovão *ribombando no vale*" [AH.3, 218, ed. de 1878].

"Realmente, não sei como lhes diga que não me senti mal, ao pé da moça, *trajando* garridamente um vestido fino..." [MA.1, 260].

Em todos estes exemplos o gerúndio figura com a ideia de tempo transitório muito acentuada, servindo de atribuir um modo de ser, uma qualidade, uma atividade a um nome ou pronome, mas apenas dentro de certo período e em determinada situação. Assim, *água fervendo* é água *que naquele momento fervia* ou *fervia dentro de certo espaço de tempo.* Vale o gerúndio, nestas circunstâncias, por uma expressão formada de preposição *a* + *infinitivo: água a ferver*:

"Também algumas vezes foram dar com ela *a abraçar* a cadelinha" [MLe *apud* JR.5, 32].

2) uma atividade permanente, qualidade essencial, inerente aos seres, própria das coisas:

"O livro V, *compreendendo* as leis penais, aquele que, após os progressos efetuados na legislação e na humanidade, mais carecia de pronta reformação" [LCo.1, I, 288].

"Decreto de 14 de fevereiro de 1786, *proibindo* a entrada das meias de seda que não fossem pretas, e decreto de 2 de

agosto de 1786, *suscitando* a observância e *ampliando* o cap. II...” [LCo.1, I, 298].

“Algumas comédias havia com este nome *contendo* argumentos mais sólidos” [FF *apud* SA.2, 249].

Estes e muitíssimos outros exemplos atestam que tal emprego do gerúndio131 ocorre vitorioso na língua culta portuguesa, desde longos anos, dando-nos a impressão de se tratar de uma evolução normal, comum a mais de uma língua românica, e não de uma simples influência francesa. Entretanto, notáveis mestres condenam este uso como galicismo: Epifânio Dias, Júlio Moreira, Leite de Vasconcelos, Mário Barreto, entre outros. Defendem-no Otoniel Mota, Said Ali, Eduardo Carlos Pereira, Cláudio Brandão, entre outros.

Para os que têm a expressão como francesa, deve-se substituir o gerúndio por uma oração adjetiva iniciada por pronome relativo, ou por uma preposição conveniente:

Livro *contendo* gravuras

passaria a

Livro *que contém* gravuras

ou

Livro *com* (ou *de*) gravuras.

Aceitar o gerúndio como construção vernácula não implica adotá-lo a todo momento, acumulando-o numa série de mau gosto. Em muitos casos, como bem pondera Rodrigues Lapa [RLp.1, 227], “não há dúvida que o uso do gerúndio é preferível à oração relativa, sobretudo quando não temos o recurso acertado, expressivo das preposições. Não abusemos dele, mas não hesitemos em empregá-lo, sempre que o reconheçamos superior a outros modos de escrever”.

c) *particípio:*

“Os anais ensanguentados da humanidade estão cheios de facínoras, *empuxados* (= que foram empuxados) ao crime pela ingratidão injuriosa de mulheres muito amadas, e perversíssimas” [CBr.1, 120].

Orações adverbiais reduzidas

Têm o verbo, principal ou auxiliar, no:

A) *infinitivo:* caso em que, normalmente, se emprega o verbo regido de preposição adequada. Para o desdobramento da reduzida em desenvolvida basta substituir a preposição ou locução prepositiva por uma conjunção ou locução conjuntiva do mesmo valor e pôr o verbo na forma finita. É de toda conveniência conhecermos as principais preposições que correspondem a “conjunções” subordinativas adverbiais, porque isso melhor nos adestra na plástica da sintaxe portuguesa:

1) para as *causais* temos:

a) *com*:

“Porém, deixando o coração cativo,/ *com fazer-te* a meus rogos sempre humano,/ fugiste-me traidor...” [RD.1, c. VI].

Com fazer-te = porque te fizeste sempre humano.

b) *em*:

“Em verdade, bem louco deve ser este homem *em estar a plantar* agora esta nogueira, como se estivesse ainda no vigor da mocidade” [LCo *apud* JR.5, 38].

em estar a plantar = porque está a plantar;

c) *por*:

"... é tão desairoso falar um homem a sua língua mal, sob o pretexto de que ela é difícil, como tirar as botas num salão *por lhe doerem os calos*" [SR.1].

d) *visto*:

Visto sair de manhã bem cedo, não é muito conhecido pelos vizinhos.132

e) locuções prepositivas: *à força de, em virtude de, em vista de, por causa de, por motivo de, devido a,* etc.:

"*À força de se tornar trivial,* esta verdade eterna, que resume todo o espírito do cristianismo, deixou de ser para muitos" [AH.2, 159].

2) para as *concessivas:*

a) *com*:

Com fazer todas as obrigações corretamente, não conseguiu livrar-se da falência.

com fazer = embora fizesse;

b) *sem*, negando a causa e a consequência, pode exprimir a *concessão*:

"Este era funestamente o sistema colonial adotado pelas nações que copiavam *sem o entender* nem fecundar, como os romanos, o governo discricionário das províncias avassaladoras" [LCo *apud* FB.1, 215].

c) *malgrado*:

Estudou *malgrado ter perdido o caderno*.

d) *não obstante*:

Saíram *não obstante terem ouvido os conselhos do pai.*

e) locuções prepositivas: *apesar de, sem embargo de*:

"*Apesar, porém, da casa ser tida* como imagem dos perigos e privações da guerra, *e do duque haver adquirido* com ela grande disposição e robustez, observou-se depois que as armas o atraíam pouco" [RS.2, IV, 96].

3) para as *condicionais (e hipotéticas):*

a) *a*:

"... houve quem visse, ou fingisse ver, um notável reflexo que *a ser verdadeiro* devia nascer das muitas luzes que provavelmente estariam acesas" [AH.2, 83].133

No seguinte trecho vale por uma comparativa hipotética do tipo de *como se* ou modal:

"... depois veio a mim, que estava sentado, deu-me pancadinhas na testa, com um só dedo, *a repetir*: – Isto, isto – e eu não tive remédio senão rir também, e tudo acabou em galhofa" [MA.1, 209].134

OBSERVAÇÃO: *como* a + infinitivo

b) *sem*:

Não sairá *sem apresentar os exercícios.*

4) para a *consecutiva: de*:

É feio *de meter medo*.

5) para as *finais*:

a) *a*:

"Muitos personagens eminentes do Império e diversas famílias, ligadas por aproximação de afeto à família imperial, apresentaram-se *a falar ao imperador...*" [RP *apud* FB.1, 145].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) O infinitivo das orações finais pode aparecer sem preposição: "Diz-se que ele era um dos doze que foram a Inglaterra *pelejar* (= para pelejar) em desagravo das damas inglesas, fato assaz duvidoso..." [AH.2, 92].

Construções deste tipo, aproximando-se o infinitivo do verbo principal anterior (*foram pelejar*), permitiriam um início de locução verbal, onde o 1.º verbo passaria a ser sentido como auxiliar modal denotador de movimento para realizar um intento futuro. Este histórico importa para a explicação do emprego antigo da preposição *a*, suplantado depois, entre brasileiros principalmente, pela preposição *em*, no termo adverbial de lugar. Em *O rio Amazonas vai desaguar ao Atlântico,* temos ainda vestígio da fase em que o sentimento linguístico levava em consideração o verbo de movimento, *vai desaguar* (= para desaguar). Perdida esta noção de movimento, *vai ao Atlântico desaguar* passou a ser interpretado como um todo, prevalecendo a regência que competia ao verbo *desaguar*: *vai desaguar no Atlântico*.

Ambas as construções são corretas, tendo sido esta última, sem razão, recriminada por certos gramáticos:

"*Veio embarcar-se* (D. João) *a Aldeia Galega,* aonde o guardavam muitos fidalgos e eclesiásticos" [RS.2, IV, 171];

"Do outro lado da povoação corre o pequeno rio... que *vem desaguar no Lucus*" [AH.2, 70];

"... enquanto a frota *se ia colocar na boca do rio* a que deu nome aquela povoação" [AH.2. 70].

2.ª) Sobre a construção *questão a resolver*.

b) *de*:

Dava aos pobres algo *de comer pela manhã*.

OBSERVAÇÃO: Estas expressões alternam com as de preposição *a*: Dava aos pobres algo *a comer pela manhã*. Entretanto, parece entrever aqui uma imitação do francês: "A preposição *à* entre *donner* e infinitivo equivale a *de: donner à boire et à manger, dar de comer e beber; donner à diner à quelqu'um, dar de jantar; elle lui donna à souper, deu-lhe de cear.* Nessas construções *dar de comer, dar de almoçar, dar de mamar, pedir de beber, pedir de almoçar, ganhar de comer,* o complemento formado por *de* e um infinitivo é, na sua origem, de caráter adjetivo. *Dê-me algo, alguma coisa, qualquer coisa de comer,* é como se disséramos *algo comível* ou *comestível.* Omitido o substantivo, significa por si só as coisas sobre que se exerce a ação do infinitivo: *dê-me de comer* = dê-me coisa que comer" [MBa.3, 129]. Apesar do voto do ilustre mestre, julgamos ser irreprovável a linguagem *dar a comer*. Epifânio Dias [ED.2, § 293, a, 1] não vê galicismo na construção: *dar a alguém algo a beber.*135

c) *para*:

"Tudo isto diz o quadro a quem tiver olhos *para ver*, coração *para sentir,* entendimento *para perceber*" [AH.2, 165].

d) *por*, hoje mais rara, fixada em *por assim dizer* e semelhantes:

"Recomendava el-rei D. Manuel, por suas cartas, a Afonso de Albuquerque que trabalhasse *por haver às mãos* a cidade de Adém" [AH.2, 105].

e) *em*:

"e por isso posto que a Inglaterra não precisasse dela, para este fim, *trabalhou em possuí-la* para que os holandeses não se aproveitassem das vantagens que a sua situação oferecia" [AH.2, 102-3].

"Dois meios havia *em seguir esta empresa*" [AH.2, 69].

f) locuções prepositivas: *a fim de, com o fim de,* etc.:

"Da sua parte, os alunos não devem dar de mão à gramática elementar *a fim de se* exercitarem nos verbos e adquirirem outras noções básicas e, como tais, indispensáveis..." [SR.1].

6) para iniciar orações *locativas* reduzidas (correspondem a orações justapostas): *em*:

"Filha, *no muito possuir* não é ainda posta a felicidade, mas sim *no esperar e amar muito*" [AC *apud* JR.5, I, 37].136

7) para as ideias de *meio* e *instrumento*:

a) *com*:

"... até o (D. Afonso) induzirem a mandá-lo (D. Pedro) sair da corte, ao que D. Pedro atalhou *com retirar-se* antes que lho ordenassem" [AH.2, 91].

b) *de*:

"Eu não sou, minha Nise, pegureiro,
Que viva *de guardar alheio gado*" [TG.1, 15].

8) para as *temporais*:

a) tempo anterior: *antes de*:

"E, se ambos, morrermos *antes de estarem em idade* que se possam por si manter, terão por pai aquele que mora nos céus" [AC *apud* JR.5, 35].

b) tempo concomitante: *a* (neste caso o infinitivo pode vir ou não precedido de artigo):

"Tais eram as minhas reflexões *ao afastar-me* do pobre..." [AH.2, 190].

"E o moço, *a falar* de sua mãe, chorava..." [CBr.6, 59].

c) tempo posterior: *depois de, após*:

"A borboleta, *depois de esvoaçar* muito em torno de mim, pousou-me na testa" [MA.1, 99].137

d) tempo futuro próximo: *perto de, prestes a*:

"... e só abandona (o comandante) o posto quando voa em socorro da Parnaíba ou do Belmonte, *prestes a soçobar*" [Ouro Preto *apud* FB.l, 84].

e) duração de prazo: *até*:

"... o Sália... arrancava os penedos, aluía as raízes das árvores seculares, carreava as terras e rebramia com som medonho, *até chegar às planícies*..." [AH.1, 236].

OBSERVAÇÃO FINAL: É importante não confundirmos (e às vezes se não podem traçar limites rigorosos neste assunto (por serem razões extraídas dos elementos fornecidos pelo texto e não pela gramática) em certas expressões, o conjunto preposicional com um substantivo seguido de seu complemento nominal reduzido de infinitivo. Como bem ensina José Oiticica, "em certas locuções como *por causa de, por motivo de, em virtude de, em vista de,* etc., a oração de infinitivo não deve ser tida por *complementar*. *Exemplo:* "Em vista de lhe haverem furtado a chave, não pôde abrir o depósito". Esta oração de infinitivo seria *complementar* se o substantivo *vista* conservasse seu valor semântico; porém, na locução, desapareceu tal valor, e vigora num todo meramente prepositivo".138 E mais adiante continua: "Com locuções: *no intuito de, no propósito de, com intenção de,* etc., as orações são *complementares*, porque os substantivos mantêm seu valor (semântico) normal". Destarte, é de valor adjetiva completiva nominal reduzida grifada do seguinte período:

"Mandou então el-rei por seus arautos apregoar à roda do arraial de D. Pedro que, sob pena *de serem havidos em conta de traidores*, todos os que seguiam o Duque de Coimbra o abandonassem" [AH.2, 96}.

B) *gerúndio* e aí equivalente a:

1) uma oração *causal*:

"Vendo este os seus maltratados, mandou disparar algumas bombardas contra os espingardeiros" [AH.2, 97].

vendo = porque visse;

2) uma oração *consecutiva*:

"Isto acendeu por tal modo os ânimos dos soldados, que sem mandado, nem ordem de peleja, deram no arraial do infante, *rompendo-o por muitas partes*" [AH.2, 97].

rompendo-o = e como consequência o romperam;

3) uma oração *concessiva*:

Tendo mais do que imaginavam não socorreu os irmãos.

tendo = embora tivesse;

4) uma oração *condicional*:

Tendo livres as mãos, poderia fugir do cativeiro.

tendo *livre as mãos = tivesse livres as mãos.*

5) uma oração que denota *modo, meio, instrumento*:

"Um homem agigantado e de fera catadura saiu da choupana *murmurando sons* mal-articulados" [AH.1 *apud* ED.2, § 316, b, 1].

"E não os (destinos) podia realizar senão *ceifando cidades em lugar de farragiais, e enfeixando com mão robusta povos*" [AC.1 *apud* ED.2, 2].

6) uma oração *temporal:*

"El-rei, quando o mancebo o cumprimentou pela última vez, sorriu-se e disse *voltando-se:* Por que virá o conde quase de luto à festa?" [RS *apud* FB.5, 205].

voltando-se = enquanto se voltava;

No seguinte exemplo se acha reforçado por um advérbio de tempo:

"*Desviando* depois a mão que o suspendia baixou mais dois degraus" [RS *apud* FB.5, 209].

desviando = depois que desviou, no momento em que desviou.

Observação: O gerúndio pode aparecer precedido de preposição *em* quando indica tempo, condição ou hipótese. Neste caso, o português moderno exige que o verbo da oração principal denote acontecimento futuro ou ação que costuma acontecer:

"Ninguém, desde que entrou, *em lhe chegando* o turno, se conseguirá evadir à saída" [RB *apud* FB.1, 126].

Aqui o gerúndio indica tempo, e o verbo da principal exprime ação futura (*conseguirá*).

"Em Vieira morava o gênio: em Bernardes o amor, que, *em sendo verdadeiro,* é também gênio" [AC *apud* FB.1, 186].

Nesta passagem, o gerúndio exprime condição ou hipótese, e o verbo da oração *que é também gênio* (subordinante da condicional) denota um acontecimento que costuma ocorrer.

C) *particípio* e aí equivale a:

1) uma oração *causal*:

"*Irado* o infante com as injúrias que lhe tinham dito, mandou enforcar uns e degolar outros..." [AH.2, 96].

2) uma oração *condicional*:

Entramos em uma batalha, onde, *vencidos* os inimigos, honraremos nosso país.

vencidos = se forem vencidos.

3) uma oração *temporal*:

"E neste sentido, *mudados* os nomes, fez uma comunicação à sociedade cientista dos avicultores da imperial cidade da Mogúncia" [JR.2, 42].

Observações:

1.ª) Nestes empregos do particípio, observam-se as regras de concordância, estudadas no capítulo da Concordância, entre o verbo e o seu sujeito.

2.ª) Alguns particípios passaram a ter emprego equivalente a preposições e advérbios: *exceto, salvo, mediante, não obstante, tirante,* etc., e, como tais, normalmente devem aparecer invariáveis. Entretanto, não se perdeu totalmente a consciência de seu antigo valor, e muitos escritores de nota procedem à concordância necessária:

"Os tribunais, *salvas* exceções honrosas, reproduziam, povoados de criaturas do valido, todos os defeitos do sistema" [RS.2, IV, 67].

"A razão desta diferença é que a mulher (*salva* a hipótese do capítulo CI e outras) entrega-se por amor..." [MA.1, 327}.

Utilizar estas maneiras de dizer, devidas ao "amor excessivo da exatidão" é, como bem pondera Epifânio, expressar-se na verdade com correção gramatical, mas de modo desusado [ED.2, § 220, a].

3.ª) Elegantemente podemos empregar, para a ideia de tempo, o particípio seguido de *que* e duma forma adequada do verbo

ser:

Acabado que foi o prazo destinado à revisão, os candidatos continuaram insatisfeitos.

Há discordância entre os autores quanto à natureza deste *que* posposto ao particípio. Para Maximino Maciel (*Gramática Descritiva,* 368), é conjunção, segundo este trecho: "Também *elegantemente* se conjuncionalizam as reduzidas de particípio passado, interpondo entre o particípio e o substantivo sujeito a conjunção *que* a uma forma do verbo *ser*, adaptável ao tempo, exemplo: 'A ideia republicana e democrática se acabaria em toda a Europa, eclipsado *que* fosse o esplêndido luzeiro que até então lhe serviu de fanal'" (Latino Coelho, *República e Monarquia*).

Para Epifânio, o *que* é pronome relativo, e julgamos que com ele está a razão (cf. *Sintaxe Histórica Portuguesa,* § 91,c): "Na qualidade de nome predicativo ou aposto, pode (o pronome relativo) referir-se a adjetivos (ou particípios), servindo de realçar a qualidade ou estado: *acabada que esteja a obra*" (Cf. ainda a *Gramática Francesa,* § 282, 2, Obs. 1.ª).139

Orações reduzidas fixas

A nossa língua possui certo número de orações reduzidas que normalmente não aparecem sob forma desenvolvida. Neste grupo se acham:

a) as orações subjetivas que se seguem a certos verbos, como *caber, valer, impedir,* em construções do tipo de:

Coube-nos *ornamentar o salão* (e não: *que ornamentássemos*).

Valeu-nos *estarem perto alguns amigos* (e não: *que estivessem perto*).

Impediu-nos a viagem *ter vindo ordem* de voltarmos (e não: *que veio*).140

b) as orações objetivas diretas que se seguem a verbos como *agradecer, perdoar* e o impessoal *haver* na expressão *não há valer-lhe* (e equivalentes) em construções do tipo:

"Perdoou-lhes o *haverem-nos ofendido*" [ED.1, § 226, b].

"E lá se vão: não há mais *contê-los ou alcançá-los*" [EC, 128].

c) as de sentido aditivo enfático do tipo (verbo no infinitivo):

"Além de que a fumarada do charuto, *sobre ser purificante e antipútrida,* dava aos alvéolos solidez, e consistência aos dentes" [CBr.1, 108].

d) as que denotam pensamentos para cuja expressão não existem conjunções subordinativas, como as que indicam:

1) *exclusão* (verbo no infinitivo):

"*Em vez* (diziam) *dos nossos navios carregarem as mercadorias daqueles portos para o de Lisboa...* são embarcações estranhas as que hoje demandam as ilhas..." [RS.2, IV, 533].

Longe de desanimar com os obstáculos, reanima-se para vencê-los.

2) *exceção* (verbo no infinitivo):

"A filha estava com quatorze anos; mas era muito fraquinha, e não fazia nada, *a não ser* namorar os capadócios..." [MA.1, 201].

3) *meio* ou *instrumento* (verbo no infinitivo ou gerúndio) e *modo* (verbo no gerúndio, embora aqui haja conjunção correspondente):

"Salvou-o o senado, *segurando-lhe a pessoa* até poder sair a bordo de uma nau holandesa a 21 de maio" [RS.2, IV, 244].

Desmoralizou-o *com desmenti-lo em público*.

"Procurou este logo estorvar-lhe (a missão) por todos os ombros, *prendendo-o* ou *matando-o*." [RS.2, 244].

Enfrenta a vida *sorrindo dos perigos*.141

Quando o infinitivo não constitui oração reduzida

A presença do infinitivo não caracteriza oração reduzida nos seguintes principais casos, podendo, contudo, constituir, em alguns exemplos, oração (não reduzida):

a) quando, sem referência a nenhum sujeito, denota a ação de modo vago, à maneira de um substantivo:

Recordar é viver.

b) quando faz parte de uma oração verbal:

Tinham de chegar cedo ao trabalho.

c) quando, precedido de preposição e em referência a substantivo, o infinitivo tem sentido qualificativo, o que ocorre:

1) quando exprime a destinação:

sala de jantar, ferro de engomar, tábua de passar, criado de servir.

2) quando equivale a um adjetivo terminado em *-vel*:

É *de esperar* que todos se saiam bem (esperável).

Pareciam menos *de louvar* (louvável).

Foi caso muito *de recear* (receável).

d) quando, precedido de preposição e depois de certos adjetivos (*difícil, fácil, duro, bom,* etc.), o infinitivo tem sentido limitativo (com certa interpretação passiva ou ativa):

Osso duro *de roer* (*de ser roído* ou *de alguém roer*).

Poesia fácil *de decorar* (*de ser decorada* ou *de alguém decorar*).

e) quando, equivalente a imperativo, exprime o infinitivo ordem, recomendação:

"Todos se chegavam para a ferir, sem que a D. Álvaro se ouvissem outras palavras senão estas: *Fartar*, rapazes!" [AH.2, 98].

f) quando, nas exclamações, o infinitivo exprime estranheza pela realização de um acontecimento:

"*Pôr-me* a mim lá fora?! – bradou Teodora" [CBr.1, 175].

"Tu, Hermengarda, *recordas-te?!*" [AH.1, 47].

g) quando entra em orações interrogativas (diretas ou indiretas):

*Que fazer?*142

Não sei *que fazer.*

Nada tinha *que dizer*.

h) quando se trata de um infinitivo de narração, isto é, aquele que, numa narração animada, considera a ação como já passada, e não no seu desenvolvimento.143

"E os médicos *a insistirem que saísse* de Lisboa [Júlio Dinis]

"Ela *a voltar as costas*, e o *reitor a pôr* o chapéu na cabeça" [*id.*]

"E ele *a rir-se*, ele a *regalar-se*" [EQ]

"O senhor *a dizer-lhe* uma palavra, e eu *a provar-lhe* que..." [ED.2, §309,3].

NOTA: Não estão acordes os autores quanto à origem do infinitivo de narração: a hipótese mais cômoda, mas nem por isso

mais convincente, é a da elipse. Assim pensavam Quintiliano, para o latim, e Burguy, Littré, Kastner, Plattner, Lubker, entre outros para o francês. É a opinião que expende M. Barreto para o português: "Na frase: – *Eu falo, e eles a rir* (isto é, põem-se a rir, estão a rir-se, começam a rir) – temos o que se chama *infinitivo histórico*, que assim se diz o que na proposição tem valor de voz verbal de modo finito. A proposição que tem por predicado perifrástico, um elemento do qual está subentendido" (*Últimos Estudos*, 241). Contra esta maneira de explicar estão Diez, Schulze, Darmesteter, Strohmeyer e Brøndal. A segunda hipótese é a que o deriva do infinitivo de ordem ou infinitivo imperativo (opinião de Wackernagel, para o latim e Marcou, Spitzer e Lerch, para o francês). Para Lombard (*Op. cit.* 212) o infinitivo de narração é originariamente uma oração nominal. O problema se acha exaustivamente tratado nas páginas 186-243 do citado livro do romancista sueco.

OBSERVAÇÃO: Foge a uma análise rigorosa a série de expressões do tipo *temer, não teme,* com que, na linguagem afetiva, enunciamos réplicas e objeções. Epifânio (*Sintaxe História Portuguesa*, § 309, 3, Obs.) e Bello-Cuervo (*Gramática Castelhana*, § 926 e *Notas*, p. 63) supõem que se trata de uma construção elíptica, subentendendo-se, antes do infinitivo, a expressão *quanto a*, Meyer-Lübke crê que se trata de um *infinitivo de intensidade* e explica assim o nascimento do torneio de frase: "Nous devons prendre comme point de départ la question et la réponse prononcés sous l'empire de l'émotion. Ainsi, pour nous en tenir au premier exemple, on raconte quelque chose qui, de l'avis du conteur, pourrait provoquer de la crainte chez un des auditeurs ou chez tous. Un d'entre eux repousse cette pensée en demandant avec indignation: "Craindre?! Je ne crains pas". En conséquence, à l'origine il devait y avoir une pause entre l'infinitif et le verbe personnel. Plus tard, naturellement, la formule finit par devenir, comme expression de l'intensité d'une action, plus fixe et par conséquent plus générale" (*Grammaire*, III, § 135). Levando-se em conta que se devem algumas alterações de linguagem a esta atenção que o falante dá a um público, real ou imaginário, a hipótese do romanista é assaz sugestiva, apesar de Epifânio achar "improvável que o infinitivo, sendo rigorosamente interrogativo, viesse a deixar de o ser" (*ibid.*). Cremos que o problema estaria melhor resolvido se levássemos em conta os níveis da oração e do texto, conforme nos ensina Coseriu, já esboçado, aliás, na explicação de Meyer-Lübke. Em *temer, não teme* estamos diante de um enunciado que, no nível do texto (e não da oração), pressupõe uma declaração repetida em relação ao que proferiu nosso interlocutor e a que nos referimos agora mediante o *temer*, e que só no nível do texto deve encontrar cabal explicação.

O gerúndio e o particípio não constituem oração reduzida

a) quando fazem parte de uma locução verbal:

Estão saindo todos os alunos.

As lições *foram aprendidas* sem esforço.

b) quando aparecem como simples função qualificadora, à maneira dos adjetivos:

Livro *encadernado*.

Construções particulares com o infinitivo

São dignas de atenção certas construções em que o infinitivo precedido de verbos que exprimem percepção física (*ver, ouvir, olhar, sentir*) ou atuação e ordenação (*deixar, mandar, fazer*). Já tivemos oportunidade de nos referir ao caso, quando examinamos a função sintática do infinitivo e gerúndio que entram nestas construções.

Praticamente, estas construções de infinitivo se repartem em dois grupos:

a) um, em que o infinitivo tem o mesmo agente e sujeito do primeiro verbo (regente):

Preferimos *estudar* pela manhã.

b) outro, mais complexo, em que o infinitivo, depois dos verbos regentes acima aludidos, tem diferente agente:

Vejo *abrir* a porta.

Ouço *soprar* o vento.

Eu a vi *sair* de casa.

Ouvimos a sineta *chamar* os alunos.

No primeiro grupo, o infinitivo integra uma oração reduzida que exerce o papel de objeto direto do verbo regente *preferimos*, e por isso, pode ser comutado pelo pronome adverbal

átono *o*:

Preferimos *estudar* pela manhã → Nós *o* preferimos → Preferimo-*lo*.

O segundo grupo se subdivide em dois tipos: o infinitivo sozinho ou acompanhado de complementos:

1) o infinitivo integra uma oração subordinada objetiva direta:

Vejo *abrir* a porta.

Ouço *soprar* o vento.

em que *abrir a porta* e *soprar o vento* podem ser comutados pelo pronome adverbal átono *o*:

Vejo-*o*. Ouço-*o*.

Vês abrir a porta? Vejo-*o*.

Ouves sobrar o vento? Ouço-*o*.

2) o verbo regente exprime percepção física e o infinitivo exerce o papel de predicativo do objeto direto:

Eu *a* vi *sair* de casa.

Ouvimos *a sineta chamar* os alunos.

Aqui os verbos regentes que exprimem percepção física (*vi* e *ouvimos*) se acompanham do objeto direto (*a* e *a* sineta) que se acham modificados pelos infinitivos que exercem a função de seus predicativos (*sair* e *chamar*).

Por mais que equivalham no plano do conteúdo de pensamento designado, *Eu a vi sair de casa* a *Eu vi que ela saía de casa*, do ponto de vista gramatical as construções são diferentes. O pronome *a* (Eu *a* vi sair) e *ela* (Eu vi que *ela* saía de casa) são ambos *agentes* do processo *sair de casa*, mas *a* é *objeto direto* e *ela* é *sujeito*. Pela análise do conteúdo, a gramática tradicional tem atribuído a esse pronome *a* dupla função sintática: objeto direto do verbo regente (*vi*) e sujeito do infinitivo (*sair*).

Também os verbos que exprimem atuação ou ordenação (*deixar, mandar, fazer*) apresentam a mesma construção dos verbos de percepção física:

O policial fez calar o assaltante / O policial fê-lo calar.

O professor mandou o aluno saltar / O professor mandou-o saltar.

Até aqui o infinitivo não se acompanha de objeto direto próprio, mas ele pode aparecer, como ocorre em:

O professor mandou o aluno fazer o exercício,

quando os complementos do verbo regente *mandou* (*o aluno*) e do infinitivo *fazer* (*os exercícios*) podem ser teoricamente comutados pelos pronomes adverbais átonos *o*:

O professor mandou-o fazê-lo.

ou ainda:

O professor mandou-*o o* fazer,

o que daria uma contiguidade incômoda e artificial de dois *o... o*, onde a clareza do texto poderia ser prejudicada. Veja-se este exemplo de A. Herculano:

"(...) a tia Domingas ouviu-*o* chamá-*la* de novo mansamente" [AH.2, 76].

A tradição literária contornou o problema adotando duas normas seguintes:

a) Expressar o complemento do verbo regente sob forma de objeto direto se constituído por

substantivo:

O professor mandou *o aluno* fazê-lo.

b) Expressar o complemento do verbo regente sob forma de objeto indireto se constituído por pronome adverbal átono:

O professor mandou-*lhe* fazer os exercícios.

O professor mandou-*lhe* fazê-lo.

O professor *lhe* ouviu dizer que melhoraria seu comportamento.

A colega *lhe* deixou ver suas bonecas.144

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Pela possibilidade de poder o complemento do infinitivo se aproximar do verbo regente, pode ocorrer a junção do pronome adverbal átono *lhe* (ou outro indireto) com o pronome *o*, como no seguinte exemplo:

"... posto que Afonso I se houvesse apoderado de vários lugares... a desgraça de Badajoz *lhos* fizera perder..." [AH.2, 76], isto é: a desgraça *lhe* fizera perdê-los.

2.ª) É raro o emprego de *lhe* por *o* quando o verbo no infinitivo não se acompanha de objeto direto: "A vista só da vaca... nem *lhes* deixa pensar em soutos e pastios" [AC.9, 181].

A prática se estenderia a se empregar sob forma de objeto indireto o complemento do verbo regente, mesmo se constituído por substantivo:

O professor mandou *ao menino* fazer o exercício.

O professor ouviu *ao aluno* dizer que melhoraria o comportamento.

O namoro fez *ao jovem* perder a cabeça.

Por fim, cumpre assinalar que normalmente se usa *o*, e não *lhe*, quando o infinitivo é pronominal.

"o Sália... rebramia com som medonho, até chegar às planícies, onde o solo não comprimia e *o deixou espraiar-se* pelos pauis e juncais..." [AH.2, 76-77].

OBSERVAÇÃO: O infinitivo que se segue a *deixar, mandar e fazer* pode ser tomado em sentido passivo, e neste caso o agente da ação do infinitivo é regido pelas preposições *por* ou *de:*

"D. João de Castro, sem *deixar-se vencer do amor do filho,* nem *dos medos do tempo,* resolveu enviar o socorro" [FF *apud* ED.2, 289, a), Obs. 2.ª].

A omissão do pronome átono em EU OS VI AFASTAR DAQUI em vez de AFASTAR-SE DAQUI

Não é rara a omissão do pronome átono que devia acompanhar um infinitivo pronominal, quando este mesmo infinitivo tem por agente um pronome átono:

"*Deixei-o embrenhar* e transpus o rio após ele" [AH.2, 77].

"O faqui *deixou-o afastar*" [AH.2, 77].

Os seguintes exemplos mostram-nos que a presença do pronome também é correta:

"*Sentiu-o* para aqui um pouco e depois *encaminhar-se* ao longo do corredor" [AH.2, 76].

"E o eremita *viu-a*, ave pernalta e branca, *bambolear-se* em voo, ir chegando, *passar-se* para cima do leito, *aconchegar-se* ao pobre homem..." [JR.2, 227].145

A construção PEDIR PARA

Em

"Eu retive-a, *pedi-lhe* que ficasse, que esquecesse" [MA.1, 271]

o verbo *pedir* exige dois objetos: o indireto *lhe* e o direto oracional composto *que ficasse, que esquecesse*.

Normalmente, em tais casos, não se usa o objeto direto oracional sob forma reduzida. Evita-se dizer: *Pedi-lhe ficar, pedi-lhe esquecer.*

Em:

> "Dito isto, *peço licença para ir* um dia destes expor-lhe um trabalho..." [MA.1, 245]

o verbo *pedir* vem acompanhado apenas do objeto direto *licença*; a oração reduzida de infinitivo *para ir um dia destes expor-lhe um trabalho* é adverbial de fim.

Pode-se omitir o objeto direto e construir o verbo *pedir*, assim: *peço-lhe para ir um dia destes expor-lhe um trabalho*.

Como estão próximas as ideias de *pedir que algo aconteça* e *trabalhar para que algo aconteça*, passou-se a usar a preposição *para* no início da oração que seria objeto direto do verbo *pedir*, tendo-se em mira indicar a finalidade da coisa pedida:

> *Pediu para que* Pedro *saísse*

ou

> *Pediu para* Pedro *sair.*

Os gramáticos não aceitaram a operação mental e ainda hoje esta maneira condensada de dizer é repudiada, apesar da insistência com que penetra na linguagem das pessoas cultas. Para as autoridades de nossa língua, só está certo o emprego do verbo *pedir* quando se tem para objeto direto o substantivo *licença* (claro ou subentendido) e a oração de *para que* ou *para* + infinitivo é sentida como adverbial de fim, *com sujeito igual ao da oração principal*.146 Assim, em:

> O aluno pedia-lhe para sair,

o *aluno* pedia licença para ele mesmo sair.

A confusão dos dois empregos do verbo *pedir* traz ao enunciado incontestavelmente duplicidade de sentido, pois que em:

> *Ele pedia-lhe para sair*

ficamos em dúvida sobre a pessoa que sairá. Para o gramático só pode ser a que fez o pedido, e, na realidade, todos, ou quase todos, os exemplos abonados dos bons escritores têm o mesmo sujeito para a oração de *pedir* e para a oração iniciada pela preposição *para*.

A construção DIZER PARA

Semelhantemente ao que ocorre com o verbo *pedir*, a linguagem coloquial despreocupada constrói o verbo *dizer* (*falar* e sinônimos) seguido da preposição *para* junto ao que normalmente seria o seu objeto direto:

> *Disse para que ele fosse embora*

ou

> *Disse para ele ir embora.*

São expressões condenadas que os gramáticos recomendam se evitem no falar correto.

A construção PARA EU FAZER

Em

> O exercício é para eu fazer

a preposição *para* rege o verbo *fazer*, cujo sujeito é o pronome pessoal *eu*. Evite-se a construção errônea *o exercício é para mim fazer*, devida ao fato de se supor que a preposição se prende ao pronome, como: *este presente é para mim.*

Diz-se corretamente *o presente é para mim*, porque a preposição sempre rege pronome oblíquo tônico.

Distinga-se claramente este uso errôneo do correto, em que há antecipação do objeto indireto livre de opinião; o ritmo oracional marca a diferença:

> Para mim (pausa) fazer isso é sempre agradável.

A posição do sujeito nas orações reduzidas

No português contemporâneo, o sujeito das orações reduzidas de gerúndio e particípio vem normalmente depois do verbo (nas locuções verbais pode aparecer depois do auxiliar):

> "A guerra diplomática andava acesa em Roma, *lidando o enviado português* por contrariar com energia os meneios e dilações do Cardeal Torregiani" [LCo.1, I, 44].
>
> *Não me havendo chegado notícia das viagens de Gulliver*, penso que a minha gente liliputiana teve origem nas baratas e nas aranhas [GrR.1, 94].
>
> *Findo o susto*, considerava-me isolado, continuava nas infrações sem nenhuma vergonha [GrR.1, 180].
>
> *Acabada a festa*, foram ao cinema.

Estariam erradas as construções se colocássemos o sujeito antes do verbo: *o enviado português lidando, o susto findo, a festa acabada*.

Nas reduzidas de gerúndio é preciso distinguir cuidadosamente essas linguagens imperfeitas daquelas que, por falta de pontuação adequada, nos fazem supor que se trata de anteposições do sujeito. Nos seguintes exemplos só houve falta da vírgula para separar a principal da subordinada:

> "*O cristianismo elevando o culto* da mulher inspirou a cavalaria e a poesia cavaleiresca, nobilitando pelo amor e pelo sacrifício o sexo que era também o de Maria Santíssima" [JR.2, 51].
>
> "Então *Gonçalo Mendes fazendo* recuar o capuz que cobria a cabeça do suposto mensageiro olhou para ele alguns instantes" [AH.3, 116].147

Entre as reduzidas de gerúndio, fazem exceção ao princípio exposto aquelas que, precedidas da preposição *em*, denotam circunstâncias de tempo, hipótese ou condição, quando o sujeito pode vir antes ou depois desta forma verbal:

> "Ninguém, desde que entrou, *em lhe chegando o turno*, se conseguirá evadir à saída" [RB *apud* FB.1, 126].
>
> "A semelhança entre as filhas de Felipe da Gama reduzia-se a isto: mas era tão grande, que *em as duas conversando* a fala confundia-se, e o ouvinte mais não era capaz de distinguir" [RS.3, 2, 122 *apud* ED.2, §316,b,2,obs].

No tocante às reduzidas de particípio, podem ter o sujeito anteposto ou posposto ao verbo, quando constituído pelos pronomes *isto, isso, aquilo* e *o que*:

> *Isto posto*, resolvemos voltar

ou

> *Posto isto*, resolvemos voltar.

A construção É DA GENTE RIR

A antecipação do sujeito ao verbo, nas orações reduzidas de infinitivo preposicionado, possibilita a combinação da preposição com o sujeito ou um adjunto do sujeito:

> Já era tempo *de* saírem *os alunos* de férias.

pode passar facilmente a *Já era tempo* ***de os alunos*** *saírem de férias* e daí à combinação *Já era tempo* ***dos alunos*** *saírem de férias.*

A preposição pode-se combinar com o núcleo do sujeito. Assim, diremos:

É tempo DE ELE sair

ou

É tempo DELE sair.

Alguns gramáticos não aceitam a combinação apontada sob o pretexto de que o sujeito "não pode vir regido de preposição"; *não se trata aqui, entretanto, de regência preposicional de sujeito, mas do contato de duas palavras que, por hábito e por eufonia, costumam ser incorporadas na pronúncia.* Se tais combinações parecem contrariar a lógica da gramática, cumpre observar que não repugnam a tradição do idioma com o testemunho de seus melhores escritores, antigos e modernos. O que a lição dos fatos nos permite ensinar é que ambas as construções são corretas, segundo nos atestam as seguintes passagens que não se podem dar como errôneas ou descuidos de revisão.148 Trata-se de um problema de estilística fônica, pelo qual a não combinação encarece o papel do sujeito do infinitivo. Do ponto de vista meramente gramatical são válidas ambas construções:

"só voltou *depois do infante estar* proclamado regedor" [AH.2*,* 44].

"Os que no serviço militar perdiam o cavalo tiravam o valor deste dos despojos *antes destes* (*d'estes*, no original) se repartirem" [AH.2].

"*Apesar da sua ação ser...* superior à autoridade dos bispos..." [AH.2].

"... a unidade que resulta da síntese do ideal, *antes deste ser* revelado pela expressão material" [AH.2, 162].

"sabia-o, senhor, *antes do caso suceder*" [AH.4, I, 267].149

"... mesmo *depois dos descobrimentos dos portugueses haverem* transformado as condições do comércio geral do mundo" [RS.2*,* IV, 16].

"*Apesar*, porém, da *caça ser tida* como imagem dos perigos e privações da guerra..." [RS.2, 96].

"Notou, igualmente, a vantagem dos *confederados repartirem* de antemão os postos entre si..." [RS.2, 139].

"... e *a despeito do dia estar* chuvoso" [RS.2, 171-2].

"Nos dias pequenos o sino de recolher soava muito antes *dos mercadores terem* acabado a ceia nas hospedarias..." [RS.2, 527]

"*Depois do Garrett escrever* erradamente no seu *Camões...*" [AC, "Anotações à 6.ª edição do Dicionário de Morais", in *Arquivos Literários* de Delfim Guimarães, V *apud* P. A. Pinto, revista *Colaboração,* nº 5, p. 20].

"... se, por exemplo me concederem um monopólio do plantar couves, *apesar das couves serem* uma das muitas espécies de legumes" [RB *apud* P. A. Pinto, *ibid*.].

"Pelo fato *do verbo* restituir, numa de suas acepções, e entregar, em certos casos, *terem*, como diz o Dr. Rui, o mesmo sentido..." [CR.2 *apud* P. A. Pinto].

"... no caso do *infinitivo trazer compl. direto*" [ED.2, 226).150

Terminamos esta pequena lista com um fato que não deixa dúvidas de que os exemplos aduzidos não se explicam por descuidos. Na página 87 do vol. IV da sua excelentemente escrita *História de Portugal*, contrariando a sintaxe que lhe vem natural e frequente, Rebelo da Silva não faz a combinação:

"Nem o rei, nem o ministro apreciaram o perigo, senão *depois de ele declarado e irremediável*".

Mas, para surpresa de muitos gramáticos, no final do volume, na página destinada a erratas, declara textualmente:

"Onde se lê: *depois de ele* leia-se *depois dele* (*d'elle* no original). 151

Tem-se estendido o exagero da condenação aos casos em que a preposição precede um advérbio, quando, na realidade, o que decide a existência ou não existência da combinação é a menor ou a maior pausa no proferir as duas palavras, ou ainda a eufonia e, como vimos, o realce. No seguinte exemplo de Alexandre Herculano, a pausa maior entre a preposição e o advérbio evita a combinação:

"A afirmativa *de ali* se ajuntarem e agasalharem 20.000 pessoas é naturalmente impossível" [AH.2, 44].

É forçoso reconhecer que a facilidade da combinação da preposição *de* não se estendeu, com a mesma frequência, a outras preposições, nas circunstâncias aqui estudadas. Dá prova disto o seguinte trecho de Rebelo da Silva, tão afeito às construções combinadas:

"*No caso do reino se constituir* em república, que partido seguiria D. João, o do país, ou o dos castelhanos?" "Em qualquer acontecimento, redarguiu o duque, hei de acostar-me ao que seguir o comum do reino". "Então, continuou o secretário, está dada a resposta. Mais vale arriscar tudo para reinar, do que arriscar tudo ainda e ficar vassalo. A ocasião é chegada, e parece que Deus a trouxe. A maior dificuldade consistia *em os outros proporem* a empresa..." [RS.2, IV, 134].

Por fim, cabe-nos assinalar que, neste assunto de combinações de preposição, o português moderno desprezou certos giros que – embora também contrários à lógica da gramática – foram estimados dos antigos e ainda hoje puristas aplaudem. Interessa-nos agora aquela em que se combinava a preposição *por* (antigo *per*) com os pronomes *o, a, os, as,* em função de objeto direto:

Esforcei-me pelo convencer.

hoje desbancado por:

Esforcei-me por convencê-lo (ou *para convencê-lo*) ou *por o convencer* (mais raro entre os brasileiros).

Apesar de exemplos de autores modernos (Rui Barbosa entre eles) e do voto de Mário Barreto [MBa.1, cap. VII, 111-25], concordo com o parecer de Said Ali [SA.6, 4, 160]:

"A construção de *por* e antigo *per* com as formas pronominais *o, a, os, as,* pertence ao número das formas arcaicas, de que se encontram ainda restos, na linguagem popular de Portugal. É imprópria da linguagem culta de hoje, e se ocorre – o que é muitíssimo raro – em algum escritor moderno, deixa-nos logo a impressão de um estilo afetado. Não provam exemplos dessa espécie o uso geral, nem podem servir de norma para o falar correto".152

É elucidativo este passo de Rebelo da Silva, onde ocorrem os dois casos aqui estudados:

"... em que o tribunal proferiu a sentença, mandando entregar as fazendas a Adão Bans e sócios sob fiança *de as* restituírem *no caso dos portugueses* dentro de seis meses *pagarem a quantia*..." [RS.2, 515].

Reduzidas decorrentes e concorrentes

Como as desenvolvidas, as orações reduzidas podem ser:

a) *decorrentes:*

"O Conde de Avranches saiu a eles com quase toda a gente do arraial e *fazendo-os fugir* tomou alguns prisioneiros" [AH.2, 96].

A oração de *fazendo* é reduzida gerundial de tempo e se acompanha da oração também reduzida *fugir* (reduzida de infinitivo), modificadora do objeto direto *os*.

b) *concorrentes:*

"Irado o infante com as injúrias que lhe tinham dito, mandou *enforcar uns e degolar outros*, e o conde perseguiu o resto até Portugal" [AH.2, 96].

As orações reduzidas de infinitivo *enforcar uns* e *degolar outros* são subordinadas equipolentes; por isso se acham coordenadas entre si.

Não raro aparece, entre as orações equipolentes, uma reduzida coordenada à outra desenvolvida ou vice-versa [MBa.1, 168, nota].

> "*Para provar-lhe* que não falto à menor condição estipulada, *e para que a minha consciência fique pura de escrúpulos*, vou dar-lhe a gratificação prometida" [CBr.14, drama, ato II, cena IX].
>
> "Na província de Alentejo o recrutamento fazia-se para exclusiva defesa dela, cabendo um terço de cada comarca, *se era grande*, ou a duas unidas, *sendo pequenas*" [RS.2, 227].

4 – As Frases: Enunciados sem Núcleo Verbal

Oração e frase – Já tínhamos antecipado que a unidade sintática chamada *oração* constitui o centro da atenção da gramática por se tratar de uma unidade em que se relacionam sintaticamente seus termos constituintes e se manifestam as relações de ordem e recção que partem do núcleo verbal e das quais se ocupa a descrição gramatical.

Isto não impede a presença de enunciados destituídos desse núcleo verbal conhecidos pelo nome de *frases*:

> Bom dia!
> Saúde!
> Depressa!
> Que calor!
> Casa de ferreiro, espeto de pau.

Estas frases diferem da oração porque são proferidas, quase sempre, em situações especiais, fora as quais o enunciado não se manifesta em toda sua plenitude.

Em geral seus elementos constituintes são de natureza nominal (substantivos, adjetivos ou advérbios), e a ausência do núcleo verbal, donde dimanam as relações sintático-semânticas, impede que se identifiquem entre seus constituintes as funções que se manifestam na oração. Por outro lado, a frase aponta para asserção de uma verdade geral, já que exclui a forma verbal responsável por uma particularização da expressão [EBv.2, 181]. Entretanto, como são enunciados reais, apela-se para a interpretação mais ou menos próxima dos possíveis equivalentes expressos sob forma de oração. Assim, "entende-se" que um enunciado como *Bom dia!* equivale a *Desejo bom dia* ou *Espero que tenha bom dia!*, ou *Casa de ferreiro, espeto de pau* valeria aproximadamente a *Casa de ferreiro usa espeto de pau* ou *Quando a casa é de ferreiro, o espeto é de pau* ou, ainda, *Em casa de ferreiro não se usa espeto de ferro, mas de pau*.

A simples verificação das várias possibilidades de paráfrases mostra bem como são tênues as relações gramaticais que os termos existentes mantêm entre si dentro da frase. Por isso a descrição da frase não se fará pelos mesmos critérios empregados na oração, mas segundo sua constituição interna. Inicialmente, podemos dividir as frases em *unimembres* e *bimembres*.

Frases unimembres: interjeição – O tipo mais simples de frase é o constituído por

interjeição. Já é antiga em gramática a ideia de a interjeição não ser, a rigor, uma "palavra", mas que equivale a um enunciado independente ou a uma oração inteira:

Oh! Psiu!

Pode ainda aparecer combinada com outras unidades para constituir frases mais complexas:

Ai de mim!
Oh pátria minha!

Já vimos que outras classes de palavras e grupos nominais se podem transpor ao papel de interjeição, empregados em função apelativa, endereçada ao interlocutor, ou como manifestação da atitude do falante [AL.1, 385]:

Socorro!
Depressa!
Meu pai!
Que horror!
Viva!

Podem aparecer unidades mais longas resultantes de respostas ou comentários a diálogos reais ou imaginários com o interlocutor. São frases elípticas, quase sempre de valor nominal, resíduos de orações sintaticamente incompletas ou truncadas, que devem ser tratadas no rol dos enunciados independentes sem núcleo verbal, ao largo de qualquer restituição corretiva do ponto de vista sintático:

"— Está bem, deixe-me ficar algum tempo mais, estou na pista de
um mistério
— *Que mistério*?" [MA.1, 28].
"— Raposo, vou sair; há alguma cousa?
— *Nada, Capitão Viveiros*" [LB.3, 91].
"Fez-me sentar ao pé de si, na varanda, entre muitas exclamações
de contentamento:
— *Ora, o Brasinho*! *Um homem*! Quem diria, há anos... *Um homenzarrão*! *E bonito*! *Qual*! Você não se lembra de mim... [MA.1, 94-95]
— Qual é a sua profissão?
— *Estudante*." [LB.3, 91]

Entre essas verdadeiras *pro-orações* estão as palavras *sim*, *não*, *talvez*, *tampouco* e assemelhadas (sozinhas ou combinadas) que de primitivos advérbios passam por transposição hipertáxica ao papel de frases:

— Já deste a notícia?
— *Ainda não* [LB.3, 165].

Algumas vezes nestes casos um dos interlocutores ou o autor num monólogo faz uso de uma frase exclamativa complexa que vale, unitariamente, por transposição hipotáxica, por uma interjeição:

Eugênia sentou-se a concertar uma das tranças. *Que dissimulação graciosa*! *Que arte infinita e delicada*! *Que tartufice profunda*! [MA.1, 107]

Etiquetas e rótulos – Diferente contexto linguístico ocorre com frases que entram na indicação de etiquetas, letreiros e rótulos situados em circunstâncias tais que, com ajuda de

tais entornos, são suficientes para constituir informações precisas. Deste rol fazem parte a sinalização verbal das indicações de trânsito (*Entrada*, *Saída*, *Retorno*, etc.), de estabelecimentos bancários e comerciais (*Clientes de Conta Ouro*, *Fila Única*, *Padaria*, *Carnes*, *Laticínios*, *Limpeza*, *Estacionamento*, *Entrada proibida*, *Entrada só permitida a funcionários*, etc.)

Frases assertivas bimembres – Embora frases assertivas bimembres possam ser facilmente parafraseadas a orações de estrutura regular e com estas, muitas vezes, se alternar no discurso, não devem ser "reconstituídas" e "emendadas" com auxílio de elipses e outros recursos, para depois serem descritas como orações. A expressividade decorre da leveza e espontaneidade com que se caracterizam.

Incluem-se, portanto, no rol de frases assertivas bimembres (dotadas também de entoação ou contorno melódico assertivos) os seguintes exemplos:

Casa de ferreiro, espeto de pau

Tal pai, tal filho

A vivacidade e leveza que tais frases emprestam ao discurso explicam o seu largo emprego nas máximas e provérbios.

5 – Concordância

Considerações gerais – Em português a *concordância* consiste em se adaptar a palavra determinante ao gênero, número e pessoa da palavra determinada.

A concordância pode ser *nominal* ou *verbal* – Diz-se *concordância nominal* a que se verifica em gênero e número entre o adjetivo e o pronome (adjetivo), o artigo, o numeral ou o particípio (palavras determinantes) e o substantivo ou pronome (palavras determinadas) a que se referem:

"O capitão rosnou *alguma* cousa, deu *dous* passos, meteu *a* mão no bolso, sacou *um* pedaço de papel, muito *amarrotado*; depois *à* luz de *uma* lanterna, leu *uma* ode *horaciana* sobre *a* liberdade *da* vida *marítima*" [MA.1, 65].

Diz-se *concordância verbal* a que se verifica em número e pessoa entre o sujeito (e às vezes o *predicativo*) e o verbo da oração:

"Os outros não sabendo o que *era*, *falavam*, *olhavam*, *gesticulavam*, ao tempo que ela *olhava* só, ora fixa, ora móvel, levando a astúcia ao ponto de olhar às vezes para dentro de si, porque *deixava cair* as pálpebras" [MA.1, 183]

"Chegando à rua, *arrependi*-me de ter saído" [MA.1]

"*Eram* 2 de novembro de 1952" [AH.2, 124].

A concordância pode ser estabelecida de *palavra* para *palavra* ou de *palavra* para *sentido*. A concordância de *palavra* para *palavra* será *total* ou *parcial* (também chamada *atrativa*), conforme se leve em conta a totalidade ou o mais próximo das palavras determinadas numa série de coordenação:

"Repeli-a, porque se me *ofereciam* vida e honra a troco de perpétua infâmia" [AH.1, 147].

O verbo *ofereciam* concorda com a totalidade do sujeito composto: *vida* e *honra*.

"porque entre ele e Suintila... *está* o céu e o inferno" [AH.1, 143].

O verbo *está* concorda, atrativamente, com o sujeito mais próximo (o céu) da série coordenada o *céu* e o *inferno*.

"... *via*-se em todas as faces *pintado* o espantoso e o terror" [AH.2, 124].

O verbo *via* e o adjetivo *pintado* concordam, por atração, com o sujeito mais próximo da série *o espantoso* e *o terror*.

"Quando a educação, os livros, e o sentir daqueles que nos odeiam *apagou* em nossa alma o selo da cruz" [AH.2, 143].

O verbo *apagou* concorda, por atração, com o sujeito mais próximo (*o sentir daqueles*) do sujeito composto, ainda que este venha anteposto ao verbo.

A concordância de *palavra* para *sentido* se diz ainda *concordância* "*ad sensum*" ou *silepse*:

"A plebe *vociferava* as mais afrontosas injúrias contra D. Leonor: e se *chegassem* a entrar no paço, ela sem dúvida seria feita pedaços pelo tropel furioso" [AH.2, 41].

O verbo *vociferava* concorda com o sujeito *plebe* que, sendo um coletivo, pôde, pelo seu conteúdo semântico de pluralidade, levar ao plural o verbo *chegassem*, mais afastado dele.

"Era gente colectícia, *muitos*, acaso, sem pátria da guerra, e por isso pouco *habituados* a resignar-se com as várias e tediosas fases de um assédio" [AH.2, 51].

O termo *gente*, de valor coletivo, é o responsável pela flexão masculina de *muitos* e *habituados*, por se levar em conta a ideia de *soldados* contida na palavra *gente*.

É preciso estar atento a que a liberdade de concordância que a língua portuguesa muitas vezes oferece deve ser cuidadosamente aproveitada para não prejudicar a clareza da mensagem e a harmonia do estilo.

Na língua oral, em que o fluxo do pensamento corre mais rápido que a formulação e estruturação da oração, é muito comum enunciar primeiro o verbo – elemento fulcral da atividade comunicativa – para depois se seguirem os outros termos oracionais. Nestas circunstâncias, o falante costuma enunciar o verbo no singular, porque ainda não pensou no sujeito a quem atribuirá a função predicativa contida no verbo; se o sujeito, neste momento, for pensado como pluralidade, os casos de discordância serão aí frequentes. O mesmo ocorre com a concordância nominal, do particípio.

A língua escrita, formalmente mais elaborada, tem meios de evitar estas discordâncias.

Concordância nominal

A – Concordância de palavra para palavra

1) *Há uma só palavra determinada.*

A palavra determinante irá para o gênero e número da palavra determinada:

"Aflige-nos a glória *alheia contestada* com a *nossa* insignificância" [MM].

"*Os bons* exemplos *dos* pais são *as melhores* lições e a *melhor* herança para *os* filhos" [MM].

"Eu amo *a* noite *solitária* e *muda*" [GD.3, I, 314].

Eu estou *quite*. Nós estamos *quites*.

OBSERVAÇÃO: Os nomes femininos como *sentinela*, *guarda*, *guia* e assemelhados, quando aplicados a pessoas do sexo masculino, mantêm o gênero feminino, e levam para este gênero os determinantes a eles referidos: *a sentinela avançada*; "Depois desta digressão que acabais de fazer pelo mundo, com tão *má guia* como eu, voltemos a ouvir de novo as vossas pedras" [Agostinho de Campos *apud* MBa.2, 212].

2) *Há mais de uma palavra determinada.*

Observar-se-ão os seguintes casos:

1.º) Se as palavras determinadas forem do mesmo gênero, a palavra determinante irá para o plural e para o gênero comum, ou poderá concordar, principalmente se vier anteposta, em gênero e número com a mais próxima:

A língua e (a) literatura *portuguesas* ou A língua e (a) literatura *portuguesa*.

"Amava no estribeiro-mor as virtudes e a lealdade nunca *desmentidas*"

[RS.1, 124].

"O tom e gesto *caricioso*, com que ela dizia isto, não moveu medianamente o esposo" [CBr.1, 158].

"*e os nossos* Basílio e Durão, bem assim o Sr. Magalhães..." [OM, 72].153

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Se as palavras determinadas se referirem a uma só pessoa ou coisa, impõe-se o singular do determinante:

seu fiel amigo e servidor

2.ª) É injusta a crítica do gramático E. Carlos Pereira [CP.1, § 427, 3, nota] aos seguintes exemplos: "... a mão esquerda, entre *cujos* índice e polegar pendia o pergaminho..." [AH.5, II, 24] e "... pelas exigências cada vez maiores destas *devoradoras* e *insaciáveis* fome e sede de leitura" [AC.1, 315].

3.ª) Precedendo um substantivo (título ou prenome), ocorre o plural: Os *irmãos* Pedro e Paulo. Os *apóstolos* Barnabé e Paulo.

4.ª) Um determinante (adjetivo) no plural pode estar aposto a um sujeito do singular que venha colocado depois, quando este sujeito é algum dos pronomes *cada um*, *cada qual*, *ninguém*, *nenhum*, referidos a pessoas ou coisas já mencionadas:

sobressaltados com esta vista, procurava *cada um* pôr-se a salvo [ED].

2.º) Se as palavras determinadas forem de gêneros diferentes, a palavra determinante irá para o plural masculino ou concordará em gênero e número com a mais próxima:

"Vinha todo coberto de negro: *negros* o elmo, a couraça e o saio"

[AH.1, 107].

"como se um grande incêndio devorasse as brenhas e os carvalhais *antigos*" [AH.1, 86].

"*Calada* a natureza, a terra e os homens" [GD.3, I, 315].

com *boa* coragem e zelo, com coragem e zelo *bom* (ou *bons*), com *bons* coragem e zelo

toda sua luta e sacrifícios.

todos seus sacrifícios e luta.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Por uma questão de agrado auditivo (eufonia), prefere-se que numa série de palavras determinadas de gêneros diferentes seguida de palavra determinante no masculino plural, venha a determinada masculina em último lugar.

2.ª) Se, neste caso, se tratar de pronome possessivo posposto, a concordância deste se fará com o último substantivo:

"Este velho desterrado por *gosto* e *eleição sua*..." [RS.1, 16].

3.ª) Quando há ideia de reciprocidade, torna-se obrigatório o emprego do plural: "Ele entrou prazenteiro... e encontrou padrinho e afilhada *empenhados* em uma discussão sobre autoridade" [LBa *apud* SS.1, § 257 obs.].

3) *Há uma só palavra determinada e mais de uma determinante.*

A palavra determinada irá para o plural ou ficará no singular, sendo, neste último caso,

facultativa a repetição do artigo. Em geral, isto ocorre com adjetivos de nacionalidade: *As literaturas* brasileira e portuguesa ou *A literatura* brasileira e portuguesa (maneira de dizer menos frequente e, com exagero de lógica gramatical, considerada errônea por muitos autores) ou *A literatura* brasileira e *a* portuguesa.

"e os *cronistas tudense e toledano* fazem a luta dos dous reis depois daquele consórcio" [AH.6, III, 86].

"Li um anúncio, convidando mestra de *línguas inglesa* e *francesa* para o colégio" [CBr.1, 128].

"O pequeno reino sucessivamente perlustrou *as costas ocidental e oriental* da África..." (C. de Laet, I, 211).

as séries quarta e quinta

a quarta e quinta série (ou *séries*)

B – Concordância de palavra para sentido

A palavra determinante pode deixar de concordar em gênero e número com a *forma* da palavra determinada para levar em consideração, apenas, o *sentido* em que esta se aplica: *o* (vinho) *champanha*, *o* (rio) *Amazonas*.

Entre os diversos casos desta concordância pelo sentido aparecem os seguintes:

1) As expressões de tratamento do tipo de V. Ex.ª, V. S.ª, etc.:

V.Ex.ª é { *atencioso* (referindo-se a homem)
atenciosa (referindo-se a mulher)

OBSERVAÇÃO: Quando se junta um adjetivo a tais formas de tratamento, tal adjetivo fica no gênero da forma de tratamento:

Sua Majestade *fidelíssima* foi contrariado pelos representantes diplomáticos.

2) A expressão *a gente* aplicada a uma ou mais pessoas com inclusão da que fala:

"Pergunta a gente a si *próprio* (refere-se a pessoa do sexo masculino) quanto levaria o solicitador ao seu cliente por ter sonhado com o seu negócio" [PC *apud* MBa.2, 413]154.

3) O termo determinado é um coletivo seguido de determinante em gênero ou número (ou ambos) diferentes:

"*Acocorada* em torno, *nus*, a negralhada *miúda*, de dois a oito anos" [HC.2, 84].

Note-se que *acocorada* e *miúda* concordam com a forma gramatical de *negralhada*, enquanto *nus* o faz levando em conta o seu sentido (= grupo de negrinhos de dois a oito anos).

4) A palavra determinada aparece no singular e mais adiante o determinante no plural em virtude de se subentender aquela no plural:

"Não compres *livro* somente pelo título: ainda que pareçam bons, são muitas vezes péssimos" [JR.1, 321].

"Mas não nos constou em que *ano* começou nem *quantos* esteve com ele" [LS *apud* JR.1]155.

C – Outros casos de concordância nominal

1) ***Um e outro, nem um nem outro*** – Com *um e outro*, põe-se no singular o determinado (substantivo), e no singular ou no plural o verbo da oração, quando estas expressões aparecem

como sujeito:

"Alceu Amoroso Lima (...) teve a boa ideia de caracterizar e diferençar o ensaio e a crônica, dizendo que *um e outro* gênero se afirmam pelo estilo".

"Parou um momento e, olhando para *um e outro lado*, endireitou a carreira..." [AH.1, 107].

"Mas *uma e outra cousa duraram* apenas rápido instante" [AH.1, 218].

Com *nem um nem outro* é de rigor o singular para o substantivo e verbo:

Nem um nem outro livro merece ser lido.

Com *um ou outro* o substantivo também fica no singular e invariavelmente no singular aparece o verbo de que a expressão serve de sujeito:

"*Um ou outro* soldado, indisciplinadamente, *revidava*, disparando à toa, a arma para os ares" [EC, 2.ª ed., 428].

Se as expressões *um e outro*, *nem um nem outro* se aplicarem a nomes de gêneros diferentes, é mais comum o emprego das formas masculinas:

"Tornou a vê-la, foi visto por ela, e acabaram namorados *um do outro*" [MA.12, 1.ª ed., 39].

"Ali teve el-rei escondido algum tempo, e lá começaram os seus amores com a rainha, que tão fatais foram para *um e outro*" [AH.2, 35].

"Repousavam bem perto *um do outro* a matéria e o espírito" [AH.1, 44].

Não raro pode aparecer a concordância com o termo referido:

"... vivia o casal venturoso de um certo Izraim persa letrado e da sua esposa Proftásia que *um e outra* cultivavam para deleite do espírito a filosofia grega" [JR.2, 15].

2) ***Mesmo, próprio, só*** – Concordam com a palavra determinada em gênero e número:

Ele *mesmo* disse a verdade. Ela *mesma* disse a verdade.

Elas *próprias* foram ao local.

Nós não estamos *sós*.

"Eles *sós* se encaminham para essa parte..." [AH.1, 153].

Em língua literária ocorre o adjetivo *só* variável onde no colóquio se prefere usar do advérbio *só*, portanto invariável:

"Com *sós* 27 anos de idade... já a palidez da morte se via lutar no seu rosto com as rosas da mocidade [AC.10].

Mesmo, além de se empregar na ideia de identidade (= em pessoa), aparece ainda como sinônimo de *próprio*, *até*:

"ao *mesmo* demônio se deve fazer justiça, quando ele a tiver" [AV *apud* ED.2, § 86, a].

Este último sentido e mais o emprego adverbial junto de *aqui*, *já*, *agora* (aqui mesmo, já mesmo, agora mesmo) facilitaram o aparecimento moderno da palavra como advérbio, modo de dizer que os puristas condenam, mas que vem ganhando a simpatia geral:

"... vaidosos de seus apelidos, mas inofensivos, e virtuosos *mesmo* por vaidade de imitarem seus avoengos" [CBr.6, 219].156

3) ***Menos* e *somenos*** – É preciso atenção para não fazer a concordância de *menos* com o substantivo seguinte:

Mais amores e *menos* confiança (e não *menas*!).

Vale a mesma observação para *somenos* (= de menor valor):

"Há neles coisas boas e coisas más ou *somenos*" [MB.2, 239].

4) ***Leso*** – É adjetivo, e não forma do verbo *lesar*, em construções de tipo: crime de lesa-pátria, crime de leso-patriotismo. Por isso há de concordar com o seu determinado em gênero e número:

"Como se a substância não fosse já um crime de *leso-gosto* e *lesa-seriedade*, ainda por cima as pernas saíam sobre as botas" [CBr.1, 83].

5) ***Anexo***, ***apenso*** e ***incluso*** – *Anexo*, *apenso* e *incluso*, como adjetivo, concordam com a palavra determinada em gênero e número:

Correm *anexos* (*inclusos, apensos*) aos processos vários documentos.

Vai *anexa* (*inclusa, apensa*) a declaração solicitada.

OBSERVAÇÃO: Usa-se invariável *em anexo*, *em apenso*: Vai *em anexo* (*em apenso*) a declaração. Vão *em anexo* (*em apenso*) as declarações.

6) ***Dado*** e ***visto*** – Usados adjetivamente, concordam em gênero e número com o substantivo determinado:

Dado (*Visto*) o problema que se nos apresentou, resolvemos desistir do contrato.

Dadas (*Vistas*) as circunstâncias, foram-se embora.

7) ***Meio*** – Com o valor de "metade", usado adjetivamente, concorda em gênero e número com o termo determinado, claro ou oculto:

"Para aquilatar a importância do tropeiro, basta lembrar que o Brasil tem cerca de oito e *meio* milhões de quilômetros quadrados de superfície..." [AAr.2, 102].

Era *meio-dia e meia* (i.é: e *meia hora*).

8) ***Pseudo*** e ***todo*** – Usados em termos compostos ficam invariáveis.

A *pseudo-sabedoria* dos tolos é bem grande.

A *fé todo-poderosa* que nos guia é nossa salvação.

9) ***Tal*** e ***qual*** – *Tal*, como todo determinante, concorda em gênero e número com o determinado:

Tal opinião é absurda.

Tais razões não me movem.

Em correlação, *tal qual* também procedem à mesma concordância:

Ele não era *tal quais* seus primos.

Os filhos são *tais qual* o pai.

Os boatos são *tais quais* as notícias.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Em lugar de *tal qual*, podem aparecer: *tal e qual*, *tal ou qual*.

2.ª) Não confundir *tal qual* flexionáveis com *tal qual*, *tal qual como* invariáveis que valem "como":

"Descerra uns sorrisos discretos, sem mostrar os dentes, *tal qual como* as inglesas de primeiro sangue" [CBr *apud* CJ.1, 32].

1 0) ***Possível*** – Com *o mais possível*, *o menos possível*, *o melhor possível*, *o pior*

possível, *quanto possível*, o adjetivo *possível* fica invariável, ainda que se afaste da palavra *mais*:

Paisagens o mais *possível* belas
Paisagens o mais belas *possível*
Paisagens quanto *possível* belas

Com o plural *os mais*, *os menos*, *os piores*, *os melhores*, o adjetivo *possível* vai ao plural:

Paisagens as mais belas *possíveis*.

Estão erradas concordâncias como:

Paisagens as mais belas ***possível.***

Fora destes giros, a concordância de *possível* se processa normalmente:

"As alturas e o abismo são as fronteiras dele: no meio estão todos os universos *possíveis*" [AH.2, 160].
Sob todos os pontos de vista *possíveis*.

11) ***A olhos vistos*** – É tradicional o emprego da expressão *a olhos vistos* no sentido de *claramente*, *visivelmente*, em referência a nomes femininos ou masculinos:

"... padecia calada e definhava *a olhos vistos*" [MA.5, 13 *apud Tradições Clássicas*, 370].

Mais rara, porém correta, é a concordância de *visto* com a pessoa ou coisa que se vê:

"As minhas forças medravam *a olhos vistas* de dia para dia"
[AC *apud* CR.1, 554].
"O barão desmedrara *a olhos visto*" [CBr *apud* PDo.2, 32].

12) ***É necessário paciência*** – Com as expressões do tipo *é necessário*, *é bom*, *é preciso*, significando 'é necessário', o adjetivo pode ficar invariável, qualquer que seja o gênero e o número do termo determinado, quando se deseja fazer uma referência de modo vago ou geral. Poder-se-á também fazer normalmente a concordância:

É *necessário* paciência.
É *necessária* muita paciência.
"O fato de ter sido *precisa* a explicação (...)" [AP.1, 424 n.º 25].
"Eram *precisos* outros três homens" [AM.1 *apud* RBa.1, 33].

É possível ainda, em tais casos, aparecer no singular o próprio verbo da oração:

"É doce ao velho
Sons d'argentina voz" [GD *apud* SS.1, 254]

Como acentua Barbadinho, a flexão de *necessária*(*s*) é mais frequente que a de *precisa.*

13) **Adjetivo composto** – Nos adjetivos compostos de dois ou mais elementos referidos a nacionalidades, a concordância em gênero e número com o determinado só ocorrerá no último adjetivo do composto:

Acordo *luso-brasileiro*
Amizade *luso-brasileira*
Lideranças *luso-brasileiras*

14) ***Alguma coisa boa*** **ou** ***alguma coisa de bom*** – Em *alguma coisa boa* o adjetivo

concorda com o termo determinado:

"Quem tivesse reparado em Fr. Vasco perceberia facilmente que na sua alma se passava também *alguma cousa extraordinária*" [AH *apud* MBa.7, 144].

Em *alguma coisa de bom*, o adjetivo não concorda com *coisa*, sendo empregado neutralmente (como *algo de novo*, *nada de extraordinário*, *nada de trágico,* etc.).

Por atração pode-se fazer a concordância do adjetivo com o termo determinado que funciona como sujeito da oração:

"Que tinha pois, Ricardina, de *sedutora*!" [CBr *apud* MBa.7, 146].

"Amor próprio do vilão; que a infâmia nada tinha de *engenhosa*" [*Id*., *ibid*.].

Se os homens não tivessem alguma coisa de *loucos* seriam incapazes de heroísmo [MM].

A vida nada tem de *trágica*.

15) ***Um pouco de luz* e *uma pouca de luz*** – Ao lado da construção normal *um pouco de luz* pode ocorrer a concordância atrativa *uma pouca de luz*, por se haverem fundido numa só expressão as duas seguintes maneiras de dizer: *pouco de luz* + *pouca luz* 157:

"e aos pés deles os fiéis que obtinham para última jazida *uma pouca de terra*..." [AH.1, 154].

16) **Concordância do pronome** – O pronome, como palavra determinante, concorda em gênero e número com a palavra determinada.

Emprega-se o pronome oblíquo *os* em referência a nomes de diferentes gêneros:

"A generosidade, o esforço e o amor ensinaste-*os* tu em toda a sua sublimidade" [AH.1, 35].

17) ***Nós* por *eu*, *vós* por *tu*** – Empregando-se *vós* em referência a uma só pessoa, põe-se no singular o adjetivo:

"Sois *injusto* comigo" [AH *apud* ED.2, §14, b].

Ao se empregar, em idênticas condições, o pronome *nós*, o adjetivo pode ficar no singular ou ir ao plural:

Antes sejamos *breve* que *prolixo*.

"Entre o desejo de alimentar a curiosidade do leitor e o receio de faltar à exação histórica, hesitávamos perplexos" [AH *apud* ED.2, §14, b].

18) **Alternância entre adjetivo e advérbio** – Há casos em que a língua permite usar ora o advérbio (invariável) ora o adjetivo (variável):

"Vamos a falar *sérios*" [CBr *apud* MBa.1, 265].

Vamos a falar *sério*.

"Os momentos custam *caros* [RS *apud* MBa.1, 265].

Os momentos custam *caro*.

A vida custa tão *cara* aos velhos quanto é *barata* para os moços [MM].

"Era esta a herança dos miseráveis, que ele sabia não escassearem na quase solitária e *meia* arruinada Carteia" [AH.1, 12].

A voz sumiu-se-lhe, *toda* trêmula [EQ.3, 647].

A distinção entre adjetivos e advérbios só se dá claramente quando a palavra determinada está no feminino ou no plural, caso em que a flexão nos leva a melhor interpretar o termo

como adjetivo. Na língua padrão atual, a tendência é para nestes casos proceder dentro da estrita regra da gramática e usar tais termos sem flexão, adverbialmente.

Entram nesta possibilidade de flexão as construções de *tanto mais*, *quanto menos*, *pouco mais*, *muito mais*, em que o primeiro elemento pode concordar ou não com o substantivo:

Com *quanto* mais *razão*, *muito* mais honra.

Com *quanta* mais *razão*, *muita* mais honra.

Poucas mais *palavras* trocamos [CBr *apud* MBa.4, 21].

Notemos, por fim, que *alerta* é rigorosamente um advérbio e, assim, não aparece flexionado:

Estamos todos *alerta*.

Há uma tendência para se usar desta palavra como adjetivo, mas a língua padrão recomenda se evite tal prática. Junto de substantivo *alerta* adquire significado e função de adjetivo:

"A moça aguardava com inteligência curta, os sentidos *alertas*" [CLi *apud* RBa.2, 14].

Em sentido contrário, aparece o engano de não se flexionar o adjetivo *quite*. Deve-se dizer:

Estou *quite*.

Estamos *quites*.

19) **Particípios que passaram a preposição e advérbios** – Alguns particípios passaram a ter emprego equivalente a preposição e advérbio (por exemplo: *exceto*, *salvo*, *mediante*, *não obstante*, *tirante*, etc.) e, como tais, normalmente devem aparecer invariáveis. Entretanto, não se perdeu de todo a consciência de seu antigo valor, e muitos escritores procedem à concordância necessária:

"Os tribunais, *salvas* exceções honrosas, reproduziam... todos os defeitos do sistema" [RS.2, IV, 67].

"A razão desta diferença é que a mulher (*salva* a hipótese do cap. CI e outras) entrega-se por amor..." [MA.1, 327].

Como bem pondera Epifânio Dias, flexionar tais termos "é expressar-se na verdade com correção gramatical, mas de modo desusado" [ED.2, §220, a].

Deste modo, a língua moderna dá preferência a dizer "*salvo* exceções", "*salvo* a hipótese".

20) **A concordância com numerais** – Quando se empregam os cardinais pelos ordinais, não ocorre a flexão:

Página *um*. Figura *vinte e um*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Na linguagem jurídica diz-se: A folhas *vinte e uma*. A folhas *quarenta e duas*.

2.ª) Embora se tenha usado o substantivo no singular precedido de numeral combinado com *um*, *uma*, a preferência atual é pô-lo no plural: *vinte e um dias*, *as mil e uma noites*, etc.

3.ª) *Milhar* é masculino e portanto não admite seus adjuntos postos no feminino a concordar com o núcleo substantivo feminino: *Os milhares de pessoas* (e não *as milhares* de pessoas).

21) **A concordância com os adjetivos designativos de nomes de cores** – Surgem as incertezas quando o nome de cor é constituído de dois adjetivos. Neste caso, a prática mais comum é deixar o primeiro invariável na forma do masculino e fazer a concordância do

segundo com o substantivo determinado, embora não deixem de aparecer exemplos em bons autores em que estejam flexionados os dois adjetivos:

olhos verde-claros, *ondas verde-azuladas*.

Concordância verbal

A – Concordância de palavra para palavra

1) Há um só sujeito:

a) Se o sujeito for simples e singular, o verbo irá para o singular, ainda que seja um coletivo:

"A vida *tem* uma só entrada: a saída *é* por cem portas" [MM].

"Povo sem lealdade não *alcança* estabilidade" [MM].

b) Se o sujeito for simples e plural, o verbo irá para o plural:

"Os bons conselhos desprezados *são* com dor comemorados" [MM].

"A virtude aromatiza e purifica o ar, os vícios o *corrompem*" [MM].

2) Há mais de um sujeito:

Se o sujeito for composto, o verbo irá, normalmente, para o plural, qualquer que seja a sua posição em relação ao verbo:

"... os ódios civis, as ambições, a ousadia dos bandos e a corrupção dos costumes *haviam* feito incríveis progressos" [AH.1, 21].

"Repeti-as, porque se me *ofereciam* vida e honras a troco de perpétua infâmia" [AH.1, 144].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Pode dar-se a concordância com o núcleo mais próximo, *principalmente se o sujeito vem depois do verbo*:

"O romeiro é livre como a ave do céu: *respeitam*-no o besteiro e o homem d'armas; dá-lhe abrigo o vilão sobre o seu colmo, o abade no seu mosteiro, o nobre no seu castelo" [AH.3, 145].

2.ª) Quando o núcleo é singular e seguido de dois ou mais adjuntos, pode ocorrer o verbo no plural, como se tratasse na realidade de sujeito composto:

"ainda quando *a autoridade paterna e materna fossem delegada*s..." [AGa.2, 25].

A concordância do verbo no singular é a mais corrente na língua padrão.

3.ª) Nas obras com mais de um autor adota-se modernamente o hábito alemão de se indicar a autoria com os nomes separados por hífen, caso em que o verbo da oração vai ao plural ou ao singular (levando-se, neste caso, apenas em conta a obra em si): Meillet-Ernout *dizem* (ou *diz*) no seu *Dictionnaire Étymologique* – que a origem é duvidosa.

4.ª) Pode ocorrer o verbo no singular ainda nos casos seguintes:

a) se a sucessão dos substantivos indicar gradação de um mesmo fato:

A censura, a autoridade, o poder público, inexorável, frio, grave, calculado, lá *estava* [AH.7, VII, 113].

b) se se tratar de substantivos sinônimos ou assim considerados:

O ódio e a guerra que declaramos aos outros nos *gasta* e *consome* a nós mesmos [MM].

c) se o segundo substantivo exprimir o resultado ou a consequência do primeiro:

A doença e a morte de Filipe II (...) *foi* como a imagem (...) [RS.2, IV, 6].

d) se os substantivos formam juntos uma noção única:

O fluxo e refluxo das ondas nos *encanta*.

5.ª) Quando o verbo se põe entre os núcleos do sujeito, como acontece às vezes em poesia e no estilo solene, a concordância pode ser feita com o núcleo mais próximo ou gramaticalmente com a totalidade do sujeito [RC.1, 251].

B – Concordância de palavra para sentido

Quando o sujeito simples é constituído de nome ou pronome que se aplica a uma coleção ou grupo, pode o verbo ir ao plural. A língua moderna impõe apenas a condição estética, uma vez que soa geralmente desagradável ao ouvido construção do tipo:

O povo trabalham ou A gente vamos.

Se houver, entretanto, distância suficiente entre o sujeito e o verbo e se quiser acentuar a ideia de plural do coletivo, não repugnam à sensibilidade do escritor exemplos como os seguintes:

> "Começou então *o povo* a alborotar-se, e pegando do desgraçado cético o *arrastaram* até o meio do rossio e ali o *assassinaram*, e *queimaram*, com incrível presteza" [AH.2, 83].
>
> "Faça como eu: lamente as misérias dos homens, e viva com eles, sem participar-lhe dos defeitos; porque, meu nobre amigo, se *a gente* vai a rejeitar as relações das famílias, justa ou injustamente abocanhadas pela maledicência, a poucos passos não *temos* quem nos receba" [CBr.1, 64].

C – Outros casos de concordância verbal

1) **Sujeito constituído por pronomes pessoais**

Se o sujeito composto é constituído por diferentes pronomes pessoais em que entra *eu* ou *nós*, o verbo irá para a 1.ª pessoa do plural:

> "*Vínhamos* da missa ela, o pai e eu" [MA.1, 309].

Se na série entra *tu* ou *vós* e nenhum pronome de 1.ª pessoa, o verbo irá normalmente para a 2.ª pessoa do plural:

> "E, assim, te repito, Carlota, que Francisco Salter voltará, será teu marido, e tereis (i.é, *tu* e *ele*) larga remuneração dos sofrimentos que oferecerdes a Deus..." [CBr.4, 79].

OBSERVAÇÃO: Ou porque avulta como ideia principal o último sujeito ou porque, na língua contemporânea, vai desaparecendo o tratamento *vós*, nestes casos, a norma consagrou o verbo na 3.ª pessoa do plural:

> "quando *tu e os outros velhacos* da tua laia lhe *estorroaram* na cara lixo e terra..." [AH.5, I, 152 *apud* SA.5, II, 69].

Para a concordância com expressões de tratamento.

2) **Sujeito ligado por série aditiva enfática**

Se o sujeito composto tem os seus núcleos ligados por série aditiva enfática (não só... mas, tanto... quanto, não só... como, etc.), o verbo concorda com o mais próximo ou vai ao plural (o que é mais comum quando o verbo vem depois do sujeito):

> "Tanto o lidador como o abade *haviam* seguido para o sítio que ele parecia buscar com toda a precaução" [AH.3, 184].

3) **Sujeito ligado por *com***

Se o sujeito no singular é seguido imediatamente de outro no singular ou no plural mediante a preposição *com*, ou locução equivalente, pode o verbo ficar no singular, ou ir ao plural *para realçar a participação simultânea na ação*:

> "El-rei, com toda a corte e toda a nobreza, *estava* fora da cidade, por causa da peste em que então Lisboa ardia" [AH.2, 84].
>
> "Estas explicações não evitaram que o desembargador, com os seus velhos amigos, *prognosticassem* o derrancamento do morgado da Agra..." [CBr.1, 108].
>
> "Nesta conjuntura, um deputado dileto da rainha, por nome Antônio José da Silva Peixoto, *coadjuvado pelo foliculário José Acúrsio das Neves, levantaram-se e prorromperam* em 'vivas'..." [CBr *apud* MBa.1, 206].

4) **Sujeito ligado por *nem... nem***

O sujeito composto ligado pela série aditiva negativa *nem... nem* leva o verbo normalmente ao plural e, às vezes, ao singular:

"É a nobre dama recém-chegada, à qual *nem* o cansaço de trabalhosa jornada, *nem* o hábito dos cômodos do mundo *puderam impedir*..." [AH.1, 136].

"... *nem* Deus, *nem* o mundo lhes *dará* a mínima recompensa" [AH.2, 16].

Constituído o sujeito pela série *nem um... nem outro*, fica o verbo no singular:

Nem um nem outro *compareceu* ao exame.

5) **Sujeito ligado por *ou***

O verbo concordará com o sujeito mais próximo se a conjunção indicar:

a) *exclusão*:

"a quem a doença *ou* a idade *impossibilitou* de ganharem o sustento..." [AH.2, 16].

Se João Fernandes (*ou* Platzhoff) os *dá* como entes sem afeições (...) [CL.1, II, 304]

b) *retificação de número gramatical*:

"Cantares é o nome que o autor *ou* autores do Cancioneiro chamado do Colégio dos Nobres *dão* a cada um dos poemetos..." [AH.3, 131].

Sei que algures existe a alma ou as almas, às quais eu me dirijo [ACt.1, 23].

c) *identidade* ou *equivalência*:

O professor ou o nosso segundo pai *merece* o respeito da pátria.

Se a ideia expressa pelo predicado puder referir-se a toda a série do sujeito composto, o verbo irá para o plural mais frequentemente, porém pode ocorrer o singular:

"A nulidade *ou* a validade do contrato... *eram* assunto de direito civil"

[AH.2, 20].

"A ignorância *ou* errada compreensão da lei não *eximem* de pena (...)" [Código Civil].

"Mas aí, como se o destino *ou* o acaso, *ou* o que quer que fosse *se lembrasse* de dar algum pastos aos meus arrombos possessórios" [MA.1, 146].

6) **Sujeito representado por expressão como *a maioria dos homens***

Se o sujeito é representado por expressões do tipo de *a maioria de*, *a maior parte de*, *grande parte de*, *parte de* e um nome no plural, o verbo irá para o singular ou plural:

"a maior parte deles *recusou* segui-lo com temor do poder da regente" [AH.2, 38].

"e a maior parte dos esquadrões *seguiram-nos*" [AH.1, 111].

7) **Sujeito representado por *cada um de* + plural**

Neste caso, o verbo fica no singular:

Cada um dos concorrentes *deve* preencher corretamente as fichas de inscrição (e não *devem* preencher!).

8) **Concordância do verbo *ser***

Como se dá com a relação sintática de qualquer verbo e o sujeito da oração, o normal é que sujeito e verbo *ser* concordem em número:

José era um aluno aplicado.

Os dias de inverno são menores que os de verão.

Todavia, em alguns casos, o verbo *ser* se acomoda à flexão do predicativo, especialmente quando se acha no plural. São os seguintes os casos em que se dá esta concordância:

a) quando um dos pronomes *isto*, *isso*, *aquilo*, *tudo*, *ninguém*, *nenhum* ou expressão de

valor coletivo do tipo de *o resto*, *o mais* é sujeito do verbo *ser*:

Tudo *eram alegrias* e *cânticos* [RS.1, 5].

A concordância normal com o sujeito ocorre, apesar de mais rara:

Tudo é alegrias.

b) quando o sujeito é constituído pelos pronomes interrogativos *quem*, *que*, *o que*:

O que são comédias? [CBr.1, 40].

Quem eram os convidados?

Não sei *quem são os vencedores*.

c) quando o verbo *ser* está empregado na acepção de "ser constituído por":

A provisão *eram alguns quilos de arroz*.

d) quando o verbo *ser* é empregado impessoalmente, isto é, sem sujeito, nas designações de horas, datas, distâncias:

São dez horas? Ainda não *o são*.

Hoje *são 15* de agosto.

Da estação à fazenda *são três léguas* a cavalo [M. Said Ali].

OBSERVAÇÃO: Precedido o predicativo plural da expressão *perto de* é ainda possível vir o verbo *ser* no singular:

Era perto de duas horas quando saiu da janela [MA.3 *apud* SS].

Eram perto de oito horas [MA.3, *apud* SS].

e) quando o verbo *ser* aparece nas expressões *é muito*, *é pouco*, *é mais de*, *é tanto* e o sujeito é representado por termo no plural que denota preço, medida ou quantidade:

Sessenta mil homens *muita gente é* para casa tão pequena [RS.1, 1873, 172].

Dez reais *é pouco*.

Nas orações ditas equativas em que com *ser* se exprime a definição ou a identidade, o verbo, posto entre dois substantivos de números diferentes, concorda em geral com aquele que estiver no plural. Às vezes, um dos termos é um pronome:

A pátria não *é* ninguém: *são* todos [RB.3, 11].

Mas:

Justiça é tudo, justiça *é as virtudes todas* [AGa.2, 45].

Às vezes em vez de *ser* aparece o verbo *parecer*:

Essa imensa papelada

- - - - - - - - - - - - - - -

Parecem indiscrições [GD.3, II, 445].158

Se o sujeito está representado por pronome pessoal, o verbo *ser* concorda com o sujeito, qualquer que seja o número do termo que funciona como predicativo:

Ela *era* as preocupações do pai.

Na expressão, que introduz narrações, do tipo de *era uma princesa*, o verbo *ser* é intransitivo, com o significado de *existir*, funcionando como sujeito o substantivo seguinte, com o qual concorda:

Era uma princesa muito formosa que vivia num castelo de cristal.

Eram quatro irmãs tatibitates e a mãe delas tinha muito desgosto com esse defeito [CC.1, 292].

Com a expressão *era uma vez uma princesa*, continua o verbo *ser* como intransitivo e o substantivo seguinte como sujeito; todavia, como diz A.G. Kury, "a atração fortíssima que exerce o numeral *uma* da locução *uma vez*", leva a que o verbo fique no singular ainda quando o sujeito seja um plural:

Disse que *era uma vez* dois (...) compadres, um rico e outro pobre [CC.1, 31].

Era uma vez três moças muito bonitas e trabalhadeiras [CC.1, 120].

A verdade é que muitos idiomas, em textos de níveis distensos, apresentam essas irregularidades que se afastam do uso normal e padrão, principalmente quando o verbo é anunciado antes do sujeito, com alguma distância, como se o falante ao começar a oração pelo verbo ainda não tivesse decidido como iria apresentar formalmente a expressão do sujeito.

A moderna expressão *é que*, de valor reforçativo de qualquer termo oracional, aparece em geral com o verbo *ser* invariável em número:

*Nós é que s*omos brasileiros / Nós somos brasileiros.

Esses livros é que não compraremos agora.

Afastado do *que* e junto do termo no plural, aparece às vezes o verbo *ser* no plural:

São de homens assim *que* depende o futuro da pátria / De homens assim *é que* depende o futuro da pátria.

Foram nesses livros *que* estavam as respostas / Nesses livros *foi que* estavam as respostas.

Nas expressões que denotam operação aritmética do tipo *um e um*, *um mais um*, *um com um*, que funcionam como sujeito do verbo *ser* (*fazer*, *somar*, etc.), o verbo vai ao plural concordando normalmente com o sujeito:

— Sempre ouvi dizer que duas semanas são quinze dias.

— Eu também tenho ouvido, confessou o Dr. Magalhães. Mas é um engano. Uma semana tem sete dias. *Sete e sete não são* catorze? E então? [GR.2, 3.ª ed., 75].

9) **A concordância com *mais de um***

Depois de *mais de um* o verbo é em geral empregado no singular, sendo raro o aparecimento de verbo no plural:

"... *mais de um* poeta *tem* derramado..." [AH.2, 155].

"*Mais de um* coração de guerreiro *batia* apressado..." [AH.2, 169].

"Sei que há *mais de um* que não se *envergonham* dela" [AH.2, 169].

10) **A concordância com *que de***

Com *que de* (= que quantidade de, quanta) seguido de substantivo sujeito no plural o verbo vai ao plural:

Que de forças *existem* no coração feminino!

11) **A concordância com *quais de vós***.

Se o sujeito for constituído de um pronome plural de sentido partitivo (*quais, quantos, algumas, nenhuns, muitos, poucos,* etc.), o verbo concorda com a expressão partitiva introduzida por *de* ou *dentre*:

"*Quais dentre vós... sois* neste mundo sós e não tendes quem na morte regue com lágrima a terra que vos cobrir? *Quais de vós sois*, como eu, desterrados no meio do gênero humano?" [AH.1, 188-9].

Pode ainda ocorrer o verbo na 3.ª pessoa de plural:

"*quantos dentre vós estudam* conscienciosamente o passado?" [JA *apud* SS.1, § 456].

12) **A concordância com os pronomes relativos**

a) Se o sujeito da oração é o pronome relativo *que*, o verbo concorda com o antecedente, desde que este não funcione como predicativo de outra oração:

"Não gastava ele as horas *que* lhe *sobejavam* do exercício do seu laborioso ministério numa obra do senhor?" [AH.1, 18].

"Ó tu, *que tens* de humano o gesto e o peito" [LC.1, III, 127].

b) Se o antecedente do sujeito *que* for um pronome demonstrativo, o verbo da oração adjetiva vai para a 3.ª pessoa:

Aquele que trabalha acredita num futuro melhor.

Aqueles que trabalham acreditam num futuro melhor.

OBSERVAÇÃO:

Entra neste princípio a oração adjetiva que se substantiva mediante *o*, *a*, *os*, *as*:

Os que prometem fazer felizes os povos *são* ordinariamente os que pretendem sê-lo à custa deles. [MM].

Quando, por silepse, se quer incluir a pessoa que fala ou a que se dirige, pode-se pôr o verbo da oração adjetiva na 1.ª ou 2.ª pessoa do plural:

Por que a verdade é que somos nós *os que fabricamos* os próprios aspectos da natureza (...) [JR.2, 191].

Porque voltastes sem vo-lo eu ordenar, *vós os que tínheis* jurado obedecer-me em tudo? [AH.1, 223].

(...) *vós a que não tendes* nenhum préstamo de minhas mãos! [AH.3, 174, ed. 1878].

c) Se o antecedente do pronome relativo funciona como predicativo, o verbo da oração adjetiva pode concordar com o sujeito de sua principal ou ir para a 3.ª pessoa (se não se quer insistir na íntima relação entre o predicativo e o sujeito):

"Sou eu o primeiro que não *sei* classificar este livro" [AH.1, 311].

Fui o primeiro que *conseguiu* sair.

"Éramos dois sócios, que *entravam* no comércio da vida com diferente capital"[MA *apud* SS.1, § 461].

d) É de rigor a concordância do verbo com o sujeito de *ser* nas expressões de tipo *sou eu que*, *és tu que*, *foste tu que*, etc. (neste caso, era prática da língua até fins do séc. XVIII usar o artigo como antecedente do relativo: *sou eu o que*, etc.):

"Não fui eu que o *assassinei*" [AH *apud* SA.5, II, 75].

"Foste *tu que* me *buscaste*" [AH *apud* SA.5, II, 75].

e) Se ocorrer o pronome *quem*, o verbo da oração subordinada vai para a 3.ª pessoa do singular, qualquer que seja o antecedente do relativo, ou concorda com este antecedente:159

"Eram as paixões, os vícios, os afetos personalizados *quem fazia* o serviço dos seus poemas" [AH *apud* SA.5, 77].

"*És tu quem me dás* rumor à quieta noite,

És tu quem me dás frescor à mansa brisa,

Quem dás fulgor ao raio, asas ao vento,

Quem na voz do trovão longe *rouquejas*" [GD *apud* SA.5, 77].

f) Em linguagem do tipo *um dos... que*, o verbo da oração adjetiva pode ficar no singular

(concordando com o seletivo *um*)160 ou no plural (concordando com o termo sujeito no plural), prática, aliás, mais frequente, se o dito verbo se aplicar não só ao relativo mas ainda ao seletivo *um*:

"Este era *um dos que* mais se *doíam* do procedimento de D. Leonor"

[AH.2, 37].

"*Um dos* nossos escritores modernos *que* mais *abusou* do talento, e que mais portentos auferiu do sistema..." [AH.2, 46].

"Demais, *um dos que* hoje *deviam* estar tristes, eras tu" [CL.1, I, 190].

O singular é de regra quando o verbo da oração só se aplica ao seletivo *um*. Assim nos dizeres "foi um dos teus filhos que jantou ontem comigo", "é uma das tragédias de Racine que se representará hoje no teatro", será incorreto o emprego do número plural; o singular impõe-se imperiosamente pelo sentido do discurso" [Cr.2, 763].

13) **A concordância com os verbos impessoais**

Nas orações sem sujeito o verbo assume a forma de 3.ª pessoa do singular:

Há vários nomes aqui.

Deve haver cinco premiados.

Não o vejo *há* três meses.

Não o vejo *faz* três meses.

OBSERVAÇÃO: Os exemplos literários que se encontram de tais verbos no plural não ganharam foros de cidade: "Houveram alguns que aluminados da graça do Espírito Santo abraçaram o culto e a fé de Cristo" [FE.1, I, 20].

"*Houveram* coisas terríveis" [CBr *apud* JC, I, 98].

14) **A concordância com *dar* (e sinônimos) aplicado a horas**

Se aparece o sujeito *relógio*, com ele concorda o verbo da oração:

O *relógio deu* duas horas.

Não havendo o sujeito *relógio*, o verbo concorda com o sujeito expresso pela expressão numérica:

No *relógio deram* duas horas.

15) **A concordância com o verbo na passiva pronominal**

A língua padrão pede que o verbo concorde com o termo que a gramática aponta como sujeito:

Alugam-se casas.

Vendem-se apartamentos.

Fazem-se chaves.

Não *se perdem cinco contos*, como se perde um lenço de tabaco. *Cinco contos levam-se* com trinta mil sentidos, *apalpam-se* a miúdo, não *se* lhes *tiram* os olhos de cima, nem as mãos, nem o pensamento, e para *se perderem* assim totalmente, numa praia, é necessário que... [MA.1, 151].

OBSERVAÇÃO: Se o verbo estiver no infinitivo com sujeito explícito, o normal é usar o infinitivo flexionado como no exemplo acima de M. de Assis:

"e para *se perderem* assim..."

Todavia, aqui e ali, bons escritores deixam escapar exemplos com o infinitivo sem flexão:

Basta ver o que este bom povo é para *se avaliar* as excelências de quem assim o educou [CBr.6, 53].

16) **A concordância na locução verbal**

Havendo locução verbal cabe ao verbo auxiliar concordar com o sujeito:

"Bem sei que me *podem vir* com duas objeções que geralmente se *costumam fazer*" [AC.11 *apud* MBa.1, 215].

Se se considera *costumar fazer* como dois verbos principais sem que haja locução verbal, o *costumar* terá como sujeito a 2.ª oração que, considerada materialmente, vale como substantivo do número singular:

"Não *se costuma punir* os erros dos súditos sobre a efígie venerável dos monarcas" [RS *apud* MBa.1, 215]

Assim se poderá dizer:

As estrelas { *parecem brilhar* (loc. verbal)
parece brilharem (= parece brilharem as estrelas)

Em *as estrelas parecem brilharem* temos a contaminação sintática das duas construções, prática que deve ser evitada como norma.

Com *poder* e *dever* seguidos de infinitivo, a prática mais generalizada é considerar a presença de uma locução verbal, isto é, fazendo-se que o *poder* e *dever* concordem com o sujeito plural:

Podem-se dizer essas coisas.

Devem-se fazer esses serviços.

Todavia aparece o singular, corretamente:

Não é como a embriaguez que se *deve celebrar os sucessos* felizes (...) (M. Maricá, 3326).

São ambas construções corretas e correntes que se distinguem por apresentar diferentemente a ênfase sobre o sujeito da oração.

Quando, porém, o sentido determinar exatamente o sujeito verdadeiro, a concordância não pode ser arbitrária. Ex.: "*Quer-se inverter as leis*, e nunca *querem-se inverter as leis*. Neste caso, é evidente que o único sujeito possível é *inverter*" [JR.1, 322].

17) **A concordância com a expressão *não* (*nunca*)... *senão***

O verbo concorda com o sujeito que se interpõe na expressão exceptiva *não… senão* (ou *mais que*):

"Ao aparecer o dia, por quanto os olhos podiam alcançar, não se *viam* senão cadáveres" [AH.2, 117].

O mesmo ocorre com *não* (*nunca*)... *mais que* (*do que*):

Não se *viam* mais do que cadáveres.

Quando a exceção recai na 1.ª ou 2.ª pessoa, tem-se de dar outro torneio à oração, como, por exemplo:

Ninguém votou contra o projeto *senão nós três* [SA.2, 215].

Não haveria outro culpado *senão tu*.

OBSERVAÇÃO: Em vez de *não… mais que* pode-se usar *mais não… que*: "O som que vos fere os ouvidos *mais não é que* um rude eco da voz íntima" [*apud* MBa.4, 181]. Deve-se evitar o emprego de *que* em lugar de *senão*, por ser imitação do francês: "Isto não é *que* uma insolência" por "Isto não é *senão* uma insolência" [FF *apud* MBa.4].

Construção vernácula é o emprego de *que* por *senão* precedido de *outro*: *outro*, *outra coisa*, etc.: "Quando deu por ele, quis expeli-lo, para que entre ele e Fortunato não houvesse *outro laço que* o da amizade; mas não pôde" [MA.2 *apud* MBa.4]. "(...) sem obter *outra coisa que* a atenção cortês o acaso numa palavra sem valor" [MA.8 *apud* MBa.4].

18) **A concordância com títulos no plural**

Geralmente se usa o verbo no plural:

"Por isso, as *Cartas Persas anunciam* o Espírito das Leis" [MBa.6, XII].

Com o verbo *ser* e predicativo no singular pode ocorrer o singular:

"as *Cartas Persas é* um livro genial..." [MBa.6, XII].

Dos seus livros didáticos *é* o mais importante as *Lições de História do Brasil* professadas no antigo Colégio de Pedro II [JR.4, 76 da 15.ª ed.].

19) **A concordância no aposto**

Quando a um sujeito composto se seguem, como apostos, expressões de valor distributivo como *cada um*, *cada qual*, o verbo, posposto a tais expressões, concorda com elas:

Pai e filho *cada um seguia* por seu caminho [ED.2, 28].

Se o verbo vem anteposto a essas expressões, dá-se normalmente a concordância no plural com o sujeito composto ou no plural: "(...) não era possível que os aventureiros *tivessem cada um* o seu cubículo [JA *apud* SS.1, §465, obs.].

Eles *saíram cada um* com sua bicicleta.

20) **A concordância com *Haja vista***

A construção mais natural e frequente da expressão *haja vista*, com o valor de *veja*, é ter invariável o verbo, qualquer que seja o número do substantivo seguinte:

Haja vista os exemplos disso em Castilho [RB.1, 572].

Pode-se construir com o verbo no singular e substantivo seguinte à expressão precedido das preposições *a* ou *de*:

Haja vista às tangas [CBr.16, 61].

Haja vista dos elos que eles representam (...) [CBr *apud* CR.1, 624].

21) **A concordância do verbo com sujeito oracional**

Fica no singular o verbo que tem por sujeito uma oração, que, tomada materialmente, vale por um substantivo do número singular e do gênero masculino:

Parece que tudo vai bem.

Cá não se *usa* as noivas andarem a namoriscar à surdina [CBr *apud* MBa.1, 2.ª ed., 207].

É bom que compreendas estas razões.

Permanece no singular o verbo que tem como sujeito duas ou mais orações coordenadas entre si:

Que Sócrates nada escreveu e que Platão expôs as doutrinas de Sócrates *é sabido* [JR.1, 318].

22) **Concordância nas expressões de porcentagem**

Nas linguagens modernas em que entram expressões numéricas de porcentagem, a tendência

é fazer concordar o verbo com o termo preposicionado que especifica a referência numérica:

Trinta por cento *do Brasil assistiu* à transmissão dos jogos da Copa.

Trinta por cento *dos brasileiros assistiram* aos jogos da Copa.

Dois por cento *da assistência detestou* o filme.

Dois por cento *dos espectadores detestaram* o filme.

6 – Regência

Ao que dissemos no capítulo sobre complementos verbais e nominais e emprego de preposição, cumpre acrescentar os seguintes principais casos:

A preposição que serve a dois termos coordenados pode vir repetida ou calada junto ao segundo (e aos mais termos), conforme haja ou não desejo de enfatizar o valor semântico da preposição:

> As alegrias *de* infância e *de* juventude / As alegrias *de* infância e juventude.
>
> Precisava da ajuda *dos* pais e *dos* parentes / Precisava da ajuda *dos* pais e parentes.
>
> (...) mas as argolas do caixão foram seguras *pelos* cinco familiares e *o* Benjamim [MA *apud* MBa.4, 250].

A omissão da preposição parece ser mais natural quando não se combina com artigo, talvez porque em português (ao contrário, por exemplo, do francês e do espanhol) a presença de ambos leva-os a combinarem-se, como supõe Mário Barreto.

1) ***Isto é para eu fazer*** – Se a preposição seguida de pronome não serve de introduzir este pronome (que funciona como sujeito), mas um infinitivo, usam-se as formas retas *eu* e *tu*, e não *mim* e *ti*:

> Isto é para *mim* (a preposição rege o pronome).
>
> Isto é para *eu* fazer (a preposição rege o infinitivo: isto é, para que *eu* faça).

2) ***Pedir para*** – O verbo *pedir* pede objeto direto de coisa e indireto de pessoa a quem se pede:

> Pedi-lhe (obj. indireto) um favor (obj. direto).

Se o objeto direto é *licença* (ou equivalente), pode-se acrescentar uma oração adverbial de fim que indique o objetivo do pedido:

> Pediu-lhe *licença para sair* (ou *para que saísse*).

Este objeto direto *licença* pode calar-se, mas o sujeito de *pedir* terá de ser entendido como o mesmo do verbo da subordinada, para ter sanção tranquila na norma exemplar:

> O Antônio pediu-lhe para sair (i. é: o Antônio é quem sairá).
>
> Pediu para ajudar a vestir sua filha, mas não o obteve [CBr *apud* MBa.3, 2.ª ed. pág. 287 n.].

A linguagem coloquial aproximou as ideias de *pedir que algo aconteça* (oração objetiva direta) e *trabalhar para que algo aconteça* (oração adverbial final), passando a usar a preposição *para* a introduzir a oração que seria objeto direto do verbo *pedir*.

> *Pediu para que Antônio saísse*

em lugar de

Pediu que Antônio saísse.

Os gramáticos ainda não aceitaram a operação mental, apesar da insistência com que penetra na linguagem das pessoas cultas. O novo modo de expressão traz também uma ambiguidade, porque se fica sem saber qual é, na realidade, o sujeito da oração subordinada. Em:

Antônio pediu a José para sair,

custa-nos a dizer de pronto se quem sai é o mesmo Antônio ou José. O gramático só considera a expressão correta se o sujeito for Antônio, mas a linguagem coloquial constrói o período como se o sujeito fosse José, pois interpreta a oração subordinada como objetiva direta: *Antônio pediu que José saísse*.

Sob a alegação de que o objeto direto oracional não pode vir introduzido por preposição (argumento, aliás, fraco) é que gramáticos repudiam tal linguagem. Pode-se ver na construção o *para* como posvérbio iniciando a oração objetiva direta para denotar o interesse ou a insistência do pedido, como *cumprir o dever* ao lado de *cumprir com o dever*.

3) ***Está na hora da onça beber água*** – A possibilidade de se pôr o sujeito de infinitivo antes ou depois desta forma verbal nos permite dizer:

Está na hora de beber a onça água (posição rara)
Está na hora de a onça beber água (posição mais frequente).

Este último meio de expressão aproxima dois vocábulos (a preposição *de* e o artigo *a*) que a tradição do idioma contrai em *da*, surgindo assim um terceiro modo de dizer:

Está na hora da onça beber água,

construção normal que não tem repugnado os ouvidos dos que melhor conhecem e escrevem a língua portuguesa. Alguns gramáticos viram aí, entretanto, um solecismo, pelo fato de *se reger de preposição um sujeito*. Na realidade, não se trata de regência preposicional do sujeito, mas do contato de dois vocábulos que, por hábito e por eufonia, costumam vir incorporados na pronúncia. A lição dos bons autores nos manda aceitar ambas as construções, *de a onça beber água* e *da onça beber água*. Que a contração é possível mostram-nos os seguintes exemplos:

"... só voltou *depois do infante* estar proclamado regedor" [AH.2, 44]; "Sabia-o, senhor, *antes do caso* suceder" [AH.4, 267]; "se, por exemplo, me concederem um monopólio do plantar couves, *apesar das couves* serem uma das espécies de legumes" [RB *apud* PP]; "*Pelo fato do verbo restituir*, numa das suas acepções, e *entregar*, em certos casos, terem..." [CR.2, 579]; "*no caso do infinitivo* trazer compl. direto" [ED.2, § 289, b].

O problema que, do ponto de vista puramente gramatical, a rigor, termina nessa dupla possibilidade de emprego; já não se mostra indiferente do ponto de vista da necessidade de proferir o sujeito enunciando-o com maior ou menor realce. Deixa-se o domínio da gramática para se entrar no domínio da estilística, da expressividade. A não combinação da preposição com o sujeito garante o valor expressivo da preposição e a ênfase posta no sujeito: *É tempo de o povo querer melhores escolas*, diferente, sob o aspecto de expressividade, de *É tempo do povo querer melhores escolas*. A simples – e contrária à dupla possibilidade que a tradição literária registra – solução gramatical de rejeitar uma forma com privilégio de outra empobrece os recursos estilísticos da língua.

Pode-se evitar a combinação pondo o infinitivo entre a preposição e o sujeito, como fez Manuel Bandeira nesta passagem: E o Prefeito recordou que uma semana *antes de ser o*

grande romancista hospitalizado (...) [MB.1, II, 601].

4) **Migrações de preposição** – Com muita frequência vê-se migrar a preposição que deveria aparecer com o relativo para junto do antecedente deste pronome:

Não sei no que pensar por
Não sei o em que pensas

Ou:

Lisboa e Porto, *das quais cidades venho agora* por
Lisboa e Porto, *cidades das quais venho agora*
[LV.1, 312].

Destas migrações resultam giros mais agradáveis ao ouvido e que nos afastam de certas durezas de estilo artificial a que nos poderia levar a construção rigorosamente gramatical, como se depreende dos seguintes trechos de Rui Barbosa:

"Assim me perdoem, também, *os a quem* tenho agravado, *os com quem* houver sido injusto, violento, intolerante..." [RB.2, 23];
"e daí, com estupenda mudança, começa a deixar ver *o a que* era destinada..." [RB.2, 36].

Estas migrações correm na língua literária apadrinhadas pelos seus melhores representantes. Alexandre Herculano e Carlos de Laet nos dão testemunho do fato:

"A barra é perigosa, como dissemos; porém a enseada fechada é ancoradouro seguro, *pelo que* (= o por que) tem sido sempre couto dos corsários de Berbéria" [AH.2, 69];
"... até o induzirem a mandá-lo sair da corte, *ao que* (= o a que) D. Pedro atalhou com retirar-se antes que lhe ordenassem" [AH.2, 91].
"Eis para *o que* (= o para que) esperas utilizar o domínio dos ares" [CL in SS.3, 180].

É interessante a posição da preposição *de* a introduzir o predicativo quando se esperava antes do relativo:

"O que precisamos é *de* braços valorosos e de peitos resolutos"
[RS.2, IV, 184].

Note-se de passagem que, em construções como a do último exemplo, é possível haver o pleonasmo da preposição, a qual aparece antes do termo a que rigorosamente se prende e antes de *de braços*:

"O *de que* me não penitencio, é *do* esmero, bem ou malsucedido, que pus em dar os cuidados que dei à forma, com que nos veio da câmara o projeto" [RB.1, *apud* MBa.4, 3.ª ed., 235 e ss.].

5) **Repetição de prefixo e preposição** – Sem atentar para a tradição do idioma e de suas raízes latinas, alguns autores (p. ex., Cândido Figueiredo) condenam a concorrência de prefixo com preposição em usos como *con*correr *com*, *de*duzir *de*, *de*pender *de*, *in*cluir *em*, *a*derir *a*, *con*cordar *com*, *co*incidir *com*, etc. Daí repudiarem, por exemplo, a construção *consentâneo com*, recomendando se diga *duas coisas consentâneas* em vez de *uma coisa consentânea com outra*. Também substituem *uma coisa coincide com outra* por *uma coisa incide na outra*. São lições que, pela concorrência de prefixo e preposição, devem ser rejeitadas [VB.1].

6) **Complementos de termos de regências diferentes** – O rigor gramatical exige que não se dê complemento comum a termos de regência de natureza diferente. Assim não podemos dizer,

consoante este preceito:

Entrei e saí de casa

em lugar de

Entrei em casa e dela saí (ou equivalente),

porque *entrar* pede a preposição *em* e *sair* a preposição *de*.

Ao gênio de nossa língua, porém, não repugnam tais fórmulas abreviadas de dizer, principalmente quando vêm dar à expressão uma agradável concisão que o giro gramaticalmente correto nem sempre conhece:

"Tenho-o visto *entrar e sair do Colégio de S. Paulo*" [AH.5, I, 154];

"... que se deduz daí *a favor* ou *contra o direito* de propriedade literária?" [AH.7, II, 60].

Estendem certos autores a proibição aos dizeres em que duas ou mais preposições de sentido diferente, e até contrário, se referem a um só termo:

Com ou sem vantagens sairei

Antes e depois da luta

Para tais autores devemos dizer: *com vantagens ou sem elas*, *antes da luta e depois dela*, ou repetindo-se o substantivo como fez M. de Assis em:

"Os gritos da vítima, *antes da luta e durante a luta*, continuavam a repercutir dentro de mim" [*apud* MBa.3, 103].

Salvo as situações de ênfase e de encarecimento semântico de cada preposição, como a que se depreende do trecho acima, a língua dá preferência às construções abreviadas que a gramática insiste em condenar, sem, contudo, obter grandes vitórias.

7) **Termos preposicionados e pronomes átonos** – Tanto se pode dizer *não fujas* ***de mim*** como *não* ***me*** *fujas*:

O corajoso major tem afrontado teu irmão (...) mas Simão teme-o e *foge-lhe* com o pretexto de desafiar primeiro quem primeiro o ofendeu [CBr *apud* MBa.4, 273, de onde se colhem os exemplos abaixo].

Assim em vez de *pôs-se diante dele* se pode dizer *pôs-se-lhe diante*; em vez de *aparecer diante dele*, *aparecer-lhe diante*.

Nunca *me* tornaria a pôr a vista *em cima*.

Pretendem cair-*nos em cima*.

Tudo *lhe* girou *em volta*.

Sentaram-se-*lhe* em frente dois guardas.

Assim também em equivalência com a preposição *em*:

Deu um beijo *em* Nelina / Deu-*lhe* um beijo

Deu um abraço *em* Dolores / Deu-*lhe* um abraço

A mesma possibilidade se dá com verbos que se constroem com *de* ou *a* (*avizinhar-se*, *aproximar-se*, *acercar-se de*, entre outras) e *com* (*ralhar*, por exemplo):

Avizinhou-se *dela* / Avizinhou-se-*lhe*

Aproximar-se *dela* (ou *a ela*) / Aproximou-se-*lhe*

Ralhar *com o filho* / Ralhar-*lhe*

Vale lembrar aqui de passagem – pois não se trata de regência –, pois estamos falando de simplificações formais, que o mesmo processo se repete com alguns prefixos:

(...) o apalpá-la nas costelas *sobre* e *subjacentes* ao coração [CBr *apud* MBa.3, 113 n.].

(...) algumas faíscas de amor profano tinham entrado *ob* e *sub-repticiamente* (*Id.*, *ibid.*)

Esperemos, e oxalá não esperemos em vão, que chegue o dia longínquo em que todos os escritores *cis* e *transatlânticos* aprendam a sua língua (...) [MBa.3, 127n.].

Também nas expressões comparativas podem-se encontrar simplificações ou braquilogias, como nos seguintes exemplos muito comuns *tanto* (*tão*) *mais que*, *tanto* (*tão*) *ou menos que* (por *tanto* ou *quanto* e *mais que*, etc.):

A gota, o reumatismo, a ciática impacientavam-no *tanto ou menos que* o desmancho das coisas políticas [CBr.6, 55].

8) **Emprego de relativos precedidos de preposição** – O pronome relativo exerce função sintática na oração a que pertence:

a) *Sujeito*: O livro *que* está em cima da mesa é meu.

b) *Objeto direto*: O livro *que* eu li encerra uma bonita história.

c) *Predicativo*: Dividimos o pão como bons amigos *que* éramos.

d) *Complemento relativo*: O livro de *que* precisamos esgotou-se.

e) *Objeto indireto*: Este é o aluno *a que* dei o livro.

f) *Adjunto adverbial*: O livro *por que* aprendeste a ler é antigo. A casa *em que* moro é espaçosa.

g) *Agente da passiva*: Este é o autor *por que* a novela foi escrita.

As três primeiras funções sintáticas dispensam preposição enquanto as quatro últimas a exigem. Deve-se evitar, em língua literária, o emprego do relativo universal.

9) **Relação de regências de alguns verbos e nomes**161:

A

Abalançar-se a
aborrecer-se com
abrigado de
absolver– de
abster-se de
abundar em
abusar de
acabar– com
acautelar-se com
aceder a
acessível a
aceito a
acercar-se de
acomodar-se a
acontecer a, com
aconselhar– a
acordar com
acreditar– em
acudir a
acusar– de

adaptar– a
adequado a
aderir– a
admirar-se de, com, por
afastar– de
afável com, para com
afixar– a
agradar a
agradável a
agradecer a
agregar-se a
ajudar– a
ajuntar– a, -se com
alertar– de, sobre, contra
alhear-se de
alheio a
alimentar– com, de
almejar– por
aludir a
amante de
ameaçar– com, de
amercear-se de
amigo de
amofinar-se com
amoroso com, para com
análogo a
anelar por
ansiar– por, (trans. direto)
ansioso de, por
antecipar-se a
antepor– a
anterior a
apaixonar-se por, de
aparentado com
apartar– de
apear-se de
apegar-se a
apelar para, de
aperceber-se de
apetrechar-se com
apiedar-se de
aplicar-se a
apoderar-se de
apoiar-se em
aportar– a
aprender–
apressar-se a, em, por, para
aproveitar-se de
apto para, a

arguir– de
arrancar– de
aproximar-se a, de
arrepender-se de
arribar a
arrimar-se a
arriscar-se a
arrostar-se com
aspirar a (= desejar);
trans. direto (= inspirar)
assemelhar-se a, com
assenhorear-se de
assentir a
assinalar– com
assistir a (= presenciar)
assistir– (= ajudar)
assustar-se com
atapetar-se de, em
atemorizar-se com
atender– a
atestar contra, por
atento a, em
ater-se a
atinar com
atingir (sem *a*!)
atrair– a
atrever-se a, em
atribuir– a
aumentar
ausentar-se de
autorizar– a
avaliar– em
avaro de
averiguar– de
avesso a
avezar (-se) a
aviar-se de
ávido de
avir-se com
avisar– de
avizinhar-se de, a
avocar– a

B

bacharel em
bandear-se para
baixar– a
bastante a, para

bastar a
batalhar com
benéfico a
bater a, em
bem (fazer) em, de
blasfemar contra
blasonar de
bom para, para com
brigar com
brindar– com

C

cair em, sobre
calcar– a
capaz de, para
capitular– com
carecer de
caritativo com, para com
caro a
casar-se com
ceder– a
cego a
chamar 162
chegar (-se) a (não *em* junto
à expressão de lugar)
cheio de
cheirar a
cheiro a, de
chorar por
cingir– de, (-se) a
circunscrever-se a
circunvizinho de
clamar por
cobiçoso de
cobrar– de
cobrir– de
coetâneo de
coevo de, a
coexistir– com
coincidir– com
coligar-se com
combater– contra, por
combinar– com
começar a, por
comedir-se com, em
cometer– a
compadecer-se de
comparar– a, com

comparecer a
compatível com
compelir– a
competir com, a
compor-se de
comprazer– a, (-se) em, com
compreensível a
comprometer-se a
comprovar– com
comum a, de
comungar com
comunicar– a
comutar– em
concentrar– em
concordar com, em
conforme a, com
concorrer a, com
condenar– a
condescender com
condoer-se de
confabular com
confederar-se com
conferenciar com
confessar– a
confiar em, a
confinar com
conformar-se com, a
conforme com, a
confrontar– com
confundir-se com
congraçar-se com
congratular-se com
consagrar a
consentir em, tr. direto
considerar como
consistir em (e não *de*!)
consolar-se com
conspirar a, contra, para
constante em
constar de
constituir-se em
contagiar-se com
contaminar-se de, com
contemporizar com
contemporâneo de
contender com, de, sobre
contentar-se com, de, em
conter-se em
contíguo a

continuar em, com
contrapor a
contrário a
contribuir para, com
convalescer de
conversar– com 163
convencer-se de
converter– em, a
convidar– a, para
convir a, com, em
convocar– a, para
cooperar com, para
coroar– de, com
corresponder a, (-se) com
corrigir-se de
cotejar– com
crer– em, a
cristalizar– em
cruel com, para com
cuidadoso com
cuidar de, em (tr. direto)
culpar de
cúmplice em
cumprir com, a 164
curar-se de
curioso de
curtir-se em

D

dar a, em, com, por
dar-se (pressa) a, em
decair de
decidir sobre
declarar-se contra
declinar– de
dedicar– a
dedignar-se de
deduzir– de
deitar-se a, em, sobre
deleitar-se com, em, de
denotar– a, em
deparar– com
depender de
dependurar – de
depressivo de
derivar– de
desafiar– para
desagradar a

desagradável a
desalojar– de
desapegar-se de
desapossar– de
desapropriar– de
desatar– de, em
desatento a
desavir-se com
descansar– de
descansar com
descartar-se de
descender de
descer de, a
desconfiar de
descontar– de
descontente com
descuidar-se de
desculpar-se de, com
descurar-se de (não *por*)
desdizer-se de
desejoso de
desembaraçar-se de
desempenhar-se de
desenganar-se de
desertar– de
desesperar– de
desfavorável a
desfazer-se de
desgostar-se de, com
designar-se de
desistir de
desleal a
desobedecer a
despedir-se de
despenhar de
despojar– de
desprender– de
desquitar-se de
declinar a, para
destituir– de
deter-se em, com
determinar-se a
dever– de 165
devoto de
diferenciar– de
diferente de
difícil de
dignar-se de, a
digno de

diligente em, para
discordar de
discrepar em
disfarçar– em
dispensar– de, a
dispor– de, -se a, para
disposto a
disputar com
dissemelhante de
dissentir de
dissuadir– de
distar de
distinguir– de
distrair-se com
distribuir– a, por com, entre
ditoso com
diverso de
divertir-se com
divorciar-se de
dizer– de
doce a
dócil a, para com
doente de
doer-se de
dotado de
dotar– com, em
doutor em
duro de
duvidar de

E

eleger– por, em, como
embaraçar-se com
embeber– de, em
embelezar-se com
embevecer-se em, com
emboscar-se em
embriagar-se de, com
embutir– em
emendar-se de
empapar– de, em, com
empenhar-se por, em, com
emular com
empregar-se com
êmulo de
encarar– com
encarregar– de
encarniçar-se com, contra

encharcar-se em
encher– de
encomendar– a
encostar– a
encontrar-se com
enfadar-se com
enfastiar-se de, com
enfatuar-se com
enfeitar-se com
enfermar– de
enfurecer-se com, contra
engalanar-se com
enganar-se com, em
engenhar-se a
engolfar-se em
enlaçar-se em
enlear-se em
enraivecer-se contra
enredar-se em
ensaiar-se em, para
ensinar– a
entender de
entendido em
entregar-se a
entreter-se com, em
entristecer-se com, de
envaidar-se com, por
envelhecer– (sem *de*!)
equiparar a, com
equivalente a
equivaler– a
eriçado de
erigir (-se) em
erudito em
escapar a, de
escapulir de
escarmentado de, com
escarnecer de
escasso de
escolher– entre
escrupulizar em
escusar-se de
esforçar-se em, por, para
esmaltar– de
esmerar-se em
espantar-se com, de
especular– com, em
esperar– de, em
espraiar-se em

esquecer-se de
esquivar– de
esquivar-se a
essencial para
estabelecer-se com
estender-se em, a, por
estéril de
estimular– a, com
estranho a
estreito de, para
estribar-se em
estropiado de
exato em
exceder–, a, em, de
excetuar de
excitar– a
excluir– de
exercitar-se em
exortar– a
expor– a
extrair– de
exigir– de, a
eximir– de
exonerar– de
extorquir– a, de

F

fácil de
falar de, em, com, a, sobre
faltar com, a
falto de
fartar– com, de
farto em
fatigar-se de, com
favorável a
favorecer– com, de
fechar (-se) a
fecundo em
feder a
felicitar– por, de
fértil de, em
fiar-se em, de
fiel a
fincar-se em
firme em
florescer em
folgar de, em
formar-se em

forrar– de, com
forte de, em
fraco de, em
franco para com, de, em
franquear– de, a
frouxo de
fugir– de, a
fundar-se em
furioso com, de
furtar– a, de

G

gabar-se de
galardoar– com
ganhar– de, a
generoso com
glorificar-se de
gordo de
gostar de
gostoso a
gozar de
graduar-se em
grande de
grato a
gravar– com
gravoso a
grosso de
guardar-se de
guarnecer com
guerra a
guindar-se a

H

hábil em
habilitar– com, para
habituar-se a
habituado a
haver-se com
herdar– de
hesitar em, sobre
horror a
hostil a
humilhar-se a

I

ida a
idêntico a

idôneo para, a
imbuir-se de, em
imediato a
impaciente com
impedir– de, a
impelir– a
impenetrável a
impetrar– de, a
implicar com 166
impor– a
importar a (impessoal),
de (país), em (quantia) 167
inconsequente com
impossibilitar– para, a
impossibilidade de
impossível de
impotente contra, para
impróprio para
imputar– a
inábil para
inabilitar– para
inacessível a
incansável em
incapaz de, para
incerto de, em
incessante em
incidir em
incitar– a
inclinar– a, para
incluir– em
incompatível com
incompreensível a
inconsequente com
inconstante em
incorporar– a, em
incorrer em
incrível a, para
inculcar– em
incumbir– de
indébito a
indeciso em
indenizar– de
independente de, em
indiferente a
indignar-se com
indigno de
indispor– contra, (-se) com
indócil a
indulgente para, para com

indultar– de
induzir– a, em
inerente a
inexorável a
infatigável em
infeccionar– em
inferior a
inferior de
infestar– de
infiel a
inflamar-se de
inflexível a
influir em, para, sobre
informar– sobre, de,
(-se) de
ingerir– em
ingrato com, para com
inibir– de
iniciar– em, a
inimigo de
inimizar-se com
injuriar com
inocente de
inquietar-se de, com
insaciável de
insensível a
inseparável de
inserir– em
insinuar– em
insípido a
insistir sobre, em
instar– por, a
instruir– de, em, sobre
inteirar-se de
intercalar entre
interceder por
interessar-se por
interesse em, por
intermédio a
internar-se em
interpolar– entre, com
interpor– entre
interrogar a
intervir em
intolerante com, para com
inundar– de, em
intrometer-se em
inútil para, a
investir contra, com

irmanar– com
isentar– de

J

jactar-se de
jubilar– em
juncar– de
juntar– a, com
justificar– de, a; (-se)

L

lamentar-se de
lançar– em (-se) sobre
lastimar-se de
leal a, com, para com
lembrar-se de
lento em
levar– em, a, por
liberal com
libertar– de
lidar com
ligar– a, com
ligeiro de
limitar-se a, com
limitado de
limpar– em, a (-se), de, em
limpo de
lisonjear-se de
litigiar com, contra
livrar– de
livre de
lograr (-se) de
longe de
longínquo de
louco de, com
lutar com, contra

M

maior de, entre
maldizer– de
maliciar– de
malquistar-se com
manco de
mancomunar-se com
manso de
manter-se com
maquinar– contra

maravilhar-se com, de
matizar– de
mau com, para,
para com
mediano de, em
mediar entre
medir (-se) com, por
meditar em, sobre
medrar– em
melhorar de
menor de
merecer de
mergulhar– em
mesclar– em
meter-se– a, em juiz
mimosear– com
ministrar– a
misericordioso com, para com
moderar-se em
mofar– de, com
molestar– com
molesto a
morador em168
moroso de, em
morrer de, por
mortificar-se com
motejar– de
mudar– de; mudar-se para
murmurar– de

N

namorar 169
namorar-se de, namorar
(tr. direto), com
natural de
necessário a
necessitar de
negligente em
negar-se a
negociar– em, com
nivelar-se a, com
nobre de, em, por
nocivo a
nutrir-se de, com

O

obedecer a

obediente a
oblíquo a
obrigar– a
obrigação de
obsequioso com
obstar– a
obstinar-se em
obviar– a
ocupar-se com, em, de
ódio a, de, contra,
para com
odioso a, para
ofender– com, por
ombrear-se a, com
oneroso a
opinar sobre, de
opor (-se) a
oposto a
oprimir– com
optar por, entre
orar por
orgulhoso com, para
com, de

P

pactuar com
padecer de
pagar– a, de, em 170
pálido de
parco em, de
parecer com, a, de
parecido a, com
paralelo a
participar– de, em, a
pasmar de
passar de, com, em
passível de
peculiar a
pegar de, em
pender– de, a
pendurar– de, a
penetrado de
pensar em
perdoar– a
perfumar– com
perguntar a, por
perito em
permutar– com, por

pernicioso a
perpendicular a
persistir em
perseverar em
persuadir– de
pertencer a, pertencer
para (= ser próprio de)
pertinaz em
pesado a
pesar de (impessoal), a
piedade de
pleitear– com, contra
pobre de
poderoso para, em
porfiar em, por
pospor– a
possível de
possuído de
posterior a
povoar– de
prático em
precaver-se contra, de
preceder– em
precisar de
proeminência sobre, de
preferir– a 171
prejudicial a
preocupar-se com
preparar-se para
preponderar sobre
prescindir de
presentear– com
preservar– de
presidir– a, em
prestes a, para
presto a, para
presumir de
prevalecer– sobre
prevenir– de, para, contra
prezar-se de
primeiro de, dentre, a, em 172
privar– de, com
proceder a, com
processar– por
pródigo de, em
professar– em
proibir– a
promover– a
pronto para, em

propender para
propício a
propínquo de
próprio para, de
proporcionado a, com
prorromper em
prosseguir– em
prestar por
protestar contra
provar– de, a
proveitoso a
prever– a, de
provocar– a, contra
próximo a, de
pugnar por, contra
purgar-se de
purificar-se de
puxar– de, por

Q

quadrar– com
qualificar– de
queixar-se a, de
querelar contra
querer– a173
quebrado
querido de, por
quebrantar-se com

R

radicar-se em
ralhar com
rebaixar– de, -se a
rebelde a
rebentar de
recair em, sobre
reclamar– contra
reclinar-se sobre
recolher-se a
recomendar– a
recompensar com
reconciliar-se com
reconvir sobre
recorrer a
recostar-se sobre, em
recrear-se com
recusar– a

redundar em
reduzir– a (não *em*)
referir-se a
refletir em, sobre
refugiar-se em
regalar-se com
regar– de
regozijar-se de, com
regular-se por
reincidir em
reintegrar– em
rejubilar com
relaxar-se em
remontar– a
remover– de
renascer a
render-se a
renegar de
rente com, a, de
renunciar a
repartir entre, com, por
representar– contra
reptar para
requerer– a
resguardar-se de, contra
residir em
resignar-se a, com
resistir a
resolver-se a
respeito a, de, por
responsável por
ressentir-se de
restabelecer-se de
resultar de
retirar-se de, a
retrair-se a
retratar-se de
retroceder– a, para
revestir– de, com
rico de, em
rígido de
rijo de
rir-se de
rivalizar– com
roçar-se com
rodear-se de, com
rogar– por
romper– com

S

saber a (ter gosto), de
sábio em
sacar– de
saciar– de, a
sacrificar– a, (-se) por
sacudir– de
safar-se de
sair de, (-se) com
salpicar– de
salvar– de
sanar de
são de
sarar– de
satisfazer– a, (-se) com
seco de
sedento de, por
seguro de, em
segregar– de, a
semelhante a
semelhar– a
sensível a
sentir-se de
separar– de
serviço em
servir– a, (-se), de, para
severo com, para com, em
sindicar de
singularizar-se por
sito em174
soberbo com, de
sobrar a
sobreviver a
sobrevir a
sobrepujar– em
sobressair em, por
sobressaltar-se com
sóbrio de, em
socorrer– (-se) de, com, a
sofrido em
solicitar– de
solícito com
solto de
sonhar com
sortir de
submeter– a
subordinar– a
sub-rogar em

subsistir com
substabelecer em
substituir– por, a
subtrair– de, (-se) a
suceder a
sujar-se com
sujeitar-se a
sujo de
sumir-se em
superior a
suplicar– a
surdo a, de
surpreender-se com
suspeitar de
suspeito a, de
suspender– de
sustentar-se de, com
suster– com
suster-se de

T

tachar– de
tapar– com
tapizar de
tardar em
tardo a, em
tauxiado de
teimar em
temer de, por
temeroso de
temível a
terçar– com
terminar em, por
terno de
timbrar em, de
tingir– de
tirar– de
tiritar de
topar com
tornar a
trabalhar de, por, para, em
traduzir– em, para, de
traficar– com, em
traidor a, de
transbordar– de
transferir– a
transfigurar-se em
transformar– em

transido de
transitar por
transplantar– de, para
transportar-se de
trasladar– a, em, de
tratar– de
travar-se de
tremer de
tresandar a
trespassado de
tributar– a
triste de, com
triunfar de
trocar– por, de

U

ufanar-se de, com
último em, de, a
ultrajar– com
ungir– com
único em
uniformizar– com
unir– a, com
untar– de, com
usar– de
útil a, para
utilizar-se de

V

vacilar em
valer-se de, valer–, a
vangloriar-se de, por
variar– de, em
vazar– em
vazio de
vedar– a
velar– por, em,
versado em
verter– de, para, em
vestir-se com, de
viciar-se com ,em
vincular– a
vingar-se de, em
visar– (= pretender) a,
visar– (= dar o visto)
visível a
vizinho a, de

voltar de, a

Z

zangar-se com
zombar de
zelar por

7 – Colocação

Sintaxe de colocação* ou *de ordem – é aquela que trata da maneira de dispor os termos dentro da oração e as orações dentro do período.

A *colocação*, dentro de um idioma, obedece a tendências variadas, quer de ordem estritamente gramatical, quer de ordem rítmica, psicológica e estilística, que se coordenam e completam. O maior responsável pela ordem favorita numa língua ou grupo de línguas parece ser a entonação oracional. Entre os casos de colocação usual ou normal em português sobressaem os seguintes:

a) a colocação do adjunto preposicionado depois do seu substantivo:
a casa *de Vera*

b) a colocação do adjunto adjetivo depois do seu substantivo:
homem *rico*

c) a colocação do adjunto não representado por adjetivo (artigo, pronome adjunto, quantificadores) antes do substantivo:
o homem bom
meu tio rico
sete pecados capitais
muitos livros raros

d) a colocação do verbo depois do sujeito, não havendo passiva com o pronome *se* ou quando não se trata de interrogação parcial com pronome não sujeito ou advérbio interrogativo:
Dudu mudou de colégio.
Mas: Aluga-se *esta casa*. Por que cometeu *ele* essa falta?

e) a colocação do complemento verbal depois do verbo:
Compramos *maçãs*.
Assistiram *ao filme*.
Bebel é *estudiosa*.

f) a colocação do objeto direto antes do indireto, quando constituídos por substantivos:
Escreveram *cartas ao sócio prejudicado*.

g) a colocação do objeto indireto antes do direto, quando constituídos por pronomes (ou o direto por substantivos):
Escreveram-*lhe cartas*.
Escreveram-*lhas*. (*lhe* + *as*)
"O português pertence ao número daquelas que se caracterizam pelo ritmo ascendente, em que se anuncia o termo

menos importante e depois, com acentuação mais forte, a informação nova e de relevância para o ouvinte" [SA.2, 270].

Isto nos leva a uma ordem considerada *direta*, *usual* ou *habitual*, que consiste em enunciar, no rosto da oração, o sujeito, depois o verbo e, em seguida, os seus complementos, como vimos antes.

A ordem que saia do esquema SVC (sujeito – verbo – complemento) se diz *inversa* ou *ocasional*.

Chama-se *anástrofe* a ordem inversa que colide com a norma geral da colocação:

De teus olhos a cor vejo eu agora

Quando a colocação chega a prejudicar a clareza da mensagem, pela disposição violenta dos termos, diz-se que há um *hipérbato*:

a grita se levanta ao céu da gente por

a grita da gente se levanta ao céu [MC.4, s.v. Ambiguidade].

Diziam os retóritos que o hipérbato era a forma de expressões da paixão. Quando a deslocação cria a ambiguidade ou mais de uma interpretação do texto, alguns autores dão à forma o nome *sínquise*.

Quase sempre essa deslocação violenta dos termos oracionais, fonte de ambiguidades, exige, para o perfeito entendimento da mensagem, nosso conhecimento sobre as coisas e de ordem cultural:

Abel matou Caim

Pela lição bíblica não se há de entender que Abel praticou a ação e Caim a sofreu, mas sim ao contrário.

Sendo a ordem direta um padrão sintático, a ordem inversa, como afastamento da norma, pode adquirir valor estilístico. E realmente se lança mão da ordem inversa para enfatizar esse ou aquele termo oracional.

Posto no rosto da oração um termo sobre o qual queremos chamar a atenção do nosso ouvinte, quebra-se a norma sintática e consegue-se o efeito estilístico desejado. Por um jogo natural de oposição, a ordem direta também pode assumir valor estilístico para traduzir situações do campo da novidade. O estilo descritivo ama a ordem direta; José de Alencar tirou dela notáveis efeitos no seguinte trecho:

"A tarde ia morrendo. O sol declinava no horizonte e deitava-se sobre as grandes florestas, que iluminava com os seus últimos raios. A luz frouxa e suave do acaso, deslizando pela verde alcatifa, enrolava-se como ondas de ouro e de púrpura sobre a folhagem das árvores. Os espinheiros silvestres desatavam as flores alvas e delicadas; e o ouricuri abria as suas palmas mais novas, para receber no seu cálice o orvalho da noite. Os animais retardados procuravam a pousada; enquanto a juriti, chamando a companheira, soltava os arrulhos doces e saudosos com que se despede o dia. Um concerto de notas graves saudava o pôr do sol, e confundia o rumo da cascata, que parecia quebrar a aspereza de sua queda, e ceder à doce influência da tarde. Era Ave-Maria" [JA.2, 37].

O ritmo ascendente predominante no português, dispondo os termos de acentuação mais fraca e menos significativos antes dos termos mais fortes, estabelece as seguintes normas válidas para as situações em que não predomine a linguagem emocional, algumas delas já enunciadas anteriormente e agora completadas:

a) os artigos, os pronomes (adjuntos), os quantificadores (com exceção dos cardinais com valor de ordinais) se antepõem:

O livro, *um* livro, *este* livro, *meu* livro, *cada* livro, *três* livros;

b) a preposição vem antes de um termo nominal ou pronominal:

de noite, *a* ele;

c) o advérbio *não* precede o verbo:

não quero;

d) o verbo auxiliar precede seu verbo principal:

hei de ver, *quero* dizer, *costuma* falar

e) o adjetivo monossilábico modificador precede o nome de maior extensão fonética:

bom dia, *má* hora, etc.

f) o adjetivo que exprime forma ou cor vem depois do substantivo, especificando seu conceito e o opondo a outros da espécie:

rua larga, *blusa verde*;

g) vem antes o adjetivo empregado não para designar o seu sentido próprio, mas para atribuir uma significação figurada:

grande homem / homem grande

"... eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor" [MA.1, 1].

h) Numa sequência de dois adjetivos e um substantivo, aqueles aparecem em geral juntos: *Bons e estimados livros* ou *Livros bons e estimados*. A quebra desta disposição, pondo o substantivo no meio, é recurso comum na poesia, mas também não ausente na prosa artística: *Bons livros e estimados*. No seguinte passo João Ribeiro afastou ainda mais os dois adjetivos:

E quando foi noite, a donzela *transida* de terror e *lagrimosa* buscou o eremita [JR.2, 97].

i) Na sequência dos pronomes sujeitos *eu* e *tu*, *eu* e *ele* ou entre *eu* + pronome de tratamento ou substantivo, em geral a série começa com *eu*:

Eu e ele saímos juntos.

Todavia a inversão é possível (apesar de já ter sido apontada como francesismo), especialmente quando, por delicadeza e educação, se quer dar precedência ao interlocutor:

Estamos no Minho, o leitor e eu [CBr.12, 1].

E assim galgamos ele e eu o rochedo [JR.2, 194].

Colocação dos termos na oração e das orações no período – A norma sintática do português registra os seguintes casos:

1.º) Põe-se de ordinário o sujeito representado por substantivo depois do verbo na passiva pronominal:

Alugam-se casas.

Outra posição pode mudar a análise da oração, desde que entre um termo a que nossa tendência anímica atribua a realização da oração. Note-se a diferença contextual entre *Abriu-*

se a porta (voz passiva) e *A porta abriu-se* (voz ativa).

A norma já não é imperiosa se o sujeito está representado por um pronome:

Aquilo nunca se vira por ali [JL.1, 74].

2.º) Nas orações reduzidas de gerúndio e particípio, o sujeito vem depois do verbo:

Terminando o discurso, dirigiu-se ao hotel.

Terminado o discurso, dirigiu-se ao hotel.

3.º) O verbo vem no início das orações que indicam existência (*ser*, *existir*, *haver*, *fazer*), tempo, peso, medida:

Era uma vez um príncipe

Existiam várias razões

Houve discussão

Faz três anos que não o vejo

São várias horas de distância

Faltam dois dias para a festa

4.º) O verbo no início das subordinadas condicionais e concessivas sem transpositor:

Tivesse-me ele dito a verdade, tudo acabaria bem.

Acabasse falando comigo, mesmo assim não lhe perdoaria.

5.º) Nas orações intercaladas de citação, o sujeito vem de ordinário depois do verbo:

Suma-se – ordenou *o policial*.

6º) Nas interrogações introduzidas por pronomes e advérbios (*quem*, *que*, *o que*, *quanto*, *qual*, *como*, *quando*, *onde*, *por que*), o verbo vem em geral antes do sujeito, desde que este não seja o pronome interrogativo:

Quem veio aqui? (*quem* sujeito)

De quem falava você quando chegamos?

Como foi ele passar nessa encrenca?

Usa-se ainda, neste caso, sujeito antes do verbo ou a palavra interrogativa no fim da oração:

De quem você falava?

Ele comprou o quê?

OBSERVAÇÃO: Na pergunta retórica costuma-se pôr o sujeito antes do verbo em construção do tipo: *O médico aconselhou esta dieta, e você seguiu?*

7.º) Nas orações exclamativas, de sentido optativo ou não, é frequente o sujeito vir depois do verbo:

Como era verde o meu vale!

Viva o rei! (construção fixa)

8.º) A oração subordinada subjetiva vem normalmente depois do verbo regente:

Consta que o trem atrasou.

Ficou patente que o progresso começara.

É aconselhável que não se retirem agora.

9.º) A oração subordinada adverbial causal iniciada por *como* vem em geral no início do enunciador de sua principal:

Como o tempo melhorou, sairemos agora.

10.º) Numa sequência de pronomes átonos, vem em primeiro lugar o que funciona como objeto indireto seguido do objeto direto:

Eu vo-lo darei

Nunca *lho* dissemos

OBSERVAÇÃO: Nas ocorrências com o pronome *se* + *me*, *te*, *lhe*, *nos*, *vos*, o *se* vem sempre em primeiro lugar:

Não *se me* afiguram boas as soluções.

Pouco *se nos* dá esse tipo de solução.

11.º) Diante de negação, o pronome átono pode vir antes ou depois do advérbio *não*:

Ele *não me* disse. Ele *me não* disse (rara entre brasileiros)

12.º) Não raro se intercala uma ou mais palavras entre o pronome átono em próclise e o verbo:

Eram grandes raids, entradas, como se então dizia" [AAr.2, 128].

13.º) Nas orações em que entra verbo intransitivo parece haver preferência da posposição do sujeito, como indica esta passagem de Garrett:

"Assim passaram *meses*, assim correu *o inverno* quase todo, e já as amendoeiras se toucavam de suas alvíssimas flores de esperança, já uma depois de outras iam renascendo *as plantas*, iam abrolhando *as árvores*; logo vieram *as aves* trinando seus amores pelos ramos... insensivelmente era chegando *o mês* de abril, estávamos em plena e bela primavera" [AGa *apud* GM.1, 365].

14.º) Por elegância e ênfase de expressão, pode-se deslocar para antes do pronome relativo o predicativo da oração adjetiva:

Daniel, *professor* que foi daquela escola, nunca se dispôs a mudar de cidade.

Colocação e clareza – Levadas em conta as construções fundamentais de que a linguagem natural e espontânea não costuma afastar-se, é certo que para a estrutura oracional temos em português bastante liberdade. Esta, porém, é maior no verso, em que ocorrem certas transformações complementares estranhas não só ao falar comum, mas ainda ao discurso limado. Alguns escritores abusaram da liberdade poética, a ponto de tornarem a linguagem obscura e quase ininteligível:

"Ama a vivenda dos contrários ao fogo undosos rios" (Castilho)

"A do rei potente mimosa filha

Dos sem conto que há passado maléficos portentos" [AC *apud* SA.2, 276].

Colocação dos pronomes pessoais átonos e do demonstrativo *o* é questão de fonética sintática – Durante muito tempo viu-se o problema apenas pelo aspecto sintático, criando-se a falsa teoria da "atração" vocabular do *não*, do *quê*, de certas conjunções e tantos outros vocábulos. Graças a notáveis pesquisadores, e principalmente a Said Ali, passou-se a considerar o assunto pelo aspecto fonético-sintático. Abriram-se com isso os horizontes,

estudou-se a questão dos vocábulos átonos e tônicos, e chegou-se à conclusão de que muitas das regras estabelecidas pelos puristas ou estavam erradas, ou se aplicavam em especial atenção ao falar lusitano. A Gramática, alicerçada na tradição literária, ainda não se dispôs a fazer concessões a algumas tendências do falar de brasileiros cultos, e não leva em conta as possibilidades estilísticas que os escritores conseguem extrair da colocação de pronomes átonos. Daremos aqui apenas aquelas normas que, sem exagero, são observadas na linguagem escrita e falada das pessoas cultas. Não se infringindo os critérios expostos, o problema é questão pessoal de escolha, atendendo-se às exigências da eufonia. É urgente afastar a ideia de que a colocação brasileira é inferior à que os portugueses observam, porque:

> "*a pronúncia brasileira diversifica da lusitana; daí resulta que a colocação pronominal em nosso falar espontâneo não coincide perfeitamente com a do falar dos portugueses*" [SA.2, 279].

O pronome átono pode assumir três posições em relação ao vocábulo tônico, donde a *ênclise*, *próclise* e *mesóclise*.

Ênclise é a posposição do pronome átono (vocábulo átono) ao vocábulo tônico a que se liga:

> Deu-*me* a notícia.

Próclise é a anteposição ao vocábulo tônico:

> Não *me* deu a notícia.

Mesóclise é a interposição ao vocábulo tônico:

> Dar-*me*-ás a notícia.

Critérios para a colocação dos pronomes pessoais átonos e do demonstrativo *o*.

A – Em relação a um só verbo

1.º) Não se inicia período por pronome átono:

> "Sentei-*me*, enquanto Virgília, calada, fazia estalar as unhas" [MA.1, 125].
>
> "Não! *vos* digo eu!" [AH *apud* FB.1, 197].
>
> "Querendo parecer originais, *nos* tornamos ridículos ou extravagantes" [MM].

Observações:

1.ª) Ainda que não vitoriosa na língua exemplar, mormente na sua modalidade escrita, este princípio é, em nosso falar espontâneo, desrespeitado, e, como diz Sousa da Silveira, em alguns exemplos literários, a próclise comunica "à expressão encantadora suavidade e beleza" [SS.1, § 523, a, obs.]. Alguns modernistas, com Mário de Andrade à frente, tentaram estender essa próclise inicial de enunciado a todos os pronomes átonos, exagerando, porque isto não ocorre com *o*, *a*, *os*, *as*: *O vi.* Depois, só Mário persistiu no uso, apesar das ponderações de Manuel Bandeira.

2.ª) Preso a critério de *oração* (e não *período*, como aqui fizemos), Rui Barbosa [RB.1] tem por errônea a colocação em: "Se a simulação for absoluta, sem que tenha havido intenção de prejudicar a terceiros, ou de violar disposições de lei, e for assim provado a requerimento de algum dos contratantes, – *se julgará o ato inexistente*". Os que adotarem o critério de *oração*, só aceitam a posição inicial do pronome átono na intercalada de citação, como ocorre no exemplo de Herculano acima transcrito.

3.ª) Em expressões cristalizadas de cunho popular aparece o pronome no início do período: "*T'esconjuro*!... *sai*, *diabo!...*" [MA.1, 97].

2.º) Não se pospõe, em geral, pronome átono a verbo flexionado em oração subordinada:

"Confesso que tudo aquilo *me* pareceu obscuro " [MA.1, 79].

"Se *a* visse, iria logo pedi-la ao pai" [MA.1, 87].

"Tu que *me* lês, Virgília amada, não reparas na diferença entre a linguagem de hoje...?" [MA.1, 91].

OBSERVAÇÃO: Quando se trata de orações subordinadas coordenadas entre si, às vezes ocorre a ênclise do pronome átono na segunda oração subordinada. Também quando na subordinada se intercalam palavras ou oração, exigindo uma pausa antes do verbo, o pronome átono pode vir enclítico: "Mas a primeira parte se trocou por intervenção do tio Cosme, que, ao ver a criança, *disse-lhe* entre outros carinhos..." [MA *apud* MBa.2, 197]. Em todos estes e outros casos que se poderiam lembrar, a ação dos gramáticos se tem dirigido para a obediência ao critério exposto, considerando esporádicos e não dignos de imitação os exemplos que dele se afastam.

3.º) Não se pospõe pronome átono a verbo modificado diretamente por advérbio (isto é, sem pausa entre os dois, indicada ou não por vírgula) ou precedido de palavra de sentido negativo:

"Não *me* parece; acho os versos perfeitos" [MA.1, 69].

Sempre *me* recebiam bem.

Ninguém *lhe* disse a verdade.

Se houver pausa, o pronome pode vir antes ou depois do verbo:

"Ele esteve alguns instantes de pé, a olhar para mim; depois estendeu-*me* a mão com um gesto comovido" [MA.1, 86].

OBSERVAÇÃO: Como já foi indicado antes, o pronome átono, não inicial, pode vir antes da palavra negativa:

(...) descia eu para Nápoles a busca de sol que *o não* havia nas terras do norte [JR.2, 187].

4.º) Não se pospõe pronome átono a verbo no futuro do presente e futuro do pretérito (condicional). Se não forem contrariados os princípios anteriores, ou se coloca o pronome átono proclítico ou mesoclítico ao verbo:

"Teodomiro *recordar-se-á* ainda de qual foi o desfecho do amor de Eurico..." [AH.1, 60].

"Os infiéis... *contentar-se-ão*, talvez, com as riquezas..." [AH.1, 146].

5.º) Não se pospõe ou intercala pronome átono a verbo flexionado em oração iniciada por palavra interrogativa ou exclamativa:

"Quantos *lhe* dá?" [MA.1, 97].

"Quem *me* explicará a razão dessa diferença?" [MA.1, 158].

Como *te* perseguem!

B – EM RELAÇÃO A UMA LOCUÇÃO VERBAL

Temos de considerar dois casos:

a) Auxiliar + { infinitivo: ***quero falar*** / ou / gerúndio: ***estou falando*** }

Se os princípios já expostos não forem contrariados, o pronome átono poderá aparecer:

1) Proclítico ao auxiliar:

Eu *lhe* quero falar.

Eu *lhe* estou falando.

2) Enclítico ao auxiliar (ligado por hífen).

Eu quero-*lhe* falar.

Eu estou-*lhe* falando

(...) e a conversação de Adrião *foi-a* lentamente acostumado à sua presença [EQ.4, 56].

3) Enclítico ao verbo principal (ligado por hífen):

Eu quero falar-*lhe*

Eu estou falando-*lhe* (mais raro)

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Com mais frequência ocorre entre brasileiros, na linguagem falada ou escrita, o pronome átono proclítico ao verbo principal, sem hífen:

Eu quero *lhe* falar

Eu estou *lhe* falando

A Gramática clássica, com certo exagero, ainda não aceitou tal maneira de colocar o pronome átono, salvo se o infinitivo está precedido de preposição: *Começou a lhe falar* ou *a falar-lhe*.

2.ª) Com o infinitivo podem-se contrariar os princípios 2.º e 3.º anteriormente formulados:

Eu não quero falar-*lhe*

Espero que não queira falar-*lhe*

3.ª) Nas construções com o verbo *haver* do tipo *há-se de + infinitivo* ou *há de se + infinitivo*, esta última é mais corrente e a primeira, mais comum em Portugal, aparece apenas como reminiscência literária:

"(...) e *hão-me* ainda a face

De encobrir ervançais, para não *ver-te*" [AO *apud* SS.1, § 524, 3, obs.].

b) Auxiliar + particípio: ***tenho falado***...

Não contrariando os princípios iniciais, o pronome átono pode vir:

1) Proclítico ao auxiliar:

Eu *lhe* tenho falado.

2) Enclítico ao auxiliar (ligado por hífen):

Eu tenho-*lhe* falado

Jamais se pospõe pronome átono a particípio. Entre brasileiros também ocorre a próclise ao particípio:

Eu tenho *lhe* falado.

Posições fixas – A tradição fixou a próclise ainda nos seguintes casos:

1) com o gerúndio precedido da preposição *em*:

"Ninguém, desde que entrou, *em* lhe chegando o turno, se conseguirá evadir à saída" [RB.2, 30].

2) nas orações exclamativas e optativas, com o verbo no subjuntivo e sujeito anteposto ao verbo:

Bons ventos *o* levem!

Deus *te* ajude!

Explicação da colocação dos pronomes átonos no Brasil – Nos princípios anteriormente comentados, vimos certas tendências brasileiras que nem sempre a Gramática agasalha como dignas de imitação, presa que está a um critério de autoridade que a linguística moderna pede seja revisto.

Sobre o assunto, em lúcido resumo, comenta o Prof. Martinz de Aguiar:

"A colocação de pronomes complementos em português não se rege pela fonética, nem é o ritmo, o mesmo binário-ternário, em ambas as modalidades, brasileira e lusitana, que impõe uma colocação aqui, outra ali, não. Ela obedece a um complexo de fatores, fonético (rítmico), lógico, psicológico (estilístico), estético, histórico, que às vezes se entreajudam e às vezes se contrapõem. Numa frase como *ele vem-me ver*, geral em Portugal, literária no Brasil, o fator lógico deslocou o pronome *me* do verbo *vem*, para adjudicá-lo ao verbo *ver*, por ser ele determinante, objeto direto, do segundo, e não do primeiro. Isto é: deixou a língua falada no Brasil de dizer *vem-me ver* (fator histórico, por ser mera continuação do esquema geral português), para dizer *vem me-ver* (escrito sem hífen), que também vigia na língua, ligando-se o pronome ao verbo que o rege (fator lógico). Esta colocação de tal maneira se estabilizou, que pouco se diz *vem ver-me* e trouxe consequências imprevistas:

1.ª) Pôde-se juntar o pronome ao particípio, procliticamente:

Aqueles *haviam se-corrompido* (escrito sem hífen aqui e nos iguais exemplos).

2.ª) Pôde-se pôr o pronome depois dos futuros (do presente e do pretérito):

Poderá se-reduzir, *poderia se-reduzir*. Deixando de ligar-se aos futuros, para unir-se ao infinitivo, deixou igualmente de interpor-se-lhe aos elementos constitutivos.

3.ª) Em frases como *vamos nos-encontrar*, deixando o pronome de pospor-se à forma verbal pura, para antepor-se à nominal, deixou igualmente de determinar a dissimilação das sílabas parafônicas, podendo-se então dizer *vamo-nos encontrar*" [MAg.1, 408-409].

Pelas mesmas razões variadíssimas é que no Brasil, na linguagem coloquial, o pronome átono pode assumir posição inicial de período.

APÊNDICE

1 – Figuras de Sintaxe

Fenômenos de sintaxe mais importantes

1) **Elipse** – Chama-se *elipse* a omissão de um termo facilmente subentendido por faltar onde normalmente aparece, ou por ter sido anteriormente enunciado ou sugerido, ou ainda por ser depreendido pela situação, ou contexto. É o que ocorre quando, diante de um quadro, uma pessoa dá sua opinião:

É belo! [MC.4, s.v.].

São barulhentos, mas eu admiro *meus alunos*.

Assim, não se há de considerar elipse a omissão do sujeito léxico já que ele está indicado na desinência verbal, o sujeito gramatical. A necessidade de explicitação do sujeito gramatical mediante um sujeito explícito é ditada pelo texto; a rigor, portanto, não se trata da "elipse" do sujeito, mas do "acréscimo" de expressão que identifique ou explicite a que se refere o sujeito gramatical indicado na desinência do verbo finito ou flexionado. Em português, salvo nos casos de ênfase ou contraste, não se explicita o sujeito gramatical mediante os pronomes sujeitos de 1.ª e 2.ª pessoas do singular e do plural:

Sairei depois do almoço (desnecessário: *Eu* sairei...)

Foste contemplado na crítica (desnecessário: *Tu* foste...)

Mas:

Eu sairei, e *tu* ficarás.

Entre as elipses que ocorrem com mais frequência estão:

a) a da preposição em algumas circunstâncias adverbiais depreendidas pelo contexto:

As visitas, *pés sujos*, entraram no salão.

O tecido custava dez reais *o metro*.

Domingo irás à festa.

Conhecem-no *uma légua* em redondo.

OBSERVAÇÃO: Também ocorre a elipse de preposição em séries coordenadas:

eu disse a seu pai que a sustentação *de sua filha e marido*... [CBr.6, 104].

"Deus não dá *para ócios ou desperdícios*" [CBr.6].

Geralmente é mais rara a elipse quando a preposição vem com artigo:

Estou farto das afrontas *dos nobres e dos plebeus* [CBr.6, 110].

Ou quando há ênfase:

(...) (duas almas) recolhidas *em si e em Deus* [CBr.6].

Também é mais comum repetir-se a preposição antes dos pronomes pessoais monossilábicos e do pronome reflexivo:

Não se lembrou *de mim e de ti*.

Nas locuções prepositivas também é comum esta praxe; entretanto, só se costuma repetir o último componente da locução:

Através da história e *da* lenda, o fato chegou até nós.

Antes de mim e *de* ti há a justiça.

b) a da preposição antes do conectivo que introduz as orações de complemento relativo e completivas nominais:

Preciso (*de*) que venhas aqui.

Estou necessitado (*de*) que venhas aqui.

OBSERVAÇÃO: Pode ocorrer a elipse não só da preposição, mas também da conjunção integrantes:

Quis defendê-la, mas Capitu não me deixou, continuou a chamar-lhe beata e carola, em voz tão alta que *tive medo fosse* ouvida dos pais [MA *apud* MBa.3, 80].

c) a da conjugação integrante, mormente como transpositor das subordinadas subjetivas e objetivas diretas:

É necessário (*que*) se faça tudo rapidamente.

Espero (*que*) sejam felizes.

OBSERVAÇÃO: Às vezes dois verbos seguidos vêm desacompanhados das respectivas conjunções integrantes:

Frequentes vezes me *disse esperava* lhe arrumarem o processo [CBr.10, I, 51].

d) a do verbo *dizer* (e semelhante) nos diálogos:

E ela: — Você está zangado comigo?

e) a do objeto direto representado por pronome átono para aludir ao substantivo anteriormente expresso:

Você recebeu *o convite*? *Recebi* sim (por Recebi-*o* sim)

Cuidas que não tem cura lançar sangue? *Tem*, meu filho, *tem* [CBr. *apud* MBa.5, 172].

Alguns autores condenaram sem razão este tipo de elipse, tipo de antífrase.

f) a da preposição *de* em construções do tipo *vestido cor de rosa* por vestido *de cor de rosa*; pode-se também omitir toda a expressão *de cor de*: *vestido rosa*.

g) note-se a construção *para* + *particípio* para exprimir a ideia de "que há de ser", "digno de ser", à semelhança do particípio futuro passivo latino:

Não é *para dito* o que ali aconteceu [MBa.5, 218].

h) a elipse de rigor da conjunção integrante *que* depois de *que* ou *do que* comparativo:

A um animal atacado de raiva é melhor que o matem do que esteja a penar (por *do que que esteja a penar*).

i) a elipse do primeiro elemento (preposição ou advérbio) que integra a chamada locução conjuntiva (*posto que*, *dado que*, etc.) na oração subordinada coordenada à anterior:

Nada houve contra ela, *se bem que* uma voz rouca se levantou no tribunal e *que* (por: *se bem que*) dois ou três presentes a acompanharam com certo entusiasmo.

OBSERVAÇÃO: Evite-se a simples lembrança da conjunção subordinada da 1.ª oração por um *que* na 2.ª subordinada, coordenada à anterior:

Quando ele me viu e *que* disse isso, acreditei na sua versão do fato.

Ou se repete o *quando* (*Quando... e quando*) ou só se usa a conjunção coordenativa (*Quando... e disse*).

2) **Pleonasmo** – É a repetição de um termo já expresso ou de uma ideia já sugerida, para fins de clareza ou ênfase:

Vi-*o a ele* (pleonasmo do objeto direto).

Ao pobre não *lhe* devo (pleonasmo do objeto indireto).

(...) o conde atirava à mísera cantora alguns soldos que ainda *lhe* reforçavam *a ela* as cordas vocais [JR.2, 188] (pleonasmo do dativo de posse).

Subir para cima.

O grande juiz entre os pleonasmos de valor expressivo e os de valor negativo (por isso considerado erro de gramática) é o *uso*, e não a *lógica*. Se não dizemos, em geral, fora de situação especial de ênfase: *Subir para cima* ou *Descer para baixo*, não nos repugnam construções com *O leite está saindo por fora* ou *Palavra de rei não volta atrás*.

Eis alguns casos comuns de pleonasmo:

a) a série possessiva *seu... dele*, *sua... dela* para fugir à ambiguidade:

Mas não esmoreceu o Sr. Conde de Laet. Ninguém melhor do que ele fez então a psicologia da maior parte dos nossos movimentos revolucionários. Não só mostrou que quase sempre a *sua* causa *deles*, "é um segredo" (...) [JF *apud* CL.1, II, 333].

b) o emprego de dois termos de significado negativo para afirmar (*não indouto* = douto; *não sem razão* = *com razão*; *nada anormal* = *muito normal*; *sem desconhecer* = *conhecendo*; *indesculpável* = *culpável*) [MBa.3, 54 e MBa.4, 64].

c) a repetição da conjunção integrante em construções do tipo:

"e disse *que*, se lhe não queríamos mais nada, *que* podíamos ir à nossa vida" [CBr.1, 45].

É frequente na variedade coloquial falada acompanhando transpositores de oração subordinada:

Quero saber *como que* você fez isso.

Ainda não marcamos *quando que* iremos nos casar.

Finalmente, há de se ter presente para não usá-lo sempre que possível o pleonasmo léxico que resulta do esquecimento do verdadeiro significado de certas expressões portuguesas ou estrangeiras: *decapitar* (por *decepar*, já que *decapitar* só pode referir-se à *cabeça*) *a cabeça*, *exultar de alegria*, *panaceia universal*, *esquecimento involuntário*, *desde ab aeterno* (*ab aeterno* é expressão latina que já indica *desde a eternidade*) , *desde ab initio*, *tornar a*

repetir, *prever de antemão*, *antídoto contra* e tantos outros. Alguns, usados pelos melhores escritores, já correm com alguma despreocupação diante da crítica mais severa, como é o caso de *suicidar-se*. Já está incorporada a repetição do prefixo e preposição de mesmo significado, como: *in*corporar *em*, *co*abitar *com*, *co*incidir *com*, *con*formar-se *com*, etc.

3) **Anacoluto** – É a quebra da estruturação lógica da oração:

> "Eu que era branca e linda, *eis*-me medonha e escura"
> [MB *apud* SS.1, § 536].

"Resulta esta anomalia em geral do fato de não poder a linguagem acompanhar o pensamento em que as ideias se sucedem rápidas e tumultuárias. É a precipitação de começar a dizer alguma cousa sem calcular que pelo rumo escolhido não se chega diretamente a concluir o pensamento. Em meio do caminho dá-se pelo descuido, faz-se pausa, e, não convindo tornar atrás, procura-se saída em outra direção" [SA.4, 38].

O anacoluto, fora de certas situações especiais, é evitado pelas pessoas que timbram em falar e escrever corretamente a língua.

Coloca-se entre as construções anacolúticas o começar o enunciado por um termo não preposicionado e depois recuperá-lo na sua função própria, como que desprezando o inicial:

> *A pessoa* que não sabe viver em sociedade, *contra ela* se põe a lei.
> A construção gramatical seria: *Contra a pessoa* que... se põe a lei.

Um anacoluto muito comum é: *Eu parece-me* que tudo vai bem.

4) **Antecipação** – É a colocação de uma expressão fora do lugar que logicamente lhe compete:

> *O tempo parece que vai piorar*

por

> *Parece que o tempo vai piorar*.

As antecipações são ditadas por ênfase e muitas vezes geram anacolutos, mas destes diferem porque não quebram a estrutura gramatical do enunciado. Assim há apenas antecipação do termo *irapuru* (que deve ficar na oração de *quando*), e não anacoluto, nos conhecidos versos de Humberto Campos:

> Dizem que o irapuru quando desata
> A voz – Orfeu do seringal tranquilo –
> O passaredo, rápido a segui-lo
> Em derredor agrupa-se na mata,

isto é: dizem que, *quando o irapuru* desata a voz (...) o passaredo (...) agrupa-se na mata.

5) **Braquilogia** – É o emprego de uma expressão mais curta equivalente a outra mais ampla ou de estruturação mais complexa:

> *Estudou como estudaria se fosse passar*

por

> *Estudou como se fosse passar*

Incluem-se nos casos de braquilogia deste tipo construções como *Entrei e saí de casa*,

derivada de *Entrei em casa e daí saí* (ou *donde saí*).

É o que também ocorre naquelas em que entram graus de comparação, como: *Eles são melhores ou tão bons como nós* por *Eles são melhores do que nós ou tão bons como nós*.

Ainda há braquilogia quando se coordenam dois verbos de complementos diferentes e se simplifica a expressão dando-se a ambos o regime do verbo mais próximo: *Eu vi e gostei do filme* (por *Eu vi o filme e gostei dele*).

6) **Haplologia sintática** – É a omissão de uma palavra por estar em contato com outra (ou final de outra palavra) foneticamente igual ou parecida:

> Iracema *antes quer que* o sangue de Caubi tinja sua mão *que* a tua [JA.4, 223]. Isto é: *antes quer que... que quer que* a tua.

7) **Contaminação sintática** – "É a fusão irregular de duas construções que, em separado, são regulares" [ED.2, § 482].

Fiz com que Pedro viesse
(fusão de *Fiz com Pedro que viesse* e *Fiz que Pedro viesse*)

Caminhar por entre mares
(fusão de *caminhar por mares* e *caminhar entre mares*)

As estrelas pareciam brilharem
(fusão de *as estrelas pareciam brilhar* com *parecia que as estrelas brilhavam*).

Fazer de conta
(fusão de *fazer conta* = *imaginar*, *supor*, com expressões em que *fazer* é seguido de *de*: *fez de tolo*, *de sonso*, etc).

Estas contaminações são frequentes e ocorrem nos bons escritores quando o verbo admite uma construção com complemento direto de pessoa e preposicionado de coisa e outra com preposicionado de pessoa e direto de coisa. É o caso, entre muitos outros, de *persuadir* (*persuadir alguém a fazer* ou *persuadir a alguém que faça*), *fazer* (*fazer que alguém* e *fazer com alguém que*), que admitem fusões do tipo:

> O fato *lhe* persuadiu *a* deixar o trabalho.
> *Fizemos com que Pedro* chegasse logo.

Também resultam de contaminações sintáticas acumulações de preposições como:

> Andar *por entre* espinhos (*andar por espinhos* + *andar entre espinhos*).

8) **Expressão expletiva ou de realce** – É a que não exerce função gramatical:

> Nós *é que* sabemos viver
> Aqui *é onde a* ilusão se acaba.
> Oh! Que saudades *que* tenho!
> Quanto *que* é a conta?

É frequente o aparecimento de um *que* expletivo depois de conjunções, advérbios e expressões adverbiais:

> Eu não sei *quando que* ele vem.
> *Enquanto que* isso acontecia, não vinha nenhum socorro.
> *Desde cedo que* esperavam por elas.

Havia *muito que* não o via.

Verdadeiramente que ficamos amedrontados.

Quase que o incidente se transforma num caso de polícia.

OBSERVAÇÃO: Quando há circunstâncias de lugar, tempo, o *que* é substituído, respectivamente por *onde* e *quando*.

No Recife *é onde* fez o primário.

Durante a chuva *é quando* ocorrem mais acidentes de trânsito.

É preciso distinguir o *é que* expletivo do *é que* que indica:

a) *é* + *que* (conj. integrante):

A verdade *é que* saíram.

b) *é* (verbo vicário) + *que* (conj. integrante):

"Que quer dizer este nome? *É que* as almas..." [MBe *apud* JO.1]. (*É que* = *quer dizer que*)

c) *é* (vicário) + *que* (conj. causal):

Por que veio? *É que* teve medo (*é que* = *veio porque*)

d) *é que* = *é o que*

Este livro *é que* lemos ontem (= *é o que* lemos ontem)

e) há um *é que* que difere dos demais pela forte pausa que separa os dois termos, dando a impressão de se tratar de um resquício de oração seguido de conj. integrante que introduz seu antigo sujeito (= *é verdade*, *é certo que*):

"Ou *é que* o digesto não vale para os que o estudaram?" [AH.5, II, 35].

Modernamente se usa muito desta linguagem em *será que*:

Ou *será que* eu estou errado!

2 – Vícios e Anomalias de Linguagem

Entre os vícios de linguagem cabe menção aos seguintes:

1) **Solecismo** – É o erro de sintaxe (que abrange a concordância, a regência, a colocação e a má estruturação dos termos da oração) que a torna incompreensível ou imprecisa, ou a inadequação de se levar para uma variedade de língua a norma de outra variedade; em geral, da norma coloquial ou popular para a norma exemplar:

Eu *lhe* abracei (por *o*)

A gente *vamos* (por *vai*)

Tu *fostes* (por *foste*)

Aluga-se casas (por *alugam-se*)

Vendas *à* prazo (por *a*)

Queremos *fazermos* tudo certo (por *queremos fazer*)

Como acertadamente frisa Mattoso Câmara, "não constituem solecismos os desvios das normas sintáticas feitas com intenção estilística, em que a afetividade predomina sobre a análise intelectiva, como na silepse, na atração, no anacoluto" [MC.4, 227].

2) **Barbarismo** – É o erro no emprego de uma palavra, em oposição ao solecismo, que o é em referência à construção ou combinação de palavra. Inclui o erro de pronúncia (ortoepia), de

prosódia, de ortografia, de flexões, de significado, de palavras inexistentes na língua, de formação irregular de palavras:

contricto	por	*contrito*
gratuíto	por	*gratuito*
rúbrica	por	*rubrica*
proesa	por	*proeza*
cidadões	por	*cidadãos*
fosteis	por	*fostes*
a telefonema	por	*o telefonema*
areonáutica	por	*aeronáutica*
intemerato (= sem temor)	por	*intimorato*

Também já se empregou o termo *barbarismo* para referir-se aos erros cometidos pelos estrangeiros ao adaptar ao seu idioma palavras e expressões de outra língua.

3) **Estrangeirismo** – É o emprego de palavras, expressões e construções alheias ao idioma que a ele chegam por empréstimos tomados de outra língua. Os estrangeirismos léxicos que entram no idioma, por um processo natural de assimilação de cultura ou de contiguidade geográfica, assumem aspecto de sentimento político-patriótico que, aos olhos dos puristas extremados, trazem o selo da subserviência e da degradação do país. Esquecem-se de que a língua, como produto social, registra, em tais estrangeirismos, os contatos de povos. Este tipo de patriotismo linguístico (Leo Spitzer lhe dava pejorativamente o nome de *patriotite*) é antigo e revela reflexos de antigas dissensões históricas. Bréal lembra que os filólogos gregos que baniam os vocábulos turcos do léxico continuavam, à sua moda, a guerra da independência [MBr.1, 226]. Entre nós, o repúdio ao francesismo ou galicismo nasceu da repulsa, aliás, justa, dos portugueses aos excessos dos soldados de Junot quando Napoleão ordenou a invasão de Portugal. O que se deve combater é o excesso de importação de línguas estrangeiras, mormente aquela desnecessária por se encontrarem no vernáculo palavras e giros equivalentes. A introdução de uma palavra estrangeira para substituir uma vernácula em geral se explica pela debilidade funcional da palavra ameaçada de substituição.

Modernamente no mundo globalizado em que vivemos, onde os contactos de nações e de cultura são propiciados por mil modos, os estrangeirismos interpenetram-se com muita facilidade e rapidez. Para nós, brasileiros, os estrangeirismos de maior frequência são os *francesismos* ou *galicismos* (de língua francesa), *anglicismos* (de língua inglesa), *espanholismos* ou *castelhanismos* (de língua espanhola), *italianismos* (de língua italiana).

De modo geral, os estrangeirismos léxicos se repartem em dois grupos: os que se assimilam de tal maneira à língua que os recebe, que só são identificados como empréstimos pelas pessoas que lhes conhecem a história (*guerra*, *detalhe*, etc. – a esses os alemães chamam *Lehnwörter*, "empréstimos"); mas há os que facilmente mostram não ser prata da

casa, e se apresentam na vestimenta estrangeira (*maillot*, *ballet*, *feedback*, *footing*, etc.) ou se mascaram de vernáculos, como *maiô*, *abajur*, *tíquete*, etc. (são os, em alemão, *Fremdwörter*, "estrangeirismos"). O termo *empréstimo* abarca estas duas noções e se aplica tanto aos estrangeirismos léxicos quanto aos sintáticos e semânticos.

Os empréstimos lexicais durante muito tempo sofreram as críticas dos puristas, mas hoje vão sendo aceitos com mais facilidade, exceto aqueles comprovadamente desnecessários e sem muita repercussão em outros idiomas de cultura do mundo.

Entretanto, os de sintaxe e os de semântica continuam merecendo o reparo dos guardiães da vernaculidade, aliás de meritória atividade quando não se mostram extremados. Por isto, relacionaremos aqui um pequeno rol desses dois tipos de empréstimos. Começaremos pelos galicismos: 175

1) Certos empregos da preposição *a* em vez de *de*:

incumbido a dizer
moinho a vento
combinação a dois
equação a duas incógnitas

2) Certos empregos da preposição *contra*:

pagar contra recibo	por	*pagar com, mediante recibo*
encostar a mesa contra a parede	por	*encostar a mesa à parede*
remete-se contra reembolso	por	*remete-se a reembolso* (ou *a cobrança*)

3) Certos empregos da preposição *de*:

envelhecer de dez anos	por	*envelhecer dez anos*
aumentar de vinte reais	por	*aumentar vinte reais*
aposento largo de três metros	por	*aposento de* (ou *com*) *três metros de largura*

4) Certo empregos da preposição *em*:

barco em madeira	por	*barco de madeira*
relógio em ouro	por	*relógio de ouro*
chão em mármore	por	*chão de mármore*
capa em azul	por	*capa azul*
tingir em azul	por	*tingir de azul*

5) Expressões como:

estar ao fato de	por	*estar ciente de*
declarar a guerra	por	*declarar guerra*

pôr o acento nesse problema	por	*enfatizar esse problema*
pessoa de alguns vinte anos	por	*pessoa dos seus vinte anos*

6) Emprego do *que* nas orações negativas de exclusão:

a mãe nada viu que seu filho	por	*a mãe só viu o filho*
o egoísta não procura que o seu bem	por	*o egoísta não procura senão o seu bem*

7) Emprego, na coordenação de orações subordinadas adverbiais, do *que* para evitar a repetição da conjunção da subordinada anterior, quando não constituída pelas chamadas locuções conjuntivas:

Quando me viu e que me falou por *Quando me viu e me falou*

Mas já é vernácula a substituição pelo simples *que* em:

Logo que me viu e que me falou...

8) Anteposição do sujeito de orações com verbo no gerúndio e particípio:

O dia amanhecendo	por	*Amanhecendo o dia*
A aula terminada	por	*Terminada a aula*

9) Não flexão dos nomes e sobrenomes pluralizados pelo artigo:

Os Almeida	por	*Os Almeidas*
Os irmãos Paiva	por	*Os irmãos Paivas*
Os Pereira de Abreu	por	*Os Pereiras de Abreu*

Quanto aos *anglicismos*, vale chamar a atenção para o fato de que o inglês vai constantemente ao grego e ao latim buscar-lhes os tesouros, mas os usa com tal liberdade, que muitas vezes deturpa o emprego ou o significado original. Daí, não basta acalmar os ânimos com a alegação de que se trata não imediata, mas mediatamente, da boa cepa clássica. Alguns nos chegaram pela porta da França.

São exemplos de *anglicismos*:

1) Léxicos:

admitir (= julgar possível, dar como provável, acreditar, crer). Quando o significado vernáculo é ‘receber’, ‘deixar entrar’, ‘concordar’.

assumir por *supor*, *acreditar*

básico (inglês, francês, etc.)

contactar por *entrar em contacto com*

diferente por *melhor* (um produto diferente)

doméstico (voo) por *nacional*

leasing

marketing

politicamente correto
praticamente por *virtualmente*, *faltando pouco* (o tanque está praticamente cheio)
relax

2) Sintáticos [MC.4, s.v.]:

a) a anteposição do adjetivo ao seu substantivo, com valor meramente descritivo, como nos nomes de hotéis e estabelecimentos comerciais: *Majestoso Hotel*.

b) o emprego de um substantivo com função de adjetivo por vir anteposto: *Rio Hotel*.

c) o emprego da preposição *com* isolada do nome que deveria reger ou da preposição *contra* no fim da oração: *capa com e sem forro*; *eu sou pelo povo e tu és contra*.

São exemplos de *castelhanismos* (léxicos):
aficionado
bolero: jaqueta
charla
contestar (= responder, replicar). É vernáculo no significado de *refutar*, *negar direitos*.
ensimesmar-se
entretenimento
frente a (= ante)
muchacho (= garoto, rapazinho)
piso (= andar, pavimento)
quefazer (es) (= ocupações)
recuerdo (= lembrança)
redatar (= redigir)
resultar (tornar-se, ficar). É vernáculo *provir*, *proceder*
suelto (= artiguinho, nota crítica de jornal)

São exemplos de *italianismos* léxicos (muito frequentes em termos de arte, música)
adágio (= andamento musical vagaroso)
allegro (= movimento alegre)
andante (= andamento moderado)
aquarela
bambino
belvedere
bel-canto
cicerone
condottiere
confete (confetti, plural)

corso (= cortejo, desfile)
diletante
dueto
furbesco (= velhaco)
imbroglio (= confusão, enredo, atrapalhada)
influenza (= doença catarral, *gripe*, fr.)
intermezzo (entreato)
libreto
Madonna (= Nossa Senhora)
maestro (= regente de orquestra)
nitrido (= relincho)
nitrir (= relinchar)
piano (= com suavidade)
primadona (= cantora principal de ópera)
raconto (= conto, história)
sonata
soprano
espaguete
estúdio (= galeria de arte, sala de trabalho)
tarantela
terracota
trombone
vendeta (= vingança)
virtuose (= músico de talento)

Anomalias de Linguagem

Idiotismo ou expressão idiomática é toda a maneira de dizer que, não podendo ser analisada ou estando em choque com os princípios gerais da Gramática, é aceita no falar culto.

São idiotismos de nossa língua a expressão *é que*, o *infinitivo flexionado*, a preposição em *o bom do pároco*, etc.

Sobre o conceito de idiotismo nunca é demais relembrar a lição de Said Ali: "Não devemos definir o idiotismo, segundo alguns gramáticos, como construção particular de *uma* língua, estranha, portanto, às outras línguas, porque ninguém conhece todos os outros idiomas em todos os seus segredos e modos especiais de falar" [SA.2, 310].

Assim, o infinitivo flexionado é um idiotismo não porque só exista em português (na realidade outras línguas o conhecem, como alguns dialetos do sul da Itália, e outras o conhecem com aplicação diferente da que tem em português, como em húngaro), mas porque a

sua flexão contraria o conceito de forma infinita (i.é, não flexionada).

16 E. Coseriu [ECs.7, 136 - 138; ECs.15, 20 - 21].

17 E. Coseriu [ECs.12, 104; ECs.1, 265].

18 E. Coseriu [ECs.15, 21-22].

19 E. Coseriu [ECs.7, 59].

20 E. Coseriu [ECs.15, 20].

21 E. Coseriu [ECs.7, 60 n. 13].

22 Mattoso [MC.4, s.v.].

23 "Quanto a este ponto, a afirmação generalizada de que o substantivo tem flexão de gênero, aparentemente justificada pela existência de pares masculinos/femininos, tais como *irmão/irmã, noivo/noiva, gato/gata*, que significam, respectivamente, o macho e a fêmea de uma dada espécie de ser animado (sexuado). Com efeito, é propriedade essencial da flexão o fato de que por esse processo mórfico variem as significações gramaticais de 2.º grau (isto é, de gênero, número, tempo-aspecto, modo, pessoa, etc.) somadas, alternadamente, ao tema por meio dos morfemas próprios, sem que se altere a significação inerente da palavra semântica, que permanece a mesma em cada um dos membros do paradigma flexional. É isso que se dá com a variação de número *casa/casas* e, no adjetivo (pronome, etc.) com a de gênero: na variação *alto/alta* não se altera a significação inerente do adjetivo, presente no seu tema *alt-*. Ora, o que se passa com *lobo/loba* é precisamente o contrário, porque o termo masculino e o termo feminino manifestam significações inerentes diversas, a saber, respectivamente, a de espécie macho e a de espécie fêmea do gênero (lógico) *lupus* (significado este também pelo masculino, na sua qualidade de termo não marcado da oposição). Quer dizer que se trata aqui, não de flexão, mas antes de derivação, como a que se observa em *barco/barca*, *saco/saca*, etc." [HCv.2, 745-746].

24 "Por morfofonêmica, a sibilante da desinência é surda diante de pausa ou de consoante surda (ex.: *livros pretos /* livrus petrus) e sonora diante de vogal ou consoante sonora, sendo que diante de vogal passa a funcionar como pré-vocálica dessa vogal (ex.: *livros brancos* / livruz brankus / *livros alvos* / livruz álvus/)" [MC.4, 179].

25 *Mel* e *fel* fazem *meles* ou *méis, feles* ou *féis*, respectivamente, sendo as segundas formas mais frequentes por conformes no processo regular.

26 Mattoso assinala que, tendo em vista a pronúncia distensa da pronúncia brasileira do *-l* como | w |, passam a ser outras as regras morfofonêmicas: no caso de *carnaval*, por exemplo, temos a alternância | w | - | y |: | carnavau | - | carnavays |, e em *funil* temos a supressão do | w |: | funiu | - | funis |

27 Obs.: Continuamos a relacionar o singular como a forma básica em relação ao plural, nestes casos. A gramática histórica, entretanto, nos dá outra versão do fato linguístico.

28 Uma Lei federal (2.749 de 2 de abril de 1956) pretendeu disciplinar os gêneros dos nomes designativos das funções públicas no âmbito federal, que dispõe: "O gênero gramatical desse nome, em seu natural acolhimento ao sexo do funcionário a quem se refira, tem que obedecer aos tradicionais preceitos pertinentes ao assunto e consagrados na lexicologia do idioma. Devem, portanto, acompanhá-lo neste particular, se forem genericamente variáveis, assumindo, conforme o caso, feição masculina ou feminina, quaisquer adjetivos ou expressões pronominais sintaticamente relacionadas com o dito nome".

29 Mattoso prefere ver aqui um exemplo de morfema subtrativo, dizendo que ocorre a supressão da vogal temática sem adjunção de desinência: *irmão* → *irmã*(*o*) → *irmã*. Dada a raridade de ocorrência de morfema subtrativo em português, e, pelo contrário, a frequência da regra morfofonêmica de crase, optamos pela lição acima.

30 Embora esta seja a norma exemplar, o idioma não está fechado a feminizações expressivas, especialmente em nível coloquial e popular, com reflexos em estilizações literárias: *a carrasca*, *a verduga*, *a pássara*, etc. cf. [MBa5, 328-329].

31 Evite-se cuidadosamente o erro *diminuitivo* (com i).

32 Rio-Torto, *Sistêmica*, 203 – 227, onde tece importantes comentários contra a antiga concepção afixocêntrica da produção lexical.

33 [MBa.3, 282], preso ao critério diacrônico, vê no emprego dessas formas um neutro.

34 " O epíteto *benéfico*, assim como os antecedentes são *propríssimos* do sujeito Estrela" [DG.1, 362].

"A falsa notícia do falecimento de Gonçalves Dias teve a boa consequência de mover o Governo a aliviar-lhe a situação material, que era precaríssima" [MB.1, 778].

35 É válido o comentário de Coseriu: "(...) o artigo de per si não individua. Nos casos em que isto parece ocorrer (p. ex. "Leram *o livro*? Estou vendo *o* mapa"), a individuação está dada, na realidade, pelos contornos verbais e extraverbais" [ECs.1, 300 n.36].

36 Tem-se desprezado, nestes casos, a influência do inglês em nosso idioma.

37 “A definição da segunda pessoa como sendo a pessoa à qual a primeira se dirige convém sem dúvida ao seu emprego mais ordinário. Ordinário, porém, não quer dizer único e constante. Pode utilizar-se a segunda pessoa fora da alocução e fazê-la entrar numa variedade de “impessoal”. Por exemplo, *vous* funciona em francês como anafórico de “*on*” (ex: *on* ne peut *se* promener sans que quelqu’un *vous* aborde, port. “não *se* pode passear sem que alguém aborde *você*”) [EBv.1, 254]. Este fato, como a tradução revela, ocorre também em português, tanto na língua escrita como na falada. É um *você* ou *tu* que se referem ao próprio falante, mesmo que o ouvinte esteja presente:

“Daniel, a situação comigo está difícil. Chega um momento que *você* (= “eu”, “a gente”, impessoalizador) não sabe o que fazer”. “*Você* já vinha conhecendo que o tempo passava danadamente rápido por causa de uns indícios sutis. Por exemplo: quando um desconhecido fala a seu respeito não diz mais “aquela moça”, e sim “aquela senhora” (...) Sem falar nos que morreram, porque morrem muitos à medida que *a gente* fica mais velha” [RQ.1, 108].

Não levando em conta o jogo psicológico envolvido na situação, o giro tem sido injustamente condenado por alguns gramáticos que não atentam para o respaldo da língua escrita nem o testemunho de outras línguas. No português, nesta aplicação se usa de *você* ou *tu* (ou expressões substantivas como *a pessoa*, *o indivíduo*, *o cristão*, etc.).

38 Desde K. Brugmann (1904) foram estabelecidos quatro tipos de dêixis em relação à posição do falante: “*este*-dêixis”, “*eu*-dêixis”, “*tu*-dêixis” e “*aquele*-dêixis”. K. Buhler acrescenta uma dêixis especial: “dêixis em fantasma”, que se produz “quando um narrador transporta o ouvinte ao reino do ausente recordável ou ao reino da fantasia construtiva e lhe põe à disposição ali de todos os mesmos indicadores para que veja e ouça o que há ali para ver e ouvir (e tocar, se o desejar), e, quem sabe, cheirar e degustar” [*apud* LCr.1, s.v.]. Para o linguista são válidas as considerações de Herculano de Carvalho: “É evidente que esta espécie de mostração [em fantasma] assume real interesse para o psicólogo (que era Buhler) e para o estudioso da criação poética, mas não para o linguista, para quem ela se identifica com a mostração “ad oculos”, embora (...) ela possa estar implicada na anafórica” [HCv.3, 662].

39 [ECs.1, 301 n. 37]. Já o nosso João Ribeiro [JR.1, 88] lembrara a lição de A. Darmesteter, que considerava os pronomes, pelo seu ofício de indicar a posição da pessoa ou coisa no discurso, “gestos falados”.

40 “O simples fato de que palavras diferentes sejam muito geralmente empregadas para “eu” e “nós” (e também para “tu” e “vós”) é suficiente para excetuar os pronomes dos processos ordinários de pluralização (...). Na grande maioria das línguas, o plural pronominal não coincide com o plural nominal, pelo menos tal como se representa ordinariamente. Está claro, de fato, que a unidade e a subjetividade inerente a “eu” contradizem a possibilidade de uma pluralização. Se não pode haver vários “eus” concebidos pelo próprio “eu” que fala, é porque “nós” não é uma multiplicação de objetos idênticos, mas uma *junção* entre o “eu” e o “não eu”, seja qual for o conteúdo desse “não eu”. Essa junção forma uma totalidade nova e de um tipo totalmente particular, no qual os componentes não se equivalem: em “nós” é sempre “eu” que predomina, uma vez que só há “nós” a partir de “eu” e esse “eu” sujeita o elemento “não eu” pela sua qualidade transcendente. A presença do “eu” é constitutiva de “nós” [EBv.I, 256].

O plural de “eu” como “mera palavra” ou como substantivo para significar ‘a personalidade de quem fala’ tem normalmente o plural “eus”:

“Não poderiam mostrar, num dado instante e numa atmosfera única, todos os *eus* sucessivos que guardam dentro de si (...) [RCo.1, 164].

41 Para a discussão de considerar “o senhor”, “a senhora”, etc. formas substantivas de tratamento ou pronome de tratamento, vejam-se os estudos de HM, *Anrede*; LCi, *Formas*; EW, *Pronomes*. No fundo, trata-se de um falso problema, pela natureza categoremática do pronome.

42 Tradicionalmente a série *isto*, *isso*, *aquilo* e *o* (invariável) é dada como remanescente do neutro latino. Já o nosso primeiro gramático Fernão de Oliveira (1536) tinha desvinculado tais pronomes do neutro latino. Epifânio Dias considera-os como masculinos (*isto*, *isso*, *aquilo*), e o erudito artigo de Herculano de Carvalho sobre o gênero nos pronomes [HCv.4, 30-48] mostra que só lhes cabe o gênero masculino. É assim que os trataremos aqui, inclusive ao *o* invariável em gênero e número.

43 *Que é lá?*, aplicado a indagar sobre pessoas, talvez seja o resultado de desnasalação do *quem* por fonética sintática: “E começava a despir-se, quando ouviu passos no negro corredor, passos muito lentos, muito pesados, que se adiantavam (...) Assustado, gritou “*Que é lá*?” [EQ.3, 663].

44 Coseriu [ECs.4, 211-212].

45 No excelente livro de Barbadinho, há boa messe de exemplos. O fato sintático está a exigir investigação, pois parece ter raízes mais longínquas na família românica. A bibliografia aí já é extensa: [FDz.1, III, 56]; [MLk.1, III, § 67]; [WZ.1, § 709]; [FH.1, § 512], e o livro de G. Brandt sobre a concorrência de *soi* e *lui*, *eux*, *elle*(*s*) em francês.

46 Deve-se evitar o emprego do pronome pessoal pelo possessivo quando na oração já estiver um objeto indireto ou complemento relativo. Assim, Carneiro Ribeiro não aceitou, com razão, a emenda proposta por Rui Barbosa à redação de um artigo do Código Civil. Este rezava: “*A fortuna do pai passa* ***a seu filho***, emendada para: “A fortuna do pai passa-lhe ao filho”. Para Carneiro Ribeiro a emenda torna “o pensamento menos preciso e a frase forçada e desenxabida” [CR.2, 586].

47 Diz-se que o possessivo tem *sentido objetivo* quando designa o ser que é alvo de uma ação ou sentimento qualquer. Fora deste caso, tem *sentido subjetivo*. É muitas vezes difícil distinguirmos os dois casos.

48 Sabemos que o termo *dêictico*, se viesse no caudal das palavras hereditárias, não representaria a boa forma portuguesa de adaptação do vocabulário grego, conforme mostrou o Prof. Cândido Jucá (filho) [CJ.1, 35 e ss.]. Adotamo-lo por ser empréstimo científico disseminado, introduzido na língua técnica da gramática portuguesa por M. Said Ali.

49 A respeito do *ipse* latino faz Blatt um comentário que se pode aplicar ao nosso *mesmo*: "Pour des raisons historiques, on a l'habitude de ranger ipse... parmi les pronoms démonstratifs, bien que, si l'on tient au sens, on puisse plus légitimement le qualifier d'intensif" [FBl.1, § 186].

50 "*Algo* é obsolescente, usado praticamente só no estilo refletido, e mesmo aí não com muita frequência. O que é realmente de lamentar, visto o seu substituto *alguma coisa*, apesar do elevado grau de abstração aí alcançado pelo substantivo *coisa*, não ser facilmente separável da significação de "algo" concreto e até material" [HCv.3, 656 n. 93].

51 [SA.1, 105; SA.2, 266 – cf. Pág. 333, a]

52 É por causa de construções semelhantes que Epifânio Dias [ED.2, § 104, b] diz que a posposição de *todo* pode dar ocasião a ambiguidades, como neste exemplo em que a intenção do escritor foi usar *todo* como advérbio, e não como pronome. Poder-se-ia, é claro, não fazer a flexão, evitando a ambiguidade.

53 A tradição tem evitado o emprego de *sem quem*, substituindo-o por *sem o qual*, *sem a qual*, *sem os quais*, *sem as quais*, para evitar o eco.

54 As formas *duzentos*, *trezentos*, *quinhentos* e *seiscentos* representam diretamente numerais latinos.

55 "O quadro dos numerais ordinais é muito complexo e apresenta compostos e locuções rebarbativas, para cuja utilização o saber e a habilidade do homem do povo depressa se esgotam; daí se usarem como ordinais os próprios cardinais (...) Tal emprego dos cardinais se justifica logicamente, de um ponto de vista novo, segundo o qual o número passa a ser como que uma qualidade intrínseca daquela hora, daquela página, etc., desprendidas em nosso espírito, das horas, das páginas anteriores e assim por diante" [MC.4, 178].

56 Assim sendo, não se pode falar em voz passiva diante de linguagens do tipo *osso duro de roer*. Houve aqui, se interpretarmos *roer = de ser roído*, apenas passividade, com verbo na voz ativa. Sobre o sentido ativo ou passivo de infinitivo, veja o link.

57 Moderna e normalmente o verbo parir está incluído neste grupo: Pres. *parimos* e *paris*. Mas também, apesar de, por tabu linguístico, ser desusado na linguagem de sociedade, pode ser conjugado integralmente, com irregularidade apenas na 1.ª pess. do ind. e em todo o pres. do subj.: *pairo*, *pares*, *pare*, *parimos*, *paris*, *parem.* Pres. subj.: *paira*, *pairas*, *paira*, *pairamos*, *pairais*, *pairam.*

58 Pomos entre parênteses a variante do morfema ou alomorfe (cf. **Variantes dos elementos mórficos**).

59 Aceitamos as ponderações de Mattoso: "SMT é *-ia*, opondo-se a *-a*, do subjuntivo presente: *temia*, *partia*: *tema, parta*. Seria uma análise falsa considerar *-i* a vogal do tema e SMT a vogal *-a*, porque os dois tempos passariam a se distinguir não pelo seu SMT, mas pela presença ou ausência da vogal do tema" [MC.8, 148 n.27]. A solução com *-a* não seria de todo falsa, porque a vogal temática poderia acumular a função modo-temporal, mas a análise apresentada é mais coerente com a descrição e o papel normal da vogal temática.

60 No Brasil só por imitação literária aparece este verbo. Dele nos diz Manuel Bandeira: "Esse lusitanismo está sendo introduzido por certos revisores à revelia dos autores; já me enxertaram a antipática palavra numa tradução minha, mas eu juro que não a escrevi, nem jamais a escreverei: escreverei sempre "mobiliada" [MB.1, 441].

61 Sobre o emprego dos auxiliares *ter* e *haver* na conjugação composta veja-se **Conjugação de verbos auxiliares mais comuns**, 2.

62 Acompanhado de outro pronome que não esteja nos dois casos até aqui apontados, nenhuma alteração ocorre no verbo e no pronome posposto: *conhecemos-te*, *chamamos-lhe*, *requeremos-lhe*, etc. Evitem-se, portanto, *enviamo-lhe*, *informamo-lhe*!

63 Para seguir este modelo, melhor seria escrever *engulir* (com *u*). A forma *engolir* (com *o*) nos leva, naturalmente, à seguinte conjugação que o *Vocabulário Oficial* não registra: *engulo, engoles, engole, engolimos* (com *o*), *engolis* (com *o*), *engolem.*

64 O verbo *entupir* pode também ser conjugado sem sofrer a metafonia que ocorre no grupo: *entupo, entupes, entupe, entupimos, entupis, entupem.*

65 Leve-se em consideração a mudança de *g* para *j* antes de *o* e *a*: *fujo, foges foge,* etc.

66 Conjugam-se, porém, regularmente *assumir, presumir, reassumir, resumir.*

67 Significa *originar, produzir efeito*. Como *surtir* são também regulares *curtir* (pouco usado na 1.ª pessoa do singular e em todo o presente do subjuntivo) e *urdir*.

68 Algumas vezes os escritores, numa oração subordinada a um presente histórico, usam o pretérito imperfeito em vez do

presente, como se na oração subordinante estivesse um pretérito perfeito: "O mestre da nau em que navegava Jonas... examinou todo o navio, até o lastro, onde ia dormindo o Profeta. *Desperta*-o a gritos e *repreende*-lhe o sono em ocasião que o baixel *estava* em perigo de se ir a pique" [AV *apud* MBa.2, 117].

69 Coseriu [ECs.5, 143] que cita Togeby: "Le plus souvent les parfaits et les imparfaits alternent, en formant dans le texte, pour ainsi dire, deux plans. Les parfaits constituent le premier plan, les événements, les actions qui sont accomplies et qui font avancer le récit, tandis que les imparfaits composent le second plan, tantôt le décor, tantôt les raisons ou les conséquences, tantôt le contenu de déclarations ou de pensées".

70 [ALb.1, 8-10 e 98], donde extraímos os exemplos.

71 A flexão se apresenta geralmente quando o infinitivo vem acompanhado de um pronome pessoal oblíquo átono.

72 [EBm.1], onde se encontra o levantamento de alguns destes casos.

73 Aparece ainda em exclamações diretas e indiretas:

*Como chove! Veja como chov*e.

74 [HM.1, 55], em que as fronteiras entre o advérbio e o adjetivo são estudadas com muita erudição e acuidade estilística.

75 [AL.1, § 289], cuja proposta retocada adotamos; [MMa.1, 149]; [MPz.1], onde se faz exaustivo estudo do sistema preposicional do espanhol [VBr.1].

76 Pode-se também considerar *contração* apenas o caso de crase; nos outros, diremos que houve *combinação*. A NGB não tomou posição neste ponto. Na realidade, o termo *combinação* é muito amplo para ficar assim restringido. A nomenclatura tradicional, por exemplo, só emprega *combinação de pronomes*.

77 Que o português procedeu como as demais línguas românicas prova o trabalho de V. Väänämen, *Il est venu comme ambassadeur, il agit en soldat*, Helsinquia, 1951.

78 "(...) sem todavia influírem na ordenação das orações" [ED.1, § 195, obs.].

79 O estudo das diversas realizações fônicas de um dado morfema, como é o caso do nosso índice de plural, recebe, em linguística descritiva, o nome de *morfofonêmica* ou *morfonêmica*.

80 Parecem, à primeira vista, constituir exceção, formas como *portuguesmente, superiormente,* mas o fato se explica porque tais adjetivos em *-ês* e *-or* eram uniformes no português antigo, à época dessas derivações adverbiais.

81 Mesmo aí, integrando o indo-europeu, a aceitação desse infixo nasal é discutível. Vejam-se os comentários em Meillet-Vendryès, GC, §§ 237-238.

82 M. Barreto [MBa.1, 408-410; MBa.3, 347; MBa.5, 138] condena formações do tipo de *labiodental, labionasal, linguodental,* etc., em vez de *labidental, labinasal, linguidental,* etc., por aparecer a vogal *o* em vez de *i*, por serem latinas e não gregas. Aceita, embora as considere bárbaras, as formações *novo-latino, dento-labial, anglo-russo, hispano-americano,* etc., onde também aparece o *o* grego em lugar do *i* latino, como em *plenilúnio* (p.207)*, alvinitente, altíssono, lanígero, flamífero*. A questão é muito complexa (já o era no próprio grego e no latim), porque se trata de formações nascidas em épocas diversas e em domínios culturais diferentes, além de procedimentos que se repartem pela composição e pela justaposição, com ou sem braquilogias e reduções. O português, como as línguas românicas (algumas das quais nos serviram de modelo), sofreu o impacto dessas diferentes portas de entrada de tais neologismos eruditos, e até de reflexo popular, como *gaticídio, burricida,* etc. É um domínio que está, no português, a exigir estudos mais aprofundados. Cf. A.G. Hatcher *Modern English Word-Formation and Neo-Latin* (Baltimore, 1951), B. Migliorini *Saggi sulla lingua del novecento* (Firenze, 1963, p. 9-60) e FM, 1973, 1, 68-72.

83 A rigor, em *geografia* e *bibliófilo* não temos a vogal de ligação *o* (ge-o), porque não existe formação em que apareça o radical *ge*, ou *bibli*, como em *chá, pau, café* e *lã*. O radical grego é *ge*, mas em português é *geo*, como o é *biblio*, já que aí, como em outros casos, não se pode isolar a vogal *o*, tal qual fazemos em *gás + o + metro*. [VK.2, 37-38].

84 Cf. J. Mattoso Câmara Jr. *Dicionário de Filologia e Gramática*, 293. Para estudos mais adiantados veja-se Saussure, *Cours de Linguistique Générale*, 253 e E. Nida, *Morphology* (cap. de introdução).

85 Kehdi, *Morfologia*, 42, Rio-Torto, *FLP*, 2, 45-46; Sandmann, *Formação*, 145-152.

86 Matthews, *Morphology*, 1982, 146-147, *Inflectional Morphology,* 1972, 72.

87 Sílvio Elia, *Confluência* (2), 1991, 87.

88 Para Sten (*Particularités*, 24-25), citado por Nascentes (*Linguajar*, 96), a não diferenciação do português dialetal e do Brasil na pronúncia de *amamos* e *amámos* se deve à analogia, num processo de uniformização, com a 2.ª e 3.ª conjugações, e não à fonologia. Todavia, cumpre lembrar que a precedência de nasal é um fator de fechamento do timbre.

89 [EBv.2, 147] e [AE.1, 22 e ss.].

90 Rio-Torto, *Sistêmica,* 203 e ss.

91 É constantemente contrariada pela realidade da língua a hipótese de se estabelecer uma distribuição complementar entre tais construções agentivas calcada nos critérios 'grau prestígio social', 'formalidade' e 'grau de especialidade'. Não se podem

deixar de lado os valores semânticos dos elementos que integram os constituintes e seus reflexos não só nos produtos derivacionais mas também as motivações do contexto. A concepção afixocêntrica na produção lexical está sendo revista, para pôr em evidência o papel que desempenham as bases e os mecanismos derivacionais na criação lexical.

92 Se a palavra é masculino e termina em *-a*, este *a* reaparece quando se lhe acrescenta o sufixo *-inho*. O mesmo acontece se é feminino em *-o* ou singular em *-s*: *Jarbas* → *Jarbinhas; Carmo* (João do) → *Carminha; o Maia* → *o Mainha*. (Nota que me foi fornecida por Martinz de Aguiar). Note-se ainda que os diminutivos *-inho, -zinho* podem assumir valor patronímico, quando pais e filhos têm o mesmo nome: *Pacheco* (o pai), *Pachequinho* (o filho), *Diva* (a mãe), *Divinha* (a filha).

93 Cf. [VB.1].

94 *Tresler* é ler além do que está escrito, podendo, portanto, significar 'ler mal', 'ler sem entender': "Assim, em um artigo de seis páginas, João Fernandes diz, rediz, a si próprio se contradiz, anda para trás e para diante, e de tudo só deixa apurar que leu, releu, mas só *treslia* ao tomar da pena" [CL.1, II, 305].

95 "Do emprego de *vice* houve até abuso: *vice-deus* "grande santo", por distinguir de *semi-deuses*, que eram do paganismo. Vieira chamou a ausência de *vice-morte*. Filinto Elísio criou o verbo *vice-reinar*" [JR.5].

96 O ar vernáculo é tal, que a rigor não se poderia falar de hibridismo em muitas dessas inovações lexicais. Só aos olhos de quem conhece a história desses elementos é que fica patente sua origem estrangeira.

97 esta uma forma livre: *re(meter), re(fazer)*, etc. Este critério de negar a *receber* uma derivação prefixal colide com a aceitação de formas presas em compostos do tipo *agrimensor, aqueduto*, etc., nos quais o falante tem a mesma dificuldade em depreender o significado de um ou dos dois elementos da unidade criada. Preferimos ficar com a lição de Mattoso Câmara, que era também a de Nida: "A depreensão dos prefixos é uma técnica de análise descritiva. Para isso há a considerar três casos: 1) quando o radical a que se acrescenta constitui uma forma livre na língua (ex.: *predizer* = *pre* + *dizer*, *desconsolo* + *des* + *consolo*); 2) quando esse radical é forma livre numa estrutura variante (ex.: *permitir*, cf. *meter*); 3) quando esse radical só é forma presa, mas constitui a base de duas palavras, pelo menos, com prefixos distintos (ex.: *colisão, elisão*)" [MC.4, s.v. Prefixo]. Nossa questão se quadra neste último caso.

98 *Fero* é defectivo, apresentando forma do radical de *tollo* (tulli, latum); assim, não são cognatos *aferir* e *ablativo*. Ao primeiro se associam *conferência, fértil, oferecer*; ao segundo, *prelado* e *relaxado*. Esta observação se estende a qualquer forma latina que apresentar semelhante defectividade.

99 Para L. Weisgerber: *Lexicologia da expressão* (al. *Wortformenlehre*), *lexicologia do conteúdo* (al. *Wortinhaltslehre*), *semasiologia* (al. *Semasiologie*) e *onomasiologia* (al. *Onomasiologie*). A lexemática corresponde ao nível estrutural sistemático da *lexicologia do conteúdo*, a qual abarca também a *lexicologia semântica associativa*, e, em outros níveis estruturais, a *lexicologia semântica da norma* e a *lexicologia semântica do discurso* (compreendendo o estudo das preferências e "constâncias" semânticas dos escritores). Cf. [ECs.2, 46-50].

100 Um especial enfoque semasiológico está representado pela "semântica estrutural" dos linguistas americanos J. J. Katz e J. A. Fodor que, na realidade, trata da estrutura da interpretação, e não da estrutura do significado, pois que parte de um significante léxico para chegar à identificação do seu significado, resolvendo o problema de *desambiguização* dos signos. Cf. [ECs.2, 165-168].

101 Este fato já foi de há muito assinalado. Coseriu lembra a antecipação possivelmente no gramático romano Varrão, em nosso primeiro gramático Fernão de Oliveira (1536), em Chr. Wolff (1730) e, mais recentemente, em Gabelentz (1901).

102 Esta aplicação do termo paragramatical vai ser importante para entendermos o fato e a explicação em compostos do tipo *corta-papel*.

103 Estes dois elementos combinados pertencem normalmente a campos diferentes, um dos quais (o que está representado no significante) determina (recção) o outro (que está representado no significante por um sufixo derivacional ou por zero (este último caso é o de compostos como *tira-teima*, de que falaremos mais adiante).

104 Recente etimologia proposta pelo sueco Gunnar Tilander. Cf. nossa nota em Revista Brasileira de Filologia, vol. 6, tomo I, junho de 1961, 142-144. A etimologia não goza de aceitação unânime.

105 "A etimologia popular (...) não difere, na essência, de sua irmã erudita, a etimologia dos filólogos. Mais vivaz, mais 'operativa' que esta última, realiza instintivamente, intuitivamente e de pronto o que a outra faz intencionalmente, graças a um sem-número de alfarrábios e fichas" [J. Orr *apud* SU.1, 104].

106 A palavra *famigerado* pode aplicar-se à pessoa notável pelos seus dotes positivos ou negativos; todavia, no uso mais geral, a palavra se aplica às qualidades negativas.

107 Pode haver homofonia em um mesmo paradigma ("sincretismo"), como em *cantava*, 1.ª e 3.ª pess. do imperfeito, ou *-s* morfema pluralizador nos nomes e de 2.ª pess. sing. nos verbos.

108 Usamos aqui determinantes numa aplicação muito abrangente, que inclui as noções de adjunto e complemento, funções de que falaremos mais adiante.

109 Este emprego invariável do *o* parece dever-se à confluência de alguns fatos, entre os quais se destaca o de só haver

obrigatoriedade de concordância do predicativo com o sujeito quando é representado por adjetivo ou alguns pronomes e pela referência de dêixis e de valor neutral do pronome *o*.

110 [BC.1, §1100; AL.1, 311, AL.2, 182].

111 [PD.1, 51].

112 Esta diferença de conteúdo de pensamento designado em *Ilha de Marajó* se reflete bem no exemplo da maiúscula.

113 Estas orações de *quem* apresentam certa liberdade de colocação em relação à sua principal, e aparecem frequentemente no início do período.

114 Ensina-nos SAID ALI: "Em proposições como *quem porfia mata a caça, quem espera sempre alcança,* servimo-nos de um pronome visivelmente destituído de antecedente. Mas como o vocábulo *quem* aí sugere a noção de "homem (ou mulher) que", "alguém que", sentimo-nos propensos a ladear a questão linguística, analisando não já o pronome tal qual em tais frases se apresenta, mas sim o seu equivalente semântico. Esse método condenável, de conciliação forçada, não satisfaz todavia ao espírito quando aplicado a *quem quer que,* expressão ampliativa do mesmo pronome *quem* nestas proposições: *quem quer que o disse: não faças mal a quem quer que te ofenda.* SWEET propõe para o pronome nas condições dos dois primeiros como dos dois últimos exemplos a denominação de relativo *condensado* "por desempenhar o próprio relativo também funções de antecedente". Qualificativo cômodo, sem dúvida, mas não ditado pelo critério histórico-comparativo. Estudos mais rigorosos (DELBRÜCK e BRUGMANN) permitem presumir que o pronome em questão deve a sua origem a uma causa dupla: ao interrogativo *quem* nas interrogativas indiretas e ao indefinido *quem*" [SA.5, 114-5].

115 A que chamamos intercalada de *desejo* José Oiticica denominava de *exclamação*.

116 Professores há que preferem, havendo na intercalada um verbo transitivo direto, considerar este tipo de oração com principal. Assim, analisam:

Oração principal: *me pediu o rapaz*.

Oração subordinada, substantiva objetiva direta, justaposta: *dê-me água*.

Se a intercalada não encerra verbo transitivo direto, acham-no por elipse.

117 Com seus alunos deve apenas o professor insistir na conceituação de oração intercalada, desprezando minúcias de classificação. Nem sempre se traçam linhas rigorosas de demarcação entre o sentido de muitas dessas intercaladas.

118 Cf. [OG.1, 123], onde se encontra excelente e larga exposição sobre o emprego dos verbos *dicendi* e *sentiendi*, bem como as alterações que podem ter os tempos e modos verbais e os pronomes demonstrativos e possessivos na passagem do discurso direto a indireto, a pontuação e a colocação desses verbos. O assunto extrapola, na sua análise mais profunda, o âmbito da gramática para inserir-se na linguística do texto.

119 Para estes e outros exemplos ver [MBa.1, 181-3].

120 O fato ocorre também em francês, alemão e línguas escandinavas, conforme observa NYROP, *Grammaire Historique*, VI, §377 e *REMARQUE: Les confidences que je ne doutais pas qu'elle eût reçues de ma soeur. This man who I thought was my friend. "Ferner will ich deinem Vater sagen, was ich glaube, dass du wünschest*"(LESSING).

121 O fato se repete no latim: "Vejens bellum ortum est, *quibus* Sabini arma conjunxerant" [Tito Lívio, 2, 53 *apud* JMa.1, § 317, d) Obs. 1.ª)]. Cf. ainda [MBa.4, 25].

122 Pode ainda aqui faltar *o tal*:

Falaste *de modo* que desistiram do pedido.

Há acentuada pausa entre o substantivo e o *que*.

123 Hoje raro.

124 Cf. Lôfstedt, *Philologischer Kommentar zur Peregrinatio Aetheria*e, 56 e ss.; Norberg, *Syntaktische Forschungen auf dem Gebiete des Spätlaeins und des frühen Mittellateins*, 239; *Svennung, Untersuchngen zu Palladius und zur lateinischen Fach — und Volkssprache*, 505, nº 4. Maximino Maciel, *Lições Elementares de Língua Portuguesa*, 120: Mário Barreto, *Estudos da Língua Portuguesa*, 93 e ss. Martinz de Aguiar (em carta particular), Cândido Jucá (filho), *O Fator Psicológico na Evolução Sintática*, 91 consideram a oração de *fazer* como *subjetiva*.

125 Assim fazem os mestres Said Ali e Epifânio Dias.

126 Outros autores supõem que as orações do tipo de "há quatro dias", "faz quatro dias", sofreram um processo de *gramaticalização*, passando a ser consideradas como simples adjuntos adverbiais de tempo. Distinguindo — a meu ver sem razão — a sintaxe de *fazer* e *haver* nestas expressões, diz Maximino Maciel a respeito deste último verbo: "Procurar conferir ao verbo *haver* nestes casos a função proposicional é complicar a análise sem proveito na prática; e, além disso, nestas frases equivale praticamente à preposição *desde*" (*Lições Elementares*, 122, nº 1). Cf. *Gramática Descritiva* do autor, p. 343 e 395.

127 Este emprego do *que* é comum no francês e, por isso, se tem a construção como galicismo.

128 Deve-se distinguir cuidadosamente o infinitivo do futuro do subjuntivo: este aparece na oração não integrante. Assim as formas verbais do seguinte exemplo estão no futuro do subjuntivo, e não no infinitivo (a oração é adverbial condicional

introduzida por *se*): "Se do céu, onde estais, *abaterdes* os olhos e os *puserdes* em Amarante..." [AV.1, 7, VII, 294 *apud* FB.1]. O texto foi eliminado das edições modernas.

129 Com razão insiste Adolfo Coelho [ACo.1, 121, nota]: "Não *deve* nunca confundir-se o que é simplesmente equivalente com que é idêntico na forma, conquanto haja vantagem em fazer ver aos alunos que o mesmo pensamento se exprime de diversos modos".

130 Leia-se a respeito [MBa.1, cap. XI].

131 Cf. [CBd.1, 62; SA.5, II, 151 e ss; LSp.2]

132 Falando-se com rigor, funcionava originariamente como sujeito de um particípio absoluto o infinitivo que se junta a *não obstante*, *visto*, *posto*, etc. [Cf. ED.2, § 288 a)] e [EB.1, 35].

133 Melhor fora pontuar: *que*, a ser verdadeiro, devia...

134 Presos a um critério semântico, e não sintático, alguns professores ensinam que este *a* é conjunção condicional, lição que deve ser cuidadosamente evitada. Cf. a crítica de E. Carneiro Ribeiro [CR.1, 454], embora não seja convincente a solução que apresenta, socorrendo-se ao cômodo, mas enganador, recurso da elipse.

135 Temos dúvidas em apontar como galicismos vários empregos da preposição *a* em sentido final, pois é modo que as línguas românicas herdaram do latim. Para as condenações ver Mário Barreto [MBa.1, 515] e Epifânio Dias [ED.2, § 325, a) obs]. Para fontes de estudos remetemos o leitor a Meyer-Lübke [MLk.1, III, §§ 331 e 505] e Dag Norberg [DN.1, 211].

136 Pode-se enquadrar este tipo no caso dos infinitivos substantivados, sem formar oração à parte.

137 Carlos de Laet já condenou a Camilo o emprego pronominal do verbo *esvoaçar-se*, e o notável escritor lusitano defendeu-se com exemplo de Castilho (Cf. *Ecos Humorísticos do Minho*, n.º 2, p. 11). Rui Barbosa comenta [RB.1, 159]: "Teve-se por erro a Camilo haver pronominado o verbo *esvoaçar*. Não havia razão: várias vezes lhe dera Castilho Antônio essa categoria... e Vieira usara de *voar-se*". Cf. ainda [JC.1, 16, n.º 3]. Em [CBr.1, 56] colhemos *volitar-se*: "... a pomba que *se volita da arca*...".

138 Curso dado no INEP, 1949. Súmula 14.ª, p. 2. Vale a pena lembrar que aqui estamos diante de um exemplo do fenômeno de hipotaxe ou subordinação: são palavras (lexemas) ou grupos de palavras que experimentam o procedimento da subordinação no nível dos elementos mínimos da camada de estruturação gramatical e passaram a funcionar, na condição de unidades deste nível, como preposições.

139 F. Brunot dá o *que* também como pronome relativo em expressões francesas do tipo: *Arrivé que fut ledict conte* [cf. FBr.1, 767]. Também Meyer-Lübke [MLk.1, III, § 633] e A. Llorach [AL.1, § 208].

140 Exemplos de José Oiticica, *Curso do INEP*.

141 "Às vezes procura-se desdobrar este tipo de orações em explícitas [= desenvolvidas] temporais iniciadas por *quando* ou *enquanto*. É mero expediente, pois a noção de tempo não é equivalente à de modo ou meio de fazer alguma coisa" [SA.2, 183].

142 Baseados nesta construção, muitos romanistas explicam a construção *não sei que fazer* pelo emprego do infinitivo numa interrogação indireta por influência do infinitivo da interrogação direta *que fazer?* Estudos mais recentes nos ensinam que o infinitivo, nestes casos, se explica por contaminação sintática de uma oração de infinitivo (no latim *nihil habeo dicere*) com uma oração de relativo (no latim *nihil habeo quod dicam*). A discussão do problema se acha no artigo de Dag Norberg, *Zum Infinitiv in lat. Frage – und Relativsätzen* (na revista alemã *Glotta*, 1939, XXVII, 3-4, p. 261-70) e no livro do mesmo autor *Syntaktische Forschungen*, 259 e ss., onde se encontra extensa bibliografia.

Esta singular inexatidão de expressão (para usar as palavras de Meyer-Lübke, *Grammaire*, III, § 676), porque contraria o conceito de orações desenvolvidas e reduzidas, se explica, para Epifânio Dias (*Gramática Portuguesa Elementar*, § 244 e *Sintaxe Histórica*, §§ 274, a, Obs. 2ª e 307), por uma elipse de *poder*, *dever* ou *haver*, no presente ou pret. imperfeito: Não há um momento que (*possamos*) perder. Não sabia que (*havia de*) fazer.

Não nos foi possível fixar a opinião definitiva de Mário Barreto, pois que, através de sua extensa obra, encontramos as duas explicações. Nos *Últimos Estudos*, pp. 277-279, em artigo de 1929, pensa como Epifânio Dias e lhe cita a *Gramática Portuguesa Elementar*. Na 2ª edição dos *Novíssimos Estudos*, p. 132, nota, anterior, portanto ao artigo antes citado, contraria a Epifânio Dias, visivelmente influenciado que estava pelo § 133, b) dos excelentes *Élements de Linguistique Romane*, de E. Bourciez, embora não lhe faça referência, e nos dá uma lição digna de repetida:

"Quando se trata de interrogação indireta, feita por meio de um pronome ou de um advérbio interrogativo, o emprego do infinitivo na frase subordinada (com condição que o sujeito dela seja o mesmo que o da principal) é efeito de um cruzamento sintático. Uma frase como *nescio quid dicam*, aproximada no nosso espírito *de nescio dicere*, dá lugar a *nescio quid dicere* no latim falado. Contaminam-se duas construções: *Não sabe que diga + não sabe dizer nada = não sabe que dizer*. Idêntica combinação ou fusão de duas frases sinônimas de estrutura normal acharemos em: *Não sei como diga isso + não sei dizer isso = não sei como dizer*. — Buscou aquele lugar onde fizesse penitência + buscou aquele lugar para fazer penitência = buscou aquele lugar onde fazer penitência. — Eis aqui três exemplos da construção com infinitivo, construção que, neste caso,

o latim clássico não admitia, mas sim a do verbo finito em subjuntivo, a qual também admite o idioma português: "Dinheiro não acitavam de esmola, porque não achavam *que comprar* com ele" (Sousa, *Anais de El-rei D. João Terceiro*, publicados por A. Herculano, Lisboa, 1844, p. 44); "Não sei *que fazer* ao teu coração" (Camilo, *Memórias de Guilherme do Amaral*, 3ª ed., p. 171): "Não sabia escrever, não tinha ninguém *a quem pedir* a esmola de uma carta" (Id., *Maria Moisés*, 1ª parte, p. 40, ed. de 1876). Mas isto faz-se quando o agente da oração subordinante é o mesmo que o da proposição subordinada. Quando cada uma tem o seu nominativo, não tem cabimento usar o infinitivo. — Indaga-me tu *que* poderá ela ter. — Pergunta-lhe *que* tem. — Não sei *que* notou. Não é aceitável a explicação que do infinitivo dão alguns autores (e entre eles o ilustre filólogo Sr. Epifânio Dias na sua excelente *Gramática Portuguesa Elementar*, § 244), supondo a elipse dos verbos *poder*, *dever* no presente ou pretérito imperfeito do conjuntivo. Figure-se este exemplo: *Não lhe ocorreu que poder replicar-me*. Não é possível subentender-se o mesmo verbo num modo pessoal. O mesmo se dirá destoutro exemplo, só com diferença que em vez da frase interrogativa se trata da relativa: "Não tinha o governador baixelas, nem diamantes, *de que poder valer-se*; assim recorreu a outros penhores, a que a fidelidade deu valia, a Natureza não" (Jacinto Freire, *Vida de D. João de Castro*, liv. III, número 29). Antes de pôr fim a esta nota, lembra-nos a seguinte passagem do livro divino de Frei Luís de Sousa, na qual se emprega em orações relativas o infinitivo como equivalente do subjuntivo latino: "Estava o arcebispo só, não tinha homem *de quem se valer*; lançou os olhos pela casa, não viu coisa *que dar*, e viu-se obrigado a acudir"(*Vida de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires*, liv. I, cap. 21).

143 Cf. [ALb.1, 9-10 e 98 e ss.], donde extraímos os exemplos.

144 Cf. [SA.5, 194-196]. Para o latim [DN.1, 48].

145 Julgamos injusta a condenação de Mário Barreto [MBa.4, 51 da 3ª ed.]:

"É um dos instintos mais naturais do nosso falar: mas, em muitos textos escritos, uma preocupação pedantesca das mais descabidas põe de novo o pronome: é um indício singular de deformação artificial". Nos *Últimos Estudos* se mostra menos rigoroso: "Os verbos reflexivos no infinitivo depois dos verbos *fazer*, *deixar*, *ouvir*, *ver*, perdem em geral o seu pronome complemento" [MBa.2, 206].

146 Tem-se dito que Epifânio Dias (*Sintaxe Histórica*, § 347, 6, Obs. 1ª) admite a construção censurada pelos gramáticos (veja-se entre outros, A. C. Pires de Lima na sua resenha in *Revista Lusitana*, XXX, p. 205, nº 4): mas a redação do ilustre sintaticista não nos autoriza a pensar assim. Tratando dos verbos que pedem oração objetiva direta, diz em observação: "Alguns dos verbos de que trata este § também têm outra sintaxe. v. g.: 1) *pedir* também se constrói intransitivamente seguido de *para que*, ou *para* (com infinitivo)". E acrescenta: "Também em latim a oração de *ut* que se junta ao verbo *peto* é originariamente uma oração final". Pondo de lado a argumentação do latim, creio não encontrarmos fundamento de que a construção censurada tenha o beneplácito de Epifânio. Aquele *intransitivamente* nos leva a interpretar assim a lição (note-se que, na nomenclatura gramatical do sintaticista português, *Intransitivo* é o verbo que não pede complemento ou que pede complemento indireto): Epifânio defendia o emprego do verbo *pedir* sem o objeto direto *licença*, modo de dizer que Cândido de Figueiredo e outros tinham por errôneo, conforme se vê da defesa de Rui Barbosa, *Réplica*, 136 da 1.ª ed. nota 3 do n.º 95.

Somos de opinião que no caso do verbo *pedir* houve contágio da noção de objeto direto com a de adverbial de fim, que a expressão linguística traduz por formas condensadas, dando ocasião, muitas vezes, ao aparecimento da preposição como posvérbio (cf. o capítulo dos complementos verbais). Tais formas condensadas são frequentes: *atirar o livro* e *atirar com o livro* (condensação da noção de objeto direto com a de adverbial de instrumento), *olhar os campos* e *olhar para os campos* (do objeto direto e adjunto adverbial de direção, de lugar), *puxar a espada* e *puxar da espada* (do objeto direto e adjunto adverbial de lugar donde, origem), *pegar a pena* e *pegar na pena* (do objeto direto e do adjunto adverbial de lugar), etc., onde o pensamento não considera apenas o objeto, mas encarece uma circunstância concomitante na realização do processo indicado pelo verbo.

Entretanto, Carlos Góis, pensando que o *para* rege a oração objetiva direta, explica o fato por cruzamento sintático: "Do cruzamento da primeira forma (com o objeto direto expresso: *um soldado pediu-lhe licença para sair*) com a segunda (com o objeto direto indeterminado: *um soldado pediu-lhe para sair*) resultou uma terceira – a do verbo *pedir* seguida da preposição *para* regendo esta, não mais o adjunto adverbial de fim (note-se bem), mas o próprio objeto direto!" (*Sintaxe de Regência*, 124).

147 Por isso é injusta a crítica feita por A. Feliciano de Castilho – e a crítica foi acolhida pelo nosso ilustre gramático. E. Carlos Pereira (*Gramática Expositiva*, § 496 in Galicismos Fraseológicos) ao seguinte trecho do Padre Bernardes (e note-se que está com a respectiva vírgula!): "Nos casos chamados nas escolas absolutos ou ablativos absolutos dos romanos, antepõe (Bernardes) alguma vez o substantivo ao adjetivo, o que mais soa a francês que a português genuíno, e se deve evitar com grande escrúpulo: "Frei Domingos, vindo de Tortosa para Valença, com outros companheiros, que tinham ido tomar ordens, se lhe ajuntou ao caminho um moço mui confiado, etc." Havia de dizer: "Vindo Frei Domingos, etc."(Livraria Clássica, Padre Manuel Bernardes, II, 304-5). Pondo de lado a lição de gramática de um amador, ainda que ilustre, adiantamos que o pretenso erro não é de Bernardes, mas do crítico, uma vez que se lê o seguinte na *Nova Floresta*: "Vindo o servo de Deus de tortosa para Valença..." (III, 492).

148 Sem razão, Leite de Vasconcelos (*Lições de Filologia*, 382) condena como galicismo, a palavra *passagem*, no sentido aqui empregado, mandando substituí-la por *passo*. Os melhores escritores da língua usam *passagem* nesta acepção, e o clássico *Dicionário de Morais* (1813) a registra sem nenhuma crítica.

149 Assim escreveu Alexandre Herculano e não como aparece na edição moderna da *Antologia Nacional* de Fausto Barreto e Carlos de Laet (p. 196): *antes de o caso suceder*. Com a responsabilidade dos antigos editores da *A. Nacional* corria a combinação tida por correta. Aliás, Laet praticava a combinação: Entre as duas opiniões antinômicas e inconciliáveis do João Fernandes, esta *do cara* ser exótico (...) e aquela de ser indígena (...) (*Obras Seletas*, II, 261).

150 Para maiores exemplos, veja-se o prestimoso livro do Padre Pedro Adrião, *Tradições Clássicas da Língua Portuguesa*, § 691, p. 259).

151 Tal preceito gramatical se torna ainda mais difícil de se conciliar com a prática, quando se está diante de construções como: *O fato é devido AO* (por *a o*) *avião se ter atrasado* (ou, noutra ordem: *é devido a se ter o avião atrasado*); *PRO menino* (por *para o menino*) *ver*. Sentimos discordar da lição de Rebelo Gonçalves no seu *Tratado de Ortografia* (p. 286, Obs. 2.ª) cujos exemplos não vão em sua defesa. Cf. Diez, *Grammaire*, III, 425 e Meyer-Lübke, *Grammaire*, III, § 744).

152 Cf. ainda do mesmo autor *Dificuldades da Língua Portuguesa*, 30-1, e Solidônio Leite, *Clássicos Esquecidos*, 211 e ss. Também consideram arcaica a combinação Epifânio Dias 1933: 457, Obs. 3ª e Cláudio Brandão 1963: 354.

153 Comenta com razão Sousa da Silveira (*Trechos Seletos*, 251 da 4.a ed.): "O possesivo no plural, determinando dois substantivos do singular, e evitando assim o impreciso de "o nosso Basílio e Durão" e o pesado de "o nosso Basílio e nosso Durão. Cf.: "Os mesmos Pitt e Napoleão, apesar de precoces, não foram tudo aos vinte e um anos" (M. de Assis, *Papéis Avulsos*, 88).

154 Está correto neste caso também o emprego da concordância com a forma gramatical da palavra determinada: "Com estes leitores assim previstos, o mais acertado e modesto é *a gente ser sincera*" [CBr. *apud* MBa.2, 411].

155 Pode ocorrer a aparente discordância entre um nome e um pronome: "Luís escreveu uma *ode* admirável como sabia escrevê-*las* (João Ribeiro).

156 O mesmo Camilo reprovou a um amigo tal prática de linguagem: "Se fizeres terceira edição deves purificá-la das palavras *mesmo* como advérbio, posto que tenhas um exemplo em Camões e outros em D. Francisco Manuel de Melo" [CBr.3, II, 167].

157 Dá-se ao fenômeno o nome de contaminação ou cruzamento sintático. Cf. **Contaminação sintática**.

158 Elemento decisivo aqui é o ritmo com que se profere a oração, que determina a concordância com o sujeito ou com o predicativo. São oportunas as considerações de Rodrigues Lapa neste sentido, na sua *Estilística*.

159 Sobre esta última possibilidade comenta Said Ali: "A força de combater-se uma concordância que não é mais do que o corolário de um fenômeno de sintaxe histórica portuguesa fundada em sintaxe latina, tem desaparecido da linguagem literária o emprego de *quem* com verbo em 1.a e 2.a pessoa, vigorando todavia a antiga concordância desde que se empregue *que* em lugar de *quem*" (*op. laud.*).

160 Pode dar-se a omissão de *um*: "Foi dos últimos que *usaram* presilhas, rodaque e gravata de moda" (M. de Assis, D. Casmurro).

161 A presente lista não dispensa a consulta ao dicionário, o de regência, uma vez que o emprego do verbo como transitivo (com ou sem preposição) ou intransitivo depende de sua significação.

Quando ao verbo se segue um travessão (–), isto significa que ele pode ser também usado transitivamente. Por exemplo: *atender– a*: *atender o cliente*, *o cliente foi atendido*, *atendê-lo*, *atender ao cliente*. Umas vezes a variedade não implica mudança de significado; outras vezes sim. Daí a necessidade de consulta aos dicionários para se ter uma lição mais completa e adequada. O principal objetivo da relação é oferecer ao leitor a preposição que acompanha o verbo, quer no complemento quer no adjunto adverbial.

162 "No sentido de *mandar vir* é transitivo direto; no de *dar nome* é transitivo indireto. Já é muito corrente no Brasil a construção *chamar de* com obj. dir., contaminada de outras, como *acusar*, *arguir de*" [AN.1, 38].

163 Usa-se também transitivo em Portugal, com o sentido de "namorar", tratar intimamente.

164 Ou cumprir simplesmente.

165 Sem a preposição exprime obrigação; com *de*, probabilidade. Ex: *Você deve ter capricho*. *Ela deve de ter quinze anos*.

166 No significado de *resultar* é transitivo direto: *Isto implica erro*.

167 No significado de *produzir*, *acarretar* é transitivo direto.

168 *Morador na rua tal*, *no largo tal* (e não *à rua tal*).

169 É coloquial o uso da preposição *com*, influenciado talvez pela regência de *casar*.

170 Não pode aceitar obj. direto de pessoa: Paguei *o médico*, mas sim de coisa paga: Pagu*ei a conta* ao garção.

171 É errôneo o emprego do advérbio *antes* ou *mais* com este verbo porque a noção de preferência ou excelência já está contida no prefixo. É também errôneo o uso da conjunção comparativa *que* (ou *do que*). Deve dizer-se *prefiro isto àquilo*,

prefiro o teatro ao cinema.

172 O uso de *a* é considerado errado com exagero, por francesismo.

173 No sentido de *estimar*, *querer bem.*

174 *Sito na rua tal*, *no largo tal* e não *à rua*.

175 Seleção de fatos apresentados por F. J. Martins Sequeira em *Rol de Estrangeirismos*.

III – Pontuação

Os diversos tipos de sinais de pontuação – Com Nina Catach, entendemos por pontuação um "sistema de reforço da escrita, constituído de sinais sintáticos, destinados a organizar as relações e a proporção das partes do discurso e das pausas orais e escritas. Estes sinais também participam de todas as funções da sintaxe, gramaticais, entonacionais e semânticas" [NC.1, 7].

Os sinais de pontuação datam de época relativamente recente na história da escrita, embora se possa afirmar uma continuidade de alguns sinais desde os gregos, latinos e alta Idade Média; constituem hoje peça fundamental da comunicação e se impõem como objeto de estudo e aprendizado. Ao lado dos grafemas que "vestem" os fonemas, os morfemas e as unidades superiores, esses sinais extra-alfabéticos, como assinala Catach, são essencialmente unidades sintáticas, "sinais de orações" e "sinais de palavras", podendo comutar com tais unidades alfabéticas, substituí-las e tomar de empréstimo seu valor. Assim, um apóstrofo indica a supressão de um grafema, uma vírgula uma unidade de coordenação ou de subordinação. Na essência, os sinais de pontuação constituem um tipo especial de grafemas.

Pode-se entender a pontuação de duas maneiras: numa acepção larga e noutra restrita. A primeira abarca não só os sinais de pontuação propriamente ditos, mas de realce e valorização do texto: títulos, rubricas, margens, escolha de espaços e de caracteres e, indo mais além, a disposição dos capítulos e o modo de confecção do livro.

Segundo a concepção restrita, a pontuação é constituída por uns tantos sinais gráficos assim distribuídos: os essencialmente *separadores* (vírgula [,], ponto e vírgula [;], ponto final [.], ponto de exclamação [!], reticências [...]), e os sinais de comunicação ou "mensagem" (dois pontos [:], aspas simples [‘ ’], aspas duplas [“ ”], o travessão simples [–], o travessão duplo [—], os parênteses [( )], os colchetes ou parênteses retos [[ ]], a chave aberta [{], a chave fechada [}]. Alguns destes dois tipos de sinais admitem ainda uma subdivisão em sinais de *pausa conclusa* (fundamentalmente o ponto, e depois ponto e vírgula, o ponto de interrogação, o ponto de exclamação, as reticências, quando em função conclusa) e d e *pausa inconclusa* (fundamentalmente pela vírgula, mas também por dois pontos, parênteses, travessão, colchetes, quando em função inconclusa, i. é, quando as orações estão articuladas entre si).

A primeira palavra depois de um sinal de pausa conclusa é escrita com letra inicial maiúscula; se a oração seguinte constitui novo conjunto de ideias, ou mudança de interlocutor de diálogo, será escrito na outra linha e terá o seu final marcado pelo ponto parágrafo.

Estes sinais não se aplicam igualmente a todas as atividades linguísticas, razão por que podem ser distribuídos em três domínios de função da pontuação:

a) *a pontuação de palavras* (espaços em branco; maiúsculas iniciais; ponto abreviativo; traço de união, hífen ou traço de separação; apóstrofo; sublinhado; itálico).

b) *a pontuação sintática e comunicativa* (a pontuação propriamente dita e objeto deste capítulo).

c) *a pontuação do texto.*

Os dois primeiros, assinala ainda Catach, têm uma série de características que os distinguem do terceiro tipo: são *interiores* ao texto, aparecem de maneira linear, são comuns ao manuscrito e ao texto impresso e, em princípio, fazem parte da mensagem linguística. Apesar de poderem sofrer interferência de outra pessoa, é bem provável que pertençam à iniciativa e decisão do autor no seu desejo de levar ao texto algo mais de expressividade, de contorno melódico, rítmico e entonacional, além das palavras e construções utilizadas. Todavia, há de se levar em conta que os editores e preparadores de textos antigos (quando nem sempre se pode pensar em critérios inexistentes ou caóticos) a modernos têm muito interferido na pontuação original do autor de tal maneira, que é muito precária a certeza de que os sinais – e principalmente a falta deles – revelem as funções sintáticas, comunicativas expressivas que o escritor pretendera passar às palavras e orações empregadas no texto.

Ao contrário, no que toca ao terceiro tipo de pontuação, dela participam todos os que exercem atividade nesse âmbito, com funções específicas: calígrafos, secretários, tipógrafos, digitadores, revisores, editores.

Levando em conta tais distinções, podemos definir o conjunto dos dois primeiros tipos de pontuação que constituem essencialmente o objeto deste capítulo, como o fez Catach:

> "Conjunto de sinais visuais de organização e apresentação que acompanham o texto, *interiores* ao texto e *comuns* tanto ao manuscrito quanto ao impresso; abrange a pontuação várias classes de sinais gráficos discretos e constitutivos de um sistema, complementando ou suplementando a informação escrita".

Já o terceiro tipo é assim definido pela mesma autora:

> "Conjunto de técnicas visuais de organização e de apresentação do objeto livro, que vão do espaço entre palavras aos espaços de páginas, passando por todos os procedimentos interiores e exteriores ao texto, com vista ao seu arranjo e sua valoração".

A pontuação e o entendimento do texto – O enunciado não se constrói com um amontoado de palavras e orações. Elas se organizam segundo princípios gerais de dependência e independência sintática e semântica, recobertos por unidades melódicas e rítmicas que sedimentam estes princípios. Proferidas as palavras e orações sem tais aspectos melódicos e rítmicos, o enunciado estaria prejudicado na sua função comunicativa. Os sinais de pontuação, que já vêm sendo empregados desde muito tempo, procuram garantir no texto escrito esta solidariedade sintática e semântica. Por isso, uma pontuação errônea produz efeitos tão desastrosos à comunicação quanto o desconhecimento dessa solidariedade a que nos referimos.

Várias situações incômodas já foram criadas pelo mau emprego dos sinais de pontuação. Notem-se as diferenças entre as seguintes ordens de comando:

> Não podem atirar!
> Não, podem atirar!

Há numerosos jogos, bem mais divertidos e inocentes do que as situações de ordem anterior, cuja integridade comunicativa depende do bem emprego desses sinais.

Vejamos um exemplo:

Levar uma pedra para Europa uma andorinha não faz verão.

Ou

Um fazendeiro tinha um bezerro e a mãe do fazendeiro era também o pai do bezerro.

Para integridade da mensagem, basta colocar vírgula ou ponto e vírgula depois de *mãe*, no último exemplo. No primeiro, basta uma vírgula depois de *faz*, sendo *verão* a forma de futuro do verbo *ver*.

Ponto – O ponto simples final, que é dos sinais o que denota maior pausa, serve para encerrar períodos que terminem por qualquer tipo de oração que não seja a interrogativa direta, a exclamativa e as reticências.

É empregado ainda, sem ter relação com a pausa oracional, para acompanhar muitas palavras abreviadas: *p.*, *2.ª*, etc.

Quando o período, oração ou frase termina por abreviatura, não se coloca o ponto final adiante do ponto abreviativo, pois este, quando coincide com aquele, tem dupla serventia. Ex.: "O ponto abreviativo põe-se depois das palavras indicadas abreviadamente por suas iniciais ou por algumas das letras com que se representam, *v.g.* ; *V. S.ª* ; *Il.mo* ; *Ex.ª* ; etc." (Dr. Ernesto Carneiro Ribeiro)

Com frequência, aproxima-se das funções do ponto e vírgula e do travessão, que às vezes aparecem em seu lugar.

Ponto parágrafo – Um grupo de períodos cujas orações se prendem pelo mesmo centro de interesse é separado por ponto. Quando se passa de um para outro centro de interesse, impõe-se-nos o emprego do ponto parágrafo iniciando-se a escrever, na outra linha, com a mesma distância da margem com que começamos o escrito.

Na linguagem oficial dos artigos de lei, o parágrafo é indicado por um sinal especial (§).

Ponto de interrogação – Põe-se no fim da oração enunciada com entonação interrogativa ou de incerteza, real ou fingida, também chamada retórica.

Enquanto a interrogação conclusa de final de enunciado requer maiúscula inicial da palavra seguinte, a interrogação interna, quase sempre fictícia, não exige essa inicial maiúscula da palavra seguinte:

Pensas que eu e meus avós ganhamos o dinheiro em casas de jogos ou a vadiar pelas ruas? Pelintra! [MA.1, 72].

— Nhonhô, diga a estes senhores como é que se chama seu padrinho?

— Meu padrinho? É o Excelentíssimo Senhor coronel Paulo Vaz Lobo Cesar de Andrade e Sousa Rodrigues de Matos [MA.1, 32].

O ponto de interrogação, à semelhança dos outros sinais, não pede que a oração termine por ponto final, exceto, naturalmente, se for interna.

— "Esqueceu alguma cousa? perguntou Marcela de pé, no patamar" [MA.1, 50].

A interrogação indireta, não sendo enunciada em entonação especial, dispensa ponto de interrogação. O nosso sistema gráfico não distingue o ponto de interrogação da pergunta de sim ou não da pergunta total.

No diálogo pode aparecer sozinho ou acompanhado do de exclamação para indicar o

estado de dúvida do personagem diante do fato:

— "Esteve cá o homem da casa e disse que do próximo mês em diante são mais cinquenta...
— ? !..." [ML.1, 226].176

Ponto de exclamação – Põe-se no fim da oração enunciada com entonação exclamativa:

"Que gentil que estava a espanhola!" [MA.1, 50].
"Mas, na morte, que diferença! Que liberdade!" [MA.1, 81].

Põe-se o ponto de exclamação depois de uma interjeição:

Olé! exclamei. [MA.1, 74].
Ah! brejeiro! [MA.1, 93].

Aplicam-se ao ponto de exclamação as mesmas observações feitas ao ponto de interrogação, no que se refere ao emprego do ponto final e ao uso da maiúscula ou minúscula inicial da palavra seguinte.

Há escritores que denotam a gradação da surpresa através da narração com aumento progressivo do ponto de exclamação ou de interrogação:

"E será assim até que um senhor Darwin surja e prove a verdadeira origem do *Homo sapiens*...
— ? !
— Sim. Eles nomear-se-ão *Homo sapiens* apesar do teu sorriso, Gabriel, e ter-se-ão como feitos por mim de um barro especial e à minha imagem e semelhança.
— ? ! !" [ML.1, 204].

Reticências – Denotam interrupção ou incompletude do pensamento (ou porque se quer deixar em suspenso, ou porque os fatos se dão com breve espaço de tempo intervalar, ou porque o nosso interlocutor nos toma a palavra), ou hesitação em enunciá-lo:

"Ao proferir estas palavras havia um tremor de alegria na voz de Marcela: e no rosto como que se lhe espraiou uma onda de ventura..." [MA.1, 121].
"Não imagina o que ela é lá em casa: fala na senhora a todos os instantes, e aqui aparece uma pamonha. Ainda ontem... Digo, Maricota?" [MA.1, 120].
— "Moro na rua...
— Não quero saber onde mora, atalhou Quincas Borba" [MA.1, 169].

Postas no fim do enunciado, as reticências dispensam o ponto final, como se pode ver nos exemplos acima.

Se as reticências servem para indicar uma enumeração inconclusa, podem ser substituídas por *etc*.

Na transcrição de um diálogo, as reticências indicam a não resposta do interlocutor.

Numa citação, as reticências podem ser colocadas no início, no meio o no fim, para indicar supressão no texto transcrito, em cada uma dessas partes. Quando há supressão de um trecho de certa extensão, costuma-se usar uma linha pontilhada. Depois de um ponto de interrogação ou exclamação podem aparecer as reticências.

Vírgula – Emprega-se a vírgula:

a) para separar termos coordenados, ainda quando ligados por conjunção (no caso de haver pausa).

"Sim, eu era esse garção bonito, airoso, abastado" [MA.1, 48].
— "Ah! brejeiro! Contanto que não te deixes ficar aí inútil, obscuro, e triste" [MA.1, 93].

Observação: Na série de sujeitos seguidos imediatamente de verbo, o último sujeito da série não é separado do verbo por

vírgula:

Carlos Gomes, Vítor Meireles, Pedro Américo, José de Alencar tinham-nas começado [CL.1, I, 102].

b) para separar orações coordenadas aditivas ainda que sejam iniciadas pela conjunção e, proferidas com pausa.

"Gostava muito das nossas antigas dobras de ouro, e eu levava-lhe quanta podia obter" [CL.1, I, 53].

"No fim da meia hora, ninguém diria que ele não era o mais afortunado dos homens; conversava, chasqueava, e ria, e riam todos" [CL.1, I, 163].

c) para separar orações coordenadas alternativas (*ou*, *quer*, etc), quando proferidas com pausa:

Ele sairá daqui logo, *ou eu me desligarei do grupo*.

OBSERVAÇÃO: Vigora esta norma quando *ou* exprimir retificação:

Teve duas fases a nossa paixão, *ou* ligação, *ou* qualquer outro nome, que eu de nome não curo [MA.1, 52].

Se denota equivalência, não se separa por vírgula o *ou* posto entre dois termos: Solteiro *ou* solitário se prende ao mesmo termo latino.

d) nas aposições, exceto no especificativo:

"ora enfim de uma casa que ele meditava construir, para residência própria, casa de feitio moderno..." [MA.1, 238].

e) para separar, em geral, os pleonasmos, e as repetições (quando não têm efeito superlativamente).

"Nunca, nunca, meu amor!" [MA.1, 55].

A casa é linda, linda.

f) para separar ou intercalar vocativos; nas cartas a pontuação é vária (em geral, vírgula), e na redação oficial usam-se dois pontos.

g) para separar as orações adjetivas de valor explicativo:

"perguntava a mim mesmo por que não seria melhor deputado e melhor marquês do que o lobo Neves, – eu, *que valia mais*, muito mais do que ele, – ..." [MA.1, 137].

h) para separar, quase sempre, as orações adjetivas restritivas de certa extensão, principalmente quando os verbos de duas orações diferentes se juntam:

"No meio da confusão que produzira por toda a parte este acontecimento inesperado e cujo motivo e circunstâncias inteiramente se ignoravam, ninguém reparou nos dois cavaleiros..." [AH.1, 210].

OBSERVAÇÃO: Esta pontuação pode ocorrer ainda que separe por vírgula o sujeito expandido pela oração adjetiva:

Os que falam em matérias que não entendem, parecem fazer gala da sua própria ignorância [MM].

i) para separar as orações intercaladas:

"Não lhe posso dizer com certeza, respondi eu" [MA.1, 183].

j) para separar, em geral, adjuntos adverbiais que precedem o verbo e as orações adverbiais que vêm antes ou no meio da sua principal:

"Eu mesmo, até então, tinha-vos em má conta..." [MA.1, 185].

"mas, como as pestanas eram rótulas, o olhar continuava o seu ofício..." [MA.1, 183].

k) para separar, nas datas, o nome do lugar:

Rio de Janeiro, 8 de agosto de 1961.

l) para separar as partículas e expressões de explicação, correção, continuação, conclusão, concessão:

"e, *não obstante*, havia certa lógica, certa dedução" [MA.1, 89].

Sairá amanhã, *aliás*, depois de amanhã.

m) para separar as conjunções e advérbios adversativos (*porém*, *todavia*, *contudo*, *entretanto*), principalmente quando pospostos:

"A proposta, *porém*, desdizia tanto das minhas sensações últimas..."

[MA.1, 87].

n) para indicar, às vezes, a elipse do verbo:

Ele sai agora: eu, logo mais.

o) para assinalar a interrupção de um seguimento natural das ideias e se intercala um juízo de valor ou uma reflexão subsidiária.

p) para desfazer possível má interpretação resultante da distribuição irregular dos termos da oração, separa-se por vírgula a expressão deslocada:

De todas as revoluções, para o homem, a morte é a maior e a derradeira [MM].

Dois pontos – Usam-se dois pontos na:

1) enumeração, explicação, notícia subsidiária:177

Comprou dois presentes: um livro e uma caneta.

"que (Viegas) padecia de um reumatismo teimoso, de uma asma não menos teimosa e de uma lesão de coração: era um hospital concentrado"

[MA.1, 184].

"Queremos governos perfeitos com homens imperfeitos: disparate"

[M. de Maricá].

2) nas expressões que se seguem aos verbos *dizer*, *retrucar*, *responder* (e semelhantes) e que encerram a declaração textual, ou que assim julgamos, de outra pessoa:

"Não me quis dizer o que era: mas, como eu instasse muito:

— Creio que o Damião desconfia alguma coisa" [MA.1, 174].

Às vezes, para caracterizar textualmente o discurso do interlocutor, vem acompanhada de aspas a transcrição, e raras vezes de travessão:

"Ao cabo de alguns anos de peregrinação, atendi às suplicas de meu pai:

— Vem, dizia ele na última carta; se não vieres depressa acharás tua mãe morta!" [MA.1, 75].

3) nas expressões que, enunciadas com entonação especial, sugerem, pelo contexto, causa, explicação ou consequência:

"Explico-me: o diploma era uma carta de alforria" [MA.1, 71].

4) nas expressões que apresentam uma quebra da sequência das ideias:

Sacudiu o vestido, ainda molhado, e caminhou.

"Não! bradei eu; não hás de entrar... não quero... Ia a lançar-lhe as mãos: era tarde; ela entrara e fechara-se" [MA.1, 59].

Ponto e vírgula – Representa uma pausa mais forte que a vírgula e menos que o ponto, e é empregado:

a) num trecho longo, onde já existam vírgulas, para enunciar pausa mais forte:

"Enfim, cheguei-me a Virgília, que estava sentada, e travei-lhe da mão; D. Plácida foi à janela" [MA.1, 211].

b) separa as adversativas em que se quer ressaltar o contraste:

"Não se disse mais nada; mas de noite Lobo Neves insistiu no projeto" [MA.1, 210].

c) na redação oficial separa os diversos itens de um considerando, lei ou outro documento.

Travessão – Não confundir o travessão com o traço de união ou hífen e com o traço de divisão empregado na partição de sílabas (*ab-so-lu-ta-men-te*) e de palavras no fim de linha. O travessão pode substituir vírgulas, parênteses, colchetes, para assinalar uma expressão intercalada:

"... e eu falava-lhe de mil cousas diferentes – do último baile, da discussão das câmaras, berlindas e cavalos, de tudo, menos dos seus versos ou prosas" [MA.1, 138-9].

Usa-se simples se a intercalação termina o texto; em caso contrário, usa-se o travessão duplo:

"Duas, três vezes por semana, havia de lhe deixar na algibeira das calças – uma largas calças de enfiar –, ou na gaveta da mesa, ou ao pé do tinteiro, uma barata morta" [MA.1, 46].

OBSERVAÇÃO: Como se vê pelo exemplo, pode haver vírgula depois de travessão.

Pode denotar uma pausa mais forte:

"... e se estabelece uma cousa que poderemos chamar – solidariedade do aborrecimento humano" [MA.1, 126].

Pode indicar ainda a mudança de interlocutor, na transcrição de um diálogo, com ou sem aspas:

– Ah! respirou Lobo Neves, sentando-se preguiçosamente no sofá.
– Cansado? perguntei eu.
– Muito; aturei duas maçadas de primeira ordem (...) [MA.1, 177].

Neste caso, pode, ou não, combinar-se com as aspas.

Parênteses e colchetes – Os parênteses assinalam um isolamento sintático e semântico mais completo dentro do enunciado, além de estabelecer maior intimidade entre o autor e o seu leitor. Em geral, a inserção do parêntese é assinalada por uma entonação especial.

Quando uma pausa coincide com o início da construção parentética, o respectivo sinal de pontuação deve ficar depois dos parênteses, mas, estando a proposição ou a frase inteira encerrada pelos parênteses, dentro deles se põe a competente notação:

"Não, filhos meus (deixai-me experimentar, uma vez que seja, convosco, este suavíssimo nome); não: o coração não é tão frívolo, tão exterior, tão carnal, quanto se cuida" [RB]

"A imprensa (quem o contesta?) é o mais poderoso meio que se tem inventado para a divulgação do pensamento". (Carta inserta nos Anais da Biblioteca Nacional, vol. I) [CARLOS DE LAET]

Intimamente ligados aos parênteses pela sua função discursiva, os colchetes são utilizados quando já se acham empregados os parênteses, para introduzirem uma nova inserção.

Também se usam para preencher lacunas de textos ou ainda para introduzir, principalmente em citações, adendos ou explicações que facilitam o entendimento do texto. Nos dicionários e gramáticas, explicitam informações como a ortoépia, a prosódia etc., no que também podem

ser usados os parênteses.

Aspas – De modo geral, usamos como aspas o sinal [“ ”]; mas pode haver, para empregos diferentes as aspas simples [‘ ’], ou invertidas (simples ou duplas) [‘ ’], [“ ”]. Nos trabalhos científicos sobre línguas, as aspas simples referem-se a significados ou sentidos: *amare*, lat.‘*amar*’ port. Às vezes, usa-se nesta aplicação o sublinhado (cada vez menos frequente no texto impresso) ou o itálico. As aspas também são empregadas para dar a certa expressão sentido particular (na linguagem falada é em geral proferida com entoação especial) para ressaltar uma expressão dentro do contexto ou para apontar uma palavra como estrangeirismo ou gíria:

OBSERVAÇÃO: Escrevendo, ressaltamos a expressão também com o sublinhado, o que, nos textos impressos, corresponde ao emprego de tipo diferente:

— “Sim, mas percebo-o agora, porque só agora nos surgiu a ocasião de enriquecer. Foi uma sorte grande que Deus nos mandou.

— “Deus”...

— Deus, sim, e você o ofendeu afastando-a com o pé” [ML.1, 223].

“Você já reparou Miloca, na “ganja” da Sinhazinha? Disse uma sirigaita de “beleza” na testa” [ML.1, 102].

Quando uma pausa coincide com o final da expressão ou sentença que se acha entre aspas, coloca-se o competente sinal de pontuação depois delas, se encerram apenas uma parte da proposição; quando, porém, as aspas abrangem todo o período, sentença, frase ou expressão, a respectiva notação fica abrangida por elas:

“Aí temos a lei”, dizia o Florentino. “Mas quem as há de segurar? Ninguém.” [RB]

“Mísera, tivesse eu aquela enorme, aquela
Claridade imortal, que toda a luz resume!”

“Por que não nasce eu um simples vaga-lume?” [MA]

Alínea – Tem a mesma função do parágrafo, pois denota diversos centros de assuntos e, como este, exige mudança de linha. Geralmente vem indicada por número ou letra seguida de um traço curvo, semelhante ao que fecha parêntese para assinalar subdivisão da matéria tratada:

Os substantivos podem ser:

a) *próprios*

b) *comuns*

Chave – A chave [{ }] tem aplicação maior em obras de caráter científico, como pode exemplificar sua utilização neste livro.

Apêndice

Asterisco 178 – O asterisco (*) é colocado depois e em cima de uma palavra do trecho para se fazer uma citação ou comentário qualquer sobre o termo ou o que é tratado no trecho (neste caso o asterisco se põe no fim do período).

Nas obras sobre linguagem, o asterisco colocado antes e em cima da palavra o apresenta como forma reconstituída ou hipotética, isto é, de provável existência mas até então não documentada. Deve-se ao linguista alemão Augusto Schleicher (1821-1868) esta aplicação do sinal.

Emprega-se ainda um ou mais asteriscos depois de uma inicial para indicar uma pessoa cujo nome não se quer ou não se pode declinar: o *Dr.* *, *B.* **, *L.* ***

176 Em português, em geral se despreza o cômodo expediente do espanhol de indicar a interrogação no início da oração, com o sinal invertido: ¿O José chegou? Alguns escritores nossos fizeram uso deste expediente.

177 A imprensa moderna usa e abusa dos dois pontos para resumir, às vezes numa síntese de pensamento difícil de ser acompanhada, certas notícias. *Verão*: *cidade desprotegida das chuvas.*

178 Costuma-se ouvir este vocábulo deturpado para *asterístico*. *Asterisco* quer dizer *estrelinha*, nome devido à sua forma.

IV – Noções elementares de Estilística

Estilística – A *Estilística* é a parte dos estudos da linguagem que se preocupa com o *estilo.*

Que é estilo nesta conceituação – Entende-se por *estilo* o conjunto de processos que fazem da língua representativa um meio de exteriorização psíquica e apelo.

"O estilo, que é a solução para se fazer a língua da representação intelectiva servir às funções não intelectivas da manifestação psíquica e do apelo, é naturalmente levado a "deformar" os fatos gramaticais quando por eles aquelas funções não poderiam figurar".179

Estilística e Gramática – A compreensão deste conceito de *estilo* se fundamenta na lição de Charles Bally, segundo a qual o que caracteriza o estilo não é a oposição entre o *individual* e o *coletivo,* mas o contraste entre o *emocional* e o *intelectivo.* É neste sentido que diferem *Estilística* (que estuda a língua afetiva) e *Gramática* (que trabalha no campo da língua intelectiva). Baralhá-las, de modo que a Estilística se "dissolva" na Gramática, é pôr em perigo duas importantes disciplinas por confundir os seus objetos de estudo.

Uma não é a negação da outra, nem uma tem por missão destruir o que a outra, com orientação científica, tem podido construir. Ambas se completam no estudo dos processos do material de que o gênero humano se utiliza na exteriorização das ideias e sentimentos ou do conteúdo do pensamento designado.

Estilística e a Retórica – Tem-se apresentado a Estilística também como – a negação da antiga Retórica que predomina ainda na crítica tradicional do estilo com suas múltiplas indagações literárias, históricas, sociais, filosóficas e tantos outros domínios que na obra se espalham através do temperamento e atitude do escritor. Cabe aqui recordar as justas considerações de Amado Alonso:180 " ... a estilística não pretende petulantemente declarar caduca a crítica tradicional; reconhece seu alto valor e aprende nela; sabe que na análise de obras de arte nem tudo termina com o prazer estético e que há valores culturais, sociais, ideológicos, morais, enfim, valores históricos que não pode nem quer desprezar. E com a mesma se vê o que pretende e o seu valor: completar os estudos da crítica tradicional fazendo agora entrar um aspecto que estava menosprezado. E não apenas mais um aspecto, senão o aspecto básico e específico da obra de arte, o que dá valor a todos os outros. Por isso a estilística, sobre estudar temas novos, continua estudando com igual amor todos os velhos, apenas o faz do seu ponto de vista. Por exemplo, sempre se estudaram as fontes de um autor ou de uma obra, ou – o que vale o mesmo – a origem das ideias dominantes em um período literário. Porém realizou-se isso por interesse histórico, para fixar procedências. Este é o

ponto de chegada da crítica tradicional. Para a estilística é o ponto de partida, e a si pergunta: que fez meu autor ou minha época com estas fontes? Para usar a velha comparação: estudando o mel, a crítica tradicional estabelece em que flores e de que campos extraiu a abelha; a estilística se pergunta: como resultou este produto heterogêneo com todas as suas procedências, qual é a alquimia, que originais e triunfantes intenções lhe insuflaram vida nova? Ou voltando à comparação da estátua: a crítica tradicional estuda as canteiras donde procede o mármore; a estilística, que é que o artista fez com ele''.

Análise literária e análise estilística – Da lição de Amado Alonso se patenteia que não se há de confundir *análise literária* com *análise estilística*, pois que, trabalhando num mesmo trecho, tem preocupações diferentes e utilizam ferramentas também diversas. Em que pese à autoridade de nossos programas oficiais para ensino de Língua Portuguesa, o que deve ser, primordialmente, objeto da tarefa do professor de língua é a *análise estilística* (ainda que *elementar,* como reza a letra deste mesmo programa), e não a *análise literária,* que é da alçada do professor de Literatura. Ensinando-se a *língua* portuguesa, nada mais natural do que, num texto literário ou não, ressaltar o *sistema expressivo e sua eficácia estética* no idioma ou nas particularidades idiomáticas de um autor literário ou de um simples falante. Para a estilística, interessa tanto a depreensão dos traços estilísticos da língua oral como da escrita, do falante comum e do literato. Com razão disse Vossler que na linguagem de um mendigo vagabundo há gotinhas estilísticas da mesma natureza que todo o mundo expressional de um Shakespeare.

Traços estilísticos – O conjunto de particularidades do sistema expressivo para eficácia estética recebe o nome de *traços estilísticos.* São numerosos os traços estilísticos – e há um avultado número deles cujo valor ainda está para ser analisado – em todos os compartimentos de um idioma.

Cabe-nos agora indagar quando uma *particularidade linguística* se nos apresenta como traço estilístico. "Já sabemos – ensina-nos J. Mattoso Câmara Jr.181 – que o traço estilístico não se trata de uma maneira de dizer necessariamente pessoal; nem pelo fato de ser pessoal se tem necessariamente um traço estilístico. Esta dupla consideração é tão importante que hão de me relevar insistir um pouco mais. Para isso, peço desculpas de me citar a mim mesmo e me reportar a um pequeno artigo que publiquei há tempos na *Revista do Livro* sobre "A Coroa do Rubião": diz-nos Machado de Assis, no *Quincas Borba,* que Rubião, demente, julgando-se "imperador dos franceses" no momento da agonia, cingiu a "coroa", que não era sequer uma bacia, "onde se pudesse palpar a ilusão", "ele pegou nada, ergueu nada e cingiu nada". O emprego de *nada* depois do verbo sem se completar com um *não* antes do verbo, é uma maneira anômala de expressar a negação verbal em português. E é um traço estilístico: não porque seja exclusivamente pessoal de Machado de Assis (quem nos garante que outrem já não tinha feito isto? – nem o escritor faz isto sistematicamente), mas porque nesse dado contexto o emprego de *nada* nessas condições tem um valor "estético", fazendo-nos ver dolorosamente o gesto do pobre louco, mercê do tratamento de *nada*, não como mera partícula

negativa, mas como um substantivo negativo – o oposto de *alguma coisa*: a emoção do escritor e o seu apelo à nossa simpatia se comunicam através desse emprego de *nada*, que é, pois, um emprego estilístico. Ao contrário, quando José de Alencar acentuava a preposição simples *a,* exibia um uso *pessoal* da língua literária (que era um erro do ponto de vista de norma social vigente), mas não um traço estilístico, pois se circunscrevia ao domínio intelectivo (o escritor achava que assim devia escrever por um raciocínio gramatical em falso); seria, ao contrário, um traço estilístico se uma ou outra vez, apenas, aparecesse em seus textos como recurso para insistir na preposição, dando-lhe uma tonicidade excepcional.

Daí o erro dos que, pensando escrever bem, enxameiam suas páginas das chamadas figuras de linguagem (pleonasmos, hipérboles, anacolutos, metáforas, etc.). Essas figuras não se impõem "à outrance" às circunstâncias; estas é que favorecem o aparecimento daquelas para fins estéticos. Terá falhado na pesquisa estilística quem se contentar em dizer que há anacoluto no derradeiro terceto desta conhecida joia de Machado de Assis, que é o soneto à Carolina:

> "que eu, se tenho nos olhos malferidos
> pensamentos de vida formulados,
> são pensamentos idos e vividos".

O anacoluto ultrapassa os limites de uma simples figura, para ser um eficaz recurso estético que põe diante de nossos olhos a profunda dor do esposo que, pensando na companheira que se foi, não tem a paz interior necessária para estruturar racionalmente, intelectivamente, todo o tumulto de ideias que lhe vai n'alma.

Em suma, a Estilística é o passo mais decisivo, no estudo de uma língua, para a educação do sentimento estético e manifestação da competência expressiva.

Traço estilístico e erro gramatical – Não se há de entender que o estilo seja sempre uma deformação da norma linguística. Isto nos leva à distinção entre *traço estilístico* e *erro gramatical*.

O traço estilístico pode ser um desvio ocasional de norma gramatical vigente, mas se impõe pela sua intenção estético-expressiva.

O erro gramatical é o desvio sem intenção estética.

Campo da Estilística – O estudo da Estilística abarca, semelhante à Gramática, todos os domínios do idioma. Lembremos a lição de Bally: "Todos os fenômenos linguísticos, desde os sons até as combinações sintáticas mais complexas, podem revelar algum caráter fundamental da língua estudada. Todos os fatos linguísticos, sejam quais forem, podem manifestar alguma parcela da ida do espírito e algum movimento da sensibilidade. A estilística não é o estudo de uma parte da linguagem, mas o é da linguagem inteira, observada de um ângulo particular. Nunca pretendi (isto é para responder a umas críticas que me fizeram) que a linguagem afetiva existe independentemente da linguagem intelectual, nem que a estilística deva estudar a primeira excluindo a segunda; o que faz é estudá-las ambas em suas relações recíprocas, e examinar em que proporção se aliam para compor este ou aquele tipo de expressão".[182]

Teremos assim os seguintes campos da Estilística:

Estilística
- 1) fônica
- 2) morfológica
- 3) sintática
- 4) semântica

A Estilística Fônica procura indagar o emprego do valor expressivo dos sons: a harmonia imitativa, no amplo sentido do termo. É a *fonética expressiva* de que falamos na parte inicial deste livro.

A Estilística Morfológica sonda o uso expressivo das formas gramaticais. Entre os usos expressivos deste campo lembraremos:

1) *o plural de convite*: põe-se o verbo no plural como que se quisesse incentivar uma pessoa a praticar uma ação trabalhosa ou desagradável. É o caso da mãe que diz à filhinha que insiste em não tomar o remédio:

Olha, filhinha, *vamos* tomar o remedinho.

2) *o plural de modéstia*: o autor, falando de si mesmo, poderá dizer:

Nós, ao escrevermos este livro, tivemos em mira dar novos horizontes ao ensino do idioma.

3) *o emprego expressivo dos sufixos* (mormente os de gradação):

paizinho, mãezinha, poetastro, padreco, politicalha

4) *o emprego de tempos e modos verbais,* como, por exemplo:

a) o presente pelo futuro para indicar desejo firme, fato categórico:

Amanhã eu *vou* ao cinema.

b) o imperfeito para traduzir pedido:

Eu *queria* um quilo de queijo (em vez do categórico e, às vezes, ameaçador *quero*).

c) o presente pelo pretérito para emprestar à narração o ar de novidade e poder comover o ouvinte:

Aí César *invade* a Gália.

5) a *mudança de tratamento*, de um período para outro, para indicar mudança da situação psicológica entre falante e ouvinte, ou entre escritor e leitor. No soneto *Última Folha,* Casimiro de Abreu chama a Deus por *Meu Pai* e ora o trata por *tu,* ora por *vós*. É que em *Meu Pai* o poeta vê Deus como seu íntimo, ligado a ele tão intimamente que lhe cabe o tratamento *tu*. Mas ao poeta Deus se apresentava também como o criador de todas as coisas, o poder supremo a quem só podia caber a fórmula respeitosa e cerimoniosa assumida por *vós*.

A Estilística Sintática procura explicar o valor expressivo das construções:

1) na regência, como, por exemplo, o emprego do posvérbio;
2) na concordância, como, por exemplo, na *atração*, na *silepse*, no infinitivo flexionado para realce da pessoa sobre a ação mesma;
3) na colocação dos termos na oração, na colocação de pronomes, etc.
4) no emprego expressivo das chamadas *figuras de sintaxe.*

A Estilística Semântica pesquisa:

1) a significação ocasional e expressiva de certas palavras:
   Você é um *abacaxi.*
   Aquele aluno é um *monstro.*
   Ele tem uns *bons* sessenta anos.
2) no emprego expressivo das chamadas figuras de palavras ou *tropos* (metáfora, metonímia, etc.) e figuras de pensamento e sentimento (antítese, eufemismo, hipérbole, etc.).

Apêndice

DOIS EXEMPLOS DE ANÁLISE ESTILÍSTICA

A título de meras sugestões aos leitores ainda não familiarizados com as técnicas da análise estilística, temos a satisfação de transcrever aqui dois excertos assinados, um por excelente mestre brasileiro, J. Mattoso Câmara Jr., e outro pelo não menos distinto estudioso português, Jacinto do Prado Coelho. Outras interessantes amostras pode o leitor curioso ver nos estudos de Augusto Meyer, Othon Moacyr Garcia e uma plêiade de patrícios onde está indicada farta bibliografia especializada.

1) *Um soneto de Antônio Nobre*

O comentário de poemas será ainda, em grande parte, criação, inventiva, uma série de desdobramentos psicológicos, evocações, associações de imagens, que mostram a personalidade do leitor a colaborar com simpatia na obra do comentário. A visão de conjunto originária iluminará todo o comentário. A linguagem será encarada, segundo quer Spitzer, como floração da substância espiritual do poema. A divisão metodológica em comentário ideológico e comentário de forma não me parece justa. O poema deve ser olhado como um todo. A consideração das formas linguísticas conduzirá ao psicológico, e acompanhará o comentário da substância do princípio ao fim. O que se pretende, em primeiro lugar, é que o *eu* do leitor comungue no eu do poeta (e Berdiaeff mostrou muito bem a impossibilidade desta comunicação por meios que não sejam de natureza afetiva; pensar é objetivar, é separar). É claro que sem objetivação não há crítica. Mas no comentário de poemas a crítica aos pormenores deve incluir-se num estado de adesão que permaneça durante o comentário.

Tudo isto, eu sei, é muito difícil; nunca consegui realizá-lo satisfatoriamente. Dou, todavia, com exemplo, o comentário dum soneto que tentei fazer segundo a orientação exposta. Começo pela introdução à leitura:

"Antônio Nobre, não só pela concepção que teve da poesia, como pela estranha riqueza da

sua personalidade, é verdadeiramente um poeta moderno. Se ainda vivesse, teria setenta e cinco anos. Talvez a sua presença nos impedisse o convívio estreito com esse rapaz triste que escreveu o *Só*, o livro mais triste que há em Portugal. A sua presença física torná-lo-ia, porventura, mais distante. Assim, porque morreu aos trinta e dois anos, ficou sempre rapaz na nossa lembrança, de olhos doces, pálido, feições finas, embrulhado numa capa de estudante, absorto como é sina dos poetas.

Quando ouvimos o tom lastimoso da sua voz, quando o sentimos tão perto, os nossos braços procuram estender-se através da bruma que separa as almas, para lhe darem finalmente, com piedade fraterna, o carinho que pediu sem receber. Continua vivo a nosso lado, continua conversando, obriga-nos, pelo tom das suas palavras, a ver o mundo como ele via, sentir como ele sentia.

Mas não era assim, pela vida subjetiva, que Nobre queria viver. Nobre foi um homem de desejo. Emigrou para um país diferente, recolheu-se no sonho da infância, chegou a bem-dizer a velha, a senhora Morte, apenas pela força do seu destino.

Antônio Nobre queria viver a nossa vida, queria ser como os outros saudável e contente. Ambicionava uma purinha de cabelo negro e boca vermelha. Confessou-nos o seu "ideal de parisiense": casa defronte do mar, sardinha ao lume, economias no mealheiro, sendo possível, e mulher e filhos. Nobre fora feito para este mundo, e só a doença o afastou dele. O seu desespero dissolveu-se numa resignação de menino suave e obediente, que se entretém com brinquedos de luxo. O seu brinquedo foi a arte. Mas não somente um brinquedo: um meio de confissão, de transmissão da sua humanidade confrangida. Por isso (pensando que ele queria viver, e que morreu tão novo, tão triste, tão só) ouviremos sempre com piedade a voz do seu lamento, e choro de quem já não espera nada, nem mesmo o ópio do regresso, pela memória, aos tempos de criança:

Tombou da haste a flor da minha infância alada,
Murchou na jarra de oiro o pudico jasmim:
Voou aos altos céus a pomba enamorada
Que dantes estendia as asas sobre mim.

Julguei que fosse eterna a luz dessa alvorada,
E que era sempre dia, e nunca tinha fim
Essa visão de luar que vivia encantada
Num castelo ideal com torres de marfim!

Mas hoje as pombas de oiro, aves da minha infância,
Que me enchiam de lua o coração, outrora,
Partiram e no céu evoam-se a distância!

Debalde clamo e choro, erguendo aos céus meus ais:
Voltam na asa do vento os ais que a alma chora,
Elas, porém, Senhor! elas não voltam mais...

De leitura deste soneto fica-nos o travo da desilusão, a amargura de perder o que nunca mais se recupera. As metáforas, cuja finura e cuja riqueza nos impressionam, vêm transmitir uma visão encantada dos anos da meninice. Segundo o poeta, a infância é alada, tem asas, talvez porque o pensamento infantil voa a cada instante para o reino da fantasia, talvez porque a criança é um anjo, pela sua pureza, ainda visível da sua divisa.

Nobre escolheu uma flor, “um pudico jasmim”, para simbolizar essa candura perdida. O jasmim é branco, de perfume penetrante, mas suave. Também as crianças têm a graça, o perfume, a brancura da alma. O adjetivo “pudico” estabeleceu, no espírito do poeta, a ligação entre a flor e a criança: ambos possuem a pudicícia, a castidade, a inocência.

Vejam em tudo isto a delicadeza da arte de Antônio Nobre. Ele pôs de lado os processos declamatórios, a eloquência romântica, os meios diretos e demasiado conhecidos. Para nos dizer que terminou o sonho da sua meninice, a alegria da visão imaculada, Nobre fala-nos da flor que também tombou da haste, do jasmim que murchou num vaso de oiro, da pomba enamorada que se sumiu no azul e nunca mais voltou (lembramos aqui as lindas asas brancas de Garrett, que ele batia para voar ao céu).

Todo o soneto é construído sobre estas metáforas brilhantes, desde as pombas de oiro às torres de marfim. Somos levados a aludir ao simbolismo de Antônio Nobre, à preferência pela magia das insinuações indiretas. Na verdade o simbolismo não passou, a princípio, duma reação contra o processo parnasiano de mostrar as coisas, francamente, inteiramente, dando-as pelo nome próprio, sem rodeio nem véu. Isso tirava ao leitor o prazer de participar na criação.

“Nomear um objeto – escrevia Mallarmé em 1891 – é suprimir três quartos do gozo do poema, que consiste na delícia de adivinhar pouco a pouco; o sonho é sugerir o objeto. O uso perfeito deste mistério constitui o símbolo: evocar lentamente um objeto para mostrar um estado de alma, ou, inversamente, escolher um objeto e tirar dele um estado de alma por uma série de decifrações”. Estas palavras de Mallarmé (que foi o maior dos poetas simbolistas franceses) quadra à poesia de Antônio Nobre; notamos, porém, que, no soneto que hoje comentamos, não há imagens tão ousadas ou alucinantes que revoltem o senso comum; pelo contrário, é bem compreensível que se represente a candura da infância por uma flor branca, o mundo fantástico e hermético das crianças por um castelo de marfim.

O que parece estranho é não ser uma dor humana, dilacerante como a de Antônio Nobre, transmitida sem rodeios, no seu ímpeto de expansão, desalinhada e convulsiva. Não há dúvida de que Nobre foi sempre sincero. Desde pequeno, começou a meditar na morte, porque a esperava. Os prenúncios da tuberculose vieram pouco depois dos vinte anos. E ele, que já em criança pedia que, depois de morto, o embrulhassem num cobertor, “porque tinha medo do frio do jazigo”, depois começou a ver em todas as coisas o riso macabro da morte:

> Em tudo via a Velha, em tudo via a Morte;
> Um berço que dormia era um caixão pr‘a cova:
> Via a Foice no Céu quando era Lua Nova...

Antônio Nobre foi, portanto, um poeta espontâneo. Escreveu com o sangue das suas veias. Mas não foi apenas um homem que sofreu, porque fez dos pedaços da sua dor filigranas de beleza e harmonia. Ele próprio disse uma vez: “A dor que dura sempre produz o prazer que não dura mais que um momento”. Esse momento de que fala Nobre é, sem dúvida, o momento da criação poética, o momento da graça. O poeta depôs no altar da Arte a sua humanidade passageira, que sangrava. Contempla-se na própria imagem, acriançado e um pouco *dândi*, saboreando as palavras, procurando ritmos.

É notar como a palavra “lua” tem na sua poesia um halo especial de associações de imagens. As palavras recebem das outras mais próximas uma incidência de estímulos

psicológicos que muitas vezes transfiguram.

Por isso "lua", nos versos de Nobre ("...aves na minha infância que me enchiam de lua o coração outrora") sugere-nos o mundo saudoso e feminino do poeta, com as graças pálidas e os seus fantasmas adormecidos.

No último terceto, Nobre lança uma queixa dolorida e todavia humilde e resignada:

Debalde clamo e choro, erguendo aos céus meu ais:
Voltam na asa do vento os ais que a alma chora.
Elas, porém, Senhor! elas não voltam mais...

Nobre não renega o Senhor, embora tenha clamado antes de chorar. A rapidez saltitante do segundo verso, composto por palavras todas muito curtas, parece trazer o eco dos ais do poeta, vindos nas asas do vento. Voltam os ais que redobram a sua dor, mas não voltam as pombas de oiro da sua infância alada. O último verso, mais de que a chave racional do soneto, à maneira clássica, é uma frase sentimental: a primeira parte, ascendente, é um grito de alma ("elas, porém, Senhor!"); a segunda parte, descendente, é um suspiro de aceitação ("elas não voltam mais").

Antônio Nobre conformou-se, acabou por amar a sua cruz. Conseguiu tornar-se criança meiga e obediente, de olhos muito abertos, de sorriso tão triste. O sorriso de quem fala de ir viajar, sequinho, para o sol-posto; o sorriso de quem pede que componham com jeito o travesseiro, de modo que lhe faça bom encosto no caixão:

De modo que me faça bom encosto,
O travesseiro comporá com jeito,
E eu, tão feliz! Por não estar afeito,

Talvez este sorriso derive duma atitude premeditada, um último "coquetismo" de moribundo que compõe o lençol, manda abrir a janela e diz qualquer coisa infantil para distrair os outros da sua desgraça. Talvez seja a última defesa de quem teve de entregar-se todo, esfarrapado e sangrando, aos olhos da multidão compadecida".

Jacinto do Prado Coelho (*A Educação do Sentimento Poético*, pág. 65-71).

2) *Um soneto de Machado de Assis*:

A Carolina

...O estilo tem um cunho nitidamente quinhentista.

Sugere-o a formulação global, linguística e rítmica, e sublinham-no certos dados concretos, como, por exemplo, o qualificativo "malferidos", aconselhado por Mário Barreto justamente por se casar ao seu ideal de restauração da linguagem clássica183, a já citada locução de "pensamentos idos e vividos", e a pobreza das rimas dos tercetos em *-ados* e *-idos*, onde se alinham fácil e espontâneamente particípios da 1.ª conjugação e da 2.ª e 3.ª:

Trago-te flores, – restos arrancados
Da terra que nos viu passar unidos
E ora mortos nos deixa e separados
Que eu, se tenho nos olhos malferidos

Pensamentos de vida formulados,
São pensamentos idos e vividos.

O que, entretanto, mais aí nos deve interessar é a "forma interna", isto é, o plano formal imanente no desdobramento das frases.

Para o soneto, a forma interna, assim concebida, se processa pela concatenação de ideias, ascendentes em amplitude e intensidade, até o coroamento de uma larga e culminante expressão final. É o que naturalmente estava prefigurando no microcosmo da copla esparsa, de que vimos provavelmente ter evoluído o soneto.

Em Bocage, esta estruturação chega muitas vezes ao uso de um único período, que só na parte final apresenta as suas orações capitais. Um bom exemplo é o soneto sobre a existência de Deus184 onde vão-se anunciando os fatos da natureza comprobatórios, até se chegar à afirmação dessa existência na base desses fatos –

tudo que há a confessar me obriga

– acrescentando-se o conceito de que tal existência se impõe à Razão, e não apenas à Fé, pela evidência física e pela necessidade no plano moral, o que tinha de ser o capital argumento para o iluminismo oitocentista:

E para crer num braço autor de tudo,
Que recompensa os bons, que os maus castiga,
Não só da Fé mas da Razão me ajudo.

Esse plano formal interno pode, é verdade, oferecer a variante do chamado "soneto elisabetano" (que praticou Shakespeare)185 onde a três estrofes de quatro versos, independentes entre si quanto à rima, se adjunge um dístico final, que resume o pensamento anteriormente desenvolvido. Neste particular, Antônio Nobre nos ilustra uma forma interna de soneto elisabetano moldado na forma externa italiana, quando disjunge pela ideia os dois versos finais do último terceto, neles resumindo todo o teor da poesia, cujo pensamento se concluíra no décimo segundo verso:

Ó virgem que passais ao sol poente,
Pelas estradas ermas a cantar,
Eu quero ouvir uma canção ardente
Que me transporte ao meu perdido lar.
Cantai-me nessa voz onipotente
O sol que venha aureolando o mar,
A fartura da seara reluzente,
O vinho, a graça, a formosura, o luar.
Cantai, cantai, as límpidas cantigas
Do fundo do meu lar desaterrai
Todas aquelas ilusões antigas,
Que eu vi morrer num sonho como um ai!...
Ó suaves e frescas raparigas,
Adormecei-me nessa voz... Cantai! 186

Voltando, entretanto, a "A Carolina" de Machado de Assis, examinemos-lhe a forma interna na base das considerações acima feitas.

Não temos aí, em verdade, um desdobramento de ideias cada vez mais amplas e intensas até um clímax de versos finais.

O poeta combina pensamentos cognatos e paralelos: um nos quartetos, outro no primeiro terceto, enquanto um terceiro pensamento, que é a essência do pequeno poema, se

consubstancia finalmente no último terceto.

Recitemos a produção, comparando-a com o esquema assim depreendido:

A) Visita à sepultura com as ideias que acompanham esse gesto de saudade e carinho: a evocação da felicidade e a afirmação de uma lembrança e um afeto que não mais se apaga ou sequer desfalece:

> Querida, ao pé do leito derradeiro
> Em que descansas dessa longa vida,
> Aqui venho e virei, pobre querida,
> Trazer-te o coração de companheiro.
> Pulsa-lhe aquele afeto verdadeiro
> Que, a despeito de toda a humana lida,
> Fez a nossa existência apetecida
> E num recanto pôs o mundo inteiro.

B) Oferta de flores, como símbolo dessa saudade, que assim se concretiza num gesto ritual:

> Trago-te flores, restos arrancados
> Da terra que nos viu passar unidos
> E ora mortos nos deixa e separados.

C) Finalmente, o conceito de que o poeta está morto para o mundo, e a sua vida física se prolonga automaticamente pelo impulso adquirido de uma força vital que desapareceu:

> Que, se eu tenho nos olhos malferidos
> Pensamentos de vida formulados,
> São pensamentos idos e vividos.

Mas não é tudo. Não se resume nesta análise o plano complexo do soneto.

O poeta articulou sutilmente a parte C com a parte B, tirando-a da expressão, aparentemente secundária, de que ele está tão morto quanto a sua Carolina.

Digo "aparentemente secundária", porque o termo está colocado em meio de frase e como primeiro elemento de um conjugado copulativo, em que predomina formalmente, portanto, o segundo qualificativo *separados*.

Há a intenção de provocar a perplexidade *a posteriori* do leitor, cuja atenção desliza até *separados* e, *depois* de aceitar essa ideia *self-evident*, há de retornar, sem querer, para o paradoxal adjetivo *mortos*, que o antecede. "Mortos, por quê?" Assim concentrado num novo conceito, que obviamente tem de intrigá-lo, está ele preparado para receber o impacto de pensamento final, introduzido ao último terceto por um *que* de valor causal.

Temos, assim, – não um desdobramento que regularmente vai ascendendo para uma ideia ápice –, mas um primeiro pensamento concluso (a evocação da felicidade perdida e a lembrança perene da mulher amada), um segundo que o ilustra numa concretização simbólica, e, saindo de um elemento aí lançado quase ao acaso, um pensamento final, que transfigura o poema e lhe dá a substância definitiva.

É nesta forma interna e no seu contraste com o plano natural de um soneto, que me parece estar, estilisticamente, a significação da pequena joia poética que acabamos de rapidamente apreciar.

Joaquim Mattoso Câmara Jr. (*Revista do Livro*, no. 5, p. 71-73)

179 J. Mattoso Câmara Jr., “Noções de Estilística” in *Littera*, n.º 2, 91.
180 Matéria y Forma en Poesia, 103-104.
181 No artigo citado.
182 *Le Langage et la Vie*, 100.
183 Mário Barreto, *Novos Estudos da Língua Portuguesa*. Rio, 1921; p. 364.
184 *Obras Poéticas de Bocage*, ed. Tavares Cardoso e Irmão. Lisboa 1902, vol. I, 234.
185 Sobre o soneto na literatura inglesa, consultar Enid Hammer, *The Meters of English Poetry*, London, 1954; p. 186 ss.
186 Antônio Nobre, *Só*, 3.a. ed. (Aillaud e Bertrand)., 1913, p. 120.

V – Noções Elementares de Versificação

"La métrique est une science, mais c'est aussi un art.
Le métricien doit connaître la technique du vers, mais
il doit aussi être un homme de bon sens, avoir de la finesse
et du goût" (G. Millardet, *Romania*, 43, 1914, p. 260).

Poesia e prosa – Em sentido formal, chama-se **poesia** à forma de expressão ordenada segundo certas regras e dividida em unidades rítmicas.

Prosa é a forma de expressão continuada. Embora a prosa também possa ter ritmo, aqui ele é menos rigoroso que na poesia.

Verso é o conjunto de palavras que formam, dentro de qualquer número de sílabas, uma unidade fônica sujeita a um determinado ritmo.

Ritmo é a divisão do tempo em período uniformes mediante os apoios sucessivos da intensidade.

Metro é o verso que, além de atender ao ritmo, se apresenta dentro de uma norma regular de medida silábica.

O ritmo, comum ao verso e ao metro, não se manifesta de maneira uniforme; por isso produz efeitos diferentes conforme a disposição das cláusulas silábicas que constituem o período rítmico do verso.

Por sua vez, um mesmo metro pode apresentar-se sob várias modalidades rítmicas.

Pode-se mudar de ritmo sem alterar o metro ou o verso, como se pode mudar de metro ou verso sem alterar o ritmo.

Como ensina Navarro Tomás, o ritmo nasce da disposição acentual, o verso depende da ação do ritmo, e o metro obedece justamente ao ritmo e à medida silábica.

Além do ritmo acentual, outros recursos suplementares contribuem para dar ao verso as qualidades de sua fisionomia e de colorido; são recursos fônicos, morfológicos e semânticos. Além da rima e da estrofe, figuram, entre outros, a harmonia vocálica, a aliteração de consoantes, o paralelismo, a anáfora, a ordem das palavras ou a valorização semântica de uma palavra ou expressão.

Por melhor que seja o verso, perderá muito de seu valor se proferido por um leitor – e até mesmo pelo seu autor - que não saiba pôr em evidência as características de sua estrutura rítmica, métrica e de seus apoios fônicos.

Pausa final. Cavalgamento – Na leitura de um poema, marca-se o final de cada verso ou final de cada unidade de verso composto (*hemistíquio*) com uma pausa, a chamada *pausa métrica*. Esta pausa métrica não passa de uma pequena interrupção, que não chega a confundir com a pausa mais demorada, resultante da entoação da oração, marcada em geral por vírgula ou outro sinal de pontuação.

Não levar na devida conta a pausa métrica, além de atentar contra o ritmo, pode converter o verso em falsa prosa.

A pausa métrica é transferida para a primeira sílaba tônica do verso seguinte, quando a unidade sintática excede o limite de um verso e, para completar-se, "cavalga" ou "monta" no verso a seguir, patenteando, assim, um desacordo entre a unidade sintática e a unidade métrica. Este fenômeno é conhecido pela denominação francesa *enjambement*, que se pode traduzir, como fez Said Ali, por *cavalgamento*. Também se usa o termo *encavalgamento*:

> "Sonho profundo, ó Sonho doloroso,
> Doloroso e profundo Sentimento!
> *Vai, vai nas harpas trêmulas do vento*
> *Chorar o teu mistério tenebroso*" [CS.1, II, 63].

Versificação – é a técnica de fazer versos ou de estudar-lhes os expedientes rítmicos de que se constituem.

"Não se há de confundir *versificação* com *poesia*. A poesia é um *dom*: nasce-se poeta. A versificação é uma arte: torna-se um versejador. Grandes poetas, como Vigny, foram medíocres versejadores. Hábeis versejadores, como Teodoro de Banville, não podem jamais ser chamados poetas" [BH.1, 431].

O **ritmo poético**, que na essência não difere das outras modalidades de ritmo, se caracteriza pela repetição. O ritmo consiste na divisão perceptível do tempo e do espaço em intervalos iguais. Quando a poesia se constitui de unidades rítmicas iguais, diz-se que a versificação é *regular;* quando isto não ocorre, a versificação é *irregular* ou *livre*.

O ritmo poético utiliza recursos que nem sempre são coincidentes de idioma para idioma.

Entre nós, por exemplo, não figura a quantidade que é o alicerce da versificação latina ou grega. A rima, por outro lado, que hoje nos é tão familiar e querida, não constituía peça essencial da poesia até a Idade Média latina.

Em português o ritmo poético é assegurado pela utilização dos seguintes expedientes que se podem combinar de maneira variadíssima:

1) número fixo de sílabas;

2) distribuição das sílabas fortes (ou tônicas) e fracas (ou átonas);

3) cesura;

4) rima;

5) aliteração;

6) encadeamento;
7) paralelismo.

O número fixo de sílabas coordenado com a distribuição das sílabas fortes e fracas constitui um *metro poético* e o seu estudo recebe o nome de *métrica*.

I – Número Fixo de Sílabas

Como se contam as sílabas de um verso – Na recitação a contagem das sílabas se processa diferentemente da análise gramatical; nesta se atenta para a sua representação na escrita enquanto naquela se busca a realidade auditiva. No verso:

"É toda um hino: – esperança!" [CA.1, 97]

Há sete sílabas para o poeta (este só conta até a última tônica) e dez sílabas para o gramático; aquele não profere o *a* final de *toda*, liga a consoante *d* a *um*, omite o *o* final de *hino* e junta o *n* à sílaba inicial de *esperança*:

É / to / d(a)um / hi / n(o): – es / pe / ran / ça
1 2 3 4 5 6 7

Só se conta até a última sílaba tônica: verso agudos, graves e esdrúxulos – Uma das orientações que distinguem a contagem das sílabas entre o poeta e o gramático, é que o primeiro, de acordo com orientação revivida (foi iniciada por Couto Guerreiro, no século XVIII) 187 por Antônio Feliciano de Castilho, no século XIX, só leva em conta até a última sílaba tônica, desprezando a átona ou as átonas finais. Daí a divisão dos versos em *agudos*, *graves* ou *esdrúxulos*, conforme terminarem, respectivamente, por vocábulos oxítonos, paroxítonos, ou proparoxítonos, como nos seguintes versos, todos de dez sílabas:

"O padre não falou – mostrou-lhe o céu!" [CA.1, 137] **Agudo**
"Eu vi-a lacrimosa sobre as *pedras*." [CA.1, 106] **Grave**
"Estátua da aflição aos pés dum túmulo!" [CA.1, 106] **Esdrúxulo**

Neste livro indicaremos a sílaba métrica pelo símbolo ∪ ; quando for tônica poremos nele um acento tônico: ∪.188

Fenômenos fonéticos correntes na leitura dos versos – Na leitura dos versos, proferimos as palavras com as junções e as pausas que o falar de todos os momentos conhece; por exagero, entretanto, tais fenômenos fonéticos costumam ser explicados como "exigência da técnica versificatória".

Estes fenômenos são: 1) sinérese; 2) diérese; 3) elisão; 4) crase; 5) ectlipse; e podem ocorrer uns dentro do mesmo vocábulo (*intraverbais* ou *internos*) e outros pela junção de dois vocábulos (*interverbais* ou *externos*).

Sinérese ou ditongação é a junção de vogais contínuas numa só sílaba em virtude de uma das vogais passar a semivogal, no interior da palavra.

Na língua portuguesa moderna, especialmente no Brasil, é normal a sinérese interna: "a) nos grupos vocálicos átonos não finais, de segunda vogal, alta, correspondente em vocábulo derivado ou composto à vogal tônica do primitivo (ex.: *traidor*, de *trair*) ou à vogal inicial de uma das formas mínimas componentes (ex.: *vaidade*, rad. *va-*, suf. *-idade*), sendo que, fora dessas duas condições, se tem aí um ditongo sistemático (ex.: *lei-tu-ra*, *cau-te-la*, etc.); b) nos grupos vocálicos átonos não finais, de primeira vogal alta (ex.: *piedade*, *suavidade*); c) nos grupos vocálicos átonos finais, de primeira vogal átona (ex.: *glória*, *áscua*, *série*, *tênue*), sendo que não há primeira vogal média nesses grupos (cf. *níveo*/*níviu*/*mágoa*/*mágua*). A intenção estilística ou a métrica, no verso, criam frequentemente diérese nos dois primeiros casos" [MC.4, 221].

DIÉRESE é a dissolução de um ditongo em hiato no interior da palavra.

A diérese, que é sempre interna, é fenômeno hoje raro em poesia, geralmente usado apenas para certos fins expressivos ou como expediente para dar ao verso o número de sílabas exigidas:

"Pe / sa / -me es / ta / bri / lhan / te au / ré / o / la / de / nu / me..." [MA].

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12

O movimento lento, proferindo *auréola* (*au-ré-o-la*) como vocábulo de quatro sílabas, parece emprestar à situação o colosso do tamanho que tem o sol, em relação à simplicidade do vaga-lume.

Às vezes costuma-se indicar a diérese pondo-se trema no *i* ou *u*: *vaïdade* (*va-i-da-de*), *saudade* (*sa-u-da-de*).189

SINALEFA, é a perda de autonomia de uma vogal para tornar-se semivogal e, assim, constituir um ditongo com a vogal seguinte:

E triste e triste e fatigado eu‿vinha (lido como tritongo: /wew/).

ELISÃO é o desaparecimento de uma vogal quando pronunciada junto de outra vogal diferente:

e fatigad(o)‿eu vinha (lido: /ew/) [CCh.1, 667].

A pronúncia rápida dos portugueses leva mais frequentemente à realização de elisões do que a pronúncia mais lenta dos brasileiros. Nem sempre, como no exemplo acima, a elisão é indicada graficamente:

Mas se forçoso *t'é* deixar a pátria [CA.1, 125].

Note-se também que a elisão pode abarcar mais de duas vogais.

CRASE é a fusão de dois ou mais sons iguais num só:

"Teu pensamento, como‿o sol que morre,
Há de cismando mergulhar-se‿em mágoas" [CA.1, 125].
"Durante a noite quando‿o orvalho desce" [CA.1, 144].

ECTLIPSE é a supressão da ressonância nasal de uma vogal final de vocábulo para facilitar a sinérese ou a crase com a vogal contígua.190

Ocorre com mais frequência a ectlipse no final *-em* e na preposição *com*. Neste último caso, é comum ser indicada por apóstrofo, porque, a rigor, a ectlipse não passa de uma elisão considerada a palavra no seu sentido mais geral (o Vocabulário Oficial recomenda não usar apóstrofo: coa, coas, co, cos):

"Co'as tranças presas na fita,
Co'as flores no samburá" [CA.1, 116].

É preciso insistir, mais uma vez, que os fenômenos fonéticos aqui estudados só na mão do versejador são frios recursos de aumento ou diminuição de sílabas para atender às exigências da técnica versificatória; na mão do verdadeiro poeta constituem intencionais e vigorosos elementos do quadro que o artista deseja pôr diante de nossos olhos. O ritmo que devemos imprimir ao verso, acelerado aqui, com pausas acolá, é uma como harmonia imitativa das ideias que o poeta nos quer transmitir.

O ritmo e a pontuação do verso – Já acentuamos que nem sempre a unidade de sentido do poema coincide com os limites de sua linha, o que nos mostra o erro daqueles que leem verso fazendo longa pausa no fim de cada um deles.191 Esta longa pausa só é lícita quando a unidade sintática o exigir ou permitir:

"Meus Amigos, Adeus – Verei fulgindo
A lua em campo azul, e o sol no ocaso
Tingir de fogo a implacidez das águas;
Verei hórridas trevas lento e lento
Descerem, como um crepe funerário
Em negro esquife, onde repoisa a morte" [GD.3, I, 213].

Às vezes se podem ligar fonemas de palavras separadas por algum sinal de pontuação ou, ao contrário, pode haver uma pausa sem que seja indicada por sinal gráfico adequado, como nestes versos de dez sílabas:

"E eu, fitando-a, abençoava a vida" [CA.1, 279], lido:
E / eu / fi / tan / do-a a / ben / ço / a / va a / vi / da
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
"Ama-se a vida – a mocidade é crença" [CA.1, 144].

Expedientes mais raros na contagem das sílabas – Ao lado dos casos até aqui apontados, há outros de menos incidência, mas que merecem nossa atenção. Lembraremos os três seguintes:

a) o movimento rítmico de um verso pode estar sob a influência do verso anterior ou do seguinte, fazendo com que a vogal ou sílaba inicial de um verso fique incorporada no verso precedente; isto vem explicar a exatidão métrica de alguns versos aparentemente errados por se apresentarem mais curtos do que deviam:

"Chorar a virgem formosa
Morta na flor dos anos" [CA.1, 83], que será lido:
Cho / rar / a / vir / gem / for / mo /
1 2 3 4 5 6 7
sa / mor / ta na / flor / dos / a / nos
1 2 3 4 5 6 7

b) o silêncio ou pausa mais forte valendo como sílaba:

"Às vezes, oh, sim, / derramam tão fraco" [GD.3, I, 68].
"O céu era azul, / tão meigo e tão brando" [GD.3, I, 45].

são versos de onze sílabas aos quais a pausa intencional do poeta (indicada aqui por /) vale por uma sílaba métrica.

c) a dissolução de um encontro consonântico pela intercalação de uma vogal (/ *i* / ou / *e* /), não indicada na escrita, fazendo da primeira consoante uma sílaba à parte, o que revela uma tendência da pronúncia brasileira corrente:

"Ninguém mais *observa* o tratado" [GD.2] – *observa* deve ser lido com quatro sílabas.
"Contudo os olhos *d'ignóbil* pranto" [GD.1] – *ignóbil* deve ser lido também com quatro sílabas.

2 – Número Fixo de Sílabas e Pausas

O número fixo de sílabas e pausas é o principal dos apoios rítmicos do verso. O poeta tem a liberdade de não ficar, em todo o poema, preso ao mesmo metro. No poema de Gonçalves Dias, intitulado *Minha Vida e Meus Amores*, ocorre uma mudança de metro muito interessante. O poeta vinha versejando em decassílabos acentuados na sexta sílaba ou na quarta e oitava:

Outra vez que lá fui, que a vi, que a medo
Terna voz lhe escutei: – sonhei contigo! –
Inefável prazer banhou meu peito,
Senti delícias; mas a sós comigo
Pensei – talvez! – e já não pude crê-lo.

De súbito, nos versos 67 e 68 faz cair as pausas na quarta e sétima sílaba, aproximando o ritmo decassílabo do ritmo de onze sílabas, que vai aparecer nos versos 70 e 71:

Ela tão meiga e tão cheia de encantos,
Ela tão nova, tão pura e tão bela...
Amar-me! – Eu que sou?
Meus olhos enxergam, enquanto duvida
Minh'alma sem crença, de força exaurida,
Já farta da vida,
Que amor não doirou. [MB.1, II, 127].

Na poesia *A Tempestade*, Gonçalves Dias varia a medida de estrofe; a estrofe começando por duas sílabas até chegar a onze, quando retorna num movimento decrescente até voltar ao

de duas sílabas. Com isto o poeta quis-nos indicar mais vivamente "a aproximação gradativa da tempestade, cuja maior fúria estoura na décima estrofe, para depois afastar-se pouco a pouco" [Manuel Bandeira, editor das Obras de Gonçalves Dias, II, 235].

Os versos em português variam, em geral, de uma a doze sílabas, sendo raros os que ultrapassam este número. Para sua designação empregam-se os nomes gregos denotativos de número prefixados ao elemento -*sílabo*: *mono*- (um só), *dis*- (dois), *tri*- (três), *tetra*- (quatro), *penta*- (cinco), *hexa*- (seis), *hepta*- (sete), *octo*- (oito), *enea*- (nove), *deca*- (dez), *hendeca*- (onze), *dodeca*- (doze): *monossílabo*, *dissílabo*, *trissílabo*, *tetrassílabo* (também chamado *quadrissílabo*) , *pentassílabo* (também dito *redondilha menor*) , *hexassílabo*, *heptassílabo* (também dito *redondilha maior* ou só *redondilha*) , *octossílabo*, *eneassílabo*, *decassílabo* (também chamado *heróico*) , *hendecassílabo* (também chamado de *arte maior*) e *dodecassílabo* (ou também *alexandrino*), nome tirado das numerosas composições medievais que cantavam os feitos do guerreiro Alexandre, mormente o *Poema de Alexandre*, composto no século XII, por Alexandre de Bernay e Lambert Licor.

Cesura – Os versos longos, de ordinário a partir dos de dez sílabas, apresentam uma pausa interna, chamada *cesura*, para ressaltar o movimento rítmico, dividindo o verso em duas partes, nem sempre iguais, conhecidas pelo nome de *hemistíquios*. A *cesura* pode ser uma pausa menor (não indicada por sinal de pontuação), ou mais acentuada (indicada na escrita por sinal de pontuação).

Como assinala Navarro Tomás, "em qualquer ponto do verso pode ocorrer uma interrupção requerida pela sintaxe ou pela necessidade de destacar o significado de uma palavra. Estas paradas ocasionais não têm a função métrica da cesura ou da pausa" [NT.1, 28].

Versos de uma a doze sílabas – Os versos de uma, duas e três sílabas só têm uma sílaba forte:

a) Monossílabos (raríssimos):

"quebra
queima
reina
dança
sangue
gosma..." [MAn *apud* MB.3, 3242].

b) Dissílabos:

"Um raio
Fulgura
No espaço
Esparso
De luz" [GD.4, 229].

c) Trissílabos:

"Vem a aurora
Pressurosa,
Cor-de-rosa,

Que se cora
De carmim" [GD.4, 229].

d) Tetrassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ↺ ∪ ↺
"O sol desponta" [GD.4, 230].

2 – ∪ ∪ ∪ ↺
"Que entre verdores" [GD.4, 230].

3 – ↺ ∪ ∪ ↺
"Lá no horizonte" [GD.4, 230].

4 – ∪∪↺ ↺
"Salomé vinha" [*apud* MB.3, VI, 3242].

e) Pentassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ↺ ∪ ∪ ∪ ↺
"Gados que pasceis" [LC *apud* SA.3, 30].

2 – ∪ ↺ ∪ ∪↺
"Um ponto aparece" [GD *apud* SA.3].

3 – ∪ ∪ ↺ ∪ ↺
"Não sou eu tão tola" [JD *apud* SA.3].

f) Hexassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ↺ ∪ ↺ ∪↺
"Não solta a voz canora" [GD, *ibid.*].

2 – ∪ ↺∪ ∪ ∪↺
"Que um canto d'inspirado" [*Id.*, *ibid.*].

3 – ∪ ∪ ↺ ∪ ∪↺
"Como é fundo o sentir" [CA *apud* SA.3, 33].

4 – ↺ ∪↺ ∪ ∪ ↺
"Pois permite e consente" [LC *apud* SA.3, 32].

5 – ↺ ∪ ∪↺∪ ↺
"Tu já mataste a sede,
Mate-me a sede a mim" [JD *apud* SA.3].

6 – ∪ ∪ ∪ ↺ ∪↺
"E à luz do luar incerto" [AG *apud* MC.3, II, 149].

g) Heptassílabos – são os versos mais usados e populares em português e apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ◡ ◡ ◡ ◡ ◡◡◡
"Cresce a chuva, os rios crescem" [GD, *ibid.*].

2 – ◡´◡ ◡ ◡◡◡ ◡ ◡
"Fogem do vento que ruge" [*Id.*, *ibid.*].

3 – ◡ ◡◡ ◡ ◡◡◡ ◡
"Ardendo na usada sanha" [*Id.*, *ibid.*].

4 – ◡ ◡ ◡◡ ◡◡◡◡◡
"Como ovelhas assustadas" [*Id.*, *ibid.*].

5 – ◡ ◡ ◡◡ ◡ ◡◡ ◡ ◡
"Que da praia arreda o mar" [*Id.*, *ibid.*].

6 – ◡ ◡◡◡ ◡◡◡ ◡◡◡
"É já torrente bravia" [*Id.*, *ibid.*].

7 – ◡ ◡ ◡◡ ◡ ◡◡◡◡
"Grossos troncos a boiar"

8 – ◡ ◡◡ ◡ ◡ ◡ ◡ ◡◡
"Aqui nestas redondezas" [V. de Carvalho *apud* MC.3, 148].

h) Octossílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ◡ ◡◡ ◡ ◡◡ ◡ ◡◡ ◡ ◡◡
"Demônios mil, que, ouvindo-as, digam" [RC *apud* SA.3, 39].

2 – ◡◡ ◡◡ ◡ ◡◡◡◡ ◡◡
"Sabes tu de um poeta enorme" [MA *apud* SA.3, 40].

3 – ◡◡ ◡ ◡◡ ◡◡◡◡ ◡◡
"Roxas, brancas, rajadas, pretas" [*Id.*, *ibid.*].

4 – ◡ ◡◡ ◡ ◡ ◡◡◡◡ ◡◡◡
"Deixando a palhoça singela" [*Id.*, *ibid.*].

5 – ◡ ◡ ◡◡◡ ◡ ◡◡◡◡
"São Bom Jesus de Matozinhos" [AG *apud* MC.3, 150].

6 – ◡ ◡ ◡◡ ◡ ◡ ◡ ◡◡◡
"Querem vê-lo no seu altar" [*Id.*, *ibid.*].

7 – ◡◡◡◡ ◡◡ ◡ ◡ ◡◡
"Para ficar perto dos ninhos" [*Id.*, *ibid.*].

8 – ◡◡ ◡◡◡ ◡ ◡◡◡◡
"Alto, porém, tão alto soa" [RC *apud* SA.3, 40].

i) Eneassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ∪ ↺∪ ∪↺∪ ∪ ↺
"E no túrgido ocaso se avista" [GD, *op. laud.*]

2 – ∪∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ∪∪ ↺
"Além, nos mares tremulamente" [RC *apud* MC.3].

3 – ∪ ↺ ∪ ∪ ∪↺∪ ∪ ↺
"Da cor de uma menina sem vida" [AG *apud* MC.3, 152].

4 – ↺ ∪ ∪ ↺ ∪ ↺ ∪ ∪↺
"Pobres de pobres são pobrezinhos" [G. Junqueira *apud* SA.3, 42].

5 – ↺ ∪ ∪↺∪ ∪ ↺ ∪ ↺
"Dei-me ao relento, num mar de lua" [R. Correia *apud* SA.3].

6 – ∪ ↺ ∪↺∪ ∪ ↺ ∪ ↺
"Também outrora num mar de lua" [*Id.*, *ibid.*].

7 – ↺ ∪∪∪↺∪ ∪ ∪ ↺
"Pobre lua nova, tão pequena" [A. Guimarães *apud* MC.3].

j) Decassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ∪↺ ∪ ↺
"Um som longínquo cavernoso e ouco" [GD, *ibid.*].

2 – ∪ ∪ ∪ ∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ∪ ↺
"Eis outro inda mais perto, inda mais rouco" [*Id.*, *ibid.*].

3 – ∪↺ ∪ ↺ ∪ ↺ ∪ ∪ ∪ ↺
"Troveja, estoura, atroa; e dentro em pouco" [*Id.*, *ibid.*].

4 – ↺ ∪ ∪ ∪ ∪ ↺∪ ∪∪↺
"Rasga-se o negro bojo carregado" [*Id.*, *ibid.*].

5 – ∪ ↺ ∪ ∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ∪↺
"E enquanto a luz do raio o sol roxeia" [*Id.*, *ibid.*].

6 – ∪ ∪↺∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ∪ ↺
"Das ruínas completas o grande estrago" [*Id.*, *ibid.*].

7 – ∪∪ ∪ ∪ ↺ ∪ ↺ ∪ ∪ ↺
"O sonho passou. Traz magoado o rim" [MB.3, 3243].

8 – ∪ ∪ ∪ ∪↺ ∪ ↺ ∪ ∪↺
"Magoada a cabeça exposta à umidade" [*Id.*, *ibid.*].

9 – ∪∪ ∪ ↺∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ↺
"Doce repouso de minha lembrança" [LC *apud* MB.3].

k) Hendecassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ↺∪∪ ↺ ∪ ∪ ↺ ∪∪ ↺
"Nos últimos cimos dos montes erguidos"

2 – ↺ ∪ ∪ ∪↺ ∪ ∪ ↺ ∪∪ ↺
"Ai! há quantos anos que eu parti chorando" [GJ.1, 117].

3 – ∪∪ ∪ ∪ ↺∪ ∪∪∪∪ ↺
"Deste meu saudoso, carinhoso lar!..." (*Id.*, *ibid.*).

4 – ∪ ∪ ↺ ∪ ↺∪ ∪ ∪ ↺∪ ↺
"Foi há vinte?... há trinta?... Nem eu sei já quando!..." [*Id.*, *ibid.*].

l) Dodecassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ∪ ↺∪∪↺ / ∪∪↺∪ ∪ ↺
"Já não fala Tupã no ulular da procela" [OB *apud* SA.3, 56].

2 – ∪ ↺ ∪ ↺∪↺/ ∪ ↺∪↺∪↺
"E espalham tanto brilho as asas infinitas" [*Id.*, *ibid.*].

3 – ∪ ∪ ↺∪∪ ↺ / ∪ ↺ ∪ ↺ ∪↺
"Como a faixa de luz que o povo hebreu guiava" [*Id.*, *ibid.*].

4 – ∪ ↺ ∪ ↺ ∪ ↺ / ∪∪↺ ∪∪↺
"Teu pé também deixou um sinal neste solo" [*Id.*, *ibid.*].

5 – ↺∪ ∪↺ ∪ ↺ / ↺ ∪ ∪ ↺ ∪↺
"Ruge soturno o mar; turva-se hediondo o dia" [*Id.*, *ibid.*].

6 – ↺∪ ∪ ↺ ∪ ↺/ ∪ ↺∪ ↺∪ ↺
"Súbito a nota extrema anseia, treme, rola" [CAv.1, I, 115].

7 – ↺ ∪ ∪ ↺ ∪ ↺/ ∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ↺
"Noiva que espera o noivo e suspira em segredo" [OB *apud* SA.3].

8 – ∪ ↺ ∪ ↺∪ ↺/ ↺ ∪ ∪↺ ∪ ↺
"Em torno a cada ninho anda bailando uma asa" [*Id.*, *ibid.*].

9 – ∪ ∪ ↺∪ ∪ ↺ / ↺∪ ∪ ↺ ∪ ↺
"Vês com olhos do céu cousas que são do mundo" [MA, *ibid.*].

10 – ↺∪ ↺∪ ∪ ↺ / ↺∪ ↺ ∪ ∪↺
"Essa que ora nos céus anjos chamam Lenora" [*Id.*, *ibid.*].

11 – ↺∪ ↺∪ ∪↺ / ↺∪ ∪ ↺ ∪ ↺
"Casa, rico jardim, servas de toda a parte" (*Id.*, *ibid.*).

12 – ↺ ∪ ↺ ∪ ∪ ↺/∪ ↺ ∪ ↺ ∪↺
"Berço em que se emplumou o meu primeiro idílio" [OB, *ibid.*].

13 – ↺ ∪ ↺∪ ∪ ↺/∪∪↺ ∪ ∪ ↺
"Passa um velho judeu, avarento e mesquinho" (G. Junqueira, *ibid.*).

"A lei orgânica do alexandrino pode ser expressa em dois artigos: 1.º) quando a última palavra do primeiro verso de seis sílabas é grave (1.º hemistíquio), a primeira palavra do segundo deve começar por uma vogal ou por um *h*; 2.º) a última palavra do primeiro verso nunca pode ser esdrúxula. Claro está que, quando a última palavra do primeiro verso é aguda,

a primeira do segundo pode indiferentemente começar por qualquer letra, vogal ou consoante.

Alguns poetas modernos, desprezando essa regra essencial, têm abolido a tirania da censura. Mas o alexandrino clássico, o verdadeiro, o legítimo, é o que obedece a esses preceitos".192

3 – Rima: Perfeita e Imperfeita 193

Chama-se *rima* a igualdade ou semelhança de sons pertencentes ao fim das palavras, a partir da sua última vogal tônica.

As palavras em rima podem estar no fim (*rima final*, a mais usual) ou no interior do verso (*rima interna*), podendo, neste último caso, uma das palavras ocupar a posição final.

Interna é a rima que se faz com a última palavra de um verso e uma palavra no interior do verso seguinte. Em *Aventura Meridiana* (*Os Amores* de P. Ovídio Nasão, 63 e ss.), A. F. de Castilho, compondo quartetos de versos alternados, de 12 e 6 sílabas, rima o 1.º verso com a 2.ª sílaba do 2.º; o 2.º com o 4.º; o 3.º com a 2.ª sílaba do 4.º; finalmente variando o verso ora grave, ora agudo:

"Era na estiva quadra! Intenso meio-dia
Pedia um respirar;
No meio do meu peito
Me deito a descansar.

Janela entreaberta, esquiva ao sol fogoso,
Repouso ali mantém;
Luz como a de espessura
Escura ao quarto vem".

A rima pode ser *perfeita* (ou com *homofonia*) ou *imperfeita* (ou com *semi-homofonia*). Diz-se *perfeita* quando é completa a identidade dos fonemas finais, a partir da última vogal tônica:

"És engraçada e formosa
Como a rosa,
Como a rosa em mês d'abril;
És como a nuvem doirada
Deslizada,
Deslizada em céus d'anil" (G. Dias, *Obras*, 59).

Na rima perfeita, pode haver ainda identidade da(s) consoante(s) anterior(es) à vogal tônica. Para os versos inglês e alemão o fato constitui falta grave.

Diz-se *imperfeita* aquela em que a identidade de fonemas finais não é completa, insistindo-se apenas naqueles fonemas que se diferenciam fundamentalmente dos demais [CCh.2, 200]. Ocorre a rima imperfeita quando:

a) se rima uma vogal de timbre semiaberto com outra de timbre semifechado:

"Bailando no ar, gemia inquieto vaga-lume:
– "Quem me dera que fosse aquela loura *estrela*,
Que arde no eterno azul, como eterna *vela*!"
Mas a estrela, fitando a lua, com ciúme." (M. de Assis).

b) um dos finais tem um som que o outro não tem:

"Nessa *vertigem*
Amara a *virgem*" (C. de Abreu, *Obras*, 194).

Muitas vezes, a perfeição ou imperfeição da rima é relativa, conforme a pronúncia padrão. No Brasil, por exemplo, constituem rimas perfeitas as que se fazem entre certas vogais e ditongos (*desejos* com *beijos*; *luz* com *azuis*; *atroz* com *heróis*; *vãs* com *mães*; *espirais* com *Satanás*; *bondoso* com *repouso*). Em Portugal é perfeita a rima entre *mãe* e *também* (ou *tem*, etc.), prática que, por imitação literária, ocorre entre alguns de nossos poetas românticos.

c) se rima uma vogal oral com uma vogal nasal:

De que ele, o sol, inunda
O mar, quando se *põe*,
Imagem moribunda
De um coração que *foi* [JD *apud* CCh.1, 694].

d) se rimam vocábulos com só identidade das vogais tônicas (rima *toante* ou *assonante*).

Rimas consoantes e toantes – A rima se diz *consoante* quando é perfeita, isto é, tem os mesmos fonemas a partir da última vogal tônica do verso: *vaga-lume* / *ciúme*.

Toante (também *assonante*, de *assonância*) é a rima imperfeita, em que há apenas identidade nas vogais tônicas:

calma / *cada*; *terra* / *pedra*.

Disposição das rimas – Quanto à maneira por que se dispõem nos versos, as rimas podem ser *emparelhadas*, *alternadas* (ou *cruzadas*), *opostas* (ou *entrelaçadas* ou *enlaçadas*), *interpoladas* e *misturadas*.

Cada rima de uma estrofe é designada por uma letra maiúscula ou minúscula do alfabeto, de modo que a sucessão de letras indica a sucessão das rimas. Assim no exemplo:

"Moços, quero, entre vós, falar à nossa terra...
Somos sua esperança e o seu último amparo;
Em nosso corpo e em nosso espírito se encerra
O que ela agora tem de mais certo e mais caro" [JO.2, 159].

A distribuição das rimas é representada pelo esquema *abab* (ou ABAB) onde *a* indica a rima -*erra* (terra / encerra) e *b* a rima -*aro* (amparo / caro).

EMPARELHADAS são as que se sucedem duas a duas (o esquema é *aabbcc*, etc.):

"Numa vida anterior, fui um xeque macilento
E pobre... Eu galopava, o albornoz solto ao vento,
Na soalheira candente; e, herói de vida obscura,
Possuía tudo: o espaço, um cavalo, e a bravura" [OB.1].

ALTERNADAS (ou *cruzadas*) são as que, num grupo de quatro versos, se alteram, fazendo que o 1.º verso rime com o 3.º (e os demais ímpares) e o 2.º com o 4.º (e os demais pares).

Correspondem ao esquema *abab*:

"Ora (direis) ouvir estrelas! Certo
Perdeste o senso!" E eu vos direi, no entanto,
Que, para ouvi-las, muita vez desperto
E abro as janelas, pálido de espanto..." [OB.1].

OPOSTAS (ou *entrelaças* ou *enlaçadas*) são as que se verificam em dois versos entre os quais medeiam dois outros também rimados.

Correspondem ao esquema *abba*:

"Vai-se a primeira pomba despertada.
Vai-se outra mais... Mais outra... E enfim dezenas
De pombas vão-se dos pombais apenas
Raia, sanguínea e fresca, a madrugada" [R. Correia].

INTERPOLADAS são aquelas em que, num grupo de seis versos, o terceiro rima com o sexto, enquanto o primeiro rima com o segundo, e o quarto com o quinto. Correspondem ao esquema *aabccb*:

Eu nasci além dos mares
Os meus lares,
Meus amores ficam lá!
– Onde canta nos retiros
Seus suspiros,
Seus suspiros o sabiá! (C. de Abreu).

MISTURADAS são aquelas em que a distribuição é livre. As rimas misturadas, para lograrem êxito, requerem constância, vivacidade e sonoridade:

"É meia-noite... e rugindo
Passa triste a ventania,
Como um verbo da desgraça,
Como um grito de agonia.
E eu digo ao vento que passa
Por meus cabelos fugaz:
"Vento frio do deserto,
Onde ela está? Longe ou perto?
Mas, como um hálito incerto,
Responde-me o eco ao longe.
"Oh! Minh'amante, onde estás?..." [C. Alves].

4 – ALITERAÇÃO

Aliteração – É o apoio rítmico que consiste em repetir fonemas em palavras simetricamente dispostas. A aliteração nasce, em geral, de desejo de harmonia imitativa.

"A juruti suspira sobre as folhas secas" [C. de Abreu].
"É a perda dura dum futuro inteiro" [*Id.*].
"Vozes veladas, veludosas vozes,
Volúpias dos violões, vozes veladas,
Vagam nos velhos vórtices velozes

Dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas" [Cruz e Sousa].

5 – Encadeamento

Encadeamento – Consiste na repetição simetricamente disposta de fonemas, palavras, expressões ou um verso inteiro.

Foi recurso rítmico muitíssimo usado na poesia medieval e é frequente na poesia moderna em versos livres. Exemplos colhidos em Augusto Frederico Schmidt:

"No entanto este *motivo escolhido existe*.
Não *vejo*, esta *tristeza*, da saudade da que é *sempr*e a *Ausente*
Nem da sua graça desaparecida..." (repetição de fonema)
"*Pensei* em mortos que morreram entre indiferentes.
Pensei nas velhas mulheres..." (repetição de palavra)
"No princípio foi um balanço contínuo e vagaroso,
Depois foi descendo uma sombra indistinta,
Um grande leito surgiu e lençóis brancos como espuma
.....
No princípio foi um balanço contínuo e vagaroso" (repetição de verso).

6 – Paralelismo

Paralelismo – É a repetição de ideias mediante expressões aproximadas:

"O monstrengo que está no fim do mar
Na noite de breu ergueu-se a voar;
À roda da nau voou três vezes,
Voou três vezes a chiar,
E disse: *Quem é que ousou entrar*
Nas minhas cavernas que não desvendo,
Meus tetos negros do fim do mundo?
E o homem do leme disse, tremendo:
"El-Rei Dom João Segundo!"

"*De quem são as velas onde me roço?*
De quem as quilhas que vejo e ouço?"
Disse o monstrengo, e rodou três vezes,
Três vezes rodou imundo e grosso:
"*Quem vem poder o que eu só posso*,
Que moro onde nunca ninguém me visse
E escorro os medos do mar sem fundo?"
E o homem do leme tremeu, e disse:
"El-Rei Dom João Segundo!" (F. Pessoa).

7 – Estrofação

O poema pode conter dois ou mais versos os quais se agrupam para formar uma *estrofe*.

O costume tradicional é iniciar cada verso com letra maiúscula, qualquer que seja a sua relação sintática. Pode-se, entretanto, pôr, no início, letra minúscula, conforme a sua relação sintática com o verso precedente.

As estrofes podem ser *simples*, *compostas* e *livres*.

SIMPLES são as estrofes formadas de versos com a mesma medida.

COMPOSTAS são as que encerram versos de diferentes medidas.

LIVRES são as que admitem versos de qualquer medida.

As estrofes de dois, três, quatro, cinco, seis, oito e dez versos recebem, respectivamente, os seguintes nomes especiais: *dísticos*, *tercetos*, *quadras* (ou *quartetos*) , *quintilhas*, *sextilhas*, *oitavas* e *décimas*. As estrofes de *sete* e *nove* versos não têm nome especial.

8 – VERSO DE RITMO LIVRE

"O que chamamos impropriamente *versos livres* é uma série irregular de versos que tomados em separado são regulares" [BH.1, 427].

O verso de ritmo livre não tem número regular de sílabas, versos e estrofes, nem são uniformes e coincidentes o número e a distribuição das sílabas átonas e tônicas responsáveis pelo movimento rítmico.

O verso de ritmo livre exige do poeta uma realização tão completa quanto o verso regular. "À primeira vista, parece mais fácil de fazer do que o verso metrificado. Mas é engano. Basta dizer que no verso livre o poeta tem de criar o seu ritmo sem auxílio de fora. É como o sujeito que solto no recesso da floresta deva achar o seu caminho e sem bússola, sem vozes que de longe o orientem, sem os grãozinhos de feijão da história de João e Maria. Sem dúvida não custa nada escrever um trecho de prosa e depois distribuí-lo em linhas irregulares, obedecendo tão somente às pausas do pensamento. Mas isso nunca foi verso livre... O modernismo teve isso de catastrófico: trazendo para a nossa língua o verso livre, deu a todo o mundo a ilusão de que uma série de linhas desiguais é poema" [MB.1, II, 1282].

9 – RECITAÇÃO

"A recitação do verso, além dos requisitos exigidos para a da prosa, exige uma gesticulação adequada, sem exageros, um jogo fisionômico apropriado e que o recitalista não faça sentir demais a rima nem a cesura. No caso dos versos livres modernos é preciso descobrir o ritmo e a intenção que o poeta lhes quis dar" [AN.1, V, 108].

187 É interessante observar que Guerreiro optou pela contagem do verso até a última sílaba tônica por amor à brevidade, como declara, para evitar a "frequente repetição de *agudo*, *grave* e *esdrúxulo*, já que a última sílaba tônica basta para o verso ser

constante" (*Tratado de Versificação Portuguesa*, Lisboa, 1784, p. 6). À semelhança dos italianos e espanhóis, a contagem antiga dos versos portugueses levava sempre em conta a existência de sílaba átona depois da última tônica (a base era o verso grave).

188 O emprego antigo e ainda corrente do *mácron* (¯) para as tônicas e da *braquia* (˘) para as átonas pode confundir os conceitos de quantidade e intensidade.

189 O novo sistema ortográfico proposto não agasalha este emprego do trema.

190 "Sem isso, a sinérese, ou a crase, é anômala, porque a ressonância nasal corresponde a um travamento da sílaba e só as sílabas terminadas por vogal são propriamente *livres* e se prestam à crase ou sinérese" [MC.4, 103].

191 "(...) na leitura da poesia em que (pondo de parte o encavalgamento) o final de verso correspondente a uma cláusula (e, significativamente, a um sintagma), não é muitas vezes marcado por um silêncio, mas por algo como a combinação de uma descida de tom com um nítido prolongamento da última sílaba tônica" [HCv.2, II, 464 n. 33].

192 O. Bilac - G. Passos, Tratado de Versificação, 68-69.

193 Os versos que não rimam chamam-se *soltos* ou *brancos*.

Abreviatura de Autores e Obras Citadas

[AA] Amado Alonso

[AA.1] *Materia y Forma en Poesía*. Madrid, Gredos, 1952.

[AAr] Afonso Arinos

[AAr.1] *Pelo Sertão*. Rio de Janeiro, Garnier, 1915.

[AAr.2] *História e Paisagens*. Rio de Janeiro, Garnier, 1921.

[AAz] Aluísio Azevedo

[AB] Andreas Blinkenberg

[AB.1] *L'Ordre des Mots en Français Moderne*, 2 vols. Copenhague, Hørst, 1928.

[ABo] Amini Boainain Hauy

[ABo.1] *Da Necessidade de uma Gramática-Padrão da Língua Portuguesa*. São Paulo, Ática, 1983.

[AC] Antônio Feliciano de Castilho

[AC.1] *Tradução dos Fastos de Ovidio*, 3 vols. Lisboa, 1862.

[AC.2] *Quadros Históricos*. Lisboa, 1864.

[AC.3] *As Sabichonas – Trad. do Teatro de Molière*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1928.

[AC.4] *Misantropo – Trad. do Teatro de Molière*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1924.

[AC.5] *Tratado de Metrificação Portuguesa*, 3.ª ed. Lisboa, 1889.

[AC.6] *Sonho de uma Noite de S. João*. Porto, 1874.

[AC.7] *Rev. Lisbonense* nº 24.

[AC.8] *Livraria Clássica – Padre Manuel Bernardes*, 2 vols. Lisboa, 1865.

[AC.9] *As Geórgicas de Vergílio* , 2.ª ed. anotada por Otoniel Mota. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1938.

[AC.10] *Felicidade pela Agricultura*. Ponta Delgada, 1849.

[AC.11] *Colóquios Aldeãos*, 2.ª ed. Lisboa, 1872.

[ACo] Adolfo Coelho

[ACo.1] *Noções Elementares de Gramática Portuguesa*. Porto, Lemos Editora, 1891.

[ACo.2] *A Língua Portuguesa*, 3.ª ed. Porto, Magalhães-Moniz Editora, 1896.

[ACt] Armando Cortesão

[ACt.1] *Cartas à Mocidade.* Lisboa, 1954.

[AE] M. Alvar Ezquerra

[AE.1] *La Formación de Palabras en Español*. Madrid, Arcos Libros, 1996.

[AF] Antônio Ferreira

[AF.1] *Poemas Lusitanos*. Lisboa, Sá da Costa.

[AF.2] *A Castro*, ed. Sousa da Silveira. In *Textos Quinhentistas*.

[AFg] Antero de Figueiredo

[AFg.1] *O Último Olhar de N. Senhora*. Lisboa, Bertrand, 1944.

[AG] A. Guimarães

[AGa] Almeida Garrett

[AGa.1] *Romanceiro*. In *Obras Completas*. Ed. Teófilo Braga. 2 vols. Lisboa, 1904.

[AGa.2] *Da Educação*. In *Obras Completas*.

[AGa.3] *Camões*, 3.ª ed. Lisboa, Imprensa Nacional, 1944.

[AGa.4] *Viagens na minha Terra*, ed. Estanco Louro. Lisboa, F. Franco, 1934.

[AGa.5] *Tio Simplício* in *Obras Completas*.

[AGo] Alfredo Gomes

[AGo.1] *Gramática Portuguesa*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1930.

[AGr] Antoine Grégoire

[AGr.1] *Petit Traité de Linguistique*. Paris, Delagrave, 1923.

[AH] Alexandre Herculano

[AH.1] *Eurico*. Lisboa, 1876.

[AH.2] *Fragmentos Literários*, ed. de A. Leite. Rio de Janeiro, Sauer, 1921.

[AH.3] *O Bobo*. Lisboa, 1878

[AH.4] *Lendas e Narrativas*, 2 vols. Lisboa, 1876.

[AH.5] *O Monge de Cister*, ed. dirigida por David Lopes. Lisboa, Aillaud, s/d.

[AH.6] *História de Portugal*, ed. dirigida por David Lopes. Lisboa, Aillaud, 1914.

[AH.7] *Opúsculos*, ed. dirigida por David Lopes, 1878.

[AK] Adriano da Gama Kury

[AK.1] *Novas Lições de Análise Sintática*, 6.ª ed. São Paulo, Ática, 1993.

[AK.2] *Elaboração e Editoração de Trabalhos de Nível Universitário*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1987.

[AK.3] Normas de Editoração. Vide [AK.2].

[AL] Emilio Alarcos Llorach

[AL.1] *Gramatica de la Lengua Española*, 4.ª ed. Madrid, Espasa Calpe, 1994.

[AL.2] *Estudios de Gramática Funcional del Español*, 3.ª ed. Madrid, Gredos, 1976.

[ALb] Alf Lombard

[ALb.1] *L'Infinitif de Narration dans les Langues Romanes*. Upsala-Leipzig, 1911.

[AM] Aníbal Machado

[AM.1] *Vida Feliz*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1944.

[AN] Antenor Nascentes

[AN.1] *O Idioma Nacional*, 5 vols. Rio, 1919. 3.ª ed. S.Paulo, Ed. Nacional, 1957.

[AN.2] *O Problema da Regência*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1960.

[AN.3] *Dificuldades de Análise Sintática*. Rio de Janeiro, 1959.

[AN.4] *O Linguajar Carioca*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1963.

[ANb] Antônio Nobre

[ANb.1] *Só*, ed. Vitório Nemésio. Lisboa, Bertrand, 1947.

[AO] Alberto de Oliveira

[AO.1] *Mil Trovas*. Lisboa, Livraria Clássica Ed., 1945.

[AOl] Alberto de Oliveira

[AOl.2] *Poesias*, 4 séries. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1912.

[AP] Afonso Pena Jr.

[AP.1] *A Arte de Furtar e o seu Autor*. 2 vols. Rio de Janeiro, José Olympio Ed.,1946.

[APa] Antônio de Pádua

[APa.1] *Notas de Estilística*. Rio de Janeiro, Org. Simões, s/d.

[APg] Antonino Pagliaro

[APg.1] *A Vida do Sinal*, trad. Aníbal Pinto de Castro. Lisboa, Fund. Calouste Gulbenkian, 1965.

[AR] Aquilino Ribeiro

[AR.1] *Jardim de Tormenta*. Lisboa, Ailland (??), 1919.

[AS] Antônio Sandmann

[AS.1] *Formação de Palavras no Português Brasileiro Contemporâneo*. Curitiba, Scientia et Labor/ Ícone, 1989.

[AV] Pe. Antônio Vieira

[AV.1] *Sermões*, ed. fac-similada. São Paulo, Anchieta, 1945.

[AVi] Antonio Vilarnovo Caamaño

[AVi.1] *Lógica y Lenguaje en Eugenio Coseriu*. Madrid, Gredos, 1997.

[BBo] José M. Barbosa du Bocage

[BBo.1] *Poesias*. 5 vols., ed. Rebelo da Silva. Lisboa, A. Lopes, 1853.

[BC] Andrés Bello-Rufino J. Cuervo

[BC.1] *Gramática de la Lengua Castelhana*. Paris, Roger-Chervoviz, 1903.

[BD] Karl Brugmann-Berthold Delbruck

[BD.1] *Grundriss der vergleichenden Grammatik der indogermanischen Sprachen*. L. Aufl.

[BH] Ch. Bruneau-M. Heulluy

[BH.1] *Grammaire Pratique de la Langue Française*. Paris, Delagrave, 1937.

[BM] Bertil Malmberg

[BM.1] *La Phonétique*. Paris, PUF, 1962.

[BP] Bernard Pottier

[BP.1] *Linguística General. Teoría y Descripción*, trad. esp. Madrid, Gredos, 1977.

[CA] Casimiro de Abreu

[CA.1] *Obras de Casimiro de Abreu*, 2.ª ed. anotada por S. da Silveira. Rio de Janeiro, MEC-Casa de Rui Barbosa, 1955.

[CAl] Cesar H. Alonso

[CAl.1] *Gramática Funcional del Español*, 2.ª ed. Madrid, Gredos, 1986.

[CAv] Castro Alves

[CAv.1] *Obras Completas*, 2 vols., ed. Afrânio Peixoto. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1921.

[CAz] José Carlos Azeredo

[CAz] Revendo Análises: A descrição sintática e seu ensino In *Língua e Linguagem em Questão*. Org. Maria Teresa G. Pereira. Rio de Janeiro, EDUERJ, 1997.

[CB] Charles Bally

[CB.1] *Le Langage et la Vie*, 3.ª ed. Paris, Payot.

[CB.2] *Linguistique Générale et Linguistique Française*, 3.ª ed. Framke, Berne, 1954.

[CBd] Cláudio Brandão

[CBd.1] *O Particípio Presente e o Gerúndio em Português*. Belo Horizonte, 1933.

[CBd.2] *Sintaxe Clássica Portuguesa*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1961.

[CBr] Camilo Castelo Branco

[CBr.1] *A Queda de um Anjo*, ed. de P. A. Pinto. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1953.

[CBr.2] *Bohemia do Espírito*, 1.ª ed. Porto, Livr. Civilização, 1886.

[CBr.3] *Correspondência Epistolar*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.4] *Carlota Ângela*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.5] *A Bruxa de Monte Córdova*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.6] *O Bem e o Mal*, ed. M. Casassanta. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1955.

[CBr.7] *Cem Cartas*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa.

[CBr.8] *A Morgada de Romariz*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.9] *A Neta do Arcediago*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.10] *Memórias do Cárcere*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d

[CBr.11] *Os Brilhantes do Brasileiro*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.12] *O Senhor do Paço dos Ninhães*, ed. Júlio Nogueira. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1955.

[CBr.13] *O Vinho do Porto*, 1.ª ed. Porto, Livr. Civilização, 1844.

[CBr.14] *Justiça*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa.

[CC] Luís da Câmara Cascudo

[CC.1] *Contos Tradicionais do Brasil*. Rio de Janeiro, Americ. Edit., 1942.

[CCh] Celso Cunha - Lindley Cintra

[CCh.1] *Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa, João Sá da Costa, 1984.

[CCh.2] *Estudos de Poética Trovadoresca*. Rio de Janeiro, INL.

[CDa] Carlos Drummond de Andrade

[CDa.1] *O Poder*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1973.

[CF] Cândido de Figueiredo

[CF.1] *Combate sem Sangue*. Lisboa, 1923.

[CG] Carlos Góis

[CG.1] *Sintaxe de Regência*, 4.ª ed. Rio de Janeiro, 1924.

[CJ] Cândido Jucá (filho)

[CJ.1] *As Categorias Gramaticais*. Rio de Janeiro, 1957.

[CL] Carlos de Laet

[CL.1] *Obras Seletas*, 3 vols. Rio de Janeiro, Fund. Casa de Rui Barbosa, 1983.

[CLu] Celso Pedro Luft

[CLu.1] *Dicionário Prático de Regência Verbal*. São Paulo, Ática, 1996.

[CN] Coelho Neto

[CN.1] *Apólogos.* Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1945.

[CP] Eduardo Carlos Pereira

[CP.1] *Gramática Expositiva* (curso superior), 81.ª ed. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1951.

[CR] Ernesto Carneiro Ribeiro

[CR.1] *Serões Gramaticais*, 2.ªed. Bahia, 1902.

[CR.2] *Redação do Projeto do Código Civil* [Tréplica]. Bahia, Of. Dois Mundos,1905

[CS] Cruz e Sousa

[CS.1] *Obras Completas*, 2 vols., ed. de Nestor Vítor, R. Janeiro, Anuário do Brasil.

[CS.2] *Últimos Sonetos*, ed. e notas de A. da Gama Kury. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa.

[DG] Francisco Dias Gomes

[DG.1] *Obras Poéticas*. Lisboa, ed. da Academia. 1779.

[DN] Dag Norberg

[DN.1] *Syntaktische Forschungen auf dem Gebiete des Spätlateins und des fruhen Mittellateins*. Upsala, 1943.

[EB] Evanildo Bechara

[EB.1] *Estudos sobre os Meios de Expressão do Pensamento Concessivo em Português*. Rio de Janeiro, 1954.

[EBc] Edouard Bourciez

[EBe.1] *Éléments de Linguistique Romane*, 4.ª ed. Paris, 1946.

[EBm] Eneida Bonfim

[EBm.1] *Advérbios*. São Paulo, Ática, 1988.

[EBv] Emile Benveniste

[EBv.1] *Problemas de Linguística Geral* (trad. bras.). São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1976.

[EBv.2] *Problemas de Linguística Geral* (trad. bras.). São Paulo, Pontes, 1989.

[EC] Euclides da Cunha

[EC.1] *Os Sertões*, 2ª ed. Rio de Janeiro, Laemmert, 1903.

[ECs] Eugenio Coseriu

[ECs.1] *Teoría del Lenguaje y Linguística General*. Madrid, Gredos, 1973.

[ECs.2] *Sincronía, Diacronía e Historia* (El Problema del Cambio Linguístico). Madrid, Gredos, 1973.

[ECs.3] *Linguística Testuale*. Roma, Boringhiere, 1997.
[ECs.4] *Lecciones de Linguística General*. Madrid, Gredos, 1981.

[ECs.5] *Principes de Syntaxe Fonctionnelle*. Strabourg-Nancy, Klincksieck, 1989.

[ECs.6] *Introducción a la Linguística*. Madrid, Gredos, 1986.

[ECs.7] *Gramática, Semántica, Universales*. Madrid, Gredos, 1978.

[ECs.8] *Competencia Linguística*. Madrid, Gredos, 1992.

[ECs.9] *El Sistema Verbal Románico*. México, Siglo Veinteuno, 1996. Versão em parte reduzida de *Das romanische Verbalsystem*. Tubingen, Verlag Gunter Narr, 1976.

[ECs.10] *Tradición y Novedad en la Ciencia del Lenguaje*. Madrid, Gredos, 1977.

[ECs.11] *Estudios de Linguística Románica*. Madrid, Gredos, 1977.

[ECs.12] *Principios de Semántica Estrutural*. Madrid, Gredos, 1977.

[ECs.13] "O Meu Saussure". In *Confluência*, 14: 33-36, 1997.

[ECs.14] *El Hombre y su Lenguaje*. Madrid, Gredos, 1977.

[ECs.15] "Fundamentos e Tarefas da Sócio e Etnolinguística". In *Atas do 1º Congresso de Sócio e Etnolinguística*, João Pessoa, UFParaíba, 1990.

[ED] Epifânio Dias

[ED.1] *Gramática Portuguesa Elementar*, 12.ª ed. Lisboa, A.F. Machado Editor, 1905.

[ED.2] *Sintaxe Histórica Portuguesa*, 5.ª ed. Livraria Clássica Editora, 1970.

[EG] Ernst Gamillscheg

[EG.1] *Französische Bedeutungslehre.* Tubingen, Niemeyer, 1951.

[EM] Alfred Ernout-Antoine Meillet

[EM.1] *Dictionnaire Etymologique de la Langue Latine*, 4.ª ed. Paris.

[EN] Eugene Nida

[EN.1] *Morphology*, 2.ª ed. Baltimore, Ann Arbor, 1961.

[EQ] Eça de Queirós

[EQ.1] *A Cidade e as Serras*. Porto, Chardron, 1921.

[EQ.2] *Primo Basílio*. Porto, Chardron, 1909.

[EQ.3] *Os Maias*, 2.ª ed. Porto, Chardron, 1921.

[EQ.4] *Contos*. Porto, Chardron, 1920.

[EQ.5] *A Correspondência de Fradique Mendes*. Porto, Chardron, 1900.

[ER] Elise Richter

[ER.1] *Wie wir sprechen*. Leipzig, Teubner, 1912.

[ES] Eduard Sapir

[ES.1] *A Linguagem*, trad. J. Mattoso Câmara Jr., Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica.

[EV] Mª Victoria Escandell Vidal

[EV.1] *Los Complementos del Nombre*. Madrid, Arcos Libros, 1995.

[EVm] Érico Veríssimo

[FB] Fausto Barreto

[FB.1] *Antologia Nacional*, 7.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1915.

[FBl] Franz Blatt

[FBl.1] *Précis de Syntaxe Latine*, Paris, Ed. IAC, 1952.

[FBr] Ferdinand Brunot

[FBr.1] *La Pensée et la Langue*, 3.ª ed. Paris, Nasson, 1953.

[FC] Firmino Costa

[FC.1] *Léxico Gramatical*. São Paulo, Melhoramentos, s/d.

[FDz] Friederic Diez

[FDz.1] *Grammaire des Langues Romanes*, 3 vols., 3.ª ed. Paris, Viewew, 1874-76.

[FE] Filinto Elísio

[FE.1] *Vidas e Feitos d'El-Rei D. Manuel*, 2 vols. Porto, 1946.

[FE.2] *Obras Completas*, 11 vols., ed. Paris, Of. A. Bobée, 1817-1819.

[FF] Francisco José Freire

[FH] Frederico Hanssen

[FH.1] *Gramática Histórica de la Lengua Castelhana*. Halle, Niemeyer, 1913.

[FP] Fernando Pessoa

[FP.1] *Mensagem*, ed. Ivo Castro.

[FT] Franklin Távaro

[FT.1] *O Cabeleira*, 2.ª ed., Rio de Janeiro, Tip. Nacional, 1876.

[FV] Fagundes Varela

[GD] Gonçalves Dias

[GD.1] *Juca Pirama* in *Obras Poéticas*.

[GD.2] *Tabira* in *Obras Poéticas*.

[GD.3] *Obras Poéticas*, ed. M. Bandeira, 2 vols. São Paulo, Cia. Editora Nacional.

[GG] Samuel Gili Gaya

[GG.1] *Curso Superior de Sintáxis Española*, 2.ª ed. Barcelona, 1948.

[GGh] Georges Gougenheim

[GGh.1] *Système Gramatical de la Langue Française*. Paris, D'Artrey-D'Artrey, 1939.

[GJ] Guerra Junqueira

[GJ.1] *Os Simples*. Lisboa, 1920.

[GM] Gladstone Chaves de Melo

[GM.1] *Gramática Fundamental da Língua Portuguesa*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Livraria Padrão, 1970.

[GM.2] *Excelências Vernáculas de Gonçalves Dias*. Rio de Janeiro, Livraria Padrão, 1986.

[GR] J. Guimarães Rosa

[GR.1] *Sagarana*, 10.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1968.

[GrR] Graciliano Ramos

[GrR.1] *Infância*, 5.ª ed.. São Paulo, Martins Editora, 1961.

[GrR.2] *São Bernardo*, 3ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora.

[HB] Mª Lluísa Hernanz-José Mª Brucart

[HB.1] *La Sintáxis. Principios Teóricos. La oración simple*. Barcelona, Editora Crítica, 1987.

[HC] Humberto de Campos

[HC.1] *Sombras que Sofrem*. São Paulo, Editora Jackson, 1945.

[HC.2] *Memórias*, 2 vols. São Paulo, Editora Jackson, 1945.

[HCv] J. G. Herculano de Carvalho

[HCv.1] *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa, Editora Verbo.

[HCv.2] *Teoria da Linguagem*, 6.ª ed., I. Coimbra, Coimbra Editora, 1983.

[HCv.3] *Teoria da Linguagem*, 4.ª reimpr., II. Coimbra, Coimbra Editora, 1984.

[HCv.4] *Estudos Linguísticos*, vol. III. Coimbra, Coimbra Editora, 1984.

[HG] Heráclito Graça

[HG.1] *Factos da Linguagem*. Rio de Janeiro, Viúva Azevedo, 1904.

[HGe] Hørst Geckeler

[HGe.1] *Semántica Estrutural y Teoría del Campo Léxico*. Madrid, Gredos, 1987.

[HM] Harri Meier

[HM.1] *Ensaios de Filologia Românica*. Lisboa, Rev. de Portugal, 1948.

[HR] Horácio Rolim de Freitas

[HR.1] *Princípios de Morfologia*, 4.ª ed. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1997.

[HS] Holger Stein

[HS.1] *Les Particularités de la Langue Portugaise*. Copenhague, 1944.

[JA] José de Alencar

[JA.1] *Sertanejo*. In *Obra Completa*, 2.ª ed., 5 vols., Rio de Janeiro, Aguilar, 1965.

[JA.2] *O Guarani*. In *Obra Completa*.

[JA.3] *Iracema*. In *Obra Completa.*

[JCo] Jacinto de Prado Coelho

[JCo.1] *A Educação do Sentimento Poético*, *Coimbra*, Coimbra Edit., 1944.

[JCR] Jacinto Corte-Real

[JCR.1] *Naufrágio de Sepúlveda*. Lisboa, Tip. Rolandiana, 1842.

[JD] João de Deus

[JDe] J. Deely

[JDe.1] *Semiótica Básica*. São Paulo, Ática, 1994.

[JF] Jackson de Figueiredo

[JL] José Lins do Rego

[JL.1] *Riacho Doce*, 1.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1939.

[JL.2] *Água Mãe*, 1.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1941.

[JL.3] *Bangue*, 6.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1966.

[JLy] John Lyons

[JLy] *Introdução à Linguística Teórica*, trad. bras. de Rosa Virgínia M. e Silva e Helio Pimentel, revista por Isaac Salum. São Paulo, 1979.

[JM] Júlio Moreira

[JM.1] *Estudos da Língua Portuguesa*, 2 vols. Lisboa, 1907-1913.

[JMa] Johan Nicolau Madvig

[JMa.1] *Grammatica Latina*, trad. de A. Epifânio Dias. Porto, Tip. M. Pereira, 1872.

[JO] José Oiticica

[JO.1] *Manual de Análise Léxica e Sintática*, 6.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1942.

[JO.2] *Sonetos*, 1911.

[JO.3] in *Rev. Filológica*, n.º 29, Rio de Janeiro.

[JO.4] in *Revista Filológica*, n.º 16, Rio de Janeiro.

[JR] João Ribeiro

[JR.1] *Gramática Portuguesa*, 21.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1921.

[JR.2] *Floresta de Exemplos*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1959.

[JR.3] *Fabordão*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1964.

[JR.4] *Autores Contemporâneos*, 15.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1926.

[JR.5] *Seleta Clássica*, 4.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves.

[JR.6] *Cartas Devolvidas*. Lisboa.

[JV] Jules Vendryes

[JV.1] *Le Langage*, 2.ª ed. Paris, Albin, 1925.

[KB] Karl Brugmann

[KB.1] *Abregé de Grammaire Comparée des Langues Indo-Européennes*. Paris, 1905.

[KN] Kristofer Nyrop

[KN.1] *Grammaire Historique de la Langue Française*, V, 6 vols. Copenhague, 1935.

[LB] Lima Barreto

[LB.1] *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, 1.ª ed. Rio de Janeiro, 1915.

[LB.2] *Vida e Morte de Gonzaga de Sá*, 1.ª ed. Rio de Janeiro, 1919.

[LB.3] *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, 2.ª ed. Rio de Janeiro.

[LBl] Leonard Bloomfield

[LBl.1] *Language*, New York, Henry Holt, 1941.

[LC] Luís de Camões

[LC.1] *Os Lusíadas*, 2.ª ed. anotada por A. Epifânio Dias.

[LC.2] *Rimas*, ed. anotada por A. da Costa Pimpão.

[LCa] Lúcio Cardoso

[LCa.1] *Crônica da Casa Assassinada*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Edit. Letras e Artes, 1963.

[LCi] Luís Felipe Lindley Cintra

[LCi.1] *Formas de Tratamento na Língua Portuguesa*. Lisboa, 1972.

[LCo] Latino Coelho

[LCo.1] *História Política e Militar de Portugal*. Lisboa.

[LCo.2] *República e Monarquia*. Lisboa.

[LCr] F. Lázaro Carreter

[LCr.1] *Diccionario de Términos Filológicos*, 3.ª ed. Madrid, Gredos, 1968.

[LG] Luís Guimarães Jr.

[LM] Leonardo Mota

[LR] Léonce Roudet

[LR.1] *Éléments de Phonétique Générale*. Paris, H. Walter, 1911.

[LS] Frei Luís de Sousa

[LS.1] *A Vida de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires*, 2 vol., Lisboa, 1818.

[LSp] Leo Spitzer

[LSp.1] "Le Langage-éco". In *Boletim de Filologia*, V. Lisboa.

[LSp.2] *Attributives Gerundium* in *Zfr. Sprache und Literatur*, vol. L.

[LV] José Leite de Vasconcelos

[LV.1] *Lições de Filologia Portuguesa*, 2.ª ed. Lisboa, 1926.

[LV.2] *Opúsculos*, 7 vols. Lisboa, Imprensa da Universidade.

[MA] Machado de Assis

[MA.1] *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, 4.ª ed., Garnier, 1899.

[MA.2] *Várias Histórias*, 2.ª ed., Garnier, 1896.

[MA.3] *Quincas Borba*, Editora Garnier, 1909.

[MA.4] *D. Casmurro*, Editora Garnier, 1899.

[MA.5] *Papéis Avulsos*, Editora Garnier, 1882.

[MA.6] *Contos Fluminenses*, Editora Garnier, 1899.

[MA.7] *Memorial de Aires*, Editora Garnier, 1908.

[MA.8] *Esaú e Jacó*, Editora Garnier, 1904.

[MA.9] *Histórias sem Data*, Editora Garnier, 1884.

[MAg] Martinz de Aguiar

[MAg.1] *Notas de Português de Filinto e Odorico*. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1953.

[MAg.2] *Notas e Estudos de Português*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Fund. Getúlio Vargas.

[MAg.3] *Repasse Crítico da Gramática Portuguesa*, 2.ª ed. Fortaleza, Casa José de Alencar – Univ. do Ceará, 1996.

[MAn] Mário de Andrade

[MB] Manuel Bandeira

[MB.1] *Poesia e Prosa*, 2 vols. Rio de Janeiro, Aguilar, 1958.

[MB.2] *Andorinha, Andorinha*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1966.

[MB.3] Versificação Portuguesa. In *Enciclopédia Delta-Larousse*.
[MBa] Mário Barreto

[MBa.1] *Novos Estudos da Língua Portuguesa*, 3.ª ed., Rio de Janeiro, Presença, 1980.

[MBa.2] *Últimos Estudos da Língua Portuguesa*, 2.ª ed.. Rio de Janeiro, Presença, 1986.

[MBa.3] *Novíssimos Estudos da Língua Portuguesa*, 3.ª ed., 1980.

[MBa.4] *Através do Dicionário e da Gramática*, 3.ª ed., 1986.

[MBa.5] *De Gramática e de Linguagem*, 3.ª ed., 1982.

[MBa.6] *Cartas Persas de Montesquieu*, trad. de MBa, Editora Garnier, 1923.

[MBa.7] *Factos da Língua Portuguesa*, 3.ª ed., 1982.

[MBe] Pe. Manuel Bernardes

[MBe.1] *Nova Floresta*, ed. fac-similada da 1.ª. São Paulo, Anchieta, 1945.

[MBe.2] *Luz e Calor*, ed. fac-similada da 1.ª. São Paulo, Anchieta, 1945.

[MBr] Michel Bréal

[MBr.1] *Essai de Sémantique*, 3.ª ed. Paris, Hachette, 1903.

[MBs] Margarida Basílio

[MBs.1] *Teoria Lexical*. São Paulo, Ática, 1987.

[MC] J. Mattoso Câmara Jr.

[MC.1] *Princípios de Linguística Geral*, 4.ª ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica.

[MC.2] *Teoria da Análise Léxica*. Rio de Janeiro, Aquarone, 1956.

[MC.3] *Gramática*, 3.ª e 4.ª séries, R. Janeiro, Briguiet, 1956.

[MC.4] *Dicionário de Linguística e Gramática*. Petrópolis, Vozes, 1977.

[MC.5] *Elementos da Língua Pátria*, 2.ª ed., 4 vols. Rio de Janeiro, Briguiet, 1938.

[MC.6] Noções de Estilística. In *Littera*, Rio de Janeiro, Grifo.

[MC.7] *Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa*, 2.ª ed, R. Janeiro, Padrão, 1977.

[MC.8] *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Padrão.

[MG] R. F. Mansur Guérios

[MG.1] *Tabus Linguísticos*. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1979.

[ML] Monteiro Lobato

[ML.1] *Cidades Mortas*. São Paulo, Editora Brasileira.

[MLe] Mendes Leal

[MLk] W. Meyer Lubke

[MLk.1] *Grammaire des Langues Romanes*, 4 vols., trad. fr. de Doutrefont e Rabiet. New York, Stechert, 1923.

[MM] Marquês de Maricá

[MM.1] *Máximas do Marquês de Maricá*, ed. anotada por Sousa da Silveira. Rio de Janeiro, MEC/Casa de Rui Barbosa, 1958.

[MMa] Maximino Maciel

[MMa.1] *Gramática Descritiva*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1923.

[MMa.2] *Lições Elementares de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1923.

[MMc] Aires da Mata Machado Filho

[MMc.1] *Nos Domínios do Vocabulário*. São Paulo, Boa Leitura Ed., s/d.

[MMe] Francisco Manuel de Mello

[MMe.1] *Feira de Anexins*, ed. Inocêncio, Lisboa, 1876.

[MP] Martins Pena

[MP.1] *Teatro*, ed. Darcy Damasceno.

[MPz] Marcial Morera Perez

[MPz.1] *Semántica del Sistema Preposicional del Español Moderno y sus Campos de Uso*. Puerto del Rosário, 1988.

[MR] Moritz Regula

[MR.1] *Grammaire Française Explicative*. Berne, Francke Verlag, 1952.

[MV] Mário Vilela

[MV.1] *Estruturas Léxicas do Português*. Coimbra, Almedina, 1979.

[MV.2] *Gramática de Valências: teoria e aplicação*. Coimbra, Almedina, 1992.

[NC] Nina Catach

[NC.1] *La Pontuaction*. Paris, PUF, 1994.

[NE] Hans Nilsson-Ehle

[NE.1] *Les Adverbes en -ment Compléments d'un Verbe*. Lund-Leipzig, 1941.

[NT] T. Navarro Tomás

[NT.1] *Manual de Pronunciación Española*, 4.ª ed. Madrid, Hernando, 1933.

[NT.2] *Arte del Verso*, 5.ª ed. México, Málaga Editora, 1971.

[OB] Olavo Bilac

[OB.1] Avatar. In *Poesias*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1902.

[OG] Othon Moacir Garcia

[OG.1] *Comunicação em Prosa Moderna*. Rio de Janeiro, Fund. Getúlio Vargas, 1967.

[OJ] Otto Jespersen

[OJ.1] *Negation in English and other Languages*. Copenhague, Bianco Lunos, 1917.

[OM] Manuel Odorico Mendes

[OM.1] *Eneida Brasileira*. Paris, Tip. de Rignouse, 1854.

[PA] Manuel de Araújo Porto-Alegre

[PA.1] *Colombo*. Rio de Janeiro, 1892.

[PAd] Pedro Adrião

[PAd.1] *Tradições Clássicas da Língua Portuguesa*. Porto Alegre, 1945.

[PC] Pinheiro Chagas

[PD] Porto Dapena

[PD.1] *Complementos Argumentales del Verbo: directo, indirecto, suplemento y agente* . Madrid, Arcos Libros, 1992.

[PDo] Conde Pinheiro Domingues

[PDo.1] "Variação de Gênero em Português". In *Revista de Cultura*. Petrópolis, 1932.

[PDo.2] João Curioso [pseudônimo] *Camilo e a Caturrice dos Puristas*, I. Rio de Janeiro, 1924.

[PL] Pacheco da Silva Jr. e Lameira de Andrade

[PL] *Gramática da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, 1887.

[PJ] Pacheco da Silva Júnior

[PJ.1] *Noções de Semântica*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1903.

[PP] Pedro Augusto Pinto

[PR] Ernesto de Paiva Raposo

[PR.1] *Introdução à Gramática Generativa. Sintaxe do Português*, 2.ª ed. Lisboa, Moraes Editora, 1983.

[PS] Paulino de Sousa

[PS.1] *Grammaire Portugaise*. Paris, Garnier, 1896.

[RB] Rui Barbosa

[RB.1] *Réplica*, 1.ª ed., Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1904.

[RB.2] *Oração aos Moços*, ed. de Rocha Lima.

[RB.3] *Discurso no Colégio Anchieta*, ed. Casa de Rui Barbosa.

[RB.4] *Parecer*, I, ed. Casa de Rui Barbosa, 1990.

[RBa] Raimundo Barbadinho Neto

[RBa.1] *Em Busca da Verdade da Língua*: Dois Estudos

[RBa.2] *Sobre a Norma Literária do Modernismo*. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1977.

[RC] Raimundo Correia

[RC.1] *Poesias*. Lisboa.

[RCo] Ribeiro Couto

[RCo.1] *Conversa Inocente*. Rio de Janeiro, 1946.

[RD] Santa Rita Durão

[RD.1] *Caramuru*, ed. Academia Brasileira de Letras.

[RG] F. Rebelo Gonçalves

[RG.1] *Tratado de Ortografia da Língua Portuguesa*. Coimbra, Atlântida, 1947.

[RL] C. Henrique da Rocha Lima

[RL.1] *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, 37.ª ed., José Olympio Editora, 1992.

[RLb] Rodrigues Lobo

[RLb.1] *O Pastor Peregrino*. Lisboa, 1906.

[RLp] Manuel Rodrigues Lapa

[RLp.1] *Estilística da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica.

[RLz] Rodolfo Lenz

[RLz.1] *La Oración y sus Partes*, 3.ª ed. Madrid, Centro de Estudios Históricos, 1935.

[RP] Raul Pompéia

[RQ] Rachel de Queiroz

[RQ.1] *O Brasileiro Perplexo*. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1963.

[RS] Augusto Rebelo da Silva

[RS.1] *Contos e Lendas*. Lisboa, 1873

[RS.2] *História de Portugal*, 1.ª ed., 5 vols.

[RS.3] *A Mocidade de D. João V*, 3.ª ed., 3 vols. Lisboa.

[RT] Graça Maria Rio-Torto

[RT.1] Sistêmica e Pragmática dos Sufixos Avaliativos. In *Rev. Portuguesa de Filologia*, vol. 21. Coimbra, 1996-7, 203-228.

[RT.2] Operações e Paradigmas Genolexicais do Português. In *Filologia e Linguística* n.º 2, 39-60. São Paulo, Humanitas/USP, 1998.

[RV] A. G. Ribeiro de Vasconcelos

[RV.1] *Gramática Portuguesa*. Lisboa-Rio de Janeiro, s/d.

[SA] Manuel Said Ali

[SA.1] *Dificuldades da Língua Portuguesa*, 5.ª ed. preparada por Maximiano de Carvalho e Silva. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1957.

[SA.2] *Gramática Secundária da Língua Portuguesa*, 4.ª ed. São Paulo, Melhoramentos.

[SA.3] *Versificação Portuguesa*. Rio de Janeiro, INL, 1949.

[SA.4] *Meios de Expressão e Alterações Semânticas*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1930.

[SA.5] *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, 2.ª ed. São Paulo, Melhoramentos, s/d [1931].

[SA.6] Colocação de Pronomes. In *Revista Americana*, II.

[SL] Mário Pereira de Sousa Lima

[SL.1] *Gramática Portuguesa*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1945.

[SR] Silva Ramos

[SR.1] artigo in *Revista de Cultura* nº22.

[SS] Álvaro F. de Sousa da Silveira

[SS.1] *Lições de Português*, 6.ª ed. preparada por Maximiano de Carvalho e Silva.

[SS.2] *Fonética Sintática*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Fund. Getúlio Vargas, 1971.

[SS.3] *Trechos Seletos*, 7.ª ed. Rio de Janeiro, Briguiet, 1963.

[SS.4] *Obras de Casimiro de Abreu*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, MEC/Casa de Rui Barbosa, 1955.

[SS.5] Um Verso Obscuro dos Lusíadas. In *Revista de Philosofia e de História*, tomo II. Rio de Janeiro, 1934, 374-377.

[SS.6] Notas sobre os Pronomes Se e Ele. In *Revista de Cultura*, ano 17, jun. 1943, 265-268.

[SU] S. Ulmann

[SU.1] *Semántica*, trad. port., Lisboa, Fund. Calouste Gulbenkian, 1977.

[TG] Tomás Antônio Gonzaga

[TG.1] *Poesias*, ed. M. Rodrigues Lapa.

[TM] Theodoro Henrique Maurer

[TM.1] *Dois Problemas da Língua Portuguesa*. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1954.

[VB] Vittório E. Bergo

[VB.1] *Concorrência Pleonástica da Preposição com o Prefixo*. Tese de Concurso, 1945.

[VBr] Viggo Brøndal

[VBr.1] *Théorie des Prépositions*. Copenhague, Munksgaard, 1950.

[VC] Vicente de Carvalho

[VK] Valter Kehdi

[VK.1] *A Construção do Verbo Ser*. São Paulo, GEL, 1985.

[VK.2] *Morfemas do Português*. São Paulo, Ática, 1989.

[VK.3] *Formação de Palavras em Português*. São Paulo, Ática, 1990.

[VK.4] Complemento Nominal: Problemas de Caracterização. In *Confluência*, 5/1993, 60-65.

[VV] Verkko Väänänen

[VV.1] *Il est venu comme ambassadeur, il agit en soldat*. Helsinke, 1951.

[WZ] Walther von Wartburg-Paul Zumptor

[WZ.1] *Précis de Syntaxe du Français Contemporain*. Berne, Francke, 1973.

[YM] Yakob Malquiel

[YM.1] Los Interfijos Hispánicos. In *Miscelanea Martinet*, II, Canárias, 1958.

DO MESMO AUTOR

A nova ortografia

Evanildo Bechara

O livro que responde a todas as suas dúvidas, com comentários, histórico dos acordos, além de uma Nota Explicativa da Comissão responsável pelo Acordo Ortográfico.

O que muda com o novo Acordo Ortográfico

Evanildo Bechara

Guia prático e completo das mudanças estabelecidas pelo novo Acordo Ortográfico, elaborado de forma clara e didática pelo grande gramático e lexicógrafo da língua portuguesa. Um manual fácil de ser consultado, que vai esclarecer todas as suas dúvidas relacionadas à nova ortografia.

Gramática Escolar da Língua Portuguesa

Evanildo Bechara

Com exercícios ao final de cada capítulo. Inclui capítulo especial sobre compreensão e interpretação de textos. Índice de assuntos, para auxiliar a consulta dos leitores.

Anexo encarte com as respostas aos exercícios propostos. Indicada para o ensino médio e preparatórios para concursos.

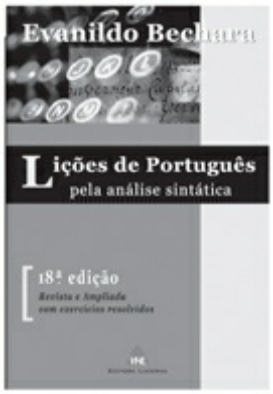

Lições de Português pela Análise Sintática

Evanildo Bechara

Inclui rica seleção de exercícios rigorosamente ordenados, partindo dos fatos idiomáticos mais simples para os mais complexos. Nesta nova edição, esses exercícios vêm resolvidos, para permitir ao leitor constante e proveitoso diálogo com o autor.

Produção editorial
Daniele Cajueiro
Shahira Mahmud
Janaína Senna

Revisão
Glória Braga Onelley
Mariana Elia

Conversão para ebook
Singular Digital | Mariana Mello e Souza

Este livro foi impresso no Rio de Janeiro, em novembro de 2009,
pela Ediouro Gráfica, para a Editora Nova Fronteira.
A fonte usada no miolo é Times New Roman, corpo 11/12.
O papel do miolo é offset 75g/m^2, e o da capa é cartão 250g/m^2.

Visite nosso site: www.novafronteira.com.br

Evanildo Bechara

Moderna Gramática Portuguesa

37ª edição atualizada pelo novo Acordo Ortográfico

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.club*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

MODERNA GRAMÁTICA PORTUGUESA

Evanildo Bechara

Professor Titular e Emérito da
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
e da Universidade Federal Fluminense (UFF)

Membro da Academia Brasileira de Letras
e da Academia Brasileira de Filologia

Representante brasileiro do
novo Acordo Ortográfico

MODERNA GRAMÁTICA PORTUGUESA

37.ª Edição
Revista, ampliada e atualizada
conforme o novo Acordo Ortográfico

EDITORA NOVA FRONTEIRA
EDITORA LUCERNA

Rio de Janeiro, 2009

Copyright © 2006 by Evanildo Bechara

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Editora Nova Fronteira Participações S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

Editora Nova Fronteira Participações S.A.
Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso – 21042-235
Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21) 3882-8212 / 8313
http://www.novafronteira.com.br
e-mail: sac@novafronteira.com.br

Conversão para ebook
Singular Digital | Mariana Mello e Souza

CIP-Brasil. Catalogação na fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livro, RJ

B354m Bechara, Evanildo, 1928-
Moderna gramática portuguesa / Evanildo Bechara. – 37. ed. rev., ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. – Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2009.

ISBN 978-85-209-3049-6

1. Língua portuguesa – Gramática. I. Título.

CDD 469.5
CDU 811.134.3'36

À memória de

M. Said Ali,
mestre e amigo

Aos mestres e amigos

Eugenio Coseriu
José G. Herculano de Carvalho
J. Mattoso Câmara Jr.
a cujas lições fui colher o que de
melhor existe nesta nova versão

Prefácio da 37.ª edição

Entregamos aos colegas de magistério, aos alunos e ao público estudioso de língua portuguesa esta edição, revista, ampliada e atualizada, levado que estamos pelos mesmos propósitos que nos fizeram, em 1961, trazer à luz a *Moderna Gramática Portuguesa*.

Amadurecido pela leitura atenta dos teóricos da linguagem, da produção acadêmica universitária, das críticas e sugestões gentilmente formuladas por companheiros da mesma seara e da leitura demorada de nossos melhores escritores, verá facilmente o leitor que se trata aqui de um novo livro.

Dificilmente haverá seção da *Moderna Gramática Portuguesa* que não tenha passado por uma consciente atualização e enriquecimento: atualização no plano teórico da descrição do idioma, e enriquecimento por trazer à discussão e à orientação normativa a maior soma possível de fatos gramaticais levantados pelos melhores estudiosos da língua portuguesa, dentro e fora do país, entre os quais cabe menção honrosa a Mário Barreto e Epifânio Dias.

É de toda justiça – e por isso esta edição é a eles dedicada – lembrar aqui, em primeiro lugar, nosso inesquecível mestre e amigo M. Said Ali, e, não menos presentes, este teórico profundo e admirável que é Eugenio Coseriu, ao lado de seu ilustre colega de reflexão linguística, que é J. G. Herculano de Carvalho, e do nosso primeiro linguista J. Mattoso Câmara Jr., guia seguro desde o lançamento inicial da *Moderna Gramática Portuguesa*.

O arcabouço teórico desta obra poderia bem orientar-se por outros modelos válidos, seguidos pelos nossos melhores linguistas em atuação nos centros universitários brasileiros. A orientação aqui adotada resulta da nossa convicção de que ela também pode oferecer elementos de efetiva operacionalização para uma proposta de reformulação da teoria gramatical entre nós, especialmente quando aplicada a uma obra da natureza desta *Moderna Gramática Portuguesa*, que alia a preocupação de uma científica descrição sincrônica a uma visão sadia da gramática normativa, libertada do ranço do antigo *magister dixit* e sem baralhar os objetivos das duas disciplinas.

Acreditamos que, neste sentido, os colegas de magistério e pesquisa encontrarão úteis sugestões ou temas de reflexão para uma proposta de melhoria da vigente nomenclatura gramatical em nossos compêndios escolares.

Estivemos também atentos à produção de textos gramaticais destinados a outras línguas, especialmente às românicas, e aí vale ressaltar o contributo dos espanhóis, dos franceses e dos italianos. Desejamos sintetizar nossa homenagem a esses colegas na figura excelsa de Emílio Alarcos Llorach, recentemente falecido.

Temos consciência de que ainda há muito que acrescentar e rever, e para tanto convocamos a ajuda dos colegas que neste sentido desejarem pronunciar-se.

Dar-nos-emos por bem pago se o leitor benévolo continuar encontrando nestas páginas os fundamentos que alicercem seu interesse e conhecimento reflexivo da língua portuguesa, traço que é da nacionalidade e elo fraterno da lusofonia.

Rio de Janeiro, 11 de março de 1999

Evanildo Bechara

Prefácio da 1.ª edição (1961)

Ao escrever esta *Moderna Gramática Portuguesa*, foi nosso intuito levar ao magistério brasileiro, num compêndio escolar escrito em estilo simples, o resultado dos progressos que os modernos estudos de linguagem alcançaram no estrangeiro e em nosso país. Não se rompe de vez com uma tradição secular: isto explica por que esta *Moderna Gramática* traz uma disposição da matéria mais ou menos conforme o modelo clássico. A nossa preocupação não residiu aí, mas na doutrina. Encontrarão os colegas de magistério, os alunos e quantos se interessam pelo ensino e aprendizado do idioma um tratamento novo para muitos assuntos importantes que não poderiam continuar a ser encarados pelos prismas por que a tradição os apresentava. Com a humildade necessária a tais empresas, sabemos que as pessoas competentes poderão facilmente verificar que fizemos uma revisão em quase todos os assuntos de que se compõe este livro, e muitos dos quais encontraram aqui um desenvolvimento ainda não conhecido em trabalho congênere. Por outro lado, a esta altura do progresso que a matéria tem tido, não poderíamos escrever esta *Moderna Gramática* sem umas noções, ainda que breves, sobre fonêmica e estilística. Isto nos permitiu, na última, tratar d a *análise literária*, que entre nós passa às vezes confundida com *análise estilística*; ressaltamos os objetivos desta e convidamos os nossos colegas de disciplina a que dela se sirvam num dos escopos supremos de sua missão: educar o sentimento estético do aluno. Na parte relativa à estruturação dos vocábulos e sua formação, pretendemos trazer para a gramática portuguesa os excelentes estudos que a linguística americana tem feito sobre tão importante capítulo. Seguimos a Nomenclatura Gramatical Brasileira. Os termos que aqui se encontrarem e lá faltam não se explicarão por discordância ou desrespeito; é que a NGB não tratou de todos os assuntos aqui ventilados.

A orientação científica por que se norteia esta nossa *Moderna Gramática* não seria possível sem a lição dos mestres (seria ocioso citá-los) que, dentro e fora do Brasil, tanto têm feito pelo desenvolvimento da disciplina. Devemos-lhe o que de melhor os leitores encontrarem neste livro, e a eles, em cada citação, prestamos sincera homenagem. Elegemos, entre eles, um dos mais ilustres para dedicar-lhe o nosso trabalho de hoje, aquele que para nós é tão caro pelo muito que contribuiu para nossa formação linguística: M. Said Ali. No ano em que seus discípulos e admiradores comemoram o 1.º centenário de seu nascimento,

não poderíamos deixar de levar ao mestre e amigo o testemunho de nossa profunda amizade e gratidão.

Evanildo Bechara

Introdução

Breve história externa da língua portuguesa

"As armas e padrões portugueses postos em África e em Ásia e em tantas mil ilhas fora da repartiçam das três partes da terra, materiaes sam, e pode-as o tempo gastar: peró nã gastará doutrina, costumes, linguagem, que os portugueses nestas terras leixarem."

(João de Barros, *Diálogo em Louvor da Nossa Linguagem*)

A língua portuguesa é a continuação ininterrupta, no tempo e no espaço, do latim levado à Península Ibérica pela expansão do império romano, no início do séc. III a.C., particularmente no processo de romanização dos povos do oeste e noroeste (lusitanos e galaicos), processo que encontrou tenaz resistência dos habitantes originários dessas regiões.

Depois do processo de romanização, sofreu a Península a invasão dos bárbaros germânicos, em diversos momentos e com diversidade de influências, que muito contribuíram para a fragmentação linguística da Hispânia: em 409 foi a vez dos alanos, vândalos e suevos; em 416, dos visigodos. Deste contacto encontramos como resultado a visível influência germânica, especialmente dos visigodos, no léxico e na onomástica.

No século VIII, em 711, voltou a Península a ser invadida pelos árabes, consumando a série de fatores externos que viriam a explicar a diferenciação linguística do português no mosaico dialetal que hoje conhecemos; apesar do largo contributo na cultura e na língua – especialmente no léxico –, a permanência muçulmana não teve força suficiente para apagar as indeléveis marcas de romanidade das línguas peninsulares.

O longo movimento de Reconquista anti-islâmico, começado já em 718, prolongou-se por séculos. Já no século X este processo tinha favorecido o nascimento de núcleos cristãos na parte norte e noroeste da Península, lançando os fundamentos de uma divisão linguística bem próxima da divisão administrativa: 1– Condado da Galiza (galego-português); 2– Reino de Leão e das Astúrias (ásturo-leonês); 3– Condado de Castela (castelhano); 4– Reino de Navarra (basco e navarro-aragonês); 5– Reino de Aragão e Condado de Barcelos (catalão).

Em 1095, Afonso VI concede autonomia à Província Portucalense, e, em 1139, Afonso Henriques se proclama o primeiro rei de Portugal.

Foi este falar comum à Galiza e ao território portucalense que o processo de Reconquista propagou em direção ao sul, sobrepondo-se aos dialetos moçárabes aí correntes. Já com a ajuda de cruzados ingleses, alemães, franceses e flamengos, e sob a bandeira portuguesa prossegue a reconquista de novas cidades do sul, tomadas aos muçulmanos: Santarém, em março de 1147 e Lisboa, em outubro do mesmo ano. Até o séc. XV, segundo Orlando Ribeiro, o Minho ainda não constituía limite linguístico entre o galego e o português.

O português, na sua feição originária galega, surgirá entre os séculos IX-XII, mas seus primeiros documentos datados só aparecerão no século XIII: o *Testamento de Afonso II* e a *Notícia de torto*. Curiosamente, a denominação "língua portuguesa" para substituir os antigos títulos "romance" ("romanço"), "linguagem", só passa a correr durante os escritores da Casa de Avis, com D. João I. Foi D. Dinis que oficializou o português como língua veicular dos documentos administrativos, substituindo o latim.

Entre os séculos XV e XVI, Portugal ocupa lugar de relevo no ciclo das grandes navegações, e a língua, "companheira do império", se espraia pelas regiões incógnitas, indo até o fim do mundo, e, na voz do Poeta, "se mais mundo houvera lá chegara" (*Os Lusíadas*, VII, 14).

Depois da expansão interna que, literária e culturalmente, exerce ação unificadora na diversidade dos falares regionais, mas que não elimina de todo essas diferenças refletidas nos dialetos, o português se arroja, na palavra de indômitos marinheiros, pelos mares nunca d'antes navegados, a fim de ser o porta-voz da fé e do império. São passos dessa gigantesca expansão colonial e religiosa, cujos efeitos, além da abertura dos mares, especialmente o Atlântico e o Índico, foram, segundo afirmação de Humboldt, uma duplicação do globo terrestre.

1415 – expedição a Ceuta sob o comando do próprio Rei
1425-1439 – Madeira e Açores
1444 – Cabo Verde, com início de povoamento em 1462
1446 – Guiné
1483-1486 – Angola (primeiros contatos) e colonização de S. Tomé e Príncipe
1498 – Vasco da Gama chega à Índia e passa por Moçambique
1500 – Brasil
1511 – Malaca e Malucas
1512 – Saião e Bornéu
1515 – Ormuz
1518 – Colombo
1536 – Damão
1547 – Macau
além das ilhas de Samatra, Java e Timor.

Tomado o séc. XIII como início da fase a que Leite de Vasconcelos chamou *português histórico*, isto é, documentado historicamente, podemos dividi-lo em períodos linguísticos, cujas delimitações não conseguem, entre os estudiosos, concordância unânime. A dificuldade de consenso advém de vários fatores: o terem as propostas fundamento em textos escritos que, como sabemos, mascaram a realidade e as mudanças linguísticas; o não terem os fenômenos sua data de nascimento e morte; e, finalmente, constitui elemento perturbador nesta ordem de estudos a influência de fatores estético-literários que, conforme sua orientação conservadora

ou progressista, atrasa ou acelera determinadas tendências linguísticas. Foi o que aconteceu com o chamado latim literário sob a influência grega; com o português europeu sob o influxo do Humanismo e Renascimento, e com o português do Brasil, sob a ação iconoclasta inicial do Modernismo.

Adotaremos aqui a seguinte proposta, incluindo na primeira fase a realidade galego-portuguesa:

a) *português arcaico*: séc. XIII ao final do XIV

b) *português arcaico médio*: 1.ª metade do séc. XV à 1.ª metade do séc. XVI

c) *português moderno*: 2.ª metade do séc. XVI ao final do XVII (podendo-se estender aos inícios do séc. XVIII)

d) *português contemporâneo*: séc. XVIII aos nossos dias

Ao primeiro período pertencem, além dos textos administrativos de leis, forais e ordenações, a poesia palaciana encerrada nos Cancioneiros medievais (Ajuda, Vaticana e Biblioteca Nacional, antigo Colocci Brancuti), as *Cantigas de Santa Maria*, algumas vidas de santos (Barlaão e Josafá, S. Aleixo, etc., traduções, em geral, de textos latinos, que chegaram até nós, quase sempre, em cópias mais modernas), o *Livro das Aves*, o *Fabulário de Esopo*, a *Demanda do Santo Graal*, *Corte Imperial*, entre muitas.

Ao segundo período pertencem o *Livro da Montaria*, de D. João I, *Leal Conselheiro* e *Livro da Ensinança de Bem Cavalgar toda Sela* de D. Duarte, as crônicas de Fernão Lopes (*D. João I*, *D. Pedro*, *D. Fernando*), de Zurara (*Crônica dos Feitos da Guiné*, *Crônica da Tomada de Ceuta*), a *Crônica dos Frades Menores*, as crônicas de Rui Pina, entre muitas outras obras.

Ao terceiro período pertencem as obras históricas de João de Barros, Diogo do Couto, Fernão Lopes de Castanheda, Damião de Góis, Gaspar Correia, o *Palmeirim de Inglaterra* de Francisco de Morais, a *Etiópia Oriental* de Frei João dos Santos, a obra literária de Sá de Miranda e o teatro clássico de Antônio Ferreira, a prosa mística da *Imagem da Vida Cristã* de Heitor Pinto, os *Diálogos* de Amador Arrais, os *Trabalhos de Jesus* de Tomé de Jesus e a *Consolação às Tribulações de Israel*, de Samuel Usque, a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, Pero Magalhães de Gandavo, mas a todos excede Luís de Camões que, não sendo "propriamente o criador do português moderno (...), libertou-o de alguns arcaísmos e foi um artista consumado e sem rival em burilar a frase portuguesa, descobrindo e aproveitando todos os recursos de que dispunha o idioma para representar as ideias de modo elegante, enérgico e expressivo. Reconhecida a superioridade da linguagem camoniana, a sua influência fez-se sentir na literatura de então em diante até os nossos dias" [SA.2, 4].

Com muita razão, concede Said Ali, do ponto de vista linguístico, um lugar à parte na literatura quinhentista às comédias, autos e farsas do chamado teatro de medida velha que tem em Gil Vicente seu principal representante, produções de grande importância para o conhecimento da variedade coloquial e popular da época. Pertencem a este gênero especial os *Autos* de Antônio Prestes, de Chiado, de Jerônimo Ribeiro, a *Eufrosina* e *Ulissipo* de Jorge Ferreira de Vasconcelos, sobrelevando-se a todos eles as obras deste genial pintor da

sociedade e dos costumes do séc. XVI em Portugal, que foi Gil Vicente.

No séc. XVII assistimos ao aperfeiçoamento da prosa artística com Frei Luís de Sousa, cuja linguagem representa uma fase de transição entre os dois momentos do português moderno. É o período em que ressaltam os *Sermões* do Padre Antônio Vieira, os *Apólogos Dialogais* de Francisco Manuel de Melo, a prosa religiosa do Padre Manuel Bernardes, os quadros bucólicos de *Corte na Aldeia* de Rodrigues Lobo, além dos representantes da historiografia de Alcobaça.

Fig. 1 – O Mundo da Lusofonia

O século XVIII não é só o século das academias literárias, mas de todo um esforço na renovação da cultura e da instrução pública, sob o influxo dos ideais do neoclassicismo francês, que culminou na reforma pombalina da Universidade, em 1772. Assiste-se a um reflorescimento da poesia com Pedro Antônio Correia Garção, Antônio Dinis da Cruz e Silva, Filinto Elísio, Tomás Antônio Gonzaga e os poetas árcades brasileiros, e Barbosa du Bocage.

Do ponto de vista linguístico, o português contemporâneo, fixado no decorrer do séc. XVIII, chega ao século seguinte sob o influxo de novas ideias estéticas, mas sem sofrer mudanças no sistema gramatical que lhe garantam, neste sentido, nova feição e nova fase histórica.

Os escritores dos séculos XIX e XX de todos os quadrantes da Lusofonia souberam garantir este patrimônio linguístico herdado de tanta tradição literária.

Em Portugal, no Brasil, em Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, a língua portuguesa, patrimônio cultural de todas estas nações, tem sido, e esperamos seja por muito tempo, expressão da sensibilidade e da razão, do sonho e das grandes realizações.

Patrimônio de todos e elo fraterno da Lusofonia de cerca de 200 milhões de falantes espalhados por todos os continentes, continuemos a formular os votos de Antônio Ferreira, no

séc. XVI:

Floresça, fale, cante, ouça-se e viva
A portuguesa língua, e já onde for,
Senhora vá de si, soberba e altiva!

Teoria Gramatical

A) Linguagem: suas dimensões universais

"dizer as coisas como são"
Platão

1 – Linguagem

Entende-se por *linguagem* qualquer sistema de signos simbólicos empregados na intercomunicação social para expressar e comunicar ideias e sentimentos, isto é, conteúdos da consciência.

A linguagem se realiza historicamente mediante sistemas de isoglossas comprovados numa comunidade de falantes, conhecidos com o nome de *línguas*, como veremos adiante.

Tal conceituação envolve as noções preliminares do que seja *sistema*, *signo*, *símbolo* e *intercomunicação social*.

Sistema é todo conjunto de unidades, concretas ou abstratas, reais ou imaginárias, que se encontram organizadas e que se ordenam para a realização de certa ou de certas finalidades [HCv.1, 264].

Entende-se por *signo* ou *sinal* a unidade, concreta ou abstrata, real ou imaginária, que, uma vez conhecida, leva ao conhecimento de algo diferente dele mesmo: as nuvens negras e densas no céu *manifestam* ou são o *sinal* de chuva iminente; o *-s* final em *livros* é o signo ou sinal de pluralizador, assim como em *cantas* é o signo de 2.ª pessoa do singular. Por isso mesmo se diz que tais unidades são *simbólicas*, já que se entende em geral por *símbolo* aquilo que, por convenção, manifesta ou leva ao conhecimento de outra coisa, a qual substitui. Assim, o cordeiro é o "símbolo" da mansidão; o macaco, da astúcia. No que toca estritamente à linguagem humana, pois só ela é a linguagem objeto da *Linguística*, os signos linguísticos diferem dos símbolos porque estes não constituem necessariamente sistema e podem sozinhos e sem nenhuma oposição "simbolizar". A oposição é um princípio fundamental para a determinação da existência dos signos linguísticos, como veremos adiante.

Por fim, *intercomunicação social*, porque a linguagem é sempre um estar no mundo com os outros, não como um indivíduo particular, mas como parte do todo social, de uma comunidade.

2 – Dimensões Universais da Linguagem

A linguagem, entendida como atividade humana de falar, apresenta cinco dimensões universais: *criatividade* (ou enérgeia), *materialidade*, *semanticidade*, *alteridade* e *historicidade*.

Criatividade, porque a linguagem, forma de cultura que é, se manifesta como atividade livre e criadora, ou "do espírito", isto é, como algo que vai mais além do aprendido, que não

simplesmente repete o que já foi produzido.

Materialidade, porque a linguagem é, primeiramente, uma atividade condicionada fisiológica e psiquicamente, pois implica, em relação ao falante, a capacidade de utilizar os órgãos de fonação, produzindo signos fonéticos articulados (fonemas, grafemas, quando representados na escrita, etc.) com que estabelece diferenças de significado (por exemplo, *P*ala, *V*ala, *M*ala, *T*ala, *R*ala, etc.); enquanto em relação ao ouvinte, implica a capacidade de perceber tais fonemas e interpretar o percebido como referência ao conteúdo configurado pelo falante mediante os signos fonéticos articulados. É o nível biológico da linguagem.

Semanticidade, porque a cada forma corresponde um conteúdo significativo, já que na linguagem tudo significa, tudo é semântico.

Alteridade, porque o significar é originariamente e sempre um "ser com outros", próprio da natureza político-social do homem, de indivíduos que são homens juntos a outros e, por exemplo, como falantes e ouvintes, são sempre cofalantes e coouvintes.

Historicidade, porque a linguagem se apresenta sempre sob a forma de *língua*, isto é, de tradição linguística de uma comunidade histórica. Não existe *língua* desacompanhada de sua referência histórica: só há *língua portuguesa*, *língua francesa*, *língua inglesa*, *língua espanhola*, *língua latina*, etc.

Geralmente se ouve que a língua é imposta ao homem, porque este é obrigado a dizer que determinado objeto conhecido por sua comunidade como livro é *livro*, e não *lápis* ou *mesa*. Tal fato não constitui uma limitação ou negação da liberdade do falante; é sim a dimensão histórica da linguagem, que coincide com a própria historicidade do homem. Trata-se de uma obrigação aceita livremente, e não de uma imposição. Este é o significado original da palavra latina *obligatio* [ECs.8, 216]. A língua não é "imposta" ao homem; este "dispõe" dela para manifestar sua liberdade expressiva. As atividades livres implicam um próprio "dever ser", isto é, uma série de normas intrínsecas.

Destas cinco dimensões, a criatividade e a materialidade são universais de todas as formas da cultura, pois são todas atividades criadoras que se realizam no mundo de forma material, sem o que não poderiam existir nem passar ao conhecimento dos outros membros da comunidade. A semanticidade é a "*differentia specifica*" da linguagem em relação às outras formas de cultura. A alteridade é o traço distintivo do significar linguístico em relação aos outros tipos de "conteúdo" das formas de expressão e é, por sua vez, fundamento da historicidade da linguagem [ECs.8, 15-16].

Por fim, há de se levar em conta, na capacidade geral de expressão, a execução de atividades que acompanham e às vezes até a substituem, já que não falamos só com as unidades linguísticas, com a língua concreta. Estas são formas de expressão extralinguísticas, tais como a mímica, a entonação, o ritmo, as pausas e silêncios, os gestos, os recursos gráficos e outros. O emprego da maiúscula serve para estabelecer antíteses entre o verdadeiro e bom e o menos bom e verdadeiro, quando dizemos:

Ele é um *Professor* com *P* maiúsculo, ou a referência à forma gráfica distingue homônimos, como em:

Chegamos na *hora h*.

Há momentos em que expressões só são inteligíveis se acompanhadas de determinado

gesto:

> "Um anjo, meu pateta, um anjo sem asas. Imagina uma moça assim, *desta altura*, viva como um azougue, e uns olhos..." [MA.1, 92].

À mímica corporal junte-se a vocal, a entoação especial com que se proferem certas palavras ou frases inteiras, que o escritor procura reavivar na escrita com a utilização de variados recursos gráficos:

> "Não vou daqui sem uma resposta definitiva, disse meu pai. *De-fi-ni-ti-va*! repetiu, batendo as sílabas com o dedo" [MA.1, 88].
> "Os dois garotos, porém, esperneiam com a mudança de mãe: – Mentira!... *Mentiiiira!... Mentiiiiiiiiiira!* – berra cada um para seu lado" [HC.1, 32].

3 – Atos Linguísticos

A linguagem humana articulada se realiza de maneira concreta por meio de formas específicas chamadas *atos linguísticos*, que se organizam em *sistemas de isoglossas* (*isos* = igual; *glossa* = língua) denominados tradicionalmente *línguas*. Embora o ato linguístico, por sua natureza, seja individual, está vinculado indissoluvelmente a outro indivíduo pela natureza finalística da linguagem, que é sempre um falar com os outros, consoante a dimensão *alteridade*, a que aludimos anteriormente.

Só de modo ideal se pensa em linguagem como um só sistema de signos; na realidade, há na linguagem diversos sistemas de signos – isto é, de línguas –, diversidade que varia entre países, entre comunidades sociais ou outros grupos de falantes.

A realidade concreta da linguagem, como dissemos, é o ato linguístico, quer dizer, é cada unidade de comunicação da linguagem humana, seja uma palavra ou uma frase. Os atos linguísticos não se realizam idênticos de falante para falante de uma mesma comunidade linguística, e até num só falante, em circunstâncias diferentes. Essa diversidade não se dá somente na forma material do ato linguístico, isto é, na sua *expressão*, mas também no seu significado, isto é, no seu *conteúdo*.

Para que se proceda a uma análise coerente e uniforme da linguagem humana, tem-se de considerar idealmente que os atos linguísticos são mais ou menos idênticos na expressão (forma material) e no conteúdo (significado), e é isto que realmente ocorre, porque, se não houvesse essa aparente identidade, não seria possível a comunicação entre os indivíduos, já que a comunicação é a finalidade fundamental da linguagem.

O conjunto sistêmico de atos linguísticos comuns considerados idênticos realizados numa comunidade linguística e por ela comprovada na consciência de seus falantes ("ele fala como eu", "o português dele é diferente do nosso") se acha delimitado por uma linha ideal, imaginária, *isoglossa*, de modo que se pode definir *língua*: *um sistema de isoglossas comprovado numa comunidade linguística.*

Esse sistema de isoglossas pode ser extensíssimo que abarque uma língua histórica de todos os falantes de uma larga comunidade, considerada no seu conjunto geográfico, social e individual (*língua portuguesa*, *língua espanhola*, *língua francesa*, *língua latina*, etc.); pode ser menos extensa, principalmente quando a língua histórica é falada por mais de um país (*língua portuguesa da modalidade europeia* – "português de Portugal" / *língua portuguesa*

da modalidade americana – "português do Brasil" bem como *língua portuguesa da África*; *língua inglesa da Inglaterra* / *língua inglesa dos Estados Unidos*; *francês da França* / *francês da Bélgica* / *francês do Canadá*); pode ser ainda menos extensa do ponto de vista espacial (*português do Rio de Janeiro* / *português de Lisboa*; *francês de Paris*; *alemão da Baviera*); pode ser ainda menos extensa espacial, social e estilisticamente (*português fluminense rural* / *português paulista familiar* / *português literário do Romantismo brasileiro*); pode abarcar um só falante (*português de Machado de Assis* / *português de Eça de Queirós*; *português de um analfabeto*).

Assim, o conceito de língua, considerada como um sistema de isoglossas, varia de acordo com o entendimento mais largo ou mais estreito que se atribui à extensão do conjunto de atos linguísticos comuns.

B) Planos e níveis da linguagem como atividade cultural

I – Planos e Níveis da Linguagem

A linguagem, como atividade humana universal do falar, que se realiza individualmente, mas sempre de acordo com tradições de comunidades históricas, pode diferenciar-se em três planos relativamente autônomos:

a) *Universal* ou do falar em geral, já que se apresenta como prática universalizada não determinada historicamente, isto é, todos os homens adultos e normais falam. É a referência ao plano do *falar em geral*, e a ele se alude, quando se diz que *esta criança ainda não fala* (note-se que não se quer dizer que ela ainda não fala português ou espanhol, por exemplo). Alude-se ainda a este plano quando se declara que *os animais não falam*. Aqui, como no exemplo anterior, não se refere a uma língua concreta, mas à capacidade de falar. O plano universal alude àquilo que faz parte de todo falar, não importa em que língua.

b) *Histórico* ou da língua concreta, já que, ao falar, o homem o faz mediante uma língua determinada: *falar português*, *falar espanhol*, etc. Como já se disse, não há *língua* sem adjetivo; só há *língua portuguesa*, *língua espanhola*, etc., onde o adjetivo pátrio aponta para uma tradição histórica determinada. Até as línguas inventadas, como o esperanto, se constroem e representam uma nova tradição do falar. Este é o plano de uma língua concreta determinada. O falante tem consciência desse saber ao afirmar, por exemplo, que alguém não fala bem o português.

c) *Individual*, já que é sempre um indivíduo que fala mediante uma língua determinada, e o faz, cada vez segundo uma circunstância determinada. A atividade de falar um indivíduo segundo a conveniência de uma circunstância determinada chama-se *discurso*. Não confundir *discurso*, nessa aplicação à atividade, com *texto*, que será entendido como produto dessa atividade, produto do discurso. O discurso – assim o texto como seu

produto – está determinado por quatro fatores: o *falante*, o *destinatário*, o *objeto* ou *tema* de que se fala e a *situação*.

Como toda atividade cultural, a atividade real de falar pode ser considerada sob três pontos de vista diferentes [ECs.8, 88]:

a) Como a própria *atividade*, como falar e entender, isto é, como atividade criadora que se serve de um saber já presente para dizer algo novo e com capacidade de criar um saber linguístico. É este o sentido próprio de *enérgeia*. Uma língua é "forma" e "potência" de uma *enérgeia*.

b) Como o *saber* que está subjacente à atividade, isto é, como a *competência* ou como o que Aristóteles chamava *dýnamis*.

c) Como o *produto* criado pela atividade do falar individual, isto é, como obra ou *érgon*: o *texto*.

Como toda atividade, o falar é uma atividade que revela um saber; assim a estes três níveis correspondem três planos ou tipos de saber linguístico:

a) Ao falar em geral mediante cada língua corresponde o *saber elocutivo*, ou *competência linguística geral*, que não é saber falar uma língua particular, mas, ao falar com qualquer língua, fazê-lo segundo os princípios da *congruência* em relação aos padrões universais do pensamento e ao conhecimento geral que o homem tem do "mundo", do mundo empírico. Na discutida frase "*A mesa quadrada é redonda*", não há propriamente desconhecimento de língua, e sim de formulação do pensamento por desconhecer a realidade do mundo empírico, uma vez que "ser quadrado" é diferente de "ser redondo".

b) Ao falar (em) uma língua particular corresponde o saber histórico denominado *saber idiomático*, ou *competência linguística particular*, que é falar (em) uma língua determinada de acordo com a tradição linguística historicamente determinada de uma comunidade.

c) Ao falar individual e relacionado com a maneira de elaborar textos segundo situações determinadas corresponde o chamado *saber expressivo* ou *competência textual*; é um saber técnico (gr. *téchnē*), isto é, um saber que se manifesta no próprio fazer, um saber fazer gramatical que se manifesta numa língua particular e que pode ir além do já criado nessa língua.

A linguagem se realiza, portanto, de acordo com um saber adquirido e se apresenta sob forma de fatos objetivos ou *produtos*. Mas, como bem caracterizou Humboldt em termos aristotélicos, a linguagem não é na essência *érgon* 'produto', 'coisa feita', mas *enérgeia*, 'atividade', atividade criadora, isto é, que vai além da técnica "aprendida", além do seu saber (*dýnamis*).

Assim, também do ponto de vista do produto se distinguem esses três planos:

a) o produto do falar em geral é a "totalidade de todas as manifestações", empiricamente infinita, *o* falado; não só a totalidade do que já foi dito, mas ainda a totalidade do que se

pode dizer, se considerada sempre como "coisa feita".

b) o produto do falar (em) uma língua particular é a língua particular *abstrata*, isto é, a língua deduzida do falar e concretizada em uma gramática e em um dicionário, ou, em outras palavras, o que no falar se reconhece como constante e que é objeto da linguística das línguas como descrição e como história.

c) o produto do falar individual é o *texto*, tal como pode ser anotado ou escrito.

2 – Juízos de Valor

Frequentemente se ouve um falante nativo dizer que "isso não é português" ou "isso não se diz assim em português" ou "seria melhor dizer assim em português", o que demonstra que os aspectos de juízos de valor devem merecer especial atenção do falante nativo, bem como do linguista e do gramático normativo. Infelizmente, em vista de confusões que Coseriu procurou deslindar, o assunto tem sido mal posto em discussão e, por isso, mal resolvido, de modo que as incoerências e os desencontros são responsáveis pela ideia muito difundida, mas errada, de que o tema não é científico, e fica sujeito ao capricho de pessoas despreparadas e intransigentes.

Distinguem-se três tipos de juízos de valor referentes às conformidades do falar com o respectivo saber linguístico:

a) Ao saber elocutivo corresponde a *norma da congruência*, isto é, os procedimentos em consonância com os princípios do pensar, autônomos ou independentes dos juízos que se referem à língua particular e ao texto. Neste plano do falar em geral temos não só a norma da congruência e da coerência, mas ainda a norma de conduta da tolerância, já que, muitas vezes, diante de frases "desconexas", a incongruência pode ser anulada pela tradição da língua particular e pela intenção do discurso. Assim, quando a canção diz que "*Tudo em volta está deserto, tudo certo / Tudo certo, como dois e dois são cinco*", não se interpreta como falar incongruente por conhecerem os falantes o procedimento da anulação metafórica: o que a canção quer dizer metaforicamente é que nada vai bem entre os tais namorados, como a soma de dois mais dois igual a cinco não está bem.

b) Ao saber idiomático corresponde a *norma da correção*, isto é, a conformidade de falar (em) uma língua particular segundo as normas de falar historicamente determinado e corrente na comunidade que a pratica. Sendo uma língua histórica (todo o português) um conjunto de várias línguas comunitárias, haverá mais de uma norma de correção (o português do Brasil, o português de Portugal, o português exemplar, o português comum, o português familiar, o português popular, etc.). Por falta das distinções até aqui estabelecidas, têm-se atribuído à língua particular ou ao saber idiomático qualidades e atributos que antes pertencem ao plano do falar em geral ou saber elocutivo ("coerência", "eficácia", "concisão", "clareza", "harmonia", etc.) ou ao plano individual ou saber expressivo ("adequado", "apropriado", "elegante", "expressivo", etc.). O juízo de valor concernente à *correção* é juízo de "suficiência" ou "conformidade" somente com o saber idiomático historicamente determinado para uma comunidade.

c) Ao saber expressivo corresponde a *norma de adequação* à constituição de textos

levando em conta o falante, o destinatário, o objeto ou a situação, critério mais complexo, e independente do critério de correção em relação à língua particular e do critério de congruência em relação ao falar em geral. A adequação ao discurso e à constituição de textos pode levar em conta o objeto representado ou o tema (e aí será considerada *adequada* ou *inadequada*), o destinatário (então será considerada *apropriada* ou *inapropriada*) ou a situação ou circunstâncias (e aí será considerada *oportuna* ou *inoportuna*).

A competência ou saber não se manifesta igualmente em todos os planos do linguístico. Na língua particular ele ocorre com mais frequência; nos outros planos – no saber elocutivo e principalmente no saber expressivo – o domínio da competência só se alcança depois de cuidada educação linguística. Muitas vezes se diz que "alguém escreve mal o português", quando, na realidade se quer fazer referência ao saber elocutivo ou ao expressivo, porque escreve sem congruência ou sem coerência, ou ainda com pouca clareza. Quando se diz que "o francês" é uma língua clara", a rigor, não se quer fazer referência a características da língua francesa, mas à capacidade de estruturar o pensamento, o discurso ou o texto com clareza e logicidade mais do que o normal, em virtude de uma larga tradição do falar nessa comunidade, tradição que começa no ensino escolar francês, e que deveríamos cultivar entre nós.

Cabe ainda lembrar o que foi aqui antes esboçado: conforme a intenção do falante, a adequação relativa a um discurso ou a um texto pode anular a incorreção idiomática, enquanto a adequação relativa à correção idiomática pode anular a incongruência ou incoerência do saber elocutivo.

3 – Três Tipos de Conteúdo Linguístico

Aos três planos linguísticos correspondem ainda três tipos diferentes de conteúdo linguístico:

a) Ao plano linguístico geral corresponde a *designação* (ou *referência*), isto é, a referência a uma "realidade" extralinguística, a um estado de coisas extralinguístico. Assim em *A porta está fechada* e *A porta não está aberta* faz-se referência à mesma realidade extralinguística. As orações não são *sinônimas*; são *equivalentes* na referência à designação.

b) Ao plano linguístico particular corresponde o *significado*, isto é, o conteúdo dado linguisticamente em uma língua particular, ou, em outras palavras, a especial configuração da designação numa língua particular.

c) Ao plano do discurso corresponde o *sentido*, que é o "dito" por meio do texto, isto é, o especial conteúdo linguístico que se expressa mediante a designação e o significado, sentido que, num discurso individual, vai além desses outros conteúdos e que corresponde às atitudes, intenções ou suposições do falante. Por exemplo, nas expressões *dar com os burros n'água* ou *torcer o nariz* o sentido é, respectivamente, "ter insucesso" e "rejeitar". Numa anedota, mediante a designação e o significado, atinge-se o *sentido* quando se "pega" o chamado "espírito da coisa". Uma visita de cerimônia ao dizer ao

dono da casa "Hoje está quente" pode ter a intenção de querer dizer "Por favor, abra a janela", que é o verdadeiro "sentido" da sua primeira frase. Quando dizemos a uma pessoa, pela manhã, "Bom dia!" não queremos dizer-lhe que o dia está agradável, mas tão somente cumprimentá-la; esse é o "sentido" da frase. Pode até o tempo estar chuvoso ou ameaçador; porém, é assim que tradicionalmente a nossa comunidade saúda alguém pela manhã. O sentido, portanto, se manifesta no plano individual do discurso.

Assim como o significado pode coincidir com a designação, como ocorre na linguagem técnica, onde tudo o que existe na tradição linguística concernente a ela é "nomenclatura", à medida que vai além do saber linguístico e implica um saber relativo às coisas mesmas, assim também o sentido pode coincidir com o significado, quando o texto é só informativo, e não artístico ou literário ("simbólico"). Mesmo em determinadas formas de "literatura", os fatos designados e significados são informativos, como ocorre na novela policial, que só muito excepcionalmente se alça à literatura artística [ECs.8, 291-292].

O quadro a seguir sintetiza tudo o que vimos até aqui:

	PONTOS DE VISTA				
PLANO	**ATIVIDADE** enérgeia	**SABER** (competência) dýnamis	**PRODUTO** (texto) érgon	**JUÍZO**	**CONTEÚDO**
UNIVERSAL: falar em geral; atividade humana universal	falar em geral	saber elocutivo	totalidade das manifestações	congruente / incongruente	designação (referência)
HISTÓRICO: língua concreta; tradições comunitárias	língua particular	saber idiomático	(língua particular abstrata)	correto / incorreto	significado
INDIVIDUAL: discurso; execução individual	discurso	saber expressivo	texto (obras)	adequado / inadequado	sentido

C) Língua histórica e língua funcional

1 – Língua Histórica

Quando nos referimos a *língua portuguesa*, *língua espanhola*, *língua alemã* ou *língua*

latina, fazemos alusão a uma língua como produto cultural histórico, constituída como unidade ideal, reconhecida pelos falantes nativos ou por falantes de outras línguas, e praticada por todas as comunidades integrantes desse domínio linguístico. Entendido assim, esse produto cultural recebe o nome de *língua histórica*. Esse amplo e diversificado espaço cultural, historicamente relacionado, está presente na frase de Fernando Pessoa: *Minha pátria é a língua portuguesa*.

Fácil é concluir que uma língua histórica encerra em si várias tradições linguísticas, de extensão e limite variáveis, em parte análogas e em parte divergentes, mas historicamente relacionadas. São analogias e divergências fonéticas, gramaticais e léxicas; por isso se diz que uma língua histórica nunca é um sistema único, mas um conjunto de sistemas.

Os sistemas que integram a língua histórica apresentam três aspectos, fundamentais de diferenças internas:

a) No espaço geográfico, constituindo os diferentes *dialetos*; Essa diversidade no espaço se diz *diatópica* (do grego *diá* 'através de', *tópos* 'lugar'), enquanto a relativa uniformidade no espaço se diz *sintópica* (do grego *sýn* 'reunião').

b) No nível sociocultural, constituindo os diferentes *níveis* de língua e estratos ou camadas socioculturais. Essa diferença no estrato sociocultural se diz *diastrática* (do latim *stratum* 'estrato', 'camada'), enquanto a relativa uniformidade correspondente se diz *sinestrática* ou *sinstrática*, também conhecida por *dialeto social*.

c) No estilo ou aspecto expressivo, isto é, em relação a diferentes situações do falar e estilos de língua. Essa diferença se diz *diafásica* (do grego *fásis* 'expressão'), enquanto a relativa uniformidade correspondente se diz *sinfásica* ou homogeneidade estilística.

As diferenças diatópicas ou os dialetos sempre mereceram as atenções dos estudiosos, o que nem sempre ocorreu com as diferenças de níveis (diastráticas) e de estilos de língua (diafásicas). Nem todas as línguas históricas têm muito marcadas as diferenças dialetais como ocorre, por exemplo, na Itália. No português essas diferenças são muito menos profundas, do que no italiano. Alguns linguistas chegam, no caso do português, a preferir *falares* a *dialetos*.

As diferenças diastráticas são mais marcadas em comunidades onde os estratos sociais se apresentam muito distanciados, como na antiga Índia, ou onde a rede escolar se encontra fragilizada ou inexistente entre as camadas populares. Nas comunidades modernas, existem diferenças diastráticas na distinção entre o nível popular (como ocorre no francês e inglês), bem afastado das formas "cultas" ou exemplares destas línguas, ou, com menos intensidade, no espanhol e no italiano populares. Menos intensa é ainda a distância entre o chamado português popular e o padrão ou culto.

As diferenças diafásicas se manifestam quando se comparam língua falada e língua escrita, língua usual e língua literária, língua corrente e língua burocrática ou oficial, etc. Nenhuma dessas variedades diafásicas se apresenta homogeneamente; até a língua literária acusa gradações, às vezes bem nítidas, como é o caso das divergências entre a prosa e a poesia (em verso), entre a poesia épica e a lírica, etc.

Incluem-se nas diferenças diafásicas as que ocorrem, num mesmo estrato sociocultural,

entre grupos "biológicos" (homens, mulheres, jovens, crianças) e profissionais.

Uma língua que apresenta só um estilo já não é uma língua viva; a que apresenta um ou poucos estilos é uma língua morta e funciona como veículo de comunicação para comunidades determinadas que têm sua própria língua, e se destina a finalidades culturais e profissionais, como tem sido o caso do latim na Igreja e, desde a Idade Média, na filosofia, na filologia, na medicina e outros domínios das ciências, e de especiais praxes acadêmicas universitárias (em cerimônias na outorga do título de doutor *honoris causa*, por exemplo a *laudatio*).

Há, contudo, uma realidade linguística idealmente homogênea e unitária, isto é, que se apresenta sintópica, sinstrática e sinfásica; em outras palavras, uma língua unitária quanto ao dialeto, ao nível e ao estilo: é a *língua funcional*, assim chamada porque é a modalidade que de maneira imediata e efetiva funciona nos discursos e textos.

2 – Língua Funcional

É bem verdade que num discurso e texto pode aparecer mais de uma língua funcional, principalmente se se mudam as circunstâncias e fatores (destinatário, objeto, situação). Todo falante de uma língua histórica é plurilíngue, porque domina ativa ou passivamente mais de uma língua funcional, embora não consiga nunca saber toda a extensão de uma língua histórica; e o sucesso da educação linguística é transformá-lo num "poliglota" dentro de sua própria língua nacional. Mas na constituição do discurso e do texto há sempre *uma* língua funcional que se sobrepõe às demais. Mesmo uma língua comum o mais possível unificada e codificada com muita rigidez, como ocorre com o francês "oficial", não corresponde exatamente a essa realidade de língua funcional, em face das diferenças estilísticas nele existentes.

Como por exigência metodológica e de coerência interna só se pode descrever uma realidade homogênea e unitária, é a língua funcional o objeto próprio da descrição estrutural e funcional. Uma gramática como produto desta descrição nunca é o espelho da língua histórica; é apenas a descrição de *uma* das suas línguas funcionais. Por isso não se há de exigir desta gramática o registro de fatos que pertençam a línguas funcionais diferentes: nisto consiste a diferença entre estrutura e arquitetura.

3 – Estrutura e Arquitetura

Estrutura é a descrição das oposições funcionais na expressão e no conteúdo de mesma técnica idiomática, isto é, a homogeneidade de uma língua funcional. *Arquitetura* é o registro da diversidade interna de uma língua histórica, onde coexistem para funções análogas formas distintas e vice-versa, isto é, diversidade de línguas funcionais. Por exemplo, a descrição do emprego dos pronomes *o* e *lhe* no português exemplar ou padrão é um fato de *estrutura*; a comparação do emprego de *o* no português padrão e do corresponde *ele* no português popular ou familiar ou do pronome *lhe* nessas modalidades é um fato de *arquitetura* do português do Brasil.

Para se chegar com coerência ao conceito de língua funcional e à essência do objeto próprio da descrição de uma técnica linguística é necessário fazer, além da distinção entre

estrutura e arquitetura, uma série de outras, quase sempre não levadas em consideração na gramática tradicional e em algumas linguísticas modernas: 1) conhecimento da língua e conhecimento das "coisas" (incluídos aí os seres vivos); 2) linguagem e metalinguagem; 3) sincronia e diacronia; 4) técnica livre e "discurso repetido"[ECs.8, 288].

4 – Conhecimento da Língua e Conhecimento das "coisas"

No plano do saber histórico não contamos somente com fatos linguísticos, mas também com outras tradições ligadas a "coisas" ou ao mundo extralinguístico. Assim, por exemplo, diante de frases do tipo "Macaco velho não mete a mão em cumbuca" ou de expressão como "macaco velho", não se pode dizer que *macaco* ou *macaco velho* evoca em português a ideia de 'prudência', 'sagacidade'. Relativamente à língua portuguesa, *macaco* está relacionado a outros animais, como *mico*, *chimpanzé*, etc.; pela evocação a 'prudência' não é responsável a língua portuguesa, até porque em muitas comunidades lusófonas o animal *macaco* não está relacionado com essa ideia. A evocação resulta exclusivamente do conhecimento que temos do animal, da sua participação em histórias, especialmente do folclore brasileiro.

5 – Linguagem e Metalinguagem

A metalinguagem é um uso linguístico cujo objeto é também uma linguagem; por exemplo quando se fala de palavras e seus componentes ou de orações: "*linguagem é uma palavra derivada de língua*", "*linguagem é um substantivo feminino em português e masculino em espanhol e francês*". "*-ção* é um sufixo formador de substantivo", "*Cadeira tem três sílabas*", etc. A metalinguagem não apresenta unidades estruturais nem pode ser estruturada no nível do saber idiomático; nem por isso seu estudo deixa de merecer o cuidado da ciência.

A linguagem, também chamada *linguagem primária*, não é uma linguagem que tem por objeto uma linguagem.

Esta distinção tem importância especial para a gramática. Por exemplo, qualquer palavra, grupo de palavras, parte de palavras, uma oração inteira, todo um texto tomado materialmente na metalinguagem pode ser considerado uma "palavra", um substantivo masculino por ser nome de algo: "*-mente* é um sufixo", "*lá* marca distância do falante", "Terrível palavra é um *não*", "*Não roubar* é um mandamento divino".

A metalinguagem pode manifestar uma técnica, um saber próprio em uma determinada tradição linguística. Por exemplo, na metalinguagem, em português, diz-se sem artigo "Homem é um dissílabo", enquanto na linguagem primária se diz com artigo "O homem trabalha".

6 – Sincronia e Diacronia

Outra distinção essencial, por sinal a primeira que se deve fazer no estudo das línguas, é a que se estabelece entre *sincronia* e *diacronia*. Por *sincronia* entende-se, em princípio, a referência à língua em um dado momento do seu percurso histórico, "sincronizada" sempre com seus falantes, e considerada no seu funcionamento no falar como descrição sistemática e

estrutural de um só sistema linguístico ("língua funcional"), enquanto por *diacronia* se entende a referência à língua através do tempo, isto é, no estudo histórico das estruturas de um sistema ("gramática histórica"), e como história da língua. Todavia, neste último aspecto, sincronia e diacronia não são correlativos, pois se se levar em conta o caráter parcialmente inovador de todo ato linguístico, toda língua viva está num perpétuo devenir, já que o aspecto sincrônico, para uma língua considerada na sua totalidade, metodologicamente imposto e necessário, é apenas uma abstração científica para estudar como a língua funciona e os traços que, entre dois momentos do seu desenvolvimento, se mostram constantes. Até para fins práticos necessitamos considerar a língua como algo estável e constante. Assim, a descrição sincrônica prescinde da história, no sentido de que não a abarca, mas a diacronia não pode prescindir das sincronias. Por fim, não se pode perder de vista que a descrição da língua num momento do seu desenvolvimento é uma parte da história dessa língua. Uma língua viva nunca está plenamente feita, mas se faz continuamente graças à atividade linguística.

À sincronia corresponde não só a descrição de sistemas unitários (isto é, a disciplina "gramática" em sua acepção mais ampla, abarcando ainda a fonologia e a semântica léxica estrutural ou lexemática), mas também a descrição dos três tipos de variedade já vistos feita por três outras disciplinas ("dialetos" → *dialetologia*, "níveis" → *sociolinguística* e "estilos" → *estilística da língua*).

7 – Estado da Língua Real e Sincronia

Convém distinguir entre *estado de língua real* e *sincronia*, considerada de modo absoluto. No estado de língua também está implícita uma dimensão diacrônica, já que os falantes, principalmente de comunidades com larga tradição de língua escrita, têm consciência de que certas formas são mais antigas que outras; que algumas já não se usam e que outras são recentes. Todavia essa "diacronia dos falantes" – que pode ser bem diferente da diacronia do historiador – não importa em relação ao funcionamento da língua, porque todo fato de "diacronia" subjetiva tem de ser descrito no seu funcionamento, isto é, na sua própria sincronia [ECs.8, 296].

À história da língua compete também referir-se ao aspecto sincrônico à medida que tem de socorrer-se dos vários "estados de língua" sucessivos, pois a "gramática histórica" é a comparação entre os vários sistemas estáticos compreendidos nos limites estabelecidos para estudo. No caso de uma língua românica como o português, pode-se começar pelos diversos sistemas do latim (clássico, vulgar, etc.) e continuar pelos sistemas sucessivos do português ou fases históricas (medieval, clássico, etc.), ou então partir do próprio português como língua já estabelecida e reconhecida pelos seus falantes e pelos falantes de outras comunidades linguísticas.

Pelo que vimos até aqui, e para evitar equívocos que elas implicam, seria melhor fugir às denominações *linguística sincrônica* e *linguística diacrônica* e, em vez delas, usar *descrição* e *história da língua*, porque ambas estão compreendidas no nível histórico da linguagem e constituem juntas a *linguística histórica*. Desligam-se, desta maneira, as noções de sincronia e diacronia da interpretação meramente temporal, como as entendia Saussure, em cuja lição

sincronia estava circunscrita a um só momento e diacronia a vários momentos [ECs.8, 281].

8 – Técnica Livre do Discurso e Discurso Repetido

Outra distinção necessária no estudo "sincrônico" de língua é a que se faz entre *técnica livre do discurso* e *discurso repetido*, porque as tradições linguísticas não só contêm técnica para falar, mas ainda linguagem já falada.

A técnica livre abarca os elementos constitutivos da língua e as regras "atuais" relativas à sua modificação e combinação, isto é, abarca as "palavras" e os instrumentos e procedimentos léxicos e gramaticais.

O discurso repetido abarca tudo aquilo que, no falar de uma comunidade, se repete mais ou menos uniformemente, como algo "já dito": algo já fixado num discurso e que pode ser repetido noutro discurso como "expressão", "giro", "modismo", frase ou locução cujos elementos constitutivos não são nem substituídos nem aceitam ser dispostos noutra ordem conforme permitem as regras de funcionamento da língua, ficando, assim, por não se submeterem a qualquer estruturação – pois só a técnica é estruturável –, fora do objeto da gramática e da lexicologia sincrônicas.

Assim, *bom professor* e *boa semana* pertencem à técnica livre do discurso, enquanto *bom samaritano* e *bom dia* (para a saudação matinal) são exemplos de discurso repetido.

D) Sistema, norma, fala e tipo linguístico

1 – Os Quatro Planos de Estruturação

Uma língua funcional apresenta diversos planos de estruturação. Distinguem-se quatro planos de estruturação: o *falar* (que é o plano da realização, isto é, uma técnica idiomática efetivamente realizada), e três planos de técnica ou de saber enquanto tal: a *norma*, o *sistema* e o *tipo linguístico*, que dizem respeito exclusivamente à estruturação de uma mesma técnica idiomática, em oposição à *arquitetura*, que, como já vimos, diz respeito à diversidade interna da língua histórica, com seu conjunto de línguas funcionais, em parte coincidentes e em parte diferentes umas das outras.

2 – A Norma

A *norma* contém tudo o que na língua não é funcional, mas que é tradicional, comum e constante, ou, em outras palavras, tudo o que se diz "assim, e não de outra maneira". É o plano de estruturação do saber idiomático que está mais próximo das realizações concretas. O sistema e a norma de uma língua funcional refletem a sua estrutura.

3 – O Sistema

O *sistema* contém apenas as oposições funcionais, isto é, contém unicamente os traços distintivos necessários e indispensáveis para que uma unidade da língua (quer no plano da expressão, quer no plano do conteúdo) não se confunda com outra unidade.

Assim, no sistema dos relativos em português, *que* e *o qual* se opõem ambos a *quem* e *cujo*, por exemplo; mas a norma usual da língua prefere unicamente *o qual*, e não *que*, depois de preposição com mais de duas sílabas:

> Os caminhos *de que* (*dos quais*) lhe falei...

mas:

> As razões *segundo as quais* (e não *segundo que*).

O sistema verbal português marca a 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo com o morfema -*o*: eu cant*o*, vend*o*, part*o*.

Crianças e adultos que usam incorretamente a forma verbal *seio* (por *sei*) são levados a fazê-lo por força do sistema, mas desconhecem a norma.

O sistema do português conta, além de outros, com o sufixo -*ção* para formar substantivos, em geral denotadores de ação, oriundos de verbos: *coroar* → *coroação*; *colocar* → *colocação*.

Todavia, a norma prefere *casamento* a *casação*, *livramento* a *livração*, *tomada* a *tomação* o u *tomamento*, etc. Outras vezes, a norma agasalha ambas as formas possibilitadas pelo sistema.

No domínio da sintaxe também se comprova a distinção entre norma e sistema. Os chamados complementos verbais quando constituídos por substantivos normalmente se dispõem na ordem *direto* + *indireto* (Dei *um livro ao primo*), mas quando aparece, numa dessas funções ou nas duas, pronome pessoal, a norma é vir primeiro o indireto: (Dei-*lhe um livro*) / Dei-*lho* (lhe + o).

O falante domina o sistema de uma língua quando está em condições de criar nela. Relativamente à norma, o seu domínio é muito mais complexo e exige do falante uma aprendizagem por toda a vida.

A norma pode coincidir com o sistema quando este oferece uma só possibilidade de realização.

O distanciamento entre sistema e norma de realização se manifesta quando a "novidade" criada à luz do sistema inexiste na norma, na tradição já realizada e, por isso mesmo, não se encontra registrada nos dicionários e nas gramáticas. Foi o caso, entre nós, de *imexível*, nascido com procedimentos do sistema do mesmo modo que *intocável*, *infalível*, etc., mas não ainda realizado na norma. Esqueceram-se os críticos de que uma língua viva não está feita, isto é, que não só estrutura seus atos por modelos precedentes, mas faz-se e refaz-se constantemente, encerra formas feitas e tem potencialidade para criar formas novas, e está sempre a serviço das necessidades expressivas de qualquer falante. É nisto que consiste a dimensão criatividade já aludida aqui anteriormente.

Como também pode conter traços não pertinentes do ponto de vista de oposição funcional, a norma, em certo sentido, tem maior amplitude que o sistema, já que este só contém traços distintivos necessários e indispensáveis para que uma unidade da língua se diferencie de outra

unidade. Por outro lado, o sistema é mais amplo do que a norma, porque propicia também possibilidades inéditas, não realizadas na norma da língua.

4 – O Tipo Linguístico

O *tipo linguístico* é o mais alto plano que se pode comprovar da técnica da língua. É o conjunto coerente de categorias funcionais e de tipos de procedimentos materiais que configuram um sistema ou diferentes sistemas: compreende as categorias de oposições de expressão e de conteúdo e os tipos de funções. Enquanto o sistema é sistema de possibilidades em relação à norma, o tipo é sistema de possibilidades em relação ao sistema.

No processo histórico, a norma pode modificar-se permanecendo inalterável o sistema, bem como o sistema pode modificar-se conservando no tipo seus princípios de configuração. As numerosas semelhanças que se podem apontar nas línguas românicas não se explicam somente pela origem comum e influências recíprocas, mas também porque, com exceção do francês, se configuraram em vários pontos por princípios funcionais análogos de tipo linguístico [ECs.14, 53-54].

Por fim, cabe esclarecer que a tipologia linguística está nos seus começos; alguns estudos que se têm realizado com seu nome nada mais são do que gramática contrastiva no nível dos sistemas e classificação de procedimentos idiomáticos.

No tocante às relações conceituais de fala, norma, sistema e tipo linguístico no quadro teórico de E. Coseriu e de F. de Saussure, fala corresponde mais ou menos à *parole*; a norma e o sistema da língua correspondem, no seu conjunto, mais ou menos à *langue*, enquanto o tipo linguístico não foi identificado como tal pelo linguista genebrino.

E) Propriedades dos estratos de estruturação gramatical 1

1 – Os Estratos Gramaticais

Em português, os estratos gramaticais possíveis são, pela ordem ascendente: o *elemento mínimo* (ou *monema*), a *palavra* gramatical, o *grupo de palavras*, a *cláusula*, a *oração* e o *texto*:

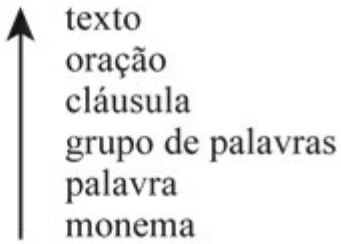

Do ponto de vista de sua função gramatical, *casa-* e *-s* são "monemas"; já *casas*, na oposição *casa* / *casas*, é uma "palavra gramatical" com sua função "plural", uma vez que *-s* é

o "pluralizador" e *casa*- o "pluralizado", e o sintagma inteiro *casas* é o "plural". Em português, a "explicação" e a "especificação" são funções do nível do grupo de palavras e se expressam mediante a posição do adjetivo. No grupo substantivo + adjetivo *o manso boi*, *o vasto oceano*, o adjetivo é explicativo (já que não separa classes menores dentro das classes "boi" e "oceano"; apenas expressa propriedades inerentes a estas classes); no entanto, em *o boi manso*, o adjetivo é "especificativo" (porque serve para opor um boi manso a outros bois não mansos). Como no exemplo anterior, *manso* é "explicador"e *boi* o termo "explicado", e o sintagma inteiro *o manso boi* é um "explicativo".

A oposição correspondente às funções "comentário" e "comentado" ocorre no estrato funcional a que Coseriu dá o nome convencional cláusula, que é o estrato que, no interior de uma só e mesma oração, estabelece a referida oposição. O chamado "advérbio de oração", que não passa de uma cláusula "comentário", ocorre nesse nível de estruturação. Em *Eu sei certo*, só temos uma oração, sem nenhum comentário, porque significa simplesmente 'eu sei com segurança', 'com certeza'. Já na oração em *Certamente, eu sei*, há duas cláusulas: a cláusula comentário *certamente* e a cláusula *eu sei*, e o conteúdo do enunciado oracional é equivalente a 'certamente, eu o sei', 'é certo que eu o sei', 'eu o sei, e este fato é certo'. Assim, *certamente* não determina o valor lexical de *eu sei*, mas assegura a realidade mesma do fato de saber.

O estrato gramatical da oração é caracterizado pela função "predicativa". Nela, o "sujeito" e o "predicado" são funções sintagmáticas e puramente relacionais: o predicado é o termo "referido", e o sujeito, o termo "referente", a função sintagmática é a de "referência", e a unidade resultante é a "predicação referida", que se opõe, neste nível, à "predicação não referida". Em *O aluno estuda* temos uma predicação referida; em *Chove*, *Faz calor*, uma predicação não referida. Registre-se aqui, de passagem, que a oração dita complexa não constitui um estrato superior da oração. O estrato superior da oração – simples ou complexa – é o texto.

No estrato do texto, como estrato gramatical idiomático, – e não como outras estruturas, por exemplo, o "soneto", a "crônica", a "novela"-, podemos ter casos como a oposição entre "pergunta não repetida" e "pergunta repetida". Se se pergunta *Você vai bem*?, no nível do texto, isto significa que se faz a pergunta pela primeira vez, ou pela qual não se manifesta se ela se diz pela primeira vez ou não. Mas já em *E você, como vai*? ou *E você vai bem*? ou *Que você vai bem*?, trata-se, sem dúvida, de uma pergunta repetida, ou porque, depois de uma primeira pergunta, agora se quer saber acerca do nosso interlocutor, ou então porque este não compreendeu a primeira pergunta sobre como passava de saúde ou de situação. Trata-se aqui de uma oposição no nível do discurso ou do texto, e não no nível da oração.

O número dos estratos gramaticais nem sempre é igual de língua para língua. Segundo Halliday, citado por Coseriu, só dois estratos são imprescindíveis, o do monema e o da oração.

2 – Propriedades dos Estratos de Estruturação Gramatical

São quatro estas propriedades: a *superordenação* (ou *hipertaxe*), a *subordinação* (ou

hipotaxe), a *coordenação* (ou *parataxe*) e a *substituição* (ou *antitaxe*).

Tais propriedades podem ser assim representadas graficamente:

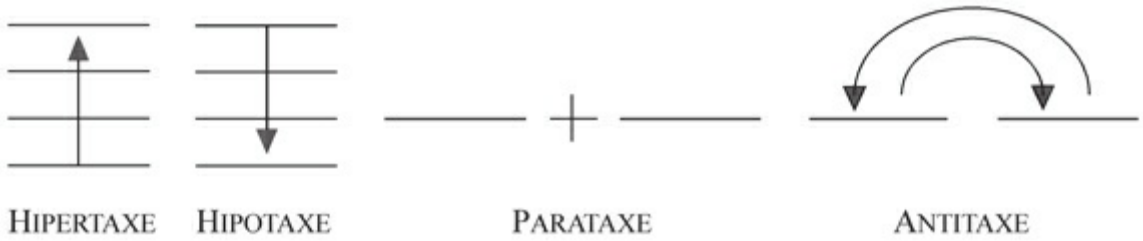

3 – Hipertaxe ou Superordenação

A hipertaxe é a propriedade pela qual uma unidade de um estrato inferior pode funcionar por si só – isto é, combinando-se com zero – em estratos superiores, podendo chegar até ao estrato do texto e aí opor-se a unidades próprias desse novo estrato. Assim, um monema pode, em princípio, funcionar como palavra; uma palavra como grupo de palavras, e assim sucessivamente.

Tomando o exemplo *casa – casas*, o elemento mínimo *casa* funciona como "singular" no nível da palavra gramatical, por oposição a *casas*, por estar "combinado" com zero. Em *casa – a casa*, a palavra *casa*, já determinada como "singular", funciona no nível do grupo de palavras como "virtual, inatual" – em oposição ao "atual" *a casa*. Em *Certamente*! *Claro*!, estamos diante de uma superordenação da palavra no nível da cláusula, e desta ao nível da oração e do texto.

As línguas conhecem restrições na manifestação dessa propriedade; por exemplo, a superordenação de palavras ou grupos de palavras no nível do texto é mais reduzida nas perguntas do que nas respostas. Uma resposta como *Isabel* é muito normal, diante da pergunta *Quem acabou de sair*? Por outro lado, uma pergunta como (*E*) *Isabel*? É certamente possível, mas exige um contexto especial. Salvo num caso de uma retomada de discurso anterior ou de emprego metalinguístico, as palavras morfemáticas, isto é, de significado puramente instrumental (artigos, preposições, conjunções), estão em geral impossibilitadas de se superordenar em nível de texto. Entretanto, nas retomadas de discurso anterior, e na metalinguagem, pode-se superordenar no nível da oração e do texto um monema, uma palavra morfemática ou até uma palavra, como, por exemplo, ocorre com *sem* na resposta à pergunta do tipo: *Viajarás com ou sem teus pais*? – *Sem*. Ou então o sufixo *-ção* na resposta diante da dúvida: *É condenação ou condenamento*? – *Ção*.

Na maioria dos casos reais da chamada *elipse* o que se tem, na verdade, é uma forma de superordenação (quase sempre combinada com uma substituição por retomada).

4 – Hipotaxe ou Subordinação

A hipotaxe é a propriedade oposta à hipertaxe: consiste na possibilidade de uma unidade correspondente a um estrato superior poder funcionar num estrato inferior, ou em estratos inferiores. É o caso de uma oração passar a funcionar como "membro" de outra oração, particularidade muito conhecida em gramática. O importante é, entretanto, verificar que este tipo de propriedade não fica só aqui, mas tem uma aplicação mais extensa. Em princípio, toda unidade superior ao estrato do monema pode ser subordinada. Um texto inteiro pode funcionar como uma oração num outro texto; uma oração como uma cláusula ou grupo de palavras; um grupo de palavras como uma palavra gramatical, e uma palavra como um elemento mínimo.

E m *Verdadeiramente ele disse isso*, a cláusula comentário (*verdadeiramente*), por hipertaxe, passa a oração (é verdade), enquanto temos hipotaxe da cláusula comentada (*ele disse isso*). As palavras compostas, do tipo de *planalto*, e as perífrases lexicais, como *pé de valsa* ('exímio dançarino') são, do ponto de vista gramatical, subordinações ou hipotaxes de grupos de palavras no nível da palavra; por outro lado, locuções do tipo *por meio de*, *por causa de* funcionam no nível de elementos mínimos (aproximadamente como *com*, *por*).

Vista pelo prisma da hipotaxe, percebe-se que a ideia de conceber as "conjunções subordinativas" como elementos que "unem" orações nasce do falso paralelismo entre subordinação (hipotaxe) e coordenação (parataxe). Na realidade, em línguas como o português, as conjunções subordinativas não são mais que morfemas de subordinação ou ainda preposições combinadas com esses morfemas. Em princípio, para subordinar orações ou cláusulas de estrutura oracional, temos necessidade de dois instrumentos: um para marcar a subordinação, isto é, para indicar que uma estrutura oracional de verbo flexionado funciona como membro de uma oração, e não como oração independente, e outro instrumento para indicar a função que esta estrutura exerce na oração complexa. No português essa marca de subordinação é *que*. Em se tratando de função sintagmática não marcada na oração ("sujeito", "complemento direto"), só se emprega esta marca *que*. Pode-se prescindir desta marca se o sintagma oracional subordinado já se acha indicado por um pronome, um advérbio interrogativo (ou exclamativo) ou pela conjunção *se* da interrogação geral: É preciso *que venhas.* Ela espera *que venhas.* Ela sabe *quem vem.* Os alunos não sabem *quando saem* os resultados. O professor não sabe *se haverá feriado nesta semana.*

Se se trata de função sintagmática introduzida (no caso de uma palavra ou de um grupo de palavras) por preposição, a chamada conjunção subordinada é normalmente constituída por essa preposição com *que*: *para acabar* / *para que acabe*; *antes da* (de a) *guerra começar* / *antes de que a guerra comece*, etc...

Pelos exemplos, vê-se que primeiro se subordina mediante o instrumento de subordinação (*que*) e depois se introduz o sintagma subordinado pela preposição correspondente à função sintagmática respectiva.

5 – Parataxe ou Coordenação

Consiste a parataxe na propriedade mediante a qual duas ou mais unidades de um mesmo estrato funcional podem combinar-se nesse mesmo nível para constituir, no mesmo estrato, uma nova unidade suscetível de contrair relações sintagmáticas próprias das unidades simples

deste estrato. Portanto, o que caracteriza a parataxe é a circunstância de que unidades combinadas são equivalentes do ponto de vista gramatical, isto é, uma não determina a outra, de modo que a unidade resultante da combinação é também gramaticalmente equivalente às unidades combinadas. Não sobem a estrato de estruturação superior. Assim, duas palavras combinadas persistem no nível da palavra e não constituem um "grupo de palavras", como se passassem ao nível imediatamente superior.

Podem-se coordenar orações que apresentam uma mesma função textual, palavras e grupos de palavras de mesmas funções (tais como sujeito, complemento, adjunto) e até preposições e conjunções do estrato de monemas, como *com* e *sem*, *e* e *ou*. A única condição a ser respeitada é que se trate de unidades pertencentes ao mesmo estrato ou transpostas ao mesmo estrato em virtude de hipertaxe ou de hipotaxe. Daí que estruturas do tipo [*ricos homens*] *e mulheres*/ [*ricos*] *homens e mulheres*, conforme a ordem de operações levadas a cabo na estruturação da expressão: constituição do grupo de palavras *ricos homens* e depois coordenação com *mulheres* ou, ao contrário, primeiro coordenação de *homens e mulheres*, no nível da palavra, por hipotaxe, e em seguida constituição do grupo de palavras por meio da determinação com *ricos*.

Pode-se, outrossim, coordenar uma palavra com uma oração que funciona como membro de outra oração desde que exerçam a mesma função, como em: Ele agora sabe *a verdade* e *que eu não lhe havia mentido*. Mas para isso foi necessário que a oração subordinada passasse ao estrato de grupo de palavras e de palavra gramatical, por meio da hipotaxe, para então ser possível a coordenação no mesmo nível da palavra.

Tem a parataxe sido vista apenas em relação à coordenação de orações, especialmente a parataxe aditiva com um só verbo flexionado, como se fosse o somatório com apagamento dos elementos idênticos nas orações coordenadas. Isto realmente ocorre em casos como *João e Maria leem*, que corresponde a *João lê* e *Maria lê*, mas já duvidosa em *João e Maria se casaram* e impossível, por absurda em *João e Maria se parecem*, que não vale por *João é parecido + Maria é parecida*. Na realidade, em todos estes casos se trata apenas da *ordem operacional* seguida na constituição da expressão, ordem que na interpretação deve ser refeita às avessas. Assim, tem-se inicialmente a coordenação *João e Maria* e depois a predicação constitutiva da oração.

Outro ponto que há de merecer a nossa atenção é o fato de que, partindo dos três tipos fundamentais e opositivos de coordenação em português (a aditiva, adversativa e a alternativa), estas construções podem ainda exprimir relações internas de "dependência", o que, à primeira vista, parece paradoxal, porque é o mesmo que dizer que "a parataxe inclui a hipotaxe" ou que "a parataxe também é hipotaxe". Na realidade, o que temos nesses casos é, a uma só vez, parataxe e hipotaxe, mas não no mesmo nível de estruturação gramatical. No nível da oração tais construções são paratáticas; mas exprimem ao mesmo tempo relações internas de dependência no que diz ao *sentido do discurso* e, por isso, manifestam funções sintagmáticas no nível do texto: os segundos elementos dessas construções se acham coordenados no nível da oração, mas são subordinados aos primeiros elementos enquanto *unidades textuais*. É o mesmo caso que ocorre com as orações introduzidas por *pois*, *porquanto*, *por isso*, *por conseguinte*, *logo*, a que a gramática tradicional e escolar chama

orações "conclusivas" e "causais-explicativas". Embora exprimindo estados de coisas comparáveis aos das orações subordinadas, são consideradas, não sem razão, orações "principais" ou "independentes". Na realidade, são independentes no nível da oração, mas são elementos subordinados do ponto de vista de unidades de conteúdo no nível superior do texto.

6 – Antitaxe ou Substituição

É a propriedade mediante a qual uma unidade de qualquer estrato gramatical já presente ou virtualmente presente ("prevista") na cadeia falada pode ser representada – retomada ou antecipada – por outra unidade de outro ponto da cadeia falada (quer no discurso individual, quer no diálogo), podendo a unidade que substitui ser parte da unidade substituída, com idêntica função ou mesmo zero. É o fenômeno muito conhecido no domínio dos pronomes que "substituem" (= "representam") lexemas (palavras ou grupos de palavras), inclusive lexemas inexistentes como tais na língua, como é o caso dos pronomes "neutros" (*isto*, *isso*, *aquilo*), que podem referir-se a um fato, a uma circunstância ou a uma situação.

O fenômeno da antitaxe, entretanto, é uma realidade de muito maior amplitude e diz respeito, em princípio, a todos os estratos gramaticais. Assim, a retomada mediante *sim*, *não*, diz respeito aos níveis da oração e do texto; e a não repetição (retomada por zero) de uma preposição na coordenação dos complementos ou do pronome sujeito na coordenação de dois ou mais verbos diz respeito ao estrato de elementos mínimos.

No interior da antitaxe, podemos distinguir, do ponto de vista constitucional (cf.) a antecipação e a retomada (ou "anáfora", "catáfora"), isto é, a representação "antes" e "depois", sendo esta válida até para a representação zero.

Do ponto de vista funcional, é preciso distinguir a antitaxe puramente material em que a unidade que substitui, além de representar a unidade substituída, tem também uma função particular, própria ao domínio da substituição. Assim, no português *clara e duramente*, temos uma antitaxe puramente material (o zero antecipador de *clara* tem exatamente a mesma função que *-mente* em *duramente*), enquanto na retomada por meio de *sim*, *não*, estamos diante de uma antitaxe funcional, já que tais unidades, além de representar o que foi dito pelo interlocutor (constituindo por isso "pro-orações" ou "pro-textos" e não meramente advérbios), exprimem também uma tomada de posição por parte do falante: a concordância ou a discordância com o conteúdo de consciência manifestado pelo interlocutor.

A rigor, a antitaxe é um fenômeno "transfrásico", um fenômeno do plano do "discurso" ou do "texto", uma parte porque concerne à constituição do discurso como tal, à estruturação material e funcional da cadeia falada, conforme as relações presentes na própria cadeia, e por outra parte, porque ela ignora as fronteiras entre as orações, funcionando independentemente dessas fronteiras tão bem numa só e mesma oração como em várias orações ao mesmo tempo e, quase sempre, além dos limites entre as orações. Daí este fenômeno pertencer ao domínio da linguística do texto. Entretanto, deve a antitaxe ser também estudada e descrita na gramática das línguas, mesmo numa "phrase-grammar", porque a expressão substituída apresenta procedimentos, materiais e funções que lhe são próprias e porque as línguas, como sistemas paradigmáticos, apresentam uma grande diversidade a este respeito.

F) Dialeto – Língua comum – Língua exemplar. Correção e exemplaridade. Gramáticas científicas e gramática normativa. Divisões da gramática e disciplinas afins. Linguística do texto

1 – Língua Comum e Dialeto

Já vimos que uma língua histórica, como o português, está constituída de várias "línguas" mais ou menos próximas entre si, mais ou menos diferenciadas, mas que não chegam a perder a configuração de que se trata "do português" (e não do galego, ou do espanhol, ou do francês, etc.), quer na convicção de seus falantes nativos, quer na convicção dos falantes de outros idiomas. Há uma *diversidade* na *unidade*, e uma *unidade* na *diversidade*.

Os falantes dessas diversidades, por motivações de ordem política e cultural, tendem a procurar, graças a um largo período histórico, um veículo comum de comunicação que manifeste a unidade que envolve e sedimenta as várias comunidades em questão. Geralmente, nessas condições, se eleva um dialeto – em geral o que apresenta melhores condições políticas e culturais – como veículo de expressão e comunicação que paire sobre as variedades regionais e se apresente como espelho da unidade que deseja refletir o bloco das comunidades irmanadas.

Esta unidade linguística ideal – que nem sempre cala o prestígio de outros dialetos nem afoga localismos linguísticos – chama-se *língua comum*.

No caso de Portugal, o dialeto falado na região Entre Douro e Minho (dialeto interamnense) – sede do governo e da instrução superior – alçou à condição de língua comum. Como a língua comum recebe, em geral, o nome da língua histórica (isto é, daquela que engloba as variedades dialetais de que vimos falando), em nosso caso particular a língua comum é denominada *língua portuguesa* ou, simplesmente, *português*. Isto ocorre por toda a parte; assim é que o dialeto de Paris (franciano) passou a denominar-se *francês*, o de Florença (toscano florentino) *italiano*, o de Castela *castelhano* ou *espanhol*. Por isso é que se diz que entre *língua* e *dialeto* não há diferença de natureza, e sim de prestígio político e cultural, além do fato da maior extensão geográfica da língua comum. Algumas vezes a língua comum desbanca os primitivos dialetos, como ocorreu com a *koiné* grega.

Por motivações de ordem cultural e para conter, na medida do possível e do razoável, a força diferenciadora, centrífuga, que caracteriza o perpétuo devenir das línguas, pode-se desenvolver dentro da língua comum um tipo de outra língua comum, mais disciplinada, normatizada idealmente, mediante a eleição de usos fonético-fonológicos, gramaticais e léxicos como padrões exemplares a toda a comunidade e a toda a nação, a serem praticados em determinadas situações sociais, culturais e administrativas do intercâmbio superior. É a modalidade a que Coseriu chama língua exemplar, mais relativamente uniforme do que a língua comum, porque está normatizada intencionalmente [ECs.8, 164-165]. Esta uniformidade relativa é mais frequente quando a língua comum é usada em países diferentes. É o que acontece entre nós, onde se registra uma exemplaridade do português do Brasil ao lado de uma exemplaridade do português de Portugal, em grande parte de delineação complexa, porque a

exemplaridade do português – e não fato exclusivo do nosso domínio – não está claramente fixada em suas formas, conteúdos e procedimentos [ECs.8, 35].

2 – O Exemplar e o Correto

Há de distinguir-se cuidadosamente o *exemplar* do *correto*, porque pertencem a planos conceituais diferentes. Quando se fala do exemplar, fala-se de uma forma eleita entre as várias formas de falar que constituem a língua histórica, razão por que o eleito não é nem correto nem incorreto.

Já quando se fala do correto, que é um juízo de valor, fala-se de uma conformidade com tal ou qual estrutura de uma língua funcional de qualquer variedade diatópica, diastrática ou diafásica. Por ele se deseja saber se tal fato está em conformidade com um modo de falar, isto é, com a língua funcional, com a tradição idiomática de uma comunidade, fato que pode ou não ser o modo exemplar de uma língua comunitária.

O modo exemplar pertence à arquitetura da língua histórica, enquanto o correto (ou incorreto) se situa no plano da estrutura da língua funcional. Cada língua funcional tem sua própria correção à medida que se trata de um modo de falar que existe historicamente.

3 – Gramática Descritiva e Gramática Normativa

Daí é fácil concluir que não devemos confundir dois tipos de gramática: a *descritiva* e a *normativa*.

A gramática descritiva é uma disciplina científica que registra e descreve (daí o ser *descritiva*, por isso não lhe cabe definir) um sistema linguístico em todos os seus aspectos (fonético-fonológico, morfossintático e léxico).

Cabe tão somente à gramática descritiva registrar como se diz numa língua funcional.

Por ser de natureza científica, não está preocupada em estabelecer o que é certo ou errado no nível do saber elocutivo, do saber idiomático e do saber expressivo.

A gramática descritiva se reveste de várias formas segundo o que examina mediante uma metodologia empregada, formas que não cabe aqui explicitar, mas tão somente enumerar: *estrutural*, *funcional*, *estrutural e funcional*, *constrastiva*, *distribucional*, *gerativa*, *transformacional*, *estratificacional*, *de dependências*, *de valências*, *de usos*, etc. A gramática estrutural funcional concebida por E. Coseriu aplica-se à depreensão e descrição dos paradigmas do significado gramatical, das estruturas gramaticais de uma língua particular.

Cabe à *gramática normativa*, que não é uma disciplina com finalidade científica e sim pedagógica, elencar os fatos recomendados como modelares da exemplaridade idiomática para serem utilizados em circunstâncias especiais do convívio social.

A gramática normativa recomenda como se deve falar e escrever segundo o uso e a autoridade dos escritores corretos e dos gramáticos e dicionaristas esclarecidos.

4 – Âmbitos de Estudo da Gramática

Como vimos, a gramática descritiva registra e descreve todos os aspectos de uma língua particular, homogênea e unitária. Por isso, aparece diversificada nos capítulos pelos quais costuma ser apresentada: *fonética* e *fonologia*, *morfologia* e *sintaxe* (melhor *morfossintaxe*), *semântica*, *estilística*.

4.1 – Fonética e Fonologia

A fonética e a fonologia estudam o aspecto físico-fisiológico, isto é, o aspecto fônico. A fonética se ocupa do aspecto acústico e fisiológico dos sons reais e concretos dos atos linguísticos: sua produção, articulação e variedades.

Já para a fonologia, a unidade básica não é o som, mas o *fonema*, visto como unidade acústica que desempenha função linguística distintiva de unidades linguísticas superiores dotadas de significado. Assim, em *tinta*, a fonética, levando em conta a realidade acústica na pronúncia carioca, distingue dois sons diferentes de *t*, enquanto a fonologia considera funcionalmente um só *t*, pois, apesar de articulado diferentemente nas várias realizações, o falante se considera diante de uma mesma palavra: *tinta*.

4.2 – Sistema gráfico

Nas línguas em que, ao lado da realidade *oral*, existe a representação escrita de um sistema convencional dessa oralidade chamado *sistema gráfico* ou *ortografia*, este sistema se regula, em geral, ora pela fonética, ora pela fonologia, o que conduz a uma primeira dificuldade para se chegar a um sistema ideal, que exigiria uma só unidade gráfica para um só valor fônico. Neste particular tornou-se necessário não se confundir *letra* com *som* da fala; letra é a representação gráfica com que se procura reproduzir na escrita o som, o que não significa identificá-los. O nosso sistema fonológico tem sete fonemas vocais orais tônicos para cuja representação temos apenas cinco letras (**a** – **e** – **i** – **o** – **u**). Costuma-se hoje chamar *grafema* à unidade gráfica (letra) da escrita.

Em se tratando de línguas modernas que adotaram um sistema gráfico aproveitando o alfabeto latino, como ocorre com a maioria dos idiomas modernos, três fatores contribuem para que não se alcance uma ortografia ideal, apesar de entrarem em seu socorro recursos de letras e sinais diacríticos não existentes em latim:

a) adoção de alfabeto estranho, como o latino, nem sempre capaz de atender à representação de fonemas das novas línguas;

b) mudança através do tempo de fonemas das novas línguas, depois de adotado o alfabeto latino;

c) permanente indecisão das convenções ortográficas entre a opção fonético-fonológica e a "etimológica" (este, pelo prestígio dos hábitos da escrita latina).

4.3 – Alfabeto fonético

Para fins científicos e pedagógicos (principalmente nas gramáticas e dicionários destinados a estrangeiros), usam-se *alfabetos fonéticos* que procuram na transcrição representar fielmente cada unidade fônica por meio de um sinal gráfico, escolhido entre as letras já existentes no alfabeto e mais sinais especiais criados para atingir a fidelidade acústica

desejada.

4.4 – Gramática e Estilística

A gramática pode estudar tanto o aspecto da pura comunicação (chamada linguagem enunciativa ou intelectiva) quanto o aspecto afetivo, de exteriorização psíquica e apelo (linguagem emotiva).

De modo geral, aplica-se a gramática propriamente dita aos aspectos da linguagem intelectiva, ficando a linguagem emotiva para tarefa de uma disciplina chamada *estilística*, de que falaremos mais adiante.

4.5 – Morfossintaxe

A parte central da gramática pura é a morfossintaxe, também com menos rigor estudada como dois domínios relativamente autônomos: a *morfologia* (estudo da palavra e suas "formas") e a *sintaxe* (estudo das combinações materiais ou funções sintáticas). Ocorre que, a rigor, tudo na língua se refere sempre a combinações de "formas", ainda que seja combinação com zero ou ausência de "forma"; assim, toda essa pura gramática é na realidade sintaxe, já que a própria oração não deixa de ser uma "forma"(na lição tradicional, ela não pertence ao domínio da morfologia). Melhor seria se adotássemos a proposta de Eugenio Coseriu que já estava presente numa lição de Gabelentz; a gramática se comporia de três seções: a) "constitucional" (que descreveria a configuração material da "forma" gramatical, abrangendo por forma também o grupo de palavras, a oração e o período); b) "funcional" (que investiga as funções dos diferentes estratos de estruturação gramatical, comprovando os paradigmas que funcionam em cada estrato); c) "relacional" (que estuda as relações entre os diferentes paradigmas pelos quais se expressam funções designativas análogas) [ECs.4, 262-263].

4.6 – Lexicologia

Outro domínio dos estudos gramaticais que, pela sua especificidade e extensão também constitui uma disciplina autônoma, é a *lexicologia*.

É tarefa da lexicologia o estudo dos *lexemas*, suas estruturas e variedades e suas relações com os significantes. Entende-se por lexema a unidade linguística dotada de *significado léxico*, isto é, aquele significado que aponta para o que se apreende do mundo extralinguístico mediante a linguagem. Assim, em *amor*, *amante*, *amar*, *amavelmente* o significado léxico é comum a todas as palavras da série.

Levando-se em conta o plano da expressão (significante) e o plano do conteúdo (significado), a lexicologia abarcará quatro disciplinas subsidiárias [ECs.12, 46-48]:

a) *lexicologia da expressão*: estudo das relações entre os vários significantes léxicos enquanto tais, por exemplo, *amar* ↔ *amante*, *falar* ↔ *falante* ao lado de *saltar* ↔ *saltador*.

b) *lexicologia do conteúdo*: estudo das relações entre os significados léxicos enquanto tais: *salário*, *ordenado*, *provento*, *honorário*, *soldo*, *mesada*; ou *sair* x *chegar*, etc. (sinônimos, antônimos)

c) *semasiologia*: estudo da relação entre os dois planos partindo da expressão para o conteúdo: o significante *hóspede* com os significados de 'aquele que dá a hospedagem' e

‘aquele que recebe a hospedagem’; *nora* ‘esposa de filho em relação aos pais dele’, e *nora* ‘aparelho para tirar água de poço, cisterna’.

Tradicionalmente é este estudo que se reconhece em geral como a disciplina semântica ou semântica lexical.

d) *onomasiologia*: estudo da relação dos dois planos, partindo do conteúdo: para o significado ‘dinheiro’ há os significantes *prata*, *massa*, *erva*, *caraminguá*, *arame*, *mango* (quase todos populares ou familiares).

Há disciplinas lexicológicas preocupadas com a origem dos palavras. Aí temos a *etimologia* (estudo da origem delas), a *onomástica* (estudo histórico dos nomes próprios, dividida em *antroponímia* – história dos nomes de pessoa – e *toponímia* – história dos nomes de lugares).

4.7 – Outra vez a Estilística

A seguir, temos a estilística, a qual, conforme dissemos anteriormente, é o estudo dos aspectos afetivos que envolvem e caracterizam a linguagem emotiva que perpassa todos os fatos de língua. Pode tanto aplicar-se àqueles usos da esfera afetiva e emotiva generalizados na língua, por exemplo, os diminutivos, os aumentativos, as hipérboles, etc. (a chamada *estilística da língua* de Charles Bally), ou então às criações estéticas originais e inéditas de um autor ou de uma obra (a chamada *estilística da fala* da escola idealista alemã de Karl Vossler, Leo Spitzer e seguidores).

4.8 – Outros tipos de Gramática

Além da gramática descritiva, são também gramáticas científicas, isto é, sem finalidade prescritiva ou normativa, e com objeto e metodologia próprios:

a) *gramática geral* (mais impropriamente chamada *gramática universal*): estudo dos fundamentos teóricos dos conceitos gramaticais (e por isso mesmo lhe cabe a definição desses conceitos), ou, noutro sentido, procura os fatos gramaticais comuns e gerais a vários sistemas linguísticos. Também é denominada *teoria gramatical*. Esta gramática investiga o plano universal da linguagem e, por isso, não tem como objeto uma língua particular, como as gramáticas seguintes, que investigam o plano histórico da linguagem, uma vez que estudam línguas históricas, isto é, técnicas (saberes) historicamente determinadas.

b) *gramática comparada*: estudo comparado de línguas pertencentes a um tronco ou “família” procedente de uma fonte comum primitiva, com vista a estabelecer os fatos manifestados pela relação de “parentesco”.

c) *gramática histórica* (considerada em sentido estrito): estudo diacrônico de um só sistema idealmente homogêneo.

d) *história interna da língua*: estudo diacrônico de uma língua histórica.

Citem-se mais as seguintes disciplinas linguísticas:

1) *dialetologia*: estudo das diferenças regionais de uma língua; sua aplicação, mediante método particular para cada uma, se faz com duas subdisciplinas: *geografia linguística* e *paleontologia linguística*.

2) *sociolinguística*: estudo da variedade e variação da linguagem em relação com a estrutura social das comunidades.

3) *etnolinguística*: estudo da variedade e variação da linguagem em relação com a civilização e a cultura [ECs.15, 29].

4) *psicolinguística*: estuda o aspecto psíquico da atividade linguística.

Até aqui, as gramáticas e disciplinas que investigam os fatos de uma língua ou de línguas particulares são disciplinas que se aplicam ao plano idiomático da linguagem.

Por fim, cabe aludir à *linguística do texto*, campo recente de estudo, que visa a examinar o sentido do texto considerado como entidade autônoma da linguagem. Investiga o plano individual da linguagem. É o estudo da hermenêutica do sentido. Para Coseriu, enquanto as disciplinas que estudam a língua se aplicam ao exame da estrutura do significante e à descrição da estrutura do significado, a pura linguística do texto se aplica à interpretação do significante e do significado da língua como expressão do sentido [ECs.3].

1 E. Coseriu [ECs.15, 22; ECs.4, 172].

I – Fonética e Fonologia

A) Produção dos sons e classificação dos fonemas

1 – Fonética Descritiva

Fonemas – Chamam-se fonemas os sons elementares e distintivos que o homem produz quando, pela voz, exprime seus pensamentos e emoções.

Fonemas não são letras – Desde logo uma distinção se impõe: não se há de confundir *fonema* com *letra*. *Fonema* é uma realidade acústica, realidade que nosso ouvido registra; enquanto *letra* é o sinal empregado para representar na escrita o sistema sonoro de uma língua. Não há identidade perfeita, muitas vezes, entre os fonemas e a maneira de representá-los na escrita, o que nos leva facilmente a perceber a impossibilidade de uma *ortografia* ideal. Temos, como veremos mais adiante, *sete* vogais orais tônicas, mas apenas *cinco* símbolos gráficos (letras): *a*, *e*, *i*, *o*, *u*. Quando queremos distinguir um *e* tônico aberto de um *e* tônico fechado – pois são dois fonemas distintos – geralmente utilizamos sinais subsidiários: o acento agudo (*fé*) ou o circunflexo (*vê*). Há letras que se escrevem por várias razões, mas que não se pronunciam, e portanto não representam a vestimenta gráfica do fonema; é o caso do *h* em *homem* ou *oh!* Por outro lado, há fonemas que se ouvem e que não se acham registrados na escrita; assim, no final de *cantavam*, ouvimos um ditongo em *-am* cuja semivogal não vem assinalada /amávãw/. A escrita, graças ao seu convencionalismo tradicional, nem sempre espelha a evolução fonética. Neste livro, diferençamos a letra do fonema, pondo este entre barras; dessarte, indicaremos o *e* aberto e *e* fechado da seguinte maneira: /*é*/, /*ê*/.

Fonética e Fonologia – Na atividade linguística, o importante para os falantes é o fonema, e não a série de movimentos articulatórios que o determina. Assim sendo, enquanto a análise fonética se preocupa tão-somente com a articulação, a fonêmica atenta apenas para o fonema que, reunindo um feixe de traços que o distingue de outro fonema, permite a comunicação linguística. A fonética pode reconhecer, e realmente o faz, diversas realizações para o /*t*/ da série *ta-te-ti-to-tu*; a fonêmica não leva em conta as *variações* (que se chamam *alofones*), porque delas não tomam conhecimento os falantes de língua portuguesa. Um fonema admite uma gama variada de realizações fonéticas que vai até a conservação da integridade do vocábulo: quando isto não ocorre, diz-se que houve mudança de fonema. O /*l*/ admite várias realizações no Brasil, de norte a sul (e estas variantes não interessam à análise fonêmica, análise que deveria ter primazia em nosso estudo de língua); mas haverá mudança de fonemas

quando se não puder fazer a oposição *mal* / *mau*. Como bem ensina Mattoso Câmara, "o fonema, entendido como um feixe de traços distintivos, individualiza-se e ganha realidade gramatical pelo seu contraste com outros feixes em idênticos ambientes fonéticos. Não é, pois, a diferença articulatória e acústica que distingue primariamente dois fonemas, senão a possibilidade de determinarem significações distintas numa mesma situação fonética. Compreende-se assim que um mesmo fonema possa variar amplamente na sua realização, conforme o ambiente fonético ou as peculiaridades do sujeito falante" [MC.7, 44-45].

Fonologia não se opõe a fonética: a primeira estuda o número de oposições utilizadas e suas relações mútuas, enquanto a fonética experimental determina a natureza física e fisiológica das distinções observadas [BM.1, 116]. Ambas disciplinas pertencem ao nível biológico do falar condicionado psicofisicamente.

Aparelho Fonador

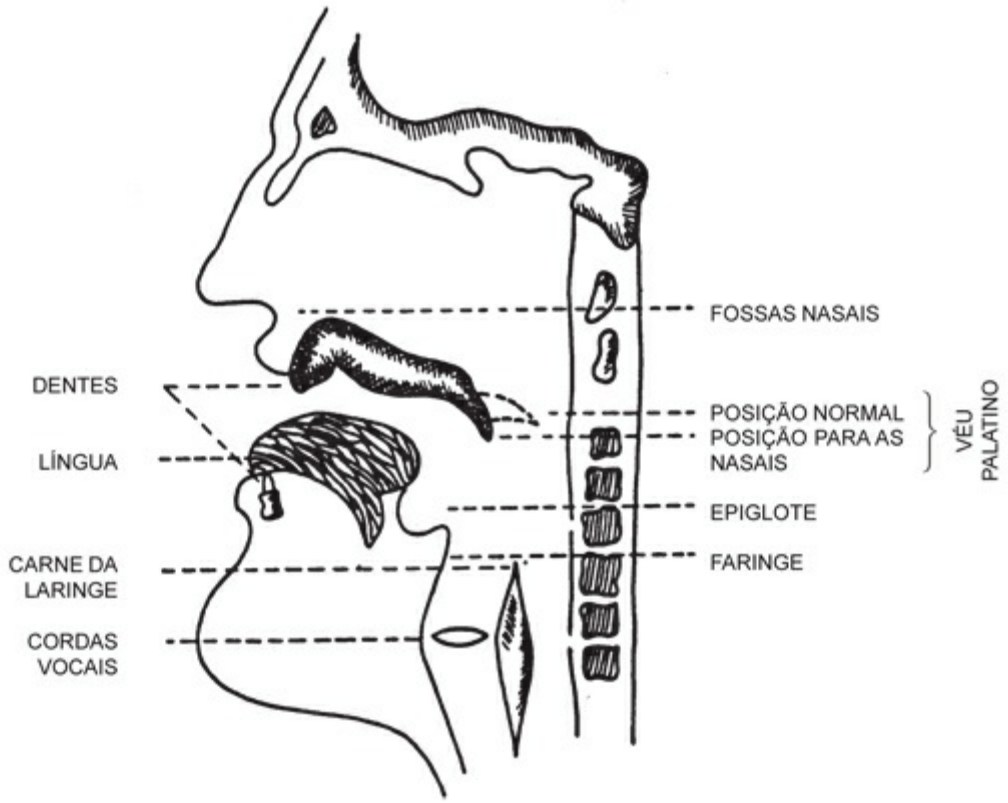

Aparelho fonador – Nós não temos um aparelho especial para a fala; produzimos os fonemas servindo-nos de órgão do aparelho respiratório e da parte superior do aparelho digestivo, que só secundariamente se adaptaram às exigências da comunicação, numa aquisição lenta do homem. A esses órgãos da fala, constitutivos do aparelho fonador, pertencem, além de músculos e nervos: os *brônquios*, a *traqueia*, a *laringe* (com as cordas vocais), a *faringe*, as *fossas nasais* e a *boca* com a *língua* (dividida em ápice, dorso e raiz), as *bochechas*, o *palato duro* (ou céu da boca), o *palato mole* (ou véu palatino) com a *úvula*

ou *campainha*, os *dentes* (mormente os anteriores) com os *alvéolos*, e os *lábios*.

Em português, como na maioria dos idiomas, os fonemas são produzidos graças à modificação que esses órgãos da fala impõem à *corrente de ar que sai dos pulmões*. Línguas há, entretanto, que se servem da corrente inspiratória (entrando o ar nos pulmões) para produzir fonemas, que são conhecidos pelo nome de *cliques*. Produzimos cliques quando fazemos os movimentos bucais, acompanhados da sucção de ar na boca, para o beijo, o muxoxo e certos estalidos como o que serve para animar a caminhada dos cavalos, mas não os utilizamos como sons da fala em português.

Como se produzem os fonemas – A corrente de ar que vem dos pulmões passa pela *traqueia* e chega à sua parte superior que se chama *laringe*, conhecida vulgarmente como *pomo de adão*. Na laringe, a parte mais valiosa e mais complexa do aparelho fonador, se acham, horizontalmente, duas membranas mucosas elásticas, à maneira de lábios: as *cordas vocais*, por cujo estreito intervalo, denominado *glote*, a corrente de ar tem de passar para ganhar a *faringe*, e daí, ou totalmente pela *boca* (*fonemas orais*), ou parte pela boca e parte pelas fossas nasais (*fonemas nasais*), chegar à atmosfera. É esta corrente expiratória que, modificada pelos órgãos da fala, é responsável pela produção dos fonemas.

As diferenças que se notam entre vozes diversas dos sexos, das idades e das pessoas, baseiam-se em geral nas dimensões da laringe.

Fonemas surdos e sonoros – Quando a corrente de ar se dirige à glote, esta pode encontrar-se aberta, fechada ou quase fechada. No primeiro caso, a corrente de ar passa livremente, sem provocar a vibração das cordas vocais. O fonema que, nestas circunstâncias, se produz é chamado *surdo*: /s/, /f/, /x/, /t/, /k/, etc. Se a glote está fechada ou quase fechada, a corrente de ar, ao forçar a passagem, provoca a vibração das cordas vocais, produzindo os fonemas sonoros. São sonoras todas as vogais e certas consoantes como /z/, /v/, /j/, /d/, /g/, etc.

Em muitos casos, podemos perceber a vibração das cordas vocais, pondo de leve a ponta do dedo no pomo de adão e proferindo um fonema sonoro, como /z/, /v/, /j/, tendo o cuidado de não acompanhá-lo de vogal. Sentimos nitidamente um tremular que denota a vibração das cordas vocais. Se proferimos um fonema surdo, como /s/, /f/, /x/, com o cuidado apontado acima, não sentimos o tremular. Podemos ainda repetir a experiência tapando os ouvidos. Só com os fonemas sonoros ouvimos um zumbido característico da vibração das cordas vocais.

Vogais e consoantes – A voz humana se compõe de *tons* (sons musicais) e *ruídos*, que o nosso ouvido distingue com perfeição. Caracterizam-se os tons, quanto às condições acústicas, por suas vibrações periódicas. Esta divisão corresponde, em suas linhas gerais, às vogais (= tons) e às consoantes (= ruídos). As consoantes podem ser ruídos puros, isto é, sem vibrações regulares (correspondem às consoantes surdas), ou ruídos combinados com um tom laríngeo (consoantes sonoras) [BM.1, 20].

Quanto às condições fisiológicas de produção, as vogais são fonemas durante cuja articulação a cavidade bucal se acha completamente livre para a passagem do ar. As consoantes são fonemas durante cuja produção a cavidade bucal está total ou parcialmente fechada, constituindo, assim, num ponto qualquer, um obstáculo à saída da corrente expiratória.

OBSERVAÇÃO: Só por suas condições acústicas e fisiológicas de produção é que se distinguem as vogais das consoantes. Por imitação dos gregos, os antigos gramáticos definiam a vogal pela sua função na sílaba: elemento necessário e suficiente para formar uma sílaba. E daí chegavam à conceituação deficiente de consoante: fonema sem existência independente, que só se profere com uma vogal. Sabemos de idiomas em que há sílabas constituídas apenas de consoantes e em que uma consoante pode fazer as vezes de vogal [LR.1, 75-75].

Na língua portuguesa a *base da sílaba* ou o *elemento silábico* é a vogal; os elementos *assilábicos* são a consoante e a semivogal, que estudaremos mais adiante.

Classificação das vogais – Classificam-se as vogais, segundo a *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, de acordo com quatro critérios:

a) quanto à zona de articulação;

b) quanto à intensidade;

c) quanto ao timbre;

d) quanto ao papel das cavidades bucal e nasal.

a) Quanto à ZONA DE ARTICULAÇÃO, as vogais podem ser *média*, *anteriores* e *posteriores*.

Com a boca ligeiramente aberta e a língua na posição quase de repouso, proferimos o fonema /a/, que é o que exige menor esforço e constitui a vogal *média*. Se daí passarmos à série /é/ – /ê/ – /i/, notaremos que a ponta da língua se eleva, avançando em direção ao palato duro, o que determina uma diminuição da abertura bucal e um aumento da abertura da faringe. A série /é/ – /ê/ – /i/ constitui as vogais *anteriores*. Se passarmos da vogal média /a/ para a série /ó/ – /ô/ – /u/, notaremos que o dorso da língua se eleva, recuando em direção ao véu do paladar, o que provoca uma diminuição da abertura bucal e um arredondamento progressivo dos lábios. A série /ó/ – /ô/ – /u/ forma as vogais *posteriores*.

VOGAIS ANTERIORES 2

POSIÇÃO DOS LÁBIOS POSIÇÃO DA LÍNGUA

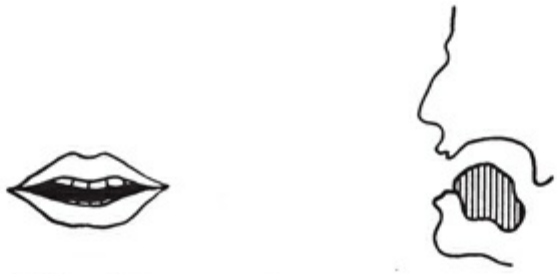

E (aberto) como em *é*

E (fechado) como em *dê*

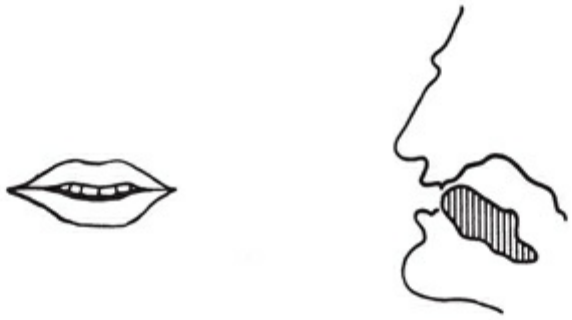

I como em *vi*

VOGAIS POSTERIORES 3

O (aberto) como em *pó*

O (fechado) como em *avô*

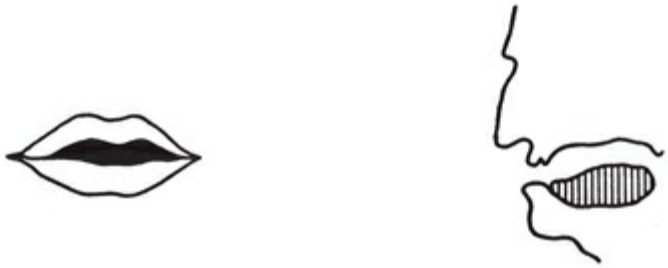

U como em *tu*

ZONAS DE ARTICULAÇÃO

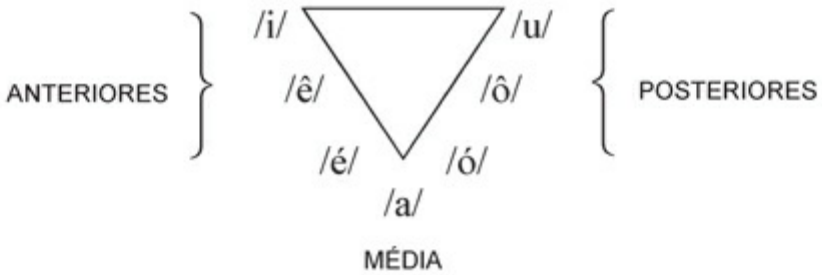

b) Quanto à INTENSIDADE, as vogais podem ser *tônicas* ou *átonas*. Vogal tônica é aquela em que recai o acento tônico da palavra: av*ó*, p*a*ga, t*í*mido.

Vogal átona é a inacentuada: *a*vó, pag*a*, tím*i*do. As vogais átonas podem estar antes da tônica (pretônicas): *a*vó, p*a*gar, ou depois (postônicas): tím*i*d*o*.

Nos vocábulos de maior extensão fonética, mormente nos derivados e nos verbos seguidos de pronome átono, pode aparecer, além da tônica, uma vogal de grande intensidade, a qual

recebe o nome de vogal *subtônica*: pol*i*damente, c*e*gamente, louv*a*r-te-ei.

c) quanto ao TIMBRE, as vogais podem ser *abertas*, *fechadas* e *reduzidas*. *Timbre* é o efeito acústico resultante da distância entre o dorso da língua e o véu do paladar, funcionando a cavidade bucal como caixa de ressonância. O timbre é o traço distintivo das vogais. Na vogal de timbre aberto, a língua se acha baixa: /a/, /é/, /ó/. Na vogal de timbre fechado, a língua se eleva: /ê/, /ô/, /i/, /u. A vogal de timbre reduzido é proferida debilitada, anulando-se a oposição entre aberta e fechada. A distinção entre abertas e fechadas só se dá nas vogais tônicas e subtônicas; nas átonas desaparece a diferença entre /ó/ e /ô/, /é/ e /ê/, e o /a/ reduzido é proferido com menos nitidez, como se pode depreender comparando-se os dois tipos em *casa*, em que o primeiro é aberto e o segundo, reduzido.

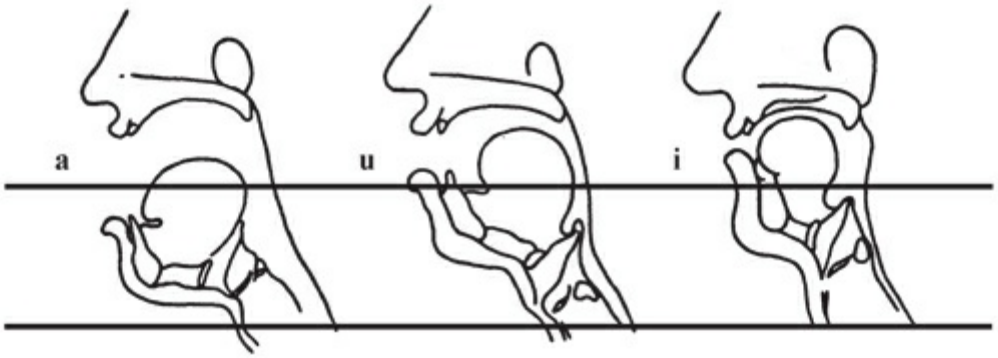

A gravura mostra a posição das vogais /a/, /u/ e /i/. Note-se o fechamento do canal bucal na articulação do /u/ e do /i/ com movimento da epiglote e elevação da língua em direção ao palato [ER.1, 15].

Quase sempre no fim das palavras, as vogais átonas *e* e *o* se enfraquecem e soam, respectivamente, /i/ e /u/ 4. Assim temos sete vogais tônicas orais (/a/, /é/, /ê/, /i/, /ó/, /ô/, /u/), cinco vogais átonas orais (/a/, /e/, /i/, /o/, /u/) e três vogais reduzidas orais (/a/, /i/, /u/). Também são reduzidas as vogais átonas nasais: *a*ntigo, s*e*ntar, l*i*mpeza, c*o*mbate, f*u*ndar.5

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Não temos no Brasil o *a* fechado oral tônico dos portugueses como em c*a*da, p*a*ra, m*a*s.

2.ª) Na pronúncia normal brasileira, as vogais nasais são fechadas ou reduzidas (estas quando átonas).

d) quanto ao papel das CAVIDADES BUCAL e NASAL, as vogais podem ser *orais* e *nasais*. São orais aquelas *cuja ressonância se produz na boca*. Há sete vogais orais tônicas (/á/, /é/, /ê/, /i/, /ó/, /ô/, /u/), cinco orais átonas, por não haver aqui distinção entre /é/ e /ê/, /ó/ e /ô/ (/a/, /e/, /i/, /o/, /u/) e três reduzidas (/a/, /i/, /u/). São nasais as vogais que, em sua produção, *ressoam nas fossas nasais*. Há cinco vogais nasais (/ã/, /ẽ/, /ĩ/, /õ/, /ũ/): l*ã*, c*a*nto, c*a*mpina, v*e*nto, v*e*ntania, l*í*mpido, viz*i*nhança, c*o*nde, c*o*ndessa, t*u*nda, pron*u*nciamos. É o fenômeno da ressonância, e não da saída do ar, o que opõe os fonemas orais aos nasais.

Quanto ao timbre, as nasais tônicas e subtônicas são fechadas e as átonas, reduzidas.

OBSERVAÇÃO: Na pronúncia normal brasileira soam quase sempre como nasais as vogais seguidas de *m*, *n* e principalmente *nh*: c*a*ma, c*a*na, b*a*nha, c*e*na, f*i*na, h*o*mem, Ant*ô*nio, *ú*mido, *u*nha. Assim não distinguimos as formas verbais terminadas em -*amos* e -*emos* do presente e do pretérito do indicativo: *agora cantamos*, *ontem cantamos*; *agora lemos*, *ontem lemos*.

ABERTAS	FECHADAS		REDUZIDAS	
orais	*orais*	*nasais*	*orais*	*nasais*
1) A: p*á*, c*a*veira, c*á*lido, pl*a*cidamente	—	rom*ã*, c*a*nto, l*â*mpada	cas*a*	ím*ã*, c*a*ntinho
2) E: f*é*, t*e*la, p*é*rola, caf*e*zal	v*ê*, n*e*gro, p*ê*ssego	l*e*mbro, v*e*nto	verd*e*	*e*ngolir
3) O: p*ó*, v*o*to, gl*ó*bulo, f*o*rtezinho	av*ô*, p*o*vo, l*ô*brego, gl*o*binho	p*o*nto, t*ô*mbola	globinh*o*	c*o*mprida, c*o*ntínua
4) I:	l*i*, v*i*da, l*í*rico	f*i*m, t*i*nta, l*í*mpido	láp*i*s, júr*i*	t*i*nteiro
5) U:	l*u*z, t*u*do, l*ú*gubre	f*u*ndo, c*u*mpro	vír*u*s	álb*u*m

Elevação da língua: quinto critério para classificação das vogais – A Nomenclatura Gramatical Brasileira não levou em conta a elevação gradual da língua, o que distingue as vogais em: 1 – vogal baixa: /a/; 2 – vogais médias com dois graus de elevação: /é/, /ó/ e /ê/, /ô/; 3 – vogais altas: /i/, /u/. Entre as nasais desaparecem os dois graus de elevação das vogais médias.

ORAIS 6

/ i /	/ u /	Altas
/ ê /	/ ô /	Médias
/ é /	/ ó /	Médias
/ a /		Baixa

NASAIS

/ ĩ /	/ ũ/	Altas
/ ẽ /	/ õ /	Médias
/ ã /		Baixa

Se não estabelecermos este quinto critério para a classificação das vogais, teremos de pôr num mesmo plano fonemas diferentes, como /õ/ e /ũ/, /ẽ/ e /ĩ/, o que não é correto.

QUADRO DA CLASSIFICAÇÃO DAS VOGAIS

VOGAIS	1) *quanto à zona de articulação*	anteriores: /é/, /ê/, /i/ média: /a/ posteriores: /ó/, /ô/, /u/
	2) *quanto ao timbre*	abertas: /a/, /é/, /ó/ fechadas: /ê/, /ô/, /i/, /u/ reduzidas: /a/, /i/, /u/
	3) *quanto ao papel das cavidades bucal e nasal*	orais: /a/, /é/, /ê/, /i/, /ó/, /ô/, /u/ nasais: /ã/, /ẽ/, /ĩ/, /õ/, /ũ/
	4) *quanto à intensidade*	tônicas átonas
	5) *quanto à elevação da língua*	baixa: /a/ médias: /é/, /ó/, /ê/, /ô/ altas: /i/, /u/

Semivogais. Encontros vocálicos: ditongos, tritongos e hiatos – Chamam-se *semivogais* as vogais *i* e *u* (orais ou nasais)7 quando assilábicas, as quais acompanham a vogal numa mesma sílaba. Os encontros vocálicos dão origem aos *ditongos*, *tritongos* e *hiatos*. Representamos as semivogais *i* (*e*) por /y/ e *u* (*o*) por /w/.

DITONGO é o encontro de uma vogal e de uma semivogal, ou vice-versa, na mesma silaba: p*ai*, m*ãe*, ág*ua*, cár*ie*, mág*oa*, r*ei*.

Sendo a vogal a base da sílaba ou o elemento silábico, é ela o som vocálico que, no ditongo, se ouve mais distintamente. Nos exemplos dados são vogais: pAi, mÃe, águA, cáriE, mágoA, rEi.

OBSERVAÇÃO: Os ditongos, como os demais encontros vocálicos, podem ocorrer no interior da palavra (dizem-se *intraverbais*: *pai*, *vaidade*) ou pela aproximação, por fonética sintática, de duas ou mais palavras (dizem-se *interverbais*: *certa* ‿ *idade*, *inculta* ‿ *e bela*).

Os ditongos podem ser:

a) crescentes e decrescentes

b) orais e nasais

Crescente é o ditongo em que a semivogal vem antes da vogal: ág*ua*, cár*ie*, mág*oa*.

Decrescente é o ditongo em que a vogal vem antes da semivogal: p*ai*, m*ãe*, r*ei*.

Como as vogais, os ditongos são *orais* (p*ai*, ág*ua*, cár*ie*, mág*oa*, r*ei*) ou *nasais* (m*ãe*).

Os ditongos nasais são sempre fechados, enquanto os orais podem ser *abertos* (p*ai*, c*éu*, r*ói*, id*ei*a) ou *fechados* (m*eu*, d*oi*do, v*ei*a).

Nos ditongos nasais, são nasais a vogal e a semivogal, mas só se coloca o til sobre a vogal: m*ãe*.

Principais ditongos crescentes:

Orais

1) /ya/: glór*ia*, pátr*ia*, d*ia*bo, ár*ea*, nív*ea*
2) /ye/: (= yi): cár*ie*, calvíc*ie*
3) /yé/: d*ie*ta
4) /yo/: vár*io*, méd*io*, áur*eo*, nív*eo*
5) /yó/: mand*io*ca
6) /yô/: p*io*lho
7) /yu/: m*iú*do
8) /wa/: ág*ua*, q*ua*se, d*ua*l, mág*oa*, nód*oa*
9) /wi/: ling*ui*ça, tên*ue*
10) /wó/: quiproq*uó*
11) /wô/: aq*uo*so
12) /wo/ (= *uu*): oblíq*uo*
13) /wê/: c*oe*lho
14) /wé/: eq*ue*stre, g*oe*la

OBSERVAÇÃO: Em muitos destes casos pode ser discutível a existência de ditongos crescentes "por ser indecisa e variável a sonoridade que se dá ao primeiro fonema. Certo é que tais ditongos se observam mais facilmente na hodierna pronúncia lusitana do que na brasileira, em que a vogal (= semivogal), embora fraca, costuma conservar sonoridade bastante sensível" [SA.2,17]. De qualquer maneira registre-se o descompasso entre a realidade fonética (ora hiato, ora ditongo) e a maneira invariável de grafar *miúdo* com acento agudo no *u*, quer seja proferido como dissílabo (e ditongo, portanto) ou como trissílabo (e hiato). Também palavras como *série*, *glória*, que podem ser proferidas como dissílabas (mais usual) ou trissílabas, não têm os encontros vocálicos separados na divisão silábica: *sé-rie*, *gló-ria*, em ambos os casos de pronúncia.

Nasais: 1) /yã/: cr*ia*nça
2) /wã/: q*ua*ndo
3) /wê/: freq*ue*nte, quinq*uê*nio, dep*oe*nte
4) /wĩ/: arg*ui*ndo, q*ui*nquênio, m*oi*nho

Os principais ditongos decrescentes são:

Orais: 1) /ay/: p*ai*, b*ai*xo, tr*ai*dor
2) /ay/ (*a* fechado e, às vezes, nasalado): f*ai*na, p*ai*na, and*ai*me
3) /aw/: p*au*, cac*au*s, *ao*
4) /éy/: r*éi*s, coron*éi*s
5) /êy/: l*ei*, j*ei*to, fiqu*ei*
6) /éw/: c*éu*, chap*éu*
7) /êw/: l*eu*, comet*eu*
8) /iw/: v*iu*, part*iu*
9) /óy/: her*ói*, anz*ói*s
10) /ôy/: b*oi*, f*oi*ce
11) /ow/: v*ou*, r*ou*bo, est*ou*ro
12) /uy/: f*ui*, az*ui*s

Nasais

1) /ãy/: alem*ãe*s, c*ãi*bra

2) /ãw/: p*ão*, amar*am* (= amárão)

3) /ẽy/: b*em* (= bẽi), ont*em* (= ontẽi)

4) /õy/: p*õe*, sen*õe*s

5) /ũy/: m*ui* (= mũi), m*ui*to (= mũito)

NOTA: Nos ditongos nasais decrescentes /*ẽy*/, /*ãy*/ e /*ãw*/ [cf. SS.3, 320, 18, onde *vãs* rima com *mães*], a semivogal pode não vir representada na escrita. Escrevemos a interjeição *hem!* ou *hein!*, sendo, a rigor, a primeira grafia mais recomendável.

TRITONGO é o encontro de uma vogal entre duas semivogais numa mesma sílaba. Os tritongos podem ser *orais* e *nasais*.

Orais

1) /way/: q*uais*, parag*uaio*

2) /wey/: enxag*uei*, averig*uei*s

3) /wiw/: delinq*uiu*

4) /wow/: apazig*uou*

Nasais

1) /wãw/: míng*uam*, sag*ião*, q*ião*

2) /wẽy/: delinq*uem*, enxág*uem*

3) /wõy/: sag*uõe*s

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Nos tritongos nasais /wãw/ e /wẽy/ a última semivogal pode não vir representada graficamente: mínguam, enxáguem.

2.ª) Entre portugueses, por não haver o maior relevo da primeira vogal – fato que se observa entre brasileiros –, o grupo de vogal seguida de um ditongo pode constituir-se num tritongo: f*iéi*s, p*oei*ra, p*ião*.

HIATO é o encontro de duas vogais em sílabas diferentes por guardarem sua individualidade fonética: s*aí*da, c*aa*tinga, m*oi*nho. Isto se dá porque a passagem da primeira para a segunda se faz mediante um movimento brusco, com interrupção da voz.8

Em português, como em muitas outras línguas, nota-se uma tendência para evitar o hiato, através da ditongação ou da crase.

OBSERVAÇÕES :

1.ª) Desenvolvem-se um /y/ semivogal (símbolo chamado em gramática *iode*) ou /w/ semivogal (símbolo chamado *uau*) nos encontros formados por ditongo decrescente seguido de vogal final ou ditongo átono: praia = prai-ia; cheia = chei-ia; tuxaua = tuxau-ua; goiaba = goi-ia-ba.

2.ª) "Nos hiatos cuja primeira vogal for *u* e cuja segunda vogal for final de vocábulo (seguida ou não de *s* gráfico), o desenvolvimento do *uau* variará de acordo com as necessidades expressionais ou as peculiaridades individuais" 9: nua = nu-a ou nu-ua; recue = re-cu-e ou re-cu-ue; amuo = amu-o ou amu-uo.

3.ª) "Os encontros *ia*, *ie*, *io*, *ua*, *ue*, *uo* finais, átonos, seguidos, ou não, de *s*, classificam-se quer como ditongos, quer como hiatos, uma vez que ambas as emissões existem no domínio da Língua Portuguesa: histó-ri-a e histó-ria; sé-ri-e e sé-rie; pá-ti-o e pá-tio; ár-du-a e ár-dua; tê-nu-e e tê-nue; vá-cu-o e vá-cuo".10

4.ª) Autores há que também consideram hiato quando se trata de uma vogal e uma semivogal, como no caso de *goiaba*, *joia*, etc. Outros consideram dois ditongos: *goi-ia-ba*, *joi-ia*.

Nos encontros vocálicos costumam ocorrer dois fenômenos: a *diérese* e a *sinérese*.

Chama-se DIÉRESE à passagem de semivogal a vogal, transformando, assim, o ditongo num hiato: *trai-ção* = *tra-i-ção*; *vai-da-de* = *va-i-da-de*; *cai* = *ca-i*.

Chama-se SINÉRESE à passagem de duas vogais de um hiato a um ditongo crescente:

su-a-ve = sua-ve; *pi-e-do-so = pie-do-so*; *lu-ar = luar*.

A sinérese é fenômeno bem mais frequente que a diérese. A poesia antiga dava preferência ao hiatismo, enquanto, a partir do século XVI, se nota acentuada predominância do ditonguismo (sinérese). É claro que os poetas modernos continuaram a usar a diérese, mormente como efeito estilístico-fônico para a ênfase, a ideia de grandeza, etc. O conhecido verso de Machado de Assis *auréola* com quatro sílabas acentua o tamanho descomunal ressaltado pela leitura lenta: "Pesa-me esta brilhante *auréola* de nume..."

Classificação das consoantes – De acordo com a *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, classificam-se as consoantes de acordo com quatro critérios:

a) quanto ao modo de articulação;

b) quanto à zona de articulação;

c) quanto ao papel das cordas vocais.

d) quanto ao papel das cavidades bucal e nasal.

a) quanto ao MODO DE ARTICULAÇÃO, as consoantes podem ser *oclusivas* e *constritivas*, e estas se subdividem em *fricativas*, *laterais*, *vibrantes* e *nasais*. O obstáculo que, na cavidade bucal, os órgãos impõem à corrente expiratória pode ser de dois tipos: ou os órgãos da boca estão dispostos de tal modo que impedem *completamente* a saída do ar, ou permitem *parcialmente* que a corrente expiratória chegue à atmosfera. No primeiro caso, dizemos que as consoantes são *oclusivas*; no segundo, *constritivas*. As constritivas são fricativas quando a corrente expiratória, passando por entre os órgãos que formam o obstáculo parcial, produz um atrito à maneira de fricção: /f/, /v/, /s/, /z/, /x/, /j/. São constritivas laterais quando a passagem da corrente expiratória, obstruída pela aproximação do ápice ou dorso da língua aos alvéolos da arcada dentária superior ou ao palato, escapa pelos lados da cavidade bucal: /l/, /lh/. São constritivas vibrantes quando o ápice da língua contra os alvéolos ou a raiz da língua contra o véu do paladar executa movimento vibratório rápido, abrindo e fechando a passagem à corrente expiratória: /r/ (simples) e /rr/ (múltipla). São constritivas nasais quando, pelo abaixamento do véu palatino e um abrimento do nasal, as consoantes ressoam nas fossas nasais. Temos três consoantes nasais: a bilabial /m/, a linguodental /n/ e a palatal /nh/.

b) quanto à ZONA DE ARTICULAÇÃO, as consoantes podem ser:

1) *bilabiais* (lábio contra lábio): /p/, /b/, /m/.

2) *labiodentais* (lábio inferior e arcada dentária superior): /f/, /v/.

3) *linguodentais* (língua contra arcada dentária superior): /t/, /d/, /n/.

4) *alveolares* (língua em direção ou contra os alvéolos): /s/, /z/, /l/, /r/, /rr/.

5) *palatais* (dorso da língua contra o céu da boca): /x/, /j/, /lh/, /nh/.

6) *velares* (raiz da língua contra o véu do paladar): /k/, /g/.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) O /l/ inicial da sílaba é nitidamente alveolar, enquanto o final é proferido relaxado, quase *velar*, mas tendo-se o cuidado de não fazê-lo igual a *u*. Nas ligações com a vogal inicial de outro vocábulo, soa como alveolar.

2.ª) O /rr/ *alveolar* pode ser proferido como *velar*, graças ao maior recuo da língua.

3.ª) As linguodentais /t/ e /d/ seguidas de *i* podem palatalizar-se: *tinta* e *digno* podem soar /txinta/ e /djigno/. Evite-se o exagero destas palatalizações.

c) quanto ao papel das CORDAS VOCAIS, as consoantes podem ser surdas e sonoras.

Surdas: /p/, /f/, /t/, /s/, /x/, /k/.

Sonoras: /b/, /v/, /d/, /z/, /j/, /g/, /m/, /n/, /nh/, /l/, /lh/, /r/, /rr/.

São sonoras as consoantes *vibrantes*, *nasais* e o /l/ lateral.

d) quanto ao papel das CAVIDADES BUCAL e NASAL, as consoantes podem ser *orais* e *nasais*. São nasais /m/, /n/, /nh/.

As outras são orais.

QUADRO DA CLASSIFICAÇÃO DAS CONSOANTES

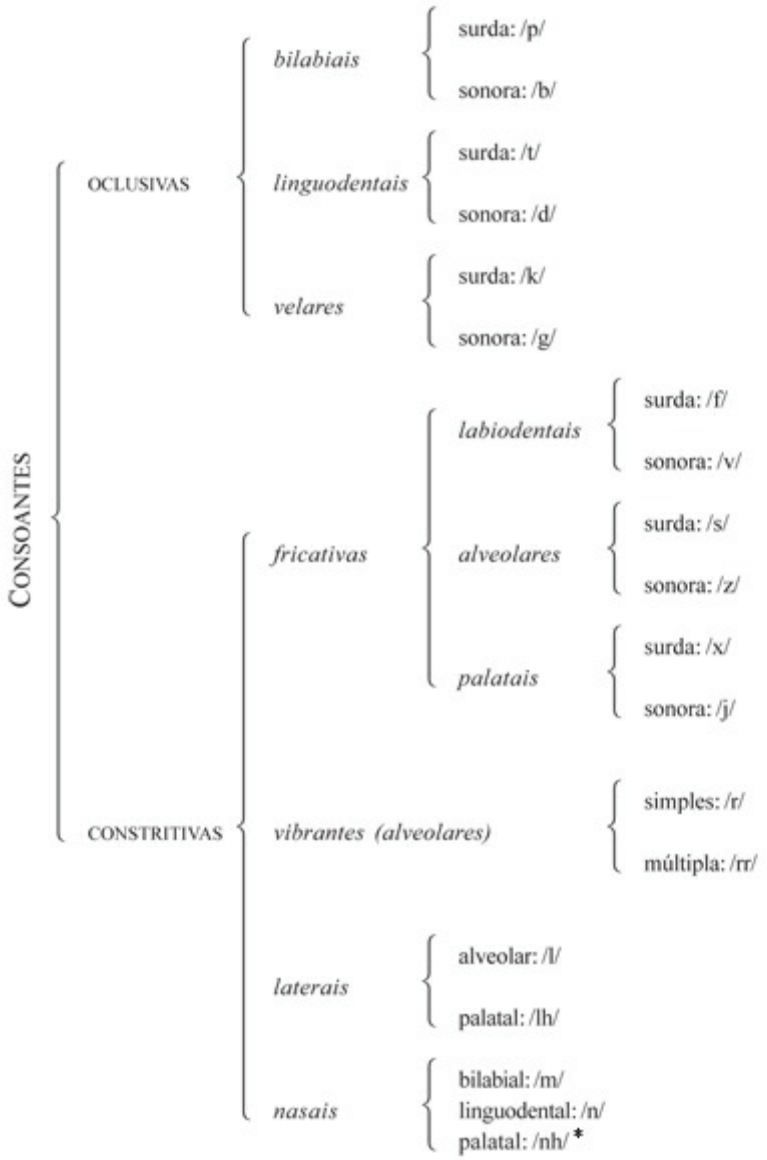

* Para fugir a uma oposição errônea *surda/sonora/nasal*, preferimos, ainda com a aquiescência da NGB, colocar as *nasais* entre as constritivas. Há autores que fazem das *nasais* uma classe à parte, ou as põem entre as oclusivas, critérios também defensáveis.

Encontro consonantal – Assim se chama o seguimento imediato de duas ou mais consoantes de um mesmo vocábulo. Há encontros consonânticos pertencentes a uma sílaba, ou a sílabas diferentes. Os primeiros terminam por *l* ou *r*: li-*vr*o; *bl*u-sa; *pr*o-sa; *cl*a-mor; ri*t-m*o; pa*c-t*o; a*f-t*a, a*d-m*i-tir.

O encontro consonantal /cs/ é representado graficamente pela letra *x*: anexo, fixo.

São mais raros em nossa língua os seguintes encontros consonânticos encontráveis em vocábulos eruditos. Estes encontros são separáveis, salvo os que aparecem no início de vocábulos:

bd: lamb-da	*ft*: af-ta
bs: ab-so-lu-to	*pn*: pneu, pneu-má-ti-co
cç: sec-ção	*ps*: psiu
dm: ad-mi-tir	*pt*: ap-to
gn: dig-no	*tm*: ist-mo
mn: mne-mô-ni-co	*tn*: ét-ni-co

Tais encontros merecem especial cuidado porque, na pronúncia despreocupada, tendem a constituir duas sílabas pela intercalação de uma vogal:

advogado	e não	*adivogado* ou *adevogado*
absoluto	e não	*abissoluto*
admirar	e não	*adimirar*
afta	e não	*áfita*
ritmo	e não	*rítimo*
pneu	e não	*pineu* / *peneu*
indigno	e não	*indíguino*

O desejo de corrigir o engano leva muitas vezes à omissão de vogal de certos vocábulos:

adivinhar	e não	*advinhar*
subentender	e não	*subtender*

Dígrafo – Não se há de confundir *dígrafo* ou *digrama* com encontro consonantal. *Dígrafo* é o emprego de duas letras para a representação gráfica de um só fonema: pa*ss*o (cf. paço), *ch*á (cf. xá), ma*nh*ã, pa*lh*a, *en*viar, m*an*dar.

Há dígrafos para representar consoantes e vogais nasais.11 Os dígrafos para consoantes são os seguintes, todos inseparáveis, com exceção de *rr* e *ss*, *sc*, *sç*, *xc*:

ch:	chá	*xs*:	exsudar 'transpirar'
lh:	malha	*rr*:	carro
nh:	banha	*ss*:	passo
sc:	nascer	*qu*:	quero
sç:	nasça	*gu*:	guerra
xc:	exceto		

Para as vogais nasais:

am ou *an*:	campo, canto
em ou *en*:	tempo, vento
im ou *in*:	limbo, lindo

om ou *on*: ombro, onda
um ou *un*: tumba, tunda

Letra diacrítica – É aquela que se junta a outra para lhe dar valor fonético especial e constituir um dígrafo. Em português as letras diacríticas são *h*, *r*, *s*, *c*, *ç*, *u* para os dígrafos consonantais e *m* e *n* para os dígrafos vocálicos: c*h*á, car*r*o, pas*s*o, q*u*ero, ca*m*po, o*n*da.

OBSERVAÇÃO: Daí se tiram as seguintes conclusões aplicáveis à análise fonética:

1.ª) Não há ditongo em q*u*ero;

2.ª) *M* e *n* não são aqui fonemas consonânticos nasais em caMpo, oNda, mas há autores que os classificam como consoantes, por não aceitarem a existência de vogais nasais (Mattoso Câmara).

3.ª) *Qu* e *gu* se classificam como /k/ e /g/, respectivamente.

2 – FONÉTICA EXPRESSIVA OU FONOESTILÍSTICA

Os fonemas com objetivos simbólicos – Muitas vezes utilizamos os fonemas para melhor evocar certas representações.

É deste emprego que surgem as *aliterações*, as *onomatopeias* e os *vocábulos expressivos*.

Aliteração – É a repetição de fonema, vocálico ou consonântico, igual ou parecido, para descrever ou sugerir acusticamente o que temos em mente e expressar, quer por meio de uma só palavra quer por unidades mais extensas.

O sossego do vento ou o barulho ensurdecedor do mar ganham maior vivacidade através da aliteração dos seguintes versos:

"As asas ao sereno e sossegado vento" (utilização do fonema fricativo alveolar sonoro e surdo).

"Bramindo o negro mar de longe brada" (utilização principal dos fonemas *b*, *r* e *d*).

A aliteração tanto pode servir ao estilo solene e culto, como nos exemplos referidos, como pode estar presente nas manifestações de espontânea expressividade popular, conforme se vê nos provérbios, nas frases feitas, nos modos de dizer populares: *são e salvo*, *cara ou coroa*, *de cabo a rabo*, etc. O que importa acentuar é que a aliteração mais ocorre na exteriorização psíquica e no apelo do *que* na comunicação intelectiva.

Onomatopeia – É o emprego de fonema em vocábulo para descrever acusticamente um objeto pela ação que exprime.

São frequentes as onomatopeias que traduzem as vozes dos animais e os sons das coisas:

O *tique-taque* do relógio, o *marulho* das ondas, o *zunzunar* da abelha, o *arrulhar* dos pombos.

Vocábulo expressivo – É o que não imita um ruído, mas sugere a ideia do ser que se quer designar com a ajuda do valor psicológico de seus fonemas: *romper*, *tagarelar*, *tremeluzir*, *jururu*, *ziriguidum*, *borogodó*.

Encontros de fonemas que produzem efeito desagradável ao ouvido – Muitas vezes, certos encontros de fonemas produzem efeito desagradável que repugna o ouvido e, por isso, cumpre evitar, sempre que possível. Esses defeitos são mais perceptíveis nos textos escritos porque a pessoa que os lê nem sempre faz as pausas e as entonações que o autor utilizou, com as quais diminui ou até anula os encontros de fonema que geram sons desagradáveis.

Entre os efeitos acústicos condenados estão: a *colisão*, o *eco*, o *hiato* e a *cacofonia*.

Colisão – É o encontro de consoantes que produz desagradável efeito acústico:

> "*Se eu tenho de morrer na flor dos anos,*
> *Meu Deus! não seja já*" [CA.1, 73].

Às vezes a omissão de um substantivo aproxima duas preposições de que resulta colisão, fato que os escritores não se esforçam por evitar:

> "Tenho ali na parede o retrato dela, ao lado *do do* marido, tais quais na outra casa" [MA.3, 21]
>
> "A voz da nova mestra era doce, não daquela doçura *da de* sua mãe, um canto de pássaro mais que uma voz humana" [JL.1, 13].

Também quase sempre não se evita a colisão do tipo de *no número*, *na nave*, *na noite*, *na nossa vida*, etc. Pode-se, sem ser obrigatório, fugir à colisão mediante substituição de *no*, *na*, *num*, etc. por *em o*, *em a*, *em um*, etc.: *em o* número, *em a* nave.

Eco – É a repetição, com pequeno intervalo, de palavras que terminam de modo idêntico:

> "Estas palavras subordinam frases em que se exprime condi*ção* necessária à realiza*ção* ou n*ão* realiza*ção* da a*ção* principal."

Hiato – O hiato de vogais tônicas torna-se desagradável principalmente quando formado pela sucessão de palavras:

> *Hoje há aula.*

Cacofonia ou **cacófato** – É o encontro de sílabas de duas ou mais palavras que forma um novo termo de sentido inconveniente ou ridículo em relação ao contexto:

> "Ora veja co*mo ela* está estendendo as mãozinhas inexperientes para a chama das velas..." [CBr.1, 102].
>
> herói *da nação*, no*sso hino*, bo*ca dela*, nun*ca que es*tuda

Deve-se evitar, tanto quanto possível, que uma palavra comece pela mesma sílaba com que a anterior acabe: *torre redonda*, *por razão*, *por respeito*, *pouca cautela*, *nunca casavam*, *ignora-se se se trata disso*.

Cuidado maior há de se ter se a junção lembra palavra pouco delicada: *o* Tiju*ca ga*nhou, o jogador mar*ca gol*, tão comuns na imprensa falada e escrita.

A leitura do texto em voz alta, antes de sua divulgação, surpreenderá muitos casos de cacófatos.

É oportuna a lição de Said Ali:

"Repara-se, hoje, com certo exagero, na cacofonia resultante da junção da sílaba terminal de um vocábulo com a palavra ou parte da palavra imediata. Não se liga, entretanto, maior importância à cacofonia quando esta se acha dentro de um mesmo vocábulo, sendo formada

por algumas das suas sílabas componentes. O mal aqui é irremediável, pois que expressões não se dispensam, nem se substituem. Muitas vezes, parece a cacofonia menos ridícula do que a vontade de percebê-la... O estudante evite, sempre que puder, semelhantes combinações de palavras, assim como quaisquer outras de onde possam nascer uns longes de cacofonia, e não se preocupe com descobri-los nos outros." [SA.1, 306-7]

B) Ortoépia ou Ortoepia

Ortoépia é a parte da gramática que trata da correta pronúncia dos fonemas.

Preocupa-se não apenas com o conhecimento exato dos valores fonéticos dos fonemas que entram na estrutura dos vocábulos, considerados isoladamente ou ligados na enunciação da oração, mas ainda com o ritmo, a entoação e expressão convenientes à boa elocução.

Vogais – Quanto à emissão das vogais, na pronúncia normal brasileira, observemos que:

a) São fechadas as vogais nasais; por isso não distinguimos as formas verbais terminadas em *-amos* e *-emos* do pres. e pret. perf. do indicativo da 1.ª e 2.ª conjugações: Ontem trabalh*amos* e agora trabalh*amos*.

b) Soam muitas vezes como nasais as vogais seguidas de *m*, *n* e principalmente *nh*: c*a*ma, c*a*na, b*a*nha, c*e*na, f*i*na, Ant*ô*nio, *u*nha;

OBSERVAÇÃO: Sem nasalidade proferem-se as vogais desses e de vários outros vocábulos: *emitir*, *emissário*, *eminente*, *energia*, *enaltecer*, *Enaldo*, etc.

c) Soam quase sempre como orais as vogais precedidas de *m*, *n* ou *nh*: m*a*ta, n*a*ta, c*o*mpanhia, m*i*lho. Assim, não tem razão linguística a pronúncia nasalada do *mas* /mãs/. Entretanto, *mui* e *muito* se proferem /mũi/, /mũito/.

d) Soam igualmente o *a* artigo, *a* preposição, *a* pronome e o *à* resultante da crase. Não se alonga o *à*, "salvo, muito excepcionalmente, se houver necessidade imperativa, para a inteligência da frase, caso em que o resultante da crase poderá ser pronunciado com certa tonicidade e ênfase" (*Normas*, 481).

e) São reduzidas as vogais *e* e *o* átonas finais, que soam /*i*/ e /*u*/, respectivamente: frent*e*, carr*o*.

f) São oscilantes /e/, /i/, /*ẽ*/, /ĩ/, /o/, /u/, /õ/, /ũ/, reduzidos pretônicos em numerosos vocábulos, oscilação que corresponde "a uma gradação de frequência de meio cultural, de nível social ou de tensão psíquica do indivíduo falante" (*Normas*, 482): pedir /pedir/ ou /pidir/; estudo /estudu/ ou /istudu/; sentir /sentir/ ou /sintir/; costura /costura/ ou /custura/; compadre /compadre/ ou /cumpadre/. Neste caso estão as preposições *com* e *por* que, salvo nas situações enfáticas, devem ser pronunciadas /kũ/ e /pur/. Fazem exceção muitos vocábulos eruditos e os compostos de *entre*: *embriogenia*, *hendíade*, *hexágono*, *entremeio* [AN.1, 14].

g) Em linguagem cuidada, evita-se a oscilação de que anteriormente se falou, quando tem valor opositivo, isto é, serve para distinguir palavras de significado diferente: eminente /

iminente; emigrar / imigrar; descrição / discrição.

h) u depois de *g* ou *q* ora é vogal ou semivogal (e aí se profere), ora é componente de dígrafo (e aí não se pronuncia).

Entre outras deve ser proferido nas seguintes palavras depois do *g*: *aguentar*, *ambiguidade*, *apaziguar*, *arguição*, *arguir*, *bilíngue*, *consanguíneo*, *contiguidade*, *ensanguentado*, *exiguidade*, *lingueta*, *linguista*, *redarguir*, *sagui* ou *saguim*, *unguento*, *unguiforme*.

Não se deve proferir o *u* depois do *g* em: *distinguir*, *exangue*, *extinguir*, *langue*, *pingue* (= gordo, fértil, rendoso).

É facultativo pronunciá-lo em: *antiguidade*; *sanguíneo*; *sanguinário*; *sanguinoso*.

Profere-se o *u* depois do *q* em: *aquícola*, *consequência*, *delinquência*, *delinquir*, *equestre*, *equevo*, *equidistante*, *equino* (= cavalar), *equitativo*, *equipolente* (também *equipolente*), *frequência*, *iniquidade*, *loquela*, *obliquidade*, *quercina*, *quingentésimo*, *quinquênio*, *quiproquó*, *sequência*, *Tarquínio*, *tranquilo*, *ubiquidade*.

Não se profere o *u* depois do *q* em: *adquirir*, *aniquilar*, *aqueduto*, *equilíbrio*, *equinócio*, *equipar*, *equiparar*, *equitação*, *equívoco*, *extorquir*, *inquérito*, *inquirir*, *sequioso*, *quérulo*, *questão*, *quibebe*.

É facultativo pronunciá-lo em: *antiquíssimo*, *equidade*, *equivalente*, *equivaler*, *liquidação*, *liquidar*, *líquido*, *liquidificador*, *retorquir*.

Diz-se *quatorze* ou *catorze*, sendo a primeira mais generalizada entre brasileiros.

i) Em muitos vocábulos há dúvidas quanto ao timbre das vogais. Recomendamos timbre aberto para o *e* em: *acerbo*, *Aulete*, *anelo*, *badejo*, *benesse*, *blefe*, *caterva*, *cedro*, *cerdo*, *cetro*, *cerne*, *cervo*, *coeso*, *coevo*, *coleta*, *cogumelo*, *confesso*, *corbelhe*, *duelo*, *espectro*, *equevo*, *flagelo*, *ileso* (também *ileso* com *e* fechado), *indefesso*, *besta* ('arma'), *doesto*, *lerdo*, *medievo*, *elmo*, *obsoleto*, *paredro*, *prelo*, *primevo*, *relho*, *septo*, *servo*, *Tejo*, *terso*.

É fechado em: *acervo* (também *acervo* com *e* aberto), *achega*, *adejo*, *adrede*, *alameda*, *amuleto*, *anacoreta*, *arabesco*, *aselha*, *bacelo*, *besta* ('animal de carga'), *bissexto*, *bofete*, *caminhoneta*, *cerebelo*, *cateto*, *cerda*, *destra*, *destro*, *devesa*, *defeso*, *dueto*, *entrevero*, *escaravelho*, *efebo*, *extra*, *fechar* (e suas formas *fecho*, *fechas*, *feche*, etc.), *ginete*, *grumete*, *indefeso*, *interesse* (s.), *ledo*, *lampejo*, *labareda*, *magneto*, *palimpsesto*, *panfleto*, *pez*, *quibebe*, *reses*, *retreta*, *Roquete*, *sobejo*, *veneta*, *vereda*, *vinheta*, *versalete*, *vespa*, *vedeta*, *verbete*, *xerez*, *xepa*. As autoridades recomendam o timbre fechado em *pese* (na expressão *em que pese a*), *centopeia* e *colmeia* (mas a pronúncia com timbre aberto é generalizada entre nós). Diz-se *topete* com *e* aberto ou fechado; *vedete* é mais proferido com *e* aberto no Brasil.

Tem timbre aberto o *o* tônico de: *amorfo*, *canoro*, (de) *envolta*, *dolo*, *forum*, *hissope*, *imoto*, *inodoro*, *manopla*, *meteoro*, *molho* ('feixe'), *noto* ('vento sul'), *opa* ('capa'), *piloro*, *probo*, *sinagoga*, *suor*, *troço* ('coisa'), *trombose*, *tropo*.

Tem timbre fechado o *o* tônico de: *aboio*, *alcova*, *apodo*, *alforje*, *algoz*, *boda*, *bodas*, *cochicholo*, *chope*, *cachopa*, *choldra*, *ciclope* (também aberto), *corça*, *desporto*, *filantropo*, *foro* ('jurisdição'), *loa*, *logro*, *lorpa*, *loto* ('jogo' também aberto), *Mausolo*, *malogro*, *mirolho*, *misantropo*, *molosso*, *odre*, *serôdio*, *teor*, *torpe*, *torso*, *torvo*, *transbordo*, *troço*

('parte'), *trolha*, *volvo*, *zarolho*, *zorro*.

j) Quanto aos ditongos, cumpre notar: *ai*, *ei* e *ou* devem guardar, na pronúncia cultivada, sua integridade, não se exagerando o valor do *i* ou *u*, nem os eliminando, como o faz a modalidade distensa: *caixa*, *queijo*, *ouro*.

Soa como ditongo nasal *ão* a sílaba átona final -*am*: *amam*.

Soam como ditongo nasal *ẽi* as sílabas -*em*, -*ém*, -*en*, -*ens* de muitos vocábulos: *bem*, *vem*; *vintém*, *ninguém*; *vens*, *homens*; *armazéns*, *parabéns*.

Normalmente ditongamos, pelo acréscimo de um *i*, as vogais tônicas finais seguidas de -*z* ou -*s*. Assim não fazemos a diferença entre *pás*, *paz* e *pais*; *más* e *mais*; *rapaz* e *jamais*; *vãs* e *mães*. Os poetas brasileiros nos dão bons exemplos destas ditongações.

Só por imitação dos poetas lusitanos (porque dizem *tãy*), entre os brasileiros, a rima *tem* e *mãe* aparece às vezes, como em Casimiro de Abreu:

> "*O país estrangeiro mais belezas*
> *Do que a pátria, não tem;*
> *E este mundo não val um só dos beijos*
> *Tão doces duma mãe*." [SS.4, 73]

Soam como ditongo, e não como hiato: *gratuito*, *fluido*, *fortuito*, *arraigar*, entre outros.

l) Quanto aos hiatos observemos que se desenvolve um *i* ou *u* semivogais nos encontros formados por ditongo decrescente seguido de vogal final ou ditongo átono: *praia prai-ia*; *tuxaua tuxau-ua*; *goiaba goi-iaba*; *boiem boi-iem* (cf. *Normas*, 486).

O mesmo desenvolvimento das referidas semivogais nos hiatos cuja primeira vogal seja *i* o u *u* tônicos e cuja segunda vogal seja final de vocábulo, "variará de acordo com as necessidades expressionais ou as peculiaridades individuais" (*Normas*, 485-6): via: *vi-a* ou *vi-ia*; lu-a: *lu-a* ou *lu-ua*.

Consoantes – Soam levemente as consoantes *b*, *c*, *d*, *f*, *g*, *s*, *t* quando finais de vocábulos: *sob*, *Moab*, *Isaac*, *Cid*, *Uf*, *Gog*, *fórceps*, *Garrett*, *Laet*.

Nos vocábulos eruditos as terminações átonas -*ar*, -*er*, -*en*, -*ex*, -*on* devem guardar sua integridade em pronúncia: *aljôfar*, *certâmen* (também *certame*) , *esfíncter*, *índex*, *cólon*, *númen* (também *nume*), *regímen* (também *regime*).

O *l* final de sílaba é proferido relaxado, quase velar, mas tendo-se o cuidado de não fazê-lo igual a *u*: *nacional*. Na língua literária dos românticos, mais em poesia, registra-se a troca do *l* por *r* nos grupos *bl*, *cl*, *fl*, *pl*, de algumas palavras: *neblina / nebrina*; *clina / crina*; *flauta / frauta*; *plantar / prantar*, etc.

Na palavra *sublinhar* e derivados o *l* deve ser pronunciado separadamente do *b*. Entre portugueses ouve-se como *sublime*.

O *r* múltiplo alveolar pode ser proferido como velar, graças ao maior recuo da língua, e até com articulação dorso-uvular (portanto mais carregado ainda), embora as *Normas* não a recomendem na pronúncia cuidada: *mar*, *avermelhar*. Nas palavras *abrupto*, *ab-rogar*, *ad-rogar*, *sub-rogar*, e derivados, o *r* deve ser pronunciado múltiplo e separado, isto é, sem fazer grupo com a consoante anterior.

O *m* final pode guardar sua integridade de pronúncia, não nasalizando o *e* anterior, no vocábulo *totem*, admitindo a grafia *tóteme*. Em *bem-amado* e *bem-aventurado*, nasaliza o *e* anterior, e não se liga ao *a* seguinte. Diz-se *infligir*, e não *inflingir*. Em *mancheia*, a sílaba inicial ouve-se /mã/; em *mão-cheia* ouve, naturalmente, /mãũ/. Em outros casos, temos facultativa a nasalização: *Roraima*, *Jaime*, *paina*.

As linguodentais *d* e *t*, seguidas de *i*, podem palatizar-se, evitando-se, entretanto, o exagero (articulação africada linguopalatal): *dia*, *tia*.

O *s* soa aproximadamente como se fora *j*, mas sem exagero, antes de *b*, *d*, *g*, *j*, *l*, *m*, *r* e *v*: *desjejum*, *deslizar*, *esmo*, *asno*, *esbarrar*, *esdrúxulo*, *engasgar*, *asno*, *desregrar*, *desvão*. Como bem acentua Antenor Nascentes [AN.1, 27], em outros pontos do país o *s*, nestes casos, soa aproximadamente como /z/.

Antes de *c*, *f*, *p*, *q*, *t*, *x* e ainda no fim de vocábulo que não se ligue ao seguinte, o *s* tem som próximo de /x/: *descampado*, *esfregar*, *respeito*, *esquivo*, *deste*, *desxadrezar*. Em outros pontos do país, segundo o autor anteriormente citado, o *s* nestas circunstâncias é sibilante, como na palavra *selva*.

Tem o som de /z/ entre vogais nos compostos do prefixo *trans* (*transatlântico*, *transação*, *transitivo*, etc.) e na palavra *obséquio* e derivados. Em *transe* (que se grafa também *trance*), *subsídio*, *subsidiar*, *subsistir*, *subsistência* e outros da mesma família, o *s* pode soar como sibilante (como em *selva*) ou como /z/. Se o elemento a que se prefixa *trans-* começa por *s*, não se duplica esta consoante que será proferida como sibilante: *Transilvânia* e derivados, *transiberiano*. Com o prefixo *ob* seguido a elemento começado por *s*, este soa como sibilante: *obsessão*, *obsidiar*, etc. No final *-simo* (de *vigésimo*, *trigésimo*, etc.) soa como /z/.

Escrevendo-se *aritmética* (com *t*), é mais usual proferir esta consoante. Pode-se ainda grafar *arimética*.

X tem quatro valores: 1) fricativo palatal como em *xarope*; 2) fricativo alveolar sonoro como em *exame*; 3) fricativo alveolar surdo (= ss) como em *auxílio*; 4) vale por /ks/ e /kz/ como em *anexo* e *hexâmetro*.

X soa /z/ nas palavras: *exação*, *exagero*, *exalar*, *exaltar*, *exame*, *exangue*, *exarar*, *exasperar*, *exato*, *exautorar*, *executar*, *êxedra*, *exegese*, *exegeta*, *exemplo*, *exéquias*, *exequível*, *exercer*, *exercício*, *exército*, *exaurir*, *exibir*, *exigir*, *exilar*, *exílio*, *exímio*, *existir*, *êxito*, *êxodo*, *exógeno*, *exonerar*, *exorar*, *exorbitar*, *exorcismo*, *exórdio*, *exornar*, *exótico*, *exuberar*, *exuberante*, *exultar*, *exumar*, *inexorável*.

Soa como /s/ em: *auxílio*, *máxima*, *Maximiliano*, *Maximino*, *máximo*, *próximo*, *sintaxe*, *trouxe*, *trouxera*, *trouxer*.

Soa como /ks/ ou /kz/, conforme o caso, em: *afluxo*, *anexo*, *axila*, *áxis*, *axiômetro*, *complexo*, *convexo*, *crucifixo*, *doxologia*, *fixo*, *flexão*, *fluxo*, *hexâmetro* (também soa como /z/), *hexaedro*, *hexágono* (também soa como /z/), *hexassílabo*, *índex*, *intoxicar*, *léxico*, *maxilar*, *nexo*, *máxime*, *ônix*, *ortodoxo*, *óxido*, *oximoro*, *prolixo*, *oxigênio*, *paradoxo*, *reflexo*, *sexagenário*, *sexagésimo*, *sexo*, *sílex*, *tórax*, *tóxico*.

É proferido indiferentemente como /ks/ ou /s/ em: *apoplexia*, *axioma* e *defluxo*.

Vale por /s/ no final de: *cálix*, *Félix*, *fênix* e na locução adverbial *a flux*.

O *z* em fim de palavra que não se ligue à seguinte, soa levemente chiado: *luz*, *conduz*.

Entre os casos particulares, são de notar:

– o *ch* em *Anchieta* e derivados soa chiado;

– o *cz* de *czar* (que também pode se escrever *tzar*) deve ser proferido como /ts/; o *lh* de *Alhambra* não constitui dígrafo como em *malha*; deve-se proferir o vocábulo como se não houvesse o *h*;

– o *w* do nome *Darwin* e dos derivados (*darwinismo*, *darwinista*, etc.) soa como /u/.

Sc e *xc* soam como /s/ em palavras como *nascer*, *descer*, *crescer*, *excelência*, *exceto*, *excelso*, *excídio*, *excisão*, *excita*.

Os encontros consonânticos devem ser pronunciados com valores fonéticos próprios, sem intercalação de *e* ou *i*: *pseudônimo*, *pneumático*, *mnemônico*, *apto*, *elipse*, *absoluto*, *admissão*, *adjetivo*, *ritmo*, *afta*, *indigno*, *recepção*, *advogado*, *accessível* (ao lado de *acessível*), *secção* (ao lado de *seção*), *samnita*, *sublinhar* (b-li), *subliminar* (b-li).

Ligação dos vocábulos – Cuidado especial merece a boa articulação dos fonemas, mormente finais e iniciais, na sequência dos vocábulos, desde que uma pausa não os separe.

a) *Vogais ou ditongos finais de vocábulo com vogais ou ditongos iniciais de vocábulo*

Quando a palavra termina por vogal tônica e o vocábulo seguinte começa com vogal ou ditongo tônicos, normalmente se respeita o hiato interverbal: *ali há*, *lá houve*, *li ontem*.

Se a vogal final é tônica e o vocábulo seguinte começa por vogal ou ditongo átonos, proferimos normalmente o hiato; mas pode ocorrer, muitas vezes, a ditongação se a vogal átona for *i* ou *e* ou *u* ou *o*:

segui aquela; *já ouvi*, *lá ironizei*, *vê umedecer*.

OBSERVAÇÃO: Evita-se a ditongação quando daí resultar uma sequência de sílabas tônicas: *boné usado*, *lá iremos*.

Se a vogal final é átona e o vocábulo seguinte começa por vogal tônica, normalmente se respeita o hiato: *essa hora*, *terreno árido*.

Neste caso pode ainda ocorrer a fusão (crase) das duas vogais se forem idênticas (essa fusão produz certo alongamento da vogal indicada aqui pelo mácron ¯), ou a ditongação, se a vogal átona final for *i*, *e* ou *u*, *o*:

terra árida: ter / ra / á / rida ou ter / rā / ri / da

esse ano: es / se / a / no ou es / sea / no.

OBSERVAÇÃO: Chama-se *crase* a fusão de dois ou mais sons iguais num só.

Se a vogal final e a inicial do vocábulo seguinte são átonas, pode ocorrer hiato, ditongo, crase ou elisão.

OBSERVAÇÃO: *Elisão* é o desaparecimento de uma vogal final átona em virtude do contato com a vogal inicial do vocábulo seguinte.

1) haverá hiato, fusão ou elisão se a vogal átona final for *a* e a inicial for *a* ou *ã*:

casa amarela
- *hiato*: ca / sa / a / ma / re / la
- *crase*: ca / sã / ma / re / la
- *elisão*: ca / sa / ma / re / la

casa anterior
- *hiato*: ca / sa / an / te / ri / or
- *crase*: ca / sãn / te / ri / or
- *elisão*: ca / san / te / ri / or

2) haverá hiato ou elisão se a vogal átona final for *a* e a vogal inicial *e*, *ẽ*, *o*, *õ*:

roda esportiva
- *hiato*: ro / da / es / por / ti / va
- *elisão*: ro / des / por / ti / va

porta entreaberta
- *hiato*: por / ta / en / trea / ber / ta
- *elisão*: por / ten / trea / ber / ta

3) haverá hiato, ditongo ou elisão se a vogal átona final for *a* e a inicial *i* (*e*), *ĩ* (*ẽ*), *u* (*o*), *ũ* (*õ*):

certa idade
- *ditongo*: cer / tai / da / de
- *hiato*: cer / ta / i / da / de
- *elisão*: cer / ti / da / de

certa indiferença
- *hiato*: cer / ta / in / di / fe / ren / ça
- *ditongo*: cer / tain / di / fe / ren / ça
- *elisão*: cer / tin / di / fe / ren / ça

4) haverá hiato ou ditongo se a vogal átona final for *i* (*e*) e a inicial qualquer uma, exceto *i* (*e*):

júri amigo
- *hiato*: ju / ri / a / mi / go
- *ditongo*: ju / ria / mi / go

livre arbítrio
- *hiato*: li / vre / ar / bí / trio
- *ditongo*: li / vriar / bí / trio

5) haverá hiato, crase ou elisão se a vogal átona final for *i* (*e*) e a inicial *i* (*e*) ou *ĩ* (*ẽ*):

livre imprensa
- *hiato*: li / vre / im / pren / sa
- *crase*: li / vrĩn / pren / sa
- *elisão*: li / vrin / pren / sa

6) haverá hiato, ditongo ou elisão se a vogal átona final for *u* (o u):

Santo Antônio
- *hiato*: san / to / An / tô / nio
- *ditongo*: san / toan / tô / nio
- *elisão*: san / tan / tô / nio

medo horrível
- *hiato*: mê / do / hor / rí / vel
- *ditongo*: me / duor / rí / vel

7) haverá hiato, crase ou elisão se a vogal final for *u* (*o*) e a inicial *u*:

velho humano
- *hiato*: ve / lho / hu / ma / no
- *crase*: ve / lhũ / ma / no
- *elisão*: ve / lhu / ma / no

aviso urgente
- *hiato*: a / vi / so / ur / gen / te
- *crase*: a / vi / sũr / gen / te
- *elisão*: a / vi / sur / gen / te

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Ocorrem os fenômenos acima apontados com os vocábulos iniciados por ditongos decrescentes, por iniciar por vogal. Em vez de ditongo, teremos tritongo:

jeito airoso (cf. 6)
- *hiato*: jei / to / ai / ro / so
- *tritongo*: jei / tuai / ro / so
- *elisão*: jei / tai / ro / so

2.ª) A preposição *para* pode reduzir-se a *pra* (e não p'ra), hoje usada até entre literatos. Esta forma, quando seguida do artigo *o*, *a*, *os*, *as* e com ele combinada, é grafada, respectivamente, *pro*, *pra* (para a), *pros*, *pras*.

3.ª) Pelo se reduz a *plo* (mais comum em Portugal), forma que, combinada com o artigo ou pronome *o*, *a*, *os*, *as*, é grafada *plo*, *pla*, *plos*, *plas*. Entre portugueses ouve-se ainda *pro* e *pros* com *o* aberto.

4.ª) A preposição *com* pode ter a nasalidade enfraquecida e combinar-se com *o*, *a*, *os*, *as*, dando origem às formas *co*, *ca*, *cos*, *cas*, empregadas mais com frequência na linguagem familiar e vulgar, de Portugal. É o que se chama *ectlipse*.

b) *Consoante final de vocábulo com fonema inicial de vocábulo*

A consoante final de uma palavra seguida de vogal inicial (ou semivogal), sem pausa intermediária, deve ser proferida como se fosse intervocálica, isto é, liga-se a uma vogal

obedecendo às normas já estabelecidas:

"*De um sentir*⋃*aventurado*"

"*É talvez*⋃*a voz mimosa*"

"*Gentil*⋃*infante, engraçado*"

"*Que dás*⋃*honra e valor*"

A consoante final *b* (em *sob*, por exemplo) seguida de outra consoante inicial deve ser proferida sem aparecimento de um *i* ou *e* intermédio:

Sob luzes d'esperança

Sob fúria

Se o vocábulo seguinte começa por vogal (ou semivogal), pode o *b* final ligar-se silabicamente a ela ou direta ou com apoio de *i* ou *e* (reduzido), o que é mais comum entre nós.

Sob os céus (so-bos-céus ou so-bios-céus).

Quando a consoante que termina o vocábulo é igual à que inicia o vocábulo seguinte (o que ocorre com *l* ou *r*), ouvem-se os dois fonemas:

Incrível lábia (in-cri-vel-lá-bia)

Temor repentino (te-mor-re-pen-ti-no).

O *s* final soa aproximadamente como se fora /j/, mas sem exagero, em ligação com vocábulo iniciado por *b*, *d*, *g*, *j*, *l*, *m*, *n*, *r*, *v* e *z*, ouvindo-se os dois fonemas:

Os braços, os dedos, as gengivas, dois jeitos, as luzes, os meninos, as nuvens, os ratos, os ventos, os zumbidos.

O *s* final soa aproximadamente como se fora /x/, mas sem exagero, em ligação com vocábulo iniciado por *c*, *f*, *p*, *q*, *s*, *t*, *x* e *ch*, ouvindo-se os dois fonemas:

três cadernos, os felizes, as pessoas, as queixas,
as secas, os tempos, os xaropes, os chás.

As consoantes *x* e *z* finais são tratadas como /s/ final, nas ligações:

faz medo (x = j), *faz calor* (z = x).

O *n* final de vocábulos, como *cânon*, *íon*, *cíclotron*, deve ser proferido sem nasalizar fortemente a vogal anterior, conforme vimos; nas ligações com outro vocábulo, guarda este valor quando é seguido de consoante: *cânon bíblico*.

Seguido de vogal (ou semivogal) liga-se silabicamente a esta, como se fosse inicial de sílaba; *cânon antigo*.

O *m* final de *bem-aventurado*, *bem-amado* e semelhantes nasaliza a vogal anterior, não se ligando à seguinte, como se fosse inicial de sílaba.

Quando o indefinido ou numeral *uma* é seguido de vocábulo começado por *m* não se deve proferir o *m*, soando, portanto, *ũa*, forma com que, às vezes, aparece grafado (evite-se a forma *u'a*):

uma mensagem, uma mão.

Ortografia e Ortoépia – Certos hábitos de grafia tendentes a preservar letras gregas e latinas que não constituem fonemas em português acabaram levando a que tais letras passassem a ser erradamente proferidas. Já vimos o caso do dígrafo *sc* de nascer, piscina, etc. É o que ocorre também com o latim *phlegma* que passou ao português *fleuma*, *fleima*. Por

motivo etimológico, persistem as grafias errôneas *fleugma*, *fleugmático*, onde o *g* não deve ser proferido, mas o é por influência da grafia.

Outras más soluções do sistema gráfico favorecem erros de pronúncia, como ocorre com *sublinhar* (b-li), *abrogar*, *abrupto*, que já se ouvem como se aí houvesse grupo consonantal: *su - bli - nhar*.

C) Prosódia

Prosódia é a parte da fonética que trata da correta acentuação e entonação dos fonemas.

A preocupação maior da prosódia é o conhecimento da sílaba *predominante*, chamada *tônica*.

Sílaba – É um fonema ou grupo de fonemas emitido num só impulso expiratório.

Em português, o elemento essencial da sílaba é a vogal.

Quanto à sua *constituição*, a sílaba pode ser *simples* ou *composta*, e esta última *aberta* (ou *livre*) ou *fechada* (ou *travada*).

Diz-se que a sílaba é *simples* quando é constituída apenas por uma vogal: *e*, *há*, *ah*!

Sílaba composta é a que encerra mais de um fonema: *ar* (vogal + consoante), *lei* (consoante + vogal + semivogal), *vi* (consoante + vogal), *ou* (vogal + semivogal), *mas* (consoante + vogal + consoante).

A sílaba composta é aberta (ou livre) se termina em vogal: *vi*; é fechada (ou travada) em caso contrário, incluindo-se a vogal nasal, porque a nasalidade vale por um travamento de sílaba: *ar*, *lei*, *ou*, *mas*, *um*.

Quanto ao número de sílabas, dividem-se os vocábulos em:

a) monossílabos (se têm uma sílaba): *é*, *há*, *mar*, *de*, *dê*;

b) dissílabos (se têm duas sílabas): *casa*, *amor*, *darás*, *você*;

c) trissílabos (se têm três sílabas): *cadeira*, *átomo*, *rápido*, *cômodo*;

d) polissílabos (se têm mais de três sílabas): *fonética*, *satisfeito*, *camaradagem*, *incovenientemente*.

Quanto à posição, a sílaba pode ser *inicial*, *medial* e *final*, conforme apareça no início, no interior ou no final do vocábulo:

fo	/	*né*	/	*ti*	/	*ca*
inicial		medial		medial		final

Quantidade – É a duração da vogal e da consoante. Distinguem-se as vogais e consoantes breves (se a pronúncia é rápida) das vogais e consoantes longas (se a pronúncia é demorada). Assinalamos a vogal breve com o sinal (˘) que se denomina *braquia* ou *bráquia*, e a vogal longa com o sinal (¯) chamado *mácron*: *ă* (*a* breve), *ā* (*a* longo).

Há língua em que a quantidade desempenha importante papel, para distinguir vocábulos e formas gramaticais, como em latim, em inglês ou alemão. Em latim, *rosă* (com *a breve*) não tem a mesma aplicação gramatical de *rosā* (com *a longo*), distinguindo-se, pela quantidade, o nominativo do ablativo, por exemplo. "Em inglês xĭp e xīp (que se escrevem *ship* e *sheep*) significam, respectivamente, *navio* e *carneiro*" [SA.2, 15]. Em latim, *ŏs* (com *o* breve) significa 'osso'; com *o* longo, *ōs* significa 'boca'.

Em português, a quantidade é pouco sentida e não exerce notável papel na caracterização e distinção dos vocábulos e formas gramaticais. Em geral, são mais rápidas as vogais seguidas de consoante surda (*lato / lado*) ou de *r* vibrante múltipla (*carro / caro*). Só excepcionalmente alongamos vogais e consoantes, como recursos estilísticos para imprimir ênfase, e constitui um dos grandes auxiliares da oratória:

> "Se pudéssemos, nós que temos experiência da vida, abrir os olhos dessas mariposinhas tontas ... Mas é inútil. Encasqueta-se-lhes na cabeça que o *amor*, o *amoor*, o *amooor* é tudo na vida, e adeus" [ML.1, 147].
>
> *BARbaridade*!

Acentuação – é o modo de proferir um som ou grupo de sons com mais relevo do que outros.

Este relevo se denomina *acento*. Diz-se que o acento é de *intensidade* (acento de força, acento dinâmico, acento expiratório ou icto), quando o relevo consiste no maior esforço expiratório. Diz-se que o acento é *musical* (acento de *altura* ou *tom*), quando o relevo consiste na elevação ou maior altura da voz.

O português e as demais línguas românicas, o inglês, o alemão, são línguas de *acento de intensidade*; o latim e o grego, por outro lado, possuem *acento musical*.

O acento de intensidade se manifesta no vocábulo considerado isoladamente (acento vocabular) ou ligado na enunciação da frase (acento frásico).

Acento de intensidade – Numa palavra nem todas as sílabas são proferidas com a mesma intensidade e clareza. Em *sólida*, *barro*, *poderoso*, *material*, há uma sílaba que se sobressai às demais por ser proferida com mais esforço muscular e mais nitidez e, por isso, se chama *tônica*: ***só***lida, ***ba***rro, pode***ro***so, materi***al***. As outras sílabas se dizem *átonas* e podem estar antes (pretônicas) ou depois (postônicas) da tônica:

po	–	*de*	–	*ro*	–	*so*
átona		átona		tônica		átona
pretônica		pretônica				postônica

Dizemos que nas sílabas fortes repousa o *acento tônico* do vocábulo (*acento da palavra* ou *acento vocabular*).

Existem ainda as sílabas semifortes chamadas *subtônicas* que, por questões rítmicas, compensam o seu afastamento da sílaba, tônica, fazendo que se desenvolva um acento de menor intensidade – *acento secundário*. Delas nos ocuparemos mais adiante.

Posição do acento tônico – Em português, quanto à posição do acento tônico, os vocábulos de duas ou mais sílabas podem ser:

a) *oxítonos*: o acento tônico recai na *última* sílaba: materi***al,*** princi***pal***, ca***fé***;

b) *paroxítonos*: o acento recai na *penúltima* sílaba: ***ba***rro, pode***ro***so, ***Pe***dro;

c) *proparoxítonos*: o acento tônico recai na *antepenúltima* sílaba: ***só***lida, feli***cí***ssimo.

OBSERVAÇÕES: Em *estudávamo-lo,* o acento tônico aparece na pré-antepenúltima sílaba, porque os monossílabos átonos formam um todo com o vocábulo a que se ligam foneticamente. É por isso que *fá-lo* é paroxítono e *admiras-te*, proparoxítono.

Em português, geralmente a sílaba tônica coincide com a sílaba tônica da palavra latina de que se origina.

Há vocábulos, como os que vimos até agora, que têm individualidade fonética e, portanto, acento próprio, ao lado de outros sem essa individualidade. Ao serem proferidos acostam-se ou ao vocábulo que vem antes ou ao que os segue. Por isso, são chamados *clíticos* (que se inclinam), e serão *proclíticos* se se inclinam para o vocábulo seguinte (*o* homem, *eu* sei, *vai* ver, *mar* alto, *não* viu) ou enclíticos, se para o vocábulo anterior (vejo-*me*, dou-*a*, fiz-*lhe*).

Os clíticos são geralmente monossilábicos que, por não terem acento próprio, também se dizem *átonos*. Os monossilábicos de individualidade fonética se chamam *tônicos*.

Alguns dissílabos podem ser também clíticos ou átonos: *para* (reduzido a *pra*) ver, *quero* crer, quero *porque* quero.

A tonicidade ou atonicidade de monossílabos e de alguns dissílabos *depende sempre do acento da frase*.

Acento de intensidade e significado da palavra – O acento de intensidade desempenha importante papel linguístico, decisivo para a significação da palavra. Assim, *sábia* é adjetivo sinônimo de *erudita*; *sabia* é forma do pretérito imperfeito do indicativo do verbo *saber*; *sabiá* é substantivo designativo de conhecido pássaro.

Acento principal e acento secundário – Em *rapidamente*, a sílaba *ra* possui um acento de intensidade menos forte que o da sílaba *men*, e se ouve mais distintamente do que as *átonas* existentes nas palavras. Dizemos que a sílaba *men* contém o *acento principal* e *ra* o *acento secundário* da palavra. A sílaba em que recai o acento secundário chama-se, como vimos, *subtônica*.

Geralmente ocorre o acento secundário na sílaba radical dos vocábulos polissilábicos derivados, cujos primitivos possuam acento principal: ***rá***pido – rapidamente. Há de se prestar atenção em certos enganos de pronúncia de vocábulos com acento secundário: por exemplo, respeita-se o hiato de *tardiamente*, e não se acentue fortemente a sílaba inicial: *tárdiamente*.

Acento de insistência e emocional – O português também faz emprego do acento de intensidade para obter, com o chamado acento de insistência, notáveis efeitos. Entra em jogo ainda a quantidade da vogal e da consoante, pois, quando se quer enfatizar uma palavra,

insiste-se mais demoradamente na sílaba tônica. Os escritores costumam indicar na grafia este alongamento enfático repetindo a vogal da sílaba tônica:

> "Os dois garotos, porém, esperneiam com a mudança de mãe:
> – *Mentira*!... *Mentiiiiira*!... *Mentiiiiiiiiira*! – berra cada um para seu lado" [HC.1, 32].
> "encasqueta-se-lhes na cabeça que o *amor*, o *amoor*, o *amooor* é tudo na vida e adeus" [ML.1, 147].

O acento de insistência pode cair noutra sílaba, diferente da tônica:

> ma***ra***vilhosa, ***for***midável, in***te***ligente, ***mi***serável.

Como bem acentua Roudet, a causa essencial do fenômeno do recuo do acento "parece ser a falta de sincronismo entre a emoção e sua expressão através da linguagem. A emoção se adianta à palavra e reforça a voz desde que as condições fonéticas o permitem" [LR.1, 252].

Este acento de insistência não tem apenas caráter emocional; adquire valor intelectual e ocorre ainda para ressaltar uma distinção, principalmente com palavras derivadas por prefixação ou expressões com preposições de sentidos opostos.

> São fatos ***sub***jetivos e não ***ob***jetivos.
> Os problemas de ***im***portação e de ***ex***portação.
> ***com*** dinheiro ou ***sem*** dinheiro.

Diz Bally que a entoação expressiva e a mímica são para quem fala um permanente comentário de suas palavras.

Acento de intensidade na frase – Isoladas, as palavras regulam sua sílaba tônica pela etimologia, isto é, pela sua origem; mas, na sucessão de vocábulos, deixa de prevalecer o acento da palavra para entrar em cena o acento da frase ou *frásico*, pertencente a cada *grupo de força*.

Chama-se *grupo de força* à sucessão de dois ou mais vocábulos que constituem um conjunto fonético subordinado a um acento tônico predominante: *A casa de Pedro / é muito grande*. Notamos aqui, naturalmente, dois grupos de força que se acham indicados por barra. No primeiro, as palavras *a* e *de* se incorporam a *casa* e *Pedro*, ficando o conjunto subordinado a um acento principal na sílaba inicial de *Pedro*, e um acento secundário na sílaba inicial de *casa*. No segundo grupo de força, as palavras *é* e *muito* se incorporam foneticamente a *grande*, ficando o conjunto subordinado a um acento principal na sílaba inicial de *grande* e outro secundário, mais fraco, na sílaba inicial de *muito*.

É quase sempre fácil determinar a sílaba tônica de cada grupo de força; o difícil é precisar, em certos casos, o ponto de divisão entre dois grupos sucessivos [NT.1, 29, n.1].

A distribuição dos grupos de força e a alternância de sílabas proferidas mais rápidas ou mais demoradas, mais fracas ou mais fortes, conforme o que temos em mente expressar, determinam certa cadência do contexto à qual chamamos *ritmo*. *Prosa* e *verso* possuem ritmo. No verso, o ritmo é essencial e específico; na prosa, apresenta-se livre, variando pela iniciativa de quem fala ou escreve12.

Vocábulos tônicos e átonos: os clíticos – Nestes grupos de força certos vocábulos perdem seu acento próprio para unir-se a outro que os segue ou que os precede. Dizemos que tais

vocábulos são *clíticos* (que se inclinam) ou *átonos* (porque se acham destituídos de seu acento vocabular). Aquele vocábulo que, no grupo de força, mantém sua individualidade fonética é chamado *tônico*. Ao conjunto se dá o nome de *vocábulo fonético*: *o rei* /urrey/; *deve estar* /devistar/.

Os clíticos se dizem *proclíticos* se precedem o vocábulo tônico a que se incorporam para constituir o grupo de força:

o∪rei // ele∪disse // bom∪livro // deve∪estar

Dizem enclíticos se vêm depois do vocábulo tônico:

disse-∪me // ei-∪lo // falar-∪lhe

Em português são geralmente átonas e proclíticas as seguintes classes de palavras:

1) artigos (definidos ou indefinidos, combinados ou não com preposição): *o homem // um homem // do livro.*
2) certos numerais: *um livro // três velas // cem homens*.
3) pronomes adjuntos antepostos (demonstrativos, possessivos, indefinidos, interrogativos): *este livro // meu livro // cada dia // que fazer?*
4) pronomes pessoais antepostos: *ele vem // eu disse.*
5) pronomes relativos;
6) verbos auxiliares;
7) certos advérbios: *já vi*, *não posso*, etc.
8) certas preposições: *a*, *de*, *em*, *com*, *por*, *sem*, *sob*, *para*
9) certas conjunções: *e*, *nem*, *ou*, *mas*, *que*, *se*, *como*, etc.

São enclíticas as formas pronominais *me*, *te*, *se*, *nos*, *vos*, *o*, *a*, *os*, *as*, *lhe*, *lhes*, quando pospostas ao vocábulo tônico.

Muitas vezes, uma palavra pode ser átona ou tônica, conforme sua posição no grupo de força a que pertence. Em *o arco desaparece*, o substantivo *arco* é tônico; em *o arco-íris*13, passou a átono proclítico.

Em *grande homem*, *alto mar*, os adjetivos são átonos; em *homem grande*, *mar alto*, já são os substantivos que se atonizam. Em *eu lhe disse*, os dois pronomes pessoais são átonos proclíticos; em *disse-lhe eu*, o pronome *eu* conserva seu acento próprio. Todo este conjunto de fatos são devidos a fenômenos de *fonética sintática*.

Consequência da próclise – Os vocábulos átonos proclíticos, perdendo seu acento próprio para se subordinarem ao do tônico, seguinte, resistem menos à pressa com que são proferidos, e acabam por sofrer reduções no seu volume fonético. Dentre os numerosos exemplos de próclise lembraremos aqui:

a) a passagem de hiato a ditongo, em virtude de uma vogal passar a semivogal (sinérese):

Tuas, normalmente dissilábico, tem de ser proferido com uma sílaba nos seguintes versos de Gonçalves Dias, graças à próclise:

> "E à noite, quando o céu é puro e limpo,
> Teu chão tinges de azul, – *tuas* ondas correm."

Boa (ou *boas*), em próclise, transforma a vogal *o* em semivogal, que chega, na língua popular, a desaparecer:

> "Outros suas terras em *boa* paz regeram
> Armando-as com *boas* leis, e bons preceitos." [AF.1]
> "*bas* noite nhozinho." [L. Cardoso] 14

b) o desaparecimento da vogal da primeira sílaba de um dissílabo; para > pra: Isto é *pra* mim.

c) o desaparecimento da sílaba final de um dissílabo:

1) *santo* > *são* (diante dos nomes começados por consoante): *São* Paulo, *São* Pedro;
2) *cento* > *cem*: *cem* páginas;
3) *grande* > *grã*, *grão*: *grã*-Bretanha, *grão*-vizir;
4) *tanto* > *tão*: *tão* grande;
5) *quanto* > *quão*: *quão* belo

d) outras reduções como *senhor* > *seu*: *seu* João.

Palavras que oferecem dúvidas quanto à posição da sílaba tônica – *Silabada* é o erro de prosódia que consiste na deslocação do acento tônico de uma palavra. Ignorar qual é a sílaba tônica de uma palavra, diz Gonçalves Viana, é ficar na impossibilidade de proferi-la.

Numerosas palavras existem que oferecem dúvidas quanto à posição da sílaba tônica.

São *oxítonas*:

aloés, cateter, Cister, harém, Gibraltar, Gulbenkian, masseter, faz-se mister (= necessário), Nobel, novel, recém, refém, ruim, sutil, ureter.

São *paroxítonas*:

acórdão, âmbar, ambrosia, avaro, aziago, barbaria, cânon, caracteres, cartomancia, ciclope, edito (lei, decreto), Epifania 15, exegese, filantropo, fluido (*ui* ditongo), fortuito (*ui* ditongo), gratuito (*ui* ditongo), ibero, impio (cruel), inaudito, látex, maquinaria, misantropo, necropsia, Normandia, onagro (tb. ônagro), oximoro (tb. oximóron), Pandora, Pólux, pudico, quiromancia, simulacro.

São *proparoxítonas* (incluindo-se os vocábulos terminados por ditongo crescente):

aeródromo, aerólito, álcali, álcool, alcoólatra, *alibi* (lat.), alvíssaras, âmago, amálgama, ambrósia, anátema, andrógino, antídoto, arquétipo, autóctone, barbárie, boêmia, brâmane, cáfila, condômino, crisântemo, década, díptero, écloga, édito (ordem judicial), Éfeso, êmbolo, epíteto, épsilon, escâncaras (às), êxodo, fac-símile, fíbula, idólatra, ímpio (sem fé), ímprobo, ínclito, iníquo, ínterim, máxime ou *maxime* (lat.), ômega, Pégaso, Péricles, Ésquilo, périplo, plêiade (-a), protótipo, Tâmisa, trânsfuga, vândalo.

Palavras que admitem dupla prosódia

acróbata ou acrobata; alópata ou alopata; ambrósia ou ambrosia; crisântemo ou crisantemo; hieróglifo ou hieroglifo; nefelíbata ou nefelibata; Oceânia ou Oceania; ortoépia ou ortoepia; projétil ou projetil; réptil ou reptil; reseda (ê) ou resedá; sóror ou soror; homília ou homilia; geodésia ou geodesia; zângão ou zangão.

D) Ortografia

I – Alfabeto

1) O alfabeto português consta fundamentalmente de vinte e seis letras: *a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v, w, x, y, z*.

II – K, W, Y

2) Empregam-se em abreviaturas e símbolos, bem como em palavras estrangeiras de uso internacional: *K* = potássio; *Kr* = criptônio; *kg* = quilograma; *km* = quilômetro; *kw* = quilowatt; *kwh* = quilowatt-hora; *W* = oeste ou wolfrâmio (tungstênio); *w* = watt; *ws* = watt-segundo; *Y* = ítrio; *yd* = jarda (*yard*, inglês), etc.

3) Os derivados portugueses de nomes próprios estrangeiros devem escrever-se de acordo com as formas primitivas: *frankliniano*, *kantismo*, *darwinismo*, *wagneriano*, *zwinglianista*, *byroniano*, *taylorista*, etc.

4) O *k* é substituído por *qu* antes de *e* e *i* e por *c* antes de outra qualquer letra: *breque*, *caqui*, *faquir*, *níquel*, *caulim*, etc.

5) O *w* substitui-se, em palavras portuguesas ou aportuguesadas, por *u* ou *v*, conforme o seu valor fonético: *sanduíche*, *talvegue*, *visigodo*, etc.

6) O *k* é uma consoante, tal como o *c* antes de *a*, *o*, *u* e o dígrafo *qu* de *quero*. O *w* é uma vogal ou semivogal pronunciado como /u/ em palavras de origem inglesa: *watt-hora*, *whisky*, *waffle*, *Wallace*, *show*. E é consoante como o nosso /v/ em palavras de origem alemã: *Walter*, *Wagner*, *wagneriano*. No nome do célebre naturalista inglês *Darwin* soa como /v/, pronúncia mais geral, ou como /u/. O *y* é um som vocálico pronunciado como /i/ com função de vogal ou semivogal: *yacht* (= certo tipo de embarcação), *yard* (= jarda), *yaki-mono* (= cerâmica japonesa), *yen* (= unidade monetária, e moeda, do Japão), *yenita* (= certo mineral).

III – H

7) Esta letra não é propriamente consoante, mas um símbolo que, em razão da etimologia e da tradição escrita do nosso idioma, se conserva no princípio de várias palavras no fim de algumas interjeições: *haver*, *hélice*, *hidrogênio*, *hóstia*, *humildade*; *hã!*, *hem?*, *puh!*, *ah!*, *ih!*, *oh!*, etc.

OBSERVAÇÃO: Não se escreve com *h* final a interjeição de chamamento ou apelo *ó*: *Ó José, vem aqui!*; *Ó Laura, pare com isso!*

8) No interior do vocábulo, só se emprega em dois casos: quando faz parte do *ch*, do *lh* e do *nh*, que representam fonemas palatais, e nos compostos em que o segundo elemento, com *h* inicial etimológico, se une ao primeiro por meio do hífen: *chave*, *malho*, *rebanho*, *anti-higiênico*, *contra-haste*, *pré-histórico*, *sobre-humano*, etc.

OBSERVAÇÕES: a) Nos compostos sem hífen, elimina-se o *h* do segundo elemento: *anarmônico*, *coabitar*, *coonestar*, *desarmonia*, *exausto*, *inabilitar*, *lobisomem*, *reaver*, etc. b) Nos casos em que não houver perda do som da vogal final do 1.º elemento, e o elemento seguinte começar com *h*, serão usadas as duas formas gráficas: *bi-hebdomadário* e *biebdomadário*; *carbo-hidrato* e *carboidrato*; *zoo-hematina* e *zooematina*; *geo-história* e *geoistória*. Já quando houver perda do som da vogal final do 1.º elemento, consideraremos que a grafia consagrada deve ser mantida: *cloridrato, cloridria, clorídrico, quinidrona, sulfidrila, xilarmônica, xilarmônico*. Devem ficar como estão as palavras que já são de uso consagrado, como *reidratar, reumanizar, reabituar, reabitar, reabilitar* e *reaver*.

9) No futuro do indicativo e no condicional, não se usa o *h* no último elemento, quando há pronome intercalado: *amá-lo-ei*, *dir-se-ia*, etc.

10) Quando a etimologia o não justifica, não se emprega: *arpejo* (substantivo), *ombro*,

ontem, etc. E mesmo que o justifique, não se escreve no fim de substantivos nem no começo de alguns vocábulos que o uso consagrou sem este símbolo, *andorinha*, *erva*, *felá*, *inverno*, etc.

11) Não se escreve *h* depois de *c* (salvo o disposto no n.º 8) nem depois de *p*, *r* e *t*: o *ph* é substituído por *f*, o *ch* (gutural) por *qu* antes de *e* ou *i* e por *c* antes de outra qualquer letra: *corografia*, *cristão*; *querubim*, *química*; *farmácia*, *fósforo*; *retórica*, *ruibarbo*; *teatro*, *turíbulo*, etc.

IV – Consoantes mudas

12) Não se escrevem as consoantes que se não proferem: *asma*, *assinatura*, *ciência*, *diretor*, *ginásio*, *inibir*, *inovação*, *ofício*, e não *asthma*, *assignatura*, *sciencia*, *director*, *gymnasio*, *inhibir*, *innovação*, *officio*. E conservam-se as consoantes nos casos em que são invariavelmente proferidas nas pronúncias cultas da língua: compacto, convicção, ficção; adepto, apto, etc.

OBSERVAÇÃO: Escreve-se, porém, o *s* em palavras como *descer*, *florescer*, *nascer*, etc., e o *x* em vocábulos como *exceto*, *excerto*, etc., apesar de nem sempre se pronunciarem essas consoantes.

13) Em sendo mudo o *p* no grupo *mpc* ou *mpt*, escreve-se *nc* ou *nt*: *assuncionista*, *assunto*, *presunção*, *prontificar*, etc.

14) Em vocábulos cujas consoantes facultativamente se pronunciam, escreve-se preferencialmente o de uso mais generalizado. Assim, serão consignados, além de outros, estes: *aspecto* e *aspeto*, *característico* e *caraterístico*, *circunspecto* e *circunspeto*, *contacto* e *contato*, *corrupção* e *corrução*, *corruptela* e *corrutela*, *dactilografia* e *datilografia*, *expectativa* e *expetativa*, *optimismo* e *otimismo*, *respectivo* e *respetivo*, *secção* e *seção*, *sinóptico* e *sinótico*, *sumptuoso* e *suntuoso*, *tacto* e *tato*. Escreve-se *Egito*, mas *egípcio*, por ser neste último pronuciado o *p*.

V – SC

15) Elimina-se o *s* do grupo inicial *sc*: *cena*, *cenografia*, *ciência*, etc.

16) Os compostos dessa classe de vocábulos, quando são formados em nossa língua, são escritos sem o *s* antes do *c*: *anticientífico*, *contracenar*, *encenação*, etc.; mas, quando vieram já formados para o vernáculo, conservam o *s*: *consciência*, *cônscio*, *imprescindível*, *prescindir*, *rescindir*, *rescisão*, etc.

VI – Letras dobradas

17) Escrevem-se *rr* e *ss* quando, entre vogais, representam os sons simples do *r* e *s* iniciais; e *cc* ou *cç* quando o primeiro soa distintamente do segundo: *carro*, *farra*, *massa*, *passo*; *convicção*, *occipital*, etc.

18) Duplicam-se o *r* e o *s* todas as vezes que a um elemento de composição terminado em vogal se segue, sem interposição do hífen, palavra começada por uma daquelas letras: *arritmia*, *corréu, prerrogativa*, *pressentir*, *ressentimento*, *sacrossanto*, etc.

VII – Vogais nasais

19) As vogais nasais são representadas no fim dos vocábulos por *ã* (*ãs*), *im* (*ins*), *om* (*ons*), *um* (*uns*): *afã*, *cãs*, *flautim*, *folhetins*, *semitom*, *tons*, *tutum*, *zum-zuns*, etc.

20) O *ã* pode figurar na sílaba tônica, pretônica ou átona: *ãatá*, *cristãmente*, *irmãmente*, *maçã*, *manhãzinha*, *órfã*, *romãzeira*, etc.

21) Quando aquelas vogais são iniciais ou mediais, a nasalidade é expressa por *m* antes do *b* e *p*, e por *n* antes de outra qualquer consoante: *ambos*, *campo*; *contudo*, *enfim*, *enquanto*, *homenzinho*, *nuvenzinha*, *vintenzinho*, etc.

VIII – Ditongos

22) Os ditongos orais escrevem-se com a subjuntiva *i* ou *u*: *aipo*, *cai*, *cauto*, *degraus*, *dei*, *fazeis*, *ideia*, *mausoléu*, *neurose*, *retorquiu*, *rói*, *sois*, *sou*, *souto*, *uivo*, *usufrui*, etc.

OBSERVAÇÃO: Escrevem-se com *i*, e não com *e*, a forma verbal *fui*, a 2.ª e 3.ª pess. do sing. do pres. do ind. e a 2.ª do sing. do imper. dos verbos terminados em *uir*: *aflui*, *fruis*, *retribuis*, etc.

23) O ditongo *ou* alterna, em numerosos vocábulos, com *oi*: *balouçar* e *baloiçar*, *calouro* e *caloiro*, *dourar* e *doirar*, etc. Escreve-se, preferencialmente, o de uso mais generalizado.

24) Escrevem-se assim os ditongos nasais: *ãe*, *ãi*, *ão*, *am*, *em*, *en*(*s*), *õe*, *ui* (proferido *ũi*): *mãe*, *pães*, *cãibra*, *acórdão*, *irmão*, *leãozinho*, *amam*, *bem*, *bens*, *devem*, *põe*, *repões*, *muito*, etc.

OBSERVAÇÕES:

a) Dispensa-se o til do ditongo nasal *ui* em *mui* e *muito*.

b) Com o ditongo nasal *ão* se escrevem os monossílabos, tônicos ou não, e os polissílabos oxítonos: *cão*, *dão*, *não*, *quão*; *então*, *irmão*, *viverão*, etc.

c) Também se escrevem com o ditongo *ão* os substantivos e adjetivos paroxítonos, acentuando-se, porém, a sílaba tônica: *órfão*, *órgão*, *sótão*, etc.

d) Nas formas verbais anoxítonas se escreve *am*: *amaram*, *deveram*, *partiram*, etc.

e) Com o ditongo nasal *ãe* se escrevem os vocábulos oxítonos e os seus derivados; e os anoxítonos primitivos grafam-se com o ditongo *ãi*: *capitães*, *mães*, *pãezinhos*; *cãibo*, *zãibo*, etc.

f) O ditongo nasal *e)i*(*s*) escreve-se *em* ou *en*(*s*) assim nos monossílabos como nos polissílabos de qualquer categoria gramatical: *bem*, *convém*, *convéns*, *virgem*, *virgens*, etc.

25) Os encontros vocálicos átonos e finais que podem ser pronunciados como ditongos crescentes escrevem-se da seguinte forma: *ea* (áurea), *eo* (cetáceo), *ia* (colônia), *ie* (espécie), *io* (exímio), *oa* (nódoa), *ua* (contínua), *ue* (tênue), *uo* (tríduo), etc.

IX – Hiatos

26) A 1.ª, 2.ª, 3.ª pess. do sing. do pres. do subj. e a 3.ª pess. do sing. do imper. dos verbos em *oar* escrevem-se com *oe* e não *oi*: *abençoe*, *amaldiçoes*, *perdoe*, etc.

27) As três pessoas do sing. do pres. do subj. e a 3.ª do sing. do imper. dos verbos em *uar* escrevem-se com *eu*, e não *ui*: *cultue*, *habitues*, etc.

X – Parônimos e vocábulos de grafia dupla

28) Deve-se fazer a mais rigorosa distinção entre os vocábulos parônimos e os de grafia dupla que se escrevem com *e* ou com *i*, com *o* ou com *u*, com *c* ou *q*, com *ch* ou *x*, com *g* ou *j*, com *s*, *ss* ou *c*, *ç*, com *s* ou *x*, com *s* ou *z*, e com os diversos valores do *x*:

1.°) com *i* ou com *e*: *acriano*, *camoniano*, *torriense* (em vez das antigas *acreano*, *camoneano*, *torreense*); *coreano*, *daomeano*, *guineense*.

2.°) com *o* ou com *u*: *frágua*, *lugar*, *mágoa*, *manuelino*, *polir*, *tribo*, *urdir*, *veio* (verbo ou substantivo), etc.

3.°) com *c* ou *q*: *quatorze* (seguido de *catorze*), *cinquenta*, *quociente* (seguido do *cociente*), etc.

4.°) com *ch* ou *x*: *anexim*, *bucha*, *charque*, *chimarrão*, *faxina*, *flecha*, *tachar* (= notar; censurar), *taxar* (= determinar a taxa; regular), etc.

5.°) com *g* ou *j*: *estrangeiro*, *jenipapo*, *genitivo*, *gíria*, *jeira*, *jeito*, *jiboia*, *jirau*, *laranjeira*, *lojista*, *majestade*, *viagem* (s.f.), *viajem* (do verbo *viajar*), etc.

6.°) com *s*, *ss* ou *c*, *ç*: *ânsia*, *anticéptico*, *boça* (= cabo de navio), *bossa* (= protuberância; aptidão), *bolçar* (= vomitar), *bolsar* (= fazer bolsos), *caçula*, *censual* (= relativo a censo), *sensual* (= lascivo), etc.

OBSERVAÇÃO: Não se emprega *ç* em início de palavras.

7.°) com *s* ou *x*: *espectador* (= testemunha), *expectador* (= pessoa tem esperança), *experto* (= perito; experimentado), *esperto* (= ativo; acordado), *esplêndido*, *esplendor*, *extremoso*, *flux* (= na locução *a flux*), *justafluvial*, *justapor*, *misto*, etc.

8.°) com *s* ou *z*: *alazão*, *alcaçuz* (= planta), *alisar* (= tornar liso), *alizar* (s.m.), *anestesiar*, *autorizar*, *bazar*, *coliseu*, *comezinho*, *cortês*, *dissensão*, *empresa*, *esfuziar*, *esvaziamento*, *frenesi* (seguido de *frenesim*), *guizo* (s.m.), *irisar* (= dar as cores do íris a), *irizar* (= atacar [o iriz] o cafezeiro), *narcisar-se*, *obséquio*, *prioresa*, *rizotônico*, *sacerdotisa*, *tapiz*, *trânsito*, *xadrez*, etc.

OBSERVAÇÕES:

a) É sonoro o *s* de *obséquio* e seus derivados, bem como o do prefixo *trans*, em se lhe seguindo vogal; quando, porém, a esse prefixo se segue palavra iniciada por *s*, só se escreve um, que se profere como se fora dobrado: *obsequiar* (ze), *transoceânico* (zo), *transecular* (se), *transubstanciação* (su); etc.

b) No final de sílaba átona, seja no interior, seja no fim do vocábulo, emprega-se o *s* em lugar do *z*: *asteca*, *endes*, *mesquita*, etc.

29) O *x* continua a escrever-se com os seus cinco valores, bem como nos casos em que pode ser mudo, como em *exceto*, *excerto*, etc. Tem, pois, o som de:

1.°) *ch*, no princípio e o no interior de muitas palavras: *xerife*, *xícara*, *ameixa*; *enxoval*, etc.

2.°) *cs*, no meio e no fim de várias palavras: *anexo*, *látex*, *tórax*, etc.

3.°) *z*, quando ocorre no prefixo *exo*, ou *ex* seguido de vogal: *exame*, *êxito*, *êxodo*, *exosmose*, *exotérmico*, etc.

4.°) *ss*: *aproximar*, *auxiliar*, *máximo*, *proximidade*, *sintaxe*, etc.

5.°) *s* final de sílaba: *contexto*, *fênix*, *pretextar*, *sexto*, *textual*, etc.

30) No final de sílabas iniciais e interiores se deve empregar o *s* em vez do *x*, quando não o precede a vogal *e*: *justafluvial*, *justaposição*, *misto*, *sistino*, etc.

31) Adotaremos a grafia que seja mais conforme à etimologia do vocábulo e à sua história, mas que esteja em harmonia com a prosódia geral dos brasileiros, nem sempre idêntica à lusitana. P.ex.: *judô* (no Br.) e *judo* (em Port.); *metrô* (no Br.) e *metro* (em Port.); *pônei* (no Br.) e *pónei* (em Port.).

XI – Nomes próprios

32) Os nomes próprios personativos, locativos e de qualquer natureza, sendo portugueses ou aportuguesados, estão sujeitos às mesmas regras estabelecidas para os nomes comuns.

33) Para salvaguardar direitos individuais, quem o quiser manterá em sua assinatura a forma consuetudinária. Poderá também ser mantida a grafia original de quaisquer firmas, sociedades, títulos e marcas que se achem inscritos em registro público.

OBSERVAÇÃO: Não sendo o próprio que assine o nome com a grafia e a acentuação do modo como foi registrado, a indicação do seu nome obedecerá às regras estabelecidas pelo sistema ortográfico vigente: *Fundação Casa de Rui Barbosa* (o notável jurista baiano assinava *Ruy*).

34) Os topônimos de origem estrangeira devem ser usados com as formas vernáculas de uso vulgar; e quando não têm formas vernáculas, transcrevem-se consoante as normas estatuídas pela Conferência de Geografia de 1926 que não contrariarem os princípios estabelecidos aqui.

35) Os topônimos de tradição histórica secular não sofrem alteração alguma na sua grafia, quando já esteja consagrada pelo consenso diuturno dos brasileiros. Sirva de exemplo o topônimo *Bahia*, que conservará esta forma quando se aplicar em referência ao Estado e à cidade que têm esse nome.

OBSERVAÇÃO: Os compostos e derivados desses topônimos obedecerão às normas gerais do vocabulário comum.

XII – Acentuação gráfica

Ver *Regras de acentuação*.

XIII – Apóstrofo

36) Limita-se o emprego do apóstrofo aos seguintes casos:

1.°) Indicar a supressão de uma letra ou letras no verso, por exigência da metrificação: *c'roa*, *esp'rança*, *of'recer*, *'star*, etc.

2.°) Reproduzir certas pronúncias populares: *'tá*, *'teve*, etc.

3.°) Indicar a supressão da vogal, já consagrada pelo uso, em certas palavras compostas ligadas pela preposição *de*: *copo-d'água* (= planta, lanche), *galinha-d'água*, *mãe-d'água*, *pau-d'água* (= árvore, ébrio), etc.

OBSERVAÇÃO: Restringindo-se o emprego do apóstrofo a esses casos, cumpre não se use dele em nenhuma outra hipótese. Assim, não será empregado:

a) nas contrações das preposições *de* e *em* com artigos, adjetivos ou pronomes demonstrativos, indefinidos, pessoais e com alguns advérbios: *dum*, *duma* (a par de *de um*, *de uma*), *num*, *numa* (a par de *em um*, *em uma*); *dalgum*, *dalguma* (a par de *de algum*, *de alguma*); *doutro*, *noutro* (a par de *de outro*, *em outro*); *dele*, *dela*, *nele*, *nela*; *deste*, *desta*, *neste*, *nesta*, *daquele*, *daquela*, *naquele*, *naquela*; *disto*, *nisto*, *daquilo*, *naquilo*; *daqui*, *daí*, *dacolá*, *donde*, *dantes*, *dentre*; etc.

b) nas combinações dos pronomes pessoais; *mo*, *ma*, *mos*, *mas*, *to*, *ta*, *tos*, *tas*, *lho*, *lha*, *lhos*, *lhas*, *no-lo*, *no-los*, *no-la*, *no-las*, *vo-lo*, *vo-la*, *vo-los*, *vo-las*.

c) nas expressões vocabulares que se tornaram unidades fonéticas e semânticas: *dessarte*, *destarte*, *homessa*, *tarrenego*, *tesconjuro*, *vivalma*, etc.

d) nas expressões de uso constante e geral na linguagem vulgar: *co*, *coa*, *ca*, *cos*, *cas*, *coas* (= com o, com a, com os, com as), *plo*, *pla*, *plos*, *plas* (= pelo, pela, pelos, pelas), *pra* (= para), *pro*, *pra*, *pros*, *pras* (= para o, para a, para os, para as), etc.

XIV – Hífen

37) Nos compostos

1.º) Emprega-se o hífen nos compostos sem elemento de ligação quando o 1.º termo, por extenso ou reduzido, está representado por forma substantiva, adjetiva, numeral ou verbal: *ano-luz*, *arco-íris*, *decreto-lei*, *és-sueste*, *joão-ninguém*, *médico-cirurgião*, *mesa-redonda*, *rainha-cláudia*, *tenente-coronel*, *tio-avô*, *zé-povinho*, *afro-asiático*, *afro-luso-brasileiro*, *azul-escuro*, *amor-perfeito*, *boa-fé*, *forma-piloto*, *uarda-noturno*, *luso-brasileiro*, *má-fé*, *mato-grossense*, *norte-americano*, *seu-vizinho* (dedo anelar), *social-democracia*, *sul-africano*, *verbo-nominal*, *primeiro-ministro*, *segunda-feira*, *conta-gotas*, *finca-pé*, *guarda-chuva*, *vaga-lume*, *porta-aviões*, *porta-retrato*.

OBSERVAÇÕES:

a) As formas empregadas adjetivamente do tipo *afro-, anglo-, euro-, franco-, indo-, luso-, sino-* e assemelhadas continuarão a ser grafadas **sem hífen** em empregos em que só há uma etnia: *afrodescendente, anglofalante, anglomania, eurocêntrico, eurodeputado, lusofonia, sinologia*, etc. Porém escreve-se com hífen quando houver mais de uma etnia: *afro-brasileiro, anglo-saxão, euro-asiático,* etc.

b) Com o passar do tempo, alguns compostos perderam a noção de composição, e passaram a se escrever aglutinadamente, como é o caso de: *girassol, madressilva, pontapé,* etc. Já se escrevem aglutinados: *paraquedas, paraquedistas* (e afins, *paraquedismo*, *paraquedístico*) e *mandachuva*.

Os outros compostos com a forma verbal *para-* seguirão sendo separados por hífen conforme a tradição lexicográfica: *para-brisa(s), para-choque, para-lama(s)*, etc.

Os outros compostos com a forma verbal *manda-* seguirão sendo separados por hífen conforme a tradição lexicográfica: *manda-lua*, *manda-tudo*.

A tradição ortográfica também usa o hífen em outras combinações vocabulares: *abaixo-assinado*, *assim-assim*, *ante-à-ré*, *ave-maria*, *salve-rainha*.

Os compostos formados com elementos repetidos, com ou sem alternância vocálica ou consonântica, por serem compostos representados por formas substantivas sem elemento de ligação, ficarão: *blá-blá-blá*, *lenga-lenga*, *reco-reco*, *tico-tico, zum-zum-zum*, *pingue-pongue*, *tique-taque, trouxe-mouxe, xique-xique* (= chocalho; cf. *xiquexique* = planta), *zás-trás, zigue-zague*, etc. Os derivados, entretanto, não serão hifenados: *lengalengar, ronronar, zunzunar*, etc. Não se separam por hífen as palavras com sílaba reduplicativa oriundas da linguagem infantil: *babá, titio, vovó, xixi,* etc.

Serão escritos **com hífen** os compostos entre cujos elementos há o emprego do apóstrofo: *cobra-d'água*, *mãe-d'água, mestre-d'armas, olho-d'água,* etc.

2.º) Emprega-se o hífen nos compostos sem elemento de ligação quando o 1.º elemento está representado pelas formas *além, aquém, recém, bem* e *sem*: *além-Atlântico, além-mar, aquém-Pireneus, recém-casado, recém-nascido, bem-estar, bem-humorado, bem-dito, bem-dizer, bem-vestido, bem-vindo, sem-cerimônia, sem-vergonha*, *sem-terra.*

OBSERVAÇÃO: Em muitos compostos o advérbio *bem* aparece aglutinado ao segundo elemento, quer este tenha ou não vida à parte quando o significado dos termos é alterado: *bendito* (=abençoado), *benfazejo*, *benfeito* [subst.] (=benefício); cf. *bem-feito* [adj.] = feito com capricho, harmonioso, e *bem-feito*! [interj.], *benfeitor, benquerença* e afins: *benfazer*, *benfeitoria, benquerer, benquisto, benquistar*.

3.º) Emprega-se o hífen nos compostos sem elemento de ligação quando o 1.º elemento está representado pela forma *mal* e o 2.º elemento começa por *vogal*, *h* ou *l*: *mal-afortunado, mal-entendido, mal-estar, mal-humorado, mal-informado, mal-limpo*. Porém: *malcriado, malgrado, malvisto*, etc.

OBSERVAÇÃO: *Mal* com o significado de 'doença' grafa-se com hífen: *mal-caduco* (= epilepsia), *mal-francês* (= sífilis), desde que não haja elemento de ligação. Se houver, não se usará hífen: *mal de Alzheimer*.

4.º) Emprega-se o hífen nos nomes geográficos compostos pelas formas *grã*, *grão*, ou por forma verbal ou, ainda, naqueles ligados por artigo: *Grã-Bretanha, Abre-Campo*, *Passa-Quatro*, *Quebra-Costas*, *Traga-Mouro*, *Baía de Todos-os-Santos*, *Entre-os-Rios*, *Montemor-o-Novo*, *Trás-os-Montes*.

OBSERVAÇÕES:

a) Os outros nomes geográficos compostos escrevem-se com os elementos separados, sem o hífen: *América do Sul, Belo Horizonte, Cabo Verde, Castelo Branco, Freixo de Espada à Cinta* , etc. Os topônimos *Guiné-Bissau* e *Timor-Leste* são, contudo, exceções consagradas.

b) Serão hifenizados os adjetivos gentílicos (ou seja, adjetivos que se referem ao lugar onde se nasce) derivados de nomes geográficos compostos que contenham ou não elementos de ligação: *belo-horizontino, mato-grossense-do-sul*, *juiz-forano, cruzeirense-do-sul, alto-rio-docense*.

c) Escreve-se com hífen *indo-chinês*, quando se referir à Índia e à China, ou aos indianos e chineses, diferentemente de *indochinês* (sem hífen), que se refere à Indochina.

5.º) Emprega-se o hífen nos compostos que designam espécies botânicas (planta e fruto) e zoológicas, estejam ou não ligadas por preposição ou qualquer outro elemento: *abóbora-menina*, *andorinha-do-mar*, *andorinha-grande*, *bem-me-quer* (mas *malmequer*), *bem-te-vi*, *bênção-de-deus*, *cobra-capelo*, *couve-flor*, *dente-de-cão*, *erva-doce*, *erva-do-chá*, *ervilha-de-cheiro*, *feijão-verde*, *formiga-branca*, *joão-de-barro*, *lesma-de-conchinha.*

OBSERVAÇÃO: Os compostos que designam espécies botânicas e zoológicas grafados com hífen pela norma acima não serão hifenizados quando tiverem aplicação diferente dessas espécies. Por exemplo: *bola-de-neve* (com hífen) com o significado de 'arbusto europeu', e *bola de neve* (sem hífen) significando 'aquilo que toma vulto rapidamente'; *bico-de-papagaio* (com hífen) referindo-se à planta e *bico de papagaio* (sem hífen) com o significado de 'nariz adunco'; *mata-cobra* (com hífen) referindo-se a inseto, e *mata cobra* (sem hífen) referindo-se a certo tipo de bastão; *não-me-toques* (com hífen) quando se refere a certas espécies de plantas, e *não me toques* (sem hífen) com o significado de 'melindres'.

38) Nas locuções:

Não se emprega o hífen nas locuções, sejam elas substantivas, adjetivas, pronominais, adverbiais, prepositivas ou conjuncionais, salvo algumas exceções já consagradas pelo uso (como é o caso de *água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao deus-dará, à queima-roupa*). Vale lembrar que, se na locução há algum elemento que já tenha hífen, será conservado este sinal: *à trouxe-mouxe, cara de mamão-macho, bem-te-vi de igreja*. Sirvam, pois, de exemplo de emprego **sem hífen** as seguintes locuções: a) Locuções substantivas: *cão de guarda, fim de semana, fim de século, sala de jantar*; b) Locuções adjetivas: *cor de açafrão, cor de café com leite, cor de vinho*; c) Locuções pronominais: *cada um, ele próprio, nós mesmos, quem quer que seja*; d) Locuções adverbiais: *à parte* (diferentemente do substantivo *aparte*), *à vontade, de mais* (locução que se contrapõe a *de menos*; escreve-se junto *demais* quando é advérbio ou pronome), *depois de*

amanhã, em cima, por isso; e) Locuções prepositivas: *abaixo de, acerca de, acima de, a fim de, a par de, à parte de, apesar de, aquando de, debaixo de, enquanto a, por baixo de, por cima de, quanto a*; f) Locuções conjuncionais: *a fim de que, ao passo que, contanto que, logo que, visto que*.

OBSERVAÇÕES:

a) Expressões com valor de substantivo, do tipo *deus nos acuda, salve-se quem puder, um faz de contas, um disse me disse*, *um maria vai com as outras*, *bumba meu boi, tomara que caia*, *aqui del rei*, devem ser grafadas sem hífen. Da mesma forma serão usadas sem hífen locuções como: *à toa* (adjetivo e advérbio), *dia a dia* (substantivo e advérbio), *arco e flecha*, *calcanhar de aquiles*, *comum de dois*, *general de divisão*, *tão somente*, *ponto e vírgula*.

b) Não se emprega o hífen nas locuções latinas usadas como tais, não substantivadas ou aportuguesadas: *ab initio, ab ovo, ad immortalitatem, ad hoc, data venia, de cujus, carpe diem, causa mortis, habeas corpus, in octavo, pari passu, ex libris*. Mas: o *ex-libris,* o *habeas-corpus, in-oitavo,* etc.

39) Nas sequências de palavras:

Emprega-se o hífen para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando não propriamente vocábulos, mas encadeamentos vocabulares, tipo: a divisa *Liberdade-Igualdade-Fraternidade*, a ponte *Rio-Niterói*, o percurso *Lisboa-Coimbra-Porto*, a ligação *Angola-Moçambique* e nas combinações históricas ou até mesmo ocasionais de topônimos, tipo: *Áustria-Hungria, Alsácia-Lorena, Angola-Brasil, Tóquio-Rio de Janeiro*, etc.

40) Nas formações com prefixos:

1.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por vogal igual à que inicia o 2.º elemento: *anti-infeccioso*, *anti-inflamatório*, *contra-almirante*, *eletro-ótica*, *entre-eixo*, *infra-axilar*, *micro-onda*, *neo-ortodoxo*, *semi-interno*, *sobre-elevar*, *sobre-estadia*, *supra-auricular*.

OBSERVAÇÕES:

a) Incluem-se neste princípio geral todos os prefixos terminados por vogal: *agro-* (= terra), *albi-, alfa-*, *ante-, anti-, ântero-, arqui-*, *áudio-*, *auto-, bi-, beta-, bio-, contra-, eletro-, euro-, ínfero-, infra-, íntero-, iso-, macro-, mega-, multi-, poli-, póstero-, pseudo-, súpero-, neuro-, orto-, sócio-,* etc.

Então, se o 1º elemento terminar por vogal diferente daquela que inicia o 2º elemento, escreve-se junto, sem hífen: *anteaurora*, *antiaéreo*, *aeroespacial*, *agroindustrial*, *autoajuda*, *autoaprendizagem*, *autoestrada*, *contraescritura*, *contraindicação*, *contraofensiva*, *extraescolar*, *extraoficial*, *extrauterino*, *hidroelétrico*, *infraestrutura*, *infraordem*, *intrauterino*, *neoafricano*, *neoimperialista*, *plurianual*, *protoariano*, *pseudoalucinação*, *pseudoepígrafe*, *retroalimentação*, *semiárido*, *sobreaquecer*, *socioeconômico*, *supraesofágico*, *supraocular*, *ultraelevado*.

b) O encontro de vogais diferentes tem facilitado a supressão da vogal final do 1.º elemento ou da vogal inicial do 2.º: *eletr**a**cústico*, ao lado de *eletr**oa**cústico*, e *arter**io**sclerose*. Recomendamos que se evitem essas supressões, a não ser nos casos já correntes ou dicionarizados.

c) O encontro de vogais iguais tem facilitado o aparecimento de formas reais ou potencialmente possíveis com a fusão dessas vogais, do tipo de *alfaglutinação*, ao lado de *alfa-aglutinação*; *ovadoblongo*, ao lado de *ovado-oblongo*. Para atender à regra geral de hifenizar o encontro de vogais iguais, é preferível evitar estas fusões no uso corrente, a não ser nos casos em que elas se mostram naturais, e não forçadas, como ocorre em *telespectador* (e não *tele-espectador*), *radiouvinte* (e não *rádio-ouvinte*).

d) Nas formações com os prefixos *co-*, *pro-, pre-* e *re-*, estes unem-se ao segundo elemento, mesmo quando iniciado por *o* ou *e*: *coabitar, coautor, coedição, coerdeiro, coobrigação, coocupante, coordenar, cooperação, cooperar, coemitente, coenzima, cofator, cogerente, cogestão, coirmão* ; *comandante*, *proativo, procônsul, propor, proembrião, proeminente* ; *preeleito* (ou *pré-eleito*), *preembrião* (ou *pré-embrião*), *preeminência, preenchido, preesclerose* (ou *pré-esclerose*), *preestabelecer, preexistir; reedição, reedificar, reeducação, reelaborar, reeleição, reenovelar, reentrar, reescrita, refazer, remarcar*.

2.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por consoante igual à que inicia o 2.º

elemento: *ad-digital*, *inter-racial*, *sub-base*, *super-revista*, etc.

OBSERVAÇÃO: Formas como *abbevilliano*, *addisoniano*, *addisonismo, addisonista* se prendem a nomes próprios estrangeiros: *Abbeville, Addison*.

3.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina acentuado graficamente, *pós-*, *pré-*, *pró-*: *pós-graduação, pós-tônico*; *pré-datado, pré-escolar, pré-história, pré-natal, pré-requisito*; *pró-africano, pró-europeu*.

OBSERVAÇÃO: Pode haver, em certos usos, alternância entre *pre-* e *pré-, pos-* e *pós-*; neste último caso, deve-se usar o hífen: *preesclerótico* ou *pré-esclerótico, postônico* ou *pós-tônico*.

4.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por *m* ou *n* e o 2.º elemento começa por *vogal*, *h*, *m* ou *n: circum-escolar*, *circum-hospitalar*, *circum-murado*, *circum-navegação*, *pan-africano*, *pan-americano*, *pan-harmônico*, *pan-hispânico*, *pan-mágico*, *pan-negritude.*

5.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento é um dos prefixos *ex-* (anterioridade ou cessação), *sota-*, *soto-*, *vice-*, *vizo-*: *ex-almirante*, *ex-diretor*, *ex-presidente*, *sota-almirante, sota-capitão*, *sota-vento*, *soto-almirante*, *soto-pôr* (mas *sobrepor*), *vice-presidente*, *vice-reitor*, *vizo-rei*.

OBSERVAÇÃO: Vimos que o verbo *pôr* não perde o acento gráfico (para se distinguir da preposição *por*). E mesmo em formas compostas como *soto-pôr*, ele continuará acentuado.

6.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por *vogal*, *r* ou *b* e o 2.º elemento se inicia por *h*: *adeno-hipófise*, *abdômino-histerotomia*, *anti-herói*, *anti-hemorrágico*, *arqui-hipérbole*, *auto-hipnose*, *beta-hemolítico*, *bi-hidroquinona*, *bio-histórico*, *contra-haste*, *di-hibridismo*, *entre-hostil*, *foto-heliografia*, *geo-história*, *giga-hertz*, *hétero-hemorragia*, *hiper-hidrose*, *infra-hepático*, *inter-hemisférico*, *poli-hídrico*, *semi-histórico*, *sobre-humano*, *sub-hepático*, *sub-humano*, *super-homem*, *tri-hídrico*.

OBSERVAÇÕES:

a) Nos casos em que não houver perda do som da vogal final do 1.º elemento, e o elemento seguinte começar com *h*, serão usadas as duas formas gráficas: *carbo-hidrato* e *carboidrato*; *zoo-hematina* e *zooematina*. Já quando houver perda do som da vogal final do 1.º elemento, consideraremos que a grafia consagrada deve ser mantida: *cloridrato, cloridria, clorídrico, quinidrona, sulfidrila, xilarmônica, xilarmônico*. Devem ficar como estão as palavras que, fugindo a este princípio, já são de uso consagrado, como *reidratar, reumanizar, reabituar, reabitar, reabilitar* e *reaver*.

b) Não se emprega o hífen com prefixos *des-* e *in-* quando o 2.º elemento perde o *h* inicial: *desumano, inábil, inumano, etc*.

c) Embora não tratado no Acordo, pode-se incluir neste caso o prefixo *an-* (p.ex.: *anistórico, anepático, anidrido*). Na sua forma reduzida *a-*, quando seguido de *h*, a tradição manda hifenizar e conservar o *h* (p.ex.: *a-histórico, a-historicidade*).

d) Não se emprega o hífen com as palavras *não* e *quase* com função prefixal: *não agressão, não beligerante, não fumante; quase delito, quase equilíbrio, quase domicílio,* etc.

e) Não há razão plausível que defenda a grafia *biidroquinona* ao lado de *bi-iodeto*, por este não ter *h* inicial. Foi o mesmo princípio que nos fez optar por *poli-hídrico* (em vez de *poliídrico*) e *poli-hidrite* (em vez de *poliidrite*).

7.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por *b* (*ab-, ob-, sob-, sub-*) ou *d* (*ad-*) e o 2.º elemento começa por *r*: *ab-rupto, ad-renal*, *ad-referendar, ob-rogar, sob-roda, sub-reitor, sub-reptício, sub-rogar*.

OBSERVAÇÃO: *Adrenalina*, *adrenalite* e afins já são exceções consagradas pelo uso. *Ab-rupto* é preferível a *abrupto*.

8.º) Quando o 1.º elemento termina por vogal e o 2.º elemento começa por *r* ou *s*, não se usa hífen, e estas consoantes devem duplicar-se, prática já adotada, também em palavras deste tipo pertencentes aos domínios científico e técnico: *antessala*, *antirreligioso*, *antissocial*, *autorregulamentação*, *biorritmo*, *biossatélite*, *contrarregra*, *contrassenha*, *cosseno*, *ele-*

trossiderurgia, *extrarregular*, *infrassom*, *macrorregião*, *microssistema*, *minissaia*, *multissegmentado*, *neorromano*, *protossatélite*, *pseudossigla*, *semirrígido*, *sobressaia*, *suprarrenal*, *ultrassonografia*.

41) Nas formações com sufixo

Emprega-se hífen apenas nas palavras terminadas por sufixos de origem tupi-guarani que representam formas adjetivas, como *-açu* (= grande), *-guaçu* (= grande), *-mirim* (= pequeno), quando o 1.º elemento termina por vogal acentuada graficamente ou quando a pronúncia exige a distinção gráfica dos dois elementos: *amoré-guaçu, anajá-mirim, andá-açu, capim-açu, Ceará-Mirim*.

42) O hífen nos casos de ênclise, mesóclise (tmese) e com o verbo haver

1.º) Emprega-se o hífen na ênclise e na mesóclise: *amá-lo, dá-se, deixa-o, partir-lhe; amá-lo-ei, enviar-lhe-emos*.

2.º) Não se emprega o hífen nas ligações da preposição *de* às formas monossilábicas do presente do indicativo do verbo *haver*: *hei de, hás de, hão de*, etc.

OBSERVAÇÕES:

a) Embora estejam consagradas pelo uso as formas verbais *quer* e *requer*, dos verbos *querer* e *requerer*, ao lado de *quere* e *requere*, estas últimas formas conservam-se, no entanto, nos casos de ênclise: *quere-o(s), requere-o(s)*.

Nestes contextos, as formas (legítimas, aliás) *qué-lo* e *requé-lo* são pouco usadas. *Quere* e *requere* são formas correntes entre portugueses; a primeira, a partir de 1904.

b) Usa-se também o hífen nas ligações de formas pronominais enclíticas ao advérbio *eis* (*eis-me, ei-lo*) e ainda nas combinações de formas pronominais do tipo *no-lo* (nos + o), *no-las* (nos + as), quando em próclise ao verbo (por exemplo: *Esperamos que no-lo comprem*).

XV – O trema

43) O trema não é usado em palavras portuguesas ou aportuguesadas, como: *aguentar, anguiforme, arguir, bilíngue, lingueta, linguista, linguístico, cinquenta, equestre, frequentar, tranquilo, ubiquidade*.

OBSERVAÇÕES:

a) O trema ocorre em palavras derivadas de nomes próprios estrangeiros que o possuem: *hübneriano*, de *Hübner*, *mülleriano*, de *Müller*, etc.

b) O trema poderá ser usado para indicar, quando for necessário, a pronúncia do *u* em vocabulários ortográficos e dicionários: *lingueta* (gü), *líquido* (qü ou qu), *linguiça* (gü), *equidistante* (qü ou qu).

c) Com o fim do trema em palavras portuguesas ou aportuguesadas, não houve modificação na pronúncia dessas palavras.

XVI – Acento grave

44) Emprega-se o acento grave nos casos de crase e aqueles indicados em **Emprego do à acentuado**.

1.º) Na contração da preposição *a* com as formas femininas do artigo *o* ou pronome demonstrativo *o*: *à* (de *a*+*a*), *às* (de *a*+*as*).

2.º) Na contração da preposição *a* com o *a* inicial dos demonstrativos *aquele*, *aquela*, *aqueles*, *aquelas*, e *aquilo* ou ainda da mesma preposição com compostos *aqueloutro* e suas flexões: *àquele*(*s*), *àquela*(*s*), *àquilo*, *àqueloutro*(*s*), *àqueloutras*(*s*).

3.º) Na contração da preposição *a* com os pronomes relativos *a qual*, *as quais*: *à qual*, *às*

quais.

XVII – Supressão dos acentos em palavras derivadas

45) Ocorre:

1.º) Nos advérbios em *-mente*, oriundos de adjetivos com acento agudo ou circunflexo: *avidamente* (de *ávido*), *debilmente* (de *débil*), *facilmente* (de *fácil*), *habilmente* (de *hábil*), *lucidamente* (de *lúcido*), *mamente* (de *má*), *somente* (de *só*); *candidamente* (de *cândido*), *cortesmente* (de *cortês*), *portuguesamente* (de *português*), *romanticamente* (de *romântico*).

2.º) Nas palavras que têm sufixos inciados por *z* e cujas formas de base apresentam vogal tônica com acento agudo ou circunflexo: *aneizinhos* (de *anéis*), *avozinha* (de *avó*), *bebezito* (de *bebê*), *cafezada* (de *café*), *chapeuzinho* (de *chapéu*), *mazinha* (de *má*), *orfãozinho* (de *órfão*); *avozinho* (de *avô*), *bençãozinha* (de *bênção*), *lampadazita* (de *lâmpada*), *pessegozito* (de *pêssego*).

XVIII – Divisão silábica

46) A divisão de qualquer vocábulo, assinalada pelo hífen, em regra se faz pela soletração, e não pelos seus elementos constitutivos segundo a etimologia.

47) Fundadas neste princípio geral, cumpre respeitar as seguintes normas:

1.º) A consoante inicial não seguida de vogal permanece na sílaba que a segue: *cni-do-se*, *dze-ta*, *gno-ma*, *mne-mô-ni-ca*, *pneu-má-ti-co*, etc.

2.º) No interior do vocábulo, sempre se conserva na sílaba que a precede a consoante não seguida de vogal: *ab-di-car*, *ac-ne*, *ét-ni-co*, *nup-ci-al*, *ob-fir-mar*, *op-ção*, *sig-ma-tis-mo*, *sub-por*, *sub-ju-gar*, etc.

3.º) Não se separam os elementos dos grupos consonânticos iniciais de sílabas nem os dos digramas *ch*, *lh*, *nh*: *a-blu-ção*, *a-bra-sar*, *a-che-gar*, *fi-lho*, *ma-nhã*, etc.

OBSERVAÇÃO: Nem sempre formam grupos articulados as consonâncias *bl* e *br*: nalguns casos o *l* e o *r* se pronunciam separadamente, e a isso se atenderá na partição do vocábulo; e as consoantes *dl*, a não ser no termo onomatopéico *dlim*, que exprime toque de campainha, proferem-se desligadamente, e na divisão silábica ficará o hífen entre essas duas letras. Ex.: *sub-lin-gual*, *sub-rogar*, *ad-le-ga-ção*, etc.

4.º) O *sc* no interior do vocábulo biparte-se, ficando o *s* numa sílaba, e o *c* na sílaba imediata: *a-do-les-cen-te*, *des-cer*, *pres-cin-dir*, *res-ci-são*, etc.

OBSERVAÇÃO: Forma sílaba com o prefixo antecedente o *s* que precede consoantes: *abs-tra-ir*, *ads-cre-ver*, *ins-cri-ção*, *ins-pe-tor*, *ins-tru-ir*, *in-ters-tí-cio*, *pers-pi-caz*, *subs-cre-ver*, *subs-ta-be-le-cer*, etc.

5.º) O *s* dos prefixos *bis*, *cis*, *des*, *dis*, *trans* e o *x* do prefixo *ex* não se separam quando a sílaba seguinte começa por consoante; mas, se principia por vogal, formam sílaba com esta e separam-se do elemento prefixal: *bis-ne-to*, *cis-pla-ti-no*, *des-li-gar*, *dis-tra-ção*, *trans-por-tar*, *ex-tra-ir*; *bi-sa-vô*, *ci-san-di-no*, *de-ses-pe-rar*, *di-sen-té-ri-co*, *tran-sa-tlân-ti-co*, *e-xér-ci-to*, etc.

6.º) As vogais idênticas e as letras *cc*, *cç*, *rr* e *ss* separam-se ficando uma na sílaba que as precede e outra na sílaba seguinte: *ca-a-tin-ga*, *co-or-de-nar*, *in-te-lec-ção*, *oc-ci-pi-tal*, *pror-ro-gar*, *res-sur-gir*, etc.

OBSERVAÇÃO: As vogais de hiatos, ainda que diferentes uma da outra, também se separam: *a-ta-ú-de*, *ca-í-eis*, *ca-ir*, *du-e-lo*, *fi-el*, *flu-iu*, *fru-ir*; *gra-ú-na*, *je-su-í-ta*, *le-al*, *mi-ú-do*, *po-ei-ra*, *ra-i-nha*, *sa-ú-de*, *vi-ví-eis*, *vo-ar*, etc.

7.º) Não se separam as vogais dos ditongos – crescentes e decrescentes – nem as dos tritongos: *ai-ro-so*, *a-ni-mais*, *au-ro-ra*, *a-ve-ri-gueis*, *ca-iu*, *cru-éis*, *en-jei-tar*, *fo-ga-réu*, *fu-giu*, *gló-ria*, *guai-ar*, *i-guais*, *ja-mais*, *joi-as*, *ó-dio*, *quais*, *sá-bio*, *sa-guão*, *sa-guões*, *su-bor-nou*, *ta-fuis*, *vá-rio*, etc.

OBSERVAÇÃO: Não se separa do *u* precedido de *g* ou *q* a vogal que o segue, acompanhada, ou não, de consoante: *am-bí-guo*, *e-qui-va-ler*, *guer-ra*, *u-bí-quo*, etc.

8.º) Na translineação (ou seja, na passagem para a linha seguinte quando se está escrevendo um texto) de uma palavra composta ou de uma combinação de palavras em que há um hífen, ou mais, se a partição coincide com o final de um dos elementos ou membros, por clareza gráfica, se deve repetir o hífen no início da linha seguinte: vice-almirante.

XIX – Emprego das iniciais maiúsculas

48) Emprega-se letra inicial maiúscula:

1.º) No começo do período, verso ou citação direta. Disse o Padre Antônio Vieira: "Estar com Cristo em qualquer lugar, ainda que seja no Inferno, é estar no Paraíso".

> "Auriverde pendão de minha terra
> que a brisa do Brasil beija e balança,
> Estandarte que à luz do sol encerra
> As promessas divinas da Esperança..." (Castro Alves)

OBSERVAÇÃO: Alguns poetas usam, à espanhola, a minúscula no princípio de cada verso, quando a pontuação o permite, como se vê em Castilho:

> "Aqui, sim, no meu cantinho,
> vendo rir-me o candeeiro,
> gozo o bem de estar sozinho
> e esquecer o mundo inteiro".

2.º) Nos substantivos próprios de qualquer espécie – antropônimos, topôninos, patronímicos, cognomes, alcunhas, tribos e castas, designações de comunidades religiosas e políticas, nomes sagrados e relativos a religiões, entidades mitológicas e astronômicas, etc.: *José*, *Maria*, *Macedo*, *Freitas*, *Brasil*, *Antoninos*, *Afonsinhos*, *Conquistador*, *Magnânimo*, *Coração de Leão*, *Sem Pavor*, *Deus*, *Jeová*, *Alá*, *Assunção*, *Ressureição*, *Júpiter*, *Baco*, *Cérbero*, *Via Láctea*, *Canopo*, *Vênus*, etc.

OBSERVAÇÕES:

a) As formas onomásticas que entram na formação de palavras do vocabulário comum escrevem-se com inicial minúscula quando se afastam de seu significado primitivo, excetuando-se os casos em que esse afastamento não ocorre: *água-de-colônia*, *joão-de-barro*, *erva-de-santa-maria*, *folha de flandres*; mas: *além-Brasil*, *aquém-Atlântico*, *doença de Chagas*, *mal de Alzheimer*, *sistema Didot*, *anel de Saturno*.

b) Os nomes de povos escrevem-se com inicial minúscula, não só quando designam habitantes ou naturais de um estado, província, cidade, vila ou distrito, ainda quando representam coletivamente uma nação: *amazonenses*, *baianos*, *estremenhos*, *fluminenses*, *paulistas*, *romenos*, *russos*, *suíços*, *uruguaios*, etc.

3.º) Nos nomes próprios de eras históricas e épocas notáveis: *Héjira*, *Idade Média*, *Quinhentos* (o século XVI), *Seiscentos* (o século XVII), etc.

OBSERVAÇÃO: Os nomes dos meses devem escrever-se com inicial minúscula: *janeiro*, *fevereiro*, *março*, *abril*, *maio*, *junho*, *julho*, *agosto*, *setembro*, *outubro*, *novembro*, *dezembro*.

4.º) Nos nomes de vias e lugares públicos: *Avenida de Rio Branco*, *Beco do Carmo*, *Largo da*

Carioca, *Praia do Flamengo*, *Praça da Bandeira*, *Travessa do Comércio*, *Túnel Noel Rosa*, etc.

5.º) Nos nomes que designam altos conceitos religiosos, políticos ou nacionalistas: *Igreja* (Católica, Apostólica, Romana), *Nação*, *Estado*, *Pátria*, *Raça*, etc.

OBSERVAÇÃO: Esses nomes se escrevem com inicial minúscula quando são empregados em sentido geral ou indeterminado.

6.º) Nos nomes que designam artes, ciências, ou disciplinas, bem como nos que sintetizam, em sentido elevado, as manifestações do engenho e do saber: *Agricultura*, *Arquitetura*, *Filologia Portuguesa*, *Direito*, *Medicina*, *Matemática*, *Pintura*, *Arte*, *Ciência*, *Cultura*, etc.

OBSERVAÇÃO: Os nomes *idioma*, *idioma pátrio*, *língua*, *língua portuguesa*, *vernáculo* e outros análogos escrevem-se com inicial maiúscula quando empregados com especial relevo.

7.º) Nos nomes que designam altos cargos, dignidades ou postos: *Papa*, *Cardeal*, *Arcebispo*, *Bispo*, *Patriarca*, *Vigário*, *Vigário-Geral*, *Presidente da República*, *Ministro da Educação*, *Governador do Estado*, *Embaixador*, *Almirantado*, *Secretário de Estado*, etc.

8.º) Nos nomes de repartições, corporações ou agremiações, edifícios e estabelecimentos públicos ou particulares: *Diretoria Geral do Ensino*, *Ministério das Relações Exteriores*, *Academia Paranaense de Letras*, *Círculo de Estudos "Bandeirantes"*, *Presidência da República*, *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*, *Tesouro do Estado*, *Departamento Administrativo do Serviço Público*, *Banco do Brasil*, *Imprensa Nacional*, *Teatro de São José*, *Tipografia Rolandiana*, *Museu de Arte Moderna*, etc.

9.º) Nos títulos de livros, jornais, revistas, produções artísticas, literárias e científicas: *Imitação de Cristo*, *Horas Marianas*, *Correio da Manhã*, *Revista Filológica*, *Transfiguração* (de Rafael), *Norma* (de Bellini), *O Guarani* (de Carlos Gomes), *O Espírito das Leis* (de Montesquieu), etc.

OBSERVAÇÕES: a) Não se escrevem com maiúscula inicial as partículas monossilábicas que se acham no interior de vocábulos compostos ou de locuções ou expressões que têm iniciais maiúsculas: *Queda do Império*, *O Crepúsculo dos Deuses*, *História sem Data*, *A Mão e a Luva*, *Festas e Tradições Populares do Brasil*, etc.

b) Nos bibliônimos, após o primeiro elemento, que é com maiúscula, os demais vocábulos podem ser escritos com minúscula, salvo nos nomes próprios nele contidos, tudo em grifo.

10.º) Nos nomes de fatos históricos e importantes, de atos solenes e de grandes empreendimentos públicos: *Centenário da Independência do Brasil*, *Descobrimento da América*, *Reforma Ortográfica*, *Acordo Luso-Brasileiro*, *Exposição Nacional*, *Festas das Mães*, *Dia do Município*, *Glorificação da Língua Portuguesa*, etc.

OBSERVAÇÃO: Os nomes de festas pagãs ou populares escrevem-se com inicial minúscula: *carnaval*, *entrudo*, *saturnais*, etc.

11.º) Nos nomes de escolas de qualquer espécie ou grau de ensino: *Faculdade de Filosofia*, *Escola Superior de Comércio*, *Colégio de Pedro II*, *Instituto de Educação*, etc.

12.º) Nos nomes comuns, quando personificados ou individuados, e de seres morais ou fictícios: *A Capital da República*, *a Transbrasiliana*, *moro na Capital*, *o Natal de Jesus*, *o Poeta* (Camões), *a ciência da Antiguidade*, os *habitantes da Península*, *a Bondade*, *o Amor*, *a Ira*, *o Lobo*, *o Cordeiro*, *a Cigarra*, *a Formiga*, etc.

OBSERVAÇÃO: Incluem-se nesta norma os nomes que designam atos das autoridades da República, quando empregados em correspondência ou documentos oficiais: *A Lei de 13 de maio*, *o Decreto-Lei n.º 292*, *o Decreto-Lei n.º 20.108*, *a Portaria de 15 de junho*, *o Regulamento n.º 737*, *o Acórdão de 3 de agosto*, etc.

13.º) Nos nomes dos pontos cardeais, quando designam regiões: *Os povos do Oriente*; *o falar*

do Norte é diferente do falar do Sul; *a guerra do Ocidente*, etc.

OBSERVAÇÃO: Os nomes dos pontos cardeais escrevem-se com iniciais minúsculas quando designam direções ou limites geográficos: *Percorri o país de norte a sul e de leste a oeste*.

14.º) Nos nomes, adjetivos, pronomes e expressões de tratamento ou reverência: *D*. (Dom ou Dona), *Sr*. (Senhor), *Sr.ª* (Senhora), *DD*. ou *Dig.mo* (Digníssimo), *MM*. ou *M.mo* (Meritíssimo), *Rev.mo* (Reverendíssimo), *V.Rev.ª* (Vossa Reverência), *S.E*. (Sua Eminência), *V.M*. (Vossa Majestade), *V.A*. (Vossa Alteza), *V.S.ª* (Vossa Senhoria), *V.Ex.ª* (Vossa Excelência), *V.Ex.ª Rev.ma* (Vossa Excelência Reverendíssima), *V.Ex.as* (Vossa Excelências), etc.

OBSERVAÇÃO: As formas que se acham ligadas a essas expressões de tratamento devem ser também escritas com iniciais maiúsculas: *D. Abade*, *Ex.ma Sr.ª Diretora*, *Sr. Almirante*, *Sr. Capitão-de-Mar-e-Guerra*, *MM. Juiz de Direito*, *Ex.mo e Rev.mo Sr. Arcebispo Primaz*, *Magnífico Reitor*, *Excelentíssimo Senhor Presidente da República*, *Eminentíssimo Senhor Cardeal*, *Sua Alteza Real*, etc.

15.º) Nas palavras que, no estilo epistolar, se dirigem a um amigo, a um colega, a uma pessoa respeitável, as quais, por deferência, consideração ou respeito, se queira realçar por esta maneira: *meu bom Amigo*, *caro Colega*, *meu prezado Mestre*, *estimado Professor*, *meu querido Pai*, *minha amorável Mãe*, *meu bom Padre*, *minha distinta Diretora*, *caro Dr.*, *prezado Capitão*, etc.

OBSERVAÇÃO: Para os itens 4.º, 6.º, 7.º e 14.º usa-se opcionalmente inicial minúscula (exceto para as formas abreviadas do item 14.º).

XX – Sinais de pontuação

Ver *Pontuação*.

Regras de acentuação

A – Monossílabos

Levam acento agudo ou circunflexo os monossílabos terminados em:

a) – a, – as: *já, lá, vás*;
b) – e, – es: *fé, lê, pés*;
c) – o, – os: *pó, dó, pós, sós*.

B – Vocábulos de mais de uma sílaba

1) OXÍTONOS (ou agudos)

Levam acento agudo ou circunflexo os oxítonos terminados em:

a) – a, – as: *cajás, vatapá, ananás, carajás*;
b) – e, – es: *você, café, pontapés;*
c) – o, – os: *cipó, jiló, avô, carijós*;
d) – em, – ens: *também, ninguém, vinténs, armazéns*.

Daí sem acento: *aqui, caqui, poti, caju, urubus*.

2) PAROXÍTONOS (ou graves)

Levam acento agudo ou circunflexo os paroxítonos terminados em:

a) – i, – is: *júri, cáqui, beribéri, lápis, tênis*;

b) – us: *vênus, vírus, bônus*.

OBSERVAÇÃO: Há poucos paroxítonos terminados em –*u*: um deles existente até há pouco era *tribu* que hoje se escreve com *o*: *tribo*, *tribos*.

c) – r: *caráter*, *revólver*, *éter*;

d) – l: *útil*, *amável*, *nível*, *têxtil* (não *téxtil*);

e) – x: *tórax*, *fênix*, *ônix*;

f) – n: *éden*, *hífen* (mas: *edens*, *hifens*, sem acento);

g) – um, – uns: *álbum*, *álbuns*, *médium*;

h) – ão, ãos: *órgão*, *órfão*, *órgãos*, *órfãos*;

i) – ã, – ãs: *órfã*, *ímã*, *órfãs*, *ímãs*;

j) – ps: *bíceps*, *fórceps*;

k) – on(s): *rádon, rádons*.

OBSERVAÇÃO: Devem ser acentuados os nomes técnicos terminados em -*om*: *iândom*, *rádom* (variante de *rádon*).

3) PROPAROXÍTONOS (ou esdrúxulos)

Levam acento agudo ou circunflexo todos os proparoxítonos: *cálido*, *tépido*, *cátedra*, *sólido*, *límpido*, *cômodo*.

4) CASOS ESPECIAIS

a) São sempre acentuadas as palavras oxítonas com os ditongos abertos grafados -*éis*, -*éu*(*s*) ou -*ói*(*s*) : *anéis, batéis, fiéis, papéis*; *céu(s)*, *chapéu(s)*, *ilhéu(s)*, *véu(s)*; *corrói(s)* (flexão de *corroer*), *herói(s)*, *remói(s)* (flexão de *remoer*), *sói(s)* (flexão de *soer*), *sóis* (pl. de *sol*).

b) Não são acentuadas as palavras paroxítonas com os ditongos abertos -*ei* e -*oi*, uma vez que existe oscilação em muitos casos entre a pronúncia aberta e fechada: *assembleia*, *boleia*, *ideia*, tal como *aldeia*, *baleia*, *cadeia*, *cheia*, *meia*; *coreico*, *epopeico*, *onomatopeico*, *proteico*; *alcaloide*, *apoio* (do verbo *apoiar*), tal como *apoio* (substantivo), *Azoia*, *boia*, *boina*, *comboio* (substantivo), tal como *comboio*, *comboias*, etc. (do verbo *comboiar*), *dezoito*, *estroina*, *heroico*, *introito*, *jiboia*, *moina*, *paranoico*, *zoina*.

OBSERVAÇÃO: Receberá acento gráfico a palavra que, mesmo incluída neste caso, se enquadrar em regra geral de acentuação, como ocorre com *blêizer, contêiner, destróier, gêiser, Méier*, etc., porque são paroxítonas terminadas em -*r*.

c) Não se acentuam os encontros vocálicos fechados: *pessoa*, *patroa*, *coroa*, *boa*, *canoa*; *teu*, *judeu*, *camafeu*; *voo*, *enjoo*, *perdoo*, *coroo*.

OBSERVAÇÃO: Será acentuada a palavra que, mesmo incluída neste caso, se enquadrar em regra geral de acentuação gráfica, como ocorre com *herôon* (Br.)/ *heróon* (Port.), paroxítona terminada em -*n*.

d) Não levam acento gráfico as palavras paroxítonas que, tendo respectivamente vogal tônica aberta ou fechada, são homógrafas de artigos, contrações, preposições e conjunções átonas. Assim, não se distinguem pelo acento gráfico: *para* (á) [flexão de *parar*], e *para* [preposição]; *pela(s)* (é) [substantivo e flexão de *pelar*] e *pela(s)* [combinação de *per* e *la(s)*]; *pelo* (é) [flexão de *pelar*] e *pelo(s)* (ê) [substantivo e combinação de *per* e *lo(s)*]; *pera* (ê) [substantivo] e *pera* (é) [preposição antiga]; *polo(s)* (ó) [substantivo] e *polo(s)* [combinação antiga e popular de *por* e *lo(s)*]; etc.

OBSERVAÇÃO: Seguindo esta regra, também perde o acento gráfico a forma *para* (do verbo *parar*) quando entra num composto separado por hífen: *para-balas, para-brisa(s)*, *para-choque(s)*, *para-lama(s)*, etc.

e) Levam acento agudo o *i* e *u*, quando representam a segunda vogal tônica de um hiato, desde que não formem sílaba com *r*, *l*, *m*, *n*, *z* ou não estejam seguidos de *nh*: *saúde*, *viúva*, *saída*, *caído*, *faísca*, *aí*, *Grajaú*; *raiz* (mas *raízes*), *paul*, *ruim*, *ruins*, *rainha*, *moinho*.

f) Não leva acento a vogal tônica dos ditongos *iu* e *ui*: *caiu*, *retribuiu*, *tafuis*, *pauis*.

g) Não serão acentuadas as vogais tônicas ***i*** e ***u*** das palavras **paroxítonas**, quando estas vogais estiverem precedidas de ditongo decrescente: *baiuca, bocaiuva, boiuno, cauila* (var. *cauira*), *cheiinho* (de *cheio*), *feiinho* (de *feio*), *feiura, feiudo, maoismo, maoista, saiinha* (de *saia*), *taoismo, tauismo*.

OBSERVAÇÕES:

1.º) Na palavra ***eoípo*** (= denominação dos primeiros ancestrais dos cavalos), a pronúncia normal assinala hiato (e-o), razão por que tem acento gráfico.

2.º) A palavra paroxítona *guaíba* não perde o acento agudo porque a vogal tônica *i* está precedida de ditongo crescente.

h) Serão acentuadas as vogais tônicas ***i*** e ***u*** das palavras **oxítonas**, quando mesmo precedidas de ditongo decrescente estão em posição final, sozinhas na sílaba, ou seguidas de *s*: *Piauí, teiú, teiús, tuiuiú, tuiuiús*.

OBSERVAÇÃO: Se, neste caso, a consoante final for diferente de *s*, tais vogais **não serão acentuadas**: *cauim, cauins*.

i) A 3.ª pessoa de alguns verbos se grafa da seguinte maneira:

1) quando termina em – *em* (monossílabos):

3.ª pess. sing.	3.ª pess. pl.
– em	– êm
ele tem	*eles têm*
ele vem	*eles vêm*

2) quando termina em – *ém*:

3.ª pess. sing.	3.ª pess. pl.
– ém	– êm
ele contém	*eles contêm*
ele convém	*eles convêm*

3) quando termina em – *ê* (*crê*, *dê*, *lê*, *vê* e derivados):

3.ª pess. sing.	3.ª pess. pl.
– ê	– eem
ele crê	*eles creem*
ele revê	*eles reveem*

j) Levam acento agudo ou circunflexo os vocábulos terminados por ditongo oral átono, quer decrescente ou crescente: *ágeis*, *devêreis*, *jóquei*, *túneis*, *área*, *espontâneo*, *ignorância*, *imundície*, *lírio*, *mágoa*, *régua*, *tênue*.

k) Leva acento agudo ou circunflexo a forma verbal terminada em *a*, *e*, *o* tônicos, seguida de *lo*, *la*, *los*, *las*: *fá-lo*, *fá-los*, *movê-lo-ia*, *sabê-lo-emos*, *trá-lo-ás*.

OBSERVAÇÃO: Pelo último exemplo, vemos que se o verbo estiver no futuro poderá haver dois acentos: *amá-lo-íeis*, *pô-lo-ás*, *fá-lo-íamos*.

l) Também leva acento agudo a vogal tônica *i* das formas verbais **oxítonas** terminadas em *-air* e *-uir*, quando seguidas de *-lo(s), -la(s)*, caso em que perdem o *r* final, como em: *atraí-lo(s)* [de *atrair-lo(s)*] ; *atraí-lo(s)-ia* [de *atrair-lo(s)-ia*] ; *possuí-la(s)* [de *possuir-la(s)*]; *possuí-la(s)-ia* [de *possuir-la(s)-ia*].

m) Não levam acento os prefixos paroxítonos terminados em *-r* e *-i*: *inter-helênico*, *super-homem*, *semi-histórico*.

n) Não leva trema o *u* dos grupos *gue*, *gui*, *que*, *qui*, mesmo quando for pronunciado e átono: *aguentar*, *arguição*, *eloquência*, *frequência*, *tranquilo*.

OBSERVAÇÕES:

1.º) Os verbos *ARGUIR* e *REDARGUIR* não levam acento agudo na vogal tônica *u* nas formas rizotônicas (aquelas cuja sílaba tônica está no radical): *arguo*, *arguis*, *argui*, *arguem*; *argua, arguas,* etc.

2.º) Os verbos do tipo de *AGUAR, APANIGUAR, APAZIGUAR, APROPINQUAR, AVERIGUAR, DESAGUAR, ENXAGUAR, OBLIQUAR, DELINQUIR* e afins podem ser conjugados de duas formas: ou têm as formas rizotônicas (cuja sílaba tônica recai no radical) com o *u* do radical tônico, mas sem acento agudo; ou têm as formas rizotônicas com *a* ou *i* do radical com acento agudo: averiguo (ou averíguo), averiguas (ou averíguas), averigua (ou averígua), etc.; averigue (ou averígue), averigues (ou averígues), etc.; delinquo (ou delínquo), delinques (ou delínques), etc.; delinqua (ou delínqua), delinquas (ou delínquas), etc.

3.º) O verbo *delinquir*, tradicionalmente dado como defectivo (ou seja, verbo que não é conjugado em todas as pessoas), é tratado como verbo que tem todas as suas formas. O Acordo também aceita duas possibilidades de pronúncia, quando a tradição padrão brasileira na gramática para este verbo só aceitava sua conjugação nas formas arrizotônicas.

4.º) Em conexão com os casos citados acima, é importante mencionar que os verbos em *-ingir* (*atingir*, *cingir*, *constringir*, *infringir*, *tingir*, etc.) e os verbos em *-inguir* sem a pronúncia do *u* (*distinguir*, *extinguir*, etc.) têm grafias absolutamente regulares (*atinjo*, *atinja*, *atinge*, *atingimos*, etc.; *distingo*, *distinga*, *distingue*, *distinguimos*, etc.)

o) Leva acento circunflexo diferencial a sílaba tônica da 3.ª pess. sing. do pret. perf. *pôde*, para distinguir-se de *pode*, forma da mesma pess. do pres. do ind.

p) Não se usa acento gráfico para distinguir as palavras oxítonas homógrafas (que possuem a mesma grafia), mas heterofônicas (pronunciadas de formas diferentes), do tipo de *cor* (ô) (substantivo) e *cor* (ó) (elemento da locução *de cor*) ; *colher* (ê) (verbo) e *colher* (é) (substantivo).

OBSERVAÇÃO: A forma verbal *pôr* continuará a ser grafada com acento circunflexo para se distinguir da preposição átona *por*.

q) Não é acentuada nem recebe apóstrofo a forma monossilábica *pra*, redução de *para*. Ou seja, são **incorretas** as grafias *prá* e *p'ra*.

r) Pode ser ou não acentuada a palavra *fôrma* (substantivo), distinta de *forma* (substantivo; 3.ª pess. do sing. do pres. do ind. ou 2.ª pess. do sing. do imper. do verbo *formar*). A grafia *fôrma (com acento gráfico) deve ser usada apenas nos casos em que houver ambiguidade, como nos versos do poema "Os sapos", de Manuel Bandeira: "Reduzi sem danos/ A fôrmas a forma."*

2 Extraído de *Elementos de Língua Pátria* de J. Mattoso Câmara Jr. [MC.5].

3 Extraído de *Elementos de Língua Pátria* de J. Mattoso Câmara Jr. [MC.5].

4 Daí ser possível uma mudança ortográfica do tipo *quasi* → *quase*, *tribu* → *tribo*. Mudou-se a letra, mas não o fonema.

5 Na realidade, as *reduzidas* não estão cientificamente formuladas pela NGB, e o melhor seria bani-las. Em muitos casos das chamadas reduzidas o que temos, na realidade, é mudança ou troca de fonema.

6 J. Mattoso Câmara Jr. [MC.5, II, 121].

7 Em lugar de *i* ou *u*, em certos casos, se pode grafar a semivogal *e* ou *o*, respectivamente, em observância às convenções do nosso sistema ortográfico vigente, segundo as quais a semivogal dos ditongos orais é representada pelo grafema *i* e a dos ditongos nasais pelo grafema *e*: *pai* / *mãe*, *distrai* / *distraem.*

8 Niedermann, *Phonétique Latine*, 37.

9 *Normas para a Língua Falada no Teatro*, 485-63.

10 *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, 16.

11 Destas últimas não cogita a NGB.

12 Na língua portuguesa moderna predomina a sequência progressiva, que consiste em apresentar, de preferência, a declaração no fim (o predicado), o determinado antes do determinante, o que se torna cômodo aos interesses de compreensão do interlocutor.

13 Por isso, nos compostos, para determinação da posição do acento tônico, leva-se em consideração a última palavra. Destarte, é oxítono *couve-flor* e paroxítono *arco-íris*.

14 Exemplos extraídos de [SS.2, 97-98].

15 Epifania - festa dos reis magos

II – Gramática descritiva e normativa

As Unidades no Enunciado

A) Formas e funções

Introdução

Classes de Palavras e Categorias Gramaticais

Os diversos significados – Quase sempre a gramática engloba numa mesma relação palavras que pertencem a grupos bem diferentes: *substantivo*, *adjetivo*, *artigo*, *numeral*, *pronome*, *verbo*, *advérbio*, *preposição*, *conjunção* e *interjeição*. Um exame atento facilmente nos mostrará que a relação junta palavras de natureza e funcionalidade bem diferentes com base em critérios categoriais, morfológicos e sintáticos misturados. E o elemento que as diferencia são os diversos significados que lhes são próprios. Para tanto, devemos distinguir os seguintes significados:16

a) SIGNIFICADO LEXICAL, que já conhecemos antes, é o significado que corresponde ao *quê* da apreensão do mundo extralinguístico, isto é, é o que corresponde à organização do mundo extralinguístico mediante as línguas. Como diz bem Coseriu, a linguagem *classifica* a realidade segundo interesses e atitudes humanas; por isso suas distinções *podem* coincidir com realidades e delimitações objetivas, mas isso não é necessário. A língua é um saber acerca de modelos e esquemas linguísticos, e não sobre os objetos, a respeito dos quais informam nossa experiência (o nosso saber do mundo) e as ciências não linguísticas; assim, que um vulcão se chame *Popocatepetl*, e só haja um com este nome, é um fato da geografia, e não um *fato de língua*.17 É o significado que é comum a cada uma das séries de palavras: *amor – amante – amar – amavelmente*; *verdor – verde – enverdar*, etc.

b) SIGNIFICADO CATEGORIAL é o que corresponde ao *como* da apreensão do mundo extralinguístico, a forma da intuição da realidade ou, ainda, o modo de ser das palavras no discurso, e não classes léxicas fixas: *amor* (quando empregado como substantivo), *amante* (quando empregado como adjetivo), *amar* (quando empregado como verbo), *amavelmente* (quando advérbio). Não cabe à gramática descritiva, mas sim à gramática geral, definir a categoria linguística "substantivo"; à gramática descritiva cabe tão somente comprovar se a língua objeto da descrição tem ou não substantivos, e, em caso afirmativo, quais são os meios materiais, isto é, os esquemas formais para expressar a categoria "substantivo". Assim, a

categoria "substantivo" expressa substantivos por meio de nomes como *homem, livro, saudade*, por meio de pronomes como *isto*, *isso*, *aquilo*, por sintagmas como *Rio Grande do Norte* ou orações (as chamadas subordinadas substantivas). As palavras lexemáticas e categoremáticas só estão categorialmente determinadas como substantivo, adjetivo, verbo e advérbio quando integradas na oração, atualizadas no discurso. No momento em que a gramática geral define o que é "adjetivo", essa definição, se correta, deverá servir a todas as línguas que tenham adjetivos. É equivocado o querer definir "o adjetivo em português". À gramática descritiva cabe descrevê-lo *numa* língua.

Constituem o substantivo, o adjetivo, o verbo e o advérbio as quatro únicas reais "categorias gramaticais" da língua, confusamente misturadas na gramática tradicional, e que aqui chamaremos "categorias verbais", porque são as únicas dotadas do significado categorial. Admitem, como já ensina a gramática tradicional, subdivisões, que serão estudadas no lugar próprio (substantivos próprios e comuns, etc.). Cabe lembrar que o significado categorial não caracteriza apenas os lexemas, mas ainda sintagmas e orações inteiras. Também o significado categorial está sempre implicado com certas funções específicas na estruturação gramatical; por isso, só o "substantivo" (representado por nome, pronome, sintagma nominal, oração nominalizada) pode ser o sujeito da oração, assim como o verbo exerce a função de predicado.18 Os significados categoriais são modos do conteúdo significativo. Todavia isto não serve de definição de substantivo; uma palavra não é substantivo porque funciona como sujeito, mas, ao contrário, pode ser sujeito porque é substantivo ou pode aparecer como tal.

c) SIGNIFICADO INSTRUMENTAL é o significado dos morfemas, isto é, dos elementos pertencentes ao universo da gramática, e podem apresentar-se como palavras morfemáticas (como os *artigos* e as *preposições*, por exemplo, ou como elementos de palavras: o *-s* de *livro-s* ou de *trabalha-s*, etc.); são os chamados englobadamente *instrumentos gramaticais*. O artigo *o* em *o livro* tem o significado "atualizador" e o *-s* em *livro-s* tem o significado "pluralizador". Incluem-se como dotados desse significado instrumental, isto é, como "morfemas", nas combinações gramaticais, os prefixos, os sufixos, as desinências, o acento, o ritmo, a entoação, a ordem das palavras, etc. Os significados instrumentais são modos da expressão material.

d) SIGNIFICADO ESTRUTURAL OU SINTÁTICO (este aqui tomado em sentido restrito) é o significado que resulta das combinações de unidades lexemáticas ou categoremáticas com unidades morfemáticas e morfemas, dentro da oração. São significados estruturais "singular", "plural", "atual", "virtual", "ativo", "passivo", "presente", "passado", "futuro", "indicativo", etc. Assim o *-s* de *livro-s* tem o significado instrumental" pluralizador" (e não "plural") ao lado do pluralizado *livro*; da combinação resulta o significado estrutural ou sintático "plural".

e) SIGNIFICADO ÔNTICO, que só se dá no plano da oração, é o que corresponde ao valor existencial que se comunica ao estado de coisas designado na oração: "afirmativo", "negativo", "interrogativo", "imperativo", etc.

Classe de palavra e classe verbal – Tem-se feito confusão entre *classe de palavra e categoria* ou classe *verbal*, confusão que pode ser desfeita com exemplos simples.[19] Assinalando com F a forma física, com L o significado léxico e com C o significado categorial, as palavras abstratas podem ser constituídas: a) como puras "formas" (F), por exemplo "amo" em português, e somente levando em conta sua forma, pode-se classificar apenas pelo seu lado material: é uma palavra dissílaba; é uma palavra paroxítona; é uma palavra com três fonemas, etc.; b) como "formas léxicas" ou "lexemas" (FL), por exemplo o português *verde*, independentemente dos diferentes significados categoriais, isto é, como adjetivo ou como substantivo; c) como "formas categoriais" ou "categoremas" (FC), por exemplo, *quadro, papel*, como substantivos, independentemente dos diferentes significados léxicos ("*quadro* de um pintor", "*quadro* de futebol", "folha de *papel*", "*papel* de um ator") e d) como palavras com significado léxico e categorial (FCL), por exemplo, em português *amo* 'senhor', substantivo, e *amo* 'quero bem', verbo. Somente as palavras abstratas dotadas com FC ou com FCL podem ser classificadas categorialmente graças ao elemento C; isto significa que uma mesma palavra FL poderá figurar em classes distintas se apresenta diferentes significados C, como foi o caso de *verde* (adjetivo: "folha *verde*", e substantivo: "o *verde* da folha") e *amo* (substantivo e verbo). Em suma: não podemos querer que a palavra *verde*, substantivo, pertença à classe da palavra *verde*, adjetivo, apenas porque tem o mesmo significado lexical, isto é, apelando para um traço que nada tem que ver com o critério com que está constituída a classe verbal.

Se tomarmos por critério FL, "verde" será uma só e mesma palavra, assim como "amo"; se as estabelecermos como FCL, "verde", adjetivo, e "verde", substantivo, serão duas palavras diferentes, assim como "amo" 'senhor' e "amo" 'quero bem', o que também valerá para o inglês (*the*) *fire* e (*to*) *fire*, isto é, substantivo e verbo.

Ao nos referirmos ao significado estrutural, aludimos, junto com as unidades lexemáticas (lexemas), às unidades categoremáticas, os pronomes, que são "formas sem substância", isto porque apresentam apenas, ou em primeiro lugar, um significado categorial, sem representar nenhuma matéria extralinguística. Por isso, os pronomes são substantivos, adjetivos, advérbios e – em algumas línguas que não o português – até verbos. Diferem dos lexemas porque não possuem significado lexical, ou, se o apresentam, têm um significado lexical genérico ("pessoa", "coisa", "lugar", "tempo", "modalidade", etc.), dado pela situação ou por outras palavras do contexto.[20]

Nas mesmas condições do pronome, pode-se incluir na classe das palavras categoremáticas o *numeral*.[21]

Por tudo o que vimos até aqui, os significados léxico, categorial e instrumental nos permitem dividir as palavras em lexemáticas (substantivo, adjetivo, verbo e advérbio), categoremáticas (pronome e numeral) e morfemáticas (artigo, preposição e conjunção).

Isto não impede que uma palavra categoremática possa também aparecer com significado instrumental, como é o caso de *meu lápis*, em que *meu* tem o significado categorial "adjetivo" e o significado instrumental em relação ao substantivo *lápis*, determinado como singular e do

gênero masculino. Vimos que as palavras lexemáticas, além do significado lexical, têm em português significado categorial, e podem funcionar também como instrumentos.

Da lista tradicional das classes de palavras só nos falta falar da *interjeição*, que, a rigor, nem é pura *palavra*, mas uma *palavra-oração*, que só por si pode valer por um conteúdo de pensamento da linguagem emocional.

Distinguidas assim as classes de palavras, podemos agora caracterizar uma a uma.

1 – Substantivo

Substantivo – é a classe de lexema que se caracteriza por significar o que convencionalmente chamamos *objetos substantivos*, isto é, em primeiro lugar, substâncias (*homem, casa, livro*) e, em segundo lugar, quaisquer outros objetos mentalmente apreendidos como substâncias, quais sejam qualidades (*bondade, brancura*), estados (*saúde, doença*), processos (*chegada, entrega, aceitação*).

Concretos e abstratos – Os substantivos se dividem em *concretos* e *abstratos*. Os concretos são *próprios* e *comuns*.

Substantivo concreto é o que designa ser de existência independente: *casa, mar, sol, automóvel, filho, mãe*.

Substantivo abstrato é o que designa ser de existência dependente: *prazer, beijo, trabalho, saída, beleza, cansaço.*

Os substantivos concretos nomeiam pessoas, lugares, animais, vegetais, minerais e coisas.

Os substantivos abstratos designam ações (*beijo, trabalho, saída, cansaço*), estado e qualidade (*prazer, beleza*), considerados fora dos seres, como se tivessem existência individual.

Próprios e comuns – Dividem-se os substantivos em *próprios* e *comuns*, divisão que pertence a planos diferentes.

Substantivo próprio é o que se aplica a um objeto ou a um conjunto de objetos, mas sempre individualmente. Isto significa que o substantivo próprio se aplica a esse objeto ou a esse conjunto de objetos, considerando-os como indivíduos. Assim, um nome como *João, Isabel* ou *Açores* só acidentalmente se aplicará a várias pessoas ou ilhas não porque estas apresentam características comuns que as identifiquem como membro de uma classe ou conjunto específico. Por isso cada *João*, cada *Isabel* e cada *Açores* é uma pessoa ou ilha considerada como indivíduo inconfundível para as demais pessoas. São materialmente idênticos, mas se aplicam a indivíduos diferentes. Se por *palavra* se entende significante (expressão) + significado (conteúdo), dois ou mais nomes *João* ou *Isabel* não representam a rigor uma só palavra.

Os substantivos próprios mais importantes são os *antropônimos* e os *topônimos*. Os primeiros se aplicam às pessoas que, em geral, têm *prenome* (nome próprio individual) e *sobrenome* ou *apelido* ("que situa melhor o indivíduo em função da sua proveniência geográfica [Frei Henrique de Coimbra], da sua profissão [*Caeiro*], da sua filiação (patronímico) [*Soares*, filho de Soeiro], de uma qualidade física ou moral [*Diogo Cão*], de uma circunstância de nascimento [*Neto*]").22

Os topônimos se aplicam a lugares e acidentes geográficos.

SUBSTANTIVO COMUM é o que se aplica a um ou mais objetos particulares que reúnem características inerentes a dada classe: *homem, mesa, livro, cachorro, lua, sol, fevereiro, segunda-feira, papa.*

Os cinco últimos exemplos patenteiam que há substantivos comuns que são nomes individualizados, não como os nomes próprios, mas pelo contexto extralinguístico e pelo nosso saber que nos diz que, no contexto "natural" nosso só há uma lua, um sol, um mês fevereiro, e um só dia da semana segunda-feira, e, no contexto "cultural", só há um papa. Se forem escritos com maiúscula, deve-se o fato à pura convenção ortográfica, e não porque são nomes próprios.

Nomes empregados no plural com referência a uma pluralidade de objetos que individualmente têm o mesmo nome (os *Antônios,* as *Marias*, as *Romas*), ou se aplicam ao conjunto de membros de uma mesma família ou nacionalidade (os *Azevedos,* os *Maias*) ou que significam "entes como..." (os *Tiradentes,* os *Ruis*, os *Pelés*, os *Eldorados*), ou, ainda, os objetos designados pelos nomes dos autores, fabricantes, produtores (os *Rembrandts*, os *Machados de Assis* e os *Fords*), são, na realidade, nomes da "classe" e, portanto, substantivos comuns.

Passagem de nomes próprios a comuns – Não nos prendemos apenas à pessoa ou coisa nomeada; observamos-lhes qualidades e defeitos que se podem transferir a um grupo mais numeroso de seres. Os personagens históricos, artísticos e literários pagam o tributo de sua fama com o desgaste do valor individualizante do seu nome próprio que, por isso, passa a comum. Por esta maneira é que aprendemos a ver no *Judas* não só o nome de um dos doze apóstolos, aquele que traiu Jesus; é também a encarnação mesma do *traidor*, *do amigo falso*, em expressões do tipo: *Fulano é um judas.*

Desta aplicação geral de um nome próprio temos vários outros exemplos: *dom-joão* (= homem formoso; galanteador; irresistível às mulheres), *tartufo* (= homem hipócrita; devoto falso), *cicerone* (guia de estrangeiros, dando-lhes informações que lhes interessam), *benjamim* (= filho predileto, geralmente o mais moço; o mais jovem membro de uma agremiação; prende-se ao personagem bíblico que foi o último e predileto filho de Jacó), *áfrica* (= façanha; proeza; revive as façanhas dos antigos portugueses nessas terras).

Passam a substantivos comuns os nomes próprios de fabricantes e de lugares onde se fazem ou se fabricam certos produtos: *estradivários* (= violino de Stradivárius), *guilhotina* (de J. Inácio Guilhotin), *macadame* (do engenheiro Mac Adam), *sanduíche* (do conde de Sandwich), *havana* (charuto; em Portugal *havano*) , *champanha* (da região francesa Champagne),

cambraia (da cidade francesa de Cambray).

Contáveis e não contáveis – Outra subclasse do substantivo repousa na variedade da sua extensão, que pode ser descontínua e discreta ou contínua. No primeiro caso, a classe é constituída por objetos que existem isolados como partes individualmente consideradas, e recebem o nome de *contáveis*: *homem, mulher, casa, livro,* etc.

No segundo caso, refere-se a classe a objetos contínuos, não separados em partes diversas, que podem ser massa ou matéria ou, ainda, uma ideia abstrata, e recebem o nome de *não contáveis*: *oceano, vinho, bondade, beleza*. Estes não contáveis constituem em geral os *singularia tantum*, isto é, habitualmente só se usam no singular.

À categoria dos não contáveis pertence o substantivo *coletivo*, que, na forma de singular, faz referência a uma coleção ou conjunto de objetos: *arvoredo, folhagem, casario.* Distingue-se o coletivo do plural de um substantivo contável, pois este alude a uma coleção de objetos considerados individualmente: *árvores, folhas, casas*.

Entre os coletivos há os *universais* (*povo, passarada, casario*) e os *particulares* (*caniçal, vinhedo, laranjal*). Os coletivos universais não são contáveis, e, por isso, só se pluralizam nas condições especiais à classe, enquanto os particulares se contam e podem ser pluralizados.

Não se confundem com os coletivos os chamados por Herculano de Carvalho *nomes de grupo* (*bando, rebanho, cardume,* etc.), embora assim o faça a gramática. Na realidade, são nomes de conjunto de objetos contáveis, que se aplicam habitualmente ou a uma espécie definida (*cardume, alcateia, enxame*) ou total ou parcialmente indefinida (*conjunto, grupo, bando*: *bando de pessoas, de aves, de alunos*). Ao contrário dos coletivos, os nomes de grupos, principalmente do 2.º grupo, requerem determinação explícita da espécie de objetos que compõem o conjunto: *um* ***bando*** *de pessoas, de adolescentes,* etc.; *um* ***cardume*** *de baleias, de sardinhas*, etc. Já não seria possível *um vinhedo de vinhos.*

São coletivos e nomes de grupo usuais:

a) CONJUNTO DE PESSOAS:

Alcateia, bando, caterva, corja, horda, farândula, malta, quadrilha, récova, súcia, turba: de ladrões, desordeiros, assassinos, malfeitores e vadios.

Associação, clube, comício, comissão, congresso, conselho, convenção, corporação, grêmio, sociedade: de pessoas, reunidas para fim comum.

Assistência, auditório, concorrência, aglomeração, roda: de assistentes, ouvintes ou espectadores.

Cabido: de cônegos de uma catedral.

Caravana: de viajantes.

Claque, torcida: de espectadores para aplaudir ou patear.

Clientela: de clientes, de advogados, de médicos, etc.

Comitiva, cortejo, séquito, acompanhamento: de pessoas que acompanham outra por dever ou cortesia.

Comunidade, confraria, congregação, irmandade: ordem de religiosos.
Concílio, conclave, consistório, sínodo, assembléia: de párocos ou de outros padres.
Coro: conjunto, bando de pessoas que cantam juntas.
Elenco: de artistas de uma companhia, peça ou filme.
Equipagem, marinhagem, companha, maruja, tripulação: de marinheiros.
Falange: de heróis, guerreiros, espíritos.
Junta: de credores, de médicos.
Pessoal: de uma fábrica, repartição pública ou escola, loja.
Plêiade ou *plêiada*: de poetas, artistas, talentos.
Ronda: de policiais que percorrem as ruas velando pela ordem pública.
Turma: de estudantes, trabalhadores, médicos.

b) Grupo de animais:
Alcateia: de lobos, panteras ou outros animais ferozes.
Bando, revoada: de aves, pardais.
Cáfila: de camelos.
Cardume, boana, corso (ô)*, manta*: de peixes.
Colmeia, enxame, cortiço: de abelhas.
Correição, cordão: de formigas.
Fato: rebanho de cabras.
Fauna: conjunto de animais próprios de uma região.
Gado: conjunto de animais criados nas fazendas.
Junta, obesana, cingel, jugo, jugada: de bois.
Lote: de burros, grupos de bestas de carga.
Malhada, oviário, rebanho: de ovelhas.
Manada: de cavalos, de porcos, éguas.
Matilha: de cães.
Ninhada: rodada de pintos.
Nuvem, miríade, onda, praga: de gafanhotos, marimbondos, percevejos.
Piara, vara: de porcos.
Récova, récua: de cavalgaduras.
Rebanho, armento, armentio, grei, maromba: de bois, ovelhas.

c) Grupo de coisas:
Acervo, chorrilho, enfiada: de asneiras, tolices. *Acervo* também se aplica aos bens materiais: É grande o *acervo* da Biblioteca Nacional.
Antologia, analecto, crestomatia, coletânea, florilégio, seleta: de trechos literários ou científicos.

Aparelho, baixela, serviço: de chá, café, jantar.
Armada, esquadra, frota: de navios de guerra.
Bateria, fileira: de peças de artilharia.
Braçada, braçado, buquê, ramo, ramalhete (ê), *festão*: de flores.
Cacho: de uvas, de bananas.
Cancioneiro: de canções. É erro empregar o vocábulo como sinônimo de cantor em expressões como *cancioneiros românticos*.
Carrada: de razões.
Chuva, chuveiro, granizo, saraiva, saraivada: de balas, pedras, setas.
Coleção: de selos, quadros, medalhas, moedas, livros.
Constelação: de estrelas.
Cordilheira, cadeia, série: de montes, montanhas.
Cordoalha, cordame, enxárcia: de cabos de um navio.
Feixe, lio, molho (ó): de lenha, capim.
Fila, fileira, linha: de cadeiras.
Flora: conjunto de plantas de uma determinada região.
Galeria: de quadros, estátuas.
Gavela ou *gabela, paveia*: feixe de espigas.
Herbário: coleção de plantas para exposição ou estudo.
Hinário: de hinos.
Instrumental: de instrumentos de orquestra, de qualquer ofício mecânico, de cirurgia.
Mobília, mobiliário: de móveis.
Monte, montão: de pedras, palha, lixo.
Penca: de bananas, laranjas, chaves.
Pilha, ruma: de livros, malas, tábuas.
Réstia: de cebolas, alhos.
Sequência: série de cartas do mesmo naipe.
Troféu: de bandeiras.

OBSERVAÇÃO: Para outros coletivos e nomes de grupos consulte-se o dicionário.

Estrutura interna do substantivo – A estrutura interna ou constitucional do substantivo (isto é, sua morfologia) consiste, nas línguas flexivas como o português, em geral, na combinação de um signo lexical expresso pelo radical com signos morfológicos expressos por desinências e alternâncias, ambos destituídos de existência própria fora dessa combinação. Entre as desinências que, na flexão, se combinam com o substantivo está a marca de *número* e, nas línguas que a possuem, a marca de *caso* (nominativo, acusativo, etc., como se dá, por exemplo, no grego, no latim, no alemão). O substantivo, fora da flexão, pode ser dotado da marca de gênero: *menino/menina, gato/gata.*[23]

Número – É uma categoria gramatical inerente primariamente ao substantivo, que se refere aos objetos substantivos considerando-os na sua unidade da classe a que pertencem (é o número *singular*) ou no seu conjunto de dois ou mais objetos da mesma classe (é o número *plural*). Quando o singular designa vários objetos de uma mesma classe considerados num todo, temos o *coletivo* (*professorado, alunado, caravana, cardume*, etc.).

A classe dos objetos substantivos pode conter unidades descontínuas e discretas: são os objetos *contáveis* (*homem, casa, cadeira*, etc.); a classe pode também ser constituída de objetos desprovidos de limites internos, como se fossem objetos únicos: são os *não contáveis*. Estes objetos únicos ou são massa ou matéria, ou concebidos como tal (*ouro, ferro, céu*, etc.), ou uma ideia abstrata (*amor, saudade, riqueza*, etc.).

Facilmente se pluralizam os substantivos que pertencem ao grupo dos contáveis (*homem - homens; casa - casas*); já os não contáveis, em geral, se usam no singular (*singularia tantum*). Em alguns desses nomes não contáveis, o plural alude a diferentes espécies ou à fragmentação: *vinhos* (o tinto, o branco, o rosé), *mares* e, por consequência, se apresentam com variação semântica. [HCv.1, 14, 364; SA.2, 69]

Em português, o significado gramatical plural é obtido com a presença da desinência pluralizadora *-s* fonologicamente constituída pela consoante sibilante pós-vocálica diante de pausa.24 O singular se caracteriza pela ausência desta desinência.

A flexão de número, em português, pelo mecanismo da concordância, se estende ao adjetivo (e demais adjuntos do substantivo) e ao verbo, quando este entra em concordância de número com a pessoa do sujeito.

A flexão de número dos substantivos

a) **Formação do plural com acréscimo de *-s***

Forma-se o plural dos substantivos com o acréscimo do morfema pluralizador (desinência do plural) *-s*, quando terminados explicitamente por:

1 – vogal ou ditongo oral: *livro → livros; lei → leis; cajá → cajás.*

2 – vogal nasal tônica ou átona: *ímã → ímãs*; *irmã → irmãs*; *dom → dons* (grafando-se *ns*); *álbum → álbuns; totem → totens* (para o plural *tótemes*).

3 – ditongos nasais *-ãe* (tônicos ou átonos) e *-ão* (átono): *mãe → mães; bênção → bênçãos*.

b) **Formação do plural com acréscimo de *-es***

Quando não está explícita a vogal temática suprimida no singular deverá ser restituída para constituir a forma teórica (*ás → *ase → ases*) e depois ser acrescida a desinência *-s*. Isto ocorre quando o singular termina por:

1 – *-s* (em sílaba tônica): *ás → ases*; *freguês → fregueses*

Cós serve para os dois números e ainda possui o plural reduplicativo *coses*.

2 – *-z* (em sílaba tônica): *luz → luzes*; *giz → gizes*; *cicatriz → cicatrizes*

3 – *-r*: *cor* → *cores*; *elixir* → *elixires*; *revólver* → *revólveres*

c) **Plural de nomes gregos em *-n***

Nos nomes de origem grega terminados em *-n*, pode-se obter o plural com o acréscimo da desinência *-s*, ou recorrer à forma teórica com a recuperação do *-e* (*abdômen* → **abdomene* → *abdômenes*). Melhor fora dar a estes substantivos feição mais de acordo com o sistema fonológico do português, eliminando o *-n* final ou substituindo-o por *-m* e procedendo-se à formação do plural com o só acréscimo do *-s* (*abdome* → *abdomes*; *pólen* → *polem* → *polens,* grafando *-ns*):

abdômen → abdomens ou abdômenes

certâmen → certamens ou certâmenes

dólmen (dolmem) → dolmens ou dólmenes

espécimen → espécimens ou especímenes

gérmen → germens ou gérmenes

hífen → hifens ou hífenes

pólen (polem) → polens ou pólenes

regímen → regimens ou regímenes

OBSERVAÇÕES:

1.ª) *éden* (melhor seria *edem*, que o *Vocabulário Ortográfico* não registra) faz *edens*.

2.ª) *Cânon,* melhor grafado *cânone*, faz *cânones*.

3.ª) Recorde-se que são acentuados os paroxítonos em *-n*, e não os em *-ens*. Daí *hífen*, mas *hifens* (sem acento gráfico).

d) **Plural dos nomes em *-ão* tônico**

Os nomes em *-ão* tônico a rigor pertencem à classe dos temas em *-o* ou em *-e*, conforme o plural respectivo: *irmãos* (= irmão + s), *pães* (= *pãe + s), *leões* (= *leõe + s). Para uma descrição coerente Mattoso propõe que se parta das formas teóricas do plural para se chegar ao tema, suplementadas pelas regras morfofonêmicas pertinentes, no processo de formação de plural.

Destacando-se a vogal temática (que passa a semivogal de ditongo em contacto com a vogal anterior), teremos o radical em *-õ* (*leõ*) e o radical em *-ã* (*irmã, pã*).

1) os substantivos em *-õ* com tema em *-e* fazem o plural com acréscimo da desinência *-s*:

leão (* leõ + e + s) → *leões*

coração (* coraçõ + e + s) → *corações*

Assim, temos os plurais: *questões, melões, razões,* etc.

Este grupo é o mais numeroso e, por isso mesmo, tende, no uso espontâneo, a assimilar outras formas de plural que a língua exemplar não adota. Neste grupo estão incluídos todos os substantivos abstratos formados com os sufixos *-ção, -são* e *-ão* e grande parte de substantivos concretos.

comoção → *comoções*; *adoração* → *adorações*

apreensão → *apreensões*; *compreensão* → *compreensões*

abusão → *abusões*; *visão* → *visões*

caminhão (*camião*) → *caminhões* (*camiões*); *barracão* → *barracões*

Este radical teórico em *-õ* aparece evidente em adjetivos e verbos da mesma família do substantivo, o que é sinal de que este faz o plural em *-ões*; por exemplo, *leonino* denuncia o plural correto de *leão*: *leões*.

2) os substantivos em *-ã* com tema em *-o* (*irmão*) fazem o plural com o acréscimo da desinência *-s*:

irmão (*irmã + o + s) → *irmãos*

cidadão (*cidadã + o + s) → *cidadãos*

Este radical teórico em *-ã* aparece evidente em adjetivos e verbos da mesma família dos substantivos *irmão* (irm*an*ar) e *cidadão* (cidad*an*ia).

3) os substantivos em *-ã* com vogal temática *-e* (*pã - e* de *pães*) fazem o plural com o acréscimo da desinência *-s*:

pão → (pã + e + s) → *pães*

capitão → (capitã + e + s) → *capitães*

Descrito o processo de flexão, cabe perguntar como, partindo da forma teórica do plural, se chega às formas do singular em *-ão*. Destacando-se a vogal temática, como já vimos, obtemos duas estruturas fonológicas para os radicais: em *-õ* (leõ) e em *ã* (irmã, pã). Os de tema em *-o* não sofrem alteração: *irmão*; os de tema em *-e* ou mudam a vogal para *-o* (*pão*) ou, se a vogal do radical for *-õ*, apresentam duas mudanças: a vogal temática passa de *-e* a *-o* e a vogal do radical passa de *õ* a *ã*: *leão*.

Dada a confluência das formas do singular num único final *-ão* (diferençadas no plural, como acabamos de ver), surgem muitas dúvidas no uso do plural, além de alterações que se deram através da história da língua, algumas das quais se mantêm regional ou popularmente, em geral a favor da forma plural *-ões*, por ser a que encerra maior número de representantes.

"O ensino escolar [comenta Mattoso] se esforça para manter os três tipos de plural, ora apoiando-se na origem latina, ora se inspirando no espanhol (onde há diferença no singular – *razón*: *razones*; *hermano*: *hermanos*; *pan*: *panes*), ora apelando para as preferências (se bem que às vezes inconsistentes) de determinados autores, na língua literária, considerados 'clássicos'[MC.8, 81-82].

Diante do exposto, oferecemos ao leitor relação minuciosa dos dois grupos de substantivos em *-ão* que não fazem o plural mais frequente em *-ões*:

1) plural em *-ães*:

cão → cães	escrivão → escrivães
capelão → capelães	tabelião → tabeliães
alemão → alemães	pão → pães
capitão → capitães	maçapão → maçapães
mata-cão → mata-cães	catalão → catalães

2) plural em *-ãos*:

chão → chãos

cidadão → cidadãos

cristão → cristãos

desvão → desvãos

grão → grãos

irmão → irmãos

mão → mãos

pagão → pagãos

e os paroxítonos apontados em **A flexão de número dos substantivos** - a) 3.

Muitos substantivos apresentam dois e até três plurais:

aldeão	aldeãos	aldeões	aldeães
ancião	anciãos	anciões	anciães
charlatão	—	charlatões	charlatães
corrimão	corrimãos	corrimões	—
cortesão	cortesãos	cortesões	—
deão	deãos	deões	deães
ermitão	ermitãos	ermitões	ermitães
fuão	fuãos	fuões	—
guardião	—	guardiões	guardiães
refrão	refrãos	—	refrães
sacristão	sacristãos	—	sacristães
truão	—	truões	truães
vilão	vilãos	vilões	vilães
vulcão	vulcãos	vulcões	—

e) **Plural dos nomes treminados em *-l***

1 – **Plural dos nomes terminados em *-al, -el, -ol, -ul***

Nos nomes em *-l*, temos de partir da forma teórica com restituição da vogal temática *-e*, acréscimo do pluralizador *-s*, posterior às regras morfofonêmicas: queda do *-l-* intermediário

e passagem da vogal temática a semivogal (grafada *-i*)

carnaval → *carnavale → carnavales → carnavaes → carnavais

papel → *papele → papeles → papees → papéis (tônico)

lençol → *lençole → lençoles → lençoes → lençóis

nível → *nivele → niveles → nívees → níveis (átono)25

paul → *paule → paules → paues → pauis

OBSERVAÇÕES:

1.ª) *cônsul* e *mal* fazem *cônsules* e *males*

2.ª) *cal* e *aval* fazem *cales* (= cano) e *cais*, *avales* (mais comum em Portugal) e *avais*

3.ª) *real* faz *réis* (moeda antiga) e *reais* (moeda nova)

2 – **Plural dos nomes terminados em *-il***

a) *-il* em vogal átona: ocorre a passagem do *i* a *e* e posteriormente o mesmo que o caso anterior:

fóssil → *fóssile → *fossele → fosseles → fossees → fósseis

b) *-il* com vogal tônica: ocorre o acréscimo do pluralizador *-s* e posterior supressão do *-l*, já que não é necessário recorrer à vogal temática, por não aparecer no plural:

*funil → *funils → funis*26

OBSERVAÇÃO: *mírtil* faz *mírtiles* e *mírteis*; *móbil* faz *móbiles* e *móbeis*.

Réptil e *projétil*, como paroxítonos, fazem *répteis* e *projéteis*; como oxítonos, *reptil* e *projetil* fazem *reptis* e *projetis*.

f) **Plural dos nomes terminados em -x (= ce)**

Os terminados em *-x* com o valor de *ce* (final com que podem também ser grafados) fazem o plural normalmente em *-ces*:

cálix (ou *cálice*), *cálices; apêndix* (ou *apêndice*), *apêndices*.

g) **Palavras que não possuem marca de número**

Há significantes terminados por *-s* em sílaba átona (como *lápis, pires*, ou monossílabos como *cais, xis*) que não possuem marca de número, quer no singular quer no plural, pois se mostram alheias à classe gramatical de número. Cremos ser a melhor lição a de Herculano de Carvalho, segundo a qual não se pode aceitar a doutrina corrente que vê nessas formas um singular que permanece invariável no plural. É um caso de sincretismo, e não de neutralização [HCv.3, 608-609 e 642]. A pluralidade é marcada pelos adjuntos (artigo, adjetivo, pronome, numeral): *o lápis, os lápis; um pires, dois pires; este xis, estes xis*.

Estão neste caso os terminados em:

1) *-s* (em sílaba átona; palavras sigmáticas):

o pires, os pires; o lápis, os lápis; a cútis, as cútis.

OBSERVAÇÃO: *Simples* faz *simpleces* ou, o que é mais comum, não varia. *Cós, lais* e *ferrabrás* são mais usados invariáveis, mas possuem o plural *coses, laises* e *ferrabrases*.

2) *-x* (com o valor de *cs*): *o tórax, os tórax; o ônix, os ônix.*

OBSERVAÇÃO: Alguns nomes com *x* = *cs* possuem a variante em *ce*: *índex* ou *índice, ápex* ou *ápice; códex* ou *códice*. Seus plurais são, respectivamente, *índices, códices, ápices.* Aliás, são preferíveis as grafias *índice, códice* e *ápice*, no singular.

h) **Plurais com alteração de *o* fechado para *o* aberto (metafonia)**[27]

Muitas palavras com *o* fechado tônico, quando passam ao plural, mudam esta vogal para *o* aberto:

miolo – miolos

Dentre as que apresentam esta mudança (chamada metafonia) na vogal tônica lembraremos aqui as mais usuais:

abrolho	fogo	porco
antolho	forno	porto
caroço	foro	posto
choco	fosso	povo
corcovo	imposto	reforço
coro	jogo	rogo
corpo	miolo	sobrolho
corvo	mirolho	socorro
despojo	olho	tijolo
destroço	osso	torto
escolho	ovo	troco
esforço	poço	troço

Esta alternância constitui a única marca do feminino em *avô* e formas com ela relacionadas, onde se acha suprimida a desinência *-a*: *avô – avó* (< *avoa* < lat. *aviola*). Nos casos de metafonia, o plural é marcado pelo morfema pluralizador *-s* e pelo morfema suprassegmental.

Continuam com *o* fechado no plural:

acordo	esboço	logro
adorno	esposo	morro
almoço	estorvo	repolho
alvoroço	ferrolho	rolo
arroto	fofo	sogro

boda	forro	soldo
bojo	gafanhoto	sopro
bolo	globo	soro
bolso	gorro	toco
cachorro	gosto	toldo
caolho	gozo	topo
coco	horto	torno
contorno	jorro	transtorno

OBSERVAÇÃO: Como no caso dos plurais em *-ão (-ões, -ães, -ãos)*, a inclusão da palavra no grupo dos metafônicos ou não metafônicos apresenta muitas indecisões. O esforço para dirimir dúvidas nestes casos se tem regulado pela origem do timbre da vogal tônica em latim e na forma paralela das correspondentes em espanhol, onde, como regra, do timbre fechado resulta uma vogal simples e do timbre aberto uma ditongação: *gozo* (esp.) – gozo (port.) – gozos (ô); *fuego* (esp.) – fogo (port.) – fogos (ó). Tanto a etimologia do latim quanto o paralelismo do espanhol nem sempre têm a boa resposta às dúvidas.

Não sofrem alteração os nomes próprios e os de família:

os *Diogos*, os *Mimosos*, os *Raposos*, os *Portos*.

i) **Plurais com deslocação do acento tônico** – Há palavras que, no plural, mudam de sílaba tônica:

caráter	–	caracteres
espécimen	–	especímenes
júnior	–	juniores
Júpiter	–	Jupíteres
Lúcifer	–	Lucíferes
sênior	–	seniores

O plural *sorores* é de *soror*, oxítono, o que se estende a *sóror*.

j) **Variações semânticas do significado entre o singular e o plural** – Normalmente, o plural guarda o mesmo significado do singular. Isto não acontece, porém, em alguns casos, principalmente se se trata de substantivos abstratos em sentidos contextuais:

bem (o que é bom) – *bens* (propriedades)

féria (produto do trabalho diário) – *férias* (dias de descanso)

"Onde não se preza a *honra* se desprezam as *honras*" [MM].

Em nomes abstratos como *injustiças, crueldades, gentilezas,* o plural denota atos repetidos, ora multiplicidade dos mesmos atos, com certa conotação aumentativa [FBr.1, 97].

Também em nomes concretos pode o plural acusar mudança de significado: *ferro* (metal) → *ferros* (algemas) [SA.2, 69].

Estão nestes casos os nomes que no plural indicam o casal:

os pais (pai e mãe), *os irmãos* (irmã e irmão), *os reis* (rei e rainha).

l) **Palavras só usadas no plural** (*pluralia tantum*) – Eis as principais:

ademanes	endoenças
afazeres	exéquias
alvíssaras	férias (= repouso)
anais	núpcias
arredores	trevas
avós (antepassados)	víveres
belas-artes, belas-letras	nomes de naipes: copas,
confins	ouros, espadas, paus

m) **Plural de nomes próprios** – Os nomes próprios usados no plural fazem o plural obedecendo às normas dos nomes comuns, e a língua padrão recomenda se ponham no plural, e não no singular:

"O fidalgo dos Vitos Alarcões tratou da cabeça na cama, uns quinze dias" [CBr.6, 144].

" (...) seria um garfo meritório do tronco dos *Parmas* d'Eça, ao qual ele Rui de Nelas se glorificava de ser estranho?" [CBr.6, 171].

Todavia, não é raro o uso do singular na língua literária:

"Os brasileiros do sul, os *Correia de Sá*, perdiam muito do encanto dessas obras (...)" [GA *apud* TS, 105].

n) **Plural dos nomes estrangeiros não assimilados** – Os nomes estrangeiros que se adaptaram ao sistema fonológico do português têm o seu plural consoante as normas vigentes: *clube → clubes; dólar → dólares; repórter → repórteres; abajur → abajures; ultimato → ultimatos; memorando → memorandos; confete → confetes.*

Os não assimilados ao nosso idioma tomam duas direções: a) terminam com *-s*, sem pretender coincidir com as regras do plural da língua originária, ou b) regulando-se pelas normas da língua estrangeira, o que, em geral, é o procedimento recomendado na língua padrão e nos textos científicos.

Do primeiro caso, temos:

films, leaders, ladys, dandys, lieds, blitzes.

Do segundo temos, entre os latinismos:

curriculum → curricula, memorandum → memoranda,

corpus → *corpora*, etc.,

que podem ser aportuguesados, no singular, em: *currículo, memorando, corpo* (raro).

campus → *campi (o campus, os campi)*

Entre os gregos cabe citar:

tópos → *tópoi*, *lógos* → *lógoi*, *ónoma* → *onómata.*

Entre os anglicismos:

lady → *ladies*; *penny* → *pennies* ou *pence*;

dandy → *dandies*; *sportman* → *sportmen.*

Entre os germanismos:

lied (/ *lid* /) → *lieder*; *leitmotiv* → *leitmotiven*; *blitz* → *blitzen.*

Também se erra usando-se *lieder* como singular.

Os escritores procuram, na medida do possível, acertar o passo; assim é que José Lins do Rego usou *lieds* nesta passagem de *Gordos e Magros* (1942): "Goethe ia ao povo para sentir a força dos *lieds*, a música que dorme na alma popular." Em *Poesia e Vida* (1945) já se pautava pela norma alemã: "Destruindo Mozart, uma grande Alemanha desapareceria; a Alemanha dos *lieder*, dos violinos gemendo por debaixo das macieiras em flor (...)".

Os nomes italianos em *-i* já estão no plural, quando flexionados (*o confetto* → *os confetti*), mas isto não impediu que um escritor correto como Latino Coelho fizesse o plural com acréscimo do *-s*: "Portugal não primou nas invenções admiráveis da ciência: não teve Newtons nem Platões. Não meneou com galhardo luzimento o escopro ou o pincel: não teve Rafaéis, nem Buonarottis." [*apud* SS.2, 70]. Também de *lápis-lazúli* temos o plural *lápis-lazúlis*. A prevalecer a norma da língua exemplar, pode-se dizer que se trata de um elemento funcional pertencente ao sistema português reservado aos plurais estrangeiros não assimilados (*Fremdwörter*) [ECs.1, 11 n.172].

o) **Plural dos nomes de letras** – Os nomes de letras vão normalmente ao plural, de acordo com as normas gerais.

Escreve com todos os *efes* e *erres*.

Coloquemos os pingos nos *is*.

N.B.: *Xis* serve para singular e plural.

Podemos ainda indicar o plural das letras com a sua duplicação: *ff, rr, ii.*

Este processo ocorre em muitas abreviaturas:

E.E.U.U. (Estados Unidos, também representado por EUA, Estados Unidos da América, ainda U.S.A.).

p) **Plural dos nomes com o sufixo *-zinho*** – Põem-se no plural os dois elementos e suprime-se o *s* do substantivo, consoante a regra ortográfica oficial:

animalzinho = animal + zinho
animaizinhos
coraçãozinho = coração + zinho
coraçõezinhos
florzinha = flor + zinha

florezinhas
papelzinho = papel + zinho
papeizinhos
pazinha = pá + zinha
pazinhas

mas

pazinha = paz + inha
pazezinhas

NOTA ORTOGRÁFICA: Os sufixos diminutivos *-inho* (*-ito,* etc.), *-zinho* (*-zito*, etc.) têm hoje uma distribuição regular, conforme o final da palavra básica:

a) se termina por vogal átona ou consoante (exceto *-s* e *-z*), a escolha é materialmente indiferente, apesar de aparecerem nuanças de sentido contextuais: corpo → *corpinho* (com queda da vogal temática) / *corpozinho* (a forma básica intacta); *flor* → *florinha / florzinha*; *mulher* → *mulherinha / mulherzinha*;

b) se termina por vogal tônica, nasal ou ditongo, é de emprego obrigatório *-zinho* (*-zito,* etc.); boné → bonezinho; siri → sirizinho; álbum → albunzinho; bem → benzinho; raio → raiozinho. Com *-zinho* evitam-se hiatos do tipo *irmãinha*, *raioito*, etc.;

c) se termina em *-s* ou *-z*, o emprego normal é com *-inho* (*-ito*, etc.), repudiando-se *-zinho* (*-zito*, etc.); ficando intacta a palavra básica: lapisinho (lápis + inho), cuscuzinho (cuscuz + inho), rapazinho (rapaz + inho), cartazinho (cartaz + inho), exatamente como escrevemos *lapiseira (lápis + eira), lapisar (lápis + ar), lapisada (lápis + ada)*, etc.

Estabelecem-se até oposições léxicas e fonológicas (já que se guardam os acentos das palavras básicas): *cartazinho* (= cartàz + inho), *cartazinha* (= càrta + zinha), *rapazinho* (= rapàz + inho); *rapazinho* (= ràpa + zinho); *masinho* (= mas + inho), *mazinha* (= mà + zinha) [veja-se o exemplo dado por Oiticica: *Você escreveu aí na pedra um masinho que ninguém percebe* (trata-se da conjunção *mas*)]. Às vezes há convergências gráficas: *pazinha* (*paz + inha*) e *pazinha* (*pá + zinha*), que o contexto dissolverá.

Se escrevemos oficialmente *lapisar, lapiseira,* por que o *Vocabulário* oficial preceitua *lapizinho*? Segundo já Epifânio Dias [ED.1, § 94] e José Oiticica, o coerente seria, já que a regra é flexionar as duas unidades: *açãozinha* (no singular) → *açõesinhas* (no plural, já a básica termina em *-s*). A regra que obriga o *-z* e que expusemos por ser a ortografia oficial, foi formulada por Gonçalves Viana (*Ortografia*, 123); Mário Barreto mostrou-se indeciso no pleito: "Da regra de Epifânio depreende-se que nos nomes em *-ão* os sufixos *-inho e -ito* se precedem de *z* (*açãozinha*, escreve o eruditíssimo gramático português) e que no plural perdem o *z*, tomando esta forma no tema e no sufixo: *ações-inhas*. Seja lá como for, o que está fora de dúvida é que o plural é *açõesinhas* ou *açõezinhas, coraçõesinhos* ou *coraçõezinhos*, e não *coraçãozinhos, açãozinhas*" [MBa.4, 226-227].

Oiticica [JO.3, 89] ainda acha que o normal seria *florinhas, florzinhas*, que a língua padrão evita, mas que têm adoções eventuais em bons escritores: "contam os seus amigos que, quando na mocidade frequentava noturnamente os *barzinhos* da Lapa..." [MB.1, II, 493].

A razão do emprego de formas plurais *barzinhos, colherzinhas* se prende ao fato de que com sufixos outros não ocorre o plural das duas unidades *florinha* → *florinhas*.

q) **Plural das palavras substantivadas** – Qualquer palavra, grupo de palavras, oração ou texto pode substantivar-se, isto é, passar a substantivo, que, tomadas materialmente, isto é, como designação de sua própria forma externa, valem por um substantivo masculino e singular:

o *sim,* o *não,* o *quê,* o *pró,* o *contra,* o *h, Peras* é feminino, *Os homens* é o sujeito da oração.

Tais palavras vão normalmente ao plural:

os *sins,* os *nãos,* os *quês,* os *prós,* os *contras,* os *hh* (agás)

Enquadram-se neste caso os nomes que exprimem número, quando aludem aos algarismos.

Na sua caderneta há três *setes* e dois *oitos*. Tire a prova dos *noves*. Há dois *quatros* a mais e três *onzes* a menos nessas parcelas.

Fazem exceção os terminados em *-s* (*dois, três, seis*), *-z* (*dez*) e *mil*, que são invariáveis.

Quatro *seis* e cinco *dez*.

r) **Plural cumulativo** – Alguns nomes possuem duas formas: uma, básica, singular e outra flexionada em plural que passa a valer como se singular fora:

ananá	ananás
eiró (iró)	eirós (irós)
filhó	filhós
ilhó	ilhós
lilá	lilás

o ananá, *os ananás*; *o lilá*, *os lilás*.

OBSERVAÇÃO: *Cós* fica invariável ou tem plural cumulativo *coses*.

Passando a forma plural a ser empregada como um singular (*o ananás, o lilás*, etc.), por semelhança de singulares em *-ós* (*retrós*, por exemplo), admite um novo plural, chamado cumulativo, por esquecimento da etapa de pluralização: *o ananás, os ananases; o eirós, os eiroses; o filhós, os filhoses; o ilhós, os ilhoses; o lilás, os lilases.*

s) **Plural nos etnônimos** – Etnônimo é o nome que se aplica à denominação dos povos, das tribos, das castas ou de agrupamentos outros em que prevalece o conceito de etnia. Estes nomes utilizados na língua comum admitem a forma plural, como todos os outros: *os brasileiros, os portugueses, os espanhóis, os botocudos, os tupis, os tamoios,* etc.

Por convenção internacional de etnólogos, está há anos acertado que, em trabalhos científicos, os etnônimos que não sejam de origem vernácula ou nos quais não haja elementos vernáculos não são alterados na forma plural, sendo a flexão indicada pelo artigo plural: *os tupi, os nambiquara, os caiuá, os tapirapé, os bântu, os somáli,* etc.

t) **Plural dos nomes compostos** – Merece especial atenção o plural dos nomes compostos, uma vez que as dúvidas e vacilações são frequentes. A questão envolve dificuldades de ordem

ortográfica (uso ou não do hífen) e de ordem gramatical. Torna-se imperiosa uma sistematização que venha pôr simplificação ou minorar as dúvidas ainda existentes, mesmo com as últimas propostas do Acordo Ortográfico. Sem pretendermos esgotar o assunto, apresentamos os seguintes critérios:

A – SOMENTE O ÚLTIMO ELEMENTO VARIA:

1) nos compostos grafados ligadamente:

fidalgo	fidalgos
girassol	girassóis
lenga-lenga	lenga-lengas
madressilva	madressilvas
pontapé	pontapés
vai-vem	vai-vens
zum-zum	zum-zuns

2) nos compostos com as formas adjetivas *grão, grã e bel:*

grão-prior	grão-priores
grã-cruz	grã-cruzes
bel-prazer	bel-prazeres

3) nos compostos de tema verbal ou palavra invariável seguida de substantivo ou adjetivo:

furta-cor	furta-cores
beija-flor	beija-flores
abaixo-assinado	abaixo-assinados
alto-falante	alto-falantes
vice-rei	vice-reis
ex-diretor	ex-diretores
ave-maria	ave-marias

4) nos compostos de três ou mais elementos, não sendo o 2.º elemento uma preposição:

bem-te-vi	bem-te-vis

5) nos compostos de emprego onomatopeico em que há repetição total ou parcial da primeira unidade:

reco-reco	reco-recos
tique-taque	tique-taques

B – SOMENTE O PRIMEIRO ELEMENTO VARIA:

1) nos compostos onde haja preposição, clara ou oculta:

cavalo-vapor (= de, a vapor)	cavalos-vapor
ferro de abrir lata	ferros de abrir lata
mula sem cabeça	mulas sem cabeça
pé de moleque	pés de moleque

2) nos compostos de dois substantivos, onde o segundo exprime a ideia de *fim, semelhança*, ou limita a significação do primeiro:

aço-liga	aços-liga
navio-escola	navios-escola (= para escola)
manga-rosa	mangas-rosa (= semelhante a rosa)
peixe-boi	peixes-boi
salário-família	salários-família

C – AMBOS OS ELEMENTOS VARIAM:

1) nos compostos de dois *substantivos*, de um *substantivo* e um *adjetivo* ou de um adjetivo e um *substantivo*:

amor-perfeito	amores-perfeitos
cabra-cega	cabras-cegas
carta-bilhete	cartas-bilhetes
decreto-lei	decretos-leis
gentil-homem	gentis-homens
guarda-civil	guardas-civis
guarda-mor	guardas-mores
lugar-comum	lugares-comuns
salário-mínimo	salários-mínimos
segunda-feira	segundas-feiras

OBSERVAÇÃO: *lugar-tenente* faz o plural *lugar-tenentes*.

2) nos compostos de temas verbais repetidos:

corre-corre	corres-corres
ruge-ruge	ruges-ruges

OBSERVAÇÃO: Os compostos incluídos neste caso também admitem a flexão adotada pelos nomes de *A*, 3): *corre-corres, ruge-ruges*.

D – FICAM INVARIÁVEIS:

1) as frases substantivas:

a estou-fraca (ave)	as estou-fraca
o não sei que diga	os não sei que diga
o disse me disse	os disse me disse
o bumba meu boi	os bumba meu boi

2) os compostos de tema verbal e palavra invariável:

o ganha-pouco	os ganha-pouco
o pisa-mansinho	os pisa-mansinho
o cola-tudo	os cola-tudo

3) nos compostos de dois temas verbais de significado oposto:

o leva e traz	os leva e traz
o vai-volta	os vai-volta

E – ADMITEM MAIS DE UM PLURAL, ENTRE OUTROS:

fruta-pão:	frutas-pão, fruta-pães
guarda-marinha:	guardas-marinha ou guardas-marinhas *
padre-nosso:	padres-nossos ou padre-nossos
ruge-ruge:	ruges-ruges ou ruge-ruges
salvo-conduto:	salvos-condutos ou salvo-condutos

* Rejeita-se, sem razão, o plural guarda-marinhas.

Gênero – A nossa língua conhece dois gêneros: o *masculino* e o *feminino*.

São masculinos os nomes a que se pode antepor o artigo **o**:

o *linho*, o *sol*, o *raio*, o *prazer*, o *filho*, o *beijo*

São femininos os nomes a que se pode antepor o artigo **a**:

a *flor*, a *casa*, a *mosca*, a *nuvem*, a *mãe*

Todo substantivo está dotado de gênero, que, no português, se distribui entre o grupo do *masculino* e o grupo do *feminino*. São masculinos os nomes a que se pode antepor o artigo *o* (*o linho*, *o sol*, *o clima*, *o poeta*, *o grama*, *o pente*, *o raio*, *o prazer*, *o filho*, *o beijo*) e são femininos os nomes a que se pode antepor o artigo *a* (*a linha*, *a lua*, *a grama*, *a ponte*, *a poetisa*, *a filha*, *a dor*). Só que esta determinação genérica não se manifesta no substantivo da mesma maneira que está representada no adjetivo ou no pronome, por exemplo, isto é, pelo processo da flexão. Apesar de haver substantivos em que aparentemente se manifeste a

distinção genérica pela flexão (*menino* / *menina*, *mestre* / *mestra*, *gato* / *gata*), a verdade é que a inclusão num ou noutro gênero depende direta e essencialmente da classe léxica dos substantivos e, como diz Herculano de Carvalho, "não é o fato de em português existirem duas palavras diferentes – *homem* / *mulher*, *pai* / *mãe*, *boi* / *vaca*, e ainda *filho* / *filha*, *lobo* / *loba* (das quais estas *não são* formas de uma flexão, mas palavras diferentes *tanto como* aquelas) – para significar o indivíduo macho e o indivíduo fêmea (duas espécies do mesmo "gênero", em sentido lógico) que permite afirmar a existência das classes do masculino e do feminino, mas, sim, o fato de o adjetivo, o artigo, o pronome, etc., se apresentarem sob duas formas diversas exigidas respectivamente por cada um dos termos de aqueles pares opositivos –, "est*e* homem velh*o*" / "est*a* mulher velh*a*", "*o* filho mais n*ó*v*o*" / "*a* filha mais n*ó*v*a*" –, formas que de fato constituem uma flexão" [HCv.1, v.9 s.v. *gênero*].

A aproximação da função cumulativa derivativa de -*a* como atualizador léxico e morfema categorial se manifesta tanto em *barca* de *barco*, *saca* de *saco*, *fruta* de *fruto*, *mata* de *mato*, *ribeira* de *ribeiro*, etc., quanto em *gata* de *gato*, porque dá "ao tema de que entra a fazer parte a capacidade de significar uma classe distinta de objetos, que em geral constituem uma espécie do gênero designado pelo tema primário" [HCv.3, 536 n.38; HCv.4, 21]. É pacífica, mesmo entre os que admitem o processo de flexão em *barco* → *barca* e *lobo* → *loba*, a informação de que a oposição masculino – feminino faz alusão a outros aspectos da realidade, diferentes da diversidade de sexo, e serve para distinguir os objetos substantivos por certas qualidades semânticas, pelas quais o masculino é uma forma geral, não marcada semanticamente, enquanto o feminino expressa uma especialização qualquer:

barco / *barca* (= barco grande)
jarro / *jarra* (um tipo especial de jarro)
lobo / *loba* (a fêmea do animal chamado lobo)

Esta aplicação semântica faz dos pares *barco* / *barca* e restantes da série acima não serem consideradas primariamente formas de uma flexão, mas palavras diferentes marcadas pelo processo de derivação. Esta função semântica está fora do domínio da flexão. A analogia material da flexão de gênero do adjetivo é que levou o gramático a pôr no mesmo plano *belo* / *bela* e *menino* / *menina*.

Este fato explica por que na manifestação do gênero no substantivo, entre outros processos, existe a indicação por meio de sufixo nominal: *conde* / *condessa*, *galo* / *galinha*, *ator* / *atriz*, *embaixador* / *embaixatriz*, etc.

Sem ser função precípua da morfologia do substantivo, a diferença do sexo nos seres animados pode manifestar-se ou não com diferenças formais neles. Esta manifestação se realiza ou pela mudança de sufixo (como em *menin**o*** / *menin**a***, *gat**o*** / *gat**a***) – é a *moção* –, ou pelo recurso a palavras diferentes que apontam para cada um dos sexos – é a *heteronímia* (*homem* / *mulher*, *boi* / *vaca*). Na primeira série de pares, como já vimos na lição de Herculano de Carvalho, não temos formas de uma flexão, mas, nelas, como na segunda série de pares, estamos diante de palavras diferentes.

Quando não ocorre nenhum destes dois tipos de manifestação formal, ou o substantivo, com o seu gênero gramatical, se mostra indiferente à designação do sexo (*a criança*, *a pessoa*, *o cônjuge*, *a formiga*, *o tatu*) ou, ainda indiferente pela forma, se acompanha de adjuntos

(artigos, adjetivos, pronomes, numerais) com moção de gênero para indicar o sexo (*o artista*, *a artista*, *bom estudante*, *boa estudante*).

Inconsistência do gênero gramatical – A distinção do gênero nos substantivos não tem fundamentos racionais, exceto a tradição fixada pelo uso e pela norma; nada justifica serem, em português, masculinos *lápis*, *papel*, *tinteiro* e femininos *caneta*, *folha* e *tinta*.

A inconsistência do gênero gramatical fica patente quando se compara a distribuição de gênero em duas ou mais línguas, e até no âmbito de uma mesma língua histórica na sua diversidade temporal, regional, social e estilística. Assim é que, para nós, o *sol* é masculino e, para os alemães, é feminino *die Sonne*, a *lua* é feminino, e, para eles, masculino *der Mond*; enquanto o português *mulher* é feminino, em alemão é neutro *das Weib*. *Sal* e *leite* são masculinos em português e femininos em espanhol: *la sal* e *la leche*. *Sangue* é masculino em português e francês e feminino em espanhol: *le sang* (fr.) e *la sangre* (esp.).

Mesmo nos seres animados, as formas do masculino ou do feminino podem não determinar a diversidade de sexo, como ocorre com os substantivos chamados *epicenos* (aplicados a animais irracionais), cuja função semântica é só apontar para a espécie: *a cobra*, *a lebre*, *a formiga* ou *o tatu*, *o colibri*, *o jacaré*, ou os substantivos aplicados a pessoas, denominados *comuns de dois*, distinguidos pela concordância: *o / a* ***estudante***, *este / esta* ***consorte***, *reconhecido / reconhecida* ***mártir***, ou ainda os substantivos de um só gênero denominados *sobrecomuns*, aplicados a pessoas, cuja referência a homem ou a mulher só se depreende pela referência anafórica do contexto: *o* ***algoz***, *o* ***carrasco***, *o* ***cônjuge***.

A mudança de gênero – Aproximações semânticas entre palavras (sinônimos, antônimos), a influência da terminação, o contexto léxico em que a palavra funciona e a própria fantasia que moldura o universo do falante, tudo isto representa alguns dos fatores que determinam a mudança do gênero gramatical dos substantivos. Na variedade temporal da língua, do português antigo ao contemporâneo, muitos substantivos passaram a ter gêneros diferentes, alguns sem deixar vestígios, outros como *mar*, hoje masculino, onde o antigo gênero continua presente em *preamar* (*prea = plena*, *cheia*) e *baixa-mar*.

Já foram femininos *fim*, *planeta*, *cometa*, *mapa*, *tigre*, *fantasma*, entre muitos outros; já foram usados como masculinos: *árvore*, *tribo*, *catástrofe*, *hipérbole*, *linguagem*, *linhagem* [SA.5, I, 65-70; PDo.1].

O gênero nas profissões femininas – A presença, cada vez mais justamente acentuada, da mulher nas atividades profissionais que até bem pouco eram exclusivas ou quase exclusivas do homem tem exigido que as línguas – não só o português – adaptem o seu sistema gramatical a estas novas realidades. Já correm vitoriosos faz muito tempo femininos como *mestra*, *professora*, *médica*, *advogada*, *engenheira*, *psicóloga*, *filóloga*, *juíza*, entre tantos outros.

As convenções sociais e hierárquicas criaram usos particulares que nem sempre são unanimemente adotados na língua comum. Todavia, já se aceita a distinção, por exemplo, entre

a *Cônsul* (= senhora que dirige um consulado) e a *Consulesa* (= esposa do Cônsul), a *Embaixadora* (= senhora que dirige uma Embaixada) e *Embaixatriz* (= esposa do Embaixador). Já para *senador* vigoram indiferentemente as formas de feminino *senadora* e *senatriz* para a mulher que exerce o cargo político ou para a esposa do senador, regra que também poucos gramáticos e lexicógrafos estendem a *consulesa* e *embaixatriz*.

Na hierarquia militar, a denominação para mulheres da profissão parece não haver uma regra generalizada. Correm com maior frequência os empregos28:

o cabo Ester Silva, *o sargento* Andreia.

Na linguagem jurídica, as petições iniciais vêm com o masculino com valor generalizante, dada a circunstância de não se saber quem examinará o processo, se juiz ou juíza.

Meritíssimo Senhor Juiz
Excelentíssimo Senhor Desembargador

Note-se, por fim, que algumas formas femininas podem não vingar por se revestirem de sentido pejorativo: *chefa*, *caba*, por exemplo.

Formação do feminino – Os substantivos que designam pessoas e animais manifestam o gênero e apresentam, quase sempre, duas formas diferentes: uma para indicar os seres do sexo masculino e outra para os seres do sexo feminino:

filho	–	filha
pai	–	mãe
rapaz	–	rapariga

Podemos distinguir, na manifestação do feminino, os seguintes processos:

a) com a mudança ou acréscimo ao radical, suprimindo a vogal temática: *filho* → filh(o) + a → *filha*:

1 – os terminados em -*o* mudam o -*o* em -*a*, por analogia com a flexão dos adjetivos biformes:

filho	–	filha	menino	–	menina
aluno	–	aluna	gato	–	gata

2 – os em -*e* uns há que ficam invariáveis, outros acrescentam -*a* depois de suprimir a vogal temática: *alfaiate* → alfaiat(e) + a → *alfaiata*.

Não variam de forma à semelhança dos adjetivos:

amante, *cliente*, *constituinte*, *doente*, *habitante*,
inocente, *ouvinte*, *servente*, etc.

Variam:

alfaiate – alfaiata
infante – infanta
governante – governanta
presidente – presidenta
parente – parenta
monge – monja

} também aparece invariável

3 – os em -*or* formam geralmente o feminino com acréscimo de *a*:

doutor – doutora
professor – professor

OBSERVAÇÃO: Outros, terminados em -*eira*: *arrumadeira*, *lavadeira*, *faladeira* (a par de *faladora*).

4 – os em vogal atemática (tônica), -*s*, -*l*, -*z* acrescentam *a*, sem qualquer alteração morfofonêmica:

freguês	–	freguesa	zagal	–	zagala
português	–	portuguesa	oficial	–	oficiala
juiz	–	juíza	guri	–	guria
peru	–	perua			

5 – os em -*ão* (dada a confluência no singular e permanência de formas diferençadas no plural, como já vimos, apresentam os seguintes casos:

a) quando este final pertence a nomes de tema em -*o* (transformado em semivogal do ditongo nasal), têm suprimida normalmente esta vogal e acrescida de -*a* e posterior fusão por crase:

irmão → irmã(o) + a → *irmãa* → *irmã* (por crase);
alemão → alemã(o) + a → *alemãa* → *alemã*. 29

b) quando -*ão* corresponde a forma teórica -*õ*, tal qual ocorre com o plural, há desnasalação da vogal temática e acréscimo de -*a*, que favorece o aparecimento de hiato:

bretão (radical teórico *bretõ*, cf. o plural *bretões*) → *breto*(m) + a → *bretoa*;
bom → bo(m) + a → *boa*.

c) quando -*ão* é sufixo derivacional aumentativo, a nasalidade desenvolve o fonema de transição /n/:

valentão (radical teórico *valentõ*, cf. pl. *valentões*) → *valento* + *n* + *a* → *valentona*.

6 – os que têm o sufixo derivacional –*eu* suprimem a vogal temática (aqui sob forma de semivogal do ditongo), acrescentam –*a* e, ao se obter o hiato *ea*, desenvolvem normalmente o ditongo /*ey*/ e conhecem posterior passagem do *e* fechado a aberto /*ey*/ (passagem que não se dá em todo o território onde se fala a língua, como, por exemplo, em Portugal): *europeu* → *europe*(u) + *a* → *europea* → *europeia* → *europeia*.

Assim procedem: *ateu*, *egeu*, *filisteu*, *giganteu*, *pigmeu*.

Fazem exceção: *judeu* → *judia*, *sandeu* → *sandia*.

7 – manifestam o feminino por meio dos sufixos derivacionais *-esa*, *-essa*, *-isa*, *-triz*, *-ez*:

abade – abadessa

alcaide – alcaidessa
(ou alcaidina)

barão – baronesa

bispo – episcopisa

conde – condessa

condastável – condastabelesa

cônego – canonisa

cônsul – consulesa

diácono – diaconisa

doge – dogesa, dogaresa,
dogaressa

druida – druidesa, druidisa
(ocorre em O. Bilac)

duque – duquesa

embaixador – embaixatriz
(embaixadora)

etíope – etiopisa

imperador – imperatriz

jogral – jogralesa

papa – papisa

píton – pitonisa

poeta – poetisa

príncipe – princesa

prior – priora, prioresa

profeta – profetisa

sacerdote – sacerdotisa

visconde – viscondessa

8 – não se enquadram nos casos precedentes:

ator – atriz

avô – avó

capiau – capioa

czar /pron. tçar/ - czarina *

dom – dona

felá – felaína

galo – galinha

grou – grua

herói – heroína

ilhéu – ilhoa

landgrave – landgravina

marajá – marani

mandarim – mandarina

maestro – maestrina
(também *maestra*)

pierrô – pierrete

raja ou rajá – râni ou rani

rapaz – rapariga

rei – rainha

réu – ré

silfo – sílfide

sultão – sultana

tabaréu – tabaroa

* Também grafado: tzar – tzarina.

b) com palavras diferentes para um e outro sexo (heterônimos):

1 – Nomes de pessoas:

cavaleiro – amazona

marido – mulher

cavalheiro – dama

confrade – confreira

compadre – comadre

frade – freira

frei – sóror, soror, sor

genro – nora

homem – mulher

padrasto – madrasta

padre – madre

padrinho – madrinha

pai – mãe

patriarca – matriarca

rico-homem – rica-dona

2 – Nomes de animais:

bode – cabra

boi – vaca

burro – besta

cão – cadela

carneiro – ovelha

cavalo – égua

veado – veada, cerva (é)

zangão, zângão – abelha

c) feminino com auxílio de outra palavra:

Há substantivos que têm uma só forma para os dois sexos:

estudante, consorte, mártir, amanuense, constituinte, escrevente, herege, intérprete, etíope, ouvinte, nigromante, servente, vidente, penitente

São por isso chamados comuns de (ou a) dois. Tais substantivos distinguem o sexo pela anteposição de *o* (para o masculino) e *a* (para o feminino):

o estudante – a estudante
o camarada – a camarada
o mártir – a mártir

Incluem-se neste grupo os nomes de família:

"(...) redarguiu colérica a *Pacheco* (...)" [CBr *apud* MB.2, 150].

Os nomes terminados em -*ista* e muitos terminados em -*e* são comuns de dois:

o capitalista – a capitalista; o doente – a doente

Também nomes próprios terminados em -*i* (antigamente ainda -*y*) são comuns tanto a homens como a mulheres:

Darci, Juraci

Enquadram-se neste grupo os nomes de animais para cuja distinção de sexo empregamos as palavras *macho* e *fêmea*:

cobra macho; jacaré fêmea

Podemos ainda servir-nos de outro torneio:

o macho da cobra; a fêmea do jacaré

Estes se chamam *epicenos*.

d) sobrecomuns

São nomes de um só gênero gramatical que se aplicam, indistintamente, a homens e mulheres: 30

o algoz, o carrasco, o cônjuge, a criatura, a criança, o ente, o indivíduo, a pessoa, o ser, a testemunha, o verdugo, a vítima.

Gênero estabelecido por palavra oculta – São masculinos os nomes de rios, mares, montes, ventos, lagos, pontos cardeais, meses, navios, por subentendermos estas denominações:

O (rio) *Amazonas*, *o* (oceano) *Atlântico*, *o* (vento) *bóreas*, *o* (lago) *Ládoga*, *o* (mês) *abril*, *o* (porta-avião) *Minas Gerais*

Por isso são normalmente femininos os nomes de cidade, ilhas:

A bela (cidade) *Petrópolis*. *A movimentada* (ilha) *Governador*.

Nas denominações de navios, depende do termo subentendido: *o* (transatlântico) *Argentina*, *a* (corveta) *Belmonte*, *a* (canhoneira) *Tijuca*, etc. De modo geral, os grandes transatlânticos são todos masculinos, em vista deste substantivo oculto, embora muitos tenham nomes femininos: "Embarcou *no Lusitânia* e foi para Lisboa" [MBa.5, 294].

Notem-se os seguintes gêneros:

O (vinho) *champanha* (e não *a champanha*!), *o* (vinho) *madeira*, *o* (charuto) *havana*, *o* (café) *moca*, *o* (gato) *angorá*, *o* (cão) *terra-nova*.

Mudança de sentido na mudança de gênero – Há substantivos que são masculinos ou femininos, conforme o sentido com que se achem empregados:

a apocalipse – *o apocalipse*
a cabeça (parte do corpo) – *o cabeça* (o chefe)
a capital (cidade principal) – *o capital* (dinheiro, bens)
a gênesis – *o gênesis*
a língua (órgão muscular; idioma) – *o língua* (o intérprete)
a lotação (capacidade de um carro, navio, sala, etc.) – *o lotação* (forma abreviada de autolotação)
a moral (parte da filosofia; moral de um fato; conclusão) – *o moral* (conjunto de nossas faculdades morais; ânimo)
a rádio (a estação) – *o rádio* (o aparelho)
a voga (moda; popularidade) – *o voga* (o remador)

Gênero de compostos – Os compostos são uma espécie de construção sintática abreviada, de modo que, se são constituídos por substantivos variáveis (biformes), o determinante (a 2.ª unidade) concorda com o gênero do determinado e é responsável pelo gênero do composto: a *batata-rainha* e não a *batata-rei*, a *ponta-seca* (instrumento de corte) [MAg.1, 160; MAg.3, 157].

Nos compostos de unidades uniformes, é evidente que não se dá a concordância do 2.º elemento, mas o gênero do composto continua se regulando pela 1.ª unidade: *a cobra-capelo*, *o pau-paraíba*, *a fruta-pão*.

Neste último caso, dá-se com frequência a perda da noção do composto (tratado como palavra base), o que facilita que o gênero do composto se regule pela 2.ª unidade: *o pontapé* e a indecisão entre o povo se é *a fruta-pão* (o normal), se *o fruta-pão* (com esquecimento do composto).

Se o composto está constituído de tema verbal e substantivo, a regra é o composto ter o gênero masculino singular: *o tira-teima*(s), *o arranca-rabo*, *o trava-língua*, *o trava-conta*(s).

Contrariamente ao gênero da língua e por imitação inglesa, passou-se a usar de compostos em que o determinante, invariável, ocupa o primeiro lugar, e o determinado o segundo, ficando o gênero do composto regulado por este último elemento: *a ferrovia*, *a aeromoça*. Segundo Martinz de Aguiar, por esta porta é que nos chegou o masculino de *o cólera-morbo* (*morbo*, latino, é masculino) e, na forma reduzida, *o cólera*, e não por influência francesa. A passagem ao hoje mais usual e aceito *a cólera-morbo*, *a cólera*, se deveu à analogia com o processo regular no português.

Gêneros que podem oferecer dúvida:

a) *São masculinos*:

Os nomes de letra de alfabeto, clã, champanha, dó, eclipse, formicida, grama (unidade de peso), jângal (jângala), lança-perfume, milhar, orbe, pijama, proclama, saca-rolhas, sanduíche, sósia, telefonema, soma (o organismo tomado como expressão material em oposição às funções psíquicas).

b) *São femininos*:

Aguardente, alface, alcunha, alcíone, análise, anacruse, bacanal, fácies, fama, cal, cataplasma, cólera, cólera-morbo, coma (cabeleira e vírgula), dinamite, eclipse, faringe, fênix, filoxera, fruta-pão, gesta (= façanha), libido, polé, preá, síndrome, tíbia, variante e os nomes terminados em *-gem* (exceção de *personagem* que pode ser masc. ou fem.).

c) *São indiferentemente masculinos ou femininos*:

Ágape, avestruz, caudal, componente (masc. no Br. e fem. em Portugal), crisma, diabete, gambá, hélice, íris, juriti, igarité, lama ou lhama, laringe (mais usado no fem.), ordenança, personagem, renque, sabiá, sentinela, soprano, suástica, suéter, tapa, trama (intriga), víspora.

Mais de um feminino – Além dos já apontados no decorrer do capítulo, lembraremos ainda os mais usuais:

aldeão – aldeã, aldeoa
deus – deusa, deia (poét.)
diabo – diaba, diabra, diáboa
elefante – elefanta, elefoa, aliá
javali – javalina, gironda
ladrão – ladra, ladrona, ladroa
melro – mélroa, melra
motor – motora, motriz (adj.)
pardal – pardoca, pardaloca, pardaleja
parvo – párvoa, parva
polonês – polonesa, polaca
varão – varoa, virago, matrona
vilão – vilã, viloa

OBSERVAÇÃO: As orações, os grupos de palavras, as palavras e suas partes tomadas materialmente são consideradas como do número singular e do gênero masculino: É bom *que estudes*; *o sim*; *o não*; *o re-*, etc.

Aumentativos e diminutivos – Os substantivos apresentam-se com a sua significação aumentada ou diminuída, auxiliados por sufixos derivacionais:

homem – homenzarrão – homenzinho

A NGB, confundindo flexão com derivação, estabelece dois graus de significação do substantivo:

a) aumentativo: *homenzarrão*
b) diminutivo 31: *homenzinho*

A derivação gradativa do substantivo se realiza por dois processos, numa prova evidente

de que estamos diante de um processo de derivação, e não de flexão:

a) *sintético* – consiste no acréscimo de um final especial chamado *sufixo derivacional aumentativo* ou *diminutivo*: homenzarrão, homenzinho;

b) *analítico* – consiste no emprego de uma palavra de aumento ou diminuição (grande, enorme, pequeno, etc.) junto ao substantivo: *homem grande*, *homem pequeno*.

A flexão se processa de modo sistemático, coerente e obrigatório em toda uma classe homogênea, fato que não ocorre na derivação, o que já levara o gramático e erudito romano Varrão a considerá-la uma *derivatio voluntaria*.

Aumentativos e diminutivos afetivos 32 – Fora da ideia de tamanho, as formas aumentativas e diminutivas podem traduzir o nosso desprezo, a nossa crítica, o nosso pouco caso para certos objetos e pessoas, sempre em função da significação lexical da base, auxiliados por uma entoação especial (eufórica, crítica, admirativa, lamentativa, etc.) e os entornos que envolvem falante e ouvinte:

poetastro, *politicalho*, *livreco*, *padreco*, *coisinha*, *issozinho*

Dizemos então que os substantivos estão em sentido pejorativo.

A ideia de pequenez se associa facilmente à de carinho que transparece nas formas diminutivas das seguintes bases léxicas:

paizinho, mãezinha, queridinha

Função sintática do substantivo – Quanto à função sintática, o substantivo exerce por excelência a função de sujeito (ou seu núcleo) da oração e, no domínio da constituição do predicado, as funções de objeto direto, complemento relativo, objeto indireto, predicativo, adjunto adnominal e adjunto adverbial. Em geral, na função de sujeito e de objeto direto dispensa o substantivo o concurso de qualquer outro elemento; nas outras, acompanha-se de índice funcional.

Toda palavra, parte da palavra ou toda unidade linguística de maior extensão – a oração e o texto inclusive – considerada materialmente, como "objetos substantivos" vale por um substantivo, na metalinguagem. Assim, em ***João** é oxítono, **re**-é um prefixo, o **hoje** e o **amanhã*** o que temos são elementos significantes da linguagem primária (isto é, a linguagem cujo objeto é a realidade não linguística) que se podem converter em nomes de si mesmos – e, portanto, em "substantivos" – no plano da metalinguagem do discurso (isto é, a linguagem cujo objeto é uma linguagem), vale dizer, no emprego metalinguístico da linguagem. Em *o **não*** ou *o **ai!*** não temos "substantivações" de advérbio ou de interjeição, mas substantivos metalexicalizados. Em *O **dlim-dlão** dos sinos acordou-me cedo,* não temos uma onomatopeia a funcionar como sujeito; no exemplo, *dlim-dlão* já não é uma onomatopeia (repare-se que só o substantivo ou equivalente funciona como sujeito), mas o seu nome expresso por substantivo designativo do som que o sino emite. É o que a escolástica chamava *suppositio materialis* [ECs.12, 107; HCv.2, 189].

Grafia dos nomes próprios estrangeiros – As ciências, as artes, a cultura, em geral, e o contato intenso entre nações fazem circular uma multiplicidade de nomes próprios estrangeiros, quer antropônimos, quer topônimos. A tradição literária – mais lusitana que brasileira – prefere, quando possível, aportuguesar, nos antropônimos, o prenome, deixando intacto o sobrenome: *Emílio Zola, Ernesto Renan, Renato Descartes, Antônio Meillet, Frederico Diez.* Todavia, também é possível a manutenção integral do nome estrangeiro: *Antoine Meillet*, *John Milton*, *Juan de Mena.*

Há outros que tradicionalmente são mantidos intactos: *William Shakespeare*, *Johann Wolfgang von Goethe*, *Giovanni Boccaccio*, *Wolfgang Amadeus Mozart*.

Particular atenção merecem os nomes latinos que, por imitação francesa, aparecem com a terminação *-us* do nominativo, quando deveriam ter *-o*: *Bruto* (e não *Brutus*), *Júnio* (e não *Junius*), *Quintílio* (e não *Quintilius*) [MBa.7, 252 - 253].

Maiores adeptos do aportuguesamento, especialmente em Portugal, angariam os topônimos, principalmente quando já correram entre escritores desde os séculos XV e XVI. Assim, é pacífica nos dois países (já que os países independentes de expressão oficial portuguesa acertam o passo com a lição e prática dos lusitanos) a aceitação de *Londres* (e não *London*), *Viena* (e não *Wien*), *Florença* (e não *Firenze*), *Colônia* (e não *Köln*), *Mogúncia* (e não *Mainz* ou *Mayence*), ao lado de outras de difícil aportuguesamento, como *Washington, Windsor, Civitàvecchia, St. Etienne.*

Para brasileiros soam estranhos aportuguesamentos como *Moscovo, Aquisgrano* (Aix-la-Chapelle ou Aachen), *Bona* (Bonn), *Vratislávia* (Breslau), *Cambrígia* (Cambridge), *Francoforte* (Frankfurt), *Glásgua* (Glasgow), entre outros, embora várias propostas tenham aceitação unânime: *Antuérpia* (para *Anvers*), *Avinhão* (*Avignon*), *Basileia* (*Bâle ou Basel*), *Berna* (*Berne*), *Cornualha* (*Cornwall*), *Cracóvia* (*Kraków*), *Leida* (*Leyden*), *Nimega* (*Nijmegen*), *Nova Iorque* (*New York*), *Zurique (Zurich*).

2 – ADJETIVO

Adjetivo – é a classe de lexema que se caracteriza por constituir a *delimitação*, isto é, por caracterizar as possibilidades designativas do substantivo, orientando delimitativamente a referência a uma *parte* ou a um *aspecto* do denotado.

O adjetivo pertence a um inventário aberto, sempre suscetível de ser aumentado. A estrutura interna ou constitucional do adjetivo consiste, nas línguas flexivas, na combinação de um signo lexical expresso pelo radical com signos morfológicos expressos por desinências e alternâncias, ambas destituídas de existência própria fora dessas combinações. No português, entre as desinências está a marca de gradação, isto é, o grau absoluto ou relativo da parte, ou aspecto ("qualidade") significado no radical, (*belo – belíssimo*), bem como afixos de gênero e de número. A relação gramatical instaurada entre o signo delimitador e o signo delimitado é geralmente expressa pela "concordância".

A delimitação apresenta distinções; pode ser *explicação*, *especialização* e *especificação*, expressas por instrumentos verbais correspondentes: os *explicadores*, os *especializadores* e

os *especificadores*. Os explicadores destacam e acentuam uma característica inerente do nomeado ou denotado. Os especializadores marcam os limites extensivos ou intensivos pelos quais se considera o determinado, sem isolá-lo nem opô-lo a outros determináveis capazes de caber na mesma denominação. Os especificadores restringem as possibilidades de referência de um signo, ajuntando-lhe notas que não são inerentes a seu significado.

Junto a virtuais, os especificadores delimitam dentro das classes correspondentes outras classes menos amplas (p. ex. *homem* / *homem branco*). Aplicados a atuais, apresentam os objetos denotados como pertencentes a classes que, por sua vez, se consideram incluídas em classes mais extensas (cf. um *menino louro* pertence à classe "menino louro", que é membro da classe "menino"). Este tipo de determinação Coseriu chama *especificação distintiva*.

Formalmente análoga à especificação distintiva, mas muito diferente no que toca ao funcional, é a *especificação informativa* ou *identificação*, que é um tipo autônomo de determinação, expresso pelos instrumentos *identificadores*. Consiste a identificação na especificação do significado de uma forma "multívoca" para garantir sua compreensão por parte do ouvinte atual ou eventual. Não é a identificação um processo que se realiza com *significados*, como a delimitação, mas com *formas*, e com vista à *atribuição do significado*, isto é, é um processo para que as formas se tornem *inequívocas* ao ouvinte.

Instrumentos gramaticais da determinação nominal – Os instrumentos verbais da determinação nominal são expressos por palavras dotadas de significado categorial e léxicos compreendidas pelos adjetivos, locuções adjetivas, orações adjetivas e nomes em aposição, que se aplicam tanto a nomes virtuais quanto a atuais.

São exemplos de:

a) *delimitadores explicadores*: ***o vasto*** *oceano*, ***as líquidas*** *lágrimas*

b) *delimitadores especializadores*: *a vida* ***inteira***, *o sol* ***matutino***, *o dia* ***no ocaso***, *o céu* ***austral***, *o homem* ***como sujeitos pensantes***, *Camões* ***como poeta***.

c) *delimitadores especificadores* (especificação distintiva): *castelo* ***medieval***, *menino* ***louro***, *aves* ***aquáticas***, *o presidente* ***da República***, *o médico* ***de família***.

São exemplos de determinação *identificadora*: *folha* ***de papel***, *folha* ***de zinco***, *quadro* ***de futebol***, *quadro* ***de parede***, *língua-**idioma***, *língua-**órgão,*** *o real* ***moeda***, *homem* ***homem*** (e não *homem* ser humano).

Os identificadores podem ser ocasionais (Caxias, *Maranhão*), usuais (São Lourenço *do Sul*), ou constantes (*Nova* York, Porto *Alegre*). Os identificadores usuais e constantes, como partes integrantes de um signo, constituem, com seus determinados, verdadeiros *nomes compostos*, embora normalmente dissociáveis, no caso dos identificadores usuais, em virtude de circunstâncias do falar a que Coseriu chama *entornos*.

Assim, se o falante estiver no Maranhão, escusará dizer *Caxias*, *Maranhão*, mas tão somente *Caxias*, como o habitante de *São Lourenço do Sul* usará apenas *São Lourenço*, dentro do mesmo entorno.

OBSERVAÇÃO: Outros instrumentos verbais podem, sozinhos ou acompanhados de adjetivo, exercer a função de delimitadores nominais. Entretanto, com os adjetivos propriamente ditos não se confundem, porque não possuem significação lexical (ou,

como vimos atrás, quando a apresentam, têm significado lexical genérico, o que ocorre com certos pronomes), e integram um inventário fechado: são pronomes adjuntos (a que a gramática tradicional chamava "adjetivos determinativos": *possessivos*, *demonstrativos*, *indefinidos*) e, intimamente relacionados com estes últimos, os *numerais*.

NOTA DE NOMENCLATURA: Os gramáticos antigos gregos e latinos reuniam substantivos e adjetivos numa só classe, a dos *nomes*, como ainda fazem alguns gramáticos de línguas estrangeiras (ingleses, por exemplo). Só na Idade Média se fez a distinção entre nomes substantivos e nomes adjetivos. Isto porque um mesmo objeto pode ser apreendido ou como objeto absoluto e independente (isto é, substância afetada por um acidente: *o forte* ***amor***), ou como objeto dependente (inerente a um sujeito: *o homem* ***amoroso***). Daí, com frequência, poder o mesmo significante ocorrer com um ou outro desses valores: ***alto*** *monte* – ***o alto*** *do monte*. Assim também expressões inteiras, inclusive orações, podem "substantivar-se", vale dizer, podem passar a exercer funções que os substantivos exercem; daí as chamadas orações subordinadas substantivas: *Desejo teu* ***progresso*** / *Desejo* ***que progridas*** [ECs.1, 291-308; HVc.1, 427-428]. Por outro lado, uma oração adjetiva não introduzida pelos conectores *cujo* e *o qual* pode voltar a substantivar-se mediante a anteposição do artigo, se se elide o substantivo antecedente: *Não sei* ***o que tem de verdade nisso***, onde a oração transposta de adjetivo passa a substantivo para exercer a função de objeto direto em relação ao predicado *não sei*. Chamar ao *o* (*a, os, as*) pronome demonstrativo é mascarar a substantivação.

Locução adjetiva – é a expressão formada de preposição + substantivo ou equivalente com função de adjetivo:

Homem de *coragem* = homem *corajoso*
Livro *sem capa* = livro *desencapado*
"Era uma noite medonha,
Sem estrelas, *sem luar*" [GD]
Homem *de cor*
Escritores *de hoje*

Note-se que nem sempre encontramos um adjetivo de significado perfeitamente idêntico ao de locução adjetiva:

Colega de turma

A língua poética é mais receptiva ao emprego do adjetivo que exprime matéria em lugar da locução adjetiva:

áureas *estátuas* – *estátuas* ***de ouro***
nuvens ***plúmbeas*** – *nuvens* ***de chumbo***
colunas ***marmóreas*** – *colunas* ***de mármore***

Substantivação do adjetivo – Certos adjetivos são empregados sem qualquer referência a nomes expressos como verdadeiros substantivos. A esta passagem de adjetivos a substantivos chama-se substantivação:

"A vida é combate
que os *fracos* abate,
que os *fortes*, os *bravos*,
só pode exaltar" [GD].

Nestas substantivações, o adjetivo prescinde do substantivo que o podia acompanhar, ou então é tomado em sentido muito geral e indeterminado, não marcado, caso em que se usa o masculino (à maneira do neutro latino, mas não do neutro em português, que não existe):[33]

O ***bom*** da história é que não houve fim.
O ***engraçado*** da anedota passou despercebido.
O ***triste*** do episódio está em que a vida é assim.

Flexões do adjetivo – O adjetivo se combina com certos signos gramaticais para manifestar o *número*, o *gênero* e o *grau*. O grau, entretanto, não constitui, no português, um processo gramatical e, assim, deve ser excluído da nossa descrição como tal, à semelhança do que já fazem gramáticas de outras línguas românicas. O grau, com estas reservas, figura aqui, por ter sido ainda contemplado pela NGB. A gradação em português, tanto no substantivo quanto no adjetivo, se manifesta por procedimentos sintáticos, e não morfológicos, como o era em latim, ou por sufixos derivacionais.

Número do adjetivo – O adjetivo acompanha o número do substantivo a que se refere: *aluno estudioso*, *alunos estudiosos*.

O adjetivo, portanto, conhece os dois números que vimos no substantivo: o *singular* e o *plural*.

Formação do plural dos adjetivos – Aos adjetivos se aplicam, na maioria dos casos, as mesmas regras de plural dos substantivos.

Alguns poucos adjetivos, como já ocorreu nos substantivos, se mostram indiferentes à marca de número, servindo indistintamente para a indicação do singular ou plural: *simples*, *isósceles*, assim:

critério *simples* / solução *simples*
caráter *assim* / coragem *assim*

Quanto aos adjetivos compostos, lembraremos que normalmente só o último varia, quando formados por dois adjetivos:

amizades luso-brasileiras, reuniões lítero-musicais
saias verde-escuras, folhas azul-claras

Variam ambos os elementos, entre outros exemplos, *surdo-mudo*: *surdos-mudos*.

Com exceção dos casos mais gerais, não tem havido unanimidade de uso no plural dos adjetivos compostos, quer na língua literária, quer na variedade espontânea da língua. A dificuldade fica ainda acrescida pelo fato de uma mesma forma poder ser empregada como adjetivo ou como substantivo, e a cada uma dessas funções são atribuídos plurais distintos, especialmente nos dicionários. As denominações de cores é que mais chamam a nossa atenção neste particular. Assim, para *verde-claro* como substantivo, se atribui o plural *verdes-claros* e, como adjetivo, *verde-claros*; já *verde-azul*, substantivo ou adjetivo, é assinalado com o plural *verde-azuis*.

Se o 2.º elemento é um substantivo (*verde-abacate*, *verde-água*), o composto admite dois plurais: *verdes-abacates* e *verdes-abacate*; *verdes-águas* e *verdes-água*.

O melhor, nestes casos, será apelar para as nossas tradicionais maneiras de adjetivar, com o auxílio da preposição *de* ou das locuções *de cor*, *de cor de* ou, simplesmente, *cor de* [SS.3, 74]: *olhos de verde-mar*, *ramagens de cor verde-garrafa*, *luvas de cor de pele*, *olhos cor de safira*, *olhos verdes da cor do mar*.

Mário Barreto, lembrando a possibilidade da elipse da preposição *de* ou da locução *cor de*, recomenda a invariabilidade do substantivo empregado adjetivamente, em *fitas creme*,

luvas café, isto é, fitas de cor de creme, e rejeita *fitas cremes*, *luvas cafés* [MBa.1, 375-377]. Ensina ainda que, sendo frequente o emprego do nome do objeto colorido para expressar a cor desse mesmo objeto: *o* ***lilá*** *pálido*, *um* ***violeta*** *escuro*, aplicando-se aos nomes *lilá*, *violeta* o gênero masculino na acepção da cor: "Prefiro o *rosa* ao *violeta*", em vez de "Prefiro *a* rosa à violeta", oração que pode ser entendida de maneira ambígua.

Gênero do adjetivo – O adjetivo concorda também em gênero com o substantivo a que se refere. Conhece, assim, os gêneros comuns ao substantivo: *masculino* e *feminino*. Todavia, esta distinção (em gênero e em número) tem diferente valor referencial no substantivo e no adjetivo; no substantivo, o gênero e o número modificam a referência, enquanto no adjetivo designam sempre a mesma qualidade e só se explicam como simples repercussão da relação sintática (concordância) que se instaura entre o determinado e o determinante, nada acrescentando semanticamente. Diferente de *menino* / *menina*, o adjetivo *estudioso* / *estudiosa* não assinala *menino* como da classe dos machos nem *menina* da classe das fêmeas.

Formação do feminino dos adjetivos – Os adjetivos *uniformes* são os que apresentam uma só forma para acompanhar substantivos masculinos e femininos. Geralmente estes uniformes terminam em *-a*, *-e*, *-l*, *-m*, *-r*, *-s* e *-z*:

povo *lusíada*	–	nação *lusíada*
breve exame	–	*breve* prova
trabalho *útil*	–	ação *útil*
objeto *ruim*	–	coisa *ruim*
estabelecimento *modelar*	–	escola *modelar*
homem *audaz*	–	mulher *audaz*
conto *simples*	–	história *simples*

Exceções principais: *andaluz*, *andaluza*; *bom*, *boa*; *chim*, *china*; *espanhol*, *espanhola*.

Quanto aos *biformes*, isto é, que têm uma forma para o masculino e outra para o feminino, os adjetivos seguem de perto as mesma regras que apontamos para os substantivos. Lembraremos aqui apenas os casos principais:

a) Os terminados em *–ês*, *-or*, e *–u* acrescentam no feminino um *a*, na maioria das vezes.

chinês, *chinesa*; *lutador*, *lutadora*; *cru*, *crua*.

EXCEÇÕES: 1) *cortês*, *descortês*, *montês* e *pedrês* são invariáveis; 2) *incolor*, *multicor*, *sensabor*, *maior*, *melhor*, *menor*, *pior* e outros são invariáveis. Outros em *-dor* ou *-tor* apresentam-se em *-triz*: *motor*, *motriz* (a par de *motora*, conforme vimos nos substantivos); outros terminam em *-eira*: *trabalhador*, *trabalhadeira* (a par de *trabalhadora*). *Superiora* (de convento) usa-se como substantivo. 3) *hindu* é invariável; *mau* faz *má*.

b) Os terminados em *-eu* passam, no feminino, a *-eia*:

europeu, *europeia*; *ateu*, *ateia*.

EXCEÇÕES: *judeu – judia*; *sandeu – sandia*
tabaréu – tabaroa; *réu – ré*.

c) Alguns adjetivos, como já ocorreu nos substantivos, apresentam uma forma teórica básica do feminino singular com vogal aberta que estará presente também no plural; no masculino esta vogal aberta passa a fechada:

laborioso (ô), *laboriosa* (ó); *disposto* (ô), *disposta* (ó).

Este procedimento de partir do timbre da vogal tônica aberta do feminino para o fechamento da vogal do masculino, e não o inverso, explica-se pelo fato de que há adjetivos em que a vogal tônica fechada do masculino se mantém fechada também no feminino: *encantada*, *encantadora*, *português*, *portuguesa*.

Gradação do adjetivo – Há três tipos de gradação na qualidade expressa pelo adjetivo: *positivo*, *comparativo* e *superlativo*, quando se procede a estabelecer relações entre o que são ou se mostram duas ou mais pessoas. Como já dissemos, a gradação em português se expressa por mecanismo sintático ou derivacional:

O POSITIVO, que não se constitui a rigor numa gradação, enuncia simplesmente a qualidade:

O rapaz é *cuidadoso*.

O COMPARATIVO compara qualidade entre dois ou mais seres, estabelecendo:

a) uma *igualdade*:

O rapaz é *tão cuidadoso quanto* (ou *como*) *os outros*.

b) uma *superioridade*:

O rapaz é *mais cuidadoso que* (ou *do que*) *os outros*.

c) uma *inferioridade*:

O rapaz é *menos cuidadoso que* (ou *do que*) *os outros*.

O SUPERLATIVO pode:

a) ressaltar, com vantagem ou desvantagem, a qualidade do ser em relação a outros seres:

O rapaz é *o mais cuidadoso dos* (ou *dentre os*) *pretendentes ao emprego*.

O rapaz é *o menos cuidadoso dos pretendentes*.

b) indicar que a qualidade do ser ultrapassa a noção comum que temos dessa mesma qualidade:

O rapaz é *muito cuidadoso*.

O rapaz é *cuidadosíssimo*.

No primeiro caso, a *qualidade* é ressaltada em relação ou comparação com os outros pretendentes. Diz-se que o *superlativo* é *relativo*.

Forma-se o *superlativo relativo* do mesmo modo que o comparativo de superioridade ou inferioridade antecedido sempre do artigo definido e seguido de sintagma preposicional iniciado por *de* (ou *dentre*): *o mais... de* (ou *dentre*), *o menos... de* (ou *dentre*).

No segundo caso, a superioridade é ressaltada sem nenhuma relação com outros seres. Diz-se que o *superlativo* é *absoluto* ou *intensivo*.

O superlativo absoluto pode ser *analítico* ou *sintético*.

Forma-se o analítico com a anteposição de palavra intensiva (*muito*, *extremamente*, *extraordinariamente*, etc.) ao adjetivo: *muito cuidadoso*. Na modalidade espontânea, mesmo

em literatura, pode-se obter a manifestação afetiva do superlativo mediante a repetição do adjetivo: *Ela é linda linda*. Ou do advérbio: *Ela é muito muito linda*.

O *sintético* é obtido por meio do sufixo derivacional *-íssimo* (ou outro de valor intensivo) acrescido ao adjetivo na forma positiva, com a supressão da vogal temática, quando o exigirem regras morfofonêmicas: *cuidadosíssimo*.

Quanto ao aspecto semântico, *cuidadosíssimo* diz mais, é mais *enfático* do que *muito cuidadoso*. O sufixo *-íssimo* é recente na longa história do português e se deve a um empréstimo do latim, durante o Renascimento, com o auxílio do italiano, responsável pela recuperação do sufixo. Na linguagem coloquial, se desejamos que o superlativo absoluto analítico seja mais enfático, costumamos repetir a palavra intensiva: *Ele é muito mais cuidadoso*, ou se buscam efeitos expressivos mediante a ajuda de criações sufixais imprevistas como *-ésimo*.

O meio termo entre estes dois superlativos (*muito cuidadoso – cuidadosíssimo*) é obtido com a fórmula: *mais do que cuidadoso*, *menos de*:

> "Estas e outras arguições, complicadas com os procedimentos *mais do que ásperos* da expulsão do coleitor Castracani em 1639, não concorreram pouco para alienar de todo o ânimo das populações..." [RS.2, IV, 75-6].
> "Tomou o estudante uma casa *menos de* modesta, fora de portas em Santo Antônio dos Olivais" [CBr.6, 107].

Alterações gráficas no superlativo absoluto – Ao receber o sufixo intensivo, o adjetivo pode sofrer certas modificações na sua forma:

a) os terminados em *-a*, *-e*, *-o* perdem essas vogais:

cuidadosa – cuidadosíssima
elegante – elegantíssimo
cuidadoso – cuidadosíssimo

b) os terminados em *-vel* mudam este final para *-bil*:

terrível – terribilíssimo
amável – amabilíssimo

c) os terminados em *-m* e *-ão* passam, respectivamente, a *-n* e *-an*:

comum – comuníssimo
são – saníssimo

d) os terminados em *-z* passam esta consoante a *-c*:

feroz – ferocíssimo
sagaz – sagacíssimo

Há adjetivos que não alteram sua forma, como é o caso dos terminados em *-u*, *-l* (exceto *-vel*), *-r*:

cru – cruíssimo; fácil – facílimo – facilíssimo; regular – regularíssimo

Afora estes casos, outros há onde os superlativos se prendem às formas latinas. Apontemos os mais frequentes:

acre – acérrimo
amargo – amaríssimo
amigo – amicíssimo
antigo – antiquíssimo
magnífico – magnificentíssimo
magro – macérrimo
malédico – maledicentíssimo
malévolo – malevolentíssimo

áspero – aspérrimo

benéfico – beneficentíssimo

benévolo – benevolentíssimo

célebre – celebérrimo

célere – celérrimo

cristão – cristianíssimo

cruel – crudelíssimo

difícil – dificílimo

doce – dulcíssimo

fiel – fidelíssimo

frio – frigidíssimo

geral – generalíssimo

honorífico – honorificentíssimo

humilde – humílimo

incrível – incredibilíssimo

inimigo – inimicíssimo

íntegro – integérrimo

livre – libérrimo

maléfico – maleficentíssimo

mísero – misérrimo

miúdo – minutíssimo

negro – nigérrimo

nobre – nobilíssimo

parco – parcíssimo

pessoal – personalíssimo

pobre – paupérrimo

pródigo – prodigalíssimo

público – publicíssimo

provável – probabilíssimo

sábio – sapientíssimo

sagrado – sacratíssimo

salubre – salubérrimo

soberbo – superbíssimo

simples – simplicíssimo

tétrico – tetérrimo

Ao lado do superlativo à base do termo latino, pode circular o que procede do adjetivo acrescido da terminação *–íssimo*:

agílimo – agilíssimo

antiquíssimo – antiguíssimo

crudelíssimo – cruelíssimo

dulcíssimo – docíssimo

facílimo – facilíssimo

humílimo – humildíssimo, humilíssimo

macérrimo – magríssimo

nigérrimo – negríssimo

parcíssimo – parquíssimo

paupérrimo – pobríssimo

OBSERVAÇÃO: Chamamos a atenção para as palavras terminadas em *-io* que, na forma sintética, apresentam dois *is*, por seguirem a regra geral da queda do *-o* final para receber o sufixo:

cheio → cheiíssimo, cheiinho
feio → feiíssimo, feiinho
frio → friíssimo, friinho
necessário → necessariíssimo
precário → precariíssimo
sério → seriíssimo, seriinho
sumário → sumariíssimo
vário → variíssimo

OBSERVAÇÃO: A tendência da língua à fuga ao hiato leva a que apareçam formas com fusão dos dois ii, embora num ou noutro

adjetivo a eufonia impede a mudança: **fríssimo*, **varíssimo*, por exemplo, embora Dias Gomes (séc. XVIII) escrevesse *propríssimo*. Ainda que escritores usem formas com um só *i* (*cheíssimo*, *cheinho*, *feíssimo*, *seríssimo*, etc.), a língua padrão insiste no atendimento à manutenção dos dois ii.34

Comparativos e superlativos irregulares – Afastam-se dos demais na sua formação de comparativo e superlativo os adjetivos seguintes:

	Comparativo de superioridade	*Superlativo*	
Positivo		*absoluto*	*relativo*
bom	melhor	ótimo	o melhor
mau	pior	péssimo	o pior
grande	maior	máximo	o maior
pequeno	menor	mínimo	o menor

Não se diz *mais bom* nem *mais grande* em vez de *melhor* e *maior*; mas podem ocorrer *mais pequeno*, *o mais pequeno*, *mais mau*, por *menor*, *o menor*, *pior*. Também se podem empregar *bom* e *grande* nas expressões *mais ou menos grande*, *mais ou menos bom*, pois que os tais adjetivos se regulam pela última palavra:

> "Os poemas completos do desterrado do Ponto, todas as literaturas europeias os ambicionavam, e os meteram em si, com *mais ou menos boa* mão" [AC *apud* MBa.1, 249].

Note-se o jogo de alternância de *mais pequeno* e *menor* em:

> "Em matéria de amor-próprio o *mais pequeno* inseto não o tem *menor* que a baleia ou o elefante" [MM.1, 151].

É ainda oportuno lembrar que às vezes *bom* e *mau* constituem com o substantivo seguinte uma só lexia, uma só unidade léxica, de modo que, nesta situação, podem ser modificados pelos advérbios *mais*, *menos*, *melhor*, *pior*, que passam a referir-se a toda a expressão: *homem de mais mau-caráter*, *pessoa de menos más intenções*, *palavras da melhor boa-fé*:

> "Pode ser que ele ainda venha para ti com o coração purificado, e o tributo da mocidade avaramente pago. *Mais bom marido* será então" [CBr *apud* MBa.5, 241-242].

Ao lado dos superlativos *o maior*, *o menor*, figuram ainda *o máximo* e *o mínimo* que se aplicam a ideias abstratas e aparecem ainda em expressões científicas, como *a temperatura máxima*, *a temperatura mínima*, *máximo divisor comum*, *mínimo múltiplo comum*, *nota máxima*, *nota mínima*.

Em lugar de *mais alto* e *mais baixo* usam-se os comparativos *superior* e *inferior*; por *o mais alto* e *o mais baixo*, podemos empregar os superlativos *o supremo* ou *o sumo*, e *o ínfimo*.

Comparando-se duas qualidades ou ações, empregam-se *mais bom*, *mais mau*, *mais grande* e *mais pequeno* em vez de *melhor*, *pior*, *maior*, *menor*:

> *É mais bom do que mau* (e não: *é melhor do que mau*).
> *A escola é mais grande do que pequena.*
> *Escreveu mais bem do que mal.*
> *Ele é mais bom do que inteligente.*

Por fim, assinalemos que, depois dos comparativos em *-or* (*superior*, *inferior*, *anterior*,

posterior, *ulterior*), se usa a preposição *a*:

*Superior **a** ti*, *inferior **ao** livro*, *anterior **a** nós*

Repetição de adjetivo com valor superlativo – Na linguagem coloquial, pode-se empregar, em vez do superlativo, a repetição do mesmo adjetivo:

O dia está *belo belo* (= belíssimo).

Ela era *linda linda* (= lindíssima).

Proferindo-se estas orações, dá-se-lhes um tom de voz especial para melhor traduzir a ideia superlativa expressa pela repetição do adjetivo. Geralmente consiste na pausa demorada na vogal da sílaba tônica.

Comparações em lugar do superlativo – Para expressarmos mais vivamente o elevado grau de uma qualidade do ser, empregamos ainda comparações que melhor traduzem a ideia superlativa:

Pobre como Jó (= paupérrimo), *feio como a necessidade* (feiíssimo), *claro como água*, *escuro como breu*, *esperto como ele só*, *malandro como ninguém.*

Usam-se ainda certas expressões não comparativas: *podre de rico*, *feio a mais não poder*, *grande a valer*.

Adjetivos diminutivos – As formas diminutivas de adjetivos podem (precedidas ou não de *muito*, *mais*, *tão*, *bem*) adquirir valor de superlativo:

Blusa amarelinha, *garoto bonitinho*; "É bem *feiozinho*, benza-o Deus, o tal teu amigo!" [AAz].

No estilo coloquial não é raro o reforço deste emprego do diminutivo mediante as locuções *da Silva*, *da Costa* (cf. BF, XVII, 1 – 2, 197).

3 – Artigo

Artigo – Chamam-se *artigo definido* ou simplesmente *artigo **o**, **a**, **os**, **as*** que se antepõem a substantivos, com reduzido valor semântico demonstrativo e com função precípua de adjunto desses substantivos.

A tradição gramatical tem aproximado este verdadeiro artigo de ***um***, ***uns***, ***uma***, ***umas***, chamados *artigos indefinidos*, que se assemelham a ***o***, ***a***, ***os***, ***as*** pela mera circunstância de também funcionarem como adjunto de substantivo, mas que do autêntico artigo diferem pela origem, tonicidade, comportamento no discurso, valor semântico e papéis gramaticais.

Pela origem, porque *o*, *a*, *os*, *as* se prendem a antigo demonstrativo latino (*illum*, *illa*) – o que lhes garante o valor de demonstrativo atenuado –, enquanto *um*, *uma*, *uns*, *umas* representam emprego especial de generalização do numeral *um*. Pela tonicidade, porque, sendo um vocábulo eminentemente átono, não pode funcionar sozinho na oração, como o faz o chamado artigo indefinido que, neste papel, só não se confunde com o pronome indefinido

pelo auxílio que lhe emprestam os entornos linguísticos. Do ponto de vista semântico e consequentes resultados nas funções gramaticais, está o primordial valor *atualizador* do artigo, de que decorrem os demais valores contextuais: 35 o artigo definido identifica o objeto designado pelo nome a que se liga, delimitando-o, extraindo-o de entre os objetos da mesma classe, como aquele que já foi (ou será imediatamente) conhecido do ouvinte – quer através do discurso (que dele faz menção), quer pela "dêixis" (que o mostra, ordenando-o espacial e temporalmente), quer pelo contexto idiomático, no qual a palavra é, quando não ulteriormente determinada, nome de conceito ou de toda uma classe de objetos (assim, "o homem é um animal racional" equivale a "aquilo que conhecemos pela palavra *homem*...") [HCv.1, 2, 1427].

Deste valor atualizador decorre o fato sintático de o artigo ser dispensado quando tal valor já vem expresso por outro identificador adnominal, seja demonstrativo (*este homem*), seja possessivo (*meu livro*), seja por equivalente a este valor, ou antes de um nome próprio, já por si atual e individual. No português, em que a presença do artigo junto ao possessivo adnominal tem sido marcado por um progressivo emprego da fase antiga à moderna, o uso do artigo em "***o** meu livro*" é redundante, e, poderíamos repetir a classificação de um velho filólogo lembrado por Pacheco Júnior: muleta gramatical [PJ.1, 141].

Outra função é a da substantivação: qualquer unidade linguística, do texto ao morfema, pode substantivar-se quando é nome de si mesma, tomada materialmente: "***o** o* é artigo", "***o** este* é dissílabo", "não sabe ***o** como me agradar*", "***o** per-* é um prefixo".

Este fato e a força identificadora contribuem para a possibilidade de calar o nome já antes anunciado ou, se não antes anunciado no discurso, conhecido e identificado pelo falante e pelo ouvinte: "***o** livro de Edu* e ***o** teu*", "***a** blusa* branca e ***a*** azul", "***a** blusa* branca e ***aquela** azul*", etc. Tal possibilidade criou a diferença, na nomenclatura gramatical, entre *o* "artigo" e *o* "pronome demonstrativo", baseada em dois fatos: o segundo *o* vale semanticamente por *isto*, *isso*, *aquilo*, e por usarem outras línguas, nesta situação, um pronome (*ce* em francês, *quello* em italiano), e não o artigo. Gili Gaya [GG.1] já mostrou que línguas há que preferem, nesta situação, o artigo, enquanto outras preferem formas de demonstrativo.

Ora, isto nos leva a acompanhar os autores (Alarcos Llorach, mais recentemente) que veem como substantivações de orações previamente transpostas a subordinadas adjetivas ("Não sei *o que fazes*", objeto direto de *não sei*) ou adverbiais ("Gostou do *quando o filho se defendeu*", complemento relativo de *gostar*).

Esta omissão do antecedente do relativo é análoga à que se dá em subordinadas de *quem* absoluto ("*Quem tudo quer* tudo perde", e nas interrogativas indiretas ("Não sei *quem virá*", "Não sei *quando virá*"), já classificadas como de valor substantivo desde Epifânio Dias, no final do século passado, e adotadas depois, entre outros, por Said Ali e Mário Pereira de Sousa Lima.

Por fim, cumpre acrescentar que se uma operação determinativa passa a supérflua ou se realiza implicitamente, graças à presença de outros determinadores ou pelo contexto, as unidades específicas empregadas na operação podem servir para outras funções [ECs.3, 292-293]. Coseriu lembra que o artigo empregado junto com um quantificado tem função individuadora (*os dois homens*) e, aplicado a um nome próprio – já atual e individual –, pode

exercer função estilística (*Maria* ao lado de *a Maria*).

Junto de nome não marcado por gênero e número, pode o artigo ser responsável pela indicação dessas categorias gramaticais: ***o*** *artista*, ***a*** artista; ***o*** *lápis*, ***os*** *lápis*.

Emprego do Artigo Definido

Emprego do artigo definido – De largo uso no idioma, o artigo assume sentidos especialíssimos, graças aos contornos verbais e extraverbais:

a) Junto dos nomes próprios denota nossa familiaridade (neste mesmo caso pode o artigo ser também omitido):

O Cleto talvez falte hoje. O Antônio comunicou-se com o João.

Observação: O uso mais frequente, na linguagem culta, tendo em vista o valor já de si individualizante, dispensa o artigo junto a nomes próprios de pessoas, com exceção dos que se acham no plural. É tradição ainda só antepor artigo a apelidos: *o* Camões, *o* Tasso, *o* Vieira. Modernamente tem-se estendido a presença do artigo antes dos nomes de escritores, artistas e personagens célebres, principalmente quando usado em sentido figurado: *o* Dante, *o* Torquato, *o* Rafael (= o quadro de Rafael). Dizemos, indiferentemente, *Cristo* ou *o Cristo* (ou ainda *o Cristo Jesus*).

b) Costuma aparecer ao lado de certos nomes próprios geográficos, principalmente os que denotam países, oceanos, rios, montanhas, ilhas:

a Suécia, *o* Atlântico, *o* Amazonas, *os* Andes, *a* Groenlândia

Entre nós, dispensam artigo os nomes dos seguintes Estados: *Alagoas*, *Goiás*, *Mato Grosso*, *Minas Gerais*, *Santa Catarina*, *São Paulo*, *Pernambuco* e *Sergipe*.

Nota: Não se acompanham de artigo as denominações geográficas formadas com nomes ou adjetivos: *São Paulo*, *Belo Horizonte*.

Quanto às cidades, geralmente prescindem de artigo. Há, contudo, exceções devidas à influência de seu primitivo valor de substantivo comum: *a* Bahia, *o* Rio de Janeiro, *o* Porto, etc. Continuando a prática de outros idiomas que, por sua vez, se inspiram no árabe *el-Kahira* (a Vitoriosa), dizemos com artigo *o Cairo*.

Recife sempre se disse acompanhado de artigo: *o Recife*. Modernamente, pode dispensá-lo. *Aracaju*, capital de Sergipe, conhece a mesma liberdade.

c) Entra em numerosas alcunhas e cognomes: Isabel, *a Redentora*; D. Manuel, *o Venturoso*; *mas*: *Frederico Barba-roxa*.

d) Aparecem em certos títulos: *o* professor João Ribeiro, *o* historiador Tito Lívio, *o* doutor Sousa.

Observação: É omitido antes dos ordinais pospostos aos títulos: Pedro I, Henrique VIII, João VI.

e) São omitidos nos títulos de *Vossa Alteza*, *Vossa Majestade*, *Vossa Senhoria* e outras denominações, além das formas abreviadas *dom*, *frei*, *são* e as de origem estrangeira, como *Lord*, *Madame*, *Sir* e o latinismo *sóror* ou *soror* (oxítono): *Vossa Alteza passeia*. *Frei Joaquim do Amor Divino Caneca nasceu em Pernambuco*. *Soror* (ou *Sor*) *Mariana Alcoforado foi célebre escritora portuguesa*.

OBSERVAÇÃO: Ensina-nos JOÃO RIBEIRO: "É um galicismo a intercalação do artigo nas fórmulas: *Sua Excelência* ***o*** *deputado*, *Sua Alteza* ***o*** *príncipe*, *Sua Santidade* ***o*** *Papa*. Estes galicismos foram adotados geralmente na língua para evitar fórmulas menos elegantes, como: *a* excelência do Sr. Deputado, *a* alteza do príncipe, como mandaria dizer a vernaculidade" [JR.1, 266-7]. E, em nota, transcreve exemplos que lhe foram apontados pelo colaborador FIRMINIO COSTA, dos quais lembramos:

"... comunicou a coisa à Alteza de el-rei Dom João o III".

f) Dizem-se com artigo os nomes de trabalhos literários e artísticos (se o artigo pertence ao título, há de ser escrito obrigatoriamente com maiúscula):

a Eneida, *a* Jerusalém Libertada, *Os* Lusíadas, *A* Tempestade.

Mesmo quando precedido de preposição fora do título, deve-se modernamente (a tradição não procedia assim) preservar a integridade do artigo incluído na denominação:

No caso de ***Os Lusíadas****...*

Passando os olhos por ***As Cidades e as Serras****.*

Estampou-se ontem em ***O Globo*** *a notícia...*

Às vezes, aparentemente, se juntam dois artigos porque o primeiro tem subentendida a espécie da publicação: "Um artigo meu publicado ***na*** [revista] *A Águia*" [FP *apud* MAg.1, 21]. "***O*** [livro] *A Padaria Espiritual* está sendo caprichosamente confeccionado..." [LM *apud* MAg.1].

A má interpretação deste fato causou o emprego errôneo e pleonástico do artigo em construções do tipo: *A notícia saiu* ***pelas*** *As Grandes Novidades*.

g) São omitidos antes da palavra *casa*, designando residência ou família, nas expressões do tipo: *fui a casa*, *estou em casa*, *venho de casa*, *passei por casa*, *todos de casa*.

OBSERVAÇÃO: Seguido de nome do possuidor ou de um adjetivo ou expressão adjetiva, pode o vocábulo *casa* acompanhar-se de artigo: *Da* (ou *de*) casa de meus pais.

h) Omite-se ainda o artigo junto ao vocábulo *terra*, em oposição a *bordo* (que também dispensa artigo):

Iam de bordo *a* terra.

i) Costuma-se omitir o artigo com a palavra *palácio*, quando desacompanhada de modificador:

"Perguntou o mestre-escola afoitamente à sentinela do paço se o representante nacional, morgado da Agra, estava *em palácio*" [CBr.1, 144].

j) Aparece junto ao termo denotador da unidade quando se expressa o valor das coisas (aqui o artigo assume o valor de *cada*):

Maçãs de poucos cruzeiros *o* quilo.

k) Aparecem nas designações de tempo com os nomes das estações do ano:

Na primavera há flores em abundância. "Em uma tarde do *estio*, à hora incerta e saudosa..." [AH.2, 154].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Se o nome de estação vier precedido de *de*, significando *próprio de*, o artigo é dispensado: Numa manhã *de primavera*.

2.ª) Se a expressão temporal contiver nome de mês, dispensa ainda o artigo: Meu irmão faz anos *em março*.

l) Nas indicações de tempo com a expressão *uma hora*, significando *uma* a *primeira hora*, o emprego do artigo é facultativo:

Era perto *da* uma hora ou Era perto *de* uma hora.

A primeira construção parece ser mais dos portugueses; a segunda dos brasileiros. Por ser mais antiga na língua, fixou-se o emprego do *a* acentuado em expressões como *à uma hora*, etc.

m) É, na maioria dos casos, de emprego facultativo junto a possessivos em referência a nome expresso:

Meu livro ou *o* meu livro

OBSERVAÇÃO: É obrigatório o artigo, quando o possessivo é usado sem substantivo, em sentido próprio ou translato: Bonita casa era *a minha*. Fazer *das suas*. "Vês, peralta? É assim que um moço deve zelar o nome *dos seus*? Pensas que eu e meus avós ganhamos o dinheiro em casa de jogo ou a vadiar pelas ruas?" [MA.1, 57].

Mas sem artigo dizemos várias expressões, como *de meu*, *de seu natural*, linguagens com que traduzimos "os bens próprios de alguém" – a primeira – e "qualidades naturais" – a última:

Nunca tive *de meu*, outro bem maior.

"Bernardes era como estas formosas *de seu natural* que se não cansam com alindamentos, a quem tudo fica bem" [AC].

Dispensa ainda artigo o possessivo que entra em expressões com o valor de *alguns*:

Os Lusíadas têm *suas* dificuldades de interpretação.

Finalmente, na expressão de um ato usual, que se pratica com frequência, o possessivo vem normalmente sem artigo:

Às oito toma *seu* café.

n) Não se repete o artigo em frases como:

O homem mais virtuoso do lugar.

Estaria errado: *O* homem *o* mais virtuoso do lugar.

NOTA – É preciso distinguirmos cuidadosamente este feio erro de uma expressão tradicional e corretíssima que consiste em acrescentar, depois do substantivo determinado por adjetivo, o conjunto *o mais*, que introduzirá uma explicação, um adendo, uma restrição. Às vezes, exprimem-se tais ideias com ênfase, caso em que costumam aparecer, antes de *o mais*, elementos de valor concessivo como *ainda*, *mesmo*, *até*, *posto que*.

A má pontuação (deveria haver vírgula antes do conjunto iniciado por *o mais*) aproxima os dois tipos de expressão e uma análise menos cuidadosa tem feito que se evitem construções corretíssimas.

MARTINZ DE AGUIAR [MAg.1, 309-324] estudou com muita perspicácia os dois modos e assim concluiu a sua lição:

"Para que haja pureza de linguagem, é necessário, é imprescindível, que o substantivo, sem o acréscimo de *o mais*, combine com os outros termos da proposição num sentido cabal, de tal maneira, que possa repetir-se. Sem isso, estamos, iniludivelmente, à vista de um estrangeirismo de sintaxe ou de uma construção anti-idiomática, quer se trate de *o – o*, quer de *um – o*. Não é, pois, correta, esta construção de Gonçalves de Magalhães:

Seu rosto de leite e rosas,
De um contorno o mais perfeito.

Rosto de um contorno perfeito é tudo, *rosto de um contorno* não é nada" [MAg.1, 324].

Assim, estão corretas as seguintes passagens, notando-se, apenas, a ausência de vírgula antes de *o mais* (exemplos extraídos da série apresentada por AGUIAR):

"A inveja te assaltou, e a quem perdoa
Este monstro o maior do escuro Inferno?" [Pe. AGOSTINHO DE MACEDO].

"O método, que *as ciências as mais exatas* seguem nas suas operações" [JERÔNIMO BARBOSA].

"O *a*, este som o mais claro de todos" [CASTILHO ANTÔNIO].

Note-se que nos exemplos apontados poderíamos colocar vírgula, o que não acontece com os que se seguem:

"Tens mil águas cristalinas,
As frutas as mais divinas,
Uma esposa de invejar,
Que mais podes desejar?" [PA]
"Desde a quadra *a mais antiga*
De que rezam os pergaminhos" [FV]

Os poetas quiseram apenas dizer *as frutas mais divinas*, *a quadra mais antiga*.

O tipo "zero determinação" antes do substantivo seguido de *o mais* é menos enfático (*homem o mais alto*), e se valoriza através de uma inversão (*o mais alto homem*)". [Cf. MAg.1, 319-320].

o) Junto às designações de partes do corpo e nomes de parentesco, os artigos denotam a posse:

Traz *a cabeça* embranquiçada pelas preocupações.
Tem *o rosto* sereno, mas as mãos trêmulas
D. Laura (falando à irmã):
"Pois não! quem me podia aconselhar prudência
a não ser a senhora, a filha singular,
que ousa dispor de si dentro do pátrio lar,
sem ouvir *pai* nem *mãe*. Cuida que a sua escolha
basta, sem que primeiro *a* mãe e *o* pai a acolha?" [AC.3, 17].

p) A palavra *todo*, no singular, pode vir ou não seguida de artigo, com os significados de *inteiro*, *total* e *cada*, *qualquer*.

A presença ou ausência do artigo depende de que o substantivo exija ou repudie a antecipação de *o*, *a*, *os*, *as*.

Na língua moderna, *todo o* corre mais no sentido de totalidade, inteireza, ênfase (aqui principalmente com os termos que denotam sentimento: *de todo o coração*, *com todo o gosto*, *com todo o amor*, *com todo o carinho*, etc.):

Toda a família estava no recinto (= a família toda, inteira).

Entretanto, como traço do seu valor semântico indiferenciado ('qualquer' ou 'inteiro'), ainda pode aparecer nos autores modernos *todo o* ao lado de *todo* sem artigo, para expressar a ideia de 'qualquer':

O coração de *todo o* ser humano
Foi concebido para ter piedade [CS.2].

Não costuma dispensar artigo, entre bons escritores, o adjetivo substantivado modificado por *todo*, ainda sendo este último empregado com o sentido de *qualquer*:

Todo o próximo tem direito natural.

Às vezes, aparecem na escrita incertezas no emprego de *todo o* / *todo*, *toda a* / *toda*, em virtude do fenômeno de fonética sintática que funde o -*o*, -*a* finais com *o*, *a* artigo.

Com as designações geográficas, o emprego de *todo o* e *todo* depende de o nome exigir ou não a presença do artigo:

Todo o Brasil. Todo Portugal.

Usam-se, modernamente, com o artigo numerosas expressões em que entra a palavra *todo*:

todo o gênero, todo o mundo, a toda a parte, em toda a parte, por toda a parte, a toda a brida, a todo o galope, a toda a pressa, em todo o caso, a toda a hora, a todo o instante, a todo o momento, a todo o transe, a todo o custo, etc.

No plural, *todos* não dispensa artigo (salvo se vier acompanhado de palavra que exclua este determinante):

Todas as famílias têm bons e maus componentes.

Todas as famílias estavam no recinto.

Todas estas pessoas são nossas conhecidas.

Se exprimimos a totalidade numérica por numeral precedido do elemento reforçativo *todos*, aparecerá artigo se o substantivo vier expresso:

Todos os dois romances são dignos de leitura.

Todas as seis respostas estavam certas.

Se omitirmos o substantivo, não haverá lugar para o artigo:

Fizeram-me seis perguntas. Respondi, acertadamente, *a todas seis*.

q) Aparece o artigo nas enumerações onde há *contraste* ou *ênfase*:

Ficou entre *a vida* e *a morte*.

"As virtudes civis e, sobretudo, o amor da pátria tinham nascido para os godos que, fixando o seu domicílio nas Espanhas, possuíram de pais a filhos *o* campo agricultado, *o* lar doméstico, *o* templo da oração e *o* cemité rio do repouso e da saudade" [AH.1, 5].

"Notaram todos que *a tarde* e *a noite* daquele dia foram as mais tristes horas de Casimiro na sua prisão de dois meses" [CBr.6, 191].

r) Dispensa-se o artigo nos vocativos, na maioria das exclamações e nas datas que apomos aos escritos:

"*Velhice – Amigo*, diz-me um amigo,

Sabe que a boa idade é a última idade" [AO].

Rio, *10 de maio* de 1956.

s) Costuma-se dispensar o artigo depois de *cheirar a*, *saber a* (= ter o gosto de) e expressões sinônimas:

Isto *cheira a* jasmim. Isto *sabe a* vinho.

t) Em frases feitas, aparece o artigo definido na sua antiga forma *lo*, *la*.

"Tenho ouvido os quinhentistas a la moda, e os galiparlas" [CBr.1, 61].

Assim encontramos: *a la fé*, *a la par*, *a la mar*, etc.

Aparece ainda a forma antiga na expressão *el-rei*, que se deve usar sem a anteposição de o, apesar de alguns raros exemplos em contrário, em páginas de autores mais afastados de nós.

Vestígio provável da época em que tinha o artigo a força dêitica de pronome demonstrativo é o seu emprego junto a *que* em construções cristalizadas como *pelo que*, *no que diz respeito*, etc.

Emprego do artigo indefinido – O artigo indefinido pode assumir matizes variadíssimos de sentido: registraremos as seguintes considerações:

a) Usa-se o indefinido para aclarar melhor as características de um substantivo enunciado

anteriormente com artigo definido:

Estampava no rosto o sorriso, *um* sorriso de criança.

b) Procedente de sua função classificadora, *um* pode adquirir significação enfática, chegando até a vir acompanhado de oração com *que* de valor consecutivo, como se no contexto houvesse *um tal*:

O instrumento é de *uma* precisão admirável.

Ele é *um* herói! (compare com: Ele é herói!)

Falou de *uma* maneira, que pôs medo nos corações.

c) Antes de numeral denota aproximação:

Esperou *uma* meia hora (aproximadamente).

Terá *uns* vinte anos de idade.

d) Antes de pronome de sentido indefinido (*certo*, *tal*, *outro*, etc.), dispensa-se o artigo indefinido, salvo quando o exigir a ênfase:

Depois de *certa* hora não o encontramos em casa (e não *uma certa hora*).

Devia, pois, ser melancólico além do exprimível o que aí se passou nessa grade; triste, e desgraçado direi, a julgá-lo pelas consequências, que se vão descrever, com *um certo* pesar em que esperamos tomem os leitores o seu quinhão de pena, se não todos, ao menos aqueles que não dão nada pela felicidade da terra, quando ela implica ofensa ao Senhor do céu" [CBr.4, 223].

Esta dispensa pode ocorrer também antes do advérbio *tão* e certas locuções adverbiais (*com voz surda*), antes do substantivo que funciona como predicativo do verbo *ser* (*Você é homem* de bem).

Modernamente, cremos que mais por valorização estilística do indefinido que por simples e servil imitação do francês36, *um* aparece em casos que se não podem explicar por ênfase. Nestas circunstâncias, tais casos são censurados pela gramática tradicional.

e) *Um* ocorre como correlativo de *outro* em sentido distributivo:

Um irmão ia ao teatro e o *outro*, ao cinema.

OBSERVAÇÃO: Calando-se o substantivo também junto de *um*, ainda dispensamos a anteposição do artigo definido, ao contrário do que fazia o português antigo e do que fazem, por exemplo, o francês e o espanhol:

Um ia ao teatro e *o outro* ao cinema (*o um ... o outro*, no português antigo, *l'un ... l'autre*, *el uno ... el otro*).

f) Note-se a expressão *um como*, empregada no sentido de "uma coisa como", "um ser como", "uma espécie de", onde *um* concorda com o substantivo seguinte:

Fez *um como* discurso. Proferiu *uma como* prática.

A respeito de *uma* pronunciado *ũa*, veja-se o capítulo de ortoepia.

O artigo partitivo – A língua portuguesa de outros tempos empregava *do*, *dos*, *da*, *das*, junto a nomes concretos para indicar que os mesmos nomes eram apenas considerados nas suas partes ou numa quantidade ou valor indeterminado, indefinido:

Não digas *desta* água não beberei.

É o que a gramática denomina *artigo partitivo*. Modernamente, o partitivo não ocorre com a frequência de outrora e, pode-se dizer, quase se acha banido do uso geral, salvo pouquíssimas expressões em que ele se manteve, mormente nas ideias de *comer* e *beber*.

4 – PRONOME

Pronome – é a classe de palavras categoremáticas que reúne unidades em número limitado e que se refere a um significado léxico pela situação ou por outras palavras do contexto.

De modo geral, esta referência é feita a um objeto substantivo considerando-o apenas como pessoa localizada do discurso.

Pessoas do discurso – São duas as pessoas determinadas do discurso: 1.ª *eu* (a pessoa correspondente ao falante) e 2.ª *tu* (correspondente ao ouvinte).37 A 3.ª pessoa, indeterminada, aponta para outra pessoa em relação aos participantes da relação comunicativa.

Do ponto de vista semântico, os pronomes estão caracterizados porque indicam *dêixis* ("o apontar para"), isto é, estão habilitados, como verdadeiros gestos verbais, como indicadores, determinados ou indeterminados, ou de uma dêixis contextual a um elemento inserido no contexto, como é o caso, por exemplo, dos pronomes relativos, ou de uma dêixis *ad oculos*, que aponta ou indica um elemento presente ao falante. A dêixis será *anafórica* se aponta para um elemento já enunciado ou concebido, ou *catafórica*, se o elemento ainda não foi enunciado ou não está presente no discurso.38

A dêixis também envolve, como vimos, o lugar da 3.ª pessoa no discurso, só que de maneira negativa, em relação a *eu* e *tu*, que tem localização definida. Por isso é que línguas há, como o português, que podem fazer, quando isto se impõe, a distinção entre *localização indeterminada* e *localização determinada* ou *imediatamente determinável* ("objeto que se encontra à vista dos falantes": *aquele* / *aquele ali*, *aquela lá*). Acrescenta Coseriu, de quem tomamos a lição, que é por este caráter relativamente indeterminado da 3.ª pessoa que a situação possessiva que lhe corresponde às vezes pode necessitar de ulteriores esclarecimentos: *seu* / *seu mesmo*, *seu próprio*, *seu dele* [ECs.1, 301 n.37].

A localização positiva de *ele* ou *aquele* pode ainda dar-se pelos entornos extralinguísticos ou pelo gesto, que indica a *direção* em que o objeto pode achar-se.39

Os pronomes podem apresentar-se como *absolutos* – capazes de funcionar como núcleo de sintagma nominal, à maneira dos substantivos – ou como *adjuntos* do núcleo, à maneira dos adjetivos, dos artigos e dos numerais, como veremos abaixo.

Classificação dos pronomes – Os pronomes podem ser: *pessoais*, *possessivos*, *demonstrativos* (abarcando o artigo definido), *indefinidos* (abarcando o artigo indefinido), interrogativos e relativos.

PRONOME SUBSTANTIVO E PRONOME ADJETIVO – O pronome pode aparecer em referência a substantivo claro ou oculto:

> *Meu* livro é melhor que o *teu*.

Meu e *teu* são pronomes porque dão ideia de posse em relação à pessoa do discurso: *meu* (1.ª pessoa, a que fala), *teu* (2.ª pessoa, a com que se fala). Ambos os pronomes estão em

referência ao substantivo *livro* que vem expresso no início, mas se cala no fim por estar perfeitamente claro ao falante e ouvinte. Esta referência a substantivo caracteriza a função *adjetiva* ou de *adjunto* de certos pronomes. Muitas vezes, sem que tenha vindo expresso anteriormente, dispensa-se o substantivo, como em: Quero o *meu* e não o *seu* livro (onde ambos os pronomes possessivos são adjetivos).

Já em: *Isto é melhor que aquilo*, os pronomes *isto* e *aquilo* não se referem a nenhum substantivo determinado, mas fazem as vezes dele. São, por isso, pronomes *absolutos* ou *substantivos*.

Há pronomes que são apenas absolutos ou adjuntos, enquanto outros podem aparecer nas duas funções.

Pronomes pessoais – Os pronomes pessoais designam as duas pessoas do discurso e a não pessoa (não *eu*, não *tu*), considerada, pela tradição, a 3.ª pessoa:

1.ª pessoa: *eu* (singular), *nós* (plural),

2.ª pessoa: *tu* (singular), *vós* (plural) e

3.ª pessoa: *ele*, *ela* (singular), *eles*, *elas* (plural).

O plural *nós* indica *eu* mais outra ou outras pessoas, e não *eu* + *eu*. 40

As formas *eu*, *tu*, *ele*, *ela*, *nós*, *vós*, *eles*, *elas*, que funcionam como sujeito, se dizem *retas*. A cada um destes pronomes pessoais retos corresponde um pronome pessoal oblíquo que funciona como complemento e pode apresentar-se em forma átona ou forma tônica. Ao contrário das formas átonas, *as tônicas vêm sempre presas a preposição*:

PRONOMES PESSOAIS RETOS		PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS	
		átonos (sem prep.)	tônicos (c/prep.)
Singular:	1.ª pessoa: *eu*	*me*	*mim*
	2.ª pessoa: *tu*	*te*	*ti*
	3.ª pessoa: *ele*, *ela*	*lhe*, *o*, *a*, *se*	*ele*, *ela*, *si*
Plural:	1.ª pessoa: *nós*	*nos*	*nós*
	2.ª pessoa: *vós*	*vos*	*vós*
	3.ª pessoa: *eles*, *elas*	*lhes*, *os*, *as*, *se*	*eles*, *elas*, *si*

Exemplos de pronomes oblíquos átonos:

"Queixamo-*nos* da fortuna (destino) para desculpar a nossa preguiça" [MM].

"A melhor companhia acha-*se* em uma escolhida livraria" [MM].

Exemplos de pronomes oblíquos tônicos:

"Os nossos maiores inimigos existem dentro *de nós* mesmos: são os nossos erros, vícios e paixões" [MM].

"As virtudes se harmonizam, os vícios discordam *entre si*" [MM].

Se a preposição é *com*, dizemos *comigo*, *contigo*, *consigo*, *conosco*, *convosco*, e não: *com*

mi, *com ti*, *com si*, *com nós*, *com vós*. Empregam-se, entretanto, *com nós* e *com vós*, ao lado de *conosco* e *convosco*, quando estes pronomes tônicos vêm seguidos ou precedidos de *mesmos*, *próprios*, *todos*, *outros*, *ambos*, numeral ou oração adjetiva, a fim de evidenciar o antecedente:

"Há um céu para *nós outros* na imortalidade das nossas obras terrenas" [JR.2, 185].

Com vós todos ou *com todos vós*.

Com vós ambos ou *com ambos vós*.

Pronome oblíquo reflexivo – É o pronome oblíquo da mesma pessoa do pronome reto, significando *a mim mesmo*, *a ti mesmo*, etc.:

Eu *me* vesti rapidamente.

Nós *nos* vestimos.

Eles *se* vestiram.

Pronome oblíquo recíproco – É representado pelos pronomes *nos*, *vos*, *se* quando traduzem a ideia de *um ao outro*, *reciprocamente*:

Nós *nos* cumprimentamos (um ao outro).

Eles *se* abraçaram (um ao outro).

Formas de tratamento – Existem ainda formas substantivas de tratamento indireto de 2.ª pessoa que levam o verbo para a 3.ª pessoa. São as chamadas *formas substantivas de tratamento* ou *formas pronominais de tratamento*: 41

você, vocês (no tratamento familiar)

o Senhor, a Senhora (no tratamento cerimonioso)

A estes pronomes de tratamento pertencem as formas de reverência que consistem em nos dirigirmos às pessoas pelos seus atributos ou qualidades que ocupam:

Vossa Alteza (V. A., para príncipes, duques)

Vossa Eminência (V. Em.ª, para cardeais)

Vossa Excelência (V. Ex.ª, para altas patentes militares, ministros, Presidente da República, pessoas de alta categoria, bispos e arcebispos)

Vossa Magnificência (para reitores de universidade)

Vossa Majestade (V. M., para reis, imperadores)

Vossa Mercê (V. M.cê, para as pessoas de tratamento cerimonioso)

Vossa Onipotência (para Deus – não se usa abreviadamente)

Vossa Reverendíssima (V. Rev.ma, para os sacerdotes)

Vossa Senhoria (V. S.ª, para oficiais até coronel, funcionários graduados, pessoas de cerimônia)

Observações:

1.ª) Emprega-se *Vossa Alteza* (e demais) quando 2.ª pessoa, isto é, em relação a quem falamos; emprega-se *Sua Alteza* (e demais) quando 3.ª pessoa, isto é, em relação à de quem falamos.

2.ª) Usa-se de *Dom*, abreviadamente *D.*, junto ao nome próprio: D. Afonso, D. Henrique, D. Eugênio; às vezes aparece em autores junto a nome de família, mas esta prática deve ser evitada por contrariar a tradição da língua. Usa-se ainda *D.* junto a outro título: D. Prior, D. Abade, etc.

3.ª) *Você*, hoje usado familiarmente, é a redução da forma de reverência *Vossa Mercê*. Caindo o pronome *vós* em desuso, só usado nas orações e estilo solene, emprega-se *vocês* como o plural de *tu*.

4.ª) O substantivo *gente*, precedido do artigo *a* e em referência a um grupo de pessoas em que se inclui a que fala, ou a esta sozinha, passa a pronome e se emprega fora da linguagem cerimoniosa. Em ambos os casos o verbo fica na 3.ª pessoa do singular:

"É verdade que *a gente*, às vezes, *tem* cá as suas birras" [AH.4, II, 158].

5.ª) Ainda continuam vivos em Portugal *vós*, *vosso*.

Pronomes possessivos – São os que indicam a posse em referência às três pessoas do discurso:

SINGULAR:	1.ª pessoa:	*meu*	*minha*	*meus*	*minhas*
	2.ª pessoa:	*teu*	*tua*	*teus*	*tuas*
	3.ª pessoa:	*seu*	*sua*	*seus*	*suas*
PLURAL:	1.ª pessoa:	*nosso*	*nossa*	*nossos*	*nossas*
	2.ª pessoa:	*vosso*	*vossa*	*vossos*	*vossas*
	3.ª pessoa:	*seu*	*sua*	*seus*	*suas*

Pronomes demonstrativos – São os que indicam a posição dos seres em relação às três pessoas do discurso.

Esta localização pode ser no *tempo*, no *espaço* ou no *discurso*:

1.ª pessoa: este, esta, isto 42
2.ª pessoa: esse, essa, isso
3.ª pessoa: aquele, aquela, aquilo

Este livro é o livro que está perto da pessoa que fala; *esse livro* é o que está longe da pessoa que fala ou perto da pessoa com quem se fala; *aquele livro* é o que se acha distante da 1.ª e da 2.ª pessoa.

Nem sempre se usam com este rigor gramatical os pronomes demonstrativos; muitas vezes interferem situações especiais que escapam à disciplina da gramática.

São ainda pronomes demonstrativos *o*, *mesmo*, *próprio*, *semelhante* e *tal*.

Considera-se *o* pronome demonstrativo, de emprego absoluto, invariável no masculino e singular quando funciona com o valor "grosso modo" de *isto*, *isso*, *aquilo* ou *tal*:

Não *o* consentirei jamais.

"Arquiteto do mosteiro de S. Maria, já *o* não sou" [AH *apud* FB.1, 195].

"Se os olhos corporais estavam mortos, não *o* estavam os do espírito" [AH.4, I, 226].

"(...) residia uma viúva, que *o* era de um fidalgo da casa de Azevedo" [CBr *apud* MBa.3, 343].

Pode aludir a extensos enunciados:

Prometeu-me que sairia comigo nas próximas férias, mas não *o* fez.

O pronome *o*, perdido o seu valor essencialmente demonstrativo e posto antes de substantivo claro ou subentendido, expressão substantivada inclusive oração –, como adjunto, recebe o nome de artigo definido. Assim é que, no exemplo seguinte, consideramos o primeiro *os* e o segundo *o* artigo definido:

"*Os* homens de extraordinários talentos são ordinariamente *os* de menor juízo" [MM].

Mesmo, *próprio*, *semelhante* e *tal* têm valor demonstrativo quando denotam identidades ou se referem a seres e ideias já expressas anteriormente, e valem por *esse*, *essa*, *aquele*, *isso*,

aquilo:

"Depois, como Pádua falasse ao sacristão baixinho, aproximou-se deles; eu fiz a *mesma* coisa" [MA.4, 87].

"Não paguei uns nem outros, mas saindo de almas cândidas e verdadeiras *tais* promessas são como a moeda fiduciária..." [MA.4, 202].

É proibido dizeres *semelhantes* coisas.

Alguns estudiosos, por mera escolha pessoal, têm-se insurgido contra o emprego anafórico do demonstrativo *mesmo*, substantivado pelo artigo, precedido ou não de preposição, para referir-se a palavra ou declaração expressa anteriormente. Não apresentam, entretanto, as razões da crítica:

"Os diretores presos tiveram *habeas corpus*. Apareceu um relatório contra *os mesmos*, e contra outros..." [MA *apud* MMc.1, 274].

"Costuma-se escrever dentro dos livros, na folha de guarda, palavras alusivas *aos mesmos*" [E. Frieiro *apud* MMc.1].

Para estes críticos, *o mesmo*, etc., deve ser substituído por *ele*, etc. Talvez por isso E. Frieiro, na 2.ª edição, alterou seu texto para: "Costuma-se escrever dentro dos livros, na folha de guarda, palavras *a eles* alusivas".

Mesmo e *próprio* aparecem ainda reforçando pronomes pessoais:

Ela *mesma* quis ver o problema.

Nós *próprios* o dissemos.

"Tal faço eu, à medida que me vai lembrando e convindo à construção ou reconstrução de mim *mesmo*" [MA.4, 203].

Pronomes indefinidos – São os que se aplicam à 3.ª pessoa quando têm sentido vago ou exprimem quantidade indeterminada.

Funcionam como pronomes indefinidos substantivos, todos invariáveis: *alguém*, *ninguém*, *tudo*, *nada*, *algo*, *outrem*.

"*Ninguém* mais a voz sentida
Do Trovador escutou!" [GD].

São pronomes indefinidos adjetivos, todos variáveis com exceção de *cada*: *nenhum*, *outro* (também isolado), *um* (também isolado), *certo*, *qualquer* (só variável em número: *quaisquer*), *algum*, *cada*:

"As tiras saem-lhe das mãos, animadas e polidas. *Algumas* trazem poucas emendas ou *nenhumas*" [MA.2, 274].

"A vida a *uns*, a morte confere celebridades a *outros*" [MM].

Aplicam-se a quantidades indeterminadas os indefinidos, todos variáveis, com exceção de *mais* e *menos*: *muito*, *mais*, *menos*, *pouco*, *todo*, *algum*, *tanto*, *quanto*, *vário*, *diverso*:

Mais amores e *menos* confiança. (nunca *menas*!)

Com *pouco* dinheiro compraram *diversos* presentes.

Isto é o *menos* que se pode exigir.

Muito lhe devo.

Erraste por *pouco*.

Quantos não erraram neste caso!

OBSERVAÇÕES:

1.ª) O pronome indefinido *um* pode ser usado como substantivo, principalmente nas locuções do tipo *cada um*, *qualquer um*. Como adjunto, recebe o nome de *artigo indefinido*.

2.ª) Também os pronomes indefinidos *mais* e *menos* podem substantivar-se em expressões do tipo *o mais dos homens*, *o mais das vezes*, *o mais deles*, *o menos*. Por atração, *o mais* pode aparecer num giro derivado da construção original e concordar com o gênero e número do substantivo ou pronome pessoal que entra na expressão: *o mais dos homens* ou *os mais dos homens*; *o mais das vezes* ou *as mais das vezes*; *o mais deles* ou *os mais deles*, etc.

As duplas *quem... quem*, *qual... qual*, *este... este*, *um... outro* com sentido distributivo também são pronomes indefinidos:

"*Qual* se abisma nas lôbregas tristezas,
Qual em suaves júbilos discorre,
Com esperanças mil nas ideias acesas" [BBo].

Isto é: *um* se abisma... *outro* discorre.

OBSERVAÇÃO: Sobre o uso de *um e outro*, *um do outro* em referência a pessoas de sexos diferentes.

Muitas vezes a posição da palavra altera seu sentido e sua classificação:

Certas pessoas (pron. indef.) não chegam na hora *certa* (adjetivo), mas em *certas* horas (pron. indef.).
Algum livro (= certo livro). Livro *algum* (= nenhum livro).

Em outras épocas, *algum* podia ter sentido afirmativo ou negativo independente de sua posição:

"Desta gente refresco *algum* tomamos" [LC.1, V, 69].
Refresco algum = algum refresco
"Vós a quem não somente *algum* perigo
Estorva conquistar o povo imundo" [LC.1, VII, 2].
Algum perigo = nenhum perigo

LOCUÇÃO PRONOMINAL INDEFINIDA – É o grupo de palavras que vale por um pronome indefinido. Eis as principais locuções: *cada um*, *cada qual*, *alguma coisa*, *qualquer um*, *quem quer*, *quem quer que*, *o que quer que*, *seja quem for*, *seja qual for*, *quanto quer que*, *o mais* (hoje menos frequente que *a maior parte*, *a maioria*):

"As verdades não parecem as mesmas a todos, *cada um* as vê em ponto diverso de perspectiva" [MM].

Pronomes interrogativos – São os pronomes indefinidos *quem*, *que*, *qual* e *quanto* que se empregam nas perguntas, diretas ou indiretas:

Quem veio aqui?
Que cabeça, senhora?
Que compraste?
Qual autor desconhece?
Qual consideras melhor?
Quantos vieram?
Quantos anos tens?

Em lugar de *que* pode-se usar a forma enfática *o que*:

"Agora por isso, *o que* será feito de frei Timóteo?! Era naquele tempo um frade guapo e alentado! *O que* será feito dele?" [AH.4, II, 135].

Quem refere-se a pessoas, e é pronome substantivo. *Que* refere-se a pessoas ou coisas, e é pronome substantivo (com o valor de *que coisa?*) ou pronome adjetivo (com o valor de *que espécie?*).43 *Qual* e também *que*, indicadores de seleção, normalmente são pronomes adjetivos:

Em *qual* livraria compraremos o presente?
Em *que* livraria compraremos o presente?

Ressalta-se ainda a seleção antepondo ao substantivo no plural a expressão *qual dos*, *qual das*:

Em *qual dos* livros encontraste o exemplo?

OBSERVAÇÃO: Estes interrogativos saem normalmente dos pronomes indefinidos e por isso costumam ser chamados

indefinidos interrogativos. Aparecem ainda nas exclamações, e neste caso o *que* adquire sentido francamente intensivo:

Que susto levei! (Compare-se com: *que* cabeça, senhora!).

Diz-se *interrogação direta* a pergunta que termina por ponto de interrogação e se caracteriza pela entoação ascendente:

Quem veio aqui?

Interrogação indireta é a pergunta que: *a*) se faz indiretamente e para a qual não se pede resposta imediata; *b*) é proferida com entoação normal descendente; *c*) não termina por ponto de interrogação; *d*) vem depois de verbo que exprime interrogação ou incerteza (*perguntar*, *indagar*, *não saber*, *ignorar*, etc.):

Quero saber quem veio aqui.

Eis outros exemplos de interrogação indireta começados pelos pronomes interrogativos já citados:

Ignoro *que* cabeça, senhora.
Indagaram-me *que* compraste.
Perguntei-te por *que* vieste aqui.
Não sei *qual* autor desconhece.
Desconheço *qual* consideras melhor.
Indagaram *quantos* vieram.

Pronomes relativos – São os que normalmente se referem a um termo anterior chamado antecedente:

Eu sou o freguês *que* por último compra o jornal.
O *que* se refere à palavra *freguês*.

O pronome relativo *que* desempenha dois papéis gramaticais: além de sua referência ao antecedente como pronome, funciona também como transpositor de oração originariamente independente a adjetivo e aí exercer função de adjunto adnominal deste mesmo antecedente. No exemplo, a oração *O freguês compra por último o jornal* é degrada a função de adjunto adnominal na oração complexa: Eu sou o *freguês* [*que* por último compra o jornal].

O transpositor pronome relativo *que* difere do transpositor conjunção integrante porque este não exerce função sintática na oração em que está inserido, enquanto o relativo exerce sempre função sintática.

Os pronomes relativos são: *qual*, *o qual* (*a qual*, *os quais*, *as quais*) , *cujo* (*cuja*, *cujos*, *cujas*), *que*, *quanto* (*quanta*, *quantos*, *quantas*), *onde*.

Quem se refere a pessoas ou coisas personificadas e sempre aparece precedido de preposição. *Que* e *o qual* se referem a pessoas ou coisas. *Que* e *quem* funcionam como pronomes substantivos. *O qual* aparece como substantivo ou adjetivo:

As pessoas de *quem* falas não vieram.
O ônibus *que* esperamos está atrasado.
Não são poucas as alunas *que* faltaram.
Este é o assunto sobre *o qual* falará o professor.
Não vi o menino, *o qual* menino os colegas procuram.
A casa *onde* moro é espaçosa.

Cujo, sempre com função adjetiva, reclama, em geral, antecedente e consequente expressos

e exprime que o antecedente é possuidor do ser indicado pelo substantivo a que se refere:

Ali vai o *homem* ***cuja*** *casa* comprei

anteced. conseq.

(a casa do homem)

OBSERVAÇÃO: Em autores modernos de gosto arcaizante, de vez em quando ocorre *cujo* sem consequente, como em: "(...) a obra *cujo* comentador eu sou", em lugar de: "de que sou comentador" ou "cujo comentador sou".

Quanto tem por antecedente um pronome indefinido (*tudo*, *todo*, *todos*, *todas*, *tanto*):

Esqueça-se de tudo *quanto* lhe disse.

PRONOMES RELATIVOS SEM ANTECEDENTE – Os pronomes relativos *quem* e *onde* podem aparecer com emprego absoluto, sem referência a antecedentes:

Quem tudo quer tudo perde.

Dize-me com *quem* andas e eu te direi *quem* és.

Moro *onde* mais me agrada.

Quem, assim empregado, é considerado como do gênero masculino e do número singular:

Quem com ferro fere com ferro será ferido.

OBSERVAÇÃO: Os relativos sem antecedentes também se dizem *relativos indefinidos*. Muitos autores preferem, neste caso, subentender um antecedente adaptável ao contexto. Interpretando *quem* como *a pessoa que*, *onde* como *o lugar em que* assim substituem:

Quem tudo quer tudo perde = *a pessoa que* tudo quer tudo perde

Este duplo modo de encarar o problema tem repercussões diferentes na classificação das orações subordinadas, conforme veremos em **Orações subordinadas resultantes de substantivação: as interrogativas e exclamativas**.

EMPREGO DOS PRONOMES

Pronome pessoal

Pronome e termos oracionais – A rigor, o pronome pessoal reto funciona como sujeito e predicativo, enquanto o oblíquo como complemento:

Eu *saio.* ***Eu*** *não sou* ***ele****.* *Eu* ***o*** *vi.* *Não* ***lhe*** *respondemos.*

Entre os oblíquos, a forma átona vem desprovida de preposição, enquanto a tônica exige, no português moderno, esta partícula:

Eu ***o*** *vi.* *Referiu-se* ***a ti****.*

Casos há, entretanto, em que esta norma pode ser contrariada. Assim é que pode ocorrer a forma reta pela oblíqua:

a) quando o verbo e o seu complemento nominal estiverem distanciados, separados por pausa:

Subiu! E viu com seus olhos.

Ela a rir-se que dançava [GD].

b) nas enumerações e aposições, também com distanciamento do verbo e complemento:

Depois de muita delonga o diretor escolheu: *eu*, o Henrique e o Paulinho.

c) precedido de *todo*, *só* e mais alguns adjuntos, pode aparecer *ele* (e flexões) por *o* (e flexões); cf. adiante.

d) quando dotado de acentuação enfática, no fim de grupo de força:

Olha *ele*! [EQ].

e) em coordenações de pronomes ou com um substantivo introduzidos pela preposição *entre*:

entre *eu* e *tu* (por entre *mim* e *ti*); entre *eu* e o aluno, entre José e *eu*.

Já há concessões de alguns gramáticos quando o pronome *eu* ou *tu* vem em segundo lugar:

Entre *ele* e *eu*. Entre o José e *eu*.

A língua exemplar insiste na lição do rigor gramatical, recomendando, nestes casos, o uso dos pronomes oblíquos tônicos:

Entre *mim* e *ti*. Entre *ele* e *mim*.

Um exemplo como *Entre José e mim* dificilmente sairia hoje da pena de um escritor moderno.

Este desvio da norma encontra paralelo em outras línguas românicas, como o espanhol e o italiano [MLk.1, III, 76 e 80].

Também depois de expressões comparativas e exceptivas, a língua denuncia certa vacilação no emprego do pronome pessoal, havendo aqui forte divórcio entre a língua literária e a coloquial, escrita ou falada:

Não tenho outro amigo senão *tu*. Não sou como *tu*.
Não tenho outro amigo senão *a ti*. Não sou como *a ti*.

Emprego de pronome tônico pelo átono – Os pronomes tônicos preposicionados *a ele*, *a ela*, *a mim*, *a ti*, *a nós*, *a vós* podem aparecer, na língua exemplar, nos seguintes casos, em vez das formas átonas (*lhe*, *me*, *te*, *nos*, *vos*):

a) quanto anteposto ao verbo:

A ele cumpria encher as guias.

b) quando composto:

Remeti livros *a ele* e ao tio.

c) quando reforçado:

O dinheiro foi entregue *a ele mesmo*.
Darei as joias *só a ela*.

d) quando pleonástico:

Devolvi-*lhe a ele* as máquinas.

e) quando complemento relativo:

Atirou-se *a ele*. Gosto *dela*.

f) quando objeto direto preposicionado:

Nem ele entende *a nós* nem nós *a ele* [JO.3, 345].

Em geral, o português omite o pronome sujeito quando constituído por *eu*, *tu*, *nós* e *vós*:

"Não me lembra o que lhe disse" [MA.1, 65].

O aparecimento do pronome sujeito de regra se dá quando há ênfase ou oposição de pessoas gramaticais:

"*Eu* é que furo o pano, vou adiante, puxando por você, que vem atrás, obedecendo ao que *eu* faço e mando..." [MA.2, 230].
"Há entre nós um abismo: *tu* o abriste; *eu* precipitei-me nele" [AH.1, 295].

Estando perfeitamente conhecido pela situação linguística, pode-se calar o pronome complemento do verbo; esta linguagem é correta, apesar da censura que lhe faziam os gramáticos de outrora. Muitas vezes deve-se o fenômeno ao que o estilista alemão Leo Spitzer chamou "linguagem-eco", constituída de repetição de uma parte da oração, destinada a

reforçar a própria declaração, como no seguinte trecho de A. Herculano:

"Disse já que tinha de fazer uma explicação ao leitor. *Tenho*; e é indispensável" [AH.4, II, 261].

Em casos de ênfase costuma-se repetir:

a) o pronome átono pela sua respectiva forma tônica, precedida de preposição:

"Mas qual será a tua sorte quando na hora fatal os algozes, buscando a sua vítima, só *te* encontrarem *a ti*?" [AH.3, 277].

b) o complemento expresso por um nome pelo pronome átono conveniente ou vice-versa:

Ao *avarento* nada *lhe* peço.

"Ainda hoje estão em pé, mas ninguém *as* habita, *essas* choupanas execrandas..." [CBr.8, 43].

Usa-se o pronome *o* (*os*) em referência a nomes de gêneros diferentes, por neutralização:

"*A generosidade*, *o esforço* e *o amor*, ensinaste-*os* tu em toda a sua sublimidade" [AH.1, 35].

***Ele* como objeto direto** – O pronome *ele*, no português moderno, só aparece como objeto direto quando precedido de *todo* ou *só* (adjetivo) ou se dotado de acentuação enfática, em prosa ou verso:

"No latim eram quatro os pronomes demonstrativos. *Todos eles* conserva o português" [PL.1, 398].

"Subiu! – e viu com seus olhos/ *Ela* a rir-se que dançava..."
[GD *apud* SS].

"Olha *ele*!" [EQ *apud* SS].

Ordem dos pronomes pessoais – Na sequência dos pronomes pessoais sujeitos, o português normalmente apresenta ordem facultativa deles: *eu e tu*, *tu e eu*; *eu e ele*, *ele e eu*; *eu e o senhor*, *o senhor e eu*, etc.:

– Porque nós vamos lá jantar na segunda-feira.

– Nós... Nós, quem?

– Nós. *Eu e tu*, *tu e eu*. A condessa convidou-me no comboio [EQ.3, 382].

É evidente que nas circunstâncias em que há necessidade de superpor à expressão linguística traços de polidez, urbanidade ou, no polo oposto do convívio social, modéstia, pode o falante ou escritor inverter a ordem, dando a primazia da primeira referência ao seu interlocutor, quer manifestado por pronome, quer por substantivo. Esta é, por exemplo, a prática da cortesia entre franceses e espanhóis.

É o que se percebe, por exemplo, na seguinte preferência de Camilo, no início do romance *O Senhor do Paço de Ninães*:

Estamos no Minho, *o leitor e eu*.

O passo da cortesia linguística não para na ordem dos pronomes; invade o domínio da concordância, como a realizou Rui Barbosa neste conhecido trecho de uma carta:

"(...) e S. Exc.ª respondera, declarando aceitaria, sob a condição de anuírem *o Barão do Rio Branco e eu*".

A concordância gramatical, pela presença de pronome de 1.ª pessoa, exigiria o verbo flexionado na 1.ª do plural: *anuirmos*. Todavia, em razão da urbanidade, a polidez se reflete não só na ordem dos pronomes, mas ainda na flexão verbal.

O pronome *se* na construção reflexa 44 – Eis aqui um bom exemplo pelo qual se

patenteia que um significado gramatical unitário, significado de língua, se pode desdobrar em outras acepções, conforme as unidades linguísticas com que se acha combinado e o entorno situacional.

A reflexividade consiste, na essência, na "inversão (ou negação) da transitividade da ação verbal". Em outras palavras, significa que a ação denotada pelo verbo não passa a outra pessoa, mas reverte-se à pessoa do próprio sujeito (ele é, ao mesmo tempo, agente e paciente):

1.a) *João se banha*

A nossa experiência do mundo admite a hipótese de João banhar a si mesmo ou banhar uma outra pessoa: *João banha o filho pela manhã*.

Só que, na reflexividade "própria", ocorre a primeira hipótese:

João se banha. **A** Reflexivo "próprio"

Já na oração

1.b) *João e Maria se amam*,

o significado do verbo *amar* e a nossa experiência do mundo que, em geral, tratando de duas pessoas, supõem o amor de alguém A dirigido a outro alguém B, permitem-nos dar outra acepção, contextual, ao originário significado unitário de "reflexividade"; acreditamos que a oração quer expressar que "João ama Maria" e que "Maria ama ao João". Então, não mais se trata de "reflexividade pura", mas de "reflexividade recíproca":

João e Maria se amam. **A** **B** Reflexo recíproco

A interpretação de reflexivo recíproco não mudará se se tratar de verbo transitivo que se constrói com objeto indireto ou complemento relativo:

João e Maria se escrevem. (um escreve ao outro)

João e Maria se gostam. (um gosta do outro)

As unidades léxicas comprometidas na construção determinam a interpretação. Se dizemos *João e Maria se miram*, a interpretação mais natural seria a de um reflexivo recíproco; mas se acrescentarmos *João e Maria se miram no espelho*, mais natural nos parecerá a interpretação de reflexivo "próprio". Portanto, são interpretações contextuais, e não valores de língua.

Mudando as unidades linguísticas que se combinam com o pronome *se*, poderemos ter:

2) *O banco só se abre às dez horas*.

No presente exemplo, *banco* é um sujeito constituído por substantivo que, por inanimado, não pode ser agente da ação verbal; por isso, a construção é interpretada como "passiva": é o que a gramática chama voz "média" ou "passiva com *se*":

O banco só se abre às dez horas. A ◄ "média" ou "passiva com *se*"

Repare-se que a interpretação da "passiva com *se*" depende só do léxico, isto é, do significado lexical do verbo. A prova disto é que esta interpretação prevalece ainda nas orações cujo sujeito não é inanimado, portanto, passível de executar a ação verbal. Só que há certos verbos que denotam ações que a nossa experiência sabe que não são praticadas pelo termo que lhe serve de sujeito, como ocorre nos verbos *chamar* (= ter nome):

Ele ***se*** *chama João*.

A última acepção a que poderemos chegar nas construções do pronome *se* é a da oração:

3) *Abre-se às dez*.

Temos aqui um *se* na construção em que não aparece substantivo, claro ou subentendido, que funcione como sujeito do conteúdo predicativo. Interpreta-se a construção como *impessoal*.

Diante desta exposição, podemos dizer que o *se* nas construções estudadas e assemelhadas exerce as seguintes funções sintáticas em face das unidades léxicas que com o pronome concorrem:

1) Objeto direto:

Ele se feriu.
Eles se cumprimentaram.

2) Objeto indireto:

Ela se arroga essa liberdade.

3) Complemento relativo:

Eles se gostam.

4) Índice de indeterminação do sujeito:

Vive-se bem.
Lê-se pouco entre nós.
Precisa-se de empregados.
É-se feliz.

OBSERVAÇÕES FINAIS: Pelos exemplos acima, o *se* como índice de indeterminação de sujeito – primitivamente exclusivo em combinação com verbos não acompanhados de objeto direto –, estendeu seu papel aos transitivos diretos (onde a interpretação passiva passa a ter uma interpretação impessoal: *Vendem-se casas* = 'alguém tem casa para vender') e de ligação (*É-se feliz*). A passagem deste emprego da passiva à indeterminação levou o falante a não mais fazer concordância, pois o que era sujeito passou a ser entendido como objeto direto, função que não leva a exigir o acordo do verbo:

Vendem-se casas (= 'casas são vendidas') → *Vendem-se casas* (= 'alguém tem casa para vender') → *Vende-se casas*.

"*Vende-se casas* e *frita-se ovos* são frases de emprego ainda antiliterário, apesar da já multiplicidade de exemplos. A genuína linguagem literária requere *vendem-se*, *fritam-se*. Mas ambas as sintaxes são corretas, e a primeira não é absolutamente, como fica demonstrado, modificação da segunda. São apenas dois estágios diferentes de evolução. Fica também provado o falso testemunho que levantaram à sintaxe francesa, que em verdade nenhuma influência neste particular exerceu em nós..." [MAg.2, 181-183].

Pode ainda o pronome *se* juntar-se a verbos que indicam:

1) sentimento: *indignar-se*, *ufanar-se*, *atrever-se*, *admirar-se*, *lembrar-se*, *esquecer-se*, *orgulhar-se*, *arrepender-se*, *queixar-se*.

2) movimento ou atitudes da pessoa em relação ao seu próprio corpo: *ir-se*, *partir-se*, *sentar-se*, *sorrir-se*.

No primeiro caso, não se percebendo mais o sentido reflexivo da construção, considera-se o *se* como parte integrante do verbo, sem classificação especial.

No segundo, costumam os autores chamar ao *se pronome de realce* ou *expletivo*.

Concorrência de *si* e *ele* na reflexividade – A partir do português contemporâneo (séc. XVIII para cá), nasceu a possibilidade de o pronome tônico *si*, nas construções reflexas, ter a concorrência do pronome *ele*, também preposicionado, em orações do tipo:

> "(...) perguntou Glenda, sentindo que a pergunta não era dirigida apenas a Pablo, mas também *a ela própria*" [RBn.2, 23].
>
> "[a amante] viu *diante dela* o meu eugênico amigo" [MB *apud* RBn.2]. 45

A construção não encontra respaldo nas nossas melhores gramáticas, apesar do emprego largo na literatura moderna brasileira a partir, segundo Barbadinho, de José de Alencar. Nos exemplos acima, a norma gramatical pediria: *a si própria*, *diante de si*, como rezam as passagens onde o pronome se refere ao sujeito do verbo:

> "Simeão *por si mesmo* escolheu o deserto que lhe convinha (...)."
> [JR.2, 35]
>
> "O espetáculo da beleza é bastante *por si mesmo*." [JR.2, 199]
>
> "Depois mudava-se o teatro, e via-se *a si mesmo* (...)." [JR.2, 299]

Note-se a curiosa concorrência das duas sintaxes neste exemplo de Guimarães Rosa, citado por Barbadinho:

> "E o Menino estava muito *dentro dele mesmo*, em algum cantinho *de si*."

Esta novidade de sintaxe tem contra si o fato de às vezes fazer perigar a interpretação da oração, que só se resolve pela ajuda do contexto:

> João levou o livro *para ele*.

Combinação de pronomes átonos – Ocorrem em português as seguintes combinações de pronomes átonos, notando-se que o que funciona como objeto direto vem em segundo lugar: As formas *o*, *a*, *os*, *as* procedem das antigas *lo*, *la*, *los*, *las*:

mo = me + o; *ma* = me + a; *mos* = me + os; *mas* = me + as;

to = te + o; *ta* = te + a; *tos* = te + os; *tas* = te + as;

lho = lhe + o; *lha* = lhe + a; *lhos* = lhe + os; *lhas* = lhe + as;

no-lo = nos + (l)o; *no-la* = nos + (l)a; *no-los* = nos + (l)os; *no-las* = nos + (l)as;

vo-lo = vos + (l)o; *vo-la* = vos + (l)a; *vo-los* = vos + (l)os; *vo-las* = vos + (l)as;

lho = lhe(s) + o; *lha* = lhe(s) + a; *lhos* = lhe(s) + os; *lhas* = lhe(s) + as.

se me	-se-me	se nos	-se-nos
se te	-se-te	se vos	-se-vos
se lhe	-se-lhe	se lhes	-se-lhes

> "Se dizeis isso pela que me destes, tirai-*ma*: que não *vo-la* pedi eu."
> [AH.4, I, 267]
>
> "E como, a pouco e pouco, se foram exaurindo os cascalhos e afundando os veleiros, o banditismo franco impôs-*se-lhes* como derivativo à vida desmandada" [EC.1, 218].

Observações:

1.ª) A rigor, na combinação só entra a forma *lhe*, que, na língua antiga, servia tanto ao singular como ao plural.

2.ª) Nas demais combinações, o português moderno prefere substituir o pronome átono objetivo indireto pela forma tônica equivalente, precedida da preposição *a*. Enquanto dizemos hoje *a mim te mostras* ou *te mostras a mim*, a língua de outros tempos consentia em tais dizeres:

> "Porque assi *te me* mostras odiosa?" [JCR.1 *apud* SS.1, § 271].

3.ª) A língua padrão rejeita a combinação *se o* (e flexões), apesar de uns poucos exemplos na pena de literatos:

> "Parece um rio quando *se o* vê escorrer mansamente por entre as terras próximas..." [LB.2, 49 *apud* SS.6, n.º 198, 268].

Foge-se ao erro de três maneiras diferentes:

a) cala-se o pronome objetivo direto: *Não se quer*.

b) substitui-se o pronome *o* (e flexões) pelo sujeito *ele* (e flexões): *Não se quer ele*.

> Inveja-se a riqueza, mas não o trabalho com que ela se granjeia [MM].

c) se já existe na oração o pronome pessoal de objeto direto (*o*, *a*, *os*, *as*), usa-se o pronome de objeto indireto na forma tônica precedida da preposição *a* ou *para*:

> "É Vieira sem contradição mestre guapíssimo de nossa língua, e o mesmo Bernardes assim o conceituava; que porém *a si o* propusesse como exemplar, nem o indica, nem consta, nem se pode com indução plausível suspeitar" [AC *apud* MBa.5, 54].

Apesar disto, ocorre em bons escritores construção em que se junta o pronome *o* (e diretos) a verbo na voz reflexiva:

> "Temo que *se me* argua de comparações extraordinárias, mas o abismo de Pascal é o que mais prontamente vem ao bico da pena"
> [MA.9, 29 *apud* SS.1].
>
> "Não se dá baixa ao soldado quando já não pode com a milícia? Não *se lha* dá até em tempo de guerra?" [AC.10, II, 106 *apud* SS.1].

4.ª) A língua padrão admite *pode-se compô-lo* ou *pode-se compor*, quando não há locução verbal:

> *Pode-se* de algum modo *ligá-lo* a Schopenhauer... [JR.3, 19]
>
> Júlio Moreira [JM.1, II, 30-31] diz que em Portugal é menos comum do que no Brasil a primeira construção.

5.ª) Em construções do tipo *fi-lo sentar-se* (e também com os verbos *deixar*, *mandar*, *ver*, *ouvir* e sinônimos), isto é, em que depois destes verbos com pronome objetivo se segue o infinitivo de verbo reflexivo, pode-se deixar claro este último pronome ou omiti-lo: *fi-lo sentar*.

Função do pronome átono em *Dou-me ao trabalho* – Em geral, o pronome átono da forma verbal reflexiva portuguesa funciona como objeto direto: *dou-me* (obj. direto) *ao trabalho* (obj. indireto) *de fazer*.

Em francês e espanhol, esse pronome aparece como objeto indireto: *je me donne la peine de le faire*; *me doy el trabajo de hacerlo*.

Pronome pessoal átono e adjunto adverbial – Pode ocorrer a possibilidade de substituírem os pronomes pessoais átonos, na forma de objeto indireto, *me*, *te*, *se*, *nos*, *vos*, *lhe*, *lhes*, termos que na oração funcionam como adjuntos adverbiais [MBa.4, 273-276]:

Pôs-se *diante dele*	–	Pôs-se-*lhe* diante
Ficava *detrás dele*	–	Ficava-*lhe* detrás
Deu um abraço *no pai*	–	Deu-*lhe* um abraço
Bateu *nele*	–	Bateu-*lhe*
Ralhar *com ele*	–	Ralhou-*lhe*
Fugir *de mim*	–	Fugiu-*me*
Tudo girou *em volta dele*	–	Tudo *lhe* girou em volta

> "Ela tinha, porém, no semblante um ar de majestosa bondade que dificilmente esqueceria quem alguma vez se *lhe*

houvesse aproximado" [CL.1, I, 278].

Nestas substituições, o pronome átono faz referência à pessoa e a ideia da circunstância fica por conta do advérbio (ou substantivo adverbializado), quando se trata de locução prepositiva:

Fugia de mim – fugiu-me (não há locução prepositiva)

Tudo girou ***em volta dele*** – *Tudo lhe girou* ***em volta*** (há locução prepositiva)

Pronome possessivo

***Seu* e *dele* para evitar confusão** – Em algumas ocasiões, o possessivo *seu* pode dar lugar a dúvidas a respeito do possuidor. Remedeia-se o mal com a substituição de *seu*, *sua*, *seus*, *suas*, pelas formas *dele*, *dela*, *deles*, *delas*, *de você*, *do senhor*, etc., conforme convier.

Em

José, Pedro levou o seu chapéu,

o vocábulo *seu* não esclarece quem realmente possui o chapéu, se Pedro ou José.

É verdade que a disposição dos termos nos leva a considerar José o dono do chapéu; mas a referência a Pedro também é possível. Assim sendo, serve-se o falante do substituto *dele*, se o possessivo pertence a Pedro:

José, Pedro levou o chapéu *dele*.

"Com efeito, Margarida gostava imenso da presença do rapaz, mas não parecia dar-lhe uma importância que lisonjeasse o coração *dele*". [MA.6, 24]

Se o autor usasse o possessivo *seu*, o coração poderia ser tanto de Margarida quanto do rapaz.

Pode-se, para maior força de expressão, juntar *dele* a *seu*:

José, Pedro levou o *seu* chapéu *dele*.

"Se Adelaide o amava como e quanto Calisto já podia duvidar, *sua* honra *dele* era pôr peito à defesa do opressa..." [CBr.1, 109]

Menos usual, porém correta, é a união dos dois possessivos como no seguinte exemplo da citada obra de Camilo:

"É certo, Sr. Presidente, que a femina toca o requinte da depravação, e chega a efeituar horrores cuja narração é de si para gelar ardências do sangue, para infundir pavor em peitos equânimos; porém, o móbil dos crimes *seus delas* é outro" [CBr.1, 86].

Os pronomes pessoais átonos *me*, *te*, *se*, *nos*, *vos*, *lhe*, *lhes*, podem ser usados com sentido possessivo, mormente em estilo literário, tomando-se o cuidado de evitar o abuso.46

Tomou-*me* o chapéu = Tomou o meu chapéu.

Ainda neste caso, é possível ocorrer a repetição enfática *lhe ... dele*:

"D. Adelaide ficou embaraçada. Seria agravar as meninas de dezoito anos, e educadas como a filha do desembargador, e amantes como elas de um comprometido esposo, estar eu aqui a definir a entranhada zanga que *lhe* fez no espírito *dela* o despropósito de Calisto" [CBr.1, 104].

Foge-se ainda à confusão empregando-se *próprio*:

"Andrade contentou-se com o *seu próprio* sufrágio" [MA.6, 19].

Posição do pronome possessivo – De modo geral, o possessivo vem anteposto ao nome a que se refere:

O *meu* livro. *Tuas* preocupações. *Nossos* deveres.

A posposição ocorre no estilo solene, em prosa ou verso, e, em nome de pessoas ou de graus de parentesco, pode denotar carinho:

Deus meu, ajudai-me!

A ênfase permite também a posposição, principalmente se o substantivo vem desacompanhado do artigo definido:

Conselho *meu* ela não tem. Filho *meu* não faria tal.

Em certas situações, há notável diferença de sentido com a posposição do possessivo.47

Minhas saudades são saudades que sinto de alguém. *Saudades minhas* são saudades que alguém sente de mim.

"Parece que Miss Dólar ficou com boas *recordações suas*, disse D. Antônia" [MA.6, 2, 17].

Notamos o mesmo em *suas cartas* e *cartas suas*.

Recebi suas cartas (i. é, cartas que me mandaram ou que pertencem à pessoa a quem me dirijo).

Recebi cartas suas (i. é, enviadas a mim pela pessoa).

Invariavelmente, usamos de *notícias suas*, como no seguinte exemplo:

"Peço-lhe que me mande *notícias suas*" [EC].

Fora destas construções, a língua moderna evita tal emprego objetivo:

"Mova-te a piedade *sua* e *minha*" [LC.1, III, 127]. Entenda-se: *a piedade delas* (das criancinhas) *e de mim.*

Possessivo para indicar ideia de aproximação – Junto a números o possessivo pode denotar uma quantidade aproximada:

Nessa época, tinha *meus* quinze anos (aproximadamente).

Era já homem de *seus* quarenta anos.

OBSERVAÇÃO: Valorizamos também uma noção quantitativa por meio do adjetivo *bom*:

"O maior Vilela observava um rigoroso regímen que lhe ia entretendo a vida. Tinha uns *bons sessenta anos*" [MA.6, 53].

Valores afetivos do possessivo – O possessivo, como temos visto, não se limita a exprimir apenas a ideia de posse. Adquire variados matizes contextuais de sentido, muitas vezes de difícil delimitação.

Assim, o possessivo pode apenas indicar a coisa que nos interessa, por nos estarmos referindo, com ele, a causa que nos diz respeito, ou por que temos simpatia:

O *nosso* herói (falando-se de um personagem de histórias) não soube que fazer. Trabalho todo dia *minhas* oito horas [cf. JR.4, 206].

Além de exprimir a nossa simpatia, serve também o possessivo para traduzir nosso afeto, cortesia, deferência, submissão, ou ironia:

Meu prezado amigo. *Minha* senhora, esta é a mercadoria que lhe serve.

Meus senhores e *minhas* senhoras! *Meu* presidente, todos o esperam.

Meu coronel, os soldados estão prontos! *Meu* tolo, não vês que estou brincando?

Notemos, porém, que em expressões do tipo:

"Qual cansadas, *seu* Antoninho!" [LB],

"Ande, *seu* diplomático, continue" [MA],

seu não é, como parece a alguns estudiosos, a forma possessiva de 3.ª pessoa do singular. Trata-se aqui de uma redução familiar do tratamento *senhor*.

Difere a forma *seu* (admite ainda as variantes *seo*, *sô*) do termo nobre, *senhor*, por traduzir nossa familiaridade ou depreciação.

Ocorrendo isoladamente, prevalece a forma plena *senhor*, conforme nos mostra o seguinte exemplo:

> "Depressa, depressa, que a filha do Lemos vai cantar; e depois é o *senhor*. Está ouvindo, *seu* Ricardo" [LB.1, 115].

Um fingido respeito ou cortesia – bem entendidos, aliás, pelos presentes – pode determinar a presença da forma plena:

> "Diga, *senhora* mosca-morta?" [AH.4, II, 251].

Pela forma abreviada *seu* modelou-se o feminino *sua*:

> "E ri-se você, *sua* atrevida?! – exclamou o moleiro, voltando-se para Perpétua Rosa" [AH.4, 252].

Emprego do pessoal pelo possessivo – Embora de pouca frequência, pode aparecer o possessivo por uma forma de pronome pessoal precedido da preposição *de*. Neste caso está a expressão *ao pé de* + pronome pessoal.

> "Vós os que não credes em bruxas, nem em almas penadas, nem nas tropelias de Satanás, assentai-vos aqui ao lar bem juntos ao *pé de mim*, e contar-vos-ei a história de D. Diogo Lopes, senhor de Biscaia" [AH.4, II, 7].

> "Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baronesa, que tinha a modista ao *pé de si*, para não andar atrás dela" [MA.2, 31].

Possessivo expresso por uma locução – Expressa-se o possessivo ainda por meio de uma perífrase em que entra o verbo *ter*, *haver* ou sinônimo:

> Oxalá os problemas *que temos* durem pouco (os nossos problemas).

O possessivo em referência a um possuidor de sentido indefinido – Se o possessivo faz referência a pessoa de sentido indefinido, expresso ou sugerido pelo significado da oração, emprega-se o pronome de 3.ª pessoa:

> "É verdade que *a gente*, às vezes, tem cá as *suas* birras – disse ele, com certo ar que queria ser fino e saía parvo" [AH.4, II, 158].

Se o falante se inclui no termo ou expressão indefinida, usar-se-á o possessivo de 1.ª pessoa do plural:

> *A gente* compreende como estas cousas acontecem em *nossas* vidas [cf. CBr.1].

Repetição do possessivo – Numa série de substantivos, pode-se usar o possessivo (como qualquer outro determinante do nome) apenas junto ao primeiro nome, se não for nosso propósito enfatizar cada elemento da série:

> "A prova da *sua perspicácia* e *diligência* estava em ter já no caminho da forca os desgraçados cuja sentença vinha trazer à confirmação real" [AH.4, I, 187].

Note-se a ênfase e a oposição entre os possuidores (*eu* e *tu*):

> "O *teu* amor era como o íris do céu: era a *minha* paz, a *minha* alegria, a *minha* esperança" [AH.4, I, 190].

Se o termo vem acompanhado de modificador, não se costuma omitir o possessivo da série:

> "Foi a *tua* dignidade real, a *tua* justiça, o *teu* nome que eu quis salvar da *tua própria* brandura" [AH.4, I, 191].

Omite-se o possessivo na série sem ênfase, ainda que os substantivos sejam de gênero ou número (ou ambas as coisas) diferente. A repetição que nada acrescenta em ênfase à expressão é considerada, por muitos estudiosos, como imitação da sintaxe francesa [MBa.1, 412-413].

"... entendera (Calisto Elói) que a prudência o mandava viver em Lisboa consoante os costumes de Lisboa, e na província, segundo o *seu gênio* e *hábitos* aldeãos" [CBr.1, 107].

Se se trata de substantivo sinônimo, dispensa-se a repetição do possessivo:

Teu filho, de quinze anos apenas, é *teu* orgulho e ufania.

Se os substantivos forem de significação oposta, o possessivo em regra não é dispensado:

Teu perdão e *teu* ódio não conhecem o equilíbrio necessário à vida.

Substituição do possessivo pelo artigo definido – Sem ser norma de rigor absoluto, pode-se substituir o possessivo pelo artigo definido, quando a ideia de posse se patenteia pelo contexto ou pelo sentido total da oração, ou ainda pela aplicação reflexiva, isto é, quando se faz referência à própria pessoa que fala ou de quem se fala. Este fato ocorre principalmente junto dos nomes de partes do corpo, das peças do vestuário, faculdades do espírito e certas frases feitas:

"D. Fernando afastou-a suavemente de si: ela alevantou *o rosto* celeste orvalhado de pranto... D. Leonor ergueu *as mãos* suplicantes, com um gesto de profunda angústia" [AH.4, I, 190].

"... aqui parou (Calisto Elói), e cruzando *os braços*, se esteve largo espaço quedo, e fito nas janelas" [CBr.1, 110].

"E o vento assobiava no vigamento da casa, e nas orelhas de Calisto, o qual, levado do instinto da conservação, levantou a gola *do capote* à altura *das bossas parietais*..." [CBr.1].

Ele perdeu *o juízo*. Tem *a vida* por um fio. Recuperou *a memória*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Aparece o possessivo no caso de ênfase, quando se deseja insistir na pertença do indivíduo:

"(...) se *as suas* faces eram gordas, *as suas* mãos continuavam magras com longos dedos fusiformes e ágeis" [LB.1, 96].

"E cada lavrador enxugava *os seus* olhos" [CBr.6, 118].

2.ª) Dispensa-se o artigo definido nas expressões *Nosso Senhor*, *Nossa Senhora*, assim como nas fórmulas de tratamento onde entra um possessivo, do tipo: *vossa excelência*, *vossa reverendíssima*, *sua majestade*, etc.

O possessivo e as expressões de tratamento do tipo *Vossa Excelência* – Empregando-se as expressões de tratamento do tipo de *vossa excelência*, *vossa reverendíssima*, *vossa majestade*, *vossa senhoria*, onde aparece a forma possessiva de 2.ª pessoa do plural, a referência ao possuidor se faz hoje em dia com os termos *seu*, *sua*, isto é, com possessivo de 3.ª pessoa do singular:

Vossa Excelência conseguiu realizar todos os *seus* propósitos (e não: todos os *vossos* propósitos).

Tais tipos de títulos honoríficos começaram a aparecer no português entre os séculos XIV e XV e aí havia realmente uma possibilidade de alternância de *seu*, *sua*, *vosso*, *vossa*. A luta durou até aproximadamente o século XVII, quando as formas de 3.ª pessoa saíram vitoriosas. Assim sendo, modernamente só deve aparecer o possessivo conforme o exemplo dado. Raras exceções em escritores do séc. XVIII para cá são devidas a imitações literárias, justamente repudiadas como arcaicas, ou então porque o autor, em romance ou novela histórica, para não cair em anacronismo, faz seus personagens falar a linguagem da época.

Entre os escritores a cuja autoridade se abrigam os defensores do arcaísmo aqui citado, se acha Alexandre Herculano. Ávido leitor e constante hóspede dos monumentos históricos, o autor da *História de Portugal*, tratando do período de D. João I (1385-1433), no *Monge de Cister* (pronuncie-se este último nome como oxítono), teve oportunidade de mostrar o quanto

sabia da evolução de sua língua, conhecimento que o faz o melhor prosador ou um dos melhores que as letras portuguesas tiveram. Assim, pensamos que tal situação especialíssima do probo e perspicaz historiador não abre a porta para a prática da velha construção.

Pronome demonstrativo

A posição indicada pelo demonstrativo pode referir-se ao espaço, ao tempo (demonstrativos dêicticos espaciais e temporais) 48 ou ao discurso (demonstrativo anafórico).

Demonstrativos referidos à noção de espaço – *Este* (e flexões) aplica-se aos seres que pertencem ou estão perto da 1.ª pessoa, isto é, daquela que fala:

> *Este livro* é o livro que possuo ou tenho entre mãos.
> *Esta casa* é a casa onde me encontro.

Esse (e flexões) aplica-se aos seres que pertencem ou estão perto da 2.ª pessoa, isto é, daquela com quem se fala:

> *Esse livro* é o livro que nosso interlocutor traz.
> *Essa casa* é a casa onde se encontra a pessoa a quem me dirijo.

Na correspondência, *este* se refere ao lugar donde se escreve, e *esse* denota o lugar para onde a carta se destina. A referência à missiva que escrevemos se faz com *este*, *esta*:

> "Manaus, 13-1-1905
> Meu bom amigo Dr. José Veríssimo, – escrevo-lhe dissentindo abertamente de sua opinião sobre *este* singularíssimo clima da Amazônia..." [EC].
> Escrevo *estas* linhas para dar-te notícia *desta* nossa cidade e pedir-te as novas *dessa* região aonde foste descansar.

Quando se quer apenas indicar que o objeto se acha afastado da pessoa que fala, sem nenhuma referência à 2.ª pessoa, usa-se de *esse*:

> "Quero ver *esse* céu da minha terra
> Tão lindo e tão azul!" [CA].

Na linguagem animada, o interesse do falante pode favorecer uma aproximação figurada, imaginária, de pessoa ou coisa que realmente se acham afastadas dos que falam. Esta situação exige *este*:

> "Dói-me a certeza de que estou morrendo desde o primeiro dia da tua união com *este* homem... a certeza de que o hás de amar sempre, ainda que ele te despreze como já te desprezou" [CBr.1, 152].

Tal circunstância deve ter contribuído para o emprego de *este* como indicador de personagens que o escritor traz à baila.

> "*Este* Lopo, bacharel em direito, homem de trinta e tantos anos, e sagaz até a protérvia, vivia na companhia do irmão morgado..." [CBr.1, 149].

Por outro lado, cabe a *esse* a missão de afastar de nós pessoa ou coisa que na realidade se acham ou se poderiam achar próximas:

> "Vês África, dos bens do mundo avara,
> .....
> Olha *essa* terra toda, que se habita
> *Dessa* gente sem lei, quase infinita" [LC.1, X, 92 *apud* SA].

Estas expressões não se separam por linhas rigorosas de demarcação; por isso exemplos há de bons escritores que contrariam os princípios aqui examinados e não faltam mesmo certas

orientações momentâneas do escritor que fogem às perscrutações do gramático.

Demonstrativos referidos à noção de tempo – Na designação de tempo, o demonstrativo que denota um período mais ou menos extenso, no qual se inclui o momento em que se fala, é *este* (e flexões):

Neste dia (= no dia de hoje) celebramos a nossa independência.

Este mês (= no mês corrente) não houve novidades.

Aplicado a tempo já passado, o demonstrativo usual é *esse* (e flexões):

Nessa época atravessávamos uma fase difícil.

Se o tempo passado ou vindouro está relativamente próximo do momento em que se fala, pode-se fazer uso de *este*, em algumas expressões:

Esta noite (= a noite passada) tive um sonho belíssimo.

Porém, com a mesma linguagem *esta noite* poderíamos indicar a noite vindoura. Outro exemplo:

"Meu caro Barbosa:

Deves ter admirado o meu silêncio *destes quinze dias*, silêncio para ti, e silêncio para o jornal" [CBr.7, 56].

A indicação temporal de *este* e *esse* dispensa outra expressão adverbial, se a circunstância de tempo não se apresenta ao falante como elemento principal do conjunto:

"Para o jogo bastava *esse* movimento de peão". [ML]

Esse movimento vale por: *o movimento que se fez naquele momento*.

Demonstrativos referidos a nossas próprias palavras – No discurso, quando o falante deseja fazer menção ao que ele acabou de narrar (anáfora) ou ao que vai narrar (catáfora), emprega *este* (e flexões):

"Entrou Calisto na sala um pouco mais tarde que o costume, porque fora vestir-se de calça mais cordata em cor e feitio. Não me acoimem de arquivista de insignificâncias. *Este* pormenor (isto é: o pormenor a que fiz referência) das calças prende mui intimamente com o cataclismo que passa no coração de Barbuda" [CBr.1, 93].

"Se não existisse Ifigênia... acudiu Calisto. Já *este* nome (i.é.: o nome que proferi) me soava docemente quando, na minha mocidade pela angústia da filha de Argamenão, cujo sacrifício o oráculo de Áulida desmandava.

– Ah, também eu conheço *essas* angústias (i.é.: aquelas a que se refere) da tragédia de Racine" [CBr.1, 135].

– "... não há linguagem que não soe divinamente falada por minha prima.

– *Essas* lisonjas – volveu ela sorrindo – aprendeu-as nos seus livros velhos, primo Calisto?" [CBr.1, 136].

Por este último exemplo, podemos verificar que se a referência é feita às palavras da pessoa com quem se fala, o demonstrativo empregado é *esse* (e flexões). No trecho, *essas lisonjas* são as que faz Calisto à sua prima.

Há situações embaraçosas para o emprego do demonstrativo anafórico, isto é, aquele que se refere a palavras ditas ou que se vão dizer dentro do próprio discurso (catáfora). Ocorre o caso, por exemplo, nas referências a enunciados anteriores que envolvem afastamento da 1.ª pessoa ou ao tempo em que se fala. Nestes casos, geralmente, prevalece a preferência para nossas próprias palavras, aparecendo, assim, o anafórico *este* (e flexões) em lugar do dêictico *esse* (e flexões):

– "Então que te disse ele?...

– Que tinhas lá outra... e que te viu passear com ela.

– Viu-me a passear com uma nossa parenta, viúva de um general. Quem disse ao javardo que *esta* (a que me refiro) *senhora* era minha amante" [CBr.1, 157].

Expresso um nome a que, na construção do discurso, se quer juntar uma explicação, comparação, ou se lhe quer apontar característica saliente, costuma-se repetir este nome (ou o que lhe serve de explicação, comparação, ou característica) acompanhado do demonstrativo *esse* (e flexões):

"O olhar da opinião, *esse* olhar agudo e judicial, perde a virtude, logo que pisamos o território da morte" [MA.1, 81 *apud* SS].

"Creio que por então é que começou a desabotoar em mim a hipocondria, *essa* flor amarela, solitária, de um cheiro inebriante e sutil" [MA.1, 83 *apud* SS.1, 307].

Por meio do pronome invariável *o* repetimos pleonasticamente a oração objetiva que se antecipa de sua posição normal, ou, em sentido inverso, antecipa a oração objetiva do texto:

*Que todos iam sair cedo, eu **o** disse ontem.*

*Eu **o** disse ontem, que todos iam sair cedo.*

Reforços de demonstrativos – A necessidade de avivar a situação dos objetos e pessoas tratados pelo falante o leva a reforçar os demonstrativos com os advérbios dêiticos *aqui*, *aí*, *ali*, *acolá*: *este aqui*, *esse aí*, *aquele ali* ou *acolá*.

Eu *cá* tenho minhas dúvidas. Ele *lá* diz o que pensa.

Também desempenham o papel de reforço enfático *mesmo* e *próprio* (e flexões) presos a substantivos ou pronomes, com o valor de *em pessoa* (em sentido próprio ou figurado):

Eu *próprio* assisti à desagradável cena. Ela *mesma* foi verificar o fato.

Neste sentido de identidade, *mesmo* e *próprio* entram no rol dos demonstrativos.

No seguinte trecho de M. de Assis aparece *muito*:

"Você ignora que quem os cose sou eu, e *muito* eu" [MA.2, 230].

Há construções fixas que nem sempre se regulam pelas normas precedentes; entre estas, estão:

a) isto é (e nunca *isso é*) com o valor de 'quer dizer' ou 'significa', para introduzir esclarecimentos;

b) por isso, *nem por isso*, *além disso* são mais frequentes que *por isto*, *nem por isto*, *além disto*, como a introduzir uma conclusão ou aduzir um argumento;

c) isto de (e não *isso de*) com o valor de 'no que toca', 'no que diz respeito a'. [SA.2, 264]

Outros demonstrativos e seus empregos – Já vimos que *mesmo* e *próprio* denotando identidades e com o valor de "em pessoa" são classificados como demonstrativos:

"Tal faço eu, à medida que me vai lembrando e convindo à construção ou reconstrução de mim *mesmo*" [MA.4, 203].

"De resto, naquele *mesmo* tempo senti tal ou qual necessidade de contar a alguém o que se passava entre mim e Capitu" [MA.4, 225].

"Veja os algarismos: não há dois que façam o *mesmo* ofício" [MA.4, 267].

Pode ainda o demonstrativo *mesmo* assumir o valor de *próprio*, *até*:

"Estes e outros semelhantes preceitos não há dúvida que não são pesados e dificultosos; e por tais os estimou o *mesmo* Senhor, quando lhes chamou Cruz nossa" [AV. 1, XI, 150].

"Os *mesmos* animais de carga, se lhe deitam toda a uma parte, caem com ela" [AV *apud* ED.2, § 86, a].

Mesmo, *semelhante* e *tal* têm valor de demonstrativo anafórico, isto é, fazem referência a pensamentos expressos anteriormente:

"Depois, como Pádua falasse ao sacristão, baixinho, aproximou-se deles; eu fiz a *mesma* cousa" [MA.4, 87].

"Não paguei uns nem outros, mas saindo de almas cândidas e verdadeiras *tais* promessas são como a moeda fiduciária, – ainda que o devedor as não pague, valem a soma que dizem" [MA.4, 202; FT.1, 56].

Falaste em dois bons estudantes, mas não encontrei *semelhantes* prendas na sala de aula.

Tal (sozinho ou repetido) e *outro* são demonstrativos de sentido indefinido. O primeiro aparece junto à designação de um dia, lugar ou circunstâncias reais, que não queremos ou não podemos precisar:

"Ele combinou com o assassino assaltarem a casa em *tal* dia, a *tal* hora, por *tais* e *tais* meios" [JO.1, 40].

Outro se emprega com o valor de *um segundo*, *mais um* (no sentido de *diferente*, como *mesmo* no de *igual*, é adjetivo):

Ele me tratou mal e eu fiz *outro* tanto (*tanto*, veremos mais tarde, é pronome indefinido).

Tais acepções imprecisas levam alguns estudiosos a classificar *tal* e *outro* como indefinidos.

Como elemento reforçador dos que foram tratados anteriormente, aparece *mesmo* junto aos advérbios pronominais: *agora mesmo*, *aí mesmo*, *aqui mesmo*, *já mesmo*, etc.

OBSERVAÇÃO: Sobre o emprego tido como errôneo de *mesmo* como advérbio, veja-se, mais adiante.

Um pode ter, em certas expressões, o valor de *mesmo*:

"Oh cousa para espantar
Que ambos a ferida tem
Dum tamanho, em *um* lugar" [LC *apud* JM].

(i. é: do mesmo tamanho e no mesmo lugar)

Honra e proveito não cabem *num* saco.

No estilo familiar e animado, emprega-se o demonstrativo com o valor de artigo definido:

Esse João é das arábias! *Aquela* Maria tem cada ideia! [MA.1, 36].

Registre-se ainda o emprego substantivo de *aquilo* em construções como:

"e apenas, como uma das extravagâncias que mais requerem anotação, citarei *aquilo* da p. 14" [CL.1, I, 245].

Posição dos demonstrativos – Em situações normais, em que não impere a ênfase, o demonstrativo vem anteposto ao nome. Em caso contrário, pode o adjetivo vir posposto, principalmente se o demonstrativo se referir ao pensamento já expresso.

"Logo depois, senti-me transformado na *Summa Theologica* de S. Tomás, impressa num volume, e encadernada em marroquim, com fechos de prata e estampas; ideia *esta* que me deu ao corpo a mais completa imobilidade..." [MA *apud*. SS.1, 306].

"... Os seus olhos serenos, como o céu, que imitavam na cor, tomaram a terrível expressão que ele costumava dar-lhes no revolver dos combates, olhar *esse* que, só por si, fazia recuar os inimigos" [AH *apud* SS].

Nas orações exclamativas ocorre também a posposição: Que dia *este*!

Mesmo pode corresponder a dois vocábulos latinos: *idem* e *ipse*. No primeiro caso, denota identidade e reclama a presença do artigo ou de outro demonstrativo:

Disse as *mesmas* coisas. Referiu-se ao *mesmo* casal. Falou a este *mesmo* homem.

Idêntico a *ipse*, emprega-se junto a substantivo ou pronome e equivale a *próprio*, *em pessoa* (em sentido próprio ou figurado)49:

Ela *mesma* se condenou.

Em ambos os sentidos, *mesmo* pode aparecer antes ou depois do substantivo. Nota-se

apenas, na língua moderna, certa preferência para a anteposição, quando o demonstrativo assume o valor de *idem*, isto é, indica identidade.

É costume calar-se a preposição na oração subordinada que se refere a substantivo antecedente que tem *mesmo* como adjunto:

> Encontrei-o na *mesma situação* (***em***) ***que*** estava no ano passado.
>
> Saiu do trabalho no *mesmo dia* (***em***) ***que*** fora promovido.
>
> "Querias, porventura, ensiná-la a desprezar-me pela *mesma razão* (***por***) ***que*** tu me desprezas" [CBr *apud* MBa.2, 310].

Pronome indefinido

Nem sempre se pode estabelecer claramente a diferença entre simples indefinidos tratados neste lugar dos quantitativos indefinidos; isto porque certos indefinidos aparecem aplicados à quantidade incerta.

Empregos e particularidades dos principais indefinidos – O indefinido pode estender a sua significação a todos os indivíduos de uma classe:

> *Todos* os homens são bons. *Cada* livro deve estar no lugar próprio. *Qualquer* falta merece ser punida.
>
> Livro *algum* será retirado sem autorização. *Nenhum* erro foi cometido.

A significação do indefinido se pode estender apenas a um ou a alguns indivíduos de uma classe:

> *Certas* folhas ficaram em branco.
>
> Daí surgirão *outros* enganos.

Sobre os principais pronomes indefinidos acrescentaremos:

a) Algum

Anteposto ao substantivo tem valor positivo: Recebeu *algum* recado importante.

Posposto ao nome, assume significação negativa, podendo ser substituído pelo indefinido negativo *nenhum*: Resultado *algum* saiu do inquérito.

Ocorre com maior frequência este emprego em frases onde já existem expressões negativas (*não*, *nada*, *sem*, *nem*), em interrogações oratórias ou depois de substantivo precedido da preposição *sem*: "Era pessoa *sem* escrúpulo *algum*" [ED.2, § 106].

b) Algo

Está hoje praticamente desbancado pela locução sinônima *alguma coisa*: 50

> Terás *algo* para contar-me?
>
> Há *algo* novo no ar.

É mais frequente seu emprego como advérbio, em construções do tipo:

> A situação está ***algo*** *perigosa*.
>
> Ali se passaram os momentos ***algo*** *inesquecíveis*.

O mesmo emprego adverbial conhece o seu equivalente *alguma coisa*:

> A leitura deixou-lhe impressão ***alguma coisa*** *agradável*.

Algumas vezes o significado quantitativo de *algo* e *alguma coisa* favorece o aparecimento da preposição *de* com valor partitivo:

Não há ***algo de*** novo.

Ficou-lhe do encontro ***alguma coisa de*** arrependimento.

Alguma coisa de novo deve acontecer hoje.

A presença da preposição junto ao adjetivo o transpõe à classe do substantivo e, por atração, este pode concordar em gênero e número com o nome sujeito do verbo:

Apresento-lhe *estas desculpas* que têm ***algo de*** *engraçadas*.

De repente saíram *umas ideias* ***alguma coisa de*** *ridículas*.

Sem razão, alguns autores consideram galicismo a presença da preposição *de* nestas construções com pronomes indefinidos, todos de valor nitidamente quantitativo [MBa.5, 43].

c) Cada

Junta-se a substantivo singular, a numeral coletivo e expressões formadas por numeral seguido de substantivo no plural:

"Uma ilusão gemia em *cada* canto,

Chorava em *cada* canto uma saudade". [LG]

Cada século possui seus homens importantes.

Faz prova em *cada* trinta dias.

Usa-se combinado a *cada um* e *cada qual*.

É condenado o emprego de *cada* sem substantivo em lugar de *cada um* nas referências a nomes expressos anteriormente, considerado imitação da linguagem comercial francesa, o que pomos em dúvida.

Os livros custam trinta cruzeiros *cada* (por *cada um*).

Cada não sofre variação, mas a concordância do verbo com o sujeito se processa normalmente:

"Convém notar o tríduo das Lemúrias

Não corre a flux: ***cada*** *dois dias levam*

entre si um profano intercalado" [AC.1, III, 57 *apud* FC.1, 53].

OBSERVAÇÃO: Com exagero, já se condenou por mal soante a expressão *por cada*, que, segundo a crítica, lembraria *porcada* (vara de porcos). Rui Barbosa [RB.1, 126] defendeu brilhantemente o falso cacófato (mau som).

Lembra Sousa da Silveira o valor intensivo de *cada*, como no seguinte exemplo (está claro que proferido com entonação expressiva):

"Então é *cada* temporal, que até parece que os montes estremecem" [EQ.1, 288 *apud* SS.1, § 388].

Conta *cada* história!

d) Certo

É exclusivamente na língua moderna pronome indefinido quando antecede ao substantivo:

"A vida celibata podia ter *certas* vantagens próprias, mas seriam tênues, e compradas a troco da solidão" [MA.1, 306].

Havendo ênfase, poderá aparecer *um certo*, expressão que tem sido, com algum exagero, recriminada pelos gramáticos. Alexandre Herculano, notável escritor português, talvez influenciado pelas teorias gramaticais reinantes, aboliu, em redações posteriores, o artigo indefinido (junto ou não a palavras indefinidas), tirando, muita vez, o colorido enfático do trecho primitivo. De *um certo* usou ele nos seguintes passos:

"Forçoso é que um poeta creia no pensamento, que o agita, e no ideal, aonde tem de ir buscar *um certo* número d'existência..." [AH.2, 162].

"Passado todo este tempo os escravos de *um certo* Adócio, que herdara o domínio daquela montanha..." [AH.2, 215].

"O gesto brando com que, uma vez posta, começou a mover as asas, tinha *um certo* ar escarninho, que me aborreceu

muito" [MA.1, 99].

Posposto ao substantivo, *certo* fixou o seu emprego de adjetivo, com o sentido de "acertado", "ajustado", "exato", "verdadeiro". Ambos os sentidos, indefinido e qualificativo, são aproveitados nos seguintes jogos de palavras:

Tenho *certos amigos* que não são *amigos certos*.

Note-se, com o *Dicionário Contemporâneo*, que *certo* atenua o que na significação do substantivo haja de demasiadamente absoluto, quando este indefinido vem anteposto a nome que exprime qualidade, propriedade ou modo de ser:

Goza de *certa* reputação de talento.

A ópera tem uma *certa* novidade.

Nesta significação atenuativa, *certo*, equivalente a *algum* (e flexões), se aproxima dos quantitativos indefinidos.

NOTA: No português de outras épocas, a função de adjetivo ocorria, ou podia ocorrer, ainda anteposto ao nome:

"Deveis de ter sabido claramente
Como é dos fados grandes *certo* intento" (isto é: intento certo)
[LC.1, I, 24].

"Esta ilha pequena que habitamos
É em toda esta terra *certa* escala (isto é: escala certa)
De todos os que as ondas navegamos"
[LC.1, I, 54].

"Atento estava o rei na segurança
Com que provava o Gama o que dizia;
Concebe dele *certa* confiança, (isto é: confiança segura)
Crédito firme em quanto proferia"
[LC.1, VIII, 76].

e) Nenhum

Reforça a negativa *não*, podendo ser substituído pelo indefinido *algum*:

Não tínhamos *nenhuma* dívida até aquele momento.

Sem ênfase, *nenhum* vem geralmente anteposto ao substantivo; havendo desejo de avivar a negação, o indefinido aparece posposto:

"Que é lá? redargui; não cedi *cousa nenhuma*, nem cedo" [MA.1, 134].

Referindo-se o nome no plural, *nenhum* se flexiona:

"Mas se anda nisto mistério, como quer o condestável, espero que não serão *nenhuns feitiços*..." [RS.1, 195].

Em certas frases de forma afirmativa, *nenhum* pode adquirir valor afirmativo, como sinônimo de *qualquer*:

Mais do que *nenhum* homem, ele trabalhava para a tranquilidade.

Enquanto *nenhum* é um termo que generaliza a negação, *nem um* se refere à unidade:

Não tenho *nenhum* livro.

Não tenho *nem um livro*, quanto mais dois.

f) Todo – Tudo 51

Concorda em gênero e número com o substantivo ou pronome a que serve de adjunto adnominal.

Quando no singular está anteposto a substantivo ou adjetivo substantivado, vale por "cada", "qualquer" ou "inteiro", "total", podendo vir ou não acompanhado de artigo. Isto significa que, no singular, *todo* pode referir-se tanto à totalidade distributivamente de um conjunto

plural (*Todo o homem* é mortal = "todos e cada um dos homens") – e neste sentido equivale ao latim *omnis* –, como à totalidade, integralidade, de um indivíduo, de um singular (***Todo** o homem* ou *O homem **todo** é pecado e miséria*; *Trabalhar **todo** o dia* ou *o dia **todo***) – e já neste sentido vale pelo latim *totus* [HCv.3, III, 33 n.4].

Ainda que *todo* possa significar "qualquer", eles podem concorrer juntos na expressão *todo* (*toda*) *e qualquer*:

"Introdução de *todo e qualquer* gênero de produto" [RB *apud* FC.1, 295].
A *toda* falta deve corresponder um castigo adequado (*toda* = "cada").
A *toda a* falta... (*toda* = "cada").
Todo ser merece consideração (*todo* = "qualquer").
Todo o ser merece... (*todo* = "qualquer").
O incêndio destruiu *toda* casa (*toda* = "inteira", "total").
O incêndio destruiu *toda a* casa (*toda* = "inteira", "total")
Todo pobre receberá esmola.
Todo o pobre receberá esmola.

Enquanto em Portugal não se faz a distinção formal entre "*cada*"/ "*qualquer*" e "*inteiro*"/ "*total*", usando-se quase sempre *todo* seguido de artigo (*Todo o homem é mortal*), no Brasil, para o primeiro sentido, modernamente, dispensa-se o artigo (*Todo homem é mortal*) e, para o segundo, o artigo é obrigatório (*Toda a casa pegou fogo*).

Está claro que a presença ou ausência do artigo está inicialmente presa ao fato de o substantivo núcleo do sintagma exigir ou não artigo, independentemente da variedade semântica apontada. Assim, como se diz, nos nomes dos países, com artigo, *o Brasil*, dir-se-á *todo o Brasil*; em contraposição, só se diz, sem artigo, *Portugal*, logo se dirá *todo Portugal*.

A distinção entre "cada"/ "qualquer" e "inteiro"/ "total" fica prejudicada em virtude da ocorrência da fonética sintática que facilita, na pronúncia (com reflexo natural na escrita), a fusão por crase da vogal final de *todo*, *toda* com o artigo singular *o*/ *a*: *todo o* = *todo*; *toda a* = *toda*. Daí, muitas vezes a indecisão que sentem as pessoas na hora de usar *todo* e *todo o*, *toda* e *toda a*.

Assim, diz-se, entre brasileiros, sem distinção de sentido, *todo o mundo*, *toda a vida*, *todo o tempo*, *toda a hora*, *toda a parte*, etc., ao lado de *todo mundo*, *toda vida*, *todo tempo*, *toda hora*, *toda parte*, etc., vacilação que se nota no português europeu literário de épocas passadas, em Camões, por exemplo. Em *todo o mundo*, *toda a gente*, percebe-se, na própria significação dos substantivos, o valor coletivo da expressão.

Todo indica a totalidade numérica, isto é, qualquer indivíduo da classe, quando seguido de oração adjetiva substantivada pelo *o* ou do pronome *aquele* (*todo aquele que*):

"(...) *Todo o que* sofre,
Todo o que espera e crê, *todo o* que almeja
Perscrutar o futuro, se coloca
Ao lado do Senhor" [FV *apud* SS.1, § 366].

Desaparece, naturalmente, a vacilação quando, em vez do artigo definido, aparecer o indefinido *um*, pois aí *todo um* denota "inteiro", "total": *todo um dia*, *toda uma cidade*, construção, aliás, sem razão, rejeitada por puristas intransigentes.

Todo no singular e posposto ao substantivo entra sempre na expressão da totalidade: *o*

homem todo, *a casa toda*, *o país todo*, *a semana toda*, *o tempo todo*, *a fortuna toda*, *o mundo todo*, *uma cidade toda*.

Nas expressões de reforço enfático ou de valor superlativo do tipo de *todo o resto*, *toda a soma*, *todo o mais* (substantivado), *a toda a pressa*, *a toda a brida*, *a todo o galope*, o artigo é de presença obrigatória entre brasileiros.

No plural, *todos*, *todas*, antepostos ou pospostos, exigem sempre a presença do artigo, desde que o substantivo não esteja precedido de adjunto que o exclua:

Todos os alunos entregaram as provas antes do tempo.

Todas as revisões são passíveis de enganos.

Os alunos todos disseram sim.

Todos estes casos foram examinados.

Todas elas responderam às cartas

Estando a totalidade numérica definida por um numeral referido a substantivo explícito ou subentendido, *todos* pode ser ou não acompanhado de artigo (*todo um*, *todos dois* ou *todos os dois*, *todos três* ou *todos os três*, etc.):

"Era belo de verem-se *todos cinco* em redor da criança, como se para outro fim se não reunissem!" [CBr.6, 131].

Todas as quatro razões foram discutidas.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) É mais comum a presença do artigo quando o substantivo está expresso.

2.ª) Em *todas estas quatro razões*, a presença de um adjunto (*estas*) que exclui o artigo explica a sua ausência.

Graças à significação de certos verbos em determinados contextos, *todos* pode ser interpretado em sentido distributivo, com valor aproximado de "cada", como no exemplo:

"Dizia um Secretário de Estado meu amigo que, para se repartir com igualdade o melhoramento das ruas por toda a Lisboa, deviam ser obrigados os ministros a mudar de rua e bairro *todos os três meses*" [AGa.4, 33].

(isto é: a cada três meses, de três em três meses, como interpreta ED.2, § 61, a)

Todo pode ser empregado adverbialmente, com valor de "inteiramente", "em todas as suas partes":

"Desculpe-me, que eu estou *todo* absorvido pela minha mágoa!"

[CBr.6, 93].

"Longe de mim a triste ideia de me intrometer nessa questão *todo* particular"

[CL.1, I, 211].

Suas origens pronominais facultam-lhe a possibilidade de poder, por atração, concordar com a palavra a que se refere:

O professor é ***todo*** *ouvidos.* *Ela é* ***toda*** *ouvidos.*

Ele está ***todo*** *preocupado.* *Ela está* ***toda*** *preocupada.*

Acabamos de ver as crianças ***todas*** *chorosas.*[52]

Todo entra ainda na construção de locuções adverbiais: *em todo*, *de todo*, *de todo em todo*, etc.

Tudo – Refere-se às coisas consideradas em sua totalidade ou conjunto e, normalmente, se apresenta como termo absoluto, desacompanhado de determinado:

Nem *tudo* está perdido.

Põe a esperança em *tudo*.

O seu emprego absoluto apresenta duas exceções: quando se combina com os demonstrativos *isto*, *isso*, *aquilo* ou quando é seguido de oração adjetiva substantivada pelo

artigo:

Tudo isso é impossível. *Isso tudo* é impossível.

Onde você comprou *tudo aquilo*?

Desconhecemos *tudo o que eles disseram.*

Em tais construções, o demonstrativo funciona como núcleo do sintagma nominal e o indefinido como seu adjunto, bem como da oração adjetiva substantivada.

Pronome relativo

Usa-se *o qual* (e flexões) em lugar de *que*, principalmente quando o relativo se acha afastado do seu antecedente e o uso deste último possa dar margem a mais de uma interpretação:

O guia da turma, *o qual* nos veio visitar hoje, prometeu-nos voltar depois (com o emprego de *que* o sentido ficaria ambíguo).

Pode-se ainda recorrer à repetição do termo:

"Arrastaram o saco para o *paiol* e o *paiol* ficou a deitar fora" [CN.1, 12].

Dá-se ainda o afastamento do relativo em relação ao seu antecedente em exemplos como o seguinte:

"No fundo de um triste vale dos Abruges, terra angustiada e sáfara, um pobre eremita vivia *que* deixara as abominações do século pela soledade do deserto" [JR.2, 2, 219].

Hoje é mais comum construir:

"eremita que deixara... vivia" ou "vivia um pobre eremita que deixara...".

Deve-se evitar com cuidado o grande distanciamento entre o antecedente e o correspondente relativo, principalmente se este estiver precedido de dois nomes que possam assumir esta referência. Mário Barreto [MBa.5, 303] cita o trecho de Camilo em que o escritor explicita entre parêntese o real antecedente:

"Eu de mim, se não estivesse amortalhada no sobretudo do meu marido, *que* vou escovar (o sobretudo), era dele, como a borboleta é da chama (...)".

"Lúcia descera com a moça bonita, de calças curtas, *que* guiava o carro" [JL.2, 133].

Muitas vezes a pontuação salva a boa interpretação do texto; a vírgula posta entre um substantivo (ou pronome) e o relativo serve para indicar que este não se está referindo àquele, e sim ao mais afastado:

"mas ele tinha necessidade da sanção de alguns, *que* (isto é, a "sanção", e não "alguns") lhe confirmasse o aplauso dos outros" [MA.1, 138].

Em geral substitui-se *que* por *o* (*a*) *qual* depois de preposição ou locução prepositiva de mais de duas sílabas. Empregamos *sem que* ou *sem o qual*, *a que* ou *ao qual*, *de que* ou *do qual*, mas dizemos com mais frequência *apesar do qual*, *conforme o qual*, *perante o qual*, etc.53 O movimento rítmico da frase e a necessidade expressiva exigem, nestes casos, um vocábulo tônico (como *o qual*) em lugar de um átono (como *que*).

Com frequência, a preposição que deveria acompanhar o relativo emigra para o antecedente deste relativo:

"A barra é perigosa, como dissemos: porém a enseada fechada é ancoradouro seguro, *pelo que* (o porque, razão por que) tem sido sempre couto dos corsários de Berbéria" [AH.2, 69].

"... até o induzirem a mandá-lo sair da corte, *ao que* (o a que) D. Pedro atalhou com retirar-se antes que lhe ordenassem" [AH.2, 91].

"... não tardou a ser atravessado, pelo coração, com uma seta do que (o de que) imediatamente acabou" [AH.2, 97].

A construção regular, sem migração da preposição, é pouco usada e se nos apresenta como artificial:

"Assim me perdoem, também, *os a quem* tenho agravado, *os com quem* houver sido injusto, violento, intolerante..." [RB.2, 23].

No seguinte exemplo de Rui Barbosa a preposição aparece antecipada e depois no lugar devido:

"É *no em* que essa justificação se resume" [RB.1, 519].

Outras vezes omite-se a preposição que pertence a rigor ao relativo, em virtude de já ter o seu antecedente a mesma preposição:

Você só gosta *das coisas que* não deve (por: *das coisas de que não deve*).

Ele falou *do que* não podia falar (por: *de que não podia falar*).

Relativo universal – Na linguagem coloquial e na popular pode aparecer o pronome relativo despido de qualquer função sintática, como simples transpositor oracional. A função que deveria ser desempenhada pelo relativo vem mais adiante expressa por um substantivo ou pronome precedido de preposição. É o chamado *relativo universal* que, desfazendo uma complicada contextura gramatical, se torna um "elemento linguístico extremamente prático" [KN.1, V, 330]:

Ali vai o homem *que* eu falei com *ele*.

por

Ali vai o homem *com quem* eu falei.

Anacoluto no relativo – Costuma-se empregar ainda *que* ou *quem* seguido de pronome pessoal oblíquo (*que* ou *quem... lhe*) onde o rigor gramatical estaria a pedir este relativo precedido de preposição. É prática antiga que ainda persiste no colóquio moderno:

"Agora sim, disse então aquela cotovia astuta, agora sim, irmão, levantemos o voo e mudemos a casa, que vem *quem lhe* dói a fazenda"

(= aquele a quem dói a fazenda) [MBe *apud* AC.8, I, 70].

Quem ama o feio bonito *lhe* parece (= quem ama o feio parece bonito).

Quem cospe para o céu, na cara *lhe* cai.

Pode ocorrer ainda que, em vez do pronome *lhe*, apareça substantivo ou pronome com a preposição que deveria preceder o relativo.

Outras vezes o relativo não se refere propriamente ao seu antecedente, mas a um termo a ele relacionado:

"Bem vês as *lusitânicas* fadigas

Que eu já de muito longe favoreço" [LC.1, II, 171].

O pronome relativo se refere a *lusitanos*, ideia contida no adjetivo *lusitânicas*.

"Isto que parece absurdo ou desgracioso é perfeitamente racional e belo – belo à *nossa* maneira, *que* não andamos a ouvir na rua os rapsodos recitando os seus versos, nem os oradores os seus discursos, nem os filósofos, as suas filosofias" [MA *apud* SS.5, I, 28]. Aqui o relativo se refere ao pronome pessoal *nós* que se depreende do pronome possessivo *nossa*.

Não pertence à boa norma da língua repetir sob forma pronominal a função sintática já desempenhada pelo relativo. São escassos os exemplos como os seguintes:

"(nome) *que to* dissesse a brisa perfumada

Lasciva perpassando pelas flores" [CA.1, ed. SS, § 29].

"... o homem que se destina, ou *que o* destinou seu nascimento, a uma vocação pública, não pode sem vergonha ignorar as belas-letras e os clássicos" [AGa *apud* SS.5].

É preciso distinguir cuidadosamente este caso de outro aparentemente igual, em que não se trata de *que* pronome relativo, mas *que* conjunção causal ou consecutiva (com elipse do intensivo *tão*, *tal*):

"O português hodierno não é nem a língua de sábios nem de filósofos e pensadores *que* não *os* há..." [JR.6, 152].

"Tenho os pés *que os* não sinto, dizia ele ao seu vizinho" [AFg.1, 117].

(isto é: tenho os pés *de tal maneira, que*...)

Já vimos que *cujo*, como pronome relativo, traduz a ideia de posse, com o valor de *dele* (*dela*), *do qual* (*da qual*):

O livro *cujas* páginas... (= as páginas *do qual*, as páginas *dele*, as *suas* páginas).

Conforme a função do núcleo do sintagma nominal, do qual este pronome serve de adjunto, *cujo* pode vir precedido de preposição:

O proprietário *cuja casa* aluguei (a casa *do qual* aluguei).

Os pais *a cujos filhos* damos aula... (aos filhos *dos quais*).

Os pais *de cujos filhos* somos professores... (dos filhos *dos quais*).

O clube *em cujas dependências* faço ginástica (nas dependências *do qual*).

A cidade *por cujas ruas*, na infância, arrastou seus sonhos (pelas ruas da qual).

A prova *com cujas questões* me atrapalhei (com as questões *da qual*).

Para o emprego correto de *cujo*, além do que já dissemos antes, convém atentar para as três seguintes construções viciosas:

a) em vez de *cujo*, empregar um relativo (*que*, *quem*) precedido da preposição *de* para referir-se à ideia de posse:

Não posso trabalhar com uma pessoa *de quem* discordo dos métodos.

Dever-se-á construir:

Não posso trabalhar com uma pessoa *de cujos* métodos discordo (do método *dela*, do método *da qual*).

b) também não é para imitar o emprego de *cujo* (e flexões) significando *o qual* (e flexões). Os exemplos que dele se nos deparam na pena de um bom conhecedor do idioma, como Filinto Elísio, se devem explicar como uma iniciativa do idioleto do escritor, mas que não ganhou foros de cidade:

O livro *cujo* eu comprei ontem é excelente.

c) empregar artigo definido depois de *cujo*:

O pai *cujos os* filhos estudam aqui.

5 – Numeral

Numeral – é a palavra de função quantificadora que denota valor definido:

"A vida tem *uma* só entrada: a saída é por *cem* portas" [MM].

Os numerais propriamente ditos são os *cardinais*: *um*, *dois*, *três*, *quatro*, etc., e respondem às perguntas *quantos?*, *quantas?*.

Observações:

1.ª)Não são quantificadores numerais, ainda que tenham o mesmo significante, os substantivos que designam os algarismos e os números inteiros positivos. São substantivos e, como tais, admitem gênero e podem ir ao plural: *o um*, *os uns*; *o dois*, *os dois*; *o*

quatro, *os quatros*; prova dos *noves*. O gênero masculino se explica pela referência à palavra *número*, que se subentende. [AL.1, 120].

2.ª)Entre brasileiros, principalmente em referência a números de telefone, usa-se *meia dúzia* ou *meia* para o número *seis*. Não vale como numeral.

A tradição gramatical, levando em conta mais a significação de certas palavras denotadoras da quantidade e da ordem definidas, tem incluído entre os numerais próprios – os cardinais – ainda os seguintes: os *ordinais*, os *multiplicativos* e os *fracionários*. Tais palavras não exprimem uma quantidade direta do ponto de vista semântico, e, do ponto de vista sintático, se comportam, em geral, como adjetivos que funcionam como adjuntos e, portanto, passíveis de deslocamentos dentro do sintagma nominal:

Ele era o *segundo* irmão entre os homens.

Ele era o irmão *segundo* entre os homens.

Podem combinar-se coordenativamente com outros adjetivos:

Choveu muito nos *primeiros e gelados* dias deste inverno.

Podem até estar quantificados pelo numeral próprio:

Os *três primeiros* meses foram de muito calor.

Os *dois sêxtuplos* nasceram na mesma cidade, em anos diferentes.

De modo que seria mais coerente incluir os ordinais, multiplicativos e fracionários, conforme se apresentem no discurso, no grupo dos substantivos (*dobro*, *metade*, etc.) ou dos adjetivos (*duplo*, *primeiro*, etc.), como já fizemos com *último*, *penúltimo*, *anterior*, *posterior*, *derradeiro*, *simples*, *múltiplo*, etc., que denotam ordenação ou posição dos seres numa série, sem imediata ou mediata relação com a quantidade. Em nome da tradição e para comodidade de consulta do leitor, incluiremos nesta seção tais palavras, sem considerá-las como numerais.

Também a tradição gramatical tem posto *ambos* como numeral *dual*, como subcategoria de número (singular/plural), por sempre aludir a dois seres concretos já mencionados no discurso. Mas não temos, como alguns dialetos gregos, entre outras línguas, unidades linguísticas para a ideia da dualidade nos nomes e nos verbos [BD.1, II, 2.ª parte, 195; JV.1, 152]. Conforme as informações do contexto, podemos indicá-la por *dois*, *ambos*, pelo plural (*as abotoaduras*) ou possessivo (*suas abotoaduras*, *seus pulsos*), pelo reflexivo (*se amam*), etc. Nem o latim conhecia o dual [ECs.1, 198; HCv.3, III, 34]. Portanto, fica para *ambos* uma das duas classificações mais correntes: ou um *numeral* plural ao lado de *dois*, mas dele diferente por só se referir a seres já previamente indicados ou conhecidos, ou um *pronome*, justamente levando em conta essa referência de dêixis anafórica. *Ambos* admite posição anteposta ou posposta ao nome que modifica, nome (menos o pronome, naturalmente) que pode vir ou não precedido de preposição e pode ser substituído por *um e outro*:

Ambos os filhos ou os filhos *ambos*

Ambos os livros ou os livros *ambos*

Ambas (as) razões – *Uma e outra* razão

OBSERVAÇÃO: *Ambos* podia combinar-se com *dois* em construções enfáticas em que estivesse anteposto ou posposto ao substantivo: João e Maria eram irmãos; os *dois ambos* são engenheiros. Hoje, só no estilo solene, ocorre a construção.

Do ponto de vista material, existem em português os numerais simples (*um*, *dois*, *três*, *vinte*, *trinta*, *cem* [próclise de *cento*]), os compostos, que indicam adição, ligados pela conjunção *e* (*vinte e um*, *dezesseis*, *dezessete*, *cento e dois*, *mil e noventa*, etc.) e os justapostos que indicam multiplicação, quando a primeira unidade, multiplicadora, é menor

que a segunda: *quatrocentos* (4 x *cem*), *setecentos*, *oitocentos* e *novecentos*, *dois mil*, *cinco mil*, etc.54

Na designação dos números, usa-se a conjunção *e* entre as centenas, dezenas e unidades (*duzentos e vinte e seis*). Entre os milhares e as centenas, emprega-se o *e* se as centenas não forem seguidas de outro número (*dois mil e duzentos*); em caso contrário, omite-se a conjunção (*dois mil duzentos e vinte e seis*). Põe-se o *e* entre os milhares e as dezenas como também entre os milhares e as unidades (*dois mil e vinte e seis*; *dois mil e seis*). [SL.1, 164]

Nos números muito extensos, omite-se a conjunção entre as classes, isto é, entre os grupos de três algarismos: 324.312.090.215 – *trezentos e vinte e quatro bilhões trezentos e doze milhões noventa mil duzentos e quinze.*

Têm emprego como substantivos e, entre estes, guardam analogia com os coletivos – mas deles diferem pela indicação de quantidade definida: *dezena*, *década*, *dúzia*, *centena*, *centenar*, *cento*, *milhar*, *milheiro*, *milhão*, *bilhão*, *trilhão*, etc. [SA.2, 88].

Como ainda os coletivos, podem ter adjuntos introduzidos por preposição para indicar a espécie: uma *dúzia de laranjas*, duas *décadas de vida*, três *centos de bananas*, um *milhão de pessoas*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Em lugar de *milhão* pode ocorrer *conto*, na aplicação a dinheiro, em *conto de réis* ou, simplesmente, *conto*.

2.ª) Podem ser grafados com *lh* ou *li*: *bilhão* / *bilião*, *trilhão* / *trilião*, *quatrilião*, *quintilião*, *sextilião*, *setilião*, *octilião*. As formas com *lh* são mais usuais.

Os cardinais funcionam como adjuntos, à maneira dos adjetivos e pronomes adjetivos, e podem substantivar-se, se os seres forem consabidos, precedidos de artigo ou outro determinativo:

> *Os dois* acabaram chegando cedo.
>
> *Estes três* estão à sua espera.

Podem juntar-se a substantivo acompanhado ou não de adjetivos, antepostos ou pospostos ao numeral:

> Os *dois* bons momentos da vida.
>
> Os maravilhosos *três* dias passados na fazenda.

No que toca à flexão de gênero, os numerais são invariáveis, exceção de *um* (*uma*), *dois* (*duas*) e *ambos* (*ambas*), os formados com *um* (*vinte e um*/*vinte e uma*) e as centenas acima de *cem* (*duzentos*/*duzentas*, *trezentos*/*trezentas*, *novecentos*/*novecentas*).

Cumpre lembrar que se o sujeito da oração tiver por núcleo o substantivo *milhões*, acompanhado de adjunto preposicionado no plural, cujo núcleo é um feminino, o particípio ou o adjetivo pode concordar no masculino com seu núcleo, ou no feminino, com o substantivo preposicionado do adjunto:

> *Dois milhões de pessoas* foram aposentados (ou aposentadas) neste ano.

Os adjuntos de *milhar*, masculino, devem também ficar no masculino:

> *Alguns milhares* de pessoas se expõem perigosamente ao sol do meio-dia.
>
> *Os milhares* de pessoas que estudam línguas estrangeira não devem esquecer a materna.

Evite-se o erro, hoje comum: ***algumas*** *milhares de pessoas*, ***as milhares*** *de pessoas*.

Depois dos numerais compostos com *um* pode deixar-se o substantivo no plural: *trinta e um* ***dias***, contrução mais comum.

Na expressão alusiva a um número não conhecido ou que não se queira explicitar (*o número tanto*), pode-se também usar o plural: *o número tantos*, *a folhas tantas*, *a páginas tantas*.

Cabe ainda lembrar que o numeral cardinal pode às vezes ser empregado para indicar número indeterminado:

Peço-lhe *um* minuto de sua atenção (= *alguns poucos minutos*).

Contou-lhe o fato em *duas* palavras (= *poucas palavras*).

F. tem *mil e um* defeitos (por: *muitos defeitos*).

Ela anda com *mil* perguntas (por: *muitas perguntas*).

Como vimos no emprego de *todo*, às vezes expressões como *todos os dois dias*, *todas as três semanas*, etc. podem ser empregadas com o valor de "dois em dois dias" ou "a cada dois dias", "de três em três semanas" ou "a cada três semanas".

A relação entre os nomes numerais, como diz Mattoso Câmara [MC.4, 178], e a arte de contar leva a que, na língua escrita, se usem os algarismos em vez das palavras correspondentes, prática válida para os ordinais: 26 de fevereiro; reunião às 3 horas; rua X, 204; reinou 12 anos; capítulo 4; seção 32.ª; 14.º lugar, etc.

"Assim, os numerais passam a ser indicados na língua escrita por ideogramas" [MC.4, 178].

Ordinais – São as palavras que denotam o número de ordem dos seres numa série:

primeiro, *segundo*, *terceiro*, *quarto*, *quinto*, etc.

OBSERVAÇÃO: *Último*, *penúltimo*, *antepenúltimo*, *anterior*, *posterior*, *derradeiro*, *anteroposterior* e outros tais, ainda que exprimam posição do ser, não têm correspondência entre os numerais e por isso devem ser considerados meros adjetivos. 55

Ordinais e cardinais – Os ordinais têm pouca frequência na língua comum, exceto os casos consagrados pela tradição e, em geral, até o número *dez*:

4.º andar, 2.º pavimento, 3.ª seção, 5.º lugar, 100.º aniversário de fundação.

Todavia, no estilo administrativo e em outras variedades de estilo oficial, correm com mais frequência os ordinais. Os casos mais comuns são os seguintes: até décimo, quando se usam também os algarismos romanos (estes vão além de décimo). A partir de décimo, os cardinais substituem os ordinais correspondentes:

a) na seriação dos monarcas e papas de mesmo nome:

Pedro I, Pedro II, D. João VI, Pio X, Leão XIII, João XXIII

b) na cronologia dos séculos:

século I, século VI, século X, século XXI

c) na indicação dos capítulos de livros:

capítulo I, capítulo III, capítulo IX, capítulo XXXII

O cardinal substitui o ordinal na indicação de horas e em expressões designativas da idade de alguém; neste caso, se o substantivo estiver no plural, o número também irá ao plural:

É *uma hora* (= é a primeira hora).

É *uma hora e meia*.

São *duas horas* (= é a segunda hora).

Castro Alves faleceu aos 24 anos (= no vigésimo quarto ano de vida).

Também o cardinal substitui o ordinal na designação dos dias do mês; se mencionado o

substantivo *dia* antes do algarismo, fica no singular:

No dia 2 de dezembro nasceu Pedro II (por: no segundo dia de dezembro).

Se vier posposto ao algarismo, linguagem usada em documentos oficiais, o substantivo *dia* será usado no plural:

Aos *treze dias* do mês de janeiro nasceu o primogênito.

Aos *26 dias* de agosto de 1944 foi fundada a Academia Brasileira de Filologia.

Para referir-se ao dia que inicia cada mês podemos usar tanto o cardinal quanto o ordinal:

No dia *um* de janeiro nasceu-lhe o segundo filho.

No dia *primeiro* de janeiro nasceu-lhe o segundo filho.

Na referência a páginas ou capítulos de livro, usam-se as preposições *em* ou *a*. Com *em* emprega-se a palavra *página*, *folha* ou *capítulo* no singular seguida do cardinal, se for superior a dez, podendo até aí usar-se o ordinal, anteposto ou posposto:

Na página 32 há um erro de revisão / *na folha 32* / *no capítulo 32*

Na página dois faltou uma vírgula / *na folha 2* / *no capítulo dois*

Na página segunda ou *na segunda página* / *na folha segunda* / *no capítulo segundo*

Com a preposição *a*, usa-se o substantivo no plural:

A páginas 12 *A folhas 12*

Note-se que se pode dizer *à página dois*, *a páginas duas*, *a páginas vinte e uma*, *a páginas tantas*, *na página dois*, *na página vinte e um*, *na página vigésima primeira*. Em resumo: com *página*, no singular, o cardinal fica invariável; com *páginas*, no plural, o cardinal se flexiona em gênero. O ordinal se flexiona sempre: *página primeira*, *páginas vigésima primeira*.

Multiplicativos – São as palavras que exprimem a multiplicidade dos seres. Os mais usados são:

duplo ou *dobro*, *triplo* ou *tríplice*, *quádruplo*, *quíntuplo*, *sêxtuplo*, *séptuplo*, *óctuplo*, *nônuplo*, *décuplo*, *cêntuplo*.

Fracionários – São as palavras que indicam frações dos seres:

meio, *terço*, *quarto*, *quinto*, *sexto*, *sétimo*, *oitavo*, *nono*, *décimo*, *vigésimo*, *centésimo*, *milésimo*, *milionésimo*, empregados como equivalentes de *metade*, *terça parte*, *quarta parte*, etc.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) O fracionário *meio*, funcionando como adjunto, concorda com seu núcleo, explícito ou não: meio-dia e *meia* [hora]; duas e *meia* [hora].

2.ª) Em lugar de *um milhão* (*dois milhões*, etc.) *e meio* pode-se, mais raramente, empregar *um e meio milhão*, *dois e meio milhões*:

> "Para aquilatar a importância dos tropeiros, basta lembrar que o Brasil tem cerca de *oito e meio milhões* de quilômetros quadrados de superfície (...)" [AAr *apud* SS.3, 106].

Para muitos fracionários empregamos o cardinal seguido da palavra *avos*, extraído de *oitavo*, como se fora sufixo. Por hipertaxe passa a funcionar como uma palavra: onze avos, treze avos, quinze avos, etc.

Lista dos principais ordinais com o cardinal correspondente:

primeiro	–	um
segundo	–	dois

terceiro	–	três
quarto	–	quatro
quinto	–	cinco
sexto	–	seis
sétimo	–	sete
oitavo	–	oito
nono	–	nove
décimo	–	dez
undécimo ou décimo primeiro	–	onze
duodécimo ou décimo segundo	–	doze (e não douze!)
décimo terceiro	–	treze
décimo quarto	–	quatorze, catorze
vigésimo	–	vinte
vigésimo primeiro	–	vinte e um
trigésimo	–	trinta
quadragésimo	–	quarenta
quinquagésimo	–	cinquenta
sexagésimo	–	sessenta
septuagésimo ou setuagésimo	–	setenta
octogésimo	–	oitenta
nonagésimo	–	noventa
centésimo	–	cem
ducentésimo	–	duzentos
trecentésimo ou tricentésimo	–	trezentos
quadringentésimo	–	quatrocentos
quingentésimo	–	quinhentos
seiscentésimo, sexcentésimo	–	seiscentos
septingentésimo, setingentésimo	–	setecentos
octingentésimo	–	oitocentos
nongentésimo, noningentésimo	–	novecentos
milésimo	–	mil

dez milésimos	–	dez mil
cem milésimos	–	cem mil
milionésimo	–	um milhão
bilionésimo	–	um bilhão

OBSERVAÇÃO: A tradição da língua estabelece que, se o ordinal é de 2.000 em diante, o primeiro numeral usado é cardinal: 2345.ª – duas milésima trecentésima quadragésima quinta. A língua moderna, entretanto, parece preferir o primeiro numeral como ordinal, se o número é redondo: décimo milésimo aniversário.

6 – VERBO

Considerações gerais – Entende-se por verbo a unidade de significado categorial que se caracteriza por ser um molde pelo qual organiza o falar seu significado lexical.

A – ***A distinção de verbos nocionais e relacionais***

A tradicional distinção de duas subclasses em verbos *nocionais* e verbos *relacionais*, que está na base da distinção de *predicado verbal* e *predicado nominal*, tem sido posta em questionamento por notáveis linguistas modernos. Esta distinção é válida sob certo aspecto semântico, mas não no que se refere à sintaxe; o núcleo da oração é sempre o verbo, ainda que se trate de um verbo de significado léxico muito amplo e vago (costuma-se dizer "vazio", o que justifica a denominação tradicional de "cópula" – marca gramatical de identidade – e a classificação "relacional" de Said Ali). O verbo *ser* e o reduzido grupo de verbos que integram a constituição do chamado predicado nominal em nada diferem dos outros verbos: todos possuem "os morfemas de pessoa e número que com o sujeito gramatical dão fundamento à oração" [AL.1, 1994, 302]. Diz com muita justeza Benveniste que uma oração de verbo *ser* "é uma oração verbal, paralela a todas as orações verbais" [EBv.1, 169].

B – ***Categorias verbais segundo Roman Jakobson***

Para esta organização, além de ser pensado como significado verbal, o verbo se combina, entre outros, com instrumentos gramaticais (morfemas) de tempo, de modo, de pessoa, de número.

Assim, *trabalhar* e o *trabalho* são palavras que têm o mesmo significado lexical, mas diferentes moldes, diferentes significados categoriais, embora se deva ter presente que este não é o simples produto da combinação do significado lexical com o significado instrumental. Por isso, como ensina Coseriu, um lexema não é verbo *porque* se combina, por exemplo, com um morfema de tempo e pessoa, mas, ao contrário, combina-se com esses morfemas *para* ser verbo, e porque está pensado com significação verbal [ECs.7, 70].

Um estudo coerente do verbo requer o estabelecimento do sistema de *categorias verbais*, isto é, tipos ou funções da forma léxicas mediante as quais se estabelecem as oposições funcionais numa língua.

Quando se usam em português as formas:

canto – cantas – canta

vejo – vês – vê
parto – partes – parte

estabelecem-se oposições da mesma espécie que afetam o conceito de "pessoa".

Quando se usam as formas:

canto – cantamos,

estamos diante de uma mesma pessoa ("primeira pessoa") e a oposição afeta outro conceito, o de "número".

E quando se usam as formas:

canto – cante

temos a mesma pessoa e o mesmo número, mas não a mesma categoria de "modo".

As oposições podem ser *simples*, como as dos exemplos até aqui, isto é, quando, em cada caso, só ocorre uma só categoria, um só critério de diferença de conteúdo, ou *complexas*, como:

canto – canteis

em que a diferenciação de conteúdo se dá em três categorias: "pessoa" (1.ª e 2.ª), "número" (singular e plural) e "modo" (indicativo e subjuntivo).

No verbo português, há categorias que sempre estão ligadas: não se separa a "pessoa" do "número" nem o "tempo" do "modo"; isto ocorre em grande parte, senão totalmente, com o "tempo" e o "aspecto", como veremos depois.

O linguista Roman Jakobson elaborou um sistema geral das categorias verbais que é considerado o mais coerente e claro até agora apresentado. Será aqui tomado em consideração, ainda que nem sempre se mostre adequado para a análise do sistema verbal românico, em especial para o português que, para Coseriu, é o mais rico e complexo em comparação com as línguas da mesma família.

Tomando em consideração os atos de fala relacionados com as funções verbais, distingue Jakobson:

a) o ato de fala em si mesmo (F)

b) o conteúdo do ato de fala, isto é, o comunicado (C)

c) o acontecimento, isto é, tanto o ato de fala quanto o comunicado (A)

d) os participantes neste acontecimento (P)

Desta relação se extraem quatro conceitos fundamentais:

a) um acontecimento comunicado (AC)

b) o próprio acontecimento do falar (AF)

c) os participantes no acontecimento comunicado (PC)

d) os participantes no acontecimento da fala (PF)

As categorias verbais podem afetar um só dos elementos b) e c) ou referir-se a mais de um elemento; no primeiro caso dizem-se *caracterizadores* ("*designadores*" na nomenclatura de Jakobson), e no segundo *determinantes de relação* ("*conectores*", para Jakobson).

Assim, a categoria de número é caracterizadora, porque afeta exclusivamente o número de participantes no acontecimento comunicado; já o passivo é determinante de uma relação, porque enquadra uma relação entre o acontecimento comunicado e os participantes: *sou*

escutado encerra a relação entre minha pessoa e o acontecimento de *escutar*.

Por outro lado, as categorias caracterizadoras podem sê-lo por *qualificação* ou por *quantificação* dos elementos; a de gênero é *qualificadora*, e a de número, *quantificadora*.

Vistas por outro prisma, as categorias podem estar *determinadas linguisticamente* ou ser *determinadas pelo discurso*. Assim, o plural, que é uma categoria determinada pela língua, pode ser definido sem nenhuma relação com um ato momentâneo da fala, enquanto não podemos definir do mesmo modo o "eu", porque "eu" é sempre a pessoa que fala, uma categoria "definida pelo discurso".

Com base nestas informações, podemos aproveitar o seguinte quadro sinótico das categorias gerais do sistema verbal, apresentado por Coseriu:

		Que afetam os participantes		Que não afetam os participantes	
		caracte-rizadora	determinante de relação	caracte-rizadora	determinante de relação
deter-minadas linguis-ticamente	qualificadora	GÊNERO		ESTADO	
	quantificadora	NÚMERO		ASPECTO	
			VOZ		TAXIS
deter-minadas pelo discurso		PESSOA		TEMPO	
			MODO		EVIDÊNCIA

Explicação das categorias verbais

Gênero (PC) – Refere-se aos participantes no acontecimento comunicado e daí adquire capacidade qualificadora. Em geral, não necessita marca especial. No português, aparece apenas na voz passiva (*o livro foi escrito* / *a novela foi escrita*). Já no latim, é um morfema típico do particípio; também se manifestava em construções com objeto direto no português até entre os séculos XVII e XVIII, quando desapareceu definitivamente ("[Inês de Castro] *tem pisada a areia ardente*, Camões). Vigora ainda hoje no francês e no italiano (*je l'ai écrite* [*la lettre*], *l'ho scritta*).

Número (PC) – Refere-se aos participantes no acontecimento comunicado e daí adquire capacidade quantificadora. No português e demais línguas românicas, está sempre ligada à pessoa no verbo flexionado ou finito e, em parte, também na forma verbal infinita (port. *o dizê-lo eu*, esp. *el decirlo yo* – "o fato de que eu o diga"). Aparece sem pessoa apenas em uma forma infinita, novamente o particípio (*visto – vistos*).

Pessoa (PC/PF) – Determina a relação dos participantes no acontecimento comunicado com os participantes no ato de fala. Primeira pessoa: coincidência do participante no acontecimento comunicado (PC) com o falante (só em parte também, quando se trata do

plural); segunda pessoa: coincidência PC com o ouvinte; terceira pessoa: PC não coincide com nenhuma das duas pessoas.

Estado (AC) – Afeta a qualidade lógica do sucesso comunicado (*afirmativo*, *negativo*, *interrogativo*, *negativo-interrogativo*). No português e demais línguas românicas, o estado é mais uma qualidade da oração; mas, às vezes, exige também uma forma verbal especial no âmbito da sintaxe (inversão), ou também no âmbito da morfologia (imperativo – imperativo negado: *canta*/*não cantar*, *canta*/*não cantes*; gerúndio – gerúndio negado; particípio – particípio negado).

Aspecto (AC) – Segundo Jakobson, assinala a ação levada até o fim, isto é, como conclusa (perfeita) ou inconclusa (imperfeita). Certas espécies de ação, como *durativa*, *incoativa* (*ingressiva*), *terminativa*, *iterativa*, etc., são apenas subdivisões desta categoria.

Tempo ou **nível temporal** (AC/AF) – Assinala a relação temporal do acontecimento comunicado com o momento do ato de fala; o presente encerra este momento, o passado é anterior, e o futuro ocorrerá depois deste momento:

Voz ou **diátese** (PC/AC) – Determina a relação entre o acontecimento comunicado e seus participantes. O primeiro participante lógico, o sujeito, pode ser agente do acontecimento (*voz ativa*) ou objeto do acontecer (*voz passiva*), ou agente e objeto ao mesmo tempo (*voz média*, incluído o *reflexivo*):

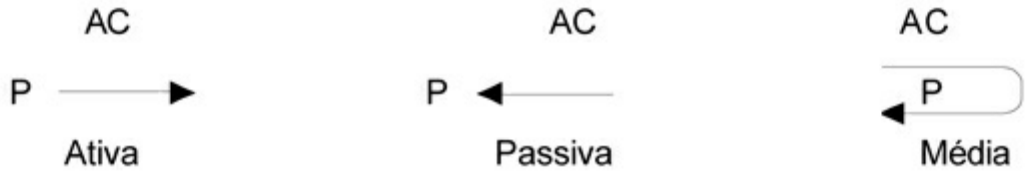

Modo (PC/AC/PF) – Assinala a posição do falante com respeito à relação entre a ação verbal e seu agente ou fim, isto é, o que o falante pensa dessa relação. O falante pode considerar a ação como algo feito, como verossímil – como um fato incerto –, como condicionada, como desejada pelo agente, como um ato que se exige do agente, etc., e assim se originam os modos: indicativo, subjuntivo, condicional, optativo, imperativo.

Taxis (AC/AC) – Assinala a posição de um acontecimento em relação com outro sem consideração do ato de fala. Nas línguas românicas é encontrada em certas construções impessoais com o gerúndio, com o infinitivo ou com o particípio (*comer cantando*, *comer depois de ter cantado*, etc.). Não se trata aqui de níveis temporais, mas de simples série de ações, já que o infinitivo não encerra relação com o ato de fala.

Evidência (AC/ACF/AF) – Assinala que o falante se refere a outro ato de fala – a uma informação indireta – por meio do qual ele experimenta o acontecimento como não vivido por ele mesmo (*Pedro deve ter falado com João*). No português e demais línguas românicas, é muito empregado nestes casos o *modus conditionalis* (*teria partido* = eu não o asseguro, ouvi de outra pessoa) e às vezes o futuro (*serão duas horas*).

C – ***Tempo e aspecto segundo Eugenio Coseriu***

Como assinalamos atrás, as categorias de "tempo" e "aspecto" costumam andar geralmente ligadas no português e nas demais línguas românicas, quer se trate de formas simples, quer de formas perifrásticas, também chamadas locuções verbais. A pura definição temporal e o *tempo* aludem à posição da ação verbal no percurso; a determinação aspectual alude à maneira de considerar a ação verbal no tempo. Coseriu apresenta uma clara e coerente proposta para a interpretação do verbo românico em relação com as categorias de tempo e aspecto com fundamento no sistema das subcategorias verbais.

Para tanto, distingue as seguintes subcategorias:

1) *Nível de tempo* ou simplesmente *nível* – Há uma estrutura temporal dupla no verbo românico: um plano que coincide com a linha do tempo mediante o presente (nível *atual*) e outra paralela onde se situam as ações que não dizem respeito com essa linha do tempo e que representam outra ação (nível *inatual*). O centro do nível atual é o *presente* e do nível inatual é o *imperfeito*:

Presente	nível atual
Imperfeito	nível inatual

Vale lembrar que nem sempre, como geralmente se supõe, o inatual com relação ao presente é interpretado como pertencente ao passado, ou que o imperfeito se enquadra como algo inseguro, condicionado, como algo distante da ação atual, como nas expressões de polidez e em orações principais presas a condicionais:

Eu queria pedir-lhe um favor.
Se soubesse, te dava a resposta.

2) *Perspectiva primária* – Enquadra a posição do falante em relação com a ação verbal. O falante pode ter a ação verbal como "paralela" a si mesmo, antes deste ponto ou depois dele. Por isso, a perspectiva primária pode ser *paralela*, *retrospectiva* ou *prospectiva*, segundo os *espaços de tempo*:

	Passado retrospectiva	Presente paralela	Futuro prospectiva
atual	*fiz*	*faço*	*farei*
inatual	*fizera*	*fazia*	*faria*

Esta estrutura está confirmada pelas possíveis neutralizações: *faço* pode substituir as formas *fiz* e *farei*; *fazia*, as formas *fizera* e *faria*.

De uma só vez a perspectiva primária define dois aspectos que emergem suplementarmente como função anexa da perspectiva:

a) na paralela tem-se uma ação em curso: *cursiva*.

b) na não paralela (retrospectiva ou prospectiva), uma ação como um todo, fora de curso: *complexiva*.

Daí se conclui que o presente e o imperfeito são cursivos e que as outras formas são complexivas.

Como o curso admite certa duração, os verbos pontuais (isto é, aqueles que se caracterizam pela ausência da duração no desenvolvimento do processo) como *encontrar*, *chegar*, etc.), aparecem no presente como formas de neutralização do passado ou do futuro ou, então, significam uma ação repetida (*eu encontro*, *ele chega amanhã*).

3) *Perspectiva secundária* – Consiste no fato de que cada espaço temporal delimitado pela perspectiva primária pode ser disposto outra vez segundo o mesmo princípio:

Presente:

tenho feito	FAÇO	*vou fazer*
tinha feito	FAZIA	*ia fazer*

Passado:

tive feito	FIZ	*fui fazer*
tivera feito	FIZERA	*fora fazer*

Futuro:

terei feito	FAREI	*irei fazer*
teria feito	FARIA	*iria fazer*

4) *Duração* – Esta categoria afeta o lapso em que se dá a ação verbal. A ação pode ser *durativa*, *momentânea* ou *intermitente* (mistura de ambas, isto é, uma ação formada por atos breves):

———	•	- - - - - - - - -
durativa	pontual	iterativa
olhar	*chegar*	*saltitar* (*dar saltos*)

Em português e nas demais línguas românicas, não tem esta categoria uma forma de expressão própria; está determinada lexicalmente ou aparece como categoria anexa à perspectiva.

5) *Repetição* – Impõe-se distinguir a categoria da repetição da de duração: a ação pode ser única (semelfáctiva ÷) ou ação repetida (frequentativa ÷ ÷ ÷ ÷ ...): singular ou repetição indeterminada. É em português uma categoria sem forma de expressão própria. Só a repetição única (÷ ÷) dispõe de perífrases, como *volto a dizer*, ou procedimentos de formação de palavras, como *redizer*.

6) *Conclusão* – Uma ação pode ser considerada *conclusa*, *inconclusa* ou *sem traço de conclusão*. O português não tem neste terreno, como também suas irmãs românicas, nenhum aspecto como categoria. Todavia, noutro sentido, a conclusão pode ser *subjetiva* ou *objetiva*,

na dependência de ter o sujeito levado a ação a um final objetivo ou não. Coseriu chama *terminativa* a conclusão subjetiva, e *completiva* a objetiva.

terminativa: ——————————|
escrevi muito (subjetiva; agora não escrevo)
completiva: ——————————O
escrevi o livro (objetiva; o que devia fazer, levei-o a cabo)

No português, só a conclusão subjetiva é expressa por formas verbais; a objetiva fica assinalada pelo contexto e às vezes pode ser expressa junto à voz verbal.

7) *Resultado* – Uma ação pode ser assinalada como "com resultado" (*resultativa*) ou como "sem resultado" (*não resultativa*). O resultado pode ser *subjetivo* (se afeta o sujeito [agente] e representa uma *reação efetiva*) ou *objetivo* (se afeta o objeto e representa um produto, *produtiva*).

No português, o resultado efetivo se expressa mediante *estar* + particípio: *está escrito*; o resultado produtivo, por *ter* + particípio em concordância com o objeto, porque se aplica na perspectiva secundária [*perfeito composto*]: *tenho escritos dois livros*.

8) *Visão* – É a categoria segundo a qual o falante pode considerar a ação verbal em seu todo ou parcialmente, em fragmentos, entre dois pontos de seu curso.

Na visão parcializante, podem-se diferençar diversas possibilidades:

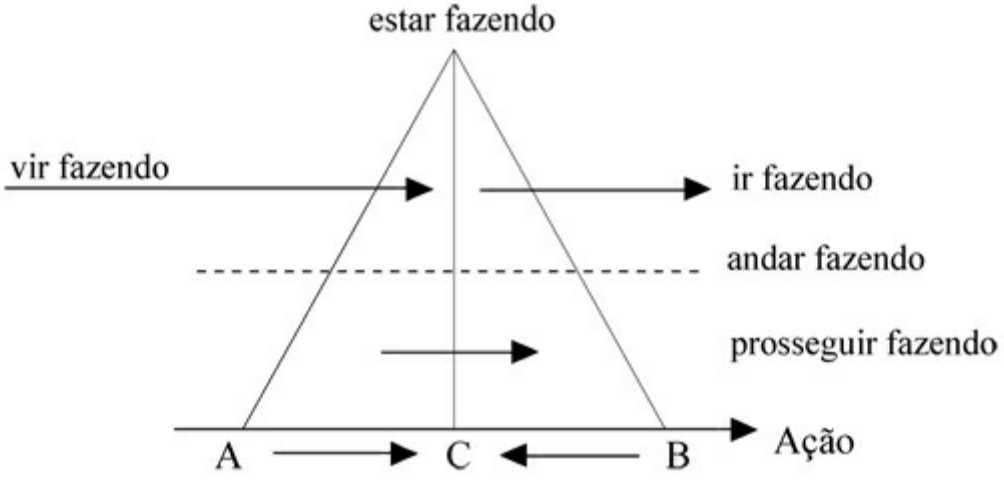

Explicitando esta *visão angular*

Pelo esquema, vê-se a ação entre dois pontos (A,B); ambos podem coincidir em um (C), isto é, podem ser pontos de começo e término de ação, o que não se expressa na forma do verbo e deve ser dito complementariamente: *estive lendo o dia todo*. Explicita-se em português com *estar* + gerúndio (*estou fazendo*) ou *estar a* + infinitivo (*estou a fazer*).

Visão comitativa – Trata-se do acompanhamento da ação verbal em diversos momentos de

seu curso entre A e B, e se expressa em português por *andar* + gerúndio (*ando fazendo*) ou *andar a* + infinitivo (*ando a fazer*).

A expressão pode ser ainda assinalada com o auxílio do adjetivo e particípio, como em *andar enfermo*, *andar desesperado*.

Visão prospectiva – Aqui se vê a ação entre o ponto C e um ponto distante, indefinido; em português há uma forma própria de expressão: *ir* + gerúndio (*vou fazendo*).

Visão retrospectiva – Aqui se vê a ação a partir do ponto indefinido anteriormente mencionado em direção ao ponto C, que coincide com o momento de observação da ação. Também aqui a ação é progressiva, e se expressa em português mediante *vir* + gerúndio (*venho fazendo*).

Visão continuativa – Trata-se de uma combinação de visão retrospectiva e prospectiva, que se expressa em português pelas perífrases: *seguir* + gerúndio (*sigo fazendo*) ou *continuar* + gerúndio (*continuo fazendo*).

Visão global – Aqui se acentua o conjunto da ação e a assinala expressamente como parcializante. A rigor, tal função poderia ser dispensada, já que pode ser desempenhada por membros neutros da oposição. Daí funcionarem as formas simples como membros neutrais:

estou lendo	*leio*
parcializante	neutral (não global parcializante)

Todavia, há expressões para acentuar o global, embora menos frequentes que as parcializantes. Estão representadas por perífrases aditivas com *tomar*, *pegar*, *agarrar*: *pego e escrevo*, *agarro e escrevo*, *tomo e escrevo*.

Para acentuar a globalidade, acompanha-se de todas as significações "enfáticas" do modo de falar, como "de fato", "com efeito", "rápido", "inesperado", "surpreendente", "decidido", "terminantemente", pois pode ocorrer a determinação expressa como "não cursiva" ou ainda como "não parcializante", como "redundante".

De forma esquemática, temos:

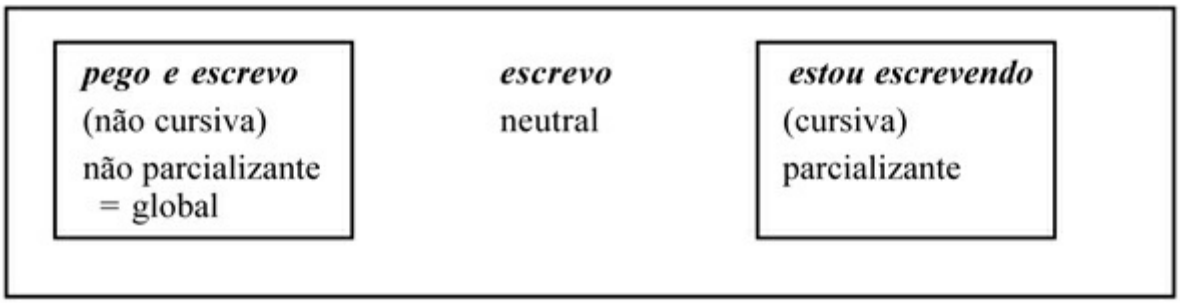

9) *Fase* – Trata-se aqui da relação entre o momento da observação e o grau de desenvolvimento da ação verbal observada.

Em princípio, podem-se distinguir as seguintes "fases":

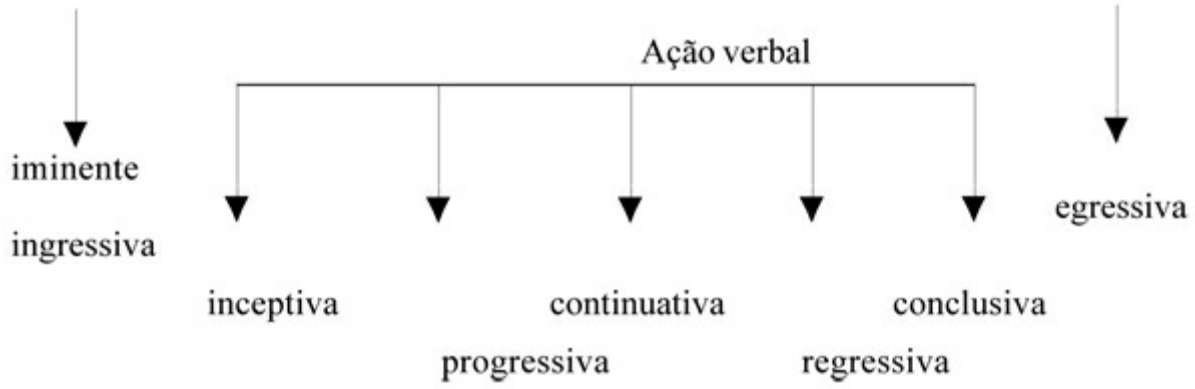

Fase iminente (*ingressiva*) – Trata-se da ação no seu começo. Indica-se com perífrases verbais, em geral, com o verbo *estar*: *estar para* (*por*) + infinitivo: *estou para* (*por*) *escrever*.

Fase inceptiva – Marca o ponto inicial da ação. Além da combinação léxica pura *começar a*, indica-se por várias perífrases verbais pondo ênfase ora na velocidade, ora no repentino da ação:

pôr-se a + infinitivo: *ponho-me a escrever*
meter-se a + infinitivo: *meto-me a escrever*
pegar a (*de*) + infinitivo: *pego a* (*de*) *escrever*
sair + gerúndio: *saio dizendo*

E também com construções aditivas: *ele agarrou e foi-se embora*.

Esta fase é a mais rica em formas e matizes.

Fase progressiva – Considera a ação em seu desenvolvimento; expressa-se mediante *ir* + gerúndio (*vou dizendo*).

Fase continuativa – Considera a ação na zona medial de seu desenvolvimento; expressa-se por *seguir* + gerúndio ou por combinações léxicas (*sigo escrevendo*, *continuo a*) ou conjuntamente com a visão (*estou dizendo*).

Fase regressiva e conclusiva – Considera a ação no seu término ou em sua fase final. Expressa-se exclusivamente com perífrases verbais, sem nenhum procedimento gramatical especial: *terminar de* + infinitivo (*termino de escrever*).

Fase egressiva – Considera a ação após seu término; expressa-se por *acabar de* + infinitivo (*acabo de escrever*).

Sincretismo: visão e fase – Pode ocorrer sincretismo de "visão" e "fase" na fase progressiva, quando o progressivo aparece como determinação secundária da visão: correlaciona-se com a visão comitativa, o que vale dizer dinâmica (*ando fazendo*), um progressivo retrospectivo (*venho fazendo* – de algum tempo até agora), um progressivo prospectivo (*vou fazendo* – desde agora para o futuro), e um progressivo tanto retrospectivo quanto prospectivo, isto é, uma continuativa (*sigo fazendo*).

Conclusão

Concluindo, para Coseriu são as seguintes as subcategorias que devem ser consideradas no exame do tempo e do aspecto do sistema verbal português e românico, levando-se ainda em conta que, entre estas categorias, há diferenças formais que aparecem em oposições funcionais:

• o nível temporal

• a perspectiva primária e secundária

• a visão

• a fase

• o resultado (parcial)

Em relação com outras categorias de sentido conexo, aparecem:

• a duração

• a repetição

• a conclusão (que não são mais do que significações laterais de perspectiva, da visão ou da fase, além de poderem ser constantes, como no caso da conclusão na perspectiva secundária).

Destas categorias, o *nível do tempo* e a *perspectiva primária* devem ser expressas e não podem faltar em cada forma verbal portuguesa. Já as outras categorias podem faltar ou não serem expressas; ficam, assim, "indeterminadas", "neutrais" as formas verbais em relação a essas categorias, ou podem juntar-se até duas. É o que ocorre com *estive fazendo*, que expressa, além do nível do tempo e da perspectiva primária, também a visão. *Tenho estado fazendo* expressa nível temporal, perspectiva primária, perspectiva secundária e visão. Já *tenho estado vindo fazendo*, *tinha-se estado pondo a fazer*, embora teoricamente possíveis, não são correntes. A última forma expressaria formalmente cinco categorias: nível temporal (inatual), perspectiva primária paralela (por causa da forma *tinha*), perspectiva secundária retrospectiva (por causa de *ter* + particípio), visão parcial (por *estar* + gerúndio) e fase inceptiva (por *pôr-se a* + infinitivo).

Exemplo para a descrição funcional – Para a descrição funcional de uma forma verbal

que leve em conta sua posição no sistema a que pertence, temos de enquadrá-la em todas estas categorias. Assim, em relação à forma do português ***fiz*** poderíamos dizer dela:

1) *Nível de tempo*: atual
2) *Perspectiva*: primária, retrospectiva, aspecto complexivo
3) *Visão*: global (neutral)
4) *Fase*: neutral
5) *Resultado*: não resultativa (neutral)
6) *Conclusão*: indefinida

Já de ***tinha estado fazendo***:

1) *Nível de tempo*: inatual
2) *Perspectiva*: primária, paralela, aspecto cursivo;
secundária, retrospectiva, aspecto complexivo
3) *Visão*: parcial
4) *Fase*: continuativa
5) *Resultado*: não resultativa
6) *Conclusão*: não terminativa

Pelo visto, pode-se concluir que o sistema verbal do português – e românico – representa um edifício de três "andares", que se ligam entre si, porque, é importante frisar, cada forma verbal que aparece inserida numa definição vale para todas as outras oposições como membro sem marca (neutral, extensivo).

Estes três "andares" apresentam:

a) no primeiro, temos um sistema fundamental que alude à configuração dos espaços de tempo: às categorias de *nível de tempo* e de *perspectiva primária*. Formalmente correspondem a este sistema fundamental as formas simples de tempo.

b) no segundo, um sistema secundário que alude à determinação do ponto temporal dentro dos espaços de tempo: à categoria da *perspectiva secundária*. A este sistema correspondem formalmente as formas perifrásticas de *ter* (*haver*) + particípio e verbo auxiliar (de preferência com *ir*) + infinitivo.

c) no terceiro, um sistema terciário que alude à definição de valores aspectivos especiais para cada ponto de tempo: às categorias de *visão*, *fase* e, em parte, *resultado*. Formalmente, este sistema coincide com outras diversas locuções verbais.

Cantaremos é uma forma verbal, porque exprime uma ação ou processo (a de cantar), exercida (referência à voz) pela 1.ª pessoa (referência à pessoa) do plural (referência ao número), do presente (referência ao tempo) do indicativo (referência ao modo).

As pessoas do verbo – Geralmente as formas verbais indicam as três pessoas do discurso, para o singular e o plural:

1.ª pessoa do singular: *eu canto*

2.ª pessoa do singular: *tu cantas*
3.ª pessoa do singular: *ele canta*
1.ª pessoa do plural: *nós cantamos*
2.ª pessoa do plural: *vós cantais*
3.ª pessoa do plural: *eles cantam*

Os tempos do verbo – São:

a) PRESENTE – em referência a fatos que se passam ou se estendem ao momento em que falamos: *eu canto*;

b) PRETÉRITO – em referência a fatos anteriores ao momento em que falamos e subdividido em *imperfeito*, *perfeito* e *mais-que-perfeito*:
cantava (imperfeito), *cantei* (perfeito) e *cantara* (mais-que-perfeito);

c) FUTURO – em referência a fatos ainda não realizados e subdividido em *futuro do presente* e *futuro do pretérito*:
cantarei (futuro do presente), *cantaria* (futuro do pretérito),
que implica também a modalidade condicional (cf. abaixo).

Os modos do verbo – São, conforme a posição do falante em face da relação entre a ação verbal e seu agente:

a) INDICATIVO – em referência a fatos como verossímeis ou tidos como tais: *canto*, *cantei*, *cantava*, *cantarei*

b) SUBJUNTIVO (CONJUNTIVO) – em referência a fatos incertos: talvez *cante*, se *cantasse*

c) CONDICIONAL – em referência a fatos dependentes de certa condição: *cantaria*

d) OPTATIVO – em relação a ação como desejada pelo agente:
E viva eu cá na terra sempre triste.

e) IMPERATIVO – em relação a um ato que se exige do agente:
cantai

As vozes do verbo – São:

a) ATIVA: forma em que o verbo se apresenta para normalmente indicar que a pessoa a que se refere é o *agente* da ação. A pessoa diz-se, neste caso, *agente* da ação verbal:

Eu *escrevo* a carta,
Tu *visitaste* o primo,
Nós *plantaremos* a árvore.

b) PASSIVA: forma verbal que indica que a pessoa é o *objeto* da ação verbal. A pessoa, neste caso, diz-se *paciente* da ação verbal:

A carta *é escrita* por mim,
O primo *foi visitado* por ti,
A árvore *será plantada* por nós.

A passiva é formada com um dos verbos *ser*, *estar*, *ficar* seguido de *particípio*.

Voz passiva e passividade – É preciso não confundir voz passiva e passividade. *Voz* é a forma especial em que se apresenta o verbo para indicar que a pessoa recebe a ação:

Ele *foi visitado* pelos amigos.

Alugam-se bicicletas.

Passividade é o fato de a pessoa receber a ação verbal. A passividade pode traduzir-se, além da voz passiva, pela ativa, se o verbo tiver sentido passivo:

Os criminosos recebem o merecido castigo.

Portanto, nem sempre a passividade corresponde à voz passiva56.

c) REFLEXIVA: forma verbal que indica que a ação verbal não passa a outro ser (negação da transitividade), podendo reverter-se ao próprio agente (sentido reflexivo propriamente dito), atuar reciprocamente entre mais de um agente (reflexivo recíproco), sentido de "passividade com se" e sentido de impessoalidade, conforme as interpretações favorecidas pelo contexto, formada de verbo seguido do pronome oblíquo de pessoa igual à que o verbo se refere:

eu *me visto*, tu *te feriste*, ele *se enfeita*.

O verbo empregado na forma reflexiva propriamente dita diz-se *pronominal*.

A voz passiva difere da reflexiva de sentido passivo em dois aspectos:

1) pode apresentar o verbo em qualquer pessoa, enquanto a reflexiva só se constrói na 3.ª pessoa com o pronome *se* (conhecido também pela denominação de "apassivador"):

Eu *fui visitado* pelos meus parentes.

Nós *fomos visitados* pelos parentes.

2) pode seguir-se de uma expressão que denota o agente da passiva, enquanto a reflexiva, no português contemporâneo, dispensa:

Eu *fui visitado* pelos parentes.

Aluga-*se* a casa (não se diz: aluga-se a casa pelo proprietário)

Todavia, há casos em que se explicita o agente, como no seguinte exemplo de Drummond:

Não sei se devemos exaltar Pelé por haver conseguido tanto, ou se nosso louvor deve antes ser dirigido ao gol em si, *que se deixou fazer por Pelé*, recusando-se a tantos outros [CDa.1, 130].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Em construções do tipo *batizei-me*, *chamas-te José*, há professores que veem passiva pronominal com pronomes oblíquos de 1.ª e 2.ª pessoas. Outros, porém, não pensam assim, e interpretam o fato como um emprego da voz reflexiva, indicando "uma atitude de aceitação consciente do nome dado ou do batismo recebido" [MC.4, 36].

2.ª) Em geral, o pronome átono que acompanha a voz reflexiva propriamente dita funciona como objeto direto, embora raras vezes possa exercer a função de indireto.

3.ª) Com verbos como *atrever-se*, *indignar-se*, *queixar-se*, *ufanar-se*, *admirar-se*, não se percebe mais a ação rigorosamente reflexa, mas a indicação de que a pessoa a que o verbo se refere está vivamente afetada. Com os verbos de movimento ou atitudes da pessoa "em relação ao seu próprio corpo" como *ir-se*, *partir-se*, e outros como *servir-se*, onde o pronome oblíquo empresta maior expressividade à oração, também não se expressa a ação reflexa. Alguns gramáticos chamam ao pronome oblíquo, nestas últimas circunstâncias, *pronome de realce*.

4.ª) Muitos verbos normalmente não pronominais se acompanham de pronome átono para exprimirem aspectos estilísticos, como a mudança lenta do estado ou de processo lento:

agonizar-se, *delirar-se*, *desmaiar-se*, *estalar-se, envelhecer-se*, *palpitar-se*, *peregrinar-se*, *repousar-se*, *tresnoitar-se*. [APa.1, 54-57]

5.ª) Inversamente, elimina-se o pronome de muitos verbos que o exigem na língua padrão:

aquecer, *chamar* (ter nome), *mudar* (transferir-se), *gripar*, *machucar*, *formar* (*Eu formei em Medicina*), *classificar* (*Ele classificou em 3.º lugar*), etc. (Obs.).

Formas nominais do verbo – Assim se chamam o *infinitivo*, o *particípio* e o *gerúndio*, porque, ao lado do seu valor verbal, podem desempenhar função de nomes. O infinitivo pode ter função de substantivo (*recordar é viver* = a recordação é vida); o particípio pode valer por um adjetivo (*homem sabido*), e o gerúndio por um advérbio ou adjetivo (*amanhecendo*, *sairemos* = logo pela manhã sairemos; *água fervendo* = água fervente). Nesta função adjetiva, o gerúndio tem sido apontado como galicismo; porém, é antigo na língua este emprego, quando ocupou o lugar vago deixado pelo particípio presente, que desapareceu do quadro verbal português para ingressar no quadro nominal.

As formas nominais do verbo, com exceção do infinitivo, não definem as pessoas do discurso e, por isso, são ainda conhecidas por *formas infinitas*. Possuem, quando possíveis, desinências nominais idênticas às que caracterizam a flexão dos nomes (gênero e número):

O infinitivo português, ao lado da forma infinita, isto é, sem manifestação explícita das pessoas do discurso, possui outra flexionada:

Infinito sem flexão	*Infinito flexionado*
Cantar	Cantar eu
	Cantares tu
	Cantar ele
	Cantarmos nós
	Cantardes vós
	Cantarem eles

As formas nominais do verbo se derivam do tema (radical + vogal temática) acrescido das desinências:

a) -*r*: para o infinitivo: canta-*r*, vende-*r*, parti-*r*

b) -*do* (ou -*to*, -*so*) para o particípio: canta-*do*, vendi-*do*, parti-*do*, acei-*to,* revol-*to*

c) -*ndo*: para o gerúndio: canta-*ndo*, vende-*ndo*, parti-*ndo*

OBSERVAÇÃO: O verbo *vir* (e derivados) forma também o seu particípio com a desinência -*do*; mas, pelo desaparecimento da vogal temática *i*, apresenta-se igual ao gerúndio: *vindo* (por vin-i-*do*) e *vindo* (vi-*ndo*).

Conjugar um verbo – É dizê-lo, de acordo com um sistema determinado, um paradigma, em todas as suas formas nas diversas pessoas, números, tempos, modos e vozes.

Em português temos três conjugações caracterizadas pela vogal temática:

1.ª conjugação – vogal temática ***a***: am***a***r, fal***a***r, tir***a***r.

2.ª conjugação – vogal temática ***e***: tem***e***r, vend***e***r, varr***e***r.

3.ª conjugação – vogal temática ***i***: part***i***r, fer***i***r, serv***i***r.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Não existe a 4.ª conjugação; *pôr* é um verbo da 2.ª conjugação cuja vogal temática desapareceu no infinitivo, mas permanece em outras formas do verbo. Veja-se a correspondência: *vend-e-s / põ-e-s*.

2.ª) Na história da língua, verbos há que mudaram de conjugação, mas deixaram vestígios em outras formas não verbais: *cair* (antigo *caer)*, com vestígio no adjetivo *cadente* (e não *cadinte*, como *ouvinte*). Alencar usa *rangir* por *ranger*, e hoje *viger* (cf. *vigente*) tem o concorrente *vigir* que, apesar de muito usado, não é aceito na norma exemplar: *A lei deve vigir* (por

viger).

Verbos regulares, irregulares e anômalos – Diz-se que um verbo é regular quando se apresenta de acordo com o modelo de sua conjugação: *cantar*, *vender*, *partir*. No verbo regular também o radical não varia. Tem-se o radical de um verbo privando-o, no infinito sem flexão, das terminações *-ar*, *-er*, *-ir*:

am-ar, fal-ar, tir-ar, tem-er, vend-er, varr-er, part-ir, fer-ir, serv-ir.

Irregular é o verbo que, em algumas formas, apresenta modificação no radical ou na flexão, afastando-se do modelo da conjugação a que pertence:

a) variação no radical em comparação com o infinitivo:

ouvir – ouço; *dizer* – digo; *perder* – perco;

b) variação na flexão, em relação ao modelo: *est**ou*** (veja-se *cant**o***), *est**ás*** (veja-se *cant**as***, um tônico e outro átono).

Os irregulares se dividem em *fracos* e *fortes*. Fracos são aqueles cujo radical do infinitivo não se modifica no pretérito: *sentir-senti*; *perder-perdi*.

Fortes são aqueles cujo radical do infinitivo se modifica no pretérito perfeito: *caber – coube*; *fazer – fiz*.

Os irregulares fracos apresentam formas iguais no infinitivo flexionado e futuro do subjuntivo:

Infinitivo	*Futuro do Subjuntivo*
Sentir	Sentir
Sentires	Sentires
Sentir	Sentir
Sentirmos	Sentirmos
Sentirdes	Sentirdes
Sentirem	Sentirem

Os irregulares fortes não apresentam identidade de formas entre o infinitivo flexionado e o futuro do subjuntivo:

Infinitivo flexionado	*Futuro do Subjuntivo*
Caber	Couber
Caberes	Couberes
Caber, etc.	Couber, etc.

OBSERVAÇÃO: Não entram no rol dos verbos irregulares aqueles que, para conservar a pronúncia, têm de sofrer variação de grafia:

carre***g***ar – carre***gu***e – carre***gu***ei – carre***gu***es

fi***c***ar – fi***c***o – fi***qu***ei – fi***que***

Não há portanto os *irregulares gráficos*.

Anômalo é o verbo irregular que apresenta, na sua conjugação, radicais primários diferentes: *ser* (reúne o concurso de dois radicais, os verbos latinos *sedēre* e *ĕsse*) e *ir* (reúne o concurso de três radicais, os verbos latinos *ire*, *vadēre* e *ĕsse*).

Outros autores consideram anômalo o verbo cujo radical sofre alterações que o não podem enquadrar em classificação alguma: *dar*, *estar*, *ter*, *haver*, *ser*, *poder*, *ir*, *vir*, *ver*, *caber*, *dizer*, *saber*, *pôr*, etc.

Verbos defectivos e abundantes – DEFECTIVO é o verbo que, na sua conjugação, não apresenta todas as formas: *colorir*, *precaver-se*, *reaver*, etc. É preciso não confundi-lo com os verbos chamados impessoais e unipessoais, que, como veremos, só se usam nas terceiras pessoas.

A defectividade verbal é devida a várias razões, entre as quais a eufonia e a significação. Entretanto, a defectividade de certos verbos não se assenta em bases morfológicas, mas em razões do uso e da norma vigentes em certos momentos da história da língua. Daí certa disparidade que por vezes se encontra na relação das gramáticas. Se a tradição da língua dispensa, por dissonante, a 1.ª pessoa do singular do verbo *colorir* (*coloro*), não se mostra igualmente exigente com a 1.ª pessoa do singular do verbo *colorar*. Por outro lado, o critério de eufonia pode variar com o tempo e com o gosto dos escritores; daí aparecer de vez em quando uma forma verbal que a gramática diz não ser usada. É na 3.ª conj. que se encontra a maioria dos verbos defectivos.

Quase sempre faltam as formas rizotônicas dos verbos defectivos. Suprimos, *quando necessário*, as lacunas de um defectivo empregando um sinônimo (derivado ou não do defectivo): Eu *recupero* (para *reaver*); eu *redimo* (para *remir*).

Há os seguintes grupos de verbos defectivos, em português:

a) os que não se conjugam nas pessoas em que depois do radical aparecem *a* ou *o*:

banir, *brandir*, *carpir*, *colorir*, *delir*, *explodir*, *fremer* (ou *fremir*), *haurir*, *ruir*, *exaurir*, *abolir*, *demolir*, *puir*, *delinquir*, *fulgir*, *feder*, *aturdir*, *bramir*, *jungir*, *esculpir*, *extorquir*, *impingir*, *puir*, *retorquir*, *soer*, *espargir*.

Tais verbos também não se empregam no pres. do subjuntivo, imperativo negativo, e no imperativo afirmativo só apresentam as segundas pessoas do singular e plural.

b) os que se usam unicamente nas formas em que depois do radical vem *i*:

adir, *aguerrir*, *emolir*, *empedernir*, *esbaforir*, *espavorir*, *exinanir*, *falir*, *fornir*, *remir*, *ressequir*, *revelir*, *vagir*, *florir*, *renhir*, *garrir*, *inanir*, *ressarcir*, *transir*, *combalir*.[57]

c) oferecem particularidades especiais:

1 – *precaver*(*-se*) e *reaver*. No pres. ind. só têm as duas primeiras pessoas do plural: *precavemos*, *precaveis*; *reavemos*, *reaveis*.

Imperativo: *precavei*, *reavei*.

Faltam-lhes o imperat. neg. e pres. do subj. No restante, conjugam-se normalmente.

2 – *adequar*, *antiquar*: cabem-lhes as mesmas observações feitas ao grupo anterior.

3 – *grassar* e *rever* (= destilar): só se usam nas terceiras pessoas.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Muitos verbos apontados outrora como defectivos são hoje conjugados integralmente: *agir*, *advir*, *compelir*, *desmedir-se*,

discernir, *embair*, *emergir*, *imergir*, *fruir*, *polir*, *prazer*, *submergir*. *Ressarcir* (cf. b) e *refulgir* (que alguns gramáticos só mandam conjugar nas formas em que o radical é seguido de *e* ou *i*) tendem a ser empregados como verbos completos.

2.ª) Os verbos que designam vozes de animais geralmente só aparecem nas terceiras pess. do sing. e pl., em virtude de sua significação, e são indevidamente arrolados como defectivos. Melhor chamá-los, quando no seu significado próprio, *unipessoais*.

3.ª) Também são indevidamente considerados defectivos os verbos *impessoais* (pois não se referem a sujeito), que só são empregados na terceira pess. sing.: *Chove* muito. *Relampeja*. Quando em sentido figurado, os verbos desta observação, como os da anterior, conjugam-se em quaisquer pessoas: *Chovam as bênçãos do céu*.

ABUNDANTE é o verbo que apresenta duas ou três formas de igual valor e função: *havemos* e *hemos*; *constrói* e *construi*; *pagado* e *pago*; *nascido*, *nato*, *nado* (pouco usado).

Normalmente esta abundância de forma ocorre no particípio.

Os principais verbos que gozam deste privilégio, no português moderno, são:

a) *comprazer* e *descomprazer*:

Pret. perf. ind.: comprazi, comprazeste, comprazeu, etc. ou comprouve, comprouveste, comprouve, etc.

M.-q-perf. ind.: comprazera, comprazeras, comprazera, etc. ou comprouvera, comprouveras, comprouvera, etc.

Imperf. subj.: comprazesse, comprazesses, comprazesse, etc. ou comprouvesse, comprouvesses, comprouvesse, etc.

Fut. subj.: comprazer, comprazeres, comprazer, etc. ou comprouver, comprouveres, comprouver, etc.

b) *construir* e seu grupo:

Pres. ind.: construo, construis (ou constróis), construi (ou constrói), construímos, construís, construem (ou constroem).

Imper. afirm.: construi tu (ou constrói tu).

Assim se conjugam *desconstruir*, *destruir*, *estruir*, *reconstruir*.

c) *entupir* e *desentupir*:

Pres. ind.: entupo, entupes (ou entopes), entupe (ou entope), entupimos, entupis, entupem (ou entopem).

Imper. afirm.: entupe (ou entope), entupi.

OBSERVAÇÃO: O *o* das formas abundantes é de timbre aberto.

d) *haver*:

Pres. ind.: hei, hás, há, havemos (ou hemos), haveis (ou heis), hão.

Imper. afirm.: há, havei.

e) *ir*:

Pres. ind.: vou, vais, vai, vamos (ou imos), ides (is é forma antiga), vão.

f) *querer* e *requerer*:

Pres. ind.: quero, queres, quer (ou quere), queremos, quereis, querem.

requeiro, requeres, requer (ou requere), requeremos, requereis, requerem.

Quere e *requere* são formas que só têm curso em Portugal; *quere* é criação recente (séc. XIX-XX, sem adoção geral) e *requere* é forma já antiga na língua, sendo *requer* de data recente.

g) *valer*:

Pres. ind.: valho, vales, vale (ou val), valemos, valeis, valem.

Val é forma antiga e ainda hoje corrente, máxime em Portugal.

h) imperativo dos verbos em *-zer*, *-zir*.

Podem perder o *-e* na 2.ª pess. sing.: faze tu (ou faz); traduze tu (ou traduz). São frequentíssimos os exemplos literários com os verbos *dizer*, *fazer*, *trazer* e *traduzir*.

i) particípio de numerosos verbos.

Existe grande número de verbos que admitem dois (e uns poucos até três) particípios: um *regular*, terminado em *-ado* (1.ª conjugação) ou *-ido* (2.ª e 3.ª conjugações), e outro *irregular*, proveniente do latim ou de nome que passou a ter aplicação como verbo, terminado em *-to*, *-so* ou criado por analogia com modelo preexistente. Eis uma relação dessas formas duplas de particípio, indicando-se entre parênteses se ocorrem com a voz ativa ou passiva, ou com ambas:

Infinitivo	*Particípio regular*	*Particípio irregular*
aceitar	aceitado (a., p.)	aceito (p.), aceite (p.)
assentar	assentado (a., p.)	assento (p.), assente (p.)
entregar	entregado (a., p.)	entregue (p.)
enxugar	enxugado (a., p.)	enxuto (p.)
expressar	expressado (a., p.)	expresso (p.)
expulsar	expulsado (a., p.)	expulso (p.)
fartar	fartado (a., p.)	farto (p.)
findar	findado (a., p.)	findo (p.)
ganhar	ganhado (a., p.)	ganho (a., p.)
gastar	gastado (a.)	gasto (a., p.)
isentar	isentado (a.)	isento (p.)
juntar	juntado (a., p.)	junto (a., p.)
limpar	limpado (a., p.)	limpo (a., p.)
matar	matado (a.)	morto (a., p.)
pagar	pagado (a.)	pago (a., p.)
pasmar	pasmado (a., p.)	pasmo (a.)
pegar	pegado (a., p.)	pego (é ou ê)
salvar	salvado (a., p)	salvo (a., p.)
acender	acendido (a., p.)	aceso (p.)
arrepender	arrependido (a., p.)	repeso por arrepeso (a., p.)
desenvolver	desenvolvido (a., p.)	desenvolto (a., p.)
eleger	elegido (a.)	eleito (a., p.)
envolver	envolvido (a., p.)	envolto (a., p.)
prender	prendido (a., p.)	preso (p.)
revolver	revolvido (a., p.)	revolto (a.)

suspender	suspendido (a., p.)	suspenso (p.)
desabrir	desabrido	desaberto
erigir	erigido (a., p.)	erecto (p.)
exprimir	exprimido (a., p.)	expresso (a., p.)
extinguir	extinguido (a., p.)	extinto (p.)
frigir	frigido (a.)	frito (a., p.)
imprimir	imprimido (a., p.)	impresso (a., p.)
inserir	inserido (a., p.)	inserto (a., p.)
tingir	tingido (a., p.)	tinto (p.)

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Em geral emprega-se a forma regular, que fica invariável com os auxiliares *ter* e *haver*, na voz ativa, e a forma irregular, que se flexiona em gênero e número, com os auxiliares *ser*, *estar* e *ficar*, na voz passiva.

Nós temos *aceitado* os documentos.

Os documentos têm sido *aceitos* por nós.

Há outros particípios, regulares ou irregulares, que se usam indiferentemente na voz ativa (auxiliares *ter* ou *haver*) ou passiva (auxiliares *ser, estar ficar*), conforme se assinalou entre parênteses.

2.ª) Há uns poucos particípios irregulares terminados em -*e*, em geral de introdução recente no idioma: *entregue* (o mais antigo), *aceite*, *assente*, *empregue* (em Portugal).

Locução verbal. Verbos auxiliares – Chama-se *locução verbal* a combinação das diversas formas de um verbo auxiliar com o infinitivo, gerúndio ou particípio de outro verbo que se chama *principal*: *hei de estudar*, *estou estudando*, *tenho estudado*. Muitas vezes o auxiliar empresta um matiz semântico ao verbo principal, dando origem aos chamados *aspectos do verbo*.

Entre o auxiliar e o verbo principal no infinitivo pode aparecer ou não uma preposição (*de*, *em*, *por*, *a*, *para*). Na locução verbal, é somente o auxiliar que recebe as flexões de pessoa, número, tempo e modo: *haveremos de fazer*, *estavam por sair*, *iam trabalhando*, *tinham visto*. Da arbitrariedade do uso é que depende o empregar-se em alguns casos a preposição e em outros omiti-la. Também pode ocorrer, em vários casos, a alternância da preposição (*começar a / de fazer*).

Várias são as aplicações dos verbos auxiliares da língua portuguesa:

1 – *ter*, *haver* (raramente) e *ser* (mais raramente) se combinam com o particípio do verbo principal para constituírem novos tempos, chamados *compostos*, que, unidos aos simples, formam o quadro completo da conjugação da voz ativa. Estas combinações exprimem que a ação verbal está concluída.

Temos nove formas compostas:

Indicativo

a) *pretérito perfeito composto*: tenho ou hei cantado, vendido, partido;

b) *pretérito mais-que-perfeito*: tinha ou havia cantado, vendido, partido;

c) *futuro do presente composto*: terei ou haverei cantado, vendido, partido;

d) *futuro do pretérito composto*: teria ou haveria cantado, vendido, partido;

OBSERVAÇÃO: A língua moderna pôs de lado a forma *tive cantado*, corrente no Português antigo.

Subjuntivo

a) *pretérito perfeito*: tenha ou haja cantado, vendido, partido;

b) *pretérito mais-que-perfeito*: tivesse ou houvesse cantado, vendido, partido;

c) *futuro composto*: tiver ou houver cantado, vendido, partido;

Formas nominais

a) *infinitivo composto*: ter ou haver cantado, vendido, partido;

b) *gerúndio composto*: tendo ou havendo cantado, vendido, partido.

O verbo *ser* só aparece em combinações que lembram os depoentes latinos, sobretudo com verbos que denotam movimento: "Os cavaleiros *eram partidos* caminho de Zamora" [AC.2, I, 101]. *Era chegada* a ocasião da fuga. *São passados* três meses.

2 – *ser*, *estar*, *ficar* se combinam com o particípio (variável em gênero e número) do verbo principal para constituir a voz passiva (de ação, de estado e mudança de estado): *é amado*, *está prejudicada*, *ficaram rodeados*.

3 – os auxiliares *acurativos* se combinam com o infinitivo ou gerúndio do verbo principal para determinar com mais rigor os aspectos do momento da ação verbal que não se acham bem definidos na divisão geral de tempo presente, passado e futuro:

a) início de ação: *começar a escrever, pôr-se a escrever*, etc.;

b) iminência de ação: *estar para* (*por*) *escrever*, *pegar a* (*de*) *escrever*, etc.;

c) continuidade da ação: *continua escrevendo*, *continua a escrever*, sendo a primeira forma a que é mais antiga no idioma;

d) desenvolvimento gradual da ação; duração: *estar a escrever*, *andar escrevendo*, *vir escrevendo*, *ir escrevendo*, etc.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) No Brasil prefere-se a construção com gerúndio (*estar escrevendo*), enquanto em Portugal é mais comum o infinitivo (*estar a escrever*), não sendo, entretanto, a única forma.

2.ª) Está mais de acordo com o gênio da nossa língua o uso do gerúndio com auxiliar *estar* ou infinitivo com *a* para traduzir atos que se realizam paulatinamente, em vez do uso de forma simples do verbo, como faz o francês (*Jeanne nous regarde* / Joana está-nos olhando ou *a nos olhar apud* MBa.4, 233).

e) repetição de ação: *tornar a escrever*, *costumar escrever* (repetição habitual), etc.;

f) término de ação: *acabar de escrever*, *cessar de escrever*, *deixar de escrever*, *parar de escrever*, *vir de escrever*, etc.

Vir de + infinitivo é construção antiga no idioma e valia por *voltar de* (ou *chegar*) + infinitivo: "De amor dos lusitanos encendidas/ Que *vêm de descobrir* o novo mundo" [LC.1, IX, 40]. Depois passou a significar *acabar de* + infinitivo e, porque em francês ocorre emprego semelhante, passou a ser, neste sentido, condenado como galicismo pelos gramáticos: "eu, aos doze anos, *vinha de perder* meu pai"[CBr *apud* HG.1, 462].

4 – os auxiliares *modais* se combinam com o infinitivo ou gerúndio do verbo principal para determinar com mais rigor o modo como se realiza ou se deixa de realizar a ação verbal:

a) necessidade, obrigação, dever: *haver de escrever*, *ter de escrever*, *dever escrever*,

precisar (*de*) *escrever*, etc.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Em vez de *ter* ou *haver de* + infinitivo, usa-se ainda, mais modernamente, *ter* ou *haver que* + infinitivo: *tenho que estudar*. Neste caso, *que*, como índice de complemento de natureza nominal, funciona como verdadeira preposição. Não se confunda este *que preposição* com o *que pron. relativo* em construções do tipo: *nada tinha que dizer*, *tenho muito que fazer*, etc.

2.ª) Muitas vezes no Português contemporâneo não é indiferente o sentido da expressão com preposição ou sem ela: *Deve resultar* exprime certa precisão de resultado; *deve de resultar* traduz a probabilidade do resultado.

b) possibilidade ou capacidade: *poder escrever*, etc.

c) vontade ou desejo: *querer escrever*, *desejar escrever*, *odiar escrever*, *abominar escrever*, etc.

d) tentativa ou esforço; às vezes com o sentido secundário depreendido pelo contexto, de que a tentativa acabou em decepção (*foi buscar lã e saiu tosquiado*): *buscar escrever*, *pretender escrever*, *tentar escrever*, *ousar escrever*, *atrever-se a escrever*, etc.

e) consecução: *conseguir escrever*, *lograr escrever*, etc.

f) aparência, dúvida: *parecer escrever*, etc.

g) movimento para realizar um intento futuro (próximo ou remoto): *ir escrever*, etc.

h) resultado: *vir a escrever*, *chegar a escrever*, etc.

Vir a + infinitivo de certos verbos tem quase o mesmo sentido do verbo principal empregado sozinho: *Isto vem a traduzir a mesma ideia* (= isto por fim traduz a mesma ideia). *Vir a ser* pode ainda ser sinônimo de *tornar-se*: *Ele veio a ser famoso*.

NOTA FINAL – Nem sempre a aproximação de dois ou mais verbos constitui uma locução verbal; a intenção da pessoa que fala ou escreve é que determinará a existência ou inexistência da locução. "Por exemplo, na frase: *queríamos colher rosas*, os verbos *queríamos colher* constituirão expressão verbal se pretendo dizer que queríamos colher *rosas* e não outra flor, sendo *rosas* o objeto da declaração. Se, porém, pretendo dizer que o que nós queríamos era *colher rosas* e não fazer outra cousa, o objeto da declaração é *colher rosas* e a declaração principal se contém incompletamente em *queríamos*" [JO.1, 202-203].

Auxiliares causativos e sensitivos – Assim se chamam os verbos *deixar*, *mandar*, *fazer* e sinônimos (causativos) e *ver*, *ouvir*, *olhar*, *sentir* e sinônimos (sensitivos) que, juntando-se a infinitivo ou gerúndio, não formam locução verbal, mas, muitas vezes, se comportam sintaticamente como tal, isto é, segundo as relações internas que se estabelecem dentro do grupo entre o infinitivo e os termos que o acompanham, como veremos no lugar próprio.

Elementos estruturais do verbo: desinências e sufixos verbais – Ao radical do verbo, que é o elemento que encerra o seu significado lexical, se juntam as formas mínimas chamadas *desinências* para constituir as flexões do verbo, indicadoras da *pessoa* e *número*, do *tempo* e *modo*. Segundo Mattoso, a constituição da forma verbal portuguesa é: T (R+VT) + D (DMT+DNP), em que T = tema; R = radical; VT = vogal temática; D = desinência; DMT = desinência modo-temporal e DNP = desinência número-pessoal

Chama-se *vogal temática* aquela classificadora da conjugação:

1.ª conjugação – *a*: cant-*a*-r

2.ª conjugação – *e*: vend-*e*-r

3.ª conjugação – *i*: part-*i*-r

A vogal temática presa ao radical constitui o *tema*:

canta-r , *vende*-r, *parti*-r.

Nem todas as formas verbais possuem a vogal temática, como, por exemplo, a 1.ª pessoa singular do presente do indicativo e do subjuntivo. As vogais ***e*** e ***a*** em cant-***e***, vend-***a***, part-***a*** são desinências temporais (veja abaixo). Outras vezes a vogal temática sofre variação: o ***a*** passa a ***e*** no pret.perf. do ind. da 1.ª conj. em contato com *i*, e passa a ***o*** em contato com *u*: cant-***a***-r, cant-***e***-i, cant-***o***-u; o ***e*** passa a ***i*** no pret. imperf. do ind. e particípio da 2.ª conjugação: vend-***e***-r, vend-***i***-a, vend-***i***-do. A vogal temática ***i*** da 3.ª conjugação passa a ***e*** quando átono, no pres. ind. (2.ª e 3.ª sing. e 3.ª pl.) e imper. (2.ª sing.): part-***e***-s, part-***e*** , part-***e***-m, part-***e***; se é tônico, nos mesmos casos, funde-se com o ***i*** da desinência ***is*** da 2.ª pessoa do plural: *part**is*** por *part-**i-is***.

O *tema* é a parte da palavra pronta para receber o sufixo ou a desinência.

Sufixo verbal é o que entra na formação dos verbos derivados: salt-it-ar, real-iz-ar, etc. (cf. **Afixos: prefixos e sufixos. Interfixos**).

As desinências modo-temporais são:

1) Para o *Indicativo*:

a) Ø no presente

b) -*va*- (-*ve*-) caracteriza o pretérito imperfeito da 1.ª conjugação: *canta-va*; 58

c) -*ia*- (-*ie*-), caracteriza o pretérito imperfeito da 2.ª e 3.ª conjugações: *dev-ia*, *part-ia*;59

d) Ø para o pretérito perfeito (até a 2.ª pess. do pl. e -*ra*- para a 3.ª pess. pl.): *cante-i*, *canta-ra-m*

e) -*ra*- (*re*) átono caracteriza o pretérito mais-que-perfeito: *canta-ra*, *vende-ra*, *parti-ra*; *cantá-re-is*;

f) -*ra*- (-*re*-) tônico caracteriza o futuro: *canta-re-i*, *canta-rá-s*, *canta-rã-o*, *deve-re-i*, *parti-re-i*;

g) -*ria*- (-*rie*-) caracteriza o futuro do pretérito: *canta-ria*, *deve-ria*, *parti-ria*;

2) Para o *Subjuntivo*:

a) -*e*- caracteriza o presente da 1.ª conjugação: *cant-e*;

b) -*a*- caracteriza o presente da 2.ª e 3.ª conjug.: *vend-a*, *part-a*;

c) -*sse*- caracteriza o pretérito imperfeito: *canta-sse*, *vende-sse*, *parti-sse*;

d) -*r*- (-*re*-) caracteriza o futuro: *cant-a-r*, *vend-e-r*, *part-i-r*;

3) Para as *Formas Nominais*:

a) -*ndo* caracteriza o gerúndio: *canta-ndo*, *vende-ndo*, *parti-ndo*;

b) -*do* caracteriza o particípio: *canta-do*, *vendi-do*, *parti-do*;

c) -*r* caracteriza o infinitivo: *canta-r*, *vende-r*, *parti-r*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Nem todas as formas verbais se apresentam com desinências e vogal temática.

2.ª) As características temporais terminadas em -*a* (imperf., m.-q.-perf. do ind. e futuro apresentam esta vogal alterada em *e* na 2.ª pessoa do plural, graças ao contato com a desinência pessoal -*is* que provoca a ditongação *eis*: eu *cantava*, vós *cantáveis*; eu *devia*, vós *devíeis*; eu *partia*, vós *partíeis*; eu *cantara*, vós *cantáreis*; eu *cantaria*, vós *cantaríeis*). O mesmo ocorre com a 1.ª pess. do fut. do presente: *cant-a-re-i*.

3.ª) As desinências pessoais (cf. abaixo) do pretérito perfeito servem, por acumulação, para caracterizar o tempo e modo do verbo.

As desinências número-pessoais são:

SINGULAR	1.ª pessoa: Ø, -*o* (só no pres. ind.), -*i* (só no pret. perf. do ind. e futuro do presente)[1]
	2.ª pessoa: -*s*, -*ste*[2] (só no pret. perf. do ind.) e Ø no imperativo
	3.ª pessoa: Ø, -*u* (só no pret. perf. do ind.)
PLURAL	1.ª pessoa: -*mos*
	2.ª pessoa: -*is*, -*des* (só no fut. do subj., inf. flex. e pres. do ind. de alguns verbos irregulares), -*stes* (só no pret. perfeito do ind.), -*i*(*s*) (no imperativo).
	3.ª pessoa: -*m* (indica que a vogal precedente é nasal).

1. O travessão indica ausência de desinência.

2. Cuidado especial hão de merecer estas desinências (-*ste*, singular, e -*stes*, plural) para que, por falsa analogia, não passem a -*stes* (singular) e -*steis* (plural): tu *comestes* por *comeste*), vós *comesteis* (por *comestes*).

Observações sobre as desinências número-pessoais.

1.ª pessoa do singular: geralmente falta a desinência de 1.ª pessoa do singular, exceto no presente do indicativo, onde aparece a desinência -*o*:

cant-*o*,	vend-*o*,	part-*o*

No pretérito perfeito do indicativo e futuro do presente aparece a desinência -*i*:

cante-*i*,	vend-*i*,	part-*i*
canta-re-*i*,	vende-re-*i*,	parti-re-*i*

2.ª pessoa do singular: a desinência geral é -*s*; no pretérito perfeito do indicativo -*ste;* Ø no imperativo:

canta-*s*,	canta-re-*s*,	canta-*ste*,	canta tu.
vende-*s*,	vende-re-*s*,	vende-*ste*,	vende tu.
parte-*s*,	parti-re-*s*,	parti-*ste*,	parte tu.

3.ª pessoa do singular: geralmente falta a desinência de 3.ª pess. do singular; só o pretérito perfeito do indicativo é que apresenta -*u*:

canto-*u*,	vende-*u*,	parti-*u*

1.ª pessoa do plural: a desinência é sempre -*mos*:

canta-*mos*,	vende-*mos*,	parti-*mos*

2.ª pessoa do plural: a desinência é -*is*; aparece -*des* no futuro do subjuntivo, infinitivo flex. e no presente do indicativo de alguns verbos irregulares (ter, vir, pôr, ver, rir, ir); o pret. perfeito do indicativo apresenta -*stes*, e o imperativo -*i* (na 3.ª conj. há crase com a vogal temática):

canta-*is*,	vende-*is*,	part-*is*
canta-r-*des*,	vende-r-*des*,	parti-r-*des*
canta-*stes*,	vende-*stes*,	parti-*stes*
canta-*i*,	vende-*i*,	part-*i*.

3.ª pessoa do plural: a desinência é -*m*, que nasaliza a vogal precedente:

canta-*m*,	vende-*m*,	parte-*m*
canta-re-*m*,	vende-re-*m*,	parti-re-*m*
canta-ra-*m*,	vende-ra-*m*,	parti-ra-*m*

OBSERVAÇÃO: No futuro do presente, dá-se uma ditongação; a nasalidade é indicada por til e se sobrepõe à característica temporal:

canta-*rão*,	vende-*rão*,	parti-*rão*

Tempos primitivos e derivados – No estudo dos verbos, principalmente dos irregulares, torna-se vantajoso o conhecimento das formas verbais que se derivam de outras chamadas *primitivas*.

1 – Praticamente do radical da 1.ª pessoa do presente do indicativo sai todo o presente do subjuntivo, bastando que se substitua a vogal final por *e*, nos verbos da 1.ª conjugação, e por *a* nos verbos da 2.ª e 3.ª conjugações:

	Presente do indicativo	*Presente do subjuntivo*
cantar	canto	cante
vender	vendo	venda
partir	parto	parta

Exceções:

ser	sou	seja
dar	dou	dê
estar	estou	esteja
haver	hei	haja

ir	vou	vá
querer	quero	queira
saber	sei	saiba

2 – Praticamente da 2.ª pessoa do singular e plural do presente do indicativo saem as 2.as pessoas do singular e plural do imperativo, bastando suprir o *s* final:

cantar	cantas,	cantais	canta,	cantai
vender	vendes,	vendeis	vende,	vendei
partir	partes,	partis	parte,	parti

Exceção: ser: *sê* (tu), *sede* (vós).

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Os verbos em *-zer* ou *-zir* podem ainda perder, na 2.ª pessoa do singular, o *e* final, quando o *z* não é precedido de consoante: *faze* (ou *faz*) tu, *traduze* (ou *traduz*) tu; mas *cirze* tu (cf. **Verbos defectivos e abundantes**, h).

2.ª) Para evitar os inconvenientes da homonímia que, pela identidade de formas, pode provocar ambiguidade com outras formas verbais, escritores portugueses se servem, às vezes, nos verbos da 3.ª conjungação, da antiga desinência *-ide* por *-i*:

Novas tenho e grandes novas, / Amigo, para vos dar: / Tomai esta chave e *abride* [AGa.1]

Ouvide-a e fazei o que Ela vos disser! [CBr *apud* MBa.3, 64-65].

O imperativo em português só tem formas próprias para as segundas pessoas; as pessoas que faltam são supridas pelos correspondentes do presente do subjuntivo. Não se usa o imperativo de 1.ª pessoa do singular como tal, mas com valor optativo. Por isto, estará assinalada nos paradigmas das formas imperativas. As terceiras pessoas do imperativo se referem a *você(s)*, e não a *ele(s)*. Também não se usa o imperativo nas orações negativas; neste caso empregam-se as formas correspondentes do presente do subjuntivo:

Imperativo afirmativo	*Imperativo negativo*
— eu	— eu
canta tu	não cantes tu
cante você, o senhor	não cante você, o senhor
cantemos nós	não cantemos nós
cantai vós	não canteis vós
cantem vocês, os senhores	não cantem vocês, os senhores.

3 – Do tema do pretérito perfeito do indicativo (que praticamente se acha suprimindo a desinência pessoal da 1.ª pessoa do plural ou 2.ª do singular) saem:

a) o mais-que-perfeito do indicativo, com o acréscimo de *-ra* (*-re*):

-ra, *-ra-s*, *-ra*, *-ra-mos*; *-re-is*; *-ra-m*;

b) o imperfeito do subjuntivo, com o acréscimo de *-sse*:

-sse, *-sse-s*, *-sse*; *-sse-mos*; *-sse-m*;

c) o futuro do subjuntivo, com o acréscimo de *-r* (*-re*):

-r, *-re-s*, *-r*, *-r-mos*; *-r-des*; *-re-m*.

Tema do pret. perf.	*M. q. perf. ind.*	*Imperf. subj.*	*Fut. subj.*
vi (-mos)	vira	visse	vir
vie (-mos)	viera	viesse	vier
coube (-mos)	coubera	coubesse	couber
puse (-mos)	pusera	pusesse	puser
fo (-mos)	fora	fosse	for

4 – Do infinitivo não flexionado se formam:

a) futuro do presente, com o acréscimo ao tema de *-ra* (*re*) tônico:

-re-i, *-rá-s*, *-rá*, *-re-mos*, *-re-is*, *-rã-o*.

b) futuro do pretérito, com o acréscimo de *-ria* (*rie*):

-ria, *-ria-s*, *-ria*, *-ría-mos*, *-ríe-is*, *-ria-m*.

Infinitivo	*Futuro do presente*	*Futuro do pretérito*
cantar	cantarei	cantaria
	cantarás	cantarias
	cantará	cantaria
	cantaremos	cantaríamos
	cantareis	cantaríeis
	cantarão	cantariam

Exceções: *dizer*, *fazer*, *trazer*, que fazem *direi*, *farei*, *trarei*, *diria*, *faria*, *traria*.

c) imperfeito do indicativo, com o acréscimo de *-va* (*ve*), na 1.ª conjugação, e *-ia* (*-ie*), na 2.ª e 3.ª:

cant-a-va, cant-a-va-s, cant-a-va, cant-á-va-mos, cant-á-ve-is, cant-a-va-m
vend-ia, vend-ia-s, vend-ia, vend-ía-mos, vend-íe-is, vend-ia-m
part-ia, part-ia-s, part-ia, part-ía-mos, part-íe-is, part-ia-m.

À parte, temos:

a) *ser* (era, eras, etc.)
b) *ter* (tinha, tinhas, etc)
c) *vir* (vinha, vinhas, etc.)
d) *pôr* (punha, punhas, etc.)

A sílaba tônica nos verbos: formas rizotônicas e arrizotônicas – RIZOTÔNICA é a forma verbal cuja sílaba tônica se acha numa das sílabas do radical:

quero, canto, canta, vendem, feito

ARRIZOTÔNICA é a forma verbal cuja sílaba tônica se acha fora do radical:

queremos, cantais, direi, vendido

A língua portuguesa é mais rica de formas rizotônicas.

São normalmente rizotônicas: *a*) as três pessoas do singular e a 3.ª do plural do presente do indicativo e do subjuntivo, e as correspondentes do imperativo; *b*) os particípios irregulares; *c*) a 1.ª pessoa e 3.ª do singular do pretérito perfeito dos verbos irregulares fortes: *coube*, *fiz*, *fez*.

Nos verbos defectivos, em geral, faltam as formas rizotônicas.

Em vista do exposto, as três pessoas do singular e a 3.ª do plural do pres. do indic. e subjuntivo têm sempre acentuada a penúltima sílaba: *frutifico*, *vociferas, sentencia*, *trafegam*.

Exceções:

a) *resfolegar* e *tresfolegar* fazem *resfólego*, *resfólegas*, *resfólega*, *resfólegam*, etc. Existem ainda as formas reduzidas *resfolgar* e *tresfolgar*, de acentuação regular: *resfolgo*, *tresfolgo*, etc.

b) *mobiliar* faz *mobílio*, *mobílias*, *mobília*, *mobiliamos*, *mobiliais*, *mobíliam*; *mobílie*, *mobílies*, *mobílie*, etc. Existem ainda as formas *mobilar* 60 e *mobilhar*, que se conjugam de acordo com a regra geral: *mobilo*, *mobilas*; *mobilho*, *mobilhas*, etc.

Mobilar é forma de pouca aceitação entre brasileiros: "Eu vivia encantonada na sala da frente, que ia de oitão a outro, com várias sacadas para o largo, mobiliada (atenção revisor: não ponha "mobilada", que é palavra que eu detesto) com uma cama de vento, uma cadeira e um lavatório de ferro" [MB.1, 459-460].

Alternância vocálica ou metafonia – Assim se chama a mudança de timbre que sofre a vogal do radical de um vocábulo na forma rizotônica. Muitos verbos da língua portuguesa apresentam este fenômeno:

ferver: fervo, ferves, ferve, fervemos, ferveis, fervem (o *e* tônico é fechado na 1.ª pessoa do sing. e na 1.ª e 2.ª pessoa do plural; nas outras, é de timbre aberto).

Na 1.ª conjugação:

a) a vogal *a*, não seguida de *m*, *n* ou *nh*, passa a ser proferida bem aberta:

falar: falo, falas, fala, falamos, falais, falam

chamar: chamo, chamas, chama, chamamos, chamais, chamam

b) ao *e* fechado corresponde *e* aberto, exceto quando não vem seguido de *m*, *n*, *nh*, *j*, *x*, *ch*, *lh*:

levar: levo, levas, leva, levamos, levais, levam

remar: remo, remas, rema, remamos, remais, remam

alvejar: alvejo, alvejas, alveja, alvejamos, alvejais, alvejam

pretextar: pretexto, pretextas, pretexta, pretextamos, pretextais, pretextam

fechar: fecho, fechas, fecha, fechamos, fechais, fecham

aparelhar: aparelho, aparelhas, aparelha, aparelhamos, aparelhais, aparelham

Exceções: *invejar* (tem *e* aberto); *chegar*, *ensebar* não sofrem metafonia.

Pesar, no sentido de *causar tristeza*, *desprezar*, é arrolado também como exceção; porém, no Brasil, o uso mais corrente é conjugá-lo como *levar*. Os gramáticos recomendam-no com *e*

fechado: *pesa*, *pesam*; *pese*, *pesem*, etc. (é verbo defectivo, só usado nas terceiras pessoas).

c) a vogal *o* passa a *o* aberto quando não seguida de *m*, *n*, *nh* ou o verbo não termina por -*oar*:

tocar: toco, tocas, toca, tocamos, tocais, tocam

sonhar: sonho, sonhas, sonha, sonhamos, sonhais, sonham

perdoar: perdoo, perdoas, perdoa, perdoamos, perdoais, perdoam.

Na 2.ª conjugação:

a) as vogais tônicas *e* e *o* soam com timbre aberto na 2.ª e 3.ª pessoa do singular e na 3.ª do plural do pres. do ind. e na 2.ª pess. sing. do imperativo afirmativo, salvo se vierem seguidas de *m*, *n* ou *nh*:

dever: devo (ê), deves (é), deve (é), devemos, deveis, devem (é)

roer: rói, roei (ô)

volver: volvo (ô), volves (ó), volve (ó), volvemos, volveis, volvem (ó)

temer: temo (ê), temes (ê), teme (ê), tememos, temeis, temem

comer: como (ô), comes (ô), come (ô), etc.

Exceções: *querer* e *poder* têm a vogal tônica aberta na 1.ª pess. do sing.

Na 3.ª conjugação:

a) a vogal *e*, última do radical, sofre alternâncias diversas quando nela recai o acento tônico:

1 – Passa a *i* na 1.ª pess. do sing. do indic. e em todo o presente do subj. e *e* aberto na 2.ª e 3.ª pess. sing. e 3.ª do plural do pres. do indic. e 2.ª pess. sing. do imperativo nos verbos:

aderir, advertir, aferir, assentir, auferir, compelir, competir, concernir, conferir, conseguir, consentir, convergir, deferir, desferir, desmentir, despir, desservir, diferir, digerir, discernir, dissentir, divergir, divertir, expelir, ferir, impelir, ingerir, mentir, preferir, pressentir, preterir, proferir, prosseguir, referir, refletir, repelir, repetir, seguir, servir, sugerir, transferir, vestir:

vestir: visto, vestes, veste, etc.

OBSERVAÇÃO: Se o *e* for nasal mantém-se inalterável, exceto na 1.ª pess. singular do pres. do ind. e em todo o pres. do subj., onde passa a *i*: sentir: *sinto*, *sentes*, *sente*, etc.

2 – Passa a *i* nas três pessoas do singular e 3.ª do plural do presente do indicativo, em todo o pres. do subj. e imperativo, salvo, neste, a 2.ª pessoa do plural:

agredir, cerzir, denegrir, prevenir, progredir, regredir, transgredir, e remir (este defectivo, cf. **Verbos defectivos e abundantes**).

Pres. ind.: agrido, agrides, agride, agredimos, agredis, agridem

Pres. subj.: agrida, agridas, agrida, etc.

Imper. afirm.: agride, agrida, agridamos, agredi, agridam

3 – os verbos *medir*, *pedir*, *despedir*, *impedir* e (derivados) têm *e* aberto nas formas rizotônicas, isto é, nas três pessoas do singular e 3.ª do plural do presente do indicativo e subjuntivo, e no imperativo afirmativo, exceto, neste, na 2.ª pessoa do plural:

medir – pres. ind.: meço, medes, mede, medimos, medis, medem
pres. subj.: meça, meças, meça, etc.
imper. afirm.: mede, meça, meçamos, medi, meçam

4 – Os verbos *aspergir*, *emergir*, *imergir* e *submergir* têm *e* tônico fechado na 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo (e formas que daí se derivam); têm *e* aberto na 2.ª e 3.ª do singular e 3.ª do plural do presente do indicativo (e formas que daí se derivam):

aspergir: asperjo (ê), asperges (é), asperge (é), aspergimos, aspergis, aspergem (é).

b) a vogal *o* sofre também alternâncias diferentes, quando nela recai o acento tônico:

1 – Passa a *u* na 1.ª pessoa sing. do pres. ind., em todo o pres. do subj. e no imperativo, salvo, neste, a 2.ª pess. do singular e plural; e passa a *o* aberto na 2.ª e 3.ª sing. e 3.ª do plural do pres. ind. e 2.ª do singular do imperativo:

dormir – pres. ind.: durmo, dormes, dorme, dormimos, dormis, dormem
pres. subj.: durma, durmas, durma, etc.
imper. afirm.: dorme, durma, durmamos, dormi, durmam

Assim se conjugam *cobrir*, *descobrir*, *encobrir*, *recobrir*, *tossir*. *Dormir* e *tossir* são regulares no particípio: *dormido*, *tossido*.

Para a conjugação de *engolir* e *desengolir* que, a rigor, deveriam seguir este modelo, veja-se o que se diz mais adiante.

2 – Passa a *u* nas três pessoas do sing. e 3.ª do plural do presente do indicativo, em todo o pres. do subjuntivo e no imperativo afirmativo, exceto, neste, a 2.ª pessoa do plural:

sortir – pres. ind.: surto, surtes, surte, sortimos, sortis, surtem
pres. subj.: surta, surtas, surta, etc.
imperat. afirma.: surte, surta, surtamos, sorti, surtam

Por este modelo se conjugam *despolir* e *polir* (cf. **Verbos defectivos e abundantes**). Antigamente seguiam este paradigma *cortir* e *ordir*, hoje grafados *curtir* e *urdir* e de conjugação regular.

c) a vogal *u* da penúltima sílaba do radical passa a *o* aberto na 2.ª e 3.ª pess. do singular e 3.ª do plural do presente do indicativo e na 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo:

acudir – pres. ind.: acudo, acodes (ó), acode (ó), acudimos, acudis, acodem (ó)
pres. subj.: acuda, acudas, acuda, etc.
imper. afirm.: acode (ó), acuda, acudamos, acudi, acudam

Assim se conjugam *bulir*, *cuspir*, *escapulir*, *fugir*, *sacudir*. *Consumir* e *sumir* têm o *o* fechado por estar seguido de *m*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) *Assumir*, *presumir*, *reassumir*, *resumir* são regulares: Pres. ind.: assumo, assumes, assumimos, assumis, assumem.

2.ª) os verbos em *-uir* não apresentam alternâncias vocálicas no radical; a 2.ª e 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo têm *is* e *i* em lugar de *es* e *e*, por haver ditongo oral:

constituir: pres. ind.: constituo, constituis, constitui, constituímos, constituís, constituem.

Assim se conjugam *anuir*, *arguir*, *atribuir*, *constituir*, *destituir*, *diluir*, *diminuir*, *estatuir*, *imbuir*, *influir*, *instituir*, *instruir*, *puir* (defectivo), *restituir*, *redarguir*, *ruir*.

3.ª) *Construir*, *desentupir*, *destruir*, *entupir* (e cognatos) seguem este modelo ou ainda admitem alternância do *u* em *o* aberto na 2.ª e 3.ª pessoa do sing. e 3.ª do plural do presente do indicativo e na 2.ª pessoa do sing. do imperativo afirmativo. *Entupir* e *desentupir* só se afastam do grupo porque apresentam *es* e *e* na 2.ª e 3.ª pessoa do sing. do pres. ind.: *entupo, entupes* (ou *entopes*), *entupe* (ou *entope*), *entupimos, entupis, entupem* (ou *entopem*).

construo, construis (ou *constróis*), *construi* (ou *constrói*), *construímos, construís, construem* (ou *constroem*).

Estes verbos são portanto abundantes. *Obstruir* é, entretanto, conjugado apenas como *constituir*. Cf. obs. 2.ª.

4.ª) *Engolir*, ainda que se escreva com *o*, segue o paradigma de *acudir*; para o Vocabulário de nossa Academia: *engulo, engoles, engole, engulimos, engulis, engolem.* Melhor fora, porém, conjugá-lo com *o* nas duas primeiras pessoas do plural do pres. do indicativo, desfazendo-se a incoerência.

d) a vogal *i* do radical do verbo *frigir* passa a *e* aberto na 2.ª e 3.ª pess. sing. e na 3.ª do plural do pres. do indicativo e na 2.ª pess. sing. do imperativo afirmativo:

Pres. ind.: frijo, freges, frege, frigimos, frigis, fregem

Imper. afirm.: frege, frija, frijamos, frigi, frijam

Não há metafonia, isto é, a vogal é proferida fechada, nos seguintes casos [SA.2, 113]:

1) quando a vogal tônica se acha no fim do radical:
crê, crês; *lê, lês*

2) quando integra os ditongos *ou, ei*:
douro, douras; *cheiro, cheiras*

3) no ditongo *oi* seguido de consoante:
pernoito, pernoitas

4) quando a vogal é seguida de consoante nasal:
como, comes

5) nos verbos terminados em *-ear*, *-elhar*, *-ejar* (exceto *invejar*) e *-oar*:
receio, receias; *aparelho, aparelhas*; *desejo, desejas*; *coroo, coroas*

6) nos verbos *chegar* e *ensebar*:
chego, chegas; *ensebo, ensebas*

Verbos notáveis quanto à pronúncia ou flexão

a) *aguar, desaguar, apaziguar, enxaguar, apropinquar, averiguar,* e afins podem ser conjugados de duas formas:

Pres. ind.: águo, águas, água, aguamos, aguais, águam / aguo, aguas, agua, aguamos, aguais, aguam

Pres. subj.: águe, águes, águe, aguemos, agueis, águem / ague, agues, ague, aguemos, aguis, aguem

b) *arguir* e *redarguir* não levam acento agudo na vogal tônica *u* nas formas rizotônicas:

Pres. ind.: arguo (ú), arguis (ú), argui (ú), arguímos, arguís, arguem (ú)

Pres. subj.: argua (ú), arguas (ú), argua (ú), arguamos, arguais, arguam (ú)

c) *Magoar*, conjuga-se:

Pres. ind.: magoo, magoas, magoa, magoamos, magoais, magoam

Pres. subj.: magoe, magoes, magoe, magoemos, magoeis, magoem

d) *Mobiliar*, conjuga-se:

Pres. ind.: mobílio, mobílias, mobília, mobiliamos, mobiliais, mobíliam

Pres. subj.: mobílie, mobílies, mobílie, mobiliemos, mobilieis, mobíliem

Observação: A variante *mobilar* apresenta-se regularmente: mobilo, mobilas, mobila, etc.

e) *Resfolegar* conjuga-se:

Pres. ind.: resfólego, resfólegas, resfólega, resfolegamos, resfolegais, resfólegam

Pres. subj.: resfólegue, resfólegues, resfólegue, resfoleguemos, resfolegueis, resfóleguem.

Observações:

1.ª) A forma contrata de *resfolegar* é *resfolgar*, que se apresenta regularmente: resfolgo, resfolgas, resfolga, etc.

2.ª) O substantivo é *resfôlego*, proparoxítono, com *o* tônico fechado.

f) *Dignar-se, indignar-se, obstar, optar, adaptar, pugnar, impugnar, ritmar, raptar,* conjugam-se:

Presente do indicativo

indigno-me (dí)	obsto (ó)	opto (ó)	impugno (ú)	ritmo (í)
indignas-te (dí)	obstas (ó)	optas (ó)	impugnas (ú)	ritmas (í)

indigna-se (dí)	obsta (ó)	opta (ó)	impugna (ú)	ritma (í)
indignamo-nos	obstamos	optamos	impugnamos	ritmamos
indignais-vos	obstais	optais	impugnais	ritmais
indignam-se (dí)	obstam (ó)	optam (ó)	impugnam (ú)	ritmam (í)

rapto (rá), *raptas* (rá), *rapta* (rá), *raptamos*, *raptais*, *raptam* (rá)

g) *Obviar* conjuga-se:

Pres. ind.: obvio (í), obvias (í), obvia (í), obviamos, obviais, obviam (í)

h) *Apiedar* e *moscar* conjugam-se:

apiedar – pres. ind.: apiedo, apiedas, apieda, apiedamos, apiedais, apiedam

A lição antiga de alguns gramáticos e ortógrafos confundia o arcaico *apiadar* e *apiedar* numa só conjugação, o que não aconselhamos:

Pres. ind.: apiado, apiadas, apiada, apiedamos, apiedais, apiadam (isto é, *a* nas formas rizotônicas e *e* nas arrizotônicas).

A mesma confusão existia com *moscar* e *muscar* (sumir-se):

Pres. ind.: musco, muscas, musca, moscamos, moscais, muscam (isto é, *u* nas formas rizotônicas e *o* nas arrizotônicas).

Mais certo será conjugarmos regularmente *moscar*:

Pres. ind.: mosco, moscas, mosca, moscamos, moscais, moscam; e *muscar*:

Pres. ind.: musco, muscas, musca, muscamos, muscais, muscam.

A correção, porém, talvez seja mais difícil, por serem muito pouco usados *moscar* e *muscar*.

i) Verbos com os ditongos fechados *ou* e *ei*: *roubar* e *inteirar*.

Conjugam-se não se reduzindo a vogais abertas *o* e *e*, respectivamente:

Roubar	*Inteirar*
roubo (e não *róbo*, etc.)	inteiro (e não *intéro*, etc.)
roubas	inteiras
rouba	inteira
roubamos	inteiramos
roubais	inteirais
roubam	inteiram

j) Verbos com os ditongos fechados *eu* e *oi*: tipos *endeusar* e *noivar*. Conjugam-se mantendo o ditongo sem que o *e* ou o *o* passem a timbre aberto: *endeuso, endeusas, endeusa,* etc.; *noivo, noivas, noiva,* etc.

OBSERVAÇÃO: O verbo *apoiar* tinha primitivamente fechado o ditongo; hoje é mais corrente proferi-lo aberto: *apoio*, *apoias*, etc.

k) Verbos com o hiato *au*, *ai* e *iu*: tipos *saudar*, *embainhar* e *amiudar*. Conjugam-se mantendo o hiato:

saudar	*embainhar*	*amiudar*
saúdo	embainho	amiúdo
saúdas	embainhas	amiúdas
saúda	embainha	amiúda
saudamos	embainhamos	amiudamos
saudais	embainhais	amiudais
saúdam	embainham	amiúdam

OBSERVAÇÃO: *Arraigar* (com hiato) passou desde cedo a *arraigar* (com ditongo, *ar-rai-gar*) e daí a *arreigar*. As formas com ditongo são mais frequentes, embora modernamente se tenha restabelecido *arraigar* com hiato. *Saudar* proferido com ditongo (*saudo, saudas,* etc.) ocorre aqui e ali nos poetas e se fixa no falar coloquial e popular.

Verbos terminados em -*zer*, -*zir*: tipos *fazer* e *traduzir* – Perdem o *e* final na 3.ª pess. sing. do presente do indicativo e na 2.ª pess. sing. do imperativo afirmativo (este caso não é obrigatório e até, com exagero, vem condenado pelos gramáticos), quando o *z* não é precedido de consoante:

fazer: faço, fazes, faz, etc. Imp. afirm.: faze (ou faz) tu
traduzir: traduzo, traduzes, traduz, etc. Imp. afirm.: traduze (ou traduz) tu
Mas, *cerzir*: cirzo, cirzes, cirze, etc.

Variações gráficas na conjugação – Muitas vezes altera-se a maneira de representar na escrita a última consoante do radical para conservar o mesmo som:

1 – os verbos terminados em -*car* e -*gar* mudam o *c* ou *g* em *qu* ou *gu*, quando tais consoantes são seguidas de *e*:

pecar: peco, peques; *cegar*: cego, cegues

2 – os verbos terminados em -*cer* ou -*cir* têm *c* cedilhado antes de *a* ou *o*:

conhecer – conheço, conheces, conhece; *ressarcir* – ressarço, ressarces

3 – os verbos terminados em -*çar* perdem a cedilha antes do *e*:

começar – começo, comeces

4 – os verbos terminados em -*ger* ou -*gir* mudam o *g* em *j* antes de *a* ou *o*:

eleger – elejo, eleges; *fugir* – fujo, foges

5 – os verbos terminados em -*guer* ou -*guir* perdem o *u* antes de *a* ou *o*:

erguer – ergo, ergues, erga
conseguir – consigo, consegues, consiga

A vogal *e* passa a ser grafada *i* quando entra num ditongo *oral* (verbos em -*uir*): atribuo, atribu*is*, atribu*i*.

Estas variações gráficas não constituem irregularidades de conjugação, não havendo, por isso, verbos irregulares gráficos.

Verbos em -*ear* e -*iar* – Os verbos em -*ear* trocam o *e* por *ei* nas formas rizotônicas:

Nomear – pres. ind.: nom*ei*o, nom*ei*as, nom*ei*a, nom*e*amos, nom*e*ais, nom*ei*am.
pres. subj.: nom*ei*e, nom*ei*es, nom*ei*e, nom*e*emos, nom*e*eis, nom*ei*em.
imp. afirm.: nom*ei*a, nom*ei*e, nom*e*emos, nom*e*ai, nom*ei*em.

Os verbos em -*iar* são conjugados regularmente:

Premiar – pres. ind.: premio, premias, premia, premiamos, premiais, premiam.
pres. subj.: premie, premies, premie, etc.
imp. afirm.: premia, premie, premiemos, premiai, premiem.

Cinco verbos em -*iar* se conjugam, nas formas rizotônicas, como se terminassem em -*ear* (MARIO é o anagrama que deles se pode formar):

mediar: med*ei*o, med*ei*as, med*ei*a, mediamos, mediais, med*ei*am

ansiar: ans*ei*o, ans*ei*as, ans*ei*a, ansiamos, ansiais, ans*ei*am

remediar: remed*ei*o, remed*ei*as, remed*ei*a, remediamos, remediais, remed*ei*am

incendiar: incend*ei*o, incend*ei*as, incend*ei*a, incendiamos, incendiais, incend*ei*am

odiar: od*ei*o, od*ei*as, od*ei*a, odiamos, odiais, od*ei*am

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Enquanto no Brasil já vamos conjugando os verbos em -*ear* e -*iar* pelo que acabamos de expor, entre os portugueses ainda se notam vacilações em muitos que, grafados com -*iar*, deveriam seguir o modelo de *premiar*, mas se acostam ao de *nomear*, dada a homofonia dos dois finais na fala corrente: além do próprio *premiar*, *agenciar*, *comerciar*, *licenciar*, *negociar*, *penitenciar*, *obsequiar*, *presenciar*, *providenciar*, *reverenciar*, *sentenciar*, *vangloriar*, *vitoriar*, *evidenciar*, *glorificar*, *diligenciar* e outros.

2.ª) Hoje não fazemos distinção entre *crear* (tirar do nada, dar existência) e *criar* (educar, cultivar, promover o desenvolvimento), usando apenas *criar* para ambos os casos, que se conjuga como *premiar*. Entre escritores modernos, porém, podem ocorrer exemplos de *crear*, conjugado como *nomear*.

3.ª) A diferença de conjugação torna-se imperiosa nos parônimos: *afear* e *afiar*; *arrear* e *arriar*; *estrear* e *estriar*; *vadear* e *vadiar*, etc.

Quando grafar -*ear* ou -*iar* – Grafam-se com -*ear* os verbos que possuem formas substantivas ou adjetivas cognatas terminadas em:

a) -*é*, -*eio*, -*eia*, -*éia*:

pé – apear ceia – cear
passeio – passear ideia – idear
Exceção: fé – fiar

b) consoante ou pelas vogais átonas -*a*, -*e*, -*o* precedidas de consoante:

mar – marear pente – pentear
casa – casear branco – branquear
Exceções: amplo – ampliar lume – alumiar
breve – abreviar sede – sediar
finança – financiar êxtase – extasiar
graça – agraciar

Incluem-se entre os verbos em -*ear*: *atear*, *bambolear*, *bruxulear*, *cecear*, *derrear*, *favonear*, *pavonear*, *semear*, *vadear*.

Grafam-se com -*iar* os verbos que possuem formas substantivas cognatas terminadas em:

a) -*io*, -*ia*:

alívio – aliviar delícia – deliciar
sócio – associar polícia – policiar
óbvio – obviar assovio – assoviar

b) -*ânsia*, -*ência*, -*ença*:

distância – distanciar presença – presenciar
diligência – diligenciar sentença – sentenciar

Incluem-se no rol dos verbos em *-iar*: *anuviar*, *apreciar*, *depreciar*, *saciar*.

OBSERVAÇÃO: Muitas vezes o final *-ear* ou *-iar* se pode alternar com o simples *-ar*: *azular* ou *azulear*; *bajar* ou *bagear* (produzir vagens); *diferenciar* ou *diferençar*; *balançar* ou *balancear*, *homicidar* ou *homicidiar*, etc.

Erros frequentes na conjugação de alguns verbos

a) *Vir* e seus derivados

No presente do indicativo temos: *venho, vens, vem, vimos* (e não *viemos*), *vindes, vêm*.

No pretérito perfeito do indicativo: *vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.*

O gerúndio é igual ao particípio, porque neste desapareceu a vogal temática: *vindo* (vi-ndo) e *vindo* (vin-i-do).

Notem-se estes enganos comuns nos derivados de *vir*, no pret. perf. ind.:

Os guardas *interviram* na discussão (em lugar de *intervieram*).

A professora *interviu* no caso (em lugar de *interveio*).

O futuro do subjuntivo é *vier*: Quando eu *vier*... (e não *vir*):

E, incapazes de negar a beleza (...) assaltaram a ave de Juno (...) *intervieram* para impor silêncio o leão e o tigre [JR.2, 200].

O Senhor Araña y Araña *conveio* em que o panorama era magnificente (...) [JR.2, 189].

b) *Ver* e seus derivados

Prover não se conjuga como *ver* no:

pret. perf. ind.: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram
m.-q.-perf. ind.: provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram
imperf. subj.: provesse, provesses, provesse, provêssemos, provêsseis, provessem
fut. subj.: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem
particípio: provido

Rever é conjugado como *ver*; por isso está errada a flexão em:

A aluna *reveu* (em vez de *reviu*) a prova.

Antever é conjugado como *ver* e, por isso, enganou-se o nosso Casimiro de Abreu ao escrever:

"Quem *antevera* (com *e*) que dum povo a ruína
Pelo seu próprio rei cavada fosse?" [SS.4, 34].

O futuro do subjuntivo é *vir*:

Quando eu vier à cidade e *vir* oportunidade de comprá-lo, então o farei (e não ver!).

c) Precaver-se.

É verbo defectivo que nada tem com *ver* ou *vir*; por isso evite-se dizer

Eu me *precavejo* ou Eu me *precavenho*.

Precavejam-se ou *Precavenham-se*.

Para sua conjugação, veja-se **Verbos defectivos e abundantes**.

d) *Reaver*.

É verbo defectivo, derivado de *haver*, que só se conjuga nas formas em que este possui *-v-*. Não se deve dizer: Eu *reavejo* ou Eu *reavenho*

Cuidado especial merece também o pret. perf.: *reouve*, *reouveste*, *reouve*, *reouvemos*,

reouvestes, *reouveram*.

Por isso evitem-se empregos como: *eu reavi*, *ele reaveu*, etc. Cf. **Verbos defectivos e abundantes**.

e) *Ter* e seus derivados

Deter, derivado de *ter*, conjuga-se como este. Logo está errada a frase:

O policial *deteu* (por *deteve*!) o criminoso.

Sirva de exemplo o caso que vou referir, segundo o texto autorizado de um doutor que (...) *entreteve* um diálogo com um dos últimos gregos [JR.2, 183].

f) *Pôr* e seus derivados.

Opor é derivado de *pôr* e por ele se modela na conjugação. Assim enganou-se o poeta Porto-Alegre nestes versos, usando *opor* em vez de *opuser*:

"Se aos paternos errores de contraste,
E à minha influição *opor* virtudes" [PA.1, II, 154 *apud* SS.4, 34].

g) *Estar* e seus derivados.

Sobrestar é derivado de *estar* e por ele se conjuga; porém, costuma-se ver modelado pelo verbo *ter*, como se fosse *sobrester*. Assim não está certo o seguinte exemplo de Alberto de Oliveira:

"Deixando a enferma, *sobrestenho* o passo" [AO.2 *apud* SS.4].

h) *Haver-se* e *avir-se*.

Estes verbos têm empregos diferentes. *Haver-se* (com alguém) significa:

1) *proceder*, *portar-se*:

"Ele, porém, *houve-se* com a maior delicadeza" [MA.1, 364].

2) *ser chamado a ordem*, *entrar em disputa com alguém*, *conciliar*, e aparece nas ameaças:

Ele tem de *se haver* comigo.

"Aquele que sobre ti lançar vistas de amor ou de cobiça, comigo *se haverá*" [MP.1, 139 *apud* SS.1, 361].

3) *conciliar*

Avir-se é sinônimo de *haver-se*, no sentido 3), isto é, significa *entrar em acordo com*, *conciliar*:

"Lá *se avenham* os sorveteiros com Boileau" [FE.2, V, 46 *apud* RB.1, 391 nota].

Desavir-se é o contrário de *avir-se*:

Os amigos *se desavieram* (e não *se desouveram*!) por muito pouco.

Erra-se frequentes vezes empregando-se, nas ameaças, *avir-se* por *haver-se*: Ele tem de *se avir* comigo (em lugar de *se haver*).

Paradigma dos verbos regulares

Com destaque dos elementos estruturais

1 – Conjugação simples

1.ª – ***Cant-a-r*** 2.ª – ***Vend-e-r*** 3.ª – ***Part-i-r***

MODO INDICATIVO

Presente

Cant-o	Vend-o	Part-o
Cant-a-s	Vend-e-s	Part-e-s
Cant-a	Vend-e	Part-e
Cant-a-mos	Vend-e-mos	Part-i-mos
Cant-a-is	Vend-e-is	Part-is
Cant-a-m	Vend-e-m	Part-e-m

Pretérito imperfeito

Cant-a-va	Vend-ia	Part-ia
Cant-a-va-s	Vend-ia-s	Part-ia-s
Cant-a-va	Vend-ia	Part-ia
Cant-á-va-mos	Vend-ía-mos	Part-ía-mos
Cant-á-ve-is	Vend-íe-is	Part-íe-is
Cant-a-va-m	Vend-ia-m	Part-ia-m

Pretérito perfeito

Cant-e-i	Vend-i	Part-i
Cant-a-ste	Vend-e-ste	Part-i-ste
Cant-o-u	Vend-e-u	Part-i-u
Cant-a-mos	Vend-e-mos	Part-i-mos
Cant-a-stes	Vend-e-stes	Part-i-stes
Cant-a-ra-m	Vend-e-ra-m	Part-i-ra-m

Pretérito mais-que-perfeito

Cant-a-ra	Vend-e-ra	Part-i-ra
Cant-a-ra-s	Vend-e-ras	Part-i-ra-s
Cant-a-ra	Vend-e-ra	Part-i-ra
Cant-á-ra-mos	Vend-ê-ra-mos	Part-í-ra-mos
Cant-á-re-is	Vend-ê-re-is	Part-í-re-is
Cant-a-ra-m	Vend-e-ra-m	Part-i-ra-m

Futuro do presente

Cant-a-re-i	Vend-e-re-i	Part-i-re-i
Cant-a-rá-s	Vend-e-rá-s	Part-i-rá-s
Cant-a-rá	Vend-e-rá	Part-i-rá

Cant-a-re-mos	Vend-e-re-mos	Part-i-re-mos
Cant-a-re-is	Vend-e-re-is	Part-i-re-is
Cant-a-rã-o	Vend-e-rã-o	Part-i-rã-o

Futuro do pretérito

Cant-a-ria	Vend-e-ria	Part-i-ria
Cant-a-ria-s	Vend-e-ria-s	Part-i-ria-s
Cant-a-ria	Vend-e-ria	Part-i-ria
Cant-a-ría-mos	Vend-e-ría-mos	Part-i-ría-mos
Cant-a-ríe-is	Vend-e-ríe-is	Part-i-ríe-is
Cant-a-ria-m	Vend-e-ria-m	Part-i-ria-m

MODO SUBJUNTIVO

Presente

Cant-e	Vend-a	Part-a
Cant-e-s	Vend-a-s	Part-a-s
Cant-e	Vend-a	Part-a
Cant-e-mos	Vend-a-mos	Part-a-mos
Cant-e-is	Vend-a-is	Part-a-is
Cant-e-m	Vend-a-m	Part-a-m

Pretérito Imperfeito

Cant-a-sse	Vend-e-sse	Part-i-sse
Cant-a-sse-s	Vend-e-sse-s	Part-i-sse-s
Cant-a-sse	Vend-e-sse	Part-i-sse
Cant-á-sse-mos	Vend-ê-sse-mos	Part-í-sse-mos
Cant-á-sse-is	Vend-ê-sse-is	Part-í-sse-is
Cant-a-sse-m	Vend-e-sse-m	Part-i-sse-m

Futuro

Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r
Cant-a-re-s	Vend-e-re-s	Part-i-re-s
Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r
Cant-a-r-mos	Vend-e-r-mos	Part-i-r-mos
Cant-a-r-des	Vend-e-r-des	Part-i-r-des
Cant-a-re-m	Vend-e-re-m	Part-i-re-m

MODO IMPERATIVO

Afirmativo

Cant-a tu	Vend-e tu	Part-e tu
Cant-e você	Vend-a você	Part-a você
Cant-e-mos nós	Vend-a-mos nós	Part-a-mos nós
Cant-a-i vós	Vend-e-i vós	Part-i vós
Cant-e-m vocês	Vend-a-m vocês	Part-a-m vocês

Negativo

Não cant-e-s tu	Não vend-a-s tu	Não part-a-s tu
Não cant-e você	Não vend-a você	Não part-a você
Não cant-e-mos nós	Não vend-a-mos nós	Não part-a-mos nós
Não cant-e-is vós	Não vend-a-is vós	Não part-a-is vós
Não cant-e-m vocês	Não vend-a-m vocês	Não part-a-m vocês

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo

Não flexionado

Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r

Flexionado

Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r
Cant-a-re-s	Vend-e-re-s	Part-i-re-s
Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r
Cant-a-r-mos	Vend-e-r-mos	Part-i-r-mos
Cant-a-r-des	Vend-e-r-des	Part-i-r-des
Cant-a-re-m	Vend-e-re-m	Part-i-re-m

Gerúndio

Cant-a-ndo	Vend-e-ndo	Part-i-ndo

Particípio

Cant-a-do	Vend-i-do	Part-i-do

MODO INDICATIVO

Pretérito perfeito composto

Tenho cantado	Tenho vendido	Tenho partido
Tens cantado	Tens vendido	Tens partido
Tem cantado	Tem vendido	Tem partido
Temos cantado	Temos vendido	Temos partido
Tendes cantado	Tendes vendido	Tendes partido
Têm cantado	Têm vendido	Têm partido

Pretérito mais-que-perfeito composto

Tinha cantado	Tinha vendido	Tinha partido
Tinhas cantado	Tinhas vendido	Tinhas partido
Tinha cantado	Tinha vendido	Tinha partido
Tínhamos cantado	Tínhamos vendido	Tínhamos partido
Tínheis cantado	Tínheis vendido	Tínheis partido
Tinham cantado	Tinham vendido	Tinham partido

Futuro do presente composto

Terei cantado	Terei vendido	Terei partido
Terás cantado	Terás vendido	Terás partido
Terá cantado	Terá vendido	Terá partido
Teremos cantado	Teremos vendido	Teremos partido
Tereis cantado	Tereis vendido	Tereis partido
Terão cantado	Terão vendido	Terão partido

Futuro do pretérito composto

Teria cantado	Teria vendido	Teria partido
Terias cantado	Terias vendido	Terias partido
Teria cantado	Teria vendido	Teria partido
Teríamos cantado	Teríamos vendido	Teríamos partido
Teríeis cantado	Teríeis vendido	Teríeis partido
Teriam cantado	Teriam vendido	Teriam partido

MODO SUBJUNTIVO

Pretérito perfeito

Tenha cantado	Tenha vendido	Tenha partido
Tenhas cantado	Tenhas vendido	Tenhas partido
Tenha cantado	Tenha vendido	Tenha partido
Tenhamos cantado	Tenhamos vendido	Tenhamos partido
Tenhais cantado	Tenhais vendido	Tenhais partido
Tenham cantado	Tenham vendido	Tenham partido

Pretérito mais-que-perfeito

Tivesse cantado	Tivesse vendido	Tivesse partido
Tivesses cantado	Tivesses vendido	Tivesses partido
Tivesse cantado	Tivesse vendido	Tivesse partido
Tivéssemos cantado	Tivéssemos vendido	Tivéssemos partido
Tivésseis cantado	Tivésseis vendido	Tivésseis partido
Tivessem cantado	Tivessem vendido	Tivessem partido

Futuro composto

Tiver cantado	Tiver vendido	Tiver partido
Tiveres cantado	Tiveres vendido	Tiveres partido
Tiver cantado	Tiver vendido	Tiver partido
Tivermos cantado	Tivermos vendido	Tivermos partido
Tiverdes cantado	Tiverdes vendido	Tiverdes partido
Tiverem cantado	Tiverem vendido	Tiverem partido

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo

Não flexionado composto

Ter cantado	Ter vendido	Ter partido

Flexionado composto

Ter cantado	Ter vendido	Ter partido
Teres cantado	Teres vendido	Teres partido
Ter cantado	Ter vendido	Ter partido
Termos cantado	Termos vendido	Termos partido
Terdes cantado	Terdes vendido	Terdes partido
Terem cantado	Terem vendido	Terem partido

Gerúndio composto

Tendo cantado	Tendo vendido	Tendo partido

Conjugação de verbos auxiliares mais comuns

1 – Conjugação simples

Ser	***Estar***	***Ter***	***Haver***
		MODO INDICATIVO	
		Presente	
Sou	Estou	Tenho	Hei
És	Estás	Tens	Hás
É	Está	Tem	Há
Somos	Estamos	Temos	Havemos
Sois	Estais	Tendes	Haveis
São	Estão	Têm [1]	Hão
		Pretérito Imperfeito	
Era	Estava	Tinha	Havia
Eras	Estavas	Tinhas	Havias
Era	Estava	Tinha	Havia
Éramos	Estávamos	Tínhamos	Havíamos
Éreis	Estáveis	Tínheis	Havíeis
Eram	Estavam	Tinham	Haviam
		Pretérito perfeito	
Fui	Estive	Tive	Houve
Foste	Estiveste	Tiveste	Houveste
Foi	Esteve	Teve	Houve
Fomos	Estivemos	Tivemos	Houvemos
Fostes	Estivestes	Tivestes	Houvestes
Foram	Estiveram	Tiveram	Houveram
		Pretérito mais-que-perfeito	
Fora	Estivera	Tivera	Houvera
Foras	Estiveras	Tiveras	Houveras

Fora	Estivera	Tivera	Houvera
Fôramos	Estivéramos	Tivéramos	Houvéramos
Fôreis	Estivéreis	Tivéreis	Houvéreis
Foram	Estiveram	Tiveram	Houveram

Futuro do presente

Serei	Estarei	Terei	Haverei
Serás	Estarás	Terás	Haverás
Será	Estará	Terá	Haverá
Seremos	Estaremos	Teremos	Haveremos
Sereis	Estareis	Tereis	Havereis
Serão	Estarão	Terão	Haverão

Futuro do pretérito

Seria	Estaria	Teria	Haveria
Serias	Estarias	Terias	Haverias
Seria	Estaria	Teria	Haveria
Seríamos	Estaríamos	Teríamos	Haveríamos
Seríeis	Estaríeis	Teríeis	Haveríeis
Seriam	Estariam	Teriam	Haveriam

MODO SUBJUNTIVO

Presente

Seja	Esteja	Tenha	Haja
Sejas	Estejas	Tenhas	Hajas
Seja	Esteja	Tenha	Haja
Sejamos	Estejamos	Tenhamos	Hajamos
Sejais	Estejais	Tenhais	Hajais
Sejam	Estejam	Tenham	Hajam

Pretérito imperfeito

Fosse	Estivesse	Tivesse	Houvesse
Fosses	Estivesses	Tivesses	Houvesses
Fosse	Estivesse	Tivesse	Houvesse
Fôssemos	Estivéssemos	Tivéssemos	Houvéssemos
Fôsseis	Estivésseis	Tivésseis	Houvésseis

Fossem	Estivessem	Tivessem	Houvessem

Futuro

For	Estiver	Tiver	Houver
Fores	Estiveres	Tiveres	Houveres
For	Estiver	Tiver	Houver
Formos	Estivermos	Tivermos	Houvermos
Fordes	Estiverdes	Tiverdes	Houverdes
Forem	Estiverem	Tiverem	Houverem

MODO IMPERATIVO

Afirmativo

Sê tu	Está tu	Tem tu[2]	Há tu
Seja você	Esteja você	Tenha você	Haja você
Sejamos nós	Estejamos nós	Tenhamos nós	Hajamos nós
Sede vós	Estai vós	Tende vós	Havei vós
Sejam vocês	Estejam vocês	Tenham vocês	Hajam vocês

Negativo

Não sejas tu	Não estejas tu	Não tenhas tu	Não hajas tu
Não seja você	Não esteja você	Não tenha você	Não haja você
Não sejamos nós	Não estejamos nós	Não tenhamos nós	Não hajamos nós
Não sejais vós	Não estejais vós	Não tenhais vós	Não hajais vós
Não sejam vocês	Não estejam vocês	Não tenham vocês	Não hajam vocês

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado

Ser	Estar	Ter	Haver

Infinitivo flexionado

Ser	Estar	Ter	Haver
Seres	Estares	Teres	Haveres
Ser	Estar	Ter	Haver
Sermos	Estarmos	Termos	Havermos
Serdes	Estardes	Terdes	Haverdes
Serem	Estarem	Terem	Haverem

Gerúndio

Sendo	Estando	Tendo	Havendo

Particípio

Sido	Estado	Tido	Havido

1. O *Vocabulário Oficial* só adota esta forma; porém, nos poetas pode ocorrer a pronúncia como dissílabo – *te-em-*, como dizem *creem*, *deem*, *leem*, *veem*. Ocorre o mesmo com *vêm* (de *vir*). Note-se, de passagem, que os dissílabos *creem*, *deem*, *leem*, *veem*, são pronúncias relativamente modernas. As formas antigas eram: *crem*, *dem*, *lem*, *vem*.

2. Com *m* final, e não com *n*.

2 – Conjugação composta

MODO INDICATIVO

Pretérito perfeito composto

Tenho	(ou hei)	sido, estado, tido, havido
Tens	(ou hás)	
Tem	(ou há)	
Temos	(ou havemos)	
Tendes	(ou haveis)	
Têm	(ou hão)	

Pretérito mais-que-perfeito composto

Tinha	(ou havia)	sido, estado, tido, havido
Tinhas	(ou havias)	
Tinha	(ou havia)	
Tínhamos	(ou havíamos)	
Tínheis	(ou havíeis)	
Tinham	(ou haviam)	

Futuro do presente composto

Terei	(ou haverei)	sido, estado, tido, havido
Terás	(ou haverás)	
Terá	(ou haverá)	
Teremos	(ou haveremos)	
Tereis	(ou havereis)	
Terão	(ou haverão)	

Futuro do Pretérito composto

Teria	(ou haveria)	sido, estado, tido, havido
Terias	(ou haverias)	
Teria	(ou haveria)	
Teríamos	(ou haveríamos)	
Teríeis	(ou haveríeis)	
Teriam	(ou haveriam)	

MODO SUBJUNTIVO

Pretérito perfeito

Tenha	(ou haja)	sido, estado, tido, havido
Tenhas	(ou hajas)	
Tenha	(ou haja)	
Tenhamos	(ou hajamos)	
Tenhais	(ou hajais)	
Tenham	(ou hajam)	

Pretérito mais-que-perfeito

Tivesse	(ou houvesse)	sido, estado, tido, havido
Tivesses	(ou houvesses)	
Tivesse	(ou houvesse)	
Tivéssemos	(ou houvéssemos)	
Tivésseis	(ou houvésseis)	
Tivessem	(ou houvessem)	

Futuro composto

Tiver	(ou houver)	sido, estado, tido, havido
Tiveres	(ou houveres)	
Tiver	(ou houver)	
Tivermos	(ou houvermos)	
Tiverdes	(ou houverdes)	
Tiverem	(ou houverem)	

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado composto

Ter	(ou haver)	sido, estado, tido, havido

Infinitivo flexionado composto

Ter	(ou haver)	sido, estado, tido, havido
Teres	(ou haveres)	
Ter	(ou haver)	
Termos	(ou havermos)	
Terdes	(ou haverdes)	
Terem	(ou haverem)	

Gerúndio

Tendo (ou havendo) sido, estado, tido, havido

Conjugação do verbo *pôr*

1 – Conjugação simples

MODO INDICATIVO

Presente	Pretérito imperfeito	Pretérito perfeito
Ponho	Punha	Pus
Pões	Punhas	Puseste
Põe	Punha	Pôs
Pomos	Púnhamos	Pusemos
Pondes	Púnheis	Pusestes
Põem	Punham	Puseram

Pretérito mais-que-perf.	Futuro do pretérito	Futuro do presente
Pusera	Poria	Porei
Puseras	Porias	Porás
Pusera	Poria	Porá
Puséramos	Poríamos	Poremos
Puséreis	Poríeis	Poreis
Puseram	Poriam	Porão

MODO SUBJUNTIVO

Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
Ponha	Pusesse	Puser
Ponhas	Pusesses	Puseres
Ponha	Pusesse	Puser
Ponhamos	Puséssemos	Pusermos
Ponhais	Puséssеis	Puserdes

Ponham	Pusessem	Puserem

MODO IMPERATIVO

Afirmativo	Negativo
Põe tu	Não ponhas tu
Ponha você	Não ponha você
Ponhamos nós	Não ponhamos nós
Ponde vós	Não ponhais vós
Ponham vocês	Não ponham vocês

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado	Infinitivo flexionado
Pôr	Pôr
	Pores
	Pôr
	Pormos
	Pordes
	Porem

Gerúndio	Particípio
Pondo	Posto

2 - Conjugação composta

MODO INDICATIVO

Pretérito perfeito composto		Pretérito mais-que-perfeito composto	
Tenho	posto	Tinha	posto
Tens	posto	Tinhas	posto
Tem	posto	Tinha	posto
Temos	posto	Tínhamos	posto
Tendes	posto	Tínheis	posto
Têm	posto	Tinham	posto

Futuro do presente composto		Futuro do pretérito composto	
Terei	posto	Teria	posto
Terás	posto	Terias	posto
Terá	posto	Teria	posto

Teremos	posto	Teríamos	posto
Tereis	posto	Teríeis	posto
Terão	posto	Teriam	posto

MODO SUBJUNTIVO

Pretérito perfeito		Pretérito mais-que-perf.		Futuro	
Tenha	posto	Tivesse	posto	Tiver	posto
Tenhas	posto	Tivesses	posto	Tiveres	posto
Tenha	posto	Tivesse	posto	Tiver	posto
Tenhamos	posto	Tivéssemos	posto	Tivermos	posto
Tenhais	posto	Tivésseis	posto	Tiverdes	posto
Tenham	posto	Tivessem	posto	Tiverem	posto

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado		Infinitivo flexionado	
Ter	posto	Ter	posto
		Teres	posto
		Ter	posto
		Termos	posto
		Terdes	posto
		Terem	posto

Gerúndio composto	
Tendo	posto

Conjugação de um verbo composto na voz passiva: *ser amado*

MODO INDICATIVO

Presente		Pretérito imperfeito		Pretérito perf. simples	
Sou	amado	Era	amado	Fui	amado
És	amado	Eras	amado	Foste	amado
É	amado	Era	amado	Foi	amado
Somos	amados	Éramos	amados	Fomos	amados
Sois	amados	Éreis	amados	Fostes	amados

São	amados	Eram	amados	Foram	amados

Pretérito perfeito composto

Tenho	sido amado
Tens	sido amado
Tem	sido amado
Temos	sido amados
Tendes	sido amados
Têm	sido amados

Pretérito mais-que-perfeito simples

Fora	amado
Foras	amado
Fora	amado
Fôramos	amados
Fôreis	amados
Foram	amados

Pret. mais-que-perfeito composto

Tinha	sido amado
Tinhas	sido amado
Tinha	sido amado
Tínhamos	sido amados
Tínheis	sido amados
Tinham	sido amados

Futuro do presente simples

Serei	amado
Serás	amado
Será	amado
Seremos	amados
Sereis	amados
Serão	amados

Futuro do presente composto

Terei	sido amado
Terás	sido amado
Terá	sido amado
Teremos	sido amados
Tereis	sido amados
Terão	sido amados

Futuro do pretérito simples

Seria	amado
Serias	amado
Seria	amado
Seríamos	amados
Seríeis	amados
Seriam	amados

Futuro do pretérito composto

Teria	sido amado
Terias	sido amado
Teria	sido amado
Teríamos	sido amados
Teríeis	sido amados
Teriam	sido amados

MODO SUBJUNTIVO

Presente

Seja	amado

Pretérito imperfeito

Fosse	amado

Pretérito perfeito

Tenha	sido amado

Sejas	amado	Fosses	amado	Tenhas	sido amado
Seja	amado	Fosse	amado	Tenha	sido amado
Sejamos	amados	Fôssemos	amados	Tenhamos	sido amados
Sejais	amados	Fôsseis	amados	Tenhais	sido amados
Sejam	amados	Fossem	amados	Tenham	sido amados

Pretérito mais-que-perfeito		Futuro		Futuro composto	
Tivesse	sido amado	For	amado	Tiver	sido amado
Tivesses	sido amado	Fores	amado	Tiveres	sido amado
Tivesse	sido amado	For	amado	Tiver	sido amado
Tivéssemos	sido amados	Formos	amados	Tivermos	sido amados
Tivésseis	sido amados	Fordes	amados	Tiverdes	sido amados
Tivessem	sido amados	Forem	amados	Tiverem	sido amados

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado		Infinitivo não flexionado composto	
Ser	amado	Ter	sido amado

Infinitivo flexionado composto		Infinitivo flexionado	
Ser	amado	Ter	sido amado
Seres	amado	Teres	sido amado
Ser	amado	Ter	sido amado
Sermos	amados	Termos	sido amados
Serdes	amados	Terdes	sido amados
Serem	amados	Terem	sido amados

Gerúndio	Gerúndio composto	
Sendo amado	Tendo	sido amado

OBSERVAÇÕES sobre a voz passiva:

1.ª) O particípio neste caso aparece na forma feminina se a referência é feita a ser do gênero feminino:

Ele é *amado*. Ela é *amada*.

2.ª) Também nas três pessoas do plural o particípio vai ao plural:

Voz ativa – Ela tem *estudado*. Elas têm *estudado*.

Voz passiva – Ela é *amada*. Elas são *amadas*.

3.ª) Na voz passiva não se usa o imperativo.

Conjugação de um verbo *pronominal*: *apiedar-se* – Já vimos que o verbo se diz

pronominal quando o pronome oblíquo se refere ao pronome reto:

Eu *me* visto. Nós *nos* arrependemos. Eles *se* foram.

O pronome átono pode vir antes, no meio ou depois do verbo ou verbos (se for uma conjugação composta), de acordo com certos princípios que serão futuramente estudados:

a) *próclise*: se o vocábulo átono vem antes: Ele se feriu (pronome átono proclítico);

b) mesóclise: se o vocábulo átono vem no meio (dos futuros, do presente e do pretérito): Vestir-se-á se puder. Vestir-nos-íamos se pudéssemos (pronome átono mesoclítico);

c) *ênclise*: se o vocábulo átono vem depois: Queixamo-nos ao diretor (pronome átono enclítico).

NOTA IMPORTANTE – Se o pronome for enclítico, nestes casos, só haverá uma alteração no verbo a que pertencer o pronome: perderá o *s* final da 1.ª pessoa do plural:

queixo-me
queixas-te
queixa-se
queixamo-nos
queixais-vos
queixam-se

Nas outras posições, o verbo ficará intacto:

Nós nos queixamos. Queixar-nos-emos.

Atente-se para o seguinte modelo e para as observações feitas sobre a impossibilidade da posposição em algumas formas:

Apiedar-se

MODO INDICATIVO

Presente	Pretérito imperfeito	Pretérito perfeito
apiedo-me	apiedava-me	apiedei-me
apiedas-te	apiedavas-te	apiedaste-te
apieda-se	apiedava-se	apiedou-se
apiedamo-nos	*apiedávamo-nos*	*apiedamo-nos*
apiedais-vos	apiedáveis-vos	apiedastes-vos
apiedam-se	apiedavam-se	apiedaram-se

Pretérito perfeito composto		Pretérito mais-que-perfeito
tenho-me	apiedado [1]	apiedara-me
tens-te	apiedado	apiedaras-te
tem-se	apiedado	apiedara-se
temo-nos	*apiedado*	*apiedáramo-nos*
tendes-vos	apiedado	apiedáreis-vos
têm-se	apiedado	apiedaram-se

Pretérito mais-que-perfeito composto

tinha-me	apiedado
tinhas-te	apiedado
tinha-se	apiedado
tínhamo-nos	*apiedado*
tínheis-vos	apiedado
tinham-se	apiedado

Futuro do presente

apiedar-me-ei [2]
apiedar-te-ás
apiedar-se-á
apiedar-nos-emos
apiedar-vos-eis
apiedar-se-ão

Futuro do presente composto

ter-me-ei	apiedado
ter-te-ás	apiedado
ter-se-á	apiedado
ter-nos-emos	apiedado
ter-vos-eis	apiedado
ter-se-ão	apiedado

Futuro do pretérito

apiedar-me-ia
apiedar-te-ias
apiedar-se-ia
apiedar-nos-íamos
apiedar-vos-íeis
apiedar-se-iam

Futuro do pretérito composto

ter-me-ia	apiedado
ter-se-ias	apiedado
ter-se-ia	apiedado
ter-nos-íamos	apiedado
ter-vos-íeis	apiedado
ter-se-iam	apiedado

1 Nunca se use pronome átono posposto a particípio.

2 Nunca se use pronome átono posposto aos futuros do presente e do pretérito; usar-se-á a anteposição ou a interposição, como veremos depois.

MODO SUBJUNTIVO

NOTA: Raramente aparece pronome posposto a verbo neste modo, por aparecer, em geral, em oração subordinada.

Presente	**Pretérito imperfeito**	**Pretérito perfeito**
apiede-me	apiedasse-me	Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!
apiedes-te	apiedasses-te	
apiede-se	apiedasse-se	
apiedemo-nos	*apiedássemo-nos*	
apiedeis-vos	apiedásseis-vos	
apiedem-se	apiedassem-se	

Pretérito mais-que-perfeito		**Futuro composto**
tivesse-me	apiedado	
tivesses-te	apiedado	

tivesse-se	apiedado	Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!
tivéssemo-nos	*apiedado*	
tivésseis-vos	apiedado	
tivessem-se	apiedado	

MODO IMPERATIVO

Afirmativo	**Negativo**
apieda-te tu	
apiede-se você	
apiedemo-nos nós	Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!
apiedai-vos vós	
apiedem-se vocês	

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado simples	**Infinitivo não flexionado composto**	
apiedar-me	ter-me	apiedado
apiedar-te	ter-te	apiedado
apiedar-se	ter-se	apiedado
apiedar-nos	ter-nos	apiedado
apiedar-vos	ter-vos	apiedado
apiedar-se	ter-se	apiedado
Infinito flexionado simples	**Infinito flexionado composto**	
apiedar-me	ter-me	apiedado
apiedares-te	teres-te	apiedado
apiedar-se	ter-se	apiedado
apiedarmo-nos	*termo-nos*	*apiedado*
apiedardes-vos	terdes-vos	apiedado
apiedarem-se	terem-se	apiedado
Gerúndio simples	**Gerúndio composto**	
apiedando-me	tendo-me	apiedado
apiedando-te	tendo-te	apiedado
apiedando-se	tendo-se	apiedado
apiedando-nos	tendo-nos	apiedado
apiedando-vos	tendo-vos	apiedado
apiedando-se	tendo-se	apiedado

Particípio

Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!

Conjugação de um verbo com pronome oblíquo átono (sem ser pronominal): tipo ***pô-lo*** – O verbo pode acompanhar-se de um pronome oblíquo átono que não se refira ao pronome reto, isto é, ao sujeito:

Eu *o* vi. Nós *te* admiramos. Ela *o* chama.

Quando os pronomes oblíquos átonos *o*, *a*, *os*, *as* estiverem depois do verbo ou no meio modificam-se de acordo com o final a que se acham pospostos:

a) se o verbo terminar por vogal ou semivogal oral, os pronomes aparecem inalterados: ponho-*o*, ponho-*a*, ponho-*os*, ponho-*as*;

b) se o verbo terminar por *r*, *s* ou *z*, desaparecem estas consoantes e os pronomes aparecem nas antigas formas *lo*, *la*, *los*, *las*:

pôr lo = pô-lo; pões lo = põe-lo; diz lo = di-lo; deixar lo ia = deixá-lo-ia

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Recorde-se a acentuação dos oxítonos estudada em **Regras de acentuação**.

2.ª) Se o verbo termina por *ns*, o *n* passará a *m*: *tens lo = tem-lo*.

c) se o verbo terminar por som nasal (*m* ou sílaba com til), os pronomes assumem as formas *no*, *na*, *nos, nas*:

põe + o = põe-no; viram + a = viram-na.

NOTA: Se os pronomes vêm antes do verbo, não há nenhuma alteração nos pronomes e no verbo: Ele *o põe* ali. Eu *o fiz*.

OBSERVAÇÃO: Alguns autores chamam *pronominais reflexos* aos verbos na voz reflexiva e pronominais irreflexivos (ou não reflexos) aos verbos deste parágrafo. 62

Atente-se para o seguinte modelo e para as observações feitas sobre a impossibilidade da posposição em algumas formas:

Pô-lo

(só a conjugação simples)

MODO INDICATIVO

Presente	**Pretérito imperfeito**	**Pretérito perfeito**
ponho-o	punha-o	pu-lo
põe-lo	punha-lo	puseste-o
põe-no	punha-o	pô-lo
pomo-lo	púnhamo-lo	pusemo-lo
ponde-lo	púnhei-lo	puseste-lo
põem-no	punham-no	puseram-no
Pret. Mais-que-perf.	**futuro do presente**	**Futuro do pretérito**
Pusera-o	pô-lo-ei [1]	pô-lo-ia
pusera-lo	pô-lo-ás	pô-lo-ias
pusera-o	pô-lo-á	pô-lo-ia
puséramo-lo	pô-lo-emos	pô-lo-íamos
pusérei-lo	pô-lo-eis	pô-lo-íeis
puseram-no	pô-lo-ão	pô-lo-iam

1 Note-se que nos futuros do presente e do pretérito há formas verbais com dois acentos gráficos.

MODO SUBJUNTIVO

NOTA: raramente aparece pronome posposto a verbo neste modo.

Presente	**Pretérito imperfeito**	**Futuro**
ponha-o	pusesse-o	Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!
ponha-lo	pusesse-lo	
ponha-o	pusesse-o	
ponhamo-lo	puséssemo-lo	
ponhai-lo	puséssei-lo	

ponham-no	pusessem-no

MODO IMPERATIVO

Afirmativo	**Negativo**
põe-no tu [2]	Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!
ponha-o você	
ponhamo-lo nós	
ponde-o vós [2]	
ponham-no vocês	

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo	**Gerúndio**	**Particípio**
pô-lo	pondo-o	Não se usa com pronome posposto.

2 Recorde-se que o s final do presente do indicativo desaparece no imperativo afirmativo.

Conjugação dos verbos irregulares – Na seguinte relação de verbos, apresentamos, além das formas irregulares, algumas regulares em que frequentemente se erra. As formas que aqui faltam e se empregam são todas regulares.

1.ª CONJUGAÇÃO:

Dar

Pres. ind.: dou, dás, dá, damos, dais, dão.
Pret. perf. ind.: dei, deste, deu, demos, destes, deram.
M.-que-Perf. ind.: dera, deras, dera, déramos, déreis, deram.
Pres. subj.: dê, dês, dê, demos, deis, deem.
Pret. imperf. subj.: desse, desses, desse, déssemos, désseis, dessem.
Fut. subj.: der, deres, der, dermos, derdes, derem.

Por este modelo conjuga-se *desdar; circundar* é, porém, regular.

Estar

Ver a lista dos verbos auxiliares.

Por este conjugam-se: *sobestar* e *sobrestar*. São regulares os seus derivados *constar, prestar, obstar, instar, distar, restar,* etc.

2.ª CONJUGAÇÃO

Caber

Pres. ind.: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem.

Pret. perf. ind.: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam.
M.-q.-perf. ind.: coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam.
Pres. subj.: caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam.
Pret. imp. subj.: coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem.
Fut. subj.: coube*r,* couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem.

Comprazer

Ver *prazer*.

Crer

Pres. ind.: creio, crês, crê, cremos, credes, creem.
Pret. perf. ind.: cri, creste, creu, cremos, crestes, creram.
Pres. subj.: creia, creias, creia, creiamos, creiais, creiam.
Pret. impa. subj.: cresse, cresses, cresse, crêssemos, crêsseis, cressem.
Fut. subj.: crer, creres, crer, crermos, crerdes, crerem.
Imperativo: crê, crede.
Part.: crido.

Com este conjuga-se *descrer*.

Dizer

Pres. ind.: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem.
Pret. Perf. ind.: disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram.
M.-q.-perf. ind.: dissera, disseras, dissera, disséramos, disséreis, disseram.
Fut. pres.: direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão.
Fut. pret.: diria, dirias, diria, diríamos, diríeis diriam.
Pres. subj.: diga, digas, diga, digamos, digais, digam.
Pret. imperf. subj.: dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem.
Fut. subj.: disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem,
Imperativo: dize, dizei.
Part.: dito.

Por este se conjugam *bendizer*, *condizer*, *contradizer*, *desdizer*, *maldizer*, *predizer*.

Fazer

Pres. ind.: faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem.
Pret. perf. ind.: fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram.
M.-q.-perf. ind.: fizera, fizeras, fizera, fizéramos, fizéreis, fizeram.
Fut. pres.: farei, farás, fará, faremos, fareis, farão.
Fut. pret.: faria, farias, faria, faríamos, faríeis, fariam.
Pres. subj.: faça, faças, faça, façamos, façais, façam.
Pret. imp. subj.: fizesse, fizesses, fizesse fizéssemos, fizésseis, fizessem.
Fut. subj.: fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem.
Imperativo: faz(e), fazei.
Part. : feito.

Por este se conjugam *afazer*, *contrafazer*, *desfazer*, *liquefazer*, *perfazer*, *refazer*, *rarefazer*, *satisfazer*.

Haver

Ver a conjugação dos verbos auxiliares.

Jazer

Pret. ind.: jazo, jazes, jaz, jazemos, jazeis, jazem.
Pret. Perf. ind.: jazi, jazeste, jazeu, jazemos, jazestes, jazeram.

As outras formas – pois é totalmente conjugado – são regulares.

Por este se modela *adjazer*.

Ler

Pres. ind.: leio, lês, lê, lemos, ledes, leem.

Pret. perf. ind.: li, leste, leu, lemos, lestes, leram.

M.-q.-perf. ind.: lera, leras, lera, lêramos, lêreis, leram.

Pres. subj.: leia, leias, leia, leiamos, leiais, leiam.

Pret. imp. subj.: lesse, lesses, lesse, lêssemos, lêsseis, lessem.

Fut. subj.: ler, leres, ler, lermos, lerdes, lerem.

Por este se conjugam *reler* e *tresler*.

Perder

Pres. ind.: perco (ê), perdes, perde, perdemos, perdeis, perdem.

Pres. subj.: perca (ê), percas (ê), perca (ê), percamos (ê), percais (ê), percam (ê).

Poder

Pres. ind.: posso, podes, pode, podemos, podeis, podem.

Pret. perf. ind.: pude, pudeste, pôde, pudemos, pudestes, puderam.

M.-q.-perf. ind.: pudera, puderas, pudera, pudéramos, pudéreis, puderam.

Pres. subj.: possa, possas, possa, possamos, possais, possam.

Pret. imp.: pudesse, pudesses, pudesse, pudéssemos, pudésseis, pudessem.

Fut. subj.: puder, puderes, puder, pudermos, puderdes, puderem.

Desusado modernamente no imperativo.

Prazer

(Pouco usado na 1.ª e 2.ª pessoa)

Pres. ind.: praz, prazem.

Pret. perf. ind.: prouve, prouveram.

M.-q.-perf. ind.: prouvera, prouveram.

Pret. imp. subj.: prouvesse, prouvessem.

Fut. subj.: prouver, prouverem.

Por este se conjugam *aprazer, desprazer, desaprazer,* verbos que se apresentam em todas as pessoas. *Comprazer* e *descomprazer são* verbos completos e se modelam por *prazer;* no pret. perfeito e m.-q.-perfeito do indicativo, pret. imperfeito e futuro do subjuntivo podem ainda ser conjugados regularmente.

> (...) o poeta (...) não *aprazia* a uma companhia ortodoxa [JR.2, 195].

Querer

Pres. ind.: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem.

Pret. Perf. ind.: quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram.

M.-q.-perf. ind.: quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram.

Pres. subj.: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram.

Pret. imp. subj.: quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem.

Fut. subj.: quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem.

Part.: querido (a forma quisto só se usa em *benquisto* e *malquisto).*

A moderna forma *quere*, 3.ª pessoa do singular, em lugar de *quer,* só é usada pelos portugueses. Normalmente não se usa o verbo *querer* no imperativo; há exemplos de *querei* nos *Sermões* do Pe. Antônio Vieira. Quando se usa pronome átono (*o*, *a*, *os*, *as*) posposto à 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo, emprega-se *qué-lo* ou *quere-o:* "Qué-lo o teu povo" [AH.4, 1, 79].

Desusado modernamente no imperativo; aparece no optativo que traduz um desejo de realização de um fato expresso pelo infinitivo seguinte: *Queira aceitar meus cumprimentos.*

Requerer

Pres. ind.: requeiro, requeres, requer (ou requere), requeremos, requereis, requerem.
Pret. Perf. ind.: requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram.
M.-q.-perf. ind.: requerera, requereras, requerera, requerêramos, requerêreis, requereram.
Pres. subj.: requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram.
Pret. imp. subj.: requeresse, requeresses, requeresse, requerêssemos, requerêsseis, requeressem.
Fut. subj.: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.
Imperativo: requer(e), requerei.
Part.: requerido.

A 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo *requer* é modernamente mais usada que *requere*, esta mais lusitana.

Saber

Pres. ind.: sei, sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem.
Pret. perf. ind.: soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, souberam.
M.-q.-perf. ind.: soubera, souberas, soubera, soubéramos, soubéreis, souberam.
Pres. subj.: saiba, saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam.
Pret. imp. subj.: soubesse, soubesses, soubesse, soubéssemos, soubésseis, soubessem.
Fut. subj.: souber, souberes, souber, soubermos, souberdes, souberem.

Ser

Veja a conjugação dos verbos auxiliares.

Ter

Veja a conjugação dos verbos auxiliares.

Trazer

Pres. ind.: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem.
Pret. perf. ind.: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram.
M.-q.-perf. ind.: trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram.
Futuro do pres.: trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão.
Fut. do pret.: traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam.
Pres. subj.: traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam.
Pret. imp. subj.: trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem.
Imperativo: traz(e), trazei.

Valer

Pres. ind.: valho, vales, vale (ou val), valemos, valeis, valem.
Pres. subj.: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham.

Val, por *vale*, é forma corrente entre os portugueses.

Como *valer* conjugam-se *desvaler* e *equivaler*.

Ver

Pres. ind.: vejo, vês, vê, vemos, vedes veem.
Pret. imp. ind.: via, vias, via, víamos, víeis, viam.
Pret. perf. ind.: vi, viste, viu, vimos, vistes, viram.
M.-q.-perf. ind.: vira, viras, vira, víramos, víreis, viram.
Pres. subj.: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam.
Pret. imp. subj.: visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem.
Fut. subj.: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.
Part.: visto.

Assim se conjugam *antever*, *entrever*, *prever* e *rever*. *Prover* e *desprover* modelam-se por *ver*, exceto no pretérito

perfeito do indicativo e derivados, e particípio, quando se conjugam regularmente.

Pret. Perf. ind.: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram.

M.-q.-perf. ind.: provera, proveras, provera, provéramos, provêreis, proveram.

Fut. subj.: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.

Part.: provido.

3.ª Conjugação:

Acudir

Pres. ind.: acudo, acodes, acode, acudimos, acudis, acodem.

Pret. Perf. ind.: acudi, acudiste, acudiu, acudimos, acudistes, acudirem.

Pres. subi.: acuda, acudas, acuda, acudamos, acudais, acudam.

Pret. imp. subj.: acudisse, acudisses, acudisse, acudíssemos, acudísseis, acudissem.

Imperativo: acode, acudi.

Assim se conjugam *bulir, construir, cuspir, destruir, engolir* 63, *entupir*64, *escapulir, fugir* 65, *sacudir, subir, sumir* 66.

Construir, destruir e *entupir,* como verbos abundantes, apresentam como formas menos usadas, *construis, construi, destrui, entupes, entupe.*

Os demais verbos em *udir* (*aludir*, *eludir*, *iludir*) são regulares.

Cair

Pres. ind.: caio, cais, cai, caímos, caís, caem.

Pret. imp. ind.: caía, caías, caía, caíamos, caíeis, caíam.

Pret. perf. ind.: caiu, caíste, caiu, caímos, caístes, caíram.

M.-q.-perf. ind.: caíra, caíras, caíra, caíramos, caíreis, caíram.

Fut. pres.: cairei, cairás, cairá, cairemos, caireis, cairão.

Fut. pret.: cairia, cairias, cairia, cairíamos, cairíeis, cairiam.

Pres. subj.: caia, caias, caia, caiamos, caiais, caiam.

Pret. imp. subj.: caísse, caísses, caísse, caíssemos, caísseis, caíssem.

Fut. subj.: cair, caíres, cair, cairmos, cairdes, caírem.

Por este se conjugam *atrair, contrair, distrair, esvair, retrair, sair, subtrair, trair, embair*.

Para a boa acentuação deste tipo de verbos, recorde-se o que se disse em **Regras de acentuação**.

Cobrir

Pres. ind.: cubro, cobres, cobre, cobrimos, cobris, cobrem.

Pret. Perf. ind.: cobri, cobriste, cobriu, cobrimos, cobristes, cobriram.

Pres. subj.: cubra, cubras, cubra, cubramos, cubrais, cubram.

Imperativo: cobre tu, cubra você, cubramos nós, cobri vós, cubram vocês.

Por este se conjugam *descobrir, dormir* (regular no part.: dormido), *encobrir, recobrir e tossir* (regular no part.: *tossido).*

Frigir

Pres. ind.: frijo, freges, frege, frigimos, frigis, fregem.

Pres. subj.: frija, frijas, frija, frijamos, frijais, frijam.

Imperativo: frege, frija, frijamos, frigi, frijam.

Part.: frigido e frito.

Atente-se para a troca de *g por j antes* de *a* e *o*.

Ir

Pres. ind.: vou, vais, vai, vamos (ou imos), ides, vão.

Pret. imp. ind.: ia, ias, ia, íamos, íeis, iam.
Pret. Perf.: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.
m.-q.-perf. ind.: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.
Fut. pres.: irei, irás, irá, iremos, ireis, irão.
Fut. Pret.: iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam.
Pres. subj.: vá, vás, vá, vamos, vades, vão.
Pret. imp. subj.: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.
Fut. subj.: for, fores, for, formos, fordes, forem.
Imperativo: vai, vá, vamos, ide, vão.
Gerúndio: indo.
Part.: ido.

Medir

Pres. ind.: meço, medes, mede, medimos, medis, medem.
Pres. subj.: meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam.
Assim se conjugam *desmedir e pedir*.

Mentir

Pres. ind.: minto, mentes, mente, mentimos, mentis, mentem.
Pres. subj.: minta, mintas, minta, mintamos, mintais, mintam.
Por este verbo se conjugam *consentir, desmentir, persentir* (sentir profundamente), *pressentir* (prever), *ressentir, sentir*.

Ouvir

Pres. ind.: ouço, ouves, ouve, ouvimos, ouvis, ouvem.
Pres. subj.: ouça, ouças, ouça, ouçamos, ouçais, ouçam.
Entre portugueses ocorre a variante *oiço,* ao lado de *ouço*. Também no presente do subjuntivo: *oiça, oiças, oiça, oiçamos, oiçais, oiçam.*

Pedir

Pres. ind.: peço, pedes, pede, etc.
Pres. subj.: peça, peças, peça, etc.
Pedir serve hoje de modelo para *desimpedir, despedir, expedir* e *impedir* (que não são derivados de *pedir*).

Parir

Polir (= *lustrar*, *civilizar*)

Pres. ind.: pulo, pules, pule, polimos, polis, pulem.
Pret. perf.: poli, poliste, poliu, polimos, polistes, poliram.
Pres. subj.: pula, pulas, pula, pulamos, pulais, pulam.
Imperativo: pule, pula, pulamos, poli, pulam.
Por este verbo se conjugam *despolir* e *sortir* (= abastecer, prover, misturar, combinar). *Surtir* (com *u*) é regular: *surto, surtes, surte, surtimos, surtis, surtem*[67].

> "...enquanto o progresso das ciências e das artes pule e melhora exteriormente o gênero humano, destruiria o intolerável egoísmo que destrói ou afeia o formoso edifício da moderna civilização". [AH.2, 142].

Progredir

Pres. ind.: progrido, progrides, progride, progredimos, progredis, progridem.
Pret. imp. ind.: progredia, progredias, progredia, progredíamos, progredíeis, progrediam.
Pret. perf. ind.: progredi, progrediste, progrediu, progredimos, progredistes, progrediram.
Pres. subj.: progrida, progridas, progrida, progridamos, progridais, progridam.
Por este verbo se conjugam *agredir, cerzir, denegrir, prevenir, regredir, transgredir. Remir,* hoje mais usado como defectivo (cf. **Verbos defectivos e abundantes**), seguia outrora o modelo de *progredir:* rimo, rimes, rime, remimos, remis,

rimem.

"Por 20 libras anuais a aldeia de Favaios rime todos os tributos e obtém o privilégio de nomear o seu juiz" [AH.2, 149].

Rir

Pres. ind.: rio, ris, ri, rimos, rides, riem.

Pret. imperf. ind. : ria, rias, ria, ríamos, ríeis, riam.

Pret. perf. ind.: ri, riste, riu, rimos, ristes, riram.

Part. : rido.

Segue este modelo o verbo *sorrir*.

Servir

Pres. ind.: sirvo, serves, serve, servimos, servis, servem.

Pres. subj.: sirva, sirvas, sirva, sirvamos, sirvais, sirvam.

Imperativo: serve, sirva, sirvamos, servi, sirvam.

Por este verbo se conjugam aderir, advertir, aferir, compelir, competir, concernir, conferir, conseguir, convergir, deferir, despir, digerir, divertir, expelir, impelir, inserir, perseguir, preferir, preterir, repelir, seguir, sugerir, vestir.

Submergir

Pres. ind.: submerjo (ê), submerges (é), submerge (é), submergimos, submergis, submergem (é).

Pres. subj.: submerja (ê), submerjas (ê), submerja (ê), submerjamos, submerjais, submerjam (ê).

Imperativo: submerge (é), submerja (ê), submerjamos, submergi, submerjam (ê).

Seguem este modelo *aspergir, emergir, imergir*.

Vir

Pres. ind.: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm.

Pret. imperf. ind.: vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham.

Pret. Perf. ind.: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.

Fut. pres.: virei, virás, virá, viremos, vireis virão.

Fut. pret.: viria, virias, viria, viríamos, viríeis, viriam.

Pres. subj.: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham.

Fut. subj.: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.

Imperativo: vem, venha, venhamos, vinde, venham.

Gerúndio: vindo.

Part.: vindo.

Por este modelo se conjugam advir, avir-se, convir, desavir, intervir, provir, sobrevir.

EMPREGO DO VERBO

Emprego de tempos e modos

1) **Indicativo** – É o modo que normalmente aparece nas orações independentes, e nas dependentes que encerram um fato real ou tido como tal.

Presente – Para bem entender os diversos empregos por que se desdobra o presente no sistema de oposições em que se insere, temos de considerar a lição de Coseriu, que propõe o seguinte esquema [ECs.5, 139]:

<table>
<tr><td></td><td>Presente</td><td colspan="2">Passado</td><td></td></tr>
<tr><td rowspan="2">Não futuro</td><td rowspan="2">canto</td><td>cantava</td><td>cantei</td><td>Presente</td></tr>
<tr><td colspan="2">cantara</td><td rowspan="2">Passado</td></tr>
<tr><td>Futuro</td><td>cantarei</td><td colspan="2">cantaria</td></tr>
</table>

Ainda teríamos de, no interior do passado, admitir outra vez a oposição presente/passado, isto é, uma oposição entre um "presente do passado" (*cantava – cantei*) e um "passado do passado" (*cantara*).

Isto significa que o presente, a rigor, se caracteriza pelo traço "negativo" ou "neutral" em relação ao pretérito (passado) e ao futuro, que são termos "positivos", isto é, aplicados ao ocorrido, o que lhe permite, ao presente, empregar-se, em determinados contextos, "em lugar" do passado e do futuro [ECs.1, 234]. Não ocorrendo a neutralização, tais substituições ficam impedidas: em *agora estarei muito cansado*, se entendermos "agora mesmo", e não "em seguida", depois do momento em que falo" (quando a construção será perfeitamente possível), não se empregará o futuro pelo presente.

O presente denota uma declaração:

a) que se verifica ou que se prolonga até o momento em que se fala:

"Ocorre-me uma reflexão imoral, que é ao mesmo tempo uma correção de estilo" [MA.1, 56].

b) que acontece habitualmente:

A Terra gira em torno do Sol.

c) que representa uma verdade universal (o "presente eterno"):

"O interesse adota e defende opiniões que a consciência reprova" [MM].

Emprega-se o presente:

a) pelo *pretérito*, em narrações animadas e seguidas (presente histórico), como para dar a fatos passados o sabor de novidade das coisas atuais:

"Pela manhã, *bates*-lhe à porta, chamando-o. Como ninguém responda, *procuras* entrar. Um peso imprevisto *detém* o esforço do teu braço. *Insistes*. *Entras*. E *recuas*, os olhos escancarados, o rosto transfigurado pela dor e pelo assombro, o coração parado no peito" [HC.1, 16-17]. 68

b) pelo *futuro do indicativo* para indicar com ênfase uma decisão:

Amanhã eu *vou* à cidade.

c) pelo *pretérito imperfeito* do subjuntivo:

Se *respondo* mal, ele se zangaria.

d) pelo *futuro do subjuntivo*:

Se *queres* a paz, prepara-te para a guerra.

OBSERVAÇÃO: Para exprimir ação começada emprega-se, em geral, o verbo *estar* seguido de gerúndio ou de infinitivo precedido de *a* preposição.

Estava { falando / a falar { sobre tal assunto

Pretérito imperfeito – O imperfeito, como ensina Coseriu [ECs.5, 165], é um membro não marcado, extensivo, de uma oposição que encerra três membros, dois dos quais são marcados e intensivos: o mais-que-perfeito e o chamado condicional presente, na forma simples.

Nesta oposição, o mais-que-perfeito significa um "anterior", enquanto o condicional presente (futuro do pretérito) um "depois". Daí o imperfeito não significar nem "antes" nem "depois" e, por isso, pode ocupar todo o espaço da oposição. Isto implica que não se pode, a rigor, atribuir ao imperfeito a pura e simples significação de passado, a não ser que ele seja considerado um "presente" do passado. Como um segundo "presente" pode – como ocorre com o presente próprio, que tem seu pretérito representado pelo perfeito simples, e o seu futuro representado pelo futuro simples – ter seu próprio passado (o mais-que-perfeito) e seu próprio futuro (o condicional presente). Por isso, o presente pode substituir o pretérito perfeito simples e o futuro, mas o imperfeito não.

Pode-se, neste gráfico, representar o presente e o imperfeito no sistema dos tempos em português; o imperfeito, sendo um termo neutro do plano "inatual", pode ser empregado "em lugar" do seu pretérito (passado) e de seu futuro:

Passado		Atualidade		Futuro
Perfeito simples	←	Presente	→	Futuro
Mais-que-perfeito	←	Imperfeito	→	Condicional presente (Fut. do pret.)

Daí a variedade e ambivalências destes dois tempos na atividade do discurso; geralmente uma forma verbal não está por outra ou em lugar de outra, mas sim no lugar de *outra significação* [ECs.5, 150].

Emprega-se o pret. imperfeito quando nos transportamos mentalmente a uma época passada e descrevemos o que então era presente:

"Eugênia *coxeava* um pouco, tão pouco, que eu cheguei a perguntar-lhe se machucara o pé" [MA.1, 193].

Nos pedidos e solicitações ou denota que duvidamos da realização do fato ou exprime um desejo feito com modéstia ou com o simples propósito:

"*Queria* viver para o seu filho – é como ele explicava o desejo da vida" [CBr.9, 22].

Sr. Manuel, eu *desejava* telefonar.

Pode substituir, principalmente na conversação, o futuro do pretérito, quando se quer exprimir fato categórico ou a segurança do falante:

"Se me desprezasses, morreria, *matava*-me" [CBr.9, 19].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Emprega-se o pretérito imperfeito do verbo *dever* (fazer uma coisa) em lugar do pretérito perfeito:

Ele *devia* (e não *deveu*) ser (ou *ter sido*) ontem mais atencioso para contigo [ED.1, § 207, a, obs].

2.ª) Aparece em lugar do futuro do pretérito para denotar um fato certo como consequência de outro que não se deu:

Eu, se tivesse crédito na praça, *pedia* outro empréstimo.

3.ª) Ainda na referência ao futuro, entra o imperfeito chamado "prelúdico" ou imperfeito dos jogos: *então* [neste jogo que

vamos começar a jogar] eu *era* o rei e tu *eras* a rainha [ECS.1, 207]. "Agora eu era o herói e o meu cavalo só falava inglês" (*João e Maria*, de Chico Buarque e Sivuca).

Pretérito perfeito – "O pretérito imperfeito é o tempo da ação prolongada ou repetida com limites imprecisos; ou não nos esclarece sobre a ocasião em que a ação terminaria ou nada nos informa quanto ao momento do início. O pretérito perfeito, pelo contrário, fixa e enquadra a ação dentro de um espaço de tempo determinado" [SA.5, II, 103]:

> "Marcela *teve* primeiro um silêncio indignado; depois *fez* um gesto magnífico: *tentou* atirar o colar à rua. Eu *retive*-lhe o braço; *pedi*-lhe muito que não me fizesse tal desfeita, que ficasse com a joia. *Sorriu* e *ficou*" [MA.1, 55].

Não se pode dizer, comenta Coseriu 69, que o perfeito simples e o imperfeito se contrapõem por uma simples oposição. Na essência, o imperfeito em português e no românico visualiza as ações como num pano de fundo, como se completando num nível secundário.

O pretérito composto (*tenho trabalhado*) exprime:

a) repetição ou prolongação de um fato até o momento em que se fala, ou fato habitual:

> "Não me *tens dito* nada das tuas ocupações nessa casa" [CBr.3, II, 133].

b) fato consumado:

> *Tenho dito* (no fim dos discursos).

Pretérito mais-que-perfeito (simples e composto) – Denota uma ação anterior a outra já passada:

> "No dia seguinte, antes de me recitar nada, explicou-me o capitão que só por motivos graves *abraçara* a profissão marítima..." [MA.1, 66-67].

OBSERVAÇÃO: Em certas orações temporais, aparece o pretérito perfeito onde se esperaria o mais-que-perfeito:

> "Logo que se *retirou* o inimigo, mandou D. João Mascarenhas enterrar os mortos" [ED.1, § 208].
>
> "Ao revés encontra-se em orações subordinadas o mais-que-perfeito correspondendo a um presente da oração subordinada, quando este presente tem o sentido de um pretérito, v.g. Os antiquários dizem (= deixaram escrito) que ele *vivera* neste reinado" [ED.1].

Emprega-se ainda o mais-que-perfeito simples em lugar do futuro do pretérito do indicativo e do pretérito do subjuntivo, o que serve hoje como traço estilístico de linguagem solene:

> "dizendo: Mais *servira* (= serviria), se não *fora* (= fosse) para tão longo amor tão curta a vida" [LC.2, 147].
>
> "Que *fora* (= seria) a vida, se nela não *houvera* (= houvesse) lágrimas?" [AH.1, 32].

Futuro – O futuro do presente e o do pretérito denotam uma ação que ainda se vai realizar:

> "Os homens nos *parecerão* sempre injustos enquanto o forem as pretensões do nosso amor-próprio" [MM].
>
> "Sem a crença em uma vida futura, a presente *seria* inexplicável" [MM].

O futuro do presente pode ainda exprimir:

a) em lugar do *presente*, incerteza ou ideia aproximada, simples possibilidade ou asseveração modesta:

> "O mal não *será* a especiaria do bem?" [MM].
>
> Ele *terá* seus vinte anos.

No caso de ser empregado, em linguagem polida, nas interrogações, o futuro "não obriga o interlocutor a responder, como quando se emprega o verbo no presente ou no pretérito" [SA.2, 225].

b) em lugar do *imperativo*, uma ordem ou recomendação, principalmente nas prescrições e recomendações morais:

> *Defenderás* os teus direitos.
>
> Não *furtarás*.

"Nas orações condicionais de *se*, nas temporais de *quando* e *enquanto*, nas conformativas (de *segundo* e *conforme*, etc.), nas adjetivas que denotam simples concepção", o futuro do indicativo é substituído pelo futuro conjuntivo (subjuntivo) – o qual só nestas orações se usa (ou também em certos casos pelo presente conjuntivo); assim diz-se: *se vejo*, *se vi*, mas: *se vir*; *quando vejo*, *quando vi*, mas: *quando vir*; *aquele que vê*, *aquele que viu*, mas: *aquele que vir*" [ED.1, § 209, a, obs.].

O futuro do pretérito se emprega ainda para denotar:

a) que um fato se dará, agora ou no futuro, dependendo de certa condição:

"A vida humana *seria* incomportável sem as ilusões e prestígios que a circundam" [MM].

"Se pudéssemos chegar a um certo grau de sabedoria, *morreríamos* tísicos de amor e admiração por Deus" [MM].

b) asseveração modesta em relação ao passado, admiração por um fato se ter realizado:

Eu *teria* ficado satisfeito com as tuas cartas [RV].

Nós *pretenderíamos* saber a verdade.

Seria isso verdadeiro?

c) incerteza:

Haveria na festa umas doze pessoas.

Emprega-se o auxiliar *tivera* (ou *houvera*) na oração condicional, em lugar do mais-que-perfeito, em relação a um futuro do pretérito posto na oração principal:

Estudaria (ou *teria estudado*), se *tivera* (= *tivesse*) *sabido* da prova.

2) **Subjuntivo** – O modo subjuntivo ocorre normalmente nas orações independentes optativas, nas imperativas negativas e afirmativas (nestas últimas com exceção da 2.ª pessoa do singular e plural), nas dubitativas com o advérbio *talvez* e nas subordinadas em que o fato é considerado como incerto, duvidoso ou impossível de se realizar:

Bons ventos o *levem.*

"Não *emprestes*, não *disputes*, não *maldigas* e não terás de arrepender-te" [MM].

"Não *desenganemos* os tolos se não queremos ter inumeráveis inimigos" [MM].

"*Louvemos* a quem nos louva para abonarmos o seu testemunho" [MM].

"Talvez a estas horas *desejem* dizer-te *pecavi*! Talvez *chorem* com lágrimas de sangue" [AH.5, I, 58].

"Faltam-nos memórias e documentos coevos em que *possamos* estribar-nos para relatar tais sucessos" [AH.6, I, 451].

OBSERVAÇÃO: Às vezes ocorre o indicativo com *talvez*: "Magistrado ou guerreiro de justo ou generoso se gaba: – e as turbas talvez o *aplaudem* e *celebram* seu nome" [AH.2, 180]. Parece que o indicativo deixa antever melhor a certeza de que o de que se duvida se pode bem realizar.

Nas orações subordinadas substantivas, ocorre o subjuntivo nos seguintes principais casos:

a) depois de expressões (verbos, nomes ou locuções equivalentes) que denotam ordem, vontade, consentimento, aprovação, proibição, receio, admiração, surpresa, contentamento:

"Prouvera a Deus, venerável Crimilde – tornou o quingentário – que nos *fosse* lícito desamparar estes muros" [AH.1, 146].

"Proibi-te que o *revelasses*" [AH.5, I, 294].

Espero que *estudes* e que *sejas* feliz.

b) depois de expressões (verbos ou locuções formadas por *ser*, *estar*, *ficar* + substantivo ou adjetivo) que denotam desejo, probabilidade, vulgaridade, justiça, necessidade, utilidade:

Cumpre que *venhas* cedo.

Convém que não nos *demoremos*.

É bom que *compreenda* logo o problema.

c) depois dos verbos *duvidar*, *suspeitar*, *desconfiar* e nomes cognatos (dúvida, duvidoso, suspeita, desconfiança, etc.) quando empregados afirmativamente, isto é, quando se trata de dúvida, suspeita ou desconfiança reais:

"... me vinham à mente *suspeitas* de que ela *fosse* um anjo transviado do céu..." [AH.5, II, 321].

"A luz... que *suspeitávamos procedesse* de lâmpada esquecida por sonolento moço de reposte..." [AH.5, 333].

Se o falante tem a suspeita como coisa certa, ou nela acredita, o normal é aparecer o indicativo:

"*Suspeitava*-se que era a alma da velha Brites que andava ali penada" [AH.5, 364].

Usa-se o subjuntivo nas orações adjetivas que exprimem:

a) fim:

"Ando à cata de um criado que *seja* econômico e fiel" [RB].

b) consequência (o relativo vem precedido de preposição, geralmente, *com*):

"Daqui levarás tudo tão sobejo
Com que faças (= que com isso) o fim a teu desejo" [LC.1, II, 4].

c) uma conjectura e não uma realidade:

Compare-se:

O cidadão que *ama* sua pátria engrandece-a. (realidade)

O cidadão que *ame* sua pátria engrandece-a. (conjectura)

d) depois de um predicado negativo, ou de uma interrogação de sentido negativo quando enunciam uma qualidade que determine e restrinja a ideia expressa por esse predicado ou interrogação:

"Não há homem algum que *possa* gabar-se de ser completamente feliz.
Quem há aí que *seja* completamente feliz?" [RV.1, 274-5]

Nas orações adverbiais usa-se o subjuntivo:

a) nas causais de *não porque*, *não* (ou *nem*), quando se quer dizer que a razão aludida não é verdadeira:

"Deitei-me ontem mais cedo, não porque *tivesse* sono, mas porque precisava de me levantar hoje de madrugada" [RV.1, 274].

b) nas concessivas de *ainda que*, *embora*, *conquanto*, *posto que*, *se bem que*, *por muito que*, *por pouco que* (e semelhantes), não havendo, entretanto, completo rigor a respeito:

"Ainda que *perdoemos* aos maus, a ordem moral não lhes perdoa, e castiga a nossa indulgência" [MM].

"Por mais sagaz que *seja* o nosso amor próprio, a lisonja quase sempre o engana" [MM].

Entram neste rol as alternativas de sentido concessivo (ou... ou, quer... quer) e as concessivas justapostas do tipo de *fosse ele o culpado*, *ainda assim lhe perdoaria*.

c) nas condições de *se*, *contanto que*, *sem que*, *a não ser que*, *suposto que*, *caso*, *dado que*, para exprimir hipótese, e não uma realidade. Entra ainda neste grupo a comparativa hipotética *como se*:

"Se as viagens simplesmente *instruíssem* os homens, os marinheiros seriam os mais instruídos" [MM].

"E moviam os lábios, como se *tentassem* falar" [AH.1, 26].

Se se tratar de coisa real ou tida como tal, geralmente aparece o indicativo:

"Não há momento que perder, se *queremos* salvar-nos" [AH.1, 253].

d) nas consecutivas quando se exprime uma simples concepção e não um fato real:

"Devemos regular a nossa vida de modo que *possamos* esperar e não recear depois de nossa morte" [MM].

"Não subais tão alto que a queda *seja* mortal" [MM].

e) nas finais:

"Os maus são exaltados para serem felizes, para que *caiam* do mais alto e *sejam* esmagados" [MM].

f) nas temporais de *antes que*, *assim que*, *até que*, *enquanto*, *depois que*, *logo que*, quando ocorrem nas negações ou nas indicações de simples concepção, e não uma realidade (caso em que aparece o indicativo):

"Cumprirei o que ordenas, porque jurei obedecer-te cegamente enquanto não *salvássemos* a irmã de Pelágio" [AH.1, 215].

Casos particulares:

1) A oração substantiva que completa a exclamação de surpresa *quem diria* constrói-se com indicativo ou subjuntivo:

Quem diria que ele *era* capaz disso.

Quem diria que ele *fosse* capaz disso.

2) Com os indefinidos do tipo *o que quer que* é mais comum o emprego do subjuntivo:

Saiu com o que quer que *fosse*.

Alexandre Herculano vacilou entre o emprego de *fosse* (ed. de 1876) e *era* (ed. de 1864) no seguinte passo:

"Com um olhar de simpatia e compaixão, misturada do que quer que *era* de admiração e de terror involuntário" [AH.1, 265 ed. 1864].

3) Também têm o verbo no subjuntivo as orações introduzidas por *que*, quando restringem a generalidade de um asserto:

"Não há, que eu *saiba*, expressão mais suave" [ED.1, 128].

3) **Imperativo** – Cumpre apenas acrescentar ao que disse anteriormente:

a) que o infinitivo pode substituir o imperativo nas ordens instantes:

"Todos se chegavam para o ferir, sem que a D. Álvaro se ouvissem outras palavras, senão estas: *Fartar*, rapazes" [AH.2, 98].

b) que se usa o imperativo do verbo *querer* (ao lado do subjuntivo presente) seguido de infinitivo para suavizar uma ordem:

Queira aceitar meus cumprimentos.

OBSERVAÇÃO: Os casos aqui lembrados estão longe de enquadrar a trama complexa do emprego de tempos e modos em português. São várias as situações que podem, ferindo os princípios aqui expostos, levar o falante ou escritor a buscar novos meios expressivos. São questões que fogem ao âmbito da Gramática e constituem preocupação da Estilística.

Emprego das formas nominais – A respeito das formas nominais, cumpre acrescentar ao que se disse nas páginas anteriores:

A – **Infinitivo histórico** – Entende-se por *infinitivo histórico* ou *de narração* aquele que, numa narração animada, considera a ação como já passada, e não no seu desenvolvimento:

"E os médicos a *insistirem* que saísse de Lisboa" [J. Dinis].

"Ela a *voltar* as costas, e o reitor a pôr o chapéu na cabeça" [J. Dinis].

"E ele a *rir*-se, ele a *regalar*-se" [EQ] 70

B – **Emprego do infinitivo** (flexionado e sem flexão):

1) *Infinitivo pertencente a uma locução verbal*:

Não se flexiona normalmente o infinitivo que faz parte de uma locução verbal:

"E o seu gesto era tão desgracioso, coitadinho, que todos, à exceção de Santa, *puseram*-se *a rir*" [AAz *apud* FB.1, 138].

"Pois, se *ousais levar* a cabo vosso desenho, eu ordeno que o façais" [AH *apud* FB.1, 196].

"Depois mostraram-lhe, um a um, os instrumentos das execuções, e explicaram-lhe por miúdo como *haviam de morrer* seu marido, seus filhos e o marido de sua filha" [CBr *apud* FB.1, 221].

Encontram-se exemplos que se afastam deste critério quando ocorrem os seguintes casos:

a) o verbo principal se acha afastado do auxiliar e se deseja avivar a pessoa a quem a ação se refere:

"*Possas* tu, descendente maldito
De uma tribo de nobres guerreiros,
Implorando cruéis forasteiros,
Seres presa de vis Aimorés" [GD.4, II, 31].

"... dentro dos mesmos limites atuais *podem* as cristandades *nascerem* ou *anularem*-se, *crescerem* ou *diminuírem* em certos pontos desses vastos territórios" [AH.2, 173].

b) o verbo auxiliar, expresso anteriormente, cala-se depois:

"*Queres ser* mau filho, *deixares* uma nódoa d'infância na tua linhagem" [AH.2, 174].

2) *Infinitivo dependente dos verbos causativos e sensitivos*:

Com os causativos *deixar*, *mandar*, *fazer* (e sinônimos), a norma é aparecer o infinitivo sem flexão, qualquer que seja o seu agente:

"Sancho II deu-lhe depois por válida a carta e *mandou*-lhes *erguer* de novo os marcos onde eles os haviam posto" [AH.2, 64].

"*Fazei*-os *parar*" [AH.2, 75].

"*Deixai vir* a mim as criancinhas".

Mas flexionado em:

"e *deixou fugirem*-lhe duas lágrimas pelas faces" [AH.2, 155]. 71

"Não são poucas as doenças para as quais, por desídia, vamos *deixando perderem*-se os nomes velhos que têm em português" [MBa.5, 211].

Com os sensitivos *ver*, *ouvir*, *olhar*, *sentir* (e sinônimos), o normal é empregar-se o infinitivo sem flexão, embora aqui o critério não seja tão rígido:

"Olhou para o céu, viu estrelas... escutou, *ouviu ramalhar* as árvores" [AH.2, 101].

"... o terror fazia-lhes crer que já *sentiam ranger* e *estalar* as vigas dos simples..." [AH.2, 172].

Os seguintes exemplos atestam o emprego do infinitivo flexionado:

"Em Alcoentre os ginetes e corredores do exército real vieram escaramuçar com os do infante, e ele próprio os *ouvia chamarem*-lhe traidor e hipócrita" [AH.2, 96].

"Creio que comi: *senti renovarem*-se-me as forças" [AH.2, 172].

Observações:

1.ª) Com os causativos e sensitivos pode aparecer ou não o pronome átono que pertence ao infinitivo (obs. 5.ª):

"*Deixei*-o *embrenhar* (por *embrenhar-se*) e transpus o rio após ele" [AH.2, 77].

"O faquir *deixou*-o *afastar* (por *afastar-se*)" [AH.2].

"Enconstando-se outra vez na sua dura jazida, Egas *sentiu alongar*-se a estrupiada dos cavalheiros..." [AH.3, 265-6].

"E o eremita *viu*-a, ave pernalta e branca, *bambolear*-se em voo, ir chegando, *passar*-se para cima do leito, *aconchegar*-se

ao pobre homem...” [JR.2, 327].

Por isso não cabe razão a Mário Barreto [MBa.4, 51] quando condena, nestes casos, o aparecimento do pronome átono.

2.ª) Aqui também o infinitivo pode aparecer flexionado, por se calar o auxiliar:

“*viu alvejar* os turbantes, e, depois *surgirem* rostos tostados, e, depois, *reluzirem* armas” [AH.1, 257].

3) *Infinitivo fora da locução verbal*:

Fora da locução verbal, “a escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos somente da ação ou do intuito ou necessidade de pormos em evidência o agente do verbo” [SA.2, 246].

O infinitivo sem flexão revela que a nossa atenção se volta com especial atenção para a ação verbal; o flexionamento serve de insistir na pessoa do sujeito:

Estudamos { para *vencer* na vida
para *vencermos* na vida

“As crianças são acalentadas por *dormirem*, e os homens enganados para *sossegarem*” [MM].

Ocorre o infinitivo flexionado nos seguintes casos principais:

1.º) “sempre que o infinitivo estiver acompanhado de um nominativo sujeito, nome ou pronome (quer igual ao de outro verbo, quer diferente);

2.º) sempre que se tornar necessário destacar o agente, e referir a ação especialmente a um sujeito, seja para evitar confusão, seja para tornar mais claro o pensamento. O infinitivo concordará com o sujeito que temos em mente;

3.º) quando o autor intencionalmente põe em relevo a pessoa a que o verbo se refere” [SA.1, 72]:

Estudamos para nós *vencermos* na vida.

“Beijo-vos as mãos, senhor rei, por vos *lembrardes* ainda de um velho homem de armas que para nada presta hoje” [AH *apud* FB.1, 195].

“É permitido aos versistas *poetarem* em prosa” [CBr.1, 60].

APÊNDICE

PASSAGEM DA VOZ ATIVA À PASSIVA E VICE-VERSA

Em geral, só pode ser construído na voz passiva verbo que pede objeto direto, acompanhado ou não de outro complemento. Daí a língua padrão lutar contra linguagens do tipo:

A missa foi assistida por todos,

uma vez que o verbo *assistir*, nesta acepção, só se constrói com complemento relativo:

Todos assistiram à missa.

À força do uso já se fazem concessões aos verbos:

apelar: A sentença não foi *apelada*.
aludir: Todas as faltas foram *aludidas*.
obedecer: Os regulamentos não são *obedecidos*.
pagar: As pensionistas foram *pagas* ontem.
perdoar: Os pecadores devem ser *perdoados*.

responder: Os bilhetes seriam *respondidos* hoje.

Na passagem da ativa para a passiva segue-se o esquema:

1.º) o sujeito da ativa, se houver, passa a agente da passiva;

2.º) o objeto direto da ativa, se houver, passa a sujeito da passiva;

3.º) o verbo da voz ativa passa para a voz passiva, conservando-se o mesmo tempo e modo;

4.º) não sofrem alteração os outros termos oracionais que apareçam.

Exemplo 1:

Ativa	*Passiva*
Eu li o livro	O livro foi lido por mim

Exemplo 2 (com pronome oblíquo):

Ativa	*Passiva*
Nós o ajudamos ontem	Ele, ontem, foi ajudado por nós

Exemplo 3 (com sujeito indeterminado):

Ativa	*Passiva*
Enganar-me-ão	Eu serei enganado

Exemplo 4 (com tempo composto):

Ativa	*Passiva*
Eles têm cometido erros	Erros têm sido cometidos por eles

Exemplo 5 (com sujeito indeterminado de verbo que aparecerá na passiva pronominal):

Ativa	*Passiva*
Vendem casas	Vendem-se casas
Vendem esta casa	Vende-se esta casa

7 – Advérbio

Advérbio – É a expressão modificadora que por si só denota uma circunstância (de lugar, de tempo, modo, intensidade, condição, etc.) e desempenha na oração a função de adjunto adverbial:

Aqui tudo vai *bem* (lugar e modo).

Hoje não irei *lá* (tempo, negação, lugar).

O aluno *talvez não* tenha redigido *muito bem* (dúvida, negação, intensidade, modo).

O *advérbio* é constituído por palavra de natureza nominal ou pronominal e se refere geralmente ao verbo, ou ainda, dentro de um grupo nominal unitário, a um adjetivo e a um advérbio (como intensificador), ou a uma declaração inteira:

José escreve *bem* (advérbio em referência ao verbo).

José é *muito* bom escritor (advérbio em referência ao adjetivo *bom*).

José escreve *muito* bem (advérbio em referência ao advérbio *bem*).

Felizmente José chegou (advérbio em referência a toda a declaração: José chegou; o advérbio deste tipo geralmente exprime um juízo pessoal de quem fala e constitui a cláusula comentário.

Fundamentalmente, distribuem-se os advérbios em assinalar a posição temporal (os de tempo) ou espacial do falante (os de lugar), ou ainda o modo pelo qual se visualiza o "estado de coisas" designado na oração.

Certos advérbios são assinalados em função de modificador de substantivo, principalmente

quando este é entendido não tanto enquanto substância, mas enquanto qualidade que esta substância apresenta: *Gonçalves Dias é verdadeiramente poeta* [PL *apud* por EBm.1, 8].

Pessoas ***assim*** não merecem nossa atenção.

Também certos advérbios funcionam como predicativo, à maneira dos adjetivos:

A vida é ***assim***.

Como bem diz Mattoso Câmara [MC.8, 122], perturba a descrição e a demarcação classificatória "a extrema mobilidade semântica e funcional que caracteriza os advérbios".

Combinações com advérbios – Advérbios há de *tempo* e *lugar* que marcam melhor sua função ou designação mediante o emprego de uma preposição [AL.1, §188]:

Por agora, estão encerrados os trabalhos.

Até então os telefones não funcionavam.

Desde cedo já havia compradores de ingresso.

De longe já se viam as chamas.

Por aqui se pode entrar na cidade.

As crianças *de hoje* contam com mais divertimentos.

Eles sempre se apresentam com as promessas *de sempre*.

Alguns advérbios – como as preposições que veremos ao seu tempo – precedem o transpositor ***que*** para marcar a circunstância, formando o que a gramática tradicional chama de *locuções conjuntivas* adverbiais. A rigor, trata-se de um grupo de palavras que, por hipotaxe, funciona como conjunção:

Agora que tudo serenou, podemos retornar.

Sabíamos que ele estava errado *sempre que* gaguejava.

Ainda que estude, terá de aperfeiçoar-se *depois que* se gradue.

Já que não me responde, sinto-me desobrigado de convidá-lo.

Assim que chegou, começou a trabalhar.

No capítulo de conjunção, teremos oportunidade de fazer referência a certos advérbios que, graças à sua mobilidade posicional, se colocam – quase sempre no início – de maneira tal, que têm levado alguns gramáticos a classificá-los como conjunção coordenativa explicativa (causal), conclusiva, etc. É o caso de advérbios como *pois*, *logo*, *entretanto*, *contudo*, *por conseguinte*, em construções do tipo [MMa.1, 153]:

Ela saiu cedo, *por conseguinte* encontrou facilidade de condução.

Tudo estava preparado, *logo* se poderia começar a reunião.

Advérbio e preposição – Já vimos que alguns advérbios se constituem pela união de preposição a substantivos, adjetivos ou a próprio advérbio, apresentando-se, conforme a ortografia vigente, ora escritos numa só palavra, ora separadamente. Unido o grupo a preposições, teremos um conjunto que, por hipotaxe, funciona como simples preposição a introduzir um adjunto adverbial: *apenas*, *em frente*, *em cima*, *depressa*, *debaixo*, *em baixo* (*embaixo*), *detrás*, etc.

Os livros ficam *debaixo da* mesa. (*sob* a mesa)

O carro estacionou *em frente da* casa.

A jarra repousa *em cima da* mesa. (*sobre* a mesa)

Construções como:

O vizinho escreveu *contra* o argumento,

permitem a passagem da preposição a advérbio pela redução da unidade introduzida pela preposição, construção breve, mas sem circulação frequente no idioma:

"Toda a minha vida colegial se desenha no espírito com tão vivas cores, que parecem frescas de ontem, e todavia mais de trinta anos já lhes pairaram *sobre*" [JA.4, 102].

O vizinho escreveu *contra*.

Já falei *a respeito*.

O advérbio estabelece a transição dos vocábulos variáveis para os invariáveis; a rigor não tem flexão propriamente dita, mas há uns tantos advérbios que admitem graus de qualidade como os nomes [RV.1, 71].

Locução adverbial – é o grupo geralmente constituído de preposição + substantivo (claro ou subentendido) que tem o valor e o emprego de advérbio. A preposição, funcionando como transpositor, prepara o substantivo para exercer uma função que primariamente não lhe é própria:

com efeito, *de graça*, *às vezes*, *em silêncio*, *por prazer*, *sem dúvida*, etc.

Na constituição das locuções adverbiais, o substantivo que nelas entra pode estar no masculino ou no feminino e no singular ou no plural, segundo as normas fixadas pela tradição.

Outras vezes o substantivo vem com acompanhante e pode ocorrer até a omissão do substantivo, em expressões fixas:

na verdade, *de nenhum modo*, *em breve* (subentende-se *tempo*), *à direita* (ao lado de *à mão direita*), *à francesa* (subentende-se *à moda*), etc.

Frequentemente se cala a preposição nas locuções adverbiais de tempo e modo:

Esta semana (por *nesta semana*) teremos prova.

Espingarda ao ombro (por *de espingarda ao ombro*), juntou-se ao grupo de pessoas.

Circunstâncias adverbiais – Constituindo o advérbio uma classe de palavra muito heterogênea, torna-se difícil atribuir-lhe uma classificação uniforme e coerente. Em geral, seu papel na oração se prende não apenas a um núcleo (verbo), mas se amplia na extensão em que se espraia o conteúdo manifestado no predicado. Isto lhe permite, em primeiro lugar, certa flexibilidade de posição não só no espaço em que se prolonga o predicado (com seu núcleo verbal), mas se estende aos domínios do sujeito, podendo antecedê-lo ou vir-lhe posposto. Este papel singular do advérbio lhe dá também certa autonomia fonológica, de contorno entonacional muito variado, a serviço do intuito comunicativo do falante.

Assim, há advérbios de papel semântico-sintático mais *internamente* ligados ao núcleo verbal (e estes não gozam das flexibilidades de posição e entoação atrás referidas), e há os advérbios mais externamente ligados ao núcleo verbal. Daí escapar ao analista uma classificação unitária que abarque todos os casos possíveis. É bom caminho, parece-nos, adotar a proposta de Alarcos Llorach no sentido de ater-se o analista "às relações que cada advérbio contrai dentro do enunciado, quer no seu papel primário de adjacente circunstancial,

quer por sua combinação com outras unidades no interior de um grupo nominal unitário" [AL.1, § 178].

Na classificação do advérbio, ora se pauta pelos valores léxicos (semânticos) das unidades que o constituem, ora por critérios funcionais. No primeiro caso, são os advérbios classificados como denotadores de *tempo* (*agora*, *antes*, *tarde*, etc.), de *lugar* (*aqui*, *fora*, etc.), de *quantidade* (*tanto*, *muito*, *bastante*, etc.), etc. Pelo segundo critério, teremos os *demonstrativos* (*aqui*, *então*, *agora*, *aí*, etc.), os *relativos* (*onde*, *como*, *quando*, etc.) e *interrogativos* (*quando*?, *onde*?, *como*?).

As principais circunstâncias expressas por advérbio ou locução adverbial são:

1) *assunto*: Conversar sobre música.

2) *causa*: Morrer de fome.

3) *companhia*: Sair com os amigos.

4) *concessão*: Voltaram apesar do escuro.

5) *condição*: Só entrará com autorização. Não sairá sem licença.

6) *conformidade*: Fez a casa conforme a planta.

7) *dúvida*: Talvez melhore o tempo. Acaso encontrou o livro.

8) *fim*: Preparou-se para o baile.

9) *instrumento*: Escrever com lápis.

10) *intensidade*: Andou mais depressa.

11) *lugar*: Estuda aqui. Foi lá. Passou pela cidade. Veio dali.

12) *modo*: Falou assim. Anda mal. Saiu às pressas.

13) *referência*: "O que nos sobra *em glória* de ousados e venturosos navegantes, míngua-nos *em fama* de enérgicos e previdentes colonizadores" [LCo *apud* FB.1, 218].

14) *tempo*: Visitaram-nos hoje. Então não havia recursos. Sempre nos cumprimentaram. Jamais mentiu.

15) *negação*: Não lerá sem óculos.

OBSERVAÇÃO: A Nomenclatura Gramatical Brasileira põe os denotadores de *inclusão*, *exclusão*, *situação*, *retificação*, *designação*, *realce*, etc. à parte, sem a rigor incluí-los entre os advérbios, mas constituindo uma classe ou grupo heterogêneo chamado *denotadores*, que coincide, em parte, com a proposta de José Oiticica das *palavras denotativas*, muitas das quais têm papel transfrástico e melhor atendem a fatores de função textual estranhos às relações semântico-sintáticas inerentes às orações em que se acham inseridas:

1 – *inclusão*: também, até, mesmo, etc.:

Até o professor riu-se.

Ninguém veio, *mesmo* o irmão.

2 – *exclusão*: só, somente, salvo, senão, apenas, etc.:

Só Deus é imortal.

Apenas o livro foi vendido.

3 – *situação*:

Mas que felicidade.

Então duvida que se falasse latim?

Pois não é que ele veio.

4 – *retificação*: aliás, melhor, isto é, ou antes, etc.:

Comprei cinco, *aliás*, seis livros.

Correu, *isto é*, voou até nossa casa.

5 – *designação*:

Eis o homem.

6 – *realce*:

Nós *é que* somos brasileiros.

7 – *expletivo*: lá, só, ora, que:

Eu sei *lá*!

Vejam *só* que coisa!

Oh! *Que* saudade *que* tenho!

Ora decidamos logo o negócio.

8 – *explicação*: a saber, por exemplo, isto é, etc.:

Eram três irmãos, *a saber*: Pedro, Antônio e Gilberto.

O plano "transfrástico" e os advérbios – No estudo de certas unidades torna-se de capital importância não deixar de lado as diversas camadas ou estratos de estruturação gramatical. No que toca particularmente a certos advérbios, merece atenção a camada da *antitaxe*, que diz respeito à retomada ou substituição de uma unidade de um plano gramatical qualquer, já presente ou virtualmente presente ou previsto no discurso, poder ser retomada ou antecipada por outra unidade, num ponto do discurso individual ou dialogado [ECs.2, 38]. A substituição ou retomada já vinha sendo posta em evidência pela gramática tradicional no caso dos pronomes; mas a ação da antitaxe é mais ampla e vai desembocar no papel textual de alguns advérbios, como veremos a seguir.

Assim, não são advérbios mas substitutos de oração (pro-orações ou pro-textos) *sim*, *não*, *talvez*, *também*, quando retomam, como respostas, enunciados textuais:

Você vai ao cinema? – *Sim.*

Ela fez os exercícios? – *Não*.

Tu não foste escolhido? *Também.*

Estão no mesmo caso as unidades de valor circunstancial (advérbios) que aparecem em orações do tipo seguinte, mas que retomam "estados de coisas" designados ou intuídos anteriormente, que exprimem relações ligadas ao sentido do discurso:

De fato nós saímos cedo.

Isto, *sem dúvida*, está errado.

Estes casos de antitaxe (retomada ou substituição) se combinam com outra camada de estruturação gramatical que é a *hipertaxe* ou *superordenação*, fenômeno pelo qual uma unidade de camada inferior pode funcionar sozinha em camadas superiores. É o caso de advérbios em *-mente* quando saem da camada no nível da palavra para funcionar no nível da cláusula e daí no nível da oração ou do texto, em exemplos como:

Certamente!

Naturalmente!

ambos no nível da oração e do texto, ou em:

Certamente ela não virá hoje.

Todos saíram ilesos, *felizmente*.

Naturalmente ele negará o que disse ontem.

todos no nível da cláusula comentário.

Portanto, a tais advérbios não se há de querer aplicar a série de características canônicas do advérbio que se acha exclusivamente preso às referências do núcleo verbal.

Também merecem referência especial os advérbios que estão no papel de diferençar as orações pelo seu "significado ôntico", isto é, o valor de existência que se atribui ao "estado de coisas" designado pela oração (existência certa, negada, duvidosa, desejada, etc.) 72. É o caso dos advérbios de *negação* e de *dúvida*:

Ele veio / Ele *não* veio

Ela chega / Ela *talvez* chegue

Advérbios de base nominal e pronominal – O advérbio, pela sua origem e significação, se prende a nomes ou pronomes, havendo, por isso, advérbios nominais e pronominais.

Entre os *nominais* se acham aqueles formados de adjetivos acrescidos do "sufixo" *-mente*: *rapidamente* (= de modo rápido), *pessimamente*. Na realidade, ficam a meio caminho, fonológica e morfologicamente, da derivação e da composição (locução).

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Se o nome tem forma para masculino e feminino, junta-se o sufixo ao feminino. Fazem exceção alguns adjetivos terminados em *ês* e *or*, que no português antigo só apresentavam uma forma para ambos os gêneros. Daí dizer-se *portuguesmente* (e não *portuguesamente*); *superiormente* (e não *superioramente*), *melhormente*.

2.ª) Estes advérbios em *-mente* se caracterizam por conservar o acento vocabular de cada elemento constitutivo, ainda que mais atenuado, o que lhes permite, numa série de advérbios, em geral só apresentar a forma em *-mente* no fim: Estuda *atenta* e *resolutamente*. Havendo ênfase, pode-se repetir o advérbio na forma plena:

"Depois, ainda falou *gravemente* e *longamente* sobre a promessa que fizera" [MA *apud* SS.1, § 480].

Entre os *pronominais*, temos:

a) *demonstrativos*: aqui, aí, acolá, lá, cá.

b) *relativos*: onde (em que), quando (em que), como (por que).

c) *indefinidos*: algures, alhures, muito, pouco, que.

d) *interrogativos*: onde?, quando?, como?, por que? (por quê?).

Os advérbios relativos, como os pronomes relativos, servem para referir-se a unidades que estão postas na oração anterior. Nas ideias de lugar empregamos *onde*, em vez de *em que*, *no qual* (e flexões):

A casa *onde* mora é excelente.

Precedido das preposições *a* ou *de*, grafa-se *aonde* e *donde*:

O sítio *aonde* vais é pequeno.

É bom o colégio *donde* saímos.

Ainda como os pronomes relativos, os advérbios relativos podem empregar-se de modo absoluto, isto é, sem referência a antecedente:

Moro onde mais me agrada.

Os advérbios interrogativos de base pronominal se empregam nas perguntas diretas e indiretas em referência ao lugar, tempo, modo ou causa:

Onde está estudando o primo? Ignoro onde estuda.

Quando irão os rapazes? Não sei quando irão os rapazes.

Como fizeram o trabalho? 73. Perguntei-lhes como fizeram o trabalho.

Por que chegaram tarde? Dir-me-ás por que chegaram tarde.

OBSERVAÇÃO: O *Vocabulário Oficial* preceitua que se escreva em duas palavras o advérbio interrogativo *por que*, por estar preocupado em indicar a origem pronominal do advérbio, distinguindo-o de *porque* conjunção, que, na essência, se prende também a uma combinação de *por* + *que*. Melhor seria, seguindo a tradição do idioma, grafar todo *porque* num só vocábulo. Quanto à origem, *por que* e *porque* se identificam: *porque* (e o mesmo vale para *quando* e *como*) não se enquadra apenas como conjunção; *porque*, *quando* e *como* são, em verdade, "expressões adverbiais conjuntivas, isto é, expressões que, sem perderem a sua função adverbial, têm concomitantemente função conjuntiva" [MAg.1, 197].

Adverbialização de adjetivos – Muitos adjetivos, permanecendo imóveis na sua flexão de gênero e número, podem passar a funcionar como advérbio:

Fala *claro* na hora da sua defesa.

Compraram *caro* a fazenda.

Agora estão vivendo *melhor*.

O critério formal de diferenciação das duas classes de modificador (adjetivo: modificador nominal; advérbio: modificador verbal) é a variabilidade do primeiro e a invariabilidade do segundo74:

Eles vendem muito *cara* a fruta. (adjetivo)

Eles vendem *caro* a fruta. (advérbio)

A concordância atrativa e intenções estilísticas e rítmicas podem desfazer as fronteiras acima apontadas.

Intensificação gradual dos advérbios – Há certos advérbios, principalmente os de modo, que podem manifestar uma relação intensificadora gradual, empregando-se, no comparativo e superlativo, de acordo com as regras que se aplicam aos adjetivos:

1 – COMPARATIVO DE
- a) *inferioridade*: Falou *menos* alto *que* (ou *do que*) o irmão.
- b) *igualdade*: Falou *tão* alto *quanto* (ou *como*) o irmão.
- c) *superioridade*:
  - 1) *analítico*: Falou *mais* alto *que* (ou *do que*) o irmão.
  - 2) *sintético*: Falou *melhor* (ou *pior*) *que* (ou *do que*) o irmão.

2 – SUPERLATIVO ABSOLUTO
- a) *sintético*: Falou *pessimamente*, *altíssimo*, *baixíssimo*, *dificílimo*.
- b) *analítico*: Falou *muito* ruim, *muito* alto, *extremamente* baixo, *consideravelmente* difícil, *o mais* depressa possível (indica o limite da possibilidade).

Na realidade, tais intensificações ou gradações do advérbio – como do adjetivo – se expressam por estruturas sintáticas que devem merecer atenção no estudo dos padrões frasais

do português.

3 – Diminutivo com valor de superlativo – Em linguagem familiar pode-se expressar o valor superlativo do advérbio pela sua forma diminutiva, combinada com o valor lexical das unidades que com ele concorrem:

Andar *devagarzinho* (muito devagar, um tanto devagar).

Acordava *cedinho* e só voltava à noitinha.

Saiu *agorinha*.

O diminutivo das fórmulas de recomendação não indica mais lentidão ou ligeireza da realização do fato, mas serve de expressar ou acentuar a recomendação:

Vá *depressinha* apanhar o meu chapéu.

É bom que estudes *devagarinho*.

Observação: Em lugar de *mais bem* e *mais mal* empregam-se *melhor* e *pior*:

"Ninguém conhece *melhor* os interesses do que o homem virtuoso; promovendo a felicidade dos outros assegura também a própria" [MM].

Usa-se, entretanto, de *mais bem* e *mais mal* junto a adjetivos:

"Os esquadrões *mais bem* encavalgados foram despedidos logo em seguimento dos fugitivos" [AH.1, 224].

"Com a maça jogada às mãos ambas abalava e rompia as armas *mais bem* temperadas..." [AH.1, 108].

8 – Preposição

Preposição – Chama-se preposição a uma unidade linguística desprovida de independência – isto é, não aparece sozinha no discurso, salvo por hipertaxe – e, em geral, átona, que se junta a substantivos, adjetivos, verbos e advérbios para marcar as relações gramaticais que elas desempenham no discurso, quer nos grupos unitários nominais, quer nas orações.

Não exerce nenhum outro papel que não seja ser índice da função gramatical de termo que ela introduz.

Em:

Aldenora gosta de Belo Horizonte

a preposição *de* une a forma verbal *gosta* ao seu termo complementar *Belo Horizonte* para ser o índice da função gramatical preposicionada *complemento relativo*.

Já em:

homem de coragem,

a mesma preposição *de* vai permitir que o substantivo *coragem* exerça o papel de *adjunto adnominal* do substantivo *homem* – função normalmente desempenhada por adjetivo. Daí dizer-se que, nestes casos, a preposição é um *transpositor*, isto é, elemento gramatical que habilita uma determinada unidade linguística a exercer papel gramatical diferente daquele que normalmente exerce. Ora, o substantivo normalmente não tem por missão ser palavra modificadora de outro substantivo, razão por que não é comum dizer-se *homem coragem*; para que *coragem* esteja habilitado a assumir o papel gramatical do adjetivo *corajoso* (homem corajoso), faz-se necessário o concurso do transpositor *de*: homem *de coragem*.

Neste papel, o termo anterior à preposição chama-se *antecedente* ou subordinante, e o posterior chama-se *consequente* ou subordinado. O subordinante pode ser substantivo, adjetivo, pronome, verbo, advérbio ou interjeição:

livro de história
útil a todos
alguns de vocês
necessito de ajuda
referentemente ao assunto
ai de mim!

O subordinado é constituído por substantivo, adjetivo, verbo (no infinitivo ou gerúndio) ou advérbio:

casa de *Pedro*
pulou de *contente*
gosta de *estudar*
em chegando
ficou por *aqui*

No exemplo:

De noite todos os gatos são pardos,

o grupo unitário *de noite* exerce na oração o papel de adjunto adverbial; mas o que temos como núcleo é outro substantivo, cujo significado lexical está incluído no amplo campo semântico das designações temporais das partes do dia: *noite*. Impõe-se a presença do transpositor *de* para que o substantivo fique habilitado ou constituindo uma locução adverbial temporal (*de noite*) e assim possa exercer a função de adjunto adverbial na oração acima.

No exemplo primeiro:

Aldenora gosta de Belo Horizonte,

diz-se que a preposição aparece por *servidão gramatical*, isto é, ela é mero índice de função sintática, sem correspondência com uma noção ou categoria gramatical, exigida pela noção léxica do grupo verbal e que, exterior ao falante, impõe a este o uso exclusivo de uma unidade linguística [GGh.1, 99]. É o que ocorre, por exemplo, com "a regência obrigatória de determinada preposição para os objetos que são alvo direto do processo verbal (*tratar de alguma coisa*, etc.)" [MC.4, 217].

Preposição e significado – Já vimos que tudo na língua é semântico, isto é, tudo tem um significado, que varia conforme o papel léxico ou puramente gramatical que as unidades linguísticas desempenham nos grupos nominais unitários e nas orações. As preposições não fazem exceção a isto:

Nós trabalhamos *com* ele, e não *contra* ele.

Contextos deste tipo ressaltam bem o significado de unidades como *com ele* e *contra ele*, auxiliados por diferentes preposições. Todavia, devemos lembrar aqui a noção de *significado unitário* (que não quer dizer significado *único*), exposta nas páginas de introdução.

Ora, cada preposição tem o seu significado unitário, fundamental, primário, que se desdobra em outros significados contextuais (sentido), em acepções particulares que emergem do nosso saber sobre as coisas e da nossa experiência de mundo.

Coseriu lembra, para tanto, o caso da preposição *com*, à qual as gramáticas atribuem englobadamente os significados de "companhia" (*dancei com Marlit*), "modo" (*estudei com prazer*), "instrumento" (*cortei o pão com a faca*), "causa" (*fugiu com medo do ladrão*),

“oposição” (*lutou com o ladrão*), entre outras.

A língua portuguesa só atribui a *com* o significado de “copresença”; o que, na língua, mediante o seu sistema semântico, se procura expressar com esta preposição é que, na fórmula *com* + *x*, *x* está sempre presente no “estado de coisas” designado. Os significados ou sentidos contextuais, analisados pela nossa experiência de mundo e saber sobre as coisas (inclusive as coisas da língua, que constitui a nossa competência linguística) nos permitem dar um passo a mais na interpretação e depreender uma acepção secundária.

Assim, em *cortar o pão com faca*, pelo que sabemos o que é “cortar”, “pão”, “faca”, entendemos que a *faca* não só esteve presente ao ato de “cortar o pão”, mas foi o “instrumento” utilizado para a realização desta ação.

Já em *dancei com Marlit*, emerge, depois da noção da “copresença”, o sentido de “companhia”, pois que em geral não se pratica a dança sozinho.

Em *estudei com prazer*, o *prazer* não só esteve “presente”, mas representou o “modo” de como a ação foi levada a termo.

Mas que a preposição *com* por si não significa “instrumento”, prova-o que esta interpretação não se ajusta a:

Everaldo cortou o pão *com* a Rosa,

pois que, assim como sabíamos o que significa *faca*, sabemos o que é *Rosa*: não se trata de nenhum instrumento cortante, capaz de fatiar o *pão*; teríamos, neste exemplo, uma acepção contextual (sentido) de “ajuda”, ou “companhia”, por esta ou aquela circunstância em que o *pão* se achava e que só o entorno ou situação poderia explicar o conteúdo da oração.

Assim, não se deve perder de vista que, na relação dos “significados” das preposições, há sempre um significado unitário de língua, que se desdobra em sentidos contextuais a que se chega pelo contexto e pela situação.

O sistema preposicional do português, do ponto de vista semântico, está dividido em dois campos centrais: um que se caracteriza pelo traço “dinamicidade” (física ou figurada) e outro em que os traços de noções “estáticas” e “dinâmicas” são indiferentemente marcados ambos, tanto em referência ao espaço quanto ao tempo.[75]

Ao primeiro campo pertencem: *a*, *contra*, *até*, *para*, *por*, *de* e *desde*; ao segundo: *ante*, *trás*, *sob*, *sobre*, *com*, *sem*, *em* e *entre*.

O primeiro grupo admite divisão em dois subgrupos: *a*) movimento de aproximação ao ponto de chegada (*a*, *contra*, *até*, *para*) ; *b*) movimento de afastamento (*de*, *desde*). A preposição *por* se mostra compatível com as duas noções aqui apontadas.

O primeiro subgrupo ainda se pode dividir em duas outras noções suplementares: *a*) “chegada ao limite” (*a*, *até*, *contra*, sendo que a *contra* se adiciona a noção de “limite como obstáculo” ou “confrontamento”); *b*) “mera direção” (*para*).

O segundo subgrupo também admite divisão em duas outras noções de afastamento: *a*) “origem” (*de*); *b*) “mero afastamento” (*desde*).

O segundo grupo admite divisão em dois subgrupos: *a*) situação definida e concreta (*ante*, *trás*, *sob*, *sobre*); *b*) situação mais imprecisa (*com*, *sem*, *em*, *entre*).

O primeiro subgrupo acima ainda se pode dividir em duas outras noções suplementares: *a*)

“situação horizontal” (*ante*, *trás*); *b*) “situação vertical” (*sob*, *sobre*).

O segundo subgrupo também admite divisão em duas outras noções suplementares: *a*) “copresença”, distribuída em “positiva” (*com*) e “negativa” (*sem*) ; *b*) em que a noção de “limite”, dentro da imprecisão que caracteriza o par, marca a preposição *entre*.

Veja adiante o quadro resumo do sistema preposicional do português do ponto de vista semântico.

Unidades convertidas em preposições – No sentido inverso à criação de advérbios ou locuções adverbiais mediante o emprego de preposições combinadas com substantivos (*à noite*, *de tarde*, *com prazer*, etc.), certos advérbios ou outras palavras transpostas à classe de advérbio, e certos adjetivos imobilizados no masculino podem converter-se em preposição:

Fora os alunos, ninguém mais pôde entrar no salão.

Após a chuva, vieram os prejuízos.

Os negociantes foram soltos *mediante* fiança.

Durante o jogo, a torcida cantava o hino do clube.

Também podem converter-se em preposição adjetivos como *exceto*, *salvo*, *visto*, *conforme*, *segundo*, *consoante*, *mediante* e os quantificadores indefinidos *mais* e *menos* quando estão empregados para exprimir não a quantidade, mas a soma e a subtração (***mais*** *estes reais*, ***menos*** *estes reais*; *ele* ***mais*** *o pai*).

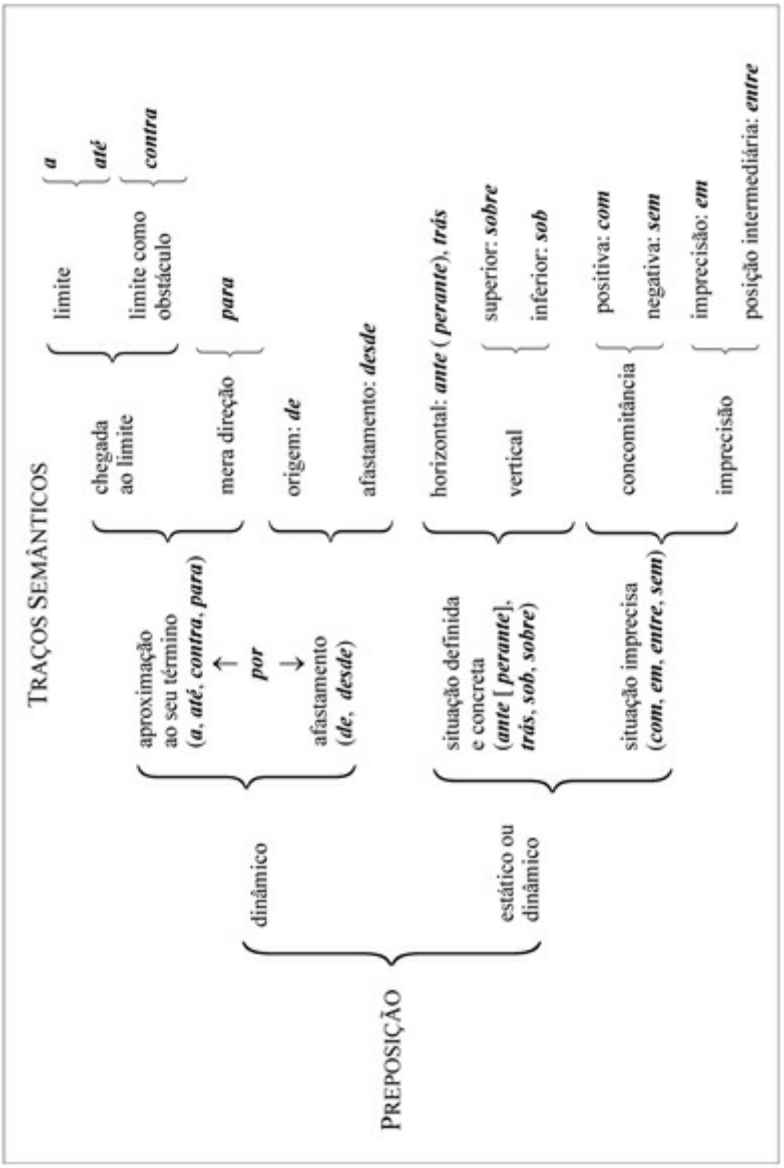

Locução prepositiva – é o grupo de palavras com valor e emprego de uma preposição. Em geral a locução prepositiva é constituída de advérbio ou locução adverbial seguida da preposição *de*, *a* ou *com*:

O garoto escondeu-se *atrás do* móvel.

Não saímos *por causa da* chuva.

O colégio ficava *em frente a* casa.

O ofício foi redigido *de acordo com* o modelo.

Às vezes a locução prepositiva se forma de duas preposições, como: *de per* (na locução *de per si*), *até a* e *para com*.

Foi *até ao* colégio.

Mostrava-se bom *para com* todos.

OBSERVAÇÃO: O substantivo que às vezes entra para formar estas locuções em geral está no singular; mas o plural também é possível: *Viver à custa do pai* (ou *às custas do pai*), *O negócio está em via de solução* (ou *em vias de solução*).

Preposições essenciais e acidentais – Há palavras que só aparecem na língua como preposições e, por isso, se dizem *preposições essenciais*: *a*, *ante*, *até*, *com*, *contra*, *de*,

desde, *em*, *entre*, *para*, *perante*, *por*, *sem*, *sob*, *sobre*, *trás*.

São ACIDENTAIS as palavras que, perdendo seu valor e emprego primitivos, passaram a funcionar como preposições: *durante*, *como*, *conforme*, *feito*, *exceto*, *salvo*, *visto*, *segundo*, *mediante*, *tirante*, *fora*, *afora*, etc.

Só as preposições *essenciais* se acompanham de formas tônicas dos pronomes oblíquos:

Sem *mim* não fariam isso.

Exceto *eu*, todos foram contemplados.

Acúmulo de preposições – Não raro duas preposições se juntam para dar maior efeito expressivo às ideias, guardando cada uma seu sentido primitivo:

Andou *por sobre* o mar.

Estes acúmulos de preposições não constituem uma locução prepositiva porque valem por duas preposições distintas. Combinam-se com mais frequência as preposições: *de*, *para* e *por* com *entre*, *sob* e *sobre*.

"De uma vez olhou *por entre* duas portadas mal fechadas para o interior de outra sala..." [CBr.1, 175].

"Os deputados oposicionistas conjuravam-no a não levantar mão *de sobre* os projetos depredadores" [CBr.1].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Pode ocorrer depois de algumas preposições acidentais (*exceto*, *salvo*, *tirante*, *inclusive*, etc. de sentido exceptivo ou inclusivo) outra preposição requerida pelo verbo, sendo que esta última preposição não é obrigatoriamente explicitada:

Gosto de todos daqui, exceto *ela* (ou *dela*).

Sem razão, alguns autores condenam, nestes casos, a explicitação da segunda preposição (*dela*, no exemplo acima).

Senhoreou-se de tudo, *exceto dos* dois sacos de prata [CBr *apud* MBa.3, 326].

2.ª) Na coordenação, não é necessário repetir as preposições, salvo quando assim o exigirem a ênfase, a clareza ou a eufonia:

Quase não falaram *com* o diretor e repórteres.

Quase não falaram *com* o diretor e *com* os repórteres.

A repetição é mais frequente antes dos pronomes pessoais tônicos e do reflexivo:

Então desde o Nilo ao Ganges / Cem povos armados vi / erguendo torvas falanges / *contra mim* e *contra ti* [Passos *apud* ED.2, § 223, a].

A norma se estende às locuções prepositivas, quando é mais comum a repetição do último elemento da locução:

Antes *do* bem e *do* mal estamos nós.

Quando a preposição se encontra combinada com artigo, deve ser repetida se repetido está o artigo:

"Opor-se *aos* projetos e *aos* desígnios d'alguns" [ED.2]

3.ª) Uma expressão preposicionada indicativa de lugar ou tempo pode ser acompanhada de uma segunda de significado local ou temporal:

Levou-o *para ao* pé da cruz.

Desde pela manhã, esperava novas notícias.

"Nós não fazemos senão andar atrás delas, *desde pela* manhã até a noite, desde a noite *até pela* manhã" [Mesquita *apud* MBa.2, 70].

Trata-se aqui de expressões petrificadas que valem por uma unidade léxica (*ao pé de*, *pela manhã*, etc.) e como tais podem depois ser precedidas de preposição.

Combinação e contração com outras palavras – Diz-se que há *combinação* quando a preposição, ligando-se a outra palavra, não sofre redução. A preposição *a* combina-se com o artigo definido masculino: *a+o = ao; a+os = aos*.

Diz-se que há *contração* quando, na ligação com outra palavra, a preposição sofre redução. As preposições que se contraem são: 76

A

1) com o artigo definido ou pronome demonstrativo feminino:

a + a = à; a + as = às (esta fusão recebe o nome de *crase*)

2) com o pronome demonstrativo:

a + aquele = àquele; a + aqueles = àqueles (crase)
a + aquela = àquela; a + aquelas = àquelas (crase)
a + aquilo = àquilo (crase)

Observações:

1.ª) Muitas vezes a ligação ou não da preposição à palavra seguinte depende da necessidade de garantir a clareza da mensagem, amparada por entoação especial:

> "Para Saussure a "ciência" dos signos era para ser um ramo da psicologia social, e a linguística uma subespécie deste ramo *apesar de a* mais importante" [JDe.1, 20].

M. Bandeira sentiu necessidade de não proceder à crase em *a aquela*, no exemplo:

> "Para tudo isso, porém, existe a adesão em massa. É o maior medo de Oswald de Andrade. De fato nada resiste *a aquela* estratégia paradoxal" [MB.2, 248].

2.ª) Não se combina o artigo quando este é parte integrante do sintagma nominal, como no seguinte exemplo:

> Há quem conheça o que se decidiu chamar *de o espírito carioca*.

É pela mesma razão de conservar a integridade que se deve evitar fazer a combinação da preposição com a palavra inicial dos títulos de livros, jornais e demais periódicos:

> *de* Os Lusíadas; *em* Os Sertões.

Também é preferível não se usar apóstrofo (*d'Os Lusíadas*), nem a repetição do artigo (*dos Os Lusíadas*).

> A prática dos escritores se mostra muito indecisa neste particular [AK.2, 55].

De

1) com o artigo definido masculino e feminino:

de + o = do; de + a = da; de + os = dos; de + as = das

2) com o artigo indefinido (menos frequente):

de + um = dum; de + uns = duns
de + uma = duma; de + umas = dumas

3) com o pronome demonstrativo:

de + aquele = daquele; de + aqueles = daqueles
de + aquela = daquela; de + aquelas = daquelas
de + aquilo = daquilo
de + esse = desse; de + esses = desses; de + este = deste; de + estes = destes
de + essa = dessa; de + essas = dessas; de + esta = desta; de + estas = destas
de + isso = disso; de + isto = disto

4) com o pronome pessoal:

de + ele = dele; de + eles = deles
de + ela = dela; de + elas = delas

5) com o pronome indefinido:

de + outro = doutro; de + outros = doutros
de + outra = doutra; de + outras = doutras

6) com advérbio:

de + aqui = daqui; de + aí = daí; de + ali = dali, etc.

Em

1) com o artigo definido, graças à ressonância da nasal:

em + o = no; em + os = nos; em + a = na; em + as = nas

2) com o artigo indefinido:

em + um = num; em + uns = nuns
em + uma = numa; em + umas = numas

3) com o pronome demonstrativo:

em + aquele = naquele; em + aqueles = naqueles
em + aquela = naquela; em + aquelas = naquelas
em + aquilo = naquilo
em + esse = nesse; em + esses = nesses; em + este = neste; em + estes = nestes
em + essa = nessa; em + essas = nessas; em + esta = nesta; em + estas = nestas
em + isso = nisso; em + isto = nisto

4) com o pronome pessoal:

em + ele = nele; em + eles = neles
em + ela = nela; em + elas = nelas

Per – com as formas antigas do artigo definido:

per + lo = pelo; per + los = pelos; per + la = pela; per + las = pelas

Para (*pra*) – com o artigo definido:

para (pra) + o = pro; para (pra) + os = pros; para (pra) + a = pra; para (pra) + as = pras

***Co*(*m*)** – com artigo definido, graças à supressão da ressonância nasal (ectlipse):

co(m) + o = co; co(m) + os = cos; co(m) + a = coa; co(m) + as = coas

A preposição e sua posição – Em vez de vir entre o termo subordinante e o subordinado, a preposição, graças à possibilidade de outra disposição das palavras, pode vir aparentemente sem o primeiro:

Por lá *todos* ***passaram***.
(subordinado) (subordinante)
Os primos ***estudaram com José***.
(subordinante) (subordinado)
Com José *os primos* ***estudaram***.
(subordinado) (subordinante)
"*Quem há de resistir*?
Resistir quem há de?" [LG]

Principais preposições e locuções prepositivas

a	de	exceto
abaixo de	de acordo com	fora de
acerca de, cerca de	debaixo de	junto a
acima de	de cima de	junto de

a fim de
à frente de
ante
antes de
ao lado de
ao longo de
ao redor de
a par com
apesar de
após
após de
a respeito de
à roda de
até
até a
atrás de
através de
com
como
conforme
consoante
contra
de conformidade com
defronte de
dentre
dentro
dentro de
dentro em
desde, dês
detrás de
diante de
durante
em
embaixo de
em cima de
em favor de
em frente de
em lugar de
em prol de
em razão de
em troco de
em vez de
entre
mediante
na conta de
não obstante
para
para com
per
por
por baixo de
por cima de
por defronte de
por dentro de
por detrás de
por diante de
por meio de
quanto a, enquanto a
segundo
sem
sem embargo de
sob
sobre
trás

Emprego da preposição

1) ***A***

Esta preposição aparece nos seguintes principais empregos:

a) Introduz complementos verbais (objetos indiretos) e nominais representados por nomes ou

pronomes oblíquos tônicos:

"Perdoamos mais vezes *aos nossos inimigos* por fraqueza, que por virtude" [MM].

"O nosso amor próprio é muitas vezes contrário *aos nossos interesses*".

"A força é hostil *a si própria*, quando a inteligência a não dirige" [MM].

b) Introduz objetos diretos:

"O mundo intelectual deleita *a poucos*, o material agrada *a todos*" [MM].

"O homem que não é indulgente com os outros, ainda se não conhece *a si próprio*" [MM].

c) Prende infinitivos a certos verbos que o uso ensinará:

"Os homens, dizendo em certos casos que vão falar com franqueza, parecem *dar a entender* que o fazem por exceção de regra" [MM].

Geralmente tais verbos indicam a causa, o início, a duração, a continuação ou o termo de movimento ou extensão da ideia contida no verbo principal. Os principais são: abalançar-se, acostumar-se, animar-se, anuir, aparelhar-se, aprender, apressar-se, arrojar-se, aspirar, atender, atrever-se, autorizar, aventurar-se, chegar, começar (também com *de* e *por*), concorrer, condenar, continuar, costumar, convidar (também com *para*), decidir-se, entrar, estimular, excitar-se, expor-se, habilitar-se, habituar-se, meter-se, obrigar, pôr-se, principiar, resolver-se, vir.

d) Prende infinitivos a certos verbos, formando locuções equivalentes e gerúndios de sentido progressivo:

"*Anda visitando* os defuntos? disse-lhe eu. Ora defuntos! respondeu Virgília com um muxoxo. E depois de me apertar as mãos: – *Ando a ver* se ponho os vadios para a rua" [MA *apud* SS.1, 309].

e) Introduz infinitivo designando condição, hipótese, concessão, exceção:

A ser verdade o que dizes, prefiro não colaborar.

"A filha estava com quatorze anos; mas era muito fraquinha, e não fazia nada, *a não ser* namorar os capadócios que lhe rondavam a rótula" [MA.1, 201].

f) Introduz ou pode introduzir o infinitivo da oração substantiva subjetiva do verbo *custar*:

"Custou-lhe muito *a aceitar* a casa" [MA.1, 194].

g) Introduz numerosas circunstâncias, tais como:

1) termo de movimento ou extensão:

"Nesse mesmo dia levei-os *ao Banco do Brasil*" [MA.1, 151].

OBSERVAÇÃO: Com os advérbios *aqui*, *lá*, *cá* e semelhantes não se emprega preposição:

"Vem *cá*, Eugênia, disse ela..." [MA.1, 96].

2) tempo em que uma coisa sucede:

"Indaguei do guarda; disse-me que efetivamente "esse sujeito" ia por ali às vezes. – *A* que horas?" [MA.1, 172].

3) fim ou destino:

"... apresentaram-se *a* falar ao imperador" [RP *apud* FB.1, 145].

Tocar *à* missa (= para assistir à missa).

Tocar o sino *a* ave-marias [EQ.5, 217].

4) meio, instrumento e modo:

matar à fome, fechar à chave, vender a dinheiro, falar aos gritos, escrever a lápis, viver a frutas, andar a cavalo.

Com os verbos *limpar*, *enxugar*, *assoar* indicamos de preferência o instrumento com *em*, e os portugueses com *a*: "limpar as lágrimas *no lenço*", "limpar as lágrimas *ao lenço*".

5) lugar, aproximação, contiguidade, exposição a um agente físico:

"Vejo-a a assomar *à porta* da alcova..." [MA.1, 14].

Estar *à janela*, ficar *à mesa*, *ao portão*, *ao sol*, falar *ao telefone*

6) semelhança, conformidade:

"Não sai *a nós*, que gostamos da paz..." [MA *apud* SS.1, 310].

"Desta vez falou *ao modo bíblico*" [MA *apud* SS.1].

Quem puxa *aos seus* não degenera.

7) distribuição proporcional, gradação:

um *a* um, mês *a* mês, pouco *a* pouco

OBSERVAÇÃO: Diz-se *pouco a pouco*, *pouco e pouco*, *a pouco e pouco*.

"*Pouco a pouco* muitas graves matronas... se tinham alongado da corte para suas honras e solares" [AH.3, 21].

8) preço:

A como estão as maçãs? *A* um real o quilo.

9) posse:

Tomou o pulso *ao* doente (= do doente).

10) forma numerosas locuções adverbiais:

à pressa, às pressas, às claras, às ocultas, às cegas, a granel, a rodo, etc.

Emprego do *à* acentuado – Emprega-se o acento grave no *a* para indicar que soa como vogal aberta nos seguintes dois casos:

1.º) quando representa a construção da preposição *a* com o artigo *a* ou o início de *aquele*(*s*), *aquela*(*s*), *aquilo*, fenômeno que em gramática se chama crase:

Fui *à* cidade.

O verbo *ir* pede a preposição *a*; o substantivo *cidade* pede o artigo feminino *a*: Fui *a a* cidade.

2.º) quando representa a *pura preposição a* que rege um substantivo feminino singular, formando uma locução adverbial que, por motivo de clareza, vem assinalada com acento diferencial:

à força, à míngua, à bala, à faca, à espada, à fome, à sede, à pressa, à noite, à tarde, etc. [SA.4, 11-23; CR.2, 233; ED.2, §§ 58 e 156; SL.1, 224].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) *Crase* é um fenômeno fonético que se estende a toda fusão de vogais iguais, e não só ao *a* acentuado.

2.ª) Não há razão para condenar-se o verbo *crasear* para significar "pôr o acento grave indicativo da crase". O que se não deve é chamar *crase* ao acento grave:

"Alencar *craseava* a preposição simples *a*" [JO.3, 27].

Ocorre a crase nos seguintes casos principais:

a) diante de palavra feminina, clara ou oculta, que não repele artigo:

Fui *à* cidade.

Dirigia-se *à* Bahia e depois *a* Paris.

Para sabermos se um substantivo feminino não repele artigo, basta construí-lo em orações em que apareçam regidos das preposições *de*, *em*, *por*. Se tivermos puras preposições, o nome dispensa artigo; se tivermos necessidade de usar, respectivamente *da*, *na*, *pela*, o artigo será obrigatório:

Fui *à* Gávea { Venho *da* Gávea / Moro *na* Gávea / Passo *pela* Gávea

Fui *a* Copacabana { Venho *de* Copacabana / Moro *em* Copacabana / Passo *por* Copacabana

Observações:

1.ª) O nome que sozinho dispensa artigo, pode tê-lo quando acompanhado de adjetivo ou locução adjetiva:

Fui *à* Copacabana de minha infância { Venho *da* Copacabana de minha infância. / Moro *na* Copacabana de minha infância. / Passo *pela* Copacabana de minha infância.

Assim se diz: Irei *à* casa paterna.

2.ª) Se for facultativo, nas condições acima, o emprego de *de* ou *da*, *em* ou *na*, *por* ou *pela*, será também facultativo o emprego do *a* acentuado:

Fui { *à* / *a* } França { Venho { *da* / *de* } França / Moro { *na* / *em* } França / Passo { *pela* / *por* } França

b) diante do artigo *a* e dos demonstrativos *aquele*, *aquela*, *aquilo*:

Referiu-se { à / *àquele* / *àquela* / *àquilo* } { que estava do seu lado

c) diante de possessivo em referência a substantivo oculto:

Dirigiu-se àquela casa e não *à* sua.

d) diante de locuções adverbiais constituídas de substantivo feminino plural:

às vezes, às claras, às ocultas, às escondidas, às três da manhã.

Não ocorre a crase nos seguintes casos principais:

a) diante de palavra de sentido indefinido:

Falou a { uma / certa / qualquer / cada / toda } pessoa

OBSERVAÇÃO: Há acento antes do numeral *uma*: Irei vê-la à uma hora.

b) diante dos pronomes relativos *que* (quando o *a* anterior for uma preposição), *quem*, *cuja*:

Está aí a pessoa *a* que fizeste alusão.
O autor *a* cuja obra a crítica se referiu é muito pouco conhecido.
Ali vai a criança *a* quem disseste a notícia.

c) diante de verbo no infinitivo:

Ficou *a* ver navios.
Livro *a* sair em breve.

d) diante de pronome pessoal e expressões de tratamento como V. Ex.ª, V.S.ª, V. M., etc.:

Não disseram *a* ela e *a* você toda a verdade.
Requeiro *a* V. Ex.ª com razão.

e) nas expressões formadas com a repetição de mesmo termo (ainda que seja um nome feminino), por se tratar de pura preposição:

frente *a* frente, cara *a* cara, face *a* face, gota *a* gota

f) diante da palavra *casa* quando desacompanhada de adjunto:

Irei *a* casa logo mais (cf. Entrei *em* casa; Saí *de* casa).

A crase é facultativa nos seguintes casos principais:

a) antes de pronome possessivo com substantivo feminino claro:

Dirigiu-se { *à* / *a* } minha casa, e não à sua

No português moderno dá-se preferência ao emprego do possessivo com artigo e, neste caso, ao *a* acentuado.

b) antes de nome próprio feminino:

As alusões eram feitas { *à* / *a* } Ângela

c) antes da palavra *casa* quando acompanhada de expressão que denota o dono ou morador, ou qualquer qualificação:

Irei { *à* / *a* } casa de meus pais

OBSERVAÇÕES:

1.ª) É preciso não identificar *crase* e *craseado* com acento e acentuado. Em tempos passados, principalmente entre os românticos, a preposição pura *a* era em geral acentuada, ainda diante de masculino, sem que isso quisesse indicar *a* craseado. Daí os falsos erros que se apontam em escritores dessa época, mormente em J. de Alencar.

2.ª) Deve-se usar *dormir a sesta*, e não *dormir à sesta*; *levá-lo a breca*, e não *levá-lo à breca*; *tudo está indo a breca*; *ele teria levado a breca*.

2) *Até*

Esta preposição indica o limite, o termo de movimento, e, acompanhando substantivo com artigo (definido ou indefinido) pode vir ou não seguida da preposição *a*:

Caminharam *até* { a / à } escola

"Ouvido isto, o desembargador comoveu-se *até às* lágrimas, e disse com mui entranhado afeto" [CBr.1, 67].

"... e prometem ser-lhe amparo *até ao* fim" [CBr.1, 77].

"Albernaz saiu fora da roda dos amigos e foi *até a* um canto da sala..." [LB *apud* SS.1, § 496].

É preciso distinguir a preposição da palavra de inclusão *até* que se usa para reforçar uma declaração com o sentido de "inclusive", "também", "mesmo", "ainda". A preposição pede pronome pessoal oblíquo tônico e a palavra de inclusão pede pronome pessoal reto:

Ele chegou *até mim* e disse toda a verdade.

Até eu recebi o castigo.

3) *Com*

Aparece nas circunstâncias de companhia, ajuntamento, simultaneidade, modo, maneira, meio, instrumento, causa, concessão (principalmente seguida de infinitivo), oposição:

"Quando os bons capitulam *com* os maus sancionam a própria ruína" [MM].

"Nunca agradecemos *com* tanto fervor como quando esperamos um novo favor" [MM].

"A economia *com* o trabalho é uma preciosa mina de ouro" [MM].

"Somos atletas na vida; lutamos *com* as paixões dos outros homens e *com* as nossas" [MM].

"Queremos governos perfeitos *com* homens imperfeitos: disparate" [MM].

"O silêncio *com* ser mudo não deixa de ser por vezes um grande impostor" [MM].

"A sociedade política nasceu da família; mas a família não acabou *com* (= temporal) a existência da sociedade" [AH.2, 144].

Inicia o complemento de muitos verbos e nomes (complemento relativo e complemento nominal):

"O lisonjeiro conta sempre *com* a abonação do nosso amor-próprio" [MM].

"O homem que não é indulgente *com* os outros, ainda se não conhece a si próprio" [MM].

4) *Contra*

Denota oposição, direção contrária, hostilidade:

Lutava *contra* tudo e *contra* todos.

Remar *contra* a maré

Votar *contra* alguém

Condenam bons mestres como galicismo o emprego desta preposição depois do verbo *apertar*, *estreitar* (e sinônimos), apesar dos exemplos de escritores corretos, uso que se vai generalizando:

"*Apertei contra* o coração o punho da espada" [AH.5, I, 37].

"E Dulce caiu nos braços do guerreiro trovador, que desta vez a *estreitou contra* o peito..." [AH.3, 144].

Também se considera como galicismo *contra* no sentido de "em troca de", bem como no sentido de "junto a", "ao lado de":

Dar a mercadoria *contra* recibo (por *mediante recibo*).

Encostar o móvel *contra* a parede (por *junto à parede*).

5) ***De***

a) Introduz complemento de verbos (complemento relativo) e nomes (complemento nominal) que o uso ensinará:

"Os sábios vivem ordinariamente solitários: receiam-se *dos velhacos*, e não podem tolerar os tolos" [MM].

"O temor *da morte* é a sentinela da vida" [MM].

b) Indica a circunstância de lugar donde, origem, ponto de partida dum movimento ou extensão (no tempo e no espaço), a pessoa ou coisa de que outra provém ou depende, em sentido próprio ou figurado e o agente da passiva (por ser o ponto de partida da ação), principalmente com os verbos que exprimem sentimento e manifestação de sentimentos:

"A maior parte dos erros em que laboramos neste mundo provém *da falsa definição*, ou *das noções falazes* que temos do bem e do mal" [MM].

"A doçura e beleza *das mulheres* parecem inculcar que são anjos e serafins que desceram *dos céus* e se humanaram na terra" [MM].

"Sancionada a virtude só pela opinião pública, ela desaparece *da* vida doméstica e *de* todos aqueles lugares não vistos *da multidão*" [AH.2, 143].

OBSERVAÇÃO: Modernamente o agente da passiva se rege mais de *por*.

c) Indica a pessoa, coisa, grupo ou série a que pertence ou de que se salienta, por qualquer razão, o nome precedido de preposição:

"A credulidade e confiança *de* muitos tolos faz o triunfo *de* poucos velhacos" [MM].

d) Indica a matéria de que uma coisa é feita:

"... ela só lhe aceitava sem relutância os mimos *de* escasso preço, como a cruz *de* ouro, que lhe deu, uma vez, de festas" [MA.1, 54].

e) Indica a razão ou a causa por que uma coisa sucede:

"O luxo, como o fogo, devora tudo e perece *de* faminto" [MM].

Cantar de alegria, morrer *de* medo.

f) Indica o assunto ou o objeto de que se trata:

"Dizer-se *de* um homem que tem juízo é o maior elogio que se lhe pode fazer" [MM].

g) Indica o meio, o instrumento ou modo, em sentido próprio ou figurado:

"O espírito vive *de* ficções, como o corpo se nutre *de* alimentos" [MM].

h) Indica a comparação, hoje principalmente na expressão *do que*:

São mais *de* três horas.

i) Indica a posição, o lugar:

"Sucede frequentes vezes admirarmos *de* longe o que *de* perto desprezamos" [MM].

j) Indica medida:

Copo *de* leite (= o leite na medida do copo), copo *d*'água, garrafa *de* vinho

OBSERVAÇÃO: Pode-se dizer também: *copo com leite*, *com água*, mas aí não se visa à medida, mas ao conteúdo.

l) Indica o fim, principalmente com infinitivo:

Dá-me *de* beber um copo d'água.

m) Indica o tempo:

De noite todos os gatos são pardos.

n) Ligando dois substantivos, imediatamente ou por intermédio de certos verbos, serve para caracterizar e definir uma pessoa ou coisa:

"O homem *de* juízo aproveita, o tolo desaproveita a experiência própria" [MM].

Rua *do* Ouvidor.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Nas denominações de ruas, escolas, teatros, monumentos, edifícios, festas religiosas e casas comerciais, e em circunstâncias que tais, se costuma omitir a preposição sem que haja regra fixa para tal critério: Avenida Rio Branco, Colégio Pedro II (mas Rua *do* Ouvidor, Praça *da* República).

2.ª) Usa-se a preposição *de* nas datas: 26 *de* fevereiro. Não é praxe da língua omiti-la nestas circunstâncias. Do mesmo modo, diz-se *o ano de 1928*, embora aqui se possa também empregar *o ano 1928*.

o) Indica o todo depois de palavras que significam parte:

A maioria *dos* homens, um terço *dos* soldados, um punhado *de* bravos; um pouco (ou uma pouca) *de* água.

OBSERVAÇÃO: Depois dos comparativos *maior*, *menor*, etc. pode ser substituído por *entre*: O maior *de* todos (= *entre* todos).

p) Indica modo de ser, semelhança, e normalmente vem precedendo predicativo:

"Muitos figuram *de* Diógenes, para se consolarem de não poderem ser Alexandres" [MM].

q) Liga adjetivo étnico ou gentílico aos substantivos *nação*, *nascimento*, *origem*:

brasileiro *de* nascimento, alemão *de* origem

r) Pode equivaler a *desde*:

Havia meio século *da* (= *desde a*) descoberta.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Note-se a fórmula *é de* com o sentido de *é próprio de*: "*É da* natureza humana que muitos homens trabalhem para manter os poucos que se ocupam em pensar para eles, instruí-los e governá-los" [MM].

2.ª) Em construção do tipo *acusar de negligente*, *presumir de formosa*, "explicam-se geralmente pela omissão de um verbo atributivo (*ser*, *estar*, etc.) ou pela fusão da construção do adjetivo com a de substantivo no mesmo lugar" [MBa.5, 297]. *Acusar de negligente* = *acusar de ser negligente*, *acusar de sua negligência*.

Não ocorre esta preposição nos seguintes principais casos:

a) em construções de tipo:

A primeira coisa que fiz foi vir a Madri (e não *foi de vir*).

b) "com os verbos e adjetivos que significam afastamento ou diferença, e com os que envolvem a ideia de aumento ou diminuição, superioridade ou inferioridade, a designação da medida que não tem preposição" [ED.1, § 125; JM.1, II, 46-47]:

Aumentar um centímetro (e não *aumentar de um*).

Este número excede aquele duas dezenas (e não *excede de duas dezenas*).

Mais novo alguns meses (e não *mais novo de alguns meses*).

c) depois do verbo *consistir*:

A prova consiste em duas páginas mimeografadas (e *não consiste de duas*).

NOTA: Os puristas, sem maiores exames, têm tachado de galicismo a expressão *de resto* (= quanto ao mais). Além de usada por grandes escritores, tem raízes no latim *de reliquo*.

6) *Em*

Denota:

a) lugar onde, situação, em sentido próprio ou figurado:

"Formam-se mais tempestades *em* nós mesmos que *no* ar, *na* terra e *nos* mares" [MM].

OBSERVAÇÃO: Com alguns verbos, para se exprimir esta circunstância, se emprega um pronome oblíquo átono em lugar da expressão introduzida por *em*:

"Pulsa-*lhe* (= nele) aquele afeto verdadeiro" [MA].

Não *me* toque. Bateu-*nos*. Mexeu-*lhe*.

b) tempo, duração, prazo:

"Os homens *em* todos os tempos, sobre o que não compreenderam, fabularam" [MM].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Precedendo um gerúndio, a preposição *em* aparece nas circunstâncias de tempo, condição ou hipótese:

"Ninguém, desde que entrou, *em* lhe *chegando* o turno, se conseguirá evadir à saída" [RB].

2.ª) Para denotar o espaço ou decurso de tempo usa-se a preposição *em* em concorrência a *dentro de* ou *daqui a*, emprego que alguns estudiosos, com exagero, veem como abuso ou imitação do francês [MBa.5, 75]:

Em cinco minutos irei atendê-lo.

c) modo, meio:

Foi *em pessoa* receber os convidados.

Pagava *em cheque* tudo o que comprava.

d) a nova natureza ou forma em que uma pessoa ou coisa se converte, disfarça, desfaz ou divide:

"O homem de juízo converte a desgraça *em* ventura, o tolo muda a fortuna *em* miséria" [MM].

Dar *em* doido.

e) preço, avaliação:

A casa foi avaliada *em* milhares de reais.

f) fim, destinação:

Vir *em* auxílio. Tomar *em* penhor. Pedir *em* casamento.

g) estado, qualidade ou matéria:

General *em* chefe. Ferro *em* brasa. Imagem *em* barro. Gravura *em* aço.

OBSERVAÇÃO: Tem-se, sem maior exame, condenado este emprego da preposição *em* como galicismo. Tem-se também querido evitar a expressão *em questão*, por se ter inspirado em modo de falar francês; mas é linguagem hoje comuníssima e corrente nas principais línguas literárias modernas.

h) causa, motivo (geralmente antes do infinitivo):

"Há povos que são felizes *em* não ter mais que um só tirano" [MM].

i) lugar para onde se dirige um movimento, sucessão, em sentido próprio ou figurado:

Saltar *em* terra. Entrar *em* casa. De grão *em* grão.

OBSERVAÇÃO: A língua padrão não agasalha este emprego com os verbos *vir*, *chegar*, preferindo a preposição *a*: Ir *à* cidade; chegar *ao* colégio.

j) forma, semelhança, significação de um gesto ou ação:

"Resoluta estendeu os braços, juntando as mãos *em* talhadeira e arrojou-se d'alto, mergulhando..." [CN *apud* SS.1, § 506, 7].

7) ***Entre***

Denota posição intermediária no espaço ou no tempo, em sentido próprio ou figurado:

"*Entre* o queijo e o café, demonstrou-me Quincas Borba que o sistema era a destruição da dor" [MA.1, 301].

Como as outras preposições, rege pronome oblíquo tônico, de modo que se diz *entre mim e ti*, *entre ele e mim*, *entre você e mim*, etc.

"Por que vens, pois, pedir-me adorações quando *entre mim e ti* está a cruz ensaguentada do Calvário...?" [AH.1, 46-47].

A língua exemplar evita exemplos como *entre eu e tu*, *entre eu e eles*, *entre eles e eu* e semelhantes. Deste último caso, em que o pronome reto não vem junto da preposição *entre* ocorrem alguns exemplos literários que a tradição do idioma evita:

"Odeio toda a gente / com tantas veras d'almas e tão profundamente /, que me ufano de ouvir que *entre eles e eu* existe / separação formal" [AC.4, 11-12].

8) ***Para***

Denota:

a) a pessoa ou coisa em proveito ou prejuízo de quem uma ação é praticada (objeto indireto, complemento relativo ou complemento nominal):

"Aborrecemos o absolutismo nos outros, porque o cobiçamos *para* nós mesmos" [MM].

"A preguiça nos maus é salutar *para* os bons" [MM].

b) a pessoa a que se atribui uma opinião (dativo livre):

"O pedir *para* quem não tem vergonha é menos penoso que trabalhar" [MM].

c) fim, destinação:

"A filha deu-me recomendações *para* Capitu e *para* minha mãe" [MA *apud* SS.1, 509, b].

d) fim:

"O ambicioso, *para* ser muito, afeta algumas vezes não valer nada" [MM].

e) termo de movimento, direção para um lugar com a ideia acessória de demora ou destino:

Foi *para* Europa.

OBSERVAÇÃO: Denota apenas "o lugar onde" em construções do tipo: Ele está agora *para* o Norte.

f) tempo a que se destina um objeto ou ação, ou para quando alguma coisa se reserva:

"Faz *para* as matanças seis anos que você justou comigo uma porca por 4 moedas..." [CBr *apud* JM.1, II, 49].

Vou aí *para* as seis horas.

9) ***Por*** (e ***per***)

Denota:

a) lugar por onde, em sentido próprio ou figurado:

"Tais eram as reflexões que eu vinha fazendo, *por* aquele Valongo fora, logo depois de ver e ajustar a casa" [MA.1,

190].

b) meio:

Puxar *pelo* paletó, rezar *pelo* livro, segurar *pelos* cabelos, levar *pela* mão, ler *pelo* rascunho, contar *pelos* dedos, enviar *pelo* correio.

c) modo:

Repetir *por* ordem, estudar *por* vontade.

"Louvamos *por* grosso, mas censuramos *por* miúdo" [MM].

d) distribuição:

Várias vezes *por* dia.

e) divisão, indicando a pessoa ou coisa que recebe o quinhão:

Distribuir *pelos* pobres, repartir *pelos* amigos, dividir *por* três a herança.

f) substituição, troca, valor igual, preço:

Comer gato *por* lebre.

"O barão dizia ontem, no seu camarote, que uma só italiana vale *por* cinco brasileiras" [MA.1, 183].

g) causa, motivo:

"O amor criou o Universo que *pelo* amor se perpetua" [MM].

"Muitos se abstêm *por* acanhados do que outros fogem *por* virtuosos" [MM].

h) nos juramentos e petições, designando a pessoa ou coisa invocada para firmar o juramento e para interceder:

jurar *pela* sua honra, pedir *pela* saúde de alguém [ED.1, § 163, b].

i) em favor de, em prol de:

Morrer *pela* pátria, lutar *pela* liberdade.

j) tempo, duração:

"Qual é aquele que, assentado, *por* noite de luar e serena sobre uma fraga marinha, não sente irem-se-lhe os olhos...?" [AH.2, 159].

l) agente da passiva:

"As mulheres são melhor dirigidas *pelo* seu coração do que os homens *pela* razão" [MM].

m) depois dos nomes que exprimem disposição ou manifestação de disposição de ânimo para com alguma coisa:

"A paixão *pelo* jogo pressupõe ordinariamente pouco amor *pelas* letras" [MM].

OBSERVAÇÃO: Não procede mais o ter-se como errônea a construção com *por*, nestes casos, porque, no português contemporâneo, o uso de *de* se especializou no sentido de genitivo objetivo. No português de outros tempos, *amor de Deus* era tanto o que consagramos a ele (genitivo objetivo) ou o que ele tem, o que nos consagra (genitivo subjetivo). Em lugar de *amor pelas letras* diz-se também corretamente *amor às letras*. Quando nos casos de genitivo objetivo pode ocorrer ambiguidade com o emprego da preposição *de*, costuma-se substituir esta preposição por *contra* (se o nome designa sentimento hostil) ou *para com* (se o sentimento é benévolo): Guerra *contra* os inimigos e respeito *para com* todos.

n) fim (em vez de *para*):

"Forcejava *por* obter-lhe a benevolência, depois a confiança" [MA.1, 194].

o) introduzindo o predicativo do objeto direto, denota qualidade, estado ou conceito em que se tem uma pessoa ou coisa:

Ter alguém *por* sábio. Enviar alguém *por* embaixador. Tenho *por* certo que ele virá.

OBSERVAÇÃO: Neste emprego pode ser substituída pela preposição *como*, apesar da crítica injusta dos puristas.77

9 – CONJUNÇÃO

Conector e transpositor – A língua possui unidades que têm por missão reunir orações num mesmo enunciado.

Estas unidades são tradicionalmente chamadas conjunções, que se repartem em dois tipos: *coordenadas* e *subordinadas*.

As conjunções coordenadas reúnem orações que pertencem ao mesmo nível sintático: dizem-se *independentes* umas das outras e, por isso mesmo, podem aparecer em enunciados separados.

Pedro fez concurso para medicina, *e* Maria se prepara para a mesma profissão.

Podíamos dizer desta maneira, em dois enunciados independentes:

Pedro fez concurso para medicina.
Maria se prepara para mesma profissão.

Daí ser a conjunção coordenativa um *conector*.

Como sua missão é reunir unidades independentes, pode também "conectar" duas unidades menores que a oração, desde que do mesmo valor funcional dentro de mesmo enunciado. Assim:

Pedro *e* Maria (dois substantivos)
Ele *e* ela (dois pronomes)
Ele *e* Maria (um pronome e um substantivo)
rico *e* inteligente (dois adjetivos)
ontem *e* hoje (dois advérbios)
saiu *e* voltou (dois verbos)
com *e* sem dinheiro (duas preposições)

Bem diferente é, entretanto, o papel da conjunção subordinada. No enunciado:

Soubemos que vai chover,

a missão da conjunção subordinada é assinalar que a oração que poderia ser sozinha um enunciado:

Vai chover

se insere num enunciado complexo em que ela (*vai chover*) perde a característica de enunciado independente, de oração, para exercer, num nível inferior da estruturação gramatical, a função de *palavra*, já que *vai chover* é agora objeto direto do núcleo verbal *soubemos*.

Assim, a conjunção subordinativa é um *transpositor* de um enunciado que passa a uma função de palavra, portanto de nível inferior dentro das camadas de estruturação gramatical. Diz-se, por isso, que *que vai chover* é uma oração "degradada" ao nível da palavra, e isto se deveu ao fenômeno de *hipotaxe* ou *subordinação*.

A oração degradada ou subordinada passa a exercer uma das funções sintáticas próprias do substantivo, do adjetivo e do advérbio, como veremos mais adiante.

Podemos aproximar o papel do transpositor *que* ao pronome relativo – que é um transpositor de oração degradada ao nível do adjetivo – e das preposições que, como vimos, transpõem uma unidade a exercer papel de outra unidade. Na oração *Ninguém é de ferro*, a preposição *de* transpõe o substantivo *ferro* à função de predicativo por ter *de ferro* passado a equivalente de adjetivo [AL.1, 229].

Conectores ou conjunções coordenativas – Os conectores ou conjunções coordenativas são de três tipos, conforme o significado com que envolvem a relação das unidades que unem: *aditivas*, *alternativas* e *adversativas*.

Conjunções aditivas – A aditiva apenas indica que as unidades que une (palavras, grupos de palavras e orações) estão marcadas por uma relação de adição. Temos dois conectores aditivos: *e* (para a adição das unidades positivas) e *nem* (para as unidades negativas). Vejam-se os exemplos extraídos do Marquês de Maricá:

O velho teme o futuro *e* se abriga no passado.

Uma velhice alegre *e* vigorosa é de ordinário a recompensa da mocidade virtuosa.

A pobreza *e* a preguiça andam sempre em companhia.

Não emprestes o vosso *nem* o alheio, não tereis cuidados *nem* receio.

Muitas vezes, graças ao significado dos lexemas envolvidos na adição, o grupo das orações coordenadas permite-nos extrair um conteúdo suplementar de "causa", "consequência", "oposição", etc. Estes sentidos contextuais, importantes na mensagem global, não interessam nem modificam a relação aditiva das unidades envolvidas: *Rico* ***e*** *inteligente* e *rico* ***e*** *desonesto*, ambas se unem por uma relação gramatical de adição, embora a oposição semântica existente entre *rico* e *desonesto* apresente um sentido suplementar, como se estivesse enunciado *rico* ***mas*** *desonesto*. O mesmo se dá se uma unidade for afirmativa e outra negativa: *rico e não honesto*.

Em lugar de *nem* usa-se *e não*, se a primeira unidade for positiva e a segunda negativa: rico *e não* honesto (compare com: ele *não* é rico *nem* honesto).

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Evite-se (embora não constitua erro) o emprego de *e nem* quando não houver necessidade de ênfase:

"Nunca vira uma boneca *e nem sequer* o nome desse brinquedo" [ML.2, 9].

"(...) mas o primo Nicolau está a dormir até tarde *e nem* à missa vai" [CBr.15].

2.ª) Algumas vezes *e* aparece depois de pausa, introduzindo grupos unitários e orações; são unidades enfáticas com função textual que extrapolam as relações internas da oração e constituem unidades textuais de situação:

"*E* repito: não é meu" [MA.1, 314].

3.ª) A expressão enfática da conjunção aditiva *e* pode ser expressa pela série *não só... mas também* e equivalentes.

Não só o estudo *mas também* a sorte são decisivos na vida.

Conjunções alternativas – Como o nome indica, enlaçam as unidades coordenadas matizando-as de um valor alternativo, quer para exprimir a incompatibilidade dos conceitos envolvidos, quer para exprimir a equivalência deles. A conjunção alternativa por excelência é *ou*, sozinha ou duplicada junto a cada unidade:

"Quando a cólera *ou* o amor nos visita, a razão se despede" [MM].

A enumeração distributiva que matiza a ideia de alternância leva a que se empreguem neste significado advérbios como *já*, *bem*, *ora* (repetidos ou não) ou formas verbais imobilizadas como *quer... quer*, *seja... seja*. Tais unidades não são conectores e, por isso, as orações enlaçadas se devem considerar justapostas.

OBSERVAÇÃO: "Cumpre lembrar que o par *seja... seja* não está de todo gramaticalizado, tanto que, em certas construções, aparece flexionado. *Sempre discordam de tudo,* ***sejam*** *as discordâncias ligeiras,* ***sejam*** *de peso*. S*empre discordavam de*

*tudo, **fossem** as discordâncias ligeiras, **fossem** as de peso*" [AK.1, 68].

Conjunções adversativas – Enlaçam unidades apontando uma oposição entre elas. As adversativas por excelência são *mas*, *porém* e *senão*.

Ao contrário das aditivas e alternativas, que podem enlaçar duas ou mais unidades, as adversativas se restringem a duas. *Mas* e *porém* acentuam a oposição; *senão* marca a incompatibilidade:

"Acabou-se o tempo das ressurreições, *mas* continua o das insurreições" [MM].

Unidades adverbiais que não são conjunções coordenativas – Levada pelo aspecto de certa proximidade de equivalência semântica, a tradição gramatical tem incluído entre as conjunções coordenativas certos advérbios que estabelecem relações interoracionais ou intertextuais. É o caso de *pois*, *logo*, *portanto*, *entretanto*, *contudo*, *todavia*, *não obstante*. Assim, além das conjunções coordenativas já assinaladas, teríamos as *explicativas* (*pois*, *porquanto*, etc.) e *conclusivas* (*pois* [posposto], *logo*, *portanto*, *então*, *assim*, *por conseguinte*, etc.), sem contar *contudo*, *entretanto*, *todavia* que se alinham junto com as adversativas. Não incluir tais palavras entre as conjunções coordenativas já era lição antiga na gramaticografia de língua portuguesa; vemo-la em Epifânio Dias [ED.1] e, entre brasileiros, em Maximino Maciel, nas últimas versões de sua *Gramática* [MMa.1]. Perceberam que tais advérbios marcam relações textuais e não desempenham o papel conector das conjunções coordenativas78, apesar de alguns manterem com elas certas aproximações ou mesmo identidades semânticas.

Que esses advérbios não são conjunções coordenativas e desempenham funções diversas prova-o o fato de poderem se compatibilizar, em exemplos como:

Não foram ao mesmo cinema *e*, *portanto*, não se poderiam encontrar.

Ele *e*, *portanto*, seu filho são responsáveis pela denúncia.

"Não queremos pensar na morte, *e por isso* nos ocupamos tanto da vida" [MM].

Cabe ao *e*, como conjunção, reunir num mesmo grupo oracional as duas orações independentes do enunciado, enquanto *portanto*, como advérbio, marca uma relação semântica com o que já foi dito. Poder-se-ia eliminar a conjunção *e* e, então, teríamos uma coordenação assindética, caso em que haveria uma pausa para marcar a fronteira das duas orações (marcada por vírgula ou ponto e vírgula):

Não foram ao mesmo cinema; *portanto* não se poderiam encontrar.

Poder-se-ia também eliminar o advérbio:

Não foram ao mesmo cinema *e* não se poderiam encontrar.

Não sendo próprio do advérbio exercer o papel de conector, ele poderia aparecer até numa oração subordinada, para marcar essa relação semântica entre os dois enunciados:

"Nunca perdemos de vista o nosso interesse, *ainda mesmo quando* nos inculcamos desinteressados" [MM].

Outra diferença entre as conjunções coordenativas e os advérbios (a que poderíamos chamar textuais ou discursivos) é que só as primeiras efetivam a coordenação entre subordinadas equifuncionais, isto é, do mesmo valor (substantiva, adjetiva ou adverbial) e com a mesma função sintática:

Espero que estudes *e* que sejas feliz.

Como advérbios, que guardam com o núcleo verbal uma relação, em geral, mais frouxa, esses advérbios podem vir em princípio em qualquer posição dentro da oração em que se inserem:

Eles não chegaram *nem todavia* deram certeza da presença.

Eles não chegaram *nem* deram, *todavia*, certeza da presença.

Eles não chegaram *nem* deram certeza da presença, *todavia*.

Também os advérbios não participam da particularidade das conjunções coordenativas de constituírem um bloco unitário de enunciados coordenados por sua vez coordenado a outro anterior [CA.1]:

Luís é vegetariano, *mas* [não come abóbora nem bebe chá].

Remetemos dois convites ao Paulo, *mas* [ou ele se mudou ou está doente].

Transpositores ou conjunções subordinativas – Já dissemos que o transpositor ou conjunção subordinativa transpõe oração degradada ou subordinada ao nível de equivalência de um substantivo capaz de exercer na *oração complexa* uma das funções sintáticas que têm por núcleo o substantivo.

Falamos em *oração complexa* e chegou o momento de diferençá-la em relação ao *grupo oracional*. Oração complexa é aquela que tem um ou mais dos seus termos sintáticos sob forma de uma oração subordinada.

Esperamos [*que todos venham ao baile*],

em que a oração transposta pelo *que* exerce uma das funções comuns ao substantivo: objeto direto do núcleo verbal *esperamos*.

Já no *grupo oracional* temos orações coordenadas, independentes, e que, por isso mesmo, podem ser usadas separadamente umas das outras:

Chegamos tarde e não assistimos a todo o filme, mas vimos o mais interessante dele.

Chegamos tarde. Não assistimos a todo o filme. Vimos o mais interessante dele.

As conjunções *e* e *mas* não modificam o valor sintático das orações reunidas; apenas indicam o tipo de relação semântica: *adição* (*e*) e *contraste* (*mas*).

Além do *que* transpositor de oração ao nível de substantivo, chamado *conjunção integrante*, e do *que* pronome relativo, que transpõe oração ao nível de adjetivo, a língua portuguesa conta com poucos outros transpositores:

a) *Se* que transpõe oração originariamente interrogativa total, isto é, desprovida de unidade interrogativa, ao nível de substantivo, conhecida, por isso mesmo, como conjunção integrante, a exemplo do *que* anterior:

Ela não sabe [*se terá sido aprovada*].

Aqui a oração interrogativa *Terá ela sido aprovada*? se transpõe, mediante o *se*, ao nível de substantivo e como tal está habilitada a exercer a função de objeto direto do núcleo verbal *não sabe*, sem o primitivo contorno melódico interrogativo.

b) *Se* que transpõe oração ao nível de advérbio, e como tal está habilitada a exercer a função de adjunto adverbial, com valor de circunstância de condição e é, por isso mesmo, chamado *conjunção condicional*.

***Que* e locuções: as chamadas locuções conjuntivas** – A oração transposta a substantivo pela conjunção *que*, de acordo com a função sintática que exerce em relação ao núcleo verbal da oração chamada "principal", pode receber um índice funcional representado por uma preposição. Se exerce função de sujeito, objeto direto, predicativo, não precisará deste índice funcional:

Parece [*que vai chover*].
Esperamos [*que cheguem cedo*].
A verdade é [*que todos se saíram bem*].

Se a função é de complemento relativo ou de objeto indireto, ou complemento nominal, a conjunção *que* vem precedida da conveniente preposição:

Estavam precisando [*de que os ajudassem*].
Ela dedicava seu cuidado [*a que o filho tivesse boa educação*].
Eram poucas as esperanças [*de que tudo acabasse bem*].

Como todo substantivo transposto, a oração subordinada substantiva pode exercer a função de adjunto adverbial; neste caso, o *que* também terá a companhia de uma preposição adequada, que marcará a relação semântica da circunstância:

Tudo sairá bem [*desde que as providências sejam tomadas a tempo*].
[*Sem que estivesse tudo acertado*], não iria viajar.
Trabalhou afincadamente [*para que tivesse uma velhice tranquila*].
Ela só dizia tudo aquilo *porque* [= *por que gostava da verdade*].

Pelo que podemos observar, tais combinações de preposição e conjunção *que* não constituem outros tipos especiais de locuções; são, na realidade, o concurso de um *que*, transpositor de oração a substantivo e de uma preposição que o acompanha como índice de sua função sintática em relação ao núcleo verbal, função, aliás, exercida pela oração inteira.

Nisto, o *que* conjunção difere do *que* pronome relativo, pois aqui a preposição é índice da função sintática que o relativo exerce na oração em que está inserido:

O homem *de que falavas* era pouco conhecido na cidade,

em que o transpositor *que*, precedido de preposição, funciona como complemento relativo do núcleo verbal *falavas*, enquanto a oração transposta a adjetivo *de que falavas* funciona como adjunto adnominal do substantivo *homem*.

Também se formam "locuções" aparentemente especiais quando temos segmentos do tipo *logo que*, *sempre que*, *ainda que*, etc., em que aparecem advérbios (que sozinhos podem funcionar como adjunto adverbial) seguidos do transpositor relativo *que*, já que esse relativo é um "repetidor" de advérbio, papel análogo ao que desempenha como "repetidor" (isto é, referente) de substantivo ou pronome. Assim, se na oração independente *Logo saiu de casa*, o advérbio *logo* funciona como adjunto adverbial; quando a oração se transpõe a subordinada:

[*Logo que saía de casa*], encontrou o amigo,

exercerá também a função de adjunto adverbial. O *que* degrada a oração *saía de casa* a subordinada e lhe confere o papel de termo adjunto do advérbio *logo*. Formalmente, esse relativo será equivalente a *quando*: ***Quando saía de casa**, encontrou o amigo* [AL.1, 236].

Este papel repetidor do relativo *que* parece estar presente em construções do tipo *há* (*faz*)

dias (*meses*, *anos*, *tempo*, etc.), em que já não temos um advérbio, mas substantivo cujo significado léxico aponta para o campo das expressões denotadoras de espaço ou percurso de tempo:

Há *dias que* não o vejo,

em que também, pelo sentido, o relativo equivale a *quando*.

Cabe lembrar, por fim, que, em algumas construções, se pode alterar o significado originário do advérbio, motivado pelos significados dos lexemas que entram na oração e por uma interpretação suplementar, contextual, do falante, calcada na sua experiência de mundo. Assim, *já*, que tem valor originário temporal, ao unir-se ao *que* na fórmula *já que*, passa a uma interpretação causal ou condicional:

Já que todos saíram, desisto do negócio.

Da mesma sorte, *ainda*, nitidamente temporal, ao unir-se ao *que* na locução *ainda que*, altera seu significado para valor concessivo, equivalente a *embora*:

Nada conseguiu da justiça, *ainda que* juntasse todas as provas em sua defesa.

Da mesma sorte que não são conjunções coordenativas os advérbios *contudo*, *entretanto*, *pois*, etc., equivalentes pelo sentido a unidades introdutoras de enunciados adversativos, explicativos e conclusivos, assim também não são conjunções subordinativas certos advérbios de significado causal, concessivo, temporal, consecutivo, etc.

Damos a seguir uma lista das principais conjunções e "locuções conjuntivas" subordinativas, relacionando-as pelo matiz semântico, reunindo, ainda, as que se formam com o concurso do transpositor *que* conjunção e do transpositor relativo *que*, examinados anteriormente, bem como das comparativas e consecutivas que têm outro tratamento. Estudo complementar delas veremos ao tratar das orações subordinadas:

1) CAUSAIS: quando iniciam oração que exprime a causa, o motivo, a razão do pensamento da oração principal: *que* (= *porque*) , *porque*, *como* (= *porque*, sempre anteposta a sua principal, no português moderno), *visto que*, *visto como*, *já que*, *uma vez que* (com verbo no indicativo), *desde que* (com o verbo no indicativo), etc.:

"A memória dos velhos é menos pronta *porque* o seu arquivo é muito extenso" [MM].

"*Como* ia de olhos fechados, não via o caminho" [MA.1, 19].

"*Desde que* se fala, indeterminadamente, e no plural, em direitos adquiridos e atos jurídicos perfeitos, razão era que no plural e indeterminadamente se aludisse a casos julgados" [RB.4, 25].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Já se condenou injustamente o emprego de *desde que* em sentido causal, só o aceitando com ideia temporal (*assim que*) ou condicional.

2.ª) Evite-se o emprego de *de vez que* por não ser locução legítima.

2) COMPARATIVAS: quando iniciam oração que exprime o outro termo da comparação. A comparação pode ser *assimilativa* ou *quantitativa*. É assimilativa "quando consiste em assimilar uma coisa, pessoa, qualidade ou fato a outra mais impressionante, ou mais conhecida" [MC.3, II, 48]. As unidades comparativas assimilativas são *como* ou *qual*, podendo estar em correlação com *assim* ou *tal* postos na oração principal, ou ainda aparecer *assim como*:

"O medo é a arma dos fracos, *como* a bravura a dos fortes" [MM].

"A ignorância, *qual* outro Faetonte, ousa muito e se precipita *como* ele" [MM].

"O jogo, *assim como* o fogo, consome em poucas horas o trabalho de muitos anos" [MM].

A comparação *quantitativa* "consiste em comparar, na sua quantidade ou intensidade, coisas, pessoas, qualidades ou fatos" [MC.3]. Há três tipos de comparação quantitativa:

a) *Igualdade* – introduzida por *como* ou *quanto* em correlação com o advérbio *tanto* ou *tão* da oração principal:

"Nenhum homem é *tão* bom *como* o seu partido o apregoa, nem *tão* mau *como* o contrário o representa" [MM].

"Nada incomoda *tanto* aos homens maus *como* a luz, a consciência e a razão" [MM].

b) *Superioridade* – introduzida por *que* ou *do que* em correlação com o advérbio *mais* da oração principal:

"O orgulho do saber é talvez *mais* odioso *que* o do poder" [MM].

"O homem bom espera *mais do que* teme, o mau receia *mais do que* espera" [MM].

c) *Inferioridade* – introduzida por *que* ou *do que* em correlação com o advérbio *menos* da oração principal:

"Tempos há em que é *menos* perigoso mentir *que* dizer verdades" [MM].

3) Concessivas: quando iniciam oração que exprime que um obstáculo – real ou suposto – não impedirá ou modificará a declaração da oração principal: *ainda que*, *embora*, *posto que*, *se bem que*, *apesar de que*, etc.:

"*Ainda que* perdoemos aos maus, a ordem moral não lhes perdoa, e castiga a nossa indulgência" [MM].

4) Condicionais (e *hipotéticas*): quando iniciam oração que em geral exprime:

a) uma condição necessária para que se realize ou se deixe de realizar o que se declara na oração principal;

b) um fato – real ou suposto – em contradição com o que se exprime na principal.

Este modo de dizer é frequente nas argumentações. As principais conjunções condicionais (e hipotéticas) são: *se*, *caso*, *sem que*, *uma vez que* (com o verbo no subjuntivo), *desde que* (com o verbo no subjuntivo), *dado que*, *contanto que*, etc:

"*Se* os homens não tivessem alguma coisa de loucos, seriam incapazes de heroísmo" [MM].

"*Se* as viagens simplesmente instruíssem os homens, os marinheiros seriam os mais instruídos" [MM].

5) Conformativas: quando iniciam oração que exprime um fato em conformidade com outro expresso na oração principal: *como*, *conforme*, *segundo*, *consoante*:

"Tranquilizei-a *como* pude" [MA.1, 174].

Fez os exercícios *conforme* o professor determinou.

6) Consecutivas: quando iniciam oração que exprime o efeito ou consequência do fato expresso na oração principal. A unidade consecutiva é *que*, que se prende a uma expressão de natureza intensiva como *tal*, *tanto*, *tão*, *tamanho*, posta na oração principal. Estes termos intensivos podem facilmente calar-se:

"Os povos exigem *tanto* dos seus validos, *que* estes em breve tempo se enfadam e os atraiçoam" [MM].

"Os vícios são *tão* feios *que*, ainda enfeitados, não podem inteiramente dissimilar a sua fealdade" [MM].

"Vive de maneira *que* ao morrer não te lastimes de haver vivido" [MM].

isto é: *vive de tal maneira que* (que em consequência...).

7) FINAIS: quando iniciam oração que exprime a intenção, o objetivo, a finalidade da declaração expressa na oração principal: *para que*, *a fim de que*, *que* (*para que*), *porque* (*para que*):

"Levamos ao Japão o nosso nome, *para que* outros mais felizes implantassem naquela terra singular os primeiros rudimentos da civilização ocidental" [LCo *apud* FB.1, 219].

8) MODAIS: quando iniciam oração que exprime o modo pelo qual se executou o fato expresso na oração principal: *sem que*:

Fez o trabalho *sem que* cometesse erros graves.

OBSERVAÇÃO: A Nomenclatura Gramatical Brasileira não agasalhou as conjunções modais e, assim, as orações modais, apesar de pôr o modo entre as circunstâncias adverbiais.

9) PROPORCIONAIS: quando iniciam oração que exprime um fato que ocorre, aumenta ou diminui na mesma proporção daquilo que se declara na oração principal: *à medida que*, *à proporção que*, *ao passo que*, (*tanto mais*)... *quanto mais*, (*tanto mais*)... *quanto menos*, (*tanto menos*)... *quanto mais*, (*tanto mais*)... *menos*, etc.:

"O anão *quanto mais* alto sobe, *mais* pequeno se afigura" [MM].

Progredia *à medida que* se dedicava aos estudos sérios.

10) TEMPORAIS: quando iniciam oração que exprime o tempo da realização do fato expresso na oração principal. As principais conjunções e "locuções temporais" são:

a) para o tempo anterior: *antes que*, *primeiro que*:

"Ninguém, senhores meus, que empreenda uma jornada extraordinária, *primeiro que* meta o pé na estrada, se esquecerá de entrar em conta com suas forças..." [RB *apud* FB.1, 126].

b) para o tempo posterior (de modo indeterminado): *depois que*, *quando*:

Quando disse isso, ninguém acreditou.

c) para o tempo posterior imediato: *logo que*, *tanto que* (hoje raro), *assim que*, *desde que*, *eis que*, (*eis*) *senão quando*, *eis senão que*:

Logo que saíram, o ambiente melhorou.

d) para o tempo frequentativo (repetido): *quando* (com o verbo no presente), *todas as vezes que*, (*de*) *cada vez que*, *sempre que*:

"Quando o povo não acredita na probidade, a imoralidade é geral" [MM].

OBSERVAÇÃO: Evite-se o erro de preceder com *em* o *que* da locução *todas as vezes que* (dizendo: *todas as vezes em que*).

e) para o tempo concomitante: *enquanto*, (*no*) *entretanto que* (hoje raro):

Dormiu *enquanto* estava no cinema.

OBSERVAÇÃO: *Entretanto* ou *no entretanto* são advérbios de tempo, com o sentido de *nesse ínterim*, *nesse tempo*, *nesse intervalo*:

"O aperto dos sitiados aumentava *entretanto* de dia para dia" [RS.2, IV, 208].

Mais modernamente *entretanto* passou a ter sentido adversativo, e, por influência do advérbio, tem sido empregado precedido da combinação *no* (*no entretanto*). Muitos puristas condenam tal acréscimo.

f) para o tempo terminal: *até que*:

Passeou *até que* se sentisse esgotado.

O relativo *que* entra em expressões de tempo: *agora que*, *hoje que*, *a primeira vez que*,

etc.

Agora, *que* tudo acabou, posso pensar mais tranquilamente.

Se o conjunto é proferido sem pausa, estabelece-se uma unidade de sentido à semelhança de *depois que*, *já que*, etc., e se passa a considerar o todo como locução conjuntiva temporal:

Agora que tudo acabou, posso pensar mais tranquilamente.

***Que* excessivo** – Sob o modelo das "locuções" conjuntivas finalizadas por *que*, desenvolveu-se o costume de acrescentar este transpositor junto a advérbio que só por si funciona como adjunto adverbial: *enquanto que*, *apenas que*, *embora que*, *mal que*, etc., construções que os puristas não têm visto com bons olhos, apesar dos exemplos de escritores corretos:

"... porque a ciência é mais lenta e a imaginação mais vaga, *enquanto que* o que eu ali via era a condensação viva de todos os tempos" [MA.1, 24].

Aparece ainda o *que* excessivo depois de expressões de sentido temporal como:

Desde aquele dia *que* o procuro.

Conjunções e expressões enfáticas – As conjunções coordenativas podem aparecer enfatizadas. Para esta ênfase o idioma se serve de vários recursos. Assim, a adição pode vir encarecida das expressões do tipo:

não só... mas (*também*)
não só... mas (*ainda*)
não só... senão (*também*)
não só... que também, etc.

Não só se aplica ao português *mas ainda* ao latim.

A alternativa pode ser enfatizada pela repetição:

Ou estudas *ou* brincas.
Já dizes sim *já* dizes não.
Ora vem aqui, *ora* vai ali.

A série *nem... nem* adquire sentido aditivo negativo.

Nem estudou *nem* tirou boas notas (não estudou e não tirou...)

Quer... quer e *ou... ou*, com o verbo no subjuntivo e tom de voz descendente, podem adquirir um sentido suplementar de concessão quando a possibilidade de ações opostas não impede a declaração contida na oração principal:

Quer estudes *quer* não, aprenderás facilmente a lição.

Nas subordinadas e principais, a correlação de uma expressão com o conectivo ou outro termo da oração a que se prende, para mostrar relação semântica em que essas orações se acham com a circunstância ou fato já expresso, é outro meio de enfatizar a interdependência oracional. Esta expressão memorativa é constituída por advérbio ou equivalente:

"Como os sábios não adulam os povos, *também* estes os não promovem" [MM].
"Quando os homens se desigualam, *então* se harmonizam" [MM].
Embora não me digam a verdade, *ainda assim* perguntarei mais vezes.
"Acabemos, *pois*, de despertar deste mortal letargo" [ED.1, 119].

"Estudemos *portanto*, e não nos deixemos dominar pela preguiça" [RV.1, 251].

10 – Interjeição

Interjeição – É a expressão com que traduzimos os nossos estados emotivos. Têm elas existência autônoma e, a rigor, constituem por si verdadeiras orações. Em certas situações, algumas podem estabelecer relações com outras unidades e com elas constituir unidades complexas. Acompanham-se de um contorno melódico exclamativo. Podem, entretanto, assumir papel de unidades interrogativo-exclamativas e de certas unidades próprias do chamamento, chamadas vocativo, e ainda por unidades verbais, como é o caso do imperativo [AL.1, 240; MC.4, 147].

As interjeições se repartem por quatro tipos:

a) certos sons vocálicos que na escrita se representam de maneira convencional: *ah!*, *oh!*, *hui!*, *hum*; o *h* no final pode marcar uma aspiração, alheia ao sistema do português;

b) palavras já correntes na língua, como *olá!*, *puxa!*, *bolas!*, *bravo!*, *homem!*, *valha!* (com contorno melódico exclamativo);

c) palavras que procuram reproduzir ruídos de animais ou de objetos, ou de outra origem, como: *clic* (*clique*), *tic-tac* (*tique-taque*), *pum!*.

d) locuções interjetivas: *ai de mim!*, *cruz credo!*, *valha-me Deus!*, *aqui d'el-rei!*.

Eis uma relação das interjeições mais comuns da língua, conforme a situação em que se apresentam:

1) de exclamação: *viva!*

2) de admiração: *ah!*, *oh!*

3) de alívio: *ah!*, *eh!*

4) de animação: *coragem!*, *eia!*, *sus!*

5) de apelo ou chamamento: *ó!*, *olá!*, *alô!*, *psit!*, *psiu!*

6) de aplauso: *bem!*, *bravo!*

7) de desejo ou ansiedade: *oh!*, *oxalá!*, *tomara!*

8) de dor física: *ai!*, *ui!*

9) de dor moral: *oh!*

10) de dúvida, suspeita, admiração: *hum!*, *hem!* (também *hein*)

11) de impaciência: *arre!*, *irra!*, *apre!*, *puxa!* (melhor será, não registrado oficialmente, *pucha*)

12) de imposição de silêncio: *caluda!*, *psiu!* (demorado)

13) de repetição: *bis!*

14) de satisfação: *upa!*, *oba!*, *opa!*

15) de zombaria: *fiau!*

Locução interjetiva – é um grupo de palavras com valor de interjeição: *ai de mim*, *ora*

bolas, com todos os diabos.

As interjeições são proferidas em tom de voz especial, ascendente ou descendente, conforme as diversas circunstâncias dos nossos estados emotivos.

Quando estão combinadas com uma frase maior exclamativa, podem-se separar da frase por meio de uma vírgula, ou por meio do ponto de exclamação, ao qual se deve seguir, entretanto, letra minúscula:

> "*Oh!* que doce harmonia traz-me a brisa" [CAv *apud* MC.3, I, 65].

B) Estrutura das unidades: análise mórfica

I – Estrutura das palavras

Palavra e morfema

Palavra e vocábulo: conceito – O termo *palavra* se nos apresenta com aplicações diferentes, que devem ser distinguidas e, portanto, classificadas de maneira diversa. Podemos ver a palavra *habilidade* sob três prismas diferentes: a) o seu aspecto *material, fônico*, como *significante* ou *expressão*; b) a sua *significação gramatical* como uma classe de palavra que se apresenta sob forma de um substantivo feminino singular; c) a sua *significação lexical*, isto é, o que significa a palavra *habilidade* em relação, por exemplo, a *caridade* ou *amabilidade*.

Como expressão material, quanto ao seu aspecto fônico, como "simples" palavra, de formas, não tem nenhum significado e só pode ser classificada pelas suas características físicas: *habilidade* pode ser classificada, por exemplo, pelo seu número de sílabas (polissílabo), ou pela posição da sílaba tônica (paroxítono). Consideradas como puras palavras, há uma só forma *"amo"* (*amo*, 'quero bem' e *amo* 'senhor') e uma só forma "casa" ("a *casa* de meu amigo" e "Maria se *casa* amanhã") [ECs.7, 54]. Nesta acepção, em vez de palavra, se pode usar o termo *vocábulo*, do latim *vox*, que significa 'a voz'.

Aqui temos de relembrar que a fronteira do vocábulo difere se se trata de língua oral ou de língua escrita. Na língua oral, na fala, predomina o ritmo acentual, o que resulta em que as sílabas átonas se agrupam em torno da sílaba tônica, de modo que são as pausas que marcam os limites ou fronteiras dos grupos fônicos, também chamadas *grupos de força*. Assim é que, na língua oral, há um só grupo fônico e, portanto, um só vocábulo, em *aluga-se*, em que a sílaba átona *se* se agrupa em torno da sílaba tônica (*lu*). Por isso, se dá, como reflexo na escrita, a grafia errônea *alugasse* (ou *alugase*). O vocábulo, portanto, nem sempre coincide com a palavra; no exemplo, temos um vocábulo e duas palavras significativas (*aluga* e *se*).

Como já vimos, as sílabas átonas que se agrupam em torno da sílaba tônica podem, segundo a posição, ser *proclíticas* | *syaluga* | – se vêm antes – ou *enclíticas* | *alugase* | – se vêm depois.

Na língua escrita, as fronteiras são demarcadas pelos espaços em branco: *se aluga* ou

aluga-se.

Quando, além da parte fônica (significante), se considera a parte significativa (significado), também há diferenças que devem ser levadas em conta. A questão se põe quando se pergunta quantas palavras existem no conhecido verso de Bilac: *Cheguei. Chegaste. Vinhas fatigada.*

Responderemos que há quatro ou três palavras conforme o conceito por que tomemos o termo *palavra*. Serão quatro se entendermos *cheguei, chegaste* como palavras de significação gramatical diferentes, já que expressam uma o pretérito perfeito do indicativo na 1.ª pessoa do singular (*eu cheguei*) e a outra o pretérito perfeito do indicativo na 2.ª pessoa do singular (*tu chegaste*). Tais significações se dizem "gramaticais" porque decorrem de classificações estabelecidas na gramática da língua portuguesa. Assim, *cheguei* e *chegaste* são contadas como duas *palavras gramaticais*.

Diremos que só há no referido verso três palavras se entendermos *cheguei, chegaste* como palavras de uma só significação lexical, já que ambas têm em comum o significado lexical 'atingir o final de movimento de ida ou vinda', um significado dado pela língua, mas que se situa fora da gramática, pois se trata de uma realidade do mundo em que vivemos. Assim, *cheguei* e *chegaste* são duas formas, duas "flexões" de uma mesma *palavra léxica*, o verbo *"chegar"*.

É neste sentido de *palavra léxica* que dizemos que *boa* é o feminino da "palavra *bom*", que *meninos* é o "substantivo *menino* no plural"[HCv.1, II, 594-595].

Repare-se que nos nossos dicionários o normal é iniciar o verbete com a *palavra léxica* básica: verbo no infinitivo, substantivo no gênero gramatical usual (*livro, vela, pente, ponte*) e adjetivo no masculino singular. Explica-se o procedimento porque o infinitivo, o masculino e o singular representam as formas não marcadas respectivamente do verbo, do substantivo e do adjetivo.

OBSERVAÇÃO: Na literatura linguística e gramatical, costumam os autores distinguir convencionalmente a maneira de indicar o vocábulo e a palavra. Coseriu, por exemplo, usa *itálico* para a palavra como signo, isto é, como expressão (significante) + conteúdo (significado): *chegar* = a palavra portuguesa *chegar* concomitantemente como expressão e conteúdo; itálico e aspas normais (duplas) para a expressão: "*chegar*" = o significante de *chegar* / xegar/; só aspas duplas para o conteúdo: "chegar" = o significado de *chegar*; só aspas simples para os traços distintivos de conteúdo: 'chegar' = traço distintivo que se encontra no conteúdo de *chegar, chegada, chegança, aconchego* e demais componentes da família.

Palavra e morfema – Do que foi exposto acima, conclui-se que em nossa língua, como se repete nas chamadas línguas flexionais, a palavra está constituída indissoluvelmente (a separação só se faz para efeito de análise e estudo) de uma base fônica e de duas formas semânticas, a gramatical e a lexical, conhecidas pelo nome técnico *morfema*.

Chama-se morfema a unidade mínima significativa ou dotada de significado que integra a palavra.

A depreensão do morfema ou dos morfemas que integram a palavra nem sempre constitui uma operação fácil e sujeita a uma única solução. Se tomarmos

falávamos
falava

facilmente depreendemos o elemento comum *falava*, e *mos* como distintivo. A unidade *-mos* indica estar a primeira forma verbal referida à 1.ª pessoa do plural (*nós*), e assim, portadora

de um conteúdo gramatical, é um morfema.

Se agora compararmos

falava
fala,

destacamos o morfema -*va*- que indica que a ação verbal se dá num passado que se prolonga (pret. imperfeito do indicativo). É, assim, outro morfema.

Se agora compararmos

falava
falara

se poderia chegar à conclusão que o elemento ou unidade distintiva das duas formas verbais fosse o -*v*- para a primeira ou o -*r*- para a segunda. A comparação com outras formas (*falava / fala; falara / falasse*, etc.) nos mostraria que as unidades a serem consideradas serão -*va*- e -*ra*-, que marcam o pret. imperf. e o mais-que-perf. do indicativo. Portanto, a depreensão de um morfema não é uma operação puramente material; há de se levar em consideração o seu conteúdo ou significado.

Também, como são unidades que se acham em concorrência com outras unidades, estão passíveis de mudanças na sua estrutura material, devidas a regras morfofonêmicas; no português, são frequentes a elisão e a crase: *porta* + *eiro* → port (*a*) *eiro* → *porteiro* (elisão); *porta* + *aria* → *portaria* (crase). Outras vezes, trata-se de alteração fônica: *fala*VA / *fala*VE*is* (por influência do *i* de *is*); outras vezes, de haplologia: *idade* + *oso* → *idoso* (por *idadoso*).

Tipos de morfema na estrutura das palavras – Na estrutura das palavras, os morfemas derivativos e flexionais se distribuem, quanto ao aspecto formal, pelos seguintes tipos, conforme ocorram por acréscimo (*aditivos*), por subtração (*subtrativos*) e por alternância (*modificativos*).

Há ainda relações gramaticais que se estabelecem no plano sintagmático, como a *concordância*, a *regência* e a "*consecutio temporum*", e também pela posição dos termos no sintagma, conhecida na gramática tradicional pelo rótulo "*ordem das palavras*". Destes tipos falaremos mais adiante.

Em nossa língua, são mais produtivos os morfemas aditivos, ao lado das formações com compostos; são raros os subtrativos, e os modificativos ocorrem com frequência nos casos de flexão nominal e verbal, conforme veremos no lugar competente.

Morfemas aditivos – Representados por:

1) *prefixos*: anteposição à base lexical: *pôr* → *repor; quieto* → *inquieto*
2) *sufixos, interfixos* e *desinências*: posposição à base lexical
3) *infixos:* intercalação no interior da estrutura da base
4) *circunfixos*: anteposição e posposição simultaneamente à base (parassintéticos)
5) *discontínuos*: fragmentação pela intercalação de outro morfema
6) *reduplicativos*: repetição da parte inicial da base

Morfemas subtrativos – Representados por:

1) *subtrativos*: subtração de fonema do radical para exprimir uma indicação gramatical

2) *supressivos*:

a) supressão de um segmento medial pertencente a qualquer das bases;

b) supressão do segmento final

c) supressão de elemento medial por cruzamento de bases

3) *abreviativos*: redução da extensão da palavra, que passa a valer pelo todo

Morfemas modificativos – Representados por:

1) *apofonia*: substituição de fonema vocálico de um radical de um mesmo paradigma flexional ou derivacional por mudança de timbre para indicação de significado gramatical

2) *metátese*: por mudança da sílaba tônica

Os morfemas podem ser classificados ainda como *livres* e *presos*, conforme apareçam independente ou dependentemente no discurso. Os morfemas apresentam: a) uma significação *externa*, referente a noções do nosso mundo (ações, estados, qualidades, ofícios, seres em geral, etc.), b) uma significação *interna* (puramente da esfera das noções gramaticais). A depreensão de um morfema depende de dois requisitos: a) a *significação* e b) a *forma fônica*. É importante observarmos que uma só forma fônica pode representar mais de um morfema: assim *-s* é marca pluralizadora em *as casas* e a 2.ª pessoa do singular em *cantas*. Por outro lado, um só morfema pode ter realizações fônicas diferentes em virtude do contexto fonético em que se acha; por exemplo, o morfema que corresponde à letra *-s* para indicar o plural em português se realiza como / x / diante de consoante surda (os cães), como / j / diante de consoante sonora (os gatos) e como / z / diante de vogal (os homens).79

Os elementos mórficos – Em português, as palavras se podem apresentar sob formas de estrutura diferentes:

a) *mar, sol, ar, é, hoje, lápis;*

b) *aluno, alunas, trabalhávamos;*

c) *casarão, livrinho, cantor, casamento, folhagem, alemão, fertilizar, chuviscar;*

d) *reter, conter, deter;*

e) *guarda-chuva, lanígero, agrícola, planalto, fidalgo.*

Em a) as palavras não se podem dividir em formas menores significativas porque só possuem um elemento mórfico chamado *radical*. *Radical* é o núcleo onde repousa a significação externa da palavra, isto é, relacionada com o mundo em que vivemos.

Já no grupo b) segue-se ao radical (de significação externa) um ou mais elementos de significação interna ou puramente gramatical. *Aluno* pode desmembrar-se em *alun-* e *-o*. O

primeiro elemento (radical) encerra a significação da palavra, cabendo ao final *-o* primeiramente atualizá-la para funcionar como palavra, integrando-a no léxico e secundariamente relacioná-la à marca de gênero, no caso de *-o* e *-a* (este de modo não geral, como acontece com *mapa*, *nauta*, masculinos). Em *alunas* o radical é *alun-*, e *as* encerra dois elementos de significação interna: 1) *-a* (indicador do significado gramatical gênero feminino) e 2) *-s* (indicador do significado gramatical número plural). Em *trabalhávamos* o radical é *trabalh-* e os elementos mórficos de significação interna são: 1) *-va* (que caracteriza o pret. imperf. do indicativo dos verbos da 1.ª conjugação) e 2) *-mos* (que caracteriza a 1.ª pessoa do plural).

Os elementos mórficos de significação interna, indicadores das flexões gramaticais, chamam-se *desinências* e se dividem em *nominais* e *verbais*.

As desinências nos nomes e em certos pronomes marcam as flexões de *gênero* e *número*; nos verbos: *número, pessoa, tempo* e *modo.*

Muitas vezes o radical não pode funcionar imediatamente como palavra; completa-o uma vogal para constituir o *tema* da palavra e por isso se chama *vogal temática* ou atualizador léxico, isto é, atualiza-o para funcionar concretamente no discurso [HCv.4, 7-26].

Tema é, portanto, o radical acrescido da *vogal temática* e que constitui a parte da palavra pronta para funcionar no discurso e para receber a desinência ou sufixo. São exemplos de temas: *livro-, trabalha-*. A vogal temática pode ocorrer num tema simples (*livr- o*) ou derivado (*livr- eir- o*).

Nos nomes as vogais temáticas estão representadas na escrita pelos grafemas *-a*, *-o* e *-e* e nos verbos por *-a*, *-e* e *-i*.

Nos nomes, a vogal temática (*a, o*) cumulativa e secundariamente funciona como a desinência de gênero. A vogal temática *o* ou *e* se acha representada, às vezes, por uma semivogal de um ditongo: *pã*O*, pã*ES. A vogal temática pode passar à variante *u* como ocorre com *afeto* → *afetuoso,* o que se dá, sem ser automático, quando se junta ao *-o* desinência ou sufixo iniciado por vogal [VK.2, 35]. Não têm vogal temática os nomes terminados em vogal tônica, e por isso se dizem *atemáticos*: *fé*. Neste caso, o tema coincide com o radical. Os nomes terminados em consoante (*mar, paz, mal*) apresentam a vogal temática *e*, latente no singular, mas patente no plural (*mares, pazes, males*). Uma característica desses atemáticos terminados em vogal tônica é que esta não é elidida quando seguida de sufixo: *café* → *cafezal, cafeeiro*.

OBSERVAÇÃO: Em geral a vogal tônica final (á, é, ó, ê, ô) resulta da crase da vogal do radical com a temática: *fé* < *fee* < *fide*(*m*). Em análise mórfica fora do plano histórico não cabe desfazer esta fusão.

Afixos: prefixos e sufixos. Interfixos – Nas palavras do grupo c) junta-se ao final da base um elemento mórfico chamado *sufixo* que não tem curso independente na língua (e por isso se chama *forma presa*) para formar uma palavra nova, emprestando-lhe uma ideia acessória e marcando-lhe a categoria (substantivo, adjetivo, etc.) a que pertence. O sufixo assume uma função morfológica, pois, em geral, altera a categoria gramatical do radical de que sai o

derivado (*real* adj. → *realidade* s., embora também possa não lhe alternar a categoria, como *feio* adj. → *feioso* adj.), e relaciona a palavra a que se agrega aos nomes aumentativos ou diminutivos, aos nomes de agente, de ação, de instrumento, aos coletivos, aos pátrios, etc.: *casarão* (aumento), *livrinho* (diminuição), *cantor, lavrador, sapateiro* (nomes de agente ou ofício), *punição, casamento, aprendizagem* (nomes de ação ou seu resultado), *folhagem, lodaçal, cardume, boiada* (nomes coletivos), *alemão, sergipano, cearense, português, minhoto, brasileiro* (nomes pátrios), *fertilizar* (ação), *chuviscar* (ação de pouca intensidade), *alvorecer* (início de ação), *mercadejar* (repetição de ação), *suavemente* (modo). Daí se distribuírem os sufixos em *nominais* (formadores de substantivos e adjetivos), *verbais* (do verbo) e o único adverbial, que é *-mente*, que se prende a adjetivos uniformes ou, quando biformes, à forma feminina: *cômoda* → *comodamente*.80

Nas palavras do grupo d) acrescenta-se ao início da base um elemento mórfico chamado *prefixo*, que empresta ao radical uma nova significação e que se relaciona semanticamente com as preposições. Os prefixos, em geral, se agregam a verbos, como nos exemplos do grupo d), ou a adjetivos: *in- feliz*, *des- leal, sub- terrâneo*. São menos frequentes os derivados em que os prefixos se agregam a substantivos; os que mais ocorrem são, na realidade, deverbais, como em *des- empate.* Ao contrário dos sufixos, que assumem valor morfológico, os prefixos têm mais força significativa, podem aparecer como formas livres (isto é, ter existência independente na língua) e não servem, como aqueles, para determinar uma nova categoria gramatical. Nem sempre existe em português a preposição que corresponde ao prefixo empregado: *intermédio* (cf. preposição *entre*), *combater* (cf. preposição *com*), *depenar* (cf. preposição *de*), *avocar* (cf. prep. *a* = ao lado, para perto de), *sobraçar* (cf. prep. *sob*), *sobrepor* (cf. prep. *sobre*), *embainhar* (cf. prep. *em* = movimento para dentro), mas *abusar* (*ab* = afastamento, privação), *progresso* (*pro* = movimento para diante, favorecimento), *refazer* (*re* = repetição).

Do ponto de vista formal, há ainda para notar que os sufixos derivativos são em geral mais longos que as desinências gramaticais, além de serem estas quase sempre átonas, enquanto aqueles são normalmente tônicos; outra distinção consiste em que os sufixos vêm imediatamente após o núcleo, e as desinências após os sufixos [cf. HCv.2, II, 530 n.35].

Prefixos e sufixos recebem o nome de *afixos*; são prefixos os afixos que se antepõem ao radical, e sufixos os que se lhe pospõem. Há ainda os *infixos* próprios, pois o que se costuma apontar como tal (representado por uma nasal) é de responsabilidade do latim (por exemplo, para distinguir o presente de alguns verbos, como *rumpo* e *findo* dos perfeitos *rupi*, *fidi* e do particípio passado *ruptus, fissus*, e, excepcionalmente, em certas formações nominais)81 e não interessa à gramática descritiva portuguesa. É preciso não confundir esta noção de *infixo* com as vogais e consoantes desprovidas de significado que, na formação de nossa palavras e das que importamos de línguas estrangeiras, principalmente quando o radical termina por vogal tônica, se intercalam para facilitar a pronúncia ou para evitar hiatos, e que, por isso, se chamam *vogais* e *consoantes de ligação*: cha-*l*-eira, pau-*l*-ada, cafe-*t*-eira, lan-*í*-gero, come-*z*-aina, pa-*z*-ada, chapeu-*z*-inho, pedre-*g*-ulho, pedre-*g*-oso.82 A rigor, há em português duas vogais de ligação: *i* e *o*. A vogal *i* na composição de elementos latinos e *o* de elementos gregos: dent*i*frício, gas*ô*metro83.

Temos ainda de considerar o caso dos *interfixos* (denominação adotada por Y. Malkiel), que são elementos átonos sem função gramatical e significativa que servem de ligação entre a base léxica e o sufixo, como ocorre em *glorificar* e *fumarada*, *fogaréu*, *solaréu*, em que os elementos *-ific*, *-ar* se interpõem entre as bases *glória* e o sufixo verbal *-ar* ou *fogo*, *sol* e o sufixo nominal *-éu*. A noção de interfixo não é ponto pacífico entre os estudiosos; muitas vezes se pode entendê-lo como integrante de um conglomerado de sufixos; nos exemplos acima, os conglomerados sufixais seriam *-ificar* e *-aréu*. Outras vezes, muito próxima desta noção, é ver o interfixo como resultado de um alongamento de sufixo, como se pode interpretá-lo na formação *ridículo* → *ridicularizar* (em vez de *ridiculizar*).

Nas palavras do grupo e) temos uma reunião de dois radicais, isto é, ao lado de um radical mais fundamental acrescenta-se outro (e até outros) para dar um significado especial ao conjunto. Dizemos então que as palavras são *compostas*. Estes radicais podem ser *livres*, isto é, usados independentemente na língua (como *guarda-chuva*) ou *presos*, isto é, não são usados isoladamente (como *agrícola* = agr + i + cola, *lanígero* = lan + i + gero).

Nas palavras compostas com radicais livres, do tipo *guarda-chuva*, persiste, como é fácil de observar, a individualidade de seus componentes. Esta individualidade se traduz: a) na escrita, pela mera justaposição de um radical a outro, normalmente separados por hífen; b) na pronúncia, pelo fato de ter cada radical seu acento tônico, sendo o último o mais forte e o que nos orienta na classificação da posição do acento nas palavras compostas (por isso que *couve-flor* é oxítono e *guarda-chuva* é paroxítono). Em tais casos dizemos que as palavras são compostas por *justaposição*.

Chamamos *aglutinação* o processo de formar palavras compostas pela fusão ou maior integração dos dois radicais: *planalto, fidalgo, lanígero, agrícola*. Esta maior integração traduz-se pela perda da delimitação vocabular decorrente: 1) da existência de um único acento tônico; 2) da troca ou perda de fonema; 3) da modificação da ordem mórfica [MC.4, 30].

"A adaptação da primeira palavra pode ser de quatro espécies: 1) mudança da parte final em relação à mesma palavra quando isolada; ex.: *lobis* – (comparar – *lobo*, em *lobisomem*); 2) redução da palavra ao seu elemento radical; ex.: *planalto*, onde *plan-* é o radical de *plano* (o composto indica um solo plano e alto numa montanha); 3) elemento radical alterado em relação à palavra quando isolada; ex.: *vinicultura* (*vin-,* mas *vinh-* em *vinha* 'árvore da uva'); 4) elemento radical que não aparece em português em palavra isolada; ex.: agricultura (a *agr* corresponde, em palavra isolada, *campo*)" [MC.2, 95].

A segunda palavra pode ocorrer com as seguintes alterações: "1) com mudança na parte final; ex.: *monocórdio* (instrumento de uma só corda); 2) com o elemento radical alterado; ex.: *vinagre* (um vinho que é acre); 3) com um elemento radical diverso do que a correspondente palavra isolada; ex.: *agrícola* (ao elemento de composição *cola* corresponde a ideia de *habitar* ou *cultivar*)"[MC.2, 95].

Na língua literária e técnica prefere-se empregar o radical de forma latina a utilizar o de forma vernácula, principalmente quando este já sofreu a evolução fonética. Emprega-se preferencialmente *silvicultura* (e não *selvicultura*), *viticultura* (e não *vidicultura*). Assim ocorre com *áureo, capilar, auricular, ocular, digital,* etc. [Cf. MBa.1, 429-430].

Diferença entre flexão e derivação – A flexão consiste fundamentalmente no morfema aditivo sufixal acrescido ao radical, enquanto a derivação consiste no acréscimo ao radical de um sufixo lexical ou derivacional: *casa + s: casas* (flexão de plural); *casa + inha*: *casinha* (derivação).

A flexão dos nomes e dos verbos apresenta muito frequentemente uma alternância complementar interna que recai na vogal tônica básica: *avô → avó, novo → nova; novo → novos; fiz → fez* (1.ª pessoa → 3.ª pessoa).

Quando falta o morfema aditivo à flexão, e só há alternância, a forma diz-se *forte: avô → avó* ou, mais restritamente se aplica, na gramática portuguesa, às 1.ª e 3.ª pessoas do singular do pret. perfeito do indicativo quando rizotônicas e atemáticas: *ter → tive, teve* (*i/e*), em oposição a *dizer → disse* (eu/ele); *poder → pude, pôde* (*u/o*), em oposição a *haver → houve* (eu/ele).

No plano sintagmático, a flexão provoca o fenômeno da concordância: *móvel novo → móveis novos* em oposição a *a casa nova → a casinha nova.*

Conceito de raiz ou radical primário – Chama-se *raiz*, em gramática descritiva, ao radical primário ou irredutível a que se chega dentro da língua portuguesa e comum a todas as palavras de uma mesma família.

Se tomarmos um vocábulo como *desregularizar* 84, facilmente podemos surpreender diversos graus de radical: o primeiro, destacando-se-lhe a vogal temática e a desinência de infinitivo, é *desregulariz-* (que aparece em *desregularização*); este radical pode ser reduzido, por destaques sucessivos, a: *regulariz* (sem o prefixo) > *regular* (sem o sufixo) > *regul* (cf. o latim *regu(la)* > *reg* (que aparece em *reger, régua*). Este último radical que constitui o elemento irredutível e comum a todas as palavras do grupo chama-se *primário* e coincide, em relação à língua atual, com a *raiz*. *Regul-* é um radical secundário (ou do 2.º grau), como *regular-* um radical terciário (ou do 3.º grau), e assim por diante.

OBSERVAÇÃO: Não interessa à gramática descritiva o conceito de raiz do ponto de vista histórico, que só é válido para a gramática histórica. Há frequentes divergências entre o estabelecimento de uma raiz dentro dos dois tipos de gramática; assim é que, enquanto para a histórica há raiz *ed-* em *comer* (do latim *comedere*, de *edere* = comer), a descritiva a esta reconhece em *com-* (cf. *com-ida, com-ilão, com-ilança*).

A raiz ou radical primário pode apresentar variante ou variantes; assim, a raiz *reg-* se altera em *regr-* (em *regra, regrar, desregrar*).

Base lexical real e base lexical teórica – Na análise mórfica (constitucional), torna-se importante acentuar, como já deixamos claro anteriormente, que nem sempre a unidade léxica que entra na constituição de uma forma derivada ou flexionada é a que se apresenta como básica. Muitas vezes, temos de nos socorrer de uma forma básica teórica, possível no sistema mas não vigente na norma. Assim é que nos plurais dos nomes terminados em consoante, socorremo-nos de uma forma teórica integrada pela vogal temática *-e-* para depois lhe acrescentar o pluralizador *-s*: *mar → *mare* → pl.: *mares.*

Palavras cognatas – Chamam-se cognatas as palavras que pertencem a uma família de raiz e significação comuns: *corpo, corporal, incorporar, corporação, corpúsculo, corpanzil; fugir* (em *foges,* temos a raiz alterada), *fugaz, refúgio, subterfúgio, trânsfuga.* Uma só família de palavras pode ter dois radicais, um de forma erudita, outro de forma popular: *digital* e *dedal, parietal* e *parede*, *capilar* e *cabelo, auricular* e *orelha, acutíssimo* e *agudíssimo*, *paupérrimo* e *pobríssimo, sacratíssimo* e *sagradíssimo*, etc.

Constituintes imediatos – Em análise mórfica, é importante ter em conta o princípio dos constituintes imediatos para que não se façam confusões no plano descritivo da classificação morfológica (vale o mesmo para as relações sintáticas) e se estabeleçam as possíveis gradações de estrutura. Assim é que diante de uma forma como *descobrimento*, não iremos enquadrá-la no grupo das palavras chamadas *parassintéticas* (considerando *des* + *cobri* + *mento*); trata-se de um derivado secundário cujos constituintes imediatos são o radical secundário *descobri-* e o sufixo *ment* (*o*). Em *arduamente* desprezaremos a desinência de feminino *-a-* (válida no vocábulo *árdua*) e analisaremos os constituintes imediatos: *ardua* + *mente*, sendo *ardua-* o radical secundário. Também em *desrespeitosamente* os constituintes imediatos são *desrespeitosa* (por destaques sucessivos > *respeitosa* > *respeit* > *speit,* este último radical primário ou raiz). Em *cantorezinhos* temos os constituintes imediatos *cantor* (*es*) e *zinho* (*s*), depois *cantor* e finalmente *cant-or*. Nessa gradação de elementos componentes de uma estrutura morfológica, nota-se que há certa ordem em sua distribuição; destacam-se primeiro, como nos constituintes imediatos, os elementos externos característicos da flexão, seguidos de elementos internos característicos do processo de transformação das palavras. Em nosso último exemplo, os externos de natureza flexional são representados pelas desinências de plural: *cantor(es),* e *zinho(s)*, enquanto os elementos internos são indicados pelos sufixos diminutivos de *cantor-zinho* (derivação sufixal) e pela desinência de nome de agente em *cant-or* (derivação sufixal).

A parassíntese ou circunfixação – Intimamente ligado à noção dos constituintes imediatos está o conceito de *parassíntese*, conceito não de todo assente entre os estudiosos. Para uns, para haver parassíntese basta a presença de prefixo e sufixo no derivado; é o caso de *descobrimento*, maneira de ver que rejeitamos, por não levar em conta a noção dos constituintes imediatos. Para outros, o processo consiste na entrada *simultânea* de prefixo e sufixo, de tal modo que não existirá na língua a forma ou só com prefixo ou só com sufixo; é o caso de *claro* para formar *aclarar*, em cujo processo entram concomitantemente o prefixo *a-* e o final *-ar*, elemento de flexão verbal que funciona, por acumulação, como sufixo. Como lembra Mattoso Câmara, pode dar-se ainda na parassíntese a adjunção de um sufixo de valor iterativo ou incoativo, o que ocorre em *entardecer* (*en* + *tard(e)* + *ec* + *er*) e *amanhecer* (*a* + *manh(ã)* + *ec* + *er*). Pode-se ainda entender que, a rigor, não existe parassíntese, se partirmos do fato de que, numa cadeia de novas formações, não poucas vezes ocorre o pulo de etapa do

processo, de modo que só virtualmente no sistema exista a forma primitiva. Assim, para se chegar a *farmacolando*, parte-se de um virtual **farmacolar* (à semelhança de *doutorar* em relação com *doutorando*), ou, para *prefeitável*, de um virtual **prefeitar* (como de *amar* para *amável*, ou de um *pagar* para *pagável*). Deste modo, em *aclarar, entardecer, amanhecer* se poderá pensar em partir dos virtuais **clarar, *tardecer, *manhecer* ou **aclaro, *entarde* e **amanhã*. Esta última explicação do fenômeno nos parece ser a melhor solução, abolindo a parassíntese como processo especial de formação de palavras, além de não contrariar o princípio geral da linearidade do signo linguístico.

As formações parassintéticas mais comuns no português ocorrem com o concurso dos prefixos *es -, a-, en-,* e os sufixos *-ear, -ejar, -ecer, -izar: esverdear, esclarecer, apodrecer, anoitecer, enraivecer, entardecer, encolerizar, aterrorizar.*

Haplologia na formação de palavras – A fim de evitar reduplicações de sílabas que pertencem à palavra primitiva e ao sufixo, é comum ocorrer *haplologia* ou *braquilogia*, como em: *caridad(e) + oso → caridoso* (por *caridadoso*) , *bondad(e) + oso → bondoso* (por *bondadoso*), *idad(e) + oso → idoso*. Estas simplificações também ocorrem em produtos por composição: *trágico + cômico → tragicômico*. Podem ocorrer também na língua as formas plenas: *caridadoso, bondadoso*.

Variantes dos elementos mórficos – É comum a variante de determinado elemento mórfico. Assim, altera-se a raiz em *reger* (reg-) e *regra* (regr-) ou *fazer* (faz-) e *fiz*; a desinência modo-temporal do pretérito imperfeito *-va-* (na 1.ª conjugação) ou *-ia-* (na 2.ª e 3.ª conjugações) passe a *-ve-* ou *-ie-*, respectivamente, na 2.ª pessoa do plural, pelo contato do *i* d e *is* da desinência pessoal (*amavas, amáveis, vendias, vendíeis, partias, partíeis*); a desinência de plural dos nomes é sempre *-s-*, mas diante de um plural como *mares*, temos, como já vimos em, de admitir uma forma teórica latente, no singular, não existente na norma, mas prevista no sistema, **mare*, que, servirá de forma básica para o plural *mares*. Ter-se-á de recorrer a essa forma teórica quando o pluralizador *-s* tiver de anexar-se a nome terminado em consoante: *sol → *sole + s > sols > soes → sóis; gás → *gase → gases,* etc. Quando temos formas variantes, aquela que ocorre isoladamente é a que se há de considerar a forma básica; assim é que temos as formas *chapéu* e *chapel* (em *chapelaria, chapeleiro*), mas a básica é *chapéu*, pois a outra só aparece nos derivados [VK.2, 20 n.2].

A forma livre *caber* (em *descaber*) apresenta, por exemplo, uma variante mórfica presa *-ceber* (em *receber, perceber*, etc.).

Tais variantes se chamam, à semelhança dos alofones, *alomorfes*. Destes alomorfes precisam ser distinguidos novos elementos mórficos oriundos de uma análise subjetiva do falante; não conhecendo a etimologia, muitas vezes o falante separa elementos que essa mesma etimologia não consigna. Por este processo, nasceram vocábulos como *sarampo* (do espanhol *sarampión*, e este do latim *sirimpionem*, por se pensar que *sarampão* fosse formado com o sufixo *-ão*), e *rosmano* (tirado de *rosmaninho*, do latim *rosmarinum*, também imaginado um

derivado com o sufixo de grau -*inho*).

Neutralização e sincretismo – A neutralização representa uma restrição no funcionamento das oposições distintivas existentes numa língua, quer no plano da fonologia, quer no plano gramatical (morfologia e sintaxe), quer no plano léxico.

Entende-se por neutralização a suspensão de uma oposição distintiva. Assim, o português estabelece oposição entre *e* aberto e *e* fechado, o que permite distinguir, por exemplo, *sede* (de um governo) e *sede* (sinto sede). Todavia, esta posição distintiva só funciona em posição tônica; se a vogal estiver em sílaba átona, só aparecerá o *e* fechado, na pronúncia normal brasileira, podendo fechar-se ainda mais a um *i*: *pedir/pidir*, sem que se altere o significado.

No plano do conteúdo gramatical, a oposição masculino/feminino fica suspensa com frequência no plural, apresentando-se apenas o masculino. Assim, *a menina e a prima estudiosas* no feminino, mas *a menina e o primo estudiosos*, em que o plural masculino se refere aos substantivos de gêneros diferentes.

Também o singular masculino pode, em certos contextos, assumir valor genérico e, assim, referir-se englobadamente a pessoas do sexo masculino e feminino: *O homem é mortal* (i.é, o homem e a mulher).

Ocorre o mesmo no léxico: *meus tios* pode fazer alusão a meus tios Benedito e Henrique, ou a meu tio Benedito e minha tia Noêmia. *Noite* e *dia* se dizem de partes distintas das "24 horas", mas *dia* pode englobar as duas partes quando empregado em contextos do tipo *Passei dois dias em Maceió*. Assim, o plural como termo marcado apresenta um traço diferencial positivo (com o valor "mais de um"), enquanto o singular, como termo não marcado apresenta dois valores: o contrário do outro (já que o singular é "unidade") e o valor genérico ("pluralidade"). Deste modo se explica por que o termo não marcado pode funcionar "em lugar" do marcado em certos contextos, não podendo haver o fenômeno contrário, isto é, o marcado aparecer "em lugar" do não marcado.

Em todos estes exemplos de neutralização, o termo que abrange toda a extensão da oposição se chamará *neutro*, *não marcado* ou *negativo*, e englobará o termo *positivo* ou *marcado*; assim, os masculinos *menino* e *dia* são termos neutros, e os femininos *menina* e *noite*, termos positivos ou marcados. Também, no sistema verbal, o presente se caracteriza pelo traço neutro, pois que, por isso, pode ser empregado "em lugar" do futuro (*Vou amanhã / Irei amanhã*) e do pretérito (*Pedro I proclama* nossa independência em 7 de setembro de 1822 / Pedro I *proclamou...*). Como ensina Coseriu, o presente, como termo neutro, pode ser empregado "em lugar" de qualquer outro tempo, e até em sentido "atemporal", ou em contextos de valor genérico ou em referência ao "presente eterno": *A terra gira em torno do sol*.

Não se há de confundir *neutralização* ou *sincretismo*. A neutralização, como vimos, é a suspensão, em determinado contexto, de uma oposição funcional que existe na língua em *um* dos seus dois planos: o da expressão ou o do conteúdo.

O sincretismo, por seu turno, é a ausência de manifestação material, numa seção de um paradigma ou em um paradigma, de uma distinção de conteúdo que, em outras seções do

mesmo paradigma ou em outros paradigmas análogos, se manifesta também materialmente. Assim, no paradigma verbal do português, a 1.ª e a 3.ª pessoas, que se distinguem em outros casos (*canto/canta; cantei/cantou*, etc.), não se distinguem, por exemplo, no imperfeito (*cantava*/*cantava*; *saía*/*saía*, etc.). Assim também haverá sincretismo, e não neutralização, em *falaram* como forma da 3.ª pessoa do plural do pret. perf. e do pret. mais-que-perfeito do indicativo, oposição recuperada na forma de 3.ª pessoa do singular (*falou/falara*) e ainda pelo contexto. Repare-se em que não se distinguem *na expressão* (na forma material, no significante), mas a diferença de conteúdo (de significado) persiste.

A diferença é que no sincretismo não há suspensão da oposição, nem há um termo de valor neutro que represente a soma "1.ª pessoa" + "3.ª pessoa". Pode haver sincretismos sintáticos, como, por exemplo, em *sábio alemão*, que admite duas interpretações exclusivas, conforme se entenda *sábio* como substantivo e *alemão* como adjetivo ou vice-versa.

Também em *amor de mãe* temos um sincretismo sintático, pois não se faz nenhuma distinção material se se trata do amor que a mãe tem ou nutre (pelos filhos, por exemplo) ou do amor que os filhos nutrem pela mãe; é o caso análogo ao genitivo "subjetivo" ou "objetivo" em latim. Mas os falantes fazem a distinção de conteúdo e não consideram a mãe como sujeito e objeto ao mesmo tempo.

O sincretismo pode ocorrer, principalmente, por *homonímia*, ou por *alomorfia* e desaparecimento do elemento mórfico, devidos a regras morfofonêmicas. Exemplos de homonímia: a) a vogal temática da 2.ª conjugação é *e*; esta vogal entretanto, passa a *i* no pret. imperf.; na 1.ª pessoa do singular do pret. perf. do indicativo e no particípio, suspendendo a oposição material distintiva com a 3.ª conjugação: vend + i + ia (com crase dos dois *ii*) → *vendia*; *vend + i + i → vendi; vend + i + do → vendido;* b) por outro lado, a vogal temática da 3.ª conjugação (*i*) passa a *e* quando átona, isto é, 2.ª e 3.ª pessoa do singular e 3.ª pessoa do plural do presente do indicativo e a 2.ª pessoa do singular do imperativo, suspendendo a oposição material entre a 2.ª e 3.ª conjugações: *vendes, partes; vende, parte; vendem, partem; vende tu, parte tu.* Também em *falaram*, a análise mórfica auxiliada pelo contexto dirá existir a 3.ª pessoa do plural do pret. perf. do indicativo (*fal-a-ra-m*) ou do pret. mais-que-perfeito (*fal-a-ra-m*).

Exemplos de desaparecimento: a) pela queda da vogal temática *i* do verbo *vir*, suspende-se a oposição, material entre o gerúndio e o particípio: *vindo* (gerúndio), *vindo* (particípio); b) pela queda da vogal temática *e* no infinitivo de *pôr*, este verbo ficou aparentemente afastado da 2.ª conjugação, chegando, durante muito tempo, a constituir razão para uma falsa 4.ª conjugação em português.

Graus de coesão de morfemas – A adição de morfemas nas constituições das palavras apresenta uma combinatória que cabe aqui ser referida. A adição aponta para uma combinatória rígida de modo que a ordem das unidades mórficas se mostra bem determinada. Assim, na estrutura do verbo em português – tomamos o verbo por exemplificação por ser, nas línguas flexivas como a nossa, aquela palavra de elementos estruturais mais rica – temos:

T (radical + vogal temática) + *D* (DMT + DNP)

am-a + re-mos

Em *recompor*, o prefixo *com* se acha mais integrado à significação do verbo *pôr* do que o prefixo *re-*. Também numa construção em que dois adjetivos modificam um mesmo substantivo, o adjetivo mais distante do substantivo é o menos coeso a ele, o que lhe permite normalmente permutar de posição: *céu azul maravilhoso / maravilhoso céu azul*, mas não *azul céu maravilhoso*. Entre prefixos isto não se dá: *recompor* (e nunca **comrepor*) [VK.2, 41].

Subtração nos elementos mórficos – Já vimos que os elementos mórficos podem ocorrer num processo de subtração, ao contrário do que ocorre com o processo por adição. A supressão de morfema é menos comum em português que o processo por adição.

Em português, um exemplo de morfema subtrativo é o que ocorre com os femininos de *anã, irmã, órfã*, obtidos pela eliminação do *-o* do masculino: 85

anão / anã
irmão / irmã
órfão / órfã

Temos ainda formação de palavras por procedimentos supressivos:

a) supressão do segmento medial pertencente a qualquer das bases: *petrodólares, apart-hotel, cineclube, credifone, tragicômico*

b) supressão do segmento final: *narcótico* → *narcotizar; prioridade* → *priorizar; maldade* → *maldoso*.

c) supressão do elemento final por cruzamento de bases: *motel* (motor + hotel), *brasiguaio* (brasileiro + uruguaio), *malular* (malufar + Lula), *sofressora* (sofrer + professora), *criança* (criança + onça), *aborrescente* (aborrecer + adolescente), *chafé* (chá + café). Este procedimento tem sido usado por bons escritores modernos (Guimarães Rosa, Mia Couto).

A subtração pode ocorrer por um processo de abreviação, em que a parte vale pelo todo: *foto* (grafia), *pneu* (mático), *metrô* (politano).

Morfema zero – Diferente do morfema subtrativo é o morfema zero (Ø). Consiste o morfema zero na ausência de uma marca de oposição gramatical em referência a outro termo marcado. Só haverá morfema zero se a noção por ele expressa for inerente à classe gramatical em que ele ocorra.

Assim, no par *alto/alta*, a oposição de gênero aparece marcada nos dois termos mediante *-o* e *-a*, já no par *alto/altos*, a noção de número plural, inerente à classe dos nomes, se acha marcada pelo pluralizador *-s*, enquanto a noção de singular está marcada pela ausência de uma marca. É esta ausência que tem o significado do valor do singular, e assim podemos considerá-la um verdadeiro morfema, a que chamaremos morfema zero (Ø).

Também em *amo, amas, ama*, as duas primeiras formas verbais apresentam marca de 1.ª e 2.ª pessoas do singular; a última (*ama*), pela falta de marca em relação às outras do mesmo

paradigma apresenta morfema zero para significado da 3.ª pessoa do singular.

OBSERVAÇÃO: Têm-se apresentado substantivos do tipo *pires, lápis, alferes*, adjetivos do tipo *simples, triste, feliz, capaz* como exemplos de morfema zero, por terem a mesma forma para o singular e o plural (nos substantivos) e para o masculino e feminino (nos adjetivos). Concordamos com a lição de Herculano de Carvalho, que não vê nestes casos morfema zero; trata-se de palavras que se mostram excepcionalmente alheias às classes gramaticais de número e gênero [HCv.2, II, 608-609]. Desta forma, *pires* não é um singular que permanece invariável no plural, pois não é em si nem singular nem plural, como *simples* não é nem masculino nem feminino.

Acumulação nos elementos mórficos – Entende-se, em geral, por *morfema cumulativo* aquele que reúne em si várias funções gramaticais. Assim, vê-se no *-o* final das formas verbais da 1.ª pessoa do presente do indicativo (*estudo, vendo, parto*) exemplo de morfema cumulativo, já que significa, simultaneamente, a pessoa (1.ª), o número (singular), o tempo (presente ou não passado) e o modo (indicativo).

Também entram na exemplificação de morfema cumulativo as desinências pessoais do pret. perfeito (*-i, -ste, -u, -stes*) porque eventualmente acumulam as funções de desinências modo-temporais que, nestas formas, é zero.

Todavia, esta descrição não é unanimemente aceita. Segundo alguns autores, entretanto, a condição para se considerar que estamos diante de um morfema cumulativo é o fato de duas ou mais significações gramaticais *nunca* serem marcadas por morfemas diferentes: é o que ocorre com as categorias de número e caso em algumas línguas indo-européias mais antigas ou conservadoras.86 Não é o caso, a rigor, do nosso *-o* final de *estud-o, vend-o, part-o*. Como ensina Matthews, tal caso não se ajusta a um modelo regular, pois a desinência costuma permanecer constante nos diferentes tempos e modos verbais. É bem verdade que o tempo e o modo estão sem morfemas aditivos, mas é um caso meramente especial de morfema sobreposto (cumulação acidental, para Sílvio Elia), como lhe chama o linguista citado, em relação com a totalidade do paradigma.

Em relação às desinências número-pessoais do pret. perf. do indicativo, lembremos que o verbo em português separa as desinências número-pessoais das modo-temporais. Assim, parece-nos que a melhor análise é considerar que no pret. perfeito do indicativo a desinência modo-temporal é zero, tal como se dá no presente do indicativo e no presente do subjuntivo. Não passa a sua função gramatical para a desinência número-pessoal.87

Muitas vezes um elemento mórfico utilizado para certa noção pode, por acumulação acidental, servir também para determinar outra noção desprovida de elemento característico (*elemento mórfico subtrativo*). As desinências de pessoa especiais para o pret. perfeito (*-i, ste, -u, -stes*), acumulam as funções de desinência modo-temporal por não existirem elas nestas formas verbais. Assim é que, embora haja elemento mórfico subtrativo, sabemos que *cantei, vendi* e *parti*, por exemplo, estão na 1ª pessoa do singular (função essencial da desinência *i*) do pret. perfeito do indicativo (função acumulativa da referida desinência), como ocorre com *-o* final de *estud-o*, *vend-o*, *part-o*, formas que estão na 1.ª pess. do sing. do pres. do indicativo.

Fusão nos elementos mórficos – Os elementos mórficos podem combinar-se por

justaposição ou por *fusão*. Em *livros* juntou-se ao radical primário a desinência pluralizadora *-s*, justaposta. No plural *canais* (*canale + s) ou *funis* (*funile + s) a integração do radical e desinência é mais íntima, não permitindo a análise dos dois elementos fundidos. No primeiro exemplo (*canais*), a fusão deu origem a um ditongo enquanto no segundo (*funis*) favoreceu uma crase (**funile + s = funi(l)es > funiis> funis*). Na 1.ª pessoa do singular do pretérito perfeito e na 2.ª pessoa do plural do pres. do indicativo da 3.ª conjugação há crase resultante da fusão da vogal temática com a desinência pessoal: *parti* (< partii), *partis* (< partiis) [Cf. VK.2, 20 n.2].

A aglutinação é um caso de fusão e, às vezes, pode ser tão íntima que o sentimento de linguagem moderno não perceba os dois elementos justapostos que a análise histórica patenteia. Dessarte, a gramática descritiva vê em *relógio* uma palavra simples, cujo radical é *relog-*; a histórica remonta aos dois radicais *hora lógio* (isto é, máquina que "diz a hora") [MC.2, 95].

O sufixo adverbial *-mente* foi primitivamente um substantivo de forma livre que se juntava aos femininos de adjetivos: *boa mente, clara mente*; depois houve maior integração dos dois elementos porque a forma livre passou a ser usada como afixo (forma presa) formador de advérbios. Foi desta aplicação de uma palavra como forma presa (afixo) que se originaram, para o português, o futuro do presente (*trabalharei*) e do pretérito (*trabalharia*), pois se uniram ao infinitivo (*trabalhar*) o presente e o pretérito imperfeito do verbo *haver* (*dar hei, dar hia* por *havia*). São casos de *hipotaxe* ou subordinação.

Passando as formas do verbo *haver* a constituir parte da desinência modo-temporal (*trabalharei* desdobra-se em *trabalh-a-re-i, trabalharia* em *trabalh-a-ria*, a gramática descritiva considera as nossas duas formas de futuro como formas simples.

Suplementação nos elementos mórficos – O ponto alto de uma irregularidade em relação ao paradigma da forma regular de determinado elemento mórfico é o processo chamado suplementação (ou *alternância supletiva*), que consiste em suprir uma forma com outra oriunda de radical diferente. O nosso verbo *ser* é anômalo porque, nas suas flexões, pede o concurso de dois verbos: *esse* e *sedēre*, também *ir* está neste caso, pois, além de suas formas próprias, possui as dos verbos *vadĕre* e *esse.*

A intensidade, a quantidade, o timbre e os elementos mórficos – Muitas vezes, em lugar de uma forma linguística, a intensidade, a quantidade e o timbre servem para ressaltar uma noção gramatical. Já vimos como o acento intensivo se mostra decisivo para distinguir o adjetivo, o verbo e o substantivo em *sábia, sabia* e *sabiá*.

A maior demora numa sílaba em regra traduz uma ênfase no significado da palavra:

> "Idiota! Trezentos e sessenta contos não se entregam nem à mão de Deus Padre! Idiota! Idioota!... Idiooooota..." [ML.1, 219].

A desinência do mais-que-perfeito do indicativo *-ra-* (variante *re-*) difere da semelhante que ocorre no futuro do presente, porque aquela é átona e esta é tônica: *cantara* (cant-a-ra) e *cantará* (cant-a-rá), *cantaras* (cant-a-ra-s) e *cantarás* (cant-a-rá-s).

A mudança de timbre (metafonia) concorre com a desinência da palavra para caracterizar o gênero, o número ou a pessoa do verbo: *caroço* (singular com *o* tônico fechado) → *caroços* (plural com *o* tônico aberto); *esse/essa, fez/fiz,* etc.

Há três grupos de alternância de timbre da vogal tônica com funções de indicações gramaticais:

a) | ê | → | é |; |ô | → | ó |

Em alguns nomes e pronomes, marca a oposição entre masculino e feminino ou singular e plural: *esse/essa; novo/nova*; *ovo/ovos.*

Em verbos da 2.ª conjugação marca, no presente do indicativo, a oposição entre a 1.ª pessoa do singular e as outras formas rizotônicas: *devo/deves, deve, devem; torço/torces, torce, torcem.*

b) | ê | → | i |; | ô | → | u |

Em pronomes, marca a oposição entre a referência de masculinos adjuntos e absolutos: *este, esse/isso; aquele/aquilo; todo/tudo.*

Em verbos fortes, marca a oposição entre 1.ª e 3.ª pessoas: *fez/fiz; pôs/pus.*

c) | i | → | ê |; | u | → | ô |; | i | → | é |; | u | → | ó |

Em verbos da 3.ª conjugação, marca, no presente do indicativo, a oposição entre a 1.ª pessoa e as outras rizotônicas: *minto/mentes, sinto/sentes*; *sumo/somes*; *firo/feres*; *durmo/dormes* [VK.2, 43-44].

Em Portugal, em geral, é o timbre aberto ou fechado da vogal tônica que distingue a 1.ª pessoa do plural do presente do indicativo e do pret. perfeito dos verbos da 1.ª e 2.ª conjugações: *lavamos* (â) (presente), *lavamos* (á) (pretérito), *devemos* (ê) (presente), *devemos* (é) (pretérito). No Brasil não fazemos em regra esta distinção, que fica, em geral, a cargo do advérbio adequado: *Hoje falamos disso. Ontem falamos disso.*88

2 – Formação de Palavras do Ponto de Vista Constitucional

Renovação do léxico: criação de palavras – As múltiplas atividades dos falantes no comércio da vida em sociedade favorecem a criação de palavras para atender às necessidades culturais, científicas e da comunicação de um modo geral. As palavras que vêm ao encontro dessas necessidades renovadoras chamam-se *neologismos*, que têm, do lado oposto ao movimento criador, os *arcaísmos*, representados por palavras e expressões que, por diversas razões, saem de uso e acabam esquecidas por uma comunidade linguística, embora permaneçam em comunidades mais conservadoras, ou lembrados em formações deles originados. De tudo isto trataremos no lugar próprio.

Os neologismos ou criações novas penetram na língua por diversos caminhos. O primeiro deles é mediante utilização da prata da casa, isto é, dos elementos (palavras, prefixos, sufixos) já existentes no idioma, quer no significado usual, quer por mudança do significado, o que já é um modo de revitalizar o léxico da língua.

Entre os procedimentos formais temos, assim, a *composição* e a *derivação* (*prefixal* e *sufixal*).

Outra fonte de revitalização lexical são os *empréstimos* e *calcos linguísticos*, isto é, palavras e elementos gramaticais (prefixos, preposições, ordem de palavras) tomados (empréstimos) ou traduzidos (calcos linguísticos) ou de outra comunidade linguística dentro da mesma língua histórica (regionalismos, nomenclaturas técnicas e gírias) ou de outras línguas estrangeiras – inclusive grego e latim –, que são incorporados ao léxico da língua comum e exemplar.

Uma fonte muito produtiva do neologismo vem da criação de certos produtos ou novidades que recebem o nome de seus inventores ou fabricantes, como *macadame, gilete*, etc. Muito próxima a esta via são os nomes criados levando em conta os sons naturais (fonossimbolismo) produzidos por seres e objetos: *Kodak, pipilar,* etc., são as onomatopéias e palavras expressivas.

De todos esses procedimentos de revitalização do léxico, merecem atenção especial para a gramática a composição e a derivação, tendo em vista a regularidade e sistematicidade com que operam na criação de novas palavras.

Conceito de composição e de lexia 89 – Já está assentada a distinção entre *composição* e *lexia*; por composição entende-se a junção de dois elementos identificáveis pelo falante numa unidade nova de significado único e constante: *papel-moeda, boquiaberto, planalto*. Há os compostos com elementos eruditos, geralmente de origem grega e latina, que só ocorrem na língua nessas novas unidades, isto é, que não aparecem independentes no discurso, e há os compostos com elementos vernáculos, de existência independente na língua (*papel-moeda*) ou com leves alterações formais (*planalto: plan*[*o*]*alto, boquiaberto: boqu*[*i*]*aberto*).

Por seu turno, a *lexia* complexa (termo cunhado pelo linguista francês Bernardo Pottier), também dita *sinapsia* (termo de outro linguista francês Emílio Benveniste – em grego ‘junção’, ‘conexão’, ‘coleção de coisas juntas’), é formada de sintagmas complexos que podem ser constituídos de mais de dois elementos: *negócio da China* (‘transação comercial vantajosa’), *pé de chinelo* (‘diz-se da pessoa de poucos recursos’), etc.

Alguns autores incluem a sinapsia no rol dos tipos de compostos, mas Benveniste – e cremos que com razão – prefere distingui-la. São características da sinapsia, segundo este autor:

a) a natureza sintática (não morfológica) da ligação dos elementos, o que muitas vezes torna difícil verificar se houve ou não lexicalização do conjunto;

b) o emprego de transpositores (preposições);

c) a ordem fixa *determinado* + *determinante*;

d) sua forma lexical plena, e a livre escolha de qualquer substantivo ou adjetivo;

e) a ausência de artigo antes do determinante, pois a presença do artigo romperia a unidade do conjunto, como se pode ver em *ar de família / ar da família; casa de pensão / casa da pensão;*

f) a possibilidade de expansão tanto do determinado quanto do determinante, *pouco ar de família / ar de boa família,* pois seu significado, apesar da expansão, é único e constante;

g) o caráter único e constante do significado.

Vê-se que algumas das características apontadas são também comuns aos compostos, o que explica, muitas vezes, a dificuldade de se traçarem limites rígidos entre os dois processos, já que, na língua, é tênue o limite entre o que é livre e o que está fixado.

A sinapsia, cujo resultado é sempre um substantivo ou adjetivo, tem grande vitalidade, especialmente na linguagem científica e técnica e, por isso mesmo, cria problemas na dicionarização dessas unidades lexicalizadas, já que dicionários e gramáticas, no seu levantamento, se guiam com maior atenção pela ortografia.

A relação sintática nas formações sinápticas é marcada normalmente mediante a preposição *de*, aparecendo ainda a preposição *em* ou *a*, esta última por influência estrangeira, em especial quando a unidade designa um artefato, em que o determinante indica o agente motor; *barco à vela, motor à explosão, fogão a gás*, ou uma característica distintiva *televisão a cores / televisão em cores.*

Há compostos em que a lexicalização se apresenta mais evidente que na sinapsia, é o caso dos compostos por *disjunção* e por *contraposição*.

Nos compostos por disjunção nem sempre os dois elementos se juntam graficamente por mais que seja evidente a lexicalização:

opinião pública guerra civil

mas

bicho-carpinteiro peixe-espada

Nestes compostos, o primeiro elemento é a denominação, enquanto o segundo é a sua especificação; assim *peixe-espada* é um *peixe* "que se assemelha a uma espada" e *opinião pública* é uma *opinião* "que é pública". A relação se diz de disjunção porque, embora o segundo seja uma especificação do primeiro, *espada* não é uma subclasse de *peixe* nem *pública* o é de *opinião*, como se os dois elementos pertencessem a classes diferentes.

Os compostos por disjunção são muito empregados nas denominações de plantas e animais, e menos frequentes na linguagem comum.

Os compostos por *contraposição* quando se constituem por dois substantivos, o segundo exerce uma função predicativa que designa a finalidade do primeiro, e há entre eles uma relação sintática de coordenação:

escola-modelo navio-escola
carro-leito carro-bomba

Em *acordo luso-brasileiro* é um acordo que envolve *portugueses* e *brasileiros*.

Nesses compostos com adjetivos étnicos, em geral são preferidas as formas reduzidas às plenas no primeiro elemento: luso-brasileiro (e não lusitano-brasileiro), aliança nipo-russa (e não japonês-russa).

A composição é uma transformação sintática em expressão nominal – Já vimos que compostos como *papel-moeda* se prendem a uma oração de base do tipo de "papel que é

moeda" o que aponta para o fato de tais unidades léxicas serem transformações de construções sintáticas simples ou complexas. Benveniste dá-nos sobre isto lição magistral:

> Os compostos "representam a transformação de certas orações típicas, simples ou complexas, em signos nominais. Não se pode, portanto, explicar a criação dos compostos pela simples junção imediata de dois signos anteriores. Se a composição nominal fosse, como é sempre apresentada, um processo de natureza morfológica, não se compreenderia por que ela parece se realizar em toda a parte, nem como puderam surgir essas classes formais em número limitado, tão parecidos entre as línguas mais diversas. É que o impulso que produziu os compostos não veio da morfologia, onde nenhuma necessidade os solicitaria; ele provém das construções sintáticas com suas variedades de predicação. É o modelo sintático que cria a possibilidade do composto morfológico e que o produz por transformação. A oração, com seus diferentes tipos, emerge assim na zona nominal. Consequentemente, é preciso reconhecer nos compostos uma situação particular. Em geral, eles são arrolados, com os derivados, na "formação dos nomes". Seria preciso, de preferência, fazê-los entrar em um capítulo novo da teoria das formas, consagrado ao fenômeno que poderia se chamar "*metamorfismo*"; entendemos por isso o processo de transformação de certas classes em outras (...). No momento em que a oração é transformada em composto e que os termos da oração se tornam membros do composto, a predicação é colocada em suspenso, e o enunciado atual torna-se virtual. É esta a consequência do processo de transformação.
>
> Assim se define então a função do composto: transferir para o virtual a relação atual de predicação enunciada pela oração de base. É justamente a essa função que correspondem também as características formais dos compostos. Tudo o que pode remeter a uma situação atual é apagado: a predicação verbal está apenas implícita; o primeiro membro, desprovido de qualquer índice de caso, de número, de gênero, é reduzido a um semantema; o segundo termo, sobre o qual repousa a relação sintagmática, toma uma forma e um final novos, índices do estatuto de adjetivo que o composto recebe (...). Ao passar assim para o quadro formal do nome, a oração livre sofre uma inevitável redução de suas latitudes de expressão. Seria seguramente impossível conter os dois termos do composto a multiplicidade de relações sintáticas a que é suscetível a oração livre. Todavia o composto é capaz de maior diversidade do que parece, e suas numerosas variedades recenseadas pelas gramáticas correspondem justamente a tipos diversos de orações (...).
>
> Mas esse relativo empobrecimento da expressão sintática transformada em expressão nominal é compensado pela variedade das combinações que o composto oferece à língua. Ele dá o poder de manejar como adjetivos ou nomes orações inteiras e de fazê-las entrar revestidas nessas novas espécies em outras orações. Assim se constitui particularmente um vasto repertório, sempre aberto, de compostos descritivos, instrumentos da classificação e da nomenclatura, aptos a se tornarem denominações científicas ou epítetos poéticos, e que, além do enriquecimento que proporcionam, mantêm essa atividade metamórfica, talvez o trabalho mais singular da língua" [EBv, 2, 163-164].

Palavras indivisíveis e divisíveis – INDIVISÍVEL é a palavra que só possui como elemento mórfico o radical: *mar, sol, ar, é, hoje, lápis, luz.*

DIVISÍVEL é a palavra que, ao lado do radical, pode desmembrar-se em outros elementos mórficos:

> mares (mar-e-s), alunas (alun-a-s), trabalhávamos (trabalh-á-va-mos).

Palavras divisíveis simples e compostas – Diz-se SIMPLES a palavra divisível que só possui um radical. Os outros elementos mórficos que a compõem ou são de significação puramente gramatical ou acrescentam ao radical a ideia subsidiária que denotam os afixos (prefixos ou sufixos).

Por causa desta nova aplicação de significado que os afixos comunicam ao radical, as palavras simples se dividem em *primitivas* e *derivadas*.

PRIMITIVA é a palavra simples que não resulta de outra dentro da língua portuguesa: *livro, belo, barco*

DERIVADA é a palavra simples que resulta de outra fundamental: *livraria, embelezar, barquinho.*

COMPOSTA é a palavra que possui mais de um radical: guarda-chuva, lanígero, planalto

Tanto as palavras simples (primitivas ou derivadas) como as compostas podem ser acrescidas de desinências que servem para exprimir uma categoria gramatical (flexão) que,

nos nomes e pronomes, traduz as noções de *gênero* e *número* e, nos verbos, *número, pessoa, tempo* e *modo*:

a) primitivas flexionadas: *livros, meninas*

b) derivadas flexionadas: *livrarias, meninadas*

c) compostas flexionadas: *couves-flores, guarda-livros, planaltos*

Quando a palavra é constituída de vários elementos mórficos, cabe, antes de mais nada, estabelecer o princípio dos constituintes imediatos. Analisando, por exemplo, *fidalgotes,* estabeleceremos que a palavra é primeiramente constituída de *fidalgote* + desinência de pluralizador *s*, através de *fidalg(o)* + diminutivo *-ote*.

Processos de formação de palavras – Dois são os principais processos de formação de palavras em português do ponto de vista da expressão ou da sua constituição material:

a) *composição*

b) *derivação*

A COMPOSIÇÃO consiste na criação de uma palavra nova de significado único e constante, sempre e somente por meio de dois radicais relacionados entre si. Isto não impede que um dos elementos do composto seja ele mesmo já um composto, contado como um termo único, pelo princípio dos constituintes imediatos.

1) Substantivo + substantivo:

a) Coordenação – quando há sequência de coordenação de elemento: 1– o determinante precede: *mãe-pátria, papel-moeda;* 2– o determinante vem depois: *peixe-espada, carro-dormitório, couve-flor*;

OBSERVAÇÃO: Os compostos com o determinado antes do determinante são os tipicamente portugueses. Nos compostos coordenativos um dos substantivos funciona como aposto do outro, em geral, o segundo: *peixe-espada* (peixe que se parece com uma espada). Compostos deste tipo em que o determinante vem antes do determinado, como em *mãe-pátria*, são mais raros. "Os realistas e os simbolistas são, porém, os que fazem mais vasto emprego artístico do substantivo por aposição, e cumpre confessar que, pela sua brevidade e viveza, têm estas formações alto poder estético: "A *nau-fantasma*, cortada a amarra, bamboleia nas ondas, prestes a largar" [G. Junqueiro *apud* MBa.2, 116-117]. Quando os elementos são constituídos por substantivos que apresentam formas para os dois gêneros, o determinante vai para o gênero do determinado, por ser este o principal: *batata-rainha*. As exceções explicam-se por analogia. Se não há distinção genérica, não se dará, naturalmente, a concordância: *a cobra-cascavel, a cobra-capelo, o pau-maçã, a fruta-pão, a cólera-morbo*. Quando fica obliterada ou esmaecida a natureza da composição, mais parecendo tratar-se de palavra simples, pode predominar o gênero do último, como ocorre com *o pontapé* [cf. MAg.3, 151-152].

b) Subordinação – quando há subordinação de um elemento, isto é, de um determinante a outro determinado: *arco-íris, estrada de ferro, pão de ló.*

OBSERVAÇÃO: Nesse tipo de subordinação, os elementos se unem por uma relação de complemento de substantivo, do adjetivo ou do verbo [cf. VK.3, 42 n. 5]. É muito natural no português a omissão da preposição *de*, como acontece com *arco-íris* (por *arco da íris, Íris* é nome mitológico). Assim, *porco-espinho* (= porco de espinho), *beira-mar* (= beira do mar), *pontapé* (= ponta do pé), etc. Observe-se que quando o gênero ou o número do 2.º elemento diverge do do 1.º, dá-se muitas vezes a concordância por influência deste: *pedra-raia* (por pedra de raio), *bolo-rei* (por bolo de Reis [Magos]), *sete-estrelo* (por sete estrelas) [cf. LV.2, 1, 441-442].

2) Substantivo + adjetivo (ou vice-versa):

aguardente, obra-prima, fogo-fátuo, belas-artes, baixa-mar, boquiaberto.

3) Adjetivo + adjetivo:

surdo-mudo, luso-brasileiro, auriverde.

4) Pronome + substantivo:

Nosso Senhor, Sua Excelência.

5) Numeral (inclusive latino) + substantivo:

onze-letras (alcoviteira), segunda-feira, bisneto, trigêmeo, sesquicentenário (sesqui = um e meio).

6) Advérbio (*bem, mal, sempre*) + substantivo, adjetivo ou verbo:

benquerença, benquisto, benquerer, malcriação (inutilmente corrigido para má-criação), malcriado, sempre-viva.

7) Verbo + substantivo:

lança-perfume, porta-voz, busca-pé, passatempo.

8) Verbo + verbo ou verbo + conjunção + verbo:

vai-vém, leva e traz, corre-corre.

9) Verbo + advérbio:

pisa-mansinho, ganha-pouco.

10) Um grupo de palavras ou uma oração inteira pode passar, pelo processo da hipotaxe ao nível de palavra:

um *Deus nos acuda*, mais vale um *toma* que dois *te darei*, os *disse me disse*.

Como já vimos, a associação dos componentes das palavras compostas se pode dar por:

a) *justaposição*: guarda-roupa, mãe-pátria, vai-vém.

b) *aglutinação*: planalto, auriverde, fidalgo.

OBSERVAÇÃO: Incluem-se no processo da aglutinação os casos, raros nas línguas românticas, de *incorporação nominal*, mediante os quais se incorpora ao verbo o seu complemento, nome ou pronome, que exerce a função semântica de paciente, locativo ou instrumental: *pesa-me - pêsame,* esp. *rabiatar* (= *atar el rabo*), etc.

"Na análise mórfica de um composto por justaposição, separam-se primeiramente as duas palavras, e, depois procede-se à separação de cada uma delas, se são divisíveis" [MC.2, 94].

Derivação – Derivação consiste em formar palavras de outra primitiva por meio de afixos. De modo geral, especialmente na língua literária e técnica, os derivados se formam dos radicais de tipo latino em vez dos de tipo português quando este sofreu a evolução própria da história da língua: *áureo* (e não *ouro*), *capilar* (e não *cabelo*), *aurícula* (e não *orelha*), etc. [MBa.1, 429-430].

Os afixos se dividem, em português, em *prefixos* (se vêm antes do radical) ou *sufixos* (se vêm depois). Daí a divisão em *derivação prefixal* e *sufixal*.

DERIVAÇÃO SUFIXAL: *livraria, livrinho, livresco.*

DERIVAÇÃO PREFIXAL: *reter, deter, conter.*

OBSERVAÇÃO: Como vimos em **Afixos: prefixos e sufixos. Interfixos**, os prefixos assumem valor semântico que empresta ao radical um novo significado, patenteando, assim, a sua natureza de elemento mórfico de significação externa subsidiária.

Baseados nisto, a gramática antiga e vários autores modernos fazem da prefixação um

processo de composição de palavras.

Sufixos – Os sufixos dificilmente aparecem com uma só aplicação; em regra, revestem-se de múltiplas acepções e empregá-los com exatidão, adequando-os às situações variadas, requer e revela completo conhecimento do idioma. Ao lado dos valores sistêmicos, associam-se aos sufixos valores ilocutórios intimamente ligados aos valores semânticos das bases a que se agregam, dos quais não se dissociam.90 A noção de aumento corre muitas vezes paralela à de coisa grotesca e se aplica às ideias pejorativas: *poetastro, mulheraça.* Os sufixos que formam nomes diminutivos traduzem ainda carinho: *mãezinha, paizinho, maninho.* Outras vezes, alguns sufixos assumem valores especiais (por exemplo *florão* não se aplica em geral a flor grande, mas a uma espécie de ornato de arquitetura), enquanto outros perdem o seu primitivo significado, como *carreta, camisola*. Por fim, cabe assinalar que temos sufixos de várias procedências, sendo os latinos e gregos os mais comuns nas formações eruditas.

Nas formações eruditas greco-latinas serão considerados nesta gramática elementos sufixais formas como - *ífic* -, - *ífer* -, - *duct* - e quejandos, em unidades como *sudorífico, frutífero, aqueduto*, assim como são elementos prefixais formas como *anfi-, extra-, inter-, mono-, multi-, poli-,* em *anfiteatro, extrafino, monovalente, multicolor, polianteia,* etc.

I – *Principais sufixos formadores de substantivos*:

1) Para a formação de nomes de agente, e ainda instrumento, lugar: 91

-tor, -dor, -sor, -or: narrador, genitor, ascensor, cantor, metralhadora, corredor (= lugar por onde se anda)

-nte, estudante, requerente, ouvinte

-ista: dentista, jornalista

-eira, -eiro: lavadeira, padeiro, vendeiro, derradeiro

-ária, -ário: bibliotecária, secretário

2) Para formação de nomes de ação ou resultado de ação, estado, qualidade, semelhança, composição, instrumento, lugar:

a) Derivados de verbo:

-ame: gravame

-ção, -são: coroação, perdição, compreensão, ascensão

OBSERVAÇÃO: Há de se atentar para a correta grafia de *-ção* e *-são*.

-mento: casamento, descobrimento

-ura, -dura, -tura: feitura, mordedura, formatura

-ança (-ancia), -ença (-encia): mudança, esperança, parecença, abundância, convalescença, (ou convalescência)

-ata: passeata

-ada: estada (estadia na norma de Portugal)

-ida (verbos da 2.ª e 3.ª conjugações): acolhida, partida

-agem: vadiagem

-ário: lapidário

b) Derivados de substantivo:

-ada: laçada, braçada, pousada

-ura: cintura

-astro: poetastro

-*estre*: silvestre, campestre
-*ato*: orfanato
-*aço, -aça*: vidraça
-*cínio*: patrocínio (não confundir com o radical -*cinio*, de *canĕre* 'cantar': galicínio 'o canto do galo')

c) Derivados de adjetivos:

-*ismo*: charlatanismo, civismo
-*tude*, -*dão:* amplitude, amplidão, solidão
-*ura*: doçura, brancura (concorrente vitorioso sobre -*or*: *verdor*, *amargor*)
-*eza, -ez*: beleza, viuvez
-*ácia*: audácia, falácia
-*dade*: dignidade
-*mônia*: acrimônia

3) Para significar lugar, meio, instrumento:

-*douro, -doura*: bebedouro, manjedoura
-*tério*: necrotério
-*tório*: dormitório
-*aria, -eria*: livraria, tesouraria, sorveteria
-*edo*: arvoredo
-*bulo*: turíbulo
-*or*: corredor
-*il*: covil (relacionado a nomes de animal, para indicar onde se recolhem)
-*anco*: barranco
-*cro*: simulacro, ambulacro

4) Para significar abundância, aglomeração, coleção:

-*aria, -ário, -eria*: cavalaria, infantaria (ou infanteria), casario
-*al:* laranjal, cipoal
-*edo*: arvoredo
-*eira*: doenceira, desgraceira
-*io*: mulherio
-*ama, -ame, -ume, -um*: mourama, velame, ervum, mulherum, homum, negrume
-*agem*: folhagem
-*ada*: boiada
-*aço*: chumaço
-*alha*: parentalha
-*ardo*: moscardo
-*ana, -aina* (por alongamento): andana, andaina

5) Para significar causa produtora, lugar onde se encontra ou se faz a coisa denotada pela palavra primitiva:

-*ário*: relicário, herbanário
-*eiro, -eira*: açucareiro, chocolateira
-*aria*: livraria, mercearia

6) Para formar nomes de naturalidade:

-*aco*: austríaco
-*ano,-ão*: pernambucano, coimbrão
-*ense, -ês*: cearense, português
-*enho*: estremenho (da Estremadura, Portugal)
-*eno*: madrileno, chileno

-*eu, -éu*: caldeu, hebreu, ilhéu (fem. *ilhoa*)

-*engo*: *flamengo*

-*ico*: brasílico

OBSERVAÇÃO: Em *algarvio* não há sufixo -*io*.

-*ista*: paulista

-*ol*: espanhol

-*oto*: minhoto (ô)

-*ato*: maiato (natural de Maia)

-*ino*: platino, bragantino

-*eiro*: brasileiro

-*eta*: lisboeta

-*aico*: hebraico, caldaico

7) Para formar nomes que indicam maneira de pensar; doutrina que alguém segue; seitas; ocupação relacionada com a coisa expressa pela palavra primitiva:

-*ismo*: cristianismo, classicismo

-*ista*: socialista, espiritista

-*ano*: maometano, anglicano

8) Para formar outros nomes técnicos usados nas ciências [AN.1, 123-124]:

-*ite* (emprega-se para as inflamações): pleurite, rinite, bronquite

-*ema* (é utilizado nos modernos estudos de linguagem com o sentido de "mínima unidade distintiva"): fonema (menor unidade de som); morfema (menor unidade significativa de forma), lexema, semema, estilema, etc.

-*oso* e -*ico* (distinguem óxidos, anídridos, ácidos e sais, reservando-se o último para os compostos que encerrem maior proporção do metaloide empregado): cloreto mercuroso, cloreto mercúrico

-*ato, -eto, -ito* (formam nomes de sais: clorato, cloreto, clorito): clorato de potássio, cloreto de sódio. Para os sais de enxofre usa-se o radical *sulf*: sulfeto, sulfito, e não *sulfur*, que é forma latina: sulfato de quinino, hipossulfito de sódio. Para os de fósforo usa-se o radical *fosf*, para os de flúor *flu*: fosfato, fluato. Para os de carbônio, o uso vulgar aceitou as formas *carbonato*, bem derivada, e *carbureto* (em vez de *carboneto*), que denota influência francesa: bicarbonato de sódio, carbureto de cálcio.

-*ênio* (caracteriza carbonetos de hidrogênio): acetilênio, etilênio, metilênio, etc.

-*ilio* (aparece em certos compostos chamados radicais químicos): amílio, metílio.

-*ina* (aparece em alcaloides e álcalis artificiais): *atropina*, alcaloide da beladona; *cafeína*, do café; *cocaína*, da coca; *codeína*, do ópio; *conicina,* da cicuta; *estricnina*, da noz-vômica; *morfina*, da papoula; *nicotina*, do fumo; *quinina*, da quina; *teína*, da árvore do chá, etc.; anilina, alizarina, etc.

-*io* (aparece em corpos simples): silício, telúrio, selênio, sódio, potássio, etc.

-*ol* (se encontra em derivados de hidrocarbonetos): fenol, naftol, etc.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) A Mineralogia e a Geologia têm também sufixos tomados em sentidos particulares:

-*ita* (para espécies minerais): pirita

-*ito* (para as rochas): granito

-*ite* (para fósseis): amonite

2.ª) Na indústria moderna os produtos novos são marcados com finais -*ax, -ex, -ix, -ox, -ux*, que passaram a ser entendidos como verdadeiros sufixos: ajax, tenax, paredex, pirex, atrix, inox, matox, rodox. Em *xerox* (ou etimológico *xérox*) não temos esse final, pois se prende a um adjetivo grego, que significa *enxuto*.

II – *Principais sufixos de nomes aumentativos e diminutivos, muitas vezes tomados pejorativa ou afetivamente*:

1) Aumentativos:

-*ão, -zão*: cadeirão, homenzão

-*anço*: falhanço, copianço

-arro, -arrão, -zarrão, arraz (arro + az): naviarra, bebarro, santarrão, coparrão, homenzarrão, pratarraz

-eirão: vozeirão

-aço, -aça: ricaço, barcaça, copaço

-astro: poetastro, politicastro, padrasto, madrasta (nos dois últimos houve dissimilação)

-alho, -alha, -alhão: politicalho, muralha, grandalhão

-ama: ourama, poeirama

-anzil: corpanzil

-ázio: copázio

-uça: dentuça

-eima: guleima, guloseima, boleima

-anca: bicanca

-asco: penhasco

-az: fatacaz, famanaz, famaraz

-ola: beiçola

-orra: cabeçorra

-eirão: chapeirão, toleirão

-ento: farturento

2) Diminutivos:

-inho, -zinho, -im, zim: livrinho, livrozinho, dormindinho, florzinha, espadim, bodim, valzim 92

Observação: Nem sempre é indiferente a opção por *-inho* ou *-zinho*. Não toleram *-inho* (e *-ito*) mas *-zinho* (e *-zito*) os nomes terminados em nasal, ditongo e vogal tônica: *cãozinho, cãozito, irmãzinha, albunzinho, raiozinho, bonezinho, urubuzinho*. Também se incluem os terminados em *-r*, embora aí haja alguns em *-inho*, facultativamente: *serzinho, cadaverzinho, caraterzinho; colher* admite *colherinha*, ao lado de *colherzinha*. Os terminados em *-s* e *-z* só toleram *-inho* (*-ito*): *tenisinho, lapisinho, rapazinho*.

-ito, -zito: copito, amorzito, passeandito

-ico: namorico, veranico

-isco: chuvisco, petisco

-eta, -ete, -eto: saleta, diabrete, livreto, saberete

-eco: livreco, padreco

-ota, -ote, -oto: ilhota, caixote, perdigoto

-ejo: lugarejo, animalejo

-acho: riacho, fogacho

-el, -ela, -elo (ora com *e* aberto ora fechado): cabedelo, magricela, donzela, donzel

-iola: arteríola

-ola: camisola (também tem sentido aumentativo quando designa a camisa longa de dormir); rapazola (cf. *-iola*)

-ucho: gorducho, pepelucho

-ebre: casebre

-ula, -ulo, -cula, -culo: nótula, glóbulo, radícula, corpúsculo

-alho, -elho, -ilho, -olho, -ulha: ramalho, rapazelho, pesadilho, ferrolho, bagulho

-aça, -aço, -iça, -iço: fumaça, caniço, nabiça

-el: cordel

III – *Principais sufixos para formar adjetivos*:

-(d)io, -(d)iço: fugidio, movediço (todos tirados do tema do particípio)

-vel, -bil: notável, crível, solúvel, flébil, ignóbil

-ento, -(l)ento: cruento, corpulento

-oso, -uoso: bondoso, primoroso, fastoso (ou fastuoso), untuoso, espirituoso

-onho: medonho, risonho

-az: mordaz, voraz

-udo: barrigudo, cabeçudo
-ício, -iço: acomodatício, enfermiço
-ário, -eiro: diário, ordinário, verdadeiro, costumeiro
-ano: humano
-asco: pardavasco
-esco, -isco: dantesco, principesco, mourisco
-ático: problemático, aromático
-eno: terreno
-áceo: rosáceo, galináceo
-acho: verdacho
-aco: demoníaco
-ado: barbado
-ardo: felizardo
-al: vital, *boçal*
-âneo, -anho: sucedâneo, estranho
-átil: portátil, volátil
-ino, -im: bailarino, paladino, paladim (a apócope de *-ino* a *-im* ocorre mais entre substantivos: *latino* [adj.], *latim* [s.])
-bundo: furibundo
-undo, -ondo: fecundo, redondo
-eo: róseo
-timo: marítimo
-urno: diurno
-iano: canoniano, virgiliano

OBSERVAÇÃO: Dos nomes próprios formam-se adjetivos em *-iano* e não *-eano*: comoniano, machadiano, saussuriano, wagneriano, como já era em latim. [cf. JMa.1, § 189, 2).

-ico: público
-engo, *-lengo*: mulherengo, avoengo, verdoengo (verdolengo)
-al, -ar: anual, escolar
-aico: prosaico
-estre: campestre
-este: celeste
-douro: vindouro, imorredouro
-tório: expiatório, satisfatório
-ivo: afirmativo, lucrativo
-ácea, -áceo (em família de plantas): liliáceas, papilonáceos
-ndo (equivalente ao particípio futuro passivo latino): graduando ('que vai ser graduado'), vitando ('que deve ser evitado'), venerando ('digno de ser venerado'), despiciendo ('digno de ser desprezado', 'desprezível'). Tem tido larga aceitação na nomenclatura de profissões universitárias, nem sempre bem visto pelos puristas: doutorando, farmacolando, engenheirando, etc.

IV – *Principais sufixos para formar verbos*:

1) Para indicar ação que deve ser praticada ou dar certa qualidade a uma coisa (verbo causativo):

-ant(*ar*): quebrantar
-it(*ar*): periclitar, debilitar
-iz(*ar*): civilizar, humanizar, realizar

2) Para indicar ação repetida (verbos frequentativos):

-aç(*ar*): espicaçar, adelgaçar

-*ej*(*ar*): mercadejar, voejar

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Nem sempre indicam repetição da ação; muitas vezes servem para exprimir a mesma noção, apenas por meio de forma entendida por mais sonora.

2.ª) Sobre -*ear* / -*ejar* [cf.MBa.5, 128].

3) Para indicar ação pouco intensa (verbos diminutivos):

-*it(ar*): saltitar, dormitar

OBSERVAÇÃO: Muitos verbos exprimem esta ideia por se formarem de nomes diminutivos: petisco + ar = petiscar; chuvisco + ar = chuviscar; cuspinho + ar = cuspinhar, namorico + ar = namoricar

4) Para indicar início de ação ou passagem para um novo estado ou qualidade (verbos incoativos):

-*ec*(*er*): alvorecer, anoitecer, apodrecer, endurecer, enfurecer

-*esc*(*er*): florescer

OBSERVAÇÃO: A grafia -*escer* é própria das palavras importadas que já chegaram à língua com -*sc-,* ou devidas à analogia.

V – *Sufixo para formar advérbio:*

-*mente* (junta-se a adjetivo na forma feminina, quando houver):

claramente, sinceramente, sossegadamente, simplesmente, horrivelmente, enormemente, primeiramente.

Por extensão, pode ainda muito expressivamente combinar-se com substantivos.

OBSERVAÇÃO: Os nomes terminados em -*ês* e alguns terminados em -*or*, porque no português antigo só tinham uma forma para os dois gêneros, não se apresentam no feminino: portuguesmente, superiormente.

Os advérbios em -*mente* podem ser distribuídos em três classes, conforme o sentido do adjetivo de que se formam [NE.1, 17-18]:

1) exprimem uma ideia de qualidade: *claramente*, *sinceramente*, *simplesmente*, *horrivelmente*;
2) exprimem uma ideia de quantidade ou medida: *copiosamente*, *imensamente*, *enormemente*;
3) exprimem uma ideia de relação de dois seres independente um do outro; entre as idéias de relação citamos as de *tempo* e *lugar*: *primeiramente*, *anteriormente*, *atualmente*.

Prefixos – Os principais prefixos que ocorrem em português são de procedência latina ou grega, sendo que muitos dos primeiros correspondem a preposições portuguesas. Ainda que os prefixos latinos tenham o mesmo significado de seus correspondentes gregos, formando assim palavras sinônimas, estas em regra não se podem substituir mutuamente, porque têm esferas semânticas diferentes.

Assim é que *transformação* e *metamorfose, circunferência* e *periferia, composição* e *síntese* são equivalentes, a rigor, mas não se aplicam indistintamente: *transformação*, por exemplo, é de emprego mais amplo que *metamorfose*.

Algumas vezes há duplicidade da noção expressa pelo prefixo e pela preposição que se segue à palavra derivada prefixalmente: *concorrer com, incorrer em, apor-se a,* etc.93 Outras vezes, o reforço se dá mediante o prefixo e o significado mesmo da palavra base; repare-se a repetição da ideia de *função, aproximidade* do prefixo *com-* e da base *vizinho* neste trecho de Euclides da Cunha: "Esta solidariedade de esforços evidencia-se melhor na vaquejada,

trabalho consistindo essencialmente no reunir, e discriminar depois, os gados de diferentes fazendas *convizinhas*...” [EC.1, 125].

Prefixos e elementos latinos

ab, abs (afastamento, separação): abstrair, abuso

ad, a (movimento para aproximação; adicionamento; passagem para outro estado; às vezes não tem significação própria): adjunto, apor

OBSERVAÇÃO: Não confundir com o *a* sem significação de certas palavras como *alevantar, assentar, atambor*.

ante (anteriormente, procedência – no tempo ou no espaço): antessala, antelóquio, antegozar, antevéspera

ambi (duplicidade): ambiguidade, ambidestro

bene, bem, ben (bem, excelência de um fato ou ação): bendizer, benfazejo

bis, bi, bin (dois, duplicidade): bisneto, biciclo, binóculo

centum, cento: centuplicar, centopeia

circum, circu (em roda de): circunferência, circulação

cis (posição aquém): cisalpino, cisatlântico, cisandino, cisplatino

OBSERVAÇÃO: Ocorre como antônimo de *trans*: transatlântico – cisatlântico.

cum, com, con-, co-, cor (companhia, sociedade, concomitância): cumplicidade, compadre, companheiro, condutor, colaborar, corroborar

contra (oposição, situação fronteira; o *a* final pode passar a *o* diante de certas derivações do verbo): contramarchar, contrapor, contramuro, controverter. Em *contradança* não ocorre o prefixo *contra*; o vocábulo nos veio do francês *contredanse*, do inglês *country-dance* (dança rústica), por etimologia popular, talvez devida ao fato de os pares se defrontarem, uns com os outros (daí o francês *contre*).

decem, deci, decu, dec (dez): decenviro, decilitro, décuplo

de- (movimento para baixo, separação, intensidade, negação): depenar, decompor. Às vezes alterna com *des-: decair — descair*.

de(s), di(s) (negação, ação contrária, cessação de um ato ou estado, ablação, intensidade): desventura, discordância, difícil (dis + fácil), desinfeliz, desfear (= fazer muito feio), desmudar (= mudar muito)

dis(s) (duplicidade, separação, diversidade de partes): dissecar (‘cortar em dois’), disjungir (‘separar duas coisas que estavam juntas’), dispor

ex-, es-, e- (movimento para fora, mudança de estado, esforço): esvaziar, evadir, expatriar, expectorar, emigrar, esforçar

OBSERVAÇÃO: Às vezes alterna-se com *des-, dis:* escampado – descampado; extenso – distenso; esguedelhar – desguedelhar; esmaiar – desmaiar; estripar e destripar; desapropriar e espropriar; desfiar e esfiar; desencarcerar e excarcerar; deserdar e exerdar [MBa.4, 211].

em-, en-, e-, in- (movimento para dentro, passagem para um estado ou forma, guarnecimento, revestimento): embeber, enterrar, enevoar, ingerir

OBSERVAÇÃO: Às vezes alterna-se a forma prefixada com o seu prefixo: *couraçar* e *encouraçar*, *cavalgar* e *encavalgar, trajar* e *entrajar, viuvar* e *enviuvar, bainhar* e *embainhar* [MBa.4, 206].

extra- (fora de, além de; superioridade; o *a* final passa, às vezes, a *o*): extradição, extralegal, extrafino, extroverter

in-, im-, i- (sentido contrário, negação, privação): impenitente, incorrigível, ilegal, ignorância

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Às vezes parece atribuir ao derivado o mesmo valor semântico da forma de base: *incruento, incrueldade*.

2.ª) Algumas vezes indica no que alguma coisa se transforma, isto é, mudança de estado: *incinerar* (‘reduzir a cinzas’), *inflamável* (‘que se transforma em chama’, ‘que se transforma em fogo’), etc.

3.ª) “Os prefixos negativos mais comuns são *in* e *des* ou *de*. São poucas as palavras verdadeiramente antigas formadas com o prefixo *in*, que só se tornam frequentes por imitação literária do latim, dos quinhentistas para cá; a derivação popular é sempre feita com o prefixo *des* ou *de*: *desfazer, descoser, desandar, desamor, desigual,* etc. Alguns tiveram a forma *in*, como *injustiça*, mas ainda em tal caso sempre (antigamente) se preferiu dizer a *sem-justiça* e dizer cousa *sem-nome* a cousa *inominada* ou quejandas expressões” [JR.5, n. 124].

infra- (abaixo): infra-assinado

inter-, entre (posição no meio, reciprocidade): entreter, interpor, intercâmbio

intro- (dentro): introduzir

intra- (posição interior, movimento para dentro; o *a* final passa, às vezes, a *o*): intramuscular, introverter, introduzir

ob-, o- (posição em frente): obstar, opor

per- (através de, coisa ou ação completa, intensidade): percorrer, perfazer, perdurar, persentir (sentir profundamente)

pluri- (muito): pluricelular

pos-, post- (posição posterior, no tempo e no espaço): postônico, pós-escrito

praeter (preter): preterir

primu (primeiro): primogênito

pre-, prae- (anteriormente, antecedência, superioridade): prefácio, prever, predomínio

pro- (movimento para frente, em lugar de, em proveito de): progredir, projeção

re- (movimento para trás, repetição, reciprocidade, intensidade): regredir, refazer, ressaudar (saudar mutuamente), ressaltar, rescaldar (escaldar muito)

retro- (para trás): retroceder, retroagir

satis (suficiente): satisfazer

semi- (metade de, quase, que faz as vezes de): semicírculo, semibárbaro, semivogal

so-, sob-, sub-, sus- (em baixo de, imediatamente abaixo num cargo ou função; inferioridade, ação pouco intensa): soterrar, sobestar, submarino, sustentar, supor

sobre- (nas formações vernáculas), *super-, supra-* (nas formações eruditas) (posição superior, saliência, parte final de um ato ou fenômeno; em seguida; excesso): sobrestar, superfície, supracitado, superlotado

soto-, sota- (posição inferior, inferioridade; logo após): soto-pôr, soto-mestre, sota-voga

trans-, tras-, tres-, tra-, tre- (além de, através de, passar de um lugar a outro, intensidade): transportar, traduzir, transladar, tresloucar, tresmalhar, tresnoitar, trespassar, tresler, tresgastar[94]

Observações:

1.ª) Não se há de confundir *três* (numeral) com *tres* (de *trans*): tresdobrar (triplicar);

2.ª) Às vezes *trans* é empregado como antônimo de *cis*: *transalpino* e *transandino*, por exemplo, opõem-se a *cisalpino* e *cisandino*;

3.ª) Também em certas palavras se podem alternar as variantes deste prefixo: transpassar, traspassar, trespassar; transmontar, tramontar

tris, tri, tres, tre (três): trissílabo, triciclo

ultra- (além de, excesso, passar além de): ultrapassar, ultrafino

un, uni (unidade): uniforme

vice-, vis- (em lugar de, imediatamente abaixo num cargo ou função): vice-presidente, visconde[95]

Prefixos e elementos gregos

a, an, este último antes de vogal (privação, negação, insuficiência, carência, contradição): afônico, anemia, anônimo, anoxia, amoral

aná (inversão, mudança, reduplicação): anabatista, anacrônico, analogia, anatomia, anáfora

anfí (duplicidade, ao redor, dos dois lados): anfíbio, anfibologia, anfiteatro

antí (oposição, ação contrária): antídoto, antártico, antípodas, antiaéreo

apó (afastamento): apologia, apocalipse

arqui, arce (superioridade hierárquica, primazia, excesso): arquiduque, arquimilionário, arcediago

catá (movimento para baixo): catacumba, catarata, católico

di (duplicidade, intensidade): dilema, dissílabo, ditongo

diá, di (através de): diálogo, diagrama

Observação: Pensando-se que *diálogo* é conversa de dois, tem-se empregado erradamente *triálogo* para conversa de três.

dis (dificuldade): dispepsia, disenteria

ec-, ex-, exo-, ecto (exterioridade, movimento para fora, separação): eczema, exegese, êxodo, exógeno, ectoderma

en-, em-, e- (interioridade): encômio, encíclica, enciclopédia, emblema, elipse

endo (movimento em direção para dentro): endocarpo, endovenosa

ento (interior): entófito (planta que vive dentro de outra)
epí (sobre, em cima de): epiderme, epitáfio
eu (excelência, perfeição, bondade): eufonia, euforia, eufemismo
hemi (metade, divisão de duas partes): hemiciclo, hemisfério
hipér (excesso): hipérbolo, hipérbato
hipó (posição inferior): hipocrisia, hipótese, hipoteca
metá (mudança, sucessão): metamorfose, metáfora, metonímia
pará (proximidade, semelhança, defeito, vício, intensidade): parábola, paradigma, paralela, paramnésia
perí (em torno de): perímetro, período, periscópio
pró (anterioridade): prólogo, prognóstico, profeta
prós (adjunção, em adição a): prosélito, prosódia
proto- (início, começo, anterioridade): protótipo, proto-história, proto-mártir
polí- (multiplicidade): polissílabo, politeísmo
sýn-, sým-, sý- (conjunto, simultaneidade): sinagoga, sinopse, simpatia, silogeu
tele- (distância, afastamento, controle feito à distância): telégrafo, telepatia, teleguiado

Correspondência entre prefixos e elementos latinos e gregos

Latinos	Gregos
des, in [1]: desleal, infeliz	*a, an*: amoral, anemia
contra: contrapor	*antí*: antipatia
ambi: ambiguidade	*anfi*: anfibologia
ab: abuso	*apó*: apogeu
bi(s): bilabial	*di*: dissílabo
trans: transparente, transformação	*diá, metá*: diáfano, metamorfose
in: ingressar	*en*: encéfalo
intra: intramuscular	*endo*: endovenoso
ex: exportar	*ec, ex:* êxodo
super, supra: superfície, supralingual, superlotar	*epí, hipér*: epiderme, hipertrofia
bene: benefício	*eu*: eufonia
semi: semicírculo	*hemi*: hemisfério
sub: subterrâneo	*hipó*: hipótese
ad: adjetivo	*pará*: paralelo
circum: circunferência	*perí*: periferia
de: depenar	*catá*: catarata
cum: composição	*sýn*: síntese

1. O prefixo *in* literário e erudito, ao contrário de *des-* popular, ganhou por isso certa cortesia e polidez, e constitui em neologismos, um recurso de eufemismos que cada vez mais se generaliza: *inverdade* (por *mentira*), *inexato, indelicado, indonto, impolido, inverídico, imerecido, inativo.*

OBSERVAÇÃO: Há também sinônimos ou equivalentes semânticos greco-latinos ou *doublets* bilíngues. Vejam-se os lembrados por [MBa.5, 103, n.18].

Latinos	Gregos
abecedário	*alfabeto*
florilégio	*antologia*
sudorífico	*diaforético*
unicórnio	*monoceronte*
rouxinol	*filomela*
península	*quersoneso*
novilúnio	*neomênio*
avareza	*filargiria*
favânio	*zéfiro*

Outros processos de formação de palavras – Além dos processos gerais típicos de formação de palavras, possui o português mais os seguintes: *formação regressiva, abreviação, reduplicação, conversão* e *combinação*.

Intimamente relacionada com a derivação temos a formação regressiva ou deverbal, que consiste em criar palavras por analogia, pela subtração de algum sufixo, dando a falsa impressão de serem vocábulos derivantes: de *atrasar* tiramos *atraso*, de *embarcar, embarque*; de *pescar, pesca*; de *gritar, grito*. Assim também os vocábulos *rosmaninho* e *sarampão* foram tomados, respectivamente como diminutivo e aumentativo, marcados, portanto, com sufixos de grau, e daí se tiraram as formas regressivas *rosmano* e *sarampo*, como falsos primitivos.

Tais derivados regressivos procedem da primeira ou da terceira pessoa do singular do presente do indicativo, o que explica sua distribuição em substantivos de tema em *-o* (se provindos da 1.ª pessoa) ou de tema em *-a* ou *-e* (se provindos da 3.ª pessoa), sem que se possa prever a opção da norma para a escolha da vogal temática. Os de tema em *-o* têm maior vitalidade no português moderno, especialmente na variedade informal: *o amasso, o agito, o chego, o sufoco, o apago* [VK.3, 23-24].

O Prof. Said Ali distribui-os em quatro grupos, levando em conta seu gênero gramatical:

"1.º) Masculino em *-o*: atraso, assento, emprego, voo, esforço, choro, degelo, remo, mergulho, suspiro, mando, confronto, rodeio, galanteio, festejo, gargarejo, etc.

2.º) Masculino em *-e*: embarque, desembarque, combate, corte, toque, etc.

3.º) Feminino em *-a*: amarra, pesca, sobra, suplica, leva, engorda, desova, renúncia, rega, esfrega, entrega, escolha, etc.

4.º) Masculinos e femininos: pago, paga, custo, custa, troco, troca, achego, achega, grito, grita, ameaço, ameaça" [SA.2, 163]

Neste processo, os substantivos tirados de verbos denotam ação, enquanto os substantivos que dão origem a verbos denotam, em geral, objeto ou substância, como *arquivo* → *arquivar, timbre* → *timbrar, apelido* → *apelidar*, e assim por diante. A vitalidade lhes garante formação de derivados: de *apago* se formou *apagão* nos blecautes, momentâneos ou demorados, das grandes cidades.

A ABREVIAÇÃO consiste no emprego de uma parte da palavra pelo todo. É comum não só no falar coloquial, mas ainda na linguagem cuidada, por brevidade de expressão: *extra* por *extraordinário* ou *extrafino*.

A forma abreviada passa realmente a constituir uma nova palavra e, nos dicionários, tem tratamento à parte, quando sofre variação de sentido ou adquire matriz especial em relação àquela donde procede. *Fotografia* e *foto* são *sinônimos* porque designam a mesma coisa, embora a sinonímia não seja absoluta. *Foto*, além de ser de emprego mais corrente, ainda serve para títulos de casas do gênero, o que não se dá com o termo *fotografia*.

Pode-se incluir como caso especial da abreviação o processo de se criarem palavras, com vitalidade no léxico, mediante a leitura (isoladas ou não) das letras que compõem siglas, como, por exemplo:

ONU (Organização das Nações Unidas)

PUC (Pontifícia Universidade Católica)

UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

USP (Universidade de São Paulo)

PT (Partido dos Trabalhadores)

Destas abreviaturas se derivam, mediante sufixos: *puquiano*, *uergiano*, *uspiano*, *petista*, etc.

A REDUPLICAÇÃO, também chamada *duplicação silábica*, consiste na repetição de vogal ou consoante, acompanhada quase sempre de alternância vocálica, para formar uma palavra imitativa:

> *tique-taque, reco-reco, pingue-pongue* (que provavelmente representa o chinês *ping-pang*, através do inglês *ping-pong*, segundo Sapir [ES.1, 82].

Este é o processo geralmente usado para formar as onomatopeias (Ú 74).

A CONVERSÃO consiste no emprego de uma palavra fora de sua classe normal:

> *Terrível palavra é um* ***não****. Não consegui descobrir o* ***porquê*** *da questão.*
>
> *Ele é o* ***benjamim*** *da família.*

Entre os casos de conversão podemos incluir a passagem, por hipertaxe, um grupo de vocábulos (geralmente o final) a palavra isolada: *Ele tem certas* ***fobias*** *(fobia* é a parte de um grupo de palavras que designam aversão a uma coisa: *fotofobia, xenofobia, hidrofobia,* etc). Estamos no século dos *ismos* e das *logias*.

OBSERVAÇÃO: Os casos de conversão recebiam o nome de *derivação imprópria*. Como a conversão não repercute na estrutura do significante de base, muitos estudiosos, com razão, não a incluem como processo especial de formaçao de palavras, como demonstra a hipertaxe.

A COMBINAÇÃO é um caso especial de composição em que a nova unidade resulta da combinação de parte de cada um dos dois termos que entram, na formação: *português + espanhol → portunhol; Bahia + Vitória → Bavi.* São comuns na linguagem jocosa: *sofrer +*

professor → sofressor; *aborrecer + adolescente → aborrecente.*

A INTENSIFICAÇÃO é um caso especial de intensificação ou expressividade semântica de uma palavra já existente mediante o alargamento de sufixos, quase sempre -*izar*, ou às vezes por modelos franceses ou ingleses: *agilizar* por *agir*, *veiculizar* por *veicular*, *obstaculizar* por *obstar*, *protocolizar* por *protocolar*, *culpabilizar* por *culpar*, *depauperizar* por *depauperar.*

Hibridismo – Chama-se hibridismo à formação de palavras com elementos de idiomas diferentes. São mais comuns os hibridismos constituídos da combinação de elemento grego com outro latino ou românico: *sociologia* (latino e grego), *autossugestão* (grego e português), *televisão* (grego e português), *burocracia* (francês *bureau* e grego), *automóvel* (grego e português), *decímetro* (latino e grego).

A nossa língua forma com facilidade hibridismos com elementos estrangeiros que se acham perfeitamente assimilados ao idioma, que passam como elementos nativos. Assim é que *fobia*, *mania, filo, tele, macro, micro, neo, pseudo, auto* e sufixos como *ismo, ista, ico* se juntam a elementos de qualquer procedência: *germanófilo, russófilo, germanofobia, russofobia, retratomania, teleguiado, micro-ônibus, neovencedor, pseudovencedor, autocrítica, autorretrato, caiporismo, governista.*[96]

Radicais gregos mais usados em português – Grande é o número de radicais gregos que encontramos no vocabulário português. Muitos deles nos chegaram através do latim e são antiquíssimos; lembremo-nos de que nos sécs. XVI a XVIII o latim era o veículo das obras de ciência e de filosofia em que abundavam os empréstimos de palavras gregas. Na adaptação dos termos gregos para o latim, geralmente se procedia da seguinte maneira: *k, ai, ei, oi, ou, u, r* (aspirado) gregos eram transliterados para latim, respectivamente em *c, ae, i, oe, u, y* e *rh*, e esta prática prevalecia para o português e demais línguas modernas. Esta norma nem sempre é hoje obedecida quando se trata de novos termos científicos. Assim é que se prefere *calidoscópio* a *caleidoscópio* (ei > i), apesar de, na linguagem técnica, dizer-se *dêictico* e não *díctico*. Aberta a porta para a introdução de palavras ou elementos de empréstimo numa língua, esta pode utilizá-los como bem lhe aprouver, criando distinções até então desconhecidas na língua de origem; assim é que, em português, distinguimos *amoral* 'que não é nem contrário nem conforme a moral' e *imoral* 'contrário a moral'.

Nessas criações com elementos eruditos, como bem diz Benveniste, o criador pensa na sua língua e escolhe o termo greco-latino, cujo significado originário nem sempre é o pretendido; o citado linguista estuda o termo *micróbio* criado por Sédillot (1804-1882) e mostra que, além da palavra não existir no grego, jamais seria criada para significar 'vida curta', pois *mikrós* não se ligaria a *bíos*, como em português não se apõe *breve* a *vista*, mas *vista curta.* Por outro lado, em regra não vamos ao grego para formar palavras novas; elas nos vêm do estrangeiro, mormente de França, e agora dos países de língua inglesa, através da nomenclatura científica

comum à maioria das nações cultas. E os erros que lá fora se cometem na formação dos neologismos não são por nós corrigidos. Aceitamos, e não há como corrigi-las, formas errôneas, como *quilômetro* (por *quiliômetro*), *hectômetro* (por *hecatômetro*).

Outras vezes não se leva em conta o significado rigoroso do termo grego. Assim se aplica *álgos* à dor física em vez da moral e se diz *cefalalgia* (dor de cabeça), *odontalgia* (dor de dente), *nevralgia* (dor de um nervo); também empregando-se *geo* para indicar *terra* como elemento, em vez de *argila* (uma vez que o primeiro só se poderia aplicar ao globo terrestre), se diz *geófago* (= comedor de terra) por *argilófago*. Ainda nos cabe dizer que muitos dos nomes técnicos, principalmente gregos, trazem na sua etimologia uma noção que o progresso científico considera errônea ou imperfeita. Destarte, *átomo*, que significa *indivisível*, *o que não se pode mais dividir*, não pode ser hoje tomado ao pé da letra; *oxigênio* quer dizer *gerador de ácidos*, como se todos os ácidos contivessem este corpo. Como são termos cuja etimologia não é inquirida, podem continuar a ser empregados sem inconveniência. Por fim, lembramos os casos de *esquecimento etimológico* em que o sentimento moderno não dá conta do significado de elemento constitutivo da palavra, dizendo, por exemplo, *ortografia correta* (orthós = correta), *caligrafia bonita* (calós = belo). Os bem falantes reagem contra muitos esquecimentos como *hemorragia de sangue, decapitar a cabeça, exultar de alegria*, estes dois últimos latinos.

Os principais radicais gregos usados em português são:

aér, aér-os (ar, vapor): aeronauta, aerostato, aéreo
ángel-os, aggel-os (enviado, mensageiro): anjo, evangelho
ág-o, agog-ós (conduzir, condutor): demagogo, pedagogo
ag-ón, ôn-os (combate, luta): agonia, antagonista
agr-ós (campo): agronomia
aithér (céu): etéreo
âthlon (certame): atleta
eti-a, aití-a (causa): etiologia
ácr-on, ákr-on (alto, extremidade): acrópole, acrobata, acróstico
álg-os (sofrimento, dor): nevralgia, nostalgia
állos (outro): alopatia
alpha (a = 1.ª letra do alfabeto): alfabeto
ánem-os (vento, sopro): anemoscópio, anêmona
ânt-os, ânth-os (flor): antologia
antrop-os, ánthrop-os (homem): filantropo, misantropo, antropófago
arc-aîos, arch-aîos (antigo): arcaico, arqueologia
arc, arkh-é (governo): anarquia, monarquia
arc, arch-ós (chefe que comanda): monarca
aritm-ós, arithm-ós (número): aritmética, logaritmo
árct-os (urso): ártico, antártico ("o nome *ártico* refere-se às constelações Grande Urso e Pequena Ursa, em uma das quais se acha a Estrela Polar", [SA.2, 167].
astér, ast(é)r-os (estrela): asteróide, astronomia
atmós (vapor): atmosfera
aut-ós (si mesmo): autógrafo, autonomia
bál-o, báll-o (projetar, lançar): balística, problema, símbolo
bor-is, bor-ýs, bár-os (pesado, grave): barítono, barômetro
bibl-íon (livro): bibliófilo, biblioteca

bí-os (vida): biografia, anfíbio
cené, skené (tenda): cenografia
cianos, *kýanos* (azul): cinanídrico
cir, *quir-ós*, *cheír*, *cheir-ós* (mão): quiróptero, cirurgia, quiromancia
cion, *kýon* (cão): cinegética
col-é, *khol-é* (bílis): melancolia
cor-os, *corea*, *chor-ós* (coro): coreía, (dança em coro), coreografia
clorós, klorós (verde): clorofila
cron-os, *chrón-os* (tempo): crônico, cronologia, isócrono, anacronismo
cópto, *kópto* (bato, corto): síncope
crom-a, *khrôm-a* (cor): cromolitografia
chíliai, *chília* (mil): quilômetro, quilograma
cris-ós – chrys-ós (ouro): crisóstomo, crisália, crisântemo
crátos, *krátos* (força): democracia
crípto, *krípto* (escondo): criptônimo, criptografia
quil-ós – chylós (suco): quilífero
dáctil-os – dáktyl-os (dedo): datilografia ou dactilografia
déca, *déka* (dez): decassílabo, decálogo
dêm-os (povo) democracia, epidemia
dérm-a (pele): epiderme, paquiderme
dís, di (dois): dissílabo, ditongo
dis, *dys* (mal, difícil): digestão
dô-ron (dom, presente): dose, antídoto, Pandora
dóx-a (opinião): ortodoxo, paradoxo
drâ-ma — atos (ação, drama): drama, dramático, melodrama
dróm-os (corrida, curso): hipódromo, pródromo
dínam-is — dýnam-*is* (força): dinâmica, dinamômetro
édr-a (base, lado): pentaedro, poliedro
id-os, *eîd-os* (forma), donde procede *óide* (que se assemelha a): elipsoide
ic-ón — eik-ón — ón-os (imagem): ícono, iconoclasta
électra — élektr-on (âmbar, eletricidade): elétrico, eletrômetro
estoma, *stóma* (boca): estômago, estomatite
érg-on (obra, trabalho), daí os sufixos — urgo, — urgia: metalurgia, dramaturgo, energia
escafe, scáphe (barco): escafandro
énter-a (entranhas, intestino): enterite, disenteria
estásis, *stásis* (ação de estar): hipóstaxe
étn-os — éthn-os (raça, nação): étnico, etnografia
étimos, *étymos* (verdadeiro): etimologia
gám-os (casamento), daí *gamo* (o que se casa): polígamo, bígamo, criptógamo
gastér, *gast(é)-ros* (ventre, estômago): gastrônomo, gastralgia
gê, *geo* (terra): geografia, geologia
génes-is (ação de gerar): gênese, hidrogênio
gén-os (gênero, espécie): homogêneo, heterogêneo
giné, *gyné* (mulher): ginecologia
giminós, *gyminós* (nu): ginástica
glôss-a ou *glôtt-a* (língua): glossário, glotologia, epiglote
gon-ía (ângulo): polígono, diagonal
gon-ós (formação, geração): cosmogonia, teogonia
gráf-o, gráph-o (escrever), e daí *graph-ía* (descrição), *gráph-o* (que escreve), *grámm-a* (o que está escrito):

geografia, telégrafo, telegrama
hágios (sagrado): hagiologia
hem-a — haêm-a — atos (sangue): anemia, hemorragia
here-o — hairé-o (tomar, escolher): heresia, herético
hélios (sol): helioscópio, heliotrópio
hemér-a (dia): efêmero, efemérides
hemí (metade): hemiciclo
héter-os (outro): heterodoxo, heterogêneo
heptá (sete): heptassílabo
héx (seis): hexágono
hier-ós (sagrado): hierarquia, hieróglifo
híp-os — hípp-os (cavalo): hipódromo, hipófago
hól-os (entregue de todo, inteiramente): ológrafo, holocausto
hom-ós, *homeo* (semelhante, o mesmo): homogêneo, homônimo, homeopatia
hór-a (hora): horóscopo
horáo (vejo), *hórama* (visão): panorama
hid-or — hýd-or (água), daí *hidro, hydro,* como elemento de composição: hidrogênio, hidrografia
ict-io — icht-ýo — ýos (peixe): ictiologia, ictiófago
ídios (próprio, particular): idioma, idiotismo
ísos (igual): isócrono, isotérmico
cac-ós — kak-ós (mau): cacofonia, cacografia
cal-ós — káll-os (belo), *kallos* (beleza): caligrafia
card-ía — kard-ía (coração): cardíaco, pericárdio
carp-ós — karp-ós (fruto): pericarpo, endocarpo
cefal-é — kephal-é (cabeça): cefalgia, encéfalo
clíno, klíno (inclino): ênclise, próclise
cósm-os — kósm-os (mundo): cosmografia, cosmopolita
coinós, *koinós* (em comum): cenobita
crát-os — krát-os (poder): democrático, aristocrático
cicl-os — kykl-os (círculo): hemicídio, bicicleta
lég-o (dizer, escolher): prolegômeno, ecletismo
lepís, *lepídeos* (escama): lepidóptero
lambán-o (tomar, daí *lêps-is* (ação de tomar), *lémma* (coisa tomada): eplepsia, lema, dilema
lítos, líthos (pedra): monólito, litografia
lóg-os (discurso, tratado, ciência): diálogo, arqueologia, bacteriologia, epílogo
máqu-e — mách-e (combate): logomaquia
macr-ós — makr-ós (comprido, longo): macróbio
man-ía (mania, loucura, gosto apaixonado por): bibliomania, monomania
manci-a — manteí-a (adivinhação, profecia): cartomancia, quiromancia
mártys — mártyros (testemunha): mártir, martirólogo
mazós (mama, seio): mastodonte
mégas, megále (grande): megalomania, megalócito
mélas, *mélan* (negro): melancolia, melanésia
mélos (música, canto): melodia, melodrama
méros (parte): pentâmero
mésos (meio): Mesopotâmia
méter, metrós (mãe): metrópole
métron (medida): barômetro, termômetro
micrós, mikrós (pequeno): micróbio, microscópio

mîmos (que imita): mimetismo, mímica
mis, mŷs, myós (músculo): miocárdio
mîsos (ódio): misantropo
mnéme (memória): amnésia, mnemotécnica
mónos (só): monólogo, monólio
morfé — morphé (forma): morfologia
mitos — mŷthos (fábula, mito): mitologia
miria — myria plural de *myrías* (dez mil): miriápode
naûs (nau): navio, náutica
necros — nekrós (morto, cadáver): necrópole, necrologia
né-os (novo): neologismo, neófito
nês-os (ilha): micronésia, melanésia
neûron (nervo): nevralgia, neurastenia
nóm-os (lei, administração, porção): astronomia, autonomia
octó (oito): octossílabo
od-é (canto): paródia
ad-os, hodós (caminho, via): êxodo, método, período
odus, odóntos (dente): odontologia
ónima, ónom-a, onyma (nome): pseudônimo, sinônimo
ófis, ofid — ophis, ophidos (serpente): ofídio
oftalmós — ophthlmós (olho, vista): oftalmia, oftalmoscópio
oîcos, oîkos (casa): economia, paróquia
óps, opós (vista): *ópsis* (ação de ver)
optikós (que se refere a visão): miopia, autópsia
hóram-a (vista): cosmorama, panorama
órnis, órnitos, órnithos (pássaro): ornitologia
óros (montanha): orografia
ortós — orthós (direito, reto): ortodoxo, ortografia, ortopedia
ostéon (osso): osteologia, periósteo, osteoporose
osmós (impulso): osmose
óxis — óxys (ácido, agudo): oxigênio, paroxismo
paideía, pedia (educação): pedagogo, enciclopédia
pente (cinco): pentágono
pes, pedos — paîs, paidós (criança, menino): pedagogia
paleos — palaiós (antigo): paleontologia, paleografia
pân, pantós (todos): panorama, panóplia, panteísmo, pantógrafo
patos — páthos (afecção, doença): patologia, simpatia
fag-o, phágo, phageîn (comer): antropófago, hipófago
fan-o, fen-o, phaíno (fazer aparecer, brilhar): diáfano, fenômeno
femi — phemí (eu digo, falo): eufemismo, profeta
fero, foros — phéro (levar, trazer):, *phor-ós* (que leva): fósforo, semáforo
filon, *phŷllon* (folha): clorofila
fílos — phílos (amigo): filarmonia, filantropo
físis, phýsis (natureza): fisionomia
fobeo, fóbos — phobe-os (temer, fazer fugir), daí *phob-os*: hidrófobo, anglófobo, russófobo
fôs, fotós — phos, photós (luz): fósforo, fotografia
frasis, phrásis (ato de dizer): perífrase
plut-os — ploût-os (riqueza): plutocracia
fon-é — phon-é (voz articulada): cacofonia

poléo (vendo): monopólio
pólis (cidade): acrópole, metrópole, necrópole
pépsis (cozimento): dispepsia
polis — polýs (muito): poligamia, polígono, policromia, polinésia, policlínica
pús, podós — poús, pod-ós (pé): antípoda, miriápode
pétalon (pétala): minopétalo
prôtos (primário, primeiro): protagonista, protocolo, protozoário, protoplasma
plésso (bato, firo): apoplexia
pseûdos (falsidade, mentira): pseudônimo
pleurá, *pleurón* (lado, flanco): pleurite
psiqué — psyché (alma): psicologia, metempsicose
pnêuma, *pnêumatos* (que respira, sopra): pneumático, dispneia
pterón (asa): quiróptero, coleóptero
ptôma (cadáver): ptomaína, ptomofagia
pir, pir-os — pŷr, pyr-ós (fogo, febre): pirotécnico, antipirina
poiéo (eu faço): onomatopeia
pénte (cinco): pentassílabo
potamós (rio): hipopótamo
pile, *pŷle* (porta): piloro
ptissis, ptýsis (escarro): hemoptise
sárx (carne): sarcoma, sarcófago
semion, *semeîon* (sinal): semiologia, semântica
sépo (apodreço): antissético, antisséptico
síderos (ferro): siderurgia, siderita, siderografia
spérma (semente): esperma, espermatozoide
stéllo (envio): epístola
sticos, *stíkhos* (verso): hemistíquio, dístico
re-o – rhé-o (correr, fluir): catarro, diarreia
sism-os – seism-ós, daí *sism* (estremecimento): sismologia, sísmico
scope-o – skopéo (examinar, daí *scópio* (que faz ver): telescópio, microscópio, osciloscópio
sofós – sophós (sábio): filósofo
estatós – statós (que se mantém): aeróstato, hidrostática
esfera, *sphaîra* (esfera): atmosfera
estilo, *stŷlos* (coluna): peristilo
estere-o – stere-o (sólido): estereótipo, estereomia
estratos, *stratós* (exército): estratégia
estref-o – stréph-o (virar, voltar): apóstrofe, catástrofe
tafos – taphos (túmulo): epitáfio, cenotáfio
témno (divido): anatomia
tautó por *tò autó* (o mesmo): tautologia
táxis (arranjo, ordem): sintaxe
taumatos, *thaumatós* (prodígio, milagre): taumaturgo
técne — téchne (arte): politécnico
téras, *tératos* (prodígio, fenômeno, monstro): teratologia
tema, *théma* (ato de colocar): anátema
têle (longe): telégrafo, telefone, telescópio
tétara, *tetra* (quatro): tetraedro
te-os — the-ós (deus): teologia, teocracia, politeísmo
termós — thermós (calor): termômetro

tésis — *thésis* (ação de por, ter): antítese, síntese
trefo, *trépho* (alimento): atrofia
tomé (cortadura, seção): tomo, átomo, estereotomia
trépo (envolto, mudo): heliotrópico
tópos (lugar): tópico, topografia, atopia
triás, *tríados*, *trees*, *tria* (três): trinômico, tríade
traûm-a – atos (ferimentos): traumático
tip-os – týp-os (tipo caráter): tipografia, arquétipo
zôi-on (animal, ser vivo): zoologia, zoófito

Famílias etimológicas de radical latino – Chama-se *família etimológica* a uma série de palavras cognatas. Cabem aqui as judiciosas observações do Prof. Said Ali: "parece cousa extremamente fácil distinguir palavras derivadas de palavras primitivas quando se trata de exemplo como *pedreiro, pedraria, pedregulho* ou *fechamento, laranjal, bananeira*, que não requerem especial cultivo da inteligência para alguém saber que se filiam respectivamente a *pedra, fechar, laranja, banana*. São entretanto numerosos os casos em que transparece menos lúcida a relação entre o termo derivado e o derivante, sendo necessário algum estudo para perceber a filiação. Outras vezes tem havido tal exclusão de forma e sentido, que surge um curioso conflito entre o sentimento geral do vulgo e o fato encarado à luz da pesquisa científica"[SA.2, II, 3].

Nesta matéria cabe distinguir cuidadosamente uma forma *livre* de uma forma *presa* (cf. **Afixos: prefixos e sufixos. Interfixos**). *Receber*, por exemplo, é considerada como derivada prefixal, embora *-ceber* não tenha curso independente na língua, porque é uma forma presa de *caber*, que aparece numa série de palavras portuguesas 97:

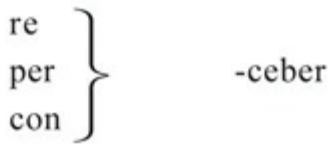

O mesmo ocorre com *resistir* e *iludir* cujas formas presas *-ludir* e *-sistir* são elemento comum a uma série:

Já o mesmo critério não se aplica a outras palavras como *esquecer* e *inteligência*, que passaram a funcionar, para o sentimento dos que falam português, como palavras primitivas.

Tenha-se presente ainda que, muitas vezes, se usam em português dois radicais oriundos de duas formas flexivas de uma mesma palavra: *câncer* e *cancro*.

Eis uma pequena lista de cognatos com radical latino:

aequus, a, um (direito, justo): adequar, equação, equidade, igual, iníquo.

ager, agri (campo): agrário, agricultor, agrícola, peregrino

ago, agis, egi, actum, agere (impelir, fazer): ágil, ator, coagir, exigir, indagar, pródigo

alter, a, um (outro): alterar, alternância, altruísmo, outro

ango, angis, anxi, ângere (apertar): angina, ângulo, angústia, ânsia, angusto

audio, audis, audivi, auditum, audire (ouvir): auditório, audiência

bellum, i (pugna, combate): belonave

bos, bovis (boi): bovino

cado, cadis, cécidi, casum, cadere (cair): acidente, cadente, incidir, ocaso

caedo, caedis, cecidi, caesum, caedere (cortar): cesariana, cesura, conciso, incisão, precisar

Há numerosos derivados em *cida, cidio*, cuja significação é "matar":

fratricida, homicida, infanticida, matricida, patricida, regicida, uxoricida, suicida, fratricídio, homicídio, suicídio, etc.

candeo, candes, candui, candere (embranquecer): cândido, candura, incandescer

cano, canis, cecini, cantum, canere (cantar): celebrar, predizer (este na língua religiosa): canoro, cântico, cantilena, acento. Há numerosos derivados em *-cínio*: vaticínio ('canto do vate', no significado de *profeta*), galicínio ('canto do galo'), tirocínio

capio, capis, cepi, captum, capere (tomar): antecipar, cativo, emancipar, incipiente, mancebo

caput, capitis (cabeça): cabeça, capitão, capital, decapitar, precipício

caveo, caves, cavi, cautum, cavere (ter cuidado): cautela, incauto, precaver-se

cedo, cedis, cessi, cessum, cedere (ceder): cessão, concessão, conceder

cerno, cernis, crevi, cretum, cernere (núcleo): discernir, cerne, concernir

clamo, clamas, clamavi, clamatum, clamare (chamar): proclamar, clamador

clarus, clara, clarum (claro): claridade, clareza

colo, colis, colui, cultum, colere (habitar, cultivar): agrícola, colônia, culto, íncola, inquilino, cultura (*agri-, avi-, hort-, pisci-, triti-, vini-,* etc.)

cor, cordis (coração): acordo, discórdia, misericórdia, recordar

dico, dicis, dixi, dictum, dicere (dizer): abdicar, bendito, dicionário, ditador, fatídico, maledicência

do, das, dedi, datum, dare (dar): data, doação, editar, perdoar, recôndito

doceo, doces, docui, doctum, docere (ensinar): docente, documento, doutor, doutrina, indócil

duo, duae, duo (dois): dobro, dual, duelo, duplicata, dúvida

duco, ducis, duxi, ductum, decere (levar, dirigir): conduto, duque, educação, dútil, produzir, tradução, viaduto

Deste radical há numerosos derivados em *duzir* (*a-, con-, de-, intro-, pro-, re-, se-, tra-,* etc.).

edo, edes, edi, esum, edere (comer): comer, comida, comestível (*cum* + *edo*)

eo, is, ivi, itum, ire (ir): comício, circuito, itinerário, transitivo, subir

facio, facis, feci, factum, facere (fazer): afeto, difícil, edificar, facínora, infecto, malefício, perfeito, suficiente

Há numerosos derivados em *ficar* (*clari-, falsi-, grati-, puri-,* etc.)...

fero, fers, tuli, latum, ferre (levar, conter): ablativo, aferir, conferência, fértil, oferecer, prelado, relação98

frango, frangis, fregi, fractum, frangere (quebrar): fração, frágil, infringir, naufrágio, refratário

fundo, fundis, fudi, fusum, fundere (derreter): fútil, funil, refutar, fundir (*con-, di-, in-, re-*), confuso, difuso, profuso

gero, geris, gessi, gestum, genere (gerar): beligerância, exagero, famigerado, gerúndio, registro

gigno, gignis, genui, genitum, gignere (produzir): genitor, genital

iaceo, iaces, iacui [part. fut. *iaciturus*], *iacere* (jazer): jazigo, jacente, adjacente, subjacente

gradior, graderis, gressus sum, gradi (avançar andando): egresso, ingressar

iacio, iacis, ieci, iactum, iacere (lançar): abjecto, jato, jeito, injeção, sujeito

lac, lactis (leite): lácteo, lactante, lactente, leiteria, laticínio

lateo, lates, latui, latum, latere (estar escondido): latente

lego, legis, legi, lectum, legere (ler): florilégio, legível, leitura, lente
loquor, loqueris, locutus sum, loqui (falar): colóquio, eloquência, locução, prolóquio
ludo, ludes, lusi, lusum, ludere (jogar): ludopédio, lúdico
misceo, misces, miscui, mistum (e *mixtum*) *miscere* (misturar): mexer, misturar, miscível
mitto, mittis, misi, missum, mittere (mandar): demitir, emissão, missionário, remeter, promessa
moneo, mones, monui, monitum, monere (advertir, fazer lembrar): admoestar, admonitor
mentior, mentiris, mentitus sum, mentiri (mentir): mentir, mentira
moveo, moves, movi, motum, movere (mover): motorista, motriz, comoção, móvel
nascor, nasceris, natus sum, nasci (nascer): natal, nativo, nascituro, renascimento
nosco, noscis, novi, notum, noscere (conhecer): incógnita, noção, notável
opus, operis (obra): obra, cooperar, operário, opereta, opúsculo
os, oris (boca): oral, oralidade
patior, pateris, passus sum, pati (sofrer): compatível, paciente, paixão, passional, passivo
pendeo, pendis, pependi, pensum, pendere (pender): suspenso
pes, pedis (pé): pedal, pé
plico, plicas, plicavi ou *plicui*, *plicatum* ou *plictum*, *plicare* (fazer pregas): dobrar, aplicar, chegar, cúmplice, explicar, implícito, réplica
pono, ponis, posui, positum, ponere (colocar): aposto, dispositivo, disponível, posição, posto
quaero, quaeris, quaesivi ou *quaesii, quaesitum, quaerere* (procurar): adquirir, inquirir, quesito, questão, questor
rapio, rapis, rapui, raptum, rapere (roubar): rapto, raptar
rego, regis, rexi, rectum, regere (dirigir): correto, reitor, regência, regime, reto
rumpo, rumpis, rupi, ruptum, rumpere (romper): corrupção, corruptela, roto, ruptura, erupção
scribo, scribes, scripsi, scriptum, scribere (escrever): escritor, escritura
seco, secas, secui, sectum, secare (cortar): bissetriz, inseto, secante, seção, segador, segmento
sedeo, sedes, sedi, sessum, sedere (estar sentado): sedestre
solvo, solvis, solvi, solutum, solvere (desunir): absolver, dissoluto, resolver, solução, solúvel
specio, specis, spexi, spectum, specere (ver): aspecto, espetáculo, perspectiva, prospecto, respeito, suspeito
sto, stas, steti, statum, stare (estar): estado, distância, estante, obstáculo, substância
sterno, sternis, stravi, stratum, sternere (estender por cima): consternar, estrada, estratificar, prostrar
sumo, sumis, sumpsi, sumptum, sumere (tomar, apoderar-se): assumir, consumir, sumidade, sumário
tango, tangis, tetige, tactum, tangere (tocar): contagioso, contingência, tato, contato, atingir
tendo, tendis, tetendi, tensum ou *tentum, tendere* (estender): atender, distenso, contente, extenso, pretensão
teneo, tenes, tenui, tentum, tenere (ter): contentar, abstinência, tenaz, sustentar, tenor, detento
trado, tradis, tradidi, traditum, tradere (trazer): tradição, extraditar
tribuo, tribuis, tribui, tributum, tribuere (repartir): atribuir, retribuir
torqueo, torques, torsi, tortum, torquere (torcer): extorsão, tortura, extorquir, tortuoso, distorção
verto, vertis, verti, versum, vertere (tornar, voltar): verter, versão
video, vides, vidi, visum, videre (ver): evidência, próvido, vidente, visionário, previdência
venio, venis, veni, ventum, venire (vir): vir, vinda
vivo, vivis, vixi, victurus, vivere (viver): vida, viver
volvo, volvis, volvi, volutum, volvere (envolver): devolver, envolto, revolução

3 – Estudo Estrutural do Léxico: A Lexemática

Entende-se por *lexemática* ou *semântica estrutural* o estudo da estrutura do conteúdo ("significado") léxico.

Para evitar confusões que perturbam tal estudo, convém distinguir as *relações de significação* das *relações de designação*. As relações de significação são relações entre significados dos signos linguísticos, enquanto as relações de designação são relações entre signos linguísticos inteiros e os "objetos", isto é, as realidades extralinguísticas por eles designados e representados no discurso. Só as relações de significação são estruturáveis. Um exemplo para clarear a distinção: a designação de dois signos pode ser a mesma sem que seus significados sejam idênticos. Coseriu exemplifica com os termos gregos *brotós* e *ánthropos*, que designam a mesma classe de objetos (os homens), mas não têm o mesmo significado, isto é, não significam "o mesmo": *brotós* significa "homem como não deus" e *ánthropos* significa "homem como não animal".

Outras disciplinas *semânticas* – É justamente o estudo da estruturação das relações de significação que separa a lexemática de outras disciplinas, todas importantes, que, chamadas ou não "estruturais", estudam a "semântica", no sentido amplo do termo. Todo problema que lide com a significação é, em certo sentido, "semântico"; todavia nem todo problema "semântico" é *lexemático*, pois este só diz respeito às relações estruturais, paradigmáticas e sintagmáticas, dos significados léxicos num mesmo sistema linguístico, isto é, numa *língua funcional*.

O objeto ideal das disciplinas lexicológicas 99 – a lexemática inclusive –, como de qualquer descrição estrutural, deve ser a língua funcional, como já vimos.

Destarte, a lexemática, entendida como estrutura do significado, tem propósito diferente da *onomasiologia* (partindo do significado, a disciplina estuda as relações entre este significado e os diferentes significantes que o expressam, como, por exemplo, as denominações do corpo humano "interidiomaticamente" estudadas, quer nas várias línguas funcionais de uma mesma "língua histórica" (o português, por exemplo) ou em "línguas históricas" diferentes (o português e o francês, por exemplo), da *semasiologia* (partindo do significante, a disciplina estuda as relações que unem este significante aos diferentes significados que pode expressar) como, por exemplo, os diferentes significados que idiomaticamente podem ser expressos pelo significante "*ponto*" (*ponto* para a geometria, para a linguagem escolar, para o teatro, para a costureira, para o funcionário, etc.) 100, dos *campos associativos* (estudam as associações de um signo com outros signos estabelecidos por similitude ou por contiguidade, tanto dos significantes quanto dos significados, associações motivadas por ideias, crenças e atitudes relativas às "coisas" (como *boi* associado não só a *vaca*, *touro*, *bezerro*, *chifre*, mas também a *trabalho*, *força*, *vigor*, *paciência*, *mansidão*). São configurações associativas, como diz Coseriu, que têm interesse para a psicolinguística, para a linguística do falar e para a do texto, mas não constituem objeto da descrição estrutural das línguas [ECs.1, 165].

A lexemática e as palavras lexemáticas – Se cabe à lexemática o estudo das relações de significação, só lhe interessam, em princípio, as palavras lexemáticas, que manifestam a configuração semântica do léxico.

Por isso estão fora da consideração da lexemática as palavras que constituem

“equivalências de orações”(interjeições, partículas de afirmação e de negação, como *sim*, *não*), as palavras morfemáticas (artigos, preposições, conjunções) e as palavras categoremáticas (dêiticos ou pronomes, como *eu*, *meu*, *agora*, *aqui*), bem como os nomes próprios e os numerais, porque não são estruturáveis, embora participem da maioria dos fenômenos léxicos (como a modificação, o desenvolvimento, a composição) [ECs.2, 88].

Estruturas paradigmáticas – As estruturas lexemáticas que podem ser identificadas no léxico ou são paradigmáticas ou sintagmáticas.

Chamam-se estruturas paradigmáticas no léxico as estruturas constituídas por unidades léxicas que se encontram em oposição no eixo da seleção. Assim, “bom-mau”, “casa – casinha”, “morrer – mortal” são oposições que manifestam estruturas paradigmáticas.

Diz-se *estrutura primária* se seus termos se implicam reciprocamente, sem que um deles seja primário em relação aos outros; “jovem” implica “velho” e “velho” implica “jovem”, mas nenhum deles é primário em relação ao outro.

Diz-se *estrutura secundária* se a implicação entre seus termos é de “direção única”. Assim “casa” - “casinha”, “morrer” - “mortal”, “trabalhar” - “trabalhador” são estruturas secundárias, porque o primeiro termo de cada par está implicado pelo segundo, mas não o inverso, pois a definição do conteúdo “casa” é independente do conteúdo “casinha”, mas a definição do conteúdo “casinha” inclui necessariamente o conteúdo “casa”.

Os dois tipos de estruturas primárias – Há dois tipos de estruturas paradigmáticas primárias: o *campo léxico* e a *classe léxica*.

Um *campo léxico* é uma estrutura paradigmática constituída por unidades léxicas que se repartem numa zona de significação comum e que se encontram em oposição imediata umas com as outras.

Por exemplo, podemos preencher a lacuna em:

Estive três _____ *em Fortaleza*;

selecionando um dos seguintes lexemas do paradigma: *segundo*, *minuto*, *hora*, *dia*, *semana*, *mês*, *ano*, etc., ficando excluídos termos como: *árvore*, *casa*, *rio*, *cadeira*, etc.

Em *O muro é verde*, *verde* exclui imediatamente *azul*, *branco*, *cinza*, etc., que pertencem ao mesmo campo léxico (o das cores), mas não termos como *muito*, *pouco*, *bastante*, *menos*, etc., que pertencem a outros campos.

Cada unidade de conteúdo léxico expresso no sistema linguístico é um *lexema*. Nos exemplos acima, *segundo*, *minuto*, *hora*, etc. são lexemas.

Uma unidade cujo conteúdo é idêntico ao conteúdo comum de duas ou mais unidades de um campo é um *arquilexema*. Os traços distintivos que caracterizam os lexemas chamam-se *semas*, como emprega o linguista B. Pottier.

Tomemos, para simples exemplo, o campo lexical de “assento”, estudado pelo citado Pottier, em que “assento” é o arquilexema desse campo, que tem como lexemas, em português, entre outros que deixaremos de lado: *cadeira*, *poltrona*, *sofá*, *canapé*, *banco* e *divã* [BP.1;

MV.1, 80-81].

Como traços distintivos dos lexemas, proporemos os seguintes *semas*:

s1: ‘objeto construído para a gente se sentar’

s2: ‘com encosto’

s3: ‘para uma pessoa’

s4: ‘com braços’

s5: ‘com pés’

s6: ‘feito de material rijo’

Levando-se em conta que a presença do sema será indicado por + e, sua ausência por – , teremos:

	s1	s2	s3	s4	s5	s6
banco	+	–	–	–	+	+
cadeira	+	+	+	–	+	+
poltrona	+	+	+	+	+	–
sofá	+	+	–	+	+	–
divã	+	–	+	–	+	–
canapé	+	+	–	+	+	+

Pelo exposto, vê-se que não basta dizer, por exemplo, que “*banco* é um objeto construído para a gente se sentar”, pois tal definição se aplicaria indistintamente a todos os lexemas incluídos no campo léxico. Com base nos semas, isto é, nos traços distintivos que separam os lexemas arrolados no exemplo, diremos que “banco é um objeto construído para a gente se sentar, com material rijo (madeira, ferro, cimento), dotado de pés”.

Se se tratasse de *cadeira*, definiríamos “objeto construído para a gente se sentar, com encosto, para uma pessoa, dotado de pés e feito de material rijo”.

Um lexema pode funcionar em vários campos; é o caso do adjetivo *fresco* que funciona no campo dos adjetivos como *novo*, *velho*, etc. (cf. *queijo fresco*, *fruta fresca*), ou no campo dos adjetivos *frio*, *quente*, *morno*, etc. (*manhã fresca*, *brisa fresca*).

Sobre *neutralizações* e *sincretismos* no léxico.

Classe léxica – Chama-se *classe léxica* a uma classe de lexemas determinados por um *classema*. *Classema* é um traço distintivo comum que define uma classe, independentemente dos campos léxicos. Assim, *jovem*, *inteligente*, *gago* pertencem a campos léxicos distintos,

mas podem estar incluídos na mesma classe pelo classema "ser humano", já que podemos dizer de uma pessoa que ela é *jovem*, ou *inteligente* ou, finalmente, *gago* [MV.1, 1979, 70 e ECs.2, 176].

Para os substantivos, podem-se estabelecer, por exemplo, classes como: "seres vivos", "coisas" e, dentro da classe "seres vivos", por exemplo, "seres humanos", "seres não humanos", etc.

Para os adjetivos, pode haver classes como "positivo", "negativo" que justificam coordenações aditivas do tipo "*bom* e *inteligente*", ou coordenações adversativas do tipo "*bom* mas *brigão*".

Para os verbos podem-se também constituir várias classes, como as já conhecidas "transitivo e intransitivo" (com possibilidades de subtipos, como "transitivos que não admitem voz passiva e transitivos que a admitem), ou ainda, com base no classema "direção" (em relação ao agente da ação), os verbos "adlativos", isto é, em direção de aproximação do agente (do tipo de *comprar*, *ganhar*, *receber*, *recolher*, etc.) e os "ablativos", isto é, em direção de afastamento do agente (do tipo de *vender*, *dar*, *entregar*, *soltar*, *devolver*, etc.).

Há lexemas que se apresentam na intersecção de duas classes quanto ao seu significante, mostrando-se insensível à diferença classemática, cujo significado em uso só se pode depreender no contexto.

É o que ocorre com substantivos como *hóspede* ("aquele que dá ou recebe hospedagem"), com verbos como *alugar* ("aquele que dá ou recebe de aluguel"), em orações do tipo: *Enildo é meu hóspede*; *Zélia alugou o apartamento*.

Entram neste rol palavras como *saudoso* ("que sente ou causa saudade"), *temeroso* ("que sente ou causa temor"), *arrendar* ("que dá ou toma de renda"), *esmolar* ("que dá ou pede esmola") [MBa.3, 290 e MBa.5, 151].

É o caso também de substantivos e adjetivos que podem ser tomados à boa e à má parte, como *sucesso*, *fortuna* (= destino), *êxito*, *ventura*, e que foram depois especializados no bom sentido; quando se empregam hoje diferentemente, requerem um adjetivo da classe "negativo": *mau sucesso*, *triste fortuna*, *mau êxito*, *pobre ventura*, etc. [MBa.3, 282].

Às vezes, a língua desfaz a duplicidade de conteúdo com o recurso a novas palavras; assim *hóspede* se especializa ou pode-se especializar em "aquele que recebe a hospedagem", e se cria a palavra *hospedeiro* para o que dá hospedagem. Outras vezes, com a especialização da classe, como ocorre com *hóspede* (especializado modernamente para aquele que recebe hospedagem), o que não ocorre, entretanto, com o verbo *hospedar* (= dar ou receber hospedagem; neste último significado, aparece como pronominal: *Eu me hospedei num hotel barato*).

Estruturas secundárias – As estruturas paradigmáticas secundárias correspondem ao domínio da formação de palavras e podem manifestar-se por estruturas de *modificação*, de *desenvolvimento* e de *composição*, que implicam sempre a transformação irreversível de um termo primário existente como lexema de conteúdo (significado) e de expressão (significante) na língua. Consumada a transformação, o termo – agora secundário – pode receber

determinações gramaticais explícitas próprias dos termos primários, como a pluralização: *casa* → *casas*; *casa* → *casinha* → *casinhas*.

Dada a extensão que merece o estudo dos três tipos de estruturas secundárias, trataremos dele na parte mais adiante em que se estudam os procedimentos de formação de palavras do ponto de vista das relações de significação.

Estruturas sintagmáticas: as solidariedades – As estruturas sintagmáticas são solidariedades, isto é, relação entre dois lexemas pertencentes a campos diferentes dos quais um está compreendido, em parte ou totalmente, no outro, como traço distintivo (sema), que limita sua combinação.

Distinguem-se três tipos de solidariedade: *afinidade*, *seleção* e *implicação*.

Na AFINIDADE, o classema do primeiro lexema funciona como traço distintivo no segundo. Assim, *pé* e *pata* têm como traços distintivos ao conteúdo 'membro de sustentação do corpo' a classe 'pessoa' (*pé*: "membro de sustentação de pessoa") e 'animal' (*pata*: "pé de animal"). O mesmo com *grávida* e *prenhe*; os traços distintivos do conteúdo "fecundação" são a classe 'pessoa' (*grávida*: "fecundada em relação a pessoas"), e 'animal' (*prenhe*: "fecundada em relação a animal") [ECs.2, 141; MV.1, 77].

Na SELEÇÃO, é o arquilexema do primeiro lexema que funciona como traço distintivo no segundo. Os lexemas *pelo* e *pena*, quanto ao conteúdo 'sistema piloso' incluem como traço distintivo o arquilexema *mamífero* e *ave*: *pelo* ("sistema piloso dito de mamíferos") e *pena* ("sistema piloso dito de aves").

Na IMPLICAÇÃO é todo o primeiro lexema que funciona como traço distintivo no segundo. Por exemplo, a cor *baio* tem como traço distintivo o lexema "cavalo", pois *baio* só se diz dos cavalos. Outro bom exemplo de implicação são as chamadas vozes dos animais, pois os lexemas *relinchar*, *mugir*, *zurrar*, *balir*, *grunhir*, *ladrar*, *miar*, *cacarejar*, *regougar* são o grito relativo, respectivamente, a "cavalo", "vaca", "burro", "cabra", "porco", "cão", "gato", "galinha", "raposa".

É preciso distinguir as solidariedades semânticas vistas aqui, propriamente linguísticas, dos "clichês léxicos", ou sintagmas estereotipados e das solidariedades frequentes, determinadas pelo nosso conhecimento das "coisas"; assim, *branco* aplicado às *gaivotas* não é exemplo de solidariedade semântica, porque a combinação não é um fato de língua, mas apenas assinala a frequência de gaivotas brancas na realidade extralinguística, sem que se despreze a possibilidade de gaivotas de outra cor. Pelo contrário, em *cavalo alazão* temos um fato de língua, porque *alazão* implica o traço distintivo "próprio do cavalo", razão por que no discurso se pode usar só de *alazão*, sem que seja necessário explicitar o lexema *cavalo*. Esta operação não se estende a *branco* em relação a *gaivota*.

4 – Formação de Palavras do Ponto de Vista do Conteúdo

Já vimos na lição de Benveniste que o problema de procedimentos de formação de

palavras ultrapassa os limites da morfologia, em que, tradicionalmente, parece enquadrada, na tradição linguística.

Por outro lado, como assinala Coseriu 101, um estudo coerente da formação das palavras que se atenha estrita e exclusivamente ao ponto de vista da expressão – como o vimos até aqui – é possível; mas para o aspecto funcional e, portanto, para a compreensão e descrição de uma língua, tal estudo é pouco proveitoso, já que os procedimentos materiais (prefixação, sufixação, etc.) e os funcionais não guardam entre si nenhum paralelismo, uma vez que procedimentos materiais diferentes podem corresponder ao mesmo tipo funcional e vice-versa. A não consideração do aspecto de significado é a causa de muita discussão e incertezas em incluir no domínio da formação de palavras as combinações casuais do tipo *um salve-se quem puder*, *bom dia*, *manu tenere* > *manter*, que não constituem propriamente *procedimentos* da formação de palavras, entre outros casos.

Ainda com apoio na lição de Coseriu, um estudo de formação de palavras do ponto de vista do conteúdo, isto é, fundado no significado, está mais ajustado a seu objeto. Partindo deste ponto de vista, a formação de palavras corresponde a uma particular *gramaticalização* do léxico "primário". Tomemos a este linguista o seguinte exemplo para mostrar que as relações, digamos assim, gramaticais, que se dão nos produtos da formação de palavras são consequências das equivalências semânticas entre esses produtos e as construções que lhes correspondem do ponto de vista do conteúdo. Em *beldade* como equivalente a "o fato de ser belo/bela", o termo "fato" não é a palavra *fato* da linguagem primária e que em seguida seria determinada por "ser belo / bela", mas sim um *nome* para a substantivação efetuada nesta formação; do mesmo modo, "ser" é nome da 'predicatividade de ser', isto é, da predicação atribuída, e "belo / bela" é nome da unidade de *belo*(s) + *bela*(s) na linguagem primária, ou seja, um *belo* sem gênero e sem número. Em outros termos, seria o mesmo que dizer, abstratamente, acerca de nossa fórmula: "*belo*(s) / *bela*(s) gramaticalizado por predicação atributiva e com posterior substantivação". Isto significa que os produtos de formação de palavras dizem sempre mais do que suas respectivas bases léxicas.

Por tudo isto, conclui Coseriu que a formação de palavras é um domínio autônomo das línguas, que abarca fatos "paragramaticais" e fatos puramente léxicos, e seu estudo é um ramo autônomo da semântica funcional, que deve começar pelas funções "paragramaticais" dos procedimentos de formação e chegar até as fixações na designação.

Dissemos "paragramaticais" porque, na realidade, a formação de palavras encerra uma "gramática do léxico", mas essa gramática não deve ser confundida com a gramática que conhecemos, já que, na formação de palavras, estamos diante de funções gramaticais distintas daquelas que ocorrem na morfossintaxe. Por isso, não falamos aqui em funções gramaticais e sim em funções paragramaticais. Uns exemplos podem esclarecer o que dizemos: a formação de "coletivos" (*arvoredo*, *laranjal*, *casario*, etc.) implica, por certo, uma pluralização, mas aqui não se trata de um simples "plural", (*árvores*), sim de uma "pluralização" que se dá e se considera como unidade.

Assim também, *chegada* implica um verbo predicativo mas não implica nem modo, nem tempo, nem número, nem pessoa; *beleza* implica um nome predicativo, mas não implica nem número nem gênero. É exatamente por isso, continua Coseriu a sua lição, que tais formações

não remontam a orações concretas como *João chega* e *Maria é bela* (ou *João é belo*), mas tão somente a uma função predicativa genérica de *chegar* e *belo*(*s*), *bela*(*s*).

Assim também em *papeleira* está implicada uma "função preposicional", mas não uma determinada preposição (p.ex. "*para*"*papéis*), e *despertador* implica um elemento pronominal genérico "alguém ou algo" que, de outro modo, não tem realização em português. 102

Os três tipos fundamentais de formação de palavras – Do ponto de vista do conteúdo podem-se distinguir três tipos (ou quatro se considerarmos a composição como dois) fundamentais de formação de palavras, consoante dois critérios que se entrecruzam e dizem respeito à determinação gramatical do termo primário:

a) a gramaticalização implícita afeta um só elemento ou os dois na base da formação;

b) a gramaticalização corresponde a uma função "inatual" (i. é, "não semelhante a uma função oracional") ou a uma função "atual" (i. é, "semelhante a uma função oracional").

Pelo primeiro critério, teremos, de um lado, a *modificação* e o *desenvolvimento* (em que a gramaticalização afeta um só termo) e do outro a *composição*.

Pelo segundo critério, a função gramatical implicada na modificação é "inatual" (do tipo do "gênero" ou do "número"), enquanto no desenvolvimento a função implicada é "atual" (do tipo das funções "sujeito", "predicado", "complemento verbal"). Na composição, a função pode ser inatual ou atual (por exemplo, em português *alvinegro* e *leitor*).

Na modificação, a categoria verbal dos produtos é sempre a mesma das respectivas bases, isto é, os substantivos produzem substantivos, os adjetivos adjetivos e assim por diante, porque a função gramatical implicada é "inatual", isto é, função que afeta os lexemas modificando-os enquanto tais (e não como membros de oração ou de sintagmas). Trata-se das formações diminutivas, dos coletivos, dos verbos formados com prefixos:

cavalo → cavalinho, forte → fortão, beijar → beijocar, ver → prever

No desenvolvimento – que sempre parte de lexemas com funções de membros de oração ou de sintagma – a categoria verbal dos produtos formados é distinta da categoria da base correspondente, vale dizer, o desenvolvimento implica sempre mudança da categoria verbal do termo primário desenvolvido, isto é, substantivo produz adjetivo, substantivo produz verbo, adjetivo produz substantivo, etc., advertindo-se, na oportunidade, que pode ainda tratar-se de base não realizada como tal na norma da língua. Em:

prefeito → [verbo] → *prefeitável*,

não existe na norma do português o verbo **prefeitar*, implicado no desenvolvimento citado.

Exemplos de desenvolvimentos são também *terra* → *terreno*, *céu* → *celeste*; *roda* → *rodar*, *voo* → *voar*; *útil* → *utilidade*; *rico* → *riqueza*.

Tais formações devem ser explicadas desta maneira: *belo* + função predicativa → *beleza* ("o fato de ser belo"); *chegar* + função predicativa → *chegada* ("o fato de chegar"); *branco* + função de epíteto → o *branco*; *em barco* + função predicativa → *embarcar*; *com o martelo* + função predicativa → *martelar*.

A composição implica sempre a presença de dois elementos básicos unidos por uma

relação gramatical, quase sempre por uma relação de recção. Pode ser de dois tipos:

a) *prolexemática*: se um dos dois elementos da base é um "prolexema", isto é, um elemento de natureza pronominal, não identificável com um lexema existente na língua,[103] como ocorre em "elemento substantivo-pronominal" [do tipo "alguém" ou "algo"] + *ler* → *leitor*; o mesmo elemento + *despertar* → *despertador*. Em lugar desse tipo genérico "alguém ou algo", pode ser um arquilexema de ordem muito geral [por exemplo, *agente* + *ler* → *leitor*] ou também um arquilexema (ou um lexema) de um campo particular [por exemplo, "árvore", "comerciante": "*árvore*" + *limão* → *limoeiro*; "comerciante" + *leite* → *leiteiro*].

b) *lexemática*: em que os dois elementos implicados são lexemas e a categoria verbal dos compostos é sempre a dos elementos "determinados" na composição; são exemplos de compostos lexemáticos: *tira-teima*, *guarda-chuva*.

O primeiro tipo corresponde ao que tradicionalmente se chama "derivação" (como podemos ver, tal denominação também abarca o processo de *modificação* e *desenvolvimento* agora expostos); o segundo tipo corresponde ao que tradicionalmente se chama composição, com exceção da prefixação verbal, a qual, nesta nova concepção de processos de formação de palavras entra como um tipo de modificação.

Combinações dos procedimentos formativos – Os procedimentos de formação de palavras podem combinar-se uma ou mais vezes, sendo decisiva a ordem das combinações para o significado do produto final, não se perdendo de vista o fato de que nessa sequência podem ocorrer combinações "prévias" cujos produtos não se realizam como fatos autônomos na norma da língua, como já aconteceu com o implicado *prefeitar* (< *prefeito*) no desenvolvimento *prefeitável*; *guarda-sol* é uma combinação de composição prolexemática e lexemática: composição prolexemática *guardar* → guarda [equivalente a *guardador*, 'o que guarda', com morfema zero] e uma composição lexemática, o composto *guarda-sol*. Deste podemos ter um novo composto prolexemático: elemento substantivo-pronominal do tipo "alguém" [ou, como também vimos, o lexema "comerciante"; "fabricante"] + *guarda-sol* → *guarda-soleiro* 'comerciante ou fabricante de guarda-sol'.

O termo *desembarcar* resulta da combinação do desenvolvimento *em* + *barco* (→ embarcar) e modificação (→ *des-embarcar*).

Um termo formado por desenvolvimento pode dar origem a nova forma desenvolvida (produto de desenvolvimento), e pode assim estender-se por uma série, perfeitamente identificáveis como constituintes imediatos, quando há paralelismo entre a expressão e o conteúdo:

rico → *enriquecer* → *enriquecimento*

nação → *nacional* → *nacionalizar* → *nacionalização*

Está neste rol de combinação dos tipos fundamentais de formação de palavras o discutidíssimo tipo de compostos como *tira-teima*, *guarda-roupa* em que entra um tema verbal puro seguido em geral de substantivo, mas não necessariamente, pois pode aparecer outra classe, como um advérbio (*ganha-pouco*, *pisa-mansinho*), um numeral (*mata-sete*). Quanto à função oracional implícita nesse segundo elemento, temos em geral um objeto direto,

mas podemos ter um predicativo (*espanta-coió*), um circunstancial (*pisa-mansinho*, *ganha-pouco*, *saltinvão*).

Há também particularidades formais na constituição desses compostos: na fase da composição lexemáticas o composto prolexemático se reduz pela supressão de possíveis sufixos, ou pelas preposições que normalmente seriam empregadas na construção de um composto prolexemático substantivo com outro substantivo; dá-se a supressão regularmente quando o segundo elemento corresponde a uma função oracional com a qual o verbo implicado na composição prolexemática se constrói sem preposição, do tipo de *girassol*, que se parafraseia aproximadamente com "algo que gira na direção do sol". Em outros casos, como vimos em *saltinvão*, mantém-se a preposição.

Entendem-se tais compostos como "alguma coisa que tira teima", "alguém ou alguma coisa que guarda roupa", isto é, paráfrases de uma composição prolexemática como *tirador* (ou *tiradora*), *guardador* (*guardadora*), a que se acrescentam o lexema *teima* ou *roupa*. Trata-se, portanto, da combinação de uma composição prolexemática com uma composição lexemática ("tirador, tiradora") + *teima* → *tira-teima*.

Em face desta análise semântica, chega-se à conclusão de que o chamado "elemento verbal" deste tipo de composição não é nem um imperativo nem nenhuma outra forma verbal conjugada; trata-se de uma derivação regressiva, que, do ponto de vista funcional, é um substantivo ou, então, semanticamente, um particípio substantivado. Este "particípio" pode ser um particípio ativo transitivo (como em *guarda-roupa*), um particípio causativo (como em *passatempo*: "qualquer coisa que faz passar o tempo").

Esta análise é confirmada pelo fato de, quando não há na língua um composto deste tipo, se utilizarem compostos prolexemáticos em construção preposicional com um segundo elemento: *medidor de gás*, *espalhador de cera*, *prendedor de gravata*, etc.

Subtipos dos procedimentos de formação de palavra – Dentro dos procedimentos vistos até aqui podem ocorrer subtipos, de acordo com os subtipos de funções "paragramaticais" implicadas.

Assim, na modificação podemos ter, entre outros:

a) uma mudança do gênero "natural" (sexo): *rei* → *rainha*; *galo* → *galinha*;

b) uma quantificação: 1) para diminutivos (*carro* → *carrinho*; *doente* → *doentinho*; *beber* → *bebericar*); com a variante "apreciação aproximativa" (*velho* → *velhusco*; 2) para aumentativos (*casa* → *casarão*; *grande* → *grandalhão*); 3) para coletivos (*casa* → *casario*); 4) para intensificação (*feio* → *feinho*);

c) repetição: *fazer* → *refazer*;

d) negação: *leal* → *desleal*; *útil* → *inútil*.

No desenvolvimento podemos ter, segundo a função oracional implícita de sua base:

a) predicação: *chegar* → *chegada*; *belo* → *beleza*;

b) atributivo: *de inverno* ("pertencente ao inverno") → *invernal*.

Generalização do significado no desenvolvimento – O desenvolvimento implica, em cada fase de produção, uma desconcentração ou generalização do significado da base. Assim, *de inverno* significa "pertencente ao inverno" (cf. *jogos de inverno*); já o termo desenvolvido *invernal* significa tanto "pertencente ao inverno" quanto "semelhante ao que pertence ao inverno" (cf. *jogos invernais*). Trata-se de um valor único de língua, que se "amplia" quando comparado com a base do desenvolvimento.

Homofonias em desenvolvimento – Desenvolvimentos formados de bases diferentes podem resultar homofonias totalmente distintas das homofonias casuais dos termos simples ou primários. Assim, em português existem duas séries homófonas *mortal-mortalidade*; a primeira desenvolvida a partir do conteúdo "morrer" ("o homem é mortal" – "a mortalidade do homem"), e a segunda a partir do conteúdo "matar" ("o golpe, o remédio foi mortal" – "a mortalidade do golpe, do remédio"). *Mortandade* é variante de *mortalidade*, e só se aplica ao conteúdo de "morrer" (= grande número de mortes por pestes, em batalha").

Cabe ainda observar que, já que o desenvolvimento implica sempre um emprego determinado do termo primário ou de base, pode haver desenvolvimentos diferentes, conforme o significado implicado nesse termo e nos elementos formativos:

terra → *terrestre*, *terreal*, *terral*, *terreiro*, *terreno*.

esperar → *espera* (de *esperar* "aguardar") e *esperança* (de *esperar* "confiar").

5 – Alterações Semânticas

A se*mântica estrutural diacrônica* é o estudo funcional das mudanças semânticas no léxico. É uma disciplina ainda muito recente, e dada a natureza desta gramática dela não nos ocuparemos aqui. Nosso intento é tão somente chamar a atenção para alterações semânticas no léxico. Como disse muito bem Pagliaro "Também as palavras são uma espécie de conchas, às quais temos de encostar o ouvido com humilde atenção, se quisermos apreender a voz que dentro delas ressoa" [APg.1, 210].

No decorrer de sua história nem sempre a palavra guarda seu significado etimológico, isto é, originário. Por motivos variadíssimos, ultrapassa os limites de sua primitiva "esfera semântica" e assume valores novos.

"A língua – disse Moritz Regula –, expressão consciente de impressões exteriores e interiores, está sujeita a uma perpétua transformação. As palavras mudam de significado ou porque as coisas se modificam ou porque a "constelação psíquica" sob cuja influência nasce o sentido do objeto, se altera graças a causas diversas" [MR.1, 26].

A significação das palavras está intimamente relacionada com o mundo das ideias e dos sentimentos; "entre as ideias, entre os pensamentos não há separação absoluta por isso que as associações se estabelecem, sem cessar, de uns para outros. Vendo uma substância ou um objeto muito achatado, muito delgado e pouco resistente, por exemplo de estanho ou de ouro finamente laminado, alguém foi levado a compará-lo a uma folha de árvore; pôde-se assim

dizer com propriedade e clareza: *uma folha de estanho*, *de ouro*, *de papel*, etc. Outra associação, posterior à precedente, deu à palavra *folha* o significado bem elástico de jornal: *uma folha diária*. É que se imprimem as notícias de cada dia em folhas de papel. A palavra *coração* serviu para exprimir tanto a parte interior de um legume ou fruta: *coração da melancia*, ou a essência de um assunto: *está no coração da questão*, como ainda os sentimentos cuja sede parece estar no fundo de nosso ser: *este homem não tem coração*, etc. Todas as associações deste gênero dão origem ao que se chama, em literatura, *imagem*; as imagens da linguagem corrente não diferem muito, pela sua natureza, das que brotam da imaginação dos poetas e dos escritores em geral" [AGr.1, 93-94 – com leves adaptações para o português].

Entre as causas que motivam a mudança de significação das palavras, as principais são:

a) Metáfora – translação de significado motivada pelo emprego em solidariedades, em que os termos implicados pertencem a classes diferentes mas pela combinação se percebem também como assimilados:

*cabelos de **neve**, **pesar** as razões, **negros** pressentimentos, **doces** sonhos, passos **religiosos*** [AR.1, 17 – nos queria ressaltar a religiosidade de sua personagem], ***boca** do estômago*, ***dentes** do garfo*, ***costas** da cadeira*, ***braços** do sofá*, ***pés** da mesa*, ***gastar rios** de dinheiro*, ***vale** de lágrimas*, *o **sol** da liberdad*e, *os dias **correm***, *a noite **caiu***.

OBSERVAÇÃO: Assim, a metáfora não resulta – como tradicionalmente se diz – de uma comparação abreviada; ao contrário, a comparação é que é uma metáfora explicitada. Importa, outrossim, distinguir a metáfora *linguística* (linguisticamente motivada pelo descompasso dos termos implicados nas solidariedades) da metáfora *motivada extralinguisticamente* pelo nosso saber sobre as coisas, como ocorre em expressões metafóricas do tipo de *não ponha a carroça diante dos bois* para expressar a inversão incorreta de uma ação ou de um juízo. As metáforas têm largo emprego na língua espontânea e na literária, e nesta teve grande difusão entre os poetas simbolistas. Cf. [ECs.1, 291], [ECs.2, 207], [ECs.3, 293 n. 22] e [HM.1, 109]: "A literatura moderna tem uma preferência para a metáfora oposta à comparação explícita. É a fusão imediata do mundo pessoal e do objetivo, do espiritual e do concreto, que levam a uma identificação direta, sem elos de ligação que intermedeiem a passagem dum plano para outro".

b) Metonímia – translação de significado pela proximidade de ideias:

1 – causa pelo efeito ou vice-versa ou o produtor pelo objeto produzido:

*um **Rafael*** (por um *quadro de Rafael), as **pálidas** doenças* (por *doenças que produzem palidez*), ***ganhar** a vida* (por *meios que permitam viver), ler **Machado de Assis*** (i.é, *um livro escrito por M. de Assis)*.

2 – o tempo ou o lugar pelos seres que se acham no tempo ou lugar:

*a **posteridade*** (i.é, *as pessoas do futuro*), *a **nação*** (i.é, *os componentes da nação*).

3 – o continente pelo conteúdo ou vice-versa:

*passe-me a **farinha*** (i.é, a farinheira), *comi **dois pratos*** (i.é, *a porção da comida que dois pratos continham*).

4 – o todo pela parte ou vice-versa:

*diz a **Escritura*** (i.é, *um versículo da Escritura*), *encontrar um **teto amigo*** (i.é, *uma casa*).

5 – a matéria pelo objeto:

*um **níquel*** (i.é, *moeda de níquel*), *uma **prata*** (i.é, *moeda de prata*)

6 – o lugar pelo produto ou características ou vice-versa:

jérsei (= *tecido da cidade Jersey*), ***gaza*** (= *tecido da cidade de Gaza*), ***havana*** (= *charutos da cidade de Havana*); ***greve*** (*as reuniões feitas na Place de la Grève*).

7 – o abstrato pelo concreto:

*A **virtude** vence o **crime*** (isto é, *as pessoas virtuosas vencem os criminosos*); *praticar a **caridade*** (= *atos de caridade*).

8 – o sinal pela coisa significada ou vice-versa:

o ***trono*** (= *o rei*), *o* ***rei*** (= *a realeza*)

c) Catacrese – translação do significado por esquecimento do significado original:

panaceia universal (*panaceia* '*remédio* para todos os males' já tem no elemento *pan-* a ideia de universalidade, generalidade), *etimologia verdadeira, abismo sem fundo, anedota inédita, correta ortografia, bela caligrafia, caldo quente, homicida do vizinho, hecatombe de almas, embarcar no trem, calçar as luvas.* [MBa.3, 311-317]

Produtos correntes da translação de significado, as catacreses são fatos normais que só devem ser evitados quando a noção primitiva ainda estiver patente para o falante.

d) Braquilogia ou abreviação – as diversas acepções de uma palavra devidas à elipse do determinante ou vice-versa:

dou-lhe a minha ***palavra*** (i.é, *palavra de honra*), *vamos à* ***cidade*** (i.é, *ao centro da cidad*e), *um* ***possesso*** (i.é, *pessoa possuída do demônio*), *aproveitar a* ***ocasião*** (= *a boa ocasião*), *a festa da* ***Ascensão*** (= da *Ascensão de Jesus Cristo*).

e) Eufemismo – translação de sentido pela suavização da ideia:

1 – para a morte:

finar-se, falecer, entregar a alma a Deus, dar o último suspiro (literários), passar desta a *melhor, ir para a cidade dos pés juntos, dizer adeus ao mundo, esticar as canelas, desocupar o beco, bater as botas, etc.* (*estes* populares).

2 – para a bebida:

abrideira, *água que gato* (*passarinho*) *não bebe*, *januária*.

O tabu linguístico pode favorecer o aparecimento de expressões eufemísticas. O medo de proferir palavras como *diabo*, *demônio*, *satanás* nos leva a usar desfigurações voluntárias como *diacho*, *diogo*, *demo*, *satã*. [MG.1, 76 e ss.]

f) Alterações semânticas por influência de um fato de civilização:

tonto (= *louco*) particípio do verbo *tondere*, por *tonso*, lembra-nos o tempo em que se rapava a cabeça aos loucos.104

pagão (= *indivíduo que não foi batizado*) se prende à época inicial do Cristianismo, pois a Igreja fez uso especial do termo que tinha curso na linguagem militar: *paganus*, o civil, em oposição ao soldado (castrensis) passou a ser o oposto a *christianus* [cf. EG.1, 134; RH.1, 132].

cor (*saber guardar*, *ter de* – = *de memória*) relembra-nos a época em que a anatomia antiga fazia do coração a sede dos sentimentos, da inteligência, da memória.

judiar (= *zombar*, *atormentar*) lembra-nos a época dos tormentos praticados ou sofridos pelos judeus. A palavra ***judas*** (= *homem mal trajado*) é uma aplicação do nome próprio *Judas* a quem o povo atribui qualidades negativas.

calabrear (= *misturar*; *confundir*; *mudar para pior*; *alterar vinhos*): documenta a má fama em que eram tidos os calabreses, acrescida pela lenda popular de que Judas era natural da Calábria, no sul da Itália. Cf. artigo de L. Spitzer, *Boletim de Filologia* (Lisboa), V, 3-4, pág. 376.

A maneira aristocrática de ver as coisas é responsável pela mudança de significado de algumas palavras:

vilão (saído do latim *villa* = quinta, aldeia), de "*camponês*" passou a designar "homem grosseiro", "perverso", "infame".

De vez em quando, surgem pessoas que querem ver expurgadas dos dicionários certas palavras depreciativas de povo ou localidade (como *judiar*, *baianada* e outros). É excesso de sentimento a que a História não se curva, nem o povo leva em conta, porque, no uso do termo,

não entra nas minúcias históricas do pesquisador, nem procura, usando a palavra, fazer juízo específico a respeito do povo ou da localidade.

g) Etimologia popular ou associativa

É a tendência que o falante – culto ou inculto – revela em aproximar uma palavra a um determinado significado, com o qual verdadeiramente não se relaciona.105

Às vezes a palavra recebe novo matiz semântico sem que altere sua forma. *Famigerado*, por exemplo, que significa "célebre", "notável",106 influenciado pela ideia e semelhança morfológica de faminto, passa, na linguagem popular, a este último significado. *Intemerato* (= sem mancha, puro), graças a *temer*, é considerado como sinônimo de *intimorato*; *inconteste* (= *s*em testemunho) passa a sinônimo de *incontestável*; *falaz* (= falso, enganador) é aproximado de *falador*.

Espécies de alteração semântica

A) Extensão do significado;

B) Enobrecimento do significado;

C) Enfraquecimento do significado.

A – ***Extensão do significado***

prédio (= propriedade rústica ou urbana inamovível) passou a designar qualquer edifício sem referência ao solo.

espraiar (= jogar algo à praia) alargou o significado como sinônimo de "estender-se por larga área".

embarcar (= entrar na barca) significa hoje "entrar em qualquer condução".

aliviar (= tornar mais leve uma carga) se diz hoje como igual a "minorar", "diminuir", "abrandar", uma culpa, um mal, o tempo (a chuva aliviou).

1 – **Restrição ou especialização do significado**

a) *fortuna* (destino bom ou mau) especializa seu sentido na direção positiva.

sucesso (acontecimento bom ou mau) passa a exprimir só o lado bom.

carta (= epístola) tinha em latim o sentido de qualquer livro, papel, escrito.

britar (significava "quebrar qualquer coisa") restringiu hoje o seu significado para "quebrar pedras".

b) *abreviação ou condensação: um havana* (= charuto de Havana); o champanha (= o vinho de Champagne); um (a) jato (= avião a jato).

2 – **Plenitude do significado**

Um milhão de reais já é uma *quantia*; José mostrou-se um *homem.*

B – ***Enobrecimento do significado***

emérito (aplicado ao funcionário que se aposentava) significa hoje *distinguido*, *ilustre*.

marechal (= criado do cavalo) passou a indicar o posto mais elevado do Exército.

pedagogo (era o escravo que conduzia as crianças à escola); significou depois o professor ou profissional em educação.

3 – **Degradação do significado (Pejorativos)**

vilão.

libertino (= escravo liberto) passou a indicar o indivíduo devasso, sem pudor.

libidinoso (= que segue seu capricho) significa hoje o dissoluto.
valetudinário (= de boa ou má saúde ou compleição) significa hoje só à má parte

C – ***Enfraquecimento do significado***

O emprego contínuo de uma palavra provoca a diminuição de sua energia semântica, mormente nas expressões afetivas. *Bajular* era "levar alguém às costas", o que enfatiza a ideia de servidão que tinha a palavra no início do seu emprego em expressões como "bajular o chefe".

Pequena nomenclatura de outros aspectos semânticos

1) **Polissemia** – É o fato de haver uma só forma (significante) com mais de um significado unitário pertencentes a campos semânticos diferentes. Ou, em outras palavras, a polissemia é um conjunto de significados, cada um unitário, relacionados com uma mesma forma. Portanto, não se pode ver a polissemia como "significados imprecisos e indeterminados", porque cada um desses significados é preciso e determinado:

pregar (um sermão) – *pregar* (= preguear uma bainha da roupa) – *pregar* (um prego)

manga (de camisa ou de candeeiro) – *manga* (fruto) – *manga* (= bando, ajuntamento) – *manga* (parede)

cabo (cabeça, extremidade, posto na hierarquia militar) – *cabo* (= parte de instrumento por onde esse se impunha ou utiliza: *cabo* da faca)

A polissemia é, portanto, um fato de língua.

É preciso não confundir a polissemia léxica ou *homofonia*107 com variação semântica ou polivalência no falar (fato de fala), que consiste na diversidade de acepções (sentidos) de um mesmo significado da língua segundo os valores contextuais, ou pela designação, isto é, graças ao conhecimento dos "estados de coisas" extralinguísticos:

pensar { um assunto / um ferimento

ponto {
- em geometria: um ponto no espaço
- em gramática: sinal de pontuação
- em teatro: auxiliar de atores
- em táxi: ponto de táxi
- em gíria escolar: o professor deu *ponto* novo ("matéria") / o aluno precisa de dois *pontos* (= grau)

Como lembra Coseriu, "antes de optar pela homofonia, dever-se-á perguntar se não se trata de variação (semântica): em todos os casos em que as homofonias ou polissemias não sejam evidentes (por exemplo, por se tratar de formas que pertencem a paradigmas diversos) (...), há de se buscar primeiro aquilo que caracteriza as línguas, isto é, invariantes de significado ou "significado unitário". E só quando se mostre absolutamente impossível "reduzir" todas as

acepções de uma forma a um valor unitário de língua, será lícito admitir homofonia (...)" [ECs.1, 206; AV.1, 101-102].

NOTA DE NOMENCLATURA: A tradição gramatical e os linguistas divergem na conceituação de *polissemia* e *homonímia*, criada ao tempo da linguística diacrônica. Por polissemia entende a tradição a "propriedade da significação linguística de abarcar toda uma gama de significações, que se definem e precisam dentro de seu contexto" [MC.4]. Exemplifica com a preposição *a* (significação gramatical) e a palavra *andar* (significação lexical): *ir a Lisboa*, *andar a* pé, *falar a Pedro*; *andar a largos passos*, *andar de automóvel*, *andar doente.*

2) **Homonímia** – Já por *homonímia* entende a tradição: "propriedade de duas ou mais formas, inteiramente distintas pela significação ou função, terem a mesma estrutura fonológica, os mesmos fonemas, dispostos na mesma ordem e subordinados ao mesmo tipo de acentuação; como exemplo: um homem *são*; *São* Jorge; *são* várias as circunstâncias (...)

Ela é possível sem prejuízo da comunicação em virtude do papel do contexto na significação de uma forma, como sucede com *são* nos exemplos dados [MC.4, s.v.].

Dentro da homonímia, alude-se, em relação à língua escrita, aos *homófonos* distinguidos por ter cada qual um grafema diferente, de acordo com o sistema ortográfico: *coser* 'costurar'; *cozer* 'cozinhar'; *expiar* 'sofrer'; *espiar* 'olhar sorrateiramente'; *sessão* 'ato de assistir'; *cessão* 'ato de ceder'; *cela* 'quarto para enclausuramento'; *sela* 'peça de arreio'[MC.4, s.v.].

O mesmo linguista aponta o artificialismo do conceito de *homógrafos*, "formas que se escrevem com as mesmas letras mas correspondendo elas a fonemas distintos, pois já não se trata evidentemente de homônimos da língua, cuja essência são as formas orais" [MC.4, s.v.].

Todos apontam a dificuldade de nem sempre se poder distinguir a polissemia da homonímia. Têm sido propostos alguns critérios para aclarar se se trata de uma mesma palavra com dois ou mais significados diferentes (polissemia) ou de duas palavras distintas com idênticos fonemas (homonímia):

a) critério histórico-etimológico – é o que fazem, em geral, os nossos dicionários;

b) a consciência linguística do falante;

c) critério das relações associativas;

d) critério dos campos léxicos.

Todos estes critérios estão sujeitos a críticas, como resenhou exaustivamente Geckeler [HG.1, 146-158].

Em erudito artigo, Coseriu chega, cremos, à correta interpretação da *polissemia*, na análise que faz do ensinamento de Aristóteles e resumo crítico desse artigo em AV.1, 92-107.

3) **Sinonímia** – É o fato de haver mais de uma palavra com semelhante significação, podendo uma estar em lugar da outra em determinado contexto, apesar dos diferentes matizes de sentido ou de carga estilística.

casa, *lar*, *morada*, *residência*, *mansão*

Um exame detido nos mostrará que a identidade dos sinônimos é muito relativa; no uso (quer literário, quer popular), eles assumem sentidos "ocasionais" que no contexto um não pode ser empregado pelo outro sem que se quebre um pouco o matiz da expressão. Uma série sinonímica apresenta-se-nos com pequenas gradações semânticas quanto a diversos domínios:

o sentido abstrato ou concreto; o valor literário ou popular (*fenecer* / *morrer*); a maior ou menor intensidade de significação (*chamar* / *clamar* / *bradar* / *berrar*); o aspecto cultural (*escutar*/*auscultar*) e tantas outras.

4) **Antonímia** – É o fato de haver palavras que entre si estabelecem uma oposição *contraditória* (*vida*; *morte*), *contrária* (*chegar*; *partir*) ou *correlativa* (*irmão*; *irmã*) [JK.1 *apud* HGe.1, 288 n.23].

Já Lyons [JLy.1 *apud* HGe.1, 291] entende que se podem distinguir três subconceitos do que se há de compreender por antonímia em sentido amplo:

a) *complementaridade* (a negação de uma implica a afirmação da outra e vice-versa: *João não está casado* implica que *João é solteiro*; *João está casado* implica que *João não é solteiro*);

b) *antonímia* (opostos por excelência: *grande* : *pequeno*);

c) *correlação* (*comprar* : *vender*; *marido* : *mulher*).

Quanto à sua manifestação constitucional, Mattoso cita os três aspectos diferentes:

a) mediante palavras de radicais diferentes: *bom* : *mau*;

b) com auxílio de um prefixo negativo em palavras do mesmo radical: *feliz* : *infeliz*; *legal* : *ilegal*; *político* : *apolítico*;

c) palavras que têm prefixos de significação contrária: *excluir* : *incluir*; *progredir* : *regredir*; *superpor* : *soto-pôr*.

Às vezes, a negação serve para atenuar a oração afirmativa: *Pedro não está bem* : *Pedro está mal*.

Às vezes ocorre a antonímia porque a palavra apresenta valor ativo e passivo:

alugar { a) dar de aluguel / b) receber de aluguel

emprestar { a) dar de empréstimo / b) receber de empréstimo

hóspede { a) quem recebe a hospedagem / b) quem dá a hospedagem (hoje hospedeiro)

esmolar { a) dar esmolas / b) receber esmolas

5) **Paronímia** – É o fato de haver palavras parecidas na forma e diferentes no significado:

Os parônimos dão margem a frequentes erros de impropriedade lexicais:

proscrever: proibir
prescrever: aconselhar

tráfego: trânsito
tráfico: comércio

ratificar: confirmar
retificar: corrigir

infringir: transgredir, violentar
infligir: aplicar pena, castigo

descrição: ato de descrever
discrição: qualidade de quem é discreto

intimorato: destemido, intrépido
intemerato: puro, imaculado

iminente: pendente, próximo para acontecer
eminente: ilustre

C) Estrutura do enunciado ou período. A oração e a frase

I – A Oração e as Funções Oracionais

Enunciado ou período – Toda a manifestação da linguagem com vistas à comunicação com nossos semelhantes se constrói com uma sequência de unidades delimitadas por um silêncio que precede o início dessa atividade e o que se lhe segue, acompanhada de contorno melódico, também chamado curva de entoação e normalmente marcada, na escrita, pelos sinais de pontuação e pelo emprego da maiúscula inicial:

O galo-da-campina ergue a poupa escarlate fora do ninho.

A esta unidade linguística que faz referência a uma experiência comunicada e que deve ser aceita e depreendida cabalmente pelo nosso interlocutor se dá o nome de *enunciado* ou *período*.

Há enunciados relativamente curtos, como o do nosso exemplo, ou ainda mais curtos, como *Sim* ou *Vou*, e há os que se dilatam por muito maior extensão:

O galo-da-campina ergue a poupa escarlate fora do ninho e seu límpido trinado anuncia a aproximação do dia.

Conforme a realidade designada, os enunciados se apresentam com formas variadas:

1. Os homens desejam a paz.
2. Ela não trabalha aos sábados.
3. Muitas crianças viram os pássaros.
4. Bebel gosta do colégio.
5. O chefe dará oportunidades aos jovens.
6. O sol é um astro luminoso.
7. Chove muito no verão.

8. Relampeja.
9. Que achou você da festa?
10. Eles ainda não chegaram?!
11. Vivam os campeões!
12. Que calor!
13. Depressa!

Apesar de tão variadas formas por que se apresentam os enunciados, há traços comuns que devem ser ressaltados [AL.1, 256]:

a) são mensagens completas e de acordo com a situação em que se acham falante e ouvinte;

b) são unidades sequenciais delimitadas por um silêncio precedente a ele e uma pausa final;

c) são proferidos com um contorno melódico particular.

Esta curva de entonação é o significante ou expressão material que evoca a modalidade de intenção comunicativa do enunciado (significado ôntico) que o falante quer transmitir ao seu interlocutor:

a) ou para lhe expor, afirmando ou negando, certos fatos (*Pedro estuda. Pedro não estuda*.);

b) ou para indagar sobre algo (*Pedro estuda*? *Pedro não estuda*? *Quem chegou*?);

c) ou para apelar-lhe, em geral, atuando sobre ele (*Dê-me o livro. Não me dê o livro. Volte cedo*.);

d) ou para chamar-lhe a atenção (*Ó Pedro.*);

e) ou para traduzir-lhe os próprios pontos de vista ou sentimentos (*Que prazer*! *Como está frio*!).

Assim, quanto à significação fundamental do enunciado, temos cinco tipos ou classes essenciais deles: *declarativo* ou *enunciativo*, *interrogativo*, *imperativo-exortativo*, *vocativo* e *exclamativo*, dos quais o primeiro corresponde à função representativa – informativa da linguagem, os três seguintes à função apelativa e o último à função expressiva [HC.1, s. v. Frase].

Entre o primeiro e o segundo tipos há maior afinidade do que entre o primeiro e os restantes. Talvez porque o primeiro encerre o aspecto ou papel fundamental da intenção comunicativa da linguagem, é considerado o enunciado típico – base do impulso inicial da especulação gramatical pela lógica grega –, do qual os outros tipos são considerados derivados ou ao qual todos os outros tipos se podem reduzir. Por isso é que a unidade linguística, dentro desta concepção original, recebe o nome de *enunciado*; na tradição gramatical brasileira, *período.*

Oração e frase – Entre os tipos de enunciados há um conhecido pelo nome de *oração* que, pela sua estrutura, representa o objeto mais propício à análise gramatical, por melhor revelar as relações que seus componentes mantêm entre si, sem apelar fundamentalmente para o entorno (situação e outros elementos extralinguísticos) em que se acha inserido. É neste tipo de enunciado chamado *oração* que se alicerça, portanto, a gramática, e será especificamente dela que trataremos a seguir.

Mas antes devemos adiantar que o enunciado também aparece sob forma de *frase*, cuja estrutura interna difere da oração porque não apresenta relação predicativa. São às vezes simples palavras, outras vezes uma reunião delas, que são transpostas à função do enunciado. Em nosso exemplário anterior, constituem *frases* os seguintes enunciados:

Depressa!
Que calor!

Mais adiante trataremos desse tipo de enunciado com mais atenção.

A oração se caracteriza por ter uma palavra fundamental que é o *verbo* (ou sintagma verbal) que reúne, na maioria das vezes, duas unidades significativas entre as quais se estabelece a *relação predicativa* – o *sujeito* e o *predicado*:

Sujeito	*Predicado*
Pedro	estuda.
Pedro	não estuda.

Comparemos agora as seguintes possibilidades:

Eu estudo português às segundas-feiras no horário da manhã.
Eu estudo português às segundas-feiras.
Eu estudo português.
Eu estudo.
Estudo.

Nas possibilidades acima, o único constituinte indispensável foi o verbo *estudo*, o que o faz *núcleo* da oração, enquanto os outros constituintes são adjacentes ao núcleo. Esta adjacência não guarda a mesma relação entre os diversos constituintes da oração, pois a relação entre o sujeito *eu* é mais estreita com o verbo *estudo* que os demais. Mas a relação predicativa pode ser *referida* a um sujeito, como em *Eu estudo*, ou *não referida*, como *Chove*. Por isso, nem mesmo o sujeito é um constituinte imprescindível da oração e, por conseguinte, da relação predicativa, embora a sua presença ao lado do verbo pessoal constitua o tipo mais frequente – diríamos até a estrutura favorita – de oração em português.

Em *Chove*, o verbo flexionado na 3.ª pessoa – marca o sujeito gramatical, isto é, assinalado apenas gramaticalmente, mas temos uma relação predicativa não referida, pois não admite sujeito explícito. Diz-se que o verbo é *impessoal* e a oração é *sem sujeito explícito*. A chamada 3.ª pessoa é a não pessoa, é a não eu nem meu interlocutor, e assim é a forma utilizada para indicar a relação predicativa não referida, isto é, as orações sem sujeito explícito.

Sujeito e predicado – O primeiro grupo natural corretamente identificado exerce uma função sintático-semântica chamada SUJEITO, e o segundo grupo exerce outra função sintático-semântica chamada PREDICADO.

Sujeito	*Predicado*
Os homens	desejam a paz.
Eu	trabalho como professor.
Muitas crianças	viram os pássaros
O bom filho	compreende o esforço dos pais
O sol	é um astro luminoso.

Conhecendo melhor o sujeito: núcleo e determinantes 108 – Chama-se sujeito à unidade ou sintagma nominal que estabelece uma relação predicativa com o núcleo verbal para constituir uma oração. É, na realidade, uma *explicitação léxica* do sujeito gramatical que o núcleo verbal da oração normalmente inclui como morfema número-pessoal. Em:

Eu estudo no colégio e eu e dois irmãos brincamos no clube,

os núcleos verbais das duas orações *estudo* e *brincamos* incluem os morfemas *–o* (*estud-o*) e *–mos* (*brinca-mos*), que indicam os sujeitos gramaticais "1.ª pessoa do singular" e "1.ª pessoa do plural", respectivamente. Estes sujeitos gramaticais, quando necessários ao melhor conhecimento da mensagem veiculada no texto, podem ser explicitados por *formas léxicas* que guardam com os sujeitos gramaticais a relação gramatical de concordância em número e pessoa. Assim é que em *Eu estudo*, *eu*, pronome de 1.ª pessoa do singular, se acomoda à indicação do morfema *–o*, indicador, nos verbos, da 1.ª pessoa do singular no presente do indicativo:

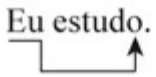

Já em *brincamos*, o sujeito gramatical "1.ª pessoa do plural" está indicado pelo morfema *–mos*. Este sujeito inclui necessariamente a pessoa que fala (eu), mas abre um amplo leque de pessoas que com ela participam do processo indicado pelo lexema *brincar*:

Eu e meu vizinho
Eu e minha colega
Eu e os primos, etc.

Por isso, sente o falante a necessidade de explicitar, de indicar claramente a que pessoas ele quer referir-se:

Eu e dois irmãos brincamos no clube.

Vê-se, então, que não se pode falar, a rigor, de elipse do sujeito, quando aparece apenas o núcleo verbal da oração (*Estudo*, *Brincamos*), já que ele aparece sempre presente na forma verbal flexionada no morfema que representa o sujeito gramatical (1.ª, 2.ª e 3.ª pessoas, do singular ou plural). Trata-se, pelo contrário, da sua expansão ou não, mediante o sujeito explícito, fato que não está mais na exigência da gramática (quando há, é claro, relação predicativa referida, mas do texto, para a transmissão efetiva e clara da mensagem).

Sujeito é uma noção gramatical, e não semântica, isto é, uma referência à realidade designada, como ocorre com as noções de *agente* e *paciente*. Assim, o sujeito não é necessariamente o agente do processo designado pelo núcleo verbal, como se patenteia em:

Machado de Assis escreveu extraordinários romances.

O sujeito pode representar o paciente desse processo:

Extraordinários romances foram escritos por Machado de Assis.

O sujeito, quando explicitado ou claro na oração, está representado – e só pode sê-lo – por uma expressão substantiva exercida por um *substantivo* (*homem*, *criança*, *sol*) ou pronome (*eu*) ou equivalente. Diz-se, portanto, que o núcleo do sujeito é um substantivo ou equivalente. Uma palavra não é substantivo porque pode exercer a função de sujeito; ao contrário, só pode ser sujeito porque é um substantivo ou equivalente.

A característica fundamental do sujeito explícito é estar em consonância com o sujeito gramatical do verbo do predicado, isto é, se adapte (isto é, *concorde*) a seu número, pessoa e gênero (neste caso quando há particípio no predicado):

Eu nasci. *Nós nascemos*. Elas não *eram nascidas*.

O reconhecimento seguinte do sujeito se faz pela sua posição normal à esquerda do predicado, bem como por responder às perguntas *quem*? (aplicado a seres animados), *que*? *o quê*? (aplicado a coisas), feitas antes do verbo.

José escreveu uma bela redação.

Quem escreveu uma bela redação? – *José*

O livro caiu.

Que caiu? – *O livro*.

Muitas vezes a expressão substantiva núcleo do sujeito – ou de qualquer função que tem por núcleo uma expressão substantiva – se faz acompanhar de determinantes que têm por papel expressivo *dizer algo acerca de algo com signos da língua*, isto é, com instrumentos verbais da língua. Assim, para ficarmos só nos limites do grupo natural representado pelo sujeito de enunciados, os determinantes dos núcleos substantivos são: *os* (homens), *muitas* (crianças), *o* e *bom* (filho), *o* (sol).

1) Determinantes, pré-determinantes e pós-determinantes

O exemplo da oração:

O bom filho compreende o esforço dos pais

nos põe diante da possibilidade de estar o núcleo substantivo que funciona como sujeito explícito acompanhado de mais de um determinante (*o* e *bom*). Nestes casos, a língua portuguesa conhece determinantes que podem figurar antes de outro determinante (os pré-determinantes) e os que podem figurar depois de outro determinante (os pós-determinantes).

Os determinantes estão, em geral, representados pelas seguintes classes de palavras: *adjetivo*, *artigo* e *pronome demonstrativo* ou equivalentes de adjetivos (estes veremos mais adiante):

Noites *claras* prenunciam bom tempo.

O livro está esgotado.

Esta manhã prometia chuva.

Na sequência de determinantes, aparecem como pré-determinantes, à esquerda do determinante, as palavras que podem receber globalmente o nome de *Quantificador* (*algum*, *certo*, *vários*, *todo*, *todos*, *qualquer*, *alguns* (*de*), *vários* (*de*), etc.:

Alguns bons momentos são inesquecíveis.

Todos os alunos saíram.

Alguns de nós não foram à festa.

Aparecem como pós-determinantes, isto é, as palavras que ocorrem à direita do determinante e do pré-determinante, o *pronome possessivo* e o *numeral*:

Os *seus* livros não estavam na estante.

Aqueles *dois* erros eram graves.

Vários de *meus* sobrinhos são engenheiros.

Aqueles *dois seus* vizinhos trabalham no comércio.

Antes de passarmos à descrição dos termos sintáticos integrantes da oração em português, precisamos falar de algumas noções que se fazem necessárias a que tal tarefa se realize o mais adequadamente possível. Estas noções dizem respeito *a termos nucleares* e *marginais* e *termos argumentais* e *não argumentais*, *termos opcionais* e *não opcionais*, e, finalmente, *termos integráveis* e *não integráveis*.

2) Termos nucleares e marginais

Numa oração como:

Graciliano falou de temas universais em seus romances,

além de *Graciliano* e *falou*, que são núcleos do sujeito e do predicado, temos os termos *de temas universais* e *em seus romances*, que se dizem *nucleares*, do ponto de vista sintático-semântico, porque estão intimamente referidos à relação predicativa, já que *de temas universais* explicita aquilo de que falam os romances de Graciliano Ramos, enquanto *em seus romances* faz alusão ao tipo de escritos nos quais o autor fala desses temas.

Já em:

Certamente, Graciliano viveu experiências amargas, durante sua vida,

muitas experiências amargas e *durante sua vida* são *nucleares*, porque também estão intimamente ligados, pelas relações sintáticas e semânticas, à função predicativa da oração, que tem por núcleo o verbo *viveu*. Tal não ocorre, porém, com o termo *certamente*, que não está referido nem somente ao sujeito nem somente ao predicado, mas a toda a oração. Esta independência sintática e semântica lhe permite deslocar-se livremente nos limites da oração:

Certamente, Graciliano viveu experiências amargas durante sua vida.
Graciliano, certamente, viveu experiências amargas, durante sua vida.
Graciliano viveu, certamente, experiências amargas durante a sua vida.
Graciliano viveu experiências amargas, certamente, durante a sua vida.
Graciliano viveu experiências amargas durante a sua vida, certamente.

Este termo *certamente*, verdadeiro comentário à parte do narrador, se considera um termo *marginal* da frase, de que nos ocuparemos mais adiante.

3) Termos argumentais e não argumentais – Se os termos nucleares se referem sintática e semanticamente à relação predicativa da oração, eles nem sempre o são no mesmo grau de coesão e de dependência ou subordinação. Assim, na oração:

Graciliano conheceu experiências amargas durante sua vida,

experiências amargas e *durante sua vida*, já o dissemos, são termos nucleares, mas o primeiro (*experiências amargas*) está mais estreitamente ligado ao conteúdo do pensamento designado pelo verbo *conhecer* do que o termo *durante sua vida*. Dizemos, então, que o termo nuclear *experiências amargas* é também um termo *argumental* ou é um *argumento*, porque aparece solicitado ou regido pelo significado lexical referido pelo verbo *conheceu*. Já o termo *durante sua vida* não está condicionado pelas relações sintáticas e semânticas do mesmo verbo; por isso pode não aparecer na referida oração, sem que esta se prejudique na sua estruturação sintático-semântica:

Graciliano conheceu experiências amargas,

o que não se daria, se eliminássemos o termo argumental *experiências amargas*:

* Graciliano conheceu durante sua vida.

Assim, *durante sua vida* é um termo *não argumental*. *Argumental* e *não argumental* distinguem as mesmas características sintáticas e semânticas que a gramática tradicional utiliza para separar os *complementos* ou termos *regidos* ou ainda *integrantes* dos *adjuntos* ou termos *acessórios*.

Além da capacidade de poder ser eliminado da oração, o termo não argumental, pela sua coesão fraca e independência sintático-semântica em relação ao predicado, goza de maior liberdade de colocação na *oração*, marcado com pausa adequada, assinalada quase sempre por sinais de pontuação:

Graciliano conheceu experiências amargas durante sua vida.
Durante sua vida, Graciliano conheceu experiências amargas.
Graciliano conheceu, durante sua vida, experiências amargas.

Esta liberdade, já o vimos, conheceu também o termo marginal *certamente*, do exemplo anterior; só que *durante sua vida* é termo nuclear, e não marginal, porque está referido ao predicado das orações acima. Esta liberdade se deve às características sintáticas e semânticas do verbo *conheceu*.

É oportuno lembrar também que um termo argumental o é por motivação das características sintáticas e semânticas da relação predicativa, e não apenas pelo conteúdo designado. Assim, uma noção de lugar como *no Brasil* pode funcionar como argumental ou complemento na oração (1), e como não argumental na oração (2):

(1) Ele mora *no Brasil.*
(2) Ele trabalha *no Brasil.*

Na oração (1), em condições normais, não se pode prescindir de *no Brasil*:

* Ele mora.

Já na oração (2), o apagamento de *no Brasil* é perfeitamente normal:

Ele trabalha.

4) Termos opcionais e não opcionais – É preciso não confundir termo argumental e não-argumental com termo não-opcional e opcional, respectivamente.

Muitas vezes um termo argumental, isto é, condicionado pelas características sintáticas e semânticas de recção ou regência do termo regente, pode ser dispensado, apagado ou eliminado da oração pelo falante ou porque já foi referido anteriormente e, por isso, é facilmente subentendido pelo ouvinte, ou porque, graças ao conhecimento que temos das coisas e do mundo, a nossa experiência também facilmente entende aquilo de que estamos falando.

Assim é que não se precisa repetir o sujeito *Antônio* junto ao segundo verbo do grupo de orações:

Antônio saiu cedo, mas não gostou da ideia,

que seria

Antônio saiu cedo, mas Antônio não gostou da ideia.

Também em razão do nosso saber sobre as coisas do mundo extralinguístico é que podemos fazer o chamado "emprego absoluto" de vários verbos, desacompanhados de seus argumentos ou complementos, implícitos na ação designada pelo verbo, mas que a nossa experiência recupera. Podemos ser entendidos e a oração "fazer sentido" com enunciados do tipo:

Hoje não *escrevi* [sabe-se que se trata de um texto qualquer]

Enchi o copo [sabe-se que se trata de um líquido, água, suco, etc.]

Não se fazem tais apagamentos se se trata de uma declaração que contrarie a nossa experiência:

Enchi o copo *de areia*.

5) Termos integráveis e não integráveis – Cabe, por fim, distinguir termos *integráveis* e termos *não integráveis*. Chamam-se integráveis aquelas funções sintáticas que podem ser substituídas por pronome pessoal adverbal átono, também chamado *clítico* (do grego *klísis* 'inclinação') pela possibilidade de integrar-se no mesmo grupo acentual da palavra a que se inclina na pronunciação, na curva melódica.

No português, são integráveis os complementos direto e indireto, como veremos ao seu tempo. Bastem-nos estes exemplos:

Li *o livro* – Li-*o*.

Viu *as crianças* – Viu-*as*.

Dei o livro *a Pedro* – Dei-*lhe* o livro.

Escreveram carta *aos primos* – Escreveram-*lhes* cartas.

Termos argumentais podem não ser integráveis: é o que acontece com o complemento relativo. Neste caso, a expressão que substitui esta função está representada por um sintagma prepositivo que repete a mesma preposição seguida dos pronomes *ele*, *ela*, *eles*, *elas* ou *isso*:

Não pensava *nos amigos* / Não pensava *neles*.

Assistimos *ao jogo* / Assistimos *a ele*.

Por outro lado, termos não argumentais podem ser integráveis, como ocorre com o chamado dativo de interesse, que estudaremos mais adiante:

Não *me* mexam nesses papéis!

Conhecendo melhor o predicado: núcleo e determinantes – Já vimos que sujeito e predicado organizam a relação predicativa, relação que constitui oração favorita e normal da língua portuguesa, organização que se traduz por marcas formais, como a concordância de número e pessoa, que estudaremos mais adiante.

O núcleo do predicado está constituído por uma classe de palavra chamada *verbo*; assim é que as orações ditas favoritas não dispensam o verbo, explícito, ou oculto pelas possibilidades da referência discursiva.

O predicado de uma oração pode ser *simples* ou *complexo*, conforme o conteúdo léxico do verbo que lhe serve de núcleo. Há verbos cujo conteúdo léxico é de grande extensão semântica; de modo que, se desejamos expressar determinada realidade, temos de delimitar essa extensão semântica mediante o auxílio de outros signos léxicos adequados à realidade concreta. Estes outros signos léxicos que nos socorrem nessa delimitação da extensão

semântica do verbo, verdadeiros delimitadores semânticos verbais, se chamam *argumentos* ou *complementos verbais*.

Os verbos que necessitam dessa delimitação semântica recebem o nome de *transitivos*:

O porteiro *viu o automóvel.*

Eles *precisam de socorro*.

Os verbos que apresentam significado lexical referente a realidades bem concretas não necessitam de outros signos léxicos, como fazem os que integram predicados complexos. Dizemos, então, que o predicado é *simples*. A tradição gramatical chama *intransitivos* a tais verbos:

Ela não *trabalha*.

José *acordou* cedo.

As crianças *cresceram* rapidamente.

Um mesmo verbo pode ser usado transitiva ou intransitivamente, principalmente quando o processo verbal tem aplicação muito vaga:

Eles *comeram* maçãs (transitivo).

Eles não *comeram* (intransitivo).

Esta particularidade só é possível quando a extensão significativa do verbo aponta para um termo geral (arquilexema) que englobe a natureza de todos os signos léxicos que naturalmente apareceriam à direita do verbo:

Eles *bebem* pouco (algo líquido: *água*, *refrigerante*, *suco*, etc.).

O aluno não *escreveu* (um texto: *bilhete*, *carta*, *oração*, etc.).

E é justamente por isso que não se podem usar intransitivamente, a não ser que os entornos venham em socorro da perfeita compreensão da mensagem, predicados do tipo:

Ele ofereceu

Nós reparamos,

já que o signo lexical do complemento não pode ser preenchido por um signo léxico abrangente, um arquilexema, como ocorreu nos exemplos anteriores.

Certos verbos normalmente transitivos, quando empregados intransitivamente, podem adquirir especial matiz semântico:

Ele não *vê* / 'não enxerga', 'é cego'

Já não *bebe* / 'abandonou o alcoolismo'

Ainda não *lê* / 'é analfabeto'

Por tudo isto, conclui-se que a oposição entre transitivo e intransitivo não é absoluta, e mais pertence ao léxico do que à gramática.

1) Os tipos de argumentos determinantes do predicado complexo

a) O complemento direto ou objeto direto – O predicado complexo acompanha-se de tipos diferentes de argumentos, conhecidos por *complementos verbais*.

O primeiro deles é o *complemento direto*, também chamado *objeto direto*, representado por um signo léxico de natureza substantiva (substantivo ou pronome) não introduzido por preposição necessária:

Os vizinhos não viram *o incêndio*.

Não encontramos *os responsáveis*.

O pai comprou *nova casa*.

Constituído, como o sujeito, por expressão substantiva não marcado por um índice funcional (a preposição, neste caso), o complemento direto se distingue do sujeito por vir à direita do verbo (o sujeito vem normalmente à esquerda) e não influir na flexão deste. Assim, a troca de posição destes dois termos na oração está circunscrita aos casos em que dela não resulte ambiguidade ou ruído de comunicação, principalmente no texto escrito. No texto oral, são as pausas e a entonação elementos decisivos para que a oração respeite a intenção comunicativa do falante, sem deixar de haver também, é evidente, a contribuição dos entornos:

José viu o irmão não é a mesma coisa que *O irmão viu José*. Mas já em *José viu os irmãos* e *Os irmãos viu José*, a flexão do verbo no singular patenteia que o sujeito, nas duas orações, só pode ser *José*.

A identificação deste tipo de complemento se faz, além da não presença de preposição necessária, mediante as seguintes estratégias:

a) a comutação do complemento direto pelos pronomes pessoais *o*, *a*, *os*, *as*, marcados formalmente com o gênero e o número do termo comutado:

Os vizinhos não viram *o incêndio* / ... não *o* viram
Não encontramos *os responsáveis* / ... não *os* encontramos
O pai comprou *nova casa* / ... *a* comprou

b) a passagem da oração na chamada voz ativa para a oração de voz passiva, mediante a qual o sujeito da ativa se transforma em agente da passiva introduzido pela preposição *por* (na combinação *per*), enquanto o complemento direto da ativa passa a sujeito da passiva:

Os vizinhos não viram *o incêndio* / *O incêndio* não foi visto *pelos vizinhos*.
Não encontramos *os responsáveis* / *Os responsáveis* não foram encontrados *por nós*.
O pai comprou *nova casa* / *Nova casa* foi comprada *pelo pai*.

c) a substituição do complemento direto pelos pronomes interrogativos *quem?* [é que] (para pessoas) e [o] *que* [é que]*?* antes da sequência sujeito + verbo, ou antes dos verbos *fazer* ou *acontecer*:

O caçador viu *o companheiro*.
Quem é que o caçador viu? – *o companheiro* (complemento direto)
O caçador viu *o lobo*.
Que é que o caçador viu? – *o lobo* (complemento direto)

d) finalmente, a transposição (topicalização) do complemento direto para a esquerda do verbo, operação que permite a presença de um pronome pessoal objetivo no local vizinho ao verbo onde deveria estar o complemento direto:

O caçador viu *o lobo* / *O lobo*, o caçador *o* viu

Nenhuma dessas estratégias por si só é operação infalível na identificação do complemento

direto; devemos, portanto, utilizar mais de uma estratégia, porque:

a) nem todo predicado complexo de oração de voz ativa admite a passagem à oração de voz passiva; ocorre o fato com certos verbos, como os seguintes [AB.1]:

*Eu quis o livro → *O livro foi querido por mim.*
*Cremos isso → *Isso é crido por nós.*
*O aluno tem o livro → *O livro é tido pelo aluno.*
*Os refugiados perderam tudo → *Tudo foi perdido pelos refugiados.*
*O atleta pesava 60 quilos → *60 quilos eram pesados pelo atleta.*

b) por outro lado, certos predicados complexos delimitados por signo léxico não constituído com complemento direto também admitem a transformação de oração de voz ativa em oração de voz passiva:

Assistimos à missa → A missa foi assistida por nós.
O proprietário pagou aos operários → Os operários foram pagos pelo proprietário.
O diretor perdoará aos alunos → Os alunos serão perdoados pelo diretor.
Os cidadãos obedecem à lei → A lei é obedecida pelos cidadãos.
Todos responderam ao anúncio → O anúncio foi respondido por todos.
Apelaram da sentença → A sentença foi apelada.
Não aludiram a essas razões → Essas razões não foram aludidas.

c) não são naturais, embora gramaticalmente possíveis, as perguntas com *quem*?, *que*? nas frases cujos predicados complexos contêm verbos que significam medida, peso, preço e tempo:

O corredor mede cinco metros.
O atleta pesa sessenta quilos.
O novo carro custou trinta mil reais.
O filme durou três horas.

d) também não são frequentes, embora gramaticalmente possíveis, as pronominalizações com os verbos da natureza semântica referida no item anterior:

O corredor mede-os.
O atleta pesa-os.
O novo carro custou-os.
O filme durou-as.

b) Objeto direto preposicionado – Não raro o objeto aparece iniciado por preposição:

Amar a Deus sobre todas as coisas.

A preposição quase sempre aparece para evidenciar o contraste entre o sujeito e o complemento, não se confundindo com o caso do posvérbio, porque este repercute na significação do verbo. Ocorre o objeto direto preposicionado nos seguintes casos principais:

a) quando se trata de pronome oblíquo tônico (uso hoje obrigatório):

"Nem ele entende *a nós*, nem nós *a ele"* [LC.1, V, 28].

b) quando, principalmente nos verbos que exprimem sentimentos ou manifestações de sentimento, se deseja encarecer a pessoa ou ser personificado a quem a ação verbal se

dirige ou favorece:

Amar *a Deus* sobre todas as coisas.

Consolou *aos amigos*.

c) quando se deseja evitar confusão de sentido, principalmente quando ocorre:

1) *inversão* (o objeto direto vem antes do sujeito):

A Abel matou Caim.

2) *comparação*:

"Isto causou estranheza e cuidados ao amorável Sarmento, que prezava Calisto como *a filho*" [CBr.1, 80].

OBSERVAÇÃO: Sem preposição poder-se-ia interpretar *filho* como sujeito: *como filho preza*; todavia, o uso da preposição neste caso não é gramaticalmente obrigatório.

d) na expressão de reciprocidade: *um ao outro*, *uns aos outros*:

Conhecem-se *uns aos outros*.

e) com o pronome relativo *quem*:

Conheci a pessoa *a quem* admiras.

f) nas construções paralelas com pronomes oblíquos (átonos ou tônicos) do tipo:

"Mas engana-se contando com os falsos que nos cercam. Conheço-os, e *aos leais*" [AH.3, 102].

g) nas construções de objeto direto pleonástico, sem que constitua norma obrigatória:

"Ao ingrato, ou não o sirvo, porque (para que) me não magoe" [RLb.2, 278].

c) A preposição como posvérbio – Muitas vezes aparece depois de certos verbos uma preposição que mais serve para lhes acrescentar um novo matiz de sentido do que reger o complemento desses mesmos verbos:

Arrancar a espada.

Arrancar da espada (acentua a ideia de uso do objeto e a retirada total da bainha ou cinta).

Cumprir o dever.

Cumprir com o dever (acentua a ideia de zelo ou boa vontade para executar algo).

Fiz que ele visse.

Fiz com que ele visse (acentua a ideia do esforço ou dedicação empregada).

A preposição que se emprega nestes casos deu-lhe o Prof. Antenor Nascentes o nome de *posvérbio* [AN.2, 17].

d) O complemento relativo – O predicado complexo também pode conter verbo cujo conteúdo léxico é de grande extensão semântica, que exige outro tipo de signo léxico que delimite e especifique a experiência comunicada, à semelhança do que vimos com o complemento direto. A diferença é que neste segundo caso o determinante do predicado complexo vem introduzido por preposição; a tal termo preposicionado chamamos *complemento relativo* [RL.1, 251]:

Todos nós *gostamos de cinema*.

O marido não *concordou com a mulher*.

Poucos *assistiram ao concerto*.

O comerciante não *confiou no empregado*.

A preposição que introduz o complemento relativo constitui uma extensão do signo léxico verbal como parece indicar o fato de que cada verbo se acompanha de sua própria preposição, por servidão gramatical.

A escolha de qual preposição deva introduzir este complemento relativo depende da norma estabelecida pela tradição, tradição que pode permitir, às vezes, o emprego variado e indiferente de mais de uma preposição:

Ela se parece *ao* pai Ela se parece *com* o pai.

Há, todavia, certos usos gramaticalmente previsíveis, como a frequente identidade do prefixo e da preposição (*depender de*, *concorrer com*, *agregar a*, por exemplo), ou a preferência relativa da preposição *de* depois de verbos pronominais (*arrepender-se de*, *queixar-se de*, *lembrar-se de*, *condoer-se de*, por exemplo), o que não deixa de ser aspectos da historicidade da norma.

A identidade, como termos funcionais argumentais do predicado complexo, entre o complemento direto e o complemento relativo justifica a quase nula frequência de coexistirem os dois termos no mesmo predicado, e nenhuma na coordenação deles:

O vizinho disse *mentiras do primo*.

O comerciante encheu *o copo de vinho*.

A jovem pôs *os livros na estante*.

Por outro lado, essa identidade funcional explica a possibilidade de, para muitos verbos, alternar a construção do complemento direto com o complemento relativo e até a norma admite indiferentemente qualquer dos dois complementos:

Ajudar a missa	*Ajudar à missa*
Atender o telefone	*Atender ao telefone*
Assistir os carentes	*Assistir aos carentes*
Chamar românicas essas línguas	*Chamar românicas a essas línguas*
Presidir a sessão	*Presidir à sessão*
Satisfazer o pedido	*Satisfazer ao pedido*

No decurso do tempo e nas variedades linguísticas (diatópicas, diastráticas e diafásicas é muito documentada essa mudança entre o complemento direto e o complemento relativo; assim, já se usaram como complemento relativo (o que hoje se fixou como complemento direto) os verbos *socorrer*, *contentar* e muitos outros.

O signo léxico que representa o complemento relativo é comutável pelos pronomes pessoais tônicos *ele*, *ela*, *eles*, *elas*, introduzidos pela respectiva preposição, marcando o gênero e o número da expressão substantiva comutada:

Todos gostam *do ator*. Todos gostam *dele*.

Os turistas assistiram *à opera*. Os turistas assistiram *a ela*.

O comerciante não confiou *nos empregados*. O negociante não confiou *neles*.

Porque delimitam a extensão semântica do signo léxico do predicado complexo, incluem-se como complemento relativo os argumentos dos verbos ditos locativos, situativos e direcionais, o que permite sua comutação com advérbios de equivalência semântica:

Seus parentes moram *no Rio*. / Seus parentes moram *aqui*.

O artista já não vive *em São Paulo*. / O artista já não vive *lá*.

Iremos *a Petrópolis*. / Iremos *aí* (*ali*).

Ela chegou *do Ceará*. / Ela chegou *de lá*.

OBSERVAÇÃO: Não há unanimidade entre os estudiosos em considerar tais argumentos do predicado complexo como complementos relativos. Levando em conta exclusivamente o aspecto semântico, muitos preferem considerar tais termos como adjuntos circunstanciais ou adverbiais, que estudaremos mais adiante. Pelas mesmas razões, também não é unânime a identificação como objeto direto argumentos do predicado complexo que têm por núcleo verbos que significam medida, peso, preço e tempo. A verdade é que significados gramaticais ["agente", "paciente", "locativo", "direção", etc.] se manifestam mediante esquemas sintáticos muito variados. Repare-se que, numa oração como *O policial acompanhou o idoso ao banco na hora do tumulto*, o termo indicativo do lugar (*ao banco*) é inerente ao predicado, e, portanto, não pode ser dispensado, como ocorre com *na hora do tumulto* [E. Paiva, 71 e ss.]

e) O complemento objeto indireto – Integrada a delimitação da amplitude semântica do predicado complexo mediante um signo léxico (*complemento direto* ou *complemento relativo*), pode aparecer um outro signo léxico, subsidiário desse conjunto da função predicativa, que denota geralmente relação a um ser animado, introduzido pela preposição *a* e que se refere à pessoa destinada ou beneficiada pela experiência comunicada no primeiro momento da intenção comunicativa do predicado complexo (verbo + argumento):

O diretor *escreveu cartas AOS PAIS*.

Os vizinhos *se queixaram* do *barulho À POLÍCIA*.

Este novo argumento do predicado complexo se chama *complemento* ou *objeto indireto* [HB.1, 261] e apresenta as seguintes características formais e semânticas: a) é introduzido apenas pela preposição *a* (raramento *para*); b) o signo léxico denota um ser animado ou concebido como tal; c) expressa o significado gramatical "beneficiário", "destinatário"; d) é comutável pelo pronome pessoal objetivo *lhe* / *lhes*, que leva a marca de número do signo léxico referido, mas não a de gênero, como ocorre no caso dos pronomes pessoais que comutam o signo léxico correspondente ao complemento direto (*o*, *a*, *os*, *as*) ou ao complemento relativo (prep. + *ele*, *ela*, *eles*, *elas*).

Enviaram o presente *à aniversariante*. / Enviaram-*lhe* o presente.

O diretor escreveu cartas *aos pais*. / O diretor escreveu-*lhes* cartas.

Acrescente-se ainda a possibilidade de poder esse pronome duplicar o complemento indireto na mesma oração, sem que este termo esteja obrigado a topicalizar-se, isto é, a aparecer antecipado na oração:

Sempre *lhe* dei *ao aluno* muita atenção.

Ao aluno sempre *lhe* dei muita atenção.

Assim, o complemento indireto é um termo que se distancia mais da delimitação semântica do predicado complexo e parece melhor um elemento adicional da intenção comunicativa que fica, no esquema sintático, a meio caminho entre os verdadeiros complementos verbais e os adjuntos circunstanciais.

Os estudiosos têm encontrado dificuldade em estabelecer um rigoroso critério de identificação do complemento indireto, preferindo servir-se concomitantemente de critérios

léxicos, formais e sintáticos.

A integração da relação predicativa se faz *imediatamente* com o complemento direto e relativo, e só *mediatamente* com o complemento indireto. Tanto é assim que em condições normais (isto é, quando não se trate de evidente elipse ou de auxílio de entorno, não se pode eliminar o complemento direto ou complemento relativo, mas é possível não anunciar o complemento indireto:

Vi o acidente	*Vi
Preciso do auxílio	*Preciso

mas:

Escrevi cartas aos pais	Escrevi cartas
Queixou-se da turma ao diretor	Queixou-se da turma

Embora o complemento ou objeto indireto integre o conjunto *verbo + complemento direto* ou *complemento relativo*, as circunstâncias do discurso (os entornos, a referência anterior ou seguinte no discurso) permitem que se omita o complemento direto ou complemento relativo, permanecendo na oração apenas o indireto, ou se pode omiti-lo, deixando apenas um daqueles complementos:

O diretor escreveu *aos pais*. O diretor escreveu *cartas*.

Os vizinhos se queixaram *à polícia*. Os vizinhos se queixaram *do barulho*.

f) Objeto indireto e adjuntos com *para* – Cabe insistir que a preposição que introduz o complemento indireto é *a*; muitas vezes, parece que, nesta função, se acha a preposição *para*, já que *a* e *para* se alternam em muitos esquemas sintáticos, mas não quando se trata do complemento indireto, o que só raramente acontece:

Alguns alunos compraram flores *para a professora*.

Se prestarmos atenção, *para a professora* do exemplo não introduz o termo que funcionaria como complemento indireto, e a prova disto está na possibilidade, na referida oração, de aparecer um complemento indireto:

Alguns alunos compraram flores *ao florista* para a professora.

Note-se que se *ao florista* e *para a professora* exercessem a mesma função de complemento indireto, deveriam aparecer coordenados mediante a conjunção *e*, como ocorre com todos os termos de igual valor gramatical. Não seria possível construir a seguinte oração:

Alguns alunos compraram flores *ao florista e para a professora*.

Diante de uma oração como a nossa

Alguns alunos compraram flores *ao florista para a professora*,

a pronominalização só pode ser comutada com o objeto indireto *ao florista*:

Alguns alunos compraram-lhe flores para a professora.

mas não:

*Alguns alunos compraram-lhe ao florista.

g) Construção especial com objeto indireto – Um pequeno número de verbos contraria o princípio geral que aqui adotamos, segundo o qual o objeto indireto integra a função predicativa exercida por *verbo* + *argumento* (objeto direto ou complemento relativo).

A notícia não agradou *ao povo*.

A notícia não *lhe* agradou.

Ocorre esta construção com verbos como *agradar*, *desagradar*, *pertencer*, *ocorrer*, *acontecer*, *saber* (= sentir sabor), *cheirar* (= sentir o cheiro), *interessar*, *aparecer*, *sorrir* (= aparecer favoravelmente).

O imóvel pertence *aos herdeiros* (pertence-*lhes*).

Esses fatos *lhe* aconteceram repentinamente.

Isto não *lhe* sabe bem.

O café *lhe* cheira bem.

Apareceram-lhe uns ruídos estranhos.

A sorte *lhe* sorriu nesta semana.

h) Os chamados "dativos livres" – Os objetos indiretos vistos nesta seção são argumentos sintático-semânticos extensivos da função predicativa do conteúdo comunicado nas respectivas orações.

Todavia, remanescentes de construções, algumas das quais da sintaxe latina, aparecem sob forma de objeto indireto, nominal ou pronominal, alguns termos que não estão direta ou indiretamente ligados à esfera do predicado: são os chamados *dativos livres*, representados pelos seguintes tipos:

a) *dativo de interesse* (*dativus commodi et incommodi*) – é aquele mediante o qual se indica de maneira secundária a quem aproveita ou prejudica a ação verbal:

Ele só trabalha *para os seus*.

Ele ligou-*me* amavelmente a luz [MV.2, 123].

Este dativo fica muito próximo da circunstância de fim ou proveito (beneficiário).

b) *dativo ético* – é uma variedade do anterior, muito comum da linguagem da conversação, e representa aquele pelo qual o falante tenta captar a benevolência do seu interlocutor na execução de um desejo:

Não *me* reprovem estas ideias!

Não *me* mexam nos papéis!

Ele sempre *te* saiu um grande mentiroso.

Não *me* enviem cartões a essas pessoas.

Repare-se que, neste último exemplo, o verbo se acompanha de complemento direto (*cartões*) e indireto (*a essas pessoas*), enquanto o pronome *me*, fora da esfera da transitividade verbal, denuncia o meu interesse de que a tais pessoas não sejam enviados cartões.

c) *dativo de posse* – exprimem o possuidor:

O médico tomou o pulso *ao* doente (tomou-*lhe* o pulso).

Doem-*me* as costas.

O vaso partiu-se-*me* [MV].

d) *dativo de opinião* – exprime a opinião de uma pessoa:

Para ele a vida deve ser intensamente vivida.

Para nós ela é a culpada.

A alguns destes dativos o velho e grande filólogo venezuelano Andres Bello chamava *dativos supérfluos*.

Isto evidencia que os pronomes adverbiais átonos, especialmente o caso do *lhe* como símbolo formal do objeto indireto, cobrem outras funções além daquela de complementação verbal.

i) O complemento predicativo – Um grupo reduzido de verbos integra o predicado complexo acompanhado de outro tipo de argumento verbal conhecido pelo nome de *complemento predicativo* ou tão somente *predicativo*. Estes verbos se caracterizam por uma referência tão vaga à realidade comunicada, que fazem do predicativo um argumento, pelo aspecto semântico, muito mais intrinsecamente relacionado com o verbo do que os demais integrantes do predicado complexo (os complementos direto, relativo e indireto) e portador de referência a traços essenciais do sujeito.

Esta pequena lista de verbos inclui *ser*, *estar*, *ficar*, *permanecer*, *parecer* e poucos outros, que aparecem matizados semanticamente pelo signo léxico que funciona como predicativo:

O trabalho *é* proveitoso.

Janete *é* minha irmã.

As alegrias *eram* passageiras.

O céu *está* azulado.

Os argumentos *permaneceram* incompletos.

A situação *parecia* resolvida.

Esses livros não *são* seus.

Se atentarmos para o aspecto formal, tirante o fenômeno da concordância do predicativo com o sujeito, verificaremos que há pontos de contato entre este predicativo e o complemento direto: a) ambos matizam a extensão semântica do verbo, funcionando como seu delimitante; b) aparecem normal e imediatamente (sem preposição) à direita do verbo; c) são comutados por pronome átono, ainda que de maneira diferente, quando o verbo é *ser*, *estar*, *ficar*, *parecer*; d) e, finalmente, porque muitas das construções oracionais com predicativo são equivalentes na designação, isto é, na referência à realidade comunicada, são equivalentes a orações com verbos que exprimem ação e processo, especialmente se o verbo está no presente: *Pedro é cantor* / *Pedro canta*; *O colega está irritado* / *O colega irrita-se.*

Tais aproximações levaram alguns estudiosos a considerar que, em orações do tipo, *Ele é meu irmão*, *meu irmão* poderia identificar-se com o *complemento direto*; outros, adotando a distinção, insistiam em juntar essas duas como variantes funcionais duma só função.

A primeira particularidade formal que distingue o predicativo dos demais argumentos verbais é a concordância (quando representada por adjetivo e alguns pronomes) em gênero e número com o sujeito da oração, conforme demonstram os exemplos acima.

A segunda particularidade é a possibilidade de comutação do predicativo pelo pronome invariável *o*, qualquer que seja o gênero e o número do núcleo do predicativo que substitui, quando o verbo é *ser*, *estar*, *ficar* e *parecer*:[109]

O trabalho é *proveitoso*. → O trabalho *o* é.

As alegrias eram *passageiras*. → As alegrias *o* eram.

Janete é *minha irmã* → Janete *o* é.

Mas:

A professora continua *doente* → * A professora *o* continua.

A terceira particularidade é a impossibilidade de ser a oração com tais verbos construída na voz passiva, como ocorre com a que tem complemento direto.

A quarta particularidade é a incompatibilidade de aparecer com o seu representante invariável *o* na mesma oração:

Filipe é *simpático*. Filipe *o* é. *Filipe *o* é *simpático*

2) Vale a pena distinguir predicado verbal e predicado nominal? – Tal esvaziamento do signo léxico representado por esses verbos, esvaziamento que se supre com o auxílio de um nome (substantivo ou adjetivo), e a particularidade de concordar o predicativo em gênero e número com o sujeito levaram a uma distinção entre predicado *verbal* (*Pedro canta*) e predicado *nominal* (*Pedro é cantor*, *Maria é professora*), o que implicava retirar de tais verbos o *status* de verbo, – pois sua missão gramatical se restringiria a "ligar" (daí os nomes de *copulativos*, *de ligação* ou *relacionais* que se lhes atribuíam) o predicativo ao sujeito. A realidade comunicada residiria no nome predicativo e o verbo seria apenas o marcador do tempo, modo e aspecto da oração. Ora, do ponto de vista funcional e formal, tais verbos apresentam todas as condições necessárias à classe dos verbos, incluindo-se aí os morfemas de gênero, número, pessoa, tempo e modo; daí acompanharmos neste livro os linguistas e gramáticos que defendem a não distinção entre o *predicado verbal* e o *predicado nominal*, incluindo também a desnecessidade de distinguir o *predicado verbo-nominal* [EBv.1, cap. 13 e 16]. Toda relação predicativa que se estabelece na oração tem por núcleo um verbo.

Como o signo linguístico que aparece na função de predicativo costuma ser um nome – substantivo ou adjetivo –, a tradição gramatical passou a designar *nominal* a esse tipo de predicado complexo, para diferi-lo dos outros chamados *verbais*. Além da sem razão dessa diferença, conforme acabamos de ver, cabe lembrar que funcionam como predicativo outras classes de palavras, inclusive advérbios.

João é meu *irmão*.
O sol está *quente*.
Os argumentos continuam os *mesmos*.
Ela mais parece uma *Maria vai com as outras*.
Os vizinhos estão *bem*.
Os jovens são *assim*.
O primo é *dos nossos*.
A mesa parece *de madeira*.
Nós somos *do Norte*.
As provas parecem *de boas fontes*.
Está *tarde*.
O compromisso está *de pé*.
Ela estava *que estava*.

Observações:

1.ª) Levada pela equivalência do conteúdo do pensamento designado com orações declarativas que têm por núcleo os verbos *ser*, *estar* ou outro adequado à intenção comunicativa, a tradição tem considerado que há elipse de um de tais verbos em

enunciados como os seguintes, comuns em provérbios, refrãos, clichês do discurso repetido, isto é, de fórmulas fossilizadas da língua ou a elas assimiladas:

Tal pai, tal filho.

Casa de ferreiro, espeto de pau.

Povo educado povo limpo.

Na realidade, trata-se de exemplos de frases de estrutura bimembre, de que falaremos mais adiante, em que não há necessidade de se apelar para elipse.

2.ª) Conforme já vimos, um mesmo verbo pode ser usado de maneira diferente, conforme a realidade comunicada; vejamos, por exemplo, o verbo *virar*:

O tempo virou (usado num predicado simples, intransitivamente).

O vento virou o barco (usado num predicado complexo, com o argumento complemento direto *o barco*).

O vizinho virou fera (usado num predicado complexo, com o argumento predicativo *fera*).

3) A posição do predicativo – A construção básica da oração apresenta o predicativo à direita do verbo: *Meu amigo é inteligente*. Mas pode apresentar uma construção derivada em que o predicativo se antecipa e aparece antes do sujeito. Se o predicativo é representado por adjetivo, não há dificuldade em identificá-lo como tal: *Inteligente é meu amigo*, em que inteligente, apesar de colocar-se antes do sujeito *meu amigo* continua a exercer a função de predicativo. Todavia, a dificuldade pode surgir, se o sujeito e o predicativo estão representados por dois substantivos ou um substantivo e um pronome:

O meu amigo é o padrinho. / O padrinho é o meu amigo.

Eu sou o padrinho. / O padrinho sou eu.

João é o padrinho. / O padrinho é João.

Pelo expediente da comutação podemos com facilidade assinalar a correta classificação, já que vimos que o predicativo é, nesses casos, comutável com o pronome invariável *o*; quando não se trata do verdadeiro predicativo, a comutação não se mostra natural:

O meu amigo é o padrinho → O meu amigo o é.

*O padrinho é o meu amigo → *O padrinho o é.*

Eu sou o padrinho → Eu o sou.

*O padrinho sou eu → *O padrinho o sou.*

João é o padrinho → João o é.

*O padrinho é João → *O padrinho o é.*

É justamente pela comutação que no exemplo *Seu orgulho eram os velhinhos* ficamos sabendo que houve apenas inversão do predicativo: Os velhinhos *o* eram / *Seu orgulho *o* era.

Tiramos, assim, duas conclusões importantes para a sintaxe:

a) *Seu orgulho eram os velhinhos* é uma construção derivada da construção básica *Os velhinhos eram seu orgulho*;

b) em *Seu orgulho eram os velhinhos* o verbo concorda com seu verdadeiro *sujeito* (*os velhinhos*), e não com o predicativo (*seu orgulho*) [VK.1, 438].

Ainda a comutação vem pôr luz a um falso problema de classificação sintática de *dez horas* na oração de função predicativa não referida (a oração não tem sujeito): *São dez horas*.

A classificação corrente é atribuir a *dez horas* a função de predicativo. Como o verbo é impessoal e está, por concordância atrativa, no plural, tem-se-lhe proposto a função de sujeito. Ora, a comutação nos mostra ser a classificação como predicativo a única possível:

*São dez horas? – São-**no**.*

Jamais o sentimento linguístico do falante aceitaria como normal:

São dez horas? – ***Elas** são*,

como seria, se o sujeito fosse *dez horas*.

4) Outro tipo de predicativo: *anexo predicativo* – Esse determinante predicativo não se restringe à referência ao sujeito, em orações com o concurso de verbos como *ser*, *estar*, *ficar*, etc. Pode aparecer em predicados simples e complexos, com o concurso de verbos outros de ação ou processo, referidos ao sujeito, ao complemento direto, ao complemento relativo e ao complemento indireto (talvez restrito ao verbo *chamar* 'dar nome'):

Ele estudou *atento*. Ela estudou *atenta* (predicativo do sujeito).

Os trens chegaram *atrasados* (predicativo do sujeito).

O auditório ouviu os conferencistas *atento* (predicativo do sujeito).

A polícia encontrou a porta *arrombada* (predicativo do complemento direto).

Definiu-se o caso como *impossível* (predicativo do sujeito) [ABo.1, 71].

Tratou-se da questão como *insolúvel*. (predicativo do complemento relativo).

Nós lhe chamávamos *doutor* (predicativo do complemento indireto).

Não é raro vir o predicativo precedido de preposição ou palavra equivalente:

Tachou-o *de louco*.

A maioria tinha o réu *por* (ou *como*) *inocente*.

"Jesus, pareces desenterrado! exclamou assustadíssima a pobre mulher, vendo-o *pálido e de olheiras* cavadas e negras" (AFg, 118).

Com o verbo *chamar* podemos dizer:

Chamaram-no *tolo* / *de tolo*.

Chamaram-lhe *tolo* / *de tolo*.

Acompanham-se de predicativo do complemento direto os verbos:

a) que significam 'chamar' e 'ter na conta de': *chamar*, *considerar*, *reputar*, *julgar*, *supor*, *declarar*, *intitular*, *crer*, *estimar*, *ter* e *haver por*, *dar* e *tomar por*, etc.;

b) *deixar*, *ver*, *ouvir*, *encontrar*, em construções do tipo:

Viu-o *vivo e forte*.

Deixei-o *de cama* e encontrei-o *sarado*.

Pode o predicativo que exprime resultado ou consequência do processo verbal, indicar a situação anterior e a que resulta da mudança:

O secretário passou José *de auxiliar a chefe*.

À semelhança do predicativo em predicado complexo com *ser*, *estar*, etc., esse argumento concorda em gênero e número com o núcleo referido, e por isso tem merecido em muitos autores a classificação de *predicativo*; todavia há entre os dois predicativos diferenças:

a) é normalmente representado por um adjetivo, enquanto o outro tipo de predicativo pode vir expresso por adjetivo, substantivo, pronome, advérbio, etc.;

b) este último determinante apresenta-se numa relação semântica intermédia, entre a realidade comunicada pelo verbo e uma qualificação ao signo lexical núcleo do sujeito ou do complemento verbal;

c) por essa maior frouxidão relacional com o verbo, pode ser suprimido sem provocar uma construção agramatical:

Ele é estudioso / **Ele é*; *Ele estudou atento* / *Ele estudou*; *O auditório ouviu os conferencistas atento* / *O auditório ouviu os conferencistas*;

d) ao contrário dos outros predicativos, esse determinante não pode ser comutado pelo pronome invariável *o*, mas por um advérbio como *assim*:

Ele estudou atento / Ele estudou *assim.* / Ela estudou *assim.*

A polícia encontrou a porta arrombada. / A polícia encontrou a porta *assim.*

e) essa relação com uma palavra de natureza adverbial (*assim*), permite a substituição do adjetivo por advérbio, resultando daí orações equivalentes na designação:

Ele estudou atento / Ele estudou atentamente; O auditório ouviu os conferencistas atento / O auditório ouviu os conferencistas atentamente.

Tais diferenças levaram alguns autores a dar outra classificação a predicativos dessa natureza; Said Ali chamou-lhes *anexo predicativo*, e cremos que, se houver necessidade de dar nomes diferentes a tais predicativos, a expressão pode ser utilizada. As propostas *predicativo atributivo* ou *atributo predicativo* também correm em bons autores [AK.1, 83; SL.1, 46-47].

Pode-se variar a construção em que entra esse segundo tipo de predicativo transpondo-o para junto do termo referido, caso em que se profere com breve pausa ou com pausa mais longa; neste último caso, usa-se vírgula na língua escrita:

Os rios corriam sonorosos.

Os rios sonorosos corriam.

Sonorosos corriam os rios.

Os rios, sonorosos, corriam.

OBSERVAÇÃO: No exemplo *Os rios sonorosos corriam* podemos ver em *sonorosos* tanto um adjunto adnominal de *rios* como um predicativo do sujeito. A intenção comunicativa do falante ou escritor, quando possível, dependerá do sentido textual que será resgatado mediante a gramática do texto ou análise gramatical. Para o responsável pelo conteúdo do pensamento designado não há essa ambiguidade, porque, como diz Coseriu, "os falantes intuem e conhecem determinadas relações entre paradigmas diversos de sua língua" [ECs.1, 254].

Dentro desta função do predicativo podemos incluir o determinante que denota o "tempo, hipótese, concessão, causa, comparação, ou debaixo de que respeito é considerada a pessoa ou cousa", na época referida pela relação predicativa [ED.2, 45,b]:

'Stamos em pleno mar... Doudo no espaço.

Brinca o luar – *dourada borboleta* [CAv.1, 92].

(isto é, "como dourada borboleta)

"*Rainha* esquece o que sofreu *vassala*" [BBo].

(isto é, "como rainha esquece o que sofreu quando vassala")

Também esses predicativos podem vir introduzidos por preposição ou advérbio, ou palavras em função equivalente:

Em rapaz dizia verdades que *quando velho* silenciou.

Audaz D. *Quixote* ele entrou na discussão.

Quando Presidente esqueceu-se das promessas *como candidato*.

Os exemplos acima podem ser reescritos sem os instrumentos verbais introdutórios, quando esses predicativos à moda latina emprestam ao enunciado certa energia e elegância. Neste caso são marcados por pausa, ainda que breve; no exemplo acima de Castro Alves, a pausa é indicada graficamente pelo travessão, enquanto no de Bocage não há sinal de pontuação, ainda que a pausa exista para que *rainha* não seja proferido com a linha melódica igual à que o marcaria como sujeito de *esquece*. O seguinte exemplo de Eça de Queirós é bom testemunho

desse tipo de predicativo marcado por pausa, para distingui-lo do adjetivo com função de adjunto adnominal; observe que a pausa, marcada por vírgula, é decisiva para tal distinção:

> Mas os meses passaram, naquela vida de uma regularidade triste de pêndulo, entre a casa e a farmácia e o grosso livro encadernado, onde ele devia copiar os *Esmaltes e Jóias*, permanecia ainda quase todo branco. Lá estavam os três poemas que o *Pensamento* acolhera: *Ofélia, A ti* – que era a Aninhas Serrana, *amada* – e *Mulher de Mármore* – que era a Aninhas Serrana, *odiada*! [EQ.1, 53-54]

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Levados pela equivalência designativa, alguns autores preferem considerar como se fossem orações abreviadas sem verbo explícito os predicativos introduzidos por *como*, *quando*, *porque*, por considerá-los, nestes casos, conjunções subordinativas:

Quando Presidente → Quando era Presidente...

2.ª)Exemplos como o já citado

Os rios, sonorosos, corriam,

aproximam formalmente este tipo de anexo predicativo.

5) O infinitivo e o gerúndio como predicativo 110 – Já tivemos oportunidade de ver que o infinitivo, como forma nominal do verbo, funciona também como substantivo: *Querer é poder*. *Escrever é um ato de cultura*.

Em *Convém prestar atenção aos conselhos*, *prestar atenção aos conselhos* (em que o infinitivo é núcleo de um predicado complexo, com objeto direto [*atenção*] e indireto [*aos conselhos*]) funciona unitariamente como sujeito explícito do núcleo *convém*.

Em *Vejo abrir a porta*, o infinitivo com seu objeto direto (*abrir a porta*) funciona unitariamente como objeto direto do núcleo *vejo*: *vejo-o*.

Mas em enunciados do tipo *Ouço soprar o vento* ou *Vejo crescer as árvores*, apesar de serem aparentemente análogos aos anteriores, temos outras construções em que entram como núcleo verbos que significam atos mentais de percepção, embora os conjuntos *soprar o vento* ou *crescer as árvores* possam ser comutados por pronomes adverbais átonos (Ouço-*o* e Vejo-*as*). Os substantivos *vento* e *árvores* não funcionam como objeto direto do infinitivo, mas sim dos núcleos *ouço* e *vejo*, razão por que são comutados por pronomes adverbais átonos: *Ouço-o* (= o vento) *soprar* e *vejo-as* (= as árvores) *crescer*, em cujo procedimento não se incluem os infinitivos *soprar* e *crescer*.

Agora, se compararmos as construções estudadas antes:

Encontrou a porta arrombada,

em que *arrombada* funciona como predicativo do objeto direto *porta* e em que, comutando este objeto direto por pronome adverbal átono, teremos:

Encontrei-a arrombada,

onde o predicativo *arrombada* não fica incluído na função de *a*.

Analogamente, nos nossos exemplos

Ouço-o soprar
Vejo-as crescer

os infinitivos funcionam como modificadores dos respectivos pronomes adverbais e funcionam como seus predicativos.

Desta maneira, não cabe falar aqui de "sujeito" de infinitivo exercido por *vento* e *árvores* nas construções:

Ouço soprar o vento / Ouço o vento soprar

Vejo crescer as árvores / Vejo as árvores crescer

A analogia se deve ao fato de *vento* e *árvores* serem, na análise do conteúdo semântico, *agente* da ação da atividade percebida, como em *O vento sopra* e *As árvores crescem*, o que não quer dizer que, naqueles exemplos, exerçam a função sintática de sujeito. Por isso, em *Ouço soprar o vento* e *Vejo crescer as árvores*, o normal é que não se precise flexionar o infinitivo, já que *vento* e *árvores* não funcionam como sujeito de *soprar* e *crescer*.

Repare-se que, ao comutar o objeto direto do núcleo *ouço* ou *vejo*, se tem de deixar à parte o infinitivo, que, como vimos, funciona como predicativo do objeto direto *vento* ou *árvores*:

Ouço o vento soprar → Ouço-o soprar.
Vejo as árvores crescer → Vejo-as crescer.

Tal como ocorreu com:

Encontrou a porta arrombada → Encontrou-a arrombada.

Se, como vimos, não se pode falar nestes casos de "sujeito" de infinitivo, também é impróprio afirmar que tais substantivos são "objeto direto" do núcleo *ouço* ou *vejo* e ao mesmo tempo "sujeito" do infinitivo.

A concordância que pode aparecer em

Ouço soprarem os ventos / Ouço os ventos soprarem.
Vejo crescerem as árvores / Vejo as árvores crescerem.

se deve à análise do conteúdo semântico da equivalência na designação, isto é, na referência à realidade percebida, com:

Ouço que os ventos sopram.
Vejo que as árvores crescem.

em que *ventos* e *árvores* são agentes e agora também sujeitos.

A diferença entre o *agente* da análise semântica e o sujeito da análise gramatical (da estrutura sintática) é comparável à que ocorre entre o *paciente* da análise semântica e o *sujeito* da construção sintática reflexiva em (só que aqui a língua padrão ainda não agasalhou o resultado do procedimento):

Alugam-se casas / Aluga-se casas.

Pelo mesmo efeito da equivalência na designação é que aparece o primeiro verbo no singular quando se combina com o pronome reflexivo se, procedimento que, na análise gramatical, passa os antigos objetos diretos (*ouço os ventos* / *vejo as árvores*) a sujeito do sentido passivo da nova construção:

Ouve-se soprar os ventos / Ouve-se os ventos soprar.
Vê-se crescer as árvores / Vê-se as árvores crescer.

Trata-se aqui de concordâncias tão irregulares à luz da análise gramatical e da tradição da língua exemplar, quanto as que ocorrem em:

Aluga-se casas.
Vende-se apartamentos.

Em lugar do infinitivo em função de predicativo, pode aparecer o *gerúndio*, quando é representado por signo léxico que denote atividade:

Ouço o vento soprando.
Vejo as árvores crescendo.
"No entanto ouvia [eu] as negras falando da morte dele com pavor" [JL.3, 37].

À semelhança da construção com infinitivo, a de gerúndio, na referência à realidade

percebida, pode ser substituída pela de relativo:

> Ouço o vento que sopra.
> Vejo as árvores que crescem.
> "Subitamente a chuva fustigou as vidraças; o primeiro bofar do vento fez ramalhar as árvores meias calvas; e *senti-o que se abismava* debaixo das arcarias de pedra" [AH.7, I, 139].

A mesma particularidade se repete com *eis*, que rigorosamente se acompanha de objeto direto:

> "... apenas os primeiros raios de sol faziam reluzir as armas,semelhantes no brilho trêmulo ao alvejar da geada, *ei-las* que pareciam rolar-se pelas encostas..." [AH.7, I, 172].

6) O complemento agente ("agente da passiva") – Um tipo de termo argumental não obrigatório é o que a gramática tradicional chama *agente da passiva*; caracteriza-se por ser um termo preposicionado marcado pela preposição *por* e, mais raramente por *de*, com verbos empregados como transitivos diretos na chamada voz ou construção passiva:

> Os exercícios foram feitos *por José*.
> O réu é condenado *pelo júri*.

Tal complemento de agente pode ser opcional, pois são construções gramaticalmente corretas:

> Os exercícios foram feitos.
> O réu é condenado.

A gramática tradicional tem posto este agente entre os complementos verbais em vista de seu relacionamento com o sujeito e com o complemento direto. Com o sujeito, porque, na transformação da estrutura passiva à estrutura ativa, o complemento agente passa a sujeito:

> Os exercícios foram feitos *por José* / *José* fez os exercícios.

Com o complemento direto, porque, enquanto este vem exigido pela característica gramatical da construção ativa, o agente o é da construção passiva.

Em geral, o complemento de agente apresenta o traço semântico *animado*, como revelam, nos exemplos acima, *José* (*por José*) e *júri* (*pelo júri*).

Quando não há o traço *animado*, pode apresentar o traço *potente*, representado lexicalmente por nome de coisa, mas capaz de praticar ou fazer desenvolver uma ação, como nos exemplos seguintes [PD.1, 46]:

> O menino foi atropelado *pelo ônibus escolar*.
> Os alpinistas foram surpreendidos *pelo vendaval*.

Dissemos que o complemento de agente pode vir introduzido pela preposição *de*, construção mais comum em outros tempos da história do português, e ainda usado literariamente; no português contemporâneo, *de* está praticamente restrito a unidades léxicas que exprimem sentimentos ou manifestações de sentimentos:

> Ela é estimada *de todos*.
> O professor não foi esquecido *dos alunos*.

Nem todo termo introduzido pela preposição *por* funciona como complemento de agente, principalmente se apresenta o traço *não animado*, referente a uma coisa, quando deve ser classificado como adjunto circunstancial de causa ou meio. Neste caso, *por* é comutável por outra preposição (p. ex., *com*) ou por locuções prepositivas do tipo *por causa de*, *por meio*

de, *em virtude de* e equivalentes:

O artista foi elogiado *pela sua técnica.*

Ficaram aborrecidos *pelas falsas promessas.*

Os ladrões foram encontrados *pela denúncia anônima.*

Em tais exemplos, a experiência comunicada em *pelas falsas promessas* e *pela denúncia anônima* pode ser expressa mediante outra construção:

Ficaram aborrecidos *com* (*por causa de*) *as falsas promessas.*

Os ladrões foram encontrados *em virtude de* (*graças a*) *denúncia anônima.*

Não é, portanto, a relação sintática, mas o contexto em que se enquadra a experiência comunicada, que irá resolver se se trata de um complemento de agente ou de adjunto circunstancial ou adverbial.

A construção dita "passiva pronominal" ou "passiva reflexa" (denominações melhores que "passiva sintética") não se acompanha, no português contemporâneo, do complemento de agente, como acontece na chamada construção passiva com auxiliar + particípio, vista até aqui.

Vendem-se casas.

O complemento de agente pode aparecer junto a substantivo ou adjetivo constituído por um signo léxico referido a um processo ou ação, como *assalto*, *vitória*, *derrota*, etc.

O assalto *pelo primeiro batalhão* foi decisivo.

O derrotado *pelo concorrente* achou justa a classificação.

7) Construção passiva e o predicativo – Partindo do fato de que a realidade comunicada nas orações *A casa está espaçosa* e *A casa está pintada* aponta ao sujeito *a casa* um atributo, muitos estudiosos não veem razão de estruturação sintática para distinguir o adjetivo *espaçosa* como predicativo do sujeito, e o signo léxico *pintada* como verbo na forma de particípio. Ora, já sabemos que um particípio verbal pode funcionar como adjetivo. A dificuldade desta distinção fica ainda mais notável, quando comparamos *A equipe é vencedora* e *A equipe é vencida*, em que, não havendo nenhuma diferença na estrutura sintática das duas orações, (um sujeito *a equipe*, um núcleo verbal e um termo que, à maneira dos predicativos, concorda em número com o núcleo da oração (o verbo) e em gênero e número com o sujeito explícito), a distinção repousa apenas no traço semântico 'ativo' do lexema *vencedora* em oposição ao traço semântico 'passivo' do lexema *vencido*.

Poder-se-ia objetar contra tal identificação dos dois termos o fato de poder levar o particípio *vencido*, ao contrário do predicativo como *vencedora*, uma expansão preposicionada "que se refere na realidade ao agente da atividade designada pelo signo léxico do particípio" [AL.1, 303], apesar do paralelismo da estrutura sintática.

Um argumento forte em favor de considerar o particípio como adjetivo e, assim, na função de predicativo, na construção dita "voz passiva", é a possibilidade de comutação do particípio pelo pronome invariável *o* – como ocorre com o signo léxico na função de predicativo:

A equipe é *vencedora.* A equipe *o* é.

A equipe é *vencida*. A equipe *o* é.
A equipe é *vencida* pelo adversário. A equipe *o* é pelo adversário.

Ocorre o mesmo se se trata de adjunto adverbial de causa ou meio, e não de complemento de agente.

A pressão é *controlada* com remédios. A pressão *o* é com remédios.
O artista foi *elogiado* pela sua técnica. O artista *o* foi pela sua técnica.

Fica, assim, ao analista optar por uma das duas maneiras, apesar dos fortes argumentos em favor da solução como predicativo. Neste livro, por motivação didática, seguimos a análise como passiva.

Os determinantes circunstanciais ou adverbiais

Se atentarmos para as frases:

A criança caiu da cama durante a noite
Os carregadores puseram o móvel na sala logo pela manhã
O marido acompanhou a esposa ao hospital na ambulância,

facilmente verificaremos que os termos *da cama* e *durante a noite* – para só ficarmos por enquanto no primeiro exemplo – denotam uma circunstância de lugar donde (*da cama*) e de tempo (*durante a noite*). Levada exclusivamente pelo aspecto semântico, a gramática tradicional igualou estes termos também sintaticamente, considerando-os ambos *adjuntos adverbiais*, isto é, como termos não argumentais, vale dizer, fora do âmbito da regência do verbo da oração, isto é, não pedidos por ele.

Ora, basta aplicarmos o *teste da redução* para verificarmos que o termo *da cama* é termo obrigatório, argumental, pois pertence à regência do verbo *cair*; assim, torna-se incompleta do ponto de vista sintático (e semântico, naturalmente) a oração sem este complemento relativo:

A criança caiu durante a noite.

Já não se dá o mesmo com a redução ou supressão do termo *durante a noite*:

A criança caiu da cama.

OBSERVAÇÃO: Para distinguir a identidade designativa de circunstância, presente em *da cama* e *durante a noite* da função sintática diferente dos dois termos, talvez fosse conveniente encontrar outra denominação para o *adjunto circunstancial* que evitasse a alusão à natureza de "circunstância".

Se *da cama* é o complemento relativo de *cair*, *durante a noite*, mero acréscimo à informação, à realidade comunicada, receberá a classificação de *adjunto circunstancial*. Os adjuntos adverbiais são semântica e sintaticamente opcionais. Respondem às clássicas perguntas *como?*, *quando?*, *onde?*, *por quê?*, enquanto o complemento relativo responde à pergunta *que? quem?*, precedidos da preposição que acompanha tradicionalmente o verbo:

Pedro fala sempre *de negócios* (fala de quê?: compl. relativo).
Pedro fala sempre *de memória* (como fala?: adjunto adverbial).

Se recorrermos ao teste de clivagem ou relevo mediante o usual instrumento *é ... que*/*quem*, verificaremos a diferença de resultado entre o complemento relativo e o adjunto adverbial:

É de negócios *de que* sempre fala o José.
É de memória *como* sempre fala o José [AL.1, 323].

Semanticamente, o papel desses adjuntos adverbiais é matizar o processo designado na relação predicativa, acrescentando à mensagem informações que o falante julga

indispensáveis ao conhecimento do seu interlocutor.

Entretanto, se o conteúdo semântico desses adjuntos adverbiais não oferece maiores problemas, seu comportamento sintático na oração é heterogêneo e requer maior atenção de quem procura descrever esse termo. Assim, a coesão dele ora é maior com o verbo ou com o sintagma verbal, ora faz referência a toda a oração, sem que com isso deixe de formar parte dela, à maneira dos termos marginais. São aspectos muitas vezes que fogem ao âmbito dos esquemas idiomáticos e entram no domínio da gramática do texto. É o caso, por exemplo, do termo *em casa* nas orações:

(1) *Em minha casa* grito eu.

(2) Eu grito *em casa*.

Enquanto na segunda, *em casa* afeta exclusivamente o verbo *grito*, na primeira *em minha casa* modifica a oração como um todo, a combinação *sujeito* + *predicado*, e esta coesão tênue com o verbo permite a possibilidade de pausa que normalmente aparece ao ser proferida a oração [PD.1, 18].

Tais variedades de coesão gramatical motivadas por objetivos pragmáticos, discursivos e entonacionais, têm levado estudiosos a enveredar por indagações de graus ou níveis de hierarquização de adjuntos adverbiais, tema que extrapola a natureza deste livro; por isso, consideraremos aqui todos estes casos uniformemente como adjuntos adverbiais.

Falam, assim, dos adjuntos adverbiais na condição de adjuntos de substantivos e adjetivos:

O inverno *em Campos do Jordão* é rigoroso.

Os conflitos *em praça pública* nem sempre são prenúncios de direitos feridos.

As brincadeiras *nas praias* são sempre ruidosas.

Retornando aos outros exemplos do início, notaremos que os termos *na sala* e *ao hospital*, apesar de semanticamente denotarem circunstâncias, funcionam como complemento relativo dos verbos *puseram* e *acompanhou*, respectivamente:

Os carregadores puseram o móvel logo pela manhã.
(sintaticamente incompleta)

Os carregadores *puseram* o móvel *na sala*.

O marido acompanhou a esposa na ambulância. (sintaticamente incompleta)

O marido *acompanhou* a esposa *ao hospital*.

Um termo preposicionado designativo da mesma circunstância (aqui "de lugar") pode exercer na oração diferentes funções sintáticas dependendo do conteúdo de pensamento designado, isto é, das circunstâncias concretas do discurso; por exemplo, *de Minas* é um complemento relativo em:

O escritor saiu jovem *de Minas*

é um complemento predicativo em:

O escritor é *de Minas*.

é um adjunto adverbial em:

O escritor telegrafou *de Minas*

é um adjunto adnominal em:

Os escritores *de Minas* gozam de muita aceitação

é um complemento nominal (de substantivo ou adjetivo):

Sua permanência *em Minas* foi breve.

Necessária na vida toda, a educação começa na infância.

Que não se trata de termos sintaticamente equivalentes mostra o fato de não poderem coordenar-se. Não é possível uma construção do tipo:

A criança caiu *da cama e durante a noite*,

como seria possível em:

As crianças caem *do balanço e do escorrega* durante o recreio.

Outra particularidade a ser observada entre as diferenças que separam o complemento relativo do adjunto adverbial é o caráter semântico bastante tênue (e às vezes até vazio) da preposição que introduz a primeira dessas funções que faz o papel de marca de função sintática, em oposição ao valor semântico da preposição que encabeça o adjunto adverbial. A preposição que marca o complemento relativo está determinada pela tradição do idioma, razão por que só muito raramente admite a substituição por outra preposição, salvo nos casos em que a mesma tradição o permite:

Preciso *do* livro.

*Preciso *ao* livro.

*Preciso *no* livro, etc.

Já a preposição que encabeça o adjunto adverbial conhece quase sempre a possibilidade dessa substituição:

Fez a horta *sob* as árvores.

Fez a horta *debaixo das* árvores.

Com frequência esses adjuntos adverbiais de conteúdo posicional ou temporal se combinam com uma ideia secundária de direção ou extensão, o que leva ao emprego concomitante de duas preposições:

Fez a horta *por debaixo das* árvores.

A janela estava aberta *desde pela* manhã.

A neve escorregou *de sobre* o telhado.

Enquanto no âmbito dos termos argumentais só pode existir no domínio da relação predicativa um só complemento direto ou indireto (salvo aqui os chamados dativos livres), predicativo ou complemento relativo – excluindo o caso de termos coordenados –, os adjuntos adverbiais não conhecem esta restrição, podendo aparecer quantos forem necessários à experiência comunicada:

De noite, o jovem trabalhava *em casa em companhia dos irmãos.*

Também ao contrário dos termos argumentais, se for elidido, o adjunto adverbial não exige preenchimento da casa vazia:

O jovem trabalhava em casa, em companhia dos irmãos.

O jovem trabalhava em companhia dos irmãos.

O jovem trabalhava.

1) Os principais tipos de adjuntos adverbiais – O adjunto adverbial constitui uma classe muito heterogênea – à semelhança do advérbio que normalmente desempenha o papel de seu núcleo – não só do ponto de vista formal como ainda do ponto de vista de valor semântico. Tal fato leva a que constantemente esteja a não delimitar com nitidez as fronteiras com outras funções sintáticas – conforme aqui mesmo já assinalamos – e com conteúdos de pensamento

designado vizinhos. Diante de tão vasta amplitude, fixar-nos-emos nos principais adjuntos adverbiais, detendo-nos aos aspectos mais interessantes à descrição gramatical e aos esquemas com que se representam tais funções nas circunstâncias concretas do discurso [PD.1, 30].

a) Adjuntos adverbiais de lugar – A característica de tais adjuntos é responder à pergunta *onde*?, precedido este advérbio ou não de preposição que marca a designação circunstancial (*donde?*, *por onde?*, *aonde, até onde*, etc.), em relação à ideia expressa pelo verbo, pelo sintagma, verbal ou ao conteúdo de uma oração dita principal.

Pedro trabalhava *em Petrópolis*. (onde?)
Pedro trabalhava *aí*. (onde?)
O professor tem parentes no *Recife*. (onde?)
Contemplamos *da janela* o cair da tarde. (donde?)
Procuraram-no *por toda a cidade*. (por onde?)
O atleta correu *até a chegada*. (até onde?)
"*Onde me espetam* fico". [M. de Assis]

Distinguimos, assim, vários matizes da ideia locativa: *lugar onde* ou *de situação*, *direção*, *origem* e *ponto de partida*, *lugar por onde*, *proximidade*, *distância*, *orientação*, *extensão*, etc., tanto numa perspectiva horizontal quanto na vertical.

Algumas expressões preposicionadas que funcionam como adjunto adverbial compartilham tanto do valor locativo quanto do temporal modal ou instrumental, como ocorre nas seguintes orações:

Ela me foi apresentada *na festa* (onde? ou quando?).
O primo não viaja *em avião* (onde? ou por que transporte?).

O advérbio núcleo do adjunto de lugar pode vir anteposto de um substantivo, e o conjunto precedido ou não de preposição, como ocorre nos exemplos:

O barco navegava *rio acima*.
O capitão anda *mundo fora*. (ou *afora*)
O sonâmbulo andava *casa dentro* (ou *pela casa dentro*).

b) Adjuntos adverbiais temporais – Respondem às perguntas *quando?*, *desde quando?*, *até quando?*, *durante quanto tempo?* e podem referir-se ao verbo, ao sintagma verbal ou a toda a oração:

A natureza *resplandece na primavera*. (referida ao verbo)
O fazendeiro *colhe frutas pela manhã*. (referido ao sintagma verbal *colhe frutas*)
De noite todos os gatos são pardos (referido a toda a oração).

Podem vir representados por advérbio, por sintagmas preposicionados ou por oração dita subordinada :

Augusto *não* trabalha *hoje*.
Estuda-se melhor *pela manhã*.
Ele saiu *quando o professor chegou*.

Também entre os adjuntos adverbiais de tempo distinguimos vários matizes temporais: o tempo propriamente dito, a duração, a quantificação temporal, a repetição, etc.:

Pedro não trabalha *hoje*.

Pedro trabalhou *das três às cinco*.

Pedro trabalhou *duas horas*.

Pedro trabalha *todos os dias*.

Os diversos tipos de adjuntos adverbiais de tempo podem vir ou não introduzidos por preposição ou locução prepositiva; estas matizam o valor temporal:

Não se trabalha *domingo* / *no domingo*.

Pedro não trabalha *hoje* / *por hoje*.

O vizinho viu televisão *até as três da madrugada*.

O baile terminou *depois das quatro*.

O aniversário será *daqui a cinco dias*.

OBSERVAÇÃO: Não se há de confundir o emprego da preposição *a* para indicar tempo vindouro com a expressão em que entra o verbo *haver* (há) para indicar tempo passado: Sairá *daqui a três horas* // Saiu *há três horas*.

Para a análise da oração em que, nestes casos, entra o verbo *haver*, veja-se o capítulo da oração complexa.

Em circunstâncias do tipo de

Pedro trabalha muitas horas,

o adjunto adverbial *muitas horas*, do ponto de vista semântico, se situa entre a ideia temporal e a quantitativa, zona limítrofe que explica como resultado, por exemplo, o uso indistinto do advérbio *já*, nitidamente temporal, e do advérbio *mais*, nitidamente quantitativo, em orações negativas do tipo:

Já não chove / Não chove *mais*.

No início, deve ter havido perfeita distinção; a ideia temporal existia em *Já não quero*, *Já não o tem*, *Já não serve*, onde o advérbio *já*, como lembra Morais (1813), se refere a "cousas que agora se acham em situação diversa da em que estavam antes" e a quantitativa em *Não quero mais*, *Não tem mais*. Sem levar em conta o trânsito semântico, alguns puristas consideram injustamente como galicismo o emprego temporal de *não mais* pelo *já não*, imitação servil, dizem, do francês *plus*. Ocorre que, nas orações citadas no início, poder-se-ia usar o *plus* francês como equivalente do *mais* (quantitativo) e do *já* (temporal): *Não quero mais* (*je n'en veux plus*), *Já não quero* (*je ne veux plus*) [PS.1, 603].

No Brasil, é mais geral o emprego de *não mais* em ambos os valores semânticos; em Portugal, como ensina Gladstone Chaves de Melo, *já não* é mais comumente usado "quando o que se focaliza é um trânsito de passado para presente", enquanto *não mais* se usa quando se quer "significar o futuro em relação ao tempo indicado pelo verbo" [GM.1, 111].

Também não têm razão os puristas na condenação da negativa enfática *já não...mais* em construções do tipo *Já não se faz mais musical como antigamente*. Ênfase nas orações negativas é fato corriqueiro nas línguas [OJ.1, 62-80; HS.1, 19-91].

Também apresentam pontos de contacto com a circunstância modal os advérbios de tempo do tipo de *rapidamente*, *de imediato*, *logo*, *num instante* e locuções equivalentes como *abrir e fechar de olhos*, *num piscar de olhos*, etc., que integram os adjuntos adverbiais de orações iguais a:

Saiu rapidamente.

Chegou de imediato.

Respondeu num piscar de olhos.

Essa ideia subsidiária de modo aproxima tais adjuntos adverbiais de outra função sintática já vista aqui, o anexo predicativo; basta que se use adjetivo (flexionado, para formalmente estabelecer a diferença de marca de função sintática):

Eles saíram rápidos.
Elas saíram rápidas.

Se se empregar *Ele saiu rápido*, *rápido* pode ser tanto considerado advérbio (=adjunto adverbial, igual a *rapidamente*), quanto adjetivo (=anexo predicativo). Já em *Ela saiu rápido*, *rápido* só pode ser classificado, graças à sua invariabilidade em gênero, como *advérbio* [HM.1, 55-56].

Como os locativos, o advérbio de tempo se deixa antepor de substantivo, conjunto que pode ou não vir introduzido por preposição:

Ela trabalhava *semana adentro*.
O fato ocorreu *dias atrás*.

c) Adjuntos adverbiais modais – Respondem à pergunta *como? de que modo ou maneira?* e se reportam ao verbo ou ao sintagma verbal da oração, para qualificar ou descrever como o processo verbal se realiza:

O aluno está escrevendo *bem*.
O fogo propagou-se *imperceptivelmente*.
Os vizinhos falaram do incêndio *com tristeza*.
Entraram no estádio *aos empurrões*.
Os ladrões fugiram *sem que fossem percebidos*.

Como vimos, podem tais adjuntos adverbiais estar integrados por advérbios, palavras ou sintagmas prepositivos com valor adverbial e orações inteiras; destas falaremos no capítulo sobre a oração complexa.

Muitas vezes a experiência que se comunica aproxima o valor modal de adjuntos adverbiais ao sentido modal ou qualitativo que se atribui ao sujeito e ao complemento direto por meio de um anexo predicativo.

Ela me cumprimentou muito educadamente / Ela me cumprimentou muito *educada*.

Esta aproximação semântica também ocorre quando a expressão encerra um sintagma preposicionado introduzido por *com* ou *sem* em construções alusivas à posse ou carência do sujeito ou de complemento direto; a melhor classificação parece ser como anexo predicativo [PD.1, 39].

O garoto chegou a casa *com a calça rasgada*.
Ele foi deitar-se *sem pijama*.

d) Adjuntos adverbiais de fim, de causa, de instrumento e de companhia – Característica comum a essas quatro circunstâncias adverbiais é que não podem ser representadas por meros advérbios, mas sim por sintagmas preposicionados ou, com exceção da de companhia, por uma oração subordinada, fato que estudaremos no capítulo da oração complexa:

Ele estudou *para médico* (fim).
Tremiam *de frio* (causa).
Fechou a porta *com a chave* (instrumento).

Saiu *com Maria* (companhia).

A realidade designada por meio desses adjuntos adverbiais pode ser equivalente àquela expressa por meio de complementos relativos:

O vizinho casou-se *com a prima*.

O garçom encheu o copo *de vinho*.

No que toca ao adjunto adverbial de fim, cabe não confundi-lo com o chamado dativo de interesse; este se refere sempre a pessoa e às vezes integrável pelo pronome *lhe*, e alude ao beneficiário ou prejudicado pelo processo verbal:

Mário trabalha *para a família*.

Comprou as flores [ao florista] *para a noiva*.

Como o complemento de agente da passiva é introduzido pelas preposições *por* e *de*, pode haver dificuldade em distingui-lo do adjunto adverbial de causa. Todavia, o agente da passiva está sempre representado por ser animado ou então capaz de praticar a ação verbal, além de, na transformação para a ativa, passar a sujeito; por seu turno, o adjunto adverbial de causa pode ter a preposição substituída pelas locuções *por causa de*, *devido a*, o que não se dá com o agente da passiva. Assim, estamos diante de agente da passiva em orações como:

A atriz foi bafejada *pela sorte* / *A sorte* bafejou a atriz.

A exposição era admirada *por todos* / *Todos* admiraram a exposição.

Já nas orações abaixo a expressão introduzida pela preposição *por* funciona como adjunto adverbial de causa:

O pintor foi admirado *pelos seus quadros*.

O jogador é expulso *pela falta desleal*.

Não é natural a transformação em ativa.

* Os quadros admiraram o pintor.

* A falta desleal expulsa o jogador.

Por outro lado, podemos substituir *por* pela locução *por causa de*:

O pintor foi admirado *por causa de seus quadros*.

O adjunto adverbial de causa, além das preposições *por*, *com* e *de*, pode vir introduzido por locuções prepositivas, como *por causa de*, *em virtude de*, *em razão de*, *devido a*, *graças a*, etc.:

Não saiu cedo *por causa da chuva*.

Houve faltas *devido à greve de ônibus*.

OBSERVAÇÃO: Não se usa neste emprego *devido* sem a preposição *a*: *Devido ao mau tempo* (e não *Devido o mau tempo*).

Em vez de um substantivo (ou pronome), pode vir um adjetivo usado neutralmente, para expressar a ideia de causa, aproximando o adjunto adverbial do anexo predicativo:

Os marginais fugiram *de medrosos*.

Por teimoso não viajou conosco.

Dentro da denominação de instrumento incluem-se circunstâncias afins, como o meio, a intermediação, a matéria, o domínio, o utensílio, e, por extensão, os contextos matemáticos do tipo de *multiplicar por*, *dividir por*:

Os amigos nunca viajaram *de avião*.

Mediu o quarto *com o metro*.

Escrever *à máquina*.

O jogador fez gol *com a proteção do juiz*.

Prenderam o ladrão *com a arma*.

O índice epidêmico foi multiplicado *por dois*.

A partida foi ganha *pela estratégia do técnico*.

Este último exemplo evidencia a possibilidade de aproximação designativa da circunstância de instrumento ao agente da passiva introduzido também pela preposição *por*. Um modo de distinguí-los, além da análise da experiência comunicada, é substituir a preposição *por* do instrumental por *com* ou *mediante*:

A partida foi ganha *com* (*mediante*) a estratégia do técnico.

Os adjuntos adverbiais de companhia repartem-se em dois grupos: os associativos, ou participativos e os que não o são. Os primeiros participam ou ajudam, ao lado do sujeito, ou, no caso de complemento verbal, são afetados pelo estado de coisas designado no predicado, como nos exemplos:

O capitão *com seus soldados* desbaratou o inimigo.

O professor *com seus colegas* dirigiu a exposição.

A diretora expulsou da sala o aluno *com os colegas de arruaça*.

Como exemplos de não participativos temos:

O colega trouxe *consigo* o livro pedido.

Minha irmã foi ao baile *com o vestido novo*.

O pai gostava dos filhos *com os avós*.

Pelos últimos exemplos, vê-se que a noção de companhia abarca o que é levado ou possuído pelo sujeito ou pelo complemento verbal.

O adjunto adverbial pode, por meio da preposição *sem*, assinalar a ausência ou a carência:

A garota já vai à escola *sem a mãe*.

Em muitos contextos, alguns desses adjuntos de companhia se aproximam dos de valor modal.

Com a presença do adjunto de companhia participativo pode o verbo da oração ir ao plural, como se se tratasse de um sujeito composto:

O capitão com seus soldados *desbaratou* o inimigo.

O capitão com seus soldados *desbarataram* o inimigo.

Em tais condições, a estrutura *sujeito + adjunto adverbial* pode alternar com a estrutura de sujeito composto:

O capitão e os seus soldados desbarataram o inimigo.

Se a estrutura gramatical permite esta alternância, do ponto de vista de estado de coisas comunicado, não é indiferente o emprego de um modo por outro; com o adjunto adverbial, a ênfase do processo verbal recai na pessoa do sujeito, enquanto na construção com sujeito composto desaparece essa ênfase especial.

e) Adjuntos adverbiais de quantidade – Tais adjuntos adverbiais respondem a perguntas do tipo *quanto?*, *até quanto?*, *em que medida?* e se repartem em intensivos ou gradativos, de medida e de preço, conforme a realidade designada:

Nesta região chove *mais* no verão.

Maria trabalha *muito* aos domingos.

Andaram *bastante* em busca de emprego.

A assistência ria *às bandeiras despregadas*.

O clube ganhou a partida *por dois a zero*.

O cavalo perdeu a corrida *por pescoço*.

Ela deixou de comprar o carro *por bom preço*.

Unidades léxicas designativas de unidades de tempo, peso, medida, preço, duração e quantidade que acompanham verbos (*durar*, *passar*, *percorrer*, *correr*, *medir*, *pesar*, etc.) empregados transitivamente, têm merecido classificações diferentes; há autores que as consideram adjuntos adverbiais:

O filme durou *uma hora*.

O atleta percorreu *dez quilômetros*.

A criança já pesa *vinte quilos*.

O viaduto mede *duzentos metros*.

Outros autores, levando em conta traços semânticos e sintáticos que caracterizam o complemento direto (além do valor de termo argumental, quase sempre estas unidades léxicas atendem aos testes da passiva, da integração, com a pergunta *que?*, etc.) preferem vê-los como verdadeiros objetos. Tome-se por exemplo, a oração:

O atleta percorreu *dez quilômetros*,

verifica-se que a expressão constitui um termo argumental, isto é, exigido pelas características semânticas do verbo, já que estaria imperfeita a construção:

*O atleta percorreu.

Por outro lado, a oração admite a transformação em passiva:

Dez quilômetros foram percorridos pelo atleta.

E também a passagem a termo integrável, por meio do pronome átono *os*, referido a *dez quilômetros*:

O atleta percorreu-*os*.

Pode-se ainda incluir neste problema classificatório o caso de unidades léxicas de significado intensivo do tipo de *muito*, *pouco*, *demasiado*, *bastante*, que não se referem diretamente a substantivos, mas à sua quantidade. Com verbos usados transitivamente assumem papel de termo argumental, isto é, necessário à integração sintático-semântica da oração, em textos do tipo:

Sabia *muito* para ser aprovado (*muito* = muitas coisas).

Vimos *pouco* por causa do nevoeiro (*pouco* = pouca coisa).

Não disse *bastante* em sua defesa.

Em favor de classificar estas unidades léxicas como termo argumental, leva-se em conta o fato de poderem vir referidas na oração adjetiva por meio de pronome relativo, como em orações do tipo:

Tenho muito *que* pedir-lhe.

Sabe pouco *que* dizer-me.

Também fala em favor desta classificação a possibilidade de virem tais unidades léxicas precedidas de artigo definido:

Você sabe *o muito* que lhe devo.

Elas não fizeram *o bastante* para vencer.

OBSERVAÇÃO: Sobre o falso erro no emprego de *o quanto* em construções do tipo: *Não soube o quanto se enganara*, veja-se o ensinamento de Epifânio Dias:

"Às orações interrogativas indiretas de *como*, *porque* e *quão* pode antepor-se o artigo definido" [ED.2, § 362]. Vale a pena a leitura da nota 138 de R. J. Cuervo à *Gramática* de A. Bello.

Tratar-se-á sem dúvida de adjunto adverbial se o verbo for usado intransitivamente ou se, transitivo, já vier acompanhado de complemento verbal:

Comprou a casa por cem mil reais.
O pedreiro mediu o aposento com linha.
Ela já sabia muito matemática.

f) Adjuntos adverbial de distribuição

Os jogadores ganham prêmio extra *por partida vencida*.

g) Adjunto adverbial de inclinação e oposição 111 – São os adjuntos que expressam a relação de "favor", "ajuda" ou "disposição favorável", muito próximo ao valor benefactivo do dativo, bem como as relações contrárias, de "oposição", "disposição desfavorável".

Trabalhou sempre *pelos amigos*.

Para a primeira relação, introduz-se o adjunto adverbial por meio da preposição *por* ou de locuções prepositivas equivalentes, do tipo de *a favor de*, *em benefício de*, *em prol de*, *em auxílio de*, etc.

Para a segunda relação, usa-se a preposição *contra* ou locuções do tipo:

Esforçava-se *por lutar contra os maus pensamentos*.

h) Adjunto adverbial de substituição, troca ou equivalência – Assim se chama o adjunto adverbial que expressa a relação de "substituição", "troca" de algo por outro no processo designado no predicado, seja pessoa, coisa, circunstância ou processo verbal. Tal adjunto vem introduzido pela preposição *por* ou pelas locuções prepositivas *em vez de*, *em lugar de*.

O guarda-costa se passou *pelo presidente*.
A colega fez a redação *pelo namorado*.
Na época de exames, trocava o dia *pela noite*.
Iremos amanhã *em vez de hoje*.
Durante o recreio jogava *em vez de alimentar-se*.
Comeu gato *por lebre*.
João trabalha *por dois*.
Ana trocou a merenda *por uma revista*.

Entra no âmbito deste adjunto adverbial a circunstância de delegação, pela qual uma pessoa representa outra na execução do processo expresso no predicado. Aparece para introduzi-lo a preposição *de* ou, então, as locuções prepositivas *da parte de*, *na representação de*:

Retribua-lhe o favor *de minha parte*.

Esta circunstância adverbial deixa estes adjuntos muito próximos do valor de "preço", em orações do tipo:

Deu vinte mil reais *pela motocicleta* (preço).
Deu a motocicleta *por vinte mil reais* (troca).

i) Adjunto adverbial de campo ou aspecto – É o adjunto adverbial que exprime o campo ou o aspecto da realidade referida:

O primo formou-se *em medicina*.
Deixaram de examinar a questão *por esse prisma*.

Nos exemplos abaixo, a circunstância se aproxima à de lugar virtual:

Cometeu-se grave erro *nesse tipo de explicação*.
A decisão do júri surpreendeu a todos *sob o ponto de vista ético*.

j) Adjunto adverbial de assunto ou matéria tratada – Introduz-se tal adjunto adverbial por meio das preposições *de*, *em* ou *sobre*, ou das locuções prepositivas *acerca de*, *a respeito de*, *em torno de* e equivalentes:

Hoje o professor falou pouco
- *de história.*
- *em moral.*
- *sobre tais fatos.*
- *acerca do caso.*
- *a respeito de crase.*

José de Alencar escreveu romances *sobre os brasileiros de várias regiões do país.*

É muito frequente aparecer o assunto ou a matéria tratada expressos como termo argumental exigido pelo significado léxico do verbo, em predicados em que entram unidades léxicos do tipo de *tratar*, *versar*, *falar* e equivalentes, como nas orações abaixo:

O orador tratou *de fatos literários.*
A dissertação versou *sobre história.*
Na aula o professor falou *de regência verbal.*

Outras vezes aparece como adjunto adnominal de substantivo:

O vizinho escreveu um livro *de histórias infantis.*

k) Adjunto adverbial de adição ou inclusão, exclusão e concessão – Os adjuntos adverbiais que expressam adição vêm introduzidos pela preposição *sobre*, por palavras de valor inclusivo (*mesmo*, *inclusive*, etc.), mais frequentemente, pelas locuções prepositivas *além de*, *a mais de*, *ademais de*:

Sobre desemprego, havia doença.
Além das notas ruins, faltava muito às aulas.
Ademais dos parentes, vinham os convidados.
Todos ficaram, *mesmo Ana*.
Os visitantes já se foram, *Daniel inclusive.*

Os que expressam exclusão vêm introduzidos por *menos*, *salvo*, *exceto*, *fora*, *exclusive*, e pelas locuções prepositivas ou não (*com*) *a exceção de*, *a não ser* e equivalentes:

Todos saíram, *menos o culpado*.
Eles foram a todos os bairros, *salvo Casa Amarela*.

Os que expressam concessão vêm introduzidos por *malgrado*, pela locução prepositiva *apesar de*:

Malgrado a chuva, fomos ao passeio.

Diva ganhou o concurso, *apesar da resistência da colega*.

Ainda uma vez os determinantes nominais

1) Adjunto adnominal – Depois de conhecidas as funções sintáticas até aqui enumeradas, estamos em condições de prosseguir no aprofundamento dos determinantes nominais, também chamados *adjuntos adnominais* que começamos a ver quando falamos da expansão do núcleo do sujeito em **Conhecendo melhor o sujeito: núcleo e determinantes**.

Toda expressão nominal, qualquer que seja a função exercida pelo seu núcleo, pode ser expandida por determinantes que têm por missão acrescer ideia acidental complementar ao significado desse substantivo nuclear. O resultado dessa expansão é um grupo unitário sintagmático nominal. Estas expansões não alteram a relação gramatical do núcleo, mas tão somente aludem a aspectos diferentes da realidade do conteúdo significativo do substantivo ou da expressão nominal a ele equivalente. Daí o resultado de a expansão exercer na oração a mesma função do núcleo despojado do(s) seu(s) determinante(s):

Sujeito	*Núcleo do Predicado*	*Objeto direto*	*Compl. relativo*	*Compl indireto*	*Adj. Adv.*
José	estuda.				
O meu primo José	estuda.				
Ela	comprou	livros.			
Ela	comprou	muitos livros de literatura.			
Nós	demos	presentes		a parentes.	
Nós	demos	muitos presentes		a todos os parentes distantes.	
Os professores	gostam		de alunos.		
Os professores	gostam		de alunos estudiosos.		
Meus pais	trabalham				em casa.
Meus pais	trabalham				em casa de campo.

O grupo sintagmático nominal pode constituir-se de vários tipos:

1– Os que podem ocorrer à esquerda ou à direita do *subtantivo* + *adjetivo*

Passei *belos dias* em *cidades agradáveis*.

Os determinantes estão, em geral, representados pelas seguintes classes de palavras: *adjetivo*, *artigo* e *pronome demonstrativo* ou equivalentes de adjetivos (estes veremos

adiante):

Noites *claras* prenunciam bom tempo.

O livro está esgotado.

Esta manhã prometia chuva.

Na sequência de determinantes, aparecem como pré-determinantes, à esquerda do determinante, as palavras que podem receber globalmente o nome de *Quantificador* (*algum*, *certo*, *vários*, *todo*, *todos*, *qualquer*, *alguns* (de), *vários* (de), etc.):

Alguns bons momentos são inesquecíveis.

Todos os alunos saíram.

Alguns de nós não foram à festa.

Aparecem como pós-determinantes, isto é, as palavras que ocorrem à direita do determinante, e do pré-determinante, o *pronome possessivo* e o *numeral*:

Os *seus* livros não estavam na estante.

Aqueles *dois* erros eram graves.

Vários de *meus* sobrinhos são engenheiros.

Aqueles *dois seus* vizinhos trabalham no comércio.

2 – Os que normalmente só ocorrem à esquerda do *substantivo* + *determinantes*, que incluem as seguintes classes de palavras:

a) artigo e os pronomes demonstrativos

Os bons filmes entrarão em cartaz *esta semana*.

b) substantivo + pré-determinantes (que incluem as seguintes classes de palavras: *pronome possessivo* e o *numeral*):

Os *seus livros* não estavam na estante.

Aqueles *dois erros* eram graves.

c) substantivo + pós-determinantes (que incluem os quantificadores, representados pelos pronomes indefinidos)

Todos os três meus bons amigos chegam hoje.

Os do tipo 1 (*substantivo* + *adjetivo*) podem ter estruturas diferentes:

a) um adjetivo:

belos dias em cidades *agradáveis*

b) um grupo preposicionado equivalente a adjetivo, que pode ou não ter um correspondente signo léxico na língua. Neste caso, quando o substantivo entra num grupo adjetivado, não concorda em gênero e número com o substantivo núcleo, e, se aparece no plural, não o faz pelo fenômeno da concordância, mas em atenção à realidade comunicada: *copo com defeito* / *copos com defeito*; mas *copo com defeito* / *copo com defeitos* (por se querer referir a mais de um defeito existente no *copo*).

homem *de coragem* (corajoso)

pão *com manteiga* (amanteigado)

copo *com defeito* (defeituoso)

casa *de Pedro*

cama *de solteiro*

c) uma oração transposta à função adjetiva:

O homem *que tem coragem* (corajoso)

A casa *que Pedro possui*

2) Complemento nominal – Uma tradição gramatical mais recente, atentando para o aspecto da realidade comunicada, e de certas relações gramaticais nela existentes, tem procurado distinguir os diversos sentidos em que se interpretam as expansões de substantivo como as seguintes, sem esgotar a exemplificação:

a resolução *do diretor*
a prisão *do criminoso pela polícia*
a remessa *dos livros*
a resposta *ao crítico*
o assalto *pelo batalhão*
a ida *a Petrópolis*

Assim é que essa tradição, partindo do conteúdo de *resolução do diretor* equivalente a *o diretor resolveu*, classifica *do diretor* como "*complemento* (e não *adjunto*) nominal subjetivo". Já em *prisão do criminoso*, equivalente a *o criminoso foi preso*, teremos um "complemento nominal subjetivo passivo". Em *a remessa dos livros*, equivalente a *alguém remeteu os livros*, *dos livros* se classificará como "complemento nominal objetivo". Como "complemento nominal objetivo indireto ou terminativo" será *ao crítico* do grupo sintagmático nominal *a resposta ao crítico*. Em *o assalto pelo batalhão*, a expressão preposicionada será classificada como "complemento de agente ou de causa eficiente". Já em *ida a Petrópolis*, teremos um "complemento nominal circunstancial" [JO.1, 223-227].

À primeira vista, em relação aos termos primários da relação predicativa (sujeito-predicado), não há razão para um tratamento sintático diferente do adjunto adnominal, tendo em vista que também com o complemento nominal a expansão do grupo sintagmático não modifica a relação gramatical do núcleo:

Sujeito	*Predicado*
A casa de Pedro	é espaçosa
A resolução do diretor	surpreendeu a todos
A prisão do criminoso pela polícia	mereceu elogio da imprensa

Assim também qualquer variação tanto no núcleo do adjunto adnominal quanto no do complemento nominal não alterará a relação com o núcleo verbal:

A casa *do vizinho* / A casa *dos vizinhos* } é espaçosa

A resolução *do diretor* / A resolução *dos diretores* } surpreendeu a todos

Poderíamos apontar outros aspectos gramaticais em que os dois termos apresentam traços comuns, como: a) a posição à direita do núcleo; b) a inexistência de pausa; c) a introdução por preposição, obrigatória no complemento nominal e muito frequente no adjunto.

Todavia, o complemento nominal está semanticamente mais coeso ao núcleo, por representar uma construção derivada mediante a nominalização, fenômeno que não ocorre no adjunto adnominal:

O diretor resolveu → A resolução do diretor

A polícia prendeu o criminoso → A prisão do criminoso pela polícia

Esta relação semântico-sintática provoca a impossibilidade – se não estiver já assinalado ou conhecido no contexto – de apagamento do complemento nominal, *sem que isto estabeleça a razão primordial para distinguir o complemento do adjunto*, uma vez que há adjuntos imprescindíveis:

**A resolução* surpreendeu a todos

**A prisão pela polícia* mereceu elogio

Estando a nominalização presente quer no complemento nominal de função primária subjetiva (*a resolução do diretor ← o diretor resolveu*), quer no de função primária objetiva (*a descoberta da imprensa ← Gutenberg descobriu a imprensa*), não cabe classificar no exemplo *a resolução do diretor*, *do diretor* como adjunto adnominal, enquanto no exemplo *a descoberta da imprensa*, *da imprensa* como complemento nominal [VK.4].

Ambos os termos participam das mesmas características próprias ao complemento nominal; além da nominalização, não admitem apagamento:

a resolução do diretor → *a resolução

a descoberta da imprensa → *a descoberta

Impõe-se, desta maneira, incluir o complemento nominal como termo argumental.

OBSERVAÇÃO: Cabe não confundir casos de impossibilidade de apagamento com outros em que o nosso saber sobre as coisas do mundo impede, por incoerentes, construções do tipo *Conheci um homem de pernas*, *João tem uma voz*, uma vez que a nossa experiência concebe todo homem com pernas, ou com voz. Todavia, anula-se a incoerência se tais substantivos vêm acompanhados de adjetivos: *Conheci um homem de pernas longuíssimas*, *João tem uma voz roufenha*, já que nem todos os homens têm pernas longuíssimas nem voz fanhosa. Portanto, nestes casos não se trata de um saber idiomático, mas de um saber elocutivo.

Há evidente paralelismo entre a estrutura interna do complemento nominal e das orações. Este tratamento especial do complemento nominal serve para explicar fatos gramaticais que ficam mais evidentes à luz desta distinção.

Por exemplo, o termo nominalizado (substantivo, adjetivo ou advérbio de base nominal) pode contrair as mesmas relações sintáticas da construção básica; se o núcleo verbal é complexo e se acompanha de complementos, a construção derivada apresenta estes termos:

A mãe ama o filho → O amor *de mãe ao filho*

A polícia prendeu o ladrão → A prisão *do ladrão pela polícia*

Jesus ama as criancinhas → o amor *de Jesus às criancinhas*

O carteiro entregou a carta de José ao Mário → A entrega *da carta de José ao Mário pelo carteiro*

A seleção da preposição que introduz o complemento nominal quase sempre está determinada pela preposição que acompanha o complemento verbal:

Foi *à cidade* → A ida *à cidade*

Penetrou *na floresta* → A penetração *na floresta*

Inclinou-se *à música* → A inclinação *à música*

De modo geral, a gramática tradicional tem apontado complementos nominais restritos a processos de nominalizações que envolvem substantivos (***desejo** de vitória ↔ desejar a vitória*), a adjetivos (***desejoso** de vitória ↔ desejar a vitória*), ou a advérbios (***referentemente** ao assunto ↔ referente* [adjetivo] *ao assunto ↔ referência* [substantivo] *ao assunto*). Mas há outros que devem sua presença a traços semânticos do núcleo nominal, independentes de nominalizações. Vejamos alguns desses tipos.

Como núcleo do sintagma nominal, teremos, de início, substantivos formalmente relacionados a verbos que assumem relações muito semelhantes às que ocorrem nas orações, conforme já vimos nos exemplos:

a saída do trem / *o trem saiu*

a entrega da carta / (alguém) *entregou a carta* ou *a carta foi entregue*

O substantivo formado de adjetivo também goza da estrutura argumental que lhe é própria:

a *cultura* do professor / o professor *culto*

Todavia, como a estrutura argumental depende do significado léxico de cada palavra, substantivos há que, não se relacionando morfológica ou materialmente a verbos e adjetivos, selecionam termos argumentais, inerentes ao conteúdo de pensamento designado. Tais termos atendem às duas condições básicas do estatuto dos argumentos: a) o núcleo os seleciona semântica e categorialmente; b) o núcleo lhes impõe uma interpretação determinada [EV.1, 32].

Estão neste caso de argumentos inerentes:

a) Os substantivos relacionais, isto é, aqueles que não fazem referência a indivíduos, mas expressam relações entre indivíduos. É o caso dos termos de parentesco, do tipo de *pai*, *mãe*, *filho*, *irmão*:

o pai *de Eduardo*

a tia *do Daniel*

o irmão *da Bebel*

Incluem-se neste rol, naturalmente, substantivos como *amigo*, *colega*, *companheiro*:

o amigo *de Cleto*

a colega *de Georgete*

Cabe lembrar que substantivos referidos à mesma entidade podem incluir-se ou não no grupo dos relacionais. Por exemplo, *pátria* e *país*; o primeiro é relacional, se significa o lugar de nascimento, porque é pátria sempre relacionado a alguém, enquanto *país* ('nação', 'região') não faz necessariamente referência a um indivíduo. O exemplo apresentado por Escandell Vidal *mascote* e *cão* é mais evidente, porque a mascote pressupõe sê-lo de alguém, o que não se dá com o substantivo *cão*.

Os nomes de partes do corpo e aqueles que aludem a partes constitutivas de uma entidade, física ou abstratamente considerada:

os *braços* da *dançarina*

o *rosto* da *criança*

a *face* do *problema*

o *galho* da *árvore*

o *cérebro* da *equipe*

o *x* da *questão*

b) Os substantivos icônicos, isto é, que designam representação, tais como *retrato*, *quadro*, *fotografia*, *filme*, *película*, quando referidos a entidades retratadas, pintadas, fotografadas, etc.

Note-se a diferença entre:

(1) *O retrato de Machado de Assis*

(2) *O retrato da galeria*

Em (1), o significado de *retrato* seleciona o termo argumental *Machado de Assis*, interpretado o sintagma nominal como 'o retrato em que aparece M. de Assis'.

Em (2), já *retrato* se acha acompanhado de um adjunto adnominal, sendo 'o retrato da galeria' interpretado como 'o retrato exposto na galeria'.

Também pode, no caso (1), o termo argumental referir-se não à entidade retratada, mas ao próprio autor do retrato ou quadro:

O quadro de Vitor Meireles

As referências à entidade retratada e ao seu autor podem concorrer no sintagma nominal mediante os dois termos argumentais:

O quadro da Proclamação da Independência de Vitor Meireles (i. é, o quadro que retrata a Proclamação da Independência de autoria de Vitor Meireles).

Pode até juntar-se a esses dois termos argumentais o adjunto adnominal:

O quadro do Grito do Ipiranga de Vitor Meireles do Museu de Belas Artes

Incluem-se entre os substantivos que designam representação os que se aplicam a produtos da atividade intelectual, como *livro*, *artigo*, etc.:

O livro de Graciliano Ramos intitula-se Vidas Secas

Assim como o adjunto adnominal pode ser representado por uma expansão mais complexa do núcleo nominal, isto é, por uma oração subordinada adjetiva:

A casa *comprada* está perto da cidade
A casa *que comprei* está perto da cidade,

assim também o complemento nominal pode ser representado por uma oração subordinada (originalmente substantiva) completiva nominal:

O desejo *de tua vitória* é constante
O desejo *de que venças* é constante

3) O aposto – Outro componente do grupo sintagmático nominal é o chamado *aposto*, cujo limite de distinção com o adjunto adnominal propriamente dito é muitas vezes difícil de traçar. Aparece em construções do tipo:

O rio *Amazonas* deságua no Atlântico.
O professor *Machado* honrou o magistério.
Sousa *cabeleireiro* me conhece bem.
Meu *primo* José morou na Itália.
"E com ele [programa] tem vindo pela vida, satisfazendo a portugueses e brasileiros, que o consideramos *uns e outros*, soldado do seu grupo." [MC.2, 206]
Clarice, *a primeira neta da família*, cursa Direito.
Sousa, nosso cabeleireiro, não trabalha hoje.
Pedro II, *imperador do Brasil*, protegia jovens talentosos.
Eu *Anibal* peço a paz [MMa].
Amanhã, *sábado*, não sairei [AK].

Chama-se *aposto* a um substantivo ou expressão equivalente que modifica um núcleo nominal (ou pronominal ou palavra de natureza substantiva como *amanhã*, *hoje*, etc.), também conhecido pela denominação *fundamental*, sem precisar de outro instrumento gramatical que marque esta função adnominal.

Há diferença de conteúdo semântico entre uma construção do tipo *O rio Amazonas* e *Pedro*

II, imperador do Brasil; na primeira, o substantivo que funciona como aposto se aplica diretamente ao nome núcleo e restringe seu conteúdo semântico de valor genérico, tal como faz um adjetivo, enquanto na segunda a sua missão é tão somente explicar o conceito do termo fundamental, razão pela qual é em geral marcado por pausa, indicada por vírgula ou por sinal equivalente (travessão e parêntese). Daí a aposição do primeiro tipo se chamar *específica* ou *especificativa* e a do segundo, *explicativa*.

O aposto explicativo pode apresentar valores secundários que merecem descrição especial, como ocorre com os seguintes:

a) Enumerativo, quando a explicação consiste em desdobrar o fundamental representado por um dos pronomes (ou locução) *tudo*, *nada*, *ninguém*, *cada um*, *um e outro*, etc., ou por substantivo:

Tudo – *alegrias, tristezas, preocupações* – ficava estampado logo no seu rosto.

Duas coisas o encorajavam, *a fé na religião e a confiança em si.*

"Duas cousas se não perdoam entre os partidos políticos: *a neutralidade e a apostasia*" [MM].

Às vezes esse tipo de aposto precede o fundamental:

A matemática, *a história*, *a língua portuguesa*, nada tinha segredos para ele.

Em todos estes exemplos, o fundamental (*tudo*, *duas coisas*, *nada*) funciona como sujeito das orações e, por isso, se estabelece a concordância entre ele e o verbo.

Este aposto pode vir precedido das locuções explicativas *isto é*, *por exemplo*, *a saber*, *verbi gratia* (abreviatura [v. g.]):

Duas coisas o incomodavam, *a saber*, *o barulho da rua e o frio intenso*.

b) *Distributivo*:

Machado de Assis e Gonçalves Dias são os meus escritores preferidos, *aquele na prosa e este na poesia*.

Um no automobilismo, *outro* no futebol, Senna e Pelé marcaram um período de ouro no esporte brasileiro.

c) *Circunstancial* (comparação, tempo, causa, etc., precedido ou não de palavra que marca esta relação a mais, já que o aposto explicativo acrescenta um dado a mais acerca do fundamental):

"As estrelas, *grandes olhos curiosos*, espreitavam através da folhagem". [EQ.2, 8 *apud* AK.1].

"*Artista* – corta o mármor de Carrara;

Poetisa – tange os hinos de Ferrara" [CAv.1, II: 142]

Este tipo de aposto pode ser introduzido por *como*, *na qualidade de*:

As estrelas, *como grandes olhos curiosos*, espreitavam através da folhagem.

A ti, *como general*, compete o comandar.

D. João de Castro, *vice-rei da Índia*, empenhou os cabelos da barba.

Este tipo de aposto pode ser introduzido por *quando*:

D. João de Castro, quando *vice-rei da Índia*, empenhou os cabelos da barba [Epifânio Dias].

Paulinho, *amigo*, tirou-o da dificuldade.

Paulinho, *porque amigo*, tirou-o da dificuldade.

4) Aposição com *de* x Adjunto adnominal – Algumas vezes, o aposto especificativo vem introduzido pela preposição *de*, especialmente se se trata de denominações de instituições, de

logradouros, de acidentes geográficos:

Colégio *de Santa Rita*
Praça *da República*
Ilha *de Marajó*
Cidade *do Recife*

Tal construção, materialmente falando, aproxima o aposto do adjunto adnominal preposicionado, que vimos antes; todavia, do ponto de vista semântico, há diferença entre *Ilha de Marajó* e *casa de Pedro*. Em *casa de Pedro*, *casa* e *Pedro* são duas realidades distintas, enquanto em *ilha* e *Marajó* se trata de uma só realidade, já que ambos querem referir-se a um só conteúdo de pensamento designado112 . Quanto ao emprego da preposição *de* nas construções deste último tipo, como bem ensina Epifânio Dias, "da arbitrariedade do uso é que depende o empregar-se em uns casos *de* definitivo, em outros a aposição. Diz-se, por exemplo: *o nome de Augusto*, mas *a palavra Augusto*; *a cidade de Lisboa*, mas *o rio Tejo*".

Às vezes podem as construções com *de* provocar casos de sincretismo sintático, com consequente efeito de ambiguidade, não diferençando o título da ideia de posse ou pertença. Por isso, para os títulos, no desejo de evitar a ambiguidade, vai-se generalizando o não emprego da preposição *de*: *Rua Santa Teresa*, *Praça Paris*, etc. Esta construção é antiga na língua e paralela ao uso latino (*Urbs Roma*, *Garumna flumen*). Mas a presença da justaposição no francês e inglês tem feito que tal prática seja condenada sem sucesso por estrangeirismo. A justaposição vai-se impondo em *bomba relógio*, *mandato tampão*, *homem bala*, *traje passeio*, em que o procedimento morfológico de formação de compostos se sobrepõe ao processo sintático. A prática, nestes casos, vacila entre o emprego ou não do hífen.

De qualquer maneira, o aposto e o adjunto adnominal são ambos expansões sintáticas do núcleo nominal.

5) As construções *uma joia de pessoa* e *o pobre do rapaz* – Em vez de *uma pessoa joia* e *o pobre rapaz*, em que o núcleo nominal (*pessoa*, *rapaz*) se acha acompanhado de um adjunto adnominal (*joia*, *pobre*), aparecem, numa forma carregada de afetividade, as expressões *uma joia de pessoa* e *o pobre do rapaz*, em que o primitivo adjunto passa formalmente a núcleo e o antigo núcleo passa a adjunto, mediante a presença da preposição *de*. Tem-se muito discutido como se formaram estas expressões derivadas, sem que tenhamos uma solução cabal; mas se pode filiá-las a frases exclamativas sem verbo do tipo de *ai de mim!*, *pobre de mim!*, etc. [FDz.1, III:131].

Ao lado da carga afetiva positiva em construções do tipo *o bom do pároco* pode ocorrer a carga negativa *o burro do cliente*, *a droga do cliente*; neste último caso cria-se uma ambiguidade entre as equivalências "o cliente é uma droga" e "o cliente tem uma droga".

Substantivo + adjetivo = Adjetivo + substantivo

Pode ocorrer sincretismo sintático em grupos nominais do tipo *sábio alemão*, em que se pode corretamente entender, de um lado, a existência de um *sábio* (substantivo) de

nacionalidade alemã (adjetivo), ou, de outro, um *alemão* (substantivo) que é *sábio* (adjetivo). Há aqui, portanto, uma coincidência material de combinação de formas linguísticas, mediante a qual substantivo + adjetivo = adjetivo + substantivo [ECs.4, 246].

A interpretação mais natural ou, pelo menos, mais imediata, é considerar o segundo termo como adjetivo, isto é, como adjunto adnominal. É a lição de M. Barreto, em grupos nominais do tipo *menino rei / rei menino*, *filósofo rei / rei filósofo* [MBa.7, 326]. Assim entendeu Machado de Assis ao definir que as *Memórias Póstumas de Brás Cubas* eram as de um *defunto autor* (= que escreve) e não de um *autor defunto* (= que morreu).

6) Graus de coesão nos grupos nominais – Às vezes, o núcleo nominal já expandido por um adjunto adnominal constituído por adjetivo vem acrescido de outro adjetivo, como

os competentes atletas mineiros,

em que ao grupo inicial *os competentes atletas* se junta o adjunto adnominal *mineiros*, que não se refere tão somente ao substantivo *atletas*, mas ao conjunto *competentes atletas*. Assim, *competentes* guarda maior grau de coesão em relação a *atletas* do que o adjetivo *mineiros*. Temos aqui um exemplo de hipotaxe estudada em, em que o grupo de palavras *competentes atletas* passa a funcionar no estrato de palavra e, assim, pode receber o adjunto adnominal *mineiros*.

Podem estar juntos os dois adjetivos, sem que se altere o grau de coesão:

a situação política atual [VK.1, 161]

O adjetivo menos coeso (*atual*) em relação ao nome (*situação*) pode mudar de posição, diferentemente do mais coeso (*política*):

a atual situação política

mas não:

**a política situação atual*

Também o menos coeso não pode intercalar-se entre o núcleo e o mais coeso:

* *a situação atual política*

7) O aposto com expressões do tipo *pôr nome* – Depois do substantivo das expressões *pôr nome*, *ter nome* e equivalentes, com o significado de "chamar(-se)", "dar nome", pode aparecer um aposto:

Quem o seu cão quer matar, *raiva* lhe põe nome [MBa.4, 64].

8) Aposto referido a uma oração – O aposto não só se refere a qualquer núcleo nominal em qualquer função da oração; pode referir-se ao conteúdo de pensamento expresso numa oração inteira:

Depois da prova, Filipe estava radiante, *sinal de seu sucesso*.

Como aposto de uma oração inteira costuma aparecer um substantivo como *coisa*, *razão*, *motivo*, *fato* e equivalente, sempre acompanhado de um adjunto adnominal, ou de uma oração subordinada adjetiva substantivada pelo artigo *o*:

O desastre provocou muitas vítimas, *coisa lastimável*.

Os convidados não foram à festa, *o que deixou o aniversariante frustrado*.

OBSERVAÇÃO: A tradição gramatical entre nós tem considerado neste último caso como pronome demonstrativo (= aquele, aquilo, isto) usado neutralmente, o *o* que precede o *que*, modificado por uma oração adjetiva, em vez de considerar essa mesma oração adjetiva substantivada pelo artigo *o*, como fizemos aqui. Discutimos o assunto mais adiante.

9) Vocativo: uma unidade à parte – Desligado da estrutura argumental da oração e desta separado por curva de entoação exclamativa, o vocativo cumpre uma função apelativa de 2.ª pessoa, pois, por seu intermédio, chamamos ou pomos em evidência a pessoa ou coisa a que nos dirigimos:

José, vem cá!

Tu, *meu irmão*, precisas estudar!

Felicidade, onde te escondes?

Algumas vezes vem precedido de *ó*, que a tradição gramatical inclui entre as interjeições, pela sua correspondência material, mas que, na realidade, pode ser considerado um morfema de vocativo, dada a característica entonacional que a diferencia das interjeições propriamente ditas [HCv.2, 197 n.47].

"*Deus*, *ó Deus*, onde estás que não respondes?" [CAv.1, 141]

Estes exemplos nos põem diante de algumas particularidades que envolvem o vocativo. Pelo desligamento da estrutura argumental da oração, constitui, por si só, a rigor, uma frase exclamativa à parte ou um fragmento de oração, à semelhança das interjeições. Por outro lado, como no caso de *Tu, meu irmão, precisas estudar!*, às vezes, se aproxima do aposto explicativo, pela razão que vai constituir a particularidade seguinte. Por fim, o vocativo, na função apelativa, está ligado ao imperativo ou conteúdo volitivo da forma verbal, já que, em se tratando de ordem ou manifestação de desejo endereçada à pessoa com quem falamos ou a quem nos dirigimos, presente quase sempre, não há necessidade de marcar gramaticalmente o sujeito. Quando surge a necessidade de explicitá-lo, por algum motivo, aludimos a esse sujeito em forma de vocativo [RLz.1, 66].

Assim é que em:

"Deixa-me! Deixa-me a vagar perdida...

Tu! - parte! volve para os lares teus". [CAv.1, 191],

tu não é o sujeito de *parte*, e sim vocativo, "espécie de aposição à ideia do sujeito, contida no imperativo" [HCv.2, 197 n.47]. Ocorre o mesmo com o substantivo *poeta* em:

Vai, *Poeta*... (*Id*., *ibid*.: 116)

Pelos exemplos aduzidos até aqui, vê-se que o vocativo pode ser representado por substantivo ou pronome, podendo admitir a presença de expansões (p. ex., de adjuntos adnominais, de orações adjetivas):

Desce do espaço imenso, *ó águia do oceano*!

"*Senhor Deus*, *que após a noite*

Mandas a luz do arrebol,

Que vestes a esfarrapada

Com o manto rico do sol". [CAv.1, 88]

Na correspondência epistolar, o vocativo vem separado do resto do enunciado por vírgula, enquanto em textos de outra natureza costuma aparecer o emprego dos dois pontos (:) ou do ponto de exclamação (!).

2 – Orações Complexas e Grupos Oracionais: a Subordinação e a Coordenação. A Justaposição

Subordinação: oração complexa – Uma oração independente do ponto de vista sintático, que sozinha, considerada como unidade material, constitui um texto, se este nela se resumir, como em

A noite chegou,

pode, pelo fenômeno de estruturação das camadas gramaticais conhecido por *hipotaxe* ou *subordinação*, passar a uma camada inferior e aí funcionar como pertença, como membro sintático de outra unidade;

O caçador percebeu que *a noite chegou*.

A primitiva oração independente *a noite chegou* transportou-se do nível sintático de independência para exercer a função de complemento ou objeto direto da relação predicativa da oração a que pertence o núcleo verbal *percebeu*: *o caçador percebeu.*

Dizemos, então, que a unidade sintática *que a noite chegou* é uma oração *subordinada*. A gramática tradicional chama à unidade *o caçador percebeu* oração principal. Gramaticalmente, a unidade oracional *O caçador percebeu que a noite chegou* é uma unidade sintática igual a *O caçador percebeu a chegada da noite*, onde *a chegada da noite* integra indissoluvelmente a relação predicativa que tem por núcleo e verbo *percebeu*, na função de complemento ou objeto direto.

Assim, levando em conta os constituintes imediatos, há um primeiro momento em que se analisa por inteiro a unidade sintática *O caçador percebeu que a noite chegou*, para depois se analisar o termo sintático que se apresenta sob forma oracional:

Sujeito: *o caçador*

Predicado: *percebeu que a noite chegou*

Objeto direto: *que a noite chegou*.

Como o objeto direto está constituído por uma oração subordinada, são passíveis de análise suas unidades sintáticas constitutivas:

Sujeito: *a noite*

Predicado: *chegou*

Oração complexa e grupos oracionais – A rigor, o conjunto complexo *que a noite chegou* não passa de um termo sintático na oração complexa *O caçador percebeu que a noite chegou*, que funciona como objeto direto do núcleo verbal *percebeu*. Estas unidades transpostas exercem função própria de meros substantivos, adjetivos e advérbios, razão por que são assim classificadas na oração complexa. Todavia, a presença de um núcleo verbal (que a noite *chegou*) leva a tradição a ver aí também uma unidade de caráter oracional, ao lado da unidade oracional (porque também tem verbo) a que se prende, embora, isoladamente, nenhuma das duas satisfaça as demais condições que caracterizam uma oração, além da presença do verbo integrando uma relação predicativa:

a) a delimitação entre duas pausas e o contorno melódico;

b) existência de um ato completo de comunicação em cada situação de fala concreta.

Assim, apesar destas considerações, esta gramática respeitará o peso da tradição e verá, num primeiro momento de análise em constituintes imediatos, uma oração complexa (a que também alguns gramáticos nossos chamavam *oração geral*, como, por exemplo, José Oiticica), para depois analisar como oração subordinada o complexo unitário correspondente a uma função sintática exercida por substantivo, adjetivo ou advérbio.

Diferente deste caso será o *grupo oracional* integrado por orações sintaticamente independentes, que, por isso, poderiam aparecer em separado:

O caçador chegou à cidade e procurou um hotel.

ou

O caçador chegou à cidade. Procurou um hotel.

Temos aqui um grupo de enunciados da mesma camada gramatical, isto é, como *orações*, o que caracteriza uma das propriedades de estruturação das camadas gramaticais conhecida por *parataxe* ou *coordenação*.

Daí só podermos, a rigor, falar em *orações compostas*, *grupos oracionais* ou *período composto* quando estivermos diante de orações coordenadas.

Não causará estranheza, se atentarmos para o princípio dos constituintes imediatos, que haja coordenação entre qualquer unidade da mesma camada gramatical: *homem e mulher,* (dois substantivos) *estudioso e inteligente* (dois adjetivos), *ontem e hoje* (dois advérbios), *leio e compreendo* (dois verbos), *com e sem* (duas preposições), um substantivo e oração substantiva (*desejo a vitória e que tenhas sucesso*), um adjetivo e oração adjetiva (*inteligente e que tem bom coração*), advérbio e oração adverbial (*agora e quando estiveres pronto*), duas orações da mesma função sintática (*desejo que venças e que sejas feliz*), etc.

Por hipertaxe ou hipotaxe, uma unidade pode passar, respectivamente, a camadas gramaticais superiores ou inferiores, e depois ocorrer a coordenação.

***Que*: marca de subordinação oracional** – No exemplo *O caçador percebeu que a noite chegou*, a marca de que a oração independente passou pelo processo da subordinação, a funcionar como membro de uma outra oração, é o *que*, conhecido tradicionalmente como "conjunção" integrante.

Na realidade esse *que* não tem por missão precípua "juntar" duas orações – como fazem as conjunções coordenativas – , mas tão somente marcar o processo por que se transpôs uma unidade de camada superior (uma oração independente) para funcionar, numa camada inferior, como membro de outra oração.

Daí não corresponder à nova realidade material da unidade sintática subordinada a denominação tradicional de *orações compostas* ou *período composto.* Temos sim orações *complexas*, isto é, orações que têm termos determinantes ou argumentais complexos, representados sob forma de outra oração. Só haverá orações ou períodos *compostos* quando houver *coordenação*. Dizemos que esse *que* é um *transpositor*.

Orações complexas de transposição substantiva – A oração transposta, inserida na oração complexa, é classificada conforme a categoria a que corresponde e pela qual pode ser substituída no desempenho da mesma função. Daí ser a oração transposta classificada como *substantiva*, *adjetiva* ou *adverbial*, segundo a tradição gramatical, pois desempenha função sintática normalmente constituída por substantivo, adjetivo ou advérbio. Assim, em nosso exemplo, *O caçador percebeu que a noite chegou*, a oração transposta inserida na oração complexa (que) *a noite chegou* será substituída pelo substantivo *a chegada da noite* (*O caçador percebeu a chegada da noite*), e a oração transposta pelo processo da subordinação funcionará também como objeto direto da relação predicativa que tem como núcleo verbal *percebeu*.

A oração subordinada transposta substantiva aparece inserida na oração complexa exercendo funções próprias do substantivo, ressaltando-se que a conjunção *que* pode vir precedida de preposição conforme exerça função que necessite desse índice funcional:

a) Sujeito: *Convém que tu estudes / Convém o teu estudo.*

b) Objeto direto: *O pai viu que a filha saíra / O pai viu a saída da filha.*

c) Complemento relativo: *Todos gostam de que sejam premiados / Todos gostam de prêmio.*

d) Predicativo: *A verdade é que todos foram aprovados / A verdade é a aprovação de todos.*

e) Objeto indireto: *Enildo dedica sua atenção a que os filhos se eduquem / Enildo dedica sua atenção à educação dos filhos.*

f) Aposto: *Uma coisa lhe posso adiantar, que as crianças são a alegria dos adultos. Uma coisa lhe posso adiantar, a alegria das crianças aos adultos.*

OBSERVAÇÃO: Para as funções de complemento nominal e agente da passiva.

5 – Orações subordinadas resultantes de substantivação: as interrogativas e exclamativas – Sem precisar do transpositor *que*, as orações interrogativas e exclamativas, desprovidas do particular contorno melódico e iniciadas por uma unidade desses valores semânticos, podem-se substantivar e exercer função própria de substantivo na oração complexa:

Ainda não sei *que vou fazer hoje* (cf. *Que vou fazer hoje?*)

Os comerciantes desconhecem *que a mercadoria terá mais saída no próximo verão*.

O professor pergunta *qual é o motivo da algazarra*.

Ainda não descobrimos *por que ele saiu cedo*.

A vizinha descobriu *quem lhe telefonou de madrugada*.

O treinador decidiu *como o time conterá o adversário*.

O calouro ainda não sabe *para que especialidade médica se dirigirá*.

Não adivinhava *quanta alegria causou em nós*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Opondo-se ao transpositor *que,* que não exerce função sintática, as unidades interrogativas e exclamativas (pronomes e advérbios) têm função sintática na oração subordinada a que pertencem.

2.ª) Na língua popular e regional – reminiscência de antigo uso –, pode aparecer o transpositor *que* antes da unidade interrogativa: Não sei *que por que só chega tarde.* Perguntavam-me *que por onde havia fugido*.

Também aparece desprovida do *que* a oração subordinada de valor semântico de incerteza ou dúvida, que primitivamente era uma interrogativa geral, passando a conjunção *se* a transpositora: Não sei *se a prima virá cedo.* Perguntavas *se o jogo seria hoje.*

Orações complexas de transposição adjetiva

1) Orações adjetivas ou de relativo

Tomemos a seguinte oração

O aluno estudioso vence na vida,

em que o adjunto adnominal representado pelo adjetivo *estudioso* pode também ser representado por uma oração que, pela equivalência semântica e sintática com *estudioso*, se chama *adjetiva*:

O aluno	que estuda	vence na vida.
O aluno	estudioso	vence na vida.

Repare que a oração independente

O aluno estuda,

mediante o transpositor *que*, representado pelo pronome relativo, transpõe a oração independente a funcionar, num nível inferior, como adjunto adnominal do substantivo *aluno,* tal qual fazia o adjetivo *estudioso* da oração básica *O aluno estudioso vence na vida.* Daí dizer-se que a oração transposta *que estuda* é *subordinada adjetiva.*

O transpositor relativo que, na oração subordinada reintroduz o antecedente a que se refere, acumula também uma função de acordo com a estrutura sintática da oração transposta.

No exemplo acima:

O aluno que estuda vence na vida,

a oração *que estuda* vale por *o aluno estuda*, já que o pronome relativo é aí o representante do antecedente *aluno.* Analisando *o aluno estuda,* o sujeito explícito é *o aluno*, o que nos leva a verificar que o pronome em *que estuda* funciona como sujeito explícito do núcleo verbal *estuda*.

2) O relativo marcado por índice preposicional

Já em

O livro de que gostas está esgotado,

o relativo *que* reintroduz também o antecedente *livro*, de modo que a oração subordinada *de que gostas* vale por *gostas do livro*, em que *do livro* é complemento relativo do núcleo verbal *gostas.* Se assim é, na oração subordinada *de que gostas* o pronome relativo funciona como complemento relativo. E como o complemento relativo é um termo argumental marcado por um índice preposicional e como o verbo *gostar* se acompanha da preposição *de*, é imprescindível que este índice esteja introduzindo o relativo *que*:

O livro *de que gostas* está esgotado.

Em

A cidade a que nos dirigimos ainda está longe,

o relativo *que* reintroduz na oração subordinada adjetiva *a que nos dirigimos* o substantivo

cidade, e vale por *nos dirigimos à cidade*, em que o núcleo verbal *dirigimos* requer um termo argumental marcado pelo índice preposicional *a*, preposição que, portanto, não deve faltar anteposta ao relativo, que funciona como complemento relativo do núcleo verbal *nos dirigimos*:

A cidade *a que* nos dirigimos ainda está longe.

Orações adjetivas explicativas e restritivas – Já vimos que o adjetivo pode antepor-se ou pospor-se ao substantivo e que, segundo sua posição o adjetivo pode variar de valor. Em geral, o adjetivo anteposto (também chamado *epíteto*) traduz, por parte da perspectiva do falante, valor *explicativo* ou *descritivo*: *a triste vida*. Aqui o adjetivo não designa nenhum tipo de *vida* que se oponha a outro que não seja *triste*; apenas se descreve como a *vida* é, e, como diz Alarcos Llorach, quase vale por "a vida com sua tristeza" [AL.1, 82]. Agora, se disséssemos, *a vida triste*, nos estaríamos restringindo a uma realidade que se opõe a outras, como *vida alegre, vida boêmia,* etc. Neste caso, o adjetivo se diz *restritivo.*

A oração adjetiva também conhece esses dois valores; a adjetiva explicativa alude a uma particularidade que não modifica a referência do antecedente e que, por ser mero apêndice, pode ser dispensada sem prejuízo total da mensagem. Na língua falada, aparece marcada por pausa em relação ao antecedente e, na escrita, é assinalada por adequado sinal de pontuação, em geral, entre vírgulas:

O homem, que vinha a cavalo, parou defronte da igreja.

Repare-se em que a oração adjetiva *que vinha a cavalo* denuncia que, na narração, só havia um homem, de modo que a declaração *que vinha a cavalo* pode ser dispensada:

O homem parou defronte da igreja

Já em

O homem que vinha a cavalo parou defronte da igreja,

a oração adjetiva, proferida sem pausa e não indicada na escrita por sinal de pontuação a separá-la do antecedente, demonstra que na narração havia mais de um homem, mas só o "que vinha a cavalo" *parou defronte* da igreja. A esta subordinada adjetiva se chama *restritiva.*

À semelhança do que se fez com a oração complexa em cuja estrutura há uma oração subordinada substantiva, num primeiro momento da análise, levando em conta o princípio dos constituintes imediatos, analisar-se-á por inteiro a unidade sintática *O aluno que estuda vence na vida*, para depois se analisar o termo sintático que se apresenta sob forma oracional:

Sujeito: *O aluno que estuda*
Predicado: *vence na vida*
Adjunto adverbial: *na vida*

Como o adjunto adnominal está constituído por uma oração subordinada adjetiva, são passíveis de análise suas unidades sintáticas constitutivas:

Sujeito: *que* (= o aluno)
Predicado: *estuda*

Adjetivação de oração originariamente substantiva – A unidade complexa *homem corajoso* pode ser substituída por *homem de coragem*, em que o substantivo *coragem* transposto por uma preposição ao papel de adjetivo funciona também como adjunto do núcleo nominal.

Esta mesma possibilidade de transposição a adjetivo modificador de um grupo nominal mediante o concurso de preposição conhece a oração originariamente substantiva. Este grupo nominal pode ter como núcleo um substantivo, um adjetivo.

Núcleo substantivo:

O desejo *de que se apurem os fatos* é a maior preocupação dos diretores.

A crença *em que a crise se espalhe* atormenta todos nós.

A desconfiança *de se devemos ir avante* é logo desfeita.

Núcleo adjetivo:

Estávamos todos desejosos *de que o concurso saísse logo*.

O negociante estava cônscio *de que sua responsabilidade era grande*.

OBSERVAÇÃO: Sendo as expressões preposicionadas de *desejo de glória*, *ânsia de liberdade*, *desejoso da glória*, *ansioso de liberdade* modificadores dos núcleos nominais (e por isso mesmo chamados *complementos nominais*) e funcionalmente partícipes da natureza dos adjetivos, manda a coerência que as orações que funcionam como complemento nominal sejam incluídas entre as adjetivas – como fizemos aqui – e não entre as substantivas, como faz a tradição entre nós. Como vimos, elas são primitivamente substantivas, mas que, num segundo momento de estruturação, para funcionarem como modificadoras de substantivos e adjetivos, são transpostas a adjetivas mediante o concurso da preposição.

Ocorre o mesmo com as orações que funcionam como agente da passiva que, primitivamente substantivas, são transpostas a adverbiais mediante a preposição *por*.

Substantivação de orações originariamente adjetivas – Em *O homem sábio é guia seguro,* o adjetivo *sábio* pode ocupar o papel da unidade complexa mediante sua substantivação: *O sábio é guia seguro,* onde se deu o apagamento do substantivo *homem* e se marcou o novo caráter substantivo de *sábio* com a anteposição do artigo *o*.

Também conhece esse expediente de substantivação a oração transposta adjetiva mediante o apagamento do antecedente dos relativos *quem* e *que* e a presença do artigo, se o antecedente, pela situação do discurso, é conhecido dos interlocutores ou se lhe quer dar certo ar de generalização:

O homem que cala e ouve não *dissipa o que sabe*, e aprende *o que ignora* [MM].

Os que mais blasonam de honra e probidade, são como os poltrões que se inculcam de valentes [MM].

Os elogios de maior crédito são *os que os nossos próprios inimigos nos tributam* [MM].

Para quem não tem juízo os maiores bens da vida se convertem em gravíssimos males [MM].

OBSERVAÇÃO: Alguns autores preferem desdobrar o *quem* em *aquele(s) que, aquela(s) que* e considerar a unidade *o, a, os , as* como pronomes demonstrativos representados na oração adjetiva pelo pronome relativo *que,* de modo que, não aceitando a substantivação nesses casos, analisam a subordinada como adjetiva: *Não conheço quem chegou = Não conheço aquele que chegou. Não conheço os que chegaram = Não conheço aqueles que chegaram.* São possíveis as duas maneiras de analisar tais construções.

Ocorre o mesmo com outros pronomes e advérbios relativos destituídos de antecedente:

quanto
por que

Não sabemos	como quando onde que qual	comprou

NOTA: A oração substantiva funciona, nestes exemplos, como objeto direto do verbo saber.

Desconheço QUE admiráveis presentes ganhaste.

Ignorava QUAIS os alunos que haviam perturbado as aulas.

QUEM *tudo quer* tudo perde (oração *subjetiva*).113

Falava a QUEM *lhe pedia conselhos* (oração *objetiva indireta*).

Fizeram QUANTO *lhes pedi* (oração *objetiva direta*).

Reconheço QUÃO *enganados nos achávamos a seu respeito* (oração *objetiva direta*).

Peço que anote QUAIS *foram os responsáveis* (oração *objetiva direta*).

A polícia descobriu QUANDO *foi o roubo* (oração *objetiva direta*).

Os jornais explicaram COMO *os ladrões conseguiram fugir* (oração *objetiva direta*).

Os garotos não descobriram ONDE *os pais tinham posto os presentes* (oração *objetiva direta*).

Os vizinhos não entenderam POR QUE *o fogo foi violento* (oração *objetiva direta*).

Ele é QUEM *os avisa* (oração *predicativa*).

Não sabia *por* QUEM *tinha sido enganado* (oração *objetiva direta*).

Assim, substituem *quem* por *a pessoa que, aquele que; quanto* por *o tanto que; quando* por *o momento em que; como* por *o modo pelo qual; onde* por *o lugar em que; por que* por *o motivo pelo qual*.

Analisam *Quem tudo quer tudo perde* desta maneira:

A pessoa | que tudo quer | tudo perde.

1.ª oração: – principal: *a pessoa tudo perde.*

2.ª oração: – subordinada adjetiva: *que tudo quer.*

A análise que adotamos tem a vantagem de encarar uma realidade da língua, e não uma substituição que a ela realmente nem sempre equivale.114

Não se transportam a substantivas as orações adjetivas introduzidas pelos relativos *cujo* e *o qual*.

Transposta a substantiva, a oração de relativo sem antecedente expresso pode exercer as funções próprias das substantivas originais. Assim, nos exemplos acima, *o que sabe* e *o que ignora* fazem o papel de objeto direto dos núcleos verbais *dissipa* e *aprende,* do primeiro. No segundo, *os que mais blasonam de honra e probidade* é o sujeito de *são*; no terceiro, *os que os nossos próprios nos tributam* é predicativo de *são*. No quarto exemplo, *a quem não tem juízo* funciona como objeto indireto da unidade verbal complexa *dar liberdade.*

Para marcar a natureza substantiva da oração transposta costuma-se anteceder de artigo a interrogativa indireta, prática às vezes injustamente condenada [ED.2, § 362]:

Não sei *o* quanto lhe devo nessa ajuda.

Mais uma construção de oração já transposta – A oração relativa sem antecedente transposta a substantiva pode ser de novo transposta a adjetiva com o concurso de preposição – geralmente *de* – e funcionar como modificador de substantivo.

Repare-se nas construções derivadas da construção básica *o homem sábio → o sábio → o trabalho do sábio,* em que, nesta última fase, o adjetivo substantivado *sábio* recebe o concurso da preposição *de* para desempenhar o papel de modificador ou adjunto do núcleo *trabalho*. Assim também em:

O maior trabalho dos que governam é tolerar os importunos [MM],

a oração relativa substantivada *os que governam*, mediante a preposição em *dos que governam*, passa a exercer função própria de adjetivo como modificador do substantivo *trabalho.*

Também a oração de relativo transposta a substantiva pode, com o curso de preposição, passar a exercer papel de advérbio e, assim, funcionar como adjunto circunstancial.

Nenhum senhorio é tão absoluto *como o que conferem os povos aos tiranos de sua escolha* [MM] (comparativa).

O tempo voa *para quem goza,* e se arrasta *para quem padece* [MM] (inclinação).

O livro foi escrito *por quem não se esperava* (agente da passiva).

Orações complexas de transposição adverbial – Refletindo a classe heterogênea dos advérbios, também as orações transpostas que exercem funções da natureza do advérbio se repartem por dois grupos:

a) as subordinadas adverbiais propriamente ditas, porque exercem função própria de advérbio ou locução adverbial e podem ser substituídas por um destes (advérbio ou locução adverbial): estão neste caso as que exprimem as noções de *tempo, lugar, modo* (substituíveis por advérbio), *causa, concessão, condição* e *fim* (substituíveis por locuções adverbiais formadas por substantivo e grupos nominais equivalentes introduzidos pelas respectivas preposições);

b) as subordinadas *comparativas* e *consecutivas.*

As subordinadas adverbiais propriamente ditas – As adverbiais do 1.º grupo exercem função própria de advérbio, que é, como vimos, um adjunto ou determinante circunstancial não argumental do núcleo verbal. Do ponto de vista constitucional, estão representados por advérbios (os de *tempo*, *lugar* e *modo*) ou pelas chamadas locuções adverbiais, constituídas por substantivos ou grupos nominais equivalentes introduzidos pelas respectivas preposições (as circunstâncias anteriores e, especialmente, as que denotam causa, concessão, condição e fim).

Daí tais orações adverbiais, do ponto de vista constitucional, se assemelharem às substantivas, já que se identificam com estas em funções adverbiais, como ocorre com o substantivo transposto ao papel de advérbio mediante o concurso de preposição:

Saiu *de noite.*

Estudamos *com prazer.*

Trabalhas *na fábrica.*

Passeamos *pela cidade.*

Destarte, quando as orações mediante o transpositor *que* se transpõem a subordinadas substantivas e passam a funcionar como adverbiais, são marcadas pela respectiva preposição, constituindo assim as impropriamente chamadas *locuções conjuntivas*: *sem que, para que, desde que, porque* (= *por* + *que*), *que*, etc. Impropriamente locuções conjuntivas, porque não se trata de uma unidade complexa, mas de dois elementos com papéis diferentes: a preposição assinala a noção circunstancial de que semanticamente se reveste a oração transposta ou subordinada; o *que* marca o novo papel da oração independente originária que passa a funcionar, num plano inferior, como termo sintático dentro da oração complexa:

Os alunos estudam muito *para que possam preparar-se para as exigências da vida.*

Os convidados saíram *sem que fossem notados.*

O advogado não o defendeu *porque o réu só mentiu no depoimento.*

Outras particularidades nos transpositores das orações adverbiais – Além do *que* precedido da conveniente preposição como vimos até aqui, devemos assinalar as seguintes outras particularidades:

a) Quando usados sem referência a antecedente, os advérbios relativos *onde, quando, como* e *quanto* (este com preposição) transpõem a oração a que pertencem, que passa a exercer papel de adjunto adverbial:

Onde me espetam fico.

Saíste *quando a festa melhorava.*

O prédio foi construído *como estava planejado.*

Só trabalhava *por quanto dinheiro ganhase para a viagem.*

b) Outros advérbios ou unidades de valor adverbial, próximos aos advérbios relativos, também transpõem orações para exercer papel adverbial, como ocorre com *se* (hipotético), *conforme, apenas, caso, enquanto:*

Se o emprego é nessas condições, ele não me interessa.

Seus sonhos se realizaram *conforme ela planejara.*

c) Também os pronomes relativos sem referência a antecedente ou precedidos de artigo transpõem oração subordinada a substantivo, podendo esta oração subordinada substantiva passar a exercer função adverbial se vem acompanhada da conveniente preposição:

Ela só saía *com quem lhe merecia confiança*

O vizinho errou quando depositou suas economias *no que era bastante precário.*

d) A oração transposta de *que* pode funcionar como determinante de um advérbio, de modo que às vezes o conjunto advérbio + *que* passa a funcionar como um transpositor unitário (*ainda que, ainda quando, já que, sempre que, logo que, assim que,* etc), em que o significado originário do advérbio fica modificado [AL.1, 355]:

Sempre que corríamos à janela, assistíamos ao espetáculo da natureza.

Logo que tudo fique resolvido, o vizinho se mudará.

OBSERVAÇÃO: Primitivamente o advérbio era um elemento da oração deslocado, que devia modificar um núcleo verbal daquela a que a rigor pertencia, e que passou a integrar outra oração.

e) Pelo fenômeno da subordinação ou hipotaxe, palavras ou grupos de palavras (advérbio ou substantivo adverbializado) passam a um estrato inferior e exercem papel próprio de

morfema, aqui de preposição, pela qual podem ser substituídos:

em virtude de doença = *por* doença
em cima da mesa = *sobre* a mesa
graças à ajuda = *com* a ajuda
debaixo da escada = *sob* a escada
dentro de pouco = *por* pouco

Neste caso, introduzindo uma oração transposta mediante *que*, esta exercerá papel adverbial:

Em virtude de que era o mais saudável, dispôs-se a trabalhar pelo grupo.

f) Alguns particípios fixos no masculino singular se unem a orações transpostas mediante *que* dando origem a transpositores complexos de orações adverbiais, do tipo de *dado que, posto que, visto que, suposto que, salvo que, exceto que, não obstante que*:

Nada resolveu o problema, *visto que não houve entendimento prévio das partes em litígio.*
Os turistas desistiram da visita *dado que chovia torrencialmente.*

OBSERVAÇÃO: Primitivamente o *que* introduzia oração que funcionava como sujeito do particípio, o que explica estar este no masculino singular, pois uma oração definida materialmente é considerada do gênero masculino e do número singular.

As subordinadas adverbiais comparativas e consecutivas – As subordinadas adverbiais do 2.º grupo, integradas pelas comparativas e consecutivas, guardam certa analogia com as adjetivas porque dependem de um antecedente, de natureza quantificadora ou de unidade quantificada (adjetivo ou advérbio) e só mantêm relação direta com o núcleo verbal da oração junto com seu antecedente. Assim é que em

Janete estuda mais que trabalha,

a oração subordinada *que trabalha* está presa ao advérbio *mais*, e o conjunto *mais que trabalha,* que manifesta uma comparação com o fato anterior, funciona como adjunto adverbial do núcleo verbal *estuda*.

O mesmo ocorre em

Janete é tão aplicada aos estudos que não lhe sobra tempo para o trabalho.

Aqui a oração subordinada *que não lhe sobra tempo para o trabalho*, que manifesta a consequência ou encarecimento do fato anterior, também está presa ao quantificador *tão* que funciona como adjunto adverbial de *aplicada*, e o conjunto *tão aplicada aos estudos que não lhe sobra tempo para o trabalho,* valendo por um adjetivo a modificar o substantivo *Janete*, funciona como predicativo do verbo *é.*

O caráter do adjunto, portanto de termo não argumental, tanto da oração subordinada comparativa quanto da consecutiva, se manifesta pelo fato de se poder eliminar, em cada caso, a oração subordinada, e continuar perfeita a oração anterior:

Janete estuda mais.
Janete é tão aplicada aos estudos.

Os diversos tipos de comparativas – Como já vimos, a comparação pode manifestar-se estabelecendo uma igualdade (*tanto... quanto*), uma superioridade (*mais...que* ou *do que*), uma inferioridade (*menos...que* ou *do que*) entre duas realidades ou conceitos.

A alternância de *que* e *do que* nasceu, em época relativamente recente, da construção primitiva em que a oração transposta que modificava *mais* ou *menos* era uma substantivada

iniciada por *o que...*, precedida de preposição *de*: *mais* (*menos*) *do que* = *mais* (*menos*) *daquilo que* [ED.2, 171; TM.1, 205].

Dos quantificadores, também já dissemos que só aparece flexionado em gênero e número o *tanto* adnominal, em conformidade com o substantivo ou pronome que modifique. *Tanto* é invariável quando se apresenta como advérbio. Vale ainda lembrar que os quantificadores *mais* e *menos* podem ser reforçados por advérbio: *muito mais, pouco mais, muito menos, pouco menos,* etc.

Outras unidades comparativas – Além dos quantificadores referidos, podem em seu lugar aparecer:

a) as formas adjetivas *maior, menor, melhor, pior:*

As qualidades devem ser *maiores que os vícios.*

b) unidades multiplicativas, indefinidas (como *outro, mesmo, igual*) e advérbios de valor seletivo (como *antes*):

A nota conseguida é o *dobro que o candidato merecia.*

Não pensava em *outra coisa que tirar proveito dos amigos.*

Tudo nele era o *mesmo que se vira antes.*

O roubo antes denigre o ladrão *que lhe aumenta os haveres.*

As orações subordinadas consecutivas – Como vimos, a oração transposta consecutiva também se aproxima da adjetiva relativa por estar o transpositor *que* relacionado com uma unidade quantificadora da oração anterior:

Janete é tão aplicada aos estudos *que não lhe sobra tempo para o trabalho.*

Pelo exemplo acima percebe-se que a oração subordinada manifesta uma consequência; mas o valor semântico primordial é assinalar que o quantificador encarece o conteúdo de pensamento designado.

No exemplo:

Ela sentia tal medo que a deixava paralisada,

se eliminarmos o encarecedor, o quantificador *tal*, a oração subordinada poderá confundir-se com a adjetiva relativa se não for proferida com o contorno melódico que em geral marca a consecutiva, o que a faz poder ser assinalada por vírgula:

Ela sentia medo que a deixava paralisada.

OBSERVAÇÃO: Esta aproximação da adverbial consecutiva desprovida de quantificador com a adjetiva relativa tem levado alguns escritores a repetir a função sintática desempenhada pelo *que* relativo mediante o pronome adverbal *o* (*a, os, as*), construção que a norma padrão desaconselha: "o homem que se destina, ou *que o* destinou seu nascimento, a uma vocação pública, não pode, sem vergonha, ignorar as belas letras e os clássicos" [AGa.4, 29].

Tal como ocorreu nas orações subordinadas comparativas, em *Ela sentia tal medo que a deixava paralisada,* constitui uma unidade complexa o conjunto *tal medo que a deixava paralisada*, que, na oração complexa, funciona como objeto direto do núcleo verbal *sentia.*

Outras unidades consecutivas – Os quantificadores a que se prendem as orações

consecutivas podem ser substituídos por outras unidades, naturalmente sem que deixem de ser marcadas pelo contorno melódico que manifesta o encarecimento do conteúdo do pensamento designado:

a) O indefinido *cada:*

Ele diz *cada* mentira *que já está desacreditado no grupo.*

b) O indefinido *um* (*uma, uns, umas*):

De repente caiu *uma ventania que afugentou do estádio todos os espectadores.*

c) As unidades *de modo, de maneira, assim*:

O mágico falava *de modo que impressionava a plateia.*

O escritor escrevia *de maneira que compunha um livro por mês.*

O atleta era *assim forte que punha nos concorrentes a certeza da derrota.*

OBSERVAÇÃO: Acerca da substituição de *de modo que, de maneira que* + verbo flexionado por *de modo a, de maneira a* + infinitivo (*de modo a fazer,* etc.) cf. link.

d) Pode faltar a unidade quantificadora, garantida pelo contorno melódico e pelo contexto:

É feio *que mete medo.*

Grupos oracionais: a coordenação – Já vimos que as orações coordenadas são orações sintaticamente independentes entre si e que se podem combinar para formar *grupos oracionais* ou *períodos compostos:*

Mário lê muitos livros e aumenta sua cultura.

Mário lê muitos livros e aprende pouco.

É fácil observar que as duas orações do primeiro exemplo são sintaticamente independentes, porque, ao analisar a primeira (*Mário lê muitos livros*), verificamos que possui todos os termos sintáticos previstos na relação predicativa, ao contrário da oração complexa, conforme vimos:

Sujeito: *Mário*

Predicado: *lê muitos livros*

Objeto direto: *muitos livros*

Entretanto, é também fácil verificarmos que a segunda oração *e aumenta sua cultura* manifesta o resultado, uma consequência do fato de Mário ler muito. Esta interpretação, aliás correta, não interfere na relação sintática que as duas orações mantêm entre si no grupo oracional. Esta interpretação adicional não resulta da relação sintática existente nas duas orações, mas sim da nossa experiência do mundo, porque sabemos que a leitura é uma das nossas fontes de cultura. E muito menos a manifestação nasce do emprego da conjunção *e* que, por ser mero conector das orações, tem por missão semântica apenas adicionar um conteúdo de pensamento a outro. Por isso, é denominada *conjunção* (= conector) *aditiva.*

Prova evidente do que estamos falando é o segundo exemplo:

Mário lê muitos livros e aprende pouco.

Do ponto de vista sintático, já vimos que aqui também estamos diante de orações independentes e que podem figurar isoladamente:

Mário lê muitos livros. Ele aprende pouco.

É partindo desse nosso saber sobre as coisas do mundo e dos significados dos lexemas utilizados que interpretamos a 2.ª oração como o contrário do que estávamos esperando pelo

fato de Mário ler muitos livros.

Como no exemplo anterior, essa interpretação adicional não tira da 2.ª oração o caráter de *coordenada aditiva* nem permite que se classifique o *e* diferentemente de uma conjunção aditiva. É o texto, com suas unidades léxicas, e não a gramática, que manifesta o sentido adversativo que claramente expressa a 2.ª oração em face do conteúdo que se enunciou na 1.ª. São, assim, unidades textuais, o que vale dizer, são unidades que manifestam funções sintagmáticas no nível do texto. Trata-se de exemplos de coordenação no nível da oração e de subordinação no nível do texto.

Cabe também assinalar que as orações conectadas por *e* não manifestam nenhum sentido textual subsidiário, além da adição; a ordem das orações é, em geral, livre, salvo quando o significado dos lexemas estabelece uma disposição natural dos conteúdos de pensamento designados. São, neste último caso, questões relativas ao nosso saber elocutivo, e não ao saber idiomático, exclusivamente:

Trabalhava de dia e estudava de noite.
Estudava de noite e trabalhava de dia.

Mas há ordem fixa em:

Ficou noivo em fevereiro e casou-se em junho.
Cursava a Faculdade de Direito e formou-se em advocacia.

Em sentido inverso, muitas orações subordinadas – especialmente as reduzidas, em vista da amplitude semântica em que podem ser envolvidas pela influência das unidades léxicas empregadas e do nosso saber e experiências do mundo – podem admitir um sentido "aditivo", como nos seguintes casos:

a) as orações reduzidas de gerúndio, quando equivalente a uma oração coordenada iniciada pela conjunção *e*:

Compreendeu bem a lição, *fazendo* depois corretamente os exercícios (= e fez depois...)

b) as reduzidas de infinitivo precedida da preposição *sobre* e da locução prepositiva *além de*:

"Além de que a fumarada do charuto, *sobre ser* purificante ou antipútrida, dava aos alvéolos solidez, e consistência aos dentes" [CBr.1, 108] (*sobre ser* = além de ser purificante... a fumarada do charuto dava...).

Apesar destas interpretações "aditivas", estas reduzidas, quanto à sua estruturação gramatical, pertencem ao quadro das orações subordinadas.

Os tipos de orações coordenadas e seus conectores – As orações coordenadas estão ligadas por conectores chamados conjunções coordenativas, que apenas marcam o tipo de relação semântica que o falante manifesta entre os conteúdos de pensamento designado em cada uma das orações sintaticamente independentes.

São três as relações semânticas marcadas pelas conjunções coordenativas ou conectores:

1) *Aditiva*: adiciona ou entrelaça duas ou mais orações, sem nenhuma ideia subsidiária.

As conjunções aditivas são *e* e *nem* (esta para os conteúdos negativos, e pode vir na 2.ª oração ou em ambas).

Pedro estuda *e* Maria trabalha.
Pedro não estuda *nem* trabalha.
Nem Pedro estuda *nem* Maria trabalha.

2) *Adversativa*: contrapõe o conteúdo de uma oração ao de outra expressa anteriormente:

João veio visitar o primo, *mas* não o encontrou.

As conjunções adversativas são *mas, porém, senão* (depois de conteúdo negativo).

Não saía senão com os primos.

3) *Alternativa*: contrapõe o conteúdo de uma oração ao de outra e manifesta exclusão de um deles, isto é, se um se realizar, o outro não se cumprirá:

Estudas *ou* brincas.

Enlaces adverbiais em grupos de orações – Certas unidades de natureza adverbial e que manifestam valores de concessão, conclusão, continuação, explicação, causa, que fazem referência anafórica ao que anteriormente se expressou, podem aparecer como aparentes conectores de orações em grupos oracionais: *logo, pois, portanto, por conseguinte, entretanto, contudo, todavia, por isso, por isto, também, daí, então, pelo contrário,* etc:

Será a primeira vez que copiará estes quadros, *pois* não há oito dias que os comprei [JA.3, 257].

O amor, como eu sonho e espero, há de ser a minha vida inteira; *portanto* parece-me que tenho o direito e até o dever de conhecê-lo antes (...) [JA.3, 379].

O que a protegia na confusão não era tanto o rápido olhar, como um sétimo sentido, que só ela possuía: uma espécie de previsão dos objetos que se aproximavam.

Contudo, eu sofria muito vendo Emília assim esquecida de mim e engolfada nos prazeres (...) [JA.3, 380].

Partindo desses valores semânticos, a gramática tradicional estabeleceu, entre os conectores coordenativos, as conjunções *conclusivas* e *causais-explicativas*. Realmente, nestes casos se trata de unidades que manifestam esses valores de dependência interna, semelhantes às orações subordinadas, mas no nível do sentido do texto. São unidades transfrásticas, já que ultrapassam os limites de fronteira das orações.

OBSERVAÇÃO: A inexistência, a rigor, das conjunções conclusivas e causais – explicativas, orientação que também é seguida em gramáticas de outras línguas, já tinha sido defendida entre nós por Maximino Maciel (1865-1923) na última revisão de sua *Gramática Descritiva*, em que as considerava advérbios, dada a facilidade com que se deslocavam nas orações, aparecendo em várias posições, o que lhes tirava o caráter de conectores.

Justaposição ou assindetismo – Ao lado da presença de transpositores e conectores vistos até aqui, as orações podem encadear-se, como ocorre com os termos sintáticos dentro da oração, sem que venham entrelaçadas por unidades especiais; basta-lhes apenas a sequência, em geral proferidas com contorno melódico descendente e com pausa demarcadora, assinalada quase sempre na escrita por vírgulas, ponto e vírgula e ainda por dois pontos:

O moço que dizia Simíles costumava zombar de mim com barulho. *Qualquer dito nem o excitava: mordia os beiços, avermelhava-se como um peru, lacrimejava, enfim não se continha, caía num riso convulso, rolava sobre o balcão, meio sufocado.* [GrR.1, 197].

Este procedimento de enlace chama-se *justaposição.*

Sob o ponto de vista sintático e semântico, tais justaposições se aproximam, pela independência sintática e estreito relacionamento semântico, da parataxe ou coordenação. Seu efeito para o discurso é variado, ora apontando para um estilo cortado com grande dose impressionista, ora para um estilo que focaliza quadros rápidos e movimentos ascendentes, especialmente se está constituído por sequência de verbos. Já a sequência de substantivos

manifesta lentidão.

Aproximam-se as orações justapostas das coordenadas, e com elas às vezes se alternam, por permitirem, no nível da camada superior do texto, um sentido subsidiário de causa-explicação, concessão, consequência, oposição, tempo, levando-se em conta o conteúdo de pensamento nelas designado:

> Uma vez por dia o grito severo me chamava à lição. Levantava-me, com um baque por dentro, dirigia-me à sala, gelado. *E emburrava: a língua fugia dos dentes, engrolava ruídos confusos* [GrR.1, 102].
>
> Não me ajeitava a esse trabalho: a mão segurava mal a caneta, ia e vinha em sacudidelas, *a pena caprichosa fugia da linha, evitava as curvas, rasgava o papel, andava à toa como uma barata* doida, semeando borrões [GrR.1, 114].

A chamada " coordenação distributiva" – Podem-se incluir nas orações justapostas aquelas que a gramática tradicional arrola sob o rótulo de coordenadas distributivas, caracterizadas por virem enlaçadas pelas unidades que manifestam uma reiteração anafórica do tipo de *ora...ora, já...já, quer...quer, um...outro, este...aquele, parte...parte, seja...seja,* e que assumem valores distributivos alternativos, e subsidiariamente concessivos, temporais, condicionais.

Do ponto de vista constitucional, essas unidades são integradas por várias classes de palavras: substantivo, pronome, advérbio e verbo, e do ponto de vista funcional não se incluem entre os conectores que congregam orações coordenadas:

> *Ora* eram eles capazes de atos de vandalismo, *ora* eram capazes de atos de ajuda ao próximo.
>
> *Já* não se mostravam como pessoas educadas, *já* se revelavam como se fossem inocentes crianças.
>
> *Uns* estavam sempre satisfeitos, *outros* só viviam reclamando da vida.

Orações intercaladas – Também se incluem nos grupos oracionais como orações justapostas as intercaladas, também caracterizadas por estarem separadas do conjunto por pausa e por contorno melódico particular. Na escrita, aparecem marcadas por vírgula, travessão ou parêntese. Do ponto de vista de conteúdo de pensamento designado, dividem-se em:115

1) *citação*: onde se acrescenta a pessoa que proferiu a oração anterior:

> Dê-me água, *me pediu o rapaz.*116
>
> Quem é ele? – *interrompeu a jovem.*

2) *advertência*: esclarece um ponto que o falante julga necessário:

> Em 1945 – *isto aconteceu no dia de meu aniversário* –, conheci um dos meus melhores amigos.

3) *opinião*: em que o falante aproveita a ocasião para opinar:

> D. Benta (*malvada é que era*) dizia que a sua doença impedia a brincadeira da garotada.
>
> "Comíamos, *é verdade*, mas era um comer virgulado de palavrinhas doces" [MA.1, 198].

4) *desejo*: em que o falante aproveita a ocasião para exprimir um desejo, bom ou mau:

> José – *Deus o conserve assim!* – conquistou o primeiro lugar da classe.
>
> "É bem feiozinho, *benza-o Deus,* o tal teu amigo!" (Aluísio Azevedo)
>
> O teu primo – *raios que o partam!* – pôs-me de cabelos brancos.

5) *escusa*: em que o falante se desculpa:

> "Pouco depois retirou-se: eu fui vê-la descer as escadas, e não sei por que fenômenos de ventriloquismo cerebral (*perdoem-me os filósofos essa frase bárbara*) murmurei comigo..." [MA.1, 325].

6) *permissão*: em que solicita algo:

"Meu espírito (*permita-me aqui uma comparação de criança*), meu espírito era naquela ocasião uma espécie de peteca" [MA.1, 282].

7) *ressalva*: em que faz uma limitação à generalidade de um enunciado:

"Daqui a um crime distava apenas um breve espaço e ela transpôs, *ao que parece*" [AH.2, 123].

Ele, *que eu saiba,* nunca veio aqui.117

"Cobiça de cátedras e borlas que, *diga-se de passagem,* Jesus Cristo repreendeu severamente aos fariseus" [CBr.2, 300].

Os livros, *pode-se bem dizer*, são o alimento do espírito.

Aparentes orações complexas – Entram, assim, neste caso as intercaladas de citação que, em estilo direto, reproduzem o que no estilo indireto funcionaria como objeto direto do núcleo verbal, claro ou subentendido: *Dê-me água, me pediu o rapaz*, equivalente no conteúdo a *O rapaz pediu que lhe desse água; Quem é ele? – interrompeu o jovem*, equivalente no conteúdo a *O jovem interrompeu* [*perguntando*] *quem é ele.*

Atendendo às equivalências do conteúdo, mas em contradição com a estrutura sintática e textual, alguns autores analisam tais orações justapostas como complexas. Só poderíamos proceder dessa maneira e considerá-las orações complexas se viessem introduzidas pelo transpositor, como ocorreu nas equivalências apontadas.

Como bem ensina A. da Gama Kury, devemos "considerar essas orações interferentes como períodos à parte, intercalados ou justapostos, que se analisarão lado a lado com aquele em que se inserem" [AK.1, 70].

3 – Discurso direto, indireto e indireto livre

O português, como outras línguas, apresenta normas textuais para nos referirmos no enunciado às palavras ou aos pensamentos de responsabilidade do nosso interlocutor, mediante os chamados *discurso direto, discurso indireto* e *discurso indireto livre.*

No DISCURSO DIRETO reproduzimos ou supomos reproduzir fiel e textualmente as nossas palavras e as do nosso interlocutor, em diálogo, conforme vimos nos exemplos das orações ou períodos intercalados de citação, com a ajuda explícita ou não de verbos como *disse, respondeu, perguntou, retrucou* ou sinônimos (os chamados verbos *dicendi*). Às vezes, usam-se outros verbos de intenção mais descritiva, como *gaguejar* (do nosso exemplo), *balbuciar, berrar,* etc. São os *sentiendi*, que exprimem reação psicológica do personagem.118 No diálogo, a sucessão da fala dos personagens é indicada por travessão (outras vezes, pelos nomes dos intervenientes):

Uma vez em que me extenuava na desgraçada tarefa percebi um murmúrio:

— *Lavou as orelhas hoje?*

— Lavei o rosto, *gaguejei* atarantado.

— Perguntei se lavou as orelhas.

— Então? Se lavei o rosto, devo ter lavado as orelhas [GrR, 114].

No DISCURSO INDIRETO os verbos *dicendi* se inserem na oração principal de uma oração complexa tendo por subordinada as porções do enunciado que reproduzem as palavras próprias ou do nosso interlocutor. Introduzem-se pelo transpositor *que,* pela dubitativa *se* e

pelos pronomes e advérbios de natureza pronominal *quem, qual, onde, como, por que, quando,* etc., já vistos antes:

Perguntei *se lavou as orelhas.*

O discurso direto em:

José Dias recusou, dizendo: *É justo levar a saúde à casa de sapé do pobre*

passa a discurso indireto, em que se transpõe o presente *é* do discurso direto para o pretérito imperfeito do indireto:

José Dias recusou, dizendo *que era justo levar a saúde à casa de sapé do pobre* [MA.4, 14].

O DISCURSO INDIRETO LIVRE consiste em, conservando os enunciados próprios do nosso interlocutor, não fazer-lhe referência direta. Como ensina Mattoso Câmara, mediante o estilo indireto livre reproduz-se a fala dos personagens – inclusive o narrador – sem "qualquer elo subordinativo com um verbo introdutor *dicendi*" [MC.4, 28]. Se tomássemos o exemplo acima d e *Dom Casmurro*, bastaria suprimir a forma verbal *dizendo* e construir dois períodos independentes com as duas partes restantes:

José Dias recusou. *Era justo levar a saúde à casa de sapé do pobre.*

Uma particularidade do estilo indireto livre é a permanência das interrogações e exclamações da forma oracional originária, ao contrário do caráter declarativo do estilo indireto. Mattoso Câmara cita um trecho de *Dom Casmurro* em que D. Glória tenta demover Pádua da ideia de suicídio por lhe ter mudado a vida financeira de repente, mediante um enunciado em estilo indireto livre a partir do segundo período:

> Minha mãe foi achá-lo à beira do poço, e intimou-lhe que vivesse. Que maluquice era aquela de parecer que ia ficar desgraçado, por causa de uma gratificação menos, e perder um emprego interino? Não, senhor, devia ser homem, pai de família, imitar a mulher e a filha... (p. 48)

Em suma, o discurso indireto livre "estabelece um elo psíquico entre o narrador e o personagem que fala (...) o narrador associa-se ao seu personagem, transpõe-se para junto dele e fala em uníssono com ele" [MC.4, 30-31].

Particularidades outras das orações transpostas substantivas – O transpositor da oração substantiva junto à oração principal se diz *conjunção integrante: que* (nas declarações de certeza) e *se* (nas declarações de incerteza):

Sei *que* virá hoje.

Não sei *se* virá hoje.

Conforme vimos, pode a conjunção integrante vir ou não precedida de preposição necessária. O quadro seguinte resumirá as orações substantivas, levando-se em conta a preposição necessária:

- Subordinadas Substantivas
  - a) sem preposição necessária
    - 1) *subjetiva*
    - 2) *objetiva direta*
    - 3) *predicativa*
    - 4) *apositiva*
  - b) com preposição necessária
    - 1) *completiva relativa* (complemento de verbo)
    - 2) *objetiva indireta* (complemento de verbo + objeto direto ou complemento relativo)

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Continuamos a insistir no termo *necessária (preposição necessária),* porque ela pode aparecer, esporadicamente, em lugares que a não exigem, como omitir-se onde seria esperada. Assim, pode-se prescindir da preposição que inicia uma oração objetiva indireta ou completiva nominal:

> "Em Coimbra recebeu o infante esta triste nova por uma carta da rainha sua filha, em que o avisava que *em conselho se decidira que o fossem cercar...*" [AH.2, 94],

isto é: em que o avisava que está por *em que o avisava* ***de que***.

2.ª) Pode ocorrer a omissão tanto da preposição quanto do transpositor:

> Quis defendê-la, mas Capitu não me deixou, continuou a chamar-lhe beata e carola, em voz tão alta que tive medo *fosse* ouvida os pais [MA *apud* MBa.3, 80],
>
> isto é: tive medo *de que* fosse ouvida.

Também se pode preceder de preposição uma oração subjetiva ou objetiva direta. Assim, por influência da construção *fazer com alguém* (= conseguir deste alguém) *que viesse* passamos a empregar *fazer com que* ao lado de *fazer que* em orações objetivas diretas do tipo:

> "...fizeram (os cortesãos) *com que se retirasse para Sintra...*" [AH.2, 93],
>
> onde *fazer* significa "diligenciar e conseguir que uma coisa aconteça".

Ou subjetiva, como:

> "Desaire real seria *de a deixar sem prêmio*" [AGa].

Registrem-se ainda as construções *dizer de sim, dizer de não,* em lugar de *dizer que sim, dizer que não:* "Eu me abalanço a lhes dizer e redizer *de não* [RB.5, 225]".

Características da oração subjetiva e predicativa – A oração substantiva subjetiva apresenta as seguintes características:

Estar o verbo da oração principal na 3.ª pessoa do singular e num destes quatro casos:

a) verbo na voz reflexiva de sentido passivo:

> Sabe-se que tudo vai bem.

b) verbo na voz passiva (*ser, estar, ficar*) seguidos de particípio:

> Ficou provado *que estava inocente.*

c) verbos *ser, estar, ficar* seguidos de substantivo ou adjetivo:

> É verdade que *sairemos cedo*.
>
> Foi bom *que fugissem.*

Está claro *que consentirei.*

Ficou certo *que me telefonariam.*

d) verbo do tipo *parece, consta, ocorre, corre, urge, importa, convém, dói, punge, acontece:*

Parece *que vai chover.*

Urge *que estudem.*

Cumpre *que façamos com cuidado todos os exercícios.*

Acontece *que todos já foram punidos.*

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Não se pautam pela tradição literária as construções em que se personaliza o verbo *pesar* significando arrependimento ou dor, do tipo de:

Pesam-me os dissabores que lhe causei.

A boa construção é dar-lhe objeto indireto de pessoa e complemento relativo de coisa introduzida pela preposição *de*, e na forma de 3.ª pessoa do singular:

Pesa-me dos dissabores que lhe causei.

2.ª) O Prof. Sousa Lima [SL.1, § 530] acha que só se poderá considerar *predicativa* a oração que contiver o verbo *parecer* concordando "com outro sujeito que não seja a proposição: *Tu pareces ser estrangeiro* ", outro exemplo, "Nunca nos esquecemos de nós, ainda quando *parecemos* que mais nos ocupamos dos outros" [MM].

A oração substantiva predicativa introduzida pela conjunção complementa, na maioria das vezes, o verbo *ser*:

A verdade *é que não ficaremos aqui.*

Omissão da conjunção integrante – Se o enunciado encerra mais de um *que,* podemos, com elegância, omitir a conjunção integrante, principalmente nas orações subjetivas e objetivas presas a núcleos verbais que exprimem vontade ou temor:

"Devia, pois, ser melancólico, além do exprimível o que aí se passou nessa grade: triste, e desgraçado direi, a julgá-lo pelas consequências *que* se vão descrever, com um certo pesar em *que esperamos tomem* os leitores o seu quinhão de pena..." [CBr.4, 223].

Esperamos tomem está por e*speramos que tomem.*

Ainda que não haja acúmulo de *quês*, constitui leveza a omissão da conjunção integrante, que ocorre principalmente no estilo administrativo:

"Frequentes vezes me *disse esperava* lhe anulassem no supremo tribunal o processo" [CBr.10, 51].

Requeiro *seja enviado o Processo a outra instância.*

Evitou-se, no primeiro exemplo, o emprego de duas conjunções integrantes: "...me disse *que esperava que* lhe anulassem o processo".

"Posto que, dizia ele, muito desejasse ver levar o negócio a cabo, *aconselhava-o não tentasse* nada de leve..."[AH.6, 262, *apud* AH.2, 149].

Aconselhava-o não tentasse está por *aconselhava-o a que não tentasse.*

Também se dá a omissão da integrante *que* depois do transpositor na comparação com *que* ou *do que*, como se observa no seguinte exemplo:

É melhor *que* lhe deem uma oportunidade *do que estejam* a retê-lo na prisão,

isto é: *é melhor que lhe deem...do que que estejam...*

Pode-se ainda fugir à repetição pondo-se o verbo no infinitivo:

do que *estar* a retê-lo na prisão.

Pleonasmos da conjunção integrante

Quando a oração substantiva não segue imediatamente o verbo de que serve de integração, pode ocorrer, mormente no falar coloquial, o pleonasmo da conjunção integrante, como o provam os seguintes exemplos:

"e disse *que*, se lhe não queríamos mais nada, *que* podíamos ir à nossa vida" [CBr, 45].

"O meu amor me disse ontem
Que eu *que* andava coradinha" [AO.1] 119

A verdade é *que* desde que anunciei ao rapaz a volta de sua mãe, *que* observei nele uma bizarra mudança de atitude [LCa.1].

Particularidades sobre as *orações transpostas adjetivas*

Funções sintáticas do relativo das orações adjetivas – As orações adjetivas iniciam-se por pronome relativo que, além de marcar a subordinação, *exerce uma função sintática da oração a que pertence.* Em:

"Há enganos *que* nos deleitam, como desenganos *que* nos afligem" [MM],

os dois *quês* exercem funções sintáticas na oração subordinada que iniciam. O primeiro é sujeito de *deleitam* (que nos deleita? – *enganos*, representado na oração subordinada pelo *que*); o segundo é sujeito de *afligem* (que nos aflige? – *desenganos*, representado na oração subordinada pelo *que*).

É importante assinalar que *a função sintática do pronome relativo nada tem a ver com a função do seu antecedente; ela é indicada pelo papel que desempenha na oração subordinada a que pertence.*

Desta maneira, no exemplo dado, *enganos* e *desenganos* são *objetos diretos* (a oração não tem sujeito, porque o verbo *haver* = *existir* é impessoal) e os *quês* são sujeitos.

a) *Que* – não precedido de preposição necessária – pode exercer as funções de *sujeito, objeto direto* ou *predicativo*:

O menino *que* estuda aprende (*sujeito*).

O livro *que* lemos é instrutivo (*objeto direto*).

Somos o *que* somos (*predicativo*).

b) *Que* – precedido de preposição necessária – pode exercer as funções de *objeto indireto, complemento relativo, adjunto adverbial* ou *agente da passiva*:

A pessoa *a que* entreguei o livro deixou-o no táxi (*objeto indireto*).

Os filmes *de que* gostamos são muitos (*complemento relativo*).

A cidade *a que* te diriges tem bom clima (*complemento relativo*).

A pena *com que* escrevo não está boa (*adjunto adverbial de meio*).

Este é o escritor *por que* foi escrito o livro (*agente da passiva*).

OBSERVAÇÃO: Constitui impropriedade o emprego do pronome relativo precedido de preposição *de* como adjunto adnominal, em lugar de *cujo*. Assim se evita dizer "o escritor *de que* todos conhecemos o livro", "as pessoas *de quem* reconheceis os privilégios". Em boa linguagem diremos "o escritor *cujo* livro todos conhecemos", "as pessoas *cujos* privilégios reconheceis". Todavia não são raros os exemplos em bons escritores: O anarquista maldiz de todos os governos *de que* não compartilha as vantagens [MM]. Para certa classe de gente, a consciência é uma gaveta fechada *de que* se perdeu a chave [AR.2, 168], isto é, *de cujas vantagens não compartilha; gaveta cuja chave se perdeu.*

c) *Quem* – sempre em referência a pessoas ou coisas personificadas – só se emprega precedido de preposição, e exerce as seguintes funções sintáticas:

Ali vai o professor *a quem* ofereci o livro (*objeto indireto*).

Apresento-te o amigo *a quem* hospedei no verão passado (*objeto direto*).

Não conheci o professor *a quem* te referes (*complemento relativo*).

As companhias *com quem* andas são péssimas (*adjunto adverbial*).

O amigo *por quem* fomos enganados desapareceu (*agente da passiva*).

d) *Cujo(s), cuja(s)* – precedidos ou não de preposição – valem sempre *do qual, da qual, dos quais, das quais* (caso em que a preposição *de* tem sentido de posse) e funcionam como *adjunto adnominal* do substantivo seguinte com o qual concordam em gênero e número. O sintagma a que *cujo* pertence exercerá a função que determinar sua relação com o núcleo verbal. Assim, *cuja casa* é objeto direto de *comprei* e *sobre cuja matéria* é complemento relativo de *discutíamos*:

O homem *cuja* casa comprei embarcou ontem (= a casa do qual).

Terminei o livro *sobre cuja* matéria tanto discutíamos (= sobre a matéria do qual).

OBSERVAÇÃO: *Erros no emprego de* CUJO.

Constitui erro empregar *cujo*:

a) como sinônimo de *o qual, a qual, os quais, as quais:*

Aqui está o livro *cujo* livro compramos (= o qual);

b) precedido ou seguido de artigo:

Este é o autor *à cuja* obra te referiste (Não há acento indicativo da crase).

Compramos os livros de *cujos os* autores nos esquecemos.

Emprego de relativos – Em lugar de *em que, de que, a que,* nas referências a lugar, empregam-se, respectivamente, *onde, donde, aonde* (que funcionam como adjunto adverbial ou complemento relativo):

O colégio *onde* estudas é excelente.

A cidade *donde* vens tem fama de ter bom clima.

A praia *aonde* te diriges parece perigosa.

Modernamente, os gramáticos têm tentado evitar o uso indiscriminado de *onde* e *aonde*, reservando o primeiro para a ideia de repouso e o segundo para a de movimento:

O lugar *onde* estudas...

O lugar *aonde* vais...

Esta lição da gramática tende a ser cada vez mais respeitada na língua escrita contemporânea, embora não sejam poucos os exemplos em contrário, entre escritores brasileiros e portugueses.

e) *O qual* – e flexões que concordam em gênero e número com o antecedente – substitui *que* e dá à expressão mais ênfase. Para maior vigor ou clareza pode-se até repetir o antecedente depois de *o qual*:

"O primeiro senhor de Ormuz de que temos notícia foi Male-Caez, *o qual*, habitando na ilha de Caez, dominava todas as ilhas daquele estreito" [AH.2, 54].

Ao livro ninguém fez referência, *o qual* livro merece a maior consideração, no meu entender.

Às vezes o antecedente se acha apenas esboçado, como no seguinte exemplo, onde se percebe claramente o termo *cidade*.

> "Logo, porém, que este prazo expirou, o rei de Leão fez uma estrada até Talavera, perto *da qual cidade* destroçou as tropas que intentaram opor-se-lhe" [AH.6, 94].

É mais comum a substituição de *que* por *o qual* depois de preposição, principalmente depois de preposição ou locução prepositiva de duas ou mais sílabas. Dizemos indiferentemente *de que*, ou *do qual*, *com que* ou *com o qual*, *a que* ou *ao qual*, *sem que* ou *sem o qual,* mas só ocorrem *apesar do qual, conforme o qual, segundo o qual, entre o qual, fora dos quais, perante os quais,* etc. A razão se deve ao movimento rítmico da oração e a uma necessidade expressiva que exigem um vocábulo tônico (como o *qual*), e não átono (como *que*).

Posição do relativo – Normalmente o *que* vem junto do seu antecedente; quando isto não se dá e o sentido da oração periga, desfaz-se a dúvida com o emprego de *o qual*, de *e este* ou se repete o antecedente, ou se põe vírgula para mostrar que o relativo não se refere ao antecedente mais próximo:

> "Mas ele tinha necessidade da sanção de alguns, que [isto é, *sanção* e não *alguns*] lhe confirmassem o aplauso dos outros" [MA.1, 138].
> "Arrastaram o saco para o paiol e o *paiol* ficou a deitar fora" [CN.1, 12].

Poderia também dizer o autor:

> Arrastaram o saco para o paiol *que* ficou a deitar fora.
> Arrastaram o saco para o paiol *o qual* ficou...
> Arrastaram o saco para o paiol *e este* ficou...

Note-se como Camilo evita o equívoco nesta passagem:

> "Eu de mim, se não estivesse amortalhada no sobretudo do meu marido, *que* vou escovar (o sobretudo), era dele, como a borboleta é da chama..." [CBr.12, 18 *apud* MBa.5, 303].

Não é impossível, entretanto, mormente nos autores mais antigos e naqueles que, embora contemporâneos, primam por escrever como os clássicos, vir o pronome relativo afastado do seu antecedente, como neste trecho de João Ribeiro, depois do verbo da oração principal [MLk.2, §637; ECs.4, 257-258]:

> "No fundo de um triste vale dos Abruzos, terra angustiada e sáfara, um pobre eremita vivia *que deixara as abominações do século pela soledade do deserto*" [JR.2, 219].

Era comum nos clássicos:

> "...àquele haveis de dar vosso voto para governar, *que* entre todos tiver mais saber" [HP, 178-9].

Por fim, cumpre assinalar que ocorre ainda a inversão de um termo da oração adjetiva para antes do relativo, como no exemplo de Vieira:

> "O padre Francisco Gonçalves, *provincial* que acabou de ser [em lugar de: *que acabou de ser provincial*] da província do Brasil..." [AV *apud* FB, 289].

Pronome relativo sem função na oração em que se encontra

Em expressões do tipo:

> Ali está o homem que eu pensei que tivesse desaparecido.
> Não faças a outrem o que não queres que te façam,

o pronome relativo *que* inicia as orações *que eu pensei*, *que não queres*, dando-lhes o caráter

de adjetivas, mas não exerce nelas função sintática; pertence, isto sim, às orações substantivas *que tivesse desaparecido* ou *que te façam*, das quais é o sujeito (na 1.ª) e objeto direto (na 2.ª). Cuidado especial há de ter-se no que toca à concordância, pois o escritor inexperiente logo opta por flexionar o verbo: ...distinção adiada *sine die* por motivos que não *vem* (e não *vêm* no plural) a pelo declarar [CL.1, 66].

Esta construção é correta e coerente, e resiste a um enquadramento nos processos normais de análise sintática.120

Pode-se evitar a repetição dos *quês* substituindo-se o verbo da oração substantiva por um infinitivo:

> Ali está o homem que eu pensei ter desaparecido.

"No português moderno, esta construção só tem lugar, em geral, quando a oração subordinada é substantiva; fora deste caso só se emprega, de ordinário, com o pronome *o qual*, e então coloca-se este pronome depois da expressão por ele determinada: *É problema, para resolver o qual são necessárias duas condições:* "O jugo da obediência, para lhes impor *o qual* muitas vezes faltava a força" [AH.6, 244]. Todavia, evita-se esta construção quanto possível, e diz por exemplo: *É problema para cuja resolução são necessárias* duas condições" [ED.2, § 367].

O QUE, A QUE, OS QUE, AS QUE

No exemplo:

> "De ordinário os que reclamam mais liberdade são os que menos a merecem" [MM],

as orações adjetivas substantivadas *das que reclamam mais liberdade* e *os que menos a merecem* não têm seus antecedentes explícitos.

Analisando a oração complexa constitutiva do enunciado, teremos uma cláusula do comentário *de ordinário* e uma comentada, assim analisada:

> Sujeito: *os que reclamam mais liberdade*
> Predicado: *são os que menos a merecem*
> Predicativo: *os que menos a merecem*

Análise do sujeito oracional:

> Sujeito: *os que*
> Predicado: *reclamam mais liberdade*
> Obj. direto: *mais liberdade*

Análise do predicativo oracional:

> Sujeito: *os que*
> Predicado: *menos a merecem*
> Obj. direto: *a*

Em

> José partiu, o que deixou a casa triste.

a oração adjetiva transposta a substantivo *o que...triste* é aposto da oração *José partiu*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Foge do plano de interpretação sintática o entender-se *o que* = *e isto*, como querem alguns gramáticos. Veja-se [CP.1, § 510].

2.ª) Em lugar de *o que* também pode ocorrer apenas *que*, construção que vai caindo em desuso: "... depois a 17 de agosto de 1710 acabou de expirar *que* (= o que) foi, como bem podemos presumir, voar do cárcere carregado com as palmas de

confessor e mártir para a pátria onde os frutos se colhem do que na terra se cultivou"[AC.8, 278 *apud* MBa.4, 139. Cf. ainda MBa.5, 234].

Com *o que, a que, os que, as que,* pode ocorrer uma preposição regendo toda a oração substantivada, o relativo ou ambos:

a) Gostei *do que disseste.*

b) O professor dissertou *sobre o de que* ontem conversávamos.

Com frequência, a preposição que deveria acompanhar o relativo emigra para o artigo que introduz a oração substantivada:

Não sei *no que* pensas (por *o em que*).

"Agora já sabe a fidalga *no que* ele estraga dinheiro" [CBr.1, 148].

Estas migrações de preposição para a unidade anterior ao relativo tornam a construção mais harmoniosa e espontânea. Os seguintes exemplos de Rui Barbosa, embora gramaticalmente corretos, trazem o selo do artificialismo:

"Assim me perdoem, também, *os a quem* tenho agravado, *os com quem* houver sido injusto, violento, intolerante..." [RB.2, 23].

"e daí, com estupenda mudança, começa a deixar ver *o a que* era destinada..." [RB.2, 36].

"Os meus serão *os a que* me julgo obrigado..." [RB.2, 61].

O DE que mais gosto é DE

É frequente ver-se a preposição que acompanha o relativo repetida junto ao termo ou oração que faz o papel de predicativo:

"do que [= de que] duvido é *de* que comecemos, se por el-rei houvermos de esperar" [AH.4, 222].

"No que [= o em que] em grande parte discordo de Schlegel é *no* severo conceito que forma do estilo de Addison" [AGa.4, 35; cf. MBa.4, 239-40].

Emprego de À em À QUE, ÀS QUE

As linguagens *a que, as que,* sendo o *a* artigo, podem vir regidas da preposição *a*, caso em que se usam as unidades complexas acentuadas *à que, às que:*

Não se referiu *à que* estava ao nosso lado (*à que* equivalente a *àquela que*).

Os prêmios foram entregues *às que* discursaram (*às que* equivalente a *àquelas que*).

É claro que se o *a* antes de *que* for apenas preposição não levará acento grave indicativo de crase, e não mais se tratará de adjetiva substantivada, mas tão somente adjetiva:

A pessoa *a que* te referes não veio hoje.

Relativo universal

Frequentes vezes a linguagem coloquial e a popular despem o relativo de qualquer função sintática, tomando-o por simples elemento transpositor oracional. A função que deveria ser exercida pelo relativo vem mais adiante expressa por substantivo ou pronome. A este relativo chamamos *universal*:

O homem QUE eu falei COM ELE

em vez de :

O homem COM QUEM (ou COM QUE) eu falei.

A amizade é coisa QUE nem sempre sabemos SEU SIGNIFICADO

em vez de:

A amizade é coisa CUJO SIGNIFICADO nem sempre sabemos.

Embora a língua padrão recomende o correto emprego dos relativos, o relativo universal se torna, no falar despreocupado, um "elemento linguístico extremamente prático" [KN.1, 330].

Observações finais:

1.ª) É frequente aparecer, na linguagem de outrora e ainda ocorre no colóquio moderno, *que* ou *quem* seguido de pronome pessoal oblíquo (*que* ou *quem... lhe*) onde o rigor gramatical exigiria aqueles pronomes precedidos de preposição:

"Agora sim, disse então aquela cotovia astuta, agora sim, irmãs, levantemos o voo e mudemos a casa, que vem *quem lhe* dói a fazenda" [MBe.1, I, 70].

Quem lhe dói a fazenda = a quem dói a fazenda.

"A Natureza, negando-lhe a ordinária ração de outros gostos, sente-o, e amua-se como menino, *que lhe tiram a merenda*" [*Vários Tratados*, II, 354 *apud* MBa.1, 254].

Tais construções não se enquadram nos processos rigorosos da análise.

2.ª) Às vezes o relativo não se refere à *forma* do seu antecedente, mas à *ideia* que ele traduz:

"Bem vês as *lusitânicas* fadigas

Que eu já de muito longe favoreço" [LC, IX, 38].

O relativo *que* se refere a *lusitanos*, ideia que, ensina-nos bem Epifânio Dias, está contida no adjetivo *lusitânicas* [LC, II, 171].121

Outras vezes o relativo se refere ao pronome pessoal que se depreende do pronome possessivo usado:

"Isto que parece absurdo ou desgracioso é perfeitamente racional e belo – belo à *nossa* maneira, *que* não andamos a ouvir na rua os rapsodos recitando os seus versos, nem os oradores os seus discursos, nem os filósofos as suas filosofias" [MA *apud* SS.5, I, 28],

que diz: "Quando leio este trecho, sinto como antecedente do *que* sublinhado a ideia de *nós*, encerrada no adjetivo *nossa.* Esse *que* não se me afigura conjunção causal". Julgo perfeitamente cabível a interpretação do mestre e constitui prática de linguagem corrente no latim: "*Vestra, qui cum summa integritate vixistis, hoc maxime interest*" [Cícero pro Sall, 28 *apud* JMa.1, § 317, a].

Outras particularidades das orações adverbiais

Tipos de oração subordinada adverbial – A oração subordinada adverbial funciona como adjunto adverbial da sua oração principal:

Toca sempre a sineta, *quando terminam as aulas*

(subordinada adverbial temporal).

As orações subordinadas adverbiais iniciam-se pelo transpositor *que*, acompanhado de preposição ou advérbios ou de outras unidades adverbiais:

1 – CAUSAIS: quando a subordinada exprime a causa, o motivo, a razão do pensamento

expresso na oração principal — *que* (= porque), *porque, como* (= porque), *visto que, visto como, já que, uma vez que* (com o verbo no indicativo), *desde que* (com o verbo no indicativo), etc.:

Saiu cedo *porque precisou ir à cidade.*

Como está chovendo, transferiremos o passeio.

Desde que assim quiseram, vão arrepender-se.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Evite-se na língua padrão o emprego de *de vez que* e *eis que* por não serem locuções legítimas.

2.ª) A língua moderna só usa *como* causal quando vier antes da principal.

2 – COMPARATIVAS: quando a subordinada exprime o ser com que se compara outro ser da oração principal. A comparação é *assimilativa*, quando "consiste em assimilar uma coisa, pessoa, qualidade ou fato a outra mais impressionante, ou mais conhecida" [MC.3, II, 48].

É introduzida a oração subordinada comparativa desta espécie por *como* ou *qual*, podendo ainda estarem em correlação com *assim* ou *tal* postos na oração principal:

"Os importunos são *como as moscas* que, enxotadas, revertem logo" [MM].

A comparação pode ainda ser *quantitativa*, quando "consiste em comparar, na sua quantidade ou intensidade, coisas, pessoas, qualidades ou fatos" [MC.3, II, 48].

Há três tipos de comparação quantitativa:

a) *igualdade,* introduzida por *como* ou *quanto* em correlação com *tanto* ou *tão* da oração principal, ou o *mesmo que:*

"Nada conserva e resguarda *tanto* a vida *como a virtude*" [MM].

Isto é o *mesmo que* nadar em ouro.

b) *superioridade*, introduzida por *que* ou *do que* em correlação com *mais* da oração principal:

"Um homem pode saber *mais do que muitos*, porém nunca tanto como todos" [MM].

c) *inferioridade,* introduzida por *que* ou *do que* em correlação com *menos* da oração principal:

"O governo dos loucos dura pouco, o dos tolos ainda *menos que o dos velhacos*" (*id.*).

As orações subordinadas comparativas, geralmente, não repetem certos termos que, já existentes na sua principal, são facilmente subentendidos:

Os importunos são como as moscas *são*...

Nada conserva e resguarda tanto a vida como a virtude *conserva e resguarda*...

Um homem pode saber mais do que muitos *sabem*...

O governo dos loucos dura pouco, o dos tolos ainda *dura menos* que *dura* o dos velhacos... (note-se que o primeiro *dura* omitido não está em oração comparativa).

Ocorre a presença do verbo em:

"Não tens inimigo mais poderoso, mais astuto, mais emperrado e mais doméstico *do que é teu* amor-próprio" [MBe.2, 213].

"O ar como que *era* cortado de relâmpagos sensuais, sentiam-se passar lufadas de tépida volúpia" [JRi.1,70].

Em lugar de *mais bom, mais grande, mais mau, mais pequeno, mais bem* e *mais mal* dizemos normalmente *melhor, maior, pior, menor* (*melhor* e *pior* se aplicam tanto para os adjetivos como para os advérbios).

"Os velhacos têm de ordinário mais talento, porém *menor* juízo do que os homens probos" [MM].

"Não há escravidão *pior* do que a dos vícios e paixões" [MM].

"Não há *maior* nem *pior* tirania que a dos maus hábitos inveterados" [MM].

"Dão-se os conselhos com *melhor* vontade do que geralmente se aceitam" [MM].

"Ninguém conhece *melhor* (advérbio) os seus interesses do que o homem virtuoso; promovendo a felicidade dos outros assegura também a própria" [MM].

Entretanto, se compararmos duas qualidades, usaremos os comparativos analíticos (*mais bom, mais grande,* etc.), em vez dos sintéticos (*melhor, maior,* etc.):

Ele é mais grande do que pequeno e não *Ele é maior do que menor.*

Para evitar confusões no sentido, usam-se as comparativas *como, que, do que* junto ao sujeito e, seguidas de preposição, *como a, que a, do que a* junto de objeto direto (o *a* é preposição).

Estimo-o *como* um pai (= como pai estima).

Estimo-o *como a* um pai (= como se estima a um pai).

Se o contexto não admitir esta dupla interpretação, pode-se dispensar o auxílio da preposição:

"Meu pai encarregou-a do governo doméstico e nós habituamo-nos a tê-la em conta de segunda mãe; também ela nos amava *como filhos*" [AH *apud* MBa.7, 172].

Para realçar-se a semelhança, a aparência, em vez de simples *como* pode-se usar *como que* quando se lhe segue o verbo:

"A luz do dia, ao desaparecer, *como que* se dobrava para afagar e beijar o desgraçado, que talvez não a tornaria a ver" [AH.3, 225]. Entenda-se: a luz do dia *parecia dobrar* para afagar...

"Entretanto, ainda no espírito me passa *como que* a visão profética do futuro concílio..." [AH.8, I, 19].

NOTA – *Como que*, neste último caso, não inicia oração subordinada comparativa.

Quando depois do termo de comparação vem um substantivo, denota-se ainda a aparência, a semelhança, por meio da expressão *um como*, caso em que *um* concorda em gênero e número com o substantivo seguinte:

Refrescou-o *um como orvalho* do céu.

Aproximou-se dele *uma como visão* fantástica.

NOTA — Também aqui não se tem oração comparativa.

Através de *como se* indicamos que o termo de comparação é hipotético:

"O velho fidalgo estremeceu *como se* acordasse sobressaltado" [RS.1, 174]. Entenda-se: ele não acordou sobressaltado, mas, se acordasse, estremeceria daquele jeito.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) A maioria dos gramáticos de língua portuguesa prefere desdobrar o *como se* em duas orações, sendo a primeira *comparativa* e a segunda *condicional*:

O velho fidalgo estremeceu como estremeceria se acordasse sobressaltado.

2.ª) Pode-se obter a mesma expressão por meio de *como a* + infinitivo:

"(...) outro ia no céu *como a decifrar* o enigma da sensação nunca experimentada" [CBr.6, 50].

3.ª) Atente-se para a concordância dos termos correlatos *tal qual*, que devem concordar com o substantivo ou pronome a que se referem:

Ele era *tal quais* os colegas.

Elas eram *tais qual* o irmão.

Nós somos *tais quais* os pais.

4.ª) Deve-se preferir *mais... (do) que* a *mais... a* + infinitivo em construções comparativas do tipo: Talvez seja *mais* interessante ao país gastar na educação *do que investir* na construção de presídios (e não: *a investir*).

Em vez de *como*, *do mesmo modo que*, *tanto como,* empregamos com frequência *que nem*:

É forte *que nem* um touro.

O verbo *preferir* sugere uma ideia implícita de comparação, à semelhança de *querer mais*, *querer antes*, mas exige complemento regido da preposição *a*:

Prefiro a praia *ao campo*.

Preferia estudar *a não fazer nada*.

A aproximação de *preferir* a *querer mais* e *querer antes* (embora não sejam perfeitamente sinônimos) tem gerado duas construções tidas como errôneas pelos nossos gramáticos:

a) a adjunção dos advérbios *mais* ou *antes* ao verbo *preferir*:

Antes prefiro... ou *Prefiro mais...*

b) iniciar o complemento do verbo *preferir* pelos transpositores comparativos *que* ou *do que*:

Prefiro a praia *do que o campo*.

Preferia estudar *do que não fazer nada*.

Preferiam *mais* mentir *do que dizer a verdade*.

Aluísio Azevedo poderia ter dado outro torneio à construção para evitar o desvio no seguinte trecho de *O Coruja:*

"E que, no caso de erro, *é preferível* sempre nos enganarmos, contra, *do que* a favor de quem quer que seja..." (cap. VI).

Note-se que a simples substituição de *do que* por *a* não seria ideal pela aproximação dos dois *aa*.

OBSERVAÇÃO: Distinga-se a construção errada de *preferir* da sequência *antes preferir* do seguinte exemplo do Marquês de Maricá, em que leve pausa aparece depois de *antes* [MM.1]:

"Ninguém quer passar por tolo, *antes prefere* parecer velhaco" [MM].

3 – CONCESSIVAS: quando a subordinada exprime que um obstáculo – real ou suposto – não impedirá ou modificará de modo algum a declaração da oração principal – *ainda que*, *embora, posto que, se bem que, conquanto,* etc.:

Embora chova, sairei.

Isto é, a chuva não será obstáculo tal, que me impedirá de sair.

"*Ainda que* perdoemos aos maus, a ordem moral não lhes perdoa, e castiga a nossa indulgência" [MM].

Ao lado destas concessivas comuns, empregam-se ainda as concessivas *intensivas* quando é nosso intuito assinalar qualidade ou modalidade qualquer, "consideradas em grau intensivo e sem limites" [SA]:

Por inteligente que seja, encontrará dificuldades em entender o problema.

Por mais que estude, ainda tem muito que aprender.

As concessivas intensivas caracterizam-se pelas expressões *por mais... que, por menos... que, por muito... que,* onde se pode dar ainda a eliminação do advérbio *mais, menos, muito.*

Em vez de *ainda que, ainda quando*, pode-se empregar simplesmente *que* e *quando* em construções que, proferidas com tom de voz descendente e com verbo no subjuntivo, exprimem a ideia concessiva:

Os obstáculos, *que fossem muitos*, não tiravam aos rapazes a certeza da vitória.

E, *quando as palavras não o digam*, aí estão os fatos, para comprovar que só enunciei verdades.

Nestes casos, empregando *que*, dá-se preferência à inversão de termos, passando a iniciar a oração concessiva a expressão que funciona como predicativo, ou complemento do verbo:

Os rapazes, *pobres que sejam,* merecem a nossa consideração.

Aqueles livros, *difíceis que fossem*, sempre nos serviram para elucidação de muitas dúvidas.

Mil desculpas que me desse, eu continuaria achando que procedeu mal comigo.

Não raro a oração principal contém uma expressão adverbial (*contudo, todavia, ainda assim, não obstante,* ou equivalente) que, no nível do texto, serve como resumo do pensamento anterior, avivando ao ouvinte a ideia concessiva da subordinada:

Ainda que todos saiam, *todavia* ficarei.

Embora não me queiram acompanhar, *ainda assim* não deixarei de ir à festa.

Conteúdos de valor concessivo podem vir, justapostos, iniciados por unidades alternativas (neste caso o verbo está no subjuntivo), quando denotam que a possibilidade de ações opostas ou diferentes não impede a declaração principal:

Quer estudes, quer não, aprenderás facilmente a lição.

Ou estudemos medicina, ou sejamos advogados, conquistaremos na sociedade um lugar de relevo.

4 – CONDICIONAIS: quando a oração subordinada exprime uma condição necessária para que se realize ou deixe de se realizar o que se declara na principal: *se, caso, sem que, uma vez que* (com o verbo no subjuntivo), *desde que* (verbo no subjuntivo), *dado que, contanto que, com a condição que*, etc.

A oração condicional exprime um fato que não se realizou ou, com toda a certeza, não se realizará:

a) falando-se do presente:

Se eu fosse aplicado, obteria o prêmio.

b) falando-se do passado:

Se eu fosse aplicado, obteria o prêmio.

ou

Se eu tivesse sido aplicado, teria obtido o prêmio.

No primeiro caso, usam-se na oração condicional o pretérito imperfeito do subjuntivo (*fosse*), e, na principal, o futuro do pretérito (*teria*).

No segundo caso, ou se repete o verbo nas formas apontadas para o caso anterior, ou usam-se na condicional o pretérito mais-que-perfeito (*tivesse sido*) e, na principal, o futuro do pretérito composto (*teria obtido*).

Pode ainda a oração condicional exprimir um fato cuja realização esperamos como provável:

Se eu estudar, obterei o prêmio.

Nestas circunstâncias, empregam-se o futuro do subjuntivo na condicional, e, na principal, o futuro do presente (*obterei*).

OBSERVAÇÃO: Cumpre notar que no caso a), estudado acima, em lugar de *Se eu fosse aplicado, obteria o prêmio,* a linguagem coloquial realça a ideia do presente usando no presente indicativo os verbos das duas orações: *Se eu sou aplicado, obtenho o prêmio.*

As orações condicionais não só exprimem condição, mas ainda podem encerrar as ideias d e *hipótese, eventualidade, concessão, tempo,* sem que muitas vezes se possam traçar demarcações entre esses vários campos do pensamento. Esta é a razão por que *sem que* admite mais de uma interpretação textual. O *que não* (= sem que) flutua entre a condição e o tempo frequentativo (repetido) em *Não lê que não cometa vários enganos;* o *quer... quer* (*ou... ou,* etc.) é um misto de concessão e condição (cf. por exemplo de [JO.1, 64-66]), e tantos outros casos que fogem à alçada de uma descrição gramatical por pertencerem ao plano textual.

5 – CONFORMATIVAS: quando a subordinada exprime um fato apresentado em conformidade com a declaração da principal: *como, conforme, segundo, consoante:*

Conseguiu fazer o trabalho *como lhe ensinaram.*

Todos procederam *conforme a ocasião* ensejava.

6 – CONSECUTIVAS: quando a subordinada exprime o efeito ou consequência do fato expresso na principal.

A oração consecutiva é introduzida pelo transpositor *que* a que se prende, na principal, uma expressão de natureza intensiva como *tal, tanto, tão, tamanho,* termos que também se podem facilmente subentender:

Alongou-se tanto no passeio, *que chegou tarde.*

Executou a obra com tal perfeição, *que foi premiada.*

É feio *que mete medo* (= *É tão* feio...).

A oração consecutiva não só exprime a consequência devida à ação ou ao estado indicado na principal, mas pode denotar que se deve a consequência ao modo pelo qual é praticada a ação da principal. Para este último caso, servimo-nos, *na oração principal,* das unidades complexas *de tal maneira, de tal sorte, de tal forma, de tal modo*:

Convenceu-se *de tal maneira* que surpreendeu a todos.122

Estando completo o conteúdo da primeira oração, empregam-se as expressões (destituídas

d e *tal*) *de maneira que, de sorte que, de forma que, de modo que,* como "locuções" conjuntivas, sem pausa entre o substantivo e o *que*, para introduzir uma consecutiva atenuada em orações justapostas:

Você estudou bem, *de modo que pôde tirar boa* colocação.

O livro estava rasgado, *de modo que muitas páginas tiveram sua leitura prejudicada.*

A independência sintática das duas orações, neste caso, pode vir indicada por uma pausa maior, isto é, por ponto e vírgula ou por ponto, valendo assim a unidade por um advérbio de oração para avivar ao ouvinte o pensamento anterior, com o sentido aproximado de *por conseguinte, consequentemente, daí:*

As alegrias da vida quase sempre são rápidas e fugidias, ainda que disto não tomemos conhecimento. *De modo que* elas devem ser aproveitadas inteligentemente.

Por tudo isto se vê que nem sempre podemos delimitar, no nível do texto, os campos dos valores consecutivo e conclusivo, acrescentando-se ainda que há vizinhanças destes valores com outros, como, por exemplo, a ideia de finalidade, o que estudaremos mais adiante.

Cumpre evitar um erro frequente com a expressão do pensamento consecutivo (e conclusivo): pôr no plural o substantivo nas locuções *de maneira que, de modo que,* etc., dizendo-se incorretamente:

Saiu rapidamente *de maneiras que* não pude vê-lo.

Estudou *de formas que* conseguiu aprender.

As unidades *de maneira que, de modo que*, etc., seguidas de verbo na forma finita, só modernamente aparecem substituídas por *de maneira a, de modo a,* etc., seguidas de infinitivo:

Estudou *de forma a conseguir* aprender (em lugar de: *de forma que conseguiu aprender*).

"(...) arredar o biombo da sua estreiteza natural, *de modo a deixar* entrar ar fresco" [AR.3, 170].

Aquilo que se apresenta na oração consecutiva como efeito ou resultado pode representar uma consequência intencional, de modo que se associa ao conteúdo consecutivo uma noção subsidiária de finalidade. Neste caso o verbo se acha normalmente no subjuntivo:

Chegou cedo ao serviço *de maneira que pudesse ser* elogiado pelo patrão.

Correu *de sorte que os inimigos não o pudessem alcançar.*

Daí resultam certos cruzamentos consecutivo-finais na construção do enunciado, cruzamentos que nem sempre são vistos com bons olhos pelos gramáticos (porque tais fatos não estão de acordo com a tradição do idioma e se repetem no francês), embora uns datem de longo tempo. Entre os tipos condenados está a construção acima referida *de modo a, de maneira a + infinitivo.* Com tais fórmulas, realmente se procura traduzir uma consecutiva intencional. Ao lado de: *Estudou de modo a poder passar*, usa-se: *Estudou de modo (a) que passasse.*

Presa ao mesmo caso parece estar a construção que emprega depois de *demais, demasiado, muito* (= *assaz, bastante, demasiado*) uma oração final de *para que* ou *para a + infinitivo,* para indicar a noção de proporção ou desproporção:

"*É demasiado esperto para que caia em tal,* equivalente a: não é tão pouco esperto que caia em tal" [ED.2, § 395].

"(...) os tempos não são mais de *bastante* fé ou desprendimento *para que* os ricos católicos façam doações (...)" [MB.1, II, 144].

"Entretanto a igrejinha tem tanto caráter (...), que ela só e mais uma meia dúzia de palmeiras bastam *a guardar* a fisionomia (...)" [MB.1, II, 149].

OBSERVAÇÃO: O ilustre sintaticista português Epifânio Dias aponta o fato como imitação do francês; cremos, entretanto, que o problema exige revisão.

7 – FINAIS: quando a oração subordinada indica a intenção, o objetivo, a finalidade do pensamento expresso na principal: *para que, a fim de, porque* (= para que),123 *que* (= para que):

Saíram *para que pudessem ver o incêndio.*

Reclamou *a fim de que o nomeassem.*

Trabalhou *porque fosse promovido.*

Falta pouco *que isto suceda.*

Abreviadamente usa-se de *não* + *subjuntivo* com o valor de *para que não, de modo que não,* quando se quer expressar a cautela, cuidado, restrição:

"Senhor, que estás nos céus, e vês as almas,
Que cuidam, que propõem, que determinam,
Alumia minha alma, *não se cegue*
No perigo, em que está" [AF.2, vv. 770-773 *apud* SS.1, § 485-a].

OBSERVAÇÃO: Os antigos, e hoje mais raramente, se serviam de *por se* em que *por* é o vestígio de uma ideia final: "Deixai-o amaldiçoar (lhes disse), *por se acaso* se compadece Deus, por essa causa, da minha aflição..." [MBe.2, III, 51 *apud* MBa.4, 227].

Por se acaso compadece = *para ver se acaso* compadece.

8 – LOCATIVAS: (iniciadas por *onde, quem, quanto* sem referência a antecedentes):

"Os meninos sobejam *onde estão* e faltam *onde não se acham"* [MM].

"Não pode haver reflexão *onde tudo é distração*" [MM].

"*Onde o luxo vence* a probidade afraca e desfalece" [MM].

9 – MODAIS:

"*De um relance* leu na fisionomia do mancebo, sem que suas pupilas estáticas se movessem nas órbitas" [JA.1, 157].

Se a oração principal estiver na negativa, usar-se-á de *que não* + subjuntivo:

Não emite um parecer *que não se aconselhe com o diretor.*

10 – PROPORCIONAIS: quando a subordinada exprime um fato que aumenta ou diminui na mesma proporção do fato que se declara na principal – *à medida que, à proporção que, ao passo que, tanto mais... quanto mais, tanto mais... quanto menos, tanto menos... quanto mais,* etc.:

À medida que a idade chega, a nossa experiência aumenta.

Aprendia *à proporção que* lia o livro.

Aumentava o seu vocabulário *ao passo que* consultava os mestres da língua.

OBSERVAÇÃO: A unidade *ao passo que* pode ser empregada sem ideia proporcional, para indicar que um fato não se deu ou não tem as características de outro já enunciado: "A surdez habitual, dada a multiplicação das obras e dos cuidados do indivíduo, tenderia a embotar os sentidos e a retardar os sexos, *ao passo que* o vestuário, negaceando a natureza, aguça e atrai as vontades, ativa-as, reprodu-las e conseguintemente faz andar a civilização" [MA.1, 260].

Ele foi ao cinema, *ao passo que* eu resolvi ir à praia.

11 – TEMPORAIS: quando a oração subordinada denota o tempo da realização do fato expresso na principal.

As principais chamadas conjunções e "locuções" conjuntivas e temporais são :

a) para o tempo anterior: *antes que, primeiro que* (raro):

Saiu *antes que* eu lhe desse o recado.

"Ninguém, senhores meus, que empreenda uma jornada extraordinária, *primeiro que* meta o pé na estrada, se esquecerá de entrar em conta com as suas forças..." [RB].

b) para o tempo posterior (de modo vago): *depois que, quando:*

Saiu *depois que* ele chegou.

c) para o tempo posterior imediato: *logo que, tanto que* (raro), *assim que, desde que, apenas, mal, eis que, (eis) senão quando, eis senão que:*

Saiu *logo que* ele chegou.

"*Eis senão quando* entra o patrão..." [AAr.1, 183].

d) para o tempo frequentativo (repetido): *quando* (estando o verbo no presente), *todas as vezes que, (de) cada vez que, sempre que:*

Todas as vezes que saio de casa, encontro-o à esquina.

Quando o vejo, lembro-me do que me pediu.

OBSERVAÇÃO: Evite-se o erro de se preceder da preposição *em* o *que*, dizendo-se: *todas as vezes em que*.

e) para o tempo concomitante: *enquanto, (no) entretanto que* (hoje raro):

Dormia *enquanto* o professor dissertava.

"... e se aposentou (S. Caetano) junto à Igreja de S. Jorge, e perto do Hospital maior, para *no entretanto* que regulava as dependências da renúncia se entreter no exercício da caridade" (Contador de Argote, *Vida de S. Caetano,* 1722, 90).

OBSERVAÇÕES:

1.ª) *Entretanto* ou *no entretanto* são advérbios de tempo, com o sentido de *neste ínterim, neste intervalo de tempo, neste meio tempo*. Mais modernamente, *entretanto* passou a valer por uma unidade de valor adversativa e, por influência do advérbio, tem sido empregado precedido da combinação *no* (*no entretanto*). Muitos puristas não aprovam esta última construção.

2.ª) A rigor, as "conjunções" proporcionais também indicam tempo concomitante; por isso, uns autores não distinguem as *temporais* das *concomitantes*, fazendo destas classes à parte das *temporais*. A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* não fala em *concomitante*.

3.ª) Evite-se o emprego *mais (menos)... mais (menos)* em lugar de *quanto mais (menos)... tanto mais (menos)* em construções do tipo: *Quanto mais* estudamos, *tanto mais* aumentam nossas possibilidades de vitória (e não: *Mais* estudamos e *mais* vencemos).

Pode-se omitir o *tanto* no segundo termo: *Quanto mai*s estudamos, *mais*...

f) para o tempo limite terminal: *até que:*

Brincou *até que fosse* repreendido.

Assume valor temporal o *que* relativo repetidor de advérbio e expressões que designam "desde que época um fato acontece": *agora que, hoje que, então que, a primeira vez que, a última vez que,* etc.:

Agora que consegui aprender a lição, passarei adiante.

Esta foi *a última vez que* o vi.

Não se fazendo pausa entre o advérbio e o transpositor (*agora que, então que,* etc.), estabelece-se uma unidade de valor semelhante ao que existe em *depois que,* etc., e se pode passar a considerar o todo como "locução conjuntiva":

Agora que tudo está certo vou embora.

Sob o modelo de tais linguagens, desenvolveu-se o costume de se acrescentar o transpositor *que* depois de expressões que denotam "desde que tempo uma coisa acontece", reduzida a simples palavra de realce temporal:

Desde aquele dia *que* o procuro.

Analisando, dispensa-se o *que*.

Depois dos verbos *haver* e *fazer* com sentido temporal (*há dias que, faz dias que*) o transpositor *que* (parece ter sido, neste caso, primitivamente integrante)124 adquiriu, por contato, a ideia de tempo, com valor aproximado de *desde que*:

Há quatro dias *que* não o vejo.

Fazia quatro meses *que* estivera doente.

Em tais orações, a análise se torna difícil pelo fato de a construção ter-se fixado apesar de alterado o sentimento linguístico. Há um visível descompasso entre a sua estrutura de superfície e a profunda. Considerar o *que* com valor temporal e, portanto, temporal a respectiva oração, é classificar como principal justamente a oração que expressa a circunstância de tempo:

1.ª oração — *principal*: Há quatro dias

2.ª oração — *subordinada adverbial temporal*: que não o vejo.125

Poder-se-á analisar como substantiva subjetiva a oração de *que*, depois de *fazer*, como fazem os autores patrícios lembrados na nota anterior.

Cremos, também, ser possível considerar que o *que* não serve de introduzir uma oração subordinada adverbial temporal, mas, *reduzido a simples palavra memorativa,* relembra, na oração principal, a partir de que fato se faz alusão ao tempo na subordinada anterior. Esta subordinada, não se ligando à principal por transpositor, será considerada justaposta:

1.ª oração — *subordinada adverbial temporal:* Há quatro dias

2.ª oração — *principal:* (que) não o vejo.126

Entretanto, não misturando o plano gramatical com o conteúdo designado, a orientação mais seguida é classificar a oração de *que* como adverbial temporal.

Tais orações temporais admitem mais de uma construção:

Há muito tempo que não o vejo.
Há muito tempo não o vejo.
Não o vejo há muito.
De há muito não o vejo.
Desde há muito não o vejo.
Até há pouco eu o vi por aqui.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Advérbios e unidades adverbializadas (*ontem, hoje, há muito*, *há pouco, há tantos anos,* etc.), precedidos da preposição *de,* são transpostos a adjetivos (adjuntos adnominais):

As notícias *de hoje*.

As lembranças *de ontem.*

Um testamento *de há cem anos.*

Modas *de há trinta anos.*

Meninos *de há pouco*. [ED.2, §423; MBa.3, 158]

2.ª) A preposição junto ao verbo *haver* em *De há muito não o vejo, desde há muito, até há pouco,* assinala melhor a ideia temporal. Adolfo Coelho considera sem razão, viciosa e linguagem *de há muito* que explica desta maneira: "Influência semelhante (fala da influência por analogia) se nota na expressão frequente, mas viciosa, *de há muito* por *há muito*. *Há muito* fixa-se como a indicação dum tempo passado; *há* não é apercebido como verbo, mas antes como preposição (*a*); daí o anterpor-se-lhe a preposição *de* por analogia de expressões como *de então* (*para cá*, *até hoje*), *de ontem, de muito"* [ACo.2, I, 82].

3.ª) Em lugar de *quando foi a vez dele* diz-se também *quando foi da vez dele* ou, abreviadamente, *quando da vez dele*. Estas duas últimas construções são modernas e Epifânio Dias as considera incorretas, devidas à má tradução do francês *lors de* [ED.2, § 182]. Júlio Moreira [JM.1, II, 68] e com ele Mário Barreto [MBa.3, 230] explicam o fenômeno por cruzamento sintático das duas expressões; *quando foi a vez dele* e *da vez dele,* de que resultou uma terceira mista: *quando foi da vez dele*. Ocorre ainda *a quando de* (*a quando da vez dele*), onde Epifânio Dias vê ainda influência do *a* do francês *alors*, "com requinte de barbarismo" (*ibid*.). Preferimos a explicação de Julio Moreira por não vermos na correspondente francesa a vitalidade suficiente para tal repercussão no português.

4.ª) Em muitos dizeres de sentido temporal, "há tendência, bem notória hoje em dia, para confundir *que* conjunção com *que* pronome relativo, e para afirmar este caráter pronominal em certos casos, hoje se prefere *em que* ao simples *que* da linguagem antiga" [SA.2, 197]. Dá-se com frequência esta alternância de *que* e *em que* quando o substantivo que se considera antecedente do pronome relativo vem precedido da preposição *em.* Prefere-se dizer *ao mesmo tempo que*, *a tempo que, ao tempo que,* mas *no tempo que* (ou *em que*), *no dia que* (ou *em que*), etc. Tem-se estendido sem razão nem tradição no idioma o emprego de *em que* em construções onde só deve figurar o *que*, como *todas as vezes em que.* Prefira-se *todas as vezes que* ou *em todas as vezes em que* (ou simplesmente *que*).

5.ª) O verbo *haver* (*HÁ*) *e a preposição A em sentido temporal.* Atente-se no emprego correto destas duas formas. *Há,* verbo, refere-se a tempo decorrido e *a,* preposição, a tempo futuro:

Há três dias não o vejo.

Já devia ter-lhe escrito *há* mais tempo.

Daqui *a* a três dias o verei.

Este produto é famoso *há* mais de meio século.

Usa-se ainda a preposição *a* nas indicações da distância de lugar:

Estamos *a* cinco quilômetros do sítio.

Cuidado especial hão de merecer também as expressões *a cerca de* e *há cerca de,* onde a locução *cerca de* (= aproximadamente, perto de, mais ou menos) vem precedida da preposição *a* ou da forma verbal *há*:

Ele falou *a cerca de* mil ouvintes (= para cerca de mil ouvintes).

Há cerca de trinta dias foi feita esta proposta.

Temos ainda a locução *acerca de* que significa *sobre, a respeito de, em relação a:*

O professor dissertou *acerca dos* progressos científicos.

Por outro lado, podem-se suprimir as palavras *atrás* ou *passado(s)* que aparecem com o verbo *haver*, uma vez que este já indica tempo decorrido:

Há três dias atrás ou *Há três dias.*

Há três dias passados ou *Há três dias.*

6.ª) Nas orações adverbiais precedidas de principal que encerra advérbio de valor temporal (*apenas, mal*), devemos empregar *quando* e não *que*:

Apenas tinha terminado a questão, *quando o professor recolheu a prova.*

Mal saía da escola, *quando se lembrou da pasta.*

Pode-se também suprimir o *quando*:

Apenas Pelágio transpôs o escuro portal da gruta, Eurico levantou-se [AH *apud* MBa.5, 20].

Análise de SEM QUE

De modo geral, tem-se enquadrado a locução *sem que* no grupo das chamadas "conjunções condicionais". A verdade é que a locução assume variados sentidos contextuais, entre os quais lembraremos:

1) *condição* (subordinada condicional):

Sem que estude, não passará.

2) nega uma *consequência* (subordinada consecutiva):

Estudou *sem que conseguisse aprovação.*

3) exprime uma *consequência* esperada (depois de negativa):

Não brinca *sem que acabe chorando* (todas as vezes que brinca acaba chorando).

4) exprime uma *concessão* (subordinada concessiva):

Ele é responsável, *sem que o saiba,* por todas essas coisas erradas.

5) nega uma *causa*, chegando quase a exprimir *concessão* (subordinada causal ou concessiva):

Estudou *sem que seus pais lho pedissem* (nega-se a causa ou uma das causas do estudo: o pedido dos pais, e vale quase por: *estudou ainda que seus pais não lho* pedissem).

6) denota simplesmente que tal ou qual circunstância não se deu, aproximando-se da ideia de *modo* (subordinada modal):

Entrou em casa *sem que tomasse nenhum alimento.*
Retirou-se *sem que chamasse seus colegas.*

A *Nomenclatura Gramatical Brasileira,* entretanto, desprezou as orações modais.

Em lugar de *sem que* pode-se usar também de *sem + infinitivo:*

Saiu *sem ser* percebido.

Estes foram os melhores teatrólogos, *sem falar* em Machado de Assis e Franklin Távora, mais ilustres no romance e no conto.

Em lugar de *sem que*, depois de uma principal de valor negativo, usa-se também *que não*, para indicar que a consequência se dá a todo o transe, se repete sempre que ocorrer o fato expresso na principal (o verbo da subordinada está no subjuntivo):

Não brinca *sem que acabe chorando.*

Não brinca *que não acabe chorando.*

"Eu não posso abrir um livro de história *que não me ria*" [AGa.5, 255].

OBSERVAÇÃO: Alguns autores dão à construção *não... que não* valor condicional. Cf. [AGo, 420] e [MBa.7, 48-9].

QUE depois de advérbio

Muitas vezes emprega-se *que* depois de advérbio onde a rigor poderia ser dispensado. São comuns as linguagens *talvez que, apenas que, felizmente que, oxalá que, quase que, enquanto que, embora que:*

"Assim, sem mais preâmbulos,
e *apenas que* te vejo,
venço o nativo pejo,
meu belo sedutor" [AC, 96 *apud* MBa.1, 176].

"Mas eu creio que Capitu olhava para dentro de si *enquanto que* eu fitava deveras o chão..." [MA.4, 130 *apud* MBa.1, 177].

Puristas têm condenado tais modos de dizer.

Orações justapostas de valor contextual adverbial

A justaposição pode, no nível do texto, apresentar as seguintes interpretações:

a) *concessivas:* tendo o verbo no subjuntivo anteposto ao sujeito ou caracterizadas por expressões do tipo *digam o que quiserem, custe o que custar, dê onde der, seja o que for, aconteça o que acontecer, venha donde vier, seja como for,* etc.:

Tivesse ele dito a verdade, ainda assim não lhe perdoaríamos.

Sairemos, *aconteça o que acontecer.*

Não é o subjuntivo que de per si denota a concessão, mas sim o contexto e a entoação descendente.

b) *condicionais*: tendo o verbo no tempo passado (mais-que-perfeito do indicativo ou imperfeito do subjuntivo) anteposto ao sujeito:

Tivesse eu dinheiro, conheceria o mundo.

Não *fora* a escuridão, veria o perigo.

"*Eu quisesse*, à força, hoje mesmo a Ritinha vinha comigo" [GR, 97].

Em tais casos, a segunda oração pode começar pela conjunção *e*:

Vencesse eu, *e não* me dariam o prêmio.

Vissem-na, *e* ninguém a reconheceria.

c) *temporais:*

Há dias não o encontro.

Chegaram àquela cidade *havia pouco.*

Não lhe escrevia *fazia meses.*

d) *finais:*

"Cala-te já, minha filha, *ninguém te oiça mais falar"* [AGa.1, II, 83].

"Mudemos, porém, de tecla, *não vá* alguém julgar-me candidato a revisor de gralhas" [CF *apud* MB.2, 321].

Composição do enunciado

O enunciado ou período pode encerrar, ao mesmo tempo, orações independentes (coordenadas e justapostas) e dependentes (subordinadas). Daremos exemplos de análise depois de serem apontadas as orações complexas e os enunciados justapostos:

a) *coordenada* e *subordinada*:

"Todos se tinham posto em pé quando el-rei erguera e esperavam ansiosos o que diria o velho" (Alexandre Herculano).

1.ª oração – *principal de 1.ª categoria:*

Todos se tinham posto em pé + subordinada temporal

2.ª oração – *subordinada adverbial temporal:*

quando el-rei se erguera,

3.ª oração – *coordenada à principal e principal de 2.ª categoria:*

e esperavam ansiosos + subordinada substantiva

4.ª oração – *subordinada substantivada (de primitiva adjetiva) objetiva direta:*

o que diria o velho.

OBSERVAÇÃO: Não é novidade o achar-se mais de uma oração principal num período. Se conceituarmos com rigor tal tipo de oração, seremos levados a esta necessidade. Com efeito, no exemplo dado, temos duas orações que apresentam um dos seus termos sob forma oracional; a subordinada *quando el-rei se erguera* denota o tempo da primeira principal, e a subordinada *o que diria o velho* funciona como objeto direto da segunda principal que, por sua vez, se acha coordenada à primeira principal. As expressões *principal de 1.ª categoria, de 2.ª categoria,* etc., já se acham nas excelentes noções elementares de análise sintática que abrem, desde 1887, a hoje tradicional *Antologia Nacional,* devidas a Fausto Barreto (o título primitivo era *Seleção Literária*, de parceria com Vicente de Sousa). Outra maneira de ver a principal, diferente desta (como, por exemplo, na excelente *Gramática* de Celso Cunha – Lindley Cintra), atenta mais para estruturação textual do que a gramatical, objeto da análise sintática.

b) *justaposição* e *subordinação:*

"Lembrai-vos", cavaleiro – disse ele – de que falais com D. João I" (Alexandre Herculano).

1.ª oração do 1.º período – *principal*:

lembrai-vos, cavaleiro + oração subordinada

2.ª oração do 1.º período – *subordinada substantiva completiva relativa:*

de que falais com D. João I.

1.ª oração do 2.º período – *justaposta de citação*:

disse ele

c) *coordenação* e *justaposição*:

"El-rei manda nos vivos e eu vou morrer! – atalhou o ancião em voz áspera, mas sumida" (Rebelo da Silva).

1.ª oração do 1.º período – *coordenada* (ou *coordenante*):

El-rei manda nos vivos

2.ª oração do 1.º período – *coordenada aditiva*:

e eu vou morrer!

1.ª oração do 2.º período – *justaposta de citação*:

atalhou o ancião em voz áspera, mas sumida.

d) *coordenação*, *justaposição* e *subordinação*:

"Agora sim, disse então aquela cotovia astuta, agora sim, irmãs, levantemos o voo e mudemos a casa, que vem quem lhe dói a fazenda" (Pe. Manuel Bernardes).

1.ª oração do 1.º período – *coordenada* (ou *coordenante*):

Agora sim, agora sim, irmãs, levantemos o voo

2.ª oração do 1.º período – *coordenada aditiva* e *principal* da 3.ª:

e mudemos a casa

3.ª oração do 1.º período – *subordinada causal* e *principal* da 4.ª:

que vem

4.ª oração do 1.º período – *subordinada substantiva subjetiva justaposta*:

quem lhe dói a fazenda.

1.ª oração do 2.º período – *justaposta de citação*:

disse então aquela cotovia astuta

OBSERVAÇÃO: Quando o período encerra mais de um tipo de oração, dá-se-lhe comumente o nome de *misto*, denominação que a *Nomenclatura Gramatical Brasileira* não agasalha. Todos os exemplos acima analisados são de períodos ou enunciados mistos.

Decorrência de subordinadas

A oração principal é aquela que tem um dos seus termos sob forma de outra oração. Ora, no período, mais de uma oração – qualquer que seja o seu valor sintático – pode acompanhar-se de oração subordinada:

Não sei se José disse que viria hoje.

A 1.ª principal pede a oração subordinada objetiva direta *se José disse*, que, por sua vez, pede a terceira *que viria hoje*. Assim sendo, a 2.ª oração se nos apresenta sob duplo aspecto sintático: subordinada em relação à 1.ª e principal em relação à 3.ª.

Não sei
se José disse
que viria hoje.

Havendo mais de uma oração principal, designá-las-emos, respectivamente, por *principal de 1.ª categoria, de 2.ª categoria, de 3.ª categoria,* etc.:

1.ª oração – *principal de 1.ª categoria:*

Não sei + subordinada

2.ª oração – *subordinada substantiva objetiva direta* (em relação à anterior) e *principal de 2.ª categoria* (em relação à seguinte):

se José disse + subordinada

3.ª oração – *subordinada substantiva objetiva direta:*

que viria hoje.

Neste ponto, precisamos assentar algumas noções importantes:

a) *no período pode haver mais de uma oração principal;*

b) *a oração ou orações principais podem ter o seu verbo no indicativo ou subjuntivo:*

Espero que vá embora (indicativo).
Espero que me *diga* se vai embora (indicativo e subjuntivo).

c) *a oração ou orações principais podem vir iniciadas por conectivos coordenativos ou transpositores:*

"Rubião passa muitas horas fora de casa, mas não o trata mal, e consente que vá acima..." [MA].

A oração coordenada aditiva *e consente* é também principal da subordinada *que vá acima*, pois esta lhe serve de objeto direto.

Concorrência de subordinadas: equipolência interoracional

Assim como uma oração pode depender de outra subordinada, assim também duas ou mais orações subordinadas podem servir à mesma principal:

Espero que estudes e que sejas feliz.

Isto é:

Espero { que estudes (*objetiva direta*)
e
que sejas feliz (*objetiva direta*) }

Como a concorrência de subordinadas só é possível se *as orações exercem a mesma função,* elas estarão coordenadas entre si, porque a *coordenação se dá com expressões do mesmo valor* e na mesma camada de estruturação gramatical.

No exemplo dado, a 3.ª oração se nos apresenta sob duplo aspecto sintático: *é coordenada* em relação à 2.ª (porque são do mesmo valor) e *subordinada* em relação à principal (*espero*), comum às duas subordinadas. Em vez desta classificação um tanto longa (*coordenada à anterior e subordinada à principal*), dizemos apenas que a 3.ª oração é *equipolente* à 2.ª oração. Infelizmente, esta denominação cômoda não encontrou agasalho na *Nomenclatura Gramatical Brasileira.*

A equipolente pode ser:

a) *substantiva:*

Espero que estudes *e que sejas feliz.*

b) *adjetiva:*

O livro que li *e que lhe devolvi* é ótimo.

c) *adverbial:*

Quando chegou *e quando me disse o ocorrido,* não acreditei.

Costuma-se, com elegância, omitir o transpositor subordinativo da oração equipolente (quando se tratar de pronome relativo, este exerce a mesma função sintática do pronome relativo anterior):

Espero que estudes *e sejas feliz.*

O livro que li *e lhe devolvi* é ótimo.

Quando chegou *e me disse o ocorrido,* não acreditei.

Venho *porque se trata de instrução e tenho embocadura para o magistério* [GrR.2, 59].

Se os pronomes relativos exercem funções diferentes, o normal é repetir cada pronome, sendo raros os exemplos como o seguinte:

"Pois vão também essas que aí deixei, e mais a figura de Tristão, *a que* cuidei dar meia dúzia de linhas e levou a maior parte delas" [MA.12, 37 *apud* MBa.2, 102. Cf. ainda ED.2, § 375 c].

Em construção do tipo "magistrado a cujo cargo estavam as obras públicas e *cuidava* do reparo dos templos da cidade de Roma" há vício de sintaxe, pois que antes de *cuidava* há de se subentender *que*, e não o anterior *a cujo*. [Cf. MBa.1, 387].

No português moderno cumpre evitar a prática de se lembrar na oração ou orações equipolentes uma unidade adverbial simples (geralmente *quando* e *como*) por meio de um simples *que:*[127]

Quando chegou e *que* me disse o ocorrido, não acreditei.

Ou se repete a unidade anterior, ou se omite: *quando* chegou e (*quando*) me disse:

Se se trata, porém, de "locução conjuntiva", é possível, na boa linguagem, repetir-se simplesmente o *que*:

Logo que chegou e me disse o ocorrido...

ou

Logo que chegou e *que* me disse o ocorrido...

Pode-se também omitir a conjunção coordenativa numa série de equipolentes:

> "Rubião passa muitas horas fora de casa, mas não o trata mal, e consente que vá acima, *que assista ao almoço ou ao jantar, que o acompanhe à sala ou ao gabinete*" [MA].

1.ª oração – *coordenada* (ou *coordenante*):

> Rubião passa muitas horas fora de casa,

2.ª oração – *coordenada adversativa:*

> mas não o trata mal,

3.ª oração – *coordenada aditiva e principal:*

> e consente + subordinada

4.ª oração – *subordinada substantiva objetiva direta:*

> que vá acima,

5.ª oração – *equipolente à 4.ª:*

> que assista ao almoço ou ao jantar,

6.ª oração – *equipolente à 5.ª:*

> que o acompanhe à sala ou ao gabinete.

Concorrência de termo + oração subordinada

Às vezes a concorrência não se dá entre duas orações da mesma função sintática, mas entre um termo da oração e outra oração:

> "conheci a violência das suas paixões e que a do ciúme devia ser terrível naquele coração" [AH.3, 119].

O verbo *conhecer* tem dois objetos diretos: o substantivo *violência* e a oração substantiva *que a do ciúme devia ser terrível naquele coração*, que se acham coordenados entre si.

No seguinte exemplo de Machado de Assis [MA.1, 242]:

> "Virgília tragou raivosa esse malogro, e disse-mo com certa cautela, não pela cousa em si, senão porque entendia com o filho"

temos dois adjuntos adverbiais de causa: a expressão *pela cousa em si* e a oração subordinada adverbial *porque entendia com o filho*, que se acham conectadas pela série *não... senão.*

3 – As chamadas Orações Reduzidas

Que é oração reduzida

Em

> *Estuda* agora, porque, quando o verão *chegar*, *entraremos* de férias.

as três orações se dizem *desenvolvidas*, porque seus verbos estão no imperativo (*estuda*), no subjuntivo (*chegar*)128 e no indicativo (*entraremos*).

Podemos, entretanto, alterar a maneira de expressar a subordinada *quando o verão chegar* sem nos utilizarmos dos três modos verbais acima apontados:

> quando o verão chegar = ao chegar o verão
>
> quando o verão chegar = chegando o verão
>
> quando o verão chegar = chegado o verão

Dizemos então que as subordinadas *ao chegar o verão, chegando o verão* e *chegado o*

verão são orações *reduzidas*, porque apresentam o seu verbo (principal ou auxiliar, este último nas locuções verbais), respectivamente, no *infinitivo, gerúndio e particípio* (reduzidas infinitivas, gerundiais e participiais).

Nota sobre o conceito de oração reduzida – Dentro e fora da gramática portuguesa tem sido muito diversificado o conceito de oração reduzida. A opinião mais generalizada, partindo da ideia de que o que caracteriza a relação predicativa é a presença de verbo na forma finita, é que a construção com verbo nas formas nominais (infinitivo, gerúndio e particípio) não constitui oração, e, neste caso, é uma subunidade da oração, um termo dela, quase sempre como um adjunto adnominal ou adverbial. Esta maneira de ver se estende até àquelas construções em que vem acompanhada a forma nominal de unidades que, se estivessem numa oração com verbo finito, funcionariam como termo argumental ou não argumental (no caso de papel de adjunto adverbial).

Outros autores, nestas últimas construções, dão estatuto de orações à parte (nem sempre usando a nomenclatura "reduzida") apenas àquelas que encerram infinitivo e gerúndio independentes, considerando as de particípio meros termos oracionais.

Em português, que possui o infinitivo flexionado, fica ainda mais difícil não aproximar *É necessário que estudes a lição* a *É necessário estudares a lição*, ainda que se trate de um idiotismo da língua.

Neste livro, optamos por dar estatuto à parte às reduzidas de qualquer forma nominal do verbo desde que apresentem autonomia sintática dentro do enunciado e possam estar estruturadas analogamente às orações com verbo de forma finita, as desenvolvidas.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Havendo locução verbal é o auxiliar que indica o tipo de reduzida. Assim são exemplos de reduzidas de gerúndio: "estando amanhecendo", "tendo de partir", "tendo partido"; são exemplos de reduzidas de infinitivo: "ter de partir", "depois de ter partido"; é exemplo de reduzida de particípio: "acabado de fazer". Se, por outro lado, o auxiliar da locução estiver na forma finita, não haverá oração reduzida: *Quanta gente havia de chorar.*

2.ª) Nem toda oração desprovida de transpositor é reduzida, uma vez que este transpositor pode estar oculto: *Espero que sejas feliz* ou *Espero sejas feliz.* Em ambos os exemplos a subordinada *que sejas feliz* ou *sejas feliz* é desenvolvida. *O que caracteriza a reduzida é a forma infinita ou nominal do verbo (principal ou auxiliar): infinitivo, gerúndio e particípio.*

3.ª) A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* desprezou a denominação *infinito* para designar as *formas nominais* do verbo, desfazendo uma incômoda sinonímia antiga entre *infinito* = *infinitivo*, que, em muitos casos, levava os leitores de gramática a confusões. *Infinita* é uma forma verbal normalmente sem flexão, enquanto *infinitivo* é uma das chamadas formas nominais do verbo; assim, se fala em emprego do *infinitivo*, e não em emprego do *infinito*.

O desdobramento das orações reduzidas

As orações reduzidas são subordinadas e quase sempre se podem desdobrar em orações desenvolvidas.129 O emprego de reduzidas por desenvolvidas e vice-versa, quando feito com arte e bom gosto, permite ao escritor variados modos de tornar o estilo conciso, não acumulado de quês e outros transpositores, enfim, elegante.130

Vejamos os seguintes exemplos:

a) Declarei *estar ocupado* = declarei *que estava ocupado.*

b) *Para estudarmos* precisamos de sossego = *para que estudemos*, precisamos de sossego.

c) *Chovendo* não sairei = *se chover*, não sairei.

d) *Acabada a festa,* retirou-se = *quando acabou a festa,* retirou-se.

Estes desdobramentos são meros artifícios de equivalências textuais, que nos ajudam a classificar as orações reduzidas, uma vez que poderemos proceder da seguinte maneira:

a) Declarei *estar ocupado* = declarei *que estava ocupado.*

que estava ocupado: *subordinada substantiva objetiva direta.*

Logo:

estar ocupado: *subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo* (ou *reduzida infinitiva*).

b) *Chovendo* não sairei = *se chover*, não sairei.

se chover: *subordinada adverbial condicional.*

Logo:

chovendo: *subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio* (ou *reduzida gerundial*).

c) *Acabada a festa,* retirou-se = *quando acabou a festa,* retirou-se.

quando acabou a festa: *subordinada adverbial temporal.*

Logo:

acabada a festa: *subordinada adverbial temporal reduzida de particípio* (ou *reduzida participal*).

Orações substantivas reduzidas

Normalmente as orações substantivas reduzidas têm o verbo, principal ou auxiliar, no infinitivo:

a) *subjetiva:*

"Agora mesmo, custava-me *responder* alguma coisa, mas enfim contei-lhe o motivo da minha ausência" [MA.1, 208].

b) *objetiva direta:*

"... como se estivesse ainda no vigor da mocidade e contasse como certo *vir a gastar frutos desta planta"* [LCo *apud* FB.1, 38].

c) *objetiva indireta:*

"Tudo, pois, aconselhava o rei de Portugal *a tentar uma expedição para aquele lado*" [AH.2, 148].

d) *completiva relativa:*

"Um povo que se embevecesse na História, que cultivasse a tradição, que amasse o passado, folgaria *de relembrar esses feitos*..." [CL.1, I, 123].

e) *predicativa* (do sujeito ou do objeto):

"O primeiro ímpeto de Luísa foi *atirar-se-lhe aos braços,* mas não se atreveu" [MLe *apud* FB.1, 31].

"... o averbara *de não possuir atributos de administrador".*

"O resultado foi eu *arrumar* uns cocotes na Germana e esfaquear João Fagundes" [GrR.2, 13].

f) *apositiva:*

"Dois meios havia em seguir esta empresa: *ou atacar com a armada por mar, ou marchar o exército por terra e sitiar aquela cidade*" [AH.2, 69].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Não é raro vir precedido de preposição o infinitivo das orações reduzidas subjetivas e objetivas:

"Desaire real seria *de a deixar sem prêmio*" [AGa.3, 122, da 5.ª ed.].

"mas não era assaz difícil *de reconhecer um cadáver coberto de feridas*..." [AH.2, 72].

"Custou-lhe muito *a aceitar a casa*" [MA.1, 194].

"Mostrou-se pesarosa de não o encontrar, e prometeu *de voltar hoje às três horas*" [CBr.1, 118].

"Senhor Luís de Melo, eu tenho por princípio *de me não intrometer*..." [AGa.6, 173 *apud* MBa.3, 212, da 2ª ed.].

2.ª) Não raro também a oração substantiva reduzida de infinitivo vem precedida de artigo (mormente se a oração funciona como sujeito ou objeto direto):

"*o haver de marchar* em um país inimigo, ocupado por gente belicosa, era considerado muito grave..." [AH.2, 69].

"Daí nasce *o trabalharem* os mais notáveis escritores da Europa por vivificarem o espírito religioso" [AH.2, 145].

"Aumentando (o rei) as fortificações da ilha, tornou impossível aos portugueses *o reconquistá-la*" [AH.2, 62].

Orações adjetivas reduzidas

As orações adjetivas reduzidas têm o verbo, principal ou auxiliar, no:

a) *infinitivo:*

"O orador ílhavo não era homem *de se dar assim por derrotado*" [AGa.5, 14 *apud* ED.2, § 308].

Está marcada a festa *a realizar-se na próxima semana*.

"mas nem um momento duvidamos de que a sua convicção íntima seja a necessidade *de restituir o antigo lustre e preço à filosofia do Evangelho*" [AH.2, 145].

Observações:

1.ª) "Ligar qualificativamente a substantivos o infinitivo precedido de *a* (*v. g.*: *livros a consultar*) em vez de uma oração relativa (*v. g.*: *livros que se hão de consultar*), ou de um infinitivo precedido de *para* (*v. g.*: *roupa para consertar*), é imitação moderna da sintaxe francesa, imitação que só por descuido se encontra nos que melhor falam a língua pátria.

"Qual é a relação a deduzir destas considerações e destes fatos?" [AH.8, IV, 177]. [ED.2, § 304]. [Cf. MBa.1, 490, 515].

2.ª) Condenam também algumas autoridades o emprego do infinitivo precedido da preposição *a* depois de adjetivos como *único, último, derradeiro,* além dos ordinais (*primeiro,* etc.). Para tais mestres o melhor é o emprego da preposição *em*, nesses casos, ou de uma oração iniciada por pronome relativo: *o primeiro em fazer* ou *o primeiro que fez*, e não *o primeiro a fazer.* Epifânio Dias, excelente conhecedor do português e francês, aceita a expressão condenada [Cf. ED.2, § 299], no que concordamos com ele.

b) *gerúndio, indicando de um substantivo ou pronome:*

1) uma atividade passageira:

"cujos brados selvagens de guerra começavam a soar ao longe como um trovão *ribombando no vale*" [AH.3, 218, ed. de 1878].

"Realmente, não sei como lhes diga que não me senti mal, ao pé da moça, *trajando* garridamente um vestido fino..." [MA.1, 260].

Em todos estes exemplos o gerúndio figura com a ideia de tempo transitório muito acentuada, servindo de atribuir um modo de ser, uma qualidade, uma atividade a um nome ou pronome, mas apenas dentro de certo período e em determinada situação. Assim, *água fervendo* é água *que naquele momento fervia* ou *fervia dentro de certo espaço de tempo.* Vale o gerúndio, nestas circunstâncias, por uma expressão formada de preposição *a* + *infinitivo: água a ferver*:

"Também algumas vezes foram dar com ela *a abraçar* a cadelinha" [MLe *apud* JR.5, 32].

2) uma atividade permanente, qualidade essencial, inerente aos seres, própria das coisas:

"O livro V, *compreendendo* as leis penais, aquele que, após os progressos efetuados na legislação e na humanidade, mais carecia de pronta reformação" [LCo.1, I, 288].

"Decreto de 14 de fevereiro de 1786, *proibindo* a entrada das meias de seda que não fossem pretas, e decreto de 2 de

agosto de 1786, *suscitando* a observância e *ampliando* o cap. II...” [LCo.1, I, 298].

“Algumas comédias havia com este nome *contendo* argumentos mais sólidos” [FF *apud* SA.2, 249].

Estes e muitíssimos outros exemplos atestam que tal emprego do gerúndio131 ocorre vitorioso na língua culta portuguesa, desde longos anos, dando-nos a impressão de se tratar de uma evolução normal, comum a mais de uma língua românica, e não de uma simples influência francesa. Entretanto, notáveis mestres condenam este uso como galicismo: Epifânio Dias, Júlio Moreira, Leite de Vasconcelos, Mário Barreto, entre outros. Defendem-no Otoniel Mota, Said Ali, Eduardo Carlos Pereira, Cláudio Brandão, entre outros.

Para os que têm a expressão como francesa, deve-se substituir o gerúndio por uma oração adjetiva iniciada por pronome relativo, ou por uma preposição conveniente:

Livro *contendo* gravuras

passaria a

Livro *que contém* gravuras

ou

Livro *com* (ou *de*) gravuras.

Aceitar o gerúndio como construção vernácula não implica adotá-lo a todo momento, acumulando-o numa série de mau gosto. Em muitos casos, como bem pondera Rodrigues Lapa [RLp.1, 227], “não há dúvida que o uso do gerúndio é preferível à oração relativa, sobretudo quando não temos o recurso acertado, expressivo das preposições. Não abusemos dele, mas não hesitemos em empregá-lo, sempre que o reconheçamos superior a outros modos de escrever”.

c) *particípio:*

“Os anais ensanguentados da humanidade estão cheios de facínoras, *empuxados* (= que foram empuxados) ao crime pela ingratidão injuriosa de mulheres muito amadas, e perversíssimas” [CBr.1, 120].

Orações adverbiais reduzidas

Têm o verbo, principal ou auxiliar, no:

A) *infinitivo:* caso em que, normalmente, se emprega o verbo regido de preposição adequada. Para o desdobramento da reduzida em desenvolvida basta substituir a preposição ou locução prepositiva por uma conjunção ou locução conjuntiva do mesmo valor e pôr o verbo na forma finita. É de toda conveniência conhecermos as principais preposições que correspondem a “conjunções” subordinativas adverbiais, porque isso melhor nos adestra na plástica da sintaxe portuguesa:

1) para as *causais* temos:

a) *com*:

“Porém, deixando o coração cativo,/ *com fazer-te* a meus rogos sempre humano,/ fugiste-me traidor...” [RD.1, c. VI].

Com fazer-te = porque te fizeste sempre humano.

b) *em*:

“Em verdade, bem louco deve ser este homem *em estar a plantar* agora esta nogueira, como se estivesse ainda no vigor da mocidade” [LCo *apud* JR.5, 38].

em estar a plantar = porque está a plantar;

c) *por*:

"... é tão desairoso falar um homem a sua língua mal, sob o pretexto de que ela é difícil, como tirar as botas num salão *por lhe doerem os calos*" [SR.1].

d) *visto*:

Visto sair de manhã bem cedo, não é muito conhecido pelos vizinhos.132

e) locuções prepositivas: *à força de, em virtude de, em vista de, por causa de, por motivo de, devido a,* etc.:

"*À força de se tornar trivial,* esta verdade eterna, que resume todo o espírito do cristianismo, deixou de ser para muitos" [AH.2, 159].

2) para as *concessivas:*

a) *com*:

Com fazer todas as obrigações corretamente, não conseguiu livrar-se da falência.

com fazer = embora fizesse;

b) *sem*, negando a causa e a consequência, pode exprimir a *concessão*:

"Este era funestamente o sistema colonial adotado pelas nações que copiavam *sem o entender* nem fecundar, como os romanos, o governo discricionário das províncias avassaladoras" [LCo *apud* FB.1, 215].

c) *malgrado*:

Estudou *malgrado ter perdido o caderno*.

d) *não obstante*:

Saíram *não obstante terem ouvido os conselhos do pai.*

e) locuções prepositivas: *apesar de, sem embargo de*:

"*Apesar, porém, da casa ser tida* como imagem dos perigos e privações da guerra, *e do duque haver adquirido* com ela grande disposição e robustez, observou-se depois que as armas o atraíam pouco" [RS.2, IV, 96].

3) para as *condicionais (e hipotéticas):*

a) *a*:

"... houve quem visse, ou fingisse ver, um notável reflexo que *a ser verdadeiro* devia nascer das muitas luzes que provavelmente estariam acesas" [AH.2, 83].133

No seguinte trecho vale por uma comparativa hipotética do tipo de *como se* ou modal:

"... depois veio a mim, que estava sentado, deu-me pancadinhas na testa, com um só dedo, *a repetir*: – Isto, isto – e eu não tive remédio senão rir também, e tudo acabou em galhofa" [MA.1, 209].134

OBSERVAÇÃO: *como* a + infinitivo

b) *sem*:

Não sairá *sem apresentar os exercícios.*

4) para a *consecutiva: de*:

É feio *de meter medo*.

5) para as *finais*:

a) *a*:

"Muitos personagens eminentes do Império e diversas famílias, ligadas por aproximação de afeto à família imperial, apresentaram-se *a falar ao imperador...*" [RP *apud* FB.1, 145].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) O infinitivo das orações finais pode aparecer sem preposição: "Diz-se que ele era um dos doze que foram a Inglaterra *pelejar* (= para pelejar) em desagravo das damas inglesas, fato assaz duvidoso..." [AH.2, 92].

Construções deste tipo, aproximando-se o infinitivo do verbo principal anterior (*foram pelejar*), permitiriam um início de locução verbal, onde o 1.º verbo passaria a ser sentido como auxiliar modal denotador de movimento para realizar um intento futuro. Este histórico importa para a explicação do emprego antigo da preposição *a*, suplantado depois, entre brasileiros principalmente, pela preposição *em*, no termo adverbial de lugar. Em *O rio Amazonas vai desaguar ao Atlântico,* temos ainda vestígio da fase em que o sentimento linguístico levava em consideração o verbo de movimento, *vai desaguar* (= para desaguar). Perdida esta noção de movimento, *vai ao Atlântico desaguar* passou a ser interpretado como um todo, prevalecendo a regência que competia ao verbo *desaguar*: *vai desaguar no Atlântico*.

Ambas as construções são corretas, tendo sido esta última, sem razão, recriminada por certos gramáticos:

"*Veio embarcar-se* (D. João) *a Aldeia Galega,* aonde o guardavam muitos fidalgos e eclesiásticos" [RS.2, IV, 171];

"Do outro lado da povoação corre o pequeno rio... que *vem desaguar no Lucus*" [AH.2, 70];

"... enquanto a frota *se ia colocar na boca do rio* a que deu nome aquela povoação" [AH.2. 70].

2.ª) Sobre a construção *questão a resolver*.

b) *de*:

Dava aos pobres algo *de comer pela manhã*.

OBSERVAÇÃO: Estas expressões alternam com as de preposição *a*: Dava aos pobres algo *a comer pela manhã*. Entretanto, parece entrever aqui uma imitação do francês: "A preposição *à* entre *donner* e infinitivo equivale a *de: donner à boire et à manger, dar de comer e beber; donner à diner à quelqu'um, dar de jantar; elle lui donna à souper, deu-lhe de cear.* Nessas construções *dar de comer, dar de almoçar, dar de mamar, pedir de beber, pedir de almoçar, ganhar de comer,* o complemento formado por *de* e um infinitivo é, na sua origem, de caráter adjetivo. *Dê-me algo, alguma coisa, qualquer coisa de comer,* é como se disséramos *algo comível* ou *comestível.* Omitido o substantivo, significa por si só as coisas sobre que se exerce a ação do infinitivo: *dê-me de comer* = dê-me coisa que comer" [MBa.3, 129]. Apesar do voto do ilustre mestre, julgamos ser irreprovável a linguagem *dar a comer*. Epifânio Dias [ED.2, § 293, a, 1] não vê galicismo na construção: *dar a alguém algo a beber.*135

c) *para*:

"Tudo isto diz o quadro a quem tiver olhos *para ver*, coração *para sentir,* entendimento *para perceber*" [AH.2, 165].

d) *por*, hoje mais rara, fixada em *por assim dizer* e semelhantes:

"Recomendava el-rei D. Manuel, por suas cartas, a Afonso de Albuquerque que trabalhasse *por haver às mãos* a cidade de Adém" [AH.2, 105].

e) *em*:

"e por isso posto que a Inglaterra não precisasse dela, para este fim, *trabalhou em possuí-la* para que os holandeses não se aproveitassem das vantagens que a sua situação oferecia" [AH.2, 102-3].

"Dois meios havia *em seguir esta empresa*" [AH.2, 69].

f) locuções prepositivas: *a fim de, com o fim de,* etc.:

"Da sua parte, os alunos não devem dar de mão à gramática elementar *a fim de se* exercitarem nos verbos e adquirirem outras noções básicas e, como tais, indispensáveis..." [SR.1].

6) para iniciar orações *locativas* reduzidas (correspondem a orações justapostas): *em*:

"Filha, *no muito possuir* não é ainda posta a felicidade, mas sim *no esperar e amar muito*" [AC *apud* JR.5, I, 37].136

7) para as ideias de *meio* e *instrumento*:

a) *com*:

"... até o (D. Afonso) induzirem a mandá-lo (D. Pedro) sair da corte, ao que D. Pedro atalhou *com retirar-se* antes que lho ordenassem" [AH.2, 91].

b) *de*:

"Eu não sou, minha Nise, pegureiro,
Que viva *de guardar alheio gado*" [TG.1, 15].

8) para as *temporais*:

a) tempo anterior: *antes de*:

"E, se ambos, morrermos *antes de estarem em idade* que se possam por si manter, terão por pai aquele que mora nos céus" [AC *apud* JR.5, 35].

b) tempo concomitante: *a* (neste caso o infinitivo pode vir ou não precedido de artigo):

"Tais eram as minhas reflexões *ao afastar-me* do pobre..." [AH.2, 190].

"E o moço, *a falar* de sua mãe, chorava..." [CBr.6, 59].

c) tempo posterior: *depois de, após*:

"A borboleta, *depois de esvoaçar* muito em torno de mim, pousou-me na testa" [MA.1, 99].137

d) tempo futuro próximo: *perto de, prestes a*:

"... e só abandona (o comandante) o posto quando voa em socorro da Parnaíba ou do Belmonte, *prestes a soçobar*" [Ouro Preto *apud* FB.l, 84].

e) duração de prazo: *até*:

"... o Sália... arrancava os penedos, aluía as raízes das árvores seculares, carreava as terras e rebramia com som medonho, *até chegar às planícies*..." [AH.1, 236].

OBSERVAÇÃO FINAL: É importante não confundirmos (e às vezes se não podem traçar limites rigorosos neste assunto (por serem razões extraídas dos elementos fornecidos pelo texto e não pela gramática) em certas expressões, o conjunto preposicional com um substantivo seguido de seu complemento nominal reduzido de infinitivo. Como bem ensina José Oiticica, "em certas locuções como *por causa de, por motivo de, em virtude de, em vista de,* etc., a oração de infinitivo não deve ser tida por *complementar*. *Exemplo:* "Em vista de lhe haverem furtado a chave, não pôde abrir o depósito". Esta oração de infinitivo seria *complementar* se o substantivo *vista* conservasse seu valor semântico; porém, na locução, desapareceu tal valor, e vigora num todo meramente prepositivo".138 E mais adiante continua: "Com locuções: *no intuito de, no propósito de, com intenção de,* etc., as orações são *complementares*, porque os substantivos mantêm seu valor (semântico) normal". Destarte, é de valor adjetiva completiva nominal reduzida grifada do seguinte período:

"Mandou então el-rei por seus arautos apregoar à roda do arraial de D. Pedro que, sob pena *de serem havidos em conta de traidores*, todos os que seguiam o Duque de Coimbra o abandonassem" [AH.2, 96}.

B) *gerúndio* e aí equivalente a:

1) uma oração *causal*:

"Vendo este os seus maltratados, mandou disparar algumas bombardas contra os espingardeiros" [AH.2, 97].

vendo = porque visse;

2) uma oração *consecutiva*:

"Isto acendeu por tal modo os ânimos dos soldados, que sem mandado, nem ordem de peleja, deram no arraial do infante, *rompendo-o por muitas partes*" [AH.2, 97].

rompendo-o = e como consequência o romperam;

3) uma oração *concessiva*:

Tendo mais do que imaginavam não socorreu os irmãos.

tendo = embora tivesse;

4) uma oração *condicional*:

Tendo livres as mãos, poderia fugir do cativeiro.

tendo *livre as mãos = tivesse livres as mãos.*

5) uma oração que denota *modo, meio, instrumento*:

"Um homem agigantado e de fera catadura saiu da choupana *murmurando sons* mal-articulados" [AH.1 *apud* ED.2, § 316, b, 1].

"E não os (destinos) podia realizar senão *ceifando cidades em lugar de farragiais, e enfeixando com mão robusta povos*" [AC.1 *apud* ED.2, 2].

6) uma oração *temporal:*

"El-rei, quando o mancebo o cumprimentou pela última vez, sorriu-se e disse *voltando-se:* Por que virá o conde quase de luto à festa?" [RS *apud* FB.5, 205].

voltando-se = enquanto se voltava;

No seguinte exemplo se acha reforçado por um advérbio de tempo:

"*Desviando* depois a mão que o suspendia baixou mais dois degraus" [RS *apud* FB.5, 209].

desviando = depois que desviou, no momento em que desviou.

Observação: O gerúndio pode aparecer precedido de preposição *em* quando indica tempo, condição ou hipótese. Neste caso, o português moderno exige que o verbo da oração principal denote acontecimento futuro ou ação que costuma acontecer:

"Ninguém, desde que entrou, *em lhe chegando* o turno, se conseguirá evadir à saída" [RB *apud* FB.1, 126].

Aqui o gerúndio indica tempo, e o verbo da principal exprime ação futura (*conseguirá*).

"Em Vieira morava o gênio: em Bernardes o amor, que, *em sendo verdadeiro,* é também gênio" [AC *apud* FB.1, 186].

Nesta passagem, o gerúndio exprime condição ou hipótese, e o verbo da oração *que é também gênio* (subordinante da condicional) denota um acontecimento que costuma ocorrer.

C) *particípio* e aí equivale a:

1) uma oração *causal*:

"*Irado* o infante com as injúrias que lhe tinham dito, mandou enforcar uns e degolar outros..." [AH.2, 96].

2) uma oração *condicional*:

Entramos em uma batalha, onde, *vencidos* os inimigos, honraremos nosso país.

vencidos = se forem vencidos.

3) uma oração *temporal*:

"E neste sentido, *mudados* os nomes, fez uma comunicação à sociedade cientista dos avicultores da imperial cidade da Mogúncia" [JR.2, 42].

Observações:

1.ª) Nestes empregos do particípio, observam-se as regras de concordância, estudadas no capítulo da Concordância, entre o verbo e o seu sujeito.

2.ª) Alguns particípios passaram a ter emprego equivalente a preposições e advérbios: *exceto, salvo, mediante, não obstante, tirante,* etc., e, como tais, normalmente devem aparecer invariáveis. Entretanto, não se perdeu totalmente a consciência de seu antigo valor, e muitos escritores de nota procedem à concordância necessária:

"Os tribunais, *salvas* exceções honrosas, reproduziam, povoados de criaturas do valido, todos os defeitos do sistema" [RS.2, IV, 67].

"A razão desta diferença é que a mulher (*salva* a hipótese do capítulo CI e outras) entrega-se por amor..." [MA.1, 327}.

Utilizar estas maneiras de dizer, devidas ao "amor excessivo da exatidão" é, como bem pondera Epifânio, expressar-se na verdade com correção gramatical, mas de modo desusado [ED.2, § 220, a].

3.ª) Elegantemente podemos empregar, para a ideia de tempo, o particípio seguido de *que* e duma forma adequada do verbo

ser:

Acabado que foi o prazo destinado à revisão, os candidatos continuaram insatisfeitos.

Há discordância entre os autores quanto à natureza deste *que* posposto ao particípio. Para Maximino Maciel (*Gramática Descritiva,* 368), é conjunção, segundo este trecho: "Também *elegantemente* se conjuncionalizam as reduzidas de particípio passado, interpondo entre o particípio e o substantivo sujeito a conjunção *que* a uma forma do verbo *ser*, adaptável ao tempo, exemplo: 'A ideia republicana e democrática se acabaria em toda a Europa, eclipsado *que* fosse o esplêndido luzeiro que até então lhe serviu de fanal'" (Latino Coelho, *República e Monarquia*).

Para Epifânio, o *que* é pronome relativo, e julgamos que com ele está a razão (cf. *Sintaxe Histórica Portuguesa,* § 91,c): "Na qualidade de nome predicativo ou aposto, pode (o pronome relativo) referir-se a adjetivos (ou particípios), servindo de realçar a qualidade ou estado: *acabada que esteja a obra*" (Cf. ainda a *Gramática Francesa,* § 282, 2, Obs. 1.ª).139

Orações reduzidas fixas

A nossa língua possui certo número de orações reduzidas que normalmente não aparecem sob forma desenvolvida. Neste grupo se acham:

a) as orações subjetivas que se seguem a certos verbos, como *caber, valer, impedir,* em construções do tipo de:

Coube-nos *ornamentar o salão* (e não: *que ornamentássemos*).

Valeu-nos *estarem perto alguns amigos* (e não: *que estivessem perto*).

Impediu-nos a viagem *ter vindo ordem* de voltarmos (e não: *que veio*).140

b) as orações objetivas diretas que se seguem a verbos como *agradecer, perdoar* e o impessoal *haver* na expressão *não há valer-lhe* (e equivalentes) em construções do tipo:

"Perdoou-lhes o *haverem-nos ofendido*" [ED.1, § 226, b].

"E lá se vão: não há mais *contê-los ou alcançá-los*" [EC, 128].

c) as de sentido aditivo enfático do tipo (verbo no infinitivo):

"Além de que a fumarada do charuto, *sobre ser purificante e antipútrida,* dava aos alvéolos solidez, e consistência aos dentes" [CBr.1, 108].

d) as que denotam pensamentos para cuja expressão não existem conjunções subordinativas, como as que indicam:

1) *exclusão* (verbo no infinitivo):

"*Em vez* (diziam) *dos nossos navios carregarem as mercadorias daqueles portos para o de Lisboa...* são embarcações estranhas as que hoje demandam as ilhas..." [RS.2, IV, 533].

Longe de desanimar com os obstáculos, reanima-se para vencê-los.

2) *exceção* (verbo no infinitivo):

"A filha estava com quatorze anos; mas era muito fraquinha, e não fazia nada, *a não ser* namorar os capadócios..." [MA.1, 201].

3) *meio* ou *instrumento* (verbo no infinitivo ou gerúndio) e *modo* (verbo no gerúndio, embora aqui haja conjunção correspondente):

"Salvou-o o senado, *segurando-lhe a pessoa* até poder sair a bordo de uma nau holandesa a 21 de maio" [RS.2, IV, 244].

Desmoralizou-o *com desmenti-lo em público*.

"Procurou este logo estorvar-lhe (a missão) por todos os ombros, *prendendo-o* ou *matando-o*." [RS.2, 244].

Enfrenta a vida *sorrindo dos perigos*.141

Quando o infinitivo não constitui oração reduzida

A presença do infinitivo não caracteriza oração reduzida nos seguintes principais casos, podendo, contudo, constituir, em alguns exemplos, oração (não reduzida):

a) quando, sem referência a nenhum sujeito, denota a ação de modo vago, à maneira de um substantivo:

Recordar é viver.

b) quando faz parte de uma oração verbal:

Tinham de chegar cedo ao trabalho.

c) quando, precedido de preposição e em referência a substantivo, o infinitivo tem sentido qualificativo, o que ocorre:

1) quando exprime a destinação:

sala de jantar, ferro de engomar, tábua de passar, criado de servir.

2) quando equivale a um adjetivo terminado em *-vel*:

É *de esperar* que todos se saiam bem (esperável).

Pareciam menos *de louvar* (louvável).

Foi caso muito *de recear* (receável).

d) quando, precedido de preposição e depois de certos adjetivos (*difícil, fácil, duro, bom,* etc.), o infinitivo tem sentido limitativo (com certa interpretação passiva ou ativa):

Osso duro *de roer* (*de ser roído* ou *de alguém roer*).

Poesia fácil *de decorar* (*de ser decorada* ou *de alguém decorar*).

e) quando, equivalente a imperativo, exprime o infinitivo ordem, recomendação:

"Todos se chegavam para a ferir, sem que a D. Álvaro se ouvissem outras palavras senão estas: *Fartar*, rapazes!" [AH.2, 98].

f) quando, nas exclamações, o infinitivo exprime estranheza pela realização de um acontecimento:

"*Pôr-me* a mim lá fora?! – bradou Teodora" [CBr.1, 175].

"Tu, Hermengarda, *recordas-te?!*" [AH.1, 47].

g) quando entra em orações interrogativas (diretas ou indiretas):

*Que fazer?*142

Não sei *que fazer.*

Nada tinha *que dizer*.

h) quando se trata de um infinitivo de narração, isto é, aquele que, numa narração animada, considera a ação como já passada, e não no seu desenvolvimento.143

"E os médicos *a insistirem que saísse* de Lisboa [Júlio Dinis]

"Ela *a voltar as costas*, e o *reitor a pôr* o chapéu na cabeça" [*id.*]

"E ele *a rir-se*, ele a *regalar-se*" [EQ]

"O senhor *a dizer-lhe* uma palavra, e eu *a provar-lhe* que..." [ED.2, §309,3].

NOTA: Não estão acordes os autores quanto à origem do infinitivo de narração: a hipótese mais cômoda, mas nem por isso

mais convincente, é a da elipse. Assim pensavam Quintiliano, para o latim, e Burguy, Littré, Kastner, Plattner, Lubker, entre outros para o francês. É a opinião que expende M. Barreto para o português: "Na frase: – *Eu falo, e eles a rir* (isto é, põem-se a rir, estão a rir-se, começam a rir) – temos o que se chama *infinitivo histórico*, que assim se diz o que na proposição tem valor de voz verbal de modo finito. A proposição que tem por predicado perifrástico, um elemento do qual está subentendido" (*Últimos Estudos*, 241). Contra esta maneira de explicar estão Diez, Schulze, Darmesteter, Strohmeyer e Brøndal. A segunda hipótese é a que o deriva do infinitivo de ordem ou infinitivo imperativo (opinião de Wackernagel, para o latim e Marcou, Spitzer e Lerch, para o francês). Para Lombard (*Op. cit.* 212) o infinitivo de narração é originariamente uma oração nominal. O problema se acha exaustivamente tratado nas páginas 186-243 do citado livro do romancista sueco.

OBSERVAÇÃO: Foge a uma análise rigorosa a série de expressões do tipo *temer, não teme,* com que, na linguagem afetiva, enunciamos réplicas e objeções. Epifânio (*Sintaxe História Portuguesa*, § 309, 3, Obs.) e Bello-Cuervo (*Gramática Castelhana*, § 926 e *Notas*, p. 63) supõem que se trata de uma construção elíptica, subentendendo-se, antes do infinitivo, a expressão *quanto a*, Meyer-Lübke crê que se trata de um *infinitivo de intensidade* e explica assim o nascimento do torneio de frase: "Nous devons prendre comme point de départ la question et la réponse prononcés sous l'empire de l'émotion. Ainsi, pour nous en tenir au premier exemple, on raconte quelque chose qui, de l'avis du conteur, pourrait provoquer de la crainte chez un des auditeurs ou chez tous. Un d'entre eux repousse cette pensée en demandant avec indignation: "Craindre?! Je ne crains pas". En conséquence, à l'origine il devait y avoir une pause entre l'infinitif et le verbe personnel. Plus tard, naturellement, la formule finit par devenir, comme expression de l'intensité d'une action, plus fixe et par conséquent plus générale" (*Grammaire*, III, § 135). Levando-se em conta que se devem algumas alterações de linguagem a esta atenção que o falante dá a um público, real ou imaginário, a hipótese do romanista é assaz sugestiva, apesar de Epifânio achar "improvável que o infinitivo, sendo rigorosamente interrogativo, viesse a deixar de o ser" (*ibid.*). Cremos que o problema estaria melhor resolvido se levássemos em conta os níveis da oração e do texto, conforme nos ensina Coseriu, já esboçado, aliás, na explicação de Meyer-Lübke. Em *temer, não teme* estamos diante de um enunciado que, no nível do texto (e não da oração), pressupõe uma declaração repetida em relação ao que proferiu nosso interlocutor e a que nos referimos agora mediante o *temer*, e que só no nível do texto deve encontrar cabal explicação.

O gerúndio e o particípio não constituem oração reduzida

a) quando fazem parte de uma locução verbal:

Estão saindo todos os alunos.

As lições *foram aprendidas* sem esforço.

b) quando aparecem como simples função qualificadora, à maneira dos adjetivos:

Livro *encadernado*.

Construções particulares com o infinitivo

São dignas de atenção certas construções em que o infinitivo precedido de verbos que exprimem percepção física (*ver, ouvir, olhar, sentir*) ou atuação e ordenação (*deixar, mandar, fazer*). Já tivemos oportunidade de nos referir ao caso, quando examinamos a função sintática do infinitivo e gerúndio que entram nestas construções.

Praticamente, estas construções de infinitivo se repartem em dois grupos:

a) um, em que o infinitivo tem o mesmo agente e sujeito do primeiro verbo (regente):

Preferimos *estudar* pela manhã.

b) outro, mais complexo, em que o infinitivo, depois dos verbos regentes acima aludidos, tem diferente agente:

Vejo *abrir* a porta.

Ouço *soprar* o vento.

Eu a vi *sair* de casa.

Ouvimos a sineta *chamar* os alunos.

No primeiro grupo, o infinitivo integra uma oração reduzida que exerce o papel de objeto direto do verbo regente *preferimos*, e por isso, pode ser comutado pelo pronome adverbal

átono *o*:

Preferimos *estudar* pela manhã → Nós *o* preferimos → Preferimo-*lo*.

O segundo grupo se subdivide em dois tipos: o infinitivo sozinho ou acompanhado de complementos:

1) o infinitivo integra uma oração subordinada objetiva direta:

Vejo *abrir* a porta.

Ouço *soprar* o vento.

em que *abrir a porta* e *soprar o vento* podem ser comutados pelo pronome adverbal átono *o*:

Vejo-*o*. Ouço-*o*.

Vês abrir a porta? Vejo-*o*.

Ouves sobrar o vento? Ouço-*o*.

2) o verbo regente exprime percepção física e o infinitivo exerce o papel de predicativo do objeto direto:

Eu *a* vi *sair* de casa.

Ouvimos *a sineta chamar* os alunos.

Aqui os verbos regentes que exprimem percepção física (*vi* e *ouvimos*) se acompanham do objeto direto (*a* e *a* sineta) que se acham modificados pelos infinitivos que exercem a função de seus predicativos (*sair* e *chamar*).

Por mais que equivalham no plano do conteúdo de pensamento designado, *Eu a vi sair de casa* a *Eu vi que ela saía de casa*, do ponto de vista gramatical as construções são diferentes. O pronome *a* (Eu *a* vi sair) e *ela* (Eu vi que *ela* saía de casa) são ambos *agentes* do processo *sair de casa*, mas *a* é *objeto direto* e *ela* é *sujeito*. Pela análise do conteúdo, a gramática tradicional tem atribuído a esse pronome *a* dupla função sintática: objeto direto do verbo regente (*vi*) e sujeito do infinitivo (*sair*).

Também os verbos que exprimem atuação ou ordenação (*deixar, mandar, fazer*) apresentam a mesma construção dos verbos de percepção física:

O policial fez calar o assaltante / O policial fê-lo calar.

O professor mandou o aluno saltar / O professor mandou-o saltar.

Até aqui o infinitivo não se acompanha de objeto direto próprio, mas ele pode aparecer, como ocorre em:

O professor mandou o aluno fazer o exercício,

quando os complementos do verbo regente *mandou* (*o aluno*) e do infinitivo *fazer* (*os exercícios*) podem ser teoricamente comutados pelos pronomes adverbais átonos *o*:

O professor mandou-o fazê-lo.

ou ainda:

O professor mandou-*o o* fazer,

o que daria uma contiguidade incômoda e artificial de dois *o... o*, onde a clareza do texto poderia ser prejudicada. Veja-se este exemplo de A. Herculano:

"(...) a tia Domingas ouviu-*o* chamá-*la* de novo mansamente" [AH.2, 76].

A tradição literária contornou o problema adotando duas normas seguintes:

a) Expressar o complemento do verbo regente sob forma de objeto direto se constituído por

substantivo:

O professor mandou *o aluno* fazê-lo.

b) Expressar o complemento do verbo regente sob forma de objeto indireto se constituído por pronome adverbal átono:

O professor mandou-*lhe* fazer os exercícios.

O professor mandou-*lhe* fazê-lo.

O professor *lhe* ouviu dizer que melhoraria seu comportamento.

A colega *lhe* deixou ver suas bonecas.144

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Pela possibilidade de poder o complemento do infinitivo se aproximar do verbo regente, pode ocorrer a junção do pronome adverbal átono *lhe* (ou outro indireto) com o pronome *o*, como no seguinte exemplo:

"... posto que Afonso I se houvesse apoderado de vários lugares... a desgraça de Badajoz *lhos* fizera perder..." [AH.2, 76], isto é: a desgraça *lhe* fizera perdê-los.

2.ª) É raro o emprego de *lhe* por *o* quando o verbo no infinitivo não se acompanha de objeto direto: "A vista só da vaca... nem *lhes* deixa pensar em soutos e pastios" [AC.9, 181].

A prática se estenderia a se empregar sob forma de objeto indireto o complemento do verbo regente, mesmo se constituído por substantivo:

O professor mandou *ao menino* fazer o exercício.

O professor ouviu *ao aluno* dizer que melhoraria o comportamento.

O namoro fez *ao jovem* perder a cabeça.

Por fim, cumpre assinalar que normalmente se usa *o*, e não *lhe*, quando o infinitivo é pronominal.

"o Sália... rebramia com som medonho, até chegar às planícies, onde o solo não comprimia e *o deixou espraiar-se* pelos pauis e juncais..." [AH.2, 76-77].

OBSERVAÇÃO: O infinitivo que se segue a *deixar, mandar e fazer* pode ser tomado em sentido passivo, e neste caso o agente da ação do infinitivo é regido pelas preposições *por* ou *de:*

"D. João de Castro, sem *deixar-se vencer do amor do filho,* nem *dos medos do tempo,* resolveu enviar o socorro" [FF *apud* ED.2, 289, a), Obs. 2.ª].

A omissão do pronome átono em EU OS VI AFASTAR DAQUI em vez de AFASTAR-SE DAQUI

Não é rara a omissão do pronome átono que devia acompanhar um infinitivo pronominal, quando este mesmo infinitivo tem por agente um pronome átono:

"*Deixei-o embrenhar* e transpus o rio após ele" [AH.2, 77].

"O faqui *deixou-o afastar*" [AH.2, 77].

Os seguintes exemplos mostram-nos que a presença do pronome também é correta:

"*Sentiu-o* para aqui um pouco e depois *encaminhar-se* ao longo do corredor" [AH.2, 76].

"E o eremita *viu-a*, ave pernalta e branca, *bambolear-se* em voo, ir chegando, *passar-se* para cima do leito, *aconchegar-se* ao pobre homem..." [JR.2, 227].145

A construção PEDIR PARA

Em

"Eu retive-a, *pedi-lhe* que ficasse, que esquecesse" [MA.1, 271]

o verbo *pedir* exige dois objetos: o indireto *lhe* e o direto oracional composto *que ficasse, que esquecesse*.

Normalmente, em tais casos, não se usa o objeto direto oracional sob forma reduzida. Evita-se dizer: *Pedi-lhe ficar, pedi-lhe esquecer.*

Em:

> "Dito isto, *peço licença para ir* um dia destes expor-lhe um trabalho..." [MA.1, 245]

o verbo *pedir* vem acompanhado apenas do objeto direto *licença*; a oração reduzida de infinitivo *para ir um dia destes expor-lhe um trabalho* é adverbial de fim.

Pode-se omitir o objeto direto e construir o verbo *pedir*, assim: *peço-lhe para ir um dia destes expor-lhe um trabalho*.

Como estão próximas as ideias de *pedir que algo aconteça* e *trabalhar para que algo aconteça*, passou-se a usar a preposição *para* no início da oração que seria objeto direto do verbo *pedir*, tendo-se em mira indicar a finalidade da coisa pedida:

> *Pediu para que* Pedro *saísse*

ou

> *Pediu para* Pedro *sair.*

Os gramáticos não aceitaram a operação mental e ainda hoje esta maneira condensada de dizer é repudiada, apesar da insistência com que penetra na linguagem das pessoas cultas. Para as autoridades de nossa língua, só está certo o emprego do verbo *pedir* quando se tem para objeto direto o substantivo *licença* (claro ou subentendido) e a oração de *para que* ou *para* + infinitivo é sentida como adverbial de fim, *com sujeito igual ao da oração principal*.146 Assim, em:

> O aluno pedia-lhe para sair,

o *aluno* pedia licença para ele mesmo sair.

A confusão dos dois empregos do verbo *pedir* traz ao enunciado incontestavelmente duplicidade de sentido, pois que em:

> *Ele pedia-lhe para sair*

ficamos em dúvida sobre a pessoa que sairá. Para o gramático só pode ser a que fez o pedido, e, na realidade, todos, ou quase todos, os exemplos abonados dos bons escritores têm o mesmo sujeito para a oração de *pedir* e para a oração iniciada pela preposição *para*.

A construção DIZER PARA

Semelhantemente ao que ocorre com o verbo *pedir*, a linguagem coloquial despreocupada constrói o verbo *dizer* (*falar* e sinônimos) seguido da preposição *para* junto ao que normalmente seria o seu objeto direto:

> *Disse para que ele fosse embora*

ou

> *Disse para ele ir embora.*

São expressões condenadas que os gramáticos recomendam se evitem no falar correto.

A construção PARA EU FAZER

Em

> O exercício é para eu fazer

a preposição *para* rege o verbo *fazer*, cujo sujeito é o pronome pessoal *eu*. Evite-se a construção errônea *o exercício é para mim fazer*, devida ao fato de se supor que a preposição se prende ao pronome, como: *este presente é para mim.*

Diz-se corretamente *o presente é para mim*, porque a preposição sempre rege pronome oblíquo tônico.

Distinga-se claramente este uso errôneo do correto, em que há antecipação do objeto indireto livre de opinião; o ritmo oracional marca a diferença:

> Para mim (pausa) fazer isso é sempre agradável.

A posição do sujeito nas orações reduzidas

No português contemporâneo, o sujeito das orações reduzidas de gerúndio e particípio vem normalmente depois do verbo (nas locuções verbais pode aparecer depois do auxiliar):

> "A guerra diplomática andava acesa em Roma, *lidando o enviado português* por contrariar com energia os meneios e dilações do Cardeal Torregiani" [LCo.1, I, 44].
>
> *Não me havendo chegado notícia das viagens de Gulliver*, penso que a minha gente liliputiana teve origem nas baratas e nas aranhas [GrR.1, 94].
>
> *Findo o susto*, considerava-me isolado, continuava nas infrações sem nenhuma vergonha [GrR.1, 180].
>
> *Acabada a festa*, foram ao cinema.

Estariam erradas as construções se colocássemos o sujeito antes do verbo: *o enviado português lidando, o susto findo, a festa acabada*.

Nas reduzidas de gerúndio é preciso distinguir cuidadosamente essas linguagens imperfeitas daquelas que, por falta de pontuação adequada, nos fazem supor que se trata de anteposições do sujeito. Nos seguintes exemplos só houve falta da vírgula para separar a principal da subordinada:

> "*O cristianismo elevando o culto* da mulher inspirou a cavalaria e a poesia cavaleiresca, nobilitando pelo amor e pelo sacrifício o sexo que era também o de Maria Santíssima" [JR.2, 51].
>
> "Então *Gonçalo Mendes fazendo* recuar o capuz que cobria a cabeça do suposto mensageiro olhou para ele alguns instantes" [AH.3, 116].147

Entre as reduzidas de gerúndio, fazem exceção ao princípio exposto aquelas que, precedidas da preposição *em*, denotam circunstâncias de tempo, hipótese ou condição, quando o sujeito pode vir antes ou depois desta forma verbal:

> "Ninguém, desde que entrou, *em lhe chegando o turno*, se conseguirá evadir à saída" [RB *apud* FB.1, 126].
>
> "A semelhança entre as filhas de Felipe da Gama reduzia-se a isto: mas era tão grande, que *em as duas conversando* a fala confundia-se, e o ouvinte mais não era capaz de distinguir" [RS.3, 2, 122 *apud* ED.2, §316,b,2,obs].

No tocante às reduzidas de particípio, podem ter o sujeito anteposto ou posposto ao verbo, quando constituído pelos pronomes *isto, isso, aquilo* e *o que*:

> *Isto posto*, resolvemos voltar

ou

> *Posto isto*, resolvemos voltar.

A construção É DA GENTE RIR

A antecipação do sujeito ao verbo, nas orações reduzidas de infinitivo preposicionado, possibilita a combinação da preposição com o sujeito ou um adjunto do sujeito:

> Já era tempo *de* saírem *os alunos* de férias.

pode passar facilmente a *Já era tempo* ***de os alunos*** *saírem de férias* e daí à combinação *Já era tempo* ***dos alunos*** *saírem de férias.*

A preposição pode-se combinar com o núcleo do sujeito. Assim, diremos:

É tempo DE ELE sair

ou

É tempo DELE sair.

Alguns gramáticos não aceitam a combinação apontada sob o pretexto de que o sujeito "não pode vir regido de preposição"; *não se trata aqui, entretanto, de regência preposicional de sujeito, mas do contato de duas palavras que, por hábito e por eufonia, costumam ser incorporadas na pronúncia.* Se tais combinações parecem contrariar a lógica da gramática, cumpre observar que não repugnam a tradição do idioma com o testemunho de seus melhores escritores, antigos e modernos. O que a lição dos fatos nos permite ensinar é que ambas as construções são corretas, segundo nos atestam as seguintes passagens que não se podem dar como errôneas ou descuidos de revisão.148 Trata-se de um problema de estilística fônica, pelo qual a não combinação encarece o papel do sujeito do infinitivo. Do ponto de vista meramente gramatical são válidas ambas construções:

"só voltou *depois do infante estar* proclamado regedor" [AH.2*,* 44].

"Os que no serviço militar perdiam o cavalo tiravam o valor deste dos despojos *antes destes* (*d'estes*, no original) se repartirem" [AH.2].

"*Apesar da sua ação ser...* superior à autoridade dos bispos..." [AH.2].

"... a unidade que resulta da síntese do ideal, *antes deste ser* revelado pela expressão material" [AH.2, 162].

"sabia-o, senhor, *antes do caso suceder*" [AH.4, I, 267].149

"... mesmo *depois dos descobrimentos dos portugueses haverem* transformado as condições do comércio geral do mundo" [RS.2*,* IV, 16].

"*Apesar*, porém, da *caça ser tida* como imagem dos perigos e privações da guerra..." [RS.2, 96].

"Notou, igualmente, a vantagem dos *confederados repartirem* de antemão os postos entre si..." [RS.2, 139].

"... e *a despeito do dia estar* chuvoso" [RS.2, 171-2].

"Nos dias pequenos o sino de recolher soava muito antes *dos mercadores terem* acabado a ceia nas hospedarias..." [RS.2, 527]

"*Depois do Garrett escrever* erradamente no seu *Camões...*" [AC, "Anotações à 6.ª edição do Dicionário de Morais", in *Arquivos Literários* de Delfim Guimarães, V *apud* P. A. Pinto, revista *Colaboração,* nº 5, p. 20].

"... se, por exemplo me concederem um monopólio do plantar couves, *apesar das couves serem* uma das muitas espécies de legumes" [RB *apud* P. A. Pinto, *ibid*.].

"Pelo fato *do verbo* restituir, numa de suas acepções, e entregar, em certos casos, *terem*, como diz o Dr. Rui, o mesmo sentido..." [CR.2 *apud* P. A. Pinto].

"... no caso do *infinitivo trazer compl. direto*" [ED.2, 226).150

Terminamos esta pequena lista com um fato que não deixa dúvidas de que os exemplos aduzidos não se explicam por descuidos. Na página 87 do vol. IV da sua excelentemente escrita *História de Portugal*, contrariando a sintaxe que lhe vem natural e frequente, Rebelo da Silva não faz a combinação:

"Nem o rei, nem o ministro apreciaram o perigo, senão *depois de ele declarado e irremediável*".

Mas, para surpresa de muitos gramáticos, no final do volume, na página destinada a erratas, declara textualmente:

"Onde se lê: *depois de ele* leia-se *depois dele* (*d'elle* no original). 151

Tem-se estendido o exagero da condenação aos casos em que a preposição precede um advérbio, quando, na realidade, o que decide a existência ou não existência da combinação é a menor ou a maior pausa no proferir as duas palavras, ou ainda a eufonia e, como vimos, o realce. No seguinte exemplo de Alexandre Herculano, a pausa maior entre a preposição e o advérbio evita a combinação:

"A afirmativa *de ali* se ajuntarem e agasalharem 20.000 pessoas é naturalmente impossível" [AH.2, 44].

É forçoso reconhecer que a facilidade da combinação da preposição *de* não se estendeu, com a mesma frequência, a outras preposições, nas circunstâncias aqui estudadas. Dá prova disto o seguinte trecho de Rebelo da Silva, tão afeito às construções combinadas:

"*No caso do reino se constituir* em república, que partido seguiria D. João, o do país, ou o dos castelhanos?" "Em qualquer acontecimento, redarguiu o duque, hei de acostar-me ao que seguir o comum do reino". "Então, continuou o secretário, está dada a resposta. Mais vale arriscar tudo para reinar, do que arriscar tudo ainda e ficar vassalo. A ocasião é chegada, e parece que Deus a trouxe. A maior dificuldade consistia *em os outros proporem* a empresa..." [RS.2, IV, 134].

Por fim, cabe-nos assinalar que, neste assunto de combinações de preposição, o português moderno desprezou certos giros que – embora também contrários à lógica da gramática – foram estimados dos antigos e ainda hoje puristas aplaudem. Interessa-nos agora aquela em que se combinava a preposição *por* (antigo *per*) com os pronomes *o, a, os, as,* em função de objeto direto:

Esforcei-me pelo convencer.

hoje desbancado por:

Esforcei-me por convencê-lo (ou *para convencê-lo*) ou *por o convencer* (mais raro entre os brasileiros).

Apesar de exemplos de autores modernos (Rui Barbosa entre eles) e do voto de Mário Barreto [MBa.1, cap. VII, 111-25], concordo com o parecer de Said Ali [SA.6, 4, 160]:

"A construção de *por* e antigo *per* com as formas pronominais *o, a, os, as,* pertence ao número das formas arcaicas, de que se encontram ainda restos, na linguagem popular de Portugal. É imprópria da linguagem culta de hoje, e se ocorre – o que é muitíssimo raro – em algum escritor moderno, deixa-nos logo a impressão de um estilo afetado. Não provam exemplos dessa espécie o uso geral, nem podem servir de norma para o falar correto".152

É elucidativo este passo de Rebelo da Silva, onde ocorrem os dois casos aqui estudados:

"... em que o tribunal proferiu a sentença, mandando entregar as fazendas a Adão Bans e sócios sob fiança *de as* restituírem *no caso dos portugueses* dentro de seis meses *pagarem a quantia*..." [RS.2, 515].

Reduzidas decorrentes e concorrentes

Como as desenvolvidas, as orações reduzidas podem ser:

a) *decorrentes:*

"O Conde de Avranches saiu a eles com quase toda a gente do arraial e *fazendo-os fugir* tomou alguns prisioneiros" [AH.2, 96].

A oração de *fazendo* é reduzida gerundial de tempo e se acompanha da oração também reduzida *fugir* (reduzida de infinitivo), modificadora do objeto direto *os*.

b) *concorrentes:*

"Irado o infante com as injúrias que lhe tinham dito, mandou *enforcar uns e degolar outros*, e o conde perseguiu o resto até Portugal" [AH.2, 96].

As orações reduzidas de infinitivo *enforcar uns* e *degolar outros* são subordinadas equipolentes; por isso se acham coordenadas entre si.

Não raro aparece, entre as orações equipolentes, uma reduzida coordenada à outra desenvolvida ou vice-versa [MBa.1, 168, nota].

> "*Para provar-lhe* que não falto à menor condição estipulada, *e para que a minha consciência fique pura de escrúpulos*, vou dar-lhe a gratificação prometida" [CBr.14, drama, ato II, cena IX].
>
> "Na província de Alentejo o recrutamento fazia-se para exclusiva defesa dela, cabendo um terço de cada comarca, *se era grande*, ou a duas unidas, *sendo pequenas*" [RS.2, 227].

4 – As Frases: Enunciados sem Núcleo Verbal

Oração e frase – Já tínhamos antecipado que a unidade sintática chamada *oração* constitui o centro da atenção da gramática por se tratar de uma unidade em que se relacionam sintaticamente seus termos constituintes e se manifestam as relações de ordem e recção que partem do núcleo verbal e das quais se ocupa a descrição gramatical.

Isto não impede a presença de enunciados destituídos desse núcleo verbal conhecidos pelo nome de *frases*:

> Bom dia!
> Saúde!
> Depressa!
> Que calor!
> Casa de ferreiro, espeto de pau.

Estas frases diferem da oração porque são proferidas, quase sempre, em situações especiais, fora as quais o enunciado não se manifesta em toda sua plenitude.

Em geral seus elementos constituintes são de natureza nominal (substantivos, adjetivos ou advérbios), e a ausência do núcleo verbal, donde dimanam as relações sintático-semânticas, impede que se identifiquem entre seus constituintes as funções que se manifestam na oração. Por outro lado, a frase aponta para asserção de uma verdade geral, já que exclui a forma verbal responsável por uma particularização da expressão [EBv.2, 181]. Entretanto, como são enunciados reais, apela-se para a interpretação mais ou menos próxima dos possíveis equivalentes expressos sob forma de oração. Assim, "entende-se" que um enunciado como *Bom dia!* equivale a *Desejo bom dia* ou *Espero que tenha bom dia!*, ou *Casa de ferreiro, espeto de pau* valeria aproximadamente a *Casa de ferreiro usa espeto de pau* ou *Quando a casa é de ferreiro, o espeto é de pau* ou, ainda, *Em casa de ferreiro não se usa espeto de ferro, mas de pau*.

A simples verificação das várias possibilidades de paráfrases mostra bem como são tênues as relações gramaticais que os termos existentes mantêm entre si dentro da frase. Por isso a descrição da frase não se fará pelos mesmos critérios empregados na oração, mas segundo sua constituição interna. Inicialmente, podemos dividir as frases em *unimembres* e *bimembres*.

Frases unimembres: interjeição – O tipo mais simples de frase é o constituído por

interjeição. Já é antiga em gramática a ideia de a interjeição não ser, a rigor, uma "palavra", mas que equivale a um enunciado independente ou a uma oração inteira:

Oh! Psiu!

Pode ainda aparecer combinada com outras unidades para constituir frases mais complexas:

Ai de mim!
Oh pátria minha!

Já vimos que outras classes de palavras e grupos nominais se podem transpor ao papel de interjeição, empregados em função apelativa, endereçada ao interlocutor, ou como manifestação da atitude do falante [AL.1, 385]:

Socorro!
Depressa!
Meu pai!
Que horror!
Viva!

Podem aparecer unidades mais longas resultantes de respostas ou comentários a diálogos reais ou imaginários com o interlocutor. São frases elípticas, quase sempre de valor nominal, resíduos de orações sintaticamente incompletas ou truncadas, que devem ser tratadas no rol dos enunciados independentes sem núcleo verbal, ao largo de qualquer restituição corretiva do ponto de vista sintático:

"— Está bem, deixe-me ficar algum tempo mais, estou na pista de
um mistério
— *Que mistério*?" [MA.1, 28].
"— Raposo, vou sair; há alguma cousa?
— *Nada, Capitão Viveiros*" [LB.3, 91].
"Fez-me sentar ao pé de si, na varanda, entre muitas exclamações
de contentamento:
— *Ora, o Brasinho*! *Um homem*! Quem diria, há anos... *Um homenzarrão*! *E bonito*! *Qual*! Você não se lembra de mim... [MA.1, 94-95]
— Qual é a sua profissão?
— *Estudante*." [LB.3, 91]

Entre essas verdadeiras *pro-orações* estão as palavras *sim*, *não*, *talvez*, *tampouco* e assemelhadas (sozinhas ou combinadas) que de primitivos advérbios passam por transposição hipertáxica ao papel de frases:

— Já deste a notícia?
— *Ainda não* [LB.3, 165].

Algumas vezes nestes casos um dos interlocutores ou o autor num monólogo faz uso de uma frase exclamativa complexa que vale, unitariamente, por transposição hipotáxica, por uma interjeição:

Eugênia sentou-se a concertar uma das tranças. *Que dissimulação graciosa*! *Que arte infinita e delicada*! *Que tartufice profunda*! [MA.1, 107]

Etiquetas e rótulos – Diferente contexto linguístico ocorre com frases que entram na indicação de etiquetas, letreiros e rótulos situados em circunstâncias tais que, com ajuda de

tais entornos, são suficientes para constituir informações precisas. Deste rol fazem parte a sinalização verbal das indicações de trânsito (*Entrada*, *Saída*, *Retorno*, etc.), de estabelecimentos bancários e comerciais (*Clientes de Conta Ouro*, *Fila Única*, *Padaria*, *Carnes*, *Laticínios*, *Limpeza*, *Estacionamento*, *Entrada proibida*, *Entrada só permitida a funcionários*, etc.)

Frases assertivas bimembres – Embora frases assertivas bimembres possam ser facilmente parafraseadas a orações de estrutura regular e com estas, muitas vezes, se alternar no discurso, não devem ser "reconstituídas" e "emendadas" com auxílio de elipses e outros recursos, para depois serem descritas como orações. A expressividade decorre da leveza e espontaneidade com que se caracterizam.

Incluem-se, portanto, no rol de frases assertivas bimembres (dotadas também de entoação ou contorno melódico assertivos) os seguintes exemplos:

Casa de ferreiro, espeto de pau

Tal pai, tal filho

A vivacidade e leveza que tais frases emprestam ao discurso explicam o seu largo emprego nas máximas e provérbios.

5 – Concordância

Considerações gerais – Em português a *concordância* consiste em se adaptar a palavra determinante ao gênero, número e pessoa da palavra determinada.

A concordância pode ser *nominal* ou *verbal* – Diz-se *concordância nominal* a que se verifica em gênero e número entre o adjetivo e o pronome (adjetivo), o artigo, o numeral ou o particípio (palavras determinantes) e o substantivo ou pronome (palavras determinadas) a que se referem:

"O capitão rosnou *alguma* cousa, deu *dous* passos, meteu *a* mão no bolso, sacou *um* pedaço de papel, muito *amarrotado*; depois *à* luz de *uma* lanterna, leu *uma* ode *horaciana* sobre *a* liberdade *da* vida *marítima*" [MA.1, 65].

Diz-se *concordância verbal* a que se verifica em número e pessoa entre o sujeito (e às vezes o *predicativo*) e o verbo da oração:

"Os outros não sabendo o que *era*, *falavam*, *olhavam*, *gesticulavam*, ao tempo que ela *olhava* só, ora fixa, ora móvel, levando a astúcia ao ponto de olhar às vezes para dentro de si, porque *deixava cair* as pálpebras" [MA.1, 183]

"Chegando à rua, *arrependi*-me de ter saído" [MA.1]

"*Eram* 2 de novembro de 1952" [AH.2, 124].

A concordância pode ser estabelecida de *palavra* para *palavra* ou de *palavra* para *sentido*. A concordância de *palavra* para *palavra* será *total* ou *parcial* (também chamada *atrativa*), conforme se leve em conta a totalidade ou o mais próximo das palavras determinadas numa série de coordenação:

"Repeli-a, porque se me *ofereciam* vida e honra a troco de perpétua infâmia" [AH.1, 147].

O verbo *ofereciam* concorda com a totalidade do sujeito composto: *vida* e *honra*.

"porque entre ele e Suintila... *está* o céu e o inferno" [AH.1, 143].

O verbo *está* concorda, atrativamente, com o sujeito mais próximo (o céu) da série coordenada o *céu* e o *inferno*.

"... *via*-se em todas as faces *pintado* o espantoso e o terror" [AH.2, 124].

O verbo *via* e o adjetivo *pintado* concordam, por atração, com o sujeito mais próximo da série *o espantoso* e *o terror*.

"Quando a educação, os livros, e o sentir daqueles que nos odeiam *apagou* em nossa alma o selo da cruz" [AH.2, 143].

O verbo *apagou* concorda, por atração, com o sujeito mais próximo (*o sentir daqueles*) do sujeito composto, ainda que este venha anteposto ao verbo.

A concordância de *palavra* para *sentido* se diz ainda *concordância* "*ad sensum*" ou *silepse*:

"A plebe *vociferava* as mais afrontosas injúrias contra D. Leonor: e se *chegassem* a entrar no paço, ela sem dúvida seria feita pedaços pelo tropel furioso" [AH.2, 41].

O verbo *vociferava* concorda com o sujeito *plebe* que, sendo um coletivo, pôde, pelo seu conteúdo semântico de pluralidade, levar ao plural o verbo *chegassem*, mais afastado dele.

"Era gente colectícia, *muitos*, acaso, sem pátria da guerra, e por isso pouco *habituados* a resignar-se com as várias e tediosas fases de um assédio" [AH.2, 51].

O termo *gente*, de valor coletivo, é o responsável pela flexão masculina de *muitos* e *habituados*, por se levar em conta a ideia de *soldados* contida na palavra *gente*.

É preciso estar atento a que a liberdade de concordância que a língua portuguesa muitas vezes oferece deve ser cuidadosamente aproveitada para não prejudicar a clareza da mensagem e a harmonia do estilo.

Na língua oral, em que o fluxo do pensamento corre mais rápido que a formulação e estruturação da oração, é muito comum enunciar primeiro o verbo – elemento fulcral da atividade comunicativa – para depois se seguirem os outros termos oracionais. Nestas circunstâncias, o falante costuma enunciar o verbo no singular, porque ainda não pensou no sujeito a quem atribuirá a função predicativa contida no verbo; se o sujeito, neste momento, for pensado como pluralidade, os casos de discordância serão aí frequentes. O mesmo ocorre com a concordância nominal, do particípio.

A língua escrita, formalmente mais elaborada, tem meios de evitar estas discordâncias.

Concordância nominal

A – Concordância de palavra para palavra

1) *Há uma só palavra determinada.*

A palavra determinante irá para o gênero e número da palavra determinada:

"Aflige-nos a glória *alheia contestada* com a *nossa* insignificância" [MM].

"*Os bons* exemplos *dos* pais são *as melhores* lições e a *melhor* herança para *os* filhos" [MM].

"Eu amo *a* noite *solitária* e *muda*" [GD.3, I, 314].

Eu estou *quite*. Nós estamos *quites*.

OBSERVAÇÃO: Os nomes femininos como *sentinela*, *guarda*, *guia* e assemelhados, quando aplicados a pessoas do sexo masculino, mantêm o gênero feminino, e levam para este gênero os determinantes a eles referidos: *a sentinela avançada*; "Depois desta digressão que acabais de fazer pelo mundo, com tão *má guia* como eu, voltemos a ouvir de novo as vossas pedras" [Agostinho de Campos *apud* MBa.2, 212].

2) *Há mais de uma palavra determinada.*

Observar-se-ão os seguintes casos:

1.º) Se as palavras determinadas forem do mesmo gênero, a palavra determinante irá para o plural e para o gênero comum, ou poderá concordar, principalmente se vier anteposta, em gênero e número com a mais próxima:

A língua e (a) literatura *portuguesas* ou A língua e (a) literatura *portuguesa*.

"Amava no estribeiro-mor as virtudes e a lealdade nunca *desmentidas*"

[RS.1, 124].

"O tom e gesto *caricioso*, com que ela dizia isto, não moveu medianamente o esposo" [CBr.1, 158].

"*e os nossos* Basílio e Durão, bem assim o Sr. Magalhães..." [OM, 72].153

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Se as palavras determinadas se referirem a uma só pessoa ou coisa, impõe-se o singular do determinante:

seu fiel amigo e servidor

2.ª) É injusta a crítica do gramático E. Carlos Pereira [CP.1, § 427, 3, nota] aos seguintes exemplos: "... a mão esquerda, entre *cujos* índice e polegar pendia o pergaminho..." [AH.5, II, 24] e "... pelas exigências cada vez maiores destas *devoradoras* e *insaciáveis* fome e sede de leitura" [AC.1, 315].

3.ª) Precedendo um substantivo (título ou prenome), ocorre o plural: Os *irmãos* Pedro e Paulo. Os *apóstolos* Barnabé e Paulo.

4.ª) Um determinante (adjetivo) no plural pode estar aposto a um sujeito do singular que venha colocado depois, quando este sujeito é algum dos pronomes *cada um*, *cada qual*, *ninguém*, *nenhum*, referidos a pessoas ou coisas já mencionadas:

sobressaltados com esta vista, procurava *cada um* pôr-se a salvo [ED].

2.º) Se as palavras determinadas forem de gêneros diferentes, a palavra determinante irá para o plural masculino ou concordará em gênero e número com a mais próxima:

"Vinha todo coberto de negro: *negros* o elmo, a couraça e o saio"

[AH.1, 107].

"como se um grande incêndio devorasse as brenhas e os carvalhais *antigos*" [AH.1, 86].

"*Calada* a natureza, a terra e os homens" [GD.3, I, 315].

com *boa* coragem e zelo, com coragem e zelo *bom* (ou *bons*), com *bons* coragem e zelo

toda sua luta e sacrifícios.

todos seus sacrifícios e luta.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Por uma questão de agrado auditivo (eufonia), prefere-se que numa série de palavras determinadas de gêneros diferentes seguida de palavra determinante no masculino plural, venha a determinada masculina em último lugar.

2.ª) Se, neste caso, se tratar de pronome possessivo posposto, a concordância deste se fará com o último substantivo:

"Este velho desterrado por *gosto* e *eleição sua*..." [RS.1, 16].

3.ª) Quando há ideia de reciprocidade, torna-se obrigatório o emprego do plural: "Ele entrou prazenteiro... e encontrou padrinho e afilhada *empenhados* em uma discussão sobre autoridade" [LBa *apud* SS.1, § 257 obs.].

3) *Há uma só palavra determinada e mais de uma determinante.*

A palavra determinada irá para o plural ou ficará no singular, sendo, neste último caso,

facultativa a repetição do artigo. Em geral, isto ocorre com adjetivos de nacionalidade: *As literaturas* brasileira e portuguesa ou *A literatura* brasileira e portuguesa (maneira de dizer menos frequente e, com exagero de lógica gramatical, considerada errônea por muitos autores) ou *A literatura* brasileira e *a* portuguesa.

"e os *cronistas tudense e toledano* fazem a luta dos dous reis depois daquele consórcio" [AH.6, III, 86].

"Li um anúncio, convidando mestra de *línguas inglesa* e *francesa* para o colégio" [CBr.1, 128].

"O pequeno reino sucessivamente perlustrou *as costas ocidental e oriental* da África..." (C. de Laet, I, 211).

as séries quarta e quinta

a quarta e quinta série (ou *séries*)

B – Concordância de palavra para sentido

A palavra determinante pode deixar de concordar em gênero e número com a *forma* da palavra determinada para levar em consideração, apenas, o *sentido* em que esta se aplica: *o* (vinho) *champanha*, *o* (rio) *Amazonas*.

Entre os diversos casos desta concordância pelo sentido aparecem os seguintes:

1) As expressões de tratamento do tipo de V. Ex.ª, V. S.ª, etc.:

V.Ex.ª é { *atencioso* (referindo-se a homem)
atenciosa (referindo-se a mulher)

OBSERVAÇÃO: Quando se junta um adjetivo a tais formas de tratamento, tal adjetivo fica no gênero da forma de tratamento:

Sua Majestade *fidelíssima* foi contrariado pelos representantes diplomáticos.

2) A expressão *a gente* aplicada a uma ou mais pessoas com inclusão da que fala:

"Pergunta a gente a si *próprio* (refere-se a pessoa do sexo masculino) quanto levaria o solicitador ao seu cliente por ter sonhado com o seu negócio" [PC *apud* MBa.2, 413]154.

3) O termo determinado é um coletivo seguido de determinante em gênero ou número (ou ambos) diferentes:

"*Acocorada* em torno, *nus*, a negralhada *miúda*, de dois a oito anos" [HC.2, 84].

Note-se que *acocorada* e *miúda* concordam com a forma gramatical de *negralhada*, enquanto *nus* o faz levando em conta o seu sentido (= grupo de negrinhos de dois a oito anos).

4) A palavra determinada aparece no singular e mais adiante o determinante no plural em virtude de se subentender aquela no plural:

"Não compres *livro* somente pelo título: ainda que pareçam bons, são muitas vezes péssimos" [JR.1, 321].

"Mas não nos constou em que *ano* começou nem *quantos* esteve com ele" [LS *apud* JR.1]155.

C – Outros casos de concordância nominal

1) ***Um e outro, nem um nem outro*** – Com *um e outro*, põe-se no singular o determinado (substantivo), e no singular ou no plural o verbo da oração, quando estas expressões aparecem

como sujeito:

"Alceu Amoroso Lima (...) teve a boa ideia de caracterizar e diferençar o ensaio e a crônica, dizendo que *um e outro* gênero se afirmam pelo estilo".

"Parou um momento e, olhando para *um e outro lado*, endireitou a carreira..." [AH.1, 107].

"Mas *uma e outra cousa duraram* apenas rápido instante" [AH.1, 218].

Com *nem um nem outro* é de rigor o singular para o substantivo e verbo:

Nem um nem outro livro merece ser lido.

Com *um ou outro* o substantivo também fica no singular e invariavelmente no singular aparece o verbo de que a expressão serve de sujeito:

"*Um ou outro* soldado, indisciplinadamente, *revidava*, disparando à toa, a arma para os ares" [EC, 2.ª ed., 428].

Se as expressões *um e outro*, *nem um nem outro* se aplicarem a nomes de gêneros diferentes, é mais comum o emprego das formas masculinas:

"Tornou a vê-la, foi visto por ela, e acabaram namorados *um do outro*" [MA.12, 1.ª ed., 39].

"Ali teve el-rei escondido algum tempo, e lá começaram os seus amores com a rainha, que tão fatais foram para *um e outro*" [AH.2, 35].

"Repousavam bem perto *um do outro* a matéria e o espírito" [AH.1, 44].

Não raro pode aparecer a concordância com o termo referido:

"... vivia o casal venturoso de um certo Izraim persa letrado e da sua esposa Proftásia que *um e outra* cultivavam para deleite do espírito a filosofia grega" [JR.2, 15].

2) ***Mesmo, próprio, só*** – Concordam com a palavra determinada em gênero e número:

Ele *mesmo* disse a verdade. Ela *mesma* disse a verdade.

Elas *próprias* foram ao local.

Nós não estamos *sós*.

"Eles *sós* se encaminham para essa parte..." [AH.1, 153].

Em língua literária ocorre o adjetivo *só* variável onde no colóquio se prefere usar do advérbio *só*, portanto invariável:

"Com *sós* 27 anos de idade... já a palidez da morte se via lutar no seu rosto com as rosas da mocidade [AC.10].

Mesmo, além de se empregar na ideia de identidade (= em pessoa), aparece ainda como sinônimo de *próprio*, *até*:

"ao *mesmo* demônio se deve fazer justiça, quando ele a tiver" [AV *apud* ED.2, § 86, a].

Este último sentido e mais o emprego adverbial junto de *aqui*, *já*, *agora* (aqui mesmo, já mesmo, agora mesmo) facilitaram o aparecimento moderno da palavra como advérbio, modo de dizer que os puristas condenam, mas que vem ganhando a simpatia geral:

"... vaidosos de seus apelidos, mas inofensivos, e virtuosos *mesmo* por vaidade de imitarem seus avoengos" [CBr.6, 219].156

3) ***Menos* e *somenos*** – É preciso atenção para não fazer a concordância de *menos* com o substantivo seguinte:

Mais amores e *menos* confiança (e não *menas*!).

Vale a mesma observação para *somenos* (= de menor valor):

"Há neles coisas boas e coisas más ou *somenos*" [MB.2, 239].

4) ***Leso*** – É adjetivo, e não forma do verbo *lesar*, em construções de tipo: crime de lesa-pátria, crime de leso-patriotismo. Por isso há de concordar com o seu determinado em gênero e número:

"Como se a substância não fosse já um crime de *leso-gosto* e *lesa-seriedade*, ainda por cima as pernas saíam sobre as botas" [CBr.1, 83].

5) ***Anexo***, ***apenso*** e ***incluso*** – *Anexo*, *apenso* e *incluso*, como adjetivo, concordam com a palavra determinada em gênero e número:

Correm *anexos* (*inclusos, apensos*) aos processos vários documentos.

Vai *anexa* (*inclusa, apensa*) a declaração solicitada.

OBSERVAÇÃO: Usa-se invariável *em anexo*, *em apenso*: Vai *em anexo* (*em apenso*) a declaração. Vão *em anexo* (*em apenso*) as declarações.

6) ***Dado*** e ***visto*** – Usados adjetivamente, concordam em gênero e número com o substantivo determinado:

Dado (*Visto*) o problema que se nos apresentou, resolvemos desistir do contrato.

Dadas (*Vistas*) as circunstâncias, foram-se embora.

7) ***Meio*** – Com o valor de "metade", usado adjetivamente, concorda em gênero e número com o termo determinado, claro ou oculto:

"Para aquilatar a importância do tropeiro, basta lembrar que o Brasil tem cerca de oito e *meio* milhões de quilômetros quadrados de superfície..." [AAr.2, 102].

Era *meio-dia e meia* (i.é: e *meia hora*).

8) ***Pseudo*** e ***todo*** – Usados em termos compostos ficam invariáveis.

A *pseudo-sabedoria* dos tolos é bem grande.

A *fé todo-poderosa* que nos guia é nossa salvação.

9) ***Tal*** e ***qual*** – *Tal*, como todo determinante, concorda em gênero e número com o determinado:

Tal opinião é absurda.

Tais razões não me movem.

Em correlação, *tal qual* também procedem à mesma concordância:

Ele não era *tal quais* seus primos.

Os filhos são *tais qual* o pai.

Os boatos são *tais quais* as notícias.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Em lugar de *tal qual*, podem aparecer: *tal e qual*, *tal ou qual*.

2.ª) Não confundir *tal qual* flexionáveis com *tal qual*, *tal qual como* invariáveis que valem "como":

"Descerra uns sorrisos discretos, sem mostrar os dentes, *tal qual como* as inglesas de primeiro sangue" [CBr *apud* CJ.1, 32].

1 0) ***Possível*** – Com *o mais possível*, *o menos possível*, *o melhor possível*, *o pior*

possível, *quanto possível*, o adjetivo *possível* fica invariável, ainda que se afaste da palavra *mais*:

Paisagens o mais *possível* belas
Paisagens o mais belas *possível*
Paisagens quanto *possível* belas

Com o plural *os mais*, *os menos*, *os piores*, *os melhores*, o adjetivo *possível* vai ao plural:

Paisagens as mais belas *possíveis*.

Estão erradas concordâncias como:

Paisagens as mais belas ***possível.***

Fora destes giros, a concordância de *possível* se processa normalmente:

"As alturas e o abismo são as fronteiras dele: no meio estão todos os universos *possíveis*" [AH.2, 160].
Sob todos os pontos de vista *possíveis*.

11) ***A olhos vistos*** – É tradicional o emprego da expressão *a olhos vistos* no sentido de *claramente*, *visivelmente*, em referência a nomes femininos ou masculinos:

"... padecia calada e definhava *a olhos vistos*" [MA.5, 13 *apud Tradições Clássicas*, 370].

Mais rara, porém correta, é a concordância de *visto* com a pessoa ou coisa que se vê:

"As minhas forças medravam *a olhos vistas* de dia para dia"
[AC *apud* CR.1, 554].
"O barão desmedrara *a olhos visto*" [CBr *apud* PDo.2, 32].

12) ***É necessário paciência*** – Com as expressões do tipo *é necessário*, *é bom*, *é preciso*, significando 'é necessário', o adjetivo pode ficar invariável, qualquer que seja o gênero e o número do termo determinado, quando se deseja fazer uma referência de modo vago ou geral. Poder-se-á também fazer normalmente a concordância:

É *necessário* paciência.
É *necessária* muita paciência.
"O fato de ter sido *precisa* a explicação (...)" [AP.1, 424 n.º 25].
"Eram *precisos* outros três homens" [AM.1 *apud* RBa.1, 33].

É possível ainda, em tais casos, aparecer no singular o próprio verbo da oração:

"É doce ao velho
Sons d'argentina voz" [GD *apud* SS.1, 254]

Como acentua Barbadinho, a flexão de *necessária*(*s*) é mais frequente que a de *precisa.*

13) **Adjetivo composto** – Nos adjetivos compostos de dois ou mais elementos referidos a nacionalidades, a concordância em gênero e número com o determinado só ocorrerá no último adjetivo do composto:

Acordo *luso-brasileiro*
Amizade *luso-brasileira*
Lideranças *luso-brasileiras*

14) ***Alguma coisa boa*** **ou** ***alguma coisa de bom*** – Em *alguma coisa boa* o adjetivo

concorda com o termo determinado:

"Quem tivesse reparado em Fr. Vasco perceberia facilmente que na sua alma se passava também *alguma cousa extraordinária*" [AH *apud* MBa.7, 144].

Em *alguma coisa de bom*, o adjetivo não concorda com *coisa*, sendo empregado neutralmente (como *algo de novo*, *nada de extraordinário*, *nada de trágico,* etc.).

Por atração pode-se fazer a concordância do adjetivo com o termo determinado que funciona como sujeito da oração:

"Que tinha pois, Ricardina, de *sedutora*!" [CBr *apud* MBa.7, 146].

"Amor próprio do vilão; que a infâmia nada tinha de *engenhosa*" [*Id*., *ibid*.].

Se os homens não tivessem alguma coisa de *loucos* seriam incapazes de heroísmo [MM].

A vida nada tem de *trágica*.

15) ***Um pouco de luz* e *uma pouca de luz*** – Ao lado da construção normal *um pouco de luz* pode ocorrer a concordância atrativa *uma pouca de luz*, por se haverem fundido numa só expressão as duas seguintes maneiras de dizer: *pouco de luz* + *pouca luz* 157:

"e aos pés deles os fiéis que obtinham para última jazida *uma pouca de terra*..." [AH.1, 154].

16) **Concordância do pronome** – O pronome, como palavra determinante, concorda em gênero e número com a palavra determinada.

Emprega-se o pronome oblíquo *os* em referência a nomes de diferentes gêneros:

"A generosidade, o esforço e o amor ensinaste-*os* tu em toda a sua sublimidade" [AH.1, 35].

17) ***Nós* por *eu*, *vós* por *tu*** – Empregando-se *vós* em referência a uma só pessoa, põe-se no singular o adjetivo:

"Sois *injusto* comigo" [AH *apud* ED.2, §14, b].

Ao se empregar, em idênticas condições, o pronome *nós*, o adjetivo pode ficar no singular ou ir ao plural:

Antes sejamos *breve* que *prolixo*.

"Entre o desejo de alimentar a curiosidade do leitor e o receio de faltar à exação histórica, hesitávamos perplexos" [AH *apud* ED.2, §14, b].

18) **Alternância entre adjetivo e advérbio** – Há casos em que a língua permite usar ora o advérbio (invariável) ora o adjetivo (variável):

"Vamos a falar *sérios*" [CBr *apud* MBa.1, 265].

Vamos a falar *sério*.

"Os momentos custam *caros* [RS *apud* MBa.1, 265].

Os momentos custam *caro*.

A vida custa tão *cara* aos velhos quanto é *barata* para os moços [MM].

"Era esta a herança dos miseráveis, que ele sabia não escassearem na quase solitária e *meia* arruinada Carteia" [AH.1, 12].

A voz sumiu-se-lhe, *toda* trêmula [EQ.3, 647].

A distinção entre adjetivos e advérbios só se dá claramente quando a palavra determinada está no feminino ou no plural, caso em que a flexão nos leva a melhor interpretar o termo

como adjetivo. Na língua padrão atual, a tendência é para nestes casos proceder dentro da estrita regra da gramática e usar tais termos sem flexão, adverbialmente.

Entram nesta possibilidade de flexão as construções de *tanto mais*, *quanto menos*, *pouco mais*, *muito mais*, em que o primeiro elemento pode concordar ou não com o substantivo:

Com *quanto* mais *razão*, *muito* mais honra.

Com *quanta* mais *razão*, *muita* mais honra.

Poucas mais *palavras* trocamos [CBr *apud* MBa.4, 21].

Notemos, por fim, que *alerta* é rigorosamente um advérbio e, assim, não aparece flexionado:

Estamos todos *alerta*.

Há uma tendência para se usar desta palavra como adjetivo, mas a língua padrão recomenda se evite tal prática. Junto de substantivo *alerta* adquire significado e função de adjetivo:

"A moça aguardava com inteligência curta, os sentidos *alertas*" [CLi *apud* RBa.2, 14].

Em sentido contrário, aparece o engano de não se flexionar o adjetivo *quite*. Deve-se dizer:

Estou *quite*.

Estamos *quites*.

19) **Particípios que passaram a preposição e advérbios** – Alguns particípios passaram a ter emprego equivalente a preposição e advérbio (por exemplo: *exceto*, *salvo*, *mediante*, *não obstante*, *tirante*, etc.) e, como tais, normalmente devem aparecer invariáveis. Entretanto, não se perdeu de todo a consciência de seu antigo valor, e muitos escritores procedem à concordância necessária:

"Os tribunais, *salvas* exceções honrosas, reproduziam... todos os defeitos do sistema" [RS.2, IV, 67].

"A razão desta diferença é que a mulher (*salva* a hipótese do cap. CI e outras) entrega-se por amor..." [MA.1, 327].

Como bem pondera Epifânio Dias, flexionar tais termos "é expressar-se na verdade com correção gramatical, mas de modo desusado" [ED.2, §220, a].

Deste modo, a língua moderna dá preferência a dizer "*salvo* exceções", "*salvo* a hipótese".

20) **A concordância com numerais** – Quando se empregam os cardinais pelos ordinais, não ocorre a flexão:

Página *um*. Figura *vinte e um*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Na linguagem jurídica diz-se: A folhas *vinte e uma*. A folhas *quarenta e duas*.

2.ª) Embora se tenha usado o substantivo no singular precedido de numeral combinado com *um*, *uma*, a preferência atual é pô-lo no plural: *vinte e um dias*, *as mil e uma noites*, etc.

3.ª) *Milhar* é masculino e portanto não admite seus adjuntos postos no feminino a concordar com o núcleo substantivo feminino: *Os milhares de pessoas* (e não *as milhares* de pessoas).

21) **A concordância com os adjetivos designativos de nomes de cores** – Surgem as incertezas quando o nome de cor é constituído de dois adjetivos. Neste caso, a prática mais comum é deixar o primeiro invariável na forma do masculino e fazer a concordância do

segundo com o substantivo determinado, embora não deixem de aparecer exemplos em bons autores em que estejam flexionados os dois adjetivos:

olhos verde-claros, *ondas verde-azuladas*.

Concordância verbal

A – Concordância de palavra para palavra

1) Há um só sujeito:

a) Se o sujeito for simples e singular, o verbo irá para o singular, ainda que seja um coletivo:

"A vida *tem* uma só entrada: a saída *é* por cem portas" [MM].

"Povo sem lealdade não *alcança* estabilidade" [MM].

b) Se o sujeito for simples e plural, o verbo irá para o plural:

"Os bons conselhos desprezados *são* com dor comemorados" [MM].

"A virtude aromatiza e purifica o ar, os vícios o *corrompem*" [MM].

2) Há mais de um sujeito:

Se o sujeito for composto, o verbo irá, normalmente, para o plural, qualquer que seja a sua posição em relação ao verbo:

"... os ódios civis, as ambições, a ousadia dos bandos e a corrupção dos costumes *haviam* feito incríveis progressos" [AH.1, 21].

"Repeti-as, porque se me *ofereciam* vida e honras a troco de perpétua infâmia" [AH.1, 144].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Pode dar-se a concordância com o núcleo mais próximo, *principalmente se o sujeito vem depois do verbo*:

"O romeiro é livre como a ave do céu: *respeitam*-no o besteiro e o homem d'armas; dá-lhe abrigo o vilão sobre o seu colmo, o abade no seu mosteiro, o nobre no seu castelo" [AH.3, 145].

2.ª) Quando o núcleo é singular e seguido de dois ou mais adjuntos, pode ocorrer o verbo no plural, como se tratasse na realidade de sujeito composto:

"ainda quando *a autoridade paterna e materna fossem delegada*s..." [AGa.2, 25].

A concordância do verbo no singular é a mais corrente na língua padrão.

3.ª) Nas obras com mais de um autor adota-se modernamente o hábito alemão de se indicar a autoria com os nomes separados por hífen, caso em que o verbo da oração vai ao plural ou ao singular (levando-se, neste caso, apenas em conta a obra em si): Meillet-Ernout *dizem* (ou *diz*) no seu *Dictionnaire Étymologique* – que a origem é duvidosa.

4.ª) Pode ocorrer o verbo no singular ainda nos casos seguintes:

a) se a sucessão dos substantivos indicar gradação de um mesmo fato:

A censura, a autoridade, o poder público, inexorável, frio, grave, calculado, lá *estava* [AH.7, VII, 113].

b) se se tratar de substantivos sinônimos ou assim considerados:

O ódio e a guerra que declaramos aos outros nos *gasta* e *consome* a nós mesmos [MM].

c) se o segundo substantivo exprimir o resultado ou a consequência do primeiro:

A doença e a morte de Filipe II (...) *foi* como a imagem (...) [RS.2, IV, 6].

d) se os substantivos formam juntos uma noção única:

O fluxo e refluxo das ondas nos *encanta*.

5.ª) Quando o verbo se põe entre os núcleos do sujeito, como acontece às vezes em poesia e no estilo solene, a concordância pode ser feita com o núcleo mais próximo ou gramaticalmente com a totalidade do sujeito [RC.1, 251].

B – Concordância de palavra para sentido

Quando o sujeito simples é constituído de nome ou pronome que se aplica a uma coleção ou grupo, pode o verbo ir ao plural. A língua moderna impõe apenas a condição estética, uma vez que soa geralmente desagradável ao ouvido construção do tipo:

O povo trabalham ou A gente vamos.

Se houver, entretanto, distância suficiente entre o sujeito e o verbo e se quiser acentuar a ideia de plural do coletivo, não repugnam à sensibilidade do escritor exemplos como os seguintes:

> "Começou então *o povo* a alborotar-se, e pegando do desgraçado cético o *arrastaram* até o meio do rossio e ali o *assassinaram*, e *queimaram*, com incrível presteza" [AH.2, 83].
>
> "Faça como eu: lamente as misérias dos homens, e viva com eles, sem participar-lhe dos defeitos; porque, meu nobre amigo, se *a gente* vai a rejeitar as relações das famílias, justa ou injustamente abocanhadas pela maledicência, a poucos passos não *temos* quem nos receba" [CBr.1, 64].

C – Outros casos de concordância verbal

1) **Sujeito constituído por pronomes pessoais**

Se o sujeito composto é constituído por diferentes pronomes pessoais em que entra *eu* ou *nós*, o verbo irá para a 1.ª pessoa do plural:

> "*Vínhamos* da missa ela, o pai e eu" [MA.1, 309].

Se na série entra *tu* ou *vós* e nenhum pronome de 1.ª pessoa, o verbo irá normalmente para a 2.ª pessoa do plural:

> "E, assim, te repito, Carlota, que Francisco Salter voltará, será teu marido, e tereis (i.é, *tu* e *ele*) larga remuneração dos sofrimentos que oferecerdes a Deus..." [CBr.4, 79].

OBSERVAÇÃO: Ou porque avulta como ideia principal o último sujeito ou porque, na língua contemporânea, vai desaparecendo o tratamento *vós*, nestes casos, a norma consagrou o verbo na 3.ª pessoa do plural:

> "quando *tu e os outros velhacos* da tua laia lhe *estorroaram* na cara lixo e terra..." [AH.5, I, 152 *apud* SA.5, II, 69].

Para a concordância com expressões de tratamento.

2) **Sujeito ligado por série aditiva enfática**

Se o sujeito composto tem os seus núcleos ligados por série aditiva enfática (não só... mas, tanto... quanto, não só... como, etc.), o verbo concorda com o mais próximo ou vai ao plural (o que é mais comum quando o verbo vem depois do sujeito):

> "Tanto o lidador como o abade *haviam* seguido para o sítio que ele parecia buscar com toda a precaução" [AH.3, 184].

3) **Sujeito ligado por *com***

Se o sujeito no singular é seguido imediatamente de outro no singular ou no plural mediante a preposição *com*, ou locução equivalente, pode o verbo ficar no singular, ou ir ao plural *para realçar a participação simultânea na ação*:

> "El-rei, com toda a corte e toda a nobreza, *estava* fora da cidade, por causa da peste em que então Lisboa ardia" [AH.2, 84].
>
> "Estas explicações não evitaram que o desembargador, com os seus velhos amigos, *prognosticassem* o derrancamento do morgado da Agra..." [CBr.1, 108].
>
> "Nesta conjuntura, um deputado dileto da rainha, por nome Antônio José da Silva Peixoto, *coadjuvado pelo foliculário José Acúrsio das Neves, levantaram-se e prorromperam* em 'vivas'..." [CBr *apud* MBa.1, 206].

4) **Sujeito ligado por *nem... nem***

O sujeito composto ligado pela série aditiva negativa *nem... nem* leva o verbo normalmente ao plural e, às vezes, ao singular:

"É a nobre dama recém-chegada, à qual *nem* o cansaço de trabalhosa jornada, *nem* o hábito dos cômodos do mundo *puderam impedir*..." [AH.1, 136].

"... *nem* Deus, *nem* o mundo lhes *dará* a mínima recompensa" [AH.2, 16].

Constituído o sujeito pela série *nem um... nem outro*, fica o verbo no singular:

Nem um nem outro *compareceu* ao exame.

5) **Sujeito ligado por *ou***

O verbo concordará com o sujeito mais próximo se a conjunção indicar:

a) *exclusão*:

"a quem a doença *ou* a idade *impossibilitou* de ganharem o sustento..." [AH.2, 16].

Se João Fernandes (*ou* Platzhoff) os *dá* como entes sem afeições (...) [CL.1, II, 304]

b) *retificação de número gramatical*:

"Cantares é o nome que o autor *ou* autores do Cancioneiro chamado do Colégio dos Nobres *dão* a cada um dos poemetos..." [AH.3, 131].

Sei que algures existe a alma ou as almas, às quais eu me dirijo [ACt.1, 23].

c) *identidade* ou *equivalência*:

O professor ou o nosso segundo pai *merece* o respeito da pátria.

Se a ideia expressa pelo predicado puder referir-se a toda a série do sujeito composto, o verbo irá para o plural mais frequentemente, porém pode ocorrer o singular:

"A nulidade *ou* a validade do contrato... *eram* assunto de direito civil"

[AH.2, 20].

"A ignorância *ou* errada compreensão da lei não *eximem* de pena (...)" [Código Civil].

"Mas aí, como se o destino *ou* o acaso, *ou* o que quer que fosse *se lembrasse* de dar algum pastos aos meus arrombos possessórios" [MA.1, 146].

6) **Sujeito representado por expressão como *a maioria dos homens***

Se o sujeito é representado por expressões do tipo de *a maioria de*, *a maior parte de*, *grande parte de*, *parte de* e um nome no plural, o verbo irá para o singular ou plural:

"a maior parte deles *recusou* segui-lo com temor do poder da regente" [AH.2, 38].

"e a maior parte dos esquadrões *seguiram-nos*" [AH.1, 111].

7) **Sujeito representado por *cada um de* + plural**

Neste caso, o verbo fica no singular:

Cada um dos concorrentes *deve* preencher corretamente as fichas de inscrição (e não *devem* preencher!).

8) **Concordância do verbo *ser***

Como se dá com a relação sintática de qualquer verbo e o sujeito da oração, o normal é que sujeito e verbo *ser* concordem em número:

José era um aluno aplicado.

Os dias de inverno são menores que os de verão.

Todavia, em alguns casos, o verbo *ser* se acomoda à flexão do predicativo, especialmente quando se acha no plural. São os seguintes os casos em que se dá esta concordância:

a) quando um dos pronomes *isto*, *isso*, *aquilo*, *tudo*, *ninguém*, *nenhum* ou expressão de

valor coletivo do tipo de *o resto*, *o mais* é sujeito do verbo *ser*:

Tudo *eram alegrias* e *cânticos* [RS.1, 5].

A concordância normal com o sujeito ocorre, apesar de mais rara:

Tudo é alegrias.

b) quando o sujeito é constituído pelos pronomes interrogativos *quem*, *que*, *o que*:

O que são comédias? [CBr.1, 40].

Quem eram os convidados?

Não sei *quem são os vencedores*.

c) quando o verbo *ser* está empregado na acepção de "ser constituído por":

A provisão *eram alguns quilos de arroz*.

d) quando o verbo *ser* é empregado impessoalmente, isto é, sem sujeito, nas designações de horas, datas, distâncias:

São dez horas? Ainda não *o são*.

Hoje *são 15* de agosto.

Da estação à fazenda *são três léguas* a cavalo [M. Said Ali].

OBSERVAÇÃO: Precedido o predicativo plural da expressão *perto de* é ainda possível vir o verbo *ser* no singular:

Era perto de duas horas quando saiu da janela [MA.3 *apud* SS].

Eram perto de oito horas [MA.3, *apud* SS].

e) quando o verbo *ser* aparece nas expressões *é muito*, *é pouco*, *é mais de*, *é tanto* e o sujeito é representado por termo no plural que denota preço, medida ou quantidade:

Sessenta mil homens *muita gente é* para casa tão pequena [RS.1, 1873, 172].

Dez reais *é pouco*.

Nas orações ditas equativas em que com *ser* se exprime a definição ou a identidade, o verbo, posto entre dois substantivos de números diferentes, concorda em geral com aquele que estiver no plural. Às vezes, um dos termos é um pronome:

A pátria não *é* ninguém: *são* todos [RB.3, 11].

Mas:

Justiça é tudo, justiça *é as virtudes todas* [AGa.2, 45].

Às vezes em vez de *ser* aparece o verbo *parecer*:

Essa imensa papelada

- - - - - - - - - - - - - - -

Parecem indiscrições [GD.3, II, 445].158

Se o sujeito está representado por pronome pessoal, o verbo *ser* concorda com o sujeito, qualquer que seja o número do termo que funciona como predicativo:

Ela *era* as preocupações do pai.

Na expressão, que introduz narrações, do tipo de *era uma princesa*, o verbo *ser* é intransitivo, com o significado de *existir*, funcionando como sujeito o substantivo seguinte, com o qual concorda:

Era uma princesa muito formosa que vivia num castelo de cristal.

Eram quatro irmãs tatibitates e a mãe delas tinha muito desgosto com esse defeito [CC.1, 292].

Com a expressão *era uma vez uma princesa*, continua o verbo *ser* como intransitivo e o substantivo seguinte como sujeito; todavia, como diz A.G. Kury, "a atração fortíssima que exerce o numeral *uma* da locução *uma vez*", leva a que o verbo fique no singular ainda quando o sujeito seja um plural:

Disse que *era uma vez* dois (...) compadres, um rico e outro pobre [CC.1, 31].

Era uma vez três moças muito bonitas e trabalhadeiras [CC.1, 120].

A verdade é que muitos idiomas, em textos de níveis distensos, apresentam essas irregularidades que se afastam do uso normal e padrão, principalmente quando o verbo é anunciado antes do sujeito, com alguma distância, como se o falante ao começar a oração pelo verbo ainda não tivesse decidido como iria apresentar formalmente a expressão do sujeito.

A moderna expressão *é que*, de valor reforçativo de qualquer termo oracional, aparece em geral com o verbo *ser* invariável em número:

*Nós é que s*omos brasileiros / Nós somos brasileiros.

Esses livros é que não compraremos agora.

Afastado do *que* e junto do termo no plural, aparece às vezes o verbo *ser* no plural:

São de homens assim *que* depende o futuro da pátria / De homens assim *é que* depende o futuro da pátria.

Foram nesses livros *que* estavam as respostas / Nesses livros *foi que* estavam as respostas.

Nas expressões que denotam operação aritmética do tipo *um e um*, *um mais um*, *um com um*, que funcionam como sujeito do verbo *ser* (*fazer*, *somar*, etc.), o verbo vai ao plural concordando normalmente com o sujeito:

— Sempre ouvi dizer que duas semanas são quinze dias.

— Eu também tenho ouvido, confessou o Dr. Magalhães. Mas é um engano. Uma semana tem sete dias. *Sete e sete não são* catorze? E então? [GR.2, 3.ª ed., 75].

9) **A concordância com *mais de um***

Depois de *mais de um* o verbo é em geral empregado no singular, sendo raro o aparecimento de verbo no plural:

"... *mais de um* poeta *tem* derramado..." [AH.2, 155].

"*Mais de um* coração de guerreiro *batia* apressado..." [AH.2, 169].

"Sei que há *mais de um* que não se *envergonham* dela" [AH.2, 169].

10) **A concordância com *que de***

Com *que de* (= que quantidade de, quanta) seguido de substantivo sujeito no plural o verbo vai ao plural:

Que de forças *existem* no coração feminino!

11) **A concordância com *quais de vós***.

Se o sujeito for constituído de um pronome plural de sentido partitivo (*quais, quantos, algumas, nenhuns, muitos, poucos,* etc.), o verbo concorda com a expressão partitiva introduzida por *de* ou *dentre*:

"*Quais dentre vós... sois* neste mundo sós e não tendes quem na morte regue com lágrima a terra que vos cobrir? *Quais de vós sois*, como eu, desterrados no meio do gênero humano?" [AH.1, 188-9].

Pode ainda ocorrer o verbo na 3.ª pessoa de plural:

"*quantos dentre vós estudam* conscienciosamente o passado?" [JA *apud* SS.1, § 456].

12) **A concordância com os pronomes relativos**

a) Se o sujeito da oração é o pronome relativo *que*, o verbo concorda com o antecedente, desde que este não funcione como predicativo de outra oração:

"Não gastava ele as horas *que* lhe *sobejavam* do exercício do seu laborioso ministério numa obra do senhor?" [AH.1, 18].

"Ó tu, *que tens* de humano o gesto e o peito" [LC.1, III, 127].

b) Se o antecedente do sujeito *que* for um pronome demonstrativo, o verbo da oração adjetiva vai para a 3.ª pessoa:

Aquele que trabalha acredita num futuro melhor.

Aqueles que trabalham acreditam num futuro melhor.

OBSERVAÇÃO:

Entra neste princípio a oração adjetiva que se substantiva mediante *o*, *a*, *os*, *as*:

Os que prometem fazer felizes os povos *são* ordinariamente os que pretendem sê-lo à custa deles. [MM].

Quando, por silepse, se quer incluir a pessoa que fala ou a que se dirige, pode-se pôr o verbo da oração adjetiva na 1.ª ou 2.ª pessoa do plural:

Por que a verdade é que somos nós *os que fabricamos* os próprios aspectos da natureza (...) [JR.2, 191].

Porque voltastes sem vo-lo eu ordenar, *vós os que tínheis* jurado obedecer-me em tudo? [AH.1, 223].

(...) *vós a que não tendes* nenhum préstamo de minhas mãos! [AH.3, 174, ed. 1878].

c) Se o antecedente do pronome relativo funciona como predicativo, o verbo da oração adjetiva pode concordar com o sujeito de sua principal ou ir para a 3.ª pessoa (se não se quer insistir na íntima relação entre o predicativo e o sujeito):

"Sou eu o primeiro que não *sei* classificar este livro" [AH.1, 311].

Fui o primeiro que *conseguiu* sair.

"Éramos dois sócios, que *entravam* no comércio da vida com diferente capital"[MA *apud* SS.1, § 461].

d) É de rigor a concordância do verbo com o sujeito de *ser* nas expressões de tipo *sou eu que*, *és tu que*, *foste tu que*, etc. (neste caso, era prática da língua até fins do séc. XVIII usar o artigo como antecedente do relativo: *sou eu o que*, etc.):

"Não fui eu que o *assassinei*" [AH *apud* SA.5, II, 75].

"Foste *tu que* me *buscaste*" [AH *apud* SA.5, II, 75].

e) Se ocorrer o pronome *quem*, o verbo da oração subordinada vai para a 3.ª pessoa do singular, qualquer que seja o antecedente do relativo, ou concorda com este antecedente:159

"Eram as paixões, os vícios, os afetos personalizados *quem fazia* o serviço dos seus poemas" [AH *apud* SA.5, 77].

"*És tu quem me dás* rumor à quieta noite,

És tu quem me dás frescor à mansa brisa,

Quem dás fulgor ao raio, asas ao vento,

Quem na voz do trovão longe *rouquejas*" [GD *apud* SA.5, 77].

f) Em linguagem do tipo *um dos... que*, o verbo da oração adjetiva pode ficar no singular

(concordando com o seletivo *um*)160 ou no plural (concordando com o termo sujeito no plural), prática, aliás, mais frequente, se o dito verbo se aplicar não só ao relativo mas ainda ao seletivo *um*:

"Este era *um dos que* mais se *doíam* do procedimento de D. Leonor"

[AH.2, 37].

"*Um dos* nossos escritores modernos *que* mais *abusou* do talento, e que mais portentos auferiu do sistema..." [AH.2, 46].

"Demais, *um dos que* hoje *deviam* estar tristes, eras tu" [CL.1, I, 190].

O singular é de regra quando o verbo da oração só se aplica ao seletivo *um*. Assim nos dizeres "foi um dos teus filhos que jantou ontem comigo", "é uma das tragédias de Racine que se representará hoje no teatro", será incorreto o emprego do número plural; o singular impõe-se imperiosamente pelo sentido do discurso" [Cr.2, 763].

13) **A concordância com os verbos impessoais**

Nas orações sem sujeito o verbo assume a forma de 3.ª pessoa do singular:

Há vários nomes aqui.

Deve haver cinco premiados.

Não o vejo *há* três meses.

Não o vejo *faz* três meses.

OBSERVAÇÃO: Os exemplos literários que se encontram de tais verbos no plural não ganharam foros de cidade: "Houveram alguns que aluminados da graça do Espírito Santo abraçaram o culto e a fé de Cristo" [FE.1, I, 20].

"*Houveram* coisas terríveis" [CBr *apud* JC, I, 98].

14) **A concordância com *dar* (e sinônimos) aplicado a horas**

Se aparece o sujeito *relógio*, com ele concorda o verbo da oração:

O *relógio deu* duas horas.

Não havendo o sujeito *relógio*, o verbo concorda com o sujeito expresso pela expressão numérica:

No *relógio deram* duas horas.

15) **A concordância com o verbo na passiva pronominal**

A língua padrão pede que o verbo concorde com o termo que a gramática aponta como sujeito:

Alugam-se casas.

Vendem-se apartamentos.

Fazem-se chaves.

Não *se perdem cinco contos*, como se perde um lenço de tabaco. *Cinco contos levam-se* com trinta mil sentidos, *apalpam-se* a miúdo, não *se* lhes *tiram* os olhos de cima, nem as mãos, nem o pensamento, e para *se perderem* assim totalmente, numa praia, é necessário que... [MA.1, 151].

OBSERVAÇÃO: Se o verbo estiver no infinitivo com sujeito explícito, o normal é usar o infinitivo flexionado como no exemplo acima de M. de Assis:

"e para *se perderem* assim..."

Todavia, aqui e ali, bons escritores deixam escapar exemplos com o infinitivo sem flexão:

Basta ver o que este bom povo é para *se avaliar* as excelências de quem assim o educou [CBr.6, 53].

16) **A concordância na locução verbal**

Havendo locução verbal cabe ao verbo auxiliar concordar com o sujeito:

"Bem sei que me *podem vir* com duas objeções que geralmente se *costumam fazer*" [AC.11 *apud* MBa.1, 215].

Se se considera *costumar fazer* como dois verbos principais sem que haja locução verbal, o *costumar* terá como sujeito a 2.ª oração que, considerada materialmente, vale como substantivo do número singular:

"Não *se costuma punir* os erros dos súditos sobre a efígie venerável dos monarcas" [RS *apud* MBa.1, 215]

Assim se poderá dizer:

As estrelas { *parecem brilhar* (loc. verbal)
parece brilharem (= parece brilharem as estrelas)

Em *as estrelas parecem brilharem* temos a contaminação sintática das duas construções, prática que deve ser evitada como norma.

Com *poder* e *dever* seguidos de infinitivo, a prática mais generalizada é considerar a presença de uma locução verbal, isto é, fazendo-se que o *poder* e *dever* concordem com o sujeito plural:

Podem-se dizer essas coisas.

Devem-se fazer esses serviços.

Todavia aparece o singular, corretamente:

Não é como a embriaguez que se *deve celebrar os sucessos* felizes (...) (M. Maricá, 3326).

São ambas construções corretas e correntes que se distinguem por apresentar diferentemente a ênfase sobre o sujeito da oração.

Quando, porém, o sentido determinar exatamente o sujeito verdadeiro, a concordância não pode ser arbitrária. Ex.: "*Quer-se inverter as leis*, e nunca *querem-se inverter as leis*. Neste caso, é evidente que o único sujeito possível é *inverter*" [JR.1, 322].

17) **A concordância com a expressão *não* (*nunca*)... *senão***

O verbo concorda com o sujeito que se interpõe na expressão exceptiva *não… senão* (ou *mais que*):

"Ao aparecer o dia, por quanto os olhos podiam alcançar, não se *viam* senão cadáveres" [AH.2, 117].

O mesmo ocorre com *não* (*nunca*)... *mais que* (*do que*):

Não se *viam* mais do que cadáveres.

Quando a exceção recai na 1.ª ou 2.ª pessoa, tem-se de dar outro torneio à oração, como, por exemplo:

Ninguém votou contra o projeto *senão nós três* [SA.2, 215].

Não haveria outro culpado *senão tu*.

OBSERVAÇÃO: Em vez de *não… mais que* pode-se usar *mais não… que*: "O som que vos fere os ouvidos *mais não é que* um rude eco da voz íntima" [*apud* MBa.4, 181]. Deve-se evitar o emprego de *que* em lugar de *senão*, por ser imitação do francês: "Isto não é *que* uma insolência" por "Isto não é *senão* uma insolência" [FF *apud* MBa.4].

Construção vernácula é o emprego de *que* por *senão* precedido de *outro*: *outro*, *outra coisa*, etc.: "Quando deu por ele, quis expeli-lo, para que entre ele e Fortunato não houvesse *outro laço que* o da amizade; mas não pôde" [MA.2 *apud* MBa.4]. "(...) sem obter *outra coisa que* a atenção cortês o acaso numa palavra sem valor" [MA.8 *apud* MBa.4].

18) **A concordância com títulos no plural**

Geralmente se usa o verbo no plural:

"Por isso, as *Cartas Persas anunciam* o Espírito das Leis" [MBa.6, XII].

Com o verbo *ser* e predicativo no singular pode ocorrer o singular:

"as *Cartas Persas é* um livro genial..." [MBa.6, XII].

Dos seus livros didáticos *é* o mais importante as *Lições de História do Brasil* professadas no antigo Colégio de Pedro II [JR.4, 76 da 15.ª ed.].

19) **A concordância no aposto**

Quando a um sujeito composto se seguem, como apostos, expressões de valor distributivo como *cada um*, *cada qual*, o verbo, posposto a tais expressões, concorda com elas:

Pai e filho *cada um seguia* por seu caminho [ED.2, 28].

Se o verbo vem anteposto a essas expressões, dá-se normalmente a concordância no plural com o sujeito composto ou no plural: "(...) não era possível que os aventureiros *tivessem cada um* o seu cubículo [JA *apud* SS.1, §465, obs.].

Eles *saíram cada um* com sua bicicleta.

20) **A concordância com *Haja vista***

A construção mais natural e frequente da expressão *haja vista*, com o valor de *veja*, é ter invariável o verbo, qualquer que seja o número do substantivo seguinte:

Haja vista os exemplos disso em Castilho [RB.1, 572].

Pode-se construir com o verbo no singular e substantivo seguinte à expressão precedido das preposições *a* ou *de*:

Haja vista às tangas [CBr.16, 61].

Haja vista dos elos que eles representam (...) [CBr *apud* CR.1, 624].

21) **A concordância do verbo com sujeito oracional**

Fica no singular o verbo que tem por sujeito uma oração, que, tomada materialmente, vale por um substantivo do número singular e do gênero masculino:

Parece que tudo vai bem.

Cá não se *usa* as noivas andarem a namoriscar à surdina [CBr *apud* MBa.1, 2.ª ed., 207].

É bom que compreendas estas razões.

Permanece no singular o verbo que tem como sujeito duas ou mais orações coordenadas entre si:

Que Sócrates nada escreveu e que Platão expôs as doutrinas de Sócrates *é sabido* [JR.1, 318].

22) **Concordância nas expressões de porcentagem**

Nas linguagens modernas em que entram expressões numéricas de porcentagem, a tendência

é fazer concordar o verbo com o termo preposicionado que especifica a referência numérica:

Trinta por cento *do Brasil assistiu* à transmissão dos jogos da Copa.

Trinta por cento *dos brasileiros assistiram* aos jogos da Copa.

Dois por cento *da assistência detestou* o filme.

Dois por cento *dos espectadores detestaram* o filme.

6 – Regência

Ao que dissemos no capítulo sobre complementos verbais e nominais e emprego de preposição, cumpre acrescentar os seguintes principais casos:

A preposição que serve a dois termos coordenados pode vir repetida ou calada junto ao segundo (e aos mais termos), conforme haja ou não desejo de enfatizar o valor semântico da preposição:

> As alegrias *de* infância e *de* juventude / As alegrias *de* infância e juventude.
>
> Precisava da ajuda *dos* pais e *dos* parentes / Precisava da ajuda *dos* pais e parentes.
>
> (...) mas as argolas do caixão foram seguras *pelos* cinco familiares e *o* Benjamim [MA *apud* MBa.4, 250].

A omissão da preposição parece ser mais natural quando não se combina com artigo, talvez porque em português (ao contrário, por exemplo, do francês e do espanhol) a presença de ambos leva-os a combinarem-se, como supõe Mário Barreto.

1) ***Isto é para eu fazer*** – Se a preposição seguida de pronome não serve de introduzir este pronome (que funciona como sujeito), mas um infinitivo, usam-se as formas retas *eu* e *tu*, e não *mim* e *ti*:

> Isto é para *mim* (a preposição rege o pronome).
>
> Isto é para *eu* fazer (a preposição rege o infinitivo: isto é, para que *eu* faça).

2) ***Pedir para*** – O verbo *pedir* pede objeto direto de coisa e indireto de pessoa a quem se pede:

> Pedi-lhe (obj. indireto) um favor (obj. direto).

Se o objeto direto é *licença* (ou equivalente), pode-se acrescentar uma oração adverbial de fim que indique o objetivo do pedido:

> Pediu-lhe *licença para sair* (ou *para que saísse*).

Este objeto direto *licença* pode calar-se, mas o sujeito de *pedir* terá de ser entendido como o mesmo do verbo da subordinada, para ter sanção tranquila na norma exemplar:

> O Antônio pediu-lhe para sair (i. é: o Antônio é quem sairá).
>
> Pediu para ajudar a vestir sua filha, mas não o obteve [CBr *apud* MBa.3, 2.ª ed. pág. 287 n.].

A linguagem coloquial aproximou as ideias de *pedir que algo aconteça* (oração objetiva direta) e *trabalhar para que algo aconteça* (oração adverbial final), passando a usar a preposição *para* a introduzir a oração que seria objeto direto do verbo *pedir*.

> *Pediu para que Antônio saísse*

em lugar de

Pediu que Antônio saísse.

Os gramáticos ainda não aceitaram a operação mental, apesar da insistência com que penetra na linguagem das pessoas cultas. O novo modo de expressão traz também uma ambiguidade, porque se fica sem saber qual é, na realidade, o sujeito da oração subordinada. Em:

Antônio pediu a José para sair,

custa-nos a dizer de pronto se quem sai é o mesmo Antônio ou José. O gramático só considera a expressão correta se o sujeito for Antônio, mas a linguagem coloquial constrói o período como se o sujeito fosse José, pois interpreta a oração subordinada como objetiva direta: *Antônio pediu que José saísse*.

Sob a alegação de que o objeto direto oracional não pode vir introduzido por preposição (argumento, aliás, fraco) é que gramáticos repudiam tal linguagem. Pode-se ver na construção o *para* como posvérbio iniciando a oração objetiva direta para denotar o interesse ou a insistência do pedido, como *cumprir o dever* ao lado de *cumprir com o dever*.

3) ***Está na hora da onça beber água*** – A possibilidade de se pôr o sujeito de infinitivo antes ou depois desta forma verbal nos permite dizer:

Está na hora de beber a onça água (posição rara)
Está na hora de a onça beber água (posição mais frequente).

Este último meio de expressão aproxima dois vocábulos (a preposição *de* e o artigo *a*) que a tradição do idioma contrai em *da*, surgindo assim um terceiro modo de dizer:

Está na hora da onça beber água,

construção normal que não tem repugnado os ouvidos dos que melhor conhecem e escrevem a língua portuguesa. Alguns gramáticos viram aí, entretanto, um solecismo, pelo fato de *se reger de preposição um sujeito*. Na realidade, não se trata de regência preposicional do sujeito, mas do contato de dois vocábulos que, por hábito e por eufonia, costumam vir incorporados na pronúncia. A lição dos bons autores nos manda aceitar ambas as construções, *de a onça beber água* e *da onça beber água*. Que a contração é possível mostram-nos os seguintes exemplos:

"... só voltou *depois do infante* estar proclamado regedor" [AH.2, 44]; "Sabia-o, senhor, *antes do caso* suceder" [AH.4, 267]; "se, por exemplo, me concederem um monopólio do plantar couves, *apesar das couves* serem uma das espécies de legumes" [RB *apud* PP]; "*Pelo fato do verbo restituir*, numa das suas acepções, e *entregar*, em certos casos, terem..." [CR.2, 579]; "*no caso do infinitivo* trazer compl. direto" [ED.2, § 289, b].

O problema que, do ponto de vista puramente gramatical, a rigor, termina nessa dupla possibilidade de emprego; já não se mostra indiferente do ponto de vista da necessidade de proferir o sujeito enunciando-o com maior ou menor realce. Deixa-se o domínio da gramática para se entrar no domínio da estilística, da expressividade. A não combinação da preposição com o sujeito garante o valor expressivo da preposição e a ênfase posta no sujeito: *É tempo de o povo querer melhores escolas*, diferente, sob o aspecto de expressividade, de *É tempo do povo querer melhores escolas*. A simples – e contrária à dupla possibilidade que a tradição literária registra – solução gramatical de rejeitar uma forma com privilégio de outra empobrece os recursos estilísticos da língua.

Pode-se evitar a combinação pondo o infinitivo entre a preposição e o sujeito, como fez Manuel Bandeira nesta passagem: E o Prefeito recordou que uma semana *antes de ser o*

grande romancista hospitalizado (...) [MB.1, II, 601].

4) **Migrações de preposição** – Com muita frequência vê-se migrar a preposição que deveria aparecer com o relativo para junto do antecedente deste pronome:

Não sei no que pensar por
Não sei o em que pensas

Ou:

Lisboa e Porto, *das quais cidades venho agora* por
Lisboa e Porto, *cidades das quais venho agora*
[LV.1, 312].

Destas migrações resultam giros mais agradáveis ao ouvido e que nos afastam de certas durezas de estilo artificial a que nos poderia levar a construção rigorosamente gramatical, como se depreende dos seguintes trechos de Rui Barbosa:

"Assim me perdoem, também, *os a quem* tenho agravado, *os com quem* houver sido injusto, violento, intolerante..." [RB.2, 23];
"e daí, com estupenda mudança, começa a deixar ver *o a que* era destinada..." [RB.2, 36].

Estas migrações correm na língua literária apadrinhadas pelos seus melhores representantes. Alexandre Herculano e Carlos de Laet nos dão testemunho do fato:

"A barra é perigosa, como dissemos; porém a enseada fechada é ancoradouro seguro, *pelo que* (= o por que) tem sido sempre couto dos corsários de Berbéria" [AH.2, 69];
"... até o induzirem a mandá-lo sair da corte, *ao que* (= o a que) D. Pedro atalhou com retirar-se antes que lhe ordenassem" [AH.2, 91].
"Eis para *o que* (= o para que) esperas utilizar o domínio dos ares" [CL in SS.3, 180].

É interessante a posição da preposição *de* a introduzir o predicativo quando se esperava antes do relativo:

"O que precisamos é *de* braços valorosos e de peitos resolutos"
[RS.2, IV, 184].

Note-se de passagem que, em construções como a do último exemplo, é possível haver o pleonasmo da preposição, a qual aparece antes do termo a que rigorosamente se prende e antes de *de braços*:

"O *de que* me não penitencio, é *do* esmero, bem ou malsucedido, que pus em dar os cuidados que dei à forma, com que nos veio da câmara o projeto" [RB.1, *apud* MBa.4, 3.ª ed., 235 e ss.].

5) **Repetição de prefixo e preposição** – Sem atentar para a tradição do idioma e de suas raízes latinas, alguns autores (p. ex., Cândido Figueiredo) condenam a concorrência de prefixo com preposição em usos como *con*correr *com*, *de*duzir *de*, *de*pender *de*, *in*cluir *em*, *a*derir *a*, *con*cordar *com*, *co*incidir *com*, etc. Daí repudiarem, por exemplo, a construção *consentâneo com*, recomendando se diga *duas coisas consentâneas* em vez de *uma coisa consentânea com outra*. Também substituem *uma coisa coincide com outra* por *uma coisa incide na outra*. São lições que, pela concorrência de prefixo e preposição, devem ser rejeitadas [VB.1].

6) **Complementos de termos de regências diferentes** – O rigor gramatical exige que não se dê complemento comum a termos de regência de natureza diferente. Assim não podemos dizer,

consoante este preceito:

Entrei e saí de casa

em lugar de

Entrei em casa e dela saí (ou equivalente),

porque *entrar* pede a preposição *em* e *sair* a preposição *de*.

Ao gênio de nossa língua, porém, não repugnam tais fórmulas abreviadas de dizer, principalmente quando vêm dar à expressão uma agradável concisão que o giro gramaticalmente correto nem sempre conhece:

"Tenho-o visto *entrar e sair do Colégio de S. Paulo*" [AH.5, I, 154];

"... que se deduz daí *a favor* ou *contra o direito* de propriedade literária?" [AH.7, II, 60].

Estendem certos autores a proibição aos dizeres em que duas ou mais preposições de sentido diferente, e até contrário, se referem a um só termo:

Com ou sem vantagens sairei

Antes e depois da luta

Para tais autores devemos dizer: *com vantagens ou sem elas*, *antes da luta e depois dela*, ou repetindo-se o substantivo como fez M. de Assis em:

"Os gritos da vítima, *antes da luta e durante a luta*, continuavam a repercutir dentro de mim" [*apud* MBa.3, 103].

Salvo as situações de ênfase e de encarecimento semântico de cada preposição, como a que se depreende do trecho acima, a língua dá preferência às construções abreviadas que a gramática insiste em condenar, sem, contudo, obter grandes vitórias.

7) **Termos preposicionados e pronomes átonos** – Tanto se pode dizer *não fujas* ***de mim*** como *não* ***me*** *fujas*:

O corajoso major tem afrontado teu irmão (...) mas Simão teme-o e *foge-lhe* com o pretexto de desafiar primeiro quem primeiro o ofendeu [CBr *apud* MBa.4, 273, de onde se colhem os exemplos abaixo].

Assim em vez de *pôs-se diante dele* se pode dizer *pôs-se-lhe diante*; em vez de *aparecer diante dele*, *aparecer-lhe diante*.

Nunca *me* tornaria a pôr a vista *em cima*.

Pretendem cair-*nos em cima*.

Tudo *lhe* girou *em volta*.

Sentaram-se-*lhe* em frente dois guardas.

Assim também em equivalência com a preposição *em*:

Deu um beijo *em* Nelina / Deu-*lhe* um beijo

Deu um abraço *em* Dolores / Deu-*lhe* um abraço

A mesma possibilidade se dá com verbos que se constroem com *de* ou *a* (*avizinhar-se*, *aproximar-se*, *acercar-se de*, entre outras) e *com* (*ralhar*, por exemplo):

Avizinhou-se *dela* / Avizinhou-se-*lhe*

Aproximar-se *dela* (ou *a ela*) / Aproximou-se-*lhe*

Ralhar *com o filho* / Ralhar-*lhe*

Vale lembrar aqui de passagem – pois não se trata de regência –, pois estamos falando de simplificações formais, que o mesmo processo se repete com alguns prefixos:

(...) o apalpá-la nas costelas *sobre* e *subjacentes* ao coração [CBr *apud* MBa.3, 113 n.].

(...) algumas faíscas de amor profano tinham entrado *ob* e *sub-repticiamente* (*Id.*, *ibid.*)

Esperemos, e oxalá não esperemos em vão, que chegue o dia longínquo em que todos os escritores *cis* e *transatlânticos* aprendam a sua língua (...) [MBa.3, 127n.].

Também nas expressões comparativas podem-se encontrar simplificações ou braquilogias, como nos seguintes exemplos muito comuns *tanto* (*tão*) *mais que*, *tanto* (*tão*) *ou menos que* (por *tanto* ou *quanto* e *mais que*, etc.):

A gota, o reumatismo, a ciática impacientavam-no *tanto ou menos que* o desmancho das coisas políticas [CBr.6, 55].

8) **Emprego de relativos precedidos de preposição** – O pronome relativo exerce função sintática na oração a que pertence:

a) *Sujeito*: O livro *que* está em cima da mesa é meu.

b) *Objeto direto*: O livro *que* eu li encerra uma bonita história.

c) *Predicativo*: Dividimos o pão como bons amigos *que* éramos.

d) *Complemento relativo*: O livro de *que* precisamos esgotou-se.

e) *Objeto indireto*: Este é o aluno *a que* dei o livro.

f) *Adjunto adverbial*: O livro *por que* aprendeste a ler é antigo. A casa *em que* moro é espaçosa.

g) *Agente da passiva*: Este é o autor *por que* a novela foi escrita.

As três primeiras funções sintáticas dispensam preposição enquanto as quatro últimas a exigem. Deve-se evitar, em língua literária, o emprego do relativo universal.

9) **Relação de regências de alguns verbos e nomes**161:

A

Abalançar-se a
aborrecer-se com
abrigado de
absolver– de
abster-se de
abundar em
abusar de
acabar– com
acautelar-se com
aceder a
acessível a
aceito a
acercar-se de
acomodar-se a
acontecer a, com
aconselhar– a
acordar com
acreditar– em
acudir a
acusar– de

adaptar– a
adequado a
aderir– a
admirar-se de, com, por
afastar– de
afável com, para com
afixar– a
agradar a
agradável a
agradecer a
agregar-se a
ajudar– a
ajuntar– a, -se com
alertar– de, sobre, contra
alhear-se de
alheio a
alimentar– com, de
almejar– por
aludir a
amante de
ameaçar– com, de
amercear-se de
amigo de
amofinar-se com
amoroso com, para com
análogo a
anelar por
ansiar– por, (trans. direto)
ansioso de, por
antecipar-se a
antepor– a
anterior a
apaixonar-se por, de
aparentado com
apartar– de
apear-se de
apegar-se a
apelar para, de
aperceber-se de
apetrechar-se com
apiedar-se de
aplicar-se a
apoderar-se de
apoiar-se em
aportar– a
aprender–
apressar-se a, em, por, para
aproveitar-se de
apto para, a

arguir– de
arrancar– de
aproximar-se a, de
arrepender-se de
arribar a
arrimar-se a
arriscar-se a
arrostar-se com
aspirar a (= desejar);
trans. direto (= inspirar)
assemelhar-se a, com
assenhorear-se de
assentir a
assinalar– com
assistir a (= presenciar)
assistir– (= ajudar)
assustar-se com
atapetar-se de, em
atemorizar-se com
atender– a
atestar contra, por
atento a, em
ater-se a
atinar com
atingir (sem *a*!)
atrair– a
atrever-se a, em
atribuir– a
aumentar
ausentar-se de
autorizar– a
avaliar– em
avaro de
averiguar– de
avesso a
avezar (-se) a
aviar-se de
ávido de
avir-se com
avisar– de
avizinhar-se de, a
avocar– a

B

bacharel em
bandear-se para
baixar– a
bastante a, para

bastar a
batalhar com
benéfico a
bater a, em
bem (fazer) em, de
blasfemar contra
blasonar de
bom para, para com
brigar com
brindar– com

C

cair em, sobre
calcar– a
capaz de, para
capitular– com
carecer de
caritativo com, para com
caro a
casar-se com
ceder– a
cego a
chamar 162
chegar (-se) a (não *em* junto
à expressão de lugar)
cheio de
cheirar a
cheiro a, de
chorar por
cingir– de, (-se) a
circunscrever-se a
circunvizinho de
clamar por
cobiçoso de
cobrar– de
cobrir– de
coetâneo de
coevo de, a
coexistir– com
coincidir– com
coligar-se com
combater– contra, por
combinar– com
começar a, por
comedir-se com, em
cometer– a
compadecer-se de
comparar– a, com

comparecer a
compatível com
compelir– a
competir com, a
compor-se de
comprazer– a, (-se) em, com
compreensível a
comprometer-se a
comprovar– com
comum a, de
comungar com
comunicar– a
comutar– em
concentrar– em
concordar com, em
conforme a, com
concorrer a, com
condenar– a
condescender com
condoer-se de
confabular com
confederar-se com
conferenciar com
confessar– a
confiar em, a
confinar com
conformar-se com, a
conforme com, a
confrontar– com
confundir-se com
congraçar-se com
congratular-se com
consagrar a
consentir em, tr. direto
considerar como
consistir em (e não *de*!)
consolar-se com
conspirar a, contra, para
constante em
constar de
constituir-se em
contagiar-se com
contaminar-se de, com
contemporizar com
contemporâneo de
contender com, de, sobre
contentar-se com, de, em
conter-se em
contíguo a

continuar em, com
contrapor a
contrário a
contribuir para, com
convalescer de
conversar– com 163
convencer-se de
converter– em, a
convidar– a, para
convir a, com, em
convocar– a, para
cooperar com, para
coroar– de, com
corresponder a, (-se) com
corrigir-se de
cotejar– com
crer– em, a
cristalizar– em
cruel com, para com
cuidadoso com
cuidar de, em (tr. direto)
culpar de
cúmplice em
cumprir com, a 164
curar-se de
curioso de
curtir-se em

D

dar a, em, com, por
dar-se (pressa) a, em
decair de
decidir sobre
declarar-se contra
declinar– de
dedicar– a
dedignar-se de
deduzir– de
deitar-se a, em, sobre
deleitar-se com, em, de
denotar– a, em
deparar– com
depender de
dependurar – de
depressivo de
derivar– de
desafiar– para
desagradar a

desagradável a
desalojar– de
desapegar-se de
desapossar– de
desapropriar– de
desatar– de, em
desatento a
desavir-se com
descansar– de
descansar com
descartar-se de
descender de
descer de, a
desconfiar de
descontar– de
descontente com
descuidar-se de
desculpar-se de, com
descurar-se de (não *por*)
desdizer-se de
desejoso de
desembaraçar-se de
desempenhar-se de
desenganar-se de
desertar– de
desesperar– de
desfavorável a
desfazer-se de
desgostar-se de, com
designar-se de
desistir de
desleal a
desobedecer a
despedir-se de
despenhar de
despojar– de
desprender– de
desquitar-se de
declinar a, para
destituir– de
deter-se em, com
determinar-se a
dever– de 165
devoto de
diferenciar– de
diferente de
difícil de
dignar-se de, a
digno de

diligente em, para
discordar de
discrepar em
disfarçar– em
dispensar– de, a
dispor– de, -se a, para
disposto a
disputar com
dissemelhante de
dissentir de
dissuadir– de
distar de
distinguir– de
distrair-se com
distribuir– a, por com, entre
ditoso com
diverso de
divertir-se com
divorciar-se de
dizer– de
doce a
dócil a, para com
doente de
doer-se de
dotado de
dotar– com, em
doutor em
duro de
duvidar de

E

eleger– por, em, como
embaraçar-se com
embeber– de, em
embelezar-se com
embevecer-se em, com
emboscar-se em
embriagar-se de, com
embutir– em
emendar-se de
empapar– de, em, com
empenhar-se por, em, com
emular com
empregar-se com
êmulo de
encarar– com
encarregar– de
encarniçar-se com, contra

encharcar-se em
encher– de
encomendar– a
encostar– a
encontrar-se com
enfadar-se com
enfastiar-se de, com
enfatuar-se com
enfeitar-se com
enfermar– de
enfurecer-se com, contra
engalanar-se com
enganar-se com, em
engenhar-se a
engolfar-se em
enlaçar-se em
enlear-se em
enraivecer-se contra
enredar-se em
ensaiar-se em, para
ensinar– a
entender de
entendido em
entregar-se a
entreter-se com, em
entristecer-se com, de
envaidar-se com, por
envelhecer– (sem *de*!)
equiparar a, com
equivalente a
equivaler– a
eriçado de
erigir (-se) em
erudito em
escapar a, de
escapulir de
escarmentado de, com
escarnecer de
escasso de
escolher– entre
escrupulizar em
escusar-se de
esforçar-se em, por, para
esmaltar– de
esmerar-se em
espantar-se com, de
especular– com, em
esperar– de, em
espraiar-se em

esquecer-se de
esquivar– de
esquivar-se a
essencial para
estabelecer-se com
estender-se em, a, por
estéril de
estimular– a, com
estranho a
estreito de, para
estribar-se em
estropiado de
exato em
exceder–, a, em, de
excetuar de
excitar– a
excluir– de
exercitar-se em
exortar– a
expor– a
extrair– de
exigir– de, a
eximir– de
exonerar– de
extorquir– a, de

F

fácil de
falar de, em, com, a, sobre
faltar com, a
falto de
fartar– com, de
farto em
fatigar-se de, com
favorável a
favorecer– com, de
fechar (-se) a
fecundo em
feder a
felicitar– por, de
fértil de, em
fiar-se em, de
fiel a
fincar-se em
firme em
florescer em
folgar de, em
formar-se em

forrar– de, com
forte de, em
fraco de, em
franco para com, de, em
franquear– de, a
frouxo de
fugir– de, a
fundar-se em
furioso com, de
furtar– a, de

G

gabar-se de
galardoar– com
ganhar– de, a
generoso com
glorificar-se de
gordo de
gostar de
gostoso a
gozar de
graduar-se em
grande de
grato a
gravar– com
gravoso a
grosso de
guardar-se de
guarnecer com
guerra a
guindar-se a

H

hábil em
habilitar– com, para
habituar-se a
habituado a
haver-se com
herdar– de
hesitar em, sobre
horror a
hostil a
humilhar-se a

I

ida a
idêntico a

idôneo para, a
imbuir-se de, em
imediato a
impaciente com
impedir– de, a
impelir– a
impenetrável a
impetrar– de, a
implicar com 166
impor– a
importar a (impessoal),
de (país), em (quantia) 167
inconsequente com
impossibilitar– para, a
impossibilidade de
impossível de
impotente contra, para
impróprio para
imputar– a
inábil para
inabilitar– para
inacessível a
incansável em
incapaz de, para
incerto de, em
incessante em
incidir em
incitar– a
inclinar– a, para
incluir– em
incompatível com
incompreensível a
inconsequente com
inconstante em
incorporar– a, em
incorrer em
incrível a, para
inculcar– em
incumbir– de
indébito a
indeciso em
indenizar– de
independente de, em
indiferente a
indignar-se com
indigno de
indispor– contra, (-se) com
indócil a
indulgente para, para com

indultar– de
induzir– a, em
inerente a
inexorável a
infatigável em
infeccionar– em
inferior a
inferior de
infestar– de
infiel a
inflamar-se de
inflexível a
influir em, para, sobre
informar– sobre, de,
(-se) de
ingerir– em
ingrato com, para com
inibir– de
iniciar– em, a
inimigo de
inimizar-se com
injuriar com
inocente de
inquietar-se de, com
insaciável de
insensível a
inseparável de
inserir– em
insinuar– em
insípido a
insistir sobre, em
instar– por, a
instruir– de, em, sobre
inteirar-se de
intercalar entre
interceder por
interessar-se por
interesse em, por
intermédio a
internar-se em
interpolar– entre, com
interpor– entre
interrogar a
intervir em
intolerante com, para com
inundar– de, em
intrometer-se em
inútil para, a
investir contra, com

irmanar– com
isentar– de

J

jactar-se de
jubilar– em
juncar– de
juntar– a, com
justificar– de, a; (-se)

L

lamentar-se de
lançar– em (-se) sobre
lastimar-se de
leal a, com, para com
lembrar-se de
lento em
levar– em, a, por
liberal com
libertar– de
lidar com
ligar– a, com
ligeiro de
limitar-se a, com
limitado de
limpar– em, a (-se), de, em
limpo de
lisonjear-se de
litigiar com, contra
livrar– de
livre de
lograr (-se) de
longe de
longínquo de
louco de, com
lutar com, contra

M

maior de, entre
maldizer– de
maliciar– de
malquistar-se com
manco de
mancomunar-se com
manso de
manter-se com
maquinar– contra

maravilhar-se com, de
matizar– de
mau com, para,
para com
mediano de, em
mediar entre
medir (-se) com, por
meditar em, sobre
medrar– em
melhorar de
menor de
merecer de
mergulhar– em
mesclar– em
meter-se– a, em juiz
mimosear– com
ministrar– a
misericordioso com, para com
moderar-se em
mofar– de, com
molestar– com
molesto a
morador em168
moroso de, em
morrer de, por
mortificar-se com
motejar– de
mudar– de; mudar-se para
murmurar– de

N

namorar 169
namorar-se de, namorar
(tr. direto), com
natural de
necessário a
necessitar de
negligente em
negar-se a
negociar– em, com
nivelar-se a, com
nobre de, em, por
nocivo a
nutrir-se de, com

O

obedecer a

obediente a
oblíquo a
obrigar– a
obrigação de
obsequioso com
obstar– a
obstinar-se em
obviar– a
ocupar-se com, em, de
ódio a, de, contra,
para com
odioso a, para
ofender– com, por
ombrear-se a, com
oneroso a
opinar sobre, de
opor (-se) a
oposto a
oprimir– com
optar por, entre
orar por
orgulhoso com, para
com, de

P

pactuar com
padecer de
pagar– a, de, em 170
pálido de
parco em, de
parecer com, a, de
parecido a, com
paralelo a
participar– de, em, a
pasmar de
passar de, com, em
passível de
peculiar a
pegar de, em
pender– de, a
pendurar– de, a
penetrado de
pensar em
perdoar– a
perfumar– com
perguntar a, por
perito em
permutar– com, por

pernicioso a
perpendicular a
persistir em
perseverar em
persuadir– de
pertencer a, pertencer
para (= ser próprio de)
pertinaz em
pesado a
pesar de (impessoal), a
piedade de
pleitear– com, contra
pobre de
poderoso para, em
porfiar em, por
pospor– a
possível de
possuído de
posterior a
povoar– de
prático em
precaver-se contra, de
preceder– em
precisar de
proeminência sobre, de
preferir– a 171
prejudicial a
preocupar-se com
preparar-se para
preponderar sobre
prescindir de
presentear– com
preservar– de
presidir– a, em
prestes a, para
presto a, para
presumir de
prevalecer– sobre
prevenir– de, para, contra
prezar-se de
primeiro de, dentre, a, em 172
privar– de, com
proceder a, com
processar– por
pródigo de, em
professar– em
proibir– a
promover– a
pronto para, em

propender para
propício a
propínquo de
próprio para, de
proporcionado a, com
prorromper em
prosseguir– em
prestar por
protestar contra
provar– de, a
proveitoso a
prever– a, de
provocar– a, contra
próximo a, de
pugnar por, contra
purgar-se de
purificar-se de
puxar– de, por

Q

quadrar– com
qualificar– de
queixar-se a, de
querelar contra
querer– a173
quebrado
querido de, por
quebrantar-se com

R

radicar-se em
ralhar com
rebaixar– de, -se a
rebelde a
rebentar de
recair em, sobre
reclamar– contra
reclinar-se sobre
recolher-se a
recomendar– a
recompensar com
reconciliar-se com
reconvir sobre
recorrer a
recostar-se sobre, em
recrear-se com
recusar– a

redundar em
reduzir– a (não *em*)
referir-se a
refletir em, sobre
refugiar-se em
regalar-se com
regar– de
regozijar-se de, com
regular-se por
reincidir em
reintegrar– em
rejubilar com
relaxar-se em
remontar– a
remover– de
renascer a
render-se a
renegar de
rente com, a, de
renunciar a
repartir entre, com, por
representar– contra
reptar para
requerer– a
resguardar-se de, contra
residir em
resignar-se a, com
resistir a
resolver-se a
respeito a, de, por
responsável por
ressentir-se de
restabelecer-se de
resultar de
retirar-se de, a
retrair-se a
retratar-se de
retroceder– a, para
revestir– de, com
rico de, em
rígido de
rijo de
rir-se de
rivalizar– com
roçar-se com
rodear-se de, com
rogar– por
romper– com

S

saber a (ter gosto), de
sábio em
sacar– de
saciar– de, a
sacrificar– a, (-se) por
sacudir– de
safar-se de
sair de, (-se) com
salpicar– de
salvar– de
sanar de
são de
sarar– de
satisfazer– a, (-se) com
seco de
sedento de, por
seguro de, em
segregar– de, a
semelhante a
semelhar– a
sensível a
sentir-se de
separar– de
serviço em
servir– a, (-se), de, para
severo com, para com, em
sindicar de
singularizar-se por
sito em174
soberbo com, de
sobrar a
sobreviver a
sobrevir a
sobrepujar– em
sobressair em, por
sobressaltar-se com
sóbrio de, em
socorrer– (-se) de, com, a
sofrido em
solicitar– de
solícito com
solto de
sonhar com
sortir de
submeter– a
subordinar– a
sub-rogar em

subsistir com
substabelecer em
substituir– por, a
subtrair– de, (-se) a
suceder a
sujar-se com
sujeitar-se a
sujo de
sumir-se em
superior a
suplicar– a
surdo a, de
surpreender-se com
suspeitar de
suspeito a, de
suspender– de
sustentar-se de, com
suster– com
suster-se de

T

tachar– de
tapar– com
tapizar de
tardar em
tardo a, em
tauxiado de
teimar em
temer de, por
temeroso de
temível a
terçar– com
terminar em, por
terno de
timbrar em, de
tingir– de
tirar– de
tiritar de
topar com
tornar a
trabalhar de, por, para, em
traduzir– em, para, de
traficar– com, em
traidor a, de
transbordar– de
transferir– a
transfigurar-se em
transformar– em

transido de
transitar por
transplantar– de, para
transportar-se de
trasladar– a, em, de
tratar– de
travar-se de
tremer de
tresandar a
trespassado de
tributar– a
triste de, com
triunfar de
trocar– por, de

U

ufanar-se de, com
último em, de, a
ultrajar– com
ungir– com
único em
uniformizar– com
unir– a, com
untar– de, com
usar– de
útil a, para
utilizar-se de

V

vacilar em
valer-se de, valer–, a
vangloriar-se de, por
variar– de, em
vazar– em
vazio de
vedar– a
velar– por, em,
versado em
verter– de, para, em
vestir-se com, de
viciar-se com ,em
vincular– a
vingar-se de, em
visar– (= pretender) a,
visar– (= dar o visto)
visível a
vizinho a, de

voltar de, a

Z

zangar-se com
zombar de
zelar por

7 – Colocação

Sintaxe de colocação* ou *de ordem – é aquela que trata da maneira de dispor os termos dentro da oração e as orações dentro do período.

A *colocação*, dentro de um idioma, obedece a tendências variadas, quer de ordem estritamente gramatical, quer de ordem rítmica, psicológica e estilística, que se coordenam e completam. O maior responsável pela ordem favorita numa língua ou grupo de línguas parece ser a entonação oracional. Entre os casos de colocação usual ou normal em português sobressaem os seguintes:

a) a colocação do adjunto preposicionado depois do seu substantivo:
a casa *de Vera*

b) a colocação do adjunto adjetivo depois do seu substantivo:
homem *rico*

c) a colocação do adjunto não representado por adjetivo (artigo, pronome adjunto, quantificadores) antes do substantivo:
o homem bom
meu tio rico
sete pecados capitais
muitos livros raros

d) a colocação do verbo depois do sujeito, não havendo passiva com o pronome *se* ou quando não se trata de interrogação parcial com pronome não sujeito ou advérbio interrogativo:
Dudu mudou de colégio.
Mas: Aluga-se *esta casa*. Por que cometeu *ele* essa falta?

e) a colocação do complemento verbal depois do verbo:
Compramos *maçãs*.
Assistiram *ao filme*.
Bebel é *estudiosa*.

f) a colocação do objeto direto antes do indireto, quando constituídos por substantivos:
Escreveram *cartas ao sócio prejudicado*.

g) a colocação do objeto indireto antes do direto, quando constituídos por pronomes (ou o direto por substantivos):
Escreveram-*lhe cartas*.
Escreveram-*lhas*. (*lhe* + *as*)
"O português pertence ao número daquelas que se caracterizam pelo ritmo ascendente, em que se anuncia o termo

menos importante e depois, com acentuação mais forte, a informação nova e de relevância para o ouvinte" [SA.2, 270].

Isto nos leva a uma ordem considerada *direta*, *usual* ou *habitual*, que consiste em enunciar, no rosto da oração, o sujeito, depois o verbo e, em seguida, os seus complementos, como vimos antes.

A ordem que saia do esquema SVC (sujeito – verbo – complemento) se diz *inversa* ou *ocasional*.

Chama-se *anástrofe* a ordem inversa que colide com a norma geral da colocação:

De teus olhos a cor vejo eu agora

Quando a colocação chega a prejudicar a clareza da mensagem, pela disposição violenta dos termos, diz-se que há um *hipérbato*:

a grita se levanta ao céu da gente por

a grita da gente se levanta ao céu [MC.4, s.v. Ambiguidade].

Diziam os retóritos que o hipérbato era a forma de expressões da paixão. Quando a deslocação cria a ambiguidade ou mais de uma interpretação do texto, alguns autores dão à forma o nome *sínquise*.

Quase sempre essa deslocação violenta dos termos oracionais, fonte de ambiguidades, exige, para o perfeito entendimento da mensagem, nosso conhecimento sobre as coisas e de ordem cultural:

Abel matou Caim

Pela lição bíblica não se há de entender que Abel praticou a ação e Caim a sofreu, mas sim ao contrário.

Sendo a ordem direta um padrão sintático, a ordem inversa, como afastamento da norma, pode adquirir valor estilístico. E realmente se lança mão da ordem inversa para enfatizar esse ou aquele termo oracional.

Posto no rosto da oração um termo sobre o qual queremos chamar a atenção do nosso ouvinte, quebra-se a norma sintática e consegue-se o efeito estilístico desejado. Por um jogo natural de oposição, a ordem direta também pode assumir valor estilístico para traduzir situações do campo da novidade. O estilo descritivo ama a ordem direta; José de Alencar tirou dela notáveis efeitos no seguinte trecho:

"A tarde ia morrendo. O sol declinava no horizonte e deitava-se sobre as grandes florestas, que iluminava com os seus últimos raios. A luz frouxa e suave do acaso, deslizando pela verde alcatifa, enrolava-se como ondas de ouro e de púrpura sobre a folhagem das árvores. Os espinheiros silvestres desatavam as flores alvas e delicadas; e o ouricuri abria as suas palmas mais novas, para receber no seu cálice o orvalho da noite. Os animais retardados procuravam a pousada; enquanto a juriti, chamando a companheira, soltava os arrulhos doces e saudosos com que se despede o dia. Um concerto de notas graves saudava o pôr do sol, e confundia o rumo da cascata, que parecia quebrar a aspereza de sua queda, e ceder à doce influência da tarde. Era Ave-Maria" [JA.2, 37].

O ritmo ascendente predominante no português, dispondo os termos de acentuação mais fraca e menos significativos antes dos termos mais fortes, estabelece as seguintes normas válidas para as situações em que não predomine a linguagem emocional, algumas delas já enunciadas anteriormente e agora completadas:

a) os artigos, os pronomes (adjuntos), os quantificadores (com exceção dos cardinais com valor de ordinais) se antepõem:

O livro, *um* livro, *este* livro, *meu* livro, *cada* livro, *três* livros;

b) a preposição vem antes de um termo nominal ou pronominal:

de noite, *a* ele;

c) o advérbio *não* precede o verbo:

não quero;

d) o verbo auxiliar precede seu verbo principal:

hei de ver, *quero* dizer, *costuma* falar

e) o adjetivo monossilábico modificador precede o nome de maior extensão fonética:

bom dia, *má* hora, etc.

f) o adjetivo que exprime forma ou cor vem depois do substantivo, especificando seu conceito e o opondo a outros da espécie:

rua larga, *blusa verde*;

g) vem antes o adjetivo empregado não para designar o seu sentido próprio, mas para atribuir uma significação figurada:

grande homem / homem grande

"... eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor" [MA.1, 1].

h) Numa sequência de dois adjetivos e um substantivo, aqueles aparecem em geral juntos: *Bons e estimados livros* ou *Livros bons e estimados*. A quebra desta disposição, pondo o substantivo no meio, é recurso comum na poesia, mas também não ausente na prosa artística: *Bons livros e estimados*. No seguinte passo João Ribeiro afastou ainda mais os dois adjetivos:

E quando foi noite, a donzela *transida* de terror e *lagrimosa* buscou o eremita [JR.2, 97].

i) Na sequência dos pronomes sujeitos *eu* e *tu*, *eu* e *ele* ou entre *eu* + pronome de tratamento ou substantivo, em geral a série começa com *eu*:

Eu e ele saímos juntos.

Todavia a inversão é possível (apesar de já ter sido apontada como francesismo), especialmente quando, por delicadeza e educação, se quer dar precedência ao interlocutor:

Estamos no Minho, o leitor e eu [CBr.12, 1].

E assim galgamos ele e eu o rochedo [JR.2, 194].

Colocação dos termos na oração e das orações no período – A norma sintática do português registra os seguintes casos:

1.º) Põe-se de ordinário o sujeito representado por substantivo depois do verbo na passiva pronominal:

Alugam-se casas.

Outra posição pode mudar a análise da oração, desde que entre um termo a que nossa tendência anímica atribua a realização da oração. Note-se a diferença contextual entre *Abriu-*

se a porta (voz passiva) e *A porta abriu-se* (voz ativa).

A norma já não é imperiosa se o sujeito está representado por um pronome:

Aquilo nunca se vira por ali [JL.1, 74].

2.º) Nas orações reduzidas de gerúndio e particípio, o sujeito vem depois do verbo:

Terminando o discurso, dirigiu-se ao hotel.

Terminado o discurso, dirigiu-se ao hotel.

3.º) O verbo vem no início das orações que indicam existência (*ser*, *existir*, *haver*, *fazer*), tempo, peso, medida:

Era uma vez um príncipe

Existiam várias razões

Houve discussão

Faz três anos que não o vejo

São várias horas de distância

Faltam dois dias para a festa

4.º) O verbo no início das subordinadas condicionais e concessivas sem transpositor:

Tivesse-me ele dito a verdade, tudo acabaria bem.

Acabasse falando comigo, mesmo assim não lhe perdoaria.

5.º) Nas orações intercaladas de citação, o sujeito vem de ordinário depois do verbo:

Suma-se – ordenou *o policial*.

6º) Nas interrogações introduzidas por pronomes e advérbios (*quem*, *que*, *o que*, *quanto*, *qual*, *como*, *quando*, *onde*, *por que*), o verbo vem em geral antes do sujeito, desde que este não seja o pronome interrogativo:

Quem veio aqui? (*quem* sujeito)

De quem falava você quando chegamos?

Como foi ele passar nessa encrenca?

Usa-se ainda, neste caso, sujeito antes do verbo ou a palavra interrogativa no fim da oração:

De quem você falava?

Ele comprou o quê?

OBSERVAÇÃO: Na pergunta retórica costuma-se pôr o sujeito antes do verbo em construção do tipo: *O médico aconselhou esta dieta, e você seguiu?*

7.º) Nas orações exclamativas, de sentido optativo ou não, é frequente o sujeito vir depois do verbo:

Como era verde o meu vale!

Viva o rei! (construção fixa)

8.º) A oração subordinada subjetiva vem normalmente depois do verbo regente:

Consta que o trem atrasou.

Ficou patente que o progresso começara.

É aconselhável que não se retirem agora.

9.º) A oração subordinada adverbial causal iniciada por *como* vem em geral no início do enunciador de sua principal:

Como o tempo melhorou, sairemos agora.

10.º) Numa sequência de pronomes átonos, vem em primeiro lugar o que funciona como objeto indireto seguido do objeto direto:

Eu vo-lo darei

Nunca *lho* dissemos

OBSERVAÇÃO: Nas ocorrências com o pronome *se* + *me*, *te*, *lhe*, *nos*, *vos*, o *se* vem sempre em primeiro lugar:

Não *se me* afiguram boas as soluções.

Pouco *se nos* dá esse tipo de solução.

11.º) Diante de negação, o pronome átono pode vir antes ou depois do advérbio *não*:

Ele *não me* disse. Ele *me não* disse (rara entre brasileiros)

12.º) Não raro se intercala uma ou mais palavras entre o pronome átono em próclise e o verbo:

Eram grandes raids, entradas, como se então dizia" [AAr.2, 128].

13.º) Nas orações em que entra verbo intransitivo parece haver preferência da posposição do sujeito, como indica esta passagem de Garrett:

"Assim passaram *meses*, assim correu *o inverno* quase todo, e já as amendoeiras se toucavam de suas alvíssimas flores de esperança, já uma depois de outras iam renascendo *as plantas*, iam abrolhando *as árvores*; logo vieram *as aves* trinando seus amores pelos ramos... insensivelmente era chegando *o mês* de abril, estávamos em plena e bela primavera" [AGa *apud* GM.1, 365].

14.º) Por elegância e ênfase de expressão, pode-se deslocar para antes do pronome relativo o predicativo da oração adjetiva:

Daniel, *professor* que foi daquela escola, nunca se dispôs a mudar de cidade.

Colocação e clareza – Levadas em conta as construções fundamentais de que a linguagem natural e espontânea não costuma afastar-se, é certo que para a estrutura oracional temos em português bastante liberdade. Esta, porém, é maior no verso, em que ocorrem certas transformações complementares estranhas não só ao falar comum, mas ainda ao discurso limado. Alguns escritores abusaram da liberdade poética, a ponto de tornarem a linguagem obscura e quase ininteligível:

"Ama a vivenda dos contrários ao fogo undosos rios" (Castilho)

"A do rei potente mimosa filha

Dos sem conto que há passado maléficos portentos" [AC *apud* SA.2, 276].

Colocação dos pronomes pessoais átonos e do demonstrativo *o* é questão de fonética sintática – Durante muito tempo viu-se o problema apenas pelo aspecto sintático, criando-se a falsa teoria da "atração" vocabular do *não*, do *quê*, de certas conjunções e tantos outros vocábulos. Graças a notáveis pesquisadores, e principalmente a Said Ali, passou-se a considerar o assunto pelo aspecto fonético-sintático. Abriram-se com isso os horizontes,

estudou-se a questão dos vocábulos átonos e tônicos, e chegou-se à conclusão de que muitas das regras estabelecidas pelos puristas ou estavam erradas, ou se aplicavam em especial atenção ao falar lusitano. A Gramática, alicerçada na tradição literária, ainda não se dispôs a fazer concessões a algumas tendências do falar de brasileiros cultos, e não leva em conta as possibilidades estilísticas que os escritores conseguem extrair da colocação de pronomes átonos. Daremos aqui apenas aquelas normas que, sem exagero, são observadas na linguagem escrita e falada das pessoas cultas. Não se infringindo os critérios expostos, o problema é questão pessoal de escolha, atendendo-se às exigências da eufonia. É urgente afastar a ideia de que a colocação brasileira é inferior à que os portugueses observam, porque:

> "*a pronúncia brasileira diversifica da lusitana; daí resulta que a colocação pronominal em nosso falar espontâneo não coincide perfeitamente com a do falar dos portugueses*" [SA.2, 279].

O pronome átono pode assumir três posições em relação ao vocábulo tônico, donde a *ênclise*, *próclise* e *mesóclise*.

Ênclise é a posposição do pronome átono (vocábulo átono) ao vocábulo tônico a que se liga:

> Deu-*me* a notícia.

Próclise é a anteposição ao vocábulo tônico:

> Não *me* deu a notícia.

Mesóclise é a interposição ao vocábulo tônico:

> Dar-*me*-ás a notícia.

Critérios para a colocação dos pronomes pessoais átonos e do demonstrativo *o*.

A – Em relação a um só verbo

1.º) Não se inicia período por pronome átono:

> "Sentei-*me*, enquanto Virgília, calada, fazia estalar as unhas" [MA.1, 125].
>
> "Não! *vos* digo eu!" [AH *apud* FB.1, 197].
>
> "Querendo parecer originais, *nos* tornamos ridículos ou extravagantes" [MM].

Observações:

1.ª) Ainda que não vitoriosa na língua exemplar, mormente na sua modalidade escrita, este princípio é, em nosso falar espontâneo, desrespeitado, e, como diz Sousa da Silveira, em alguns exemplos literários, a próclise comunica "à expressão encantadora suavidade e beleza" [SS.1, § 523, a, obs.]. Alguns modernistas, com Mário de Andrade à frente, tentaram estender essa próclise inicial de enunciado a todos os pronomes átonos, exagerando, porque isto não ocorre com *o*, *a*, *os*, *as*: *O vi.* Depois, só Mário persistiu no uso, apesar das ponderações de Manuel Bandeira.

2.ª) Preso a critério de *oração* (e não *período*, como aqui fizemos), Rui Barbosa [RB.1] tem por errônea a colocação em: "Se a simulação for absoluta, sem que tenha havido intenção de prejudicar a terceiros, ou de violar disposições de lei, e for assim provado a requerimento de algum dos contratantes, – *se julgará o ato inexistente*". Os que adotarem o critério de *oração*, só aceitam a posição inicial do pronome átono na intercalada de citação, como ocorre no exemplo de Herculano acima transcrito.

3.ª) Em expressões cristalizadas de cunho popular aparece o pronome no início do período: "*T'esconjuro*!... *sai*, *diabo!...*" [MA.1, 97].

2.º) Não se pospõe, em geral, pronome átono a verbo flexionado em oração subordinada:

"Confesso que tudo aquilo *me* pareceu obscuro " [MA.1, 79].

"Se *a* visse, iria logo pedi-la ao pai" [MA.1, 87].

"Tu que *me* lês, Virgília amada, não reparas na diferença entre a linguagem de hoje...?" [MA.1, 91].

OBSERVAÇÃO: Quando se trata de orações subordinadas coordenadas entre si, às vezes ocorre a ênclise do pronome átono na segunda oração subordinada. Também quando na subordinada se intercalam palavras ou oração, exigindo uma pausa antes do verbo, o pronome átono pode vir enclítico: "Mas a primeira parte se trocou por intervenção do tio Cosme, que, ao ver a criança, *disse-lhe* entre outros carinhos..." [MA *apud* MBa.2, 197]. Em todos estes e outros casos que se poderiam lembrar, a ação dos gramáticos se tem dirigido para a obediência ao critério exposto, considerando esporádicos e não dignos de imitação os exemplos que dele se afastam.

3.º) Não se pospõe pronome átono a verbo modificado diretamente por advérbio (isto é, sem pausa entre os dois, indicada ou não por vírgula) ou precedido de palavra de sentido negativo:

"Não *me* parece; acho os versos perfeitos" [MA.1, 69].

Sempre *me* recebiam bem.

Ninguém *lhe* disse a verdade.

Se houver pausa, o pronome pode vir antes ou depois do verbo:

"Ele esteve alguns instantes de pé, a olhar para mim; depois estendeu-*me* a mão com um gesto comovido" [MA.1, 86].

OBSERVAÇÃO: Como já foi indicado antes, o pronome átono, não inicial, pode vir antes da palavra negativa:

(...) descia eu para Nápoles a busca de sol que *o não* havia nas terras do norte [JR.2, 187].

4.º) Não se pospõe pronome átono a verbo no futuro do presente e futuro do pretérito (condicional). Se não forem contrariados os princípios anteriores, ou se coloca o pronome átono proclítico ou mesoclítico ao verbo:

"Teodomiro *recordar-se-á* ainda de qual foi o desfecho do amor de Eurico..." [AH.1, 60].

"Os infiéis... *contentar-se-ão*, talvez, com as riquezas..." [AH.1, 146].

5.º) Não se pospõe ou intercala pronome átono a verbo flexionado em oração iniciada por palavra interrogativa ou exclamativa:

"Quantos *lhe* dá?" [MA.1, 97].

"Quem *me* explicará a razão dessa diferença?" [MA.1, 158].

Como *te* perseguem!

B – EM RELAÇÃO A UMA LOCUÇÃO VERBAL

Temos de considerar dois casos:

a) Auxiliar + { infinitivo: ***quero falar*** / ou / gerúndio: ***estou falando*** }

Se os princípios já expostos não forem contrariados, o pronome átono poderá aparecer:

1) Proclítico ao auxiliar:

Eu *lhe* quero falar.

Eu *lhe* estou falando.

2) Enclítico ao auxiliar (ligado por hífen).

Eu quero-*lhe* falar.

Eu estou-*lhe* falando

(...) e a conversação de Adrião *foi-a* lentamente acostumado à sua presença [EQ.4, 56].

3) Enclítico ao verbo principal (ligado por hífen):

Eu quero falar-*lhe*

Eu estou falando-*lhe* (mais raro)

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Com mais frequência ocorre entre brasileiros, na linguagem falada ou escrita, o pronome átono proclítico ao verbo principal, sem hífen:

Eu quero *lhe* falar

Eu estou *lhe* falando

A Gramática clássica, com certo exagero, ainda não aceitou tal maneira de colocar o pronome átono, salvo se o infinitivo está precedido de preposição: *Começou a lhe falar* ou *a falar-lhe*.

2.ª) Com o infinitivo podem-se contrariar os princípios 2.º e 3.º anteriormente formulados:

Eu não quero falar-*lhe*

Espero que não queira falar-*lhe*

3.ª) Nas construções com o verbo *haver* do tipo *há-se de + infinitivo* ou *há de se + infinitivo*, esta última é mais corrente e a primeira, mais comum em Portugal, aparece apenas como reminiscência literária:

"(...) e *hão-me* ainda a face

De encobrir ervançais, para não *ver-te*" [AO *apud* SS.1, § 524, 3, obs.].

b) Auxiliar + particípio: ***tenho falado***...

Não contrariando os princípios iniciais, o pronome átono pode vir:

1) Proclítico ao auxiliar:

Eu *lhe* tenho falado.

2) Enclítico ao auxiliar (ligado por hífen):

Eu tenho-*lhe* falado

Jamais se pospõe pronome átono a particípio. Entre brasileiros também ocorre a próclise ao particípio:

Eu tenho *lhe* falado.

Posições fixas – A tradição fixou a próclise ainda nos seguintes casos:

1) com o gerúndio precedido da preposição *em*:

"Ninguém, desde que entrou, *em* lhe chegando o turno, se conseguirá evadir à saída" [RB.2, 30].

2) nas orações exclamativas e optativas, com o verbo no subjuntivo e sujeito anteposto ao verbo:

Bons ventos *o* levem!

Deus *te* ajude!

Explicação da colocação dos pronomes átonos no Brasil – Nos princípios anteriormente comentados, vimos certas tendências brasileiras que nem sempre a Gramática agasalha como dignas de imitação, presa que está a um critério de autoridade que a linguística moderna pede seja revisto.

Sobre o assunto, em lúcido resumo, comenta o Prof. Martinz de Aguiar:

"A colocação de pronomes complementos em português não se rege pela fonética, nem é o ritmo, o mesmo binário-ternário, em ambas as modalidades, brasileira e lusitana, que impõe uma colocação aqui, outra ali, não. Ela obedece a um complexo de fatores, fonético (rítmico), lógico, psicológico (estilístico), estético, histórico, que às vezes se entreajudam e às vezes se contrapõem. Numa frase como *ele vem-me ver*, geral em Portugal, literária no Brasil, o fator lógico deslocou o pronome *me* do verbo *vem*, para adjudicá-lo ao verbo *ver*, por ser ele determinante, objeto direto, do segundo, e não do primeiro. Isto é: deixou a língua falada no Brasil de dizer *vem-me ver* (fator histórico, por ser mera continuação do esquema geral português), para dizer *vem me-ver* (escrito sem hífen), que também vigia na língua, ligando-se o pronome ao verbo que o rege (fator lógico). Esta colocação de tal maneira se estabilizou, que pouco se diz *vem ver-me* e trouxe consequências imprevistas:

1.ª) Pôde-se juntar o pronome ao particípio, procliticamente:

Aqueles *haviam se-corrompido* (escrito sem hífen aqui e nos iguais exemplos).

2.ª) Pôde-se pôr o pronome depois dos futuros (do presente e do pretérito):

Poderá se-reduzir, *poderia se-reduzir*. Deixando de ligar-se aos futuros, para unir-se ao infinitivo, deixou igualmente de interpor-se-lhe aos elementos constitutivos.

3.ª) Em frases como *vamos nos-encontrar*, deixando o pronome de pospor-se à forma verbal pura, para antepor-se à nominal, deixou igualmente de determinar a dissimilação das sílabas parafônicas, podendo-se então dizer *vamo-nos encontrar*" [MAg.1, 408-409].

Pelas mesmas razões variadíssimas é que no Brasil, na linguagem coloquial, o pronome átono pode assumir posição inicial de período.

APÊNDICE

1 – Figuras de Sintaxe

Fenômenos de sintaxe mais importantes

1) **Elipse** – Chama-se *elipse* a omissão de um termo facilmente subentendido por faltar onde normalmente aparece, ou por ter sido anteriormente enunciado ou sugerido, ou ainda por ser depreendido pela situação, ou contexto. É o que ocorre quando, diante de um quadro, uma pessoa dá sua opinião:

É belo! [MC.4, s.v.].

São barulhentos, mas eu admiro *meus alunos*.

Assim, não se há de considerar elipse a omissão do sujeito léxico já que ele está indicado na desinência verbal, o sujeito gramatical. A necessidade de explicitação do sujeito gramatical mediante um sujeito explícito é ditada pelo texto; a rigor, portanto, não se trata da "elipse" do sujeito, mas do "acréscimo" de expressão que identifique ou explicite a que se refere o sujeito gramatical indicado na desinência do verbo finito ou flexionado. Em português, salvo nos casos de ênfase ou contraste, não se explicita o sujeito gramatical mediante os pronomes sujeitos de 1.ª e 2.ª pessoas do singular e do plural:

Sairei depois do almoço (desnecessário: *Eu* sairei...)

Foste contemplado na crítica (desnecessário: *Tu* foste...)

Mas:

Eu sairei, e *tu* ficarás.

Entre as elipses que ocorrem com mais frequência estão:

a) a da preposição em algumas circunstâncias adverbiais depreendidas pelo contexto:

As visitas, *pés sujos*, entraram no salão.

O tecido custava dez reais *o metro*.

Domingo irás à festa.

Conhecem-no *uma légua* em redondo.

OBSERVAÇÃO: Também ocorre a elipse de preposição em séries coordenadas:

eu disse a seu pai que a sustentação *de sua filha e marido*... [CBr.6, 104].

"Deus não dá *para ócios ou desperdícios*" [CBr.6].

Geralmente é mais rara a elipse quando a preposição vem com artigo:

Estou farto das afrontas *dos nobres e dos plebeus* [CBr.6, 110].

Ou quando há ênfase:

(...) (duas almas) recolhidas *em si e em Deus* [CBr.6].

Também é mais comum repetir-se a preposição antes dos pronomes pessoais monossilábicos e do pronome reflexivo:

Não se lembrou *de mim e de ti*.

Nas locuções prepositivas também é comum esta praxe; entretanto, só se costuma repetir o último componente da locução:

Através da história e *da* lenda, o fato chegou até nós.

Antes de mim e *de* ti há a justiça.

b) a da preposição antes do conectivo que introduz as orações de complemento relativo e completivas nominais:

Preciso (*de*) que venhas aqui.

Estou necessitado (*de*) que venhas aqui.

OBSERVAÇÃO: Pode ocorrer a elipse não só da preposição, mas também da conjunção integrantes:

Quis defendê-la, mas Capitu não me deixou, continuou a chamar-lhe beata e carola, em voz tão alta que *tive medo fosse* ouvida dos pais [MA *apud* MBa.3, 80].

c) a da conjugação integrante, mormente como transpositor das subordinadas subjetivas e objetivas diretas:

É necessário (*que*) se faça tudo rapidamente.

Espero (*que*) sejam felizes.

OBSERVAÇÃO: Às vezes dois verbos seguidos vêm desacompanhados das respectivas conjunções integrantes:

Frequentes vezes me *disse esperava* lhe arrumarem o processo [CBr.10, I, 51].

d) a do verbo *dizer* (e semelhante) nos diálogos:

E ela: — Você está zangado comigo?

e) a do objeto direto representado por pronome átono para aludir ao substantivo anteriormente expresso:

Você recebeu *o convite*? *Recebi* sim (por Recebi-*o* sim)

Cuidas que não tem cura lançar sangue? *Tem*, meu filho, *tem* [CBr. *apud* MBa.5, 172].

Alguns autores condenaram sem razão este tipo de elipse, tipo de antífrase.

f) a da preposição *de* em construções do tipo *vestido cor de rosa* por vestido *de cor de rosa*; pode-se também omitir toda a expressão *de cor de*: *vestido rosa*.

g) note-se a construção *para* + *particípio* para exprimir a ideia de "que há de ser", "digno de ser", à semelhança do particípio futuro passivo latino:

Não é *para dito* o que ali aconteceu [MBa.5, 218].

h) a elipse de rigor da conjunção integrante *que* depois de *que* ou *do que* comparativo:

A um animal atacado de raiva é melhor que o matem do que esteja a penar (por *do que que esteja a penar*).

i) a elipse do primeiro elemento (preposição ou advérbio) que integra a chamada locução conjuntiva (*posto que*, *dado que*, etc.) na oração subordinada coordenada à anterior:

Nada houve contra ela, *se bem que* uma voz rouca se levantou no tribunal e *que* (por: *se bem que*) dois ou três presentes a acompanharam com certo entusiasmo.

OBSERVAÇÃO: Evite-se a simples lembrança da conjunção subordinada da 1.ª oração por um *que* na 2.ª subordinada, coordenada à anterior:

Quando ele me viu e *que* disse isso, acreditei na sua versão do fato.

Ou se repete o *quando* (*Quando... e quando*) ou só se usa a conjunção coordenativa (*Quando... e disse*).

2) **Pleonasmo** – É a repetição de um termo já expresso ou de uma ideia já sugerida, para fins de clareza ou ênfase:

Vi-*o a ele* (pleonasmo do objeto direto).

Ao pobre não *lhe* devo (pleonasmo do objeto indireto).

(...) o conde atirava à mísera cantora alguns soldos que ainda *lhe* reforçavam *a ela* as cordas vocais [JR.2, 188] (pleonasmo do dativo de posse).

Subir para cima.

O grande juiz entre os pleonasmos de valor expressivo e os de valor negativo (por isso considerado erro de gramática) é o *uso*, e não a *lógica*. Se não dizemos, em geral, fora de situação especial de ênfase: *Subir para cima* ou *Descer para baixo*, não nos repugnam construções com *O leite está saindo por fora* ou *Palavra de rei não volta atrás*.

Eis alguns casos comuns de pleonasmo:

a) a série possessiva *seu... dele*, *sua... dela* para fugir à ambiguidade:

Mas não esmoreceu o Sr. Conde de Laet. Ninguém melhor do que ele fez então a psicologia da maior parte dos nossos movimentos revolucionários. Não só mostrou que quase sempre a *sua* causa *deles*, "é um segredo" (...) [JF *apud* CL.1, II, 333].

b) o emprego de dois termos de significado negativo para afirmar (*não indouto* = douto; *não sem razão* = *com razão*; *nada anormal* = *muito normal*; *sem desconhecer* = *conhecendo*; *indesculpável* = *culpável*) [MBa.3, 54 e MBa.4, 64].

c) a repetição da conjunção integrante em construções do tipo:

"e disse *que*, se lhe não queríamos mais nada, *que* podíamos ir à nossa vida" [CBr.1, 45].

É frequente na variedade coloquial falada acompanhando transpositores de oração subordinada:

Quero saber *como que* você fez isso.

Ainda não marcamos *quando que* iremos nos casar.

Finalmente, há de se ter presente para não usá-lo sempre que possível o pleonasmo léxico que resulta do esquecimento do verdadeiro significado de certas expressões portuguesas ou estrangeiras: *decapitar* (por *decepar*, já que *decapitar* só pode referir-se à *cabeça*) *a cabeça*, *exultar de alegria*, *panaceia universal*, *esquecimento involuntário*, *desde ab aeterno* (*ab aeterno* é expressão latina que já indica *desde a eternidade*) , *desde ab initio*, *tornar a*

repetir, *prever de antemão*, *antídoto contra* e tantos outros. Alguns, usados pelos melhores escritores, já correm com alguma despreocupação diante da crítica mais severa, como é o caso de *suicidar-se*. Já está incorporada a repetição do prefixo e preposição de mesmo significado, como: *in*corporar *em*, *co*abitar *com*, *co*incidir *com*, *con*formar-se *com*, etc.

3) **Anacoluto** – É a quebra da estruturação lógica da oração:

> "Eu que era branca e linda, *eis*-me medonha e escura"
> [MB *apud* SS.1, § 536].

"Resulta esta anomalia em geral do fato de não poder a linguagem acompanhar o pensamento em que as ideias se sucedem rápidas e tumultuárias. É a precipitação de começar a dizer alguma cousa sem calcular que pelo rumo escolhido não se chega diretamente a concluir o pensamento. Em meio do caminho dá-se pelo descuido, faz-se pausa, e, não convindo tornar atrás, procura-se saída em outra direção" [SA.4, 38].

O anacoluto, fora de certas situações especiais, é evitado pelas pessoas que timbram em falar e escrever corretamente a língua.

Coloca-se entre as construções anacolúticas o começar o enunciado por um termo não preposicionado e depois recuperá-lo na sua função própria, como que desprezando o inicial:

> *A pessoa* que não sabe viver em sociedade, *contra ela* se põe a lei.
> A construção gramatical seria: *Contra a pessoa* que... se põe a lei.

Um anacoluto muito comum é: *Eu parece-me* que tudo vai bem.

4) **Antecipação** – É a colocação de uma expressão fora do lugar que logicamente lhe compete:

> *O tempo parece que vai piorar*

por

> *Parece que o tempo vai piorar*.

As antecipações são ditadas por ênfase e muitas vezes geram anacolutos, mas destes diferem porque não quebram a estrutura gramatical do enunciado. Assim há apenas antecipação do termo *irapuru* (que deve ficar na oração de *quando*), e não anacoluto, nos conhecidos versos de Humberto Campos:

> Dizem que o irapuru quando desata
> A voz – Orfeu do seringal tranquilo –
> O passaredo, rápido a segui-lo
> Em derredor agrupa-se na mata,

isto é: dizem que, *quando o irapuru* desata a voz (...) o passaredo (...) agrupa-se na mata.

5) **Braquilogia** – É o emprego de uma expressão mais curta equivalente a outra mais ampla ou de estruturação mais complexa:

> *Estudou como estudaria se fosse passar*

por

> *Estudou como se fosse passar*

Incluem-se nos casos de braquilogia deste tipo construções como *Entrei e saí de casa*,

derivada de *Entrei em casa e daí saí* (ou *donde saí*).

É o que também ocorre naquelas em que entram graus de comparação, como: *Eles são melhores ou tão bons como nós* por *Eles são melhores do que nós ou tão bons como nós*.

Ainda há braquilogia quando se coordenam dois verbos de complementos diferentes e se simplifica a expressão dando-se a ambos o regime do verbo mais próximo: *Eu vi e gostei do filme* (por *Eu vi o filme e gostei dele*).

6) **Haplologia sintática** – É a omissão de uma palavra por estar em contato com outra (ou final de outra palavra) foneticamente igual ou parecida:

> Iracema *antes quer que* o sangue de Caubi tinja sua mão *que* a tua [JA.4, 223]. Isto é: *antes quer que... que quer que* a tua.

7) **Contaminação sintática** – "É a fusão irregular de duas construções que, em separado, são regulares" [ED.2, § 482].

Fiz com que Pedro viesse
(fusão de *Fiz com Pedro que viesse* e *Fiz que Pedro viesse*)

Caminhar por entre mares
(fusão de *caminhar por mares* e *caminhar entre mares*)

As estrelas pareciam brilharem
(fusão de *as estrelas pareciam brilhar* com *parecia que as estrelas brilhavam*).

Fazer de conta
(fusão de *fazer conta* = *imaginar*, *supor*, com expressões em que *fazer* é seguido de *de*: *fez de tolo*, *de sonso*, etc).

Estas contaminações são frequentes e ocorrem nos bons escritores quando o verbo admite uma construção com complemento direto de pessoa e preposicionado de coisa e outra com preposicionado de pessoa e direto de coisa. É o caso, entre muitos outros, de *persuadir* (*persuadir alguém a fazer* ou *persuadir a alguém que faça*), *fazer* (*fazer que alguém* e *fazer com alguém que*), que admitem fusões do tipo:

> O fato *lhe* persuadiu *a* deixar o trabalho.
> *Fizemos com que Pedro* chegasse logo.

Também resultam de contaminações sintáticas acumulações de preposições como:

> Andar *por entre* espinhos (*andar por espinhos* + *andar entre espinhos*).

8) **Expressão expletiva ou de realce** – É a que não exerce função gramatical:

> Nós *é que* sabemos viver
> Aqui *é onde a* ilusão se acaba.
> Oh! Que saudades *que* tenho!
> Quanto *que* é a conta?

É frequente o aparecimento de um *que* expletivo depois de conjunções, advérbios e expressões adverbiais:

> Eu não sei *quando que* ele vem.
> *Enquanto que* isso acontecia, não vinha nenhum socorro.
> *Desde cedo que* esperavam por elas.

Havia *muito que* não o via.

Verdadeiramente que ficamos amedrontados.

Quase que o incidente se transforma num caso de polícia.

OBSERVAÇÃO: Quando há circunstâncias de lugar, tempo, o *que* é substituído, respectivamente por *onde* e *quando*.

No Recife *é onde* fez o primário.

Durante a chuva *é quando* ocorrem mais acidentes de trânsito.

É preciso distinguir o *é que* expletivo do *é que* que indica:

a) *é* + *que* (conj. integrante):

A verdade *é que* saíram.

b) *é* (verbo vicário) + *que* (conj. integrante):

"Que quer dizer este nome? *É que* as almas..." [MBe *apud* JO.1]. (*É que* = *quer dizer que*)

c) *é* (vicário) + *que* (conj. causal):

Por que veio? *É que* teve medo (*é que* = *veio porque*)

d) *é que* = *é o que*

Este livro *é que* lemos ontem (= *é o que* lemos ontem)

e) há um *é que* que difere dos demais pela forte pausa que separa os dois termos, dando a impressão de se tratar de um resquício de oração seguido de conj. integrante que introduz seu antigo sujeito (= *é verdade*, *é certo que*):

"Ou *é que* o digesto não vale para os que o estudaram?" [AH.5, II, 35].

Modernamente se usa muito desta linguagem em *será que*:

Ou *será que* eu estou errado!

2 – Vícios e Anomalias de Linguagem

Entre os vícios de linguagem cabe menção aos seguintes:

1) **Solecismo** – É o erro de sintaxe (que abrange a concordância, a regência, a colocação e a má estruturação dos termos da oração) que a torna incompreensível ou imprecisa, ou a inadequação de se levar para uma variedade de língua a norma de outra variedade; em geral, da norma coloquial ou popular para a norma exemplar:

Eu *lhe* abracei (por *o*)

A gente *vamos* (por *vai*)

Tu *fostes* (por *foste*)

Aluga-se casas (por *alugam-se*)

Vendas *à* prazo (por *a*)

Queremos *fazermos* tudo certo (por *queremos fazer*)

Como acertadamente frisa Mattoso Câmara, "não constituem solecismos os desvios das normas sintáticas feitas com intenção estilística, em que a afetividade predomina sobre a análise intelectiva, como na silepse, na atração, no anacoluto" [MC.4, 227].

2) **Barbarismo** – É o erro no emprego de uma palavra, em oposição ao solecismo, que o é em referência à construção ou combinação de palavra. Inclui o erro de pronúncia (ortoepia), de

prosódia, de ortografia, de flexões, de significado, de palavras inexistentes na língua, de formação irregular de palavras:

contricto	por	*contrito*
gratuíto	por	*gratuito*
rúbrica	por	*rubrica*
proesa	por	*proeza*
cidadões	por	*cidadãos*
fosteis	por	*fostes*
a telefonema	por	*o telefonema*
areonáutica	por	*aeronáutica*
intemerato (= sem temor)	por	*intimorato*

Também já se empregou o termo *barbarismo* para referir-se aos erros cometidos pelos estrangeiros ao adaptar ao seu idioma palavras e expressões de outra língua.

3) **Estrangeirismo** – É o emprego de palavras, expressões e construções alheias ao idioma que a ele chegam por empréstimos tomados de outra língua. Os estrangeirismos léxicos que entram no idioma, por um processo natural de assimilação de cultura ou de contiguidade geográfica, assumem aspecto de sentimento político-patriótico que, aos olhos dos puristas extremados, trazem o selo da subserviência e da degradação do país. Esquecem-se de que a língua, como produto social, registra, em tais estrangeirismos, os contatos de povos. Este tipo de patriotismo linguístico (Leo Spitzer lhe dava pejorativamente o nome de *patriotite*) é antigo e revela reflexos de antigas dissensões históricas. Bréal lembra que os filólogos gregos que baniam os vocábulos turcos do léxico continuavam, à sua moda, a guerra da independência [MBr.1, 226]. Entre nós, o repúdio ao francesismo ou galicismo nasceu da repulsa, aliás, justa, dos portugueses aos excessos dos soldados de Junot quando Napoleão ordenou a invasão de Portugal. O que se deve combater é o excesso de importação de línguas estrangeiras, mormente aquela desnecessária por se encontrarem no vernáculo palavras e giros equivalentes. A introdução de uma palavra estrangeira para substituir uma vernácula em geral se explica pela debilidade funcional da palavra ameaçada de substituição.

Modernamente no mundo globalizado em que vivemos, onde os contactos de nações e de cultura são propiciados por mil modos, os estrangeirismos interpenetram-se com muita facilidade e rapidez. Para nós, brasileiros, os estrangeirismos de maior frequência são os *francesismos* ou *galicismos* (de língua francesa), *anglicismos* (de língua inglesa), *espanholismos* ou *castelhanismos* (de língua espanhola), *italianismos* (de língua italiana).

De modo geral, os estrangeirismos léxicos se repartem em dois grupos: os que se assimilam de tal maneira à língua que os recebe, que só são identificados como empréstimos pelas pessoas que lhes conhecem a história (*guerra*, *detalhe*, etc. – a esses os alemães chamam *Lehnwörter*, "empréstimos"); mas há os que facilmente mostram não ser prata da

casa, e se apresentam na vestimenta estrangeira (*maillot*, *ballet*, *feedback*, *footing*, etc.) ou se mascaram de vernáculos, como *maiô*, *abajur*, *tíquete*, etc. (são os, em alemão, *Fremdwörter*, "estrangeirismos"). O termo *empréstimo* abarca estas duas noções e se aplica tanto aos estrangeirismos léxicos quanto aos sintáticos e semânticos.

Os empréstimos lexicais durante muito tempo sofreram as críticas dos puristas, mas hoje vão sendo aceitos com mais facilidade, exceto aqueles comprovadamente desnecessários e sem muita repercussão em outros idiomas de cultura do mundo.

Entretanto, os de sintaxe e os de semântica continuam merecendo o reparo dos guardiães da vernaculidade, aliás de meritória atividade quando não se mostram extremados. Por isto, relacionaremos aqui um pequeno rol desses dois tipos de empréstimos. Começaremos pelos galicismos: 175

1) Certos empregos da preposição *a* em vez de *de*:

incumbido a dizer
moinho a vento
combinação a dois
equação a duas incógnitas

2) Certos empregos da preposição *contra*:

pagar contra recibo	por	*pagar com, mediante recibo*
encostar a mesa contra a parede	por	*encostar a mesa à parede*
remete-se contra reembolso	por	*remete-se a reembolso* (ou *a cobrança*)

3) Certos empregos da preposição *de*:

envelhecer de dez anos	por	*envelhecer dez anos*
aumentar de vinte reais	por	*aumentar vinte reais*
aposento largo de três metros	por	*aposento de* (ou *com*) *três metros de largura*

4) Certo empregos da preposição *em*:

barco em madeira	por	*barco de madeira*
relógio em ouro	por	*relógio de ouro*
chão em mármore	por	*chão de mármore*
capa em azul	por	*capa azul*
tingir em azul	por	*tingir de azul*

5) Expressões como:

estar ao fato de	por	*estar ciente de*
declarar a guerra	por	*declarar guerra*

pôr o acento nesse problema	por	*enfatizar esse problema*
pessoa de alguns vinte anos	por	*pessoa dos seus vinte anos*

6) Emprego do *que* nas orações negativas de exclusão:

a mãe nada viu que seu filho	por	*a mãe só viu o filho*
o egoísta não procura que o seu bem	por	*o egoísta não procura senão o seu bem*

7) Emprego, na coordenação de orações subordinadas adverbiais, do *que* para evitar a repetição da conjunção da subordinada anterior, quando não constituída pelas chamadas locuções conjuntivas:

Quando me viu e que me falou por *Quando me viu e me falou*

Mas já é vernácula a substituição pelo simples *que* em:

Logo que me viu e que me falou...

8) Anteposição do sujeito de orações com verbo no gerúndio e particípio:

O dia amanhecendo	por	*Amanhecendo o dia*
A aula terminada	por	*Terminada a aula*

9) Não flexão dos nomes e sobrenomes pluralizados pelo artigo:

Os Almeida	por	*Os Almeidas*
Os irmãos Paiva	por	*Os irmãos Paivas*
Os Pereira de Abreu	por	*Os Pereiras de Abreu*

Quanto aos *anglicismos*, vale chamar a atenção para o fato de que o inglês vai constantemente ao grego e ao latim buscar-lhes os tesouros, mas os usa com tal liberdade, que muitas vezes deturpa o emprego ou o significado original. Daí, não basta acalmar os ânimos com a alegação de que se trata não imediata, mas mediatamente, da boa cepa clássica. Alguns nos chegaram pela porta da França.

São exemplos de *anglicismos*:

1) Léxicos:

admitir (= julgar possível, dar como provável, acreditar, crer). Quando o significado vernáculo é ‘receber’, ‘deixar entrar’, ‘concordar’.

assumir por *supor*, *acreditar*

básico (inglês, francês, etc.)

contactar por *entrar em contacto com*

diferente por *melhor* (um produto diferente)

doméstico (voo) por *nacional*

leasing

marketing

politicamente correto
praticamente por *virtualmente*, *faltando pouco* (o tanque está praticamente cheio)
relax

2) Sintáticos [MC.4, s.v.]:

a) a anteposição do adjetivo ao seu substantivo, com valor meramente descritivo, como nos nomes de hotéis e estabelecimentos comerciais: *Majestoso Hotel*.

b) o emprego de um substantivo com função de adjetivo por vir anteposto: *Rio Hotel*.

c) o emprego da preposição *com* isolada do nome que deveria reger ou da preposição *contra* no fim da oração: *capa com e sem forro*; *eu sou pelo povo e tu és contra*.

São exemplos de *castelhanismos* (léxicos):
aficionado
bolero: jaqueta
charla
contestar (= responder, replicar). É vernáculo no significado de *refutar*, *negar direitos*.
ensimesmar-se
entretenimento
frente a (= ante)
muchacho (= garoto, rapazinho)
piso (= andar, pavimento)
quefazer (es) (= ocupações)
recuerdo (= lembrança)
redatar (= redigir)
resultar (tornar-se, ficar). É vernáculo *provir*, *proceder*
suelto (= artiguinho, nota crítica de jornal)

São exemplos de *italianismos* léxicos (muito frequentes em termos de arte, música)
adágio (= andamento musical vagaroso)
allegro (= movimento alegre)
andante (= andamento moderado)
aquarela
bambino
belvedere
bel-canto
cicerone
condottiere
confete (confetti, plural)

corso (= cortejo, desfile)
diletante
dueto
furbesco (= velhaco)
imbroglio (= confusão, enredo, atrapalhada)
influenza (= doença catarral, *gripe*, fr.)
intermezzo (entreato)
libreto
Madonna (= Nossa Senhora)
maestro (= regente de orquestra)
nitrido (= relincho)
nitrir (= relinchar)
piano (= com suavidade)
primadona (= cantora principal de ópera)
raconto (= conto, história)
sonata
soprano
espaguete
estúdio (= galeria de arte, sala de trabalho)
tarantela
terracota
trombone
vendeta (= vingança)
virtuose (= músico de talento)

Anomalias de Linguagem

Idiotismo ou expressão idiomática é toda a maneira de dizer que, não podendo ser analisada ou estando em choque com os princípios gerais da Gramática, é aceita no falar culto.

São idiotismos de nossa língua a expressão *é que*, o *infinitivo flexionado*, a preposição em *o bom do pároco*, etc.

Sobre o conceito de idiotismo nunca é demais relembrar a lição de Said Ali: "Não devemos definir o idiotismo, segundo alguns gramáticos, como construção particular de *uma* língua, estranha, portanto, às outras línguas, porque ninguém conhece todos os outros idiomas em todos os seus segredos e modos especiais de falar" [SA.2, 310].

Assim, o infinitivo flexionado é um idiotismo não porque só exista em português (na realidade outras línguas o conhecem, como alguns dialetos do sul da Itália, e outras o conhecem com aplicação diferente da que tem em português, como em húngaro), mas porque a

sua flexão contraria o conceito de forma infinita (i.é, não flexionada).

16 E. Coseriu [ECs.7, 136 - 138; ECs.15, 20 - 21].

17 E. Coseriu [ECs.12, 104; ECs.1, 265].

18 E. Coseriu [ECs.15, 21-22].

19 E. Coseriu [ECs.7, 59].

20 E. Coseriu [ECs.15, 20].

21 E. Coseriu [ECs.7, 60 n. 13].

22 Mattoso [MC.4, s.v.].

23 "Quanto a este ponto, a afirmação generalizada de que o substantivo tem flexão de gênero, aparentemente justificada pela existência de pares masculinos/femininos, tais como *irmão/irmã, noivo/noiva, gato/gata*, que significam, respectivamente, o macho e a fêmea de uma dada espécie de ser animado (sexuado). Com efeito, é propriedade essencial da flexão o fato de que por esse processo mórfico variem as significações gramaticais de 2.º grau (isto é, de gênero, número, tempo-aspecto, modo, pessoa, etc.) somadas, alternadamente, ao tema por meio dos morfemas próprios, sem que se altere a significação inerente da palavra semântica, que permanece a mesma em cada um dos membros do paradigma flexional. É isso que se dá com a variação de número *casa/casas* e, no adjetivo (pronome, etc.) com a de gênero: na variação *alto/alta* não se altera a significação inerente do adjetivo, presente no seu tema *alt-*. Ora, o que se passa com *lobo/loba* é precisamente o contrário, porque o termo masculino e o termo feminino manifestam significações inerentes diversas, a saber, respectivamente, a de espécie macho e a de espécie fêmea do gênero (lógico) *lupus* (significado este também pelo masculino, na sua qualidade de termo não marcado da oposição). Quer dizer que se trata aqui, não de flexão, mas antes de derivação, como a que se observa em *barco/barca*, *saco/saca*, etc." [HCv.2, 745-746].

24 "Por morfofonêmica, a sibilante da desinência é surda diante de pausa ou de consoante surda (ex.: *livros pretos /* livrus petrus) e sonora diante de vogal ou consoante sonora, sendo que diante de vogal passa a funcionar como pré-vocálica dessa vogal (ex.: *livros brancos* / livruz brankus / *livros alvos* / livruz álvus/)" [MC.4, 179].

25 *Mel* e *fel* fazem *meles* ou *méis, feles* ou *féis*, respectivamente, sendo as segundas formas mais frequentes por conformes no processo regular.

26 Mattoso assinala que, tendo em vista a pronúncia distensa da pronúncia brasileira do *-l* como | w |, passam a ser outras as regras morfofonêmicas: no caso de *carnaval*, por exemplo, temos a alternância | w | - | y |: | carnavau | - | carnavays |, e em *funil* temos a supressão do | w |: | funiu | - | funis |

27 Obs.: Continuamos a relacionar o singular como a forma básica em relação ao plural, nestes casos. A gramática histórica, entretanto, nos dá outra versão do fato linguístico.

28 Uma Lei federal (2.749 de 2 de abril de 1956) pretendeu disciplinar os gêneros dos nomes designativos das funções públicas no âmbito federal, que dispõe: "O gênero gramatical desse nome, em seu natural acolhimento ao sexo do funcionário a quem se refira, tem que obedecer aos tradicionais preceitos pertinentes ao assunto e consagrados na lexicologia do idioma. Devem, portanto, acompanhá-lo neste particular, se forem genericamente variáveis, assumindo, conforme o caso, feição masculina ou feminina, quaisquer adjetivos ou expressões pronominais sintaticamente relacionadas com o dito nome".

29 Mattoso prefere ver aqui um exemplo de morfema subtrativo, dizendo que ocorre a supressão da vogal temática sem adjunção de desinência: *irmão* → *irmã*(*o*) → *irmã*. Dada a raridade de ocorrência de morfema subtrativo em português, e, pelo contrário, a frequência da regra morfofonêmica de crase, optamos pela lição acima.

30 Embora esta seja a norma exemplar, o idioma não está fechado a feminizações expressivas, especialmente em nível coloquial e popular, com reflexos em estilizações literárias: *a carrasca*, *a verduga*, *a pássara*, etc. cf. [MBa5, 328-329].

31 Evite-se cuidadosamente o erro *diminuitivo* (com i).

32 Rio-Torto, *Sistêmica*, 203 – 227, onde tece importantes comentários contra a antiga concepção afixocêntrica da produção lexical.

33 [MBa.3, 282], preso ao critério diacrônico, vê no emprego dessas formas um neutro.

34 " O epíteto *benéfico*, assim como os antecedentes são *propríssimos* do sujeito Estrela" [DG.1, 362].

"A falsa notícia do falecimento de Gonçalves Dias teve a boa consequência de mover o Governo a aliviar-lhe a situação material, que era precaríssima" [MB.1, 778].

35 É válido o comentário de Coseriu: "(...) o artigo de per si não individua. Nos casos em que isto parece ocorrer (p. ex. "Leram *o livro*? Estou vendo *o* mapa"), a individuação está dada, na realidade, pelos contornos verbais e extraverbais" [ECs.1, 300 n.36].

36 Tem-se desprezado, nestes casos, a influência do inglês em nosso idioma.

37 “A definição da segunda pessoa como sendo a pessoa à qual a primeira se dirige convém sem dúvida ao seu emprego mais ordinário. Ordinário, porém, não quer dizer único e constante. Pode utilizar-se a segunda pessoa fora da alocução e fazê-la entrar numa variedade de “impessoal”. Por exemplo, *vous* funciona em francês como anafórico de “*on*” (ex: *on* ne peut *se* promener sans que quelqu’un *vous* aborde, port. “não *se* pode passear sem que alguém aborde *você*”) [EBv.1, 254]. Este fato, como a tradução revela, ocorre também em português, tanto na língua escrita como na falada. É um *você* ou *tu* que se referem ao próprio falante, mesmo que o ouvinte esteja presente:

“Daniel, a situação comigo está difícil. Chega um momento que *você* (= “eu”, “a gente”, impessoalizador) não sabe o que fazer”. “*Você* já vinha conhecendo que o tempo passava danadamente rápido por causa de uns indícios sutis. Por exemplo: quando um desconhecido fala a seu respeito não diz mais “aquela moça”, e sim “aquela senhora” (...) Sem falar nos que morreram, porque morrem muitos à medida que *a gente* fica mais velha” [RQ.1, 108].

Não levando em conta o jogo psicológico envolvido na situação, o giro tem sido injustamente condenado por alguns gramáticos que não atentam para o respaldo da língua escrita nem o testemunho de outras línguas. No português, nesta aplicação se usa de *você* ou *tu* (ou expressões substantivas como *a pessoa*, *o indivíduo*, *o cristão*, etc.).

38 Desde K. Brugmann (1904) foram estabelecidos quatro tipos de dêixis em relação à posição do falante: “*este*-dêixis”, “*eu*-dêixis”, “*tu*-dêixis” e “*aquele*-dêixis”. K. Buhler acrescenta uma dêixis especial: “dêixis em fantasma”, que se produz “quando um narrador transporta o ouvinte ao reino do ausente recordável ou ao reino da fantasia construtiva e lhe põe à disposição ali de todos os mesmos indicadores para que veja e ouça o que há ali para ver e ouvir (e tocar, se o desejar), e, quem sabe, cheirar e degustar” [*apud* LCr.1, s.v.]. Para o linguista são válidas as considerações de Herculano de Carvalho: “É evidente que esta espécie de mostração [em fantasma] assume real interesse para o psicólogo (que era Buhler) e para o estudioso da criação poética, mas não para o linguista, para quem ela se identifica com a mostração “ad oculos”, embora (...) ela possa estar implicada na anafórica” [HCv.3, 662].

39 [ECs.1, 301 n. 37]. Já o nosso João Ribeiro [JR.1, 88] lembrara a lição de A. Darmesteter, que considerava os pronomes, pelo seu ofício de indicar a posição da pessoa ou coisa no discurso, “gestos falados”.

40 “O simples fato de que palavras diferentes sejam muito geralmente empregadas para “eu” e “nós” (e também para “tu” e “vós”) é suficiente para excetuar os pronomes dos processos ordinários de pluralização (...). Na grande maioria das línguas, o plural pronominal não coincide com o plural nominal, pelo menos tal como se representa ordinariamente. Está claro, de fato, que a unidade e a subjetividade inerente a “eu” contradizem a possibilidade de uma pluralização. Se não pode haver vários “eus” concebidos pelo próprio “eu” que fala, é porque “nós” não é uma multiplicação de objetos idênticos, mas uma *junção* entre o “eu” e o “não eu”, seja qual for o conteúdo desse “não eu”. Essa junção forma uma totalidade nova e de um tipo totalmente particular, no qual os componentes não se equivalem: em “nós” é sempre “eu” que predomina, uma vez que só há “nós” a partir de “eu” e esse “eu” sujeita o elemento “não eu” pela sua qualidade transcendente. A presença do “eu” é constitutiva de “nós” [EBv.I, 256].

O plural de “eu” como “mera palavra” ou como substantivo para significar ‘a personalidade de quem fala’ tem normalmente o plural “eus”:

“Não poderiam mostrar, num dado instante e numa atmosfera única, todos os *eus* sucessivos que guardam dentro de si (...) [RCo.1, 164].

41 Para a discussão de considerar “o senhor”, “a senhora”, etc. formas substantivas de tratamento ou pronome de tratamento, vejam-se os estudos de HM, *Anrede*; LCi, *Formas*; EW, *Pronomes*. No fundo, trata-se de um falso problema, pela natureza categoremática do pronome.

42 Tradicionalmente a série *isto*, *isso*, *aquilo* e *o* (invariável) é dada como remanescente do neutro latino. Já o nosso primeiro gramático Fernão de Oliveira (1536) tinha desvinculado tais pronomes do neutro latino. Epifânio Dias considera-os como masculinos (*isto*, *isso*, *aquilo*), e o erudito artigo de Herculano de Carvalho sobre o gênero nos pronomes [HCv.4, 30-48] mostra que só lhes cabe o gênero masculino. É assim que os trataremos aqui, inclusive ao *o* invariável em gênero e número.

43 *Que é lá?*, aplicado a indagar sobre pessoas, talvez seja o resultado de desnasalação do *quem* por fonética sintática: “E começava a despir-se, quando ouviu passos no negro corredor, passos muito lentos, muito pesados, que se adiantavam (...) Assustado, gritou “*Que é lá*?” [EQ.3, 663].

44 Coseriu [ECs.4, 211-212].

45 No excelente livro de Barbadinho, há boa messe de exemplos. O fato sintático está a exigir investigação, pois parece ter raízes mais longínquas na família românica. A bibliografia aí já é extensa: [FDz.1, III, 56]; [MLk.1, III, § 67]; [WZ.1, § 709]; [FH.1, § 512], e o livro de G. Brandt sobre a concorrência de *soi* e *lui*, *eux*, *elle*(*s*) em francês.

46 Deve-se evitar o emprego do pronome pessoal pelo possessivo quando na oração já estiver um objeto indireto ou complemento relativo. Assim, Carneiro Ribeiro não aceitou, com razão, a emenda proposta por Rui Barbosa à redação de um artigo do Código Civil. Este rezava: “*A fortuna do pai passa* ***a seu filho***, emendada para: “A fortuna do pai passa-lhe ao filho”. Para Carneiro Ribeiro a emenda torna “o pensamento menos preciso e a frase forçada e desenxabida” [CR.2, 586].

47 Diz-se que o possessivo tem *sentido objetivo* quando designa o ser que é alvo de uma ação ou sentimento qualquer. Fora deste caso, tem *sentido subjetivo*. É muitas vezes difícil distinguirmos os dois casos.

48 Sabemos que o termo *dêictico*, se viesse no caudal das palavras hereditárias, não representaria a boa forma portuguesa de adaptação do vocabulário grego, conforme mostrou o Prof. Cândido Jucá (filho) [CJ.1, 35 e ss.]. Adotamo-lo por ser empréstimo científico disseminado, introduzido na língua técnica da gramática portuguesa por M. Said Ali.

49 A respeito do *ipse* latino faz Blatt um comentário que se pode aplicar ao nosso *mesmo*: "Pour des raisons historiques, on a l'habitude de ranger ipse... parmi les pronoms démonstratifs, bien que, si l'on tient au sens, on puisse plus légitimement le qualifier d'intensif" [FBl.1, § 186].

50 "*Algo* é obsolescente, usado praticamente só no estilo refletido, e mesmo aí não com muita frequência. O que é realmente de lamentar, visto o seu substituto *alguma coisa*, apesar do elevado grau de abstração aí alcançado pelo substantivo *coisa*, não ser facilmente separável da significação de "algo" concreto e até material" [HCv.3, 656 n. 93].

51 [SA.1, 105; SA.2, 266 – cf. Pág. 333, a]

52 É por causa de construções semelhantes que Epifânio Dias [ED.2, § 104, b] diz que a posposição de *todo* pode dar ocasião a ambiguidades, como neste exemplo em que a intenção do escritor foi usar *todo* como advérbio, e não como pronome. Poder-se-ia, é claro, não fazer a flexão, evitando a ambiguidade.

53 A tradição tem evitado o emprego de *sem quem*, substituindo-o por *sem o qual*, *sem a qual*, *sem os quais*, *sem as quais*, para evitar o eco.

54 As formas *duzentos*, *trezentos*, *quinhentos* e *seiscentos* representam diretamente numerais latinos.

55 "O quadro dos numerais ordinais é muito complexo e apresenta compostos e locuções rebarbativas, para cuja utilização o saber e a habilidade do homem do povo depressa se esgotam; daí se usarem como ordinais os próprios cardinais (...) Tal emprego dos cardinais se justifica logicamente, de um ponto de vista novo, segundo o qual o número passa a ser como que uma qualidade intrínseca daquela hora, daquela página, etc., desprendidas em nosso espírito, das horas, das páginas anteriores e assim por diante" [MC.4, 178].

56 Assim sendo, não se pode falar em voz passiva diante de linguagens do tipo *osso duro de roer*. Houve aqui, se interpretarmos *roer = de ser roído*, apenas passividade, com verbo na voz ativa. Sobre o sentido ativo ou passivo de infinitivo, veja o link.

57 Moderna e normalmente o verbo parir está incluído neste grupo: Pres. *parimos* e *paris*. Mas também, apesar de, por tabu linguístico, ser desusado na linguagem de sociedade, pode ser conjugado integralmente, com irregularidade apenas na 1.ª pess. do ind. e em todo o pres. do subj.: *pairo*, *pares*, *pare*, *parimos*, *paris*, *parem.* Pres. subj.: *paira*, *pairas*, *paira*, *pairamos*, *pairais*, *pairam.*

58 Pomos entre parênteses a variante do morfema ou alomorfe (cf. **Variantes dos elementos mórficos**).

59 Aceitamos as ponderações de Mattoso: "SMT é *-ia*, opondo-se a *-a*, do subjuntivo presente: *temia*, *partia*: *tema, parta*. Seria uma análise falsa considerar *-i* a vogal do tema e SMT a vogal *-a*, porque os dois tempos passariam a se distinguir não pelo seu SMT, mas pela presença ou ausência da vogal do tema" [MC.8, 148 n.27]. A solução com *-a* não seria de todo falsa, porque a vogal temática poderia acumular a função modo-temporal, mas a análise apresentada é mais coerente com a descrição e o papel normal da vogal temática.

60 No Brasil só por imitação literária aparece este verbo. Dele nos diz Manuel Bandeira: "Esse lusitanismo está sendo introduzido por certos revisores à revelia dos autores; já me enxertaram a antipática palavra numa tradução minha, mas eu juro que não a escrevi, nem jamais a escreverei: escreverei sempre "mobiliada" [MB.1, 441].

61 Sobre o emprego dos auxiliares *ter* e *haver* na conjugação composta veja-se **Conjugação de verbos auxiliares mais comuns**, 2.

62 Acompanhado de outro pronome que não esteja nos dois casos até aqui apontados, nenhuma alteração ocorre no verbo e no pronome posposto: *conhecemos-te*, *chamamos-lhe*, *requeremos-lhe*, etc. Evitem-se, portanto, *enviamo-lhe*, *informamo-lhe*!

63 Para seguir este modelo, melhor seria escrever *engulir* (com *u*). A forma *engolir* (com *o*) nos leva, naturalmente, à seguinte conjugação que o *Vocabulário Oficial* não registra: *engulo, engoles, engole, engolimos* (com *o*), *engolis* (com *o*), *engolem.*

64 O verbo *entupir* pode também ser conjugado sem sofrer a metafonia que ocorre no grupo: *entupo, entupes, entupe, entupimos, entupis, entupem.*

65 Leve-se em consideração a mudança de *g* para *j* antes de *o* e *a*: *fujo, foges foge,* etc.

66 Conjugam-se, porém, regularmente *assumir, presumir, reassumir, resumir.*

67 Significa *originar, produzir efeito*. Como *surtir* são também regulares *curtir* (pouco usado na 1.ª pessoa do singular e em todo o presente do subjuntivo) e *urdir*.

68 Algumas vezes os escritores, numa oração subordinada a um presente histórico, usam o pretérito imperfeito em vez do

presente, como se na oração subordinante estivesse um pretérito perfeito: "O mestre da nau em que navegava Jonas... examinou todo o navio, até o lastro, onde ia dormindo o Profeta. *Desperta*-o a gritos e *repreende*-lhe o sono em ocasião que o baixel *estava* em perigo de se ir a pique" [AV *apud* MBa.2, 117].

69 Coseriu [ECs.5, 143] que cita Togeby: "Le plus souvent les parfaits et les imparfaits alternent, en formant dans le texte, pour ainsi dire, deux plans. Les parfaits constituent le premier plan, les événements, les actions qui sont accomplies et qui font avancer le récit, tandis que les imparfaits composent le second plan, tantôt le décor, tantôt les raisons ou les conséquences, tantôt le contenu de déclarations ou de pensées".

70 [ALb.1, 8-10 e 98], donde extraímos os exemplos.

71 A flexão se apresenta geralmente quando o infinitivo vem acompanhado de um pronome pessoal oblíquo átono.

72 [EBm.1], onde se encontra o levantamento de alguns destes casos.

73 Aparece ainda em exclamações diretas e indiretas:

*Como chove! Veja como chov*e.

74 [HM.1, 55], em que as fronteiras entre o advérbio e o adjetivo são estudadas com muita erudição e acuidade estilística.

75 [AL.1, § 289], cuja proposta retocada adotamos; [MMa.1, 149]; [MPz.1], onde se faz exaustivo estudo do sistema preposicional do espanhol [VBr.1].

76 Pode-se também considerar *contração* apenas o caso de crase; nos outros, diremos que houve *combinação*. A NGB não tomou posição neste ponto. Na realidade, o termo *combinação* é muito amplo para ficar assim restringido. A nomenclatura tradicional, por exemplo, só emprega *combinação de pronomes*.

77 Que o português procedeu como as demais línguas românicas prova o trabalho de V. Väänämen, *Il est venu comme ambassadeur, il agit en soldat*, Helsinquia, 1951.

78 "(...) sem todavia influírem na ordenação das orações" [ED.1, § 195, obs.].

79 O estudo das diversas realizações fônicas de um dado morfema, como é o caso do nosso índice de plural, recebe, em linguística descritiva, o nome de *morfofonêmica* ou *morfonêmica*.

80 Parecem, à primeira vista, constituir exceção, formas como *portuguesmente, superiormente,* mas o fato se explica porque tais adjetivos em *-ês* e *-or* eram uniformes no português antigo, à época dessas derivações adverbiais.

81 Mesmo aí, integrando o indo-europeu, a aceitação desse infixo nasal é discutível. Vejam-se os comentários em Meillet-Vendryès, GC, §§ 237-238.

82 M. Barreto [MBa.1, 408-410; MBa.3, 347; MBa.5, 138] condena formações do tipo de *labiodental, labionasal, linguodental,* etc., em vez de *labidental, labinasal, linguidental,* etc., por aparecer a vogal *o* em vez de *i*, por serem latinas e não gregas. Aceita, embora as considere bárbaras, as formações *novo-latino, dento-labial, anglo-russo, hispano-americano,* etc., onde também aparece o *o* grego em lugar do *i* latino, como em *plenilúnio* (p.207)*, alvinitente, altíssono, lanígero, flamífero*. A questão é muito complexa (já o era no próprio grego e no latim), porque se trata de formações nascidas em épocas diversas e em domínios culturais diferentes, além de procedimentos que se repartem pela composição e pela justaposição, com ou sem braquilogias e reduções. O português, como as línguas românicas (algumas das quais nos serviram de modelo), sofreu o impacto dessas diferentes portas de entrada de tais neologismos eruditos, e até de reflexo popular, como *gaticídio, burricida,* etc. É um domínio que está, no português, a exigir estudos mais aprofundados. Cf. A.G. Hatcher *Modern English Word-Formation and Neo-Latin* (Baltimore, 1951), B. Migliorini *Saggi sulla lingua del novecento* (Firenze, 1963, p. 9-60) e FM, 1973, 1, 68-72.

83 A rigor, em *geografia* e *bibliófilo* não temos a vogal de ligação *o* (ge-o), porque não existe formação em que apareça o radical *ge*, ou *bibli*, como em *chá, pau, café* e *lã*. O radical grego é *ge*, mas em português é *geo*, como o é *biblio*, já que aí, como em outros casos, não se pode isolar a vogal *o*, tal qual fazemos em *gás + o + metro*. [VK.2, 37-38].

84 Cf. J. Mattoso Câmara Jr. *Dicionário de Filologia e Gramática*, 293. Para estudos mais adiantados veja-se Saussure, *Cours de Linguistique Générale*, 253 e E. Nida, *Morphology* (cap. de introdução).

85 Kehdi, *Morfologia*, 42, Rio-Torto, *FLP*, 2, 45-46; Sandmann, *Formação*, 145-152.

86 Matthews, *Morphology*, 1982, 146-147, *Inflectional Morphology,* 1972, 72.

87 Sílvio Elia, *Confluência* (2), 1991, 87.

88 Para Sten (*Particularités*, 24-25), citado por Nascentes (*Linguajar*, 96), a não diferenciação do português dialetal e do Brasil na pronúncia de *amamos* e *amámos* se deve à analogia, num processo de uniformização, com a 2.ª e 3.ª conjugações, e não à fonologia. Todavia, cumpre lembrar que a precedência de nasal é um fator de fechamento do timbre.

89 [EBv.2, 147] e [AE.1, 22 e ss.].

90 Rio-Torto, *Sistêmica,* 203 e ss.

91 É constantemente contrariada pela realidade da língua a hipótese de se estabelecer uma distribuição complementar entre tais construções agentivas calcada nos critérios 'grau prestígio social', 'formalidade' e 'grau de especialidade'. Não se podem

deixar de lado os valores semânticos dos elementos que integram os constituintes e seus reflexos não só nos produtos derivacionais mas também as motivações do contexto. A concepção afixocêntrica na produção lexical está sendo revista, para pôr em evidência o papel que desempenham as bases e os mecanismos derivacionais na criação lexical.

92 Se a palavra é masculino e termina em *-a*, este *a* reaparece quando se lhe acrescenta o sufixo *-inho*. O mesmo acontece se é feminino em *-o* ou singular em *-s*: *Jarbas* → *Jarbinhas; Carmo* (João do) → *Carminha; o Maia* → *o Mainha*. (Nota que me foi fornecida por Martinz de Aguiar). Note-se ainda que os diminutivos *-inho, -zinho* podem assumir valor patronímico, quando pais e filhos têm o mesmo nome: *Pacheco* (o pai), *Pachequinho* (o filho), *Diva* (a mãe), *Divinha* (a filha).

93 Cf. [VB.1].

94 *Tresler* é ler além do que está escrito, podendo, portanto, significar 'ler mal', 'ler sem entender': "Assim, em um artigo de seis páginas, João Fernandes diz, rediz, a si próprio se contradiz, anda para trás e para diante, e de tudo só deixa apurar que leu, releu, mas só *treslia* ao tomar da pena" [CL.1, II, 305].

95 "Do emprego de *vice* houve até abuso: *vice-deus* "grande santo", por distinguir de *semi-deuses*, que eram do paganismo. Vieira chamou a ausência de *vice-morte*. Filinto Elísio criou o verbo *vice-reinar*" [JR.5].

96 O ar vernáculo é tal, que a rigor não se poderia falar de hibridismo em muitas dessas inovações lexicais. Só aos olhos de quem conhece a história desses elementos é que fica patente sua origem estrangeira.

97 esta uma forma livre: *re(meter), re(fazer)*, etc. Este critério de negar a *receber* uma derivação prefixal colide com a aceitação de formas presas em compostos do tipo *agrimensor, aqueduto*, etc., nos quais o falante tem a mesma dificuldade em depreender o significado de um ou dos dois elementos da unidade criada. Preferimos ficar com a lição de Mattoso Câmara, que era também a de Nida: "A depreensão dos prefixos é uma técnica de análise descritiva. Para isso há a considerar três casos: 1) quando o radical a que se acrescenta constitui uma forma livre na língua (ex.: *predizer* = *pre* + *dizer*, *desconsolo* + *des* + *consolo*); 2) quando esse radical é forma livre numa estrutura variante (ex.: *permitir*, cf. *meter*); 3) quando esse radical só é forma presa, mas constitui a base de duas palavras, pelo menos, com prefixos distintos (ex.: *colisão, elisão*)" [MC.4, s.v. Prefixo]. Nossa questão se quadra neste último caso.

98 *Fero* é defectivo, apresentando forma do radical de *tollo* (tulli, latum); assim, não são cognatos *aferir* e *ablativo*. Ao primeiro se associam *conferência, fértil, oferecer*; ao segundo, *prelado* e *relaxado*. Esta observação se estende a qualquer forma latina que apresentar semelhante defectividade.

99 Para L. Weisgerber: *Lexicologia da expressão* (al. *Wortformenlehre*), *lexicologia do conteúdo* (al. *Wortinhaltslehre*), *semasiologia* (al. *Semasiologie*) e *onomasiologia* (al. *Onomasiologie*). A lexemática corresponde ao nível estrutural sistemático da *lexicologia do conteúdo*, a qual abarca também a *lexicologia semântica associativa*, e, em outros níveis estruturais, a *lexicologia semântica da norma* e a *lexicologia semântica do discurso* (compreendendo o estudo das preferências e "constâncias" semânticas dos escritores). Cf. [ECs.2, 46-50].

100 Um especial enfoque semasiológico está representado pela "semântica estrutural" dos linguistas americanos J. J. Katz e J. A. Fodor que, na realidade, trata da estrutura da interpretação, e não da estrutura do significado, pois que parte de um significante léxico para chegar à identificação do seu significado, resolvendo o problema de *desambiguização* dos signos. Cf. [ECs.2, 165-168].

101 Este fato já foi de há muito assinalado. Coseriu lembra a antecipação possivelmente no gramático romano Varrão, em nosso primeiro gramático Fernão de Oliveira (1536), em Chr. Wolff (1730) e, mais recentemente, em Gabelentz (1901).

102 Esta aplicação do termo paragramatical vai ser importante para entendermos o fato e a explicação em compostos do tipo *corta-papel*.

103 Estes dois elementos combinados pertencem normalmente a campos diferentes, um dos quais (o que está representado no significante) determina (recção) o outro (que está representado no significante por um sufixo derivacional ou por zero (este último caso é o de compostos como *tira-teima*, de que falaremos mais adiante).

104 Recente etimologia proposta pelo sueco Gunnar Tilander. Cf. nossa nota em Revista Brasileira de Filologia, vol. 6, tomo I, junho de 1961, 142-144. A etimologia não goza de aceitação unânime.

105 "A etimologia popular (...) não difere, na essência, de sua irmã erudita, a etimologia dos filólogos. Mais vivaz, mais 'operativa' que esta última, realiza instintivamente, intuitivamente e de pronto o que a outra faz intencionalmente, graças a um sem-número de alfarrábios e fichas" [J. Orr *apud* SU.1, 104].

106 A palavra *famigerado* pode aplicar-se à pessoa notável pelos seus dotes positivos ou negativos; todavia, no uso mais geral, a palavra se aplica às qualidades negativas.

107 Pode haver homofonia em um mesmo paradigma ("sincretismo"), como em *cantava*, 1.ª e 3.ª pess. do imperfeito, ou *-s* morfema pluralizador nos nomes e de 2.ª pess. sing. nos verbos.

108 Usamos aqui determinantes numa aplicação muito abrangente, que inclui as noções de adjunto e complemento, funções de que falaremos mais adiante.

109 Este emprego invariável do *o* parece dever-se à confluência de alguns fatos, entre os quais se destaca o de só haver

obrigatoriedade de concordância do predicativo com o sujeito quando é representado por adjetivo ou alguns pronomes e pela referência de dêixis e de valor neutral do pronome *o*.

110 [BC.1, §1100; AL.1, 311, AL.2, 182].

111 [PD.1, 51].

112 Esta diferença de conteúdo de pensamento designado em *Ilha de Marajó* se reflete bem no exemplo da maiúscula.

113 Estas orações de *quem* apresentam certa liberdade de colocação em relação à sua principal, e aparecem frequentemente no início do período.

114 Ensina-nos SAID ALI: "Em proposições como *quem porfia mata a caça, quem espera sempre alcança,* servimo-nos de um pronome visivelmente destituído de antecedente. Mas como o vocábulo *quem* aí sugere a noção de "homem (ou mulher) que", "alguém que", sentimo-nos propensos a ladear a questão linguística, analisando não já o pronome tal qual em tais frases se apresenta, mas sim o seu equivalente semântico. Esse método condenável, de conciliação forçada, não satisfaz todavia ao espírito quando aplicado a *quem quer que,* expressão ampliativa do mesmo pronome *quem* nestas proposições: *quem quer que o disse: não faças mal a quem quer que te ofenda.* SWEET propõe para o pronome nas condições dos dois primeiros como dos dois últimos exemplos a denominação de relativo *condensado* "por desempenhar o próprio relativo também funções de antecedente". Qualificativo cômodo, sem dúvida, mas não ditado pelo critério histórico-comparativo. Estudos mais rigorosos (DELBRÜCK e BRUGMANN) permitem presumir que o pronome em questão deve a sua origem a uma causa dupla: ao interrogativo *quem* nas interrogativas indiretas e ao indefinido *quem*" [SA.5, 114-5].

115 A que chamamos intercalada de *desejo* José Oiticica denominava de *exclamação*.

116 Professores há que preferem, havendo na intercalada um verbo transitivo direto, considerar este tipo de oração com principal. Assim, analisam:

Oração principal: *me pediu o rapaz*.

Oração subordinada, substantiva objetiva direta, justaposta: *dê-me água*.

Se a intercalada não encerra verbo transitivo direto, acham-no por elipse.

117 Com seus alunos deve apenas o professor insistir na conceituação de oração intercalada, desprezando minúcias de classificação. Nem sempre se traçam linhas rigorosas de demarcação entre o sentido de muitas dessas intercaladas.

118 Cf. [OG.1, 123], onde se encontra excelente e larga exposição sobre o emprego dos verbos *dicendi* e *sentiendi*, bem como as alterações que podem ter os tempos e modos verbais e os pronomes demonstrativos e possessivos na passagem do discurso direto a indireto, a pontuação e a colocação desses verbos. O assunto extrapola, na sua análise mais profunda, o âmbito da gramática para inserir-se na linguística do texto.

119 Para estes e outros exemplos ver [MBa.1, 181-3].

120 O fato ocorre também em francês, alemão e línguas escandinavas, conforme observa NYROP, *Grammaire Historique*, VI, §377 e *REMARQUE: Les confidences que je ne doutais pas qu'elle eût reçues de ma soeur. This man who I thought was my friend. "Ferner will ich deinem Vater sagen, was ich glaube, dass du wünschest*"(LESSING).

121 O fato se repete no latim: "Vejens bellum ortum est, *quibus* Sabini arma conjunxerant" [Tito Lívio, 2, 53 *apud* JMa.1, § 317, d) Obs. 1.ª)]. Cf. ainda [MBa.4, 25].

122 Pode ainda aqui faltar *o tal*:

Falaste *de modo* que desistiram do pedido.

Há acentuada pausa entre o substantivo e o *que*.

123 Hoje raro.

124 Cf. Lôfstedt, *Philologischer Kommentar zur Peregrinatio Aetheria*e, 56 e ss.; Norberg, *Syntaktische Forschungen auf dem Gebiete des Spätlaeins und des frühen Mittellateins*, 239; *Svennung, Untersuchngen zu Palladius und zur lateinischen Fach — und Volkssprache*, 505, nº 4. Maximino Maciel, *Lições Elementares de Língua Portuguesa*, 120: Mário Barreto, *Estudos da Língua Portuguesa*, 93 e ss. Martinz de Aguiar (em carta particular), Cândido Jucá (filho), *O Fator Psicológico na Evolução Sintática*, 91 consideram a oração de *fazer* como *subjetiva*.

125 Assim fazem os mestres Said Ali e Epifânio Dias.

126 Outros autores supõem que as orações do tipo de "há quatro dias", "faz quatro dias", sofreram um processo de *gramaticalização*, passando a ser consideradas como simples adjuntos adverbiais de tempo. Distinguindo — a meu ver sem razão — a sintaxe de *fazer* e *haver* nestas expressões, diz Maximino Maciel a respeito deste último verbo: "Procurar conferir ao verbo *haver* nestes casos a função proposicional é complicar a análise sem proveito na prática; e, além disso, nestas frases equivale praticamente à preposição *desde*" (*Lições Elementares*, 122, nº 1). Cf. *Gramática Descritiva* do autor, p. 343 e 395.

127 Este emprego do *que* é comum no francês e, por isso, se tem a construção como galicismo.

128 Deve-se distinguir cuidadosamente o infinitivo do futuro do subjuntivo: este aparece na oração não integrante. Assim as formas verbais do seguinte exemplo estão no futuro do subjuntivo, e não no infinitivo (a oração é adverbial condicional

introduzida por *se*): "Se do céu, onde estais, *abaterdes* os olhos e os *puserdes* em Amarante..." [AV.1, 7, VII, 294 *apud* FB.1]. O texto foi eliminado das edições modernas.

129 Com razão insiste Adolfo Coelho [ACo.1, 121, nota]: "Não *deve* nunca confundir-se o que é simplesmente equivalente com que é idêntico na forma, conquanto haja vantagem em fazer ver aos alunos que o mesmo pensamento se exprime de diversos modos".

130 Leia-se a respeito [MBa.1, cap. XI].

131 Cf. [CBd.1, 62; SA.5, II, 151 e ss; LSp.2]

132 Falando-se com rigor, funcionava originariamente como sujeito de um particípio absoluto o infinitivo que se junta a *não obstante*, *visto*, *posto*, etc. [Cf. ED.2, § 288 a)] e [EB.1, 35].

133 Melhor fora pontuar: *que*, a ser verdadeiro, devia...

134 Presos a um critério semântico, e não sintático, alguns professores ensinam que este *a* é conjunção condicional, lição que deve ser cuidadosamente evitada. Cf. a crítica de E. Carneiro Ribeiro [CR.1, 454], embora não seja convincente a solução que apresenta, socorrendo-se ao cômodo, mas enganador, recurso da elipse.

135 Temos dúvidas em apontar como galicismos vários empregos da preposição *a* em sentido final, pois é modo que as línguas românicas herdaram do latim. Para as condenações ver Mário Barreto [MBa.1, 515] e Epifânio Dias [ED.2, § 325, a) obs]. Para fontes de estudos remetemos o leitor a Meyer-Lübke [MLk.1, III, §§ 331 e 505] e Dag Norberg [DN.1, 211].

136 Pode-se enquadrar este tipo no caso dos infinitivos substantivados, sem formar oração à parte.

137 Carlos de Laet já condenou a Camilo o emprego pronominal do verbo *esvoaçar-se*, e o notável escritor lusitano defendeu-se com exemplo de Castilho (Cf. *Ecos Humorísticos do Minho*, n.º 2, p. 11). Rui Barbosa comenta [RB.1, 159]: "Teve-se por erro a Camilo haver pronominado o verbo *esvoaçar*. Não havia razão: várias vezes lhe dera Castilho Antônio essa categoria... e Vieira usara de *voar-se*". Cf. ainda [JC.1, 16, n.º 3]. Em [CBr.1, 56] colhemos *volitar-se*: "... a pomba que *se volita da arca*...".

138 Curso dado no INEP, 1949. Súmula 14.ª, p. 2. Vale a pena lembrar que aqui estamos diante de um exemplo do fenômeno de hipotaxe ou subordinação: são palavras (lexemas) ou grupos de palavras que experimentam o procedimento da subordinação no nível dos elementos mínimos da camada de estruturação gramatical e passaram a funcionar, na condição de unidades deste nível, como preposições.

139 F. Brunot dá o *que* também como pronome relativo em expressões francesas do tipo: *Arrivé que fut ledict conte* [cf. FBr.1, 767]. Também Meyer-Lübke [MLk.1, III, § 633] e A. Llorach [AL.1, § 208].

140 Exemplos de José Oiticica, *Curso do INEP*.

141 "Às vezes procura-se desdobrar este tipo de orações em explícitas [= desenvolvidas] temporais iniciadas por *quando* ou *enquanto*. É mero expediente, pois a noção de tempo não é equivalente à de modo ou meio de fazer alguma coisa" [SA.2, 183].

142 Baseados nesta construção, muitos romanistas explicam a construção *não sei que fazer* pelo emprego do infinitivo numa interrogação indireta por influência do infinitivo da interrogação direta *que fazer?* Estudos mais recentes nos ensinam que o infinitivo, nestes casos, se explica por contaminação sintática de uma oração de infinitivo (no latim *nihil habeo dicere*) com uma oração de relativo (no latim *nihil habeo quod dicam*). A discussão do problema se acha no artigo de Dag Norberg, *Zum Infinitiv in lat. Frage – und Relativsätzen* (na revista alemã *Glotta*, 1939, XXVII, 3-4, p. 261-70) e no livro do mesmo autor *Syntaktische Forschungen*, 259 e ss., onde se encontra extensa bibliografia.

Esta singular inexatidão de expressão (para usar as palavras de Meyer-Lübke, *Grammaire*, III, § 676), porque contraria o conceito de orações desenvolvidas e reduzidas, se explica, para Epifânio Dias (*Gramática Portuguesa Elementar*, § 244 e *Sintaxe Histórica*, §§ 274, a, Obs. 2ª e 307), por uma elipse de *poder*, *dever* ou *haver*, no presente ou pret. imperfeito: Não há um momento que (*possamos*) perder. Não sabia que (*havia de*) fazer.

Não nos foi possível fixar a opinião definitiva de Mário Barreto, pois que, através de sua extensa obra, encontramos as duas explicações. Nos *Últimos Estudos*, pp. 277-279, em artigo de 1929, pensa como Epifânio Dias e lhe cita a *Gramática Portuguesa Elementar*. Na 2ª edição dos *Novíssimos Estudos*, p. 132, nota, anterior, portanto ao artigo antes citado, contraria a Epifânio Dias, visivelmente influenciado que estava pelo § 133, b) dos excelentes *Élements de Linguistique Romane*, de E. Bourciez, embora não lhe faça referência, e nos dá uma lição digna de repetida:

"Quando se trata de interrogação indireta, feita por meio de um pronome ou de um advérbio interrogativo, o emprego do infinitivo na frase subordinada (com condição que o sujeito dela seja o mesmo que o da principal) é efeito de um cruzamento sintático. Uma frase como *nescio quid dicam*, aproximada no nosso espírito *de nescio dicere*, dá lugar a *nescio quid dicere* no latim falado. Contaminam-se duas construções: *Não sabe que diga + não sabe dizer nada = não sabe que dizer*. Idêntica combinação ou fusão de duas frases sinônimas de estrutura normal acharemos em: *Não sei como diga isso + não sei dizer isso = não sei como dizer*. — Buscou aquele lugar onde fizesse penitência + buscou aquele lugar para fazer penitência = buscou aquele lugar onde fazer penitência. — Eis aqui três exemplos da construção com infinitivo, construção que, neste caso,

o latim clássico não admitia, mas sim a do verbo finito em subjuntivo, a qual também admite o idioma português: "Dinheiro não acitavam de esmola, porque não achavam *que comprar* com ele" (Sousa, *Anais de El-rei D. João Terceiro*, publicados por A. Herculano, Lisboa, 1844, p. 44); "Não sei *que fazer* ao teu coração" (Camilo, *Memórias de Guilherme do Amaral*, 3ª ed., p. 171): "Não sabia escrever, não tinha ninguém *a quem pedir* a esmola de uma carta" (Id., *Maria Moisés*, 1ª parte, p. 40, ed. de 1876). Mas isto faz-se quando o agente da oração subordinante é o mesmo que o da proposição subordinada. Quando cada uma tem o seu nominativo, não tem cabimento usar o infinitivo. — Indaga-me tu *que* poderá ela ter. — Pergunta-lhe *que* tem. — Não sei *que* notou. Não é aceitável a explicação que do infinitivo dão alguns autores (e entre eles o ilustre filólogo Sr. Epifânio Dias na sua excelente *Gramática Portuguesa Elementar*, § 244), supondo a elipse dos verbos *poder*, *dever* no presente ou pretérito imperfeito do conjuntivo. Figure-se este exemplo: *Não lhe ocorreu que poder replicar-me*. Não é possível subentender-se o mesmo verbo num modo pessoal. O mesmo se dirá destoutro exemplo, só com diferença que em vez da frase interrogativa se trata da relativa: "Não tinha o governador baixelas, nem diamantes, *de que poder valer-se*; assim recorreu a outros penhores, a que a fidelidade deu valia, a Natureza não" (Jacinto Freire, *Vida de D. João de Castro*, liv. III, número 29). Antes de pôr fim a esta nota, lembra-nos a seguinte passagem do livro divino de Frei Luís de Sousa, na qual se emprega em orações relativas o infinitivo como equivalente do subjuntivo latino: "Estava o arcebispo só, não tinha homem *de quem se valer*; lançou os olhos pela casa, não viu coisa *que dar*, e viu-se obrigado a acudir"(*Vida de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires*, liv. I, cap. 21).

143 Cf. [ALb.1, 9-10 e 98 e ss.], donde extraímos os exemplos.

144 Cf. [SA.5, 194-196]. Para o latim [DN.1, 48].

145 Julgamos injusta a condenação de Mário Barreto [MBa.4, 51 da 3ª ed.]:

"É um dos instintos mais naturais do nosso falar: mas, em muitos textos escritos, uma preocupação pedantesca das mais descabidas põe de novo o pronome: é um indício singular de deformação artificial". Nos *Últimos Estudos* se mostra menos rigoroso: "Os verbos reflexivos no infinitivo depois dos verbos *fazer*, *deixar*, *ouvir*, *ver*, perdem em geral o seu pronome complemento" [MBa.2, 206].

146 Tem-se dito que Epifânio Dias (*Sintaxe Histórica*, § 347, 6, Obs. 1ª) admite a construção censurada pelos gramáticos (veja-se entre outros, A. C. Pires de Lima na sua resenha in *Revista Lusitana*, XXX, p. 205, nº 4): mas a redação do ilustre sintaticista não nos autoriza a pensar assim. Tratando dos verbos que pedem oração objetiva direta, diz em observação: "Alguns dos verbos de que trata este § também têm outra sintaxe. v. g.: 1) *pedir* também se constrói intransitivamente seguido de *para que*, ou *para* (com infinitivo)". E acrescenta: "Também em latim a oração de *ut* que se junta ao verbo *peto* é originariamente uma oração final". Pondo de lado a argumentação do latim, creio não encontrarmos fundamento de que a construção censurada tenha o beneplácito de Epifânio. Aquele *intransitivamente* nos leva a interpretar assim a lição (note-se que, na nomenclatura gramatical do sintaticista português, *Intransitivo* é o verbo que não pede complemento ou que pede complemento indireto): Epifânio defendia o emprego do verbo *pedir* sem o objeto direto *licença*, modo de dizer que Cândido de Figueiredo e outros tinham por errôneo, conforme se vê da defesa de Rui Barbosa, *Réplica*, 136 da 1.ª ed. nota 3 do n.º 95.

Somos de opinião que no caso do verbo *pedir* houve contágio da noção de objeto direto com a de adverbial de fim, que a expressão linguística traduz por formas condensadas, dando ocasião, muitas vezes, ao aparecimento da preposição como posvérbio (cf. o capítulo dos complementos verbais). Tais formas condensadas são frequentes: *atirar o livro* e *atirar com o livro* (condensação da noção de objeto direto com a de adverbial de instrumento), *olhar os campos* e *olhar para os campos* (do objeto direto e adjunto adverbial de direção, de lugar), *puxar a espada* e *puxar da espada* (do objeto direto e adjunto adverbial de lugar donde, origem), *pegar a pena* e *pegar na pena* (do objeto direto e do adjunto adverbial de lugar), etc., onde o pensamento não considera apenas o objeto, mas encarece uma circunstância concomitante na realização do processo indicado pelo verbo.

Entretanto, Carlos Góis, pensando que o *para* rege a oração objetiva direta, explica o fato por cruzamento sintático: "Do cruzamento da primeira forma (com o objeto direto expresso: *um soldado pediu-lhe licença para sair*) com a segunda (com o objeto direto indeterminado: *um soldado pediu-lhe para sair*) resultou uma terceira – a do verbo *pedir* seguida da preposição *para* regendo esta, não mais o adjunto adverbial de fim (note-se bem), mas o próprio objeto direto!" (*Sintaxe de Regência*, 124).

147 Por isso é injusta a crítica feita por A. Feliciano de Castilho – e a crítica foi acolhida pelo nosso ilustre gramático. E. Carlos Pereira (*Gramática Expositiva*, § 496 in Galicismos Fraseológicos) ao seguinte trecho do Padre Bernardes (e note-se que está com a respectiva vírgula!): "Nos casos chamados nas escolas absolutos ou ablativos absolutos dos romanos, antepõe (Bernardes) alguma vez o substantivo ao adjetivo, o que mais soa a francês que a português genuíno, e se deve evitar com grande escrúpulo: "Frei Domingos, vindo de Tortosa para Valença, com outros companheiros, que tinham ido tomar ordens, se lhe ajuntou ao caminho um moço mui confiado, etc." Havia de dizer: "Vindo Frei Domingos, etc."(Livraria Clássica, Padre Manuel Bernardes, II, 304-5). Pondo de lado a lição de gramática de um amador, ainda que ilustre, adiantamos que o pretenso erro não é de Bernardes, mas do crítico, uma vez que se lê o seguinte na *Nova Floresta*: "Vindo o servo de Deus de tortosa para Valença..." (III, 492).

148 Sem razão, Leite de Vasconcelos (*Lições de Filologia*, 382) condena como galicismo, a palavra *passagem*, no sentido aqui empregado, mandando substituí-la por *passo*. Os melhores escritores da língua usam *passagem* nesta acepção, e o clássico *Dicionário de Morais* (1813) a registra sem nenhuma crítica.

149 Assim escreveu Alexandre Herculano e não como aparece na edição moderna da *Antologia Nacional* de Fausto Barreto e Carlos de Laet (p. 196): *antes de o caso suceder*. Com a responsabilidade dos antigos editores da *A. Nacional* corria a combinação tida por correta. Aliás, Laet praticava a combinação: Entre as duas opiniões antinômicas e inconciliáveis do João Fernandes, esta *do cara* ser exótico (...) e aquela de ser indígena (...) (*Obras Seletas*, II, 261).

150 Para maiores exemplos, veja-se o prestimoso livro do Padre Pedro Adrião, *Tradições Clássicas da Língua Portuguesa*, § 691, p. 259).

151 Tal preceito gramatical se torna ainda mais difícil de se conciliar com a prática, quando se está diante de construções como: *O fato é devido AO* (por *a o*) *avião se ter atrasado* (ou, noutra ordem: *é devido a se ter o avião atrasado*); *PRO menino* (por *para o menino*) *ver*. Sentimos discordar da lição de Rebelo Gonçalves no seu *Tratado de Ortografia* (p. 286, Obs. 2.ª) cujos exemplos não vão em sua defesa. Cf. Diez, *Grammaire*, III, 425 e Meyer-Lübke, *Grammaire*, III, § 744).

152 Cf. ainda do mesmo autor *Dificuldades da Língua Portuguesa*, 30-1, e Solidônio Leite, *Clássicos Esquecidos*, 211 e ss. Também consideram arcaica a combinação Epifânio Dias 1933: 457, Obs. 3ª e Cláudio Brandão 1963: 354.

153 Comenta com razão Sousa da Silveira (*Trechos Seletos*, 251 da 4.a ed.): "O possesivo no plural, determinando dois substantivos do singular, e evitando assim o impreciso de "o nosso Basílio e Durão" e o pesado de "o nosso Basílio e nosso Durão. Cf.: "Os mesmos Pitt e Napoleão, apesar de precoces, não foram tudo aos vinte e um anos" (M. de Assis, *Papéis Avulsos*, 88).

154 Está correto neste caso também o emprego da concordância com a forma gramatical da palavra determinada: "Com estes leitores assim previstos, o mais acertado e modesto é *a gente ser sincera*" [CBr. *apud* MBa.2, 411].

155 Pode ocorrer a aparente discordância entre um nome e um pronome: "Luís escreveu uma *ode* admirável como sabia escrevê-*las* (João Ribeiro).

156 O mesmo Camilo reprovou a um amigo tal prática de linguagem: "Se fizeres terceira edição deves purificá-la das palavras *mesmo* como advérbio, posto que tenhas um exemplo em Camões e outros em D. Francisco Manuel de Melo" [CBr.3, II, 167].

157 Dá-se ao fenômeno o nome de contaminação ou cruzamento sintático. Cf. **Contaminação sintática**.

158 Elemento decisivo aqui é o ritmo com que se profere a oração, que determina a concordância com o sujeito ou com o predicativo. São oportunas as considerações de Rodrigues Lapa neste sentido, na sua *Estilística*.

159 Sobre esta última possibilidade comenta Said Ali: "A força de combater-se uma concordância que não é mais do que o corolário de um fenômeno de sintaxe histórica portuguesa fundada em sintaxe latina, tem desaparecido da linguagem literária o emprego de *quem* com verbo em 1.a e 2.a pessoa, vigorando todavia a antiga concordância desde que se empregue *que* em lugar de *quem*" (*op. laud.*).

160 Pode dar-se a omissão de *um*: "Foi dos últimos que *usaram* presilhas, rodaque e gravata de moda" (M. de Assis, D. Casmurro).

161 A presente lista não dispensa a consulta ao dicionário, o de regência, uma vez que o emprego do verbo como transitivo (com ou sem preposição) ou intransitivo depende de sua significação.

Quando ao verbo se segue um travessão (–), isto significa que ele pode ser também usado transitivamente. Por exemplo: *atender– a*: *atender o cliente*, *o cliente foi atendido*, *atendê-lo*, *atender ao cliente*. Umas vezes a variedade não implica mudança de significado; outras vezes sim. Daí a necessidade de consulta aos dicionários para se ter uma lição mais completa e adequada. O principal objetivo da relação é oferecer ao leitor a preposição que acompanha o verbo, quer no complemento quer no adjunto adverbial.

162 "No sentido de *mandar vir* é transitivo direto; no de *dar nome* é transitivo indireto. Já é muito corrente no Brasil a construção *chamar de* com obj. dir., contaminada de outras, como *acusar*, *arguir de*" [AN.1, 38].

163 Usa-se também transitivo em Portugal, com o sentido de "namorar", tratar intimamente.

164 Ou cumprir simplesmente.

165 Sem a preposição exprime obrigação; com *de*, probabilidade. Ex: *Você deve ter capricho*. *Ela deve de ter quinze anos*.

166 No significado de *resultar* é transitivo direto: *Isto implica erro*.

167 No significado de *produzir*, *acarretar* é transitivo direto.

168 *Morador na rua tal*, *no largo tal* (e não *à rua tal*).

169 É coloquial o uso da preposição *com*, influenciado talvez pela regência de *casar*.

170 Não pode aceitar obj. direto de pessoa: Paguei *o médico*, mas sim de coisa paga: Pagu*ei a conta* ao garção.

171 É errôneo o emprego do advérbio *antes* ou *mais* com este verbo porque a noção de preferência ou excelência já está contida no prefixo. É também errôneo o uso da conjunção comparativa *que* (ou *do que*). Deve dizer-se *prefiro isto àquilo*,

prefiro o teatro ao cinema.

172 O uso de *a* é considerado errado com exagero, por francesismo.

173 No sentido de *estimar*, *querer bem.*

174 *Sito na rua tal*, *no largo tal* e não *à rua*.

175 Seleção de fatos apresentados por F. J. Martins Sequeira em *Rol de Estrangeirismos*.

III – Pontuação

Os diversos tipos de sinais de pontuação – Com Nina Catach, entendemos por pontuação um "sistema de reforço da escrita, constituído de sinais sintáticos, destinados a organizar as relações e a proporção das partes do discurso e das pausas orais e escritas. Estes sinais também participam de todas as funções da sintaxe, gramaticais, entonacionais e semânticas" [NC.1, 7].

Os sinais de pontuação datam de época relativamente recente na história da escrita, embora se possa afirmar uma continuidade de alguns sinais desde os gregos, latinos e alta Idade Média; constituem hoje peça fundamental da comunicação e se impõem como objeto de estudo e aprendizado. Ao lado dos grafemas que "vestem" os fonemas, os morfemas e as unidades superiores, esses sinais extra-alfabéticos, como assinala Catach, são essencialmente unidades sintáticas, "sinais de orações" e "sinais de palavras", podendo comutar com tais unidades alfabéticas, substituí-las e tomar de empréstimo seu valor. Assim, um apóstrofo indica a supressão de um grafema, uma vírgula uma unidade de coordenação ou de subordinação. Na essência, os sinais de pontuação constituem um tipo especial de grafemas.

Pode-se entender a pontuação de duas maneiras: numa acepção larga e noutra restrita. A primeira abarca não só os sinais de pontuação propriamente ditos, mas de realce e valorização do texto: títulos, rubricas, margens, escolha de espaços e de caracteres e, indo mais além, a disposição dos capítulos e o modo de confecção do livro.

Segundo a concepção restrita, a pontuação é constituída por uns tantos sinais gráficos assim distribuídos: os essencialmente *separadores* (vírgula [,], ponto e vírgula [;], ponto final [.], ponto de exclamação [!], reticências [...]), e os sinais de comunicação ou "mensagem" (dois pontos [:], aspas simples [‘ ’], aspas duplas [“ ”], o travessão simples [–], o travessão duplo [—], os parênteses [( )], os colchetes ou parênteses retos [[ ]], a chave aberta [{], a chave fechada [}]. Alguns destes dois tipos de sinais admitem ainda uma subdivisão em sinais de *pausa conclusa* (fundamentalmente o ponto, e depois ponto e vírgula, o ponto de interrogação, o ponto de exclamação, as reticências, quando em função conclusa) e d e *pausa inconclusa* (fundamentalmente pela vírgula, mas também por dois pontos, parênteses, travessão, colchetes, quando em função inconclusa, i. é, quando as orações estão articuladas entre si).

A primeira palavra depois de um sinal de pausa conclusa é escrita com letra inicial maiúscula; se a oração seguinte constitui novo conjunto de ideias, ou mudança de interlocutor de diálogo, será escrito na outra linha e terá o seu final marcado pelo ponto parágrafo.

Estes sinais não se aplicam igualmente a todas as atividades linguísticas, razão por que podem ser distribuídos em três domínios de função da pontuação:

a) *a pontuação de palavras* (espaços em branco; maiúsculas iniciais; ponto abreviativo; traço de união, hífen ou traço de separação; apóstrofo; sublinhado; itálico).

b) *a pontuação sintática e comunicativa* (a pontuação propriamente dita e objeto deste capítulo).

c) *a pontuação do texto.*

Os dois primeiros, assinala ainda Catach, têm uma série de características que os distinguem do terceiro tipo: são *interiores* ao texto, aparecem de maneira linear, são comuns ao manuscrito e ao texto impresso e, em princípio, fazem parte da mensagem linguística. Apesar de poderem sofrer interferência de outra pessoa, é bem provável que pertençam à iniciativa e decisão do autor no seu desejo de levar ao texto algo mais de expressividade, de contorno melódico, rítmico e entonacional, além das palavras e construções utilizadas. Todavia, há de se levar em conta que os editores e preparadores de textos antigos (quando nem sempre se pode pensar em critérios inexistentes ou caóticos) a modernos têm muito interferido na pontuação original do autor de tal maneira, que é muito precária a certeza de que os sinais – e principalmente a falta deles – revelem as funções sintáticas, comunicativas expressivas que o escritor pretendera passar às palavras e orações empregadas no texto.

Ao contrário, no que toca ao terceiro tipo de pontuação, dela participam todos os que exercem atividade nesse âmbito, com funções específicas: calígrafos, secretários, tipógrafos, digitadores, revisores, editores.

Levando em conta tais distinções, podemos definir o conjunto dos dois primeiros tipos de pontuação que constituem essencialmente o objeto deste capítulo, como o fez Catach:

> "Conjunto de sinais visuais de organização e apresentação que acompanham o texto, *interiores* ao texto e *comuns* tanto ao manuscrito quanto ao impresso; abrange a pontuação várias classes de sinais gráficos discretos e constitutivos de um sistema, complementando ou suplementando a informação escrita".

Já o terceiro tipo é assim definido pela mesma autora:

> "Conjunto de técnicas visuais de organização e de apresentação do objeto livro, que vão do espaço entre palavras aos espaços de páginas, passando por todos os procedimentos interiores e exteriores ao texto, com vista ao seu arranjo e sua valoração".

A pontuação e o entendimento do texto – O enunciado não se constrói com um amontoado de palavras e orações. Elas se organizam segundo princípios gerais de dependência e independência sintática e semântica, recobertos por unidades melódicas e rítmicas que sedimentam estes princípios. Proferidas as palavras e orações sem tais aspectos melódicos e rítmicos, o enunciado estaria prejudicado na sua função comunicativa. Os sinais de pontuação, que já vêm sendo empregados desde muito tempo, procuram garantir no texto escrito esta solidariedade sintática e semântica. Por isso, uma pontuação errônea produz efeitos tão desastrosos à comunicação quanto o desconhecimento dessa solidariedade a que nos referimos.

Várias situações incômodas já foram criadas pelo mau emprego dos sinais de pontuação. Notem-se as diferenças entre as seguintes ordens de comando:

> Não podem atirar!
> Não, podem atirar!

Há numerosos jogos, bem mais divertidos e inocentes do que as situações de ordem anterior, cuja integridade comunicativa depende do bem emprego desses sinais.

Vejamos um exemplo:

Levar uma pedra para Europa uma andorinha não faz verão.

Ou

Um fazendeiro tinha um bezerro e a mãe do fazendeiro era também o pai do bezerro.

Para integridade da mensagem, basta colocar vírgula ou ponto e vírgula depois de *mãe*, no último exemplo. No primeiro, basta uma vírgula depois de *faz*, sendo *verão* a forma de futuro do verbo *ver*.

Ponto – O ponto simples final, que é dos sinais o que denota maior pausa, serve para encerrar períodos que terminem por qualquer tipo de oração que não seja a interrogativa direta, a exclamativa e as reticências.

É empregado ainda, sem ter relação com a pausa oracional, para acompanhar muitas palavras abreviadas: *p.*, *2.ª*, etc.

Quando o período, oração ou frase termina por abreviatura, não se coloca o ponto final adiante do ponto abreviativo, pois este, quando coincide com aquele, tem dupla serventia. Ex.: "O ponto abreviativo põe-se depois das palavras indicadas abreviadamente por suas iniciais ou por algumas das letras com que se representam, *v.g.* ; *V. S.ª* ; *Il.mo* ; *Ex.ª* ; etc." (Dr. Ernesto Carneiro Ribeiro)

Com frequência, aproxima-se das funções do ponto e vírgula e do travessão, que às vezes aparecem em seu lugar.

Ponto parágrafo – Um grupo de períodos cujas orações se prendem pelo mesmo centro de interesse é separado por ponto. Quando se passa de um para outro centro de interesse, impõe-se-nos o emprego do ponto parágrafo iniciando-se a escrever, na outra linha, com a mesma distância da margem com que começamos o escrito.

Na linguagem oficial dos artigos de lei, o parágrafo é indicado por um sinal especial (§).

Ponto de interrogação – Põe-se no fim da oração enunciada com entonação interrogativa ou de incerteza, real ou fingida, também chamada retórica.

Enquanto a interrogação conclusa de final de enunciado requer maiúscula inicial da palavra seguinte, a interrogação interna, quase sempre fictícia, não exige essa inicial maiúscula da palavra seguinte:

Pensas que eu e meus avós ganhamos o dinheiro em casas de jogos ou a vadiar pelas ruas? Pelintra! [MA.1, 72].

— Nhonhô, diga a estes senhores como é que se chama seu padrinho?

— Meu padrinho? É o Excelentíssimo Senhor coronel Paulo Vaz Lobo Cesar de Andrade e Sousa Rodrigues de Matos [MA.1, 32].

O ponto de interrogação, à semelhança dos outros sinais, não pede que a oração termine por ponto final, exceto, naturalmente, se for interna.

— "Esqueceu alguma cousa? perguntou Marcela de pé, no patamar" [MA.1, 50].

A interrogação indireta, não sendo enunciada em entonação especial, dispensa ponto de interrogação. O nosso sistema gráfico não distingue o ponto de interrogação da pergunta de sim ou não da pergunta total.

No diálogo pode aparecer sozinho ou acompanhado do de exclamação para indicar o

estado de dúvida do personagem diante do fato:

— "Esteve cá o homem da casa e disse que do próximo mês em diante são mais cinquenta...
— ? !..." [ML.1, 226].176

Ponto de exclamação – Põe-se no fim da oração enunciada com entonação exclamativa:

"Que gentil que estava a espanhola!" [MA.1, 50].
"Mas, na morte, que diferença! Que liberdade!" [MA.1, 81].

Põe-se o ponto de exclamação depois de uma interjeição:

Olé! exclamei. [MA.1, 74].
Ah! brejeiro! [MA.1, 93].

Aplicam-se ao ponto de exclamação as mesmas observações feitas ao ponto de interrogação, no que se refere ao emprego do ponto final e ao uso da maiúscula ou minúscula inicial da palavra seguinte.

Há escritores que denotam a gradação da surpresa através da narração com aumento progressivo do ponto de exclamação ou de interrogação:

"E será assim até que um senhor Darwin surja e prove a verdadeira origem do *Homo sapiens*...
— ? !
— Sim. Eles nomear-se-ão *Homo sapiens* apesar do teu sorriso, Gabriel, e ter-se-ão como feitos por mim de um barro especial e à minha imagem e semelhança.
— ? ! !" [ML.1, 204].

Reticências – Denotam interrupção ou incompletude do pensamento (ou porque se quer deixar em suspenso, ou porque os fatos se dão com breve espaço de tempo intervalar, ou porque o nosso interlocutor nos toma a palavra), ou hesitação em enunciá-lo:

"Ao proferir estas palavras havia um tremor de alegria na voz de Marcela: e no rosto como que se lhe espraiou uma onda de ventura..." [MA.1, 121].
"Não imagina o que ela é lá em casa: fala na senhora a todos os instantes, e aqui aparece uma pamonha. Ainda ontem... Digo, Maricota?" [MA.1, 120].
— "Moro na rua...
— Não quero saber onde mora, atalhou Quincas Borba" [MA.1, 169].

Postas no fim do enunciado, as reticências dispensam o ponto final, como se pode ver nos exemplos acima.

Se as reticências servem para indicar uma enumeração inconclusa, podem ser substituídas por *etc*.

Na transcrição de um diálogo, as reticências indicam a não resposta do interlocutor.

Numa citação, as reticências podem ser colocadas no início, no meio o no fim, para indicar supressão no texto transcrito, em cada uma dessas partes. Quando há supressão de um trecho de certa extensão, costuma-se usar uma linha pontilhada. Depois de um ponto de interrogação ou exclamação podem aparecer as reticências.

Vírgula – Emprega-se a vírgula:

a) para separar termos coordenados, ainda quando ligados por conjunção (no caso de haver pausa).

"Sim, eu era esse garção bonito, airoso, abastado" [MA.1, 48].
— "Ah! brejeiro! Contanto que não te deixes ficar aí inútil, obscuro, e triste" [MA.1, 93].

Observação: Na série de sujeitos seguidos imediatamente de verbo, o último sujeito da série não é separado do verbo por

vírgula:

Carlos Gomes, Vítor Meireles, Pedro Américo, José de Alencar tinham-nas começado [CL.1, I, 102].

b) para separar orações coordenadas aditivas ainda que sejam iniciadas pela conjunção e, proferidas com pausa.

"Gostava muito das nossas antigas dobras de ouro, e eu levava-lhe quanta podia obter" [CL.1, I, 53].

"No fim da meia hora, ninguém diria que ele não era o mais afortunado dos homens; conversava, chasqueava, e ria, e riam todos" [CL.1, I, 163].

c) para separar orações coordenadas alternativas (*ou*, *quer*, etc), quando proferidas com pausa:

Ele sairá daqui logo, *ou eu me desligarei do grupo*.

OBSERVAÇÃO: Vigora esta norma quando *ou* exprimir retificação:

Teve duas fases a nossa paixão, *ou* ligação, *ou* qualquer outro nome, que eu de nome não curo [MA.1, 52].

Se denota equivalência, não se separa por vírgula o *ou* posto entre dois termos: Solteiro *ou* solitário se prende ao mesmo termo latino.

d) nas aposições, exceto no especificativo:

"ora enfim de uma casa que ele meditava construir, para residência própria, casa de feitio moderno..." [MA.1, 238].

e) para separar, em geral, os pleonasmos, e as repetições (quando não têm efeito superlativamente).

"Nunca, nunca, meu amor!" [MA.1, 55].

A casa é linda, linda.

f) para separar ou intercalar vocativos; nas cartas a pontuação é vária (em geral, vírgula), e na redação oficial usam-se dois pontos.

g) para separar as orações adjetivas de valor explicativo:

"perguntava a mim mesmo por que não seria melhor deputado e melhor marquês do que o lobo Neves, – eu, *que valia mais*, muito mais do que ele, – ..." [MA.1, 137].

h) para separar, quase sempre, as orações adjetivas restritivas de certa extensão, principalmente quando os verbos de duas orações diferentes se juntam:

"No meio da confusão que produzira por toda a parte este acontecimento inesperado e cujo motivo e circunstâncias inteiramente se ignoravam, ninguém reparou nos dois cavaleiros..." [AH.1, 210].

OBSERVAÇÃO: Esta pontuação pode ocorrer ainda que separe por vírgula o sujeito expandido pela oração adjetiva:

Os que falam em matérias que não entendem, parecem fazer gala da sua própria ignorância [MM].

i) para separar as orações intercaladas:

"Não lhe posso dizer com certeza, respondi eu" [MA.1, 183].

j) para separar, em geral, adjuntos adverbiais que precedem o verbo e as orações adverbiais que vêm antes ou no meio da sua principal:

"Eu mesmo, até então, tinha-vos em má conta..." [MA.1, 185].

"mas, como as pestanas eram rótulas, o olhar continuava o seu ofício..." [MA.1, 183].

k) para separar, nas datas, o nome do lugar:

Rio de Janeiro, 8 de agosto de 1961.

l) para separar as partículas e expressões de explicação, correção, continuação, conclusão, concessão:

"e, *não obstante*, havia certa lógica, certa dedução" [MA.1, 89].

Sairá amanhã, *aliás*, depois de amanhã.

m) para separar as conjunções e advérbios adversativos (*porém*, *todavia*, *contudo*, *entretanto*), principalmente quando pospostos:

"A proposta, *porém*, desdizia tanto das minhas sensações últimas..."

[MA.1, 87].

n) para indicar, às vezes, a elipse do verbo:

Ele sai agora: eu, logo mais.

o) para assinalar a interrupção de um seguimento natural das ideias e se intercala um juízo de valor ou uma reflexão subsidiária.

p) para desfazer possível má interpretação resultante da distribuição irregular dos termos da oração, separa-se por vírgula a expressão deslocada:

De todas as revoluções, para o homem, a morte é a maior e a derradeira [MM].

Dois pontos – Usam-se dois pontos na:

1) enumeração, explicação, notícia subsidiária:177

Comprou dois presentes: um livro e uma caneta.

"que (Viegas) padecia de um reumatismo teimoso, de uma asma não menos teimosa e de uma lesão de coração: era um hospital concentrado"

[MA.1, 184].

"Queremos governos perfeitos com homens imperfeitos: disparate"

[M. de Maricá].

2) nas expressões que se seguem aos verbos *dizer*, *retrucar*, *responder* (e semelhantes) e que encerram a declaração textual, ou que assim julgamos, de outra pessoa:

"Não me quis dizer o que era: mas, como eu instasse muito:

— Creio que o Damião desconfia alguma coisa" [MA.1, 174].

Às vezes, para caracterizar textualmente o discurso do interlocutor, vem acompanhada de aspas a transcrição, e raras vezes de travessão:

"Ao cabo de alguns anos de peregrinação, atendi às suplicas de meu pai:

— Vem, dizia ele na última carta; se não vieres depressa acharás tua mãe morta!" [MA.1, 75].

3) nas expressões que, enunciadas com entonação especial, sugerem, pelo contexto, causa, explicação ou consequência:

"Explico-me: o diploma era uma carta de alforria" [MA.1, 71].

4) nas expressões que apresentam uma quebra da sequência das ideias:

Sacudiu o vestido, ainda molhado, e caminhou.

"Não! bradei eu; não hás de entrar... não quero... Ia a lançar-lhe as mãos: era tarde; ela entrara e fechara-se" [MA.1, 59].

Ponto e vírgula – Representa uma pausa mais forte que a vírgula e menos que o ponto, e é empregado:

a) num trecho longo, onde já existam vírgulas, para enunciar pausa mais forte:

"Enfim, cheguei-me a Virgília, que estava sentada, e travei-lhe da mão; D. Plácida foi à janela" [MA.1, 211].

b) separa as adversativas em que se quer ressaltar o contraste:

"Não se disse mais nada; mas de noite Lobo Neves insistiu no projeto" [MA.1, 210].

c) na redação oficial separa os diversos itens de um considerando, lei ou outro documento.

Travessão – Não confundir o travessão com o traço de união ou hífen e com o traço de divisão empregado na partição de sílabas (*ab-so-lu-ta-men-te*) e de palavras no fim de linha. O travessão pode substituir vírgulas, parênteses, colchetes, para assinalar uma expressão intercalada:

"... e eu falava-lhe de mil cousas diferentes – do último baile, da discussão das câmaras, berlindas e cavalos, de tudo, menos dos seus versos ou prosas" [MA.1, 138-9].

Usa-se simples se a intercalação termina o texto; em caso contrário, usa-se o travessão duplo:

"Duas, três vezes por semana, havia de lhe deixar na algibeira das calças – uma largas calças de enfiar –, ou na gaveta da mesa, ou ao pé do tinteiro, uma barata morta" [MA.1, 46].

OBSERVAÇÃO: Como se vê pelo exemplo, pode haver vírgula depois de travessão.

Pode denotar uma pausa mais forte:

"... e se estabelece uma cousa que poderemos chamar – solidariedade do aborrecimento humano" [MA.1, 126].

Pode indicar ainda a mudança de interlocutor, na transcrição de um diálogo, com ou sem aspas:

– Ah! respirou Lobo Neves, sentando-se preguiçosamente no sofá.
– Cansado? perguntei eu.
– Muito; aturei duas maçadas de primeira ordem (...) [MA.1, 177].

Neste caso, pode, ou não, combinar-se com as aspas.

Parênteses e colchetes – Os parênteses assinalam um isolamento sintático e semântico mais completo dentro do enunciado, além de estabelecer maior intimidade entre o autor e o seu leitor. Em geral, a inserção do parêntese é assinalada por uma entonação especial.

Quando uma pausa coincide com o início da construção parentética, o respectivo sinal de pontuação deve ficar depois dos parênteses, mas, estando a proposição ou a frase inteira encerrada pelos parênteses, dentro deles se põe a competente notação:

"Não, filhos meus (deixai-me experimentar, uma vez que seja, convosco, este suavíssimo nome); não: o coração não é tão frívolo, tão exterior, tão carnal, quanto se cuida" [RB]

"A imprensa (quem o contesta?) é o mais poderoso meio que se tem inventado para a divulgação do pensamento". (Carta inserta nos Anais da Biblioteca Nacional, vol. I) [CARLOS DE LAET]

Intimamente ligados aos parênteses pela sua função discursiva, os colchetes são utilizados quando já se acham empregados os parênteses, para introduzirem uma nova inserção.

Também se usam para preencher lacunas de textos ou ainda para introduzir, principalmente em citações, adendos ou explicações que facilitam o entendimento do texto. Nos dicionários e gramáticas, explicitam informações como a ortoépia, a prosódia etc., no que também podem

ser usados os parênteses.

Aspas – De modo geral, usamos como aspas o sinal [“ ”]; mas pode haver, para empregos diferentes as aspas simples [‘ ’], ou invertidas (simples ou duplas) [‘ ’], [“ ”]. Nos trabalhos científicos sobre línguas, as aspas simples referem-se a significados ou sentidos: *amare*, lat.‘*amar*’ port. Às vezes, usa-se nesta aplicação o sublinhado (cada vez menos frequente no texto impresso) ou o itálico. As aspas também são empregadas para dar a certa expressão sentido particular (na linguagem falada é em geral proferida com entoação especial) para ressaltar uma expressão dentro do contexto ou para apontar uma palavra como estrangeirismo ou gíria:

OBSERVAÇÃO: Escrevendo, ressaltamos a expressão também com o sublinhado, o que, nos textos impressos, corresponde ao emprego de tipo diferente:

— “Sim, mas percebo-o agora, porque só agora nos surgiu a ocasião de enriquecer. Foi uma sorte grande que Deus nos mandou.

— “Deus”...

— Deus, sim, e você o ofendeu afastando-a com o pé” [ML.1, 223].

“Você já reparou Miloca, na “ganja” da Sinhazinha? Disse uma sirigaita de “beleza” na testa” [ML.1, 102].

Quando uma pausa coincide com o final da expressão ou sentença que se acha entre aspas, coloca-se o competente sinal de pontuação depois delas, se encerram apenas uma parte da proposição; quando, porém, as aspas abrangem todo o período, sentença, frase ou expressão, a respectiva notação fica abrangida por elas:

“Aí temos a lei”, dizia o Florentino. “Mas quem as há de segurar? Ninguém.” [RB]

“Mísera, tivesse eu aquela enorme, aquela
Claridade imortal, que toda a luz resume!”

“Por que não nasce eu um simples vaga-lume?” [MA]

Alínea – Tem a mesma função do parágrafo, pois denota diversos centros de assuntos e, como este, exige mudança de linha. Geralmente vem indicada por número ou letra seguida de um traço curvo, semelhante ao que fecha parêntese para assinalar subdivisão da matéria tratada:

Os substantivos podem ser:

a) *próprios*

b) *comuns*

Chave – A chave [{ }] tem aplicação maior em obras de caráter científico, como pode exemplificar sua utilização neste livro.

Apêndice

Asterisco 178 – O asterisco (*) é colocado depois e em cima de uma palavra do trecho para se fazer uma citação ou comentário qualquer sobre o termo ou o que é tratado no trecho (neste caso o asterisco se põe no fim do período).

Nas obras sobre linguagem, o asterisco colocado antes e em cima da palavra o apresenta como forma reconstituída ou hipotética, isto é, de provável existência mas até então não documentada. Deve-se ao linguista alemão Augusto Schleicher (1821-1868) esta aplicação do sinal.

Emprega-se ainda um ou mais asteriscos depois de uma inicial para indicar uma pessoa cujo nome não se quer ou não se pode declinar: o *Dr.* *, *B.* **, *L.* ***

176 Em português, em geral se despreza o cômodo expediente do espanhol de indicar a interrogação no início da oração, com o sinal invertido: ¿O José chegou? Alguns escritores nossos fizeram uso deste expediente.

177 A imprensa moderna usa e abusa dos dois pontos para resumir, às vezes numa síntese de pensamento difícil de ser acompanhada, certas notícias. *Verão*: *cidade desprotegida das chuvas.*

178 Costuma-se ouvir este vocábulo deturpado para *asterístico*. *Asterisco* quer dizer *estrelinha*, nome devido à sua forma.

IV – Noções elementares de Estilística

Estilística – A *Estilística* é a parte dos estudos da linguagem que se preocupa com o *estilo.*

Que é estilo nesta conceituação – Entende-se por *estilo* o conjunto de processos que fazem da língua representativa um meio de exteriorização psíquica e apelo.

"O estilo, que é a solução para se fazer a língua da representação intelectiva servir às funções não intelectivas da manifestação psíquica e do apelo, é naturalmente levado a "deformar" os fatos gramaticais quando por eles aquelas funções não poderiam figurar".179

Estilística e Gramática – A compreensão deste conceito de *estilo* se fundamenta na lição de Charles Bally, segundo a qual o que caracteriza o estilo não é a oposição entre o *individual* e o *coletivo,* mas o contraste entre o *emocional* e o *intelectivo.* É neste sentido que diferem *Estilística* (que estuda a língua afetiva) e *Gramática* (que trabalha no campo da língua intelectiva). Baralhá-las, de modo que a Estilística se "dissolva" na Gramática, é pôr em perigo duas importantes disciplinas por confundir os seus objetos de estudo.

Uma não é a negação da outra, nem uma tem por missão destruir o que a outra, com orientação científica, tem podido construir. Ambas se completam no estudo dos processos do material de que o gênero humano se utiliza na exteriorização das ideias e sentimentos ou do conteúdo do pensamento designado.

Estilística e a Retórica – Tem-se apresentado a Estilística também como – a negação da antiga Retórica que predomina ainda na crítica tradicional do estilo com suas múltiplas indagações literárias, históricas, sociais, filosóficas e tantos outros domínios que na obra se espalham através do temperamento e atitude do escritor. Cabe aqui recordar as justas considerações de Amado Alonso:180 " ... a estilística não pretende petulantemente declarar caduca a crítica tradicional; reconhece seu alto valor e aprende nela; sabe que na análise de obras de arte nem tudo termina com o prazer estético e que há valores culturais, sociais, ideológicos, morais, enfim, valores históricos que não pode nem quer desprezar. E com a mesma se vê o que pretende e o seu valor: completar os estudos da crítica tradicional fazendo agora entrar um aspecto que estava menosprezado. E não apenas mais um aspecto, senão o aspecto básico e específico da obra de arte, o que dá valor a todos os outros. Por isso a estilística, sobre estudar temas novos, continua estudando com igual amor todos os velhos, apenas o faz do seu ponto de vista. Por exemplo, sempre se estudaram as fontes de um autor ou de uma obra, ou – o que vale o mesmo – a origem das ideias dominantes em um período literário. Porém realizou-se isso por interesse histórico, para fixar procedências. Este é o

ponto de chegada da crítica tradicional. Para a estilística é o ponto de partida, e a si pergunta: que fez meu autor ou minha época com estas fontes? Para usar a velha comparação: estudando o mel, a crítica tradicional estabelece em que flores e de que campos extraiu a abelha; a estilística se pergunta: como resultou este produto heterogêneo com todas as suas procedências, qual é a alquimia, que originais e triunfantes intenções lhe insuflaram vida nova? Ou voltando à comparação da estátua: a crítica tradicional estuda as canteiras donde procede o mármore; a estilística, que é que o artista fez com ele''.

Análise literária e análise estilística – Da lição de Amado Alonso se patenteia que não se há de confundir *análise literária* com *análise estilística*, pois que, trabalhando num mesmo trecho, tem preocupações diferentes e utilizam ferramentas também diversas. Em que pese à autoridade de nossos programas oficiais para ensino de Língua Portuguesa, o que deve ser, primordialmente, objeto da tarefa do professor de língua é a *análise estilística* (ainda que *elementar,* como reza a letra deste mesmo programa), e não a *análise literária,* que é da alçada do professor de Literatura. Ensinando-se a *língua* portuguesa, nada mais natural do que, num texto literário ou não, ressaltar o *sistema expressivo e sua eficácia estética* no idioma ou nas particularidades idiomáticas de um autor literário ou de um simples falante. Para a estilística, interessa tanto a depreensão dos traços estilísticos da língua oral como da escrita, do falante comum e do literato. Com razão disse Vossler que na linguagem de um mendigo vagabundo há gotinhas estilísticas da mesma natureza que todo o mundo expressional de um Shakespeare.

Traços estilísticos – O conjunto de particularidades do sistema expressivo para eficácia estética recebe o nome de *traços estilísticos.* São numerosos os traços estilísticos – e há um avultado número deles cujo valor ainda está para ser analisado – em todos os compartimentos de um idioma.

Cabe-nos agora indagar quando uma *particularidade linguística* se nos apresenta como traço estilístico. "Já sabemos – ensina-nos J. Mattoso Câmara Jr.181 – que o traço estilístico não se trata de uma maneira de dizer necessariamente pessoal; nem pelo fato de ser pessoal se tem necessariamente um traço estilístico. Esta dupla consideração é tão importante que hão de me relevar insistir um pouco mais. Para isso, peço desculpas de me citar a mim mesmo e me reportar a um pequeno artigo que publiquei há tempos na *Revista do Livro* sobre "A Coroa do Rubião": diz-nos Machado de Assis, no *Quincas Borba,* que Rubião, demente, julgando-se "imperador dos franceses" no momento da agonia, cingiu a "coroa", que não era sequer uma bacia, "onde se pudesse palpar a ilusão", "ele pegou nada, ergueu nada e cingiu nada". O emprego de *nada* depois do verbo sem se completar com um *não* antes do verbo, é uma maneira anômala de expressar a negação verbal em português. E é um traço estilístico: não porque seja exclusivamente pessoal de Machado de Assis (quem nos garante que outrem já não tinha feito isto? – nem o escritor faz isto sistematicamente), mas porque nesse dado contexto o emprego de *nada* nessas condições tem um valor "estético", fazendo-nos ver dolorosamente o gesto do pobre louco, mercê do tratamento de *nada*, não como mera partícula

negativa, mas como um substantivo negativo – o oposto de *alguma coisa*: a emoção do escritor e o seu apelo à nossa simpatia se comunicam através desse emprego de *nada*, que é, pois, um emprego estilístico. Ao contrário, quando José de Alencar acentuava a preposição simples *a,* exibia um uso *pessoal* da língua literária (que era um erro do ponto de vista de norma social vigente), mas não um traço estilístico, pois se circunscrevia ao domínio intelectivo (o escritor achava que assim devia escrever por um raciocínio gramatical em falso); seria, ao contrário, um traço estilístico se uma ou outra vez, apenas, aparecesse em seus textos como recurso para insistir na preposição, dando-lhe uma tonicidade excepcional.

Daí o erro dos que, pensando escrever bem, enxameiam suas páginas das chamadas figuras de linguagem (pleonasmos, hipérboles, anacolutos, metáforas, etc.). Essas figuras não se impõem "à outrance" às circunstâncias; estas é que favorecem o aparecimento daquelas para fins estéticos. Terá falhado na pesquisa estilística quem se contentar em dizer que há anacoluto no derradeiro terceto desta conhecida joia de Machado de Assis, que é o soneto à Carolina:

> "que eu, se tenho nos olhos malferidos
> pensamentos de vida formulados,
> são pensamentos idos e vividos".

O anacoluto ultrapassa os limites de uma simples figura, para ser um eficaz recurso estético que põe diante de nossos olhos a profunda dor do esposo que, pensando na companheira que se foi, não tem a paz interior necessária para estruturar racionalmente, intelectivamente, todo o tumulto de ideias que lhe vai n'alma.

Em suma, a Estilística é o passo mais decisivo, no estudo de uma língua, para a educação do sentimento estético e manifestação da competência expressiva.

Traço estilístico e erro gramatical – Não se há de entender que o estilo seja sempre uma deformação da norma linguística. Isto nos leva à distinção entre *traço estilístico* e *erro gramatical*.

O traço estilístico pode ser um desvio ocasional de norma gramatical vigente, mas se impõe pela sua intenção estético-expressiva.

O erro gramatical é o desvio sem intenção estética.

Campo da Estilística – O estudo da Estilística abarca, semelhante à Gramática, todos os domínios do idioma. Lembremos a lição de Bally: "Todos os fenômenos linguísticos, desde os sons até as combinações sintáticas mais complexas, podem revelar algum caráter fundamental da língua estudada. Todos os fatos linguísticos, sejam quais forem, podem manifestar alguma parcela da ida do espírito e algum movimento da sensibilidade. A estilística não é o estudo de uma parte da linguagem, mas o é da linguagem inteira, observada de um ângulo particular. Nunca pretendi (isto é para responder a umas críticas que me fizeram) que a linguagem afetiva existe independentemente da linguagem intelectual, nem que a estilística deva estudar a primeira excluindo a segunda; o que faz é estudá-las ambas em suas relações recíprocas, e examinar em que proporção se aliam para compor este ou aquele tipo de expressão".[182]

Teremos assim os seguintes campos da Estilística:

Estilística
- 1) fônica
- 2) morfológica
- 3) sintática
- 4) semântica

A Estilística Fônica procura indagar o emprego do valor expressivo dos sons: a harmonia imitativa, no amplo sentido do termo. É a *fonética expressiva* de que falamos na parte inicial deste livro.

A Estilística Morfológica sonda o uso expressivo das formas gramaticais. Entre os usos expressivos deste campo lembraremos:

1) *o plural de convite*: põe-se o verbo no plural como que se quisesse incentivar uma pessoa a praticar uma ação trabalhosa ou desagradável. É o caso da mãe que diz à filhinha que insiste em não tomar o remédio:

Olha, filhinha, *vamos* tomar o remedinho.

2) *o plural de modéstia*: o autor, falando de si mesmo, poderá dizer:

Nós, ao escrevermos este livro, tivemos em mira dar novos horizontes ao ensino do idioma.

3) *o emprego expressivo dos sufixos* (mormente os de gradação):

paizinho, mãezinha, poetastro, padreco, politicalha

4) *o emprego de tempos e modos verbais,* como, por exemplo:

a) o presente pelo futuro para indicar desejo firme, fato categórico:

Amanhã eu *vou* ao cinema.

b) o imperfeito para traduzir pedido:

Eu *queria* um quilo de queijo (em vez do categórico e, às vezes, ameaçador *quero*).

c) o presente pelo pretérito para emprestar à narração o ar de novidade e poder comover o ouvinte:

Aí César *invade* a Gália.

5) a *mudança de tratamento*, de um período para outro, para indicar mudança da situação psicológica entre falante e ouvinte, ou entre escritor e leitor. No soneto *Última Folha,* Casimiro de Abreu chama a Deus por *Meu Pai* e ora o trata por *tu,* ora por *vós*. É que em *Meu Pai* o poeta vê Deus como seu íntimo, ligado a ele tão intimamente que lhe cabe o tratamento *tu*. Mas ao poeta Deus se apresentava também como o criador de todas as coisas, o poder supremo a quem só podia caber a fórmula respeitosa e cerimoniosa assumida por *vós*.

A Estilística Sintática procura explicar o valor expressivo das construções:

1) na regência, como, por exemplo, o emprego do posvérbio;
2) na concordância, como, por exemplo, na *atração*, na *silepse*, no infinitivo flexionado para realce da pessoa sobre a ação mesma;
3) na colocação dos termos na oração, na colocação de pronomes, etc.
4) no emprego expressivo das chamadas *figuras de sintaxe.*

A Estilística Semântica pesquisa:

1) a significação ocasional e expressiva de certas palavras:
   Você é um *abacaxi.*
   Aquele aluno é um *monstro.*
   Ele tem uns *bons* sessenta anos.
2) no emprego expressivo das chamadas figuras de palavras ou *tropos* (metáfora, metonímia, etc.) e figuras de pensamento e sentimento (antítese, eufemismo, hipérbole, etc.).

Apêndice

DOIS EXEMPLOS DE ANÁLISE ESTILÍSTICA

A título de meras sugestões aos leitores ainda não familiarizados com as técnicas da análise estilística, temos a satisfação de transcrever aqui dois excertos assinados, um por excelente mestre brasileiro, J. Mattoso Câmara Jr., e outro pelo não menos distinto estudioso português, Jacinto do Prado Coelho. Outras interessantes amostras pode o leitor curioso ver nos estudos de Augusto Meyer, Othon Moacyr Garcia e uma plêiade de patrícios onde está indicada farta bibliografia especializada.

1) *Um soneto de Antônio Nobre*

O comentário de poemas será ainda, em grande parte, criação, inventiva, uma série de desdobramentos psicológicos, evocações, associações de imagens, que mostram a personalidade do leitor a colaborar com simpatia na obra do comentário. A visão de conjunto originária iluminará todo o comentário. A linguagem será encarada, segundo quer Spitzer, como floração da substância espiritual do poema. A divisão metodológica em comentário ideológico e comentário de forma não me parece justa. O poema deve ser olhado como um todo. A consideração das formas linguísticas conduzirá ao psicológico, e acompanhará o comentário da substância do princípio ao fim. O que se pretende, em primeiro lugar, é que o *eu* do leitor comungue no eu do poeta (e Berdiaeff mostrou muito bem a impossibilidade desta comunicação por meios que não sejam de natureza afetiva; pensar é objetivar, é separar). É claro que sem objetivação não há crítica. Mas no comentário de poemas a crítica aos pormenores deve incluir-se num estado de adesão que permaneça durante o comentário.

Tudo isto, eu sei, é muito difícil; nunca consegui realizá-lo satisfatoriamente. Dou, todavia, com exemplo, o comentário dum soneto que tentei fazer segundo a orientação exposta. Começo pela introdução à leitura:

"Antônio Nobre, não só pela concepção que teve da poesia, como pela estranha riqueza da

sua personalidade, é verdadeiramente um poeta moderno. Se ainda vivesse, teria setenta e cinco anos. Talvez a sua presença nos impedisse o convívio estreito com esse rapaz triste que escreveu o *Só*, o livro mais triste que há em Portugal. A sua presença física torná-lo-ia, porventura, mais distante. Assim, porque morreu aos trinta e dois anos, ficou sempre rapaz na nossa lembrança, de olhos doces, pálido, feições finas, embrulhado numa capa de estudante, absorto como é sina dos poetas.

Quando ouvimos o tom lastimoso da sua voz, quando o sentimos tão perto, os nossos braços procuram estender-se através da bruma que separa as almas, para lhe darem finalmente, com piedade fraterna, o carinho que pediu sem receber. Continua vivo a nosso lado, continua conversando, obriga-nos, pelo tom das suas palavras, a ver o mundo como ele via, sentir como ele sentia.

Mas não era assim, pela vida subjetiva, que Nobre queria viver. Nobre foi um homem de desejo. Emigrou para um país diferente, recolheu-se no sonho da infância, chegou a bem-dizer a velha, a senhora Morte, apenas pela força do seu destino.

Antônio Nobre queria viver a nossa vida, queria ser como os outros saudável e contente. Ambicionava uma purinha de cabelo negro e boca vermelha. Confessou-nos o seu "ideal de parisiense": casa defronte do mar, sardinha ao lume, economias no mealheiro, sendo possível, e mulher e filhos. Nobre fora feito para este mundo, e só a doença o afastou dele. O seu desespero dissolveu-se numa resignação de menino suave e obediente, que se entretém com brinquedos de luxo. O seu brinquedo foi a arte. Mas não somente um brinquedo: um meio de confissão, de transmissão da sua humanidade confrangida. Por isso (pensando que ele queria viver, e que morreu tão novo, tão triste, tão só) ouviremos sempre com piedade a voz do seu lamento, e choro de quem já não espera nada, nem mesmo o ópio do regresso, pela memória, aos tempos de criança:

Tombou da haste a flor da minha infância alada,
Murchou na jarra de oiro o pudico jasmim:
Voou aos altos céus a pomba enamorada
Que dantes estendia as asas sobre mim.

Julguei que fosse eterna a luz dessa alvorada,
E que era sempre dia, e nunca tinha fim
Essa visão de luar que vivia encantada
Num castelo ideal com torres de marfim!

Mas hoje as pombas de oiro, aves da minha infância,
Que me enchiam de lua o coração, outrora,
Partiram e no céu evoam-se a distância!

Debalde clamo e choro, erguendo aos céus meus ais:
Voltam na asa do vento os ais que a alma chora,
Elas, porém, Senhor! elas não voltam mais...

De leitura deste soneto fica-nos o travo da desilusão, a amargura de perder o que nunca mais se recupera. As metáforas, cuja finura e cuja riqueza nos impressionam, vêm transmitir uma visão encantada dos anos da meninice. Segundo o poeta, a infância é alada, tem asas, talvez porque o pensamento infantil voa a cada instante para o reino da fantasia, talvez porque a criança é um anjo, pela sua pureza, ainda visível da sua divisa.

Nobre escolheu uma flor, “um pudico jasmim”, para simbolizar essa candura perdida. O jasmim é branco, de perfume penetrante, mas suave. Também as crianças têm a graça, o perfume, a brancura da alma. O adjetivo “pudico” estabeleceu, no espírito do poeta, a ligação entre a flor e a criança: ambos possuem a pudicícia, a castidade, a inocência.

Vejam em tudo isto a delicadeza da arte de Antônio Nobre. Ele pôs de lado os processos declamatórios, a eloquência romântica, os meios diretos e demasiado conhecidos. Para nos dizer que terminou o sonho da sua meninice, a alegria da visão imaculada, Nobre fala-nos da flor que também tombou da haste, do jasmim que murchou num vaso de oiro, da pomba enamorada que se sumiu no azul e nunca mais voltou (lembramos aqui as lindas asas brancas de Garrett, que ele batia para voar ao céu).

Todo o soneto é construído sobre estas metáforas brilhantes, desde as pombas de oiro às torres de marfim. Somos levados a aludir ao simbolismo de Antônio Nobre, à preferência pela magia das insinuações indiretas. Na verdade o simbolismo não passou, a princípio, duma reação contra o processo parnasiano de mostrar as coisas, francamente, inteiramente, dando-as pelo nome próprio, sem rodeio nem véu. Isso tirava ao leitor o prazer de participar na criação.

“Nomear um objeto – escrevia Mallarmé em 1891 – é suprimir três quartos do gozo do poema, que consiste na delícia de adivinhar pouco a pouco; o sonho é sugerir o objeto. O uso perfeito deste mistério constitui o símbolo: evocar lentamente um objeto para mostrar um estado de alma, ou, inversamente, escolher um objeto e tirar dele um estado de alma por uma série de decifrações”. Estas palavras de Mallarmé (que foi o maior dos poetas simbolistas franceses) quadra à poesia de Antônio Nobre; notamos, porém, que, no soneto que hoje comentamos, não há imagens tão ousadas ou alucinantes que revoltem o senso comum; pelo contrário, é bem compreensível que se represente a candura da infância por uma flor branca, o mundo fantástico e hermético das crianças por um castelo de marfim.

O que parece estranho é não ser uma dor humana, dilacerante como a de Antônio Nobre, transmitida sem rodeios, no seu ímpeto de expansão, desalinhada e convulsiva. Não há dúvida de que Nobre foi sempre sincero. Desde pequeno, começou a meditar na morte, porque a esperava. Os prenúncios da tuberculose vieram pouco depois dos vinte anos. E ele, que já em criança pedia que, depois de morto, o embrulhassem num cobertor, “porque tinha medo do frio do jazigo”, depois começou a ver em todas as coisas o riso macabro da morte:

> Em tudo via a Velha, em tudo via a Morte;
> Um berço que dormia era um caixão pr‘a cova:
> Via a Foice no Céu quando era Lua Nova...

Antônio Nobre foi, portanto, um poeta espontâneo. Escreveu com o sangue das suas veias. Mas não foi apenas um homem que sofreu, porque fez dos pedaços da sua dor filigranas de beleza e harmonia. Ele próprio disse uma vez: “A dor que dura sempre produz o prazer que não dura mais que um momento”. Esse momento de que fala Nobre é, sem dúvida, o momento da criação poética, o momento da graça. O poeta depôs no altar da Arte a sua humanidade passageira, que sangrava. Contempla-se na própria imagem, acriançado e um pouco *dândi*, saboreando as palavras, procurando ritmos.

É notar como a palavra “lua” tem na sua poesia um halo especial de associações de imagens. As palavras recebem das outras mais próximas uma incidência de estímulos

psicológicos que muitas vezes transfiguram.

Por isso "lua", nos versos de Nobre ("...aves na minha infância que me enchiam de lua o coração outrora") sugere-nos o mundo saudoso e feminino do poeta, com as graças pálidas e os seus fantasmas adormecidos.

No último terceto, Nobre lança uma queixa dolorida e todavia humilde e resignada:

Debalde clamo e choro, erguendo aos céus meu ais:
Voltam na asa do vento os ais que a alma chora.
Elas, porém, Senhor! elas não voltam mais...

Nobre não renega o Senhor, embora tenha clamado antes de chorar. A rapidez saltitante do segundo verso, composto por palavras todas muito curtas, parece trazer o eco dos ais do poeta, vindos nas asas do vento. Voltam os ais que redobram a sua dor, mas não voltam as pombas de oiro da sua infância alada. O último verso, mais de que a chave racional do soneto, à maneira clássica, é uma frase sentimental: a primeira parte, ascendente, é um grito de alma ("elas, porém, Senhor!"); a segunda parte, descendente, é um suspiro de aceitação ("elas não voltam mais").

Antônio Nobre conformou-se, acabou por amar a sua cruz. Conseguiu tornar-se criança meiga e obediente, de olhos muito abertos, de sorriso tão triste. O sorriso de quem fala de ir viajar, sequinho, para o sol-posto; o sorriso de quem pede que componham com jeito o travesseiro, de modo que lhe faça bom encosto no caixão:

De modo que me faça bom encosto,
O travesseiro comporá com jeito,
E eu, tão feliz! Por não estar afeito,

Talvez este sorriso derive duma atitude premeditada, um último "coquetismo" de moribundo que compõe o lençol, manda abrir a janela e diz qualquer coisa infantil para distrair os outros da sua desgraça. Talvez seja a última defesa de quem teve de entregar-se todo, esfarrapado e sangrando, aos olhos da multidão compadecida".

Jacinto do Prado Coelho (*A Educação do Sentimento Poético*, pág. 65-71).

2) *Um soneto de Machado de Assis*:

A Carolina

...O estilo tem um cunho nitidamente quinhentista.

Sugere-o a formulação global, linguística e rítmica, e sublinham-no certos dados concretos, como, por exemplo, o qualificativo "malferidos", aconselhado por Mário Barreto justamente por se casar ao seu ideal de restauração da linguagem clássica183, a já citada locução de "pensamentos idos e vividos", e a pobreza das rimas dos tercetos em *-ados* e *-idos*, onde se alinham fácil e espontâneamente particípios da 1.ª conjugação e da 2.ª e 3.ª:

Trago-te flores, – restos arrancados
Da terra que nos viu passar unidos
E ora mortos nos deixa e separados
Que eu, se tenho nos olhos malferidos

Pensamentos de vida formulados,
São pensamentos idos e vividos.

O que, entretanto, mais aí nos deve interessar é a "forma interna", isto é, o plano formal imanente no desdobramento das frases.

Para o soneto, a forma interna, assim concebida, se processa pela concatenação de ideias, ascendentes em amplitude e intensidade, até o coroamento de uma larga e culminante expressão final. É o que naturalmente estava prefigurando no microcosmo da copla esparsa, de que vimos provavelmente ter evoluído o soneto.

Em Bocage, esta estruturação chega muitas vezes ao uso de um único período, que só na parte final apresenta as suas orações capitais. Um bom exemplo é o soneto sobre a existência de Deus184 onde vão-se anunciando os fatos da natureza comprobatórios, até se chegar à afirmação dessa existência na base desses fatos –

tudo que há a confessar me obriga

– acrescentando-se o conceito de que tal existência se impõe à Razão, e não apenas à Fé, pela evidência física e pela necessidade no plano moral, o que tinha de ser o capital argumento para o iluminismo oitocentista:

E para crer num braço autor de tudo,
Que recompensa os bons, que os maus castiga,
Não só da Fé mas da Razão me ajudo.

Esse plano formal interno pode, é verdade, oferecer a variante do chamado "soneto elisabetano" (que praticou Shakespeare)185 onde a três estrofes de quatro versos, independentes entre si quanto à rima, se adjunge um dístico final, que resume o pensamento anteriormente desenvolvido. Neste particular, Antônio Nobre nos ilustra uma forma interna de soneto elisabetano moldado na forma externa italiana, quando disjunge pela ideia os dois versos finais do último terceto, neles resumindo todo o teor da poesia, cujo pensamento se concluíra no décimo segundo verso:

Ó virgem que passais ao sol poente,
Pelas estradas ermas a cantar,
Eu quero ouvir uma canção ardente
Que me transporte ao meu perdido lar.
Cantai-me nessa voz onipotente
O sol que venha aureolando o mar,
A fartura da seara reluzente,
O vinho, a graça, a formosura, o luar.
Cantai, cantai, as límpidas cantigas
Do fundo do meu lar desaterrai
Todas aquelas ilusões antigas,
Que eu vi morrer num sonho como um ai!...
Ó suaves e frescas raparigas,
Adormecei-me nessa voz... Cantai! 186

Voltando, entretanto, a "A Carolina" de Machado de Assis, examinemos-lhe a forma interna na base das considerações acima feitas.

Não temos aí, em verdade, um desdobramento de ideias cada vez mais amplas e intensas até um clímax de versos finais.

O poeta combina pensamentos cognatos e paralelos: um nos quartetos, outro no primeiro terceto, enquanto um terceiro pensamento, que é a essência do pequeno poema, se

consubstancia finalmente no último terceto.

Recitemos a produção, comparando-a com o esquema assim depreendido:

A) Visita à sepultura com as ideias que acompanham esse gesto de saudade e carinho: a evocação da felicidade e a afirmação de uma lembrança e um afeto que não mais se apaga ou sequer desfalece:

> Querida, ao pé do leito derradeiro
> Em que descansas dessa longa vida,
> Aqui venho e virei, pobre querida,
> Trazer-te o coração de companheiro.
> Pulsa-lhe aquele afeto verdadeiro
> Que, a despeito de toda a humana lida,
> Fez a nossa existência apetecida
> E num recanto pôs o mundo inteiro.

B) Oferta de flores, como símbolo dessa saudade, que assim se concretiza num gesto ritual:

> Trago-te flores, restos arrancados
> Da terra que nos viu passar unidos
> E ora mortos nos deixa e separados.

C) Finalmente, o conceito de que o poeta está morto para o mundo, e a sua vida física se prolonga automaticamente pelo impulso adquirido de uma força vital que desapareceu:

> Que, se eu tenho nos olhos malferidos
> Pensamentos de vida formulados,
> São pensamentos idos e vividos.

Mas não é tudo. Não se resume nesta análise o plano complexo do soneto.

O poeta articulou sutilmente a parte C com a parte B, tirando-a da expressão, aparentemente secundária, de que ele está tão morto quanto a sua Carolina.

Digo "aparentemente secundária", porque o termo está colocado em meio de frase e como primeiro elemento de um conjugado copulativo, em que predomina formalmente, portanto, o segundo qualificativo *separados*.

Há a intenção de provocar a perplexidade *a posteriori* do leitor, cuja atenção desliza até *separados* e, *depois* de aceitar essa ideia *self-evident*, há de retornar, sem querer, para o paradoxal adjetivo *mortos*, que o antecede. "Mortos, por quê?" Assim concentrado num novo conceito, que obviamente tem de intrigá-lo, está ele preparado para receber o impacto de pensamento final, introduzido ao último terceto por um *que* de valor causal.

Temos, assim, – não um desdobramento que regularmente vai ascendendo para uma ideia ápice –, mas um primeiro pensamento concluso (a evocação da felicidade perdida e a lembrança perene da mulher amada), um segundo que o ilustra numa concretização simbólica, e, saindo de um elemento aí lançado quase ao acaso, um pensamento final, que transfigura o poema e lhe dá a substância definitiva.

É nesta forma interna e no seu contraste com o plano natural de um soneto, que me parece estar, estilisticamente, a significação da pequena joia poética que acabamos de rapidamente apreciar.

Joaquim Mattoso Câmara Jr. (*Revista do Livro*, no. 5, p. 71-73)

179 J. Mattoso Câmara Jr., “Noções de Estilística” in *Littera*, n.º 2, 91.
180 Matéria y Forma en Poesia, 103-104.
181 No artigo citado.
182 *Le Langage et la Vie*, 100.
183 Mário Barreto, *Novos Estudos da Língua Portuguesa*. Rio, 1921; p. 364.
184 *Obras Poéticas de Bocage*, ed. Tavares Cardoso e Irmão. Lisboa 1902, vol. I, 234.
185 Sobre o soneto na literatura inglesa, consultar Enid Hammer, *The Meters of English Poetry*, London, 1954; p. 186 ss.
186 Antônio Nobre, *Só*, 3.a. ed. (Aillaud e Bertrand)., 1913, p. 120.

V – Noções Elementares de Versificação

"La métrique est une science, mais c'est aussi un art.
Le métricien doit connaître la technique du vers, mais
il doit aussi être un homme de bon sens, avoir de la finesse
et du goût" (G. Millardet, *Romania*, 43, 1914, p. 260).

Poesia e prosa – Em sentido formal, chama-se **poesia** à forma de expressão ordenada segundo certas regras e dividida em unidades rítmicas.

Prosa é a forma de expressão continuada. Embora a prosa também possa ter ritmo, aqui ele é menos rigoroso que na poesia.

Verso é o conjunto de palavras que formam, dentro de qualquer número de sílabas, uma unidade fônica sujeita a um determinado ritmo.

Ritmo é a divisão do tempo em período uniformes mediante os apoios sucessivos da intensidade.

Metro é o verso que, além de atender ao ritmo, se apresenta dentro de uma norma regular de medida silábica.

O ritmo, comum ao verso e ao metro, não se manifesta de maneira uniforme; por isso produz efeitos diferentes conforme a disposição das cláusulas silábicas que constituem o período rítmico do verso.

Por sua vez, um mesmo metro pode apresentar-se sob várias modalidades rítmicas.

Pode-se mudar de ritmo sem alterar o metro ou o verso, como se pode mudar de metro ou verso sem alterar o ritmo.

Como ensina Navarro Tomás, o ritmo nasce da disposição acentual, o verso depende da ação do ritmo, e o metro obedece justamente ao ritmo e à medida silábica.

Além do ritmo acentual, outros recursos suplementares contribuem para dar ao verso as qualidades de sua fisionomia e de colorido; são recursos fônicos, morfológicos e semânticos. Além da rima e da estrofe, figuram, entre outros, a harmonia vocálica, a aliteração de consoantes, o paralelismo, a anáfora, a ordem das palavras ou a valorização semântica de uma palavra ou expressão.

Por melhor que seja o verso, perderá muito de seu valor se proferido por um leitor – e até mesmo pelo seu autor - que não saiba pôr em evidência as características de sua estrutura rítmica, métrica e de seus apoios fônicos.

Pausa final. Cavalgamento – Na leitura de um poema, marca-se o final de cada verso ou final de cada unidade de verso composto (*hemistíquio*) com uma pausa, a chamada *pausa métrica*. Esta pausa métrica não passa de uma pequena interrupção, que não chega a confundir com a pausa mais demorada, resultante da entoação da oração, marcada em geral por vírgula ou outro sinal de pontuação.

Não levar na devida conta a pausa métrica, além de atentar contra o ritmo, pode converter o verso em falsa prosa.

A pausa métrica é transferida para a primeira sílaba tônica do verso seguinte, quando a unidade sintática excede o limite de um verso e, para completar-se, "cavalga" ou "monta" no verso a seguir, patenteando, assim, um desacordo entre a unidade sintática e a unidade métrica. Este fenômeno é conhecido pela denominação francesa *enjambement*, que se pode traduzir, como fez Said Ali, por *cavalgamento*. Também se usa o termo *encavalgamento*:

> "Sonho profundo, ó Sonho doloroso,
> Doloroso e profundo Sentimento!
> *Vai, vai nas harpas trêmulas do vento*
> *Chorar o teu mistério tenebroso*" [CS.1, II, 63].

Versificação – é a técnica de fazer versos ou de estudar-lhes os expedientes rítmicos de que se constituem.

"Não se há de confundir *versificação* com *poesia*. A poesia é um *dom*: nasce-se poeta. A versificação é uma arte: torna-se um versejador. Grandes poetas, como Vigny, foram medíocres versejadores. Hábeis versejadores, como Teodoro de Banville, não podem jamais ser chamados poetas" [BH.1, 431].

O **ritmo poético**, que na essência não difere das outras modalidades de ritmo, se caracteriza pela repetição. O ritmo consiste na divisão perceptível do tempo e do espaço em intervalos iguais. Quando a poesia se constitui de unidades rítmicas iguais, diz-se que a versificação é *regular;* quando isto não ocorre, a versificação é *irregular* ou *livre*.

O ritmo poético utiliza recursos que nem sempre são coincidentes de idioma para idioma.

Entre nós, por exemplo, não figura a quantidade que é o alicerce da versificação latina ou grega. A rima, por outro lado, que hoje nos é tão familiar e querida, não constituía peça essencial da poesia até a Idade Média latina.

Em português o ritmo poético é assegurado pela utilização dos seguintes expedientes que se podem combinar de maneira variadíssima:

1) número fixo de sílabas;

2) distribuição das sílabas fortes (ou tônicas) e fracas (ou átonas);

3) cesura;

4) rima;

5) aliteração;

6) encadeamento;
7) paralelismo.

O número fixo de sílabas coordenado com a distribuição das sílabas fortes e fracas constitui um *metro poético* e o seu estudo recebe o nome de *métrica*.

I – Número Fixo de Sílabas

Como se contam as sílabas de um verso – Na recitação a contagem das sílabas se processa diferentemente da análise gramatical; nesta se atenta para a sua representação na escrita enquanto naquela se busca a realidade auditiva. No verso:

"É toda um hino: – esperança!" [CA.1, 97]

Há sete sílabas para o poeta (este só conta até a última tônica) e dez sílabas para o gramático; aquele não profere o *a* final de *toda*, liga a consoante *d* a *um*, omite o *o* final de *hino* e junta o *n* à sílaba inicial de *esperança*:

É / to / d(a)um / hi / n(o): – es / pe / ran / ça
1 2 3 4 5 6 7

Só se conta até a última sílaba tônica: verso agudos, graves e esdrúxulos – Uma das orientações que distinguem a contagem das sílabas entre o poeta e o gramático, é que o primeiro, de acordo com orientação revivida (foi iniciada por Couto Guerreiro, no século XVIII) 187 por Antônio Feliciano de Castilho, no século XIX, só leva em conta até a última sílaba tônica, desprezando a átona ou as átonas finais. Daí a divisão dos versos em *agudos*, *graves* ou *esdrúxulos*, conforme terminarem, respectivamente, por vocábulos oxítonos, paroxítonos, ou proparoxítonos, como nos seguintes versos, todos de dez sílabas:

"O padre não falou – mostrou-lhe o céu!" [CA.1, 137] **Agudo**
"Eu vi-a lacrimosa sobre as *pedras*." [CA.1, 106] **Grave**
"Estátua da aflição aos pés dum túmulo!" [CA.1, 106] **Esdrúxulo**

Neste livro indicaremos a sílaba métrica pelo símbolo ∪ ; quando for tônica poremos nele um acento tônico: ∪.188

Fenômenos fonéticos correntes na leitura dos versos – Na leitura dos versos, proferimos as palavras com as junções e as pausas que o falar de todos os momentos conhece; por exagero, entretanto, tais fenômenos fonéticos costumam ser explicados como "exigência da técnica versificatória".

Estes fenômenos são: 1) sinérese; 2) diérese; 3) elisão; 4) crase; 5) ectlipse; e podem ocorrer uns dentro do mesmo vocábulo (*intraverbais* ou *internos*) e outros pela junção de dois vocábulos (*interverbais* ou *externos*).

Sinérese ou ditongação é a junção de vogais contínuas numa só sílaba em virtude de uma das vogais passar a semivogal, no interior da palavra.

Na língua portuguesa moderna, especialmente no Brasil, é normal a sinérese interna: "a) nos grupos vocálicos átonos não finais, de segunda vogal, alta, correspondente em vocábulo derivado ou composto à vogal tônica do primitivo (ex.: *traidor*, de *trair*) ou à vogal inicial de uma das formas mínimas componentes (ex.: *vaidade*, rad. *va-*, suf. *-idade*), sendo que, fora dessas duas condições, se tem aí um ditongo sistemático (ex.: *lei-tu-ra*, *cau-te-la*, etc.); b) nos grupos vocálicos átonos não finais, de primeira vogal alta (ex.: *piedade*, *suavidade*); c) nos grupos vocálicos átonos finais, de primeira vogal átona (ex.: *glória*, *áscua*, *série*, *tênue*), sendo que não há primeira vogal média nesses grupos (cf. *níveo*/*níviu*/*mágoa*/*mágua*). A intenção estilística ou a métrica, no verso, criam frequentemente diérese nos dois primeiros casos" [MC.4, 221].

DIÉRESE é a dissolução de um ditongo em hiato no interior da palavra.

A diérese, que é sempre interna, é fenômeno hoje raro em poesia, geralmente usado apenas para certos fins expressivos ou como expediente para dar ao verso o número de sílabas exigidas:

"Pe / sa / -me es / ta / bri / lhan / te au / ré / o / la / de / nu / me..." [MA].

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12

O movimento lento, proferindo *auréola* (*au-ré-o-la*) como vocábulo de quatro sílabas, parece emprestar à situação o colosso do tamanho que tem o sol, em relação à simplicidade do vaga-lume.

Às vezes costuma-se indicar a diérese pondo-se trema no *i* ou *u*: *vaïdade* (*va-i-da-de*), *saudade* (*sa-u-da-de*).189

SINALEFA, é a perda de autonomia de uma vogal para tornar-se semivogal e, assim, constituir um ditongo com a vogal seguinte:

E triste e triste e fatigado eu‿vinha (lido como tritongo: /wew/).

ELISÃO é o desaparecimento de uma vogal quando pronunciada junto de outra vogal diferente:

e fatigad(o)‿eu vinha (lido: /ew/) [CCh.1, 667].

A pronúncia rápida dos portugueses leva mais frequentemente à realização de elisões do que a pronúncia mais lenta dos brasileiros. Nem sempre, como no exemplo acima, a elisão é indicada graficamente:

Mas se forçoso *t'é* deixar a pátria [CA.1, 125].

Note-se também que a elisão pode abarcar mais de duas vogais.

CRASE é a fusão de dois ou mais sons iguais num só:

"Teu pensamento, como‿o sol que morre,
Há de cismando mergulhar-se‿em mágoas" [CA.1, 125].
"Durante a noite quando‿o orvalho desce" [CA.1, 144].

ECTLIPSE é a supressão da ressonância nasal de uma vogal final de vocábulo para facilitar a sinérese ou a crase com a vogal contígua.190

Ocorre com mais frequência a ectlipse no final *-em* e na preposição *com*. Neste último caso, é comum ser indicada por apóstrofo, porque, a rigor, a ectlipse não passa de uma elisão considerada a palavra no seu sentido mais geral (o Vocabulário Oficial recomenda não usar apóstrofo: coa, coas, co, cos):

"Co'as tranças presas na fita,
Co'as flores no samburá" [CA.1, 116].

É preciso insistir, mais uma vez, que os fenômenos fonéticos aqui estudados só na mão do versejador são frios recursos de aumento ou diminuição de sílabas para atender às exigências da técnica versificatória; na mão do verdadeiro poeta constituem intencionais e vigorosos elementos do quadro que o artista deseja pôr diante de nossos olhos. O ritmo que devemos imprimir ao verso, acelerado aqui, com pausas acolá, é uma como harmonia imitativa das ideias que o poeta nos quer transmitir.

O ritmo e a pontuação do verso – Já acentuamos que nem sempre a unidade de sentido do poema coincide com os limites de sua linha, o que nos mostra o erro daqueles que leem verso fazendo longa pausa no fim de cada um deles.191 Esta longa pausa só é lícita quando a unidade sintática o exigir ou permitir:

"Meus Amigos, Adeus – Verei fulgindo
A lua em campo azul, e o sol no ocaso
Tingir de fogo a implacidez das águas;
Verei hórridas trevas lento e lento
Descerem, como um crepe funerário
Em negro esquife, onde repoisa a morte" [GD.3, I, 213].

Às vezes se podem ligar fonemas de palavras separadas por algum sinal de pontuação ou, ao contrário, pode haver uma pausa sem que seja indicada por sinal gráfico adequado, como nestes versos de dez sílabas:

"E eu, fitando-a, abençoava a vida" [CA.1, 279], lido:
E / eu / fi / tan / do-a a / ben / ço / a / va a / vi / da
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
"Ama-se a vida – a mocidade é crença" [CA.1, 144].

Expedientes mais raros na contagem das sílabas – Ao lado dos casos até aqui apontados, há outros de menos incidência, mas que merecem nossa atenção. Lembraremos os três seguintes:

a) o movimento rítmico de um verso pode estar sob a influência do verso anterior ou do seguinte, fazendo com que a vogal ou sílaba inicial de um verso fique incorporada no verso precedente; isto vem explicar a exatidão métrica de alguns versos aparentemente errados por se apresentarem mais curtos do que deviam:

"Chorar a virgem formosa
Morta na flor dos anos" [CA.1, 83], que será lido:
Cho / rar / a / vir / gem / for / mo /
1 2 3 4 5 6 7
sa / mor / ta na / flor / dos / a / nos
1 2 3 4 5 6 7

b) o silêncio ou pausa mais forte valendo como sílaba:

"Às vezes, oh, sim, / derramam tão fraco" [GD.3, I, 68].
"O céu era azul, / tão meigo e tão brando" [GD.3, I, 45].

são versos de onze sílabas aos quais a pausa intencional do poeta (indicada aqui por /) vale por uma sílaba métrica.

c) a dissolução de um encontro consonântico pela intercalação de uma vogal (/ *i* / ou / *e* /), não indicada na escrita, fazendo da primeira consoante uma sílaba à parte, o que revela uma tendência da pronúncia brasileira corrente:

"Ninguém mais *observa* o tratado" [GD.2] – *observa* deve ser lido com quatro sílabas.
"Contudo os olhos *d'ignóbil* pranto" [GD.1] – *ignóbil* deve ser lido também com quatro sílabas.

2 – Número Fixo de Sílabas e Pausas

O número fixo de sílabas e pausas é o principal dos apoios rítmicos do verso. O poeta tem a liberdade de não ficar, em todo o poema, preso ao mesmo metro. No poema de Gonçalves Dias, intitulado *Minha Vida e Meus Amores*, ocorre uma mudança de metro muito interessante. O poeta vinha versejando em decassílabos acentuados na sexta sílaba ou na quarta e oitava:

Outra vez que lá fui, que a vi, que a medo
Terna voz lhe escutei: – sonhei contigo! –
Inefável prazer banhou meu peito,
Senti delícias; mas a sós comigo
Pensei – talvez! – e já não pude crê-lo.

De súbito, nos versos 67 e 68 faz cair as pausas na quarta e sétima sílaba, aproximando o ritmo decassílabo do ritmo de onze sílabas, que vai aparecer nos versos 70 e 71:

Ela tão meiga e tão cheia de encantos,
Ela tão nova, tão pura e tão bela...
Amar-me! – Eu que sou?
Meus olhos enxergam, enquanto duvida
Minh'alma sem crença, de força exaurida,
Já farta da vida,
Que amor não doirou. [MB.1, II, 127].

Na poesia *A Tempestade*, Gonçalves Dias varia a medida de estrofe; a estrofe começando por duas sílabas até chegar a onze, quando retorna num movimento decrescente até voltar ao

de duas sílabas. Com isto o poeta quis-nos indicar mais vivamente "a aproximação gradativa da tempestade, cuja maior fúria estoura na décima estrofe, para depois afastar-se pouco a pouco" [Manuel Bandeira, editor das Obras de Gonçalves Dias, II, 235].

Os versos em português variam, em geral, de uma a doze sílabas, sendo raros os que ultrapassam este número. Para sua designação empregam-se os nomes gregos denotativos de número prefixados ao elemento -*sílabo*: *mono*- (um só), *dis*- (dois), *tri*- (três), *tetra*- (quatro), *penta*- (cinco), *hexa*- (seis), *hepta*- (sete), *octo*- (oito), *enea*- (nove), *deca*- (dez), *hendeca*- (onze), *dodeca*- (doze): *monossílabo*, *dissílabo*, *trissílabo*, *tetrassílabo* (também chamado *quadrissílabo*) , *pentassílabo* (também dito *redondilha menor*) , *hexassílabo*, *heptassílabo* (também dito *redondilha maior* ou só *redondilha*) , *octossílabo*, *eneassílabo*, *decassílabo* (também chamado *heróico*) , *hendecassílabo* (também chamado de *arte maior*) e *dodecassílabo* (ou também *alexandrino*), nome tirado das numerosas composições medievais que cantavam os feitos do guerreiro Alexandre, mormente o *Poema de Alexandre*, composto no século XII, por Alexandre de Bernay e Lambert Licor.

Cesura – Os versos longos, de ordinário a partir dos de dez sílabas, apresentam uma pausa interna, chamada *cesura*, para ressaltar o movimento rítmico, dividindo o verso em duas partes, nem sempre iguais, conhecidas pelo nome de *hemistíquios*. A *cesura* pode ser uma pausa menor (não indicada por sinal de pontuação), ou mais acentuada (indicada na escrita por sinal de pontuação).

Como assinala Navarro Tomás, "em qualquer ponto do verso pode ocorrer uma interrupção requerida pela sintaxe ou pela necessidade de destacar o significado de uma palavra. Estas paradas ocasionais não têm a função métrica da cesura ou da pausa" [NT.1, 28].

Versos de uma a doze sílabas – Os versos de uma, duas e três sílabas só têm uma sílaba forte:

a) Monossílabos (raríssimos):

"quebra
queima
reina
dança
sangue
gosma..." [MAn *apud* MB.3, 3242].

b) Dissílabos:

"Um raio
Fulgura
No espaço
Esparso
De luz" [GD.4, 229].

c) Trissílabos:

"Vem a aurora
Pressurosa,
Cor-de-rosa,

Que se cora
De carmim" [GD.4, 229].

d) Tetrassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ↺ ∪ ↺
"O sol desponta" [GD.4, 230].

2 – ∪ ∪ ∪ ↺
"Que entre verdores" [GD.4, 230].

3 – ↺ ∪ ∪ ↺
"Lá no horizonte" [GD.4, 230].

4 – ∪∪↺ ↺
"Salomé vinha" [*apud* MB.3, VI, 3242].

e) Pentassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ↺ ∪ ∪ ∪ ↺
"Gados que pasceis" [LC *apud* SA.3, 30].

2 – ∪ ↺ ∪ ∪↺
"Um ponto aparece" [GD *apud* SA.3].

3 – ∪ ∪ ↺ ∪ ↺
"Não sou eu tão tola" [JD *apud* SA.3].

f) Hexassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ↺ ∪ ↺ ∪↺
"Não solta a voz canora" [GD, *ibid.*].

2 – ∪ ↺∪ ∪ ∪↺
"Que um canto d'inspirado" [*Id.*, *ibid.*].

3 – ∪ ∪ ↺ ∪ ∪↺
"Como é fundo o sentir" [CA *apud* SA.3, 33].

4 – ↺ ∪↺ ∪ ∪ ↺
"Pois permite e consente" [LC *apud* SA.3, 32].

5 – ↺ ∪ ∪↺∪ ↺
"Tu já mataste a sede,
Mate-me a sede a mim" [JD *apud* SA.3].

6 – ∪ ∪ ∪ ↺ ∪↺
"E à luz do luar incerto" [AG *apud* MC.3, II, 149].

g) Heptassílabos – são os versos mais usados e populares em português e apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ◡ ◡ ◡ ◡ ◡◡◡
"Cresce a chuva, os rios crescem" [GD, *ibid.*].

2 – ◡´◡ ◡ ◡◡◡ ◡ ◡
"Fogem do vento que ruge" [*Id.*, *ibid.*].

3 – ◡ ◡◡ ◡ ◡◡◡ ◡
"Ardendo na usada sanha" [*Id.*, *ibid.*].

4 – ◡ ◡ ◡◡ ◡◡◡◡◡
"Como ovelhas assustadas" [*Id.*, *ibid.*].

5 – ◡ ◡ ◡◡ ◡ ◡◡ ◡ ◡
"Que da praia arreda o mar" [*Id.*, *ibid.*].

6 – ◡ ◡◡◡ ◡◡◡ ◡◡◡
"É já torrente bravia" [*Id.*, *ibid.*].

7 – ◡ ◡ ◡◡ ◡ ◡◡◡◡
"Grossos troncos a boiar"

8 – ◡ ◡◡ ◡ ◡ ◡ ◡ ◡◡
"Aqui nestas redondezas" [V. de Carvalho *apud* MC.3, 148].

h) Octossílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ◡ ◡◡ ◡ ◡◡ ◡ ◡◡ ◡ ◡◡
"Demônios mil, que, ouvindo-as, digam" [RC *apud* SA.3, 39].

2 – ◡◡ ◡◡ ◡ ◡◡◡◡ ◡◡
"Sabes tu de um poeta enorme" [MA *apud* SA.3, 40].

3 – ◡◡ ◡ ◡◡ ◡◡◡◡ ◡◡
"Roxas, brancas, rajadas, pretas" [*Id.*, *ibid.*].

4 – ◡ ◡◡ ◡ ◡ ◡◡◡◡ ◡◡◡
"Deixando a palhoça singela" [*Id.*, *ibid.*].

5 – ◡ ◡ ◡◡◡ ◡ ◡◡◡◡
"São Bom Jesus de Matozinhos" [AG *apud* MC.3, 150].

6 – ◡ ◡ ◡◡ ◡ ◡ ◡ ◡◡◡
"Querem vê-lo no seu altar" [*Id.*, *ibid.*].

7 – ◡◡◡◡ ◡◡ ◡ ◡ ◡◡
"Para ficar perto dos ninhos" [*Id.*, *ibid.*].

8 – ◡◡ ◡◡◡ ◡ ◡◡◡◡
"Alto, porém, tão alto soa" [RC *apud* SA.3, 40].

i) Eneassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ∪ ↺∪ ∪↺∪ ∪ ↺
"E no túrgido ocaso se avista" [GD, *op. laud.*]

2 – ∪∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ∪∪ ↺
"Além, nos mares tremulamente" [RC *apud* MC.3].

3 – ∪ ↺ ∪ ∪ ∪↺∪ ∪ ↺
"Da cor de uma menina sem vida" [AG *apud* MC.3, 152].

4 – ↺ ∪ ∪ ↺ ∪ ↺ ∪ ∪↺
"Pobres de pobres são pobrezinhos" [G. Junqueira *apud* SA.3, 42].

5 – ↺ ∪ ∪↺∪ ∪ ↺ ∪ ↺
"Dei-me ao relento, num mar de lua" [R. Correia *apud* SA.3].

6 – ∪ ↺ ∪↺∪ ∪ ↺ ∪ ↺
"Também outrora num mar de lua" [*Id.*, *ibid.*].

7 – ↺ ∪∪∪↺∪ ∪ ∪ ↺
"Pobre lua nova, tão pequena" [A. Guimarães *apud* MC.3].

j) Decassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ∪↺ ∪ ↺
"Um som longínquo cavernoso e ouco" [GD, *ibid.*].

2 – ∪ ∪ ∪ ∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ∪ ↺
"Eis outro inda mais perto, inda mais rouco" [*Id.*, *ibid.*].

3 – ∪↺ ∪ ↺ ∪ ↺ ∪ ∪ ∪ ↺
"Troveja, estoura, atroa; e dentro em pouco" [*Id.*, *ibid.*].

4 – ↺ ∪ ∪ ∪ ∪ ↺∪ ∪∪↺
"Rasga-se o negro bojo carregado" [*Id.*, *ibid.*].

5 – ∪ ↺ ∪ ∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ∪↺
"E enquanto a luz do raio o sol roxeia" [*Id.*, *ibid.*].

6 – ∪ ∪↺∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ∪ ↺
"Das ruínas completas o grande estrago" [*Id.*, *ibid.*].

7 – ∪∪ ∪ ∪ ↺ ∪ ↺ ∪ ∪ ↺
"O sonho passou. Traz magoado o rim" [MB.3, 3243].

8 – ∪ ∪ ∪ ∪↺ ∪ ↺ ∪ ∪↺
"Magoada a cabeça exposta à umidade" [*Id.*, *ibid.*].

9 – ∪∪ ∪ ↺∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ↺
"Doce repouso de minha lembrança" [LC *apud* MB.3].

k) Hendecassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ↺∪∪ ↺ ∪ ∪ ↺ ∪∪ ↺
"Nos últimos cimos dos montes erguidos"

2 – ↺ ∪ ∪ ∪↺ ∪ ∪ ↺ ∪∪ ↺
"Ai! há quantos anos que eu parti chorando" [GJ.1, 117].

3 – ∪∪ ∪ ∪ ↺∪ ∪∪∪∪ ↺
"Deste meu saudoso, carinhoso lar!..." (*Id.*, *ibid.*).

4 – ∪ ∪ ↺ ∪ ↺∪ ∪ ∪ ↺∪ ↺
"Foi há vinte?... há trinta?... Nem eu sei já quando!..." [*Id.*, *ibid.*].

l) Dodecassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ∪ ↺∪∪↺ / ∪∪↺∪ ∪ ↺
"Já não fala Tupã no ulular da procela" [OB *apud* SA.3, 56].

2 – ∪ ↺ ∪ ↺∪↺/ ∪ ↺∪↺∪↺
"E espalham tanto brilho as asas infinitas" [*Id.*, *ibid.*].

3 – ∪ ∪ ↺∪∪ ↺ / ∪ ↺ ∪ ↺ ∪↺
"Como a faixa de luz que o povo hebreu guiava" [*Id.*, *ibid.*].

4 – ∪ ↺ ∪ ↺ ∪ ↺ / ∪∪↺ ∪∪↺
"Teu pé também deixou um sinal neste solo" [*Id.*, *ibid.*].

5 – ↺∪ ∪↺ ∪ ↺ / ↺ ∪ ∪ ↺ ∪↺
"Ruge soturno o mar; turva-se hediondo o dia" [*Id.*, *ibid.*].

6 – ↺∪ ∪ ↺ ∪ ↺/ ∪ ↺∪ ↺∪ ↺
"Súbito a nota extrema anseia, treme, rola" [CAv.1, I, 115].

7 – ↺ ∪ ∪ ↺ ∪ ↺/ ∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ↺
"Noiva que espera o noivo e suspira em segredo" [OB *apud* SA.3].

8 – ∪ ↺ ∪ ↺∪ ↺/ ↺ ∪ ∪↺ ∪ ↺
"Em torno a cada ninho anda bailando uma asa" [*Id.*, *ibid.*].

9 – ∪ ∪ ↺∪ ∪ ↺ / ↺∪ ∪ ↺ ∪ ↺
"Vês com olhos do céu cousas que são do mundo" [MA, *ibid.*].

10 – ↺∪ ↺∪ ∪ ↺ / ↺∪ ↺ ∪ ∪↺
"Essa que ora nos céus anjos chamam Lenora" [*Id.*, *ibid.*].

11 – ↺∪ ↺∪ ∪↺ / ↺∪ ∪ ↺ ∪ ↺
"Casa, rico jardim, servas de toda a parte" (*Id.*, *ibid.*).

12 – ↺ ∪ ↺ ∪ ∪ ↺/∪ ↺ ∪ ↺ ∪↺
"Berço em que se emplumou o meu primeiro idílio" [OB, *ibid.*].

13 – ↺ ∪ ↺∪ ∪ ↺/∪∪↺ ∪ ∪ ↺
"Passa um velho judeu, avarento e mesquinho" (G. Junqueira, *ibid.*).

"A lei orgânica do alexandrino pode ser expressa em dois artigos: 1.º) quando a última palavra do primeiro verso de seis sílabas é grave (1.º hemistíquio), a primeira palavra do segundo deve começar por uma vogal ou por um *h*; 2.º) a última palavra do primeiro verso nunca pode ser esdrúxula. Claro está que, quando a última palavra do primeiro verso é aguda,

a primeira do segundo pode indiferentemente começar por qualquer letra, vogal ou consoante.

Alguns poetas modernos, desprezando essa regra essencial, têm abolido a tirania da censura. Mas o alexandrino clássico, o verdadeiro, o legítimo, é o que obedece a esses preceitos".192

3 – Rima: Perfeita e Imperfeita 193

Chama-se *rima* a igualdade ou semelhança de sons pertencentes ao fim das palavras, a partir da sua última vogal tônica.

As palavras em rima podem estar no fim (*rima final*, a mais usual) ou no interior do verso (*rima interna*), podendo, neste último caso, uma das palavras ocupar a posição final.

Interna é a rima que se faz com a última palavra de um verso e uma palavra no interior do verso seguinte. Em *Aventura Meridiana* (*Os Amores* de P. Ovídio Nasão, 63 e ss.), A. F. de Castilho, compondo quartetos de versos alternados, de 12 e 6 sílabas, rima o 1.º verso com a 2.ª sílaba do 2.º; o 2.º com o 4.º; o 3.º com a 2.ª sílaba do 4.º; finalmente variando o verso ora grave, ora agudo:

"Era na estiva quadra! Intenso meio-dia
Pedia um respirar;
No meio do meu peito
Me deito a descansar.

Janela entreaberta, esquiva ao sol fogoso,
Repouso ali mantém;
Luz como a de espessura
Escura ao quarto vem".

A rima pode ser *perfeita* (ou com *homofonia*) ou *imperfeita* (ou com *semi-homofonia*). Diz-se *perfeita* quando é completa a identidade dos fonemas finais, a partir da última vogal tônica:

"És engraçada e formosa
Como a rosa,
Como a rosa em mês d'abril;
És como a nuvem doirada
Deslizada,
Deslizada em céus d'anil" (G. Dias, *Obras*, 59).

Na rima perfeita, pode haver ainda identidade da(s) consoante(s) anterior(es) à vogal tônica. Para os versos inglês e alemão o fato constitui falta grave.

Diz-se *imperfeita* aquela em que a identidade de fonemas finais não é completa, insistindo-se apenas naqueles fonemas que se diferenciam fundamentalmente dos demais [CCh.2, 200]. Ocorre a rima imperfeita quando:

a) se rima uma vogal de timbre semiaberto com outra de timbre semifechado:

"Bailando no ar, gemia inquieto vaga-lume:
– "Quem me dera que fosse aquela loura *estrela*,
Que arde no eterno azul, como eterna *vela*!"
Mas a estrela, fitando a lua, com ciúme." (M. de Assis).

b) um dos finais tem um som que o outro não tem:

"Nessa *vertigem*
Amara a *virgem*" (C. de Abreu, *Obras*, 194).

Muitas vezes, a perfeição ou imperfeição da rima é relativa, conforme a pronúncia padrão. No Brasil, por exemplo, constituem rimas perfeitas as que se fazem entre certas vogais e ditongos (*desejos* com *beijos*; *luz* com *azuis*; *atroz* com *heróis*; *vãs* com *mães*; *espirais* com *Satanás*; *bondoso* com *repouso*). Em Portugal é perfeita a rima entre *mãe* e *também* (ou *tem*, etc.), prática que, por imitação literária, ocorre entre alguns de nossos poetas românticos.

c) se rima uma vogal oral com uma vogal nasal:

De que ele, o sol, inunda
O mar, quando se *põe*,
Imagem moribunda
De um coração que *foi* [JD *apud* CCh.1, 694].

d) se rimam vocábulos com só identidade das vogais tônicas (rima *toante* ou *assonante*).

Rimas consoantes e toantes – A rima se diz *consoante* quando é perfeita, isto é, tem os mesmos fonemas a partir da última vogal tônica do verso: *vaga-lume* / *ciúme*.

Toante (também *assonante*, de *assonância*) é a rima imperfeita, em que há apenas identidade nas vogais tônicas:

calma / *cada*; *terra* / *pedra*.

Disposição das rimas – Quanto à maneira por que se dispõem nos versos, as rimas podem ser *emparelhadas*, *alternadas* (ou *cruzadas*), *opostas* (ou *entrelaçadas* ou *enlaçadas*), *interpoladas* e *misturadas*.

Cada rima de uma estrofe é designada por uma letra maiúscula ou minúscula do alfabeto, de modo que a sucessão de letras indica a sucessão das rimas. Assim no exemplo:

"Moços, quero, entre vós, falar à nossa terra...
Somos sua esperança e o seu último amparo;
Em nosso corpo e em nosso espírito se encerra
O que ela agora tem de mais certo e mais caro" [JO.2, 159].

A distribuição das rimas é representada pelo esquema *abab* (ou ABAB) onde *a* indica a rima -*erra* (terra / encerra) e *b* a rima -*aro* (amparo / caro).

EMPARELHADAS são as que se sucedem duas a duas (o esquema é *aabbcc*, etc.):

"Numa vida anterior, fui um xeque macilento
E pobre... Eu galopava, o albornoz solto ao vento,
Na soalheira candente; e, herói de vida obscura,
Possuía tudo: o espaço, um cavalo, e a bravura" [OB.1].

ALTERNADAS (ou *cruzadas*) são as que, num grupo de quatro versos, se alteram, fazendo que o 1.º verso rime com o 3.º (e os demais ímpares) e o 2.º com o 4.º (e os demais pares).

Correspondem ao esquema *abab*:

"Ora (direis) ouvir estrelas! Certo
Perdeste o senso!" E eu vos direi, no entanto,
Que, para ouvi-las, muita vez desperto
E abro as janelas, pálido de espanto..." [OB.1].

OPOSTAS (ou *entrelaças* ou *enlaçadas*) são as que se verificam em dois versos entre os quais medeiam dois outros também rimados.

Correspondem ao esquema *abba*:

"Vai-se a primeira pomba despertada.
Vai-se outra mais... Mais outra... E enfim dezenas
De pombas vão-se dos pombais apenas
Raia, sanguínea e fresca, a madrugada" [R. Correia].

INTERPOLADAS são aquelas em que, num grupo de seis versos, o terceiro rima com o sexto, enquanto o primeiro rima com o segundo, e o quarto com o quinto. Correspondem ao esquema *aabccb*:

Eu nasci além dos mares
Os meus lares,
Meus amores ficam lá!
– Onde canta nos retiros
Seus suspiros,
Seus suspiros o sabiá! (C. de Abreu).

MISTURADAS são aquelas em que a distribuição é livre. As rimas misturadas, para lograrem êxito, requerem constância, vivacidade e sonoridade:

"É meia-noite... e rugindo
Passa triste a ventania,
Como um verbo da desgraça,
Como um grito de agonia.
E eu digo ao vento que passa
Por meus cabelos fugaz:
"Vento frio do deserto,
Onde ela está? Longe ou perto?
Mas, como um hálito incerto,
Responde-me o eco ao longe.
"Oh! Minh'amante, onde estás?..." [C. Alves].

4 – ALITERAÇÃO

Aliteração – É o apoio rítmico que consiste em repetir fonemas em palavras simetricamente dispostas. A aliteração nasce, em geral, de desejo de harmonia imitativa.

"A juruti suspira sobre as folhas secas" [C. de Abreu].
"É a perda dura dum futuro inteiro" [*Id.*].
"Vozes veladas, veludosas vozes,
Volúpias dos violões, vozes veladas,
Vagam nos velhos vórtices velozes

Dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas" [Cruz e Sousa].

5 – Encadeamento

Encadeamento – Consiste na repetição simetricamente disposta de fonemas, palavras, expressões ou um verso inteiro.

Foi recurso rítmico muitíssimo usado na poesia medieval e é frequente na poesia moderna em versos livres. Exemplos colhidos em Augusto Frederico Schmidt:

"No entanto este *motivo escolhido existe*.
Não *vejo*, esta *tristeza*, da saudade da que é *sempr*e a *Ausente*
Nem da sua graça desaparecida..." (repetição de fonema)
"*Pensei* em mortos que morreram entre indiferentes.
Pensei nas velhas mulheres..." (repetição de palavra)
"No princípio foi um balanço contínuo e vagaroso,
Depois foi descendo uma sombra indistinta,
Um grande leito surgiu e lençóis brancos como espuma
.....
No princípio foi um balanço contínuo e vagaroso" (repetição de verso).

6 – Paralelismo

Paralelismo – É a repetição de ideias mediante expressões aproximadas:

"O monstrengo que está no fim do mar
Na noite de breu ergueu-se a voar;
À roda da nau voou três vezes,
Voou três vezes a chiar,
E disse: *Quem é que ousou entrar*
Nas minhas cavernas que não desvendo,
Meus tetos negros do fim do mundo?
E o homem do leme disse, tremendo:
"El-Rei Dom João Segundo!"

"*De quem são as velas onde me roço?*
De quem as quilhas que vejo e ouço?"
Disse o monstrengo, e rodou três vezes,
Três vezes rodou imundo e grosso:
"*Quem vem poder o que eu só posso*,
Que moro onde nunca ninguém me visse
E escorro os medos do mar sem fundo?"
E o homem do leme tremeu, e disse:
"El-Rei Dom João Segundo!" (F. Pessoa).

7 – Estrofação

O poema pode conter dois ou mais versos os quais se agrupam para formar uma *estrofe*.

O costume tradicional é iniciar cada verso com letra maiúscula, qualquer que seja a sua relação sintática. Pode-se, entretanto, pôr, no início, letra minúscula, conforme a sua relação sintática com o verso precedente.

As estrofes podem ser *simples*, *compostas* e *livres*.

SIMPLES são as estrofes formadas de versos com a mesma medida.

COMPOSTAS são as que encerram versos de diferentes medidas.

LIVRES são as que admitem versos de qualquer medida.

As estrofes de dois, três, quatro, cinco, seis, oito e dez versos recebem, respectivamente, os seguintes nomes especiais: *dísticos*, *tercetos*, *quadras* (ou *quartetos*) , *quintilhas*, *sextilhas*, *oitavas* e *décimas*. As estrofes de *sete* e *nove* versos não têm nome especial.

8 – VERSO DE RITMO LIVRE

"O que chamamos impropriamente *versos livres* é uma série irregular de versos que tomados em separado são regulares" [BH.1, 427].

O verso de ritmo livre não tem número regular de sílabas, versos e estrofes, nem são uniformes e coincidentes o número e a distribuição das sílabas átonas e tônicas responsáveis pelo movimento rítmico.

O verso de ritmo livre exige do poeta uma realização tão completa quanto o verso regular. "À primeira vista, parece mais fácil de fazer do que o verso metrificado. Mas é engano. Basta dizer que no verso livre o poeta tem de criar o seu ritmo sem auxílio de fora. É como o sujeito que solto no recesso da floresta deva achar o seu caminho e sem bússola, sem vozes que de longe o orientem, sem os grãozinhos de feijão da história de João e Maria. Sem dúvida não custa nada escrever um trecho de prosa e depois distribuí-lo em linhas irregulares, obedecendo tão somente às pausas do pensamento. Mas isso nunca foi verso livre... O modernismo teve isso de catastrófico: trazendo para a nossa língua o verso livre, deu a todo o mundo a ilusão de que uma série de linhas desiguais é poema" [MB.1, II, 1282].

9 – RECITAÇÃO

"A recitação do verso, além dos requisitos exigidos para a da prosa, exige uma gesticulação adequada, sem exageros, um jogo fisionômico apropriado e que o recitalista não faça sentir demais a rima nem a cesura. No caso dos versos livres modernos é preciso descobrir o ritmo e a intenção que o poeta lhes quis dar" [AN.1, V, 108].

187 É interessante observar que Guerreiro optou pela contagem do verso até a última sílaba tônica por amor à brevidade, como declara, para evitar a "frequente repetição de *agudo*, *grave* e *esdrúxulo*, já que a última sílaba tônica basta para o verso ser

constante" (*Tratado de Versificação Portuguesa*, Lisboa, 1784, p. 6). À semelhança dos italianos e espanhóis, a contagem antiga dos versos portugueses levava sempre em conta a existência de sílaba átona depois da última tônica (a base era o verso grave).

188 O emprego antigo e ainda corrente do *mácron* (¯) para as tônicas e da *braquia* (˘) para as átonas pode confundir os conceitos de quantidade e intensidade.

189 O novo sistema ortográfico proposto não agasalha este emprego do trema.

190 "Sem isso, a sinérese, ou a crase, é anômala, porque a ressonância nasal corresponde a um travamento da sílaba e só as sílabas terminadas por vogal são propriamente *livres* e se prestam à crase ou sinérese" [MC.4, 103].

191 "(...) na leitura da poesia em que (pondo de parte o encavalgamento) o final de verso correspondente a uma cláusula (e, significativamente, a um sintagma), não é muitas vezes marcado por um silêncio, mas por algo como a combinação de uma descida de tom com um nítido prolongamento da última sílaba tônica" [HCv.2, II, 464 n. 33].

192 O. Bilac - G. Passos, Tratado de Versificação, 68-69.

193 Os versos que não rimam chamam-se *soltos* ou *brancos*.

Abreviatura de Autores e Obras Citadas

[AA] Amado Alonso

[AA.1] *Materia y Forma en Poesía*. Madrid, Gredos, 1952.

[AAr] Afonso Arinos

[AAr.1] *Pelo Sertão*. Rio de Janeiro, Garnier, 1915.

[AAr.2] *História e Paisagens*. Rio de Janeiro, Garnier, 1921.

[AAz] Aluísio Azevedo

[AB] Andreas Blinkenberg

[AB.1] *L'Ordre des Mots en Français Moderne*, 2 vols. Copenhague, Hørst, 1928.

[ABo] Amini Boainain Hauy

[ABo.1] *Da Necessidade de uma Gramática-Padrão da Língua Portuguesa*. São Paulo, Ática, 1983.

[AC] Antônio Feliciano de Castilho

[AC.1] *Tradução dos Fastos de Ovidio*, 3 vols. Lisboa, 1862.

[AC.2] *Quadros Históricos*. Lisboa, 1864.

[AC.3] *As Sabichonas – Trad. do Teatro de Molière*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1928.

[AC.4] *Misantropo – Trad. do Teatro de Molière*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1924.

[AC.5] *Tratado de Metrificação Portuguesa*, 3.ª ed. Lisboa, 1889.

[AC.6] *Sonho de uma Noite de S. João*. Porto, 1874.

[AC.7] *Rev. Lisbonense* nº 24.

[AC.8] *Livraria Clássica – Padre Manuel Bernardes*, 2 vols. Lisboa, 1865.

[AC.9] *As Geórgicas de Vergílio* , 2.ª ed. anotada por Otoniel Mota. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1938.

[AC.10] *Felicidade pela Agricultura*. Ponta Delgada, 1849.

[AC.11] *Colóquios Aldeãos*, 2.ª ed. Lisboa, 1872.

[ACo] Adolfo Coelho

[ACo.1] *Noções Elementares de Gramática Portuguesa*. Porto, Lemos Editora, 1891.

[ACo.2] *A Língua Portuguesa*, 3.ª ed. Porto, Magalhães-Moniz Editora, 1896.

[ACt] Armando Cortesão

[ACt.1] *Cartas à Mocidade.* Lisboa, 1954.

[AE] M. Alvar Ezquerra

[AE.1] *La Formación de Palabras en Español*. Madrid, Arcos Libros, 1996.

[AF] Antônio Ferreira

[AF.1] *Poemas Lusitanos*. Lisboa, Sá da Costa.

[AF.2] *A Castro*, ed. Sousa da Silveira. In *Textos Quinhentistas*.

[AFg] Antero de Figueiredo

[AFg.1] *O Último Olhar de N. Senhora*. Lisboa, Bertrand, 1944.

[AG] A. Guimarães

[AGa] Almeida Garrett

[AGa.1] *Romanceiro*. In *Obras Completas*. Ed. Teófilo Braga. 2 vols. Lisboa, 1904.

[AGa.2] *Da Educação*. In *Obras Completas*.

[AGa.3] *Camões*, 3.ª ed. Lisboa, Imprensa Nacional, 1944.

[AGa.4] *Viagens na minha Terra*, ed. Estanco Louro. Lisboa, F. Franco, 1934.

[AGa.5] *Tio Simplício* in *Obras Completas*.

[AGo] Alfredo Gomes

[AGo.1] *Gramática Portuguesa*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1930.

[AGr] Antoine Grégoire

[AGr.1] *Petit Traité de Linguistique*. Paris, Delagrave, 1923.

[AH] Alexandre Herculano

[AH.1] *Eurico*. Lisboa, 1876.

[AH.2] *Fragmentos Literários*, ed. de A. Leite. Rio de Janeiro, Sauer, 1921.

[AH.3] *O Bobo*. Lisboa, 1878

[AH.4] *Lendas e Narrativas*, 2 vols. Lisboa, 1876.

[AH.5] *O Monge de Cister*, ed. dirigida por David Lopes. Lisboa, Aillaud, s/d.

[AH.6] *História de Portugal*, ed. dirigida por David Lopes. Lisboa, Aillaud, 1914.

[AH.7] *Opúsculos*, ed. dirigida por David Lopes, 1878.

[AK] Adriano da Gama Kury

[AK.1] *Novas Lições de Análise Sintática*, 6.ª ed. São Paulo, Ática, 1993.

[AK.2] *Elaboração e Editoração de Trabalhos de Nível Universitário*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1987.

[AK.3] Normas de Editoração. Vide [AK.2].

[AL] Emilio Alarcos Llorach

[AL.1] *Gramatica de la Lengua Española*, 4.ª ed. Madrid, Espasa Calpe, 1994.

[AL.2] *Estudios de Gramática Funcional del Español*, 3.ª ed. Madrid, Gredos, 1976.

[ALb] Alf Lombard

[ALb.1] *L'Infinitif de Narration dans les Langues Romanes*. Upsala-Leipzig, 1911.

[AM] Aníbal Machado

[AM.1] *Vida Feliz*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1944.

[AN] Antenor Nascentes

[AN.1] *O Idioma Nacional*, 5 vols. Rio, 1919. 3.ª ed. S.Paulo, Ed. Nacional, 1957.

[AN.2] *O Problema da Regência*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1960.

[AN.3] *Dificuldades de Análise Sintática*. Rio de Janeiro, 1959.

[AN.4] *O Linguajar Carioca*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1963.

[ANb] Antônio Nobre

[ANb.1] *Só*, ed. Vitório Nemésio. Lisboa, Bertrand, 1947.

[AO] Alberto de Oliveira

[AO.1] *Mil Trovas*. Lisboa, Livraria Clássica Ed., 1945.

[AOl] Alberto de Oliveira

[AOl.2] *Poesias*, 4 séries. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1912.

[AP] Afonso Pena Jr.

[AP.1] *A Arte de Furtar e o seu Autor*. 2 vols. Rio de Janeiro, José Olympio Ed.,1946.

[APa] Antônio de Pádua

[APa.1] *Notas de Estilística*. Rio de Janeiro, Org. Simões, s/d.

[APg] Antonino Pagliaro

[APg.1] *A Vida do Sinal*, trad. Aníbal Pinto de Castro. Lisboa, Fund. Calouste Gulbenkian, 1965.

[AR] Aquilino Ribeiro

[AR.1] *Jardim de Tormenta*. Lisboa, Ailland (??), 1919.

[AS] Antônio Sandmann

[AS.1] *Formação de Palavras no Português Brasileiro Contemporâneo*. Curitiba, Scientia et Labor/ Ícone, 1989.

[AV] Pe. Antônio Vieira

[AV.1] *Sermões*, ed. fac-similada. São Paulo, Anchieta, 1945.

[AVi] Antonio Vilarnovo Caamaño

[AVi.1] *Lógica y Lenguaje en Eugenio Coseriu*. Madrid, Gredos, 1997.

[BBo] José M. Barbosa du Bocage

[BBo.1] *Poesias*. 5 vols., ed. Rebelo da Silva. Lisboa, A. Lopes, 1853.

[BC] Andrés Bello-Rufino J. Cuervo

[BC.1] *Gramática de la Lengua Castelhana*. Paris, Roger-Chervoviz, 1903.

[BD] Karl Brugmann-Berthold Delbruck

[BD.1] *Grundriss der vergleichenden Grammatik der indogermanischen Sprachen*. L. Aufl.

[BH] Ch. Bruneau-M. Heulluy

[BH.1] *Grammaire Pratique de la Langue Française*. Paris, Delagrave, 1937.

[BM] Bertil Malmberg

[BM.1] *La Phonétique*. Paris, PUF, 1962.

[BP] Bernard Pottier

[BP.1] *Linguística General. Teoría y Descripción*, trad. esp. Madrid, Gredos, 1977.

[CA] Casimiro de Abreu

[CA.1] *Obras de Casimiro de Abreu*, 2.ª ed. anotada por S. da Silveira. Rio de Janeiro, MEC-Casa de Rui Barbosa, 1955.

[CAl] Cesar H. Alonso

[CAl.1] *Gramática Funcional del Español*, 2.ª ed. Madrid, Gredos, 1986.

[CAv] Castro Alves

[CAv.1] *Obras Completas*, 2 vols., ed. Afrânio Peixoto. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1921.

[CAz] José Carlos Azeredo

[CAz] Revendo Análises: A descrição sintática e seu ensino In *Língua e Linguagem em Questão*. Org. Maria Teresa G. Pereira. Rio de Janeiro, EDUERJ, 1997.

[CB] Charles Bally

[CB.1] *Le Langage et la Vie*, 3.ª ed. Paris, Payot.

[CB.2] *Linguistique Générale et Linguistique Française*, 3.ª ed. Framke, Berne, 1954.

[CBd] Cláudio Brandão

[CBd.1] *O Particípio Presente e o Gerúndio em Português*. Belo Horizonte, 1933.

[CBd.2] *Sintaxe Clássica Portuguesa*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1961.

[CBr] Camilo Castelo Branco

[CBr.1] *A Queda de um Anjo*, ed. de P. A. Pinto. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1953.

[CBr.2] *Bohemia do Espírito*, 1.ª ed. Porto, Livr. Civilização, 1886.

[CBr.3] *Correspondência Epistolar*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.4] *Carlota Ângela*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.5] *A Bruxa de Monte Córdova*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.6] *O Bem e o Mal*, ed. M. Casassanta. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1955.

[CBr.7] *Cem Cartas*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa.

[CBr.8] *A Morgada de Romariz*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.9] *A Neta do Arcediago*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.10] *Memórias do Cárcere*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d

[CBr.11] *Os Brilhantes do Brasileiro*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.12] *O Senhor do Paço dos Ninhães*, ed. Júlio Nogueira. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1955.

[CBr.13] *O Vinho do Porto*, 1.ª ed. Porto, Livr. Civilização, 1844.

[CBr.14] *Justiça*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa.

[CC] Luís da Câmara Cascudo

[CC.1] *Contos Tradicionais do Brasil*. Rio de Janeiro, Americ. Edit., 1942.

[CCh] Celso Cunha - Lindley Cintra

[CCh.1] *Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa, João Sá da Costa, 1984.

[CCh.2] *Estudos de Poética Trovadoresca*. Rio de Janeiro, INL.

[CDa] Carlos Drummond de Andrade

[CDa.1] *O Poder*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1973.

[CF] Cândido de Figueiredo

[CF.1] *Combate sem Sangue*. Lisboa, 1923.

[CG] Carlos Góis

[CG.1] *Sintaxe de Regência*, 4.ª ed. Rio de Janeiro, 1924.

[CJ] Cândido Jucá (filho)

[CJ.1] *As Categorias Gramaticais*. Rio de Janeiro, 1957.

[CL] Carlos de Laet

[CL.1] *Obras Seletas*, 3 vols. Rio de Janeiro, Fund. Casa de Rui Barbosa, 1983.

[CLu] Celso Pedro Luft

[CLu.1] *Dicionário Prático de Regência Verbal*. São Paulo, Ática, 1996.

[CN] Coelho Neto

[CN.1] *Apólogos.* Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1945.

[CP] Eduardo Carlos Pereira

[CP.1] *Gramática Expositiva* (curso superior), 81.ª ed. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1951.

[CR] Ernesto Carneiro Ribeiro

[CR.1] *Serões Gramaticais*, 2.ªed. Bahia, 1902.

[CR.2] *Redação do Projeto do Código Civil* [Tréplica]. Bahia, Of. Dois Mundos,1905

[CS] Cruz e Sousa

[CS.1] *Obras Completas*, 2 vols., ed. de Nestor Vítor, R. Janeiro, Anuário do Brasil.

[CS.2] *Últimos Sonetos*, ed. e notas de A. da Gama Kury. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa.

[DG] Francisco Dias Gomes

[DG.1] *Obras Poéticas*. Lisboa, ed. da Academia. 1779.

[DN] Dag Norberg

[DN.1] *Syntaktische Forschungen auf dem Gebiete des Spätlateins und des fruhen Mittellateins*. Upsala, 1943.

[EB] Evanildo Bechara

[EB.1] *Estudos sobre os Meios de Expressão do Pensamento Concessivo em Português*. Rio de Janeiro, 1954.

[EBc] Edouard Bourciez

[EBe.1] *Éléments de Linguistique Romane*, 4.ª ed. Paris, 1946.

[EBm] Eneida Bonfim

[EBm.1] *Advérbios*. São Paulo, Ática, 1988.

[EBv] Emile Benveniste

[EBv.1] *Problemas de Linguística Geral* (trad. bras.). São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1976.

[EBv.2] *Problemas de Linguística Geral* (trad. bras.). São Paulo, Pontes, 1989.

[EC] Euclides da Cunha

[EC.1] *Os Sertões*, 2ª ed. Rio de Janeiro, Laemmert, 1903.

[ECs] Eugenio Coseriu

[ECs.1] *Teoría del Lenguaje y Linguística General*. Madrid, Gredos, 1973.

[ECs.2] *Sincronía, Diacronía e Historia* (El Problema del Cambio Linguístico). Madrid, Gredos, 1973.

[ECs.3] *Linguística Testuale*. Roma, Boringhiere, 1997.
[ECs.4] *Lecciones de Linguística General*. Madrid, Gredos, 1981.

[ECs.5] *Principes de Syntaxe Fonctionnelle*. Strabourg-Nancy, Klincksieck, 1989.

[ECs.6] *Introducción a la Linguística*. Madrid, Gredos, 1986.

[ECs.7] *Gramática, Semántica, Universales*. Madrid, Gredos, 1978.

[ECs.8] *Competencia Linguística*. Madrid, Gredos, 1992.

[ECs.9] *El Sistema Verbal Románico*. México, Siglo Veinteuno, 1996. Versão em parte reduzida de *Das romanische Verbalsystem*. Tubingen, Verlag Gunter Narr, 1976.

[ECs.10] *Tradición y Novedad en la Ciencia del Lenguaje*. Madrid, Gredos, 1977.

[ECs.11] *Estudios de Linguística Románica*. Madrid, Gredos, 1977.

[ECs.12] *Principios de Semántica Estrutural*. Madrid, Gredos, 1977.

[ECs.13] "O Meu Saussure". In *Confluência*, 14: 33-36, 1997.

[ECs.14] *El Hombre y su Lenguaje*. Madrid, Gredos, 1977.

[ECs.15] "Fundamentos e Tarefas da Sócio e Etnolinguística". In *Atas do 1º Congresso de Sócio e Etnolinguística*, João Pessoa, UFParaíba, 1990.

[ED] Epifânio Dias

[ED.1] *Gramática Portuguesa Elementar*, 12.ª ed. Lisboa, A.F. Machado Editor, 1905.

[ED.2] *Sintaxe Histórica Portuguesa*, 5.ª ed. Livraria Clássica Editora, 1970.

[EG] Ernst Gamillscheg

[EG.1] *Französische Bedeutungslehre.* Tubingen, Niemeyer, 1951.

[EM] Alfred Ernout-Antoine Meillet

[EM.1] *Dictionnaire Etymologique de la Langue Latine*, 4.ª ed. Paris.

[EN] Eugene Nida

[EN.1] *Morphology*, 2.ª ed. Baltimore, Ann Arbor, 1961.

[EQ] Eça de Queirós

[EQ.1] *A Cidade e as Serras*. Porto, Chardron, 1921.

[EQ.2] *Primo Basílio*. Porto, Chardron, 1909.

[EQ.3] *Os Maias*, 2.ª ed. Porto, Chardron, 1921.

[EQ.4] *Contos*. Porto, Chardron, 1920.

[EQ.5] *A Correspondência de Fradique Mendes*. Porto, Chardron, 1900.

[ER] Elise Richter

[ER.1] *Wie wir sprechen*. Leipzig, Teubner, 1912.

[ES] Eduard Sapir

[ES.1] *A Linguagem*, trad. J. Mattoso Câmara Jr., Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica.

[EV] Mª Victoria Escandell Vidal

[EV.1] *Los Complementos del Nombre*. Madrid, Arcos Libros, 1995.

[EVm] Érico Veríssimo

[FB] Fausto Barreto

[FB.1] *Antologia Nacional*, 7.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1915.

[FBl] Franz Blatt

[FBl.1] *Précis de Syntaxe Latine*, Paris, Ed. IAC, 1952.

[FBr] Ferdinand Brunot

[FBr.1] *La Pensée et la Langue*, 3.ª ed. Paris, Nasson, 1953.

[FC] Firmino Costa

[FC.1] *Léxico Gramatical*. São Paulo, Melhoramentos, s/d.

[FDz] Friederic Diez

[FDz.1] *Grammaire des Langues Romanes*, 3 vols., 3.ª ed. Paris, Viewew, 1874-76.

[FE] Filinto Elísio

[FE.1] *Vidas e Feitos d'El-Rei D. Manuel*, 2 vols. Porto, 1946.

[FE.2] *Obras Completas*, 11 vols., ed. Paris, Of. A. Bobée, 1817-1819.

[FF] Francisco José Freire

[FH] Frederico Hanssen

[FH.1] *Gramática Histórica de la Lengua Castelhana*. Halle, Niemeyer, 1913.

[FP] Fernando Pessoa

[FP.1] *Mensagem*, ed. Ivo Castro.

[FT] Franklin Távaro

[FT.1] *O Cabeleira*, 2.ª ed., Rio de Janeiro, Tip. Nacional, 1876.

[FV] Fagundes Varela

[GD] Gonçalves Dias

[GD.1] *Juca Pirama* in *Obras Poéticas*.

[GD.2] *Tabira* in *Obras Poéticas*.

[GD.3] *Obras Poéticas*, ed. M. Bandeira, 2 vols. São Paulo, Cia. Editora Nacional.

[GG] Samuel Gili Gaya

[GG.1] *Curso Superior de Sintáxis Española*, 2.ª ed. Barcelona, 1948.

[GGh] Georges Gougenheim

[GGh.1] *Système Gramatical de la Langue Française*. Paris, D'Artrey-D'Artrey, 1939.

[GJ] Guerra Junqueira

[GJ.1] *Os Simples*. Lisboa, 1920.

[GM] Gladstone Chaves de Melo

[GM.1] *Gramática Fundamental da Língua Portuguesa*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Livraria Padrão, 1970.

[GM.2] *Excelências Vernáculas de Gonçalves Dias*. Rio de Janeiro, Livraria Padrão, 1986.

[GR] J. Guimarães Rosa

[GR.1] *Sagarana*, 10.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1968.

[GrR] Graciliano Ramos

[GrR.1] *Infância*, 5.ª ed.. São Paulo, Martins Editora, 1961.

[GrR.2] *São Bernardo*, 3ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora.

[HB] Mª Lluísa Hernanz-José Mª Brucart

[HB.1] *La Sintáxis. Principios Teóricos. La oración simple*. Barcelona, Editora Crítica, 1987.

[HC] Humberto de Campos

[HC.1] *Sombras que Sofrem*. São Paulo, Editora Jackson, 1945.

[HC.2] *Memórias*, 2 vols. São Paulo, Editora Jackson, 1945.

[HCv] J. G. Herculano de Carvalho

[HCv.1] *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa, Editora Verbo.

[HCv.2] *Teoria da Linguagem*, 6.ª ed., I. Coimbra, Coimbra Editora, 1983.

[HCv.3] *Teoria da Linguagem*, 4.ª reimpr., II. Coimbra, Coimbra Editora, 1984.

[HCv.4] *Estudos Linguísticos*, vol. III. Coimbra, Coimbra Editora, 1984.

[HG] Heráclito Graça

[HG.1] *Factos da Linguagem*. Rio de Janeiro, Viúva Azevedo, 1904.

[HGe] Hørst Geckeler

[HGe.1] *Semántica Estrutural y Teoría del Campo Léxico*. Madrid, Gredos, 1987.

[HM] Harri Meier

[HM.1] *Ensaios de Filologia Românica*. Lisboa, Rev. de Portugal, 1948.

[HR] Horácio Rolim de Freitas

[HR.1] *Princípios de Morfologia*, 4.ª ed. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1997.

[HS] Holger Stein

[HS.1] *Les Particularités de la Langue Portugaise*. Copenhague, 1944.

[JA] José de Alencar

[JA.1] *Sertanejo*. In *Obra Completa*, 2.ª ed., 5 vols., Rio de Janeiro, Aguilar, 1965.

[JA.2] *O Guarani*. In *Obra Completa*.

[JA.3] *Iracema*. In *Obra Completa.*

[JCo] Jacinto de Prado Coelho

[JCo.1] *A Educação do Sentimento Poético*, *Coimbra*, Coimbra Edit., 1944.

[JCR] Jacinto Corte-Real

[JCR.1] *Naufrágio de Sepúlveda*. Lisboa, Tip. Rolandiana, 1842.

[JD] João de Deus

[JDe] J. Deely

[JDe.1] *Semiótica Básica*. São Paulo, Ática, 1994.

[JF] Jackson de Figueiredo

[JL] José Lins do Rego

[JL.1] *Riacho Doce*, 1.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1939.

[JL.2] *Água Mãe*, 1.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1941.

[JL.3] *Bangue*, 6.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1966.

[JLy] John Lyons

[JLy] *Introdução à Linguística Teórica*, trad. bras. de Rosa Virgínia M. e Silva e Helio Pimentel, revista por Isaac Salum. São Paulo, 1979.

[JM] Júlio Moreira

[JM.1] *Estudos da Língua Portuguesa*, 2 vols. Lisboa, 1907-1913.

[JMa] Johan Nicolau Madvig

[JMa.1] *Grammatica Latina*, trad. de A. Epifânio Dias. Porto, Tip. M. Pereira, 1872.

[JO] José Oiticica

[JO.1] *Manual de Análise Léxica e Sintática*, 6.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1942.

[JO.2] *Sonetos*, 1911.

[JO.3] in *Rev. Filológica*, n.º 29, Rio de Janeiro.

[JO.4] in *Revista Filológica*, n.º 16, Rio de Janeiro.

[JR] João Ribeiro

[JR.1] *Gramática Portuguesa*, 21.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1921.

[JR.2] *Floresta de Exemplos*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1959.

[JR.3] *Fabordão*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1964.

[JR.4] *Autores Contemporâneos*, 15.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1926.

[JR.5] *Seleta Clássica*, 4.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves.

[JR.6] *Cartas Devolvidas*. Lisboa.

[JV] Jules Vendryes

[JV.1] *Le Langage*, 2.ª ed. Paris, Albin, 1925.

[KB] Karl Brugmann

[KB.1] *Abregé de Grammaire Comparée des Langues Indo-Européennes*. Paris, 1905.

[KN] Kristofer Nyrop

[KN.1] *Grammaire Historique de la Langue Française*, V, 6 vols. Copenhague, 1935.

[LB] Lima Barreto

[LB.1] *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, 1.ª ed. Rio de Janeiro, 1915.

[LB.2] *Vida e Morte de Gonzaga de Sá*, 1.ª ed. Rio de Janeiro, 1919.

[LB.3] *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, 2.ª ed. Rio de Janeiro.

[LBl] Leonard Bloomfield

[LBl.1] *Language*, New York, Henry Holt, 1941.

[LC] Luís de Camões

[LC.1] *Os Lusíadas*, 2.ª ed. anotada por A. Epifânio Dias.

[LC.2] *Rimas*, ed. anotada por A. da Costa Pimpão.

[LCa] Lúcio Cardoso

[LCa.1] *Crônica da Casa Assassinada*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Edit. Letras e Artes, 1963.

[LCi] Luís Felipe Lindley Cintra

[LCi.1] *Formas de Tratamento na Língua Portuguesa*. Lisboa, 1972.

[LCo] Latino Coelho

[LCo.1] *História Política e Militar de Portugal*. Lisboa.

[LCo.2] *República e Monarquia*. Lisboa.

[LCr] F. Lázaro Carreter

[LCr.1] *Diccionario de Términos Filológicos*, 3.ª ed. Madrid, Gredos, 1968.

[LG] Luís Guimarães Jr.

[LM] Leonardo Mota

[LR] Léonce Roudet

[LR.1] *Éléments de Phonétique Générale*. Paris, H. Walter, 1911.

[LS] Frei Luís de Sousa

[LS.1] *A Vida de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires*, 2 vol., Lisboa, 1818.

[LSp] Leo Spitzer

[LSp.1] "Le Langage-éco". In *Boletim de Filologia*, V. Lisboa.

[LSp.2] *Attributives Gerundium* in *Zfr. Sprache und Literatur*, vol. L.

[LV] José Leite de Vasconcelos

[LV.1] *Lições de Filologia Portuguesa*, 2.ª ed. Lisboa, 1926.

[LV.2] *Opúsculos*, 7 vols. Lisboa, Imprensa da Universidade.

[MA] Machado de Assis

[MA.1] *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, 4.ª ed., Garnier, 1899.

[MA.2] *Várias Histórias*, 2.ª ed., Garnier, 1896.

[MA.3] *Quincas Borba*, Editora Garnier, 1909.

[MA.4] *D. Casmurro*, Editora Garnier, 1899.

[MA.5] *Papéis Avulsos*, Editora Garnier, 1882.

[MA.6] *Contos Fluminenses*, Editora Garnier, 1899.

[MA.7] *Memorial de Aires*, Editora Garnier, 1908.

[MA.8] *Esaú e Jacó*, Editora Garnier, 1904.

[MA.9] *Histórias sem Data*, Editora Garnier, 1884.

[MAg] Martinz de Aguiar

[MAg.1] *Notas de Português de Filinto e Odorico*. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1953.

[MAg.2] *Notas e Estudos de Português*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Fund. Getúlio Vargas.

[MAg.3] *Repasse Crítico da Gramática Portuguesa*, 2.ª ed. Fortaleza, Casa José de Alencar – Univ. do Ceará, 1996.

[MAn] Mário de Andrade

[MB] Manuel Bandeira

[MB.1] *Poesia e Prosa*, 2 vols. Rio de Janeiro, Aguilar, 1958.

[MB.2] *Andorinha, Andorinha*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1966.

[MB.3] Versificação Portuguesa. In *Enciclopédia Delta-Larousse*.
[MBa] Mário Barreto

[MBa.1] *Novos Estudos da Língua Portuguesa*, 3.ª ed., Rio de Janeiro, Presença, 1980.

[MBa.2] *Últimos Estudos da Língua Portuguesa*, 2.ª ed.. Rio de Janeiro, Presença, 1986.

[MBa.3] *Novíssimos Estudos da Língua Portuguesa*, 3.ª ed., 1980.

[MBa.4] *Através do Dicionário e da Gramática*, 3.ª ed., 1986.

[MBa.5] *De Gramática e de Linguagem*, 3.ª ed., 1982.

[MBa.6] *Cartas Persas de Montesquieu*, trad. de MBa, Editora Garnier, 1923.

[MBa.7] *Factos da Língua Portuguesa*, 3.ª ed., 1982.

[MBe] Pe. Manuel Bernardes

[MBe.1] *Nova Floresta*, ed. fac-similada da 1.ª. São Paulo, Anchieta, 1945.

[MBe.2] *Luz e Calor*, ed. fac-similada da 1.ª. São Paulo, Anchieta, 1945.

[MBr] Michel Bréal

[MBr.1] *Essai de Sémantique*, 3.ª ed. Paris, Hachette, 1903.

[MBs] Margarida Basílio

[MBs.1] *Teoria Lexical*. São Paulo, Ática, 1987.

[MC] J. Mattoso Câmara Jr.

[MC.1] *Princípios de Linguística Geral*, 4.ª ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica.

[MC.2] *Teoria da Análise Léxica*. Rio de Janeiro, Aquarone, 1956.

[MC.3] *Gramática*, 3.ª e 4.ª séries, R. Janeiro, Briguiet, 1956.

[MC.4] *Dicionário de Linguística e Gramática*. Petrópolis, Vozes, 1977.

[MC.5] *Elementos da Língua Pátria*, 2.ª ed., 4 vols. Rio de Janeiro, Briguiet, 1938.

[MC.6] Noções de Estilística. In *Littera*, Rio de Janeiro, Grifo.

[MC.7] *Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa*, 2.ª ed, R. Janeiro, Padrão, 1977.

[MC.8] *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Padrão.

[MG] R. F. Mansur Guérios

[MG.1] *Tabus Linguísticos*. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1979.

[ML] Monteiro Lobato

[ML.1] *Cidades Mortas*. São Paulo, Editora Brasileira.

[MLe] Mendes Leal

[MLk] W. Meyer Lubke

[MLk.1] *Grammaire des Langues Romanes*, 4 vols., trad. fr. de Doutrefont e Rabiet. New York, Stechert, 1923.

[MM] Marquês de Maricá

[MM.1] *Máximas do Marquês de Maricá*, ed. anotada por Sousa da Silveira. Rio de Janeiro, MEC/Casa de Rui Barbosa, 1958.

[MMa] Maximino Maciel

[MMa.1] *Gramática Descritiva*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1923.

[MMa.2] *Lições Elementares de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1923.

[MMc] Aires da Mata Machado Filho

[MMc.1] *Nos Domínios do Vocabulário*. São Paulo, Boa Leitura Ed., s/d.

[MMe] Francisco Manuel de Mello

[MMe.1] *Feira de Anexins*, ed. Inocêncio, Lisboa, 1876.

[MP] Martins Pena

[MP.1] *Teatro*, ed. Darcy Damasceno.

[MPz] Marcial Morera Perez

[MPz.1] *Semántica del Sistema Preposicional del Español Moderno y sus Campos de Uso*. Puerto del Rosário, 1988.

[MR] Moritz Regula

[MR.1] *Grammaire Française Explicative*. Berne, Francke Verlag, 1952.

[MV] Mário Vilela

[MV.1] *Estruturas Léxicas do Português*. Coimbra, Almedina, 1979.

[MV.2] *Gramática de Valências: teoria e aplicação*. Coimbra, Almedina, 1992.

[NC] Nina Catach

[NC.1] *La Pontuaction*. Paris, PUF, 1994.

[NE] Hans Nilsson-Ehle

[NE.1] *Les Adverbes en -ment Compléments d'un Verbe*. Lund-Leipzig, 1941.

[NT] T. Navarro Tomás

[NT.1] *Manual de Pronunciación Española*, 4.ª ed. Madrid, Hernando, 1933.

[NT.2] *Arte del Verso*, 5.ª ed. México, Málaga Editora, 1971.

[OB] Olavo Bilac

[OB.1] Avatar. In *Poesias*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1902.

[OG] Othon Moacir Garcia

[OG.1] *Comunicação em Prosa Moderna*. Rio de Janeiro, Fund. Getúlio Vargas, 1967.

[OJ] Otto Jespersen

[OJ.1] *Negation in English and other Languages*. Copenhague, Bianco Lunos, 1917.

[OM] Manuel Odorico Mendes

[OM.1] *Eneida Brasileira*. Paris, Tip. de Rignouse, 1854.

[PA] Manuel de Araújo Porto-Alegre

[PA.1] *Colombo*. Rio de Janeiro, 1892.

[PAd] Pedro Adrião

[PAd.1] *Tradições Clássicas da Língua Portuguesa*. Porto Alegre, 1945.

[PC] Pinheiro Chagas

[PD] Porto Dapena

[PD.1] *Complementos Argumentales del Verbo: directo, indirecto, suplemento y agente* . Madrid, Arcos Libros, 1992.

[PDo] Conde Pinheiro Domingues

[PDo.1] "Variação de Gênero em Português". In *Revista de Cultura*. Petrópolis, 1932.

[PDo.2] João Curioso [pseudônimo] *Camilo e a Caturrice dos Puristas*, I. Rio de Janeiro, 1924.

[PL] Pacheco da Silva Jr. e Lameira de Andrade

[PL] *Gramática da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, 1887.

[PJ] Pacheco da Silva Júnior

[PJ.1] *Noções de Semântica*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1903.

[PP] Pedro Augusto Pinto

[PR] Ernesto de Paiva Raposo

[PR.1] *Introdução à Gramática Generativa. Sintaxe do Português*, 2.ª ed. Lisboa, Moraes Editora, 1983.

[PS] Paulino de Sousa

[PS.1] *Grammaire Portugaise*. Paris, Garnier, 1896.

[RB] Rui Barbosa

[RB.1] *Réplica*, 1.ª ed., Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1904.

[RB.2] *Oração aos Moços*, ed. de Rocha Lima.

[RB.3] *Discurso no Colégio Anchieta*, ed. Casa de Rui Barbosa.

[RB.4] *Parecer*, I, ed. Casa de Rui Barbosa, 1990.

[RBa] Raimundo Barbadinho Neto

[RBa.1] *Em Busca da Verdade da Língua*: Dois Estudos

[RBa.2] *Sobre a Norma Literária do Modernismo*. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1977.

[RC] Raimundo Correia

[RC.1] *Poesias*. Lisboa.

[RCo] Ribeiro Couto

[RCo.1] *Conversa Inocente*. Rio de Janeiro, 1946.

[RD] Santa Rita Durão

[RD.1] *Caramuru*, ed. Academia Brasileira de Letras.

[RG] F. Rebelo Gonçalves

[RG.1] *Tratado de Ortografia da Língua Portuguesa*. Coimbra, Atlântida, 1947.

[RL] C. Henrique da Rocha Lima

[RL.1] *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, 37.ª ed., José Olympio Editora, 1992.

[RLb] Rodrigues Lobo

[RLb.1] *O Pastor Peregrino*. Lisboa, 1906.

[RLp] Manuel Rodrigues Lapa

[RLp.1] *Estilística da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica.

[RLz] Rodolfo Lenz

[RLz.1] *La Oración y sus Partes*, 3.ª ed. Madrid, Centro de Estudios Históricos, 1935.

[RP] Raul Pompéia

[RQ] Rachel de Queiroz

[RQ.1] *O Brasileiro Perplexo*. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1963.

[RS] Augusto Rebelo da Silva

[RS.1] *Contos e Lendas*. Lisboa, 1873

[RS.2] *História de Portugal*, 1.ª ed., 5 vols.

[RS.3] *A Mocidade de D. João V*, 3.ª ed., 3 vols. Lisboa.

[RT] Graça Maria Rio-Torto

[RT.1] Sistêmica e Pragmática dos Sufixos Avaliativos. In *Rev. Portuguesa de Filologia*, vol. 21. Coimbra, 1996-7, 203-228.

[RT.2] Operações e Paradigmas Genolexicais do Português. In *Filologia e Linguística* n.º 2, 39-60. São Paulo, Humanitas/USP, 1998.

[RV] A. G. Ribeiro de Vasconcelos

[RV.1] *Gramática Portuguesa*. Lisboa-Rio de Janeiro, s/d.

[SA] Manuel Said Ali

[SA.1] *Dificuldades da Língua Portuguesa*, 5.ª ed. preparada por Maximiano de Carvalho e Silva. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1957.

[SA.2] *Gramática Secundária da Língua Portuguesa*, 4.ª ed. São Paulo, Melhoramentos.

[SA.3] *Versificação Portuguesa*. Rio de Janeiro, INL, 1949.

[SA.4] *Meios de Expressão e Alterações Semânticas*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1930.

[SA.5] *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, 2.ª ed. São Paulo, Melhoramentos, s/d [1931].

[SA.6] Colocação de Pronomes. In *Revista Americana*, II.

[SL] Mário Pereira de Sousa Lima

[SL.1] *Gramática Portuguesa*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1945.

[SR] Silva Ramos

[SR.1] artigo in *Revista de Cultura* nº22.

[SS] Álvaro F. de Sousa da Silveira

[SS.1] *Lições de Português*, 6.ª ed. preparada por Maximiano de Carvalho e Silva.

[SS.2] *Fonética Sintática*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Fund. Getúlio Vargas, 1971.

[SS.3] *Trechos Seletos*, 7.ª ed. Rio de Janeiro, Briguiet, 1963.

[SS.4] *Obras de Casimiro de Abreu*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, MEC/Casa de Rui Barbosa, 1955.

[SS.5] Um Verso Obscuro dos Lusíadas. In *Revista de Philosofia e de História*, tomo II. Rio de Janeiro, 1934, 374-377.

[SS.6] Notas sobre os Pronomes Se e Ele. In *Revista de Cultura*, ano 17, jun. 1943, 265-268.

[SU] S. Ulmann

[SU.1] *Semántica*, trad. port., Lisboa, Fund. Calouste Gulbenkian, 1977.

[TG] Tomás Antônio Gonzaga

[TG.1] *Poesias*, ed. M. Rodrigues Lapa.

[TM] Theodoro Henrique Maurer

[TM.1] *Dois Problemas da Língua Portuguesa*. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1954.

[VB] Vittório E. Bergo

[VB.1] *Concorrência Pleonástica da Preposição com o Prefixo*. Tese de Concurso, 1945.

[VBr] Viggo Brøndal

[VBr.1] *Théorie des Prépositions*. Copenhague, Munksgaard, 1950.

[VC] Vicente de Carvalho

[VK] Valter Kehdi

[VK.1] *A Construção do Verbo Ser*. São Paulo, GEL, 1985.

[VK.2] *Morfemas do Português*. São Paulo, Ática, 1989.

[VK.3] *Formação de Palavras em Português*. São Paulo, Ática, 1990.

[VK.4] Complemento Nominal: Problemas de Caracterização. In *Confluência*, 5/1993, 60-65.

[VV] Verkko Väänänen

[VV.1] *Il est venu comme ambassadeur, il agit en soldat*. Helsinke, 1951.

[WZ] Walther von Wartburg-Paul Zumptor

[WZ.1] *Précis de Syntaxe du Français Contemporain*. Berne, Francke, 1973.

[YM] Yakob Malquiel

[YM.1] Los Interfijos Hispánicos. In *Miscelanea Martinet*, II, Canárias, 1958.

DO MESMO AUTOR

A nova ortografia

Evanildo Bechara

O livro que responde a todas as suas dúvidas, com comentários, histórico dos acordos, além de uma Nota Explicativa da Comissão responsável pelo Acordo Ortográfico.

O que muda com o novo Acordo Ortográfico

Evanildo Bechara

Guia prático e completo das mudanças estabelecidas pelo novo Acordo Ortográfico, elaborado de forma clara e didática pelo grande gramático e lexicógrafo da língua portuguesa. Um manual fácil de ser consultado, que vai esclarecer todas as suas dúvidas relacionadas à nova ortografia.

Gramática Escolar da Língua Portuguesa

Evanildo Bechara

Com exercícios ao final de cada capítulo. Inclui capítulo especial sobre compreensão e interpretação de textos. Índice de assuntos, para auxiliar a consulta dos leitores.

Anexo encarte com as respostas aos exercícios propostos. Indicada para o ensino médio e preparatórios para concursos.

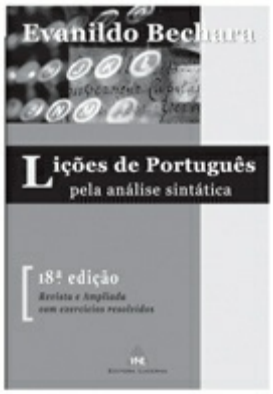

Lições de Português pela Análise Sintática

Evanildo Bechara

Inclui rica seleção de exercícios rigorosamente ordenados, partindo dos fatos idiomáticos mais simples para os mais complexos. Nesta nova edição, esses exercícios vêm resolvidos, para permitir ao leitor constante e proveitoso diálogo com o autor.

Produção editorial
Daniele Cajueiro
Shahira Mahmud
Janaína Senna

Revisão
Glória Braga Onelley
Mariana Elia

Conversão para ebook
Singular Digital | Mariana Mello e Souza

Este livro foi impresso no Rio de Janeiro, em novembro de 2009,
pela Ediouro Gráfica, para a Editora Nova Fronteira.
A fonte usada no miolo é Times New Roman, corpo 11/12.
O papel do miolo é offset 75g/m^2, e o da capa é cartão 250g/m^2.

Visite nosso site: www.novafronteira.com.br

Evanildo Bechara

Moderna Gramática Portuguesa

37ª edição atualizada pelo novo Acordo Ortográfico

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.club*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

MODERNA GRAMÁTICA PORTUGUESA

Evanildo Bechara

Professor Titular e Emérito da
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
e da Universidade Federal Fluminense (UFF)

Membro da Academia Brasileira de Letras
e da Academia Brasileira de Filologia

Representante brasileiro do
novo Acordo Ortográfico

MODERNA GRAMÁTICA PORTUGUESA

37.ª Edição
Revista, ampliada e atualizada
conforme o novo Acordo Ortográfico

EDITORA NOVA FRONTEIRA
EDITORA LUCERNA

Rio de Janeiro, 2009

Copyright © 2006 by Evanildo Bechara

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Editora Nova Fronteira Participações S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

Editora Nova Fronteira Participações S.A.
Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso – 21042-235
Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21) 3882-8212 / 8313
http://www.novafronteira.com.br
e-mail: sac@novafronteira.com.br

Conversão para ebook
Singular Digital | Mariana Mello e Souza

CIP-Brasil. Catalogação na fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livro, RJ

B354m Bechara, Evanildo, 1928-
Moderna gramática portuguesa / Evanildo Bechara. – 37. ed. rev., ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. – Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2009.

ISBN 978-85-209-3049-6

1. Língua portuguesa – Gramática. I. Título.

CDD 469.5
CDU 811.134.3'36

À memória de

M. Said Ali,
mestre e amigo

Aos mestres e amigos

Eugenio Coseriu
José G. Herculano de Carvalho
J. Mattoso Câmara Jr.
a cujas lições fui colher o que de
melhor existe nesta nova versão

Prefácio da 37.ª edição

Entregamos aos colegas de magistério, aos alunos e ao público estudioso de língua portuguesa esta edição, revista, ampliada e atualizada, levado que estamos pelos mesmos propósitos que nos fizeram, em 1961, trazer à luz a *Moderna Gramática Portuguesa*.

Amadurecido pela leitura atenta dos teóricos da linguagem, da produção acadêmica universitária, das críticas e sugestões gentilmente formuladas por companheiros da mesma seara e da leitura demorada de nossos melhores escritores, verá facilmente o leitor que se trata aqui de um novo livro.

Dificilmente haverá seção da *Moderna Gramática Portuguesa* que não tenha passado por uma consciente atualização e enriquecimento: atualização no plano teórico da descrição do idioma, e enriquecimento por trazer à discussão e à orientação normativa a maior soma possível de fatos gramaticais levantados pelos melhores estudiosos da língua portuguesa, dentro e fora do país, entre os quais cabe menção honrosa a Mário Barreto e Epifânio Dias.

É de toda justiça – e por isso esta edição é a eles dedicada – lembrar aqui, em primeiro lugar, nosso inesquecível mestre e amigo M. Said Ali, e, não menos presentes, este teórico profundo e admirável que é Eugenio Coseriu, ao lado de seu ilustre colega de reflexão linguística, que é J. G. Herculano de Carvalho, e do nosso primeiro linguista J. Mattoso Câmara Jr., guia seguro desde o lançamento inicial da *Moderna Gramática Portuguesa*.

O arcabouço teórico desta obra poderia bem orientar-se por outros modelos válidos, seguidos pelos nossos melhores linguistas em atuação nos centros universitários brasileiros. A orientação aqui adotada resulta da nossa convicção de que ela também pode oferecer elementos de efetiva operacionalização para uma proposta de reformulação da teoria gramatical entre nós, especialmente quando aplicada a uma obra da natureza desta *Moderna Gramática Portuguesa*, que alia a preocupação de uma científica descrição sincrônica a uma visão sadia da gramática normativa, libertada do ranço do antigo *magister dixit* e sem baralhar os objetivos das duas disciplinas.

Acreditamos que, neste sentido, os colegas de magistério e pesquisa encontrarão úteis sugestões ou temas de reflexão para uma proposta de melhoria da vigente nomenclatura gramatical em nossos compêndios escolares.

Estivemos também atentos à produção de textos gramaticais destinados a outras línguas, especialmente às românicas, e aí vale ressaltar o contributo dos espanhóis, dos franceses e dos italianos. Desejamos sintetizar nossa homenagem a esses colegas na figura excelsa de Emílio Alarcos Llorach, recentemente falecido.

Temos consciência de que ainda há muito que acrescentar e rever, e para tanto convocamos a ajuda dos colegas que neste sentido desejarem pronunciar-se.

Dar-nos-emos por bem pago se o leitor benévolo continuar encontrando nestas páginas os fundamentos que alicercem seu interesse e conhecimento reflexivo da língua portuguesa, traço que é da nacionalidade e elo fraterno da lusofonia.

Rio de Janeiro, 11 de março de 1999

Evanildo Bechara

Prefácio da 1.ª edição (1961)

Ao escrever esta *Moderna Gramática Portuguesa*, foi nosso intuito levar ao magistério brasileiro, num compêndio escolar escrito em estilo simples, o resultado dos progressos que os modernos estudos de linguagem alcançaram no estrangeiro e em nosso país. Não se rompe de vez com uma tradição secular: isto explica por que esta *Moderna Gramática* traz uma disposição da matéria mais ou menos conforme o modelo clássico. A nossa preocupação não residiu aí, mas na doutrina. Encontrarão os colegas de magistério, os alunos e quantos se interessam pelo ensino e aprendizado do idioma um tratamento novo para muitos assuntos importantes que não poderiam continuar a ser encarados pelos prismas por que a tradição os apresentava. Com a humildade necessária a tais empresas, sabemos que as pessoas competentes poderão facilmente verificar que fizemos uma revisão em quase todos os assuntos de que se compõe este livro, e muitos dos quais encontraram aqui um desenvolvimento ainda não conhecido em trabalho congênere. Por outro lado, a esta altura do progresso que a matéria tem tido, não poderíamos escrever esta *Moderna Gramática* sem umas noções, ainda que breves, sobre fonêmica e estilística. Isto nos permitiu, na última, tratar d a *análise literária*, que entre nós passa às vezes confundida com *análise estilística*; ressaltamos os objetivos desta e convidamos os nossos colegas de disciplina a que dela se sirvam num dos escopos supremos de sua missão: educar o sentimento estético do aluno. Na parte relativa à estruturação dos vocábulos e sua formação, pretendemos trazer para a gramática portuguesa os excelentes estudos que a linguística americana tem feito sobre tão importante capítulo. Seguimos a Nomenclatura Gramatical Brasileira. Os termos que aqui se encontrarem e lá faltam não se explicarão por discordância ou desrespeito; é que a NGB não tratou de todos os assuntos aqui ventilados.

A orientação científica por que se norteia esta nossa *Moderna Gramática* não seria possível sem a lição dos mestres (seria ocioso citá-los) que, dentro e fora do Brasil, tanto têm feito pelo desenvolvimento da disciplina. Devemos-lhe o que de melhor os leitores encontrarem neste livro, e a eles, em cada citação, prestamos sincera homenagem. Elegemos, entre eles, um dos mais ilustres para dedicar-lhe o nosso trabalho de hoje, aquele que para nós é tão caro pelo muito que contribuiu para nossa formação linguística: M. Said Ali. No ano em que seus discípulos e admiradores comemoram o 1.º centenário de seu nascimento,

não poderíamos deixar de levar ao mestre e amigo o testemunho de nossa profunda amizade e gratidão.

Evanildo Bechara

Introdução

Breve história externa da língua portuguesa

"As armas e padrões portugueses postos em África e em Ásia e em tantas mil ilhas fora da repartiçam das três partes da terra, materiaes sam, e pode-as o tempo gastar: peró nã gastará doutrina, costumes, linguagem, que os portugueses nestas terras leixarem."

(João de Barros, *Diálogo em Louvor da Nossa Linguagem*)

A língua portuguesa é a continuação ininterrupta, no tempo e no espaço, do latim levado à Península Ibérica pela expansão do império romano, no início do séc. III a.C., particularmente no processo de romanização dos povos do oeste e noroeste (lusitanos e galaicos), processo que encontrou tenaz resistência dos habitantes originários dessas regiões.

Depois do processo de romanização, sofreu a Península a invasão dos bárbaros germânicos, em diversos momentos e com diversidade de influências, que muito contribuíram para a fragmentação linguística da Hispânia: em 409 foi a vez dos alanos, vândalos e suevos; em 416, dos visigodos. Deste contacto encontramos como resultado a visível influência germânica, especialmente dos visigodos, no léxico e na onomástica.

No século VIII, em 711, voltou a Península a ser invadida pelos árabes, consumando a série de fatores externos que viriam a explicar a diferenciação linguística do português no mosaico dialetal que hoje conhecemos; apesar do largo contributo na cultura e na língua – especialmente no léxico –, a permanência muçulmana não teve força suficiente para apagar as indeléveis marcas de romanidade das línguas peninsulares.

O longo movimento de Reconquista anti-islâmico, começado já em 718, prolongou-se por séculos. Já no século X este processo tinha favorecido o nascimento de núcleos cristãos na parte norte e noroeste da Península, lançando os fundamentos de uma divisão linguística bem próxima da divisão administrativa: 1– Condado da Galiza (galego-português); 2– Reino de Leão e das Astúrias (ásturo-leonês); 3– Condado de Castela (castelhano); 4– Reino de Navarra (basco e navarro-aragonês); 5– Reino de Aragão e Condado de Barcelos (catalão).

Em 1095, Afonso VI concede autonomia à Província Portucalense, e, em 1139, Afonso Henriques se proclama o primeiro rei de Portugal.

Foi este falar comum à Galiza e ao território portucalense que o processo de Reconquista propagou em direção ao sul, sobrepondo-se aos dialetos moçárabes aí correntes. Já com a ajuda de cruzados ingleses, alemães, franceses e flamengos, e sob a bandeira portuguesa prossegue a reconquista de novas cidades do sul, tomadas aos muçulmanos: Santarém, em março de 1147 e Lisboa, em outubro do mesmo ano. Até o séc. XV, segundo Orlando Ribeiro, o Minho ainda não constituía limite linguístico entre o galego e o português.

O português, na sua feição originária galega, surgirá entre os séculos IX-XII, mas seus primeiros documentos datados só aparecerão no século XIII: o *Testamento de Afonso II* e a *Notícia de torto*. Curiosamente, a denominação "língua portuguesa" para substituir os antigos títulos "romance" ("romanço"), "linguagem", só passa a correr durante os escritores da Casa de Avis, com D. João I. Foi D. Dinis que oficializou o português como língua veicular dos documentos administrativos, substituindo o latim.

Entre os séculos XV e XVI, Portugal ocupa lugar de relevo no ciclo das grandes navegações, e a língua, "companheira do império", se espraia pelas regiões incógnitas, indo até o fim do mundo, e, na voz do Poeta, "se mais mundo houvera lá chegara" (*Os Lusíadas*, VII, 14).

Depois da expansão interna que, literária e culturalmente, exerce ação unificadora na diversidade dos falares regionais, mas que não elimina de todo essas diferenças refletidas nos dialetos, o português se arroja, na palavra de indômitos marinheiros, pelos mares nunca d'antes navegados, a fim de ser o porta-voz da fé e do império. São passos dessa gigantesca expansão colonial e religiosa, cujos efeitos, além da abertura dos mares, especialmente o Atlântico e o Índico, foram, segundo afirmação de Humboldt, uma duplicação do globo terrestre.

1415 – expedição a Ceuta sob o comando do próprio Rei
1425-1439 – Madeira e Açores
1444 – Cabo Verde, com início de povoamento em 1462
1446 – Guiné
1483-1486 – Angola (primeiros contatos) e colonização de S. Tomé e Príncipe
1498 – Vasco da Gama chega à Índia e passa por Moçambique
1500 – Brasil
1511 – Malaca e Malucas
1512 – Saião e Bornéu
1515 – Ormuz
1518 – Colombo
1536 – Damão
1547 – Macau
além das ilhas de Samatra, Java e Timor.

Tomado o séc. XIII como início da fase a que Leite de Vasconcelos chamou *português histórico*, isto é, documentado historicamente, podemos dividi-lo em períodos linguísticos, cujas delimitações não conseguem, entre os estudiosos, concordância unânime. A dificuldade de consenso advém de vários fatores: o terem as propostas fundamento em textos escritos que, como sabemos, mascaram a realidade e as mudanças linguísticas; o não terem os fenômenos sua data de nascimento e morte; e, finalmente, constitui elemento perturbador nesta ordem de estudos a influência de fatores estético-literários que, conforme sua orientação conservadora

ou progressista, atrasa ou acelera determinadas tendências linguísticas. Foi o que aconteceu com o chamado latim literário sob a influência grega; com o português europeu sob o influxo do Humanismo e Renascimento, e com o português do Brasil, sob a ação iconoclasta inicial do Modernismo.

Adotaremos aqui a seguinte proposta, incluindo na primeira fase a realidade galego-portuguesa:

a) *português arcaico*: séc. XIII ao final do XIV

b) *português arcaico médio*: 1.ª metade do séc. XV à 1.ª metade do séc. XVI

c) *português moderno*: 2.ª metade do séc. XVI ao final do XVII (podendo-se estender aos inícios do séc. XVIII)

d) *português contemporâneo*: séc. XVIII aos nossos dias

Ao primeiro período pertencem, além dos textos administrativos de leis, forais e ordenações, a poesia palaciana encerrada nos Cancioneiros medievais (Ajuda, Vaticana e Biblioteca Nacional, antigo Colocci Brancuti), as *Cantigas de Santa Maria*, algumas vidas de santos (Barlaão e Josafá, S. Aleixo, etc., traduções, em geral, de textos latinos, que chegaram até nós, quase sempre, em cópias mais modernas), o *Livro das Aves*, o *Fabulário de Esopo*, a *Demanda do Santo Graal*, *Corte Imperial*, entre muitas.

Ao segundo período pertencem o *Livro da Montaria*, de D. João I, *Leal Conselheiro* e *Livro da Ensinança de Bem Cavalgar toda Sela* de D. Duarte, as crônicas de Fernão Lopes (*D. João I*, *D. Pedro*, *D. Fernando*), de Zurara (*Crônica dos Feitos da Guiné*, *Crônica da Tomada de Ceuta*), a *Crônica dos Frades Menores*, as crônicas de Rui Pina, entre muitas outras obras.

Ao terceiro período pertencem as obras históricas de João de Barros, Diogo do Couto, Fernão Lopes de Castanheda, Damião de Góis, Gaspar Correia, o *Palmeirim de Inglaterra* de Francisco de Morais, a *Etiópia Oriental* de Frei João dos Santos, a obra literária de Sá de Miranda e o teatro clássico de Antônio Ferreira, a prosa mística da *Imagem da Vida Cristã* de Heitor Pinto, os *Diálogos* de Amador Arrais, os *Trabalhos de Jesus* de Tomé de Jesus e a *Consolação às Tribulações de Israel*, de Samuel Usque, a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, Pero Magalhães de Gandavo, mas a todos excede Luís de Camões que, não sendo "propriamente o criador do português moderno (...), libertou-o de alguns arcaísmos e foi um artista consumado e sem rival em burilar a frase portuguesa, descobrindo e aproveitando todos os recursos de que dispunha o idioma para representar as ideias de modo elegante, enérgico e expressivo. Reconhecida a superioridade da linguagem camoniana, a sua influência fez-se sentir na literatura de então em diante até os nossos dias" [SA.2, 4].

Com muita razão, concede Said Ali, do ponto de vista linguístico, um lugar à parte na literatura quinhentista às comédias, autos e farsas do chamado teatro de medida velha que tem em Gil Vicente seu principal representante, produções de grande importância para o conhecimento da variedade coloquial e popular da época. Pertencem a este gênero especial os *Autos* de Antônio Prestes, de Chiado, de Jerônimo Ribeiro, a *Eufrosina* e *Ulissipo* de Jorge Ferreira de Vasconcelos, sobrelevando-se a todos eles as obras deste genial pintor da

sociedade e dos costumes do séc. XVI em Portugal, que foi Gil Vicente.

No séc. XVII assistimos ao aperfeiçoamento da prosa artística com Frei Luís de Sousa, cuja linguagem representa uma fase de transição entre os dois momentos do português moderno. É o período em que ressaltam os *Sermões* do Padre Antônio Vieira, os *Apólogos Dialogais* de Francisco Manuel de Melo, a prosa religiosa do Padre Manuel Bernardes, os quadros bucólicos de *Corte na Aldeia* de Rodrigues Lobo, além dos representantes da historiografia de Alcobaça.

Fig. 1 – O Mundo da Lusofonia

O século XVIII não é só o século das academias literárias, mas de todo um esforço na renovação da cultura e da instrução pública, sob o influxo dos ideais do neoclassicismo francês, que culminou na reforma pombalina da Universidade, em 1772. Assiste-se a um reflorescimento da poesia com Pedro Antônio Correia Garção, Antônio Dinis da Cruz e Silva, Filinto Elísio, Tomás Antônio Gonzaga e os poetas árcades brasileiros, e Barbosa du Bocage.

Do ponto de vista linguístico, o português contemporâneo, fixado no decorrer do séc. XVIII, chega ao século seguinte sob o influxo de novas ideias estéticas, mas sem sofrer mudanças no sistema gramatical que lhe garantam, neste sentido, nova feição e nova fase histórica.

Os escritores dos séculos XIX e XX de todos os quadrantes da Lusofonia souberam garantir este patrimônio linguístico herdado de tanta tradição literária.

Em Portugal, no Brasil, em Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, a língua portuguesa, patrimônio cultural de todas estas nações, tem sido, e esperamos seja por muito tempo, expressão da sensibilidade e da razão, do sonho e das grandes realizações.

Patrimônio de todos e elo fraterno da Lusofonia de cerca de 200 milhões de falantes espalhados por todos os continentes, continuemos a formular os votos de Antônio Ferreira, no

séc. XVI:

Floresça, fale, cante, ouça-se e viva
A portuguesa língua, e já onde for,
Senhora vá de si, soberba e altiva!

Teoria Gramatical

A) Linguagem: suas dimensões universais

"dizer as coisas como são"
Platão

1 – Linguagem

Entende-se por *linguagem* qualquer sistema de signos simbólicos empregados na intercomunicação social para expressar e comunicar ideias e sentimentos, isto é, conteúdos da consciência.

A linguagem se realiza historicamente mediante sistemas de isoglossas comprovados numa comunidade de falantes, conhecidos com o nome de *línguas*, como veremos adiante.

Tal conceituação envolve as noções preliminares do que seja *sistema*, *signo*, *símbolo* e *intercomunicação social*.

Sistema é todo conjunto de unidades, concretas ou abstratas, reais ou imaginárias, que se encontram organizadas e que se ordenam para a realização de certa ou de certas finalidades [HCv.1, 264].

Entende-se por *signo* ou *sinal* a unidade, concreta ou abstrata, real ou imaginária, que, uma vez conhecida, leva ao conhecimento de algo diferente dele mesmo: as nuvens negras e densas no céu *manifestam* ou são o *sinal* de chuva iminente; o *-s* final em *livros* é o signo ou sinal de pluralizador, assim como em *cantas* é o signo de 2.ª pessoa do singular. Por isso mesmo se diz que tais unidades são *simbólicas*, já que se entende em geral por *símbolo* aquilo que, por convenção, manifesta ou leva ao conhecimento de outra coisa, a qual substitui. Assim, o cordeiro é o "símbolo" da mansidão; o macaco, da astúcia. No que toca estritamente à linguagem humana, pois só ela é a linguagem objeto da *Linguística*, os signos linguísticos diferem dos símbolos porque estes não constituem necessariamente sistema e podem sozinhos e sem nenhuma oposição "simbolizar". A oposição é um princípio fundamental para a determinação da existência dos signos linguísticos, como veremos adiante.

Por fim, *intercomunicação social*, porque a linguagem é sempre um estar no mundo com os outros, não como um indivíduo particular, mas como parte do todo social, de uma comunidade.

2 – Dimensões Universais da Linguagem

A linguagem, entendida como atividade humana de falar, apresenta cinco dimensões universais: *criatividade* (ou enérgeia), *materialidade*, *semanticidade*, *alteridade* e *historicidade*.

Criatividade, porque a linguagem, forma de cultura que é, se manifesta como atividade livre e criadora, ou "do espírito", isto é, como algo que vai mais além do aprendido, que não

simplesmente repete o que já foi produzido.

Materialidade, porque a linguagem é, primeiramente, uma atividade condicionada fisiológica e psiquicamente, pois implica, em relação ao falante, a capacidade de utilizar os órgãos de fonação, produzindo signos fonéticos articulados (fonemas, grafemas, quando representados na escrita, etc.) com que estabelece diferenças de significado (por exemplo, *P*ala, *V*ala, *M*ala, *T*ala, *R*ala, etc.); enquanto em relação ao ouvinte, implica a capacidade de perceber tais fonemas e interpretar o percebido como referência ao conteúdo configurado pelo falante mediante os signos fonéticos articulados. É o nível biológico da linguagem.

Semanticidade, porque a cada forma corresponde um conteúdo significativo, já que na linguagem tudo significa, tudo é semântico.

Alteridade, porque o significar é originariamente e sempre um "ser com outros", próprio da natureza político-social do homem, de indivíduos que são homens juntos a outros e, por exemplo, como falantes e ouvintes, são sempre cofalantes e coouvintes.

Historicidade, porque a linguagem se apresenta sempre sob a forma de *língua*, isto é, de tradição linguística de uma comunidade histórica. Não existe *língua* desacompanhada de sua referência histórica: só há *língua portuguesa*, *língua francesa*, *língua inglesa*, *língua espanhola*, *língua latina*, etc.

Geralmente se ouve que a língua é imposta ao homem, porque este é obrigado a dizer que determinado objeto conhecido por sua comunidade como livro é *livro*, e não *lápis* ou *mesa*. Tal fato não constitui uma limitação ou negação da liberdade do falante; é sim a dimensão histórica da linguagem, que coincide com a própria historicidade do homem. Trata-se de uma obrigação aceita livremente, e não de uma imposição. Este é o significado original da palavra latina *obligatio* [ECs.8, 216]. A língua não é "imposta" ao homem; este "dispõe" dela para manifestar sua liberdade expressiva. As atividades livres implicam um próprio "dever ser", isto é, uma série de normas intrínsecas.

Destas cinco dimensões, a criatividade e a materialidade são universais de todas as formas da cultura, pois são todas atividades criadoras que se realizam no mundo de forma material, sem o que não poderiam existir nem passar ao conhecimento dos outros membros da comunidade. A semanticidade é a "*differentia specifica*" da linguagem em relação às outras formas de cultura. A alteridade é o traço distintivo do significar linguístico em relação aos outros tipos de "conteúdo" das formas de expressão e é, por sua vez, fundamento da historicidade da linguagem [ECs.8, 15-16].

Por fim, há de se levar em conta, na capacidade geral de expressão, a execução de atividades que acompanham e às vezes até a substituem, já que não falamos só com as unidades linguísticas, com a língua concreta. Estas são formas de expressão extralinguísticas, tais como a mímica, a entonação, o ritmo, as pausas e silêncios, os gestos, os recursos gráficos e outros. O emprego da maiúscula serve para estabelecer antíteses entre o verdadeiro e bom e o menos bom e verdadeiro, quando dizemos:

Ele é um *Professor* com *P* maiúsculo, ou a referência à forma gráfica distingue homônimos, como em:

Chegamos na *hora h*.

Há momentos em que expressões só são inteligíveis se acompanhadas de determinado

gesto:

> "Um anjo, meu pateta, um anjo sem asas. Imagina uma moça assim, *desta altura*, viva como um azougue, e uns olhos..." [MA.1, 92].

À mímica corporal junte-se a vocal, a entoação especial com que se proferem certas palavras ou frases inteiras, que o escritor procura reavivar na escrita com a utilização de variados recursos gráficos:

> "Não vou daqui sem uma resposta definitiva, disse meu pai. *De-fi-ni-ti-va*! repetiu, batendo as sílabas com o dedo" [MA.1, 88].
> "Os dois garotos, porém, esperneiam com a mudança de mãe: – Mentira!... *Mentiiiira!... Mentiiiiiiiiiira!* – berra cada um para seu lado" [HC.1, 32].

3 – Atos Linguísticos

A linguagem humana articulada se realiza de maneira concreta por meio de formas específicas chamadas *atos linguísticos*, que se organizam em *sistemas de isoglossas* (*isos* = igual; *glossa* = língua) denominados tradicionalmente *línguas*. Embora o ato linguístico, por sua natureza, seja individual, está vinculado indissoluvelmente a outro indivíduo pela natureza finalística da linguagem, que é sempre um falar com os outros, consoante a dimensão *alteridade*, a que aludimos anteriormente.

Só de modo ideal se pensa em linguagem como um só sistema de signos; na realidade, há na linguagem diversos sistemas de signos – isto é, de línguas –, diversidade que varia entre países, entre comunidades sociais ou outros grupos de falantes.

A realidade concreta da linguagem, como dissemos, é o ato linguístico, quer dizer, é cada unidade de comunicação da linguagem humana, seja uma palavra ou uma frase. Os atos linguísticos não se realizam idênticos de falante para falante de uma mesma comunidade linguística, e até num só falante, em circunstâncias diferentes. Essa diversidade não se dá somente na forma material do ato linguístico, isto é, na sua *expressão*, mas também no seu significado, isto é, no seu *conteúdo*.

Para que se proceda a uma análise coerente e uniforme da linguagem humana, tem-se de considerar idealmente que os atos linguísticos são mais ou menos idênticos na expressão (forma material) e no conteúdo (significado), e é isto que realmente ocorre, porque, se não houvesse essa aparente identidade, não seria possível a comunicação entre os indivíduos, já que a comunicação é a finalidade fundamental da linguagem.

O conjunto sistêmico de atos linguísticos comuns considerados idênticos realizados numa comunidade linguística e por ela comprovada na consciência de seus falantes ("ele fala como eu", "o português dele é diferente do nosso") se acha delimitado por uma linha ideal, imaginária, *isoglossa*, de modo que se pode definir *língua*: *um sistema de isoglossas comprovado numa comunidade linguística.*

Esse sistema de isoglossas pode ser extensíssimo que abarque uma língua histórica de todos os falantes de uma larga comunidade, considerada no seu conjunto geográfico, social e individual (*língua portuguesa*, *língua espanhola*, *língua francesa*, *língua latina*, etc.); pode ser menos extensa, principalmente quando a língua histórica é falada por mais de um país (*língua portuguesa da modalidade europeia* – "português de Portugal" / *língua portuguesa*

da modalidade americana – "português do Brasil" bem como *língua portuguesa da África*; *língua inglesa da Inglaterra* / *língua inglesa dos Estados Unidos*; *francês da França* / *francês da Bélgica* / *francês do Canadá*); pode ser ainda menos extensa do ponto de vista espacial (*português do Rio de Janeiro* / *português de Lisboa*; *francês de Paris*; *alemão da Baviera*); pode ser ainda menos extensa espacial, social e estilisticamente (*português fluminense rural* / *português paulista familiar* / *português literário do Romantismo brasileiro*); pode abarcar um só falante (*português de Machado de Assis* / *português de Eça de Queirós*; *português de um analfabeto*).

Assim, o conceito de língua, considerada como um sistema de isoglossas, varia de acordo com o entendimento mais largo ou mais estreito que se atribui à extensão do conjunto de atos linguísticos comuns.

B) Planos e níveis da linguagem como atividade cultural

I – Planos e Níveis da Linguagem

A linguagem, como atividade humana universal do falar, que se realiza individualmente, mas sempre de acordo com tradições de comunidades históricas, pode diferenciar-se em três planos relativamente autônomos:

a) *Universal* ou do falar em geral, já que se apresenta como prática universalizada não determinada historicamente, isto é, todos os homens adultos e normais falam. É a referência ao plano do *falar em geral*, e a ele se alude, quando se diz que *esta criança ainda não fala* (note-se que não se quer dizer que ela ainda não fala português ou espanhol, por exemplo). Alude-se ainda a este plano quando se declara que *os animais não falam*. Aqui, como no exemplo anterior, não se refere a uma língua concreta, mas à capacidade de falar. O plano universal alude àquilo que faz parte de todo falar, não importa em que língua.

b) *Histórico* ou da língua concreta, já que, ao falar, o homem o faz mediante uma língua determinada: *falar português*, *falar espanhol*, etc. Como já se disse, não há *língua* sem adjetivo; só há *língua portuguesa*, *língua espanhola*, etc., onde o adjetivo pátrio aponta para uma tradição histórica determinada. Até as línguas inventadas, como o esperanto, se constroem e representam uma nova tradição do falar. Este é o plano de uma língua concreta determinada. O falante tem consciência desse saber ao afirmar, por exemplo, que alguém não fala bem o português.

c) *Individual*, já que é sempre um indivíduo que fala mediante uma língua determinada, e o faz, cada vez segundo uma circunstância determinada. A atividade de falar um indivíduo segundo a conveniência de uma circunstância determinada chama-se *discurso*. Não confundir *discurso*, nessa aplicação à atividade, com *texto*, que será entendido como produto dessa atividade, produto do discurso. O discurso – assim o texto como seu

produto – está determinado por quatro fatores: o *falante*, o *destinatário*, o *objeto* ou *tema* de que se fala e a *situação*.

Como toda atividade cultural, a atividade real de falar pode ser considerada sob três pontos de vista diferentes [ECs.8, 88]:

a) Como a própria *atividade*, como falar e entender, isto é, como atividade criadora que se serve de um saber já presente para dizer algo novo e com capacidade de criar um saber linguístico. É este o sentido próprio de *enérgeia*. Uma língua é "forma" e "potência" de uma *enérgeia*.

b) Como o *saber* que está subjacente à atividade, isto é, como a *competência* ou como o que Aristóteles chamava *dýnamis*.

c) Como o *produto* criado pela atividade do falar individual, isto é, como obra ou *érgon*: o *texto*.

Como toda atividade, o falar é uma atividade que revela um saber; assim a estes três níveis correspondem três planos ou tipos de saber linguístico:

a) Ao falar em geral mediante cada língua corresponde o *saber elocutivo*, ou *competência linguística geral*, que não é saber falar uma língua particular, mas, ao falar com qualquer língua, fazê-lo segundo os princípios da *congruência* em relação aos padrões universais do pensamento e ao conhecimento geral que o homem tem do "mundo", do mundo empírico. Na discutida frase "*A mesa quadrada é redonda*", não há propriamente desconhecimento de língua, e sim de formulação do pensamento por desconhecer a realidade do mundo empírico, uma vez que "ser quadrado" é diferente de "ser redondo".

b) Ao falar (em) uma língua particular corresponde o saber histórico denominado *saber idiomático*, ou *competência linguística particular*, que é falar (em) uma língua determinada de acordo com a tradição linguística historicamente determinada de uma comunidade.

c) Ao falar individual e relacionado com a maneira de elaborar textos segundo situações determinadas corresponde o chamado *saber expressivo* ou *competência textual*; é um saber técnico (gr. *téchnē*), isto é, um saber que se manifesta no próprio fazer, um saber fazer gramatical que se manifesta numa língua particular e que pode ir além do já criado nessa língua.

A linguagem se realiza, portanto, de acordo com um saber adquirido e se apresenta sob forma de fatos objetivos ou *produtos*. Mas, como bem caracterizou Humboldt em termos aristotélicos, a linguagem não é na essência *érgon* 'produto', 'coisa feita', mas *enérgeia*, 'atividade', atividade criadora, isto é, que vai além da técnica "aprendida", além do seu saber (*dýnamis*).

Assim, também do ponto de vista do produto se distinguem esses três planos:

a) o produto do falar em geral é a "totalidade de todas as manifestações", empiricamente infinita, *o* falado; não só a totalidade do que já foi dito, mas ainda a totalidade do que se

pode dizer, se considerada sempre como "coisa feita".

b) o produto do falar (em) uma língua particular é a língua particular *abstrata*, isto é, a língua deduzida do falar e concretizada em uma gramática e em um dicionário, ou, em outras palavras, o que no falar se reconhece como constante e que é objeto da linguística das línguas como descrição e como história.

c) o produto do falar individual é o *texto*, tal como pode ser anotado ou escrito.

2 – Juízos de Valor

Frequentemente se ouve um falante nativo dizer que "isso não é português" ou "isso não se diz assim em português" ou "seria melhor dizer assim em português", o que demonstra que os aspectos de juízos de valor devem merecer especial atenção do falante nativo, bem como do linguista e do gramático normativo. Infelizmente, em vista de confusões que Coseriu procurou deslindar, o assunto tem sido mal posto em discussão e, por isso, mal resolvido, de modo que as incoerências e os desencontros são responsáveis pela ideia muito difundida, mas errada, de que o tema não é científico, e fica sujeito ao capricho de pessoas despreparadas e intransigentes.

Distinguem-se três tipos de juízos de valor referentes às conformidades do falar com o respectivo saber linguístico:

a) Ao saber elocutivo corresponde a *norma da congruência*, isto é, os procedimentos em consonância com os princípios do pensar, autônomos ou independentes dos juízos que se referem à língua particular e ao texto. Neste plano do falar em geral temos não só a norma da congruência e da coerência, mas ainda a norma de conduta da tolerância, já que, muitas vezes, diante de frases "desconexas", a incongruência pode ser anulada pela tradição da língua particular e pela intenção do discurso. Assim, quando a canção diz que "*Tudo em volta está deserto, tudo certo / Tudo certo, como dois e dois são cinco*", não se interpreta como falar incongruente por conhecerem os falantes o procedimento da anulação metafórica: o que a canção quer dizer metaforicamente é que nada vai bem entre os tais namorados, como a soma de dois mais dois igual a cinco não está bem.

b) Ao saber idiomático corresponde a *norma da correção*, isto é, a conformidade de falar (em) uma língua particular segundo as normas de falar historicamente determinado e corrente na comunidade que a pratica. Sendo uma língua histórica (todo o português) um conjunto de várias línguas comunitárias, haverá mais de uma norma de correção (o português do Brasil, o português de Portugal, o português exemplar, o português comum, o português familiar, o português popular, etc.). Por falta das distinções até aqui estabelecidas, têm-se atribuído à língua particular ou ao saber idiomático qualidades e atributos que antes pertencem ao plano do falar em geral ou saber elocutivo ("coerência", "eficácia", "concisão", "clareza", "harmonia", etc.) ou ao plano individual ou saber expressivo ("adequado", "apropriado", "elegante", "expressivo", etc.). O juízo de valor concernente à *correção* é juízo de "suficiência" ou "conformidade" somente com o saber idiomático historicamente determinado para uma comunidade.

c) Ao saber expressivo corresponde a *norma de adequação* à constituição de textos

levando em conta o falante, o destinatário, o objeto ou a situação, critério mais complexo, e independente do critério de correção em relação à língua particular e do critério de congruência em relação ao falar em geral. A adequação ao discurso e à constituição de textos pode levar em conta o objeto representado ou o tema (e aí será considerada *adequada* ou *inadequada*), o destinatário (então será considerada *apropriada* ou *inapropriada*) ou a situação ou circunstâncias (e aí será considerada *oportuna* ou *inoportuna*).

A competência ou saber não se manifesta igualmente em todos os planos do linguístico. Na língua particular ele ocorre com mais frequência; nos outros planos – no saber elocutivo e principalmente no saber expressivo – o domínio da competência só se alcança depois de cuidada educação linguística. Muitas vezes se diz que "alguém escreve mal o português", quando, na realidade se quer fazer referência ao saber elocutivo ou ao expressivo, porque escreve sem congruência ou sem coerência, ou ainda com pouca clareza. Quando se diz que "o francês" é uma língua clara", a rigor, não se quer fazer referência a características da língua francesa, mas à capacidade de estruturar o pensamento, o discurso ou o texto com clareza e logicidade mais do que o normal, em virtude de uma larga tradição do falar nessa comunidade, tradição que começa no ensino escolar francês, e que deveríamos cultivar entre nós.

Cabe ainda lembrar o que foi aqui antes esboçado: conforme a intenção do falante, a adequação relativa a um discurso ou a um texto pode anular a incorreção idiomática, enquanto a adequação relativa à correção idiomática pode anular a incongruência ou incoerência do saber elocutivo.

3 – Três Tipos de Conteúdo Linguístico

Aos três planos linguísticos correspondem ainda três tipos diferentes de conteúdo linguístico:

a) Ao plano linguístico geral corresponde a *designação* (ou *referência*), isto é, a referência a uma "realidade" extralinguística, a um estado de coisas extralinguístico. Assim em *A porta está fechada* e *A porta não está aberta* faz-se referência à mesma realidade extralinguística. As orações não são *sinônimas*; são *equivalentes* na referência à designação.

b) Ao plano linguístico particular corresponde o *significado*, isto é, o conteúdo dado linguisticamente em uma língua particular, ou, em outras palavras, a especial configuração da designação numa língua particular.

c) Ao plano do discurso corresponde o *sentido*, que é o "dito" por meio do texto, isto é, o especial conteúdo linguístico que se expressa mediante a designação e o significado, sentido que, num discurso individual, vai além desses outros conteúdos e que corresponde às atitudes, intenções ou suposições do falante. Por exemplo, nas expressões *dar com os burros n'água* ou *torcer o nariz* o sentido é, respectivamente, "ter insucesso" e "rejeitar". Numa anedota, mediante a designação e o significado, atinge-se o *sentido* quando se "pega" o chamado "espírito da coisa". Uma visita de cerimônia ao dizer ao

dono da casa "Hoje está quente" pode ter a intenção de querer dizer "Por favor, abra a janela", que é o verdadeiro "sentido" da sua primeira frase. Quando dizemos a uma pessoa, pela manhã, "Bom dia!" não queremos dizer-lhe que o dia está agradável, mas tão somente cumprimentá-la; esse é o "sentido" da frase. Pode até o tempo estar chuvoso ou ameaçador; porém, é assim que tradicionalmente a nossa comunidade saúda alguém pela manhã. O sentido, portanto, se manifesta no plano individual do discurso.

Assim como o significado pode coincidir com a designação, como ocorre na linguagem técnica, onde tudo o que existe na tradição linguística concernente a ela é "nomenclatura", à medida que vai além do saber linguístico e implica um saber relativo às coisas mesmas, assim também o sentido pode coincidir com o significado, quando o texto é só informativo, e não artístico ou literário ("simbólico"). Mesmo em determinadas formas de "literatura", os fatos designados e significados são informativos, como ocorre na novela policial, que só muito excepcionalmente se alça à literatura artística [ECs.8, 291-292].

O quadro a seguir sintetiza tudo o que vimos até aqui:

	PONTOS DE VISTA				
PLANO	**ATIVIDADE** enérgeia	**SABER** (competência) dýnamis	**PRODUTO** (texto) érgon	**JUÍZO**	**CONTEÚDO**
UNIVERSAL: falar em geral; atividade humana universal	falar em geral	saber elocutivo	totalidade das manifestações	congruente / incongruente	designação (referência)
HISTÓRICO: língua concreta; tradições comunitárias	língua particular	saber idiomático	(língua particular abstrata)	correto / incorreto	significado
INDIVIDUAL: discurso; execução individual	discurso	saber expressivo	texto (obras)	adequado / inadequado	sentido

C) Língua histórica e língua funcional

1 – Língua Histórica

Quando nos referimos a *língua portuguesa*, *língua espanhola*, *língua alemã* ou *língua*

latina, fazemos alusão a uma língua como produto cultural histórico, constituída como unidade ideal, reconhecida pelos falantes nativos ou por falantes de outras línguas, e praticada por todas as comunidades integrantes desse domínio linguístico. Entendido assim, esse produto cultural recebe o nome de *língua histórica*. Esse amplo e diversificado espaço cultural, historicamente relacionado, está presente na frase de Fernando Pessoa: *Minha pátria é a língua portuguesa*.

Fácil é concluir que uma língua histórica encerra em si várias tradições linguísticas, de extensão e limite variáveis, em parte análogas e em parte divergentes, mas historicamente relacionadas. São analogias e divergências fonéticas, gramaticais e léxicas; por isso se diz que uma língua histórica nunca é um sistema único, mas um conjunto de sistemas.

Os sistemas que integram a língua histórica apresentam três aspectos, fundamentais de diferenças internas:

a) No espaço geográfico, constituindo os diferentes *dialetos*; Essa diversidade no espaço se diz *diatópica* (do grego *diá* 'através de', *tópos* 'lugar'), enquanto a relativa uniformidade no espaço se diz *sintópica* (do grego *sýn* 'reunião').

b) No nível sociocultural, constituindo os diferentes *níveis* de língua e estratos ou camadas socioculturais. Essa diferença no estrato sociocultural se diz *diastrática* (do latim *stratum* 'estrato', 'camada'), enquanto a relativa uniformidade correspondente se diz *sinestrática* ou *sinstrática*, também conhecida por *dialeto social*.

c) No estilo ou aspecto expressivo, isto é, em relação a diferentes situações do falar e estilos de língua. Essa diferença se diz *diafásica* (do grego *fásis* 'expressão'), enquanto a relativa uniformidade correspondente se diz *sinfásica* ou homogeneidade estilística.

As diferenças diatópicas ou os dialetos sempre mereceram as atenções dos estudiosos, o que nem sempre ocorreu com as diferenças de níveis (diastráticas) e de estilos de língua (diafásicas). Nem todas as línguas históricas têm muito marcadas as diferenças dialetais como ocorre, por exemplo, na Itália. No português essas diferenças são muito menos profundas, do que no italiano. Alguns linguistas chegam, no caso do português, a preferir *falares* a *dialetos*.

As diferenças diastráticas são mais marcadas em comunidades onde os estratos sociais se apresentam muito distanciados, como na antiga Índia, ou onde a rede escolar se encontra fragilizada ou inexistente entre as camadas populares. Nas comunidades modernas, existem diferenças diastráticas na distinção entre o nível popular (como ocorre no francês e inglês), bem afastado das formas "cultas" ou exemplares destas línguas, ou, com menos intensidade, no espanhol e no italiano populares. Menos intensa é ainda a distância entre o chamado português popular e o padrão ou culto.

As diferenças diafásicas se manifestam quando se comparam língua falada e língua escrita, língua usual e língua literária, língua corrente e língua burocrática ou oficial, etc. Nenhuma dessas variedades diafásicas se apresenta homogeneamente; até a língua literária acusa gradações, às vezes bem nítidas, como é o caso das divergências entre a prosa e a poesia (em verso), entre a poesia épica e a lírica, etc.

Incluem-se nas diferenças diafásicas as que ocorrem, num mesmo estrato sociocultural,

entre grupos "biológicos" (homens, mulheres, jovens, crianças) e profissionais.

Uma língua que apresenta só um estilo já não é uma língua viva; a que apresenta um ou poucos estilos é uma língua morta e funciona como veículo de comunicação para comunidades determinadas que têm sua própria língua, e se destina a finalidades culturais e profissionais, como tem sido o caso do latim na Igreja e, desde a Idade Média, na filosofia, na filologia, na medicina e outros domínios das ciências, e de especiais praxes acadêmicas universitárias (em cerimônias na outorga do título de doutor *honoris causa*, por exemplo a *laudatio*).

Há, contudo, uma realidade linguística idealmente homogênea e unitária, isto é, que se apresenta sintópica, sinstrática e sinfásica; em outras palavras, uma língua unitária quanto ao dialeto, ao nível e ao estilo: é a *língua funcional*, assim chamada porque é a modalidade que de maneira imediata e efetiva funciona nos discursos e textos.

2 – Língua Funcional

É bem verdade que num discurso e texto pode aparecer mais de uma língua funcional, principalmente se se mudam as circunstâncias e fatores (destinatário, objeto, situação). Todo falante de uma língua histórica é plurilíngue, porque domina ativa ou passivamente mais de uma língua funcional, embora não consiga nunca saber toda a extensão de uma língua histórica; e o sucesso da educação linguística é transformá-lo num "poliglota" dentro de sua própria língua nacional. Mas na constituição do discurso e do texto há sempre *uma* língua funcional que se sobrepõe às demais. Mesmo uma língua comum o mais possível unificada e codificada com muita rigidez, como ocorre com o francês "oficial", não corresponde exatamente a essa realidade de língua funcional, em face das diferenças estilísticas nele existentes.

Como por exigência metodológica e de coerência interna só se pode descrever uma realidade homogênea e unitária, é a língua funcional o objeto próprio da descrição estrutural e funcional. Uma gramática como produto desta descrição nunca é o espelho da língua histórica; é apenas a descrição de *uma* das suas línguas funcionais. Por isso não se há de exigir desta gramática o registro de fatos que pertençam a línguas funcionais diferentes: nisto consiste a diferença entre estrutura e arquitetura.

3 – Estrutura e Arquitetura

Estrutura é a descrição das oposições funcionais na expressão e no conteúdo de mesma técnica idiomática, isto é, a homogeneidade de uma língua funcional. *Arquitetura* é o registro da diversidade interna de uma língua histórica, onde coexistem para funções análogas formas distintas e vice-versa, isto é, diversidade de línguas funcionais. Por exemplo, a descrição do emprego dos pronomes *o* e *lhe* no português exemplar ou padrão é um fato de *estrutura*; a comparação do emprego de *o* no português padrão e do corresponde *ele* no português popular ou familiar ou do pronome *lhe* nessas modalidades é um fato de *arquitetura* do português do Brasil.

Para se chegar com coerência ao conceito de língua funcional e à essência do objeto próprio da descrição de uma técnica linguística é necessário fazer, além da distinção entre

estrutura e arquitetura, uma série de outras, quase sempre não levadas em consideração na gramática tradicional e em algumas linguísticas modernas: 1) conhecimento da língua e conhecimento das "coisas" (incluídos aí os seres vivos); 2) linguagem e metalinguagem; 3) sincronia e diacronia; 4) técnica livre e "discurso repetido"[ECs.8, 288].

4 – Conhecimento da Língua e Conhecimento das "coisas"

No plano do saber histórico não contamos somente com fatos linguísticos, mas também com outras tradições ligadas a "coisas" ou ao mundo extralinguístico. Assim, por exemplo, diante de frases do tipo "Macaco velho não mete a mão em cumbuca" ou de expressão como "macaco velho", não se pode dizer que *macaco* ou *macaco velho* evoca em português a ideia de 'prudência', 'sagacidade'. Relativamente à língua portuguesa, *macaco* está relacionado a outros animais, como *mico*, *chimpanzé*, etc.; pela evocação a 'prudência' não é responsável a língua portuguesa, até porque em muitas comunidades lusófonas o animal *macaco* não está relacionado com essa ideia. A evocação resulta exclusivamente do conhecimento que temos do animal, da sua participação em histórias, especialmente do folclore brasileiro.

5 – Linguagem e Metalinguagem

A metalinguagem é um uso linguístico cujo objeto é também uma linguagem; por exemplo quando se fala de palavras e seus componentes ou de orações: "*linguagem é uma palavra derivada de língua*", "*linguagem é um substantivo feminino em português e masculino em espanhol e francês*". "*-ção* é um sufixo formador de substantivo", "*Cadeira tem três sílabas*", etc. A metalinguagem não apresenta unidades estruturais nem pode ser estruturada no nível do saber idiomático; nem por isso seu estudo deixa de merecer o cuidado da ciência.

A linguagem, também chamada *linguagem primária*, não é uma linguagem que tem por objeto uma linguagem.

Esta distinção tem importância especial para a gramática. Por exemplo, qualquer palavra, grupo de palavras, parte de palavras, uma oração inteira, todo um texto tomado materialmente na metalinguagem pode ser considerado uma "palavra", um substantivo masculino por ser nome de algo: "*-mente* é um sufixo", "*lá* marca distância do falante", "Terrível palavra é um *não*", "*Não roubar* é um mandamento divino".

A metalinguagem pode manifestar uma técnica, um saber próprio em uma determinada tradição linguística. Por exemplo, na metalinguagem, em português, diz-se sem artigo "Homem é um dissílabo", enquanto na linguagem primária se diz com artigo "O homem trabalha".

6 – Sincronia e Diacronia

Outra distinção essencial, por sinal a primeira que se deve fazer no estudo das línguas, é a que se estabelece entre *sincronia* e *diacronia*. Por *sincronia* entende-se, em princípio, a referência à língua em um dado momento do seu percurso histórico, "sincronizada" sempre com seus falantes, e considerada no seu funcionamento no falar como descrição sistemática e

estrutural de um só sistema linguístico ("língua funcional"), enquanto por *diacronia* se entende a referência à língua através do tempo, isto é, no estudo histórico das estruturas de um sistema ("gramática histórica"), e como história da língua. Todavia, neste último aspecto, sincronia e diacronia não são correlativos, pois se se levar em conta o caráter parcialmente inovador de todo ato linguístico, toda língua viva está num perpétuo devenir, já que o aspecto sincrônico, para uma língua considerada na sua totalidade, metodologicamente imposto e necessário, é apenas uma abstração científica para estudar como a língua funciona e os traços que, entre dois momentos do seu desenvolvimento, se mostram constantes. Até para fins práticos necessitamos considerar a língua como algo estável e constante. Assim, a descrição sincrônica prescinde da história, no sentido de que não a abarca, mas a diacronia não pode prescindir das sincronias. Por fim, não se pode perder de vista que a descrição da língua num momento do seu desenvolvimento é uma parte da história dessa língua. Uma língua viva nunca está plenamente feita, mas se faz continuamente graças à atividade linguística.

À sincronia corresponde não só a descrição de sistemas unitários (isto é, a disciplina "gramática" em sua acepção mais ampla, abarcando ainda a fonologia e a semântica léxica estrutural ou lexemática), mas também a descrição dos três tipos de variedade já vistos feita por três outras disciplinas ("dialetos" → *dialetologia*, "níveis" → *sociolinguística* e "estilos" → *estilística da língua*).

7 – Estado da Língua Real e Sincronia

Convém distinguir entre *estado de língua real* e *sincronia*, considerada de modo absoluto. No estado de língua também está implícita uma dimensão diacrônica, já que os falantes, principalmente de comunidades com larga tradição de língua escrita, têm consciência de que certas formas são mais antigas que outras; que algumas já não se usam e que outras são recentes. Todavia essa "diacronia dos falantes" – que pode ser bem diferente da diacronia do historiador – não importa em relação ao funcionamento da língua, porque todo fato de "diacronia" subjetiva tem de ser descrito no seu funcionamento, isto é, na sua própria sincronia [ECs.8, 296].

À história da língua compete também referir-se ao aspecto sincrônico à medida que tem de socorrer-se dos vários "estados de língua" sucessivos, pois a "gramática histórica" é a comparação entre os vários sistemas estáticos compreendidos nos limites estabelecidos para estudo. No caso de uma língua românica como o português, pode-se começar pelos diversos sistemas do latim (clássico, vulgar, etc.) e continuar pelos sistemas sucessivos do português ou fases históricas (medieval, clássico, etc.), ou então partir do próprio português como língua já estabelecida e reconhecida pelos seus falantes e pelos falantes de outras comunidades linguísticas.

Pelo que vimos até aqui, e para evitar equívocos que elas implicam, seria melhor fugir às denominações *linguística sincrônica* e *linguística diacrônica* e, em vez delas, usar *descrição* e *história da língua*, porque ambas estão compreendidas no nível histórico da linguagem e constituem juntas a *linguística histórica*. Desligam-se, desta maneira, as noções de sincronia e diacronia da interpretação meramente temporal, como as entendia Saussure, em cuja lição

sincronia estava circunscrita a um só momento e diacronia a vários momentos [ECs.8, 281].

8 – Técnica Livre do Discurso e Discurso Repetido

Outra distinção necessária no estudo "sincrônico" de língua é a que se faz entre *técnica livre do discurso* e *discurso repetido*, porque as tradições linguísticas não só contêm técnica para falar, mas ainda linguagem já falada.

A técnica livre abarca os elementos constitutivos da língua e as regras "atuais" relativas à sua modificação e combinação, isto é, abarca as "palavras" e os instrumentos e procedimentos léxicos e gramaticais.

O discurso repetido abarca tudo aquilo que, no falar de uma comunidade, se repete mais ou menos uniformemente, como algo "já dito": algo já fixado num discurso e que pode ser repetido noutro discurso como "expressão", "giro", "modismo", frase ou locução cujos elementos constitutivos não são nem substituídos nem aceitam ser dispostos noutra ordem conforme permitem as regras de funcionamento da língua, ficando, assim, por não se submeterem a qualquer estruturação – pois só a técnica é estruturável –, fora do objeto da gramática e da lexicologia sincrônicas.

Assim, *bom professor* e *boa semana* pertencem à técnica livre do discurso, enquanto *bom samaritano* e *bom dia* (para a saudação matinal) são exemplos de discurso repetido.

D) Sistema, norma, fala e tipo linguístico

1 – Os Quatro Planos de Estruturação

Uma língua funcional apresenta diversos planos de estruturação. Distinguem-se quatro planos de estruturação: o *falar* (que é o plano da realização, isto é, uma técnica idiomática efetivamente realizada), e três planos de técnica ou de saber enquanto tal: a *norma*, o *sistema* e o *tipo linguístico*, que dizem respeito exclusivamente à estruturação de uma mesma técnica idiomática, em oposição à *arquitetura*, que, como já vimos, diz respeito à diversidade interna da língua histórica, com seu conjunto de línguas funcionais, em parte coincidentes e em parte diferentes umas das outras.

2 – A Norma

A *norma* contém tudo o que na língua não é funcional, mas que é tradicional, comum e constante, ou, em outras palavras, tudo o que se diz "assim, e não de outra maneira". É o plano de estruturação do saber idiomático que está mais próximo das realizações concretas. O sistema e a norma de uma língua funcional refletem a sua estrutura.

3 – O Sistema

O *sistema* contém apenas as oposições funcionais, isto é, contém unicamente os traços distintivos necessários e indispensáveis para que uma unidade da língua (quer no plano da expressão, quer no plano do conteúdo) não se confunda com outra unidade.

Assim, no sistema dos relativos em português, *que* e *o qual* se opõem ambos a *quem* e *cujo*, por exemplo; mas a norma usual da língua prefere unicamente *o qual*, e não *que*, depois de preposição com mais de duas sílabas:

> Os caminhos *de que* (*dos quais*) lhe falei...

mas:

> As razões *segundo as quais* (e não *segundo que*).

O sistema verbal português marca a 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo com o morfema -*o*: eu cant*o*, vend*o*, part*o*.

Crianças e adultos que usam incorretamente a forma verbal *seio* (por *sei*) são levados a fazê-lo por força do sistema, mas desconhecem a norma.

O sistema do português conta, além de outros, com o sufixo -*ção* para formar substantivos, em geral denotadores de ação, oriundos de verbos: *coroar* → *coroação*; *colocar* → *colocação*.

Todavia, a norma prefere *casamento* a *casação*, *livramento* a *livração*, *tomada* a *tomação* o u *tomamento*, etc. Outras vezes, a norma agasalha ambas as formas possibilitadas pelo sistema.

No domínio da sintaxe também se comprova a distinção entre norma e sistema. Os chamados complementos verbais quando constituídos por substantivos normalmente se dispõem na ordem *direto* + *indireto* (Dei *um livro ao primo*), mas quando aparece, numa dessas funções ou nas duas, pronome pessoal, a norma é vir primeiro o indireto: (Dei-*lhe um livro*) / Dei-*lho* (lhe + o).

O falante domina o sistema de uma língua quando está em condições de criar nela. Relativamente à norma, o seu domínio é muito mais complexo e exige do falante uma aprendizagem por toda a vida.

A norma pode coincidir com o sistema quando este oferece uma só possibilidade de realização.

O distanciamento entre sistema e norma de realização se manifesta quando a "novidade" criada à luz do sistema inexiste na norma, na tradição já realizada e, por isso mesmo, não se encontra registrada nos dicionários e nas gramáticas. Foi o caso, entre nós, de *imexível*, nascido com procedimentos do sistema do mesmo modo que *intocável*, *infalível*, etc., mas não ainda realizado na norma. Esqueceram-se os críticos de que uma língua viva não está feita, isto é, que não só estrutura seus atos por modelos precedentes, mas faz-se e refaz-se constantemente, encerra formas feitas e tem potencialidade para criar formas novas, e está sempre a serviço das necessidades expressivas de qualquer falante. É nisto que consiste a dimensão criatividade já aludida aqui anteriormente.

Como também pode conter traços não pertinentes do ponto de vista de oposição funcional, a norma, em certo sentido, tem maior amplitude que o sistema, já que este só contém traços distintivos necessários e indispensáveis para que uma unidade da língua se diferencie de outra

unidade. Por outro lado, o sistema é mais amplo do que a norma, porque propicia também possibilidades inéditas, não realizadas na norma da língua.

4 – O Tipo Linguístico

O *tipo linguístico* é o mais alto plano que se pode comprovar da técnica da língua. É o conjunto coerente de categorias funcionais e de tipos de procedimentos materiais que configuram um sistema ou diferentes sistemas: compreende as categorias de oposições de expressão e de conteúdo e os tipos de funções. Enquanto o sistema é sistema de possibilidades em relação à norma, o tipo é sistema de possibilidades em relação ao sistema.

No processo histórico, a norma pode modificar-se permanecendo inalterável o sistema, bem como o sistema pode modificar-se conservando no tipo seus princípios de configuração. As numerosas semelhanças que se podem apontar nas línguas românicas não se explicam somente pela origem comum e influências recíprocas, mas também porque, com exceção do francês, se configuraram em vários pontos por princípios funcionais análogos de tipo linguístico [ECs.14, 53-54].

Por fim, cabe esclarecer que a tipologia linguística está nos seus começos; alguns estudos que se têm realizado com seu nome nada mais são do que gramática contrastiva no nível dos sistemas e classificação de procedimentos idiomáticos.

No tocante às relações conceituais de fala, norma, sistema e tipo linguístico no quadro teórico de E. Coseriu e de F. de Saussure, fala corresponde mais ou menos à *parole*; a norma e o sistema da língua correspondem, no seu conjunto, mais ou menos à *langue*, enquanto o tipo linguístico não foi identificado como tal pelo linguista genebrino.

E) Propriedades dos estratos de estruturação gramatical 1

1 – Os Estratos Gramaticais

Em português, os estratos gramaticais possíveis são, pela ordem ascendente: o *elemento mínimo* (ou *monema*), a *palavra* gramatical, o *grupo de palavras*, a *cláusula*, a *oração* e o *texto*:

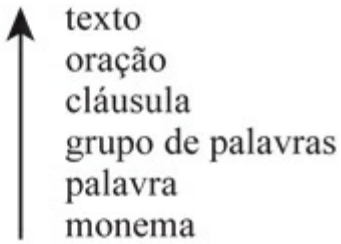

Do ponto de vista de sua função gramatical, *casa-* e *-s* são "monemas"; já *casas*, na oposição *casa* / *casas*, é uma "palavra gramatical" com sua função "plural", uma vez que *-s* é

o "pluralizador" e *casa*- o "pluralizado", e o sintagma inteiro *casas* é o "plural". Em português, a "explicação" e a "especificação" são funções do nível do grupo de palavras e se expressam mediante a posição do adjetivo. No grupo substantivo + adjetivo *o manso boi*, *o vasto oceano*, o adjetivo é explicativo (já que não separa classes menores dentro das classes "boi" e "oceano"; apenas expressa propriedades inerentes a estas classes); no entanto, em *o boi manso*, o adjetivo é "especificativo" (porque serve para opor um boi manso a outros bois não mansos). Como no exemplo anterior, *manso* é "explicador"e *boi* o termo "explicado", e o sintagma inteiro *o manso boi* é um "explicativo".

A oposição correspondente às funções "comentário" e "comentado" ocorre no estrato funcional a que Coseriu dá o nome convencional cláusula, que é o estrato que, no interior de uma só e mesma oração, estabelece a referida oposição. O chamado "advérbio de oração", que não passa de uma cláusula "comentário", ocorre nesse nível de estruturação. Em *Eu sei certo*, só temos uma oração, sem nenhum comentário, porque significa simplesmente 'eu sei com segurança', 'com certeza'. Já na oração em *Certamente, eu sei*, há duas cláusulas: a cláusula comentário *certamente* e a cláusula *eu sei*, e o conteúdo do enunciado oracional é equivalente a 'certamente, eu o sei', 'é certo que eu o sei', 'eu o sei, e este fato é certo'. Assim, *certamente* não determina o valor lexical de *eu sei*, mas assegura a realidade mesma do fato de saber.

O estrato gramatical da oração é caracterizado pela função "predicativa". Nela, o "sujeito" e o "predicado" são funções sintagmáticas e puramente relacionais: o predicado é o termo "referido", e o sujeito, o termo "referente", a função sintagmática é a de "referência", e a unidade resultante é a "predicação referida", que se opõe, neste nível, à "predicação não referida". Em *O aluno estuda* temos uma predicação referida; em *Chove*, *Faz calor*, uma predicação não referida. Registre-se aqui, de passagem, que a oração dita complexa não constitui um estrato superior da oração. O estrato superior da oração – simples ou complexa – é o texto.

No estrato do texto, como estrato gramatical idiomático, – e não como outras estruturas, por exemplo, o "soneto", a "crônica", a "novela"-, podemos ter casos como a oposição entre "pergunta não repetida" e "pergunta repetida". Se se pergunta *Você vai bem*?, no nível do texto, isto significa que se faz a pergunta pela primeira vez, ou pela qual não se manifesta se ela se diz pela primeira vez ou não. Mas já em *E você, como vai*? ou *E você vai bem*? ou *Que você vai bem*?, trata-se, sem dúvida, de uma pergunta repetida, ou porque, depois de uma primeira pergunta, agora se quer saber acerca do nosso interlocutor, ou então porque este não compreendeu a primeira pergunta sobre como passava de saúde ou de situação. Trata-se aqui de uma oposição no nível do discurso ou do texto, e não no nível da oração.

O número dos estratos gramaticais nem sempre é igual de língua para língua. Segundo Halliday, citado por Coseriu, só dois estratos são imprescindíveis, o do monema e o da oração.

2 – Propriedades dos Estratos de Estruturação Gramatical

São quatro estas propriedades: a *superordenação* (ou *hipertaxe*), a *subordinação* (ou

hipotaxe), a *coordenação* (ou *parataxe*) e a *substituição* (ou *antitaxe*).

Tais propriedades podem ser assim representadas graficamente:

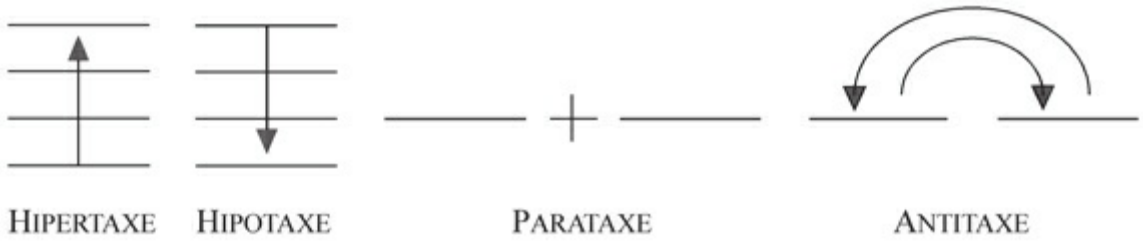

3 – Hipertaxe ou Superordenação

A hipertaxe é a propriedade pela qual uma unidade de um estrato inferior pode funcionar por si só – isto é, combinando-se com zero – em estratos superiores, podendo chegar até ao estrato do texto e aí opor-se a unidades próprias desse novo estrato. Assim, um monema pode, em princípio, funcionar como palavra; uma palavra como grupo de palavras, e assim sucessivamente.

Tomando o exemplo *casa – casas*, o elemento mínimo *casa* funciona como "singular" no nível da palavra gramatical, por oposição a *casas*, por estar "combinado" com zero. Em *casa – a casa*, a palavra *casa*, já determinada como "singular", funciona no nível do grupo de palavras como "virtual, inatual" – em oposição ao "atual" *a casa*. Em *Certamente*! *Claro*!, estamos diante de uma superordenação da palavra no nível da cláusula, e desta ao nível da oração e do texto.

As línguas conhecem restrições na manifestação dessa propriedade; por exemplo, a superordenação de palavras ou grupos de palavras no nível do texto é mais reduzida nas perguntas do que nas respostas. Uma resposta como *Isabel* é muito normal, diante da pergunta *Quem acabou de sair*? Por outro lado, uma pergunta como (*E*) *Isabel*? É certamente possível, mas exige um contexto especial. Salvo num caso de uma retomada de discurso anterior ou de emprego metalinguístico, as palavras morfemáticas, isto é, de significado puramente instrumental (artigos, preposições, conjunções), estão em geral impossibilitadas de se superordenar em nível de texto. Entretanto, nas retomadas de discurso anterior, e na metalinguagem, pode-se superordenar no nível da oração e do texto um monema, uma palavra morfemática ou até uma palavra, como, por exemplo, ocorre com *sem* na resposta à pergunta do tipo: *Viajarás com ou sem teus pais*? – *Sem*. Ou então o sufixo *-ção* na resposta diante da dúvida: *É condenação ou condenamento*? – *Ção*.

Na maioria dos casos reais da chamada *elipse* o que se tem, na verdade, é uma forma de superordenação (quase sempre combinada com uma substituição por retomada).

4 – Hipotaxe ou Subordinação

A hipotaxe é a propriedade oposta à hipertaxe: consiste na possibilidade de uma unidade correspondente a um estrato superior poder funcionar num estrato inferior, ou em estratos inferiores. É o caso de uma oração passar a funcionar como "membro" de outra oração, particularidade muito conhecida em gramática. O importante é, entretanto, verificar que este tipo de propriedade não fica só aqui, mas tem uma aplicação mais extensa. Em princípio, toda unidade superior ao estrato do monema pode ser subordinada. Um texto inteiro pode funcionar como uma oração num outro texto; uma oração como uma cláusula ou grupo de palavras; um grupo de palavras como uma palavra gramatical, e uma palavra como um elemento mínimo.

E m *Verdadeiramente ele disse isso*, a cláusula comentário (*verdadeiramente*), por hipertaxe, passa a oração (é verdade), enquanto temos hipotaxe da cláusula comentada (*ele disse isso*). As palavras compostas, do tipo de *planalto*, e as perífrases lexicais, como *pé de valsa* ('exímio dançarino') são, do ponto de vista gramatical, subordinações ou hipotaxes de grupos de palavras no nível da palavra; por outro lado, locuções do tipo *por meio de*, *por causa de* funcionam no nível de elementos mínimos (aproximadamente como *com*, *por*).

Vista pelo prisma da hipotaxe, percebe-se que a ideia de conceber as "conjunções subordinativas" como elementos que "unem" orações nasce do falso paralelismo entre subordinação (hipotaxe) e coordenação (parataxe). Na realidade, em línguas como o português, as conjunções subordinativas não são mais que morfemas de subordinação ou ainda preposições combinadas com esses morfemas. Em princípio, para subordinar orações ou cláusulas de estrutura oracional, temos necessidade de dois instrumentos: um para marcar a subordinação, isto é, para indicar que uma estrutura oracional de verbo flexionado funciona como membro de uma oração, e não como oração independente, e outro instrumento para indicar a função que esta estrutura exerce na oração complexa. No português essa marca de subordinação é *que*. Em se tratando de função sintagmática não marcada na oração ("sujeito", "complemento direto"), só se emprega esta marca *que*. Pode-se prescindir desta marca se o sintagma oracional subordinado já se acha indicado por um pronome, um advérbio interrogativo (ou exclamativo) ou pela conjunção *se* da interrogação geral: É preciso *que venhas.* Ela espera *que venhas.* Ela sabe *quem vem.* Os alunos não sabem *quando saem* os resultados. O professor não sabe *se haverá feriado nesta semana.*

Se se trata de função sintagmática introduzida (no caso de uma palavra ou de um grupo de palavras) por preposição, a chamada conjunção subordinada é normalmente constituída por essa preposição com *que*: *para acabar* / *para que acabe*; *antes da* (de a) *guerra começar* / *antes de que a guerra comece*, etc...

Pelos exemplos, vê-se que primeiro se subordina mediante o instrumento de subordinação (*que*) e depois se introduz o sintagma subordinado pela preposição correspondente à função sintagmática respectiva.

5 – Parataxe ou Coordenação

Consiste a parataxe na propriedade mediante a qual duas ou mais unidades de um mesmo estrato funcional podem combinar-se nesse mesmo nível para constituir, no mesmo estrato, uma nova unidade suscetível de contrair relações sintagmáticas próprias das unidades simples

deste estrato. Portanto, o que caracteriza a parataxe é a circunstância de que unidades combinadas são equivalentes do ponto de vista gramatical, isto é, uma não determina a outra, de modo que a unidade resultante da combinação é também gramaticalmente equivalente às unidades combinadas. Não sobem a estrato de estruturação superior. Assim, duas palavras combinadas persistem no nível da palavra e não constituem um "grupo de palavras", como se passassem ao nível imediatamente superior.

Podem-se coordenar orações que apresentam uma mesma função textual, palavras e grupos de palavras de mesmas funções (tais como sujeito, complemento, adjunto) e até preposições e conjunções do estrato de monemas, como *com* e *sem*, *e* e *ou*. A única condição a ser respeitada é que se trate de unidades pertencentes ao mesmo estrato ou transpostas ao mesmo estrato em virtude de hipertaxe ou de hipotaxe. Daí que estruturas do tipo [*ricos homens*] *e mulheres*/ [*ricos*] *homens e mulheres*, conforme a ordem de operações levadas a cabo na estruturação da expressão: constituição do grupo de palavras *ricos homens* e depois coordenação com *mulheres* ou, ao contrário, primeiro coordenação de *homens e mulheres*, no nível da palavra, por hipotaxe, e em seguida constituição do grupo de palavras por meio da determinação com *ricos*.

Pode-se, outrossim, coordenar uma palavra com uma oração que funciona como membro de outra oração desde que exerçam a mesma função, como em: Ele agora sabe *a verdade* e *que eu não lhe havia mentido*. Mas para isso foi necessário que a oração subordinada passasse ao estrato de grupo de palavras e de palavra gramatical, por meio da hipotaxe, para então ser possível a coordenação no mesmo nível da palavra.

Tem a parataxe sido vista apenas em relação à coordenação de orações, especialmente a parataxe aditiva com um só verbo flexionado, como se fosse o somatório com apagamento dos elementos idênticos nas orações coordenadas. Isto realmente ocorre em casos como *João e Maria leem*, que corresponde a *João lê* e *Maria lê*, mas já duvidosa em *João e Maria se casaram* e impossível, por absurda em *João e Maria se parecem*, que não vale por *João é parecido + Maria é parecida*. Na realidade, em todos estes casos se trata apenas da *ordem operacional* seguida na constituição da expressão, ordem que na interpretação deve ser refeita às avessas. Assim, tem-se inicialmente a coordenação *João e Maria* e depois a predicação constitutiva da oração.

Outro ponto que há de merecer a nossa atenção é o fato de que, partindo dos três tipos fundamentais e opositivos de coordenação em português (a aditiva, adversativa e a alternativa), estas construções podem ainda exprimir relações internas de "dependência", o que, à primeira vista, parece paradoxal, porque é o mesmo que dizer que "a parataxe inclui a hipotaxe" ou que "a parataxe também é hipotaxe". Na realidade, o que temos nesses casos é, a uma só vez, parataxe e hipotaxe, mas não no mesmo nível de estruturação gramatical. No nível da oração tais construções são paratáticas; mas exprimem ao mesmo tempo relações internas de dependência no que diz ao *sentido do discurso* e, por isso, manifestam funções sintagmáticas no nível do texto: os segundos elementos dessas construções se acham coordenados no nível da oração, mas são subordinados aos primeiros elementos enquanto *unidades textuais*. É o mesmo caso que ocorre com as orações introduzidas por *pois*, *porquanto*, *por isso*, *por conseguinte*, *logo*, a que a gramática tradicional e escolar chama

orações "conclusivas" e "causais-explicativas". Embora exprimindo estados de coisas comparáveis aos das orações subordinadas, são consideradas, não sem razão, orações "principais" ou "independentes". Na realidade, são independentes no nível da oração, mas são elementos subordinados do ponto de vista de unidades de conteúdo no nível superior do texto.

6 – Antitaxe ou Substituição

É a propriedade mediante a qual uma unidade de qualquer estrato gramatical já presente ou virtualmente presente ("prevista") na cadeia falada pode ser representada – retomada ou antecipada – por outra unidade de outro ponto da cadeia falada (quer no discurso individual, quer no diálogo), podendo a unidade que substitui ser parte da unidade substituída, com idêntica função ou mesmo zero. É o fenômeno muito conhecido no domínio dos pronomes que "substituem" (= "representam") lexemas (palavras ou grupos de palavras), inclusive lexemas inexistentes como tais na língua, como é o caso dos pronomes "neutros" (*isto*, *isso*, *aquilo*), que podem referir-se a um fato, a uma circunstância ou a uma situação.

O fenômeno da antitaxe, entretanto, é uma realidade de muito maior amplitude e diz respeito, em princípio, a todos os estratos gramaticais. Assim, a retomada mediante *sim*, *não*, diz respeito aos níveis da oração e do texto; e a não repetição (retomada por zero) de uma preposição na coordenação dos complementos ou do pronome sujeito na coordenação de dois ou mais verbos diz respeito ao estrato de elementos mínimos.

No interior da antitaxe, podemos distinguir, do ponto de vista constitucional (cf.) a antecipação e a retomada (ou "anáfora", "catáfora"), isto é, a representação "antes" e "depois", sendo esta válida até para a representação zero.

Do ponto de vista funcional, é preciso distinguir a antitaxe puramente material em que a unidade que substitui, além de representar a unidade substituída, tem também uma função particular, própria ao domínio da substituição. Assim, no português *clara e duramente*, temos uma antitaxe puramente material (o zero antecipador de *clara* tem exatamente a mesma função que *-mente* em *duramente*), enquanto na retomada por meio de *sim*, *não*, estamos diante de uma antitaxe funcional, já que tais unidades, além de representar o que foi dito pelo interlocutor (constituindo por isso "pro-orações" ou "pro-textos" e não meramente advérbios), exprimem também uma tomada de posição por parte do falante: a concordância ou a discordância com o conteúdo de consciência manifestado pelo interlocutor.

A rigor, a antitaxe é um fenômeno "transfrásico", um fenômeno do plano do "discurso" ou do "texto", uma parte porque concerne à constituição do discurso como tal, à estruturação material e funcional da cadeia falada, conforme as relações presentes na própria cadeia, e por outra parte, porque ela ignora as fronteiras entre as orações, funcionando independentemente dessas fronteiras tão bem numa só e mesma oração como em várias orações ao mesmo tempo e, quase sempre, além dos limites entre as orações. Daí este fenômeno pertencer ao domínio da linguística do texto. Entretanto, deve a antitaxe ser também estudada e descrita na gramática das línguas, mesmo numa "phrase-grammar", porque a expressão substituída apresenta procedimentos, materiais e funções que lhe são próprias e porque as línguas, como sistemas paradigmáticos, apresentam uma grande diversidade a este respeito.

F) Dialeto – Língua comum – Língua exemplar. Correção e exemplaridade. Gramáticas científicas e gramática normativa. Divisões da gramática e disciplinas afins. Linguística do texto

1 – Língua Comum e Dialeto

Já vimos que uma língua histórica, como o português, está constituída de várias "línguas" mais ou menos próximas entre si, mais ou menos diferenciadas, mas que não chegam a perder a configuração de que se trata "do português" (e não do galego, ou do espanhol, ou do francês, etc.), quer na convicção de seus falantes nativos, quer na convicção dos falantes de outros idiomas. Há uma *diversidade* na *unidade*, e uma *unidade* na *diversidade*.

Os falantes dessas diversidades, por motivações de ordem política e cultural, tendem a procurar, graças a um largo período histórico, um veículo comum de comunicação que manifeste a unidade que envolve e sedimenta as várias comunidades em questão. Geralmente, nessas condições, se eleva um dialeto – em geral o que apresenta melhores condições políticas e culturais – como veículo de expressão e comunicação que paire sobre as variedades regionais e se apresente como espelho da unidade que deseja refletir o bloco das comunidades irmanadas.

Esta unidade linguística ideal – que nem sempre cala o prestígio de outros dialetos nem afoga localismos linguísticos – chama-se *língua comum*.

No caso de Portugal, o dialeto falado na região Entre Douro e Minho (dialeto interamnense) – sede do governo e da instrução superior – alçou à condição de língua comum. Como a língua comum recebe, em geral, o nome da língua histórica (isto é, daquela que engloba as variedades dialetais de que vimos falando), em nosso caso particular a língua comum é denominada *língua portuguesa* ou, simplesmente, *português*. Isto ocorre por toda a parte; assim é que o dialeto de Paris (franciano) passou a denominar-se *francês*, o de Florença (toscano florentino) *italiano*, o de Castela *castelhano* ou *espanhol*. Por isso é que se diz que entre *língua* e *dialeto* não há diferença de natureza, e sim de prestígio político e cultural, além do fato da maior extensão geográfica da língua comum. Algumas vezes a língua comum desbanca os primitivos dialetos, como ocorreu com a *koiné* grega.

Por motivações de ordem cultural e para conter, na medida do possível e do razoável, a força diferenciadora, centrífuga, que caracteriza o perpétuo devenir das línguas, pode-se desenvolver dentro da língua comum um tipo de outra língua comum, mais disciplinada, normatizada idealmente, mediante a eleição de usos fonético-fonológicos, gramaticais e léxicos como padrões exemplares a toda a comunidade e a toda a nação, a serem praticados em determinadas situações sociais, culturais e administrativas do intercâmbio superior. É a modalidade a que Coseriu chama língua exemplar, mais relativamente uniforme do que a língua comum, porque está normatizada intencionalmente [ECs.8, 164-165]. Esta uniformidade relativa é mais frequente quando a língua comum é usada em países diferentes. É o que acontece entre nós, onde se registra uma exemplaridade do português do Brasil ao lado de uma exemplaridade do português de Portugal, em grande parte de delineação complexa, porque a

exemplaridade do português – e não fato exclusivo do nosso domínio – não está claramente fixada em suas formas, conteúdos e procedimentos [ECs.8, 35].

2 – O Exemplar e o Correto

Há de distinguir-se cuidadosamente o *exemplar* do *correto*, porque pertencem a planos conceituais diferentes. Quando se fala do exemplar, fala-se de uma forma eleita entre as várias formas de falar que constituem a língua histórica, razão por que o eleito não é nem correto nem incorreto.

Já quando se fala do correto, que é um juízo de valor, fala-se de uma conformidade com tal ou qual estrutura de uma língua funcional de qualquer variedade diatópica, diastrática ou diafásica. Por ele se deseja saber se tal fato está em conformidade com um modo de falar, isto é, com a língua funcional, com a tradição idiomática de uma comunidade, fato que pode ou não ser o modo exemplar de uma língua comunitária.

O modo exemplar pertence à arquitetura da língua histórica, enquanto o correto (ou incorreto) se situa no plano da estrutura da língua funcional. Cada língua funcional tem sua própria correção à medida que se trata de um modo de falar que existe historicamente.

3 – Gramática Descritiva e Gramática Normativa

Daí é fácil concluir que não devemos confundir dois tipos de gramática: a *descritiva* e a *normativa*.

A gramática descritiva é uma disciplina científica que registra e descreve (daí o ser *descritiva*, por isso não lhe cabe definir) um sistema linguístico em todos os seus aspectos (fonético-fonológico, morfossintático e léxico).

Cabe tão somente à gramática descritiva registrar como se diz numa língua funcional.

Por ser de natureza científica, não está preocupada em estabelecer o que é certo ou errado no nível do saber elocutivo, do saber idiomático e do saber expressivo.

A gramática descritiva se reveste de várias formas segundo o que examina mediante uma metodologia empregada, formas que não cabe aqui explicitar, mas tão somente enumerar: *estrutural*, *funcional*, *estrutural e funcional*, *constrastiva*, *distribucional*, *gerativa*, *transformacional*, *estratificacional*, *de dependências*, *de valências*, *de usos*, etc. A gramática estrutural funcional concebida por E. Coseriu aplica-se à depreensão e descrição dos paradigmas do significado gramatical, das estruturas gramaticais de uma língua particular.

Cabe à *gramática normativa*, que não é uma disciplina com finalidade científica e sim pedagógica, elencar os fatos recomendados como modelares da exemplaridade idiomática para serem utilizados em circunstâncias especiais do convívio social.

A gramática normativa recomenda como se deve falar e escrever segundo o uso e a autoridade dos escritores corretos e dos gramáticos e dicionaristas esclarecidos.

4 – Âmbitos de Estudo da Gramática

Como vimos, a gramática descritiva registra e descreve todos os aspectos de uma língua particular, homogênea e unitária. Por isso, aparece diversificada nos capítulos pelos quais costuma ser apresentada: *fonética* e *fonologia*, *morfologia* e *sintaxe* (melhor *morfossintaxe*), *semântica*, *estilística*.

4.1 – Fonética e Fonologia

A fonética e a fonologia estudam o aspecto físico-fisiológico, isto é, o aspecto fônico. A fonética se ocupa do aspecto acústico e fisiológico dos sons reais e concretos dos atos linguísticos: sua produção, articulação e variedades.

Já para a fonologia, a unidade básica não é o som, mas o *fonema*, visto como unidade acústica que desempenha função linguística distintiva de unidades linguísticas superiores dotadas de significado. Assim, em *tinta*, a fonética, levando em conta a realidade acústica na pronúncia carioca, distingue dois sons diferentes de *t*, enquanto a fonologia considera funcionalmente um só *t*, pois, apesar de articulado diferentemente nas várias realizações, o falante se considera diante de uma mesma palavra: *tinta*.

4.2 – Sistema gráfico

Nas línguas em que, ao lado da realidade *oral*, existe a representação escrita de um sistema convencional dessa oralidade chamado *sistema gráfico* ou *ortografia*, este sistema se regula, em geral, ora pela fonética, ora pela fonologia, o que conduz a uma primeira dificuldade para se chegar a um sistema ideal, que exigiria uma só unidade gráfica para um só valor fônico. Neste particular tornou-se necessário não se confundir *letra* com *som* da fala; letra é a representação gráfica com que se procura reproduzir na escrita o som, o que não significa identificá-los. O nosso sistema fonológico tem sete fonemas vocais orais tônicos para cuja representação temos apenas cinco letras (**a** – **e** – **i** – **o** – **u**). Costuma-se hoje chamar *grafema* à unidade gráfica (letra) da escrita.

Em se tratando de línguas modernas que adotaram um sistema gráfico aproveitando o alfabeto latino, como ocorre com a maioria dos idiomas modernos, três fatores contribuem para que não se alcance uma ortografia ideal, apesar de entrarem em seu socorro recursos de letras e sinais diacríticos não existentes em latim:

a) adoção de alfabeto estranho, como o latino, nem sempre capaz de atender à representação de fonemas das novas línguas;

b) mudança através do tempo de fonemas das novas línguas, depois de adotado o alfabeto latino;

c) permanente indecisão das convenções ortográficas entre a opção fonético-fonológica e a "etimológica" (este, pelo prestígio dos hábitos da escrita latina).

4.3 – Alfabeto fonético

Para fins científicos e pedagógicos (principalmente nas gramáticas e dicionários destinados a estrangeiros), usam-se *alfabetos fonéticos* que procuram na transcrição representar fielmente cada unidade fônica por meio de um sinal gráfico, escolhido entre as letras já existentes no alfabeto e mais sinais especiais criados para atingir a fidelidade acústica

desejada.

4.4 – Gramática e Estilística

A gramática pode estudar tanto o aspecto da pura comunicação (chamada linguagem enunciativa ou intelectiva) quanto o aspecto afetivo, de exteriorização psíquica e apelo (linguagem emotiva).

De modo geral, aplica-se a gramática propriamente dita aos aspectos da linguagem intelectiva, ficando a linguagem emotiva para tarefa de uma disciplina chamada *estilística*, de que falaremos mais adiante.

4.5 – Morfossintaxe

A parte central da gramática pura é a morfossintaxe, também com menos rigor estudada como dois domínios relativamente autônomos: a *morfologia* (estudo da palavra e suas "formas") e a *sintaxe* (estudo das combinações materiais ou funções sintáticas). Ocorre que, a rigor, tudo na língua se refere sempre a combinações de "formas", ainda que seja combinação com zero ou ausência de "forma"; assim, toda essa pura gramática é na realidade sintaxe, já que a própria oração não deixa de ser uma "forma"(na lição tradicional, ela não pertence ao domínio da morfologia). Melhor seria se adotássemos a proposta de Eugenio Coseriu que já estava presente numa lição de Gabelentz; a gramática se comporia de três seções: a) "constitucional" (que descreveria a configuração material da "forma" gramatical, abrangendo por forma também o grupo de palavras, a oração e o período); b) "funcional" (que investiga as funções dos diferentes estratos de estruturação gramatical, comprovando os paradigmas que funcionam em cada estrato); c) "relacional" (que estuda as relações entre os diferentes paradigmas pelos quais se expressam funções designativas análogas) [ECs.4, 262-263].

4.6 – Lexicologia

Outro domínio dos estudos gramaticais que, pela sua especificidade e extensão também constitui uma disciplina autônoma, é a *lexicologia*.

É tarefa da lexicologia o estudo dos *lexemas*, suas estruturas e variedades e suas relações com os significantes. Entende-se por lexema a unidade linguística dotada de *significado léxico*, isto é, aquele significado que aponta para o que se apreende do mundo extralinguístico mediante a linguagem. Assim, em *amor*, *amante*, *amar*, *amavelmente* o significado léxico é comum a todas as palavras da série.

Levando-se em conta o plano da expressão (significante) e o plano do conteúdo (significado), a lexicologia abarcará quatro disciplinas subsidiárias [ECs.12, 46-48]:

a) *lexicologia da expressão*: estudo das relações entre os vários significantes léxicos enquanto tais, por exemplo, *amar* ↔ *amante*, *falar* ↔ *falante* ao lado de *saltar* ↔ *saltador*.

b) *lexicologia do conteúdo*: estudo das relações entre os significados léxicos enquanto tais: *salário*, *ordenado*, *provento*, *honorário*, *soldo*, *mesada*; ou *sair* x *chegar*, etc. (sinônimos, antônimos)

c) *semasiologia*: estudo da relação entre os dois planos partindo da expressão para o conteúdo: o significante *hóspede* com os significados de 'aquele que dá a hospedagem' e

‘aquele que recebe a hospedagem’; *nora* ‘esposa de filho em relação aos pais dele’, e *nora* ‘aparelho para tirar água de poço, cisterna’.

Tradicionalmente é este estudo que se reconhece em geral como a disciplina semântica ou semântica lexical.

d) *onomasiologia*: estudo da relação dos dois planos, partindo do conteúdo: para o significado ‘dinheiro’ há os significantes *prata*, *massa*, *erva*, *caraminguá*, *arame*, *mango* (quase todos populares ou familiares).

Há disciplinas lexicológicas preocupadas com a origem dos palavras. Aí temos a *etimologia* (estudo da origem delas), a *onomástica* (estudo histórico dos nomes próprios, dividida em *antroponímia* – história dos nomes de pessoa – e *toponímia* – história dos nomes de lugares).

4.7 – Outra vez a Estilística

A seguir, temos a estilística, a qual, conforme dissemos anteriormente, é o estudo dos aspectos afetivos que envolvem e caracterizam a linguagem emotiva que perpassa todos os fatos de língua. Pode tanto aplicar-se àqueles usos da esfera afetiva e emotiva generalizados na língua, por exemplo, os diminutivos, os aumentativos, as hipérboles, etc. (a chamada *estilística da língua* de Charles Bally), ou então às criações estéticas originais e inéditas de um autor ou de uma obra (a chamada *estilística da fala* da escola idealista alemã de Karl Vossler, Leo Spitzer e seguidores).

4.8 – Outros tipos de Gramática

Além da gramática descritiva, são também gramáticas científicas, isto é, sem finalidade prescritiva ou normativa, e com objeto e metodologia próprios:

a) *gramática geral* (mais impropriamente chamada *gramática universal*): estudo dos fundamentos teóricos dos conceitos gramaticais (e por isso mesmo lhe cabe a definição desses conceitos), ou, noutro sentido, procura os fatos gramaticais comuns e gerais a vários sistemas linguísticos. Também é denominada *teoria gramatical*. Esta gramática investiga o plano universal da linguagem e, por isso, não tem como objeto uma língua particular, como as gramáticas seguintes, que investigam o plano histórico da linguagem, uma vez que estudam línguas históricas, isto é, técnicas (saberes) historicamente determinadas.

b) *gramática comparada*: estudo comparado de línguas pertencentes a um tronco ou “família” procedente de uma fonte comum primitiva, com vista a estabelecer os fatos manifestados pela relação de “parentesco”.

c) *gramática histórica* (considerada em sentido estrito): estudo diacrônico de um só sistema idealmente homogêneo.

d) *história interna da língua*: estudo diacrônico de uma língua histórica.

Citem-se mais as seguintes disciplinas linguísticas:

1) *dialetologia*: estudo das diferenças regionais de uma língua; sua aplicação, mediante método particular para cada uma, se faz com duas subdisciplinas: *geografia linguística* e *paleontologia linguística*.

2) *sociolinguística*: estudo da variedade e variação da linguagem em relação com a estrutura social das comunidades.

3) *etnolinguística*: estudo da variedade e variação da linguagem em relação com a civilização e a cultura [ECs.15, 29].

4) *psicolinguística*: estuda o aspecto psíquico da atividade linguística.

Até aqui, as gramáticas e disciplinas que investigam os fatos de uma língua ou de línguas particulares são disciplinas que se aplicam ao plano idiomático da linguagem.

Por fim, cabe aludir à *linguística do texto*, campo recente de estudo, que visa a examinar o sentido do texto considerado como entidade autônoma da linguagem. Investiga o plano individual da linguagem. É o estudo da hermenêutica do sentido. Para Coseriu, enquanto as disciplinas que estudam a língua se aplicam ao exame da estrutura do significante e à descrição da estrutura do significado, a pura linguística do texto se aplica à interpretação do significante e do significado da língua como expressão do sentido [ECs.3].

1 E. Coseriu [ECs.15, 22; ECs.4, 172].

I – Fonética e Fonologia

A) Produção dos sons e classificação dos fonemas

1 – Fonética Descritiva

Fonemas – Chamam-se fonemas os sons elementares e distintivos que o homem produz quando, pela voz, exprime seus pensamentos e emoções.

Fonemas não são letras – Desde logo uma distinção se impõe: não se há de confundir *fonema* com *letra*. *Fonema* é uma realidade acústica, realidade que nosso ouvido registra; enquanto *letra* é o sinal empregado para representar na escrita o sistema sonoro de uma língua. Não há identidade perfeita, muitas vezes, entre os fonemas e a maneira de representá-los na escrita, o que nos leva facilmente a perceber a impossibilidade de uma *ortografia* ideal. Temos, como veremos mais adiante, *sete* vogais orais tônicas, mas apenas *cinco* símbolos gráficos (letras): *a*, *e*, *i*, *o*, *u*. Quando queremos distinguir um *e* tônico aberto de um *e* tônico fechado – pois são dois fonemas distintos – geralmente utilizamos sinais subsidiários: o acento agudo (*fé*) ou o circunflexo (*vê*). Há letras que se escrevem por várias razões, mas que não se pronunciam, e portanto não representam a vestimenta gráfica do fonema; é o caso do *h* em *homem* ou *oh!* Por outro lado, há fonemas que se ouvem e que não se acham registrados na escrita; assim, no final de *cantavam*, ouvimos um ditongo em *-am* cuja semivogal não vem assinalada /amávãw/. A escrita, graças ao seu convencionalismo tradicional, nem sempre espelha a evolução fonética. Neste livro, diferençamos a letra do fonema, pondo este entre barras; dessarte, indicaremos o *e* aberto e *e* fechado da seguinte maneira: /*é*/, /*ê*/.

Fonética e Fonologia – Na atividade linguística, o importante para os falantes é o fonema, e não a série de movimentos articulatórios que o determina. Assim sendo, enquanto a análise fonética se preocupa tão-somente com a articulação, a fonêmica atenta apenas para o fonema que, reunindo um feixe de traços que o distingue de outro fonema, permite a comunicação linguística. A fonética pode reconhecer, e realmente o faz, diversas realizações para o /*t*/ da série *ta-te-ti-to-tu*; a fonêmica não leva em conta as *variações* (que se chamam *alofones*), porque delas não tomam conhecimento os falantes de língua portuguesa. Um fonema admite uma gama variada de realizações fonéticas que vai até a conservação da integridade do vocábulo: quando isto não ocorre, diz-se que houve mudança de fonema. O /*l*/ admite várias realizações no Brasil, de norte a sul (e estas variantes não interessam à análise fonêmica, análise que deveria ter primazia em nosso estudo de língua); mas haverá mudança de fonemas

quando se não puder fazer a oposição *mal* / *mau*. Como bem ensina Mattoso Câmara, "o fonema, entendido como um feixe de traços distintivos, individualiza-se e ganha realidade gramatical pelo seu contraste com outros feixes em idênticos ambientes fonéticos. Não é, pois, a diferença articulatória e acústica que distingue primariamente dois fonemas, senão a possibilidade de determinarem significações distintas numa mesma situação fonética. Compreende-se assim que um mesmo fonema possa variar amplamente na sua realização, conforme o ambiente fonético ou as peculiaridades do sujeito falante" [MC.7, 44-45].

Fonologia não se opõe a fonética: a primeira estuda o número de oposições utilizadas e suas relações mútuas, enquanto a fonética experimental determina a natureza física e fisiológica das distinções observadas [BM.1, 116]. Ambas disciplinas pertencem ao nível biológico do falar condicionado psicofisicamente.

Aparelho Fonador

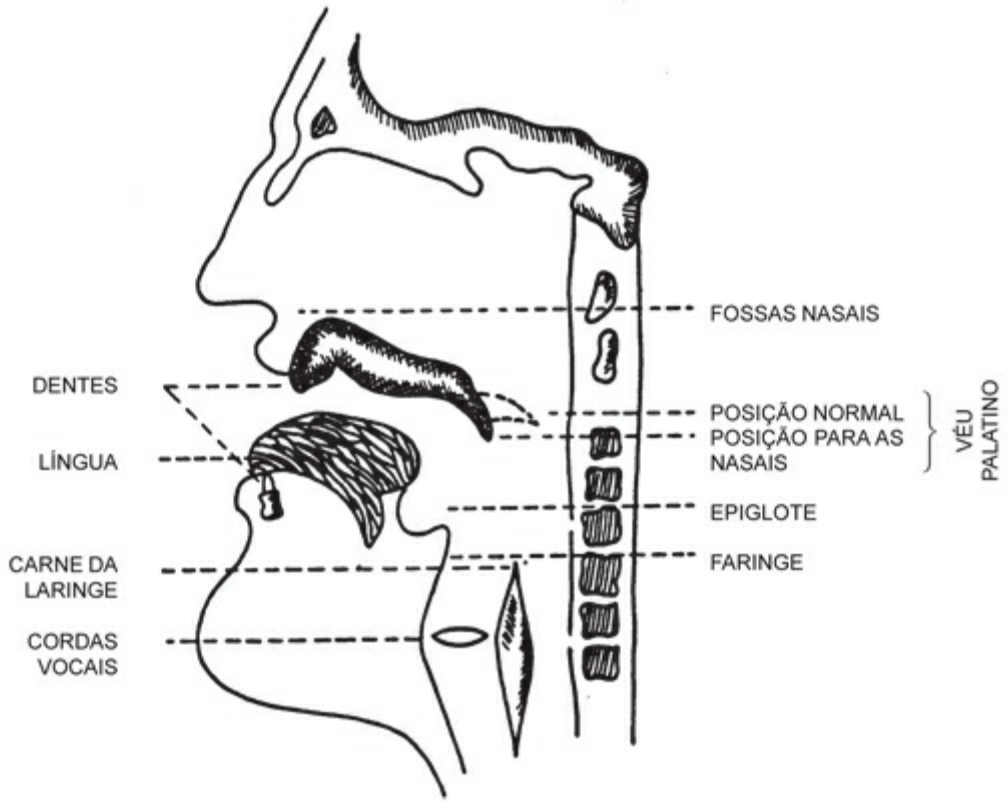

Aparelho fonador – Nós não temos um aparelho especial para a fala; produzimos os fonemas servindo-nos de órgão do aparelho respiratório e da parte superior do aparelho digestivo, que só secundariamente se adaptaram às exigências da comunicação, numa aquisição lenta do homem. A esses órgãos da fala, constitutivos do aparelho fonador, pertencem, além de músculos e nervos: os *brônquios*, a *traqueia*, a *laringe* (com as cordas vocais), a *faringe*, as *fossas nasais* e a *boca* com a *língua* (dividida em ápice, dorso e raiz), as *bochechas*, o *palato duro* (ou céu da boca), o *palato mole* (ou véu palatino) com a *úvula*

ou *campainha*, os *dentes* (mormente os anteriores) com os *alvéolos*, e os *lábios*.

Em português, como na maioria dos idiomas, os fonemas são produzidos graças à modificação que esses órgãos da fala impõem à *corrente de ar que sai dos pulmões*. Línguas há, entretanto, que se servem da corrente inspiratória (entrando o ar nos pulmões) para produzir fonemas, que são conhecidos pelo nome de *cliques*. Produzimos cliques quando fazemos os movimentos bucais, acompanhados da sucção de ar na boca, para o beijo, o muxoxo e certos estalidos como o que serve para animar a caminhada dos cavalos, mas não os utilizamos como sons da fala em português.

Como se produzem os fonemas – A corrente de ar que vem dos pulmões passa pela *traqueia* e chega à sua parte superior que se chama *laringe*, conhecida vulgarmente como *pomo de adão*. Na laringe, a parte mais valiosa e mais complexa do aparelho fonador, se acham, horizontalmente, duas membranas mucosas elásticas, à maneira de lábios: as *cordas vocais*, por cujo estreito intervalo, denominado *glote*, a corrente de ar tem de passar para ganhar a *faringe*, e daí, ou totalmente pela *boca* (*fonemas orais*), ou parte pela boca e parte pelas fossas nasais (*fonemas nasais*), chegar à atmosfera. É esta corrente expiratória que, modificada pelos órgãos da fala, é responsável pela produção dos fonemas.

As diferenças que se notam entre vozes diversas dos sexos, das idades e das pessoas, baseiam-se em geral nas dimensões da laringe.

Fonemas surdos e sonoros – Quando a corrente de ar se dirige à glote, esta pode encontrar-se aberta, fechada ou quase fechada. No primeiro caso, a corrente de ar passa livremente, sem provocar a vibração das cordas vocais. O fonema que, nestas circunstâncias, se produz é chamado *surdo*: /s/, /f/, /x/, /t/, /k/, etc. Se a glote está fechada ou quase fechada, a corrente de ar, ao forçar a passagem, provoca a vibração das cordas vocais, produzindo os fonemas sonoros. São sonoras todas as vogais e certas consoantes como /z/, /v/, /j/, /d/, /g/, etc.

Em muitos casos, podemos perceber a vibração das cordas vocais, pondo de leve a ponta do dedo no pomo de adão e proferindo um fonema sonoro, como /z/, /v/, /j/, tendo o cuidado de não acompanhá-lo de vogal. Sentimos nitidamente um tremular que denota a vibração das cordas vocais. Se proferimos um fonema surdo, como /s/, /f/, /x/, com o cuidado apontado acima, não sentimos o tremular. Podemos ainda repetir a experiência tapando os ouvidos. Só com os fonemas sonoros ouvimos um zumbido característico da vibração das cordas vocais.

Vogais e consoantes – A voz humana se compõe de *tons* (sons musicais) e *ruídos*, que o nosso ouvido distingue com perfeição. Caracterizam-se os tons, quanto às condições acústicas, por suas vibrações periódicas. Esta divisão corresponde, em suas linhas gerais, às vogais (= tons) e às consoantes (= ruídos). As consoantes podem ser ruídos puros, isto é, sem vibrações regulares (correspondem às consoantes surdas), ou ruídos combinados com um tom laríngeo (consoantes sonoras) [BM.1, 20].

Quanto às condições fisiológicas de produção, as vogais são fonemas durante cuja articulação a cavidade bucal se acha completamente livre para a passagem do ar. As consoantes são fonemas durante cuja produção a cavidade bucal está total ou parcialmente fechada, constituindo, assim, num ponto qualquer, um obstáculo à saída da corrente expiratória.

OBSERVAÇÃO: Só por suas condições acústicas e fisiológicas de produção é que se distinguem as vogais das consoantes. Por imitação dos gregos, os antigos gramáticos definiam a vogal pela sua função na sílaba: elemento necessário e suficiente para formar uma sílaba. E daí chegavam à conceituação deficiente de consoante: fonema sem existência independente, que só se profere com uma vogal. Sabemos de idiomas em que há sílabas constituídas apenas de consoantes e em que uma consoante pode fazer as vezes de vogal [LR.1, 75-75].

Na língua portuguesa a *base da sílaba* ou o *elemento silábico* é a vogal; os elementos *assilábicos* são a consoante e a semivogal, que estudaremos mais adiante.

Classificação das vogais – Classificam-se as vogais, segundo a *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, de acordo com quatro critérios:

a) quanto à zona de articulação;

b) quanto à intensidade;

c) quanto ao timbre;

d) quanto ao papel das cavidades bucal e nasal.

a) Quanto à ZONA DE ARTICULAÇÃO, as vogais podem ser *média*, *anteriores* e *posteriores*.

Com a boca ligeiramente aberta e a língua na posição quase de repouso, proferimos o fonema /a/, que é o que exige menor esforço e constitui a vogal *média*. Se daí passarmos à série /é/ – /ê/ – /i/, notaremos que a ponta da língua se eleva, avançando em direção ao palato duro, o que determina uma diminuição da abertura bucal e um aumento da abertura da faringe. A série /é/ – /ê/ – /i/ constitui as vogais *anteriores*. Se passarmos da vogal média /a/ para a série /ó/ – /ô/ – /u/, notaremos que o dorso da língua se eleva, recuando em direção ao véu do paladar, o que provoca uma diminuição da abertura bucal e um arredondamento progressivo dos lábios. A série /ó/ – /ô/ – /u/ forma as vogais *posteriores*.

VOGAIS ANTERIORES 2

POSIÇÃO DOS LÁBIOS POSIÇÃO DA LÍNGUA

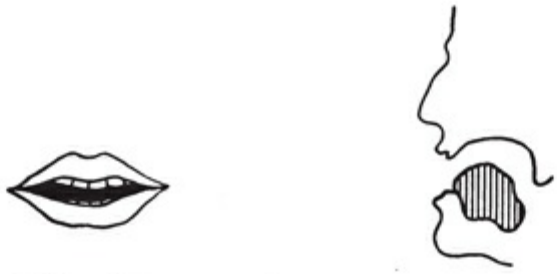

E (aberto) como em *é*

E (fechado) como em *dê*

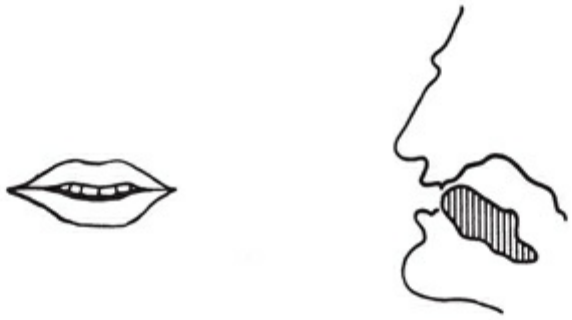

I como em *vi*

VOGAIS POSTERIORES 3

O (aberto) como em *pó*

O (fechado) como em *avô*

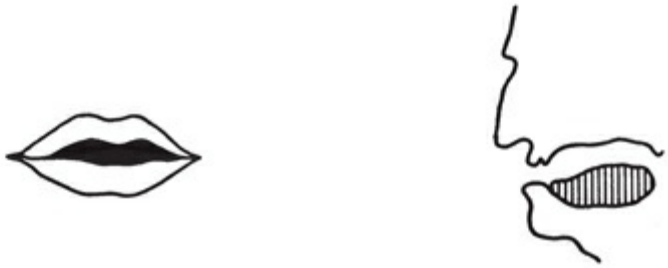

U como em *tu*

ZONAS DE ARTICULAÇÃO

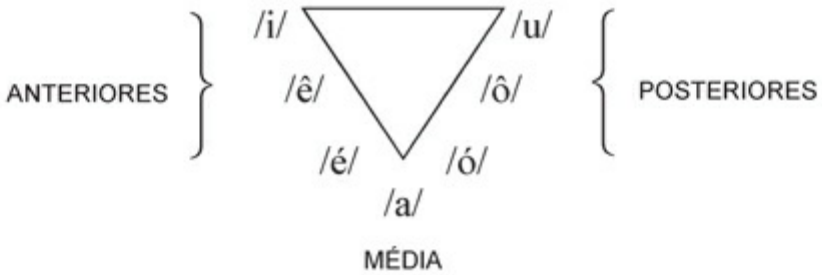

b) Quanto à INTENSIDADE, as vogais podem ser *tônicas* ou *átonas*. Vogal tônica é aquela em que recai o acento tônico da palavra: av*ó*, p*a*ga, t*í*mido.

Vogal átona é a inacentuada: *a*vó, pag*a*, tím*i*do. As vogais átonas podem estar antes da tônica (pretônicas): *a*vó, p*a*gar, ou depois (postônicas): tím*i*d*o*.

Nos vocábulos de maior extensão fonética, mormente nos derivados e nos verbos seguidos de pronome átono, pode aparecer, além da tônica, uma vogal de grande intensidade, a qual

recebe o nome de vogal *subtônica*: pol*i*damente, c*e*gamente, louv*a*r-te-ei.

c) quanto ao TIMBRE, as vogais podem ser *abertas*, *fechadas* e *reduzidas*. *Timbre* é o efeito acústico resultante da distância entre o dorso da língua e o véu do paladar, funcionando a cavidade bucal como caixa de ressonância. O timbre é o traço distintivo das vogais. Na vogal de timbre aberto, a língua se acha baixa: /a/, /é/, /ó/. Na vogal de timbre fechado, a língua se eleva: /ê/, /ô/, /i/, /u. A vogal de timbre reduzido é proferida debilitada, anulando-se a oposição entre aberta e fechada. A distinção entre abertas e fechadas só se dá nas vogais tônicas e subtônicas; nas átonas desaparece a diferença entre /ó/ e /ô/, /é/ e /ê/, e o /a/ reduzido é proferido com menos nitidez, como se pode depreender comparando-se os dois tipos em *casa*, em que o primeiro é aberto e o segundo, reduzido.

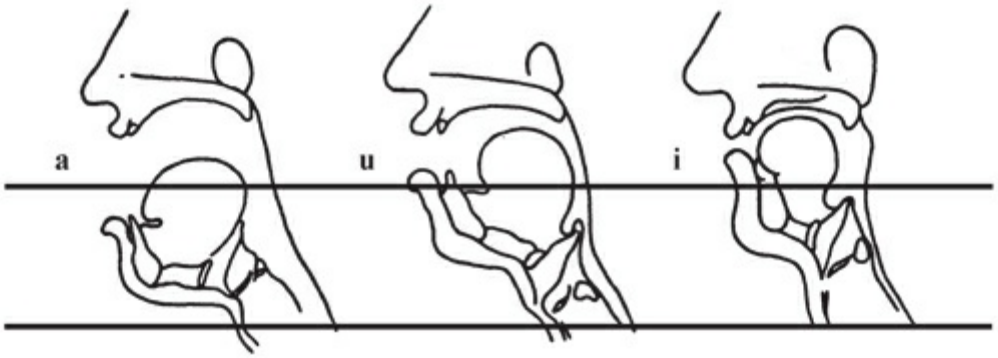

A gravura mostra a posição das vogais /a/, /u/ e /i/. Note-se o fechamento do canal bucal na articulação do /u/ e do /i/ com movimento da epiglote e elevação da língua em direção ao palato [ER.1, 15].

Quase sempre no fim das palavras, as vogais átonas *e* e *o* se enfraquecem e soam, respectivamente, /i/ e /u/ 4. Assim temos sete vogais tônicas orais (/a/, /é/, /ê/, /i/, /ó/, /ô/, /u/), cinco vogais átonas orais (/a/, /e/, /i/, /o/, /u/) e três vogais reduzidas orais (/a/, /i/, /u/). Também são reduzidas as vogais átonas nasais: *a*ntigo, s*e*ntar, l*i*mpeza, c*o*mbate, f*u*ndar.5

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Não temos no Brasil o *a* fechado oral tônico dos portugueses como em c*a*da, p*a*ra, m*a*s.

2.ª) Na pronúncia normal brasileira, as vogais nasais são fechadas ou reduzidas (estas quando átonas).

d) quanto ao papel das CAVIDADES BUCAL e NASAL, as vogais podem ser *orais* e *nasais*. São orais aquelas *cuja ressonância se produz na boca*. Há sete vogais orais tônicas (/á/, /é/, /ê/, /i/, /ó/, /ô/, /u/), cinco orais átonas, por não haver aqui distinção entre /é/ e /ê/, /ó/ e /ô/ (/a/, /e/, /i/, /o/, /u/) e três reduzidas (/a/, /i/, /u/). São nasais as vogais que, em sua produção, *ressoam nas fossas nasais*. Há cinco vogais nasais (/ã/, /ẽ/, /ĩ/, /õ/, /ũ/): l*ã*, c*a*nto, c*a*mpina, v*e*nto, v*e*ntania, l*í*mpido, viz*i*nhança, c*o*nde, c*o*ndessa, t*u*nda, pron*u*nciamos. É o fenômeno da ressonância, e não da saída do ar, o que opõe os fonemas orais aos nasais.

Quanto ao timbre, as nasais tônicas e subtônicas são fechadas e as átonas, reduzidas.

OBSERVAÇÃO: Na pronúncia normal brasileira soam quase sempre como nasais as vogais seguidas de *m*, *n* e principalmente *nh*: c*a*ma, c*a*na, b*a*nha, c*e*na, f*i*na, h*o*mem, Ant*ô*nio, *ú*mido, *u*nha. Assim não distinguimos as formas verbais terminadas em -*amos* e -*emos* do presente e do pretérito do indicativo: *agora cantamos*, *ontem cantamos*; *agora lemos*, *ontem lemos*.

ABERTAS	FECHADAS		REDUZIDAS	
orais	*orais*	*nasais*	*orais*	*nasais*
1) A: p*á*, c*a*veira, c*á*lido, pl*a*cidamente	—	rom*ã*, c*a*nto, l*â*mpada	cas*a*	ím*ã*, c*a*ntinho
2) E: f*é*, t*e*la, p*é*rola, caf*e*zal	v*ê*, n*e*gro, p*ê*ssego	l*e*mbro, v*e*nto	verd*e*	*e*ngolir
3) O: p*ó*, v*o*to, gl*ó*bulo, f*o*rtezinho	av*ô*, p*o*vo, l*ô*brego, gl*o*binho	p*o*nto, t*ô*mbola	globinh*o*	c*o*mprida, c*o*ntínua
4) I:	l*i*, v*i*da, l*í*rico	f*i*m, t*i*nta, l*í*mpido	láp*i*s, júr*i*	t*i*nteiro
5) U:	l*u*z, t*u*do, l*ú*gubre	f*u*ndo, c*u*mpro	vír*u*s	álb*u*m

Elevação da língua: quinto critério para classificação das vogais – A Nomenclatura Gramatical Brasileira não levou em conta a elevação gradual da língua, o que distingue as vogais em: 1 – vogal baixa: /a/; 2 – vogais médias com dois graus de elevação: /é/, /ó/ e /ê/, /ô/; 3 – vogais altas: /i/, /u/. Entre as nasais desaparecem os dois graus de elevação das vogais médias.

ORAIS 6

/ i /	/ u /	Altas
/ ê /	/ ô /	Médias
/ é /	/ ó /	Médias
/ a /		Baixa

NASAIS

/ ĩ /	/ ũ/	Altas
/ ẽ /	/ õ /	Médias
/ ã /		Baixa

Se não estabelecermos este quinto critério para a classificação das vogais, teremos de pôr num mesmo plano fonemas diferentes, como /õ/ e /ũ/, /ẽ/ e /ĩ/, o que não é correto.

QUADRO DA CLASSIFICAÇÃO DAS VOGAIS

VOGAIS	1) *quanto à zona de articulação*	anteriores: /é/, /ê/, /i/ média: /a/ posteriores: /ó/, /ô/, /u/
	2) *quanto ao timbre*	abertas: /a/, /é/, /ó/ fechadas: /ê/, /ô/, /i/, /u/ reduzidas: /a/, /i/, /u/
	3) *quanto ao papel das cavidades bucal e nasal*	orais: /a/, /é/, /ê/, /i/, /ó/, /ô/, /u/ nasais: /ã/, /ẽ/, /ĩ/, /õ/, /ũ/
	4) *quanto à intensidade*	tônicas átonas
	5) *quanto à elevação da língua*	baixa: /a/ médias: /é/, /ó/, /ê/, /ô/ altas: /i/, /u/

Semivogais. Encontros vocálicos: ditongos, tritongos e hiatos – Chamam-se *semivogais* as vogais *i* e *u* (orais ou nasais)7 quando assilábicas, as quais acompanham a vogal numa mesma sílaba. Os encontros vocálicos dão origem aos *ditongos*, *tritongos* e *hiatos*. Representamos as semivogais *i* (*e*) por /y/ e *u* (*o*) por /w/.

DITONGO é o encontro de uma vogal e de uma semivogal, ou vice-versa, na mesma silaba: p*ai*, m*ãe*, ág*ua*, cár*ie*, mág*oa*, r*ei*.

Sendo a vogal a base da sílaba ou o elemento silábico, é ela o som vocálico que, no ditongo, se ouve mais distintamente. Nos exemplos dados são vogais: pAi, mÃe, águA, cáriE, mágoA, rEi.

OBSERVAÇÃO: Os ditongos, como os demais encontros vocálicos, podem ocorrer no interior da palavra (dizem-se *intraverbais*: *pai*, *vaidade*) ou pela aproximação, por fonética sintática, de duas ou mais palavras (dizem-se *interverbais*: *certa* ‿ *idade*, *inculta* ‿ *e bela*).

Os ditongos podem ser:

a) crescentes e decrescentes

b) orais e nasais

Crescente é o ditongo em que a semivogal vem antes da vogal: ág*ua*, cár*ie*, mág*oa*.

Decrescente é o ditongo em que a vogal vem antes da semivogal: p*ai*, m*ãe*, r*ei*.

Como as vogais, os ditongos são *orais* (p*ai*, ág*ua*, cár*ie*, mág*oa*, r*ei*) ou *nasais* (m*ãe*).

Os ditongos nasais são sempre fechados, enquanto os orais podem ser *abertos* (p*ai*, c*éu*, r*ói*, id*ei*a) ou *fechados* (m*eu*, d*oi*do, v*ei*a).

Nos ditongos nasais, são nasais a vogal e a semivogal, mas só se coloca o til sobre a vogal: m*ãe*.

Principais ditongos crescentes:

Orais

1) /ya/: glór*ia*, pátr*ia*, d*ia*bo, ár*ea*, nív*ea*
2) /ye/: (= yi): cár*ie*, calvíc*ie*
3) /yé/: d*ie*ta
4) /yo/: vár*io*, méd*io*, áur*eo*, nív*eo*
5) /yó/: mand*io*ca
6) /yô/: p*io*lho
7) /yu/: m*iú*do
8) /wa/: ág*ua*, q*ua*se, d*ua*l, mág*oa*, nód*oa*
9) /wi/: ling*ui*ça, tên*ue*
10) /wó/: quiproq*uó*
11) /wô/: aq*uo*so
12) /wo/ (= *uu*): oblíq*uo*
13) /wê/: c*oe*lho
14) /wé/: eq*ue*stre, g*oe*la

OBSERVAÇÃO: Em muitos destes casos pode ser discutível a existência de ditongos crescentes "por ser indecisa e variável a sonoridade que se dá ao primeiro fonema. Certo é que tais ditongos se observam mais facilmente na hodierna pronúncia lusitana do que na brasileira, em que a vogal (= semivogal), embora fraca, costuma conservar sonoridade bastante sensível" [SA.2,17]. De qualquer maneira registre-se o descompasso entre a realidade fonética (ora hiato, ora ditongo) e a maneira invariável de grafar *miúdo* com acento agudo no *u*, quer seja proferido como dissílabo (e ditongo, portanto) ou como trissílabo (e hiato). Também palavras como *série*, *glória*, que podem ser proferidas como dissílabas (mais usual) ou trissílabas, não têm os encontros vocálicos separados na divisão silábica: *sé-rie*, *gló-ria*, em ambos os casos de pronúncia.

Nasais: 1) /yã/: cr*ia*nça
2) /wã/: q*ua*ndo
3) /wê/: freq*ue*nte, quinq*uê*nio, dep*oe*nte
4) /wĩ/: arg*ui*ndo, q*ui*nquênio, m*oi*nho

Os principais ditongos decrescentes são:

Orais: 1) /ay/: p*ai*, b*ai*xo, tr*ai*dor
2) /ay/ (*a* fechado e, às vezes, nasalado): f*ai*na, p*ai*na, and*ai*me
3) /aw/: p*au*, cac*au*s, *ao*
4) /éy/: r*éi*s, coron*éi*s
5) /êy/: l*ei*, j*ei*to, fiqu*ei*
6) /éw/: c*éu*, chap*éu*
7) /êw/: l*eu*, comet*eu*
8) /iw/: v*iu*, part*iu*
9) /óy/: her*ói*, anz*ói*s
10) /ôy/: b*oi*, f*oi*ce
11) /ow/: v*ou*, r*ou*bo, est*ou*ro
12) /uy/: f*ui*, az*ui*s

Nasais

1) /ãy/: alem*ãe*s, c*ãi*bra

2) /ãw/: p*ão*, amar*am* (= amárão)

3) /ẽy/: b*em* (= bẽi), ont*em* (= ontẽi)

4) /õy/: p*õe*, sen*õe*s

5) /ũy/: m*ui* (= mũi), m*ui*to (= mũito)

NOTA: Nos ditongos nasais decrescentes /*ẽy*/, /*ãy*/ e /*ãw*/ [cf. SS.3, 320, 18, onde *vãs* rima com *mães*], a semivogal pode não vir representada na escrita. Escrevemos a interjeição *hem!* ou *hein!*, sendo, a rigor, a primeira grafia mais recomendável.

TRITONGO é o encontro de uma vogal entre duas semivogais numa mesma sílaba. Os tritongos podem ser *orais* e *nasais*.

Orais

1) /way/: q*uais*, parag*uaio*

2) /wey/: enxag*uei*, averig*uei*s

3) /wiw/: delinq*uiu*

4) /wow/: apazig*uou*

Nasais

1) /wãw/: míng*uam*, sag*ião*, q*ião*

2) /wẽy/: delinq*uem*, enxág*uem*

3) /wõy/: sag*uõe*s

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Nos tritongos nasais /wãw/ e /wẽy/ a última semivogal pode não vir representada graficamente: mínguam, enxáguem.

2.ª) Entre portugueses, por não haver o maior relevo da primeira vogal – fato que se observa entre brasileiros –, o grupo de vogal seguida de um ditongo pode constituir-se num tritongo: f*iéi*s, p*oei*ra, p*ião*.

HIATO é o encontro de duas vogais em sílabas diferentes por guardarem sua individualidade fonética: s*aí*da, c*aa*tinga, m*oi*nho. Isto se dá porque a passagem da primeira para a segunda se faz mediante um movimento brusco, com interrupção da voz.8

Em português, como em muitas outras línguas, nota-se uma tendência para evitar o hiato, através da ditongação ou da crase.

OBSERVAÇÕES :

1.ª) Desenvolvem-se um /y/ semivogal (símbolo chamado em gramática *iode*) ou /w/ semivogal (símbolo chamado *uau*) nos encontros formados por ditongo decrescente seguido de vogal final ou ditongo átono: praia = prai-ia; cheia = chei-ia; tuxaua = tuxau-ua; goiaba = goi-ia-ba.

2.ª) "Nos hiatos cuja primeira vogal for *u* e cuja segunda vogal for final de vocábulo (seguida ou não de *s* gráfico), o desenvolvimento do *uau* variará de acordo com as necessidades expressionais ou as peculiaridades individuais" 9: nua = nu-a ou nu-ua; recue = re-cu-e ou re-cu-ue; amuo = amu-o ou amu-uo.

3.ª) "Os encontros *ia*, *ie*, *io*, *ua*, *ue*, *uo* finais, átonos, seguidos, ou não, de *s*, classificam-se quer como ditongos, quer como hiatos, uma vez que ambas as emissões existem no domínio da Língua Portuguesa: histó-ri-a e histó-ria; sé-ri-e e sé-rie; pá-ti-o e pá-tio; ár-du-a e ár-dua; tê-nu-e e tê-nue; vá-cu-o e vá-cuo".10

4.ª) Autores há que também consideram hiato quando se trata de uma vogal e uma semivogal, como no caso de *goiaba*, *joia*, etc. Outros consideram dois ditongos: *goi-ia-ba*, *joi-ia*.

Nos encontros vocálicos costumam ocorrer dois fenômenos: a *diérese* e a *sinérese*.

Chama-se DIÉRESE à passagem de semivogal a vogal, transformando, assim, o ditongo num hiato: *trai-ção* = *tra-i-ção*; *vai-da-de* = *va-i-da-de*; *cai* = *ca-i*.

Chama-se SINÉRESE à passagem de duas vogais de um hiato a um ditongo crescente:

su-a-ve = sua-ve; *pi-e-do-so = pie-do-so*; *lu-ar = luar*.

A sinérese é fenômeno bem mais frequente que a diérese. A poesia antiga dava preferência ao hiatismo, enquanto, a partir do século XVI, se nota acentuada predominância do ditonguismo (sinérese). É claro que os poetas modernos continuaram a usar a diérese, mormente como efeito estilístico-fônico para a ênfase, a ideia de grandeza, etc. O conhecido verso de Machado de Assis *auréola* com quatro sílabas acentua o tamanho descomunal ressaltado pela leitura lenta: "Pesa-me esta brilhante *auréola* de nume..."

Classificação das consoantes – De acordo com a *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, classificam-se as consoantes de acordo com quatro critérios:

a) quanto ao modo de articulação;

b) quanto à zona de articulação;

c) quanto ao papel das cordas vocais.

d) quanto ao papel das cavidades bucal e nasal.

a) quanto ao MODO DE ARTICULAÇÃO, as consoantes podem ser *oclusivas* e *constritivas*, e estas se subdividem em *fricativas*, *laterais*, *vibrantes* e *nasais*. O obstáculo que, na cavidade bucal, os órgãos impõem à corrente expiratória pode ser de dois tipos: ou os órgãos da boca estão dispostos de tal modo que impedem *completamente* a saída do ar, ou permitem *parcialmente* que a corrente expiratória chegue à atmosfera. No primeiro caso, dizemos que as consoantes são *oclusivas*; no segundo, *constritivas*. As constritivas são fricativas quando a corrente expiratória, passando por entre os órgãos que formam o obstáculo parcial, produz um atrito à maneira de fricção: /f/, /v/, /s/, /z/, /x/, /j/. São constritivas laterais quando a passagem da corrente expiratória, obstruída pela aproximação do ápice ou dorso da língua aos alvéolos da arcada dentária superior ou ao palato, escapa pelos lados da cavidade bucal: /l/, /lh/. São constritivas vibrantes quando o ápice da língua contra os alvéolos ou a raiz da língua contra o véu do paladar executa movimento vibratório rápido, abrindo e fechando a passagem à corrente expiratória: /r/ (simples) e /rr/ (múltipla). São constritivas nasais quando, pelo abaixamento do véu palatino e um abrimento do nasal, as consoantes ressoam nas fossas nasais. Temos três consoantes nasais: a bilabial /m/, a linguodental /n/ e a palatal /nh/.

b) quanto à ZONA DE ARTICULAÇÃO, as consoantes podem ser:

1) *bilabiais* (lábio contra lábio): /p/, /b/, /m/.

2) *labiodentais* (lábio inferior e arcada dentária superior): /f/, /v/.

3) *linguodentais* (língua contra arcada dentária superior): /t/, /d/, /n/.

4) *alveolares* (língua em direção ou contra os alvéolos): /s/, /z/, /l/, /r/, /rr/.

5) *palatais* (dorso da língua contra o céu da boca): /x/, /j/, /lh/, /nh/.

6) *velares* (raiz da língua contra o véu do paladar): /k/, /g/.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) O /l/ inicial da sílaba é nitidamente alveolar, enquanto o final é proferido relaxado, quase *velar*, mas tendo-se o cuidado de não fazê-lo igual a *u*. Nas ligações com a vogal inicial de outro vocábulo, soa como alveolar.

2.ª) O /rr/ *alveolar* pode ser proferido como *velar*, graças ao maior recuo da língua.

3.ª) As linguodentais /t/ e /d/ seguidas de *i* podem palatalizar-se: *tinta* e *digno* podem soar /txinta/ e /djigno/. Evite-se o exagero destas palatalizações.

c) quanto ao papel das CORDAS VOCAIS, as consoantes podem ser surdas e sonoras.

Surdas: /p/, /f/, /t/, /s/, /x/, /k/.

Sonoras: /b/, /v/, /d/, /z/, /j/, /g/, /m/, /n/, /nh/, /l/, /lh/, /r/, /rr/.

São sonoras as consoantes *vibrantes*, *nasais* e o /l/ lateral.

d) quanto ao papel das CAVIDADES BUCAL e NASAL, as consoantes podem ser *orais* e *nasais*. São nasais /m/, /n/, /nh/.

As outras são orais.

QUADRO DA CLASSIFICAÇÃO DAS CONSOANTES

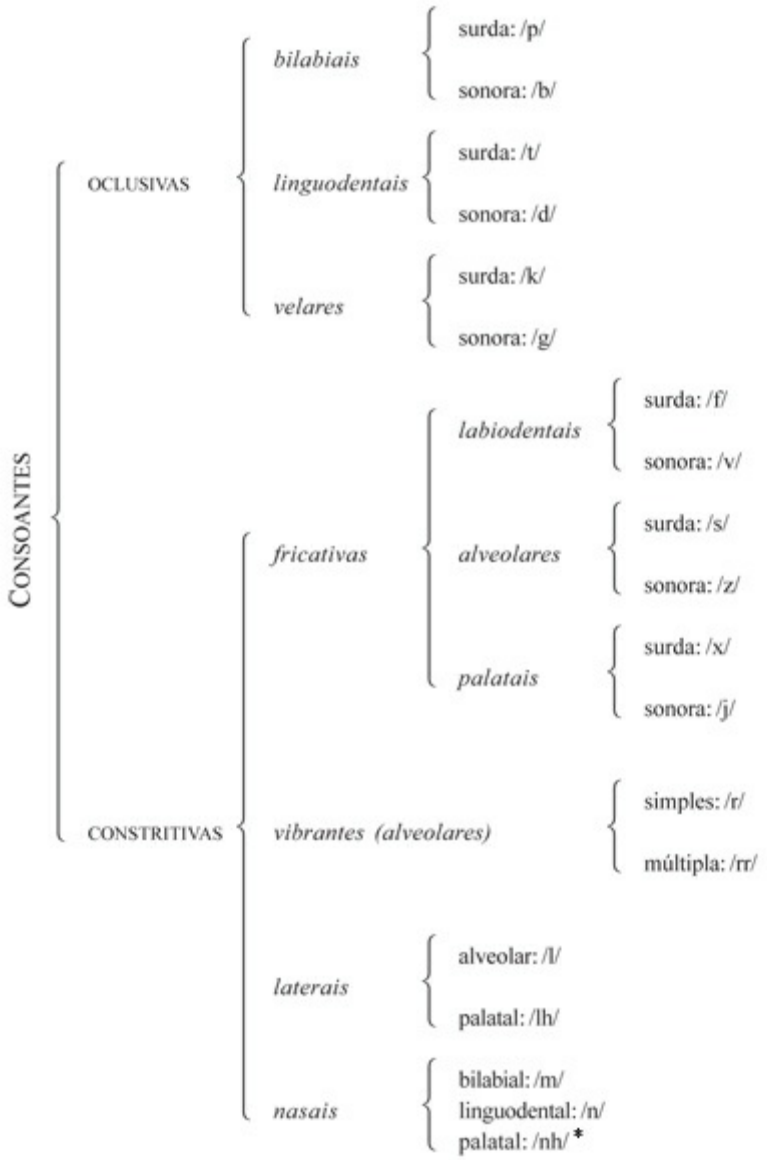

* Para fugir a uma oposição errônea *surda/sonora/nasal*, preferimos, ainda com a aquiescência da NGB, colocar as *nasais* entre as constritivas. Há autores que fazem das *nasais* uma classe à parte, ou as põem entre as oclusivas, critérios também defensáveis.

Encontro consonantal – Assim se chama o seguimento imediato de duas ou mais consoantes de um mesmo vocábulo. Há encontros consonânticos pertencentes a uma sílaba, ou a sílabas diferentes. Os primeiros terminam por *l* ou *r*: li-*vr*o; *bl*u-sa; *pr*o-sa; *cl*a-mor; ri*t-m*o; pa*c-t*o; a*f-t*a, a*d-m*i-tir.

O encontro consonantal /cs/ é representado graficamente pela letra *x*: anexo, fixo.

São mais raros em nossa língua os seguintes encontros consonânticos encontráveis em vocábulos eruditos. Estes encontros são separáveis, salvo os que aparecem no início de vocábulos:

bd: lamb-da	*ft*: af-ta
bs: ab-so-lu-to	*pn*: pneu, pneu-má-ti-co
cç: sec-ção	*ps*: psiu
dm: ad-mi-tir	*pt*: ap-to
gn: dig-no	*tm*: ist-mo
mn: mne-mô-ni-co	*tn*: ét-ni-co

Tais encontros merecem especial cuidado porque, na pronúncia despreocupada, tendem a constituir duas sílabas pela intercalação de uma vogal:

advogado	e não	*adivogado* ou *adevogado*
absoluto	e não	*abissoluto*
admirar	e não	*adimirar*
afta	e não	*áfita*
ritmo	e não	*rítimo*
pneu	e não	*pineu* / *peneu*
indigno	e não	*indíguino*

O desejo de corrigir o engano leva muitas vezes à omissão de vogal de certos vocábulos:

adivinhar	e não	*advinhar*
subentender	e não	*subtender*

Dígrafo – Não se há de confundir *dígrafo* ou *digrama* com encontro consonantal. *Dígrafo* é o emprego de duas letras para a representação gráfica de um só fonema: pa*ss*o (cf. paço), *ch*á (cf. xá), ma*nh*ã, pa*lh*a, *en*viar, m*an*dar.

Há dígrafos para representar consoantes e vogais nasais.11 Os dígrafos para consoantes são os seguintes, todos inseparáveis, com exceção de *rr* e *ss*, *sc*, *sç*, *xc*:

ch:	chá	*xs*:	exsudar 'transpirar'
lh:	malha	*rr*:	carro
nh:	banha	*ss*:	passo
sc:	nascer	*qu*:	quero
sç:	nasça	*gu*:	guerra
xc:	exceto		

Para as vogais nasais:

am ou *an*:	campo, canto
em ou *en*:	tempo, vento
im ou *in*:	limbo, lindo

om ou *on*: ombro, onda
um ou *un*: tumba, tunda

Letra diacrítica – É aquela que se junta a outra para lhe dar valor fonético especial e constituir um dígrafo. Em português as letras diacríticas são *h*, *r*, *s*, *c*, *ç*, *u* para os dígrafos consonantais e *m* e *n* para os dígrafos vocálicos: c*h*á, car*r*o, pas*s*o, q*u*ero, ca*m*po, o*n*da.

OBSERVAÇÃO: Daí se tiram as seguintes conclusões aplicáveis à análise fonética:

1.ª) Não há ditongo em q*u*ero;

2.ª) *M* e *n* não são aqui fonemas consonânticos nasais em caMpo, oNda, mas há autores que os classificam como consoantes, por não aceitarem a existência de vogais nasais (Mattoso Câmara).

3.ª) *Qu* e *gu* se classificam como /k/ e /g/, respectivamente.

2 – FONÉTICA EXPRESSIVA OU FONOESTILÍSTICA

Os fonemas com objetivos simbólicos – Muitas vezes utilizamos os fonemas para melhor evocar certas representações.

É deste emprego que surgem as *aliterações*, as *onomatopeias* e os *vocábulos expressivos*.

Aliteração – É a repetição de fonema, vocálico ou consonântico, igual ou parecido, para descrever ou sugerir acusticamente o que temos em mente e expressar, quer por meio de uma só palavra quer por unidades mais extensas.

O sossego do vento ou o barulho ensurdecedor do mar ganham maior vivacidade através da aliteração dos seguintes versos:

"As asas ao sereno e sossegado vento" (utilização do fonema fricativo alveolar sonoro e surdo).

"Bramindo o negro mar de longe brada" (utilização principal dos fonemas *b*, *r* e *d*).

A aliteração tanto pode servir ao estilo solene e culto, como nos exemplos referidos, como pode estar presente nas manifestações de espontânea expressividade popular, conforme se vê nos provérbios, nas frases feitas, nos modos de dizer populares: *são e salvo*, *cara ou coroa*, *de cabo a rabo*, etc. O que importa acentuar é que a aliteração mais ocorre na exteriorização psíquica e no apelo do *que* na comunicação intelectiva.

Onomatopeia – É o emprego de fonema em vocábulo para descrever acusticamente um objeto pela ação que exprime.

São frequentes as onomatopeias que traduzem as vozes dos animais e os sons das coisas:

O *tique-taque* do relógio, o *marulho* das ondas, o *zunzunar* da abelha, o *arrulhar* dos pombos.

Vocábulo expressivo – É o que não imita um ruído, mas sugere a ideia do ser que se quer designar com a ajuda do valor psicológico de seus fonemas: *romper*, *tagarelar*, *tremeluzir*, *jururu*, *ziriguidum*, *borogodó*.

Encontros de fonemas que produzem efeito desagradável ao ouvido – Muitas vezes, certos encontros de fonemas produzem efeito desagradável que repugna o ouvido e, por isso, cumpre evitar, sempre que possível. Esses defeitos são mais perceptíveis nos textos escritos porque a pessoa que os lê nem sempre faz as pausas e as entonações que o autor utilizou, com as quais diminui ou até anula os encontros de fonema que geram sons desagradáveis.

Entre os efeitos acústicos condenados estão: a *colisão*, o *eco*, o *hiato* e a *cacofonia*.

Colisão – É o encontro de consoantes que produz desagradável efeito acústico:

> "*Se eu tenho de morrer na flor dos anos,*
> *Meu Deus! não seja já*" [CA.1, 73].

Às vezes a omissão de um substantivo aproxima duas preposições de que resulta colisão, fato que os escritores não se esforçam por evitar:

> "Tenho ali na parede o retrato dela, ao lado *do do* marido, tais quais na outra casa" [MA.3, 21]
>
> "A voz da nova mestra era doce, não daquela doçura *da de* sua mãe, um canto de pássaro mais que uma voz humana" [JL.1, 13].

Também quase sempre não se evita a colisão do tipo de *no número*, *na nave*, *na noite*, *na nossa vida*, etc. Pode-se, sem ser obrigatório, fugir à colisão mediante substituição de *no*, *na*, *num*, etc. por *em o*, *em a*, *em um*, etc.: *em o* número, *em a* nave.

Eco – É a repetição, com pequeno intervalo, de palavras que terminam de modo idêntico:

> "Estas palavras subordinam frases em que se exprime condi*ção* necessária à realiza*ção* ou n*ão* realiza*ção* da a*ção* principal."

Hiato – O hiato de vogais tônicas torna-se desagradável principalmente quando formado pela sucessão de palavras:

> *Hoje há aula.*

Cacofonia ou **cacófato** – É o encontro de sílabas de duas ou mais palavras que forma um novo termo de sentido inconveniente ou ridículo em relação ao contexto:

> "Ora veja co*mo ela* está estendendo as mãozinhas inexperientes para a chama das velas..." [CBr.1, 102].
>
> herói *da nação*, no*sso hino*, bo*ca dela*, nun*ca que es*tuda

Deve-se evitar, tanto quanto possível, que uma palavra comece pela mesma sílaba com que a anterior acabe: *torre redonda*, *por razão*, *por respeito*, *pouca cautela*, *nunca casavam*, *ignora-se se se trata disso*.

Cuidado maior há de se ter se a junção lembra palavra pouco delicada: *o* Tiju*ca ga*nhou, o jogador mar*ca gol*, tão comuns na imprensa falada e escrita.

A leitura do texto em voz alta, antes de sua divulgação, surpreenderá muitos casos de cacófatos.

É oportuna a lição de Said Ali:

"Repara-se, hoje, com certo exagero, na cacofonia resultante da junção da sílaba terminal de um vocábulo com a palavra ou parte da palavra imediata. Não se liga, entretanto, maior importância à cacofonia quando esta se acha dentro de um mesmo vocábulo, sendo formada

por algumas das suas sílabas componentes. O mal aqui é irremediável, pois que expressões não se dispensam, nem se substituem. Muitas vezes, parece a cacofonia menos ridícula do que a vontade de percebê-la... O estudante evite, sempre que puder, semelhantes combinações de palavras, assim como quaisquer outras de onde possam nascer uns longes de cacofonia, e não se preocupe com descobri-los nos outros." [SA.1, 306-7]

B) Ortoépia ou Ortoepia

Ortoépia é a parte da gramática que trata da correta pronúncia dos fonemas.

Preocupa-se não apenas com o conhecimento exato dos valores fonéticos dos fonemas que entram na estrutura dos vocábulos, considerados isoladamente ou ligados na enunciação da oração, mas ainda com o ritmo, a entoação e expressão convenientes à boa elocução.

Vogais – Quanto à emissão das vogais, na pronúncia normal brasileira, observemos que:

a) São fechadas as vogais nasais; por isso não distinguimos as formas verbais terminadas em *-amos* e *-emos* do pres. e pret. perf. do indicativo da 1.ª e 2.ª conjugações: Ontem trabalh*amos* e agora trabalh*amos*.

b) Soam muitas vezes como nasais as vogais seguidas de *m*, *n* e principalmente *nh*: c*a*ma, c*a*na, b*a*nha, c*e*na, f*i*na, Ant*ô*nio, *u*nha;

OBSERVAÇÃO: Sem nasalidade proferem-se as vogais desses e de vários outros vocábulos: *emitir*, *emissário*, *eminente*, *energia*, *enaltecer*, *Enaldo*, etc.

c) Soam quase sempre como orais as vogais precedidas de *m*, *n* ou *nh*: m*a*ta, n*a*ta, c*o*mpanhia, m*i*lho. Assim, não tem razão linguística a pronúncia nasalada do *mas* /mãs/. Entretanto, *mui* e *muito* se proferem /mũi/, /mũito/.

d) Soam igualmente o *a* artigo, *a* preposição, *a* pronome e o *à* resultante da crase. Não se alonga o *à*, "salvo, muito excepcionalmente, se houver necessidade imperativa, para a inteligência da frase, caso em que o resultante da crase poderá ser pronunciado com certa tonicidade e ênfase" (*Normas*, 481).

e) São reduzidas as vogais *e* e *o* átonas finais, que soam /*i*/ e /*u*/, respectivamente: frent*e*, carr*o*.

f) São oscilantes /e/, /i/, /*ẽ*/, /ĩ/, /o/, /u/, /õ/, /ũ/, reduzidos pretônicos em numerosos vocábulos, oscilação que corresponde "a uma gradação de frequência de meio cultural, de nível social ou de tensão psíquica do indivíduo falante" (*Normas*, 482): pedir /pedir/ ou /pidir/; estudo /estudu/ ou /istudu/; sentir /sentir/ ou /sintir/; costura /costura/ ou /custura/; compadre /compadre/ ou /cumpadre/. Neste caso estão as preposições *com* e *por* que, salvo nas situações enfáticas, devem ser pronunciadas /kũ/ e /pur/. Fazem exceção muitos vocábulos eruditos e os compostos de *entre*: *embriogenia*, *hendíade*, *hexágono*, *entremeio* [AN.1, 14].

g) Em linguagem cuidada, evita-se a oscilação de que anteriormente se falou, quando tem valor opositivo, isto é, serve para distinguir palavras de significado diferente: eminente /

iminente; emigrar / imigrar; descrição / discrição.

h) u depois de *g* ou *q* ora é vogal ou semivogal (e aí se profere), ora é componente de dígrafo (e aí não se pronuncia).

Entre outras deve ser proferido nas seguintes palavras depois do *g*: *aguentar*, *ambiguidade*, *apaziguar*, *arguição*, *arguir*, *bilíngue*, *consanguíneo*, *contiguidade*, *ensanguentado*, *exiguidade*, *lingueta*, *linguista*, *redarguir*, *sagui* ou *saguim*, *unguento*, *unguiforme*.

Não se deve proferir o *u* depois do *g* em: *distinguir*, *exangue*, *extinguir*, *langue*, *pingue* (= gordo, fértil, rendoso).

É facultativo pronunciá-lo em: *antiguidade*; *sanguíneo*; *sanguinário*; *sanguinoso*.

Profere-se o *u* depois do *q* em: *aquícola*, *consequência*, *delinquência*, *delinquir*, *equestre*, *equevo*, *equidistante*, *equino* (= cavalar), *equitativo*, *equipolente* (também *equipolente*), *frequência*, *iniquidade*, *loquela*, *obliquidade*, *quercina*, *quingentésimo*, *quinquênio*, *quiproquó*, *sequência*, *Tarquínio*, *tranquilo*, *ubiquidade*.

Não se profere o *u* depois do *q* em: *adquirir*, *aniquilar*, *aqueduto*, *equilíbrio*, *equinócio*, *equipar*, *equiparar*, *equitação*, *equívoco*, *extorquir*, *inquérito*, *inquirir*, *sequioso*, *quérulo*, *questão*, *quibebe*.

É facultativo pronunciá-lo em: *antiquíssimo*, *equidade*, *equivalente*, *equivaler*, *liquidação*, *liquidar*, *líquido*, *liquidificador*, *retorquir*.

Diz-se *quatorze* ou *catorze*, sendo a primeira mais generalizada entre brasileiros.

i) Em muitos vocábulos há dúvidas quanto ao timbre das vogais. Recomendamos timbre aberto para o *e* em: *acerbo*, *Aulete*, *anelo*, *badejo*, *benesse*, *blefe*, *caterva*, *cedro*, *cerdo*, *cetro*, *cerne*, *cervo*, *coeso*, *coevo*, *coleta*, *cogumelo*, *confesso*, *corbelhe*, *duelo*, *espectro*, *equevo*, *flagelo*, *ileso* (também *ileso* com *e* fechado), *indefesso*, *besta* ('arma'), *doesto*, *lerdo*, *medievo*, *elmo*, *obsoleto*, *paredro*, *prelo*, *primevo*, *relho*, *septo*, *servo*, *Tejo*, *terso*.

É fechado em: *acervo* (também *acervo* com *e* aberto), *achega*, *adejo*, *adrede*, *alameda*, *amuleto*, *anacoreta*, *arabesco*, *aselha*, *bacelo*, *besta* ('animal de carga'), *bissexto*, *bofete*, *caminhoneta*, *cerebelo*, *cateto*, *cerda*, *destra*, *destro*, *devesa*, *defeso*, *dueto*, *entrevero*, *escaravelho*, *efebo*, *extra*, *fechar* (e suas formas *fecho*, *fechas*, *feche*, etc.), *ginete*, *grumete*, *indefeso*, *interesse* (s.), *ledo*, *lampejo*, *labareda*, *magneto*, *palimpsesto*, *panfleto*, *pez*, *quibebe*, *reses*, *retreta*, *Roquete*, *sobejo*, *veneta*, *vereda*, *vinheta*, *versalete*, *vespa*, *vedeta*, *verbete*, *xerez*, *xepa*. As autoridades recomendam o timbre fechado em *pese* (na expressão *em que pese a*), *centopeia* e *colmeia* (mas a pronúncia com timbre aberto é generalizada entre nós). Diz-se *topete* com *e* aberto ou fechado; *vedete* é mais proferido com *e* aberto no Brasil.

Tem timbre aberto o *o* tônico de: *amorfo*, *canoro*, (de) *envolta*, *dolo*, *forum*, *hissope*, *imoto*, *inodoro*, *manopla*, *meteoro*, *molho* ('feixe'), *noto* ('vento sul'), *opa* ('capa'), *piloro*, *probo*, *sinagoga*, *suor*, *troço* ('coisa'), *trombose*, *tropo*.

Tem timbre fechado o *o* tônico de: *aboio*, *alcova*, *apodo*, *alforje*, *algoz*, *boda*, *bodas*, *cochicholo*, *chope*, *cachopa*, *choldra*, *ciclope* (também aberto), *corça*, *desporto*, *filantropo*, *foro* ('jurisdição'), *loa*, *logro*, *lorpa*, *loto* ('jogo' também aberto), *Mausolo*, *malogro*, *mirolho*, *misantropo*, *molosso*, *odre*, *serôdio*, *teor*, *torpe*, *torso*, *torvo*, *transbordo*, *troço*

('parte'), *trolha*, *volvo*, *zarolho*, *zorro*.

j) Quanto aos ditongos, cumpre notar: *ai*, *ei* e *ou* devem guardar, na pronúncia cultivada, sua integridade, não se exagerando o valor do *i* ou *u*, nem os eliminando, como o faz a modalidade distensa: *caixa*, *queijo*, *ouro*.

Soa como ditongo nasal *ão* a sílaba átona final -*am*: *amam*.

Soam como ditongo nasal *ẽi* as sílabas -*em*, -*ém*, -*en*, -*ens* de muitos vocábulos: *bem*, *vem*; *vintém*, *ninguém*; *vens*, *homens*; *armazéns*, *parabéns*.

Normalmente ditongamos, pelo acréscimo de um *i*, as vogais tônicas finais seguidas de -*z* ou -*s*. Assim não fazemos a diferença entre *pás*, *paz* e *pais*; *más* e *mais*; *rapaz* e *jamais*; *vãs* e *mães*. Os poetas brasileiros nos dão bons exemplos destas ditongações.

Só por imitação dos poetas lusitanos (porque dizem *tãy*), entre os brasileiros, a rima *tem* e *mãe* aparece às vezes, como em Casimiro de Abreu:

> "*O país estrangeiro mais belezas*
> *Do que a pátria, não tem;*
> *E este mundo não val um só dos beijos*
> *Tão doces duma mãe*." [SS.4, 73]

Soam como ditongo, e não como hiato: *gratuito*, *fluido*, *fortuito*, *arraigar*, entre outros.

l) Quanto aos hiatos observemos que se desenvolve um *i* ou *u* semivogais nos encontros formados por ditongo decrescente seguido de vogal final ou ditongo átono: *praia prai-ia*; *tuxaua tuxau-ua*; *goiaba goi-iaba*; *boiem boi-iem* (cf. *Normas*, 486).

O mesmo desenvolvimento das referidas semivogais nos hiatos cuja primeira vogal seja *i* o u *u* tônicos e cuja segunda vogal seja final de vocábulo, "variará de acordo com as necessidades expressionais ou as peculiaridades individuais" (*Normas*, 485-6): via: *vi-a* ou *vi-ia*; lu-a: *lu-a* ou *lu-ua*.

Consoantes – Soam levemente as consoantes *b*, *c*, *d*, *f*, *g*, *s*, *t* quando finais de vocábulos: *sob*, *Moab*, *Isaac*, *Cid*, *Uf*, *Gog*, *fórceps*, *Garrett*, *Laet*.

Nos vocábulos eruditos as terminações átonas -*ar*, -*er*, -*en*, -*ex*, -*on* devem guardar sua integridade em pronúncia: *aljôfar*, *certâmen* (também *certame*) , *esfíncter*, *índex*, *cólon*, *númen* (também *nume*), *regímen* (também *regime*).

O *l* final de sílaba é proferido relaxado, quase velar, mas tendo-se o cuidado de não fazê-lo igual a *u*: *nacional*. Na língua literária dos românticos, mais em poesia, registra-se a troca do *l* por *r* nos grupos *bl*, *cl*, *fl*, *pl*, de algumas palavras: *neblina / nebrina*; *clina / crina*; *flauta / frauta*; *plantar / prantar*, etc.

Na palavra *sublinhar* e derivados o *l* deve ser pronunciado separadamente do *b*. Entre portugueses ouve-se como *sublime*.

O *r* múltiplo alveolar pode ser proferido como velar, graças ao maior recuo da língua, e até com articulação dorso-uvular (portanto mais carregado ainda), embora as *Normas* não a recomendem na pronúncia cuidada: *mar*, *avermelhar*. Nas palavras *abrupto*, *ab-rogar*, *ad-rogar*, *sub-rogar*, e derivados, o *r* deve ser pronunciado múltiplo e separado, isto é, sem fazer grupo com a consoante anterior.

O *m* final pode guardar sua integridade de pronúncia, não nasalizando o *e* anterior, no vocábulo *totem*, admitindo a grafia *tóteme*. Em *bem-amado* e *bem-aventurado*, nasaliza o *e* anterior, e não se liga ao *a* seguinte. Diz-se *infligir*, e não *inflingir*. Em *mancheia*, a sílaba inicial ouve-se /mã/; em *mão-cheia* ouve, naturalmente, /mãũ/. Em outros casos, temos facultativa a nasalização: *Roraima*, *Jaime*, *paina*.

As linguodentais *d* e *t*, seguidas de *i*, podem palatizar-se, evitando-se, entretanto, o exagero (articulação africada linguopalatal): *dia*, *tia*.

O *s* soa aproximadamente como se fora *j*, mas sem exagero, antes de *b*, *d*, *g*, *j*, *l*, *m*, *r* e *v*: *desjejum*, *deslizar*, *esmo*, *asno*, *esbarrar*, *esdrúxulo*, *engasgar*, *asno*, *desregrar*, *desvão*. Como bem acentua Antenor Nascentes [AN.1, 27], em outros pontos do país o *s*, nestes casos, soa aproximadamente como /z/.

Antes de *c*, *f*, *p*, *q*, *t*, *x* e ainda no fim de vocábulo que não se ligue ao seguinte, o *s* tem som próximo de /x/: *descampado*, *esfregar*, *respeito*, *esquivo*, *deste*, *desxadrezar*. Em outros pontos do país, segundo o autor anteriormente citado, o *s* nestas circunstâncias é sibilante, como na palavra *selva*.

Tem o som de /z/ entre vogais nos compostos do prefixo *trans* (*transatlântico*, *transação*, *transitivo*, etc.) e na palavra *obséquio* e derivados. Em *transe* (que se grafa também *trance*), *subsídio*, *subsidiar*, *subsistir*, *subsistência* e outros da mesma família, o *s* pode soar como sibilante (como em *selva*) ou como /z/. Se o elemento a que se prefixa *trans-* começa por *s*, não se duplica esta consoante que será proferida como sibilante: *Transilvânia* e derivados, *transiberiano*. Com o prefixo *ob* seguido a elemento começado por *s*, este soa como sibilante: *obsessão*, *obsidiar*, etc. No final *-simo* (de *vigésimo*, *trigésimo*, etc.) soa como /z/.

Escrevendo-se *aritmética* (com *t*), é mais usual proferir esta consoante. Pode-se ainda grafar *arimética*.

X tem quatro valores: 1) fricativo palatal como em *xarope*; 2) fricativo alveolar sonoro como em *exame*; 3) fricativo alveolar surdo (= ss) como em *auxílio*; 4) vale por /ks/ e /kz/ como em *anexo* e *hexâmetro*.

X soa /z/ nas palavras: *exação*, *exagero*, *exalar*, *exaltar*, *exame*, *exangue*, *exarar*, *exasperar*, *exato*, *exautorar*, *executar*, *êxedra*, *exegese*, *exegeta*, *exemplo*, *exéquias*, *exequível*, *exercer*, *exercício*, *exército*, *exaurir*, *exibir*, *exigir*, *exilar*, *exílio*, *exímio*, *existir*, *êxito*, *êxodo*, *exógeno*, *exonerar*, *exorar*, *exorbitar*, *exorcismo*, *exórdio*, *exornar*, *exótico*, *exuberar*, *exuberante*, *exultar*, *exumar*, *inexorável*.

Soa como /s/ em: *auxílio*, *máxima*, *Maximiliano*, *Maximino*, *máximo*, *próximo*, *sintaxe*, *trouxe*, *trouxera*, *trouxer*.

Soa como /ks/ ou /kz/, conforme o caso, em: *afluxo*, *anexo*, *axila*, *áxis*, *axiômetro*, *complexo*, *convexo*, *crucifixo*, *doxologia*, *fixo*, *flexão*, *fluxo*, *hexâmetro* (também soa como /z/), *hexaedro*, *hexágono* (também soa como /z/), *hexassílabo*, *índex*, *intoxicar*, *léxico*, *maxilar*, *nexo*, *máxime*, *ônix*, *ortodoxo*, *óxido*, *oximoro*, *prolixo*, *oxigênio*, *paradoxo*, *reflexo*, *sexagenário*, *sexagésimo*, *sexo*, *sílex*, *tórax*, *tóxico*.

É proferido indiferentemente como /ks/ ou /s/ em: *apoplexia*, *axioma* e *defluxo*.

Vale por /s/ no final de: *cálix*, *Félix*, *fênix* e na locução adverbial *a flux*.

O *z* em fim de palavra que não se ligue à seguinte, soa levemente chiado: *luz*, *conduz*.

Entre os casos particulares, são de notar:

– o *ch* em *Anchieta* e derivados soa chiado;

– o *cz* de *czar* (que também pode se escrever *tzar*) deve ser proferido como /ts/; o *lh* de *Alhambra* não constitui dígrafo como em *malha*; deve-se proferir o vocábulo como se não houvesse o *h*;

– o *w* do nome *Darwin* e dos derivados (*darwinismo*, *darwinista*, etc.) soa como /u/.

Sc e *xc* soam como /s/ em palavras como *nascer*, *descer*, *crescer*, *excelência*, *exceto*, *excelso*, *excídio*, *excisão*, *excita*.

Os encontros consonânticos devem ser pronunciados com valores fonéticos próprios, sem intercalação de *e* ou *i*: *pseudônimo*, *pneumático*, *mnemônico*, *apto*, *elipse*, *absoluto*, *admissão*, *adjetivo*, *ritmo*, *afta*, *indigno*, *recepção*, *advogado*, *accessível* (ao lado de *acessível*), *secção* (ao lado de *seção*), *samnita*, *sublinhar* (b-li), *subliminar* (b-li).

Ligação dos vocábulos – Cuidado especial merece a boa articulação dos fonemas, mormente finais e iniciais, na sequência dos vocábulos, desde que uma pausa não os separe.

a) *Vogais ou ditongos finais de vocábulo com vogais ou ditongos iniciais de vocábulo*

Quando a palavra termina por vogal tônica e o vocábulo seguinte começa com vogal ou ditongo tônicos, normalmente se respeita o hiato interverbal: *ali há*, *lá houve*, *li ontem*.

Se a vogal final é tônica e o vocábulo seguinte começa por vogal ou ditongo átonos, proferimos normalmente o hiato; mas pode ocorrer, muitas vezes, a ditongação se a vogal átona for *i* ou *e* ou *u* ou *o*:

segui aquela; *já ouvi*, *lá ironizei*, *vê umedecer*.

OBSERVAÇÃO: Evita-se a ditongação quando daí resultar uma sequência de sílabas tônicas: *boné usado*, *lá iremos*.

Se a vogal final é átona e o vocábulo seguinte começa por vogal tônica, normalmente se respeita o hiato: *essa hora*, *terreno árido*.

Neste caso pode ainda ocorrer a fusão (crase) das duas vogais se forem idênticas (essa fusão produz certo alongamento da vogal indicada aqui pelo mácron ¯), ou a ditongação, se a vogal átona final for *i*, *e* ou *u*, *o*:

terra árida: ter / ra / á / rida ou ter / rā / ri / da

esse ano: es / se / a / no ou es / sea / no.

OBSERVAÇÃO: Chama-se *crase* a fusão de dois ou mais sons iguais num só.

Se a vogal final e a inicial do vocábulo seguinte são átonas, pode ocorrer hiato, ditongo, crase ou elisão.

OBSERVAÇÃO: *Elisão* é o desaparecimento de uma vogal final átona em virtude do contato com a vogal inicial do vocábulo seguinte.

1) haverá hiato, fusão ou elisão se a vogal átona final for *a* e a inicial for *a* ou *ã*:

casa amarela
- *hiato*: ca / sa / a / ma / re / la
- *crase*: ca / sã / ma / re / la
- *elisão*: ca / sa / ma / re / la

casa anterior
- *hiato*: ca / sa / an / te / ri / or
- *crase*: ca / sãn / te / ri / or
- *elisão*: ca / san / te / ri / or

2) haverá hiato ou elisão se a vogal átona final for *a* e a vogal inicial *e*, *ẽ*, *o*, *õ*:

roda esportiva
- *hiato*: ro / da / es / por / ti / va
- *elisão*: ro / des / por / ti / va

porta entreaberta
- *hiato*: por / ta / en / trea / ber / ta
- *elisão*: por / ten / trea / ber / ta

3) haverá hiato, ditongo ou elisão se a vogal átona final for *a* e a inicial *i* (*e*), *ĩ* (*ẽ*), *u* (*o*), *ũ* (*õ*):

certa idade
- *ditongo*: cer / tai / da / de
- *hiato*: cer / ta / i / da / de
- *elisão*: cer / ti / da / de

certa indiferença
- *hiato*: cer / ta / in / di / fe / ren / ça
- *ditongo*: cer / tain / di / fe / ren / ça
- *elisão*: cer / tin / di / fe / ren / ça

4) haverá hiato ou ditongo se a vogal átona final for *i* (*e*) e a inicial qualquer uma, exceto *i* (*e*):

júri amigo
- *hiato*: ju / ri / a / mi / go
- *ditongo*: ju / ria / mi / go

livre arbítrio
- *hiato*: li / vre / ar / bí / trio
- *ditongo*: li / vriar / bí / trio

5) haverá hiato, crase ou elisão se a vogal átona final for *i* (*e*) e a inicial *i* (*e*) ou *ĩ* (*ẽ*):

livre imprensa
- *hiato*: li / vre / im / pren / sa
- *crase*: li / vrĩn / pren / sa
- *elisão*: li / vrin / pren / sa

6) haverá hiato, ditongo ou elisão se a vogal átona final for *u* (o u):

Santo Antônio
- *hiato*: san / to / An / tô / nio
- *ditongo*: san / toan / tô / nio
- *elisão*: san / tan / tô / nio

medo horrível
- *hiato*: mê / do / hor / rí / vel
- *ditongo*: me / duor / rí / vel

7) haverá hiato, crase ou elisão se a vogal final for *u* (*o*) e a inicial *u*:

velho humano
- *hiato*: ve / lho / hu / ma / no
- *crase*: ve / lhũ / ma / no
- *elisão*: ve / lhu / ma / no

aviso urgente
- *hiato*: a / vi / so / ur / gen / te
- *crase*: a / vi / sũr / gen / te
- *elisão*: a / vi / sur / gen / te

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Ocorrem os fenômenos acima apontados com os vocábulos iniciados por ditongos decrescentes, por iniciar por vogal. Em vez de ditongo, teremos tritongo:

jeito airoso (cf. 6)
- *hiato*: jei / to / ai / ro / so
- *tritongo*: jei / tuai / ro / so
- *elisão*: jei / tai / ro / so

2.ª) A preposição *para* pode reduzir-se a *pra* (e não p'ra), hoje usada até entre literatos. Esta forma, quando seguida do artigo *o*, *a*, *os*, *as* e com ele combinada, é grafada, respectivamente, *pro*, *pra* (para a), *pros*, *pras*.

3.ª) Pelo se reduz a *plo* (mais comum em Portugal), forma que, combinada com o artigo ou pronome *o*, *a*, *os*, *as*, é grafada *plo*, *pla*, *plos*, *plas*. Entre portugueses ouve-se ainda *pro* e *pros* com *o* aberto.

4.ª) A preposição *com* pode ter a nasalidade enfraquecida e combinar-se com *o*, *a*, *os*, *as*, dando origem às formas *co*, *ca*, *cos*, *cas*, empregadas mais com frequência na linguagem familiar e vulgar, de Portugal. É o que se chama *ectlipse*.

b) *Consoante final de vocábulo com fonema inicial de vocábulo*

A consoante final de uma palavra seguida de vogal inicial (ou semivogal), sem pausa intermediária, deve ser proferida como se fosse intervocálica, isto é, liga-se a uma vogal

obedecendo às normas já estabelecidas:

"*De um sentir*⋃*aventurado*"

"*É talvez*⋃*a voz mimosa*"

"*Gentil*⋃*infante, engraçado*"

"*Que dás*⋃*honra e valor*"

A consoante final *b* (em *sob*, por exemplo) seguida de outra consoante inicial deve ser proferida sem aparecimento de um *i* ou *e* intermédio:

Sob luzes d'esperança

Sob fúria

Se o vocábulo seguinte começa por vogal (ou semivogal), pode o *b* final ligar-se silabicamente a ela ou direta ou com apoio de *i* ou *e* (reduzido), o que é mais comum entre nós.

Sob os céus (so-bos-céus ou so-bios-céus).

Quando a consoante que termina o vocábulo é igual à que inicia o vocábulo seguinte (o que ocorre com *l* ou *r*), ouvem-se os dois fonemas:

Incrível lábia (in-cri-vel-lá-bia)

Temor repentino (te-mor-re-pen-ti-no).

O *s* final soa aproximadamente como se fora /j/, mas sem exagero, em ligação com vocábulo iniciado por *b*, *d*, *g*, *j*, *l*, *m*, *n*, *r*, *v* e *z*, ouvindo-se os dois fonemas:

Os braços, os dedos, as gengivas, dois jeitos, as luzes, os meninos, as nuvens, os ratos, os ventos, os zumbidos.

O *s* final soa aproximadamente como se fora /x/, mas sem exagero, em ligação com vocábulo iniciado por *c*, *f*, *p*, *q*, *s*, *t*, *x* e *ch*, ouvindo-se os dois fonemas:

três cadernos, os felizes, as pessoas, as queixas,
as secas, os tempos, os xaropes, os chás.

As consoantes *x* e *z* finais são tratadas como /s/ final, nas ligações:

faz medo (x = j), *faz calor* (z = x).

O *n* final de vocábulos, como *cânon*, *íon*, *cíclotron*, deve ser proferido sem nasalizar fortemente a vogal anterior, conforme vimos; nas ligações com outro vocábulo, guarda este valor quando é seguido de consoante: *cânon bíblico*.

Seguido de vogal (ou semivogal) liga-se silabicamente a esta, como se fosse inicial de sílaba; *cânon antigo*.

O *m* final de *bem-aventurado*, *bem-amado* e semelhantes nasaliza a vogal anterior, não se ligando à seguinte, como se fosse inicial de sílaba.

Quando o indefinido ou numeral *uma* é seguido de vocábulo começado por *m* não se deve proferir o *m*, soando, portanto, *ũa*, forma com que, às vezes, aparece grafado (evite-se a forma *u'a*):

uma mensagem, uma mão.

Ortografia e Ortoépia – Certos hábitos de grafia tendentes a preservar letras gregas e latinas que não constituem fonemas em português acabaram levando a que tais letras passassem a ser erradamente proferidas. Já vimos o caso do dígrafo *sc* de nascer, piscina, etc. É o que ocorre também com o latim *phlegma* que passou ao português *fleuma*, *fleima*. Por

motivo etimológico, persistem as grafias errôneas *fleugma*, *fleugmático*, onde o *g* não deve ser proferido, mas o é por influência da grafia.

Outras más soluções do sistema gráfico favorecem erros de pronúncia, como ocorre com *sublinhar* (b-li), *abrogar*, *abrupto*, que já se ouvem como se aí houvesse grupo consonantal: *su - bli - nhar*.

C) Prosódia

Prosódia é a parte da fonética que trata da correta acentuação e entonação dos fonemas.

A preocupação maior da prosódia é o conhecimento da sílaba *predominante*, chamada *tônica*.

Sílaba – É um fonema ou grupo de fonemas emitido num só impulso expiratório.

Em português, o elemento essencial da sílaba é a vogal.

Quanto à sua *constituição*, a sílaba pode ser *simples* ou *composta*, e esta última *aberta* (ou *livre*) ou *fechada* (ou *travada*).

Diz-se que a sílaba é *simples* quando é constituída apenas por uma vogal: *e*, *há*, *ah*!

Sílaba composta é a que encerra mais de um fonema: *ar* (vogal + consoante), *lei* (consoante + vogal + semivogal), *vi* (consoante + vogal), *ou* (vogal + semivogal), *mas* (consoante + vogal + consoante).

A sílaba composta é aberta (ou livre) se termina em vogal: *vi*; é fechada (ou travada) em caso contrário, incluindo-se a vogal nasal, porque a nasalidade vale por um travamento de sílaba: *ar*, *lei*, *ou*, *mas*, *um*.

Quanto ao número de sílabas, dividem-se os vocábulos em:

a) monossílabos (se têm uma sílaba): *é*, *há*, *mar*, *de*, *dê*;

b) dissílabos (se têm duas sílabas): *casa*, *amor*, *darás*, *você*;

c) trissílabos (se têm três sílabas): *cadeira*, *átomo*, *rápido*, *cômodo*;

d) polissílabos (se têm mais de três sílabas): *fonética*, *satisfeito*, *camaradagem*, *incovenientemente*.

Quanto à posição, a sílaba pode ser *inicial*, *medial* e *final*, conforme apareça no início, no interior ou no final do vocábulo:

fo	/	*né*	/	*ti*	/	*ca*
inicial		medial		medial		final

Quantidade – É a duração da vogal e da consoante. Distinguem-se as vogais e consoantes breves (se a pronúncia é rápida) das vogais e consoantes longas (se a pronúncia é demorada). Assinalamos a vogal breve com o sinal (˘) que se denomina *braquia* ou *bráquia*, e a vogal longa com o sinal (¯) chamado *mácron*: *ă* (*a* breve), *ā* (*a* longo).

Há língua em que a quantidade desempenha importante papel, para distinguir vocábulos e formas gramaticais, como em latim, em inglês ou alemão. Em latim, *rosă* (com *a breve*) não tem a mesma aplicação gramatical de *rosā* (com *a longo*), distinguindo-se, pela quantidade, o nominativo do ablativo, por exemplo. "Em inglês xĭp e xīp (que se escrevem *ship* e *sheep*) significam, respectivamente, *navio* e *carneiro*" [SA.2, 15]. Em latim, *ŏs* (com *o* breve) significa 'osso'; com *o* longo, *ōs* significa 'boca'.

Em português, a quantidade é pouco sentida e não exerce notável papel na caracterização e distinção dos vocábulos e formas gramaticais. Em geral, são mais rápidas as vogais seguidas de consoante surda (*lato / lado*) ou de *r* vibrante múltipla (*carro / caro*). Só excepcionalmente alongamos vogais e consoantes, como recursos estilísticos para imprimir ênfase, e constitui um dos grandes auxiliares da oratória:

> "Se pudéssemos, nós que temos experiência da vida, abrir os olhos dessas mariposinhas tontas ... Mas é inútil. Encasqueta-se-lhes na cabeça que o *amor*, o *amoor*, o *amooor* é tudo na vida, e adeus" [ML.1, 147].
>
> *BARbaridade*!

Acentuação – é o modo de proferir um som ou grupo de sons com mais relevo do que outros.

Este relevo se denomina *acento*. Diz-se que o acento é de *intensidade* (acento de força, acento dinâmico, acento expiratório ou icto), quando o relevo consiste no maior esforço expiratório. Diz-se que o acento é *musical* (acento de *altura* ou *tom*), quando o relevo consiste na elevação ou maior altura da voz.

O português e as demais línguas românicas, o inglês, o alemão, são línguas de *acento de intensidade*; o latim e o grego, por outro lado, possuem *acento musical*.

O acento de intensidade se manifesta no vocábulo considerado isoladamente (acento vocabular) ou ligado na enunciação da frase (acento frásico).

Acento de intensidade – Numa palavra nem todas as sílabas são proferidas com a mesma intensidade e clareza. Em *sólida*, *barro*, *poderoso*, *material*, há uma sílaba que se sobressai às demais por ser proferida com mais esforço muscular e mais nitidez e, por isso, se chama *tônica*: ***só***lida, ***ba***rro, pode***ro***so, materi***al***. As outras sílabas se dizem *átonas* e podem estar antes (pretônicas) ou depois (postônicas) da tônica:

po	–	*de*	–	*ro*	–	*so*
átona		átona		tônica		átona
pretônica		pretônica				postônica

Dizemos que nas sílabas fortes repousa o *acento tônico* do vocábulo (*acento da palavra* ou *acento vocabular*).

Existem ainda as sílabas semifortes chamadas *subtônicas* que, por questões rítmicas, compensam o seu afastamento da sílaba, tônica, fazendo que se desenvolva um acento de menor intensidade – *acento secundário*. Delas nos ocuparemos mais adiante.

Posição do acento tônico – Em português, quanto à posição do acento tônico, os vocábulos de duas ou mais sílabas podem ser:

a) *oxítonos*: o acento tônico recai na *última* sílaba: materi***al,*** princi***pal***, ca***fé***;

b) *paroxítonos*: o acento recai na *penúltima* sílaba: ***ba***rro, pode***ro***so, ***Pe***dro;

c) *proparoxítonos*: o acento tônico recai na *antepenúltima* sílaba: ***só***lida, feli***cí***ssimo.

OBSERVAÇÕES: Em *estudávamo-lo,* o acento tônico aparece na pré-antepenúltima sílaba, porque os monossílabos átonos formam um todo com o vocábulo a que se ligam foneticamente. É por isso que *fá-lo* é paroxítono e *admiras-te*, proparoxítono.

Em português, geralmente a sílaba tônica coincide com a sílaba tônica da palavra latina de que se origina.

Há vocábulos, como os que vimos até agora, que têm individualidade fonética e, portanto, acento próprio, ao lado de outros sem essa individualidade. Ao serem proferidos acostam-se ou ao vocábulo que vem antes ou ao que os segue. Por isso, são chamados *clíticos* (que se inclinam), e serão *proclíticos* se se inclinam para o vocábulo seguinte (*o* homem, *eu* sei, *vai* ver, *mar* alto, *não* viu) ou enclíticos, se para o vocábulo anterior (vejo-*me*, dou-*a*, fiz-*lhe*).

Os clíticos são geralmente monossilábicos que, por não terem acento próprio, também se dizem *átonos*. Os monossilábicos de individualidade fonética se chamam *tônicos*.

Alguns dissílabos podem ser também clíticos ou átonos: *para* (reduzido a *pra*) ver, *quero* crer, quero *porque* quero.

A tonicidade ou atonicidade de monossílabos e de alguns dissílabos *depende sempre do acento da frase*.

Acento de intensidade e significado da palavra – O acento de intensidade desempenha importante papel linguístico, decisivo para a significação da palavra. Assim, *sábia* é adjetivo sinônimo de *erudita*; *sabia* é forma do pretérito imperfeito do indicativo do verbo *saber*; *sabiá* é substantivo designativo de conhecido pássaro.

Acento principal e acento secundário – Em *rapidamente*, a sílaba *ra* possui um acento de intensidade menos forte que o da sílaba *men*, e se ouve mais distintamente do que as *átonas* existentes nas palavras. Dizemos que a sílaba *men* contém o *acento principal* e *ra* o *acento secundário* da palavra. A sílaba em que recai o acento secundário chama-se, como vimos, *subtônica*.

Geralmente ocorre o acento secundário na sílaba radical dos vocábulos polissilábicos derivados, cujos primitivos possuam acento principal: ***rá***pido – rapidamente. Há de se prestar atenção em certos enganos de pronúncia de vocábulos com acento secundário: por exemplo, respeita-se o hiato de *tardiamente*, e não se acentue fortemente a sílaba inicial: *tárdiamente*.

Acento de insistência e emocional – O português também faz emprego do acento de intensidade para obter, com o chamado acento de insistência, notáveis efeitos. Entra em jogo ainda a quantidade da vogal e da consoante, pois, quando se quer enfatizar uma palavra,

insiste-se mais demoradamente na sílaba tônica. Os escritores costumam indicar na grafia este alongamento enfático repetindo a vogal da sílaba tônica:

> "Os dois garotos, porém, esperneiam com a mudança de mãe:
> – *Mentira*!... *Mentiiiiira*!... *Mentiiiiiiiiira*! – berra cada um para seu lado" [HC.1, 32].
> "encasqueta-se-lhes na cabeça que o *amor*, o *amoor*, o *amooor* é tudo na vida e adeus" [ML.1, 147].

O acento de insistência pode cair noutra sílaba, diferente da tônica:

> ma***ra***vilhosa, ***for***midável, in***te***ligente, ***mi***serável.

Como bem acentua Roudet, a causa essencial do fenômeno do recuo do acento "parece ser a falta de sincronismo entre a emoção e sua expressão através da linguagem. A emoção se adianta à palavra e reforça a voz desde que as condições fonéticas o permitem" [LR.1, 252].

Este acento de insistência não tem apenas caráter emocional; adquire valor intelectual e ocorre ainda para ressaltar uma distinção, principalmente com palavras derivadas por prefixação ou expressões com preposições de sentidos opostos.

> São fatos ***sub***jetivos e não ***ob***jetivos.
> Os problemas de ***im***portação e de ***ex***portação.
> ***com*** dinheiro ou ***sem*** dinheiro.

Diz Bally que a entoação expressiva e a mímica são para quem fala um permanente comentário de suas palavras.

Acento de intensidade na frase – Isoladas, as palavras regulam sua sílaba tônica pela etimologia, isto é, pela sua origem; mas, na sucessão de vocábulos, deixa de prevalecer o acento da palavra para entrar em cena o acento da frase ou *frásico*, pertencente a cada *grupo de força*.

Chama-se *grupo de força* à sucessão de dois ou mais vocábulos que constituem um conjunto fonético subordinado a um acento tônico predominante: *A casa de Pedro / é muito grande*. Notamos aqui, naturalmente, dois grupos de força que se acham indicados por barra. No primeiro, as palavras *a* e *de* se incorporam a *casa* e *Pedro*, ficando o conjunto subordinado a um acento principal na sílaba inicial de *Pedro*, e um acento secundário na sílaba inicial de *casa*. No segundo grupo de força, as palavras *é* e *muito* se incorporam foneticamente a *grande*, ficando o conjunto subordinado a um acento principal na sílaba inicial de *grande* e outro secundário, mais fraco, na sílaba inicial de *muito*.

É quase sempre fácil determinar a sílaba tônica de cada grupo de força; o difícil é precisar, em certos casos, o ponto de divisão entre dois grupos sucessivos [NT.1, 29, n.1].

A distribuição dos grupos de força e a alternância de sílabas proferidas mais rápidas ou mais demoradas, mais fracas ou mais fortes, conforme o que temos em mente expressar, determinam certa cadência do contexto à qual chamamos *ritmo*. *Prosa* e *verso* possuem ritmo. No verso, o ritmo é essencial e específico; na prosa, apresenta-se livre, variando pela iniciativa de quem fala ou escreve12.

Vocábulos tônicos e átonos: os clíticos – Nestes grupos de força certos vocábulos perdem seu acento próprio para unir-se a outro que os segue ou que os precede. Dizemos que tais

vocábulos são *clíticos* (que se inclinam) ou *átonos* (porque se acham destituídos de seu acento vocabular). Aquele vocábulo que, no grupo de força, mantém sua individualidade fonética é chamado *tônico*. Ao conjunto se dá o nome de *vocábulo fonético*: *o rei* /urrey/; *deve estar* /devistar/.

Os clíticos se dizem *proclíticos* se precedem o vocábulo tônico a que se incorporam para constituir o grupo de força:

o∪rei // ele∪disse // bom∪livro // deve∪estar

Dizem enclíticos se vêm depois do vocábulo tônico:

disse-∪me // ei-∪lo // falar-∪lhe

Em português são geralmente átonas e proclíticas as seguintes classes de palavras:

1) artigos (definidos ou indefinidos, combinados ou não com preposição): *o homem // um homem // do livro.*
2) certos numerais: *um livro // três velas // cem homens*.
3) pronomes adjuntos antepostos (demonstrativos, possessivos, indefinidos, interrogativos): *este livro // meu livro // cada dia // que fazer?*
4) pronomes pessoais antepostos: *ele vem // eu disse.*
5) pronomes relativos;
6) verbos auxiliares;
7) certos advérbios: *já vi*, *não posso*, etc.
8) certas preposições: *a*, *de*, *em*, *com*, *por*, *sem*, *sob*, *para*
9) certas conjunções: *e*, *nem*, *ou*, *mas*, *que*, *se*, *como*, etc.

São enclíticas as formas pronominais *me*, *te*, *se*, *nos*, *vos*, *o*, *a*, *os*, *as*, *lhe*, *lhes*, quando pospostas ao vocábulo tônico.

Muitas vezes, uma palavra pode ser átona ou tônica, conforme sua posição no grupo de força a que pertence. Em *o arco desaparece*, o substantivo *arco* é tônico; em *o arco-íris*13, passou a átono proclítico.

Em *grande homem*, *alto mar*, os adjetivos são átonos; em *homem grande*, *mar alto*, já são os substantivos que se atonizam. Em *eu lhe disse*, os dois pronomes pessoais são átonos proclíticos; em *disse-lhe eu*, o pronome *eu* conserva seu acento próprio. Todo este conjunto de fatos são devidos a fenômenos de *fonética sintática*.

Consequência da próclise – Os vocábulos átonos proclíticos, perdendo seu acento próprio para se subordinarem ao do tônico, seguinte, resistem menos à pressa com que são proferidos, e acabam por sofrer reduções no seu volume fonético. Dentre os numerosos exemplos de próclise lembraremos aqui:

a) a passagem de hiato a ditongo, em virtude de uma vogal passar a semivogal (sinérese):

Tuas, normalmente dissilábico, tem de ser proferido com uma sílaba nos seguintes versos de Gonçalves Dias, graças à próclise:

> "E à noite, quando o céu é puro e limpo,
> Teu chão tinges de azul, – *tuas* ondas correm."

Boa (ou *boas*), em próclise, transforma a vogal *o* em semivogal, que chega, na língua popular, a desaparecer:

> "Outros suas terras em *boa* paz regeram
> Armando-as com *boas* leis, e bons preceitos." [AF.1]
> "*bas* noite nhozinho." [L. Cardoso] 14

b) o desaparecimento da vogal da primeira sílaba de um dissílabo; para > pra: Isto é *pra* mim.

c) o desaparecimento da sílaba final de um dissílabo:

1) *santo* > *são* (diante dos nomes começados por consoante): *São* Paulo, *São* Pedro;
2) *cento* > *cem*: *cem* páginas;
3) *grande* > *grã*, *grão*: *grã*-Bretanha, *grão*-vizir;
4) *tanto* > *tão*: *tão* grande;
5) *quanto* > *quão*: *quão* belo

d) outras reduções como *senhor* > *seu*: *seu* João.

Palavras que oferecem dúvidas quanto à posição da sílaba tônica – *Silabada* é o erro de prosódia que consiste na deslocação do acento tônico de uma palavra. Ignorar qual é a sílaba tônica de uma palavra, diz Gonçalves Viana, é ficar na impossibilidade de proferi-la.

Numerosas palavras existem que oferecem dúvidas quanto à posição da sílaba tônica.

São *oxítonas*:

aloés, cateter, Cister, harém, Gibraltar, Gulbenkian, masseter, faz-se mister (= necessário), Nobel, novel, recém, refém, ruim, sutil, ureter.

São *paroxítonas*:

acórdão, âmbar, ambrosia, avaro, aziago, barbaria, cânon, caracteres, cartomancia, ciclope, edito (lei, decreto), Epifania 15, exegese, filantropo, fluido (*ui* ditongo), fortuito (*ui* ditongo), gratuito (*ui* ditongo), ibero, impio (cruel), inaudito, látex, maquinaria, misantropo, necropsia, Normandia, onagro (tb. ônagro), oximoro (tb. oximóron), Pandora, Pólux, pudico, quiromancia, simulacro.

São *proparoxítonas* (incluindo-se os vocábulos terminados por ditongo crescente):

aeródromo, aerólito, álcali, álcool, alcoólatra, *alibi* (lat.), alvíssaras, âmago, amálgama, ambrósia, anátema, andrógino, antídoto, arquétipo, autóctone, barbárie, boêmia, brâmane, cáfila, condômino, crisântemo, década, díptero, écloga, édito (ordem judicial), Éfeso, êmbolo, epíteto, épsilon, escâncaras (às), êxodo, fac-símile, fíbula, idólatra, ímpio (sem fé), ímprobo, ínclito, iníquo, ínterim, máxime ou *maxime* (lat.), ômega, Pégaso, Péricles, Ésquilo, périplo, plêiade (-a), protótipo, Tâmisa, trânsfuga, vândalo.

Palavras que admitem dupla prosódia

acróbata ou acrobata; alópata ou alopata; ambrósia ou ambrosia; crisântemo ou crisantemo; hieróglifo ou hieroglifo; nefelíbata ou nefelibata; Oceânia ou Oceania; ortoépia ou ortoepia; projétil ou projetil; réptil ou reptil; reseda (ê) ou resedá; sóror ou soror; homília ou homilia; geodésia ou geodesia; zângão ou zangão.

D) Ortografia

I – Alfabeto

1) O alfabeto português consta fundamentalmente de vinte e seis letras: *a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v, w, x, y, z*.

II – K, W, Y

2) Empregam-se em abreviaturas e símbolos, bem como em palavras estrangeiras de uso internacional: *K* = potássio; *Kr* = criptônio; *kg* = quilograma; *km* = quilômetro; *kw* = quilowatt; *kwh* = quilowatt-hora; *W* = oeste ou wolfrâmio (tungstênio); *w* = watt; *ws* = watt-segundo; *Y* = ítrio; *yd* = jarda (*yard*, inglês), etc.

3) Os derivados portugueses de nomes próprios estrangeiros devem escrever-se de acordo com as formas primitivas: *frankliniano*, *kantismo*, *darwinismo*, *wagneriano*, *zwinglianista*, *byroniano*, *taylorista*, etc.

4) O *k* é substituído por *qu* antes de *e* e *i* e por *c* antes de outra qualquer letra: *breque*, *caqui*, *faquir*, *níquel*, *caulim*, etc.

5) O *w* substitui-se, em palavras portuguesas ou aportuguesadas, por *u* ou *v*, conforme o seu valor fonético: *sanduíche*, *talvegue*, *visigodo*, etc.

6) O *k* é uma consoante, tal como o *c* antes de *a*, *o*, *u* e o dígrafo *qu* de *quero*. O *w* é uma vogal ou semivogal pronunciado como /u/ em palavras de origem inglesa: *watt-hora*, *whisky*, *waffle*, *Wallace*, *show*. E é consoante como o nosso /v/ em palavras de origem alemã: *Walter*, *Wagner*, *wagneriano*. No nome do célebre naturalista inglês *Darwin* soa como /v/, pronúncia mais geral, ou como /u/. O *y* é um som vocálico pronunciado como /i/ com função de vogal ou semivogal: *yacht* (= certo tipo de embarcação), *yard* (= jarda), *yaki-mono* (= cerâmica japonesa), *yen* (= unidade monetária, e moeda, do Japão), *yenita* (= certo mineral).

III – H

7) Esta letra não é propriamente consoante, mas um símbolo que, em razão da etimologia e da tradição escrita do nosso idioma, se conserva no princípio de várias palavras no fim de algumas interjeições: *haver*, *hélice*, *hidrogênio*, *hóstia*, *humildade*; *hã!*, *hem?*, *puh!*, *ah!*, *ih!*, *oh!*, etc.

OBSERVAÇÃO: Não se escreve com *h* final a interjeição de chamamento ou apelo *ó*: *Ó José, vem aqui!*; *Ó Laura, pare com isso!*

8) No interior do vocábulo, só se emprega em dois casos: quando faz parte do *ch*, do *lh* e do *nh*, que representam fonemas palatais, e nos compostos em que o segundo elemento, com *h* inicial etimológico, se une ao primeiro por meio do hífen: *chave*, *malho*, *rebanho*, *anti-higiênico*, *contra-haste*, *pré-histórico*, *sobre-humano*, etc.

OBSERVAÇÕES: a) Nos compostos sem hífen, elimina-se o *h* do segundo elemento: *anarmônico*, *coabitar*, *coonestar*, *desarmonia*, *exausto*, *inabilitar*, *lobisomem*, *reaver*, etc. b) Nos casos em que não houver perda do som da vogal final do 1.º elemento, e o elemento seguinte começar com *h*, serão usadas as duas formas gráficas: *bi-hebdomadário* e *biebdomadário*; *carbo-hidrato* e *carboidrato*; *zoo-hematina* e *zooematina*; *geo-história* e *geoistória*. Já quando houver perda do som da vogal final do 1.º elemento, consideraremos que a grafia consagrada deve ser mantida: *cloridrato, cloridria, clorídrico, quinidrona, sulfidrila, xilarmônica, xilarmônico*. Devem ficar como estão as palavras que já são de uso consagrado, como *reidratar, reumanizar, reabituar, reabitar, reabilitar* e *reaver*.

9) No futuro do indicativo e no condicional, não se usa o *h* no último elemento, quando há pronome intercalado: *amá-lo-ei*, *dir-se-ia*, etc.

10) Quando a etimologia o não justifica, não se emprega: *arpejo* (substantivo), *ombro*,

ontem, etc. E mesmo que o justifique, não se escreve no fim de substantivos nem no começo de alguns vocábulos que o uso consagrou sem este símbolo, *andorinha*, *erva*, *felá*, *inverno*, etc.

11) Não se escreve *h* depois de *c* (salvo o disposto no n.º 8) nem depois de *p*, *r* e *t*: o *ph* é substituído por *f*, o *ch* (gutural) por *qu* antes de *e* ou *i* e por *c* antes de outra qualquer letra: *corografia*, *cristão*; *querubim*, *química*; *farmácia*, *fósforo*; *retórica*, *ruibarbo*; *teatro*, *turíbulo*, etc.

IV – Consoantes mudas

12) Não se escrevem as consoantes que se não proferem: *asma*, *assinatura*, *ciência*, *diretor*, *ginásio*, *inibir*, *inovação*, *ofício*, e não *asthma*, *assignatura*, *sciencia*, *director*, *gymnasio*, *inhibir*, *innovação*, *officio*. E conservam-se as consoantes nos casos em que são invariavelmente proferidas nas pronúncias cultas da língua: compacto, convicção, ficção; adepto, apto, etc.

OBSERVAÇÃO: Escreve-se, porém, o *s* em palavras como *descer*, *florescer*, *nascer*, etc., e o *x* em vocábulos como *exceto*, *excerto*, etc., apesar de nem sempre se pronunciarem essas consoantes.

13) Em sendo mudo o *p* no grupo *mpc* ou *mpt*, escreve-se *nc* ou *nt*: *assuncionista*, *assunto*, *presunção*, *prontificar*, etc.

14) Em vocábulos cujas consoantes facultativamente se pronunciam, escreve-se preferencialmente o de uso mais generalizado. Assim, serão consignados, além de outros, estes: *aspecto* e *aspeto*, *característico* e *caraterístico*, *circunspecto* e *circunspeto*, *contacto* e *contato*, *corrupção* e *corrução*, *corruptela* e *corrutela*, *dactilografia* e *datilografia*, *expectativa* e *expetativa*, *optimismo* e *otimismo*, *respectivo* e *respetivo*, *secção* e *seção*, *sinóptico* e *sinótico*, *sumptuoso* e *suntuoso*, *tacto* e *tato*. Escreve-se *Egito*, mas *egípcio*, por ser neste último pronuciado o *p*.

V – SC

15) Elimina-se o *s* do grupo inicial *sc*: *cena*, *cenografia*, *ciência*, etc.

16) Os compostos dessa classe de vocábulos, quando são formados em nossa língua, são escritos sem o *s* antes do *c*: *anticientífico*, *contracenar*, *encenação*, etc.; mas, quando vieram já formados para o vernáculo, conservam o *s*: *consciência*, *cônscio*, *imprescindível*, *prescindir*, *rescindir*, *rescisão*, etc.

VI – Letras dobradas

17) Escrevem-se *rr* e *ss* quando, entre vogais, representam os sons simples do *r* e *s* iniciais; e *cc* ou *cç* quando o primeiro soa distintamente do segundo: *carro*, *farra*, *massa*, *passo*; *convicção*, *occipital*, etc.

18) Duplicam-se o *r* e o *s* todas as vezes que a um elemento de composição terminado em vogal se segue, sem interposição do hífen, palavra começada por uma daquelas letras: *arritmia*, *corréu, prerrogativa*, *pressentir*, *ressentimento*, *sacrossanto*, etc.

VII – Vogais nasais

19) As vogais nasais são representadas no fim dos vocábulos por *ã* (*ãs*), *im* (*ins*), *om* (*ons*), *um* (*uns*): *afã*, *cãs*, *flautim*, *folhetins*, *semitom*, *tons*, *tutum*, *zum-zuns*, etc.

20) O *ã* pode figurar na sílaba tônica, pretônica ou átona: *ãatá*, *cristãmente*, *irmãmente*, *maçã*, *manhãzinha*, *órfã*, *romãzeira*, etc.

21) Quando aquelas vogais são iniciais ou mediais, a nasalidade é expressa por *m* antes do *b* e *p*, e por *n* antes de outra qualquer consoante: *ambos*, *campo*; *contudo*, *enfim*, *enquanto*, *homenzinho*, *nuvenzinha*, *vintenzinho*, etc.

VIII – Ditongos

22) Os ditongos orais escrevem-se com a subjuntiva *i* ou *u*: *aipo*, *cai*, *cauto*, *degraus*, *dei*, *fazeis*, *ideia*, *mausoléu*, *neurose*, *retorquiu*, *rói*, *sois*, *sou*, *souto*, *uivo*, *usufrui*, etc.

OBSERVAÇÃO: Escrevem-se com *i*, e não com *e*, a forma verbal *fui*, a 2.ª e 3.ª pess. do sing. do pres. do ind. e a 2.ª do sing. do imper. dos verbos terminados em *uir*: *aflui*, *fruis*, *retribuis*, etc.

23) O ditongo *ou* alterna, em numerosos vocábulos, com *oi*: *balouçar* e *baloiçar*, *calouro* e *caloiro*, *dourar* e *doirar*, etc. Escreve-se, preferencialmente, o de uso mais generalizado.

24) Escrevem-se assim os ditongos nasais: *ãe*, *ãi*, *ão*, *am*, *em*, *en*(*s*), *õe*, *ui* (proferido *ũi*): *mãe*, *pães*, *cãibra*, *acórdão*, *irmão*, *leãozinho*, *amam*, *bem*, *bens*, *devem*, *põe*, *repões*, *muito*, etc.

OBSERVAÇÕES:

a) Dispensa-se o til do ditongo nasal *ui* em *mui* e *muito*.

b) Com o ditongo nasal *ão* se escrevem os monossílabos, tônicos ou não, e os polissílabos oxítonos: *cão*, *dão*, *não*, *quão*; *então*, *irmão*, *viverão*, etc.

c) Também se escrevem com o ditongo *ão* os substantivos e adjetivos paroxítonos, acentuando-se, porém, a sílaba tônica: *órfão*, *órgão*, *sótão*, etc.

d) Nas formas verbais anoxítonas se escreve *am*: *amaram*, *deveram*, *partiram*, etc.

e) Com o ditongo nasal *ãe* se escrevem os vocábulos oxítonos e os seus derivados; e os anoxítonos primitivos grafam-se com o ditongo *ãi*: *capitães*, *mães*, *pãezinhos*; *cãibo*, *zãibo*, etc.

f) O ditongo nasal *e)i*(*s*) escreve-se *em* ou *en*(*s*) assim nos monossílabos como nos polissílabos de qualquer categoria gramatical: *bem*, *convém*, *convéns*, *virgem*, *virgens*, etc.

25) Os encontros vocálicos átonos e finais que podem ser pronunciados como ditongos crescentes escrevem-se da seguinte forma: *ea* (áurea), *eo* (cetáceo), *ia* (colônia), *ie* (espécie), *io* (exímio), *oa* (nódoa), *ua* (contínua), *ue* (tênue), *uo* (tríduo), etc.

IX – Hiatos

26) A 1.ª, 2.ª, 3.ª pess. do sing. do pres. do subj. e a 3.ª pess. do sing. do imper. dos verbos em *oar* escrevem-se com *oe* e não *oi*: *abençoe*, *amaldiçoes*, *perdoe*, etc.

27) As três pessoas do sing. do pres. do subj. e a 3.ª do sing. do imper. dos verbos em *uar* escrevem-se com *eu*, e não *ui*: *cultue*, *habitues*, etc.

X – Parônimos e vocábulos de grafia dupla

28) Deve-se fazer a mais rigorosa distinção entre os vocábulos parônimos e os de grafia dupla que se escrevem com *e* ou com *i*, com *o* ou com *u*, com *c* ou *q*, com *ch* ou *x*, com *g* ou *j*, com *s*, *ss* ou *c*, *ç*, com *s* ou *x*, com *s* ou *z*, e com os diversos valores do *x*:

1.°) com *i* ou com *e*: *acriano*, *camoniano*, *torriense* (em vez das antigas *acreano*, *camoneano*, *torreense*); *coreano*, *daomeano*, *guineense*.

2.°) com *o* ou com *u*: *frágua*, *lugar*, *mágoa*, *manuelino*, *polir*, *tribo*, *urdir*, *veio* (verbo ou substantivo), etc.

3.°) com *c* ou *q*: *quatorze* (seguido de *catorze*), *cinquenta*, *quociente* (seguido do *cociente*), etc.

4.°) com *ch* ou *x*: *anexim*, *bucha*, *charque*, *chimarrão*, *faxina*, *flecha*, *tachar* (= notar; censurar), *taxar* (= determinar a taxa; regular), etc.

5.°) com *g* ou *j*: *estrangeiro*, *jenipapo*, *genitivo*, *gíria*, *jeira*, *jeito*, *jiboia*, *jirau*, *laranjeira*, *lojista*, *majestade*, *viagem* (s.f.), *viajem* (do verbo *viajar*), etc.

6.°) com *s*, *ss* ou *c*, *ç*: *ânsia*, *anticéptico*, *boça* (= cabo de navio), *bossa* (= protuberância; aptidão), *bolçar* (= vomitar), *bolsar* (= fazer bolsos), *caçula*, *censual* (= relativo a censo), *sensual* (= lascivo), etc.

OBSERVAÇÃO: Não se emprega *ç* em início de palavras.

7.°) com *s* ou *x*: *espectador* (= testemunha), *expectador* (= pessoa tem esperança), *experto* (= perito; experimentado), *esperto* (= ativo; acordado), *esplêndido*, *esplendor*, *extremoso*, *flux* (= na locução *a flux*), *justafluvial*, *justapor*, *misto*, etc.

8.°) com *s* ou *z*: *alazão*, *alcaçuz* (= planta), *alisar* (= tornar liso), *alizar* (s.m.), *anestesiar*, *autorizar*, *bazar*, *coliseu*, *comezinho*, *cortês*, *dissensão*, *empresa*, *esfuziar*, *esvaziamento*, *frenesi* (seguido de *frenesim*), *guizo* (s.m.), *irisar* (= dar as cores do íris a), *irizar* (= atacar [o iriz] o cafezeiro), *narcisar-se*, *obséquio*, *prioresa*, *rizotônico*, *sacerdotisa*, *tapiz*, *trânsito*, *xadrez*, etc.

OBSERVAÇÕES:

a) É sonoro o *s* de *obséquio* e seus derivados, bem como o do prefixo *trans*, em se lhe seguindo vogal; quando, porém, a esse prefixo se segue palavra iniciada por *s*, só se escreve um, que se profere como se fora dobrado: *obsequiar* (ze), *transoceânico* (zo), *transecular* (se), *transubstanciação* (su); etc.

b) No final de sílaba átona, seja no interior, seja no fim do vocábulo, emprega-se o *s* em lugar do *z*: *asteca*, *endes*, *mesquita*, etc.

29) O *x* continua a escrever-se com os seus cinco valores, bem como nos casos em que pode ser mudo, como em *exceto*, *excerto*, etc. Tem, pois, o som de:

1.°) *ch*, no princípio e o no interior de muitas palavras: *xerife*, *xícara*, *ameixa*; *enxoval*, etc.

2.°) *cs*, no meio e no fim de várias palavras: *anexo*, *látex*, *tórax*, etc.

3.°) *z*, quando ocorre no prefixo *exo*, ou *ex* seguido de vogal: *exame*, *êxito*, *êxodo*, *exosmose*, *exotérmico*, etc.

4.°) *ss*: *aproximar*, *auxiliar*, *máximo*, *proximidade*, *sintaxe*, etc.

5.°) *s* final de sílaba: *contexto*, *fênix*, *pretextar*, *sexto*, *textual*, etc.

30) No final de sílabas iniciais e interiores se deve empregar o *s* em vez do *x*, quando não o precede a vogal *e*: *justafluvial*, *justaposição*, *misto*, *sistino*, etc.

31) Adotaremos a grafia que seja mais conforme à etimologia do vocábulo e à sua história, mas que esteja em harmonia com a prosódia geral dos brasileiros, nem sempre idêntica à lusitana. P.ex.: *judô* (no Br.) e *judo* (em Port.); *metrô* (no Br.) e *metro* (em Port.); *pônei* (no Br.) e *pónei* (em Port.).

XI – Nomes próprios

32) Os nomes próprios personativos, locativos e de qualquer natureza, sendo portugueses ou aportuguesados, estão sujeitos às mesmas regras estabelecidas para os nomes comuns.

33) Para salvaguardar direitos individuais, quem o quiser manterá em sua assinatura a forma consuetudinária. Poderá também ser mantida a grafia original de quaisquer firmas, sociedades, títulos e marcas que se achem inscritos em registro público.

OBSERVAÇÃO: Não sendo o próprio que assine o nome com a grafia e a acentuação do modo como foi registrado, a indicação do seu nome obedecerá às regras estabelecidas pelo sistema ortográfico vigente: *Fundação Casa de Rui Barbosa* (o notável jurista baiano assinava *Ruy*).

34) Os topônimos de origem estrangeira devem ser usados com as formas vernáculas de uso vulgar; e quando não têm formas vernáculas, transcrevem-se consoante as normas estatuídas pela Conferência de Geografia de 1926 que não contrariarem os princípios estabelecidos aqui.

35) Os topônimos de tradição histórica secular não sofrem alteração alguma na sua grafia, quando já esteja consagrada pelo consenso diuturno dos brasileiros. Sirva de exemplo o topônimo *Bahia*, que conservará esta forma quando se aplicar em referência ao Estado e à cidade que têm esse nome.

OBSERVAÇÃO: Os compostos e derivados desses topônimos obedecerão às normas gerais do vocabulário comum.

XII – Acentuação gráfica

Ver *Regras de acentuação*.

XIII – Apóstrofo

36) Limita-se o emprego do apóstrofo aos seguintes casos:

1.°) Indicar a supressão de uma letra ou letras no verso, por exigência da metrificação: *c'roa*, *esp'rança*, *of'recer*, *'star*, etc.

2.°) Reproduzir certas pronúncias populares: *'tá*, *'teve*, etc.

3.°) Indicar a supressão da vogal, já consagrada pelo uso, em certas palavras compostas ligadas pela preposição *de*: *copo-d'água* (= planta, lanche), *galinha-d'água*, *mãe-d'água*, *pau-d'água* (= árvore, ébrio), etc.

OBSERVAÇÃO: Restringindo-se o emprego do apóstrofo a esses casos, cumpre não se use dele em nenhuma outra hipótese. Assim, não será empregado:

a) nas contrações das preposições *de* e *em* com artigos, adjetivos ou pronomes demonstrativos, indefinidos, pessoais e com alguns advérbios: *dum*, *duma* (a par de *de um*, *de uma*), *num*, *numa* (a par de *em um*, *em uma*); *dalgum*, *dalguma* (a par de *de algum*, *de alguma*); *doutro*, *noutro* (a par de *de outro*, *em outro*); *dele*, *dela*, *nele*, *nela*; *deste*, *desta*, *neste*, *nesta*, *daquele*, *daquela*, *naquele*, *naquela*; *disto*, *nisto*, *daquilo*, *naquilo*; *daqui*, *daí*, *dacolá*, *donde*, *dantes*, *dentre*; etc.

b) nas combinações dos pronomes pessoais; *mo*, *ma*, *mos*, *mas*, *to*, *ta*, *tos*, *tas*, *lho*, *lha*, *lhos*, *lhas*, *no-lo*, *no-los*, *no-la*, *no-las*, *vo-lo*, *vo-la*, *vo-los*, *vo-las*.

c) nas expressões vocabulares que se tornaram unidades fonéticas e semânticas: *dessarte*, *destarte*, *homessa*, *tarrenego*, *tesconjuro*, *vivalma*, etc.

d) nas expressões de uso constante e geral na linguagem vulgar: *co*, *coa*, *ca*, *cos*, *cas*, *coas* (= com o, com a, com os, com as), *plo*, *pla*, *plos*, *plas* (= pelo, pela, pelos, pelas), *pra* (= para), *pro*, *pra*, *pros*, *pras* (= para o, para a, para os, para as), etc.

XIV – Hífen

37) Nos compostos

1.º) Emprega-se o hífen nos compostos sem elemento de ligação quando o 1.º termo, por extenso ou reduzido, está representado por forma substantiva, adjetiva, numeral ou verbal: *ano-luz*, *arco-íris*, *decreto-lei*, *és-sueste*, *joão-ninguém*, *médico-cirurgião*, *mesa-redonda*, *rainha-cláudia*, *tenente-coronel*, *tio-avô*, *zé-povinho*, *afro-asiático*, *afro-luso-brasileiro*, *azul-escuro*, *amor-perfeito*, *boa-fé*, *forma-piloto*, *uarda-noturno*, *luso-brasileiro*, *má-fé*, *mato-grossense*, *norte-americano*, *seu-vizinho* (dedo anelar), *social-democracia*, *sul-africano*, *verbo-nominal*, *primeiro-ministro*, *segunda-feira*, *conta-gotas*, *finca-pé*, *guarda-chuva*, *vaga-lume*, *porta-aviões*, *porta-retrato*.

OBSERVAÇÕES:

a) As formas empregadas adjetivamente do tipo *afro-, anglo-, euro-, franco-, indo-, luso-, sino-* e assemelhadas continuarão a ser grafadas **sem hífen** em empregos em que só há uma etnia: *afrodescendente, anglofalante, anglomania, eurocêntrico, eurodeputado, lusofonia, sinologia*, etc. Porém escreve-se com hífen quando houver mais de uma etnia: *afro-brasileiro, anglo-saxão, euro-asiático,* etc.

b) Com o passar do tempo, alguns compostos perderam a noção de composição, e passaram a se escrever aglutinadamente, como é o caso de: *girassol, madressilva, pontapé,* etc. Já se escrevem aglutinados: *paraquedas, paraquedistas* (e afins, *paraquedismo*, *paraquedístico*) e *mandachuva*.

Os outros compostos com a forma verbal *para-* seguirão sendo separados por hífen conforme a tradição lexicográfica: *para-brisa(s), para-choque, para-lama(s)*, etc.

Os outros compostos com a forma verbal *manda-* seguirão sendo separados por hífen conforme a tradição lexicográfica: *manda-lua*, *manda-tudo*.

A tradição ortográfica também usa o hífen em outras combinações vocabulares: *abaixo-assinado*, *assim-assim*, *ante-à-ré*, *ave-maria*, *salve-rainha*.

Os compostos formados com elementos repetidos, com ou sem alternância vocálica ou consonântica, por serem compostos representados por formas substantivas sem elemento de ligação, ficarão: *blá-blá-blá*, *lenga-lenga*, *reco-reco*, *tico-tico, zum-zum-zum*, *pingue-pongue*, *tique-taque, trouxe-mouxe, xique-xique* (= chocalho; cf. *xiquexique* = planta), *zás-trás, zigue-zague*, etc. Os derivados, entretanto, não serão hifenados: *lengalengar, ronronar, zunzunar*, etc. Não se separam por hífen as palavras com sílaba reduplicativa oriundas da linguagem infantil: *babá, titio, vovó, xixi,* etc.

Serão escritos **com hífen** os compostos entre cujos elementos há o emprego do apóstrofo: *cobra-d'água*, *mãe-d'água, mestre-d'armas, olho-d'água,* etc.

2.º) Emprega-se o hífen nos compostos sem elemento de ligação quando o 1.º elemento está representado pelas formas *além, aquém, recém, bem* e *sem*: *além-Atlântico, além-mar, aquém-Pireneus, recém-casado, recém-nascido, bem-estar, bem-humorado, bem-dito, bem-dizer, bem-vestido, bem-vindo, sem-cerimônia, sem-vergonha*, *sem-terra.*

OBSERVAÇÃO: Em muitos compostos o advérbio *bem* aparece aglutinado ao segundo elemento, quer este tenha ou não vida à parte quando o significado dos termos é alterado: *bendito* (=abençoado), *benfazejo*, *benfeito* [subst.] (=benefício); cf. *bem-feito* [adj.] = feito com capricho, harmonioso, e *bem-feito*! [interj.], *benfeitor, benquerença* e afins: *benfazer*, *benfeitoria, benquerer, benquisto, benquistar*.

3.º) Emprega-se o hífen nos compostos sem elemento de ligação quando o 1.º elemento está representado pela forma *mal* e o 2.º elemento começa por *vogal*, *h* ou *l*: *mal-afortunado, mal-entendido, mal-estar, mal-humorado, mal-informado, mal-limpo*. Porém: *malcriado, malgrado, malvisto*, etc.

OBSERVAÇÃO: *Mal* com o significado de 'doença' grafa-se com hífen: *mal-caduco* (= epilepsia), *mal-francês* (= sífilis), desde que não haja elemento de ligação. Se houver, não se usará hífen: *mal de Alzheimer*.

4.º) Emprega-se o hífen nos nomes geográficos compostos pelas formas *grã*, *grão*, ou por forma verbal ou, ainda, naqueles ligados por artigo: *Grã-Bretanha, Abre-Campo*, *Passa-Quatro*, *Quebra-Costas*, *Traga-Mouro*, *Baía de Todos-os-Santos*, *Entre-os-Rios*, *Montemor-o-Novo*, *Trás-os-Montes*.

OBSERVAÇÕES:

a) Os outros nomes geográficos compostos escrevem-se com os elementos separados, sem o hífen: *América do Sul, Belo Horizonte, Cabo Verde, Castelo Branco, Freixo de Espada à Cinta* , etc. Os topônimos *Guiné-Bissau* e *Timor-Leste* são, contudo, exceções consagradas.

b) Serão hifenizados os adjetivos gentílicos (ou seja, adjetivos que se referem ao lugar onde se nasce) derivados de nomes geográficos compostos que contenham ou não elementos de ligação: *belo-horizontino, mato-grossense-do-sul*, *juiz-forano, cruzeirense-do-sul, alto-rio-docense*.

c) Escreve-se com hífen *indo-chinês*, quando se referir à Índia e à China, ou aos indianos e chineses, diferentemente de *indochinês* (sem hífen), que se refere à Indochina.

5.º) Emprega-se o hífen nos compostos que designam espécies botânicas (planta e fruto) e zoológicas, estejam ou não ligadas por preposição ou qualquer outro elemento: *abóbora-menina*, *andorinha-do-mar*, *andorinha-grande*, *bem-me-quer* (mas *malmequer*), *bem-te-vi*, *bênção-de-deus*, *cobra-capelo*, *couve-flor*, *dente-de-cão*, *erva-doce*, *erva-do-chá*, *ervilha-de-cheiro*, *feijão-verde*, *formiga-branca*, *joão-de-barro*, *lesma-de-conchinha.*

OBSERVAÇÃO: Os compostos que designam espécies botânicas e zoológicas grafados com hífen pela norma acima não serão hifenizados quando tiverem aplicação diferente dessas espécies. Por exemplo: *bola-de-neve* (com hífen) com o significado de 'arbusto europeu', e *bola de neve* (sem hífen) significando 'aquilo que toma vulto rapidamente'; *bico-de-papagaio* (com hífen) referindo-se à planta e *bico de papagaio* (sem hífen) com o significado de 'nariz adunco'; *mata-cobra* (com hífen) referindo-se a inseto, e *mata cobra* (sem hífen) referindo-se a certo tipo de bastão; *não-me-toques* (com hífen) quando se refere a certas espécies de plantas, e *não me toques* (sem hífen) com o significado de 'melindres'.

38) Nas locuções:

Não se emprega o hífen nas locuções, sejam elas substantivas, adjetivas, pronominais, adverbiais, prepositivas ou conjuncionais, salvo algumas exceções já consagradas pelo uso (como é o caso de *água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao deus-dará, à queima-roupa*). Vale lembrar que, se na locução há algum elemento que já tenha hífen, será conservado este sinal: *à trouxe-mouxe, cara de mamão-macho, bem-te-vi de igreja*. Sirvam, pois, de exemplo de emprego **sem hífen** as seguintes locuções: a) Locuções substantivas: *cão de guarda, fim de semana, fim de século, sala de jantar*; b) Locuções adjetivas: *cor de açafrão, cor de café com leite, cor de vinho*; c) Locuções pronominais: *cada um, ele próprio, nós mesmos, quem quer que seja*; d) Locuções adverbiais: *à parte* (diferentemente do substantivo *aparte*), *à vontade, de mais* (locução que se contrapõe a *de menos*; escreve-se junto *demais* quando é advérbio ou pronome), *depois de*

amanhã, em cima, por isso; e) Locuções prepositivas: *abaixo de, acerca de, acima de, a fim de, a par de, à parte de, apesar de, aquando de, debaixo de, enquanto a, por baixo de, por cima de, quanto a*; f) Locuções conjuncionais: *a fim de que, ao passo que, contanto que, logo que, visto que*.

OBSERVAÇÕES:

a) Expressões com valor de substantivo, do tipo *deus nos acuda, salve-se quem puder, um faz de contas, um disse me disse*, *um maria vai com as outras*, *bumba meu boi, tomara que caia*, *aqui del rei*, devem ser grafadas sem hífen. Da mesma forma serão usadas sem hífen locuções como: *à toa* (adjetivo e advérbio), *dia a dia* (substantivo e advérbio), *arco e flecha*, *calcanhar de aquiles*, *comum de dois*, *general de divisão*, *tão somente*, *ponto e vírgula*.

b) Não se emprega o hífen nas locuções latinas usadas como tais, não substantivadas ou aportuguesadas: *ab initio, ab ovo, ad immortalitatem, ad hoc, data venia, de cujus, carpe diem, causa mortis, habeas corpus, in octavo, pari passu, ex libris*. Mas: o *ex-libris,* o *habeas-corpus, in-oitavo,* etc.

39) Nas sequências de palavras:

Emprega-se o hífen para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando não propriamente vocábulos, mas encadeamentos vocabulares, tipo: a divisa *Liberdade-Igualdade-Fraternidade*, a ponte *Rio-Niterói*, o percurso *Lisboa-Coimbra-Porto*, a ligação *Angola-Moçambique* e nas combinações históricas ou até mesmo ocasionais de topônimos, tipo: *Áustria-Hungria, Alsácia-Lorena, Angola-Brasil, Tóquio-Rio de Janeiro*, etc.

40) Nas formações com prefixos:

1.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por vogal igual à que inicia o 2.º elemento: *anti-infeccioso*, *anti-inflamatório*, *contra-almirante*, *eletro-ótica*, *entre-eixo*, *infra-axilar*, *micro-onda*, *neo-ortodoxo*, *semi-interno*, *sobre-elevar*, *sobre-estadia*, *supra-auricular*.

OBSERVAÇÕES:

a) Incluem-se neste princípio geral todos os prefixos terminados por vogal: *agro-* (= terra), *albi-, alfa-*, *ante-, anti-, ântero-, arqui-*, *áudio-*, *auto-, bi-, beta-, bio-, contra-, eletro-, euro-, ínfero-, infra-, íntero-, iso-, macro-, mega-, multi-, poli-, póstero-, pseudo-, súpero-, neuro-, orto-, sócio-,* etc.

Então, se o 1º elemento terminar por vogal diferente daquela que inicia o 2º elemento, escreve-se junto, sem hífen: *anteaurora*, *antiaéreo*, *aeroespacial*, *agroindustrial*, *autoajuda*, *autoaprendizagem*, *autoestrada*, *contraescritura*, *contraindicação*, *contraofensiva*, *extraescolar*, *extraoficial*, *extrauterino*, *hidroelétrico*, *infraestrutura*, *infraordem*, *intrauterino*, *neoafricano*, *neoimperialista*, *plurianual*, *protoariano*, *pseudoalucinação*, *pseudoepígrafe*, *retroalimentação*, *semiárido*, *sobreaquecer*, *socioeconômico*, *supraesofágico*, *supraocular*, *ultraelevado*.

b) O encontro de vogais diferentes tem facilitado a supressão da vogal final do 1.º elemento ou da vogal inicial do 2.º: *eletr**a**cústico*, ao lado de *eletr**oa**cústico*, e *arter**io**sclerose*. Recomendamos que se evitem essas supressões, a não ser nos casos já correntes ou dicionarizados.

c) O encontro de vogais iguais tem facilitado o aparecimento de formas reais ou potencialmente possíveis com a fusão dessas vogais, do tipo de *alfaglutinação*, ao lado de *alfa-aglutinação*; *ovadoblongo*, ao lado de *ovado-oblongo*. Para atender à regra geral de hifenizar o encontro de vogais iguais, é preferível evitar estas fusões no uso corrente, a não ser nos casos em que elas se mostram naturais, e não forçadas, como ocorre em *telespectador* (e não *tele-espectador*), *radiouvinte* (e não *rádio-ouvinte*).

d) Nas formações com os prefixos *co-*, *pro-, pre-* e *re-*, estes unem-se ao segundo elemento, mesmo quando iniciado por *o* ou *e*: *coabitar, coautor, coedição, coerdeiro, coobrigação, coocupante, coordenar, cooperação, cooperar, coemitente, coenzima, cofator, cogerente, cogestão, coirmão* ; *comandante*, *proativo, procônsul, propor, proembrião, proeminente* ; *preeleito* (ou *pré-eleito*), *preembrião* (ou *pré-embrião*), *preeminência, preenchido, preesclerose* (ou *pré-esclerose*), *preestabelecer, preexistir; reedição, reedificar, reeducação, reelaborar, reeleição, reenovelar, reentrar, reescrita, refazer, remarcar*.

2.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por consoante igual à que inicia o 2.º

elemento: *ad-digital*, *inter-racial*, *sub-base*, *super-revista*, etc.

OBSERVAÇÃO: Formas como *abbevilliano*, *addisoniano*, *addisonismo, addisonista* se prendem a nomes próprios estrangeiros: *Abbeville, Addison*.

3.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina acentuado graficamente, *pós-*, *pré-*, *pró-*: *pós-graduação, pós-tônico*; *pré-datado, pré-escolar, pré-história, pré-natal, pré-requisito*; *pró-africano, pró-europeu*.

OBSERVAÇÃO: Pode haver, em certos usos, alternância entre *pre-* e *pré-, pos-* e *pós-*; neste último caso, deve-se usar o hífen: *preesclerótico* ou *pré-esclerótico, postônico* ou *pós-tônico*.

4.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por *m* ou *n* e o 2.º elemento começa por *vogal*, *h*, *m* ou *n: circum-escolar*, *circum-hospitalar*, *circum-murado*, *circum-navegação*, *pan-africano*, *pan-americano*, *pan-harmônico*, *pan-hispânico*, *pan-mágico*, *pan-negritude.*

5.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento é um dos prefixos *ex-* (anterioridade ou cessação), *sota-*, *soto-*, *vice-*, *vizo-*: *ex-almirante*, *ex-diretor*, *ex-presidente*, *sota-almirante, sota-capitão*, *sota-vento*, *soto-almirante*, *soto-pôr* (mas *sobrepor*), *vice-presidente*, *vice-reitor*, *vizo-rei*.

OBSERVAÇÃO: Vimos que o verbo *pôr* não perde o acento gráfico (para se distinguir da preposição *por*). E mesmo em formas compostas como *soto-pôr*, ele continuará acentuado.

6.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por *vogal*, *r* ou *b* e o 2.º elemento se inicia por *h*: *adeno-hipófise*, *abdômino-histerotomia*, *anti-herói*, *anti-hemorrágico*, *arqui-hipérbole*, *auto-hipnose*, *beta-hemolítico*, *bi-hidroquinona*, *bio-histórico*, *contra-haste*, *di-hibridismo*, *entre-hostil*, *foto-heliografia*, *geo-história*, *giga-hertz*, *hétero-hemorragia*, *hiper-hidrose*, *infra-hepático*, *inter-hemisférico*, *poli-hídrico*, *semi-histórico*, *sobre-humano*, *sub-hepático*, *sub-humano*, *super-homem*, *tri-hídrico*.

OBSERVAÇÕES:

a) Nos casos em que não houver perda do som da vogal final do 1.º elemento, e o elemento seguinte começar com *h*, serão usadas as duas formas gráficas: *carbo-hidrato* e *carboidrato*; *zoo-hematina* e *zooematina*. Já quando houver perda do som da vogal final do 1.º elemento, consideraremos que a grafia consagrada deve ser mantida: *cloridrato, cloridria, clorídrico, quinidrona, sulfidrila, xilarmônica, xilarmônico*. Devem ficar como estão as palavras que, fugindo a este princípio, já são de uso consagrado, como *reidratar, reumanizar, reabituar, reabitar, reabilitar* e *reaver*.

b) Não se emprega o hífen com prefixos *des-* e *in-* quando o 2.º elemento perde o *h* inicial: *desumano, inábil, inumano, etc*.

c) Embora não tratado no Acordo, pode-se incluir neste caso o prefixo *an-* (p.ex.: *anistórico, anepático, anidrido*). Na sua forma reduzida *a-*, quando seguido de *h*, a tradição manda hifenizar e conservar o *h* (p.ex.: *a-histórico, a-historicidade*).

d) Não se emprega o hífen com as palavras *não* e *quase* com função prefixal: *não agressão, não beligerante, não fumante; quase delito, quase equilíbrio, quase domicílio,* etc.

e) Não há razão plausível que defenda a grafia *biidroquinona* ao lado de *bi-iodeto*, por este não ter *h* inicial. Foi o mesmo princípio que nos fez optar por *poli-hídrico* (em vez de *poliídrico*) e *poli-hidrite* (em vez de *poliidrite*).

7.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por *b* (*ab-, ob-, sob-, sub-*) ou *d* (*ad-*) e o 2.º elemento começa por *r*: *ab-rupto, ad-renal*, *ad-referendar, ob-rogar, sob-roda, sub-reitor, sub-reptício, sub-rogar*.

OBSERVAÇÃO: *Adrenalina*, *adrenalite* e afins já são exceções consagradas pelo uso. *Ab-rupto* é preferível a *abrupto*.

8.º) Quando o 1.º elemento termina por vogal e o 2.º elemento começa por *r* ou *s*, não se usa hífen, e estas consoantes devem duplicar-se, prática já adotada, também em palavras deste tipo pertencentes aos domínios científico e técnico: *antessala*, *antirreligioso*, *antissocial*, *autorregulamentação*, *biorritmo*, *biossatélite*, *contrarregra*, *contrassenha*, *cosseno*, *ele-*

trossiderurgia, *extrarregular*, *infrassom*, *macrorregião*, *microssistema*, *minissaia*, *multissegmentado*, *neorromano*, *protossatélite*, *pseudossigla*, *semirrígido*, *sobressaia*, *suprarrenal*, *ultrassonografia*.

41) Nas formações com sufixo

Emprega-se hífen apenas nas palavras terminadas por sufixos de origem tupi-guarani que representam formas adjetivas, como *-açu* (= grande), *-guaçu* (= grande), *-mirim* (= pequeno), quando o 1.º elemento termina por vogal acentuada graficamente ou quando a pronúncia exige a distinção gráfica dos dois elementos: *amoré-guaçu, anajá-mirim, andá-açu, capim-açu, Ceará-Mirim*.

42) O hífen nos casos de ênclise, mesóclise (tmese) e com o verbo haver

1.º) Emprega-se o hífen na ênclise e na mesóclise: *amá-lo, dá-se, deixa-o, partir-lhe; amá-lo-ei, enviar-lhe-emos*.

2.º) Não se emprega o hífen nas ligações da preposição *de* às formas monossilábicas do presente do indicativo do verbo *haver*: *hei de, hás de, hão de*, etc.

OBSERVAÇÕES:

a) Embora estejam consagradas pelo uso as formas verbais *quer* e *requer*, dos verbos *querer* e *requerer*, ao lado de *quere* e *requere*, estas últimas formas conservam-se, no entanto, nos casos de ênclise: *quere-o(s), requere-o(s)*.

Nestes contextos, as formas (legítimas, aliás) *qué-lo* e *requé-lo* são pouco usadas. *Quere* e *requere* são formas correntes entre portugueses; a primeira, a partir de 1904.

b) Usa-se também o hífen nas ligações de formas pronominais enclíticas ao advérbio *eis* (*eis-me, ei-lo*) e ainda nas combinações de formas pronominais do tipo *no-lo* (nos + o), *no-las* (nos + as), quando em próclise ao verbo (por exemplo: *Esperamos que no-lo comprem*).

XV – O trema

43) O trema não é usado em palavras portuguesas ou aportuguesadas, como: *aguentar, anguiforme, arguir, bilíngue, lingueta, linguista, linguístico, cinquenta, equestre, frequentar, tranquilo, ubiquidade*.

OBSERVAÇÕES:

a) O trema ocorre em palavras derivadas de nomes próprios estrangeiros que o possuem: *hübneriano*, de *Hübner*, *mülleriano*, de *Müller*, etc.

b) O trema poderá ser usado para indicar, quando for necessário, a pronúncia do *u* em vocabulários ortográficos e dicionários: *lingueta* (gü), *líquido* (qü ou qu), *linguiça* (gü), *equidistante* (qü ou qu).

c) Com o fim do trema em palavras portuguesas ou aportuguesadas, não houve modificação na pronúncia dessas palavras.

XVI – Acento grave

44) Emprega-se o acento grave nos casos de crase e aqueles indicados em **Emprego do à acentuado**.

1.º) Na contração da preposição *a* com as formas femininas do artigo *o* ou pronome demonstrativo *o*: *à* (de *a*+*a*), *às* (de *a*+*as*).

2.º) Na contração da preposição *a* com o *a* inicial dos demonstrativos *aquele*, *aquela*, *aqueles*, *aquelas*, e *aquilo* ou ainda da mesma preposição com compostos *aqueloutro* e suas flexões: *àquele*(*s*), *àquela*(*s*), *àquilo*, *àqueloutro*(*s*), *àqueloutras*(*s*).

3.º) Na contração da preposição *a* com os pronomes relativos *a qual*, *as quais*: *à qual*, *às*

quais.

XVII – Supressão dos acentos em palavras derivadas

45) Ocorre:

1.º) Nos advérbios em *-mente*, oriundos de adjetivos com acento agudo ou circunflexo: *avidamente* (de *ávido*), *debilmente* (de *débil*), *facilmente* (de *fácil*), *habilmente* (de *hábil*), *lucidamente* (de *lúcido*), *mamente* (de *má*), *somente* (de *só*); *candidamente* (de *cândido*), *cortesmente* (de *cortês*), *portuguesamente* (de *português*), *romanticamente* (de *romântico*).

2.º) Nas palavras que têm sufixos inciados por *z* e cujas formas de base apresentam vogal tônica com acento agudo ou circunflexo: *aneizinhos* (de *anéis*), *avozinha* (de *avó*), *bebezito* (de *bebê*), *cafezada* (de *café*), *chapeuzinho* (de *chapéu*), *mazinha* (de *má*), *orfãozinho* (de *órfão*); *avozinho* (de *avô*), *bençãozinha* (de *bênção*), *lampadazita* (de *lâmpada*), *pessegozito* (de *pêssego*).

XVIII – Divisão silábica

46) A divisão de qualquer vocábulo, assinalada pelo hífen, em regra se faz pela soletração, e não pelos seus elementos constitutivos segundo a etimologia.

47) Fundadas neste princípio geral, cumpre respeitar as seguintes normas:

1.º) A consoante inicial não seguida de vogal permanece na sílaba que a segue: *cni-do-se*, *dze-ta*, *gno-ma*, *mne-mô-ni-ca*, *pneu-má-ti-co*, etc.

2.º) No interior do vocábulo, sempre se conserva na sílaba que a precede a consoante não seguida de vogal: *ab-di-car*, *ac-ne*, *ét-ni-co*, *nup-ci-al*, *ob-fir-mar*, *op-ção*, *sig-ma-tis-mo*, *sub-por*, *sub-ju-gar*, etc.

3.º) Não se separam os elementos dos grupos consonânticos iniciais de sílabas nem os dos digramas *ch*, *lh*, *nh*: *a-blu-ção*, *a-bra-sar*, *a-che-gar*, *fi-lho*, *ma-nhã*, etc.

OBSERVAÇÃO: Nem sempre formam grupos articulados as consonâncias *bl* e *br*: nalguns casos o *l* e o *r* se pronunciam separadamente, e a isso se atenderá na partição do vocábulo; e as consoantes *dl*, a não ser no termo onomatopéico *dlim*, que exprime toque de campainha, proferem-se desligadamente, e na divisão silábica ficará o hífen entre essas duas letras. Ex.: *sub-lin-gual*, *sub-rogar*, *ad-le-ga-ção*, etc.

4.º) O *sc* no interior do vocábulo biparte-se, ficando o *s* numa sílaba, e o *c* na sílaba imediata: *a-do-les-cen-te*, *des-cer*, *pres-cin-dir*, *res-ci-são*, etc.

OBSERVAÇÃO: Forma sílaba com o prefixo antecedente o *s* que precede consoantes: *abs-tra-ir*, *ads-cre-ver*, *ins-cri-ção*, *ins-pe-tor*, *ins-tru-ir*, *in-ters-tí-cio*, *pers-pi-caz*, *subs-cre-ver*, *subs-ta-be-le-cer*, etc.

5.º) O *s* dos prefixos *bis*, *cis*, *des*, *dis*, *trans* e o *x* do prefixo *ex* não se separam quando a sílaba seguinte começa por consoante; mas, se principia por vogal, formam sílaba com esta e separam-se do elemento prefixal: *bis-ne-to*, *cis-pla-ti-no*, *des-li-gar*, *dis-tra-ção*, *trans-por-tar*, *ex-tra-ir*; *bi-sa-vô*, *ci-san-di-no*, *de-ses-pe-rar*, *di-sen-té-ri-co*, *tran-sa-tlân-ti-co*, *e-xér-ci-to*, etc.

6.º) As vogais idênticas e as letras *cc*, *cç*, *rr* e *ss* separam-se ficando uma na sílaba que as precede e outra na sílaba seguinte: *ca-a-tin-ga*, *co-or-de-nar*, *in-te-lec-ção*, *oc-ci-pi-tal*, *pror-ro-gar*, *res-sur-gir*, etc.

OBSERVAÇÃO: As vogais de hiatos, ainda que diferentes uma da outra, também se separam: *a-ta-ú-de*, *ca-í-eis*, *ca-ir*, *du-e-lo*, *fi-el*, *flu-iu*, *fru-ir*; *gra-ú-na*, *je-su-í-ta*, *le-al*, *mi-ú-do*, *po-ei-ra*, *ra-i-nha*, *sa-ú-de*, *vi-ví-eis*, *vo-ar*, etc.

7.º) Não se separam as vogais dos ditongos – crescentes e decrescentes – nem as dos tritongos: *ai-ro-so*, *a-ni-mais*, *au-ro-ra*, *a-ve-ri-gueis*, *ca-iu*, *cru-éis*, *en-jei-tar*, *fo-ga-réu*, *fu-giu*, *gló-ria*, *guai-ar*, *i-guais*, *ja-mais*, *joi-as*, *ó-dio*, *quais*, *sá-bio*, *sa-guão*, *sa-guões*, *su-bor-nou*, *ta-fuis*, *vá-rio*, etc.

OBSERVAÇÃO: Não se separa do *u* precedido de *g* ou *q* a vogal que o segue, acompanhada, ou não, de consoante: *am-bí-guo*, *e-qui-va-ler*, *guer-ra*, *u-bí-quo*, etc.

8.º) Na translineação (ou seja, na passagem para a linha seguinte quando se está escrevendo um texto) de uma palavra composta ou de uma combinação de palavras em que há um hífen, ou mais, se a partição coincide com o final de um dos elementos ou membros, por clareza gráfica, se deve repetir o hífen no início da linha seguinte: vice-almirante.

XIX – Emprego das iniciais maiúsculas

48) Emprega-se letra inicial maiúscula:

1.º) No começo do período, verso ou citação direta. Disse o Padre Antônio Vieira: "Estar com Cristo em qualquer lugar, ainda que seja no Inferno, é estar no Paraíso".

> "Auriverde pendão de minha terra
> que a brisa do Brasil beija e balança,
> Estandarte que à luz do sol encerra
> As promessas divinas da Esperança..." (Castro Alves)

OBSERVAÇÃO: Alguns poetas usam, à espanhola, a minúscula no princípio de cada verso, quando a pontuação o permite, como se vê em Castilho:

> "Aqui, sim, no meu cantinho,
> vendo rir-me o candeeiro,
> gozo o bem de estar sozinho
> e esquecer o mundo inteiro".

2.º) Nos substantivos próprios de qualquer espécie – antropônimos, topôninos, patronímicos, cognomes, alcunhas, tribos e castas, designações de comunidades religiosas e políticas, nomes sagrados e relativos a religiões, entidades mitológicas e astronômicas, etc.: *José*, *Maria*, *Macedo*, *Freitas*, *Brasil*, *Antoninos*, *Afonsinhos*, *Conquistador*, *Magnânimo*, *Coração de Leão*, *Sem Pavor*, *Deus*, *Jeová*, *Alá*, *Assunção*, *Ressureição*, *Júpiter*, *Baco*, *Cérbero*, *Via Láctea*, *Canopo*, *Vênus*, etc.

OBSERVAÇÕES:

a) As formas onomásticas que entram na formação de palavras do vocabulário comum escrevem-se com inicial minúscula quando se afastam de seu significado primitivo, excetuando-se os casos em que esse afastamento não ocorre: *água-de-colônia*, *joão-de-barro*, *erva-de-santa-maria*, *folha de flandres*; mas: *além-Brasil*, *aquém-Atlântico*, *doença de Chagas*, *mal de Alzheimer*, *sistema Didot*, *anel de Saturno*.

b) Os nomes de povos escrevem-se com inicial minúscula, não só quando designam habitantes ou naturais de um estado, província, cidade, vila ou distrito, ainda quando representam coletivamente uma nação: *amazonenses*, *baianos*, *estremenhos*, *fluminenses*, *paulistas*, *romenos*, *russos*, *suíços*, *uruguaios*, etc.

3.º) Nos nomes próprios de eras históricas e épocas notáveis: *Héjira*, *Idade Média*, *Quinhentos* (o século XVI), *Seiscentos* (o século XVII), etc.

OBSERVAÇÃO: Os nomes dos meses devem escrever-se com inicial minúscula: *janeiro*, *fevereiro*, *março*, *abril*, *maio*, *junho*, *julho*, *agosto*, *setembro*, *outubro*, *novembro*, *dezembro*.

4.º) Nos nomes de vias e lugares públicos: *Avenida de Rio Branco*, *Beco do Carmo*, *Largo da*

Carioca, *Praia do Flamengo*, *Praça da Bandeira*, *Travessa do Comércio*, *Túnel Noel Rosa*, etc.

5.º) Nos nomes que designam altos conceitos religiosos, políticos ou nacionalistas: *Igreja* (Católica, Apostólica, Romana), *Nação*, *Estado*, *Pátria*, *Raça*, etc.

OBSERVAÇÃO: Esses nomes se escrevem com inicial minúscula quando são empregados em sentido geral ou indeterminado.

6.º) Nos nomes que designam artes, ciências, ou disciplinas, bem como nos que sintetizam, em sentido elevado, as manifestações do engenho e do saber: *Agricultura*, *Arquitetura*, *Filologia Portuguesa*, *Direito*, *Medicina*, *Matemática*, *Pintura*, *Arte*, *Ciência*, *Cultura*, etc.

OBSERVAÇÃO: Os nomes *idioma*, *idioma pátrio*, *língua*, *língua portuguesa*, *vernáculo* e outros análogos escrevem-se com inicial maiúscula quando empregados com especial relevo.

7.º) Nos nomes que designam altos cargos, dignidades ou postos: *Papa*, *Cardeal*, *Arcebispo*, *Bispo*, *Patriarca*, *Vigário*, *Vigário-Geral*, *Presidente da República*, *Ministro da Educação*, *Governador do Estado*, *Embaixador*, *Almirantado*, *Secretário de Estado*, etc.

8.º) Nos nomes de repartições, corporações ou agremiações, edifícios e estabelecimentos públicos ou particulares: *Diretoria Geral do Ensino*, *Ministério das Relações Exteriores*, *Academia Paranaense de Letras*, *Círculo de Estudos "Bandeirantes"*, *Presidência da República*, *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*, *Tesouro do Estado*, *Departamento Administrativo do Serviço Público*, *Banco do Brasil*, *Imprensa Nacional*, *Teatro de São José*, *Tipografia Rolandiana*, *Museu de Arte Moderna*, etc.

9.º) Nos títulos de livros, jornais, revistas, produções artísticas, literárias e científicas: *Imitação de Cristo*, *Horas Marianas*, *Correio da Manhã*, *Revista Filológica*, *Transfiguração* (de Rafael), *Norma* (de Bellini), *O Guarani* (de Carlos Gomes), *O Espírito das Leis* (de Montesquieu), etc.

OBSERVAÇÕES: a) Não se escrevem com maiúscula inicial as partículas monossilábicas que se acham no interior de vocábulos compostos ou de locuções ou expressões que têm iniciais maiúsculas: *Queda do Império*, *O Crepúsculo dos Deuses*, *História sem Data*, *A Mão e a Luva*, *Festas e Tradições Populares do Brasil*, etc.

b) Nos bibliônimos, após o primeiro elemento, que é com maiúscula, os demais vocábulos podem ser escritos com minúscula, salvo nos nomes próprios nele contidos, tudo em grifo.

10.º) Nos nomes de fatos históricos e importantes, de atos solenes e de grandes empreendimentos públicos: *Centenário da Independência do Brasil*, *Descobrimento da América*, *Reforma Ortográfica*, *Acordo Luso-Brasileiro*, *Exposição Nacional*, *Festas das Mães*, *Dia do Município*, *Glorificação da Língua Portuguesa*, etc.

OBSERVAÇÃO: Os nomes de festas pagãs ou populares escrevem-se com inicial minúscula: *carnaval*, *entrudo*, *saturnais*, etc.

11.º) Nos nomes de escolas de qualquer espécie ou grau de ensino: *Faculdade de Filosofia*, *Escola Superior de Comércio*, *Colégio de Pedro II*, *Instituto de Educação*, etc.

12.º) Nos nomes comuns, quando personificados ou individuados, e de seres morais ou fictícios: *A Capital da República*, *a Transbrasiliana*, *moro na Capital*, *o Natal de Jesus*, *o Poeta* (Camões), *a ciência da Antiguidade*, os *habitantes da Península*, *a Bondade*, *o Amor*, *a Ira*, *o Lobo*, *o Cordeiro*, *a Cigarra*, *a Formiga*, etc.

OBSERVAÇÃO: Incluem-se nesta norma os nomes que designam atos das autoridades da República, quando empregados em correspondência ou documentos oficiais: *A Lei de 13 de maio*, *o Decreto-Lei n.º 292*, *o Decreto-Lei n.º 20.108*, *a Portaria de 15 de junho*, *o Regulamento n.º 737*, *o Acórdão de 3 de agosto*, etc.

13.º) Nos nomes dos pontos cardeais, quando designam regiões: *Os povos do Oriente*; *o falar*

do Norte é diferente do falar do Sul; *a guerra do Ocidente*, etc.

OBSERVAÇÃO: Os nomes dos pontos cardeais escrevem-se com iniciais minúsculas quando designam direções ou limites geográficos: *Percorri o país de norte a sul e de leste a oeste*.

14.º) Nos nomes, adjetivos, pronomes e expressões de tratamento ou reverência: *D*. (Dom ou Dona), *Sr*. (Senhor), *Sr.ª* (Senhora), *DD*. ou *Dig.mo* (Digníssimo), *MM*. ou *M.mo* (Meritíssimo), *Rev.mo* (Reverendíssimo), *V.Rev.ª* (Vossa Reverência), *S.E*. (Sua Eminência), *V.M*. (Vossa Majestade), *V.A*. (Vossa Alteza), *V.S.ª* (Vossa Senhoria), *V.Ex.ª* (Vossa Excelência), *V.Ex.ª Rev.ma* (Vossa Excelência Reverendíssima), *V.Ex.as* (Vossa Excelências), etc.

OBSERVAÇÃO: As formas que se acham ligadas a essas expressões de tratamento devem ser também escritas com iniciais maiúsculas: *D. Abade*, *Ex.ma Sr.ª Diretora*, *Sr. Almirante*, *Sr. Capitão-de-Mar-e-Guerra*, *MM. Juiz de Direito*, *Ex.mo e Rev.mo Sr. Arcebispo Primaz*, *Magnífico Reitor*, *Excelentíssimo Senhor Presidente da República*, *Eminentíssimo Senhor Cardeal*, *Sua Alteza Real*, etc.

15.º) Nas palavras que, no estilo epistolar, se dirigem a um amigo, a um colega, a uma pessoa respeitável, as quais, por deferência, consideração ou respeito, se queira realçar por esta maneira: *meu bom Amigo*, *caro Colega*, *meu prezado Mestre*, *estimado Professor*, *meu querido Pai*, *minha amorável Mãe*, *meu bom Padre*, *minha distinta Diretora*, *caro Dr.*, *prezado Capitão*, etc.

OBSERVAÇÃO: Para os itens 4.º, 6.º, 7.º e 14.º usa-se opcionalmente inicial minúscula (exceto para as formas abreviadas do item 14.º).

XX – Sinais de pontuação

Ver *Pontuação*.

Regras de acentuação

A – Monossílabos

Levam acento agudo ou circunflexo os monossílabos terminados em:

a) – a, – as: *já, lá, vás*;
b) – e, – es: *fé, lê, pés*;
c) – o, – os: *pó, dó, pós, sós*.

B – Vocábulos de mais de uma sílaba

1) OXÍTONOS (ou agudos)

Levam acento agudo ou circunflexo os oxítonos terminados em:

a) – a, – as: *cajás, vatapá, ananás, carajás*;
b) – e, – es: *você, café, pontapés;*
c) – o, – os: *cipó, jiló, avô, carijós*;
d) – em, – ens: *também, ninguém, vinténs, armazéns*.

Daí sem acento: *aqui, caqui, poti, caju, urubus*.

2) PAROXÍTONOS (ou graves)

Levam acento agudo ou circunflexo os paroxítonos terminados em:

a) – i, – is: *júri, cáqui, beribéri, lápis, tênis*;

b) – us: *vênus, vírus, bônus*.

OBSERVAÇÃO: Há poucos paroxítonos terminados em –*u*: um deles existente até há pouco era *tribu* que hoje se escreve com *o*: *tribo*, *tribos*.

c) – r: *caráter*, *revólver*, *éter*;

d) – l: *útil*, *amável*, *nível*, *têxtil* (não *téxtil*);

e) – x: *tórax*, *fênix*, *ônix*;

f) – n: *éden*, *hífen* (mas: *edens*, *hifens*, sem acento);

g) – um, – uns: *álbum*, *álbuns*, *médium*;

h) – ão, ãos: *órgão*, *órfão*, *órgãos*, *órfãos*;

i) – ã, – ãs: *órfã*, *ímã*, *órfãs*, *ímãs*;

j) – ps: *bíceps*, *fórceps*;

k) – on(s): *rádon, rádons*.

OBSERVAÇÃO: Devem ser acentuados os nomes técnicos terminados em -*om*: *iândom*, *rádom* (variante de *rádon*).

3) PROPAROXÍTONOS (ou esdrúxulos)

Levam acento agudo ou circunflexo todos os proparoxítonos: *cálido*, *tépido*, *cátedra*, *sólido*, *límpido*, *cômodo*.

4) CASOS ESPECIAIS

a) São sempre acentuadas as palavras oxítonas com os ditongos abertos grafados -*éis*, -*éu*(*s*) ou -*ói*(*s*) : *anéis, batéis, fiéis, papéis*; *céu(s)*, *chapéu(s)*, *ilhéu(s)*, *véu(s)*; *corrói(s)* (flexão de *corroer*), *herói(s)*, *remói(s)* (flexão de *remoer*), *sói(s)* (flexão de *soer*), *sóis* (pl. de *sol*).

b) Não são acentuadas as palavras paroxítonas com os ditongos abertos -*ei* e -*oi*, uma vez que existe oscilação em muitos casos entre a pronúncia aberta e fechada: *assembleia*, *boleia*, *ideia*, tal como *aldeia*, *baleia*, *cadeia*, *cheia*, *meia*; *coreico*, *epopeico*, *onomatopeico*, *proteico*; *alcaloide*, *apoio* (do verbo *apoiar*), tal como *apoio* (substantivo), *Azoia*, *boia*, *boina*, *comboio* (substantivo), tal como *comboio*, *comboias*, etc. (do verbo *comboiar*), *dezoito*, *estroina*, *heroico*, *introito*, *jiboia*, *moina*, *paranoico*, *zoina*.

OBSERVAÇÃO: Receberá acento gráfico a palavra que, mesmo incluída neste caso, se enquadrar em regra geral de acentuação, como ocorre com *blêizer, contêiner, destróier, gêiser, Méier*, etc., porque são paroxítonas terminadas em -*r*.

c) Não se acentuam os encontros vocálicos fechados: *pessoa*, *patroa*, *coroa*, *boa*, *canoa*; *teu*, *judeu*, *camafeu*; *voo*, *enjoo*, *perdoo*, *coroo*.

OBSERVAÇÃO: Será acentuada a palavra que, mesmo incluída neste caso, se enquadrar em regra geral de acentuação gráfica, como ocorre com *herôon* (Br.)/ *heróon* (Port.), paroxítona terminada em -*n*.

d) Não levam acento gráfico as palavras paroxítonas que, tendo respectivamente vogal tônica aberta ou fechada, são homógrafas de artigos, contrações, preposições e conjunções átonas. Assim, não se distinguem pelo acento gráfico: *para* (á) [flexão de *parar*], e *para* [preposição]; *pela(s)* (é) [substantivo e flexão de *pelar*] e *pela(s)* [combinação de *per* e *la(s)*]; *pelo* (é) [flexão de *pelar*] e *pelo(s)* (ê) [substantivo e combinação de *per* e *lo(s)*]; *pera* (ê) [substantivo] e *pera* (é) [preposição antiga]; *polo(s)* (ó) [substantivo] e *polo(s)* [combinação antiga e popular de *por* e *lo(s)*]; etc.

OBSERVAÇÃO: Seguindo esta regra, também perde o acento gráfico a forma *para* (do verbo *parar*) quando entra num composto separado por hífen: *para-balas, para-brisa(s)*, *para-choque(s)*, *para-lama(s)*, etc.

e) Levam acento agudo o *i* e *u*, quando representam a segunda vogal tônica de um hiato, desde que não formem sílaba com *r*, *l*, *m*, *n*, *z* ou não estejam seguidos de *nh*: *saúde*, *viúva*, *saída*, *caído*, *faísca*, *aí*, *Grajaú*; *raiz* (mas *raízes*), *paul*, *ruim*, *ruins*, *rainha*, *moinho*.

f) Não leva acento a vogal tônica dos ditongos *iu* e *ui*: *caiu*, *retribuiu*, *tafuis*, *pauis*.

g) Não serão acentuadas as vogais tônicas ***i*** e ***u*** das palavras **paroxítonas**, quando estas vogais estiverem precedidas de ditongo decrescente: *baiuca, bocaiuva, boiuno, cauila* (var. *cauira*), *cheiinho* (de *cheio*), *feiinho* (de *feio*), *feiura, feiudo, maoismo, maoista, saiinha* (de *saia*), *taoismo, tauismo*.

OBSERVAÇÕES:

1.º) Na palavra ***eoípo*** (= denominação dos primeiros ancestrais dos cavalos), a pronúncia normal assinala hiato (e-o), razão por que tem acento gráfico.

2.º) A palavra paroxítona *guaíba* não perde o acento agudo porque a vogal tônica *i* está precedida de ditongo crescente.

h) Serão acentuadas as vogais tônicas ***i*** e ***u*** das palavras **oxítonas**, quando mesmo precedidas de ditongo decrescente estão em posição final, sozinhas na sílaba, ou seguidas de *s*: *Piauí, teiú, teiús, tuiuiú, tuiuiús*.

OBSERVAÇÃO: Se, neste caso, a consoante final for diferente de *s*, tais vogais **não serão acentuadas**: *cauim, cauins*.

i) A 3.ª pessoa de alguns verbos se grafa da seguinte maneira:

1) quando termina em – *em* (monossílabos):

3.ª pess. sing.	3.ª pess. pl.
– em	– êm
ele tem	*eles têm*
ele vem	*eles vêm*

2) quando termina em – *ém*:

3.ª pess. sing.	3.ª pess. pl.
– ém	– êm
ele contém	*eles contêm*
ele convém	*eles convêm*

3) quando termina em – *ê* (*crê*, *dê*, *lê*, *vê* e derivados):

3.ª pess. sing.	3.ª pess. pl.
– ê	– eem
ele crê	*eles creem*
ele revê	*eles reveem*

j) Levam acento agudo ou circunflexo os vocábulos terminados por ditongo oral átono, quer decrescente ou crescente: *ágeis*, *devêreis*, *jóquei*, *túneis*, *área*, *espontâneo*, *ignorância*, *imundície*, *lírio*, *mágoa*, *régua*, *tênue*.

k) Leva acento agudo ou circunflexo a forma verbal terminada em *a*, *e*, *o* tônicos, seguida de *lo*, *la*, *los*, *las*: *fá-lo*, *fá-los*, *movê-lo-ia*, *sabê-lo-emos*, *trá-lo-ás*.

OBSERVAÇÃO: Pelo último exemplo, vemos que se o verbo estiver no futuro poderá haver dois acentos: *amá-lo-íeis*, *pô-lo-ás*, *fá-lo-íamos*.

l) Também leva acento agudo a vogal tônica *i* das formas verbais **oxítonas** terminadas em *-air* e *-uir*, quando seguidas de *-lo(s), -la(s)*, caso em que perdem o *r* final, como em: *atraí-lo(s)* [de *atrair-lo(s)*] ; *atraí-lo(s)-ia* [de *atrair-lo(s)-ia*] ; *possuí-la(s)* [de *possuir-la(s)*]; *possuí-la(s)-ia* [de *possuir-la(s)-ia*].

m) Não levam acento os prefixos paroxítonos terminados em *-r* e *-i*: *inter-helênico*, *super-homem*, *semi-histórico*.

n) Não leva trema o *u* dos grupos *gue*, *gui*, *que*, *qui*, mesmo quando for pronunciado e átono: *aguentar*, *arguição*, *eloquência*, *frequência*, *tranquilo*.

OBSERVAÇÕES:

1.º) Os verbos *ARGUIR* e *REDARGUIR* não levam acento agudo na vogal tônica *u* nas formas rizotônicas (aquelas cuja sílaba tônica está no radical): *arguo*, *arguis*, *argui*, *arguem*; *argua, arguas,* etc.

2.º) Os verbos do tipo de *AGUAR, APANIGUAR, APAZIGUAR, APROPINQUAR, AVERIGUAR, DESAGUAR, ENXAGUAR, OBLIQUAR, DELINQUIR* e afins podem ser conjugados de duas formas: ou têm as formas rizotônicas (cuja sílaba tônica recai no radical) com o *u* do radical tônico, mas sem acento agudo; ou têm as formas rizotônicas com *a* ou *i* do radical com acento agudo: averiguo (ou averíguo), averiguas (ou averíguas), averigua (ou averígua), etc.; averigue (ou averígue), averigues (ou averígues), etc.; delinquo (ou delínquo), delinques (ou delínques), etc.; delinqua (ou delínqua), delinquas (ou delínquas), etc.

3.º) O verbo *delinquir*, tradicionalmente dado como defectivo (ou seja, verbo que não é conjugado em todas as pessoas), é tratado como verbo que tem todas as suas formas. O Acordo também aceita duas possibilidades de pronúncia, quando a tradição padrão brasileira na gramática para este verbo só aceitava sua conjugação nas formas arrizotônicas.

4.º) Em conexão com os casos citados acima, é importante mencionar que os verbos em *-ingir* (*atingir*, *cingir*, *constringir*, *infringir*, *tingir*, etc.) e os verbos em *-inguir* sem a pronúncia do *u* (*distinguir*, *extinguir*, etc.) têm grafias absolutamente regulares (*atinjo*, *atinja*, *atinge*, *atingimos*, etc.; *distingo*, *distinga*, *distingue*, *distinguimos*, etc.)

o) Leva acento circunflexo diferencial a sílaba tônica da 3.ª pess. sing. do pret. perf. *pôde*, para distinguir-se de *pode*, forma da mesma pess. do pres. do ind.

p) Não se usa acento gráfico para distinguir as palavras oxítonas homógrafas (que possuem a mesma grafia), mas heterofônicas (pronunciadas de formas diferentes), do tipo de *cor* (ô) (substantivo) e *cor* (ó) (elemento da locução *de cor*) ; *colher* (ê) (verbo) e *colher* (é) (substantivo).

OBSERVAÇÃO: A forma verbal *pôr* continuará a ser grafada com acento circunflexo para se distinguir da preposição átona *por*.

q) Não é acentuada nem recebe apóstrofo a forma monossilábica *pra*, redução de *para*. Ou seja, são **incorretas** as grafias *prá* e *p'ra*.

r) Pode ser ou não acentuada a palavra *fôrma* (substantivo), distinta de *forma* (substantivo; 3.ª pess. do sing. do pres. do ind. ou 2.ª pess. do sing. do imper. do verbo *formar*). A grafia *fôrma (com acento gráfico) deve ser usada apenas nos casos em que houver ambiguidade, como nos versos do poema "Os sapos", de Manuel Bandeira: "Reduzi sem danos/ A fôrmas a forma."*

2 Extraído de *Elementos de Língua Pátria* de J. Mattoso Câmara Jr. [MC.5].

3 Extraído de *Elementos de Língua Pátria* de J. Mattoso Câmara Jr. [MC.5].

4 Daí ser possível uma mudança ortográfica do tipo *quasi* → *quase*, *tribu* → *tribo*. Mudou-se a letra, mas não o fonema.

5 Na realidade, as *reduzidas* não estão cientificamente formuladas pela NGB, e o melhor seria bani-las. Em muitos casos das chamadas reduzidas o que temos, na realidade, é mudança ou troca de fonema.

6 J. Mattoso Câmara Jr. [MC.5, II, 121].

7 Em lugar de *i* ou *u*, em certos casos, se pode grafar a semivogal *e* ou *o*, respectivamente, em observância às convenções do nosso sistema ortográfico vigente, segundo as quais a semivogal dos ditongos orais é representada pelo grafema *i* e a dos ditongos nasais pelo grafema *e*: *pai* / *mãe*, *distrai* / *distraem.*

8 Niedermann, *Phonétique Latine*, 37.

9 *Normas para a Língua Falada no Teatro*, 485-63.

10 *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, 16.

11 Destas últimas não cogita a NGB.

12 Na língua portuguesa moderna predomina a sequência progressiva, que consiste em apresentar, de preferência, a declaração no fim (o predicado), o determinado antes do determinante, o que se torna cômodo aos interesses de compreensão do interlocutor.

13 Por isso, nos compostos, para determinação da posição do acento tônico, leva-se em consideração a última palavra. Destarte, é oxítono *couve-flor* e paroxítono *arco-íris*.

14 Exemplos extraídos de [SS.2, 97-98].

15 Epifania - festa dos reis magos

II – Gramática descritiva e normativa

As Unidades no Enunciado

A) Formas e funções

Introdução

Classes de Palavras e Categorias Gramaticais

Os diversos significados – Quase sempre a gramática engloba numa mesma relação palavras que pertencem a grupos bem diferentes: *substantivo*, *adjetivo*, *artigo*, *numeral*, *pronome*, *verbo*, *advérbio*, *preposição*, *conjunção* e *interjeição*. Um exame atento facilmente nos mostrará que a relação junta palavras de natureza e funcionalidade bem diferentes com base em critérios categoriais, morfológicos e sintáticos misturados. E o elemento que as diferencia são os diversos significados que lhes são próprios. Para tanto, devemos distinguir os seguintes significados:16

a) SIGNIFICADO LEXICAL, que já conhecemos antes, é o significado que corresponde ao *quê* da apreensão do mundo extralinguístico, isto é, é o que corresponde à organização do mundo extralinguístico mediante as línguas. Como diz bem Coseriu, a linguagem *classifica* a realidade segundo interesses e atitudes humanas; por isso suas distinções *podem* coincidir com realidades e delimitações objetivas, mas isso não é necessário. A língua é um saber acerca de modelos e esquemas linguísticos, e não sobre os objetos, a respeito dos quais informam nossa experiência (o nosso saber do mundo) e as ciências não linguísticas; assim, que um vulcão se chame *Popocatepetl*, e só haja um com este nome, é um fato da geografia, e não um *fato de língua*.17 É o significado que é comum a cada uma das séries de palavras: *amor – amante – amar – amavelmente*; *verdor – verde – enverdar*, etc.

b) SIGNIFICADO CATEGORIAL é o que corresponde ao *como* da apreensão do mundo extralinguístico, a forma da intuição da realidade ou, ainda, o modo de ser das palavras no discurso, e não classes léxicas fixas: *amor* (quando empregado como substantivo), *amante* (quando empregado como adjetivo), *amar* (quando empregado como verbo), *amavelmente* (quando advérbio). Não cabe à gramática descritiva, mas sim à gramática geral, definir a categoria linguística "substantivo"; à gramática descritiva cabe tão somente comprovar se a língua objeto da descrição tem ou não substantivos, e, em caso afirmativo, quais são os meios materiais, isto é, os esquemas formais para expressar a categoria "substantivo". Assim, a

categoria "substantivo" expressa substantivos por meio de nomes como *homem, livro, saudade*, por meio de pronomes como *isto*, *isso*, *aquilo*, por sintagmas como *Rio Grande do Norte* ou orações (as chamadas subordinadas substantivas). As palavras lexemáticas e categoremáticas só estão categorialmente determinadas como substantivo, adjetivo, verbo e advérbio quando integradas na oração, atualizadas no discurso. No momento em que a gramática geral define o que é "adjetivo", essa definição, se correta, deverá servir a todas as línguas que tenham adjetivos. É equivocado o querer definir "o adjetivo em português". À gramática descritiva cabe descrevê-lo *numa* língua.

Constituem o substantivo, o adjetivo, o verbo e o advérbio as quatro únicas reais "categorias gramaticais" da língua, confusamente misturadas na gramática tradicional, e que aqui chamaremos "categorias verbais", porque são as únicas dotadas do significado categorial. Admitem, como já ensina a gramática tradicional, subdivisões, que serão estudadas no lugar próprio (substantivos próprios e comuns, etc.). Cabe lembrar que o significado categorial não caracteriza apenas os lexemas, mas ainda sintagmas e orações inteiras. Também o significado categorial está sempre implicado com certas funções específicas na estruturação gramatical; por isso, só o "substantivo" (representado por nome, pronome, sintagma nominal, oração nominalizada) pode ser o sujeito da oração, assim como o verbo exerce a função de predicado.18 Os significados categoriais são modos do conteúdo significativo. Todavia isto não serve de definição de substantivo; uma palavra não é substantivo porque funciona como sujeito, mas, ao contrário, pode ser sujeito porque é substantivo ou pode aparecer como tal.

c) SIGNIFICADO INSTRUMENTAL é o significado dos morfemas, isto é, dos elementos pertencentes ao universo da gramática, e podem apresentar-se como palavras morfemáticas (como os *artigos* e as *preposições*, por exemplo, ou como elementos de palavras: o *-s* de *livro-s* ou de *trabalha-s*, etc.); são os chamados englobadamente *instrumentos gramaticais*. O artigo *o* em *o livro* tem o significado "atualizador" e o *-s* em *livro-s* tem o significado "pluralizador". Incluem-se como dotados desse significado instrumental, isto é, como "morfemas", nas combinações gramaticais, os prefixos, os sufixos, as desinências, o acento, o ritmo, a entoação, a ordem das palavras, etc. Os significados instrumentais são modos da expressão material.

d) SIGNIFICADO ESTRUTURAL OU SINTÁTICO (este aqui tomado em sentido restrito) é o significado que resulta das combinações de unidades lexemáticas ou categoremáticas com unidades morfemáticas e morfemas, dentro da oração. São significados estruturais "singular", "plural", "atual", "virtual", "ativo", "passivo", "presente", "passado", "futuro", "indicativo", etc. Assim o *-s* de *livro-s* tem o significado instrumental" pluralizador" (e não "plural") ao lado do pluralizado *livro*; da combinação resulta o significado estrutural ou sintático "plural".

e) SIGNIFICADO ÔNTICO, que só se dá no plano da oração, é o que corresponde ao valor existencial que se comunica ao estado de coisas designado na oração: "afirmativo", "negativo", "interrogativo", "imperativo", etc.

Classe de palavra e classe verbal – Tem-se feito confusão entre *classe de palavra e categoria* ou classe *verbal*, confusão que pode ser desfeita com exemplos simples.[19] Assinalando com F a forma física, com L o significado léxico e com C o significado categorial, as palavras abstratas podem ser constituídas: a) como puras "formas" (F), por exemplo "amo" em português, e somente levando em conta sua forma, pode-se classificar apenas pelo seu lado material: é uma palavra dissílaba; é uma palavra paroxítona; é uma palavra com três fonemas, etc.; b) como "formas léxicas" ou "lexemas" (FL), por exemplo o português *verde*, independentemente dos diferentes significados categoriais, isto é, como adjetivo ou como substantivo; c) como "formas categoriais" ou "categoremas" (FC), por exemplo, *quadro, papel*, como substantivos, independentemente dos diferentes significados léxicos ("*quadro* de um pintor", "*quadro* de futebol", "folha de *papel*", "*papel* de um ator") e d) como palavras com significado léxico e categorial (FCL), por exemplo, em português *amo* 'senhor', substantivo, e *amo* 'quero bem', verbo. Somente as palavras abstratas dotadas com FC ou com FCL podem ser classificadas categorialmente graças ao elemento C; isto significa que uma mesma palavra FL poderá figurar em classes distintas se apresenta diferentes significados C, como foi o caso de *verde* (adjetivo: "folha *verde*", e substantivo: "o *verde* da folha") e *amo* (substantivo e verbo). Em suma: não podemos querer que a palavra *verde*, substantivo, pertença à classe da palavra *verde*, adjetivo, apenas porque tem o mesmo significado lexical, isto é, apelando para um traço que nada tem que ver com o critério com que está constituída a classe verbal.

Se tomarmos por critério FL, "verde" será uma só e mesma palavra, assim como "amo"; se as estabelecermos como FCL, "verde", adjetivo, e "verde", substantivo, serão duas palavras diferentes, assim como "amo" 'senhor' e "amo" 'quero bem', o que também valerá para o inglês (*the*) *fire* e (*to*) *fire*, isto é, substantivo e verbo.

Ao nos referirmos ao significado estrutural, aludimos, junto com as unidades lexemáticas (lexemas), às unidades categoremáticas, os pronomes, que são "formas sem substância", isto porque apresentam apenas, ou em primeiro lugar, um significado categorial, sem representar nenhuma matéria extralinguística. Por isso, os pronomes são substantivos, adjetivos, advérbios e – em algumas línguas que não o português – até verbos. Diferem dos lexemas porque não possuem significado lexical, ou, se o apresentam, têm um significado lexical genérico ("pessoa", "coisa", "lugar", "tempo", "modalidade", etc.), dado pela situação ou por outras palavras do contexto.[20]

Nas mesmas condições do pronome, pode-se incluir na classe das palavras categoremáticas o *numeral*.[21]

Por tudo o que vimos até aqui, os significados léxico, categorial e instrumental nos permitem dividir as palavras em lexemáticas (substantivo, adjetivo, verbo e advérbio), categoremáticas (pronome e numeral) e morfemáticas (artigo, preposição e conjunção).

Isto não impede que uma palavra categoremática possa também aparecer com significado instrumental, como é o caso de *meu lápis*, em que *meu* tem o significado categorial "adjetivo" e o significado instrumental em relação ao substantivo *lápis*, determinado como singular e do

gênero masculino. Vimos que as palavras lexemáticas, além do significado lexical, têm em português significado categorial, e podem funcionar também como instrumentos.

Da lista tradicional das classes de palavras só nos falta falar da *interjeição*, que, a rigor, nem é pura *palavra*, mas uma *palavra-oração*, que só por si pode valer por um conteúdo de pensamento da linguagem emocional.

Distinguidas assim as classes de palavras, podemos agora caracterizar uma a uma.

1 – Substantivo

Substantivo – é a classe de lexema que se caracteriza por significar o que convencionalmente chamamos *objetos substantivos*, isto é, em primeiro lugar, substâncias (*homem, casa, livro*) e, em segundo lugar, quaisquer outros objetos mentalmente apreendidos como substâncias, quais sejam qualidades (*bondade, brancura*), estados (*saúde, doença*), processos (*chegada, entrega, aceitação*).

Concretos e abstratos – Os substantivos se dividem em *concretos* e *abstratos*. Os concretos são *próprios* e *comuns*.

Substantivo concreto é o que designa ser de existência independente: *casa, mar, sol, automóvel, filho, mãe*.

Substantivo abstrato é o que designa ser de existência dependente: *prazer, beijo, trabalho, saída, beleza, cansaço.*

Os substantivos concretos nomeiam pessoas, lugares, animais, vegetais, minerais e coisas.

Os substantivos abstratos designam ações (*beijo, trabalho, saída, cansaço*), estado e qualidade (*prazer, beleza*), considerados fora dos seres, como se tivessem existência individual.

Próprios e comuns – Dividem-se os substantivos em *próprios* e *comuns*, divisão que pertence a planos diferentes.

Substantivo próprio é o que se aplica a um objeto ou a um conjunto de objetos, mas sempre individualmente. Isto significa que o substantivo próprio se aplica a esse objeto ou a esse conjunto de objetos, considerando-os como indivíduos. Assim, um nome como *João, Isabel* ou *Açores* só acidentalmente se aplicará a várias pessoas ou ilhas não porque estas apresentam características comuns que as identifiquem como membro de uma classe ou conjunto específico. Por isso cada *João*, cada *Isabel* e cada *Açores* é uma pessoa ou ilha considerada como indivíduo inconfundível para as demais pessoas. São materialmente idênticos, mas se aplicam a indivíduos diferentes. Se por *palavra* se entende significante (expressão) + significado (conteúdo), dois ou mais nomes *João* ou *Isabel* não representam a rigor uma só palavra.

Os substantivos próprios mais importantes são os *antropônimos* e os *topônimos*. Os primeiros se aplicam às pessoas que, em geral, têm *prenome* (nome próprio individual) e *sobrenome* ou *apelido* ("que situa melhor o indivíduo em função da sua proveniência geográfica [Frei Henrique de Coimbra], da sua profissão [*Caeiro*], da sua filiação (patronímico) [*Soares*, filho de Soeiro], de uma qualidade física ou moral [*Diogo Cão*], de uma circunstância de nascimento [*Neto*]").22

Os topônimos se aplicam a lugares e acidentes geográficos.

SUBSTANTIVO COMUM é o que se aplica a um ou mais objetos particulares que reúnem características inerentes a dada classe: *homem, mesa, livro, cachorro, lua, sol, fevereiro, segunda-feira, papa.*

Os cinco últimos exemplos patenteiam que há substantivos comuns que são nomes individualizados, não como os nomes próprios, mas pelo contexto extralinguístico e pelo nosso saber que nos diz que, no contexto "natural" nosso só há uma lua, um sol, um mês fevereiro, e um só dia da semana segunda-feira, e, no contexto "cultural", só há um papa. Se forem escritos com maiúscula, deve-se o fato à pura convenção ortográfica, e não porque são nomes próprios.

Nomes empregados no plural com referência a uma pluralidade de objetos que individualmente têm o mesmo nome (os *Antônios,* as *Marias*, as *Romas*), ou se aplicam ao conjunto de membros de uma mesma família ou nacionalidade (os *Azevedos,* os *Maias*) ou que significam "entes como..." (os *Tiradentes,* os *Ruis*, os *Pelés*, os *Eldorados*), ou, ainda, os objetos designados pelos nomes dos autores, fabricantes, produtores (os *Rembrandts*, os *Machados de Assis* e os *Fords*), são, na realidade, nomes da "classe" e, portanto, substantivos comuns.

Passagem de nomes próprios a comuns – Não nos prendemos apenas à pessoa ou coisa nomeada; observamos-lhes qualidades e defeitos que se podem transferir a um grupo mais numeroso de seres. Os personagens históricos, artísticos e literários pagam o tributo de sua fama com o desgaste do valor individualizante do seu nome próprio que, por isso, passa a comum. Por esta maneira é que aprendemos a ver no *Judas* não só o nome de um dos doze apóstolos, aquele que traiu Jesus; é também a encarnação mesma do *traidor*, *do amigo falso*, em expressões do tipo: *Fulano é um judas.*

Desta aplicação geral de um nome próprio temos vários outros exemplos: *dom-joão* (= homem formoso; galanteador; irresistível às mulheres), *tartufo* (= homem hipócrita; devoto falso), *cicerone* (guia de estrangeiros, dando-lhes informações que lhes interessam), *benjamim* (= filho predileto, geralmente o mais moço; o mais jovem membro de uma agremiação; prende-se ao personagem bíblico que foi o último e predileto filho de Jacó), *áfrica* (= façanha; proeza; revive as façanhas dos antigos portugueses nessas terras).

Passam a substantivos comuns os nomes próprios de fabricantes e de lugares onde se fazem ou se fabricam certos produtos: *estradivários* (= violino de Stradivárius), *guilhotina* (de J. Inácio Guilhotin), *macadame* (do engenheiro Mac Adam), *sanduíche* (do conde de Sandwich), *havana* (charuto; em Portugal *havano*) , *champanha* (da região francesa Champagne),

cambraia (da cidade francesa de Cambray).

Contáveis e não contáveis – Outra subclasse do substantivo repousa na variedade da sua extensão, que pode ser descontínua e discreta ou contínua. No primeiro caso, a classe é constituída por objetos que existem isolados como partes individualmente consideradas, e recebem o nome de *contáveis*: *homem, mulher, casa, livro,* etc.

No segundo caso, refere-se a classe a objetos contínuos, não separados em partes diversas, que podem ser massa ou matéria ou, ainda, uma ideia abstrata, e recebem o nome de *não contáveis*: *oceano, vinho, bondade, beleza*. Estes não contáveis constituem em geral os *singularia tantum*, isto é, habitualmente só se usam no singular.

À categoria dos não contáveis pertence o substantivo *coletivo*, que, na forma de singular, faz referência a uma coleção ou conjunto de objetos: *arvoredo, folhagem, casario.* Distingue-se o coletivo do plural de um substantivo contável, pois este alude a uma coleção de objetos considerados individualmente: *árvores, folhas, casas*.

Entre os coletivos há os *universais* (*povo, passarada, casario*) e os *particulares* (*caniçal, vinhedo, laranjal*). Os coletivos universais não são contáveis, e, por isso, só se pluralizam nas condições especiais à classe, enquanto os particulares se contam e podem ser pluralizados.

Não se confundem com os coletivos os chamados por Herculano de Carvalho *nomes de grupo* (*bando, rebanho, cardume,* etc.), embora assim o faça a gramática. Na realidade, são nomes de conjunto de objetos contáveis, que se aplicam habitualmente ou a uma espécie definida (*cardume, alcateia, enxame*) ou total ou parcialmente indefinida (*conjunto, grupo, bando*: *bando de pessoas, de aves, de alunos*). Ao contrário dos coletivos, os nomes de grupos, principalmente do 2.º grupo, requerem determinação explícita da espécie de objetos que compõem o conjunto: *um* ***bando*** *de pessoas, de adolescentes,* etc.; *um* ***cardume*** *de baleias, de sardinhas*, etc. Já não seria possível *um vinhedo de vinhos.*

São coletivos e nomes de grupo usuais:

a) CONJUNTO DE PESSOAS:

Alcateia, bando, caterva, corja, horda, farândula, malta, quadrilha, récova, súcia, turba: de ladrões, desordeiros, assassinos, malfeitores e vadios.

Associação, clube, comício, comissão, congresso, conselho, convenção, corporação, grêmio, sociedade: de pessoas, reunidas para fim comum.

Assistência, auditório, concorrência, aglomeração, roda: de assistentes, ouvintes ou espectadores.

Cabido: de cônegos de uma catedral.

Caravana: de viajantes.

Claque, torcida: de espectadores para aplaudir ou patear.

Clientela: de clientes, de advogados, de médicos, etc.

Comitiva, cortejo, séquito, acompanhamento: de pessoas que acompanham outra por dever ou cortesia.

Comunidade, confraria, congregação, irmandade: ordem de religiosos.
Concílio, conclave, consistório, sínodo, assembléia: de párocos ou de outros padres.
Coro: conjunto, bando de pessoas que cantam juntas.
Elenco: de artistas de uma companhia, peça ou filme.
Equipagem, marinhagem, companha, maruja, tripulação: de marinheiros.
Falange: de heróis, guerreiros, espíritos.
Junta: de credores, de médicos.
Pessoal: de uma fábrica, repartição pública ou escola, loja.
Plêiade ou *plêiada*: de poetas, artistas, talentos.
Ronda: de policiais que percorrem as ruas velando pela ordem pública.
Turma: de estudantes, trabalhadores, médicos.

b) Grupo de animais:
Alcateia: de lobos, panteras ou outros animais ferozes.
Bando, revoada: de aves, pardais.
Cáfila: de camelos.
Cardume, boana, corso (ô)*, manta*: de peixes.
Colmeia, enxame, cortiço: de abelhas.
Correição, cordão: de formigas.
Fato: rebanho de cabras.
Fauna: conjunto de animais próprios de uma região.
Gado: conjunto de animais criados nas fazendas.
Junta, obesana, cingel, jugo, jugada: de bois.
Lote: de burros, grupos de bestas de carga.
Malhada, oviário, rebanho: de ovelhas.
Manada: de cavalos, de porcos, éguas.
Matilha: de cães.
Ninhada: rodada de pintos.
Nuvem, miríade, onda, praga: de gafanhotos, marimbondos, percevejos.
Piara, vara: de porcos.
Récova, récua: de cavalgaduras.
Rebanho, armento, armentio, grei, maromba: de bois, ovelhas.

c) Grupo de coisas:
Acervo, chorrilho, enfiada: de asneiras, tolices. *Acervo* também se aplica aos bens materiais: É grande o *acervo* da Biblioteca Nacional.
Antologia, analecto, crestomatia, coletânea, florilégio, seleta: de trechos literários ou científicos.

Aparelho, baixela, serviço: de chá, café, jantar.
Armada, esquadra, frota: de navios de guerra.
Bateria, fileira: de peças de artilharia.
Braçada, braçado, buquê, ramo, ramalhete (ê), *festão*: de flores.
Cacho: de uvas, de bananas.
Cancioneiro: de canções. É erro empregar o vocábulo como sinônimo de cantor em expressões como *cancioneiros românticos*.
Carrada: de razões.
Chuva, chuveiro, granizo, saraiva, saraivada: de balas, pedras, setas.
Coleção: de selos, quadros, medalhas, moedas, livros.
Constelação: de estrelas.
Cordilheira, cadeia, série: de montes, montanhas.
Cordoalha, cordame, enxárcia: de cabos de um navio.
Feixe, lio, molho (ó): de lenha, capim.
Fila, fileira, linha: de cadeiras.
Flora: conjunto de plantas de uma determinada região.
Galeria: de quadros, estátuas.
Gavela ou *gabela, paveia*: feixe de espigas.
Herbário: coleção de plantas para exposição ou estudo.
Hinário: de hinos.
Instrumental: de instrumentos de orquestra, de qualquer ofício mecânico, de cirurgia.
Mobília, mobiliário: de móveis.
Monte, montão: de pedras, palha, lixo.
Penca: de bananas, laranjas, chaves.
Pilha, ruma: de livros, malas, tábuas.
Réstia: de cebolas, alhos.
Sequência: série de cartas do mesmo naipe.
Troféu: de bandeiras.

OBSERVAÇÃO: Para outros coletivos e nomes de grupos consulte-se o dicionário.

Estrutura interna do substantivo – A estrutura interna ou constitucional do substantivo (isto é, sua morfologia) consiste, nas línguas flexivas como o português, em geral, na combinação de um signo lexical expresso pelo radical com signos morfológicos expressos por desinências e alternâncias, ambos destituídos de existência própria fora dessa combinação. Entre as desinências que, na flexão, se combinam com o substantivo está a marca de *número* e, nas línguas que a possuem, a marca de *caso* (nominativo, acusativo, etc., como se dá, por exemplo, no grego, no latim, no alemão). O substantivo, fora da flexão, pode ser dotado da marca de gênero: *menino/menina, gato/gata.*[23]

Número – É uma categoria gramatical inerente primariamente ao substantivo, que se refere aos objetos substantivos considerando-os na sua unidade da classe a que pertencem (é o número *singular*) ou no seu conjunto de dois ou mais objetos da mesma classe (é o número *plural*). Quando o singular designa vários objetos de uma mesma classe considerados num todo, temos o *coletivo* (*professorado, alunado, caravana, cardume*, etc.).

A classe dos objetos substantivos pode conter unidades descontínuas e discretas: são os objetos *contáveis* (*homem, casa, cadeira*, etc.); a classe pode também ser constituída de objetos desprovidos de limites internos, como se fossem objetos únicos: são os *não contáveis*. Estes objetos únicos ou são massa ou matéria, ou concebidos como tal (*ouro, ferro, céu*, etc.), ou uma ideia abstrata (*amor, saudade, riqueza*, etc.).

Facilmente se pluralizam os substantivos que pertencem ao grupo dos contáveis (*homem - homens; casa - casas*); já os não contáveis, em geral, se usam no singular (*singularia tantum*). Em alguns desses nomes não contáveis, o plural alude a diferentes espécies ou à fragmentação: *vinhos* (o tinto, o branco, o rosé), *mares* e, por consequência, se apresentam com variação semântica. [HCv.1, 14, 364; SA.2, 69]

Em português, o significado gramatical plural é obtido com a presença da desinência pluralizadora *-s* fonologicamente constituída pela consoante sibilante pós-vocálica diante de pausa.24 O singular se caracteriza pela ausência desta desinência.

A flexão de número, em português, pelo mecanismo da concordância, se estende ao adjetivo (e demais adjuntos do substantivo) e ao verbo, quando este entra em concordância de número com a pessoa do sujeito.

A flexão de número dos substantivos

a) **Formação do plural com acréscimo de *-s***

Forma-se o plural dos substantivos com o acréscimo do morfema pluralizador (desinência do plural) *-s*, quando terminados explicitamente por:

1 – vogal ou ditongo oral: *livro → livros; lei → leis; cajá → cajás.*

2 – vogal nasal tônica ou átona: *ímã → ímãs*; *irmã → irmãs*; *dom → dons* (grafando-se *ns*); *álbum → álbuns; totem → totens* (para o plural *tótemes*).

3 – ditongos nasais *-ãe* (tônicos ou átonos) e *-ão* (átono): *mãe → mães; bênção → bênçãos*.

b) **Formação do plural com acréscimo de *-es***

Quando não está explícita a vogal temática suprimida no singular deverá ser restituída para constituir a forma teórica (*ás → *ase → ases*) e depois ser acrescida a desinência *-s*. Isto ocorre quando o singular termina por:

1 – *-s* (em sílaba tônica): *ás → ases*; *freguês → fregueses*

Cós serve para os dois números e ainda possui o plural reduplicativo *coses*.

2 – *-z* (em sílaba tônica): *luz → luzes*; *giz → gizes*; *cicatriz → cicatrizes*

3 – *-r*: *cor* → *cores*; *elixir* → *elixires*; *revólver* → *revólveres*

c) **Plural de nomes gregos em *-n***

Nos nomes de origem grega terminados em *-n*, pode-se obter o plural com o acréscimo da desinência *-s*, ou recorrer à forma teórica com a recuperação do *-e* (*abdômen* → **abdomene* → *abdômenes*). Melhor fora dar a estes substantivos feição mais de acordo com o sistema fonológico do português, eliminando o *-n* final ou substituindo-o por *-m* e procedendo-se à formação do plural com o só acréscimo do *-s* (*abdome* → *abdomes*; *pólen* → *polem* → *polens,* grafando *-ns*):

abdômen → abdomens ou abdômenes

certâmen → certamens ou certâmenes

dólmen (dolmem) → dolmens ou dólmenes

espécimen → espécimens ou especímenes

gérmen → germens ou gérmenes

hífen → hifens ou hífenes

pólen (polem) → polens ou pólenes

regímen → regimens ou regímenes

OBSERVAÇÕES:

1.ª) *éden* (melhor seria *edem*, que o *Vocabulário Ortográfico* não registra) faz *edens*.

2.ª) *Cânon,* melhor grafado *cânone*, faz *cânones*.

3.ª) Recorde-se que são acentuados os paroxítonos em *-n*, e não os em *-ens*. Daí *hífen*, mas *hifens* (sem acento gráfico).

d) **Plural dos nomes em *-ão* tônico**

Os nomes em *-ão* tônico a rigor pertencem à classe dos temas em *-o* ou em *-e*, conforme o plural respectivo: *irmãos* (= irmão + s), *pães* (= *pãe + s), *leões* (= *leõe + s). Para uma descrição coerente Mattoso propõe que se parta das formas teóricas do plural para se chegar ao tema, suplementadas pelas regras morfofonêmicas pertinentes, no processo de formação de plural.

Destacando-se a vogal temática (que passa a semivogal de ditongo em contacto com a vogal anterior), teremos o radical em *-õ* (*leõ*) e o radical em *-ã* (*irmã, pã*).

1) os substantivos em *-õ* com tema em *-e* fazem o plural com acréscimo da desinência *-s*:

leão (* leõ + e + s) → *leões*

coração (* coraçõ + e + s) → *corações*

Assim, temos os plurais: *questões, melões, razões,* etc.

Este grupo é o mais numeroso e, por isso mesmo, tende, no uso espontâneo, a assimilar outras formas de plural que a língua exemplar não adota. Neste grupo estão incluídos todos os substantivos abstratos formados com os sufixos *-ção, -são* e *-ão* e grande parte de substantivos concretos.

comoção → *comoções*; *adoração* → *adorações*

apreensão → *apreensões*; *compreensão* → *compreensões*

abusão → *abusões*; *visão* → *visões*

caminhão (*camião*) → *caminhões* (*camiões*); *barracão* → *barracões*

Este radical teórico em *-õ* aparece evidente em adjetivos e verbos da mesma família do substantivo, o que é sinal de que este faz o plural em *-ões*; por exemplo, *leonino* denuncia o plural correto de *leão*: *leões*.

2) os substantivos em *-ã* com tema em *-o* (*irmão*) fazem o plural com o acréscimo da desinência *-s*:

irmão (*irmã + o + s) → *irmãos*

cidadão (*cidadã + o + s) → *cidadãos*

Este radical teórico em *-ã* aparece evidente em adjetivos e verbos da mesma família dos substantivos *irmão* (irm*an*ar) e *cidadão* (cidad*an*ia).

3) os substantivos em *-ã* com vogal temática *-e* (*pã - e* de *pães*) fazem o plural com o acréscimo da desinência *-s*:

pão → (pã + e + s) → *pães*

capitão → (capitã + e + s) → *capitães*

Descrito o processo de flexão, cabe perguntar como, partindo da forma teórica do plural, se chega às formas do singular em *-ão*. Destacando-se a vogal temática, como já vimos, obtemos duas estruturas fonológicas para os radicais: em *-õ* (leõ) e em *ã* (irmã, pã). Os de tema em *-o* não sofrem alteração: *irmão*; os de tema em *-e* ou mudam a vogal para *-o* (*pão*) ou, se a vogal do radical for *-õ*, apresentam duas mudanças: a vogal temática passa de *-e* a *-o* e a vogal do radical passa de *õ* a *ã*: *leão*.

Dada a confluência das formas do singular num único final *-ão* (diferençadas no plural, como acabamos de ver), surgem muitas dúvidas no uso do plural, além de alterações que se deram através da história da língua, algumas das quais se mantêm regional ou popularmente, em geral a favor da forma plural *-ões*, por ser a que encerra maior número de representantes.

"O ensino escolar [comenta Mattoso] se esforça para manter os três tipos de plural, ora apoiando-se na origem latina, ora se inspirando no espanhol (onde há diferença no singular – *razón*: *razones*; *hermano*: *hermanos*; *pan*: *panes*), ora apelando para as preferências (se bem que às vezes inconsistentes) de determinados autores, na língua literária, considerados 'clássicos'[MC.8, 81-82].

Diante do exposto, oferecemos ao leitor relação minuciosa dos dois grupos de substantivos em *-ão* que não fazem o plural mais frequente em *-ões*:

1) plural em *-ães*:

cão → cães	escrivão → escrivães
capelão → capelães	tabelião → tabeliães
alemão → alemães	pão → pães
capitão → capitães	maçapão → maçapães
mata-cão → mata-cães	catalão → catalães

2) plural em *-ãos*:

chão → chãos

cidadão → cidadãos

cristão → cristãos

desvão → desvãos

grão → grãos

irmão → irmãos

mão → mãos

pagão → pagãos

e os paroxítonos apontados em **A flexão de número dos substantivos** - a) 3.

Muitos substantivos apresentam dois e até três plurais:

aldeão	aldeãos	aldeões	aldeães
ancião	anciãos	anciões	anciães
charlatão	—	charlatões	charlatães
corrimão	corrimãos	corrimões	—
cortesão	cortesãos	cortesões	—
deão	deãos	deões	deães
ermitão	ermitãos	ermitões	ermitães
fuão	fuãos	fuões	—
guardião	—	guardiões	guardiães
refrão	refrãos	—	refrães
sacristão	sacristãos	—	sacristães
truão	—	truões	truães
vilão	vilãos	vilões	vilães
vulcão	vulcãos	vulcões	—

e) **Plural dos nomes treminados em *-l***

1 – **Plural dos nomes terminados em *-al, -el, -ol, -ul***

Nos nomes em *-l*, temos de partir da forma teórica com restituição da vogal temática *-e*, acréscimo do pluralizador *-s*, posterior às regras morfofonêmicas: queda do *-l-* intermediário

e passagem da vogal temática a semivogal (grafada *-i*)

carnaval → *carnavale → carnavales → carnavaes → carnavais

papel → *papele → papeles → papees → papéis (tônico)

lençol → *lençole → lençoles → lençoes → lençóis

nível → *nivele → niveles → nívees → níveis (átono)25

paul → *paule → paules → paues → pauis

OBSERVAÇÕES:

1.ª) *cônsul* e *mal* fazem *cônsules* e *males*

2.ª) *cal* e *aval* fazem *cales* (= cano) e *cais*, *avales* (mais comum em Portugal) e *avais*

3.ª) *real* faz *réis* (moeda antiga) e *reais* (moeda nova)

2 – **Plural dos nomes terminados em *-il***

a) *-il* em vogal átona: ocorre a passagem do *i* a *e* e posteriormente o mesmo que o caso anterior:

fóssil → *fóssile → *fossele → fosseles → fossees → fósseis

b) *-il* com vogal tônica: ocorre o acréscimo do pluralizador *-s* e posterior supressão do *-l*, já que não é necessário recorrer à vogal temática, por não aparecer no plural:

*funil → *funils → funis*26

OBSERVAÇÃO: *mírtil* faz *mírtiles* e *mírteis*; *móbil* faz *móbiles* e *móbeis*.

Réptil e *projétil*, como paroxítonos, fazem *répteis* e *projéteis*; como oxítonos, *reptil* e *projetil* fazem *reptis* e *projetis*.

f) **Plural dos nomes terminados em -x (= ce)**

Os terminados em *-x* com o valor de *ce* (final com que podem também ser grafados) fazem o plural normalmente em *-ces*:

cálix (ou *cálice*), *cálices; apêndix* (ou *apêndice*), *apêndices*.

g) **Palavras que não possuem marca de número**

Há significantes terminados por *-s* em sílaba átona (como *lápis, pires*, ou monossílabos como *cais, xis*) que não possuem marca de número, quer no singular quer no plural, pois se mostram alheias à classe gramatical de número. Cremos ser a melhor lição a de Herculano de Carvalho, segundo a qual não se pode aceitar a doutrina corrente que vê nessas formas um singular que permanece invariável no plural. É um caso de sincretismo, e não de neutralização [HCv.3, 608-609 e 642]. A pluralidade é marcada pelos adjuntos (artigo, adjetivo, pronome, numeral): *o lápis, os lápis; um pires, dois pires; este xis, estes xis*.

Estão neste caso os terminados em:

1) *-s* (em sílaba átona; palavras sigmáticas):

o pires, os pires; o lápis, os lápis; a cútis, as cútis.

OBSERVAÇÃO: *Simples* faz *simpleces* ou, o que é mais comum, não varia. *Cós, lais* e *ferrabrás* são mais usados invariáveis, mas possuem o plural *coses, laises* e *ferrabrases*.

2) *-x* (com o valor de *cs*): *o tórax, os tórax; o ônix, os ônix.*

OBSERVAÇÃO: Alguns nomes com *x* = *cs* possuem a variante em *ce*: *índex* ou *índice, ápex* ou *ápice; códex* ou *códice*. Seus plurais são, respectivamente, *índices, códices, ápices.* Aliás, são preferíveis as grafias *índice, códice* e *ápice*, no singular.

h) **Plurais com alteração de *o* fechado para *o* aberto (metafonia)**[27]

Muitas palavras com *o* fechado tônico, quando passam ao plural, mudam esta vogal para *o* aberto:

miolo – miolos

Dentre as que apresentam esta mudança (chamada metafonia) na vogal tônica lembraremos aqui as mais usuais:

abrolho	fogo	porco
antolho	forno	porto
caroço	foro	posto
choco	fosso	povo
corcovo	imposto	reforço
coro	jogo	rogo
corpo	miolo	sobrolho
corvo	mirolho	socorro
despojo	olho	tijolo
destroço	osso	torto
escolho	ovo	troco
esforço	poço	troço

Esta alternância constitui a única marca do feminino em *avô* e formas com ela relacionadas, onde se acha suprimida a desinência *-a*: *avô – avó* (< *avoa* < lat. *aviola*). Nos casos de metafonia, o plural é marcado pelo morfema pluralizador *-s* e pelo morfema suprassegmental.

Continuam com *o* fechado no plural:

acordo	esboço	logro
adorno	esposo	morro
almoço	estorvo	repolho
alvoroço	ferrolho	rolo
arroto	fofo	sogro

boda	forro	soldo
bojo	gafanhoto	sopro
bolo	globo	soro
bolso	gorro	toco
cachorro	gosto	toldo
caolho	gozo	topo
coco	horto	torno
contorno	jorro	transtorno

OBSERVAÇÃO: Como no caso dos plurais em *-ão (-ões, -ães, -ãos)*, a inclusão da palavra no grupo dos metafônicos ou não metafônicos apresenta muitas indecisões. O esforço para dirimir dúvidas nestes casos se tem regulado pela origem do timbre da vogal tônica em latim e na forma paralela das correspondentes em espanhol, onde, como regra, do timbre fechado resulta uma vogal simples e do timbre aberto uma ditongação: *gozo* (esp.) – gozo (port.) – gozos (ô); *fuego* (esp.) – fogo (port.) – fogos (ó). Tanto a etimologia do latim quanto o paralelismo do espanhol nem sempre têm a boa resposta às dúvidas.

Não sofrem alteração os nomes próprios e os de família:

os *Diogos*, os *Mimosos*, os *Raposos*, os *Portos*.

i) **Plurais com deslocação do acento tônico** – Há palavras que, no plural, mudam de sílaba tônica:

caráter	–	caracteres
espécimen	–	especímenes
júnior	–	juniores
Júpiter	–	Jupíteres
Lúcifer	–	Lucíferes
sênior	–	seniores

O plural *sorores* é de *soror*, oxítono, o que se estende a *sóror*.

j) **Variações semânticas do significado entre o singular e o plural** – Normalmente, o plural guarda o mesmo significado do singular. Isto não acontece, porém, em alguns casos, principalmente se se trata de substantivos abstratos em sentidos contextuais:

bem (o que é bom) – *bens* (propriedades)

féria (produto do trabalho diário) – *férias* (dias de descanso)

"Onde não se preza a *honra* se desprezam as *honras*" [MM].

Em nomes abstratos como *injustiças, crueldades, gentilezas,* o plural denota atos repetidos, ora multiplicidade dos mesmos atos, com certa conotação aumentativa [FBr.1, 97].

Também em nomes concretos pode o plural acusar mudança de significado: *ferro* (metal) → *ferros* (algemas) [SA.2, 69].

Estão nestes casos os nomes que no plural indicam o casal:

os pais (pai e mãe), *os irmãos* (irmã e irmão), *os reis* (rei e rainha).

l) **Palavras só usadas no plural** (*pluralia tantum*) – Eis as principais:

ademanes	endoenças
afazeres	exéquias
alvíssaras	férias (= repouso)
anais	núpcias
arredores	trevas
avós (antepassados)	víveres
belas-artes, belas-letras	nomes de naipes: copas,
confins	ouros, espadas, paus

m) **Plural de nomes próprios** – Os nomes próprios usados no plural fazem o plural obedecendo às normas dos nomes comuns, e a língua padrão recomenda se ponham no plural, e não no singular:

"O fidalgo dos Vitos Alarcões tratou da cabeça na cama, uns quinze dias" [CBr.6, 144].

" (...) seria um garfo meritório do tronco dos *Parmas* d'Eça, ao qual ele Rui de Nelas se glorificava de ser estranho?" [CBr.6, 171].

Todavia, não é raro o uso do singular na língua literária:

"Os brasileiros do sul, os *Correia de Sá*, perdiam muito do encanto dessas obras (...)" [GA *apud* TS, 105].

n) **Plural dos nomes estrangeiros não assimilados** – Os nomes estrangeiros que se adaptaram ao sistema fonológico do português têm o seu plural consoante as normas vigentes: *clube → clubes; dólar → dólares; repórter → repórteres; abajur → abajures; ultimato → ultimatos; memorando → memorandos; confete → confetes.*

Os não assimilados ao nosso idioma tomam duas direções: a) terminam com *-s*, sem pretender coincidir com as regras do plural da língua originária, ou b) regulando-se pelas normas da língua estrangeira, o que, em geral, é o procedimento recomendado na língua padrão e nos textos científicos.

Do primeiro caso, temos:

films, leaders, ladys, dandys, lieds, blitzes.

Do segundo temos, entre os latinismos:

curriculum → curricula, memorandum → memoranda,

corpus → *corpora*, etc.,

que podem ser aportuguesados, no singular, em: *currículo, memorando, corpo* (raro).

campus → *campi (o campus, os campi)*

Entre os gregos cabe citar:

tópos → *tópoi*, *lógos* → *lógoi*, *ónoma* → *onómata.*

Entre os anglicismos:

lady → *ladies*; *penny* → *pennies* ou *pence*;

dandy → *dandies*; *sportman* → *sportmen.*

Entre os germanismos:

lied (/ *lid* /) → *lieder*; *leitmotiv* → *leitmotiven*; *blitz* → *blitzen.*

Também se erra usando-se *lieder* como singular.

Os escritores procuram, na medida do possível, acertar o passo; assim é que José Lins do Rego usou *lieds* nesta passagem de *Gordos e Magros* (1942): "Goethe ia ao povo para sentir a força dos *lieds*, a música que dorme na alma popular." Em *Poesia e Vida* (1945) já se pautava pela norma alemã: "Destruindo Mozart, uma grande Alemanha desapareceria; a Alemanha dos *lieder*, dos violinos gemendo por debaixo das macieiras em flor (...)".

Os nomes italianos em *-i* já estão no plural, quando flexionados (*o confetto* → *os confetti*), mas isto não impediu que um escritor correto como Latino Coelho fizesse o plural com acréscimo do *-s*: "Portugal não primou nas invenções admiráveis da ciência: não teve Newtons nem Platões. Não meneou com galhardo luzimento o escopro ou o pincel: não teve Rafaéis, nem Buonarottis." [*apud* SS.2, 70]. Também de *lápis-lazúli* temos o plural *lápis-lazúlis*. A prevalecer a norma da língua exemplar, pode-se dizer que se trata de um elemento funcional pertencente ao sistema português reservado aos plurais estrangeiros não assimilados (*Fremdwörter*) [ECs.1, 11 n.172].

o) **Plural dos nomes de letras** – Os nomes de letras vão normalmente ao plural, de acordo com as normas gerais.

Escreve com todos os *efes* e *erres*.

Coloquemos os pingos nos *is*.

N.B.: *Xis* serve para singular e plural.

Podemos ainda indicar o plural das letras com a sua duplicação: *ff, rr, ii.*

Este processo ocorre em muitas abreviaturas:

E.E.U.U. (Estados Unidos, também representado por EUA, Estados Unidos da América, ainda U.S.A.).

p) **Plural dos nomes com o sufixo *-zinho*** – Põem-se no plural os dois elementos e suprime-se o *s* do substantivo, consoante a regra ortográfica oficial:

animalzinho = animal + zinho
animaizinhos
coraçãozinho = coração + zinho
coraçõezinhos
florzinha = flor + zinha

florezinhas
papelzinho = papel + zinho
papeizinhos
pazinha = pá + zinha
pazinhas

mas

pazinha = paz + inha
pazezinhas

NOTA ORTOGRÁFICA: Os sufixos diminutivos *-inho* (*-ito,* etc.), *-zinho* (*-zito*, etc.) têm hoje uma distribuição regular, conforme o final da palavra básica:

a) se termina por vogal átona ou consoante (exceto *-s* e *-z*), a escolha é materialmente indiferente, apesar de aparecerem nuanças de sentido contextuais: corpo → *corpinho* (com queda da vogal temática) / *corpozinho* (a forma básica intacta); *flor* → *florinha / florzinha*; *mulher* → *mulherinha / mulherzinha*;

b) se termina por vogal tônica, nasal ou ditongo, é de emprego obrigatório *-zinho* (*-zito,* etc.); boné → bonezinho; siri → sirizinho; álbum → albunzinho; bem → benzinho; raio → raiozinho. Com *-zinho* evitam-se hiatos do tipo *irmãinha*, *raioito*, etc.;

c) se termina em *-s* ou *-z*, o emprego normal é com *-inho* (*-ito*, etc.), repudiando-se *-zinho* (*-zito*, etc.); ficando intacta a palavra básica: lapisinho (lápis + inho), cuscuzinho (cuscuz + inho), rapazinho (rapaz + inho), cartazinho (cartaz + inho), exatamente como escrevemos *lapiseira (lápis + eira), lapisar (lápis + ar), lapisada (lápis + ada)*, etc.

Estabelecem-se até oposições léxicas e fonológicas (já que se guardam os acentos das palavras básicas): *cartazinho* (= cartàz + inho), *cartazinha* (= càrta + zinha), *rapazinho* (= rapàz + inho); *rapazinho* (= ràpa + zinho); *masinho* (= mas + inho), *mazinha* (= mà + zinha) [veja-se o exemplo dado por Oiticica: *Você escreveu aí na pedra um masinho que ninguém percebe* (trata-se da conjunção *mas*)]. Às vezes há convergências gráficas: *pazinha* (*paz + inha*) e *pazinha* (*pá + zinha*), que o contexto dissolverá.

Se escrevemos oficialmente *lapisar, lapiseira,* por que o *Vocabulário* oficial preceitua *lapizinho*? Segundo já Epifânio Dias [ED.1, § 94] e José Oiticica, o coerente seria, já que a regra é flexionar as duas unidades: *açãozinha* (no singular) → *açõesinhas* (no plural, já a básica termina em *-s*). A regra que obriga o *-z* e que expusemos por ser a ortografia oficial, foi formulada por Gonçalves Viana (*Ortografia*, 123); Mário Barreto mostrou-se indeciso no pleito: "Da regra de Epifânio depreende-se que nos nomes em *-ão* os sufixos *-inho e -ito* se precedem de *z* (*açãozinha*, escreve o eruditíssimo gramático português) e que no plural perdem o *z*, tomando esta forma no tema e no sufixo: *ações-inhas*. Seja lá como for, o que está fora de dúvida é que o plural é *açõesinhas* ou *açõezinhas, coraçõesinhos* ou *coraçõezinhos*, e não *coraçãozinhos, açãozinhas*" [MBa.4, 226-227].

Oiticica [JO.3, 89] ainda acha que o normal seria *florinhas, florzinhas*, que a língua padrão evita, mas que têm adoções eventuais em bons escritores: "contam os seus amigos que, quando na mocidade frequentava noturnamente os *barzinhos* da Lapa..." [MB.1, II, 493].

A razão do emprego de formas plurais *barzinhos, colherzinhas* se prende ao fato de que com sufixos outros não ocorre o plural das duas unidades *florinha* → *florinhas*.

q) **Plural das palavras substantivadas** – Qualquer palavra, grupo de palavras, oração ou texto pode substantivar-se, isto é, passar a substantivo, que, tomadas materialmente, isto é, como designação de sua própria forma externa, valem por um substantivo masculino e singular:

o *sim,* o *não,* o *quê,* o *pró,* o *contra,* o *h, Peras* é feminino, *Os homens* é o sujeito da oração.

Tais palavras vão normalmente ao plural:

os *sins,* os *nãos,* os *quês,* os *prós,* os *contras,* os *hh* (agás)

Enquadram-se neste caso os nomes que exprimem número, quando aludem aos algarismos.

Na sua caderneta há três *setes* e dois *oitos*. Tire a prova dos *noves*. Há dois *quatros* a mais e três *onzes* a menos nessas parcelas.

Fazem exceção os terminados em *-s* (*dois, três, seis*), *-z* (*dez*) e *mil*, que são invariáveis.

Quatro *seis* e cinco *dez*.

r) **Plural cumulativo** – Alguns nomes possuem duas formas: uma, básica, singular e outra flexionada em plural que passa a valer como se singular fora:

ananá	ananás
eiró (iró)	eirós (irós)
filhó	filhós
ilhó	ilhós
lilá	lilás

o ananá, *os ananás*; *o lilá*, *os lilás*.

OBSERVAÇÃO: *Cós* fica invariável ou tem plural cumulativo *coses*.

Passando a forma plural a ser empregada como um singular (*o ananás, o lilás*, etc.), por semelhança de singulares em *-ós* (*retrós*, por exemplo), admite um novo plural, chamado cumulativo, por esquecimento da etapa de pluralização: *o ananás, os ananases; o eirós, os eiroses; o filhós, os filhoses; o ilhós, os ilhoses; o lilás, os lilases.*

s) **Plural nos etnônimos** – Etnônimo é o nome que se aplica à denominação dos povos, das tribos, das castas ou de agrupamentos outros em que prevalece o conceito de etnia. Estes nomes utilizados na língua comum admitem a forma plural, como todos os outros: *os brasileiros, os portugueses, os espanhóis, os botocudos, os tupis, os tamoios,* etc.

Por convenção internacional de etnólogos, está há anos acertado que, em trabalhos científicos, os etnônimos que não sejam de origem vernácula ou nos quais não haja elementos vernáculos não são alterados na forma plural, sendo a flexão indicada pelo artigo plural: *os tupi, os nambiquara, os caiuá, os tapirapé, os bântu, os somáli,* etc.

t) **Plural dos nomes compostos** – Merece especial atenção o plural dos nomes compostos, uma vez que as dúvidas e vacilações são frequentes. A questão envolve dificuldades de ordem

ortográfica (uso ou não do hífen) e de ordem gramatical. Torna-se imperiosa uma sistematização que venha pôr simplificação ou minorar as dúvidas ainda existentes, mesmo com as últimas propostas do Acordo Ortográfico. Sem pretendermos esgotar o assunto, apresentamos os seguintes critérios:

A – SOMENTE O ÚLTIMO ELEMENTO VARIA:

1) nos compostos grafados ligadamente:

fidalgo	fidalgos
girassol	girassóis
lenga-lenga	lenga-lengas
madressilva	madressilvas
pontapé	pontapés
vai-vem	vai-vens
zum-zum	zum-zuns

2) nos compostos com as formas adjetivas *grão, grã e bel:*

grão-prior	grão-priores
grã-cruz	grã-cruzes
bel-prazer	bel-prazeres

3) nos compostos de tema verbal ou palavra invariável seguida de substantivo ou adjetivo:

furta-cor	furta-cores
beija-flor	beija-flores
abaixo-assinado	abaixo-assinados
alto-falante	alto-falantes
vice-rei	vice-reis
ex-diretor	ex-diretores
ave-maria	ave-marias

4) nos compostos de três ou mais elementos, não sendo o 2.º elemento uma preposição:

bem-te-vi	bem-te-vis

5) nos compostos de emprego onomatopeico em que há repetição total ou parcial da primeira unidade:

reco-reco	reco-recos
tique-taque	tique-taques

B – SOMENTE O PRIMEIRO ELEMENTO VARIA:

1) nos compostos onde haja preposição, clara ou oculta:

cavalo-vapor (= de, a vapor)	cavalos-vapor
ferro de abrir lata	ferros de abrir lata
mula sem cabeça	mulas sem cabeça
pé de moleque	pés de moleque

2) nos compostos de dois substantivos, onde o segundo exprime a ideia de *fim, semelhança*, ou limita a significação do primeiro:

aço-liga	aços-liga
navio-escola	navios-escola (= para escola)
manga-rosa	mangas-rosa (= semelhante a rosa)
peixe-boi	peixes-boi
salário-família	salários-família

C – AMBOS OS ELEMENTOS VARIAM:

1) nos compostos de dois *substantivos*, de um *substantivo* e um *adjetivo* ou de um adjetivo e um *substantivo*:

amor-perfeito	amores-perfeitos
cabra-cega	cabras-cegas
carta-bilhete	cartas-bilhetes
decreto-lei	decretos-leis
gentil-homem	gentis-homens
guarda-civil	guardas-civis
guarda-mor	guardas-mores
lugar-comum	lugares-comuns
salário-mínimo	salários-mínimos
segunda-feira	segundas-feiras

OBSERVAÇÃO: *lugar-tenente* faz o plural *lugar-tenentes*.

2) nos compostos de temas verbais repetidos:

corre-corre	corres-corres
ruge-ruge	ruges-ruges

OBSERVAÇÃO: Os compostos incluídos neste caso também admitem a flexão adotada pelos nomes de *A*, 3): *corre-corres, ruge-ruges*.

D – FICAM INVARIÁVEIS:

1) as frases substantivas:

a estou-fraca (ave)	as estou-fraca
o não sei que diga	os não sei que diga
o disse me disse	os disse me disse
o bumba meu boi	os bumba meu boi

2) os compostos de tema verbal e palavra invariável:

o ganha-pouco	os ganha-pouco
o pisa-mansinho	os pisa-mansinho
o cola-tudo	os cola-tudo

3) nos compostos de dois temas verbais de significado oposto:

o leva e traz	os leva e traz
o vai-volta	os vai-volta

E – ADMITEM MAIS DE UM PLURAL, ENTRE OUTROS:

fruta-pão:	frutas-pão, fruta-pães
guarda-marinha:	guardas-marinha ou guardas-marinhas *
padre-nosso:	padres-nossos ou padre-nossos
ruge-ruge:	ruges-ruges ou ruge-ruges
salvo-conduto:	salvos-condutos ou salvo-condutos

* Rejeita-se, sem razão, o plural guarda-marinhas.

Gênero – A nossa língua conhece dois gêneros: o *masculino* e o *feminino*.

São masculinos os nomes a que se pode antepor o artigo **o**:

o *linho*, o *sol*, o *raio*, o *prazer*, o *filho*, o *beijo*

São femininos os nomes a que se pode antepor o artigo **a**:

a *flor*, a *casa*, a *mosca*, a *nuvem*, a *mãe*

Todo substantivo está dotado de gênero, que, no português, se distribui entre o grupo do *masculino* e o grupo do *feminino*. São masculinos os nomes a que se pode antepor o artigo *o* (*o linho*, *o sol*, *o clima*, *o poeta*, *o grama*, *o pente*, *o raio*, *o prazer*, *o filho*, *o beijo*) e são femininos os nomes a que se pode antepor o artigo *a* (*a linha*, *a lua*, *a grama*, *a ponte*, *a poetisa*, *a filha*, *a dor*). Só que esta determinação genérica não se manifesta no substantivo da mesma maneira que está representada no adjetivo ou no pronome, por exemplo, isto é, pelo processo da flexão. Apesar de haver substantivos em que aparentemente se manifeste a

distinção genérica pela flexão (*menino* / *menina*, *mestre* / *mestra*, *gato* / *gata*), a verdade é que a inclusão num ou noutro gênero depende direta e essencialmente da classe léxica dos substantivos e, como diz Herculano de Carvalho, "não é o fato de em português existirem duas palavras diferentes – *homem* / *mulher*, *pai* / *mãe*, *boi* / *vaca*, e ainda *filho* / *filha*, *lobo* / *loba* (das quais estas *não são* formas de uma flexão, mas palavras diferentes *tanto como* aquelas) – para significar o indivíduo macho e o indivíduo fêmea (duas espécies do mesmo "gênero", em sentido lógico) que permite afirmar a existência das classes do masculino e do feminino, mas, sim, o fato de o adjetivo, o artigo, o pronome, etc., se apresentarem sob duas formas diversas exigidas respectivamente por cada um dos termos de aqueles pares opositivos –, "est*e* homem velh*o*" / "est*a* mulher velh*a*", "*o* filho mais n*ó*v*o*" / "*a* filha mais n*ó*v*a*" –, formas que de fato constituem uma flexão" [HCv.1, v.9 s.v. *gênero*].

A aproximação da função cumulativa derivativa de -*a* como atualizador léxico e morfema categorial se manifesta tanto em *barca* de *barco*, *saca* de *saco*, *fruta* de *fruto*, *mata* de *mato*, *ribeira* de *ribeiro*, etc., quanto em *gata* de *gato*, porque dá "ao tema de que entra a fazer parte a capacidade de significar uma classe distinta de objetos, que em geral constituem uma espécie do gênero designado pelo tema primário" [HCv.3, 536 n.38; HCv.4, 21]. É pacífica, mesmo entre os que admitem o processo de flexão em *barco* → *barca* e *lobo* → *loba*, a informação de que a oposição masculino – feminino faz alusão a outros aspectos da realidade, diferentes da diversidade de sexo, e serve para distinguir os objetos substantivos por certas qualidades semânticas, pelas quais o masculino é uma forma geral, não marcada semanticamente, enquanto o feminino expressa uma especialização qualquer:

barco / *barca* (= barco grande)
jarro / *jarra* (um tipo especial de jarro)
lobo / *loba* (a fêmea do animal chamado lobo)

Esta aplicação semântica faz dos pares *barco* / *barca* e restantes da série acima não serem consideradas primariamente formas de uma flexão, mas palavras diferentes marcadas pelo processo de derivação. Esta função semântica está fora do domínio da flexão. A analogia material da flexão de gênero do adjetivo é que levou o gramático a pôr no mesmo plano *belo* / *bela* e *menino* / *menina*.

Este fato explica por que na manifestação do gênero no substantivo, entre outros processos, existe a indicação por meio de sufixo nominal: *conde* / *condessa*, *galo* / *galinha*, *ator* / *atriz*, *embaixador* / *embaixatriz*, etc.

Sem ser função precípua da morfologia do substantivo, a diferença do sexo nos seres animados pode manifestar-se ou não com diferenças formais neles. Esta manifestação se realiza ou pela mudança de sufixo (como em *menin**o*** / *menin**a***, *gat**o*** / *gat**a***) – é a *moção* –, ou pelo recurso a palavras diferentes que apontam para cada um dos sexos – é a *heteronímia* (*homem* / *mulher*, *boi* / *vaca*). Na primeira série de pares, como já vimos na lição de Herculano de Carvalho, não temos formas de uma flexão, mas, nelas, como na segunda série de pares, estamos diante de palavras diferentes.

Quando não ocorre nenhum destes dois tipos de manifestação formal, ou o substantivo, com o seu gênero gramatical, se mostra indiferente à designação do sexo (*a criança*, *a pessoa*, *o cônjuge*, *a formiga*, *o tatu*) ou, ainda indiferente pela forma, se acompanha de adjuntos

(artigos, adjetivos, pronomes, numerais) com moção de gênero para indicar o sexo (*o artista*, *a artista*, *bom estudante*, *boa estudante*).

Inconsistência do gênero gramatical – A distinção do gênero nos substantivos não tem fundamentos racionais, exceto a tradição fixada pelo uso e pela norma; nada justifica serem, em português, masculinos *lápis*, *papel*, *tinteiro* e femininos *caneta*, *folha* e *tinta*.

A inconsistência do gênero gramatical fica patente quando se compara a distribuição de gênero em duas ou mais línguas, e até no âmbito de uma mesma língua histórica na sua diversidade temporal, regional, social e estilística. Assim é que, para nós, o *sol* é masculino e, para os alemães, é feminino *die Sonne*, a *lua* é feminino, e, para eles, masculino *der Mond*; enquanto o português *mulher* é feminino, em alemão é neutro *das Weib*. *Sal* e *leite* são masculinos em português e femininos em espanhol: *la sal* e *la leche*. *Sangue* é masculino em português e francês e feminino em espanhol: *le sang* (fr.) e *la sangre* (esp.).

Mesmo nos seres animados, as formas do masculino ou do feminino podem não determinar a diversidade de sexo, como ocorre com os substantivos chamados *epicenos* (aplicados a animais irracionais), cuja função semântica é só apontar para a espécie: *a cobra*, *a lebre*, *a formiga* ou *o tatu*, *o colibri*, *o jacaré*, ou os substantivos aplicados a pessoas, denominados *comuns de dois*, distinguidos pela concordância: *o / a* ***estudante***, *este / esta* ***consorte***, *reconhecido / reconhecida* ***mártir***, ou ainda os substantivos de um só gênero denominados *sobrecomuns*, aplicados a pessoas, cuja referência a homem ou a mulher só se depreende pela referência anafórica do contexto: *o* ***algoz***, *o* ***carrasco***, *o* ***cônjuge***.

A mudança de gênero – Aproximações semânticas entre palavras (sinônimos, antônimos), a influência da terminação, o contexto léxico em que a palavra funciona e a própria fantasia que moldura o universo do falante, tudo isto representa alguns dos fatores que determinam a mudança do gênero gramatical dos substantivos. Na variedade temporal da língua, do português antigo ao contemporâneo, muitos substantivos passaram a ter gêneros diferentes, alguns sem deixar vestígios, outros como *mar*, hoje masculino, onde o antigo gênero continua presente em *preamar* (*prea = plena*, *cheia*) e *baixa-mar*.

Já foram femininos *fim*, *planeta*, *cometa*, *mapa*, *tigre*, *fantasma*, entre muitos outros; já foram usados como masculinos: *árvore*, *tribo*, *catástrofe*, *hipérbole*, *linguagem*, *linhagem* [SA.5, I, 65-70; PDo.1].

O gênero nas profissões femininas – A presença, cada vez mais justamente acentuada, da mulher nas atividades profissionais que até bem pouco eram exclusivas ou quase exclusivas do homem tem exigido que as línguas – não só o português – adaptem o seu sistema gramatical a estas novas realidades. Já correm vitoriosos faz muito tempo femininos como *mestra*, *professora*, *médica*, *advogada*, *engenheira*, *psicóloga*, *filóloga*, *juíza*, entre tantos outros.

As convenções sociais e hierárquicas criaram usos particulares que nem sempre são unanimemente adotados na língua comum. Todavia, já se aceita a distinção, por exemplo, entre

a *Cônsul* (= senhora que dirige um consulado) e a *Consulesa* (= esposa do Cônsul), a *Embaixadora* (= senhora que dirige uma Embaixada) e *Embaixatriz* (= esposa do Embaixador). Já para *senador* vigoram indiferentemente as formas de feminino *senadora* e *senatriz* para a mulher que exerce o cargo político ou para a esposa do senador, regra que também poucos gramáticos e lexicógrafos estendem a *consulesa* e *embaixatriz*.

Na hierarquia militar, a denominação para mulheres da profissão parece não haver uma regra generalizada. Correm com maior frequência os empregos28:

o cabo Ester Silva, *o sargento* Andreia.

Na linguagem jurídica, as petições iniciais vêm com o masculino com valor generalizante, dada a circunstância de não se saber quem examinará o processo, se juiz ou juíza.

Meritíssimo Senhor Juiz
Excelentíssimo Senhor Desembargador

Note-se, por fim, que algumas formas femininas podem não vingar por se revestirem de sentido pejorativo: *chefa*, *caba*, por exemplo.

Formação do feminino – Os substantivos que designam pessoas e animais manifestam o gênero e apresentam, quase sempre, duas formas diferentes: uma para indicar os seres do sexo masculino e outra para os seres do sexo feminino:

filho	–	filha
pai	–	mãe
rapaz	–	rapariga

Podemos distinguir, na manifestação do feminino, os seguintes processos:

a) com a mudança ou acréscimo ao radical, suprimindo a vogal temática: *filho* → filh(o) + a → *filha*:

1 – os terminados em -*o* mudam o -*o* em -*a*, por analogia com a flexão dos adjetivos biformes:

filho	–	filha	menino	–	menina
aluno	–	aluna	gato	–	gata

2 – os em -*e* uns há que ficam invariáveis, outros acrescentam -*a* depois de suprimir a vogal temática: *alfaiate* → alfaiat(e) + a → *alfaiata*.

Não variam de forma à semelhança dos adjetivos:

amante, *cliente*, *constituinte*, *doente*, *habitante*,
inocente, *ouvinte*, *servente*, etc.

Variam:

alfaiate – alfaiata
infante – infanta
governante – governanta
presidente – presidenta
parente – parenta
monge – monja

} também aparece invariável

3 – os em -*or* formam geralmente o feminino com acréscimo de *a*:

doutor – doutora
professor – professor

OBSERVAÇÃO: Outros, terminados em -*eira*: *arrumadeira*, *lavadeira*, *faladeira* (a par de *faladora*).

4 – os em vogal atemática (tônica), -*s*, -*l*, -*z* acrescentam *a*, sem qualquer alteração morfofonêmica:

freguês	–	freguesa	zagal	–	zagala
português	–	portuguesa	oficial	–	oficiala
juiz	–	juíza	guri	–	guria
peru	–	perua			

5 – os em -*ão* (dada a confluência no singular e permanência de formas diferençadas no plural, como já vimos, apresentam os seguintes casos:

a) quando este final pertence a nomes de tema em -*o* (transformado em semivogal do ditongo nasal), têm suprimida normalmente esta vogal e acrescida de -*a* e posterior fusão por crase:

irmão → irmã(o) + a → *irmãa* → *irmã* (por crase);
alemão → alemã(o) + a → *alemãa* → *alemã*. 29

b) quando -*ão* corresponde a forma teórica -*õ*, tal qual ocorre com o plural, há desnasalação da vogal temática e acréscimo de -*a*, que favorece o aparecimento de hiato:

bretão (radical teórico *bretõ*, cf. o plural *bretões*) → *breto*(m) + a → *bretoa*;
bom → bo(m) + a → *boa*.

c) quando -*ão* é sufixo derivacional aumentativo, a nasalidade desenvolve o fonema de transição /n/:

valentão (radical teórico *valentõ*, cf. pl. *valentões*) → *valento* + *n* + *a* → *valentona*.

6 – os que têm o sufixo derivacional –*eu* suprimem a vogal temática (aqui sob forma de semivogal do ditongo), acrescentam –*a* e, ao se obter o hiato *ea*, desenvolvem normalmente o ditongo /*ey*/ e conhecem posterior passagem do *e* fechado a aberto /*ey*/ (passagem que não se dá em todo o território onde se fala a língua, como, por exemplo, em Portugal): *europeu* → *europe*(u) + *a* → *europea* → *europeia* → *europeia*.

Assim procedem: *ateu*, *egeu*, *filisteu*, *giganteu*, *pigmeu*.

Fazem exceção: *judeu* → *judia*, *sandeu* → *sandia*.

7 – manifestam o feminino por meio dos sufixos derivacionais *-esa*, *-essa*, *-isa*, *-triz*, *-ez*:

abade – abadessa

alcaide – alcaidessa
(ou alcaidina)

barão – baronesa

bispo – episcopisa

conde – condessa

condastável – condastabelesa

cônego – canonisa

cônsul – consulesa

diácono – diaconisa

doge – dogesa, dogaresa,
dogaressa

druida – druidesa, druidisa
(ocorre em O. Bilac)

duque – duquesa

embaixador – embaixatriz
(embaixadora)

etíope – etiopisa

imperador – imperatriz

jogral – jogralesa

papa – papisa

píton – pitonisa

poeta – poetisa

príncipe – princesa

prior – priora, prioresa

profeta – profetisa

sacerdote – sacerdotisa

visconde – viscondessa

8 – não se enquadram nos casos precedentes:

ator – atriz

avô – avó

capiau – capioa

czar /pron. tçar/ - czarina *

dom – dona

felá – felaína

galo – galinha

grou – grua

herói – heroína

ilhéu – ilhoa

landgrave – landgravina

marajá – marani

mandarim – mandarina

maestro – maestrina
(também *maestra*)

pierrô – pierrete

raja ou rajá – râni ou rani

rapaz – rapariga

rei – rainha

réu – ré

silfo – sílfide

sultão – sultana

tabaréu – tabaroa

* Também grafado: tzar – tzarina.

b) com palavras diferentes para um e outro sexo (heterônimos):

1 – Nomes de pessoas:

cavaleiro – amazona

marido – mulher

cavalheiro – dama

confrade – confreira

compadre – comadre

frade – freira

frei – sóror, soror, sor

genro – nora

homem – mulher

padrasto – madrasta

padre – madre

padrinho – madrinha

pai – mãe

patriarca – matriarca

rico-homem – rica-dona

2 – Nomes de animais:

bode – cabra

boi – vaca

burro – besta

cão – cadela

carneiro – ovelha

cavalo – égua

veado – veada, cerva (é)

zangão, zângão – abelha

c) feminino com auxílio de outra palavra:

Há substantivos que têm uma só forma para os dois sexos:

estudante, consorte, mártir, amanuense, constituinte, escrevente, herege, intérprete, etíope, ouvinte, nigromante, servente, vidente, penitente

São por isso chamados comuns de (ou a) dois. Tais substantivos distinguem o sexo pela anteposição de *o* (para o masculino) e *a* (para o feminino):

o estudante – a estudante
o camarada – a camarada
o mártir – a mártir

Incluem-se neste grupo os nomes de família:

"(...) redarguiu colérica a *Pacheco* (...)" [CBr *apud* MB.2, 150].

Os nomes terminados em -*ista* e muitos terminados em -*e* são comuns de dois:

o capitalista – a capitalista; o doente – a doente

Também nomes próprios terminados em -*i* (antigamente ainda -*y*) são comuns tanto a homens como a mulheres:

Darci, Juraci

Enquadram-se neste grupo os nomes de animais para cuja distinção de sexo empregamos as palavras *macho* e *fêmea*:

cobra macho; jacaré fêmea

Podemos ainda servir-nos de outro torneio:

o macho da cobra; a fêmea do jacaré

Estes se chamam *epicenos*.

d) sobrecomuns

São nomes de um só gênero gramatical que se aplicam, indistintamente, a homens e mulheres: 30

o algoz, o carrasco, o cônjuge, a criatura, a criança, o ente, o indivíduo, a pessoa, o ser, a testemunha, o verdugo, a vítima.

Gênero estabelecido por palavra oculta – São masculinos os nomes de rios, mares, montes, ventos, lagos, pontos cardeais, meses, navios, por subentendermos estas denominações:

O (rio) *Amazonas*, *o* (oceano) *Atlântico*, *o* (vento) *bóreas*, *o* (lago) *Ládoga*, *o* (mês) *abril*, *o* (porta-avião) *Minas Gerais*

Por isso são normalmente femininos os nomes de cidade, ilhas:

A bela (cidade) *Petrópolis*. *A movimentada* (ilha) *Governador*.

Nas denominações de navios, depende do termo subentendido: *o* (transatlântico) *Argentina*, *a* (corveta) *Belmonte*, *a* (canhoneira) *Tijuca*, etc. De modo geral, os grandes transatlânticos são todos masculinos, em vista deste substantivo oculto, embora muitos tenham nomes femininos: "Embarcou *no Lusitânia* e foi para Lisboa" [MBa.5, 294].

Notem-se os seguintes gêneros:

O (vinho) *champanha* (e não *a champanha*!), *o* (vinho) *madeira*, *o* (charuto) *havana*, *o* (café) *moca*, *o* (gato) *angorá*, *o* (cão) *terra-nova*.

Mudança de sentido na mudança de gênero – Há substantivos que são masculinos ou femininos, conforme o sentido com que se achem empregados:

a apocalipse – *o apocalipse*
a cabeça (parte do corpo) – *o cabeça* (o chefe)
a capital (cidade principal) – *o capital* (dinheiro, bens)
a gênesis – *o gênesis*
a língua (órgão muscular; idioma) – *o língua* (o intérprete)
a lotação (capacidade de um carro, navio, sala, etc.) – *o lotação* (forma abreviada de autolotação)
a moral (parte da filosofia; moral de um fato; conclusão) – *o moral* (conjunto de nossas faculdades morais; ânimo)
a rádio (a estação) – *o rádio* (o aparelho)
a voga (moda; popularidade) – *o voga* (o remador)

Gênero de compostos – Os compostos são uma espécie de construção sintática abreviada, de modo que, se são constituídos por substantivos variáveis (biformes), o determinante (a 2.ª unidade) concorda com o gênero do determinado e é responsável pelo gênero do composto: a *batata-rainha* e não a *batata-rei*, a *ponta-seca* (instrumento de corte) [MAg.1, 160; MAg.3, 157].

Nos compostos de unidades uniformes, é evidente que não se dá a concordância do 2.º elemento, mas o gênero do composto continua se regulando pela 1.ª unidade: *a cobra-capelo*, *o pau-paraíba*, *a fruta-pão*.

Neste último caso, dá-se com frequência a perda da noção do composto (tratado como palavra base), o que facilita que o gênero do composto se regule pela 2.ª unidade: *o pontapé* e a indecisão entre o povo se é *a fruta-pão* (o normal), se *o fruta-pão* (com esquecimento do composto).

Se o composto está constituído de tema verbal e substantivo, a regra é o composto ter o gênero masculino singular: *o tira-teima*(s), *o arranca-rabo*, *o trava-língua*, *o trava-conta*(s).

Contrariamente ao gênero da língua e por imitação inglesa, passou-se a usar de compostos em que o determinante, invariável, ocupa o primeiro lugar, e o determinado o segundo, ficando o gênero do composto regulado por este último elemento: *a ferrovia*, *a aeromoça*. Segundo Martinz de Aguiar, por esta porta é que nos chegou o masculino de *o cólera-morbo* (*morbo*, latino, é masculino) e, na forma reduzida, *o cólera*, e não por influência francesa. A passagem ao hoje mais usual e aceito *a cólera-morbo*, *a cólera*, se deveu à analogia com o processo regular no português.

Gêneros que podem oferecer dúvida:

a) *São masculinos*:

Os nomes de letra de alfabeto, clã, champanha, dó, eclipse, formicida, grama (unidade de peso), jângal (jângala), lança-perfume, milhar, orbe, pijama, proclama, saca-rolhas, sanduíche, sósia, telefonema, soma (o organismo tomado como expressão material em oposição às funções psíquicas).

b) *São femininos*:

Aguardente, alface, alcunha, alcíone, análise, anacruse, bacanal, fácies, fama, cal, cataplasma, cólera, cólera-morbo, coma (cabeleira e vírgula), dinamite, eclipse, faringe, fênix, filoxera, fruta-pão, gesta (= façanha), libido, polé, preá, síndrome, tíbia, variante e os nomes terminados em *-gem* (exceção de *personagem* que pode ser masc. ou fem.).

c) *São indiferentemente masculinos ou femininos*:

Ágape, avestruz, caudal, componente (masc. no Br. e fem. em Portugal), crisma, diabete, gambá, hélice, íris, juriti, igarité, lama ou lhama, laringe (mais usado no fem.), ordenança, personagem, renque, sabiá, sentinela, soprano, suástica, suéter, tapa, trama (intriga), víspora.

Mais de um feminino – Além dos já apontados no decorrer do capítulo, lembraremos ainda os mais usuais:

aldeão – aldeã, aldeoa
deus – deusa, deia (poét.)
diabo – diaba, diabra, diáboa
elefante – elefanta, elefoa, aliá
javali – javalina, gironda
ladrão – ladra, ladrona, ladroa
melro – mélroa, melra
motor – motora, motriz (adj.)
pardal – pardoca, pardaloca, pardaleja
parvo – párvoa, parva
polonês – polonesa, polaca
varão – varoa, virago, matrona
vilão – vilã, viloa

OBSERVAÇÃO: As orações, os grupos de palavras, as palavras e suas partes tomadas materialmente são consideradas como do número singular e do gênero masculino: É bom *que estudes*; *o sim*; *o não*; *o re-*, etc.

Aumentativos e diminutivos – Os substantivos apresentam-se com a sua significação aumentada ou diminuída, auxiliados por sufixos derivacionais:

homem – homenzarrão – homenzinho

A NGB, confundindo flexão com derivação, estabelece dois graus de significação do substantivo:

a) aumentativo: *homenzarrão*
b) diminutivo 31: *homenzinho*

A derivação gradativa do substantivo se realiza por dois processos, numa prova evidente

de que estamos diante de um processo de derivação, e não de flexão:

a) *sintético* – consiste no acréscimo de um final especial chamado *sufixo derivacional aumentativo* ou *diminutivo*: homenzarrão, homenzinho;

b) *analítico* – consiste no emprego de uma palavra de aumento ou diminuição (grande, enorme, pequeno, etc.) junto ao substantivo: *homem grande*, *homem pequeno*.

A flexão se processa de modo sistemático, coerente e obrigatório em toda uma classe homogênea, fato que não ocorre na derivação, o que já levara o gramático e erudito romano Varrão a considerá-la uma *derivatio voluntaria*.

Aumentativos e diminutivos afetivos 32 – Fora da ideia de tamanho, as formas aumentativas e diminutivas podem traduzir o nosso desprezo, a nossa crítica, o nosso pouco caso para certos objetos e pessoas, sempre em função da significação lexical da base, auxiliados por uma entoação especial (eufórica, crítica, admirativa, lamentativa, etc.) e os entornos que envolvem falante e ouvinte:

poetastro, *politicalho*, *livreco*, *padreco*, *coisinha*, *issozinho*

Dizemos então que os substantivos estão em sentido pejorativo.

A ideia de pequenez se associa facilmente à de carinho que transparece nas formas diminutivas das seguintes bases léxicas:

paizinho, mãezinha, queridinha

Função sintática do substantivo – Quanto à função sintática, o substantivo exerce por excelência a função de sujeito (ou seu núcleo) da oração e, no domínio da constituição do predicado, as funções de objeto direto, complemento relativo, objeto indireto, predicativo, adjunto adnominal e adjunto adverbial. Em geral, na função de sujeito e de objeto direto dispensa o substantivo o concurso de qualquer outro elemento; nas outras, acompanha-se de índice funcional.

Toda palavra, parte da palavra ou toda unidade linguística de maior extensão – a oração e o texto inclusive – considerada materialmente, como "objetos substantivos" vale por um substantivo, na metalinguagem. Assim, em ***João** é oxítono, **re**-é um prefixo, o **hoje** e o **amanhã*** o que temos são elementos significantes da linguagem primária (isto é, a linguagem cujo objeto é a realidade não linguística) que se podem converter em nomes de si mesmos – e, portanto, em "substantivos" – no plano da metalinguagem do discurso (isto é, a linguagem cujo objeto é uma linguagem), vale dizer, no emprego metalinguístico da linguagem. Em *o **não*** ou *o **ai!*** não temos "substantivações" de advérbio ou de interjeição, mas substantivos metalexicalizados. Em *O **dlim-dlão** dos sinos acordou-me cedo,* não temos uma onomatopeia a funcionar como sujeito; no exemplo, *dlim-dlão* já não é uma onomatopeia (repare-se que só o substantivo ou equivalente funciona como sujeito), mas o seu nome expresso por substantivo designativo do som que o sino emite. É o que a escolástica chamava *suppositio materialis* [ECs.12, 107; HCv.2, 189].

Grafia dos nomes próprios estrangeiros – As ciências, as artes, a cultura, em geral, e o contato intenso entre nações fazem circular uma multiplicidade de nomes próprios estrangeiros, quer antropônimos, quer topônimos. A tradição literária – mais lusitana que brasileira – prefere, quando possível, aportuguesar, nos antropônimos, o prenome, deixando intacto o sobrenome: *Emílio Zola, Ernesto Renan, Renato Descartes, Antônio Meillet, Frederico Diez.* Todavia, também é possível a manutenção integral do nome estrangeiro: *Antoine Meillet*, *John Milton*, *Juan de Mena.*

Há outros que tradicionalmente são mantidos intactos: *William Shakespeare*, *Johann Wolfgang von Goethe*, *Giovanni Boccaccio*, *Wolfgang Amadeus Mozart*.

Particular atenção merecem os nomes latinos que, por imitação francesa, aparecem com a terminação *-us* do nominativo, quando deveriam ter *-o*: *Bruto* (e não *Brutus*), *Júnio* (e não *Junius*), *Quintílio* (e não *Quintilius*) [MBa.7, 252 - 253].

Maiores adeptos do aportuguesamento, especialmente em Portugal, angariam os topônimos, principalmente quando já correram entre escritores desde os séculos XV e XVI. Assim, é pacífica nos dois países (já que os países independentes de expressão oficial portuguesa acertam o passo com a lição e prática dos lusitanos) a aceitação de *Londres* (e não *London*), *Viena* (e não *Wien*), *Florença* (e não *Firenze*), *Colônia* (e não *Köln*), *Mogúncia* (e não *Mainz* ou *Mayence*), ao lado de outras de difícil aportuguesamento, como *Washington, Windsor, Civitàvecchia, St. Etienne.*

Para brasileiros soam estranhos aportuguesamentos como *Moscovo, Aquisgrano* (Aix-la-Chapelle ou Aachen), *Bona* (Bonn), *Vratislávia* (Breslau), *Cambrígia* (Cambridge), *Francoforte* (Frankfurt), *Glásgua* (Glasgow), entre outros, embora várias propostas tenham aceitação unânime: *Antuérpia* (para *Anvers*), *Avinhão* (*Avignon*), *Basileia* (*Bâle ou Basel*), *Berna* (*Berne*), *Cornualha* (*Cornwall*), *Cracóvia* (*Kraków*), *Leida* (*Leyden*), *Nimega* (*Nijmegen*), *Nova Iorque* (*New York*), *Zurique (Zurich*).

2 – ADJETIVO

Adjetivo – é a classe de lexema que se caracteriza por constituir a *delimitação*, isto é, por caracterizar as possibilidades designativas do substantivo, orientando delimitativamente a referência a uma *parte* ou a um *aspecto* do denotado.

O adjetivo pertence a um inventário aberto, sempre suscetível de ser aumentado. A estrutura interna ou constitucional do adjetivo consiste, nas línguas flexivas, na combinação de um signo lexical expresso pelo radical com signos morfológicos expressos por desinências e alternâncias, ambas destituídas de existência própria fora dessas combinações. No português, entre as desinências está a marca de gradação, isto é, o grau absoluto ou relativo da parte, ou aspecto ("qualidade") significado no radical, (*belo – belíssimo*), bem como afixos de gênero e de número. A relação gramatical instaurada entre o signo delimitador e o signo delimitado é geralmente expressa pela "concordância".

A delimitação apresenta distinções; pode ser *explicação*, *especialização* e *especificação*, expressas por instrumentos verbais correspondentes: os *explicadores*, os *especializadores* e

os *especificadores*. Os explicadores destacam e acentuam uma característica inerente do nomeado ou denotado. Os especializadores marcam os limites extensivos ou intensivos pelos quais se considera o determinado, sem isolá-lo nem opô-lo a outros determináveis capazes de caber na mesma denominação. Os especificadores restringem as possibilidades de referência de um signo, ajuntando-lhe notas que não são inerentes a seu significado.

Junto a virtuais, os especificadores delimitam dentro das classes correspondentes outras classes menos amplas (p. ex. *homem* / *homem branco*). Aplicados a atuais, apresentam os objetos denotados como pertencentes a classes que, por sua vez, se consideram incluídas em classes mais extensas (cf. um *menino louro* pertence à classe "menino louro", que é membro da classe "menino"). Este tipo de determinação Coseriu chama *especificação distintiva*.

Formalmente análoga à especificação distintiva, mas muito diferente no que toca ao funcional, é a *especificação informativa* ou *identificação*, que é um tipo autônomo de determinação, expresso pelos instrumentos *identificadores*. Consiste a identificação na especificação do significado de uma forma "multívoca" para garantir sua compreensão por parte do ouvinte atual ou eventual. Não é a identificação um processo que se realiza com *significados*, como a delimitação, mas com *formas*, e com vista à *atribuição do significado*, isto é, é um processo para que as formas se tornem *inequívocas* ao ouvinte.

Instrumentos gramaticais da determinação nominal – Os instrumentos verbais da determinação nominal são expressos por palavras dotadas de significado categorial e léxicos compreendidas pelos adjetivos, locuções adjetivas, orações adjetivas e nomes em aposição, que se aplicam tanto a nomes virtuais quanto a atuais.

São exemplos de:

a) *delimitadores explicadores*: ***o vasto*** *oceano*, ***as líquidas*** *lágrimas*

b) *delimitadores especializadores*: *a vida* ***inteira***, *o sol* ***matutino***, *o dia* ***no ocaso***, *o céu* ***austral***, *o homem* ***como sujeitos pensantes***, *Camões* ***como poeta***.

c) *delimitadores especificadores* (especificação distintiva): *castelo* ***medieval***, *menino* ***louro***, *aves* ***aquáticas***, *o presidente* ***da República***, *o médico* ***de família***.

São exemplos de determinação *identificadora*: *folha* ***de papel***, *folha* ***de zinco***, *quadro* ***de futebol***, *quadro* ***de parede***, *língua-**idioma***, *língua-**órgão,*** *o real* ***moeda***, *homem* ***homem*** (e não *homem* ser humano).

Os identificadores podem ser ocasionais (Caxias, *Maranhão*), usuais (São Lourenço *do Sul*), ou constantes (*Nova* York, Porto *Alegre*). Os identificadores usuais e constantes, como partes integrantes de um signo, constituem, com seus determinados, verdadeiros *nomes compostos*, embora normalmente dissociáveis, no caso dos identificadores usuais, em virtude de circunstâncias do falar a que Coseriu chama *entornos*.

Assim, se o falante estiver no Maranhão, escusará dizer *Caxias*, *Maranhão*, mas tão somente *Caxias*, como o habitante de *São Lourenço do Sul* usará apenas *São Lourenço*, dentro do mesmo entorno.

OBSERVAÇÃO: Outros instrumentos verbais podem, sozinhos ou acompanhados de adjetivo, exercer a função de delimitadores nominais. Entretanto, com os adjetivos propriamente ditos não se confundem, porque não possuem significação lexical (ou,

como vimos atrás, quando a apresentam, têm significado lexical genérico, o que ocorre com certos pronomes), e integram um inventário fechado: são pronomes adjuntos (a que a gramática tradicional chamava "adjetivos determinativos": *possessivos*, *demonstrativos*, *indefinidos*) e, intimamente relacionados com estes últimos, os *numerais*.

NOTA DE NOMENCLATURA: Os gramáticos antigos gregos e latinos reuniam substantivos e adjetivos numa só classe, a dos *nomes*, como ainda fazem alguns gramáticos de línguas estrangeiras (ingleses, por exemplo). Só na Idade Média se fez a distinção entre nomes substantivos e nomes adjetivos. Isto porque um mesmo objeto pode ser apreendido ou como objeto absoluto e independente (isto é, substância afetada por um acidente: *o forte* ***amor***), ou como objeto dependente (inerente a um sujeito: *o homem* ***amoroso***). Daí, com frequência, poder o mesmo significante ocorrer com um ou outro desses valores: ***alto*** *monte* – ***o alto*** *do monte*. Assim também expressões inteiras, inclusive orações, podem "substantivar-se", vale dizer, podem passar a exercer funções que os substantivos exercem; daí as chamadas orações subordinadas substantivas: *Desejo teu* ***progresso*** / *Desejo* ***que progridas*** [ECs.1, 291-308; HVc.1, 427-428]. Por outro lado, uma oração adjetiva não introduzida pelos conectores *cujo* e *o qual* pode voltar a substantivar-se mediante a anteposição do artigo, se se elide o substantivo antecedente: *Não sei* ***o que tem de verdade nisso***, onde a oração transposta de adjetivo passa a substantivo para exercer a função de objeto direto em relação ao predicado *não sei*. Chamar ao *o* (*a, os, as*) pronome demonstrativo é mascarar a substantivação.

Locução adjetiva – é a expressão formada de preposição + substantivo ou equivalente com função de adjetivo:

Homem de *coragem* = homem *corajoso*
Livro *sem capa* = livro *desencapado*
"Era uma noite medonha,
Sem estrelas, *sem luar*" [GD]
Homem *de cor*
Escritores *de hoje*

Note-se que nem sempre encontramos um adjetivo de significado perfeitamente idêntico ao de locução adjetiva:

Colega de turma

A língua poética é mais receptiva ao emprego do adjetivo que exprime matéria em lugar da locução adjetiva:

áureas *estátuas* – *estátuas* ***de ouro***
nuvens ***plúmbeas*** – *nuvens* ***de chumbo***
colunas ***marmóreas*** – *colunas* ***de mármore***

Substantivação do adjetivo – Certos adjetivos são empregados sem qualquer referência a nomes expressos como verdadeiros substantivos. A esta passagem de adjetivos a substantivos chama-se substantivação:

"A vida é combate
que os *fracos* abate,
que os *fortes*, os *bravos*,
só pode exaltar" [GD].

Nestas substantivações, o adjetivo prescinde do substantivo que o podia acompanhar, ou então é tomado em sentido muito geral e indeterminado, não marcado, caso em que se usa o masculino (à maneira do neutro latino, mas não do neutro em português, que não existe):[33]

O ***bom*** da história é que não houve fim.
O ***engraçado*** da anedota passou despercebido.
O ***triste*** do episódio está em que a vida é assim.

Flexões do adjetivo – O adjetivo se combina com certos signos gramaticais para manifestar o *número*, o *gênero* e o *grau*. O grau, entretanto, não constitui, no português, um processo gramatical e, assim, deve ser excluído da nossa descrição como tal, à semelhança do que já fazem gramáticas de outras línguas românicas. O grau, com estas reservas, figura aqui, por ter sido ainda contemplado pela NGB. A gradação em português, tanto no substantivo quanto no adjetivo, se manifesta por procedimentos sintáticos, e não morfológicos, como o era em latim, ou por sufixos derivacionais.

Número do adjetivo – O adjetivo acompanha o número do substantivo a que se refere: *aluno estudioso*, *alunos estudiosos*.

O adjetivo, portanto, conhece os dois números que vimos no substantivo: o *singular* e o *plural*.

Formação do plural dos adjetivos – Aos adjetivos se aplicam, na maioria dos casos, as mesmas regras de plural dos substantivos.

Alguns poucos adjetivos, como já ocorreu nos substantivos, se mostram indiferentes à marca de número, servindo indistintamente para a indicação do singular ou plural: *simples*, *isósceles*, assim:

critério *simples* / solução *simples*
caráter *assim* / coragem *assim*

Quanto aos adjetivos compostos, lembraremos que normalmente só o último varia, quando formados por dois adjetivos:

amizades luso-brasileiras, reuniões lítero-musicais
saias verde-escuras, folhas azul-claras

Variam ambos os elementos, entre outros exemplos, *surdo-mudo*: *surdos-mudos*.

Com exceção dos casos mais gerais, não tem havido unanimidade de uso no plural dos adjetivos compostos, quer na língua literária, quer na variedade espontânea da língua. A dificuldade fica ainda acrescida pelo fato de uma mesma forma poder ser empregada como adjetivo ou como substantivo, e a cada uma dessas funções são atribuídos plurais distintos, especialmente nos dicionários. As denominações de cores é que mais chamam a nossa atenção neste particular. Assim, para *verde-claro* como substantivo, se atribui o plural *verdes-claros* e, como adjetivo, *verde-claros*; já *verde-azul*, substantivo ou adjetivo, é assinalado com o plural *verde-azuis*.

Se o 2.º elemento é um substantivo (*verde-abacate*, *verde-água*), o composto admite dois plurais: *verdes-abacates* e *verdes-abacate*; *verdes-águas* e *verdes-água*.

O melhor, nestes casos, será apelar para as nossas tradicionais maneiras de adjetivar, com o auxílio da preposição *de* ou das locuções *de cor*, *de cor de* ou, simplesmente, *cor de* [SS.3, 74]: *olhos de verde-mar*, *ramagens de cor verde-garrafa*, *luvas de cor de pele*, *olhos cor de safira*, *olhos verdes da cor do mar*.

Mário Barreto, lembrando a possibilidade da elipse da preposição *de* ou da locução *cor de*, recomenda a invariabilidade do substantivo empregado adjetivamente, em *fitas creme*,

luvas café, isto é, fitas de cor de creme, e rejeita *fitas cremes*, *luvas cafés* [MBa.1, 375-377]. Ensina ainda que, sendo frequente o emprego do nome do objeto colorido para expressar a cor desse mesmo objeto: *o* ***lilá*** *pálido*, *um* ***violeta*** *escuro*, aplicando-se aos nomes *lilá*, *violeta* o gênero masculino na acepção da cor: "Prefiro o *rosa* ao *violeta*", em vez de "Prefiro *a* rosa à violeta", oração que pode ser entendida de maneira ambígua.

Gênero do adjetivo – O adjetivo concorda também em gênero com o substantivo a que se refere. Conhece, assim, os gêneros comuns ao substantivo: *masculino* e *feminino*. Todavia, esta distinção (em gênero e em número) tem diferente valor referencial no substantivo e no adjetivo; no substantivo, o gênero e o número modificam a referência, enquanto no adjetivo designam sempre a mesma qualidade e só se explicam como simples repercussão da relação sintática (concordância) que se instaura entre o determinado e o determinante, nada acrescentando semanticamente. Diferente de *menino* / *menina*, o adjetivo *estudioso* / *estudiosa* não assinala *menino* como da classe dos machos nem *menina* da classe das fêmeas.

Formação do feminino dos adjetivos – Os adjetivos *uniformes* são os que apresentam uma só forma para acompanhar substantivos masculinos e femininos. Geralmente estes uniformes terminam em *-a*, *-e*, *-l*, *-m*, *-r*, *-s* e *-z*:

povo *lusíada*	–	nação *lusíada*
breve exame	–	*breve* prova
trabalho *útil*	–	ação *útil*
objeto *ruim*	–	coisa *ruim*
estabelecimento *modelar*	–	escola *modelar*
homem *audaz*	–	mulher *audaz*
conto *simples*	–	história *simples*

Exceções principais: *andaluz*, *andaluza*; *bom*, *boa*; *chim*, *china*; *espanhol*, *espanhola*.

Quanto aos *biformes*, isto é, que têm uma forma para o masculino e outra para o feminino, os adjetivos seguem de perto as mesma regras que apontamos para os substantivos. Lembraremos aqui apenas os casos principais:

a) Os terminados em *–ês*, *-or*, e *–u* acrescentam no feminino um *a*, na maioria das vezes.

chinês, *chinesa*; *lutador*, *lutadora*; *cru*, *crua*.

EXCEÇÕES: 1) *cortês*, *descortês*, *montês* e *pedrês* são invariáveis; 2) *incolor*, *multicor*, *sensabor*, *maior*, *melhor*, *menor*, *pior* e outros são invariáveis. Outros em *-dor* ou *-tor* apresentam-se em *-triz*: *motor*, *motriz* (a par de *motora*, conforme vimos nos substantivos); outros terminam em *-eira*: *trabalhador*, *trabalhadeira* (a par de *trabalhadora*). *Superiora* (de convento) usa-se como substantivo. 3) *hindu* é invariável; *mau* faz *má*.

b) Os terminados em *-eu* passam, no feminino, a *-eia*:

europeu, *europeia*; *ateu*, *ateia*.

EXCEÇÕES: *judeu – judia*; *sandeu – sandia*
tabaréu – tabaroa; *réu – ré*.

c) Alguns adjetivos, como já ocorreu nos substantivos, apresentam uma forma teórica básica do feminino singular com vogal aberta que estará presente também no plural; no masculino esta vogal aberta passa a fechada:

laborioso (ô), *laboriosa* (ó); *disposto* (ô), *disposta* (ó).

Este procedimento de partir do timbre da vogal tônica aberta do feminino para o fechamento da vogal do masculino, e não o inverso, explica-se pelo fato de que há adjetivos em que a vogal tônica fechada do masculino se mantém fechada também no feminino: *encantada*, *encantadora*, *português*, *portuguesa*.

Gradação do adjetivo – Há três tipos de gradação na qualidade expressa pelo adjetivo: *positivo*, *comparativo* e *superlativo*, quando se procede a estabelecer relações entre o que são ou se mostram duas ou mais pessoas. Como já dissemos, a gradação em português se expressa por mecanismo sintático ou derivacional:

O POSITIVO, que não se constitui a rigor numa gradação, enuncia simplesmente a qualidade:

O rapaz é *cuidadoso*.

O COMPARATIVO compara qualidade entre dois ou mais seres, estabelecendo:

a) uma *igualdade*:

O rapaz é *tão cuidadoso quanto* (ou *como*) *os outros*.

b) uma *superioridade*:

O rapaz é *mais cuidadoso que* (ou *do que*) *os outros*.

c) uma *inferioridade*:

O rapaz é *menos cuidadoso que* (ou *do que*) *os outros*.

O SUPERLATIVO pode:

a) ressaltar, com vantagem ou desvantagem, a qualidade do ser em relação a outros seres:

O rapaz é *o mais cuidadoso dos* (ou *dentre os*) *pretendentes ao emprego*.

O rapaz é *o menos cuidadoso dos pretendentes*.

b) indicar que a qualidade do ser ultrapassa a noção comum que temos dessa mesma qualidade:

O rapaz é *muito cuidadoso*.

O rapaz é *cuidadosíssimo*.

No primeiro caso, a *qualidade* é ressaltada em relação ou comparação com os outros pretendentes. Diz-se que o *superlativo* é *relativo*.

Forma-se o *superlativo relativo* do mesmo modo que o comparativo de superioridade ou inferioridade antecedido sempre do artigo definido e seguido de sintagma preposicional iniciado por *de* (ou *dentre*): *o mais... de* (ou *dentre*), *o menos... de* (ou *dentre*).

No segundo caso, a superioridade é ressaltada sem nenhuma relação com outros seres. Diz-se que o *superlativo* é *absoluto* ou *intensivo*.

O superlativo absoluto pode ser *analítico* ou *sintético*.

Forma-se o analítico com a anteposição de palavra intensiva (*muito*, *extremamente*, *extraordinariamente*, etc.) ao adjetivo: *muito cuidadoso*. Na modalidade espontânea, mesmo

em literatura, pode-se obter a manifestação afetiva do superlativo mediante a repetição do adjetivo: *Ela é linda linda*. Ou do advérbio: *Ela é muito muito linda*.

O *sintético* é obtido por meio do sufixo derivacional *-íssimo* (ou outro de valor intensivo) acrescido ao adjetivo na forma positiva, com a supressão da vogal temática, quando o exigirem regras morfofonêmicas: *cuidadosíssimo*.

Quanto ao aspecto semântico, *cuidadosíssimo* diz mais, é mais *enfático* do que *muito cuidadoso*. O sufixo *-íssimo* é recente na longa história do português e se deve a um empréstimo do latim, durante o Renascimento, com o auxílio do italiano, responsável pela recuperação do sufixo. Na linguagem coloquial, se desejamos que o superlativo absoluto analítico seja mais enfático, costumamos repetir a palavra intensiva: *Ele é muito mais cuidadoso*, ou se buscam efeitos expressivos mediante a ajuda de criações sufixais imprevistas como *-ésimo*.

O meio termo entre estes dois superlativos (*muito cuidadoso – cuidadosíssimo*) é obtido com a fórmula: *mais do que cuidadoso*, *menos de*:

> "Estas e outras arguições, complicadas com os procedimentos *mais do que ásperos* da expulsão do coleitor Castracani em 1639, não concorreram pouco para alienar de todo o ânimo das populações..." [RS.2, IV, 75-6].
> "Tomou o estudante uma casa *menos de* modesta, fora de portas em Santo Antônio dos Olivais" [CBr.6, 107].

Alterações gráficas no superlativo absoluto – Ao receber o sufixo intensivo, o adjetivo pode sofrer certas modificações na sua forma:

a) os terminados em *-a*, *-e*, *-o* perdem essas vogais:

cuidadosa – cuidadosíssima
elegante – elegantíssimo
cuidadoso – cuidadosíssimo

b) os terminados em *-vel* mudam este final para *-bil*:

terrível – terribilíssimo
amável – amabilíssimo

c) os terminados em *-m* e *-ão* passam, respectivamente, a *-n* e *-an*:

comum – comuníssimo
são – saníssimo

d) os terminados em *-z* passam esta consoante a *-c*:

feroz – ferocíssimo
sagaz – sagacíssimo

Há adjetivos que não alteram sua forma, como é o caso dos terminados em *-u*, *-l* (exceto *-vel*), *-r*:

cru – cruíssimo; fácil – facílimo – facilíssimo; regular – regularíssimo

Afora estes casos, outros há onde os superlativos se prendem às formas latinas. Apontemos os mais frequentes:

acre – acérrimo
amargo – amaríssimo
amigo – amicíssimo
antigo – antiquíssimo
magnífico – magnificentíssimo
magro – macérrimo
malédico – maledicentíssimo
malévolo – malevolentíssimo

áspero – aspérrimo

benéfico – beneficentíssimo

benévolo – benevolentíssimo

célebre – celebérrimo

célere – celérrimo

cristão – cristianíssimo

cruel – crudelíssimo

difícil – dificílimo

doce – dulcíssimo

fiel – fidelíssimo

frio – frigidíssimo

geral – generalíssimo

honorífico – honorificentíssimo

humilde – humílimo

incrível – incredibilíssimo

inimigo – inimicíssimo

íntegro – integérrimo

livre – libérrimo

maléfico – maleficentíssimo

mísero – misérrimo

miúdo – minutíssimo

negro – nigérrimo

nobre – nobilíssimo

parco – parcíssimo

pessoal – personalíssimo

pobre – paupérrimo

pródigo – prodigalíssimo

público – publicíssimo

provável – probabilíssimo

sábio – sapientíssimo

sagrado – sacratíssimo

salubre – salubérrimo

soberbo – superbíssimo

simples – simplicíssimo

tétrico – tetérrimo

Ao lado do superlativo à base do termo latino, pode circular o que procede do adjetivo acrescido da terminação *–íssimo*:

agílimo – agilíssimo

antiquíssimo – antiguíssimo

crudelíssimo – cruelíssimo

dulcíssimo – docíssimo

facílimo – facilíssimo

humílimo – humildíssimo, humilíssimo

macérrimo – magríssimo

nigérrimo – negríssimo

parcíssimo – parquíssimo

paupérrimo – pobríssimo

OBSERVAÇÃO: Chamamos a atenção para as palavras terminadas em *-io* que, na forma sintética, apresentam dois *is*, por seguirem a regra geral da queda do *-o* final para receber o sufixo:

cheio → cheiíssimo, cheiinho
feio → feiíssimo, feiinho
frio → friíssimo, friinho
necessário → necessariíssimo
precário → precariíssimo
sério → seriíssimo, seriinho
sumário → sumariíssimo
vário → variíssimo

OBSERVAÇÃO: A tendência da língua à fuga ao hiato leva a que apareçam formas com fusão dos dois ii, embora num ou noutro

adjetivo a eufonia impede a mudança: **fríssimo*, **varíssimo*, por exemplo, embora Dias Gomes (séc. XVIII) escrevesse *propríssimo*. Ainda que escritores usem formas com um só *i* (*cheíssimo*, *cheinho*, *feíssimo*, *seríssimo*, etc.), a língua padrão insiste no atendimento à manutenção dos dois ii.34

Comparativos e superlativos irregulares – Afastam-se dos demais na sua formação de comparativo e superlativo os adjetivos seguintes:

	Comparativo de superioridade	*Superlativo*	
Positivo		*absoluto*	*relativo*
bom	melhor	ótimo	o melhor
mau	pior	péssimo	o pior
grande	maior	máximo	o maior
pequeno	menor	mínimo	o menor

Não se diz *mais bom* nem *mais grande* em vez de *melhor* e *maior*; mas podem ocorrer *mais pequeno*, *o mais pequeno*, *mais mau*, por *menor*, *o menor*, *pior*. Também se podem empregar *bom* e *grande* nas expressões *mais ou menos grande*, *mais ou menos bom*, pois que os tais adjetivos se regulam pela última palavra:

> "Os poemas completos do desterrado do Ponto, todas as literaturas europeias os ambicionavam, e os meteram em si, com *mais ou menos boa* mão" [AC *apud* MBa.1, 249].

Note-se o jogo de alternância de *mais pequeno* e *menor* em:

> "Em matéria de amor-próprio o *mais pequeno* inseto não o tem *menor* que a baleia ou o elefante" [MM.1, 151].

É ainda oportuno lembrar que às vezes *bom* e *mau* constituem com o substantivo seguinte uma só lexia, uma só unidade léxica, de modo que, nesta situação, podem ser modificados pelos advérbios *mais*, *menos*, *melhor*, *pior*, que passam a referir-se a toda a expressão: *homem de mais mau-caráter*, *pessoa de menos más intenções*, *palavras da melhor boa-fé*:

> "Pode ser que ele ainda venha para ti com o coração purificado, e o tributo da mocidade avaramente pago. *Mais bom marido* será então" [CBr *apud* MBa.5, 241-242].

Ao lado dos superlativos *o maior*, *o menor*, figuram ainda *o máximo* e *o mínimo* que se aplicam a ideias abstratas e aparecem ainda em expressões científicas, como *a temperatura máxima*, *a temperatura mínima*, *máximo divisor comum*, *mínimo múltiplo comum*, *nota máxima*, *nota mínima*.

Em lugar de *mais alto* e *mais baixo* usam-se os comparativos *superior* e *inferior*; por *o mais alto* e *o mais baixo*, podemos empregar os superlativos *o supremo* ou *o sumo*, e *o ínfimo*.

Comparando-se duas qualidades ou ações, empregam-se *mais bom*, *mais mau*, *mais grande* e *mais pequeno* em vez de *melhor*, *pior*, *maior*, *menor*:

> *É mais bom do que mau* (e não: *é melhor do que mau*).
> *A escola é mais grande do que pequena.*
> *Escreveu mais bem do que mal.*
> *Ele é mais bom do que inteligente.*

Por fim, assinalemos que, depois dos comparativos em *-or* (*superior*, *inferior*, *anterior*,

posterior, *ulterior*), se usa a preposição *a*:

*Superior **a** ti*, *inferior **ao** livro*, *anterior **a** nós*

Repetição de adjetivo com valor superlativo – Na linguagem coloquial, pode-se empregar, em vez do superlativo, a repetição do mesmo adjetivo:

O dia está *belo belo* (= belíssimo).

Ela era *linda linda* (= lindíssima).

Proferindo-se estas orações, dá-se-lhes um tom de voz especial para melhor traduzir a ideia superlativa expressa pela repetição do adjetivo. Geralmente consiste na pausa demorada na vogal da sílaba tônica.

Comparações em lugar do superlativo – Para expressarmos mais vivamente o elevado grau de uma qualidade do ser, empregamos ainda comparações que melhor traduzem a ideia superlativa:

Pobre como Jó (= paupérrimo), *feio como a necessidade* (feiíssimo), *claro como água*, *escuro como breu*, *esperto como ele só*, *malandro como ninguém.*

Usam-se ainda certas expressões não comparativas: *podre de rico*, *feio a mais não poder*, *grande a valer*.

Adjetivos diminutivos – As formas diminutivas de adjetivos podem (precedidas ou não de *muito*, *mais*, *tão*, *bem*) adquirir valor de superlativo:

Blusa amarelinha, *garoto bonitinho*; "É bem *feiozinho*, benza-o Deus, o tal teu amigo!" [AAz].

No estilo coloquial não é raro o reforço deste emprego do diminutivo mediante as locuções *da Silva*, *da Costa* (cf. BF, XVII, 1 – 2, 197).

3 – Artigo

Artigo – Chamam-se *artigo definido* ou simplesmente *artigo **o**, **a**, **os**, **as*** que se antepõem a substantivos, com reduzido valor semântico demonstrativo e com função precípua de adjunto desses substantivos.

A tradição gramatical tem aproximado este verdadeiro artigo de ***um***, ***uns***, ***uma***, ***umas***, chamados *artigos indefinidos*, que se assemelham a ***o***, ***a***, ***os***, ***as*** pela mera circunstância de também funcionarem como adjunto de substantivo, mas que do autêntico artigo diferem pela origem, tonicidade, comportamento no discurso, valor semântico e papéis gramaticais.

Pela origem, porque *o*, *a*, *os*, *as* se prendem a antigo demonstrativo latino (*illum*, *illa*) – o que lhes garante o valor de demonstrativo atenuado –, enquanto *um*, *uma*, *uns*, *umas* representam emprego especial de generalização do numeral *um*. Pela tonicidade, porque, sendo um vocábulo eminentemente átono, não pode funcionar sozinho na oração, como o faz o chamado artigo indefinido que, neste papel, só não se confunde com o pronome indefinido

pelo auxílio que lhe emprestam os entornos linguísticos. Do ponto de vista semântico e consequentes resultados nas funções gramaticais, está o primordial valor *atualizador* do artigo, de que decorrem os demais valores contextuais: 35 o artigo definido identifica o objeto designado pelo nome a que se liga, delimitando-o, extraindo-o de entre os objetos da mesma classe, como aquele que já foi (ou será imediatamente) conhecido do ouvinte – quer através do discurso (que dele faz menção), quer pela "dêixis" (que o mostra, ordenando-o espacial e temporalmente), quer pelo contexto idiomático, no qual a palavra é, quando não ulteriormente determinada, nome de conceito ou de toda uma classe de objetos (assim, "o homem é um animal racional" equivale a "aquilo que conhecemos pela palavra *homem*...") [HCv.1, 2, 1427].

Deste valor atualizador decorre o fato sintático de o artigo ser dispensado quando tal valor já vem expresso por outro identificador adnominal, seja demonstrativo (*este homem*), seja possessivo (*meu livro*), seja por equivalente a este valor, ou antes de um nome próprio, já por si atual e individual. No português, em que a presença do artigo junto ao possessivo adnominal tem sido marcado por um progressivo emprego da fase antiga à moderna, o uso do artigo em "***o** meu livro*" é redundante, e, poderíamos repetir a classificação de um velho filólogo lembrado por Pacheco Júnior: muleta gramatical [PJ.1, 141].

Outra função é a da substantivação: qualquer unidade linguística, do texto ao morfema, pode substantivar-se quando é nome de si mesma, tomada materialmente: "***o** o* é artigo", "***o** este* é dissílabo", "não sabe ***o** como me agradar*", "***o** per-* é um prefixo".

Este fato e a força identificadora contribuem para a possibilidade de calar o nome já antes anunciado ou, se não antes anunciado no discurso, conhecido e identificado pelo falante e pelo ouvinte: "***o** livro de Edu* e ***o** teu*", "***a** blusa* branca e ***a*** azul", "***a** blusa* branca e ***aquela** azul*", etc. Tal possibilidade criou a diferença, na nomenclatura gramatical, entre *o* "artigo" e *o* "pronome demonstrativo", baseada em dois fatos: o segundo *o* vale semanticamente por *isto*, *isso*, *aquilo*, e por usarem outras línguas, nesta situação, um pronome (*ce* em francês, *quello* em italiano), e não o artigo. Gili Gaya [GG.1] já mostrou que línguas há que preferem, nesta situação, o artigo, enquanto outras preferem formas de demonstrativo.

Ora, isto nos leva a acompanhar os autores (Alarcos Llorach, mais recentemente) que veem como substantivações de orações previamente transpostas a subordinadas adjetivas ("Não sei *o que fazes*", objeto direto de *não sei*) ou adverbiais ("Gostou do *quando o filho se defendeu*", complemento relativo de *gostar*).

Esta omissão do antecedente do relativo é análoga à que se dá em subordinadas de *quem* absoluto ("*Quem tudo quer* tudo perde", e nas interrogativas indiretas ("Não sei *quem virá*", "Não sei *quando virá*"), já classificadas como de valor substantivo desde Epifânio Dias, no final do século passado, e adotadas depois, entre outros, por Said Ali e Mário Pereira de Sousa Lima.

Por fim, cumpre acrescentar que se uma operação determinativa passa a supérflua ou se realiza implicitamente, graças à presença de outros determinadores ou pelo contexto, as unidades específicas empregadas na operação podem servir para outras funções [ECs.3, 292-293]. Coseriu lembra que o artigo empregado junto com um quantificado tem função individuadora (*os dois homens*) e, aplicado a um nome próprio – já atual e individual –, pode

exercer função estilística (*Maria* ao lado de *a Maria*).

Junto de nome não marcado por gênero e número, pode o artigo ser responsável pela indicação dessas categorias gramaticais: ***o*** *artista*, ***a*** artista; ***o*** *lápis*, ***os*** *lápis*.

Emprego do Artigo Definido

Emprego do artigo definido – De largo uso no idioma, o artigo assume sentidos especialíssimos, graças aos contornos verbais e extraverbais:

a) Junto dos nomes próprios denota nossa familiaridade (neste mesmo caso pode o artigo ser também omitido):

O Cleto talvez falte hoje. O Antônio comunicou-se com o João.

Observação: O uso mais frequente, na linguagem culta, tendo em vista o valor já de si individualizante, dispensa o artigo junto a nomes próprios de pessoas, com exceção dos que se acham no plural. É tradição ainda só antepor artigo a apelidos: *o* Camões, *o* Tasso, *o* Vieira. Modernamente tem-se estendido a presença do artigo antes dos nomes de escritores, artistas e personagens célebres, principalmente quando usado em sentido figurado: *o* Dante, *o* Torquato, *o* Rafael (= o quadro de Rafael). Dizemos, indiferentemente, *Cristo* ou *o Cristo* (ou ainda *o Cristo Jesus*).

b) Costuma aparecer ao lado de certos nomes próprios geográficos, principalmente os que denotam países, oceanos, rios, montanhas, ilhas:

a Suécia, *o* Atlântico, *o* Amazonas, *os* Andes, *a* Groenlândia

Entre nós, dispensam artigo os nomes dos seguintes Estados: *Alagoas*, *Goiás*, *Mato Grosso*, *Minas Gerais*, *Santa Catarina*, *São Paulo*, *Pernambuco* e *Sergipe*.

Nota: Não se acompanham de artigo as denominações geográficas formadas com nomes ou adjetivos: *São Paulo*, *Belo Horizonte*.

Quanto às cidades, geralmente prescindem de artigo. Há, contudo, exceções devidas à influência de seu primitivo valor de substantivo comum: *a* Bahia, *o* Rio de Janeiro, *o* Porto, etc. Continuando a prática de outros idiomas que, por sua vez, se inspiram no árabe *el-Kahira* (a Vitoriosa), dizemos com artigo *o Cairo*.

Recife sempre se disse acompanhado de artigo: *o Recife*. Modernamente, pode dispensá-lo. *Aracaju*, capital de Sergipe, conhece a mesma liberdade.

c) Entra em numerosas alcunhas e cognomes: Isabel, *a Redentora*; D. Manuel, *o Venturoso*; *mas*: *Frederico Barba-roxa*.

d) Aparecem em certos títulos: *o* professor João Ribeiro, *o* historiador Tito Lívio, *o* doutor Sousa.

Observação: É omitido antes dos ordinais pospostos aos títulos: Pedro I, Henrique VIII, João VI.

e) São omitidos nos títulos de *Vossa Alteza*, *Vossa Majestade*, *Vossa Senhoria* e outras denominações, além das formas abreviadas *dom*, *frei*, *são* e as de origem estrangeira, como *Lord*, *Madame*, *Sir* e o latinismo *sóror* ou *soror* (oxítono): *Vossa Alteza passeia*. *Frei Joaquim do Amor Divino Caneca nasceu em Pernambuco*. *Soror* (ou *Sor*) *Mariana Alcoforado foi célebre escritora portuguesa*.

OBSERVAÇÃO: Ensina-nos JOÃO RIBEIRO: "É um galicismo a intercalação do artigo nas fórmulas: *Sua Excelência* ***o*** *deputado*, *Sua Alteza* ***o*** *príncipe*, *Sua Santidade* ***o*** *Papa*. Estes galicismos foram adotados geralmente na língua para evitar fórmulas menos elegantes, como: *a* excelência do Sr. Deputado, *a* alteza do príncipe, como mandaria dizer a vernaculidade" [JR.1, 266-7]. E, em nota, transcreve exemplos que lhe foram apontados pelo colaborador FIRMINIO COSTA, dos quais lembramos:

"... comunicou a coisa à Alteza de el-rei Dom João o III".

f) Dizem-se com artigo os nomes de trabalhos literários e artísticos (se o artigo pertence ao título, há de ser escrito obrigatoriamente com maiúscula):

a Eneida, *a* Jerusalém Libertada, *Os* Lusíadas, *A* Tempestade.

Mesmo quando precedido de preposição fora do título, deve-se modernamente (a tradição não procedia assim) preservar a integridade do artigo incluído na denominação:

No caso de ***Os Lusíadas****...*

Passando os olhos por ***As Cidades e as Serras****.*

Estampou-se ontem em ***O Globo*** *a notícia...*

Às vezes, aparentemente, se juntam dois artigos porque o primeiro tem subentendida a espécie da publicação: "Um artigo meu publicado ***na*** [revista] *A Águia*" [FP *apud* MAg.1, 21]. "***O*** [livro] *A Padaria Espiritual* está sendo caprichosamente confeccionado..." [LM *apud* MAg.1].

A má interpretação deste fato causou o emprego errôneo e pleonástico do artigo em construções do tipo: *A notícia saiu* ***pelas*** *As Grandes Novidades*.

g) São omitidos antes da palavra *casa*, designando residência ou família, nas expressões do tipo: *fui a casa*, *estou em casa*, *venho de casa*, *passei por casa*, *todos de casa*.

OBSERVAÇÃO: Seguido de nome do possuidor ou de um adjetivo ou expressão adjetiva, pode o vocábulo *casa* acompanhar-se de artigo: *Da* (ou *de*) casa de meus pais.

h) Omite-se ainda o artigo junto ao vocábulo *terra*, em oposição a *bordo* (que também dispensa artigo):

Iam de bordo *a* terra.

i) Costuma-se omitir o artigo com a palavra *palácio*, quando desacompanhada de modificador:

"Perguntou o mestre-escola afoitamente à sentinela do paço se o representante nacional, morgado da Agra, estava *em palácio*" [CBr.1, 144].

j) Aparece junto ao termo denotador da unidade quando se expressa o valor das coisas (aqui o artigo assume o valor de *cada*):

Maçãs de poucos cruzeiros *o* quilo.

k) Aparecem nas designações de tempo com os nomes das estações do ano:

Na primavera há flores em abundância. "Em uma tarde do *estio*, à hora incerta e saudosa..." [AH.2, 154].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Se o nome de estação vier precedido de *de*, significando *próprio de*, o artigo é dispensado: Numa manhã *de primavera*.

2.ª) Se a expressão temporal contiver nome de mês, dispensa ainda o artigo: Meu irmão faz anos *em março*.

l) Nas indicações de tempo com a expressão *uma hora*, significando *uma* a *primeira hora*, o emprego do artigo é facultativo:

Era perto *da* uma hora ou Era perto *de* uma hora.

A primeira construção parece ser mais dos portugueses; a segunda dos brasileiros. Por ser mais antiga na língua, fixou-se o emprego do *a* acentuado em expressões como *à uma hora*, etc.

m) É, na maioria dos casos, de emprego facultativo junto a possessivos em referência a nome expresso:

Meu livro ou *o* meu livro

OBSERVAÇÃO: É obrigatório o artigo, quando o possessivo é usado sem substantivo, em sentido próprio ou translato: Bonita casa era *a minha*. Fazer *das suas*. "Vês, peralta? É assim que um moço deve zelar o nome *dos seus*? Pensas que eu e meus avós ganhamos o dinheiro em casa de jogo ou a vadiar pelas ruas?" [MA.1, 57].

Mas sem artigo dizemos várias expressões, como *de meu*, *de seu natural*, linguagens com que traduzimos "os bens próprios de alguém" – a primeira – e "qualidades naturais" – a última:

Nunca tive *de meu*, outro bem maior.

"Bernardes era como estas formosas *de seu natural* que se não cansam com alindamentos, a quem tudo fica bem" [AC].

Dispensa ainda artigo o possessivo que entra em expressões com o valor de *alguns*:

Os Lusíadas têm *suas* dificuldades de interpretação.

Finalmente, na expressão de um ato usual, que se pratica com frequência, o possessivo vem normalmente sem artigo:

Às oito toma *seu* café.

n) Não se repete o artigo em frases como:

O homem mais virtuoso do lugar.

Estaria errado: *O* homem *o* mais virtuoso do lugar.

NOTA – É preciso distinguirmos cuidadosamente este feio erro de uma expressão tradicional e corretíssima que consiste em acrescentar, depois do substantivo determinado por adjetivo, o conjunto *o mais*, que introduzirá uma explicação, um adendo, uma restrição. Às vezes, exprimem-se tais ideias com ênfase, caso em que costumam aparecer, antes de *o mais*, elementos de valor concessivo como *ainda*, *mesmo*, *até*, *posto que*.

A má pontuação (deveria haver vírgula antes do conjunto iniciado por *o mais*) aproxima os dois tipos de expressão e uma análise menos cuidadosa tem feito que se evitem construções corretíssimas.

MARTINZ DE AGUIAR [MAg.1, 309-324] estudou com muita perspicácia os dois modos e assim concluiu a sua lição:

"Para que haja pureza de linguagem, é necessário, é imprescindível, que o substantivo, sem o acréscimo de *o mais*, combine com os outros termos da proposição num sentido cabal, de tal maneira, que possa repetir-se. Sem isso, estamos, iniludivelmente, à vista de um estrangeirismo de sintaxe ou de uma construção anti-idiomática, quer se trate de *o – o*, quer de *um – o*. Não é, pois, correta, esta construção de Gonçalves de Magalhães:

Seu rosto de leite e rosas,
De um contorno o mais perfeito.

Rosto de um contorno perfeito é tudo, *rosto de um contorno* não é nada" [MAg.1, 324].

Assim, estão corretas as seguintes passagens, notando-se, apenas, a ausência de vírgula antes de *o mais* (exemplos extraídos da série apresentada por AGUIAR):

"A inveja te assaltou, e a quem perdoa
Este monstro o maior do escuro Inferno?" [Pe. AGOSTINHO DE MACEDO].

"O método, que *as ciências as mais exatas* seguem nas suas operações" [JERÔNIMO BARBOSA].

"O *a*, este som o mais claro de todos" [CASTILHO ANTÔNIO].

Note-se que nos exemplos apontados poderíamos colocar vírgula, o que não acontece com os que se seguem:

"Tens mil águas cristalinas,
As frutas as mais divinas,
Uma esposa de invejar,
Que mais podes desejar?" [PA]
"Desde a quadra *a mais antiga*
De que rezam os pergaminhos" [FV]

Os poetas quiseram apenas dizer *as frutas mais divinas*, *a quadra mais antiga*.

O tipo "zero determinação" antes do substantivo seguido de *o mais* é menos enfático (*homem o mais alto*), e se valoriza através de uma inversão (*o mais alto homem*)". [Cf. MAg.1, 319-320].

o) Junto às designações de partes do corpo e nomes de parentesco, os artigos denotam a posse:

Traz *a cabeça* embranquiçada pelas preocupações.
Tem *o rosto* sereno, mas as mãos trêmulas
D. Laura (falando à irmã):
"Pois não! quem me podia aconselhar prudência
a não ser a senhora, a filha singular,
que ousa dispor de si dentro do pátrio lar,
sem ouvir *pai* nem *mãe*. Cuida que a sua escolha
basta, sem que primeiro *a* mãe e *o* pai a acolha?" [AC.3, 17].

p) A palavra *todo*, no singular, pode vir ou não seguida de artigo, com os significados de *inteiro*, *total* e *cada*, *qualquer*.

A presença ou ausência do artigo depende de que o substantivo exija ou repudie a antecipação de *o*, *a*, *os*, *as*.

Na língua moderna, *todo o* corre mais no sentido de totalidade, inteireza, ênfase (aqui principalmente com os termos que denotam sentimento: *de todo o coração*, *com todo o gosto*, *com todo o amor*, *com todo o carinho*, etc.):

Toda a família estava no recinto (= a família toda, inteira).

Entretanto, como traço do seu valor semântico indiferenciado ('qualquer' ou 'inteiro'), ainda pode aparecer nos autores modernos *todo o* ao lado de *todo* sem artigo, para expressar a ideia de 'qualquer':

O coração de *todo o* ser humano
Foi concebido para ter piedade [CS.2].

Não costuma dispensar artigo, entre bons escritores, o adjetivo substantivado modificado por *todo*, ainda sendo este último empregado com o sentido de *qualquer*:

Todo o próximo tem direito natural.

Às vezes, aparecem na escrita incertezas no emprego de *todo o* / *todo*, *toda a* / *toda*, em virtude do fenômeno de fonética sintática que funde o -*o*, -*a* finais com *o*, *a* artigo.

Com as designações geográficas, o emprego de *todo o* e *todo* depende de o nome exigir ou não a presença do artigo:

Todo o Brasil. Todo Portugal.

Usam-se, modernamente, com o artigo numerosas expressões em que entra a palavra *todo*:

todo o gênero, todo o mundo, a toda a parte, em toda a parte, por toda a parte, a toda a brida, a todo o galope, a toda a pressa, em todo o caso, a toda a hora, a todo o instante, a todo o momento, a todo o transe, a todo o custo, etc.

No plural, *todos* não dispensa artigo (salvo se vier acompanhado de palavra que exclua este determinante):

Todas as famílias têm bons e maus componentes.

Todas as famílias estavam no recinto.

Todas estas pessoas são nossas conhecidas.

Se exprimimos a totalidade numérica por numeral precedido do elemento reforçativo *todos*, aparecerá artigo se o substantivo vier expresso:

Todos os dois romances são dignos de leitura.

Todas as seis respostas estavam certas.

Se omitirmos o substantivo, não haverá lugar para o artigo:

Fizeram-me seis perguntas. Respondi, acertadamente, *a todas seis*.

q) Aparece o artigo nas enumerações onde há *contraste* ou *ênfase*:

Ficou entre *a vida* e *a morte*.

"As virtudes civis e, sobretudo, o amor da pátria tinham nascido para os godos que, fixando o seu domicílio nas Espanhas, possuíram de pais a filhos *o* campo agricultado, *o* lar doméstico, *o* templo da oração e *o* cemité rio do repouso e da saudade" [AH.1, 5].

"Notaram todos que *a tarde* e *a noite* daquele dia foram as mais tristes horas de Casimiro na sua prisão de dois meses" [CBr.6, 191].

r) Dispensa-se o artigo nos vocativos, na maioria das exclamações e nas datas que apomos aos escritos:

"*Velhice – Amigo*, diz-me um amigo,

Sabe que a boa idade é a última idade" [AO].

Rio, *10 de maio* de 1956.

s) Costuma-se dispensar o artigo depois de *cheirar a*, *saber a* (= ter o gosto de) e expressões sinônimas:

Isto *cheira a* jasmim. Isto *sabe a* vinho.

t) Em frases feitas, aparece o artigo definido na sua antiga forma *lo*, *la*.

"Tenho ouvido os quinhentistas a la moda, e os galiparlas" [CBr.1, 61].

Assim encontramos: *a la fé*, *a la par*, *a la mar*, etc.

Aparece ainda a forma antiga na expressão *el-rei*, que se deve usar sem a anteposição de o, apesar de alguns raros exemplos em contrário, em páginas de autores mais afastados de nós.

Vestígio provável da época em que tinha o artigo a força dêitica de pronome demonstrativo é o seu emprego junto a *que* em construções cristalizadas como *pelo que*, *no que diz respeito*, etc.

Emprego do artigo indefinido – O artigo indefinido pode assumir matizes variadíssimos de sentido: registraremos as seguintes considerações:

a) Usa-se o indefinido para aclarar melhor as características de um substantivo enunciado

anteriormente com artigo definido:

Estampava no rosto o sorriso, *um* sorriso de criança.

b) Procedente de sua função classificadora, *um* pode adquirir significação enfática, chegando até a vir acompanhado de oração com *que* de valor consecutivo, como se no contexto houvesse *um tal*:

O instrumento é de *uma* precisão admirável.

Ele é *um* herói! (compare com: Ele é herói!)

Falou de *uma* maneira, que pôs medo nos corações.

c) Antes de numeral denota aproximação:

Esperou *uma* meia hora (aproximadamente).

Terá *uns* vinte anos de idade.

d) Antes de pronome de sentido indefinido (*certo*, *tal*, *outro*, etc.), dispensa-se o artigo indefinido, salvo quando o exigir a ênfase:

Depois de *certa* hora não o encontramos em casa (e não *uma certa hora*).

Devia, pois, ser melancólico além do exprimível o que aí se passou nessa grade; triste, e desgraçado direi, a julgá-lo pelas consequências, que se vão descrever, com *um certo* pesar em que esperamos tomem os leitores o seu quinhão de pena, se não todos, ao menos aqueles que não dão nada pela felicidade da terra, quando ela implica ofensa ao Senhor do céu" [CBr.4, 223].

Esta dispensa pode ocorrer também antes do advérbio *tão* e certas locuções adverbiais (*com voz surda*), antes do substantivo que funciona como predicativo do verbo *ser* (*Você é homem* de bem).

Modernamente, cremos que mais por valorização estilística do indefinido que por simples e servil imitação do francês36, *um* aparece em casos que se não podem explicar por ênfase. Nestas circunstâncias, tais casos são censurados pela gramática tradicional.

e) *Um* ocorre como correlativo de *outro* em sentido distributivo:

Um irmão ia ao teatro e o *outro*, ao cinema.

OBSERVAÇÃO: Calando-se o substantivo também junto de *um*, ainda dispensamos a anteposição do artigo definido, ao contrário do que fazia o português antigo e do que fazem, por exemplo, o francês e o espanhol:

Um ia ao teatro e *o outro* ao cinema (*o um ... o outro*, no português antigo, *l'un ... l'autre*, *el uno ... el otro*).

f) Note-se a expressão *um como*, empregada no sentido de "uma coisa como", "um ser como", "uma espécie de", onde *um* concorda com o substantivo seguinte:

Fez *um como* discurso. Proferiu *uma como* prática.

A respeito de *uma* pronunciado *ũa*, veja-se o capítulo de ortoepia.

O artigo partitivo – A língua portuguesa de outros tempos empregava *do*, *dos*, *da*, *das*, junto a nomes concretos para indicar que os mesmos nomes eram apenas considerados nas suas partes ou numa quantidade ou valor indeterminado, indefinido:

Não digas *desta* água não beberei.

É o que a gramática denomina *artigo partitivo*. Modernamente, o partitivo não ocorre com a frequência de outrora e, pode-se dizer, quase se acha banido do uso geral, salvo pouquíssimas expressões em que ele se manteve, mormente nas ideias de *comer* e *beber*.

4 – PRONOME

Pronome – é a classe de palavras categoremáticas que reúne unidades em número limitado e que se refere a um significado léxico pela situação ou por outras palavras do contexto.

De modo geral, esta referência é feita a um objeto substantivo considerando-o apenas como pessoa localizada do discurso.

Pessoas do discurso – São duas as pessoas determinadas do discurso: 1.ª *eu* (a pessoa correspondente ao falante) e 2.ª *tu* (correspondente ao ouvinte).37 A 3.ª pessoa, indeterminada, aponta para outra pessoa em relação aos participantes da relação comunicativa.

Do ponto de vista semântico, os pronomes estão caracterizados porque indicam *dêixis* ("o apontar para"), isto é, estão habilitados, como verdadeiros gestos verbais, como indicadores, determinados ou indeterminados, ou de uma dêixis contextual a um elemento inserido no contexto, como é o caso, por exemplo, dos pronomes relativos, ou de uma dêixis *ad oculos*, que aponta ou indica um elemento presente ao falante. A dêixis será *anafórica* se aponta para um elemento já enunciado ou concebido, ou *catafórica*, se o elemento ainda não foi enunciado ou não está presente no discurso.38

A dêixis também envolve, como vimos, o lugar da 3.ª pessoa no discurso, só que de maneira negativa, em relação a *eu* e *tu*, que tem localização definida. Por isso é que línguas há, como o português, que podem fazer, quando isto se impõe, a distinção entre *localização indeterminada* e *localização determinada* ou *imediatamente determinável* ("objeto que se encontra à vista dos falantes": *aquele* / *aquele ali*, *aquela lá*). Acrescenta Coseriu, de quem tomamos a lição, que é por este caráter relativamente indeterminado da 3.ª pessoa que a situação possessiva que lhe corresponde às vezes pode necessitar de ulteriores esclarecimentos: *seu* / *seu mesmo*, *seu próprio*, *seu dele* [ECs.1, 301 n.37].

A localização positiva de *ele* ou *aquele* pode ainda dar-se pelos entornos extralinguísticos ou pelo gesto, que indica a *direção* em que o objeto pode achar-se.39

Os pronomes podem apresentar-se como *absolutos* – capazes de funcionar como núcleo de sintagma nominal, à maneira dos substantivos – ou como *adjuntos* do núcleo, à maneira dos adjetivos, dos artigos e dos numerais, como veremos abaixo.

Classificação dos pronomes – Os pronomes podem ser: *pessoais*, *possessivos*, *demonstrativos* (abarcando o artigo definido), *indefinidos* (abarcando o artigo indefinido), interrogativos e relativos.

PRONOME SUBSTANTIVO E PRONOME ADJETIVO – O pronome pode aparecer em referência a substantivo claro ou oculto:

> *Meu* livro é melhor que o *teu*.

Meu e *teu* são pronomes porque dão ideia de posse em relação à pessoa do discurso: *meu* (1.ª pessoa, a que fala), *teu* (2.ª pessoa, a com que se fala). Ambos os pronomes estão em

referência ao substantivo *livro* que vem expresso no início, mas se cala no fim por estar perfeitamente claro ao falante e ouvinte. Esta referência a substantivo caracteriza a função *adjetiva* ou de *adjunto* de certos pronomes. Muitas vezes, sem que tenha vindo expresso anteriormente, dispensa-se o substantivo, como em: Quero o *meu* e não o *seu* livro (onde ambos os pronomes possessivos são adjetivos).

Já em: *Isto é melhor que aquilo*, os pronomes *isto* e *aquilo* não se referem a nenhum substantivo determinado, mas fazem as vezes dele. São, por isso, pronomes *absolutos* ou *substantivos*.

Há pronomes que são apenas absolutos ou adjuntos, enquanto outros podem aparecer nas duas funções.

Pronomes pessoais – Os pronomes pessoais designam as duas pessoas do discurso e a não pessoa (não *eu*, não *tu*), considerada, pela tradição, a 3.ª pessoa:

1.ª pessoa: *eu* (singular), *nós* (plural),

2.ª pessoa: *tu* (singular), *vós* (plural) e

3.ª pessoa: *ele*, *ela* (singular), *eles*, *elas* (plural).

O plural *nós* indica *eu* mais outra ou outras pessoas, e não *eu* + *eu*. 40

As formas *eu*, *tu*, *ele*, *ela*, *nós*, *vós*, *eles*, *elas*, que funcionam como sujeito, se dizem *retas*. A cada um destes pronomes pessoais retos corresponde um pronome pessoal oblíquo que funciona como complemento e pode apresentar-se em forma átona ou forma tônica. Ao contrário das formas átonas, *as tônicas vêm sempre presas a preposição*:

PRONOMES PESSOAIS RETOS		PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS	
		átonos (sem prep.)	tônicos (c/prep.)
Singular:	1.ª pessoa: *eu*	*me*	*mim*
	2.ª pessoa: *tu*	*te*	*ti*
	3.ª pessoa: *ele*, *ela*	*lhe*, *o*, *a*, *se*	*ele*, *ela*, *si*
Plural:	1.ª pessoa: *nós*	*nos*	*nós*
	2.ª pessoa: *vós*	*vos*	*vós*
	3.ª pessoa: *eles*, *elas*	*lhes*, *os*, *as*, *se*	*eles*, *elas*, *si*

Exemplos de pronomes oblíquos átonos:

"Queixamo-*nos* da fortuna (destino) para desculpar a nossa preguiça" [MM].

"A melhor companhia acha-*se* em uma escolhida livraria" [MM].

Exemplos de pronomes oblíquos tônicos:

"Os nossos maiores inimigos existem dentro *de nós* mesmos: são os nossos erros, vícios e paixões" [MM].

"As virtudes se harmonizam, os vícios discordam *entre si*" [MM].

Se a preposição é *com*, dizemos *comigo*, *contigo*, *consigo*, *conosco*, *convosco*, e não: *com*

mi, *com ti*, *com si*, *com nós*, *com vós*. Empregam-se, entretanto, *com nós* e *com vós*, ao lado de *conosco* e *convosco*, quando estes pronomes tônicos vêm seguidos ou precedidos de *mesmos*, *próprios*, *todos*, *outros*, *ambos*, numeral ou oração adjetiva, a fim de evidenciar o antecedente:

"Há um céu para *nós outros* na imortalidade das nossas obras terrenas" [JR.2, 185].

Com vós todos ou *com todos vós*.

Com vós ambos ou *com ambos vós*.

Pronome oblíquo reflexivo – É o pronome oblíquo da mesma pessoa do pronome reto, significando *a mim mesmo*, *a ti mesmo*, etc.:

Eu *me* vesti rapidamente.

Nós *nos* vestimos.

Eles *se* vestiram.

Pronome oblíquo recíproco – É representado pelos pronomes *nos*, *vos*, *se* quando traduzem a ideia de *um ao outro*, *reciprocamente*:

Nós *nos* cumprimentamos (um ao outro).

Eles *se* abraçaram (um ao outro).

Formas de tratamento – Existem ainda formas substantivas de tratamento indireto de 2.ª pessoa que levam o verbo para a 3.ª pessoa. São as chamadas *formas substantivas de tratamento* ou *formas pronominais de tratamento*: 41

você, vocês (no tratamento familiar)

o Senhor, a Senhora (no tratamento cerimonioso)

A estes pronomes de tratamento pertencem as formas de reverência que consistem em nos dirigirmos às pessoas pelos seus atributos ou qualidades que ocupam:

Vossa Alteza (V. A., para príncipes, duques)

Vossa Eminência (V. Em.ª, para cardeais)

Vossa Excelência (V. Ex.ª, para altas patentes militares, ministros, Presidente da República, pessoas de alta categoria, bispos e arcebispos)

Vossa Magnificência (para reitores de universidade)

Vossa Majestade (V. M., para reis, imperadores)

Vossa Mercê (V. M.cê, para as pessoas de tratamento cerimonioso)

Vossa Onipotência (para Deus – não se usa abreviadamente)

Vossa Reverendíssima (V. Rev.ma, para os sacerdotes)

Vossa Senhoria (V. S.ª, para oficiais até coronel, funcionários graduados, pessoas de cerimônia)

Observações:

1.ª) Emprega-se *Vossa Alteza* (e demais) quando 2.ª pessoa, isto é, em relação a quem falamos; emprega-se *Sua Alteza* (e demais) quando 3.ª pessoa, isto é, em relação à de quem falamos.

2.ª) Usa-se de *Dom*, abreviadamente *D.*, junto ao nome próprio: D. Afonso, D. Henrique, D. Eugênio; às vezes aparece em autores junto a nome de família, mas esta prática deve ser evitada por contrariar a tradição da língua. Usa-se ainda *D.* junto a outro título: D. Prior, D. Abade, etc.

3.ª) *Você*, hoje usado familiarmente, é a redução da forma de reverência *Vossa Mercê*. Caindo o pronome *vós* em desuso, só usado nas orações e estilo solene, emprega-se *vocês* como o plural de *tu*.

4.ª) O substantivo *gente*, precedido do artigo *a* e em referência a um grupo de pessoas em que se inclui a que fala, ou a esta sozinha, passa a pronome e se emprega fora da linguagem cerimoniosa. Em ambos os casos o verbo fica na 3.ª pessoa do singular:

"É verdade que *a gente*, às vezes, *tem* cá as suas birras" [AH.4, II, 158].

5.ª) Ainda continuam vivos em Portugal *vós*, *vosso*.

Pronomes possessivos – São os que indicam a posse em referência às três pessoas do discurso:

SINGULAR:	1.ª pessoa:	*meu*	*minha*	*meus*	*minhas*
	2.ª pessoa:	*teu*	*tua*	*teus*	*tuas*
	3.ª pessoa:	*seu*	*sua*	*seus*	*suas*
PLURAL:	1.ª pessoa:	*nosso*	*nossa*	*nossos*	*nossas*
	2.ª pessoa:	*vosso*	*vossa*	*vossos*	*vossas*
	3.ª pessoa:	*seu*	*sua*	*seus*	*suas*

Pronomes demonstrativos – São os que indicam a posição dos seres em relação às três pessoas do discurso.

Esta localização pode ser no *tempo*, no *espaço* ou no *discurso*:

1.ª pessoa: este, esta, isto 42
2.ª pessoa: esse, essa, isso
3.ª pessoa: aquele, aquela, aquilo

Este livro é o livro que está perto da pessoa que fala; *esse livro* é o que está longe da pessoa que fala ou perto da pessoa com quem se fala; *aquele livro* é o que se acha distante da 1.ª e da 2.ª pessoa.

Nem sempre se usam com este rigor gramatical os pronomes demonstrativos; muitas vezes interferem situações especiais que escapam à disciplina da gramática.

São ainda pronomes demonstrativos *o*, *mesmo*, *próprio*, *semelhante* e *tal*.

Considera-se *o* pronome demonstrativo, de emprego absoluto, invariável no masculino e singular quando funciona com o valor "grosso modo" de *isto*, *isso*, *aquilo* ou *tal*:

Não *o* consentirei jamais.

"Arquiteto do mosteiro de S. Maria, já *o* não sou" [AH *apud* FB.1, 195].

"Se os olhos corporais estavam mortos, não *o* estavam os do espírito" [AH.4, I, 226].

"(...) residia uma viúva, que *o* era de um fidalgo da casa de Azevedo" [CBr *apud* MBa.3, 343].

Pode aludir a extensos enunciados:

Prometeu-me que sairia comigo nas próximas férias, mas não *o* fez.

O pronome *o*, perdido o seu valor essencialmente demonstrativo e posto antes de substantivo claro ou subentendido, expressão substantivada inclusive oração –, como adjunto, recebe o nome de artigo definido. Assim é que, no exemplo seguinte, consideramos o primeiro *os* e o segundo *o* artigo definido:

"*Os* homens de extraordinários talentos são ordinariamente *os* de menor juízo" [MM].

Mesmo, *próprio*, *semelhante* e *tal* têm valor demonstrativo quando denotam identidades ou se referem a seres e ideias já expressas anteriormente, e valem por *esse*, *essa*, *aquele*, *isso*,

aquilo:

"Depois, como Pádua falasse ao sacristão baixinho, aproximou-se deles; eu fiz a *mesma* coisa" [MA.4, 87].

"Não paguei uns nem outros, mas saindo de almas cândidas e verdadeiras *tais* promessas são como a moeda fiduciária..." [MA.4, 202].

É proibido dizeres *semelhantes* coisas.

Alguns estudiosos, por mera escolha pessoal, têm-se insurgido contra o emprego anafórico do demonstrativo *mesmo*, substantivado pelo artigo, precedido ou não de preposição, para referir-se a palavra ou declaração expressa anteriormente. Não apresentam, entretanto, as razões da crítica:

"Os diretores presos tiveram *habeas corpus*. Apareceu um relatório contra *os mesmos*, e contra outros..." [MA *apud* MMc.1, 274].

"Costuma-se escrever dentro dos livros, na folha de guarda, palavras alusivas *aos mesmos*" [E. Frieiro *apud* MMc.1].

Para estes críticos, *o mesmo*, etc., deve ser substituído por *ele*, etc. Talvez por isso E. Frieiro, na 2.ª edição, alterou seu texto para: "Costuma-se escrever dentro dos livros, na folha de guarda, palavras *a eles* alusivas".

Mesmo e *próprio* aparecem ainda reforçando pronomes pessoais:

Ela *mesma* quis ver o problema.

Nós *próprios* o dissemos.

"Tal faço eu, à medida que me vai lembrando e convindo à construção ou reconstrução de mim *mesmo*" [MA.4, 203].

Pronomes indefinidos – São os que se aplicam à 3.ª pessoa quando têm sentido vago ou exprimem quantidade indeterminada.

Funcionam como pronomes indefinidos substantivos, todos invariáveis: *alguém*, *ninguém*, *tudo*, *nada*, *algo*, *outrem*.

"*Ninguém* mais a voz sentida
Do Trovador escutou!" [GD].

São pronomes indefinidos adjetivos, todos variáveis com exceção de *cada*: *nenhum*, *outro* (também isolado), *um* (também isolado), *certo*, *qualquer* (só variável em número: *quaisquer*), *algum*, *cada*:

"As tiras saem-lhe das mãos, animadas e polidas. *Algumas* trazem poucas emendas ou *nenhumas*" [MA.2, 274].

"A vida a *uns*, a morte confere celebridades a *outros*" [MM].

Aplicam-se a quantidades indeterminadas os indefinidos, todos variáveis, com exceção de *mais* e *menos*: *muito*, *mais*, *menos*, *pouco*, *todo*, *algum*, *tanto*, *quanto*, *vário*, *diverso*:

Mais amores e *menos* confiança. (nunca *menas*!)

Com *pouco* dinheiro compraram *diversos* presentes.

Isto é o *menos* que se pode exigir.

Muito lhe devo.

Erraste por *pouco*.

Quantos não erraram neste caso!

OBSERVAÇÕES:

1.ª) O pronome indefinido *um* pode ser usado como substantivo, principalmente nas locuções do tipo *cada um*, *qualquer um*. Como adjunto, recebe o nome de *artigo indefinido*.

2.ª) Também os pronomes indefinidos *mais* e *menos* podem substantivar-se em expressões do tipo *o mais dos homens*, *o mais das vezes*, *o mais deles*, *o menos*. Por atração, *o mais* pode aparecer num giro derivado da construção original e concordar com o gênero e número do substantivo ou pronome pessoal que entra na expressão: *o mais dos homens* ou *os mais dos homens*; *o mais das vezes* ou *as mais das vezes*; *o mais deles* ou *os mais deles*, etc.

As duplas *quem... quem*, *qual... qual*, *este... este*, *um... outro* com sentido distributivo também são pronomes indefinidos:

"*Qual* se abisma nas lôbregas tristezas,
Qual em suaves júbilos discorre,
Com esperanças mil nas ideias acesas" [BBo].

Isto é: *um* se abisma... *outro* discorre.

OBSERVAÇÃO: Sobre o uso de *um e outro*, *um do outro* em referência a pessoas de sexos diferentes.

Muitas vezes a posição da palavra altera seu sentido e sua classificação:

Certas pessoas (pron. indef.) não chegam na hora *certa* (adjetivo), mas em *certas* horas (pron. indef.).
Algum livro (= certo livro). Livro *algum* (= nenhum livro).

Em outras épocas, *algum* podia ter sentido afirmativo ou negativo independente de sua posição:

"Desta gente refresco *algum* tomamos" [LC.1, V, 69].
Refresco algum = algum refresco
"Vós a quem não somente *algum* perigo
Estorva conquistar o povo imundo" [LC.1, VII, 2].
Algum perigo = nenhum perigo

LOCUÇÃO PRONOMINAL INDEFINIDA – É o grupo de palavras que vale por um pronome indefinido. Eis as principais locuções: *cada um*, *cada qual*, *alguma coisa*, *qualquer um*, *quem quer*, *quem quer que*, *o que quer que*, *seja quem for*, *seja qual for*, *quanto quer que*, *o mais* (hoje menos frequente que *a maior parte*, *a maioria*):

"As verdades não parecem as mesmas a todos, *cada um* as vê em ponto diverso de perspectiva" [MM].

Pronomes interrogativos – São os pronomes indefinidos *quem*, *que*, *qual* e *quanto* que se empregam nas perguntas, diretas ou indiretas:

Quem veio aqui?
Que cabeça, senhora?
Que compraste?
Qual autor desconhece?
Qual consideras melhor?
Quantos vieram?
Quantos anos tens?

Em lugar de *que* pode-se usar a forma enfática *o que*:

"Agora por isso, *o que* será feito de frei Timóteo?! Era naquele tempo um frade guapo e alentado! *O que* será feito dele?" [AH.4, II, 135].

Quem refere-se a pessoas, e é pronome substantivo. *Que* refere-se a pessoas ou coisas, e é pronome substantivo (com o valor de *que coisa?*) ou pronome adjetivo (com o valor de *que espécie?*).43 *Qual* e também *que*, indicadores de seleção, normalmente são pronomes adjetivos:

Em *qual* livraria compraremos o presente?
Em *que* livraria compraremos o presente?

Ressalta-se ainda a seleção antepondo ao substantivo no plural a expressão *qual dos*, *qual das*:

Em *qual dos* livros encontraste o exemplo?

OBSERVAÇÃO: Estes interrogativos saem normalmente dos pronomes indefinidos e por isso costumam ser chamados

indefinidos interrogativos. Aparecem ainda nas exclamações, e neste caso o *que* adquire sentido francamente intensivo:

Que susto levei! (Compare-se com: *que* cabeça, senhora!).

Diz-se *interrogação direta* a pergunta que termina por ponto de interrogação e se caracteriza pela entoação ascendente:

Quem veio aqui?

Interrogação indireta é a pergunta que: *a*) se faz indiretamente e para a qual não se pede resposta imediata; *b*) é proferida com entoação normal descendente; *c*) não termina por ponto de interrogação; *d*) vem depois de verbo que exprime interrogação ou incerteza (*perguntar*, *indagar*, *não saber*, *ignorar*, etc.):

Quero saber quem veio aqui.

Eis outros exemplos de interrogação indireta começados pelos pronomes interrogativos já citados:

Ignoro *que* cabeça, senhora.
Indagaram-me *que* compraste.
Perguntei-te por *que* vieste aqui.
Não sei *qual* autor desconhece.
Desconheço *qual* consideras melhor.
Indagaram *quantos* vieram.

Pronomes relativos – São os que normalmente se referem a um termo anterior chamado antecedente:

Eu sou o freguês *que* por último compra o jornal.
O *que* se refere à palavra *freguês*.

O pronome relativo *que* desempenha dois papéis gramaticais: além de sua referência ao antecedente como pronome, funciona também como transpositor de oração originariamente independente a adjetivo e aí exercer função de adjunto adnominal deste mesmo antecedente. No exemplo, a oração *O freguês compra por último o jornal* é degrada a função de adjunto adnominal na oração complexa: Eu sou o *freguês* [*que* por último compra o jornal].

O transpositor pronome relativo *que* difere do transpositor conjunção integrante porque este não exerce função sintática na oração em que está inserido, enquanto o relativo exerce sempre função sintática.

Os pronomes relativos são: *qual*, *o qual* (*a qual*, *os quais*, *as quais*) , *cujo* (*cuja*, *cujos*, *cujas*), *que*, *quanto* (*quanta*, *quantos*, *quantas*), *onde*.

Quem se refere a pessoas ou coisas personificadas e sempre aparece precedido de preposição. *Que* e *o qual* se referem a pessoas ou coisas. *Que* e *quem* funcionam como pronomes substantivos. *O qual* aparece como substantivo ou adjetivo:

As pessoas de *quem* falas não vieram.
O ônibus *que* esperamos está atrasado.
Não são poucas as alunas *que* faltaram.
Este é o assunto sobre *o qual* falará o professor.
Não vi o menino, *o qual* menino os colegas procuram.
A casa *onde* moro é espaçosa.

Cujo, sempre com função adjetiva, reclama, em geral, antecedente e consequente expressos

e exprime que o antecedente é possuidor do ser indicado pelo substantivo a que se refere:

Ali vai o *homem* ***cuja*** *casa* comprei

anteced. conseq.

(a casa do homem)

OBSERVAÇÃO: Em autores modernos de gosto arcaizante, de vez em quando ocorre *cujo* sem consequente, como em: "(...) a obra *cujo* comentador eu sou", em lugar de: "de que sou comentador" ou "cujo comentador sou".

Quanto tem por antecedente um pronome indefinido (*tudo*, *todo*, *todos*, *todas*, *tanto*):

Esqueça-se de tudo *quanto* lhe disse.

PRONOMES RELATIVOS SEM ANTECEDENTE – Os pronomes relativos *quem* e *onde* podem aparecer com emprego absoluto, sem referência a antecedentes:

Quem tudo quer tudo perde.

Dize-me com *quem* andas e eu te direi *quem* és.

Moro *onde* mais me agrada.

Quem, assim empregado, é considerado como do gênero masculino e do número singular:

Quem com ferro fere com ferro será ferido.

OBSERVAÇÃO: Os relativos sem antecedentes também se dizem *relativos indefinidos*. Muitos autores preferem, neste caso, subentender um antecedente adaptável ao contexto. Interpretando *quem* como *a pessoa que*, *onde* como *o lugar em que* assim substituem:

Quem tudo quer tudo perde = *a pessoa que* tudo quer tudo perde

Este duplo modo de encarar o problema tem repercussões diferentes na classificação das orações subordinadas, conforme veremos em **Orações subordinadas resultantes de substantivação: as interrogativas e exclamativas**.

EMPREGO DOS PRONOMES

Pronome pessoal

Pronome e termos oracionais – A rigor, o pronome pessoal reto funciona como sujeito e predicativo, enquanto o oblíquo como complemento:

Eu *saio.* ***Eu*** *não sou* ***ele****.* *Eu* ***o*** *vi.* *Não* ***lhe*** *respondemos.*

Entre os oblíquos, a forma átona vem desprovida de preposição, enquanto a tônica exige, no português moderno, esta partícula:

Eu ***o*** *vi.* *Referiu-se* ***a ti****.*

Casos há, entretanto, em que esta norma pode ser contrariada. Assim é que pode ocorrer a forma reta pela oblíqua:

a) quando o verbo e o seu complemento nominal estiverem distanciados, separados por pausa:

Subiu! E viu com seus olhos.

Ela a rir-se que dançava [GD].

b) nas enumerações e aposições, também com distanciamento do verbo e complemento:

Depois de muita delonga o diretor escolheu: *eu*, o Henrique e o Paulinho.

c) precedido de *todo*, *só* e mais alguns adjuntos, pode aparecer *ele* (e flexões) por *o* (e flexões); cf. adiante.

d) quando dotado de acentuação enfática, no fim de grupo de força:

Olha *ele*! [EQ].

e) em coordenações de pronomes ou com um substantivo introduzidos pela preposição *entre*:

entre *eu* e *tu* (por entre *mim* e *ti*); entre *eu* e o aluno, entre José e *eu*.

Já há concessões de alguns gramáticos quando o pronome *eu* ou *tu* vem em segundo lugar:

Entre *ele* e *eu*. Entre o José e *eu*.

A língua exemplar insiste na lição do rigor gramatical, recomendando, nestes casos, o uso dos pronomes oblíquos tônicos:

Entre *mim* e *ti*. Entre *ele* e *mim*.

Um exemplo como *Entre José e mim* dificilmente sairia hoje da pena de um escritor moderno.

Este desvio da norma encontra paralelo em outras línguas românicas, como o espanhol e o italiano [MLk.1, III, 76 e 80].

Também depois de expressões comparativas e exceptivas, a língua denuncia certa vacilação no emprego do pronome pessoal, havendo aqui forte divórcio entre a língua literária e a coloquial, escrita ou falada:

Não tenho outro amigo senão *tu*. Não sou como *tu*.
Não tenho outro amigo senão *a ti*. Não sou como *a ti*.

Emprego de pronome tônico pelo átono – Os pronomes tônicos preposicionados *a ele*, *a ela*, *a mim*, *a ti*, *a nós*, *a vós* podem aparecer, na língua exemplar, nos seguintes casos, em vez das formas átonas (*lhe*, *me*, *te*, *nos*, *vos*):

a) quanto anteposto ao verbo:

A ele cumpria encher as guias.

b) quando composto:

Remeti livros *a ele* e ao tio.

c) quando reforçado:

O dinheiro foi entregue *a ele mesmo*.
Darei as joias *só a ela*.

d) quando pleonástico:

Devolvi-*lhe a ele* as máquinas.

e) quando complemento relativo:

Atirou-se *a ele*. Gosto *dela*.

f) quando objeto direto preposicionado:

Nem ele entende *a nós* nem nós *a ele* [JO.3, 345].

Em geral, o português omite o pronome sujeito quando constituído por *eu*, *tu*, *nós* e *vós*:

"Não me lembra o que lhe disse" [MA.1, 65].

O aparecimento do pronome sujeito de regra se dá quando há ênfase ou oposição de pessoas gramaticais:

"*Eu* é que furo o pano, vou adiante, puxando por você, que vem atrás, obedecendo ao que *eu* faço e mando..." [MA.2, 230].
"Há entre nós um abismo: *tu* o abriste; *eu* precipitei-me nele" [AH.1, 295].

Estando perfeitamente conhecido pela situação linguística, pode-se calar o pronome complemento do verbo; esta linguagem é correta, apesar da censura que lhe faziam os gramáticos de outrora. Muitas vezes deve-se o fenômeno ao que o estilista alemão Leo Spitzer chamou "linguagem-eco", constituída de repetição de uma parte da oração, destinada a

reforçar a própria declaração, como no seguinte trecho de A. Herculano:

"Disse já que tinha de fazer uma explicação ao leitor. *Tenho*; e é indispensável" [AH.4, II, 261].

Em casos de ênfase costuma-se repetir:

a) o pronome átono pela sua respectiva forma tônica, precedida de preposição:

"Mas qual será a tua sorte quando na hora fatal os algozes, buscando a sua vítima, só *te* encontrarem *a ti*?" [AH.3, 277].

b) o complemento expresso por um nome pelo pronome átono conveniente ou vice-versa:

Ao *avarento* nada *lhe* peço.

"Ainda hoje estão em pé, mas ninguém *as* habita, *essas* choupanas execrandas..." [CBr.8, 43].

Usa-se o pronome *o* (*os*) em referência a nomes de gêneros diferentes, por neutralização:

"*A generosidade*, *o esforço* e *o amor*, ensinaste-*os* tu em toda a sua sublimidade" [AH.1, 35].

***Ele* como objeto direto** – O pronome *ele*, no português moderno, só aparece como objeto direto quando precedido de *todo* ou *só* (adjetivo) ou se dotado de acentuação enfática, em prosa ou verso:

"No latim eram quatro os pronomes demonstrativos. *Todos eles* conserva o português" [PL.1, 398].

"Subiu! – e viu com seus olhos/ *Ela* a rir-se que dançava..."
[GD *apud* SS].

"Olha *ele*!" [EQ *apud* SS].

Ordem dos pronomes pessoais – Na sequência dos pronomes pessoais sujeitos, o português normalmente apresenta ordem facultativa deles: *eu e tu*, *tu e eu*; *eu e ele*, *ele e eu*; *eu e o senhor*, *o senhor e eu*, etc.:

– Porque nós vamos lá jantar na segunda-feira.

– Nós... Nós, quem?

– Nós. *Eu e tu*, *tu e eu*. A condessa convidou-me no comboio [EQ.3, 382].

É evidente que nas circunstâncias em que há necessidade de superpor à expressão linguística traços de polidez, urbanidade ou, no polo oposto do convívio social, modéstia, pode o falante ou escritor inverter a ordem, dando a primazia da primeira referência ao seu interlocutor, quer manifestado por pronome, quer por substantivo. Esta é, por exemplo, a prática da cortesia entre franceses e espanhóis.

É o que se percebe, por exemplo, na seguinte preferência de Camilo, no início do romance *O Senhor do Paço de Ninães*:

Estamos no Minho, *o leitor e eu*.

O passo da cortesia linguística não para na ordem dos pronomes; invade o domínio da concordância, como a realizou Rui Barbosa neste conhecido trecho de uma carta:

"(...) e S. Exc.ª respondera, declarando aceitaria, sob a condição de anuírem *o Barão do Rio Branco e eu*".

A concordância gramatical, pela presença de pronome de 1.ª pessoa, exigiria o verbo flexionado na 1.ª do plural: *anuirmos*. Todavia, em razão da urbanidade, a polidez se reflete não só na ordem dos pronomes, mas ainda na flexão verbal.

O pronome *se* na construção reflexa 44 – Eis aqui um bom exemplo pelo qual se

patenteia que um significado gramatical unitário, significado de língua, se pode desdobrar em outras acepções, conforme as unidades linguísticas com que se acha combinado e o entorno situacional.

A reflexividade consiste, na essência, na "inversão (ou negação) da transitividade da ação verbal". Em outras palavras, significa que a ação denotada pelo verbo não passa a outra pessoa, mas reverte-se à pessoa do próprio sujeito (ele é, ao mesmo tempo, agente e paciente):

1.a) *João se banha*

A nossa experiência do mundo admite a hipótese de João banhar a si mesmo ou banhar uma outra pessoa: *João banha o filho pela manhã*.

Só que, na reflexividade "própria", ocorre a primeira hipótese:

João se banha. **A** Reflexivo "próprio"

Já na oração

1.b) *João e Maria se amam*,

o significado do verbo *amar* e a nossa experiência do mundo que, em geral, tratando de duas pessoas, supõem o amor de alguém A dirigido a outro alguém B, permitem-nos dar outra acepção, contextual, ao originário significado unitário de "reflexividade"; acreditamos que a oração quer expressar que "João ama Maria" e que "Maria ama ao João". Então, não mais se trata de "reflexividade pura", mas de "reflexividade recíproca":

João e Maria se amam. **A** **B** Reflexo recíproco

A interpretação de reflexivo recíproco não mudará se se tratar de verbo transitivo que se constrói com objeto indireto ou complemento relativo:

João e Maria se escrevem. (um escreve ao outro)

João e Maria se gostam. (um gosta do outro)

As unidades léxicas comprometidas na construção determinam a interpretação. Se dizemos *João e Maria se miram*, a interpretação mais natural seria a de um reflexivo recíproco; mas se acrescentarmos *João e Maria se miram no espelho*, mais natural nos parecerá a interpretação de reflexivo "próprio". Portanto, são interpretações contextuais, e não valores de língua.

Mudando as unidades linguísticas que se combinam com o pronome *se*, poderemos ter:

2) *O banco só se abre às dez horas*.

No presente exemplo, *banco* é um sujeito constituído por substantivo que, por inanimado, não pode ser agente da ação verbal; por isso, a construção é interpretada como "passiva": é o que a gramática chama voz "média" ou "passiva com *se*":

O banco só se abre às dez horas. A ◄ "média" ou "passiva com *se*"

Repare-se que a interpretação da "passiva com *se*" depende só do léxico, isto é, do significado lexical do verbo. A prova disto é que esta interpretação prevalece ainda nas orações cujo sujeito não é inanimado, portanto, passível de executar a ação verbal. Só que há certos verbos que denotam ações que a nossa experiência sabe que não são praticadas pelo termo que lhe serve de sujeito, como ocorre nos verbos *chamar* (= ter nome):

Ele ***se*** *chama João*.

A última acepção a que poderemos chegar nas construções do pronome *se* é a da oração:

3) *Abre-se às dez*.

Temos aqui um *se* na construção em que não aparece substantivo, claro ou subentendido, que funcione como sujeito do conteúdo predicativo. Interpreta-se a construção como *impessoal*.

Diante desta exposição, podemos dizer que o *se* nas construções estudadas e assemelhadas exerce as seguintes funções sintáticas em face das unidades léxicas que com o pronome concorrem:

1) Objeto direto:

Ele se feriu.
Eles se cumprimentaram.

2) Objeto indireto:

Ela se arroga essa liberdade.

3) Complemento relativo:

Eles se gostam.

4) Índice de indeterminação do sujeito:

Vive-se bem.
Lê-se pouco entre nós.
Precisa-se de empregados.
É-se feliz.

OBSERVAÇÕES FINAIS: Pelos exemplos acima, o *se* como índice de indeterminação de sujeito – primitivamente exclusivo em combinação com verbos não acompanhados de objeto direto –, estendeu seu papel aos transitivos diretos (onde a interpretação passiva passa a ter uma interpretação impessoal: *Vendem-se casas* = 'alguém tem casa para vender') e de ligação (*É-se feliz*). A passagem deste emprego da passiva à indeterminação levou o falante a não mais fazer concordância, pois o que era sujeito passou a ser entendido como objeto direto, função que não leva a exigir o acordo do verbo:

Vendem-se casas (= 'casas são vendidas') → *Vendem-se casas* (= 'alguém tem casa para vender') → *Vende-se casas*.

"*Vende-se casas* e *frita-se ovos* são frases de emprego ainda antiliterário, apesar da já multiplicidade de exemplos. A genuína linguagem literária requere *vendem-se*, *fritam-se*. Mas ambas as sintaxes são corretas, e a primeira não é absolutamente, como fica demonstrado, modificação da segunda. São apenas dois estágios diferentes de evolução. Fica também provado o falso testemunho que levantaram à sintaxe francesa, que em verdade nenhuma influência neste particular exerceu em nós..." [MAg.2, 181-183].

Pode ainda o pronome *se* juntar-se a verbos que indicam:

1) sentimento: *indignar-se*, *ufanar-se*, *atrever-se*, *admirar-se*, *lembrar-se*, *esquecer-se*, *orgulhar-se*, *arrepender-se*, *queixar-se*.

2) movimento ou atitudes da pessoa em relação ao seu próprio corpo: *ir-se*, *partir-se*, *sentar-se*, *sorrir-se*.

No primeiro caso, não se percebendo mais o sentido reflexivo da construção, considera-se o *se* como parte integrante do verbo, sem classificação especial.

No segundo, costumam os autores chamar ao *se pronome de realce* ou *expletivo*.

Concorrência de *si* e *ele* na reflexividade – A partir do português contemporâneo (séc. XVIII para cá), nasceu a possibilidade de o pronome tônico *si*, nas construções reflexas, ter a concorrência do pronome *ele*, também preposicionado, em orações do tipo:

> "(...) perguntou Glenda, sentindo que a pergunta não era dirigida apenas a Pablo, mas também *a ela própria*" [RBn.2, 23].
>
> "[a amante] viu *diante dela* o meu eugênico amigo" [MB *apud* RBn.2]. 45

A construção não encontra respaldo nas nossas melhores gramáticas, apesar do emprego largo na literatura moderna brasileira a partir, segundo Barbadinho, de José de Alencar. Nos exemplos acima, a norma gramatical pediria: *a si própria*, *diante de si*, como rezam as passagens onde o pronome se refere ao sujeito do verbo:

> "Simeão *por si mesmo* escolheu o deserto que lhe convinha (...)."
> [JR.2, 35]
>
> "O espetáculo da beleza é bastante *por si mesmo*." [JR.2, 199]
>
> "Depois mudava-se o teatro, e via-se *a si mesmo* (...)." [JR.2, 299]

Note-se a curiosa concorrência das duas sintaxes neste exemplo de Guimarães Rosa, citado por Barbadinho:

> "E o Menino estava muito *dentro dele mesmo*, em algum cantinho *de si*."

Esta novidade de sintaxe tem contra si o fato de às vezes fazer perigar a interpretação da oração, que só se resolve pela ajuda do contexto:

> João levou o livro *para ele*.

Combinação de pronomes átonos – Ocorrem em português as seguintes combinações de pronomes átonos, notando-se que o que funciona como objeto direto vem em segundo lugar: As formas *o*, *a*, *os*, *as* procedem das antigas *lo*, *la*, *los*, *las*:

mo = me + o; *ma* = me + a; *mos* = me + os; *mas* = me + as;

to = te + o; *ta* = te + a; *tos* = te + os; *tas* = te + as;

lho = lhe + o; *lha* = lhe + a; *lhos* = lhe + os; *lhas* = lhe + as;

no-lo = nos + (l)o; *no-la* = nos + (l)a; *no-los* = nos + (l)os; *no-las* = nos + (l)as;

vo-lo = vos + (l)o; *vo-la* = vos + (l)a; *vo-los* = vos + (l)os; *vo-las* = vos + (l)as;

lho = lhe(s) + o; *lha* = lhe(s) + a; *lhos* = lhe(s) + os; *lhas* = lhe(s) + as.

se me	-se-me	se nos	-se-nos
se te	-se-te	se vos	-se-vos
se lhe	-se-lhe	se lhes	-se-lhes

> "Se dizeis isso pela que me destes, tirai-*ma*: que não *vo-la* pedi eu."
> [AH.4, I, 267]
>
> "E como, a pouco e pouco, se foram exaurindo os cascalhos e afundando os veleiros, o banditismo franco impôs-*se-lhes* como derivativo à vida desmandada" [EC.1, 218].

Observações:

1.ª) A rigor, na combinação só entra a forma *lhe*, que, na língua antiga, servia tanto ao singular como ao plural.

2.ª) Nas demais combinações, o português moderno prefere substituir o pronome átono objetivo indireto pela forma tônica equivalente, precedida da preposição *a*. Enquanto dizemos hoje *a mim te mostras* ou *te mostras a mim*, a língua de outros tempos consentia em tais dizeres:

> "Porque assi *te me* mostras odiosa?" [JCR.1 *apud* SS.1, § 271].

3.ª) A língua padrão rejeita a combinação *se o* (e flexões), apesar de uns poucos exemplos na pena de literatos:

> "Parece um rio quando *se o* vê escorrer mansamente por entre as terras próximas..." [LB.2, 49 *apud* SS.6, n.º 198, 268].

Foge-se ao erro de três maneiras diferentes:

a) cala-se o pronome objetivo direto: *Não se quer*.

b) substitui-se o pronome *o* (e flexões) pelo sujeito *ele* (e flexões): *Não se quer ele*.

> Inveja-se a riqueza, mas não o trabalho com que ela se granjeia [MM].

c) se já existe na oração o pronome pessoal de objeto direto (*o*, *a*, *os*, *as*), usa-se o pronome de objeto indireto na forma tônica precedida da preposição *a* ou *para*:

> "É Vieira sem contradição mestre guapíssimo de nossa língua, e o mesmo Bernardes assim o conceituava; que porém *a si o* propusesse como exemplar, nem o indica, nem consta, nem se pode com indução plausível suspeitar" [AC *apud* MBa.5, 54].

Apesar disto, ocorre em bons escritores construção em que se junta o pronome *o* (e diretos) a verbo na voz reflexiva:

> "Temo que *se me* argua de comparações extraordinárias, mas o abismo de Pascal é o que mais prontamente vem ao bico da pena"
> [MA.9, 29 *apud* SS.1].
>
> "Não se dá baixa ao soldado quando já não pode com a milícia? Não *se lha* dá até em tempo de guerra?" [AC.10, II, 106 *apud* SS.1].

4.ª) A língua padrão admite *pode-se compô-lo* ou *pode-se compor*, quando não há locução verbal:

> *Pode-se* de algum modo *ligá-lo* a Schopenhauer... [JR.3, 19]
>
> Júlio Moreira [JM.1, II, 30-31] diz que em Portugal é menos comum do que no Brasil a primeira construção.

5.ª) Em construções do tipo *fi-lo sentar-se* (e também com os verbos *deixar*, *mandar*, *ver*, *ouvir* e sinônimos), isto é, em que depois destes verbos com pronome objetivo se segue o infinitivo de verbo reflexivo, pode-se deixar claro este último pronome ou omiti-lo: *fi-lo sentar*.

Função do pronome átono em *Dou-me ao trabalho* – Em geral, o pronome átono da forma verbal reflexiva portuguesa funciona como objeto direto: *dou-me* (obj. direto) *ao trabalho* (obj. indireto) *de fazer*.

Em francês e espanhol, esse pronome aparece como objeto indireto: *je me donne la peine de le faire*; *me doy el trabajo de hacerlo*.

Pronome pessoal átono e adjunto adverbial – Pode ocorrer a possibilidade de substituírem os pronomes pessoais átonos, na forma de objeto indireto, *me*, *te*, *se*, *nos*, *vos*, *lhe*, *lhes*, termos que na oração funcionam como adjuntos adverbiais [MBa.4, 273-276]:

Pôs-se *diante dele*	–	Pôs-se-*lhe* diante
Ficava *detrás dele*	–	Ficava-*lhe* detrás
Deu um abraço *no pai*	–	Deu-*lhe* um abraço
Bateu *nele*	–	Bateu-*lhe*
Ralhar *com ele*	–	Ralhou-*lhe*
Fugir *de mim*	–	Fugiu-*me*
Tudo girou *em volta dele*	–	Tudo *lhe* girou em volta

> "Ela tinha, porém, no semblante um ar de majestosa bondade que dificilmente esqueceria quem alguma vez se *lhe*

houvesse aproximado" [CL.1, I, 278].

Nestas substituições, o pronome átono faz referência à pessoa e a ideia da circunstância fica por conta do advérbio (ou substantivo adverbializado), quando se trata de locução prepositiva:

Fugia de mim – fugiu-me (não há locução prepositiva)

Tudo girou ***em volta dele*** – *Tudo lhe girou* ***em volta*** (há locução prepositiva)

Pronome possessivo

***Seu* e *dele* para evitar confusão** – Em algumas ocasiões, o possessivo *seu* pode dar lugar a dúvidas a respeito do possuidor. Remedeia-se o mal com a substituição de *seu*, *sua*, *seus*, *suas*, pelas formas *dele*, *dela*, *deles*, *delas*, *de você*, *do senhor*, etc., conforme convier.

Em

José, Pedro levou o seu chapéu,

o vocábulo *seu* não esclarece quem realmente possui o chapéu, se Pedro ou José.

É verdade que a disposição dos termos nos leva a considerar José o dono do chapéu; mas a referência a Pedro também é possível. Assim sendo, serve-se o falante do substituto *dele*, se o possessivo pertence a Pedro:

José, Pedro levou o chapéu *dele*.

"Com efeito, Margarida gostava imenso da presença do rapaz, mas não parecia dar-lhe uma importância que lisonjeasse o coração *dele*". [MA.6, 24]

Se o autor usasse o possessivo *seu*, o coração poderia ser tanto de Margarida quanto do rapaz.

Pode-se, para maior força de expressão, juntar *dele* a *seu*:

José, Pedro levou o *seu* chapéu *dele*.

"Se Adelaide o amava como e quanto Calisto já podia duvidar, *sua* honra *dele* era pôr peito à defesa do opressa..." [CBr.1, 109]

Menos usual, porém correta, é a união dos dois possessivos como no seguinte exemplo da citada obra de Camilo:

"É certo, Sr. Presidente, que a femina toca o requinte da depravação, e chega a efeituar horrores cuja narração é de si para gelar ardências do sangue, para infundir pavor em peitos equânimos; porém, o móbil dos crimes *seus delas* é outro" [CBr.1, 86].

Os pronomes pessoais átonos *me*, *te*, *se*, *nos*, *vos*, *lhe*, *lhes*, podem ser usados com sentido possessivo, mormente em estilo literário, tomando-se o cuidado de evitar o abuso.46

Tomou-*me* o chapéu = Tomou o meu chapéu.

Ainda neste caso, é possível ocorrer a repetição enfática *lhe ... dele*:

"D. Adelaide ficou embaraçada. Seria agravar as meninas de dezoito anos, e educadas como a filha do desembargador, e amantes como elas de um comprometido esposo, estar eu aqui a definir a entranhada zanga que *lhe* fez no espírito *dela* o despropósito de Calisto" [CBr.1, 104].

Foge-se ainda à confusão empregando-se *próprio*:

"Andrade contentou-se com o *seu próprio* sufrágio" [MA.6, 19].

Posição do pronome possessivo – De modo geral, o possessivo vem anteposto ao nome a que se refere:

O *meu* livro. *Tuas* preocupações. *Nossos* deveres.

A posposição ocorre no estilo solene, em prosa ou verso, e, em nome de pessoas ou de graus de parentesco, pode denotar carinho:

Deus meu, ajudai-me!

A ênfase permite também a posposição, principalmente se o substantivo vem desacompanhado do artigo definido:

Conselho *meu* ela não tem. Filho *meu* não faria tal.

Em certas situações, há notável diferença de sentido com a posposição do possessivo.47

Minhas saudades são saudades que sinto de alguém. *Saudades minhas* são saudades que alguém sente de mim.

"Parece que Miss Dólar ficou com boas *recordações suas*, disse D. Antônia" [MA.6, 2, 17].

Notamos o mesmo em *suas cartas* e *cartas suas*.

Recebi suas cartas (i. é, cartas que me mandaram ou que pertencem à pessoa a quem me dirijo).

Recebi cartas suas (i. é, enviadas a mim pela pessoa).

Invariavelmente, usamos de *notícias suas*, como no seguinte exemplo:

"Peço-lhe que me mande *notícias suas*" [EC].

Fora destas construções, a língua moderna evita tal emprego objetivo:

"Mova-te a piedade *sua* e *minha*" [LC.1, III, 127]. Entenda-se: *a piedade delas* (das criancinhas) *e de mim.*

Possessivo para indicar ideia de aproximação – Junto a números o possessivo pode denotar uma quantidade aproximada:

Nessa época, tinha *meus* quinze anos (aproximadamente).

Era já homem de *seus* quarenta anos.

OBSERVAÇÃO: Valorizamos também uma noção quantitativa por meio do adjetivo *bom*:

"O maior Vilela observava um rigoroso regímen que lhe ia entretendo a vida. Tinha uns *bons sessenta anos*" [MA.6, 53].

Valores afetivos do possessivo – O possessivo, como temos visto, não se limita a exprimir apenas a ideia de posse. Adquire variados matizes contextuais de sentido, muitas vezes de difícil delimitação.

Assim, o possessivo pode apenas indicar a coisa que nos interessa, por nos estarmos referindo, com ele, a causa que nos diz respeito, ou por que temos simpatia:

O *nosso* herói (falando-se de um personagem de histórias) não soube que fazer. Trabalho todo dia *minhas* oito horas [cf. JR.4, 206].

Além de exprimir a nossa simpatia, serve também o possessivo para traduzir nosso afeto, cortesia, deferência, submissão, ou ironia:

Meu prezado amigo. *Minha* senhora, esta é a mercadoria que lhe serve.

Meus senhores e *minhas* senhoras! *Meu* presidente, todos o esperam.

Meu coronel, os soldados estão prontos! *Meu* tolo, não vês que estou brincando?

Notemos, porém, que em expressões do tipo:

"Qual cansadas, *seu* Antoninho!" [LB],

"Ande, *seu* diplomático, continue" [MA],

seu não é, como parece a alguns estudiosos, a forma possessiva de 3.ª pessoa do singular. Trata-se aqui de uma redução familiar do tratamento *senhor*.

Difere a forma *seu* (admite ainda as variantes *seo*, *sô*) do termo nobre, *senhor*, por traduzir nossa familiaridade ou depreciação.

Ocorrendo isoladamente, prevalece a forma plena *senhor*, conforme nos mostra o seguinte exemplo:

> "Depressa, depressa, que a filha do Lemos vai cantar; e depois é o *senhor*. Está ouvindo, *seu* Ricardo" [LB.1, 115].

Um fingido respeito ou cortesia – bem entendidos, aliás, pelos presentes – pode determinar a presença da forma plena:

> "Diga, *senhora* mosca-morta?" [AH.4, II, 251].

Pela forma abreviada *seu* modelou-se o feminino *sua*:

> "E ri-se você, *sua* atrevida?! – exclamou o moleiro, voltando-se para Perpétua Rosa" [AH.4, 252].

Emprego do pessoal pelo possessivo – Embora de pouca frequência, pode aparecer o possessivo por uma forma de pronome pessoal precedido da preposição *de*. Neste caso está a expressão *ao pé de* + pronome pessoal.

> "Vós os que não credes em bruxas, nem em almas penadas, nem nas tropelias de Satanás, assentai-vos aqui ao lar bem juntos ao *pé de mim*, e contar-vos-ei a história de D. Diogo Lopes, senhor de Biscaia" [AH.4, II, 7].

> "Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baronesa, que tinha a modista ao *pé de si*, para não andar atrás dela" [MA.2, 31].

Possessivo expresso por uma locução – Expressa-se o possessivo ainda por meio de uma perífrase em que entra o verbo *ter*, *haver* ou sinônimo:

> Oxalá os problemas *que temos* durem pouco (os nossos problemas).

O possessivo em referência a um possuidor de sentido indefinido – Se o possessivo faz referência a pessoa de sentido indefinido, expresso ou sugerido pelo significado da oração, emprega-se o pronome de 3.ª pessoa:

> "É verdade que *a gente*, às vezes, tem cá as *suas* birras – disse ele, com certo ar que queria ser fino e saía parvo" [AH.4, II, 158].

Se o falante se inclui no termo ou expressão indefinida, usar-se-á o possessivo de 1.ª pessoa do plural:

> *A gente* compreende como estas cousas acontecem em *nossas* vidas [cf. CBr.1].

Repetição do possessivo – Numa série de substantivos, pode-se usar o possessivo (como qualquer outro determinante do nome) apenas junto ao primeiro nome, se não for nosso propósito enfatizar cada elemento da série:

> "A prova da *sua perspicácia* e *diligência* estava em ter já no caminho da forca os desgraçados cuja sentença vinha trazer à confirmação real" [AH.4, I, 187].

Note-se a ênfase e a oposição entre os possuidores (*eu* e *tu*):

> "O *teu* amor era como o íris do céu: era a *minha* paz, a *minha* alegria, a *minha* esperança" [AH.4, I, 190].

Se o termo vem acompanhado de modificador, não se costuma omitir o possessivo da série:

> "Foi a *tua* dignidade real, a *tua* justiça, o *teu* nome que eu quis salvar da *tua própria* brandura" [AH.4, I, 191].

Omite-se o possessivo na série sem ênfase, ainda que os substantivos sejam de gênero ou número (ou ambas as coisas) diferente. A repetição que nada acrescenta em ênfase à expressão é considerada, por muitos estudiosos, como imitação da sintaxe francesa [MBa.1, 412-413].

"... entendera (Calisto Elói) que a prudência o mandava viver em Lisboa consoante os costumes de Lisboa, e na província, segundo o *seu gênio* e *hábitos* aldeãos" [CBr.1, 107].

Se se trata de substantivo sinônimo, dispensa-se a repetição do possessivo:

Teu filho, de quinze anos apenas, é *teu* orgulho e ufania.

Se os substantivos forem de significação oposta, o possessivo em regra não é dispensado:

Teu perdão e *teu* ódio não conhecem o equilíbrio necessário à vida.

Substituição do possessivo pelo artigo definido – Sem ser norma de rigor absoluto, pode-se substituir o possessivo pelo artigo definido, quando a ideia de posse se patenteia pelo contexto ou pelo sentido total da oração, ou ainda pela aplicação reflexiva, isto é, quando se faz referência à própria pessoa que fala ou de quem se fala. Este fato ocorre principalmente junto dos nomes de partes do corpo, das peças do vestuário, faculdades do espírito e certas frases feitas:

"D. Fernando afastou-a suavemente de si: ela alevantou *o rosto* celeste orvalhado de pranto... D. Leonor ergueu *as mãos* suplicantes, com um gesto de profunda angústia" [AH.4, I, 190].

"... aqui parou (Calisto Elói), e cruzando *os braços*, se esteve largo espaço quedo, e fito nas janelas" [CBr.1, 110].

"E o vento assobiava no vigamento da casa, e nas orelhas de Calisto, o qual, levado do instinto da conservação, levantou a gola *do capote* à altura *das bossas parietais*..." [CBr.1].

Ele perdeu *o juízo*. Tem *a vida* por um fio. Recuperou *a memória*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Aparece o possessivo no caso de ênfase, quando se deseja insistir na pertença do indivíduo:

"(...) se *as suas* faces eram gordas, *as suas* mãos continuavam magras com longos dedos fusiformes e ágeis" [LB.1, 96].

"E cada lavrador enxugava *os seus* olhos" [CBr.6, 118].

2.ª) Dispensa-se o artigo definido nas expressões *Nosso Senhor*, *Nossa Senhora*, assim como nas fórmulas de tratamento onde entra um possessivo, do tipo: *vossa excelência*, *vossa reverendíssima*, *sua majestade*, etc.

O possessivo e as expressões de tratamento do tipo *Vossa Excelência* – Empregando-se as expressões de tratamento do tipo de *vossa excelência*, *vossa reverendíssima*, *vossa majestade*, *vossa senhoria*, onde aparece a forma possessiva de 2.ª pessoa do plural, a referência ao possuidor se faz hoje em dia com os termos *seu*, *sua*, isto é, com possessivo de 3.ª pessoa do singular:

Vossa Excelência conseguiu realizar todos os *seus* propósitos (e não: todos os *vossos* propósitos).

Tais tipos de títulos honoríficos começaram a aparecer no português entre os séculos XIV e XV e aí havia realmente uma possibilidade de alternância de *seu*, *sua*, *vosso*, *vossa*. A luta durou até aproximadamente o século XVII, quando as formas de 3.ª pessoa saíram vitoriosas. Assim sendo, modernamente só deve aparecer o possessivo conforme o exemplo dado. Raras exceções em escritores do séc. XVIII para cá são devidas a imitações literárias, justamente repudiadas como arcaicas, ou então porque o autor, em romance ou novela histórica, para não cair em anacronismo, faz seus personagens falar a linguagem da época.

Entre os escritores a cuja autoridade se abrigam os defensores do arcaísmo aqui citado, se acha Alexandre Herculano. Ávido leitor e constante hóspede dos monumentos históricos, o autor da *História de Portugal*, tratando do período de D. João I (1385-1433), no *Monge de Cister* (pronuncie-se este último nome como oxítono), teve oportunidade de mostrar o quanto

sabia da evolução de sua língua, conhecimento que o faz o melhor prosador ou um dos melhores que as letras portuguesas tiveram. Assim, pensamos que tal situação especialíssima do probo e perspicaz historiador não abre a porta para a prática da velha construção.

Pronome demonstrativo

A posição indicada pelo demonstrativo pode referir-se ao espaço, ao tempo (demonstrativos dêicticos espaciais e temporais) 48 ou ao discurso (demonstrativo anafórico).

Demonstrativos referidos à noção de espaço – *Este* (e flexões) aplica-se aos seres que pertencem ou estão perto da 1.ª pessoa, isto é, daquela que fala:

> *Este livro* é o livro que possuo ou tenho entre mãos.
> *Esta casa* é a casa onde me encontro.

Esse (e flexões) aplica-se aos seres que pertencem ou estão perto da 2.ª pessoa, isto é, daquela com quem se fala:

> *Esse livro* é o livro que nosso interlocutor traz.
> *Essa casa* é a casa onde se encontra a pessoa a quem me dirijo.

Na correspondência, *este* se refere ao lugar donde se escreve, e *esse* denota o lugar para onde a carta se destina. A referência à missiva que escrevemos se faz com *este*, *esta*:

> "Manaus, 13-1-1905
> Meu bom amigo Dr. José Veríssimo, – escrevo-lhe dissentindo abertamente de sua opinião sobre *este* singularíssimo clima da Amazônia..." [EC].
> Escrevo *estas* linhas para dar-te notícia *desta* nossa cidade e pedir-te as novas *dessa* região aonde foste descansar.

Quando se quer apenas indicar que o objeto se acha afastado da pessoa que fala, sem nenhuma referência à 2.ª pessoa, usa-se de *esse*:

> "Quero ver *esse* céu da minha terra
> Tão lindo e tão azul!" [CA].

Na linguagem animada, o interesse do falante pode favorecer uma aproximação figurada, imaginária, de pessoa ou coisa que realmente se acham afastadas dos que falam. Esta situação exige *este*:

> "Dói-me a certeza de que estou morrendo desde o primeiro dia da tua união com *este* homem... a certeza de que o hás de amar sempre, ainda que ele te despreze como já te desprezou" [CBr.1, 152].

Tal circunstância deve ter contribuído para o emprego de *este* como indicador de personagens que o escritor traz à baila.

> "*Este* Lopo, bacharel em direito, homem de trinta e tantos anos, e sagaz até a protérvia, vivia na companhia do irmão morgado..." [CBr.1, 149].

Por outro lado, cabe a *esse* a missão de afastar de nós pessoa ou coisa que na realidade se acham ou se poderiam achar próximas:

> "Vês África, dos bens do mundo avara,
> .....
> Olha *essa* terra toda, que se habita
> *Dessa* gente sem lei, quase infinita" [LC.1, X, 92 *apud* SA].

Estas expressões não se separam por linhas rigorosas de demarcação; por isso exemplos há de bons escritores que contrariam os princípios aqui examinados e não faltam mesmo certas

orientações momentâneas do escritor que fogem às perscrutações do gramático.

Demonstrativos referidos à noção de tempo – Na designação de tempo, o demonstrativo que denota um período mais ou menos extenso, no qual se inclui o momento em que se fala, é *este* (e flexões):

Neste dia (= no dia de hoje) celebramos a nossa independência.

Este mês (= no mês corrente) não houve novidades.

Aplicado a tempo já passado, o demonstrativo usual é *esse* (e flexões):

Nessa época atravessávamos uma fase difícil.

Se o tempo passado ou vindouro está relativamente próximo do momento em que se fala, pode-se fazer uso de *este*, em algumas expressões:

Esta noite (= a noite passada) tive um sonho belíssimo.

Porém, com a mesma linguagem *esta noite* poderíamos indicar a noite vindoura. Outro exemplo:

"Meu caro Barbosa:

Deves ter admirado o meu silêncio *destes quinze dias*, silêncio para ti, e silêncio para o jornal" [CBr.7, 56].

A indicação temporal de *este* e *esse* dispensa outra expressão adverbial, se a circunstância de tempo não se apresenta ao falante como elemento principal do conjunto:

"Para o jogo bastava *esse* movimento de peão". [ML]

Esse movimento vale por: *o movimento que se fez naquele momento*.

Demonstrativos referidos a nossas próprias palavras – No discurso, quando o falante deseja fazer menção ao que ele acabou de narrar (anáfora) ou ao que vai narrar (catáfora), emprega *este* (e flexões):

"Entrou Calisto na sala um pouco mais tarde que o costume, porque fora vestir-se de calça mais cordata em cor e feitio. Não me acoimem de arquivista de insignificâncias. *Este* pormenor (isto é: o pormenor a que fiz referência) das calças prende mui intimamente com o cataclismo que passa no coração de Barbuda" [CBr.1, 93].

"Se não existisse Ifigênia... acudiu Calisto. Já *este* nome (i.é.: o nome que proferi) me soava docemente quando, na minha mocidade pela angústia da filha de Argamenão, cujo sacrifício o oráculo de Áulida desmandava.

– Ah, também eu conheço *essas* angústias (i.é.: aquelas a que se refere) da tragédia de Racine" [CBr.1, 135].

– "... não há linguagem que não soe divinamente falada por minha prima.

– *Essas* lisonjas – volveu ela sorrindo – aprendeu-as nos seus livros velhos, primo Calisto?" [CBr.1, 136].

Por este último exemplo, podemos verificar que se a referência é feita às palavras da pessoa com quem se fala, o demonstrativo empregado é *esse* (e flexões). No trecho, *essas lisonjas* são as que faz Calisto à sua prima.

Há situações embaraçosas para o emprego do demonstrativo anafórico, isto é, aquele que se refere a palavras ditas ou que se vão dizer dentro do próprio discurso (catáfora). Ocorre o caso, por exemplo, nas referências a enunciados anteriores que envolvem afastamento da 1.ª pessoa ou ao tempo em que se fala. Nestes casos, geralmente, prevalece a preferência para nossas próprias palavras, aparecendo, assim, o anafórico *este* (e flexões) em lugar do dêictico *esse* (e flexões):

– "Então que te disse ele?...

– Que tinhas lá outra... e que te viu passear com ela.

– Viu-me a passear com uma nossa parenta, viúva de um general. Quem disse ao javardo que *esta* (a que me refiro) *senhora* era minha amante" [CBr.1, 157].

Expresso um nome a que, na construção do discurso, se quer juntar uma explicação, comparação, ou se lhe quer apontar característica saliente, costuma-se repetir este nome (ou o que lhe serve de explicação, comparação, ou característica) acompanhado do demonstrativo *esse* (e flexões):

"O olhar da opinião, *esse* olhar agudo e judicial, perde a virtude, logo que pisamos o território da morte" [MA.1, 81 *apud* SS].

"Creio que por então é que começou a desabotoar em mim a hipocondria, *essa* flor amarela, solitária, de um cheiro inebriante e sutil" [MA.1, 83 *apud* SS.1, 307].

Por meio do pronome invariável *o* repetimos pleonasticamente a oração objetiva que se antecipa de sua posição normal, ou, em sentido inverso, antecipa a oração objetiva do texto:

*Que todos iam sair cedo, eu **o** disse ontem.*

*Eu **o** disse ontem, que todos iam sair cedo.*

Reforços de demonstrativos – A necessidade de avivar a situação dos objetos e pessoas tratados pelo falante o leva a reforçar os demonstrativos com os advérbios dêiticos *aqui*, *aí*, *ali*, *acolá*: *este aqui*, *esse aí*, *aquele ali* ou *acolá*.

Eu *cá* tenho minhas dúvidas. Ele *lá* diz o que pensa.

Também desempenham o papel de reforço enfático *mesmo* e *próprio* (e flexões) presos a substantivos ou pronomes, com o valor de *em pessoa* (em sentido próprio ou figurado):

Eu *próprio* assisti à desagradável cena. Ela *mesma* foi verificar o fato.

Neste sentido de identidade, *mesmo* e *próprio* entram no rol dos demonstrativos.

No seguinte trecho de M. de Assis aparece *muito*:

"Você ignora que quem os cose sou eu, e *muito* eu" [MA.2, 230].

Há construções fixas que nem sempre se regulam pelas normas precedentes; entre estas, estão:

a) isto é (e nunca *isso é*) com o valor de 'quer dizer' ou 'significa', para introduzir esclarecimentos;

b) por isso, *nem por isso*, *além disso* são mais frequentes que *por isto*, *nem por isto*, *além disto*, como a introduzir uma conclusão ou aduzir um argumento;

c) isto de (e não *isso de*) com o valor de 'no que toca', 'no que diz respeito a'. [SA.2, 264]

Outros demonstrativos e seus empregos – Já vimos que *mesmo* e *próprio* denotando identidades e com o valor de "em pessoa" são classificados como demonstrativos:

"Tal faço eu, à medida que me vai lembrando e convindo à construção ou reconstrução de mim *mesmo*" [MA.4, 203].

"De resto, naquele *mesmo* tempo senti tal ou qual necessidade de contar a alguém o que se passava entre mim e Capitu" [MA.4, 225].

"Veja os algarismos: não há dois que façam o *mesmo* ofício" [MA.4, 267].

Pode ainda o demonstrativo *mesmo* assumir o valor de *próprio*, *até*:

"Estes e outros semelhantes preceitos não há dúvida que não são pesados e dificultosos; e por tais os estimou o *mesmo* Senhor, quando lhes chamou Cruz nossa" [AV. 1, XI, 150].

"Os *mesmos* animais de carga, se lhe deitam toda a uma parte, caem com ela" [AV *apud* ED.2, § 86, a].

Mesmo, *semelhante* e *tal* têm valor de demonstrativo anafórico, isto é, fazem referência a pensamentos expressos anteriormente:

"Depois, como Pádua falasse ao sacristão, baixinho, aproximou-se deles; eu fiz a *mesma* cousa" [MA.4, 87].

"Não paguei uns nem outros, mas saindo de almas cândidas e verdadeiras *tais* promessas são como a moeda fiduciária, – ainda que o devedor as não pague, valem a soma que dizem" [MA.4, 202; FT.1, 56].

Falaste em dois bons estudantes, mas não encontrei *semelhantes* prendas na sala de aula.

Tal (sozinho ou repetido) e *outro* são demonstrativos de sentido indefinido. O primeiro aparece junto à designação de um dia, lugar ou circunstâncias reais, que não queremos ou não podemos precisar:

"Ele combinou com o assassino assaltarem a casa em *tal* dia, a *tal* hora, por *tais* e *tais* meios" [JO.1, 40].

Outro se emprega com o valor de *um segundo*, *mais um* (no sentido de *diferente*, como *mesmo* no de *igual*, é adjetivo):

Ele me tratou mal e eu fiz *outro* tanto (*tanto*, veremos mais tarde, é pronome indefinido).

Tais acepções imprecisas levam alguns estudiosos a classificar *tal* e *outro* como indefinidos.

Como elemento reforçador dos que foram tratados anteriormente, aparece *mesmo* junto aos advérbios pronominais: *agora mesmo*, *aí mesmo*, *aqui mesmo*, *já mesmo*, etc.

OBSERVAÇÃO: Sobre o emprego tido como errôneo de *mesmo* como advérbio, veja-se, mais adiante.

Um pode ter, em certas expressões, o valor de *mesmo*:

"Oh cousa para espantar
Que ambos a ferida tem
Dum tamanho, em *um* lugar" [LC *apud* JM].

(i. é: do mesmo tamanho e no mesmo lugar)

Honra e proveito não cabem *num* saco.

No estilo familiar e animado, emprega-se o demonstrativo com o valor de artigo definido:

Esse João é das arábias! *Aquela* Maria tem cada ideia! [MA.1, 36].

Registre-se ainda o emprego substantivo de *aquilo* em construções como:

"e apenas, como uma das extravagâncias que mais requerem anotação, citarei *aquilo* da p. 14" [CL.1, I, 245].

Posição dos demonstrativos – Em situações normais, em que não impere a ênfase, o demonstrativo vem anteposto ao nome. Em caso contrário, pode o adjetivo vir posposto, principalmente se o demonstrativo se referir ao pensamento já expresso.

"Logo depois, senti-me transformado na *Summa Theologica* de S. Tomás, impressa num volume, e encadernada em marroquim, com fechos de prata e estampas; ideia *esta* que me deu ao corpo a mais completa imobilidade..." [MA *apud*. SS.1, 306].

"... Os seus olhos serenos, como o céu, que imitavam na cor, tomaram a terrível expressão que ele costumava dar-lhes no revolver dos combates, olhar *esse* que, só por si, fazia recuar os inimigos" [AH *apud* SS].

Nas orações exclamativas ocorre também a posposição: Que dia *este*!

Mesmo pode corresponder a dois vocábulos latinos: *idem* e *ipse*. No primeiro caso, denota identidade e reclama a presença do artigo ou de outro demonstrativo:

Disse as *mesmas* coisas. Referiu-se ao *mesmo* casal. Falou a este *mesmo* homem.

Idêntico a *ipse*, emprega-se junto a substantivo ou pronome e equivale a *próprio*, *em pessoa* (em sentido próprio ou figurado)49:

Ela *mesma* se condenou.

Em ambos os sentidos, *mesmo* pode aparecer antes ou depois do substantivo. Nota-se

apenas, na língua moderna, certa preferência para a anteposição, quando o demonstrativo assume o valor de *idem*, isto é, indica identidade.

É costume calar-se a preposição na oração subordinada que se refere a substantivo antecedente que tem *mesmo* como adjunto:

> Encontrei-o na *mesma situação* (***em***) ***que*** estava no ano passado.
>
> Saiu do trabalho no *mesmo dia* (***em***) ***que*** fora promovido.
>
> "Querias, porventura, ensiná-la a desprezar-me pela *mesma razão* (***por***) ***que*** tu me desprezas" [CBr *apud* MBa.2, 310].

Pronome indefinido

Nem sempre se pode estabelecer claramente a diferença entre simples indefinidos tratados neste lugar dos quantitativos indefinidos; isto porque certos indefinidos aparecem aplicados à quantidade incerta.

Empregos e particularidades dos principais indefinidos – O indefinido pode estender a sua significação a todos os indivíduos de uma classe:

> *Todos* os homens são bons. *Cada* livro deve estar no lugar próprio. *Qualquer* falta merece ser punida.
>
> Livro *algum* será retirado sem autorização. *Nenhum* erro foi cometido.

A significação do indefinido se pode estender apenas a um ou a alguns indivíduos de uma classe:

> *Certas* folhas ficaram em branco.
>
> Daí surgirão *outros* enganos.

Sobre os principais pronomes indefinidos acrescentaremos:

a) Algum

Anteposto ao substantivo tem valor positivo: Recebeu *algum* recado importante.

Posposto ao nome, assume significação negativa, podendo ser substituído pelo indefinido negativo *nenhum*: Resultado *algum* saiu do inquérito.

Ocorre com maior frequência este emprego em frases onde já existem expressões negativas (*não*, *nada*, *sem*, *nem*), em interrogações oratórias ou depois de substantivo precedido da preposição *sem*: "Era pessoa *sem* escrúpulo *algum*" [ED.2, § 106].

b) Algo

Está hoje praticamente desbancado pela locução sinônima *alguma coisa*: 50

> Terás *algo* para contar-me?
>
> Há *algo* novo no ar.

É mais frequente seu emprego como advérbio, em construções do tipo:

> A situação está ***algo*** *perigosa*.
>
> Ali se passaram os momentos ***algo*** *inesquecíveis*.

O mesmo emprego adverbial conhece o seu equivalente *alguma coisa*:

> A leitura deixou-lhe impressão ***alguma coisa*** *agradável*.

Algumas vezes o significado quantitativo de *algo* e *alguma coisa* favorece o aparecimento da preposição *de* com valor partitivo:

Não há ***algo de*** novo.

Ficou-lhe do encontro ***alguma coisa de*** arrependimento.

Alguma coisa de novo deve acontecer hoje.

A presença da preposição junto ao adjetivo o transpõe à classe do substantivo e, por atração, este pode concordar em gênero e número com o nome sujeito do verbo:

Apresento-lhe *estas desculpas* que têm ***algo de*** *engraçadas*.

De repente saíram *umas ideias* ***alguma coisa de*** *ridículas*.

Sem razão, alguns autores consideram galicismo a presença da preposição *de* nestas construções com pronomes indefinidos, todos de valor nitidamente quantitativo [MBa.5, 43].

c) Cada

Junta-se a substantivo singular, a numeral coletivo e expressões formadas por numeral seguido de substantivo no plural:

"Uma ilusão gemia em *cada* canto,

Chorava em *cada* canto uma saudade". [LG]

Cada século possui seus homens importantes.

Faz prova em *cada* trinta dias.

Usa-se combinado a *cada um* e *cada qual*.

É condenado o emprego de *cada* sem substantivo em lugar de *cada um* nas referências a nomes expressos anteriormente, considerado imitação da linguagem comercial francesa, o que pomos em dúvida.

Os livros custam trinta cruzeiros *cada* (por *cada um*).

Cada não sofre variação, mas a concordância do verbo com o sujeito se processa normalmente:

"Convém notar o tríduo das Lemúrias

Não corre a flux: ***cada*** *dois dias levam*

entre si um profano intercalado" [AC.1, III, 57 *apud* FC.1, 53].

OBSERVAÇÃO: Com exagero, já se condenou por mal soante a expressão *por cada*, que, segundo a crítica, lembraria *porcada* (vara de porcos). Rui Barbosa [RB.1, 126] defendeu brilhantemente o falso cacófato (mau som).

Lembra Sousa da Silveira o valor intensivo de *cada*, como no seguinte exemplo (está claro que proferido com entonação expressiva):

"Então é *cada* temporal, que até parece que os montes estremecem" [EQ.1, 288 *apud* SS.1, § 388].

Conta *cada* história!

d) Certo

É exclusivamente na língua moderna pronome indefinido quando antecede ao substantivo:

"A vida celibata podia ter *certas* vantagens próprias, mas seriam tênues, e compradas a troco da solidão" [MA.1, 306].

Havendo ênfase, poderá aparecer *um certo*, expressão que tem sido, com algum exagero, recriminada pelos gramáticos. Alexandre Herculano, notável escritor português, talvez influenciado pelas teorias gramaticais reinantes, aboliu, em redações posteriores, o artigo indefinido (junto ou não a palavras indefinidas), tirando, muita vez, o colorido enfático do trecho primitivo. De *um certo* usou ele nos seguintes passos:

"Forçoso é que um poeta creia no pensamento, que o agita, e no ideal, aonde tem de ir buscar *um certo* número d'existência..." [AH.2, 162].

"Passado todo este tempo os escravos de *um certo* Adócio, que herdara o domínio daquela montanha..." [AH.2, 215].

"O gesto brando com que, uma vez posta, começou a mover as asas, tinha *um certo* ar escarninho, que me aborreceu

muito" [MA.1, 99].

Posposto ao substantivo, *certo* fixou o seu emprego de adjetivo, com o sentido de "acertado", "ajustado", "exato", "verdadeiro". Ambos os sentidos, indefinido e qualificativo, são aproveitados nos seguintes jogos de palavras:

Tenho *certos amigos* que não são *amigos certos*.

Note-se, com o *Dicionário Contemporâneo*, que *certo* atenua o que na significação do substantivo haja de demasiadamente absoluto, quando este indefinido vem anteposto a nome que exprime qualidade, propriedade ou modo de ser:

Goza de *certa* reputação de talento.

A ópera tem uma *certa* novidade.

Nesta significação atenuativa, *certo*, equivalente a *algum* (e flexões), se aproxima dos quantitativos indefinidos.

NOTA: No português de outras épocas, a função de adjetivo ocorria, ou podia ocorrer, ainda anteposto ao nome:

"Deveis de ter sabido claramente
Como é dos fados grandes *certo* intento" (isto é: intento certo)
[LC.1, I, 24].

"Esta ilha pequena que habitamos
É em toda esta terra *certa* escala (isto é: escala certa)
De todos os que as ondas navegamos"
[LC.1, I, 54].

"Atento estava o rei na segurança
Com que provava o Gama o que dizia;
Concebe dele *certa* confiança, (isto é: confiança segura)
Crédito firme em quanto proferia"
[LC.1, VIII, 76].

e) Nenhum

Reforça a negativa *não*, podendo ser substituído pelo indefinido *algum*:

Não tínhamos *nenhuma* dívida até aquele momento.

Sem ênfase, *nenhum* vem geralmente anteposto ao substantivo; havendo desejo de avivar a negação, o indefinido aparece posposto:

"Que é lá? redargui; não cedi *cousa nenhuma*, nem cedo" [MA.1, 134].

Referindo-se o nome no plural, *nenhum* se flexiona:

"Mas se anda nisto mistério, como quer o condestável, espero que não serão *nenhuns feitiços*..." [RS.1, 195].

Em certas frases de forma afirmativa, *nenhum* pode adquirir valor afirmativo, como sinônimo de *qualquer*:

Mais do que *nenhum* homem, ele trabalhava para a tranquilidade.

Enquanto *nenhum* é um termo que generaliza a negação, *nem um* se refere à unidade:

Não tenho *nenhum* livro.

Não tenho *nem um livro*, quanto mais dois.

f) Todo – Tudo 51

Concorda em gênero e número com o substantivo ou pronome a que serve de adjunto adnominal.

Quando no singular está anteposto a substantivo ou adjetivo substantivado, vale por "cada", "qualquer" ou "inteiro", "total", podendo vir ou não acompanhado de artigo. Isto significa que, no singular, *todo* pode referir-se tanto à totalidade distributivamente de um conjunto

plural (*Todo o homem* é mortal = "todos e cada um dos homens") – e neste sentido equivale ao latim *omnis* –, como à totalidade, integralidade, de um indivíduo, de um singular (***Todo** o homem* ou *O homem **todo** é pecado e miséria*; *Trabalhar **todo** o dia* ou *o dia **todo***) – e já neste sentido vale pelo latim *totus* [HCv.3, III, 33 n.4].

Ainda que *todo* possa significar "qualquer", eles podem concorrer juntos na expressão *todo* (*toda*) *e qualquer*:

"Introdução de *todo e qualquer* gênero de produto" [RB *apud* FC.1, 295].
A *toda* falta deve corresponder um castigo adequado (*toda* = "cada").
A *toda a* falta... (*toda* = "cada").
Todo ser merece consideração (*todo* = "qualquer").
Todo o ser merece... (*todo* = "qualquer").
O incêndio destruiu *toda* casa (*toda* = "inteira", "total").
O incêndio destruiu *toda a* casa (*toda* = "inteira", "total")
Todo pobre receberá esmola.
Todo o pobre receberá esmola.

Enquanto em Portugal não se faz a distinção formal entre "*cada*"/ "*qualquer*" e "*inteiro*"/ "*total*", usando-se quase sempre *todo* seguido de artigo (*Todo o homem é mortal*), no Brasil, para o primeiro sentido, modernamente, dispensa-se o artigo (*Todo homem é mortal*) e, para o segundo, o artigo é obrigatório (*Toda a casa pegou fogo*).

Está claro que a presença ou ausência do artigo está inicialmente presa ao fato de o substantivo núcleo do sintagma exigir ou não artigo, independentemente da variedade semântica apontada. Assim, como se diz, nos nomes dos países, com artigo, *o Brasil*, dir-se-á *todo o Brasil*; em contraposição, só se diz, sem artigo, *Portugal*, logo se dirá *todo Portugal*.

A distinção entre "cada"/ "qualquer" e "inteiro"/ "total" fica prejudicada em virtude da ocorrência da fonética sintática que facilita, na pronúncia (com reflexo natural na escrita), a fusão por crase da vogal final de *todo*, *toda* com o artigo singular *o*/ *a*: *todo o* = *todo*; *toda a* = *toda*. Daí, muitas vezes a indecisão que sentem as pessoas na hora de usar *todo* e *todo o*, *toda* e *toda a*.

Assim, diz-se, entre brasileiros, sem distinção de sentido, *todo o mundo*, *toda a vida*, *todo o tempo*, *toda a hora*, *toda a parte*, etc., ao lado de *todo mundo*, *toda vida*, *todo tempo*, *toda hora*, *toda parte*, etc., vacilação que se nota no português europeu literário de épocas passadas, em Camões, por exemplo. Em *todo o mundo*, *toda a gente*, percebe-se, na própria significação dos substantivos, o valor coletivo da expressão.

Todo indica a totalidade numérica, isto é, qualquer indivíduo da classe, quando seguido de oração adjetiva substantivada pelo *o* ou do pronome *aquele* (*todo aquele que*):

"(...) *Todo o que* sofre,
Todo o que espera e crê, *todo o* que almeja
Perscrutar o futuro, se coloca
Ao lado do Senhor" [FV *apud* SS.1, § 366].

Desaparece, naturalmente, a vacilação quando, em vez do artigo definido, aparecer o indefinido *um*, pois aí *todo um* denota "inteiro", "total": *todo um dia*, *toda uma cidade*, construção, aliás, sem razão, rejeitada por puristas intransigentes.

Todo no singular e posposto ao substantivo entra sempre na expressão da totalidade: *o*

homem todo, *a casa toda*, *o país todo*, *a semana toda*, *o tempo todo*, *a fortuna toda*, *o mundo todo*, *uma cidade toda*.

Nas expressões de reforço enfático ou de valor superlativo do tipo de *todo o resto*, *toda a soma*, *todo o mais* (substantivado), *a toda a pressa*, *a toda a brida*, *a todo o galope*, o artigo é de presença obrigatória entre brasileiros.

No plural, *todos*, *todas*, antepostos ou pospostos, exigem sempre a presença do artigo, desde que o substantivo não esteja precedido de adjunto que o exclua:

Todos os alunos entregaram as provas antes do tempo.

Todas as revisões são passíveis de enganos.

Os alunos todos disseram sim.

Todos estes casos foram examinados.

Todas elas responderam às cartas

Estando a totalidade numérica definida por um numeral referido a substantivo explícito ou subentendido, *todos* pode ser ou não acompanhado de artigo (*todo um*, *todos dois* ou *todos os dois*, *todos três* ou *todos os três*, etc.):

"Era belo de verem-se *todos cinco* em redor da criança, como se para outro fim se não reunissem!" [CBr.6, 131].

Todas as quatro razões foram discutidas.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) É mais comum a presença do artigo quando o substantivo está expresso.

2.ª) Em *todas estas quatro razões*, a presença de um adjunto (*estas*) que exclui o artigo explica a sua ausência.

Graças à significação de certos verbos em determinados contextos, *todos* pode ser interpretado em sentido distributivo, com valor aproximado de "cada", como no exemplo:

"Dizia um Secretário de Estado meu amigo que, para se repartir com igualdade o melhoramento das ruas por toda a Lisboa, deviam ser obrigados os ministros a mudar de rua e bairro *todos os três meses*" [AGa.4, 33].

(isto é: a cada três meses, de três em três meses, como interpreta ED.2, § 61, a)

Todo pode ser empregado adverbialmente, com valor de "inteiramente", "em todas as suas partes":

"Desculpe-me, que eu estou *todo* absorvido pela minha mágoa!"

[CBr.6, 93].

"Longe de mim a triste ideia de me intrometer nessa questão *todo* particular"

[CL.1, I, 211].

Suas origens pronominais facultam-lhe a possibilidade de poder, por atração, concordar com a palavra a que se refere:

O professor é ***todo*** *ouvidos.* *Ela é* ***toda*** *ouvidos.*

Ele está ***todo*** *preocupado.* *Ela está* ***toda*** *preocupada.*

Acabamos de ver as crianças ***todas*** *chorosas.*[52]

Todo entra ainda na construção de locuções adverbiais: *em todo*, *de todo*, *de todo em todo*, etc.

Tudo – Refere-se às coisas consideradas em sua totalidade ou conjunto e, normalmente, se apresenta como termo absoluto, desacompanhado de determinado:

Nem *tudo* está perdido.

Põe a esperança em *tudo*.

O seu emprego absoluto apresenta duas exceções: quando se combina com os demonstrativos *isto*, *isso*, *aquilo* ou quando é seguido de oração adjetiva substantivada pelo

artigo:

Tudo isso é impossível. *Isso tudo* é impossível.

Onde você comprou *tudo aquilo*?

Desconhecemos *tudo o que eles disseram.*

Em tais construções, o demonstrativo funciona como núcleo do sintagma nominal e o indefinido como seu adjunto, bem como da oração adjetiva substantivada.

Pronome relativo

Usa-se *o qual* (e flexões) em lugar de *que*, principalmente quando o relativo se acha afastado do seu antecedente e o uso deste último possa dar margem a mais de uma interpretação:

O guia da turma, *o qual* nos veio visitar hoje, prometeu-nos voltar depois (com o emprego de *que* o sentido ficaria ambíguo).

Pode-se ainda recorrer à repetição do termo:

"Arrastaram o saco para o *paiol* e o *paiol* ficou a deitar fora" [CN.1, 12].

Dá-se ainda o afastamento do relativo em relação ao seu antecedente em exemplos como o seguinte:

"No fundo de um triste vale dos Abruges, terra angustiada e sáfara, um pobre eremita vivia *que* deixara as abominações do século pela soledade do deserto" [JR.2, 2, 219].

Hoje é mais comum construir:

"eremita que deixara... vivia" ou "vivia um pobre eremita que deixara...".

Deve-se evitar com cuidado o grande distanciamento entre o antecedente e o correspondente relativo, principalmente se este estiver precedido de dois nomes que possam assumir esta referência. Mário Barreto [MBa.5, 303] cita o trecho de Camilo em que o escritor explicita entre parêntese o real antecedente:

"Eu de mim, se não estivesse amortalhada no sobretudo do meu marido, *que* vou escovar (o sobretudo), era dele, como a borboleta é da chama (...)".

"Lúcia descera com a moça bonita, de calças curtas, *que* guiava o carro" [JL.2, 133].

Muitas vezes a pontuação salva a boa interpretação do texto; a vírgula posta entre um substantivo (ou pronome) e o relativo serve para indicar que este não se está referindo àquele, e sim ao mais afastado:

"mas ele tinha necessidade da sanção de alguns, *que* (isto é, a "sanção", e não "alguns") lhe confirmasse o aplauso dos outros" [MA.1, 138].

Em geral substitui-se *que* por *o* (*a*) *qual* depois de preposição ou locução prepositiva de mais de duas sílabas. Empregamos *sem que* ou *sem o qual*, *a que* ou *ao qual*, *de que* ou *do qual*, mas dizemos com mais frequência *apesar do qual*, *conforme o qual*, *perante o qual*, etc.53 O movimento rítmico da frase e a necessidade expressiva exigem, nestes casos, um vocábulo tônico (como *o qual*) em lugar de um átono (como *que*).

Com frequência, a preposição que deveria acompanhar o relativo emigra para o antecedente deste relativo:

"A barra é perigosa, como dissemos: porém a enseada fechada é ancoradouro seguro, *pelo que* (o porque, razão por que) tem sido sempre couto dos corsários de Berbéria" [AH.2, 69].

"... até o induzirem a mandá-lo sair da corte, *ao que* (o a que) D. Pedro atalhou com retirar-se antes que lhe ordenassem" [AH.2, 91].

"... não tardou a ser atravessado, pelo coração, com uma seta do que (o de que) imediatamente acabou" [AH.2, 97].

A construção regular, sem migração da preposição, é pouco usada e se nos apresenta como artificial:

"Assim me perdoem, também, *os a quem* tenho agravado, *os com quem* houver sido injusto, violento, intolerante..." [RB.2, 23].

No seguinte exemplo de Rui Barbosa a preposição aparece antecipada e depois no lugar devido:

"É *no em* que essa justificação se resume" [RB.1, 519].

Outras vezes omite-se a preposição que pertence a rigor ao relativo, em virtude de já ter o seu antecedente a mesma preposição:

Você só gosta *das coisas que* não deve (por: *das coisas de que não deve*).

Ele falou *do que* não podia falar (por: *de que não podia falar*).

Relativo universal – Na linguagem coloquial e na popular pode aparecer o pronome relativo despido de qualquer função sintática, como simples transpositor oracional. A função que deveria ser desempenhada pelo relativo vem mais adiante expressa por um substantivo ou pronome precedido de preposição. É o chamado *relativo universal* que, desfazendo uma complicada contextura gramatical, se torna um "elemento linguístico extremamente prático" [KN.1, V, 330]:

Ali vai o homem *que* eu falei com *ele*.

por

Ali vai o homem *com quem* eu falei.

Anacoluto no relativo – Costuma-se empregar ainda *que* ou *quem* seguido de pronome pessoal oblíquo (*que* ou *quem... lhe*) onde o rigor gramatical estaria a pedir este relativo precedido de preposição. É prática antiga que ainda persiste no colóquio moderno:

"Agora sim, disse então aquela cotovia astuta, agora sim, irmão, levantemos o voo e mudemos a casa, que vem *quem lhe* dói a fazenda"

(= aquele a quem dói a fazenda) [MBe *apud* AC.8, I, 70].

Quem ama o feio bonito *lhe* parece (= quem ama o feio parece bonito).

Quem cospe para o céu, na cara *lhe* cai.

Pode ocorrer ainda que, em vez do pronome *lhe*, apareça substantivo ou pronome com a preposição que deveria preceder o relativo.

Outras vezes o relativo não se refere propriamente ao seu antecedente, mas a um termo a ele relacionado:

"Bem vês as *lusitânicas* fadigas

Que eu já de muito longe favoreço" [LC.1, II, 171].

O pronome relativo se refere a *lusitanos*, ideia contida no adjetivo *lusitânicas*.

"Isto que parece absurdo ou desgracioso é perfeitamente racional e belo – belo à *nossa* maneira, *que* não andamos a ouvir na rua os rapsodos recitando os seus versos, nem os oradores os seus discursos, nem os filósofos, as suas filosofias" [MA *apud* SS.5, I, 28]. Aqui o relativo se refere ao pronome pessoal *nós* que se depreende do pronome possessivo *nossa*.

Não pertence à boa norma da língua repetir sob forma pronominal a função sintática já desempenhada pelo relativo. São escassos os exemplos como os seguintes:

"(nome) *que to* dissesse a brisa perfumada

Lasciva perpassando pelas flores" [CA.1, ed. SS, § 29].

"... o homem que se destina, ou *que o* destinou seu nascimento, a uma vocação pública, não pode sem vergonha ignorar as belas-letras e os clássicos" [AGa *apud* SS.5].

É preciso distinguir cuidadosamente este caso de outro aparentemente igual, em que não se trata de *que* pronome relativo, mas *que* conjunção causal ou consecutiva (com elipse do intensivo *tão*, *tal*):

"O português hodierno não é nem a língua de sábios nem de filósofos e pensadores *que* não *os* há..." [JR.6, 152].

"Tenho os pés *que os* não sinto, dizia ele ao seu vizinho" [AFg.1, 117].

(isto é: tenho os pés *de tal maneira, que*...)

Já vimos que *cujo*, como pronome relativo, traduz a ideia de posse, com o valor de *dele* (*dela*), *do qual* (*da qual*):

O livro *cujas* páginas... (= as páginas *do qual*, as páginas *dele*, as *suas* páginas).

Conforme a função do núcleo do sintagma nominal, do qual este pronome serve de adjunto, *cujo* pode vir precedido de preposição:

O proprietário *cuja casa* aluguei (a casa *do qual* aluguei).

Os pais *a cujos filhos* damos aula... (aos filhos *dos quais*).

Os pais *de cujos filhos* somos professores... (dos filhos *dos quais*).

O clube *em cujas dependências* faço ginástica (nas dependências *do qual*).

A cidade *por cujas ruas*, na infância, arrastou seus sonhos (pelas ruas da qual).

A prova *com cujas questões* me atrapalhei (com as questões *da qual*).

Para o emprego correto de *cujo*, além do que já dissemos antes, convém atentar para as três seguintes construções viciosas:

a) em vez de *cujo*, empregar um relativo (*que*, *quem*) precedido da preposição *de* para referir-se à ideia de posse:

Não posso trabalhar com uma pessoa *de quem* discordo dos métodos.

Dever-se-á construir:

Não posso trabalhar com uma pessoa *de cujos* métodos discordo (do método *dela*, do método *da qual*).

b) também não é para imitar o emprego de *cujo* (e flexões) significando *o qual* (e flexões). Os exemplos que dele se nos deparam na pena de um bom conhecedor do idioma, como Filinto Elísio, se devem explicar como uma iniciativa do idioleto do escritor, mas que não ganhou foros de cidade:

O livro *cujo* eu comprei ontem é excelente.

c) empregar artigo definido depois de *cujo*:

O pai *cujos os* filhos estudam aqui.

5 – Numeral

Numeral – é a palavra de função quantificadora que denota valor definido:

"A vida tem *uma* só entrada: a saída é por *cem* portas" [MM].

Os numerais propriamente ditos são os *cardinais*: *um*, *dois*, *três*, *quatro*, etc., e respondem às perguntas *quantos?*, *quantas?*.

Observações:

1.ª)Não são quantificadores numerais, ainda que tenham o mesmo significante, os substantivos que designam os algarismos e os números inteiros positivos. São substantivos e, como tais, admitem gênero e podem ir ao plural: *o um*, *os uns*; *o dois*, *os dois*; *o*

quatro, *os quatros*; prova dos *noves*. O gênero masculino se explica pela referência à palavra *número*, que se subentende. [AL.1, 120].

2.ª)Entre brasileiros, principalmente em referência a números de telefone, usa-se *meia dúzia* ou *meia* para o número *seis*. Não vale como numeral.

A tradição gramatical, levando em conta mais a significação de certas palavras denotadoras da quantidade e da ordem definidas, tem incluído entre os numerais próprios – os cardinais – ainda os seguintes: os *ordinais*, os *multiplicativos* e os *fracionários*. Tais palavras não exprimem uma quantidade direta do ponto de vista semântico, e, do ponto de vista sintático, se comportam, em geral, como adjetivos que funcionam como adjuntos e, portanto, passíveis de deslocamentos dentro do sintagma nominal:

Ele era o *segundo* irmão entre os homens.

Ele era o irmão *segundo* entre os homens.

Podem combinar-se coordenativamente com outros adjetivos:

Choveu muito nos *primeiros e gelados* dias deste inverno.

Podem até estar quantificados pelo numeral próprio:

Os *três primeiros* meses foram de muito calor.

Os *dois sêxtuplos* nasceram na mesma cidade, em anos diferentes.

De modo que seria mais coerente incluir os ordinais, multiplicativos e fracionários, conforme se apresentem no discurso, no grupo dos substantivos (*dobro*, *metade*, etc.) ou dos adjetivos (*duplo*, *primeiro*, etc.), como já fizemos com *último*, *penúltimo*, *anterior*, *posterior*, *derradeiro*, *simples*, *múltiplo*, etc., que denotam ordenação ou posição dos seres numa série, sem imediata ou mediata relação com a quantidade. Em nome da tradição e para comodidade de consulta do leitor, incluiremos nesta seção tais palavras, sem considerá-las como numerais.

Também a tradição gramatical tem posto *ambos* como numeral *dual*, como subcategoria de número (singular/plural), por sempre aludir a dois seres concretos já mencionados no discurso. Mas não temos, como alguns dialetos gregos, entre outras línguas, unidades linguísticas para a ideia da dualidade nos nomes e nos verbos [BD.1, II, 2.ª parte, 195; JV.1, 152]. Conforme as informações do contexto, podemos indicá-la por *dois*, *ambos*, pelo plural (*as abotoaduras*) ou possessivo (*suas abotoaduras*, *seus pulsos*), pelo reflexivo (*se amam*), etc. Nem o latim conhecia o dual [ECs.1, 198; HCv.3, III, 34]. Portanto, fica para *ambos* uma das duas classificações mais correntes: ou um *numeral* plural ao lado de *dois*, mas dele diferente por só se referir a seres já previamente indicados ou conhecidos, ou um *pronome*, justamente levando em conta essa referência de dêixis anafórica. *Ambos* admite posição anteposta ou posposta ao nome que modifica, nome (menos o pronome, naturalmente) que pode vir ou não precedido de preposição e pode ser substituído por *um e outro*:

Ambos os filhos ou os filhos *ambos*

Ambos os livros ou os livros *ambos*

Ambas (as) razões – *Uma e outra* razão

OBSERVAÇÃO: *Ambos* podia combinar-se com *dois* em construções enfáticas em que estivesse anteposto ou posposto ao substantivo: João e Maria eram irmãos; os *dois ambos* são engenheiros. Hoje, só no estilo solene, ocorre a construção.

Do ponto de vista material, existem em português os numerais simples (*um*, *dois*, *três*, *vinte*, *trinta*, *cem* [próclise de *cento*]), os compostos, que indicam adição, ligados pela conjunção *e* (*vinte e um*, *dezesseis*, *dezessete*, *cento e dois*, *mil e noventa*, etc.) e os justapostos que indicam multiplicação, quando a primeira unidade, multiplicadora, é menor

que a segunda: *quatrocentos* (4 x *cem*), *setecentos*, *oitocentos* e *novecentos*, *dois mil*, *cinco mil*, etc.54

Na designação dos números, usa-se a conjunção *e* entre as centenas, dezenas e unidades (*duzentos e vinte e seis*). Entre os milhares e as centenas, emprega-se o *e* se as centenas não forem seguidas de outro número (*dois mil e duzentos*); em caso contrário, omite-se a conjunção (*dois mil duzentos e vinte e seis*). Põe-se o *e* entre os milhares e as dezenas como também entre os milhares e as unidades (*dois mil e vinte e seis*; *dois mil e seis*). [SL.1, 164]

Nos números muito extensos, omite-se a conjunção entre as classes, isto é, entre os grupos de três algarismos: 324.312.090.215 – *trezentos e vinte e quatro bilhões trezentos e doze milhões noventa mil duzentos e quinze.*

Têm emprego como substantivos e, entre estes, guardam analogia com os coletivos – mas deles diferem pela indicação de quantidade definida: *dezena*, *década*, *dúzia*, *centena*, *centenar*, *cento*, *milhar*, *milheiro*, *milhão*, *bilhão*, *trilhão*, etc. [SA.2, 88].

Como ainda os coletivos, podem ter adjuntos introduzidos por preposição para indicar a espécie: uma *dúzia de laranjas*, duas *décadas de vida*, três *centos de bananas*, um *milhão de pessoas*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Em lugar de *milhão* pode ocorrer *conto*, na aplicação a dinheiro, em *conto de réis* ou, simplesmente, *conto*.

2.ª) Podem ser grafados com *lh* ou *li*: *bilhão* / *bilião*, *trilhão* / *trilião*, *quatrilião*, *quintilião*, *sextilião*, *setilião*, *octilião*. As formas com *lh* são mais usuais.

Os cardinais funcionam como adjuntos, à maneira dos adjetivos e pronomes adjetivos, e podem substantivar-se, se os seres forem consabidos, precedidos de artigo ou outro determinativo:

> *Os dois* acabaram chegando cedo.
>
> *Estes três* estão à sua espera.

Podem juntar-se a substantivo acompanhado ou não de adjetivos, antepostos ou pospostos ao numeral:

> Os *dois* bons momentos da vida.
>
> Os maravilhosos *três* dias passados na fazenda.

No que toca à flexão de gênero, os numerais são invariáveis, exceção de *um* (*uma*), *dois* (*duas*) e *ambos* (*ambas*), os formados com *um* (*vinte e um*/*vinte e uma*) e as centenas acima de *cem* (*duzentos*/*duzentas*, *trezentos*/*trezentas*, *novecentos*/*novecentas*).

Cumpre lembrar que se o sujeito da oração tiver por núcleo o substantivo *milhões*, acompanhado de adjunto preposicionado no plural, cujo núcleo é um feminino, o particípio ou o adjetivo pode concordar no masculino com seu núcleo, ou no feminino, com o substantivo preposicionado do adjunto:

> *Dois milhões de pessoas* foram aposentados (ou aposentadas) neste ano.

Os adjuntos de *milhar*, masculino, devem também ficar no masculino:

> *Alguns milhares* de pessoas se expõem perigosamente ao sol do meio-dia.
>
> *Os milhares* de pessoas que estudam línguas estrangeira não devem esquecer a materna.

Evite-se o erro, hoje comum: ***algumas*** *milhares de pessoas*, ***as milhares*** *de pessoas*.

Depois dos numerais compostos com *um* pode deixar-se o substantivo no plural: *trinta e um* ***dias***, contrução mais comum.

Na expressão alusiva a um número não conhecido ou que não se queira explicitar (*o número tanto*), pode-se também usar o plural: *o número tantos*, *a folhas tantas*, *a páginas tantas*.

Cabe ainda lembrar que o numeral cardinal pode às vezes ser empregado para indicar número indeterminado:

Peço-lhe *um* minuto de sua atenção (= *alguns poucos minutos*).

Contou-lhe o fato em *duas* palavras (= *poucas palavras*).

F. tem *mil e um* defeitos (por: *muitos defeitos*).

Ela anda com *mil* perguntas (por: *muitas perguntas*).

Como vimos no emprego de *todo*, às vezes expressões como *todos os dois dias*, *todas as três semanas*, etc. podem ser empregadas com o valor de "dois em dois dias" ou "a cada dois dias", "de três em três semanas" ou "a cada três semanas".

A relação entre os nomes numerais, como diz Mattoso Câmara [MC.4, 178], e a arte de contar leva a que, na língua escrita, se usem os algarismos em vez das palavras correspondentes, prática válida para os ordinais: 26 de fevereiro; reunião às 3 horas; rua X, 204; reinou 12 anos; capítulo 4; seção 32.ª; 14.º lugar, etc.

"Assim, os numerais passam a ser indicados na língua escrita por ideogramas" [MC.4, 178].

Ordinais – São as palavras que denotam o número de ordem dos seres numa série:

primeiro, *segundo*, *terceiro*, *quarto*, *quinto*, etc.

OBSERVAÇÃO: *Último*, *penúltimo*, *antepenúltimo*, *anterior*, *posterior*, *derradeiro*, *anteroposterior* e outros tais, ainda que exprimam posição do ser, não têm correspondência entre os numerais e por isso devem ser considerados meros adjetivos. 55

Ordinais e cardinais – Os ordinais têm pouca frequência na língua comum, exceto os casos consagrados pela tradição e, em geral, até o número *dez*:

4.º andar, 2.º pavimento, 3.ª seção, 5.º lugar, 100.º aniversário de fundação.

Todavia, no estilo administrativo e em outras variedades de estilo oficial, correm com mais frequência os ordinais. Os casos mais comuns são os seguintes: até décimo, quando se usam também os algarismos romanos (estes vão além de décimo). A partir de décimo, os cardinais substituem os ordinais correspondentes:

a) na seriação dos monarcas e papas de mesmo nome:

Pedro I, Pedro II, D. João VI, Pio X, Leão XIII, João XXIII

b) na cronologia dos séculos:

século I, século VI, século X, século XXI

c) na indicação dos capítulos de livros:

capítulo I, capítulo III, capítulo IX, capítulo XXXII

O cardinal substitui o ordinal na indicação de horas e em expressões designativas da idade de alguém; neste caso, se o substantivo estiver no plural, o número também irá ao plural:

É *uma hora* (= é a primeira hora).

É *uma hora e meia*.

São *duas horas* (= é a segunda hora).

Castro Alves faleceu aos 24 anos (= no vigésimo quarto ano de vida).

Também o cardinal substitui o ordinal na designação dos dias do mês; se mencionado o

substantivo *dia* antes do algarismo, fica no singular:

No dia 2 de dezembro nasceu Pedro II (por: no segundo dia de dezembro).

Se vier posposto ao algarismo, linguagem usada em documentos oficiais, o substantivo *dia* será usado no plural:

Aos *treze dias* do mês de janeiro nasceu o primogênito.

Aos *26 dias* de agosto de 1944 foi fundada a Academia Brasileira de Filologia.

Para referir-se ao dia que inicia cada mês podemos usar tanto o cardinal quanto o ordinal:

No dia *um* de janeiro nasceu-lhe o segundo filho.

No dia *primeiro* de janeiro nasceu-lhe o segundo filho.

Na referência a páginas ou capítulos de livro, usam-se as preposições *em* ou *a*. Com *em* emprega-se a palavra *página*, *folha* ou *capítulo* no singular seguida do cardinal, se for superior a dez, podendo até aí usar-se o ordinal, anteposto ou posposto:

Na página 32 há um erro de revisão / *na folha 32* / *no capítulo 32*

Na página dois faltou uma vírgula / *na folha 2* / *no capítulo dois*

Na página segunda ou *na segunda página* / *na folha segunda* / *no capítulo segundo*

Com a preposição *a*, usa-se o substantivo no plural:

A páginas 12 *A folhas 12*

Note-se que se pode dizer *à página dois*, *a páginas duas*, *a páginas vinte e uma*, *a páginas tantas*, *na página dois*, *na página vinte e um*, *na página vigésima primeira*. Em resumo: com *página*, no singular, o cardinal fica invariável; com *páginas*, no plural, o cardinal se flexiona em gênero. O ordinal se flexiona sempre: *página primeira*, *páginas vigésima primeira*.

Multiplicativos – São as palavras que exprimem a multiplicidade dos seres. Os mais usados são:

duplo ou *dobro*, *triplo* ou *tríplice*, *quádruplo*, *quíntuplo*, *sêxtuplo*, *séptuplo*, *óctuplo*, *nônuplo*, *décuplo*, *cêntuplo*.

Fracionários – São as palavras que indicam frações dos seres:

meio, *terço*, *quarto*, *quinto*, *sexto*, *sétimo*, *oitavo*, *nono*, *décimo*, *vigésimo*, *centésimo*, *milésimo*, *milionésimo*, empregados como equivalentes de *metade*, *terça parte*, *quarta parte*, etc.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) O fracionário *meio*, funcionando como adjunto, concorda com seu núcleo, explícito ou não: meio-dia e *meia* [hora]; duas e *meia* [hora].

2.ª) Em lugar de *um milhão* (*dois milhões*, etc.) *e meio* pode-se, mais raramente, empregar *um e meio milhão*, *dois e meio milhões*:

> "Para aquilatar a importância dos tropeiros, basta lembrar que o Brasil tem cerca de *oito e meio milhões* de quilômetros quadrados de superfície (...)" [AAr *apud* SS.3, 106].

Para muitos fracionários empregamos o cardinal seguido da palavra *avos*, extraído de *oitavo*, como se fora sufixo. Por hipertaxe passa a funcionar como uma palavra: onze avos, treze avos, quinze avos, etc.

Lista dos principais ordinais com o cardinal correspondente:

primeiro	–	um
segundo	–	dois

terceiro	–	três
quarto	–	quatro
quinto	–	cinco
sexto	–	seis
sétimo	–	sete
oitavo	–	oito
nono	–	nove
décimo	–	dez
undécimo ou décimo primeiro	–	onze
duodécimo ou décimo segundo	–	doze (e não douze!)
décimo terceiro	–	treze
décimo quarto	–	quatorze, catorze
vigésimo	–	vinte
vigésimo primeiro	–	vinte e um
trigésimo	–	trinta
quadragésimo	–	quarenta
quinquagésimo	–	cinquenta
sexagésimo	–	sessenta
septuagésimo ou setuagésimo	–	setenta
octogésimo	–	oitenta
nonagésimo	–	noventa
centésimo	–	cem
ducentésimo	–	duzentos
trecentésimo ou tricentésimo	–	trezentos
quadringentésimo	–	quatrocentos
quingentésimo	–	quinhentos
seiscentésimo, sexcentésimo	–	seiscentos
septingentésimo, setingentésimo	–	setecentos
octingentésimo	–	oitocentos
nongentésimo, noningentésimo	–	novecentos
milésimo	–	mil

dez milésimos	–	dez mil
cem milésimos	–	cem mil
milionésimo	–	um milhão
bilionésimo	–	um bilhão

OBSERVAÇÃO: A tradição da língua estabelece que, se o ordinal é de 2.000 em diante, o primeiro numeral usado é cardinal: 2345.ª – duas milésima trecentésima quadragésima quinta. A língua moderna, entretanto, parece preferir o primeiro numeral como ordinal, se o número é redondo: décimo milésimo aniversário.

6 – VERBO

Considerações gerais – Entende-se por verbo a unidade de significado categorial que se caracteriza por ser um molde pelo qual organiza o falar seu significado lexical.

A – ***A distinção de verbos nocionais e relacionais***

A tradicional distinção de duas subclasses em verbos *nocionais* e verbos *relacionais*, que está na base da distinção de *predicado verbal* e *predicado nominal*, tem sido posta em questionamento por notáveis linguistas modernos. Esta distinção é válida sob certo aspecto semântico, mas não no que se refere à sintaxe; o núcleo da oração é sempre o verbo, ainda que se trate de um verbo de significado léxico muito amplo e vago (costuma-se dizer "vazio", o que justifica a denominação tradicional de "cópula" – marca gramatical de identidade – e a classificação "relacional" de Said Ali). O verbo *ser* e o reduzido grupo de verbos que integram a constituição do chamado predicado nominal em nada diferem dos outros verbos: todos possuem "os morfemas de pessoa e número que com o sujeito gramatical dão fundamento à oração" [AL.1, 1994, 302]. Diz com muita justeza Benveniste que uma oração de verbo *ser* "é uma oração verbal, paralela a todas as orações verbais" [EBv.1, 169].

B – ***Categorias verbais segundo Roman Jakobson***

Para esta organização, além de ser pensado como significado verbal, o verbo se combina, entre outros, com instrumentos gramaticais (morfemas) de tempo, de modo, de pessoa, de número.

Assim, *trabalhar* e o *trabalho* são palavras que têm o mesmo significado lexical, mas diferentes moldes, diferentes significados categoriais, embora se deva ter presente que este não é o simples produto da combinação do significado lexical com o significado instrumental. Por isso, como ensina Coseriu, um lexema não é verbo *porque* se combina, por exemplo, com um morfema de tempo e pessoa, mas, ao contrário, combina-se com esses morfemas *para* ser verbo, e porque está pensado com significação verbal [ECs.7, 70].

Um estudo coerente do verbo requer o estabelecimento do sistema de *categorias verbais*, isto é, tipos ou funções da forma léxicas mediante as quais se estabelecem as oposições funcionais numa língua.

Quando se usam em português as formas:

canto – cantas – canta

vejo – vês – vê
parto – partes – parte

estabelecem-se oposições da mesma espécie que afetam o conceito de "pessoa".

Quando se usam as formas:

canto – cantamos,

estamos diante de uma mesma pessoa ("primeira pessoa") e a oposição afeta outro conceito, o de "número".

E quando se usam as formas:

canto – cante

temos a mesma pessoa e o mesmo número, mas não a mesma categoria de "modo".

As oposições podem ser *simples*, como as dos exemplos até aqui, isto é, quando, em cada caso, só ocorre uma só categoria, um só critério de diferença de conteúdo, ou *complexas*, como:

canto – canteis

em que a diferenciação de conteúdo se dá em três categorias: "pessoa" (1.ª e 2.ª), "número" (singular e plural) e "modo" (indicativo e subjuntivo).

No verbo português, há categorias que sempre estão ligadas: não se separa a "pessoa" do "número" nem o "tempo" do "modo"; isto ocorre em grande parte, senão totalmente, com o "tempo" e o "aspecto", como veremos depois.

O linguista Roman Jakobson elaborou um sistema geral das categorias verbais que é considerado o mais coerente e claro até agora apresentado. Será aqui tomado em consideração, ainda que nem sempre se mostre adequado para a análise do sistema verbal românico, em especial para o português que, para Coseriu, é o mais rico e complexo em comparação com as línguas da mesma família.

Tomando em consideração os atos de fala relacionados com as funções verbais, distingue Jakobson:

a) o ato de fala em si mesmo (F)

b) o conteúdo do ato de fala, isto é, o comunicado (C)

c) o acontecimento, isto é, tanto o ato de fala quanto o comunicado (A)

d) os participantes neste acontecimento (P)

Desta relação se extraem quatro conceitos fundamentais:

a) um acontecimento comunicado (AC)

b) o próprio acontecimento do falar (AF)

c) os participantes no acontecimento comunicado (PC)

d) os participantes no acontecimento da fala (PF)

As categorias verbais podem afetar um só dos elementos b) e c) ou referir-se a mais de um elemento; no primeiro caso dizem-se *caracterizadores* ("*designadores*" na nomenclatura de Jakobson), e no segundo *determinantes de relação* ("*conectores*", para Jakobson).

Assim, a categoria de número é caracterizadora, porque afeta exclusivamente o número de participantes no acontecimento comunicado; já o passivo é determinante de uma relação, porque enquadra uma relação entre o acontecimento comunicado e os participantes: *sou*

escutado encerra a relação entre minha pessoa e o acontecimento de *escutar*.

Por outro lado, as categorias caracterizadoras podem sê-lo por *qualificação* ou por *quantificação* dos elementos; a de gênero é *qualificadora*, e a de número, *quantificadora*.

Vistas por outro prisma, as categorias podem estar *determinadas linguisticamente* ou ser *determinadas pelo discurso*. Assim, o plural, que é uma categoria determinada pela língua, pode ser definido sem nenhuma relação com um ato momentâneo da fala, enquanto não podemos definir do mesmo modo o "eu", porque "eu" é sempre a pessoa que fala, uma categoria "definida pelo discurso".

Com base nestas informações, podemos aproveitar o seguinte quadro sinótico das categorias gerais do sistema verbal, apresentado por Coseriu:

		Que afetam os participantes		Que não afetam os participantes	
		caracte-rizadora	determinante de relação	caracte-rizadora	determinante de relação
deter-minadas linguis-ticamente	qualificadora	GÊNERO		ESTADO	
	quantificadora	NÚMERO		ASPECTO	
			VOZ		TAXIS
deter-minadas pelo discurso		PESSOA		TEMPO	
			MODO		EVIDÊNCIA

Explicação das categorias verbais

Gênero (PC) – Refere-se aos participantes no acontecimento comunicado e daí adquire capacidade qualificadora. Em geral, não necessita marca especial. No português, aparece apenas na voz passiva (*o livro foi escrito* / *a novela foi escrita*). Já no latim, é um morfema típico do particípio; também se manifestava em construções com objeto direto no português até entre os séculos XVII e XVIII, quando desapareceu definitivamente ("[Inês de Castro] *tem pisada a areia ardente*, Camões). Vigora ainda hoje no francês e no italiano (*je l'ai écrite* [*la lettre*], *l'ho scritta*).

Número (PC) – Refere-se aos participantes no acontecimento comunicado e daí adquire capacidade quantificadora. No português e demais línguas românicas, está sempre ligada à pessoa no verbo flexionado ou finito e, em parte, também na forma verbal infinita (port. *o dizê-lo eu*, esp. *el decirlo yo* – "o fato de que eu o diga"). Aparece sem pessoa apenas em uma forma infinita, novamente o particípio (*visto – vistos*).

Pessoa (PC/PF) – Determina a relação dos participantes no acontecimento comunicado com os participantes no ato de fala. Primeira pessoa: coincidência do participante no acontecimento comunicado (PC) com o falante (só em parte também, quando se trata do

plural); segunda pessoa: coincidência PC com o ouvinte; terceira pessoa: PC não coincide com nenhuma das duas pessoas.

Estado (AC) – Afeta a qualidade lógica do sucesso comunicado (*afirmativo*, *negativo*, *interrogativo*, *negativo-interrogativo*). No português e demais línguas românicas, o estado é mais uma qualidade da oração; mas, às vezes, exige também uma forma verbal especial no âmbito da sintaxe (inversão), ou também no âmbito da morfologia (imperativo – imperativo negado: *canta*/*não cantar*, *canta*/*não cantes*; gerúndio – gerúndio negado; particípio – particípio negado).

Aspecto (AC) – Segundo Jakobson, assinala a ação levada até o fim, isto é, como conclusa (perfeita) ou inconclusa (imperfeita). Certas espécies de ação, como *durativa*, *incoativa* (*ingressiva*), *terminativa*, *iterativa*, etc., são apenas subdivisões desta categoria.

Tempo ou **nível temporal** (AC/AF) – Assinala a relação temporal do acontecimento comunicado com o momento do ato de fala; o presente encerra este momento, o passado é anterior, e o futuro ocorrerá depois deste momento:

Voz ou **diátese** (PC/AC) – Determina a relação entre o acontecimento comunicado e seus participantes. O primeiro participante lógico, o sujeito, pode ser agente do acontecimento (*voz ativa*) ou objeto do acontecer (*voz passiva*), ou agente e objeto ao mesmo tempo (*voz média*, incluído o *reflexivo*):

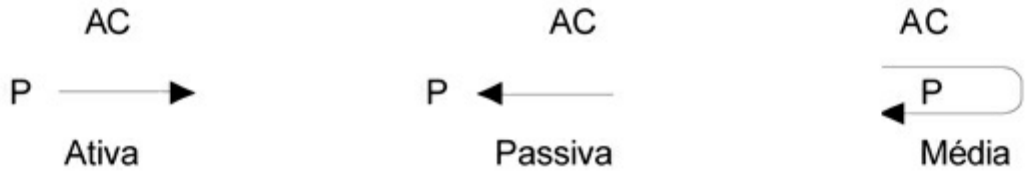

Modo (PC/AC/PF) – Assinala a posição do falante com respeito à relação entre a ação verbal e seu agente ou fim, isto é, o que o falante pensa dessa relação. O falante pode considerar a ação como algo feito, como verossímil – como um fato incerto –, como condicionada, como desejada pelo agente, como um ato que se exige do agente, etc., e assim se originam os modos: indicativo, subjuntivo, condicional, optativo, imperativo.

Taxis (AC/AC) – Assinala a posição de um acontecimento em relação com outro sem consideração do ato de fala. Nas línguas românicas é encontrada em certas construções impessoais com o gerúndio, com o infinitivo ou com o particípio (*comer cantando*, *comer depois de ter cantado*, etc.). Não se trata aqui de níveis temporais, mas de simples série de ações, já que o infinitivo não encerra relação com o ato de fala.

Evidência (AC/ACF/AF) – Assinala que o falante se refere a outro ato de fala – a uma informação indireta – por meio do qual ele experimenta o acontecimento como não vivido por ele mesmo (*Pedro deve ter falado com João*). No português e demais línguas românicas, é muito empregado nestes casos o *modus conditionalis* (*teria partido* = eu não o asseguro, ouvi de outra pessoa) e às vezes o futuro (*serão duas horas*).

C – ***Tempo e aspecto segundo Eugenio Coseriu***

Como assinalamos atrás, as categorias de "tempo" e "aspecto" costumam andar geralmente ligadas no português e nas demais línguas românicas, quer se trate de formas simples, quer de formas perifrásticas, também chamadas locuções verbais. A pura definição temporal e o *tempo* aludem à posição da ação verbal no percurso; a determinação aspectual alude à maneira de considerar a ação verbal no tempo. Coseriu apresenta uma clara e coerente proposta para a interpretação do verbo românico em relação com as categorias de tempo e aspecto com fundamento no sistema das subcategorias verbais.

Para tanto, distingue as seguintes subcategorias:

1) *Nível de tempo* ou simplesmente *nível* – Há uma estrutura temporal dupla no verbo românico: um plano que coincide com a linha do tempo mediante o presente (nível *atual*) e outra paralela onde se situam as ações que não dizem respeito com essa linha do tempo e que representam outra ação (nível *inatual*). O centro do nível atual é o *presente* e do nível inatual é o *imperfeito*:

Presente	nível atual
Imperfeito	nível inatual

Vale lembrar que nem sempre, como geralmente se supõe, o inatual com relação ao presente é interpretado como pertencente ao passado, ou que o imperfeito se enquadra como algo inseguro, condicionado, como algo distante da ação atual, como nas expressões de polidez e em orações principais presas a condicionais:

Eu queria pedir-lhe um favor.
Se soubesse, te dava a resposta.

2) *Perspectiva primária* – Enquadra a posição do falante em relação com a ação verbal. O falante pode ter a ação verbal como "paralela" a si mesmo, antes deste ponto ou depois dele. Por isso, a perspectiva primária pode ser *paralela*, *retrospectiva* ou *prospectiva*, segundo os *espaços de tempo*:

	Passado retrospectiva	Presente paralela	Futuro prospectiva
atual	*fiz*	*faço*	*farei*
inatual	*fizera*	*fazia*	*faria*

Esta estrutura está confirmada pelas possíveis neutralizações: *faço* pode substituir as formas *fiz* e *farei*; *fazia*, as formas *fizera* e *faria*.

De uma só vez a perspectiva primária define dois aspectos que emergem suplementarmente como função anexa da perspectiva:

a) na paralela tem-se uma ação em curso: *cursiva*.

b) na não paralela (retrospectiva ou prospectiva), uma ação como um todo, fora de curso: *complexiva*.

Daí se conclui que o presente e o imperfeito são cursivos e que as outras formas são complexivas.

Como o curso admite certa duração, os verbos pontuais (isto é, aqueles que se caracterizam pela ausência da duração no desenvolvimento do processo) como *encontrar*, *chegar*, etc.), aparecem no presente como formas de neutralização do passado ou do futuro ou, então, significam uma ação repetida (*eu encontro*, *ele chega amanhã*).

3) *Perspectiva secundária* – Consiste no fato de que cada espaço temporal delimitado pela perspectiva primária pode ser disposto outra vez segundo o mesmo princípio:

Presente:

tenho feito	FAÇO	*vou fazer*
tinha feito	FAZIA	*ia fazer*

Passado:

tive feito	FIZ	*fui fazer*
tivera feito	FIZERA	*fora fazer*

Futuro:

terei feito	FAREI	*irei fazer*
teria feito	FARIA	*iria fazer*

4) *Duração* – Esta categoria afeta o lapso em que se dá a ação verbal. A ação pode ser *durativa*, *momentânea* ou *intermitente* (mistura de ambas, isto é, uma ação formada por atos breves):

———	•	- - - - - - - - -
durativa	pontual	iterativa
olhar	*chegar*	*saltitar* (*dar saltos*)

Em português e nas demais línguas românicas, não tem esta categoria uma forma de expressão própria; está determinada lexicalmente ou aparece como categoria anexa à perspectiva.

5) *Repetição* – Impõe-se distinguir a categoria da repetição da de duração: a ação pode ser única (semelfáctiva ÷) ou ação repetida (frequentativa ÷ ÷ ÷ ÷ ...): singular ou repetição indeterminada. É em português uma categoria sem forma de expressão própria. Só a repetição única (÷ ÷) dispõe de perífrases, como *volto a dizer*, ou procedimentos de formação de palavras, como *redizer*.

6) *Conclusão* – Uma ação pode ser considerada *conclusa*, *inconclusa* ou *sem traço de conclusão*. O português não tem neste terreno, como também suas irmãs românicas, nenhum aspecto como categoria. Todavia, noutro sentido, a conclusão pode ser *subjetiva* ou *objetiva*,

na dependência de ter o sujeito levado a ação a um final objetivo ou não. Coseriu chama *terminativa* a conclusão subjetiva, e *completiva* a objetiva.

terminativa: ——————————|
escrevi muito (subjetiva; agora não escrevo)
completiva: ——————————O
escrevi o livro (objetiva; o que devia fazer, levei-o a cabo)

No português, só a conclusão subjetiva é expressa por formas verbais; a objetiva fica assinalada pelo contexto e às vezes pode ser expressa junto à voz verbal.

7) *Resultado* – Uma ação pode ser assinalada como "com resultado" (*resultativa*) ou como "sem resultado" (*não resultativa*). O resultado pode ser *subjetivo* (se afeta o sujeito [agente] e representa uma *reação efetiva*) ou *objetivo* (se afeta o objeto e representa um produto, *produtiva*).

No português, o resultado efetivo se expressa mediante *estar* + particípio: *está escrito*; o resultado produtivo, por *ter* + particípio em concordância com o objeto, porque se aplica na perspectiva secundária [*perfeito composto*]: *tenho escritos dois livros*.

8) *Visão* – É a categoria segundo a qual o falante pode considerar a ação verbal em seu todo ou parcialmente, em fragmentos, entre dois pontos de seu curso.

Na visão parcializante, podem-se diferençar diversas possibilidades:

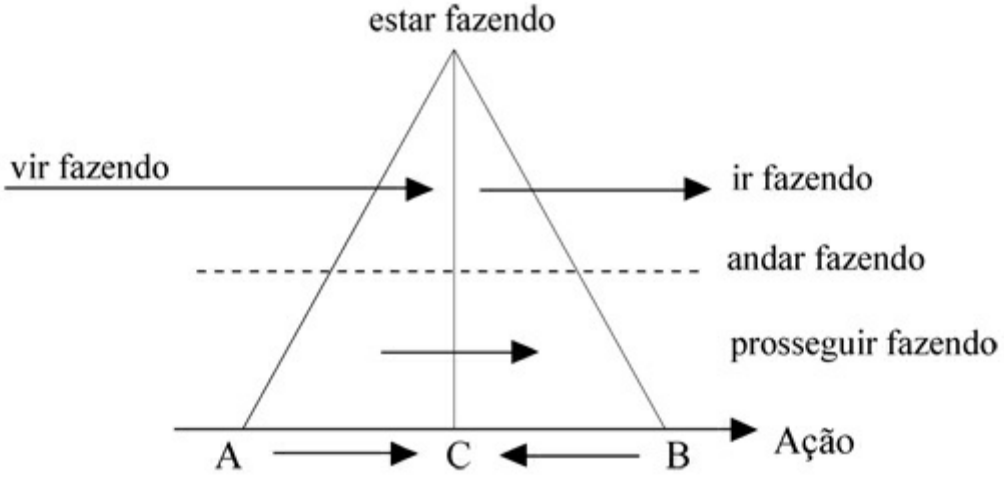

Explicitando esta *visão angular*

Pelo esquema, vê-se a ação entre dois pontos (A,B); ambos podem coincidir em um (C), isto é, podem ser pontos de começo e término de ação, o que não se expressa na forma do verbo e deve ser dito complementariamente: *estive lendo o dia todo*. Explicita-se em português com *estar* + gerúndio (*estou fazendo*) ou *estar a* + infinitivo (*estou a fazer*).

Visão comitativa – Trata-se do acompanhamento da ação verbal em diversos momentos de

seu curso entre A e B, e se expressa em português por *andar* + gerúndio (*ando fazendo*) ou *andar a* + infinitivo (*ando a fazer*).

A expressão pode ser ainda assinalada com o auxílio do adjetivo e particípio, como em *andar enfermo*, *andar desesperado*.

Visão prospectiva – Aqui se vê a ação entre o ponto C e um ponto distante, indefinido; em português há uma forma própria de expressão: *ir* + gerúndio (*vou fazendo*).

Visão retrospectiva – Aqui se vê a ação a partir do ponto indefinido anteriormente mencionado em direção ao ponto C, que coincide com o momento de observação da ação. Também aqui a ação é progressiva, e se expressa em português mediante *vir* + gerúndio (*venho fazendo*).

Visão continuativa – Trata-se de uma combinação de visão retrospectiva e prospectiva, que se expressa em português pelas perífrases: *seguir* + gerúndio (*sigo fazendo*) ou *continuar* + gerúndio (*continuo fazendo*).

Visão global – Aqui se acentua o conjunto da ação e a assinala expressamente como parcializante. A rigor, tal função poderia ser dispensada, já que pode ser desempenhada por membros neutros da oposição. Daí funcionarem as formas simples como membros neutrais:

estou lendo	*leio*
parcializante	neutral (não global parcializante)

Todavia, há expressões para acentuar o global, embora menos frequentes que as parcializantes. Estão representadas por perífrases aditivas com *tomar*, *pegar*, *agarrar*: *pego e escrevo*, *agarro e escrevo*, *tomo e escrevo*.

Para acentuar a globalidade, acompanha-se de todas as significações "enfáticas" do modo de falar, como "de fato", "com efeito", "rápido", "inesperado", "surpreendente", "decidido", "terminantemente", pois pode ocorrer a determinação expressa como "não cursiva" ou ainda como "não parcializante", como "redundante".

De forma esquemática, temos:

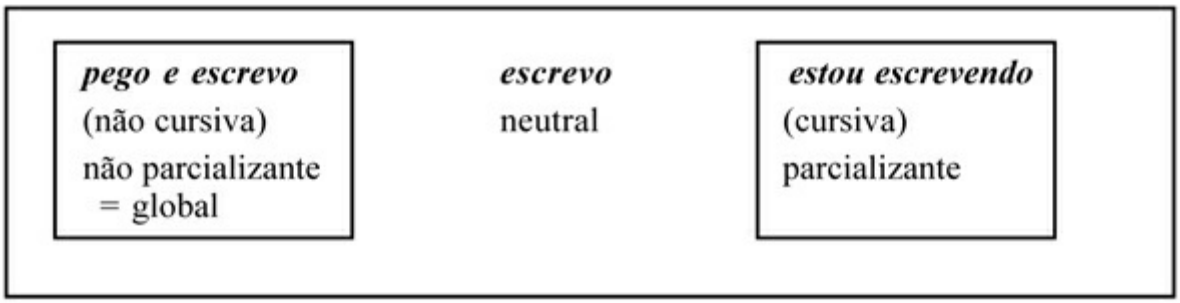

9) *Fase* – Trata-se aqui da relação entre o momento da observação e o grau de desenvolvimento da ação verbal observada.

Em princípio, podem-se distinguir as seguintes "fases":

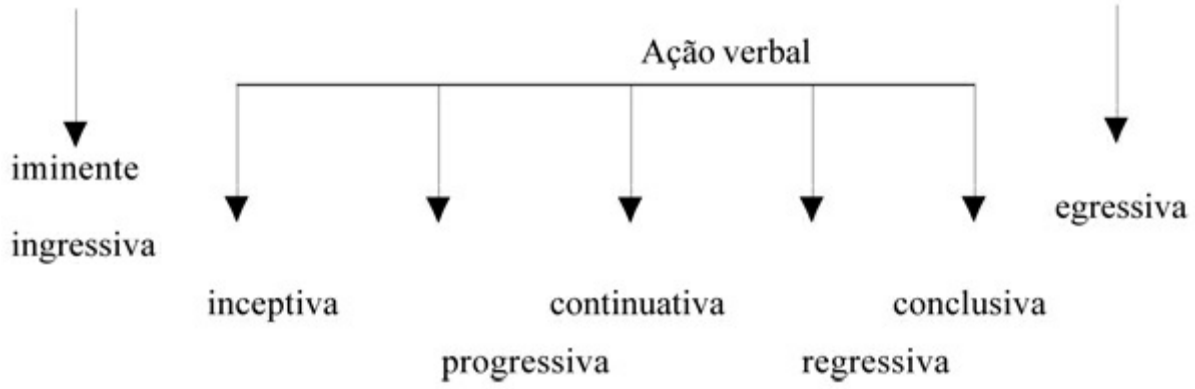

Fase iminente (*ingressiva*) – Trata-se da ação no seu começo. Indica-se com perífrases verbais, em geral, com o verbo *estar*: *estar para* (*por*) + infinitivo: *estou para* (*por*) *escrever*.

Fase inceptiva – Marca o ponto inicial da ação. Além da combinação léxica pura *começar a*, indica-se por várias perífrases verbais pondo ênfase ora na velocidade, ora no repentino da ação:

pôr-se a + infinitivo: *ponho-me a escrever*
meter-se a + infinitivo: *meto-me a escrever*
pegar a (*de*) + infinitivo: *pego a* (*de*) *escrever*
sair + gerúndio: *saio dizendo*

E também com construções aditivas: *ele agarrou e foi-se embora*.

Esta fase é a mais rica em formas e matizes.

Fase progressiva – Considera a ação em seu desenvolvimento; expressa-se mediante *ir* + gerúndio (*vou dizendo*).

Fase continuativa – Considera a ação na zona medial de seu desenvolvimento; expressa-se por *seguir* + gerúndio ou por combinações léxicas (*sigo escrevendo*, *continuo a*) ou conjuntamente com a visão (*estou dizendo*).

Fase regressiva e conclusiva – Considera a ação no seu término ou em sua fase final. Expressa-se exclusivamente com perífrases verbais, sem nenhum procedimento gramatical especial: *terminar de* + infinitivo (*termino de escrever*).

Fase egressiva – Considera a ação após seu término; expressa-se por *acabar de* + infinitivo (*acabo de escrever*).

Sincretismo: visão e fase – Pode ocorrer sincretismo de "visão" e "fase" na fase progressiva, quando o progressivo aparece como determinação secundária da visão: correlaciona-se com a visão comitativa, o que vale dizer dinâmica (*ando fazendo*), um progressivo retrospectivo (*venho fazendo* – de algum tempo até agora), um progressivo prospectivo (*vou fazendo* – desde agora para o futuro), e um progressivo tanto retrospectivo quanto prospectivo, isto é, uma continuativa (*sigo fazendo*).

Conclusão

Concluindo, para Coseriu são as seguintes as subcategorias que devem ser consideradas no exame do tempo e do aspecto do sistema verbal português e românico, levando-se ainda em conta que, entre estas categorias, há diferenças formais que aparecem em oposições funcionais:

• o nível temporal

• a perspectiva primária e secundária

• a visão

• a fase

• o resultado (parcial)

Em relação com outras categorias de sentido conexo, aparecem:

• a duração

• a repetição

• a conclusão (que não são mais do que significações laterais de perspectiva, da visão ou da fase, além de poderem ser constantes, como no caso da conclusão na perspectiva secundária).

Destas categorias, o *nível do tempo* e a *perspectiva primária* devem ser expressas e não podem faltar em cada forma verbal portuguesa. Já as outras categorias podem faltar ou não serem expressas; ficam, assim, "indeterminadas", "neutrais" as formas verbais em relação a essas categorias, ou podem juntar-se até duas. É o que ocorre com *estive fazendo*, que expressa, além do nível do tempo e da perspectiva primária, também a visão. *Tenho estado fazendo* expressa nível temporal, perspectiva primária, perspectiva secundária e visão. Já *tenho estado vindo fazendo*, *tinha-se estado pondo a fazer*, embora teoricamente possíveis, não são correntes. A última forma expressaria formalmente cinco categorias: nível temporal (inatual), perspectiva primária paralela (por causa da forma *tinha*), perspectiva secundária retrospectiva (por causa de *ter* + particípio), visão parcial (por *estar* + gerúndio) e fase inceptiva (por *pôr-se a* + infinitivo).

Exemplo para a descrição funcional – Para a descrição funcional de uma forma verbal

que leve em conta sua posição no sistema a que pertence, temos de enquadrá-la em todas estas categorias. Assim, em relação à forma do português ***fiz*** poderíamos dizer dela:

1) *Nível de tempo*: atual
2) *Perspectiva*: primária, retrospectiva, aspecto complexivo
3) *Visão*: global (neutral)
4) *Fase*: neutral
5) *Resultado*: não resultativa (neutral)
6) *Conclusão*: indefinida

Já de ***tinha estado fazendo***:

1) *Nível de tempo*: inatual
2) *Perspectiva*: primária, paralela, aspecto cursivo;
secundária, retrospectiva, aspecto complexivo
3) *Visão*: parcial
4) *Fase*: continuativa
5) *Resultado*: não resultativa
6) *Conclusão*: não terminativa

Pelo visto, pode-se concluir que o sistema verbal do português – e românico – representa um edifício de três "andares", que se ligam entre si, porque, é importante frisar, cada forma verbal que aparece inserida numa definição vale para todas as outras oposições como membro sem marca (neutral, extensivo).

Estes três "andares" apresentam:

a) no primeiro, temos um sistema fundamental que alude à configuração dos espaços de tempo: às categorias de *nível de tempo* e de *perspectiva primária*. Formalmente correspondem a este sistema fundamental as formas simples de tempo.

b) no segundo, um sistema secundário que alude à determinação do ponto temporal dentro dos espaços de tempo: à categoria da *perspectiva secundária*. A este sistema correspondem formalmente as formas perifrásticas de *ter* (*haver*) + particípio e verbo auxiliar (de preferência com *ir*) + infinitivo.

c) no terceiro, um sistema terciário que alude à definição de valores aspectivos especiais para cada ponto de tempo: às categorias de *visão*, *fase* e, em parte, *resultado*. Formalmente, este sistema coincide com outras diversas locuções verbais.

Cantaremos é uma forma verbal, porque exprime uma ação ou processo (a de cantar), exercida (referência à voz) pela 1.ª pessoa (referência à pessoa) do plural (referência ao número), do presente (referência ao tempo) do indicativo (referência ao modo).

As pessoas do verbo – Geralmente as formas verbais indicam as três pessoas do discurso, para o singular e o plural:

1.ª pessoa do singular: *eu canto*

2.ª pessoa do singular: *tu cantas*
3.ª pessoa do singular: *ele canta*
1.ª pessoa do plural: *nós cantamos*
2.ª pessoa do plural: *vós cantais*
3.ª pessoa do plural: *eles cantam*

Os tempos do verbo – São:

a) PRESENTE – em referência a fatos que se passam ou se estendem ao momento em que falamos: *eu canto*;

b) PRETÉRITO – em referência a fatos anteriores ao momento em que falamos e subdividido em *imperfeito*, *perfeito* e *mais-que-perfeito*:
cantava (imperfeito), *cantei* (perfeito) e *cantara* (mais-que-perfeito);

c) FUTURO – em referência a fatos ainda não realizados e subdividido em *futuro do presente* e *futuro do pretérito*:
cantarei (futuro do presente), *cantaria* (futuro do pretérito),
que implica também a modalidade condicional (cf. abaixo).

Os modos do verbo – São, conforme a posição do falante em face da relação entre a ação verbal e seu agente:

a) INDICATIVO – em referência a fatos como verossímeis ou tidos como tais: *canto*, *cantei*, *cantava*, *cantarei*

b) SUBJUNTIVO (CONJUNTIVO) – em referência a fatos incertos: talvez *cante*, se *cantasse*

c) CONDICIONAL – em referência a fatos dependentes de certa condição: *cantaria*

d) OPTATIVO – em relação a ação como desejada pelo agente:
E viva eu cá na terra sempre triste.

e) IMPERATIVO – em relação a um ato que se exige do agente:
cantai

As vozes do verbo – São:

a) ATIVA: forma em que o verbo se apresenta para normalmente indicar que a pessoa a que se refere é o *agente* da ação. A pessoa diz-se, neste caso, *agente* da ação verbal:

Eu *escrevo* a carta,
Tu *visitaste* o primo,
Nós *plantaremos* a árvore.

b) PASSIVA: forma verbal que indica que a pessoa é o *objeto* da ação verbal. A pessoa, neste caso, diz-se *paciente* da ação verbal:

A carta *é escrita* por mim,
O primo *foi visitado* por ti,
A árvore *será plantada* por nós.

A passiva é formada com um dos verbos *ser*, *estar*, *ficar* seguido de *particípio*.

Voz passiva e passividade – É preciso não confundir voz passiva e passividade. *Voz* é a forma especial em que se apresenta o verbo para indicar que a pessoa recebe a ação:

Ele *foi visitado* pelos amigos.

Alugam-se bicicletas.

Passividade é o fato de a pessoa receber a ação verbal. A passividade pode traduzir-se, além da voz passiva, pela ativa, se o verbo tiver sentido passivo:

Os criminosos recebem o merecido castigo.

Portanto, nem sempre a passividade corresponde à voz passiva56.

c) REFLEXIVA: forma verbal que indica que a ação verbal não passa a outro ser (negação da transitividade), podendo reverter-se ao próprio agente (sentido reflexivo propriamente dito), atuar reciprocamente entre mais de um agente (reflexivo recíproco), sentido de "passividade com se" e sentido de impessoalidade, conforme as interpretações favorecidas pelo contexto, formada de verbo seguido do pronome oblíquo de pessoa igual à que o verbo se refere:

eu *me visto*, tu *te feriste*, ele *se enfeita*.

O verbo empregado na forma reflexiva propriamente dita diz-se *pronominal*.

A voz passiva difere da reflexiva de sentido passivo em dois aspectos:

1) pode apresentar o verbo em qualquer pessoa, enquanto a reflexiva só se constrói na 3.ª pessoa com o pronome *se* (conhecido também pela denominação de "apassivador"):

Eu *fui visitado* pelos meus parentes.

Nós *fomos visitados* pelos parentes.

2) pode seguir-se de uma expressão que denota o agente da passiva, enquanto a reflexiva, no português contemporâneo, dispensa:

Eu *fui visitado* pelos parentes.

Aluga-*se* a casa (não se diz: aluga-se a casa pelo proprietário)

Todavia, há casos em que se explicita o agente, como no seguinte exemplo de Drummond:

Não sei se devemos exaltar Pelé por haver conseguido tanto, ou se nosso louvor deve antes ser dirigido ao gol em si, *que se deixou fazer por Pelé*, recusando-se a tantos outros [CDa.1, 130].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Em construções do tipo *batizei-me*, *chamas-te José*, há professores que veem passiva pronominal com pronomes oblíquos de 1.ª e 2.ª pessoas. Outros, porém, não pensam assim, e interpretam o fato como um emprego da voz reflexiva, indicando "uma atitude de aceitação consciente do nome dado ou do batismo recebido" [MC.4, 36].

2.ª) Em geral, o pronome átono que acompanha a voz reflexiva propriamente dita funciona como objeto direto, embora raras vezes possa exercer a função de indireto.

3.ª) Com verbos como *atrever-se*, *indignar-se*, *queixar-se*, *ufanar-se*, *admirar-se*, não se percebe mais a ação rigorosamente reflexa, mas a indicação de que a pessoa a que o verbo se refere está vivamente afetada. Com os verbos de movimento ou atitudes da pessoa "em relação ao seu próprio corpo" como *ir-se*, *partir-se*, e outros como *servir-se*, onde o pronome oblíquo empresta maior expressividade à oração, também não se expressa a ação reflexa. Alguns gramáticos chamam ao pronome oblíquo, nestas últimas circunstâncias, *pronome de realce*.

4.ª) Muitos verbos normalmente não pronominais se acompanham de pronome átono para exprimirem aspectos estilísticos, como a mudança lenta do estado ou de processo lento:

agonizar-se, *delirar-se*, *desmaiar-se*, *estalar-se, envelhecer-se*, *palpitar-se*, *peregrinar-se*, *repousar-se*, *tresnoitar-se*. [APa.1, 54-57]

5.ª) Inversamente, elimina-se o pronome de muitos verbos que o exigem na língua padrão:

aquecer, *chamar* (ter nome), *mudar* (transferir-se), *gripar*, *machucar*, *formar* (*Eu formei em Medicina*), *classificar* (*Ele classificou em 3.º lugar*), etc. (Obs.).

Formas nominais do verbo – Assim se chamam o *infinitivo*, o *particípio* e o *gerúndio*, porque, ao lado do seu valor verbal, podem desempenhar função de nomes. O infinitivo pode ter função de substantivo (*recordar é viver* = a recordação é vida); o particípio pode valer por um adjetivo (*homem sabido*), e o gerúndio por um advérbio ou adjetivo (*amanhecendo*, *sairemos* = logo pela manhã sairemos; *água fervendo* = água fervente). Nesta função adjetiva, o gerúndio tem sido apontado como galicismo; porém, é antigo na língua este emprego, quando ocupou o lugar vago deixado pelo particípio presente, que desapareceu do quadro verbal português para ingressar no quadro nominal.

As formas nominais do verbo, com exceção do infinitivo, não definem as pessoas do discurso e, por isso, são ainda conhecidas por *formas infinitas*. Possuem, quando possíveis, desinências nominais idênticas às que caracterizam a flexão dos nomes (gênero e número):

O infinitivo português, ao lado da forma infinita, isto é, sem manifestação explícita das pessoas do discurso, possui outra flexionada:

Infinito sem flexão	*Infinito flexionado*
Cantar	Cantar eu
	Cantares tu
	Cantar ele
	Cantarmos nós
	Cantardes vós
	Cantarem eles

As formas nominais do verbo se derivam do tema (radical + vogal temática) acrescido das desinências:

a) -*r*: para o infinitivo: canta-*r*, vende-*r*, parti-*r*

b) -*do* (ou -*to*, -*so*) para o particípio: canta-*do*, vendi-*do*, parti-*do*, acei-*to,* revol-*to*

c) -*ndo*: para o gerúndio: canta-*ndo*, vende-*ndo*, parti-*ndo*

OBSERVAÇÃO: O verbo *vir* (e derivados) forma também o seu particípio com a desinência -*do*; mas, pelo desaparecimento da vogal temática *i*, apresenta-se igual ao gerúndio: *vindo* (por vin-i-*do*) e *vindo* (vi-*ndo*).

Conjugar um verbo – É dizê-lo, de acordo com um sistema determinado, um paradigma, em todas as suas formas nas diversas pessoas, números, tempos, modos e vozes.

Em português temos três conjugações caracterizadas pela vogal temática:

1.ª conjugação – vogal temática ***a***: am***a***r, fal***a***r, tir***a***r.

2.ª conjugação – vogal temática ***e***: tem***e***r, vend***e***r, varr***e***r.

3.ª conjugação – vogal temática ***i***: part***i***r, fer***i***r, serv***i***r.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Não existe a 4.ª conjugação; *pôr* é um verbo da 2.ª conjugação cuja vogal temática desapareceu no infinitivo, mas permanece em outras formas do verbo. Veja-se a correspondência: *vend-e-s / põ-e-s*.

2.ª) Na história da língua, verbos há que mudaram de conjugação, mas deixaram vestígios em outras formas não verbais: *cair* (antigo *caer)*, com vestígio no adjetivo *cadente* (e não *cadinte*, como *ouvinte*). Alencar usa *rangir* por *ranger*, e hoje *viger* (cf. *vigente*) tem o concorrente *vigir* que, apesar de muito usado, não é aceito na norma exemplar: *A lei deve vigir* (por

viger).

Verbos regulares, irregulares e anômalos – Diz-se que um verbo é regular quando se apresenta de acordo com o modelo de sua conjugação: *cantar*, *vender*, *partir*. No verbo regular também o radical não varia. Tem-se o radical de um verbo privando-o, no infinito sem flexão, das terminações *-ar*, *-er*, *-ir*:

am-ar, fal-ar, tir-ar, tem-er, vend-er, varr-er, part-ir, fer-ir, serv-ir.

Irregular é o verbo que, em algumas formas, apresenta modificação no radical ou na flexão, afastando-se do modelo da conjugação a que pertence:

a) variação no radical em comparação com o infinitivo:

ouvir – ouço; *dizer* – digo; *perder* – perco;

b) variação na flexão, em relação ao modelo: *est**ou*** (veja-se *cant**o***), *est**ás*** (veja-se *cant**as***, um tônico e outro átono).

Os irregulares se dividem em *fracos* e *fortes*. Fracos são aqueles cujo radical do infinitivo não se modifica no pretérito: *sentir-senti*; *perder-perdi*.

Fortes são aqueles cujo radical do infinitivo se modifica no pretérito perfeito: *caber – coube*; *fazer – fiz*.

Os irregulares fracos apresentam formas iguais no infinitivo flexionado e futuro do subjuntivo:

Infinitivo	*Futuro do Subjuntivo*
Sentir	Sentir
Sentires	Sentires
Sentir	Sentir
Sentirmos	Sentirmos
Sentirdes	Sentirdes
Sentirem	Sentirem

Os irregulares fortes não apresentam identidade de formas entre o infinitivo flexionado e o futuro do subjuntivo:

Infinitivo flexionado	*Futuro do Subjuntivo*
Caber	Couber
Caberes	Couberes
Caber, etc.	Couber, etc.

OBSERVAÇÃO: Não entram no rol dos verbos irregulares aqueles que, para conservar a pronúncia, têm de sofrer variação de grafia:

carre***g***ar – carre***gu***e – carre***gu***ei – carre***gu***es

fi***c***ar – fi***c***o – fi***qu***ei – fi***que***

Não há portanto os *irregulares gráficos*.

Anômalo é o verbo irregular que apresenta, na sua conjugação, radicais primários diferentes: *ser* (reúne o concurso de dois radicais, os verbos latinos *sedēre* e *ĕsse*) e *ir* (reúne o concurso de três radicais, os verbos latinos *ire*, *vadēre* e *ĕsse*).

Outros autores consideram anômalo o verbo cujo radical sofre alterações que o não podem enquadrar em classificação alguma: *dar*, *estar*, *ter*, *haver*, *ser*, *poder*, *ir*, *vir*, *ver*, *caber*, *dizer*, *saber*, *pôr*, etc.

Verbos defectivos e abundantes – DEFECTIVO é o verbo que, na sua conjugação, não apresenta todas as formas: *colorir*, *precaver-se*, *reaver*, etc. É preciso não confundi-lo com os verbos chamados impessoais e unipessoais, que, como veremos, só se usam nas terceiras pessoas.

A defectividade verbal é devida a várias razões, entre as quais a eufonia e a significação. Entretanto, a defectividade de certos verbos não se assenta em bases morfológicas, mas em razões do uso e da norma vigentes em certos momentos da história da língua. Daí certa disparidade que por vezes se encontra na relação das gramáticas. Se a tradição da língua dispensa, por dissonante, a 1.ª pessoa do singular do verbo *colorir* (*coloro*), não se mostra igualmente exigente com a 1.ª pessoa do singular do verbo *colorar*. Por outro lado, o critério de eufonia pode variar com o tempo e com o gosto dos escritores; daí aparecer de vez em quando uma forma verbal que a gramática diz não ser usada. É na 3.ª conj. que se encontra a maioria dos verbos defectivos.

Quase sempre faltam as formas rizotônicas dos verbos defectivos. Suprimos, *quando necessário*, as lacunas de um defectivo empregando um sinônimo (derivado ou não do defectivo): Eu *recupero* (para *reaver*); eu *redimo* (para *remir*).

Há os seguintes grupos de verbos defectivos, em português:

a) os que não se conjugam nas pessoas em que depois do radical aparecem *a* ou *o*:

banir, *brandir*, *carpir*, *colorir*, *delir*, *explodir*, *fremer* (ou *fremir*), *haurir*, *ruir*, *exaurir*, *abolir*, *demolir*, *puir*, *delinquir*, *fulgir*, *feder*, *aturdir*, *bramir*, *jungir*, *esculpir*, *extorquir*, *impingir*, *puir*, *retorquir*, *soer*, *espargir*.

Tais verbos também não se empregam no pres. do subjuntivo, imperativo negativo, e no imperativo afirmativo só apresentam as segundas pessoas do singular e plural.

b) os que se usam unicamente nas formas em que depois do radical vem *i*:

adir, *aguerrir*, *emolir*, *empedernir*, *esbaforir*, *espavorir*, *exinanir*, *falir*, *fornir*, *remir*, *ressequir*, *revelir*, *vagir*, *florir*, *renhir*, *garrir*, *inanir*, *ressarcir*, *transir*, *combalir*.[57]

c) oferecem particularidades especiais:

1 – *precaver*(*-se*) e *reaver*. No pres. ind. só têm as duas primeiras pessoas do plural: *precavemos*, *precaveis*; *reavemos*, *reaveis*.

Imperativo: *precavei*, *reavei*.

Faltam-lhes o imperat. neg. e pres. do subj. No restante, conjugam-se normalmente.

2 – *adequar*, *antiquar*: cabem-lhes as mesmas observações feitas ao grupo anterior.

3 – *grassar* e *rever* (= destilar): só se usam nas terceiras pessoas.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Muitos verbos apontados outrora como defectivos são hoje conjugados integralmente: *agir*, *advir*, *compelir*, *desmedir-se*,

discernir, *embair*, *emergir*, *imergir*, *fruir*, *polir*, *prazer*, *submergir*. *Ressarcir* (cf. b) e *refulgir* (que alguns gramáticos só mandam conjugar nas formas em que o radical é seguido de *e* ou *i*) tendem a ser empregados como verbos completos.

2.ª) Os verbos que designam vozes de animais geralmente só aparecem nas terceiras pess. do sing. e pl., em virtude de sua significação, e são indevidamente arrolados como defectivos. Melhor chamá-los, quando no seu significado próprio, *unipessoais*.

3.ª) Também são indevidamente considerados defectivos os verbos *impessoais* (pois não se referem a sujeito), que só são empregados na terceira pess. sing.: *Chove* muito. *Relampeja*. Quando em sentido figurado, os verbos desta observação, como os da anterior, conjugam-se em quaisquer pessoas: *Chovam as bênçãos do céu*.

ABUNDANTE é o verbo que apresenta duas ou três formas de igual valor e função: *havemos* e *hemos*; *constrói* e *construi*; *pagado* e *pago*; *nascido*, *nato*, *nado* (pouco usado).

Normalmente esta abundância de forma ocorre no particípio.

Os principais verbos que gozam deste privilégio, no português moderno, são:

a) *comprazer* e *descomprazer*:

Pret. perf. ind.: comprazi, comprazeste, comprazeu, etc. ou comprouve, comprouveste, comprouve, etc.

M.-q-perf. ind.: comprazera, comprazeras, comprazera, etc. ou comprouvera, comprouveras, comprouvera, etc.

Imperf. subj.: comprazesse, comprazesses, comprazesse, etc. ou comprouvesse, comprouvesses, comprouvesse, etc.

Fut. subj.: comprazer, comprazeres, comprazer, etc. ou comprouver, comprouveres, comprouver, etc.

b) *construir* e seu grupo:

Pres. ind.: construo, construis (ou constróis), construi (ou constrói), construímos, construís, construem (ou constroem).

Imper. afirm.: construi tu (ou constrói tu).

Assim se conjugam *desconstruir*, *destruir*, *estruir*, *reconstruir*.

c) *entupir* e *desentupir*:

Pres. ind.: entupo, entupes (ou entopes), entupe (ou entope), entupimos, entupis, entupem (ou entopem).

Imper. afirm.: entupe (ou entope), entupi.

OBSERVAÇÃO: O *o* das formas abundantes é de timbre aberto.

d) *haver*:

Pres. ind.: hei, hás, há, havemos (ou hemos), haveis (ou heis), hão.

Imper. afirm.: há, havei.

e) *ir*:

Pres. ind.: vou, vais, vai, vamos (ou imos), ides (is é forma antiga), vão.

f) *querer* e *requerer*:

Pres. ind.: quero, queres, quer (ou quere), queremos, quereis, querem.

requeiro, requeres, requer (ou requere), requeremos, requereis, requerem.

Quere e *requere* são formas que só têm curso em Portugal; *quere* é criação recente (séc. XIX-XX, sem adoção geral) e *requere* é forma já antiga na língua, sendo *requer* de data recente.

g) *valer*:

Pres. ind.: valho, vales, vale (ou val), valemos, valeis, valem.

Val é forma antiga e ainda hoje corrente, máxime em Portugal.

h) imperativo dos verbos em *-zer*, *-zir*.

Podem perder o *-e* na 2.ª pess. sing.: faze tu (ou faz); traduze tu (ou traduz). São frequentíssimos os exemplos literários com os verbos *dizer*, *fazer*, *trazer* e *traduzir*.

i) particípio de numerosos verbos.

Existe grande número de verbos que admitem dois (e uns poucos até três) particípios: um *regular*, terminado em *-ado* (1.ª conjugação) ou *-ido* (2.ª e 3.ª conjugações), e outro *irregular*, proveniente do latim ou de nome que passou a ter aplicação como verbo, terminado em *-to*, *-so* ou criado por analogia com modelo preexistente. Eis uma relação dessas formas duplas de particípio, indicando-se entre parênteses se ocorrem com a voz ativa ou passiva, ou com ambas:

Infinitivo	*Particípio regular*	*Particípio irregular*
aceitar	aceitado (a., p.)	aceito (p.), aceite (p.)
assentar	assentado (a., p.)	assento (p.), assente (p.)
entregar	entregado (a., p.)	entregue (p.)
enxugar	enxugado (a., p.)	enxuto (p.)
expressar	expressado (a., p.)	expresso (p.)
expulsar	expulsado (a., p.)	expulso (p.)
fartar	fartado (a., p.)	farto (p.)
findar	findado (a., p.)	findo (p.)
ganhar	ganhado (a., p.)	ganho (a., p.)
gastar	gastado (a.)	gasto (a., p.)
isentar	isentado (a.)	isento (p.)
juntar	juntado (a., p.)	junto (a., p.)
limpar	limpado (a., p.)	limpo (a., p.)
matar	matado (a.)	morto (a., p.)
pagar	pagado (a.)	pago (a., p.)
pasmar	pasmado (a., p.)	pasmo (a.)
pegar	pegado (a., p.)	pego (é ou ê)
salvar	salvado (a., p)	salvo (a., p.)
acender	acendido (a., p.)	aceso (p.)
arrepender	arrependido (a., p.)	repeso por arrepeso (a., p.)
desenvolver	desenvolvido (a., p.)	desenvolto (a., p.)
eleger	elegido (a.)	eleito (a., p.)
envolver	envolvido (a., p.)	envolto (a., p.)
prender	prendido (a., p.)	preso (p.)
revolver	revolvido (a., p.)	revolto (a.)

suspender	suspendido (a., p.)	suspenso (p.)
desabrir	desabrido	desaberto
erigir	erigido (a., p.)	erecto (p.)
exprimir	exprimido (a., p.)	expresso (a., p.)
extinguir	extinguido (a., p.)	extinto (p.)
frigir	frigido (a.)	frito (a., p.)
imprimir	imprimido (a., p.)	impresso (a., p.)
inserir	inserido (a., p.)	inserto (a., p.)
tingir	tingido (a., p.)	tinto (p.)

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Em geral emprega-se a forma regular, que fica invariável com os auxiliares *ter* e *haver*, na voz ativa, e a forma irregular, que se flexiona em gênero e número, com os auxiliares *ser*, *estar* e *ficar*, na voz passiva.

Nós temos *aceitado* os documentos.

Os documentos têm sido *aceitos* por nós.

Há outros particípios, regulares ou irregulares, que se usam indiferentemente na voz ativa (auxiliares *ter* ou *haver*) ou passiva (auxiliares *ser, estar ficar*), conforme se assinalou entre parênteses.

2.ª) Há uns poucos particípios irregulares terminados em -*e*, em geral de introdução recente no idioma: *entregue* (o mais antigo), *aceite*, *assente*, *empregue* (em Portugal).

Locução verbal. Verbos auxiliares – Chama-se *locução verbal* a combinação das diversas formas de um verbo auxiliar com o infinitivo, gerúndio ou particípio de outro verbo que se chama *principal*: *hei de estudar*, *estou estudando*, *tenho estudado*. Muitas vezes o auxiliar empresta um matiz semântico ao verbo principal, dando origem aos chamados *aspectos do verbo*.

Entre o auxiliar e o verbo principal no infinitivo pode aparecer ou não uma preposição (*de*, *em*, *por*, *a*, *para*). Na locução verbal, é somente o auxiliar que recebe as flexões de pessoa, número, tempo e modo: *haveremos de fazer*, *estavam por sair*, *iam trabalhando*, *tinham visto*. Da arbitrariedade do uso é que depende o empregar-se em alguns casos a preposição e em outros omiti-la. Também pode ocorrer, em vários casos, a alternância da preposição (*começar a / de fazer*).

Várias são as aplicações dos verbos auxiliares da língua portuguesa:

1 – *ter*, *haver* (raramente) e *ser* (mais raramente) se combinam com o particípio do verbo principal para constituírem novos tempos, chamados *compostos*, que, unidos aos simples, formam o quadro completo da conjugação da voz ativa. Estas combinações exprimem que a ação verbal está concluída.

Temos nove formas compostas:

Indicativo

a) *pretérito perfeito composto*: tenho ou hei cantado, vendido, partido;

b) *pretérito mais-que-perfeito*: tinha ou havia cantado, vendido, partido;

c) *futuro do presente composto*: terei ou haverei cantado, vendido, partido;

d) *futuro do pretérito composto*: teria ou haveria cantado, vendido, partido;

OBSERVAÇÃO: A língua moderna pôs de lado a forma *tive cantado*, corrente no Português antigo.

Subjuntivo

a) *pretérito perfeito*: tenha ou haja cantado, vendido, partido;

b) *pretérito mais-que-perfeito*: tivesse ou houvesse cantado, vendido, partido;

c) *futuro composto*: tiver ou houver cantado, vendido, partido;

Formas nominais

a) *infinitivo composto*: ter ou haver cantado, vendido, partido;

b) *gerúndio composto*: tendo ou havendo cantado, vendido, partido.

O verbo *ser* só aparece em combinações que lembram os depoentes latinos, sobretudo com verbos que denotam movimento: "Os cavaleiros *eram partidos* caminho de Zamora" [AC.2, I, 101]. *Era chegada* a ocasião da fuga. *São passados* três meses.

2 – *ser*, *estar*, *ficar* se combinam com o particípio (variável em gênero e número) do verbo principal para constituir a voz passiva (de ação, de estado e mudança de estado): *é amado*, *está prejudicada*, *ficaram rodeados*.

3 – os auxiliares *acurativos* se combinam com o infinitivo ou gerúndio do verbo principal para determinar com mais rigor os aspectos do momento da ação verbal que não se acham bem definidos na divisão geral de tempo presente, passado e futuro:

a) início de ação: *começar a escrever, pôr-se a escrever*, etc.;

b) iminência de ação: *estar para* (*por*) *escrever*, *pegar a* (*de*) *escrever*, etc.;

c) continuidade da ação: *continua escrevendo*, *continua a escrever*, sendo a primeira forma a que é mais antiga no idioma;

d) desenvolvimento gradual da ação; duração: *estar a escrever*, *andar escrevendo*, *vir escrevendo*, *ir escrevendo*, etc.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) No Brasil prefere-se a construção com gerúndio (*estar escrevendo*), enquanto em Portugal é mais comum o infinitivo (*estar a escrever*), não sendo, entretanto, a única forma.

2.ª) Está mais de acordo com o gênio da nossa língua o uso do gerúndio com auxiliar *estar* ou infinitivo com *a* para traduzir atos que se realizam paulatinamente, em vez do uso de forma simples do verbo, como faz o francês (*Jeanne nous regarde* / Joana está-nos olhando ou *a nos olhar apud* MBa.4, 233).

e) repetição de ação: *tornar a escrever*, *costumar escrever* (repetição habitual), etc.;

f) término de ação: *acabar de escrever*, *cessar de escrever*, *deixar de escrever*, *parar de escrever*, *vir de escrever*, etc.

Vir de + infinitivo é construção antiga no idioma e valia por *voltar de* (ou *chegar*) + infinitivo: "De amor dos lusitanos encendidas/ Que *vêm de descobrir* o novo mundo" [LC.1, IX, 40]. Depois passou a significar *acabar de* + infinitivo e, porque em francês ocorre emprego semelhante, passou a ser, neste sentido, condenado como galicismo pelos gramáticos: "eu, aos doze anos, *vinha de perder* meu pai"[CBr *apud* HG.1, 462].

4 – os auxiliares *modais* se combinam com o infinitivo ou gerúndio do verbo principal para determinar com mais rigor o modo como se realiza ou se deixa de realizar a ação verbal:

a) necessidade, obrigação, dever: *haver de escrever*, *ter de escrever*, *dever escrever*,

precisar (*de*) *escrever*, etc.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Em vez de *ter* ou *haver de* + infinitivo, usa-se ainda, mais modernamente, *ter* ou *haver que* + infinitivo: *tenho que estudar*. Neste caso, *que*, como índice de complemento de natureza nominal, funciona como verdadeira preposição. Não se confunda este *que preposição* com o *que pron. relativo* em construções do tipo: *nada tinha que dizer*, *tenho muito que fazer*, etc.

2.ª) Muitas vezes no Português contemporâneo não é indiferente o sentido da expressão com preposição ou sem ela: *Deve resultar* exprime certa precisão de resultado; *deve de resultar* traduz a probabilidade do resultado.

b) possibilidade ou capacidade: *poder escrever*, etc.

c) vontade ou desejo: *querer escrever*, *desejar escrever*, *odiar escrever*, *abominar escrever*, etc.

d) tentativa ou esforço; às vezes com o sentido secundário depreendido pelo contexto, de que a tentativa acabou em decepção (*foi buscar lã e saiu tosquiado*): *buscar escrever*, *pretender escrever*, *tentar escrever*, *ousar escrever*, *atrever-se a escrever*, etc.

e) consecução: *conseguir escrever*, *lograr escrever*, etc.

f) aparência, dúvida: *parecer escrever*, etc.

g) movimento para realizar um intento futuro (próximo ou remoto): *ir escrever*, etc.

h) resultado: *vir a escrever*, *chegar a escrever*, etc.

Vir a + infinitivo de certos verbos tem quase o mesmo sentido do verbo principal empregado sozinho: *Isto vem a traduzir a mesma ideia* (= isto por fim traduz a mesma ideia). *Vir a ser* pode ainda ser sinônimo de *tornar-se*: *Ele veio a ser famoso*.

NOTA FINAL – Nem sempre a aproximação de dois ou mais verbos constitui uma locução verbal; a intenção da pessoa que fala ou escreve é que determinará a existência ou inexistência da locução. "Por exemplo, na frase: *queríamos colher rosas*, os verbos *queríamos colher* constituirão expressão verbal se pretendo dizer que queríamos colher *rosas* e não outra flor, sendo *rosas* o objeto da declaração. Se, porém, pretendo dizer que o que nós queríamos era *colher rosas* e não fazer outra cousa, o objeto da declaração é *colher rosas* e a declaração principal se contém incompletamente em *queríamos*" [JO.1, 202-203].

Auxiliares causativos e sensitivos – Assim se chamam os verbos *deixar*, *mandar*, *fazer* e sinônimos (causativos) e *ver*, *ouvir*, *olhar*, *sentir* e sinônimos (sensitivos) que, juntando-se a infinitivo ou gerúndio, não formam locução verbal, mas, muitas vezes, se comportam sintaticamente como tal, isto é, segundo as relações internas que se estabelecem dentro do grupo entre o infinitivo e os termos que o acompanham, como veremos no lugar próprio.

Elementos estruturais do verbo: desinências e sufixos verbais – Ao radical do verbo, que é o elemento que encerra o seu significado lexical, se juntam as formas mínimas chamadas *desinências* para constituir as flexões do verbo, indicadoras da *pessoa* e *número*, do *tempo* e *modo*. Segundo Mattoso, a constituição da forma verbal portuguesa é: T (R+VT) + D (DMT+DNP), em que T = tema; R = radical; VT = vogal temática; D = desinência; DMT = desinência modo-temporal e DNP = desinência número-pessoal

Chama-se *vogal temática* aquela classificadora da conjugação:

1.ª conjugação – *a*: cant-*a*-r

2.ª conjugação – *e*: vend-*e*-r

3.ª conjugação – *i*: part-*i*-r

A vogal temática presa ao radical constitui o *tema*:

canta-r , *vende*-r, *parti*-r.

Nem todas as formas verbais possuem a vogal temática, como, por exemplo, a 1.ª pessoa singular do presente do indicativo e do subjuntivo. As vogais ***e*** e ***a*** em cant-***e***, vend-***a***, part-***a*** são desinências temporais (veja abaixo). Outras vezes a vogal temática sofre variação: o ***a*** passa a ***e*** no pret.perf. do ind. da 1.ª conj. em contato com *i*, e passa a ***o*** em contato com *u*: cant-***a***-r, cant-***e***-i, cant-***o***-u; o ***e*** passa a ***i*** no pret. imperf. do ind. e particípio da 2.ª conjugação: vend-***e***-r, vend-***i***-a, vend-***i***-do. A vogal temática ***i*** da 3.ª conjugação passa a ***e*** quando átono, no pres. ind. (2.ª e 3.ª sing. e 3.ª pl.) e imper. (2.ª sing.): part-***e***-s, part-***e*** , part-***e***-m, part-***e***; se é tônico, nos mesmos casos, funde-se com o ***i*** da desinência ***is*** da 2.ª pessoa do plural: *part**is*** por *part-**i-is***.

O *tema* é a parte da palavra pronta para receber o sufixo ou a desinência.

Sufixo verbal é o que entra na formação dos verbos derivados: salt-it-ar, real-iz-ar, etc. (cf. **Afixos: prefixos e sufixos. Interfixos**).

As desinências modo-temporais são:

1) Para o *Indicativo*:

a) Ø no presente

b) -*va*- (-*ve*-) caracteriza o pretérito imperfeito da 1.ª conjugação: *canta-va*; 58

c) -*ia*- (-*ie*-), caracteriza o pretérito imperfeito da 2.ª e 3.ª conjugações: *dev-ia*, *part-ia*;59

d) Ø para o pretérito perfeito (até a 2.ª pess. do pl. e -*ra*- para a 3.ª pess. pl.): *cante-i*, *canta-ra-m*

e) -*ra*- (*re*) átono caracteriza o pretérito mais-que-perfeito: *canta-ra*, *vende-ra*, *parti-ra*; *cantá-re-is*;

f) -*ra*- (-*re*-) tônico caracteriza o futuro: *canta-re-i*, *canta-rá-s*, *canta-rã-o*, *deve-re-i*, *parti-re-i*;

g) -*ria*- (-*rie*-) caracteriza o futuro do pretérito: *canta-ria*, *deve-ria*, *parti-ria*;

2) Para o *Subjuntivo*:

a) -*e*- caracteriza o presente da 1.ª conjugação: *cant-e*;

b) -*a*- caracteriza o presente da 2.ª e 3.ª conjug.: *vend-a*, *part-a*;

c) -*sse*- caracteriza o pretérito imperfeito: *canta-sse*, *vende-sse*, *parti-sse*;

d) -*r*- (-*re*-) caracteriza o futuro: *cant-a-r*, *vend-e-r*, *part-i-r*;

3) Para as *Formas Nominais*:

a) -*ndo* caracteriza o gerúndio: *canta-ndo*, *vende-ndo*, *parti-ndo*;

b) -*do* caracteriza o particípio: *canta-do*, *vendi-do*, *parti-do*;

c) -*r* caracteriza o infinitivo: *canta-r*, *vende-r*, *parti-r*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Nem todas as formas verbais se apresentam com desinências e vogal temática.

2.ª) As características temporais terminadas em -*a* (imperf., m.-q.-perf. do ind. e futuro apresentam esta vogal alterada em *e* na 2.ª pessoa do plural, graças ao contato com a desinência pessoal -*is* que provoca a ditongação *eis*: eu *cantava*, vós *cantáveis*; eu *devia*, vós *devíeis*; eu *partia*, vós *partíeis*; eu *cantara*, vós *cantáreis*; eu *cantaria*, vós *cantaríeis*). O mesmo ocorre com a 1.ª pess. do fut. do presente: *cant-a-re-i*.

3.ª) As desinências pessoais (cf. abaixo) do pretérito perfeito servem, por acumulação, para caracterizar o tempo e modo do verbo.

As desinências número-pessoais são:

SINGULAR	1.ª pessoa: Ø, -*o* (só no pres. ind.), -*i* (só no pret. perf. do ind. e futuro do presente)[1]
	2.ª pessoa: -*s*, -*ste*[2] (só no pret. perf. do ind.) e Ø no imperativo
	3.ª pessoa: Ø, -*u* (só no pret. perf. do ind.)
PLURAL	1.ª pessoa: -*mos*
	2.ª pessoa: -*is*, -*des* (só no fut. do subj., inf. flex. e pres. do ind. de alguns verbos irregulares), -*stes* (só no pret. perfeito do ind.), -*i*(*s*) (no imperativo).
	3.ª pessoa: -*m* (indica que a vogal precedente é nasal).

1. O travessão indica ausência de desinência.

2. Cuidado especial hão de merecer estas desinências (-*ste*, singular, e -*stes*, plural) para que, por falsa analogia, não passem a -*stes* (singular) e -*steis* (plural): tu *comestes* por *comeste*), vós *comesteis* (por *comestes*).

Observações sobre as desinências número-pessoais.

1.ª pessoa do singular: geralmente falta a desinência de 1.ª pessoa do singular, exceto no presente do indicativo, onde aparece a desinência -*o*:

cant-*o*,	vend-*o*,	part-*o*

No pretérito perfeito do indicativo e futuro do presente aparece a desinência -*i*:

cante-*i*,	vend-*i*,	part-*i*
canta-re-*i*,	vende-re-*i*,	parti-re-*i*

2.ª pessoa do singular: a desinência geral é -*s*; no pretérito perfeito do indicativo -*ste;* Ø no imperativo:

canta-*s*,	canta-re-*s*,	canta-*ste*,	canta tu.
vende-*s*,	vende-re-*s*,	vende-*ste*,	vende tu.
parte-*s*,	parti-re-*s*,	parti-*ste*,	parte tu.

3.ª pessoa do singular: geralmente falta a desinência de 3.ª pess. do singular; só o pretérito perfeito do indicativo é que apresenta -*u*:

canto-*u*,	vende-*u*,	parti-*u*

1.ª pessoa do plural: a desinência é sempre -*mos*:

canta-*mos*,	vende-*mos*,	parti-*mos*

2.ª pessoa do plural: a desinência é -*is*; aparece -*des* no futuro do subjuntivo, infinitivo flex. e no presente do indicativo de alguns verbos irregulares (ter, vir, pôr, ver, rir, ir); o pret. perfeito do indicativo apresenta -*stes*, e o imperativo -*i* (na 3.ª conj. há crase com a vogal temática):

canta-*is*,	vende-*is*,	part-*is*
canta-r-*des*,	vende-r-*des*,	parti-r-*des*
canta-*stes*,	vende-*stes*,	parti-*stes*
canta-*i*,	vende-*i*,	part-*i*.

3.ª pessoa do plural: a desinência é -*m*, que nasaliza a vogal precedente:

canta-*m*,	vende-*m*,	parte-*m*
canta-re-*m*,	vende-re-*m*,	parti-re-*m*
canta-ra-*m*,	vende-ra-*m*,	parti-ra-*m*

OBSERVAÇÃO: No futuro do presente, dá-se uma ditongação; a nasalidade é indicada por til e se sobrepõe à característica temporal:

canta-*rão*,	vende-*rão*,	parti-*rão*

Tempos primitivos e derivados – No estudo dos verbos, principalmente dos irregulares, torna-se vantajoso o conhecimento das formas verbais que se derivam de outras chamadas *primitivas*.

1 – Praticamente do radical da 1.ª pessoa do presente do indicativo sai todo o presente do subjuntivo, bastando que se substitua a vogal final por *e*, nos verbos da 1.ª conjugação, e por *a* nos verbos da 2.ª e 3.ª conjugações:

	Presente do indicativo	*Presente do subjuntivo*
cantar	canto	cante
vender	vendo	venda
partir	parto	parta

Exceções:

ser	sou	seja
dar	dou	dê
estar	estou	esteja
haver	hei	haja

ir	vou	vá
querer	quero	queira
saber	sei	saiba

2 – Praticamente da 2.ª pessoa do singular e plural do presente do indicativo saem as 2.as pessoas do singular e plural do imperativo, bastando suprir o *s* final:

cantar	cantas,	cantais	canta,	cantai
vender	vendes,	vendeis	vende,	vendei
partir	partes,	partis	parte,	parti

Exceção: ser: *sê* (tu), *sede* (vós).

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Os verbos em *-zer* ou *-zir* podem ainda perder, na 2.ª pessoa do singular, o *e* final, quando o *z* não é precedido de consoante: *faze* (ou *faz*) tu, *traduze* (ou *traduz*) tu; mas *cirze* tu (cf. **Verbos defectivos e abundantes**, h).

2.ª) Para evitar os inconvenientes da homonímia que, pela identidade de formas, pode provocar ambiguidade com outras formas verbais, escritores portugueses se servem, às vezes, nos verbos da 3.ª conjungação, da antiga desinência *-ide* por *-i*:

Novas tenho e grandes novas, / Amigo, para vos dar: / Tomai esta chave e *abride* [AGa.1]

Ouvide-a e fazei o que Ela vos disser! [CBr *apud* MBa.3, 64-65].

O imperativo em português só tem formas próprias para as segundas pessoas; as pessoas que faltam são supridas pelos correspondentes do presente do subjuntivo. Não se usa o imperativo de 1.ª pessoa do singular como tal, mas com valor optativo. Por isto, estará assinalada nos paradigmas das formas imperativas. As terceiras pessoas do imperativo se referem a *você(s)*, e não a *ele(s)*. Também não se usa o imperativo nas orações negativas; neste caso empregam-se as formas correspondentes do presente do subjuntivo:

Imperativo afirmativo	*Imperativo negativo*
— eu	— eu
canta tu	não cantes tu
cante você, o senhor	não cante você, o senhor
cantemos nós	não cantemos nós
cantai vós	não canteis vós
cantem vocês, os senhores	não cantem vocês, os senhores.

3 – Do tema do pretérito perfeito do indicativo (que praticamente se acha suprimindo a desinência pessoal da 1.ª pessoa do plural ou 2.ª do singular) saem:

a) o mais-que-perfeito do indicativo, com o acréscimo de *-ra* (*-re*):

-ra, *-ra-s*, *-ra*, *-ra-mos*; *-re-is*; *-ra-m*;

b) o imperfeito do subjuntivo, com o acréscimo de *-sse*:

-sse, *-sse-s*, *-sse*; *-sse-mos*; *-sse-m*;

c) o futuro do subjuntivo, com o acréscimo de *-r* (*-re*):

-r, *-re-s*, *-r*, *-r-mos*; *-r-des*; *-re-m*.

Tema do pret. perf.	*M. q. perf. ind.*	*Imperf. subj.*	*Fut. subj.*
vi (-mos)	vira	visse	vir
vie (-mos)	viera	viesse	vier
coube (-mos)	coubera	coubesse	couber
puse (-mos)	pusera	pusesse	puser
fo (-mos)	fora	fosse	for

4 – Do infinitivo não flexionado se formam:

a) futuro do presente, com o acréscimo ao tema de *-ra* (*re*) tônico:

-re-i, *-rá-s*, *-rá*, *-re-mos*, *-re-is*, *-rã-o*.

b) futuro do pretérito, com o acréscimo de *-ria* (*rie*):

-ria, *-ria-s*, *-ria*, *-ría-mos*, *-ríe-is*, *-ria-m*.

Infinitivo	*Futuro do presente*	*Futuro do pretérito*
cantar	cantarei	cantaria
	cantarás	cantarias
	cantará	cantaria
	cantaremos	cantaríamos
	cantareis	cantaríeis
	cantarão	cantariam

Exceções: *dizer*, *fazer*, *trazer*, que fazem *direi*, *farei*, *trarei*, *diria*, *faria*, *traria*.

c) imperfeito do indicativo, com o acréscimo de *-va* (*ve*), na 1.ª conjugação, e *-ia* (*-ie*), na 2.ª e 3.ª:

cant-a-va, cant-a-va-s, cant-a-va, cant-á-va-mos, cant-á-ve-is, cant-a-va-m
vend-ia, vend-ia-s, vend-ia, vend-ía-mos, vend-íe-is, vend-ia-m
part-ia, part-ia-s, part-ia, part-ía-mos, part-íe-is, part-ia-m.

À parte, temos:

a) *ser* (era, eras, etc.)
b) *ter* (tinha, tinhas, etc)
c) *vir* (vinha, vinhas, etc.)
d) *pôr* (punha, punhas, etc.)

A sílaba tônica nos verbos: formas rizotônicas e arrizotônicas – RIZOTÔNICA é a forma verbal cuja sílaba tônica se acha numa das sílabas do radical:

quero, canto, canta, vendem, feito

ARRIZOTÔNICA é a forma verbal cuja sílaba tônica se acha fora do radical:

queremos, cantais, direi, vendido

A língua portuguesa é mais rica de formas rizotônicas.

São normalmente rizotônicas: *a*) as três pessoas do singular e a 3.ª do plural do presente do indicativo e do subjuntivo, e as correspondentes do imperativo; *b*) os particípios irregulares; *c*) a 1.ª pessoa e 3.ª do singular do pretérito perfeito dos verbos irregulares fortes: *coube*, *fiz*, *fez*.

Nos verbos defectivos, em geral, faltam as formas rizotônicas.

Em vista do exposto, as três pessoas do singular e a 3.ª do plural do pres. do indic. e subjuntivo têm sempre acentuada a penúltima sílaba: *frutifico*, *vociferas, sentencia*, *trafegam*.

Exceções:

a) *resfolegar* e *tresfolegar* fazem *resfólego*, *resfólegas*, *resfólega*, *resfólegam*, etc. Existem ainda as formas reduzidas *resfolgar* e *tresfolgar*, de acentuação regular: *resfolgo*, *tresfolgo*, etc.

b) *mobiliar* faz *mobílio*, *mobílias*, *mobília*, *mobiliamos*, *mobiliais*, *mobíliam*; *mobílie*, *mobílies*, *mobílie*, etc. Existem ainda as formas *mobilar* 60 e *mobilhar*, que se conjugam de acordo com a regra geral: *mobilo*, *mobilas*; *mobilho*, *mobilhas*, etc.

Mobilar é forma de pouca aceitação entre brasileiros: "Eu vivia encantonada na sala da frente, que ia de oitão a outro, com várias sacadas para o largo, mobiliada (atenção revisor: não ponha "mobilada", que é palavra que eu detesto) com uma cama de vento, uma cadeira e um lavatório de ferro" [MB.1, 459-460].

Alternância vocálica ou metafonia – Assim se chama a mudança de timbre que sofre a vogal do radical de um vocábulo na forma rizotônica. Muitos verbos da língua portuguesa apresentam este fenômeno:

ferver: fervo, ferves, ferve, fervemos, ferveis, fervem (o *e* tônico é fechado na 1.ª pessoa do sing. e na 1.ª e 2.ª pessoa do plural; nas outras, é de timbre aberto).

Na 1.ª conjugação:

a) a vogal *a*, não seguida de *m*, *n* ou *nh*, passa a ser proferida bem aberta:

falar: falo, falas, fala, falamos, falais, falam

chamar: chamo, chamas, chama, chamamos, chamais, chamam

b) ao *e* fechado corresponde *e* aberto, exceto quando não vem seguido de *m*, *n*, *nh*, *j*, *x*, *ch*, *lh*:

levar: levo, levas, leva, levamos, levais, levam

remar: remo, remas, rema, remamos, remais, remam

alvejar: alvejo, alvejas, alveja, alvejamos, alvejais, alvejam

pretextar: pretexto, pretextas, pretexta, pretextamos, pretextais, pretextam

fechar: fecho, fechas, fecha, fechamos, fechais, fecham

aparelhar: aparelho, aparelhas, aparelha, aparelhamos, aparelhais, aparelham

Exceções: *invejar* (tem *e* aberto); *chegar*, *ensebar* não sofrem metafonia.

Pesar, no sentido de *causar tristeza*, *desprezar*, é arrolado também como exceção; porém, no Brasil, o uso mais corrente é conjugá-lo como *levar*. Os gramáticos recomendam-no com *e*

fechado: *pesa*, *pesam*; *pese*, *pesem*, etc. (é verbo defectivo, só usado nas terceiras pessoas).

c) a vogal *o* passa a *o* aberto quando não seguida de *m*, *n*, *nh* ou o verbo não termina por -*oar*:

tocar: toco, tocas, toca, tocamos, tocais, tocam

sonhar: sonho, sonhas, sonha, sonhamos, sonhais, sonham

perdoar: perdoo, perdoas, perdoa, perdoamos, perdoais, perdoam.

Na 2.ª conjugação:

a) as vogais tônicas *e* e *o* soam com timbre aberto na 2.ª e 3.ª pessoa do singular e na 3.ª do plural do pres. do ind. e na 2.ª pess. sing. do imperativo afirmativo, salvo se vierem seguidas de *m*, *n* ou *nh*:

dever: devo (ê), deves (é), deve (é), devemos, deveis, devem (é)

roer: rói, roei (ô)

volver: volvo (ô), volves (ó), volve (ó), volvemos, volveis, volvem (ó)

temer: temo (ê), temes (ê), teme (ê), tememos, temeis, temem

comer: como (ô), comes (ô), come (ô), etc.

Exceções: *querer* e *poder* têm a vogal tônica aberta na 1.ª pess. do sing.

Na 3.ª conjugação:

a) a vogal *e*, última do radical, sofre alternâncias diversas quando nela recai o acento tônico:

1 – Passa a *i* na 1.ª pess. do sing. do indic. e em todo o presente do subj. e *e* aberto na 2.ª e 3.ª pess. sing. e 3.ª do plural do pres. do indic. e 2.ª pess. sing. do imperativo nos verbos:

aderir, advertir, aferir, assentir, auferir, compelir, competir, concernir, conferir, conseguir, consentir, convergir, deferir, desferir, desmentir, despir, desservir, diferir, digerir, discernir, dissentir, divergir, divertir, expelir, ferir, impelir, ingerir, mentir, preferir, pressentir, preterir, proferir, prosseguir, referir, refletir, repelir, repetir, seguir, servir, sugerir, transferir, vestir:

vestir: visto, vestes, veste, etc.

OBSERVAÇÃO: Se o *e* for nasal mantém-se inalterável, exceto na 1.ª pess. singular do pres. do ind. e em todo o pres. do subj., onde passa a *i*: sentir: *sinto*, *sentes*, *sente*, etc.

2 – Passa a *i* nas três pessoas do singular e 3.ª do plural do presente do indicativo, em todo o pres. do subj. e imperativo, salvo, neste, a 2.ª pessoa do plural:

agredir, cerzir, denegrir, prevenir, progredir, regredir, transgredir, e remir (este defectivo, cf. **Verbos defectivos e abundantes**).

Pres. ind.: agrido, agrides, agride, agredimos, agredis, agridem

Pres. subj.: agrida, agridas, agrida, etc.

Imper. afirm.: agride, agrida, agridamos, agredi, agridam

3 – os verbos *medir*, *pedir*, *despedir*, *impedir* e (derivados) têm *e* aberto nas formas rizotônicas, isto é, nas três pessoas do singular e 3.ª do plural do presente do indicativo e subjuntivo, e no imperativo afirmativo, exceto, neste, na 2.ª pessoa do plural:

medir – pres. ind.: meço, medes, mede, medimos, medis, medem
pres. subj.: meça, meças, meça, etc.
imper. afirm.: mede, meça, meçamos, medi, meçam

4 – Os verbos *aspergir*, *emergir*, *imergir* e *submergir* têm *e* tônico fechado na 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo (e formas que daí se derivam); têm *e* aberto na 2.ª e 3.ª do singular e 3.ª do plural do presente do indicativo (e formas que daí se derivam):

aspergir: asperjo (ê), asperges (é), asperge (é), aspergimos, aspergis, aspergem (é).

b) a vogal *o* sofre também alternâncias diferentes, quando nela recai o acento tônico:

1 – Passa a *u* na 1.ª pessoa sing. do pres. ind., em todo o pres. do subj. e no imperativo, salvo, neste, a 2.ª pess. do singular e plural; e passa a *o* aberto na 2.ª e 3.ª sing. e 3.ª do plural do pres. ind. e 2.ª do singular do imperativo:

dormir – pres. ind.: durmo, dormes, dorme, dormimos, dormis, dormem
pres. subj.: durma, durmas, durma, etc.
imper. afirm.: dorme, durma, durmamos, dormi, durmam

Assim se conjugam *cobrir*, *descobrir*, *encobrir*, *recobrir*, *tossir*. *Dormir* e *tossir* são regulares no particípio: *dormido*, *tossido*.

Para a conjugação de *engolir* e *desengolir* que, a rigor, deveriam seguir este modelo, veja-se o que se diz mais adiante.

2 – Passa a *u* nas três pessoas do sing. e 3.ª do plural do presente do indicativo, em todo o pres. do subjuntivo e no imperativo afirmativo, exceto, neste, a 2.ª pessoa do plural:

sortir – pres. ind.: surto, surtes, surte, sortimos, sortis, surtem
pres. subj.: surta, surtas, surta, etc.
imperat. afirma.: surte, surta, surtamos, sorti, surtam

Por este modelo se conjugam *despolir* e *polir* (cf. **Verbos defectivos e abundantes**). Antigamente seguiam este paradigma *cortir* e *ordir*, hoje grafados *curtir* e *urdir* e de conjugação regular.

c) a vogal *u* da penúltima sílaba do radical passa a *o* aberto na 2.ª e 3.ª pess. do singular e 3.ª do plural do presente do indicativo e na 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo:

acudir – pres. ind.: acudo, acodes (ó), acode (ó), acudimos, acudis, acodem (ó)
pres. subj.: acuda, acudas, acuda, etc.
imper. afirm.: acode (ó), acuda, acudamos, acudi, acudam

Assim se conjugam *bulir*, *cuspir*, *escapulir*, *fugir*, *sacudir*. *Consumir* e *sumir* têm o *o* fechado por estar seguido de *m*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) *Assumir*, *presumir*, *reassumir*, *resumir* são regulares: Pres. ind.: assumo, assumes, assumimos, assumis, assumem.

2.ª) os verbos em *-uir* não apresentam alternâncias vocálicas no radical; a 2.ª e 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo têm *is* e *i* em lugar de *es* e *e*, por haver ditongo oral:

constituir: pres. ind.: constituo, constituis, constitui, constituímos, constituís, constituem.

Assim se conjugam *anuir*, *arguir*, *atribuir*, *constituir*, *destituir*, *diluir*, *diminuir*, *estatuir*, *imbuir*, *influir*, *instituir*, *instruir*, *puir* (defectivo), *restituir*, *redarguir*, *ruir*.

3.ª) *Construir*, *desentupir*, *destruir*, *entupir* (e cognatos) seguem este modelo ou ainda admitem alternância do *u* em *o* aberto na 2.ª e 3.ª pessoa do sing. e 3.ª do plural do presente do indicativo e na 2.ª pessoa do sing. do imperativo afirmativo. *Entupir* e *desentupir* só se afastam do grupo porque apresentam *es* e *e* na 2.ª e 3.ª pessoa do sing. do pres. ind.: *entupo, entupes* (ou *entopes*), *entupe* (ou *entope*), *entupimos, entupis, entupem* (ou *entopem*).

construo, construis (ou *constróis*), *construi* (ou *constrói*), *construímos, construís, construem* (ou *constroem*).

Estes verbos são portanto abundantes. *Obstruir* é, entretanto, conjugado apenas como *constituir*. Cf. obs. 2.ª.

4.ª) *Engolir*, ainda que se escreva com *o*, segue o paradigma de *acudir*; para o Vocabulário de nossa Academia: *engulo, engoles, engole, engulimos, engulis, engolem.* Melhor fora, porém, conjugá-lo com *o* nas duas primeiras pessoas do plural do pres. do indicativo, desfazendo-se a incoerência.

d) a vogal *i* do radical do verbo *frigir* passa a *e* aberto na 2.ª e 3.ª pess. sing. e na 3.ª do plural do pres. do indicativo e na 2.ª pess. sing. do imperativo afirmativo:

Pres. ind.: frijo, freges, frege, frigimos, frigis, fregem

Imper. afirm.: frege, frija, frijamos, frigi, frijam

Não há metafonia, isto é, a vogal é proferida fechada, nos seguintes casos [SA.2, 113]:

1) quando a vogal tônica se acha no fim do radical:
crê, crês; *lê, lês*

2) quando integra os ditongos *ou, ei*:
douro, douras; *cheiro, cheiras*

3) no ditongo *oi* seguido de consoante:
pernoito, pernoitas

4) quando a vogal é seguida de consoante nasal:
como, comes

5) nos verbos terminados em *-ear*, *-elhar*, *-ejar* (exceto *invejar*) e *-oar*:
receio, receias; *aparelho, aparelhas*; *desejo, desejas*; *coroo, coroas*

6) nos verbos *chegar* e *ensebar*:
chego, chegas; *ensebo, ensebas*

Verbos notáveis quanto à pronúncia ou flexão

a) *aguar, desaguar, apaziguar, enxaguar, apropinquar, averiguar,* e afins podem ser conjugados de duas formas:

Pres. ind.: águo, águas, água, aguamos, aguais, águam / aguo, aguas, agua, aguamos, aguais, aguam

Pres. subj.: águe, águes, águe, aguemos, agueis, águem / ague, agues, ague, aguemos, aguis, aguem

b) *arguir* e *redarguir* não levam acento agudo na vogal tônica *u* nas formas rizotônicas:

Pres. ind.: arguo (ú), arguis (ú), argui (ú), arguímos, arguís, arguem (ú)

Pres. subj.: argua (ú), arguas (ú), argua (ú), arguamos, arguais, arguam (ú)

c) *Magoar*, conjuga-se:

Pres. ind.: magoo, magoas, magoa, magoamos, magoais, magoam

Pres. subj.: magoe, magoes, magoe, magoemos, magoeis, magoem

d) *Mobiliar*, conjuga-se:

Pres. ind.: mobílio, mobílias, mobília, mobiliamos, mobiliais, mobíliam

Pres. subj.: mobílie, mobílies, mobílie, mobiliemos, mobilieis, mobíliem

Observação: A variante *mobilar* apresenta-se regularmente: mobilo, mobilas, mobila, etc.

e) *Resfolegar* conjuga-se:

Pres. ind.: resfólego, resfólegas, resfólega, resfolegamos, resfolegais, resfólegam

Pres. subj.: resfólegue, resfólegues, resfólegue, resfoleguemos, resfolegueis, resfóleguem.

Observações:

1.ª) A forma contrata de *resfolegar* é *resfolgar*, que se apresenta regularmente: resfolgo, resfolgas, resfolga, etc.

2.ª) O substantivo é *resfôlego*, proparoxítono, com *o* tônico fechado.

f) *Dignar-se, indignar-se, obstar, optar, adaptar, pugnar, impugnar, ritmar, raptar,* conjugam-se:

Presente do indicativo

indigno-me (dí)	obsto (ó)	opto (ó)	impugno (ú)	ritmo (í)
indignas-te (dí)	obstas (ó)	optas (ó)	impugnas (ú)	ritmas (í)

indigna-se (dí)	obsta (ó)	opta (ó)	impugna (ú)	ritma (í)
indignamo-nos	obstamos	optamos	impugnamos	ritmamos
indignais-vos	obstais	optais	impugnais	ritmais
indignam-se (dí)	obstam (ó)	optam (ó)	impugnam (ú)	ritmam (í)

rapto (rá), *raptas* (rá), *rapta* (rá), *raptamos*, *raptais*, *raptam* (rá)

g) *Obviar* conjuga-se:

Pres. ind.: obvio (í), obvias (í), obvia (í), obviamos, obviais, obviam (í)

h) *Apiedar* e *moscar* conjugam-se:

apiedar – pres. ind.: apiedo, apiedas, apieda, apiedamos, apiedais, apiedam

A lição antiga de alguns gramáticos e ortógrafos confundia o arcaico *apiadar* e *apiedar* numa só conjugação, o que não aconselhamos:

Pres. ind.: apiado, apiadas, apiada, apiedamos, apiedais, apiadam (isto é, *a* nas formas rizotônicas e *e* nas arrizotônicas).

A mesma confusão existia com *moscar* e *muscar* (sumir-se):

Pres. ind.: musco, muscas, musca, moscamos, moscais, muscam (isto é, *u* nas formas rizotônicas e *o* nas arrizotônicas).

Mais certo será conjugarmos regularmente *moscar*:

Pres. ind.: mosco, moscas, mosca, moscamos, moscais, moscam; e *muscar*:

Pres. ind.: musco, muscas, musca, muscamos, muscais, muscam.

A correção, porém, talvez seja mais difícil, por serem muito pouco usados *moscar* e *muscar*.

i) Verbos com os ditongos fechados *ou* e *ei*: *roubar* e *inteirar*.

Conjugam-se não se reduzindo a vogais abertas *o* e *e*, respectivamente:

Roubar	*Inteirar*
roubo (e não *róbo*, etc.)	inteiro (e não *intéro*, etc.)
roubas	inteiras
rouba	inteira
roubamos	inteiramos
roubais	inteirais
roubam	inteiram

j) Verbos com os ditongos fechados *eu* e *oi*: tipos *endeusar* e *noivar*. Conjugam-se mantendo o ditongo sem que o *e* ou o *o* passem a timbre aberto: *endeuso, endeusas, endeusa,* etc.; *noivo, noivas, noiva,* etc.

OBSERVAÇÃO: O verbo *apoiar* tinha primitivamente fechado o ditongo; hoje é mais corrente proferi-lo aberto: *apoio*, *apoias*, etc.

k) Verbos com o hiato *au*, *ai* e *iu*: tipos *saudar*, *embainhar* e *amiudar*. Conjugam-se mantendo o hiato:

saudar	*embainhar*	*amiudar*
saúdo	embainho	amiúdo
saúdas	embainhas	amiúdas
saúda	embainha	amiúda
saudamos	embainhamos	amiudamos
saudais	embainhais	amiudais
saúdam	embainham	amiúdam

OBSERVAÇÃO: *Arraigar* (com hiato) passou desde cedo a *arraigar* (com ditongo, *ar-rai-gar*) e daí a *arreigar*. As formas com ditongo são mais frequentes, embora modernamente se tenha restabelecido *arraigar* com hiato. *Saudar* proferido com ditongo (*saudo, saudas,* etc.) ocorre aqui e ali nos poetas e se fixa no falar coloquial e popular.

Verbos terminados em -*zer*, -*zir*: tipos *fazer* e *traduzir* – Perdem o *e* final na 3.ª pess. sing. do presente do indicativo e na 2.ª pess. sing. do imperativo afirmativo (este caso não é obrigatório e até, com exagero, vem condenado pelos gramáticos), quando o *z* não é precedido de consoante:

fazer: faço, fazes, faz, etc. Imp. afirm.: faze (ou faz) tu
traduzir: traduzo, traduzes, traduz, etc. Imp. afirm.: traduze (ou traduz) tu
Mas, *cerzir*: cirzo, cirzes, cirze, etc.

Variações gráficas na conjugação – Muitas vezes altera-se a maneira de representar na escrita a última consoante do radical para conservar o mesmo som:

1 – os verbos terminados em -*car* e -*gar* mudam o *c* ou *g* em *qu* ou *gu*, quando tais consoantes são seguidas de *e*:

pecar: peco, peques; *cegar*: cego, cegues

2 – os verbos terminados em -*cer* ou -*cir* têm *c* cedilhado antes de *a* ou *o*:

conhecer – conheço, conheces, conhece; *ressarcir* – ressarço, ressarces

3 – os verbos terminados em -*çar* perdem a cedilha antes do *e*:

começar – começo, comeces

4 – os verbos terminados em -*ger* ou -*gir* mudam o *g* em *j* antes de *a* ou *o*:

eleger – elejo, eleges; *fugir* – fujo, foges

5 – os verbos terminados em -*guer* ou -*guir* perdem o *u* antes de *a* ou *o*:

erguer – ergo, ergues, erga
conseguir – consigo, consegues, consiga

A vogal *e* passa a ser grafada *i* quando entra num ditongo *oral* (verbos em -*uir*): atribuo, atribu*is*, atribu*i*.

Estas variações gráficas não constituem irregularidades de conjugação, não havendo, por isso, verbos irregulares gráficos.

Verbos em -*ear* e -*iar* – Os verbos em -*ear* trocam o *e* por *ei* nas formas rizotônicas:

Nomear – pres. ind.: nom*ei*o, nom*ei*as, nom*ei*a, nom*e*amos, nom*e*ais, nom*ei*am.
pres. subj.: nom*ei*e, nom*ei*es, nom*ei*e, nom*e*emos, nom*e*eis, nom*ei*em.
imp. afirm.: nom*ei*a, nom*ei*e, nom*e*emos, nom*e*ai, nom*ei*em.

Os verbos em -*iar* são conjugados regularmente:

Premiar – pres. ind.: premio, premias, premia, premiamos, premiais, premiam.
pres. subj.: premie, premies, premie, etc.
imp. afirm.: premia, premie, premiemos, premiai, premiem.

Cinco verbos em -*iar* se conjugam, nas formas rizotônicas, como se terminassem em -*ear* (MARIO é o anagrama que deles se pode formar):

mediar: med*ei*o, med*ei*as, med*ei*a, mediamos, mediais, med*ei*am

ansiar: ans*ei*o, ans*ei*as, ans*ei*a, ansiamos, ansiais, ans*ei*am

remediar: remed*ei*o, remed*ei*as, remed*ei*a, remediamos, remediais, remed*ei*am

incendiar: incend*ei*o, incend*ei*as, incend*ei*a, incendiamos, incendiais, incend*ei*am

odiar: od*ei*o, od*ei*as, od*ei*a, odiamos, odiais, od*ei*am

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Enquanto no Brasil já vamos conjugando os verbos em -*ear* e -*iar* pelo que acabamos de expor, entre os portugueses ainda se notam vacilações em muitos que, grafados com -*iar*, deveriam seguir o modelo de *premiar*, mas se acostam ao de *nomear*, dada a homofonia dos dois finais na fala corrente: além do próprio *premiar*, *agenciar*, *comerciar*, *licenciar*, *negociar*, *penitenciar*, *obsequiar*, *presenciar*, *providenciar*, *reverenciar*, *sentenciar*, *vangloriar*, *vitoriar*, *evidenciar*, *glorificar*, *diligenciar* e outros.

2.ª) Hoje não fazemos distinção entre *crear* (tirar do nada, dar existência) e *criar* (educar, cultivar, promover o desenvolvimento), usando apenas *criar* para ambos os casos, que se conjuga como *premiar*. Entre escritores modernos, porém, podem ocorrer exemplos de *crear*, conjugado como *nomear*.

3.ª) A diferença de conjugação torna-se imperiosa nos parônimos: *afear* e *afiar*; *arrear* e *arriar*; *estrear* e *estriar*; *vadear* e *vadiar*, etc.

Quando grafar -*ear* ou -*iar* – Grafam-se com -*ear* os verbos que possuem formas substantivas ou adjetivas cognatas terminadas em:

a) -*é*, -*eio*, -*eia*, -*éia*:

pé – apear ceia – cear
passeio – passear ideia – idear
Exceção: fé – fiar

b) consoante ou pelas vogais átonas -*a*, -*e*, -*o* precedidas de consoante:

mar – marear pente – pentear
casa – casear branco – branquear
Exceções: amplo – ampliar lume – alumiar
breve – abreviar sede – sediar
finança – financiar êxtase – extasiar
graça – agraciar

Incluem-se entre os verbos em -*ear*: *atear*, *bambolear*, *bruxulear*, *cecear*, *derrear*, *favonear*, *pavonear*, *semear*, *vadear*.

Grafam-se com -*iar* os verbos que possuem formas substantivas cognatas terminadas em:

a) -*io*, -*ia*:

alívio – aliviar delícia – deliciar
sócio – associar polícia – policiar
óbvio – obviar assovio – assoviar

b) -*ânsia*, -*ência*, -*ença*:

distância – distanciar presença – presenciar
diligência – diligenciar sentença – sentenciar

Incluem-se no rol dos verbos em *-iar*: *anuviar*, *apreciar*, *depreciar*, *saciar*.

OBSERVAÇÃO: Muitas vezes o final *-ear* ou *-iar* se pode alternar com o simples *-ar*: *azular* ou *azulear*; *bajar* ou *bagear* (produzir vagens); *diferenciar* ou *diferençar*; *balançar* ou *balancear*, *homicidar* ou *homicidiar*, etc.

Erros frequentes na conjugação de alguns verbos

a) *Vir* e seus derivados

No presente do indicativo temos: *venho, vens, vem, vimos* (e não *viemos*), *vindes, vêm*.

No pretérito perfeito do indicativo: *vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.*

O gerúndio é igual ao particípio, porque neste desapareceu a vogal temática: *vindo* (vi-ndo) e *vindo* (vin-i-do).

Notem-se estes enganos comuns nos derivados de *vir*, no pret. perf. ind.:

Os guardas *interviram* na discussão (em lugar de *intervieram*).

A professora *interviu* no caso (em lugar de *interveio*).

O futuro do subjuntivo é *vier*: Quando eu *vier*... (e não *vir*):

E, incapazes de negar a beleza (...) assaltaram a ave de Juno (...) *intervieram* para impor silêncio o leão e o tigre [JR.2, 200].

O Senhor Araña y Araña *conveio* em que o panorama era magnificente (...) [JR.2, 189].

b) *Ver* e seus derivados

Prover não se conjuga como *ver* no:

pret. perf. ind.: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram
m.-q.-perf. ind.: provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram
imperf. subj.: provesse, provesses, provesse, provêssemos, provêsseis, provessem
fut. subj.: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem
particípio: provido

Rever é conjugado como *ver*; por isso está errada a flexão em:

A aluna *reveu* (em vez de *reviu*) a prova.

Antever é conjugado como *ver* e, por isso, enganou-se o nosso Casimiro de Abreu ao escrever:

"Quem *antevera* (com *e*) que dum povo a ruína
Pelo seu próprio rei cavada fosse?" [SS.4, 34].

O futuro do subjuntivo é *vir*:

Quando eu vier à cidade e *vir* oportunidade de comprá-lo, então o farei (e não ver!).

c) Precaver-se.

É verbo defectivo que nada tem com *ver* ou *vir*; por isso evite-se dizer

Eu me *precavejo* ou Eu me *precavenho*.

Precavejam-se ou *Precavenham-se*.

Para sua conjugação, veja-se **Verbos defectivos e abundantes**.

d) *Reaver*.

É verbo defectivo, derivado de *haver*, que só se conjuga nas formas em que este possui *-v-*. Não se deve dizer: Eu *reavejo* ou Eu *reavenho*

Cuidado especial merece também o pret. perf.: *reouve*, *reouveste*, *reouve*, *reouvemos*,

reouvestes, *reouveram*.

Por isso evitem-se empregos como: *eu reavi*, *ele reaveu*, etc. Cf. **Verbos defectivos e abundantes**.

e) *Ter* e seus derivados

Deter, derivado de *ter*, conjuga-se como este. Logo está errada a frase:

O policial *deteu* (por *deteve*!) o criminoso.

Sirva de exemplo o caso que vou referir, segundo o texto autorizado de um doutor que (...) *entreteve* um diálogo com um dos últimos gregos [JR.2, 183].

f) *Pôr* e seus derivados.

Opor é derivado de *pôr* e por ele se modela na conjugação. Assim enganou-se o poeta Porto-Alegre nestes versos, usando *opor* em vez de *opuser*:

"Se aos paternos errores de contraste,
E à minha influição *opor* virtudes" [PA.1, II, 154 *apud* SS.4, 34].

g) *Estar* e seus derivados.

Sobrestar é derivado de *estar* e por ele se conjuga; porém, costuma-se ver modelado pelo verbo *ter*, como se fosse *sobrester*. Assim não está certo o seguinte exemplo de Alberto de Oliveira:

"Deixando a enferma, *sobrestenho* o passo" [AO.2 *apud* SS.4].

h) *Haver-se* e *avir-se*.

Estes verbos têm empregos diferentes. *Haver-se* (com alguém) significa:

1) *proceder*, *portar-se*:

"Ele, porém, *houve-se* com a maior delicadeza" [MA.1, 364].

2) *ser chamado a ordem*, *entrar em disputa com alguém*, *conciliar*, e aparece nas ameaças:

Ele tem de *se haver* comigo.

"Aquele que sobre ti lançar vistas de amor ou de cobiça, comigo *se haverá*" [MP.1, 139 *apud* SS.1, 361].

3) *conciliar*

Avir-se é sinônimo de *haver-se*, no sentido 3), isto é, significa *entrar em acordo com*, *conciliar*:

"Lá *se avenham* os sorveteiros com Boileau" [FE.2, V, 46 *apud* RB.1, 391 nota].

Desavir-se é o contrário de *avir-se*:

Os amigos *se desavieram* (e não *se desouveram*!) por muito pouco.

Erra-se frequentes vezes empregando-se, nas ameaças, *avir-se* por *haver-se*: Ele tem de *se avir* comigo (em lugar de *se haver*).

Paradigma dos verbos regulares

Com destaque dos elementos estruturais

1 – Conjugação simples

1.ª – ***Cant-a-r*** 2.ª – ***Vend-e-r*** 3.ª – ***Part-i-r***

MODO INDICATIVO

Presente

Cant-o	Vend-o	Part-o
Cant-a-s	Vend-e-s	Part-e-s
Cant-a	Vend-e	Part-e
Cant-a-mos	Vend-e-mos	Part-i-mos
Cant-a-is	Vend-e-is	Part-is
Cant-a-m	Vend-e-m	Part-e-m

Pretérito imperfeito

Cant-a-va	Vend-ia	Part-ia
Cant-a-va-s	Vend-ia-s	Part-ia-s
Cant-a-va	Vend-ia	Part-ia
Cant-á-va-mos	Vend-ía-mos	Part-ía-mos
Cant-á-ve-is	Vend-íe-is	Part-íe-is
Cant-a-va-m	Vend-ia-m	Part-ia-m

Pretérito perfeito

Cant-e-i	Vend-i	Part-i
Cant-a-ste	Vend-e-ste	Part-i-ste
Cant-o-u	Vend-e-u	Part-i-u
Cant-a-mos	Vend-e-mos	Part-i-mos
Cant-a-stes	Vend-e-stes	Part-i-stes
Cant-a-ra-m	Vend-e-ra-m	Part-i-ra-m

Pretérito mais-que-perfeito

Cant-a-ra	Vend-e-ra	Part-i-ra
Cant-a-ra-s	Vend-e-ras	Part-i-ra-s
Cant-a-ra	Vend-e-ra	Part-i-ra
Cant-á-ra-mos	Vend-ê-ra-mos	Part-í-ra-mos
Cant-á-re-is	Vend-ê-re-is	Part-í-re-is
Cant-a-ra-m	Vend-e-ra-m	Part-i-ra-m

Futuro do presente

Cant-a-re-i	Vend-e-re-i	Part-i-re-i
Cant-a-rá-s	Vend-e-rá-s	Part-i-rá-s
Cant-a-rá	Vend-e-rá	Part-i-rá

Cant-a-re-mos	Vend-e-re-mos	Part-i-re-mos
Cant-a-re-is	Vend-e-re-is	Part-i-re-is
Cant-a-rã-o	Vend-e-rã-o	Part-i-rã-o

Futuro do pretérito

Cant-a-ria	Vend-e-ria	Part-i-ria
Cant-a-ria-s	Vend-e-ria-s	Part-i-ria-s
Cant-a-ria	Vend-e-ria	Part-i-ria
Cant-a-ría-mos	Vend-e-ría-mos	Part-i-ría-mos
Cant-a-ríe-is	Vend-e-ríe-is	Part-i-ríe-is
Cant-a-ria-m	Vend-e-ria-m	Part-i-ria-m

MODO SUBJUNTIVO

Presente

Cant-e	Vend-a	Part-a
Cant-e-s	Vend-a-s	Part-a-s
Cant-e	Vend-a	Part-a
Cant-e-mos	Vend-a-mos	Part-a-mos
Cant-e-is	Vend-a-is	Part-a-is
Cant-e-m	Vend-a-m	Part-a-m

Pretérito Imperfeito

Cant-a-sse	Vend-e-sse	Part-i-sse
Cant-a-sse-s	Vend-e-sse-s	Part-i-sse-s
Cant-a-sse	Vend-e-sse	Part-i-sse
Cant-á-sse-mos	Vend-ê-sse-mos	Part-í-sse-mos
Cant-á-sse-is	Vend-ê-sse-is	Part-í-sse-is
Cant-a-sse-m	Vend-e-sse-m	Part-i-sse-m

Futuro

Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r
Cant-a-re-s	Vend-e-re-s	Part-i-re-s
Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r
Cant-a-r-mos	Vend-e-r-mos	Part-i-r-mos
Cant-a-r-des	Vend-e-r-des	Part-i-r-des
Cant-a-re-m	Vend-e-re-m	Part-i-re-m

MODO IMPERATIVO

Afirmativo

Cant-a tu	Vend-e tu	Part-e tu
Cant-e você	Vend-a você	Part-a você
Cant-e-mos nós	Vend-a-mos nós	Part-a-mos nós
Cant-a-i vós	Vend-e-i vós	Part-i vós
Cant-e-m vocês	Vend-a-m vocês	Part-a-m vocês

Negativo

Não cant-e-s tu	Não vend-a-s tu	Não part-a-s tu
Não cant-e você	Não vend-a você	Não part-a você
Não cant-e-mos nós	Não vend-a-mos nós	Não part-a-mos nós
Não cant-e-is vós	Não vend-a-is vós	Não part-a-is vós
Não cant-e-m vocês	Não vend-a-m vocês	Não part-a-m vocês

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo

Não flexionado

Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r

Flexionado

Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r
Cant-a-re-s	Vend-e-re-s	Part-i-re-s
Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r
Cant-a-r-mos	Vend-e-r-mos	Part-i-r-mos
Cant-a-r-des	Vend-e-r-des	Part-i-r-des
Cant-a-re-m	Vend-e-re-m	Part-i-re-m

Gerúndio

Cant-a-ndo	Vend-e-ndo	Part-i-ndo

Particípio

Cant-a-do	Vend-i-do	Part-i-do

MODO INDICATIVO

Pretérito perfeito composto

Tenho cantado	Tenho vendido	Tenho partido
Tens cantado	Tens vendido	Tens partido
Tem cantado	Tem vendido	Tem partido
Temos cantado	Temos vendido	Temos partido
Tendes cantado	Tendes vendido	Tendes partido
Têm cantado	Têm vendido	Têm partido

Pretérito mais-que-perfeito composto

Tinha cantado	Tinha vendido	Tinha partido
Tinhas cantado	Tinhas vendido	Tinhas partido
Tinha cantado	Tinha vendido	Tinha partido
Tínhamos cantado	Tínhamos vendido	Tínhamos partido
Tínheis cantado	Tínheis vendido	Tínheis partido
Tinham cantado	Tinham vendido	Tinham partido

Futuro do presente composto

Terei cantado	Terei vendido	Terei partido
Terás cantado	Terás vendido	Terás partido
Terá cantado	Terá vendido	Terá partido
Teremos cantado	Teremos vendido	Teremos partido
Tereis cantado	Tereis vendido	Tereis partido
Terão cantado	Terão vendido	Terão partido

Futuro do pretérito composto

Teria cantado	Teria vendido	Teria partido
Terias cantado	Terias vendido	Terias partido
Teria cantado	Teria vendido	Teria partido
Teríamos cantado	Teríamos vendido	Teríamos partido
Teríeis cantado	Teríeis vendido	Teríeis partido
Teriam cantado	Teriam vendido	Teriam partido

MODO SUBJUNTIVO

Pretérito perfeito

Tenha cantado	Tenha vendido	Tenha partido
Tenhas cantado	Tenhas vendido	Tenhas partido
Tenha cantado	Tenha vendido	Tenha partido
Tenhamos cantado	Tenhamos vendido	Tenhamos partido
Tenhais cantado	Tenhais vendido	Tenhais partido
Tenham cantado	Tenham vendido	Tenham partido

Pretérito mais-que-perfeito

Tivesse cantado	Tivesse vendido	Tivesse partido
Tivesses cantado	Tivesses vendido	Tivesses partido
Tivesse cantado	Tivesse vendido	Tivesse partido
Tivéssemos cantado	Tivéssemos vendido	Tivéssemos partido
Tivésseis cantado	Tivésseis vendido	Tivésseis partido
Tivessem cantado	Tivessem vendido	Tivessem partido

Futuro composto

Tiver cantado	Tiver vendido	Tiver partido
Tiveres cantado	Tiveres vendido	Tiveres partido
Tiver cantado	Tiver vendido	Tiver partido
Tivermos cantado	Tivermos vendido	Tivermos partido
Tiverdes cantado	Tiverdes vendido	Tiverdes partido
Tiverem cantado	Tiverem vendido	Tiverem partido

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo

Não flexionado composto

Ter cantado	Ter vendido	Ter partido

Flexionado composto

Ter cantado	Ter vendido	Ter partido
Teres cantado	Teres vendido	Teres partido
Ter cantado	Ter vendido	Ter partido
Termos cantado	Termos vendido	Termos partido
Terdes cantado	Terdes vendido	Terdes partido
Terem cantado	Terem vendido	Terem partido

Gerúndio composto

Tendo cantado	Tendo vendido	Tendo partido

Conjugação de verbos auxiliares mais comuns

1 – Conjugação simples

Ser	***Estar***	***Ter***	***Haver***
		MODO INDICATIVO	
		Presente	
Sou	Estou	Tenho	Hei
És	Estás	Tens	Hás
É	Está	Tem	Há
Somos	Estamos	Temos	Havemos
Sois	Estais	Tendes	Haveis
São	Estão	Têm [1]	Hão
		Pretérito Imperfeito	
Era	Estava	Tinha	Havia
Eras	Estavas	Tinhas	Havias
Era	Estava	Tinha	Havia
Éramos	Estávamos	Tínhamos	Havíamos
Éreis	Estáveis	Tínheis	Havíeis
Eram	Estavam	Tinham	Haviam
		Pretérito perfeito	
Fui	Estive	Tive	Houve
Foste	Estiveste	Tiveste	Houveste
Foi	Esteve	Teve	Houve
Fomos	Estivemos	Tivemos	Houvemos
Fostes	Estivestes	Tivestes	Houvestes
Foram	Estiveram	Tiveram	Houveram
		Pretérito mais-que-perfeito	
Fora	Estivera	Tivera	Houvera
Foras	Estiveras	Tiveras	Houveras

Fora	Estivera	Tivera	Houvera
Fôramos	Estivéramos	Tivéramos	Houvéramos
Fôreis	Estivéreis	Tivéreis	Houvéreis
Foram	Estiveram	Tiveram	Houveram

Futuro do presente

Serei	Estarei	Terei	Haverei
Serás	Estarás	Terás	Haverás
Será	Estará	Terá	Haverá
Seremos	Estaremos	Teremos	Haveremos
Sereis	Estareis	Tereis	Havereis
Serão	Estarão	Terão	Haverão

Futuro do pretérito

Seria	Estaria	Teria	Haveria
Serias	Estarias	Terias	Haverias
Seria	Estaria	Teria	Haveria
Seríamos	Estaríamos	Teríamos	Haveríamos
Seríeis	Estaríeis	Teríeis	Haveríeis
Seriam	Estariam	Teriam	Haveriam

MODO SUBJUNTIVO

Presente

Seja	Esteja	Tenha	Haja
Sejas	Estejas	Tenhas	Hajas
Seja	Esteja	Tenha	Haja
Sejamos	Estejamos	Tenhamos	Hajamos
Sejais	Estejais	Tenhais	Hajais
Sejam	Estejam	Tenham	Hajam

Pretérito imperfeito

Fosse	Estivesse	Tivesse	Houvesse
Fosses	Estivesses	Tivesses	Houvesses
Fosse	Estivesse	Tivesse	Houvesse
Fôssemos	Estivéssemos	Tivéssemos	Houvéssemos
Fôsseis	Estivésseis	Tivésseis	Houvésseis

Fossem	Estivessem	Tivessem	Houvessem

Futuro

For	Estiver	Tiver	Houver
Fores	Estiveres	Tiveres	Houveres
For	Estiver	Tiver	Houver
Formos	Estivermos	Tivermos	Houvermos
Fordes	Estiverdes	Tiverdes	Houverdes
Forem	Estiverem	Tiverem	Houverem

MODO IMPERATIVO

Afirmativo

Sê tu	Está tu	Tem tu[2]	Há tu
Seja você	Esteja você	Tenha você	Haja você
Sejamos nós	Estejamos nós	Tenhamos nós	Hajamos nós
Sede vós	Estai vós	Tende vós	Havei vós
Sejam vocês	Estejam vocês	Tenham vocês	Hajam vocês

Negativo

Não sejas tu	Não estejas tu	Não tenhas tu	Não hajas tu
Não seja você	Não esteja você	Não tenha você	Não haja você
Não sejamos nós	Não estejamos nós	Não tenhamos nós	Não hajamos nós
Não sejais vós	Não estejais vós	Não tenhais vós	Não hajais vós
Não sejam vocês	Não estejam vocês	Não tenham vocês	Não hajam vocês

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado

Ser	Estar	Ter	Haver

Infinitivo flexionado

Ser	Estar	Ter	Haver
Seres	Estares	Teres	Haveres
Ser	Estar	Ter	Haver
Sermos	Estarmos	Termos	Havermos
Serdes	Estardes	Terdes	Haverdes
Serem	Estarem	Terem	Haverem

Gerúndio

Sendo	Estando	Tendo	Havendo

Particípio

Sido	Estado	Tido	Havido

1. O *Vocabulário Oficial* só adota esta forma; porém, nos poetas pode ocorrer a pronúncia como dissílabo – *te-em-*, como dizem *creem*, *deem*, *leem*, *veem*. Ocorre o mesmo com *vêm* (de *vir*). Note-se, de passagem, que os dissílabos *creem*, *deem*, *leem*, *veem*, são pronúncias relativamente modernas. As formas antigas eram: *crem*, *dem*, *lem*, *vem*.

2. Com *m* final, e não com *n*.

2 – Conjugação composta

MODO INDICATIVO

Pretérito perfeito composto

Tenho	(ou hei)	sido, estado, tido, havido
Tens	(ou hás)	
Tem	(ou há)	
Temos	(ou havemos)	
Tendes	(ou haveis)	
Têm	(ou hão)	

Pretérito mais-que-perfeito composto

Tinha	(ou havia)	sido, estado, tido, havido
Tinhas	(ou havias)	
Tinha	(ou havia)	
Tínhamos	(ou havíamos)	
Tínheis	(ou havíeis)	
Tinham	(ou haviam)	

Futuro do presente composto

Terei	(ou haverei)	sido, estado, tido, havido
Terás	(ou haverás)	
Terá	(ou haverá)	
Teremos	(ou haveremos)	
Tereis	(ou havereis)	
Terão	(ou haverão)	

Futuro do Pretérito composto

Teria	(ou haveria)	sido, estado, tido, havido
Terias	(ou haverias)	
Teria	(ou haveria)	
Teríamos	(ou haveríamos)	
Teríeis	(ou haveríeis)	
Teriam	(ou haveriam)	

MODO SUBJUNTIVO

Pretérito perfeito

Tenha	(ou haja)	sido, estado, tido, havido
Tenhas	(ou hajas)	
Tenha	(ou haja)	
Tenhamos	(ou hajamos)	
Tenhais	(ou hajais)	
Tenham	(ou hajam)	

Pretérito mais-que-perfeito

Tivesse	(ou houvesse)	sido, estado, tido, havido
Tivesses	(ou houvesses)	
Tivesse	(ou houvesse)	
Tivéssemos	(ou houvéssemos)	
Tivésseis	(ou houvésseis)	
Tivessem	(ou houvessem)	

Futuro composto

Tiver	(ou houver)	sido, estado, tido, havido
Tiveres	(ou houveres)	
Tiver	(ou houver)	
Tivermos	(ou houvermos)	
Tiverdes	(ou houverdes)	
Tiverem	(ou houverem)	

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado composto

Ter	(ou haver)	sido, estado, tido, havido

Infinitivo flexionado composto

Ter	(ou haver)	sido, estado, tido, havido
Teres	(ou haveres)	
Ter	(ou haver)	
Termos	(ou havermos)	
Terdes	(ou haverdes)	
Terem	(ou haverem)	

Gerúndio

Tendo (ou havendo) sido, estado, tido, havido

Conjugação do verbo *pôr*

1 – Conjugação simples

MODO INDICATIVO

Presente	Pretérito imperfeito	Pretérito perfeito
Ponho	Punha	Pus
Pões	Punhas	Puseste
Põe	Punha	Pôs
Pomos	Púnhamos	Pusemos
Pondes	Púnheis	Pusestes
Põem	Punham	Puseram

Pretérito mais-que-perf.	Futuro do pretérito	Futuro do presente
Pusera	Poria	Porei
Puseras	Porias	Porás
Pusera	Poria	Porá
Puséramos	Poríamos	Poremos
Puséreis	Poríeis	Poreis
Puseram	Poriam	Porão

MODO SUBJUNTIVO

Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
Ponha	Pusesse	Puser
Ponhas	Pusesses	Puseres
Ponha	Pusesse	Puser
Ponhamos	Puséssemos	Pusermos
Ponhais	Puséssеis	Puserdes

Ponham	Pusessem	Puserem

MODO IMPERATIVO

Afirmativo	Negativo
Põe tu	Não ponhas tu
Ponha você	Não ponha você
Ponhamos nós	Não ponhamos nós
Ponde vós	Não ponhais vós
Ponham vocês	Não ponham vocês

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado	Infinitivo flexionado
Pôr	Pôr
	Pores
	Pôr
	Pormos
	Pordes
	Porem

Gerúndio	Particípio
Pondo	Posto

2 - Conjugação composta

MODO INDICATIVO

Pretérito perfeito composto		Pretérito mais-que-perfeito composto	
Tenho	posto	Tinha	posto
Tens	posto	Tinhas	posto
Tem	posto	Tinha	posto
Temos	posto	Tínhamos	posto
Tendes	posto	Tínheis	posto
Têm	posto	Tinham	posto

Futuro do presente composto		Futuro do pretérito composto	
Terei	posto	Teria	posto
Terás	posto	Terias	posto
Terá	posto	Teria	posto

Teremos	posto	Teríamos	posto
Tereis	posto	Teríeis	posto
Terão	posto	Teriam	posto

MODO SUBJUNTIVO

Pretérito perfeito		Pretérito mais-que-perf.		Futuro	
Tenha	posto	Tivesse	posto	Tiver	posto
Tenhas	posto	Tivesses	posto	Tiveres	posto
Tenha	posto	Tivesse	posto	Tiver	posto
Tenhamos	posto	Tivéssemos	posto	Tivermos	posto
Tenhais	posto	Tivésseis	posto	Tiverdes	posto
Tenham	posto	Tivessem	posto	Tiverem	posto

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado		Infinitivo flexionado	
Ter	posto	Ter	posto
		Teres	posto
		Ter	posto
		Termos	posto
		Terdes	posto
		Terem	posto

Gerúndio composto	
Tendo	posto

Conjugação de um verbo composto na voz passiva: *ser amado*

MODO INDICATIVO

Presente		Pretérito imperfeito		Pretérito perf. simples	
Sou	amado	Era	amado	Fui	amado
És	amado	Eras	amado	Foste	amado
É	amado	Era	amado	Foi	amado
Somos	amados	Éramos	amados	Fomos	amados
Sois	amados	Éreis	amados	Fostes	amados

São	amados	Eram	amados	Foram	amados

Pretérito perfeito composto

Tenho	sido amado
Tens	sido amado
Tem	sido amado
Temos	sido amados
Tendes	sido amados
Têm	sido amados

Pretérito mais-que-perfeito simples

Fora	amado
Foras	amado
Fora	amado
Fôramos	amados
Fôreis	amados
Foram	amados

Pret. mais-que-perfeito composto

Tinha	sido amado
Tinhas	sido amado
Tinha	sido amado
Tínhamos	sido amados
Tínheis	sido amados
Tinham	sido amados

Futuro do presente simples

Serei	amado
Serás	amado
Será	amado
Seremos	amados
Sereis	amados
Serão	amados

Futuro do presente composto

Terei	sido amado
Terás	sido amado
Terá	sido amado
Teremos	sido amados
Tereis	sido amados
Terão	sido amados

Futuro do pretérito simples

Seria	amado
Serias	amado
Seria	amado
Seríamos	amados
Seríeis	amados
Seriam	amados

Futuro do pretérito composto

Teria	sido amado
Terias	sido amado
Teria	sido amado
Teríamos	sido amados
Teríeis	sido amados
Teriam	sido amados

MODO SUBJUNTIVO

Presente

Seja	amado

Pretérito imperfeito

Fosse	amado

Pretérito perfeito

Tenha	sido amado

Sejas	amado	Fosses	amado	Tenhas	sido amado
Seja	amado	Fosse	amado	Tenha	sido amado
Sejamos	amados	Fôssemos	amados	Tenhamos	sido amados
Sejais	amados	Fôsseis	amados	Tenhais	sido amados
Sejam	amados	Fossem	amados	Tenham	sido amados

Pretérito mais-que-perfeito		Futuro		Futuro composto	
Tivesse	sido amado	For	amado	Tiver	sido amado
Tivesses	sido amado	Fores	amado	Tiveres	sido amado
Tivesse	sido amado	For	amado	Tiver	sido amado
Tivéssemos	sido amados	Formos	amados	Tivermos	sido amados
Tivésseis	sido amados	Fordes	amados	Tiverdes	sido amados
Tivessem	sido amados	Forem	amados	Tiverem	sido amados

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado		Infinitivo não flexionado composto	
Ser	amado	Ter	sido amado

Infinitivo flexionado composto		Infinitivo flexionado	
Ser	amado	Ter	sido amado
Seres	amado	Teres	sido amado
Ser	amado	Ter	sido amado
Sermos	amados	Termos	sido amados
Serdes	amados	Terdes	sido amados
Serem	amados	Terem	sido amados

Gerúndio	Gerúndio composto	
Sendo amado	Tendo	sido amado

OBSERVAÇÕES sobre a voz passiva:

1.ª) O particípio neste caso aparece na forma feminina se a referência é feita a ser do gênero feminino:

Ele é *amado*. Ela é *amada*.

2.ª) Também nas três pessoas do plural o particípio vai ao plural:

Voz ativa – Ela tem *estudado*. Elas têm *estudado*.

Voz passiva – Ela é *amada*. Elas são *amadas*.

3.ª) Na voz passiva não se usa o imperativo.

Conjugação de um verbo *pronominal*: *apiedar-se* – Já vimos que o verbo se diz

pronominal quando o pronome oblíquo se refere ao pronome reto:

Eu *me* visto. Nós *nos* arrependemos. Eles *se* foram.

O pronome átono pode vir antes, no meio ou depois do verbo ou verbos (se for uma conjugação composta), de acordo com certos princípios que serão futuramente estudados:

a) *próclise*: se o vocábulo átono vem antes: Ele se feriu (pronome átono proclítico);

b) mesóclise: se o vocábulo átono vem no meio (dos futuros, do presente e do pretérito): Vestir-se-á se puder. Vestir-nos-íamos se pudéssemos (pronome átono mesoclítico);

c) *ênclise*: se o vocábulo átono vem depois: Queixamo-nos ao diretor (pronome átono enclítico).

NOTA IMPORTANTE – Se o pronome for enclítico, nestes casos, só haverá uma alteração no verbo a que pertencer o pronome: perderá o *s* final da 1.ª pessoa do plural:

queixo-me
queixas-te
queixa-se
queixamo-nos
queixais-vos
queixam-se

Nas outras posições, o verbo ficará intacto:

Nós nos queixamos. Queixar-nos-emos.

Atente-se para o seguinte modelo e para as observações feitas sobre a impossibilidade da posposição em algumas formas:

Apiedar-se

MODO INDICATIVO

Presente	Pretérito imperfeito	Pretérito perfeito
apiedo-me	apiedava-me	apiedei-me
apiedas-te	apiedavas-te	apiedaste-te
apieda-se	apiedava-se	apiedou-se
apiedamo-nos	*apiedávamo-nos*	*apiedamo-nos*
apiedais-vos	apiedáveis-vos	apiedastes-vos
apiedam-se	apiedavam-se	apiedaram-se

Pretérito perfeito composto		Pretérito mais-que-perfeito
tenho-me	apiedado [1]	apiedara-me
tens-te	apiedado	apiedaras-te
tem-se	apiedado	apiedara-se
temo-nos	*apiedado*	*apiedáramo-nos*
tendes-vos	apiedado	apiedáreis-vos
têm-se	apiedado	apiedaram-se

Pretérito mais-que-perfeito composto

tinha-me	apiedado
tinhas-te	apiedado
tinha-se	apiedado
tínhamo-nos	*apiedado*
tínheis-vos	apiedado
tinham-se	apiedado

Futuro do presente

apiedar-me-ei [2]
apiedar-te-ás
apiedar-se-á
apiedar-nos-emos
apiedar-vos-eis
apiedar-se-ão

Futuro do presente composto

ter-me-ei	apiedado
ter-te-ás	apiedado
ter-se-á	apiedado
ter-nos-emos	apiedado
ter-vos-eis	apiedado
ter-se-ão	apiedado

Futuro do pretérito

apiedar-me-ia
apiedar-te-ias
apiedar-se-ia
apiedar-nos-íamos
apiedar-vos-íeis
apiedar-se-iam

Futuro do pretérito composto

ter-me-ia	apiedado
ter-se-ias	apiedado
ter-se-ia	apiedado
ter-nos-íamos	apiedado
ter-vos-íeis	apiedado
ter-se-iam	apiedado

1 Nunca se use pronome átono posposto a particípio.

2 Nunca se use pronome átono posposto aos futuros do presente e do pretérito; usar-se-á a anteposição ou a interposição, como veremos depois.

MODO SUBJUNTIVO

NOTA: Raramente aparece pronome posposto a verbo neste modo, por aparecer, em geral, em oração subordinada.

Presente	**Pretérito imperfeito**	**Pretérito perfeito**
apiede-me	apiedasse-me	Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!
apiedes-te	apiedasses-te	
apiede-se	apiedasse-se	
apiedemo-nos	*apiedássemo-nos*	
apiedeis-vos	apiedásseis-vos	
apiedem-se	apiedassem-se	

Pretérito mais-que-perfeito		**Futuro composto**
tivesse-me	apiedado	
tivesses-te	apiedado	

tivesse-se	apiedado	Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!
tivéssemo-nos	*apiedado*	
tivésseis-vos	apiedado	
tivessem-se	apiedado	

MODO IMPERATIVO

Afirmativo	**Negativo**
apieda-te tu	
apiede-se você	
apiedemo-nos nós	Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!
apiedai-vos vós	
apiedem-se vocês	

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado simples	**Infinitivo não flexionado composto**	
apiedar-me	ter-me	apiedado
apiedar-te	ter-te	apiedado
apiedar-se	ter-se	apiedado
apiedar-nos	ter-nos	apiedado
apiedar-vos	ter-vos	apiedado
apiedar-se	ter-se	apiedado
Infinito flexionado simples	**Infinito flexionado composto**	
apiedar-me	ter-me	apiedado
apiedares-te	teres-te	apiedado
apiedar-se	ter-se	apiedado
apiedarmo-nos	*termo-nos*	*apiedado*
apiedardes-vos	terdes-vos	apiedado
apiedarem-se	terem-se	apiedado
Gerúndio simples	**Gerúndio composto**	
apiedando-me	tendo-me	apiedado
apiedando-te	tendo-te	apiedado
apiedando-se	tendo-se	apiedado
apiedando-nos	tendo-nos	apiedado
apiedando-vos	tendo-vos	apiedado
apiedando-se	tendo-se	apiedado

Particípio

Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!

Conjugação de um verbo com pronome oblíquo átono (sem ser pronominal): tipo ***pô-lo*** – O verbo pode acompanhar-se de um pronome oblíquo átono que não se refira ao pronome reto, isto é, ao sujeito:

Eu *o* vi. Nós *te* admiramos. Ela *o* chama.

Quando os pronomes oblíquos átonos *o*, *a*, *os*, *as* estiverem depois do verbo ou no meio modificam-se de acordo com o final a que se acham pospostos:

a) se o verbo terminar por vogal ou semivogal oral, os pronomes aparecem inalterados: ponho-*o*, ponho-*a*, ponho-*os*, ponho-*as*;

b) se o verbo terminar por *r*, *s* ou *z*, desaparecem estas consoantes e os pronomes aparecem nas antigas formas *lo*, *la*, *los*, *las*:

pôr lo = pô-lo; pões lo = põe-lo; diz lo = di-lo; deixar lo ia = deixá-lo-ia

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Recorde-se a acentuação dos oxítonos estudada em **Regras de acentuação**.

2.ª) Se o verbo termina por *ns*, o *n* passará a *m*: *tens lo = tem-lo*.

c) se o verbo terminar por som nasal (*m* ou sílaba com til), os pronomes assumem as formas *no*, *na*, *nos, nas*:

põe + o = põe-no; viram + a = viram-na.

NOTA: Se os pronomes vêm antes do verbo, não há nenhuma alteração nos pronomes e no verbo: Ele *o põe* ali. Eu *o fiz*.

OBSERVAÇÃO: Alguns autores chamam *pronominais reflexos* aos verbos na voz reflexiva e pronominais irreflexivos (ou não reflexos) aos verbos deste parágrafo. 62

Atente-se para o seguinte modelo e para as observações feitas sobre a impossibilidade da posposição em algumas formas:

Pô-lo

(só a conjugação simples)

MODO INDICATIVO

Presente	**Pretérito imperfeito**	**Pretérito perfeito**
ponho-o	punha-o	pu-lo
põe-lo	punha-lo	puseste-o
põe-no	punha-o	pô-lo
pomo-lo	púnhamo-lo	pusemo-lo
ponde-lo	púnhei-lo	puseste-lo
põem-no	punham-no	puseram-no
Pret. Mais-que-perf.	**futuro do presente**	**Futuro do pretérito**
Pusera-o	pô-lo-ei [1]	pô-lo-ia
pusera-lo	pô-lo-ás	pô-lo-ias
pusera-o	pô-lo-á	pô-lo-ia
puséramo-lo	pô-lo-emos	pô-lo-íamos
pusérei-lo	pô-lo-eis	pô-lo-íeis
puseram-no	pô-lo-ão	pô-lo-iam

1 Note-se que nos futuros do presente e do pretérito há formas verbais com dois acentos gráficos.

MODO SUBJUNTIVO

NOTA: raramente aparece pronome posposto a verbo neste modo.

Presente	**Pretérito imperfeito**	**Futuro**
ponha-o	pusesse-o	Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!
ponha-lo	pusesse-lo	
ponha-o	pusesse-o	
ponhamo-lo	puséssemo-lo	
ponhai-lo	puséssei-lo	

ponham-no	pusessem-no

MODO IMPERATIVO

Afirmativo	**Negativo**
põe-no tu [2]	Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!
ponha-o você	
ponhamo-lo nós	
ponde-o vós [2]	
ponham-no vocês	

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo	**Gerúndio**	**Particípio**
pô-lo	pondo-o	Não se usa com pronome posposto.

2 Recorde-se que o s final do presente do indicativo desaparece no imperativo afirmativo.

Conjugação dos verbos irregulares – Na seguinte relação de verbos, apresentamos, além das formas irregulares, algumas regulares em que frequentemente se erra. As formas que aqui faltam e se empregam são todas regulares.

1.ª CONJUGAÇÃO:

Dar

Pres. ind.: dou, dás, dá, damos, dais, dão.
Pret. perf. ind.: dei, deste, deu, demos, destes, deram.
M.-que-Perf. ind.: dera, deras, dera, déramos, déreis, deram.
Pres. subj.: dê, dês, dê, demos, deis, deem.
Pret. imperf. subj.: desse, desses, desse, déssemos, désseis, dessem.
Fut. subj.: der, deres, der, dermos, derdes, derem.

Por este modelo conjuga-se *desdar; circundar* é, porém, regular.

Estar

Ver a lista dos verbos auxiliares.

Por este conjugam-se: *sobestar* e *sobrestar*. São regulares os seus derivados *constar, prestar, obstar, instar, distar, restar,* etc.

2.ª CONJUGAÇÃO

Caber

Pres. ind.: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem.

Pret. perf. ind.: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam.
M.-q.-perf. ind.: coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam.
Pres. subj.: caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam.
Pret. imp. subj.: coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem.
Fut. subj.: coube*r,* couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem.

Comprazer

Ver *prazer*.

Crer

Pres. ind.: creio, crês, crê, cremos, credes, creem.
Pret. perf. ind.: cri, creste, creu, cremos, crestes, creram.
Pres. subj.: creia, creias, creia, creiamos, creiais, creiam.
Pret. impa. subj.: cresse, cresses, cresse, crêssemos, crêsseis, cressem.
Fut. subj.: crer, creres, crer, crermos, crerdes, crerem.
Imperativo: crê, crede.
Part.: crido.

Com este conjuga-se *descrer*.

Dizer

Pres. ind.: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem.
Pret. Perf. ind.: disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram.
M.-q.-perf. ind.: dissera, disseras, dissera, disséramos, disséreis, disseram.
Fut. pres.: direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão.
Fut. pret.: diria, dirias, diria, diríamos, diríeis diriam.
Pres. subj.: diga, digas, diga, digamos, digais, digam.
Pret. imperf. subj.: dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem.
Fut. subj.: disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem,
Imperativo: dize, dizei.
Part.: dito.

Por este se conjugam *bendizer*, *condizer*, *contradizer*, *desdizer*, *maldizer*, *predizer*.

Fazer

Pres. ind.: faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem.
Pret. perf. ind.: fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram.
M.-q.-perf. ind.: fizera, fizeras, fizera, fizéramos, fizéreis, fizeram.
Fut. pres.: farei, farás, fará, faremos, fareis, farão.
Fut. pret.: faria, farias, faria, faríamos, faríeis, fariam.
Pres. subj.: faça, faças, faça, façamos, façais, façam.
Pret. imp. subj.: fizesse, fizesses, fizesse fizéssemos, fizésseis, fizessem.
Fut. subj.: fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem.
Imperativo: faz(e), fazei.
Part. : feito.

Por este se conjugam *afazer*, *contrafazer*, *desfazer*, *liquefazer*, *perfazer*, *refazer*, *rarefazer*, *satisfazer*.

Haver

Ver a conjugação dos verbos auxiliares.

Jazer

Pret. ind.: jazo, jazes, jaz, jazemos, jazeis, jazem.
Pret. Perf. ind.: jazi, jazeste, jazeu, jazemos, jazestes, jazeram.

As outras formas – pois é totalmente conjugado – são regulares.

Por este se modela *adjazer*.

Ler

Pres. ind.: leio, lês, lê, lemos, ledes, leem.

Pret. perf. ind.: li, leste, leu, lemos, lestes, leram.

M.-q.-perf. ind.: lera, leras, lera, lêramos, lêreis, leram.

Pres. subj.: leia, leias, leia, leiamos, leiais, leiam.

Pret. imp. subj.: lesse, lesses, lesse, lêssemos, lêsseis, lessem.

Fut. subj.: ler, leres, ler, lermos, lerdes, lerem.

Por este se conjugam *reler* e *tresler*.

Perder

Pres. ind.: perco (ê), perdes, perde, perdemos, perdeis, perdem.

Pres. subj.: perca (ê), percas (ê), perca (ê), percamos (ê), percais (ê), percam (ê).

Poder

Pres. ind.: posso, podes, pode, podemos, podeis, podem.

Pret. perf. ind.: pude, pudeste, pôde, pudemos, pudestes, puderam.

M.-q.-perf. ind.: pudera, puderas, pudera, pudéramos, pudéreis, puderam.

Pres. subj.: possa, possas, possa, possamos, possais, possam.

Pret. imp.: pudesse, pudesses, pudesse, pudéssemos, pudésseis, pudessem.

Fut. subj.: puder, puderes, puder, pudermos, puderdes, puderem.

Desusado modernamente no imperativo.

Prazer

(Pouco usado na 1.ª e 2.ª pessoa)

Pres. ind.: praz, prazem.

Pret. perf. ind.: prouve, prouveram.

M.-q.-perf. ind.: prouvera, prouveram.

Pret. imp. subj.: prouvesse, prouvessem.

Fut. subj.: prouver, prouverem.

Por este se conjugam *aprazer, desprazer, desaprazer,* verbos que se apresentam em todas as pessoas. *Comprazer* e *descomprazer são* verbos completos e se modelam por *prazer;* no pret. perfeito e m.-q.-perfeito do indicativo, pret. imperfeito e futuro do subjuntivo podem ainda ser conjugados regularmente.

> (...) o poeta (...) não *aprazia* a uma companhia ortodoxa [JR.2, 195].

Querer

Pres. ind.: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem.

Pret. Perf. ind.: quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram.

M.-q.-perf. ind.: quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram.

Pres. subj.: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram.

Pret. imp. subj.: quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem.

Fut. subj.: quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem.

Part.: querido (a forma quisto só se usa em *benquisto* e *malquisto).*

A moderna forma *quere*, 3.ª pessoa do singular, em lugar de *quer,* só é usada pelos portugueses. Normalmente não se usa o verbo *querer* no imperativo; há exemplos de *querei* nos *Sermões* do Pe. Antônio Vieira. Quando se usa pronome átono (*o*, *a*, *os*, *as*) posposto à 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo, emprega-se *qué-lo* ou *quere-o:* "Qué-lo o teu povo" [AH.4, 1, 79].

Desusado modernamente no imperativo; aparece no optativo que traduz um desejo de realização de um fato expresso pelo infinitivo seguinte: *Queira aceitar meus cumprimentos.*

Requerer

Pres. ind.: requeiro, requeres, requer (ou requere), requeremos, requereis, requerem.
Pret. Perf. ind.: requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram.
M.-q.-perf. ind.: requerera, requereras, requerera, requerêramos, requerêreis, requereram.
Pres. subj.: requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram.
Pret. imp. subj.: requeresse, requeresses, requeresse, requerêssemos, requerêsseis, requeressem.
Fut. subj.: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.
Imperativo: requer(e), requerei.
Part.: requerido.

A 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo *requer* é modernamente mais usada que *requere*, esta mais lusitana.

Saber

Pres. ind.: sei, sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem.
Pret. perf. ind.: soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, souberam.
M.-q.-perf. ind.: soubera, souberas, soubera, soubéramos, soubéreis, souberam.
Pres. subj.: saiba, saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam.
Pret. imp. subj.: soubesse, soubesses, soubesse, soubéssemos, soubésseis, soubessem.
Fut. subj.: souber, souberes, souber, soubermos, souberdes, souberem.

Ser

Veja a conjugação dos verbos auxiliares.

Ter

Veja a conjugação dos verbos auxiliares.

Trazer

Pres. ind.: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem.
Pret. perf. ind.: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram.
M.-q.-perf. ind.: trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram.
Futuro do pres.: trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão.
Fut. do pret.: traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam.
Pres. subj.: traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam.
Pret. imp. subj.: trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem.
Imperativo: traz(e), trazei.

Valer

Pres. ind.: valho, vales, vale (ou val), valemos, valeis, valem.
Pres. subj.: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham.

Val, por *vale*, é forma corrente entre os portugueses.

Como *valer* conjugam-se *desvaler* e *equivaler*.

Ver

Pres. ind.: vejo, vês, vê, vemos, vedes veem.
Pret. imp. ind.: via, vias, via, víamos, víeis, viam.
Pret. perf. ind.: vi, viste, viu, vimos, vistes, viram.
M.-q.-perf. ind.: vira, viras, vira, víramos, víreis, viram.
Pres. subj.: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam.
Pret. imp. subj.: visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem.
Fut. subj.: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.
Part.: visto.

Assim se conjugam *antever*, *entrever*, *prever* e *rever*. *Prover* e *desprover* modelam-se por *ver*, exceto no pretérito

perfeito do indicativo e derivados, e particípio, quando se conjugam regularmente.

Pret. Perf. ind.: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram.

M.-q.-perf. ind.: provera, proveras, provera, provéramos, provêreis, proveram.

Fut. subj.: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.

Part.: provido.

3.ª Conjugação:

Acudir

Pres. ind.: acudo, acodes, acode, acudimos, acudis, acodem.

Pret. Perf. ind.: acudi, acudiste, acudiu, acudimos, acudistes, acudirem.

Pres. subi.: acuda, acudas, acuda, acudamos, acudais, acudam.

Pret. imp. subj.: acudisse, acudisses, acudisse, acudíssemos, acudísseis, acudissem.

Imperativo: acode, acudi.

Assim se conjugam *bulir, construir, cuspir, destruir, engolir* 63, *entupir*64, *escapulir, fugir* 65, *sacudir, subir, sumir* 66.

Construir, destruir e *entupir,* como verbos abundantes, apresentam como formas menos usadas, *construis, construi, destrui, entupes, entupe.*

Os demais verbos em *udir* (*aludir*, *eludir*, *iludir*) são regulares.

Cair

Pres. ind.: caio, cais, cai, caímos, caís, caem.

Pret. imp. ind.: caía, caías, caía, caíamos, caíeis, caíam.

Pret. perf. ind.: caiu, caíste, caiu, caímos, caístes, caíram.

M.-q.-perf. ind.: caíra, caíras, caíra, caíramos, caíreis, caíram.

Fut. pres.: cairei, cairás, cairá, cairemos, caireis, cairão.

Fut. pret.: cairia, cairias, cairia, cairíamos, cairíeis, cairiam.

Pres. subj.: caia, caias, caia, caiamos, caiais, caiam.

Pret. imp. subj.: caísse, caísses, caísse, caíssemos, caísseis, caíssem.

Fut. subj.: cair, caíres, cair, cairmos, cairdes, caírem.

Por este se conjugam *atrair, contrair, distrair, esvair, retrair, sair, subtrair, trair, embair*.

Para a boa acentuação deste tipo de verbos, recorde-se o que se disse em **Regras de acentuação**.

Cobrir

Pres. ind.: cubro, cobres, cobre, cobrimos, cobris, cobrem.

Pret. Perf. ind.: cobri, cobriste, cobriu, cobrimos, cobristes, cobriram.

Pres. subj.: cubra, cubras, cubra, cubramos, cubrais, cubram.

Imperativo: cobre tu, cubra você, cubramos nós, cobri vós, cubram vocês.

Por este se conjugam *descobrir, dormir* (regular no part.: dormido), *encobrir, recobrir e tossir* (regular no part.: *tossido).*

Frigir

Pres. ind.: frijo, freges, frege, frigimos, frigis, fregem.

Pres. subj.: frija, frijas, frija, frijamos, frijais, frijam.

Imperativo: frege, frija, frijamos, frigi, frijam.

Part.: frigido e frito.

Atente-se para a troca de *g por j antes* de *a* e *o*.

Ir

Pres. ind.: vou, vais, vai, vamos (ou imos), ides, vão.

Pret. imp. ind.: ia, ias, ia, íamos, íeis, iam.
Pret. Perf.: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.
m.-q.-perf. ind.: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.
Fut. pres.: irei, irás, irá, iremos, ireis, irão.
Fut. Pret.: iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam.
Pres. subj.: vá, vás, vá, vamos, vades, vão.
Pret. imp. subj.: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.
Fut. subj.: for, fores, for, formos, fordes, forem.
Imperativo: vai, vá, vamos, ide, vão.
Gerúndio: indo.
Part.: ido.

Medir

Pres. ind.: meço, medes, mede, medimos, medis, medem.
Pres. subj.: meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam.
Assim se conjugam *desmedir e pedir*.

Mentir

Pres. ind.: minto, mentes, mente, mentimos, mentis, mentem.
Pres. subj.: minta, mintas, minta, mintamos, mintais, mintam.
Por este verbo se conjugam *consentir, desmentir, persentir* (sentir profundamente), *pressentir* (prever), *ressentir, sentir*.

Ouvir

Pres. ind.: ouço, ouves, ouve, ouvimos, ouvis, ouvem.
Pres. subj.: ouça, ouças, ouça, ouçamos, ouçais, ouçam.
Entre portugueses ocorre a variante *oiço,* ao lado de *ouço*. Também no presente do subjuntivo: *oiça, oiças, oiça, oiçamos, oiçais, oiçam.*

Pedir

Pres. ind.: peço, pedes, pede, etc.
Pres. subj.: peça, peças, peça, etc.
Pedir serve hoje de modelo para *desimpedir, despedir, expedir* e *impedir* (que não são derivados de *pedir*).

Parir

Polir (= *lustrar*, *civilizar*)

Pres. ind.: pulo, pules, pule, polimos, polis, pulem.
Pret. perf.: poli, poliste, poliu, polimos, polistes, poliram.
Pres. subj.: pula, pulas, pula, pulamos, pulais, pulam.
Imperativo: pule, pula, pulamos, poli, pulam.
Por este verbo se conjugam *despolir* e *sortir* (= abastecer, prover, misturar, combinar). *Surtir* (com *u*) é regular: *surto, surtes, surte, surtimos, surtis, surtem*[67].

> "...enquanto o progresso das ciências e das artes pule e melhora exteriormente o gênero humano, destruiria o intolerável egoísmo que destrói ou afeia o formoso edifício da moderna civilização". [AH.2, 142].

Progredir

Pres. ind.: progrido, progrides, progride, progredimos, progredis, progridem.
Pret. imp. ind.: progredia, progredias, progredia, progredíamos, progredíeis, progrediam.
Pret. perf. ind.: progredi, progrediste, progrediu, progredimos, progredistes, progrediram.
Pres. subj.: progrida, progridas, progrida, progridamos, progridais, progridam.
Por este verbo se conjugam *agredir, cerzir, denegrir, prevenir, regredir, transgredir. Remir,* hoje mais usado como defectivo (cf. **Verbos defectivos e abundantes**), seguia outrora o modelo de *progredir:* rimo, rimes, rime, remimos, remis,

rimem.

"Por 20 libras anuais a aldeia de Favaios rime todos os tributos e obtém o privilégio de nomear o seu juiz" [AH.2, 149].

Rir

Pres. ind.: rio, ris, ri, rimos, rides, riem.

Pret. imperf. ind. : ria, rias, ria, ríamos, ríeis, riam.

Pret. perf. ind.: ri, riste, riu, rimos, ristes, riram.

Part. : rido.

Segue este modelo o verbo *sorrir*.

Servir

Pres. ind.: sirvo, serves, serve, servimos, servis, servem.

Pres. subj.: sirva, sirvas, sirva, sirvamos, sirvais, sirvam.

Imperativo: serve, sirva, sirvamos, servi, sirvam.

Por este verbo se conjugam aderir, advertir, aferir, compelir, competir, concernir, conferir, conseguir, convergir, deferir, despir, digerir, divertir, expelir, impelir, inserir, perseguir, preferir, preterir, repelir, seguir, sugerir, vestir.

Submergir

Pres. ind.: submerjo (ê), submerges (é), submerge (é), submergimos, submergis, submergem (é).

Pres. subj.: submerja (ê), submerjas (ê), submerja (ê), submerjamos, submerjais, submerjam (ê).

Imperativo: submerge (é), submerja (ê), submerjamos, submergi, submerjam (ê).

Seguem este modelo *aspergir, emergir, imergir*.

Vir

Pres. ind.: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm.

Pret. imperf. ind.: vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham.

Pret. Perf. ind.: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.

Fut. pres.: virei, virás, virá, viremos, vireis virão.

Fut. pret.: viria, virias, viria, viríamos, viríeis, viriam.

Pres. subj.: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham.

Fut. subj.: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.

Imperativo: vem, venha, venhamos, vinde, venham.

Gerúndio: vindo.

Part.: vindo.

Por este modelo se conjugam advir, avir-se, convir, desavir, intervir, provir, sobrevir.

EMPREGO DO VERBO

Emprego de tempos e modos

1) **Indicativo** – É o modo que normalmente aparece nas orações independentes, e nas dependentes que encerram um fato real ou tido como tal.

Presente – Para bem entender os diversos empregos por que se desdobra o presente no sistema de oposições em que se insere, temos de considerar a lição de Coseriu, que propõe o seguinte esquema [ECs.5, 139]:

<table>
<tr><td></td><td>Presente</td><td colspan="2">Passado</td><td></td></tr>
<tr><td rowspan="2">Não futuro</td><td rowspan="2">canto</td><td>cantava</td><td>cantei</td><td>Presente</td></tr>
<tr><td colspan="2">cantara</td><td rowspan="2">Passado</td></tr>
<tr><td>Futuro</td><td>cantarei</td><td colspan="2">cantaria</td></tr>
</table>

Ainda teríamos de, no interior do passado, admitir outra vez a oposição presente/passado, isto é, uma oposição entre um "presente do passado" (*cantava – cantei*) e um "passado do passado" (*cantara*).

Isto significa que o presente, a rigor, se caracteriza pelo traço "negativo" ou "neutral" em relação ao pretérito (passado) e ao futuro, que são termos "positivos", isto é, aplicados ao ocorrido, o que lhe permite, ao presente, empregar-se, em determinados contextos, "em lugar" do passado e do futuro [ECs.1, 234]. Não ocorrendo a neutralização, tais substituições ficam impedidas: em *agora estarei muito cansado*, se entendermos "agora mesmo", e não "em seguida", depois do momento em que falo" (quando a construção será perfeitamente possível), não se empregará o futuro pelo presente.

O presente denota uma declaração:

a) que se verifica ou que se prolonga até o momento em que se fala:

"Ocorre-me uma reflexão imoral, que é ao mesmo tempo uma correção de estilo" [MA.1, 56].

b) que acontece habitualmente:

A Terra gira em torno do Sol.

c) que representa uma verdade universal (o "presente eterno"):

"O interesse adota e defende opiniões que a consciência reprova" [MM].

Emprega-se o presente:

a) pelo *pretérito*, em narrações animadas e seguidas (presente histórico), como para dar a fatos passados o sabor de novidade das coisas atuais:

"Pela manhã, *bates*-lhe à porta, chamando-o. Como ninguém responda, *procuras* entrar. Um peso imprevisto *detém* o esforço do teu braço. *Insistes*. *Entras*. E *recuas*, os olhos escancarados, o rosto transfigurado pela dor e pelo assombro, o coração parado no peito" [HC.1, 16-17]. 68

b) pelo *futuro do indicativo* para indicar com ênfase uma decisão:

Amanhã eu *vou* à cidade.

c) pelo *pretérito imperfeito* do subjuntivo:

Se *respondo* mal, ele se zangaria.

d) pelo *futuro do subjuntivo*:

Se *queres* a paz, prepara-te para a guerra.

OBSERVAÇÃO: Para exprimir ação começada emprega-se, em geral, o verbo *estar* seguido de gerúndio ou de infinitivo precedido de *a* preposição.

Estava { falando / a falar { sobre tal assunto

Pretérito imperfeito – O imperfeito, como ensina Coseriu [ECs.5, 165], é um membro não marcado, extensivo, de uma oposição que encerra três membros, dois dos quais são marcados e intensivos: o mais-que-perfeito e o chamado condicional presente, na forma simples.

Nesta oposição, o mais-que-perfeito significa um "anterior", enquanto o condicional presente (futuro do pretérito) um "depois". Daí o imperfeito não significar nem "antes" nem "depois" e, por isso, pode ocupar todo o espaço da oposição. Isto implica que não se pode, a rigor, atribuir ao imperfeito a pura e simples significação de passado, a não ser que ele seja considerado um "presente" do passado. Como um segundo "presente" pode – como ocorre com o presente próprio, que tem seu pretérito representado pelo perfeito simples, e o seu futuro representado pelo futuro simples – ter seu próprio passado (o mais-que-perfeito) e seu próprio futuro (o condicional presente). Por isso, o presente pode substituir o pretérito perfeito simples e o futuro, mas o imperfeito não.

Pode-se, neste gráfico, representar o presente e o imperfeito no sistema dos tempos em português; o imperfeito, sendo um termo neutro do plano "inatual", pode ser empregado "em lugar" do seu pretérito (passado) e de seu futuro:

Passado		Atualidade		Futuro
Perfeito simples	←	Presente	→	Futuro
Mais-que-perfeito	←	Imperfeito	→	Condicional presente (Fut. do pret.)

Daí a variedade e ambivalências destes dois tempos na atividade do discurso; geralmente uma forma verbal não está por outra ou em lugar de outra, mas sim no lugar de *outra significação* [ECs.5, 150].

Emprega-se o pret. imperfeito quando nos transportamos mentalmente a uma época passada e descrevemos o que então era presente:

"Eugênia *coxeava* um pouco, tão pouco, que eu cheguei a perguntar-lhe se machucara o pé" [MA.1, 193].

Nos pedidos e solicitações ou denota que duvidamos da realização do fato ou exprime um desejo feito com modéstia ou com o simples propósito:

"*Queria* viver para o seu filho – é como ele explicava o desejo da vida" [CBr.9, 22].

Sr. Manuel, eu *desejava* telefonar.

Pode substituir, principalmente na conversação, o futuro do pretérito, quando se quer exprimir fato categórico ou a segurança do falante:

"Se me desprezasses, morreria, *matava*-me" [CBr.9, 19].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Emprega-se o pretérito imperfeito do verbo *dever* (fazer uma coisa) em lugar do pretérito perfeito:

Ele *devia* (e não *deveu*) ser (ou *ter sido*) ontem mais atencioso para contigo [ED.1, § 207, a, obs].

2.ª) Aparece em lugar do futuro do pretérito para denotar um fato certo como consequência de outro que não se deu:

Eu, se tivesse crédito na praça, *pedia* outro empréstimo.

3.ª) Ainda na referência ao futuro, entra o imperfeito chamado "prelúdico" ou imperfeito dos jogos: *então* [neste jogo que

vamos começar a jogar] eu *era* o rei e tu *eras* a rainha [ECS.1, 207]. "Agora eu era o herói e o meu cavalo só falava inglês" (*João e Maria*, de Chico Buarque e Sivuca).

Pretérito perfeito – "O pretérito imperfeito é o tempo da ação prolongada ou repetida com limites imprecisos; ou não nos esclarece sobre a ocasião em que a ação terminaria ou nada nos informa quanto ao momento do início. O pretérito perfeito, pelo contrário, fixa e enquadra a ação dentro de um espaço de tempo determinado" [SA.5, II, 103]:

> "Marcela *teve* primeiro um silêncio indignado; depois *fez* um gesto magnífico: *tentou* atirar o colar à rua. Eu *retive*-lhe o braço; *pedi*-lhe muito que não me fizesse tal desfeita, que ficasse com a joia. *Sorriu* e *ficou*" [MA.1, 55].

Não se pode dizer, comenta Coseriu 69, que o perfeito simples e o imperfeito se contrapõem por uma simples oposição. Na essência, o imperfeito em português e no românico visualiza as ações como num pano de fundo, como se completando num nível secundário.

O pretérito composto (*tenho trabalhado*) exprime:

a) repetição ou prolongação de um fato até o momento em que se fala, ou fato habitual:

> "Não me *tens dito* nada das tuas ocupações nessa casa" [CBr.3, II, 133].

b) fato consumado:

> *Tenho dito* (no fim dos discursos).

Pretérito mais-que-perfeito (simples e composto) – Denota uma ação anterior a outra já passada:

> "No dia seguinte, antes de me recitar nada, explicou-me o capitão que só por motivos graves *abraçara* a profissão marítima..." [MA.1, 66-67].

OBSERVAÇÃO: Em certas orações temporais, aparece o pretérito perfeito onde se esperaria o mais-que-perfeito:

> "Logo que se *retirou* o inimigo, mandou D. João Mascarenhas enterrar os mortos" [ED.1, § 208].
>
> "Ao revés encontra-se em orações subordinadas o mais-que-perfeito correspondendo a um presente da oração subordinada, quando este presente tem o sentido de um pretérito, v.g. Os antiquários dizem (= deixaram escrito) que ele *vivera* neste reinado" [ED.1].

Emprega-se ainda o mais-que-perfeito simples em lugar do futuro do pretérito do indicativo e do pretérito do subjuntivo, o que serve hoje como traço estilístico de linguagem solene:

> "dizendo: Mais *servira* (= serviria), se não *fora* (= fosse) para tão longo amor tão curta a vida" [LC.2, 147].
>
> "Que *fora* (= seria) a vida, se nela não *houvera* (= houvesse) lágrimas?" [AH.1, 32].

Futuro – O futuro do presente e o do pretérito denotam uma ação que ainda se vai realizar:

> "Os homens nos *parecerão* sempre injustos enquanto o forem as pretensões do nosso amor-próprio" [MM].
>
> "Sem a crença em uma vida futura, a presente *seria* inexplicável" [MM].

O futuro do presente pode ainda exprimir:

a) em lugar do *presente*, incerteza ou ideia aproximada, simples possibilidade ou asseveração modesta:

> "O mal não *será* a especiaria do bem?" [MM].
>
> Ele *terá* seus vinte anos.

No caso de ser empregado, em linguagem polida, nas interrogações, o futuro "não obriga o interlocutor a responder, como quando se emprega o verbo no presente ou no pretérito" [SA.2, 225].

b) em lugar do *imperativo*, uma ordem ou recomendação, principalmente nas prescrições e recomendações morais:

> *Defenderás* os teus direitos.
>
> Não *furtarás*.

"Nas orações condicionais de *se*, nas temporais de *quando* e *enquanto*, nas conformativas (de *segundo* e *conforme*, etc.), nas adjetivas que denotam simples concepção", o futuro do indicativo é substituído pelo futuro conjuntivo (subjuntivo) – o qual só nestas orações se usa (ou também em certos casos pelo presente conjuntivo); assim diz-se: *se vejo*, *se vi*, mas: *se vir*; *quando vejo*, *quando vi*, mas: *quando vir*; *aquele que vê*, *aquele que viu*, mas: *aquele que vir*" [ED.1, § 209, a, obs.].

O futuro do pretérito se emprega ainda para denotar:

a) que um fato se dará, agora ou no futuro, dependendo de certa condição:

"A vida humana *seria* incomportável sem as ilusões e prestígios que a circundam" [MM].

"Se pudéssemos chegar a um certo grau de sabedoria, *morreríamos* tísicos de amor e admiração por Deus" [MM].

b) asseveração modesta em relação ao passado, admiração por um fato se ter realizado:

Eu *teria* ficado satisfeito com as tuas cartas [RV].

Nós *pretenderíamos* saber a verdade.

Seria isso verdadeiro?

c) incerteza:

Haveria na festa umas doze pessoas.

Emprega-se o auxiliar *tivera* (ou *houvera*) na oração condicional, em lugar do mais-que-perfeito, em relação a um futuro do pretérito posto na oração principal:

Estudaria (ou *teria estudado*), se *tivera* (= *tivesse*) *sabido* da prova.

2) **Subjuntivo** – O modo subjuntivo ocorre normalmente nas orações independentes optativas, nas imperativas negativas e afirmativas (nestas últimas com exceção da 2.ª pessoa do singular e plural), nas dubitativas com o advérbio *talvez* e nas subordinadas em que o fato é considerado como incerto, duvidoso ou impossível de se realizar:

Bons ventos o *levem.*

"Não *emprestes*, não *disputes*, não *maldigas* e não terás de arrepender-te" [MM].

"Não *desenganemos* os tolos se não queremos ter inumeráveis inimigos" [MM].

"*Louvemos* a quem nos louva para abonarmos o seu testemunho" [MM].

"Talvez a estas horas *desejem* dizer-te *pecavi*! Talvez *chorem* com lágrimas de sangue" [AH.5, I, 58].

"Faltam-nos memórias e documentos coevos em que *possamos* estribar-nos para relatar tais sucessos" [AH.6, I, 451].

OBSERVAÇÃO: Às vezes ocorre o indicativo com *talvez*: "Magistrado ou guerreiro de justo ou generoso se gaba: – e as turbas talvez o *aplaudem* e *celebram* seu nome" [AH.2, 180]. Parece que o indicativo deixa antever melhor a certeza de que o de que se duvida se pode bem realizar.

Nas orações subordinadas substantivas, ocorre o subjuntivo nos seguintes principais casos:

a) depois de expressões (verbos, nomes ou locuções equivalentes) que denotam ordem, vontade, consentimento, aprovação, proibição, receio, admiração, surpresa, contentamento:

"Prouvera a Deus, venerável Crimilde – tornou o quingentário – que nos *fosse* lícito desamparar estes muros" [AH.1, 146].

"Proibi-te que o *revelasses*" [AH.5, I, 294].

Espero que *estudes* e que *sejas* feliz.

b) depois de expressões (verbos ou locuções formadas por *ser*, *estar*, *ficar* + substantivo ou adjetivo) que denotam desejo, probabilidade, vulgaridade, justiça, necessidade, utilidade:

Cumpre que *venhas* cedo.

Convém que não nos *demoremos*.

É bom que *compreenda* logo o problema.

c) depois dos verbos *duvidar*, *suspeitar*, *desconfiar* e nomes cognatos (dúvida, duvidoso, suspeita, desconfiança, etc.) quando empregados afirmativamente, isto é, quando se trata de dúvida, suspeita ou desconfiança reais:

"... me vinham à mente *suspeitas* de que ela *fosse* um anjo transviado do céu..." [AH.5, II, 321].

"A luz... que *suspeitávamos procedesse* de lâmpada esquecida por sonolento moço de reposte..." [AH.5, 333].

Se o falante tem a suspeita como coisa certa, ou nela acredita, o normal é aparecer o indicativo:

"*Suspeitava*-se que era a alma da velha Brites que andava ali penada" [AH.5, 364].

Usa-se o subjuntivo nas orações adjetivas que exprimem:

a) fim:

"Ando à cata de um criado que *seja* econômico e fiel" [RB].

b) consequência (o relativo vem precedido de preposição, geralmente, *com*):

"Daqui levarás tudo tão sobejo
Com que faças (= que com isso) o fim a teu desejo" [LC.1, II, 4].

c) uma conjectura e não uma realidade:

Compare-se:

O cidadão que *ama* sua pátria engrandece-a. (realidade)

O cidadão que *ame* sua pátria engrandece-a. (conjectura)

d) depois de um predicado negativo, ou de uma interrogação de sentido negativo quando enunciam uma qualidade que determine e restrinja a ideia expressa por esse predicado ou interrogação:

"Não há homem algum que *possa* gabar-se de ser completamente feliz.
Quem há aí que *seja* completamente feliz?" [RV.1, 274-5]

Nas orações adverbiais usa-se o subjuntivo:

a) nas causais de *não porque*, *não* (ou *nem*), quando se quer dizer que a razão aludida não é verdadeira:

"Deitei-me ontem mais cedo, não porque *tivesse* sono, mas porque precisava de me levantar hoje de madrugada" [RV.1, 274].

b) nas concessivas de *ainda que*, *embora*, *conquanto*, *posto que*, *se bem que*, *por muito que*, *por pouco que* (e semelhantes), não havendo, entretanto, completo rigor a respeito:

"Ainda que *perdoemos* aos maus, a ordem moral não lhes perdoa, e castiga a nossa indulgência" [MM].

"Por mais sagaz que *seja* o nosso amor próprio, a lisonja quase sempre o engana" [MM].

Entram neste rol as alternativas de sentido concessivo (ou... ou, quer... quer) e as concessivas justapostas do tipo de *fosse ele o culpado*, *ainda assim lhe perdoaria*.

c) nas condições de *se*, *contanto que*, *sem que*, *a não ser que*, *suposto que*, *caso*, *dado que*, para exprimir hipótese, e não uma realidade. Entra ainda neste grupo a comparativa hipotética *como se*:

"Se as viagens simplesmente *instruíssem* os homens, os marinheiros seriam os mais instruídos" [MM].

"E moviam os lábios, como se *tentassem* falar" [AH.1, 26].

Se se tratar de coisa real ou tida como tal, geralmente aparece o indicativo:

"Não há momento que perder, se *queremos* salvar-nos" [AH.1, 253].

d) nas consecutivas quando se exprime uma simples concepção e não um fato real:

"Devemos regular a nossa vida de modo que *possamos* esperar e não recear depois de nossa morte" [MM].

"Não subais tão alto que a queda *seja* mortal" [MM].

e) nas finais:

"Os maus são exaltados para serem felizes, para que *caiam* do mais alto e *sejam* esmagados" [MM].

f) nas temporais de *antes que*, *assim que*, *até que*, *enquanto*, *depois que*, *logo que*, quando ocorrem nas negações ou nas indicações de simples concepção, e não uma realidade (caso em que aparece o indicativo):

"Cumprirei o que ordenas, porque jurei obedecer-te cegamente enquanto não *salvássemos* a irmã de Pelágio" [AH.1, 215].

Casos particulares:

1) A oração substantiva que completa a exclamação de surpresa *quem diria* constrói-se com indicativo ou subjuntivo:

Quem diria que ele *era* capaz disso.

Quem diria que ele *fosse* capaz disso.

2) Com os indefinidos do tipo *o que quer que* é mais comum o emprego do subjuntivo:

Saiu com o que quer que *fosse*.

Alexandre Herculano vacilou entre o emprego de *fosse* (ed. de 1876) e *era* (ed. de 1864) no seguinte passo:

"Com um olhar de simpatia e compaixão, misturada do que quer que *era* de admiração e de terror involuntário" [AH.1, 265 ed. 1864].

3) Também têm o verbo no subjuntivo as orações introduzidas por *que*, quando restringem a generalidade de um asserto:

"Não há, que eu *saiba*, expressão mais suave" [ED.1, 128].

3) **Imperativo** – Cumpre apenas acrescentar ao que disse anteriormente:

a) que o infinitivo pode substituir o imperativo nas ordens instantes:

"Todos se chegavam para o ferir, sem que a D. Álvaro se ouvissem outras palavras, senão estas: *Fartar*, rapazes" [AH.2, 98].

b) que se usa o imperativo do verbo *querer* (ao lado do subjuntivo presente) seguido de infinitivo para suavizar uma ordem:

Queira aceitar meus cumprimentos.

OBSERVAÇÃO: Os casos aqui lembrados estão longe de enquadrar a trama complexa do emprego de tempos e modos em português. São várias as situações que podem, ferindo os princípios aqui expostos, levar o falante ou escritor a buscar novos meios expressivos. São questões que fogem ao âmbito da Gramática e constituem preocupação da Estilística.

Emprego das formas nominais – A respeito das formas nominais, cumpre acrescentar ao que se disse nas páginas anteriores:

A – **Infinitivo histórico** – Entende-se por *infinitivo histórico* ou *de narração* aquele que, numa narração animada, considera a ação como já passada, e não no seu desenvolvimento:

"E os médicos a *insistirem* que saísse de Lisboa" [J. Dinis].

"Ela a *voltar* as costas, e o reitor a pôr o chapéu na cabeça" [J. Dinis].

"E ele a *rir*-se, ele a *regalar*-se" [EQ] 70

B – **Emprego do infinitivo** (flexionado e sem flexão):

1) *Infinitivo pertencente a uma locução verbal*:

Não se flexiona normalmente o infinitivo que faz parte de uma locução verbal:

"E o seu gesto era tão desgracioso, coitadinho, que todos, à exceção de Santa, *puseram*-se *a rir*" [AAz *apud* FB.1, 138].

"Pois, se *ousais levar* a cabo vosso desenho, eu ordeno que o façais" [AH *apud* FB.1, 196].

"Depois mostraram-lhe, um a um, os instrumentos das execuções, e explicaram-lhe por miúdo como *haviam de morrer* seu marido, seus filhos e o marido de sua filha" [CBr *apud* FB.1, 221].

Encontram-se exemplos que se afastam deste critério quando ocorrem os seguintes casos:

a) o verbo principal se acha afastado do auxiliar e se deseja avivar a pessoa a quem a ação se refere:

"*Possas* tu, descendente maldito
De uma tribo de nobres guerreiros,
Implorando cruéis forasteiros,
Seres presa de vis Aimorés" [GD.4, II, 31].

"... dentro dos mesmos limites atuais *podem* as cristandades *nascerem* ou *anularem*-se, *crescerem* ou *diminuírem* em certos pontos desses vastos territórios" [AH.2, 173].

b) o verbo auxiliar, expresso anteriormente, cala-se depois:

"*Queres ser* mau filho, *deixares* uma nódoa d'infância na tua linhagem" [AH.2, 174].

2) *Infinitivo dependente dos verbos causativos e sensitivos*:

Com os causativos *deixar*, *mandar*, *fazer* (e sinônimos), a norma é aparecer o infinitivo sem flexão, qualquer que seja o seu agente:

"Sancho II deu-lhe depois por válida a carta e *mandou*-lhes *erguer* de novo os marcos onde eles os haviam posto" [AH.2, 64].

"*Fazei*-os *parar*" [AH.2, 75].

"*Deixai vir* a mim as criancinhas".

Mas flexionado em:

"e *deixou fugirem*-lhe duas lágrimas pelas faces" [AH.2, 155]. 71

"Não são poucas as doenças para as quais, por desídia, vamos *deixando perderem*-se os nomes velhos que têm em português" [MBa.5, 211].

Com os sensitivos *ver*, *ouvir*, *olhar*, *sentir* (e sinônimos), o normal é empregar-se o infinitivo sem flexão, embora aqui o critério não seja tão rígido:

"Olhou para o céu, viu estrelas... escutou, *ouviu ramalhar* as árvores" [AH.2, 101].

"... o terror fazia-lhes crer que já *sentiam ranger* e *estalar* as vigas dos simples..." [AH.2, 172].

Os seguintes exemplos atestam o emprego do infinitivo flexionado:

"Em Alcoentre os ginetes e corredores do exército real vieram escaramuçar com os do infante, e ele próprio os *ouvia chamarem*-lhe traidor e hipócrita" [AH.2, 96].

"Creio que comi: *senti renovarem*-se-me as forças" [AH.2, 172].

Observações:

1.ª) Com os causativos e sensitivos pode aparecer ou não o pronome átono que pertence ao infinitivo (obs. 5.ª):

"*Deixei*-o *embrenhar* (por *embrenhar-se*) e transpus o rio após ele" [AH.2, 77].

"O faquir *deixou*-o *afastar* (por *afastar-se*)" [AH.2].

"Enconstando-se outra vez na sua dura jazida, Egas *sentiu alongar*-se a estrupiada dos cavalheiros..." [AH.3, 265-6].

"E o eremita *viu*-a, ave pernalta e branca, *bambolear*-se em voo, ir chegando, *passar*-se para cima do leito, *aconchegar*-se

ao pobre homem...” [JR.2, 327].

Por isso não cabe razão a Mário Barreto [MBa.4, 51] quando condena, nestes casos, o aparecimento do pronome átono.

2.ª) Aqui também o infinitivo pode aparecer flexionado, por se calar o auxiliar:

“*viu alvejar* os turbantes, e, depois *surgirem* rostos tostados, e, depois, *reluzirem* armas” [AH.1, 257].

3) *Infinitivo fora da locução verbal*:

Fora da locução verbal, “a escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos somente da ação ou do intuito ou necessidade de pormos em evidência o agente do verbo” [SA.2, 246].

O infinitivo sem flexão revela que a nossa atenção se volta com especial atenção para a ação verbal; o flexionamento serve de insistir na pessoa do sujeito:

Estudamos { para *vencer* na vida
para *vencermos* na vida

“As crianças são acalentadas por *dormirem*, e os homens enganados para *sossegarem*” [MM].

Ocorre o infinitivo flexionado nos seguintes casos principais:

1.º) “sempre que o infinitivo estiver acompanhado de um nominativo sujeito, nome ou pronome (quer igual ao de outro verbo, quer diferente);

2.º) sempre que se tornar necessário destacar o agente, e referir a ação especialmente a um sujeito, seja para evitar confusão, seja para tornar mais claro o pensamento. O infinitivo concordará com o sujeito que temos em mente;

3.º) quando o autor intencionalmente põe em relevo a pessoa a que o verbo se refere” [SA.1, 72]:

Estudamos para nós *vencermos* na vida.

“Beijo-vos as mãos, senhor rei, por vos *lembrardes* ainda de um velho homem de armas que para nada presta hoje” [AH *apud* FB.1, 195].

“É permitido aos versistas *poetarem* em prosa” [CBr.1, 60].

APÊNDICE

PASSAGEM DA VOZ ATIVA À PASSIVA E VICE-VERSA

Em geral, só pode ser construído na voz passiva verbo que pede objeto direto, acompanhado ou não de outro complemento. Daí a língua padrão lutar contra linguagens do tipo:

A missa foi assistida por todos,

uma vez que o verbo *assistir*, nesta acepção, só se constrói com complemento relativo:

Todos assistiram à missa.

À força do uso já se fazem concessões aos verbos:

apelar: A sentença não foi *apelada*.
aludir: Todas as faltas foram *aludidas*.
obedecer: Os regulamentos não são *obedecidos*.
pagar: As pensionistas foram *pagas* ontem.
perdoar: Os pecadores devem ser *perdoados*.

responder: Os bilhetes seriam *respondidos* hoje.

Na passagem da ativa para a passiva segue-se o esquema:

1.º) o sujeito da ativa, se houver, passa a agente da passiva;

2.º) o objeto direto da ativa, se houver, passa a sujeito da passiva;

3.º) o verbo da voz ativa passa para a voz passiva, conservando-se o mesmo tempo e modo;

4.º) não sofrem alteração os outros termos oracionais que apareçam.

Exemplo 1:

Ativa	*Passiva*
Eu li o livro	O livro foi lido por mim

Exemplo 2 (com pronome oblíquo):

Ativa	*Passiva*
Nós o ajudamos ontem	Ele, ontem, foi ajudado por nós

Exemplo 3 (com sujeito indeterminado):

Ativa	*Passiva*
Enganar-me-ão	Eu serei enganado

Exemplo 4 (com tempo composto):

Ativa	*Passiva*
Eles têm cometido erros	Erros têm sido cometidos por eles

Exemplo 5 (com sujeito indeterminado de verbo que aparecerá na passiva pronominal):

Ativa	*Passiva*
Vendem casas	Vendem-se casas
Vendem esta casa	Vende-se esta casa

7 – Advérbio

Advérbio – É a expressão modificadora que por si só denota uma circunstância (de lugar, de tempo, modo, intensidade, condição, etc.) e desempenha na oração a função de adjunto adverbial:

Aqui tudo vai *bem* (lugar e modo).

Hoje não irei *lá* (tempo, negação, lugar).

O aluno *talvez não* tenha redigido *muito bem* (dúvida, negação, intensidade, modo).

O *advérbio* é constituído por palavra de natureza nominal ou pronominal e se refere geralmente ao verbo, ou ainda, dentro de um grupo nominal unitário, a um adjetivo e a um advérbio (como intensificador), ou a uma declaração inteira:

José escreve *bem* (advérbio em referência ao verbo).

José é *muito* bom escritor (advérbio em referência ao adjetivo *bom*).

José escreve *muito* bem (advérbio em referência ao advérbio *bem*).

Felizmente José chegou (advérbio em referência a toda a declaração: José chegou; o advérbio deste tipo geralmente exprime um juízo pessoal de quem fala e constitui a cláusula comentário.

Fundamentalmente, distribuem-se os advérbios em assinalar a posição temporal (os de tempo) ou espacial do falante (os de lugar), ou ainda o modo pelo qual se visualiza o "estado de coisas" designado na oração.

Certos advérbios são assinalados em função de modificador de substantivo, principalmente

quando este é entendido não tanto enquanto substância, mas enquanto qualidade que esta substância apresenta: *Gonçalves Dias é verdadeiramente poeta* [PL *apud* por EBm.1, 8].

Pessoas ***assim*** não merecem nossa atenção.

Também certos advérbios funcionam como predicativo, à maneira dos adjetivos:

A vida é ***assim***.

Como bem diz Mattoso Câmara [MC.8, 122], perturba a descrição e a demarcação classificatória "a extrema mobilidade semântica e funcional que caracteriza os advérbios".

Combinações com advérbios – Advérbios há de *tempo* e *lugar* que marcam melhor sua função ou designação mediante o emprego de uma preposição [AL.1, §188]:

Por agora, estão encerrados os trabalhos.

Até então os telefones não funcionavam.

Desde cedo já havia compradores de ingresso.

De longe já se viam as chamas.

Por aqui se pode entrar na cidade.

As crianças *de hoje* contam com mais divertimentos.

Eles sempre se apresentam com as promessas *de sempre*.

Alguns advérbios – como as preposições que veremos ao seu tempo – precedem o transpositor ***que*** para marcar a circunstância, formando o que a gramática tradicional chama de *locuções conjuntivas* adverbiais. A rigor, trata-se de um grupo de palavras que, por hipotaxe, funciona como conjunção:

Agora que tudo serenou, podemos retornar.

Sabíamos que ele estava errado *sempre que* gaguejava.

Ainda que estude, terá de aperfeiçoar-se *depois que* se gradue.

Já que não me responde, sinto-me desobrigado de convidá-lo.

Assim que chegou, começou a trabalhar.

No capítulo de conjunção, teremos oportunidade de fazer referência a certos advérbios que, graças à sua mobilidade posicional, se colocam – quase sempre no início – de maneira tal, que têm levado alguns gramáticos a classificá-los como conjunção coordenativa explicativa (causal), conclusiva, etc. É o caso de advérbios como *pois*, *logo*, *entretanto*, *contudo*, *por conseguinte*, em construções do tipo [MMa.1, 153]:

Ela saiu cedo, *por conseguinte* encontrou facilidade de condução.

Tudo estava preparado, *logo* se poderia começar a reunião.

Advérbio e preposição – Já vimos que alguns advérbios se constituem pela união de preposição a substantivos, adjetivos ou a próprio advérbio, apresentando-se, conforme a ortografia vigente, ora escritos numa só palavra, ora separadamente. Unido o grupo a preposições, teremos um conjunto que, por hipotaxe, funciona como simples preposição a introduzir um adjunto adverbial: *apenas*, *em frente*, *em cima*, *depressa*, *debaixo*, *em baixo* (*embaixo*), *detrás*, etc.

Os livros ficam *debaixo da* mesa. (*sob* a mesa)

O carro estacionou *em frente da* casa.

A jarra repousa *em cima da* mesa. (*sobre* a mesa)

Construções como:

O vizinho escreveu *contra* o argumento,

permitem a passagem da preposição a advérbio pela redução da unidade introduzida pela preposição, construção breve, mas sem circulação frequente no idioma:

"Toda a minha vida colegial se desenha no espírito com tão vivas cores, que parecem frescas de ontem, e todavia mais de trinta anos já lhes pairaram *sobre*" [JA.4, 102].

O vizinho escreveu *contra*.

Já falei *a respeito*.

O advérbio estabelece a transição dos vocábulos variáveis para os invariáveis; a rigor não tem flexão propriamente dita, mas há uns tantos advérbios que admitem graus de qualidade como os nomes [RV.1, 71].

Locução adverbial – é o grupo geralmente constituído de preposição + substantivo (claro ou subentendido) que tem o valor e o emprego de advérbio. A preposição, funcionando como transpositor, prepara o substantivo para exercer uma função que primariamente não lhe é própria:

com efeito, *de graça*, *às vezes*, *em silêncio*, *por prazer*, *sem dúvida*, etc.

Na constituição das locuções adverbiais, o substantivo que nelas entra pode estar no masculino ou no feminino e no singular ou no plural, segundo as normas fixadas pela tradição.

Outras vezes o substantivo vem com acompanhante e pode ocorrer até a omissão do substantivo, em expressões fixas:

na verdade, *de nenhum modo*, *em breve* (subentende-se *tempo*), *à direita* (ao lado de *à mão direita*), *à francesa* (subentende-se *à moda*), etc.

Frequentemente se cala a preposição nas locuções adverbiais de tempo e modo:

Esta semana (por *nesta semana*) teremos prova.

Espingarda ao ombro (por *de espingarda ao ombro*), juntou-se ao grupo de pessoas.

Circunstâncias adverbiais – Constituindo o advérbio uma classe de palavra muito heterogênea, torna-se difícil atribuir-lhe uma classificação uniforme e coerente. Em geral, seu papel na oração se prende não apenas a um núcleo (verbo), mas se amplia na extensão em que se espraia o conteúdo manifestado no predicado. Isto lhe permite, em primeiro lugar, certa flexibilidade de posição não só no espaço em que se prolonga o predicado (com seu núcleo verbal), mas se estende aos domínios do sujeito, podendo antecedê-lo ou vir-lhe posposto. Este papel singular do advérbio lhe dá também certa autonomia fonológica, de contorno entonacional muito variado, a serviço do intuito comunicativo do falante.

Assim, há advérbios de papel semântico-sintático mais *internamente* ligados ao núcleo verbal (e estes não gozam das flexibilidades de posição e entoação atrás referidas), e há os advérbios mais externamente ligados ao núcleo verbal. Daí escapar ao analista uma classificação unitária que abarque todos os casos possíveis. É bom caminho, parece-nos, adotar a proposta de Alarcos Llorach no sentido de ater-se o analista "às relações que cada advérbio contrai dentro do enunciado, quer no seu papel primário de adjacente circunstancial,

quer por sua combinação com outras unidades no interior de um grupo nominal unitário" [AL.1, § 178].

Na classificação do advérbio, ora se pauta pelos valores léxicos (semânticos) das unidades que o constituem, ora por critérios funcionais. No primeiro caso, são os advérbios classificados como denotadores de *tempo* (*agora*, *antes*, *tarde*, etc.), de *lugar* (*aqui*, *fora*, etc.), de *quantidade* (*tanto*, *muito*, *bastante*, etc.), etc. Pelo segundo critério, teremos os *demonstrativos* (*aqui*, *então*, *agora*, *aí*, etc.), os *relativos* (*onde*, *como*, *quando*, etc.) e *interrogativos* (*quando*?, *onde*?, *como*?).

As principais circunstâncias expressas por advérbio ou locução adverbial são:

1) *assunto*: Conversar sobre música.

2) *causa*: Morrer de fome.

3) *companhia*: Sair com os amigos.

4) *concessão*: Voltaram apesar do escuro.

5) *condição*: Só entrará com autorização. Não sairá sem licença.

6) *conformidade*: Fez a casa conforme a planta.

7) *dúvida*: Talvez melhore o tempo. Acaso encontrou o livro.

8) *fim*: Preparou-se para o baile.

9) *instrumento*: Escrever com lápis.

10) *intensidade*: Andou mais depressa.

11) *lugar*: Estuda aqui. Foi lá. Passou pela cidade. Veio dali.

12) *modo*: Falou assim. Anda mal. Saiu às pressas.

13) *referência*: "O que nos sobra *em glória* de ousados e venturosos navegantes, míngua-nos *em fama* de enérgicos e previdentes colonizadores" [LCo *apud* FB.1, 218].

14) *tempo*: Visitaram-nos hoje. Então não havia recursos. Sempre nos cumprimentaram. Jamais mentiu.

15) *negação*: Não lerá sem óculos.

OBSERVAÇÃO: A Nomenclatura Gramatical Brasileira põe os denotadores de *inclusão*, *exclusão*, *situação*, *retificação*, *designação*, *realce*, etc. à parte, sem a rigor incluí-los entre os advérbios, mas constituindo uma classe ou grupo heterogêneo chamado *denotadores*, que coincide, em parte, com a proposta de José Oiticica das *palavras denotativas*, muitas das quais têm papel transfrástico e melhor atendem a fatores de função textual estranhos às relações semântico-sintáticas inerentes às orações em que se acham inseridas:

1 – *inclusão*: também, até, mesmo, etc.:

Até o professor riu-se.

Ninguém veio, *mesmo* o irmão.

2 – *exclusão*: só, somente, salvo, senão, apenas, etc.:

Só Deus é imortal.

Apenas o livro foi vendido.

3 – *situação*:

Mas que felicidade.

Então duvida que se falasse latim?

Pois não é que ele veio.

4 – *retificação*: aliás, melhor, isto é, ou antes, etc.:

Comprei cinco, *aliás*, seis livros.

Correu, *isto é*, voou até nossa casa.

5 – *designação*:

Eis o homem.

6 – *realce*:

Nós *é que* somos brasileiros.

7 – *expletivo*: lá, só, ora, que:

Eu sei *lá*!

Vejam *só* que coisa!

Oh! *Que* saudade *que* tenho!

Ora decidamos logo o negócio.

8 – *explicação*: a saber, por exemplo, isto é, etc.:

Eram três irmãos, *a saber*: Pedro, Antônio e Gilberto.

O plano "transfrástico" e os advérbios – No estudo de certas unidades torna-se de capital importância não deixar de lado as diversas camadas ou estratos de estruturação gramatical. No que toca particularmente a certos advérbios, merece atenção a camada da *antitaxe*, que diz respeito à retomada ou substituição de uma unidade de um plano gramatical qualquer, já presente ou virtualmente presente ou previsto no discurso, poder ser retomada ou antecipada por outra unidade, num ponto do discurso individual ou dialogado [ECs.2, 38]. A substituição ou retomada já vinha sendo posta em evidência pela gramática tradicional no caso dos pronomes; mas a ação da antitaxe é mais ampla e vai desembocar no papel textual de alguns advérbios, como veremos a seguir.

Assim, não são advérbios mas substitutos de oração (pro-orações ou pro-textos) *sim*, *não*, *talvez*, *também*, quando retomam, como respostas, enunciados textuais:

Você vai ao cinema? – *Sim.*

Ela fez os exercícios? – *Não*.

Tu não foste escolhido? *Também.*

Estão no mesmo caso as unidades de valor circunstancial (advérbios) que aparecem em orações do tipo seguinte, mas que retomam "estados de coisas" designados ou intuídos anteriormente, que exprimem relações ligadas ao sentido do discurso:

De fato nós saímos cedo.

Isto, *sem dúvida*, está errado.

Estes casos de antitaxe (retomada ou substituição) se combinam com outra camada de estruturação gramatical que é a *hipertaxe* ou *superordenação*, fenômeno pelo qual uma unidade de camada inferior pode funcionar sozinha em camadas superiores. É o caso de advérbios em *-mente* quando saem da camada no nível da palavra para funcionar no nível da cláusula e daí no nível da oração ou do texto, em exemplos como:

Certamente!

Naturalmente!

ambos no nível da oração e do texto, ou em:

Certamente ela não virá hoje.

Todos saíram ilesos, *felizmente*.

Naturalmente ele negará o que disse ontem.

todos no nível da cláusula comentário.

Portanto, a tais advérbios não se há de querer aplicar a série de características canônicas do advérbio que se acha exclusivamente preso às referências do núcleo verbal.

Também merecem referência especial os advérbios que estão no papel de diferençar as orações pelo seu "significado ôntico", isto é, o valor de existência que se atribui ao "estado de coisas" designado pela oração (existência certa, negada, duvidosa, desejada, etc.) 72. É o caso dos advérbios de *negação* e de *dúvida*:

Ele veio / Ele *não* veio

Ela chega / Ela *talvez* chegue

Advérbios de base nominal e pronominal – O advérbio, pela sua origem e significação, se prende a nomes ou pronomes, havendo, por isso, advérbios nominais e pronominais.

Entre os *nominais* se acham aqueles formados de adjetivos acrescidos do "sufixo" *-mente*: *rapidamente* (= de modo rápido), *pessimamente*. Na realidade, ficam a meio caminho, fonológica e morfologicamente, da derivação e da composição (locução).

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Se o nome tem forma para masculino e feminino, junta-se o sufixo ao feminino. Fazem exceção alguns adjetivos terminados em *ês* e *or*, que no português antigo só apresentavam uma forma para ambos os gêneros. Daí dizer-se *portuguesmente* (e não *portuguesamente*); *superiormente* (e não *superioramente*), *melhormente*.

2.ª) Estes advérbios em *-mente* se caracterizam por conservar o acento vocabular de cada elemento constitutivo, ainda que mais atenuado, o que lhes permite, numa série de advérbios, em geral só apresentar a forma em *-mente* no fim: Estuda *atenta* e *resolutamente*. Havendo ênfase, pode-se repetir o advérbio na forma plena:

"Depois, ainda falou *gravemente* e *longamente* sobre a promessa que fizera" [MA *apud* SS.1, § 480].

Entre os *pronominais*, temos:

a) *demonstrativos*: aqui, aí, acolá, lá, cá.

b) *relativos*: onde (em que), quando (em que), como (por que).

c) *indefinidos*: algures, alhures, muito, pouco, que.

d) *interrogativos*: onde?, quando?, como?, por que? (por quê?).

Os advérbios relativos, como os pronomes relativos, servem para referir-se a unidades que estão postas na oração anterior. Nas ideias de lugar empregamos *onde*, em vez de *em que*, *no qual* (e flexões):

A casa *onde* mora é excelente.

Precedido das preposições *a* ou *de*, grafa-se *aonde* e *donde*:

O sítio *aonde* vais é pequeno.

É bom o colégio *donde* saímos.

Ainda como os pronomes relativos, os advérbios relativos podem empregar-se de modo absoluto, isto é, sem referência a antecedente:

Moro onde mais me agrada.

Os advérbios interrogativos de base pronominal se empregam nas perguntas diretas e indiretas em referência ao lugar, tempo, modo ou causa:

Onde está estudando o primo? Ignoro onde estuda.

Quando irão os rapazes? Não sei quando irão os rapazes.

Como fizeram o trabalho? 73. Perguntei-lhes como fizeram o trabalho.

Por que chegaram tarde? Dir-me-ás por que chegaram tarde.

OBSERVAÇÃO: O *Vocabulário Oficial* preceitua que se escreva em duas palavras o advérbio interrogativo *por que*, por estar preocupado em indicar a origem pronominal do advérbio, distinguindo-o de *porque* conjunção, que, na essência, se prende também a uma combinação de *por* + *que*. Melhor seria, seguindo a tradição do idioma, grafar todo *porque* num só vocábulo. Quanto à origem, *por que* e *porque* se identificam: *porque* (e o mesmo vale para *quando* e *como*) não se enquadra apenas como conjunção; *porque*, *quando* e *como* são, em verdade, "expressões adverbiais conjuntivas, isto é, expressões que, sem perderem a sua função adverbial, têm concomitantemente função conjuntiva" [MAg.1, 197].

Adverbialização de adjetivos – Muitos adjetivos, permanecendo imóveis na sua flexão de gênero e número, podem passar a funcionar como advérbio:

Fala *claro* na hora da sua defesa.

Compraram *caro* a fazenda.

Agora estão vivendo *melhor*.

O critério formal de diferenciação das duas classes de modificador (adjetivo: modificador nominal; advérbio: modificador verbal) é a variabilidade do primeiro e a invariabilidade do segundo74:

Eles vendem muito *cara* a fruta. (adjetivo)

Eles vendem *caro* a fruta. (advérbio)

A concordância atrativa e intenções estilísticas e rítmicas podem desfazer as fronteiras acima apontadas.

Intensificação gradual dos advérbios – Há certos advérbios, principalmente os de modo, que podem manifestar uma relação intensificadora gradual, empregando-se, no comparativo e superlativo, de acordo com as regras que se aplicam aos adjetivos:

1 – COMPARATIVO DE
- a) *inferioridade*: Falou *menos* alto *que* (ou *do que*) o irmão.
- b) *igualdade*: Falou *tão* alto *quanto* (ou *como*) o irmão.
- c) *superioridade*:
  - 1) *analítico*: Falou *mais* alto *que* (ou *do que*) o irmão.
  - 2) *sintético*: Falou *melhor* (ou *pior*) *que* (ou *do que*) o irmão.

2 – SUPERLATIVO ABSOLUTO
- a) *sintético*: Falou *pessimamente*, *altíssimo*, *baixíssimo*, *dificílimo*.
- b) *analítico*: Falou *muito* ruim, *muito* alto, *extremamente* baixo, *consideravelmente* difícil, *o mais* depressa possível (indica o limite da possibilidade).

Na realidade, tais intensificações ou gradações do advérbio – como do adjetivo – se expressam por estruturas sintáticas que devem merecer atenção no estudo dos padrões frasais

do português.

3 – Diminutivo com valor de superlativo – Em linguagem familiar pode-se expressar o valor superlativo do advérbio pela sua forma diminutiva, combinada com o valor lexical das unidades que com ele concorrem:

Andar *devagarzinho* (muito devagar, um tanto devagar).

Acordava *cedinho* e só voltava à noitinha.

Saiu *agorinha*.

O diminutivo das fórmulas de recomendação não indica mais lentidão ou ligeireza da realização do fato, mas serve de expressar ou acentuar a recomendação:

Vá *depressinha* apanhar o meu chapéu.

É bom que estudes *devagarinho*.

Observação: Em lugar de *mais bem* e *mais mal* empregam-se *melhor* e *pior*:

"Ninguém conhece *melhor* os interesses do que o homem virtuoso; promovendo a felicidade dos outros assegura também a própria" [MM].

Usa-se, entretanto, de *mais bem* e *mais mal* junto a adjetivos:

"Os esquadrões *mais bem* encavalgados foram despedidos logo em seguimento dos fugitivos" [AH.1, 224].

"Com a maça jogada às mãos ambas abalava e rompia as armas *mais bem* temperadas..." [AH.1, 108].

8 – Preposição

Preposição – Chama-se preposição a uma unidade linguística desprovida de independência – isto é, não aparece sozinha no discurso, salvo por hipertaxe – e, em geral, átona, que se junta a substantivos, adjetivos, verbos e advérbios para marcar as relações gramaticais que elas desempenham no discurso, quer nos grupos unitários nominais, quer nas orações.

Não exerce nenhum outro papel que não seja ser índice da função gramatical de termo que ela introduz.

Em:

Aldenora gosta de Belo Horizonte

a preposição *de* une a forma verbal *gosta* ao seu termo complementar *Belo Horizonte* para ser o índice da função gramatical preposicionada *complemento relativo*.

Já em:

homem de coragem,

a mesma preposição *de* vai permitir que o substantivo *coragem* exerça o papel de *adjunto adnominal* do substantivo *homem* – função normalmente desempenhada por adjetivo. Daí dizer-se que, nestes casos, a preposição é um *transpositor*, isto é, elemento gramatical que habilita uma determinada unidade linguística a exercer papel gramatical diferente daquele que normalmente exerce. Ora, o substantivo normalmente não tem por missão ser palavra modificadora de outro substantivo, razão por que não é comum dizer-se *homem coragem*; para que *coragem* esteja habilitado a assumir o papel gramatical do adjetivo *corajoso* (homem corajoso), faz-se necessário o concurso do transpositor *de*: homem *de coragem*.

Neste papel, o termo anterior à preposição chama-se *antecedente* ou subordinante, e o posterior chama-se *consequente* ou subordinado. O subordinante pode ser substantivo, adjetivo, pronome, verbo, advérbio ou interjeição:

livro de história
útil a todos
alguns de vocês
necessito de ajuda
referentemente ao assunto
ai de mim!

O subordinado é constituído por substantivo, adjetivo, verbo (no infinitivo ou gerúndio) ou advérbio:

casa de *Pedro*
pulou de *contente*
gosta de *estudar*
em chegando
ficou por *aqui*

No exemplo:

De noite todos os gatos são pardos,

o grupo unitário *de noite* exerce na oração o papel de adjunto adverbial; mas o que temos como núcleo é outro substantivo, cujo significado lexical está incluído no amplo campo semântico das designações temporais das partes do dia: *noite*. Impõe-se a presença do transpositor *de* para que o substantivo fique habilitado ou constituindo uma locução adverbial temporal (*de noite*) e assim possa exercer a função de adjunto adverbial na oração acima.

No exemplo primeiro:

Aldenora gosta de Belo Horizonte,

diz-se que a preposição aparece por *servidão gramatical*, isto é, ela é mero índice de função sintática, sem correspondência com uma noção ou categoria gramatical, exigida pela noção léxica do grupo verbal e que, exterior ao falante, impõe a este o uso exclusivo de uma unidade linguística [GGh.1, 99]. É o que ocorre, por exemplo, com "a regência obrigatória de determinada preposição para os objetos que são alvo direto do processo verbal (*tratar de alguma coisa*, etc.)" [MC.4, 217].

Preposição e significado – Já vimos que tudo na língua é semântico, isto é, tudo tem um significado, que varia conforme o papel léxico ou puramente gramatical que as unidades linguísticas desempenham nos grupos nominais unitários e nas orações. As preposições não fazem exceção a isto:

Nós trabalhamos *com* ele, e não *contra* ele.

Contextos deste tipo ressaltam bem o significado de unidades como *com ele* e *contra ele*, auxiliados por diferentes preposições. Todavia, devemos lembrar aqui a noção de *significado unitário* (que não quer dizer significado *único*), exposta nas páginas de introdução.

Ora, cada preposição tem o seu significado unitário, fundamental, primário, que se desdobra em outros significados contextuais (sentido), em acepções particulares que emergem do nosso saber sobre as coisas e da nossa experiência de mundo.

Coseriu lembra, para tanto, o caso da preposição *com*, à qual as gramáticas atribuem englobadamente os significados de "companhia" (*dancei com Marlit*), "modo" (*estudei com prazer*), "instrumento" (*cortei o pão com a faca*), "causa" (*fugiu com medo do ladrão*),

“oposição” (*lutou com o ladrão*), entre outras.

A língua portuguesa só atribui a *com* o significado de “copresença”; o que, na língua, mediante o seu sistema semântico, se procura expressar com esta preposição é que, na fórmula *com* + *x*, *x* está sempre presente no “estado de coisas” designado. Os significados ou sentidos contextuais, analisados pela nossa experiência de mundo e saber sobre as coisas (inclusive as coisas da língua, que constitui a nossa competência linguística) nos permitem dar um passo a mais na interpretação e depreender uma acepção secundária.

Assim, em *cortar o pão com faca*, pelo que sabemos o que é “cortar”, “pão”, “faca”, entendemos que a *faca* não só esteve presente ao ato de “cortar o pão”, mas foi o “instrumento” utilizado para a realização desta ação.

Já em *dancei com Marlit*, emerge, depois da noção da “copresença”, o sentido de “companhia”, pois que em geral não se pratica a dança sozinho.

Em *estudei com prazer*, o *prazer* não só esteve “presente”, mas representou o “modo” de como a ação foi levada a termo.

Mas que a preposição *com* por si não significa “instrumento”, prova-o que esta interpretação não se ajusta a:

Everaldo cortou o pão *com* a Rosa,

pois que, assim como sabíamos o que significa *faca*, sabemos o que é *Rosa*: não se trata de nenhum instrumento cortante, capaz de fatiar o *pão*; teríamos, neste exemplo, uma acepção contextual (sentido) de “ajuda”, ou “companhia”, por esta ou aquela circunstância em que o *pão* se achava e que só o entorno ou situação poderia explicar o conteúdo da oração.

Assim, não se deve perder de vista que, na relação dos “significados” das preposições, há sempre um significado unitário de língua, que se desdobra em sentidos contextuais a que se chega pelo contexto e pela situação.

O sistema preposicional do português, do ponto de vista semântico, está dividido em dois campos centrais: um que se caracteriza pelo traço “dinamicidade” (física ou figurada) e outro em que os traços de noções “estáticas” e “dinâmicas” são indiferentemente marcados ambos, tanto em referência ao espaço quanto ao tempo.[75]

Ao primeiro campo pertencem: *a*, *contra*, *até*, *para*, *por*, *de* e *desde*; ao segundo: *ante*, *trás*, *sob*, *sobre*, *com*, *sem*, *em* e *entre*.

O primeiro grupo admite divisão em dois subgrupos: *a*) movimento de aproximação ao ponto de chegada (*a*, *contra*, *até*, *para*) ; *b*) movimento de afastamento (*de*, *desde*). A preposição *por* se mostra compatível com as duas noções aqui apontadas.

O primeiro subgrupo ainda se pode dividir em duas outras noções suplementares: *a*) “chegada ao limite” (*a*, *até*, *contra*, sendo que a *contra* se adiciona a noção de “limite como obstáculo” ou “confrontamento”); *b*) “mera direção” (*para*).

O segundo subgrupo também admite divisão em duas outras noções de afastamento: *a*) “origem” (*de*); *b*) “mero afastamento” (*desde*).

O segundo grupo admite divisão em dois subgrupos: *a*) situação definida e concreta (*ante*, *trás*, *sob*, *sobre*); *b*) situação mais imprecisa (*com*, *sem*, *em*, *entre*).

O primeiro subgrupo acima ainda se pode dividir em duas outras noções suplementares: *a*)

“situação horizontal” (*ante*, *trás*); *b*) “situação vertical” (*sob*, *sobre*).

O segundo subgrupo também admite divisão em duas outras noções suplementares: *a*) “copresença”, distribuída em “positiva” (*com*) e “negativa” (*sem*) ; *b*) em que a noção de “limite”, dentro da imprecisão que caracteriza o par, marca a preposição *entre*.

Veja adiante o quadro resumo do sistema preposicional do português do ponto de vista semântico.

Unidades convertidas em preposições – No sentido inverso à criação de advérbios ou locuções adverbiais mediante o emprego de preposições combinadas com substantivos (*à noite*, *de tarde*, *com prazer*, etc.), certos advérbios ou outras palavras transpostas à classe de advérbio, e certos adjetivos imobilizados no masculino podem converter-se em preposição:

Fora os alunos, ninguém mais pôde entrar no salão.

Após a chuva, vieram os prejuízos.

Os negociantes foram soltos *mediante* fiança.

Durante o jogo, a torcida cantava o hino do clube.

Também podem converter-se em preposição adjetivos como *exceto*, *salvo*, *visto*, *conforme*, *segundo*, *consoante*, *mediante* e os quantificadores indefinidos *mais* e *menos* quando estão empregados para exprimir não a quantidade, mas a soma e a subtração (***mais*** *estes reais*, ***menos*** *estes reais*; *ele* ***mais*** *o pai*).

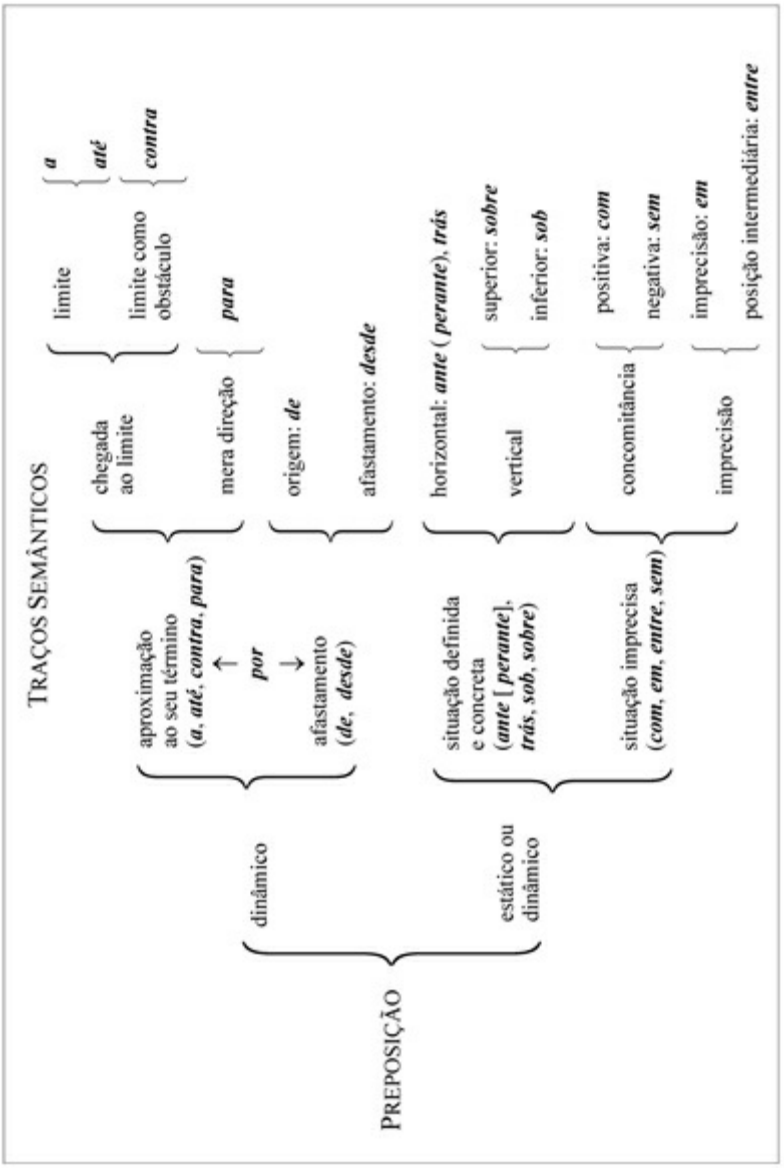

Locução prepositiva – é o grupo de palavras com valor e emprego de uma preposição. Em geral a locução prepositiva é constituída de advérbio ou locução adverbial seguida da preposição *de*, *a* ou *com*:

O garoto escondeu-se *atrás do* móvel.

Não saímos *por causa da* chuva.

O colégio ficava *em frente a* casa.

O ofício foi redigido *de acordo com* o modelo.

Às vezes a locução prepositiva se forma de duas preposições, como: *de per* (na locução *de per si*), *até a* e *para com*.

Foi *até ao* colégio.

Mostrava-se bom *para com* todos.

OBSERVAÇÃO: O substantivo que às vezes entra para formar estas locuções em geral está no singular; mas o plural também é possível: *Viver à custa do pai* (ou *às custas do pai*), *O negócio está em via de solução* (ou *em vias de solução*).

Preposições essenciais e acidentais – Há palavras que só aparecem na língua como preposições e, por isso, se dizem *preposições essenciais*: *a*, *ante*, *até*, *com*, *contra*, *de*,

desde, *em*, *entre*, *para*, *perante*, *por*, *sem*, *sob*, *sobre*, *trás*.

São ACIDENTAIS as palavras que, perdendo seu valor e emprego primitivos, passaram a funcionar como preposições: *durante*, *como*, *conforme*, *feito*, *exceto*, *salvo*, *visto*, *segundo*, *mediante*, *tirante*, *fora*, *afora*, etc.

Só as preposições *essenciais* se acompanham de formas tônicas dos pronomes oblíquos:

Sem *mim* não fariam isso.

Exceto *eu*, todos foram contemplados.

Acúmulo de preposições – Não raro duas preposições se juntam para dar maior efeito expressivo às ideias, guardando cada uma seu sentido primitivo:

Andou *por sobre* o mar.

Estes acúmulos de preposições não constituem uma locução prepositiva porque valem por duas preposições distintas. Combinam-se com mais frequência as preposições: *de*, *para* e *por* com *entre*, *sob* e *sobre*.

"De uma vez olhou *por entre* duas portadas mal fechadas para o interior de outra sala..." [CBr.1, 175].

"Os deputados oposicionistas conjuravam-no a não levantar mão *de sobre* os projetos depredadores" [CBr.1].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Pode ocorrer depois de algumas preposições acidentais (*exceto*, *salvo*, *tirante*, *inclusive*, etc. de sentido exceptivo ou inclusivo) outra preposição requerida pelo verbo, sendo que esta última preposição não é obrigatoriamente explicitada:

Gosto de todos daqui, exceto *ela* (ou *dela*).

Sem razão, alguns autores condenam, nestes casos, a explicitação da segunda preposição (*dela*, no exemplo acima).

Senhoreou-se de tudo, *exceto dos* dois sacos de prata [CBr *apud* MBa.3, 326].

2.ª) Na coordenação, não é necessário repetir as preposições, salvo quando assim o exigirem a ênfase, a clareza ou a eufonia:

Quase não falaram *com* o diretor e repórteres.

Quase não falaram *com* o diretor e *com* os repórteres.

A repetição é mais frequente antes dos pronomes pessoais tônicos e do reflexivo:

Então desde o Nilo ao Ganges / Cem povos armados vi / erguendo torvas falanges / *contra mim* e *contra ti* [Passos *apud* ED.2, § 223, a].

A norma se estende às locuções prepositivas, quando é mais comum a repetição do último elemento da locução:

Antes *do* bem e *do* mal estamos nós.

Quando a preposição se encontra combinada com artigo, deve ser repetida se repetido está o artigo:

"Opor-se *aos* projetos e *aos* desígnios d'alguns" [ED.2]

3.ª) Uma expressão preposicionada indicativa de lugar ou tempo pode ser acompanhada de uma segunda de significado local ou temporal:

Levou-o *para ao* pé da cruz.

Desde pela manhã, esperava novas notícias.

"Nós não fazemos senão andar atrás delas, *desde pela* manhã até a noite, desde a noite *até pela* manhã" [Mesquita *apud* MBa.2, 70].

Trata-se aqui de expressões petrificadas que valem por uma unidade léxica (*ao pé de*, *pela manhã*, etc.) e como tais podem depois ser precedidas de preposição.

Combinação e contração com outras palavras – Diz-se que há *combinação* quando a preposição, ligando-se a outra palavra, não sofre redução. A preposição *a* combina-se com o artigo definido masculino: *a+o = ao; a+os = aos*.

Diz-se que há *contração* quando, na ligação com outra palavra, a preposição sofre redução. As preposições que se contraem são: 76

A

1) com o artigo definido ou pronome demonstrativo feminino:

a + a = à; a + as = às (esta fusão recebe o nome de *crase*)

2) com o pronome demonstrativo:

a + aquele = àquele; a + aqueles = àqueles (crase)
a + aquela = àquela; a + aquelas = àquelas (crase)
a + aquilo = àquilo (crase)

Observações:

1.ª) Muitas vezes a ligação ou não da preposição à palavra seguinte depende da necessidade de garantir a clareza da mensagem, amparada por entoação especial:

> "Para Saussure a "ciência" dos signos era para ser um ramo da psicologia social, e a linguística uma subespécie deste ramo *apesar de a* mais importante" [JDe.1, 20].

M. Bandeira sentiu necessidade de não proceder à crase em *a aquela*, no exemplo:

> "Para tudo isso, porém, existe a adesão em massa. É o maior medo de Oswald de Andrade. De fato nada resiste *a aquela* estratégia paradoxal" [MB.2, 248].

2.ª) Não se combina o artigo quando este é parte integrante do sintagma nominal, como no seguinte exemplo:

> Há quem conheça o que se decidiu chamar *de o espírito carioca*.

É pela mesma razão de conservar a integridade que se deve evitar fazer a combinação da preposição com a palavra inicial dos títulos de livros, jornais e demais periódicos:

> *de* Os Lusíadas; *em* Os Sertões.

Também é preferível não se usar apóstrofo (*d'Os Lusíadas*), nem a repetição do artigo (*dos Os Lusíadas*).

> A prática dos escritores se mostra muito indecisa neste particular [AK.2, 55].

De

1) com o artigo definido masculino e feminino:

de + o = do; de + a = da; de + os = dos; de + as = das

2) com o artigo indefinido (menos frequente):

de + um = dum; de + uns = duns
de + uma = duma; de + umas = dumas

3) com o pronome demonstrativo:

de + aquele = daquele; de + aqueles = daqueles
de + aquela = daquela; de + aquelas = daquelas
de + aquilo = daquilo
de + esse = desse; de + esses = desses; de + este = deste; de + estes = destes
de + essa = dessa; de + essas = dessas; de + esta = desta; de + estas = destas
de + isso = disso; de + isto = disto

4) com o pronome pessoal:

de + ele = dele; de + eles = deles
de + ela = dela; de + elas = delas

5) com o pronome indefinido:

de + outro = doutro; de + outros = doutros
de + outra = doutra; de + outras = doutras

6) com advérbio:

de + aqui = daqui; de + aí = daí; de + ali = dali, etc.

Em

1) com o artigo definido, graças à ressonância da nasal:

em + o = no; em + os = nos; em + a = na; em + as = nas

2) com o artigo indefinido:

em + um = num; em + uns = nuns
em + uma = numa; em + umas = numas

3) com o pronome demonstrativo:

em + aquele = naquele; em + aqueles = naqueles
em + aquela = naquela; em + aquelas = naquelas
em + aquilo = naquilo
em + esse = nesse; em + esses = nesses; em + este = neste; em + estes = nestes
em + essa = nessa; em + essas = nessas; em + esta = nesta; em + estas = nestas
em + isso = nisso; em + isto = nisto

4) com o pronome pessoal:

em + ele = nele; em + eles = neles
em + ela = nela; em + elas = nelas

Per – com as formas antigas do artigo definido:

per + lo = pelo; per + los = pelos; per + la = pela; per + las = pelas

Para (*pra*) – com o artigo definido:

para (pra) + o = pro; para (pra) + os = pros; para (pra) + a = pra; para (pra) + as = pras

***Co*(*m*)** – com artigo definido, graças à supressão da ressonância nasal (ectlipse):

co(m) + o = co; co(m) + os = cos; co(m) + a = coa; co(m) + as = coas

A preposição e sua posição – Em vez de vir entre o termo subordinante e o subordinado, a preposição, graças à possibilidade de outra disposição das palavras, pode vir aparentemente sem o primeiro:

Por lá *todos* ***passaram***.
(subordinado) (subordinante)
Os primos ***estudaram com José***.
(subordinante) (subordinado)
Com José *os primos* ***estudaram***.
(subordinado) (subordinante)
"*Quem há de resistir*?
Resistir quem há de?" [LG]

Principais preposições e locuções prepositivas

a	de	exceto
abaixo de	de acordo com	fora de
acerca de, cerca de	debaixo de	junto a
acima de	de cima de	junto de

a fim de
à frente de
ante
antes de
ao lado de
ao longo de
ao redor de
a par com
apesar de
após
após de
a respeito de
à roda de
até
até a
atrás de
através de
com
como
conforme
consoante
contra
de conformidade com
defronte de
dentre
dentro
dentro de
dentro em
desde, dês
detrás de
diante de
durante
em
embaixo de
em cima de
em favor de
em frente de
em lugar de
em prol de
em razão de
em troco de
em vez de
entre
mediante
na conta de
não obstante
para
para com
per
por
por baixo de
por cima de
por defronte de
por dentro de
por detrás de
por diante de
por meio de
quanto a, enquanto a
segundo
sem
sem embargo de
sob
sobre
trás

Emprego da preposição

1) ***A***

Esta preposição aparece nos seguintes principais empregos:

a) Introduz complementos verbais (objetos indiretos) e nominais representados por nomes ou

pronomes oblíquos tônicos:

"Perdoamos mais vezes *aos nossos inimigos* por fraqueza, que por virtude" [MM].

"O nosso amor próprio é muitas vezes contrário *aos nossos interesses*".

"A força é hostil *a si própria*, quando a inteligência a não dirige" [MM].

b) Introduz objetos diretos:

"O mundo intelectual deleita *a poucos*, o material agrada *a todos*" [MM].

"O homem que não é indulgente com os outros, ainda se não conhece *a si próprio*" [MM].

c) Prende infinitivos a certos verbos que o uso ensinará:

"Os homens, dizendo em certos casos que vão falar com franqueza, parecem *dar a entender* que o fazem por exceção de regra" [MM].

Geralmente tais verbos indicam a causa, o início, a duração, a continuação ou o termo de movimento ou extensão da ideia contida no verbo principal. Os principais são: abalançar-se, acostumar-se, animar-se, anuir, aparelhar-se, aprender, apressar-se, arrojar-se, aspirar, atender, atrever-se, autorizar, aventurar-se, chegar, começar (também com *de* e *por*), concorrer, condenar, continuar, costumar, convidar (também com *para*), decidir-se, entrar, estimular, excitar-se, expor-se, habilitar-se, habituar-se, meter-se, obrigar, pôr-se, principiar, resolver-se, vir.

d) Prende infinitivos a certos verbos, formando locuções equivalentes e gerúndios de sentido progressivo:

"*Anda visitando* os defuntos? disse-lhe eu. Ora defuntos! respondeu Virgília com um muxoxo. E depois de me apertar as mãos: – *Ando a ver* se ponho os vadios para a rua" [MA *apud* SS.1, 309].

e) Introduz infinitivo designando condição, hipótese, concessão, exceção:

A ser verdade o que dizes, prefiro não colaborar.

"A filha estava com quatorze anos; mas era muito fraquinha, e não fazia nada, *a não ser* namorar os capadócios que lhe rondavam a rótula" [MA.1, 201].

f) Introduz ou pode introduzir o infinitivo da oração substantiva subjetiva do verbo *custar*:

"Custou-lhe muito *a aceitar* a casa" [MA.1, 194].

g) Introduz numerosas circunstâncias, tais como:

1) termo de movimento ou extensão:

"Nesse mesmo dia levei-os *ao Banco do Brasil*" [MA.1, 151].

OBSERVAÇÃO: Com os advérbios *aqui*, *lá*, *cá* e semelhantes não se emprega preposição:

"Vem *cá*, Eugênia, disse ela..." [MA.1, 96].

2) tempo em que uma coisa sucede:

"Indaguei do guarda; disse-me que efetivamente "esse sujeito" ia por ali às vezes. – *A* que horas?" [MA.1, 172].

3) fim ou destino:

"... apresentaram-se *a* falar ao imperador" [RP *apud* FB.1, 145].

Tocar *à* missa (= para assistir à missa).

Tocar o sino *a* ave-marias [EQ.5, 217].

4) meio, instrumento e modo:

matar à fome, fechar à chave, vender a dinheiro, falar aos gritos, escrever a lápis, viver a frutas, andar a cavalo.

Com os verbos *limpar*, *enxugar*, *assoar* indicamos de preferência o instrumento com *em*, e os portugueses com *a*: "limpar as lágrimas *no lenço*", "limpar as lágrimas *ao lenço*".

5) lugar, aproximação, contiguidade, exposição a um agente físico:

"Vejo-a a assomar *à porta* da alcova..." [MA.1, 14].

Estar *à janela*, ficar *à mesa*, *ao portão*, *ao sol*, falar *ao telefone*

6) semelhança, conformidade:

"Não sai *a nós*, que gostamos da paz..." [MA *apud* SS.1, 310].

"Desta vez falou *ao modo bíblico*" [MA *apud* SS.1].

Quem puxa *aos seus* não degenera.

7) distribuição proporcional, gradação:

um *a* um, mês *a* mês, pouco *a* pouco

OBSERVAÇÃO: Diz-se *pouco a pouco*, *pouco e pouco*, *a pouco e pouco*.

"*Pouco a pouco* muitas graves matronas... se tinham alongado da corte para suas honras e solares" [AH.3, 21].

8) preço:

A como estão as maçãs? *A* um real o quilo.

9) posse:

Tomou o pulso *ao* doente (= do doente).

10) forma numerosas locuções adverbiais:

à pressa, às pressas, às claras, às ocultas, às cegas, a granel, a rodo, etc.

Emprego do *à* acentuado – Emprega-se o acento grave no *a* para indicar que soa como vogal aberta nos seguintes dois casos:

1.º) quando representa a construção da preposição *a* com o artigo *a* ou o início de *aquele*(*s*), *aquela*(*s*), *aquilo*, fenômeno que em gramática se chama crase:

Fui *à* cidade.

O verbo *ir* pede a preposição *a*; o substantivo *cidade* pede o artigo feminino *a*: Fui *a a* cidade.

2.º) quando representa a *pura preposição a* que rege um substantivo feminino singular, formando uma locução adverbial que, por motivo de clareza, vem assinalada com acento diferencial:

à força, à míngua, à bala, à faca, à espada, à fome, à sede, à pressa, à noite, à tarde, etc. [SA.4, 11-23; CR.2, 233; ED.2, §§ 58 e 156; SL.1, 224].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) *Crase* é um fenômeno fonético que se estende a toda fusão de vogais iguais, e não só ao *a* acentuado.

2.ª) Não há razão para condenar-se o verbo *crasear* para significar "pôr o acento grave indicativo da crase". O que se não deve é chamar *crase* ao acento grave:

"Alencar *craseava* a preposição simples *a*" [JO.3, 27].

Ocorre a crase nos seguintes casos principais:

a) diante de palavra feminina, clara ou oculta, que não repele artigo:

Fui *à* cidade.

Dirigia-se *à* Bahia e depois *a* Paris.

Para sabermos se um substantivo feminino não repele artigo, basta construí-lo em orações em que apareçam regidos das preposições *de*, *em*, *por*. Se tivermos puras preposições, o nome dispensa artigo; se tivermos necessidade de usar, respectivamente *da*, *na*, *pela*, o artigo será obrigatório:

Fui *à* Gávea { Venho *da* Gávea / Moro *na* Gávea / Passo *pela* Gávea

Fui *a* Copacabana { Venho *de* Copacabana / Moro *em* Copacabana / Passo *por* Copacabana

Observações:

1.ª) O nome que sozinho dispensa artigo, pode tê-lo quando acompanhado de adjetivo ou locução adjetiva:

Fui *à* Copacabana de minha infância { Venho *da* Copacabana de minha infância. / Moro *na* Copacabana de minha infância. / Passo *pela* Copacabana de minha infância.

Assim se diz: Irei *à* casa paterna.

2.ª) Se for facultativo, nas condições acima, o emprego de *de* ou *da*, *em* ou *na*, *por* ou *pela*, será também facultativo o emprego do *a* acentuado:

Fui { *à* / *a* } França { Venho { *da* / *de* } França / Moro { *na* / *em* } França / Passo { *pela* / *por* } França

b) diante do artigo *a* e dos demonstrativos *aquele*, *aquela*, *aquilo*:

Referiu-se { à / *àquele* / *àquela* / *àquilo* } { que estava do seu lado

c) diante de possessivo em referência a substantivo oculto:

Dirigiu-se àquela casa e não *à* sua.

d) diante de locuções adverbiais constituídas de substantivo feminino plural:

às vezes, às claras, às ocultas, às escondidas, às três da manhã.

Não ocorre a crase nos seguintes casos principais:

a) diante de palavra de sentido indefinido:

Falou a { uma / certa / qualquer / cada / toda } pessoa

OBSERVAÇÃO: Há acento antes do numeral *uma*: Irei vê-la à uma hora.

b) diante dos pronomes relativos *que* (quando o *a* anterior for uma preposição), *quem*, *cuja*:

Está aí a pessoa *a* que fizeste alusão.
O autor *a* cuja obra a crítica se referiu é muito pouco conhecido.
Ali vai a criança *a* quem disseste a notícia.

c) diante de verbo no infinitivo:

Ficou *a* ver navios.
Livro *a* sair em breve.

d) diante de pronome pessoal e expressões de tratamento como V. Ex.ª, V.S.ª, V. M., etc.:

Não disseram *a* ela e *a* você toda a verdade.
Requeiro *a* V. Ex.ª com razão.

e) nas expressões formadas com a repetição de mesmo termo (ainda que seja um nome feminino), por se tratar de pura preposição:

frente *a* frente, cara *a* cara, face *a* face, gota *a* gota

f) diante da palavra *casa* quando desacompanhada de adjunto:

Irei *a* casa logo mais (cf. Entrei *em* casa; Saí *de* casa).

A crase é facultativa nos seguintes casos principais:

a) antes de pronome possessivo com substantivo feminino claro:

Dirigiu-se { *à* / *a* } minha casa, e não à sua

No português moderno dá-se preferência ao emprego do possessivo com artigo e, neste caso, ao *a* acentuado.

b) antes de nome próprio feminino:

As alusões eram feitas { *à* / *a* } Ângela

c) antes da palavra *casa* quando acompanhada de expressão que denota o dono ou morador, ou qualquer qualificação:

Irei { *à* / *a* } casa de meus pais

OBSERVAÇÕES:

1.ª) É preciso não identificar *crase* e *craseado* com acento e acentuado. Em tempos passados, principalmente entre os românticos, a preposição pura *a* era em geral acentuada, ainda diante de masculino, sem que isso quisesse indicar *a* craseado. Daí os falsos erros que se apontam em escritores dessa época, mormente em J. de Alencar.

2.ª) Deve-se usar *dormir a sesta*, e não *dormir à sesta*; *levá-lo a breca*, e não *levá-lo à breca*; *tudo está indo a breca*; *ele teria levado a breca*.

2) *Até*

Esta preposição indica o limite, o termo de movimento, e, acompanhando substantivo com artigo (definido ou indefinido) pode vir ou não seguida da preposição *a*:

Caminharam *até* { a / à } escola

"Ouvido isto, o desembargador comoveu-se *até às* lágrimas, e disse com mui entranhado afeto" [CBr.1, 67].

"... e prometem ser-lhe amparo *até ao* fim" [CBr.1, 77].

"Albernaz saiu fora da roda dos amigos e foi *até a* um canto da sala..." [LB *apud* SS.1, § 496].

É preciso distinguir a preposição da palavra de inclusão *até* que se usa para reforçar uma declaração com o sentido de "inclusive", "também", "mesmo", "ainda". A preposição pede pronome pessoal oblíquo tônico e a palavra de inclusão pede pronome pessoal reto:

Ele chegou *até mim* e disse toda a verdade.

Até eu recebi o castigo.

3) *Com*

Aparece nas circunstâncias de companhia, ajuntamento, simultaneidade, modo, maneira, meio, instrumento, causa, concessão (principalmente seguida de infinitivo), oposição:

"Quando os bons capitulam *com* os maus sancionam a própria ruína" [MM].

"Nunca agradecemos *com* tanto fervor como quando esperamos um novo favor" [MM].

"A economia *com* o trabalho é uma preciosa mina de ouro" [MM].

"Somos atletas na vida; lutamos *com* as paixões dos outros homens e *com* as nossas" [MM].

"Queremos governos perfeitos *com* homens imperfeitos: disparate" [MM].

"O silêncio *com* ser mudo não deixa de ser por vezes um grande impostor" [MM].

"A sociedade política nasceu da família; mas a família não acabou *com* (= temporal) a existência da sociedade" [AH.2, 144].

Inicia o complemento de muitos verbos e nomes (complemento relativo e complemento nominal):

"O lisonjeiro conta sempre *com* a abonação do nosso amor-próprio" [MM].

"O homem que não é indulgente *com* os outros, ainda se não conhece a si próprio" [MM].

4) *Contra*

Denota oposição, direção contrária, hostilidade:

Lutava *contra* tudo e *contra* todos.

Remar *contra* a maré

Votar *contra* alguém

Condenam bons mestres como galicismo o emprego desta preposição depois do verbo *apertar*, *estreitar* (e sinônimos), apesar dos exemplos de escritores corretos, uso que se vai generalizando:

"*Apertei contra* o coração o punho da espada" [AH.5, I, 37].

"E Dulce caiu nos braços do guerreiro trovador, que desta vez a *estreitou contra* o peito..." [AH.3, 144].

Também se considera como galicismo *contra* no sentido de "em troca de", bem como no sentido de "junto a", "ao lado de":

Dar a mercadoria *contra* recibo (por *mediante recibo*).

Encostar o móvel *contra* a parede (por *junto à parede*).

5) ***De***

a) Introduz complemento de verbos (complemento relativo) e nomes (complemento nominal) que o uso ensinará:

"Os sábios vivem ordinariamente solitários: receiam-se *dos velhacos*, e não podem tolerar os tolos" [MM].

"O temor *da morte* é a sentinela da vida" [MM].

b) Indica a circunstância de lugar donde, origem, ponto de partida dum movimento ou extensão (no tempo e no espaço), a pessoa ou coisa de que outra provém ou depende, em sentido próprio ou figurado e o agente da passiva (por ser o ponto de partida da ação), principalmente com os verbos que exprimem sentimento e manifestação de sentimentos:

"A maior parte dos erros em que laboramos neste mundo provém *da falsa definição*, ou *das noções falazes* que temos do bem e do mal" [MM].

"A doçura e beleza *das mulheres* parecem inculcar que são anjos e serafins que desceram *dos céus* e se humanaram na terra" [MM].

"Sancionada a virtude só pela opinião pública, ela desaparece *da* vida doméstica e *de* todos aqueles lugares não vistos *da multidão*" [AH.2, 143].

OBSERVAÇÃO: Modernamente o agente da passiva se rege mais de *por*.

c) Indica a pessoa, coisa, grupo ou série a que pertence ou de que se salienta, por qualquer razão, o nome precedido de preposição:

"A credulidade e confiança *de* muitos tolos faz o triunfo *de* poucos velhacos" [MM].

d) Indica a matéria de que uma coisa é feita:

"... ela só lhe aceitava sem relutância os mimos *de* escasso preço, como a cruz *de* ouro, que lhe deu, uma vez, de festas" [MA.1, 54].

e) Indica a razão ou a causa por que uma coisa sucede:

"O luxo, como o fogo, devora tudo e perece *de* faminto" [MM].

Cantar de alegria, morrer *de* medo.

f) Indica o assunto ou o objeto de que se trata:

"Dizer-se *de* um homem que tem juízo é o maior elogio que se lhe pode fazer" [MM].

g) Indica o meio, o instrumento ou modo, em sentido próprio ou figurado:

"O espírito vive *de* ficções, como o corpo se nutre *de* alimentos" [MM].

h) Indica a comparação, hoje principalmente na expressão *do que*:

São mais *de* três horas.

i) Indica a posição, o lugar:

"Sucede frequentes vezes admirarmos *de* longe o que *de* perto desprezamos" [MM].

j) Indica medida:

Copo *de* leite (= o leite na medida do copo), copo *d*'água, garrafa *de* vinho

OBSERVAÇÃO: Pode-se dizer também: *copo com leite*, *com água*, mas aí não se visa à medida, mas ao conteúdo.

l) Indica o fim, principalmente com infinitivo:

Dá-me *de* beber um copo d'água.

m) Indica o tempo:

De noite todos os gatos são pardos.

n) Ligando dois substantivos, imediatamente ou por intermédio de certos verbos, serve para caracterizar e definir uma pessoa ou coisa:

"O homem *de* juízo aproveita, o tolo desaproveita a experiência própria" [MM].

Rua *do* Ouvidor.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Nas denominações de ruas, escolas, teatros, monumentos, edifícios, festas religiosas e casas comerciais, e em circunstâncias que tais, se costuma omitir a preposição sem que haja regra fixa para tal critério: Avenida Rio Branco, Colégio Pedro II (mas Rua *do* Ouvidor, Praça *da* República).

2.ª) Usa-se a preposição *de* nas datas: 26 *de* fevereiro. Não é praxe da língua omiti-la nestas circunstâncias. Do mesmo modo, diz-se *o ano de 1928*, embora aqui se possa também empregar *o ano 1928*.

o) Indica o todo depois de palavras que significam parte:

A maioria *dos* homens, um terço *dos* soldados, um punhado *de* bravos; um pouco (ou uma pouca) *de* água.

OBSERVAÇÃO: Depois dos comparativos *maior*, *menor*, etc. pode ser substituído por *entre*: O maior *de* todos (= *entre* todos).

p) Indica modo de ser, semelhança, e normalmente vem precedendo predicativo:

"Muitos figuram *de* Diógenes, para se consolarem de não poderem ser Alexandres" [MM].

q) Liga adjetivo étnico ou gentílico aos substantivos *nação*, *nascimento*, *origem*:

brasileiro *de* nascimento, alemão *de* origem

r) Pode equivaler a *desde*:

Havia meio século *da* (= *desde a*) descoberta.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Note-se a fórmula *é de* com o sentido de *é próprio de*: "*É da* natureza humana que muitos homens trabalhem para manter os poucos que se ocupam em pensar para eles, instruí-los e governá-los" [MM].

2.ª) Em construção do tipo *acusar de negligente*, *presumir de formosa*, "explicam-se geralmente pela omissão de um verbo atributivo (*ser*, *estar*, etc.) ou pela fusão da construção do adjetivo com a de substantivo no mesmo lugar" [MBa.5, 297]. *Acusar de negligente* = *acusar de ser negligente*, *acusar de sua negligência*.

Não ocorre esta preposição nos seguintes principais casos:

a) em construções de tipo:

A primeira coisa que fiz foi vir a Madri (e não *foi de vir*).

b) "com os verbos e adjetivos que significam afastamento ou diferença, e com os que envolvem a ideia de aumento ou diminuição, superioridade ou inferioridade, a designação da medida que não tem preposição" [ED.1, § 125; JM.1, II, 46-47]:

Aumentar um centímetro (e não *aumentar de um*).

Este número excede aquele duas dezenas (e não *excede de duas dezenas*).

Mais novo alguns meses (e não *mais novo de alguns meses*).

c) depois do verbo *consistir*:

A prova consiste em duas páginas mimeografadas (e *não consiste de duas*).

NOTA: Os puristas, sem maiores exames, têm tachado de galicismo a expressão *de resto* (= quanto ao mais). Além de usada por grandes escritores, tem raízes no latim *de reliquo*.

6) *Em*

Denota:

a) lugar onde, situação, em sentido próprio ou figurado:

"Formam-se mais tempestades *em* nós mesmos que *no* ar, *na* terra e *nos* mares" [MM].

OBSERVAÇÃO: Com alguns verbos, para se exprimir esta circunstância, se emprega um pronome oblíquo átono em lugar da expressão introduzida por *em*:

"Pulsa-*lhe* (= nele) aquele afeto verdadeiro" [MA].

Não *me* toque. Bateu-*nos*. Mexeu-*lhe*.

b) tempo, duração, prazo:

"Os homens *em* todos os tempos, sobre o que não compreenderam, fabularam" [MM].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Precedendo um gerúndio, a preposição *em* aparece nas circunstâncias de tempo, condição ou hipótese:

"Ninguém, desde que entrou, *em* lhe *chegando* o turno, se conseguirá evadir à saída" [RB].

2.ª) Para denotar o espaço ou decurso de tempo usa-se a preposição *em* em concorrência a *dentro de* ou *daqui a*, emprego que alguns estudiosos, com exagero, veem como abuso ou imitação do francês [MBa.5, 75]:

Em cinco minutos irei atendê-lo.

c) modo, meio:

Foi *em pessoa* receber os convidados.

Pagava *em cheque* tudo o que comprava.

d) a nova natureza ou forma em que uma pessoa ou coisa se converte, disfarça, desfaz ou divide:

"O homem de juízo converte a desgraça *em* ventura, o tolo muda a fortuna *em* miséria" [MM].

Dar *em* doido.

e) preço, avaliação:

A casa foi avaliada *em* milhares de reais.

f) fim, destinação:

Vir *em* auxílio. Tomar *em* penhor. Pedir *em* casamento.

g) estado, qualidade ou matéria:

General *em* chefe. Ferro *em* brasa. Imagem *em* barro. Gravura *em* aço.

OBSERVAÇÃO: Tem-se, sem maior exame, condenado este emprego da preposição *em* como galicismo. Tem-se também querido evitar a expressão *em questão*, por se ter inspirado em modo de falar francês; mas é linguagem hoje comuníssima e corrente nas principais línguas literárias modernas.

h) causa, motivo (geralmente antes do infinitivo):

"Há povos que são felizes *em* não ter mais que um só tirano" [MM].

i) lugar para onde se dirige um movimento, sucessão, em sentido próprio ou figurado:

Saltar *em* terra. Entrar *em* casa. De grão *em* grão.

OBSERVAÇÃO: A língua padrão não agasalha este emprego com os verbos *vir*, *chegar*, preferindo a preposição *a*: Ir *à* cidade; chegar *ao* colégio.

j) forma, semelhança, significação de um gesto ou ação:

"Resoluta estendeu os braços, juntando as mãos *em* talhadeira e arrojou-se d'alto, mergulhando..." [CN *apud* SS.1, § 506, 7].

7) ***Entre***

Denota posição intermediária no espaço ou no tempo, em sentido próprio ou figurado:

"*Entre* o queijo e o café, demonstrou-me Quincas Borba que o sistema era a destruição da dor" [MA.1, 301].

Como as outras preposições, rege pronome oblíquo tônico, de modo que se diz *entre mim e ti*, *entre ele e mim*, *entre você e mim*, etc.

"Por que vens, pois, pedir-me adorações quando *entre mim e ti* está a cruz ensaguentada do Calvário...?" [AH.1, 46-47].

A língua exemplar evita exemplos como *entre eu e tu*, *entre eu e eles*, *entre eles e eu* e semelhantes. Deste último caso, em que o pronome reto não vem junto da preposição *entre* ocorrem alguns exemplos literários que a tradição do idioma evita:

"Odeio toda a gente / com tantas veras d'almas e tão profundamente /, que me ufano de ouvir que *entre eles e eu* existe / separação formal" [AC.4, 11-12].

8) ***Para***

Denota:

a) a pessoa ou coisa em proveito ou prejuízo de quem uma ação é praticada (objeto indireto, complemento relativo ou complemento nominal):

"Aborrecemos o absolutismo nos outros, porque o cobiçamos *para* nós mesmos" [MM].

"A preguiça nos maus é salutar *para* os bons" [MM].

b) a pessoa a que se atribui uma opinião (dativo livre):

"O pedir *para* quem não tem vergonha é menos penoso que trabalhar" [MM].

c) fim, destinação:

"A filha deu-me recomendações *para* Capitu e *para* minha mãe" [MA *apud* SS.1, 509, b].

d) fim:

"O ambicioso, *para* ser muito, afeta algumas vezes não valer nada" [MM].

e) termo de movimento, direção para um lugar com a ideia acessória de demora ou destino:

Foi *para* Europa.

OBSERVAÇÃO: Denota apenas "o lugar onde" em construções do tipo: Ele está agora *para* o Norte.

f) tempo a que se destina um objeto ou ação, ou para quando alguma coisa se reserva:

"Faz *para* as matanças seis anos que você justou comigo uma porca por 4 moedas..." [CBr *apud* JM.1, II, 49].

Vou aí *para* as seis horas.

9) ***Por*** (e ***per***)

Denota:

a) lugar por onde, em sentido próprio ou figurado:

"Tais eram as reflexões que eu vinha fazendo, *por* aquele Valongo fora, logo depois de ver e ajustar a casa" [MA.1,

190].

b) meio:

Puxar *pelo* paletó, rezar *pelo* livro, segurar *pelos* cabelos, levar *pela* mão, ler *pelo* rascunho, contar *pelos* dedos, enviar *pelo* correio.

c) modo:

Repetir *por* ordem, estudar *por* vontade.

"Louvamos *por* grosso, mas censuramos *por* miúdo" [MM].

d) distribuição:

Várias vezes *por* dia.

e) divisão, indicando a pessoa ou coisa que recebe o quinhão:

Distribuir *pelos* pobres, repartir *pelos* amigos, dividir *por* três a herança.

f) substituição, troca, valor igual, preço:

Comer gato *por* lebre.

"O barão dizia ontem, no seu camarote, que uma só italiana vale *por* cinco brasileiras" [MA.1, 183].

g) causa, motivo:

"O amor criou o Universo que *pelo* amor se perpetua" [MM].

"Muitos se abstêm *por* acanhados do que outros fogem *por* virtuosos" [MM].

h) nos juramentos e petições, designando a pessoa ou coisa invocada para firmar o juramento e para interceder:

jurar *pela* sua honra, pedir *pela* saúde de alguém [ED.1, § 163, b].

i) em favor de, em prol de:

Morrer *pela* pátria, lutar *pela* liberdade.

j) tempo, duração:

"Qual é aquele que, assentado, *por* noite de luar e serena sobre uma fraga marinha, não sente irem-se-lhe os olhos...?" [AH.2, 159].

l) agente da passiva:

"As mulheres são melhor dirigidas *pelo* seu coração do que os homens *pela* razão" [MM].

m) depois dos nomes que exprimem disposição ou manifestação de disposição de ânimo para com alguma coisa:

"A paixão *pelo* jogo pressupõe ordinariamente pouco amor *pelas* letras" [MM].

OBSERVAÇÃO: Não procede mais o ter-se como errônea a construção com *por*, nestes casos, porque, no português contemporâneo, o uso de *de* se especializou no sentido de genitivo objetivo. No português de outros tempos, *amor de Deus* era tanto o que consagramos a ele (genitivo objetivo) ou o que ele tem, o que nos consagra (genitivo subjetivo). Em lugar de *amor pelas letras* diz-se também corretamente *amor às letras*. Quando nos casos de genitivo objetivo pode ocorrer ambiguidade com o emprego da preposição *de*, costuma-se substituir esta preposição por *contra* (se o nome designa sentimento hostil) ou *para com* (se o sentimento é benévolo): Guerra *contra* os inimigos e respeito *para com* todos.

n) fim (em vez de *para*):

"Forcejava *por* obter-lhe a benevolência, depois a confiança" [MA.1, 194].

o) introduzindo o predicativo do objeto direto, denota qualidade, estado ou conceito em que se tem uma pessoa ou coisa:

Ter alguém *por* sábio. Enviar alguém *por* embaixador. Tenho *por* certo que ele virá.

OBSERVAÇÃO: Neste emprego pode ser substituída pela preposição *como*, apesar da crítica injusta dos puristas.77

9 – CONJUNÇÃO

Conector e transpositor – A língua possui unidades que têm por missão reunir orações num mesmo enunciado.

Estas unidades são tradicionalmente chamadas conjunções, que se repartem em dois tipos: *coordenadas* e *subordinadas*.

As conjunções coordenadas reúnem orações que pertencem ao mesmo nível sintático: dizem-se *independentes* umas das outras e, por isso mesmo, podem aparecer em enunciados separados.

Pedro fez concurso para medicina, *e* Maria se prepara para a mesma profissão.

Podíamos dizer desta maneira, em dois enunciados independentes:

Pedro fez concurso para medicina.
Maria se prepara para mesma profissão.

Daí ser a conjunção coordenativa um *conector*.

Como sua missão é reunir unidades independentes, pode também "conectar" duas unidades menores que a oração, desde que do mesmo valor funcional dentro de mesmo enunciado. Assim:

Pedro *e* Maria (dois substantivos)
Ele *e* ela (dois pronomes)
Ele *e* Maria (um pronome e um substantivo)
rico *e* inteligente (dois adjetivos)
ontem *e* hoje (dois advérbios)
saiu *e* voltou (dois verbos)
com *e* sem dinheiro (duas preposições)

Bem diferente é, entretanto, o papel da conjunção subordinada. No enunciado:

Soubemos que vai chover,

a missão da conjunção subordinada é assinalar que a oração que poderia ser sozinha um enunciado:

Vai chover

se insere num enunciado complexo em que ela (*vai chover*) perde a característica de enunciado independente, de oração, para exercer, num nível inferior da estruturação gramatical, a função de *palavra*, já que *vai chover* é agora objeto direto do núcleo verbal *soubemos*.

Assim, a conjunção subordinativa é um *transpositor* de um enunciado que passa a uma função de palavra, portanto de nível inferior dentro das camadas de estruturação gramatical. Diz-se, por isso, que *que vai chover* é uma oração "degradada" ao nível da palavra, e isto se deveu ao fenômeno de *hipotaxe* ou *subordinação*.

A oração degradada ou subordinada passa a exercer uma das funções sintáticas próprias do substantivo, do adjetivo e do advérbio, como veremos mais adiante.

Podemos aproximar o papel do transpositor *que* ao pronome relativo – que é um transpositor de oração degradada ao nível do adjetivo – e das preposições que, como vimos, transpõem uma unidade a exercer papel de outra unidade. Na oração *Ninguém é de ferro*, a preposição *de* transpõe o substantivo *ferro* à função de predicativo por ter *de ferro* passado a equivalente de adjetivo [AL.1, 229].

Conectores ou conjunções coordenativas – Os conectores ou conjunções coordenativas são de três tipos, conforme o significado com que envolvem a relação das unidades que unem: *aditivas*, *alternativas* e *adversativas*.

Conjunções aditivas – A aditiva apenas indica que as unidades que une (palavras, grupos de palavras e orações) estão marcadas por uma relação de adição. Temos dois conectores aditivos: *e* (para a adição das unidades positivas) e *nem* (para as unidades negativas). Vejam-se os exemplos extraídos do Marquês de Maricá:

O velho teme o futuro *e* se abriga no passado.

Uma velhice alegre *e* vigorosa é de ordinário a recompensa da mocidade virtuosa.

A pobreza *e* a preguiça andam sempre em companhia.

Não emprestes o vosso *nem* o alheio, não tereis cuidados *nem* receio.

Muitas vezes, graças ao significado dos lexemas envolvidos na adição, o grupo das orações coordenadas permite-nos extrair um conteúdo suplementar de "causa", "consequência", "oposição", etc. Estes sentidos contextuais, importantes na mensagem global, não interessam nem modificam a relação aditiva das unidades envolvidas: *Rico* ***e*** *inteligente* e *rico* ***e*** *desonesto*, ambas se unem por uma relação gramatical de adição, embora a oposição semântica existente entre *rico* e *desonesto* apresente um sentido suplementar, como se estivesse enunciado *rico* ***mas*** *desonesto*. O mesmo se dá se uma unidade for afirmativa e outra negativa: *rico e não honesto*.

Em lugar de *nem* usa-se *e não*, se a primeira unidade for positiva e a segunda negativa: rico *e não* honesto (compare com: ele *não* é rico *nem* honesto).

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Evite-se (embora não constitua erro) o emprego de *e nem* quando não houver necessidade de ênfase:

"Nunca vira uma boneca *e nem sequer* o nome desse brinquedo" [ML.2, 9].

"(...) mas o primo Nicolau está a dormir até tarde *e nem* à missa vai" [CBr.15].

2.ª) Algumas vezes *e* aparece depois de pausa, introduzindo grupos unitários e orações; são unidades enfáticas com função textual que extrapolam as relações internas da oração e constituem unidades textuais de situação:

"*E* repito: não é meu" [MA.1, 314].

3.ª) A expressão enfática da conjunção aditiva *e* pode ser expressa pela série *não só... mas também* e equivalentes.

Não só o estudo *mas também* a sorte são decisivos na vida.

Conjunções alternativas – Como o nome indica, enlaçam as unidades coordenadas matizando-as de um valor alternativo, quer para exprimir a incompatibilidade dos conceitos envolvidos, quer para exprimir a equivalência deles. A conjunção alternativa por excelência é *ou*, sozinha ou duplicada junto a cada unidade:

"Quando a cólera *ou* o amor nos visita, a razão se despede" [MM].

A enumeração distributiva que matiza a ideia de alternância leva a que se empreguem neste significado advérbios como *já*, *bem*, *ora* (repetidos ou não) ou formas verbais imobilizadas como *quer... quer*, *seja... seja*. Tais unidades não são conectores e, por isso, as orações enlaçadas se devem considerar justapostas.

OBSERVAÇÃO: "Cumpre lembrar que o par *seja... seja* não está de todo gramaticalizado, tanto que, em certas construções, aparece flexionado. *Sempre discordam de tudo,* ***sejam*** *as discordâncias ligeiras,* ***sejam*** *de peso*. S*empre discordavam de*

*tudo, **fossem** as discordâncias ligeiras, **fossem** as de peso*" [AK.1, 68].

Conjunções adversativas – Enlaçam unidades apontando uma oposição entre elas. As adversativas por excelência são *mas*, *porém* e *senão*.

Ao contrário das aditivas e alternativas, que podem enlaçar duas ou mais unidades, as adversativas se restringem a duas. *Mas* e *porém* acentuam a oposição; *senão* marca a incompatibilidade:

"Acabou-se o tempo das ressurreições, *mas* continua o das insurreições" [MM].

Unidades adverbiais que não são conjunções coordenativas – Levada pelo aspecto de certa proximidade de equivalência semântica, a tradição gramatical tem incluído entre as conjunções coordenativas certos advérbios que estabelecem relações interoracionais ou intertextuais. É o caso de *pois*, *logo*, *portanto*, *entretanto*, *contudo*, *todavia*, *não obstante*. Assim, além das conjunções coordenativas já assinaladas, teríamos as *explicativas* (*pois*, *porquanto*, etc.) e *conclusivas* (*pois* [posposto], *logo*, *portanto*, *então*, *assim*, *por conseguinte*, etc.), sem contar *contudo*, *entretanto*, *todavia* que se alinham junto com as adversativas. Não incluir tais palavras entre as conjunções coordenativas já era lição antiga na gramaticografia de língua portuguesa; vemo-la em Epifânio Dias [ED.1] e, entre brasileiros, em Maximino Maciel, nas últimas versões de sua *Gramática* [MMa.1]. Perceberam que tais advérbios marcam relações textuais e não desempenham o papel conector das conjunções coordenativas78, apesar de alguns manterem com elas certas aproximações ou mesmo identidades semânticas.

Que esses advérbios não são conjunções coordenativas e desempenham funções diversas prova-o o fato de poderem se compatibilizar, em exemplos como:

Não foram ao mesmo cinema *e*, *portanto*, não se poderiam encontrar.

Ele *e*, *portanto*, seu filho são responsáveis pela denúncia.

"Não queremos pensar na morte, *e por isso* nos ocupamos tanto da vida" [MM].

Cabe ao *e*, como conjunção, reunir num mesmo grupo oracional as duas orações independentes do enunciado, enquanto *portanto*, como advérbio, marca uma relação semântica com o que já foi dito. Poder-se-ia eliminar a conjunção *e* e, então, teríamos uma coordenação assindética, caso em que haveria uma pausa para marcar a fronteira das duas orações (marcada por vírgula ou ponto e vírgula):

Não foram ao mesmo cinema; *portanto* não se poderiam encontrar.

Poder-se-ia também eliminar o advérbio:

Não foram ao mesmo cinema *e* não se poderiam encontrar.

Não sendo próprio do advérbio exercer o papel de conector, ele poderia aparecer até numa oração subordinada, para marcar essa relação semântica entre os dois enunciados:

"Nunca perdemos de vista o nosso interesse, *ainda mesmo quando* nos inculcamos desinteressados" [MM].

Outra diferença entre as conjunções coordenativas e os advérbios (a que poderíamos chamar textuais ou discursivos) é que só as primeiras efetivam a coordenação entre subordinadas equifuncionais, isto é, do mesmo valor (substantiva, adjetiva ou adverbial) e com a mesma função sintática:

Espero que estudes *e* que sejas feliz.

Como advérbios, que guardam com o núcleo verbal uma relação, em geral, mais frouxa, esses advérbios podem vir em princípio em qualquer posição dentro da oração em que se inserem:

Eles não chegaram *nem todavia* deram certeza da presença.

Eles não chegaram *nem* deram, *todavia*, certeza da presença.

Eles não chegaram *nem* deram certeza da presença, *todavia*.

Também os advérbios não participam da particularidade das conjunções coordenativas de constituírem um bloco unitário de enunciados coordenados por sua vez coordenado a outro anterior [CA.1]:

Luís é vegetariano, *mas* [não come abóbora nem bebe chá].

Remetemos dois convites ao Paulo, *mas* [ou ele se mudou ou está doente].

Transpositores ou conjunções subordinativas – Já dissemos que o transpositor ou conjunção subordinativa transpõe oração degradada ou subordinada ao nível de equivalência de um substantivo capaz de exercer na *oração complexa* uma das funções sintáticas que têm por núcleo o substantivo.

Falamos em *oração complexa* e chegou o momento de diferençá-la em relação ao *grupo oracional*. Oração complexa é aquela que tem um ou mais dos seus termos sintáticos sob forma de uma oração subordinada.

Esperamos [*que todos venham ao baile*],

em que a oração transposta pelo *que* exerce uma das funções comuns ao substantivo: objeto direto do núcleo verbal *esperamos*.

Já no *grupo oracional* temos orações coordenadas, independentes, e que, por isso mesmo, podem ser usadas separadamente umas das outras:

Chegamos tarde e não assistimos a todo o filme, mas vimos o mais interessante dele.

Chegamos tarde. Não assistimos a todo o filme. Vimos o mais interessante dele.

As conjunções *e* e *mas* não modificam o valor sintático das orações reunidas; apenas indicam o tipo de relação semântica: *adição* (*e*) e *contraste* (*mas*).

Além do *que* transpositor de oração ao nível de substantivo, chamado *conjunção integrante*, e do *que* pronome relativo, que transpõe oração ao nível de adjetivo, a língua portuguesa conta com poucos outros transpositores:

a) *Se* que transpõe oração originariamente interrogativa total, isto é, desprovida de unidade interrogativa, ao nível de substantivo, conhecida, por isso mesmo, como conjunção integrante, a exemplo do *que* anterior:

Ela não sabe [*se terá sido aprovada*].

Aqui a oração interrogativa *Terá ela sido aprovada*? se transpõe, mediante o *se*, ao nível de substantivo e como tal está habilitada a exercer a função de objeto direto do núcleo verbal *não sabe*, sem o primitivo contorno melódico interrogativo.

b) *Se* que transpõe oração ao nível de advérbio, e como tal está habilitada a exercer a função de adjunto adverbial, com valor de circunstância de condição e é, por isso mesmo, chamado *conjunção condicional*.

***Que* e locuções: as chamadas locuções conjuntivas** – A oração transposta a substantivo pela conjunção *que*, de acordo com a função sintática que exerce em relação ao núcleo verbal da oração chamada "principal", pode receber um índice funcional representado por uma preposição. Se exerce função de sujeito, objeto direto, predicativo, não precisará deste índice funcional:

Parece [*que vai chover*].
Esperamos [*que cheguem cedo*].
A verdade é [*que todos se saíram bem*].

Se a função é de complemento relativo ou de objeto indireto, ou complemento nominal, a conjunção *que* vem precedida da conveniente preposição:

Estavam precisando [*de que os ajudassem*].
Ela dedicava seu cuidado [*a que o filho tivesse boa educação*].
Eram poucas as esperanças [*de que tudo acabasse bem*].

Como todo substantivo transposto, a oração subordinada substantiva pode exercer a função de adjunto adverbial; neste caso, o *que* também terá a companhia de uma preposição adequada, que marcará a relação semântica da circunstância:

Tudo sairá bem [*desde que as providências sejam tomadas a tempo*].
[*Sem que estivesse tudo acertado*], não iria viajar.
Trabalhou afincadamente [*para que tivesse uma velhice tranquila*].
Ela só dizia tudo aquilo *porque* [= *por que gostava da verdade*].

Pelo que podemos observar, tais combinações de preposição e conjunção *que* não constituem outros tipos especiais de locuções; são, na realidade, o concurso de um *que*, transpositor de oração a substantivo e de uma preposição que o acompanha como índice de sua função sintática em relação ao núcleo verbal, função, aliás, exercida pela oração inteira.

Nisto, o *que* conjunção difere do *que* pronome relativo, pois aqui a preposição é índice da função sintática que o relativo exerce na oração em que está inserido:

O homem *de que falavas* era pouco conhecido na cidade,

em que o transpositor *que*, precedido de preposição, funciona como complemento relativo do núcleo verbal *falavas*, enquanto a oração transposta a adjetivo *de que falavas* funciona como adjunto adnominal do substantivo *homem*.

Também se formam "locuções" aparentemente especiais quando temos segmentos do tipo *logo que*, *sempre que*, *ainda que*, etc., em que aparecem advérbios (que sozinhos podem funcionar como adjunto adverbial) seguidos do transpositor relativo *que*, já que esse relativo é um "repetidor" de advérbio, papel análogo ao que desempenha como "repetidor" (isto é, referente) de substantivo ou pronome. Assim, se na oração independente *Logo saiu de casa*, o advérbio *logo* funciona como adjunto adverbial; quando a oração se transpõe a subordinada:

[*Logo que saía de casa*], encontrou o amigo,

exercerá também a função de adjunto adverbial. O *que* degrada a oração *saía de casa* a subordinada e lhe confere o papel de termo adjunto do advérbio *logo*. Formalmente, esse relativo será equivalente a *quando*: ***Quando saía de casa**, encontrou o amigo* [AL.1, 236].

Este papel repetidor do relativo *que* parece estar presente em construções do tipo *há* (*faz*)

dias (*meses*, *anos*, *tempo*, etc.), em que já não temos um advérbio, mas substantivo cujo significado léxico aponta para o campo das expressões denotadoras de espaço ou percurso de tempo:

Há *dias que* não o vejo,

em que também, pelo sentido, o relativo equivale a *quando*.

Cabe lembrar, por fim, que, em algumas construções, se pode alterar o significado originário do advérbio, motivado pelos significados dos lexemas que entram na oração e por uma interpretação suplementar, contextual, do falante, calcada na sua experiência de mundo. Assim, *já*, que tem valor originário temporal, ao unir-se ao *que* na fórmula *já que*, passa a uma interpretação causal ou condicional:

Já que todos saíram, desisto do negócio.

Da mesma sorte, *ainda*, nitidamente temporal, ao unir-se ao *que* na locução *ainda que*, altera seu significado para valor concessivo, equivalente a *embora*:

Nada conseguiu da justiça, *ainda que* juntasse todas as provas em sua defesa.

Da mesma sorte que não são conjunções coordenativas os advérbios *contudo*, *entretanto*, *pois*, etc., equivalentes pelo sentido a unidades introdutoras de enunciados adversativos, explicativos e conclusivos, assim também não são conjunções subordinativas certos advérbios de significado causal, concessivo, temporal, consecutivo, etc.

Damos a seguir uma lista das principais conjunções e "locuções conjuntivas" subordinativas, relacionando-as pelo matiz semântico, reunindo, ainda, as que se formam com o concurso do transpositor *que* conjunção e do transpositor relativo *que*, examinados anteriormente, bem como das comparativas e consecutivas que têm outro tratamento. Estudo complementar delas veremos ao tratar das orações subordinadas:

1) CAUSAIS: quando iniciam oração que exprime a causa, o motivo, a razão do pensamento da oração principal: *que* (= *porque*) , *porque*, *como* (= *porque*, sempre anteposta a sua principal, no português moderno), *visto que*, *visto como*, *já que*, *uma vez que* (com verbo no indicativo), *desde que* (com o verbo no indicativo), etc.:

"A memória dos velhos é menos pronta *porque* o seu arquivo é muito extenso" [MM].

"*Como* ia de olhos fechados, não via o caminho" [MA.1, 19].

"*Desde que* se fala, indeterminadamente, e no plural, em direitos adquiridos e atos jurídicos perfeitos, razão era que no plural e indeterminadamente se aludisse a casos julgados" [RB.4, 25].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Já se condenou injustamente o emprego de *desde que* em sentido causal, só o aceitando com ideia temporal (*assim que*) ou condicional.

2.ª) Evite-se o emprego de *de vez que* por não ser locução legítima.

2) COMPARATIVAS: quando iniciam oração que exprime o outro termo da comparação. A comparação pode ser *assimilativa* ou *quantitativa*. É assimilativa "quando consiste em assimilar uma coisa, pessoa, qualidade ou fato a outra mais impressionante, ou mais conhecida" [MC.3, II, 48]. As unidades comparativas assimilativas são *como* ou *qual*, podendo estar em correlação com *assim* ou *tal* postos na oração principal, ou ainda aparecer *assim como*:

"O medo é a arma dos fracos, *como* a bravura a dos fortes" [MM].

"A ignorância, *qual* outro Faetonte, ousa muito e se precipita *como* ele" [MM].

"O jogo, *assim como* o fogo, consome em poucas horas o trabalho de muitos anos" [MM].

A comparação *quantitativa* "consiste em comparar, na sua quantidade ou intensidade, coisas, pessoas, qualidades ou fatos" [MC.3]. Há três tipos de comparação quantitativa:

a) *Igualdade* – introduzida por *como* ou *quanto* em correlação com o advérbio *tanto* ou *tão* da oração principal:

"Nenhum homem é *tão* bom *como* o seu partido o apregoa, nem *tão* mau *como* o contrário o representa" [MM].

"Nada incomoda *tanto* aos homens maus *como* a luz, a consciência e a razão" [MM].

b) *Superioridade* – introduzida por *que* ou *do que* em correlação com o advérbio *mais* da oração principal:

"O orgulho do saber é talvez *mais* odioso *que* o do poder" [MM].

"O homem bom espera *mais do que* teme, o mau receia *mais do que* espera" [MM].

c) *Inferioridade* – introduzida por *que* ou *do que* em correlação com o advérbio *menos* da oração principal:

"Tempos há em que é *menos* perigoso mentir *que* dizer verdades" [MM].

3) Concessivas: quando iniciam oração que exprime que um obstáculo – real ou suposto – não impedirá ou modificará a declaração da oração principal: *ainda que*, *embora*, *posto que*, *se bem que*, *apesar de que*, etc.:

"*Ainda que* perdoemos aos maus, a ordem moral não lhes perdoa, e castiga a nossa indulgência" [MM].

4) Condicionais (e *hipotéticas*): quando iniciam oração que em geral exprime:

a) uma condição necessária para que se realize ou se deixe de realizar o que se declara na oração principal;

b) um fato – real ou suposto – em contradição com o que se exprime na principal.

Este modo de dizer é frequente nas argumentações. As principais conjunções condicionais (e hipotéticas) são: *se*, *caso*, *sem que*, *uma vez que* (com o verbo no subjuntivo), *desde que* (com o verbo no subjuntivo), *dado que*, *contanto que*, etc:

"*Se* os homens não tivessem alguma coisa de loucos, seriam incapazes de heroísmo" [MM].

"*Se* as viagens simplesmente instruíssem os homens, os marinheiros seriam os mais instruídos" [MM].

5) Conformativas: quando iniciam oração que exprime um fato em conformidade com outro expresso na oração principal: *como*, *conforme*, *segundo*, *consoante*:

"Tranquilizei-a *como* pude" [MA.1, 174].

Fez os exercícios *conforme* o professor determinou.

6) Consecutivas: quando iniciam oração que exprime o efeito ou consequência do fato expresso na oração principal. A unidade consecutiva é *que*, que se prende a uma expressão de natureza intensiva como *tal*, *tanto*, *tão*, *tamanho*, posta na oração principal. Estes termos intensivos podem facilmente calar-se:

"Os povos exigem *tanto* dos seus validos, *que* estes em breve tempo se enfadam e os atraiçoam" [MM].

"Os vícios são *tão* feios *que*, ainda enfeitados, não podem inteiramente dissimilar a sua fealdade" [MM].

"Vive de maneira *que* ao morrer não te lastimes de haver vivido" [MM].

isto é: *vive de tal maneira que* (que em consequência...).

7) FINAIS: quando iniciam oração que exprime a intenção, o objetivo, a finalidade da declaração expressa na oração principal: *para que*, *a fim de que*, *que* (*para que*), *porque* (*para que*):

"Levamos ao Japão o nosso nome, *para que* outros mais felizes implantassem naquela terra singular os primeiros rudimentos da civilização ocidental" [LCo *apud* FB.1, 219].

8) MODAIS: quando iniciam oração que exprime o modo pelo qual se executou o fato expresso na oração principal: *sem que*:

Fez o trabalho *sem que* cometesse erros graves.

OBSERVAÇÃO: A Nomenclatura Gramatical Brasileira não agasalhou as conjunções modais e, assim, as orações modais, apesar de pôr o modo entre as circunstâncias adverbiais.

9) PROPORCIONAIS: quando iniciam oração que exprime um fato que ocorre, aumenta ou diminui na mesma proporção daquilo que se declara na oração principal: *à medida que*, *à proporção que*, *ao passo que*, (*tanto mais*)... *quanto mais*, (*tanto mais*)... *quanto menos*, (*tanto menos*)... *quanto mais*, (*tanto mais*)... *menos*, etc.:

"O anão *quanto mais* alto sobe, *mais* pequeno se afigura" [MM].

Progredia *à medida que* se dedicava aos estudos sérios.

10) TEMPORAIS: quando iniciam oração que exprime o tempo da realização do fato expresso na oração principal. As principais conjunções e "locuções temporais" são:

a) para o tempo anterior: *antes que*, *primeiro que*:

"Ninguém, senhores meus, que empreenda uma jornada extraordinária, *primeiro que* meta o pé na estrada, se esquecerá de entrar em conta com suas forças..." [RB *apud* FB.1, 126].

b) para o tempo posterior (de modo indeterminado): *depois que*, *quando*:

Quando disse isso, ninguém acreditou.

c) para o tempo posterior imediato: *logo que*, *tanto que* (hoje raro), *assim que*, *desde que*, *eis que*, (*eis*) *senão quando*, *eis senão que*:

Logo que saíram, o ambiente melhorou.

d) para o tempo frequentativo (repetido): *quando* (com o verbo no presente), *todas as vezes que*, (*de*) *cada vez que*, *sempre que*:

"Quando o povo não acredita na probidade, a imoralidade é geral" [MM].

OBSERVAÇÃO: Evite-se o erro de preceder com *em* o *que* da locução *todas as vezes que* (dizendo: *todas as vezes em que*).

e) para o tempo concomitante: *enquanto*, (*no*) *entretanto que* (hoje raro):

Dormiu *enquanto* estava no cinema.

OBSERVAÇÃO: *Entretanto* ou *no entretanto* são advérbios de tempo, com o sentido de *nesse ínterim*, *nesse tempo*, *nesse intervalo*:

"O aperto dos sitiados aumentava *entretanto* de dia para dia" [RS.2, IV, 208].

Mais modernamente *entretanto* passou a ter sentido adversativo, e, por influência do advérbio, tem sido empregado precedido da combinação *no* (*no entretanto*). Muitos puristas condenam tal acréscimo.

f) para o tempo terminal: *até que*:

Passeou *até que* se sentisse esgotado.

O relativo *que* entra em expressões de tempo: *agora que*, *hoje que*, *a primeira vez que*,

etc.

Agora, *que* tudo acabou, posso pensar mais tranquilamente.

Se o conjunto é proferido sem pausa, estabelece-se uma unidade de sentido à semelhança de *depois que*, *já que*, etc., e se passa a considerar o todo como locução conjuntiva temporal:

Agora que tudo acabou, posso pensar mais tranquilamente.

***Que* excessivo** – Sob o modelo das "locuções" conjuntivas finalizadas por *que*, desenvolveu-se o costume de acrescentar este transpositor junto a advérbio que só por si funciona como adjunto adverbial: *enquanto que*, *apenas que*, *embora que*, *mal que*, etc., construções que os puristas não têm visto com bons olhos, apesar dos exemplos de escritores corretos:

"... porque a ciência é mais lenta e a imaginação mais vaga, *enquanto que* o que eu ali via era a condensação viva de todos os tempos" [MA.1, 24].

Aparece ainda o *que* excessivo depois de expressões de sentido temporal como:

Desde aquele dia *que* o procuro.

Conjunções e expressões enfáticas – As conjunções coordenativas podem aparecer enfatizadas. Para esta ênfase o idioma se serve de vários recursos. Assim, a adição pode vir encarecida das expressões do tipo:

não só... mas (*também*)
não só... mas (*ainda*)
não só... senão (*também*)
não só... que também, etc.

Não só se aplica ao português *mas ainda* ao latim.

A alternativa pode ser enfatizada pela repetição:

Ou estudas *ou* brincas.
Já dizes sim *já* dizes não.
Ora vem aqui, *ora* vai ali.

A série *nem... nem* adquire sentido aditivo negativo.

Nem estudou *nem* tirou boas notas (não estudou e não tirou...)

Quer... quer e *ou... ou*, com o verbo no subjuntivo e tom de voz descendente, podem adquirir um sentido suplementar de concessão quando a possibilidade de ações opostas não impede a declaração contida na oração principal:

Quer estudes *quer* não, aprenderás facilmente a lição.

Nas subordinadas e principais, a correlação de uma expressão com o conectivo ou outro termo da oração a que se prende, para mostrar relação semântica em que essas orações se acham com a circunstância ou fato já expresso, é outro meio de enfatizar a interdependência oracional. Esta expressão memorativa é constituída por advérbio ou equivalente:

"Como os sábios não adulam os povos, *também* estes os não promovem" [MM].
"Quando os homens se desigualam, *então* se harmonizam" [MM].
Embora não me digam a verdade, *ainda assim* perguntarei mais vezes.
"Acabemos, *pois*, de despertar deste mortal letargo" [ED.1, 119].

"Estudemos *portanto*, e não nos deixemos dominar pela preguiça" [RV.1, 251].

10 – Interjeição

Interjeição – É a expressão com que traduzimos os nossos estados emotivos. Têm elas existência autônoma e, a rigor, constituem por si verdadeiras orações. Em certas situações, algumas podem estabelecer relações com outras unidades e com elas constituir unidades complexas. Acompanham-se de um contorno melódico exclamativo. Podem, entretanto, assumir papel de unidades interrogativo-exclamativas e de certas unidades próprias do chamamento, chamadas vocativo, e ainda por unidades verbais, como é o caso do imperativo [AL.1, 240; MC.4, 147].

As interjeições se repartem por quatro tipos:

a) certos sons vocálicos que na escrita se representam de maneira convencional: *ah!*, *oh!*, *hui!*, *hum*; o *h* no final pode marcar uma aspiração, alheia ao sistema do português;

b) palavras já correntes na língua, como *olá!*, *puxa!*, *bolas!*, *bravo!*, *homem!*, *valha!* (com contorno melódico exclamativo);

c) palavras que procuram reproduzir ruídos de animais ou de objetos, ou de outra origem, como: *clic* (*clique*), *tic-tac* (*tique-taque*), *pum!*.

d) locuções interjetivas: *ai de mim!*, *cruz credo!*, *valha-me Deus!*, *aqui d'el-rei!*.

Eis uma relação das interjeições mais comuns da língua, conforme a situação em que se apresentam:

1) de exclamação: *viva!*

2) de admiração: *ah!*, *oh!*

3) de alívio: *ah!*, *eh!*

4) de animação: *coragem!*, *eia!*, *sus!*

5) de apelo ou chamamento: *ó!*, *olá!*, *alô!*, *psit!*, *psiu!*

6) de aplauso: *bem!*, *bravo!*

7) de desejo ou ansiedade: *oh!*, *oxalá!*, *tomara!*

8) de dor física: *ai!*, *ui!*

9) de dor moral: *oh!*

10) de dúvida, suspeita, admiração: *hum!*, *hem!* (também *hein*)

11) de impaciência: *arre!*, *irra!*, *apre!*, *puxa!* (melhor será, não registrado oficialmente, *pucha*)

12) de imposição de silêncio: *caluda!*, *psiu!* (demorado)

13) de repetição: *bis!*

14) de satisfação: *upa!*, *oba!*, *opa!*

15) de zombaria: *fiau!*

Locução interjetiva – é um grupo de palavras com valor de interjeição: *ai de mim*, *ora*

bolas, com todos os diabos.

As interjeições são proferidas em tom de voz especial, ascendente ou descendente, conforme as diversas circunstâncias dos nossos estados emotivos.

Quando estão combinadas com uma frase maior exclamativa, podem-se separar da frase por meio de uma vírgula, ou por meio do ponto de exclamação, ao qual se deve seguir, entretanto, letra minúscula:

> "*Oh!* que doce harmonia traz-me a brisa" [CAv *apud* MC.3, I, 65].

B) Estrutura das unidades: análise mórfica

I – Estrutura das palavras

Palavra e morfema

Palavra e vocábulo: conceito – O termo *palavra* se nos apresenta com aplicações diferentes, que devem ser distinguidas e, portanto, classificadas de maneira diversa. Podemos ver a palavra *habilidade* sob três prismas diferentes: a) o seu aspecto *material, fônico*, como *significante* ou *expressão*; b) a sua *significação gramatical* como uma classe de palavra que se apresenta sob forma de um substantivo feminino singular; c) a sua *significação lexical*, isto é, o que significa a palavra *habilidade* em relação, por exemplo, a *caridade* ou *amabilidade*.

Como expressão material, quanto ao seu aspecto fônico, como "simples" palavra, de formas, não tem nenhum significado e só pode ser classificada pelas suas características físicas: *habilidade* pode ser classificada, por exemplo, pelo seu número de sílabas (polissílabo), ou pela posição da sílaba tônica (paroxítono). Consideradas como puras palavras, há uma só forma *"amo"* (*amo*, 'quero bem' e *amo* 'senhor') e uma só forma "casa" ("a *casa* de meu amigo" e "Maria se *casa* amanhã") [ECs.7, 54]. Nesta acepção, em vez de palavra, se pode usar o termo *vocábulo*, do latim *vox*, que significa 'a voz'.

Aqui temos de relembrar que a fronteira do vocábulo difere se se trata de língua oral ou de língua escrita. Na língua oral, na fala, predomina o ritmo acentual, o que resulta em que as sílabas átonas se agrupam em torno da sílaba tônica, de modo que são as pausas que marcam os limites ou fronteiras dos grupos fônicos, também chamadas *grupos de força*. Assim é que, na língua oral, há um só grupo fônico e, portanto, um só vocábulo, em *aluga-se*, em que a sílaba átona *se* se agrupa em torno da sílaba tônica (*lu*). Por isso, se dá, como reflexo na escrita, a grafia errônea *alugasse* (ou *alugase*). O vocábulo, portanto, nem sempre coincide com a palavra; no exemplo, temos um vocábulo e duas palavras significativas (*aluga* e *se*).

Como já vimos, as sílabas átonas que se agrupam em torno da sílaba tônica podem, segundo a posição, ser *proclíticas* | *syaluga* | – se vêm antes – ou *enclíticas* | *alugase* | – se vêm depois.

Na língua escrita, as fronteiras são demarcadas pelos espaços em branco: *se aluga* ou

aluga-se.

Quando, além da parte fônica (significante), se considera a parte significativa (significado), também há diferenças que devem ser levadas em conta. A questão se põe quando se pergunta quantas palavras existem no conhecido verso de Bilac: *Cheguei. Chegaste. Vinhas fatigada.*

Responderemos que há quatro ou três palavras conforme o conceito por que tomemos o termo *palavra*. Serão quatro se entendermos *cheguei, chegaste* como palavras de significação gramatical diferentes, já que expressam uma o pretérito perfeito do indicativo na 1.ª pessoa do singular (*eu cheguei*) e a outra o pretérito perfeito do indicativo na 2.ª pessoa do singular (*tu chegaste*). Tais significações se dizem "gramaticais" porque decorrem de classificações estabelecidas na gramática da língua portuguesa. Assim, *cheguei* e *chegaste* são contadas como duas *palavras gramaticais*.

Diremos que só há no referido verso três palavras se entendermos *cheguei, chegaste* como palavras de uma só significação lexical, já que ambas têm em comum o significado lexical 'atingir o final de movimento de ida ou vinda', um significado dado pela língua, mas que se situa fora da gramática, pois se trata de uma realidade do mundo em que vivemos. Assim, *cheguei* e *chegaste* são duas formas, duas "flexões" de uma mesma *palavra léxica*, o verbo *"chegar"*.

É neste sentido de *palavra léxica* que dizemos que *boa* é o feminino da "palavra *bom*", que *meninos* é o "substantivo *menino* no plural"[HCv.1, II, 594-595].

Repare-se que nos nossos dicionários o normal é iniciar o verbete com a *palavra léxica* básica: verbo no infinitivo, substantivo no gênero gramatical usual (*livro, vela, pente, ponte*) e adjetivo no masculino singular. Explica-se o procedimento porque o infinitivo, o masculino e o singular representam as formas não marcadas respectivamente do verbo, do substantivo e do adjetivo.

OBSERVAÇÃO: Na literatura linguística e gramatical, costumam os autores distinguir convencionalmente a maneira de indicar o vocábulo e a palavra. Coseriu, por exemplo, usa *itálico* para a palavra como signo, isto é, como expressão (significante) + conteúdo (significado): *chegar* = a palavra portuguesa *chegar* concomitantemente como expressão e conteúdo; itálico e aspas normais (duplas) para a expressão: "*chegar*" = o significante de *chegar* / xegar/; só aspas duplas para o conteúdo: "chegar" = o significado de *chegar*; só aspas simples para os traços distintivos de conteúdo: 'chegar' = traço distintivo que se encontra no conteúdo de *chegar, chegada, chegança, aconchego* e demais componentes da família.

Palavra e morfema – Do que foi exposto acima, conclui-se que em nossa língua, como se repete nas chamadas línguas flexionais, a palavra está constituída indissoluvelmente (a separação só se faz para efeito de análise e estudo) de uma base fônica e de duas formas semânticas, a gramatical e a lexical, conhecidas pelo nome técnico *morfema*.

Chama-se morfema a unidade mínima significativa ou dotada de significado que integra a palavra.

A depreensão do morfema ou dos morfemas que integram a palavra nem sempre constitui uma operação fácil e sujeita a uma única solução. Se tomarmos

falávamos
falava

facilmente depreendemos o elemento comum *falava*, e *mos* como distintivo. A unidade *-mos* indica estar a primeira forma verbal referida à 1.ª pessoa do plural (*nós*), e assim, portadora

de um conteúdo gramatical, é um morfema.

Se agora compararmos

falava
fala,

destacamos o morfema -*va*- que indica que a ação verbal se dá num passado que se prolonga (pret. imperfeito do indicativo). É, assim, outro morfema.

Se agora compararmos

falava
falara

se poderia chegar à conclusão que o elemento ou unidade distintiva das duas formas verbais fosse o -*v*- para a primeira ou o -*r*- para a segunda. A comparação com outras formas (*falava / fala; falara / falasse*, etc.) nos mostraria que as unidades a serem consideradas serão -*va*- e -*ra*-, que marcam o pret. imperf. e o mais-que-perf. do indicativo. Portanto, a depreensão de um morfema não é uma operação puramente material; há de se levar em consideração o seu conteúdo ou significado.

Também, como são unidades que se acham em concorrência com outras unidades, estão passíveis de mudanças na sua estrutura material, devidas a regras morfofonêmicas; no português, são frequentes a elisão e a crase: *porta* + *eiro* → port (*a*) *eiro* → *porteiro* (elisão); *porta* + *aria* → *portaria* (crase). Outras vezes, trata-se de alteração fônica: *fala*VA / *fala*VE*is* (por influência do *i* de *is*); outras vezes, de haplologia: *idade* + *oso* → *idoso* (por *idadoso*).

Tipos de morfema na estrutura das palavras – Na estrutura das palavras, os morfemas derivativos e flexionais se distribuem, quanto ao aspecto formal, pelos seguintes tipos, conforme ocorram por acréscimo (*aditivos*), por subtração (*subtrativos*) e por alternância (*modificativos*).

Há ainda relações gramaticais que se estabelecem no plano sintagmático, como a *concordância*, a *regência* e a "*consecutio temporum*", e também pela posição dos termos no sintagma, conhecida na gramática tradicional pelo rótulo "*ordem das palavras*". Destes tipos falaremos mais adiante.

Em nossa língua, são mais produtivos os morfemas aditivos, ao lado das formações com compostos; são raros os subtrativos, e os modificativos ocorrem com frequência nos casos de flexão nominal e verbal, conforme veremos no lugar competente.

Morfemas aditivos – Representados por:

1) *prefixos*: anteposição à base lexical: *pôr* → *repor; quieto* → *inquieto*
2) *sufixos, interfixos* e *desinências*: posposição à base lexical
3) *infixos:* intercalação no interior da estrutura da base
4) *circunfixos*: anteposição e posposição simultaneamente à base (parassintéticos)
5) *discontínuos*: fragmentação pela intercalação de outro morfema
6) *reduplicativos*: repetição da parte inicial da base

Morfemas subtrativos – Representados por:

1) *subtrativos*: subtração de fonema do radical para exprimir uma indicação gramatical

2) *supressivos*:

a) supressão de um segmento medial pertencente a qualquer das bases;

b) supressão do segmento final

c) supressão de elemento medial por cruzamento de bases

3) *abreviativos*: redução da extensão da palavra, que passa a valer pelo todo

Morfemas modificativos – Representados por:

1) *apofonia*: substituição de fonema vocálico de um radical de um mesmo paradigma flexional ou derivacional por mudança de timbre para indicação de significado gramatical

2) *metátese*: por mudança da sílaba tônica

Os morfemas podem ser classificados ainda como *livres* e *presos*, conforme apareçam independente ou dependentemente no discurso. Os morfemas apresentam: a) uma significação *externa*, referente a noções do nosso mundo (ações, estados, qualidades, ofícios, seres em geral, etc.), b) uma significação *interna* (puramente da esfera das noções gramaticais). A depreensão de um morfema depende de dois requisitos: a) a *significação* e b) a *forma fônica*. É importante observarmos que uma só forma fônica pode representar mais de um morfema: assim *-s* é marca pluralizadora em *as casas* e a 2.ª pessoa do singular em *cantas*. Por outro lado, um só morfema pode ter realizações fônicas diferentes em virtude do contexto fonético em que se acha; por exemplo, o morfema que corresponde à letra *-s* para indicar o plural em português se realiza como / x / diante de consoante surda (os cães), como / j / diante de consoante sonora (os gatos) e como / z / diante de vogal (os homens).79

Os elementos mórficos – Em português, as palavras se podem apresentar sob formas de estrutura diferentes:

a) *mar, sol, ar, é, hoje, lápis;*

b) *aluno, alunas, trabalhávamos;*

c) *casarão, livrinho, cantor, casamento, folhagem, alemão, fertilizar, chuviscar;*

d) *reter, conter, deter;*

e) *guarda-chuva, lanígero, agrícola, planalto, fidalgo.*

Em a) as palavras não se podem dividir em formas menores significativas porque só possuem um elemento mórfico chamado *radical*. *Radical* é o núcleo onde repousa a significação externa da palavra, isto é, relacionada com o mundo em que vivemos.

Já no grupo b) segue-se ao radical (de significação externa) um ou mais elementos de significação interna ou puramente gramatical. *Aluno* pode desmembrar-se em *alun-* e *-o*. O

primeiro elemento (radical) encerra a significação da palavra, cabendo ao final *-o* primeiramente atualizá-la para funcionar como palavra, integrando-a no léxico e secundariamente relacioná-la à marca de gênero, no caso de *-o* e *-a* (este de modo não geral, como acontece com *mapa*, *nauta*, masculinos). Em *alunas* o radical é *alun-*, e *as* encerra dois elementos de significação interna: 1) *-a* (indicador do significado gramatical gênero feminino) e 2) *-s* (indicador do significado gramatical número plural). Em *trabalhávamos* o radical é *trabalh-* e os elementos mórficos de significação interna são: 1) *-va* (que caracteriza o pret. imperf. do indicativo dos verbos da 1.ª conjugação) e 2) *-mos* (que caracteriza a 1.ª pessoa do plural).

Os elementos mórficos de significação interna, indicadores das flexões gramaticais, chamam-se *desinências* e se dividem em *nominais* e *verbais*.

As desinências nos nomes e em certos pronomes marcam as flexões de *gênero* e *número*; nos verbos: *número, pessoa, tempo* e *modo.*

Muitas vezes o radical não pode funcionar imediatamente como palavra; completa-o uma vogal para constituir o *tema* da palavra e por isso se chama *vogal temática* ou atualizador léxico, isto é, atualiza-o para funcionar concretamente no discurso [HCv.4, 7-26].

Tema é, portanto, o radical acrescido da *vogal temática* e que constitui a parte da palavra pronta para funcionar no discurso e para receber a desinência ou sufixo. São exemplos de temas: *livro-, trabalha-*. A vogal temática pode ocorrer num tema simples (*livr- o*) ou derivado (*livr- eir- o*).

Nos nomes as vogais temáticas estão representadas na escrita pelos grafemas *-a*, *-o* e *-e* e nos verbos por *-a*, *-e* e *-i*.

Nos nomes, a vogal temática (*a, o*) cumulativa e secundariamente funciona como a desinência de gênero. A vogal temática *o* ou *e* se acha representada, às vezes, por uma semivogal de um ditongo: *pã*O*, pã*ES. A vogal temática pode passar à variante *u* como ocorre com *afeto* → *afetuoso,* o que se dá, sem ser automático, quando se junta ao *-o* desinência ou sufixo iniciado por vogal [VK.2, 35]. Não têm vogal temática os nomes terminados em vogal tônica, e por isso se dizem *atemáticos*: *fé*. Neste caso, o tema coincide com o radical. Os nomes terminados em consoante (*mar, paz, mal*) apresentam a vogal temática *e*, latente no singular, mas patente no plural (*mares, pazes, males*). Uma característica desses atemáticos terminados em vogal tônica é que esta não é elidida quando seguida de sufixo: *café* → *cafezal, cafeeiro*.

OBSERVAÇÃO: Em geral a vogal tônica final (á, é, ó, ê, ô) resulta da crase da vogal do radical com a temática: *fé* < *fee* < *fide*(*m*). Em análise mórfica fora do plano histórico não cabe desfazer esta fusão.

Afixos: prefixos e sufixos. Interfixos – Nas palavras do grupo c) junta-se ao final da base um elemento mórfico chamado *sufixo* que não tem curso independente na língua (e por isso se chama *forma presa*) para formar uma palavra nova, emprestando-lhe uma ideia acessória e marcando-lhe a categoria (substantivo, adjetivo, etc.) a que pertence. O sufixo assume uma função morfológica, pois, em geral, altera a categoria gramatical do radical de que sai o

derivado (*real* adj. → *realidade* s., embora também possa não lhe alternar a categoria, como *feio* adj. → *feioso* adj.), e relaciona a palavra a que se agrega aos nomes aumentativos ou diminutivos, aos nomes de agente, de ação, de instrumento, aos coletivos, aos pátrios, etc.: *casarão* (aumento), *livrinho* (diminuição), *cantor, lavrador, sapateiro* (nomes de agente ou ofício), *punição, casamento, aprendizagem* (nomes de ação ou seu resultado), *folhagem, lodaçal, cardume, boiada* (nomes coletivos), *alemão, sergipano, cearense, português, minhoto, brasileiro* (nomes pátrios), *fertilizar* (ação), *chuviscar* (ação de pouca intensidade), *alvorecer* (início de ação), *mercadejar* (repetição de ação), *suavemente* (modo). Daí se distribuírem os sufixos em *nominais* (formadores de substantivos e adjetivos), *verbais* (do verbo) e o único adverbial, que é *-mente*, que se prende a adjetivos uniformes ou, quando biformes, à forma feminina: *cômoda* → *comodamente*.80

Nas palavras do grupo d) acrescenta-se ao início da base um elemento mórfico chamado *prefixo*, que empresta ao radical uma nova significação e que se relaciona semanticamente com as preposições. Os prefixos, em geral, se agregam a verbos, como nos exemplos do grupo d), ou a adjetivos: *in- feliz*, *des- leal, sub- terrâneo*. São menos frequentes os derivados em que os prefixos se agregam a substantivos; os que mais ocorrem são, na realidade, deverbais, como em *des- empate.* Ao contrário dos sufixos, que assumem valor morfológico, os prefixos têm mais força significativa, podem aparecer como formas livres (isto é, ter existência independente na língua) e não servem, como aqueles, para determinar uma nova categoria gramatical. Nem sempre existe em português a preposição que corresponde ao prefixo empregado: *intermédio* (cf. preposição *entre*), *combater* (cf. preposição *com*), *depenar* (cf. preposição *de*), *avocar* (cf. prep. *a* = ao lado, para perto de), *sobraçar* (cf. prep. *sob*), *sobrepor* (cf. prep. *sobre*), *embainhar* (cf. prep. *em* = movimento para dentro), mas *abusar* (*ab* = afastamento, privação), *progresso* (*pro* = movimento para diante, favorecimento), *refazer* (*re* = repetição).

Do ponto de vista formal, há ainda para notar que os sufixos derivativos são em geral mais longos que as desinências gramaticais, além de serem estas quase sempre átonas, enquanto aqueles são normalmente tônicos; outra distinção consiste em que os sufixos vêm imediatamente após o núcleo, e as desinências após os sufixos [cf. HCv.2, II, 530 n.35].

Prefixos e sufixos recebem o nome de *afixos*; são prefixos os afixos que se antepõem ao radical, e sufixos os que se lhe pospõem. Há ainda os *infixos* próprios, pois o que se costuma apontar como tal (representado por uma nasal) é de responsabilidade do latim (por exemplo, para distinguir o presente de alguns verbos, como *rumpo* e *findo* dos perfeitos *rupi*, *fidi* e do particípio passado *ruptus, fissus*, e, excepcionalmente, em certas formações nominais)81 e não interessa à gramática descritiva portuguesa. É preciso não confundir esta noção de *infixo* com as vogais e consoantes desprovidas de significado que, na formação de nossa palavras e das que importamos de línguas estrangeiras, principalmente quando o radical termina por vogal tônica, se intercalam para facilitar a pronúncia ou para evitar hiatos, e que, por isso, se chamam *vogais* e *consoantes de ligação*: cha-*l*-eira, pau-*l*-ada, cafe-*t*-eira, lan-*í*-gero, come-*z*-aina, pa-*z*-ada, chapeu-*z*-inho, pedre-*g*-ulho, pedre-*g*-oso.82 A rigor, há em português duas vogais de ligação: *i* e *o*. A vogal *i* na composição de elementos latinos e *o* de elementos gregos: dent*i*frício, gas*ô*metro83.

Temos ainda de considerar o caso dos *interfixos* (denominação adotada por Y. Malkiel), que são elementos átonos sem função gramatical e significativa que servem de ligação entre a base léxica e o sufixo, como ocorre em *glorificar* e *fumarada*, *fogaréu*, *solaréu*, em que os elementos *-ific*, *-ar* se interpõem entre as bases *glória* e o sufixo verbal *-ar* ou *fogo*, *sol* e o sufixo nominal *-éu*. A noção de interfixo não é ponto pacífico entre os estudiosos; muitas vezes se pode entendê-lo como integrante de um conglomerado de sufixos; nos exemplos acima, os conglomerados sufixais seriam *-ificar* e *-aréu*. Outras vezes, muito próxima desta noção, é ver o interfixo como resultado de um alongamento de sufixo, como se pode interpretá-lo na formação *ridículo* → *ridicularizar* (em vez de *ridiculizar*).

Nas palavras do grupo e) temos uma reunião de dois radicais, isto é, ao lado de um radical mais fundamental acrescenta-se outro (e até outros) para dar um significado especial ao conjunto. Dizemos então que as palavras são *compostas*. Estes radicais podem ser *livres*, isto é, usados independentemente na língua (como *guarda-chuva*) ou *presos*, isto é, não são usados isoladamente (como *agrícola* = agr + i + cola, *lanígero* = lan + i + gero).

Nas palavras compostas com radicais livres, do tipo *guarda-chuva*, persiste, como é fácil de observar, a individualidade de seus componentes. Esta individualidade se traduz: a) na escrita, pela mera justaposição de um radical a outro, normalmente separados por hífen; b) na pronúncia, pelo fato de ter cada radical seu acento tônico, sendo o último o mais forte e o que nos orienta na classificação da posição do acento nas palavras compostas (por isso que *couve-flor* é oxítono e *guarda-chuva* é paroxítono). Em tais casos dizemos que as palavras são compostas por *justaposição*.

Chamamos *aglutinação* o processo de formar palavras compostas pela fusão ou maior integração dos dois radicais: *planalto, fidalgo, lanígero, agrícola*. Esta maior integração traduz-se pela perda da delimitação vocabular decorrente: 1) da existência de um único acento tônico; 2) da troca ou perda de fonema; 3) da modificação da ordem mórfica [MC.4, 30].

"A adaptação da primeira palavra pode ser de quatro espécies: 1) mudança da parte final em relação à mesma palavra quando isolada; ex.: *lobis* – (comparar – *lobo*, em *lobisomem*); 2) redução da palavra ao seu elemento radical; ex.: *planalto*, onde *plan-* é o radical de *plano* (o composto indica um solo plano e alto numa montanha); 3) elemento radical alterado em relação à palavra quando isolada; ex.: *vinicultura* (*vin-,* mas *vinh-* em *vinha* 'árvore da uva'); 4) elemento radical que não aparece em português em palavra isolada; ex.: agricultura (a *agr* corresponde, em palavra isolada, *campo*)" [MC.2, 95].

A segunda palavra pode ocorrer com as seguintes alterações: "1) com mudança na parte final; ex.: *monocórdio* (instrumento de uma só corda); 2) com o elemento radical alterado; ex.: *vinagre* (um vinho que é acre); 3) com um elemento radical diverso do que a correspondente palavra isolada; ex.: *agrícola* (ao elemento de composição *cola* corresponde a ideia de *habitar* ou *cultivar*)"[MC.2, 95].

Na língua literária e técnica prefere-se empregar o radical de forma latina a utilizar o de forma vernácula, principalmente quando este já sofreu a evolução fonética. Emprega-se preferencialmente *silvicultura* (e não *selvicultura*), *viticultura* (e não *vidicultura*). Assim ocorre com *áureo, capilar, auricular, ocular, digital,* etc. [Cf. MBa.1, 429-430].

Diferença entre flexão e derivação – A flexão consiste fundamentalmente no morfema aditivo sufixal acrescido ao radical, enquanto a derivação consiste no acréscimo ao radical de um sufixo lexical ou derivacional: *casa + s: casas* (flexão de plural); *casa + inha*: *casinha* (derivação).

A flexão dos nomes e dos verbos apresenta muito frequentemente uma alternância complementar interna que recai na vogal tônica básica: *avô → avó, novo → nova; novo → novos; fiz → fez* (1.ª pessoa → 3.ª pessoa).

Quando falta o morfema aditivo à flexão, e só há alternância, a forma diz-se *forte: avô → avó* ou, mais restritamente se aplica, na gramática portuguesa, às 1.ª e 3.ª pessoas do singular do pret. perfeito do indicativo quando rizotônicas e atemáticas: *ter → tive, teve* (*i/e*), em oposição a *dizer → disse* (eu/ele); *poder → pude, pôde* (*u/o*), em oposição a *haver → houve* (eu/ele).

No plano sintagmático, a flexão provoca o fenômeno da concordância: *móvel novo → móveis novos* em oposição a *a casa nova → a casinha nova.*

Conceito de raiz ou radical primário – Chama-se *raiz*, em gramática descritiva, ao radical primário ou irredutível a que se chega dentro da língua portuguesa e comum a todas as palavras de uma mesma família.

Se tomarmos um vocábulo como *desregularizar* 84, facilmente podemos surpreender diversos graus de radical: o primeiro, destacando-se-lhe a vogal temática e a desinência de infinitivo, é *desregulariz-* (que aparece em *desregularização*); este radical pode ser reduzido, por destaques sucessivos, a: *regulariz* (sem o prefixo) > *regular* (sem o sufixo) > *regul* (cf. o latim *regu(la)* > *reg* (que aparece em *reger, régua*). Este último radical que constitui o elemento irredutível e comum a todas as palavras do grupo chama-se *primário* e coincide, em relação à língua atual, com a *raiz*. *Regul-* é um radical secundário (ou do 2.º grau), como *regular-* um radical terciário (ou do 3.º grau), e assim por diante.

OBSERVAÇÃO: Não interessa à gramática descritiva o conceito de raiz do ponto de vista histórico, que só é válido para a gramática histórica. Há frequentes divergências entre o estabelecimento de uma raiz dentro dos dois tipos de gramática; assim é que, enquanto para a histórica há raiz *ed-* em *comer* (do latim *comedere*, de *edere* = comer), a descritiva a esta reconhece em *com-* (cf. *com-ida, com-ilão, com-ilança*).

A raiz ou radical primário pode apresentar variante ou variantes; assim, a raiz *reg-* se altera em *regr-* (em *regra, regrar, desregrar*).

Base lexical real e base lexical teórica – Na análise mórfica (constitucional), torna-se importante acentuar, como já deixamos claro anteriormente, que nem sempre a unidade léxica que entra na constituição de uma forma derivada ou flexionada é a que se apresenta como básica. Muitas vezes, temos de nos socorrer de uma forma básica teórica, possível no sistema mas não vigente na norma. Assim é que nos plurais dos nomes terminados em consoante, socorremo-nos de uma forma teórica integrada pela vogal temática *-e-* para depois lhe acrescentar o pluralizador *-s*: *mar → *mare* → pl.: *mares.*

Palavras cognatas – Chamam-se cognatas as palavras que pertencem a uma família de raiz e significação comuns: *corpo, corporal, incorporar, corporação, corpúsculo, corpanzil; fugir* (em *foges,* temos a raiz alterada), *fugaz, refúgio, subterfúgio, trânsfuga.* Uma só família de palavras pode ter dois radicais, um de forma erudita, outro de forma popular: *digital* e *dedal, parietal* e *parede*, *capilar* e *cabelo, auricular* e *orelha, acutíssimo* e *agudíssimo*, *paupérrimo* e *pobríssimo, sacratíssimo* e *sagradíssimo*, etc.

Constituintes imediatos – Em análise mórfica, é importante ter em conta o princípio dos constituintes imediatos para que não se façam confusões no plano descritivo da classificação morfológica (vale o mesmo para as relações sintáticas) e se estabeleçam as possíveis gradações de estrutura. Assim é que diante de uma forma como *descobrimento*, não iremos enquadrá-la no grupo das palavras chamadas *parassintéticas* (considerando *des* + *cobri* + *mento*); trata-se de um derivado secundário cujos constituintes imediatos são o radical secundário *descobri-* e o sufixo *ment* (*o*). Em *arduamente* desprezaremos a desinência de feminino *-a-* (válida no vocábulo *árdua*) e analisaremos os constituintes imediatos: *ardua* + *mente*, sendo *ardua-* o radical secundário. Também em *desrespeitosamente* os constituintes imediatos são *desrespeitosa* (por destaques sucessivos > *respeitosa* > *respeit* > *speit,* este último radical primário ou raiz). Em *cantorezinhos* temos os constituintes imediatos *cantor* (*es*) e *zinho* (*s*), depois *cantor* e finalmente *cant-or*. Nessa gradação de elementos componentes de uma estrutura morfológica, nota-se que há certa ordem em sua distribuição; destacam-se primeiro, como nos constituintes imediatos, os elementos externos característicos da flexão, seguidos de elementos internos característicos do processo de transformação das palavras. Em nosso último exemplo, os externos de natureza flexional são representados pelas desinências de plural: *cantor(es),* e *zinho(s)*, enquanto os elementos internos são indicados pelos sufixos diminutivos de *cantor-zinho* (derivação sufixal) e pela desinência de nome de agente em *cant-or* (derivação sufixal).

A parassíntese ou circunfixação – Intimamente ligado à noção dos constituintes imediatos está o conceito de *parassíntese*, conceito não de todo assente entre os estudiosos. Para uns, para haver parassíntese basta a presença de prefixo e sufixo no derivado; é o caso de *descobrimento*, maneira de ver que rejeitamos, por não levar em conta a noção dos constituintes imediatos. Para outros, o processo consiste na entrada *simultânea* de prefixo e sufixo, de tal modo que não existirá na língua a forma ou só com prefixo ou só com sufixo; é o caso de *claro* para formar *aclarar*, em cujo processo entram concomitantemente o prefixo *a-* e o final *-ar*, elemento de flexão verbal que funciona, por acumulação, como sufixo. Como lembra Mattoso Câmara, pode dar-se ainda na parassíntese a adjunção de um sufixo de valor iterativo ou incoativo, o que ocorre em *entardecer* (*en* + *tard(e)* + *ec* + *er*) e *amanhecer* (*a* + *manh(ã)* + *ec* + *er*). Pode-se ainda entender que, a rigor, não existe parassíntese, se partirmos do fato de que, numa cadeia de novas formações, não poucas vezes ocorre o pulo de etapa do

processo, de modo que só virtualmente no sistema exista a forma primitiva. Assim, para se chegar a *farmacolando*, parte-se de um virtual **farmacolar* (à semelhança de *doutorar* em relação com *doutorando*), ou, para *prefeitável*, de um virtual **prefeitar* (como de *amar* para *amável*, ou de um *pagar* para *pagável*). Deste modo, em *aclarar, entardecer, amanhecer* se poderá pensar em partir dos virtuais **clarar, *tardecer, *manhecer* ou **aclaro, *entarde* e **amanhã*. Esta última explicação do fenômeno nos parece ser a melhor solução, abolindo a parassíntese como processo especial de formação de palavras, além de não contrariar o princípio geral da linearidade do signo linguístico.

As formações parassintéticas mais comuns no português ocorrem com o concurso dos prefixos *es -, a-, en-,* e os sufixos *-ear, -ejar, -ecer, -izar: esverdear, esclarecer, apodrecer, anoitecer, enraivecer, entardecer, encolerizar, aterrorizar.*

Haplologia na formação de palavras – A fim de evitar reduplicações de sílabas que pertencem à palavra primitiva e ao sufixo, é comum ocorrer *haplologia* ou *braquilogia*, como em: *caridad(e) + oso → caridoso* (por *caridadoso*) , *bondad(e) + oso → bondoso* (por *bondadoso*), *idad(e) + oso → idoso*. Estas simplificações também ocorrem em produtos por composição: *trágico + cômico → tragicômico*. Podem ocorrer também na língua as formas plenas: *caridadoso, bondadoso*.

Variantes dos elementos mórficos – É comum a variante de determinado elemento mórfico. Assim, altera-se a raiz em *reger* (reg-) e *regra* (regr-) ou *fazer* (faz-) e *fiz*; a desinência modo-temporal do pretérito imperfeito *-va-* (na 1.ª conjugação) ou *-ia-* (na 2.ª e 3.ª conjugações) passe a *-ve-* ou *-ie-*, respectivamente, na 2.ª pessoa do plural, pelo contato do *i* d e *is* da desinência pessoal (*amavas, amáveis, vendias, vendíeis, partias, partíeis*); a desinência de plural dos nomes é sempre *-s-*, mas diante de um plural como *mares*, temos, como já vimos em, de admitir uma forma teórica latente, no singular, não existente na norma, mas prevista no sistema, **mare*, que, servirá de forma básica para o plural *mares*. Ter-se-á de recorrer a essa forma teórica quando o pluralizador *-s* tiver de anexar-se a nome terminado em consoante: *sol → *sole + s > sols > soes → sóis; gás → *gase → gases,* etc. Quando temos formas variantes, aquela que ocorre isoladamente é a que se há de considerar a forma básica; assim é que temos as formas *chapéu* e *chapel* (em *chapelaria, chapeleiro*), mas a básica é *chapéu*, pois a outra só aparece nos derivados [VK.2, 20 n.2].

A forma livre *caber* (em *descaber*) apresenta, por exemplo, uma variante mórfica presa *-ceber* (em *receber, perceber*, etc.).

Tais variantes se chamam, à semelhança dos alofones, *alomorfes*. Destes alomorfes precisam ser distinguidos novos elementos mórficos oriundos de uma análise subjetiva do falante; não conhecendo a etimologia, muitas vezes o falante separa elementos que essa mesma etimologia não consigna. Por este processo, nasceram vocábulos como *sarampo* (do espanhol *sarampión*, e este do latim *sirimpionem*, por se pensar que *sarampão* fosse formado com o sufixo *-ão*), e *rosmano* (tirado de *rosmaninho*, do latim *rosmarinum*, também imaginado um

derivado com o sufixo de grau -*inho*).

Neutralização e sincretismo – A neutralização representa uma restrição no funcionamento das oposições distintivas existentes numa língua, quer no plano da fonologia, quer no plano gramatical (morfologia e sintaxe), quer no plano léxico.

Entende-se por neutralização a suspensão de uma oposição distintiva. Assim, o português estabelece oposição entre *e* aberto e *e* fechado, o que permite distinguir, por exemplo, *sede* (de um governo) e *sede* (sinto sede). Todavia, esta posição distintiva só funciona em posição tônica; se a vogal estiver em sílaba átona, só aparecerá o *e* fechado, na pronúncia normal brasileira, podendo fechar-se ainda mais a um *i*: *pedir/pidir*, sem que se altere o significado.

No plano do conteúdo gramatical, a oposição masculino/feminino fica suspensa com frequência no plural, apresentando-se apenas o masculino. Assim, *a menina e a prima estudiosas* no feminino, mas *a menina e o primo estudiosos*, em que o plural masculino se refere aos substantivos de gêneros diferentes.

Também o singular masculino pode, em certos contextos, assumir valor genérico e, assim, referir-se englobadamente a pessoas do sexo masculino e feminino: *O homem é mortal* (i.é, o homem e a mulher).

Ocorre o mesmo no léxico: *meus tios* pode fazer alusão a meus tios Benedito e Henrique, ou a meu tio Benedito e minha tia Noêmia. *Noite* e *dia* se dizem de partes distintas das "24 horas", mas *dia* pode englobar as duas partes quando empregado em contextos do tipo *Passei dois dias em Maceió*. Assim, o plural como termo marcado apresenta um traço diferencial positivo (com o valor "mais de um"), enquanto o singular, como termo não marcado apresenta dois valores: o contrário do outro (já que o singular é "unidade") e o valor genérico ("pluralidade"). Deste modo se explica por que o termo não marcado pode funcionar "em lugar" do marcado em certos contextos, não podendo haver o fenômeno contrário, isto é, o marcado aparecer "em lugar" do não marcado.

Em todos estes exemplos de neutralização, o termo que abrange toda a extensão da oposição se chamará *neutro*, *não marcado* ou *negativo*, e englobará o termo *positivo* ou *marcado*; assim, os masculinos *menino* e *dia* são termos neutros, e os femininos *menina* e *noite*, termos positivos ou marcados. Também, no sistema verbal, o presente se caracteriza pelo traço neutro, pois que, por isso, pode ser empregado "em lugar" do futuro (*Vou amanhã / Irei amanhã*) e do pretérito (*Pedro I proclama* nossa independência em 7 de setembro de 1822 / Pedro I *proclamou...*). Como ensina Coseriu, o presente, como termo neutro, pode ser empregado "em lugar" de qualquer outro tempo, e até em sentido "atemporal", ou em contextos de valor genérico ou em referência ao "presente eterno": *A terra gira em torno do sol*.

Não se há de confundir *neutralização* ou *sincretismo*. A neutralização, como vimos, é a suspensão, em determinado contexto, de uma oposição funcional que existe na língua em *um* dos seus dois planos: o da expressão ou o do conteúdo.

O sincretismo, por seu turno, é a ausência de manifestação material, numa seção de um paradigma ou em um paradigma, de uma distinção de conteúdo que, em outras seções do

mesmo paradigma ou em outros paradigmas análogos, se manifesta também materialmente. Assim, no paradigma verbal do português, a 1.ª e a 3.ª pessoas, que se distinguem em outros casos (*canto/canta; cantei/cantou*, etc.), não se distinguem, por exemplo, no imperfeito (*cantava*/*cantava*; *saía*/*saía*, etc.). Assim também haverá sincretismo, e não neutralização, em *falaram* como forma da 3.ª pessoa do plural do pret. perf. e do pret. mais-que-perfeito do indicativo, oposição recuperada na forma de 3.ª pessoa do singular (*falou/falara*) e ainda pelo contexto. Repare-se em que não se distinguem *na expressão* (na forma material, no significante), mas a diferença de conteúdo (de significado) persiste.

A diferença é que no sincretismo não há suspensão da oposição, nem há um termo de valor neutro que represente a soma "1.ª pessoa" + "3.ª pessoa". Pode haver sincretismos sintáticos, como, por exemplo, em *sábio alemão*, que admite duas interpretações exclusivas, conforme se entenda *sábio* como substantivo e *alemão* como adjetivo ou vice-versa.

Também em *amor de mãe* temos um sincretismo sintático, pois não se faz nenhuma distinção material se se trata do amor que a mãe tem ou nutre (pelos filhos, por exemplo) ou do amor que os filhos nutrem pela mãe; é o caso análogo ao genitivo "subjetivo" ou "objetivo" em latim. Mas os falantes fazem a distinção de conteúdo e não consideram a mãe como sujeito e objeto ao mesmo tempo.

O sincretismo pode ocorrer, principalmente, por *homonímia*, ou por *alomorfia* e desaparecimento do elemento mórfico, devidos a regras morfofonêmicas. Exemplos de homonímia: a) a vogal temática da 2.ª conjugação é *e*; esta vogal entretanto, passa a *i* no pret. imperf.; na 1.ª pessoa do singular do pret. perf. do indicativo e no particípio, suspendendo a oposição material distintiva com a 3.ª conjugação: vend + i + ia (com crase dos dois *ii*) → *vendia*; *vend + i + i → vendi; vend + i + do → vendido;* b) por outro lado, a vogal temática da 3.ª conjugação (*i*) passa a *e* quando átona, isto é, 2.ª e 3.ª pessoa do singular e 3.ª pessoa do plural do presente do indicativo e a 2.ª pessoa do singular do imperativo, suspendendo a oposição material entre a 2.ª e 3.ª conjugações: *vendes, partes; vende, parte; vendem, partem; vende tu, parte tu.* Também em *falaram*, a análise mórfica auxiliada pelo contexto dirá existir a 3.ª pessoa do plural do pret. perf. do indicativo (*fal-a-ra-m*) ou do pret. mais-que-perfeito (*fal-a-ra-m*).

Exemplos de desaparecimento: a) pela queda da vogal temática *i* do verbo *vir*, suspende-se a oposição, material entre o gerúndio e o particípio: *vindo* (gerúndio), *vindo* (particípio); b) pela queda da vogal temática *e* no infinitivo de *pôr*, este verbo ficou aparentemente afastado da 2.ª conjugação, chegando, durante muito tempo, a constituir razão para uma falsa 4.ª conjugação em português.

Graus de coesão de morfemas – A adição de morfemas nas constituições das palavras apresenta uma combinatória que cabe aqui ser referida. A adição aponta para uma combinatória rígida de modo que a ordem das unidades mórficas se mostra bem determinada. Assim, na estrutura do verbo em português – tomamos o verbo por exemplificação por ser, nas línguas flexivas como a nossa, aquela palavra de elementos estruturais mais rica – temos:

T (radical + vogal temática) + *D* (DMT + DNP)

am-a + re-mos

Em *recompor*, o prefixo *com* se acha mais integrado à significação do verbo *pôr* do que o prefixo *re-*. Também numa construção em que dois adjetivos modificam um mesmo substantivo, o adjetivo mais distante do substantivo é o menos coeso a ele, o que lhe permite normalmente permutar de posição: *céu azul maravilhoso / maravilhoso céu azul*, mas não *azul céu maravilhoso*. Entre prefixos isto não se dá: *recompor* (e nunca **comrepor*) [VK.2, 41].

Subtração nos elementos mórficos – Já vimos que os elementos mórficos podem ocorrer num processo de subtração, ao contrário do que ocorre com o processo por adição. A supressão de morfema é menos comum em português que o processo por adição.

Em português, um exemplo de morfema subtrativo é o que ocorre com os femininos de *anã, irmã, órfã*, obtidos pela eliminação do *-o* do masculino: 85

anão / anã
irmão / irmã
órfão / órfã

Temos ainda formação de palavras por procedimentos supressivos:

a) supressão do segmento medial pertencente a qualquer das bases: *petrodólares, apart-hotel, cineclube, credifone, tragicômico*

b) supressão do segmento final: *narcótico* → *narcotizar; prioridade* → *priorizar; maldade* → *maldoso*.

c) supressão do elemento final por cruzamento de bases: *motel* (motor + hotel), *brasiguaio* (brasileiro + uruguaio), *malular* (malufar + Lula), *sofressora* (sofrer + professora), *criança* (criança + onça), *aborrescente* (aborrecer + adolescente), *chafé* (chá + café). Este procedimento tem sido usado por bons escritores modernos (Guimarães Rosa, Mia Couto).

A subtração pode ocorrer por um processo de abreviação, em que a parte vale pelo todo: *foto* (grafia), *pneu* (mático), *metrô* (politano).

Morfema zero – Diferente do morfema subtrativo é o morfema zero (Ø). Consiste o morfema zero na ausência de uma marca de oposição gramatical em referência a outro termo marcado. Só haverá morfema zero se a noção por ele expressa for inerente à classe gramatical em que ele ocorra.

Assim, no par *alto/alta*, a oposição de gênero aparece marcada nos dois termos mediante *-o* e *-a*, já no par *alto/altos*, a noção de número plural, inerente à classe dos nomes, se acha marcada pelo pluralizador *-s*, enquanto a noção de singular está marcada pela ausência de uma marca. É esta ausência que tem o significado do valor do singular, e assim podemos considerá-la um verdadeiro morfema, a que chamaremos morfema zero (Ø).

Também em *amo, amas, ama*, as duas primeiras formas verbais apresentam marca de 1.ª e 2.ª pessoas do singular; a última (*ama*), pela falta de marca em relação às outras do mesmo

paradigma apresenta morfema zero para significado da 3.ª pessoa do singular.

OBSERVAÇÃO: Têm-se apresentado substantivos do tipo *pires, lápis, alferes*, adjetivos do tipo *simples, triste, feliz, capaz* como exemplos de morfema zero, por terem a mesma forma para o singular e o plural (nos substantivos) e para o masculino e feminino (nos adjetivos). Concordamos com a lição de Herculano de Carvalho, que não vê nestes casos morfema zero; trata-se de palavras que se mostram excepcionalmente alheias às classes gramaticais de número e gênero [HCv.2, II, 608-609]. Desta forma, *pires* não é um singular que permanece invariável no plural, pois não é em si nem singular nem plural, como *simples* não é nem masculino nem feminino.

Acumulação nos elementos mórficos – Entende-se, em geral, por *morfema cumulativo* aquele que reúne em si várias funções gramaticais. Assim, vê-se no *-o* final das formas verbais da 1.ª pessoa do presente do indicativo (*estudo, vendo, parto*) exemplo de morfema cumulativo, já que significa, simultaneamente, a pessoa (1.ª), o número (singular), o tempo (presente ou não passado) e o modo (indicativo).

Também entram na exemplificação de morfema cumulativo as desinências pessoais do pret. perfeito (*-i, -ste, -u, -stes*) porque eventualmente acumulam as funções de desinências modo-temporais que, nestas formas, é zero.

Todavia, esta descrição não é unanimemente aceita. Segundo alguns autores, entretanto, a condição para se considerar que estamos diante de um morfema cumulativo é o fato de duas ou mais significações gramaticais *nunca* serem marcadas por morfemas diferentes: é o que ocorre com as categorias de número e caso em algumas línguas indo-européias mais antigas ou conservadoras.86 Não é o caso, a rigor, do nosso *-o* final de *estud-o, vend-o, part-o*. Como ensina Matthews, tal caso não se ajusta a um modelo regular, pois a desinência costuma permanecer constante nos diferentes tempos e modos verbais. É bem verdade que o tempo e o modo estão sem morfemas aditivos, mas é um caso meramente especial de morfema sobreposto (cumulação acidental, para Sílvio Elia), como lhe chama o linguista citado, em relação com a totalidade do paradigma.

Em relação às desinências número-pessoais do pret. perf. do indicativo, lembremos que o verbo em português separa as desinências número-pessoais das modo-temporais. Assim, parece-nos que a melhor análise é considerar que no pret. perfeito do indicativo a desinência modo-temporal é zero, tal como se dá no presente do indicativo e no presente do subjuntivo. Não passa a sua função gramatical para a desinência número-pessoal.87

Muitas vezes um elemento mórfico utilizado para certa noção pode, por acumulação acidental, servir também para determinar outra noção desprovida de elemento característico (*elemento mórfico subtrativo*). As desinências de pessoa especiais para o pret. perfeito (*-i, ste, -u, -stes*), acumulam as funções de desinência modo-temporal por não existirem elas nestas formas verbais. Assim é que, embora haja elemento mórfico subtrativo, sabemos que *cantei, vendi* e *parti*, por exemplo, estão na 1ª pessoa do singular (função essencial da desinência *i*) do pret. perfeito do indicativo (função acumulativa da referida desinência), como ocorre com *-o* final de *estud-o*, *vend-o*, *part-o*, formas que estão na 1.ª pess. do sing. do pres. do indicativo.

Fusão nos elementos mórficos – Os elementos mórficos podem combinar-se por

justaposição ou por *fusão*. Em *livros* juntou-se ao radical primário a desinência pluralizadora *-s*, justaposta. No plural *canais* (*canale + s) ou *funis* (*funile + s) a integração do radical e desinência é mais íntima, não permitindo a análise dos dois elementos fundidos. No primeiro exemplo (*canais*), a fusão deu origem a um ditongo enquanto no segundo (*funis*) favoreceu uma crase (**funile + s = funi(l)es > funiis> funis*). Na 1.ª pessoa do singular do pretérito perfeito e na 2.ª pessoa do plural do pres. do indicativo da 3.ª conjugação há crase resultante da fusão da vogal temática com a desinência pessoal: *parti* (< partii), *partis* (< partiis) [Cf. VK.2, 20 n.2].

A aglutinação é um caso de fusão e, às vezes, pode ser tão íntima que o sentimento de linguagem moderno não perceba os dois elementos justapostos que a análise histórica patenteia. Dessarte, a gramática descritiva vê em *relógio* uma palavra simples, cujo radical é *relog-*; a histórica remonta aos dois radicais *hora lógio* (isto é, máquina que "diz a hora") [MC.2, 95].

O sufixo adverbial *-mente* foi primitivamente um substantivo de forma livre que se juntava aos femininos de adjetivos: *boa mente, clara mente*; depois houve maior integração dos dois elementos porque a forma livre passou a ser usada como afixo (forma presa) formador de advérbios. Foi desta aplicação de uma palavra como forma presa (afixo) que se originaram, para o português, o futuro do presente (*trabalharei*) e do pretérito (*trabalharia*), pois se uniram ao infinitivo (*trabalhar*) o presente e o pretérito imperfeito do verbo *haver* (*dar hei, dar hia* por *havia*). São casos de *hipotaxe* ou subordinação.

Passando as formas do verbo *haver* a constituir parte da desinência modo-temporal (*trabalharei* desdobra-se em *trabalh-a-re-i, trabalharia* em *trabalh-a-ria*, a gramática descritiva considera as nossas duas formas de futuro como formas simples.

Suplementação nos elementos mórficos – O ponto alto de uma irregularidade em relação ao paradigma da forma regular de determinado elemento mórfico é o processo chamado suplementação (ou *alternância supletiva*), que consiste em suprir uma forma com outra oriunda de radical diferente. O nosso verbo *ser* é anômalo porque, nas suas flexões, pede o concurso de dois verbos: *esse* e *sedēre*, também *ir* está neste caso, pois, além de suas formas próprias, possui as dos verbos *vadĕre* e *esse.*

A intensidade, a quantidade, o timbre e os elementos mórficos – Muitas vezes, em lugar de uma forma linguística, a intensidade, a quantidade e o timbre servem para ressaltar uma noção gramatical. Já vimos como o acento intensivo se mostra decisivo para distinguir o adjetivo, o verbo e o substantivo em *sábia, sabia* e *sabiá*.

A maior demora numa sílaba em regra traduz uma ênfase no significado da palavra:

> "Idiota! Trezentos e sessenta contos não se entregam nem à mão de Deus Padre! Idiota! Idioota!... Idiooooota..." [ML.1, 219].

A desinência do mais-que-perfeito do indicativo *-ra-* (variante *re-*) difere da semelhante que ocorre no futuro do presente, porque aquela é átona e esta é tônica: *cantara* (cant-a-ra) e *cantará* (cant-a-rá), *cantaras* (cant-a-ra-s) e *cantarás* (cant-a-rá-s).

A mudança de timbre (metafonia) concorre com a desinência da palavra para caracterizar o gênero, o número ou a pessoa do verbo: *caroço* (singular com *o* tônico fechado) → *caroços* (plural com *o* tônico aberto); *esse/essa, fez/fiz,* etc.

Há três grupos de alternância de timbre da vogal tônica com funções de indicações gramaticais:

a) | ê | → | é |; |ô | → | ó |

Em alguns nomes e pronomes, marca a oposição entre masculino e feminino ou singular e plural: *esse/essa; novo/nova*; *ovo/ovos.*

Em verbos da 2.ª conjugação marca, no presente do indicativo, a oposição entre a 1.ª pessoa do singular e as outras formas rizotônicas: *devo/deves, deve, devem; torço/torces, torce, torcem.*

b) | ê | → | i |; | ô | → | u |

Em pronomes, marca a oposição entre a referência de masculinos adjuntos e absolutos: *este, esse/isso; aquele/aquilo; todo/tudo.*

Em verbos fortes, marca a oposição entre 1.ª e 3.ª pessoas: *fez/fiz; pôs/pus.*

c) | i | → | ê |; | u | → | ô |; | i | → | é |; | u | → | ó |

Em verbos da 3.ª conjugação, marca, no presente do indicativo, a oposição entre a 1.ª pessoa e as outras rizotônicas: *minto/mentes, sinto/sentes*; *sumo/somes*; *firo/feres*; *durmo/dormes* [VK.2, 43-44].

Em Portugal, em geral, é o timbre aberto ou fechado da vogal tônica que distingue a 1.ª pessoa do plural do presente do indicativo e do pret. perfeito dos verbos da 1.ª e 2.ª conjugações: *lavamos* (â) (presente), *lavamos* (á) (pretérito), *devemos* (ê) (presente), *devemos* (é) (pretérito). No Brasil não fazemos em regra esta distinção, que fica, em geral, a cargo do advérbio adequado: *Hoje falamos disso. Ontem falamos disso.*88

2 – Formação de Palavras do Ponto de Vista Constitucional

Renovação do léxico: criação de palavras – As múltiplas atividades dos falantes no comércio da vida em sociedade favorecem a criação de palavras para atender às necessidades culturais, científicas e da comunicação de um modo geral. As palavras que vêm ao encontro dessas necessidades renovadoras chamam-se *neologismos*, que têm, do lado oposto ao movimento criador, os *arcaísmos*, representados por palavras e expressões que, por diversas razões, saem de uso e acabam esquecidas por uma comunidade linguística, embora permaneçam em comunidades mais conservadoras, ou lembrados em formações deles originados. De tudo isto trataremos no lugar próprio.

Os neologismos ou criações novas penetram na língua por diversos caminhos. O primeiro deles é mediante utilização da prata da casa, isto é, dos elementos (palavras, prefixos, sufixos) já existentes no idioma, quer no significado usual, quer por mudança do significado, o que já é um modo de revitalizar o léxico da língua.

Entre os procedimentos formais temos, assim, a *composição* e a *derivação* (*prefixal* e *sufixal*).

Outra fonte de revitalização lexical são os *empréstimos* e *calcos linguísticos*, isto é, palavras e elementos gramaticais (prefixos, preposições, ordem de palavras) tomados (empréstimos) ou traduzidos (calcos linguísticos) ou de outra comunidade linguística dentro da mesma língua histórica (regionalismos, nomenclaturas técnicas e gírias) ou de outras línguas estrangeiras – inclusive grego e latim –, que são incorporados ao léxico da língua comum e exemplar.

Uma fonte muito produtiva do neologismo vem da criação de certos produtos ou novidades que recebem o nome de seus inventores ou fabricantes, como *macadame, gilete*, etc. Muito próxima a esta via são os nomes criados levando em conta os sons naturais (fonossimbolismo) produzidos por seres e objetos: *Kodak, pipilar,* etc., são as onomatopéias e palavras expressivas.

De todos esses procedimentos de revitalização do léxico, merecem atenção especial para a gramática a composição e a derivação, tendo em vista a regularidade e sistematicidade com que operam na criação de novas palavras.

Conceito de composição e de lexia 89 – Já está assentada a distinção entre *composição* e *lexia*; por composição entende-se a junção de dois elementos identificáveis pelo falante numa unidade nova de significado único e constante: *papel-moeda, boquiaberto, planalto*. Há os compostos com elementos eruditos, geralmente de origem grega e latina, que só ocorrem na língua nessas novas unidades, isto é, que não aparecem independentes no discurso, e há os compostos com elementos vernáculos, de existência independente na língua (*papel-moeda*) ou com leves alterações formais (*planalto: plan*[*o*]*alto, boquiaberto: boqu*[*i*]*aberto*).

Por seu turno, a *lexia* complexa (termo cunhado pelo linguista francês Bernardo Pottier), também dita *sinapsia* (termo de outro linguista francês Emílio Benveniste – em grego ‘junção’, ‘conexão’, ‘coleção de coisas juntas’), é formada de sintagmas complexos que podem ser constituídos de mais de dois elementos: *negócio da China* (‘transação comercial vantajosa’), *pé de chinelo* (‘diz-se da pessoa de poucos recursos’), etc.

Alguns autores incluem a sinapsia no rol dos tipos de compostos, mas Benveniste – e cremos que com razão – prefere distingui-la. São características da sinapsia, segundo este autor:

a) a natureza sintática (não morfológica) da ligação dos elementos, o que muitas vezes torna difícil verificar se houve ou não lexicalização do conjunto;

b) o emprego de transpositores (preposições);

c) a ordem fixa *determinado* + *determinante*;

d) sua forma lexical plena, e a livre escolha de qualquer substantivo ou adjetivo;

e) a ausência de artigo antes do determinante, pois a presença do artigo romperia a unidade do conjunto, como se pode ver em *ar de família / ar da família; casa de pensão / casa da pensão;*

f) a possibilidade de expansão tanto do determinado quanto do determinante, *pouco ar de família / ar de boa família,* pois seu significado, apesar da expansão, é único e constante;

g) o caráter único e constante do significado.

Vê-se que algumas das características apontadas são também comuns aos compostos, o que explica, muitas vezes, a dificuldade de se traçarem limites rígidos entre os dois processos, já que, na língua, é tênue o limite entre o que é livre e o que está fixado.

A sinapsia, cujo resultado é sempre um substantivo ou adjetivo, tem grande vitalidade, especialmente na linguagem científica e técnica e, por isso mesmo, cria problemas na dicionarização dessas unidades lexicalizadas, já que dicionários e gramáticas, no seu levantamento, se guiam com maior atenção pela ortografia.

A relação sintática nas formações sinápticas é marcada normalmente mediante a preposição *de*, aparecendo ainda a preposição *em* ou *a*, esta última por influência estrangeira, em especial quando a unidade designa um artefato, em que o determinante indica o agente motor; *barco à vela, motor à explosão, fogão a gás*, ou uma característica distintiva *televisão a cores / televisão em cores.*

Há compostos em que a lexicalização se apresenta mais evidente que na sinapsia, é o caso dos compostos por *disjunção* e por *contraposição*.

Nos compostos por disjunção nem sempre os dois elementos se juntam graficamente por mais que seja evidente a lexicalização:

opinião pública guerra civil

mas

bicho-carpinteiro peixe-espada

Nestes compostos, o primeiro elemento é a denominação, enquanto o segundo é a sua especificação; assim *peixe-espada* é um *peixe* "que se assemelha a uma espada" e *opinião pública* é uma *opinião* "que é pública". A relação se diz de disjunção porque, embora o segundo seja uma especificação do primeiro, *espada* não é uma subclasse de *peixe* nem *pública* o é de *opinião*, como se os dois elementos pertencessem a classes diferentes.

Os compostos por disjunção são muito empregados nas denominações de plantas e animais, e menos frequentes na linguagem comum.

Os compostos por *contraposição* quando se constituem por dois substantivos, o segundo exerce uma função predicativa que designa a finalidade do primeiro, e há entre eles uma relação sintática de coordenação:

escola-modelo navio-escola
carro-leito carro-bomba

Em *acordo luso-brasileiro* é um acordo que envolve *portugueses* e *brasileiros*.

Nesses compostos com adjetivos étnicos, em geral são preferidas as formas reduzidas às plenas no primeiro elemento: luso-brasileiro (e não lusitano-brasileiro), aliança nipo-russa (e não japonês-russa).

A composição é uma transformação sintática em expressão nominal – Já vimos que compostos como *papel-moeda* se prendem a uma oração de base do tipo de "papel que é

moeda" o que aponta para o fato de tais unidades léxicas serem transformações de construções sintáticas simples ou complexas. Benveniste dá-nos sobre isto lição magistral:

> Os compostos "representam a transformação de certas orações típicas, simples ou complexas, em signos nominais. Não se pode, portanto, explicar a criação dos compostos pela simples junção imediata de dois signos anteriores. Se a composição nominal fosse, como é sempre apresentada, um processo de natureza morfológica, não se compreenderia por que ela parece se realizar em toda a parte, nem como puderam surgir essas classes formais em número limitado, tão parecidos entre as línguas mais diversas. É que o impulso que produziu os compostos não veio da morfologia, onde nenhuma necessidade os solicitaria; ele provém das construções sintáticas com suas variedades de predicação. É o modelo sintático que cria a possibilidade do composto morfológico e que o produz por transformação. A oração, com seus diferentes tipos, emerge assim na zona nominal. Consequentemente, é preciso reconhecer nos compostos uma situação particular. Em geral, eles são arrolados, com os derivados, na "formação dos nomes". Seria preciso, de preferência, fazê-los entrar em um capítulo novo da teoria das formas, consagrado ao fenômeno que poderia se chamar "*metamorfismo*"; entendemos por isso o processo de transformação de certas classes em outras (...). No momento em que a oração é transformada em composto e que os termos da oração se tornam membros do composto, a predicação é colocada em suspenso, e o enunciado atual torna-se virtual. É esta a consequência do processo de transformação.
>
> Assim se define então a função do composto: transferir para o virtual a relação atual de predicação enunciada pela oração de base. É justamente a essa função que correspondem também as características formais dos compostos. Tudo o que pode remeter a uma situação atual é apagado: a predicação verbal está apenas implícita; o primeiro membro, desprovido de qualquer índice de caso, de número, de gênero, é reduzido a um semantema; o segundo termo, sobre o qual repousa a relação sintagmática, toma uma forma e um final novos, índices do estatuto de adjetivo que o composto recebe (...). Ao passar assim para o quadro formal do nome, a oração livre sofre uma inevitável redução de suas latitudes de expressão. Seria seguramente impossível conter os dois termos do composto a multiplicidade de relações sintáticas a que é suscetível a oração livre. Todavia o composto é capaz de maior diversidade do que parece, e suas numerosas variedades recenseadas pelas gramáticas correspondem justamente a tipos diversos de orações (...).
>
> Mas esse relativo empobrecimento da expressão sintática transformada em expressão nominal é compensado pela variedade das combinações que o composto oferece à língua. Ele dá o poder de manejar como adjetivos ou nomes orações inteiras e de fazê-las entrar revestidas nessas novas espécies em outras orações. Assim se constitui particularmente um vasto repertório, sempre aberto, de compostos descritivos, instrumentos da classificação e da nomenclatura, aptos a se tornarem denominações científicas ou epítetos poéticos, e que, além do enriquecimento que proporcionam, mantêm essa atividade metamórfica, talvez o trabalho mais singular da língua" [EBv, 2, 163-164].

Palavras indivisíveis e divisíveis – INDIVISÍVEL é a palavra que só possui como elemento mórfico o radical: *mar, sol, ar, é, hoje, lápis, luz.*

DIVISÍVEL é a palavra que, ao lado do radical, pode desmembrar-se em outros elementos mórficos:

> mares (mar-e-s), alunas (alun-a-s), trabalhávamos (trabalh-á-va-mos).

Palavras divisíveis simples e compostas – Diz-se SIMPLES a palavra divisível que só possui um radical. Os outros elementos mórficos que a compõem ou são de significação puramente gramatical ou acrescentam ao radical a ideia subsidiária que denotam os afixos (prefixos ou sufixos).

Por causa desta nova aplicação de significado que os afixos comunicam ao radical, as palavras simples se dividem em *primitivas* e *derivadas*.

PRIMITIVA é a palavra simples que não resulta de outra dentro da língua portuguesa: *livro, belo, barco*

DERIVADA é a palavra simples que resulta de outra fundamental: *livraria, embelezar, barquinho.*

COMPOSTA é a palavra que possui mais de um radical: guarda-chuva, lanígero, planalto

Tanto as palavras simples (primitivas ou derivadas) como as compostas podem ser acrescidas de desinências que servem para exprimir uma categoria gramatical (flexão) que,

nos nomes e pronomes, traduz as noções de *gênero* e *número* e, nos verbos, *número, pessoa, tempo* e *modo*:

a) primitivas flexionadas: *livros, meninas*

b) derivadas flexionadas: *livrarias, meninadas*

c) compostas flexionadas: *couves-flores, guarda-livros, planaltos*

Quando a palavra é constituída de vários elementos mórficos, cabe, antes de mais nada, estabelecer o princípio dos constituintes imediatos. Analisando, por exemplo, *fidalgotes,* estabeleceremos que a palavra é primeiramente constituída de *fidalgote* + desinência de pluralizador *s*, através de *fidalg(o)* + diminutivo *-ote*.

Processos de formação de palavras – Dois são os principais processos de formação de palavras em português do ponto de vista da expressão ou da sua constituição material:

a) *composição*

b) *derivação*

A COMPOSIÇÃO consiste na criação de uma palavra nova de significado único e constante, sempre e somente por meio de dois radicais relacionados entre si. Isto não impede que um dos elementos do composto seja ele mesmo já um composto, contado como um termo único, pelo princípio dos constituintes imediatos.

1) Substantivo + substantivo:

a) Coordenação – quando há sequência de coordenação de elemento: 1– o determinante precede: *mãe-pátria, papel-moeda;* 2– o determinante vem depois: *peixe-espada, carro-dormitório, couve-flor*;

OBSERVAÇÃO: Os compostos com o determinado antes do determinante são os tipicamente portugueses. Nos compostos coordenativos um dos substantivos funciona como aposto do outro, em geral, o segundo: *peixe-espada* (peixe que se parece com uma espada). Compostos deste tipo em que o determinante vem antes do determinado, como em *mãe-pátria*, são mais raros. "Os realistas e os simbolistas são, porém, os que fazem mais vasto emprego artístico do substantivo por aposição, e cumpre confessar que, pela sua brevidade e viveza, têm estas formações alto poder estético: "A *nau-fantasma*, cortada a amarra, bamboleia nas ondas, prestes a largar" [G. Junqueiro *apud* MBa.2, 116-117]. Quando os elementos são constituídos por substantivos que apresentam formas para os dois gêneros, o determinante vai para o gênero do determinado, por ser este o principal: *batata-rainha*. As exceções explicam-se por analogia. Se não há distinção genérica, não se dará, naturalmente, a concordância: *a cobra-cascavel, a cobra-capelo, o pau-maçã, a fruta-pão, a cólera-morbo*. Quando fica obliterada ou esmaecida a natureza da composição, mais parecendo tratar-se de palavra simples, pode predominar o gênero do último, como ocorre com *o pontapé* [cf. MAg.3, 151-152].

b) Subordinação – quando há subordinação de um elemento, isto é, de um determinante a outro determinado: *arco-íris, estrada de ferro, pão de ló.*

OBSERVAÇÃO: Nesse tipo de subordinação, os elementos se unem por uma relação de complemento de substantivo, do adjetivo ou do verbo [cf. VK.3, 42 n. 5]. É muito natural no português a omissão da preposição *de*, como acontece com *arco-íris* (por *arco da íris, Íris* é nome mitológico). Assim, *porco-espinho* (= porco de espinho), *beira-mar* (= beira do mar), *pontapé* (= ponta do pé), etc. Observe-se que quando o gênero ou o número do 2.º elemento diverge do do 1.º, dá-se muitas vezes a concordância por influência deste: *pedra-raia* (por pedra de raio), *bolo-rei* (por bolo de Reis [Magos]), *sete-estrelo* (por sete estrelas) [cf. LV.2, 1, 441-442].

2) Substantivo + adjetivo (ou vice-versa):

aguardente, obra-prima, fogo-fátuo, belas-artes, baixa-mar, boquiaberto.

3) Adjetivo + adjetivo:

surdo-mudo, luso-brasileiro, auriverde.

4) Pronome + substantivo:

Nosso Senhor, Sua Excelência.

5) Numeral (inclusive latino) + substantivo:

onze-letras (alcoviteira), segunda-feira, bisneto, trigêmeo, sesquicentenário (sesqui = um e meio).

6) Advérbio (*bem, mal, sempre*) + substantivo, adjetivo ou verbo:

benquerença, benquisto, benquerer, malcriação (inutilmente corrigido para má-criação), malcriado, sempre-viva.

7) Verbo + substantivo:

lança-perfume, porta-voz, busca-pé, passatempo.

8) Verbo + verbo ou verbo + conjunção + verbo:

vai-vém, leva e traz, corre-corre.

9) Verbo + advérbio:

pisa-mansinho, ganha-pouco.

10) Um grupo de palavras ou uma oração inteira pode passar, pelo processo da hipotaxe ao nível de palavra:

um *Deus nos acuda*, mais vale um *toma* que dois *te darei*, os *disse me disse*.

Como já vimos, a associação dos componentes das palavras compostas se pode dar por:

a) *justaposição*: guarda-roupa, mãe-pátria, vai-vém.

b) *aglutinação*: planalto, auriverde, fidalgo.

OBSERVAÇÃO: Incluem-se no processo da aglutinação os casos, raros nas línguas românticas, de *incorporação nominal*, mediante os quais se incorpora ao verbo o seu complemento, nome ou pronome, que exerce a função semântica de paciente, locativo ou instrumental: *pesa-me - pêsame,* esp. *rabiatar* (= *atar el rabo*), etc.

"Na análise mórfica de um composto por justaposição, separam-se primeiramente as duas palavras, e, depois procede-se à separação de cada uma delas, se são divisíveis" [MC.2, 94].

Derivação – Derivação consiste em formar palavras de outra primitiva por meio de afixos. De modo geral, especialmente na língua literária e técnica, os derivados se formam dos radicais de tipo latino em vez dos de tipo português quando este sofreu a evolução própria da história da língua: *áureo* (e não *ouro*), *capilar* (e não *cabelo*), *aurícula* (e não *orelha*), etc. [MBa.1, 429-430].

Os afixos se dividem, em português, em *prefixos* (se vêm antes do radical) ou *sufixos* (se vêm depois). Daí a divisão em *derivação prefixal* e *sufixal*.

DERIVAÇÃO SUFIXAL: *livraria, livrinho, livresco.*

DERIVAÇÃO PREFIXAL: *reter, deter, conter.*

OBSERVAÇÃO: Como vimos em **Afixos: prefixos e sufixos. Interfixos**, os prefixos assumem valor semântico que empresta ao radical um novo significado, patenteando, assim, a sua natureza de elemento mórfico de significação externa subsidiária.

Baseados nisto, a gramática antiga e vários autores modernos fazem da prefixação um

processo de composição de palavras.

Sufixos – Os sufixos dificilmente aparecem com uma só aplicação; em regra, revestem-se de múltiplas acepções e empregá-los com exatidão, adequando-os às situações variadas, requer e revela completo conhecimento do idioma. Ao lado dos valores sistêmicos, associam-se aos sufixos valores ilocutórios intimamente ligados aos valores semânticos das bases a que se agregam, dos quais não se dissociam.90 A noção de aumento corre muitas vezes paralela à de coisa grotesca e se aplica às ideias pejorativas: *poetastro, mulheraça.* Os sufixos que formam nomes diminutivos traduzem ainda carinho: *mãezinha, paizinho, maninho.* Outras vezes, alguns sufixos assumem valores especiais (por exemplo *florão* não se aplica em geral a flor grande, mas a uma espécie de ornato de arquitetura), enquanto outros perdem o seu primitivo significado, como *carreta, camisola*. Por fim, cabe assinalar que temos sufixos de várias procedências, sendo os latinos e gregos os mais comuns nas formações eruditas.

Nas formações eruditas greco-latinas serão considerados nesta gramática elementos sufixais formas como - *ífic* -, - *ífer* -, - *duct* - e quejandos, em unidades como *sudorífico, frutífero, aqueduto*, assim como são elementos prefixais formas como *anfi-, extra-, inter-, mono-, multi-, poli-,* em *anfiteatro, extrafino, monovalente, multicolor, polianteia,* etc.

I – *Principais sufixos formadores de substantivos*:

1) Para a formação de nomes de agente, e ainda instrumento, lugar: 91

-tor, -dor, -sor, -or: narrador, genitor, ascensor, cantor, metralhadora, corredor (= lugar por onde se anda)

-nte, estudante, requerente, ouvinte

-ista: dentista, jornalista

-eira, -eiro: lavadeira, padeiro, vendeiro, derradeiro

-ária, -ário: bibliotecária, secretário

2) Para formação de nomes de ação ou resultado de ação, estado, qualidade, semelhança, composição, instrumento, lugar:

a) Derivados de verbo:

-ame: gravame

-ção, -são: coroação, perdição, compreensão, ascensão

OBSERVAÇÃO: Há de se atentar para a correta grafia de *-ção* e *-são*.

-mento: casamento, descobrimento

-ura, -dura, -tura: feitura, mordedura, formatura

-ança (-ancia), -ença (-encia): mudança, esperança, parecença, abundância, convalescença, (ou convalescência)

-ata: passeata

-ada: estada (estadia na norma de Portugal)

-ida (verbos da 2.ª e 3.ª conjugações): acolhida, partida

-agem: vadiagem

-ário: lapidário

b) Derivados de substantivo:

-ada: laçada, braçada, pousada

-ura: cintura

-astro: poetastro

-*estre*: silvestre, campestre
-*ato*: orfanato
-*aço, -aça*: vidraça
-*cínio*: patrocínio (não confundir com o radical -*cinio*, de *canĕre* 'cantar': galicínio 'o canto do galo')

c) Derivados de adjetivos:

-*ismo*: charlatanismo, civismo
-*tude*, -*dão:* amplitude, amplidão, solidão
-*ura*: doçura, brancura (concorrente vitorioso sobre -*or*: *verdor*, *amargor*)
-*eza, -ez*: beleza, viuvez
-*ácia*: audácia, falácia
-*dade*: dignidade
-*mônia*: acrimônia

3) Para significar lugar, meio, instrumento:

-*douro, -doura*: bebedouro, manjedoura
-*tério*: necrotério
-*tório*: dormitório
-*aria, -eria*: livraria, tesouraria, sorveteria
-*edo*: arvoredo
-*bulo*: turíbulo
-*or*: corredor
-*il*: covil (relacionado a nomes de animal, para indicar onde se recolhem)
-*anco*: barranco
-*cro*: simulacro, ambulacro

4) Para significar abundância, aglomeração, coleção:

-*aria, -ário, -eria*: cavalaria, infantaria (ou infanteria), casario
-*al:* laranjal, cipoal
-*edo*: arvoredo
-*eira*: doenceira, desgraceira
-*io*: mulherio
-*ama, -ame, -ume, -um*: mourama, velame, ervum, mulherum, homum, negrume
-*agem*: folhagem
-*ada*: boiada
-*aço*: chumaço
-*alha*: parentalha
-*ardo*: moscardo
-*ana, -aina* (por alongamento): andana, andaina

5) Para significar causa produtora, lugar onde se encontra ou se faz a coisa denotada pela palavra primitiva:

-*ário*: relicário, herbanário
-*eiro, -eira*: açucareiro, chocolateira
-*aria*: livraria, mercearia

6) Para formar nomes de naturalidade:

-*aco*: austríaco
-*ano,-ão*: pernambucano, coimbrão
-*ense, -ês*: cearense, português
-*enho*: estremenho (da Estremadura, Portugal)
-*eno*: madrileno, chileno

-*eu, -éu*: caldeu, hebreu, ilhéu (fem. *ilhoa*)

-*engo*: *flamengo*

-*ico*: brasílico

OBSERVAÇÃO: Em *algarvio* não há sufixo -*io*.

-*ista*: paulista

-*ol*: espanhol

-*oto*: minhoto (ô)

-*ato*: maiato (natural de Maia)

-*ino*: platino, bragantino

-*eiro*: brasileiro

-*eta*: lisboeta

-*aico*: hebraico, caldaico

7) Para formar nomes que indicam maneira de pensar; doutrina que alguém segue; seitas; ocupação relacionada com a coisa expressa pela palavra primitiva:

-*ismo*: cristianismo, classicismo

-*ista*: socialista, espiritista

-*ano*: maometano, anglicano

8) Para formar outros nomes técnicos usados nas ciências [AN.1, 123-124]:

-*ite* (emprega-se para as inflamações): pleurite, rinite, bronquite

-*ema* (é utilizado nos modernos estudos de linguagem com o sentido de "mínima unidade distintiva"): fonema (menor unidade de som); morfema (menor unidade significativa de forma), lexema, semema, estilema, etc.

-*oso* e -*ico* (distinguem óxidos, anídridos, ácidos e sais, reservando-se o último para os compostos que encerrem maior proporção do metaloide empregado): cloreto mercuroso, cloreto mercúrico

-*ato, -eto, -ito* (formam nomes de sais: clorato, cloreto, clorito): clorato de potássio, cloreto de sódio. Para os sais de enxofre usa-se o radical *sulf*: sulfeto, sulfito, e não *sulfur*, que é forma latina: sulfato de quinino, hipossulfito de sódio. Para os de fósforo usa-se o radical *fosf*, para os de flúor *flu*: fosfato, fluato. Para os de carbônio, o uso vulgar aceitou as formas *carbonato*, bem derivada, e *carbureto* (em vez de *carboneto*), que denota influência francesa: bicarbonato de sódio, carbureto de cálcio.

-*ênio* (caracteriza carbonetos de hidrogênio): acetilênio, etilênio, metilênio, etc.

-*ilio* (aparece em certos compostos chamados radicais químicos): amílio, metílio.

-*ina* (aparece em alcaloides e álcalis artificiais): *atropina*, alcaloide da beladona; *cafeína*, do café; *cocaína*, da coca; *codeína*, do ópio; *conicina,* da cicuta; *estricnina*, da noz-vômica; *morfina*, da papoula; *nicotina*, do fumo; *quinina*, da quina; *teína*, da árvore do chá, etc.; anilina, alizarina, etc.

-*io* (aparece em corpos simples): silício, telúrio, selênio, sódio, potássio, etc.

-*ol* (se encontra em derivados de hidrocarbonetos): fenol, naftol, etc.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) A Mineralogia e a Geologia têm também sufixos tomados em sentidos particulares:

-*ita* (para espécies minerais): pirita

-*ito* (para as rochas): granito

-*ite* (para fósseis): amonite

2.ª) Na indústria moderna os produtos novos são marcados com finais -*ax, -ex, -ix, -ox, -ux*, que passaram a ser entendidos como verdadeiros sufixos: ajax, tenax, paredex, pirex, atrix, inox, matox, rodox. Em *xerox* (ou etimológico *xérox*) não temos esse final, pois se prende a um adjetivo grego, que significa *enxuto*.

II – *Principais sufixos de nomes aumentativos e diminutivos, muitas vezes tomados pejorativa ou afetivamente*:

1) Aumentativos:

-*ão, -zão*: cadeirão, homenzão

-*anço*: falhanço, copianço

-arro, -arrão, -zarrão, arraz (arro + az): naviarra, bebarro, santarrão, coparrão, homenzarrão, pratarraz

-eirão: vozeirão

-aço, -aça: ricaço, barcaça, copaço

-astro: poetastro, politicastro, padrasto, madrasta (nos dois últimos houve dissimilação)

-alho, -alha, -alhão: politicalho, muralha, grandalhão

-ama: ourama, poeirama

-anzil: corpanzil

-ázio: copázio

-uça: dentuça

-eima: guleima, guloseima, boleima

-anca: bicanca

-asco: penhasco

-az: fatacaz, famanaz, famaraz

-ola: beiçola

-orra: cabeçorra

-eirão: chapeirão, toleirão

-ento: farturento

2) Diminutivos:

-inho, -zinho, -im, zim: livrinho, livrozinho, dormindinho, florzinha, espadim, bodim, valzim 92

Observação: Nem sempre é indiferente a opção por *-inho* ou *-zinho*. Não toleram *-inho* (e *-ito*) mas *-zinho* (e *-zito*) os nomes terminados em nasal, ditongo e vogal tônica: *cãozinho, cãozito, irmãzinha, albunzinho, raiozinho, bonezinho, urubuzinho*. Também se incluem os terminados em *-r*, embora aí haja alguns em *-inho*, facultativamente: *serzinho, cadaverzinho, caraterzinho; colher* admite *colherinha*, ao lado de *colherzinha*. Os terminados em *-s* e *-z* só toleram *-inho* (*-ito*): *tenisinho, lapisinho, rapazinho*.

-ito, -zito: copito, amorzito, passeandito

-ico: namorico, veranico

-isco: chuvisco, petisco

-eta, -ete, -eto: saleta, diabrete, livreto, saberete

-eco: livreco, padreco

-ota, -ote, -oto: ilhota, caixote, perdigoto

-ejo: lugarejo, animalejo

-acho: riacho, fogacho

-el, -ela, -elo (ora com *e* aberto ora fechado): cabedelo, magricela, donzela, donzel

-iola: arteríola

-ola: camisola (também tem sentido aumentativo quando designa a camisa longa de dormir); rapazola (cf. *-iola*)

-ucho: gorducho, pepelucho

-ebre: casebre

-ula, -ulo, -cula, -culo: nótula, glóbulo, radícula, corpúsculo

-alho, -elho, -ilho, -olho, -ulha: ramalho, rapazelho, pesadilho, ferrolho, bagulho

-aça, -aço, -iça, -iço: fumaça, caniço, nabiça

-el: cordel

III – *Principais sufixos para formar adjetivos*:

-(d)io, -(d)iço: fugidio, movediço (todos tirados do tema do particípio)

-vel, -bil: notável, crível, solúvel, flébil, ignóbil

-ento, -(l)ento: cruento, corpulento

-oso, -uoso: bondoso, primoroso, fastoso (ou fastuoso), untuoso, espirituoso

-onho: medonho, risonho

-az: mordaz, voraz

-udo: barrigudo, cabeçudo
-ício, -iço: acomodatício, enfermiço
-ário, -eiro: diário, ordinário, verdadeiro, costumeiro
-ano: humano
-asco: pardavasco
-esco, -isco: dantesco, principesco, mourisco
-ático: problemático, aromático
-eno: terreno
-áceo: rosáceo, galináceo
-acho: verdacho
-aco: demoníaco
-ado: barbado
-ardo: felizardo
-al: vital, *boçal*
-âneo, -anho: sucedâneo, estranho
-átil: portátil, volátil
-ino, -im: bailarino, paladino, paladim (a apócope de *-ino* a *-im* ocorre mais entre substantivos: *latino* [adj.], *latim* [s.])
-bundo: furibundo
-undo, -ondo: fecundo, redondo
-eo: róseo
-timo: marítimo
-urno: diurno
-iano: canoniano, virgiliano

OBSERVAÇÃO: Dos nomes próprios formam-se adjetivos em *-iano* e não *-eano*: comoniano, machadiano, saussuriano, wagneriano, como já era em latim. [cf. JMa.1, § 189, 2).

-ico: público
-engo, *-lengo*: mulherengo, avoengo, verdoengo (verdolengo)
-al, -ar: anual, escolar
-aico: prosaico
-estre: campestre
-este: celeste
-douro: vindouro, imorredouro
-tório: expiatório, satisfatório
-ivo: afirmativo, lucrativo
-ácea, -áceo (em família de plantas): liliáceas, papilonáceos
-ndo (equivalente ao particípio futuro passivo latino): graduando ('que vai ser graduado'), vitando ('que deve ser evitado'), venerando ('digno de ser venerado'), despiciendo ('digno de ser desprezado', 'desprezível'). Tem tido larga aceitação na nomenclatura de profissões universitárias, nem sempre bem visto pelos puristas: doutorando, farmacolando, engenheirando, etc.

IV – *Principais sufixos para formar verbos*:

1) Para indicar ação que deve ser praticada ou dar certa qualidade a uma coisa (verbo causativo):

-ant(*ar*): quebrantar
-it(*ar*): periclitar, debilitar
-iz(*ar*): civilizar, humanizar, realizar

2) Para indicar ação repetida (verbos frequentativos):

-aç(*ar*): espicaçar, adelgaçar

-*ej*(*ar*): mercadejar, voejar

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Nem sempre indicam repetição da ação; muitas vezes servem para exprimir a mesma noção, apenas por meio de forma entendida por mais sonora.

2.ª) Sobre -*ear* / -*ejar* [cf.MBa.5, 128].

3) Para indicar ação pouco intensa (verbos diminutivos):

-*it(ar*): saltitar, dormitar

OBSERVAÇÃO: Muitos verbos exprimem esta ideia por se formarem de nomes diminutivos: petisco + ar = petiscar; chuvisco + ar = chuviscar; cuspinho + ar = cuspinhar, namorico + ar = namoricar

4) Para indicar início de ação ou passagem para um novo estado ou qualidade (verbos incoativos):

-*ec*(*er*): alvorecer, anoitecer, apodrecer, endurecer, enfurecer

-*esc*(*er*): florescer

OBSERVAÇÃO: A grafia -*escer* é própria das palavras importadas que já chegaram à língua com -*sc-,* ou devidas à analogia.

V – *Sufixo para formar advérbio:*

-*mente* (junta-se a adjetivo na forma feminina, quando houver):

claramente, sinceramente, sossegadamente, simplesmente, horrivelmente, enormemente, primeiramente.

Por extensão, pode ainda muito expressivamente combinar-se com substantivos.

OBSERVAÇÃO: Os nomes terminados em -*ês* e alguns terminados em -*or*, porque no português antigo só tinham uma forma para os dois gêneros, não se apresentam no feminino: portuguesmente, superiormente.

Os advérbios em -*mente* podem ser distribuídos em três classes, conforme o sentido do adjetivo de que se formam [NE.1, 17-18]:

1) exprimem uma ideia de qualidade: *claramente*, *sinceramente*, *simplesmente*, *horrivelmente*;
2) exprimem uma ideia de quantidade ou medida: *copiosamente*, *imensamente*, *enormemente*;
3) exprimem uma ideia de relação de dois seres independente um do outro; entre as idéias de relação citamos as de *tempo* e *lugar*: *primeiramente*, *anteriormente*, *atualmente*.

Prefixos – Os principais prefixos que ocorrem em português são de procedência latina ou grega, sendo que muitos dos primeiros correspondem a preposições portuguesas. Ainda que os prefixos latinos tenham o mesmo significado de seus correspondentes gregos, formando assim palavras sinônimas, estas em regra não se podem substituir mutuamente, porque têm esferas semânticas diferentes.

Assim é que *transformação* e *metamorfose, circunferência* e *periferia, composição* e *síntese* são equivalentes, a rigor, mas não se aplicam indistintamente: *transformação*, por exemplo, é de emprego mais amplo que *metamorfose*.

Algumas vezes há duplicidade da noção expressa pelo prefixo e pela preposição que se segue à palavra derivada prefixalmente: *concorrer com, incorrer em, apor-se a,* etc.93 Outras vezes, o reforço se dá mediante o prefixo e o significado mesmo da palavra base; repare-se a repetição da ideia de *função, aproximidade* do prefixo *com-* e da base *vizinho* neste trecho de Euclides da Cunha: "Esta solidariedade de esforços evidencia-se melhor na vaquejada,

trabalho consistindo essencialmente no reunir, e discriminar depois, os gados de diferentes fazendas *convizinhas*...” [EC.1, 125].

Prefixos e elementos latinos

ab, abs (afastamento, separação): abstrair, abuso

ad, a (movimento para aproximação; adicionamento; passagem para outro estado; às vezes não tem significação própria): adjunto, apor

OBSERVAÇÃO: Não confundir com o *a* sem significação de certas palavras como *alevantar, assentar, atambor*.

ante (anteriormente, procedência – no tempo ou no espaço): antessala, antelóquio, antegozar, antevéspera

ambi (duplicidade): ambiguidade, ambidestro

bene, bem, ben (bem, excelência de um fato ou ação): bendizer, benfazejo

bis, bi, bin (dois, duplicidade): bisneto, biciclo, binóculo

centum, cento: centuplicar, centopeia

circum, circu (em roda de): circunferência, circulação

cis (posição aquém): cisalpino, cisatlântico, cisandino, cisplatino

OBSERVAÇÃO: Ocorre como antônimo de *trans*: transatlântico – cisatlântico.

cum, com, con-, co-, cor (companhia, sociedade, concomitância): cumplicidade, compadre, companheiro, condutor, colaborar, corroborar

contra (oposição, situação fronteira; o *a* final pode passar a *o* diante de certas derivações do verbo): contramarchar, contrapor, contramuro, controverter. Em *contradança* não ocorre o prefixo *contra*; o vocábulo nos veio do francês *contredanse*, do inglês *country-dance* (dança rústica), por etimologia popular, talvez devida ao fato de os pares se defrontarem, uns com os outros (daí o francês *contre*).

decem, deci, decu, dec (dez): decenviro, decilitro, décuplo

de- (movimento para baixo, separação, intensidade, negação): depenar, decompor. Às vezes alterna com *des-: decair — descair*.

de(s), di(s) (negação, ação contrária, cessação de um ato ou estado, ablação, intensidade): desventura, discordância, difícil (dis + fácil), desinfeliz, desfear (= fazer muito feio), desmudar (= mudar muito)

dis(s) (duplicidade, separação, diversidade de partes): dissecar (‘cortar em dois’), disjungir (‘separar duas coisas que estavam juntas’), dispor

ex-, es-, e- (movimento para fora, mudança de estado, esforço): esvaziar, evadir, expatriar, expectorar, emigrar, esforçar

OBSERVAÇÃO: Às vezes alterna-se com *des-, dis:* escampado – descampado; extenso – distenso; esguedelhar – desguedelhar; esmaiar – desmaiar; estripar e destripar; desapropriar e espropriar; desfiar e esfiar; desencarcerar e excarcerar; deserdar e exerdar [MBa.4, 211].

em-, en-, e-, in- (movimento para dentro, passagem para um estado ou forma, guarnecimento, revestimento): embeber, enterrar, enevoar, ingerir

OBSERVAÇÃO: Às vezes alterna-se a forma prefixada com o seu prefixo: *couraçar* e *encouraçar*, *cavalgar* e *encavalgar, trajar* e *entrajar, viuvar* e *enviuvar, bainhar* e *embainhar* [MBa.4, 206].

extra- (fora de, além de; superioridade; o *a* final passa, às vezes, a *o*): extradição, extralegal, extrafino, extroverter

in-, im-, i- (sentido contrário, negação, privação): impenitente, incorrigível, ilegal, ignorância

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Às vezes parece atribuir ao derivado o mesmo valor semântico da forma de base: *incruento, incrueldade*.

2.ª) Algumas vezes indica no que alguma coisa se transforma, isto é, mudança de estado: *incinerar* (‘reduzir a cinzas’), *inflamável* (‘que se transforma em chama’, ‘que se transforma em fogo’), etc.

3.ª) “Os prefixos negativos mais comuns são *in* e *des* ou *de*. São poucas as palavras verdadeiramente antigas formadas com o prefixo *in*, que só se tornam frequentes por imitação literária do latim, dos quinhentistas para cá; a derivação popular é sempre feita com o prefixo *des* ou *de*: *desfazer, descoser, desandar, desamor, desigual,* etc. Alguns tiveram a forma *in*, como *injustiça*, mas ainda em tal caso sempre (antigamente) se preferiu dizer a *sem-justiça* e dizer cousa *sem-nome* a cousa *inominada* ou quejandas expressões” [JR.5, n. 124].

infra- (abaixo): infra-assinado

inter-, entre (posição no meio, reciprocidade): entreter, interpor, intercâmbio

intro- (dentro): introduzir

intra- (posição interior, movimento para dentro; o *a* final passa, às vezes, a *o*): intramuscular, introverter, introduzir

ob-, o- (posição em frente): obstar, opor

per- (através de, coisa ou ação completa, intensidade): percorrer, perfazer, perdurar, persentir (sentir profundamente)

pluri- (muito): pluricelular

pos-, post- (posição posterior, no tempo e no espaço): postônico, pós-escrito

praeter (preter): preterir

primu (primeiro): primogênito

pre-, prae- (anteriormente, antecedência, superioridade): prefácio, prever, predomínio

pro- (movimento para frente, em lugar de, em proveito de): progredir, projeção

re- (movimento para trás, repetição, reciprocidade, intensidade): regredir, refazer, ressaudar (saudar mutuamente), ressaltar, rescaldar (escaldar muito)

retro- (para trás): retroceder, retroagir

satis (suficiente): satisfazer

semi- (metade de, quase, que faz as vezes de): semicírculo, semibárbaro, semivogal

so-, sob-, sub-, sus- (em baixo de, imediatamente abaixo num cargo ou função; inferioridade, ação pouco intensa): soterrar, sobestar, submarino, sustentar, supor

sobre- (nas formações vernáculas), *super-, supra-* (nas formações eruditas) (posição superior, saliência, parte final de um ato ou fenômeno; em seguida; excesso): sobrestar, superfície, supracitado, superlotado

soto-, sota- (posição inferior, inferioridade; logo após): soto-pôr, soto-mestre, sota-voga

trans-, tras-, tres-, tra-, tre- (além de, através de, passar de um lugar a outro, intensidade): transportar, traduzir, transladar, tresloucar, tresmalhar, tresnoitar, trespassar, tresler, tresgastar[94]

Observações:

1.ª) Não se há de confundir *três* (numeral) com *tres* (de *trans*): tresdobrar (triplicar);

2.ª) Às vezes *trans* é empregado como antônimo de *cis*: *transalpino* e *transandino*, por exemplo, opõem-se a *cisalpino* e *cisandino*;

3.ª) Também em certas palavras se podem alternar as variantes deste prefixo: transpassar, traspassar, trespassar; transmontar, tramontar

tris, tri, tres, tre (três): trissílabo, triciclo

ultra- (além de, excesso, passar além de): ultrapassar, ultrafino

un, uni (unidade): uniforme

vice-, vis- (em lugar de, imediatamente abaixo num cargo ou função): vice-presidente, visconde[95]

Prefixos e elementos gregos

a, an, este último antes de vogal (privação, negação, insuficiência, carência, contradição): afônico, anemia, anônimo, anoxia, amoral

aná (inversão, mudança, reduplicação): anabatista, anacrônico, analogia, anatomia, anáfora

anfí (duplicidade, ao redor, dos dois lados): anfíbio, anfibologia, anfiteatro

antí (oposição, ação contrária): antídoto, antártico, antípodas, antiaéreo

apó (afastamento): apologia, apocalipse

arqui, arce (superioridade hierárquica, primazia, excesso): arquiduque, arquimilionário, arcediago

catá (movimento para baixo): catacumba, catarata, católico

di (duplicidade, intensidade): dilema, dissílabo, ditongo

diá, di (através de): diálogo, diagrama

Observação: Pensando-se que *diálogo* é conversa de dois, tem-se empregado erradamente *triálogo* para conversa de três.

dis (dificuldade): dispepsia, disenteria

ec-, ex-, exo-, ecto (exterioridade, movimento para fora, separação): eczema, exegese, êxodo, exógeno, ectoderma

en-, em-, e- (interioridade): encômio, encíclica, enciclopédia, emblema, elipse

endo (movimento em direção para dentro): endocarpo, endovenosa

ento (interior): entófito (planta que vive dentro de outra)
epí (sobre, em cima de): epiderme, epitáfio
eu (excelência, perfeição, bondade): eufonia, euforia, eufemismo
hemi (metade, divisão de duas partes): hemiciclo, hemisfério
hipér (excesso): hipérbolo, hipérbato
hipó (posição inferior): hipocrisia, hipótese, hipoteca
metá (mudança, sucessão): metamorfose, metáfora, metonímia
pará (proximidade, semelhança, defeito, vício, intensidade): parábola, paradigma, paralela, paramnésia
perí (em torno de): perímetro, período, periscópio
pró (anterioridade): prólogo, prognóstico, profeta
prós (adjunção, em adição a): prosélito, prosódia
proto- (início, começo, anterioridade): protótipo, proto-história, proto-mártir
polí- (multiplicidade): polissílabo, politeísmo
sýn-, sým-, sý- (conjunto, simultaneidade): sinagoga, sinopse, simpatia, silogeu
tele- (distância, afastamento, controle feito à distância): telégrafo, telepatia, teleguiado

Correspondência entre prefixos e elementos latinos e gregos

Latinos	Gregos
des, in [1]: desleal, infeliz	*a, an*: amoral, anemia
contra: contrapor	*antí*: antipatia
ambi: ambiguidade	*anfi*: anfibologia
ab: abuso	*apó*: apogeu
bi(s): bilabial	*di*: dissílabo
trans: transparente, transformação	*diá, metá*: diáfano, metamorfose
in: ingressar	*en*: encéfalo
intra: intramuscular	*endo*: endovenoso
ex: exportar	*ec, ex:* êxodo
super, supra: superfície, supralingual, superlotar	*epí, hipér*: epiderme, hipertrofia
bene: benefício	*eu*: eufonia
semi: semicírculo	*hemi*: hemisfério
sub: subterrâneo	*hipó*: hipótese
ad: adjetivo	*pará*: paralelo
circum: circunferência	*perí*: periferia
de: depenar	*catá*: catarata
cum: composição	*sýn*: síntese

1. O prefixo *in* literário e erudito, ao contrário de *des-* popular, ganhou por isso certa cortesia e polidez, e constitui em neologismos, um recurso de eufemismos que cada vez mais se generaliza: *inverdade* (por *mentira*), *inexato, indelicado, indonto, impolido, inverídico, imerecido, inativo.*

OBSERVAÇÃO: Há também sinônimos ou equivalentes semânticos greco-latinos ou *doublets* bilíngues. Vejam-se os lembrados por [MBa.5, 103, n.18].

Latinos	Gregos
abecedário	*alfabeto*
florilégio	*antologia*
sudorífico	*diaforético*
unicórnio	*monoceronte*
rouxinol	*filomela*
península	*quersoneso*
novilúnio	*neomênio*
avareza	*filargiria*
favânio	*zéfiro*

Outros processos de formação de palavras – Além dos processos gerais típicos de formação de palavras, possui o português mais os seguintes: *formação regressiva, abreviação, reduplicação, conversão* e *combinação*.

Intimamente relacionada com a derivação temos a formação regressiva ou deverbal, que consiste em criar palavras por analogia, pela subtração de algum sufixo, dando a falsa impressão de serem vocábulos derivantes: de *atrasar* tiramos *atraso*, de *embarcar, embarque*; de *pescar, pesca*; de *gritar, grito*. Assim também os vocábulos *rosmaninho* e *sarampão* foram tomados, respectivamente como diminutivo e aumentativo, marcados, portanto, com sufixos de grau, e daí se tiraram as formas regressivas *rosmano* e *sarampo*, como falsos primitivos.

Tais derivados regressivos procedem da primeira ou da terceira pessoa do singular do presente do indicativo, o que explica sua distribuição em substantivos de tema em *-o* (se provindos da 1.ª pessoa) ou de tema em *-a* ou *-e* (se provindos da 3.ª pessoa), sem que se possa prever a opção da norma para a escolha da vogal temática. Os de tema em *-o* têm maior vitalidade no português moderno, especialmente na variedade informal: *o amasso, o agito, o chego, o sufoco, o apago* [VK.3, 23-24].

O Prof. Said Ali distribui-os em quatro grupos, levando em conta seu gênero gramatical:

"1.º) Masculino em *-o*: atraso, assento, emprego, voo, esforço, choro, degelo, remo, mergulho, suspiro, mando, confronto, rodeio, galanteio, festejo, gargarejo, etc.

2.º) Masculino em *-e*: embarque, desembarque, combate, corte, toque, etc.

3.º) Feminino em *-a*: amarra, pesca, sobra, suplica, leva, engorda, desova, renúncia, rega, esfrega, entrega, escolha, etc.

4.º) Masculinos e femininos: pago, paga, custo, custa, troco, troca, achego, achega, grito, grita, ameaço, ameaça" [SA.2, 163]

Neste processo, os substantivos tirados de verbos denotam ação, enquanto os substantivos que dão origem a verbos denotam, em geral, objeto ou substância, como *arquivo* → *arquivar, timbre* → *timbrar, apelido* → *apelidar*, e assim por diante. A vitalidade lhes garante formação de derivados: de *apago* se formou *apagão* nos blecautes, momentâneos ou demorados, das grandes cidades.

A ABREVIAÇÃO consiste no emprego de uma parte da palavra pelo todo. É comum não só no falar coloquial, mas ainda na linguagem cuidada, por brevidade de expressão: *extra* por *extraordinário* ou *extrafino*.

A forma abreviada passa realmente a constituir uma nova palavra e, nos dicionários, tem tratamento à parte, quando sofre variação de sentido ou adquire matriz especial em relação àquela donde procede. *Fotografia* e *foto* são *sinônimos* porque designam a mesma coisa, embora a sinonímia não seja absoluta. *Foto*, além de ser de emprego mais corrente, ainda serve para títulos de casas do gênero, o que não se dá com o termo *fotografia*.

Pode-se incluir como caso especial da abreviação o processo de se criarem palavras, com vitalidade no léxico, mediante a leitura (isoladas ou não) das letras que compõem siglas, como, por exemplo:

ONU (Organização das Nações Unidas)

PUC (Pontifícia Universidade Católica)

UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

USP (Universidade de São Paulo)

PT (Partido dos Trabalhadores)

Destas abreviaturas se derivam, mediante sufixos: *puquiano*, *uergiano*, *uspiano*, *petista*, etc.

A REDUPLICAÇÃO, também chamada *duplicação silábica*, consiste na repetição de vogal ou consoante, acompanhada quase sempre de alternância vocálica, para formar uma palavra imitativa:

> *tique-taque, reco-reco, pingue-pongue* (que provavelmente representa o chinês *ping-pang*, através do inglês *ping-pong*, segundo Sapir [ES.1, 82].

Este é o processo geralmente usado para formar as onomatopeias (Ú 74).

A CONVERSÃO consiste no emprego de uma palavra fora de sua classe normal:

> *Terrível palavra é um* ***não****. Não consegui descobrir o* ***porquê*** *da questão.*
>
> *Ele é o* ***benjamim*** *da família.*

Entre os casos de conversão podemos incluir a passagem, por hipertaxe, um grupo de vocábulos (geralmente o final) a palavra isolada: *Ele tem certas* ***fobias*** *(fobia* é a parte de um grupo de palavras que designam aversão a uma coisa: *fotofobia, xenofobia, hidrofobia,* etc). Estamos no século dos *ismos* e das *logias*.

OBSERVAÇÃO: Os casos de conversão recebiam o nome de *derivação imprópria*. Como a conversão não repercute na estrutura do significante de base, muitos estudiosos, com razão, não a incluem como processo especial de formaçao de palavras, como demonstra a hipertaxe.

A COMBINAÇÃO é um caso especial de composição em que a nova unidade resulta da combinação de parte de cada um dos dois termos que entram, na formação: *português + espanhol → portunhol; Bahia + Vitória → Bavi.* São comuns na linguagem jocosa: *sofrer +*

professor → sofressor; *aborrecer + adolescente → aborrecente.*

A INTENSIFICAÇÃO é um caso especial de intensificação ou expressividade semântica de uma palavra já existente mediante o alargamento de sufixos, quase sempre -*izar*, ou às vezes por modelos franceses ou ingleses: *agilizar* por *agir*, *veiculizar* por *veicular*, *obstaculizar* por *obstar*, *protocolizar* por *protocolar*, *culpabilizar* por *culpar*, *depauperizar* por *depauperar.*

Hibridismo – Chama-se hibridismo à formação de palavras com elementos de idiomas diferentes. São mais comuns os hibridismos constituídos da combinação de elemento grego com outro latino ou românico: *sociologia* (latino e grego), *autossugestão* (grego e português), *televisão* (grego e português), *burocracia* (francês *bureau* e grego), *automóvel* (grego e português), *decímetro* (latino e grego).

A nossa língua forma com facilidade hibridismos com elementos estrangeiros que se acham perfeitamente assimilados ao idioma, que passam como elementos nativos. Assim é que *fobia*, *mania, filo, tele, macro, micro, neo, pseudo, auto* e sufixos como *ismo, ista, ico* se juntam a elementos de qualquer procedência: *germanófilo, russófilo, germanofobia, russofobia, retratomania, teleguiado, micro-ônibus, neovencedor, pseudovencedor, autocrítica, autorretrato, caiporismo, governista.*[96]

Radicais gregos mais usados em português – Grande é o número de radicais gregos que encontramos no vocabulário português. Muitos deles nos chegaram através do latim e são antiquíssimos; lembremo-nos de que nos sécs. XVI a XVIII o latim era o veículo das obras de ciência e de filosofia em que abundavam os empréstimos de palavras gregas. Na adaptação dos termos gregos para o latim, geralmente se procedia da seguinte maneira: *k, ai, ei, oi, ou, u, r* (aspirado) gregos eram transliterados para latim, respectivamente em *c, ae, i, oe, u, y* e *rh*, e esta prática prevalecia para o português e demais línguas modernas. Esta norma nem sempre é hoje obedecida quando se trata de novos termos científicos. Assim é que se prefere *calidoscópio* a *caleidoscópio* (ei > i), apesar de, na linguagem técnica, dizer-se *dêictico* e não *díctico*. Aberta a porta para a introdução de palavras ou elementos de empréstimo numa língua, esta pode utilizá-los como bem lhe aprouver, criando distinções até então desconhecidas na língua de origem; assim é que, em português, distinguimos *amoral* 'que não é nem contrário nem conforme a moral' e *imoral* 'contrário a moral'.

Nessas criações com elementos eruditos, como bem diz Benveniste, o criador pensa na sua língua e escolhe o termo greco-latino, cujo significado originário nem sempre é o pretendido; o citado linguista estuda o termo *micróbio* criado por Sédillot (1804-1882) e mostra que, além da palavra não existir no grego, jamais seria criada para significar 'vida curta', pois *mikrós* não se ligaria a *bíos*, como em português não se apõe *breve* a *vista*, mas *vista curta.* Por outro lado, em regra não vamos ao grego para formar palavras novas; elas nos vêm do estrangeiro, mormente de França, e agora dos países de língua inglesa, através da nomenclatura científica

comum à maioria das nações cultas. E os erros que lá fora se cometem na formação dos neologismos não são por nós corrigidos. Aceitamos, e não há como corrigi-las, formas errôneas, como *quilômetro* (por *quiliômetro*), *hectômetro* (por *hecatômetro*).

Outras vezes não se leva em conta o significado rigoroso do termo grego. Assim se aplica *álgos* à dor física em vez da moral e se diz *cefalalgia* (dor de cabeça), *odontalgia* (dor de dente), *nevralgia* (dor de um nervo); também empregando-se *geo* para indicar *terra* como elemento, em vez de *argila* (uma vez que o primeiro só se poderia aplicar ao globo terrestre), se diz *geófago* (= comedor de terra) por *argilófago*. Ainda nos cabe dizer que muitos dos nomes técnicos, principalmente gregos, trazem na sua etimologia uma noção que o progresso científico considera errônea ou imperfeita. Destarte, *átomo*, que significa *indivisível*, *o que não se pode mais dividir*, não pode ser hoje tomado ao pé da letra; *oxigênio* quer dizer *gerador de ácidos*, como se todos os ácidos contivessem este corpo. Como são termos cuja etimologia não é inquirida, podem continuar a ser empregados sem inconveniência. Por fim, lembramos os casos de *esquecimento etimológico* em que o sentimento moderno não dá conta do significado de elemento constitutivo da palavra, dizendo, por exemplo, *ortografia correta* (orthós = correta), *caligrafia bonita* (calós = belo). Os bem falantes reagem contra muitos esquecimentos como *hemorragia de sangue, decapitar a cabeça, exultar de alegria*, estes dois últimos latinos.

Os principais radicais gregos usados em português são:

aér, aér-os (ar, vapor): aeronauta, aerostato, aéreo
ángel-os, aggel-os (enviado, mensageiro): anjo, evangelho
ág-o, agog-ós (conduzir, condutor): demagogo, pedagogo
ag-ón, ôn-os (combate, luta): agonia, antagonista
agr-ós (campo): agronomia
aithér (céu): etéreo
âthlon (certame): atleta
eti-a, aití-a (causa): etiologia
ácr-on, ákr-on (alto, extremidade): acrópole, acrobata, acróstico
álg-os (sofrimento, dor): nevralgia, nostalgia
állos (outro): alopatia
alpha (a = 1.ª letra do alfabeto): alfabeto
ánem-os (vento, sopro): anemoscópio, anêmona
ânt-os, ânth-os (flor): antologia
antrop-os, ánthrop-os (homem): filantropo, misantropo, antropófago
arc-aîos, arch-aîos (antigo): arcaico, arqueologia
arc, arkh-é (governo): anarquia, monarquia
arc, arch-ós (chefe que comanda): monarca
aritm-ós, arithm-ós (número): aritmética, logaritmo
árct-os (urso): ártico, antártico ("o nome *ártico* refere-se às constelações Grande Urso e Pequena Ursa, em uma das quais se acha a Estrela Polar", [SA.2, 167].
astér, ast(é)r-os (estrela): asteróide, astronomia
atmós (vapor): atmosfera
aut-ós (si mesmo): autógrafo, autonomia
bál-o, báll-o (projetar, lançar): balística, problema, símbolo
bor-is, bor-ýs, bár-os (pesado, grave): barítono, barômetro
bibl-íon (livro): bibliófilo, biblioteca

bí-os (vida): biografia, anfíbio
cené, skené (tenda): cenografia
cianos, *kýanos* (azul): cinanídrico
cir, *quir-ós*, *cheír*, *cheir-ós* (mão): quiróptero, cirurgia, quiromancia
cion, *kýon* (cão): cinegética
col-é, *khol-é* (bílis): melancolia
cor-os, *corea*, *chor-ós* (coro): coreía, (dança em coro), coreografia
clorós, klorós (verde): clorofila
cron-os, *chrón-os* (tempo): crônico, cronologia, isócrono, anacronismo
cópto, *kópto* (bato, corto): síncope
crom-a, *khrôm-a* (cor): cromolitografia
chíliai, *chília* (mil): quilômetro, quilograma
cris-ós – chrys-ós (ouro): crisóstomo, crisália, crisântemo
crátos, *krátos* (força): democracia
crípto, *krípto* (escondo): criptônimo, criptografia
quil-ós – chylós (suco): quilífero
dáctil-os – dáktyl-os (dedo): datilografia ou dactilografia
déca, *déka* (dez): decassílabo, decálogo
dêm-os (povo) democracia, epidemia
dérm-a (pele): epiderme, paquiderme
dís, di (dois): dissílabo, ditongo
dis, *dys* (mal, difícil): digestão
dô-ron (dom, presente): dose, antídoto, Pandora
dóx-a (opinião): ortodoxo, paradoxo
drâ-ma — atos (ação, drama): drama, dramático, melodrama
dróm-os (corrida, curso): hipódromo, pródromo
dínam-is — dýnam-*is* (força): dinâmica, dinamômetro
édr-a (base, lado): pentaedro, poliedro
id-os, *eîd-os* (forma), donde procede *óide* (que se assemelha a): elipsoide
ic-ón — eik-ón — ón-os (imagem): ícono, iconoclasta
électra — élektr-on (âmbar, eletricidade): elétrico, eletrômetro
estoma, *stóma* (boca): estômago, estomatite
érg-on (obra, trabalho), daí os sufixos — urgo, — urgia: metalurgia, dramaturgo, energia
escafe, scáphe (barco): escafandro
énter-a (entranhas, intestino): enterite, disenteria
estásis, *stásis* (ação de estar): hipóstaxe
étn-os — éthn-os (raça, nação): étnico, etnografia
étimos, *étymos* (verdadeiro): etimologia
gám-os (casamento), daí *gamo* (o que se casa): polígamo, bígamo, criptógamo
gastér, *gast(é)-ros* (ventre, estômago): gastrônomo, gastralgia
gê, *geo* (terra): geografia, geologia
génes-is (ação de gerar): gênese, hidrogênio
gén-os (gênero, espécie): homogêneo, heterogêneo
giné, *gyné* (mulher): ginecologia
giminós, *gyminós* (nu): ginástica
glôss-a ou *glôtt-a* (língua): glossário, glotologia, epiglote
gon-ía (ângulo): polígono, diagonal
gon-ós (formação, geração): cosmogonia, teogonia
gráf-o, gráph-o (escrever), e daí *graph-ía* (descrição), *gráph-o* (que escreve), *grámm-a* (o que está escrito):

geografia, telégrafo, telegrama
hágios (sagrado): hagiologia
hem-a — haêm-a — atos (sangue): anemia, hemorragia
here-o — hairé-o (tomar, escolher): heresia, herético
hélios (sol): helioscópio, heliotrópio
hemér-a (dia): efêmero, efemérides
hemí (metade): hemiciclo
héter-os (outro): heterodoxo, heterogêneo
heptá (sete): heptassílabo
héx (seis): hexágono
hier-ós (sagrado): hierarquia, hieróglifo
híp-os — hípp-os (cavalo): hipódromo, hipófago
hól-os (entregue de todo, inteiramente): ológrafo, holocausto
hom-ós, *homeo* (semelhante, o mesmo): homogêneo, homônimo, homeopatia
hór-a (hora): horóscopo
horáo (vejo), *hórama* (visão): panorama
hid-or — hýd-or (água), daí *hidro, hydro,* como elemento de composição: hidrogênio, hidrografia
ict-io — icht-ýo — ýos (peixe): ictiologia, ictiófago
ídios (próprio, particular): idioma, idiotismo
ísos (igual): isócrono, isotérmico
cac-ós — kak-ós (mau): cacofonia, cacografia
cal-ós — káll-os (belo), *kallos* (beleza): caligrafia
card-ía — kard-ía (coração): cardíaco, pericárdio
carp-ós — karp-ós (fruto): pericarpo, endocarpo
cefal-é — kephal-é (cabeça): cefalgia, encéfalo
clíno, klíno (inclino): ênclise, próclise
cósm-os — kósm-os (mundo): cosmografia, cosmopolita
coinós, *koinós* (em comum): cenobita
crát-os — krát-os (poder): democrático, aristocrático
cicl-os — kykl-os (círculo): hemicídio, bicicleta
lég-o (dizer, escolher): prolegômeno, ecletismo
lepís, *lepídeos* (escama): lepidóptero
lambán-o (tomar, daí *lêps-is* (ação de tomar), *lémma* (coisa tomada): eplepsia, lema, dilema
lítos, líthos (pedra): monólito, litografia
lóg-os (discurso, tratado, ciência): diálogo, arqueologia, bacteriologia, epílogo
máqu-e — mách-e (combate): logomaquia
macr-ós — makr-ós (comprido, longo): macróbio
man-ía (mania, loucura, gosto apaixonado por): bibliomania, monomania
manci-a — manteí-a (adivinhação, profecia): cartomancia, quiromancia
mártys — mártyros (testemunha): mártir, martirólogo
mazós (mama, seio): mastodonte
mégas, megále (grande): megalomania, megalócito
mélas, *mélan* (negro): melancolia, melanésia
mélos (música, canto): melodia, melodrama
méros (parte): pentâmero
mésos (meio): Mesopotâmia
méter, metrós (mãe): metrópole
métron (medida): barômetro, termômetro
micrós, mikrós (pequeno): micróbio, microscópio

mîmos (que imita): mimetismo, mímica
mis, mŷs, myós (músculo): miocárdio
mîsos (ódio): misantropo
mnéme (memória): amnésia, mnemotécnica
mónos (só): monólogo, monólio
morfé — morphé (forma): morfologia
mitos — mŷthos (fábula, mito): mitologia
miria — myria plural de *myrías* (dez mil): miriápode
naûs (nau): navio, náutica
necros — nekrós (morto, cadáver): necrópole, necrologia
né-os (novo): neologismo, neófito
nês-os (ilha): micronésia, melanésia
neûron (nervo): nevralgia, neurastenia
nóm-os (lei, administração, porção): astronomia, autonomia
octó (oito): octossílabo
od-é (canto): paródia
ad-os, hodós (caminho, via): êxodo, método, período
odus, odóntos (dente): odontologia
ónima, ónom-a, onyma (nome): pseudônimo, sinônimo
ófis, ofid — ophis, ophidos (serpente): ofídio
oftalmós — ophthlmós (olho, vista): oftalmia, oftalmoscópio
oîcos, oîkos (casa): economia, paróquia
óps, opós (vista): *ópsis* (ação de ver)
optikós (que se refere a visão): miopia, autópsia
hóram-a (vista): cosmorama, panorama
órnis, órnitos, órnithos (pássaro): ornitologia
óros (montanha): orografia
ortós — orthós (direito, reto): ortodoxo, ortografia, ortopedia
ostéon (osso): osteologia, periósteo, osteoporose
osmós (impulso): osmose
óxis — óxys (ácido, agudo): oxigênio, paroxismo
paideía, pedia (educação): pedagogo, enciclopédia
pente (cinco): pentágono
pes, pedos — paîs, paidós (criança, menino): pedagogia
paleos — palaiós (antigo): paleontologia, paleografia
pân, pantós (todos): panorama, panóplia, panteísmo, pantógrafo
patos — páthos (afecção, doença): patologia, simpatia
fag-o, phágo, phageîn (comer): antropófago, hipófago
fan-o, fen-o, phaíno (fazer aparecer, brilhar): diáfano, fenômeno
femi — phemí (eu digo, falo): eufemismo, profeta
fero, foros — phéro (levar, trazer):, *phor-ós* (que leva): fósforo, semáforo
filon, *phŷllon* (folha): clorofila
fílos — phílos (amigo): filarmonia, filantropo
físis, phýsis (natureza): fisionomia
fobeo, fóbos — phobe-os (temer, fazer fugir), daí *phob-os*: hidrófobo, anglófobo, russófobo
fôs, fotós — phos, photós (luz): fósforo, fotografia
frasis, phrásis (ato de dizer): perífrase
plut-os — ploût-os (riqueza): plutocracia
fon-é — phon-é (voz articulada): cacofonia

poléo (vendo): monopólio
pólis (cidade): acrópole, metrópole, necrópole
pépsis (cozimento): dispepsia
polis — polýs (muito): poligamia, polígono, policromia, polinésia, policlínica
pús, podós — poús, pod-ós (pé): antípoda, miriápode
pétalon (pétala): minopétalo
prôtos (primário, primeiro): protagonista, protocolo, protozoário, protoplasma
plésso (bato, firo): apoplexia
pseûdos (falsidade, mentira): pseudônimo
pleurá, *pleurón* (lado, flanco): pleurite
psiqué — psyché (alma): psicologia, metempsicose
pnêuma, *pnêumatos* (que respira, sopra): pneumático, dispneia
pterón (asa): quiróptero, coleóptero
ptôma (cadáver): ptomaína, ptomofagia
pir, pir-os — pŷr, pyr-ós (fogo, febre): pirotécnico, antipirina
poiéo (eu faço): onomatopeia
pénte (cinco): pentassílabo
potamós (rio): hipopótamo
pile, *pŷle* (porta): piloro
ptissis, ptýsis (escarro): hemoptise
sárx (carne): sarcoma, sarcófago
semion, *semeîon* (sinal): semiologia, semântica
sépo (apodreço): antissético, antisséptico
síderos (ferro): siderurgia, siderita, siderografia
spérma (semente): esperma, espermatozoide
stéllo (envio): epístola
sticos, *stíkhos* (verso): hemistíquio, dístico
re-o – rhé-o (correr, fluir): catarro, diarreia
sism-os – seism-ós, daí *sism* (estremecimento): sismologia, sísmico
scope-o – skopéo (examinar, daí *scópio* (que faz ver): telescópio, microscópio, osciloscópio
sofós – sophós (sábio): filósofo
estatós – statós (que se mantém): aeróstato, hidrostática
esfera, *sphaîra* (esfera): atmosfera
estilo, *stŷlos* (coluna): peristilo
estere-o – stere-o (sólido): estereótipo, estereomia
estratos, *stratós* (exército): estratégia
estref-o – stréph-o (virar, voltar): apóstrofe, catástrofe
tafos – taphos (túmulo): epitáfio, cenotáfio
témno (divido): anatomia
tautó por *tò autó* (o mesmo): tautologia
táxis (arranjo, ordem): sintaxe
taumatos, *thaumatós* (prodígio, milagre): taumaturgo
técne — téchne (arte): politécnico
téras, *tératos* (prodígio, fenômeno, monstro): teratologia
tema, *théma* (ato de colocar): anátema
têle (longe): telégrafo, telefone, telescópio
tétara, *tetra* (quatro): tetraedro
te-os — the-ós (deus): teologia, teocracia, politeísmo
termós — thermós (calor): termômetro

tésis — *thésis* (ação de por, ter): antítese, síntese
trefo, *trépho* (alimento): atrofia
tomé (cortadura, seção): tomo, átomo, estereotomia
trépo (envolto, mudo): heliotrópico
tópos (lugar): tópico, topografia, atopia
triás, *tríados*, *trees*, *tria* (três): trinômico, tríade
traûm-a – atos (ferimentos): traumático
tip-os – týp-os (tipo caráter): tipografia, arquétipo
zôi-on (animal, ser vivo): zoologia, zoófito

Famílias etimológicas de radical latino – Chama-se *família etimológica* a uma série de palavras cognatas. Cabem aqui as judiciosas observações do Prof. Said Ali: "parece cousa extremamente fácil distinguir palavras derivadas de palavras primitivas quando se trata de exemplo como *pedreiro, pedraria, pedregulho* ou *fechamento, laranjal, bananeira*, que não requerem especial cultivo da inteligência para alguém saber que se filiam respectivamente a *pedra, fechar, laranja, banana*. São entretanto numerosos os casos em que transparece menos lúcida a relação entre o termo derivado e o derivante, sendo necessário algum estudo para perceber a filiação. Outras vezes tem havido tal exclusão de forma e sentido, que surge um curioso conflito entre o sentimento geral do vulgo e o fato encarado à luz da pesquisa científica"[SA.2, II, 3].

Nesta matéria cabe distinguir cuidadosamente uma forma *livre* de uma forma *presa* (cf. **Afixos: prefixos e sufixos. Interfixos**). *Receber*, por exemplo, é considerada como derivada prefixal, embora *-ceber* não tenha curso independente na língua, porque é uma forma presa de *caber*, que aparece numa série de palavras portuguesas 97:

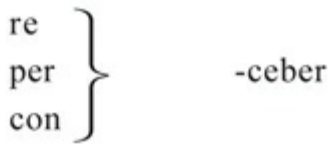

O mesmo ocorre com *resistir* e *iludir* cujas formas presas *-ludir* e *-sistir* são elemento comum a uma série:

Já o mesmo critério não se aplica a outras palavras como *esquecer* e *inteligência*, que passaram a funcionar, para o sentimento dos que falam português, como palavras primitivas.

Tenha-se presente ainda que, muitas vezes, se usam em português dois radicais oriundos de duas formas flexivas de uma mesma palavra: *câncer* e *cancro*.

Eis uma pequena lista de cognatos com radical latino:

aequus, a, um (direito, justo): adequar, equação, equidade, igual, iníquo.

ager, agri (campo): agrário, agricultor, agrícola, peregrino

ago, agis, egi, actum, agere (impelir, fazer): ágil, ator, coagir, exigir, indagar, pródigo

alter, a, um (outro): alterar, alternância, altruísmo, outro

ango, angis, anxi, ângere (apertar): angina, ângulo, angústia, ânsia, angusto

audio, audis, audivi, auditum, audire (ouvir): auditório, audiência

bellum, i (pugna, combate): belonave

bos, bovis (boi): bovino

cado, cadis, cécidi, casum, cadere (cair): acidente, cadente, incidir, ocaso

caedo, caedis, cecidi, caesum, caedere (cortar): cesariana, cesura, conciso, incisão, precisar

Há numerosos derivados em *cida, cidio*, cuja significação é "matar":

fratricida, homicida, infanticida, matricida, patricida, regicida, uxoricida, suicida, fratricídio, homicídio, suicídio, etc.

candeo, candes, candui, candere (embranquecer): cândido, candura, incandescer

cano, canis, cecini, cantum, canere (cantar): celebrar, predizer (este na língua religiosa): canoro, cântico, cantilena, acento. Há numerosos derivados em *-cínio*: vaticínio ('canto do vate', no significado de *profeta*), galicínio ('canto do galo'), tirocínio

capio, capis, cepi, captum, capere (tomar): antecipar, cativo, emancipar, incipiente, mancebo

caput, capitis (cabeça): cabeça, capitão, capital, decapitar, precipício

caveo, caves, cavi, cautum, cavere (ter cuidado): cautela, incauto, precaver-se

cedo, cedis, cessi, cessum, cedere (ceder): cessão, concessão, conceder

cerno, cernis, crevi, cretum, cernere (núcleo): discernir, cerne, concernir

clamo, clamas, clamavi, clamatum, clamare (chamar): proclamar, clamador

clarus, clara, clarum (claro): claridade, clareza

colo, colis, colui, cultum, colere (habitar, cultivar): agrícola, colônia, culto, íncola, inquilino, cultura (*agri-, avi-, hort-, pisci-, triti-, vini-,* etc.)

cor, cordis (coração): acordo, discórdia, misericórdia, recordar

dico, dicis, dixi, dictum, dicere (dizer): abdicar, bendito, dicionário, ditador, fatídico, maledicência

do, das, dedi, datum, dare (dar): data, doação, editar, perdoar, recôndito

doceo, doces, docui, doctum, docere (ensinar): docente, documento, doutor, doutrina, indócil

duo, duae, duo (dois): dobro, dual, duelo, duplicata, dúvida

duco, ducis, duxi, ductum, decere (levar, dirigir): conduto, duque, educação, dútil, produzir, tradução, viaduto

Deste radical há numerosos derivados em *duzir* (*a-, con-, de-, intro-, pro-, re-, se-, tra-,* etc.).

edo, edes, edi, esum, edere (comer): comer, comida, comestível (*cum* + *edo*)

eo, is, ivi, itum, ire (ir): comício, circuito, itinerário, transitivo, subir

facio, facis, feci, factum, facere (fazer): afeto, difícil, edificar, facínora, infecto, malefício, perfeito, suficiente

Há numerosos derivados em *ficar* (*clari-, falsi-, grati-, puri-,* etc.)...

fero, fers, tuli, latum, ferre (levar, conter): ablativo, aferir, conferência, fértil, oferecer, prelado, relação98

frango, frangis, fregi, fractum, frangere (quebrar): fração, frágil, infringir, naufrágio, refratário

fundo, fundis, fudi, fusum, fundere (derreter): fútil, funil, refutar, fundir (*con-, di-, in-, re-*), confuso, difuso, profuso

gero, geris, gessi, gestum, genere (gerar): beligerância, exagero, famigerado, gerúndio, registro

gigno, gignis, genui, genitum, gignere (produzir): genitor, genital

iaceo, iaces, iacui [part. fut. *iaciturus*], *iacere* (jazer): jazigo, jacente, adjacente, subjacente

gradior, graderis, gressus sum, gradi (avançar andando): egresso, ingressar

iacio, iacis, ieci, iactum, iacere (lançar): abjecto, jato, jeito, injeção, sujeito

lac, lactis (leite): lácteo, lactante, lactente, leiteria, laticínio

lateo, lates, latui, latum, latere (estar escondido): latente

lego, legis, legi, lectum, legere (ler): florilégio, legível, leitura, lente
loquor, loqueris, locutus sum, loqui (falar): colóquio, eloquência, locução, prolóquio
ludo, ludes, lusi, lusum, ludere (jogar): ludopédio, lúdico
misceo, misces, miscui, mistum (e *mixtum*) *miscere* (misturar): mexer, misturar, miscível
mitto, mittis, misi, missum, mittere (mandar): demitir, emissão, missionário, remeter, promessa
moneo, mones, monui, monitum, monere (advertir, fazer lembrar): admoestar, admonitor
mentior, mentiris, mentitus sum, mentiri (mentir): mentir, mentira
moveo, moves, movi, motum, movere (mover): motorista, motriz, comoção, móvel
nascor, nasceris, natus sum, nasci (nascer): natal, nativo, nascituro, renascimento
nosco, noscis, novi, notum, noscere (conhecer): incógnita, noção, notável
opus, operis (obra): obra, cooperar, operário, opereta, opúsculo
os, oris (boca): oral, oralidade
patior, pateris, passus sum, pati (sofrer): compatível, paciente, paixão, passional, passivo
pendeo, pendis, pependi, pensum, pendere (pender): suspenso
pes, pedis (pé): pedal, pé
plico, plicas, plicavi ou *plicui*, *plicatum* ou *plictum*, *plicare* (fazer pregas): dobrar, aplicar, chegar, cúmplice, explicar, implícito, réplica
pono, ponis, posui, positum, ponere (colocar): aposto, dispositivo, disponível, posição, posto
quaero, quaeris, quaesivi ou *quaesii, quaesitum, quaerere* (procurar): adquirir, inquirir, quesito, questão, questor
rapio, rapis, rapui, raptum, rapere (roubar): rapto, raptar
rego, regis, rexi, rectum, regere (dirigir): correto, reitor, regência, regime, reto
rumpo, rumpis, rupi, ruptum, rumpere (romper): corrupção, corruptela, roto, ruptura, erupção
scribo, scribes, scripsi, scriptum, scribere (escrever): escritor, escritura
seco, secas, secui, sectum, secare (cortar): bissetriz, inseto, secante, seção, segador, segmento
sedeo, sedes, sedi, sessum, sedere (estar sentado): sedestre
solvo, solvis, solvi, solutum, solvere (desunir): absolver, dissoluto, resolver, solução, solúvel
specio, specis, spexi, spectum, specere (ver): aspecto, espetáculo, perspectiva, prospecto, respeito, suspeito
sto, stas, steti, statum, stare (estar): estado, distância, estante, obstáculo, substância
sterno, sternis, stravi, stratum, sternere (estender por cima): consternar, estrada, estratificar, prostrar
sumo, sumis, sumpsi, sumptum, sumere (tomar, apoderar-se): assumir, consumir, sumidade, sumário
tango, tangis, tetige, tactum, tangere (tocar): contagioso, contingência, tato, contato, atingir
tendo, tendis, tetendi, tensum ou *tentum, tendere* (estender): atender, distenso, contente, extenso, pretensão
teneo, tenes, tenui, tentum, tenere (ter): contentar, abstinência, tenaz, sustentar, tenor, detento
trado, tradis, tradidi, traditum, tradere (trazer): tradição, extraditar
tribuo, tribuis, tribui, tributum, tribuere (repartir): atribuir, retribuir
torqueo, torques, torsi, tortum, torquere (torcer): extorsão, tortura, extorquir, tortuoso, distorção
verto, vertis, verti, versum, vertere (tornar, voltar): verter, versão
video, vides, vidi, visum, videre (ver): evidência, próvido, vidente, visionário, previdência
venio, venis, veni, ventum, venire (vir): vir, vinda
vivo, vivis, vixi, victurus, vivere (viver): vida, viver
volvo, volvis, volvi, volutum, volvere (envolver): devolver, envolto, revolução

3 – Estudo Estrutural do Léxico: A Lexemática

Entende-se por *lexemática* ou *semântica estrutural* o estudo da estrutura do conteúdo ("significado") léxico.

Para evitar confusões que perturbam tal estudo, convém distinguir as *relações de significação* das *relações de designação*. As relações de significação são relações entre significados dos signos linguísticos, enquanto as relações de designação são relações entre signos linguísticos inteiros e os "objetos", isto é, as realidades extralinguísticas por eles designados e representados no discurso. Só as relações de significação são estruturáveis. Um exemplo para clarear a distinção: a designação de dois signos pode ser a mesma sem que seus significados sejam idênticos. Coseriu exemplifica com os termos gregos *brotós* e *ánthropos*, que designam a mesma classe de objetos (os homens), mas não têm o mesmo significado, isto é, não significam "o mesmo": *brotós* significa "homem como não deus" e *ánthropos* significa "homem como não animal".

Outras disciplinas *semânticas* – É justamente o estudo da estruturação das relações de significação que separa a lexemática de outras disciplinas, todas importantes, que, chamadas ou não "estruturais", estudam a "semântica", no sentido amplo do termo. Todo problema que lide com a significação é, em certo sentido, "semântico"; todavia nem todo problema "semântico" é *lexemático*, pois este só diz respeito às relações estruturais, paradigmáticas e sintagmáticas, dos significados léxicos num mesmo sistema linguístico, isto é, numa *língua funcional*.

O objeto ideal das disciplinas lexicológicas 99 – a lexemática inclusive –, como de qualquer descrição estrutural, deve ser a língua funcional, como já vimos.

Destarte, a lexemática, entendida como estrutura do significado, tem propósito diferente da *onomasiologia* (partindo do significado, a disciplina estuda as relações entre este significado e os diferentes significantes que o expressam, como, por exemplo, as denominações do corpo humano "interidiomaticamente" estudadas, quer nas várias línguas funcionais de uma mesma "língua histórica" (o português, por exemplo) ou em "línguas históricas" diferentes (o português e o francês, por exemplo), da *semasiologia* (partindo do significante, a disciplina estuda as relações que unem este significante aos diferentes significados que pode expressar) como, por exemplo, os diferentes significados que idiomaticamente podem ser expressos pelo significante "*ponto*" (*ponto* para a geometria, para a linguagem escolar, para o teatro, para a costureira, para o funcionário, etc.) 100, dos *campos associativos* (estudam as associações de um signo com outros signos estabelecidos por similitude ou por contiguidade, tanto dos significantes quanto dos significados, associações motivadas por ideias, crenças e atitudes relativas às "coisas" (como *boi* associado não só a *vaca*, *touro*, *bezerro*, *chifre*, mas também a *trabalho*, *força*, *vigor*, *paciência*, *mansidão*). São configurações associativas, como diz Coseriu, que têm interesse para a psicolinguística, para a linguística do falar e para a do texto, mas não constituem objeto da descrição estrutural das línguas [ECs.1, 165].

A lexemática e as palavras lexemáticas – Se cabe à lexemática o estudo das relações de significação, só lhe interessam, em princípio, as palavras lexemáticas, que manifestam a configuração semântica do léxico.

Por isso estão fora da consideração da lexemática as palavras que constituem

“equivalências de orações”(interjeições, partículas de afirmação e de negação, como *sim*, *não*), as palavras morfemáticas (artigos, preposições, conjunções) e as palavras categoremáticas (dêiticos ou pronomes, como *eu*, *meu*, *agora*, *aqui*), bem como os nomes próprios e os numerais, porque não são estruturáveis, embora participem da maioria dos fenômenos léxicos (como a modificação, o desenvolvimento, a composição) [ECs.2, 88].

Estruturas paradigmáticas – As estruturas lexemáticas que podem ser identificadas no léxico ou são paradigmáticas ou sintagmáticas.

Chamam-se estruturas paradigmáticas no léxico as estruturas constituídas por unidades léxicas que se encontram em oposição no eixo da seleção. Assim, “bom-mau”, “casa – casinha”, “morrer – mortal” são oposições que manifestam estruturas paradigmáticas.

Diz-se *estrutura primária* se seus termos se implicam reciprocamente, sem que um deles seja primário em relação aos outros; “jovem” implica “velho” e “velho” implica “jovem”, mas nenhum deles é primário em relação ao outro.

Diz-se *estrutura secundária* se a implicação entre seus termos é de “direção única”. Assim “casa” - “casinha”, “morrer” - “mortal”, “trabalhar” - “trabalhador” são estruturas secundárias, porque o primeiro termo de cada par está implicado pelo segundo, mas não o inverso, pois a definição do conteúdo “casa” é independente do conteúdo “casinha”, mas a definição do conteúdo “casinha” inclui necessariamente o conteúdo “casa”.

Os dois tipos de estruturas primárias – Há dois tipos de estruturas paradigmáticas primárias: o *campo léxico* e a *classe léxica*.

Um *campo léxico* é uma estrutura paradigmática constituída por unidades léxicas que se repartem numa zona de significação comum e que se encontram em oposição imediata umas com as outras.

Por exemplo, podemos preencher a lacuna em:

Estive três _____ *em Fortaleza*;

selecionando um dos seguintes lexemas do paradigma: *segundo*, *minuto*, *hora*, *dia*, *semana*, *mês*, *ano*, etc., ficando excluídos termos como: *árvore*, *casa*, *rio*, *cadeira*, etc.

Em *O muro é verde*, *verde* exclui imediatamente *azul*, *branco*, *cinza*, etc., que pertencem ao mesmo campo léxico (o das cores), mas não termos como *muito*, *pouco*, *bastante*, *menos*, etc., que pertencem a outros campos.

Cada unidade de conteúdo léxico expresso no sistema linguístico é um *lexema*. Nos exemplos acima, *segundo*, *minuto*, *hora*, etc. são lexemas.

Uma unidade cujo conteúdo é idêntico ao conteúdo comum de duas ou mais unidades de um campo é um *arquilexema*. Os traços distintivos que caracterizam os lexemas chamam-se *semas*, como emprega o linguista B. Pottier.

Tomemos, para simples exemplo, o campo lexical de “assento”, estudado pelo citado Pottier, em que “assento” é o arquilexema desse campo, que tem como lexemas, em português, entre outros que deixaremos de lado: *cadeira*, *poltrona*, *sofá*, *canapé*, *banco* e *divã* [BP.1;

MV.1, 80-81].

Como traços distintivos dos lexemas, proporemos os seguintes *semas*:

s1: ‘objeto construído para a gente se sentar’

s2: ‘com encosto’

s3: ‘para uma pessoa’

s4: ‘com braços’

s5: ‘com pés’

s6: ‘feito de material rijo’

Levando-se em conta que a presença do sema será indicado por + e, sua ausência por – , teremos:

	s1	s2	s3	s4	s5	s6
banco	+	–	–	–	+	+
cadeira	+	+	+	–	+	+
poltrona	+	+	+	+	+	–
sofá	+	+	–	+	+	–
divã	+	–	+	–	+	–
canapé	+	+	–	+	+	+

Pelo exposto, vê-se que não basta dizer, por exemplo, que “*banco* é um objeto construído para a gente se sentar”, pois tal definição se aplicaria indistintamente a todos os lexemas incluídos no campo léxico. Com base nos semas, isto é, nos traços distintivos que separam os lexemas arrolados no exemplo, diremos que “banco é um objeto construído para a gente se sentar, com material rijo (madeira, ferro, cimento), dotado de pés”.

Se se tratasse de *cadeira*, definiríamos “objeto construído para a gente se sentar, com encosto, para uma pessoa, dotado de pés e feito de material rijo”.

Um lexema pode funcionar em vários campos; é o caso do adjetivo *fresco* que funciona no campo dos adjetivos como *novo*, *velho*, etc. (cf. *queijo fresco*, *fruta fresca*), ou no campo dos adjetivos *frio*, *quente*, *morno*, etc. (*manhã fresca*, *brisa fresca*).

Sobre *neutralizações* e *sincretismos* no léxico.

Classe léxica – Chama-se *classe léxica* a uma classe de lexemas determinados por um *classema*. *Classema* é um traço distintivo comum que define uma classe, independentemente dos campos léxicos. Assim, *jovem*, *inteligente*, *gago* pertencem a campos léxicos distintos,

mas podem estar incluídos na mesma classe pelo classema "ser humano", já que podemos dizer de uma pessoa que ela é *jovem*, ou *inteligente* ou, finalmente, *gago* [MV.1, 1979, 70 e ECs.2, 176].

Para os substantivos, podem-se estabelecer, por exemplo, classes como: "seres vivos", "coisas" e, dentro da classe "seres vivos", por exemplo, "seres humanos", "seres não humanos", etc.

Para os adjetivos, pode haver classes como "positivo", "negativo" que justificam coordenações aditivas do tipo "*bom* e *inteligente*", ou coordenações adversativas do tipo "*bom* mas *brigão*".

Para os verbos podem-se também constituir várias classes, como as já conhecidas "transitivo e intransitivo" (com possibilidades de subtipos, como "transitivos que não admitem voz passiva e transitivos que a admitem), ou ainda, com base no classema "direção" (em relação ao agente da ação), os verbos "adlativos", isto é, em direção de aproximação do agente (do tipo de *comprar*, *ganhar*, *receber*, *recolher*, etc.) e os "ablativos", isto é, em direção de afastamento do agente (do tipo de *vender*, *dar*, *entregar*, *soltar*, *devolver*, etc.).

Há lexemas que se apresentam na intersecção de duas classes quanto ao seu significante, mostrando-se insensível à diferença classemática, cujo significado em uso só se pode depreender no contexto.

É o que ocorre com substantivos como *hóspede* ("aquele que dá ou recebe hospedagem"), com verbos como *alugar* ("aquele que dá ou recebe de aluguel"), em orações do tipo: *Enildo é meu hóspede*; *Zélia alugou o apartamento*.

Entram neste rol palavras como *saudoso* ("que sente ou causa saudade"), *temeroso* ("que sente ou causa temor"), *arrendar* ("que dá ou toma de renda"), *esmolar* ("que dá ou pede esmola") [MBa.3, 290 e MBa.5, 151].

É o caso também de substantivos e adjetivos que podem ser tomados à boa e à má parte, como *sucesso*, *fortuna* (= destino), *êxito*, *ventura*, e que foram depois especializados no bom sentido; quando se empregam hoje diferentemente, requerem um adjetivo da classe "negativo": *mau sucesso*, *triste fortuna*, *mau êxito*, *pobre ventura*, etc. [MBa.3, 282].

Às vezes, a língua desfaz a duplicidade de conteúdo com o recurso a novas palavras; assim *hóspede* se especializa ou pode-se especializar em "aquele que recebe a hospedagem", e se cria a palavra *hospedeiro* para o que dá hospedagem. Outras vezes, com a especialização da classe, como ocorre com *hóspede* (especializado modernamente para aquele que recebe hospedagem), o que não ocorre, entretanto, com o verbo *hospedar* (= dar ou receber hospedagem; neste último significado, aparece como pronominal: *Eu me hospedei num hotel barato*).

Estruturas secundárias – As estruturas paradigmáticas secundárias correspondem ao domínio da formação de palavras e podem manifestar-se por estruturas de *modificação*, de *desenvolvimento* e de *composição*, que implicam sempre a transformação irreversível de um termo primário existente como lexema de conteúdo (significado) e de expressão (significante) na língua. Consumada a transformação, o termo – agora secundário – pode receber

determinações gramaticais explícitas próprias dos termos primários, como a pluralização: *casa* → *casas*; *casa* → *casinha* → *casinhas*.

Dada a extensão que merece o estudo dos três tipos de estruturas secundárias, trataremos dele na parte mais adiante em que se estudam os procedimentos de formação de palavras do ponto de vista das relações de significação.

Estruturas sintagmáticas: as solidariedades – As estruturas sintagmáticas são solidariedades, isto é, relação entre dois lexemas pertencentes a campos diferentes dos quais um está compreendido, em parte ou totalmente, no outro, como traço distintivo (sema), que limita sua combinação.

Distinguem-se três tipos de solidariedade: *afinidade*, *seleção* e *implicação*.

Na AFINIDADE, o classema do primeiro lexema funciona como traço distintivo no segundo. Assim, *pé* e *pata* têm como traços distintivos ao conteúdo 'membro de sustentação do corpo' a classe 'pessoa' (*pé*: "membro de sustentação de pessoa") e 'animal' (*pata*: "pé de animal"). O mesmo com *grávida* e *prenhe*; os traços distintivos do conteúdo "fecundação" são a classe 'pessoa' (*grávida*: "fecundada em relação a pessoas"), e 'animal' (*prenhe*: "fecundada em relação a animal") [ECs.2, 141; MV.1, 77].

Na SELEÇÃO, é o arquilexema do primeiro lexema que funciona como traço distintivo no segundo. Os lexemas *pelo* e *pena*, quanto ao conteúdo 'sistema piloso' incluem como traço distintivo o arquilexema *mamífero* e *ave*: *pelo* ("sistema piloso dito de mamíferos") e *pena* ("sistema piloso dito de aves").

Na IMPLICAÇÃO é todo o primeiro lexema que funciona como traço distintivo no segundo. Por exemplo, a cor *baio* tem como traço distintivo o lexema "cavalo", pois *baio* só se diz dos cavalos. Outro bom exemplo de implicação são as chamadas vozes dos animais, pois os lexemas *relinchar*, *mugir*, *zurrar*, *balir*, *grunhir*, *ladrar*, *miar*, *cacarejar*, *regougar* são o grito relativo, respectivamente, a "cavalo", "vaca", "burro", "cabra", "porco", "cão", "gato", "galinha", "raposa".

É preciso distinguir as solidariedades semânticas vistas aqui, propriamente linguísticas, dos "clichês léxicos", ou sintagmas estereotipados e das solidariedades frequentes, determinadas pelo nosso conhecimento das "coisas"; assim, *branco* aplicado às *gaivotas* não é exemplo de solidariedade semântica, porque a combinação não é um fato de língua, mas apenas assinala a frequência de gaivotas brancas na realidade extralinguística, sem que se despreze a possibilidade de gaivotas de outra cor. Pelo contrário, em *cavalo alazão* temos um fato de língua, porque *alazão* implica o traço distintivo "próprio do cavalo", razão por que no discurso se pode usar só de *alazão*, sem que seja necessário explicitar o lexema *cavalo*. Esta operação não se estende a *branco* em relação a *gaivota*.

4 – Formação de Palavras do Ponto de Vista do Conteúdo

Já vimos na lição de Benveniste que o problema de procedimentos de formação de

palavras ultrapassa os limites da morfologia, em que, tradicionalmente, parece enquadrada, na tradição linguística.

Por outro lado, como assinala Coseriu 101, um estudo coerente da formação das palavras que se atenha estrita e exclusivamente ao ponto de vista da expressão – como o vimos até aqui – é possível; mas para o aspecto funcional e, portanto, para a compreensão e descrição de uma língua, tal estudo é pouco proveitoso, já que os procedimentos materiais (prefixação, sufixação, etc.) e os funcionais não guardam entre si nenhum paralelismo, uma vez que procedimentos materiais diferentes podem corresponder ao mesmo tipo funcional e vice-versa. A não consideração do aspecto de significado é a causa de muita discussão e incertezas em incluir no domínio da formação de palavras as combinações casuais do tipo *um salve-se quem puder*, *bom dia*, *manu tenere* > *manter*, que não constituem propriamente *procedimentos* da formação de palavras, entre outros casos.

Ainda com apoio na lição de Coseriu, um estudo de formação de palavras do ponto de vista do conteúdo, isto é, fundado no significado, está mais ajustado a seu objeto. Partindo deste ponto de vista, a formação de palavras corresponde a uma particular *gramaticalização* do léxico "primário". Tomemos a este linguista o seguinte exemplo para mostrar que as relações, digamos assim, gramaticais, que se dão nos produtos da formação de palavras são consequências das equivalências semânticas entre esses produtos e as construções que lhes correspondem do ponto de vista do conteúdo. Em *beldade* como equivalente a "o fato de ser belo/bela", o termo "fato" não é a palavra *fato* da linguagem primária e que em seguida seria determinada por "ser belo / bela", mas sim um *nome* para a substantivação efetuada nesta formação; do mesmo modo, "ser" é nome da 'predicatividade de ser', isto é, da predicação atribuída, e "belo / bela" é nome da unidade de *belo*(s) + *bela*(s) na linguagem primária, ou seja, um *belo* sem gênero e sem número. Em outros termos, seria o mesmo que dizer, abstratamente, acerca de nossa fórmula: "*belo*(s) / *bela*(s) gramaticalizado por predicação atributiva e com posterior substantivação". Isto significa que os produtos de formação de palavras dizem sempre mais do que suas respectivas bases léxicas.

Por tudo isto, conclui Coseriu que a formação de palavras é um domínio autônomo das línguas, que abarca fatos "paragramaticais" e fatos puramente léxicos, e seu estudo é um ramo autônomo da semântica funcional, que deve começar pelas funções "paragramaticais" dos procedimentos de formação e chegar até as fixações na designação.

Dissemos "paragramaticais" porque, na realidade, a formação de palavras encerra uma "gramática do léxico", mas essa gramática não deve ser confundida com a gramática que conhecemos, já que, na formação de palavras, estamos diante de funções gramaticais distintas daquelas que ocorrem na morfossintaxe. Por isso, não falamos aqui em funções gramaticais e sim em funções paragramaticais. Uns exemplos podem esclarecer o que dizemos: a formação de "coletivos" (*arvoredo*, *laranjal*, *casario*, etc.) implica, por certo, uma pluralização, mas aqui não se trata de um simples "plural", (*árvores*), sim de uma "pluralização" que se dá e se considera como unidade.

Assim também, *chegada* implica um verbo predicativo mas não implica nem modo, nem tempo, nem número, nem pessoa; *beleza* implica um nome predicativo, mas não implica nem número nem gênero. É exatamente por isso, continua Coseriu a sua lição, que tais formações

não remontam a orações concretas como *João chega* e *Maria é bela* (ou *João é belo*), mas tão somente a uma função predicativa genérica de *chegar* e *belo*(*s*), *bela*(*s*).

Assim também em *papeleira* está implicada uma "função preposicional", mas não uma determinada preposição (p.ex. "*para*"*papéis*), e *despertador* implica um elemento pronominal genérico "alguém ou algo" que, de outro modo, não tem realização em português. 102

Os três tipos fundamentais de formação de palavras – Do ponto de vista do conteúdo podem-se distinguir três tipos (ou quatro se considerarmos a composição como dois) fundamentais de formação de palavras, consoante dois critérios que se entrecruzam e dizem respeito à determinação gramatical do termo primário:

a) a gramaticalização implícita afeta um só elemento ou os dois na base da formação;

b) a gramaticalização corresponde a uma função "inatual" (i. é, "não semelhante a uma função oracional") ou a uma função "atual" (i. é, "semelhante a uma função oracional").

Pelo primeiro critério, teremos, de um lado, a *modificação* e o *desenvolvimento* (em que a gramaticalização afeta um só termo) e do outro a *composição*.

Pelo segundo critério, a função gramatical implicada na modificação é "inatual" (do tipo do "gênero" ou do "número"), enquanto no desenvolvimento a função implicada é "atual" (do tipo das funções "sujeito", "predicado", "complemento verbal"). Na composição, a função pode ser inatual ou atual (por exemplo, em português *alvinegro* e *leitor*).

Na modificação, a categoria verbal dos produtos é sempre a mesma das respectivas bases, isto é, os substantivos produzem substantivos, os adjetivos adjetivos e assim por diante, porque a função gramatical implicada é "inatual", isto é, função que afeta os lexemas modificando-os enquanto tais (e não como membros de oração ou de sintagmas). Trata-se das formações diminutivas, dos coletivos, dos verbos formados com prefixos:

cavalo → cavalinho, forte → fortão, beijar → beijocar, ver → prever

No desenvolvimento – que sempre parte de lexemas com funções de membros de oração ou de sintagma – a categoria verbal dos produtos formados é distinta da categoria da base correspondente, vale dizer, o desenvolvimento implica sempre mudança da categoria verbal do termo primário desenvolvido, isto é, substantivo produz adjetivo, substantivo produz verbo, adjetivo produz substantivo, etc., advertindo-se, na oportunidade, que pode ainda tratar-se de base não realizada como tal na norma da língua. Em:

prefeito → [verbo] → *prefeitável*,

não existe na norma do português o verbo **prefeitar*, implicado no desenvolvimento citado.

Exemplos de desenvolvimentos são também *terra* → *terreno*, *céu* → *celeste*; *roda* → *rodar*, *voo* → *voar*; *útil* → *utilidade*; *rico* → *riqueza*.

Tais formações devem ser explicadas desta maneira: *belo* + função predicativa → *beleza* ("o fato de ser belo"); *chegar* + função predicativa → *chegada* ("o fato de chegar"); *branco* + função de epíteto → o *branco*; *em barco* + função predicativa → *embarcar*; *com o martelo* + função predicativa → *martelar*.

A composição implica sempre a presença de dois elementos básicos unidos por uma

relação gramatical, quase sempre por uma relação de recção. Pode ser de dois tipos:

a) *prolexemática*: se um dos dois elementos da base é um "prolexema", isto é, um elemento de natureza pronominal, não identificável com um lexema existente na língua,[103] como ocorre em "elemento substantivo-pronominal" [do tipo "alguém" ou "algo"] + *ler* → *leitor*; o mesmo elemento + *despertar* → *despertador*. Em lugar desse tipo genérico "alguém ou algo", pode ser um arquilexema de ordem muito geral [por exemplo, *agente* + *ler* → *leitor*] ou também um arquilexema (ou um lexema) de um campo particular [por exemplo, "árvore", "comerciante": "*árvore*" + *limão* → *limoeiro*; "comerciante" + *leite* → *leiteiro*].

b) *lexemática*: em que os dois elementos implicados são lexemas e a categoria verbal dos compostos é sempre a dos elementos "determinados" na composição; são exemplos de compostos lexemáticos: *tira-teima*, *guarda-chuva*.

O primeiro tipo corresponde ao que tradicionalmente se chama "derivação" (como podemos ver, tal denominação também abarca o processo de *modificação* e *desenvolvimento* agora expostos); o segundo tipo corresponde ao que tradicionalmente se chama composição, com exceção da prefixação verbal, a qual, nesta nova concepção de processos de formação de palavras entra como um tipo de modificação.

Combinações dos procedimentos formativos – Os procedimentos de formação de palavras podem combinar-se uma ou mais vezes, sendo decisiva a ordem das combinações para o significado do produto final, não se perdendo de vista o fato de que nessa sequência podem ocorrer combinações "prévias" cujos produtos não se realizam como fatos autônomos na norma da língua, como já aconteceu com o implicado *prefeitar* (< *prefeito*) no desenvolvimento *prefeitável*; *guarda-sol* é uma combinação de composição prolexemática e lexemática: composição prolexemática *guardar* → guarda [equivalente a *guardador*, 'o que guarda', com morfema zero] e uma composição lexemática, o composto *guarda-sol*. Deste podemos ter um novo composto prolexemático: elemento substantivo-pronominal do tipo "alguém" [ou, como também vimos, o lexema "comerciante"; "fabricante"] + *guarda-sol* → *guarda-soleiro* 'comerciante ou fabricante de guarda-sol'.

O termo *desembarcar* resulta da combinação do desenvolvimento *em* + *barco* (→ embarcar) e modificação (→ *des-embarcar*).

Um termo formado por desenvolvimento pode dar origem a nova forma desenvolvida (produto de desenvolvimento), e pode assim estender-se por uma série, perfeitamente identificáveis como constituintes imediatos, quando há paralelismo entre a expressão e o conteúdo:

rico → *enriquecer* → *enriquecimento*

nação → *nacional* → *nacionalizar* → *nacionalização*

Está neste rol de combinação dos tipos fundamentais de formação de palavras o discutidíssimo tipo de compostos como *tira-teima*, *guarda-roupa* em que entra um tema verbal puro seguido em geral de substantivo, mas não necessariamente, pois pode aparecer outra classe, como um advérbio (*ganha-pouco*, *pisa-mansinho*), um numeral (*mata-sete*). Quanto à função oracional implícita nesse segundo elemento, temos em geral um objeto direto,

mas podemos ter um predicativo (*espanta-coió*), um circunstancial (*pisa-mansinho*, *ganha-pouco*, *saltinvão*).

Há também particularidades formais na constituição desses compostos: na fase da composição lexemáticas o composto prolexemático se reduz pela supressão de possíveis sufixos, ou pelas preposições que normalmente seriam empregadas na construção de um composto prolexemático substantivo com outro substantivo; dá-se a supressão regularmente quando o segundo elemento corresponde a uma função oracional com a qual o verbo implicado na composição prolexemática se constrói sem preposição, do tipo de *girassol*, que se parafraseia aproximadamente com "algo que gira na direção do sol". Em outros casos, como vimos em *saltinvão*, mantém-se a preposição.

Entendem-se tais compostos como "alguma coisa que tira teima", "alguém ou alguma coisa que guarda roupa", isto é, paráfrases de uma composição prolexemática como *tirador* (ou *tiradora*), *guardador* (*guardadora*), a que se acrescentam o lexema *teima* ou *roupa*. Trata-se, portanto, da combinação de uma composição prolexemática com uma composição lexemática ("tirador, tiradora") + *teima* → *tira-teima*.

Em face desta análise semântica, chega-se à conclusão de que o chamado "elemento verbal" deste tipo de composição não é nem um imperativo nem nenhuma outra forma verbal conjugada; trata-se de uma derivação regressiva, que, do ponto de vista funcional, é um substantivo ou, então, semanticamente, um particípio substantivado. Este "particípio" pode ser um particípio ativo transitivo (como em *guarda-roupa*), um particípio causativo (como em *passatempo*: "qualquer coisa que faz passar o tempo").

Esta análise é confirmada pelo fato de, quando não há na língua um composto deste tipo, se utilizarem compostos prolexemáticos em construção preposicional com um segundo elemento: *medidor de gás*, *espalhador de cera*, *prendedor de gravata*, etc.

Subtipos dos procedimentos de formação de palavra – Dentro dos procedimentos vistos até aqui podem ocorrer subtipos, de acordo com os subtipos de funções "paragramaticais" implicadas.

Assim, na modificação podemos ter, entre outros:

a) uma mudança do gênero "natural" (sexo): *rei* → *rainha*; *galo* → *galinha*;

b) uma quantificação: 1) para diminutivos (*carro* → *carrinho*; *doente* → *doentinho*; *beber* → *bebericar*); com a variante "apreciação aproximativa" (*velho* → *velhusco*; 2) para aumentativos (*casa* → *casarão*; *grande* → *grandalhão*); 3) para coletivos (*casa* → *casario*); 4) para intensificação (*feio* → *feinho*);

c) repetição: *fazer* → *refazer*;

d) negação: *leal* → *desleal*; *útil* → *inútil*.

No desenvolvimento podemos ter, segundo a função oracional implícita de sua base:

a) predicação: *chegar* → *chegada*; *belo* → *beleza*;

b) atributivo: *de inverno* ("pertencente ao inverno") → *invernal*.

Generalização do significado no desenvolvimento – O desenvolvimento implica, em cada fase de produção, uma desconcentração ou generalização do significado da base. Assim, *de inverno* significa "pertencente ao inverno" (cf. *jogos de inverno*); já o termo desenvolvido *invernal* significa tanto "pertencente ao inverno" quanto "semelhante ao que pertence ao inverno" (cf. *jogos invernais*). Trata-se de um valor único de língua, que se "amplia" quando comparado com a base do desenvolvimento.

Homofonias em desenvolvimento – Desenvolvimentos formados de bases diferentes podem resultar homofonias totalmente distintas das homofonias casuais dos termos simples ou primários. Assim, em português existem duas séries homófonas *mortal-mortalidade*; a primeira desenvolvida a partir do conteúdo "morrer" ("o homem é mortal" – "a mortalidade do homem"), e a segunda a partir do conteúdo "matar" ("o golpe, o remédio foi mortal" – "a mortalidade do golpe, do remédio"). *Mortandade* é variante de *mortalidade*, e só se aplica ao conteúdo de "morrer" (= grande número de mortes por pestes, em batalha").

Cabe ainda observar que, já que o desenvolvimento implica sempre um emprego determinado do termo primário ou de base, pode haver desenvolvimentos diferentes, conforme o significado implicado nesse termo e nos elementos formativos:

terra → *terrestre*, *terreal*, *terral*, *terreiro*, *terreno*.

esperar → *espera* (de *esperar* "aguardar") e *esperança* (de *esperar* "confiar").

5 – Alterações Semânticas

A se*mântica estrutural diacrônica* é o estudo funcional das mudanças semânticas no léxico. É uma disciplina ainda muito recente, e dada a natureza desta gramática dela não nos ocuparemos aqui. Nosso intento é tão somente chamar a atenção para alterações semânticas no léxico. Como disse muito bem Pagliaro "Também as palavras são uma espécie de conchas, às quais temos de encostar o ouvido com humilde atenção, se quisermos apreender a voz que dentro delas ressoa" [APg.1, 210].

No decorrer de sua história nem sempre a palavra guarda seu significado etimológico, isto é, originário. Por motivos variadíssimos, ultrapassa os limites de sua primitiva "esfera semântica" e assume valores novos.

"A língua – disse Moritz Regula –, expressão consciente de impressões exteriores e interiores, está sujeita a uma perpétua transformação. As palavras mudam de significado ou porque as coisas se modificam ou porque a "constelação psíquica" sob cuja influência nasce o sentido do objeto, se altera graças a causas diversas" [MR.1, 26].

A significação das palavras está intimamente relacionada com o mundo das ideias e dos sentimentos; "entre as ideias, entre os pensamentos não há separação absoluta por isso que as associações se estabelecem, sem cessar, de uns para outros. Vendo uma substância ou um objeto muito achatado, muito delgado e pouco resistente, por exemplo de estanho ou de ouro finamente laminado, alguém foi levado a compará-lo a uma folha de árvore; pôde-se assim

dizer com propriedade e clareza: *uma folha de estanho*, *de ouro*, *de papel*, etc. Outra associação, posterior à precedente, deu à palavra *folha* o significado bem elástico de jornal: *uma folha diária*. É que se imprimem as notícias de cada dia em folhas de papel. A palavra *coração* serviu para exprimir tanto a parte interior de um legume ou fruta: *coração da melancia*, ou a essência de um assunto: *está no coração da questão*, como ainda os sentimentos cuja sede parece estar no fundo de nosso ser: *este homem não tem coração*, etc. Todas as associações deste gênero dão origem ao que se chama, em literatura, *imagem*; as imagens da linguagem corrente não diferem muito, pela sua natureza, das que brotam da imaginação dos poetas e dos escritores em geral" [AGr.1, 93-94 – com leves adaptações para o português].

Entre as causas que motivam a mudança de significação das palavras, as principais são:

a) Metáfora – translação de significado motivada pelo emprego em solidariedades, em que os termos implicados pertencem a classes diferentes mas pela combinação se percebem também como assimilados:

*cabelos de **neve**, **pesar** as razões, **negros** pressentimentos, **doces** sonhos, passos **religiosos*** [AR.1, 17 – nos queria ressaltar a religiosidade de sua personagem], ***boca** do estômago*, ***dentes** do garfo*, ***costas** da cadeira*, ***braços** do sofá*, ***pés** da mesa*, ***gastar rios** de dinheiro*, ***vale** de lágrimas*, *o **sol** da liberdad*e, *os dias **correm***, *a noite **caiu***.

OBSERVAÇÃO: Assim, a metáfora não resulta – como tradicionalmente se diz – de uma comparação abreviada; ao contrário, a comparação é que é uma metáfora explicitada. Importa, outrossim, distinguir a metáfora *linguística* (linguisticamente motivada pelo descompasso dos termos implicados nas solidariedades) da metáfora *motivada extralinguisticamente* pelo nosso saber sobre as coisas, como ocorre em expressões metafóricas do tipo de *não ponha a carroça diante dos bois* para expressar a inversão incorreta de uma ação ou de um juízo. As metáforas têm largo emprego na língua espontânea e na literária, e nesta teve grande difusão entre os poetas simbolistas. Cf. [ECs.1, 291], [ECs.2, 207], [ECs.3, 293 n. 22] e [HM.1, 109]: "A literatura moderna tem uma preferência para a metáfora oposta à comparação explícita. É a fusão imediata do mundo pessoal e do objetivo, do espiritual e do concreto, que levam a uma identificação direta, sem elos de ligação que intermedeiem a passagem dum plano para outro".

b) Metonímia – translação de significado pela proximidade de ideias:

1 – causa pelo efeito ou vice-versa ou o produtor pelo objeto produzido:

*um **Rafael*** (por um *quadro de Rafael), as **pálidas** doenças* (por *doenças que produzem palidez*), ***ganhar** a vida* (por *meios que permitam viver), ler **Machado de Assis*** (i.é, *um livro escrito por M. de Assis)*.

2 – o tempo ou o lugar pelos seres que se acham no tempo ou lugar:

*a **posteridade*** (i.é, *as pessoas do futuro*), *a **nação*** (i.é, *os componentes da nação*).

3 – o continente pelo conteúdo ou vice-versa:

*passe-me a **farinha*** (i.é, a farinheira), *comi **dois pratos*** (i.é, *a porção da comida que dois pratos continham*).

4 – o todo pela parte ou vice-versa:

*diz a **Escritura*** (i.é, *um versículo da Escritura*), *encontrar um **teto amigo*** (i.é, *uma casa*).

5 – a matéria pelo objeto:

*um **níquel*** (i.é, *moeda de níquel*), *uma **prata*** (i.é, *moeda de prata*)

6 – o lugar pelo produto ou características ou vice-versa:

jérsei (= *tecido da cidade Jersey*), ***gaza*** (= *tecido da cidade de Gaza*), ***havana*** (= *charutos da cidade de Havana*); ***greve*** (*as reuniões feitas na Place de la Grève*).

7 – o abstrato pelo concreto:

*A **virtude** vence o **crime*** (isto é, *as pessoas virtuosas vencem os criminosos*); *praticar a **caridade*** (= *atos de caridade*).

8 – o sinal pela coisa significada ou vice-versa:

o ***trono*** (= *o rei*), *o* ***rei*** (= *a realeza*)

c) Catacrese – translação do significado por esquecimento do significado original:

panaceia universal (*panaceia* '*remédio* para todos os males' já tem no elemento *pan-* a ideia de universalidade, generalidade), *etimologia verdadeira, abismo sem fundo, anedota inédita, correta ortografia, bela caligrafia, caldo quente, homicida do vizinho, hecatombe de almas, embarcar no trem, calçar as luvas.* [MBa.3, 311-317]

Produtos correntes da translação de significado, as catacreses são fatos normais que só devem ser evitados quando a noção primitiva ainda estiver patente para o falante.

d) Braquilogia ou abreviação – as diversas acepções de uma palavra devidas à elipse do determinante ou vice-versa:

dou-lhe a minha ***palavra*** (i.é, *palavra de honra*), *vamos à* ***cidade*** (i.é, *ao centro da cidad*e), *um* ***possesso*** (i.é, *pessoa possuída do demônio*), *aproveitar a* ***ocasião*** (= *a boa ocasião*), *a festa da* ***Ascensão*** (= da *Ascensão de Jesus Cristo*).

e) Eufemismo – translação de sentido pela suavização da ideia:

1 – para a morte:

finar-se, falecer, entregar a alma a Deus, dar o último suspiro (literários), passar desta a *melhor, ir para a cidade dos pés juntos, dizer adeus ao mundo, esticar as canelas, desocupar o beco, bater as botas, etc.* (*estes* populares).

2 – para a bebida:

abrideira, *água que gato* (*passarinho*) *não bebe*, *januária*.

O tabu linguístico pode favorecer o aparecimento de expressões eufemísticas. O medo de proferir palavras como *diabo*, *demônio*, *satanás* nos leva a usar desfigurações voluntárias como *diacho*, *diogo*, *demo*, *satã*. [MG.1, 76 e ss.]

f) Alterações semânticas por influência de um fato de civilização:

tonto (= *louco*) particípio do verbo *tondere*, por *tonso*, lembra-nos o tempo em que se rapava a cabeça aos loucos.104

pagão (= *indivíduo que não foi batizado*) se prende à época inicial do Cristianismo, pois a Igreja fez uso especial do termo que tinha curso na linguagem militar: *paganus*, o civil, em oposição ao soldado (castrensis) passou a ser o oposto a *christianus* [cf. EG.1, 134; RH.1, 132].

cor (*saber guardar*, *ter de* – = *de memória*) relembra-nos a época em que a anatomia antiga fazia do coração a sede dos sentimentos, da inteligência, da memória.

judiar (= *zombar*, *atormentar*) lembra-nos a época dos tormentos praticados ou sofridos pelos judeus. A palavra ***judas*** (= *homem mal trajado*) é uma aplicação do nome próprio *Judas* a quem o povo atribui qualidades negativas.

calabrear (= *misturar*; *confundir*; *mudar para pior*; *alterar vinhos*): documenta a má fama em que eram tidos os calabreses, acrescida pela lenda popular de que Judas era natural da Calábria, no sul da Itália. Cf. artigo de L. Spitzer, *Boletim de Filologia* (Lisboa), V, 3-4, pág. 376.

A maneira aristocrática de ver as coisas é responsável pela mudança de significado de algumas palavras:

vilão (saído do latim *villa* = quinta, aldeia), de "*camponês*" passou a designar "homem grosseiro", "perverso", "infame".

De vez em quando, surgem pessoas que querem ver expurgadas dos dicionários certas palavras depreciativas de povo ou localidade (como *judiar*, *baianada* e outros). É excesso de sentimento a que a História não se curva, nem o povo leva em conta, porque, no uso do termo,

não entra nas minúcias históricas do pesquisador, nem procura, usando a palavra, fazer juízo específico a respeito do povo ou da localidade.

g) Etimologia popular ou associativa

É a tendência que o falante – culto ou inculto – revela em aproximar uma palavra a um determinado significado, com o qual verdadeiramente não se relaciona.105

Às vezes a palavra recebe novo matiz semântico sem que altere sua forma. *Famigerado*, por exemplo, que significa "célebre", "notável",106 influenciado pela ideia e semelhança morfológica de faminto, passa, na linguagem popular, a este último significado. *Intemerato* (= sem mancha, puro), graças a *temer*, é considerado como sinônimo de *intimorato*; *inconteste* (= *s*em testemunho) passa a sinônimo de *incontestável*; *falaz* (= falso, enganador) é aproximado de *falador*.

Espécies de alteração semântica

A) Extensão do significado;

B) Enobrecimento do significado;

C) Enfraquecimento do significado.

A – ***Extensão do significado***

prédio (= propriedade rústica ou urbana inamovível) passou a designar qualquer edifício sem referência ao solo.

espraiar (= jogar algo à praia) alargou o significado como sinônimo de "estender-se por larga área".

embarcar (= entrar na barca) significa hoje "entrar em qualquer condução".

aliviar (= tornar mais leve uma carga) se diz hoje como igual a "minorar", "diminuir", "abrandar", uma culpa, um mal, o tempo (a chuva aliviou).

1 – **Restrição ou especialização do significado**

a) *fortuna* (destino bom ou mau) especializa seu sentido na direção positiva.

sucesso (acontecimento bom ou mau) passa a exprimir só o lado bom.

carta (= epístola) tinha em latim o sentido de qualquer livro, papel, escrito.

britar (significava "quebrar qualquer coisa") restringiu hoje o seu significado para "quebrar pedras".

b) *abreviação ou condensação: um havana* (= charuto de Havana); o champanha (= o vinho de Champagne); um (a) jato (= avião a jato).

2 – **Plenitude do significado**

Um milhão de reais já é uma *quantia*; José mostrou-se um *homem.*

B – ***Enobrecimento do significado***

emérito (aplicado ao funcionário que se aposentava) significa hoje *distinguido*, *ilustre*.

marechal (= criado do cavalo) passou a indicar o posto mais elevado do Exército.

pedagogo (era o escravo que conduzia as crianças à escola); significou depois o professor ou profissional em educação.

3 – **Degradação do significado (Pejorativos)**

vilão.

libertino (= escravo liberto) passou a indicar o indivíduo devasso, sem pudor.

libidinoso (= que segue seu capricho) significa hoje o dissoluto.
valetudinário (= de boa ou má saúde ou compleição) significa hoje só à má parte

C – ***Enfraquecimento do significado***

O emprego contínuo de uma palavra provoca a diminuição de sua energia semântica, mormente nas expressões afetivas. *Bajular* era "levar alguém às costas", o que enfatiza a ideia de servidão que tinha a palavra no início do seu emprego em expressões como "bajular o chefe".

Pequena nomenclatura de outros aspectos semânticos

1) **Polissemia** – É o fato de haver uma só forma (significante) com mais de um significado unitário pertencentes a campos semânticos diferentes. Ou, em outras palavras, a polissemia é um conjunto de significados, cada um unitário, relacionados com uma mesma forma. Portanto, não se pode ver a polissemia como "significados imprecisos e indeterminados", porque cada um desses significados é preciso e determinado:

pregar (um sermão) – *pregar* (= preguear uma bainha da roupa) – *pregar* (um prego)

manga (de camisa ou de candeeiro) – *manga* (fruto) – *manga* (= bando, ajuntamento) – *manga* (parede)

cabo (cabeça, extremidade, posto na hierarquia militar) – *cabo* (= parte de instrumento por onde esse se impunha ou utiliza: *cabo* da faca)

A polissemia é, portanto, um fato de língua.

É preciso não confundir a polissemia léxica ou *homofonia*107 com variação semântica ou polivalência no falar (fato de fala), que consiste na diversidade de acepções (sentidos) de um mesmo significado da língua segundo os valores contextuais, ou pela designação, isto é, graças ao conhecimento dos "estados de coisas" extralinguísticos:

pensar { um assunto / um ferimento

ponto {
- em geometria: um ponto no espaço
- em gramática: sinal de pontuação
- em teatro: auxiliar de atores
- em táxi: ponto de táxi
- em gíria escolar: o professor deu *ponto* novo ("matéria") / o aluno precisa de dois *pontos* (= grau)

Como lembra Coseriu, "antes de optar pela homofonia, dever-se-á perguntar se não se trata de variação (semântica): em todos os casos em que as homofonias ou polissemias não sejam evidentes (por exemplo, por se tratar de formas que pertencem a paradigmas diversos) (...), há de se buscar primeiro aquilo que caracteriza as línguas, isto é, invariantes de significado ou "significado unitário". E só quando se mostre absolutamente impossível "reduzir" todas as

acepções de uma forma a um valor unitário de língua, será lícito admitir homofonia (...)" [ECs.1, 206; AV.1, 101-102].

NOTA DE NOMENCLATURA: A tradição gramatical e os linguistas divergem na conceituação de *polissemia* e *homonímia*, criada ao tempo da linguística diacrônica. Por polissemia entende a tradição a "propriedade da significação linguística de abarcar toda uma gama de significações, que se definem e precisam dentro de seu contexto" [MC.4]. Exemplifica com a preposição *a* (significação gramatical) e a palavra *andar* (significação lexical): *ir a Lisboa*, *andar a* pé, *falar a Pedro*; *andar a largos passos*, *andar de automóvel*, *andar doente.*

2) **Homonímia** – Já por *homonímia* entende a tradição: "propriedade de duas ou mais formas, inteiramente distintas pela significação ou função, terem a mesma estrutura fonológica, os mesmos fonemas, dispostos na mesma ordem e subordinados ao mesmo tipo de acentuação; como exemplo: um homem *são*; *São* Jorge; *são* várias as circunstâncias (...)

Ela é possível sem prejuízo da comunicação em virtude do papel do contexto na significação de uma forma, como sucede com *são* nos exemplos dados [MC.4, s.v.].

Dentro da homonímia, alude-se, em relação à língua escrita, aos *homófonos* distinguidos por ter cada qual um grafema diferente, de acordo com o sistema ortográfico: *coser* 'costurar'; *cozer* 'cozinhar'; *expiar* 'sofrer'; *espiar* 'olhar sorrateiramente'; *sessão* 'ato de assistir'; *cessão* 'ato de ceder'; *cela* 'quarto para enclausuramento'; *sela* 'peça de arreio'[MC.4, s.v.].

O mesmo linguista aponta o artificialismo do conceito de *homógrafos*, "formas que se escrevem com as mesmas letras mas correspondendo elas a fonemas distintos, pois já não se trata evidentemente de homônimos da língua, cuja essência são as formas orais" [MC.4, s.v.].

Todos apontam a dificuldade de nem sempre se poder distinguir a polissemia da homonímia. Têm sido propostos alguns critérios para aclarar se se trata de uma mesma palavra com dois ou mais significados diferentes (polissemia) ou de duas palavras distintas com idênticos fonemas (homonímia):

a) critério histórico-etimológico – é o que fazem, em geral, os nossos dicionários;

b) a consciência linguística do falante;

c) critério das relações associativas;

d) critério dos campos léxicos.

Todos estes critérios estão sujeitos a críticas, como resenhou exaustivamente Geckeler [HG.1, 146-158].

Em erudito artigo, Coseriu chega, cremos, à correta interpretação da *polissemia*, na análise que faz do ensinamento de Aristóteles e resumo crítico desse artigo em AV.1, 92-107.

3) **Sinonímia** – É o fato de haver mais de uma palavra com semelhante significação, podendo uma estar em lugar da outra em determinado contexto, apesar dos diferentes matizes de sentido ou de carga estilística.

casa, *lar*, *morada*, *residência*, *mansão*

Um exame detido nos mostrará que a identidade dos sinônimos é muito relativa; no uso (quer literário, quer popular), eles assumem sentidos "ocasionais" que no contexto um não pode ser empregado pelo outro sem que se quebre um pouco o matiz da expressão. Uma série sinonímica apresenta-se-nos com pequenas gradações semânticas quanto a diversos domínios:

o sentido abstrato ou concreto; o valor literário ou popular (*fenecer* / *morrer*); a maior ou menor intensidade de significação (*chamar* / *clamar* / *bradar* / *berrar*); o aspecto cultural (*escutar*/*auscultar*) e tantas outras.

4) **Antonímia** – É o fato de haver palavras que entre si estabelecem uma oposição *contraditória* (*vida*; *morte*), *contrária* (*chegar*; *partir*) ou *correlativa* (*irmão*; *irmã*) [JK.1 *apud* HGe.1, 288 n.23].

Já Lyons [JLy.1 *apud* HGe.1, 291] entende que se podem distinguir três subconceitos do que se há de compreender por antonímia em sentido amplo:

a) *complementaridade* (a negação de uma implica a afirmação da outra e vice-versa: *João não está casado* implica que *João é solteiro*; *João está casado* implica que *João não é solteiro*);

b) *antonímia* (opostos por excelência: *grande* : *pequeno*);

c) *correlação* (*comprar* : *vender*; *marido* : *mulher*).

Quanto à sua manifestação constitucional, Mattoso cita os três aspectos diferentes:

a) mediante palavras de radicais diferentes: *bom* : *mau*;

b) com auxílio de um prefixo negativo em palavras do mesmo radical: *feliz* : *infeliz*; *legal* : *ilegal*; *político* : *apolítico*;

c) palavras que têm prefixos de significação contrária: *excluir* : *incluir*; *progredir* : *regredir*; *superpor* : *soto-pôr*.

Às vezes, a negação serve para atenuar a oração afirmativa: *Pedro não está bem* : *Pedro está mal*.

Às vezes ocorre a antonímia porque a palavra apresenta valor ativo e passivo:

alugar { a) dar de aluguel / b) receber de aluguel

emprestar { a) dar de empréstimo / b) receber de empréstimo

hóspede { a) quem recebe a hospedagem / b) quem dá a hospedagem (hoje hospedeiro)

esmolar { a) dar esmolas / b) receber esmolas

5) **Paronímia** – É o fato de haver palavras parecidas na forma e diferentes no significado:

Os parônimos dão margem a frequentes erros de impropriedade lexicais:

proscrever: proibir
prescrever: aconselhar

tráfego: trânsito
tráfico: comércio

ratificar: confirmar
retificar: corrigir

infringir: transgredir, violentar
infligir: aplicar pena, castigo

descrição: ato de descrever
discrição: qualidade de quem é discreto

intimorato: destemido, intrépido
intemerato: puro, imaculado

iminente: pendente, próximo para acontecer
eminente: ilustre

C) Estrutura do enunciado ou período. A oração e a frase

I – A Oração e as Funções Oracionais

Enunciado ou período – Toda a manifestação da linguagem com vistas à comunicação com nossos semelhantes se constrói com uma sequência de unidades delimitadas por um silêncio que precede o início dessa atividade e o que se lhe segue, acompanhada de contorno melódico, também chamado curva de entoação e normalmente marcada, na escrita, pelos sinais de pontuação e pelo emprego da maiúscula inicial:

O galo-da-campina ergue a poupa escarlate fora do ninho.

A esta unidade linguística que faz referência a uma experiência comunicada e que deve ser aceita e depreendida cabalmente pelo nosso interlocutor se dá o nome de *enunciado* ou *período*.

Há enunciados relativamente curtos, como o do nosso exemplo, ou ainda mais curtos, como *Sim* ou *Vou*, e há os que se dilatam por muito maior extensão:

O galo-da-campina ergue a poupa escarlate fora do ninho e seu límpido trinado anuncia a aproximação do dia.

Conforme a realidade designada, os enunciados se apresentam com formas variadas:

1. Os homens desejam a paz.
2. Ela não trabalha aos sábados.
3. Muitas crianças viram os pássaros.
4. Bebel gosta do colégio.
5. O chefe dará oportunidades aos jovens.
6. O sol é um astro luminoso.
7. Chove muito no verão.

8. Relampeja.
9. Que achou você da festa?
10. Eles ainda não chegaram?!
11. Vivam os campeões!
12. Que calor!
13. Depressa!

Apesar de tão variadas formas por que se apresentam os enunciados, há traços comuns que devem ser ressaltados [AL.1, 256]:

a) são mensagens completas e de acordo com a situação em que se acham falante e ouvinte;

b) são unidades sequenciais delimitadas por um silêncio precedente a ele e uma pausa final;

c) são proferidos com um contorno melódico particular.

Esta curva de entonação é o significante ou expressão material que evoca a modalidade de intenção comunicativa do enunciado (significado ôntico) que o falante quer transmitir ao seu interlocutor:

a) ou para lhe expor, afirmando ou negando, certos fatos (*Pedro estuda. Pedro não estuda*.);

b) ou para indagar sobre algo (*Pedro estuda*? *Pedro não estuda*? *Quem chegou*?);

c) ou para apelar-lhe, em geral, atuando sobre ele (*Dê-me o livro. Não me dê o livro. Volte cedo*.);

d) ou para chamar-lhe a atenção (*Ó Pedro.*);

e) ou para traduzir-lhe os próprios pontos de vista ou sentimentos (*Que prazer*! *Como está frio*!).

Assim, quanto à significação fundamental do enunciado, temos cinco tipos ou classes essenciais deles: *declarativo* ou *enunciativo*, *interrogativo*, *imperativo-exortativo*, *vocativo* e *exclamativo*, dos quais o primeiro corresponde à função representativa – informativa da linguagem, os três seguintes à função apelativa e o último à função expressiva [HC.1, s. v. Frase].

Entre o primeiro e o segundo tipos há maior afinidade do que entre o primeiro e os restantes. Talvez porque o primeiro encerre o aspecto ou papel fundamental da intenção comunicativa da linguagem, é considerado o enunciado típico – base do impulso inicial da especulação gramatical pela lógica grega –, do qual os outros tipos são considerados derivados ou ao qual todos os outros tipos se podem reduzir. Por isso é que a unidade linguística, dentro desta concepção original, recebe o nome de *enunciado*; na tradição gramatical brasileira, *período.*

Oração e frase – Entre os tipos de enunciados há um conhecido pelo nome de *oração* que, pela sua estrutura, representa o objeto mais propício à análise gramatical, por melhor revelar as relações que seus componentes mantêm entre si, sem apelar fundamentalmente para o entorno (situação e outros elementos extralinguísticos) em que se acha inserido. É neste tipo de enunciado chamado *oração* que se alicerça, portanto, a gramática, e será especificamente dela que trataremos a seguir.

Mas antes devemos adiantar que o enunciado também aparece sob forma de *frase*, cuja estrutura interna difere da oração porque não apresenta relação predicativa. São às vezes simples palavras, outras vezes uma reunião delas, que são transpostas à função do enunciado. Em nosso exemplário anterior, constituem *frases* os seguintes enunciados:

Depressa!
Que calor!

Mais adiante trataremos desse tipo de enunciado com mais atenção.

A oração se caracteriza por ter uma palavra fundamental que é o *verbo* (ou sintagma verbal) que reúne, na maioria das vezes, duas unidades significativas entre as quais se estabelece a *relação predicativa* – o *sujeito* e o *predicado*:

Sujeito	*Predicado*
Pedro	estuda.
Pedro	não estuda.

Comparemos agora as seguintes possibilidades:

Eu estudo português às segundas-feiras no horário da manhã.
Eu estudo português às segundas-feiras.
Eu estudo português.
Eu estudo.
Estudo.

Nas possibilidades acima, o único constituinte indispensável foi o verbo *estudo*, o que o faz *núcleo* da oração, enquanto os outros constituintes são adjacentes ao núcleo. Esta adjacência não guarda a mesma relação entre os diversos constituintes da oração, pois a relação entre o sujeito *eu* é mais estreita com o verbo *estudo* que os demais. Mas a relação predicativa pode ser *referida* a um sujeito, como em *Eu estudo*, ou *não referida*, como *Chove*. Por isso, nem mesmo o sujeito é um constituinte imprescindível da oração e, por conseguinte, da relação predicativa, embora a sua presença ao lado do verbo pessoal constitua o tipo mais frequente – diríamos até a estrutura favorita – de oração em português.

Em *Chove*, o verbo flexionado na 3.ª pessoa – marca o sujeito gramatical, isto é, assinalado apenas gramaticalmente, mas temos uma relação predicativa não referida, pois não admite sujeito explícito. Diz-se que o verbo é *impessoal* e a oração é *sem sujeito explícito*. A chamada 3.ª pessoa é a não pessoa, é a não eu nem meu interlocutor, e assim é a forma utilizada para indicar a relação predicativa não referida, isto é, as orações sem sujeito explícito.

Sujeito e predicado – O primeiro grupo natural corretamente identificado exerce uma função sintático-semântica chamada SUJEITO, e o segundo grupo exerce outra função sintático-semântica chamada PREDICADO.

Sujeito	*Predicado*
Os homens	desejam a paz.
Eu	trabalho como professor.
Muitas crianças	viram os pássaros
O bom filho	compreende o esforço dos pais
O sol	é um astro luminoso.

Conhecendo melhor o sujeito: núcleo e determinantes 108 – Chama-se sujeito à unidade ou sintagma nominal que estabelece uma relação predicativa com o núcleo verbal para constituir uma oração. É, na realidade, uma *explicitação léxica* do sujeito gramatical que o núcleo verbal da oração normalmente inclui como morfema número-pessoal. Em:

Eu estudo no colégio e eu e dois irmãos brincamos no clube,

os núcleos verbais das duas orações *estudo* e *brincamos* incluem os morfemas *–o* (*estud-o*) e *–mos* (*brinca-mos*), que indicam os sujeitos gramaticais "1.ª pessoa do singular" e "1.ª pessoa do plural", respectivamente. Estes sujeitos gramaticais, quando necessários ao melhor conhecimento da mensagem veiculada no texto, podem ser explicitados por *formas léxicas* que guardam com os sujeitos gramaticais a relação gramatical de concordância em número e pessoa. Assim é que em *Eu estudo*, *eu*, pronome de 1.ª pessoa do singular, se acomoda à indicação do morfema *–o*, indicador, nos verbos, da 1.ª pessoa do singular no presente do indicativo:

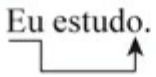

Já em *brincamos*, o sujeito gramatical "1.ª pessoa do plural" está indicado pelo morfema *–mos*. Este sujeito inclui necessariamente a pessoa que fala (eu), mas abre um amplo leque de pessoas que com ela participam do processo indicado pelo lexema *brincar*:

Eu e meu vizinho
Eu e minha colega
Eu e os primos, etc.

Por isso, sente o falante a necessidade de explicitar, de indicar claramente a que pessoas ele quer referir-se:

Eu e dois irmãos brincamos no clube.

Vê-se, então, que não se pode falar, a rigor, de elipse do sujeito, quando aparece apenas o núcleo verbal da oração (*Estudo*, *Brincamos*), já que ele aparece sempre presente na forma verbal flexionada no morfema que representa o sujeito gramatical (1.ª, 2.ª e 3.ª pessoas, do singular ou plural). Trata-se, pelo contrário, da sua expansão ou não, mediante o sujeito explícito, fato que não está mais na exigência da gramática (quando há, é claro, relação predicativa referida, mas do texto, para a transmissão efetiva e clara da mensagem).

Sujeito é uma noção gramatical, e não semântica, isto é, uma referência à realidade designada, como ocorre com as noções de *agente* e *paciente*. Assim, o sujeito não é necessariamente o agente do processo designado pelo núcleo verbal, como se patenteia em:

Machado de Assis escreveu extraordinários romances.

O sujeito pode representar o paciente desse processo:

Extraordinários romances foram escritos por Machado de Assis.

O sujeito, quando explicitado ou claro na oração, está representado – e só pode sê-lo – por uma expressão substantiva exercida por um *substantivo* (*homem*, *criança*, *sol*) ou pronome (*eu*) ou equivalente. Diz-se, portanto, que o núcleo do sujeito é um substantivo ou equivalente. Uma palavra não é substantivo porque pode exercer a função de sujeito; ao contrário, só pode ser sujeito porque é um substantivo ou equivalente.

A característica fundamental do sujeito explícito é estar em consonância com o sujeito gramatical do verbo do predicado, isto é, se adapte (isto é, *concorde*) a seu número, pessoa e gênero (neste caso quando há particípio no predicado):

Eu nasci. *Nós nascemos*. Elas não *eram nascidas*.

O reconhecimento seguinte do sujeito se faz pela sua posição normal à esquerda do predicado, bem como por responder às perguntas *quem*? (aplicado a seres animados), *que*? *o quê*? (aplicado a coisas), feitas antes do verbo.

José escreveu uma bela redação.

Quem escreveu uma bela redação? – *José*

O livro caiu.

Que caiu? – *O livro*.

Muitas vezes a expressão substantiva núcleo do sujeito – ou de qualquer função que tem por núcleo uma expressão substantiva – se faz acompanhar de determinantes que têm por papel expressivo *dizer algo acerca de algo com signos da língua*, isto é, com instrumentos verbais da língua. Assim, para ficarmos só nos limites do grupo natural representado pelo sujeito de enunciados, os determinantes dos núcleos substantivos são: *os* (homens), *muitas* (crianças), *o* e *bom* (filho), *o* (sol).

1) Determinantes, pré-determinantes e pós-determinantes

O exemplo da oração:

O bom filho compreende o esforço dos pais

nos põe diante da possibilidade de estar o núcleo substantivo que funciona como sujeito explícito acompanhado de mais de um determinante (*o* e *bom*). Nestes casos, a língua portuguesa conhece determinantes que podem figurar antes de outro determinante (os pré-determinantes) e os que podem figurar depois de outro determinante (os pós-determinantes).

Os determinantes estão, em geral, representados pelas seguintes classes de palavras: *adjetivo*, *artigo* e *pronome demonstrativo* ou equivalentes de adjetivos (estes veremos mais adiante):

Noites *claras* prenunciam bom tempo.

O livro está esgotado.

Esta manhã prometia chuva.

Na sequência de determinantes, aparecem como pré-determinantes, à esquerda do determinante, as palavras que podem receber globalmente o nome de *Quantificador* (*algum*, *certo*, *vários*, *todo*, *todos*, *qualquer*, *alguns* (*de*), *vários* (*de*), etc.:

Alguns bons momentos são inesquecíveis.

Todos os alunos saíram.

Alguns de nós não foram à festa.

Aparecem como pós-determinantes, isto é, as palavras que ocorrem à direita do determinante e do pré-determinante, o *pronome possessivo* e o *numeral*:

Os *seus* livros não estavam na estante.

Aqueles *dois* erros eram graves.

Vários de *meus* sobrinhos são engenheiros.

Aqueles *dois seus* vizinhos trabalham no comércio.

Antes de passarmos à descrição dos termos sintáticos integrantes da oração em português, precisamos falar de algumas noções que se fazem necessárias a que tal tarefa se realize o mais adequadamente possível. Estas noções dizem respeito *a termos nucleares* e *marginais* e *termos argumentais* e *não argumentais*, *termos opcionais* e *não opcionais*, e, finalmente, *termos integráveis* e *não integráveis*.

2) Termos nucleares e marginais

Numa oração como:

Graciliano falou de temas universais em seus romances,

além de *Graciliano* e *falou*, que são núcleos do sujeito e do predicado, temos os termos *de temas universais* e *em seus romances*, que se dizem *nucleares*, do ponto de vista sintático-semântico, porque estão intimamente referidos à relação predicativa, já que *de temas universais* explicita aquilo de que falam os romances de Graciliano Ramos, enquanto *em seus romances* faz alusão ao tipo de escritos nos quais o autor fala desses temas.

Já em:

Certamente, Graciliano viveu experiências amargas, durante sua vida,

muitas experiências amargas e *durante sua vida* são *nucleares*, porque também estão intimamente ligados, pelas relações sintáticas e semânticas, à função predicativa da oração, que tem por núcleo o verbo *viveu*. Tal não ocorre, porém, com o termo *certamente*, que não está referido nem somente ao sujeito nem somente ao predicado, mas a toda a oração. Esta independência sintática e semântica lhe permite deslocar-se livremente nos limites da oração:

Certamente, Graciliano viveu experiências amargas durante sua vida.
Graciliano, certamente, viveu experiências amargas, durante sua vida.
Graciliano viveu, certamente, experiências amargas durante a sua vida.
Graciliano viveu experiências amargas, certamente, durante a sua vida.
Graciliano viveu experiências amargas durante a sua vida, certamente.

Este termo *certamente*, verdadeiro comentário à parte do narrador, se considera um termo *marginal* da frase, de que nos ocuparemos mais adiante.

3) Termos argumentais e não argumentais – Se os termos nucleares se referem sintática e semanticamente à relação predicativa da oração, eles nem sempre o são no mesmo grau de coesão e de dependência ou subordinação. Assim, na oração:

Graciliano conheceu experiências amargas durante sua vida,

experiências amargas e *durante sua vida*, já o dissemos, são termos nucleares, mas o primeiro (*experiências amargas*) está mais estreitamente ligado ao conteúdo do pensamento designado pelo verbo *conhecer* do que o termo *durante sua vida*. Dizemos, então, que o termo nuclear *experiências amargas* é também um termo *argumental* ou é um *argumento*, porque aparece solicitado ou regido pelo significado lexical referido pelo verbo *conheceu*. Já o termo *durante sua vida* não está condicionado pelas relações sintáticas e semânticas do mesmo verbo; por isso pode não aparecer na referida oração, sem que esta se prejudique na sua estruturação sintático-semântica:

Graciliano conheceu experiências amargas,

o que não se daria, se eliminássemos o termo argumental *experiências amargas*:

* Graciliano conheceu durante sua vida.

Assim, *durante sua vida* é um termo *não argumental*. *Argumental* e *não argumental* distinguem as mesmas características sintáticas e semânticas que a gramática tradicional utiliza para separar os *complementos* ou termos *regidos* ou ainda *integrantes* dos *adjuntos* ou termos *acessórios*.

Além da capacidade de poder ser eliminado da oração, o termo não argumental, pela sua coesão fraca e independência sintático-semântica em relação ao predicado, goza de maior liberdade de colocação na *oração*, marcado com pausa adequada, assinalada quase sempre por sinais de pontuação:

Graciliano conheceu experiências amargas durante sua vida.
Durante sua vida, Graciliano conheceu experiências amargas.
Graciliano conheceu, durante sua vida, experiências amargas.

Esta liberdade, já o vimos, conheceu também o termo marginal *certamente*, do exemplo anterior; só que *durante sua vida* é termo nuclear, e não marginal, porque está referido ao predicado das orações acima. Esta liberdade se deve às características sintáticas e semânticas do verbo *conheceu*.

É oportuno lembrar também que um termo argumental o é por motivação das características sintáticas e semânticas da relação predicativa, e não apenas pelo conteúdo designado. Assim, uma noção de lugar como *no Brasil* pode funcionar como argumental ou complemento na oração (1), e como não argumental na oração (2):

(1) Ele mora *no Brasil.*
(2) Ele trabalha *no Brasil.*

Na oração (1), em condições normais, não se pode prescindir de *no Brasil*:

* Ele mora.

Já na oração (2), o apagamento de *no Brasil* é perfeitamente normal:

Ele trabalha.

4) Termos opcionais e não opcionais – É preciso não confundir termo argumental e não-argumental com termo não-opcional e opcional, respectivamente.

Muitas vezes um termo argumental, isto é, condicionado pelas características sintáticas e semânticas de recção ou regência do termo regente, pode ser dispensado, apagado ou eliminado da oração pelo falante ou porque já foi referido anteriormente e, por isso, é facilmente subentendido pelo ouvinte, ou porque, graças ao conhecimento que temos das coisas e do mundo, a nossa experiência também facilmente entende aquilo de que estamos falando.

Assim é que não se precisa repetir o sujeito *Antônio* junto ao segundo verbo do grupo de orações:

Antônio saiu cedo, mas não gostou da ideia,

que seria

Antônio saiu cedo, mas Antônio não gostou da ideia.

Também em razão do nosso saber sobre as coisas do mundo extralinguístico é que podemos fazer o chamado "emprego absoluto" de vários verbos, desacompanhados de seus argumentos ou complementos, implícitos na ação designada pelo verbo, mas que a nossa experiência recupera. Podemos ser entendidos e a oração "fazer sentido" com enunciados do tipo:

Hoje não *escrevi* [sabe-se que se trata de um texto qualquer]

Enchi o copo [sabe-se que se trata de um líquido, água, suco, etc.]

Não se fazem tais apagamentos se se trata de uma declaração que contrarie a nossa experiência:

Enchi o copo *de areia*.

5) Termos integráveis e não integráveis – Cabe, por fim, distinguir termos *integráveis* e termos *não integráveis*. Chamam-se integráveis aquelas funções sintáticas que podem ser substituídas por pronome pessoal adverbal átono, também chamado *clítico* (do grego *klísis* 'inclinação') pela possibilidade de integrar-se no mesmo grupo acentual da palavra a que se inclina na pronunciação, na curva melódica.

No português, são integráveis os complementos direto e indireto, como veremos ao seu tempo. Bastem-nos estes exemplos:

Li *o livro* – Li-*o*.

Viu *as crianças* – Viu-*as*.

Dei o livro *a Pedro* – Dei-*lhe* o livro.

Escreveram carta *aos primos* – Escreveram-*lhes* cartas.

Termos argumentais podem não ser integráveis: é o que acontece com o complemento relativo. Neste caso, a expressão que substitui esta função está representada por um sintagma prepositivo que repete a mesma preposição seguida dos pronomes *ele*, *ela*, *eles*, *elas* ou *isso*:

Não pensava *nos amigos* / Não pensava *neles*.

Assistimos *ao jogo* / Assistimos *a ele*.

Por outro lado, termos não argumentais podem ser integráveis, como ocorre com o chamado dativo de interesse, que estudaremos mais adiante:

Não *me* mexam nesses papéis!

Conhecendo melhor o predicado: núcleo e determinantes – Já vimos que sujeito e predicado organizam a relação predicativa, relação que constitui oração favorita e normal da língua portuguesa, organização que se traduz por marcas formais, como a concordância de número e pessoa, que estudaremos mais adiante.

O núcleo do predicado está constituído por uma classe de palavra chamada *verbo*; assim é que as orações ditas favoritas não dispensam o verbo, explícito, ou oculto pelas possibilidades da referência discursiva.

O predicado de uma oração pode ser *simples* ou *complexo*, conforme o conteúdo léxico do verbo que lhe serve de núcleo. Há verbos cujo conteúdo léxico é de grande extensão semântica; de modo que, se desejamos expressar determinada realidade, temos de delimitar essa extensão semântica mediante o auxílio de outros signos léxicos adequados à realidade concreta. Estes outros signos léxicos que nos socorrem nessa delimitação da extensão

semântica do verbo, verdadeiros delimitadores semânticos verbais, se chamam *argumentos* ou *complementos verbais*.

Os verbos que necessitam dessa delimitação semântica recebem o nome de *transitivos*:

O porteiro *viu o automóvel.*

Eles *precisam de socorro*.

Os verbos que apresentam significado lexical referente a realidades bem concretas não necessitam de outros signos léxicos, como fazem os que integram predicados complexos. Dizemos, então, que o predicado é *simples*. A tradição gramatical chama *intransitivos* a tais verbos:

Ela não *trabalha*.

José *acordou* cedo.

As crianças *cresceram* rapidamente.

Um mesmo verbo pode ser usado transitiva ou intransitivamente, principalmente quando o processo verbal tem aplicação muito vaga:

Eles *comeram* maçãs (transitivo).

Eles não *comeram* (intransitivo).

Esta particularidade só é possível quando a extensão significativa do verbo aponta para um termo geral (arquilexema) que englobe a natureza de todos os signos léxicos que naturalmente apareceriam à direita do verbo:

Eles *bebem* pouco (algo líquido: *água*, *refrigerante*, *suco*, etc.).

O aluno não *escreveu* (um texto: *bilhete*, *carta*, *oração*, etc.).

E é justamente por isso que não se podem usar intransitivamente, a não ser que os entornos venham em socorro da perfeita compreensão da mensagem, predicados do tipo:

Ele ofereceu

Nós reparamos,

já que o signo lexical do complemento não pode ser preenchido por um signo léxico abrangente, um arquilexema, como ocorreu nos exemplos anteriores.

Certos verbos normalmente transitivos, quando empregados intransitivamente, podem adquirir especial matiz semântico:

Ele não *vê* / 'não enxerga', 'é cego'

Já não *bebe* / 'abandonou o alcoolismo'

Ainda não *lê* / 'é analfabeto'

Por tudo isto, conclui-se que a oposição entre transitivo e intransitivo não é absoluta, e mais pertence ao léxico do que à gramática.

1) Os tipos de argumentos determinantes do predicado complexo

a) O complemento direto ou objeto direto – O predicado complexo acompanha-se de tipos diferentes de argumentos, conhecidos por *complementos verbais*.

O primeiro deles é o *complemento direto*, também chamado *objeto direto*, representado por um signo léxico de natureza substantiva (substantivo ou pronome) não introduzido por preposição necessária:

Os vizinhos não viram *o incêndio*.

Não encontramos *os responsáveis*.

O pai comprou *nova casa*.

Constituído, como o sujeito, por expressão substantiva não marcado por um índice funcional (a preposição, neste caso), o complemento direto se distingue do sujeito por vir à direita do verbo (o sujeito vem normalmente à esquerda) e não influir na flexão deste. Assim, a troca de posição destes dois termos na oração está circunscrita aos casos em que dela não resulte ambiguidade ou ruído de comunicação, principalmente no texto escrito. No texto oral, são as pausas e a entonação elementos decisivos para que a oração respeite a intenção comunicativa do falante, sem deixar de haver também, é evidente, a contribuição dos entornos:

José viu o irmão não é a mesma coisa que *O irmão viu José*. Mas já em *José viu os irmãos* e *Os irmãos viu José*, a flexão do verbo no singular patenteia que o sujeito, nas duas orações, só pode ser *José*.

A identificação deste tipo de complemento se faz, além da não presença de preposição necessária, mediante as seguintes estratégias:

a) a comutação do complemento direto pelos pronomes pessoais *o*, *a*, *os*, *as*, marcados formalmente com o gênero e o número do termo comutado:

Os vizinhos não viram *o incêndio* / ... não *o* viram
Não encontramos *os responsáveis* / ... não *os* encontramos
O pai comprou *nova casa* / ... *a* comprou

b) a passagem da oração na chamada voz ativa para a oração de voz passiva, mediante a qual o sujeito da ativa se transforma em agente da passiva introduzido pela preposição *por* (na combinação *per*), enquanto o complemento direto da ativa passa a sujeito da passiva:

Os vizinhos não viram *o incêndio* / *O incêndio* não foi visto *pelos vizinhos*.
Não encontramos *os responsáveis* / *Os responsáveis* não foram encontrados *por nós*.
O pai comprou *nova casa* / *Nova casa* foi comprada *pelo pai*.

c) a substituição do complemento direto pelos pronomes interrogativos *quem?* [é que] (para pessoas) e [o] *que* [é que]*?* antes da sequência sujeito + verbo, ou antes dos verbos *fazer* ou *acontecer*:

O caçador viu *o companheiro*.
Quem é que o caçador viu? – *o companheiro* (complemento direto)
O caçador viu *o lobo*.
Que é que o caçador viu? – *o lobo* (complemento direto)

d) finalmente, a transposição (topicalização) do complemento direto para a esquerda do verbo, operação que permite a presença de um pronome pessoal objetivo no local vizinho ao verbo onde deveria estar o complemento direto:

O caçador viu *o lobo* / *O lobo*, o caçador *o* viu

Nenhuma dessas estratégias por si só é operação infalível na identificação do complemento

direto; devemos, portanto, utilizar mais de uma estratégia, porque:

a) nem todo predicado complexo de oração de voz ativa admite a passagem à oração de voz passiva; ocorre o fato com certos verbos, como os seguintes [AB.1]:

*Eu quis o livro → *O livro foi querido por mim.*
*Cremos isso → *Isso é crido por nós.*
*O aluno tem o livro → *O livro é tido pelo aluno.*
*Os refugiados perderam tudo → *Tudo foi perdido pelos refugiados.*
*O atleta pesava 60 quilos → *60 quilos eram pesados pelo atleta.*

b) por outro lado, certos predicados complexos delimitados por signo léxico não constituído com complemento direto também admitem a transformação de oração de voz ativa em oração de voz passiva:

Assistimos à missa → A missa foi assistida por nós.
O proprietário pagou aos operários → Os operários foram pagos pelo proprietário.
O diretor perdoará aos alunos → Os alunos serão perdoados pelo diretor.
Os cidadãos obedecem à lei → A lei é obedecida pelos cidadãos.
Todos responderam ao anúncio → O anúncio foi respondido por todos.
Apelaram da sentença → A sentença foi apelada.
Não aludiram a essas razões → Essas razões não foram aludidas.

c) não são naturais, embora gramaticalmente possíveis, as perguntas com *quem*?, *que*? nas frases cujos predicados complexos contêm verbos que significam medida, peso, preço e tempo:

O corredor mede cinco metros.
O atleta pesa sessenta quilos.
O novo carro custou trinta mil reais.
O filme durou três horas.

d) também não são frequentes, embora gramaticalmente possíveis, as pronominalizações com os verbos da natureza semântica referida no item anterior:

O corredor mede-os.
O atleta pesa-os.
O novo carro custou-os.
O filme durou-as.

b) Objeto direto preposicionado – Não raro o objeto aparece iniciado por preposição:

Amar a Deus sobre todas as coisas.

A preposição quase sempre aparece para evidenciar o contraste entre o sujeito e o complemento, não se confundindo com o caso do posvérbio, porque este repercute na significação do verbo. Ocorre o objeto direto preposicionado nos seguintes casos principais:

a) quando se trata de pronome oblíquo tônico (uso hoje obrigatório):

"Nem ele entende *a nós*, nem nós *a ele"* [LC.1, V, 28].

b) quando, principalmente nos verbos que exprimem sentimentos ou manifestações de sentimento, se deseja encarecer a pessoa ou ser personificado a quem a ação verbal se

dirige ou favorece:

Amar *a Deus* sobre todas as coisas.

Consolou *aos amigos*.

c) quando se deseja evitar confusão de sentido, principalmente quando ocorre:

1) *inversão* (o objeto direto vem antes do sujeito):

A Abel matou Caim.

2) *comparação*:

"Isto causou estranheza e cuidados ao amorável Sarmento, que prezava Calisto como *a filho*" [CBr.1, 80].

OBSERVAÇÃO: Sem preposição poder-se-ia interpretar *filho* como sujeito: *como filho preza*; todavia, o uso da preposição neste caso não é gramaticalmente obrigatório.

d) na expressão de reciprocidade: *um ao outro*, *uns aos outros*:

Conhecem-se *uns aos outros*.

e) com o pronome relativo *quem*:

Conheci a pessoa *a quem* admiras.

f) nas construções paralelas com pronomes oblíquos (átonos ou tônicos) do tipo:

"Mas engana-se contando com os falsos que nos cercam. Conheço-os, e *aos leais*" [AH.3, 102].

g) nas construções de objeto direto pleonástico, sem que constitua norma obrigatória:

"Ao ingrato, ou não o sirvo, porque (para que) me não magoe" [RLb.2, 278].

c) A preposição como posvérbio – Muitas vezes aparece depois de certos verbos uma preposição que mais serve para lhes acrescentar um novo matiz de sentido do que reger o complemento desses mesmos verbos:

Arrancar a espada.

Arrancar da espada (acentua a ideia de uso do objeto e a retirada total da bainha ou cinta).

Cumprir o dever.

Cumprir com o dever (acentua a ideia de zelo ou boa vontade para executar algo).

Fiz que ele visse.

Fiz com que ele visse (acentua a ideia do esforço ou dedicação empregada).

A preposição que se emprega nestes casos deu-lhe o Prof. Antenor Nascentes o nome de *posvérbio* [AN.2, 17].

d) O complemento relativo – O predicado complexo também pode conter verbo cujo conteúdo léxico é de grande extensão semântica, que exige outro tipo de signo léxico que delimite e especifique a experiência comunicada, à semelhança do que vimos com o complemento direto. A diferença é que neste segundo caso o determinante do predicado complexo vem introduzido por preposição; a tal termo preposicionado chamamos *complemento relativo* [RL.1, 251]:

Todos nós *gostamos de cinema*.

O marido não *concordou com a mulher*.

Poucos *assistiram ao concerto*.

O comerciante não *confiou no empregado*.

A preposição que introduz o complemento relativo constitui uma extensão do signo léxico verbal como parece indicar o fato de que cada verbo se acompanha de sua própria preposição, por servidão gramatical.

A escolha de qual preposição deva introduzir este complemento relativo depende da norma estabelecida pela tradição, tradição que pode permitir, às vezes, o emprego variado e indiferente de mais de uma preposição:

Ela se parece *ao* pai Ela se parece *com* o pai.

Há, todavia, certos usos gramaticalmente previsíveis, como a frequente identidade do prefixo e da preposição (*depender de*, *concorrer com*, *agregar a*, por exemplo), ou a preferência relativa da preposição *de* depois de verbos pronominais (*arrepender-se de*, *queixar-se de*, *lembrar-se de*, *condoer-se de*, por exemplo), o que não deixa de ser aspectos da historicidade da norma.

A identidade, como termos funcionais argumentais do predicado complexo, entre o complemento direto e o complemento relativo justifica a quase nula frequência de coexistirem os dois termos no mesmo predicado, e nenhuma na coordenação deles:

O vizinho disse *mentiras do primo*.

O comerciante encheu *o copo de vinho*.

A jovem pôs *os livros na estante*.

Por outro lado, essa identidade funcional explica a possibilidade de, para muitos verbos, alternar a construção do complemento direto com o complemento relativo e até a norma admite indiferentemente qualquer dos dois complementos:

Ajudar a missa	*Ajudar à missa*
Atender o telefone	*Atender ao telefone*
Assistir os carentes	*Assistir aos carentes*
Chamar românicas essas línguas	*Chamar românicas a essas línguas*
Presidir a sessão	*Presidir à sessão*
Satisfazer o pedido	*Satisfazer ao pedido*

No decurso do tempo e nas variedades linguísticas (diatópicas, diastráticas e diafásicas é muito documentada essa mudança entre o complemento direto e o complemento relativo; assim, já se usaram como complemento relativo (o que hoje se fixou como complemento direto) os verbos *socorrer*, *contentar* e muitos outros.

O signo léxico que representa o complemento relativo é comutável pelos pronomes pessoais tônicos *ele*, *ela*, *eles*, *elas*, introduzidos pela respectiva preposição, marcando o gênero e o número da expressão substantiva comutada:

Todos gostam *do ator*. Todos gostam *dele*.

Os turistas assistiram *à opera*. Os turistas assistiram *a ela*.

O comerciante não confiou *nos empregados*. O negociante não confiou *neles*.

Porque delimitam a extensão semântica do signo léxico do predicado complexo, incluem-se como complemento relativo os argumentos dos verbos ditos locativos, situativos e direcionais, o que permite sua comutação com advérbios de equivalência semântica:

Seus parentes moram *no Rio*. / Seus parentes moram *aqui*.

O artista já não vive *em São Paulo*. / O artista já não vive *lá*.

Iremos *a Petrópolis*. / Iremos *aí* (*ali*).

Ela chegou *do Ceará*. / Ela chegou *de lá*.

OBSERVAÇÃO: Não há unanimidade entre os estudiosos em considerar tais argumentos do predicado complexo como complementos relativos. Levando em conta exclusivamente o aspecto semântico, muitos preferem considerar tais termos como adjuntos circunstanciais ou adverbiais, que estudaremos mais adiante. Pelas mesmas razões, também não é unânime a identificação como objeto direto argumentos do predicado complexo que têm por núcleo verbos que significam medida, peso, preço e tempo. A verdade é que significados gramaticais ["agente", "paciente", "locativo", "direção", etc.] se manifestam mediante esquemas sintáticos muito variados. Repare-se que, numa oração como *O policial acompanhou o idoso ao banco na hora do tumulto*, o termo indicativo do lugar (*ao banco*) é inerente ao predicado, e, portanto, não pode ser dispensado, como ocorre com *na hora do tumulto* [E. Paiva, 71 e ss.]

e) O complemento objeto indireto – Integrada a delimitação da amplitude semântica do predicado complexo mediante um signo léxico (*complemento direto* ou *complemento relativo*), pode aparecer um outro signo léxico, subsidiário desse conjunto da função predicativa, que denota geralmente relação a um ser animado, introduzido pela preposição *a* e que se refere à pessoa destinada ou beneficiada pela experiência comunicada no primeiro momento da intenção comunicativa do predicado complexo (verbo + argumento):

O diretor *escreveu cartas AOS PAIS*.

Os vizinhos *se queixaram* do *barulho À POLÍCIA*.

Este novo argumento do predicado complexo se chama *complemento* ou *objeto indireto* [HB.1, 261] e apresenta as seguintes características formais e semânticas: a) é introduzido apenas pela preposição *a* (raramento *para*); b) o signo léxico denota um ser animado ou concebido como tal; c) expressa o significado gramatical "beneficiário", "destinatário"; d) é comutável pelo pronome pessoal objetivo *lhe* / *lhes*, que leva a marca de número do signo léxico referido, mas não a de gênero, como ocorre no caso dos pronomes pessoais que comutam o signo léxico correspondente ao complemento direto (*o*, *a*, *os*, *as*) ou ao complemento relativo (prep. + *ele*, *ela*, *eles*, *elas*).

Enviaram o presente *à aniversariante*. / Enviaram-*lhe* o presente.

O diretor escreveu cartas *aos pais*. / O diretor escreveu-*lhes* cartas.

Acrescente-se ainda a possibilidade de poder esse pronome duplicar o complemento indireto na mesma oração, sem que este termo esteja obrigado a topicalizar-se, isto é, a aparecer antecipado na oração:

Sempre *lhe* dei *ao aluno* muita atenção.

Ao aluno sempre *lhe* dei muita atenção.

Assim, o complemento indireto é um termo que se distancia mais da delimitação semântica do predicado complexo e parece melhor um elemento adicional da intenção comunicativa que fica, no esquema sintático, a meio caminho entre os verdadeiros complementos verbais e os adjuntos circunstanciais.

Os estudiosos têm encontrado dificuldade em estabelecer um rigoroso critério de identificação do complemento indireto, preferindo servir-se concomitantemente de critérios

léxicos, formais e sintáticos.

A integração da relação predicativa se faz *imediatamente* com o complemento direto e relativo, e só *mediatamente* com o complemento indireto. Tanto é assim que em condições normais (isto é, quando não se trate de evidente elipse ou de auxílio de entorno, não se pode eliminar o complemento direto ou complemento relativo, mas é possível não anunciar o complemento indireto:

Vi o acidente	*Vi
Preciso do auxílio	*Preciso

mas:

Escrevi cartas aos pais	Escrevi cartas
Queixou-se da turma ao diretor	Queixou-se da turma

Embora o complemento ou objeto indireto integre o conjunto *verbo + complemento direto* ou *complemento relativo*, as circunstâncias do discurso (os entornos, a referência anterior ou seguinte no discurso) permitem que se omita o complemento direto ou complemento relativo, permanecendo na oração apenas o indireto, ou se pode omiti-lo, deixando apenas um daqueles complementos:

O diretor escreveu *aos pais*. O diretor escreveu *cartas*.

Os vizinhos se queixaram *à polícia*. Os vizinhos se queixaram *do barulho*.

f) Objeto indireto e adjuntos com *para* – Cabe insistir que a preposição que introduz o complemento indireto é *a*; muitas vezes, parece que, nesta função, se acha a preposição *para*, já que *a* e *para* se alternam em muitos esquemas sintáticos, mas não quando se trata do complemento indireto, o que só raramente acontece:

Alguns alunos compraram flores *para a professora*.

Se prestarmos atenção, *para a professora* do exemplo não introduz o termo que funcionaria como complemento indireto, e a prova disto está na possibilidade, na referida oração, de aparecer um complemento indireto:

Alguns alunos compraram flores *ao florista* para a professora.

Note-se que se *ao florista* e *para a professora* exercessem a mesma função de complemento indireto, deveriam aparecer coordenados mediante a conjunção *e*, como ocorre com todos os termos de igual valor gramatical. Não seria possível construir a seguinte oração:

Alguns alunos compraram flores *ao florista e para a professora*.

Diante de uma oração como a nossa

Alguns alunos compraram flores *ao florista para a professora*,

a pronominalização só pode ser comutada com o objeto indireto *ao florista*:

Alguns alunos compraram-lhe flores para a professora.

mas não:

*Alguns alunos compraram-lhe ao florista.

g) Construção especial com objeto indireto – Um pequeno número de verbos contraria o princípio geral que aqui adotamos, segundo o qual o objeto indireto integra a função predicativa exercida por *verbo* + *argumento* (objeto direto ou complemento relativo).

A notícia não agradou *ao povo*.

A notícia não *lhe* agradou.

Ocorre esta construção com verbos como *agradar*, *desagradar*, *pertencer*, *ocorrer*, *acontecer*, *saber* (= sentir sabor), *cheirar* (= sentir o cheiro), *interessar*, *aparecer*, *sorrir* (= aparecer favoravelmente).

O imóvel pertence *aos herdeiros* (pertence-*lhes*).

Esses fatos *lhe* aconteceram repentinamente.

Isto não *lhe* sabe bem.

O café *lhe* cheira bem.

Apareceram-lhe uns ruídos estranhos.

A sorte *lhe* sorriu nesta semana.

h) Os chamados "dativos livres" – Os objetos indiretos vistos nesta seção são argumentos sintático-semânticos extensivos da função predicativa do conteúdo comunicado nas respectivas orações.

Todavia, remanescentes de construções, algumas das quais da sintaxe latina, aparecem sob forma de objeto indireto, nominal ou pronominal, alguns termos que não estão direta ou indiretamente ligados à esfera do predicado: são os chamados *dativos livres*, representados pelos seguintes tipos:

a) *dativo de interesse* (*dativus commodi et incommodi*) – é aquele mediante o qual se indica de maneira secundária a quem aproveita ou prejudica a ação verbal:

Ele só trabalha *para os seus*.

Ele ligou-*me* amavelmente a luz [MV.2, 123].

Este dativo fica muito próximo da circunstância de fim ou proveito (beneficiário).

b) *dativo ético* – é uma variedade do anterior, muito comum da linguagem da conversação, e representa aquele pelo qual o falante tenta captar a benevolência do seu interlocutor na execução de um desejo:

Não *me* reprovem estas ideias!

Não *me* mexam nos papéis!

Ele sempre *te* saiu um grande mentiroso.

Não *me* enviem cartões a essas pessoas.

Repare-se que, neste último exemplo, o verbo se acompanha de complemento direto (*cartões*) e indireto (*a essas pessoas*), enquanto o pronome *me*, fora da esfera da transitividade verbal, denuncia o meu interesse de que a tais pessoas não sejam enviados cartões.

c) *dativo de posse* – exprimem o possuidor:

O médico tomou o pulso *ao* doente (tomou-*lhe* o pulso).

Doem-*me* as costas.

O vaso partiu-se-*me* [MV].

d) *dativo de opinião* – exprime a opinião de uma pessoa:

Para ele a vida deve ser intensamente vivida.

Para nós ela é a culpada.

A alguns destes dativos o velho e grande filólogo venezuelano Andres Bello chamava *dativos supérfluos*.

Isto evidencia que os pronomes adverbiais átonos, especialmente o caso do *lhe* como símbolo formal do objeto indireto, cobrem outras funções além daquela de complementação verbal.

i) O complemento predicativo – Um grupo reduzido de verbos integra o predicado complexo acompanhado de outro tipo de argumento verbal conhecido pelo nome de *complemento predicativo* ou tão somente *predicativo*. Estes verbos se caracterizam por uma referência tão vaga à realidade comunicada, que fazem do predicativo um argumento, pelo aspecto semântico, muito mais intrinsecamente relacionado com o verbo do que os demais integrantes do predicado complexo (os complementos direto, relativo e indireto) e portador de referência a traços essenciais do sujeito.

Esta pequena lista de verbos inclui *ser*, *estar*, *ficar*, *permanecer*, *parecer* e poucos outros, que aparecem matizados semanticamente pelo signo léxico que funciona como predicativo:

O trabalho *é* proveitoso.

Janete *é* minha irmã.

As alegrias *eram* passageiras.

O céu *está* azulado.

Os argumentos *permaneceram* incompletos.

A situação *parecia* resolvida.

Esses livros não *são* seus.

Se atentarmos para o aspecto formal, tirante o fenômeno da concordância do predicativo com o sujeito, verificaremos que há pontos de contato entre este predicativo e o complemento direto: a) ambos matizam a extensão semântica do verbo, funcionando como seu delimitante; b) aparecem normal e imediatamente (sem preposição) à direita do verbo; c) são comutados por pronome átono, ainda que de maneira diferente, quando o verbo é *ser*, *estar*, *ficar*, *parecer*; d) e, finalmente, porque muitas das construções oracionais com predicativo são equivalentes na designação, isto é, na referência à realidade comunicada, são equivalentes a orações com verbos que exprimem ação e processo, especialmente se o verbo está no presente: *Pedro é cantor* / *Pedro canta*; *O colega está irritado* / *O colega irrita-se.*

Tais aproximações levaram alguns estudiosos a considerar que, em orações do tipo, *Ele é meu irmão*, *meu irmão* poderia identificar-se com o *complemento direto*; outros, adotando a distinção, insistiam em juntar essas duas como variantes funcionais duma só função.

A primeira particularidade formal que distingue o predicativo dos demais argumentos verbais é a concordância (quando representada por adjetivo e alguns pronomes) em gênero e número com o sujeito da oração, conforme demonstram os exemplos acima.

A segunda particularidade é a possibilidade de comutação do predicativo pelo pronome invariável *o*, qualquer que seja o gênero e o número do núcleo do predicativo que substitui, quando o verbo é *ser*, *estar*, *ficar* e *parecer*:[109]

O trabalho é *proveitoso*. → O trabalho *o* é.

As alegrias eram *passageiras*. → As alegrias *o* eram.

Janete é *minha irmã* → Janete *o* é.

Mas:

A professora continua *doente* → * A professora *o* continua.

A terceira particularidade é a impossibilidade de ser a oração com tais verbos construída na voz passiva, como ocorre com a que tem complemento direto.

A quarta particularidade é a incompatibilidade de aparecer com o seu representante invariável *o* na mesma oração:

Filipe é *simpático*. Filipe *o* é. *Filipe *o* é *simpático*

2) Vale a pena distinguir predicado verbal e predicado nominal? – Tal esvaziamento do signo léxico representado por esses verbos, esvaziamento que se supre com o auxílio de um nome (substantivo ou adjetivo), e a particularidade de concordar o predicativo em gênero e número com o sujeito levaram a uma distinção entre predicado *verbal* (*Pedro canta*) e predicado *nominal* (*Pedro é cantor*, *Maria é professora*), o que implicava retirar de tais verbos o *status* de verbo, – pois sua missão gramatical se restringiria a "ligar" (daí os nomes de *copulativos*, *de ligação* ou *relacionais* que se lhes atribuíam) o predicativo ao sujeito. A realidade comunicada residiria no nome predicativo e o verbo seria apenas o marcador do tempo, modo e aspecto da oração. Ora, do ponto de vista funcional e formal, tais verbos apresentam todas as condições necessárias à classe dos verbos, incluindo-se aí os morfemas de gênero, número, pessoa, tempo e modo; daí acompanharmos neste livro os linguistas e gramáticos que defendem a não distinção entre o *predicado verbal* e o *predicado nominal*, incluindo também a desnecessidade de distinguir o *predicado verbo-nominal* [EBv.1, cap. 13 e 16]. Toda relação predicativa que se estabelece na oração tem por núcleo um verbo.

Como o signo linguístico que aparece na função de predicativo costuma ser um nome – substantivo ou adjetivo –, a tradição gramatical passou a designar *nominal* a esse tipo de predicado complexo, para diferi-lo dos outros chamados *verbais*. Além da sem razão dessa diferença, conforme acabamos de ver, cabe lembrar que funcionam como predicativo outras classes de palavras, inclusive advérbios.

João é meu *irmão*.
O sol está *quente*.
Os argumentos continuam os *mesmos*.
Ela mais parece uma *Maria vai com as outras*.
Os vizinhos estão *bem*.
Os jovens são *assim*.
O primo é *dos nossos*.
A mesa parece *de madeira*.
Nós somos *do Norte*.
As provas parecem *de boas fontes*.
Está *tarde*.
O compromisso está *de pé*.
Ela estava *que estava*.

Observações:

1.ª) Levada pela equivalência do conteúdo do pensamento designado com orações declarativas que têm por núcleo os verbos *ser*, *estar* ou outro adequado à intenção comunicativa, a tradição tem considerado que há elipse de um de tais verbos em

enunciados como os seguintes, comuns em provérbios, refrãos, clichês do discurso repetido, isto é, de fórmulas fossilizadas da língua ou a elas assimiladas:

Tal pai, tal filho.

Casa de ferreiro, espeto de pau.

Povo educado povo limpo.

Na realidade, trata-se de exemplos de frases de estrutura bimembre, de que falaremos mais adiante, em que não há necessidade de se apelar para elipse.

2.ª) Conforme já vimos, um mesmo verbo pode ser usado de maneira diferente, conforme a realidade comunicada; vejamos, por exemplo, o verbo *virar*:

O tempo virou (usado num predicado simples, intransitivamente).

O vento virou o barco (usado num predicado complexo, com o argumento complemento direto *o barco*).

O vizinho virou fera (usado num predicado complexo, com o argumento predicativo *fera*).

3) A posição do predicativo – A construção básica da oração apresenta o predicativo à direita do verbo: *Meu amigo é inteligente*. Mas pode apresentar uma construção derivada em que o predicativo se antecipa e aparece antes do sujeito. Se o predicativo é representado por adjetivo, não há dificuldade em identificá-lo como tal: *Inteligente é meu amigo*, em que inteligente, apesar de colocar-se antes do sujeito *meu amigo* continua a exercer a função de predicativo. Todavia, a dificuldade pode surgir, se o sujeito e o predicativo estão representados por dois substantivos ou um substantivo e um pronome:

O meu amigo é o padrinho. / O padrinho é o meu amigo.

Eu sou o padrinho. / O padrinho sou eu.

João é o padrinho. / O padrinho é João.

Pelo expediente da comutação podemos com facilidade assinalar a correta classificação, já que vimos que o predicativo é, nesses casos, comutável com o pronome invariável *o*; quando não se trata do verdadeiro predicativo, a comutação não se mostra natural:

O meu amigo é o padrinho → O meu amigo o é.

*O padrinho é o meu amigo → *O padrinho o é.*

Eu sou o padrinho → Eu o sou.

*O padrinho sou eu → *O padrinho o sou.*

João é o padrinho → João o é.

*O padrinho é João → *O padrinho o é.*

É justamente pela comutação que no exemplo *Seu orgulho eram os velhinhos* ficamos sabendo que houve apenas inversão do predicativo: Os velhinhos *o* eram / *Seu orgulho *o* era.

Tiramos, assim, duas conclusões importantes para a sintaxe:

a) *Seu orgulho eram os velhinhos* é uma construção derivada da construção básica *Os velhinhos eram seu orgulho*;

b) em *Seu orgulho eram os velhinhos* o verbo concorda com seu verdadeiro *sujeito* (*os velhinhos*), e não com o predicativo (*seu orgulho*) [VK.1, 438].

Ainda a comutação vem pôr luz a um falso problema de classificação sintática de *dez horas* na oração de função predicativa não referida (a oração não tem sujeito): *São dez horas*.

A classificação corrente é atribuir a *dez horas* a função de predicativo. Como o verbo é impessoal e está, por concordância atrativa, no plural, tem-se-lhe proposto a função de sujeito. Ora, a comutação nos mostra ser a classificação como predicativo a única possível:

*São dez horas? – São-**no**.*

Jamais o sentimento linguístico do falante aceitaria como normal:

São dez horas? – ***Elas** são*,

como seria, se o sujeito fosse *dez horas*.

4) Outro tipo de predicativo: *anexo predicativo* – Esse determinante predicativo não se restringe à referência ao sujeito, em orações com o concurso de verbos como *ser*, *estar*, *ficar*, etc. Pode aparecer em predicados simples e complexos, com o concurso de verbos outros de ação ou processo, referidos ao sujeito, ao complemento direto, ao complemento relativo e ao complemento indireto (talvez restrito ao verbo *chamar* 'dar nome'):

Ele estudou *atento*. Ela estudou *atenta* (predicativo do sujeito).

Os trens chegaram *atrasados* (predicativo do sujeito).

O auditório ouviu os conferencistas *atento* (predicativo do sujeito).

A polícia encontrou a porta *arrombada* (predicativo do complemento direto).

Definiu-se o caso como *impossível* (predicativo do sujeito) [ABo.1, 71].

Tratou-se da questão como *insolúvel*. (predicativo do complemento relativo).

Nós lhe chamávamos *doutor* (predicativo do complemento indireto).

Não é raro vir o predicativo precedido de preposição ou palavra equivalente:

Tachou-o *de louco*.

A maioria tinha o réu *por* (ou *como*) *inocente*.

"Jesus, pareces desenterrado! exclamou assustadíssima a pobre mulher, vendo-o *pálido e de olheiras* cavadas e negras" (AFg, 118).

Com o verbo *chamar* podemos dizer:

Chamaram-no *tolo* / *de tolo*.

Chamaram-lhe *tolo* / *de tolo*.

Acompanham-se de predicativo do complemento direto os verbos:

a) que significam 'chamar' e 'ter na conta de': *chamar*, *considerar*, *reputar*, *julgar*, *supor*, *declarar*, *intitular*, *crer*, *estimar*, *ter* e *haver por*, *dar* e *tomar por*, etc.;

b) *deixar*, *ver*, *ouvir*, *encontrar*, em construções do tipo:

Viu-o *vivo e forte*.

Deixei-o *de cama* e encontrei-o *sarado*.

Pode o predicativo que exprime resultado ou consequência do processo verbal, indicar a situação anterior e a que resulta da mudança:

O secretário passou José *de auxiliar a chefe*.

À semelhança do predicativo em predicado complexo com *ser*, *estar*, etc., esse argumento concorda em gênero e número com o núcleo referido, e por isso tem merecido em muitos autores a classificação de *predicativo*; todavia há entre os dois predicativos diferenças:

a) é normalmente representado por um adjetivo, enquanto o outro tipo de predicativo pode vir expresso por adjetivo, substantivo, pronome, advérbio, etc.;

b) este último determinante apresenta-se numa relação semântica intermédia, entre a realidade comunicada pelo verbo e uma qualificação ao signo lexical núcleo do sujeito ou do complemento verbal;

c) por essa maior frouxidão relacional com o verbo, pode ser suprimido sem provocar uma construção agramatical:

Ele é estudioso / **Ele é*; *Ele estudou atento* / *Ele estudou*; *O auditório ouviu os conferencistas atento* / *O auditório ouviu os conferencistas*;

d) ao contrário dos outros predicativos, esse determinante não pode ser comutado pelo pronome invariável *o*, mas por um advérbio como *assim*:

Ele estudou atento / Ele estudou *assim.* / Ela estudou *assim.*

A polícia encontrou a porta arrombada. / A polícia encontrou a porta *assim.*

e) essa relação com uma palavra de natureza adverbial (*assim*), permite a substituição do adjetivo por advérbio, resultando daí orações equivalentes na designação:

Ele estudou atento / Ele estudou atentamente; O auditório ouviu os conferencistas atento / O auditório ouviu os conferencistas atentamente.

Tais diferenças levaram alguns autores a dar outra classificação a predicativos dessa natureza; Said Ali chamou-lhes *anexo predicativo*, e cremos que, se houver necessidade de dar nomes diferentes a tais predicativos, a expressão pode ser utilizada. As propostas *predicativo atributivo* ou *atributo predicativo* também correm em bons autores [AK.1, 83; SL.1, 46-47].

Pode-se variar a construção em que entra esse segundo tipo de predicativo transpondo-o para junto do termo referido, caso em que se profere com breve pausa ou com pausa mais longa; neste último caso, usa-se vírgula na língua escrita:

Os rios corriam sonorosos.

Os rios sonorosos corriam.

Sonorosos corriam os rios.

Os rios, sonorosos, corriam.

OBSERVAÇÃO: No exemplo *Os rios sonorosos corriam* podemos ver em *sonorosos* tanto um adjunto adnominal de *rios* como um predicativo do sujeito. A intenção comunicativa do falante ou escritor, quando possível, dependerá do sentido textual que será resgatado mediante a gramática do texto ou análise gramatical. Para o responsável pelo conteúdo do pensamento designado não há essa ambiguidade, porque, como diz Coseriu, "os falantes intuem e conhecem determinadas relações entre paradigmas diversos de sua língua" [ECs.1, 254].

Dentro desta função do predicativo podemos incluir o determinante que denota o "tempo, hipótese, concessão, causa, comparação, ou debaixo de que respeito é considerada a pessoa ou cousa", na época referida pela relação predicativa [ED.2, 45,b]:

'Stamos em pleno mar... Doudo no espaço.

Brinca o luar – *dourada borboleta* [CAv.1, 92].

(isto é, "como dourada borboleta)

"*Rainha* esquece o que sofreu *vassala*" [BBo].

(isto é, "como rainha esquece o que sofreu quando vassala")

Também esses predicativos podem vir introduzidos por preposição ou advérbio, ou palavras em função equivalente:

Em rapaz dizia verdades que *quando velho* silenciou.

Audaz D. *Quixote* ele entrou na discussão.

Quando Presidente esqueceu-se das promessas *como candidato*.

Os exemplos acima podem ser reescritos sem os instrumentos verbais introdutórios, quando esses predicativos à moda latina emprestam ao enunciado certa energia e elegância. Neste caso são marcados por pausa, ainda que breve; no exemplo acima de Castro Alves, a pausa é indicada graficamente pelo travessão, enquanto no de Bocage não há sinal de pontuação, ainda que a pausa exista para que *rainha* não seja proferido com a linha melódica igual à que o marcaria como sujeito de *esquece*. O seguinte exemplo de Eça de Queirós é bom testemunho

desse tipo de predicativo marcado por pausa, para distingui-lo do adjetivo com função de adjunto adnominal; observe que a pausa, marcada por vírgula, é decisiva para tal distinção:

> Mas os meses passaram, naquela vida de uma regularidade triste de pêndulo, entre a casa e a farmácia e o grosso livro encadernado, onde ele devia copiar os *Esmaltes e Jóias*, permanecia ainda quase todo branco. Lá estavam os três poemas que o *Pensamento* acolhera: *Ofélia, A ti* – que era a Aninhas Serrana, *amada* – e *Mulher de Mármore* – que era a Aninhas Serrana, *odiada*! [EQ.1, 53-54]

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Levados pela equivalência designativa, alguns autores preferem considerar como se fossem orações abreviadas sem verbo explícito os predicativos introduzidos por *como*, *quando*, *porque*, por considerá-los, nestes casos, conjunções subordinativas:

Quando Presidente → Quando era Presidente...

2.ª)Exemplos como o já citado

Os rios, sonorosos, corriam,

aproximam formalmente este tipo de anexo predicativo.

5) O infinitivo e o gerúndio como predicativo 110 – Já tivemos oportunidade de ver que o infinitivo, como forma nominal do verbo, funciona também como substantivo: *Querer é poder*. *Escrever é um ato de cultura*.

Em *Convém prestar atenção aos conselhos*, *prestar atenção aos conselhos* (em que o infinitivo é núcleo de um predicado complexo, com objeto direto [*atenção*] e indireto [*aos conselhos*]) funciona unitariamente como sujeito explícito do núcleo *convém*.

Em *Vejo abrir a porta*, o infinitivo com seu objeto direto (*abrir a porta*) funciona unitariamente como objeto direto do núcleo *vejo*: *vejo-o*.

Mas em enunciados do tipo *Ouço soprar o vento* ou *Vejo crescer as árvores*, apesar de serem aparentemente análogos aos anteriores, temos outras construções em que entram como núcleo verbos que significam atos mentais de percepção, embora os conjuntos *soprar o vento* ou *crescer as árvores* possam ser comutados por pronomes adverbais átonos (Ouço-*o* e Vejo-*as*). Os substantivos *vento* e *árvores* não funcionam como objeto direto do infinitivo, mas sim dos núcleos *ouço* e *vejo*, razão por que são comutados por pronomes adverbais átonos: *Ouço-o* (= o vento) *soprar* e *vejo-as* (= as árvores) *crescer*, em cujo procedimento não se incluem os infinitivos *soprar* e *crescer*.

Agora, se compararmos as construções estudadas antes:

Encontrou a porta arrombada,

em que *arrombada* funciona como predicativo do objeto direto *porta* e em que, comutando este objeto direto por pronome adverbal átono, teremos:

Encontrei-a arrombada,

onde o predicativo *arrombada* não fica incluído na função de *a*.

Analogamente, nos nossos exemplos

Ouço-o soprar
Vejo-as crescer

os infinitivos funcionam como modificadores dos respectivos pronomes adverbais e funcionam como seus predicativos.

Desta maneira, não cabe falar aqui de "sujeito" de infinitivo exercido por *vento* e *árvores* nas construções:

Ouço soprar o vento / Ouço o vento soprar

Vejo crescer as árvores / Vejo as árvores crescer

A analogia se deve ao fato de *vento* e *árvores* serem, na análise do conteúdo semântico, *agente* da ação da atividade percebida, como em *O vento sopra* e *As árvores crescem*, o que não quer dizer que, naqueles exemplos, exerçam a função sintática de sujeito. Por isso, em *Ouço soprar o vento* e *Vejo crescer as árvores*, o normal é que não se precise flexionar o infinitivo, já que *vento* e *árvores* não funcionam como sujeito de *soprar* e *crescer*.

Repare-se que, ao comutar o objeto direto do núcleo *ouço* ou *vejo*, se tem de deixar à parte o infinitivo, que, como vimos, funciona como predicativo do objeto direto *vento* ou *árvores*:

Ouço o vento soprar → Ouço-o soprar.
Vejo as árvores crescer → Vejo-as crescer.

Tal como ocorreu com:

Encontrou a porta arrombada → Encontrou-a arrombada.

Se, como vimos, não se pode falar nestes casos de "sujeito" de infinitivo, também é impróprio afirmar que tais substantivos são "objeto direto" do núcleo *ouço* ou *vejo* e ao mesmo tempo "sujeito" do infinitivo.

A concordância que pode aparecer em

Ouço soprarem os ventos / Ouço os ventos soprarem.
Vejo crescerem as árvores / Vejo as árvores crescerem.

se deve à análise do conteúdo semântico da equivalência na designação, isto é, na referência à realidade percebida, com:

Ouço que os ventos sopram.
Vejo que as árvores crescem.

em que *ventos* e *árvores* são agentes e agora também sujeitos.

A diferença entre o *agente* da análise semântica e o sujeito da análise gramatical (da estrutura sintática) é comparável à que ocorre entre o *paciente* da análise semântica e o *sujeito* da construção sintática reflexiva em (só que aqui a língua padrão ainda não agasalhou o resultado do procedimento):

Alugam-se casas / Aluga-se casas.

Pelo mesmo efeito da equivalência na designação é que aparece o primeiro verbo no singular quando se combina com o pronome reflexivo se, procedimento que, na análise gramatical, passa os antigos objetos diretos (*ouço os ventos* / *vejo as árvores*) a sujeito do sentido passivo da nova construção:

Ouve-se soprar os ventos / Ouve-se os ventos soprar.
Vê-se crescer as árvores / Vê-se as árvores crescer.

Trata-se aqui de concordâncias tão irregulares à luz da análise gramatical e da tradição da língua exemplar, quanto as que ocorrem em:

Aluga-se casas.
Vende-se apartamentos.

Em lugar do infinitivo em função de predicativo, pode aparecer o *gerúndio*, quando é representado por signo léxico que denote atividade:

Ouço o vento soprando.
Vejo as árvores crescendo.
"No entanto ouvia [eu] as negras falando da morte dele com pavor" [JL.3, 37].

À semelhança da construção com infinitivo, a de gerúndio, na referência à realidade

percebida, pode ser substituída pela de relativo:

> Ouço o vento que sopra.
> Vejo as árvores que crescem.
> "Subitamente a chuva fustigou as vidraças; o primeiro bofar do vento fez ramalhar as árvores meias calvas; e *senti-o que se abismava* debaixo das arcarias de pedra" [AH.7, I, 139].

A mesma particularidade se repete com *eis*, que rigorosamente se acompanha de objeto direto:

> "... apenas os primeiros raios de sol faziam reluzir as armas,semelhantes no brilho trêmulo ao alvejar da geada, *ei-las* que pareciam rolar-se pelas encostas..." [AH.7, I, 172].

6) O complemento agente ("agente da passiva") – Um tipo de termo argumental não obrigatório é o que a gramática tradicional chama *agente da passiva*; caracteriza-se por ser um termo preposicionado marcado pela preposição *por* e, mais raramente por *de*, com verbos empregados como transitivos diretos na chamada voz ou construção passiva:

> Os exercícios foram feitos *por José*.
> O réu é condenado *pelo júri*.

Tal complemento de agente pode ser opcional, pois são construções gramaticalmente corretas:

> Os exercícios foram feitos.
> O réu é condenado.

A gramática tradicional tem posto este agente entre os complementos verbais em vista de seu relacionamento com o sujeito e com o complemento direto. Com o sujeito, porque, na transformação da estrutura passiva à estrutura ativa, o complemento agente passa a sujeito:

> Os exercícios foram feitos *por José* / *José* fez os exercícios.

Com o complemento direto, porque, enquanto este vem exigido pela característica gramatical da construção ativa, o agente o é da construção passiva.

Em geral, o complemento de agente apresenta o traço semântico *animado*, como revelam, nos exemplos acima, *José* (*por José*) e *júri* (*pelo júri*).

Quando não há o traço *animado*, pode apresentar o traço *potente*, representado lexicalmente por nome de coisa, mas capaz de praticar ou fazer desenvolver uma ação, como nos exemplos seguintes [PD.1, 46]:

> O menino foi atropelado *pelo ônibus escolar*.
> Os alpinistas foram surpreendidos *pelo vendaval*.

Dissemos que o complemento de agente pode vir introduzido pela preposição *de*, construção mais comum em outros tempos da história do português, e ainda usado literariamente; no português contemporâneo, *de* está praticamente restrito a unidades léxicas que exprimem sentimentos ou manifestações de sentimentos:

> Ela é estimada *de todos*.
> O professor não foi esquecido *dos alunos*.

Nem todo termo introduzido pela preposição *por* funciona como complemento de agente, principalmente se apresenta o traço *não animado*, referente a uma coisa, quando deve ser classificado como adjunto circunstancial de causa ou meio. Neste caso, *por* é comutável por outra preposição (p. ex., *com*) ou por locuções prepositivas do tipo *por causa de*, *por meio*

de, *em virtude de* e equivalentes:

O artista foi elogiado *pela sua técnica.*

Ficaram aborrecidos *pelas falsas promessas.*

Os ladrões foram encontrados *pela denúncia anônima.*

Em tais exemplos, a experiência comunicada em *pelas falsas promessas* e *pela denúncia anônima* pode ser expressa mediante outra construção:

Ficaram aborrecidos *com* (*por causa de*) *as falsas promessas.*

Os ladrões foram encontrados *em virtude de* (*graças a*) *denúncia anônima.*

Não é, portanto, a relação sintática, mas o contexto em que se enquadra a experiência comunicada, que irá resolver se se trata de um complemento de agente ou de adjunto circunstancial ou adverbial.

A construção dita "passiva pronominal" ou "passiva reflexa" (denominações melhores que "passiva sintética") não se acompanha, no português contemporâneo, do complemento de agente, como acontece na chamada construção passiva com auxiliar + particípio, vista até aqui.

Vendem-se casas.

O complemento de agente pode aparecer junto a substantivo ou adjetivo constituído por um signo léxico referido a um processo ou ação, como *assalto*, *vitória*, *derrota*, etc.

O assalto *pelo primeiro batalhão* foi decisivo.

O derrotado *pelo concorrente* achou justa a classificação.

7) Construção passiva e o predicativo – Partindo do fato de que a realidade comunicada nas orações *A casa está espaçosa* e *A casa está pintada* aponta ao sujeito *a casa* um atributo, muitos estudiosos não veem razão de estruturação sintática para distinguir o adjetivo *espaçosa* como predicativo do sujeito, e o signo léxico *pintada* como verbo na forma de particípio. Ora, já sabemos que um particípio verbal pode funcionar como adjetivo. A dificuldade desta distinção fica ainda mais notável, quando comparamos *A equipe é vencedora* e *A equipe é vencida*, em que, não havendo nenhuma diferença na estrutura sintática das duas orações, (um sujeito *a equipe*, um núcleo verbal e um termo que, à maneira dos predicativos, concorda em número com o núcleo da oração (o verbo) e em gênero e número com o sujeito explícito), a distinção repousa apenas no traço semântico 'ativo' do lexema *vencedora* em oposição ao traço semântico 'passivo' do lexema *vencido*.

Poder-se-ia objetar contra tal identificação dos dois termos o fato de poder levar o particípio *vencido*, ao contrário do predicativo como *vencedora*, uma expansão preposicionada "que se refere na realidade ao agente da atividade designada pelo signo léxico do particípio" [AL.1, 303], apesar do paralelismo da estrutura sintática.

Um argumento forte em favor de considerar o particípio como adjetivo e, assim, na função de predicativo, na construção dita "voz passiva", é a possibilidade de comutação do particípio pelo pronome invariável *o* – como ocorre com o signo léxico na função de predicativo:

A equipe é *vencedora.* A equipe *o* é.

A equipe é *vencida*. A equipe *o* é.
A equipe é *vencida* pelo adversário. A equipe *o* é pelo adversário.

Ocorre o mesmo se se trata de adjunto adverbial de causa ou meio, e não de complemento de agente.

A pressão é *controlada* com remédios. A pressão *o* é com remédios.
O artista foi *elogiado* pela sua técnica. O artista *o* foi pela sua técnica.

Fica, assim, ao analista optar por uma das duas maneiras, apesar dos fortes argumentos em favor da solução como predicativo. Neste livro, por motivação didática, seguimos a análise como passiva.

Os determinantes circunstanciais ou adverbiais

Se atentarmos para as frases:

A criança caiu da cama durante a noite
Os carregadores puseram o móvel na sala logo pela manhã
O marido acompanhou a esposa ao hospital na ambulância,

facilmente verificaremos que os termos *da cama* e *durante a noite* – para só ficarmos por enquanto no primeiro exemplo – denotam uma circunstância de lugar donde (*da cama*) e de tempo (*durante a noite*). Levada exclusivamente pelo aspecto semântico, a gramática tradicional igualou estes termos também sintaticamente, considerando-os ambos *adjuntos adverbiais*, isto é, como termos não argumentais, vale dizer, fora do âmbito da regência do verbo da oração, isto é, não pedidos por ele.

Ora, basta aplicarmos o *teste da redução* para verificarmos que o termo *da cama* é termo obrigatório, argumental, pois pertence à regência do verbo *cair*; assim, torna-se incompleta do ponto de vista sintático (e semântico, naturalmente) a oração sem este complemento relativo:

A criança caiu durante a noite.

Já não se dá o mesmo com a redução ou supressão do termo *durante a noite*:

A criança caiu da cama.

OBSERVAÇÃO: Para distinguir a identidade designativa de circunstância, presente em *da cama* e *durante a noite* da função sintática diferente dos dois termos, talvez fosse conveniente encontrar outra denominação para o *adjunto circunstancial* que evitasse a alusão à natureza de "circunstância".

Se *da cama* é o complemento relativo de *cair*, *durante a noite*, mero acréscimo à informação, à realidade comunicada, receberá a classificação de *adjunto circunstancial*. Os adjuntos adverbiais são semântica e sintaticamente opcionais. Respondem às clássicas perguntas *como?*, *quando?*, *onde?*, *por quê?*, enquanto o complemento relativo responde à pergunta *que? quem?*, precedidos da preposição que acompanha tradicionalmente o verbo:

Pedro fala sempre *de negócios* (fala de quê?: compl. relativo).
Pedro fala sempre *de memória* (como fala?: adjunto adverbial).

Se recorrermos ao teste de clivagem ou relevo mediante o usual instrumento *é ... que*/*quem*, verificaremos a diferença de resultado entre o complemento relativo e o adjunto adverbial:

É de negócios *de que* sempre fala o José.
É de memória *como* sempre fala o José [AL.1, 323].

Semanticamente, o papel desses adjuntos adverbiais é matizar o processo designado na relação predicativa, acrescentando à mensagem informações que o falante julga

indispensáveis ao conhecimento do seu interlocutor.

Entretanto, se o conteúdo semântico desses adjuntos adverbiais não oferece maiores problemas, seu comportamento sintático na oração é heterogêneo e requer maior atenção de quem procura descrever esse termo. Assim, a coesão dele ora é maior com o verbo ou com o sintagma verbal, ora faz referência a toda a oração, sem que com isso deixe de formar parte dela, à maneira dos termos marginais. São aspectos muitas vezes que fogem ao âmbito dos esquemas idiomáticos e entram no domínio da gramática do texto. É o caso, por exemplo, do termo *em casa* nas orações:

(1) *Em minha casa* grito eu.

(2) Eu grito *em casa*.

Enquanto na segunda, *em casa* afeta exclusivamente o verbo *grito*, na primeira *em minha casa* modifica a oração como um todo, a combinação *sujeito* + *predicado*, e esta coesão tênue com o verbo permite a possibilidade de pausa que normalmente aparece ao ser proferida a oração [PD.1, 18].

Tais variedades de coesão gramatical motivadas por objetivos pragmáticos, discursivos e entonacionais, têm levado estudiosos a enveredar por indagações de graus ou níveis de hierarquização de adjuntos adverbiais, tema que extrapola a natureza deste livro; por isso, consideraremos aqui todos estes casos uniformemente como adjuntos adverbiais.

Falam, assim, dos adjuntos adverbiais na condição de adjuntos de substantivos e adjetivos:

O inverno *em Campos do Jordão* é rigoroso.

Os conflitos *em praça pública* nem sempre são prenúncios de direitos feridos.

As brincadeiras *nas praias* são sempre ruidosas.

Retornando aos outros exemplos do início, notaremos que os termos *na sala* e *ao hospital*, apesar de semanticamente denotarem circunstâncias, funcionam como complemento relativo dos verbos *puseram* e *acompanhou*, respectivamente:

Os carregadores puseram o móvel logo pela manhã.
(sintaticamente incompleta)

Os carregadores *puseram* o móvel *na sala*.

O marido acompanhou a esposa na ambulância. (sintaticamente incompleta)

O marido *acompanhou* a esposa *ao hospital*.

Um termo preposicionado designativo da mesma circunstância (aqui "de lugar") pode exercer na oração diferentes funções sintáticas dependendo do conteúdo de pensamento designado, isto é, das circunstâncias concretas do discurso; por exemplo, *de Minas* é um complemento relativo em:

O escritor saiu jovem *de Minas*

é um complemento predicativo em:

O escritor é *de Minas*.

é um adjunto adverbial em:

O escritor telegrafou *de Minas*

é um adjunto adnominal em:

Os escritores *de Minas* gozam de muita aceitação

é um complemento nominal (de substantivo ou adjetivo):

Sua permanência *em Minas* foi breve.

Necessária na vida toda, a educação começa na infância.

Que não se trata de termos sintaticamente equivalentes mostra o fato de não poderem coordenar-se. Não é possível uma construção do tipo:

A criança caiu *da cama e durante a noite*,

como seria possível em:

As crianças caem *do balanço e do escorrega* durante o recreio.

Outra particularidade a ser observada entre as diferenças que separam o complemento relativo do adjunto adverbial é o caráter semântico bastante tênue (e às vezes até vazio) da preposição que introduz a primeira dessas funções que faz o papel de marca de função sintática, em oposição ao valor semântico da preposição que encabeça o adjunto adverbial. A preposição que marca o complemento relativo está determinada pela tradição do idioma, razão por que só muito raramente admite a substituição por outra preposição, salvo nos casos em que a mesma tradição o permite:

Preciso *do* livro.

*Preciso *ao* livro.

*Preciso *no* livro, etc.

Já a preposição que encabeça o adjunto adverbial conhece quase sempre a possibilidade dessa substituição:

Fez a horta *sob* as árvores.

Fez a horta *debaixo das* árvores.

Com frequência esses adjuntos adverbiais de conteúdo posicional ou temporal se combinam com uma ideia secundária de direção ou extensão, o que leva ao emprego concomitante de duas preposições:

Fez a horta *por debaixo das* árvores.

A janela estava aberta *desde pela* manhã.

A neve escorregou *de sobre* o telhado.

Enquanto no âmbito dos termos argumentais só pode existir no domínio da relação predicativa um só complemento direto ou indireto (salvo aqui os chamados dativos livres), predicativo ou complemento relativo – excluindo o caso de termos coordenados –, os adjuntos adverbiais não conhecem esta restrição, podendo aparecer quantos forem necessários à experiência comunicada:

De noite, o jovem trabalhava *em casa em companhia dos irmãos.*

Também ao contrário dos termos argumentais, se for elidido, o adjunto adverbial não exige preenchimento da casa vazia:

O jovem trabalhava em casa, em companhia dos irmãos.

O jovem trabalhava em companhia dos irmãos.

O jovem trabalhava.

1) Os principais tipos de adjuntos adverbiais – O adjunto adverbial constitui uma classe muito heterogênea – à semelhança do advérbio que normalmente desempenha o papel de seu núcleo – não só do ponto de vista formal como ainda do ponto de vista de valor semântico. Tal fato leva a que constantemente esteja a não delimitar com nitidez as fronteiras com outras funções sintáticas – conforme aqui mesmo já assinalamos – e com conteúdos de pensamento

designado vizinhos. Diante de tão vasta amplitude, fixar-nos-emos nos principais adjuntos adverbiais, detendo-nos aos aspectos mais interessantes à descrição gramatical e aos esquemas com que se representam tais funções nas circunstâncias concretas do discurso [PD.1, 30].

a) Adjuntos adverbiais de lugar – A característica de tais adjuntos é responder à pergunta *onde*?, precedido este advérbio ou não de preposição que marca a designação circunstancial (*donde?*, *por onde?*, *aonde, até onde*, etc.), em relação à ideia expressa pelo verbo, pelo sintagma, verbal ou ao conteúdo de uma oração dita principal.

Pedro trabalhava *em Petrópolis*. (onde?)
Pedro trabalhava *aí*. (onde?)
O professor tem parentes no *Recife*. (onde?)
Contemplamos *da janela* o cair da tarde. (donde?)
Procuraram-no *por toda a cidade*. (por onde?)
O atleta correu *até a chegada*. (até onde?)
"*Onde me espetam* fico". [M. de Assis]

Distinguimos, assim, vários matizes da ideia locativa: *lugar onde* ou *de situação*, *direção*, *origem* e *ponto de partida*, *lugar por onde*, *proximidade*, *distância*, *orientação*, *extensão*, etc., tanto numa perspectiva horizontal quanto na vertical.

Algumas expressões preposicionadas que funcionam como adjunto adverbial compartilham tanto do valor locativo quanto do temporal modal ou instrumental, como ocorre nas seguintes orações:

Ela me foi apresentada *na festa* (onde? ou quando?).
O primo não viaja *em avião* (onde? ou por que transporte?).

O advérbio núcleo do adjunto de lugar pode vir anteposto de um substantivo, e o conjunto precedido ou não de preposição, como ocorre nos exemplos:

O barco navegava *rio acima*.
O capitão anda *mundo fora*. (ou *afora*)
O sonâmbulo andava *casa dentro* (ou *pela casa dentro*).

b) Adjuntos adverbiais temporais – Respondem às perguntas *quando?*, *desde quando?*, *até quando?*, *durante quanto tempo?* e podem referir-se ao verbo, ao sintagma verbal ou a toda a oração:

A natureza *resplandece na primavera*. (referida ao verbo)
O fazendeiro *colhe frutas pela manhã*. (referido ao sintagma verbal *colhe frutas*)
De noite todos os gatos são pardos (referido a toda a oração).

Podem vir representados por advérbio, por sintagmas preposicionados ou por oração dita subordinada :

Augusto *não* trabalha *hoje*.
Estuda-se melhor *pela manhã*.
Ele saiu *quando o professor chegou*.

Também entre os adjuntos adverbiais de tempo distinguimos vários matizes temporais: o tempo propriamente dito, a duração, a quantificação temporal, a repetição, etc.:

Pedro não trabalha *hoje*.

Pedro trabalhou *das três às cinco*.

Pedro trabalhou *duas horas*.

Pedro trabalha *todos os dias*.

Os diversos tipos de adjuntos adverbiais de tempo podem vir ou não introduzidos por preposição ou locução prepositiva; estas matizam o valor temporal:

Não se trabalha *domingo* / *no domingo*.

Pedro não trabalha *hoje* / *por hoje*.

O vizinho viu televisão *até as três da madrugada*.

O baile terminou *depois das quatro*.

O aniversário será *daqui a cinco dias*.

OBSERVAÇÃO: Não se há de confundir o emprego da preposição *a* para indicar tempo vindouro com a expressão em que entra o verbo *haver* (há) para indicar tempo passado: Sairá *daqui a três horas* // Saiu *há três horas*.

Para a análise da oração em que, nestes casos, entra o verbo *haver*, veja-se o capítulo da oração complexa.

Em circunstâncias do tipo de

Pedro trabalha muitas horas,

o adjunto adverbial *muitas horas*, do ponto de vista semântico, se situa entre a ideia temporal e a quantitativa, zona limítrofe que explica como resultado, por exemplo, o uso indistinto do advérbio *já*, nitidamente temporal, e do advérbio *mais*, nitidamente quantitativo, em orações negativas do tipo:

Já não chove / Não chove *mais*.

No início, deve ter havido perfeita distinção; a ideia temporal existia em *Já não quero*, *Já não o tem*, *Já não serve*, onde o advérbio *já*, como lembra Morais (1813), se refere a "cousas que agora se acham em situação diversa da em que estavam antes" e a quantitativa em *Não quero mais*, *Não tem mais*. Sem levar em conta o trânsito semântico, alguns puristas consideram injustamente como galicismo o emprego temporal de *não mais* pelo *já não*, imitação servil, dizem, do francês *plus*. Ocorre que, nas orações citadas no início, poder-se-ia usar o *plus* francês como equivalente do *mais* (quantitativo) e do *já* (temporal): *Não quero mais* (*je n'en veux plus*), *Já não quero* (*je ne veux plus*) [PS.1, 603].

No Brasil, é mais geral o emprego de *não mais* em ambos os valores semânticos; em Portugal, como ensina Gladstone Chaves de Melo, *já não* é mais comumente usado "quando o que se focaliza é um trânsito de passado para presente", enquanto *não mais* se usa quando se quer "significar o futuro em relação ao tempo indicado pelo verbo" [GM.1, 111].

Também não têm razão os puristas na condenação da negativa enfática *já não...mais* em construções do tipo *Já não se faz mais musical como antigamente*. Ênfase nas orações negativas é fato corriqueiro nas línguas [OJ.1, 62-80; HS.1, 19-91].

Também apresentam pontos de contacto com a circunstância modal os advérbios de tempo do tipo de *rapidamente*, *de imediato*, *logo*, *num instante* e locuções equivalentes como *abrir e fechar de olhos*, *num piscar de olhos*, etc., que integram os adjuntos adverbiais de orações iguais a:

Saiu rapidamente.

Chegou de imediato.

Respondeu num piscar de olhos.

Essa ideia subsidiária de modo aproxima tais adjuntos adverbiais de outra função sintática já vista aqui, o anexo predicativo; basta que se use adjetivo (flexionado, para formalmente estabelecer a diferença de marca de função sintática):

Eles saíram rápidos.
Elas saíram rápidas.

Se se empregar *Ele saiu rápido*, *rápido* pode ser tanto considerado advérbio (=adjunto adverbial, igual a *rapidamente*), quanto adjetivo (=anexo predicativo). Já em *Ela saiu rápido*, *rápido* só pode ser classificado, graças à sua invariabilidade em gênero, como *advérbio* [HM.1, 55-56].

Como os locativos, o advérbio de tempo se deixa antepor de substantivo, conjunto que pode ou não vir introduzido por preposição:

Ela trabalhava *semana adentro*.
O fato ocorreu *dias atrás*.

c) Adjuntos adverbiais modais – Respondem à pergunta *como? de que modo ou maneira?* e se reportam ao verbo ou ao sintagma verbal da oração, para qualificar ou descrever como o processo verbal se realiza:

O aluno está escrevendo *bem*.
O fogo propagou-se *imperceptivelmente*.
Os vizinhos falaram do incêndio *com tristeza*.
Entraram no estádio *aos empurrões*.
Os ladrões fugiram *sem que fossem percebidos*.

Como vimos, podem tais adjuntos adverbiais estar integrados por advérbios, palavras ou sintagmas prepositivos com valor adverbial e orações inteiras; destas falaremos no capítulo sobre a oração complexa.

Muitas vezes a experiência que se comunica aproxima o valor modal de adjuntos adverbiais ao sentido modal ou qualitativo que se atribui ao sujeito e ao complemento direto por meio de um anexo predicativo.

Ela me cumprimentou muito educadamente / Ela me cumprimentou muito *educada*.

Esta aproximação semântica também ocorre quando a expressão encerra um sintagma preposicionado introduzido por *com* ou *sem* em construções alusivas à posse ou carência do sujeito ou de complemento direto; a melhor classificação parece ser como anexo predicativo [PD.1, 39].

O garoto chegou a casa *com a calça rasgada*.
Ele foi deitar-se *sem pijama*.

d) Adjuntos adverbiais de fim, de causa, de instrumento e de companhia – Característica comum a essas quatro circunstâncias adverbiais é que não podem ser representadas por meros advérbios, mas sim por sintagmas preposicionados ou, com exceção da de companhia, por uma oração subordinada, fato que estudaremos no capítulo da oração complexa:

Ele estudou *para médico* (fim).
Tremiam *de frio* (causa).
Fechou a porta *com a chave* (instrumento).

Saiu *com Maria* (companhia).

A realidade designada por meio desses adjuntos adverbiais pode ser equivalente àquela expressa por meio de complementos relativos:

O vizinho casou-se *com a prima*.

O garçom encheu o copo *de vinho*.

No que toca ao adjunto adverbial de fim, cabe não confundi-lo com o chamado dativo de interesse; este se refere sempre a pessoa e às vezes integrável pelo pronome *lhe*, e alude ao beneficiário ou prejudicado pelo processo verbal:

Mário trabalha *para a família*.

Comprou as flores [ao florista] *para a noiva*.

Como o complemento de agente da passiva é introduzido pelas preposições *por* e *de*, pode haver dificuldade em distingui-lo do adjunto adverbial de causa. Todavia, o agente da passiva está sempre representado por ser animado ou então capaz de praticar a ação verbal, além de, na transformação para a ativa, passar a sujeito; por seu turno, o adjunto adverbial de causa pode ter a preposição substituída pelas locuções *por causa de*, *devido a*, o que não se dá com o agente da passiva. Assim, estamos diante de agente da passiva em orações como:

A atriz foi bafejada *pela sorte* / *A sorte* bafejou a atriz.

A exposição era admirada *por todos* / *Todos* admiraram a exposição.

Já nas orações abaixo a expressão introduzida pela preposição *por* funciona como adjunto adverbial de causa:

O pintor foi admirado *pelos seus quadros*.

O jogador é expulso *pela falta desleal*.

Não é natural a transformação em ativa.

* Os quadros admiraram o pintor.

* A falta desleal expulsa o jogador.

Por outro lado, podemos substituir *por* pela locução *por causa de*:

O pintor foi admirado *por causa de seus quadros*.

O adjunto adverbial de causa, além das preposições *por*, *com* e *de*, pode vir introduzido por locuções prepositivas, como *por causa de*, *em virtude de*, *em razão de*, *devido a*, *graças a*, etc.:

Não saiu cedo *por causa da chuva*.

Houve faltas *devido à greve de ônibus*.

OBSERVAÇÃO: Não se usa neste emprego *devido* sem a preposição *a*: *Devido ao mau tempo* (e não *Devido o mau tempo*).

Em vez de um substantivo (ou pronome), pode vir um adjetivo usado neutralmente, para expressar a ideia de causa, aproximando o adjunto adverbial do anexo predicativo:

Os marginais fugiram *de medrosos*.

Por teimoso não viajou conosco.

Dentro da denominação de instrumento incluem-se circunstâncias afins, como o meio, a intermediação, a matéria, o domínio, o utensílio, e, por extensão, os contextos matemáticos do tipo de *multiplicar por*, *dividir por*:

Os amigos nunca viajaram *de avião*.

Mediu o quarto *com o metro*.

Escrever *à máquina*.

O jogador fez gol *com a proteção do juiz*.

Prenderam o ladrão *com a arma*.

O índice epidêmico foi multiplicado *por dois*.

A partida foi ganha *pela estratégia do técnico*.

Este último exemplo evidencia a possibilidade de aproximação designativa da circunstância de instrumento ao agente da passiva introduzido também pela preposição *por*. Um modo de distinguí-los, além da análise da experiência comunicada, é substituir a preposição *por* do instrumental por *com* ou *mediante*:

A partida foi ganha *com* (*mediante*) a estratégia do técnico.

Os adjuntos adverbiais de companhia repartem-se em dois grupos: os associativos, ou participativos e os que não o são. Os primeiros participam ou ajudam, ao lado do sujeito, ou, no caso de complemento verbal, são afetados pelo estado de coisas designado no predicado, como nos exemplos:

O capitão *com seus soldados* desbaratou o inimigo.

O professor *com seus colegas* dirigiu a exposição.

A diretora expulsou da sala o aluno *com os colegas de arruaça*.

Como exemplos de não participativos temos:

O colega trouxe *consigo* o livro pedido.

Minha irmã foi ao baile *com o vestido novo*.

O pai gostava dos filhos *com os avós*.

Pelos últimos exemplos, vê-se que a noção de companhia abarca o que é levado ou possuído pelo sujeito ou pelo complemento verbal.

O adjunto adverbial pode, por meio da preposição *sem*, assinalar a ausência ou a carência:

A garota já vai à escola *sem a mãe*.

Em muitos contextos, alguns desses adjuntos de companhia se aproximam dos de valor modal.

Com a presença do adjunto de companhia participativo pode o verbo da oração ir ao plural, como se se tratasse de um sujeito composto:

O capitão com seus soldados *desbaratou* o inimigo.

O capitão com seus soldados *desbarataram* o inimigo.

Em tais condições, a estrutura *sujeito + adjunto adverbial* pode alternar com a estrutura de sujeito composto:

O capitão e os seus soldados desbarataram o inimigo.

Se a estrutura gramatical permite esta alternância, do ponto de vista de estado de coisas comunicado, não é indiferente o emprego de um modo por outro; com o adjunto adverbial, a ênfase do processo verbal recai na pessoa do sujeito, enquanto na construção com sujeito composto desaparece essa ênfase especial.

e) Adjuntos adverbiais de quantidade – Tais adjuntos adverbiais respondem a perguntas do tipo *quanto?*, *até quanto?*, *em que medida?* e se repartem em intensivos ou gradativos, de medida e de preço, conforme a realidade designada:

Nesta região chove *mais* no verão.

Maria trabalha *muito* aos domingos.

Andaram *bastante* em busca de emprego.

A assistência ria *às bandeiras despregadas*.

O clube ganhou a partida *por dois a zero*.

O cavalo perdeu a corrida *por pescoço*.

Ela deixou de comprar o carro *por bom preço*.

Unidades léxicas designativas de unidades de tempo, peso, medida, preço, duração e quantidade que acompanham verbos (*durar*, *passar*, *percorrer*, *correr*, *medir*, *pesar*, etc.) empregados transitivamente, têm merecido classificações diferentes; há autores que as consideram adjuntos adverbiais:

O filme durou *uma hora*.

O atleta percorreu *dez quilômetros*.

A criança já pesa *vinte quilos*.

O viaduto mede *duzentos metros*.

Outros autores, levando em conta traços semânticos e sintáticos que caracterizam o complemento direto (além do valor de termo argumental, quase sempre estas unidades léxicas atendem aos testes da passiva, da integração, com a pergunta *que?*, etc.) preferem vê-los como verdadeiros objetos. Tome-se por exemplo, a oração:

O atleta percorreu *dez quilômetros*,

verifica-se que a expressão constitui um termo argumental, isto é, exigido pelas características semânticas do verbo, já que estaria imperfeita a construção:

*O atleta percorreu.

Por outro lado, a oração admite a transformação em passiva:

Dez quilômetros foram percorridos pelo atleta.

E também a passagem a termo integrável, por meio do pronome átono *os*, referido a *dez quilômetros*:

O atleta percorreu-*os*.

Pode-se ainda incluir neste problema classificatório o caso de unidades léxicas de significado intensivo do tipo de *muito*, *pouco*, *demasiado*, *bastante*, que não se referem diretamente a substantivos, mas à sua quantidade. Com verbos usados transitivamente assumem papel de termo argumental, isto é, necessário à integração sintático-semântica da oração, em textos do tipo:

Sabia *muito* para ser aprovado (*muito* = muitas coisas).

Vimos *pouco* por causa do nevoeiro (*pouco* = pouca coisa).

Não disse *bastante* em sua defesa.

Em favor de classificar estas unidades léxicas como termo argumental, leva-se em conta o fato de poderem vir referidas na oração adjetiva por meio de pronome relativo, como em orações do tipo:

Tenho muito *que* pedir-lhe.

Sabe pouco *que* dizer-me.

Também fala em favor desta classificação a possibilidade de virem tais unidades léxicas precedidas de artigo definido:

Você sabe *o muito* que lhe devo.

Elas não fizeram *o bastante* para vencer.

OBSERVAÇÃO: Sobre o falso erro no emprego de *o quanto* em construções do tipo: *Não soube o quanto se enganara*, veja-se o ensinamento de Epifânio Dias:

"Às orações interrogativas indiretas de *como*, *porque* e *quão* pode antepor-se o artigo definido" [ED.2, § 362]. Vale a pena a leitura da nota 138 de R. J. Cuervo à *Gramática* de A. Bello.

Tratar-se-á sem dúvida de adjunto adverbial se o verbo for usado intransitivamente ou se, transitivo, já vier acompanhado de complemento verbal:

Comprou a casa por cem mil reais.
O pedreiro mediu o aposento com linha.
Ela já sabia muito matemática.

f) Adjuntos adverbial de distribuição

Os jogadores ganham prêmio extra *por partida vencida*.

g) Adjunto adverbial de inclinação e oposição 111 – São os adjuntos que expressam a relação de "favor", "ajuda" ou "disposição favorável", muito próximo ao valor benefactivo do dativo, bem como as relações contrárias, de "oposição", "disposição desfavorável".

Trabalhou sempre *pelos amigos*.

Para a primeira relação, introduz-se o adjunto adverbial por meio da preposição *por* ou de locuções prepositivas equivalentes, do tipo de *a favor de*, *em benefício de*, *em prol de*, *em auxílio de*, etc.

Para a segunda relação, usa-se a preposição *contra* ou locuções do tipo:

Esforçava-se *por lutar contra os maus pensamentos*.

h) Adjunto adverbial de substituição, troca ou equivalência – Assim se chama o adjunto adverbial que expressa a relação de "substituição", "troca" de algo por outro no processo designado no predicado, seja pessoa, coisa, circunstância ou processo verbal. Tal adjunto vem introduzido pela preposição *por* ou pelas locuções prepositivas *em vez de*, *em lugar de*.

O guarda-costa se passou *pelo presidente*.
A colega fez a redação *pelo namorado*.
Na época de exames, trocava o dia *pela noite*.
Iremos amanhã *em vez de hoje*.
Durante o recreio jogava *em vez de alimentar-se*.
Comeu gato *por lebre*.
João trabalha *por dois*.
Ana trocou a merenda *por uma revista*.

Entra no âmbito deste adjunto adverbial a circunstância de delegação, pela qual uma pessoa representa outra na execução do processo expresso no predicado. Aparece para introduzi-lo a preposição *de* ou, então, as locuções prepositivas *da parte de*, *na representação de*:

Retribua-lhe o favor *de minha parte*.

Esta circunstância adverbial deixa estes adjuntos muito próximos do valor de "preço", em orações do tipo:

Deu vinte mil reais *pela motocicleta* (preço).
Deu a motocicleta *por vinte mil reais* (troca).

i) Adjunto adverbial de campo ou aspecto – É o adjunto adverbial que exprime o campo ou o aspecto da realidade referida:

O primo formou-se *em medicina*.
Deixaram de examinar a questão *por esse prisma*.

Nos exemplos abaixo, a circunstância se aproxima à de lugar virtual:

Cometeu-se grave erro *nesse tipo de explicação*.
A decisão do júri surpreendeu a todos *sob o ponto de vista ético*.

j) Adjunto adverbial de assunto ou matéria tratada – Introduz-se tal adjunto adverbial por meio das preposições *de*, *em* ou *sobre*, ou das locuções prepositivas *acerca de*, *a respeito de*, *em torno de* e equivalentes:

Hoje o professor falou pouco
- *de história.*
- *em moral.*
- *sobre tais fatos.*
- *acerca do caso.*
- *a respeito de crase.*

José de Alencar escreveu romances *sobre os brasileiros de várias regiões do país.*

É muito frequente aparecer o assunto ou a matéria tratada expressos como termo argumental exigido pelo significado léxico do verbo, em predicados em que entram unidades léxicos do tipo de *tratar*, *versar*, *falar* e equivalentes, como nas orações abaixo:

O orador tratou *de fatos literários.*
A dissertação versou *sobre história.*
Na aula o professor falou *de regência verbal.*

Outras vezes aparece como adjunto adnominal de substantivo:

O vizinho escreveu um livro *de histórias infantis.*

k) Adjunto adverbial de adição ou inclusão, exclusão e concessão – Os adjuntos adverbiais que expressam adição vêm introduzidos pela preposição *sobre*, por palavras de valor inclusivo (*mesmo*, *inclusive*, etc.), mais frequentemente, pelas locuções prepositivas *além de*, *a mais de*, *ademais de*:

Sobre desemprego, havia doença.
Além das notas ruins, faltava muito às aulas.
Ademais dos parentes, vinham os convidados.
Todos ficaram, *mesmo Ana*.
Os visitantes já se foram, *Daniel inclusive.*

Os que expressam exclusão vêm introduzidos por *menos*, *salvo*, *exceto*, *fora*, *exclusive*, e pelas locuções prepositivas ou não (*com*) *a exceção de*, *a não ser* e equivalentes:

Todos saíram, *menos o culpado*.
Eles foram a todos os bairros, *salvo Casa Amarela*.

Os que expressam concessão vêm introduzidos por *malgrado*, pela locução prepositiva *apesar de*:

Malgrado a chuva, fomos ao passeio.

Diva ganhou o concurso, *apesar da resistência da colega*.

Ainda uma vez os determinantes nominais

1) Adjunto adnominal – Depois de conhecidas as funções sintáticas até aqui enumeradas, estamos em condições de prosseguir no aprofundamento dos determinantes nominais, também chamados *adjuntos adnominais* que começamos a ver quando falamos da expansão do núcleo do sujeito em **Conhecendo melhor o sujeito: núcleo e determinantes**.

Toda expressão nominal, qualquer que seja a função exercida pelo seu núcleo, pode ser expandida por determinantes que têm por missão acrescer ideia acidental complementar ao significado desse substantivo nuclear. O resultado dessa expansão é um grupo unitário sintagmático nominal. Estas expansões não alteram a relação gramatical do núcleo, mas tão somente aludem a aspectos diferentes da realidade do conteúdo significativo do substantivo ou da expressão nominal a ele equivalente. Daí o resultado de a expansão exercer na oração a mesma função do núcleo despojado do(s) seu(s) determinante(s):

Sujeito	*Núcleo do Predicado*	*Objeto direto*	*Compl. relativo*	*Compl indireto*	*Adj. Adv.*
José	estuda.				
O meu primo José	estuda.				
Ela	comprou	livros.			
Ela	comprou	muitos livros de literatura.			
Nós	demos	presentes		a parentes.	
Nós	demos	muitos presentes		a todos os parentes distantes.	
Os professores	gostam		de alunos.		
Os professores	gostam		de alunos estudiosos.		
Meus pais	trabalham				em casa.
Meus pais	trabalham				em casa de campo.

O grupo sintagmático nominal pode constituir-se de vários tipos:

1– Os que podem ocorrer à esquerda ou à direita do *subtantivo* + *adjetivo*

Passei *belos dias* em *cidades agradáveis*.

Os determinantes estão, em geral, representados pelas seguintes classes de palavras: *adjetivo*, *artigo* e *pronome demonstrativo* ou equivalentes de adjetivos (estes veremos

adiante):

Noites *claras* prenunciam bom tempo.

O livro está esgotado.

Esta manhã prometia chuva.

Na sequência de determinantes, aparecem como pré-determinantes, à esquerda do determinante, as palavras que podem receber globalmente o nome de *Quantificador* (*algum*, *certo*, *vários*, *todo*, *todos*, *qualquer*, *alguns* (de), *vários* (de), etc.):

Alguns bons momentos são inesquecíveis.

Todos os alunos saíram.

Alguns de nós não foram à festa.

Aparecem como pós-determinantes, isto é, as palavras que ocorrem à direita do determinante, e do pré-determinante, o *pronome possessivo* e o *numeral*:

Os *seus* livros não estavam na estante.

Aqueles *dois* erros eram graves.

Vários de *meus* sobrinhos são engenheiros.

Aqueles *dois seus* vizinhos trabalham no comércio.

2 – Os que normalmente só ocorrem à esquerda do *substantivo* + *determinantes*, que incluem as seguintes classes de palavras:

a) artigo e os pronomes demonstrativos

Os bons filmes entrarão em cartaz *esta semana*.

b) substantivo + pré-determinantes (que incluem as seguintes classes de palavras: *pronome possessivo* e o *numeral*):

Os *seus livros* não estavam na estante.

Aqueles *dois erros* eram graves.

c) substantivo + pós-determinantes (que incluem os quantificadores, representados pelos pronomes indefinidos)

Todos os três meus bons amigos chegam hoje.

Os do tipo 1 (*substantivo* + *adjetivo*) podem ter estruturas diferentes:

a) um adjetivo:

belos dias em cidades *agradáveis*

b) um grupo preposicionado equivalente a adjetivo, que pode ou não ter um correspondente signo léxico na língua. Neste caso, quando o substantivo entra num grupo adjetivado, não concorda em gênero e número com o substantivo núcleo, e, se aparece no plural, não o faz pelo fenômeno da concordância, mas em atenção à realidade comunicada: *copo com defeito* / *copos com defeito*; mas *copo com defeito* / *copo com defeitos* (por se querer referir a mais de um defeito existente no *copo*).

homem *de coragem* (corajoso)

pão *com manteiga* (amanteigado)

copo *com defeito* (defeituoso)

casa *de Pedro*

cama *de solteiro*

c) uma oração transposta à função adjetiva:

O homem *que tem coragem* (corajoso)

A casa *que Pedro possui*

2) Complemento nominal – Uma tradição gramatical mais recente, atentando para o aspecto da realidade comunicada, e de certas relações gramaticais nela existentes, tem procurado distinguir os diversos sentidos em que se interpretam as expansões de substantivo como as seguintes, sem esgotar a exemplificação:

a resolução *do diretor*
a prisão *do criminoso pela polícia*
a remessa *dos livros*
a resposta *ao crítico*
o assalto *pelo batalhão*
a ida *a Petrópolis*

Assim é que essa tradição, partindo do conteúdo de *resolução do diretor* equivalente a *o diretor resolveu*, classifica *do diretor* como "*complemento* (e não *adjunto*) nominal subjetivo". Já em *prisão do criminoso*, equivalente a *o criminoso foi preso*, teremos um "complemento nominal subjetivo passivo". Em *a remessa dos livros*, equivalente a *alguém remeteu os livros*, *dos livros* se classificará como "complemento nominal objetivo". Como "complemento nominal objetivo indireto ou terminativo" será *ao crítico* do grupo sintagmático nominal *a resposta ao crítico*. Em *o assalto pelo batalhão*, a expressão preposicionada será classificada como "complemento de agente ou de causa eficiente". Já em *ida a Petrópolis*, teremos um "complemento nominal circunstancial" [JO.1, 223-227].

À primeira vista, em relação aos termos primários da relação predicativa (sujeito-predicado), não há razão para um tratamento sintático diferente do adjunto adnominal, tendo em vista que também com o complemento nominal a expansão do grupo sintagmático não modifica a relação gramatical do núcleo:

Sujeito	*Predicado*
A casa de Pedro	é espaçosa
A resolução do diretor	surpreendeu a todos
A prisão do criminoso pela polícia	mereceu elogio da imprensa

Assim também qualquer variação tanto no núcleo do adjunto adnominal quanto no do complemento nominal não alterará a relação com o núcleo verbal:

A casa *do vizinho* / A casa *dos vizinhos* } é espaçosa

A resolução *do diretor* / A resolução *dos diretores* } surpreendeu a todos

Poderíamos apontar outros aspectos gramaticais em que os dois termos apresentam traços comuns, como: a) a posição à direita do núcleo; b) a inexistência de pausa; c) a introdução por preposição, obrigatória no complemento nominal e muito frequente no adjunto.

Todavia, o complemento nominal está semanticamente mais coeso ao núcleo, por representar uma construção derivada mediante a nominalização, fenômeno que não ocorre no adjunto adnominal:

O diretor resolveu → A resolução do diretor

A polícia prendeu o criminoso → A prisão do criminoso pela polícia

Esta relação semântico-sintática provoca a impossibilidade – se não estiver já assinalado ou conhecido no contexto – de apagamento do complemento nominal, *sem que isto estabeleça a razão primordial para distinguir o complemento do adjunto*, uma vez que há adjuntos imprescindíveis:

**A resolução* surpreendeu a todos

**A prisão pela polícia* mereceu elogio

Estando a nominalização presente quer no complemento nominal de função primária subjetiva (*a resolução do diretor ← o diretor resolveu*), quer no de função primária objetiva (*a descoberta da imprensa ← Gutenberg descobriu a imprensa*), não cabe classificar no exemplo *a resolução do diretor*, *do diretor* como adjunto adnominal, enquanto no exemplo *a descoberta da imprensa*, *da imprensa* como complemento nominal [VK.4].

Ambos os termos participam das mesmas características próprias ao complemento nominal; além da nominalização, não admitem apagamento:

a resolução do diretor → *a resolução

a descoberta da imprensa → *a descoberta

Impõe-se, desta maneira, incluir o complemento nominal como termo argumental.

OBSERVAÇÃO: Cabe não confundir casos de impossibilidade de apagamento com outros em que o nosso saber sobre as coisas do mundo impede, por incoerentes, construções do tipo *Conheci um homem de pernas*, *João tem uma voz*, uma vez que a nossa experiência concebe todo homem com pernas, ou com voz. Todavia, anula-se a incoerência se tais substantivos vêm acompanhados de adjetivos: *Conheci um homem de pernas longuíssimas*, *João tem uma voz roufenha*, já que nem todos os homens têm pernas longuíssimas nem voz fanhosa. Portanto, nestes casos não se trata de um saber idiomático, mas de um saber elocutivo.

Há evidente paralelismo entre a estrutura interna do complemento nominal e das orações. Este tratamento especial do complemento nominal serve para explicar fatos gramaticais que ficam mais evidentes à luz desta distinção.

Por exemplo, o termo nominalizado (substantivo, adjetivo ou advérbio de base nominal) pode contrair as mesmas relações sintáticas da construção básica; se o núcleo verbal é complexo e se acompanha de complementos, a construção derivada apresenta estes termos:

A mãe ama o filho → O amor *de mãe ao filho*

A polícia prendeu o ladrão → A prisão *do ladrão pela polícia*

Jesus ama as criancinhas → o amor *de Jesus às criancinhas*

O carteiro entregou a carta de José ao Mário → A entrega *da carta de José ao Mário pelo carteiro*

A seleção da preposição que introduz o complemento nominal quase sempre está determinada pela preposição que acompanha o complemento verbal:

Foi *à cidade* → A ida *à cidade*

Penetrou *na floresta* → A penetração *na floresta*

Inclinou-se *à música* → A inclinação *à música*

De modo geral, a gramática tradicional tem apontado complementos nominais restritos a processos de nominalizações que envolvem substantivos (***desejo** de vitória ↔ desejar a vitória*), a adjetivos (***desejoso** de vitória ↔ desejar a vitória*), ou a advérbios (***referentemente** ao assunto ↔ referente* [adjetivo] *ao assunto ↔ referência* [substantivo] *ao assunto*). Mas há outros que devem sua presença a traços semânticos do núcleo nominal, independentes de nominalizações. Vejamos alguns desses tipos.

Como núcleo do sintagma nominal, teremos, de início, substantivos formalmente relacionados a verbos que assumem relações muito semelhantes às que ocorrem nas orações, conforme já vimos nos exemplos:

a saída do trem / *o trem saiu*

a entrega da carta / (alguém) *entregou a carta* ou *a carta foi entregue*

O substantivo formado de adjetivo também goza da estrutura argumental que lhe é própria:

a *cultura* do professor / o professor *culto*

Todavia, como a estrutura argumental depende do significado léxico de cada palavra, substantivos há que, não se relacionando morfológica ou materialmente a verbos e adjetivos, selecionam termos argumentais, inerentes ao conteúdo de pensamento designado. Tais termos atendem às duas condições básicas do estatuto dos argumentos: a) o núcleo os seleciona semântica e categorialmente; b) o núcleo lhes impõe uma interpretação determinada [EV.1, 32].

Estão neste caso de argumentos inerentes:

a) Os substantivos relacionais, isto é, aqueles que não fazem referência a indivíduos, mas expressam relações entre indivíduos. É o caso dos termos de parentesco, do tipo de *pai*, *mãe*, *filho*, *irmão*:

o pai *de Eduardo*

a tia *do Daniel*

o irmão *da Bebel*

Incluem-se neste rol, naturalmente, substantivos como *amigo*, *colega*, *companheiro*:

o amigo *de Cleto*

a colega *de Georgete*

Cabe lembrar que substantivos referidos à mesma entidade podem incluir-se ou não no grupo dos relacionais. Por exemplo, *pátria* e *país*; o primeiro é relacional, se significa o lugar de nascimento, porque é pátria sempre relacionado a alguém, enquanto *país* ('nação', 'região') não faz necessariamente referência a um indivíduo. O exemplo apresentado por Escandell Vidal *mascote* e *cão* é mais evidente, porque a mascote pressupõe sê-lo de alguém, o que não se dá com o substantivo *cão*.

Os nomes de partes do corpo e aqueles que aludem a partes constitutivas de uma entidade, física ou abstratamente considerada:

os *braços* da *dançarina*

o *rosto* da *criança*

a *face* do *problema*

o *galho* da *árvore*

o *cérebro* da *equipe*

o *x* da *questão*

b) Os substantivos icônicos, isto é, que designam representação, tais como *retrato*, *quadro*, *fotografia*, *filme*, *película*, quando referidos a entidades retratadas, pintadas, fotografadas, etc.

Note-se a diferença entre:

(1) *O retrato de Machado de Assis*

(2) *O retrato da galeria*

Em (1), o significado de *retrato* seleciona o termo argumental *Machado de Assis*, interpretado o sintagma nominal como 'o retrato em que aparece M. de Assis'.

Em (2), já *retrato* se acha acompanhado de um adjunto adnominal, sendo 'o retrato da galeria' interpretado como 'o retrato exposto na galeria'.

Também pode, no caso (1), o termo argumental referir-se não à entidade retratada, mas ao próprio autor do retrato ou quadro:

O quadro de Vitor Meireles

As referências à entidade retratada e ao seu autor podem concorrer no sintagma nominal mediante os dois termos argumentais:

O quadro da Proclamação da Independência de Vitor Meireles (i. é, o quadro que retrata a Proclamação da Independência de autoria de Vitor Meireles).

Pode até juntar-se a esses dois termos argumentais o adjunto adnominal:

O quadro do Grito do Ipiranga de Vitor Meireles do Museu de Belas Artes

Incluem-se entre os substantivos que designam representação os que se aplicam a produtos da atividade intelectual, como *livro*, *artigo*, etc.:

O livro de Graciliano Ramos intitula-se Vidas Secas

Assim como o adjunto adnominal pode ser representado por uma expansão mais complexa do núcleo nominal, isto é, por uma oração subordinada adjetiva:

A casa *comprada* está perto da cidade
A casa *que comprei* está perto da cidade,

assim também o complemento nominal pode ser representado por uma oração subordinada (originalmente substantiva) completiva nominal:

O desejo *de tua vitória* é constante
O desejo *de que venças* é constante

3) O aposto – Outro componente do grupo sintagmático nominal é o chamado *aposto*, cujo limite de distinção com o adjunto adnominal propriamente dito é muitas vezes difícil de traçar. Aparece em construções do tipo:

O rio *Amazonas* deságua no Atlântico.
O professor *Machado* honrou o magistério.
Sousa *cabeleireiro* me conhece bem.
Meu *primo* José morou na Itália.
"E com ele [programa] tem vindo pela vida, satisfazendo a portugueses e brasileiros, que o consideramos *uns e outros*, soldado do seu grupo." [MC.2, 206]
Clarice, *a primeira neta da família*, cursa Direito.
Sousa, nosso cabeleireiro, não trabalha hoje.
Pedro II, *imperador do Brasil*, protegia jovens talentosos.
Eu *Anibal* peço a paz [MMa].
Amanhã, *sábado*, não sairei [AK].

Chama-se *aposto* a um substantivo ou expressão equivalente que modifica um núcleo nominal (ou pronominal ou palavra de natureza substantiva como *amanhã*, *hoje*, etc.), também conhecido pela denominação *fundamental*, sem precisar de outro instrumento gramatical que marque esta função adnominal.

Há diferença de conteúdo semântico entre uma construção do tipo *O rio Amazonas* e *Pedro*

II, imperador do Brasil; na primeira, o substantivo que funciona como aposto se aplica diretamente ao nome núcleo e restringe seu conteúdo semântico de valor genérico, tal como faz um adjetivo, enquanto na segunda a sua missão é tão somente explicar o conceito do termo fundamental, razão pela qual é em geral marcado por pausa, indicada por vírgula ou por sinal equivalente (travessão e parêntese). Daí a aposição do primeiro tipo se chamar *específica* ou *especificativa* e a do segundo, *explicativa*.

O aposto explicativo pode apresentar valores secundários que merecem descrição especial, como ocorre com os seguintes:

a) Enumerativo, quando a explicação consiste em desdobrar o fundamental representado por um dos pronomes (ou locução) *tudo*, *nada*, *ninguém*, *cada um*, *um e outro*, etc., ou por substantivo:

Tudo – *alegrias, tristezas, preocupações* – ficava estampado logo no seu rosto.

Duas coisas o encorajavam, *a fé na religião e a confiança em si.*

"Duas cousas se não perdoam entre os partidos políticos: *a neutralidade e a apostasia*" [MM].

Às vezes esse tipo de aposto precede o fundamental:

A matemática, *a história*, *a língua portuguesa*, nada tinha segredos para ele.

Em todos estes exemplos, o fundamental (*tudo*, *duas coisas*, *nada*) funciona como sujeito das orações e, por isso, se estabelece a concordância entre ele e o verbo.

Este aposto pode vir precedido das locuções explicativas *isto é*, *por exemplo*, *a saber*, *verbi gratia* (abreviatura [v. g.]):

Duas coisas o incomodavam, *a saber*, *o barulho da rua e o frio intenso*.

b) *Distributivo*:

Machado de Assis e Gonçalves Dias são os meus escritores preferidos, *aquele na prosa e este na poesia*.

Um no automobilismo, *outro* no futebol, Senna e Pelé marcaram um período de ouro no esporte brasileiro.

c) *Circunstancial* (comparação, tempo, causa, etc., precedido ou não de palavra que marca esta relação a mais, já que o aposto explicativo acrescenta um dado a mais acerca do fundamental):

"As estrelas, *grandes olhos curiosos*, espreitavam através da folhagem". [EQ.2, 8 *apud* AK.1].

"*Artista* – corta o mármor de Carrara;

Poetisa – tange os hinos de Ferrara" [CAv.1, II: 142]

Este tipo de aposto pode ser introduzido por *como*, *na qualidade de*:

As estrelas, *como grandes olhos curiosos*, espreitavam através da folhagem.

A ti, *como general*, compete o comandar.

D. João de Castro, *vice-rei da Índia*, empenhou os cabelos da barba.

Este tipo de aposto pode ser introduzido por *quando*:

D. João de Castro, quando *vice-rei da Índia*, empenhou os cabelos da barba [Epifânio Dias].

Paulinho, *amigo*, tirou-o da dificuldade.

Paulinho, *porque amigo*, tirou-o da dificuldade.

4) Aposição com *de* x Adjunto adnominal – Algumas vezes, o aposto especificativo vem introduzido pela preposição *de*, especialmente se se trata de denominações de instituições, de

logradouros, de acidentes geográficos:

Colégio *de Santa Rita*
Praça *da República*
Ilha *de Marajó*
Cidade *do Recife*

Tal construção, materialmente falando, aproxima o aposto do adjunto adnominal preposicionado, que vimos antes; todavia, do ponto de vista semântico, há diferença entre *Ilha de Marajó* e *casa de Pedro*. Em *casa de Pedro*, *casa* e *Pedro* são duas realidades distintas, enquanto em *ilha* e *Marajó* se trata de uma só realidade, já que ambos querem referir-se a um só conteúdo de pensamento designado112 . Quanto ao emprego da preposição *de* nas construções deste último tipo, como bem ensina Epifânio Dias, "da arbitrariedade do uso é que depende o empregar-se em uns casos *de* definitivo, em outros a aposição. Diz-se, por exemplo: *o nome de Augusto*, mas *a palavra Augusto*; *a cidade de Lisboa*, mas *o rio Tejo*".

Às vezes podem as construções com *de* provocar casos de sincretismo sintático, com consequente efeito de ambiguidade, não diferençando o título da ideia de posse ou pertença. Por isso, para os títulos, no desejo de evitar a ambiguidade, vai-se generalizando o não emprego da preposição *de*: *Rua Santa Teresa*, *Praça Paris*, etc. Esta construção é antiga na língua e paralela ao uso latino (*Urbs Roma*, *Garumna flumen*). Mas a presença da justaposição no francês e inglês tem feito que tal prática seja condenada sem sucesso por estrangeirismo. A justaposição vai-se impondo em *bomba relógio*, *mandato tampão*, *homem bala*, *traje passeio*, em que o procedimento morfológico de formação de compostos se sobrepõe ao processo sintático. A prática, nestes casos, vacila entre o emprego ou não do hífen.

De qualquer maneira, o aposto e o adjunto adnominal são ambos expansões sintáticas do núcleo nominal.

5) As construções *uma joia de pessoa* e *o pobre do rapaz* – Em vez de *uma pessoa joia* e *o pobre rapaz*, em que o núcleo nominal (*pessoa*, *rapaz*) se acha acompanhado de um adjunto adnominal (*joia*, *pobre*), aparecem, numa forma carregada de afetividade, as expressões *uma joia de pessoa* e *o pobre do rapaz*, em que o primitivo adjunto passa formalmente a núcleo e o antigo núcleo passa a adjunto, mediante a presença da preposição *de*. Tem-se muito discutido como se formaram estas expressões derivadas, sem que tenhamos uma solução cabal; mas se pode filiá-las a frases exclamativas sem verbo do tipo de *ai de mim!*, *pobre de mim!*, etc. [FDz.1, III:131].

Ao lado da carga afetiva positiva em construções do tipo *o bom do pároco* pode ocorrer a carga negativa *o burro do cliente*, *a droga do cliente*; neste último caso cria-se uma ambiguidade entre as equivalências "o cliente é uma droga" e "o cliente tem uma droga".

Substantivo + adjetivo = Adjetivo + substantivo

Pode ocorrer sincretismo sintático em grupos nominais do tipo *sábio alemão*, em que se pode corretamente entender, de um lado, a existência de um *sábio* (substantivo) de

nacionalidade alemã (adjetivo), ou, de outro, um *alemão* (substantivo) que é *sábio* (adjetivo). Há aqui, portanto, uma coincidência material de combinação de formas linguísticas, mediante a qual substantivo + adjetivo = adjetivo + substantivo [ECs.4, 246].

A interpretação mais natural ou, pelo menos, mais imediata, é considerar o segundo termo como adjetivo, isto é, como adjunto adnominal. É a lição de M. Barreto, em grupos nominais do tipo *menino rei / rei menino*, *filósofo rei / rei filósofo* [MBa.7, 326]. Assim entendeu Machado de Assis ao definir que as *Memórias Póstumas de Brás Cubas* eram as de um *defunto autor* (= que escreve) e não de um *autor defunto* (= que morreu).

6) Graus de coesão nos grupos nominais – Às vezes, o núcleo nominal já expandido por um adjunto adnominal constituído por adjetivo vem acrescido de outro adjetivo, como

os competentes atletas mineiros,

em que ao grupo inicial *os competentes atletas* se junta o adjunto adnominal *mineiros*, que não se refere tão somente ao substantivo *atletas*, mas ao conjunto *competentes atletas*. Assim, *competentes* guarda maior grau de coesão em relação a *atletas* do que o adjetivo *mineiros*. Temos aqui um exemplo de hipotaxe estudada em, em que o grupo de palavras *competentes atletas* passa a funcionar no estrato de palavra e, assim, pode receber o adjunto adnominal *mineiros*.

Podem estar juntos os dois adjetivos, sem que se altere o grau de coesão:

a situação política atual [VK.1, 161]

O adjetivo menos coeso (*atual*) em relação ao nome (*situação*) pode mudar de posição, diferentemente do mais coeso (*política*):

a atual situação política

mas não:

**a política situação atual*

Também o menos coeso não pode intercalar-se entre o núcleo e o mais coeso:

* *a situação atual política*

7) O aposto com expressões do tipo *pôr nome* – Depois do substantivo das expressões *pôr nome*, *ter nome* e equivalentes, com o significado de "chamar(-se)", "dar nome", pode aparecer um aposto:

Quem o seu cão quer matar, *raiva* lhe põe nome [MBa.4, 64].

8) Aposto referido a uma oração – O aposto não só se refere a qualquer núcleo nominal em qualquer função da oração; pode referir-se ao conteúdo de pensamento expresso numa oração inteira:

Depois da prova, Filipe estava radiante, *sinal de seu sucesso*.

Como aposto de uma oração inteira costuma aparecer um substantivo como *coisa*, *razão*, *motivo*, *fato* e equivalente, sempre acompanhado de um adjunto adnominal, ou de uma oração subordinada adjetiva substantivada pelo artigo *o*:

O desastre provocou muitas vítimas, *coisa lastimável*.

Os convidados não foram à festa, *o que deixou o aniversariante frustrado*.

OBSERVAÇÃO: A tradição gramatical entre nós tem considerado neste último caso como pronome demonstrativo (= aquele, aquilo, isto) usado neutralmente, o *o* que precede o *que*, modificado por uma oração adjetiva, em vez de considerar essa mesma oração adjetiva substantivada pelo artigo *o*, como fizemos aqui. Discutimos o assunto mais adiante.

9) Vocativo: uma unidade à parte – Desligado da estrutura argumental da oração e desta separado por curva de entoação exclamativa, o vocativo cumpre uma função apelativa de 2.ª pessoa, pois, por seu intermédio, chamamos ou pomos em evidência a pessoa ou coisa a que nos dirigimos:

José, vem cá!

Tu, *meu irmão*, precisas estudar!

Felicidade, onde te escondes?

Algumas vezes vem precedido de *ó*, que a tradição gramatical inclui entre as interjeições, pela sua correspondência material, mas que, na realidade, pode ser considerado um morfema de vocativo, dada a característica entonacional que a diferencia das interjeições propriamente ditas [HCv.2, 197 n.47].

"*Deus*, *ó Deus*, onde estás que não respondes?" [CAv.1, 141]

Estes exemplos nos põem diante de algumas particularidades que envolvem o vocativo. Pelo desligamento da estrutura argumental da oração, constitui, por si só, a rigor, uma frase exclamativa à parte ou um fragmento de oração, à semelhança das interjeições. Por outro lado, como no caso de *Tu, meu irmão, precisas estudar!*, às vezes, se aproxima do aposto explicativo, pela razão que vai constituir a particularidade seguinte. Por fim, o vocativo, na função apelativa, está ligado ao imperativo ou conteúdo volitivo da forma verbal, já que, em se tratando de ordem ou manifestação de desejo endereçada à pessoa com quem falamos ou a quem nos dirigimos, presente quase sempre, não há necessidade de marcar gramaticalmente o sujeito. Quando surge a necessidade de explicitá-lo, por algum motivo, aludimos a esse sujeito em forma de vocativo [RLz.1, 66].

Assim é que em:

"Deixa-me! Deixa-me a vagar perdida...

Tu! - parte! volve para os lares teus". [CAv.1, 191],

tu não é o sujeito de *parte*, e sim vocativo, "espécie de aposição à ideia do sujeito, contida no imperativo" [HCv.2, 197 n.47]. Ocorre o mesmo com o substantivo *poeta* em:

Vai, *Poeta*... (*Id*., *ibid*.: 116)

Pelos exemplos aduzidos até aqui, vê-se que o vocativo pode ser representado por substantivo ou pronome, podendo admitir a presença de expansões (p. ex., de adjuntos adnominais, de orações adjetivas):

Desce do espaço imenso, *ó águia do oceano*!

"*Senhor Deus*, *que após a noite*

Mandas a luz do arrebol,

Que vestes a esfarrapada

Com o manto rico do sol". [CAv.1, 88]

Na correspondência epistolar, o vocativo vem separado do resto do enunciado por vírgula, enquanto em textos de outra natureza costuma aparecer o emprego dos dois pontos (:) ou do ponto de exclamação (!).

2 – Orações Complexas e Grupos Oracionais: a Subordinação e a Coordenação. A Justaposição

Subordinação: oração complexa – Uma oração independente do ponto de vista sintático, que sozinha, considerada como unidade material, constitui um texto, se este nela se resumir, como em

A noite chegou,

pode, pelo fenômeno de estruturação das camadas gramaticais conhecido por *hipotaxe* ou *subordinação*, passar a uma camada inferior e aí funcionar como pertença, como membro sintático de outra unidade;

O caçador percebeu que *a noite chegou*.

A primitiva oração independente *a noite chegou* transportou-se do nível sintático de independência para exercer a função de complemento ou objeto direto da relação predicativa da oração a que pertence o núcleo verbal *percebeu*: *o caçador percebeu.*

Dizemos, então, que a unidade sintática *que a noite chegou* é uma oração *subordinada*. A gramática tradicional chama à unidade *o caçador percebeu* oração principal. Gramaticalmente, a unidade oracional *O caçador percebeu que a noite chegou* é uma unidade sintática igual a *O caçador percebeu a chegada da noite*, onde *a chegada da noite* integra indissoluvelmente a relação predicativa que tem por núcleo e verbo *percebeu*, na função de complemento ou objeto direto.

Assim, levando em conta os constituintes imediatos, há um primeiro momento em que se analisa por inteiro a unidade sintática *O caçador percebeu que a noite chegou*, para depois se analisar o termo sintático que se apresenta sob forma oracional:

Sujeito: *o caçador*

Predicado: *percebeu que a noite chegou*

Objeto direto: *que a noite chegou*.

Como o objeto direto está constituído por uma oração subordinada, são passíveis de análise suas unidades sintáticas constitutivas:

Sujeito: *a noite*

Predicado: *chegou*

Oração complexa e grupos oracionais – A rigor, o conjunto complexo *que a noite chegou* não passa de um termo sintático na oração complexa *O caçador percebeu que a noite chegou*, que funciona como objeto direto do núcleo verbal *percebeu*. Estas unidades transpostas exercem função própria de meros substantivos, adjetivos e advérbios, razão por que são assim classificadas na oração complexa. Todavia, a presença de um núcleo verbal (que a noite *chegou*) leva a tradição a ver aí também uma unidade de caráter oracional, ao lado da unidade oracional (porque também tem verbo) a que se prende, embora, isoladamente, nenhuma das duas satisfaça as demais condições que caracterizam uma oração, além da presença do verbo integrando uma relação predicativa:

a) a delimitação entre duas pausas e o contorno melódico;

b) existência de um ato completo de comunicação em cada situação de fala concreta.

Assim, apesar destas considerações, esta gramática respeitará o peso da tradição e verá, num primeiro momento de análise em constituintes imediatos, uma oração complexa (a que também alguns gramáticos nossos chamavam *oração geral*, como, por exemplo, José Oiticica), para depois analisar como oração subordinada o complexo unitário correspondente a uma função sintática exercida por substantivo, adjetivo ou advérbio.

Diferente deste caso será o *grupo oracional* integrado por orações sintaticamente independentes, que, por isso, poderiam aparecer em separado:

O caçador chegou à cidade e procurou um hotel.

ou

O caçador chegou à cidade. Procurou um hotel.

Temos aqui um grupo de enunciados da mesma camada gramatical, isto é, como *orações*, o que caracteriza uma das propriedades de estruturação das camadas gramaticais conhecida por *parataxe* ou *coordenação*.

Daí só podermos, a rigor, falar em *orações compostas*, *grupos oracionais* ou *período composto* quando estivermos diante de orações coordenadas.

Não causará estranheza, se atentarmos para o princípio dos constituintes imediatos, que haja coordenação entre qualquer unidade da mesma camada gramatical: *homem e mulher,* (dois substantivos) *estudioso e inteligente* (dois adjetivos), *ontem e hoje* (dois advérbios), *leio e compreendo* (dois verbos), *com e sem* (duas preposições), um substantivo e oração substantiva (*desejo a vitória e que tenhas sucesso*), um adjetivo e oração adjetiva (*inteligente e que tem bom coração*), advérbio e oração adverbial (*agora e quando estiveres pronto*), duas orações da mesma função sintática (*desejo que venças e que sejas feliz*), etc.

Por hipertaxe ou hipotaxe, uma unidade pode passar, respectivamente, a camadas gramaticais superiores ou inferiores, e depois ocorrer a coordenação.

***Que*: marca de subordinação oracional** – No exemplo *O caçador percebeu que a noite chegou*, a marca de que a oração independente passou pelo processo da subordinação, a funcionar como membro de uma outra oração, é o *que*, conhecido tradicionalmente como "conjunção" integrante.

Na realidade esse *que* não tem por missão precípua "juntar" duas orações – como fazem as conjunções coordenativas – , mas tão somente marcar o processo por que se transpôs uma unidade de camada superior (uma oração independente) para funcionar, numa camada inferior, como membro de outra oração.

Daí não corresponder à nova realidade material da unidade sintática subordinada a denominação tradicional de *orações compostas* ou *período composto.* Temos sim orações *complexas*, isto é, orações que têm termos determinantes ou argumentais complexos, representados sob forma de outra oração. Só haverá orações ou períodos *compostos* quando houver *coordenação*. Dizemos que esse *que* é um *transpositor*.

Orações complexas de transposição substantiva – A oração transposta, inserida na oração complexa, é classificada conforme a categoria a que corresponde e pela qual pode ser substituída no desempenho da mesma função. Daí ser a oração transposta classificada como *substantiva*, *adjetiva* ou *adverbial*, segundo a tradição gramatical, pois desempenha função sintática normalmente constituída por substantivo, adjetivo ou advérbio. Assim, em nosso exemplo, *O caçador percebeu que a noite chegou*, a oração transposta inserida na oração complexa (que) *a noite chegou* será substituída pelo substantivo *a chegada da noite* (*O caçador percebeu a chegada da noite*), e a oração transposta pelo processo da subordinação funcionará também como objeto direto da relação predicativa que tem como núcleo verbal *percebeu*.

A oração subordinada transposta substantiva aparece inserida na oração complexa exercendo funções próprias do substantivo, ressaltando-se que a conjunção *que* pode vir precedida de preposição conforme exerça função que necessite desse índice funcional:

a) Sujeito: *Convém que tu estudes / Convém o teu estudo.*

b) Objeto direto: *O pai viu que a filha saíra / O pai viu a saída da filha.*

c) Complemento relativo: *Todos gostam de que sejam premiados / Todos gostam de prêmio.*

d) Predicativo: *A verdade é que todos foram aprovados / A verdade é a aprovação de todos.*

e) Objeto indireto: *Enildo dedica sua atenção a que os filhos se eduquem / Enildo dedica sua atenção à educação dos filhos.*

f) Aposto: *Uma coisa lhe posso adiantar, que as crianças são a alegria dos adultos. Uma coisa lhe posso adiantar, a alegria das crianças aos adultos.*

OBSERVAÇÃO: Para as funções de complemento nominal e agente da passiva.

5 – Orações subordinadas resultantes de substantivação: as interrogativas e exclamativas – Sem precisar do transpositor *que*, as orações interrogativas e exclamativas, desprovidas do particular contorno melódico e iniciadas por uma unidade desses valores semânticos, podem-se substantivar e exercer função própria de substantivo na oração complexa:

Ainda não sei *que vou fazer hoje* (cf. *Que vou fazer hoje?*)

Os comerciantes desconhecem *que a mercadoria terá mais saída no próximo verão*.

O professor pergunta *qual é o motivo da algazarra*.

Ainda não descobrimos *por que ele saiu cedo*.

A vizinha descobriu *quem lhe telefonou de madrugada*.

O treinador decidiu *como o time conterá o adversário*.

O calouro ainda não sabe *para que especialidade médica se dirigirá*.

Não adivinhava *quanta alegria causou em nós*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Opondo-se ao transpositor *que,* que não exerce função sintática, as unidades interrogativas e exclamativas (pronomes e advérbios) têm função sintática na oração subordinada a que pertencem.

2.ª) Na língua popular e regional – reminiscência de antigo uso –, pode aparecer o transpositor *que* antes da unidade interrogativa: Não sei *que por que só chega tarde.* Perguntavam-me *que por onde havia fugido*.

Também aparece desprovida do *que* a oração subordinada de valor semântico de incerteza ou dúvida, que primitivamente era uma interrogativa geral, passando a conjunção *se* a transpositora: Não sei *se a prima virá cedo.* Perguntavas *se o jogo seria hoje.*

Orações complexas de transposição adjetiva

1) Orações adjetivas ou de relativo

Tomemos a seguinte oração

O aluno estudioso vence na vida,

em que o adjunto adnominal representado pelo adjetivo *estudioso* pode também ser representado por uma oração que, pela equivalência semântica e sintática com *estudioso*, se chama *adjetiva*:

O aluno	que estuda	vence na vida.
O aluno	estudioso	vence na vida.

Repare que a oração independente

O aluno estuda,

mediante o transpositor *que*, representado pelo pronome relativo, transpõe a oração independente a funcionar, num nível inferior, como adjunto adnominal do substantivo *aluno,* tal qual fazia o adjetivo *estudioso* da oração básica *O aluno estudioso vence na vida.* Daí dizer-se que a oração transposta *que estuda* é *subordinada adjetiva.*

O transpositor relativo que, na oração subordinada reintroduz o antecedente a que se refere, acumula também uma função de acordo com a estrutura sintática da oração transposta.

No exemplo acima:

O aluno que estuda vence na vida,

a oração *que estuda* vale por *o aluno estuda*, já que o pronome relativo é aí o representante do antecedente *aluno.* Analisando *o aluno estuda,* o sujeito explícito é *o aluno*, o que nos leva a verificar que o pronome em *que estuda* funciona como sujeito explícito do núcleo verbal *estuda*.

2) O relativo marcado por índice preposicional

Já em

O livro de que gostas está esgotado,

o relativo *que* reintroduz também o antecedente *livro*, de modo que a oração subordinada *de que gostas* vale por *gostas do livro*, em que *do livro* é complemento relativo do núcleo verbal *gostas.* Se assim é, na oração subordinada *de que gostas* o pronome relativo funciona como complemento relativo. E como o complemento relativo é um termo argumental marcado por um índice preposicional e como o verbo *gostar* se acompanha da preposição *de*, é imprescindível que este índice esteja introduzindo o relativo *que*:

O livro *de que gostas* está esgotado.

Em

A cidade a que nos dirigimos ainda está longe,

o relativo *que* reintroduz na oração subordinada adjetiva *a que nos dirigimos* o substantivo

cidade, e vale por *nos dirigimos à cidade*, em que o núcleo verbal *dirigimos* requer um termo argumental marcado pelo índice preposicional *a*, preposição que, portanto, não deve faltar anteposta ao relativo, que funciona como complemento relativo do núcleo verbal *nos dirigimos*:

A cidade *a que* nos dirigimos ainda está longe.

Orações adjetivas explicativas e restritivas – Já vimos que o adjetivo pode antepor-se ou pospor-se ao substantivo e que, segundo sua posição o adjetivo pode variar de valor. Em geral, o adjetivo anteposto (também chamado *epíteto*) traduz, por parte da perspectiva do falante, valor *explicativo* ou *descritivo*: *a triste vida*. Aqui o adjetivo não designa nenhum tipo de *vida* que se oponha a outro que não seja *triste*; apenas se descreve como a *vida* é, e, como diz Alarcos Llorach, quase vale por "a vida com sua tristeza" [AL.1, 82]. Agora, se disséssemos, *a vida triste*, nos estaríamos restringindo a uma realidade que se opõe a outras, como *vida alegre, vida boêmia,* etc. Neste caso, o adjetivo se diz *restritivo.*

A oração adjetiva também conhece esses dois valores; a adjetiva explicativa alude a uma particularidade que não modifica a referência do antecedente e que, por ser mero apêndice, pode ser dispensada sem prejuízo total da mensagem. Na língua falada, aparece marcada por pausa em relação ao antecedente e, na escrita, é assinalada por adequado sinal de pontuação, em geral, entre vírgulas:

O homem, que vinha a cavalo, parou defronte da igreja.

Repare-se em que a oração adjetiva *que vinha a cavalo* denuncia que, na narração, só havia um homem, de modo que a declaração *que vinha a cavalo* pode ser dispensada:

O homem parou defronte da igreja

Já em

O homem que vinha a cavalo parou defronte da igreja,

a oração adjetiva, proferida sem pausa e não indicada na escrita por sinal de pontuação a separá-la do antecedente, demonstra que na narração havia mais de um homem, mas só o "que vinha a cavalo" *parou defronte* da igreja. A esta subordinada adjetiva se chama *restritiva.*

À semelhança do que se fez com a oração complexa em cuja estrutura há uma oração subordinada substantiva, num primeiro momento da análise, levando em conta o princípio dos constituintes imediatos, analisar-se-á por inteiro a unidade sintática *O aluno que estuda vence na vida*, para depois se analisar o termo sintático que se apresenta sob forma oracional:

Sujeito: *O aluno que estuda*
Predicado: *vence na vida*
Adjunto adverbial: *na vida*

Como o adjunto adnominal está constituído por uma oração subordinada adjetiva, são passíveis de análise suas unidades sintáticas constitutivas:

Sujeito: *que* (= o aluno)
Predicado: *estuda*

Adjetivação de oração originariamente substantiva – A unidade complexa *homem corajoso* pode ser substituída por *homem de coragem*, em que o substantivo *coragem* transposto por uma preposição ao papel de adjetivo funciona também como adjunto do núcleo nominal.

Esta mesma possibilidade de transposição a adjetivo modificador de um grupo nominal mediante o concurso de preposição conhece a oração originariamente substantiva. Este grupo nominal pode ter como núcleo um substantivo, um adjetivo.

Núcleo substantivo:

O desejo *de que se apurem os fatos* é a maior preocupação dos diretores.

A crença *em que a crise se espalhe* atormenta todos nós.

A desconfiança *de se devemos ir avante* é logo desfeita.

Núcleo adjetivo:

Estávamos todos desejosos *de que o concurso saísse logo*.

O negociante estava cônscio *de que sua responsabilidade era grande*.

OBSERVAÇÃO: Sendo as expressões preposicionadas de *desejo de glória*, *ânsia de liberdade*, *desejoso da glória*, *ansioso de liberdade* modificadores dos núcleos nominais (e por isso mesmo chamados *complementos nominais*) e funcionalmente partícipes da natureza dos adjetivos, manda a coerência que as orações que funcionam como complemento nominal sejam incluídas entre as adjetivas – como fizemos aqui – e não entre as substantivas, como faz a tradição entre nós. Como vimos, elas são primitivamente substantivas, mas que, num segundo momento de estruturação, para funcionarem como modificadoras de substantivos e adjetivos, são transpostas a adjetivas mediante o concurso da preposição.

Ocorre o mesmo com as orações que funcionam como agente da passiva que, primitivamente substantivas, são transpostas a adverbiais mediante a preposição *por*.

Substantivação de orações originariamente adjetivas – Em *O homem sábio é guia seguro,* o adjetivo *sábio* pode ocupar o papel da unidade complexa mediante sua substantivação: *O sábio é guia seguro,* onde se deu o apagamento do substantivo *homem* e se marcou o novo caráter substantivo de *sábio* com a anteposição do artigo *o*.

Também conhece esse expediente de substantivação a oração transposta adjetiva mediante o apagamento do antecedente dos relativos *quem* e *que* e a presença do artigo, se o antecedente, pela situação do discurso, é conhecido dos interlocutores ou se lhe quer dar certo ar de generalização:

O homem que cala e ouve não *dissipa o que sabe*, e aprende *o que ignora* [MM].

Os que mais blasonam de honra e probidade, são como os poltrões que se inculcam de valentes [MM].

Os elogios de maior crédito são *os que os nossos próprios inimigos nos tributam* [MM].

Para quem não tem juízo os maiores bens da vida se convertem em gravíssimos males [MM].

OBSERVAÇÃO: Alguns autores preferem desdobrar o *quem* em *aquele(s) que, aquela(s) que* e considerar a unidade *o, a, os , as* como pronomes demonstrativos representados na oração adjetiva pelo pronome relativo *que,* de modo que, não aceitando a substantivação nesses casos, analisam a subordinada como adjetiva: *Não conheço quem chegou = Não conheço aquele que chegou. Não conheço os que chegaram = Não conheço aqueles que chegaram.* São possíveis as duas maneiras de analisar tais construções.

Ocorre o mesmo com outros pronomes e advérbios relativos destituídos de antecedente:

quanto
por que

Não sabemos	como quando onde que qual	comprou

NOTA: A oração substantiva funciona, nestes exemplos, como objeto direto do verbo saber.

Desconheço QUE admiráveis presentes ganhaste.

Ignorava QUAIS os alunos que haviam perturbado as aulas.

QUEM *tudo quer* tudo perde (oração *subjetiva*).113

Falava a QUEM *lhe pedia conselhos* (oração *objetiva indireta*).

Fizeram QUANTO *lhes pedi* (oração *objetiva direta*).

Reconheço QUÃO *enganados nos achávamos a seu respeito* (oração *objetiva direta*).

Peço que anote QUAIS *foram os responsáveis* (oração *objetiva direta*).

A polícia descobriu QUANDO *foi o roubo* (oração *objetiva direta*).

Os jornais explicaram COMO *os ladrões conseguiram fugir* (oração *objetiva direta*).

Os garotos não descobriram ONDE *os pais tinham posto os presentes* (oração *objetiva direta*).

Os vizinhos não entenderam POR QUE *o fogo foi violento* (oração *objetiva direta*).

Ele é QUEM *os avisa* (oração *predicativa*).

Não sabia *por* QUEM *tinha sido enganado* (oração *objetiva direta*).

Assim, substituem *quem* por *a pessoa que, aquele que; quanto* por *o tanto que; quando* por *o momento em que; como* por *o modo pelo qual; onde* por *o lugar em que; por que* por *o motivo pelo qual*.

Analisam *Quem tudo quer tudo perde* desta maneira:

A pessoa | que tudo quer | tudo perde.

1.ª oração: – principal: *a pessoa tudo perde.*

2.ª oração: – subordinada adjetiva: *que tudo quer.*

A análise que adotamos tem a vantagem de encarar uma realidade da língua, e não uma substituição que a ela realmente nem sempre equivale.114

Não se transportam a substantivas as orações adjetivas introduzidas pelos relativos *cujo* e *o qual*.

Transposta a substantiva, a oração de relativo sem antecedente expresso pode exercer as funções próprias das substantivas originais. Assim, nos exemplos acima, *o que sabe* e *o que ignora* fazem o papel de objeto direto dos núcleos verbais *dissipa* e *aprende,* do primeiro. No segundo, *os que mais blasonam de honra e probidade* é o sujeito de *são*; no terceiro, *os que os nossos próprios nos tributam* é predicativo de *são*. No quarto exemplo, *a quem não tem juízo* funciona como objeto indireto da unidade verbal complexa *dar liberdade.*

Para marcar a natureza substantiva da oração transposta costuma-se anteceder de artigo a interrogativa indireta, prática às vezes injustamente condenada [ED.2, § 362]:

Não sei *o* quanto lhe devo nessa ajuda.

Mais uma construção de oração já transposta – A oração relativa sem antecedente transposta a substantiva pode ser de novo transposta a adjetiva com o concurso de preposição – geralmente *de* – e funcionar como modificador de substantivo.

Repare-se nas construções derivadas da construção básica *o homem sábio → o sábio → o trabalho do sábio,* em que, nesta última fase, o adjetivo substantivado *sábio* recebe o concurso da preposição *de* para desempenhar o papel de modificador ou adjunto do núcleo *trabalho*. Assim também em:

O maior trabalho dos que governam é tolerar os importunos [MM],

a oração relativa substantivada *os que governam*, mediante a preposição em *dos que governam*, passa a exercer função própria de adjetivo como modificador do substantivo *trabalho.*

Também a oração de relativo transposta a substantiva pode, com o curso de preposição, passar a exercer papel de advérbio e, assim, funcionar como adjunto circunstancial.

Nenhum senhorio é tão absoluto *como o que conferem os povos aos tiranos de sua escolha* [MM] (comparativa).

O tempo voa *para quem goza,* e se arrasta *para quem padece* [MM] (inclinação).

O livro foi escrito *por quem não se esperava* (agente da passiva).

Orações complexas de transposição adverbial – Refletindo a classe heterogênea dos advérbios, também as orações transpostas que exercem funções da natureza do advérbio se repartem por dois grupos:

a) as subordinadas adverbiais propriamente ditas, porque exercem função própria de advérbio ou locução adverbial e podem ser substituídas por um destes (advérbio ou locução adverbial): estão neste caso as que exprimem as noções de *tempo, lugar, modo* (substituíveis por advérbio), *causa, concessão, condição* e *fim* (substituíveis por locuções adverbiais formadas por substantivo e grupos nominais equivalentes introduzidos pelas respectivas preposições);

b) as subordinadas *comparativas* e *consecutivas.*

As subordinadas adverbiais propriamente ditas – As adverbiais do 1.º grupo exercem função própria de advérbio, que é, como vimos, um adjunto ou determinante circunstancial não argumental do núcleo verbal. Do ponto de vista constitucional, estão representados por advérbios (os de *tempo*, *lugar* e *modo*) ou pelas chamadas locuções adverbiais, constituídas por substantivos ou grupos nominais equivalentes introduzidos pelas respectivas preposições (as circunstâncias anteriores e, especialmente, as que denotam causa, concessão, condição e fim).

Daí tais orações adverbiais, do ponto de vista constitucional, se assemelharem às substantivas, já que se identificam com estas em funções adverbiais, como ocorre com o substantivo transposto ao papel de advérbio mediante o concurso de preposição:

Saiu *de noite.*

Estudamos *com prazer.*

Trabalhas *na fábrica.*

Passeamos *pela cidade.*

Destarte, quando as orações mediante o transpositor *que* se transpõem a subordinadas substantivas e passam a funcionar como adverbiais, são marcadas pela respectiva preposição, constituindo assim as impropriamente chamadas *locuções conjuntivas*: *sem que, para que, desde que, porque* (= *por* + *que*), *que*, etc. Impropriamente locuções conjuntivas, porque não se trata de uma unidade complexa, mas de dois elementos com papéis diferentes: a preposição assinala a noção circunstancial de que semanticamente se reveste a oração transposta ou subordinada; o *que* marca o novo papel da oração independente originária que passa a funcionar, num plano inferior, como termo sintático dentro da oração complexa:

Os alunos estudam muito *para que possam preparar-se para as exigências da vida.*

Os convidados saíram *sem que fossem notados.*

O advogado não o defendeu *porque o réu só mentiu no depoimento.*

Outras particularidades nos transpositores das orações adverbiais – Além do *que* precedido da conveniente preposição como vimos até aqui, devemos assinalar as seguintes outras particularidades:

a) Quando usados sem referência a antecedente, os advérbios relativos *onde, quando, como* e *quanto* (este com preposição) transpõem a oração a que pertencem, que passa a exercer papel de adjunto adverbial:

Onde me espetam fico.

Saíste *quando a festa melhorava.*

O prédio foi construído *como estava planejado.*

Só trabalhava *por quanto dinheiro ganhase para a viagem.*

b) Outros advérbios ou unidades de valor adverbial, próximos aos advérbios relativos, também transpõem orações para exercer papel adverbial, como ocorre com *se* (hipotético), *conforme, apenas, caso, enquanto:*

Se o emprego é nessas condições, ele não me interessa.

Seus sonhos se realizaram *conforme ela planejara.*

c) Também os pronomes relativos sem referência a antecedente ou precedidos de artigo transpõem oração subordinada a substantivo, podendo esta oração subordinada substantiva passar a exercer função adverbial se vem acompanhada da conveniente preposição:

Ela só saía *com quem lhe merecia confiança*

O vizinho errou quando depositou suas economias *no que era bastante precário.*

d) A oração transposta de *que* pode funcionar como determinante de um advérbio, de modo que às vezes o conjunto advérbio + *que* passa a funcionar como um transpositor unitário (*ainda que, ainda quando, já que, sempre que, logo que, assim que,* etc), em que o significado originário do advérbio fica modificado [AL.1, 355]:

Sempre que corríamos à janela, assistíamos ao espetáculo da natureza.

Logo que tudo fique resolvido, o vizinho se mudará.

OBSERVAÇÃO: Primitivamente o advérbio era um elemento da oração deslocado, que devia modificar um núcleo verbal daquela a que a rigor pertencia, e que passou a integrar outra oração.

e) Pelo fenômeno da subordinação ou hipotaxe, palavras ou grupos de palavras (advérbio ou substantivo adverbializado) passam a um estrato inferior e exercem papel próprio de

morfema, aqui de preposição, pela qual podem ser substituídos:

em virtude de doença = *por* doença
em cima da mesa = *sobre* a mesa
graças à ajuda = *com* a ajuda
debaixo da escada = *sob* a escada
dentro de pouco = *por* pouco

Neste caso, introduzindo uma oração transposta mediante *que*, esta exercerá papel adverbial:

Em virtude de que era o mais saudável, dispôs-se a trabalhar pelo grupo.

f) Alguns particípios fixos no masculino singular se unem a orações transpostas mediante *que* dando origem a transpositores complexos de orações adverbiais, do tipo de *dado que, posto que, visto que, suposto que, salvo que, exceto que, não obstante que*:

Nada resolveu o problema, *visto que não houve entendimento prévio das partes em litígio.*
Os turistas desistiram da visita *dado que chovia torrencialmente.*

OBSERVAÇÃO: Primitivamente o *que* introduzia oração que funcionava como sujeito do particípio, o que explica estar este no masculino singular, pois uma oração definida materialmente é considerada do gênero masculino e do número singular.

As subordinadas adverbiais comparativas e consecutivas – As subordinadas adverbiais do 2.º grupo, integradas pelas comparativas e consecutivas, guardam certa analogia com as adjetivas porque dependem de um antecedente, de natureza quantificadora ou de unidade quantificada (adjetivo ou advérbio) e só mantêm relação direta com o núcleo verbal da oração junto com seu antecedente. Assim é que em

Janete estuda mais que trabalha,

a oração subordinada *que trabalha* está presa ao advérbio *mais*, e o conjunto *mais que trabalha,* que manifesta uma comparação com o fato anterior, funciona como adjunto adverbial do núcleo verbal *estuda*.

O mesmo ocorre em

Janete é tão aplicada aos estudos que não lhe sobra tempo para o trabalho.

Aqui a oração subordinada *que não lhe sobra tempo para o trabalho*, que manifesta a consequência ou encarecimento do fato anterior, também está presa ao quantificador *tão* que funciona como adjunto adverbial de *aplicada*, e o conjunto *tão aplicada aos estudos que não lhe sobra tempo para o trabalho,* valendo por um adjetivo a modificar o substantivo *Janete*, funciona como predicativo do verbo *é.*

O caráter do adjunto, portanto de termo não argumental, tanto da oração subordinada comparativa quanto da consecutiva, se manifesta pelo fato de se poder eliminar, em cada caso, a oração subordinada, e continuar perfeita a oração anterior:

Janete estuda mais.
Janete é tão aplicada aos estudos.

Os diversos tipos de comparativas – Como já vimos, a comparação pode manifestar-se estabelecendo uma igualdade (*tanto... quanto*), uma superioridade (*mais...que* ou *do que*), uma inferioridade (*menos...que* ou *do que*) entre duas realidades ou conceitos.

A alternância de *que* e *do que* nasceu, em época relativamente recente, da construção primitiva em que a oração transposta que modificava *mais* ou *menos* era uma substantivada

iniciada por *o que...*, precedida de preposição *de*: *mais* (*menos*) *do que* = *mais* (*menos*) *daquilo que* [ED.2, 171; TM.1, 205].

Dos quantificadores, também já dissemos que só aparece flexionado em gênero e número o *tanto* adnominal, em conformidade com o substantivo ou pronome que modifique. *Tanto* é invariável quando se apresenta como advérbio. Vale ainda lembrar que os quantificadores *mais* e *menos* podem ser reforçados por advérbio: *muito mais, pouco mais, muito menos, pouco menos,* etc.

Outras unidades comparativas – Além dos quantificadores referidos, podem em seu lugar aparecer:

a) as formas adjetivas *maior, menor, melhor, pior:*

As qualidades devem ser *maiores que os vícios.*

b) unidades multiplicativas, indefinidas (como *outro, mesmo, igual*) e advérbios de valor seletivo (como *antes*):

A nota conseguida é o *dobro que o candidato merecia.*

Não pensava em *outra coisa que tirar proveito dos amigos.*

Tudo nele era o *mesmo que se vira antes.*

O roubo antes denigre o ladrão *que lhe aumenta os haveres.*

As orações subordinadas consecutivas – Como vimos, a oração transposta consecutiva também se aproxima da adjetiva relativa por estar o transpositor *que* relacionado com uma unidade quantificadora da oração anterior:

Janete é tão aplicada aos estudos *que não lhe sobra tempo para o trabalho.*

Pelo exemplo acima percebe-se que a oração subordinada manifesta uma consequência; mas o valor semântico primordial é assinalar que o quantificador encarece o conteúdo de pensamento designado.

No exemplo:

Ela sentia tal medo que a deixava paralisada,

se eliminarmos o encarecedor, o quantificador *tal*, a oração subordinada poderá confundir-se com a adjetiva relativa se não for proferida com o contorno melódico que em geral marca a consecutiva, o que a faz poder ser assinalada por vírgula:

Ela sentia medo que a deixava paralisada.

OBSERVAÇÃO: Esta aproximação da adverbial consecutiva desprovida de quantificador com a adjetiva relativa tem levado alguns escritores a repetir a função sintática desempenhada pelo *que* relativo mediante o pronome adverbal *o* (*a, os, as*), construção que a norma padrão desaconselha: "o homem que se destina, ou *que o* destinou seu nascimento, a uma vocação pública, não pode, sem vergonha, ignorar as belas letras e os clássicos" [AGa.4, 29].

Tal como ocorreu nas orações subordinadas comparativas, em *Ela sentia tal medo que a deixava paralisada,* constitui uma unidade complexa o conjunto *tal medo que a deixava paralisada*, que, na oração complexa, funciona como objeto direto do núcleo verbal *sentia.*

Outras unidades consecutivas – Os quantificadores a que se prendem as orações

consecutivas podem ser substituídos por outras unidades, naturalmente sem que deixem de ser marcadas pelo contorno melódico que manifesta o encarecimento do conteúdo do pensamento designado:

a) O indefinido *cada:*

Ele diz *cada* mentira *que já está desacreditado no grupo.*

b) O indefinido *um* (*uma, uns, umas*):

De repente caiu *uma ventania que afugentou do estádio todos os espectadores.*

c) As unidades *de modo, de maneira, assim*:

O mágico falava *de modo que impressionava a plateia.*

O escritor escrevia *de maneira que compunha um livro por mês.*

O atleta era *assim forte que punha nos concorrentes a certeza da derrota.*

OBSERVAÇÃO: Acerca da substituição de *de modo que, de maneira que* + verbo flexionado por *de modo a, de maneira a* + infinitivo (*de modo a fazer,* etc.) cf. link.

d) Pode faltar a unidade quantificadora, garantida pelo contorno melódico e pelo contexto:

É feio *que mete medo.*

Grupos oracionais: a coordenação – Já vimos que as orações coordenadas são orações sintaticamente independentes entre si e que se podem combinar para formar *grupos oracionais* ou *períodos compostos:*

Mário lê muitos livros e aumenta sua cultura.

Mário lê muitos livros e aprende pouco.

É fácil observar que as duas orações do primeiro exemplo são sintaticamente independentes, porque, ao analisar a primeira (*Mário lê muitos livros*), verificamos que possui todos os termos sintáticos previstos na relação predicativa, ao contrário da oração complexa, conforme vimos:

Sujeito: *Mário*

Predicado: *lê muitos livros*

Objeto direto: *muitos livros*

Entretanto, é também fácil verificarmos que a segunda oração *e aumenta sua cultura* manifesta o resultado, uma consequência do fato de Mário ler muito. Esta interpretação, aliás correta, não interfere na relação sintática que as duas orações mantêm entre si no grupo oracional. Esta interpretação adicional não resulta da relação sintática existente nas duas orações, mas sim da nossa experiência do mundo, porque sabemos que a leitura é uma das nossas fontes de cultura. E muito menos a manifestação nasce do emprego da conjunção *e* que, por ser mero conector das orações, tem por missão semântica apenas adicionar um conteúdo de pensamento a outro. Por isso, é denominada *conjunção* (= conector) *aditiva.*

Prova evidente do que estamos falando é o segundo exemplo:

Mário lê muitos livros e aprende pouco.

Do ponto de vista sintático, já vimos que aqui também estamos diante de orações independentes e que podem figurar isoladamente:

Mário lê muitos livros. Ele aprende pouco.

É partindo desse nosso saber sobre as coisas do mundo e dos significados dos lexemas utilizados que interpretamos a 2.ª oração como o contrário do que estávamos esperando pelo

fato de Mário ler muitos livros.

Como no exemplo anterior, essa interpretação adicional não tira da 2.ª oração o caráter de *coordenada aditiva* nem permite que se classifique o *e* diferentemente de uma conjunção aditiva. É o texto, com suas unidades léxicas, e não a gramática, que manifesta o sentido adversativo que claramente expressa a 2.ª oração em face do conteúdo que se enunciou na 1.ª. São, assim, unidades textuais, o que vale dizer, são unidades que manifestam funções sintagmáticas no nível do texto. Trata-se de exemplos de coordenação no nível da oração e de subordinação no nível do texto.

Cabe também assinalar que as orações conectadas por *e* não manifestam nenhum sentido textual subsidiário, além da adição; a ordem das orações é, em geral, livre, salvo quando o significado dos lexemas estabelece uma disposição natural dos conteúdos de pensamento designados. São, neste último caso, questões relativas ao nosso saber elocutivo, e não ao saber idiomático, exclusivamente:

Trabalhava de dia e estudava de noite.
Estudava de noite e trabalhava de dia.

Mas há ordem fixa em:

Ficou noivo em fevereiro e casou-se em junho.
Cursava a Faculdade de Direito e formou-se em advocacia.

Em sentido inverso, muitas orações subordinadas – especialmente as reduzidas, em vista da amplitude semântica em que podem ser envolvidas pela influência das unidades léxicas empregadas e do nosso saber e experiências do mundo – podem admitir um sentido "aditivo", como nos seguintes casos:

a) as orações reduzidas de gerúndio, quando equivalente a uma oração coordenada iniciada pela conjunção *e*:

Compreendeu bem a lição, *fazendo* depois corretamente os exercícios (= e fez depois...)

b) as reduzidas de infinitivo precedida da preposição *sobre* e da locução prepositiva *além de*:

"Além de que a fumarada do charuto, *sobre ser* purificante ou antipútrida, dava aos alvéolos solidez, e consistência aos dentes" [CBr.1, 108] (*sobre ser* = além de ser purificante... a fumarada do charuto dava...).

Apesar destas interpretações "aditivas", estas reduzidas, quanto à sua estruturação gramatical, pertencem ao quadro das orações subordinadas.

Os tipos de orações coordenadas e seus conectores – As orações coordenadas estão ligadas por conectores chamados conjunções coordenativas, que apenas marcam o tipo de relação semântica que o falante manifesta entre os conteúdos de pensamento designado em cada uma das orações sintaticamente independentes.

São três as relações semânticas marcadas pelas conjunções coordenativas ou conectores:

1) *Aditiva*: adiciona ou entrelaça duas ou mais orações, sem nenhuma ideia subsidiária.

As conjunções aditivas são *e* e *nem* (esta para os conteúdos negativos, e pode vir na 2.ª oração ou em ambas).

Pedro estuda *e* Maria trabalha.
Pedro não estuda *nem* trabalha.
Nem Pedro estuda *nem* Maria trabalha.

2) *Adversativa*: contrapõe o conteúdo de uma oração ao de outra expressa anteriormente:

João veio visitar o primo, *mas* não o encontrou.

As conjunções adversativas são *mas, porém, senão* (depois de conteúdo negativo).

Não saía senão com os primos.

3) *Alternativa*: contrapõe o conteúdo de uma oração ao de outra e manifesta exclusão de um deles, isto é, se um se realizar, o outro não se cumprirá:

Estudas *ou* brincas.

Enlaces adverbiais em grupos de orações – Certas unidades de natureza adverbial e que manifestam valores de concessão, conclusão, continuação, explicação, causa, que fazem referência anafórica ao que anteriormente se expressou, podem aparecer como aparentes conectores de orações em grupos oracionais: *logo, pois, portanto, por conseguinte, entretanto, contudo, todavia, por isso, por isto, também, daí, então, pelo contrário,* etc:

Será a primeira vez que copiará estes quadros, *pois* não há oito dias que os comprei [JA.3, 257].

O amor, como eu sonho e espero, há de ser a minha vida inteira; *portanto* parece-me que tenho o direito e até o dever de conhecê-lo antes (...) [JA.3, 379].

O que a protegia na confusão não era tanto o rápido olhar, como um sétimo sentido, que só ela possuía: uma espécie de previsão dos objetos que se aproximavam.

Contudo, eu sofria muito vendo Emília assim esquecida de mim e engolfada nos prazeres (...) [JA.3, 380].

Partindo desses valores semânticos, a gramática tradicional estabeleceu, entre os conectores coordenativos, as conjunções *conclusivas* e *causais-explicativas*. Realmente, nestes casos se trata de unidades que manifestam esses valores de dependência interna, semelhantes às orações subordinadas, mas no nível do sentido do texto. São unidades transfrásticas, já que ultrapassam os limites de fronteira das orações.

OBSERVAÇÃO: A inexistência, a rigor, das conjunções conclusivas e causais – explicativas, orientação que também é seguida em gramáticas de outras línguas, já tinha sido defendida entre nós por Maximino Maciel (1865-1923) na última revisão de sua *Gramática Descritiva*, em que as considerava advérbios, dada a facilidade com que se deslocavam nas orações, aparecendo em várias posições, o que lhes tirava o caráter de conectores.

Justaposição ou assindetismo – Ao lado da presença de transpositores e conectores vistos até aqui, as orações podem encadear-se, como ocorre com os termos sintáticos dentro da oração, sem que venham entrelaçadas por unidades especiais; basta-lhes apenas a sequência, em geral proferidas com contorno melódico descendente e com pausa demarcadora, assinalada quase sempre na escrita por vírgulas, ponto e vírgula e ainda por dois pontos:

O moço que dizia Simíles costumava zombar de mim com barulho. *Qualquer dito nem o excitava: mordia os beiços, avermelhava-se como um peru, lacrimejava, enfim não se continha, caía num riso convulso, rolava sobre o balcão, meio sufocado.* [GrR.1, 197].

Este procedimento de enlace chama-se *justaposição.*

Sob o ponto de vista sintático e semântico, tais justaposições se aproximam, pela independência sintática e estreito relacionamento semântico, da parataxe ou coordenação. Seu efeito para o discurso é variado, ora apontando para um estilo cortado com grande dose impressionista, ora para um estilo que focaliza quadros rápidos e movimentos ascendentes, especialmente se está constituído por sequência de verbos. Já a sequência de substantivos

manifesta lentidão.

Aproximam-se as orações justapostas das coordenadas, e com elas às vezes se alternam, por permitirem, no nível da camada superior do texto, um sentido subsidiário de causa-explicação, concessão, consequência, oposição, tempo, levando-se em conta o conteúdo de pensamento nelas designado:

> Uma vez por dia o grito severo me chamava à lição. Levantava-me, com um baque por dentro, dirigia-me à sala, gelado. *E emburrava: a língua fugia dos dentes, engrolava ruídos confusos* [GrR.1, 102].
>
> Não me ajeitava a esse trabalho: a mão segurava mal a caneta, ia e vinha em sacudidelas, *a pena caprichosa fugia da linha, evitava as curvas, rasgava o papel, andava à toa como uma barata* doida, semeando borrões [GrR.1, 114].

A chamada " coordenação distributiva" – Podem-se incluir nas orações justapostas aquelas que a gramática tradicional arrola sob o rótulo de coordenadas distributivas, caracterizadas por virem enlaçadas pelas unidades que manifestam uma reiteração anafórica do tipo de *ora...ora, já...já, quer...quer, um...outro, este...aquele, parte...parte, seja...seja,* e que assumem valores distributivos alternativos, e subsidiariamente concessivos, temporais, condicionais.

Do ponto de vista constitucional, essas unidades são integradas por várias classes de palavras: substantivo, pronome, advérbio e verbo, e do ponto de vista funcional não se incluem entre os conectores que congregam orações coordenadas:

> *Ora* eram eles capazes de atos de vandalismo, *ora* eram capazes de atos de ajuda ao próximo.
>
> *Já* não se mostravam como pessoas educadas, *já* se revelavam como se fossem inocentes crianças.
>
> *Uns* estavam sempre satisfeitos, *outros* só viviam reclamando da vida.

Orações intercaladas – Também se incluem nos grupos oracionais como orações justapostas as intercaladas, também caracterizadas por estarem separadas do conjunto por pausa e por contorno melódico particular. Na escrita, aparecem marcadas por vírgula, travessão ou parêntese. Do ponto de vista de conteúdo de pensamento designado, dividem-se em:115

1) *citação*: onde se acrescenta a pessoa que proferiu a oração anterior:

> Dê-me água, *me pediu o rapaz.*116
>
> Quem é ele? – *interrompeu a jovem.*

2) *advertência*: esclarece um ponto que o falante julga necessário:

> Em 1945 – *isto aconteceu no dia de meu aniversário* –, conheci um dos meus melhores amigos.

3) *opinião*: em que o falante aproveita a ocasião para opinar:

> D. Benta (*malvada é que era*) dizia que a sua doença impedia a brincadeira da garotada.
>
> "Comíamos, *é verdade*, mas era um comer virgulado de palavrinhas doces" [MA.1, 198].

4) *desejo*: em que o falante aproveita a ocasião para exprimir um desejo, bom ou mau:

> José – *Deus o conserve assim!* – conquistou o primeiro lugar da classe.
>
> "É bem feiozinho, *benza-o Deus,* o tal teu amigo!" (Aluísio Azevedo)
>
> O teu primo – *raios que o partam!* – pôs-me de cabelos brancos.

5) *escusa*: em que o falante se desculpa:

> "Pouco depois retirou-se: eu fui vê-la descer as escadas, e não sei por que fenômenos de ventriloquismo cerebral (*perdoem-me os filósofos essa frase bárbara*) murmurei comigo..." [MA.1, 325].

6) *permissão*: em que solicita algo:

"Meu espírito (*permita-me aqui uma comparação de criança*), meu espírito era naquela ocasião uma espécie de peteca" [MA.1, 282].

7) *ressalva*: em que faz uma limitação à generalidade de um enunciado:

"Daqui a um crime distava apenas um breve espaço e ela transpôs, *ao que parece*" [AH.2, 123].

Ele, *que eu saiba,* nunca veio aqui.117

"Cobiça de cátedras e borlas que, *diga-se de passagem,* Jesus Cristo repreendeu severamente aos fariseus" [CBr.2, 300].

Os livros, *pode-se bem dizer*, são o alimento do espírito.

Aparentes orações complexas – Entram, assim, neste caso as intercaladas de citação que, em estilo direto, reproduzem o que no estilo indireto funcionaria como objeto direto do núcleo verbal, claro ou subentendido: *Dê-me água, me pediu o rapaz*, equivalente no conteúdo a *O rapaz pediu que lhe desse água; Quem é ele? – interrompeu o jovem*, equivalente no conteúdo a *O jovem interrompeu* [*perguntando*] *quem é ele.*

Atendendo às equivalências do conteúdo, mas em contradição com a estrutura sintática e textual, alguns autores analisam tais orações justapostas como complexas. Só poderíamos proceder dessa maneira e considerá-las orações complexas se viessem introduzidas pelo transpositor, como ocorreu nas equivalências apontadas.

Como bem ensina A. da Gama Kury, devemos "considerar essas orações interferentes como períodos à parte, intercalados ou justapostos, que se analisarão lado a lado com aquele em que se inserem" [AK.1, 70].

3 – Discurso direto, indireto e indireto livre

O português, como outras línguas, apresenta normas textuais para nos referirmos no enunciado às palavras ou aos pensamentos de responsabilidade do nosso interlocutor, mediante os chamados *discurso direto, discurso indireto* e *discurso indireto livre.*

No DISCURSO DIRETO reproduzimos ou supomos reproduzir fiel e textualmente as nossas palavras e as do nosso interlocutor, em diálogo, conforme vimos nos exemplos das orações ou períodos intercalados de citação, com a ajuda explícita ou não de verbos como *disse, respondeu, perguntou, retrucou* ou sinônimos (os chamados verbos *dicendi*). Às vezes, usam-se outros verbos de intenção mais descritiva, como *gaguejar* (do nosso exemplo), *balbuciar, berrar,* etc. São os *sentiendi*, que exprimem reação psicológica do personagem.118 No diálogo, a sucessão da fala dos personagens é indicada por travessão (outras vezes, pelos nomes dos intervenientes):

Uma vez em que me extenuava na desgraçada tarefa percebi um murmúrio:

— *Lavou as orelhas hoje?*

— Lavei o rosto, *gaguejei* atarantado.

— Perguntei se lavou as orelhas.

— Então? Se lavei o rosto, devo ter lavado as orelhas [GrR, 114].

No DISCURSO INDIRETO os verbos *dicendi* se inserem na oração principal de uma oração complexa tendo por subordinada as porções do enunciado que reproduzem as palavras próprias ou do nosso interlocutor. Introduzem-se pelo transpositor *que,* pela dubitativa *se* e

pelos pronomes e advérbios de natureza pronominal *quem, qual, onde, como, por que, quando,* etc., já vistos antes:

Perguntei *se lavou as orelhas.*

O discurso direto em:

José Dias recusou, dizendo: *É justo levar a saúde à casa de sapé do pobre*

passa a discurso indireto, em que se transpõe o presente *é* do discurso direto para o pretérito imperfeito do indireto:

José Dias recusou, dizendo *que era justo levar a saúde à casa de sapé do pobre* [MA.4, 14].

O DISCURSO INDIRETO LIVRE consiste em, conservando os enunciados próprios do nosso interlocutor, não fazer-lhe referência direta. Como ensina Mattoso Câmara, mediante o estilo indireto livre reproduz-se a fala dos personagens – inclusive o narrador – sem "qualquer elo subordinativo com um verbo introdutor *dicendi*" [MC.4, 28]. Se tomássemos o exemplo acima d e *Dom Casmurro*, bastaria suprimir a forma verbal *dizendo* e construir dois períodos independentes com as duas partes restantes:

José Dias recusou. *Era justo levar a saúde à casa de sapé do pobre.*

Uma particularidade do estilo indireto livre é a permanência das interrogações e exclamações da forma oracional originária, ao contrário do caráter declarativo do estilo indireto. Mattoso Câmara cita um trecho de *Dom Casmurro* em que D. Glória tenta demover Pádua da ideia de suicídio por lhe ter mudado a vida financeira de repente, mediante um enunciado em estilo indireto livre a partir do segundo período:

> Minha mãe foi achá-lo à beira do poço, e intimou-lhe que vivesse. Que maluquice era aquela de parecer que ia ficar desgraçado, por causa de uma gratificação menos, e perder um emprego interino? Não, senhor, devia ser homem, pai de família, imitar a mulher e a filha... (p. 48)

Em suma, o discurso indireto livre "estabelece um elo psíquico entre o narrador e o personagem que fala (...) o narrador associa-se ao seu personagem, transpõe-se para junto dele e fala em uníssono com ele" [MC.4, 30-31].

Particularidades outras das orações transpostas substantivas – O transpositor da oração substantiva junto à oração principal se diz *conjunção integrante: que* (nas declarações de certeza) e *se* (nas declarações de incerteza):

Sei *que* virá hoje.

Não sei *se* virá hoje.

Conforme vimos, pode a conjunção integrante vir ou não precedida de preposição necessária. O quadro seguinte resumirá as orações substantivas, levando-se em conta a preposição necessária:

- Subordinadas Substantivas
  - a) sem preposição necessária
    - 1) *subjetiva*
    - 2) *objetiva direta*
    - 3) *predicativa*
    - 4) *apositiva*
  - b) com preposição necessária
    - 1) *completiva relativa* (complemento de verbo)
    - 2) *objetiva indireta* (complemento de verbo + objeto direto ou complemento relativo)

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Continuamos a insistir no termo *necessária (preposição necessária),* porque ela pode aparecer, esporadicamente, em lugares que a não exigem, como omitir-se onde seria esperada. Assim, pode-se prescindir da preposição que inicia uma oração objetiva indireta ou completiva nominal:

> "Em Coimbra recebeu o infante esta triste nova por uma carta da rainha sua filha, em que o avisava que *em conselho se decidira que o fossem cercar...*" [AH.2, 94],

isto é: em que o avisava que está por *em que o avisava* ***de que***.

2.ª) Pode ocorrer a omissão tanto da preposição quanto do transpositor:

> Quis defendê-la, mas Capitu não me deixou, continuou a chamar-lhe beata e carola, em voz tão alta que tive medo *fosse* ouvida os pais [MA *apud* MBa.3, 80],
>
> isto é: tive medo *de que* fosse ouvida.

Também se pode preceder de preposição uma oração subjetiva ou objetiva direta. Assim, por influência da construção *fazer com alguém* (= conseguir deste alguém) *que viesse* passamos a empregar *fazer com que* ao lado de *fazer que* em orações objetivas diretas do tipo:

> "...fizeram (os cortesãos) *com que se retirasse para Sintra...*" [AH.2, 93],
>
> onde *fazer* significa "diligenciar e conseguir que uma coisa aconteça".

Ou subjetiva, como:

> "Desaire real seria *de a deixar sem prêmio*" [AGa].

Registrem-se ainda as construções *dizer de sim, dizer de não,* em lugar de *dizer que sim, dizer que não:* "Eu me abalanço a lhes dizer e redizer *de não* [RB.5, 225]".

Características da oração subjetiva e predicativa – A oração substantiva subjetiva apresenta as seguintes características:

Estar o verbo da oração principal na 3.ª pessoa do singular e num destes quatro casos:

a) verbo na voz reflexiva de sentido passivo:

> Sabe-se que tudo vai bem.

b) verbo na voz passiva (*ser, estar, ficar*) seguidos de particípio:

> Ficou provado *que estava inocente.*

c) verbos *ser, estar, ficar* seguidos de substantivo ou adjetivo:

> É verdade que *sairemos cedo*.
>
> Foi bom *que fugissem.*

Está claro *que consentirei.*

Ficou certo *que me telefonariam.*

d) verbo do tipo *parece, consta, ocorre, corre, urge, importa, convém, dói, punge, acontece:*

Parece *que vai chover.*

Urge *que estudem.*

Cumpre *que façamos com cuidado todos os exercícios.*

Acontece *que todos já foram punidos.*

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Não se pautam pela tradição literária as construções em que se personaliza o verbo *pesar* significando arrependimento ou dor, do tipo de:

Pesam-me os dissabores que lhe causei.

A boa construção é dar-lhe objeto indireto de pessoa e complemento relativo de coisa introduzida pela preposição *de*, e na forma de 3.ª pessoa do singular:

Pesa-me dos dissabores que lhe causei.

2.ª) O Prof. Sousa Lima [SL.1, § 530] acha que só se poderá considerar *predicativa* a oração que contiver o verbo *parecer* concordando "com outro sujeito que não seja a proposição: *Tu pareces ser estrangeiro* ", outro exemplo, "Nunca nos esquecemos de nós, ainda quando *parecemos* que mais nos ocupamos dos outros" [MM].

A oração substantiva predicativa introduzida pela conjunção complementa, na maioria das vezes, o verbo *ser*:

A verdade *é que não ficaremos aqui.*

Omissão da conjunção integrante – Se o enunciado encerra mais de um *que,* podemos, com elegância, omitir a conjunção integrante, principalmente nas orações subjetivas e objetivas presas a núcleos verbais que exprimem vontade ou temor:

"Devia, pois, ser melancólico, além do exprimível o que aí se passou nessa grade: triste, e desgraçado direi, a julgá-lo pelas consequências *que* se vão descrever, com um certo pesar em *que esperamos tomem* os leitores o seu quinhão de pena..." [CBr.4, 223].

Esperamos tomem está por e*speramos que tomem.*

Ainda que não haja acúmulo de *quês*, constitui leveza a omissão da conjunção integrante, que ocorre principalmente no estilo administrativo:

"Frequentes vezes me *disse esperava* lhe anulassem no supremo tribunal o processo" [CBr.10, 51].

Requeiro *seja enviado o Processo a outra instância.*

Evitou-se, no primeiro exemplo, o emprego de duas conjunções integrantes: "...me disse *que esperava que* lhe anulassem o processo".

"Posto que, dizia ele, muito desejasse ver levar o negócio a cabo, *aconselhava-o não tentasse* nada de leve..."[AH.6, 262, *apud* AH.2, 149].

Aconselhava-o não tentasse está por *aconselhava-o a que não tentasse.*

Também se dá a omissão da integrante *que* depois do transpositor na comparação com *que* ou *do que*, como se observa no seguinte exemplo:

É melhor *que* lhe deem uma oportunidade *do que estejam* a retê-lo na prisão,

isto é: *é melhor que lhe deem...do que que estejam...*

Pode-se ainda fugir à repetição pondo-se o verbo no infinitivo:

do que *estar* a retê-lo na prisão.

Pleonasmos da conjunção integrante

Quando a oração substantiva não segue imediatamente o verbo de que serve de integração, pode ocorrer, mormente no falar coloquial, o pleonasmo da conjunção integrante, como o provam os seguintes exemplos:

"e disse *que*, se lhe não queríamos mais nada, *que* podíamos ir à nossa vida" [CBr, 45].

"O meu amor me disse ontem
Que eu *que* andava coradinha" [AO.1] 119

A verdade é *que* desde que anunciei ao rapaz a volta de sua mãe, *que* observei nele uma bizarra mudança de atitude [LCa.1].

Particularidades sobre as *orações transpostas adjetivas*

Funções sintáticas do relativo das orações adjetivas – As orações adjetivas iniciam-se por pronome relativo que, além de marcar a subordinação, *exerce uma função sintática da oração a que pertence.* Em:

"Há enganos *que* nos deleitam, como desenganos *que* nos afligem" [MM],

os dois *quês* exercem funções sintáticas na oração subordinada que iniciam. O primeiro é sujeito de *deleitam* (que nos deleita? – *enganos*, representado na oração subordinada pelo *que*); o segundo é sujeito de *afligem* (que nos aflige? – *desenganos*, representado na oração subordinada pelo *que*).

É importante assinalar que *a função sintática do pronome relativo nada tem a ver com a função do seu antecedente; ela é indicada pelo papel que desempenha na oração subordinada a que pertence.*

Desta maneira, no exemplo dado, *enganos* e *desenganos* são *objetos diretos* (a oração não tem sujeito, porque o verbo *haver* = *existir* é impessoal) e os *quês* são sujeitos.

a) *Que* – não precedido de preposição necessária – pode exercer as funções de *sujeito, objeto direto* ou *predicativo*:

O menino *que* estuda aprende (*sujeito*).

O livro *que* lemos é instrutivo (*objeto direto*).

Somos o *que* somos (*predicativo*).

b) *Que* – precedido de preposição necessária – pode exercer as funções de *objeto indireto, complemento relativo, adjunto adverbial* ou *agente da passiva*:

A pessoa *a que* entreguei o livro deixou-o no táxi (*objeto indireto*).

Os filmes *de que* gostamos são muitos (*complemento relativo*).

A cidade *a que* te diriges tem bom clima (*complemento relativo*).

A pena *com que* escrevo não está boa (*adjunto adverbial de meio*).

Este é o escritor *por que* foi escrito o livro (*agente da passiva*).

OBSERVAÇÃO: Constitui impropriedade o emprego do pronome relativo precedido de preposição *de* como adjunto adnominal, em lugar de *cujo*. Assim se evita dizer "o escritor *de que* todos conhecemos o livro", "as pessoas *de quem* reconheceis os privilégios". Em boa linguagem diremos "o escritor *cujo* livro todos conhecemos", "as pessoas *cujos* privilégios reconheceis". Todavia não são raros os exemplos em bons escritores: O anarquista maldiz de todos os governos *de que* não compartilha as vantagens [MM]. Para certa classe de gente, a consciência é uma gaveta fechada *de que* se perdeu a chave [AR.2, 168], isto é, *de cujas vantagens não compartilha; gaveta cuja chave se perdeu.*

c) *Quem* – sempre em referência a pessoas ou coisas personificadas – só se emprega precedido de preposição, e exerce as seguintes funções sintáticas:

Ali vai o professor *a quem* ofereci o livro (*objeto indireto*).

Apresento-te o amigo *a quem* hospedei no verão passado (*objeto direto*).

Não conheci o professor *a quem* te referes (*complemento relativo*).

As companhias *com quem* andas são péssimas (*adjunto adverbial*).

O amigo *por quem* fomos enganados desapareceu (*agente da passiva*).

d) *Cujo(s), cuja(s)* – precedidos ou não de preposição – valem sempre *do qual, da qual, dos quais, das quais* (caso em que a preposição *de* tem sentido de posse) e funcionam como *adjunto adnominal* do substantivo seguinte com o qual concordam em gênero e número. O sintagma a que *cujo* pertence exercerá a função que determinar sua relação com o núcleo verbal. Assim, *cuja casa* é objeto direto de *comprei* e *sobre cuja matéria* é complemento relativo de *discutíamos*:

O homem *cuja* casa comprei embarcou ontem (= a casa do qual).

Terminei o livro *sobre cuja* matéria tanto discutíamos (= sobre a matéria do qual).

OBSERVAÇÃO: *Erros no emprego de* CUJO.

Constitui erro empregar *cujo*:

a) como sinônimo de *o qual, a qual, os quais, as quais:*

Aqui está o livro *cujo* livro compramos (= o qual);

b) precedido ou seguido de artigo:

Este é o autor *à cuja* obra te referiste (Não há acento indicativo da crase).

Compramos os livros de *cujos os* autores nos esquecemos.

Emprego de relativos – Em lugar de *em que, de que, a que,* nas referências a lugar, empregam-se, respectivamente, *onde, donde, aonde* (que funcionam como adjunto adverbial ou complemento relativo):

O colégio *onde* estudas é excelente.

A cidade *donde* vens tem fama de ter bom clima.

A praia *aonde* te diriges parece perigosa.

Modernamente, os gramáticos têm tentado evitar o uso indiscriminado de *onde* e *aonde*, reservando o primeiro para a ideia de repouso e o segundo para a de movimento:

O lugar *onde* estudas...

O lugar *aonde* vais...

Esta lição da gramática tende a ser cada vez mais respeitada na língua escrita contemporânea, embora não sejam poucos os exemplos em contrário, entre escritores brasileiros e portugueses.

e) *O qual* – e flexões que concordam em gênero e número com o antecedente – substitui *que* e dá à expressão mais ênfase. Para maior vigor ou clareza pode-se até repetir o antecedente depois de *o qual*:

"O primeiro senhor de Ormuz de que temos notícia foi Male-Caez, *o qual*, habitando na ilha de Caez, dominava todas as ilhas daquele estreito" [AH.2, 54].

Ao livro ninguém fez referência, *o qual* livro merece a maior consideração, no meu entender.

Às vezes o antecedente se acha apenas esboçado, como no seguinte exemplo, onde se percebe claramente o termo *cidade*.

> "Logo, porém, que este prazo expirou, o rei de Leão fez uma estrada até Talavera, perto *da qual cidade* destroçou as tropas que intentaram opor-se-lhe" [AH.6, 94].

É mais comum a substituição de *que* por *o qual* depois de preposição, principalmente depois de preposição ou locução prepositiva de duas ou mais sílabas. Dizemos indiferentemente *de que*, ou *do qual*, *com que* ou *com o qual*, *a que* ou *ao qual*, *sem que* ou *sem o qual,* mas só ocorrem *apesar do qual, conforme o qual, segundo o qual, entre o qual, fora dos quais, perante os quais,* etc. A razão se deve ao movimento rítmico da oração e a uma necessidade expressiva que exigem um vocábulo tônico (como o *qual*), e não átono (como *que*).

Posição do relativo – Normalmente o *que* vem junto do seu antecedente; quando isto não se dá e o sentido da oração periga, desfaz-se a dúvida com o emprego de *o qual*, de *e este* ou se repete o antecedente, ou se põe vírgula para mostrar que o relativo não se refere ao antecedente mais próximo:

> "Mas ele tinha necessidade da sanção de alguns, que [isto é, *sanção* e não *alguns*] lhe confirmassem o aplauso dos outros" [MA.1, 138].
> "Arrastaram o saco para o paiol e o *paiol* ficou a deitar fora" [CN.1, 12].

Poderia também dizer o autor:

> Arrastaram o saco para o paiol *que* ficou a deitar fora.
> Arrastaram o saco para o paiol *o qual* ficou...
> Arrastaram o saco para o paiol *e este* ficou...

Note-se como Camilo evita o equívoco nesta passagem:

> "Eu de mim, se não estivesse amortalhada no sobretudo do meu marido, *que* vou escovar (o sobretudo), era dele, como a borboleta é da chama..." [CBr.12, 18 *apud* MBa.5, 303].

Não é impossível, entretanto, mormente nos autores mais antigos e naqueles que, embora contemporâneos, primam por escrever como os clássicos, vir o pronome relativo afastado do seu antecedente, como neste trecho de João Ribeiro, depois do verbo da oração principal [MLk.2, §637; ECs.4, 257-258]:

> "No fundo de um triste vale dos Abruzos, terra angustiada e sáfara, um pobre eremita vivia *que deixara as abominações do século pela soledade do deserto*" [JR.2, 219].

Era comum nos clássicos:

> "...àquele haveis de dar vosso voto para governar, *que* entre todos tiver mais saber" [HP, 178-9].

Por fim, cumpre assinalar que ocorre ainda a inversão de um termo da oração adjetiva para antes do relativo, como no exemplo de Vieira:

> "O padre Francisco Gonçalves, *provincial* que acabou de ser [em lugar de: *que acabou de ser provincial*] da província do Brasil..." [AV *apud* FB, 289].

Pronome relativo sem função na oração em que se encontra

Em expressões do tipo:

> Ali está o homem que eu pensei que tivesse desaparecido.
> Não faças a outrem o que não queres que te façam,

o pronome relativo *que* inicia as orações *que eu pensei*, *que não queres*, dando-lhes o caráter

de adjetivas, mas não exerce nelas função sintática; pertence, isto sim, às orações substantivas *que tivesse desaparecido* ou *que te façam*, das quais é o sujeito (na 1.ª) e objeto direto (na 2.ª). Cuidado especial há de ter-se no que toca à concordância, pois o escritor inexperiente logo opta por flexionar o verbo: ...distinção adiada *sine die* por motivos que não *vem* (e não *vêm* no plural) a pelo declarar [CL.1, 66].

Esta construção é correta e coerente, e resiste a um enquadramento nos processos normais de análise sintática.120

Pode-se evitar a repetição dos *quês* substituindo-se o verbo da oração substantiva por um infinitivo:

> Ali está o homem que eu pensei ter desaparecido.

"No português moderno, esta construção só tem lugar, em geral, quando a oração subordinada é substantiva; fora deste caso só se emprega, de ordinário, com o pronome *o qual*, e então coloca-se este pronome depois da expressão por ele determinada: *É problema, para resolver o qual são necessárias duas condições:* "O jugo da obediência, para lhes impor *o qual* muitas vezes faltava a força" [AH.6, 244]. Todavia, evita-se esta construção quanto possível, e diz por exemplo: *É problema para cuja resolução são necessárias* duas condições" [ED.2, § 367].

O QUE, A QUE, OS QUE, AS QUE

No exemplo:

> "De ordinário os que reclamam mais liberdade são os que menos a merecem" [MM],

as orações adjetivas substantivadas *das que reclamam mais liberdade* e *os que menos a merecem* não têm seus antecedentes explícitos.

Analisando a oração complexa constitutiva do enunciado, teremos uma cláusula do comentário *de ordinário* e uma comentada, assim analisada:

> Sujeito: *os que reclamam mais liberdade*
> Predicado: *são os que menos a merecem*
> Predicativo: *os que menos a merecem*

Análise do sujeito oracional:

> Sujeito: *os que*
> Predicado: *reclamam mais liberdade*
> Obj. direto: *mais liberdade*

Análise do predicativo oracional:

> Sujeito: *os que*
> Predicado: *menos a merecem*
> Obj. direto: *a*

Em

> José partiu, o que deixou a casa triste.

a oração adjetiva transposta a substantivo *o que...triste* é aposto da oração *José partiu*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Foge do plano de interpretação sintática o entender-se *o que* = *e isto*, como querem alguns gramáticos. Veja-se [CP.1, § 510].

2.ª) Em lugar de *o que* também pode ocorrer apenas *que*, construção que vai caindo em desuso: "... depois a 17 de agosto de 1710 acabou de expirar *que* (= o que) foi, como bem podemos presumir, voar do cárcere carregado com as palmas de

confessor e mártir para a pátria onde os frutos se colhem do que na terra se cultivou"[AC.8, 278 *apud* MBa.4, 139. Cf. ainda MBa.5, 234].

Com *o que, a que, os que, as que,* pode ocorrer uma preposição regendo toda a oração substantivada, o relativo ou ambos:

a) Gostei *do que disseste.*

b) O professor dissertou *sobre o de que* ontem conversávamos.

Com frequência, a preposição que deveria acompanhar o relativo emigra para o artigo que introduz a oração substantivada:

Não sei *no que* pensas (por *o em que*).

"Agora já sabe a fidalga *no que* ele estraga dinheiro" [CBr.1, 148].

Estas migrações de preposição para a unidade anterior ao relativo tornam a construção mais harmoniosa e espontânea. Os seguintes exemplos de Rui Barbosa, embora gramaticalmente corretos, trazem o selo do artificialismo:

"Assim me perdoem, também, *os a quem* tenho agravado, *os com quem* houver sido injusto, violento, intolerante..." [RB.2, 23].

"e daí, com estupenda mudança, começa a deixar ver *o a que* era destinada..." [RB.2, 36].

"Os meus serão *os a que* me julgo obrigado..." [RB.2, 61].

O DE que mais gosto é DE

É frequente ver-se a preposição que acompanha o relativo repetida junto ao termo ou oração que faz o papel de predicativo:

"do que [= de que] duvido é *de* que comecemos, se por el-rei houvermos de esperar" [AH.4, 222].

"No que [= o em que] em grande parte discordo de Schlegel é *no* severo conceito que forma do estilo de Addison" [AGa.4, 35; cf. MBa.4, 239-40].

Emprego de À em À QUE, ÀS QUE

As linguagens *a que, as que,* sendo o *a* artigo, podem vir regidas da preposição *a*, caso em que se usam as unidades complexas acentuadas *à que, às que:*

Não se referiu *à que* estava ao nosso lado (*à que* equivalente a *àquela que*).

Os prêmios foram entregues *às que* discursaram (*às que* equivalente a *àquelas que*).

É claro que se o *a* antes de *que* for apenas preposição não levará acento grave indicativo de crase, e não mais se tratará de adjetiva substantivada, mas tão somente adjetiva:

A pessoa *a que* te referes não veio hoje.

Relativo universal

Frequentes vezes a linguagem coloquial e a popular despem o relativo de qualquer função sintática, tomando-o por simples elemento transpositor oracional. A função que deveria ser exercida pelo relativo vem mais adiante expressa por substantivo ou pronome. A este relativo chamamos *universal*:

O homem QUE eu falei COM ELE

em vez de :

O homem COM QUEM (ou COM QUE) eu falei.

A amizade é coisa QUE nem sempre sabemos SEU SIGNIFICADO

em vez de:

A amizade é coisa CUJO SIGNIFICADO nem sempre sabemos.

Embora a língua padrão recomende o correto emprego dos relativos, o relativo universal se torna, no falar despreocupado, um "elemento linguístico extremamente prático" [KN.1, 330].

Observações finais:

1.ª) É frequente aparecer, na linguagem de outrora e ainda ocorre no colóquio moderno, *que* ou *quem* seguido de pronome pessoal oblíquo (*que* ou *quem... lhe*) onde o rigor gramatical exigiria aqueles pronomes precedidos de preposição:

"Agora sim, disse então aquela cotovia astuta, agora sim, irmãs, levantemos o voo e mudemos a casa, que vem *quem lhe* dói a fazenda" [MBe.1, I, 70].

Quem lhe dói a fazenda = a quem dói a fazenda.

"A Natureza, negando-lhe a ordinária ração de outros gostos, sente-o, e amua-se como menino, *que lhe tiram a merenda*" [*Vários Tratados*, II, 354 *apud* MBa.1, 254].

Tais construções não se enquadram nos processos rigorosos da análise.

2.ª) Às vezes o relativo não se refere à *forma* do seu antecedente, mas à *ideia* que ele traduz:

"Bem vês as *lusitânicas* fadigas

Que eu já de muito longe favoreço" [LC, IX, 38].

O relativo *que* se refere a *lusitanos*, ideia que, ensina-nos bem Epifânio Dias, está contida no adjetivo *lusitânicas* [LC, II, 171].121

Outras vezes o relativo se refere ao pronome pessoal que se depreende do pronome possessivo usado:

"Isto que parece absurdo ou desgracioso é perfeitamente racional e belo – belo à *nossa* maneira, *que* não andamos a ouvir na rua os rapsodos recitando os seus versos, nem os oradores os seus discursos, nem os filósofos as suas filosofias" [MA *apud* SS.5, I, 28],

que diz: "Quando leio este trecho, sinto como antecedente do *que* sublinhado a ideia de *nós*, encerrada no adjetivo *nossa.* Esse *que* não se me afigura conjunção causal". Julgo perfeitamente cabível a interpretação do mestre e constitui prática de linguagem corrente no latim: "*Vestra, qui cum summa integritate vixistis, hoc maxime interest*" [Cícero pro Sall, 28 *apud* JMa.1, § 317, a].

Outras particularidades das orações adverbiais

Tipos de oração subordinada adverbial – A oração subordinada adverbial funciona como adjunto adverbial da sua oração principal:

Toca sempre a sineta, *quando terminam as aulas*

(subordinada adverbial temporal).

As orações subordinadas adverbiais iniciam-se pelo transpositor *que*, acompanhado de preposição ou advérbios ou de outras unidades adverbiais:

1 – CAUSAIS: quando a subordinada exprime a causa, o motivo, a razão do pensamento

expresso na oração principal — *que* (= porque), *porque, como* (= porque), *visto que, visto como, já que, uma vez que* (com o verbo no indicativo), *desde que* (com o verbo no indicativo), etc.:

Saiu cedo *porque precisou ir à cidade.*

Como está chovendo, transferiremos o passeio.

Desde que assim quiseram, vão arrepender-se.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Evite-se na língua padrão o emprego de *de vez que* e *eis que* por não serem locuções legítimas.

2.ª) A língua moderna só usa *como* causal quando vier antes da principal.

2 – COMPARATIVAS: quando a subordinada exprime o ser com que se compara outro ser da oração principal. A comparação é *assimilativa*, quando "consiste em assimilar uma coisa, pessoa, qualidade ou fato a outra mais impressionante, ou mais conhecida" [MC.3, II, 48].

É introduzida a oração subordinada comparativa desta espécie por *como* ou *qual*, podendo ainda estarem em correlação com *assim* ou *tal* postos na oração principal:

"Os importunos são *como as moscas* que, enxotadas, revertem logo" [MM].

A comparação pode ainda ser *quantitativa*, quando "consiste em comparar, na sua quantidade ou intensidade, coisas, pessoas, qualidades ou fatos" [MC.3, II, 48].

Há três tipos de comparação quantitativa:

a) *igualdade,* introduzida por *como* ou *quanto* em correlação com *tanto* ou *tão* da oração principal, ou o *mesmo que:*

"Nada conserva e resguarda *tanto* a vida *como a virtude*" [MM].

Isto é o *mesmo que* nadar em ouro.

b) *superioridade*, introduzida por *que* ou *do que* em correlação com *mais* da oração principal:

"Um homem pode saber *mais do que muitos*, porém nunca tanto como todos" [MM].

c) *inferioridade,* introduzida por *que* ou *do que* em correlação com *menos* da oração principal:

"O governo dos loucos dura pouco, o dos tolos ainda *menos que o dos velhacos*" (*id.*).

As orações subordinadas comparativas, geralmente, não repetem certos termos que, já existentes na sua principal, são facilmente subentendidos:

Os importunos são como as moscas *são*...

Nada conserva e resguarda tanto a vida como a virtude *conserva e resguarda*...

Um homem pode saber mais do que muitos *sabem*...

O governo dos loucos dura pouco, o dos tolos ainda *dura menos* que *dura* o dos velhacos... (note-se que o primeiro *dura* omitido não está em oração comparativa).

Ocorre a presença do verbo em:

"Não tens inimigo mais poderoso, mais astuto, mais emperrado e mais doméstico *do que é teu* amor-próprio" [MBe.2, 213].

"O ar como que *era* cortado de relâmpagos sensuais, sentiam-se passar lufadas de tépida volúpia" [JRi.1,70].

Em lugar de *mais bom, mais grande, mais mau, mais pequeno, mais bem* e *mais mal* dizemos normalmente *melhor, maior, pior, menor* (*melhor* e *pior* se aplicam tanto para os adjetivos como para os advérbios).

"Os velhacos têm de ordinário mais talento, porém *menor* juízo do que os homens probos" [MM].

"Não há escravidão *pior* do que a dos vícios e paixões" [MM].

"Não há *maior* nem *pior* tirania que a dos maus hábitos inveterados" [MM].

"Dão-se os conselhos com *melhor* vontade do que geralmente se aceitam" [MM].

"Ninguém conhece *melhor* (advérbio) os seus interesses do que o homem virtuoso; promovendo a felicidade dos outros assegura também a própria" [MM].

Entretanto, se compararmos duas qualidades, usaremos os comparativos analíticos (*mais bom, mais grande,* etc.), em vez dos sintéticos (*melhor, maior,* etc.):

Ele é mais grande do que pequeno e não *Ele é maior do que menor.*

Para evitar confusões no sentido, usam-se as comparativas *como, que, do que* junto ao sujeito e, seguidas de preposição, *como a, que a, do que a* junto de objeto direto (o *a* é preposição).

Estimo-o *como* um pai (= como pai estima).

Estimo-o *como a* um pai (= como se estima a um pai).

Se o contexto não admitir esta dupla interpretação, pode-se dispensar o auxílio da preposição:

"Meu pai encarregou-a do governo doméstico e nós habituamo-nos a tê-la em conta de segunda mãe; também ela nos amava *como filhos*" [AH *apud* MBa.7, 172].

Para realçar-se a semelhança, a aparência, em vez de simples *como* pode-se usar *como que* quando se lhe segue o verbo:

"A luz do dia, ao desaparecer, *como que* se dobrava para afagar e beijar o desgraçado, que talvez não a tornaria a ver" [AH.3, 225]. Entenda-se: a luz do dia *parecia dobrar* para afagar...

"Entretanto, ainda no espírito me passa *como que* a visão profética do futuro concílio..." [AH.8, I, 19].

NOTA – *Como que*, neste último caso, não inicia oração subordinada comparativa.

Quando depois do termo de comparação vem um substantivo, denota-se ainda a aparência, a semelhança, por meio da expressão *um como*, caso em que *um* concorda em gênero e número com o substantivo seguinte:

Refrescou-o *um como orvalho* do céu.

Aproximou-se dele *uma como visão* fantástica.

NOTA — Também aqui não se tem oração comparativa.

Através de *como se* indicamos que o termo de comparação é hipotético:

"O velho fidalgo estremeceu *como se* acordasse sobressaltado" [RS.1, 174]. Entenda-se: ele não acordou sobressaltado, mas, se acordasse, estremeceria daquele jeito.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) A maioria dos gramáticos de língua portuguesa prefere desdobrar o *como se* em duas orações, sendo a primeira *comparativa* e a segunda *condicional*:

O velho fidalgo estremeceu como estremeceria se acordasse sobressaltado.

2.ª) Pode-se obter a mesma expressão por meio de *como a* + infinitivo:

"(...) outro ia no céu *como a decifrar* o enigma da sensação nunca experimentada" [CBr.6, 50].

3.ª) Atente-se para a concordância dos termos correlatos *tal qual*, que devem concordar com o substantivo ou pronome a que se referem:

Ele era *tal quais* os colegas.

Elas eram *tais qual* o irmão.

Nós somos *tais quais* os pais.

4.ª) Deve-se preferir *mais... (do) que* a *mais... a* + infinitivo em construções comparativas do tipo: Talvez seja *mais* interessante ao país gastar na educação *do que investir* na construção de presídios (e não: *a investir*).

Em vez de *como*, *do mesmo modo que*, *tanto como,* empregamos com frequência *que nem*:

É forte *que nem* um touro.

O verbo *preferir* sugere uma ideia implícita de comparação, à semelhança de *querer mais*, *querer antes*, mas exige complemento regido da preposição *a*:

Prefiro a praia *ao campo*.

Preferia estudar *a não fazer nada*.

A aproximação de *preferir* a *querer mais* e *querer antes* (embora não sejam perfeitamente sinônimos) tem gerado duas construções tidas como errôneas pelos nossos gramáticos:

a) a adjunção dos advérbios *mais* ou *antes* ao verbo *preferir*:

Antes prefiro... ou *Prefiro mais...*

b) iniciar o complemento do verbo *preferir* pelos transpositores comparativos *que* ou *do que*:

Prefiro a praia *do que o campo*.

Preferia estudar *do que não fazer nada*.

Preferiam *mais* mentir *do que dizer a verdade*.

Aluísio Azevedo poderia ter dado outro torneio à construção para evitar o desvio no seguinte trecho de *O Coruja:*

"E que, no caso de erro, *é preferível* sempre nos enganarmos, contra, *do que* a favor de quem quer que seja..." (cap. VI).

Note-se que a simples substituição de *do que* por *a* não seria ideal pela aproximação dos dois *aa*.

OBSERVAÇÃO: Distinga-se a construção errada de *preferir* da sequência *antes preferir* do seguinte exemplo do Marquês de Maricá, em que leve pausa aparece depois de *antes* [MM.1]:

"Ninguém quer passar por tolo, *antes prefere* parecer velhaco" [MM].

3 – CONCESSIVAS: quando a subordinada exprime que um obstáculo – real ou suposto – não impedirá ou modificará de modo algum a declaração da oração principal – *ainda que*, *embora, posto que, se bem que, conquanto,* etc.:

Embora chova, sairei.

Isto é, a chuva não será obstáculo tal, que me impedirá de sair.

"*Ainda que* perdoemos aos maus, a ordem moral não lhes perdoa, e castiga a nossa indulgência" [MM].

Ao lado destas concessivas comuns, empregam-se ainda as concessivas *intensivas* quando é nosso intuito assinalar qualidade ou modalidade qualquer, "consideradas em grau intensivo e sem limites" [SA]:

Por inteligente que seja, encontrará dificuldades em entender o problema.

Por mais que estude, ainda tem muito que aprender.

As concessivas intensivas caracterizam-se pelas expressões *por mais... que, por menos... que, por muito... que,* onde se pode dar ainda a eliminação do advérbio *mais, menos, muito.*

Em vez de *ainda que, ainda quando*, pode-se empregar simplesmente *que* e *quando* em construções que, proferidas com tom de voz descendente e com verbo no subjuntivo, exprimem a ideia concessiva:

Os obstáculos, *que fossem muitos*, não tiravam aos rapazes a certeza da vitória.

E, *quando as palavras não o digam*, aí estão os fatos, para comprovar que só enunciei verdades.

Nestes casos, empregando *que*, dá-se preferência à inversão de termos, passando a iniciar a oração concessiva a expressão que funciona como predicativo, ou complemento do verbo:

Os rapazes, *pobres que sejam,* merecem a nossa consideração.

Aqueles livros, *difíceis que fossem*, sempre nos serviram para elucidação de muitas dúvidas.

Mil desculpas que me desse, eu continuaria achando que procedeu mal comigo.

Não raro a oração principal contém uma expressão adverbial (*contudo, todavia, ainda assim, não obstante,* ou equivalente) que, no nível do texto, serve como resumo do pensamento anterior, avivando ao ouvinte a ideia concessiva da subordinada:

Ainda que todos saiam, *todavia* ficarei.

Embora não me queiram acompanhar, *ainda assim* não deixarei de ir à festa.

Conteúdos de valor concessivo podem vir, justapostos, iniciados por unidades alternativas (neste caso o verbo está no subjuntivo), quando denotam que a possibilidade de ações opostas ou diferentes não impede a declaração principal:

Quer estudes, quer não, aprenderás facilmente a lição.

Ou estudemos medicina, ou sejamos advogados, conquistaremos na sociedade um lugar de relevo.

4 – CONDICIONAIS: quando a oração subordinada exprime uma condição necessária para que se realize ou deixe de se realizar o que se declara na principal: *se, caso, sem que, uma vez que* (com o verbo no subjuntivo), *desde que* (verbo no subjuntivo), *dado que, contanto que, com a condição que*, etc.

A oração condicional exprime um fato que não se realizou ou, com toda a certeza, não se realizará:

a) falando-se do presente:

Se eu fosse aplicado, obteria o prêmio.

b) falando-se do passado:

Se eu fosse aplicado, obteria o prêmio.

ou

Se eu tivesse sido aplicado, teria obtido o prêmio.

No primeiro caso, usam-se na oração condicional o pretérito imperfeito do subjuntivo (*fosse*), e, na principal, o futuro do pretérito (*teria*).

No segundo caso, ou se repete o verbo nas formas apontadas para o caso anterior, ou usam-se na condicional o pretérito mais-que-perfeito (*tivesse sido*) e, na principal, o futuro do pretérito composto (*teria obtido*).

Pode ainda a oração condicional exprimir um fato cuja realização esperamos como provável:

Se eu estudar, obterei o prêmio.

Nestas circunstâncias, empregam-se o futuro do subjuntivo na condicional, e, na principal, o futuro do presente (*obterei*).

OBSERVAÇÃO: Cumpre notar que no caso a), estudado acima, em lugar de *Se eu fosse aplicado, obteria o prêmio,* a linguagem coloquial realça a ideia do presente usando no presente indicativo os verbos das duas orações: *Se eu sou aplicado, obtenho o prêmio.*

As orações condicionais não só exprimem condição, mas ainda podem encerrar as ideias d e *hipótese, eventualidade, concessão, tempo,* sem que muitas vezes se possam traçar demarcações entre esses vários campos do pensamento. Esta é a razão por que *sem que* admite mais de uma interpretação textual. O *que não* (= sem que) flutua entre a condição e o tempo frequentativo (repetido) em *Não lê que não cometa vários enganos;* o *quer... quer* (*ou... ou,* etc.) é um misto de concessão e condição (cf. por exemplo de [JO.1, 64-66]), e tantos outros casos que fogem à alçada de uma descrição gramatical por pertencerem ao plano textual.

5 – CONFORMATIVAS: quando a subordinada exprime um fato apresentado em conformidade com a declaração da principal: *como, conforme, segundo, consoante:*

Conseguiu fazer o trabalho *como lhe ensinaram.*

Todos procederam *conforme a ocasião* ensejava.

6 – CONSECUTIVAS: quando a subordinada exprime o efeito ou consequência do fato expresso na principal.

A oração consecutiva é introduzida pelo transpositor *que* a que se prende, na principal, uma expressão de natureza intensiva como *tal, tanto, tão, tamanho,* termos que também se podem facilmente subentender:

Alongou-se tanto no passeio, *que chegou tarde.*

Executou a obra com tal perfeição, *que foi premiada.*

É feio *que mete medo* (= *É tão* feio...).

A oração consecutiva não só exprime a consequência devida à ação ou ao estado indicado na principal, mas pode denotar que se deve a consequência ao modo pelo qual é praticada a ação da principal. Para este último caso, servimo-nos, *na oração principal,* das unidades complexas *de tal maneira, de tal sorte, de tal forma, de tal modo*:

Convenceu-se *de tal maneira* que surpreendeu a todos.122

Estando completo o conteúdo da primeira oração, empregam-se as expressões (destituídas

d e *tal*) *de maneira que, de sorte que, de forma que, de modo que,* como "locuções" conjuntivas, sem pausa entre o substantivo e o *que*, para introduzir uma consecutiva atenuada em orações justapostas:

Você estudou bem, *de modo que pôde tirar boa* colocação.

O livro estava rasgado, *de modo que muitas páginas tiveram sua leitura prejudicada.*

A independência sintática das duas orações, neste caso, pode vir indicada por uma pausa maior, isto é, por ponto e vírgula ou por ponto, valendo assim a unidade por um advérbio de oração para avivar ao ouvinte o pensamento anterior, com o sentido aproximado de *por conseguinte, consequentemente, daí:*

As alegrias da vida quase sempre são rápidas e fugidias, ainda que disto não tomemos conhecimento. *De modo que* elas devem ser aproveitadas inteligentemente.

Por tudo isto se vê que nem sempre podemos delimitar, no nível do texto, os campos dos valores consecutivo e conclusivo, acrescentando-se ainda que há vizinhanças destes valores com outros, como, por exemplo, a ideia de finalidade, o que estudaremos mais adiante.

Cumpre evitar um erro frequente com a expressão do pensamento consecutivo (e conclusivo): pôr no plural o substantivo nas locuções *de maneira que, de modo que,* etc., dizendo-se incorretamente:

Saiu rapidamente *de maneiras que* não pude vê-lo.

Estudou *de formas que* conseguiu aprender.

As unidades *de maneira que, de modo que*, etc., seguidas de verbo na forma finita, só modernamente aparecem substituídas por *de maneira a, de modo a,* etc., seguidas de infinitivo:

Estudou *de forma a conseguir* aprender (em lugar de: *de forma que conseguiu aprender*).

"(...) arredar o biombo da sua estreiteza natural, *de modo a deixar* entrar ar fresco" [AR.3, 170].

Aquilo que se apresenta na oração consecutiva como efeito ou resultado pode representar uma consequência intencional, de modo que se associa ao conteúdo consecutivo uma noção subsidiária de finalidade. Neste caso o verbo se acha normalmente no subjuntivo:

Chegou cedo ao serviço *de maneira que pudesse ser* elogiado pelo patrão.

Correu *de sorte que os inimigos não o pudessem alcançar.*

Daí resultam certos cruzamentos consecutivo-finais na construção do enunciado, cruzamentos que nem sempre são vistos com bons olhos pelos gramáticos (porque tais fatos não estão de acordo com a tradição do idioma e se repetem no francês), embora uns datem de longo tempo. Entre os tipos condenados está a construção acima referida *de modo a, de maneira a + infinitivo.* Com tais fórmulas, realmente se procura traduzir uma consecutiva intencional. Ao lado de: *Estudou de modo a poder passar*, usa-se: *Estudou de modo (a) que passasse.*

Presa ao mesmo caso parece estar a construção que emprega depois de *demais, demasiado, muito* (= *assaz, bastante, demasiado*) uma oração final de *para que* ou *para a + infinitivo,* para indicar a noção de proporção ou desproporção:

"*É demasiado esperto para que caia em tal,* equivalente a: não é tão pouco esperto que caia em tal" [ED.2, § 395].

"(...) os tempos não são mais de *bastante* fé ou desprendimento *para que* os ricos católicos façam doações (...)" [MB.1, II, 144].

"Entretanto a igrejinha tem tanto caráter (...), que ela só e mais uma meia dúzia de palmeiras bastam *a guardar* a fisionomia (...)" [MB.1, II, 149].

OBSERVAÇÃO: O ilustre sintaticista português Epifânio Dias aponta o fato como imitação do francês; cremos, entretanto, que o problema exige revisão.

7 – FINAIS: quando a oração subordinada indica a intenção, o objetivo, a finalidade do pensamento expresso na principal: *para que, a fim de, porque* (= para que),123 *que* (= para que):

Saíram *para que pudessem ver o incêndio.*

Reclamou *a fim de que o nomeassem.*

Trabalhou *porque fosse promovido.*

Falta pouco *que isto suceda.*

Abreviadamente usa-se de *não* + *subjuntivo* com o valor de *para que não, de modo que não,* quando se quer expressar a cautela, cuidado, restrição:

"Senhor, que estás nos céus, e vês as almas,
Que cuidam, que propõem, que determinam,
Alumia minha alma, *não se cegue*
No perigo, em que está" [AF.2, vv. 770-773 *apud* SS.1, § 485-a].

OBSERVAÇÃO: Os antigos, e hoje mais raramente, se serviam de *por se* em que *por* é o vestígio de uma ideia final: "Deixai-o amaldiçoar (lhes disse), *por se acaso* se compadece Deus, por essa causa, da minha aflição..." [MBe.2, III, 51 *apud* MBa.4, 227].

Por se acaso compadece = *para ver se acaso* compadece.

8 – LOCATIVAS: (iniciadas por *onde, quem, quanto* sem referência a antecedentes):

"Os meninos sobejam *onde estão* e faltam *onde não se acham"* [MM].

"Não pode haver reflexão *onde tudo é distração*" [MM].

"*Onde o luxo vence* a probidade afraca e desfalece" [MM].

9 – MODAIS:

"*De um relance* leu na fisionomia do mancebo, sem que suas pupilas estáticas se movessem nas órbitas" [JA.1, 157].

Se a oração principal estiver na negativa, usar-se-á de *que não* + subjuntivo:

Não emite um parecer *que não se aconselhe com o diretor.*

10 – PROPORCIONAIS: quando a subordinada exprime um fato que aumenta ou diminui na mesma proporção do fato que se declara na principal – *à medida que, à proporção que, ao passo que, tanto mais... quanto mais, tanto mais... quanto menos, tanto menos... quanto mais,* etc.:

À medida que a idade chega, a nossa experiência aumenta.

Aprendia *à proporção que* lia o livro.

Aumentava o seu vocabulário *ao passo que* consultava os mestres da língua.

OBSERVAÇÃO: A unidade *ao passo que* pode ser empregada sem ideia proporcional, para indicar que um fato não se deu ou não tem as características de outro já enunciado: "A surdez habitual, dada a multiplicação das obras e dos cuidados do indivíduo, tenderia a embotar os sentidos e a retardar os sexos, *ao passo que* o vestuário, negaceando a natureza, aguça e atrai as vontades, ativa-as, reprodu-las e conseguintemente faz andar a civilização" [MA.1, 260].

Ele foi ao cinema, *ao passo que* eu resolvi ir à praia.

11 – TEMPORAIS: quando a oração subordinada denota o tempo da realização do fato expresso na principal.

As principais chamadas conjunções e "locuções" conjuntivas e temporais são :

a) para o tempo anterior: *antes que, primeiro que* (raro):

Saiu *antes que* eu lhe desse o recado.

"Ninguém, senhores meus, que empreenda uma jornada extraordinária, *primeiro que* meta o pé na estrada, se esquecerá de entrar em conta com as suas forças..." [RB].

b) para o tempo posterior (de modo vago): *depois que, quando:*

Saiu *depois que* ele chegou.

c) para o tempo posterior imediato: *logo que, tanto que* (raro), *assim que, desde que, apenas, mal, eis que, (eis) senão quando, eis senão que:*

Saiu *logo que* ele chegou.

"*Eis senão quando* entra o patrão..." [AAr.1, 183].

d) para o tempo frequentativo (repetido): *quando* (estando o verbo no presente), *todas as vezes que, (de) cada vez que, sempre que:*

Todas as vezes que saio de casa, encontro-o à esquina.

Quando o vejo, lembro-me do que me pediu.

OBSERVAÇÃO: Evite-se o erro de se preceder da preposição *em* o *que*, dizendo-se: *todas as vezes em que*.

e) para o tempo concomitante: *enquanto, (no) entretanto que* (hoje raro):

Dormia *enquanto* o professor dissertava.

"... e se aposentou (S. Caetano) junto à Igreja de S. Jorge, e perto do Hospital maior, para *no entretanto* que regulava as dependências da renúncia se entreter no exercício da caridade" (Contador de Argote, *Vida de S. Caetano,* 1722, 90).

OBSERVAÇÕES:

1.ª) *Entretanto* ou *no entretanto* são advérbios de tempo, com o sentido de *neste ínterim, neste intervalo de tempo, neste meio tempo*. Mais modernamente, *entretanto* passou a valer por uma unidade de valor adversativa e, por influência do advérbio, tem sido empregado precedido da combinação *no* (*no entretanto*). Muitos puristas não aprovam esta última construção.

2.ª) A rigor, as "conjunções" proporcionais também indicam tempo concomitante; por isso, uns autores não distinguem as *temporais* das *concomitantes*, fazendo destas classes à parte das *temporais*. A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* não fala em *concomitante*.

3.ª) Evite-se o emprego *mais (menos)... mais (menos)* em lugar de *quanto mais (menos)... tanto mais (menos)* em construções do tipo: *Quanto mais* estudamos, *tanto mais* aumentam nossas possibilidades de vitória (e não: *Mais* estudamos e *mais* vencemos).

Pode-se omitir o *tanto* no segundo termo: *Quanto mai*s estudamos, *mais*...

f) para o tempo limite terminal: *até que:*

Brincou *até que fosse* repreendido.

Assume valor temporal o *que* relativo repetidor de advérbio e expressões que designam "desde que época um fato acontece": *agora que, hoje que, então que, a primeira vez que, a última vez que,* etc.:

Agora que consegui aprender a lição, passarei adiante.

Esta foi *a última vez que* o vi.

Não se fazendo pausa entre o advérbio e o transpositor (*agora que, então que,* etc.), estabelece-se uma unidade de valor semelhante ao que existe em *depois que,* etc., e se pode passar a considerar o todo como "locução conjuntiva":

Agora que tudo está certo vou embora.

Sob o modelo de tais linguagens, desenvolveu-se o costume de se acrescentar o transpositor *que* depois de expressões que denotam "desde que tempo uma coisa acontece", reduzida a simples palavra de realce temporal:

Desde aquele dia *que* o procuro.

Analisando, dispensa-se o *que*.

Depois dos verbos *haver* e *fazer* com sentido temporal (*há dias que, faz dias que*) o transpositor *que* (parece ter sido, neste caso, primitivamente integrante)124 adquiriu, por contato, a ideia de tempo, com valor aproximado de *desde que*:

Há quatro dias *que* não o vejo.

Fazia quatro meses *que* estivera doente.

Em tais orações, a análise se torna difícil pelo fato de a construção ter-se fixado apesar de alterado o sentimento linguístico. Há um visível descompasso entre a sua estrutura de superfície e a profunda. Considerar o *que* com valor temporal e, portanto, temporal a respectiva oração, é classificar como principal justamente a oração que expressa a circunstância de tempo:

1.ª oração — *principal*: Há quatro dias

2.ª oração — *subordinada adverbial temporal*: que não o vejo.125

Poder-se-á analisar como substantiva subjetiva a oração de *que*, depois de *fazer*, como fazem os autores patrícios lembrados na nota anterior.

Cremos, também, ser possível considerar que o *que* não serve de introduzir uma oração subordinada adverbial temporal, mas, *reduzido a simples palavra memorativa,* relembra, na oração principal, a partir de que fato se faz alusão ao tempo na subordinada anterior. Esta subordinada, não se ligando à principal por transpositor, será considerada justaposta:

1.ª oração — *subordinada adverbial temporal:* Há quatro dias

2.ª oração — *principal:* (que) não o vejo.126

Entretanto, não misturando o plano gramatical com o conteúdo designado, a orientação mais seguida é classificar a oração de *que* como adverbial temporal.

Tais orações temporais admitem mais de uma construção:

Há muito tempo que não o vejo.
Há muito tempo não o vejo.
Não o vejo há muito.
De há muito não o vejo.
Desde há muito não o vejo.
Até há pouco eu o vi por aqui.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Advérbios e unidades adverbializadas (*ontem, hoje, há muito*, *há pouco, há tantos anos,* etc.), precedidos da preposição *de,* são transpostos a adjetivos (adjuntos adnominais):

As notícias *de hoje*.

As lembranças *de ontem.*

Um testamento *de há cem anos.*

Modas *de há trinta anos.*

Meninos *de há pouco*. [ED.2, §423; MBa.3, 158]

2.ª) A preposição junto ao verbo *haver* em *De há muito não o vejo, desde há muito, até há pouco,* assinala melhor a ideia temporal. Adolfo Coelho considera sem razão, viciosa e linguagem *de há muito* que explica desta maneira: "Influência semelhante (fala da influência por analogia) se nota na expressão frequente, mas viciosa, *de há muito* por *há muito*. *Há muito* fixa-se como a indicação dum tempo passado; *há* não é apercebido como verbo, mas antes como preposição (*a*); daí o anterpor-se-lhe a preposição *de* por analogia de expressões como *de então* (*para cá*, *até hoje*), *de ontem, de muito"* [ACo.2, I, 82].

3.ª) Em lugar de *quando foi a vez dele* diz-se também *quando foi da vez dele* ou, abreviadamente, *quando da vez dele*. Estas duas últimas construções são modernas e Epifânio Dias as considera incorretas, devidas à má tradução do francês *lors de* [ED.2, § 182]. Júlio Moreira [JM.1, II, 68] e com ele Mário Barreto [MBa.3, 230] explicam o fenômeno por cruzamento sintático das duas expressões; *quando foi a vez dele* e *da vez dele,* de que resultou uma terceira mista: *quando foi da vez dele*. Ocorre ainda *a quando de* (*a quando da vez dele*), onde Epifânio Dias vê ainda influência do *a* do francês *alors*, "com requinte de barbarismo" (*ibid*.). Preferimos a explicação de Julio Moreira por não vermos na correspondente francesa a vitalidade suficiente para tal repercussão no português.

4.ª) Em muitos dizeres de sentido temporal, "há tendência, bem notória hoje em dia, para confundir *que* conjunção com *que* pronome relativo, e para afirmar este caráter pronominal em certos casos, hoje se prefere *em que* ao simples *que* da linguagem antiga" [SA.2, 197]. Dá-se com frequência esta alternância de *que* e *em que* quando o substantivo que se considera antecedente do pronome relativo vem precedido da preposição *em.* Prefere-se dizer *ao mesmo tempo que*, *a tempo que, ao tempo que,* mas *no tempo que* (ou *em que*), *no dia que* (ou *em que*), etc. Tem-se estendido sem razão nem tradição no idioma o emprego de *em que* em construções onde só deve figurar o *que*, como *todas as vezes em que.* Prefira-se *todas as vezes que* ou *em todas as vezes em que* (ou simplesmente *que*).

5.ª) O verbo *haver* (*HÁ*) *e a preposição A em sentido temporal.* Atente-se no emprego correto destas duas formas. *Há,* verbo, refere-se a tempo decorrido e *a,* preposição, a tempo futuro:

Há três dias não o vejo.

Já devia ter-lhe escrito *há* mais tempo.

Daqui *a* a três dias o verei.

Este produto é famoso *há* mais de meio século.

Usa-se ainda a preposição *a* nas indicações da distância de lugar:

Estamos *a* cinco quilômetros do sítio.

Cuidado especial hão de merecer também as expressões *a cerca de* e *há cerca de,* onde a locução *cerca de* (= aproximadamente, perto de, mais ou menos) vem precedida da preposição *a* ou da forma verbal *há*:

Ele falou *a cerca de* mil ouvintes (= para cerca de mil ouvintes).

Há cerca de trinta dias foi feita esta proposta.

Temos ainda a locução *acerca de* que significa *sobre, a respeito de, em relação a:*

O professor dissertou *acerca dos* progressos científicos.

Por outro lado, podem-se suprimir as palavras *atrás* ou *passado(s)* que aparecem com o verbo *haver*, uma vez que este já indica tempo decorrido:

Há três dias atrás ou *Há três dias.*

Há três dias passados ou *Há três dias.*

6.ª) Nas orações adverbiais precedidas de principal que encerra advérbio de valor temporal (*apenas, mal*), devemos empregar *quando* e não *que*:

Apenas tinha terminado a questão, *quando o professor recolheu a prova.*

Mal saía da escola, *quando se lembrou da pasta.*

Pode-se também suprimir o *quando*:

Apenas Pelágio transpôs o escuro portal da gruta, Eurico levantou-se [AH *apud* MBa.5, 20].

Análise de SEM QUE

De modo geral, tem-se enquadrado a locução *sem que* no grupo das chamadas "conjunções condicionais". A verdade é que a locução assume variados sentidos contextuais, entre os quais lembraremos:

1) *condição* (subordinada condicional):

Sem que estude, não passará.

2) nega uma *consequência* (subordinada consecutiva):

Estudou *sem que conseguisse aprovação.*

3) exprime uma *consequência* esperada (depois de negativa):

Não brinca *sem que acabe chorando* (todas as vezes que brinca acaba chorando).

4) exprime uma *concessão* (subordinada concessiva):

Ele é responsável, *sem que o saiba,* por todas essas coisas erradas.

5) nega uma *causa*, chegando quase a exprimir *concessão* (subordinada causal ou concessiva):

Estudou *sem que seus pais lho pedissem* (nega-se a causa ou uma das causas do estudo: o pedido dos pais, e vale quase por: *estudou ainda que seus pais não lho* pedissem).

6) denota simplesmente que tal ou qual circunstância não se deu, aproximando-se da ideia de *modo* (subordinada modal):

Entrou em casa *sem que tomasse nenhum alimento.*
Retirou-se *sem que chamasse seus colegas.*

A *Nomenclatura Gramatical Brasileira,* entretanto, desprezou as orações modais.

Em lugar de *sem que* pode-se usar também de *sem + infinitivo:*

Saiu *sem ser* percebido.

Estes foram os melhores teatrólogos, *sem falar* em Machado de Assis e Franklin Távora, mais ilustres no romance e no conto.

Em lugar de *sem que*, depois de uma principal de valor negativo, usa-se também *que não*, para indicar que a consequência se dá a todo o transe, se repete sempre que ocorrer o fato expresso na principal (o verbo da subordinada está no subjuntivo):

Não brinca *sem que acabe chorando.*

Não brinca *que não acabe chorando.*

"Eu não posso abrir um livro de história *que não me ria*" [AGa.5, 255].

OBSERVAÇÃO: Alguns autores dão à construção *não... que não* valor condicional. Cf. [AGo, 420] e [MBa.7, 48-9].

QUE depois de advérbio

Muitas vezes emprega-se *que* depois de advérbio onde a rigor poderia ser dispensado. São comuns as linguagens *talvez que, apenas que, felizmente que, oxalá que, quase que, enquanto que, embora que:*

"Assim, sem mais preâmbulos,
e *apenas que* te vejo,
venço o nativo pejo,
meu belo sedutor" [AC, 96 *apud* MBa.1, 176].

"Mas eu creio que Capitu olhava para dentro de si *enquanto que* eu fitava deveras o chão..." [MA.4, 130 *apud* MBa.1, 177].

Puristas têm condenado tais modos de dizer.

Orações justapostas de valor contextual adverbial

A justaposição pode, no nível do texto, apresentar as seguintes interpretações:

a) *concessivas:* tendo o verbo no subjuntivo anteposto ao sujeito ou caracterizadas por expressões do tipo *digam o que quiserem, custe o que custar, dê onde der, seja o que for, aconteça o que acontecer, venha donde vier, seja como for,* etc.:

Tivesse ele dito a verdade, ainda assim não lhe perdoaríamos.

Sairemos, *aconteça o que acontecer.*

Não é o subjuntivo que de per si denota a concessão, mas sim o contexto e a entoação descendente.

b) *condicionais*: tendo o verbo no tempo passado (mais-que-perfeito do indicativo ou imperfeito do subjuntivo) anteposto ao sujeito:

Tivesse eu dinheiro, conheceria o mundo.

Não *fora* a escuridão, veria o perigo.

"*Eu quisesse*, à força, hoje mesmo a Ritinha vinha comigo" [GR, 97].

Em tais casos, a segunda oração pode começar pela conjunção *e*:

Vencesse eu, *e não* me dariam o prêmio.

Vissem-na, *e* ninguém a reconheceria.

c) *temporais:*

Há dias não o encontro.

Chegaram àquela cidade *havia pouco.*

Não lhe escrevia *fazia meses.*

d) *finais:*

"Cala-te já, minha filha, *ninguém te oiça mais falar"* [AGa.1, II, 83].

"Mudemos, porém, de tecla, *não vá* alguém julgar-me candidato a revisor de gralhas" [CF *apud* MB.2, 321].

Composição do enunciado

O enunciado ou período pode encerrar, ao mesmo tempo, orações independentes (coordenadas e justapostas) e dependentes (subordinadas). Daremos exemplos de análise depois de serem apontadas as orações complexas e os enunciados justapostos:

a) *coordenada* e *subordinada*:

"Todos se tinham posto em pé quando el-rei erguera e esperavam ansiosos o que diria o velho" (Alexandre Herculano).

1.ª oração – *principal de 1.ª categoria:*

Todos se tinham posto em pé + subordinada temporal

2.ª oração – *subordinada adverbial temporal:*

quando el-rei se erguera,

3.ª oração – *coordenada à principal e principal de 2.ª categoria:*

e esperavam ansiosos + subordinada substantiva

4.ª oração – *subordinada substantivada (de primitiva adjetiva) objetiva direta:*

o que diria o velho.

OBSERVAÇÃO: Não é novidade o achar-se mais de uma oração principal num período. Se conceituarmos com rigor tal tipo de oração, seremos levados a esta necessidade. Com efeito, no exemplo dado, temos duas orações que apresentam um dos seus termos sob forma oracional; a subordinada *quando el-rei se erguera* denota o tempo da primeira principal, e a subordinada *o que diria o velho* funciona como objeto direto da segunda principal que, por sua vez, se acha coordenada à primeira principal. As expressões *principal de 1.ª categoria, de 2.ª categoria,* etc., já se acham nas excelentes noções elementares de análise sintática que abrem, desde 1887, a hoje tradicional *Antologia Nacional,* devidas a Fausto Barreto (o título primitivo era *Seleção Literária*, de parceria com Vicente de Sousa). Outra maneira de ver a principal, diferente desta (como, por exemplo, na excelente *Gramática* de Celso Cunha – Lindley Cintra), atenta mais para estruturação textual do que a gramatical, objeto da análise sintática.

b) *justaposição* e *subordinação:*

"Lembrai-vos", cavaleiro – disse ele – de que falais com D. João I" (Alexandre Herculano).

1.ª oração do 1.º período – *principal*:

lembrai-vos, cavaleiro + oração subordinada

2.ª oração do 1.º período – *subordinada substantiva completiva relativa:*

de que falais com D. João I.

1.ª oração do 2.º período – *justaposta de citação*:

disse ele

c) *coordenação* e *justaposição*:

"El-rei manda nos vivos e eu vou morrer! – atalhou o ancião em voz áspera, mas sumida" (Rebelo da Silva).

1.ª oração do 1.º período – *coordenada* (ou *coordenante*):

El-rei manda nos vivos

2.ª oração do 1.º período – *coordenada aditiva*:

e eu vou morrer!

1.ª oração do 2.º período – *justaposta de citação*:

atalhou o ancião em voz áspera, mas sumida.

d) *coordenação*, *justaposição* e *subordinação*:

"Agora sim, disse então aquela cotovia astuta, agora sim, irmãs, levantemos o voo e mudemos a casa, que vem quem lhe dói a fazenda" (Pe. Manuel Bernardes).

1.ª oração do 1.º período – *coordenada* (ou *coordenante*):

Agora sim, agora sim, irmãs, levantemos o voo

2.ª oração do 1.º período – *coordenada aditiva* e *principal* da 3.ª:

e mudemos a casa

3.ª oração do 1.º período – *subordinada causal* e *principal* da 4.ª:

que vem

4.ª oração do 1.º período – *subordinada substantiva subjetiva justaposta*:

quem lhe dói a fazenda.

1.ª oração do 2.º período – *justaposta de citação*:

disse então aquela cotovia astuta

OBSERVAÇÃO: Quando o período encerra mais de um tipo de oração, dá-se-lhe comumente o nome de *misto*, denominação que a *Nomenclatura Gramatical Brasileira* não agasalha. Todos os exemplos acima analisados são de períodos ou enunciados mistos.

Decorrência de subordinadas

A oração principal é aquela que tem um dos seus termos sob forma de outra oração. Ora, no período, mais de uma oração – qualquer que seja o seu valor sintático – pode acompanhar-se de oração subordinada:

Não sei se José disse que viria hoje.

A 1.ª principal pede a oração subordinada objetiva direta *se José disse*, que, por sua vez, pede a terceira *que viria hoje*. Assim sendo, a 2.ª oração se nos apresenta sob duplo aspecto sintático: subordinada em relação à 1.ª e principal em relação à 3.ª.

Não sei
se José disse
que viria hoje.

Havendo mais de uma oração principal, designá-las-emos, respectivamente, por *principal de 1.ª categoria, de 2.ª categoria, de 3.ª categoria,* etc.:

1.ª oração – *principal de 1.ª categoria:*

Não sei + subordinada

2.ª oração – *subordinada substantiva objetiva direta* (em relação à anterior) e *principal de 2.ª categoria* (em relação à seguinte):

se José disse + subordinada

3.ª oração – *subordinada substantiva objetiva direta:*

que viria hoje.

Neste ponto, precisamos assentar algumas noções importantes:

a) *no período pode haver mais de uma oração principal;*

b) *a oração ou orações principais podem ter o seu verbo no indicativo ou subjuntivo:*

Espero que vá embora (indicativo).
Espero que me *diga* se vai embora (indicativo e subjuntivo).

c) *a oração ou orações principais podem vir iniciadas por conectivos coordenativos ou transpositores:*

"Rubião passa muitas horas fora de casa, mas não o trata mal, e consente que vá acima..." [MA].

A oração coordenada aditiva *e consente* é também principal da subordinada *que vá acima*, pois esta lhe serve de objeto direto.

Concorrência de subordinadas: equipolência interoracional

Assim como uma oração pode depender de outra subordinada, assim também duas ou mais orações subordinadas podem servir à mesma principal:

Espero que estudes e que sejas feliz.

Isto é:

Espero { que estudes (*objetiva direta*)
e
que sejas feliz (*objetiva direta*) }

Como a concorrência de subordinadas só é possível se *as orações exercem a mesma função,* elas estarão coordenadas entre si, porque a *coordenação se dá com expressões do mesmo valor* e na mesma camada de estruturação gramatical.

No exemplo dado, a 3.ª oração se nos apresenta sob duplo aspecto sintático: *é coordenada* em relação à 2.ª (porque são do mesmo valor) e *subordinada* em relação à principal (*espero*), comum às duas subordinadas. Em vez desta classificação um tanto longa (*coordenada à anterior e subordinada à principal*), dizemos apenas que a 3.ª oração é *equipolente* à 2.ª oração. Infelizmente, esta denominação cômoda não encontrou agasalho na *Nomenclatura Gramatical Brasileira.*

A equipolente pode ser:

a) *substantiva:*

Espero que estudes *e que sejas feliz.*

b) *adjetiva:*

O livro que li *e que lhe devolvi* é ótimo.

c) *adverbial:*

Quando chegou *e quando me disse o ocorrido,* não acreditei.

Costuma-se, com elegância, omitir o transpositor subordinativo da oração equipolente (quando se tratar de pronome relativo, este exerce a mesma função sintática do pronome relativo anterior):

Espero que estudes *e sejas feliz.*

O livro que li *e lhe devolvi* é ótimo.

Quando chegou *e me disse o ocorrido,* não acreditei.

Venho *porque se trata de instrução e tenho embocadura para o magistério* [GrR.2, 59].

Se os pronomes relativos exercem funções diferentes, o normal é repetir cada pronome, sendo raros os exemplos como o seguinte:

"Pois vão também essas que aí deixei, e mais a figura de Tristão, *a que* cuidei dar meia dúzia de linhas e levou a maior parte delas" [MA.12, 37 *apud* MBa.2, 102. Cf. ainda ED.2, § 375 c].

Em construção do tipo "magistrado a cujo cargo estavam as obras públicas e *cuidava* do reparo dos templos da cidade de Roma" há vício de sintaxe, pois que antes de *cuidava* há de se subentender *que*, e não o anterior *a cujo*. [Cf. MBa.1, 387].

No português moderno cumpre evitar a prática de se lembrar na oração ou orações equipolentes uma unidade adverbial simples (geralmente *quando* e *como*) por meio de um simples *que:*[127]

Quando chegou e *que* me disse o ocorrido, não acreditei.

Ou se repete a unidade anterior, ou se omite: *quando* chegou e (*quando*) me disse:

Se se trata, porém, de "locução conjuntiva", é possível, na boa linguagem, repetir-se simplesmente o *que*:

Logo que chegou e me disse o ocorrido...

ou

Logo que chegou e *que* me disse o ocorrido...

Pode-se também omitir a conjunção coordenativa numa série de equipolentes:

> "Rubião passa muitas horas fora de casa, mas não o trata mal, e consente que vá acima, *que assista ao almoço ou ao jantar, que o acompanhe à sala ou ao gabinete*" [MA].

1.ª oração – *coordenada* (ou *coordenante*):

> Rubião passa muitas horas fora de casa,

2.ª oração – *coordenada adversativa:*

> mas não o trata mal,

3.ª oração – *coordenada aditiva e principal:*

> e consente + subordinada

4.ª oração – *subordinada substantiva objetiva direta:*

> que vá acima,

5.ª oração – *equipolente à 4.ª:*

> que assista ao almoço ou ao jantar,

6.ª oração – *equipolente à 5.ª:*

> que o acompanhe à sala ou ao gabinete.

Concorrência de termo + oração subordinada

Às vezes a concorrência não se dá entre duas orações da mesma função sintática, mas entre um termo da oração e outra oração:

> "conheci a violência das suas paixões e que a do ciúme devia ser terrível naquele coração" [AH.3, 119].

O verbo *conhecer* tem dois objetos diretos: o substantivo *violência* e a oração substantiva *que a do ciúme devia ser terrível naquele coração*, que se acham coordenados entre si.

No seguinte exemplo de Machado de Assis [MA.1, 242]:

> "Virgília tragou raivosa esse malogro, e disse-mo com certa cautela, não pela cousa em si, senão porque entendia com o filho"

temos dois adjuntos adverbiais de causa: a expressão *pela cousa em si* e a oração subordinada adverbial *porque entendia com o filho*, que se acham conectadas pela série *não... senão.*

3 – As chamadas Orações Reduzidas

Que é oração reduzida

Em

> *Estuda* agora, porque, quando o verão *chegar*, *entraremos* de férias.

as três orações se dizem *desenvolvidas*, porque seus verbos estão no imperativo (*estuda*), no subjuntivo (*chegar*)128 e no indicativo (*entraremos*).

Podemos, entretanto, alterar a maneira de expressar a subordinada *quando o verão chegar* sem nos utilizarmos dos três modos verbais acima apontados:

> quando o verão chegar = ao chegar o verão
>
> quando o verão chegar = chegando o verão
>
> quando o verão chegar = chegado o verão

Dizemos então que as subordinadas *ao chegar o verão, chegando o verão* e *chegado o*

verão são orações *reduzidas*, porque apresentam o seu verbo (principal ou auxiliar, este último nas locuções verbais), respectivamente, no *infinitivo, gerúndio e particípio* (reduzidas infinitivas, gerundiais e participiais).

Nota sobre o conceito de oração reduzida – Dentro e fora da gramática portuguesa tem sido muito diversificado o conceito de oração reduzida. A opinião mais generalizada, partindo da ideia de que o que caracteriza a relação predicativa é a presença de verbo na forma finita, é que a construção com verbo nas formas nominais (infinitivo, gerúndio e particípio) não constitui oração, e, neste caso, é uma subunidade da oração, um termo dela, quase sempre como um adjunto adnominal ou adverbial. Esta maneira de ver se estende até àquelas construções em que vem acompanhada a forma nominal de unidades que, se estivessem numa oração com verbo finito, funcionariam como termo argumental ou não argumental (no caso de papel de adjunto adverbial).

Outros autores, nestas últimas construções, dão estatuto de orações à parte (nem sempre usando a nomenclatura "reduzida") apenas àquelas que encerram infinitivo e gerúndio independentes, considerando as de particípio meros termos oracionais.

Em português, que possui o infinitivo flexionado, fica ainda mais difícil não aproximar *É necessário que estudes a lição* a *É necessário estudares a lição*, ainda que se trate de um idiotismo da língua.

Neste livro, optamos por dar estatuto à parte às reduzidas de qualquer forma nominal do verbo desde que apresentem autonomia sintática dentro do enunciado e possam estar estruturadas analogamente às orações com verbo de forma finita, as desenvolvidas.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Havendo locução verbal é o auxiliar que indica o tipo de reduzida. Assim são exemplos de reduzidas de gerúndio: "estando amanhecendo", "tendo de partir", "tendo partido"; são exemplos de reduzidas de infinitivo: "ter de partir", "depois de ter partido"; é exemplo de reduzida de particípio: "acabado de fazer". Se, por outro lado, o auxiliar da locução estiver na forma finita, não haverá oração reduzida: *Quanta gente havia de chorar.*

2.ª) Nem toda oração desprovida de transpositor é reduzida, uma vez que este transpositor pode estar oculto: *Espero que sejas feliz* ou *Espero sejas feliz.* Em ambos os exemplos a subordinada *que sejas feliz* ou *sejas feliz* é desenvolvida. *O que caracteriza a reduzida é a forma infinita ou nominal do verbo (principal ou auxiliar): infinitivo, gerúndio e particípio.*

3.ª) A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* desprezou a denominação *infinito* para designar as *formas nominais* do verbo, desfazendo uma incômoda sinonímia antiga entre *infinito* = *infinitivo*, que, em muitos casos, levava os leitores de gramática a confusões. *Infinita* é uma forma verbal normalmente sem flexão, enquanto *infinitivo* é uma das chamadas formas nominais do verbo; assim, se fala em emprego do *infinitivo*, e não em emprego do *infinito*.

O desdobramento das orações reduzidas

As orações reduzidas são subordinadas e quase sempre se podem desdobrar em orações desenvolvidas.129 O emprego de reduzidas por desenvolvidas e vice-versa, quando feito com arte e bom gosto, permite ao escritor variados modos de tornar o estilo conciso, não acumulado de quês e outros transpositores, enfim, elegante.130

Vejamos os seguintes exemplos:

a) Declarei *estar ocupado* = declarei *que estava ocupado.*

b) *Para estudarmos* precisamos de sossego = *para que estudemos*, precisamos de sossego.

c) *Chovendo* não sairei = *se chover*, não sairei.

d) *Acabada a festa,* retirou-se = *quando acabou a festa,* retirou-se.

Estes desdobramentos são meros artifícios de equivalências textuais, que nos ajudam a classificar as orações reduzidas, uma vez que poderemos proceder da seguinte maneira:

a) Declarei *estar ocupado* = declarei *que estava ocupado.*

que estava ocupado: *subordinada substantiva objetiva direta.*

Logo:

estar ocupado: *subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo* (ou *reduzida infinitiva*).

b) *Chovendo* não sairei = *se chover*, não sairei.

se chover: *subordinada adverbial condicional.*

Logo:

chovendo: *subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio* (ou *reduzida gerundial*).

c) *Acabada a festa,* retirou-se = *quando acabou a festa,* retirou-se.

quando acabou a festa: *subordinada adverbial temporal.*

Logo:

acabada a festa: *subordinada adverbial temporal reduzida de particípio* (ou *reduzida participal*).

Orações substantivas reduzidas

Normalmente as orações substantivas reduzidas têm o verbo, principal ou auxiliar, no infinitivo:

a) *subjetiva:*

"Agora mesmo, custava-me *responder* alguma coisa, mas enfim contei-lhe o motivo da minha ausência" [MA.1, 208].

b) *objetiva direta:*

"... como se estivesse ainda no vigor da mocidade e contasse como certo *vir a gastar frutos desta planta"* [LCo *apud* FB.1, 38].

c) *objetiva indireta:*

"Tudo, pois, aconselhava o rei de Portugal *a tentar uma expedição para aquele lado*" [AH.2, 148].

d) *completiva relativa:*

"Um povo que se embevecesse na História, que cultivasse a tradição, que amasse o passado, folgaria *de relembrar esses feitos*..." [CL.1, I, 123].

e) *predicativa* (do sujeito ou do objeto):

"O primeiro ímpeto de Luísa foi *atirar-se-lhe aos braços,* mas não se atreveu" [MLe *apud* FB.1, 31].

"... o averbara *de não possuir atributos de administrador".*

"O resultado foi eu *arrumar* uns cocotes na Germana e esfaquear João Fagundes" [GrR.2, 13].

f) *apositiva:*

"Dois meios havia em seguir esta empresa: *ou atacar com a armada por mar, ou marchar o exército por terra e sitiar aquela cidade*" [AH.2, 69].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Não é raro vir precedido de preposição o infinitivo das orações reduzidas subjetivas e objetivas:

"Desaire real seria *de a deixar sem prêmio*" [AGa.3, 122, da 5.ª ed.].

"mas não era assaz difícil *de reconhecer um cadáver coberto de feridas*..." [AH.2, 72].

"Custou-lhe muito *a aceitar a casa*" [MA.1, 194].

"Mostrou-se pesarosa de não o encontrar, e prometeu *de voltar hoje às três horas*" [CBr.1, 118].

"Senhor Luís de Melo, eu tenho por princípio *de me não intrometer*..." [AGa.6, 173 *apud* MBa.3, 212, da 2ª ed.].

2.ª) Não raro também a oração substantiva reduzida de infinitivo vem precedida de artigo (mormente se a oração funciona como sujeito ou objeto direto):

"*o haver de marchar* em um país inimigo, ocupado por gente belicosa, era considerado muito grave..." [AH.2, 69].

"Daí nasce *o trabalharem* os mais notáveis escritores da Europa por vivificarem o espírito religioso" [AH.2, 145].

"Aumentando (o rei) as fortificações da ilha, tornou impossível aos portugueses *o reconquistá-la*" [AH.2, 62].

Orações adjetivas reduzidas

As orações adjetivas reduzidas têm o verbo, principal ou auxiliar, no:

a) *infinitivo:*

"O orador ílhavo não era homem *de se dar assim por derrotado*" [AGa.5, 14 *apud* ED.2, § 308].

Está marcada a festa *a realizar-se na próxima semana*.

"mas nem um momento duvidamos de que a sua convicção íntima seja a necessidade *de restituir o antigo lustre e preço à filosofia do Evangelho*" [AH.2, 145].

Observações:

1.ª) "Ligar qualificativamente a substantivos o infinitivo precedido de *a* (*v. g.*: *livros a consultar*) em vez de uma oração relativa (*v. g.*: *livros que se hão de consultar*), ou de um infinitivo precedido de *para* (*v. g.*: *roupa para consertar*), é imitação moderna da sintaxe francesa, imitação que só por descuido se encontra nos que melhor falam a língua pátria.

"Qual é a relação a deduzir destas considerações e destes fatos?" [AH.8, IV, 177]. [ED.2, § 304]. [Cf. MBa.1, 490, 515].

2.ª) Condenam também algumas autoridades o emprego do infinitivo precedido da preposição *a* depois de adjetivos como *único, último, derradeiro,* além dos ordinais (*primeiro,* etc.). Para tais mestres o melhor é o emprego da preposição *em*, nesses casos, ou de uma oração iniciada por pronome relativo: *o primeiro em fazer* ou *o primeiro que fez*, e não *o primeiro a fazer.* Epifânio Dias, excelente conhecedor do português e francês, aceita a expressão condenada [Cf. ED.2, § 299], no que concordamos com ele.

b) *gerúndio, indicando de um substantivo ou pronome:*

1) uma atividade passageira:

"cujos brados selvagens de guerra começavam a soar ao longe como um trovão *ribombando no vale*" [AH.3, 218, ed. de 1878].

"Realmente, não sei como lhes diga que não me senti mal, ao pé da moça, *trajando* garridamente um vestido fino..." [MA.1, 260].

Em todos estes exemplos o gerúndio figura com a ideia de tempo transitório muito acentuada, servindo de atribuir um modo de ser, uma qualidade, uma atividade a um nome ou pronome, mas apenas dentro de certo período e em determinada situação. Assim, *água fervendo* é água *que naquele momento fervia* ou *fervia dentro de certo espaço de tempo.* Vale o gerúndio, nestas circunstâncias, por uma expressão formada de preposição *a* + *infinitivo: água a ferver*:

"Também algumas vezes foram dar com ela *a abraçar* a cadelinha" [MLe *apud* JR.5, 32].

2) uma atividade permanente, qualidade essencial, inerente aos seres, própria das coisas:

"O livro V, *compreendendo* as leis penais, aquele que, após os progressos efetuados na legislação e na humanidade, mais carecia de pronta reformação" [LCo.1, I, 288].

"Decreto de 14 de fevereiro de 1786, *proibindo* a entrada das meias de seda que não fossem pretas, e decreto de 2 de

agosto de 1786, *suscitando* a observância e *ampliando* o cap. II...” [LCo.1, I, 298].

“Algumas comédias havia com este nome *contendo* argumentos mais sólidos” [FF *apud* SA.2, 249].

Estes e muitíssimos outros exemplos atestam que tal emprego do gerúndio131 ocorre vitorioso na língua culta portuguesa, desde longos anos, dando-nos a impressão de se tratar de uma evolução normal, comum a mais de uma língua românica, e não de uma simples influência francesa. Entretanto, notáveis mestres condenam este uso como galicismo: Epifânio Dias, Júlio Moreira, Leite de Vasconcelos, Mário Barreto, entre outros. Defendem-no Otoniel Mota, Said Ali, Eduardo Carlos Pereira, Cláudio Brandão, entre outros.

Para os que têm a expressão como francesa, deve-se substituir o gerúndio por uma oração adjetiva iniciada por pronome relativo, ou por uma preposição conveniente:

Livro *contendo* gravuras

passaria a

Livro *que contém* gravuras

ou

Livro *com* (ou *de*) gravuras.

Aceitar o gerúndio como construção vernácula não implica adotá-lo a todo momento, acumulando-o numa série de mau gosto. Em muitos casos, como bem pondera Rodrigues Lapa [RLp.1, 227], “não há dúvida que o uso do gerúndio é preferível à oração relativa, sobretudo quando não temos o recurso acertado, expressivo das preposições. Não abusemos dele, mas não hesitemos em empregá-lo, sempre que o reconheçamos superior a outros modos de escrever”.

c) *particípio:*

“Os anais ensanguentados da humanidade estão cheios de facínoras, *empuxados* (= que foram empuxados) ao crime pela ingratidão injuriosa de mulheres muito amadas, e perversíssimas” [CBr.1, 120].

Orações adverbiais reduzidas

Têm o verbo, principal ou auxiliar, no:

A) *infinitivo:* caso em que, normalmente, se emprega o verbo regido de preposição adequada. Para o desdobramento da reduzida em desenvolvida basta substituir a preposição ou locução prepositiva por uma conjunção ou locução conjuntiva do mesmo valor e pôr o verbo na forma finita. É de toda conveniência conhecermos as principais preposições que correspondem a “conjunções” subordinativas adverbiais, porque isso melhor nos adestra na plástica da sintaxe portuguesa:

1) para as *causais* temos:

a) *com*:

“Porém, deixando o coração cativo,/ *com fazer-te* a meus rogos sempre humano,/ fugiste-me traidor...” [RD.1, c. VI].

Com fazer-te = porque te fizeste sempre humano.

b) *em*:

“Em verdade, bem louco deve ser este homem *em estar a plantar* agora esta nogueira, como se estivesse ainda no vigor da mocidade” [LCo *apud* JR.5, 38].

em estar a plantar = porque está a plantar;

c) *por*:

"... é tão desairoso falar um homem a sua língua mal, sob o pretexto de que ela é difícil, como tirar as botas num salão *por lhe doerem os calos*" [SR.1].

d) *visto*:

Visto sair de manhã bem cedo, não é muito conhecido pelos vizinhos.132

e) locuções prepositivas: *à força de, em virtude de, em vista de, por causa de, por motivo de, devido a,* etc.:

"*À força de se tornar trivial,* esta verdade eterna, que resume todo o espírito do cristianismo, deixou de ser para muitos" [AH.2, 159].

2) para as *concessivas:*

a) *com*:

Com fazer todas as obrigações corretamente, não conseguiu livrar-se da falência.

com fazer = embora fizesse;

b) *sem*, negando a causa e a consequência, pode exprimir a *concessão*:

"Este era funestamente o sistema colonial adotado pelas nações que copiavam *sem o entender* nem fecundar, como os romanos, o governo discricionário das províncias avassaladoras" [LCo *apud* FB.1, 215].

c) *malgrado*:

Estudou *malgrado ter perdido o caderno*.

d) *não obstante*:

Saíram *não obstante terem ouvido os conselhos do pai.*

e) locuções prepositivas: *apesar de, sem embargo de*:

"*Apesar, porém, da casa ser tida* como imagem dos perigos e privações da guerra, *e do duque haver adquirido* com ela grande disposição e robustez, observou-se depois que as armas o atraíam pouco" [RS.2, IV, 96].

3) para as *condicionais (e hipotéticas):*

a) *a*:

"... houve quem visse, ou fingisse ver, um notável reflexo que *a ser verdadeiro* devia nascer das muitas luzes que provavelmente estariam acesas" [AH.2, 83].133

No seguinte trecho vale por uma comparativa hipotética do tipo de *como se* ou modal:

"... depois veio a mim, que estava sentado, deu-me pancadinhas na testa, com um só dedo, *a repetir*: – Isto, isto – e eu não tive remédio senão rir também, e tudo acabou em galhofa" [MA.1, 209].134

OBSERVAÇÃO: *como* a + infinitivo

b) *sem*:

Não sairá *sem apresentar os exercícios.*

4) para a *consecutiva: de*:

É feio *de meter medo*.

5) para as *finais*:

a) *a*:

"Muitos personagens eminentes do Império e diversas famílias, ligadas por aproximação de afeto à família imperial, apresentaram-se *a falar ao imperador...*" [RP *apud* FB.1, 145].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) O infinitivo das orações finais pode aparecer sem preposição: "Diz-se que ele era um dos doze que foram a Inglaterra *pelejar* (= para pelejar) em desagravo das damas inglesas, fato assaz duvidoso..." [AH.2, 92].

Construções deste tipo, aproximando-se o infinitivo do verbo principal anterior (*foram pelejar*), permitiriam um início de locução verbal, onde o 1.º verbo passaria a ser sentido como auxiliar modal denotador de movimento para realizar um intento futuro. Este histórico importa para a explicação do emprego antigo da preposição *a*, suplantado depois, entre brasileiros principalmente, pela preposição *em*, no termo adverbial de lugar. Em *O rio Amazonas vai desaguar ao Atlântico,* temos ainda vestígio da fase em que o sentimento linguístico levava em consideração o verbo de movimento, *vai desaguar* (= para desaguar). Perdida esta noção de movimento, *vai ao Atlântico desaguar* passou a ser interpretado como um todo, prevalecendo a regência que competia ao verbo *desaguar*: *vai desaguar no Atlântico*.

Ambas as construções são corretas, tendo sido esta última, sem razão, recriminada por certos gramáticos:

"*Veio embarcar-se* (D. João) *a Aldeia Galega,* aonde o guardavam muitos fidalgos e eclesiásticos" [RS.2, IV, 171];

"Do outro lado da povoação corre o pequeno rio... que *vem desaguar no Lucus*" [AH.2, 70];

"... enquanto a frota *se ia colocar na boca do rio* a que deu nome aquela povoação" [AH.2. 70].

2.ª) Sobre a construção *questão a resolver*.

b) *de*:

Dava aos pobres algo *de comer pela manhã*.

OBSERVAÇÃO: Estas expressões alternam com as de preposição *a*: Dava aos pobres algo *a comer pela manhã*. Entretanto, parece entrever aqui uma imitação do francês: "A preposição *à* entre *donner* e infinitivo equivale a *de: donner à boire et à manger, dar de comer e beber; donner à diner à quelqu'um, dar de jantar; elle lui donna à souper, deu-lhe de cear.* Nessas construções *dar de comer, dar de almoçar, dar de mamar, pedir de beber, pedir de almoçar, ganhar de comer,* o complemento formado por *de* e um infinitivo é, na sua origem, de caráter adjetivo. *Dê-me algo, alguma coisa, qualquer coisa de comer,* é como se disséramos *algo comível* ou *comestível.* Omitido o substantivo, significa por si só as coisas sobre que se exerce a ação do infinitivo: *dê-me de comer* = dê-me coisa que comer" [MBa.3, 129]. Apesar do voto do ilustre mestre, julgamos ser irreprovável a linguagem *dar a comer*. Epifânio Dias [ED.2, § 293, a, 1] não vê galicismo na construção: *dar a alguém algo a beber.*135

c) *para*:

"Tudo isto diz o quadro a quem tiver olhos *para ver*, coração *para sentir,* entendimento *para perceber*" [AH.2, 165].

d) *por*, hoje mais rara, fixada em *por assim dizer* e semelhantes:

"Recomendava el-rei D. Manuel, por suas cartas, a Afonso de Albuquerque que trabalhasse *por haver às mãos* a cidade de Adém" [AH.2, 105].

e) *em*:

"e por isso posto que a Inglaterra não precisasse dela, para este fim, *trabalhou em possuí-la* para que os holandeses não se aproveitassem das vantagens que a sua situação oferecia" [AH.2, 102-3].

"Dois meios havia *em seguir esta empresa*" [AH.2, 69].

f) locuções prepositivas: *a fim de, com o fim de,* etc.:

"Da sua parte, os alunos não devem dar de mão à gramática elementar *a fim de se* exercitarem nos verbos e adquirirem outras noções básicas e, como tais, indispensáveis..." [SR.1].

6) para iniciar orações *locativas* reduzidas (correspondem a orações justapostas): *em*:

"Filha, *no muito possuir* não é ainda posta a felicidade, mas sim *no esperar e amar muito*" [AC *apud* JR.5, I, 37].136

7) para as ideias de *meio* e *instrumento*:

a) *com*:

"... até o (D. Afonso) induzirem a mandá-lo (D. Pedro) sair da corte, ao que D. Pedro atalhou *com retirar-se* antes que lho ordenassem" [AH.2, 91].

b) *de*:

"Eu não sou, minha Nise, pegureiro,
Que viva *de guardar alheio gado*" [TG.1, 15].

8) para as *temporais*:

a) tempo anterior: *antes de*:

"E, se ambos, morrermos *antes de estarem em idade* que se possam por si manter, terão por pai aquele que mora nos céus" [AC *apud* JR.5, 35].

b) tempo concomitante: *a* (neste caso o infinitivo pode vir ou não precedido de artigo):

"Tais eram as minhas reflexões *ao afastar-me* do pobre..." [AH.2, 190].

"E o moço, *a falar* de sua mãe, chorava..." [CBr.6, 59].

c) tempo posterior: *depois de, após*:

"A borboleta, *depois de esvoaçar* muito em torno de mim, pousou-me na testa" [MA.1, 99].137

d) tempo futuro próximo: *perto de, prestes a*:

"... e só abandona (o comandante) o posto quando voa em socorro da Parnaíba ou do Belmonte, *prestes a soçobar*" [Ouro Preto *apud* FB.l, 84].

e) duração de prazo: *até*:

"... o Sália... arrancava os penedos, aluía as raízes das árvores seculares, carreava as terras e rebramia com som medonho, *até chegar às planícies*..." [AH.1, 236].

OBSERVAÇÃO FINAL: É importante não confundirmos (e às vezes se não podem traçar limites rigorosos neste assunto (por serem razões extraídas dos elementos fornecidos pelo texto e não pela gramática) em certas expressões, o conjunto preposicional com um substantivo seguido de seu complemento nominal reduzido de infinitivo. Como bem ensina José Oiticica, "em certas locuções como *por causa de, por motivo de, em virtude de, em vista de,* etc., a oração de infinitivo não deve ser tida por *complementar*. *Exemplo:* "Em vista de lhe haverem furtado a chave, não pôde abrir o depósito". Esta oração de infinitivo seria *complementar* se o substantivo *vista* conservasse seu valor semântico; porém, na locução, desapareceu tal valor, e vigora num todo meramente prepositivo".138 E mais adiante continua: "Com locuções: *no intuito de, no propósito de, com intenção de,* etc., as orações são *complementares*, porque os substantivos mantêm seu valor (semântico) normal". Destarte, é de valor adjetiva completiva nominal reduzida grifada do seguinte período:

"Mandou então el-rei por seus arautos apregoar à roda do arraial de D. Pedro que, sob pena *de serem havidos em conta de traidores*, todos os que seguiam o Duque de Coimbra o abandonassem" [AH.2, 96}.

B) *gerúndio* e aí equivalente a:

1) uma oração *causal*:

"Vendo este os seus maltratados, mandou disparar algumas bombardas contra os espingardeiros" [AH.2, 97].

vendo = porque visse;

2) uma oração *consecutiva*:

"Isto acendeu por tal modo os ânimos dos soldados, que sem mandado, nem ordem de peleja, deram no arraial do infante, *rompendo-o por muitas partes*" [AH.2, 97].

rompendo-o = e como consequência o romperam;

3) uma oração *concessiva*:

Tendo mais do que imaginavam não socorreu os irmãos.

tendo = embora tivesse;

4) uma oração *condicional*:

Tendo livres as mãos, poderia fugir do cativeiro.

tendo *livre as mãos = tivesse livres as mãos.*

5) uma oração que denota *modo, meio, instrumento*:

"Um homem agigantado e de fera catadura saiu da choupana *murmurando sons* mal-articulados" [AH.1 *apud* ED.2, § 316, b, 1].

"E não os (destinos) podia realizar senão *ceifando cidades em lugar de farragiais, e enfeixando com mão robusta povos*" [AC.1 *apud* ED.2, 2].

6) uma oração *temporal:*

"El-rei, quando o mancebo o cumprimentou pela última vez, sorriu-se e disse *voltando-se:* Por que virá o conde quase de luto à festa?" [RS *apud* FB.5, 205].

voltando-se = enquanto se voltava;

No seguinte exemplo se acha reforçado por um advérbio de tempo:

"*Desviando* depois a mão que o suspendia baixou mais dois degraus" [RS *apud* FB.5, 209].

desviando = depois que desviou, no momento em que desviou.

Observação: O gerúndio pode aparecer precedido de preposição *em* quando indica tempo, condição ou hipótese. Neste caso, o português moderno exige que o verbo da oração principal denote acontecimento futuro ou ação que costuma acontecer:

"Ninguém, desde que entrou, *em lhe chegando* o turno, se conseguirá evadir à saída" [RB *apud* FB.1, 126].

Aqui o gerúndio indica tempo, e o verbo da principal exprime ação futura (*conseguirá*).

"Em Vieira morava o gênio: em Bernardes o amor, que, *em sendo verdadeiro,* é também gênio" [AC *apud* FB.1, 186].

Nesta passagem, o gerúndio exprime condição ou hipótese, e o verbo da oração *que é também gênio* (subordinante da condicional) denota um acontecimento que costuma ocorrer.

C) *particípio* e aí equivale a:

1) uma oração *causal*:

"*Irado* o infante com as injúrias que lhe tinham dito, mandou enforcar uns e degolar outros..." [AH.2, 96].

2) uma oração *condicional*:

Entramos em uma batalha, onde, *vencidos* os inimigos, honraremos nosso país.

vencidos = se forem vencidos.

3) uma oração *temporal*:

"E neste sentido, *mudados* os nomes, fez uma comunicação à sociedade cientista dos avicultores da imperial cidade da Mogúncia" [JR.2, 42].

Observações:

1.ª) Nestes empregos do particípio, observam-se as regras de concordância, estudadas no capítulo da Concordância, entre o verbo e o seu sujeito.

2.ª) Alguns particípios passaram a ter emprego equivalente a preposições e advérbios: *exceto, salvo, mediante, não obstante, tirante,* etc., e, como tais, normalmente devem aparecer invariáveis. Entretanto, não se perdeu totalmente a consciência de seu antigo valor, e muitos escritores de nota procedem à concordância necessária:

"Os tribunais, *salvas* exceções honrosas, reproduziam, povoados de criaturas do valido, todos os defeitos do sistema" [RS.2, IV, 67].

"A razão desta diferença é que a mulher (*salva* a hipótese do capítulo CI e outras) entrega-se por amor..." [MA.1, 327}.

Utilizar estas maneiras de dizer, devidas ao "amor excessivo da exatidão" é, como bem pondera Epifânio, expressar-se na verdade com correção gramatical, mas de modo desusado [ED.2, § 220, a].

3.ª) Elegantemente podemos empregar, para a ideia de tempo, o particípio seguido de *que* e duma forma adequada do verbo

ser:

Acabado que foi o prazo destinado à revisão, os candidatos continuaram insatisfeitos.

Há discordância entre os autores quanto à natureza deste *que* posposto ao particípio. Para Maximino Maciel (*Gramática Descritiva,* 368), é conjunção, segundo este trecho: "Também *elegantemente* se conjuncionalizam as reduzidas de particípio passado, interpondo entre o particípio e o substantivo sujeito a conjunção *que* a uma forma do verbo *ser*, adaptável ao tempo, exemplo: 'A ideia republicana e democrática se acabaria em toda a Europa, eclipsado *que* fosse o esplêndido luzeiro que até então lhe serviu de fanal'" (Latino Coelho, *República e Monarquia*).

Para Epifânio, o *que* é pronome relativo, e julgamos que com ele está a razão (cf. *Sintaxe Histórica Portuguesa,* § 91,c): "Na qualidade de nome predicativo ou aposto, pode (o pronome relativo) referir-se a adjetivos (ou particípios), servindo de realçar a qualidade ou estado: *acabada que esteja a obra*" (Cf. ainda a *Gramática Francesa,* § 282, 2, Obs. 1.ª).139

Orações reduzidas fixas

A nossa língua possui certo número de orações reduzidas que normalmente não aparecem sob forma desenvolvida. Neste grupo se acham:

a) as orações subjetivas que se seguem a certos verbos, como *caber, valer, impedir,* em construções do tipo de:

Coube-nos *ornamentar o salão* (e não: *que ornamentássemos*).

Valeu-nos *estarem perto alguns amigos* (e não: *que estivessem perto*).

Impediu-nos a viagem *ter vindo ordem* de voltarmos (e não: *que veio*).140

b) as orações objetivas diretas que se seguem a verbos como *agradecer, perdoar* e o impessoal *haver* na expressão *não há valer-lhe* (e equivalentes) em construções do tipo:

"Perdoou-lhes o *haverem-nos ofendido*" [ED.1, § 226, b].

"E lá se vão: não há mais *contê-los ou alcançá-los*" [EC, 128].

c) as de sentido aditivo enfático do tipo (verbo no infinitivo):

"Além de que a fumarada do charuto, *sobre ser purificante e antipútrida,* dava aos alvéolos solidez, e consistência aos dentes" [CBr.1, 108].

d) as que denotam pensamentos para cuja expressão não existem conjunções subordinativas, como as que indicam:

1) *exclusão* (verbo no infinitivo):

"*Em vez* (diziam) *dos nossos navios carregarem as mercadorias daqueles portos para o de Lisboa...* são embarcações estranhas as que hoje demandam as ilhas..." [RS.2, IV, 533].

Longe de desanimar com os obstáculos, reanima-se para vencê-los.

2) *exceção* (verbo no infinitivo):

"A filha estava com quatorze anos; mas era muito fraquinha, e não fazia nada, *a não ser* namorar os capadócios..." [MA.1, 201].

3) *meio* ou *instrumento* (verbo no infinitivo ou gerúndio) e *modo* (verbo no gerúndio, embora aqui haja conjunção correspondente):

"Salvou-o o senado, *segurando-lhe a pessoa* até poder sair a bordo de uma nau holandesa a 21 de maio" [RS.2, IV, 244].

Desmoralizou-o *com desmenti-lo em público*.

"Procurou este logo estorvar-lhe (a missão) por todos os ombros, *prendendo-o* ou *matando-o*." [RS.2, 244].

Enfrenta a vida *sorrindo dos perigos*.141

Quando o infinitivo não constitui oração reduzida

A presença do infinitivo não caracteriza oração reduzida nos seguintes principais casos, podendo, contudo, constituir, em alguns exemplos, oração (não reduzida):

a) quando, sem referência a nenhum sujeito, denota a ação de modo vago, à maneira de um substantivo:

Recordar é viver.

b) quando faz parte de uma oração verbal:

Tinham de chegar cedo ao trabalho.

c) quando, precedido de preposição e em referência a substantivo, o infinitivo tem sentido qualificativo, o que ocorre:

1) quando exprime a destinação:

sala de jantar, ferro de engomar, tábua de passar, criado de servir.

2) quando equivale a um adjetivo terminado em *-vel*:

É *de esperar* que todos se saiam bem (esperável).

Pareciam menos *de louvar* (louvável).

Foi caso muito *de recear* (receável).

d) quando, precedido de preposição e depois de certos adjetivos (*difícil, fácil, duro, bom,* etc.), o infinitivo tem sentido limitativo (com certa interpretação passiva ou ativa):

Osso duro *de roer* (*de ser roído* ou *de alguém roer*).

Poesia fácil *de decorar* (*de ser decorada* ou *de alguém decorar*).

e) quando, equivalente a imperativo, exprime o infinitivo ordem, recomendação:

"Todos se chegavam para a ferir, sem que a D. Álvaro se ouvissem outras palavras senão estas: *Fartar*, rapazes!" [AH.2, 98].

f) quando, nas exclamações, o infinitivo exprime estranheza pela realização de um acontecimento:

"*Pôr-me* a mim lá fora?! – bradou Teodora" [CBr.1, 175].

"Tu, Hermengarda, *recordas-te?!*" [AH.1, 47].

g) quando entra em orações interrogativas (diretas ou indiretas):

*Que fazer?*142

Não sei *que fazer.*

Nada tinha *que dizer*.

h) quando se trata de um infinitivo de narração, isto é, aquele que, numa narração animada, considera a ação como já passada, e não no seu desenvolvimento.143

"E os médicos *a insistirem que saísse* de Lisboa [Júlio Dinis]

"Ela *a voltar as costas*, e o *reitor a pôr* o chapéu na cabeça" [*id.*]

"E ele *a rir-se*, ele a *regalar-se*" [EQ]

"O senhor *a dizer-lhe* uma palavra, e eu *a provar-lhe* que..." [ED.2, §309,3].

NOTA: Não estão acordes os autores quanto à origem do infinitivo de narração: a hipótese mais cômoda, mas nem por isso

mais convincente, é a da elipse. Assim pensavam Quintiliano, para o latim, e Burguy, Littré, Kastner, Plattner, Lubker, entre outros para o francês. É a opinião que expende M. Barreto para o português: "Na frase: – *Eu falo, e eles a rir* (isto é, põem-se a rir, estão a rir-se, começam a rir) – temos o que se chama *infinitivo histórico*, que assim se diz o que na proposição tem valor de voz verbal de modo finito. A proposição que tem por predicado perifrástico, um elemento do qual está subentendido" (*Últimos Estudos*, 241). Contra esta maneira de explicar estão Diez, Schulze, Darmesteter, Strohmeyer e Brøndal. A segunda hipótese é a que o deriva do infinitivo de ordem ou infinitivo imperativo (opinião de Wackernagel, para o latim e Marcou, Spitzer e Lerch, para o francês). Para Lombard (*Op. cit.* 212) o infinitivo de narração é originariamente uma oração nominal. O problema se acha exaustivamente tratado nas páginas 186-243 do citado livro do romancista sueco.

OBSERVAÇÃO: Foge a uma análise rigorosa a série de expressões do tipo *temer, não teme,* com que, na linguagem afetiva, enunciamos réplicas e objeções. Epifânio (*Sintaxe História Portuguesa*, § 309, 3, Obs.) e Bello-Cuervo (*Gramática Castelhana*, § 926 e *Notas*, p. 63) supõem que se trata de uma construção elíptica, subentendendo-se, antes do infinitivo, a expressão *quanto a*, Meyer-Lübke crê que se trata de um *infinitivo de intensidade* e explica assim o nascimento do torneio de frase: "Nous devons prendre comme point de départ la question et la réponse prononcés sous l'empire de l'émotion. Ainsi, pour nous en tenir au premier exemple, on raconte quelque chose qui, de l'avis du conteur, pourrait provoquer de la crainte chez un des auditeurs ou chez tous. Un d'entre eux repousse cette pensée en demandant avec indignation: "Craindre?! Je ne crains pas". En conséquence, à l'origine il devait y avoir une pause entre l'infinitif et le verbe personnel. Plus tard, naturellement, la formule finit par devenir, comme expression de l'intensité d'une action, plus fixe et par conséquent plus générale" (*Grammaire*, III, § 135). Levando-se em conta que se devem algumas alterações de linguagem a esta atenção que o falante dá a um público, real ou imaginário, a hipótese do romanista é assaz sugestiva, apesar de Epifânio achar "improvável que o infinitivo, sendo rigorosamente interrogativo, viesse a deixar de o ser" (*ibid.*). Cremos que o problema estaria melhor resolvido se levássemos em conta os níveis da oração e do texto, conforme nos ensina Coseriu, já esboçado, aliás, na explicação de Meyer-Lübke. Em *temer, não teme* estamos diante de um enunciado que, no nível do texto (e não da oração), pressupõe uma declaração repetida em relação ao que proferiu nosso interlocutor e a que nos referimos agora mediante o *temer*, e que só no nível do texto deve encontrar cabal explicação.

O gerúndio e o particípio não constituem oração reduzida

a) quando fazem parte de uma locução verbal:

Estão saindo todos os alunos.

As lições *foram aprendidas* sem esforço.

b) quando aparecem como simples função qualificadora, à maneira dos adjetivos:

Livro *encadernado*.

Construções particulares com o infinitivo

São dignas de atenção certas construções em que o infinitivo precedido de verbos que exprimem percepção física (*ver, ouvir, olhar, sentir*) ou atuação e ordenação (*deixar, mandar, fazer*). Já tivemos oportunidade de nos referir ao caso, quando examinamos a função sintática do infinitivo e gerúndio que entram nestas construções.

Praticamente, estas construções de infinitivo se repartem em dois grupos:

a) um, em que o infinitivo tem o mesmo agente e sujeito do primeiro verbo (regente):

Preferimos *estudar* pela manhã.

b) outro, mais complexo, em que o infinitivo, depois dos verbos regentes acima aludidos, tem diferente agente:

Vejo *abrir* a porta.

Ouço *soprar* o vento.

Eu a vi *sair* de casa.

Ouvimos a sineta *chamar* os alunos.

No primeiro grupo, o infinitivo integra uma oração reduzida que exerce o papel de objeto direto do verbo regente *preferimos*, e por isso, pode ser comutado pelo pronome adverbal

átono *o*:

Preferimos *estudar* pela manhã → Nós *o* preferimos → Preferimo-*lo*.

O segundo grupo se subdivide em dois tipos: o infinitivo sozinho ou acompanhado de complementos:

1) o infinitivo integra uma oração subordinada objetiva direta:

Vejo *abrir* a porta.

Ouço *soprar* o vento.

em que *abrir a porta* e *soprar o vento* podem ser comutados pelo pronome adverbal átono *o*:

Vejo-*o*. Ouço-*o*.

Vês abrir a porta? Vejo-*o*.

Ouves sobrar o vento? Ouço-*o*.

2) o verbo regente exprime percepção física e o infinitivo exerce o papel de predicativo do objeto direto:

Eu *a* vi *sair* de casa.

Ouvimos *a sineta chamar* os alunos.

Aqui os verbos regentes que exprimem percepção física (*vi* e *ouvimos*) se acompanham do objeto direto (*a* e *a* sineta) que se acham modificados pelos infinitivos que exercem a função de seus predicativos (*sair* e *chamar*).

Por mais que equivalham no plano do conteúdo de pensamento designado, *Eu a vi sair de casa* a *Eu vi que ela saía de casa*, do ponto de vista gramatical as construções são diferentes. O pronome *a* (Eu *a* vi sair) e *ela* (Eu vi que *ela* saía de casa) são ambos *agentes* do processo *sair de casa*, mas *a* é *objeto direto* e *ela* é *sujeito*. Pela análise do conteúdo, a gramática tradicional tem atribuído a esse pronome *a* dupla função sintática: objeto direto do verbo regente (*vi*) e sujeito do infinitivo (*sair*).

Também os verbos que exprimem atuação ou ordenação (*deixar, mandar, fazer*) apresentam a mesma construção dos verbos de percepção física:

O policial fez calar o assaltante / O policial fê-lo calar.

O professor mandou o aluno saltar / O professor mandou-o saltar.

Até aqui o infinitivo não se acompanha de objeto direto próprio, mas ele pode aparecer, como ocorre em:

O professor mandou o aluno fazer o exercício,

quando os complementos do verbo regente *mandou* (*o aluno*) e do infinitivo *fazer* (*os exercícios*) podem ser teoricamente comutados pelos pronomes adverbais átonos *o*:

O professor mandou-o fazê-lo.

ou ainda:

O professor mandou-*o o* fazer,

o que daria uma contiguidade incômoda e artificial de dois *o... o*, onde a clareza do texto poderia ser prejudicada. Veja-se este exemplo de A. Herculano:

"(...) a tia Domingas ouviu-*o* chamá-*la* de novo mansamente" [AH.2, 76].

A tradição literária contornou o problema adotando duas normas seguintes:

a) Expressar o complemento do verbo regente sob forma de objeto direto se constituído por

substantivo:

O professor mandou *o aluno* fazê-lo.

b) Expressar o complemento do verbo regente sob forma de objeto indireto se constituído por pronome adverbal átono:

O professor mandou-*lhe* fazer os exercícios.

O professor mandou-*lhe* fazê-lo.

O professor *lhe* ouviu dizer que melhoraria seu comportamento.

A colega *lhe* deixou ver suas bonecas.144

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Pela possibilidade de poder o complemento do infinitivo se aproximar do verbo regente, pode ocorrer a junção do pronome adverbal átono *lhe* (ou outro indireto) com o pronome *o*, como no seguinte exemplo:

"... posto que Afonso I se houvesse apoderado de vários lugares... a desgraça de Badajoz *lhos* fizera perder..." [AH.2, 76], isto é: a desgraça *lhe* fizera perdê-los.

2.ª) É raro o emprego de *lhe* por *o* quando o verbo no infinitivo não se acompanha de objeto direto: "A vista só da vaca... nem *lhes* deixa pensar em soutos e pastios" [AC.9, 181].

A prática se estenderia a se empregar sob forma de objeto indireto o complemento do verbo regente, mesmo se constituído por substantivo:

O professor mandou *ao menino* fazer o exercício.

O professor ouviu *ao aluno* dizer que melhoraria o comportamento.

O namoro fez *ao jovem* perder a cabeça.

Por fim, cumpre assinalar que normalmente se usa *o*, e não *lhe*, quando o infinitivo é pronominal.

"o Sália... rebramia com som medonho, até chegar às planícies, onde o solo não comprimia e *o deixou espraiar-se* pelos pauis e juncais..." [AH.2, 76-77].

OBSERVAÇÃO: O infinitivo que se segue a *deixar, mandar e fazer* pode ser tomado em sentido passivo, e neste caso o agente da ação do infinitivo é regido pelas preposições *por* ou *de:*

"D. João de Castro, sem *deixar-se vencer do amor do filho,* nem *dos medos do tempo,* resolveu enviar o socorro" [FF *apud* ED.2, 289, a), Obs. 2.ª].

A omissão do pronome átono em EU OS VI AFASTAR DAQUI em vez de AFASTAR-SE DAQUI

Não é rara a omissão do pronome átono que devia acompanhar um infinitivo pronominal, quando este mesmo infinitivo tem por agente um pronome átono:

"*Deixei-o embrenhar* e transpus o rio após ele" [AH.2, 77].

"O faqui *deixou-o afastar*" [AH.2, 77].

Os seguintes exemplos mostram-nos que a presença do pronome também é correta:

"*Sentiu-o* para aqui um pouco e depois *encaminhar-se* ao longo do corredor" [AH.2, 76].

"E o eremita *viu-a*, ave pernalta e branca, *bambolear-se* em voo, ir chegando, *passar-se* para cima do leito, *aconchegar-se* ao pobre homem..." [JR.2, 227].145

A construção PEDIR PARA

Em

"Eu retive-a, *pedi-lhe* que ficasse, que esquecesse" [MA.1, 271]

o verbo *pedir* exige dois objetos: o indireto *lhe* e o direto oracional composto *que ficasse, que esquecesse*.

Normalmente, em tais casos, não se usa o objeto direto oracional sob forma reduzida. Evita-se dizer: *Pedi-lhe ficar, pedi-lhe esquecer.*

Em:

> "Dito isto, *peço licença para ir* um dia destes expor-lhe um trabalho..." [MA.1, 245]

o verbo *pedir* vem acompanhado apenas do objeto direto *licença*; a oração reduzida de infinitivo *para ir um dia destes expor-lhe um trabalho* é adverbial de fim.

Pode-se omitir o objeto direto e construir o verbo *pedir*, assim: *peço-lhe para ir um dia destes expor-lhe um trabalho*.

Como estão próximas as ideias de *pedir que algo aconteça* e *trabalhar para que algo aconteça*, passou-se a usar a preposição *para* no início da oração que seria objeto direto do verbo *pedir*, tendo-se em mira indicar a finalidade da coisa pedida:

> *Pediu para que* Pedro *saísse*

ou

> *Pediu para* Pedro *sair.*

Os gramáticos não aceitaram a operação mental e ainda hoje esta maneira condensada de dizer é repudiada, apesar da insistência com que penetra na linguagem das pessoas cultas. Para as autoridades de nossa língua, só está certo o emprego do verbo *pedir* quando se tem para objeto direto o substantivo *licença* (claro ou subentendido) e a oração de *para que* ou *para* + infinitivo é sentida como adverbial de fim, *com sujeito igual ao da oração principal*.146 Assim, em:

> O aluno pedia-lhe para sair,

o *aluno* pedia licença para ele mesmo sair.

A confusão dos dois empregos do verbo *pedir* traz ao enunciado incontestavelmente duplicidade de sentido, pois que em:

> *Ele pedia-lhe para sair*

ficamos em dúvida sobre a pessoa que sairá. Para o gramático só pode ser a que fez o pedido, e, na realidade, todos, ou quase todos, os exemplos abonados dos bons escritores têm o mesmo sujeito para a oração de *pedir* e para a oração iniciada pela preposição *para*.

A construção DIZER PARA

Semelhantemente ao que ocorre com o verbo *pedir*, a linguagem coloquial despreocupada constrói o verbo *dizer* (*falar* e sinônimos) seguido da preposição *para* junto ao que normalmente seria o seu objeto direto:

> *Disse para que ele fosse embora*

ou

> *Disse para ele ir embora.*

São expressões condenadas que os gramáticos recomendam se evitem no falar correto.

A construção PARA EU FAZER

Em

> O exercício é para eu fazer

a preposição *para* rege o verbo *fazer*, cujo sujeito é o pronome pessoal *eu*. Evite-se a construção errônea *o exercício é para mim fazer*, devida ao fato de se supor que a preposição se prende ao pronome, como: *este presente é para mim.*

Diz-se corretamente *o presente é para mim*, porque a preposição sempre rege pronome oblíquo tônico.

Distinga-se claramente este uso errôneo do correto, em que há antecipação do objeto indireto livre de opinião; o ritmo oracional marca a diferença:

> Para mim (pausa) fazer isso é sempre agradável.

A posição do sujeito nas orações reduzidas

No português contemporâneo, o sujeito das orações reduzidas de gerúndio e particípio vem normalmente depois do verbo (nas locuções verbais pode aparecer depois do auxiliar):

> "A guerra diplomática andava acesa em Roma, *lidando o enviado português* por contrariar com energia os meneios e dilações do Cardeal Torregiani" [LCo.1, I, 44].
>
> *Não me havendo chegado notícia das viagens de Gulliver*, penso que a minha gente liliputiana teve origem nas baratas e nas aranhas [GrR.1, 94].
>
> *Findo o susto*, considerava-me isolado, continuava nas infrações sem nenhuma vergonha [GrR.1, 180].
>
> *Acabada a festa*, foram ao cinema.

Estariam erradas as construções se colocássemos o sujeito antes do verbo: *o enviado português lidando, o susto findo, a festa acabada*.

Nas reduzidas de gerúndio é preciso distinguir cuidadosamente essas linguagens imperfeitas daquelas que, por falta de pontuação adequada, nos fazem supor que se trata de anteposições do sujeito. Nos seguintes exemplos só houve falta da vírgula para separar a principal da subordinada:

> "*O cristianismo elevando o culto* da mulher inspirou a cavalaria e a poesia cavaleiresca, nobilitando pelo amor e pelo sacrifício o sexo que era também o de Maria Santíssima" [JR.2, 51].
>
> "Então *Gonçalo Mendes fazendo* recuar o capuz que cobria a cabeça do suposto mensageiro olhou para ele alguns instantes" [AH.3, 116].147

Entre as reduzidas de gerúndio, fazem exceção ao princípio exposto aquelas que, precedidas da preposição *em*, denotam circunstâncias de tempo, hipótese ou condição, quando o sujeito pode vir antes ou depois desta forma verbal:

> "Ninguém, desde que entrou, *em lhe chegando o turno*, se conseguirá evadir à saída" [RB *apud* FB.1, 126].
>
> "A semelhança entre as filhas de Felipe da Gama reduzia-se a isto: mas era tão grande, que *em as duas conversando* a fala confundia-se, e o ouvinte mais não era capaz de distinguir" [RS.3, 2, 122 *apud* ED.2, §316,b,2,obs].

No tocante às reduzidas de particípio, podem ter o sujeito anteposto ou posposto ao verbo, quando constituído pelos pronomes *isto, isso, aquilo* e *o que*:

> *Isto posto*, resolvemos voltar

ou

> *Posto isto*, resolvemos voltar.

A construção É DA GENTE RIR

A antecipação do sujeito ao verbo, nas orações reduzidas de infinitivo preposicionado, possibilita a combinação da preposição com o sujeito ou um adjunto do sujeito:

> Já era tempo *de* saírem *os alunos* de férias.

pode passar facilmente a *Já era tempo* ***de os alunos*** *saírem de férias* e daí à combinação *Já era tempo* ***dos alunos*** *saírem de férias.*

A preposição pode-se combinar com o núcleo do sujeito. Assim, diremos:

É tempo DE ELE sair

ou

É tempo DELE sair.

Alguns gramáticos não aceitam a combinação apontada sob o pretexto de que o sujeito "não pode vir regido de preposição"; *não se trata aqui, entretanto, de regência preposicional de sujeito, mas do contato de duas palavras que, por hábito e por eufonia, costumam ser incorporadas na pronúncia.* Se tais combinações parecem contrariar a lógica da gramática, cumpre observar que não repugnam a tradição do idioma com o testemunho de seus melhores escritores, antigos e modernos. O que a lição dos fatos nos permite ensinar é que ambas as construções são corretas, segundo nos atestam as seguintes passagens que não se podem dar como errôneas ou descuidos de revisão.148 Trata-se de um problema de estilística fônica, pelo qual a não combinação encarece o papel do sujeito do infinitivo. Do ponto de vista meramente gramatical são válidas ambas construções:

"só voltou *depois do infante estar* proclamado regedor" [AH.2*,* 44].

"Os que no serviço militar perdiam o cavalo tiravam o valor deste dos despojos *antes destes* (*d'estes*, no original) se repartirem" [AH.2].

"*Apesar da sua ação ser...* superior à autoridade dos bispos..." [AH.2].

"... a unidade que resulta da síntese do ideal, *antes deste ser* revelado pela expressão material" [AH.2, 162].

"sabia-o, senhor, *antes do caso suceder*" [AH.4, I, 267].149

"... mesmo *depois dos descobrimentos dos portugueses haverem* transformado as condições do comércio geral do mundo" [RS.2*,* IV, 16].

"*Apesar*, porém, da *caça ser tida* como imagem dos perigos e privações da guerra..." [RS.2, 96].

"Notou, igualmente, a vantagem dos *confederados repartirem* de antemão os postos entre si..." [RS.2, 139].

"... e *a despeito do dia estar* chuvoso" [RS.2, 171-2].

"Nos dias pequenos o sino de recolher soava muito antes *dos mercadores terem* acabado a ceia nas hospedarias..." [RS.2, 527]

"*Depois do Garrett escrever* erradamente no seu *Camões...*" [AC, "Anotações à 6.ª edição do Dicionário de Morais", in *Arquivos Literários* de Delfim Guimarães, V *apud* P. A. Pinto, revista *Colaboração,* nº 5, p. 20].

"... se, por exemplo me concederem um monopólio do plantar couves, *apesar das couves serem* uma das muitas espécies de legumes" [RB *apud* P. A. Pinto, *ibid*.].

"Pelo fato *do verbo* restituir, numa de suas acepções, e entregar, em certos casos, *terem*, como diz o Dr. Rui, o mesmo sentido..." [CR.2 *apud* P. A. Pinto].

"... no caso do *infinitivo trazer compl. direto*" [ED.2, 226).150

Terminamos esta pequena lista com um fato que não deixa dúvidas de que os exemplos aduzidos não se explicam por descuidos. Na página 87 do vol. IV da sua excelentemente escrita *História de Portugal*, contrariando a sintaxe que lhe vem natural e frequente, Rebelo da Silva não faz a combinação:

"Nem o rei, nem o ministro apreciaram o perigo, senão *depois de ele declarado e irremediável*".

Mas, para surpresa de muitos gramáticos, no final do volume, na página destinada a erratas, declara textualmente:

"Onde se lê: *depois de ele* leia-se *depois dele* (*d'elle* no original). 151

Tem-se estendido o exagero da condenação aos casos em que a preposição precede um advérbio, quando, na realidade, o que decide a existência ou não existência da combinação é a menor ou a maior pausa no proferir as duas palavras, ou ainda a eufonia e, como vimos, o realce. No seguinte exemplo de Alexandre Herculano, a pausa maior entre a preposição e o advérbio evita a combinação:

"A afirmativa *de ali* se ajuntarem e agasalharem 20.000 pessoas é naturalmente impossível" [AH.2, 44].

É forçoso reconhecer que a facilidade da combinação da preposição *de* não se estendeu, com a mesma frequência, a outras preposições, nas circunstâncias aqui estudadas. Dá prova disto o seguinte trecho de Rebelo da Silva, tão afeito às construções combinadas:

"*No caso do reino se constituir* em república, que partido seguiria D. João, o do país, ou o dos castelhanos?" "Em qualquer acontecimento, redarguiu o duque, hei de acostar-me ao que seguir o comum do reino". "Então, continuou o secretário, está dada a resposta. Mais vale arriscar tudo para reinar, do que arriscar tudo ainda e ficar vassalo. A ocasião é chegada, e parece que Deus a trouxe. A maior dificuldade consistia *em os outros proporem* a empresa..." [RS.2, IV, 134].

Por fim, cabe-nos assinalar que, neste assunto de combinações de preposição, o português moderno desprezou certos giros que – embora também contrários à lógica da gramática – foram estimados dos antigos e ainda hoje puristas aplaudem. Interessa-nos agora aquela em que se combinava a preposição *por* (antigo *per*) com os pronomes *o, a, os, as,* em função de objeto direto:

Esforcei-me pelo convencer.

hoje desbancado por:

Esforcei-me por convencê-lo (ou *para convencê-lo*) ou *por o convencer* (mais raro entre os brasileiros).

Apesar de exemplos de autores modernos (Rui Barbosa entre eles) e do voto de Mário Barreto [MBa.1, cap. VII, 111-25], concordo com o parecer de Said Ali [SA.6, 4, 160]:

"A construção de *por* e antigo *per* com as formas pronominais *o, a, os, as,* pertence ao número das formas arcaicas, de que se encontram ainda restos, na linguagem popular de Portugal. É imprópria da linguagem culta de hoje, e se ocorre – o que é muitíssimo raro – em algum escritor moderno, deixa-nos logo a impressão de um estilo afetado. Não provam exemplos dessa espécie o uso geral, nem podem servir de norma para o falar correto".152

É elucidativo este passo de Rebelo da Silva, onde ocorrem os dois casos aqui estudados:

"... em que o tribunal proferiu a sentença, mandando entregar as fazendas a Adão Bans e sócios sob fiança *de as* restituírem *no caso dos portugueses* dentro de seis meses *pagarem a quantia*..." [RS.2, 515].

Reduzidas decorrentes e concorrentes

Como as desenvolvidas, as orações reduzidas podem ser:

a) *decorrentes:*

"O Conde de Avranches saiu a eles com quase toda a gente do arraial e *fazendo-os fugir* tomou alguns prisioneiros" [AH.2, 96].

A oração de *fazendo* é reduzida gerundial de tempo e se acompanha da oração também reduzida *fugir* (reduzida de infinitivo), modificadora do objeto direto *os*.

b) *concorrentes:*

"Irado o infante com as injúrias que lhe tinham dito, mandou *enforcar uns e degolar outros*, e o conde perseguiu o resto até Portugal" [AH.2, 96].

As orações reduzidas de infinitivo *enforcar uns* e *degolar outros* são subordinadas equipolentes; por isso se acham coordenadas entre si.

Não raro aparece, entre as orações equipolentes, uma reduzida coordenada à outra desenvolvida ou vice-versa [MBa.1, 168, nota].

> "*Para provar-lhe* que não falto à menor condição estipulada, *e para que a minha consciência fique pura de escrúpulos*, vou dar-lhe a gratificação prometida" [CBr.14, drama, ato II, cena IX].
>
> "Na província de Alentejo o recrutamento fazia-se para exclusiva defesa dela, cabendo um terço de cada comarca, *se era grande*, ou a duas unidas, *sendo pequenas*" [RS.2, 227].

4 – As Frases: Enunciados sem Núcleo Verbal

Oração e frase – Já tínhamos antecipado que a unidade sintática chamada *oração* constitui o centro da atenção da gramática por se tratar de uma unidade em que se relacionam sintaticamente seus termos constituintes e se manifestam as relações de ordem e recção que partem do núcleo verbal e das quais se ocupa a descrição gramatical.

Isto não impede a presença de enunciados destituídos desse núcleo verbal conhecidos pelo nome de *frases*:

> Bom dia!
> Saúde!
> Depressa!
> Que calor!
> Casa de ferreiro, espeto de pau.

Estas frases diferem da oração porque são proferidas, quase sempre, em situações especiais, fora as quais o enunciado não se manifesta em toda sua plenitude.

Em geral seus elementos constituintes são de natureza nominal (substantivos, adjetivos ou advérbios), e a ausência do núcleo verbal, donde dimanam as relações sintático-semânticas, impede que se identifiquem entre seus constituintes as funções que se manifestam na oração. Por outro lado, a frase aponta para asserção de uma verdade geral, já que exclui a forma verbal responsável por uma particularização da expressão [EBv.2, 181]. Entretanto, como são enunciados reais, apela-se para a interpretação mais ou menos próxima dos possíveis equivalentes expressos sob forma de oração. Assim, "entende-se" que um enunciado como *Bom dia!* equivale a *Desejo bom dia* ou *Espero que tenha bom dia!*, ou *Casa de ferreiro, espeto de pau* valeria aproximadamente a *Casa de ferreiro usa espeto de pau* ou *Quando a casa é de ferreiro, o espeto é de pau* ou, ainda, *Em casa de ferreiro não se usa espeto de ferro, mas de pau*.

A simples verificação das várias possibilidades de paráfrases mostra bem como são tênues as relações gramaticais que os termos existentes mantêm entre si dentro da frase. Por isso a descrição da frase não se fará pelos mesmos critérios empregados na oração, mas segundo sua constituição interna. Inicialmente, podemos dividir as frases em *unimembres* e *bimembres*.

Frases unimembres: interjeição – O tipo mais simples de frase é o constituído por

interjeição. Já é antiga em gramática a ideia de a interjeição não ser, a rigor, uma "palavra", mas que equivale a um enunciado independente ou a uma oração inteira:

Oh! Psiu!

Pode ainda aparecer combinada com outras unidades para constituir frases mais complexas:

Ai de mim!
Oh pátria minha!

Já vimos que outras classes de palavras e grupos nominais se podem transpor ao papel de interjeição, empregados em função apelativa, endereçada ao interlocutor, ou como manifestação da atitude do falante [AL.1, 385]:

Socorro!
Depressa!
Meu pai!
Que horror!
Viva!

Podem aparecer unidades mais longas resultantes de respostas ou comentários a diálogos reais ou imaginários com o interlocutor. São frases elípticas, quase sempre de valor nominal, resíduos de orações sintaticamente incompletas ou truncadas, que devem ser tratadas no rol dos enunciados independentes sem núcleo verbal, ao largo de qualquer restituição corretiva do ponto de vista sintático:

"— Está bem, deixe-me ficar algum tempo mais, estou na pista de
um mistério
— *Que mistério*?" [MA.1, 28].
"— Raposo, vou sair; há alguma cousa?
— *Nada, Capitão Viveiros*" [LB.3, 91].
"Fez-me sentar ao pé de si, na varanda, entre muitas exclamações
de contentamento:
— *Ora, o Brasinho*! *Um homem*! Quem diria, há anos... *Um homenzarrão*! *E bonito*! *Qual*! Você não se lembra de mim... [MA.1, 94-95]
— Qual é a sua profissão?
— *Estudante*." [LB.3, 91]

Entre essas verdadeiras *pro-orações* estão as palavras *sim*, *não*, *talvez*, *tampouco* e assemelhadas (sozinhas ou combinadas) que de primitivos advérbios passam por transposição hipertáxica ao papel de frases:

— Já deste a notícia?
— *Ainda não* [LB.3, 165].

Algumas vezes nestes casos um dos interlocutores ou o autor num monólogo faz uso de uma frase exclamativa complexa que vale, unitariamente, por transposição hipotáxica, por uma interjeição:

Eugênia sentou-se a concertar uma das tranças. *Que dissimulação graciosa*! *Que arte infinita e delicada*! *Que tartufice profunda*! [MA.1, 107]

Etiquetas e rótulos – Diferente contexto linguístico ocorre com frases que entram na indicação de etiquetas, letreiros e rótulos situados em circunstâncias tais que, com ajuda de

tais entornos, são suficientes para constituir informações precisas. Deste rol fazem parte a sinalização verbal das indicações de trânsito (*Entrada*, *Saída*, *Retorno*, etc.), de estabelecimentos bancários e comerciais (*Clientes de Conta Ouro*, *Fila Única*, *Padaria*, *Carnes*, *Laticínios*, *Limpeza*, *Estacionamento*, *Entrada proibida*, *Entrada só permitida a funcionários*, etc.)

Frases assertivas bimembres – Embora frases assertivas bimembres possam ser facilmente parafraseadas a orações de estrutura regular e com estas, muitas vezes, se alternar no discurso, não devem ser "reconstituídas" e "emendadas" com auxílio de elipses e outros recursos, para depois serem descritas como orações. A expressividade decorre da leveza e espontaneidade com que se caracterizam.

Incluem-se, portanto, no rol de frases assertivas bimembres (dotadas também de entoação ou contorno melódico assertivos) os seguintes exemplos:

Casa de ferreiro, espeto de pau

Tal pai, tal filho

A vivacidade e leveza que tais frases emprestam ao discurso explicam o seu largo emprego nas máximas e provérbios.

5 – Concordância

Considerações gerais – Em português a *concordância* consiste em se adaptar a palavra determinante ao gênero, número e pessoa da palavra determinada.

A concordância pode ser *nominal* ou *verbal* – Diz-se *concordância nominal* a que se verifica em gênero e número entre o adjetivo e o pronome (adjetivo), o artigo, o numeral ou o particípio (palavras determinantes) e o substantivo ou pronome (palavras determinadas) a que se referem:

"O capitão rosnou *alguma* cousa, deu *dous* passos, meteu *a* mão no bolso, sacou *um* pedaço de papel, muito *amarrotado*; depois *à* luz de *uma* lanterna, leu *uma* ode *horaciana* sobre *a* liberdade *da* vida *marítima*" [MA.1, 65].

Diz-se *concordância verbal* a que se verifica em número e pessoa entre o sujeito (e às vezes o *predicativo*) e o verbo da oração:

"Os outros não sabendo o que *era*, *falavam*, *olhavam*, *gesticulavam*, ao tempo que ela *olhava* só, ora fixa, ora móvel, levando a astúcia ao ponto de olhar às vezes para dentro de si, porque *deixava cair* as pálpebras" [MA.1, 183]

"Chegando à rua, *arrependi*-me de ter saído" [MA.1]

"*Eram* 2 de novembro de 1952" [AH.2, 124].

A concordância pode ser estabelecida de *palavra* para *palavra* ou de *palavra* para *sentido*. A concordância de *palavra* para *palavra* será *total* ou *parcial* (também chamada *atrativa*), conforme se leve em conta a totalidade ou o mais próximo das palavras determinadas numa série de coordenação:

"Repeli-a, porque se me *ofereciam* vida e honra a troco de perpétua infâmia" [AH.1, 147].

O verbo *ofereciam* concorda com a totalidade do sujeito composto: *vida* e *honra*.

"porque entre ele e Suintila... *está* o céu e o inferno" [AH.1, 143].

O verbo *está* concorda, atrativamente, com o sujeito mais próximo (o céu) da série coordenada o *céu* e o *inferno*.

"... *via*-se em todas as faces *pintado* o espantoso e o terror" [AH.2, 124].

O verbo *via* e o adjetivo *pintado* concordam, por atração, com o sujeito mais próximo da série *o espantoso* e *o terror*.

"Quando a educação, os livros, e o sentir daqueles que nos odeiam *apagou* em nossa alma o selo da cruz" [AH.2, 143].

O verbo *apagou* concorda, por atração, com o sujeito mais próximo (*o sentir daqueles*) do sujeito composto, ainda que este venha anteposto ao verbo.

A concordância de *palavra* para *sentido* se diz ainda *concordância* "*ad sensum*" ou *silepse*:

"A plebe *vociferava* as mais afrontosas injúrias contra D. Leonor: e se *chegassem* a entrar no paço, ela sem dúvida seria feita pedaços pelo tropel furioso" [AH.2, 41].

O verbo *vociferava* concorda com o sujeito *plebe* que, sendo um coletivo, pôde, pelo seu conteúdo semântico de pluralidade, levar ao plural o verbo *chegassem*, mais afastado dele.

"Era gente colectícia, *muitos*, acaso, sem pátria da guerra, e por isso pouco *habituados* a resignar-se com as várias e tediosas fases de um assédio" [AH.2, 51].

O termo *gente*, de valor coletivo, é o responsável pela flexão masculina de *muitos* e *habituados*, por se levar em conta a ideia de *soldados* contida na palavra *gente*.

É preciso estar atento a que a liberdade de concordância que a língua portuguesa muitas vezes oferece deve ser cuidadosamente aproveitada para não prejudicar a clareza da mensagem e a harmonia do estilo.

Na língua oral, em que o fluxo do pensamento corre mais rápido que a formulação e estruturação da oração, é muito comum enunciar primeiro o verbo – elemento fulcral da atividade comunicativa – para depois se seguirem os outros termos oracionais. Nestas circunstâncias, o falante costuma enunciar o verbo no singular, porque ainda não pensou no sujeito a quem atribuirá a função predicativa contida no verbo; se o sujeito, neste momento, for pensado como pluralidade, os casos de discordância serão aí frequentes. O mesmo ocorre com a concordância nominal, do particípio.

A língua escrita, formalmente mais elaborada, tem meios de evitar estas discordâncias.

Concordância nominal

A – Concordância de palavra para palavra

1) *Há uma só palavra determinada.*

A palavra determinante irá para o gênero e número da palavra determinada:

"Aflige-nos a glória *alheia contestada* com a *nossa* insignificância" [MM].

"*Os bons* exemplos *dos* pais são *as melhores* lições e a *melhor* herança para *os* filhos" [MM].

"Eu amo *a* noite *solitária* e *muda*" [GD.3, I, 314].

Eu estou *quite*. Nós estamos *quites*.

OBSERVAÇÃO: Os nomes femininos como *sentinela*, *guarda*, *guia* e assemelhados, quando aplicados a pessoas do sexo masculino, mantêm o gênero feminino, e levam para este gênero os determinantes a eles referidos: *a sentinela avançada*; "Depois desta digressão que acabais de fazer pelo mundo, com tão *má guia* como eu, voltemos a ouvir de novo as vossas pedras" [Agostinho de Campos *apud* MBa.2, 212].

2) *Há mais de uma palavra determinada.*

Observar-se-ão os seguintes casos:

1.º) Se as palavras determinadas forem do mesmo gênero, a palavra determinante irá para o plural e para o gênero comum, ou poderá concordar, principalmente se vier anteposta, em gênero e número com a mais próxima:

A língua e (a) literatura *portuguesas* ou A língua e (a) literatura *portuguesa*.

"Amava no estribeiro-mor as virtudes e a lealdade nunca *desmentidas*"

[RS.1, 124].

"O tom e gesto *caricioso*, com que ela dizia isto, não moveu medianamente o esposo" [CBr.1, 158].

"*e os nossos* Basílio e Durão, bem assim o Sr. Magalhães..." [OM, 72].153

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Se as palavras determinadas se referirem a uma só pessoa ou coisa, impõe-se o singular do determinante:

seu fiel amigo e servidor

2.ª) É injusta a crítica do gramático E. Carlos Pereira [CP.1, § 427, 3, nota] aos seguintes exemplos: "... a mão esquerda, entre *cujos* índice e polegar pendia o pergaminho..." [AH.5, II, 24] e "... pelas exigências cada vez maiores destas *devoradoras* e *insaciáveis* fome e sede de leitura" [AC.1, 315].

3.ª) Precedendo um substantivo (título ou prenome), ocorre o plural: Os *irmãos* Pedro e Paulo. Os *apóstolos* Barnabé e Paulo.

4.ª) Um determinante (adjetivo) no plural pode estar aposto a um sujeito do singular que venha colocado depois, quando este sujeito é algum dos pronomes *cada um*, *cada qual*, *ninguém*, *nenhum*, referidos a pessoas ou coisas já mencionadas:

sobressaltados com esta vista, procurava *cada um* pôr-se a salvo [ED].

2.º) Se as palavras determinadas forem de gêneros diferentes, a palavra determinante irá para o plural masculino ou concordará em gênero e número com a mais próxima:

"Vinha todo coberto de negro: *negros* o elmo, a couraça e o saio"

[AH.1, 107].

"como se um grande incêndio devorasse as brenhas e os carvalhais *antigos*" [AH.1, 86].

"*Calada* a natureza, a terra e os homens" [GD.3, I, 315].

com *boa* coragem e zelo, com coragem e zelo *bom* (ou *bons*), com *bons* coragem e zelo

toda sua luta e sacrifícios.

todos seus sacrifícios e luta.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Por uma questão de agrado auditivo (eufonia), prefere-se que numa série de palavras determinadas de gêneros diferentes seguida de palavra determinante no masculino plural, venha a determinada masculina em último lugar.

2.ª) Se, neste caso, se tratar de pronome possessivo posposto, a concordância deste se fará com o último substantivo:

"Este velho desterrado por *gosto* e *eleição sua*..." [RS.1, 16].

3.ª) Quando há ideia de reciprocidade, torna-se obrigatório o emprego do plural: "Ele entrou prazenteiro... e encontrou padrinho e afilhada *empenhados* em uma discussão sobre autoridade" [LBa *apud* SS.1, § 257 obs.].

3) *Há uma só palavra determinada e mais de uma determinante.*

A palavra determinada irá para o plural ou ficará no singular, sendo, neste último caso,

facultativa a repetição do artigo. Em geral, isto ocorre com adjetivos de nacionalidade: *As literaturas* brasileira e portuguesa ou *A literatura* brasileira e portuguesa (maneira de dizer menos frequente e, com exagero de lógica gramatical, considerada errônea por muitos autores) ou *A literatura* brasileira e *a* portuguesa.

"e os *cronistas tudense e toledano* fazem a luta dos dous reis depois daquele consórcio" [AH.6, III, 86].

"Li um anúncio, convidando mestra de *línguas inglesa* e *francesa* para o colégio" [CBr.1, 128].

"O pequeno reino sucessivamente perlustrou *as costas ocidental e oriental* da África..." (C. de Laet, I, 211).

as séries quarta e quinta

a quarta e quinta série (ou *séries*)

B – Concordância de palavra para sentido

A palavra determinante pode deixar de concordar em gênero e número com a *forma* da palavra determinada para levar em consideração, apenas, o *sentido* em que esta se aplica: *o* (vinho) *champanha*, *o* (rio) *Amazonas*.

Entre os diversos casos desta concordância pelo sentido aparecem os seguintes:

1) As expressões de tratamento do tipo de V. Ex.ª, V. S.ª, etc.:

V.Ex.ª é { *atencioso* (referindo-se a homem)
atenciosa (referindo-se a mulher)

OBSERVAÇÃO: Quando se junta um adjetivo a tais formas de tratamento, tal adjetivo fica no gênero da forma de tratamento:

Sua Majestade *fidelíssima* foi contrariado pelos representantes diplomáticos.

2) A expressão *a gente* aplicada a uma ou mais pessoas com inclusão da que fala:

"Pergunta a gente a si *próprio* (refere-se a pessoa do sexo masculino) quanto levaria o solicitador ao seu cliente por ter sonhado com o seu negócio" [PC *apud* MBa.2, 413]154.

3) O termo determinado é um coletivo seguido de determinante em gênero ou número (ou ambos) diferentes:

"*Acocorada* em torno, *nus*, a negralhada *miúda*, de dois a oito anos" [HC.2, 84].

Note-se que *acocorada* e *miúda* concordam com a forma gramatical de *negralhada*, enquanto *nus* o faz levando em conta o seu sentido (= grupo de negrinhos de dois a oito anos).

4) A palavra determinada aparece no singular e mais adiante o determinante no plural em virtude de se subentender aquela no plural:

"Não compres *livro* somente pelo título: ainda que pareçam bons, são muitas vezes péssimos" [JR.1, 321].

"Mas não nos constou em que *ano* começou nem *quantos* esteve com ele" [LS *apud* JR.1]155.

C – Outros casos de concordância nominal

1) ***Um e outro, nem um nem outro*** – Com *um e outro*, põe-se no singular o determinado (substantivo), e no singular ou no plural o verbo da oração, quando estas expressões aparecem

como sujeito:

"Alceu Amoroso Lima (...) teve a boa ideia de caracterizar e diferençar o ensaio e a crônica, dizendo que *um e outro* gênero se afirmam pelo estilo".

"Parou um momento e, olhando para *um e outro lado*, endireitou a carreira..." [AH.1, 107].

"Mas *uma e outra cousa duraram* apenas rápido instante" [AH.1, 218].

Com *nem um nem outro* é de rigor o singular para o substantivo e verbo:

Nem um nem outro livro merece ser lido.

Com *um ou outro* o substantivo também fica no singular e invariavelmente no singular aparece o verbo de que a expressão serve de sujeito:

"*Um ou outro* soldado, indisciplinadamente, *revidava*, disparando à toa, a arma para os ares" [EC, 2.ª ed., 428].

Se as expressões *um e outro*, *nem um nem outro* se aplicarem a nomes de gêneros diferentes, é mais comum o emprego das formas masculinas:

"Tornou a vê-la, foi visto por ela, e acabaram namorados *um do outro*" [MA.12, 1.ª ed., 39].

"Ali teve el-rei escondido algum tempo, e lá começaram os seus amores com a rainha, que tão fatais foram para *um e outro*" [AH.2, 35].

"Repousavam bem perto *um do outro* a matéria e o espírito" [AH.1, 44].

Não raro pode aparecer a concordância com o termo referido:

"... vivia o casal venturoso de um certo Izraim persa letrado e da sua esposa Proftásia que *um e outra* cultivavam para deleite do espírito a filosofia grega" [JR.2, 15].

2) ***Mesmo, próprio, só*** – Concordam com a palavra determinada em gênero e número:

Ele *mesmo* disse a verdade. Ela *mesma* disse a verdade.

Elas *próprias* foram ao local.

Nós não estamos *sós*.

"Eles *sós* se encaminham para essa parte..." [AH.1, 153].

Em língua literária ocorre o adjetivo *só* variável onde no colóquio se prefere usar do advérbio *só*, portanto invariável:

"Com *sós* 27 anos de idade... já a palidez da morte se via lutar no seu rosto com as rosas da mocidade [AC.10].

Mesmo, além de se empregar na ideia de identidade (= em pessoa), aparece ainda como sinônimo de *próprio*, *até*:

"ao *mesmo* demônio se deve fazer justiça, quando ele a tiver" [AV *apud* ED.2, § 86, a].

Este último sentido e mais o emprego adverbial junto de *aqui*, *já*, *agora* (aqui mesmo, já mesmo, agora mesmo) facilitaram o aparecimento moderno da palavra como advérbio, modo de dizer que os puristas condenam, mas que vem ganhando a simpatia geral:

"... vaidosos de seus apelidos, mas inofensivos, e virtuosos *mesmo* por vaidade de imitarem seus avoengos" [CBr.6, 219].156

3) ***Menos* e *somenos*** – É preciso atenção para não fazer a concordância de *menos* com o substantivo seguinte:

Mais amores e *menos* confiança (e não *menas*!).

Vale a mesma observação para *somenos* (= de menor valor):

"Há neles coisas boas e coisas más ou *somenos*" [MB.2, 239].

4) ***Leso*** – É adjetivo, e não forma do verbo *lesar*, em construções de tipo: crime de lesa-pátria, crime de leso-patriotismo. Por isso há de concordar com o seu determinado em gênero e número:

"Como se a substância não fosse já um crime de *leso-gosto* e *lesa-seriedade*, ainda por cima as pernas saíam sobre as botas" [CBr.1, 83].

5) ***Anexo***, ***apenso*** e ***incluso*** – *Anexo*, *apenso* e *incluso*, como adjetivo, concordam com a palavra determinada em gênero e número:

Correm *anexos* (*inclusos, apensos*) aos processos vários documentos.

Vai *anexa* (*inclusa, apensa*) a declaração solicitada.

OBSERVAÇÃO: Usa-se invariável *em anexo*, *em apenso*: Vai *em anexo* (*em apenso*) a declaração. Vão *em anexo* (*em apenso*) as declarações.

6) ***Dado*** e ***visto*** – Usados adjetivamente, concordam em gênero e número com o substantivo determinado:

Dado (*Visto*) o problema que se nos apresentou, resolvemos desistir do contrato.

Dadas (*Vistas*) as circunstâncias, foram-se embora.

7) ***Meio*** – Com o valor de "metade", usado adjetivamente, concorda em gênero e número com o termo determinado, claro ou oculto:

"Para aquilatar a importância do tropeiro, basta lembrar que o Brasil tem cerca de oito e *meio* milhões de quilômetros quadrados de superfície..." [AAr.2, 102].

Era *meio-dia e meia* (i.é: e *meia hora*).

8) ***Pseudo*** e ***todo*** – Usados em termos compostos ficam invariáveis.

A *pseudo-sabedoria* dos tolos é bem grande.

A *fé todo-poderosa* que nos guia é nossa salvação.

9) ***Tal*** e ***qual*** – *Tal*, como todo determinante, concorda em gênero e número com o determinado:

Tal opinião é absurda.

Tais razões não me movem.

Em correlação, *tal qual* também procedem à mesma concordância:

Ele não era *tal quais* seus primos.

Os filhos são *tais qual* o pai.

Os boatos são *tais quais* as notícias.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Em lugar de *tal qual*, podem aparecer: *tal e qual*, *tal ou qual*.

2.ª) Não confundir *tal qual* flexionáveis com *tal qual*, *tal qual como* invariáveis que valem "como":

"Descerra uns sorrisos discretos, sem mostrar os dentes, *tal qual como* as inglesas de primeiro sangue" [CBr *apud* CJ.1, 32].

1 0) ***Possível*** – Com *o mais possível*, *o menos possível*, *o melhor possível*, *o pior*

possível, *quanto possível*, o adjetivo *possível* fica invariável, ainda que se afaste da palavra *mais*:

Paisagens o mais *possível* belas
Paisagens o mais belas *possível*
Paisagens quanto *possível* belas

Com o plural *os mais*, *os menos*, *os piores*, *os melhores*, o adjetivo *possível* vai ao plural:

Paisagens as mais belas *possíveis*.

Estão erradas concordâncias como:

Paisagens as mais belas ***possível.***

Fora destes giros, a concordância de *possível* se processa normalmente:

"As alturas e o abismo são as fronteiras dele: no meio estão todos os universos *possíveis*" [AH.2, 160].
Sob todos os pontos de vista *possíveis*.

11) ***A olhos vistos*** – É tradicional o emprego da expressão *a olhos vistos* no sentido de *claramente*, *visivelmente*, em referência a nomes femininos ou masculinos:

"... padecia calada e definhava *a olhos vistos*" [MA.5, 13 *apud Tradições Clássicas*, 370].

Mais rara, porém correta, é a concordância de *visto* com a pessoa ou coisa que se vê:

"As minhas forças medravam *a olhos vistas* de dia para dia"
[AC *apud* CR.1, 554].
"O barão desmedrara *a olhos visto*" [CBr *apud* PDo.2, 32].

12) ***É necessário paciência*** – Com as expressões do tipo *é necessário*, *é bom*, *é preciso*, significando 'é necessário', o adjetivo pode ficar invariável, qualquer que seja o gênero e o número do termo determinado, quando se deseja fazer uma referência de modo vago ou geral. Poder-se-á também fazer normalmente a concordância:

É *necessário* paciência.
É *necessária* muita paciência.
"O fato de ter sido *precisa* a explicação (...)" [AP.1, 424 n.º 25].
"Eram *precisos* outros três homens" [AM.1 *apud* RBa.1, 33].

É possível ainda, em tais casos, aparecer no singular o próprio verbo da oração:

"É doce ao velho
Sons d'argentina voz" [GD *apud* SS.1, 254]

Como acentua Barbadinho, a flexão de *necessária*(*s*) é mais frequente que a de *precisa.*

13) **Adjetivo composto** – Nos adjetivos compostos de dois ou mais elementos referidos a nacionalidades, a concordância em gênero e número com o determinado só ocorrerá no último adjetivo do composto:

Acordo *luso-brasileiro*
Amizade *luso-brasileira*
Lideranças *luso-brasileiras*

14) ***Alguma coisa boa*** **ou** ***alguma coisa de bom*** – Em *alguma coisa boa* o adjetivo

concorda com o termo determinado:

"Quem tivesse reparado em Fr. Vasco perceberia facilmente que na sua alma se passava também *alguma cousa extraordinária*" [AH *apud* MBa.7, 144].

Em *alguma coisa de bom*, o adjetivo não concorda com *coisa*, sendo empregado neutralmente (como *algo de novo*, *nada de extraordinário*, *nada de trágico,* etc.).

Por atração pode-se fazer a concordância do adjetivo com o termo determinado que funciona como sujeito da oração:

"Que tinha pois, Ricardina, de *sedutora*!" [CBr *apud* MBa.7, 146].

"Amor próprio do vilão; que a infâmia nada tinha de *engenhosa*" [*Id*., *ibid*.].

Se os homens não tivessem alguma coisa de *loucos* seriam incapazes de heroísmo [MM].

A vida nada tem de *trágica*.

15) ***Um pouco de luz* e *uma pouca de luz*** – Ao lado da construção normal *um pouco de luz* pode ocorrer a concordância atrativa *uma pouca de luz*, por se haverem fundido numa só expressão as duas seguintes maneiras de dizer: *pouco de luz* + *pouca luz* 157:

"e aos pés deles os fiéis que obtinham para última jazida *uma pouca de terra*..." [AH.1, 154].

16) **Concordância do pronome** – O pronome, como palavra determinante, concorda em gênero e número com a palavra determinada.

Emprega-se o pronome oblíquo *os* em referência a nomes de diferentes gêneros:

"A generosidade, o esforço e o amor ensinaste-*os* tu em toda a sua sublimidade" [AH.1, 35].

17) ***Nós* por *eu*, *vós* por *tu*** – Empregando-se *vós* em referência a uma só pessoa, põe-se no singular o adjetivo:

"Sois *injusto* comigo" [AH *apud* ED.2, §14, b].

Ao se empregar, em idênticas condições, o pronome *nós*, o adjetivo pode ficar no singular ou ir ao plural:

Antes sejamos *breve* que *prolixo*.

"Entre o desejo de alimentar a curiosidade do leitor e o receio de faltar à exação histórica, hesitávamos perplexos" [AH *apud* ED.2, §14, b].

18) **Alternância entre adjetivo e advérbio** – Há casos em que a língua permite usar ora o advérbio (invariável) ora o adjetivo (variável):

"Vamos a falar *sérios*" [CBr *apud* MBa.1, 265].

Vamos a falar *sério*.

"Os momentos custam *caros* [RS *apud* MBa.1, 265].

Os momentos custam *caro*.

A vida custa tão *cara* aos velhos quanto é *barata* para os moços [MM].

"Era esta a herança dos miseráveis, que ele sabia não escassearem na quase solitária e *meia* arruinada Carteia" [AH.1, 12].

A voz sumiu-se-lhe, *toda* trêmula [EQ.3, 647].

A distinção entre adjetivos e advérbios só se dá claramente quando a palavra determinada está no feminino ou no plural, caso em que a flexão nos leva a melhor interpretar o termo

como adjetivo. Na língua padrão atual, a tendência é para nestes casos proceder dentro da estrita regra da gramática e usar tais termos sem flexão, adverbialmente.

Entram nesta possibilidade de flexão as construções de *tanto mais*, *quanto menos*, *pouco mais*, *muito mais*, em que o primeiro elemento pode concordar ou não com o substantivo:

Com *quanto* mais *razão*, *muito* mais honra.

Com *quanta* mais *razão*, *muita* mais honra.

Poucas mais *palavras* trocamos [CBr *apud* MBa.4, 21].

Notemos, por fim, que *alerta* é rigorosamente um advérbio e, assim, não aparece flexionado:

Estamos todos *alerta*.

Há uma tendência para se usar desta palavra como adjetivo, mas a língua padrão recomenda se evite tal prática. Junto de substantivo *alerta* adquire significado e função de adjetivo:

"A moça aguardava com inteligência curta, os sentidos *alertas*" [CLi *apud* RBa.2, 14].

Em sentido contrário, aparece o engano de não se flexionar o adjetivo *quite*. Deve-se dizer:

Estou *quite*.

Estamos *quites*.

19) **Particípios que passaram a preposição e advérbios** – Alguns particípios passaram a ter emprego equivalente a preposição e advérbio (por exemplo: *exceto*, *salvo*, *mediante*, *não obstante*, *tirante*, etc.) e, como tais, normalmente devem aparecer invariáveis. Entretanto, não se perdeu de todo a consciência de seu antigo valor, e muitos escritores procedem à concordância necessária:

"Os tribunais, *salvas* exceções honrosas, reproduziam... todos os defeitos do sistema" [RS.2, IV, 67].

"A razão desta diferença é que a mulher (*salva* a hipótese do cap. CI e outras) entrega-se por amor..." [MA.1, 327].

Como bem pondera Epifânio Dias, flexionar tais termos "é expressar-se na verdade com correção gramatical, mas de modo desusado" [ED.2, §220, a].

Deste modo, a língua moderna dá preferência a dizer "*salvo* exceções", "*salvo* a hipótese".

20) **A concordância com numerais** – Quando se empregam os cardinais pelos ordinais, não ocorre a flexão:

Página *um*. Figura *vinte e um*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Na linguagem jurídica diz-se: A folhas *vinte e uma*. A folhas *quarenta e duas*.

2.ª) Embora se tenha usado o substantivo no singular precedido de numeral combinado com *um*, *uma*, a preferência atual é pô-lo no plural: *vinte e um dias*, *as mil e uma noites*, etc.

3.ª) *Milhar* é masculino e portanto não admite seus adjuntos postos no feminino a concordar com o núcleo substantivo feminino: *Os milhares de pessoas* (e não *as milhares* de pessoas).

21) **A concordância com os adjetivos designativos de nomes de cores** – Surgem as incertezas quando o nome de cor é constituído de dois adjetivos. Neste caso, a prática mais comum é deixar o primeiro invariável na forma do masculino e fazer a concordância do

segundo com o substantivo determinado, embora não deixem de aparecer exemplos em bons autores em que estejam flexionados os dois adjetivos:

olhos verde-claros, *ondas verde-azuladas*.

Concordância verbal

A – Concordância de palavra para palavra

1) Há um só sujeito:

a) Se o sujeito for simples e singular, o verbo irá para o singular, ainda que seja um coletivo:

"A vida *tem* uma só entrada: a saída *é* por cem portas" [MM].

"Povo sem lealdade não *alcança* estabilidade" [MM].

b) Se o sujeito for simples e plural, o verbo irá para o plural:

"Os bons conselhos desprezados *são* com dor comemorados" [MM].

"A virtude aromatiza e purifica o ar, os vícios o *corrompem*" [MM].

2) Há mais de um sujeito:

Se o sujeito for composto, o verbo irá, normalmente, para o plural, qualquer que seja a sua posição em relação ao verbo:

"... os ódios civis, as ambições, a ousadia dos bandos e a corrupção dos costumes *haviam* feito incríveis progressos" [AH.1, 21].

"Repeti-as, porque se me *ofereciam* vida e honras a troco de perpétua infâmia" [AH.1, 144].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Pode dar-se a concordância com o núcleo mais próximo, *principalmente se o sujeito vem depois do verbo*:

"O romeiro é livre como a ave do céu: *respeitam*-no o besteiro e o homem d'armas; dá-lhe abrigo o vilão sobre o seu colmo, o abade no seu mosteiro, o nobre no seu castelo" [AH.3, 145].

2.ª) Quando o núcleo é singular e seguido de dois ou mais adjuntos, pode ocorrer o verbo no plural, como se tratasse na realidade de sujeito composto:

"ainda quando *a autoridade paterna e materna fossem delegada*s..." [AGa.2, 25].

A concordância do verbo no singular é a mais corrente na língua padrão.

3.ª) Nas obras com mais de um autor adota-se modernamente o hábito alemão de se indicar a autoria com os nomes separados por hífen, caso em que o verbo da oração vai ao plural ou ao singular (levando-se, neste caso, apenas em conta a obra em si): Meillet-Ernout *dizem* (ou *diz*) no seu *Dictionnaire Étymologique* – que a origem é duvidosa.

4.ª) Pode ocorrer o verbo no singular ainda nos casos seguintes:

a) se a sucessão dos substantivos indicar gradação de um mesmo fato:

A censura, a autoridade, o poder público, inexorável, frio, grave, calculado, lá *estava* [AH.7, VII, 113].

b) se se tratar de substantivos sinônimos ou assim considerados:

O ódio e a guerra que declaramos aos outros nos *gasta* e *consome* a nós mesmos [MM].

c) se o segundo substantivo exprimir o resultado ou a consequência do primeiro:

A doença e a morte de Filipe II (...) *foi* como a imagem (...) [RS.2, IV, 6].

d) se os substantivos formam juntos uma noção única:

O fluxo e refluxo das ondas nos *encanta*.

5.ª) Quando o verbo se põe entre os núcleos do sujeito, como acontece às vezes em poesia e no estilo solene, a concordância pode ser feita com o núcleo mais próximo ou gramaticalmente com a totalidade do sujeito [RC.1, 251].

B – Concordância de palavra para sentido

Quando o sujeito simples é constituído de nome ou pronome que se aplica a uma coleção ou grupo, pode o verbo ir ao plural. A língua moderna impõe apenas a condição estética, uma vez que soa geralmente desagradável ao ouvido construção do tipo:

O povo trabalham ou A gente vamos.

Se houver, entretanto, distância suficiente entre o sujeito e o verbo e se quiser acentuar a ideia de plural do coletivo, não repugnam à sensibilidade do escritor exemplos como os seguintes:

> "Começou então *o povo* a alborotar-se, e pegando do desgraçado cético o *arrastaram* até o meio do rossio e ali o *assassinaram*, e *queimaram*, com incrível presteza" [AH.2, 83].
>
> "Faça como eu: lamente as misérias dos homens, e viva com eles, sem participar-lhe dos defeitos; porque, meu nobre amigo, se *a gente* vai a rejeitar as relações das famílias, justa ou injustamente abocanhadas pela maledicência, a poucos passos não *temos* quem nos receba" [CBr.1, 64].

C – Outros casos de concordância verbal

1) **Sujeito constituído por pronomes pessoais**

Se o sujeito composto é constituído por diferentes pronomes pessoais em que entra *eu* ou *nós*, o verbo irá para a 1.ª pessoa do plural:

> "*Vínhamos* da missa ela, o pai e eu" [MA.1, 309].

Se na série entra *tu* ou *vós* e nenhum pronome de 1.ª pessoa, o verbo irá normalmente para a 2.ª pessoa do plural:

> "E, assim, te repito, Carlota, que Francisco Salter voltará, será teu marido, e tereis (i.é, *tu* e *ele*) larga remuneração dos sofrimentos que oferecerdes a Deus..." [CBr.4, 79].

OBSERVAÇÃO: Ou porque avulta como ideia principal o último sujeito ou porque, na língua contemporânea, vai desaparecendo o tratamento *vós*, nestes casos, a norma consagrou o verbo na 3.ª pessoa do plural:

> "quando *tu e os outros velhacos* da tua laia lhe *estorroaram* na cara lixo e terra..." [AH.5, I, 152 *apud* SA.5, II, 69].

Para a concordância com expressões de tratamento.

2) **Sujeito ligado por série aditiva enfática**

Se o sujeito composto tem os seus núcleos ligados por série aditiva enfática (não só... mas, tanto... quanto, não só... como, etc.), o verbo concorda com o mais próximo ou vai ao plural (o que é mais comum quando o verbo vem depois do sujeito):

> "Tanto o lidador como o abade *haviam* seguido para o sítio que ele parecia buscar com toda a precaução" [AH.3, 184].

3) **Sujeito ligado por *com***

Se o sujeito no singular é seguido imediatamente de outro no singular ou no plural mediante a preposição *com*, ou locução equivalente, pode o verbo ficar no singular, ou ir ao plural *para realçar a participação simultânea na ação*:

> "El-rei, com toda a corte e toda a nobreza, *estava* fora da cidade, por causa da peste em que então Lisboa ardia" [AH.2, 84].
>
> "Estas explicações não evitaram que o desembargador, com os seus velhos amigos, *prognosticassem* o derrancamento do morgado da Agra..." [CBr.1, 108].
>
> "Nesta conjuntura, um deputado dileto da rainha, por nome Antônio José da Silva Peixoto, *coadjuvado pelo foliculário José Acúrsio das Neves, levantaram-se e prorromperam* em 'vivas'..." [CBr *apud* MBa.1, 206].

4) **Sujeito ligado por *nem... nem***

O sujeito composto ligado pela série aditiva negativa *nem... nem* leva o verbo normalmente ao plural e, às vezes, ao singular:

"É a nobre dama recém-chegada, à qual *nem* o cansaço de trabalhosa jornada, *nem* o hábito dos cômodos do mundo *puderam impedir*..." [AH.1, 136].

"... *nem* Deus, *nem* o mundo lhes *dará* a mínima recompensa" [AH.2, 16].

Constituído o sujeito pela série *nem um... nem outro*, fica o verbo no singular:

Nem um nem outro *compareceu* ao exame.

5) **Sujeito ligado por *ou***

O verbo concordará com o sujeito mais próximo se a conjunção indicar:

a) *exclusão*:

"a quem a doença *ou* a idade *impossibilitou* de ganharem o sustento..." [AH.2, 16].

Se João Fernandes (*ou* Platzhoff) os *dá* como entes sem afeições (...) [CL.1, II, 304]

b) *retificação de número gramatical*:

"Cantares é o nome que o autor *ou* autores do Cancioneiro chamado do Colégio dos Nobres *dão* a cada um dos poemetos..." [AH.3, 131].

Sei que algures existe a alma ou as almas, às quais eu me dirijo [ACt.1, 23].

c) *identidade* ou *equivalência*:

O professor ou o nosso segundo pai *merece* o respeito da pátria.

Se a ideia expressa pelo predicado puder referir-se a toda a série do sujeito composto, o verbo irá para o plural mais frequentemente, porém pode ocorrer o singular:

"A nulidade *ou* a validade do contrato... *eram* assunto de direito civil"

[AH.2, 20].

"A ignorância *ou* errada compreensão da lei não *eximem* de pena (...)" [Código Civil].

"Mas aí, como se o destino *ou* o acaso, *ou* o que quer que fosse *se lembrasse* de dar algum pastos aos meus arrombos possessórios" [MA.1, 146].

6) **Sujeito representado por expressão como *a maioria dos homens***

Se o sujeito é representado por expressões do tipo de *a maioria de*, *a maior parte de*, *grande parte de*, *parte de* e um nome no plural, o verbo irá para o singular ou plural:

"a maior parte deles *recusou* segui-lo com temor do poder da regente" [AH.2, 38].

"e a maior parte dos esquadrões *seguiram-nos*" [AH.1, 111].

7) **Sujeito representado por *cada um de* + plural**

Neste caso, o verbo fica no singular:

Cada um dos concorrentes *deve* preencher corretamente as fichas de inscrição (e não *devem* preencher!).

8) **Concordância do verbo *ser***

Como se dá com a relação sintática de qualquer verbo e o sujeito da oração, o normal é que sujeito e verbo *ser* concordem em número:

José era um aluno aplicado.

Os dias de inverno são menores que os de verão.

Todavia, em alguns casos, o verbo *ser* se acomoda à flexão do predicativo, especialmente quando se acha no plural. São os seguintes os casos em que se dá esta concordância:

a) quando um dos pronomes *isto*, *isso*, *aquilo*, *tudo*, *ninguém*, *nenhum* ou expressão de

valor coletivo do tipo de *o resto*, *o mais* é sujeito do verbo *ser*:

Tudo *eram alegrias* e *cânticos* [RS.1, 5].

A concordância normal com o sujeito ocorre, apesar de mais rara:

Tudo é alegrias.

b) quando o sujeito é constituído pelos pronomes interrogativos *quem*, *que*, *o que*:

O que são comédias? [CBr.1, 40].

Quem eram os convidados?

Não sei *quem são os vencedores*.

c) quando o verbo *ser* está empregado na acepção de "ser constituído por":

A provisão *eram alguns quilos de arroz*.

d) quando o verbo *ser* é empregado impessoalmente, isto é, sem sujeito, nas designações de horas, datas, distâncias:

São dez horas? Ainda não *o são*.

Hoje *são 15* de agosto.

Da estação à fazenda *são três léguas* a cavalo [M. Said Ali].

OBSERVAÇÃO: Precedido o predicativo plural da expressão *perto de* é ainda possível vir o verbo *ser* no singular:

Era perto de duas horas quando saiu da janela [MA.3 *apud* SS].

Eram perto de oito horas [MA.3, *apud* SS].

e) quando o verbo *ser* aparece nas expressões *é muito*, *é pouco*, *é mais de*, *é tanto* e o sujeito é representado por termo no plural que denota preço, medida ou quantidade:

Sessenta mil homens *muita gente é* para casa tão pequena [RS.1, 1873, 172].

Dez reais *é pouco*.

Nas orações ditas equativas em que com *ser* se exprime a definição ou a identidade, o verbo, posto entre dois substantivos de números diferentes, concorda em geral com aquele que estiver no plural. Às vezes, um dos termos é um pronome:

A pátria não *é* ninguém: *são* todos [RB.3, 11].

Mas:

Justiça é tudo, justiça *é as virtudes todas* [AGa.2, 45].

Às vezes em vez de *ser* aparece o verbo *parecer*:

Essa imensa papelada

- - - - - - - - - - - - - - -

Parecem indiscrições [GD.3, II, 445].158

Se o sujeito está representado por pronome pessoal, o verbo *ser* concorda com o sujeito, qualquer que seja o número do termo que funciona como predicativo:

Ela *era* as preocupações do pai.

Na expressão, que introduz narrações, do tipo de *era uma princesa*, o verbo *ser* é intransitivo, com o significado de *existir*, funcionando como sujeito o substantivo seguinte, com o qual concorda:

Era uma princesa muito formosa que vivia num castelo de cristal.

Eram quatro irmãs tatibitates e a mãe delas tinha muito desgosto com esse defeito [CC.1, 292].

Com a expressão *era uma vez uma princesa*, continua o verbo *ser* como intransitivo e o substantivo seguinte como sujeito; todavia, como diz A.G. Kury, "a atração fortíssima que exerce o numeral *uma* da locução *uma vez*", leva a que o verbo fique no singular ainda quando o sujeito seja um plural:

Disse que *era uma vez* dois (...) compadres, um rico e outro pobre [CC.1, 31].

Era uma vez três moças muito bonitas e trabalhadeiras [CC.1, 120].

A verdade é que muitos idiomas, em textos de níveis distensos, apresentam essas irregularidades que se afastam do uso normal e padrão, principalmente quando o verbo é anunciado antes do sujeito, com alguma distância, como se o falante ao começar a oração pelo verbo ainda não tivesse decidido como iria apresentar formalmente a expressão do sujeito.

A moderna expressão *é que*, de valor reforçativo de qualquer termo oracional, aparece em geral com o verbo *ser* invariável em número:

*Nós é que s*omos brasileiros / Nós somos brasileiros.

Esses livros é que não compraremos agora.

Afastado do *que* e junto do termo no plural, aparece às vezes o verbo *ser* no plural:

São de homens assim *que* depende o futuro da pátria / De homens assim *é que* depende o futuro da pátria.

Foram nesses livros *que* estavam as respostas / Nesses livros *foi que* estavam as respostas.

Nas expressões que denotam operação aritmética do tipo *um e um*, *um mais um*, *um com um*, que funcionam como sujeito do verbo *ser* (*fazer*, *somar*, etc.), o verbo vai ao plural concordando normalmente com o sujeito:

— Sempre ouvi dizer que duas semanas são quinze dias.

— Eu também tenho ouvido, confessou o Dr. Magalhães. Mas é um engano. Uma semana tem sete dias. *Sete e sete não são* catorze? E então? [GR.2, 3.ª ed., 75].

9) **A concordância com *mais de um***

Depois de *mais de um* o verbo é em geral empregado no singular, sendo raro o aparecimento de verbo no plural:

"... *mais de um* poeta *tem* derramado..." [AH.2, 155].

"*Mais de um* coração de guerreiro *batia* apressado..." [AH.2, 169].

"Sei que há *mais de um* que não se *envergonham* dela" [AH.2, 169].

10) **A concordância com *que de***

Com *que de* (= que quantidade de, quanta) seguido de substantivo sujeito no plural o verbo vai ao plural:

Que de forças *existem* no coração feminino!

11) **A concordância com *quais de vós***.

Se o sujeito for constituído de um pronome plural de sentido partitivo (*quais, quantos, algumas, nenhuns, muitos, poucos,* etc.), o verbo concorda com a expressão partitiva introduzida por *de* ou *dentre*:

"*Quais dentre vós... sois* neste mundo sós e não tendes quem na morte regue com lágrima a terra que vos cobrir? *Quais de vós sois*, como eu, desterrados no meio do gênero humano?" [AH.1, 188-9].

Pode ainda ocorrer o verbo na 3.ª pessoa de plural:

"*quantos dentre vós estudam* conscienciosamente o passado?" [JA *apud* SS.1, § 456].

12) **A concordância com os pronomes relativos**

a) Se o sujeito da oração é o pronome relativo *que*, o verbo concorda com o antecedente, desde que este não funcione como predicativo de outra oração:

"Não gastava ele as horas *que* lhe *sobejavam* do exercício do seu laborioso ministério numa obra do senhor?" [AH.1, 18].

"Ó tu, *que tens* de humano o gesto e o peito" [LC.1, III, 127].

b) Se o antecedente do sujeito *que* for um pronome demonstrativo, o verbo da oração adjetiva vai para a 3.ª pessoa:

Aquele que trabalha acredita num futuro melhor.

Aqueles que trabalham acreditam num futuro melhor.

OBSERVAÇÃO:

Entra neste princípio a oração adjetiva que se substantiva mediante *o*, *a*, *os*, *as*:

Os que prometem fazer felizes os povos *são* ordinariamente os que pretendem sê-lo à custa deles. [MM].

Quando, por silepse, se quer incluir a pessoa que fala ou a que se dirige, pode-se pôr o verbo da oração adjetiva na 1.ª ou 2.ª pessoa do plural:

Por que a verdade é que somos nós *os que fabricamos* os próprios aspectos da natureza (...) [JR.2, 191].

Porque voltastes sem vo-lo eu ordenar, *vós os que tínheis* jurado obedecer-me em tudo? [AH.1, 223].

(...) *vós a que não tendes* nenhum préstamo de minhas mãos! [AH.3, 174, ed. 1878].

c) Se o antecedente do pronome relativo funciona como predicativo, o verbo da oração adjetiva pode concordar com o sujeito de sua principal ou ir para a 3.ª pessoa (se não se quer insistir na íntima relação entre o predicativo e o sujeito):

"Sou eu o primeiro que não *sei* classificar este livro" [AH.1, 311].

Fui o primeiro que *conseguiu* sair.

"Éramos dois sócios, que *entravam* no comércio da vida com diferente capital"[MA *apud* SS.1, § 461].

d) É de rigor a concordância do verbo com o sujeito de *ser* nas expressões de tipo *sou eu que*, *és tu que*, *foste tu que*, etc. (neste caso, era prática da língua até fins do séc. XVIII usar o artigo como antecedente do relativo: *sou eu o que*, etc.):

"Não fui eu que o *assassinei*" [AH *apud* SA.5, II, 75].

"Foste *tu que* me *buscaste*" [AH *apud* SA.5, II, 75].

e) Se ocorrer o pronome *quem*, o verbo da oração subordinada vai para a 3.ª pessoa do singular, qualquer que seja o antecedente do relativo, ou concorda com este antecedente:159

"Eram as paixões, os vícios, os afetos personalizados *quem fazia* o serviço dos seus poemas" [AH *apud* SA.5, 77].

"*És tu quem me dás* rumor à quieta noite,

És tu quem me dás frescor à mansa brisa,

Quem dás fulgor ao raio, asas ao vento,

Quem na voz do trovão longe *rouquejas*" [GD *apud* SA.5, 77].

f) Em linguagem do tipo *um dos... que*, o verbo da oração adjetiva pode ficar no singular

(concordando com o seletivo *um*)160 ou no plural (concordando com o termo sujeito no plural), prática, aliás, mais frequente, se o dito verbo se aplicar não só ao relativo mas ainda ao seletivo *um*:

"Este era *um dos que* mais se *doíam* do procedimento de D. Leonor"

[AH.2, 37].

"*Um dos* nossos escritores modernos *que* mais *abusou* do talento, e que mais portentos auferiu do sistema..." [AH.2, 46].

"Demais, *um dos que* hoje *deviam* estar tristes, eras tu" [CL.1, I, 190].

O singular é de regra quando o verbo da oração só se aplica ao seletivo *um*. Assim nos dizeres "foi um dos teus filhos que jantou ontem comigo", "é uma das tragédias de Racine que se representará hoje no teatro", será incorreto o emprego do número plural; o singular impõe-se imperiosamente pelo sentido do discurso" [Cr.2, 763].

13) **A concordância com os verbos impessoais**

Nas orações sem sujeito o verbo assume a forma de 3.ª pessoa do singular:

Há vários nomes aqui.

Deve haver cinco premiados.

Não o vejo *há* três meses.

Não o vejo *faz* três meses.

OBSERVAÇÃO: Os exemplos literários que se encontram de tais verbos no plural não ganharam foros de cidade: "Houveram alguns que aluminados da graça do Espírito Santo abraçaram o culto e a fé de Cristo" [FE.1, I, 20].

"*Houveram* coisas terríveis" [CBr *apud* JC, I, 98].

14) **A concordância com *dar* (e sinônimos) aplicado a horas**

Se aparece o sujeito *relógio*, com ele concorda o verbo da oração:

O *relógio deu* duas horas.

Não havendo o sujeito *relógio*, o verbo concorda com o sujeito expresso pela expressão numérica:

No *relógio deram* duas horas.

15) **A concordância com o verbo na passiva pronominal**

A língua padrão pede que o verbo concorde com o termo que a gramática aponta como sujeito:

Alugam-se casas.

Vendem-se apartamentos.

Fazem-se chaves.

Não *se perdem cinco contos*, como se perde um lenço de tabaco. *Cinco contos levam-se* com trinta mil sentidos, *apalpam-se* a miúdo, não *se* lhes *tiram* os olhos de cima, nem as mãos, nem o pensamento, e para *se perderem* assim totalmente, numa praia, é necessário que... [MA.1, 151].

OBSERVAÇÃO: Se o verbo estiver no infinitivo com sujeito explícito, o normal é usar o infinitivo flexionado como no exemplo acima de M. de Assis:

"e para *se perderem* assim..."

Todavia, aqui e ali, bons escritores deixam escapar exemplos com o infinitivo sem flexão:

Basta ver o que este bom povo é para *se avaliar* as excelências de quem assim o educou [CBr.6, 53].

16) **A concordância na locução verbal**

Havendo locução verbal cabe ao verbo auxiliar concordar com o sujeito:

"Bem sei que me *podem vir* com duas objeções que geralmente se *costumam fazer*" [AC.11 *apud* MBa.1, 215].

Se se considera *costumar fazer* como dois verbos principais sem que haja locução verbal, o *costumar* terá como sujeito a 2.ª oração que, considerada materialmente, vale como substantivo do número singular:

"Não *se costuma punir* os erros dos súditos sobre a efígie venerável dos monarcas" [RS *apud* MBa.1, 215]

Assim se poderá dizer:

As estrelas { *parecem brilhar* (loc. verbal)
parece brilharem (= parece brilharem as estrelas)

Em *as estrelas parecem brilharem* temos a contaminação sintática das duas construções, prática que deve ser evitada como norma.

Com *poder* e *dever* seguidos de infinitivo, a prática mais generalizada é considerar a presença de uma locução verbal, isto é, fazendo-se que o *poder* e *dever* concordem com o sujeito plural:

Podem-se dizer essas coisas.

Devem-se fazer esses serviços.

Todavia aparece o singular, corretamente:

Não é como a embriaguez que se *deve celebrar os sucessos* felizes (...) (M. Maricá, 3326).

São ambas construções corretas e correntes que se distinguem por apresentar diferentemente a ênfase sobre o sujeito da oração.

Quando, porém, o sentido determinar exatamente o sujeito verdadeiro, a concordância não pode ser arbitrária. Ex.: "*Quer-se inverter as leis*, e nunca *querem-se inverter as leis*. Neste caso, é evidente que o único sujeito possível é *inverter*" [JR.1, 322].

17) **A concordância com a expressão *não* (*nunca*)... *senão***

O verbo concorda com o sujeito que se interpõe na expressão exceptiva *não… senão* (ou *mais que*):

"Ao aparecer o dia, por quanto os olhos podiam alcançar, não se *viam* senão cadáveres" [AH.2, 117].

O mesmo ocorre com *não* (*nunca*)... *mais que* (*do que*):

Não se *viam* mais do que cadáveres.

Quando a exceção recai na 1.ª ou 2.ª pessoa, tem-se de dar outro torneio à oração, como, por exemplo:

Ninguém votou contra o projeto *senão nós três* [SA.2, 215].

Não haveria outro culpado *senão tu*.

OBSERVAÇÃO: Em vez de *não… mais que* pode-se usar *mais não… que*: "O som que vos fere os ouvidos *mais não é que* um rude eco da voz íntima" [*apud* MBa.4, 181]. Deve-se evitar o emprego de *que* em lugar de *senão*, por ser imitação do francês: "Isto não é *que* uma insolência" por "Isto não é *senão* uma insolência" [FF *apud* MBa.4].

Construção vernácula é o emprego de *que* por *senão* precedido de *outro*: *outro*, *outra coisa*, etc.: "Quando deu por ele, quis expeli-lo, para que entre ele e Fortunato não houvesse *outro laço que* o da amizade; mas não pôde" [MA.2 *apud* MBa.4]. "(...) sem obter *outra coisa que* a atenção cortês o acaso numa palavra sem valor" [MA.8 *apud* MBa.4].

18) **A concordância com títulos no plural**

Geralmente se usa o verbo no plural:

"Por isso, as *Cartas Persas anunciam* o Espírito das Leis" [MBa.6, XII].

Com o verbo *ser* e predicativo no singular pode ocorrer o singular:

"as *Cartas Persas é* um livro genial..." [MBa.6, XII].

Dos seus livros didáticos *é* o mais importante as *Lições de História do Brasil* professadas no antigo Colégio de Pedro II [JR.4, 76 da 15.ª ed.].

19) **A concordância no aposto**

Quando a um sujeito composto se seguem, como apostos, expressões de valor distributivo como *cada um*, *cada qual*, o verbo, posposto a tais expressões, concorda com elas:

Pai e filho *cada um seguia* por seu caminho [ED.2, 28].

Se o verbo vem anteposto a essas expressões, dá-se normalmente a concordância no plural com o sujeito composto ou no plural: "(...) não era possível que os aventureiros *tivessem cada um* o seu cubículo [JA *apud* SS.1, §465, obs.].

Eles *saíram cada um* com sua bicicleta.

20) **A concordância com *Haja vista***

A construção mais natural e frequente da expressão *haja vista*, com o valor de *veja*, é ter invariável o verbo, qualquer que seja o número do substantivo seguinte:

Haja vista os exemplos disso em Castilho [RB.1, 572].

Pode-se construir com o verbo no singular e substantivo seguinte à expressão precedido das preposições *a* ou *de*:

Haja vista às tangas [CBr.16, 61].

Haja vista dos elos que eles representam (...) [CBr *apud* CR.1, 624].

21) **A concordância do verbo com sujeito oracional**

Fica no singular o verbo que tem por sujeito uma oração, que, tomada materialmente, vale por um substantivo do número singular e do gênero masculino:

Parece que tudo vai bem.

Cá não se *usa* as noivas andarem a namoriscar à surdina [CBr *apud* MBa.1, 2.ª ed., 207].

É bom que compreendas estas razões.

Permanece no singular o verbo que tem como sujeito duas ou mais orações coordenadas entre si:

Que Sócrates nada escreveu e que Platão expôs as doutrinas de Sócrates *é sabido* [JR.1, 318].

22) **Concordância nas expressões de porcentagem**

Nas linguagens modernas em que entram expressões numéricas de porcentagem, a tendência

é fazer concordar o verbo com o termo preposicionado que especifica a referência numérica:

Trinta por cento *do Brasil assistiu* à transmissão dos jogos da Copa.

Trinta por cento *dos brasileiros assistiram* aos jogos da Copa.

Dois por cento *da assistência detestou* o filme.

Dois por cento *dos espectadores detestaram* o filme.

6 – Regência

Ao que dissemos no capítulo sobre complementos verbais e nominais e emprego de preposição, cumpre acrescentar os seguintes principais casos:

A preposição que serve a dois termos coordenados pode vir repetida ou calada junto ao segundo (e aos mais termos), conforme haja ou não desejo de enfatizar o valor semântico da preposição:

> As alegrias *de* infância e *de* juventude / As alegrias *de* infância e juventude.
>
> Precisava da ajuda *dos* pais e *dos* parentes / Precisava da ajuda *dos* pais e parentes.
>
> (...) mas as argolas do caixão foram seguras *pelos* cinco familiares e *o* Benjamim [MA *apud* MBa.4, 250].

A omissão da preposição parece ser mais natural quando não se combina com artigo, talvez porque em português (ao contrário, por exemplo, do francês e do espanhol) a presença de ambos leva-os a combinarem-se, como supõe Mário Barreto.

1) ***Isto é para eu fazer*** – Se a preposição seguida de pronome não serve de introduzir este pronome (que funciona como sujeito), mas um infinitivo, usam-se as formas retas *eu* e *tu*, e não *mim* e *ti*:

> Isto é para *mim* (a preposição rege o pronome).
>
> Isto é para *eu* fazer (a preposição rege o infinitivo: isto é, para que *eu* faça).

2) ***Pedir para*** – O verbo *pedir* pede objeto direto de coisa e indireto de pessoa a quem se pede:

> Pedi-lhe (obj. indireto) um favor (obj. direto).

Se o objeto direto é *licença* (ou equivalente), pode-se acrescentar uma oração adverbial de fim que indique o objetivo do pedido:

> Pediu-lhe *licença para sair* (ou *para que saísse*).

Este objeto direto *licença* pode calar-se, mas o sujeito de *pedir* terá de ser entendido como o mesmo do verbo da subordinada, para ter sanção tranquila na norma exemplar:

> O Antônio pediu-lhe para sair (i. é: o Antônio é quem sairá).
>
> Pediu para ajudar a vestir sua filha, mas não o obteve [CBr *apud* MBa.3, 2.ª ed. pág. 287 n.].

A linguagem coloquial aproximou as ideias de *pedir que algo aconteça* (oração objetiva direta) e *trabalhar para que algo aconteça* (oração adverbial final), passando a usar a preposição *para* a introduzir a oração que seria objeto direto do verbo *pedir*.

> *Pediu para que Antônio saísse*

em lugar de

Pediu que Antônio saísse.

Os gramáticos ainda não aceitaram a operação mental, apesar da insistência com que penetra na linguagem das pessoas cultas. O novo modo de expressão traz também uma ambiguidade, porque se fica sem saber qual é, na realidade, o sujeito da oração subordinada. Em:

Antônio pediu a José para sair,

custa-nos a dizer de pronto se quem sai é o mesmo Antônio ou José. O gramático só considera a expressão correta se o sujeito for Antônio, mas a linguagem coloquial constrói o período como se o sujeito fosse José, pois interpreta a oração subordinada como objetiva direta: *Antônio pediu que José saísse*.

Sob a alegação de que o objeto direto oracional não pode vir introduzido por preposição (argumento, aliás, fraco) é que gramáticos repudiam tal linguagem. Pode-se ver na construção o *para* como posvérbio iniciando a oração objetiva direta para denotar o interesse ou a insistência do pedido, como *cumprir o dever* ao lado de *cumprir com o dever*.

3) ***Está na hora da onça beber água*** – A possibilidade de se pôr o sujeito de infinitivo antes ou depois desta forma verbal nos permite dizer:

Está na hora de beber a onça água (posição rara)
Está na hora de a onça beber água (posição mais frequente).

Este último meio de expressão aproxima dois vocábulos (a preposição *de* e o artigo *a*) que a tradição do idioma contrai em *da*, surgindo assim um terceiro modo de dizer:

Está na hora da onça beber água,

construção normal que não tem repugnado os ouvidos dos que melhor conhecem e escrevem a língua portuguesa. Alguns gramáticos viram aí, entretanto, um solecismo, pelo fato de *se reger de preposição um sujeito*. Na realidade, não se trata de regência preposicional do sujeito, mas do contato de dois vocábulos que, por hábito e por eufonia, costumam vir incorporados na pronúncia. A lição dos bons autores nos manda aceitar ambas as construções, *de a onça beber água* e *da onça beber água*. Que a contração é possível mostram-nos os seguintes exemplos:

"... só voltou *depois do infante* estar proclamado regedor" [AH.2, 44]; "Sabia-o, senhor, *antes do caso* suceder" [AH.4, 267]; "se, por exemplo, me concederem um monopólio do plantar couves, *apesar das couves* serem uma das espécies de legumes" [RB *apud* PP]; "*Pelo fato do verbo restituir*, numa das suas acepções, e *entregar*, em certos casos, terem..." [CR.2, 579]; "*no caso do infinitivo* trazer compl. direto" [ED.2, § 289, b].

O problema que, do ponto de vista puramente gramatical, a rigor, termina nessa dupla possibilidade de emprego; já não se mostra indiferente do ponto de vista da necessidade de proferir o sujeito enunciando-o com maior ou menor realce. Deixa-se o domínio da gramática para se entrar no domínio da estilística, da expressividade. A não combinação da preposição com o sujeito garante o valor expressivo da preposição e a ênfase posta no sujeito: *É tempo de o povo querer melhores escolas*, diferente, sob o aspecto de expressividade, de *É tempo do povo querer melhores escolas*. A simples – e contrária à dupla possibilidade que a tradição literária registra – solução gramatical de rejeitar uma forma com privilégio de outra empobrece os recursos estilísticos da língua.

Pode-se evitar a combinação pondo o infinitivo entre a preposição e o sujeito, como fez Manuel Bandeira nesta passagem: E o Prefeito recordou que uma semana *antes de ser o*

grande romancista hospitalizado (...) [MB.1, II, 601].

4) **Migrações de preposição** – Com muita frequência vê-se migrar a preposição que deveria aparecer com o relativo para junto do antecedente deste pronome:

Não sei no que pensar por
Não sei o em que pensas

Ou:

Lisboa e Porto, *das quais cidades venho agora* por
Lisboa e Porto, *cidades das quais venho agora*
[LV.1, 312].

Destas migrações resultam giros mais agradáveis ao ouvido e que nos afastam de certas durezas de estilo artificial a que nos poderia levar a construção rigorosamente gramatical, como se depreende dos seguintes trechos de Rui Barbosa:

"Assim me perdoem, também, *os a quem* tenho agravado, *os com quem* houver sido injusto, violento, intolerante..." [RB.2, 23];
"e daí, com estupenda mudança, começa a deixar ver *o a que* era destinada..." [RB.2, 36].

Estas migrações correm na língua literária apadrinhadas pelos seus melhores representantes. Alexandre Herculano e Carlos de Laet nos dão testemunho do fato:

"A barra é perigosa, como dissemos; porém a enseada fechada é ancoradouro seguro, *pelo que* (= o por que) tem sido sempre couto dos corsários de Berbéria" [AH.2, 69];
"... até o induzirem a mandá-lo sair da corte, *ao que* (= o a que) D. Pedro atalhou com retirar-se antes que lhe ordenassem" [AH.2, 91].
"Eis para *o que* (= o para que) esperas utilizar o domínio dos ares" [CL in SS.3, 180].

É interessante a posição da preposição *de* a introduzir o predicativo quando se esperava antes do relativo:

"O que precisamos é *de* braços valorosos e de peitos resolutos"
[RS.2, IV, 184].

Note-se de passagem que, em construções como a do último exemplo, é possível haver o pleonasmo da preposição, a qual aparece antes do termo a que rigorosamente se prende e antes de *de braços*:

"O *de que* me não penitencio, é *do* esmero, bem ou malsucedido, que pus em dar os cuidados que dei à forma, com que nos veio da câmara o projeto" [RB.1, *apud* MBa.4, 3.ª ed., 235 e ss.].

5) **Repetição de prefixo e preposição** – Sem atentar para a tradição do idioma e de suas raízes latinas, alguns autores (p. ex., Cândido Figueiredo) condenam a concorrência de prefixo com preposição em usos como *con*correr *com*, *de*duzir *de*, *de*pender *de*, *in*cluir *em*, *a*derir *a*, *con*cordar *com*, *co*incidir *com*, etc. Daí repudiarem, por exemplo, a construção *consentâneo com*, recomendando se diga *duas coisas consentâneas* em vez de *uma coisa consentânea com outra*. Também substituem *uma coisa coincide com outra* por *uma coisa incide na outra*. São lições que, pela concorrência de prefixo e preposição, devem ser rejeitadas [VB.1].

6) **Complementos de termos de regências diferentes** – O rigor gramatical exige que não se dê complemento comum a termos de regência de natureza diferente. Assim não podemos dizer,

consoante este preceito:

Entrei e saí de casa

em lugar de

Entrei em casa e dela saí (ou equivalente),

porque *entrar* pede a preposição *em* e *sair* a preposição *de*.

Ao gênio de nossa língua, porém, não repugnam tais fórmulas abreviadas de dizer, principalmente quando vêm dar à expressão uma agradável concisão que o giro gramaticalmente correto nem sempre conhece:

"Tenho-o visto *entrar e sair do Colégio de S. Paulo*" [AH.5, I, 154];

"... que se deduz daí *a favor* ou *contra o direito* de propriedade literária?" [AH.7, II, 60].

Estendem certos autores a proibição aos dizeres em que duas ou mais preposições de sentido diferente, e até contrário, se referem a um só termo:

Com ou sem vantagens sairei

Antes e depois da luta

Para tais autores devemos dizer: *com vantagens ou sem elas*, *antes da luta e depois dela*, ou repetindo-se o substantivo como fez M. de Assis em:

"Os gritos da vítima, *antes da luta e durante a luta*, continuavam a repercutir dentro de mim" [*apud* MBa.3, 103].

Salvo as situações de ênfase e de encarecimento semântico de cada preposição, como a que se depreende do trecho acima, a língua dá preferência às construções abreviadas que a gramática insiste em condenar, sem, contudo, obter grandes vitórias.

7) **Termos preposicionados e pronomes átonos** – Tanto se pode dizer *não fujas* ***de mim*** como *não* ***me*** *fujas*:

O corajoso major tem afrontado teu irmão (...) mas Simão teme-o e *foge-lhe* com o pretexto de desafiar primeiro quem primeiro o ofendeu [CBr *apud* MBa.4, 273, de onde se colhem os exemplos abaixo].

Assim em vez de *pôs-se diante dele* se pode dizer *pôs-se-lhe diante*; em vez de *aparecer diante dele*, *aparecer-lhe diante*.

Nunca *me* tornaria a pôr a vista *em cima*.

Pretendem cair-*nos em cima*.

Tudo *lhe* girou *em volta*.

Sentaram-se-*lhe* em frente dois guardas.

Assim também em equivalência com a preposição *em*:

Deu um beijo *em* Nelina / Deu-*lhe* um beijo

Deu um abraço *em* Dolores / Deu-*lhe* um abraço

A mesma possibilidade se dá com verbos que se constroem com *de* ou *a* (*avizinhar-se*, *aproximar-se*, *acercar-se de*, entre outras) e *com* (*ralhar*, por exemplo):

Avizinhou-se *dela* / Avizinhou-se-*lhe*

Aproximar-se *dela* (ou *a ela*) / Aproximou-se-*lhe*

Ralhar *com o filho* / Ralhar-*lhe*

Vale lembrar aqui de passagem – pois não se trata de regência –, pois estamos falando de simplificações formais, que o mesmo processo se repete com alguns prefixos:

(...) o apalpá-la nas costelas *sobre* e *subjacentes* ao coração [CBr *apud* MBa.3, 113 n.].

(...) algumas faíscas de amor profano tinham entrado *ob* e *sub-repticiamente* (*Id.*, *ibid.*)

Esperemos, e oxalá não esperemos em vão, que chegue o dia longínquo em que todos os escritores *cis* e *transatlânticos* aprendam a sua língua (...) [MBa.3, 127n.].

Também nas expressões comparativas podem-se encontrar simplificações ou braquilogias, como nos seguintes exemplos muito comuns *tanto* (*tão*) *mais que*, *tanto* (*tão*) *ou menos que* (por *tanto* ou *quanto* e *mais que*, etc.):

A gota, o reumatismo, a ciática impacientavam-no *tanto ou menos que* o desmancho das coisas políticas [CBr.6, 55].

8) **Emprego de relativos precedidos de preposição** – O pronome relativo exerce função sintática na oração a que pertence:

a) *Sujeito*: O livro *que* está em cima da mesa é meu.

b) *Objeto direto*: O livro *que* eu li encerra uma bonita história.

c) *Predicativo*: Dividimos o pão como bons amigos *que* éramos.

d) *Complemento relativo*: O livro de *que* precisamos esgotou-se.

e) *Objeto indireto*: Este é o aluno *a que* dei o livro.

f) *Adjunto adverbial*: O livro *por que* aprendeste a ler é antigo. A casa *em que* moro é espaçosa.

g) *Agente da passiva*: Este é o autor *por que* a novela foi escrita.

As três primeiras funções sintáticas dispensam preposição enquanto as quatro últimas a exigem. Deve-se evitar, em língua literária, o emprego do relativo universal.

9) **Relação de regências de alguns verbos e nomes**161:

A

Abalançar-se a
aborrecer-se com
abrigado de
absolver– de
abster-se de
abundar em
abusar de
acabar– com
acautelar-se com
aceder a
acessível a
aceito a
acercar-se de
acomodar-se a
acontecer a, com
aconselhar– a
acordar com
acreditar– em
acudir a
acusar– de

adaptar– a
adequado a
aderir– a
admirar-se de, com, por
afastar– de
afável com, para com
afixar– a
agradar a
agradável a
agradecer a
agregar-se a
ajudar– a
ajuntar– a, -se com
alertar– de, sobre, contra
alhear-se de
alheio a
alimentar– com, de
almejar– por
aludir a
amante de
ameaçar– com, de
amercear-se de
amigo de
amofinar-se com
amoroso com, para com
análogo a
anelar por
ansiar– por, (trans. direto)
ansioso de, por
antecipar-se a
antepor– a
anterior a
apaixonar-se por, de
aparentado com
apartar– de
apear-se de
apegar-se a
apelar para, de
aperceber-se de
apetrechar-se com
apiedar-se de
aplicar-se a
apoderar-se de
apoiar-se em
aportar– a
aprender–
apressar-se a, em, por, para
aproveitar-se de
apto para, a

arguir– de
arrancar– de
aproximar-se a, de
arrepender-se de
arribar a
arrimar-se a
arriscar-se a
arrostar-se com
aspirar a (= desejar);
trans. direto (= inspirar)
assemelhar-se a, com
assenhorear-se de
assentir a
assinalar– com
assistir a (= presenciar)
assistir– (= ajudar)
assustar-se com
atapetar-se de, em
atemorizar-se com
atender– a
atestar contra, por
atento a, em
ater-se a
atinar com
atingir (sem *a*!)
atrair– a
atrever-se a, em
atribuir– a
aumentar
ausentar-se de
autorizar– a
avaliar– em
avaro de
averiguar– de
avesso a
avezar (-se) a
aviar-se de
ávido de
avir-se com
avisar– de
avizinhar-se de, a
avocar– a

B

bacharel em
bandear-se para
baixar– a
bastante a, para

bastar a
batalhar com
benéfico a
bater a, em
bem (fazer) em, de
blasfemar contra
blasonar de
bom para, para com
brigar com
brindar– com

C

cair em, sobre
calcar– a
capaz de, para
capitular– com
carecer de
caritativo com, para com
caro a
casar-se com
ceder– a
cego a
chamar 162
chegar (-se) a (não *em* junto
à expressão de lugar)
cheio de
cheirar a
cheiro a, de
chorar por
cingir– de, (-se) a
circunscrever-se a
circunvizinho de
clamar por
cobiçoso de
cobrar– de
cobrir– de
coetâneo de
coevo de, a
coexistir– com
coincidir– com
coligar-se com
combater– contra, por
combinar– com
começar a, por
comedir-se com, em
cometer– a
compadecer-se de
comparar– a, com

comparecer a
compatível com
compelir– a
competir com, a
compor-se de
comprazer– a, (-se) em, com
compreensível a
comprometer-se a
comprovar– com
comum a, de
comungar com
comunicar– a
comutar– em
concentrar– em
concordar com, em
conforme a, com
concorrer a, com
condenar– a
condescender com
condoer-se de
confabular com
confederar-se com
conferenciar com
confessar– a
confiar em, a
confinar com
conformar-se com, a
conforme com, a
confrontar– com
confundir-se com
congraçar-se com
congratular-se com
consagrar a
consentir em, tr. direto
considerar como
consistir em (e não *de*!)
consolar-se com
conspirar a, contra, para
constante em
constar de
constituir-se em
contagiar-se com
contaminar-se de, com
contemporizar com
contemporâneo de
contender com, de, sobre
contentar-se com, de, em
conter-se em
contíguo a

continuar em, com
contrapor a
contrário a
contribuir para, com
convalescer de
conversar– com 163
convencer-se de
converter– em, a
convidar– a, para
convir a, com, em
convocar– a, para
cooperar com, para
coroar– de, com
corresponder a, (-se) com
corrigir-se de
cotejar– com
crer– em, a
cristalizar– em
cruel com, para com
cuidadoso com
cuidar de, em (tr. direto)
culpar de
cúmplice em
cumprir com, a 164
curar-se de
curioso de
curtir-se em

D

dar a, em, com, por
dar-se (pressa) a, em
decair de
decidir sobre
declarar-se contra
declinar– de
dedicar– a
dedignar-se de
deduzir– de
deitar-se a, em, sobre
deleitar-se com, em, de
denotar– a, em
deparar– com
depender de
dependurar – de
depressivo de
derivar– de
desafiar– para
desagradar a

desagradável a
desalojar– de
desapegar-se de
desapossar– de
desapropriar– de
desatar– de, em
desatento a
desavir-se com
descansar– de
descansar com
descartar-se de
descender de
descer de, a
desconfiar de
descontar– de
descontente com
descuidar-se de
desculpar-se de, com
descurar-se de (não *por*)
desdizer-se de
desejoso de
desembaraçar-se de
desempenhar-se de
desenganar-se de
desertar– de
desesperar– de
desfavorável a
desfazer-se de
desgostar-se de, com
designar-se de
desistir de
desleal a
desobedecer a
despedir-se de
despenhar de
despojar– de
desprender– de
desquitar-se de
declinar a, para
destituir– de
deter-se em, com
determinar-se a
dever– de 165
devoto de
diferenciar– de
diferente de
difícil de
dignar-se de, a
digno de

diligente em, para
discordar de
discrepar em
disfarçar– em
dispensar– de, a
dispor– de, -se a, para
disposto a
disputar com
dissemelhante de
dissentir de
dissuadir– de
distar de
distinguir– de
distrair-se com
distribuir– a, por com, entre
ditoso com
diverso de
divertir-se com
divorciar-se de
dizer– de
doce a
dócil a, para com
doente de
doer-se de
dotado de
dotar– com, em
doutor em
duro de
duvidar de

E

eleger– por, em, como
embaraçar-se com
embeber– de, em
embelezar-se com
embevecer-se em, com
emboscar-se em
embriagar-se de, com
embutir– em
emendar-se de
empapar– de, em, com
empenhar-se por, em, com
emular com
empregar-se com
êmulo de
encarar– com
encarregar– de
encarniçar-se com, contra

encharcar-se em
encher– de
encomendar– a
encostar– a
encontrar-se com
enfadar-se com
enfastiar-se de, com
enfatuar-se com
enfeitar-se com
enfermar– de
enfurecer-se com, contra
engalanar-se com
enganar-se com, em
engenhar-se a
engolfar-se em
enlaçar-se em
enlear-se em
enraivecer-se contra
enredar-se em
ensaiar-se em, para
ensinar– a
entender de
entendido em
entregar-se a
entreter-se com, em
entristecer-se com, de
envaidar-se com, por
envelhecer– (sem *de*!)
equiparar a, com
equivalente a
equivaler– a
eriçado de
erigir (-se) em
erudito em
escapar a, de
escapulir de
escarmentado de, com
escarnecer de
escasso de
escolher– entre
escrupulizar em
escusar-se de
esforçar-se em, por, para
esmaltar– de
esmerar-se em
espantar-se com, de
especular– com, em
esperar– de, em
espraiar-se em

esquecer-se de
esquivar– de
esquivar-se a
essencial para
estabelecer-se com
estender-se em, a, por
estéril de
estimular– a, com
estranho a
estreito de, para
estribar-se em
estropiado de
exato em
exceder–, a, em, de
excetuar de
excitar– a
excluir– de
exercitar-se em
exortar– a
expor– a
extrair– de
exigir– de, a
eximir– de
exonerar– de
extorquir– a, de

F

fácil de
falar de, em, com, a, sobre
faltar com, a
falto de
fartar– com, de
farto em
fatigar-se de, com
favorável a
favorecer– com, de
fechar (-se) a
fecundo em
feder a
felicitar– por, de
fértil de, em
fiar-se em, de
fiel a
fincar-se em
firme em
florescer em
folgar de, em
formar-se em

forrar– de, com
forte de, em
fraco de, em
franco para com, de, em
franquear– de, a
frouxo de
fugir– de, a
fundar-se em
furioso com, de
furtar– a, de

G

gabar-se de
galardoar– com
ganhar– de, a
generoso com
glorificar-se de
gordo de
gostar de
gostoso a
gozar de
graduar-se em
grande de
grato a
gravar– com
gravoso a
grosso de
guardar-se de
guarnecer com
guerra a
guindar-se a

H

hábil em
habilitar– com, para
habituar-se a
habituado a
haver-se com
herdar– de
hesitar em, sobre
horror a
hostil a
humilhar-se a

I

ida a
idêntico a

idôneo para, a
imbuir-se de, em
imediato a
impaciente com
impedir– de, a
impelir– a
impenetrável a
impetrar– de, a
implicar com 166
impor– a
importar a (impessoal),
de (país), em (quantia) 167
inconsequente com
impossibilitar– para, a
impossibilidade de
impossível de
impotente contra, para
impróprio para
imputar– a
inábil para
inabilitar– para
inacessível a
incansável em
incapaz de, para
incerto de, em
incessante em
incidir em
incitar– a
inclinar– a, para
incluir– em
incompatível com
incompreensível a
inconsequente com
inconstante em
incorporar– a, em
incorrer em
incrível a, para
inculcar– em
incumbir– de
indébito a
indeciso em
indenizar– de
independente de, em
indiferente a
indignar-se com
indigno de
indispor– contra, (-se) com
indócil a
indulgente para, para com

indultar– de
induzir– a, em
inerente a
inexorável a
infatigável em
infeccionar– em
inferior a
inferior de
infestar– de
infiel a
inflamar-se de
inflexível a
influir em, para, sobre
informar– sobre, de,
(-se) de
ingerir– em
ingrato com, para com
inibir– de
iniciar– em, a
inimigo de
inimizar-se com
injuriar com
inocente de
inquietar-se de, com
insaciável de
insensível a
inseparável de
inserir– em
insinuar– em
insípido a
insistir sobre, em
instar– por, a
instruir– de, em, sobre
inteirar-se de
intercalar entre
interceder por
interessar-se por
interesse em, por
intermédio a
internar-se em
interpolar– entre, com
interpor– entre
interrogar a
intervir em
intolerante com, para com
inundar– de, em
intrometer-se em
inútil para, a
investir contra, com

irmanar– com
isentar– de

J

jactar-se de
jubilar– em
juncar– de
juntar– a, com
justificar– de, a; (-se)

L

lamentar-se de
lançar– em (-se) sobre
lastimar-se de
leal a, com, para com
lembrar-se de
lento em
levar– em, a, por
liberal com
libertar– de
lidar com
ligar– a, com
ligeiro de
limitar-se a, com
limitado de
limpar– em, a (-se), de, em
limpo de
lisonjear-se de
litigiar com, contra
livrar– de
livre de
lograr (-se) de
longe de
longínquo de
louco de, com
lutar com, contra

M

maior de, entre
maldizer– de
maliciar– de
malquistar-se com
manco de
mancomunar-se com
manso de
manter-se com
maquinar– contra

maravilhar-se com, de
matizar– de
mau com, para,
para com
mediano de, em
mediar entre
medir (-se) com, por
meditar em, sobre
medrar– em
melhorar de
menor de
merecer de
mergulhar– em
mesclar– em
meter-se– a, em juiz
mimosear– com
ministrar– a
misericordioso com, para com
moderar-se em
mofar– de, com
molestar– com
molesto a
morador em168
moroso de, em
morrer de, por
mortificar-se com
motejar– de
mudar– de; mudar-se para
murmurar– de

N

namorar 169
namorar-se de, namorar
(tr. direto), com
natural de
necessário a
necessitar de
negligente em
negar-se a
negociar– em, com
nivelar-se a, com
nobre de, em, por
nocivo a
nutrir-se de, com

O

obedecer a

obediente a
oblíquo a
obrigar– a
obrigação de
obsequioso com
obstar– a
obstinar-se em
obviar– a
ocupar-se com, em, de
ódio a, de, contra,
para com
odioso a, para
ofender– com, por
ombrear-se a, com
oneroso a
opinar sobre, de
opor (-se) a
oposto a
oprimir– com
optar por, entre
orar por
orgulhoso com, para
com, de

P

pactuar com
padecer de
pagar– a, de, em 170
pálido de
parco em, de
parecer com, a, de
parecido a, com
paralelo a
participar– de, em, a
pasmar de
passar de, com, em
passível de
peculiar a
pegar de, em
pender– de, a
pendurar– de, a
penetrado de
pensar em
perdoar– a
perfumar– com
perguntar a, por
perito em
permutar– com, por

pernicioso a
perpendicular a
persistir em
perseverar em
persuadir– de
pertencer a, pertencer
para (= ser próprio de)
pertinaz em
pesado a
pesar de (impessoal), a
piedade de
pleitear– com, contra
pobre de
poderoso para, em
porfiar em, por
pospor– a
possível de
possuído de
posterior a
povoar– de
prático em
precaver-se contra, de
preceder– em
precisar de
proeminência sobre, de
preferir– a 171
prejudicial a
preocupar-se com
preparar-se para
preponderar sobre
prescindir de
presentear– com
preservar– de
presidir– a, em
prestes a, para
presto a, para
presumir de
prevalecer– sobre
prevenir– de, para, contra
prezar-se de
primeiro de, dentre, a, em 172
privar– de, com
proceder a, com
processar– por
pródigo de, em
professar– em
proibir– a
promover– a
pronto para, em

propender para
propício a
propínquo de
próprio para, de
proporcionado a, com
prorromper em
prosseguir– em
prestar por
protestar contra
provar– de, a
proveitoso a
prever– a, de
provocar– a, contra
próximo a, de
pugnar por, contra
purgar-se de
purificar-se de
puxar– de, por

Q

quadrar– com
qualificar– de
queixar-se a, de
querelar contra
querer– a173
quebrado
querido de, por
quebrantar-se com

R

radicar-se em
ralhar com
rebaixar– de, -se a
rebelde a
rebentar de
recair em, sobre
reclamar– contra
reclinar-se sobre
recolher-se a
recomendar– a
recompensar com
reconciliar-se com
reconvir sobre
recorrer a
recostar-se sobre, em
recrear-se com
recusar– a

redundar em
reduzir– a (não *em*)
referir-se a
refletir em, sobre
refugiar-se em
regalar-se com
regar– de
regozijar-se de, com
regular-se por
reincidir em
reintegrar– em
rejubilar com
relaxar-se em
remontar– a
remover– de
renascer a
render-se a
renegar de
rente com, a, de
renunciar a
repartir entre, com, por
representar– contra
reptar para
requerer– a
resguardar-se de, contra
residir em
resignar-se a, com
resistir a
resolver-se a
respeito a, de, por
responsável por
ressentir-se de
restabelecer-se de
resultar de
retirar-se de, a
retrair-se a
retratar-se de
retroceder– a, para
revestir– de, com
rico de, em
rígido de
rijo de
rir-se de
rivalizar– com
roçar-se com
rodear-se de, com
rogar– por
romper– com

S

saber a (ter gosto), de
sábio em
sacar– de
saciar– de, a
sacrificar– a, (-se) por
sacudir– de
safar-se de
sair de, (-se) com
salpicar– de
salvar– de
sanar de
são de
sarar– de
satisfazer– a, (-se) com
seco de
sedento de, por
seguro de, em
segregar– de, a
semelhante a
semelhar– a
sensível a
sentir-se de
separar– de
serviço em
servir– a, (-se), de, para
severo com, para com, em
sindicar de
singularizar-se por
sito em174
soberbo com, de
sobrar a
sobreviver a
sobrevir a
sobrepujar– em
sobressair em, por
sobressaltar-se com
sóbrio de, em
socorrer– (-se) de, com, a
sofrido em
solicitar– de
solícito com
solto de
sonhar com
sortir de
submeter– a
subordinar– a
sub-rogar em

subsistir com
substabelecer em
substituir– por, a
subtrair– de, (-se) a
suceder a
sujar-se com
sujeitar-se a
sujo de
sumir-se em
superior a
suplicar– a
surdo a, de
surpreender-se com
suspeitar de
suspeito a, de
suspender– de
sustentar-se de, com
suster– com
suster-se de

T

tachar– de
tapar– com
tapizar de
tardar em
tardo a, em
tauxiado de
teimar em
temer de, por
temeroso de
temível a
terçar– com
terminar em, por
terno de
timbrar em, de
tingir– de
tirar– de
tiritar de
topar com
tornar a
trabalhar de, por, para, em
traduzir– em, para, de
traficar– com, em
traidor a, de
transbordar– de
transferir– a
transfigurar-se em
transformar– em

transido de
transitar por
transplantar– de, para
transportar-se de
trasladar– a, em, de
tratar– de
travar-se de
tremer de
tresandar a
trespassado de
tributar– a
triste de, com
triunfar de
trocar– por, de

U

ufanar-se de, com
último em, de, a
ultrajar– com
ungir– com
único em
uniformizar– com
unir– a, com
untar– de, com
usar– de
útil a, para
utilizar-se de

V

vacilar em
valer-se de, valer–, a
vangloriar-se de, por
variar– de, em
vazar– em
vazio de
vedar– a
velar– por, em,
versado em
verter– de, para, em
vestir-se com, de
viciar-se com ,em
vincular– a
vingar-se de, em
visar– (= pretender) a,
visar– (= dar o visto)
visível a
vizinho a, de

voltar de, a

Z

zangar-se com
zombar de
zelar por

7 – Colocação

Sintaxe de colocação* ou *de ordem – é aquela que trata da maneira de dispor os termos dentro da oração e as orações dentro do período.

A *colocação*, dentro de um idioma, obedece a tendências variadas, quer de ordem estritamente gramatical, quer de ordem rítmica, psicológica e estilística, que se coordenam e completam. O maior responsável pela ordem favorita numa língua ou grupo de línguas parece ser a entonação oracional. Entre os casos de colocação usual ou normal em português sobressaem os seguintes:

a) a colocação do adjunto preposicionado depois do seu substantivo:
a casa *de Vera*

b) a colocação do adjunto adjetivo depois do seu substantivo:
homem *rico*

c) a colocação do adjunto não representado por adjetivo (artigo, pronome adjunto, quantificadores) antes do substantivo:
o homem bom
meu tio rico
sete pecados capitais
muitos livros raros

d) a colocação do verbo depois do sujeito, não havendo passiva com o pronome *se* ou quando não se trata de interrogação parcial com pronome não sujeito ou advérbio interrogativo:
Dudu mudou de colégio.
Mas: Aluga-se *esta casa*. Por que cometeu *ele* essa falta?

e) a colocação do complemento verbal depois do verbo:
Compramos *maçãs*.
Assistiram *ao filme*.
Bebel é *estudiosa*.

f) a colocação do objeto direto antes do indireto, quando constituídos por substantivos:
Escreveram *cartas ao sócio prejudicado*.

g) a colocação do objeto indireto antes do direto, quando constituídos por pronomes (ou o direto por substantivos):
Escreveram-*lhe cartas*.
Escreveram-*lhas*. (*lhe* + *as*)
"O português pertence ao número daquelas que se caracterizam pelo ritmo ascendente, em que se anuncia o termo

menos importante e depois, com acentuação mais forte, a informação nova e de relevância para o ouvinte" [SA.2, 270].

Isto nos leva a uma ordem considerada *direta*, *usual* ou *habitual*, que consiste em enunciar, no rosto da oração, o sujeito, depois o verbo e, em seguida, os seus complementos, como vimos antes.

A ordem que saia do esquema SVC (sujeito – verbo – complemento) se diz *inversa* ou *ocasional*.

Chama-se *anástrofe* a ordem inversa que colide com a norma geral da colocação:

De teus olhos a cor vejo eu agora

Quando a colocação chega a prejudicar a clareza da mensagem, pela disposição violenta dos termos, diz-se que há um *hipérbato*:

a grita se levanta ao céu da gente por

a grita da gente se levanta ao céu [MC.4, s.v. Ambiguidade].

Diziam os retóritos que o hipérbato era a forma de expressões da paixão. Quando a deslocação cria a ambiguidade ou mais de uma interpretação do texto, alguns autores dão à forma o nome *sínquise*.

Quase sempre essa deslocação violenta dos termos oracionais, fonte de ambiguidades, exige, para o perfeito entendimento da mensagem, nosso conhecimento sobre as coisas e de ordem cultural:

Abel matou Caim

Pela lição bíblica não se há de entender que Abel praticou a ação e Caim a sofreu, mas sim ao contrário.

Sendo a ordem direta um padrão sintático, a ordem inversa, como afastamento da norma, pode adquirir valor estilístico. E realmente se lança mão da ordem inversa para enfatizar esse ou aquele termo oracional.

Posto no rosto da oração um termo sobre o qual queremos chamar a atenção do nosso ouvinte, quebra-se a norma sintática e consegue-se o efeito estilístico desejado. Por um jogo natural de oposição, a ordem direta também pode assumir valor estilístico para traduzir situações do campo da novidade. O estilo descritivo ama a ordem direta; José de Alencar tirou dela notáveis efeitos no seguinte trecho:

"A tarde ia morrendo. O sol declinava no horizonte e deitava-se sobre as grandes florestas, que iluminava com os seus últimos raios. A luz frouxa e suave do acaso, deslizando pela verde alcatifa, enrolava-se como ondas de ouro e de púrpura sobre a folhagem das árvores. Os espinheiros silvestres desatavam as flores alvas e delicadas; e o ouricuri abria as suas palmas mais novas, para receber no seu cálice o orvalho da noite. Os animais retardados procuravam a pousada; enquanto a juriti, chamando a companheira, soltava os arrulhos doces e saudosos com que se despede o dia. Um concerto de notas graves saudava o pôr do sol, e confundia o rumo da cascata, que parecia quebrar a aspereza de sua queda, e ceder à doce influência da tarde. Era Ave-Maria" [JA.2, 37].

O ritmo ascendente predominante no português, dispondo os termos de acentuação mais fraca e menos significativos antes dos termos mais fortes, estabelece as seguintes normas válidas para as situações em que não predomine a linguagem emocional, algumas delas já enunciadas anteriormente e agora completadas:

a) os artigos, os pronomes (adjuntos), os quantificadores (com exceção dos cardinais com valor de ordinais) se antepõem:

O livro, *um* livro, *este* livro, *meu* livro, *cada* livro, *três* livros;

b) a preposição vem antes de um termo nominal ou pronominal:

de noite, *a* ele;

c) o advérbio *não* precede o verbo:

não quero;

d) o verbo auxiliar precede seu verbo principal:

hei de ver, *quero* dizer, *costuma* falar

e) o adjetivo monossilábico modificador precede o nome de maior extensão fonética:

bom dia, *má* hora, etc.

f) o adjetivo que exprime forma ou cor vem depois do substantivo, especificando seu conceito e o opondo a outros da espécie:

rua larga, *blusa verde*;

g) vem antes o adjetivo empregado não para designar o seu sentido próprio, mas para atribuir uma significação figurada:

grande homem / homem grande

"... eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor" [MA.1, 1].

h) Numa sequência de dois adjetivos e um substantivo, aqueles aparecem em geral juntos: *Bons e estimados livros* ou *Livros bons e estimados*. A quebra desta disposição, pondo o substantivo no meio, é recurso comum na poesia, mas também não ausente na prosa artística: *Bons livros e estimados*. No seguinte passo João Ribeiro afastou ainda mais os dois adjetivos:

E quando foi noite, a donzela *transida* de terror e *lagrimosa* buscou o eremita [JR.2, 97].

i) Na sequência dos pronomes sujeitos *eu* e *tu*, *eu* e *ele* ou entre *eu* + pronome de tratamento ou substantivo, em geral a série começa com *eu*:

Eu e ele saímos juntos.

Todavia a inversão é possível (apesar de já ter sido apontada como francesismo), especialmente quando, por delicadeza e educação, se quer dar precedência ao interlocutor:

Estamos no Minho, o leitor e eu [CBr.12, 1].

E assim galgamos ele e eu o rochedo [JR.2, 194].

Colocação dos termos na oração e das orações no período – A norma sintática do português registra os seguintes casos:

1.º) Põe-se de ordinário o sujeito representado por substantivo depois do verbo na passiva pronominal:

Alugam-se casas.

Outra posição pode mudar a análise da oração, desde que entre um termo a que nossa tendência anímica atribua a realização da oração. Note-se a diferença contextual entre *Abriu-*

se a porta (voz passiva) e *A porta abriu-se* (voz ativa).

A norma já não é imperiosa se o sujeito está representado por um pronome:

Aquilo nunca se vira por ali [JL.1, 74].

2.º) Nas orações reduzidas de gerúndio e particípio, o sujeito vem depois do verbo:

Terminando o discurso, dirigiu-se ao hotel.

Terminado o discurso, dirigiu-se ao hotel.

3.º) O verbo vem no início das orações que indicam existência (*ser*, *existir*, *haver*, *fazer*), tempo, peso, medida:

Era uma vez um príncipe

Existiam várias razões

Houve discussão

Faz três anos que não o vejo

São várias horas de distância

Faltam dois dias para a festa

4.º) O verbo no início das subordinadas condicionais e concessivas sem transpositor:

Tivesse-me ele dito a verdade, tudo acabaria bem.

Acabasse falando comigo, mesmo assim não lhe perdoaria.

5.º) Nas orações intercaladas de citação, o sujeito vem de ordinário depois do verbo:

Suma-se – ordenou *o policial*.

6º) Nas interrogações introduzidas por pronomes e advérbios (*quem*, *que*, *o que*, *quanto*, *qual*, *como*, *quando*, *onde*, *por que*), o verbo vem em geral antes do sujeito, desde que este não seja o pronome interrogativo:

Quem veio aqui? (*quem* sujeito)

De quem falava você quando chegamos?

Como foi ele passar nessa encrenca?

Usa-se ainda, neste caso, sujeito antes do verbo ou a palavra interrogativa no fim da oração:

De quem você falava?

Ele comprou o quê?

OBSERVAÇÃO: Na pergunta retórica costuma-se pôr o sujeito antes do verbo em construção do tipo: *O médico aconselhou esta dieta, e você seguiu?*

7.º) Nas orações exclamativas, de sentido optativo ou não, é frequente o sujeito vir depois do verbo:

Como era verde o meu vale!

Viva o rei! (construção fixa)

8.º) A oração subordinada subjetiva vem normalmente depois do verbo regente:

Consta que o trem atrasou.

Ficou patente que o progresso começara.

É aconselhável que não se retirem agora.

9.º) A oração subordinada adverbial causal iniciada por *como* vem em geral no início do enunciador de sua principal:

Como o tempo melhorou, sairemos agora.

10.º) Numa sequência de pronomes átonos, vem em primeiro lugar o que funciona como objeto indireto seguido do objeto direto:

Eu vo-lo darei

Nunca *lho* dissemos

OBSERVAÇÃO: Nas ocorrências com o pronome *se* + *me*, *te*, *lhe*, *nos*, *vos*, o *se* vem sempre em primeiro lugar:

Não *se me* afiguram boas as soluções.

Pouco *se nos* dá esse tipo de solução.

11.º) Diante de negação, o pronome átono pode vir antes ou depois do advérbio *não*:

Ele *não me* disse. Ele *me não* disse (rara entre brasileiros)

12.º) Não raro se intercala uma ou mais palavras entre o pronome átono em próclise e o verbo:

Eram grandes raids, entradas, como se então dizia" [AAr.2, 128].

13.º) Nas orações em que entra verbo intransitivo parece haver preferência da posposição do sujeito, como indica esta passagem de Garrett:

"Assim passaram *meses*, assim correu *o inverno* quase todo, e já as amendoeiras se toucavam de suas alvíssimas flores de esperança, já uma depois de outras iam renascendo *as plantas*, iam abrolhando *as árvores*; logo vieram *as aves* trinando seus amores pelos ramos... insensivelmente era chegando *o mês* de abril, estávamos em plena e bela primavera" [AGa *apud* GM.1, 365].

14.º) Por elegância e ênfase de expressão, pode-se deslocar para antes do pronome relativo o predicativo da oração adjetiva:

Daniel, *professor* que foi daquela escola, nunca se dispôs a mudar de cidade.

Colocação e clareza – Levadas em conta as construções fundamentais de que a linguagem natural e espontânea não costuma afastar-se, é certo que para a estrutura oracional temos em português bastante liberdade. Esta, porém, é maior no verso, em que ocorrem certas transformações complementares estranhas não só ao falar comum, mas ainda ao discurso limado. Alguns escritores abusaram da liberdade poética, a ponto de tornarem a linguagem obscura e quase ininteligível:

"Ama a vivenda dos contrários ao fogo undosos rios" (Castilho)

"A do rei potente mimosa filha

Dos sem conto que há passado maléficos portentos" [AC *apud* SA.2, 276].

Colocação dos pronomes pessoais átonos e do demonstrativo *o* é questão de fonética sintática – Durante muito tempo viu-se o problema apenas pelo aspecto sintático, criando-se a falsa teoria da "atração" vocabular do *não*, do *quê*, de certas conjunções e tantos outros vocábulos. Graças a notáveis pesquisadores, e principalmente a Said Ali, passou-se a considerar o assunto pelo aspecto fonético-sintático. Abriram-se com isso os horizontes,

estudou-se a questão dos vocábulos átonos e tônicos, e chegou-se à conclusão de que muitas das regras estabelecidas pelos puristas ou estavam erradas, ou se aplicavam em especial atenção ao falar lusitano. A Gramática, alicerçada na tradição literária, ainda não se dispôs a fazer concessões a algumas tendências do falar de brasileiros cultos, e não leva em conta as possibilidades estilísticas que os escritores conseguem extrair da colocação de pronomes átonos. Daremos aqui apenas aquelas normas que, sem exagero, são observadas na linguagem escrita e falada das pessoas cultas. Não se infringindo os critérios expostos, o problema é questão pessoal de escolha, atendendo-se às exigências da eufonia. É urgente afastar a ideia de que a colocação brasileira é inferior à que os portugueses observam, porque:

> "*a pronúncia brasileira diversifica da lusitana; daí resulta que a colocação pronominal em nosso falar espontâneo não coincide perfeitamente com a do falar dos portugueses*" [SA.2, 279].

O pronome átono pode assumir três posições em relação ao vocábulo tônico, donde a *ênclise*, *próclise* e *mesóclise*.

Ênclise é a posposição do pronome átono (vocábulo átono) ao vocábulo tônico a que se liga:

> Deu-*me* a notícia.

Próclise é a anteposição ao vocábulo tônico:

> Não *me* deu a notícia.

Mesóclise é a interposição ao vocábulo tônico:

> Dar-*me*-ás a notícia.

Critérios para a colocação dos pronomes pessoais átonos e do demonstrativo *o*.

A – Em relação a um só verbo

1.º) Não se inicia período por pronome átono:

> "Sentei-*me*, enquanto Virgília, calada, fazia estalar as unhas" [MA.1, 125].
>
> "Não! *vos* digo eu!" [AH *apud* FB.1, 197].
>
> "Querendo parecer originais, *nos* tornamos ridículos ou extravagantes" [MM].

Observações:

1.ª) Ainda que não vitoriosa na língua exemplar, mormente na sua modalidade escrita, este princípio é, em nosso falar espontâneo, desrespeitado, e, como diz Sousa da Silveira, em alguns exemplos literários, a próclise comunica "à expressão encantadora suavidade e beleza" [SS.1, § 523, a, obs.]. Alguns modernistas, com Mário de Andrade à frente, tentaram estender essa próclise inicial de enunciado a todos os pronomes átonos, exagerando, porque isto não ocorre com *o*, *a*, *os*, *as*: *O vi.* Depois, só Mário persistiu no uso, apesar das ponderações de Manuel Bandeira.

2.ª) Preso a critério de *oração* (e não *período*, como aqui fizemos), Rui Barbosa [RB.1] tem por errônea a colocação em: "Se a simulação for absoluta, sem que tenha havido intenção de prejudicar a terceiros, ou de violar disposições de lei, e for assim provado a requerimento de algum dos contratantes, – *se julgará o ato inexistente*". Os que adotarem o critério de *oração*, só aceitam a posição inicial do pronome átono na intercalada de citação, como ocorre no exemplo de Herculano acima transcrito.

3.ª) Em expressões cristalizadas de cunho popular aparece o pronome no início do período: "*T'esconjuro*!... *sai*, *diabo!...*" [MA.1, 97].

2.º) Não se pospõe, em geral, pronome átono a verbo flexionado em oração subordinada:

"Confesso que tudo aquilo *me* pareceu obscuro " [MA.1, 79].

"Se *a* visse, iria logo pedi-la ao pai" [MA.1, 87].

"Tu que *me* lês, Virgília amada, não reparas na diferença entre a linguagem de hoje...?" [MA.1, 91].

OBSERVAÇÃO: Quando se trata de orações subordinadas coordenadas entre si, às vezes ocorre a ênclise do pronome átono na segunda oração subordinada. Também quando na subordinada se intercalam palavras ou oração, exigindo uma pausa antes do verbo, o pronome átono pode vir enclítico: "Mas a primeira parte se trocou por intervenção do tio Cosme, que, ao ver a criança, *disse-lhe* entre outros carinhos..." [MA *apud* MBa.2, 197]. Em todos estes e outros casos que se poderiam lembrar, a ação dos gramáticos se tem dirigido para a obediência ao critério exposto, considerando esporádicos e não dignos de imitação os exemplos que dele se afastam.

3.º) Não se pospõe pronome átono a verbo modificado diretamente por advérbio (isto é, sem pausa entre os dois, indicada ou não por vírgula) ou precedido de palavra de sentido negativo:

"Não *me* parece; acho os versos perfeitos" [MA.1, 69].

Sempre *me* recebiam bem.

Ninguém *lhe* disse a verdade.

Se houver pausa, o pronome pode vir antes ou depois do verbo:

"Ele esteve alguns instantes de pé, a olhar para mim; depois estendeu-*me* a mão com um gesto comovido" [MA.1, 86].

OBSERVAÇÃO: Como já foi indicado antes, o pronome átono, não inicial, pode vir antes da palavra negativa:

(...) descia eu para Nápoles a busca de sol que *o não* havia nas terras do norte [JR.2, 187].

4.º) Não se pospõe pronome átono a verbo no futuro do presente e futuro do pretérito (condicional). Se não forem contrariados os princípios anteriores, ou se coloca o pronome átono proclítico ou mesoclítico ao verbo:

"Teodomiro *recordar-se-á* ainda de qual foi o desfecho do amor de Eurico..." [AH.1, 60].

"Os infiéis... *contentar-se-ão*, talvez, com as riquezas..." [AH.1, 146].

5.º) Não se pospõe ou intercala pronome átono a verbo flexionado em oração iniciada por palavra interrogativa ou exclamativa:

"Quantos *lhe* dá?" [MA.1, 97].

"Quem *me* explicará a razão dessa diferença?" [MA.1, 158].

Como *te* perseguem!

B – EM RELAÇÃO A UMA LOCUÇÃO VERBAL

Temos de considerar dois casos:

a) Auxiliar + { infinitivo: ***quero falar*** / ou / gerúndio: ***estou falando*** }

Se os princípios já expostos não forem contrariados, o pronome átono poderá aparecer:

1) Proclítico ao auxiliar:

Eu *lhe* quero falar.

Eu *lhe* estou falando.

2) Enclítico ao auxiliar (ligado por hífen).

Eu quero-*lhe* falar.

Eu estou-*lhe* falando

(...) e a conversação de Adrião *foi-a* lentamente acostumado à sua presença [EQ.4, 56].

3) Enclítico ao verbo principal (ligado por hífen):

Eu quero falar-*lhe*

Eu estou falando-*lhe* (mais raro)

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Com mais frequência ocorre entre brasileiros, na linguagem falada ou escrita, o pronome átono proclítico ao verbo principal, sem hífen:

Eu quero *lhe* falar

Eu estou *lhe* falando

A Gramática clássica, com certo exagero, ainda não aceitou tal maneira de colocar o pronome átono, salvo se o infinitivo está precedido de preposição: *Começou a lhe falar* ou *a falar-lhe*.

2.ª) Com o infinitivo podem-se contrariar os princípios 2.º e 3.º anteriormente formulados:

Eu não quero falar-*lhe*

Espero que não queira falar-*lhe*

3.ª) Nas construções com o verbo *haver* do tipo *há-se de + infinitivo* ou *há de se + infinitivo*, esta última é mais corrente e a primeira, mais comum em Portugal, aparece apenas como reminiscência literária:

"(...) e *hão-me* ainda a face

De encobrir ervançais, para não *ver-te*" [AO *apud* SS.1, § 524, 3, obs.].

b) Auxiliar + particípio: ***tenho falado***...

Não contrariando os princípios iniciais, o pronome átono pode vir:

1) Proclítico ao auxiliar:

Eu *lhe* tenho falado.

2) Enclítico ao auxiliar (ligado por hífen):

Eu tenho-*lhe* falado

Jamais se pospõe pronome átono a particípio. Entre brasileiros também ocorre a próclise ao particípio:

Eu tenho *lhe* falado.

Posições fixas – A tradição fixou a próclise ainda nos seguintes casos:

1) com o gerúndio precedido da preposição *em*:

"Ninguém, desde que entrou, *em* lhe chegando o turno, se conseguirá evadir à saída" [RB.2, 30].

2) nas orações exclamativas e optativas, com o verbo no subjuntivo e sujeito anteposto ao verbo:

Bons ventos *o* levem!

Deus *te* ajude!

Explicação da colocação dos pronomes átonos no Brasil – Nos princípios anteriormente comentados, vimos certas tendências brasileiras que nem sempre a Gramática agasalha como dignas de imitação, presa que está a um critério de autoridade que a linguística moderna pede seja revisto.

Sobre o assunto, em lúcido resumo, comenta o Prof. Martinz de Aguiar:

"A colocação de pronomes complementos em português não se rege pela fonética, nem é o ritmo, o mesmo binário-ternário, em ambas as modalidades, brasileira e lusitana, que impõe uma colocação aqui, outra ali, não. Ela obedece a um complexo de fatores, fonético (rítmico), lógico, psicológico (estilístico), estético, histórico, que às vezes se entreajudam e às vezes se contrapõem. Numa frase como *ele vem-me ver*, geral em Portugal, literária no Brasil, o fator lógico deslocou o pronome *me* do verbo *vem*, para adjudicá-lo ao verbo *ver*, por ser ele determinante, objeto direto, do segundo, e não do primeiro. Isto é: deixou a língua falada no Brasil de dizer *vem-me ver* (fator histórico, por ser mera continuação do esquema geral português), para dizer *vem me-ver* (escrito sem hífen), que também vigia na língua, ligando-se o pronome ao verbo que o rege (fator lógico). Esta colocação de tal maneira se estabilizou, que pouco se diz *vem ver-me* e trouxe consequências imprevistas:

1.ª) Pôde-se juntar o pronome ao particípio, procliticamente:

Aqueles *haviam se-corrompido* (escrito sem hífen aqui e nos iguais exemplos).

2.ª) Pôde-se pôr o pronome depois dos futuros (do presente e do pretérito):

Poderá se-reduzir, *poderia se-reduzir*. Deixando de ligar-se aos futuros, para unir-se ao infinitivo, deixou igualmente de interpor-se-lhe aos elementos constitutivos.

3.ª) Em frases como *vamos nos-encontrar*, deixando o pronome de pospor-se à forma verbal pura, para antepor-se à nominal, deixou igualmente de determinar a dissimilação das sílabas parafônicas, podendo-se então dizer *vamo-nos encontrar*" [MAg.1, 408-409].

Pelas mesmas razões variadíssimas é que no Brasil, na linguagem coloquial, o pronome átono pode assumir posição inicial de período.

APÊNDICE

1 – Figuras de Sintaxe

Fenômenos de sintaxe mais importantes

1) **Elipse** – Chama-se *elipse* a omissão de um termo facilmente subentendido por faltar onde normalmente aparece, ou por ter sido anteriormente enunciado ou sugerido, ou ainda por ser depreendido pela situação, ou contexto. É o que ocorre quando, diante de um quadro, uma pessoa dá sua opinião:

É belo! [MC.4, s.v.].

São barulhentos, mas eu admiro *meus alunos*.

Assim, não se há de considerar elipse a omissão do sujeito léxico já que ele está indicado na desinência verbal, o sujeito gramatical. A necessidade de explicitação do sujeito gramatical mediante um sujeito explícito é ditada pelo texto; a rigor, portanto, não se trata da "elipse" do sujeito, mas do "acréscimo" de expressão que identifique ou explicite a que se refere o sujeito gramatical indicado na desinência do verbo finito ou flexionado. Em português, salvo nos casos de ênfase ou contraste, não se explicita o sujeito gramatical mediante os pronomes sujeitos de 1.ª e 2.ª pessoas do singular e do plural:

Sairei depois do almoço (desnecessário: *Eu* sairei...)

Foste contemplado na crítica (desnecessário: *Tu* foste...)

Mas:

Eu sairei, e *tu* ficarás.

Entre as elipses que ocorrem com mais frequência estão:

a) a da preposição em algumas circunstâncias adverbiais depreendidas pelo contexto:

As visitas, *pés sujos*, entraram no salão.

O tecido custava dez reais *o metro*.

Domingo irás à festa.

Conhecem-no *uma légua* em redondo.

OBSERVAÇÃO: Também ocorre a elipse de preposição em séries coordenadas:

eu disse a seu pai que a sustentação *de sua filha e marido*... [CBr.6, 104].

"Deus não dá *para ócios ou desperdícios*" [CBr.6].

Geralmente é mais rara a elipse quando a preposição vem com artigo:

Estou farto das afrontas *dos nobres e dos plebeus* [CBr.6, 110].

Ou quando há ênfase:

(...) (duas almas) recolhidas *em si e em Deus* [CBr.6].

Também é mais comum repetir-se a preposição antes dos pronomes pessoais monossilábicos e do pronome reflexivo:

Não se lembrou *de mim e de ti*.

Nas locuções prepositivas também é comum esta praxe; entretanto, só se costuma repetir o último componente da locução:

Através da história e *da* lenda, o fato chegou até nós.

Antes de mim e *de* ti há a justiça.

b) a da preposição antes do conectivo que introduz as orações de complemento relativo e completivas nominais:

Preciso (*de*) que venhas aqui.

Estou necessitado (*de*) que venhas aqui.

OBSERVAÇÃO: Pode ocorrer a elipse não só da preposição, mas também da conjunção integrantes:

Quis defendê-la, mas Capitu não me deixou, continuou a chamar-lhe beata e carola, em voz tão alta que *tive medo fosse* ouvida dos pais [MA *apud* MBa.3, 80].

c) a da conjugação integrante, mormente como transpositor das subordinadas subjetivas e objetivas diretas:

É necessário (*que*) se faça tudo rapidamente.

Espero (*que*) sejam felizes.

OBSERVAÇÃO: Às vezes dois verbos seguidos vêm desacompanhados das respectivas conjunções integrantes:

Frequentes vezes me *disse esperava* lhe arrumarem o processo [CBr.10, I, 51].

d) a do verbo *dizer* (e semelhante) nos diálogos:

E ela: — Você está zangado comigo?

e) a do objeto direto representado por pronome átono para aludir ao substantivo anteriormente expresso:

Você recebeu *o convite*? *Recebi* sim (por Recebi-*o* sim)

Cuidas que não tem cura lançar sangue? *Tem*, meu filho, *tem* [CBr. *apud* MBa.5, 172].

Alguns autores condenaram sem razão este tipo de elipse, tipo de antífrase.

f) a da preposição *de* em construções do tipo *vestido cor de rosa* por vestido *de cor de rosa*; pode-se também omitir toda a expressão *de cor de*: *vestido rosa*.

g) note-se a construção *para* + *particípio* para exprimir a ideia de "que há de ser", "digno de ser", à semelhança do particípio futuro passivo latino:

Não é *para dito* o que ali aconteceu [MBa.5, 218].

h) a elipse de rigor da conjunção integrante *que* depois de *que* ou *do que* comparativo:

A um animal atacado de raiva é melhor que o matem do que esteja a penar (por *do que que esteja a penar*).

i) a elipse do primeiro elemento (preposição ou advérbio) que integra a chamada locução conjuntiva (*posto que*, *dado que*, etc.) na oração subordinada coordenada à anterior:

Nada houve contra ela, *se bem que* uma voz rouca se levantou no tribunal e *que* (por: *se bem que*) dois ou três presentes a acompanharam com certo entusiasmo.

OBSERVAÇÃO: Evite-se a simples lembrança da conjunção subordinada da 1.ª oração por um *que* na 2.ª subordinada, coordenada à anterior:

Quando ele me viu e *que* disse isso, acreditei na sua versão do fato.

Ou se repete o *quando* (*Quando... e quando*) ou só se usa a conjunção coordenativa (*Quando... e disse*).

2) **Pleonasmo** – É a repetição de um termo já expresso ou de uma ideia já sugerida, para fins de clareza ou ênfase:

Vi-*o a ele* (pleonasmo do objeto direto).

Ao pobre não *lhe* devo (pleonasmo do objeto indireto).

(...) o conde atirava à mísera cantora alguns soldos que ainda *lhe* reforçavam *a ela* as cordas vocais [JR.2, 188] (pleonasmo do dativo de posse).

Subir para cima.

O grande juiz entre os pleonasmos de valor expressivo e os de valor negativo (por isso considerado erro de gramática) é o *uso*, e não a *lógica*. Se não dizemos, em geral, fora de situação especial de ênfase: *Subir para cima* ou *Descer para baixo*, não nos repugnam construções com *O leite está saindo por fora* ou *Palavra de rei não volta atrás*.

Eis alguns casos comuns de pleonasmo:

a) a série possessiva *seu... dele*, *sua... dela* para fugir à ambiguidade:

Mas não esmoreceu o Sr. Conde de Laet. Ninguém melhor do que ele fez então a psicologia da maior parte dos nossos movimentos revolucionários. Não só mostrou que quase sempre a *sua* causa *deles*, "é um segredo" (...) [JF *apud* CL.1, II, 333].

b) o emprego de dois termos de significado negativo para afirmar (*não indouto* = douto; *não sem razão* = *com razão*; *nada anormal* = *muito normal*; *sem desconhecer* = *conhecendo*; *indesculpável* = *culpável*) [MBa.3, 54 e MBa.4, 64].

c) a repetição da conjunção integrante em construções do tipo:

"e disse *que*, se lhe não queríamos mais nada, *que* podíamos ir à nossa vida" [CBr.1, 45].

É frequente na variedade coloquial falada acompanhando transpositores de oração subordinada:

Quero saber *como que* você fez isso.

Ainda não marcamos *quando que* iremos nos casar.

Finalmente, há de se ter presente para não usá-lo sempre que possível o pleonasmo léxico que resulta do esquecimento do verdadeiro significado de certas expressões portuguesas ou estrangeiras: *decapitar* (por *decepar*, já que *decapitar* só pode referir-se à *cabeça*) *a cabeça*, *exultar de alegria*, *panaceia universal*, *esquecimento involuntário*, *desde ab aeterno* (*ab aeterno* é expressão latina que já indica *desde a eternidade*) , *desde ab initio*, *tornar a*

repetir, *prever de antemão*, *antídoto contra* e tantos outros. Alguns, usados pelos melhores escritores, já correm com alguma despreocupação diante da crítica mais severa, como é o caso de *suicidar-se*. Já está incorporada a repetição do prefixo e preposição de mesmo significado, como: *in*corporar *em*, *co*abitar *com*, *co*incidir *com*, *con*formar-se *com*, etc.

3) **Anacoluto** – É a quebra da estruturação lógica da oração:

> "Eu que era branca e linda, *eis*-me medonha e escura"
> [MB *apud* SS.1, § 536].

"Resulta esta anomalia em geral do fato de não poder a linguagem acompanhar o pensamento em que as ideias se sucedem rápidas e tumultuárias. É a precipitação de começar a dizer alguma cousa sem calcular que pelo rumo escolhido não se chega diretamente a concluir o pensamento. Em meio do caminho dá-se pelo descuido, faz-se pausa, e, não convindo tornar atrás, procura-se saída em outra direção" [SA.4, 38].

O anacoluto, fora de certas situações especiais, é evitado pelas pessoas que timbram em falar e escrever corretamente a língua.

Coloca-se entre as construções anacolúticas o começar o enunciado por um termo não preposicionado e depois recuperá-lo na sua função própria, como que desprezando o inicial:

> *A pessoa* que não sabe viver em sociedade, *contra ela* se põe a lei.
> A construção gramatical seria: *Contra a pessoa* que... se põe a lei.

Um anacoluto muito comum é: *Eu parece-me* que tudo vai bem.

4) **Antecipação** – É a colocação de uma expressão fora do lugar que logicamente lhe compete:

> *O tempo parece que vai piorar*

por

> *Parece que o tempo vai piorar*.

As antecipações são ditadas por ênfase e muitas vezes geram anacolutos, mas destes diferem porque não quebram a estrutura gramatical do enunciado. Assim há apenas antecipação do termo *irapuru* (que deve ficar na oração de *quando*), e não anacoluto, nos conhecidos versos de Humberto Campos:

> Dizem que o irapuru quando desata
> A voz – Orfeu do seringal tranquilo –
> O passaredo, rápido a segui-lo
> Em derredor agrupa-se na mata,

isto é: dizem que, *quando o irapuru* desata a voz (...) o passaredo (...) agrupa-se na mata.

5) **Braquilogia** – É o emprego de uma expressão mais curta equivalente a outra mais ampla ou de estruturação mais complexa:

> *Estudou como estudaria se fosse passar*

por

> *Estudou como se fosse passar*

Incluem-se nos casos de braquilogia deste tipo construções como *Entrei e saí de casa*,

derivada de *Entrei em casa e daí saí* (ou *donde saí*).

É o que também ocorre naquelas em que entram graus de comparação, como: *Eles são melhores ou tão bons como nós* por *Eles são melhores do que nós ou tão bons como nós*.

Ainda há braquilogia quando se coordenam dois verbos de complementos diferentes e se simplifica a expressão dando-se a ambos o regime do verbo mais próximo: *Eu vi e gostei do filme* (por *Eu vi o filme e gostei dele*).

6) **Haplologia sintática** – É a omissão de uma palavra por estar em contato com outra (ou final de outra palavra) foneticamente igual ou parecida:

> Iracema *antes quer que* o sangue de Caubi tinja sua mão *que* a tua [JA.4, 223]. Isto é: *antes quer que... que quer que* a tua.

7) **Contaminação sintática** – "É a fusão irregular de duas construções que, em separado, são regulares" [ED.2, § 482].

Fiz com que Pedro viesse
(fusão de *Fiz com Pedro que viesse* e *Fiz que Pedro viesse*)

Caminhar por entre mares
(fusão de *caminhar por mares* e *caminhar entre mares*)

As estrelas pareciam brilharem
(fusão de *as estrelas pareciam brilhar* com *parecia que as estrelas brilhavam*).

Fazer de conta
(fusão de *fazer conta* = *imaginar*, *supor*, com expressões em que *fazer* é seguido de *de*: *fez de tolo*, *de sonso*, etc).

Estas contaminações são frequentes e ocorrem nos bons escritores quando o verbo admite uma construção com complemento direto de pessoa e preposicionado de coisa e outra com preposicionado de pessoa e direto de coisa. É o caso, entre muitos outros, de *persuadir* (*persuadir alguém a fazer* ou *persuadir a alguém que faça*), *fazer* (*fazer que alguém* e *fazer com alguém que*), que admitem fusões do tipo:

> O fato *lhe* persuadiu *a* deixar o trabalho.
> *Fizemos com que Pedro* chegasse logo.

Também resultam de contaminações sintáticas acumulações de preposições como:

> Andar *por entre* espinhos (*andar por espinhos* + *andar entre espinhos*).

8) **Expressão expletiva ou de realce** – É a que não exerce função gramatical:

> Nós *é que* sabemos viver
> Aqui *é onde a* ilusão se acaba.
> Oh! Que saudades *que* tenho!
> Quanto *que* é a conta?

É frequente o aparecimento de um *que* expletivo depois de conjunções, advérbios e expressões adverbiais:

> Eu não sei *quando que* ele vem.
> *Enquanto que* isso acontecia, não vinha nenhum socorro.
> *Desde cedo que* esperavam por elas.

Havia *muito que* não o via.

Verdadeiramente que ficamos amedrontados.

Quase que o incidente se transforma num caso de polícia.

OBSERVAÇÃO: Quando há circunstâncias de lugar, tempo, o *que* é substituído, respectivamente por *onde* e *quando*.

No Recife *é onde* fez o primário.

Durante a chuva *é quando* ocorrem mais acidentes de trânsito.

É preciso distinguir o *é que* expletivo do *é que* que indica:

a) *é* + *que* (conj. integrante):

A verdade *é que* saíram.

b) *é* (verbo vicário) + *que* (conj. integrante):

"Que quer dizer este nome? *É que* as almas..." [MBe *apud* JO.1]. (*É que* = *quer dizer que*)

c) *é* (vicário) + *que* (conj. causal):

Por que veio? *É que* teve medo (*é que* = *veio porque*)

d) *é que* = *é o que*

Este livro *é que* lemos ontem (= *é o que* lemos ontem)

e) há um *é que* que difere dos demais pela forte pausa que separa os dois termos, dando a impressão de se tratar de um resquício de oração seguido de conj. integrante que introduz seu antigo sujeito (= *é verdade*, *é certo que*):

"Ou *é que* o digesto não vale para os que o estudaram?" [AH.5, II, 35].

Modernamente se usa muito desta linguagem em *será que*:

Ou *será que* eu estou errado!

2 – Vícios e Anomalias de Linguagem

Entre os vícios de linguagem cabe menção aos seguintes:

1) **Solecismo** – É o erro de sintaxe (que abrange a concordância, a regência, a colocação e a má estruturação dos termos da oração) que a torna incompreensível ou imprecisa, ou a inadequação de se levar para uma variedade de língua a norma de outra variedade; em geral, da norma coloquial ou popular para a norma exemplar:

Eu *lhe* abracei (por *o*)

A gente *vamos* (por *vai*)

Tu *fostes* (por *foste*)

Aluga-se casas (por *alugam-se*)

Vendas *à* prazo (por *a*)

Queremos *fazermos* tudo certo (por *queremos fazer*)

Como acertadamente frisa Mattoso Câmara, "não constituem solecismos os desvios das normas sintáticas feitas com intenção estilística, em que a afetividade predomina sobre a análise intelectiva, como na silepse, na atração, no anacoluto" [MC.4, 227].

2) **Barbarismo** – É o erro no emprego de uma palavra, em oposição ao solecismo, que o é em referência à construção ou combinação de palavra. Inclui o erro de pronúncia (ortoepia), de

prosódia, de ortografia, de flexões, de significado, de palavras inexistentes na língua, de formação irregular de palavras:

contricto	por	*contrito*
gratuíto	por	*gratuito*
rúbrica	por	*rubrica*
proesa	por	*proeza*
cidadões	por	*cidadãos*
fosteis	por	*fostes*
a telefonema	por	*o telefonema*
areonáutica	por	*aeronáutica*
intemerato (= sem temor)	por	*intimorato*

Também já se empregou o termo *barbarismo* para referir-se aos erros cometidos pelos estrangeiros ao adaptar ao seu idioma palavras e expressões de outra língua.

3) **Estrangeirismo** – É o emprego de palavras, expressões e construções alheias ao idioma que a ele chegam por empréstimos tomados de outra língua. Os estrangeirismos léxicos que entram no idioma, por um processo natural de assimilação de cultura ou de contiguidade geográfica, assumem aspecto de sentimento político-patriótico que, aos olhos dos puristas extremados, trazem o selo da subserviência e da degradação do país. Esquecem-se de que a língua, como produto social, registra, em tais estrangeirismos, os contatos de povos. Este tipo de patriotismo linguístico (Leo Spitzer lhe dava pejorativamente o nome de *patriotite*) é antigo e revela reflexos de antigas dissensões históricas. Bréal lembra que os filólogos gregos que baniam os vocábulos turcos do léxico continuavam, à sua moda, a guerra da independência [MBr.1, 226]. Entre nós, o repúdio ao francesismo ou galicismo nasceu da repulsa, aliás, justa, dos portugueses aos excessos dos soldados de Junot quando Napoleão ordenou a invasão de Portugal. O que se deve combater é o excesso de importação de línguas estrangeiras, mormente aquela desnecessária por se encontrarem no vernáculo palavras e giros equivalentes. A introdução de uma palavra estrangeira para substituir uma vernácula em geral se explica pela debilidade funcional da palavra ameaçada de substituição.

Modernamente no mundo globalizado em que vivemos, onde os contactos de nações e de cultura são propiciados por mil modos, os estrangeirismos interpenetram-se com muita facilidade e rapidez. Para nós, brasileiros, os estrangeirismos de maior frequência são os *francesismos* ou *galicismos* (de língua francesa), *anglicismos* (de língua inglesa), *espanholismos* ou *castelhanismos* (de língua espanhola), *italianismos* (de língua italiana).

De modo geral, os estrangeirismos léxicos se repartem em dois grupos: os que se assimilam de tal maneira à língua que os recebe, que só são identificados como empréstimos pelas pessoas que lhes conhecem a história (*guerra*, *detalhe*, etc. – a esses os alemães chamam *Lehnwörter*, "empréstimos"); mas há os que facilmente mostram não ser prata da

casa, e se apresentam na vestimenta estrangeira (*maillot*, *ballet*, *feedback*, *footing*, etc.) ou se mascaram de vernáculos, como *maiô*, *abajur*, *tíquete*, etc. (são os, em alemão, *Fremdwörter*, "estrangeirismos"). O termo *empréstimo* abarca estas duas noções e se aplica tanto aos estrangeirismos léxicos quanto aos sintáticos e semânticos.

Os empréstimos lexicais durante muito tempo sofreram as críticas dos puristas, mas hoje vão sendo aceitos com mais facilidade, exceto aqueles comprovadamente desnecessários e sem muita repercussão em outros idiomas de cultura do mundo.

Entretanto, os de sintaxe e os de semântica continuam merecendo o reparo dos guardiães da vernaculidade, aliás de meritória atividade quando não se mostram extremados. Por isto, relacionaremos aqui um pequeno rol desses dois tipos de empréstimos. Começaremos pelos galicismos: 175

1) Certos empregos da preposição *a* em vez de *de*:

incumbido a dizer
moinho a vento
combinação a dois
equação a duas incógnitas

2) Certos empregos da preposição *contra*:

pagar contra recibo	por	*pagar com, mediante recibo*
encostar a mesa contra a parede	por	*encostar a mesa à parede*
remete-se contra reembolso	por	*remete-se a reembolso* (ou *a cobrança*)

3) Certos empregos da preposição *de*:

envelhecer de dez anos	por	*envelhecer dez anos*
aumentar de vinte reais	por	*aumentar vinte reais*
aposento largo de três metros	por	*aposento de* (ou *com*) *três metros de largura*

4) Certo empregos da preposição *em*:

barco em madeira	por	*barco de madeira*
relógio em ouro	por	*relógio de ouro*
chão em mármore	por	*chão de mármore*
capa em azul	por	*capa azul*
tingir em azul	por	*tingir de azul*

5) Expressões como:

estar ao fato de	por	*estar ciente de*
declarar a guerra	por	*declarar guerra*

pôr o acento nesse problema	por	*enfatizar esse problema*
pessoa de alguns vinte anos	por	*pessoa dos seus vinte anos*

6) Emprego do *que* nas orações negativas de exclusão:

a mãe nada viu que seu filho	por	*a mãe só viu o filho*
o egoísta não procura que o seu bem	por	*o egoísta não procura senão o seu bem*

7) Emprego, na coordenação de orações subordinadas adverbiais, do *que* para evitar a repetição da conjunção da subordinada anterior, quando não constituída pelas chamadas locuções conjuntivas:

Quando me viu e que me falou por *Quando me viu e me falou*

Mas já é vernácula a substituição pelo simples *que* em:

Logo que me viu e que me falou...

8) Anteposição do sujeito de orações com verbo no gerúndio e particípio:

O dia amanhecendo	por	*Amanhecendo o dia*
A aula terminada	por	*Terminada a aula*

9) Não flexão dos nomes e sobrenomes pluralizados pelo artigo:

Os Almeida	por	*Os Almeidas*
Os irmãos Paiva	por	*Os irmãos Paivas*
Os Pereira de Abreu	por	*Os Pereiras de Abreu*

Quanto aos *anglicismos*, vale chamar a atenção para o fato de que o inglês vai constantemente ao grego e ao latim buscar-lhes os tesouros, mas os usa com tal liberdade, que muitas vezes deturpa o emprego ou o significado original. Daí, não basta acalmar os ânimos com a alegação de que se trata não imediata, mas mediatamente, da boa cepa clássica. Alguns nos chegaram pela porta da França.

São exemplos de *anglicismos*:

1) Léxicos:

admitir (= julgar possível, dar como provável, acreditar, crer). Quando o significado vernáculo é ‘receber’, ‘deixar entrar’, ‘concordar’.

assumir por *supor*, *acreditar*

básico (inglês, francês, etc.)

contactar por *entrar em contacto com*

diferente por *melhor* (um produto diferente)

doméstico (voo) por *nacional*

leasing

marketing

politicamente correto
praticamente por *virtualmente*, *faltando pouco* (o tanque está praticamente cheio)
relax

2) Sintáticos [MC.4, s.v.]:

a) a anteposição do adjetivo ao seu substantivo, com valor meramente descritivo, como nos nomes de hotéis e estabelecimentos comerciais: *Majestoso Hotel*.

b) o emprego de um substantivo com função de adjetivo por vir anteposto: *Rio Hotel*.

c) o emprego da preposição *com* isolada do nome que deveria reger ou da preposição *contra* no fim da oração: *capa com e sem forro*; *eu sou pelo povo e tu és contra*.

São exemplos de *castelhanismos* (léxicos):
aficionado
bolero: jaqueta
charla
contestar (= responder, replicar). É vernáculo no significado de *refutar*, *negar direitos*.
ensimesmar-se
entretenimento
frente a (= ante)
muchacho (= garoto, rapazinho)
piso (= andar, pavimento)
quefazer (es) (= ocupações)
recuerdo (= lembrança)
redatar (= redigir)
resultar (tornar-se, ficar). É vernáculo *provir*, *proceder*
suelto (= artiguinho, nota crítica de jornal)

São exemplos de *italianismos* léxicos (muito frequentes em termos de arte, música)
adágio (= andamento musical vagaroso)
allegro (= movimento alegre)
andante (= andamento moderado)
aquarela
bambino
belvedere
bel-canto
cicerone
condottiere
confete (confetti, plural)

corso (= cortejo, desfile)
diletante
dueto
furbesco (= velhaco)
imbroglio (= confusão, enredo, atrapalhada)
influenza (= doença catarral, *gripe*, fr.)
intermezzo (entreato)
libreto
Madonna (= Nossa Senhora)
maestro (= regente de orquestra)
nitrido (= relincho)
nitrir (= relinchar)
piano (= com suavidade)
primadona (= cantora principal de ópera)
raconto (= conto, história)
sonata
soprano
espaguete
estúdio (= galeria de arte, sala de trabalho)
tarantela
terracota
trombone
vendeta (= vingança)
virtuose (= músico de talento)

Anomalias de Linguagem

Idiotismo ou expressão idiomática é toda a maneira de dizer que, não podendo ser analisada ou estando em choque com os princípios gerais da Gramática, é aceita no falar culto.

São idiotismos de nossa língua a expressão *é que*, o *infinitivo flexionado*, a preposição em *o bom do pároco*, etc.

Sobre o conceito de idiotismo nunca é demais relembrar a lição de Said Ali: "Não devemos definir o idiotismo, segundo alguns gramáticos, como construção particular de *uma* língua, estranha, portanto, às outras línguas, porque ninguém conhece todos os outros idiomas em todos os seus segredos e modos especiais de falar" [SA.2, 310].

Assim, o infinitivo flexionado é um idiotismo não porque só exista em português (na realidade outras línguas o conhecem, como alguns dialetos do sul da Itália, e outras o conhecem com aplicação diferente da que tem em português, como em húngaro), mas porque a

sua flexão contraria o conceito de forma infinita (i.é, não flexionada).

16 E. Coseriu [ECs.7, 136 - 138; ECs.15, 20 - 21].

17 E. Coseriu [ECs.12, 104; ECs.1, 265].

18 E. Coseriu [ECs.15, 21-22].

19 E. Coseriu [ECs.7, 59].

20 E. Coseriu [ECs.15, 20].

21 E. Coseriu [ECs.7, 60 n. 13].

22 Mattoso [MC.4, s.v.].

23 "Quanto a este ponto, a afirmação generalizada de que o substantivo tem flexão de gênero, aparentemente justificada pela existência de pares masculinos/femininos, tais como *irmão/irmã, noivo/noiva, gato/gata*, que significam, respectivamente, o macho e a fêmea de uma dada espécie de ser animado (sexuado). Com efeito, é propriedade essencial da flexão o fato de que por esse processo mórfico variem as significações gramaticais de 2.º grau (isto é, de gênero, número, tempo-aspecto, modo, pessoa, etc.) somadas, alternadamente, ao tema por meio dos morfemas próprios, sem que se altere a significação inerente da palavra semântica, que permanece a mesma em cada um dos membros do paradigma flexional. É isso que se dá com a variação de número *casa/casas* e, no adjetivo (pronome, etc.) com a de gênero: na variação *alto/alta* não se altera a significação inerente do adjetivo, presente no seu tema *alt-*. Ora, o que se passa com *lobo/loba* é precisamente o contrário, porque o termo masculino e o termo feminino manifestam significações inerentes diversas, a saber, respectivamente, a de espécie macho e a de espécie fêmea do gênero (lógico) *lupus* (significado este também pelo masculino, na sua qualidade de termo não marcado da oposição). Quer dizer que se trata aqui, não de flexão, mas antes de derivação, como a que se observa em *barco/barca*, *saco/saca*, etc." [HCv.2, 745-746].

24 "Por morfofonêmica, a sibilante da desinência é surda diante de pausa ou de consoante surda (ex.: *livros pretos /* livrus petrus) e sonora diante de vogal ou consoante sonora, sendo que diante de vogal passa a funcionar como pré-vocálica dessa vogal (ex.: *livros brancos* / livruz brankus / *livros alvos* / livruz álvus/)" [MC.4, 179].

25 *Mel* e *fel* fazem *meles* ou *méis, feles* ou *féis*, respectivamente, sendo as segundas formas mais frequentes por conformes no processo regular.

26 Mattoso assinala que, tendo em vista a pronúncia distensa da pronúncia brasileira do *-l* como | w |, passam a ser outras as regras morfofonêmicas: no caso de *carnaval*, por exemplo, temos a alternância | w | - | y |: | carnavau | - | carnavays |, e em *funil* temos a supressão do | w |: | funiu | - | funis |

27 Obs.: Continuamos a relacionar o singular como a forma básica em relação ao plural, nestes casos. A gramática histórica, entretanto, nos dá outra versão do fato linguístico.

28 Uma Lei federal (2.749 de 2 de abril de 1956) pretendeu disciplinar os gêneros dos nomes designativos das funções públicas no âmbito federal, que dispõe: "O gênero gramatical desse nome, em seu natural acolhimento ao sexo do funcionário a quem se refira, tem que obedecer aos tradicionais preceitos pertinentes ao assunto e consagrados na lexicologia do idioma. Devem, portanto, acompanhá-lo neste particular, se forem genericamente variáveis, assumindo, conforme o caso, feição masculina ou feminina, quaisquer adjetivos ou expressões pronominais sintaticamente relacionadas com o dito nome".

29 Mattoso prefere ver aqui um exemplo de morfema subtrativo, dizendo que ocorre a supressão da vogal temática sem adjunção de desinência: *irmão* → *irmã*(*o*) → *irmã*. Dada a raridade de ocorrência de morfema subtrativo em português, e, pelo contrário, a frequência da regra morfofonêmica de crase, optamos pela lição acima.

30 Embora esta seja a norma exemplar, o idioma não está fechado a feminizações expressivas, especialmente em nível coloquial e popular, com reflexos em estilizações literárias: *a carrasca*, *a verduga*, *a pássara*, etc. cf. [MBa5, 328-329].

31 Evite-se cuidadosamente o erro *diminuitivo* (com i).

32 Rio-Torto, *Sistêmica*, 203 – 227, onde tece importantes comentários contra a antiga concepção afixocêntrica da produção lexical.

33 [MBa.3, 282], preso ao critério diacrônico, vê no emprego dessas formas um neutro.

34 " O epíteto *benéfico*, assim como os antecedentes são *propríssimos* do sujeito Estrela" [DG.1, 362].

"A falsa notícia do falecimento de Gonçalves Dias teve a boa consequência de mover o Governo a aliviar-lhe a situação material, que era precaríssima" [MB.1, 778].

35 É válido o comentário de Coseriu: "(...) o artigo de per si não individua. Nos casos em que isto parece ocorrer (p. ex. "Leram *o livro*? Estou vendo *o* mapa"), a individuação está dada, na realidade, pelos contornos verbais e extraverbais" [ECs.1, 300 n.36].

36 Tem-se desprezado, nestes casos, a influência do inglês em nosso idioma.

37 “A definição da segunda pessoa como sendo a pessoa à qual a primeira se dirige convém sem dúvida ao seu emprego mais ordinário. Ordinário, porém, não quer dizer único e constante. Pode utilizar-se a segunda pessoa fora da alocução e fazê-la entrar numa variedade de “impessoal”. Por exemplo, *vous* funciona em francês como anafórico de “*on*” (ex: *on* ne peut *se* promener sans que quelqu’un *vous* aborde, port. “não *se* pode passear sem que alguém aborde *você*”) [EBv.1, 254]. Este fato, como a tradução revela, ocorre também em português, tanto na língua escrita como na falada. É um *você* ou *tu* que se referem ao próprio falante, mesmo que o ouvinte esteja presente:

“Daniel, a situação comigo está difícil. Chega um momento que *você* (= “eu”, “a gente”, impessoalizador) não sabe o que fazer”. “*Você* já vinha conhecendo que o tempo passava danadamente rápido por causa de uns indícios sutis. Por exemplo: quando um desconhecido fala a seu respeito não diz mais “aquela moça”, e sim “aquela senhora” (...) Sem falar nos que morreram, porque morrem muitos à medida que *a gente* fica mais velha” [RQ.1, 108].

Não levando em conta o jogo psicológico envolvido na situação, o giro tem sido injustamente condenado por alguns gramáticos que não atentam para o respaldo da língua escrita nem o testemunho de outras línguas. No português, nesta aplicação se usa de *você* ou *tu* (ou expressões substantivas como *a pessoa*, *o indivíduo*, *o cristão*, etc.).

38 Desde K. Brugmann (1904) foram estabelecidos quatro tipos de dêixis em relação à posição do falante: “*este*-dêixis”, “*eu*-dêixis”, “*tu*-dêixis” e “*aquele*-dêixis”. K. Buhler acrescenta uma dêixis especial: “dêixis em fantasma”, que se produz “quando um narrador transporta o ouvinte ao reino do ausente recordável ou ao reino da fantasia construtiva e lhe põe à disposição ali de todos os mesmos indicadores para que veja e ouça o que há ali para ver e ouvir (e tocar, se o desejar), e, quem sabe, cheirar e degustar” [*apud* LCr.1, s.v.]. Para o linguista são válidas as considerações de Herculano de Carvalho: “É evidente que esta espécie de mostração [em fantasma] assume real interesse para o psicólogo (que era Buhler) e para o estudioso da criação poética, mas não para o linguista, para quem ela se identifica com a mostração “ad oculos”, embora (...) ela possa estar implicada na anafórica” [HCv.3, 662].

39 [ECs.1, 301 n. 37]. Já o nosso João Ribeiro [JR.1, 88] lembrara a lição de A. Darmesteter, que considerava os pronomes, pelo seu ofício de indicar a posição da pessoa ou coisa no discurso, “gestos falados”.

40 “O simples fato de que palavras diferentes sejam muito geralmente empregadas para “eu” e “nós” (e também para “tu” e “vós”) é suficiente para excetuar os pronomes dos processos ordinários de pluralização (...). Na grande maioria das línguas, o plural pronominal não coincide com o plural nominal, pelo menos tal como se representa ordinariamente. Está claro, de fato, que a unidade e a subjetividade inerente a “eu” contradizem a possibilidade de uma pluralização. Se não pode haver vários “eus” concebidos pelo próprio “eu” que fala, é porque “nós” não é uma multiplicação de objetos idênticos, mas uma *junção* entre o “eu” e o “não eu”, seja qual for o conteúdo desse “não eu”. Essa junção forma uma totalidade nova e de um tipo totalmente particular, no qual os componentes não se equivalem: em “nós” é sempre “eu” que predomina, uma vez que só há “nós” a partir de “eu” e esse “eu” sujeita o elemento “não eu” pela sua qualidade transcendente. A presença do “eu” é constitutiva de “nós” [EBv.I, 256].

O plural de “eu” como “mera palavra” ou como substantivo para significar ‘a personalidade de quem fala’ tem normalmente o plural “eus”:

“Não poderiam mostrar, num dado instante e numa atmosfera única, todos os *eus* sucessivos que guardam dentro de si (...) [RCo.1, 164].

41 Para a discussão de considerar “o senhor”, “a senhora”, etc. formas substantivas de tratamento ou pronome de tratamento, vejam-se os estudos de HM, *Anrede*; LCi, *Formas*; EW, *Pronomes*. No fundo, trata-se de um falso problema, pela natureza categoremática do pronome.

42 Tradicionalmente a série *isto*, *isso*, *aquilo* e *o* (invariável) é dada como remanescente do neutro latino. Já o nosso primeiro gramático Fernão de Oliveira (1536) tinha desvinculado tais pronomes do neutro latino. Epifânio Dias considera-os como masculinos (*isto*, *isso*, *aquilo*), e o erudito artigo de Herculano de Carvalho sobre o gênero nos pronomes [HCv.4, 30-48] mostra que só lhes cabe o gênero masculino. É assim que os trataremos aqui, inclusive ao *o* invariável em gênero e número.

43 *Que é lá?*, aplicado a indagar sobre pessoas, talvez seja o resultado de desnasalação do *quem* por fonética sintática: “E começava a despir-se, quando ouviu passos no negro corredor, passos muito lentos, muito pesados, que se adiantavam (...) Assustado, gritou “*Que é lá*?” [EQ.3, 663].

44 Coseriu [ECs.4, 211-212].

45 No excelente livro de Barbadinho, há boa messe de exemplos. O fato sintático está a exigir investigação, pois parece ter raízes mais longínquas na família românica. A bibliografia aí já é extensa: [FDz.1, III, 56]; [MLk.1, III, § 67]; [WZ.1, § 709]; [FH.1, § 512], e o livro de G. Brandt sobre a concorrência de *soi* e *lui*, *eux*, *elle*(*s*) em francês.

46 Deve-se evitar o emprego do pronome pessoal pelo possessivo quando na oração já estiver um objeto indireto ou complemento relativo. Assim, Carneiro Ribeiro não aceitou, com razão, a emenda proposta por Rui Barbosa à redação de um artigo do Código Civil. Este rezava: “*A fortuna do pai passa* ***a seu filho***, emendada para: “A fortuna do pai passa-lhe ao filho”. Para Carneiro Ribeiro a emenda torna “o pensamento menos preciso e a frase forçada e desenxabida” [CR.2, 586].

47 Diz-se que o possessivo tem *sentido objetivo* quando designa o ser que é alvo de uma ação ou sentimento qualquer. Fora deste caso, tem *sentido subjetivo*. É muitas vezes difícil distinguirmos os dois casos.

48 Sabemos que o termo *dêictico*, se viesse no caudal das palavras hereditárias, não representaria a boa forma portuguesa de adaptação do vocabulário grego, conforme mostrou o Prof. Cândido Jucá (filho) [CJ.1, 35 e ss.]. Adotamo-lo por ser empréstimo científico disseminado, introduzido na língua técnica da gramática portuguesa por M. Said Ali.

49 A respeito do *ipse* latino faz Blatt um comentário que se pode aplicar ao nosso *mesmo*: "Pour des raisons historiques, on a l'habitude de ranger ipse... parmi les pronoms démonstratifs, bien que, si l'on tient au sens, on puisse plus légitimement le qualifier d'intensif" [FBl.1, § 186].

50 "*Algo* é obsolescente, usado praticamente só no estilo refletido, e mesmo aí não com muita frequência. O que é realmente de lamentar, visto o seu substituto *alguma coisa*, apesar do elevado grau de abstração aí alcançado pelo substantivo *coisa*, não ser facilmente separável da significação de "algo" concreto e até material" [HCv.3, 656 n. 93].

51 [SA.1, 105; SA.2, 266 – cf. Pág. 333, a]

52 É por causa de construções semelhantes que Epifânio Dias [ED.2, § 104, b] diz que a posposição de *todo* pode dar ocasião a ambiguidades, como neste exemplo em que a intenção do escritor foi usar *todo* como advérbio, e não como pronome. Poder-se-ia, é claro, não fazer a flexão, evitando a ambiguidade.

53 A tradição tem evitado o emprego de *sem quem*, substituindo-o por *sem o qual*, *sem a qual*, *sem os quais*, *sem as quais*, para evitar o eco.

54 As formas *duzentos*, *trezentos*, *quinhentos* e *seiscentos* representam diretamente numerais latinos.

55 "O quadro dos numerais ordinais é muito complexo e apresenta compostos e locuções rebarbativas, para cuja utilização o saber e a habilidade do homem do povo depressa se esgotam; daí se usarem como ordinais os próprios cardinais (...) Tal emprego dos cardinais se justifica logicamente, de um ponto de vista novo, segundo o qual o número passa a ser como que uma qualidade intrínseca daquela hora, daquela página, etc., desprendidas em nosso espírito, das horas, das páginas anteriores e assim por diante" [MC.4, 178].

56 Assim sendo, não se pode falar em voz passiva diante de linguagens do tipo *osso duro de roer*. Houve aqui, se interpretarmos *roer = de ser roído*, apenas passividade, com verbo na voz ativa. Sobre o sentido ativo ou passivo de infinitivo, veja o link.

57 Moderna e normalmente o verbo parir está incluído neste grupo: Pres. *parimos* e *paris*. Mas também, apesar de, por tabu linguístico, ser desusado na linguagem de sociedade, pode ser conjugado integralmente, com irregularidade apenas na 1.ª pess. do ind. e em todo o pres. do subj.: *pairo*, *pares*, *pare*, *parimos*, *paris*, *parem.* Pres. subj.: *paira*, *pairas*, *paira*, *pairamos*, *pairais*, *pairam.*

58 Pomos entre parênteses a variante do morfema ou alomorfe (cf. **Variantes dos elementos mórficos**).

59 Aceitamos as ponderações de Mattoso: "SMT é *-ia*, opondo-se a *-a*, do subjuntivo presente: *temia*, *partia*: *tema, parta*. Seria uma análise falsa considerar *-i* a vogal do tema e SMT a vogal *-a*, porque os dois tempos passariam a se distinguir não pelo seu SMT, mas pela presença ou ausência da vogal do tema" [MC.8, 148 n.27]. A solução com *-a* não seria de todo falsa, porque a vogal temática poderia acumular a função modo-temporal, mas a análise apresentada é mais coerente com a descrição e o papel normal da vogal temática.

60 No Brasil só por imitação literária aparece este verbo. Dele nos diz Manuel Bandeira: "Esse lusitanismo está sendo introduzido por certos revisores à revelia dos autores; já me enxertaram a antipática palavra numa tradução minha, mas eu juro que não a escrevi, nem jamais a escreverei: escreverei sempre "mobiliada" [MB.1, 441].

61 Sobre o emprego dos auxiliares *ter* e *haver* na conjugação composta veja-se **Conjugação de verbos auxiliares mais comuns**, 2.

62 Acompanhado de outro pronome que não esteja nos dois casos até aqui apontados, nenhuma alteração ocorre no verbo e no pronome posposto: *conhecemos-te*, *chamamos-lhe*, *requeremos-lhe*, etc. Evitem-se, portanto, *enviamo-lhe*, *informamo-lhe*!

63 Para seguir este modelo, melhor seria escrever *engulir* (com *u*). A forma *engolir* (com *o*) nos leva, naturalmente, à seguinte conjugação que o *Vocabulário Oficial* não registra: *engulo, engoles, engole, engolimos* (com *o*), *engolis* (com *o*), *engolem.*

64 O verbo *entupir* pode também ser conjugado sem sofrer a metafonia que ocorre no grupo: *entupo, entupes, entupe, entupimos, entupis, entupem.*

65 Leve-se em consideração a mudança de *g* para *j* antes de *o* e *a*: *fujo, foges foge,* etc.

66 Conjugam-se, porém, regularmente *assumir, presumir, reassumir, resumir.*

67 Significa *originar, produzir efeito*. Como *surtir* são também regulares *curtir* (pouco usado na 1.ª pessoa do singular e em todo o presente do subjuntivo) e *urdir*.

68 Algumas vezes os escritores, numa oração subordinada a um presente histórico, usam o pretérito imperfeito em vez do

presente, como se na oração subordinante estivesse um pretérito perfeito: "O mestre da nau em que navegava Jonas... examinou todo o navio, até o lastro, onde ia dormindo o Profeta. *Desperta*-o a gritos e *repreende*-lhe o sono em ocasião que o baixel *estava* em perigo de se ir a pique" [AV *apud* MBa.2, 117].

69 Coseriu [ECs.5, 143] que cita Togeby: "Le plus souvent les parfaits et les imparfaits alternent, en formant dans le texte, pour ainsi dire, deux plans. Les parfaits constituent le premier plan, les événements, les actions qui sont accomplies et qui font avancer le récit, tandis que les imparfaits composent le second plan, tantôt le décor, tantôt les raisons ou les conséquences, tantôt le contenu de déclarations ou de pensées".

70 [ALb.1, 8-10 e 98], donde extraímos os exemplos.

71 A flexão se apresenta geralmente quando o infinitivo vem acompanhado de um pronome pessoal oblíquo átono.

72 [EBm.1], onde se encontra o levantamento de alguns destes casos.

73 Aparece ainda em exclamações diretas e indiretas:

*Como chove! Veja como chov*e.

74 [HM.1, 55], em que as fronteiras entre o advérbio e o adjetivo são estudadas com muita erudição e acuidade estilística.

75 [AL.1, § 289], cuja proposta retocada adotamos; [MMa.1, 149]; [MPz.1], onde se faz exaustivo estudo do sistema preposicional do espanhol [VBr.1].

76 Pode-se também considerar *contração* apenas o caso de crase; nos outros, diremos que houve *combinação*. A NGB não tomou posição neste ponto. Na realidade, o termo *combinação* é muito amplo para ficar assim restringido. A nomenclatura tradicional, por exemplo, só emprega *combinação de pronomes*.

77 Que o português procedeu como as demais línguas românicas prova o trabalho de V. Väänämen, *Il est venu comme ambassadeur, il agit en soldat*, Helsinquia, 1951.

78 "(...) sem todavia influírem na ordenação das orações" [ED.1, § 195, obs.].

79 O estudo das diversas realizações fônicas de um dado morfema, como é o caso do nosso índice de plural, recebe, em linguística descritiva, o nome de *morfofonêmica* ou *morfonêmica*.

80 Parecem, à primeira vista, constituir exceção, formas como *portuguesmente, superiormente,* mas o fato se explica porque tais adjetivos em *-ês* e *-or* eram uniformes no português antigo, à época dessas derivações adverbiais.

81 Mesmo aí, integrando o indo-europeu, a aceitação desse infixo nasal é discutível. Vejam-se os comentários em Meillet-Vendryès, GC, §§ 237-238.

82 M. Barreto [MBa.1, 408-410; MBa.3, 347; MBa.5, 138] condena formações do tipo de *labiodental, labionasal, linguodental,* etc., em vez de *labidental, labinasal, linguidental,* etc., por aparecer a vogal *o* em vez de *i*, por serem latinas e não gregas. Aceita, embora as considere bárbaras, as formações *novo-latino, dento-labial, anglo-russo, hispano-americano,* etc., onde também aparece o *o* grego em lugar do *i* latino, como em *plenilúnio* (p.207)*, alvinitente, altíssono, lanígero, flamífero*. A questão é muito complexa (já o era no próprio grego e no latim), porque se trata de formações nascidas em épocas diversas e em domínios culturais diferentes, além de procedimentos que se repartem pela composição e pela justaposição, com ou sem braquilogias e reduções. O português, como as línguas românicas (algumas das quais nos serviram de modelo), sofreu o impacto dessas diferentes portas de entrada de tais neologismos eruditos, e até de reflexo popular, como *gaticídio, burricida,* etc. É um domínio que está, no português, a exigir estudos mais aprofundados. Cf. A.G. Hatcher *Modern English Word-Formation and Neo-Latin* (Baltimore, 1951), B. Migliorini *Saggi sulla lingua del novecento* (Firenze, 1963, p. 9-60) e FM, 1973, 1, 68-72.

83 A rigor, em *geografia* e *bibliófilo* não temos a vogal de ligação *o* (ge-o), porque não existe formação em que apareça o radical *ge*, ou *bibli*, como em *chá, pau, café* e *lã*. O radical grego é *ge*, mas em português é *geo*, como o é *biblio*, já que aí, como em outros casos, não se pode isolar a vogal *o*, tal qual fazemos em *gás + o + metro*. [VK.2, 37-38].

84 Cf. J. Mattoso Câmara Jr. *Dicionário de Filologia e Gramática*, 293. Para estudos mais adiantados veja-se Saussure, *Cours de Linguistique Générale*, 253 e E. Nida, *Morphology* (cap. de introdução).

85 Kehdi, *Morfologia*, 42, Rio-Torto, *FLP*, 2, 45-46; Sandmann, *Formação*, 145-152.

86 Matthews, *Morphology*, 1982, 146-147, *Inflectional Morphology,* 1972, 72.

87 Sílvio Elia, *Confluência* (2), 1991, 87.

88 Para Sten (*Particularités*, 24-25), citado por Nascentes (*Linguajar*, 96), a não diferenciação do português dialetal e do Brasil na pronúncia de *amamos* e *amámos* se deve à analogia, num processo de uniformização, com a 2.ª e 3.ª conjugações, e não à fonologia. Todavia, cumpre lembrar que a precedência de nasal é um fator de fechamento do timbre.

89 [EBv.2, 147] e [AE.1, 22 e ss.].

90 Rio-Torto, *Sistêmica,* 203 e ss.

91 É constantemente contrariada pela realidade da língua a hipótese de se estabelecer uma distribuição complementar entre tais construções agentivas calcada nos critérios 'grau prestígio social', 'formalidade' e 'grau de especialidade'. Não se podem

deixar de lado os valores semânticos dos elementos que integram os constituintes e seus reflexos não só nos produtos derivacionais mas também as motivações do contexto. A concepção afixocêntrica na produção lexical está sendo revista, para pôr em evidência o papel que desempenham as bases e os mecanismos derivacionais na criação lexical.

92 Se a palavra é masculino e termina em *-a*, este *a* reaparece quando se lhe acrescenta o sufixo *-inho*. O mesmo acontece se é feminino em *-o* ou singular em *-s*: *Jarbas* → *Jarbinhas; Carmo* (João do) → *Carminha; o Maia* → *o Mainha*. (Nota que me foi fornecida por Martinz de Aguiar). Note-se ainda que os diminutivos *-inho, -zinho* podem assumir valor patronímico, quando pais e filhos têm o mesmo nome: *Pacheco* (o pai), *Pachequinho* (o filho), *Diva* (a mãe), *Divinha* (a filha).

93 Cf. [VB.1].

94 *Tresler* é ler além do que está escrito, podendo, portanto, significar 'ler mal', 'ler sem entender': "Assim, em um artigo de seis páginas, João Fernandes diz, rediz, a si próprio se contradiz, anda para trás e para diante, e de tudo só deixa apurar que leu, releu, mas só *treslia* ao tomar da pena" [CL.1, II, 305].

95 "Do emprego de *vice* houve até abuso: *vice-deus* "grande santo", por distinguir de *semi-deuses*, que eram do paganismo. Vieira chamou a ausência de *vice-morte*. Filinto Elísio criou o verbo *vice-reinar*" [JR.5].

96 O ar vernáculo é tal, que a rigor não se poderia falar de hibridismo em muitas dessas inovações lexicais. Só aos olhos de quem conhece a história desses elementos é que fica patente sua origem estrangeira.

97 esta uma forma livre: *re(meter), re(fazer)*, etc. Este critério de negar a *receber* uma derivação prefixal colide com a aceitação de formas presas em compostos do tipo *agrimensor, aqueduto*, etc., nos quais o falante tem a mesma dificuldade em depreender o significado de um ou dos dois elementos da unidade criada. Preferimos ficar com a lição de Mattoso Câmara, que era também a de Nida: "A depreensão dos prefixos é uma técnica de análise descritiva. Para isso há a considerar três casos: 1) quando o radical a que se acrescenta constitui uma forma livre na língua (ex.: *predizer* = *pre* + *dizer*, *desconsolo* + *des* + *consolo*); 2) quando esse radical é forma livre numa estrutura variante (ex.: *permitir*, cf. *meter*); 3) quando esse radical só é forma presa, mas constitui a base de duas palavras, pelo menos, com prefixos distintos (ex.: *colisão, elisão*)" [MC.4, s.v. Prefixo]. Nossa questão se quadra neste último caso.

98 *Fero* é defectivo, apresentando forma do radical de *tollo* (tulli, latum); assim, não são cognatos *aferir* e *ablativo*. Ao primeiro se associam *conferência, fértil, oferecer*; ao segundo, *prelado* e *relaxado*. Esta observação se estende a qualquer forma latina que apresentar semelhante defectividade.

99 Para L. Weisgerber: *Lexicologia da expressão* (al. *Wortformenlehre*), *lexicologia do conteúdo* (al. *Wortinhaltslehre*), *semasiologia* (al. *Semasiologie*) e *onomasiologia* (al. *Onomasiologie*). A lexemática corresponde ao nível estrutural sistemático da *lexicologia do conteúdo*, a qual abarca também a *lexicologia semântica associativa*, e, em outros níveis estruturais, a *lexicologia semântica da norma* e a *lexicologia semântica do discurso* (compreendendo o estudo das preferências e "constâncias" semânticas dos escritores). Cf. [ECs.2, 46-50].

100 Um especial enfoque semasiológico está representado pela "semântica estrutural" dos linguistas americanos J. J. Katz e J. A. Fodor que, na realidade, trata da estrutura da interpretação, e não da estrutura do significado, pois que parte de um significante léxico para chegar à identificação do seu significado, resolvendo o problema de *desambiguização* dos signos. Cf. [ECs.2, 165-168].

101 Este fato já foi de há muito assinalado. Coseriu lembra a antecipação possivelmente no gramático romano Varrão, em nosso primeiro gramático Fernão de Oliveira (1536), em Chr. Wolff (1730) e, mais recentemente, em Gabelentz (1901).

102 Esta aplicação do termo paragramatical vai ser importante para entendermos o fato e a explicação em compostos do tipo *corta-papel*.

103 Estes dois elementos combinados pertencem normalmente a campos diferentes, um dos quais (o que está representado no significante) determina (recção) o outro (que está representado no significante por um sufixo derivacional ou por zero (este último caso é o de compostos como *tira-teima*, de que falaremos mais adiante).

104 Recente etimologia proposta pelo sueco Gunnar Tilander. Cf. nossa nota em Revista Brasileira de Filologia, vol. 6, tomo I, junho de 1961, 142-144. A etimologia não goza de aceitação unânime.

105 "A etimologia popular (...) não difere, na essência, de sua irmã erudita, a etimologia dos filólogos. Mais vivaz, mais 'operativa' que esta última, realiza instintivamente, intuitivamente e de pronto o que a outra faz intencionalmente, graças a um sem-número de alfarrábios e fichas" [J. Orr *apud* SU.1, 104].

106 A palavra *famigerado* pode aplicar-se à pessoa notável pelos seus dotes positivos ou negativos; todavia, no uso mais geral, a palavra se aplica às qualidades negativas.

107 Pode haver homofonia em um mesmo paradigma ("sincretismo"), como em *cantava*, 1.ª e 3.ª pess. do imperfeito, ou *-s* morfema pluralizador nos nomes e de 2.ª pess. sing. nos verbos.

108 Usamos aqui determinantes numa aplicação muito abrangente, que inclui as noções de adjunto e complemento, funções de que falaremos mais adiante.

109 Este emprego invariável do *o* parece dever-se à confluência de alguns fatos, entre os quais se destaca o de só haver

obrigatoriedade de concordância do predicativo com o sujeito quando é representado por adjetivo ou alguns pronomes e pela referência de dêixis e de valor neutral do pronome *o*.

110 [BC.1, §1100; AL.1, 311, AL.2, 182].

111 [PD.1, 51].

112 Esta diferença de conteúdo de pensamento designado em *Ilha de Marajó* se reflete bem no exemplo da maiúscula.

113 Estas orações de *quem* apresentam certa liberdade de colocação em relação à sua principal, e aparecem frequentemente no início do período.

114 Ensina-nos SAID ALI: "Em proposições como *quem porfia mata a caça, quem espera sempre alcança,* servimo-nos de um pronome visivelmente destituído de antecedente. Mas como o vocábulo *quem* aí sugere a noção de "homem (ou mulher) que", "alguém que", sentimo-nos propensos a ladear a questão linguística, analisando não já o pronome tal qual em tais frases se apresenta, mas sim o seu equivalente semântico. Esse método condenável, de conciliação forçada, não satisfaz todavia ao espírito quando aplicado a *quem quer que,* expressão ampliativa do mesmo pronome *quem* nestas proposições: *quem quer que o disse: não faças mal a quem quer que te ofenda.* SWEET propõe para o pronome nas condições dos dois primeiros como dos dois últimos exemplos a denominação de relativo *condensado* "por desempenhar o próprio relativo também funções de antecedente". Qualificativo cômodo, sem dúvida, mas não ditado pelo critério histórico-comparativo. Estudos mais rigorosos (DELBRÜCK e BRUGMANN) permitem presumir que o pronome em questão deve a sua origem a uma causa dupla: ao interrogativo *quem* nas interrogativas indiretas e ao indefinido *quem*" [SA.5, 114-5].

115 A que chamamos intercalada de *desejo* José Oiticica denominava de *exclamação*.

116 Professores há que preferem, havendo na intercalada um verbo transitivo direto, considerar este tipo de oração com principal. Assim, analisam:

Oração principal: *me pediu o rapaz*.

Oração subordinada, substantiva objetiva direta, justaposta: *dê-me água*.

Se a intercalada não encerra verbo transitivo direto, acham-no por elipse.

117 Com seus alunos deve apenas o professor insistir na conceituação de oração intercalada, desprezando minúcias de classificação. Nem sempre se traçam linhas rigorosas de demarcação entre o sentido de muitas dessas intercaladas.

118 Cf. [OG.1, 123], onde se encontra excelente e larga exposição sobre o emprego dos verbos *dicendi* e *sentiendi*, bem como as alterações que podem ter os tempos e modos verbais e os pronomes demonstrativos e possessivos na passagem do discurso direto a indireto, a pontuação e a colocação desses verbos. O assunto extrapola, na sua análise mais profunda, o âmbito da gramática para inserir-se na linguística do texto.

119 Para estes e outros exemplos ver [MBa.1, 181-3].

120 O fato ocorre também em francês, alemão e línguas escandinavas, conforme observa NYROP, *Grammaire Historique*, VI, §377 e *REMARQUE: Les confidences que je ne doutais pas qu'elle eût reçues de ma soeur. This man who I thought was my friend. "Ferner will ich deinem Vater sagen, was ich glaube, dass du wünschest*"(LESSING).

121 O fato se repete no latim: "Vejens bellum ortum est, *quibus* Sabini arma conjunxerant" [Tito Lívio, 2, 53 *apud* JMa.1, § 317, d) Obs. 1.ª)]. Cf. ainda [MBa.4, 25].

122 Pode ainda aqui faltar *o tal*:

Falaste *de modo* que desistiram do pedido.

Há acentuada pausa entre o substantivo e o *que*.

123 Hoje raro.

124 Cf. Lôfstedt, *Philologischer Kommentar zur Peregrinatio Aetheria*e, 56 e ss.; Norberg, *Syntaktische Forschungen auf dem Gebiete des Spätlaeins und des frühen Mittellateins*, 239; *Svennung, Untersuchngen zu Palladius und zur lateinischen Fach — und Volkssprache*, 505, nº 4. Maximino Maciel, *Lições Elementares de Língua Portuguesa*, 120: Mário Barreto, *Estudos da Língua Portuguesa*, 93 e ss. Martinz de Aguiar (em carta particular), Cândido Jucá (filho), *O Fator Psicológico na Evolução Sintática*, 91 consideram a oração de *fazer* como *subjetiva*.

125 Assim fazem os mestres Said Ali e Epifânio Dias.

126 Outros autores supõem que as orações do tipo de "há quatro dias", "faz quatro dias", sofreram um processo de *gramaticalização*, passando a ser consideradas como simples adjuntos adverbiais de tempo. Distinguindo — a meu ver sem razão — a sintaxe de *fazer* e *haver* nestas expressões, diz Maximino Maciel a respeito deste último verbo: "Procurar conferir ao verbo *haver* nestes casos a função proposicional é complicar a análise sem proveito na prática; e, além disso, nestas frases equivale praticamente à preposição *desde*" (*Lições Elementares*, 122, nº 1). Cf. *Gramática Descritiva* do autor, p. 343 e 395.

127 Este emprego do *que* é comum no francês e, por isso, se tem a construção como galicismo.

128 Deve-se distinguir cuidadosamente o infinitivo do futuro do subjuntivo: este aparece na oração não integrante. Assim as formas verbais do seguinte exemplo estão no futuro do subjuntivo, e não no infinitivo (a oração é adverbial condicional

introduzida por *se*): "Se do céu, onde estais, *abaterdes* os olhos e os *puserdes* em Amarante..." [AV.1, 7, VII, 294 *apud* FB.1]. O texto foi eliminado das edições modernas.

129 Com razão insiste Adolfo Coelho [ACo.1, 121, nota]: "Não *deve* nunca confundir-se o que é simplesmente equivalente com que é idêntico na forma, conquanto haja vantagem em fazer ver aos alunos que o mesmo pensamento se exprime de diversos modos".

130 Leia-se a respeito [MBa.1, cap. XI].

131 Cf. [CBd.1, 62; SA.5, II, 151 e ss; LSp.2]

132 Falando-se com rigor, funcionava originariamente como sujeito de um particípio absoluto o infinitivo que se junta a *não obstante*, *visto*, *posto*, etc. [Cf. ED.2, § 288 a)] e [EB.1, 35].

133 Melhor fora pontuar: *que*, a ser verdadeiro, devia...

134 Presos a um critério semântico, e não sintático, alguns professores ensinam que este *a* é conjunção condicional, lição que deve ser cuidadosamente evitada. Cf. a crítica de E. Carneiro Ribeiro [CR.1, 454], embora não seja convincente a solução que apresenta, socorrendo-se ao cômodo, mas enganador, recurso da elipse.

135 Temos dúvidas em apontar como galicismos vários empregos da preposição *a* em sentido final, pois é modo que as línguas românicas herdaram do latim. Para as condenações ver Mário Barreto [MBa.1, 515] e Epifânio Dias [ED.2, § 325, a) obs]. Para fontes de estudos remetemos o leitor a Meyer-Lübke [MLk.1, III, §§ 331 e 505] e Dag Norberg [DN.1, 211].

136 Pode-se enquadrar este tipo no caso dos infinitivos substantivados, sem formar oração à parte.

137 Carlos de Laet já condenou a Camilo o emprego pronominal do verbo *esvoaçar-se*, e o notável escritor lusitano defendeu-se com exemplo de Castilho (Cf. *Ecos Humorísticos do Minho*, n.º 2, p. 11). Rui Barbosa comenta [RB.1, 159]: "Teve-se por erro a Camilo haver pronominado o verbo *esvoaçar*. Não havia razão: várias vezes lhe dera Castilho Antônio essa categoria... e Vieira usara de *voar-se*". Cf. ainda [JC.1, 16, n.º 3]. Em [CBr.1, 56] colhemos *volitar-se*: "... a pomba que *se volita da arca*...".

138 Curso dado no INEP, 1949. Súmula 14.ª, p. 2. Vale a pena lembrar que aqui estamos diante de um exemplo do fenômeno de hipotaxe ou subordinação: são palavras (lexemas) ou grupos de palavras que experimentam o procedimento da subordinação no nível dos elementos mínimos da camada de estruturação gramatical e passaram a funcionar, na condição de unidades deste nível, como preposições.

139 F. Brunot dá o *que* também como pronome relativo em expressões francesas do tipo: *Arrivé que fut ledict conte* [cf. FBr.1, 767]. Também Meyer-Lübke [MLk.1, III, § 633] e A. Llorach [AL.1, § 208].

140 Exemplos de José Oiticica, *Curso do INEP*.

141 "Às vezes procura-se desdobrar este tipo de orações em explícitas [= desenvolvidas] temporais iniciadas por *quando* ou *enquanto*. É mero expediente, pois a noção de tempo não é equivalente à de modo ou meio de fazer alguma coisa" [SA.2, 183].

142 Baseados nesta construção, muitos romanistas explicam a construção *não sei que fazer* pelo emprego do infinitivo numa interrogação indireta por influência do infinitivo da interrogação direta *que fazer?* Estudos mais recentes nos ensinam que o infinitivo, nestes casos, se explica por contaminação sintática de uma oração de infinitivo (no latim *nihil habeo dicere*) com uma oração de relativo (no latim *nihil habeo quod dicam*). A discussão do problema se acha no artigo de Dag Norberg, *Zum Infinitiv in lat. Frage – und Relativsätzen* (na revista alemã *Glotta*, 1939, XXVII, 3-4, p. 261-70) e no livro do mesmo autor *Syntaktische Forschungen*, 259 e ss., onde se encontra extensa bibliografia.

Esta singular inexatidão de expressão (para usar as palavras de Meyer-Lübke, *Grammaire*, III, § 676), porque contraria o conceito de orações desenvolvidas e reduzidas, se explica, para Epifânio Dias (*Gramática Portuguesa Elementar*, § 244 e *Sintaxe Histórica*, §§ 274, a, Obs. 2ª e 307), por uma elipse de *poder*, *dever* ou *haver*, no presente ou pret. imperfeito: Não há um momento que (*possamos*) perder. Não sabia que (*havia de*) fazer.

Não nos foi possível fixar a opinião definitiva de Mário Barreto, pois que, através de sua extensa obra, encontramos as duas explicações. Nos *Últimos Estudos*, pp. 277-279, em artigo de 1929, pensa como Epifânio Dias e lhe cita a *Gramática Portuguesa Elementar*. Na 2ª edição dos *Novíssimos Estudos*, p. 132, nota, anterior, portanto ao artigo antes citado, contraria a Epifânio Dias, visivelmente influenciado que estava pelo § 133, b) dos excelentes *Élements de Linguistique Romane*, de E. Bourciez, embora não lhe faça referência, e nos dá uma lição digna de repetida:

"Quando se trata de interrogação indireta, feita por meio de um pronome ou de um advérbio interrogativo, o emprego do infinitivo na frase subordinada (com condição que o sujeito dela seja o mesmo que o da principal) é efeito de um cruzamento sintático. Uma frase como *nescio quid dicam*, aproximada no nosso espírito *de nescio dicere*, dá lugar a *nescio quid dicere* no latim falado. Contaminam-se duas construções: *Não sabe que diga + não sabe dizer nada = não sabe que dizer*. Idêntica combinação ou fusão de duas frases sinônimas de estrutura normal acharemos em: *Não sei como diga isso + não sei dizer isso = não sei como dizer*. — Buscou aquele lugar onde fizesse penitência + buscou aquele lugar para fazer penitência = buscou aquele lugar onde fazer penitência. — Eis aqui três exemplos da construção com infinitivo, construção que, neste caso,

o latim clássico não admitia, mas sim a do verbo finito em subjuntivo, a qual também admite o idioma português: "Dinheiro não acitavam de esmola, porque não achavam *que comprar* com ele" (Sousa, *Anais de El-rei D. João Terceiro*, publicados por A. Herculano, Lisboa, 1844, p. 44); "Não sei *que fazer* ao teu coração" (Camilo, *Memórias de Guilherme do Amaral*, 3ª ed., p. 171): "Não sabia escrever, não tinha ninguém *a quem pedir* a esmola de uma carta" (Id., *Maria Moisés*, 1ª parte, p. 40, ed. de 1876). Mas isto faz-se quando o agente da oração subordinante é o mesmo que o da proposição subordinada. Quando cada uma tem o seu nominativo, não tem cabimento usar o infinitivo. — Indaga-me tu *que* poderá ela ter. — Pergunta-lhe *que* tem. — Não sei *que* notou. Não é aceitável a explicação que do infinitivo dão alguns autores (e entre eles o ilustre filólogo Sr. Epifânio Dias na sua excelente *Gramática Portuguesa Elementar*, § 244), supondo a elipse dos verbos *poder*, *dever* no presente ou pretérito imperfeito do conjuntivo. Figure-se este exemplo: *Não lhe ocorreu que poder replicar-me*. Não é possível subentender-se o mesmo verbo num modo pessoal. O mesmo se dirá destoutro exemplo, só com diferença que em vez da frase interrogativa se trata da relativa: "Não tinha o governador baixelas, nem diamantes, *de que poder valer-se*; assim recorreu a outros penhores, a que a fidelidade deu valia, a Natureza não" (Jacinto Freire, *Vida de D. João de Castro*, liv. III, número 29). Antes de pôr fim a esta nota, lembra-nos a seguinte passagem do livro divino de Frei Luís de Sousa, na qual se emprega em orações relativas o infinitivo como equivalente do subjuntivo latino: "Estava o arcebispo só, não tinha homem *de quem se valer*; lançou os olhos pela casa, não viu coisa *que dar*, e viu-se obrigado a acudir"(*Vida de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires*, liv. I, cap. 21).

143 Cf. [ALb.1, 9-10 e 98 e ss.], donde extraímos os exemplos.

144 Cf. [SA.5, 194-196]. Para o latim [DN.1, 48].

145 Julgamos injusta a condenação de Mário Barreto [MBa.4, 51 da 3ª ed.]:

"É um dos instintos mais naturais do nosso falar: mas, em muitos textos escritos, uma preocupação pedantesca das mais descabidas põe de novo o pronome: é um indício singular de deformação artificial". Nos *Últimos Estudos* se mostra menos rigoroso: "Os verbos reflexivos no infinitivo depois dos verbos *fazer*, *deixar*, *ouvir*, *ver*, perdem em geral o seu pronome complemento" [MBa.2, 206].

146 Tem-se dito que Epifânio Dias (*Sintaxe Histórica*, § 347, 6, Obs. 1ª) admite a construção censurada pelos gramáticos (veja-se entre outros, A. C. Pires de Lima na sua resenha in *Revista Lusitana*, XXX, p. 205, nº 4): mas a redação do ilustre sintaticista não nos autoriza a pensar assim. Tratando dos verbos que pedem oração objetiva direta, diz em observação: "Alguns dos verbos de que trata este § também têm outra sintaxe. v. g.: 1) *pedir* também se constrói intransitivamente seguido de *para que*, ou *para* (com infinitivo)". E acrescenta: "Também em latim a oração de *ut* que se junta ao verbo *peto* é originariamente uma oração final". Pondo de lado a argumentação do latim, creio não encontrarmos fundamento de que a construção censurada tenha o beneplácito de Epifânio. Aquele *intransitivamente* nos leva a interpretar assim a lição (note-se que, na nomenclatura gramatical do sintaticista português, *Intransitivo* é o verbo que não pede complemento ou que pede complemento indireto): Epifânio defendia o emprego do verbo *pedir* sem o objeto direto *licença*, modo de dizer que Cândido de Figueiredo e outros tinham por errôneo, conforme se vê da defesa de Rui Barbosa, *Réplica*, 136 da 1.ª ed. nota 3 do n.º 95.

Somos de opinião que no caso do verbo *pedir* houve contágio da noção de objeto direto com a de adverbial de fim, que a expressão linguística traduz por formas condensadas, dando ocasião, muitas vezes, ao aparecimento da preposição como posvérbio (cf. o capítulo dos complementos verbais). Tais formas condensadas são frequentes: *atirar o livro* e *atirar com o livro* (condensação da noção de objeto direto com a de adverbial de instrumento), *olhar os campos* e *olhar para os campos* (do objeto direto e adjunto adverbial de direção, de lugar), *puxar a espada* e *puxar da espada* (do objeto direto e adjunto adverbial de lugar donde, origem), *pegar a pena* e *pegar na pena* (do objeto direto e do adjunto adverbial de lugar), etc., onde o pensamento não considera apenas o objeto, mas encarece uma circunstância concomitante na realização do processo indicado pelo verbo.

Entretanto, Carlos Góis, pensando que o *para* rege a oração objetiva direta, explica o fato por cruzamento sintático: "Do cruzamento da primeira forma (com o objeto direto expresso: *um soldado pediu-lhe licença para sair*) com a segunda (com o objeto direto indeterminado: *um soldado pediu-lhe para sair*) resultou uma terceira – a do verbo *pedir* seguida da preposição *para* regendo esta, não mais o adjunto adverbial de fim (note-se bem), mas o próprio objeto direto!" (*Sintaxe de Regência*, 124).

147 Por isso é injusta a crítica feita por A. Feliciano de Castilho – e a crítica foi acolhida pelo nosso ilustre gramático. E. Carlos Pereira (*Gramática Expositiva*, § 496 in Galicismos Fraseológicos) ao seguinte trecho do Padre Bernardes (e note-se que está com a respectiva vírgula!): "Nos casos chamados nas escolas absolutos ou ablativos absolutos dos romanos, antepõe (Bernardes) alguma vez o substantivo ao adjetivo, o que mais soa a francês que a português genuíno, e se deve evitar com grande escrúpulo: "Frei Domingos, vindo de Tortosa para Valença, com outros companheiros, que tinham ido tomar ordens, se lhe ajuntou ao caminho um moço mui confiado, etc." Havia de dizer: "Vindo Frei Domingos, etc."(Livraria Clássica, Padre Manuel Bernardes, II, 304-5). Pondo de lado a lição de gramática de um amador, ainda que ilustre, adiantamos que o pretenso erro não é de Bernardes, mas do crítico, uma vez que se lê o seguinte na *Nova Floresta*: "Vindo o servo de Deus de tortosa para Valença..." (III, 492).

148 Sem razão, Leite de Vasconcelos (*Lições de Filologia*, 382) condena como galicismo, a palavra *passagem*, no sentido aqui empregado, mandando substituí-la por *passo*. Os melhores escritores da língua usam *passagem* nesta acepção, e o clássico *Dicionário de Morais* (1813) a registra sem nenhuma crítica.

149 Assim escreveu Alexandre Herculano e não como aparece na edição moderna da *Antologia Nacional* de Fausto Barreto e Carlos de Laet (p. 196): *antes de o caso suceder*. Com a responsabilidade dos antigos editores da *A. Nacional* corria a combinação tida por correta. Aliás, Laet praticava a combinação: Entre as duas opiniões antinômicas e inconciliáveis do João Fernandes, esta *do cara* ser exótico (...) e aquela de ser indígena (...) (*Obras Seletas*, II, 261).

150 Para maiores exemplos, veja-se o prestimoso livro do Padre Pedro Adrião, *Tradições Clássicas da Língua Portuguesa*, § 691, p. 259).

151 Tal preceito gramatical se torna ainda mais difícil de se conciliar com a prática, quando se está diante de construções como: *O fato é devido AO* (por *a o*) *avião se ter atrasado* (ou, noutra ordem: *é devido a se ter o avião atrasado*); *PRO menino* (por *para o menino*) *ver*. Sentimos discordar da lição de Rebelo Gonçalves no seu *Tratado de Ortografia* (p. 286, Obs. 2.ª) cujos exemplos não vão em sua defesa. Cf. Diez, *Grammaire*, III, 425 e Meyer-Lübke, *Grammaire*, III, § 744).

152 Cf. ainda do mesmo autor *Dificuldades da Língua Portuguesa*, 30-1, e Solidônio Leite, *Clássicos Esquecidos*, 211 e ss. Também consideram arcaica a combinação Epifânio Dias 1933: 457, Obs. 3ª e Cláudio Brandão 1963: 354.

153 Comenta com razão Sousa da Silveira (*Trechos Seletos*, 251 da 4.a ed.): "O possesivo no plural, determinando dois substantivos do singular, e evitando assim o impreciso de "o nosso Basílio e Durão" e o pesado de "o nosso Basílio e nosso Durão. Cf.: "Os mesmos Pitt e Napoleão, apesar de precoces, não foram tudo aos vinte e um anos" (M. de Assis, *Papéis Avulsos*, 88).

154 Está correto neste caso também o emprego da concordância com a forma gramatical da palavra determinada: "Com estes leitores assim previstos, o mais acertado e modesto é *a gente ser sincera*" [CBr. *apud* MBa.2, 411].

155 Pode ocorrer a aparente discordância entre um nome e um pronome: "Luís escreveu uma *ode* admirável como sabia escrevê-*las* (João Ribeiro).

156 O mesmo Camilo reprovou a um amigo tal prática de linguagem: "Se fizeres terceira edição deves purificá-la das palavras *mesmo* como advérbio, posto que tenhas um exemplo em Camões e outros em D. Francisco Manuel de Melo" [CBr.3, II, 167].

157 Dá-se ao fenômeno o nome de contaminação ou cruzamento sintático. Cf. **Contaminação sintática**.

158 Elemento decisivo aqui é o ritmo com que se profere a oração, que determina a concordância com o sujeito ou com o predicativo. São oportunas as considerações de Rodrigues Lapa neste sentido, na sua *Estilística*.

159 Sobre esta última possibilidade comenta Said Ali: "A força de combater-se uma concordância que não é mais do que o corolário de um fenômeno de sintaxe histórica portuguesa fundada em sintaxe latina, tem desaparecido da linguagem literária o emprego de *quem* com verbo em 1.a e 2.a pessoa, vigorando todavia a antiga concordância desde que se empregue *que* em lugar de *quem*" (*op. laud.*).

160 Pode dar-se a omissão de *um*: "Foi dos últimos que *usaram* presilhas, rodaque e gravata de moda" (M. de Assis, D. Casmurro).

161 A presente lista não dispensa a consulta ao dicionário, o de regência, uma vez que o emprego do verbo como transitivo (com ou sem preposição) ou intransitivo depende de sua significação.

Quando ao verbo se segue um travessão (–), isto significa que ele pode ser também usado transitivamente. Por exemplo: *atender– a*: *atender o cliente*, *o cliente foi atendido*, *atendê-lo*, *atender ao cliente*. Umas vezes a variedade não implica mudança de significado; outras vezes sim. Daí a necessidade de consulta aos dicionários para se ter uma lição mais completa e adequada. O principal objetivo da relação é oferecer ao leitor a preposição que acompanha o verbo, quer no complemento quer no adjunto adverbial.

162 "No sentido de *mandar vir* é transitivo direto; no de *dar nome* é transitivo indireto. Já é muito corrente no Brasil a construção *chamar de* com obj. dir., contaminada de outras, como *acusar*, *arguir de*" [AN.1, 38].

163 Usa-se também transitivo em Portugal, com o sentido de "namorar", tratar intimamente.

164 Ou cumprir simplesmente.

165 Sem a preposição exprime obrigação; com *de*, probabilidade. Ex: *Você deve ter capricho*. *Ela deve de ter quinze anos*.

166 No significado de *resultar* é transitivo direto: *Isto implica erro*.

167 No significado de *produzir*, *acarretar* é transitivo direto.

168 *Morador na rua tal*, *no largo tal* (e não *à rua tal*).

169 É coloquial o uso da preposição *com*, influenciado talvez pela regência de *casar*.

170 Não pode aceitar obj. direto de pessoa: Paguei *o médico*, mas sim de coisa paga: Pagu*ei a conta* ao garção.

171 É errôneo o emprego do advérbio *antes* ou *mais* com este verbo porque a noção de preferência ou excelência já está contida no prefixo. É também errôneo o uso da conjunção comparativa *que* (ou *do que*). Deve dizer-se *prefiro isto àquilo*,

prefiro o teatro ao cinema.

172 O uso de *a* é considerado errado com exagero, por francesismo.

173 No sentido de *estimar*, *querer bem.*

174 *Sito na rua tal*, *no largo tal* e não *à rua*.

175 Seleção de fatos apresentados por F. J. Martins Sequeira em *Rol de Estrangeirismos*.

III – Pontuação

Os diversos tipos de sinais de pontuação – Com Nina Catach, entendemos por pontuação um "sistema de reforço da escrita, constituído de sinais sintáticos, destinados a organizar as relações e a proporção das partes do discurso e das pausas orais e escritas. Estes sinais também participam de todas as funções da sintaxe, gramaticais, entonacionais e semânticas" [NC.1, 7].

Os sinais de pontuação datam de época relativamente recente na história da escrita, embora se possa afirmar uma continuidade de alguns sinais desde os gregos, latinos e alta Idade Média; constituem hoje peça fundamental da comunicação e se impõem como objeto de estudo e aprendizado. Ao lado dos grafemas que "vestem" os fonemas, os morfemas e as unidades superiores, esses sinais extra-alfabéticos, como assinala Catach, são essencialmente unidades sintáticas, "sinais de orações" e "sinais de palavras", podendo comutar com tais unidades alfabéticas, substituí-las e tomar de empréstimo seu valor. Assim, um apóstrofo indica a supressão de um grafema, uma vírgula uma unidade de coordenação ou de subordinação. Na essência, os sinais de pontuação constituem um tipo especial de grafemas.

Pode-se entender a pontuação de duas maneiras: numa acepção larga e noutra restrita. A primeira abarca não só os sinais de pontuação propriamente ditos, mas de realce e valorização do texto: títulos, rubricas, margens, escolha de espaços e de caracteres e, indo mais além, a disposição dos capítulos e o modo de confecção do livro.

Segundo a concepção restrita, a pontuação é constituída por uns tantos sinais gráficos assim distribuídos: os essencialmente *separadores* (vírgula [,], ponto e vírgula [;], ponto final [.], ponto de exclamação [!], reticências [...]), e os sinais de comunicação ou "mensagem" (dois pontos [:], aspas simples [‘ ’], aspas duplas [“ ”], o travessão simples [–], o travessão duplo [—], os parênteses [( )], os colchetes ou parênteses retos [[ ]], a chave aberta [{], a chave fechada [}]. Alguns destes dois tipos de sinais admitem ainda uma subdivisão em sinais de *pausa conclusa* (fundamentalmente o ponto, e depois ponto e vírgula, o ponto de interrogação, o ponto de exclamação, as reticências, quando em função conclusa) e d e *pausa inconclusa* (fundamentalmente pela vírgula, mas também por dois pontos, parênteses, travessão, colchetes, quando em função inconclusa, i. é, quando as orações estão articuladas entre si).

A primeira palavra depois de um sinal de pausa conclusa é escrita com letra inicial maiúscula; se a oração seguinte constitui novo conjunto de ideias, ou mudança de interlocutor de diálogo, será escrito na outra linha e terá o seu final marcado pelo ponto parágrafo.

Estes sinais não se aplicam igualmente a todas as atividades linguísticas, razão por que podem ser distribuídos em três domínios de função da pontuação:

a) *a pontuação de palavras* (espaços em branco; maiúsculas iniciais; ponto abreviativo; traço de união, hífen ou traço de separação; apóstrofo; sublinhado; itálico).

b) *a pontuação sintática e comunicativa* (a pontuação propriamente dita e objeto deste capítulo).

c) *a pontuação do texto.*

Os dois primeiros, assinala ainda Catach, têm uma série de características que os distinguem do terceiro tipo: são *interiores* ao texto, aparecem de maneira linear, são comuns ao manuscrito e ao texto impresso e, em princípio, fazem parte da mensagem linguística. Apesar de poderem sofrer interferência de outra pessoa, é bem provável que pertençam à iniciativa e decisão do autor no seu desejo de levar ao texto algo mais de expressividade, de contorno melódico, rítmico e entonacional, além das palavras e construções utilizadas. Todavia, há de se levar em conta que os editores e preparadores de textos antigos (quando nem sempre se pode pensar em critérios inexistentes ou caóticos) a modernos têm muito interferido na pontuação original do autor de tal maneira, que é muito precária a certeza de que os sinais – e principalmente a falta deles – revelem as funções sintáticas, comunicativas expressivas que o escritor pretendera passar às palavras e orações empregadas no texto.

Ao contrário, no que toca ao terceiro tipo de pontuação, dela participam todos os que exercem atividade nesse âmbito, com funções específicas: calígrafos, secretários, tipógrafos, digitadores, revisores, editores.

Levando em conta tais distinções, podemos definir o conjunto dos dois primeiros tipos de pontuação que constituem essencialmente o objeto deste capítulo, como o fez Catach:

> "Conjunto de sinais visuais de organização e apresentação que acompanham o texto, *interiores* ao texto e *comuns* tanto ao manuscrito quanto ao impresso; abrange a pontuação várias classes de sinais gráficos discretos e constitutivos de um sistema, complementando ou suplementando a informação escrita".

Já o terceiro tipo é assim definido pela mesma autora:

> "Conjunto de técnicas visuais de organização e de apresentação do objeto livro, que vão do espaço entre palavras aos espaços de páginas, passando por todos os procedimentos interiores e exteriores ao texto, com vista ao seu arranjo e sua valoração".

A pontuação e o entendimento do texto – O enunciado não se constrói com um amontoado de palavras e orações. Elas se organizam segundo princípios gerais de dependência e independência sintática e semântica, recobertos por unidades melódicas e rítmicas que sedimentam estes princípios. Proferidas as palavras e orações sem tais aspectos melódicos e rítmicos, o enunciado estaria prejudicado na sua função comunicativa. Os sinais de pontuação, que já vêm sendo empregados desde muito tempo, procuram garantir no texto escrito esta solidariedade sintática e semântica. Por isso, uma pontuação errônea produz efeitos tão desastrosos à comunicação quanto o desconhecimento dessa solidariedade a que nos referimos.

Várias situações incômodas já foram criadas pelo mau emprego dos sinais de pontuação. Notem-se as diferenças entre as seguintes ordens de comando:

> Não podem atirar!
> Não, podem atirar!

Há numerosos jogos, bem mais divertidos e inocentes do que as situações de ordem anterior, cuja integridade comunicativa depende do bem emprego desses sinais.

Vejamos um exemplo:

Levar uma pedra para Europa uma andorinha não faz verão.

Ou

Um fazendeiro tinha um bezerro e a mãe do fazendeiro era também o pai do bezerro.

Para integridade da mensagem, basta colocar vírgula ou ponto e vírgula depois de *mãe*, no último exemplo. No primeiro, basta uma vírgula depois de *faz*, sendo *verão* a forma de futuro do verbo *ver*.

Ponto – O ponto simples final, que é dos sinais o que denota maior pausa, serve para encerrar períodos que terminem por qualquer tipo de oração que não seja a interrogativa direta, a exclamativa e as reticências.

É empregado ainda, sem ter relação com a pausa oracional, para acompanhar muitas palavras abreviadas: *p.*, *2.ª*, etc.

Quando o período, oração ou frase termina por abreviatura, não se coloca o ponto final adiante do ponto abreviativo, pois este, quando coincide com aquele, tem dupla serventia. Ex.: "O ponto abreviativo põe-se depois das palavras indicadas abreviadamente por suas iniciais ou por algumas das letras com que se representam, *v.g.* ; *V. S.ª* ; *Il.mo* ; *Ex.ª* ; etc." (Dr. Ernesto Carneiro Ribeiro)

Com frequência, aproxima-se das funções do ponto e vírgula e do travessão, que às vezes aparecem em seu lugar.

Ponto parágrafo – Um grupo de períodos cujas orações se prendem pelo mesmo centro de interesse é separado por ponto. Quando se passa de um para outro centro de interesse, impõe-se-nos o emprego do ponto parágrafo iniciando-se a escrever, na outra linha, com a mesma distância da margem com que começamos o escrito.

Na linguagem oficial dos artigos de lei, o parágrafo é indicado por um sinal especial (§).

Ponto de interrogação – Põe-se no fim da oração enunciada com entonação interrogativa ou de incerteza, real ou fingida, também chamada retórica.

Enquanto a interrogação conclusa de final de enunciado requer maiúscula inicial da palavra seguinte, a interrogação interna, quase sempre fictícia, não exige essa inicial maiúscula da palavra seguinte:

Pensas que eu e meus avós ganhamos o dinheiro em casas de jogos ou a vadiar pelas ruas? Pelintra! [MA.1, 72].

— Nhonhô, diga a estes senhores como é que se chama seu padrinho?

— Meu padrinho? É o Excelentíssimo Senhor coronel Paulo Vaz Lobo Cesar de Andrade e Sousa Rodrigues de Matos [MA.1, 32].

O ponto de interrogação, à semelhança dos outros sinais, não pede que a oração termine por ponto final, exceto, naturalmente, se for interna.

— "Esqueceu alguma cousa? perguntou Marcela de pé, no patamar" [MA.1, 50].

A interrogação indireta, não sendo enunciada em entonação especial, dispensa ponto de interrogação. O nosso sistema gráfico não distingue o ponto de interrogação da pergunta de sim ou não da pergunta total.

No diálogo pode aparecer sozinho ou acompanhado do de exclamação para indicar o

estado de dúvida do personagem diante do fato:

— "Esteve cá o homem da casa e disse que do próximo mês em diante são mais cinquenta...
— ? !..." [ML.1, 226].176

Ponto de exclamação – Põe-se no fim da oração enunciada com entonação exclamativa:

"Que gentil que estava a espanhola!" [MA.1, 50].
"Mas, na morte, que diferença! Que liberdade!" [MA.1, 81].

Põe-se o ponto de exclamação depois de uma interjeição:

Olé! exclamei. [MA.1, 74].
Ah! brejeiro! [MA.1, 93].

Aplicam-se ao ponto de exclamação as mesmas observações feitas ao ponto de interrogação, no que se refere ao emprego do ponto final e ao uso da maiúscula ou minúscula inicial da palavra seguinte.

Há escritores que denotam a gradação da surpresa através da narração com aumento progressivo do ponto de exclamação ou de interrogação:

"E será assim até que um senhor Darwin surja e prove a verdadeira origem do *Homo sapiens*...
— ? !
— Sim. Eles nomear-se-ão *Homo sapiens* apesar do teu sorriso, Gabriel, e ter-se-ão como feitos por mim de um barro especial e à minha imagem e semelhança.
— ? ! !" [ML.1, 204].

Reticências – Denotam interrupção ou incompletude do pensamento (ou porque se quer deixar em suspenso, ou porque os fatos se dão com breve espaço de tempo intervalar, ou porque o nosso interlocutor nos toma a palavra), ou hesitação em enunciá-lo:

"Ao proferir estas palavras havia um tremor de alegria na voz de Marcela: e no rosto como que se lhe espraiou uma onda de ventura..." [MA.1, 121].
"Não imagina o que ela é lá em casa: fala na senhora a todos os instantes, e aqui aparece uma pamonha. Ainda ontem... Digo, Maricota?" [MA.1, 120].
— "Moro na rua...
— Não quero saber onde mora, atalhou Quincas Borba" [MA.1, 169].

Postas no fim do enunciado, as reticências dispensam o ponto final, como se pode ver nos exemplos acima.

Se as reticências servem para indicar uma enumeração inconclusa, podem ser substituídas por *etc*.

Na transcrição de um diálogo, as reticências indicam a não resposta do interlocutor.

Numa citação, as reticências podem ser colocadas no início, no meio o no fim, para indicar supressão no texto transcrito, em cada uma dessas partes. Quando há supressão de um trecho de certa extensão, costuma-se usar uma linha pontilhada. Depois de um ponto de interrogação ou exclamação podem aparecer as reticências.

Vírgula – Emprega-se a vírgula:

a) para separar termos coordenados, ainda quando ligados por conjunção (no caso de haver pausa).

"Sim, eu era esse garção bonito, airoso, abastado" [MA.1, 48].
— "Ah! brejeiro! Contanto que não te deixes ficar aí inútil, obscuro, e triste" [MA.1, 93].

Observação: Na série de sujeitos seguidos imediatamente de verbo, o último sujeito da série não é separado do verbo por

vírgula:

Carlos Gomes, Vítor Meireles, Pedro Américo, José de Alencar tinham-nas começado [CL.1, I, 102].

b) para separar orações coordenadas aditivas ainda que sejam iniciadas pela conjunção e, proferidas com pausa.

"Gostava muito das nossas antigas dobras de ouro, e eu levava-lhe quanta podia obter" [CL.1, I, 53].

"No fim da meia hora, ninguém diria que ele não era o mais afortunado dos homens; conversava, chasqueava, e ria, e riam todos" [CL.1, I, 163].

c) para separar orações coordenadas alternativas (*ou*, *quer*, etc), quando proferidas com pausa:

Ele sairá daqui logo, *ou eu me desligarei do grupo*.

OBSERVAÇÃO: Vigora esta norma quando *ou* exprimir retificação:

Teve duas fases a nossa paixão, *ou* ligação, *ou* qualquer outro nome, que eu de nome não curo [MA.1, 52].

Se denota equivalência, não se separa por vírgula o *ou* posto entre dois termos: Solteiro *ou* solitário se prende ao mesmo termo latino.

d) nas aposições, exceto no especificativo:

"ora enfim de uma casa que ele meditava construir, para residência própria, casa de feitio moderno..." [MA.1, 238].

e) para separar, em geral, os pleonasmos, e as repetições (quando não têm efeito superlativamente).

"Nunca, nunca, meu amor!" [MA.1, 55].

A casa é linda, linda.

f) para separar ou intercalar vocativos; nas cartas a pontuação é vária (em geral, vírgula), e na redação oficial usam-se dois pontos.

g) para separar as orações adjetivas de valor explicativo:

"perguntava a mim mesmo por que não seria melhor deputado e melhor marquês do que o lobo Neves, – eu, *que valia mais*, muito mais do que ele, – ..." [MA.1, 137].

h) para separar, quase sempre, as orações adjetivas restritivas de certa extensão, principalmente quando os verbos de duas orações diferentes se juntam:

"No meio da confusão que produzira por toda a parte este acontecimento inesperado e cujo motivo e circunstâncias inteiramente se ignoravam, ninguém reparou nos dois cavaleiros..." [AH.1, 210].

OBSERVAÇÃO: Esta pontuação pode ocorrer ainda que separe por vírgula o sujeito expandido pela oração adjetiva:

Os que falam em matérias que não entendem, parecem fazer gala da sua própria ignorância [MM].

i) para separar as orações intercaladas:

"Não lhe posso dizer com certeza, respondi eu" [MA.1, 183].

j) para separar, em geral, adjuntos adverbiais que precedem o verbo e as orações adverbiais que vêm antes ou no meio da sua principal:

"Eu mesmo, até então, tinha-vos em má conta..." [MA.1, 185].

"mas, como as pestanas eram rótulas, o olhar continuava o seu ofício..." [MA.1, 183].

k) para separar, nas datas, o nome do lugar:

Rio de Janeiro, 8 de agosto de 1961.

l) para separar as partículas e expressões de explicação, correção, continuação, conclusão, concessão:

"e, *não obstante*, havia certa lógica, certa dedução" [MA.1, 89].

Sairá amanhã, *aliás*, depois de amanhã.

m) para separar as conjunções e advérbios adversativos (*porém*, *todavia*, *contudo*, *entretanto*), principalmente quando pospostos:

"A proposta, *porém*, desdizia tanto das minhas sensações últimas..."

[MA.1, 87].

n) para indicar, às vezes, a elipse do verbo:

Ele sai agora: eu, logo mais.

o) para assinalar a interrupção de um seguimento natural das ideias e se intercala um juízo de valor ou uma reflexão subsidiária.

p) para desfazer possível má interpretação resultante da distribuição irregular dos termos da oração, separa-se por vírgula a expressão deslocada:

De todas as revoluções, para o homem, a morte é a maior e a derradeira [MM].

Dois pontos – Usam-se dois pontos na:

1) enumeração, explicação, notícia subsidiária:177

Comprou dois presentes: um livro e uma caneta.

"que (Viegas) padecia de um reumatismo teimoso, de uma asma não menos teimosa e de uma lesão de coração: era um hospital concentrado"

[MA.1, 184].

"Queremos governos perfeitos com homens imperfeitos: disparate"

[M. de Maricá].

2) nas expressões que se seguem aos verbos *dizer*, *retrucar*, *responder* (e semelhantes) e que encerram a declaração textual, ou que assim julgamos, de outra pessoa:

"Não me quis dizer o que era: mas, como eu instasse muito:

— Creio que o Damião desconfia alguma coisa" [MA.1, 174].

Às vezes, para caracterizar textualmente o discurso do interlocutor, vem acompanhada de aspas a transcrição, e raras vezes de travessão:

"Ao cabo de alguns anos de peregrinação, atendi às suplicas de meu pai:

— Vem, dizia ele na última carta; se não vieres depressa acharás tua mãe morta!" [MA.1, 75].

3) nas expressões que, enunciadas com entonação especial, sugerem, pelo contexto, causa, explicação ou consequência:

"Explico-me: o diploma era uma carta de alforria" [MA.1, 71].

4) nas expressões que apresentam uma quebra da sequência das ideias:

Sacudiu o vestido, ainda molhado, e caminhou.

"Não! bradei eu; não hás de entrar... não quero... Ia a lançar-lhe as mãos: era tarde; ela entrara e fechara-se" [MA.1, 59].

Ponto e vírgula – Representa uma pausa mais forte que a vírgula e menos que o ponto, e é empregado:

a) num trecho longo, onde já existam vírgulas, para enunciar pausa mais forte:

"Enfim, cheguei-me a Virgília, que estava sentada, e travei-lhe da mão; D. Plácida foi à janela" [MA.1, 211].

b) separa as adversativas em que se quer ressaltar o contraste:

"Não se disse mais nada; mas de noite Lobo Neves insistiu no projeto" [MA.1, 210].

c) na redação oficial separa os diversos itens de um considerando, lei ou outro documento.

Travessão – Não confundir o travessão com o traço de união ou hífen e com o traço de divisão empregado na partição de sílabas (*ab-so-lu-ta-men-te*) e de palavras no fim de linha. O travessão pode substituir vírgulas, parênteses, colchetes, para assinalar uma expressão intercalada:

"... e eu falava-lhe de mil cousas diferentes – do último baile, da discussão das câmaras, berlindas e cavalos, de tudo, menos dos seus versos ou prosas" [MA.1, 138-9].

Usa-se simples se a intercalação termina o texto; em caso contrário, usa-se o travessão duplo:

"Duas, três vezes por semana, havia de lhe deixar na algibeira das calças – uma largas calças de enfiar –, ou na gaveta da mesa, ou ao pé do tinteiro, uma barata morta" [MA.1, 46].

OBSERVAÇÃO: Como se vê pelo exemplo, pode haver vírgula depois de travessão.

Pode denotar uma pausa mais forte:

"... e se estabelece uma cousa que poderemos chamar – solidariedade do aborrecimento humano" [MA.1, 126].

Pode indicar ainda a mudança de interlocutor, na transcrição de um diálogo, com ou sem aspas:

– Ah! respirou Lobo Neves, sentando-se preguiçosamente no sofá.
– Cansado? perguntei eu.
– Muito; aturei duas maçadas de primeira ordem (...) [MA.1, 177].

Neste caso, pode, ou não, combinar-se com as aspas.

Parênteses e colchetes – Os parênteses assinalam um isolamento sintático e semântico mais completo dentro do enunciado, além de estabelecer maior intimidade entre o autor e o seu leitor. Em geral, a inserção do parêntese é assinalada por uma entonação especial.

Quando uma pausa coincide com o início da construção parentética, o respectivo sinal de pontuação deve ficar depois dos parênteses, mas, estando a proposição ou a frase inteira encerrada pelos parênteses, dentro deles se põe a competente notação:

"Não, filhos meus (deixai-me experimentar, uma vez que seja, convosco, este suavíssimo nome); não: o coração não é tão frívolo, tão exterior, tão carnal, quanto se cuida" [RB]

"A imprensa (quem o contesta?) é o mais poderoso meio que se tem inventado para a divulgação do pensamento". (Carta inserta nos Anais da Biblioteca Nacional, vol. I) [CARLOS DE LAET]

Intimamente ligados aos parênteses pela sua função discursiva, os colchetes são utilizados quando já se acham empregados os parênteses, para introduzirem uma nova inserção.

Também se usam para preencher lacunas de textos ou ainda para introduzir, principalmente em citações, adendos ou explicações que facilitam o entendimento do texto. Nos dicionários e gramáticas, explicitam informações como a ortoépia, a prosódia etc., no que também podem

ser usados os parênteses.

Aspas – De modo geral, usamos como aspas o sinal [“ ”]; mas pode haver, para empregos diferentes as aspas simples [‘ ’], ou invertidas (simples ou duplas) [‘ ’], [“ ”]. Nos trabalhos científicos sobre línguas, as aspas simples referem-se a significados ou sentidos: *amare*, lat.‘*amar*’ port. Às vezes, usa-se nesta aplicação o sublinhado (cada vez menos frequente no texto impresso) ou o itálico. As aspas também são empregadas para dar a certa expressão sentido particular (na linguagem falada é em geral proferida com entoação especial) para ressaltar uma expressão dentro do contexto ou para apontar uma palavra como estrangeirismo ou gíria:

OBSERVAÇÃO: Escrevendo, ressaltamos a expressão também com o sublinhado, o que, nos textos impressos, corresponde ao emprego de tipo diferente:

— “Sim, mas percebo-o agora, porque só agora nos surgiu a ocasião de enriquecer. Foi uma sorte grande que Deus nos mandou.

— “Deus”...

— Deus, sim, e você o ofendeu afastando-a com o pé” [ML.1, 223].

“Você já reparou Miloca, na “ganja” da Sinhazinha? Disse uma sirigaita de “beleza” na testa” [ML.1, 102].

Quando uma pausa coincide com o final da expressão ou sentença que se acha entre aspas, coloca-se o competente sinal de pontuação depois delas, se encerram apenas uma parte da proposição; quando, porém, as aspas abrangem todo o período, sentença, frase ou expressão, a respectiva notação fica abrangida por elas:

“Aí temos a lei”, dizia o Florentino. “Mas quem as há de segurar? Ninguém.” [RB]

“Mísera, tivesse eu aquela enorme, aquela
Claridade imortal, que toda a luz resume!”

“Por que não nasce eu um simples vaga-lume?” [MA]

Alínea – Tem a mesma função do parágrafo, pois denota diversos centros de assuntos e, como este, exige mudança de linha. Geralmente vem indicada por número ou letra seguida de um traço curvo, semelhante ao que fecha parêntese para assinalar subdivisão da matéria tratada:

Os substantivos podem ser:

a) *próprios*

b) *comuns*

Chave – A chave [{ }] tem aplicação maior em obras de caráter científico, como pode exemplificar sua utilização neste livro.

Apêndice

Asterisco 178 – O asterisco (*) é colocado depois e em cima de uma palavra do trecho para se fazer uma citação ou comentário qualquer sobre o termo ou o que é tratado no trecho (neste caso o asterisco se põe no fim do período).

Nas obras sobre linguagem, o asterisco colocado antes e em cima da palavra o apresenta como forma reconstituída ou hipotética, isto é, de provável existência mas até então não documentada. Deve-se ao linguista alemão Augusto Schleicher (1821-1868) esta aplicação do sinal.

Emprega-se ainda um ou mais asteriscos depois de uma inicial para indicar uma pessoa cujo nome não se quer ou não se pode declinar: o *Dr.* *, *B.* **, *L.* ***

176 Em português, em geral se despreza o cômodo expediente do espanhol de indicar a interrogação no início da oração, com o sinal invertido: ¿O José chegou? Alguns escritores nossos fizeram uso deste expediente.

177 A imprensa moderna usa e abusa dos dois pontos para resumir, às vezes numa síntese de pensamento difícil de ser acompanhada, certas notícias. *Verão*: *cidade desprotegida das chuvas.*

178 Costuma-se ouvir este vocábulo deturpado para *asterístico*. *Asterisco* quer dizer *estrelinha*, nome devido à sua forma.

IV – Noções elementares de Estilística

Estilística – A *Estilística* é a parte dos estudos da linguagem que se preocupa com o *estilo.*

Que é estilo nesta conceituação – Entende-se por *estilo* o conjunto de processos que fazem da língua representativa um meio de exteriorização psíquica e apelo.

"O estilo, que é a solução para se fazer a língua da representação intelectiva servir às funções não intelectivas da manifestação psíquica e do apelo, é naturalmente levado a "deformar" os fatos gramaticais quando por eles aquelas funções não poderiam figurar".179

Estilística e Gramática – A compreensão deste conceito de *estilo* se fundamenta na lição de Charles Bally, segundo a qual o que caracteriza o estilo não é a oposição entre o *individual* e o *coletivo,* mas o contraste entre o *emocional* e o *intelectivo.* É neste sentido que diferem *Estilística* (que estuda a língua afetiva) e *Gramática* (que trabalha no campo da língua intelectiva). Baralhá-las, de modo que a Estilística se "dissolva" na Gramática, é pôr em perigo duas importantes disciplinas por confundir os seus objetos de estudo.

Uma não é a negação da outra, nem uma tem por missão destruir o que a outra, com orientação científica, tem podido construir. Ambas se completam no estudo dos processos do material de que o gênero humano se utiliza na exteriorização das ideias e sentimentos ou do conteúdo do pensamento designado.

Estilística e a Retórica – Tem-se apresentado a Estilística também como – a negação da antiga Retórica que predomina ainda na crítica tradicional do estilo com suas múltiplas indagações literárias, históricas, sociais, filosóficas e tantos outros domínios que na obra se espalham através do temperamento e atitude do escritor. Cabe aqui recordar as justas considerações de Amado Alonso:180 " ... a estilística não pretende petulantemente declarar caduca a crítica tradicional; reconhece seu alto valor e aprende nela; sabe que na análise de obras de arte nem tudo termina com o prazer estético e que há valores culturais, sociais, ideológicos, morais, enfim, valores históricos que não pode nem quer desprezar. E com a mesma se vê o que pretende e o seu valor: completar os estudos da crítica tradicional fazendo agora entrar um aspecto que estava menosprezado. E não apenas mais um aspecto, senão o aspecto básico e específico da obra de arte, o que dá valor a todos os outros. Por isso a estilística, sobre estudar temas novos, continua estudando com igual amor todos os velhos, apenas o faz do seu ponto de vista. Por exemplo, sempre se estudaram as fontes de um autor ou de uma obra, ou – o que vale o mesmo – a origem das ideias dominantes em um período literário. Porém realizou-se isso por interesse histórico, para fixar procedências. Este é o

ponto de chegada da crítica tradicional. Para a estilística é o ponto de partida, e a si pergunta: que fez meu autor ou minha época com estas fontes? Para usar a velha comparação: estudando o mel, a crítica tradicional estabelece em que flores e de que campos extraiu a abelha; a estilística se pergunta: como resultou este produto heterogêneo com todas as suas procedências, qual é a alquimia, que originais e triunfantes intenções lhe insuflaram vida nova? Ou voltando à comparação da estátua: a crítica tradicional estuda as canteiras donde procede o mármore; a estilística, que é que o artista fez com ele''.

Análise literária e análise estilística – Da lição de Amado Alonso se patenteia que não se há de confundir *análise literária* com *análise estilística*, pois que, trabalhando num mesmo trecho, tem preocupações diferentes e utilizam ferramentas também diversas. Em que pese à autoridade de nossos programas oficiais para ensino de Língua Portuguesa, o que deve ser, primordialmente, objeto da tarefa do professor de língua é a *análise estilística* (ainda que *elementar,* como reza a letra deste mesmo programa), e não a *análise literária,* que é da alçada do professor de Literatura. Ensinando-se a *língua* portuguesa, nada mais natural do que, num texto literário ou não, ressaltar o *sistema expressivo e sua eficácia estética* no idioma ou nas particularidades idiomáticas de um autor literário ou de um simples falante. Para a estilística, interessa tanto a depreensão dos traços estilísticos da língua oral como da escrita, do falante comum e do literato. Com razão disse Vossler que na linguagem de um mendigo vagabundo há gotinhas estilísticas da mesma natureza que todo o mundo expressional de um Shakespeare.

Traços estilísticos – O conjunto de particularidades do sistema expressivo para eficácia estética recebe o nome de *traços estilísticos.* São numerosos os traços estilísticos – e há um avultado número deles cujo valor ainda está para ser analisado – em todos os compartimentos de um idioma.

Cabe-nos agora indagar quando uma *particularidade linguística* se nos apresenta como traço estilístico. "Já sabemos – ensina-nos J. Mattoso Câmara Jr.181 – que o traço estilístico não se trata de uma maneira de dizer necessariamente pessoal; nem pelo fato de ser pessoal se tem necessariamente um traço estilístico. Esta dupla consideração é tão importante que hão de me relevar insistir um pouco mais. Para isso, peço desculpas de me citar a mim mesmo e me reportar a um pequeno artigo que publiquei há tempos na *Revista do Livro* sobre "A Coroa do Rubião": diz-nos Machado de Assis, no *Quincas Borba,* que Rubião, demente, julgando-se "imperador dos franceses" no momento da agonia, cingiu a "coroa", que não era sequer uma bacia, "onde se pudesse palpar a ilusão", "ele pegou nada, ergueu nada e cingiu nada". O emprego de *nada* depois do verbo sem se completar com um *não* antes do verbo, é uma maneira anômala de expressar a negação verbal em português. E é um traço estilístico: não porque seja exclusivamente pessoal de Machado de Assis (quem nos garante que outrem já não tinha feito isto? – nem o escritor faz isto sistematicamente), mas porque nesse dado contexto o emprego de *nada* nessas condições tem um valor "estético", fazendo-nos ver dolorosamente o gesto do pobre louco, mercê do tratamento de *nada*, não como mera partícula

negativa, mas como um substantivo negativo – o oposto de *alguma coisa*: a emoção do escritor e o seu apelo à nossa simpatia se comunicam através desse emprego de *nada*, que é, pois, um emprego estilístico. Ao contrário, quando José de Alencar acentuava a preposição simples *a,* exibia um uso *pessoal* da língua literária (que era um erro do ponto de vista de norma social vigente), mas não um traço estilístico, pois se circunscrevia ao domínio intelectivo (o escritor achava que assim devia escrever por um raciocínio gramatical em falso); seria, ao contrário, um traço estilístico se uma ou outra vez, apenas, aparecesse em seus textos como recurso para insistir na preposição, dando-lhe uma tonicidade excepcional.

Daí o erro dos que, pensando escrever bem, enxameiam suas páginas das chamadas figuras de linguagem (pleonasmos, hipérboles, anacolutos, metáforas, etc.). Essas figuras não se impõem "à outrance" às circunstâncias; estas é que favorecem o aparecimento daquelas para fins estéticos. Terá falhado na pesquisa estilística quem se contentar em dizer que há anacoluto no derradeiro terceto desta conhecida joia de Machado de Assis, que é o soneto à Carolina:

> "que eu, se tenho nos olhos malferidos
> pensamentos de vida formulados,
> são pensamentos idos e vividos".

O anacoluto ultrapassa os limites de uma simples figura, para ser um eficaz recurso estético que põe diante de nossos olhos a profunda dor do esposo que, pensando na companheira que se foi, não tem a paz interior necessária para estruturar racionalmente, intelectivamente, todo o tumulto de ideias que lhe vai n'alma.

Em suma, a Estilística é o passo mais decisivo, no estudo de uma língua, para a educação do sentimento estético e manifestação da competência expressiva.

Traço estilístico e erro gramatical – Não se há de entender que o estilo seja sempre uma deformação da norma linguística. Isto nos leva à distinção entre *traço estilístico* e *erro gramatical*.

O traço estilístico pode ser um desvio ocasional de norma gramatical vigente, mas se impõe pela sua intenção estético-expressiva.

O erro gramatical é o desvio sem intenção estética.

Campo da Estilística – O estudo da Estilística abarca, semelhante à Gramática, todos os domínios do idioma. Lembremos a lição de Bally: "Todos os fenômenos linguísticos, desde os sons até as combinações sintáticas mais complexas, podem revelar algum caráter fundamental da língua estudada. Todos os fatos linguísticos, sejam quais forem, podem manifestar alguma parcela da ida do espírito e algum movimento da sensibilidade. A estilística não é o estudo de uma parte da linguagem, mas o é da linguagem inteira, observada de um ângulo particular. Nunca pretendi (isto é para responder a umas críticas que me fizeram) que a linguagem afetiva existe independentemente da linguagem intelectual, nem que a estilística deva estudar a primeira excluindo a segunda; o que faz é estudá-las ambas em suas relações recíprocas, e examinar em que proporção se aliam para compor este ou aquele tipo de expressão".[182]

Teremos assim os seguintes campos da Estilística:

Estilística
- 1) fônica
- 2) morfológica
- 3) sintática
- 4) semântica

A Estilística Fônica procura indagar o emprego do valor expressivo dos sons: a harmonia imitativa, no amplo sentido do termo. É a *fonética expressiva* de que falamos na parte inicial deste livro.

A Estilística Morfológica sonda o uso expressivo das formas gramaticais. Entre os usos expressivos deste campo lembraremos:

1) *o plural de convite*: põe-se o verbo no plural como que se quisesse incentivar uma pessoa a praticar uma ação trabalhosa ou desagradável. É o caso da mãe que diz à filhinha que insiste em não tomar o remédio:

Olha, filhinha, *vamos* tomar o remedinho.

2) *o plural de modéstia*: o autor, falando de si mesmo, poderá dizer:

Nós, ao escrevermos este livro, tivemos em mira dar novos horizontes ao ensino do idioma.

3) *o emprego expressivo dos sufixos* (mormente os de gradação):

paizinho, mãezinha, poetastro, padreco, politicalha

4) *o emprego de tempos e modos verbais,* como, por exemplo:

a) o presente pelo futuro para indicar desejo firme, fato categórico:

Amanhã eu *vou* ao cinema.

b) o imperfeito para traduzir pedido:

Eu *queria* um quilo de queijo (em vez do categórico e, às vezes, ameaçador *quero*).

c) o presente pelo pretérito para emprestar à narração o ar de novidade e poder comover o ouvinte:

Aí César *invade* a Gália.

5) a *mudança de tratamento*, de um período para outro, para indicar mudança da situação psicológica entre falante e ouvinte, ou entre escritor e leitor. No soneto *Última Folha,* Casimiro de Abreu chama a Deus por *Meu Pai* e ora o trata por *tu,* ora por *vós*. É que em *Meu Pai* o poeta vê Deus como seu íntimo, ligado a ele tão intimamente que lhe cabe o tratamento *tu*. Mas ao poeta Deus se apresentava também como o criador de todas as coisas, o poder supremo a quem só podia caber a fórmula respeitosa e cerimoniosa assumida por *vós*.

A Estilística Sintática procura explicar o valor expressivo das construções:

1) na regência, como, por exemplo, o emprego do posvérbio;
2) na concordância, como, por exemplo, na *atração*, na *silepse*, no infinitivo flexionado para realce da pessoa sobre a ação mesma;
3) na colocação dos termos na oração, na colocação de pronomes, etc.
4) no emprego expressivo das chamadas *figuras de sintaxe.*

A Estilística Semântica pesquisa:

1) a significação ocasional e expressiva de certas palavras:
   Você é um *abacaxi.*
   Aquele aluno é um *monstro.*
   Ele tem uns *bons* sessenta anos.
2) no emprego expressivo das chamadas figuras de palavras ou *tropos* (metáfora, metonímia, etc.) e figuras de pensamento e sentimento (antítese, eufemismo, hipérbole, etc.).

Apêndice

DOIS EXEMPLOS DE ANÁLISE ESTILÍSTICA

A título de meras sugestões aos leitores ainda não familiarizados com as técnicas da análise estilística, temos a satisfação de transcrever aqui dois excertos assinados, um por excelente mestre brasileiro, J. Mattoso Câmara Jr., e outro pelo não menos distinto estudioso português, Jacinto do Prado Coelho. Outras interessantes amostras pode o leitor curioso ver nos estudos de Augusto Meyer, Othon Moacyr Garcia e uma plêiade de patrícios onde está indicada farta bibliografia especializada.

1) *Um soneto de Antônio Nobre*

O comentário de poemas será ainda, em grande parte, criação, inventiva, uma série de desdobramentos psicológicos, evocações, associações de imagens, que mostram a personalidade do leitor a colaborar com simpatia na obra do comentário. A visão de conjunto originária iluminará todo o comentário. A linguagem será encarada, segundo quer Spitzer, como floração da substância espiritual do poema. A divisão metodológica em comentário ideológico e comentário de forma não me parece justa. O poema deve ser olhado como um todo. A consideração das formas linguísticas conduzirá ao psicológico, e acompanhará o comentário da substância do princípio ao fim. O que se pretende, em primeiro lugar, é que o *eu* do leitor comungue no eu do poeta (e Berdiaeff mostrou muito bem a impossibilidade desta comunicação por meios que não sejam de natureza afetiva; pensar é objetivar, é separar). É claro que sem objetivação não há crítica. Mas no comentário de poemas a crítica aos pormenores deve incluir-se num estado de adesão que permaneça durante o comentário.

Tudo isto, eu sei, é muito difícil; nunca consegui realizá-lo satisfatoriamente. Dou, todavia, com exemplo, o comentário dum soneto que tentei fazer segundo a orientação exposta. Começo pela introdução à leitura:

"Antônio Nobre, não só pela concepção que teve da poesia, como pela estranha riqueza da

sua personalidade, é verdadeiramente um poeta moderno. Se ainda vivesse, teria setenta e cinco anos. Talvez a sua presença nos impedisse o convívio estreito com esse rapaz triste que escreveu o *Só*, o livro mais triste que há em Portugal. A sua presença física torná-lo-ia, porventura, mais distante. Assim, porque morreu aos trinta e dois anos, ficou sempre rapaz na nossa lembrança, de olhos doces, pálido, feições finas, embrulhado numa capa de estudante, absorto como é sina dos poetas.

Quando ouvimos o tom lastimoso da sua voz, quando o sentimos tão perto, os nossos braços procuram estender-se através da bruma que separa as almas, para lhe darem finalmente, com piedade fraterna, o carinho que pediu sem receber. Continua vivo a nosso lado, continua conversando, obriga-nos, pelo tom das suas palavras, a ver o mundo como ele via, sentir como ele sentia.

Mas não era assim, pela vida subjetiva, que Nobre queria viver. Nobre foi um homem de desejo. Emigrou para um país diferente, recolheu-se no sonho da infância, chegou a bem-dizer a velha, a senhora Morte, apenas pela força do seu destino.

Antônio Nobre queria viver a nossa vida, queria ser como os outros saudável e contente. Ambicionava uma purinha de cabelo negro e boca vermelha. Confessou-nos o seu "ideal de parisiense": casa defronte do mar, sardinha ao lume, economias no mealheiro, sendo possível, e mulher e filhos. Nobre fora feito para este mundo, e só a doença o afastou dele. O seu desespero dissolveu-se numa resignação de menino suave e obediente, que se entretém com brinquedos de luxo. O seu brinquedo foi a arte. Mas não somente um brinquedo: um meio de confissão, de transmissão da sua humanidade confrangida. Por isso (pensando que ele queria viver, e que morreu tão novo, tão triste, tão só) ouviremos sempre com piedade a voz do seu lamento, e choro de quem já não espera nada, nem mesmo o ópio do regresso, pela memória, aos tempos de criança:

Tombou da haste a flor da minha infância alada,
Murchou na jarra de oiro o pudico jasmim:
Voou aos altos céus a pomba enamorada
Que dantes estendia as asas sobre mim.

Julguei que fosse eterna a luz dessa alvorada,
E que era sempre dia, e nunca tinha fim
Essa visão de luar que vivia encantada
Num castelo ideal com torres de marfim!

Mas hoje as pombas de oiro, aves da minha infância,
Que me enchiam de lua o coração, outrora,
Partiram e no céu evoam-se a distância!

Debalde clamo e choro, erguendo aos céus meus ais:
Voltam na asa do vento os ais que a alma chora,
Elas, porém, Senhor! elas não voltam mais...

De leitura deste soneto fica-nos o travo da desilusão, a amargura de perder o que nunca mais se recupera. As metáforas, cuja finura e cuja riqueza nos impressionam, vêm transmitir uma visão encantada dos anos da meninice. Segundo o poeta, a infância é alada, tem asas, talvez porque o pensamento infantil voa a cada instante para o reino da fantasia, talvez porque a criança é um anjo, pela sua pureza, ainda visível da sua divisa.

Nobre escolheu uma flor, “um pudico jasmim”, para simbolizar essa candura perdida. O jasmim é branco, de perfume penetrante, mas suave. Também as crianças têm a graça, o perfume, a brancura da alma. O adjetivo “pudico” estabeleceu, no espírito do poeta, a ligação entre a flor e a criança: ambos possuem a pudicícia, a castidade, a inocência.

Vejam em tudo isto a delicadeza da arte de Antônio Nobre. Ele pôs de lado os processos declamatórios, a eloquência romântica, os meios diretos e demasiado conhecidos. Para nos dizer que terminou o sonho da sua meninice, a alegria da visão imaculada, Nobre fala-nos da flor que também tombou da haste, do jasmim que murchou num vaso de oiro, da pomba enamorada que se sumiu no azul e nunca mais voltou (lembramos aqui as lindas asas brancas de Garrett, que ele batia para voar ao céu).

Todo o soneto é construído sobre estas metáforas brilhantes, desde as pombas de oiro às torres de marfim. Somos levados a aludir ao simbolismo de Antônio Nobre, à preferência pela magia das insinuações indiretas. Na verdade o simbolismo não passou, a princípio, duma reação contra o processo parnasiano de mostrar as coisas, francamente, inteiramente, dando-as pelo nome próprio, sem rodeio nem véu. Isso tirava ao leitor o prazer de participar na criação.

“Nomear um objeto – escrevia Mallarmé em 1891 – é suprimir três quartos do gozo do poema, que consiste na delícia de adivinhar pouco a pouco; o sonho é sugerir o objeto. O uso perfeito deste mistério constitui o símbolo: evocar lentamente um objeto para mostrar um estado de alma, ou, inversamente, escolher um objeto e tirar dele um estado de alma por uma série de decifrações”. Estas palavras de Mallarmé (que foi o maior dos poetas simbolistas franceses) quadra à poesia de Antônio Nobre; notamos, porém, que, no soneto que hoje comentamos, não há imagens tão ousadas ou alucinantes que revoltem o senso comum; pelo contrário, é bem compreensível que se represente a candura da infância por uma flor branca, o mundo fantástico e hermético das crianças por um castelo de marfim.

O que parece estranho é não ser uma dor humana, dilacerante como a de Antônio Nobre, transmitida sem rodeios, no seu ímpeto de expansão, desalinhada e convulsiva. Não há dúvida de que Nobre foi sempre sincero. Desde pequeno, começou a meditar na morte, porque a esperava. Os prenúncios da tuberculose vieram pouco depois dos vinte anos. E ele, que já em criança pedia que, depois de morto, o embrulhassem num cobertor, “porque tinha medo do frio do jazigo”, depois começou a ver em todas as coisas o riso macabro da morte:

> Em tudo via a Velha, em tudo via a Morte;
> Um berço que dormia era um caixão pr‘a cova:
> Via a Foice no Céu quando era Lua Nova...

Antônio Nobre foi, portanto, um poeta espontâneo. Escreveu com o sangue das suas veias. Mas não foi apenas um homem que sofreu, porque fez dos pedaços da sua dor filigranas de beleza e harmonia. Ele próprio disse uma vez: “A dor que dura sempre produz o prazer que não dura mais que um momento”. Esse momento de que fala Nobre é, sem dúvida, o momento da criação poética, o momento da graça. O poeta depôs no altar da Arte a sua humanidade passageira, que sangrava. Contempla-se na própria imagem, acriançado e um pouco *dândi*, saboreando as palavras, procurando ritmos.

É notar como a palavra “lua” tem na sua poesia um halo especial de associações de imagens. As palavras recebem das outras mais próximas uma incidência de estímulos

psicológicos que muitas vezes transfiguram.

Por isso "lua", nos versos de Nobre ("...aves na minha infância que me enchiam de lua o coração outrora") sugere-nos o mundo saudoso e feminino do poeta, com as graças pálidas e os seus fantasmas adormecidos.

No último terceto, Nobre lança uma queixa dolorida e todavia humilde e resignada:

Debalde clamo e choro, erguendo aos céus meu ais:
Voltam na asa do vento os ais que a alma chora.
Elas, porém, Senhor! elas não voltam mais...

Nobre não renega o Senhor, embora tenha clamado antes de chorar. A rapidez saltitante do segundo verso, composto por palavras todas muito curtas, parece trazer o eco dos ais do poeta, vindos nas asas do vento. Voltam os ais que redobram a sua dor, mas não voltam as pombas de oiro da sua infância alada. O último verso, mais de que a chave racional do soneto, à maneira clássica, é uma frase sentimental: a primeira parte, ascendente, é um grito de alma ("elas, porém, Senhor!"); a segunda parte, descendente, é um suspiro de aceitação ("elas não voltam mais").

Antônio Nobre conformou-se, acabou por amar a sua cruz. Conseguiu tornar-se criança meiga e obediente, de olhos muito abertos, de sorriso tão triste. O sorriso de quem fala de ir viajar, sequinho, para o sol-posto; o sorriso de quem pede que componham com jeito o travesseiro, de modo que lhe faça bom encosto no caixão:

De modo que me faça bom encosto,
O travesseiro comporá com jeito,
E eu, tão feliz! Por não estar afeito,

Talvez este sorriso derive duma atitude premeditada, um último "coquetismo" de moribundo que compõe o lençol, manda abrir a janela e diz qualquer coisa infantil para distrair os outros da sua desgraça. Talvez seja a última defesa de quem teve de entregar-se todo, esfarrapado e sangrando, aos olhos da multidão compadecida".

Jacinto do Prado Coelho (*A Educação do Sentimento Poético*, pág. 65-71).

2) *Um soneto de Machado de Assis*:

A Carolina

...O estilo tem um cunho nitidamente quinhentista.

Sugere-o a formulação global, linguística e rítmica, e sublinham-no certos dados concretos, como, por exemplo, o qualificativo "malferidos", aconselhado por Mário Barreto justamente por se casar ao seu ideal de restauração da linguagem clássica183, a já citada locução de "pensamentos idos e vividos", e a pobreza das rimas dos tercetos em *-ados* e *-idos*, onde se alinham fácil e espontâneamente particípios da 1.ª conjugação e da 2.ª e 3.ª:

Trago-te flores, – restos arrancados
Da terra que nos viu passar unidos
E ora mortos nos deixa e separados
Que eu, se tenho nos olhos malferidos

Pensamentos de vida formulados,
São pensamentos idos e vividos.

O que, entretanto, mais aí nos deve interessar é a "forma interna", isto é, o plano formal imanente no desdobramento das frases.

Para o soneto, a forma interna, assim concebida, se processa pela concatenação de ideias, ascendentes em amplitude e intensidade, até o coroamento de uma larga e culminante expressão final. É o que naturalmente estava prefigurando no microcosmo da copla esparsa, de que vimos provavelmente ter evoluído o soneto.

Em Bocage, esta estruturação chega muitas vezes ao uso de um único período, que só na parte final apresenta as suas orações capitais. Um bom exemplo é o soneto sobre a existência de Deus184 onde vão-se anunciando os fatos da natureza comprobatórios, até se chegar à afirmação dessa existência na base desses fatos –

tudo que há a confessar me obriga

– acrescentando-se o conceito de que tal existência se impõe à Razão, e não apenas à Fé, pela evidência física e pela necessidade no plano moral, o que tinha de ser o capital argumento para o iluminismo oitocentista:

E para crer num braço autor de tudo,
Que recompensa os bons, que os maus castiga,
Não só da Fé mas da Razão me ajudo.

Esse plano formal interno pode, é verdade, oferecer a variante do chamado "soneto elisabetano" (que praticou Shakespeare)185 onde a três estrofes de quatro versos, independentes entre si quanto à rima, se adjunge um dístico final, que resume o pensamento anteriormente desenvolvido. Neste particular, Antônio Nobre nos ilustra uma forma interna de soneto elisabetano moldado na forma externa italiana, quando disjunge pela ideia os dois versos finais do último terceto, neles resumindo todo o teor da poesia, cujo pensamento se concluíra no décimo segundo verso:

Ó virgem que passais ao sol poente,
Pelas estradas ermas a cantar,
Eu quero ouvir uma canção ardente
Que me transporte ao meu perdido lar.
Cantai-me nessa voz onipotente
O sol que venha aureolando o mar,
A fartura da seara reluzente,
O vinho, a graça, a formosura, o luar.
Cantai, cantai, as límpidas cantigas
Do fundo do meu lar desaterrai
Todas aquelas ilusões antigas,
Que eu vi morrer num sonho como um ai!...
Ó suaves e frescas raparigas,
Adormecei-me nessa voz... Cantai! 186

Voltando, entretanto, a "A Carolina" de Machado de Assis, examinemos-lhe a forma interna na base das considerações acima feitas.

Não temos aí, em verdade, um desdobramento de ideias cada vez mais amplas e intensas até um clímax de versos finais.

O poeta combina pensamentos cognatos e paralelos: um nos quartetos, outro no primeiro terceto, enquanto um terceiro pensamento, que é a essência do pequeno poema, se

consubstancia finalmente no último terceto.

Recitemos a produção, comparando-a com o esquema assim depreendido:

A) Visita à sepultura com as ideias que acompanham esse gesto de saudade e carinho: a evocação da felicidade e a afirmação de uma lembrança e um afeto que não mais se apaga ou sequer desfalece:

> Querida, ao pé do leito derradeiro
> Em que descansas dessa longa vida,
> Aqui venho e virei, pobre querida,
> Trazer-te o coração de companheiro.
> Pulsa-lhe aquele afeto verdadeiro
> Que, a despeito de toda a humana lida,
> Fez a nossa existência apetecida
> E num recanto pôs o mundo inteiro.

B) Oferta de flores, como símbolo dessa saudade, que assim se concretiza num gesto ritual:

> Trago-te flores, restos arrancados
> Da terra que nos viu passar unidos
> E ora mortos nos deixa e separados.

C) Finalmente, o conceito de que o poeta está morto para o mundo, e a sua vida física se prolonga automaticamente pelo impulso adquirido de uma força vital que desapareceu:

> Que, se eu tenho nos olhos malferidos
> Pensamentos de vida formulados,
> São pensamentos idos e vividos.

Mas não é tudo. Não se resume nesta análise o plano complexo do soneto.

O poeta articulou sutilmente a parte C com a parte B, tirando-a da expressão, aparentemente secundária, de que ele está tão morto quanto a sua Carolina.

Digo "aparentemente secundária", porque o termo está colocado em meio de frase e como primeiro elemento de um conjugado copulativo, em que predomina formalmente, portanto, o segundo qualificativo *separados*.

Há a intenção de provocar a perplexidade *a posteriori* do leitor, cuja atenção desliza até *separados* e, *depois* de aceitar essa ideia *self-evident*, há de retornar, sem querer, para o paradoxal adjetivo *mortos*, que o antecede. "Mortos, por quê?" Assim concentrado num novo conceito, que obviamente tem de intrigá-lo, está ele preparado para receber o impacto de pensamento final, introduzido ao último terceto por um *que* de valor causal.

Temos, assim, – não um desdobramento que regularmente vai ascendendo para uma ideia ápice –, mas um primeiro pensamento concluso (a evocação da felicidade perdida e a lembrança perene da mulher amada), um segundo que o ilustra numa concretização simbólica, e, saindo de um elemento aí lançado quase ao acaso, um pensamento final, que transfigura o poema e lhe dá a substância definitiva.

É nesta forma interna e no seu contraste com o plano natural de um soneto, que me parece estar, estilisticamente, a significação da pequena joia poética que acabamos de rapidamente apreciar.

Joaquim Mattoso Câmara Jr. (*Revista do Livro*, no. 5, p. 71-73)

179 J. Mattoso Câmara Jr., “Noções de Estilística” in *Littera*, n.º 2, 91.
180 Matéria y Forma en Poesia, 103-104.
181 No artigo citado.
182 *Le Langage et la Vie*, 100.
183 Mário Barreto, *Novos Estudos da Língua Portuguesa*. Rio, 1921; p. 364.
184 *Obras Poéticas de Bocage*, ed. Tavares Cardoso e Irmão. Lisboa 1902, vol. I, 234.
185 Sobre o soneto na literatura inglesa, consultar Enid Hammer, *The Meters of English Poetry*, London, 1954; p. 186 ss.
186 Antônio Nobre, *Só*, 3.a. ed. (Aillaud e Bertrand)., 1913, p. 120.

V – Noções Elementares de Versificação

"La métrique est une science, mais c'est aussi un art.
Le métricien doit connaître la technique du vers, mais
il doit aussi être un homme de bon sens, avoir de la finesse
et du goût" (G. Millardet, *Romania*, 43, 1914, p. 260).

Poesia e prosa – Em sentido formal, chama-se **poesia** à forma de expressão ordenada segundo certas regras e dividida em unidades rítmicas.

Prosa é a forma de expressão continuada. Embora a prosa também possa ter ritmo, aqui ele é menos rigoroso que na poesia.

Verso é o conjunto de palavras que formam, dentro de qualquer número de sílabas, uma unidade fônica sujeita a um determinado ritmo.

Ritmo é a divisão do tempo em período uniformes mediante os apoios sucessivos da intensidade.

Metro é o verso que, além de atender ao ritmo, se apresenta dentro de uma norma regular de medida silábica.

O ritmo, comum ao verso e ao metro, não se manifesta de maneira uniforme; por isso produz efeitos diferentes conforme a disposição das cláusulas silábicas que constituem o período rítmico do verso.

Por sua vez, um mesmo metro pode apresentar-se sob várias modalidades rítmicas.

Pode-se mudar de ritmo sem alterar o metro ou o verso, como se pode mudar de metro ou verso sem alterar o ritmo.

Como ensina Navarro Tomás, o ritmo nasce da disposição acentual, o verso depende da ação do ritmo, e o metro obedece justamente ao ritmo e à medida silábica.

Além do ritmo acentual, outros recursos suplementares contribuem para dar ao verso as qualidades de sua fisionomia e de colorido; são recursos fônicos, morfológicos e semânticos. Além da rima e da estrofe, figuram, entre outros, a harmonia vocálica, a aliteração de consoantes, o paralelismo, a anáfora, a ordem das palavras ou a valorização semântica de uma palavra ou expressão.

Por melhor que seja o verso, perderá muito de seu valor se proferido por um leitor – e até mesmo pelo seu autor - que não saiba pôr em evidência as características de sua estrutura rítmica, métrica e de seus apoios fônicos.

Pausa final. Cavalgamento – Na leitura de um poema, marca-se o final de cada verso ou final de cada unidade de verso composto (*hemistíquio*) com uma pausa, a chamada *pausa métrica*. Esta pausa métrica não passa de uma pequena interrupção, que não chega a confundir com a pausa mais demorada, resultante da entoação da oração, marcada em geral por vírgula ou outro sinal de pontuação.

Não levar na devida conta a pausa métrica, além de atentar contra o ritmo, pode converter o verso em falsa prosa.

A pausa métrica é transferida para a primeira sílaba tônica do verso seguinte, quando a unidade sintática excede o limite de um verso e, para completar-se, "cavalga" ou "monta" no verso a seguir, patenteando, assim, um desacordo entre a unidade sintática e a unidade métrica. Este fenômeno é conhecido pela denominação francesa *enjambement*, que se pode traduzir, como fez Said Ali, por *cavalgamento*. Também se usa o termo *encavalgamento*:

> "Sonho profundo, ó Sonho doloroso,
> Doloroso e profundo Sentimento!
> *Vai, vai nas harpas trêmulas do vento*
> *Chorar o teu mistério tenebroso*" [CS.1, II, 63].

Versificação – é a técnica de fazer versos ou de estudar-lhes os expedientes rítmicos de que se constituem.

"Não se há de confundir *versificação* com *poesia*. A poesia é um *dom*: nasce-se poeta. A versificação é uma arte: torna-se um versejador. Grandes poetas, como Vigny, foram medíocres versejadores. Hábeis versejadores, como Teodoro de Banville, não podem jamais ser chamados poetas" [BH.1, 431].

O **ritmo poético**, que na essência não difere das outras modalidades de ritmo, se caracteriza pela repetição. O ritmo consiste na divisão perceptível do tempo e do espaço em intervalos iguais. Quando a poesia se constitui de unidades rítmicas iguais, diz-se que a versificação é *regular;* quando isto não ocorre, a versificação é *irregular* ou *livre*.

O ritmo poético utiliza recursos que nem sempre são coincidentes de idioma para idioma.

Entre nós, por exemplo, não figura a quantidade que é o alicerce da versificação latina ou grega. A rima, por outro lado, que hoje nos é tão familiar e querida, não constituía peça essencial da poesia até a Idade Média latina.

Em português o ritmo poético é assegurado pela utilização dos seguintes expedientes que se podem combinar de maneira variadíssima:

1) número fixo de sílabas;

2) distribuição das sílabas fortes (ou tônicas) e fracas (ou átonas);

3) cesura;

4) rima;

5) aliteração;

6) encadeamento;
7) paralelismo.

O número fixo de sílabas coordenado com a distribuição das sílabas fortes e fracas constitui um *metro poético* e o seu estudo recebe o nome de *métrica*.

I – Número Fixo de Sílabas

Como se contam as sílabas de um verso – Na recitação a contagem das sílabas se processa diferentemente da análise gramatical; nesta se atenta para a sua representação na escrita enquanto naquela se busca a realidade auditiva. No verso:

"É toda um hino: – esperança!" [CA.1, 97]

Há sete sílabas para o poeta (este só conta até a última tônica) e dez sílabas para o gramático; aquele não profere o *a* final de *toda*, liga a consoante *d* a *um*, omite o *o* final de *hino* e junta o *n* à sílaba inicial de *esperança*:

É / to / d(a)um / hi / n(o): – es / pe / ran / ça
1 2 3 4 5 6 7

Só se conta até a última sílaba tônica: verso agudos, graves e esdrúxulos – Uma das orientações que distinguem a contagem das sílabas entre o poeta e o gramático, é que o primeiro, de acordo com orientação revivida (foi iniciada por Couto Guerreiro, no século XVIII) 187 por Antônio Feliciano de Castilho, no século XIX, só leva em conta até a última sílaba tônica, desprezando a átona ou as átonas finais. Daí a divisão dos versos em *agudos*, *graves* ou *esdrúxulos*, conforme terminarem, respectivamente, por vocábulos oxítonos, paroxítonos, ou proparoxítonos, como nos seguintes versos, todos de dez sílabas:

"O padre não falou – mostrou-lhe o céu!" [CA.1, 137] **Agudo**
"Eu vi-a lacrimosa sobre as *pedras*." [CA.1, 106] **Grave**
"Estátua da aflição aos pés dum túmulo!" [CA.1, 106] **Esdrúxulo**

Neste livro indicaremos a sílaba métrica pelo símbolo ∪ ; quando for tônica poremos nele um acento tônico: ∪.188

Fenômenos fonéticos correntes na leitura dos versos – Na leitura dos versos, proferimos as palavras com as junções e as pausas que o falar de todos os momentos conhece; por exagero, entretanto, tais fenômenos fonéticos costumam ser explicados como "exigência da técnica versificatória".

Estes fenômenos são: 1) sinérese; 2) diérese; 3) elisão; 4) crase; 5) ectlipse; e podem ocorrer uns dentro do mesmo vocábulo (*intraverbais* ou *internos*) e outros pela junção de dois vocábulos (*interverbais* ou *externos*).

Sinérese ou ditongação é a junção de vogais contínuas numa só sílaba em virtude de uma das vogais passar a semivogal, no interior da palavra.

Na língua portuguesa moderna, especialmente no Brasil, é normal a sinérese interna: "a) nos grupos vocálicos átonos não finais, de segunda vogal, alta, correspondente em vocábulo derivado ou composto à vogal tônica do primitivo (ex.: *traidor*, de *trair*) ou à vogal inicial de uma das formas mínimas componentes (ex.: *vaidade*, rad. *va-*, suf. *-idade*), sendo que, fora dessas duas condições, se tem aí um ditongo sistemático (ex.: *lei-tu-ra*, *cau-te-la*, etc.); b) nos grupos vocálicos átonos não finais, de primeira vogal alta (ex.: *piedade*, *suavidade*); c) nos grupos vocálicos átonos finais, de primeira vogal átona (ex.: *glória*, *áscua*, *série*, *tênue*), sendo que não há primeira vogal média nesses grupos (cf. *níveo*/*níviu*/*mágoa*/*mágua*). A intenção estilística ou a métrica, no verso, criam frequentemente diérese nos dois primeiros casos" [MC.4, 221].

DIÉRESE é a dissolução de um ditongo em hiato no interior da palavra.

A diérese, que é sempre interna, é fenômeno hoje raro em poesia, geralmente usado apenas para certos fins expressivos ou como expediente para dar ao verso o número de sílabas exigidas:

"Pe / sa / -me es / ta / bri / lhan / te au / ré / o / la / de / nu / me..." [MA].

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12

O movimento lento, proferindo *auréola* (*au-ré-o-la*) como vocábulo de quatro sílabas, parece emprestar à situação o colosso do tamanho que tem o sol, em relação à simplicidade do vaga-lume.

Às vezes costuma-se indicar a diérese pondo-se trema no *i* ou *u*: *vaïdade* (*va-i-da-de*), *saudade* (*sa-u-da-de*).189

SINALEFA, é a perda de autonomia de uma vogal para tornar-se semivogal e, assim, constituir um ditongo com a vogal seguinte:

E triste e triste e fatigado eu‿vinha (lido como tritongo: /wew/).

ELISÃO é o desaparecimento de uma vogal quando pronunciada junto de outra vogal diferente:

e fatigad(o)‿eu vinha (lido: /ew/) [CCh.1, 667].

A pronúncia rápida dos portugueses leva mais frequentemente à realização de elisões do que a pronúncia mais lenta dos brasileiros. Nem sempre, como no exemplo acima, a elisão é indicada graficamente:

Mas se forçoso *t'é* deixar a pátria [CA.1, 125].

Note-se também que a elisão pode abarcar mais de duas vogais.

CRASE é a fusão de dois ou mais sons iguais num só:

"Teu pensamento, como‿o sol que morre,
Há de cismando mergulhar-se‿em mágoas" [CA.1, 125].
"Durante a noite quando‿o orvalho desce" [CA.1, 144].

ECTLIPSE é a supressão da ressonância nasal de uma vogal final de vocábulo para facilitar a sinérese ou a crase com a vogal contígua.190

Ocorre com mais frequência a ectlipse no final *-em* e na preposição *com*. Neste último caso, é comum ser indicada por apóstrofo, porque, a rigor, a ectlipse não passa de uma elisão considerada a palavra no seu sentido mais geral (o Vocabulário Oficial recomenda não usar apóstrofo: coa, coas, co, cos):

"Co'as tranças presas na fita,
Co'as flores no samburá" [CA.1, 116].

É preciso insistir, mais uma vez, que os fenômenos fonéticos aqui estudados só na mão do versejador são frios recursos de aumento ou diminuição de sílabas para atender às exigências da técnica versificatória; na mão do verdadeiro poeta constituem intencionais e vigorosos elementos do quadro que o artista deseja pôr diante de nossos olhos. O ritmo que devemos imprimir ao verso, acelerado aqui, com pausas acolá, é uma como harmonia imitativa das ideias que o poeta nos quer transmitir.

O ritmo e a pontuação do verso – Já acentuamos que nem sempre a unidade de sentido do poema coincide com os limites de sua linha, o que nos mostra o erro daqueles que leem verso fazendo longa pausa no fim de cada um deles.191 Esta longa pausa só é lícita quando a unidade sintática o exigir ou permitir:

"Meus Amigos, Adeus – Verei fulgindo
A lua em campo azul, e o sol no ocaso
Tingir de fogo a implacidez das águas;
Verei hórridas trevas lento e lento
Descerem, como um crepe funerário
Em negro esquife, onde repoisa a morte" [GD.3, I, 213].

Às vezes se podem ligar fonemas de palavras separadas por algum sinal de pontuação ou, ao contrário, pode haver uma pausa sem que seja indicada por sinal gráfico adequado, como nestes versos de dez sílabas:

"E eu, fitando-a, abençoava a vida" [CA.1, 279], lido:
E / eu / fi / tan / do-a a / ben / ço / a / va a / vi / da
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
"Ama-se a vida – a mocidade é crença" [CA.1, 144].

Expedientes mais raros na contagem das sílabas – Ao lado dos casos até aqui apontados, há outros de menos incidência, mas que merecem nossa atenção. Lembraremos os três seguintes:

a) o movimento rítmico de um verso pode estar sob a influência do verso anterior ou do seguinte, fazendo com que a vogal ou sílaba inicial de um verso fique incorporada no verso precedente; isto vem explicar a exatidão métrica de alguns versos aparentemente errados por se apresentarem mais curtos do que deviam:

"Chorar a virgem formosa
Morta na flor dos anos" [CA.1, 83], que será lido:
Cho / rar / a / vir / gem / for / mo /
1 2 3 4 5 6 7
sa / mor / ta na / flor / dos / a / nos
1 2 3 4 5 6 7

b) o silêncio ou pausa mais forte valendo como sílaba:

"Às vezes, oh, sim, / derramam tão fraco" [GD.3, I, 68].
"O céu era azul, / tão meigo e tão brando" [GD.3, I, 45].

são versos de onze sílabas aos quais a pausa intencional do poeta (indicada aqui por /) vale por uma sílaba métrica.

c) a dissolução de um encontro consonântico pela intercalação de uma vogal (/ *i* / ou / *e* /), não indicada na escrita, fazendo da primeira consoante uma sílaba à parte, o que revela uma tendência da pronúncia brasileira corrente:

"Ninguém mais *observa* o tratado" [GD.2] – *observa* deve ser lido com quatro sílabas.
"Contudo os olhos *d'ignóbil* pranto" [GD.1] – *ignóbil* deve ser lido também com quatro sílabas.

2 – Número Fixo de Sílabas e Pausas

O número fixo de sílabas e pausas é o principal dos apoios rítmicos do verso. O poeta tem a liberdade de não ficar, em todo o poema, preso ao mesmo metro. No poema de Gonçalves Dias, intitulado *Minha Vida e Meus Amores*, ocorre uma mudança de metro muito interessante. O poeta vinha versejando em decassílabos acentuados na sexta sílaba ou na quarta e oitava:

Outra vez que lá fui, que a vi, que a medo
Terna voz lhe escutei: – sonhei contigo! –
Inefável prazer banhou meu peito,
Senti delícias; mas a sós comigo
Pensei – talvez! – e já não pude crê-lo.

De súbito, nos versos 67 e 68 faz cair as pausas na quarta e sétima sílaba, aproximando o ritmo decassílabo do ritmo de onze sílabas, que vai aparecer nos versos 70 e 71:

Ela tão meiga e tão cheia de encantos,
Ela tão nova, tão pura e tão bela...
Amar-me! – Eu que sou?
Meus olhos enxergam, enquanto duvida
Minh'alma sem crença, de força exaurida,
Já farta da vida,
Que amor não doirou. [MB.1, II, 127].

Na poesia *A Tempestade*, Gonçalves Dias varia a medida de estrofe; a estrofe começando por duas sílabas até chegar a onze, quando retorna num movimento decrescente até voltar ao

de duas sílabas. Com isto o poeta quis-nos indicar mais vivamente "a aproximação gradativa da tempestade, cuja maior fúria estoura na décima estrofe, para depois afastar-se pouco a pouco" [Manuel Bandeira, editor das Obras de Gonçalves Dias, II, 235].

Os versos em português variam, em geral, de uma a doze sílabas, sendo raros os que ultrapassam este número. Para sua designação empregam-se os nomes gregos denotativos de número prefixados ao elemento -*sílabo*: *mono*- (um só), *dis*- (dois), *tri*- (três), *tetra*- (quatro), *penta*- (cinco), *hexa*- (seis), *hepta*- (sete), *octo*- (oito), *enea*- (nove), *deca*- (dez), *hendeca*- (onze), *dodeca*- (doze): *monossílabo*, *dissílabo*, *trissílabo*, *tetrassílabo* (também chamado *quadrissílabo*) , *pentassílabo* (também dito *redondilha menor*) , *hexassílabo*, *heptassílabo* (também dito *redondilha maior* ou só *redondilha*) , *octossílabo*, *eneassílabo*, *decassílabo* (também chamado *heróico*) , *hendecassílabo* (também chamado de *arte maior*) e *dodecassílabo* (ou também *alexandrino*), nome tirado das numerosas composições medievais que cantavam os feitos do guerreiro Alexandre, mormente o *Poema de Alexandre*, composto no século XII, por Alexandre de Bernay e Lambert Licor.

Cesura – Os versos longos, de ordinário a partir dos de dez sílabas, apresentam uma pausa interna, chamada *cesura*, para ressaltar o movimento rítmico, dividindo o verso em duas partes, nem sempre iguais, conhecidas pelo nome de *hemistíquios*. A *cesura* pode ser uma pausa menor (não indicada por sinal de pontuação), ou mais acentuada (indicada na escrita por sinal de pontuação).

Como assinala Navarro Tomás, "em qualquer ponto do verso pode ocorrer uma interrupção requerida pela sintaxe ou pela necessidade de destacar o significado de uma palavra. Estas paradas ocasionais não têm a função métrica da cesura ou da pausa" [NT.1, 28].

Versos de uma a doze sílabas – Os versos de uma, duas e três sílabas só têm uma sílaba forte:

a) Monossílabos (raríssimos):

"quebra
queima
reina
dança
sangue
gosma..." [MAn *apud* MB.3, 3242].

b) Dissílabos:

"Um raio
Fulgura
No espaço
Esparso
De luz" [GD.4, 229].

c) Trissílabos:

"Vem a aurora
Pressurosa,
Cor-de-rosa,

Que se cora
De carmim" [GD.4, 229].

d) Tetrassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ↺ ∪ ↺
"O sol desponta" [GD.4, 230].

2 – ∪ ∪ ∪ ↺
"Que entre verdores" [GD.4, 230].

3 – ↺ ∪ ∪ ↺
"Lá no horizonte" [GD.4, 230].

4 – ∪∪↺ ↺
"Salomé vinha" [*apud* MB.3, VI, 3242].

e) Pentassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ↺ ∪ ∪ ∪ ↺
"Gados que pasceis" [LC *apud* SA.3, 30].

2 – ∪ ↺ ∪ ∪↺
"Um ponto aparece" [GD *apud* SA.3].

3 – ∪ ∪ ↺ ∪ ↺
"Não sou eu tão tola" [JD *apud* SA.3].

f) Hexassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ↺ ∪ ↺ ∪↺
"Não solta a voz canora" [GD, *ibid.*].

2 – ∪ ↺∪ ∪ ∪↺
"Que um canto d'inspirado" [*Id.*, *ibid.*].

3 – ∪ ∪ ↺ ∪ ∪↺
"Como é fundo o sentir" [CA *apud* SA.3, 33].

4 – ↺ ∪↺ ∪ ∪ ↺
"Pois permite e consente" [LC *apud* SA.3, 32].

5 – ↺ ∪ ∪↺∪ ↺
"Tu já mataste a sede,
Mate-me a sede a mim" [JD *apud* SA.3].

6 – ∪ ∪ ∪ ↺ ∪↺
"E à luz do luar incerto" [AG *apud* MC.3, II, 149].

g) Heptassílabos – são os versos mais usados e populares em português e apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ◡ ◡ ◡ ◡ ◡◡◡
"Cresce a chuva, os rios crescem" [GD, *ibid.*].

2 – ◡´◡ ◡ ◡◡◡ ◡ ◡
"Fogem do vento que ruge" [*Id.*, *ibid.*].

3 – ◡ ◡◡ ◡ ◡◡◡ ◡
"Ardendo na usada sanha" [*Id.*, *ibid.*].

4 – ◡ ◡ ◡◡ ◡◡◡◡◡
"Como ovelhas assustadas" [*Id.*, *ibid.*].

5 – ◡ ◡ ◡◡ ◡ ◡◡ ◡ ◡
"Que da praia arreda o mar" [*Id.*, *ibid.*].

6 – ◡ ◡◡◡ ◡◡◡ ◡◡◡
"É já torrente bravia" [*Id.*, *ibid.*].

7 – ◡ ◡ ◡◡ ◡ ◡◡◡◡
"Grossos troncos a boiar"

8 – ◡ ◡◡ ◡ ◡ ◡ ◡ ◡◡
"Aqui nestas redondezas" [V. de Carvalho *apud* MC.3, 148].

h) Octossílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ◡ ◡◡ ◡ ◡◡ ◡ ◡◡ ◡ ◡◡
"Demônios mil, que, ouvindo-as, digam" [RC *apud* SA.3, 39].

2 – ◡◡ ◡◡ ◡ ◡◡◡◡ ◡◡
"Sabes tu de um poeta enorme" [MA *apud* SA.3, 40].

3 – ◡◡ ◡ ◡◡ ◡◡◡◡ ◡◡
"Roxas, brancas, rajadas, pretas" [*Id.*, *ibid.*].

4 – ◡ ◡◡ ◡ ◡ ◡◡◡◡ ◡◡◡
"Deixando a palhoça singela" [*Id.*, *ibid.*].

5 – ◡ ◡ ◡◡◡ ◡ ◡◡◡◡
"São Bom Jesus de Matozinhos" [AG *apud* MC.3, 150].

6 – ◡ ◡ ◡◡ ◡ ◡ ◡ ◡◡◡
"Querem vê-lo no seu altar" [*Id.*, *ibid.*].

7 – ◡◡◡◡ ◡◡ ◡ ◡ ◡◡
"Para ficar perto dos ninhos" [*Id.*, *ibid.*].

8 – ◡◡ ◡◡◡ ◡ ◡◡◡◡
"Alto, porém, tão alto soa" [RC *apud* SA.3, 40].

i) Eneassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ∪ ↺∪ ∪↺∪ ∪ ↺
"E no túrgido ocaso se avista" [GD, *op. laud.*]

2 – ∪∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ∪∪ ↺
"Além, nos mares tremulamente" [RC *apud* MC.3].

3 – ∪ ↺ ∪ ∪ ∪↺∪ ∪ ↺
"Da cor de uma menina sem vida" [AG *apud* MC.3, 152].

4 – ↺ ∪ ∪ ↺ ∪ ↺ ∪ ∪↺
"Pobres de pobres são pobrezinhos" [G. Junqueira *apud* SA.3, 42].

5 – ↺ ∪ ∪↺∪ ∪ ↺ ∪ ↺
"Dei-me ao relento, num mar de lua" [R. Correia *apud* SA.3].

6 – ∪ ↺ ∪↺∪ ∪ ↺ ∪ ↺
"Também outrora num mar de lua" [*Id.*, *ibid.*].

7 – ↺ ∪∪∪↺∪ ∪ ∪ ↺
"Pobre lua nova, tão pequena" [A. Guimarães *apud* MC.3].

j) Decassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ∪↺ ∪ ↺
"Um som longínquo cavernoso e ouco" [GD, *ibid.*].

2 – ∪ ∪ ∪ ∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ∪ ↺
"Eis outro inda mais perto, inda mais rouco" [*Id.*, *ibid.*].

3 – ∪↺ ∪ ↺ ∪ ↺ ∪ ∪ ∪ ↺
"Troveja, estoura, atroa; e dentro em pouco" [*Id.*, *ibid.*].

4 – ↺ ∪ ∪ ∪ ∪ ↺∪ ∪∪↺
"Rasga-se o negro bojo carregado" [*Id.*, *ibid.*].

5 – ∪ ↺ ∪ ∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ∪↺
"E enquanto a luz do raio o sol roxeia" [*Id.*, *ibid.*].

6 – ∪ ∪↺∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ∪ ↺
"Das ruínas completas o grande estrago" [*Id.*, *ibid.*].

7 – ∪∪ ∪ ∪ ↺ ∪ ↺ ∪ ∪ ↺
"O sonho passou. Traz magoado o rim" [MB.3, 3243].

8 – ∪ ∪ ∪ ∪↺ ∪ ↺ ∪ ∪↺
"Magoada a cabeça exposta à umidade" [*Id.*, *ibid.*].

9 – ∪∪ ∪ ↺∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ↺
"Doce repouso de minha lembrança" [LC *apud* MB.3].

k) Hendecassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ↺∪∪ ↺ ∪ ∪ ↺ ∪∪ ↺
"Nos últimos cimos dos montes erguidos"

2 – ↺ ∪ ∪ ∪↺ ∪ ∪ ↺ ∪∪ ↺
"Ai! há quantos anos que eu parti chorando" [GJ.1, 117].

3 – ∪∪ ∪ ∪ ↺∪ ∪∪∪∪ ↺
"Deste meu saudoso, carinhoso lar!..." (*Id.*, *ibid.*).

4 – ∪ ∪ ↺ ∪ ↺∪ ∪ ∪ ↺∪ ↺
"Foi há vinte?... há trinta?... Nem eu sei já quando!..." [*Id.*, *ibid.*].

l) Dodecassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ∪ ↺∪∪↺ / ∪∪↺∪ ∪ ↺
"Já não fala Tupã no ulular da procela" [OB *apud* SA.3, 56].

2 – ∪ ↺ ∪ ↺∪↺/ ∪ ↺∪↺∪↺
"E espalham tanto brilho as asas infinitas" [*Id.*, *ibid.*].

3 – ∪ ∪ ↺∪∪ ↺ / ∪ ↺ ∪ ↺ ∪↺
"Como a faixa de luz que o povo hebreu guiava" [*Id.*, *ibid.*].

4 – ∪ ↺ ∪ ↺ ∪ ↺ / ∪∪↺ ∪∪↺
"Teu pé também deixou um sinal neste solo" [*Id.*, *ibid.*].

5 – ↺∪ ∪↺ ∪ ↺ / ↺ ∪ ∪ ↺ ∪↺
"Ruge soturno o mar; turva-se hediondo o dia" [*Id.*, *ibid.*].

6 – ↺∪ ∪ ↺ ∪ ↺/ ∪ ↺∪ ↺∪ ↺
"Súbito a nota extrema anseia, treme, rola" [CAv.1, I, 115].

7 – ↺ ∪ ∪ ↺ ∪ ↺/ ∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ↺
"Noiva que espera o noivo e suspira em segredo" [OB *apud* SA.3].

8 – ∪ ↺ ∪ ↺∪ ↺/ ↺ ∪ ∪↺ ∪ ↺
"Em torno a cada ninho anda bailando uma asa" [*Id.*, *ibid.*].

9 – ∪ ∪ ↺∪ ∪ ↺ / ↺∪ ∪ ↺ ∪ ↺
"Vês com olhos do céu cousas que são do mundo" [MA, *ibid.*].

10 – ↺∪ ↺∪ ∪ ↺ / ↺∪ ↺ ∪ ∪↺
"Essa que ora nos céus anjos chamam Lenora" [*Id.*, *ibid.*].

11 – ↺∪ ↺∪ ∪↺ / ↺∪ ∪ ↺ ∪ ↺
"Casa, rico jardim, servas de toda a parte" (*Id.*, *ibid.*).

12 – ↺ ∪ ↺ ∪ ∪ ↺/∪ ↺ ∪ ↺ ∪↺
"Berço em que se emplumou o meu primeiro idílio" [OB, *ibid.*].

13 – ↺ ∪ ↺∪ ∪ ↺/∪∪↺ ∪ ∪ ↺
"Passa um velho judeu, avarento e mesquinho" (G. Junqueira, *ibid.*).

"A lei orgânica do alexandrino pode ser expressa em dois artigos: 1.º) quando a última palavra do primeiro verso de seis sílabas é grave (1.º hemistíquio), a primeira palavra do segundo deve começar por uma vogal ou por um *h*; 2.º) a última palavra do primeiro verso nunca pode ser esdrúxula. Claro está que, quando a última palavra do primeiro verso é aguda,

a primeira do segundo pode indiferentemente começar por qualquer letra, vogal ou consoante.

Alguns poetas modernos, desprezando essa regra essencial, têm abolido a tirania da censura. Mas o alexandrino clássico, o verdadeiro, o legítimo, é o que obedece a esses preceitos".192

3 – Rima: Perfeita e Imperfeita 193

Chama-se *rima* a igualdade ou semelhança de sons pertencentes ao fim das palavras, a partir da sua última vogal tônica.

As palavras em rima podem estar no fim (*rima final*, a mais usual) ou no interior do verso (*rima interna*), podendo, neste último caso, uma das palavras ocupar a posição final.

Interna é a rima que se faz com a última palavra de um verso e uma palavra no interior do verso seguinte. Em *Aventura Meridiana* (*Os Amores* de P. Ovídio Nasão, 63 e ss.), A. F. de Castilho, compondo quartetos de versos alternados, de 12 e 6 sílabas, rima o 1.º verso com a 2.ª sílaba do 2.º; o 2.º com o 4.º; o 3.º com a 2.ª sílaba do 4.º; finalmente variando o verso ora grave, ora agudo:

"Era na estiva quadra! Intenso meio-dia
Pedia um respirar;
No meio do meu peito
Me deito a descansar.

Janela entreaberta, esquiva ao sol fogoso,
Repouso ali mantém;
Luz como a de espessura
Escura ao quarto vem".

A rima pode ser *perfeita* (ou com *homofonia*) ou *imperfeita* (ou com *semi-homofonia*). Diz-se *perfeita* quando é completa a identidade dos fonemas finais, a partir da última vogal tônica:

"És engraçada e formosa
Como a rosa,
Como a rosa em mês d'abril;
És como a nuvem doirada
Deslizada,
Deslizada em céus d'anil" (G. Dias, *Obras*, 59).

Na rima perfeita, pode haver ainda identidade da(s) consoante(s) anterior(es) à vogal tônica. Para os versos inglês e alemão o fato constitui falta grave.

Diz-se *imperfeita* aquela em que a identidade de fonemas finais não é completa, insistindo-se apenas naqueles fonemas que se diferenciam fundamentalmente dos demais [CCh.2, 200]. Ocorre a rima imperfeita quando:

a) se rima uma vogal de timbre semiaberto com outra de timbre semifechado:

"Bailando no ar, gemia inquieto vaga-lume:
– "Quem me dera que fosse aquela loura *estrela*,
Que arde no eterno azul, como eterna *vela*!"
Mas a estrela, fitando a lua, com ciúme." (M. de Assis).

b) um dos finais tem um som que o outro não tem:

"Nessa *vertigem*
Amara a *virgem*" (C. de Abreu, *Obras*, 194).

Muitas vezes, a perfeição ou imperfeição da rima é relativa, conforme a pronúncia padrão. No Brasil, por exemplo, constituem rimas perfeitas as que se fazem entre certas vogais e ditongos (*desejos* com *beijos*; *luz* com *azuis*; *atroz* com *heróis*; *vãs* com *mães*; *espirais* com *Satanás*; *bondoso* com *repouso*). Em Portugal é perfeita a rima entre *mãe* e *também* (ou *tem*, etc.), prática que, por imitação literária, ocorre entre alguns de nossos poetas românticos.

c) se rima uma vogal oral com uma vogal nasal:

De que ele, o sol, inunda
O mar, quando se *põe*,
Imagem moribunda
De um coração que *foi* [JD *apud* CCh.1, 694].

d) se rimam vocábulos com só identidade das vogais tônicas (rima *toante* ou *assonante*).

Rimas consoantes e toantes – A rima se diz *consoante* quando é perfeita, isto é, tem os mesmos fonemas a partir da última vogal tônica do verso: *vaga-lume* / *ciúme*.

Toante (também *assonante*, de *assonância*) é a rima imperfeita, em que há apenas identidade nas vogais tônicas:

calma / *cada*; *terra* / *pedra*.

Disposição das rimas – Quanto à maneira por que se dispõem nos versos, as rimas podem ser *emparelhadas*, *alternadas* (ou *cruzadas*), *opostas* (ou *entrelaçadas* ou *enlaçadas*), *interpoladas* e *misturadas*.

Cada rima de uma estrofe é designada por uma letra maiúscula ou minúscula do alfabeto, de modo que a sucessão de letras indica a sucessão das rimas. Assim no exemplo:

"Moços, quero, entre vós, falar à nossa terra...
Somos sua esperança e o seu último amparo;
Em nosso corpo e em nosso espírito se encerra
O que ela agora tem de mais certo e mais caro" [JO.2, 159].

A distribuição das rimas é representada pelo esquema *abab* (ou ABAB) onde *a* indica a rima -*erra* (terra / encerra) e *b* a rima -*aro* (amparo / caro).

EMPARELHADAS são as que se sucedem duas a duas (o esquema é *aabbcc*, etc.):

"Numa vida anterior, fui um xeque macilento
E pobre... Eu galopava, o albornoz solto ao vento,
Na soalheira candente; e, herói de vida obscura,
Possuía tudo: o espaço, um cavalo, e a bravura" [OB.1].

ALTERNADAS (ou *cruzadas*) são as que, num grupo de quatro versos, se alteram, fazendo que o 1.º verso rime com o 3.º (e os demais ímpares) e o 2.º com o 4.º (e os demais pares).

Correspondem ao esquema *abab*:

"Ora (direis) ouvir estrelas! Certo
Perdeste o senso!" E eu vos direi, no entanto,
Que, para ouvi-las, muita vez desperto
E abro as janelas, pálido de espanto..." [OB.1].

OPOSTAS (ou *entrelaças* ou *enlaçadas*) são as que se verificam em dois versos entre os quais medeiam dois outros também rimados.

Correspondem ao esquema *abba*:

"Vai-se a primeira pomba despertada.
Vai-se outra mais... Mais outra... E enfim dezenas
De pombas vão-se dos pombais apenas
Raia, sanguínea e fresca, a madrugada" [R. Correia].

INTERPOLADAS são aquelas em que, num grupo de seis versos, o terceiro rima com o sexto, enquanto o primeiro rima com o segundo, e o quarto com o quinto. Correspondem ao esquema *aabccb*:

Eu nasci além dos mares
Os meus lares,
Meus amores ficam lá!
– Onde canta nos retiros
Seus suspiros,
Seus suspiros o sabiá! (C. de Abreu).

MISTURADAS são aquelas em que a distribuição é livre. As rimas misturadas, para lograrem êxito, requerem constância, vivacidade e sonoridade:

"É meia-noite... e rugindo
Passa triste a ventania,
Como um verbo da desgraça,
Como um grito de agonia.
E eu digo ao vento que passa
Por meus cabelos fugaz:
"Vento frio do deserto,
Onde ela está? Longe ou perto?
Mas, como um hálito incerto,
Responde-me o eco ao longe.
"Oh! Minh'amante, onde estás?..." [C. Alves].

4 – ALITERAÇÃO

Aliteração – É o apoio rítmico que consiste em repetir fonemas em palavras simetricamente dispostas. A aliteração nasce, em geral, de desejo de harmonia imitativa.

"A juruti suspira sobre as folhas secas" [C. de Abreu].
"É a perda dura dum futuro inteiro" [*Id.*].
"Vozes veladas, veludosas vozes,
Volúpias dos violões, vozes veladas,
Vagam nos velhos vórtices velozes

Dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas" [Cruz e Sousa].

5 – Encadeamento

Encadeamento – Consiste na repetição simetricamente disposta de fonemas, palavras, expressões ou um verso inteiro.

Foi recurso rítmico muitíssimo usado na poesia medieval e é frequente na poesia moderna em versos livres. Exemplos colhidos em Augusto Frederico Schmidt:

"No entanto este *motivo escolhido existe*.
Não *vejo*, esta *tristeza*, da saudade da que é *sempr*e a *Ausente*
Nem da sua graça desaparecida..." (repetição de fonema)
"*Pensei* em mortos que morreram entre indiferentes.
Pensei nas velhas mulheres..." (repetição de palavra)
"No princípio foi um balanço contínuo e vagaroso,
Depois foi descendo uma sombra indistinta,
Um grande leito surgiu e lençóis brancos como espuma
.....
No princípio foi um balanço contínuo e vagaroso" (repetição de verso).

6 – Paralelismo

Paralelismo – É a repetição de ideias mediante expressões aproximadas:

"O monstrengo que está no fim do mar
Na noite de breu ergueu-se a voar;
À roda da nau voou três vezes,
Voou três vezes a chiar,
E disse: *Quem é que ousou entrar*
Nas minhas cavernas que não desvendo,
Meus tetos negros do fim do mundo?
E o homem do leme disse, tremendo:
"El-Rei Dom João Segundo!"

"*De quem são as velas onde me roço?*
De quem as quilhas que vejo e ouço?"
Disse o monstrengo, e rodou três vezes,
Três vezes rodou imundo e grosso:
"*Quem vem poder o que eu só posso*,
Que moro onde nunca ninguém me visse
E escorro os medos do mar sem fundo?"
E o homem do leme tremeu, e disse:
"El-Rei Dom João Segundo!" (F. Pessoa).

7 – Estrofação

O poema pode conter dois ou mais versos os quais se agrupam para formar uma *estrofe*.

O costume tradicional é iniciar cada verso com letra maiúscula, qualquer que seja a sua relação sintática. Pode-se, entretanto, pôr, no início, letra minúscula, conforme a sua relação sintática com o verso precedente.

As estrofes podem ser *simples*, *compostas* e *livres*.

SIMPLES são as estrofes formadas de versos com a mesma medida.

COMPOSTAS são as que encerram versos de diferentes medidas.

LIVRES são as que admitem versos de qualquer medida.

As estrofes de dois, três, quatro, cinco, seis, oito e dez versos recebem, respectivamente, os seguintes nomes especiais: *dísticos*, *tercetos*, *quadras* (ou *quartetos*) , *quintilhas*, *sextilhas*, *oitavas* e *décimas*. As estrofes de *sete* e *nove* versos não têm nome especial.

8 – VERSO DE RITMO LIVRE

"O que chamamos impropriamente *versos livres* é uma série irregular de versos que tomados em separado são regulares" [BH.1, 427].

O verso de ritmo livre não tem número regular de sílabas, versos e estrofes, nem são uniformes e coincidentes o número e a distribuição das sílabas átonas e tônicas responsáveis pelo movimento rítmico.

O verso de ritmo livre exige do poeta uma realização tão completa quanto o verso regular. "À primeira vista, parece mais fácil de fazer do que o verso metrificado. Mas é engano. Basta dizer que no verso livre o poeta tem de criar o seu ritmo sem auxílio de fora. É como o sujeito que solto no recesso da floresta deva achar o seu caminho e sem bússola, sem vozes que de longe o orientem, sem os grãozinhos de feijão da história de João e Maria. Sem dúvida não custa nada escrever um trecho de prosa e depois distribuí-lo em linhas irregulares, obedecendo tão somente às pausas do pensamento. Mas isso nunca foi verso livre... O modernismo teve isso de catastrófico: trazendo para a nossa língua o verso livre, deu a todo o mundo a ilusão de que uma série de linhas desiguais é poema" [MB.1, II, 1282].

9 – RECITAÇÃO

"A recitação do verso, além dos requisitos exigidos para a da prosa, exige uma gesticulação adequada, sem exageros, um jogo fisionômico apropriado e que o recitalista não faça sentir demais a rima nem a cesura. No caso dos versos livres modernos é preciso descobrir o ritmo e a intenção que o poeta lhes quis dar" [AN.1, V, 108].

187 É interessante observar que Guerreiro optou pela contagem do verso até a última sílaba tônica por amor à brevidade, como declara, para evitar a "frequente repetição de *agudo*, *grave* e *esdrúxulo*, já que a última sílaba tônica basta para o verso ser

constante" (*Tratado de Versificação Portuguesa*, Lisboa, 1784, p. 6). À semelhança dos italianos e espanhóis, a contagem antiga dos versos portugueses levava sempre em conta a existência de sílaba átona depois da última tônica (a base era o verso grave).

188 O emprego antigo e ainda corrente do *mácron* (¯) para as tônicas e da *braquia* (˘) para as átonas pode confundir os conceitos de quantidade e intensidade.

189 O novo sistema ortográfico proposto não agasalha este emprego do trema.

190 "Sem isso, a sinérese, ou a crase, é anômala, porque a ressonância nasal corresponde a um travamento da sílaba e só as sílabas terminadas por vogal são propriamente *livres* e se prestam à crase ou sinérese" [MC.4, 103].

191 "(...) na leitura da poesia em que (pondo de parte o encavalgamento) o final de verso correspondente a uma cláusula (e, significativamente, a um sintagma), não é muitas vezes marcado por um silêncio, mas por algo como a combinação de uma descida de tom com um nítido prolongamento da última sílaba tônica" [HCv.2, II, 464 n. 33].

192 O. Bilac - G. Passos, Tratado de Versificação, 68-69.

193 Os versos que não rimam chamam-se *soltos* ou *brancos*.

Abreviatura de Autores e Obras Citadas

[AA] Amado Alonso

[AA.1] *Materia y Forma en Poesía*. Madrid, Gredos, 1952.

[AAr] Afonso Arinos

[AAr.1] *Pelo Sertão*. Rio de Janeiro, Garnier, 1915.

[AAr.2] *História e Paisagens*. Rio de Janeiro, Garnier, 1921.

[AAz] Aluísio Azevedo

[AB] Andreas Blinkenberg

[AB.1] *L'Ordre des Mots en Français Moderne*, 2 vols. Copenhague, Hørst, 1928.

[ABo] Amini Boainain Hauy

[ABo.1] *Da Necessidade de uma Gramática-Padrão da Língua Portuguesa*. São Paulo, Ática, 1983.

[AC] Antônio Feliciano de Castilho

[AC.1] *Tradução dos Fastos de Ovidio*, 3 vols. Lisboa, 1862.

[AC.2] *Quadros Históricos*. Lisboa, 1864.

[AC.3] *As Sabichonas – Trad. do Teatro de Molière*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1928.

[AC.4] *Misantropo – Trad. do Teatro de Molière*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1924.

[AC.5] *Tratado de Metrificação Portuguesa*, 3.ª ed. Lisboa, 1889.

[AC.6] *Sonho de uma Noite de S. João*. Porto, 1874.

[AC.7] *Rev. Lisbonense* nº 24.

[AC.8] *Livraria Clássica – Padre Manuel Bernardes*, 2 vols. Lisboa, 1865.

[AC.9] *As Geórgicas de Vergílio* , 2.ª ed. anotada por Otoniel Mota. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1938.

[AC.10] *Felicidade pela Agricultura*. Ponta Delgada, 1849.

[AC.11] *Colóquios Aldeãos*, 2.ª ed. Lisboa, 1872.

[ACo] Adolfo Coelho

[ACo.1] *Noções Elementares de Gramática Portuguesa*. Porto, Lemos Editora, 1891.

[ACo.2] *A Língua Portuguesa*, 3.ª ed. Porto, Magalhães-Moniz Editora, 1896.

[ACt] Armando Cortesão

[ACt.1] *Cartas à Mocidade.* Lisboa, 1954.

[AE] M. Alvar Ezquerra

[AE.1] *La Formación de Palabras en Español*. Madrid, Arcos Libros, 1996.

[AF] Antônio Ferreira

[AF.1] *Poemas Lusitanos*. Lisboa, Sá da Costa.

[AF.2] *A Castro*, ed. Sousa da Silveira. In *Textos Quinhentistas*.

[AFg] Antero de Figueiredo

[AFg.1] *O Último Olhar de N. Senhora*. Lisboa, Bertrand, 1944.

[AG] A. Guimarães

[AGa] Almeida Garrett

[AGa.1] *Romanceiro*. In *Obras Completas*. Ed. Teófilo Braga. 2 vols. Lisboa, 1904.

[AGa.2] *Da Educação*. In *Obras Completas*.

[AGa.3] *Camões*, 3.ª ed. Lisboa, Imprensa Nacional, 1944.

[AGa.4] *Viagens na minha Terra*, ed. Estanco Louro. Lisboa, F. Franco, 1934.

[AGa.5] *Tio Simplício* in *Obras Completas*.

[AGo] Alfredo Gomes

[AGo.1] *Gramática Portuguesa*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1930.

[AGr] Antoine Grégoire

[AGr.1] *Petit Traité de Linguistique*. Paris, Delagrave, 1923.

[AH] Alexandre Herculano

[AH.1] *Eurico*. Lisboa, 1876.

[AH.2] *Fragmentos Literários*, ed. de A. Leite. Rio de Janeiro, Sauer, 1921.

[AH.3] *O Bobo*. Lisboa, 1878

[AH.4] *Lendas e Narrativas*, 2 vols. Lisboa, 1876.

[AH.5] *O Monge de Cister*, ed. dirigida por David Lopes. Lisboa, Aillaud, s/d.

[AH.6] *História de Portugal*, ed. dirigida por David Lopes. Lisboa, Aillaud, 1914.

[AH.7] *Opúsculos*, ed. dirigida por David Lopes, 1878.

[AK] Adriano da Gama Kury

[AK.1] *Novas Lições de Análise Sintática*, 6.ª ed. São Paulo, Ática, 1993.

[AK.2] *Elaboração e Editoração de Trabalhos de Nível Universitário*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1987.

[AK.3] Normas de Editoração. Vide [AK.2].

[AL] Emilio Alarcos Llorach

[AL.1] *Gramatica de la Lengua Española*, 4.ª ed. Madrid, Espasa Calpe, 1994.

[AL.2] *Estudios de Gramática Funcional del Español*, 3.ª ed. Madrid, Gredos, 1976.

[ALb] Alf Lombard

[ALb.1] *L'Infinitif de Narration dans les Langues Romanes*. Upsala-Leipzig, 1911.

[AM] Aníbal Machado

[AM.1] *Vida Feliz*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1944.

[AN] Antenor Nascentes

[AN.1] *O Idioma Nacional*, 5 vols. Rio, 1919. 3.ª ed. S.Paulo, Ed. Nacional, 1957.

[AN.2] *O Problema da Regência*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1960.

[AN.3] *Dificuldades de Análise Sintática*. Rio de Janeiro, 1959.

[AN.4] *O Linguajar Carioca*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1963.

[ANb] Antônio Nobre

[ANb.1] *Só*, ed. Vitório Nemésio. Lisboa, Bertrand, 1947.

[AO] Alberto de Oliveira

[AO.1] *Mil Trovas*. Lisboa, Livraria Clássica Ed., 1945.

[AOl] Alberto de Oliveira

[AOl.2] *Poesias*, 4 séries. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1912.

[AP] Afonso Pena Jr.

[AP.1] *A Arte de Furtar e o seu Autor*. 2 vols. Rio de Janeiro, José Olympio Ed.,1946.

[APa] Antônio de Pádua

[APa.1] *Notas de Estilística*. Rio de Janeiro, Org. Simões, s/d.

[APg] Antonino Pagliaro

[APg.1] *A Vida do Sinal*, trad. Aníbal Pinto de Castro. Lisboa, Fund. Calouste Gulbenkian, 1965.

[AR] Aquilino Ribeiro

[AR.1] *Jardim de Tormenta*. Lisboa, Ailland (??), 1919.

[AS] Antônio Sandmann

[AS.1] *Formação de Palavras no Português Brasileiro Contemporâneo*. Curitiba, Scientia et Labor/ Ícone, 1989.

[AV] Pe. Antônio Vieira

[AV.1] *Sermões*, ed. fac-similada. São Paulo, Anchieta, 1945.

[AVi] Antonio Vilarnovo Caamaño

[AVi.1] *Lógica y Lenguaje en Eugenio Coseriu*. Madrid, Gredos, 1997.

[BBo] José M. Barbosa du Bocage

[BBo.1] *Poesias*. 5 vols., ed. Rebelo da Silva. Lisboa, A. Lopes, 1853.

[BC] Andrés Bello-Rufino J. Cuervo

[BC.1] *Gramática de la Lengua Castelhana*. Paris, Roger-Chervoviz, 1903.

[BD] Karl Brugmann-Berthold Delbruck

[BD.1] *Grundriss der vergleichenden Grammatik der indogermanischen Sprachen*. L. Aufl.

[BH] Ch. Bruneau-M. Heulluy

[BH.1] *Grammaire Pratique de la Langue Française*. Paris, Delagrave, 1937.

[BM] Bertil Malmberg

[BM.1] *La Phonétique*. Paris, PUF, 1962.

[BP] Bernard Pottier

[BP.1] *Linguística General. Teoría y Descripción*, trad. esp. Madrid, Gredos, 1977.

[CA] Casimiro de Abreu

[CA.1] *Obras de Casimiro de Abreu*, 2.ª ed. anotada por S. da Silveira. Rio de Janeiro, MEC-Casa de Rui Barbosa, 1955.

[CAl] Cesar H. Alonso

[CAl.1] *Gramática Funcional del Español*, 2.ª ed. Madrid, Gredos, 1986.

[CAv] Castro Alves

[CAv.1] *Obras Completas*, 2 vols., ed. Afrânio Peixoto. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1921.

[CAz] José Carlos Azeredo

[CAz] Revendo Análises: A descrição sintática e seu ensino In *Língua e Linguagem em Questão*. Org. Maria Teresa G. Pereira. Rio de Janeiro, EDUERJ, 1997.

[CB] Charles Bally

[CB.1] *Le Langage et la Vie*, 3.ª ed. Paris, Payot.

[CB.2] *Linguistique Générale et Linguistique Française*, 3.ª ed. Framke, Berne, 1954.

[CBd] Cláudio Brandão

[CBd.1] *O Particípio Presente e o Gerúndio em Português*. Belo Horizonte, 1933.

[CBd.2] *Sintaxe Clássica Portuguesa*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1961.

[CBr] Camilo Castelo Branco

[CBr.1] *A Queda de um Anjo*, ed. de P. A. Pinto. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1953.

[CBr.2] *Bohemia do Espírito*, 1.ª ed. Porto, Livr. Civilização, 1886.

[CBr.3] *Correspondência Epistolar*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.4] *Carlota Ângela*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.5] *A Bruxa de Monte Córdova*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.6] *O Bem e o Mal*, ed. M. Casassanta. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1955.

[CBr.7] *Cem Cartas*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa.

[CBr.8] *A Morgada de Romariz*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.9] *A Neta do Arcediago*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.10] *Memórias do Cárcere*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d

[CBr.11] *Os Brilhantes do Brasileiro*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.12] *O Senhor do Paço dos Ninhães*, ed. Júlio Nogueira. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1955.

[CBr.13] *O Vinho do Porto*, 1.ª ed. Porto, Livr. Civilização, 1844.

[CBr.14] *Justiça*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa.

[CC] Luís da Câmara Cascudo

[CC.1] *Contos Tradicionais do Brasil*. Rio de Janeiro, Americ. Edit., 1942.

[CCh] Celso Cunha - Lindley Cintra

[CCh.1] *Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa, João Sá da Costa, 1984.

[CCh.2] *Estudos de Poética Trovadoresca*. Rio de Janeiro, INL.

[CDa] Carlos Drummond de Andrade

[CDa.1] *O Poder*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1973.

[CF] Cândido de Figueiredo

[CF.1] *Combate sem Sangue*. Lisboa, 1923.

[CG] Carlos Góis

[CG.1] *Sintaxe de Regência*, 4.ª ed. Rio de Janeiro, 1924.

[CJ] Cândido Jucá (filho)

[CJ.1] *As Categorias Gramaticais*. Rio de Janeiro, 1957.

[CL] Carlos de Laet

[CL.1] *Obras Seletas*, 3 vols. Rio de Janeiro, Fund. Casa de Rui Barbosa, 1983.

[CLu] Celso Pedro Luft

[CLu.1] *Dicionário Prático de Regência Verbal*. São Paulo, Ática, 1996.

[CN] Coelho Neto

[CN.1] *Apólogos.* Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1945.

[CP] Eduardo Carlos Pereira

[CP.1] *Gramática Expositiva* (curso superior), 81.ª ed. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1951.

[CR] Ernesto Carneiro Ribeiro

[CR.1] *Serões Gramaticais*, 2.ªed. Bahia, 1902.

[CR.2] *Redação do Projeto do Código Civil* [Tréplica]. Bahia, Of. Dois Mundos,1905

[CS] Cruz e Sousa

[CS.1] *Obras Completas*, 2 vols., ed. de Nestor Vítor, R. Janeiro, Anuário do Brasil.

[CS.2] *Últimos Sonetos*, ed. e notas de A. da Gama Kury. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa.

[DG] Francisco Dias Gomes

[DG.1] *Obras Poéticas*. Lisboa, ed. da Academia. 1779.

[DN] Dag Norberg

[DN.1] *Syntaktische Forschungen auf dem Gebiete des Spätlateins und des fruhen Mittellateins*. Upsala, 1943.

[EB] Evanildo Bechara

[EB.1] *Estudos sobre os Meios de Expressão do Pensamento Concessivo em Português*. Rio de Janeiro, 1954.

[EBc] Edouard Bourciez

[EBe.1] *Éléments de Linguistique Romane*, 4.ª ed. Paris, 1946.

[EBm] Eneida Bonfim

[EBm.1] *Advérbios*. São Paulo, Ática, 1988.

[EBv] Emile Benveniste

[EBv.1] *Problemas de Linguística Geral* (trad. bras.). São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1976.

[EBv.2] *Problemas de Linguística Geral* (trad. bras.). São Paulo, Pontes, 1989.

[EC] Euclides da Cunha

[EC.1] *Os Sertões*, 2ª ed. Rio de Janeiro, Laemmert, 1903.

[ECs] Eugenio Coseriu

[ECs.1] *Teoría del Lenguaje y Linguística General*. Madrid, Gredos, 1973.

[ECs.2] *Sincronía, Diacronía e Historia* (El Problema del Cambio Linguístico). Madrid, Gredos, 1973.

[ECs.3] *Linguística Testuale*. Roma, Boringhiere, 1997.
[ECs.4] *Lecciones de Linguística General*. Madrid, Gredos, 1981.

[ECs.5] *Principes de Syntaxe Fonctionnelle*. Strabourg-Nancy, Klincksieck, 1989.

[ECs.6] *Introducción a la Linguística*. Madrid, Gredos, 1986.

[ECs.7] *Gramática, Semántica, Universales*. Madrid, Gredos, 1978.

[ECs.8] *Competencia Linguística*. Madrid, Gredos, 1992.

[ECs.9] *El Sistema Verbal Románico*. México, Siglo Veinteuno, 1996. Versão em parte reduzida de *Das romanische Verbalsystem*. Tubingen, Verlag Gunter Narr, 1976.

[ECs.10] *Tradición y Novedad en la Ciencia del Lenguaje*. Madrid, Gredos, 1977.

[ECs.11] *Estudios de Linguística Románica*. Madrid, Gredos, 1977.

[ECs.12] *Principios de Semántica Estrutural*. Madrid, Gredos, 1977.

[ECs.13] "O Meu Saussure". In *Confluência*, 14: 33-36, 1997.

[ECs.14] *El Hombre y su Lenguaje*. Madrid, Gredos, 1977.

[ECs.15] "Fundamentos e Tarefas da Sócio e Etnolinguística". In *Atas do 1º Congresso de Sócio e Etnolinguística*, João Pessoa, UFParaíba, 1990.

[ED] Epifânio Dias

[ED.1] *Gramática Portuguesa Elementar*, 12.ª ed. Lisboa, A.F. Machado Editor, 1905.

[ED.2] *Sintaxe Histórica Portuguesa*, 5.ª ed. Livraria Clássica Editora, 1970.

[EG] Ernst Gamillscheg

[EG.1] *Französische Bedeutungslehre.* Tubingen, Niemeyer, 1951.

[EM] Alfred Ernout-Antoine Meillet

[EM.1] *Dictionnaire Etymologique de la Langue Latine*, 4.ª ed. Paris.

[EN] Eugene Nida

[EN.1] *Morphology*, 2.ª ed. Baltimore, Ann Arbor, 1961.

[EQ] Eça de Queirós

[EQ.1] *A Cidade e as Serras*. Porto, Chardron, 1921.

[EQ.2] *Primo Basílio*. Porto, Chardron, 1909.

[EQ.3] *Os Maias*, 2.ª ed. Porto, Chardron, 1921.

[EQ.4] *Contos*. Porto, Chardron, 1920.

[EQ.5] *A Correspondência de Fradique Mendes*. Porto, Chardron, 1900.

[ER] Elise Richter

[ER.1] *Wie wir sprechen*. Leipzig, Teubner, 1912.

[ES] Eduard Sapir

[ES.1] *A Linguagem*, trad. J. Mattoso Câmara Jr., Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica.

[EV] Mª Victoria Escandell Vidal

[EV.1] *Los Complementos del Nombre*. Madrid, Arcos Libros, 1995.

[EVm] Érico Veríssimo

[FB] Fausto Barreto

[FB.1] *Antologia Nacional*, 7.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1915.

[FBl] Franz Blatt

[FBl.1] *Précis de Syntaxe Latine*, Paris, Ed. IAC, 1952.

[FBr] Ferdinand Brunot

[FBr.1] *La Pensée et la Langue*, 3.ª ed. Paris, Nasson, 1953.

[FC] Firmino Costa

[FC.1] *Léxico Gramatical*. São Paulo, Melhoramentos, s/d.

[FDz] Friederic Diez

[FDz.1] *Grammaire des Langues Romanes*, 3 vols., 3.ª ed. Paris, Viewew, 1874-76.

[FE] Filinto Elísio

[FE.1] *Vidas e Feitos d'El-Rei D. Manuel*, 2 vols. Porto, 1946.

[FE.2] *Obras Completas*, 11 vols., ed. Paris, Of. A. Bobée, 1817-1819.

[FF] Francisco José Freire

[FH] Frederico Hanssen

[FH.1] *Gramática Histórica de la Lengua Castelhana*. Halle, Niemeyer, 1913.

[FP] Fernando Pessoa

[FP.1] *Mensagem*, ed. Ivo Castro.

[FT] Franklin Távaro

[FT.1] *O Cabeleira*, 2.ª ed., Rio de Janeiro, Tip. Nacional, 1876.

[FV] Fagundes Varela

[GD] Gonçalves Dias

[GD.1] *Juca Pirama* in *Obras Poéticas*.

[GD.2] *Tabira* in *Obras Poéticas*.

[GD.3] *Obras Poéticas*, ed. M. Bandeira, 2 vols. São Paulo, Cia. Editora Nacional.

[GG] Samuel Gili Gaya

[GG.1] *Curso Superior de Sintáxis Española*, 2.ª ed. Barcelona, 1948.

[GGh] Georges Gougenheim

[GGh.1] *Système Gramatical de la Langue Française*. Paris, D'Artrey-D'Artrey, 1939.

[GJ] Guerra Junqueira

[GJ.1] *Os Simples*. Lisboa, 1920.

[GM] Gladstone Chaves de Melo

[GM.1] *Gramática Fundamental da Língua Portuguesa*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Livraria Padrão, 1970.

[GM.2] *Excelências Vernáculas de Gonçalves Dias*. Rio de Janeiro, Livraria Padrão, 1986.

[GR] J. Guimarães Rosa

[GR.1] *Sagarana*, 10.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1968.

[GrR] Graciliano Ramos

[GrR.1] *Infância*, 5.ª ed.. São Paulo, Martins Editora, 1961.

[GrR.2] *São Bernardo*, 3ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora.

[HB] Mª Lluísa Hernanz-José Mª Brucart

[HB.1] *La Sintáxis. Principios Teóricos. La oración simple*. Barcelona, Editora Crítica, 1987.

[HC] Humberto de Campos

[HC.1] *Sombras que Sofrem*. São Paulo, Editora Jackson, 1945.

[HC.2] *Memórias*, 2 vols. São Paulo, Editora Jackson, 1945.

[HCv] J. G. Herculano de Carvalho

[HCv.1] *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa, Editora Verbo.

[HCv.2] *Teoria da Linguagem*, 6.ª ed., I. Coimbra, Coimbra Editora, 1983.

[HCv.3] *Teoria da Linguagem*, 4.ª reimpr., II. Coimbra, Coimbra Editora, 1984.

[HCv.4] *Estudos Linguísticos*, vol. III. Coimbra, Coimbra Editora, 1984.

[HG] Heráclito Graça

[HG.1] *Factos da Linguagem*. Rio de Janeiro, Viúva Azevedo, 1904.

[HGe] Hørst Geckeler

[HGe.1] *Semántica Estrutural y Teoría del Campo Léxico*. Madrid, Gredos, 1987.

[HM] Harri Meier

[HM.1] *Ensaios de Filologia Românica*. Lisboa, Rev. de Portugal, 1948.

[HR] Horácio Rolim de Freitas

[HR.1] *Princípios de Morfologia*, 4.ª ed. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1997.

[HS] Holger Stein

[HS.1] *Les Particularités de la Langue Portugaise*. Copenhague, 1944.

[JA] José de Alencar

[JA.1] *Sertanejo*. In *Obra Completa*, 2.ª ed., 5 vols., Rio de Janeiro, Aguilar, 1965.

[JA.2] *O Guarani*. In *Obra Completa*.

[JA.3] *Iracema*. In *Obra Completa.*

[JCo] Jacinto de Prado Coelho

[JCo.1] *A Educação do Sentimento Poético*, *Coimbra*, Coimbra Edit., 1944.

[JCR] Jacinto Corte-Real

[JCR.1] *Naufrágio de Sepúlveda*. Lisboa, Tip. Rolandiana, 1842.

[JD] João de Deus

[JDe] J. Deely

[JDe.1] *Semiótica Básica*. São Paulo, Ática, 1994.

[JF] Jackson de Figueiredo

[JL] José Lins do Rego

[JL.1] *Riacho Doce*, 1.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1939.

[JL.2] *Água Mãe*, 1.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1941.

[JL.3] *Bangue*, 6.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1966.

[JLy] John Lyons

[JLy] *Introdução à Linguística Teórica*, trad. bras. de Rosa Virgínia M. e Silva e Helio Pimentel, revista por Isaac Salum. São Paulo, 1979.

[JM] Júlio Moreira

[JM.1] *Estudos da Língua Portuguesa*, 2 vols. Lisboa, 1907-1913.

[JMa] Johan Nicolau Madvig

[JMa.1] *Grammatica Latina*, trad. de A. Epifânio Dias. Porto, Tip. M. Pereira, 1872.

[JO] José Oiticica

[JO.1] *Manual de Análise Léxica e Sintática*, 6.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1942.

[JO.2] *Sonetos*, 1911.

[JO.3] in *Rev. Filológica*, n.º 29, Rio de Janeiro.

[JO.4] in *Revista Filológica*, n.º 16, Rio de Janeiro.

[JR] João Ribeiro

[JR.1] *Gramática Portuguesa*, 21.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1921.

[JR.2] *Floresta de Exemplos*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1959.

[JR.3] *Fabordão*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1964.

[JR.4] *Autores Contemporâneos*, 15.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1926.

[JR.5] *Seleta Clássica*, 4.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves.

[JR.6] *Cartas Devolvidas*. Lisboa.

[JV] Jules Vendryes

[JV.1] *Le Langage*, 2.ª ed. Paris, Albin, 1925.

[KB] Karl Brugmann

[KB.1] *Abregé de Grammaire Comparée des Langues Indo-Européennes*. Paris, 1905.

[KN] Kristofer Nyrop

[KN.1] *Grammaire Historique de la Langue Française*, V, 6 vols. Copenhague, 1935.

[LB] Lima Barreto

[LB.1] *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, 1.ª ed. Rio de Janeiro, 1915.

[LB.2] *Vida e Morte de Gonzaga de Sá*, 1.ª ed. Rio de Janeiro, 1919.

[LB.3] *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, 2.ª ed. Rio de Janeiro.

[LBl] Leonard Bloomfield

[LBl.1] *Language*, New York, Henry Holt, 1941.

[LC] Luís de Camões

[LC.1] *Os Lusíadas*, 2.ª ed. anotada por A. Epifânio Dias.

[LC.2] *Rimas*, ed. anotada por A. da Costa Pimpão.

[LCa] Lúcio Cardoso

[LCa.1] *Crônica da Casa Assassinada*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Edit. Letras e Artes, 1963.

[LCi] Luís Felipe Lindley Cintra

[LCi.1] *Formas de Tratamento na Língua Portuguesa*. Lisboa, 1972.

[LCo] Latino Coelho

[LCo.1] *História Política e Militar de Portugal*. Lisboa.

[LCo.2] *República e Monarquia*. Lisboa.

[LCr] F. Lázaro Carreter

[LCr.1] *Diccionario de Términos Filológicos*, 3.ª ed. Madrid, Gredos, 1968.

[LG] Luís Guimarães Jr.

[LM] Leonardo Mota

[LR] Léonce Roudet

[LR.1] *Éléments de Phonétique Générale*. Paris, H. Walter, 1911.

[LS] Frei Luís de Sousa

[LS.1] *A Vida de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires*, 2 vol., Lisboa, 1818.

[LSp] Leo Spitzer

[LSp.1] "Le Langage-éco". In *Boletim de Filologia*, V. Lisboa.

[LSp.2] *Attributives Gerundium* in *Zfr. Sprache und Literatur*, vol. L.

[LV] José Leite de Vasconcelos

[LV.1] *Lições de Filologia Portuguesa*, 2.ª ed. Lisboa, 1926.

[LV.2] *Opúsculos*, 7 vols. Lisboa, Imprensa da Universidade.

[MA] Machado de Assis

[MA.1] *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, 4.ª ed., Garnier, 1899.

[MA.2] *Várias Histórias*, 2.ª ed., Garnier, 1896.

[MA.3] *Quincas Borba*, Editora Garnier, 1909.

[MA.4] *D. Casmurro*, Editora Garnier, 1899.

[MA.5] *Papéis Avulsos*, Editora Garnier, 1882.

[MA.6] *Contos Fluminenses*, Editora Garnier, 1899.

[MA.7] *Memorial de Aires*, Editora Garnier, 1908.

[MA.8] *Esaú e Jacó*, Editora Garnier, 1904.

[MA.9] *Histórias sem Data*, Editora Garnier, 1884.

[MAg] Martinz de Aguiar

[MAg.1] *Notas de Português de Filinto e Odorico*. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1953.

[MAg.2] *Notas e Estudos de Português*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Fund. Getúlio Vargas.

[MAg.3] *Repasse Crítico da Gramática Portuguesa*, 2.ª ed. Fortaleza, Casa José de Alencar – Univ. do Ceará, 1996.

[MAn] Mário de Andrade

[MB] Manuel Bandeira

[MB.1] *Poesia e Prosa*, 2 vols. Rio de Janeiro, Aguilar, 1958.

[MB.2] *Andorinha, Andorinha*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1966.

[MB.3] Versificação Portuguesa. In *Enciclopédia Delta-Larousse*.
[MBa] Mário Barreto

[MBa.1] *Novos Estudos da Língua Portuguesa*, 3.ª ed., Rio de Janeiro, Presença, 1980.

[MBa.2] *Últimos Estudos da Língua Portuguesa*, 2.ª ed.. Rio de Janeiro, Presença, 1986.

[MBa.3] *Novíssimos Estudos da Língua Portuguesa*, 3.ª ed., 1980.

[MBa.4] *Através do Dicionário e da Gramática*, 3.ª ed., 1986.

[MBa.5] *De Gramática e de Linguagem*, 3.ª ed., 1982.

[MBa.6] *Cartas Persas de Montesquieu*, trad. de MBa, Editora Garnier, 1923.

[MBa.7] *Factos da Língua Portuguesa*, 3.ª ed., 1982.

[MBe] Pe. Manuel Bernardes

[MBe.1] *Nova Floresta*, ed. fac-similada da 1.ª. São Paulo, Anchieta, 1945.

[MBe.2] *Luz e Calor*, ed. fac-similada da 1.ª. São Paulo, Anchieta, 1945.

[MBr] Michel Bréal

[MBr.1] *Essai de Sémantique*, 3.ª ed. Paris, Hachette, 1903.

[MBs] Margarida Basílio

[MBs.1] *Teoria Lexical*. São Paulo, Ática, 1987.

[MC] J. Mattoso Câmara Jr.

[MC.1] *Princípios de Linguística Geral*, 4.ª ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica.

[MC.2] *Teoria da Análise Léxica*. Rio de Janeiro, Aquarone, 1956.

[MC.3] *Gramática*, 3.ª e 4.ª séries, R. Janeiro, Briguiet, 1956.

[MC.4] *Dicionário de Linguística e Gramática*. Petrópolis, Vozes, 1977.

[MC.5] *Elementos da Língua Pátria*, 2.ª ed., 4 vols. Rio de Janeiro, Briguiet, 1938.

[MC.6] Noções de Estilística. In *Littera*, Rio de Janeiro, Grifo.

[MC.7] *Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa*, 2.ª ed, R. Janeiro, Padrão, 1977.

[MC.8] *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Padrão.

[MG] R. F. Mansur Guérios

[MG.1] *Tabus Linguísticos*. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1979.

[ML] Monteiro Lobato

[ML.1] *Cidades Mortas*. São Paulo, Editora Brasileira.

[MLe] Mendes Leal

[MLk] W. Meyer Lubke

[MLk.1] *Grammaire des Langues Romanes*, 4 vols., trad. fr. de Doutrefont e Rabiet. New York, Stechert, 1923.

[MM] Marquês de Maricá

[MM.1] *Máximas do Marquês de Maricá*, ed. anotada por Sousa da Silveira. Rio de Janeiro, MEC/Casa de Rui Barbosa, 1958.

[MMa] Maximino Maciel

[MMa.1] *Gramática Descritiva*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1923.

[MMa.2] *Lições Elementares de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1923.

[MMc] Aires da Mata Machado Filho

[MMc.1] *Nos Domínios do Vocabulário*. São Paulo, Boa Leitura Ed., s/d.

[MMe] Francisco Manuel de Mello

[MMe.1] *Feira de Anexins*, ed. Inocêncio, Lisboa, 1876.

[MP] Martins Pena

[MP.1] *Teatro*, ed. Darcy Damasceno.

[MPz] Marcial Morera Perez

[MPz.1] *Semántica del Sistema Preposicional del Español Moderno y sus Campos de Uso*. Puerto del Rosário, 1988.

[MR] Moritz Regula

[MR.1] *Grammaire Française Explicative*. Berne, Francke Verlag, 1952.

[MV] Mário Vilela

[MV.1] *Estruturas Léxicas do Português*. Coimbra, Almedina, 1979.

[MV.2] *Gramática de Valências: teoria e aplicação*. Coimbra, Almedina, 1992.

[NC] Nina Catach

[NC.1] *La Pontuaction*. Paris, PUF, 1994.

[NE] Hans Nilsson-Ehle

[NE.1] *Les Adverbes en -ment Compléments d'un Verbe*. Lund-Leipzig, 1941.

[NT] T. Navarro Tomás

[NT.1] *Manual de Pronunciación Española*, 4.ª ed. Madrid, Hernando, 1933.

[NT.2] *Arte del Verso*, 5.ª ed. México, Málaga Editora, 1971.

[OB] Olavo Bilac

[OB.1] Avatar. In *Poesias*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1902.

[OG] Othon Moacir Garcia

[OG.1] *Comunicação em Prosa Moderna*. Rio de Janeiro, Fund. Getúlio Vargas, 1967.

[OJ] Otto Jespersen

[OJ.1] *Negation in English and other Languages*. Copenhague, Bianco Lunos, 1917.

[OM] Manuel Odorico Mendes

[OM.1] *Eneida Brasileira*. Paris, Tip. de Rignouse, 1854.

[PA] Manuel de Araújo Porto-Alegre

[PA.1] *Colombo*. Rio de Janeiro, 1892.

[PAd] Pedro Adrião

[PAd.1] *Tradições Clássicas da Língua Portuguesa*. Porto Alegre, 1945.

[PC] Pinheiro Chagas

[PD] Porto Dapena

[PD.1] *Complementos Argumentales del Verbo: directo, indirecto, suplemento y agente* . Madrid, Arcos Libros, 1992.

[PDo] Conde Pinheiro Domingues

[PDo.1] "Variação de Gênero em Português". In *Revista de Cultura*. Petrópolis, 1932.

[PDo.2] João Curioso [pseudônimo] *Camilo e a Caturrice dos Puristas*, I. Rio de Janeiro, 1924.

[PL] Pacheco da Silva Jr. e Lameira de Andrade

[PL] *Gramática da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, 1887.

[PJ] Pacheco da Silva Júnior

[PJ.1] *Noções de Semântica*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1903.

[PP] Pedro Augusto Pinto

[PR] Ernesto de Paiva Raposo

[PR.1] *Introdução à Gramática Generativa. Sintaxe do Português*, 2.ª ed. Lisboa, Moraes Editora, 1983.

[PS] Paulino de Sousa

[PS.1] *Grammaire Portugaise*. Paris, Garnier, 1896.

[RB] Rui Barbosa

[RB.1] *Réplica*, 1.ª ed., Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1904.

[RB.2] *Oração aos Moços*, ed. de Rocha Lima.

[RB.3] *Discurso no Colégio Anchieta*, ed. Casa de Rui Barbosa.

[RB.4] *Parecer*, I, ed. Casa de Rui Barbosa, 1990.

[RBa] Raimundo Barbadinho Neto

[RBa.1] *Em Busca da Verdade da Língua*: Dois Estudos

[RBa.2] *Sobre a Norma Literária do Modernismo*. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1977.

[RC] Raimundo Correia

[RC.1] *Poesias*. Lisboa.

[RCo] Ribeiro Couto

[RCo.1] *Conversa Inocente*. Rio de Janeiro, 1946.

[RD] Santa Rita Durão

[RD.1] *Caramuru*, ed. Academia Brasileira de Letras.

[RG] F. Rebelo Gonçalves

[RG.1] *Tratado de Ortografia da Língua Portuguesa*. Coimbra, Atlântida, 1947.

[RL] C. Henrique da Rocha Lima

[RL.1] *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, 37.ª ed., José Olympio Editora, 1992.

[RLb] Rodrigues Lobo

[RLb.1] *O Pastor Peregrino*. Lisboa, 1906.

[RLp] Manuel Rodrigues Lapa

[RLp.1] *Estilística da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica.

[RLz] Rodolfo Lenz

[RLz.1] *La Oración y sus Partes*, 3.ª ed. Madrid, Centro de Estudios Históricos, 1935.

[RP] Raul Pompéia

[RQ] Rachel de Queiroz

[RQ.1] *O Brasileiro Perplexo*. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1963.

[RS] Augusto Rebelo da Silva

[RS.1] *Contos e Lendas*. Lisboa, 1873

[RS.2] *História de Portugal*, 1.ª ed., 5 vols.

[RS.3] *A Mocidade de D. João V*, 3.ª ed., 3 vols. Lisboa.

[RT] Graça Maria Rio-Torto

[RT.1] Sistêmica e Pragmática dos Sufixos Avaliativos. In *Rev. Portuguesa de Filologia*, vol. 21. Coimbra, 1996-7, 203-228.

[RT.2] Operações e Paradigmas Genolexicais do Português. In *Filologia e Linguística* n.º 2, 39-60. São Paulo, Humanitas/USP, 1998.

[RV] A. G. Ribeiro de Vasconcelos

[RV.1] *Gramática Portuguesa*. Lisboa-Rio de Janeiro, s/d.

[SA] Manuel Said Ali

[SA.1] *Dificuldades da Língua Portuguesa*, 5.ª ed. preparada por Maximiano de Carvalho e Silva. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1957.

[SA.2] *Gramática Secundária da Língua Portuguesa*, 4.ª ed. São Paulo, Melhoramentos.

[SA.3] *Versificação Portuguesa*. Rio de Janeiro, INL, 1949.

[SA.4] *Meios de Expressão e Alterações Semânticas*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1930.

[SA.5] *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, 2.ª ed. São Paulo, Melhoramentos, s/d [1931].

[SA.6] Colocação de Pronomes. In *Revista Americana*, II.

[SL] Mário Pereira de Sousa Lima

[SL.1] *Gramática Portuguesa*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1945.

[SR] Silva Ramos

[SR.1] artigo in *Revista de Cultura* nº22.

[SS] Álvaro F. de Sousa da Silveira

[SS.1] *Lições de Português*, 6.ª ed. preparada por Maximiano de Carvalho e Silva.

[SS.2] *Fonética Sintática*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Fund. Getúlio Vargas, 1971.

[SS.3] *Trechos Seletos*, 7.ª ed. Rio de Janeiro, Briguiet, 1963.

[SS.4] *Obras de Casimiro de Abreu*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, MEC/Casa de Rui Barbosa, 1955.

[SS.5] Um Verso Obscuro dos Lusíadas. In *Revista de Philosofia e de História*, tomo II. Rio de Janeiro, 1934, 374-377.

[SS.6] Notas sobre os Pronomes Se e Ele. In *Revista de Cultura*, ano 17, jun. 1943, 265-268.

[SU] S. Ulmann

[SU.1] *Semántica*, trad. port., Lisboa, Fund. Calouste Gulbenkian, 1977.

[TG] Tomás Antônio Gonzaga

[TG.1] *Poesias*, ed. M. Rodrigues Lapa.

[TM] Theodoro Henrique Maurer

[TM.1] *Dois Problemas da Língua Portuguesa*. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1954.

[VB] Vittório E. Bergo

[VB.1] *Concorrência Pleonástica da Preposição com o Prefixo*. Tese de Concurso, 1945.

[VBr] Viggo Brøndal

[VBr.1] *Théorie des Prépositions*. Copenhague, Munksgaard, 1950.

[VC] Vicente de Carvalho

[VK] Valter Kehdi

[VK.1] *A Construção do Verbo Ser*. São Paulo, GEL, 1985.

[VK.2] *Morfemas do Português*. São Paulo, Ática, 1989.

[VK.3] *Formação de Palavras em Português*. São Paulo, Ática, 1990.

[VK.4] Complemento Nominal: Problemas de Caracterização. In *Confluência*, 5/1993, 60-65.

[VV] Verkko Väänänen

[VV.1] *Il est venu comme ambassadeur, il agit en soldat*. Helsinke, 1951.

[WZ] Walther von Wartburg-Paul Zumptor

[WZ.1] *Précis de Syntaxe du Français Contemporain*. Berne, Francke, 1973.

[YM] Yakob Malquiel

[YM.1] Los Interfijos Hispánicos. In *Miscelanea Martinet*, II, Canárias, 1958.

DO MESMO AUTOR

A nova ortografia

Evanildo Bechara

O livro que responde a todas as suas dúvidas, com comentários, histórico dos acordos, além de uma Nota Explicativa da Comissão responsável pelo Acordo Ortográfico.

O que muda com o novo Acordo Ortográfico

Evanildo Bechara

Guia prático e completo das mudanças estabelecidas pelo novo Acordo Ortográfico, elaborado de forma clara e didática pelo grande gramático e lexicógrafo da língua portuguesa. Um manual fácil de ser consultado, que vai esclarecer todas as suas dúvidas relacionadas à nova ortografia.

Gramática Escolar da Língua Portuguesa

Evanildo Bechara

Com exercícios ao final de cada capítulo. Inclui capítulo especial sobre compreensão e interpretação de textos. Índice de assuntos, para auxiliar a consulta dos leitores.

Anexo encarte com as respostas aos exercícios propostos. Indicada para o ensino médio e preparatórios para concursos.

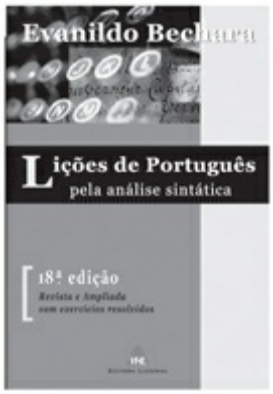

Lições de Português pela Análise Sintática

Evanildo Bechara

Inclui rica seleção de exercícios rigorosamente ordenados, partindo dos fatos idiomáticos mais simples para os mais complexos. Nesta nova edição, esses exercícios vêm resolvidos, para permitir ao leitor constante e proveitoso diálogo com o autor.

Produção editorial
Daniele Cajueiro
Shahira Mahmud
Janaína Senna

Revisão
Glória Braga Onelley
Mariana Elia

Conversão para ebook
Singular Digital | Mariana Mello e Souza

Este livro foi impresso no Rio de Janeiro, em novembro de 2009,
pela Ediouro Gráfica, para a Editora Nova Fronteira.
A fonte usada no miolo é Times New Roman, corpo 11/12.
O papel do miolo é offset 75g/m^2, e o da capa é cartão 250g/m^2.

Visite nosso site: www.novafronteira.com.br

Evanildo Bechara

Moderna Gramática Portuguesa

37ª edição atualizada pelo novo Acordo Ortográfico

Evanildo Bechara

Professor Titular e Emérito da
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
e da Universidade Federal Fluminense (UFF)

Membro da Academia Brasileira de Letras
e da Academia Brasileira de Filologia

Representante brasileiro do
novo Acordo Ortográfico

MODERNA GRAMÁTICA PORTUGUESA

37.ª Edição
Revista, ampliada e atualizada
conforme o novo Acordo Ortográfico

EDITORA NOVA FRONTEIRA
EDITORA LUCERNA

Rio de Janeiro, 2009

Copyright © 2006 by Evanildo Bechara

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Editora Nova Fronteira Participações S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

Editora Nova Fronteira Participações S.A.
Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso – 21042-235
Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21) 3882-8212 / 8313
http://www.novafronteira.com.br
e-mail: sac@novafronteira.com.br

Conversão para ebook
Singular Digital | Mariana Mello e Souza

CIP-Brasil. Catalogação na fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livro, RJ

B354m Bechara, Evanildo, 1928-
Moderna gramática portuguesa / Evanildo Bechara. – 37. ed. rev., ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. – Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2009.

ISBN 978-85-209-3049-6

1. Língua portuguesa – Gramática. I. Título.

CDD 469.5
CDU 811.134.3'36

À memória de

M. Said Ali,
mestre e amigo

Aos mestres e amigos

Eugenio Coseriu
José G. Herculano de Carvalho
J. Mattoso Câmara Jr.
a cujas lições fui colher o que de
melhor existe nesta nova versão

Prefácio da 37.ª edição

Entregamos aos colegas de magistério, aos alunos e ao público estudioso de língua portuguesa esta edição, revista, ampliada e atualizada, levado que estamos pelos mesmos propósitos que nos fizeram, em 1961, trazer à luz a *Moderna Gramática Portuguesa*.

Amadurecido pela leitura atenta dos teóricos da linguagem, da produção acadêmica universitária, das críticas e sugestões gentilmente formuladas por companheiros da mesma seara e da leitura demorada de nossos melhores escritores, verá facilmente o leitor que se trata aqui de um novo livro.

Dificilmente haverá seção da *Moderna Gramática Portuguesa* que não tenha passado por uma consciente atualização e enriquecimento: atualização no plano teórico da descrição do idioma, e enriquecimento por trazer à discussão e à orientação normativa a maior soma possível de fatos gramaticais levantados pelos melhores estudiosos da língua portuguesa, dentro e fora do país, entre os quais cabe menção honrosa a Mário Barreto e Epifânio Dias.

É de toda justiça – e por isso esta edição é a eles dedicada – lembrar aqui, em primeiro lugar, nosso inesquecível mestre e amigo M. Said Ali, e, não menos presentes, este teórico profundo e admirável que é Eugenio Coseriu, ao lado de seu ilustre colega de reflexão linguística, que é J. G. Herculano de Carvalho, e do nosso primeiro linguista J. Mattoso Câmara Jr., guia seguro desde o lançamento inicial da *Moderna Gramática Portuguesa*.

O arcabouço teórico desta obra poderia bem orientar-se por outros modelos válidos, seguidos pelos nossos melhores linguistas em atuação nos centros universitários brasileiros. A orientação aqui adotada resulta da nossa convicção de que ela também pode oferecer elementos de efetiva operacionalização para uma proposta de reformulação da teoria gramatical entre nós, especialmente quando aplicada a uma obra da natureza desta *Moderna Gramática Portuguesa*, que alia a preocupação de uma científica descrição sincrônica a uma visão sadia da gramática normativa, libertada do ranço do antigo *magister dixit* e sem baralhar os objetivos das duas disciplinas.

Acreditamos que, neste sentido, os colegas de magistério e pesquisa encontrarão úteis sugestões ou temas de reflexão para uma proposta de melhoria da vigente nomenclatura gramatical em nossos compêndios escolares.

Estivemos também atentos à produção de textos gramaticais destinados a outras línguas, especialmente às românicas, e aí vale ressaltar o contributo dos espanhóis, dos franceses e dos italianos. Desejamos sintetizar nossa homenagem a esses colegas na figura excelsa de Emílio Alarcos Llorach, recentemente falecido.

Temos consciência de que ainda há muito que acrescentar e rever, e para tanto convocamos a ajuda dos colegas que neste sentido desejarem pronunciar-se.

Dar-nos-emos por bem pago se o leitor benévolo continuar encontrando nestas páginas os fundamentos que alicercem seu interesse e conhecimento reflexivo da língua portuguesa, traço que é da nacionalidade e elo fraterno da lusofonia.

Rio de Janeiro, 11 de março de 1999

Evanildo Bechara

Prefácio da 1.ª edição (1961)

Ao escrever esta *Moderna Gramática Portuguesa*, foi nosso intuito levar ao magistério brasileiro, num compêndio escolar escrito em estilo simples, o resultado dos progressos que os modernos estudos de linguagem alcançaram no estrangeiro e em nosso país. Não se rompe de vez com uma tradição secular: isto explica por que esta *Moderna Gramática* traz uma disposição da matéria mais ou menos conforme o modelo clássico. A nossa preocupação não residiu aí, mas na doutrina. Encontrarão os colegas de magistério, os alunos e quantos se interessam pelo ensino e aprendizado do idioma um tratamento novo para muitos assuntos importantes que não poderiam continuar a ser encarados pelos prismas por que a tradição os apresentava. Com a humildade necessária a tais empresas, sabemos que as pessoas competentes poderão facilmente verificar que fizemos uma revisão em quase todos os assuntos de que se compõe este livro, e muitos dos quais encontraram aqui um desenvolvimento ainda não conhecido em trabalho congênere. Por outro lado, a esta altura do progresso que a matéria tem tido, não poderíamos escrever esta *Moderna Gramática* sem umas noções, ainda que breves, sobre fonêmica e estilística. Isto nos permitiu, na última, tratar d a *análise literária*, que entre nós passa às vezes confundida com *análise estilística*; ressaltamos os objetivos desta e convidamos os nossos colegas de disciplina a que dela se sirvam num dos escopos supremos de sua missão: educar o sentimento estético do aluno. Na parte relativa à estruturação dos vocábulos e sua formação, pretendemos trazer para a gramática portuguesa os excelentes estudos que a linguística americana tem feito sobre tão importante capítulo. Seguimos a Nomenclatura Gramatical Brasileira. Os termos que aqui se encontrarem e lá faltam não se explicarão por discordância ou desrespeito; é que a NGB não tratou de todos os assuntos aqui ventilados.

A orientação científica por que se norteia esta nossa *Moderna Gramática* não seria possível sem a lição dos mestres (seria ocioso citá-los) que, dentro e fora do Brasil, tanto têm feito pelo desenvolvimento da disciplina. Devemos-lhe o que de melhor os leitores encontrarem neste livro, e a eles, em cada citação, prestamos sincera homenagem. Elegemos, entre eles, um dos mais ilustres para dedicar-lhe o nosso trabalho de hoje, aquele que para nós é tão caro pelo muito que contribuiu para nossa formação linguística: M. Said Ali. No ano em que seus discípulos e admiradores comemoram o 1.º centenário de seu nascimento,

não poderíamos deixar de levar ao mestre e amigo o testemunho de nossa profunda amizade e gratidão.

Evanildo Bechara

Introdução

Breve história externa da língua portuguesa

"As armas e padrões portugueses postos em África e em Ásia e em tantas mil ilhas fora da repartiçam das três partes da terra, materiaes sam, e pode-as o tempo gastar: peró nã gastará doutrina, costumes, linguagem, que os portugueses nestas terras leixarem."

(João de Barros, *Diálogo em Louvor da Nossa Linguagem*)

A língua portuguesa é a continuação ininterrupta, no tempo e no espaço, do latim levado à Península Ibérica pela expansão do império romano, no início do séc. III a.C., particularmente no processo de romanização dos povos do oeste e noroeste (lusitanos e galaicos), processo que encontrou tenaz resistência dos habitantes originários dessas regiões.

Depois do processo de romanização, sofreu a Península a invasão dos bárbaros germânicos, em diversos momentos e com diversidade de influências, que muito contribuíram para a fragmentação linguística da Hispânia: em 409 foi a vez dos alanos, vândalos e suevos; em 416, dos visigodos. Deste contacto encontramos como resultado a visível influência germânica, especialmente dos visigodos, no léxico e na onomástica.

No século VIII, em 711, voltou a Península a ser invadida pelos árabes, consumando a série de fatores externos que viriam a explicar a diferenciação linguística do português no mosaico dialetal que hoje conhecemos; apesar do largo contributo na cultura e na língua – especialmente no léxico –, a permanência muçulmana não teve força suficiente para apagar as indeléveis marcas de romanidade das línguas peninsulares.

O longo movimento de Reconquista anti-islâmico, começado já em 718, prolongou-se por séculos. Já no século X este processo tinha favorecido o nascimento de núcleos cristãos na parte norte e noroeste da Península, lançando os fundamentos de uma divisão linguística bem próxima da divisão administrativa: 1– Condado da Galiza (galego-português); 2– Reino de Leão e das Astúrias (ásturo-leonês); 3– Condado de Castela (castelhano); 4– Reino de Navarra (basco e navarro-aragonês); 5– Reino de Aragão e Condado de Barcelos (catalão).

Em 1095, Afonso VI concede autonomia à Província Portucalense, e, em 1139, Afonso Henriques se proclama o primeiro rei de Portugal.

Foi este falar comum à Galiza e ao território portucalense que o processo de Reconquista propagou em direção ao sul, sobrepondo-se aos dialetos moçárabes aí correntes. Já com a ajuda de cruzados ingleses, alemães, franceses e flamengos, e sob a bandeira portuguesa prossegue a reconquista de novas cidades do sul, tomadas aos muçulmanos: Santarém, em março de 1147 e Lisboa, em outubro do mesmo ano. Até o séc. XV, segundo Orlando Ribeiro, o Minho ainda não constituía limite linguístico entre o galego e o português.

O português, na sua feição originária galega, surgirá entre os séculos IX-XII, mas seus primeiros documentos datados só aparecerão no século XIII: o *Testamento de Afonso II* e a *Notícia de torto*. Curiosamente, a denominação "língua portuguesa" para substituir os antigos títulos "romance" ("romanço"), "linguagem", só passa a correr durante os escritores da Casa de Avis, com D. João I. Foi D. Dinis que oficializou o português como língua veicular dos documentos administrativos, substituindo o latim.

Entre os séculos XV e XVI, Portugal ocupa lugar de relevo no ciclo das grandes navegações, e a língua, "companheira do império", se espraia pelas regiões incógnitas, indo até o fim do mundo, e, na voz do Poeta, "se mais mundo houvera lá chegara" (*Os Lusíadas*, VII, 14).

Depois da expansão interna que, literária e culturalmente, exerce ação unificadora na diversidade dos falares regionais, mas que não elimina de todo essas diferenças refletidas nos dialetos, o português se arroja, na palavra de indômitos marinheiros, pelos mares nunca d'antes navegados, a fim de ser o porta-voz da fé e do império. São passos dessa gigantesca expansão colonial e religiosa, cujos efeitos, além da abertura dos mares, especialmente o Atlântico e o Índico, foram, segundo afirmação de Humboldt, uma duplicação do globo terrestre.

1415 – expedição a Ceuta sob o comando do próprio Rei
1425-1439 – Madeira e Açores
1444 – Cabo Verde, com início de povoamento em 1462
1446 – Guiné
1483-1486 – Angola (primeiros contatos) e colonização de S. Tomé e Príncipe
1498 – Vasco da Gama chega à Índia e passa por Moçambique
1500 – Brasil
1511 – Malaca e Malucas
1512 – Saião e Bornéu
1515 – Ormuz
1518 – Colombo
1536 – Damão
1547 – Macau
além das ilhas de Samatra, Java e Timor.

Tomado o séc. XIII como início da fase a que Leite de Vasconcelos chamou *português histórico*, isto é, documentado historicamente, podemos dividi-lo em períodos linguísticos, cujas delimitações não conseguem, entre os estudiosos, concordância unânime. A dificuldade de consenso advém de vários fatores: o terem as propostas fundamento em textos escritos que, como sabemos, mascaram a realidade e as mudanças linguísticas; o não terem os fenômenos sua data de nascimento e morte; e, finalmente, constitui elemento perturbador nesta ordem de estudos a influência de fatores estético-literários que, conforme sua orientação conservadora

ou progressista, atrasa ou acelera determinadas tendências linguísticas. Foi o que aconteceu com o chamado latim literário sob a influência grega; com o português europeu sob o influxo do Humanismo e Renascimento, e com o português do Brasil, sob a ação iconoclasta inicial do Modernismo.

Adotaremos aqui a seguinte proposta, incluindo na primeira fase a realidade galego-portuguesa:

a) *português arcaico*: séc. XIII ao final do XIV

b) *português arcaico médio*: 1.ª metade do séc. XV à 1.ª metade do séc. XVI

c) *português moderno*: 2.ª metade do séc. XVI ao final do XVII (podendo-se estender aos inícios do séc. XVIII)

d) *português contemporâneo*: séc. XVIII aos nossos dias

Ao primeiro período pertencem, além dos textos administrativos de leis, forais e ordenações, a poesia palaciana encerrada nos Cancioneiros medievais (Ajuda, Vaticana e Biblioteca Nacional, antigo Colocci Brancuti), as *Cantigas de Santa Maria*, algumas vidas de santos (Barlaão e Josafá, S. Aleixo, etc., traduções, em geral, de textos latinos, que chegaram até nós, quase sempre, em cópias mais modernas), o *Livro das Aves*, o *Fabulário de Esopo*, a *Demanda do Santo Graal*, *Corte Imperial*, entre muitas.

Ao segundo período pertencem o *Livro da Montaria*, de D. João I, *Leal Conselheiro* e *Livro da Ensinança de Bem Cavalgar toda Sela* de D. Duarte, as crônicas de Fernão Lopes (*D. João I*, *D. Pedro*, *D. Fernando*), de Zurara (*Crônica dos Feitos da Guiné*, *Crônica da Tomada de Ceuta*), a *Crônica dos Frades Menores*, as crônicas de Rui Pina, entre muitas outras obras.

Ao terceiro período pertencem as obras históricas de João de Barros, Diogo do Couto, Fernão Lopes de Castanheda, Damião de Góis, Gaspar Correia, o *Palmeirim de Inglaterra* de Francisco de Morais, a *Etiópia Oriental* de Frei João dos Santos, a obra literária de Sá de Miranda e o teatro clássico de Antônio Ferreira, a prosa mística da *Imagem da Vida Cristã* de Heitor Pinto, os *Diálogos* de Amador Arrais, os *Trabalhos de Jesus* de Tomé de Jesus e a *Consolação às Tribulações de Israel*, de Samuel Usque, a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, Pero Magalhães de Gandavo, mas a todos excede Luís de Camões que, não sendo "propriamente o criador do português moderno (...), libertou-o de alguns arcaísmos e foi um artista consumado e sem rival em burilar a frase portuguesa, descobrindo e aproveitando todos os recursos de que dispunha o idioma para representar as ideias de modo elegante, enérgico e expressivo. Reconhecida a superioridade da linguagem camoniana, a sua influência fez-se sentir na literatura de então em diante até os nossos dias" [SA.2, 4].

Com muita razão, concede Said Ali, do ponto de vista linguístico, um lugar à parte na literatura quinhentista às comédias, autos e farsas do chamado teatro de medida velha que tem em Gil Vicente seu principal representante, produções de grande importância para o conhecimento da variedade coloquial e popular da época. Pertencem a este gênero especial os *Autos* de Antônio Prestes, de Chiado, de Jerônimo Ribeiro, a *Eufrosina* e *Ulissipo* de Jorge Ferreira de Vasconcelos, sobrelevando-se a todos eles as obras deste genial pintor da

sociedade e dos costumes do séc. XVI em Portugal, que foi Gil Vicente.

No séc. XVII assistimos ao aperfeiçoamento da prosa artística com Frei Luís de Sousa, cuja linguagem representa uma fase de transição entre os dois momentos do português moderno. É o período em que ressaltam os *Sermões* do Padre Antônio Vieira, os *Apólogos Dialogais* de Francisco Manuel de Melo, a prosa religiosa do Padre Manuel Bernardes, os quadros bucólicos de *Corte na Aldeia* de Rodrigues Lobo, além dos representantes da historiografia de Alcobaça.

Fig. 1 – O Mundo da Lusofonia

O século XVIII não é só o século das academias literárias, mas de todo um esforço na renovação da cultura e da instrução pública, sob o influxo dos ideais do neoclassicismo francês, que culminou na reforma pombalina da Universidade, em 1772. Assiste-se a um reflorescimento da poesia com Pedro Antônio Correia Garção, Antônio Dinis da Cruz e Silva, Filinto Elísio, Tomás Antônio Gonzaga e os poetas árcades brasileiros, e Barbosa du Bocage.

Do ponto de vista linguístico, o português contemporâneo, fixado no decorrer do séc. XVIII, chega ao século seguinte sob o influxo de novas ideias estéticas, mas sem sofrer mudanças no sistema gramatical que lhe garantam, neste sentido, nova feição e nova fase histórica.

Os escritores dos séculos XIX e XX de todos os quadrantes da Lusofonia souberam garantir este patrimônio linguístico herdado de tanta tradição literária.

Em Portugal, no Brasil, em Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, a língua portuguesa, patrimônio cultural de todas estas nações, tem sido, e esperamos seja por muito tempo, expressão da sensibilidade e da razão, do sonho e das grandes realizações.

Patrimônio de todos e elo fraterno da Lusofonia de cerca de 200 milhões de falantes espalhados por todos os continentes, continuemos a formular os votos de Antônio Ferreira, no

séc. XVI:

Floresça, fale, cante, ouça-se e viva
A portuguesa língua, e já onde for,
Senhora vá de si, soberba e altiva!

Teoria Gramatical

A) Linguagem: suas dimensões universais

"dizer as coisas como são"
Platão

1 – Linguagem

Entende-se por *linguagem* qualquer sistema de signos simbólicos empregados na intercomunicação social para expressar e comunicar ideias e sentimentos, isto é, conteúdos da consciência.

A linguagem se realiza historicamente mediante sistemas de isoglossas comprovados numa comunidade de falantes, conhecidos com o nome de *línguas*, como veremos adiante.

Tal conceituação envolve as noções preliminares do que seja *sistema*, *signo*, *símbolo* e *intercomunicação social*.

Sistema é todo conjunto de unidades, concretas ou abstratas, reais ou imaginárias, que se encontram organizadas e que se ordenam para a realização de certa ou de certas finalidades [HCv.1, 264].

Entende-se por *signo* ou *sinal* a unidade, concreta ou abstrata, real ou imaginária, que, uma vez conhecida, leva ao conhecimento de algo diferente dele mesmo: as nuvens negras e densas no céu *manifestam* ou são o *sinal* de chuva iminente; o *-s* final em *livros* é o signo ou sinal de pluralizador, assim como em *cantas* é o signo de 2.ª pessoa do singular. Por isso mesmo se diz que tais unidades são *simbólicas*, já que se entende em geral por *símbolo* aquilo que, por convenção, manifesta ou leva ao conhecimento de outra coisa, a qual substitui. Assim, o cordeiro é o "símbolo" da mansidão; o macaco, da astúcia. No que toca estritamente à linguagem humana, pois só ela é a linguagem objeto da *Linguística*, os signos linguísticos diferem dos símbolos porque estes não constituem necessariamente sistema e podem sozinhos e sem nenhuma oposição "simbolizar". A oposição é um princípio fundamental para a determinação da existência dos signos linguísticos, como veremos adiante.

Por fim, *intercomunicação social*, porque a linguagem é sempre um estar no mundo com os outros, não como um indivíduo particular, mas como parte do todo social, de uma comunidade.

2 – Dimensões Universais da Linguagem

A linguagem, entendida como atividade humana de falar, apresenta cinco dimensões universais: *criatividade* (ou enérgeia), *materialidade*, *semanticidade*, *alteridade* e *historicidade*.

Criatividade, porque a linguagem, forma de cultura que é, se manifesta como atividade livre e criadora, ou "do espírito", isto é, como algo que vai mais além do aprendido, que não

simplesmente repete o que já foi produzido.

Materialidade, porque a linguagem é, primeiramente, uma atividade condicionada fisiológica e psiquicamente, pois implica, em relação ao falante, a capacidade de utilizar os órgãos de fonação, produzindo signos fonéticos articulados (fonemas, grafemas, quando representados na escrita, etc.) com que estabelece diferenças de significado (por exemplo, *P*ala, *V*ala, *M*ala, *T*ala, *R*ala, etc.); enquanto em relação ao ouvinte, implica a capacidade de perceber tais fonemas e interpretar o percebido como referência ao conteúdo configurado pelo falante mediante os signos fonéticos articulados. É o nível biológico da linguagem.

Semanticidade, porque a cada forma corresponde um conteúdo significativo, já que na linguagem tudo significa, tudo é semântico.

Alteridade, porque o significar é originariamente e sempre um "ser com outros", próprio da natureza político-social do homem, de indivíduos que são homens juntos a outros e, por exemplo, como falantes e ouvintes, são sempre cofalantes e coouvintes.

Historicidade, porque a linguagem se apresenta sempre sob a forma de *língua*, isto é, de tradição linguística de uma comunidade histórica. Não existe *língua* desacompanhada de sua referência histórica: só há *língua portuguesa*, *língua francesa*, *língua inglesa*, *língua espanhola*, *língua latina*, etc.

Geralmente se ouve que a língua é imposta ao homem, porque este é obrigado a dizer que determinado objeto conhecido por sua comunidade como livro é *livro*, e não *lápis* ou *mesa*. Tal fato não constitui uma limitação ou negação da liberdade do falante; é sim a dimensão histórica da linguagem, que coincide com a própria historicidade do homem. Trata-se de uma obrigação aceita livremente, e não de uma imposição. Este é o significado original da palavra latina *obligatio* [ECs.8, 216]. A língua não é "imposta" ao homem; este "dispõe" dela para manifestar sua liberdade expressiva. As atividades livres implicam um próprio "dever ser", isto é, uma série de normas intrínsecas.

Destas cinco dimensões, a criatividade e a materialidade são universais de todas as formas da cultura, pois são todas atividades criadoras que se realizam no mundo de forma material, sem o que não poderiam existir nem passar ao conhecimento dos outros membros da comunidade. A semanticidade é a "*differentia specifica*" da linguagem em relação às outras formas de cultura. A alteridade é o traço distintivo do significar linguístico em relação aos outros tipos de "conteúdo" das formas de expressão e é, por sua vez, fundamento da historicidade da linguagem [ECs.8, 15-16].

Por fim, há de se levar em conta, na capacidade geral de expressão, a execução de atividades que acompanham e às vezes até a substituem, já que não falamos só com as unidades linguísticas, com a língua concreta. Estas são formas de expressão extralinguísticas, tais como a mímica, a entonação, o ritmo, as pausas e silêncios, os gestos, os recursos gráficos e outros. O emprego da maiúscula serve para estabelecer antíteses entre o verdadeiro e bom e o menos bom e verdadeiro, quando dizemos:

Ele é um *Professor* com *P* maiúsculo, ou a referência à forma gráfica distingue homônimos, como em:

Chegamos na *hora h*.

Há momentos em que expressões só são inteligíveis se acompanhadas de determinado

gesto:

> "Um anjo, meu pateta, um anjo sem asas. Imagina uma moça assim, *desta altura*, viva como um azougue, e uns olhos..." [MA.1, 92].

À mímica corporal junte-se a vocal, a entoação especial com que se proferem certas palavras ou frases inteiras, que o escritor procura reavivar na escrita com a utilização de variados recursos gráficos:

> "Não vou daqui sem uma resposta definitiva, disse meu pai. *De-fi-ni-ti-va*! repetiu, batendo as sílabas com o dedo" [MA.1, 88].
> "Os dois garotos, porém, esperneiam com a mudança de mãe: – Mentira!... *Mentiiiira!... Mentiiiiiiiiiira!* – berra cada um para seu lado" [HC.1, 32].

3 – Atos Linguísticos

A linguagem humana articulada se realiza de maneira concreta por meio de formas específicas chamadas *atos linguísticos*, que se organizam em *sistemas de isoglossas* (*isos* = igual; *glossa* = língua) denominados tradicionalmente *línguas*. Embora o ato linguístico, por sua natureza, seja individual, está vinculado indissoluvelmente a outro indivíduo pela natureza finalística da linguagem, que é sempre um falar com os outros, consoante a dimensão *alteridade*, a que aludimos anteriormente.

Só de modo ideal se pensa em linguagem como um só sistema de signos; na realidade, há na linguagem diversos sistemas de signos – isto é, de línguas –, diversidade que varia entre países, entre comunidades sociais ou outros grupos de falantes.

A realidade concreta da linguagem, como dissemos, é o ato linguístico, quer dizer, é cada unidade de comunicação da linguagem humana, seja uma palavra ou uma frase. Os atos linguísticos não se realizam idênticos de falante para falante de uma mesma comunidade linguística, e até num só falante, em circunstâncias diferentes. Essa diversidade não se dá somente na forma material do ato linguístico, isto é, na sua *expressão*, mas também no seu significado, isto é, no seu *conteúdo*.

Para que se proceda a uma análise coerente e uniforme da linguagem humana, tem-se de considerar idealmente que os atos linguísticos são mais ou menos idênticos na expressão (forma material) e no conteúdo (significado), e é isto que realmente ocorre, porque, se não houvesse essa aparente identidade, não seria possível a comunicação entre os indivíduos, já que a comunicação é a finalidade fundamental da linguagem.

O conjunto sistêmico de atos linguísticos comuns considerados idênticos realizados numa comunidade linguística e por ela comprovada na consciência de seus falantes ("ele fala como eu", "o português dele é diferente do nosso") se acha delimitado por uma linha ideal, imaginária, *isoglossa*, de modo que se pode definir *língua*: *um sistema de isoglossas comprovado numa comunidade linguística.*

Esse sistema de isoglossas pode ser extensíssimo que abarque uma língua histórica de todos os falantes de uma larga comunidade, considerada no seu conjunto geográfico, social e individual (*língua portuguesa*, *língua espanhola*, *língua francesa*, *língua latina*, etc.); pode ser menos extensa, principalmente quando a língua histórica é falada por mais de um país (*língua portuguesa da modalidade europeia* – "português de Portugal" / *língua portuguesa*

da modalidade americana – "português do Brasil" bem como *língua portuguesa da África*; *língua inglesa da Inglaterra* / *língua inglesa dos Estados Unidos*; *francês da França* / *francês da Bélgica* / *francês do Canadá*); pode ser ainda menos extensa do ponto de vista espacial (*português do Rio de Janeiro* / *português de Lisboa*; *francês de Paris*; *alemão da Baviera*); pode ser ainda menos extensa espacial, social e estilisticamente (*português fluminense rural* / *português paulista familiar* / *português literário do Romantismo brasileiro*); pode abarcar um só falante (*português de Machado de Assis* / *português de Eça de Queirós*; *português de um analfabeto*).

Assim, o conceito de língua, considerada como um sistema de isoglossas, varia de acordo com o entendimento mais largo ou mais estreito que se atribui à extensão do conjunto de atos linguísticos comuns.

B) Planos e níveis da linguagem como atividade cultural

I – Planos e Níveis da Linguagem

A linguagem, como atividade humana universal do falar, que se realiza individualmente, mas sempre de acordo com tradições de comunidades históricas, pode diferenciar-se em três planos relativamente autônomos:

a) *Universal* ou do falar em geral, já que se apresenta como prática universalizada não determinada historicamente, isto é, todos os homens adultos e normais falam. É a referência ao plano do *falar em geral*, e a ele se alude, quando se diz que *esta criança ainda não fala* (note-se que não se quer dizer que ela ainda não fala português ou espanhol, por exemplo). Alude-se ainda a este plano quando se declara que *os animais não falam*. Aqui, como no exemplo anterior, não se refere a uma língua concreta, mas à capacidade de falar. O plano universal alude àquilo que faz parte de todo falar, não importa em que língua.

b) *Histórico* ou da língua concreta, já que, ao falar, o homem o faz mediante uma língua determinada: *falar português*, *falar espanhol*, etc. Como já se disse, não há *língua* sem adjetivo; só há *língua portuguesa*, *língua espanhola*, etc., onde o adjetivo pátrio aponta para uma tradição histórica determinada. Até as línguas inventadas, como o esperanto, se constroem e representam uma nova tradição do falar. Este é o plano de uma língua concreta determinada. O falante tem consciência desse saber ao afirmar, por exemplo, que alguém não fala bem o português.

c) *Individual*, já que é sempre um indivíduo que fala mediante uma língua determinada, e o faz, cada vez segundo uma circunstância determinada. A atividade de falar um indivíduo segundo a conveniência de uma circunstância determinada chama-se *discurso*. Não confundir *discurso*, nessa aplicação à atividade, com *texto*, que será entendido como produto dessa atividade, produto do discurso. O discurso – assim o texto como seu

produto – está determinado por quatro fatores: o *falante*, o *destinatário*, o *objeto* ou *tema* de que se fala e a *situação*.

Como toda atividade cultural, a atividade real de falar pode ser considerada sob três pontos de vista diferentes [ECs.8, 88]:

a) Como a própria *atividade*, como falar e entender, isto é, como atividade criadora que se serve de um saber já presente para dizer algo novo e com capacidade de criar um saber linguístico. É este o sentido próprio de *enérgeia*. Uma língua é "forma" e "potência" de uma *enérgeia*.

b) Como o *saber* que está subjacente à atividade, isto é, como a *competência* ou como o que Aristóteles chamava *dýnamis*.

c) Como o *produto* criado pela atividade do falar individual, isto é, como obra ou *érgon*: o *texto*.

Como toda atividade, o falar é uma atividade que revela um saber; assim a estes três níveis correspondem três planos ou tipos de saber linguístico:

a) Ao falar em geral mediante cada língua corresponde o *saber elocutivo*, ou *competência linguística geral*, que não é saber falar uma língua particular, mas, ao falar com qualquer língua, fazê-lo segundo os princípios da *congruência* em relação aos padrões universais do pensamento e ao conhecimento geral que o homem tem do "mundo", do mundo empírico. Na discutida frase "*A mesa quadrada é redonda*", não há propriamente desconhecimento de língua, e sim de formulação do pensamento por desconhecer a realidade do mundo empírico, uma vez que "ser quadrado" é diferente de "ser redondo".

b) Ao falar (em) uma língua particular corresponde o saber histórico denominado *saber idiomático*, ou *competência linguística particular*, que é falar (em) uma língua determinada de acordo com a tradição linguística historicamente determinada de uma comunidade.

c) Ao falar individual e relacionado com a maneira de elaborar textos segundo situações determinadas corresponde o chamado *saber expressivo* ou *competência textual*; é um saber técnico (gr. *téchnē*), isto é, um saber que se manifesta no próprio fazer, um saber fazer gramatical que se manifesta numa língua particular e que pode ir além do já criado nessa língua.

A linguagem se realiza, portanto, de acordo com um saber adquirido e se apresenta sob forma de fatos objetivos ou *produtos*. Mas, como bem caracterizou Humboldt em termos aristotélicos, a linguagem não é na essência *érgon* 'produto', 'coisa feita', mas *enérgeia*, 'atividade', atividade criadora, isto é, que vai além da técnica "aprendida", além do seu saber (*dýnamis*).

Assim, também do ponto de vista do produto se distinguem esses três planos:

a) o produto do falar em geral é a "totalidade de todas as manifestações", empiricamente infinita, *o* falado; não só a totalidade do que já foi dito, mas ainda a totalidade do que se

pode dizer, se considerada sempre como "coisa feita".

b) o produto do falar (em) uma língua particular é a língua particular *abstrata*, isto é, a língua deduzida do falar e concretizada em uma gramática e em um dicionário, ou, em outras palavras, o que no falar se reconhece como constante e que é objeto da linguística das línguas como descrição e como história.

c) o produto do falar individual é o *texto*, tal como pode ser anotado ou escrito.

2 – Juízos de Valor

Frequentemente se ouve um falante nativo dizer que "isso não é português" ou "isso não se diz assim em português" ou "seria melhor dizer assim em português", o que demonstra que os aspectos de juízos de valor devem merecer especial atenção do falante nativo, bem como do linguista e do gramático normativo. Infelizmente, em vista de confusões que Coseriu procurou deslindar, o assunto tem sido mal posto em discussão e, por isso, mal resolvido, de modo que as incoerências e os desencontros são responsáveis pela ideia muito difundida, mas errada, de que o tema não é científico, e fica sujeito ao capricho de pessoas despreparadas e intransigentes.

Distinguem-se três tipos de juízos de valor referentes às conformidades do falar com o respectivo saber linguístico:

a) Ao saber elocutivo corresponde a *norma da congruência*, isto é, os procedimentos em consonância com os princípios do pensar, autônomos ou independentes dos juízos que se referem à língua particular e ao texto. Neste plano do falar em geral temos não só a norma da congruência e da coerência, mas ainda a norma de conduta da tolerância, já que, muitas vezes, diante de frases "desconexas", a incongruência pode ser anulada pela tradição da língua particular e pela intenção do discurso. Assim, quando a canção diz que "*Tudo em volta está deserto, tudo certo / Tudo certo, como dois e dois são cinco*", não se interpreta como falar incongruente por conhecerem os falantes o procedimento da anulação metafórica: o que a canção quer dizer metaforicamente é que nada vai bem entre os tais namorados, como a soma de dois mais dois igual a cinco não está bem.

b) Ao saber idiomático corresponde a *norma da correção*, isto é, a conformidade de falar (em) uma língua particular segundo as normas de falar historicamente determinado e corrente na comunidade que a pratica. Sendo uma língua histórica (todo o português) um conjunto de várias línguas comunitárias, haverá mais de uma norma de correção (o português do Brasil, o português de Portugal, o português exemplar, o português comum, o português familiar, o português popular, etc.). Por falta das distinções até aqui estabelecidas, têm-se atribuído à língua particular ou ao saber idiomático qualidades e atributos que antes pertencem ao plano do falar em geral ou saber elocutivo ("coerência", "eficácia", "concisão", "clareza", "harmonia", etc.) ou ao plano individual ou saber expressivo ("adequado", "apropriado", "elegante", "expressivo", etc.). O juízo de valor concernente à *correção* é juízo de "suficiência" ou "conformidade" somente com o saber idiomático historicamente determinado para uma comunidade.

c) Ao saber expressivo corresponde a *norma de adequação* à constituição de textos

levando em conta o falante, o destinatário, o objeto ou a situação, critério mais complexo, e independente do critério de correção em relação à língua particular e do critério de congruência em relação ao falar em geral. A adequação ao discurso e à constituição de textos pode levar em conta o objeto representado ou o tema (e aí será considerada *adequada* ou *inadequada*), o destinatário (então será considerada *apropriada* ou *inapropriada*) ou a situação ou circunstâncias (e aí será considerada *oportuna* ou *inoportuna*).

A competência ou saber não se manifesta igualmente em todos os planos do linguístico. Na língua particular ele ocorre com mais frequência; nos outros planos – no saber elocutivo e principalmente no saber expressivo – o domínio da competência só se alcança depois de cuidada educação linguística. Muitas vezes se diz que "alguém escreve mal o português", quando, na realidade se quer fazer referência ao saber elocutivo ou ao expressivo, porque escreve sem congruência ou sem coerência, ou ainda com pouca clareza. Quando se diz que "o francês" é uma língua clara", a rigor, não se quer fazer referência a características da língua francesa, mas à capacidade de estruturar o pensamento, o discurso ou o texto com clareza e logicidade mais do que o normal, em virtude de uma larga tradição do falar nessa comunidade, tradição que começa no ensino escolar francês, e que deveríamos cultivar entre nós.

Cabe ainda lembrar o que foi aqui antes esboçado: conforme a intenção do falante, a adequação relativa a um discurso ou a um texto pode anular a incorreção idiomática, enquanto a adequação relativa à correção idiomática pode anular a incongruência ou incoerência do saber elocutivo.

3 – Três Tipos de Conteúdo Linguístico

Aos três planos linguísticos correspondem ainda três tipos diferentes de conteúdo linguístico:

a) Ao plano linguístico geral corresponde a *designação* (ou *referência*), isto é, a referência a uma "realidade" extralinguística, a um estado de coisas extralinguístico. Assim em *A porta está fechada* e *A porta não está aberta* faz-se referência à mesma realidade extralinguística. As orações não são *sinônimas*; são *equivalentes* na referência à designação.

b) Ao plano linguístico particular corresponde o *significado*, isto é, o conteúdo dado linguisticamente em uma língua particular, ou, em outras palavras, a especial configuração da designação numa língua particular.

c) Ao plano do discurso corresponde o *sentido*, que é o "dito" por meio do texto, isto é, o especial conteúdo linguístico que se expressa mediante a designação e o significado, sentido que, num discurso individual, vai além desses outros conteúdos e que corresponde às atitudes, intenções ou suposições do falante. Por exemplo, nas expressões *dar com os burros n'água* ou *torcer o nariz* o sentido é, respectivamente, "ter insucesso" e "rejeitar". Numa anedota, mediante a designação e o significado, atinge-se o *sentido* quando se "pega" o chamado "espírito da coisa". Uma visita de cerimônia ao dizer ao

dono da casa "Hoje está quente" pode ter a intenção de querer dizer "Por favor, abra a janela", que é o verdadeiro "sentido" da sua primeira frase. Quando dizemos a uma pessoa, pela manhã, "Bom dia!" não queremos dizer-lhe que o dia está agradável, mas tão somente cumprimentá-la; esse é o "sentido" da frase. Pode até o tempo estar chuvoso ou ameaçador; porém, é assim que tradicionalmente a nossa comunidade saúda alguém pela manhã. O sentido, portanto, se manifesta no plano individual do discurso.

Assim como o significado pode coincidir com a designação, como ocorre na linguagem técnica, onde tudo o que existe na tradição linguística concernente a ela é "nomenclatura", à medida que vai além do saber linguístico e implica um saber relativo às coisas mesmas, assim também o sentido pode coincidir com o significado, quando o texto é só informativo, e não artístico ou literário ("simbólico"). Mesmo em determinadas formas de "literatura", os fatos designados e significados são informativos, como ocorre na novela policial, que só muito excepcionalmente se alça à literatura artística [ECs.8, 291-292].

O quadro a seguir sintetiza tudo o que vimos até aqui:

	PONTOS DE VISTA				
PLANO	**ATIVIDADE** enérgeia	**SABER** (competência) dýnamis	**PRODUTO** (texto) érgon	**JUÍZO**	**CONTEÚDO**
UNIVERSAL: falar em geral; atividade humana universal	falar em geral	saber elocutivo	totalidade das manifestações	congruente / incongruente	designação (referência)
HISTÓRICO: língua concreta; tradições comunitárias	língua particular	saber idiomático	(língua particular abstrata)	correto / incorreto	significado
INDIVIDUAL: discurso; execução individual	discurso	saber expressivo	texto (obras)	adequado / inadequado	sentido

C) Língua histórica e língua funcional

1 – Língua Histórica

Quando nos referimos a *língua portuguesa*, *língua espanhola*, *língua alemã* ou *língua*

latina, fazemos alusão a uma língua como produto cultural histórico, constituída como unidade ideal, reconhecida pelos falantes nativos ou por falantes de outras línguas, e praticada por todas as comunidades integrantes desse domínio linguístico. Entendido assim, esse produto cultural recebe o nome de *língua histórica*. Esse amplo e diversificado espaço cultural, historicamente relacionado, está presente na frase de Fernando Pessoa: *Minha pátria é a língua portuguesa*.

Fácil é concluir que uma língua histórica encerra em si várias tradições linguísticas, de extensão e limite variáveis, em parte análogas e em parte divergentes, mas historicamente relacionadas. São analogias e divergências fonéticas, gramaticais e léxicas; por isso se diz que uma língua histórica nunca é um sistema único, mas um conjunto de sistemas.

Os sistemas que integram a língua histórica apresentam três aspectos, fundamentais de diferenças internas:

a) No espaço geográfico, constituindo os diferentes *dialetos*; Essa diversidade no espaço se diz *diatópica* (do grego *diá* 'através de', *tópos* 'lugar'), enquanto a relativa uniformidade no espaço se diz *sintópica* (do grego *sýn* 'reunião').

b) No nível sociocultural, constituindo os diferentes *níveis* de língua e estratos ou camadas socioculturais. Essa diferença no estrato sociocultural se diz *diastrática* (do latim *stratum* 'estrato', 'camada'), enquanto a relativa uniformidade correspondente se diz *sinestrática* ou *sinstrática*, também conhecida por *dialeto social*.

c) No estilo ou aspecto expressivo, isto é, em relação a diferentes situações do falar e estilos de língua. Essa diferença se diz *diafásica* (do grego *fásis* 'expressão'), enquanto a relativa uniformidade correspondente se diz *sinfásica* ou homogeneidade estilística.

As diferenças diatópicas ou os dialetos sempre mereceram as atenções dos estudiosos, o que nem sempre ocorreu com as diferenças de níveis (diastráticas) e de estilos de língua (diafásicas). Nem todas as línguas históricas têm muito marcadas as diferenças dialetais como ocorre, por exemplo, na Itália. No português essas diferenças são muito menos profundas, do que no italiano. Alguns linguistas chegam, no caso do português, a preferir *falares* a *dialetos*.

As diferenças diastráticas são mais marcadas em comunidades onde os estratos sociais se apresentam muito distanciados, como na antiga Índia, ou onde a rede escolar se encontra fragilizada ou inexistente entre as camadas populares. Nas comunidades modernas, existem diferenças diastráticas na distinção entre o nível popular (como ocorre no francês e inglês), bem afastado das formas "cultas" ou exemplares destas línguas, ou, com menos intensidade, no espanhol e no italiano populares. Menos intensa é ainda a distância entre o chamado português popular e o padrão ou culto.

As diferenças diafásicas se manifestam quando se comparam língua falada e língua escrita, língua usual e língua literária, língua corrente e língua burocrática ou oficial, etc. Nenhuma dessas variedades diafásicas se apresenta homogeneamente; até a língua literária acusa gradações, às vezes bem nítidas, como é o caso das divergências entre a prosa e a poesia (em verso), entre a poesia épica e a lírica, etc.

Incluem-se nas diferenças diafásicas as que ocorrem, num mesmo estrato sociocultural,

entre grupos "biológicos" (homens, mulheres, jovens, crianças) e profissionais.

Uma língua que apresenta só um estilo já não é uma língua viva; a que apresenta um ou poucos estilos é uma língua morta e funciona como veículo de comunicação para comunidades determinadas que têm sua própria língua, e se destina a finalidades culturais e profissionais, como tem sido o caso do latim na Igreja e, desde a Idade Média, na filosofia, na filologia, na medicina e outros domínios das ciências, e de especiais praxes acadêmicas universitárias (em cerimônias na outorga do título de doutor *honoris causa*, por exemplo a *laudatio*).

Há, contudo, uma realidade linguística idealmente homogênea e unitária, isto é, que se apresenta sintópica, sinstrática e sinfásica; em outras palavras, uma língua unitária quanto ao dialeto, ao nível e ao estilo: é a *língua funcional*, assim chamada porque é a modalidade que de maneira imediata e efetiva funciona nos discursos e textos.

2 – Língua Funcional

É bem verdade que num discurso e texto pode aparecer mais de uma língua funcional, principalmente se se mudam as circunstâncias e fatores (destinatário, objeto, situação). Todo falante de uma língua histórica é plurilíngue, porque domina ativa ou passivamente mais de uma língua funcional, embora não consiga nunca saber toda a extensão de uma língua histórica; e o sucesso da educação linguística é transformá-lo num "poliglota" dentro de sua própria língua nacional. Mas na constituição do discurso e do texto há sempre *uma* língua funcional que se sobrepõe às demais. Mesmo uma língua comum o mais possível unificada e codificada com muita rigidez, como ocorre com o francês "oficial", não corresponde exatamente a essa realidade de língua funcional, em face das diferenças estilísticas nele existentes.

Como por exigência metodológica e de coerência interna só se pode descrever uma realidade homogênea e unitária, é a língua funcional o objeto próprio da descrição estrutural e funcional. Uma gramática como produto desta descrição nunca é o espelho da língua histórica; é apenas a descrição de *uma* das suas línguas funcionais. Por isso não se há de exigir desta gramática o registro de fatos que pertençam a línguas funcionais diferentes: nisto consiste a diferença entre estrutura e arquitetura.

3 – Estrutura e Arquitetura

Estrutura é a descrição das oposições funcionais na expressão e no conteúdo de mesma técnica idiomática, isto é, a homogeneidade de uma língua funcional. *Arquitetura* é o registro da diversidade interna de uma língua histórica, onde coexistem para funções análogas formas distintas e vice-versa, isto é, diversidade de línguas funcionais. Por exemplo, a descrição do emprego dos pronomes *o* e *lhe* no português exemplar ou padrão é um fato de *estrutura*; a comparação do emprego de *o* no português padrão e do corresponde *ele* no português popular ou familiar ou do pronome *lhe* nessas modalidades é um fato de *arquitetura* do português do Brasil.

Para se chegar com coerência ao conceito de língua funcional e à essência do objeto próprio da descrição de uma técnica linguística é necessário fazer, além da distinção entre

estrutura e arquitetura, uma série de outras, quase sempre não levadas em consideração na gramática tradicional e em algumas linguísticas modernas: 1) conhecimento da língua e conhecimento das "coisas" (incluídos aí os seres vivos); 2) linguagem e metalinguagem; 3) sincronia e diacronia; 4) técnica livre e "discurso repetido"[ECs.8, 288].

4 – Conhecimento da Língua e Conhecimento das "coisas"

No plano do saber histórico não contamos somente com fatos linguísticos, mas também com outras tradições ligadas a "coisas" ou ao mundo extralinguístico. Assim, por exemplo, diante de frases do tipo "Macaco velho não mete a mão em cumbuca" ou de expressão como "macaco velho", não se pode dizer que *macaco* ou *macaco velho* evoca em português a ideia de 'prudência', 'sagacidade'. Relativamente à língua portuguesa, *macaco* está relacionado a outros animais, como *mico*, *chimpanzé*, etc.; pela evocação a 'prudência' não é responsável a língua portuguesa, até porque em muitas comunidades lusófonas o animal *macaco* não está relacionado com essa ideia. A evocação resulta exclusivamente do conhecimento que temos do animal, da sua participação em histórias, especialmente do folclore brasileiro.

5 – Linguagem e Metalinguagem

A metalinguagem é um uso linguístico cujo objeto é também uma linguagem; por exemplo quando se fala de palavras e seus componentes ou de orações: "*linguagem é uma palavra derivada de língua*", "*linguagem é um substantivo feminino em português e masculino em espanhol e francês*". "*-ção* é um sufixo formador de substantivo", "*Cadeira tem três sílabas*", etc. A metalinguagem não apresenta unidades estruturais nem pode ser estruturada no nível do saber idiomático; nem por isso seu estudo deixa de merecer o cuidado da ciência.

A linguagem, também chamada *linguagem primária*, não é uma linguagem que tem por objeto uma linguagem.

Esta distinção tem importância especial para a gramática. Por exemplo, qualquer palavra, grupo de palavras, parte de palavras, uma oração inteira, todo um texto tomado materialmente na metalinguagem pode ser considerado uma "palavra", um substantivo masculino por ser nome de algo: "*-mente* é um sufixo", "*lá* marca distância do falante", "Terrível palavra é um *não*", "*Não roubar* é um mandamento divino".

A metalinguagem pode manifestar uma técnica, um saber próprio em uma determinada tradição linguística. Por exemplo, na metalinguagem, em português, diz-se sem artigo "Homem é um dissílabo", enquanto na linguagem primária se diz com artigo "O homem trabalha".

6 – Sincronia e Diacronia

Outra distinção essencial, por sinal a primeira que se deve fazer no estudo das línguas, é a que se estabelece entre *sincronia* e *diacronia*. Por *sincronia* entende-se, em princípio, a referência à língua em um dado momento do seu percurso histórico, "sincronizada" sempre com seus falantes, e considerada no seu funcionamento no falar como descrição sistemática e

estrutural de um só sistema linguístico ("língua funcional"), enquanto por *diacronia* se entende a referência à língua através do tempo, isto é, no estudo histórico das estruturas de um sistema ("gramática histórica"), e como história da língua. Todavia, neste último aspecto, sincronia e diacronia não são correlativos, pois se se levar em conta o caráter parcialmente inovador de todo ato linguístico, toda língua viva está num perpétuo devenir, já que o aspecto sincrônico, para uma língua considerada na sua totalidade, metodologicamente imposto e necessário, é apenas uma abstração científica para estudar como a língua funciona e os traços que, entre dois momentos do seu desenvolvimento, se mostram constantes. Até para fins práticos necessitamos considerar a língua como algo estável e constante. Assim, a descrição sincrônica prescinde da história, no sentido de que não a abarca, mas a diacronia não pode prescindir das sincronias. Por fim, não se pode perder de vista que a descrição da língua num momento do seu desenvolvimento é uma parte da história dessa língua. Uma língua viva nunca está plenamente feita, mas se faz continuamente graças à atividade linguística.

À sincronia corresponde não só a descrição de sistemas unitários (isto é, a disciplina "gramática" em sua acepção mais ampla, abarcando ainda a fonologia e a semântica léxica estrutural ou lexemática), mas também a descrição dos três tipos de variedade já vistos feita por três outras disciplinas ("dialetos" → *dialetologia*, "níveis" → *sociolinguística* e "estilos" → *estilística da língua*).

7 – Estado da Língua Real e Sincronia

Convém distinguir entre *estado de língua real* e *sincronia*, considerada de modo absoluto. No estado de língua também está implícita uma dimensão diacrônica, já que os falantes, principalmente de comunidades com larga tradição de língua escrita, têm consciência de que certas formas são mais antigas que outras; que algumas já não se usam e que outras são recentes. Todavia essa "diacronia dos falantes" – que pode ser bem diferente da diacronia do historiador – não importa em relação ao funcionamento da língua, porque todo fato de "diacronia" subjetiva tem de ser descrito no seu funcionamento, isto é, na sua própria sincronia [ECs.8, 296].

À história da língua compete também referir-se ao aspecto sincrônico à medida que tem de socorrer-se dos vários "estados de língua" sucessivos, pois a "gramática histórica" é a comparação entre os vários sistemas estáticos compreendidos nos limites estabelecidos para estudo. No caso de uma língua românica como o português, pode-se começar pelos diversos sistemas do latim (clássico, vulgar, etc.) e continuar pelos sistemas sucessivos do português ou fases históricas (medieval, clássico, etc.), ou então partir do próprio português como língua já estabelecida e reconhecida pelos seus falantes e pelos falantes de outras comunidades linguísticas.

Pelo que vimos até aqui, e para evitar equívocos que elas implicam, seria melhor fugir às denominações *linguística sincrônica* e *linguística diacrônica* e, em vez delas, usar *descrição* e *história da língua*, porque ambas estão compreendidas no nível histórico da linguagem e constituem juntas a *linguística histórica*. Desligam-se, desta maneira, as noções de sincronia e diacronia da interpretação meramente temporal, como as entendia Saussure, em cuja lição

sincronia estava circunscrita a um só momento e diacronia a vários momentos [ECs.8, 281].

8 – Técnica Livre do Discurso e Discurso Repetido

Outra distinção necessária no estudo "sincrônico" de língua é a que se faz entre *técnica livre do discurso* e *discurso repetido*, porque as tradições linguísticas não só contêm técnica para falar, mas ainda linguagem já falada.

A técnica livre abarca os elementos constitutivos da língua e as regras "atuais" relativas à sua modificação e combinação, isto é, abarca as "palavras" e os instrumentos e procedimentos léxicos e gramaticais.

O discurso repetido abarca tudo aquilo que, no falar de uma comunidade, se repete mais ou menos uniformemente, como algo "já dito": algo já fixado num discurso e que pode ser repetido noutro discurso como "expressão", "giro", "modismo", frase ou locução cujos elementos constitutivos não são nem substituídos nem aceitam ser dispostos noutra ordem conforme permitem as regras de funcionamento da língua, ficando, assim, por não se submeterem a qualquer estruturação – pois só a técnica é estruturável –, fora do objeto da gramática e da lexicologia sincrônicas.

Assim, *bom professor* e *boa semana* pertencem à técnica livre do discurso, enquanto *bom samaritano* e *bom dia* (para a saudação matinal) são exemplos de discurso repetido.

D) Sistema, norma, fala e tipo linguístico

1 – Os Quatro Planos de Estruturação

Uma língua funcional apresenta diversos planos de estruturação. Distinguem-se quatro planos de estruturação: o *falar* (que é o plano da realização, isto é, uma técnica idiomática efetivamente realizada), e três planos de técnica ou de saber enquanto tal: a *norma*, o *sistema* e o *tipo linguístico*, que dizem respeito exclusivamente à estruturação de uma mesma técnica idiomática, em oposição à *arquitetura*, que, como já vimos, diz respeito à diversidade interna da língua histórica, com seu conjunto de línguas funcionais, em parte coincidentes e em parte diferentes umas das outras.

2 – A Norma

A *norma* contém tudo o que na língua não é funcional, mas que é tradicional, comum e constante, ou, em outras palavras, tudo o que se diz "assim, e não de outra maneira". É o plano de estruturação do saber idiomático que está mais próximo das realizações concretas. O sistema e a norma de uma língua funcional refletem a sua estrutura.

3 – O Sistema

O *sistema* contém apenas as oposições funcionais, isto é, contém unicamente os traços distintivos necessários e indispensáveis para que uma unidade da língua (quer no plano da expressão, quer no plano do conteúdo) não se confunda com outra unidade.

Assim, no sistema dos relativos em português, *que* e *o qual* se opõem ambos a *quem* e *cujo*, por exemplo; mas a norma usual da língua prefere unicamente *o qual*, e não *que*, depois de preposição com mais de duas sílabas:

> Os caminhos *de que* (*dos quais*) lhe falei...

mas:

> As razões *segundo as quais* (e não *segundo que*).

O sistema verbal português marca a 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo com o morfema -*o*: eu cant*o*, vend*o*, part*o*.

Crianças e adultos que usam incorretamente a forma verbal *seio* (por *sei*) são levados a fazê-lo por força do sistema, mas desconhecem a norma.

O sistema do português conta, além de outros, com o sufixo -*ção* para formar substantivos, em geral denotadores de ação, oriundos de verbos: *coroar* → *coroação*; *colocar* → *colocação*.

Todavia, a norma prefere *casamento* a *casação*, *livramento* a *livração*, *tomada* a *tomação* o u *tomamento*, etc. Outras vezes, a norma agasalha ambas as formas possibilitadas pelo sistema.

No domínio da sintaxe também se comprova a distinção entre norma e sistema. Os chamados complementos verbais quando constituídos por substantivos normalmente se dispõem na ordem *direto* + *indireto* (Dei *um livro ao primo*), mas quando aparece, numa dessas funções ou nas duas, pronome pessoal, a norma é vir primeiro o indireto: (Dei-*lhe um livro*) / Dei-*lho* (lhe + o).

O falante domina o sistema de uma língua quando está em condições de criar nela. Relativamente à norma, o seu domínio é muito mais complexo e exige do falante uma aprendizagem por toda a vida.

A norma pode coincidir com o sistema quando este oferece uma só possibilidade de realização.

O distanciamento entre sistema e norma de realização se manifesta quando a "novidade" criada à luz do sistema inexiste na norma, na tradição já realizada e, por isso mesmo, não se encontra registrada nos dicionários e nas gramáticas. Foi o caso, entre nós, de *imexível*, nascido com procedimentos do sistema do mesmo modo que *intocável*, *infalível*, etc., mas não ainda realizado na norma. Esqueceram-se os críticos de que uma língua viva não está feita, isto é, que não só estrutura seus atos por modelos precedentes, mas faz-se e refaz-se constantemente, encerra formas feitas e tem potencialidade para criar formas novas, e está sempre a serviço das necessidades expressivas de qualquer falante. É nisto que consiste a dimensão criatividade já aludida aqui anteriormente.

Como também pode conter traços não pertinentes do ponto de vista de oposição funcional, a norma, em certo sentido, tem maior amplitude que o sistema, já que este só contém traços distintivos necessários e indispensáveis para que uma unidade da língua se diferencie de outra

unidade. Por outro lado, o sistema é mais amplo do que a norma, porque propicia também possibilidades inéditas, não realizadas na norma da língua.

4 – O Tipo Linguístico

O *tipo linguístico* é o mais alto plano que se pode comprovar da técnica da língua. É o conjunto coerente de categorias funcionais e de tipos de procedimentos materiais que configuram um sistema ou diferentes sistemas: compreende as categorias de oposições de expressão e de conteúdo e os tipos de funções. Enquanto o sistema é sistema de possibilidades em relação à norma, o tipo é sistema de possibilidades em relação ao sistema.

No processo histórico, a norma pode modificar-se permanecendo inalterável o sistema, bem como o sistema pode modificar-se conservando no tipo seus princípios de configuração. As numerosas semelhanças que se podem apontar nas línguas românicas não se explicam somente pela origem comum e influências recíprocas, mas também porque, com exceção do francês, se configuraram em vários pontos por princípios funcionais análogos de tipo linguístico [ECs.14, 53-54].

Por fim, cabe esclarecer que a tipologia linguística está nos seus começos; alguns estudos que se têm realizado com seu nome nada mais são do que gramática contrastiva no nível dos sistemas e classificação de procedimentos idiomáticos.

No tocante às relações conceituais de fala, norma, sistema e tipo linguístico no quadro teórico de E. Coseriu e de F. de Saussure, fala corresponde mais ou menos à *parole*; a norma e o sistema da língua correspondem, no seu conjunto, mais ou menos à *langue*, enquanto o tipo linguístico não foi identificado como tal pelo linguista genebrino.

E) Propriedades dos estratos de estruturação gramatical 1

1 – Os Estratos Gramaticais

Em português, os estratos gramaticais possíveis são, pela ordem ascendente: o *elemento mínimo* (ou *monema*), a *palavra* gramatical, o *grupo de palavras*, a *cláusula*, a *oração* e o *texto*:

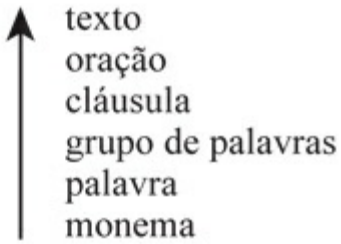

Do ponto de vista de sua função gramatical, *casa-* e *-s* são "monemas"; já *casas*, na oposição *casa* / *casas*, é uma "palavra gramatical" com sua função "plural", uma vez que *-s* é

o "pluralizador" e *casa*- o "pluralizado", e o sintagma inteiro *casas* é o "plural". Em português, a "explicação" e a "especificação" são funções do nível do grupo de palavras e se expressam mediante a posição do adjetivo. No grupo substantivo + adjetivo *o manso boi*, *o vasto oceano*, o adjetivo é explicativo (já que não separa classes menores dentro das classes "boi" e "oceano"; apenas expressa propriedades inerentes a estas classes); no entanto, em *o boi manso*, o adjetivo é "especificativo" (porque serve para opor um boi manso a outros bois não mansos). Como no exemplo anterior, *manso* é "explicador"e *boi* o termo "explicado", e o sintagma inteiro *o manso boi* é um "explicativo".

A oposição correspondente às funções "comentário" e "comentado" ocorre no estrato funcional a que Coseriu dá o nome convencional cláusula, que é o estrato que, no interior de uma só e mesma oração, estabelece a referida oposição. O chamado "advérbio de oração", que não passa de uma cláusula "comentário", ocorre nesse nível de estruturação. Em *Eu sei certo*, só temos uma oração, sem nenhum comentário, porque significa simplesmente 'eu sei com segurança', 'com certeza'. Já na oração em *Certamente, eu sei*, há duas cláusulas: a cláusula comentário *certamente* e a cláusula *eu sei*, e o conteúdo do enunciado oracional é equivalente a 'certamente, eu o sei', 'é certo que eu o sei', 'eu o sei, e este fato é certo'. Assim, *certamente* não determina o valor lexical de *eu sei*, mas assegura a realidade mesma do fato de saber.

O estrato gramatical da oração é caracterizado pela função "predicativa". Nela, o "sujeito" e o "predicado" são funções sintagmáticas e puramente relacionais: o predicado é o termo "referido", e o sujeito, o termo "referente", a função sintagmática é a de "referência", e a unidade resultante é a "predicação referida", que se opõe, neste nível, à "predicação não referida". Em *O aluno estuda* temos uma predicação referida; em *Chove*, *Faz calor*, uma predicação não referida. Registre-se aqui, de passagem, que a oração dita complexa não constitui um estrato superior da oração. O estrato superior da oração – simples ou complexa – é o texto.

No estrato do texto, como estrato gramatical idiomático, – e não como outras estruturas, por exemplo, o "soneto", a "crônica", a "novela"-, podemos ter casos como a oposição entre "pergunta não repetida" e "pergunta repetida". Se se pergunta *Você vai bem*?, no nível do texto, isto significa que se faz a pergunta pela primeira vez, ou pela qual não se manifesta se ela se diz pela primeira vez ou não. Mas já em *E você, como vai*? ou *E você vai bem*? ou *Que você vai bem*?, trata-se, sem dúvida, de uma pergunta repetida, ou porque, depois de uma primeira pergunta, agora se quer saber acerca do nosso interlocutor, ou então porque este não compreendeu a primeira pergunta sobre como passava de saúde ou de situação. Trata-se aqui de uma oposição no nível do discurso ou do texto, e não no nível da oração.

O número dos estratos gramaticais nem sempre é igual de língua para língua. Segundo Halliday, citado por Coseriu, só dois estratos são imprescindíveis, o do monema e o da oração.

2 – Propriedades dos Estratos de Estruturação Gramatical

São quatro estas propriedades: a *superordenação* (ou *hipertaxe*), a *subordinação* (ou

hipotaxe), a *coordenação* (ou *parataxe*) e a *substituição* (ou *antitaxe*).

Tais propriedades podem ser assim representadas graficamente:

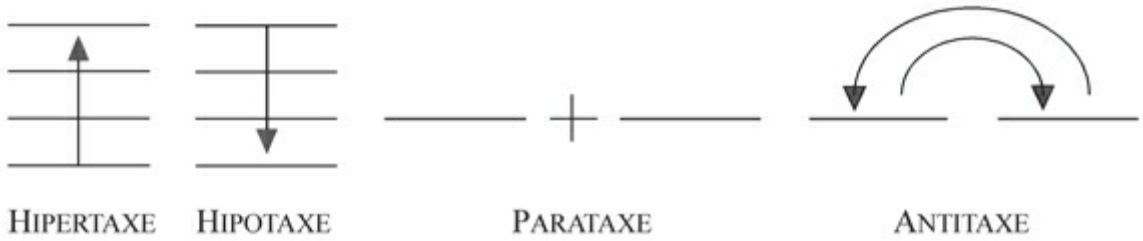

3 – Hipertaxe ou Superordenação

A hipertaxe é a propriedade pela qual uma unidade de um estrato inferior pode funcionar por si só – isto é, combinando-se com zero – em estratos superiores, podendo chegar até ao estrato do texto e aí opor-se a unidades próprias desse novo estrato. Assim, um monema pode, em princípio, funcionar como palavra; uma palavra como grupo de palavras, e assim sucessivamente.

Tomando o exemplo *casa – casas*, o elemento mínimo *casa* funciona como "singular" no nível da palavra gramatical, por oposição a *casas*, por estar "combinado" com zero. Em *casa – a casa*, a palavra *casa*, já determinada como "singular", funciona no nível do grupo de palavras como "virtual, inatual" – em oposição ao "atual" *a casa*. Em *Certamente*! *Claro*!, estamos diante de uma superordenação da palavra no nível da cláusula, e desta ao nível da oração e do texto.

As línguas conhecem restrições na manifestação dessa propriedade; por exemplo, a superordenação de palavras ou grupos de palavras no nível do texto é mais reduzida nas perguntas do que nas respostas. Uma resposta como *Isabel* é muito normal, diante da pergunta *Quem acabou de sair*? Por outro lado, uma pergunta como (*E*) *Isabel*? É certamente possível, mas exige um contexto especial. Salvo num caso de uma retomada de discurso anterior ou de emprego metalinguístico, as palavras morfemáticas, isto é, de significado puramente instrumental (artigos, preposições, conjunções), estão em geral impossibilitadas de se superordenar em nível de texto. Entretanto, nas retomadas de discurso anterior, e na metalinguagem, pode-se superordenar no nível da oração e do texto um monema, uma palavra morfemática ou até uma palavra, como, por exemplo, ocorre com *sem* na resposta à pergunta do tipo: *Viajarás com ou sem teus pais*? – *Sem*. Ou então o sufixo *-ção* na resposta diante da dúvida: *É condenação ou condenamento*? – *Ção*.

Na maioria dos casos reais da chamada *elipse* o que se tem, na verdade, é uma forma de superordenação (quase sempre combinada com uma substituição por retomada).

4 – Hipotaxe ou Subordinação

A hipotaxe é a propriedade oposta à hipertaxe: consiste na possibilidade de uma unidade correspondente a um estrato superior poder funcionar num estrato inferior, ou em estratos inferiores. É o caso de uma oração passar a funcionar como "membro" de outra oração, particularidade muito conhecida em gramática. O importante é, entretanto, verificar que este tipo de propriedade não fica só aqui, mas tem uma aplicação mais extensa. Em princípio, toda unidade superior ao estrato do monema pode ser subordinada. Um texto inteiro pode funcionar como uma oração num outro texto; uma oração como uma cláusula ou grupo de palavras; um grupo de palavras como uma palavra gramatical, e uma palavra como um elemento mínimo.

E m *Verdadeiramente ele disse isso*, a cláusula comentário (*verdadeiramente*), por hipertaxe, passa a oração (é verdade), enquanto temos hipotaxe da cláusula comentada (*ele disse isso*). As palavras compostas, do tipo de *planalto*, e as perífrases lexicais, como *pé de valsa* ('exímio dançarino') são, do ponto de vista gramatical, subordinações ou hipotaxes de grupos de palavras no nível da palavra; por outro lado, locuções do tipo *por meio de*, *por causa de* funcionam no nível de elementos mínimos (aproximadamente como *com*, *por*).

Vista pelo prisma da hipotaxe, percebe-se que a ideia de conceber as "conjunções subordinativas" como elementos que "unem" orações nasce do falso paralelismo entre subordinação (hipotaxe) e coordenação (parataxe). Na realidade, em línguas como o português, as conjunções subordinativas não são mais que morfemas de subordinação ou ainda preposições combinadas com esses morfemas. Em princípio, para subordinar orações ou cláusulas de estrutura oracional, temos necessidade de dois instrumentos: um para marcar a subordinação, isto é, para indicar que uma estrutura oracional de verbo flexionado funciona como membro de uma oração, e não como oração independente, e outro instrumento para indicar a função que esta estrutura exerce na oração complexa. No português essa marca de subordinação é *que*. Em se tratando de função sintagmática não marcada na oração ("sujeito", "complemento direto"), só se emprega esta marca *que*. Pode-se prescindir desta marca se o sintagma oracional subordinado já se acha indicado por um pronome, um advérbio interrogativo (ou exclamativo) ou pela conjunção *se* da interrogação geral: É preciso *que venhas.* Ela espera *que venhas.* Ela sabe *quem vem.* Os alunos não sabem *quando saem* os resultados. O professor não sabe *se haverá feriado nesta semana.*

Se se trata de função sintagmática introduzida (no caso de uma palavra ou de um grupo de palavras) por preposição, a chamada conjunção subordinada é normalmente constituída por essa preposição com *que*: *para acabar* / *para que acabe*; *antes da* (de a) *guerra começar* / *antes de que a guerra comece*, etc...

Pelos exemplos, vê-se que primeiro se subordina mediante o instrumento de subordinação (*que*) e depois se introduz o sintagma subordinado pela preposição correspondente à função sintagmática respectiva.

5 – Parataxe ou Coordenação

Consiste a parataxe na propriedade mediante a qual duas ou mais unidades de um mesmo estrato funcional podem combinar-se nesse mesmo nível para constituir, no mesmo estrato, uma nova unidade suscetível de contrair relações sintagmáticas próprias das unidades simples

deste estrato. Portanto, o que caracteriza a parataxe é a circunstância de que unidades combinadas são equivalentes do ponto de vista gramatical, isto é, uma não determina a outra, de modo que a unidade resultante da combinação é também gramaticalmente equivalente às unidades combinadas. Não sobem a estrato de estruturação superior. Assim, duas palavras combinadas persistem no nível da palavra e não constituem um "grupo de palavras", como se passassem ao nível imediatamente superior.

Podem-se coordenar orações que apresentam uma mesma função textual, palavras e grupos de palavras de mesmas funções (tais como sujeito, complemento, adjunto) e até preposições e conjunções do estrato de monemas, como *com* e *sem*, *e* e *ou*. A única condição a ser respeitada é que se trate de unidades pertencentes ao mesmo estrato ou transpostas ao mesmo estrato em virtude de hipertaxe ou de hipotaxe. Daí que estruturas do tipo [*ricos homens*] *e mulheres*/ [*ricos*] *homens e mulheres*, conforme a ordem de operações levadas a cabo na estruturação da expressão: constituição do grupo de palavras *ricos homens* e depois coordenação com *mulheres* ou, ao contrário, primeiro coordenação de *homens e mulheres*, no nível da palavra, por hipotaxe, e em seguida constituição do grupo de palavras por meio da determinação com *ricos*.

Pode-se, outrossim, coordenar uma palavra com uma oração que funciona como membro de outra oração desde que exerçam a mesma função, como em: Ele agora sabe *a verdade* e *que eu não lhe havia mentido*. Mas para isso foi necessário que a oração subordinada passasse ao estrato de grupo de palavras e de palavra gramatical, por meio da hipotaxe, para então ser possível a coordenação no mesmo nível da palavra.

Tem a parataxe sido vista apenas em relação à coordenação de orações, especialmente a parataxe aditiva com um só verbo flexionado, como se fosse o somatório com apagamento dos elementos idênticos nas orações coordenadas. Isto realmente ocorre em casos como *João e Maria leem*, que corresponde a *João lê* e *Maria lê*, mas já duvidosa em *João e Maria se casaram* e impossível, por absurda em *João e Maria se parecem*, que não vale por *João é parecido + Maria é parecida*. Na realidade, em todos estes casos se trata apenas da *ordem operacional* seguida na constituição da expressão, ordem que na interpretação deve ser refeita às avessas. Assim, tem-se inicialmente a coordenação *João e Maria* e depois a predicação constitutiva da oração.

Outro ponto que há de merecer a nossa atenção é o fato de que, partindo dos três tipos fundamentais e opositivos de coordenação em português (a aditiva, adversativa e a alternativa), estas construções podem ainda exprimir relações internas de "dependência", o que, à primeira vista, parece paradoxal, porque é o mesmo que dizer que "a parataxe inclui a hipotaxe" ou que "a parataxe também é hipotaxe". Na realidade, o que temos nesses casos é, a uma só vez, parataxe e hipotaxe, mas não no mesmo nível de estruturação gramatical. No nível da oração tais construções são paratáticas; mas exprimem ao mesmo tempo relações internas de dependência no que diz ao *sentido do discurso* e, por isso, manifestam funções sintagmáticas no nível do texto: os segundos elementos dessas construções se acham coordenados no nível da oração, mas são subordinados aos primeiros elementos enquanto *unidades textuais*. É o mesmo caso que ocorre com as orações introduzidas por *pois*, *porquanto*, *por isso*, *por conseguinte*, *logo*, a que a gramática tradicional e escolar chama

orações "conclusivas" e "causais-explicativas". Embora exprimindo estados de coisas comparáveis aos das orações subordinadas, são consideradas, não sem razão, orações "principais" ou "independentes". Na realidade, são independentes no nível da oração, mas são elementos subordinados do ponto de vista de unidades de conteúdo no nível superior do texto.

6 – Antitaxe ou Substituição

É a propriedade mediante a qual uma unidade de qualquer estrato gramatical já presente ou virtualmente presente ("prevista") na cadeia falada pode ser representada – retomada ou antecipada – por outra unidade de outro ponto da cadeia falada (quer no discurso individual, quer no diálogo), podendo a unidade que substitui ser parte da unidade substituída, com idêntica função ou mesmo zero. É o fenômeno muito conhecido no domínio dos pronomes que "substituem" (= "representam") lexemas (palavras ou grupos de palavras), inclusive lexemas inexistentes como tais na língua, como é o caso dos pronomes "neutros" (*isto*, *isso*, *aquilo*), que podem referir-se a um fato, a uma circunstância ou a uma situação.

O fenômeno da antitaxe, entretanto, é uma realidade de muito maior amplitude e diz respeito, em princípio, a todos os estratos gramaticais. Assim, a retomada mediante *sim*, *não*, diz respeito aos níveis da oração e do texto; e a não repetição (retomada por zero) de uma preposição na coordenação dos complementos ou do pronome sujeito na coordenação de dois ou mais verbos diz respeito ao estrato de elementos mínimos.

No interior da antitaxe, podemos distinguir, do ponto de vista constitucional (cf.) a antecipação e a retomada (ou "anáfora", "catáfora"), isto é, a representação "antes" e "depois", sendo esta válida até para a representação zero.

Do ponto de vista funcional, é preciso distinguir a antitaxe puramente material em que a unidade que substitui, além de representar a unidade substituída, tem também uma função particular, própria ao domínio da substituição. Assim, no português *clara e duramente*, temos uma antitaxe puramente material (o zero antecipador de *clara* tem exatamente a mesma função que *-mente* em *duramente*), enquanto na retomada por meio de *sim*, *não*, estamos diante de uma antitaxe funcional, já que tais unidades, além de representar o que foi dito pelo interlocutor (constituindo por isso "pro-orações" ou "pro-textos" e não meramente advérbios), exprimem também uma tomada de posição por parte do falante: a concordância ou a discordância com o conteúdo de consciência manifestado pelo interlocutor.

A rigor, a antitaxe é um fenômeno "transfrásico", um fenômeno do plano do "discurso" ou do "texto", uma parte porque concerne à constituição do discurso como tal, à estruturação material e funcional da cadeia falada, conforme as relações presentes na própria cadeia, e por outra parte, porque ela ignora as fronteiras entre as orações, funcionando independentemente dessas fronteiras tão bem numa só e mesma oração como em várias orações ao mesmo tempo e, quase sempre, além dos limites entre as orações. Daí este fenômeno pertencer ao domínio da linguística do texto. Entretanto, deve a antitaxe ser também estudada e descrita na gramática das línguas, mesmo numa "phrase-grammar", porque a expressão substituída apresenta procedimentos, materiais e funções que lhe são próprias e porque as línguas, como sistemas paradigmáticos, apresentam uma grande diversidade a este respeito.

F) Dialeto – Língua comum – Língua exemplar. Correção e exemplaridade. Gramáticas científicas e gramática normativa. Divisões da gramática e disciplinas afins. Linguística do texto

1 – Língua Comum e Dialeto

Já vimos que uma língua histórica, como o português, está constituída de várias "línguas" mais ou menos próximas entre si, mais ou menos diferenciadas, mas que não chegam a perder a configuração de que se trata "do português" (e não do galego, ou do espanhol, ou do francês, etc.), quer na convicção de seus falantes nativos, quer na convicção dos falantes de outros idiomas. Há uma *diversidade* na *unidade*, e uma *unidade* na *diversidade*.

Os falantes dessas diversidades, por motivações de ordem política e cultural, tendem a procurar, graças a um largo período histórico, um veículo comum de comunicação que manifeste a unidade que envolve e sedimenta as várias comunidades em questão. Geralmente, nessas condições, se eleva um dialeto – em geral o que apresenta melhores condições políticas e culturais – como veículo de expressão e comunicação que paire sobre as variedades regionais e se apresente como espelho da unidade que deseja refletir o bloco das comunidades irmanadas.

Esta unidade linguística ideal – que nem sempre cala o prestígio de outros dialetos nem afoga localismos linguísticos – chama-se *língua comum*.

No caso de Portugal, o dialeto falado na região Entre Douro e Minho (dialeto interamnense) – sede do governo e da instrução superior – alçou à condição de língua comum. Como a língua comum recebe, em geral, o nome da língua histórica (isto é, daquela que engloba as variedades dialetais de que vimos falando), em nosso caso particular a língua comum é denominada *língua portuguesa* ou, simplesmente, *português*. Isto ocorre por toda a parte; assim é que o dialeto de Paris (franciano) passou a denominar-se *francês*, o de Florença (toscano florentino) *italiano*, o de Castela *castelhano* ou *espanhol*. Por isso é que se diz que entre *língua* e *dialeto* não há diferença de natureza, e sim de prestígio político e cultural, além do fato da maior extensão geográfica da língua comum. Algumas vezes a língua comum desbanca os primitivos dialetos, como ocorreu com a *koiné* grega.

Por motivações de ordem cultural e para conter, na medida do possível e do razoável, a força diferenciadora, centrífuga, que caracteriza o perpétuo devenir das línguas, pode-se desenvolver dentro da língua comum um tipo de outra língua comum, mais disciplinada, normatizada idealmente, mediante a eleição de usos fonético-fonológicos, gramaticais e léxicos como padrões exemplares a toda a comunidade e a toda a nação, a serem praticados em determinadas situações sociais, culturais e administrativas do intercâmbio superior. É a modalidade a que Coseriu chama língua exemplar, mais relativamente uniforme do que a língua comum, porque está normatizada intencionalmente [ECs.8, 164-165]. Esta uniformidade relativa é mais frequente quando a língua comum é usada em países diferentes. É o que acontece entre nós, onde se registra uma exemplaridade do português do Brasil ao lado de uma exemplaridade do português de Portugal, em grande parte de delineação complexa, porque a

exemplaridade do português – e não fato exclusivo do nosso domínio – não está claramente fixada em suas formas, conteúdos e procedimentos [ECs.8, 35].

2 – O Exemplar e o Correto

Há de distinguir-se cuidadosamente o *exemplar* do *correto*, porque pertencem a planos conceituais diferentes. Quando se fala do exemplar, fala-se de uma forma eleita entre as várias formas de falar que constituem a língua histórica, razão por que o eleito não é nem correto nem incorreto.

Já quando se fala do correto, que é um juízo de valor, fala-se de uma conformidade com tal ou qual estrutura de uma língua funcional de qualquer variedade diatópica, diastrática ou diafásica. Por ele se deseja saber se tal fato está em conformidade com um modo de falar, isto é, com a língua funcional, com a tradição idiomática de uma comunidade, fato que pode ou não ser o modo exemplar de uma língua comunitária.

O modo exemplar pertence à arquitetura da língua histórica, enquanto o correto (ou incorreto) se situa no plano da estrutura da língua funcional. Cada língua funcional tem sua própria correção à medida que se trata de um modo de falar que existe historicamente.

3 – Gramática Descritiva e Gramática Normativa

Daí é fácil concluir que não devemos confundir dois tipos de gramática: a *descritiva* e a *normativa*.

A gramática descritiva é uma disciplina científica que registra e descreve (daí o ser *descritiva*, por isso não lhe cabe definir) um sistema linguístico em todos os seus aspectos (fonético-fonológico, morfossintático e léxico).

Cabe tão somente à gramática descritiva registrar como se diz numa língua funcional.

Por ser de natureza científica, não está preocupada em estabelecer o que é certo ou errado no nível do saber elocutivo, do saber idiomático e do saber expressivo.

A gramática descritiva se reveste de várias formas segundo o que examina mediante uma metodologia empregada, formas que não cabe aqui explicitar, mas tão somente enumerar: *estrutural*, *funcional*, *estrutural e funcional*, *constrastiva*, *distribucional*, *gerativa*, *transformacional*, *estratificacional*, *de dependências*, *de valências*, *de usos*, etc. A gramática estrutural funcional concebida por E. Coseriu aplica-se à depreensão e descrição dos paradigmas do significado gramatical, das estruturas gramaticais de uma língua particular.

Cabe à *gramática normativa*, que não é uma disciplina com finalidade científica e sim pedagógica, elencar os fatos recomendados como modelares da exemplaridade idiomática para serem utilizados em circunstâncias especiais do convívio social.

A gramática normativa recomenda como se deve falar e escrever segundo o uso e a autoridade dos escritores corretos e dos gramáticos e dicionaristas esclarecidos.

4 – Âmbitos de Estudo da Gramática

Como vimos, a gramática descritiva registra e descreve todos os aspectos de uma língua particular, homogênea e unitária. Por isso, aparece diversificada nos capítulos pelos quais costuma ser apresentada: *fonética* e *fonologia*, *morfologia* e *sintaxe* (melhor *morfossintaxe*), *semântica*, *estilística*.

4.1 – Fonética e Fonologia

A fonética e a fonologia estudam o aspecto físico-fisiológico, isto é, o aspecto fônico. A fonética se ocupa do aspecto acústico e fisiológico dos sons reais e concretos dos atos linguísticos: sua produção, articulação e variedades.

Já para a fonologia, a unidade básica não é o som, mas o *fonema*, visto como unidade acústica que desempenha função linguística distintiva de unidades linguísticas superiores dotadas de significado. Assim, em *tinta*, a fonética, levando em conta a realidade acústica na pronúncia carioca, distingue dois sons diferentes de *t*, enquanto a fonologia considera funcionalmente um só *t*, pois, apesar de articulado diferentemente nas várias realizações, o falante se considera diante de uma mesma palavra: *tinta*.

4.2 – Sistema gráfico

Nas línguas em que, ao lado da realidade *oral*, existe a representação escrita de um sistema convencional dessa oralidade chamado *sistema gráfico* ou *ortografia*, este sistema se regula, em geral, ora pela fonética, ora pela fonologia, o que conduz a uma primeira dificuldade para se chegar a um sistema ideal, que exigiria uma só unidade gráfica para um só valor fônico. Neste particular tornou-se necessário não se confundir *letra* com *som* da fala; letra é a representação gráfica com que se procura reproduzir na escrita o som, o que não significa identificá-los. O nosso sistema fonológico tem sete fonemas vocais orais tônicos para cuja representação temos apenas cinco letras (**a** – **e** – **i** – **o** – **u**). Costuma-se hoje chamar *grafema* à unidade gráfica (letra) da escrita.

Em se tratando de línguas modernas que adotaram um sistema gráfico aproveitando o alfabeto latino, como ocorre com a maioria dos idiomas modernos, três fatores contribuem para que não se alcance uma ortografia ideal, apesar de entrarem em seu socorro recursos de letras e sinais diacríticos não existentes em latim:

a) adoção de alfabeto estranho, como o latino, nem sempre capaz de atender à representação de fonemas das novas línguas;

b) mudança através do tempo de fonemas das novas línguas, depois de adotado o alfabeto latino;

c) permanente indecisão das convenções ortográficas entre a opção fonético-fonológica e a "etimológica" (este, pelo prestígio dos hábitos da escrita latina).

4.3 – Alfabeto fonético

Para fins científicos e pedagógicos (principalmente nas gramáticas e dicionários destinados a estrangeiros), usam-se *alfabetos fonéticos* que procuram na transcrição representar fielmente cada unidade fônica por meio de um sinal gráfico, escolhido entre as letras já existentes no alfabeto e mais sinais especiais criados para atingir a fidelidade acústica

desejada.

4.4 – Gramática e Estilística

A gramática pode estudar tanto o aspecto da pura comunicação (chamada linguagem enunciativa ou intelectiva) quanto o aspecto afetivo, de exteriorização psíquica e apelo (linguagem emotiva).

De modo geral, aplica-se a gramática propriamente dita aos aspectos da linguagem intelectiva, ficando a linguagem emotiva para tarefa de uma disciplina chamada *estilística*, de que falaremos mais adiante.

4.5 – Morfossintaxe

A parte central da gramática pura é a morfossintaxe, também com menos rigor estudada como dois domínios relativamente autônomos: a *morfologia* (estudo da palavra e suas "formas") e a *sintaxe* (estudo das combinações materiais ou funções sintáticas). Ocorre que, a rigor, tudo na língua se refere sempre a combinações de "formas", ainda que seja combinação com zero ou ausência de "forma"; assim, toda essa pura gramática é na realidade sintaxe, já que a própria oração não deixa de ser uma "forma"(na lição tradicional, ela não pertence ao domínio da morfologia). Melhor seria se adotássemos a proposta de Eugenio Coseriu que já estava presente numa lição de Gabelentz; a gramática se comporia de três seções: a) "constitucional" (que descreveria a configuração material da "forma" gramatical, abrangendo por forma também o grupo de palavras, a oração e o período); b) "funcional" (que investiga as funções dos diferentes estratos de estruturação gramatical, comprovando os paradigmas que funcionam em cada estrato); c) "relacional" (que estuda as relações entre os diferentes paradigmas pelos quais se expressam funções designativas análogas) [ECs.4, 262-263].

4.6 – Lexicologia

Outro domínio dos estudos gramaticais que, pela sua especificidade e extensão também constitui uma disciplina autônoma, é a *lexicologia*.

É tarefa da lexicologia o estudo dos *lexemas*, suas estruturas e variedades e suas relações com os significantes. Entende-se por lexema a unidade linguística dotada de *significado léxico*, isto é, aquele significado que aponta para o que se apreende do mundo extralinguístico mediante a linguagem. Assim, em *amor*, *amante*, *amar*, *amavelmente* o significado léxico é comum a todas as palavras da série.

Levando-se em conta o plano da expressão (significante) e o plano do conteúdo (significado), a lexicologia abarcará quatro disciplinas subsidiárias [ECs.12, 46-48]:

a) *lexicologia da expressão*: estudo das relações entre os vários significantes léxicos enquanto tais, por exemplo, *amar* ↔ *amante*, *falar* ↔ *falante* ao lado de *saltar* ↔ *saltador*.

b) *lexicologia do conteúdo*: estudo das relações entre os significados léxicos enquanto tais: *salário*, *ordenado*, *provento*, *honorário*, *soldo*, *mesada*; ou *sair* x *chegar*, etc. (sinônimos, antônimos)

c) *semasiologia*: estudo da relação entre os dois planos partindo da expressão para o conteúdo: o significante *hóspede* com os significados de 'aquele que dá a hospedagem' e

‘aquele que recebe a hospedagem’; *nora* ‘esposa de filho em relação aos pais dele’, e *nora* ‘aparelho para tirar água de poço, cisterna’.

Tradicionalmente é este estudo que se reconhece em geral como a disciplina semântica ou semântica lexical.

d) *onomasiologia*: estudo da relação dos dois planos, partindo do conteúdo: para o significado ‘dinheiro’ há os significantes *prata*, *massa*, *erva*, *caraminguá*, *arame*, *mango* (quase todos populares ou familiares).

Há disciplinas lexicológicas preocupadas com a origem dos palavras. Aí temos a *etimologia* (estudo da origem delas), a *onomástica* (estudo histórico dos nomes próprios, dividida em *antroponímia* – história dos nomes de pessoa – e *toponímia* – história dos nomes de lugares).

4.7 – Outra vez a Estilística

A seguir, temos a estilística, a qual, conforme dissemos anteriormente, é o estudo dos aspectos afetivos que envolvem e caracterizam a linguagem emotiva que perpassa todos os fatos de língua. Pode tanto aplicar-se àqueles usos da esfera afetiva e emotiva generalizados na língua, por exemplo, os diminutivos, os aumentativos, as hipérboles, etc. (a chamada *estilística da língua* de Charles Bally), ou então às criações estéticas originais e inéditas de um autor ou de uma obra (a chamada *estilística da fala* da escola idealista alemã de Karl Vossler, Leo Spitzer e seguidores).

4.8 – Outros tipos de Gramática

Além da gramática descritiva, são também gramáticas científicas, isto é, sem finalidade prescritiva ou normativa, e com objeto e metodologia próprios:

a) *gramática geral* (mais impropriamente chamada *gramática universal*): estudo dos fundamentos teóricos dos conceitos gramaticais (e por isso mesmo lhe cabe a definição desses conceitos), ou, noutro sentido, procura os fatos gramaticais comuns e gerais a vários sistemas linguísticos. Também é denominada *teoria gramatical*. Esta gramática investiga o plano universal da linguagem e, por isso, não tem como objeto uma língua particular, como as gramáticas seguintes, que investigam o plano histórico da linguagem, uma vez que estudam línguas históricas, isto é, técnicas (saberes) historicamente determinadas.

b) *gramática comparada*: estudo comparado de línguas pertencentes a um tronco ou “família” procedente de uma fonte comum primitiva, com vista a estabelecer os fatos manifestados pela relação de “parentesco”.

c) *gramática histórica* (considerada em sentido estrito): estudo diacrônico de um só sistema idealmente homogêneo.

d) *história interna da língua*: estudo diacrônico de uma língua histórica.

Citem-se mais as seguintes disciplinas linguísticas:

1) *dialetologia*: estudo das diferenças regionais de uma língua; sua aplicação, mediante método particular para cada uma, se faz com duas subdisciplinas: *geografia linguística* e *paleontologia linguística*.

2) *sociolinguística*: estudo da variedade e variação da linguagem em relação com a estrutura social das comunidades.

3) *etnolinguística*: estudo da variedade e variação da linguagem em relação com a civilização e a cultura [ECs.15, 29].

4) *psicolinguística*: estuda o aspecto psíquico da atividade linguística.

Até aqui, as gramáticas e disciplinas que investigam os fatos de uma língua ou de línguas particulares são disciplinas que se aplicam ao plano idiomático da linguagem.

Por fim, cabe aludir à *linguística do texto*, campo recente de estudo, que visa a examinar o sentido do texto considerado como entidade autônoma da linguagem. Investiga o plano individual da linguagem. É o estudo da hermenêutica do sentido. Para Coseriu, enquanto as disciplinas que estudam a língua se aplicam ao exame da estrutura do significante e à descrição da estrutura do significado, a pura linguística do texto se aplica à interpretação do significante e do significado da língua como expressão do sentido [ECs.3].

1 E. Coseriu [ECs.15, 22; ECs.4, 172].

I – Fonética e Fonologia

A) Produção dos sons e classificação dos fonemas

1 – Fonética Descritiva

Fonemas – Chamam-se fonemas os sons elementares e distintivos que o homem produz quando, pela voz, exprime seus pensamentos e emoções.

Fonemas não são letras – Desde logo uma distinção se impõe: não se há de confundir *fonema* com *letra*. *Fonema* é uma realidade acústica, realidade que nosso ouvido registra; enquanto *letra* é o sinal empregado para representar na escrita o sistema sonoro de uma língua. Não há identidade perfeita, muitas vezes, entre os fonemas e a maneira de representá-los na escrita, o que nos leva facilmente a perceber a impossibilidade de uma *ortografia* ideal. Temos, como veremos mais adiante, *sete* vogais orais tônicas, mas apenas *cinco* símbolos gráficos (letras): *a*, *e*, *i*, *o*, *u*. Quando queremos distinguir um *e* tônico aberto de um *e* tônico fechado – pois são dois fonemas distintos – geralmente utilizamos sinais subsidiários: o acento agudo (*fé*) ou o circunflexo (*vê*). Há letras que se escrevem por várias razões, mas que não se pronunciam, e portanto não representam a vestimenta gráfica do fonema; é o caso do *h* em *homem* ou *oh!* Por outro lado, há fonemas que se ouvem e que não se acham registrados na escrita; assim, no final de *cantavam*, ouvimos um ditongo em *-am* cuja semivogal não vem assinalada /amávãw/. A escrita, graças ao seu convencionalismo tradicional, nem sempre espelha a evolução fonética. Neste livro, diferençamos a letra do fonema, pondo este entre barras; dessarte, indicaremos o *e* aberto e *e* fechado da seguinte maneira: /*é*/, /*ê*/.

Fonética e Fonologia – Na atividade linguística, o importante para os falantes é o fonema, e não a série de movimentos articulatórios que o determina. Assim sendo, enquanto a análise fonética se preocupa tão-somente com a articulação, a fonêmica atenta apenas para o fonema que, reunindo um feixe de traços que o distingue de outro fonema, permite a comunicação linguística. A fonética pode reconhecer, e realmente o faz, diversas realizações para o /*t*/ da série *ta-te-ti-to-tu*; a fonêmica não leva em conta as *variações* (que se chamam *alofones*), porque delas não tomam conhecimento os falantes de língua portuguesa. Um fonema admite uma gama variada de realizações fonéticas que vai até a conservação da integridade do vocábulo: quando isto não ocorre, diz-se que houve mudança de fonema. O /*l*/ admite várias realizações no Brasil, de norte a sul (e estas variantes não interessam à análise fonêmica, análise que deveria ter primazia em nosso estudo de língua); mas haverá mudança de fonemas

quando se não puder fazer a oposição *mal* / *mau*. Como bem ensina Mattoso Câmara, "o fonema, entendido como um feixe de traços distintivos, individualiza-se e ganha realidade gramatical pelo seu contraste com outros feixes em idênticos ambientes fonéticos. Não é, pois, a diferença articulatória e acústica que distingue primariamente dois fonemas, senão a possibilidade de determinarem significações distintas numa mesma situação fonética. Compreende-se assim que um mesmo fonema possa variar amplamente na sua realização, conforme o ambiente fonético ou as peculiaridades do sujeito falante" [MC.7, 44-45].

Fonologia não se opõe a fonética: a primeira estuda o número de oposições utilizadas e suas relações mútuas, enquanto a fonética experimental determina a natureza física e fisiológica das distinções observadas [BM.1, 116]. Ambas disciplinas pertencem ao nível biológico do falar condicionado psicofisicamente.

Aparelho Fonador

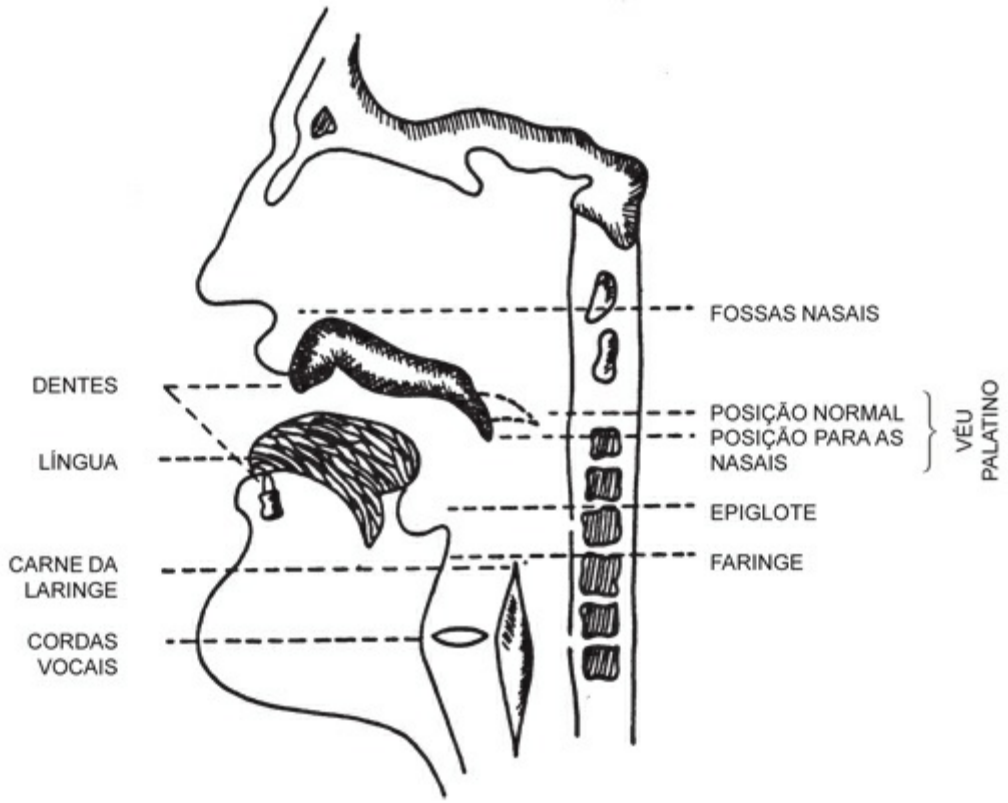

Aparelho fonador – Nós não temos um aparelho especial para a fala; produzimos os fonemas servindo-nos de órgão do aparelho respiratório e da parte superior do aparelho digestivo, que só secundariamente se adaptaram às exigências da comunicação, numa aquisição lenta do homem. A esses órgãos da fala, constitutivos do aparelho fonador, pertencem, além de músculos e nervos: os *brônquios*, a *traqueia*, a *laringe* (com as cordas vocais), a *faringe*, as *fossas nasais* e a *boca* com a *língua* (dividida em ápice, dorso e raiz), as *bochechas*, o *palato duro* (ou céu da boca), o *palato mole* (ou véu palatino) com a *úvula*

ou *campainha*, os *dentes* (mormente os anteriores) com os *alvéolos*, e os *lábios*.

Em português, como na maioria dos idiomas, os fonemas são produzidos graças à modificação que esses órgãos da fala impõem à *corrente de ar que sai dos pulmões*. Línguas há, entretanto, que se servem da corrente inspiratória (entrando o ar nos pulmões) para produzir fonemas, que são conhecidos pelo nome de *cliques*. Produzimos cliques quando fazemos os movimentos bucais, acompanhados da sucção de ar na boca, para o beijo, o muxoxo e certos estalidos como o que serve para animar a caminhada dos cavalos, mas não os utilizamos como sons da fala em português.

Como se produzem os fonemas – A corrente de ar que vem dos pulmões passa pela *traqueia* e chega à sua parte superior que se chama *laringe*, conhecida vulgarmente como *pomo de adão*. Na laringe, a parte mais valiosa e mais complexa do aparelho fonador, se acham, horizontalmente, duas membranas mucosas elásticas, à maneira de lábios: as *cordas vocais*, por cujo estreito intervalo, denominado *glote*, a corrente de ar tem de passar para ganhar a *faringe*, e daí, ou totalmente pela *boca* (*fonemas orais*), ou parte pela boca e parte pelas fossas nasais (*fonemas nasais*), chegar à atmosfera. É esta corrente expiratória que, modificada pelos órgãos da fala, é responsável pela produção dos fonemas.

As diferenças que se notam entre vozes diversas dos sexos, das idades e das pessoas, baseiam-se em geral nas dimensões da laringe.

Fonemas surdos e sonoros – Quando a corrente de ar se dirige à glote, esta pode encontrar-se aberta, fechada ou quase fechada. No primeiro caso, a corrente de ar passa livremente, sem provocar a vibração das cordas vocais. O fonema que, nestas circunstâncias, se produz é chamado *surdo*: /s/, /f/, /x/, /t/, /k/, etc. Se a glote está fechada ou quase fechada, a corrente de ar, ao forçar a passagem, provoca a vibração das cordas vocais, produzindo os fonemas sonoros. São sonoras todas as vogais e certas consoantes como /z/, /v/, /j/, /d/, /g/, etc.

Em muitos casos, podemos perceber a vibração das cordas vocais, pondo de leve a ponta do dedo no pomo de adão e proferindo um fonema sonoro, como /z/, /v/, /j/, tendo o cuidado de não acompanhá-lo de vogal. Sentimos nitidamente um tremular que denota a vibração das cordas vocais. Se proferimos um fonema surdo, como /s/, /f/, /x/, com o cuidado apontado acima, não sentimos o tremular. Podemos ainda repetir a experiência tapando os ouvidos. Só com os fonemas sonoros ouvimos um zumbido característico da vibração das cordas vocais.

Vogais e consoantes – A voz humana se compõe de *tons* (sons musicais) e *ruídos*, que o nosso ouvido distingue com perfeição. Caracterizam-se os tons, quanto às condições acústicas, por suas vibrações periódicas. Esta divisão corresponde, em suas linhas gerais, às vogais (= tons) e às consoantes (= ruídos). As consoantes podem ser ruídos puros, isto é, sem vibrações regulares (correspondem às consoantes surdas), ou ruídos combinados com um tom laríngeo (consoantes sonoras) [BM.1, 20].

Quanto às condições fisiológicas de produção, as vogais são fonemas durante cuja articulação a cavidade bucal se acha completamente livre para a passagem do ar. As consoantes são fonemas durante cuja produção a cavidade bucal está total ou parcialmente fechada, constituindo, assim, num ponto qualquer, um obstáculo à saída da corrente expiratória.

OBSERVAÇÃO: Só por suas condições acústicas e fisiológicas de produção é que se distinguem as vogais das consoantes. Por imitação dos gregos, os antigos gramáticos definiam a vogal pela sua função na sílaba: elemento necessário e suficiente para formar uma sílaba. E daí chegavam à conceituação deficiente de consoante: fonema sem existência independente, que só se profere com uma vogal. Sabemos de idiomas em que há sílabas constituídas apenas de consoantes e em que uma consoante pode fazer as vezes de vogal [LR.1, 75-75].

Na língua portuguesa a *base da sílaba* ou o *elemento silábico* é a vogal; os elementos *assilábicos* são a consoante e a semivogal, que estudaremos mais adiante.

Classificação das vogais – Classificam-se as vogais, segundo a *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, de acordo com quatro critérios:

a) quanto à zona de articulação;

b) quanto à intensidade;

c) quanto ao timbre;

d) quanto ao papel das cavidades bucal e nasal.

a) Quanto à ZONA DE ARTICULAÇÃO, as vogais podem ser *média*, *anteriores* e *posteriores*.

Com a boca ligeiramente aberta e a língua na posição quase de repouso, proferimos o fonema /a/, que é o que exige menor esforço e constitui a vogal *média*. Se daí passarmos à série /é/ – /ê/ – /i/, notaremos que a ponta da língua se eleva, avançando em direção ao palato duro, o que determina uma diminuição da abertura bucal e um aumento da abertura da faringe. A série /é/ – /ê/ – /i/ constitui as vogais *anteriores*. Se passarmos da vogal média /a/ para a série /ó/ – /ô/ – /u/, notaremos que o dorso da língua se eleva, recuando em direção ao véu do paladar, o que provoca uma diminuição da abertura bucal e um arredondamento progressivo dos lábios. A série /ó/ – /ô/ – /u/ forma as vogais *posteriores*.

VOGAIS ANTERIORES 2

POSIÇÃO DOS LÁBIOS POSIÇÃO DA LÍNGUA

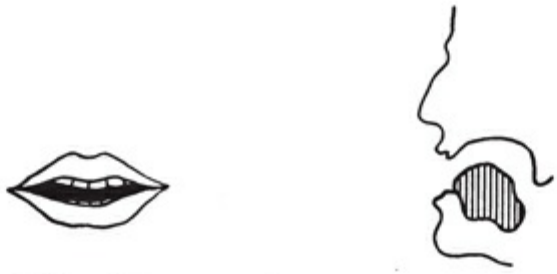

E (aberto) como em *é*

E (fechado) como em *dê*

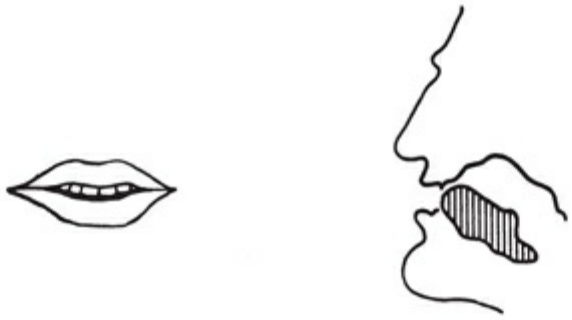

I como em *vi*

VOGAIS POSTERIORES 3

O (aberto) como em *pó*

O (fechado) como em *avô*

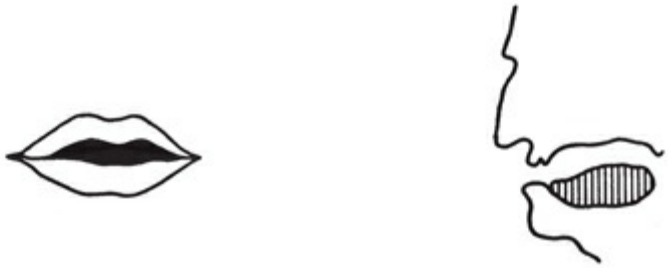

U como em *tu*

ZONAS DE ARTICULAÇÃO

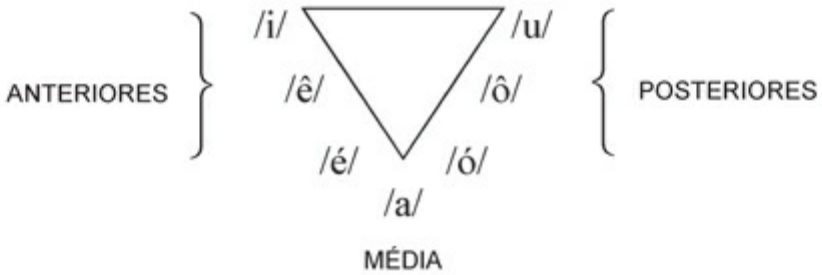

b) Quanto à INTENSIDADE, as vogais podem ser *tônicas* ou *átonas*. Vogal tônica é aquela em que recai o acento tônico da palavra: av*ó*, p*a*ga, t*í*mido.

Vogal átona é a inacentuada: *a*vó, pag*a*, tím*i*do. As vogais átonas podem estar antes da tônica (pretônicas): *a*vó, p*a*gar, ou depois (postônicas): tím*i*d*o*.

Nos vocábulos de maior extensão fonética, mormente nos derivados e nos verbos seguidos de pronome átono, pode aparecer, além da tônica, uma vogal de grande intensidade, a qual

recebe o nome de vogal *subtônica*: pol*i*damente, c*e*gamente, louv*a*r-te-ei.

c) quanto ao TIMBRE, as vogais podem ser *abertas*, *fechadas* e *reduzidas*. *Timbre* é o efeito acústico resultante da distância entre o dorso da língua e o véu do paladar, funcionando a cavidade bucal como caixa de ressonância. O timbre é o traço distintivo das vogais. Na vogal de timbre aberto, a língua se acha baixa: /a/, /é/, /ó/. Na vogal de timbre fechado, a língua se eleva: /ê/, /ô/, /i/, /u. A vogal de timbre reduzido é proferida debilitada, anulando-se a oposição entre aberta e fechada. A distinção entre abertas e fechadas só se dá nas vogais tônicas e subtônicas; nas átonas desaparece a diferença entre /ó/ e /ô/, /é/ e /ê/, e o /a/ reduzido é proferido com menos nitidez, como se pode depreender comparando-se os dois tipos em *casa*, em que o primeiro é aberto e o segundo, reduzido.

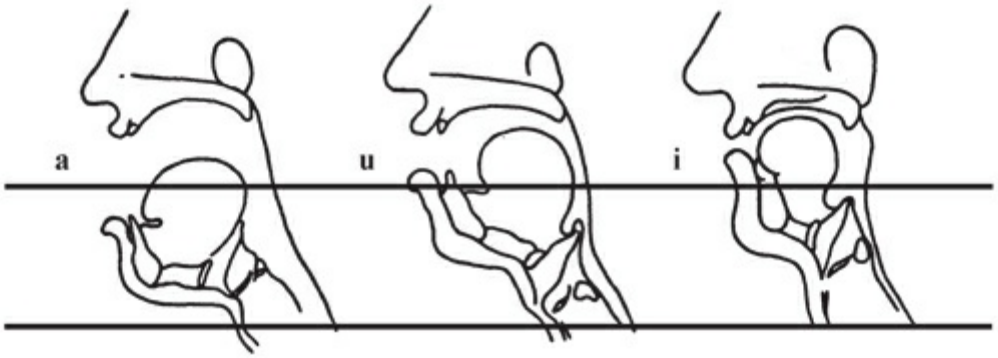

A gravura mostra a posição das vogais /a/, /u/ e /i/. Note-se o fechamento do canal bucal na articulação do /u/ e do /i/ com movimento da epiglote e elevação da língua em direção ao palato [ER.1, 15].

Quase sempre no fim das palavras, as vogais átonas *e* e *o* se enfraquecem e soam, respectivamente, /i/ e /u/ 4. Assim temos sete vogais tônicas orais (/a/, /é/, /ê/, /i/, /ó/, /ô/, /u/), cinco vogais átonas orais (/a/, /e/, /i/, /o/, /u/) e três vogais reduzidas orais (/a/, /i/, /u/). Também são reduzidas as vogais átonas nasais: *a*ntigo, s*e*ntar, l*i*mpeza, c*o*mbate, f*u*ndar.5

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Não temos no Brasil o *a* fechado oral tônico dos portugueses como em c*a*da, p*a*ra, m*a*s.

2.ª) Na pronúncia normal brasileira, as vogais nasais são fechadas ou reduzidas (estas quando átonas).

d) quanto ao papel das CAVIDADES BUCAL e NASAL, as vogais podem ser *orais* e *nasais*. São orais aquelas *cuja ressonância se produz na boca*. Há sete vogais orais tônicas (/á/, /é/, /ê/, /i/, /ó/, /ô/, /u/), cinco orais átonas, por não haver aqui distinção entre /é/ e /ê/, /ó/ e /ô/ (/a/, /e/, /i/, /o/, /u/) e três reduzidas (/a/, /i/, /u/). São nasais as vogais que, em sua produção, *ressoam nas fossas nasais*. Há cinco vogais nasais (/ã/, /ẽ/, /ĩ/, /õ/, /ũ/): l*ã*, c*a*nto, c*a*mpina, v*e*nto, v*e*ntania, l*í*mpido, viz*i*nhança, c*o*nde, c*o*ndessa, t*u*nda, pron*u*nciamos. É o fenômeno da ressonância, e não da saída do ar, o que opõe os fonemas orais aos nasais.

Quanto ao timbre, as nasais tônicas e subtônicas são fechadas e as átonas, reduzidas.

OBSERVAÇÃO: Na pronúncia normal brasileira soam quase sempre como nasais as vogais seguidas de *m*, *n* e principalmente *nh*: c*a*ma, c*a*na, b*a*nha, c*e*na, f*i*na, h*o*mem, Ant*ô*nio, *ú*mido, *u*nha. Assim não distinguimos as formas verbais terminadas em -*amos* e -*emos* do presente e do pretérito do indicativo: *agora cantamos*, *ontem cantamos*; *agora lemos*, *ontem lemos*.

ABERTAS	FECHADAS		REDUZIDAS	
orais	*orais*	*nasais*	*orais*	*nasais*
1) A: p*á*, c*a*veira, c*á*lido, pl*a*cidamente	—	rom*ã*, c*a*nto, l*â*mpada	cas*a*	ím*ã*, c*a*ntinho
2) E: f*é*, t*e*la, p*é*rola, caf*e*zal	v*ê*, n*e*gro, p*ê*ssego	l*e*mbro, v*e*nto	verd*e*	*e*ngolir
3) O: p*ó*, v*o*to, gl*ó*bulo, f*o*rtezinho	av*ô*, p*o*vo, l*ô*brego, gl*o*binho	p*o*nto, t*ô*mbola	globinh*o*	c*o*mprida, c*o*ntínua
4) I:	l*i*, v*i*da, l*í*rico	f*i*m, t*i*nta, l*í*mpido	láp*i*s, júr*i*	t*i*nteiro
5) U:	l*u*z, t*u*do, l*ú*gubre	f*u*ndo, c*u*mpro	vír*u*s	álb*u*m

Elevação da língua: quinto critério para classificação das vogais – A Nomenclatura Gramatical Brasileira não levou em conta a elevação gradual da língua, o que distingue as vogais em: 1 – vogal baixa: /a/; 2 – vogais médias com dois graus de elevação: /é/, /ó/ e /ê/, /ô/; 3 – vogais altas: /i/, /u/. Entre as nasais desaparecem os dois graus de elevação das vogais médias.

ORAIS 6

/ i /	/ u /	Altas
/ ê /	/ ô /	Médias
/ é /	/ ó /	Médias
/ a /		Baixa

NASAIS

/ ĩ /	/ ũ/	Altas
/ ẽ /	/ õ /	Médias
/ ã /		Baixa

Se não estabelecermos este quinto critério para a classificação das vogais, teremos de pôr num mesmo plano fonemas diferentes, como /õ/ e /ũ/, /ẽ/ e /ĩ/, o que não é correto.

QUADRO DA CLASSIFICAÇÃO DAS VOGAIS

VOGAIS	1) *quanto à zona de articulação*	anteriores: /é/, /ê/, /i/ média: /a/ posteriores: /ó/, /ô/, /u/
	2) *quanto ao timbre*	abertas: /a/, /é/, /ó/ fechadas: /ê/, /ô/, /i/, /u/ reduzidas: /a/, /i/, /u/
	3) *quanto ao papel das cavidades bucal e nasal*	orais: /a/, /é/, /ê/, /i/, /ó/, /ô/, /u/ nasais: /ã/, /ẽ/, /ĩ/, /õ/, /ũ/
	4) *quanto à intensidade*	tônicas átonas
	5) *quanto à elevação da língua*	baixa: /a/ médias: /é/, /ó/, /ê/, /ô/ altas: /i/, /u/

Semivogais. Encontros vocálicos: ditongos, tritongos e hiatos – Chamam-se *semivogais* as vogais *i* e *u* (orais ou nasais)7 quando assilábicas, as quais acompanham a vogal numa mesma sílaba. Os encontros vocálicos dão origem aos *ditongos*, *tritongos* e *hiatos*. Representamos as semivogais *i* (*e*) por /y/ e *u* (*o*) por /w/.

DITONGO é o encontro de uma vogal e de uma semivogal, ou vice-versa, na mesma silaba: p*ai*, m*ãe*, ág*ua*, cár*ie*, mág*oa*, r*ei*.

Sendo a vogal a base da sílaba ou o elemento silábico, é ela o som vocálico que, no ditongo, se ouve mais distintamente. Nos exemplos dados são vogais: pAi, mÃe, águA, cáriE, mágoA, rEi.

OBSERVAÇÃO: Os ditongos, como os demais encontros vocálicos, podem ocorrer no interior da palavra (dizem-se *intraverbais*: *pai*, *vaidade*) ou pela aproximação, por fonética sintática, de duas ou mais palavras (dizem-se *interverbais*: *certa* ‿ *idade*, *inculta* ‿ *e bela*).

Os ditongos podem ser:

a) crescentes e decrescentes

b) orais e nasais

Crescente é o ditongo em que a semivogal vem antes da vogal: ág*ua*, cár*ie*, mág*oa*.

Decrescente é o ditongo em que a vogal vem antes da semivogal: p*ai*, m*ãe*, r*ei*.

Como as vogais, os ditongos são *orais* (p*ai*, ág*ua*, cár*ie*, mág*oa*, r*ei*) ou *nasais* (m*ãe*).

Os ditongos nasais são sempre fechados, enquanto os orais podem ser *abertos* (p*ai*, c*éu*, r*ói*, id*ei*a) ou *fechados* (m*eu*, d*oi*do, v*ei*a).

Nos ditongos nasais, são nasais a vogal e a semivogal, mas só se coloca o til sobre a vogal: m*ãe*.

Principais ditongos crescentes:

Orais

1) /ya/: glór*ia*, pátr*ia*, d*ia*bo, ár*ea*, nív*ea*
2) /ye/: (= yi): cár*ie*, calvíc*ie*
3) /yé/: d*ie*ta
4) /yo/: vár*io*, méd*io*, áur*eo*, nív*eo*
5) /yó/: mand*io*ca
6) /yô/: p*io*lho
7) /yu/: m*iú*do
8) /wa/: ág*ua*, q*ua*se, d*ua*l, mág*oa*, nód*oa*
9) /wi/: ling*ui*ça, tên*ue*
10) /wó/: quiproq*uó*
11) /wô/: aq*uo*so
12) /wo/ (= *uu*): oblíq*uo*
13) /wê/: c*oe*lho
14) /wé/: eq*ue*stre, g*oe*la

OBSERVAÇÃO: Em muitos destes casos pode ser discutível a existência de ditongos crescentes "por ser indecisa e variável a sonoridade que se dá ao primeiro fonema. Certo é que tais ditongos se observam mais facilmente na hodierna pronúncia lusitana do que na brasileira, em que a vogal (= semivogal), embora fraca, costuma conservar sonoridade bastante sensível" [SA.2,17]. De qualquer maneira registre-se o descompasso entre a realidade fonética (ora hiato, ora ditongo) e a maneira invariável de grafar *miúdo* com acento agudo no *u*, quer seja proferido como dissílabo (e ditongo, portanto) ou como trissílabo (e hiato). Também palavras como *série*, *glória*, que podem ser proferidas como dissílabas (mais usual) ou trissílabas, não têm os encontros vocálicos separados na divisão silábica: *sé-rie*, *gló-ria*, em ambos os casos de pronúncia.

Nasais: 1) /yã/: cr*ia*nça
2) /wã/: q*ua*ndo
3) /wê/: freq*ue*nte, quinq*uê*nio, dep*oe*nte
4) /wĩ/: arg*ui*ndo, q*ui*nquênio, m*oi*nho

Os principais ditongos decrescentes são:

Orais: 1) /ay/: p*ai*, b*ai*xo, tr*ai*dor
2) /ay/ (*a* fechado e, às vezes, nasalado): f*ai*na, p*ai*na, and*ai*me
3) /aw/: p*au*, cac*au*s, *ao*
4) /éy/: r*éi*s, coron*éi*s
5) /êy/: l*ei*, j*ei*to, fiqu*ei*
6) /éw/: c*éu*, chap*éu*
7) /êw/: l*eu*, comet*eu*
8) /iw/: v*iu*, part*iu*
9) /óy/: her*ói*, anz*ói*s
10) /ôy/: b*oi*, f*oi*ce
11) /ow/: v*ou*, r*ou*bo, est*ou*ro
12) /uy/: f*ui*, az*ui*s

Nasais

1) /ãy/: alem*ãe*s, c*ãi*bra

2) /ãw/: p*ão*, amar*am* (= amárão)

3) /ẽy/: b*em* (= bẽi), ont*em* (= ontẽi)

4) /õy/: p*õe*, sen*õe*s

5) /ũy/: m*ui* (= mũi), m*ui*to (= mũito)

NOTA: Nos ditongos nasais decrescentes /*ẽy*/, /*ãy*/ e /*ãw*/ [cf. SS.3, 320, 18, onde *vãs* rima com *mães*], a semivogal pode não vir representada na escrita. Escrevemos a interjeição *hem!* ou *hein!*, sendo, a rigor, a primeira grafia mais recomendável.

TRITONGO é o encontro de uma vogal entre duas semivogais numa mesma sílaba. Os tritongos podem ser *orais* e *nasais*.

Orais

1) /way/: q*uais*, parag*uaio*

2) /wey/: enxag*uei*, averig*uei*s

3) /wiw/: delinq*uiu*

4) /wow/: apazig*uou*

Nasais

1) /wãw/: míng*uam*, sag*ião*, q*ião*

2) /wẽy/: delinq*uem*, enxág*uem*

3) /wõy/: sag*uõe*s

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Nos tritongos nasais /wãw/ e /wẽy/ a última semivogal pode não vir representada graficamente: mínguam, enxáguem.

2.ª) Entre portugueses, por não haver o maior relevo da primeira vogal – fato que se observa entre brasileiros –, o grupo de vogal seguida de um ditongo pode constituir-se num tritongo: f*iéi*s, p*oei*ra, p*ião*.

HIATO é o encontro de duas vogais em sílabas diferentes por guardarem sua individualidade fonética: s*aí*da, c*aa*tinga, m*oi*nho. Isto se dá porque a passagem da primeira para a segunda se faz mediante um movimento brusco, com interrupção da voz.8

Em português, como em muitas outras línguas, nota-se uma tendência para evitar o hiato, através da ditongação ou da crase.

OBSERVAÇÕES :

1.ª) Desenvolvem-se um /y/ semivogal (símbolo chamado em gramática *iode*) ou /w/ semivogal (símbolo chamado *uau*) nos encontros formados por ditongo decrescente seguido de vogal final ou ditongo átono: praia = prai-ia; cheia = chei-ia; tuxaua = tuxau-ua; goiaba = goi-ia-ba.

2.ª) "Nos hiatos cuja primeira vogal for *u* e cuja segunda vogal for final de vocábulo (seguida ou não de *s* gráfico), o desenvolvimento do *uau* variará de acordo com as necessidades expressionais ou as peculiaridades individuais" 9: nua = nu-a ou nu-ua; recue = re-cu-e ou re-cu-ue; amuo = amu-o ou amu-uo.

3.ª) "Os encontros *ia*, *ie*, *io*, *ua*, *ue*, *uo* finais, átonos, seguidos, ou não, de *s*, classificam-se quer como ditongos, quer como hiatos, uma vez que ambas as emissões existem no domínio da Língua Portuguesa: histó-ri-a e histó-ria; sé-ri-e e sé-rie; pá-ti-o e pá-tio; ár-du-a e ár-dua; tê-nu-e e tê-nue; vá-cu-o e vá-cuo".10

4.ª) Autores há que também consideram hiato quando se trata de uma vogal e uma semivogal, como no caso de *goiaba*, *joia*, etc. Outros consideram dois ditongos: *goi-ia-ba*, *joi-ia*.

Nos encontros vocálicos costumam ocorrer dois fenômenos: a *diérese* e a *sinérese*.

Chama-se DIÉRESE à passagem de semivogal a vogal, transformando, assim, o ditongo num hiato: *trai-ção* = *tra-i-ção*; *vai-da-de* = *va-i-da-de*; *cai* = *ca-i*.

Chama-se SINÉRESE à passagem de duas vogais de um hiato a um ditongo crescente:

su-a-ve = sua-ve; *pi-e-do-so = pie-do-so*; *lu-ar = luar*.

A sinérese é fenômeno bem mais frequente que a diérese. A poesia antiga dava preferência ao hiatismo, enquanto, a partir do século XVI, se nota acentuada predominância do ditonguismo (sinérese). É claro que os poetas modernos continuaram a usar a diérese, mormente como efeito estilístico-fônico para a ênfase, a ideia de grandeza, etc. O conhecido verso de Machado de Assis *auréola* com quatro sílabas acentua o tamanho descomunal ressaltado pela leitura lenta: "Pesa-me esta brilhante *auréola* de nume..."

Classificação das consoantes – De acordo com a *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, classificam-se as consoantes de acordo com quatro critérios:

a) quanto ao modo de articulação;

b) quanto à zona de articulação;

c) quanto ao papel das cordas vocais.

d) quanto ao papel das cavidades bucal e nasal.

a) quanto ao MODO DE ARTICULAÇÃO, as consoantes podem ser *oclusivas* e *constritivas*, e estas se subdividem em *fricativas*, *laterais*, *vibrantes* e *nasais*. O obstáculo que, na cavidade bucal, os órgãos impõem à corrente expiratória pode ser de dois tipos: ou os órgãos da boca estão dispostos de tal modo que impedem *completamente* a saída do ar, ou permitem *parcialmente* que a corrente expiratória chegue à atmosfera. No primeiro caso, dizemos que as consoantes são *oclusivas*; no segundo, *constritivas*. As constritivas são fricativas quando a corrente expiratória, passando por entre os órgãos que formam o obstáculo parcial, produz um atrito à maneira de fricção: /f/, /v/, /s/, /z/, /x/, /j/. São constritivas laterais quando a passagem da corrente expiratória, obstruída pela aproximação do ápice ou dorso da língua aos alvéolos da arcada dentária superior ou ao palato, escapa pelos lados da cavidade bucal: /l/, /lh/. São constritivas vibrantes quando o ápice da língua contra os alvéolos ou a raiz da língua contra o véu do paladar executa movimento vibratório rápido, abrindo e fechando a passagem à corrente expiratória: /r/ (simples) e /rr/ (múltipla). São constritivas nasais quando, pelo abaixamento do véu palatino e um abrimento do nasal, as consoantes ressoam nas fossas nasais. Temos três consoantes nasais: a bilabial /m/, a linguodental /n/ e a palatal /nh/.

b) quanto à ZONA DE ARTICULAÇÃO, as consoantes podem ser:

1) *bilabiais* (lábio contra lábio): /p/, /b/, /m/.

2) *labiodentais* (lábio inferior e arcada dentária superior): /f/, /v/.

3) *linguodentais* (língua contra arcada dentária superior): /t/, /d/, /n/.

4) *alveolares* (língua em direção ou contra os alvéolos): /s/, /z/, /l/, /r/, /rr/.

5) *palatais* (dorso da língua contra o céu da boca): /x/, /j/, /lh/, /nh/.

6) *velares* (raiz da língua contra o véu do paladar): /k/, /g/.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) O /l/ inicial da sílaba é nitidamente alveolar, enquanto o final é proferido relaxado, quase *velar*, mas tendo-se o cuidado de não fazê-lo igual a *u*. Nas ligações com a vogal inicial de outro vocábulo, soa como alveolar.

2.ª) O /rr/ *alveolar* pode ser proferido como *velar*, graças ao maior recuo da língua.

3.ª) As linguodentais /t/ e /d/ seguidas de *i* podem palatalizar-se: *tinta* e *digno* podem soar /txinta/ e /djigno/. Evite-se o exagero destas palatalizações.

c) quanto ao papel das CORDAS VOCAIS, as consoantes podem ser surdas e sonoras.

Surdas: /p/, /f/, /t/, /s/, /x/, /k/.

Sonoras: /b/, /v/, /d/, /z/, /j/, /g/, /m/, /n/, /nh/, /l/, /lh/, /r/, /rr/.

São sonoras as consoantes *vibrantes*, *nasais* e o /l/ lateral.

d) quanto ao papel das CAVIDADES BUCAL e NASAL, as consoantes podem ser *orais* e *nasais*. São nasais /m/, /n/, /nh/.

As outras são orais.

QUADRO DA CLASSIFICAÇÃO DAS CONSOANTES

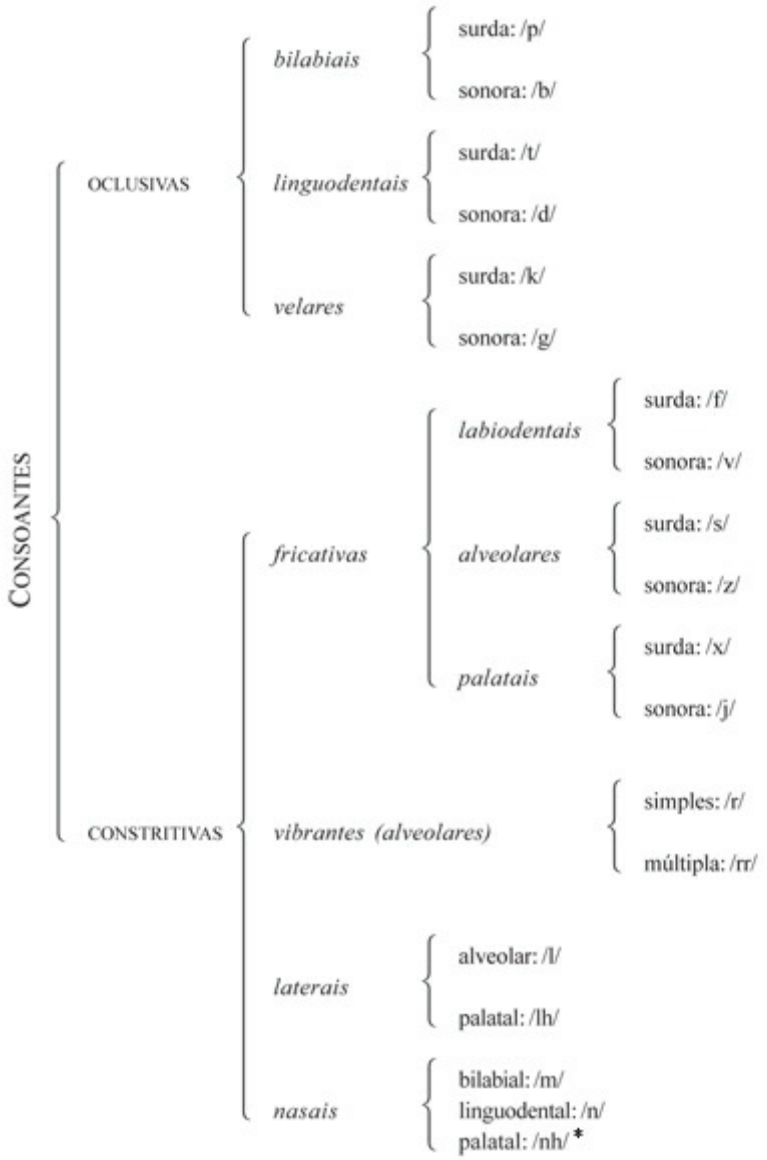

* Para fugir a uma oposição errônea *surda/sonora/nasal*, preferimos, ainda com a aquiescência da NGB, colocar as *nasais* entre as constritivas. Há autores que fazem das *nasais* uma classe à parte, ou as põem entre as oclusivas, critérios também defensáveis.

Encontro consonantal – Assim se chama o seguimento imediato de duas ou mais consoantes de um mesmo vocábulo. Há encontros consonânticos pertencentes a uma sílaba, ou a sílabas diferentes. Os primeiros terminam por *l* ou *r*: li-*vr*o; *bl*u-sa; *pr*o-sa; *cl*a-mor; ri*t-m*o; pa*c-t*o; a*f-t*a, a*d-m*i-tir.

O encontro consonantal /cs/ é representado graficamente pela letra *x*: anexo, fixo.

São mais raros em nossa língua os seguintes encontros consonânticos encontráveis em vocábulos eruditos. Estes encontros são separáveis, salvo os que aparecem no início de vocábulos:

bd: lamb-da	*ft*: af-ta
bs: ab-so-lu-to	*pn*: pneu, pneu-má-ti-co
cç: sec-ção	*ps*: psiu
dm: ad-mi-tir	*pt*: ap-to
gn: dig-no	*tm*: ist-mo
mn: mne-mô-ni-co	*tn*: ét-ni-co

Tais encontros merecem especial cuidado porque, na pronúncia despreocupada, tendem a constituir duas sílabas pela intercalação de uma vogal:

advogado	e não	*adivogado* ou *adevogado*
absoluto	e não	*abissoluto*
admirar	e não	*adimirar*
afta	e não	*áfita*
ritmo	e não	*rítimo*
pneu	e não	*pineu* / *peneu*
indigno	e não	*indíguino*

O desejo de corrigir o engano leva muitas vezes à omissão de vogal de certos vocábulos:

adivinhar	e não	*advinhar*
subentender	e não	*subtender*

Dígrafo – Não se há de confundir *dígrafo* ou *digrama* com encontro consonantal. *Dígrafo* é o emprego de duas letras para a representação gráfica de um só fonema: pa*ss*o (cf. paço), *ch*á (cf. xá), ma*nh*ã, pa*lh*a, *en*viar, m*an*dar.

Há dígrafos para representar consoantes e vogais nasais.11 Os dígrafos para consoantes são os seguintes, todos inseparáveis, com exceção de *rr* e *ss*, *sc*, *sç*, *xc*:

ch:	chá	*xs*:	exsudar 'transpirar'
lh:	malha	*rr*:	carro
nh:	banha	*ss*:	passo
sc:	nascer	*qu*:	quero
sç:	nasça	*gu*:	guerra
xc:	exceto		

Para as vogais nasais:

am ou *an*:	campo, canto
em ou *en*:	tempo, vento
im ou *in*:	limbo, lindo

om ou *on*: ombro, onda
um ou *un*: tumba, tunda

Letra diacrítica – É aquela que se junta a outra para lhe dar valor fonético especial e constituir um dígrafo. Em português as letras diacríticas são *h*, *r*, *s*, *c*, *ç*, *u* para os dígrafos consonantais e *m* e *n* para os dígrafos vocálicos: c*h*á, car*r*o, pas*s*o, q*u*ero, ca*m*po, o*n*da.

OBSERVAÇÃO: Daí se tiram as seguintes conclusões aplicáveis à análise fonética:

1.ª) Não há ditongo em q*u*ero;

2.ª) *M* e *n* não são aqui fonemas consonânticos nasais em caMpo, oNda, mas há autores que os classificam como consoantes, por não aceitarem a existência de vogais nasais (Mattoso Câmara).

3.ª) *Qu* e *gu* se classificam como /k/ e /g/, respectivamente.

2 – FONÉTICA EXPRESSIVA OU FONOESTILÍSTICA

Os fonemas com objetivos simbólicos – Muitas vezes utilizamos os fonemas para melhor evocar certas representações.

É deste emprego que surgem as *aliterações*, as *onomatopeias* e os *vocábulos expressivos*.

Aliteração – É a repetição de fonema, vocálico ou consonântico, igual ou parecido, para descrever ou sugerir acusticamente o que temos em mente e expressar, quer por meio de uma só palavra quer por unidades mais extensas.

O sossego do vento ou o barulho ensurdecedor do mar ganham maior vivacidade através da aliteração dos seguintes versos:

"As asas ao sereno e sossegado vento" (utilização do fonema fricativo alveolar sonoro e surdo).

"Bramindo o negro mar de longe brada" (utilização principal dos fonemas *b*, *r* e *d*).

A aliteração tanto pode servir ao estilo solene e culto, como nos exemplos referidos, como pode estar presente nas manifestações de espontânea expressividade popular, conforme se vê nos provérbios, nas frases feitas, nos modos de dizer populares: *são e salvo*, *cara ou coroa*, *de cabo a rabo*, etc. O que importa acentuar é que a aliteração mais ocorre na exteriorização psíquica e no apelo do *que* na comunicação intelectiva.

Onomatopeia – É o emprego de fonema em vocábulo para descrever acusticamente um objeto pela ação que exprime.

São frequentes as onomatopeias que traduzem as vozes dos animais e os sons das coisas:

O *tique-taque* do relógio, o *marulho* das ondas, o *zunzunar* da abelha, o *arrulhar* dos pombos.

Vocábulo expressivo – É o que não imita um ruído, mas sugere a ideia do ser que se quer designar com a ajuda do valor psicológico de seus fonemas: *romper*, *tagarelar*, *tremeluzir*, *jururu*, *ziriguidum*, *borogodó*.

Encontros de fonemas que produzem efeito desagradável ao ouvido – Muitas vezes, certos encontros de fonemas produzem efeito desagradável que repugna o ouvido e, por isso, cumpre evitar, sempre que possível. Esses defeitos são mais perceptíveis nos textos escritos porque a pessoa que os lê nem sempre faz as pausas e as entonações que o autor utilizou, com as quais diminui ou até anula os encontros de fonema que geram sons desagradáveis.

Entre os efeitos acústicos condenados estão: a *colisão*, o *eco*, o *hiato* e a *cacofonia*.

Colisão – É o encontro de consoantes que produz desagradável efeito acústico:

> "*Se eu tenho de morrer na flor dos anos,*
> *Meu Deus! não seja já*" [CA.1, 73].

Às vezes a omissão de um substantivo aproxima duas preposições de que resulta colisão, fato que os escritores não se esforçam por evitar:

> "Tenho ali na parede o retrato dela, ao lado *do do* marido, tais quais na outra casa" [MA.3, 21]
>
> "A voz da nova mestra era doce, não daquela doçura *da de* sua mãe, um canto de pássaro mais que uma voz humana" [JL.1, 13].

Também quase sempre não se evita a colisão do tipo de *no número*, *na nave*, *na noite*, *na nossa vida*, etc. Pode-se, sem ser obrigatório, fugir à colisão mediante substituição de *no*, *na*, *num*, etc. por *em o*, *em a*, *em um*, etc.: *em o* número, *em a* nave.

Eco – É a repetição, com pequeno intervalo, de palavras que terminam de modo idêntico:

> "Estas palavras subordinam frases em que se exprime condi*ção* necessária à realiza*ção* ou n*ão* realiza*ção* da a*ção* principal."

Hiato – O hiato de vogais tônicas torna-se desagradável principalmente quando formado pela sucessão de palavras:

> *Hoje há aula.*

Cacofonia ou **cacófato** – É o encontro de sílabas de duas ou mais palavras que forma um novo termo de sentido inconveniente ou ridículo em relação ao contexto:

> "Ora veja co*mo ela* está estendendo as mãozinhas inexperientes para a chama das velas..." [CBr.1, 102].
>
> herói *da nação*, no*sso hino*, bo*ca dela*, nun*ca que es*tuda

Deve-se evitar, tanto quanto possível, que uma palavra comece pela mesma sílaba com que a anterior acabe: *torre redonda*, *por razão*, *por respeito*, *pouca cautela*, *nunca casavam*, *ignora-se se se trata disso*.

Cuidado maior há de se ter se a junção lembra palavra pouco delicada: *o* Tiju*ca ga*nhou, o jogador mar*ca gol*, tão comuns na imprensa falada e escrita.

A leitura do texto em voz alta, antes de sua divulgação, surpreenderá muitos casos de cacófatos.

É oportuna a lição de Said Ali:

"Repara-se, hoje, com certo exagero, na cacofonia resultante da junção da sílaba terminal de um vocábulo com a palavra ou parte da palavra imediata. Não se liga, entretanto, maior importância à cacofonia quando esta se acha dentro de um mesmo vocábulo, sendo formada

por algumas das suas sílabas componentes. O mal aqui é irremediável, pois que expressões não se dispensam, nem se substituem. Muitas vezes, parece a cacofonia menos ridícula do que a vontade de percebê-la... O estudante evite, sempre que puder, semelhantes combinações de palavras, assim como quaisquer outras de onde possam nascer uns longes de cacofonia, e não se preocupe com descobri-los nos outros." [SA.1, 306-7]

B) Ortoépia ou Ortoepia

Ortoépia é a parte da gramática que trata da correta pronúncia dos fonemas.

Preocupa-se não apenas com o conhecimento exato dos valores fonéticos dos fonemas que entram na estrutura dos vocábulos, considerados isoladamente ou ligados na enunciação da oração, mas ainda com o ritmo, a entoação e expressão convenientes à boa elocução.

Vogais – Quanto à emissão das vogais, na pronúncia normal brasileira, observemos que:

a) São fechadas as vogais nasais; por isso não distinguimos as formas verbais terminadas em *-amos* e *-emos* do pres. e pret. perf. do indicativo da 1.ª e 2.ª conjugações: Ontem trabalh*amos* e agora trabalh*amos*.

b) Soam muitas vezes como nasais as vogais seguidas de *m*, *n* e principalmente *nh*: c*a*ma, c*a*na, b*a*nha, c*e*na, f*i*na, Ant*ô*nio, *u*nha;

OBSERVAÇÃO: Sem nasalidade proferem-se as vogais desses e de vários outros vocábulos: *emitir*, *emissário*, *eminente*, *energia*, *enaltecer*, *Enaldo*, etc.

c) Soam quase sempre como orais as vogais precedidas de *m*, *n* ou *nh*: m*a*ta, n*a*ta, c*o*mpanhia, m*i*lho. Assim, não tem razão linguística a pronúncia nasalada do *mas* /mãs/. Entretanto, *mui* e *muito* se proferem /mũi/, /mũito/.

d) Soam igualmente o *a* artigo, *a* preposição, *a* pronome e o *à* resultante da crase. Não se alonga o *à*, "salvo, muito excepcionalmente, se houver necessidade imperativa, para a inteligência da frase, caso em que o resultante da crase poderá ser pronunciado com certa tonicidade e ênfase" (*Normas*, 481).

e) São reduzidas as vogais *e* e *o* átonas finais, que soam /*i*/ e /*u*/, respectivamente: frent*e*, carr*o*.

f) São oscilantes /e/, /i/, /*ẽ*/, /ĩ/, /o/, /u/, /õ/, /ũ/, reduzidos pretônicos em numerosos vocábulos, oscilação que corresponde "a uma gradação de frequência de meio cultural, de nível social ou de tensão psíquica do indivíduo falante" (*Normas*, 482): pedir /pedir/ ou /pidir/; estudo /estudu/ ou /istudu/; sentir /sentir/ ou /sintir/; costura /costura/ ou /custura/; compadre /compadre/ ou /cumpadre/. Neste caso estão as preposições *com* e *por* que, salvo nas situações enfáticas, devem ser pronunciadas /kũ/ e /pur/. Fazem exceção muitos vocábulos eruditos e os compostos de *entre*: *embriogenia*, *hendíade*, *hexágono*, *entremeio* [AN.1, 14].

g) Em linguagem cuidada, evita-se a oscilação de que anteriormente se falou, quando tem valor opositivo, isto é, serve para distinguir palavras de significado diferente: eminente /

iminente; emigrar / imigrar; descrição / discrição.

h) u depois de *g* ou *q* ora é vogal ou semivogal (e aí se profere), ora é componente de dígrafo (e aí não se pronuncia).

Entre outras deve ser proferido nas seguintes palavras depois do *g*: *aguentar*, *ambiguidade*, *apaziguar*, *arguição*, *arguir*, *bilíngue*, *consanguíneo*, *contiguidade*, *ensanguentado*, *exiguidade*, *lingueta*, *linguista*, *redarguir*, *sagui* ou *saguim*, *unguento*, *unguiforme*.

Não se deve proferir o *u* depois do *g* em: *distinguir*, *exangue*, *extinguir*, *langue*, *pingue* (= gordo, fértil, rendoso).

É facultativo pronunciá-lo em: *antiguidade*; *sanguíneo*; *sanguinário*; *sanguinoso*.

Profere-se o *u* depois do *q* em: *aquícola*, *consequência*, *delinquência*, *delinquir*, *equestre*, *equevo*, *equidistante*, *equino* (= cavalar), *equitativo*, *equipolente* (também *equipolente*), *frequência*, *iniquidade*, *loquela*, *obliquidade*, *quercina*, *quingentésimo*, *quinquênio*, *quiproquó*, *sequência*, *Tarquínio*, *tranquilo*, *ubiquidade*.

Não se profere o *u* depois do *q* em: *adquirir*, *aniquilar*, *aqueduto*, *equilíbrio*, *equinócio*, *equipar*, *equiparar*, *equitação*, *equívoco*, *extorquir*, *inquérito*, *inquirir*, *sequioso*, *quérulo*, *questão*, *quibebe*.

É facultativo pronunciá-lo em: *antiquíssimo*, *equidade*, *equivalente*, *equivaler*, *liquidação*, *liquidar*, *líquido*, *liquidificador*, *retorquir*.

Diz-se *quatorze* ou *catorze*, sendo a primeira mais generalizada entre brasileiros.

i) Em muitos vocábulos há dúvidas quanto ao timbre das vogais. Recomendamos timbre aberto para o *e* em: *acerbo*, *Aulete*, *anelo*, *badejo*, *benesse*, *blefe*, *caterva*, *cedro*, *cerdo*, *cetro*, *cerne*, *cervo*, *coeso*, *coevo*, *coleta*, *cogumelo*, *confesso*, *corbelhe*, *duelo*, *espectro*, *equevo*, *flagelo*, *ileso* (também *ileso* com *e* fechado), *indefesso*, *besta* ('arma'), *doesto*, *lerdo*, *medievo*, *elmo*, *obsoleto*, *paredro*, *prelo*, *primevo*, *relho*, *septo*, *servo*, *Tejo*, *terso*.

É fechado em: *acervo* (também *acervo* com *e* aberto), *achega*, *adejo*, *adrede*, *alameda*, *amuleto*, *anacoreta*, *arabesco*, *aselha*, *bacelo*, *besta* ('animal de carga'), *bissexto*, *bofete*, *caminhoneta*, *cerebelo*, *cateto*, *cerda*, *destra*, *destro*, *devesa*, *defeso*, *dueto*, *entrevero*, *escaravelho*, *efebo*, *extra*, *fechar* (e suas formas *fecho*, *fechas*, *feche*, etc.), *ginete*, *grumete*, *indefeso*, *interesse* (s.), *ledo*, *lampejo*, *labareda*, *magneto*, *palimpsesto*, *panfleto*, *pez*, *quibebe*, *reses*, *retreta*, *Roquete*, *sobejo*, *veneta*, *vereda*, *vinheta*, *versalete*, *vespa*, *vedeta*, *verbete*, *xerez*, *xepa*. As autoridades recomendam o timbre fechado em *pese* (na expressão *em que pese a*), *centopeia* e *colmeia* (mas a pronúncia com timbre aberto é generalizada entre nós). Diz-se *topete* com *e* aberto ou fechado; *vedete* é mais proferido com *e* aberto no Brasil.

Tem timbre aberto o *o* tônico de: *amorfo*, *canoro*, (de) *envolta*, *dolo*, *forum*, *hissope*, *imoto*, *inodoro*, *manopla*, *meteoro*, *molho* ('feixe'), *noto* ('vento sul'), *opa* ('capa'), *piloro*, *probo*, *sinagoga*, *suor*, *troço* ('coisa'), *trombose*, *tropo*.

Tem timbre fechado o *o* tônico de: *aboio*, *alcova*, *apodo*, *alforje*, *algoz*, *boda*, *bodas*, *cochicholo*, *chope*, *cachopa*, *choldra*, *ciclope* (também aberto), *corça*, *desporto*, *filantropo*, *foro* ('jurisdição'), *loa*, *logro*, *lorpa*, *loto* ('jogo' também aberto), *Mausolo*, *malogro*, *mirolho*, *misantropo*, *molosso*, *odre*, *serôdio*, *teor*, *torpe*, *torso*, *torvo*, *transbordo*, *troço*

('parte'), *trolha*, *volvo*, *zarolho*, *zorro*.

j) Quanto aos ditongos, cumpre notar: *ai*, *ei* e *ou* devem guardar, na pronúncia cultivada, sua integridade, não se exagerando o valor do *i* ou *u*, nem os eliminando, como o faz a modalidade distensa: *caixa*, *queijo*, *ouro*.

Soa como ditongo nasal *ão* a sílaba átona final -*am*: *amam*.

Soam como ditongo nasal *ẽi* as sílabas -*em*, -*ém*, -*en*, -*ens* de muitos vocábulos: *bem*, *vem*; *vintém*, *ninguém*; *vens*, *homens*; *armazéns*, *parabéns*.

Normalmente ditongamos, pelo acréscimo de um *i*, as vogais tônicas finais seguidas de -*z* ou -*s*. Assim não fazemos a diferença entre *pás*, *paz* e *pais*; *más* e *mais*; *rapaz* e *jamais*; *vãs* e *mães*. Os poetas brasileiros nos dão bons exemplos destas ditongações.

Só por imitação dos poetas lusitanos (porque dizem *tãy*), entre os brasileiros, a rima *tem* e *mãe* aparece às vezes, como em Casimiro de Abreu:

> "*O país estrangeiro mais belezas*
> *Do que a pátria, não tem;*
> *E este mundo não val um só dos beijos*
> *Tão doces duma mãe*." [SS.4, 73]

Soam como ditongo, e não como hiato: *gratuito*, *fluido*, *fortuito*, *arraigar*, entre outros.

l) Quanto aos hiatos observemos que se desenvolve um *i* ou *u* semivogais nos encontros formados por ditongo decrescente seguido de vogal final ou ditongo átono: *praia prai-ia*; *tuxaua tuxau-ua*; *goiaba goi-iaba*; *boiem boi-iem* (cf. *Normas*, 486).

O mesmo desenvolvimento das referidas semivogais nos hiatos cuja primeira vogal seja *i* o u *u* tônicos e cuja segunda vogal seja final de vocábulo, "variará de acordo com as necessidades expressionais ou as peculiaridades individuais" (*Normas*, 485-6): via: *vi-a* ou *vi-ia*; lu-a: *lu-a* ou *lu-ua*.

Consoantes – Soam levemente as consoantes *b*, *c*, *d*, *f*, *g*, *s*, *t* quando finais de vocábulos: *sob*, *Moab*, *Isaac*, *Cid*, *Uf*, *Gog*, *fórceps*, *Garrett*, *Laet*.

Nos vocábulos eruditos as terminações átonas -*ar*, -*er*, -*en*, -*ex*, -*on* devem guardar sua integridade em pronúncia: *aljôfar*, *certâmen* (também *certame*) , *esfíncter*, *índex*, *cólon*, *númen* (também *nume*), *regímen* (também *regime*).

O *l* final de sílaba é proferido relaxado, quase velar, mas tendo-se o cuidado de não fazê-lo igual a *u*: *nacional*. Na língua literária dos românticos, mais em poesia, registra-se a troca do *l* por *r* nos grupos *bl*, *cl*, *fl*, *pl*, de algumas palavras: *neblina / nebrina*; *clina / crina*; *flauta / frauta*; *plantar / prantar*, etc.

Na palavra *sublinhar* e derivados o *l* deve ser pronunciado separadamente do *b*. Entre portugueses ouve-se como *sublime*.

O *r* múltiplo alveolar pode ser proferido como velar, graças ao maior recuo da língua, e até com articulação dorso-uvular (portanto mais carregado ainda), embora as *Normas* não a recomendem na pronúncia cuidada: *mar*, *avermelhar*. Nas palavras *abrupto*, *ab-rogar*, *ad-rogar*, *sub-rogar*, e derivados, o *r* deve ser pronunciado múltiplo e separado, isto é, sem fazer grupo com a consoante anterior.

O *m* final pode guardar sua integridade de pronúncia, não nasalizando o *e* anterior, no vocábulo *totem*, admitindo a grafia *tóteme*. Em *bem-amado* e *bem-aventurado*, nasaliza o *e* anterior, e não se liga ao *a* seguinte. Diz-se *infligir*, e não *inflingir*. Em *mancheia*, a sílaba inicial ouve-se /mã/; em *mão-cheia* ouve, naturalmente, /mãũ/. Em outros casos, temos facultativa a nasalização: *Roraima*, *Jaime*, *paina*.

As linguodentais *d* e *t*, seguidas de *i*, podem palatizar-se, evitando-se, entretanto, o exagero (articulação africada linguopalatal): *dia*, *tia*.

O *s* soa aproximadamente como se fora *j*, mas sem exagero, antes de *b*, *d*, *g*, *j*, *l*, *m*, *r* e *v*: *desjejum*, *deslizar*, *esmo*, *asno*, *esbarrar*, *esdrúxulo*, *engasgar*, *asno*, *desregrar*, *desvão*. Como bem acentua Antenor Nascentes [AN.1, 27], em outros pontos do país o *s*, nestes casos, soa aproximadamente como /z/.

Antes de *c*, *f*, *p*, *q*, *t*, *x* e ainda no fim de vocábulo que não se ligue ao seguinte, o *s* tem som próximo de /x/: *descampado*, *esfregar*, *respeito*, *esquivo*, *deste*, *desxadrezar*. Em outros pontos do país, segundo o autor anteriormente citado, o *s* nestas circunstâncias é sibilante, como na palavra *selva*.

Tem o som de /z/ entre vogais nos compostos do prefixo *trans* (*transatlântico*, *transação*, *transitivo*, etc.) e na palavra *obséquio* e derivados. Em *transe* (que se grafa também *trance*), *subsídio*, *subsidiar*, *subsistir*, *subsistência* e outros da mesma família, o *s* pode soar como sibilante (como em *selva*) ou como /z/. Se o elemento a que se prefixa *trans-* começa por *s*, não se duplica esta consoante que será proferida como sibilante: *Transilvânia* e derivados, *transiberiano*. Com o prefixo *ob* seguido a elemento começado por *s*, este soa como sibilante: *obsessão*, *obsidiar*, etc. No final *-simo* (de *vigésimo*, *trigésimo*, etc.) soa como /z/.

Escrevendo-se *aritmética* (com *t*), é mais usual proferir esta consoante. Pode-se ainda grafar *arimética*.

X tem quatro valores: 1) fricativo palatal como em *xarope*; 2) fricativo alveolar sonoro como em *exame*; 3) fricativo alveolar surdo (= ss) como em *auxílio*; 4) vale por /ks/ e /kz/ como em *anexo* e *hexâmetro*.

X soa /z/ nas palavras: *exação*, *exagero*, *exalar*, *exaltar*, *exame*, *exangue*, *exarar*, *exasperar*, *exato*, *exautorar*, *executar*, *êxedra*, *exegese*, *exegeta*, *exemplo*, *exéquias*, *exequível*, *exercer*, *exercício*, *exército*, *exaurir*, *exibir*, *exigir*, *exilar*, *exílio*, *exímio*, *existir*, *êxito*, *êxodo*, *exógeno*, *exonerar*, *exorar*, *exorbitar*, *exorcismo*, *exórdio*, *exornar*, *exótico*, *exuberar*, *exuberante*, *exultar*, *exumar*, *inexorável*.

Soa como /s/ em: *auxílio*, *máxima*, *Maximiliano*, *Maximino*, *máximo*, *próximo*, *sintaxe*, *trouxe*, *trouxera*, *trouxer*.

Soa como /ks/ ou /kz/, conforme o caso, em: *afluxo*, *anexo*, *axila*, *áxis*, *axiômetro*, *complexo*, *convexo*, *crucifixo*, *doxologia*, *fixo*, *flexão*, *fluxo*, *hexâmetro* (também soa como /z/), *hexaedro*, *hexágono* (também soa como /z/), *hexassílabo*, *índex*, *intoxicar*, *léxico*, *maxilar*, *nexo*, *máxime*, *ônix*, *ortodoxo*, *óxido*, *oximoro*, *prolixo*, *oxigênio*, *paradoxo*, *reflexo*, *sexagenário*, *sexagésimo*, *sexo*, *sílex*, *tórax*, *tóxico*.

É proferido indiferentemente como /ks/ ou /s/ em: *apoplexia*, *axioma* e *defluxo*.

Vale por /s/ no final de: *cálix*, *Félix*, *fênix* e na locução adverbial *a flux*.

O *z* em fim de palavra que não se ligue à seguinte, soa levemente chiado: *luz*, *conduz*.

Entre os casos particulares, são de notar:

– o *ch* em *Anchieta* e derivados soa chiado;

– o *cz* de *czar* (que também pode se escrever *tzar*) deve ser proferido como /ts/; o *lh* de *Alhambra* não constitui dígrafo como em *malha*; deve-se proferir o vocábulo como se não houvesse o *h*;

– o *w* do nome *Darwin* e dos derivados (*darwinismo*, *darwinista*, etc.) soa como /u/.

Sc e *xc* soam como /s/ em palavras como *nascer*, *descer*, *crescer*, *excelência*, *exceto*, *excelso*, *excídio*, *excisão*, *excita*.

Os encontros consonânticos devem ser pronunciados com valores fonéticos próprios, sem intercalação de *e* ou *i*: *pseudônimo*, *pneumático*, *mnemônico*, *apto*, *elipse*, *absoluto*, *admissão*, *adjetivo*, *ritmo*, *afta*, *indigno*, *recepção*, *advogado*, *accessível* (ao lado de *acessível*), *secção* (ao lado de *seção*), *samnita*, *sublinhar* (b-li), *subliminar* (b-li).

Ligação dos vocábulos – Cuidado especial merece a boa articulação dos fonemas, mormente finais e iniciais, na sequência dos vocábulos, desde que uma pausa não os separe.

a) *Vogais ou ditongos finais de vocábulo com vogais ou ditongos iniciais de vocábulo*

Quando a palavra termina por vogal tônica e o vocábulo seguinte começa com vogal ou ditongo tônicos, normalmente se respeita o hiato interverbal: *ali há*, *lá houve*, *li ontem*.

Se a vogal final é tônica e o vocábulo seguinte começa por vogal ou ditongo átonos, proferimos normalmente o hiato; mas pode ocorrer, muitas vezes, a ditongação se a vogal átona for *i* ou *e* ou *u* ou *o*:

segui aquela; *já ouvi*, *lá ironizei*, *vê umedecer*.

OBSERVAÇÃO: Evita-se a ditongação quando daí resultar uma sequência de sílabas tônicas: *boné usado*, *lá iremos*.

Se a vogal final é átona e o vocábulo seguinte começa por vogal tônica, normalmente se respeita o hiato: *essa hora*, *terreno árido*.

Neste caso pode ainda ocorrer a fusão (crase) das duas vogais se forem idênticas (essa fusão produz certo alongamento da vogal indicada aqui pelo mácron ¯), ou a ditongação, se a vogal átona final for *i*, *e* ou *u*, *o*:

terra árida: ter / ra / á / rida ou ter / rā / ri / da

esse ano: es / se / a / no ou es / sea / no.

OBSERVAÇÃO: Chama-se *crase* a fusão de dois ou mais sons iguais num só.

Se a vogal final e a inicial do vocábulo seguinte são átonas, pode ocorrer hiato, ditongo, crase ou elisão.

OBSERVAÇÃO: *Elisão* é o desaparecimento de uma vogal final átona em virtude do contato com a vogal inicial do vocábulo seguinte.

1) haverá hiato, fusão ou elisão se a vogal átona final for *a* e a inicial for *a* ou *ã*:

casa amarela
- *hiato*: ca / sa / a / ma / re / la
- *crase*: ca / sã / ma / re / la
- *elisão*: ca / sa / ma / re / la

casa anterior
- *hiato*: ca / sa / an / te / ri / or
- *crase*: ca / sãn / te / ri / or
- *elisão*: ca / san / te / ri / or

2) haverá hiato ou elisão se a vogal átona final for *a* e a vogal inicial *e*, *ẽ*, *o*, *õ*:

roda esportiva
- *hiato*: ro / da / es / por / ti / va
- *elisão*: ro / des / por / ti / va

porta entreaberta
- *hiato*: por / ta / en / trea / ber / ta
- *elisão*: por / ten / trea / ber / ta

3) haverá hiato, ditongo ou elisão se a vogal átona final for *a* e a inicial *i* (*e*), *ĩ* (*ẽ*), *u* (*o*), *ũ* (*õ*):

certa idade
- *ditongo*: cer / tai / da / de
- *hiato*: cer / ta / i / da / de
- *elisão*: cer / ti / da / de

certa indiferença
- *hiato*: cer / ta / in / di / fe / ren / ça
- *ditongo*: cer / tain / di / fe / ren / ça
- *elisão*: cer / tin / di / fe / ren / ça

4) haverá hiato ou ditongo se a vogal átona final for *i* (*e*) e a inicial qualquer uma, exceto *i* (*e*):

júri amigo
- *hiato*: ju / ri / a / mi / go
- *ditongo*: ju / ria / mi / go

livre arbítrio
- *hiato*: li / vre / ar / bí / trio
- *ditongo*: li / vriar / bí / trio

5) haverá hiato, crase ou elisão se a vogal átona final for *i* (*e*) e a inicial *i* (*e*) ou *ĩ* (*ẽ*):

livre imprensa
- *hiato*: li / vre / im / pren / sa
- *crase*: li / vrĩn / pren / sa
- *elisão*: li / vrin / pren / sa

6) haverá hiato, ditongo ou elisão se a vogal átona final for *u* (o u):

Santo Antônio
- *hiato*: san / to / An / tô / nio
- *ditongo*: san / toan / tô / nio
- *elisão*: san / tan / tô / nio

medo horrível
- *hiato*: mê / do / hor / rí / vel
- *ditongo*: me / duor / rí / vel

7) haverá hiato, crase ou elisão se a vogal final for *u* (*o*) e a inicial *u*:

velho humano
- *hiato*: ve / lho / hu / ma / no
- *crase*: ve / lhũ / ma / no
- *elisão*: ve / lhu / ma / no

aviso urgente
- *hiato*: a / vi / so / ur / gen / te
- *crase*: a / vi / sũr / gen / te
- *elisão*: a / vi / sur / gen / te

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Ocorrem os fenômenos acima apontados com os vocábulos iniciados por ditongos decrescentes, por iniciar por vogal. Em vez de ditongo, teremos tritongo:

jeito airoso (cf. 6)
- *hiato*: jei / to / ai / ro / so
- *tritongo*: jei / tuai / ro / so
- *elisão*: jei / tai / ro / so

2.ª) A preposição *para* pode reduzir-se a *pra* (e não p'ra), hoje usada até entre literatos. Esta forma, quando seguida do artigo *o*, *a*, *os*, *as* e com ele combinada, é grafada, respectivamente, *pro*, *pra* (para a), *pros*, *pras*.

3.ª) Pelo se reduz a *plo* (mais comum em Portugal), forma que, combinada com o artigo ou pronome *o*, *a*, *os*, *as*, é grafada *plo*, *pla*, *plos*, *plas*. Entre portugueses ouve-se ainda *pro* e *pros* com *o* aberto.

4.ª) A preposição *com* pode ter a nasalidade enfraquecida e combinar-se com *o*, *a*, *os*, *as*, dando origem às formas *co*, *ca*, *cos*, *cas*, empregadas mais com frequência na linguagem familiar e vulgar, de Portugal. É o que se chama *ectlipse*.

b) *Consoante final de vocábulo com fonema inicial de vocábulo*

A consoante final de uma palavra seguida de vogal inicial (ou semivogal), sem pausa intermediária, deve ser proferida como se fosse intervocálica, isto é, liga-se a uma vogal

obedecendo às normas já estabelecidas:

"*De um sentir*⋃*aventurado*"

"*É talvez*⋃*a voz mimosa*"

"*Gentil*⋃*infante, engraçado*"

"*Que dás*⋃*honra e valor*"

A consoante final *b* (em *sob*, por exemplo) seguida de outra consoante inicial deve ser proferida sem aparecimento de um *i* ou *e* intermédio:

Sob luzes d'esperança

Sob fúria

Se o vocábulo seguinte começa por vogal (ou semivogal), pode o *b* final ligar-se silabicamente a ela ou direta ou com apoio de *i* ou *e* (reduzido), o que é mais comum entre nós.

Sob os céus (so-bos-céus ou so-bios-céus).

Quando a consoante que termina o vocábulo é igual à que inicia o vocábulo seguinte (o que ocorre com *l* ou *r*), ouvem-se os dois fonemas:

Incrível lábia (in-cri-vel-lá-bia)

Temor repentino (te-mor-re-pen-ti-no).

O *s* final soa aproximadamente como se fora /j/, mas sem exagero, em ligação com vocábulo iniciado por *b*, *d*, *g*, *j*, *l*, *m*, *n*, *r*, *v* e *z*, ouvindo-se os dois fonemas:

Os braços, os dedos, as gengivas, dois jeitos, as luzes, os meninos, as nuvens, os ratos, os ventos, os zumbidos.

O *s* final soa aproximadamente como se fora /x/, mas sem exagero, em ligação com vocábulo iniciado por *c*, *f*, *p*, *q*, *s*, *t*, *x* e *ch*, ouvindo-se os dois fonemas:

três cadernos, os felizes, as pessoas, as queixas,
as secas, os tempos, os xaropes, os chás.

As consoantes *x* e *z* finais são tratadas como /s/ final, nas ligações:

faz medo (x = j), *faz calor* (z = x).

O *n* final de vocábulos, como *cânon*, *íon*, *cíclotron*, deve ser proferido sem nasalizar fortemente a vogal anterior, conforme vimos; nas ligações com outro vocábulo, guarda este valor quando é seguido de consoante: *cânon bíblico*.

Seguido de vogal (ou semivogal) liga-se silabicamente a esta, como se fosse inicial de sílaba; *cânon antigo*.

O *m* final de *bem-aventurado*, *bem-amado* e semelhantes nasaliza a vogal anterior, não se ligando à seguinte, como se fosse inicial de sílaba.

Quando o indefinido ou numeral *uma* é seguido de vocábulo começado por *m* não se deve proferir o *m*, soando, portanto, *ũa*, forma com que, às vezes, aparece grafado (evite-se a forma *u'a*):

uma mensagem, uma mão.

Ortografia e Ortoépia – Certos hábitos de grafia tendentes a preservar letras gregas e latinas que não constituem fonemas em português acabaram levando a que tais letras passassem a ser erradamente proferidas. Já vimos o caso do dígrafo *sc* de nascer, piscina, etc. É o que ocorre também com o latim *phlegma* que passou ao português *fleuma*, *fleima*. Por

motivo etimológico, persistem as grafias errôneas *fleugma*, *fleugmático*, onde o *g* não deve ser proferido, mas o é por influência da grafia.

Outras más soluções do sistema gráfico favorecem erros de pronúncia, como ocorre com *sublinhar* (b-li), *abrogar*, *abrupto*, que já se ouvem como se aí houvesse grupo consonantal: *su - bli - nhar*.

C) Prosódia

Prosódia é a parte da fonética que trata da correta acentuação e entonação dos fonemas.

A preocupação maior da prosódia é o conhecimento da sílaba *predominante*, chamada *tônica*.

Sílaba – É um fonema ou grupo de fonemas emitido num só impulso expiratório.

Em português, o elemento essencial da sílaba é a vogal.

Quanto à sua *constituição*, a sílaba pode ser *simples* ou *composta*, e esta última *aberta* (ou *livre*) ou *fechada* (ou *travada*).

Diz-se que a sílaba é *simples* quando é constituída apenas por uma vogal: *e*, *há*, *ah*!

Sílaba composta é a que encerra mais de um fonema: *ar* (vogal + consoante), *lei* (consoante + vogal + semivogal), *vi* (consoante + vogal), *ou* (vogal + semivogal), *mas* (consoante + vogal + consoante).

A sílaba composta é aberta (ou livre) se termina em vogal: *vi*; é fechada (ou travada) em caso contrário, incluindo-se a vogal nasal, porque a nasalidade vale por um travamento de sílaba: *ar*, *lei*, *ou*, *mas*, *um*.

Quanto ao número de sílabas, dividem-se os vocábulos em:

a) monossílabos (se têm uma sílaba): *é*, *há*, *mar*, *de*, *dê*;

b) dissílabos (se têm duas sílabas): *casa*, *amor*, *darás*, *você*;

c) trissílabos (se têm três sílabas): *cadeira*, *átomo*, *rápido*, *cômodo*;

d) polissílabos (se têm mais de três sílabas): *fonética*, *satisfeito*, *camaradagem*, *incovenientemente*.

Quanto à posição, a sílaba pode ser *inicial*, *medial* e *final*, conforme apareça no início, no interior ou no final do vocábulo:

fo	/	*né*	/	*ti*	/	*ca*
inicial		medial		medial		final

Quantidade – É a duração da vogal e da consoante. Distinguem-se as vogais e consoantes breves (se a pronúncia é rápida) das vogais e consoantes longas (se a pronúncia é demorada). Assinalamos a vogal breve com o sinal (˘) que se denomina *braquia* ou *bráquia*, e a vogal longa com o sinal (¯) chamado *mácron*: *ă* (*a* breve), *ā* (*a* longo).

Há língua em que a quantidade desempenha importante papel, para distinguir vocábulos e formas gramaticais, como em latim, em inglês ou alemão. Em latim, *rosă* (com *a breve*) não tem a mesma aplicação gramatical de *rosā* (com *a longo*), distinguindo-se, pela quantidade, o nominativo do ablativo, por exemplo. "Em inglês xĭp e xīp (que se escrevem *ship* e *sheep*) significam, respectivamente, *navio* e *carneiro*" [SA.2, 15]. Em latim, *ŏs* (com *o* breve) significa 'osso'; com *o* longo, *ōs* significa 'boca'.

Em português, a quantidade é pouco sentida e não exerce notável papel na caracterização e distinção dos vocábulos e formas gramaticais. Em geral, são mais rápidas as vogais seguidas de consoante surda (*lato / lado*) ou de *r* vibrante múltipla (*carro / caro*). Só excepcionalmente alongamos vogais e consoantes, como recursos estilísticos para imprimir ênfase, e constitui um dos grandes auxiliares da oratória:

> "Se pudéssemos, nós que temos experiência da vida, abrir os olhos dessas mariposinhas tontas ... Mas é inútil. Encasqueta-se-lhes na cabeça que o *amor*, o *amoor*, o *amooor* é tudo na vida, e adeus" [ML.1, 147].
>
> *BARbaridade*!

Acentuação – é o modo de proferir um som ou grupo de sons com mais relevo do que outros.

Este relevo se denomina *acento*. Diz-se que o acento é de *intensidade* (acento de força, acento dinâmico, acento expiratório ou icto), quando o relevo consiste no maior esforço expiratório. Diz-se que o acento é *musical* (acento de *altura* ou *tom*), quando o relevo consiste na elevação ou maior altura da voz.

O português e as demais línguas românicas, o inglês, o alemão, são línguas de *acento de intensidade*; o latim e o grego, por outro lado, possuem *acento musical*.

O acento de intensidade se manifesta no vocábulo considerado isoladamente (acento vocabular) ou ligado na enunciação da frase (acento frásico).

Acento de intensidade – Numa palavra nem todas as sílabas são proferidas com a mesma intensidade e clareza. Em *sólida*, *barro*, *poderoso*, *material*, há uma sílaba que se sobressai às demais por ser proferida com mais esforço muscular e mais nitidez e, por isso, se chama *tônica*: ***só***lida, ***ba***rro, pode***ro***so, materi***al***. As outras sílabas se dizem *átonas* e podem estar antes (pretônicas) ou depois (postônicas) da tônica:

po	–	*de*	–	*ro*	–	*so*
átona		átona		tônica		átona
pretônica		pretônica				postônica

Dizemos que nas sílabas fortes repousa o *acento tônico* do vocábulo (*acento da palavra* ou *acento vocabular*).

Existem ainda as sílabas semifortes chamadas *subtônicas* que, por questões rítmicas, compensam o seu afastamento da sílaba, tônica, fazendo que se desenvolva um acento de menor intensidade – *acento secundário*. Delas nos ocuparemos mais adiante.

Posição do acento tônico – Em português, quanto à posição do acento tônico, os vocábulos de duas ou mais sílabas podem ser:

a) *oxítonos*: o acento tônico recai na *última* sílaba: materi***al,*** princi***pal***, ca***fé***;

b) *paroxítonos*: o acento recai na *penúltima* sílaba: ***ba***rro, pode***ro***so, ***Pe***dro;

c) *proparoxítonos*: o acento tônico recai na *antepenúltima* sílaba: ***só***lida, feli***cí***ssimo.

OBSERVAÇÕES: Em *estudávamo-lo,* o acento tônico aparece na pré-antepenúltima sílaba, porque os monossílabos átonos formam um todo com o vocábulo a que se ligam foneticamente. É por isso que *fá-lo* é paroxítono e *admiras-te*, proparoxítono.

Em português, geralmente a sílaba tônica coincide com a sílaba tônica da palavra latina de que se origina.

Há vocábulos, como os que vimos até agora, que têm individualidade fonética e, portanto, acento próprio, ao lado de outros sem essa individualidade. Ao serem proferidos acostam-se ou ao vocábulo que vem antes ou ao que os segue. Por isso, são chamados *clíticos* (que se inclinam), e serão *proclíticos* se se inclinam para o vocábulo seguinte (*o* homem, *eu* sei, *vai* ver, *mar* alto, *não* viu) ou enclíticos, se para o vocábulo anterior (vejo-*me*, dou-*a*, fiz-*lhe*).

Os clíticos são geralmente monossilábicos que, por não terem acento próprio, também se dizem *átonos*. Os monossilábicos de individualidade fonética se chamam *tônicos*.

Alguns dissílabos podem ser também clíticos ou átonos: *para* (reduzido a *pra*) ver, *quero* crer, quero *porque* quero.

A tonicidade ou atonicidade de monossílabos e de alguns dissílabos *depende sempre do acento da frase*.

Acento de intensidade e significado da palavra – O acento de intensidade desempenha importante papel linguístico, decisivo para a significação da palavra. Assim, *sábia* é adjetivo sinônimo de *erudita*; *sabia* é forma do pretérito imperfeito do indicativo do verbo *saber*; *sabiá* é substantivo designativo de conhecido pássaro.

Acento principal e acento secundário – Em *rapidamente*, a sílaba *ra* possui um acento de intensidade menos forte que o da sílaba *men*, e se ouve mais distintamente do que as *átonas* existentes nas palavras. Dizemos que a sílaba *men* contém o *acento principal* e *ra* o *acento secundário* da palavra. A sílaba em que recai o acento secundário chama-se, como vimos, *subtônica*.

Geralmente ocorre o acento secundário na sílaba radical dos vocábulos polissilábicos derivados, cujos primitivos possuam acento principal: ***rá***pido – rapidamente. Há de se prestar atenção em certos enganos de pronúncia de vocábulos com acento secundário: por exemplo, respeita-se o hiato de *tardiamente*, e não se acentue fortemente a sílaba inicial: *tárdiamente*.

Acento de insistência e emocional – O português também faz emprego do acento de intensidade para obter, com o chamado acento de insistência, notáveis efeitos. Entra em jogo ainda a quantidade da vogal e da consoante, pois, quando se quer enfatizar uma palavra,

insiste-se mais demoradamente na sílaba tônica. Os escritores costumam indicar na grafia este alongamento enfático repetindo a vogal da sílaba tônica:

> "Os dois garotos, porém, esperneiam com a mudança de mãe:
> – *Mentira*!... *Mentiiiiira*!... *Mentiiiiiiiiira*! – berra cada um para seu lado" [HC.1, 32].
> "encasqueta-se-lhes na cabeça que o *amor*, o *amoor*, o *amooor* é tudo na vida e adeus" [ML.1, 147].

O acento de insistência pode cair noutra sílaba, diferente da tônica:

> ma***ra***vilhosa, ***for***midável, in***te***ligente, ***mi***serável.

Como bem acentua Roudet, a causa essencial do fenômeno do recuo do acento "parece ser a falta de sincronismo entre a emoção e sua expressão através da linguagem. A emoção se adianta à palavra e reforça a voz desde que as condições fonéticas o permitem" [LR.1, 252].

Este acento de insistência não tem apenas caráter emocional; adquire valor intelectual e ocorre ainda para ressaltar uma distinção, principalmente com palavras derivadas por prefixação ou expressões com preposições de sentidos opostos.

> São fatos ***sub***jetivos e não ***ob***jetivos.
> Os problemas de ***im***portação e de ***ex***portação.
> ***com*** dinheiro ou ***sem*** dinheiro.

Diz Bally que a entoação expressiva e a mímica são para quem fala um permanente comentário de suas palavras.

Acento de intensidade na frase – Isoladas, as palavras regulam sua sílaba tônica pela etimologia, isto é, pela sua origem; mas, na sucessão de vocábulos, deixa de prevalecer o acento da palavra para entrar em cena o acento da frase ou *frásico*, pertencente a cada *grupo de força*.

Chama-se *grupo de força* à sucessão de dois ou mais vocábulos que constituem um conjunto fonético subordinado a um acento tônico predominante: *A casa de Pedro / é muito grande*. Notamos aqui, naturalmente, dois grupos de força que se acham indicados por barra. No primeiro, as palavras *a* e *de* se incorporam a *casa* e *Pedro*, ficando o conjunto subordinado a um acento principal na sílaba inicial de *Pedro*, e um acento secundário na sílaba inicial de *casa*. No segundo grupo de força, as palavras *é* e *muito* se incorporam foneticamente a *grande*, ficando o conjunto subordinado a um acento principal na sílaba inicial de *grande* e outro secundário, mais fraco, na sílaba inicial de *muito*.

É quase sempre fácil determinar a sílaba tônica de cada grupo de força; o difícil é precisar, em certos casos, o ponto de divisão entre dois grupos sucessivos [NT.1, 29, n.1].

A distribuição dos grupos de força e a alternância de sílabas proferidas mais rápidas ou mais demoradas, mais fracas ou mais fortes, conforme o que temos em mente expressar, determinam certa cadência do contexto à qual chamamos *ritmo*. *Prosa* e *verso* possuem ritmo. No verso, o ritmo é essencial e específico; na prosa, apresenta-se livre, variando pela iniciativa de quem fala ou escreve12.

Vocábulos tônicos e átonos: os clíticos – Nestes grupos de força certos vocábulos perdem seu acento próprio para unir-se a outro que os segue ou que os precede. Dizemos que tais

vocábulos são *clíticos* (que se inclinam) ou *átonos* (porque se acham destituídos de seu acento vocabular). Aquele vocábulo que, no grupo de força, mantém sua individualidade fonética é chamado *tônico*. Ao conjunto se dá o nome de *vocábulo fonético*: *o rei* /urrey/; *deve estar* /devistar/.

Os clíticos se dizem *proclíticos* se precedem o vocábulo tônico a que se incorporam para constituir o grupo de força:

o∪rei // ele∪disse // bom∪livro // deve∪estar

Dizem enclíticos se vêm depois do vocábulo tônico:

disse-∪me // ei-∪lo // falar-∪lhe

Em português são geralmente átonas e proclíticas as seguintes classes de palavras:

1) artigos (definidos ou indefinidos, combinados ou não com preposição): *o homem // um homem // do livro.*
2) certos numerais: *um livro // três velas // cem homens*.
3) pronomes adjuntos antepostos (demonstrativos, possessivos, indefinidos, interrogativos): *este livro // meu livro // cada dia // que fazer?*
4) pronomes pessoais antepostos: *ele vem // eu disse.*
5) pronomes relativos;
6) verbos auxiliares;
7) certos advérbios: *já vi*, *não posso*, etc.
8) certas preposições: *a*, *de*, *em*, *com*, *por*, *sem*, *sob*, *para*
9) certas conjunções: *e*, *nem*, *ou*, *mas*, *que*, *se*, *como*, etc.

São enclíticas as formas pronominais *me*, *te*, *se*, *nos*, *vos*, *o*, *a*, *os*, *as*, *lhe*, *lhes*, quando pospostas ao vocábulo tônico.

Muitas vezes, uma palavra pode ser átona ou tônica, conforme sua posição no grupo de força a que pertence. Em *o arco desaparece*, o substantivo *arco* é tônico; em *o arco-íris*13, passou a átono proclítico.

Em *grande homem*, *alto mar*, os adjetivos são átonos; em *homem grande*, *mar alto*, já são os substantivos que se atonizam. Em *eu lhe disse*, os dois pronomes pessoais são átonos proclíticos; em *disse-lhe eu*, o pronome *eu* conserva seu acento próprio. Todo este conjunto de fatos são devidos a fenômenos de *fonética sintática*.

Consequência da próclise – Os vocábulos átonos proclíticos, perdendo seu acento próprio para se subordinarem ao do tônico, seguinte, resistem menos à pressa com que são proferidos, e acabam por sofrer reduções no seu volume fonético. Dentre os numerosos exemplos de próclise lembraremos aqui:

a) a passagem de hiato a ditongo, em virtude de uma vogal passar a semivogal (sinérese):

Tuas, normalmente dissilábico, tem de ser proferido com uma sílaba nos seguintes versos de Gonçalves Dias, graças à próclise:

> "E à noite, quando o céu é puro e limpo,
> Teu chão tinges de azul, – *tuas* ondas correm."

Boa (ou *boas*), em próclise, transforma a vogal *o* em semivogal, que chega, na língua popular, a desaparecer:

> "Outros suas terras em *boa* paz regeram
> Armando-as com *boas* leis, e bons preceitos." [AF.1]
> "*bas* noite nhozinho." [L. Cardoso] 14

b) o desaparecimento da vogal da primeira sílaba de um dissílabo; para > pra: Isto é *pra* mim.

c) o desaparecimento da sílaba final de um dissílabo:

1) *santo* > *são* (diante dos nomes começados por consoante): *São* Paulo, *São* Pedro;
2) *cento* > *cem*: *cem* páginas;
3) *grande* > *grã*, *grão*: *grã*-Bretanha, *grão*-vizir;
4) *tanto* > *tão*: *tão* grande;
5) *quanto* > *quão*: *quão* belo

d) outras reduções como *senhor* > *seu*: *seu* João.

Palavras que oferecem dúvidas quanto à posição da sílaba tônica – *Silabada* é o erro de prosódia que consiste na deslocação do acento tônico de uma palavra. Ignorar qual é a sílaba tônica de uma palavra, diz Gonçalves Viana, é ficar na impossibilidade de proferi-la.

Numerosas palavras existem que oferecem dúvidas quanto à posição da sílaba tônica.

São *oxítonas*:

aloés, cateter, Cister, harém, Gibraltar, Gulbenkian, masseter, faz-se mister (= necessário), Nobel, novel, recém, refém, ruim, sutil, ureter.

São *paroxítonas*:

acórdão, âmbar, ambrosia, avaro, aziago, barbaria, cânon, caracteres, cartomancia, ciclope, edito (lei, decreto), Epifania 15, exegese, filantropo, fluido (*ui* ditongo), fortuito (*ui* ditongo), gratuito (*ui* ditongo), ibero, impio (cruel), inaudito, látex, maquinaria, misantropo, necropsia, Normandia, onagro (tb. ônagro), oximoro (tb. oximóron), Pandora, Pólux, pudico, quiromancia, simulacro.

São *proparoxítonas* (incluindo-se os vocábulos terminados por ditongo crescente):

aeródromo, aerólito, álcali, álcool, alcoólatra, *alibi* (lat.), alvíssaras, âmago, amálgama, ambrósia, anátema, andrógino, antídoto, arquétipo, autóctone, barbárie, boêmia, brâmane, cáfila, condômino, crisântemo, década, díptero, écloga, édito (ordem judicial), Éfeso, êmbolo, epíteto, épsilon, escâncaras (às), êxodo, fac-símile, fíbula, idólatra, ímpio (sem fé), ímprobo, ínclito, iníquo, ínterim, máxime ou *maxime* (lat.), ômega, Pégaso, Péricles, Ésquilo, périplo, plêiade (-a), protótipo, Tâmisa, trânsfuga, vândalo.

Palavras que admitem dupla prosódia

acróbata ou acrobata; alópata ou alopata; ambrósia ou ambrosia; crisântemo ou crisantemo; hieróglifo ou hieroglifo; nefelíbata ou nefelibata; Oceânia ou Oceania; ortoépia ou ortoepia; projétil ou projetil; réptil ou reptil; reseda (ê) ou resedá; sóror ou soror; homília ou homilia; geodésia ou geodesia; zângão ou zangão.

D) Ortografia

I – Alfabeto

1) O alfabeto português consta fundamentalmente de vinte e seis letras: *a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v, w, x, y, z*.

II – K, W, Y

2) Empregam-se em abreviaturas e símbolos, bem como em palavras estrangeiras de uso internacional: *K* = potássio; *Kr* = criptônio; *kg* = quilograma; *km* = quilômetro; *kw* = quilowatt; *kwh* = quilowatt-hora; *W* = oeste ou wolfrâmio (tungstênio); *w* = watt; *ws* = watt-segundo; *Y* = ítrio; *yd* = jarda (*yard*, inglês), etc.

3) Os derivados portugueses de nomes próprios estrangeiros devem escrever-se de acordo com as formas primitivas: *frankliniano*, *kantismo*, *darwinismo*, *wagneriano*, *zwinglianista*, *byroniano*, *taylorista*, etc.

4) O *k* é substituído por *qu* antes de *e* e *i* e por *c* antes de outra qualquer letra: *breque*, *caqui*, *faquir*, *níquel*, *caulim*, etc.

5) O *w* substitui-se, em palavras portuguesas ou aportuguesadas, por *u* ou *v*, conforme o seu valor fonético: *sanduíche*, *talvegue*, *visigodo*, etc.

6) O *k* é uma consoante, tal como o *c* antes de *a*, *o*, *u* e o dígrafo *qu* de *quero*. O *w* é uma vogal ou semivogal pronunciado como /u/ em palavras de origem inglesa: *watt-hora*, *whisky*, *waffle*, *Wallace*, *show*. E é consoante como o nosso /v/ em palavras de origem alemã: *Walter*, *Wagner*, *wagneriano*. No nome do célebre naturalista inglês *Darwin* soa como /v/, pronúncia mais geral, ou como /u/. O *y* é um som vocálico pronunciado como /i/ com função de vogal ou semivogal: *yacht* (= certo tipo de embarcação), *yard* (= jarda), *yaki-mono* (= cerâmica japonesa), *yen* (= unidade monetária, e moeda, do Japão), *yenita* (= certo mineral).

III – H

7) Esta letra não é propriamente consoante, mas um símbolo que, em razão da etimologia e da tradição escrita do nosso idioma, se conserva no princípio de várias palavras no fim de algumas interjeições: *haver*, *hélice*, *hidrogênio*, *hóstia*, *humildade*; *hã!*, *hem?*, *puh!*, *ah!*, *ih!*, *oh!*, etc.

OBSERVAÇÃO: Não se escreve com *h* final a interjeição de chamamento ou apelo *ó*: *Ó José, vem aqui!*; *Ó Laura, pare com isso!*

8) No interior do vocábulo, só se emprega em dois casos: quando faz parte do *ch*, do *lh* e do *nh*, que representam fonemas palatais, e nos compostos em que o segundo elemento, com *h* inicial etimológico, se une ao primeiro por meio do hífen: *chave*, *malho*, *rebanho*, *anti-higiênico*, *contra-haste*, *pré-histórico*, *sobre-humano*, etc.

OBSERVAÇÕES: a) Nos compostos sem hífen, elimina-se o *h* do segundo elemento: *anarmônico*, *coabitar*, *coonestar*, *desarmonia*, *exausto*, *inabilitar*, *lobisomem*, *reaver*, etc. b) Nos casos em que não houver perda do som da vogal final do 1.º elemento, e o elemento seguinte começar com *h*, serão usadas as duas formas gráficas: *bi-hebdomadário* e *biebdomadário*; *carbo-hidrato* e *carboidrato*; *zoo-hematina* e *zooematina*; *geo-história* e *geoistória*. Já quando houver perda do som da vogal final do 1.º elemento, consideraremos que a grafia consagrada deve ser mantida: *cloridrato, cloridria, clorídrico, quinidrona, sulfidrila, xilarmônica, xilarmônico*. Devem ficar como estão as palavras que já são de uso consagrado, como *reidratar, reumanizar, reabituar, reabitar, reabilitar* e *reaver*.

9) No futuro do indicativo e no condicional, não se usa o *h* no último elemento, quando há pronome intercalado: *amá-lo-ei*, *dir-se-ia*, etc.

10) Quando a etimologia o não justifica, não se emprega: *arpejo* (substantivo), *ombro*,

ontem, etc. E mesmo que o justifique, não se escreve no fim de substantivos nem no começo de alguns vocábulos que o uso consagrou sem este símbolo, *andorinha*, *erva*, *felá*, *inverno*, etc.

11) Não se escreve *h* depois de *c* (salvo o disposto no n.º 8) nem depois de *p*, *r* e *t*: o *ph* é substituído por *f*, o *ch* (gutural) por *qu* antes de *e* ou *i* e por *c* antes de outra qualquer letra: *corografia*, *cristão*; *querubim*, *química*; *farmácia*, *fósforo*; *retórica*, *ruibarbo*; *teatro*, *turíbulo*, etc.

IV – Consoantes mudas

12) Não se escrevem as consoantes que se não proferem: *asma*, *assinatura*, *ciência*, *diretor*, *ginásio*, *inibir*, *inovação*, *ofício*, e não *asthma*, *assignatura*, *sciencia*, *director*, *gymnasio*, *inhibir*, *innovação*, *officio*. E conservam-se as consoantes nos casos em que são invariavelmente proferidas nas pronúncias cultas da língua: compacto, convicção, ficção; adepto, apto, etc.

OBSERVAÇÃO: Escreve-se, porém, o *s* em palavras como *descer*, *florescer*, *nascer*, etc., e o *x* em vocábulos como *exceto*, *excerto*, etc., apesar de nem sempre se pronunciarem essas consoantes.

13) Em sendo mudo o *p* no grupo *mpc* ou *mpt*, escreve-se *nc* ou *nt*: *assuncionista*, *assunto*, *presunção*, *prontificar*, etc.

14) Em vocábulos cujas consoantes facultativamente se pronunciam, escreve-se preferencialmente o de uso mais generalizado. Assim, serão consignados, além de outros, estes: *aspecto* e *aspeto*, *característico* e *caraterístico*, *circunspecto* e *circunspeto*, *contacto* e *contato*, *corrupção* e *corrução*, *corruptela* e *corrutela*, *dactilografia* e *datilografia*, *expectativa* e *expetativa*, *optimismo* e *otimismo*, *respectivo* e *respetivo*, *secção* e *seção*, *sinóptico* e *sinótico*, *sumptuoso* e *suntuoso*, *tacto* e *tato*. Escreve-se *Egito*, mas *egípcio*, por ser neste último pronuciado o *p*.

V – SC

15) Elimina-se o *s* do grupo inicial *sc*: *cena*, *cenografia*, *ciência*, etc.

16) Os compostos dessa classe de vocábulos, quando são formados em nossa língua, são escritos sem o *s* antes do *c*: *anticientífico*, *contracenar*, *encenação*, etc.; mas, quando vieram já formados para o vernáculo, conservam o *s*: *consciência*, *cônscio*, *imprescindível*, *prescindir*, *rescindir*, *rescisão*, etc.

VI – Letras dobradas

17) Escrevem-se *rr* e *ss* quando, entre vogais, representam os sons simples do *r* e *s* iniciais; e *cc* ou *cç* quando o primeiro soa distintamente do segundo: *carro*, *farra*, *massa*, *passo*; *convicção*, *occipital*, etc.

18) Duplicam-se o *r* e o *s* todas as vezes que a um elemento de composição terminado em vogal se segue, sem interposição do hífen, palavra começada por uma daquelas letras: *arritmia*, *corréu, prerrogativa*, *pressentir*, *ressentimento*, *sacrossanto*, etc.

VII – Vogais nasais

19) As vogais nasais são representadas no fim dos vocábulos por *ã* (*ãs*), *im* (*ins*), *om* (*ons*), *um* (*uns*): *afã*, *cãs*, *flautim*, *folhetins*, *semitom*, *tons*, *tutum*, *zum-zuns*, etc.

20) O *ã* pode figurar na sílaba tônica, pretônica ou átona: *ãatá*, *cristãmente*, *irmãmente*, *maçã*, *manhãzinha*, *órfã*, *romãzeira*, etc.

21) Quando aquelas vogais são iniciais ou mediais, a nasalidade é expressa por *m* antes do *b* e *p*, e por *n* antes de outra qualquer consoante: *ambos*, *campo*; *contudo*, *enfim*, *enquanto*, *homenzinho*, *nuvenzinha*, *vintenzinho*, etc.

VIII – Ditongos

22) Os ditongos orais escrevem-se com a subjuntiva *i* ou *u*: *aipo*, *cai*, *cauto*, *degraus*, *dei*, *fazeis*, *ideia*, *mausoléu*, *neurose*, *retorquiu*, *rói*, *sois*, *sou*, *souto*, *uivo*, *usufrui*, etc.

OBSERVAÇÃO: Escrevem-se com *i*, e não com *e*, a forma verbal *fui*, a 2.ª e 3.ª pess. do sing. do pres. do ind. e a 2.ª do sing. do imper. dos verbos terminados em *uir*: *aflui*, *fruis*, *retribuis*, etc.

23) O ditongo *ou* alterna, em numerosos vocábulos, com *oi*: *balouçar* e *baloiçar*, *calouro* e *caloiro*, *dourar* e *doirar*, etc. Escreve-se, preferencialmente, o de uso mais generalizado.

24) Escrevem-se assim os ditongos nasais: *ãe*, *ãi*, *ão*, *am*, *em*, *en*(*s*), *õe*, *ui* (proferido *ũi*): *mãe*, *pães*, *cãibra*, *acórdão*, *irmão*, *leãozinho*, *amam*, *bem*, *bens*, *devem*, *põe*, *repões*, *muito*, etc.

OBSERVAÇÕES:

a) Dispensa-se o til do ditongo nasal *ui* em *mui* e *muito*.

b) Com o ditongo nasal *ão* se escrevem os monossílabos, tônicos ou não, e os polissílabos oxítonos: *cão*, *dão*, *não*, *quão*; *então*, *irmão*, *viverão*, etc.

c) Também se escrevem com o ditongo *ão* os substantivos e adjetivos paroxítonos, acentuando-se, porém, a sílaba tônica: *órfão*, *órgão*, *sótão*, etc.

d) Nas formas verbais anoxítonas se escreve *am*: *amaram*, *deveram*, *partiram*, etc.

e) Com o ditongo nasal *ãe* se escrevem os vocábulos oxítonos e os seus derivados; e os anoxítonos primitivos grafam-se com o ditongo *ãi*: *capitães*, *mães*, *pãezinhos*; *cãibo*, *zãibo*, etc.

f) O ditongo nasal *e)i*(*s*) escreve-se *em* ou *en*(*s*) assim nos monossílabos como nos polissílabos de qualquer categoria gramatical: *bem*, *convém*, *convéns*, *virgem*, *virgens*, etc.

25) Os encontros vocálicos átonos e finais que podem ser pronunciados como ditongos crescentes escrevem-se da seguinte forma: *ea* (áurea), *eo* (cetáceo), *ia* (colônia), *ie* (espécie), *io* (exímio), *oa* (nódoa), *ua* (contínua), *ue* (tênue), *uo* (tríduo), etc.

IX – Hiatos

26) A 1.ª, 2.ª, 3.ª pess. do sing. do pres. do subj. e a 3.ª pess. do sing. do imper. dos verbos em *oar* escrevem-se com *oe* e não *oi*: *abençoe*, *amaldiçoes*, *perdoe*, etc.

27) As três pessoas do sing. do pres. do subj. e a 3.ª do sing. do imper. dos verbos em *uar* escrevem-se com *eu*, e não *ui*: *cultue*, *habitues*, etc.

X – Parônimos e vocábulos de grafia dupla

28) Deve-se fazer a mais rigorosa distinção entre os vocábulos parônimos e os de grafia dupla que se escrevem com *e* ou com *i*, com *o* ou com *u*, com *c* ou *q*, com *ch* ou *x*, com *g* ou *j*, com *s*, *ss* ou *c*, *ç*, com *s* ou *x*, com *s* ou *z*, e com os diversos valores do *x*:

1.°) com *i* ou com *e*: *acriano*, *camoniano*, *torriense* (em vez das antigas *acreano*, *camoneano*, *torreense*); *coreano*, *daomeano*, *guineense*.

2.°) com *o* ou com *u*: *frágua*, *lugar*, *mágoa*, *manuelino*, *polir*, *tribo*, *urdir*, *veio* (verbo ou substantivo), etc.

3.°) com *c* ou *q*: *quatorze* (seguido de *catorze*), *cinquenta*, *quociente* (seguido do *cociente*), etc.

4.°) com *ch* ou *x*: *anexim*, *bucha*, *charque*, *chimarrão*, *faxina*, *flecha*, *tachar* (= notar; censurar), *taxar* (= determinar a taxa; regular), etc.

5.°) com *g* ou *j*: *estrangeiro*, *jenipapo*, *genitivo*, *gíria*, *jeira*, *jeito*, *jiboia*, *jirau*, *laranjeira*, *lojista*, *majestade*, *viagem* (s.f.), *viajem* (do verbo *viajar*), etc.

6.°) com *s*, *ss* ou *c*, *ç*: *ânsia*, *anticéptico*, *boça* (= cabo de navio), *bossa* (= protuberância; aptidão), *bolçar* (= vomitar), *bolsar* (= fazer bolsos), *caçula*, *censual* (= relativo a censo), *sensual* (= lascivo), etc.

OBSERVAÇÃO: Não se emprega *ç* em início de palavras.

7.°) com *s* ou *x*: *espectador* (= testemunha), *expectador* (= pessoa tem esperança), *experto* (= perito; experimentado), *esperto* (= ativo; acordado), *esplêndido*, *esplendor*, *extremoso*, *flux* (= na locução *a flux*), *justafluvial*, *justapor*, *misto*, etc.

8.°) com *s* ou *z*: *alazão*, *alcaçuz* (= planta), *alisar* (= tornar liso), *alizar* (s.m.), *anestesiar*, *autorizar*, *bazar*, *coliseu*, *comezinho*, *cortês*, *dissensão*, *empresa*, *esfuziar*, *esvaziamento*, *frenesi* (seguido de *frenesim*), *guizo* (s.m.), *irisar* (= dar as cores do íris a), *irizar* (= atacar [o iriz] o cafezeiro), *narcisar-se*, *obséquio*, *prioresa*, *rizotônico*, *sacerdotisa*, *tapiz*, *trânsito*, *xadrez*, etc.

OBSERVAÇÕES:

a) É sonoro o *s* de *obséquio* e seus derivados, bem como o do prefixo *trans*, em se lhe seguindo vogal; quando, porém, a esse prefixo se segue palavra iniciada por *s*, só se escreve um, que se profere como se fora dobrado: *obsequiar* (ze), *transoceânico* (zo), *transecular* (se), *transubstanciação* (su); etc.

b) No final de sílaba átona, seja no interior, seja no fim do vocábulo, emprega-se o *s* em lugar do *z*: *asteca*, *endes*, *mesquita*, etc.

29) O *x* continua a escrever-se com os seus cinco valores, bem como nos casos em que pode ser mudo, como em *exceto*, *excerto*, etc. Tem, pois, o som de:

1.°) *ch*, no princípio e o no interior de muitas palavras: *xerife*, *xícara*, *ameixa*; *enxoval*, etc.

2.°) *cs*, no meio e no fim de várias palavras: *anexo*, *látex*, *tórax*, etc.

3.°) *z*, quando ocorre no prefixo *exo*, ou *ex* seguido de vogal: *exame*, *êxito*, *êxodo*, *exosmose*, *exotérmico*, etc.

4.°) *ss*: *aproximar*, *auxiliar*, *máximo*, *proximidade*, *sintaxe*, etc.

5.°) *s* final de sílaba: *contexto*, *fênix*, *pretextar*, *sexto*, *textual*, etc.

30) No final de sílabas iniciais e interiores se deve empregar o *s* em vez do *x*, quando não o precede a vogal *e*: *justafluvial*, *justaposição*, *misto*, *sistino*, etc.

31) Adotaremos a grafia que seja mais conforme à etimologia do vocábulo e à sua história, mas que esteja em harmonia com a prosódia geral dos brasileiros, nem sempre idêntica à lusitana. P.ex.: *judô* (no Br.) e *judo* (em Port.); *metrô* (no Br.) e *metro* (em Port.); *pônei* (no Br.) e *pónei* (em Port.).

XI – Nomes próprios

32) Os nomes próprios personativos, locativos e de qualquer natureza, sendo portugueses ou aportuguesados, estão sujeitos às mesmas regras estabelecidas para os nomes comuns.

33) Para salvaguardar direitos individuais, quem o quiser manterá em sua assinatura a forma consuetudinária. Poderá também ser mantida a grafia original de quaisquer firmas, sociedades, títulos e marcas que se achem inscritos em registro público.

OBSERVAÇÃO: Não sendo o próprio que assine o nome com a grafia e a acentuação do modo como foi registrado, a indicação do seu nome obedecerá às regras estabelecidas pelo sistema ortográfico vigente: *Fundação Casa de Rui Barbosa* (o notável jurista baiano assinava *Ruy*).

34) Os topônimos de origem estrangeira devem ser usados com as formas vernáculas de uso vulgar; e quando não têm formas vernáculas, transcrevem-se consoante as normas estatuídas pela Conferência de Geografia de 1926 que não contrariarem os princípios estabelecidos aqui.

35) Os topônimos de tradição histórica secular não sofrem alteração alguma na sua grafia, quando já esteja consagrada pelo consenso diuturno dos brasileiros. Sirva de exemplo o topônimo *Bahia*, que conservará esta forma quando se aplicar em referência ao Estado e à cidade que têm esse nome.

OBSERVAÇÃO: Os compostos e derivados desses topônimos obedecerão às normas gerais do vocabulário comum.

XII – Acentuação gráfica

Ver *Regras de acentuação*.

XIII – Apóstrofo

36) Limita-se o emprego do apóstrofo aos seguintes casos:

1.°) Indicar a supressão de uma letra ou letras no verso, por exigência da metrificação: *c'roa*, *esp'rança*, *of'recer*, *'star*, etc.

2.°) Reproduzir certas pronúncias populares: *'tá*, *'teve*, etc.

3.°) Indicar a supressão da vogal, já consagrada pelo uso, em certas palavras compostas ligadas pela preposição *de*: *copo-d'água* (= planta, lanche), *galinha-d'água*, *mãe-d'água*, *pau-d'água* (= árvore, ébrio), etc.

OBSERVAÇÃO: Restringindo-se o emprego do apóstrofo a esses casos, cumpre não se use dele em nenhuma outra hipótese. Assim, não será empregado:

a) nas contrações das preposições *de* e *em* com artigos, adjetivos ou pronomes demonstrativos, indefinidos, pessoais e com alguns advérbios: *dum*, *duma* (a par de *de um*, *de uma*), *num*, *numa* (a par de *em um*, *em uma*); *dalgum*, *dalguma* (a par de *de algum*, *de alguma*); *doutro*, *noutro* (a par de *de outro*, *em outro*); *dele*, *dela*, *nele*, *nela*; *deste*, *desta*, *neste*, *nesta*, *daquele*, *daquela*, *naquele*, *naquela*; *disto*, *nisto*, *daquilo*, *naquilo*; *daqui*, *daí*, *dacolá*, *donde*, *dantes*, *dentre*; etc.

b) nas combinações dos pronomes pessoais; *mo*, *ma*, *mos*, *mas*, *to*, *ta*, *tos*, *tas*, *lho*, *lha*, *lhos*, *lhas*, *no-lo*, *no-los*, *no-la*, *no-las*, *vo-lo*, *vo-la*, *vo-los*, *vo-las*.

c) nas expressões vocabulares que se tornaram unidades fonéticas e semânticas: *dessarte*, *destarte*, *homessa*, *tarrenego*, *tesconjuro*, *vivalma*, etc.

d) nas expressões de uso constante e geral na linguagem vulgar: *co*, *coa*, *ca*, *cos*, *cas*, *coas* (= com o, com a, com os, com as), *plo*, *pla*, *plos*, *plas* (= pelo, pela, pelos, pelas), *pra* (= para), *pro*, *pra*, *pros*, *pras* (= para o, para a, para os, para as), etc.

XIV – Hífen

37) Nos compostos

1.º) Emprega-se o hífen nos compostos sem elemento de ligação quando o 1.º termo, por extenso ou reduzido, está representado por forma substantiva, adjetiva, numeral ou verbal: *ano-luz*, *arco-íris*, *decreto-lei*, *és-sueste*, *joão-ninguém*, *médico-cirurgião*, *mesa-redonda*, *rainha-cláudia*, *tenente-coronel*, *tio-avô*, *zé-povinho*, *afro-asiático*, *afro-luso-brasileiro*, *azul-escuro*, *amor-perfeito*, *boa-fé*, *forma-piloto*, *uarda-noturno*, *luso-brasileiro*, *má-fé*, *mato-grossense*, *norte-americano*, *seu-vizinho* (dedo anelar), *social-democracia*, *sul-africano*, *verbo-nominal*, *primeiro-ministro*, *segunda-feira*, *conta-gotas*, *finca-pé*, *guarda-chuva*, *vaga-lume*, *porta-aviões*, *porta-retrato*.

OBSERVAÇÕES:

a) As formas empregadas adjetivamente do tipo *afro-, anglo-, euro-, franco-, indo-, luso-, sino-* e assemelhadas continuarão a ser grafadas **sem hífen** em empregos em que só há uma etnia: *afrodescendente, anglofalante, anglomania, eurocêntrico, eurodeputado, lusofonia, sinologia*, etc. Porém escreve-se com hífen quando houver mais de uma etnia: *afro-brasileiro, anglo-saxão, euro-asiático,* etc.

b) Com o passar do tempo, alguns compostos perderam a noção de composição, e passaram a se escrever aglutinadamente, como é o caso de: *girassol, madressilva, pontapé,* etc. Já se escrevem aglutinados: *paraquedas, paraquedistas* (e afins, *paraquedismo*, *paraquedístico*) e *mandachuva*.

Os outros compostos com a forma verbal *para-* seguirão sendo separados por hífen conforme a tradição lexicográfica: *para-brisa(s), para-choque, para-lama(s)*, etc.

Os outros compostos com a forma verbal *manda-* seguirão sendo separados por hífen conforme a tradição lexicográfica: *manda-lua*, *manda-tudo*.

A tradição ortográfica também usa o hífen em outras combinações vocabulares: *abaixo-assinado*, *assim-assim*, *ante-à-ré*, *ave-maria*, *salve-rainha*.

Os compostos formados com elementos repetidos, com ou sem alternância vocálica ou consonântica, por serem compostos representados por formas substantivas sem elemento de ligação, ficarão: *blá-blá-blá*, *lenga-lenga*, *reco-reco*, *tico-tico, zum-zum-zum*, *pingue-pongue*, *tique-taque, trouxe-mouxe, xique-xique* (= chocalho; cf. *xiquexique* = planta), *zás-trás, zigue-zague*, etc. Os derivados, entretanto, não serão hifenados: *lengalengar, ronronar, zunzunar*, etc. Não se separam por hífen as palavras com sílaba reduplicativa oriundas da linguagem infantil: *babá, titio, vovó, xixi,* etc.

Serão escritos **com hífen** os compostos entre cujos elementos há o emprego do apóstrofo: *cobra-d'água*, *mãe-d'água, mestre-d'armas, olho-d'água,* etc.

2.º) Emprega-se o hífen nos compostos sem elemento de ligação quando o 1.º elemento está representado pelas formas *além, aquém, recém, bem* e *sem*: *além-Atlântico, além-mar, aquém-Pireneus, recém-casado, recém-nascido, bem-estar, bem-humorado, bem-dito, bem-dizer, bem-vestido, bem-vindo, sem-cerimônia, sem-vergonha*, *sem-terra.*

OBSERVAÇÃO: Em muitos compostos o advérbio *bem* aparece aglutinado ao segundo elemento, quer este tenha ou não vida à parte quando o significado dos termos é alterado: *bendito* (=abençoado), *benfazejo*, *benfeito* [subst.] (=benefício); cf. *bem-feito* [adj.] = feito com capricho, harmonioso, e *bem-feito*! [interj.], *benfeitor, benquerença* e afins: *benfazer*, *benfeitoria, benquerer, benquisto, benquistar*.

3.º) Emprega-se o hífen nos compostos sem elemento de ligação quando o 1.º elemento está representado pela forma *mal* e o 2.º elemento começa por *vogal*, *h* ou *l*: *mal-afortunado, mal-entendido, mal-estar, mal-humorado, mal-informado, mal-limpo*. Porém: *malcriado, malgrado, malvisto*, etc.

OBSERVAÇÃO: *Mal* com o significado de 'doença' grafa-se com hífen: *mal-caduco* (= epilepsia), *mal-francês* (= sífilis), desde que não haja elemento de ligação. Se houver, não se usará hífen: *mal de Alzheimer*.

4.º) Emprega-se o hífen nos nomes geográficos compostos pelas formas *grã*, *grão*, ou por forma verbal ou, ainda, naqueles ligados por artigo: *Grã-Bretanha, Abre-Campo*, *Passa-Quatro*, *Quebra-Costas*, *Traga-Mouro*, *Baía de Todos-os-Santos*, *Entre-os-Rios*, *Montemor-o-Novo*, *Trás-os-Montes*.

OBSERVAÇÕES:

a) Os outros nomes geográficos compostos escrevem-se com os elementos separados, sem o hífen: *América do Sul, Belo Horizonte, Cabo Verde, Castelo Branco, Freixo de Espada à Cinta* , etc. Os topônimos *Guiné-Bissau* e *Timor-Leste* são, contudo, exceções consagradas.

b) Serão hifenizados os adjetivos gentílicos (ou seja, adjetivos que se referem ao lugar onde se nasce) derivados de nomes geográficos compostos que contenham ou não elementos de ligação: *belo-horizontino, mato-grossense-do-sul*, *juiz-forano, cruzeirense-do-sul, alto-rio-docense*.

c) Escreve-se com hífen *indo-chinês*, quando se referir à Índia e à China, ou aos indianos e chineses, diferentemente de *indochinês* (sem hífen), que se refere à Indochina.

5.º) Emprega-se o hífen nos compostos que designam espécies botânicas (planta e fruto) e zoológicas, estejam ou não ligadas por preposição ou qualquer outro elemento: *abóbora-menina*, *andorinha-do-mar*, *andorinha-grande*, *bem-me-quer* (mas *malmequer*), *bem-te-vi*, *bênção-de-deus*, *cobra-capelo*, *couve-flor*, *dente-de-cão*, *erva-doce*, *erva-do-chá*, *ervilha-de-cheiro*, *feijão-verde*, *formiga-branca*, *joão-de-barro*, *lesma-de-conchinha.*

OBSERVAÇÃO: Os compostos que designam espécies botânicas e zoológicas grafados com hífen pela norma acima não serão hifenizados quando tiverem aplicação diferente dessas espécies. Por exemplo: *bola-de-neve* (com hífen) com o significado de 'arbusto europeu', e *bola de neve* (sem hífen) significando 'aquilo que toma vulto rapidamente'; *bico-de-papagaio* (com hífen) referindo-se à planta e *bico de papagaio* (sem hífen) com o significado de 'nariz adunco'; *mata-cobra* (com hífen) referindo-se a inseto, e *mata cobra* (sem hífen) referindo-se a certo tipo de bastão; *não-me-toques* (com hífen) quando se refere a certas espécies de plantas, e *não me toques* (sem hífen) com o significado de 'melindres'.

38) Nas locuções:

Não se emprega o hífen nas locuções, sejam elas substantivas, adjetivas, pronominais, adverbiais, prepositivas ou conjuncionais, salvo algumas exceções já consagradas pelo uso (como é o caso de *água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao deus-dará, à queima-roupa*). Vale lembrar que, se na locução há algum elemento que já tenha hífen, será conservado este sinal: *à trouxe-mouxe, cara de mamão-macho, bem-te-vi de igreja*. Sirvam, pois, de exemplo de emprego **sem hífen** as seguintes locuções: a) Locuções substantivas: *cão de guarda, fim de semana, fim de século, sala de jantar*; b) Locuções adjetivas: *cor de açafrão, cor de café com leite, cor de vinho*; c) Locuções pronominais: *cada um, ele próprio, nós mesmos, quem quer que seja*; d) Locuções adverbiais: *à parte* (diferentemente do substantivo *aparte*), *à vontade, de mais* (locução que se contrapõe a *de menos*; escreve-se junto *demais* quando é advérbio ou pronome), *depois de*

amanhã, em cima, por isso; e) Locuções prepositivas: *abaixo de, acerca de, acima de, a fim de, a par de, à parte de, apesar de, aquando de, debaixo de, enquanto a, por baixo de, por cima de, quanto a*; f) Locuções conjuncionais: *a fim de que, ao passo que, contanto que, logo que, visto que*.

OBSERVAÇÕES:

a) Expressões com valor de substantivo, do tipo *deus nos acuda, salve-se quem puder, um faz de contas, um disse me disse*, *um maria vai com as outras*, *bumba meu boi, tomara que caia*, *aqui del rei*, devem ser grafadas sem hífen. Da mesma forma serão usadas sem hífen locuções como: *à toa* (adjetivo e advérbio), *dia a dia* (substantivo e advérbio), *arco e flecha*, *calcanhar de aquiles*, *comum de dois*, *general de divisão*, *tão somente*, *ponto e vírgula*.

b) Não se emprega o hífen nas locuções latinas usadas como tais, não substantivadas ou aportuguesadas: *ab initio, ab ovo, ad immortalitatem, ad hoc, data venia, de cujus, carpe diem, causa mortis, habeas corpus, in octavo, pari passu, ex libris*. Mas: o *ex-libris,* o *habeas-corpus, in-oitavo,* etc.

39) Nas sequências de palavras:

Emprega-se o hífen para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando não propriamente vocábulos, mas encadeamentos vocabulares, tipo: a divisa *Liberdade-Igualdade-Fraternidade*, a ponte *Rio-Niterói*, o percurso *Lisboa-Coimbra-Porto*, a ligação *Angola-Moçambique* e nas combinações históricas ou até mesmo ocasionais de topônimos, tipo: *Áustria-Hungria, Alsácia-Lorena, Angola-Brasil, Tóquio-Rio de Janeiro*, etc.

40) Nas formações com prefixos:

1.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por vogal igual à que inicia o 2.º elemento: *anti-infeccioso*, *anti-inflamatório*, *contra-almirante*, *eletro-ótica*, *entre-eixo*, *infra-axilar*, *micro-onda*, *neo-ortodoxo*, *semi-interno*, *sobre-elevar*, *sobre-estadia*, *supra-auricular*.

OBSERVAÇÕES:

a) Incluem-se neste princípio geral todos os prefixos terminados por vogal: *agro-* (= terra), *albi-, alfa-*, *ante-, anti-, ântero-, arqui-*, *áudio-*, *auto-, bi-, beta-, bio-, contra-, eletro-, euro-, ínfero-, infra-, íntero-, iso-, macro-, mega-, multi-, poli-, póstero-, pseudo-, súpero-, neuro-, orto-, sócio-,* etc.

Então, se o 1º elemento terminar por vogal diferente daquela que inicia o 2º elemento, escreve-se junto, sem hífen: *anteaurora*, *antiaéreo*, *aeroespacial*, *agroindustrial*, *autoajuda*, *autoaprendizagem*, *autoestrada*, *contraescritura*, *contraindicação*, *contraofensiva*, *extraescolar*, *extraoficial*, *extrauterino*, *hidroelétrico*, *infraestrutura*, *infraordem*, *intrauterino*, *neoafricano*, *neoimperialista*, *plurianual*, *protoariano*, *pseudoalucinação*, *pseudoepígrafe*, *retroalimentação*, *semiárido*, *sobreaquecer*, *socioeconômico*, *supraesofágico*, *supraocular*, *ultraelevado*.

b) O encontro de vogais diferentes tem facilitado a supressão da vogal final do 1.º elemento ou da vogal inicial do 2.º: *eletr**a**cústico*, ao lado de *eletr**oa**cústico*, e *arter**io**sclerose*. Recomendamos que se evitem essas supressões, a não ser nos casos já correntes ou dicionarizados.

c) O encontro de vogais iguais tem facilitado o aparecimento de formas reais ou potencialmente possíveis com a fusão dessas vogais, do tipo de *alfaglutinação*, ao lado de *alfa-aglutinação*; *ovadoblongo*, ao lado de *ovado-oblongo*. Para atender à regra geral de hifenizar o encontro de vogais iguais, é preferível evitar estas fusões no uso corrente, a não ser nos casos em que elas se mostram naturais, e não forçadas, como ocorre em *telespectador* (e não *tele-espectador*), *radiouvinte* (e não *rádio-ouvinte*).

d) Nas formações com os prefixos *co-*, *pro-, pre-* e *re-*, estes unem-se ao segundo elemento, mesmo quando iniciado por *o* ou *e*: *coabitar, coautor, coedição, coerdeiro, coobrigação, coocupante, coordenar, cooperação, cooperar, coemitente, coenzima, cofator, cogerente, cogestão, coirmão* ; *comandante*, *proativo, procônsul, propor, proembrião, proeminente* ; *preeleito* (ou *pré-eleito*), *preembrião* (ou *pré-embrião*), *preeminência, preenchido, preesclerose* (ou *pré-esclerose*), *preestabelecer, preexistir; reedição, reedificar, reeducação, reelaborar, reeleição, reenovelar, reentrar, reescrita, refazer, remarcar*.

2.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por consoante igual à que inicia o 2.º

elemento: *ad-digital*, *inter-racial*, *sub-base*, *super-revista*, etc.

OBSERVAÇÃO: Formas como *abbevilliano*, *addisoniano*, *addisonismo, addisonista* se prendem a nomes próprios estrangeiros: *Abbeville, Addison*.

3.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina acentuado graficamente, *pós-*, *pré-*, *pró-*: *pós-graduação, pós-tônico*; *pré-datado, pré-escolar, pré-história, pré-natal, pré-requisito*; *pró-africano, pró-europeu*.

OBSERVAÇÃO: Pode haver, em certos usos, alternância entre *pre-* e *pré-, pos-* e *pós-*; neste último caso, deve-se usar o hífen: *preesclerótico* ou *pré-esclerótico, postônico* ou *pós-tônico*.

4.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por *m* ou *n* e o 2.º elemento começa por *vogal*, *h*, *m* ou *n: circum-escolar*, *circum-hospitalar*, *circum-murado*, *circum-navegação*, *pan-africano*, *pan-americano*, *pan-harmônico*, *pan-hispânico*, *pan-mágico*, *pan-negritude.*

5.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento é um dos prefixos *ex-* (anterioridade ou cessação), *sota-*, *soto-*, *vice-*, *vizo-*: *ex-almirante*, *ex-diretor*, *ex-presidente*, *sota-almirante, sota-capitão*, *sota-vento*, *soto-almirante*, *soto-pôr* (mas *sobrepor*), *vice-presidente*, *vice-reitor*, *vizo-rei*.

OBSERVAÇÃO: Vimos que o verbo *pôr* não perde o acento gráfico (para se distinguir da preposição *por*). E mesmo em formas compostas como *soto-pôr*, ele continuará acentuado.

6.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por *vogal*, *r* ou *b* e o 2.º elemento se inicia por *h*: *adeno-hipófise*, *abdômino-histerotomia*, *anti-herói*, *anti-hemorrágico*, *arqui-hipérbole*, *auto-hipnose*, *beta-hemolítico*, *bi-hidroquinona*, *bio-histórico*, *contra-haste*, *di-hibridismo*, *entre-hostil*, *foto-heliografia*, *geo-história*, *giga-hertz*, *hétero-hemorragia*, *hiper-hidrose*, *infra-hepático*, *inter-hemisférico*, *poli-hídrico*, *semi-histórico*, *sobre-humano*, *sub-hepático*, *sub-humano*, *super-homem*, *tri-hídrico*.

OBSERVAÇÕES:

a) Nos casos em que não houver perda do som da vogal final do 1.º elemento, e o elemento seguinte começar com *h*, serão usadas as duas formas gráficas: *carbo-hidrato* e *carboidrato*; *zoo-hematina* e *zooematina*. Já quando houver perda do som da vogal final do 1.º elemento, consideraremos que a grafia consagrada deve ser mantida: *cloridrato, cloridria, clorídrico, quinidrona, sulfidrila, xilarmônica, xilarmônico*. Devem ficar como estão as palavras que, fugindo a este princípio, já são de uso consagrado, como *reidratar, reumanizar, reabituar, reabitar, reabilitar* e *reaver*.

b) Não se emprega o hífen com prefixos *des-* e *in-* quando o 2.º elemento perde o *h* inicial: *desumano, inábil, inumano, etc*.

c) Embora não tratado no Acordo, pode-se incluir neste caso o prefixo *an-* (p.ex.: *anistórico, anepático, anidrido*). Na sua forma reduzida *a-*, quando seguido de *h*, a tradição manda hifenizar e conservar o *h* (p.ex.: *a-histórico, a-historicidade*).

d) Não se emprega o hífen com as palavras *não* e *quase* com função prefixal: *não agressão, não beligerante, não fumante; quase delito, quase equilíbrio, quase domicílio,* etc.

e) Não há razão plausível que defenda a grafia *biidroquinona* ao lado de *bi-iodeto*, por este não ter *h* inicial. Foi o mesmo princípio que nos fez optar por *poli-hídrico* (em vez de *poliídrico*) e *poli-hidrite* (em vez de *poliidrite*).

7.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por *b* (*ab-, ob-, sob-, sub-*) ou *d* (*ad-*) e o 2.º elemento começa por *r*: *ab-rupto, ad-renal*, *ad-referendar, ob-rogar, sob-roda, sub-reitor, sub-reptício, sub-rogar*.

OBSERVAÇÃO: *Adrenalina*, *adrenalite* e afins já são exceções consagradas pelo uso. *Ab-rupto* é preferível a *abrupto*.

8.º) Quando o 1.º elemento termina por vogal e o 2.º elemento começa por *r* ou *s*, não se usa hífen, e estas consoantes devem duplicar-se, prática já adotada, também em palavras deste tipo pertencentes aos domínios científico e técnico: *antessala*, *antirreligioso*, *antissocial*, *autorregulamentação*, *biorritmo*, *biossatélite*, *contrarregra*, *contrassenha*, *cosseno*, *ele-*

trossiderurgia, *extrarregular*, *infrassom*, *macrorregião*, *microssistema*, *minissaia*, *multissegmentado*, *neorromano*, *protossatélite*, *pseudossigla*, *semirrígido*, *sobressaia*, *suprarrenal*, *ultrassonografia*.

41) Nas formações com sufixo

Emprega-se hífen apenas nas palavras terminadas por sufixos de origem tupi-guarani que representam formas adjetivas, como *-açu* (= grande), *-guaçu* (= grande), *-mirim* (= pequeno), quando o 1.º elemento termina por vogal acentuada graficamente ou quando a pronúncia exige a distinção gráfica dos dois elementos: *amoré-guaçu, anajá-mirim, andá-açu, capim-açu, Ceará-Mirim*.

42) O hífen nos casos de ênclise, mesóclise (tmese) e com o verbo haver

1.º) Emprega-se o hífen na ênclise e na mesóclise: *amá-lo, dá-se, deixa-o, partir-lhe; amá-lo-ei, enviar-lhe-emos*.

2.º) Não se emprega o hífen nas ligações da preposição *de* às formas monossilábicas do presente do indicativo do verbo *haver*: *hei de, hás de, hão de*, etc.

OBSERVAÇÕES:

a) Embora estejam consagradas pelo uso as formas verbais *quer* e *requer*, dos verbos *querer* e *requerer*, ao lado de *quere* e *requere*, estas últimas formas conservam-se, no entanto, nos casos de ênclise: *quere-o(s), requere-o(s)*.

Nestes contextos, as formas (legítimas, aliás) *qué-lo* e *requé-lo* são pouco usadas. *Quere* e *requere* são formas correntes entre portugueses; a primeira, a partir de 1904.

b) Usa-se também o hífen nas ligações de formas pronominais enclíticas ao advérbio *eis* (*eis-me, ei-lo*) e ainda nas combinações de formas pronominais do tipo *no-lo* (nos + o), *no-las* (nos + as), quando em próclise ao verbo (por exemplo: *Esperamos que no-lo comprem*).

XV – O trema

43) O trema não é usado em palavras portuguesas ou aportuguesadas, como: *aguentar, anguiforme, arguir, bilíngue, lingueta, linguista, linguístico, cinquenta, equestre, frequentar, tranquilo, ubiquidade*.

OBSERVAÇÕES:

a) O trema ocorre em palavras derivadas de nomes próprios estrangeiros que o possuem: *hübneriano*, de *Hübner*, *mülleriano*, de *Müller*, etc.

b) O trema poderá ser usado para indicar, quando for necessário, a pronúncia do *u* em vocabulários ortográficos e dicionários: *lingueta* (gü), *líquido* (qü ou qu), *linguiça* (gü), *equidistante* (qü ou qu).

c) Com o fim do trema em palavras portuguesas ou aportuguesadas, não houve modificação na pronúncia dessas palavras.

XVI – Acento grave

44) Emprega-se o acento grave nos casos de crase e aqueles indicados em **Emprego do à acentuado**.

1.º) Na contração da preposição *a* com as formas femininas do artigo *o* ou pronome demonstrativo *o*: *à* (de *a*+*a*), *às* (de *a*+*as*).

2.º) Na contração da preposição *a* com o *a* inicial dos demonstrativos *aquele*, *aquela*, *aqueles*, *aquelas*, e *aquilo* ou ainda da mesma preposição com compostos *aqueloutro* e suas flexões: *àquele*(*s*), *àquela*(*s*), *àquilo*, *àqueloutro*(*s*), *àqueloutras*(*s*).

3.º) Na contração da preposição *a* com os pronomes relativos *a qual*, *as quais*: *à qual*, *às*

quais.

XVII – Supressão dos acentos em palavras derivadas

45) Ocorre:

1.º) Nos advérbios em *-mente*, oriundos de adjetivos com acento agudo ou circunflexo: *avidamente* (de *ávido*), *debilmente* (de *débil*), *facilmente* (de *fácil*), *habilmente* (de *hábil*), *lucidamente* (de *lúcido*), *mamente* (de *má*), *somente* (de *só*); *candidamente* (de *cândido*), *cortesmente* (de *cortês*), *portuguesamente* (de *português*), *romanticamente* (de *romântico*).

2.º) Nas palavras que têm sufixos inciados por *z* e cujas formas de base apresentam vogal tônica com acento agudo ou circunflexo: *aneizinhos* (de *anéis*), *avozinha* (de *avó*), *bebezito* (de *bebê*), *cafezada* (de *café*), *chapeuzinho* (de *chapéu*), *mazinha* (de *má*), *orfãozinho* (de *órfão*); *avozinho* (de *avô*), *bençãozinha* (de *bênção*), *lampadazita* (de *lâmpada*), *pessegozito* (de *pêssego*).

XVIII – Divisão silábica

46) A divisão de qualquer vocábulo, assinalada pelo hífen, em regra se faz pela soletração, e não pelos seus elementos constitutivos segundo a etimologia.

47) Fundadas neste princípio geral, cumpre respeitar as seguintes normas:

1.º) A consoante inicial não seguida de vogal permanece na sílaba que a segue: *cni-do-se*, *dze-ta*, *gno-ma*, *mne-mô-ni-ca*, *pneu-má-ti-co*, etc.

2.º) No interior do vocábulo, sempre se conserva na sílaba que a precede a consoante não seguida de vogal: *ab-di-car*, *ac-ne*, *ét-ni-co*, *nup-ci-al*, *ob-fir-mar*, *op-ção*, *sig-ma-tis-mo*, *sub-por*, *sub-ju-gar*, etc.

3.º) Não se separam os elementos dos grupos consonânticos iniciais de sílabas nem os dos digramas *ch*, *lh*, *nh*: *a-blu-ção*, *a-bra-sar*, *a-che-gar*, *fi-lho*, *ma-nhã*, etc.

OBSERVAÇÃO: Nem sempre formam grupos articulados as consonâncias *bl* e *br*: nalguns casos o *l* e o *r* se pronunciam separadamente, e a isso se atenderá na partição do vocábulo; e as consoantes *dl*, a não ser no termo onomatopéico *dlim*, que exprime toque de campainha, proferem-se desligadamente, e na divisão silábica ficará o hífen entre essas duas letras. Ex.: *sub-lin-gual*, *sub-rogar*, *ad-le-ga-ção*, etc.

4.º) O *sc* no interior do vocábulo biparte-se, ficando o *s* numa sílaba, e o *c* na sílaba imediata: *a-do-les-cen-te*, *des-cer*, *pres-cin-dir*, *res-ci-são*, etc.

OBSERVAÇÃO: Forma sílaba com o prefixo antecedente o *s* que precede consoantes: *abs-tra-ir*, *ads-cre-ver*, *ins-cri-ção*, *ins-pe-tor*, *ins-tru-ir*, *in-ters-tí-cio*, *pers-pi-caz*, *subs-cre-ver*, *subs-ta-be-le-cer*, etc.

5.º) O *s* dos prefixos *bis*, *cis*, *des*, *dis*, *trans* e o *x* do prefixo *ex* não se separam quando a sílaba seguinte começa por consoante; mas, se principia por vogal, formam sílaba com esta e separam-se do elemento prefixal: *bis-ne-to*, *cis-pla-ti-no*, *des-li-gar*, *dis-tra-ção*, *trans-por-tar*, *ex-tra-ir*; *bi-sa-vô*, *ci-san-di-no*, *de-ses-pe-rar*, *di-sen-té-ri-co*, *tran-sa-tlân-ti-co*, *e-xér-ci-to*, etc.

6.º) As vogais idênticas e as letras *cc*, *cç*, *rr* e *ss* separam-se ficando uma na sílaba que as precede e outra na sílaba seguinte: *ca-a-tin-ga*, *co-or-de-nar*, *in-te-lec-ção*, *oc-ci-pi-tal*, *pror-ro-gar*, *res-sur-gir*, etc.

OBSERVAÇÃO: As vogais de hiatos, ainda que diferentes uma da outra, também se separam: *a-ta-ú-de*, *ca-í-eis*, *ca-ir*, *du-e-lo*, *fi-el*, *flu-iu*, *fru-ir*; *gra-ú-na*, *je-su-í-ta*, *le-al*, *mi-ú-do*, *po-ei-ra*, *ra-i-nha*, *sa-ú-de*, *vi-ví-eis*, *vo-ar*, etc.

7.º) Não se separam as vogais dos ditongos – crescentes e decrescentes – nem as dos tritongos: *ai-ro-so*, *a-ni-mais*, *au-ro-ra*, *a-ve-ri-gueis*, *ca-iu*, *cru-éis*, *en-jei-tar*, *fo-ga-réu*, *fu-giu*, *gló-ria*, *guai-ar*, *i-guais*, *ja-mais*, *joi-as*, *ó-dio*, *quais*, *sá-bio*, *sa-guão*, *sa-guões*, *su-bor-nou*, *ta-fuis*, *vá-rio*, etc.

OBSERVAÇÃO: Não se separa do *u* precedido de *g* ou *q* a vogal que o segue, acompanhada, ou não, de consoante: *am-bí-guo*, *e-qui-va-ler*, *guer-ra*, *u-bí-quo*, etc.

8.º) Na translineação (ou seja, na passagem para a linha seguinte quando se está escrevendo um texto) de uma palavra composta ou de uma combinação de palavras em que há um hífen, ou mais, se a partição coincide com o final de um dos elementos ou membros, por clareza gráfica, se deve repetir o hífen no início da linha seguinte: vice-almirante.

XIX – Emprego das iniciais maiúsculas

48) Emprega-se letra inicial maiúscula:

1.º) No começo do período, verso ou citação direta. Disse o Padre Antônio Vieira: "Estar com Cristo em qualquer lugar, ainda que seja no Inferno, é estar no Paraíso".

> "Auriverde pendão de minha terra
> que a brisa do Brasil beija e balança,
> Estandarte que à luz do sol encerra
> As promessas divinas da Esperança..." (Castro Alves)

OBSERVAÇÃO: Alguns poetas usam, à espanhola, a minúscula no princípio de cada verso, quando a pontuação o permite, como se vê em Castilho:

> "Aqui, sim, no meu cantinho,
> vendo rir-me o candeeiro,
> gozo o bem de estar sozinho
> e esquecer o mundo inteiro".

2.º) Nos substantivos próprios de qualquer espécie – antropônimos, topôninos, patronímicos, cognomes, alcunhas, tribos e castas, designações de comunidades religiosas e políticas, nomes sagrados e relativos a religiões, entidades mitológicas e astronômicas, etc.: *José*, *Maria*, *Macedo*, *Freitas*, *Brasil*, *Antoninos*, *Afonsinhos*, *Conquistador*, *Magnânimo*, *Coração de Leão*, *Sem Pavor*, *Deus*, *Jeová*, *Alá*, *Assunção*, *Ressureição*, *Júpiter*, *Baco*, *Cérbero*, *Via Láctea*, *Canopo*, *Vênus*, etc.

OBSERVAÇÕES:

a) As formas onomásticas que entram na formação de palavras do vocabulário comum escrevem-se com inicial minúscula quando se afastam de seu significado primitivo, excetuando-se os casos em que esse afastamento não ocorre: *água-de-colônia*, *joão-de-barro*, *erva-de-santa-maria*, *folha de flandres*; mas: *além-Brasil*, *aquém-Atlântico*, *doença de Chagas*, *mal de Alzheimer*, *sistema Didot*, *anel de Saturno*.

b) Os nomes de povos escrevem-se com inicial minúscula, não só quando designam habitantes ou naturais de um estado, província, cidade, vila ou distrito, ainda quando representam coletivamente uma nação: *amazonenses*, *baianos*, *estremenhos*, *fluminenses*, *paulistas*, *romenos*, *russos*, *suíços*, *uruguaios*, etc.

3.º) Nos nomes próprios de eras históricas e épocas notáveis: *Héjira*, *Idade Média*, *Quinhentos* (o século XVI), *Seiscentos* (o século XVII), etc.

OBSERVAÇÃO: Os nomes dos meses devem escrever-se com inicial minúscula: *janeiro*, *fevereiro*, *março*, *abril*, *maio*, *junho*, *julho*, *agosto*, *setembro*, *outubro*, *novembro*, *dezembro*.

4.º) Nos nomes de vias e lugares públicos: *Avenida de Rio Branco*, *Beco do Carmo*, *Largo da*

Carioca, *Praia do Flamengo*, *Praça da Bandeira*, *Travessa do Comércio*, *Túnel Noel Rosa*, etc.

5.º) Nos nomes que designam altos conceitos religiosos, políticos ou nacionalistas: *Igreja* (Católica, Apostólica, Romana), *Nação*, *Estado*, *Pátria*, *Raça*, etc.

OBSERVAÇÃO: Esses nomes se escrevem com inicial minúscula quando são empregados em sentido geral ou indeterminado.

6.º) Nos nomes que designam artes, ciências, ou disciplinas, bem como nos que sintetizam, em sentido elevado, as manifestações do engenho e do saber: *Agricultura*, *Arquitetura*, *Filologia Portuguesa*, *Direito*, *Medicina*, *Matemática*, *Pintura*, *Arte*, *Ciência*, *Cultura*, etc.

OBSERVAÇÃO: Os nomes *idioma*, *idioma pátrio*, *língua*, *língua portuguesa*, *vernáculo* e outros análogos escrevem-se com inicial maiúscula quando empregados com especial relevo.

7.º) Nos nomes que designam altos cargos, dignidades ou postos: *Papa*, *Cardeal*, *Arcebispo*, *Bispo*, *Patriarca*, *Vigário*, *Vigário-Geral*, *Presidente da República*, *Ministro da Educação*, *Governador do Estado*, *Embaixador*, *Almirantado*, *Secretário de Estado*, etc.

8.º) Nos nomes de repartições, corporações ou agremiações, edifícios e estabelecimentos públicos ou particulares: *Diretoria Geral do Ensino*, *Ministério das Relações Exteriores*, *Academia Paranaense de Letras*, *Círculo de Estudos "Bandeirantes"*, *Presidência da República*, *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*, *Tesouro do Estado*, *Departamento Administrativo do Serviço Público*, *Banco do Brasil*, *Imprensa Nacional*, *Teatro de São José*, *Tipografia Rolandiana*, *Museu de Arte Moderna*, etc.

9.º) Nos títulos de livros, jornais, revistas, produções artísticas, literárias e científicas: *Imitação de Cristo*, *Horas Marianas*, *Correio da Manhã*, *Revista Filológica*, *Transfiguração* (de Rafael), *Norma* (de Bellini), *O Guarani* (de Carlos Gomes), *O Espírito das Leis* (de Montesquieu), etc.

OBSERVAÇÕES: a) Não se escrevem com maiúscula inicial as partículas monossilábicas que se acham no interior de vocábulos compostos ou de locuções ou expressões que têm iniciais maiúsculas: *Queda do Império*, *O Crepúsculo dos Deuses*, *História sem Data*, *A Mão e a Luva*, *Festas e Tradições Populares do Brasil*, etc.

b) Nos bibliônimos, após o primeiro elemento, que é com maiúscula, os demais vocábulos podem ser escritos com minúscula, salvo nos nomes próprios nele contidos, tudo em grifo.

10.º) Nos nomes de fatos históricos e importantes, de atos solenes e de grandes empreendimentos públicos: *Centenário da Independência do Brasil*, *Descobrimento da América*, *Reforma Ortográfica*, *Acordo Luso-Brasileiro*, *Exposição Nacional*, *Festas das Mães*, *Dia do Município*, *Glorificação da Língua Portuguesa*, etc.

OBSERVAÇÃO: Os nomes de festas pagãs ou populares escrevem-se com inicial minúscula: *carnaval*, *entrudo*, *saturnais*, etc.

11.º) Nos nomes de escolas de qualquer espécie ou grau de ensino: *Faculdade de Filosofia*, *Escola Superior de Comércio*, *Colégio de Pedro II*, *Instituto de Educação*, etc.

12.º) Nos nomes comuns, quando personificados ou individuados, e de seres morais ou fictícios: *A Capital da República*, *a Transbrasiliana*, *moro na Capital*, *o Natal de Jesus*, *o Poeta* (Camões), *a ciência da Antiguidade*, os *habitantes da Península*, *a Bondade*, *o Amor*, *a Ira*, *o Lobo*, *o Cordeiro*, *a Cigarra*, *a Formiga*, etc.

OBSERVAÇÃO: Incluem-se nesta norma os nomes que designam atos das autoridades da República, quando empregados em correspondência ou documentos oficiais: *A Lei de 13 de maio*, *o Decreto-Lei n.º 292*, *o Decreto-Lei n.º 20.108*, *a Portaria de 15 de junho*, *o Regulamento n.º 737*, *o Acórdão de 3 de agosto*, etc.

13.º) Nos nomes dos pontos cardeais, quando designam regiões: *Os povos do Oriente*; *o falar*

do Norte é diferente do falar do Sul; *a guerra do Ocidente*, etc.

OBSERVAÇÃO: Os nomes dos pontos cardeais escrevem-se com iniciais minúsculas quando designam direções ou limites geográficos: *Percorri o país de norte a sul e de leste a oeste*.

14.º) Nos nomes, adjetivos, pronomes e expressões de tratamento ou reverência: *D*. (Dom ou Dona), *Sr*. (Senhor), *Sr.ª* (Senhora), *DD*. ou *Dig.mo* (Digníssimo), *MM*. ou *M.mo* (Meritíssimo), *Rev.mo* (Reverendíssimo), *V.Rev.ª* (Vossa Reverência), *S.E*. (Sua Eminência), *V.M*. (Vossa Majestade), *V.A*. (Vossa Alteza), *V.S.ª* (Vossa Senhoria), *V.Ex.ª* (Vossa Excelência), *V.Ex.ª Rev.ma* (Vossa Excelência Reverendíssima), *V.Ex.as* (Vossa Excelências), etc.

OBSERVAÇÃO: As formas que se acham ligadas a essas expressões de tratamento devem ser também escritas com iniciais maiúsculas: *D. Abade*, *Ex.ma Sr.ª Diretora*, *Sr. Almirante*, *Sr. Capitão-de-Mar-e-Guerra*, *MM. Juiz de Direito*, *Ex.mo e Rev.mo Sr. Arcebispo Primaz*, *Magnífico Reitor*, *Excelentíssimo Senhor Presidente da República*, *Eminentíssimo Senhor Cardeal*, *Sua Alteza Real*, etc.

15.º) Nas palavras que, no estilo epistolar, se dirigem a um amigo, a um colega, a uma pessoa respeitável, as quais, por deferência, consideração ou respeito, se queira realçar por esta maneira: *meu bom Amigo*, *caro Colega*, *meu prezado Mestre*, *estimado Professor*, *meu querido Pai*, *minha amorável Mãe*, *meu bom Padre*, *minha distinta Diretora*, *caro Dr.*, *prezado Capitão*, etc.

OBSERVAÇÃO: Para os itens 4.º, 6.º, 7.º e 14.º usa-se opcionalmente inicial minúscula (exceto para as formas abreviadas do item 14.º).

XX – Sinais de pontuação

Ver *Pontuação*.

Regras de acentuação

A – Monossílabos

Levam acento agudo ou circunflexo os monossílabos terminados em:

a) – a, – as: *já, lá, vás*;
b) – e, – es: *fé, lê, pés*;
c) – o, – os: *pó, dó, pós, sós*.

B – Vocábulos de mais de uma sílaba

1) OXÍTONOS (ou agudos)

Levam acento agudo ou circunflexo os oxítonos terminados em:

a) – a, – as: *cajás, vatapá, ananás, carajás*;
b) – e, – es: *você, café, pontapés;*
c) – o, – os: *cipó, jiló, avô, carijós*;
d) – em, – ens: *também, ninguém, vinténs, armazéns*.

Daí sem acento: *aqui, caqui, poti, caju, urubus*.

2) PAROXÍTONOS (ou graves)

Levam acento agudo ou circunflexo os paroxítonos terminados em:

a) – i, – is: *júri, cáqui, beribéri, lápis, tênis*;

b) – us: *vênus, vírus, bônus*.

OBSERVAÇÃO: Há poucos paroxítonos terminados em –*u*: um deles existente até há pouco era *tribu* que hoje se escreve com *o*: *tribo*, *tribos*.

c) – r: *caráter*, *revólver*, *éter*;

d) – l: *útil*, *amável*, *nível*, *têxtil* (não *téxtil*);

e) – x: *tórax*, *fênix*, *ônix*;

f) – n: *éden*, *hífen* (mas: *edens*, *hifens*, sem acento);

g) – um, – uns: *álbum*, *álbuns*, *médium*;

h) – ão, ãos: *órgão*, *órfão*, *órgãos*, *órfãos*;

i) – ã, – ãs: *órfã*, *ímã*, *órfãs*, *ímãs*;

j) – ps: *bíceps*, *fórceps*;

k) – on(s): *rádon, rádons*.

OBSERVAÇÃO: Devem ser acentuados os nomes técnicos terminados em -*om*: *iândom*, *rádom* (variante de *rádon*).

3) PROPAROXÍTONOS (ou esdrúxulos)

Levam acento agudo ou circunflexo todos os proparoxítonos: *cálido*, *tépido*, *cátedra*, *sólido*, *límpido*, *cômodo*.

4) CASOS ESPECIAIS

a) São sempre acentuadas as palavras oxítonas com os ditongos abertos grafados -*éis*, -*éu*(*s*) ou -*ói*(*s*) : *anéis, batéis, fiéis, papéis*; *céu(s)*, *chapéu(s)*, *ilhéu(s)*, *véu(s)*; *corrói(s)* (flexão de *corroer*), *herói(s)*, *remói(s)* (flexão de *remoer*), *sói(s)* (flexão de *soer*), *sóis* (pl. de *sol*).

b) Não são acentuadas as palavras paroxítonas com os ditongos abertos -*ei* e -*oi*, uma vez que existe oscilação em muitos casos entre a pronúncia aberta e fechada: *assembleia*, *boleia*, *ideia*, tal como *aldeia*, *baleia*, *cadeia*, *cheia*, *meia*; *coreico*, *epopeico*, *onomatopeico*, *proteico*; *alcaloide*, *apoio* (do verbo *apoiar*), tal como *apoio* (substantivo), *Azoia*, *boia*, *boina*, *comboio* (substantivo), tal como *comboio*, *comboias*, etc. (do verbo *comboiar*), *dezoito*, *estroina*, *heroico*, *introito*, *jiboia*, *moina*, *paranoico*, *zoina*.

OBSERVAÇÃO: Receberá acento gráfico a palavra que, mesmo incluída neste caso, se enquadrar em regra geral de acentuação, como ocorre com *blêizer, contêiner, destróier, gêiser, Méier*, etc., porque são paroxítonas terminadas em -*r*.

c) Não se acentuam os encontros vocálicos fechados: *pessoa*, *patroa*, *coroa*, *boa*, *canoa*; *teu*, *judeu*, *camafeu*; *voo*, *enjoo*, *perdoo*, *coroo*.

OBSERVAÇÃO: Será acentuada a palavra que, mesmo incluída neste caso, se enquadrar em regra geral de acentuação gráfica, como ocorre com *herôon* (Br.)/ *heróon* (Port.), paroxítona terminada em -*n*.

d) Não levam acento gráfico as palavras paroxítonas que, tendo respectivamente vogal tônica aberta ou fechada, são homógrafas de artigos, contrações, preposições e conjunções átonas. Assim, não se distinguem pelo acento gráfico: *para* (á) [flexão de *parar*], e *para* [preposição]; *pela(s)* (é) [substantivo e flexão de *pelar*] e *pela(s)* [combinação de *per* e *la(s)*]; *pelo* (é) [flexão de *pelar*] e *pelo(s)* (ê) [substantivo e combinação de *per* e *lo(s)*]; *pera* (ê) [substantivo] e *pera* (é) [preposição antiga]; *polo(s)* (ó) [substantivo] e *polo(s)* [combinação antiga e popular de *por* e *lo(s)*]; etc.

OBSERVAÇÃO: Seguindo esta regra, também perde o acento gráfico a forma *para* (do verbo *parar*) quando entra num composto separado por hífen: *para-balas, para-brisa(s)*, *para-choque(s)*, *para-lama(s)*, etc.

e) Levam acento agudo o *i* e *u*, quando representam a segunda vogal tônica de um hiato, desde que não formem sílaba com *r*, *l*, *m*, *n*, *z* ou não estejam seguidos de *nh*: *saúde*, *viúva*, *saída*, *caído*, *faísca*, *aí*, *Grajaú*; *raiz* (mas *raízes*), *paul*, *ruim*, *ruins*, *rainha*, *moinho*.

f) Não leva acento a vogal tônica dos ditongos *iu* e *ui*: *caiu*, *retribuiu*, *tafuis*, *pauis*.

g) Não serão acentuadas as vogais tônicas ***i*** e ***u*** das palavras **paroxítonas**, quando estas vogais estiverem precedidas de ditongo decrescente: *baiuca, bocaiuva, boiuno, cauila* (var. *cauira*), *cheiinho* (de *cheio*), *feiinho* (de *feio*), *feiura, feiudo, maoismo, maoista, saiinha* (de *saia*), *taoismo, tauismo*.

OBSERVAÇÕES:

1.º) Na palavra ***eoípo*** (= denominação dos primeiros ancestrais dos cavalos), a pronúncia normal assinala hiato (e-o), razão por que tem acento gráfico.

2.º) A palavra paroxítona *guaíba* não perde o acento agudo porque a vogal tônica *i* está precedida de ditongo crescente.

h) Serão acentuadas as vogais tônicas ***i*** e ***u*** das palavras **oxítonas**, quando mesmo precedidas de ditongo decrescente estão em posição final, sozinhas na sílaba, ou seguidas de *s*: *Piauí, teiú, teiús, tuiuiú, tuiuiús*.

OBSERVAÇÃO: Se, neste caso, a consoante final for diferente de *s*, tais vogais **não serão acentuadas**: *cauim, cauins*.

i) A 3.ª pessoa de alguns verbos se grafa da seguinte maneira:

1) quando termina em – *em* (monossílabos):

3.ª pess. sing.	3.ª pess. pl.
– em	– êm
ele tem	*eles têm*
ele vem	*eles vêm*

2) quando termina em – *ém*:

3.ª pess. sing.	3.ª pess. pl.
– ém	– êm
ele contém	*eles contêm*
ele convém	*eles convêm*

3) quando termina em – *ê* (*crê*, *dê*, *lê*, *vê* e derivados):

3.ª pess. sing.	3.ª pess. pl.
– ê	– eem
ele crê	*eles creem*
ele revê	*eles reveem*

j) Levam acento agudo ou circunflexo os vocábulos terminados por ditongo oral átono, quer decrescente ou crescente: *ágeis*, *devêreis*, *jóquei*, *túneis*, *área*, *espontâneo*, *ignorância*, *imundície*, *lírio*, *mágoa*, *régua*, *tênue*.

k) Leva acento agudo ou circunflexo a forma verbal terminada em *a*, *e*, *o* tônicos, seguida de *lo*, *la*, *los*, *las*: *fá-lo*, *fá-los*, *movê-lo-ia*, *sabê-lo-emos*, *trá-lo-ás*.

OBSERVAÇÃO: Pelo último exemplo, vemos que se o verbo estiver no futuro poderá haver dois acentos: *amá-lo-íeis*, *pô-lo-ás*, *fá-lo-íamos*.

l) Também leva acento agudo a vogal tônica *i* das formas verbais **oxítonas** terminadas em *-air* e *-uir*, quando seguidas de *-lo(s), -la(s)*, caso em que perdem o *r* final, como em: *atraí-lo(s)* [de *atrair-lo(s)*] ; *atraí-lo(s)-ia* [de *atrair-lo(s)-ia*] ; *possuí-la(s)* [de *possuir-la(s)*]; *possuí-la(s)-ia* [de *possuir-la(s)-ia*].

m) Não levam acento os prefixos paroxítonos terminados em *-r* e *-i*: *inter-helênico*, *super-homem*, *semi-histórico*.

n) Não leva trema o *u* dos grupos *gue*, *gui*, *que*, *qui*, mesmo quando for pronunciado e átono: *aguentar*, *arguição*, *eloquência*, *frequência*, *tranquilo*.

OBSERVAÇÕES:

1.º) Os verbos *ARGUIR* e *REDARGUIR* não levam acento agudo na vogal tônica *u* nas formas rizotônicas (aquelas cuja sílaba tônica está no radical): *arguo*, *arguis*, *argui*, *arguem*; *argua, arguas,* etc.

2.º) Os verbos do tipo de *AGUAR, APANIGUAR, APAZIGUAR, APROPINQUAR, AVERIGUAR, DESAGUAR, ENXAGUAR, OBLIQUAR, DELINQUIR* e afins podem ser conjugados de duas formas: ou têm as formas rizotônicas (cuja sílaba tônica recai no radical) com o *u* do radical tônico, mas sem acento agudo; ou têm as formas rizotônicas com *a* ou *i* do radical com acento agudo: averiguo (ou averíguo), averiguas (ou averíguas), averigua (ou averígua), etc.; averigue (ou averígue), averigues (ou averígues), etc.; delinquo (ou delínquo), delinques (ou delínques), etc.; delinqua (ou delínqua), delinquas (ou delínquas), etc.

3.º) O verbo *delinquir*, tradicionalmente dado como defectivo (ou seja, verbo que não é conjugado em todas as pessoas), é tratado como verbo que tem todas as suas formas. O Acordo também aceita duas possibilidades de pronúncia, quando a tradição padrão brasileira na gramática para este verbo só aceitava sua conjugação nas formas arrizotônicas.

4.º) Em conexão com os casos citados acima, é importante mencionar que os verbos em *-ingir* (*atingir*, *cingir*, *constringir*, *infringir*, *tingir*, etc.) e os verbos em *-inguir* sem a pronúncia do *u* (*distinguir*, *extinguir*, etc.) têm grafias absolutamente regulares (*atinjo*, *atinja*, *atinge*, *atingimos*, etc.; *distingo*, *distinga*, *distingue*, *distinguimos*, etc.)

o) Leva acento circunflexo diferencial a sílaba tônica da 3.ª pess. sing. do pret. perf. *pôde*, para distinguir-se de *pode*, forma da mesma pess. do pres. do ind.

p) Não se usa acento gráfico para distinguir as palavras oxítonas homógrafas (que possuem a mesma grafia), mas heterofônicas (pronunciadas de formas diferentes), do tipo de *cor* (ô) (substantivo) e *cor* (ó) (elemento da locução *de cor*) ; *colher* (ê) (verbo) e *colher* (é) (substantivo).

OBSERVAÇÃO: A forma verbal *pôr* continuará a ser grafada com acento circunflexo para se distinguir da preposição átona *por*.

q) Não é acentuada nem recebe apóstrofo a forma monossilábica *pra*, redução de *para*. Ou seja, são **incorretas** as grafias *prá* e *p'ra*.

r) Pode ser ou não acentuada a palavra *fôrma* (substantivo), distinta de *forma* (substantivo; 3.ª pess. do sing. do pres. do ind. ou 2.ª pess. do sing. do imper. do verbo *formar*). A grafia *fôrma (com acento gráfico) deve ser usada apenas nos casos em que houver ambiguidade, como nos versos do poema "Os sapos", de Manuel Bandeira: "Reduzi sem danos/ A fôrmas a forma."*

2 Extraído de *Elementos de Língua Pátria* de J. Mattoso Câmara Jr. [MC.5].

3 Extraído de *Elementos de Língua Pátria* de J. Mattoso Câmara Jr. [MC.5].

4 Daí ser possível uma mudança ortográfica do tipo *quasi* → *quase*, *tribu* → *tribo*. Mudou-se a letra, mas não o fonema.

5 Na realidade, as *reduzidas* não estão cientificamente formuladas pela NGB, e o melhor seria bani-las. Em muitos casos das chamadas reduzidas o que temos, na realidade, é mudança ou troca de fonema.

6 J. Mattoso Câmara Jr. [MC.5, II, 121].

7 Em lugar de *i* ou *u*, em certos casos, se pode grafar a semivogal *e* ou *o*, respectivamente, em observância às convenções do nosso sistema ortográfico vigente, segundo as quais a semivogal dos ditongos orais é representada pelo grafema *i* e a dos ditongos nasais pelo grafema *e*: *pai* / *mãe*, *distrai* / *distraem.*

8 Niedermann, *Phonétique Latine*, 37.

9 *Normas para a Língua Falada no Teatro*, 485-63.

10 *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, 16.

11 Destas últimas não cogita a NGB.

12 Na língua portuguesa moderna predomina a sequência progressiva, que consiste em apresentar, de preferência, a declaração no fim (o predicado), o determinado antes do determinante, o que se torna cômodo aos interesses de compreensão do interlocutor.

13 Por isso, nos compostos, para determinação da posição do acento tônico, leva-se em consideração a última palavra. Destarte, é oxítono *couve-flor* e paroxítono *arco-íris*.

14 Exemplos extraídos de [SS.2, 97-98].

15 Epifania - festa dos reis magos

II – Gramática descritiva e normativa

As Unidades no Enunciado

A) Formas e funções

Introdução

Classes de Palavras e Categorias Gramaticais

Os diversos significados – Quase sempre a gramática engloba numa mesma relação palavras que pertencem a grupos bem diferentes: *substantivo*, *adjetivo*, *artigo*, *numeral*, *pronome*, *verbo*, *advérbio*, *preposição*, *conjunção* e *interjeição*. Um exame atento facilmente nos mostrará que a relação junta palavras de natureza e funcionalidade bem diferentes com base em critérios categoriais, morfológicos e sintáticos misturados. E o elemento que as diferencia são os diversos significados que lhes são próprios. Para tanto, devemos distinguir os seguintes significados:16

a) SIGNIFICADO LEXICAL, que já conhecemos antes, é o significado que corresponde ao *quê* da apreensão do mundo extralinguístico, isto é, é o que corresponde à organização do mundo extralinguístico mediante as línguas. Como diz bem Coseriu, a linguagem *classifica* a realidade segundo interesses e atitudes humanas; por isso suas distinções *podem* coincidir com realidades e delimitações objetivas, mas isso não é necessário. A língua é um saber acerca de modelos e esquemas linguísticos, e não sobre os objetos, a respeito dos quais informam nossa experiência (o nosso saber do mundo) e as ciências não linguísticas; assim, que um vulcão se chame *Popocatepetl*, e só haja um com este nome, é um fato da geografia, e não um *fato de língua*.17 É o significado que é comum a cada uma das séries de palavras: *amor – amante – amar – amavelmente*; *verdor – verde – enverdar*, etc.

b) SIGNIFICADO CATEGORIAL é o que corresponde ao *como* da apreensão do mundo extralinguístico, a forma da intuição da realidade ou, ainda, o modo de ser das palavras no discurso, e não classes léxicas fixas: *amor* (quando empregado como substantivo), *amante* (quando empregado como adjetivo), *amar* (quando empregado como verbo), *amavelmente* (quando advérbio). Não cabe à gramática descritiva, mas sim à gramática geral, definir a categoria linguística "substantivo"; à gramática descritiva cabe tão somente comprovar se a língua objeto da descrição tem ou não substantivos, e, em caso afirmativo, quais são os meios materiais, isto é, os esquemas formais para expressar a categoria "substantivo". Assim, a

categoria "substantivo" expressa substantivos por meio de nomes como *homem, livro, saudade*, por meio de pronomes como *isto*, *isso*, *aquilo*, por sintagmas como *Rio Grande do Norte* ou orações (as chamadas subordinadas substantivas). As palavras lexemáticas e categoremáticas só estão categorialmente determinadas como substantivo, adjetivo, verbo e advérbio quando integradas na oração, atualizadas no discurso. No momento em que a gramática geral define o que é "adjetivo", essa definição, se correta, deverá servir a todas as línguas que tenham adjetivos. É equivocado o querer definir "o adjetivo em português". À gramática descritiva cabe descrevê-lo *numa* língua.

Constituem o substantivo, o adjetivo, o verbo e o advérbio as quatro únicas reais "categorias gramaticais" da língua, confusamente misturadas na gramática tradicional, e que aqui chamaremos "categorias verbais", porque são as únicas dotadas do significado categorial. Admitem, como já ensina a gramática tradicional, subdivisões, que serão estudadas no lugar próprio (substantivos próprios e comuns, etc.). Cabe lembrar que o significado categorial não caracteriza apenas os lexemas, mas ainda sintagmas e orações inteiras. Também o significado categorial está sempre implicado com certas funções específicas na estruturação gramatical; por isso, só o "substantivo" (representado por nome, pronome, sintagma nominal, oração nominalizada) pode ser o sujeito da oração, assim como o verbo exerce a função de predicado.18 Os significados categoriais são modos do conteúdo significativo. Todavia isto não serve de definição de substantivo; uma palavra não é substantivo porque funciona como sujeito, mas, ao contrário, pode ser sujeito porque é substantivo ou pode aparecer como tal.

c) SIGNIFICADO INSTRUMENTAL é o significado dos morfemas, isto é, dos elementos pertencentes ao universo da gramática, e podem apresentar-se como palavras morfemáticas (como os *artigos* e as *preposições*, por exemplo, ou como elementos de palavras: o *-s* de *livro-s* ou de *trabalha-s*, etc.); são os chamados englobadamente *instrumentos gramaticais*. O artigo *o* em *o livro* tem o significado "atualizador" e o *-s* em *livro-s* tem o significado "pluralizador". Incluem-se como dotados desse significado instrumental, isto é, como "morfemas", nas combinações gramaticais, os prefixos, os sufixos, as desinências, o acento, o ritmo, a entoação, a ordem das palavras, etc. Os significados instrumentais são modos da expressão material.

d) SIGNIFICADO ESTRUTURAL OU SINTÁTICO (este aqui tomado em sentido restrito) é o significado que resulta das combinações de unidades lexemáticas ou categoremáticas com unidades morfemáticas e morfemas, dentro da oração. São significados estruturais "singular", "plural", "atual", "virtual", "ativo", "passivo", "presente", "passado", "futuro", "indicativo", etc. Assim o *-s* de *livro-s* tem o significado instrumental" pluralizador" (e não "plural") ao lado do pluralizado *livro*; da combinação resulta o significado estrutural ou sintático "plural".

e) SIGNIFICADO ÔNTICO, que só se dá no plano da oração, é o que corresponde ao valor existencial que se comunica ao estado de coisas designado na oração: "afirmativo", "negativo", "interrogativo", "imperativo", etc.

Classe de palavra e classe verbal – Tem-se feito confusão entre *classe de palavra e categoria* ou classe *verbal*, confusão que pode ser desfeita com exemplos simples.[19] Assinalando com F a forma física, com L o significado léxico e com C o significado categorial, as palavras abstratas podem ser constituídas: a) como puras "formas" (F), por exemplo "amo" em português, e somente levando em conta sua forma, pode-se classificar apenas pelo seu lado material: é uma palavra dissílaba; é uma palavra paroxítona; é uma palavra com três fonemas, etc.; b) como "formas léxicas" ou "lexemas" (FL), por exemplo o português *verde*, independentemente dos diferentes significados categoriais, isto é, como adjetivo ou como substantivo; c) como "formas categoriais" ou "categoremas" (FC), por exemplo, *quadro, papel*, como substantivos, independentemente dos diferentes significados léxicos ("*quadro* de um pintor", "*quadro* de futebol", "folha de *papel*", "*papel* de um ator") e d) como palavras com significado léxico e categorial (FCL), por exemplo, em português *amo* 'senhor', substantivo, e *amo* 'quero bem', verbo. Somente as palavras abstratas dotadas com FC ou com FCL podem ser classificadas categorialmente graças ao elemento C; isto significa que uma mesma palavra FL poderá figurar em classes distintas se apresenta diferentes significados C, como foi o caso de *verde* (adjetivo: "folha *verde*", e substantivo: "o *verde* da folha") e *amo* (substantivo e verbo). Em suma: não podemos querer que a palavra *verde*, substantivo, pertença à classe da palavra *verde*, adjetivo, apenas porque tem o mesmo significado lexical, isto é, apelando para um traço que nada tem que ver com o critério com que está constituída a classe verbal.

Se tomarmos por critério FL, "verde" será uma só e mesma palavra, assim como "amo"; se as estabelecermos como FCL, "verde", adjetivo, e "verde", substantivo, serão duas palavras diferentes, assim como "amo" 'senhor' e "amo" 'quero bem', o que também valerá para o inglês (*the*) *fire* e (*to*) *fire*, isto é, substantivo e verbo.

Ao nos referirmos ao significado estrutural, aludimos, junto com as unidades lexemáticas (lexemas), às unidades categoremáticas, os pronomes, que são "formas sem substância", isto porque apresentam apenas, ou em primeiro lugar, um significado categorial, sem representar nenhuma matéria extralinguística. Por isso, os pronomes são substantivos, adjetivos, advérbios e – em algumas línguas que não o português – até verbos. Diferem dos lexemas porque não possuem significado lexical, ou, se o apresentam, têm um significado lexical genérico ("pessoa", "coisa", "lugar", "tempo", "modalidade", etc.), dado pela situação ou por outras palavras do contexto.[20]

Nas mesmas condições do pronome, pode-se incluir na classe das palavras categoremáticas o *numeral*.[21]

Por tudo o que vimos até aqui, os significados léxico, categorial e instrumental nos permitem dividir as palavras em lexemáticas (substantivo, adjetivo, verbo e advérbio), categoremáticas (pronome e numeral) e morfemáticas (artigo, preposição e conjunção).

Isto não impede que uma palavra categoremática possa também aparecer com significado instrumental, como é o caso de *meu lápis*, em que *meu* tem o significado categorial "adjetivo" e o significado instrumental em relação ao substantivo *lápis*, determinado como singular e do

gênero masculino. Vimos que as palavras lexemáticas, além do significado lexical, têm em português significado categorial, e podem funcionar também como instrumentos.

Da lista tradicional das classes de palavras só nos falta falar da *interjeição*, que, a rigor, nem é pura *palavra*, mas uma *palavra-oração*, que só por si pode valer por um conteúdo de pensamento da linguagem emocional.

Distinguidas assim as classes de palavras, podemos agora caracterizar uma a uma.

1 – Substantivo

Substantivo – é a classe de lexema que se caracteriza por significar o que convencionalmente chamamos *objetos substantivos*, isto é, em primeiro lugar, substâncias (*homem, casa, livro*) e, em segundo lugar, quaisquer outros objetos mentalmente apreendidos como substâncias, quais sejam qualidades (*bondade, brancura*), estados (*saúde, doença*), processos (*chegada, entrega, aceitação*).

Concretos e abstratos – Os substantivos se dividem em *concretos* e *abstratos*. Os concretos são *próprios* e *comuns*.

Substantivo concreto é o que designa ser de existência independente: *casa, mar, sol, automóvel, filho, mãe*.

Substantivo abstrato é o que designa ser de existência dependente: *prazer, beijo, trabalho, saída, beleza, cansaço.*

Os substantivos concretos nomeiam pessoas, lugares, animais, vegetais, minerais e coisas.

Os substantivos abstratos designam ações (*beijo, trabalho, saída, cansaço*), estado e qualidade (*prazer, beleza*), considerados fora dos seres, como se tivessem existência individual.

Próprios e comuns – Dividem-se os substantivos em *próprios* e *comuns*, divisão que pertence a planos diferentes.

Substantivo próprio é o que se aplica a um objeto ou a um conjunto de objetos, mas sempre individualmente. Isto significa que o substantivo próprio se aplica a esse objeto ou a esse conjunto de objetos, considerando-os como indivíduos. Assim, um nome como *João, Isabel* ou *Açores* só acidentalmente se aplicará a várias pessoas ou ilhas não porque estas apresentam características comuns que as identifiquem como membro de uma classe ou conjunto específico. Por isso cada *João*, cada *Isabel* e cada *Açores* é uma pessoa ou ilha considerada como indivíduo inconfundível para as demais pessoas. São materialmente idênticos, mas se aplicam a indivíduos diferentes. Se por *palavra* se entende significante (expressão) + significado (conteúdo), dois ou mais nomes *João* ou *Isabel* não representam a rigor uma só palavra.

Os substantivos próprios mais importantes são os *antropônimos* e os *topônimos*. Os primeiros se aplicam às pessoas que, em geral, têm *prenome* (nome próprio individual) e *sobrenome* ou *apelido* ("que situa melhor o indivíduo em função da sua proveniência geográfica [Frei Henrique de Coimbra], da sua profissão [*Caeiro*], da sua filiação (patronímico) [*Soares*, filho de Soeiro], de uma qualidade física ou moral [*Diogo Cão*], de uma circunstância de nascimento [*Neto*]").22

Os topônimos se aplicam a lugares e acidentes geográficos.

SUBSTANTIVO COMUM é o que se aplica a um ou mais objetos particulares que reúnem características inerentes a dada classe: *homem, mesa, livro, cachorro, lua, sol, fevereiro, segunda-feira, papa.*

Os cinco últimos exemplos patenteiam que há substantivos comuns que são nomes individualizados, não como os nomes próprios, mas pelo contexto extralinguístico e pelo nosso saber que nos diz que, no contexto "natural" nosso só há uma lua, um sol, um mês fevereiro, e um só dia da semana segunda-feira, e, no contexto "cultural", só há um papa. Se forem escritos com maiúscula, deve-se o fato à pura convenção ortográfica, e não porque são nomes próprios.

Nomes empregados no plural com referência a uma pluralidade de objetos que individualmente têm o mesmo nome (os *Antônios,* as *Marias*, as *Romas*), ou se aplicam ao conjunto de membros de uma mesma família ou nacionalidade (os *Azevedos,* os *Maias*) ou que significam "entes como..." (os *Tiradentes,* os *Ruis*, os *Pelés*, os *Eldorados*), ou, ainda, os objetos designados pelos nomes dos autores, fabricantes, produtores (os *Rembrandts*, os *Machados de Assis* e os *Fords*), são, na realidade, nomes da "classe" e, portanto, substantivos comuns.

Passagem de nomes próprios a comuns – Não nos prendemos apenas à pessoa ou coisa nomeada; observamos-lhes qualidades e defeitos que se podem transferir a um grupo mais numeroso de seres. Os personagens históricos, artísticos e literários pagam o tributo de sua fama com o desgaste do valor individualizante do seu nome próprio que, por isso, passa a comum. Por esta maneira é que aprendemos a ver no *Judas* não só o nome de um dos doze apóstolos, aquele que traiu Jesus; é também a encarnação mesma do *traidor*, *do amigo falso*, em expressões do tipo: *Fulano é um judas.*

Desta aplicação geral de um nome próprio temos vários outros exemplos: *dom-joão* (= homem formoso; galanteador; irresistível às mulheres), *tartufo* (= homem hipócrita; devoto falso), *cicerone* (guia de estrangeiros, dando-lhes informações que lhes interessam), *benjamim* (= filho predileto, geralmente o mais moço; o mais jovem membro de uma agremiação; prende-se ao personagem bíblico que foi o último e predileto filho de Jacó), *áfrica* (= façanha; proeza; revive as façanhas dos antigos portugueses nessas terras).

Passam a substantivos comuns os nomes próprios de fabricantes e de lugares onde se fazem ou se fabricam certos produtos: *estradivários* (= violino de Stradivárius), *guilhotina* (de J. Inácio Guilhotin), *macadame* (do engenheiro Mac Adam), *sanduíche* (do conde de Sandwich), *havana* (charuto; em Portugal *havano*) , *champanha* (da região francesa Champagne),

cambraia (da cidade francesa de Cambray).

Contáveis e não contáveis – Outra subclasse do substantivo repousa na variedade da sua extensão, que pode ser descontínua e discreta ou contínua. No primeiro caso, a classe é constituída por objetos que existem isolados como partes individualmente consideradas, e recebem o nome de *contáveis*: *homem, mulher, casa, livro,* etc.

No segundo caso, refere-se a classe a objetos contínuos, não separados em partes diversas, que podem ser massa ou matéria ou, ainda, uma ideia abstrata, e recebem o nome de *não contáveis*: *oceano, vinho, bondade, beleza*. Estes não contáveis constituem em geral os *singularia tantum*, isto é, habitualmente só se usam no singular.

À categoria dos não contáveis pertence o substantivo *coletivo*, que, na forma de singular, faz referência a uma coleção ou conjunto de objetos: *arvoredo, folhagem, casario.* Distingue-se o coletivo do plural de um substantivo contável, pois este alude a uma coleção de objetos considerados individualmente: *árvores, folhas, casas*.

Entre os coletivos há os *universais* (*povo, passarada, casario*) e os *particulares* (*caniçal, vinhedo, laranjal*). Os coletivos universais não são contáveis, e, por isso, só se pluralizam nas condições especiais à classe, enquanto os particulares se contam e podem ser pluralizados.

Não se confundem com os coletivos os chamados por Herculano de Carvalho *nomes de grupo* (*bando, rebanho, cardume,* etc.), embora assim o faça a gramática. Na realidade, são nomes de conjunto de objetos contáveis, que se aplicam habitualmente ou a uma espécie definida (*cardume, alcateia, enxame*) ou total ou parcialmente indefinida (*conjunto, grupo, bando*: *bando de pessoas, de aves, de alunos*). Ao contrário dos coletivos, os nomes de grupos, principalmente do 2.º grupo, requerem determinação explícita da espécie de objetos que compõem o conjunto: *um* ***bando*** *de pessoas, de adolescentes,* etc.; *um* ***cardume*** *de baleias, de sardinhas*, etc. Já não seria possível *um vinhedo de vinhos.*

São coletivos e nomes de grupo usuais:

a) CONJUNTO DE PESSOAS:

Alcateia, bando, caterva, corja, horda, farândula, malta, quadrilha, récova, súcia, turba: de ladrões, desordeiros, assassinos, malfeitores e vadios.

Associação, clube, comício, comissão, congresso, conselho, convenção, corporação, grêmio, sociedade: de pessoas, reunidas para fim comum.

Assistência, auditório, concorrência, aglomeração, roda: de assistentes, ouvintes ou espectadores.

Cabido: de cônegos de uma catedral.

Caravana: de viajantes.

Claque, torcida: de espectadores para aplaudir ou patear.

Clientela: de clientes, de advogados, de médicos, etc.

Comitiva, cortejo, séquito, acompanhamento: de pessoas que acompanham outra por dever ou cortesia.

Comunidade, confraria, congregação, irmandade: ordem de religiosos.
Concílio, conclave, consistório, sínodo, assembléia: de párocos ou de outros padres.
Coro: conjunto, bando de pessoas que cantam juntas.
Elenco: de artistas de uma companhia, peça ou filme.
Equipagem, marinhagem, companha, maruja, tripulação: de marinheiros.
Falange: de heróis, guerreiros, espíritos.
Junta: de credores, de médicos.
Pessoal: de uma fábrica, repartição pública ou escola, loja.
Plêiade ou *plêiada*: de poetas, artistas, talentos.
Ronda: de policiais que percorrem as ruas velando pela ordem pública.
Turma: de estudantes, trabalhadores, médicos.

b) Grupo de animais:
Alcateia: de lobos, panteras ou outros animais ferozes.
Bando, revoada: de aves, pardais.
Cáfila: de camelos.
Cardume, boana, corso (ô)*, manta*: de peixes.
Colmeia, enxame, cortiço: de abelhas.
Correição, cordão: de formigas.
Fato: rebanho de cabras.
Fauna: conjunto de animais próprios de uma região.
Gado: conjunto de animais criados nas fazendas.
Junta, obesana, cingel, jugo, jugada: de bois.
Lote: de burros, grupos de bestas de carga.
Malhada, oviário, rebanho: de ovelhas.
Manada: de cavalos, de porcos, éguas.
Matilha: de cães.
Ninhada: rodada de pintos.
Nuvem, miríade, onda, praga: de gafanhotos, marimbondos, percevejos.
Piara, vara: de porcos.
Récova, récua: de cavalgaduras.
Rebanho, armento, armentio, grei, maromba: de bois, ovelhas.

c) Grupo de coisas:
Acervo, chorrilho, enfiada: de asneiras, tolices. *Acervo* também se aplica aos bens materiais: É grande o *acervo* da Biblioteca Nacional.
Antologia, analecto, crestomatia, coletânea, florilégio, seleta: de trechos literários ou científicos.

Aparelho, baixela, serviço: de chá, café, jantar.
Armada, esquadra, frota: de navios de guerra.
Bateria, fileira: de peças de artilharia.
Braçada, braçado, buquê, ramo, ramalhete (ê), *festão*: de flores.
Cacho: de uvas, de bananas.
Cancioneiro: de canções. É erro empregar o vocábulo como sinônimo de cantor em expressões como *cancioneiros românticos*.
Carrada: de razões.
Chuva, chuveiro, granizo, saraiva, saraivada: de balas, pedras, setas.
Coleção: de selos, quadros, medalhas, moedas, livros.
Constelação: de estrelas.
Cordilheira, cadeia, série: de montes, montanhas.
Cordoalha, cordame, enxárcia: de cabos de um navio.
Feixe, lio, molho (ó): de lenha, capim.
Fila, fileira, linha: de cadeiras.
Flora: conjunto de plantas de uma determinada região.
Galeria: de quadros, estátuas.
Gavela ou *gabela, paveia*: feixe de espigas.
Herbário: coleção de plantas para exposição ou estudo.
Hinário: de hinos.
Instrumental: de instrumentos de orquestra, de qualquer ofício mecânico, de cirurgia.
Mobília, mobiliário: de móveis.
Monte, montão: de pedras, palha, lixo.
Penca: de bananas, laranjas, chaves.
Pilha, ruma: de livros, malas, tábuas.
Réstia: de cebolas, alhos.
Sequência: série de cartas do mesmo naipe.
Troféu: de bandeiras.

OBSERVAÇÃO: Para outros coletivos e nomes de grupos consulte-se o dicionário.

Estrutura interna do substantivo – A estrutura interna ou constitucional do substantivo (isto é, sua morfologia) consiste, nas línguas flexivas como o português, em geral, na combinação de um signo lexical expresso pelo radical com signos morfológicos expressos por desinências e alternâncias, ambos destituídos de existência própria fora dessa combinação. Entre as desinências que, na flexão, se combinam com o substantivo está a marca de *número* e, nas línguas que a possuem, a marca de *caso* (nominativo, acusativo, etc., como se dá, por exemplo, no grego, no latim, no alemão). O substantivo, fora da flexão, pode ser dotado da marca de gênero: *menino/menina, gato/gata.*[23]

Número – É uma categoria gramatical inerente primariamente ao substantivo, que se refere aos objetos substantivos considerando-os na sua unidade da classe a que pertencem (é o número *singular*) ou no seu conjunto de dois ou mais objetos da mesma classe (é o número *plural*). Quando o singular designa vários objetos de uma mesma classe considerados num todo, temos o *coletivo* (*professorado, alunado, caravana, cardume*, etc.).

A classe dos objetos substantivos pode conter unidades descontínuas e discretas: são os objetos *contáveis* (*homem, casa, cadeira*, etc.); a classe pode também ser constituída de objetos desprovidos de limites internos, como se fossem objetos únicos: são os *não contáveis*. Estes objetos únicos ou são massa ou matéria, ou concebidos como tal (*ouro, ferro, céu*, etc.), ou uma ideia abstrata (*amor, saudade, riqueza*, etc.).

Facilmente se pluralizam os substantivos que pertencem ao grupo dos contáveis (*homem - homens; casa - casas*); já os não contáveis, em geral, se usam no singular (*singularia tantum*). Em alguns desses nomes não contáveis, o plural alude a diferentes espécies ou à fragmentação: *vinhos* (o tinto, o branco, o rosé), *mares* e, por consequência, se apresentam com variação semântica. [HCv.1, 14, 364; SA.2, 69]

Em português, o significado gramatical plural é obtido com a presença da desinência pluralizadora *-s* fonologicamente constituída pela consoante sibilante pós-vocálica diante de pausa.24 O singular se caracteriza pela ausência desta desinência.

A flexão de número, em português, pelo mecanismo da concordância, se estende ao adjetivo (e demais adjuntos do substantivo) e ao verbo, quando este entra em concordância de número com a pessoa do sujeito.

A flexão de número dos substantivos

a) **Formação do plural com acréscimo de *-s***

Forma-se o plural dos substantivos com o acréscimo do morfema pluralizador (desinência do plural) *-s*, quando terminados explicitamente por:

1 – vogal ou ditongo oral: *livro → livros; lei → leis; cajá → cajás.*

2 – vogal nasal tônica ou átona: *ímã → ímãs*; *irmã → irmãs*; *dom → dons* (grafando-se *ns*); *álbum → álbuns; totem → totens* (para o plural *tótemes*).

3 – ditongos nasais *-ãe* (tônicos ou átonos) e *-ão* (átono): *mãe → mães; bênção → bênçãos*.

b) **Formação do plural com acréscimo de *-es***

Quando não está explícita a vogal temática suprimida no singular deverá ser restituída para constituir a forma teórica (*ás → *ase → ases*) e depois ser acrescida a desinência *-s*. Isto ocorre quando o singular termina por:

1 – *-s* (em sílaba tônica): *ás → ases*; *freguês → fregueses*

Cós serve para os dois números e ainda possui o plural reduplicativo *coses*.

2 – *-z* (em sílaba tônica): *luz → luzes*; *giz → gizes*; *cicatriz → cicatrizes*

3 – *-r*: *cor* → *cores*; *elixir* → *elixires*; *revólver* → *revólveres*

c) **Plural de nomes gregos em *-n***

Nos nomes de origem grega terminados em *-n*, pode-se obter o plural com o acréscimo da desinência *-s*, ou recorrer à forma teórica com a recuperação do *-e* (*abdômen* → **abdomene* → *abdômenes*). Melhor fora dar a estes substantivos feição mais de acordo com o sistema fonológico do português, eliminando o *-n* final ou substituindo-o por *-m* e procedendo-se à formação do plural com o só acréscimo do *-s* (*abdome* → *abdomes*; *pólen* → *polem* → *polens,* grafando *-ns*):

abdômen → abdomens ou abdômenes

certâmen → certamens ou certâmenes

dólmen (dolmem) → dolmens ou dólmenes

espécimen → espécimens ou especímenes

gérmen → germens ou gérmenes

hífen → hifens ou hífenes

pólen (polem) → polens ou pólenes

regímen → regimens ou regímenes

OBSERVAÇÕES:

1.ª) *éden* (melhor seria *edem*, que o *Vocabulário Ortográfico* não registra) faz *edens*.

2.ª) *Cânon,* melhor grafado *cânone*, faz *cânones*.

3.ª) Recorde-se que são acentuados os paroxítonos em *-n*, e não os em *-ens*. Daí *hífen*, mas *hifens* (sem acento gráfico).

d) **Plural dos nomes em *-ão* tônico**

Os nomes em *-ão* tônico a rigor pertencem à classe dos temas em *-o* ou em *-e*, conforme o plural respectivo: *irmãos* (= irmão + s), *pães* (= *pãe + s), *leões* (= *leõe + s). Para uma descrição coerente Mattoso propõe que se parta das formas teóricas do plural para se chegar ao tema, suplementadas pelas regras morfofonêmicas pertinentes, no processo de formação de plural.

Destacando-se a vogal temática (que passa a semivogal de ditongo em contacto com a vogal anterior), teremos o radical em *-õ* (*leõ*) e o radical em *-ã* (*irmã, pã*).

1) os substantivos em *-õ* com tema em *-e* fazem o plural com acréscimo da desinência *-s*:

leão (* leõ + e + s) → *leões*

coração (* coraçõ + e + s) → *corações*

Assim, temos os plurais: *questões, melões, razões,* etc.

Este grupo é o mais numeroso e, por isso mesmo, tende, no uso espontâneo, a assimilar outras formas de plural que a língua exemplar não adota. Neste grupo estão incluídos todos os substantivos abstratos formados com os sufixos *-ção, -são* e *-ão* e grande parte de substantivos concretos.

comoção → *comoções*; *adoração* → *adorações*

apreensão → *apreensões*; *compreensão* → *compreensões*

abusão → *abusões*; *visão* → *visões*

caminhão (*camião*) → *caminhões* (*camiões*); *barracão* → *barracões*

Este radical teórico em *-õ* aparece evidente em adjetivos e verbos da mesma família do substantivo, o que é sinal de que este faz o plural em *-ões*; por exemplo, *leonino* denuncia o plural correto de *leão*: *leões*.

2) os substantivos em *-ã* com tema em *-o* (*irmão*) fazem o plural com o acréscimo da desinência *-s*:

irmão (*irmã + o + s) → *irmãos*

cidadão (*cidadã + o + s) → *cidadãos*

Este radical teórico em *-ã* aparece evidente em adjetivos e verbos da mesma família dos substantivos *irmão* (irm*an*ar) e *cidadão* (cidad*an*ia).

3) os substantivos em *-ã* com vogal temática *-e* (*pã - e* de *pães*) fazem o plural com o acréscimo da desinência *-s*:

pão → (pã + e + s) → *pães*

capitão → (capitã + e + s) → *capitães*

Descrito o processo de flexão, cabe perguntar como, partindo da forma teórica do plural, se chega às formas do singular em *-ão*. Destacando-se a vogal temática, como já vimos, obtemos duas estruturas fonológicas para os radicais: em *-õ* (leõ) e em *ã* (irmã, pã). Os de tema em *-o* não sofrem alteração: *irmão*; os de tema em *-e* ou mudam a vogal para *-o* (*pão*) ou, se a vogal do radical for *-õ*, apresentam duas mudanças: a vogal temática passa de *-e* a *-o* e a vogal do radical passa de *õ* a *ã*: *leão*.

Dada a confluência das formas do singular num único final *-ão* (diferençadas no plural, como acabamos de ver), surgem muitas dúvidas no uso do plural, além de alterações que se deram através da história da língua, algumas das quais se mantêm regional ou popularmente, em geral a favor da forma plural *-ões*, por ser a que encerra maior número de representantes.

"O ensino escolar [comenta Mattoso] se esforça para manter os três tipos de plural, ora apoiando-se na origem latina, ora se inspirando no espanhol (onde há diferença no singular – *razón*: *razones*; *hermano*: *hermanos*; *pan*: *panes*), ora apelando para as preferências (se bem que às vezes inconsistentes) de determinados autores, na língua literária, considerados 'clássicos'[MC.8, 81-82].

Diante do exposto, oferecemos ao leitor relação minuciosa dos dois grupos de substantivos em *-ão* que não fazem o plural mais frequente em *-ões*:

1) plural em *-ães*:

cão → cães	escrivão → escrivães
capelão → capelães	tabelião → tabeliães
alemão → alemães	pão → pães
capitão → capitães	maçapão → maçapães
mata-cão → mata-cães	catalão → catalães

2) plural em *-ãos*:

chão → chãos

cidadão → cidadãos

cristão → cristãos

desvão → desvãos

grão → grãos

irmão → irmãos

mão → mãos

pagão → pagãos

e os paroxítonos apontados em **A flexão de número dos substantivos** - a) 3.

Muitos substantivos apresentam dois e até três plurais:

aldeão	aldeãos	aldeões	aldeães
ancião	anciãos	anciões	anciães
charlatão	—	charlatões	charlatães
corrimão	corrimãos	corrimões	—
cortesão	cortesãos	cortesões	—
deão	deãos	deões	deães
ermitão	ermitãos	ermitões	ermitães
fuão	fuãos	fuões	—
guardião	—	guardiões	guardiães
refrão	refrãos	—	refrães
sacristão	sacristãos	—	sacristães
truão	—	truões	truães
vilão	vilãos	vilões	vilães
vulcão	vulcãos	vulcões	—

e) **Plural dos nomes treminados em *-l***

1 – **Plural dos nomes terminados em *-al, -el, -ol, -ul***

Nos nomes em *-l*, temos de partir da forma teórica com restituição da vogal temática *-e*, acréscimo do pluralizador *-s*, posterior às regras morfofonêmicas: queda do *-l-* intermediário

e passagem da vogal temática a semivogal (grafada *-i*)

carnaval → *carnavale → carnavales → carnavaes → carnavais

papel → *papele → papeles → papees → papéis (tônico)

lençol → *lençole → lençoles → lençoes → lençóis

nível → *nivele → niveles → nívees → níveis (átono)25

paul → *paule → paules → paues → pauis

OBSERVAÇÕES:

1.ª) *cônsul* e *mal* fazem *cônsules* e *males*

2.ª) *cal* e *aval* fazem *cales* (= cano) e *cais*, *avales* (mais comum em Portugal) e *avais*

3.ª) *real* faz *réis* (moeda antiga) e *reais* (moeda nova)

2 – **Plural dos nomes terminados em *-il***

a) *-il* em vogal átona: ocorre a passagem do *i* a *e* e posteriormente o mesmo que o caso anterior:

fóssil → *fóssile → *fossele → fosseles → fossees → fósseis

b) *-il* com vogal tônica: ocorre o acréscimo do pluralizador *-s* e posterior supressão do *-l*, já que não é necessário recorrer à vogal temática, por não aparecer no plural:

*funil → *funils → funis*26

OBSERVAÇÃO: *mírtil* faz *mírtiles* e *mírteis*; *móbil* faz *móbiles* e *móbeis*.

Réptil e *projétil*, como paroxítonos, fazem *répteis* e *projéteis*; como oxítonos, *reptil* e *projetil* fazem *reptis* e *projetis*.

f) **Plural dos nomes terminados em -x (= ce)**

Os terminados em *-x* com o valor de *ce* (final com que podem também ser grafados) fazem o plural normalmente em *-ces*:

cálix (ou *cálice*), *cálices; apêndix* (ou *apêndice*), *apêndices*.

g) **Palavras que não possuem marca de número**

Há significantes terminados por *-s* em sílaba átona (como *lápis, pires*, ou monossílabos como *cais, xis*) que não possuem marca de número, quer no singular quer no plural, pois se mostram alheias à classe gramatical de número. Cremos ser a melhor lição a de Herculano de Carvalho, segundo a qual não se pode aceitar a doutrina corrente que vê nessas formas um singular que permanece invariável no plural. É um caso de sincretismo, e não de neutralização [HCv.3, 608-609 e 642]. A pluralidade é marcada pelos adjuntos (artigo, adjetivo, pronome, numeral): *o lápis, os lápis; um pires, dois pires; este xis, estes xis*.

Estão neste caso os terminados em:

1) *-s* (em sílaba átona; palavras sigmáticas):

o pires, os pires; o lápis, os lápis; a cútis, as cútis.

OBSERVAÇÃO: *Simples* faz *simpleces* ou, o que é mais comum, não varia. *Cós, lais* e *ferrabrás* são mais usados invariáveis, mas possuem o plural *coses, laises* e *ferrabrases*.

2) *-x* (com o valor de *cs*): *o tórax, os tórax; o ônix, os ônix.*

OBSERVAÇÃO: Alguns nomes com *x* = *cs* possuem a variante em *ce*: *índex* ou *índice, ápex* ou *ápice; códex* ou *códice*. Seus plurais são, respectivamente, *índices, códices, ápices.* Aliás, são preferíveis as grafias *índice, códice* e *ápice*, no singular.

h) **Plurais com alteração de *o* fechado para *o* aberto (metafonia)**[27]

Muitas palavras com *o* fechado tônico, quando passam ao plural, mudam esta vogal para *o* aberto:

miolo – miolos

Dentre as que apresentam esta mudança (chamada metafonia) na vogal tônica lembraremos aqui as mais usuais:

abrolho	fogo	porco
antolho	forno	porto
caroço	foro	posto
choco	fosso	povo
corcovo	imposto	reforço
coro	jogo	rogo
corpo	miolo	sobrolho
corvo	mirolho	socorro
despojo	olho	tijolo
destroço	osso	torto
escolho	ovo	troco
esforço	poço	troço

Esta alternância constitui a única marca do feminino em *avô* e formas com ela relacionadas, onde se acha suprimida a desinência *-a*: *avô – avó* (< *avoa* < lat. *aviola*). Nos casos de metafonia, o plural é marcado pelo morfema pluralizador *-s* e pelo morfema suprassegmental.

Continuam com *o* fechado no plural:

acordo	esboço	logro
adorno	esposo	morro
almoço	estorvo	repolho
alvoroço	ferrolho	rolo
arroto	fofo	sogro

boda	forro	soldo
bojo	gafanhoto	sopro
bolo	globo	soro
bolso	gorro	toco
cachorro	gosto	toldo
caolho	gozo	topo
coco	horto	torno
contorno	jorro	transtorno

OBSERVAÇÃO: Como no caso dos plurais em *-ão (-ões, -ães, -ãos)*, a inclusão da palavra no grupo dos metafônicos ou não metafônicos apresenta muitas indecisões. O esforço para dirimir dúvidas nestes casos se tem regulado pela origem do timbre da vogal tônica em latim e na forma paralela das correspondentes em espanhol, onde, como regra, do timbre fechado resulta uma vogal simples e do timbre aberto uma ditongação: *gozo* (esp.) – gozo (port.) – gozos (ô); *fuego* (esp.) – fogo (port.) – fogos (ó). Tanto a etimologia do latim quanto o paralelismo do espanhol nem sempre têm a boa resposta às dúvidas.

Não sofrem alteração os nomes próprios e os de família:

os *Diogos*, os *Mimosos*, os *Raposos*, os *Portos*.

i) **Plurais com deslocação do acento tônico** – Há palavras que, no plural, mudam de sílaba tônica:

caráter	–	caracteres
espécimen	–	especímenes
júnior	–	juniores
Júpiter	–	Jupíteres
Lúcifer	–	Lucíferes
sênior	–	seniores

O plural *sorores* é de *soror*, oxítono, o que se estende a *sóror*.

j) **Variações semânticas do significado entre o singular e o plural** – Normalmente, o plural guarda o mesmo significado do singular. Isto não acontece, porém, em alguns casos, principalmente se se trata de substantivos abstratos em sentidos contextuais:

bem (o que é bom) – *bens* (propriedades)

féria (produto do trabalho diário) – *férias* (dias de descanso)

"Onde não se preza a *honra* se desprezam as *honras*" [MM].

Em nomes abstratos como *injustiças, crueldades, gentilezas,* o plural denota atos repetidos, ora multiplicidade dos mesmos atos, com certa conotação aumentativa [FBr.1, 97].

Também em nomes concretos pode o plural acusar mudança de significado: *ferro* (metal) → *ferros* (algemas) [SA.2, 69].

Estão nestes casos os nomes que no plural indicam o casal:

os pais (pai e mãe), *os irmãos* (irmã e irmão), *os reis* (rei e rainha).

l) **Palavras só usadas no plural** (*pluralia tantum*) – Eis as principais:

ademanes	endoenças
afazeres	exéquias
alvíssaras	férias (= repouso)
anais	núpcias
arredores	trevas
avós (antepassados)	víveres
belas-artes, belas-letras	nomes de naipes: copas,
confins	ouros, espadas, paus

m) **Plural de nomes próprios** – Os nomes próprios usados no plural fazem o plural obedecendo às normas dos nomes comuns, e a língua padrão recomenda se ponham no plural, e não no singular:

"O fidalgo dos Vitos Alarcões tratou da cabeça na cama, uns quinze dias" [CBr.6, 144].

" (...) seria um garfo meritório do tronco dos *Parmas* d'Eça, ao qual ele Rui de Nelas se glorificava de ser estranho?" [CBr.6, 171].

Todavia, não é raro o uso do singular na língua literária:

"Os brasileiros do sul, os *Correia de Sá*, perdiam muito do encanto dessas obras (...)" [GA *apud* TS, 105].

n) **Plural dos nomes estrangeiros não assimilados** – Os nomes estrangeiros que se adaptaram ao sistema fonológico do português têm o seu plural consoante as normas vigentes: *clube → clubes; dólar → dólares; repórter → repórteres; abajur → abajures; ultimato → ultimatos; memorando → memorandos; confete → confetes.*

Os não assimilados ao nosso idioma tomam duas direções: a) terminam com *-s*, sem pretender coincidir com as regras do plural da língua originária, ou b) regulando-se pelas normas da língua estrangeira, o que, em geral, é o procedimento recomendado na língua padrão e nos textos científicos.

Do primeiro caso, temos:

films, leaders, ladys, dandys, lieds, blitzes.

Do segundo temos, entre os latinismos:

curriculum → curricula, memorandum → memoranda,

corpus → *corpora*, etc.,

que podem ser aportuguesados, no singular, em: *currículo, memorando, corpo* (raro).

campus → *campi (o campus, os campi)*

Entre os gregos cabe citar:

tópos → *tópoi*, *lógos* → *lógoi*, *ónoma* → *onómata.*

Entre os anglicismos:

lady → *ladies*; *penny* → *pennies* ou *pence*;

dandy → *dandies*; *sportman* → *sportmen.*

Entre os germanismos:

lied (/ *lid* /) → *lieder*; *leitmotiv* → *leitmotiven*; *blitz* → *blitzen.*

Também se erra usando-se *lieder* como singular.

Os escritores procuram, na medida do possível, acertar o passo; assim é que José Lins do Rego usou *lieds* nesta passagem de *Gordos e Magros* (1942): "Goethe ia ao povo para sentir a força dos *lieds*, a música que dorme na alma popular." Em *Poesia e Vida* (1945) já se pautava pela norma alemã: "Destruindo Mozart, uma grande Alemanha desapareceria; a Alemanha dos *lieder*, dos violinos gemendo por debaixo das macieiras em flor (...)".

Os nomes italianos em *-i* já estão no plural, quando flexionados (*o confetto* → *os confetti*), mas isto não impediu que um escritor correto como Latino Coelho fizesse o plural com acréscimo do *-s*: "Portugal não primou nas invenções admiráveis da ciência: não teve Newtons nem Platões. Não meneou com galhardo luzimento o escopro ou o pincel: não teve Rafaéis, nem Buonarottis." [*apud* SS.2, 70]. Também de *lápis-lazúli* temos o plural *lápis-lazúlis*. A prevalecer a norma da língua exemplar, pode-se dizer que se trata de um elemento funcional pertencente ao sistema português reservado aos plurais estrangeiros não assimilados (*Fremdwörter*) [ECs.1, 11 n.172].

o) **Plural dos nomes de letras** – Os nomes de letras vão normalmente ao plural, de acordo com as normas gerais.

Escreve com todos os *efes* e *erres*.

Coloquemos os pingos nos *is*.

N.B.: *Xis* serve para singular e plural.

Podemos ainda indicar o plural das letras com a sua duplicação: *ff, rr, ii.*

Este processo ocorre em muitas abreviaturas:

E.E.U.U. (Estados Unidos, também representado por EUA, Estados Unidos da América, ainda U.S.A.).

p) **Plural dos nomes com o sufixo *-zinho*** – Põem-se no plural os dois elementos e suprime-se o *s* do substantivo, consoante a regra ortográfica oficial:

animalzinho = animal + zinho
animaizinhos
coraçãozinho = coração + zinho
coraçõezinhos
florzinha = flor + zinha

florezinhas
papelzinho = papel + zinho
papeizinhos
pazinha = pá + zinha
pazinhas

mas

pazinha = paz + inha
pazezinhas

NOTA ORTOGRÁFICA: Os sufixos diminutivos *-inho* (*-ito,* etc.), *-zinho* (*-zito*, etc.) têm hoje uma distribuição regular, conforme o final da palavra básica:

a) se termina por vogal átona ou consoante (exceto *-s* e *-z*), a escolha é materialmente indiferente, apesar de aparecerem nuanças de sentido contextuais: corpo → *corpinho* (com queda da vogal temática) / *corpozinho* (a forma básica intacta); *flor* → *florinha / florzinha*; *mulher* → *mulherinha / mulherzinha*;

b) se termina por vogal tônica, nasal ou ditongo, é de emprego obrigatório *-zinho* (*-zito,* etc.); boné → bonezinho; siri → sirizinho; álbum → albunzinho; bem → benzinho; raio → raiozinho. Com *-zinho* evitam-se hiatos do tipo *irmãinha*, *raioito*, etc.;

c) se termina em *-s* ou *-z*, o emprego normal é com *-inho* (*-ito*, etc.), repudiando-se *-zinho* (*-zito*, etc.); ficando intacta a palavra básica: lapisinho (lápis + inho), cuscuzinho (cuscuz + inho), rapazinho (rapaz + inho), cartazinho (cartaz + inho), exatamente como escrevemos *lapiseira (lápis + eira), lapisar (lápis + ar), lapisada (lápis + ada)*, etc.

Estabelecem-se até oposições léxicas e fonológicas (já que se guardam os acentos das palavras básicas): *cartazinho* (= cartàz + inho), *cartazinha* (= càrta + zinha), *rapazinho* (= rapàz + inho); *rapazinho* (= ràpa + zinho); *masinho* (= mas + inho), *mazinha* (= mà + zinha) [veja-se o exemplo dado por Oiticica: *Você escreveu aí na pedra um masinho que ninguém percebe* (trata-se da conjunção *mas*)]. Às vezes há convergências gráficas: *pazinha* (*paz + inha*) e *pazinha* (*pá + zinha*), que o contexto dissolverá.

Se escrevemos oficialmente *lapisar, lapiseira,* por que o *Vocabulário* oficial preceitua *lapizinho*? Segundo já Epifânio Dias [ED.1, § 94] e José Oiticica, o coerente seria, já que a regra é flexionar as duas unidades: *açãozinha* (no singular) → *açõesinhas* (no plural, já a básica termina em *-s*). A regra que obriga o *-z* e que expusemos por ser a ortografia oficial, foi formulada por Gonçalves Viana (*Ortografia*, 123); Mário Barreto mostrou-se indeciso no pleito: "Da regra de Epifânio depreende-se que nos nomes em *-ão* os sufixos *-inho e -ito* se precedem de *z* (*açãozinha*, escreve o eruditíssimo gramático português) e que no plural perdem o *z*, tomando esta forma no tema e no sufixo: *ações-inhas*. Seja lá como for, o que está fora de dúvida é que o plural é *açõesinhas* ou *açõezinhas, coraçõesinhos* ou *coraçõezinhos*, e não *coraçãozinhos, açãozinhas*" [MBa.4, 226-227].

Oiticica [JO.3, 89] ainda acha que o normal seria *florinhas, florzinhas*, que a língua padrão evita, mas que têm adoções eventuais em bons escritores: "contam os seus amigos que, quando na mocidade frequentava noturnamente os *barzinhos* da Lapa..." [MB.1, II, 493].

A razão do emprego de formas plurais *barzinhos, colherzinhas* se prende ao fato de que com sufixos outros não ocorre o plural das duas unidades *florinha* → *florinhas*.

q) **Plural das palavras substantivadas** – Qualquer palavra, grupo de palavras, oração ou texto pode substantivar-se, isto é, passar a substantivo, que, tomadas materialmente, isto é, como designação de sua própria forma externa, valem por um substantivo masculino e singular:

o *sim,* o *não,* o *quê,* o *pró,* o *contra,* o *h, Peras* é feminino, *Os homens* é o sujeito da oração.

Tais palavras vão normalmente ao plural:

os *sins,* os *nãos,* os *quês,* os *prós,* os *contras,* os *hh* (agás)

Enquadram-se neste caso os nomes que exprimem número, quando aludem aos algarismos.

Na sua caderneta há três *setes* e dois *oitos*. Tire a prova dos *noves*. Há dois *quatros* a mais e três *onzes* a menos nessas parcelas.

Fazem exceção os terminados em *-s* (*dois, três, seis*), *-z* (*dez*) e *mil*, que são invariáveis.

Quatro *seis* e cinco *dez*.

r) **Plural cumulativo** – Alguns nomes possuem duas formas: uma, básica, singular e outra flexionada em plural que passa a valer como se singular fora:

ananá	ananás
eiró (iró)	eirós (irós)
filhó	filhós
ilhó	ilhós
lilá	lilás

o ananá, *os ananás*; *o lilá*, *os lilás*.

OBSERVAÇÃO: *Cós* fica invariável ou tem plural cumulativo *coses*.

Passando a forma plural a ser empregada como um singular (*o ananás, o lilás*, etc.), por semelhança de singulares em *-ós* (*retrós*, por exemplo), admite um novo plural, chamado cumulativo, por esquecimento da etapa de pluralização: *o ananás, os ananases; o eirós, os eiroses; o filhós, os filhoses; o ilhós, os ilhoses; o lilás, os lilases.*

s) **Plural nos etnônimos** – Etnônimo é o nome que se aplica à denominação dos povos, das tribos, das castas ou de agrupamentos outros em que prevalece o conceito de etnia. Estes nomes utilizados na língua comum admitem a forma plural, como todos os outros: *os brasileiros, os portugueses, os espanhóis, os botocudos, os tupis, os tamoios,* etc.

Por convenção internacional de etnólogos, está há anos acertado que, em trabalhos científicos, os etnônimos que não sejam de origem vernácula ou nos quais não haja elementos vernáculos não são alterados na forma plural, sendo a flexão indicada pelo artigo plural: *os tupi, os nambiquara, os caiuá, os tapirapé, os bântu, os somáli,* etc.

t) **Plural dos nomes compostos** – Merece especial atenção o plural dos nomes compostos, uma vez que as dúvidas e vacilações são frequentes. A questão envolve dificuldades de ordem

ortográfica (uso ou não do hífen) e de ordem gramatical. Torna-se imperiosa uma sistematização que venha pôr simplificação ou minorar as dúvidas ainda existentes, mesmo com as últimas propostas do Acordo Ortográfico. Sem pretendermos esgotar o assunto, apresentamos os seguintes critérios:

A – SOMENTE O ÚLTIMO ELEMENTO VARIA:

1) nos compostos grafados ligadamente:

fidalgo	fidalgos
girassol	girassóis
lenga-lenga	lenga-lengas
madressilva	madressilvas
pontapé	pontapés
vai-vem	vai-vens
zum-zum	zum-zuns

2) nos compostos com as formas adjetivas *grão, grã e bel:*

grão-prior	grão-priores
grã-cruz	grã-cruzes
bel-prazer	bel-prazeres

3) nos compostos de tema verbal ou palavra invariável seguida de substantivo ou adjetivo:

furta-cor	furta-cores
beija-flor	beija-flores
abaixo-assinado	abaixo-assinados
alto-falante	alto-falantes
vice-rei	vice-reis
ex-diretor	ex-diretores
ave-maria	ave-marias

4) nos compostos de três ou mais elementos, não sendo o 2.º elemento uma preposição:

bem-te-vi	bem-te-vis

5) nos compostos de emprego onomatopeico em que há repetição total ou parcial da primeira unidade:

reco-reco	reco-recos
tique-taque	tique-taques

B – SOMENTE O PRIMEIRO ELEMENTO VARIA:

1) nos compostos onde haja preposição, clara ou oculta:

cavalo-vapor (= de, a vapor)	cavalos-vapor
ferro de abrir lata	ferros de abrir lata
mula sem cabeça	mulas sem cabeça
pé de moleque	pés de moleque

2) nos compostos de dois substantivos, onde o segundo exprime a ideia de *fim, semelhança*, ou limita a significação do primeiro:

aço-liga	aços-liga
navio-escola	navios-escola (= para escola)
manga-rosa	mangas-rosa (= semelhante a rosa)
peixe-boi	peixes-boi
salário-família	salários-família

C – AMBOS OS ELEMENTOS VARIAM:

1) nos compostos de dois *substantivos*, de um *substantivo* e um *adjetivo* ou de um adjetivo e um *substantivo*:

amor-perfeito	amores-perfeitos
cabra-cega	cabras-cegas
carta-bilhete	cartas-bilhetes
decreto-lei	decretos-leis
gentil-homem	gentis-homens
guarda-civil	guardas-civis
guarda-mor	guardas-mores
lugar-comum	lugares-comuns
salário-mínimo	salários-mínimos
segunda-feira	segundas-feiras

OBSERVAÇÃO: *lugar-tenente* faz o plural *lugar-tenentes*.

2) nos compostos de temas verbais repetidos:

corre-corre	corres-corres
ruge-ruge	ruges-ruges

OBSERVAÇÃO: Os compostos incluídos neste caso também admitem a flexão adotada pelos nomes de *A*, 3): *corre-corres, ruge-ruges*.

D – FICAM INVARIÁVEIS:

1) as frases substantivas:

a estou-fraca (ave)	as estou-fraca
o não sei que diga	os não sei que diga
o disse me disse	os disse me disse
o bumba meu boi	os bumba meu boi

2) os compostos de tema verbal e palavra invariável:

o ganha-pouco	os ganha-pouco
o pisa-mansinho	os pisa-mansinho
o cola-tudo	os cola-tudo

3) nos compostos de dois temas verbais de significado oposto:

o leva e traz	os leva e traz
o vai-volta	os vai-volta

E – ADMITEM MAIS DE UM PLURAL, ENTRE OUTROS:

fruta-pão:	frutas-pão, fruta-pães
guarda-marinha:	guardas-marinha ou guardas-marinhas *
padre-nosso:	padres-nossos ou padre-nossos
ruge-ruge:	ruges-ruges ou ruge-ruges
salvo-conduto:	salvos-condutos ou salvo-condutos

* Rejeita-se, sem razão, o plural guarda-marinhas.

Gênero – A nossa língua conhece dois gêneros: o *masculino* e o *feminino*.

São masculinos os nomes a que se pode antepor o artigo **o**:

o *linho*, o *sol*, o *raio*, o *prazer*, o *filho*, o *beijo*

São femininos os nomes a que se pode antepor o artigo **a**:

a *flor*, a *casa*, a *mosca*, a *nuvem*, a *mãe*

Todo substantivo está dotado de gênero, que, no português, se distribui entre o grupo do *masculino* e o grupo do *feminino*. São masculinos os nomes a que se pode antepor o artigo *o* (*o linho*, *o sol*, *o clima*, *o poeta*, *o grama*, *o pente*, *o raio*, *o prazer*, *o filho*, *o beijo*) e são femininos os nomes a que se pode antepor o artigo *a* (*a linha*, *a lua*, *a grama*, *a ponte*, *a poetisa*, *a filha*, *a dor*). Só que esta determinação genérica não se manifesta no substantivo da mesma maneira que está representada no adjetivo ou no pronome, por exemplo, isto é, pelo processo da flexão. Apesar de haver substantivos em que aparentemente se manifeste a

distinção genérica pela flexão (*menino* / *menina*, *mestre* / *mestra*, *gato* / *gata*), a verdade é que a inclusão num ou noutro gênero depende direta e essencialmente da classe léxica dos substantivos e, como diz Herculano de Carvalho, "não é o fato de em português existirem duas palavras diferentes – *homem* / *mulher*, *pai* / *mãe*, *boi* / *vaca*, e ainda *filho* / *filha*, *lobo* / *loba* (das quais estas *não são* formas de uma flexão, mas palavras diferentes *tanto como* aquelas) – para significar o indivíduo macho e o indivíduo fêmea (duas espécies do mesmo "gênero", em sentido lógico) que permite afirmar a existência das classes do masculino e do feminino, mas, sim, o fato de o adjetivo, o artigo, o pronome, etc., se apresentarem sob duas formas diversas exigidas respectivamente por cada um dos termos de aqueles pares opositivos –, "est*e* homem velh*o*" / "est*a* mulher velh*a*", "*o* filho mais n*ó*v*o*" / "*a* filha mais n*ó*v*a*" –, formas que de fato constituem uma flexão" [HCv.1, v.9 s.v. *gênero*].

A aproximação da função cumulativa derivativa de -*a* como atualizador léxico e morfema categorial se manifesta tanto em *barca* de *barco*, *saca* de *saco*, *fruta* de *fruto*, *mata* de *mato*, *ribeira* de *ribeiro*, etc., quanto em *gata* de *gato*, porque dá "ao tema de que entra a fazer parte a capacidade de significar uma classe distinta de objetos, que em geral constituem uma espécie do gênero designado pelo tema primário" [HCv.3, 536 n.38; HCv.4, 21]. É pacífica, mesmo entre os que admitem o processo de flexão em *barco* → *barca* e *lobo* → *loba*, a informação de que a oposição masculino – feminino faz alusão a outros aspectos da realidade, diferentes da diversidade de sexo, e serve para distinguir os objetos substantivos por certas qualidades semânticas, pelas quais o masculino é uma forma geral, não marcada semanticamente, enquanto o feminino expressa uma especialização qualquer:

barco / *barca* (= barco grande)
jarro / *jarra* (um tipo especial de jarro)
lobo / *loba* (a fêmea do animal chamado lobo)

Esta aplicação semântica faz dos pares *barco* / *barca* e restantes da série acima não serem consideradas primariamente formas de uma flexão, mas palavras diferentes marcadas pelo processo de derivação. Esta função semântica está fora do domínio da flexão. A analogia material da flexão de gênero do adjetivo é que levou o gramático a pôr no mesmo plano *belo* / *bela* e *menino* / *menina*.

Este fato explica por que na manifestação do gênero no substantivo, entre outros processos, existe a indicação por meio de sufixo nominal: *conde* / *condessa*, *galo* / *galinha*, *ator* / *atriz*, *embaixador* / *embaixatriz*, etc.

Sem ser função precípua da morfologia do substantivo, a diferença do sexo nos seres animados pode manifestar-se ou não com diferenças formais neles. Esta manifestação se realiza ou pela mudança de sufixo (como em *menin**o*** / *menin**a***, *gat**o*** / *gat**a***) – é a *moção* –, ou pelo recurso a palavras diferentes que apontam para cada um dos sexos – é a *heteronímia* (*homem* / *mulher*, *boi* / *vaca*). Na primeira série de pares, como já vimos na lição de Herculano de Carvalho, não temos formas de uma flexão, mas, nelas, como na segunda série de pares, estamos diante de palavras diferentes.

Quando não ocorre nenhum destes dois tipos de manifestação formal, ou o substantivo, com o seu gênero gramatical, se mostra indiferente à designação do sexo (*a criança*, *a pessoa*, *o cônjuge*, *a formiga*, *o tatu*) ou, ainda indiferente pela forma, se acompanha de adjuntos

(artigos, adjetivos, pronomes, numerais) com moção de gênero para indicar o sexo (*o artista*, *a artista*, *bom estudante*, *boa estudante*).

Inconsistência do gênero gramatical – A distinção do gênero nos substantivos não tem fundamentos racionais, exceto a tradição fixada pelo uso e pela norma; nada justifica serem, em português, masculinos *lápis*, *papel*, *tinteiro* e femininos *caneta*, *folha* e *tinta*.

A inconsistência do gênero gramatical fica patente quando se compara a distribuição de gênero em duas ou mais línguas, e até no âmbito de uma mesma língua histórica na sua diversidade temporal, regional, social e estilística. Assim é que, para nós, o *sol* é masculino e, para os alemães, é feminino *die Sonne*, a *lua* é feminino, e, para eles, masculino *der Mond*; enquanto o português *mulher* é feminino, em alemão é neutro *das Weib*. *Sal* e *leite* são masculinos em português e femininos em espanhol: *la sal* e *la leche*. *Sangue* é masculino em português e francês e feminino em espanhol: *le sang* (fr.) e *la sangre* (esp.).

Mesmo nos seres animados, as formas do masculino ou do feminino podem não determinar a diversidade de sexo, como ocorre com os substantivos chamados *epicenos* (aplicados a animais irracionais), cuja função semântica é só apontar para a espécie: *a cobra*, *a lebre*, *a formiga* ou *o tatu*, *o colibri*, *o jacaré*, ou os substantivos aplicados a pessoas, denominados *comuns de dois*, distinguidos pela concordância: *o / a* ***estudante***, *este / esta* ***consorte***, *reconhecido / reconhecida* ***mártir***, ou ainda os substantivos de um só gênero denominados *sobrecomuns*, aplicados a pessoas, cuja referência a homem ou a mulher só se depreende pela referência anafórica do contexto: *o* ***algoz***, *o* ***carrasco***, *o* ***cônjuge***.

A mudança de gênero – Aproximações semânticas entre palavras (sinônimos, antônimos), a influência da terminação, o contexto léxico em que a palavra funciona e a própria fantasia que moldura o universo do falante, tudo isto representa alguns dos fatores que determinam a mudança do gênero gramatical dos substantivos. Na variedade temporal da língua, do português antigo ao contemporâneo, muitos substantivos passaram a ter gêneros diferentes, alguns sem deixar vestígios, outros como *mar*, hoje masculino, onde o antigo gênero continua presente em *preamar* (*prea = plena*, *cheia*) e *baixa-mar*.

Já foram femininos *fim*, *planeta*, *cometa*, *mapa*, *tigre*, *fantasma*, entre muitos outros; já foram usados como masculinos: *árvore*, *tribo*, *catástrofe*, *hipérbole*, *linguagem*, *linhagem* [SA.5, I, 65-70; PDo.1].

O gênero nas profissões femininas – A presença, cada vez mais justamente acentuada, da mulher nas atividades profissionais que até bem pouco eram exclusivas ou quase exclusivas do homem tem exigido que as línguas – não só o português – adaptem o seu sistema gramatical a estas novas realidades. Já correm vitoriosos faz muito tempo femininos como *mestra*, *professora*, *médica*, *advogada*, *engenheira*, *psicóloga*, *filóloga*, *juíza*, entre tantos outros.

As convenções sociais e hierárquicas criaram usos particulares que nem sempre são unanimemente adotados na língua comum. Todavia, já se aceita a distinção, por exemplo, entre

a *Cônsul* (= senhora que dirige um consulado) e a *Consulesa* (= esposa do Cônsul), a *Embaixadora* (= senhora que dirige uma Embaixada) e *Embaixatriz* (= esposa do Embaixador). Já para *senador* vigoram indiferentemente as formas de feminino *senadora* e *senatriz* para a mulher que exerce o cargo político ou para a esposa do senador, regra que também poucos gramáticos e lexicógrafos estendem a *consulesa* e *embaixatriz*.

Na hierarquia militar, a denominação para mulheres da profissão parece não haver uma regra generalizada. Correm com maior frequência os empregos28:

o cabo Ester Silva, *o sargento* Andreia.

Na linguagem jurídica, as petições iniciais vêm com o masculino com valor generalizante, dada a circunstância de não se saber quem examinará o processo, se juiz ou juíza.

Meritíssimo Senhor Juiz
Excelentíssimo Senhor Desembargador

Note-se, por fim, que algumas formas femininas podem não vingar por se revestirem de sentido pejorativo: *chefa*, *caba*, por exemplo.

Formação do feminino – Os substantivos que designam pessoas e animais manifestam o gênero e apresentam, quase sempre, duas formas diferentes: uma para indicar os seres do sexo masculino e outra para os seres do sexo feminino:

filho	–	filha
pai	–	mãe
rapaz	–	rapariga

Podemos distinguir, na manifestação do feminino, os seguintes processos:

a) com a mudança ou acréscimo ao radical, suprimindo a vogal temática: *filho* → filh(o) + a → *filha*:

1 – os terminados em -*o* mudam o -*o* em -*a*, por analogia com a flexão dos adjetivos biformes:

filho	–	filha	menino	–	menina
aluno	–	aluna	gato	–	gata

2 – os em -*e* uns há que ficam invariáveis, outros acrescentam -*a* depois de suprimir a vogal temática: *alfaiate* → alfaiat(e) + a → *alfaiata*.

Não variam de forma à semelhança dos adjetivos:

amante, *cliente*, *constituinte*, *doente*, *habitante*,
inocente, *ouvinte*, *servente*, etc.

Variam:

alfaiate – alfaiata
infante – infanta
governante – governanta
presidente – presidenta
parente – parenta
monge – monja

} também aparece invariável

3 – os em -*or* formam geralmente o feminino com acréscimo de *a*:

doutor – doutora
professor – professor

OBSERVAÇÃO: Outros, terminados em -*eira*: *arrumadeira*, *lavadeira*, *faladeira* (a par de *faladora*).

4 – os em vogal atemática (tônica), -*s*, -*l*, -*z* acrescentam *a*, sem qualquer alteração morfofonêmica:

freguês	–	freguesa	zagal	–	zagala
português	–	portuguesa	oficial	–	oficiala
juiz	–	juíza	guri	–	guria
peru	–	perua			

5 – os em -*ão* (dada a confluência no singular e permanência de formas diferençadas no plural, como já vimos, apresentam os seguintes casos:

a) quando este final pertence a nomes de tema em -*o* (transformado em semivogal do ditongo nasal), têm suprimida normalmente esta vogal e acrescida de -*a* e posterior fusão por crase:

irmão → irmã(o) + a → *irmãa* → *irmã* (por crase);
alemão → alemã(o) + a → *alemãa* → *alemã*. 29

b) quando -*ão* corresponde a forma teórica -*õ*, tal qual ocorre com o plural, há desnasalação da vogal temática e acréscimo de -*a*, que favorece o aparecimento de hiato:

bretão (radical teórico *bretõ*, cf. o plural *bretões*) → *breto*(m) + a → *bretoa*;
bom → bo(m) + a → *boa*.

c) quando -*ão* é sufixo derivacional aumentativo, a nasalidade desenvolve o fonema de transição /n/:

valentão (radical teórico *valentõ*, cf. pl. *valentões*) → *valento* + *n* + *a* → *valentona*.

6 – os que têm o sufixo derivacional –*eu* suprimem a vogal temática (aqui sob forma de semivogal do ditongo), acrescentam –*a* e, ao se obter o hiato *ea*, desenvolvem normalmente o ditongo /*ey*/ e conhecem posterior passagem do *e* fechado a aberto /*ey*/ (passagem que não se dá em todo o território onde se fala a língua, como, por exemplo, em Portugal): *europeu* → *europe*(u) + *a* → *europea* → *europeia* → *europeia*.

Assim procedem: *ateu*, *egeu*, *filisteu*, *giganteu*, *pigmeu*.

Fazem exceção: *judeu* → *judia*, *sandeu* → *sandia*.

7 – manifestam o feminino por meio dos sufixos derivacionais *-esa*, *-essa*, *-isa*, *-triz*, *-ez*:

abade – abadessa

alcaide – alcaidessa
(ou alcaidina)

barão – baronesa

bispo – episcopisa

conde – condessa

condastável – condastabelesa

cônego – canonisa

cônsul – consulesa

diácono – diaconisa

doge – dogesa, dogaresa,
dogaressa

druida – druidesa, druidisa
(ocorre em O. Bilac)

duque – duquesa

embaixador – embaixatriz
(embaixadora)

etíope – etiopisa

imperador – imperatriz

jogral – jogralesa

papa – papisa

píton – pitonisa

poeta – poetisa

príncipe – princesa

prior – priora, prioresa

profeta – profetisa

sacerdote – sacerdotisa

visconde – viscondessa

8 – não se enquadram nos casos precedentes:

ator – atriz

avô – avó

capiau – capioa

czar /pron. tçar/ - czarina *

dom – dona

felá – felaína

galo – galinha

grou – grua

herói – heroína

ilhéu – ilhoa

landgrave – landgravina

marajá – marani

mandarim – mandarina

maestro – maestrina
(também *maestra*)

pierrô – pierrete

raja ou rajá – râni ou rani

rapaz – rapariga

rei – rainha

réu – ré

silfo – sílfide

sultão – sultana

tabaréu – tabaroa

* Também grafado: tzar – tzarina.

b) com palavras diferentes para um e outro sexo (heterônimos):

1 – Nomes de pessoas:

cavaleiro – amazona

marido – mulher

cavalheiro – dama

confrade – confreira

compadre – comadre

frade – freira

frei – sóror, soror, sor

genro – nora

homem – mulher

padrasto – madrasta

padre – madre

padrinho – madrinha

pai – mãe

patriarca – matriarca

rico-homem – rica-dona

2 – Nomes de animais:

bode – cabra

boi – vaca

burro – besta

cão – cadela

carneiro – ovelha

cavalo – égua

veado – veada, cerva (é)

zangão, zângão – abelha

c) feminino com auxílio de outra palavra:

Há substantivos que têm uma só forma para os dois sexos:

estudante, consorte, mártir, amanuense, constituinte, escrevente, herege, intérprete, etíope, ouvinte, nigromante, servente, vidente, penitente

São por isso chamados comuns de (ou a) dois. Tais substantivos distinguem o sexo pela anteposição de *o* (para o masculino) e *a* (para o feminino):

o estudante – a estudante
o camarada – a camarada
o mártir – a mártir

Incluem-se neste grupo os nomes de família:

"(...) redarguiu colérica a *Pacheco* (...)" [CBr *apud* MB.2, 150].

Os nomes terminados em -*ista* e muitos terminados em -*e* são comuns de dois:

o capitalista – a capitalista; o doente – a doente

Também nomes próprios terminados em -*i* (antigamente ainda -*y*) são comuns tanto a homens como a mulheres:

Darci, Juraci

Enquadram-se neste grupo os nomes de animais para cuja distinção de sexo empregamos as palavras *macho* e *fêmea*:

cobra macho; jacaré fêmea

Podemos ainda servir-nos de outro torneio:

o macho da cobra; a fêmea do jacaré

Estes se chamam *epicenos*.

d) sobrecomuns

São nomes de um só gênero gramatical que se aplicam, indistintamente, a homens e mulheres: 30

o algoz, o carrasco, o cônjuge, a criatura, a criança, o ente, o indivíduo, a pessoa, o ser, a testemunha, o verdugo, a vítima.

Gênero estabelecido por palavra oculta – São masculinos os nomes de rios, mares, montes, ventos, lagos, pontos cardeais, meses, navios, por subentendermos estas denominações:

O (rio) *Amazonas*, *o* (oceano) *Atlântico*, *o* (vento) *bóreas*, *o* (lago) *Ládoga*, *o* (mês) *abril*, *o* (porta-avião) *Minas Gerais*

Por isso são normalmente femininos os nomes de cidade, ilhas:

A bela (cidade) *Petrópolis*. *A movimentada* (ilha) *Governador*.

Nas denominações de navios, depende do termo subentendido: *o* (transatlântico) *Argentina*, *a* (corveta) *Belmonte*, *a* (canhoneira) *Tijuca*, etc. De modo geral, os grandes transatlânticos são todos masculinos, em vista deste substantivo oculto, embora muitos tenham nomes femininos: "Embarcou *no Lusitânia* e foi para Lisboa" [MBa.5, 294].

Notem-se os seguintes gêneros:

O (vinho) *champanha* (e não *a champanha*!), *o* (vinho) *madeira*, *o* (charuto) *havana*, *o* (café) *moca*, *o* (gato) *angorá*, *o* (cão) *terra-nova*.

Mudança de sentido na mudança de gênero – Há substantivos que são masculinos ou femininos, conforme o sentido com que se achem empregados:

a apocalipse – *o apocalipse*
a cabeça (parte do corpo) – *o cabeça* (o chefe)
a capital (cidade principal) – *o capital* (dinheiro, bens)
a gênesis – *o gênesis*
a língua (órgão muscular; idioma) – *o língua* (o intérprete)
a lotação (capacidade de um carro, navio, sala, etc.) – *o lotação* (forma abreviada de autolotação)
a moral (parte da filosofia; moral de um fato; conclusão) – *o moral* (conjunto de nossas faculdades morais; ânimo)
a rádio (a estação) – *o rádio* (o aparelho)
a voga (moda; popularidade) – *o voga* (o remador)

Gênero de compostos – Os compostos são uma espécie de construção sintática abreviada, de modo que, se são constituídos por substantivos variáveis (biformes), o determinante (a 2.ª unidade) concorda com o gênero do determinado e é responsável pelo gênero do composto: a *batata-rainha* e não a *batata-rei*, a *ponta-seca* (instrumento de corte) [MAg.1, 160; MAg.3, 157].

Nos compostos de unidades uniformes, é evidente que não se dá a concordância do 2.º elemento, mas o gênero do composto continua se regulando pela 1.ª unidade: *a cobra-capelo*, *o pau-paraíba*, *a fruta-pão*.

Neste último caso, dá-se com frequência a perda da noção do composto (tratado como palavra base), o que facilita que o gênero do composto se regule pela 2.ª unidade: *o pontapé* e a indecisão entre o povo se é *a fruta-pão* (o normal), se *o fruta-pão* (com esquecimento do composto).

Se o composto está constituído de tema verbal e substantivo, a regra é o composto ter o gênero masculino singular: *o tira-teima*(s), *o arranca-rabo*, *o trava-língua*, *o trava-conta*(s).

Contrariamente ao gênero da língua e por imitação inglesa, passou-se a usar de compostos em que o determinante, invariável, ocupa o primeiro lugar, e o determinado o segundo, ficando o gênero do composto regulado por este último elemento: *a ferrovia*, *a aeromoça*. Segundo Martinz de Aguiar, por esta porta é que nos chegou o masculino de *o cólera-morbo* (*morbo*, latino, é masculino) e, na forma reduzida, *o cólera*, e não por influência francesa. A passagem ao hoje mais usual e aceito *a cólera-morbo*, *a cólera*, se deveu à analogia com o processo regular no português.

Gêneros que podem oferecer dúvida:

a) *São masculinos*:

Os nomes de letra de alfabeto, clã, champanha, dó, eclipse, formicida, grama (unidade de peso), jângal (jângala), lança-perfume, milhar, orbe, pijama, proclama, saca-rolhas, sanduíche, sósia, telefonema, soma (o organismo tomado como expressão material em oposição às funções psíquicas).

b) *São femininos*:

Aguardente, alface, alcunha, alcíone, análise, anacruse, bacanal, fácies, fama, cal, cataplasma, cólera, cólera-morbo, coma (cabeleira e vírgula), dinamite, eclipse, faringe, fênix, filoxera, fruta-pão, gesta (= façanha), libido, polé, preá, síndrome, tíbia, variante e os nomes terminados em *-gem* (exceção de *personagem* que pode ser masc. ou fem.).

c) *São indiferentemente masculinos ou femininos*:

Ágape, avestruz, caudal, componente (masc. no Br. e fem. em Portugal), crisma, diabete, gambá, hélice, íris, juriti, igarité, lama ou lhama, laringe (mais usado no fem.), ordenança, personagem, renque, sabiá, sentinela, soprano, suástica, suéter, tapa, trama (intriga), víspora.

Mais de um feminino – Além dos já apontados no decorrer do capítulo, lembraremos ainda os mais usuais:

aldeão – aldeã, aldeoa
deus – deusa, deia (poét.)
diabo – diaba, diabra, diáboa
elefante – elefanta, elefoa, aliá
javali – javalina, gironda
ladrão – ladra, ladrona, ladroa
melro – mélroa, melra
motor – motora, motriz (adj.)
pardal – pardoca, pardaloca, pardaleja
parvo – párvoa, parva
polonês – polonesa, polaca
varão – varoa, virago, matrona
vilão – vilã, viloa

OBSERVAÇÃO: As orações, os grupos de palavras, as palavras e suas partes tomadas materialmente são consideradas como do número singular e do gênero masculino: É bom *que estudes*; *o sim*; *o não*; *o re-*, etc.

Aumentativos e diminutivos – Os substantivos apresentam-se com a sua significação aumentada ou diminuída, auxiliados por sufixos derivacionais:

homem – homenzarrão – homenzinho

A NGB, confundindo flexão com derivação, estabelece dois graus de significação do substantivo:

a) aumentativo: *homenzarrão*
b) diminutivo 31: *homenzinho*

A derivação gradativa do substantivo se realiza por dois processos, numa prova evidente

de que estamos diante de um processo de derivação, e não de flexão:

a) *sintético* – consiste no acréscimo de um final especial chamado *sufixo derivacional aumentativo* ou *diminutivo*: homenzarrão, homenzinho;

b) *analítico* – consiste no emprego de uma palavra de aumento ou diminuição (grande, enorme, pequeno, etc.) junto ao substantivo: *homem grande*, *homem pequeno*.

A flexão se processa de modo sistemático, coerente e obrigatório em toda uma classe homogênea, fato que não ocorre na derivação, o que já levara o gramático e erudito romano Varrão a considerá-la uma *derivatio voluntaria*.

Aumentativos e diminutivos afetivos 32 – Fora da ideia de tamanho, as formas aumentativas e diminutivas podem traduzir o nosso desprezo, a nossa crítica, o nosso pouco caso para certos objetos e pessoas, sempre em função da significação lexical da base, auxiliados por uma entoação especial (eufórica, crítica, admirativa, lamentativa, etc.) e os entornos que envolvem falante e ouvinte:

poetastro, *politicalho*, *livreco*, *padreco*, *coisinha*, *issozinho*

Dizemos então que os substantivos estão em sentido pejorativo.

A ideia de pequenez se associa facilmente à de carinho que transparece nas formas diminutivas das seguintes bases léxicas:

paizinho, mãezinha, queridinha

Função sintática do substantivo – Quanto à função sintática, o substantivo exerce por excelência a função de sujeito (ou seu núcleo) da oração e, no domínio da constituição do predicado, as funções de objeto direto, complemento relativo, objeto indireto, predicativo, adjunto adnominal e adjunto adverbial. Em geral, na função de sujeito e de objeto direto dispensa o substantivo o concurso de qualquer outro elemento; nas outras, acompanha-se de índice funcional.

Toda palavra, parte da palavra ou toda unidade linguística de maior extensão – a oração e o texto inclusive – considerada materialmente, como "objetos substantivos" vale por um substantivo, na metalinguagem. Assim, em ***João** é oxítono, **re**-é um prefixo, o **hoje** e o **amanhã*** o que temos são elementos significantes da linguagem primária (isto é, a linguagem cujo objeto é a realidade não linguística) que se podem converter em nomes de si mesmos – e, portanto, em "substantivos" – no plano da metalinguagem do discurso (isto é, a linguagem cujo objeto é uma linguagem), vale dizer, no emprego metalinguístico da linguagem. Em *o **não*** ou *o **ai!*** não temos "substantivações" de advérbio ou de interjeição, mas substantivos metalexicalizados. Em *O **dlim-dlão** dos sinos acordou-me cedo,* não temos uma onomatopeia a funcionar como sujeito; no exemplo, *dlim-dlão* já não é uma onomatopeia (repare-se que só o substantivo ou equivalente funciona como sujeito), mas o seu nome expresso por substantivo designativo do som que o sino emite. É o que a escolástica chamava *suppositio materialis* [ECs.12, 107; HCv.2, 189].

Grafia dos nomes próprios estrangeiros – As ciências, as artes, a cultura, em geral, e o contato intenso entre nações fazem circular uma multiplicidade de nomes próprios estrangeiros, quer antropônimos, quer topônimos. A tradição literária – mais lusitana que brasileira – prefere, quando possível, aportuguesar, nos antropônimos, o prenome, deixando intacto o sobrenome: *Emílio Zola, Ernesto Renan, Renato Descartes, Antônio Meillet, Frederico Diez.* Todavia, também é possível a manutenção integral do nome estrangeiro: *Antoine Meillet*, *John Milton*, *Juan de Mena.*

Há outros que tradicionalmente são mantidos intactos: *William Shakespeare*, *Johann Wolfgang von Goethe*, *Giovanni Boccaccio*, *Wolfgang Amadeus Mozart*.

Particular atenção merecem os nomes latinos que, por imitação francesa, aparecem com a terminação *-us* do nominativo, quando deveriam ter *-o*: *Bruto* (e não *Brutus*), *Júnio* (e não *Junius*), *Quintílio* (e não *Quintilius*) [MBa.7, 252 - 253].

Maiores adeptos do aportuguesamento, especialmente em Portugal, angariam os topônimos, principalmente quando já correram entre escritores desde os séculos XV e XVI. Assim, é pacífica nos dois países (já que os países independentes de expressão oficial portuguesa acertam o passo com a lição e prática dos lusitanos) a aceitação de *Londres* (e não *London*), *Viena* (e não *Wien*), *Florença* (e não *Firenze*), *Colônia* (e não *Köln*), *Mogúncia* (e não *Mainz* ou *Mayence*), ao lado de outras de difícil aportuguesamento, como *Washington, Windsor, Civitàvecchia, St. Etienne.*

Para brasileiros soam estranhos aportuguesamentos como *Moscovo, Aquisgrano* (Aix-la-Chapelle ou Aachen), *Bona* (Bonn), *Vratislávia* (Breslau), *Cambrígia* (Cambridge), *Francoforte* (Frankfurt), *Glásgua* (Glasgow), entre outros, embora várias propostas tenham aceitação unânime: *Antuérpia* (para *Anvers*), *Avinhão* (*Avignon*), *Basileia* (*Bâle ou Basel*), *Berna* (*Berne*), *Cornualha* (*Cornwall*), *Cracóvia* (*Kraków*), *Leida* (*Leyden*), *Nimega* (*Nijmegen*), *Nova Iorque* (*New York*), *Zurique (Zurich*).

2 – ADJETIVO

Adjetivo – é a classe de lexema que se caracteriza por constituir a *delimitação*, isto é, por caracterizar as possibilidades designativas do substantivo, orientando delimitativamente a referência a uma *parte* ou a um *aspecto* do denotado.

O adjetivo pertence a um inventário aberto, sempre suscetível de ser aumentado. A estrutura interna ou constitucional do adjetivo consiste, nas línguas flexivas, na combinação de um signo lexical expresso pelo radical com signos morfológicos expressos por desinências e alternâncias, ambas destituídas de existência própria fora dessas combinações. No português, entre as desinências está a marca de gradação, isto é, o grau absoluto ou relativo da parte, ou aspecto ("qualidade") significado no radical, (*belo – belíssimo*), bem como afixos de gênero e de número. A relação gramatical instaurada entre o signo delimitador e o signo delimitado é geralmente expressa pela "concordância".

A delimitação apresenta distinções; pode ser *explicação*, *especialização* e *especificação*, expressas por instrumentos verbais correspondentes: os *explicadores*, os *especializadores* e

os *especificadores*. Os explicadores destacam e acentuam uma característica inerente do nomeado ou denotado. Os especializadores marcam os limites extensivos ou intensivos pelos quais se considera o determinado, sem isolá-lo nem opô-lo a outros determináveis capazes de caber na mesma denominação. Os especificadores restringem as possibilidades de referência de um signo, ajuntando-lhe notas que não são inerentes a seu significado.

Junto a virtuais, os especificadores delimitam dentro das classes correspondentes outras classes menos amplas (p. ex. *homem* / *homem branco*). Aplicados a atuais, apresentam os objetos denotados como pertencentes a classes que, por sua vez, se consideram incluídas em classes mais extensas (cf. um *menino louro* pertence à classe "menino louro", que é membro da classe "menino"). Este tipo de determinação Coseriu chama *especificação distintiva*.

Formalmente análoga à especificação distintiva, mas muito diferente no que toca ao funcional, é a *especificação informativa* ou *identificação*, que é um tipo autônomo de determinação, expresso pelos instrumentos *identificadores*. Consiste a identificação na especificação do significado de uma forma "multívoca" para garantir sua compreensão por parte do ouvinte atual ou eventual. Não é a identificação um processo que se realiza com *significados*, como a delimitação, mas com *formas*, e com vista à *atribuição do significado*, isto é, é um processo para que as formas se tornem *inequívocas* ao ouvinte.

Instrumentos gramaticais da determinação nominal – Os instrumentos verbais da determinação nominal são expressos por palavras dotadas de significado categorial e léxicos compreendidas pelos adjetivos, locuções adjetivas, orações adjetivas e nomes em aposição, que se aplicam tanto a nomes virtuais quanto a atuais.

São exemplos de:

a) *delimitadores explicadores*: ***o vasto*** *oceano*, ***as líquidas*** *lágrimas*

b) *delimitadores especializadores*: *a vida* ***inteira***, *o sol* ***matutino***, *o dia* ***no ocaso***, *o céu* ***austral***, *o homem* ***como sujeitos pensantes***, *Camões* ***como poeta***.

c) *delimitadores especificadores* (especificação distintiva): *castelo* ***medieval***, *menino* ***louro***, *aves* ***aquáticas***, *o presidente* ***da República***, *o médico* ***de família***.

São exemplos de determinação *identificadora*: *folha* ***de papel***, *folha* ***de zinco***, *quadro* ***de futebol***, *quadro* ***de parede***, *língua-**idioma***, *língua-**órgão,*** *o real* ***moeda***, *homem* ***homem*** (e não *homem* ser humano).

Os identificadores podem ser ocasionais (Caxias, *Maranhão*), usuais (São Lourenço *do Sul*), ou constantes (*Nova* York, Porto *Alegre*). Os identificadores usuais e constantes, como partes integrantes de um signo, constituem, com seus determinados, verdadeiros *nomes compostos*, embora normalmente dissociáveis, no caso dos identificadores usuais, em virtude de circunstâncias do falar a que Coseriu chama *entornos*.

Assim, se o falante estiver no Maranhão, escusará dizer *Caxias*, *Maranhão*, mas tão somente *Caxias*, como o habitante de *São Lourenço do Sul* usará apenas *São Lourenço*, dentro do mesmo entorno.

OBSERVAÇÃO: Outros instrumentos verbais podem, sozinhos ou acompanhados de adjetivo, exercer a função de delimitadores nominais. Entretanto, com os adjetivos propriamente ditos não se confundem, porque não possuem significação lexical (ou,

como vimos atrás, quando a apresentam, têm significado lexical genérico, o que ocorre com certos pronomes), e integram um inventário fechado: são pronomes adjuntos (a que a gramática tradicional chamava "adjetivos determinativos": *possessivos*, *demonstrativos*, *indefinidos*) e, intimamente relacionados com estes últimos, os *numerais*.

NOTA DE NOMENCLATURA: Os gramáticos antigos gregos e latinos reuniam substantivos e adjetivos numa só classe, a dos *nomes*, como ainda fazem alguns gramáticos de línguas estrangeiras (ingleses, por exemplo). Só na Idade Média se fez a distinção entre nomes substantivos e nomes adjetivos. Isto porque um mesmo objeto pode ser apreendido ou como objeto absoluto e independente (isto é, substância afetada por um acidente: *o forte* ***amor***), ou como objeto dependente (inerente a um sujeito: *o homem* ***amoroso***). Daí, com frequência, poder o mesmo significante ocorrer com um ou outro desses valores: ***alto*** *monte* – ***o alto*** *do monte*. Assim também expressões inteiras, inclusive orações, podem "substantivar-se", vale dizer, podem passar a exercer funções que os substantivos exercem; daí as chamadas orações subordinadas substantivas: *Desejo teu* ***progresso*** / *Desejo* ***que progridas*** [ECs.1, 291-308; HVc.1, 427-428]. Por outro lado, uma oração adjetiva não introduzida pelos conectores *cujo* e *o qual* pode voltar a substantivar-se mediante a anteposição do artigo, se se elide o substantivo antecedente: *Não sei* ***o que tem de verdade nisso***, onde a oração transposta de adjetivo passa a substantivo para exercer a função de objeto direto em relação ao predicado *não sei*. Chamar ao *o* (*a, os, as*) pronome demonstrativo é mascarar a substantivação.

Locução adjetiva – é a expressão formada de preposição + substantivo ou equivalente com função de adjetivo:

Homem de *coragem* = homem *corajoso*
Livro *sem capa* = livro *desencapado*
"Era uma noite medonha,
Sem estrelas, *sem luar*" [GD]
Homem *de cor*
Escritores *de hoje*

Note-se que nem sempre encontramos um adjetivo de significado perfeitamente idêntico ao de locução adjetiva:

Colega de turma

A língua poética é mais receptiva ao emprego do adjetivo que exprime matéria em lugar da locução adjetiva:

áureas *estátuas* – *estátuas* ***de ouro***
nuvens ***plúmbeas*** – *nuvens* ***de chumbo***
colunas ***marmóreas*** – *colunas* ***de mármore***

Substantivação do adjetivo – Certos adjetivos são empregados sem qualquer referência a nomes expressos como verdadeiros substantivos. A esta passagem de adjetivos a substantivos chama-se substantivação:

"A vida é combate
que os *fracos* abate,
que os *fortes*, os *bravos*,
só pode exaltar" [GD].

Nestas substantivações, o adjetivo prescinde do substantivo que o podia acompanhar, ou então é tomado em sentido muito geral e indeterminado, não marcado, caso em que se usa o masculino (à maneira do neutro latino, mas não do neutro em português, que não existe):[33]

O ***bom*** da história é que não houve fim.
O ***engraçado*** da anedota passou despercebido.
O ***triste*** do episódio está em que a vida é assim.

Flexões do adjetivo – O adjetivo se combina com certos signos gramaticais para manifestar o *número*, o *gênero* e o *grau*. O grau, entretanto, não constitui, no português, um processo gramatical e, assim, deve ser excluído da nossa descrição como tal, à semelhança do que já fazem gramáticas de outras línguas românicas. O grau, com estas reservas, figura aqui, por ter sido ainda contemplado pela NGB. A gradação em português, tanto no substantivo quanto no adjetivo, se manifesta por procedimentos sintáticos, e não morfológicos, como o era em latim, ou por sufixos derivacionais.

Número do adjetivo – O adjetivo acompanha o número do substantivo a que se refere: *aluno estudioso*, *alunos estudiosos*.

O adjetivo, portanto, conhece os dois números que vimos no substantivo: o *singular* e o *plural*.

Formação do plural dos adjetivos – Aos adjetivos se aplicam, na maioria dos casos, as mesmas regras de plural dos substantivos.

Alguns poucos adjetivos, como já ocorreu nos substantivos, se mostram indiferentes à marca de número, servindo indistintamente para a indicação do singular ou plural: *simples*, *isósceles*, assim:

critério *simples* / solução *simples*
caráter *assim* / coragem *assim*

Quanto aos adjetivos compostos, lembraremos que normalmente só o último varia, quando formados por dois adjetivos:

amizades luso-brasileiras, reuniões lítero-musicais
saias verde-escuras, folhas azul-claras

Variam ambos os elementos, entre outros exemplos, *surdo-mudo*: *surdos-mudos*.

Com exceção dos casos mais gerais, não tem havido unanimidade de uso no plural dos adjetivos compostos, quer na língua literária, quer na variedade espontânea da língua. A dificuldade fica ainda acrescida pelo fato de uma mesma forma poder ser empregada como adjetivo ou como substantivo, e a cada uma dessas funções são atribuídos plurais distintos, especialmente nos dicionários. As denominações de cores é que mais chamam a nossa atenção neste particular. Assim, para *verde-claro* como substantivo, se atribui o plural *verdes-claros* e, como adjetivo, *verde-claros*; já *verde-azul*, substantivo ou adjetivo, é assinalado com o plural *verde-azuis*.

Se o 2.º elemento é um substantivo (*verde-abacate*, *verde-água*), o composto admite dois plurais: *verdes-abacates* e *verdes-abacate*; *verdes-águas* e *verdes-água*.

O melhor, nestes casos, será apelar para as nossas tradicionais maneiras de adjetivar, com o auxílio da preposição *de* ou das locuções *de cor*, *de cor de* ou, simplesmente, *cor de* [SS.3, 74]: *olhos de verde-mar*, *ramagens de cor verde-garrafa*, *luvas de cor de pele*, *olhos cor de safira*, *olhos verdes da cor do mar*.

Mário Barreto, lembrando a possibilidade da elipse da preposição *de* ou da locução *cor de*, recomenda a invariabilidade do substantivo empregado adjetivamente, em *fitas creme*,

luvas café, isto é, fitas de cor de creme, e rejeita *fitas cremes*, *luvas cafés* [MBa.1, 375-377]. Ensina ainda que, sendo frequente o emprego do nome do objeto colorido para expressar a cor desse mesmo objeto: *o* ***lilá*** *pálido*, *um* ***violeta*** *escuro*, aplicando-se aos nomes *lilá*, *violeta* o gênero masculino na acepção da cor: "Prefiro o *rosa* ao *violeta*", em vez de "Prefiro *a* rosa à violeta", oração que pode ser entendida de maneira ambígua.

Gênero do adjetivo – O adjetivo concorda também em gênero com o substantivo a que se refere. Conhece, assim, os gêneros comuns ao substantivo: *masculino* e *feminino*. Todavia, esta distinção (em gênero e em número) tem diferente valor referencial no substantivo e no adjetivo; no substantivo, o gênero e o número modificam a referência, enquanto no adjetivo designam sempre a mesma qualidade e só se explicam como simples repercussão da relação sintática (concordância) que se instaura entre o determinado e o determinante, nada acrescentando semanticamente. Diferente de *menino* / *menina*, o adjetivo *estudioso* / *estudiosa* não assinala *menino* como da classe dos machos nem *menina* da classe das fêmeas.

Formação do feminino dos adjetivos – Os adjetivos *uniformes* são os que apresentam uma só forma para acompanhar substantivos masculinos e femininos. Geralmente estes uniformes terminam em *-a*, *-e*, *-l*, *-m*, *-r*, *-s* e *-z*:

povo *lusíada*	–	nação *lusíada*
breve exame	–	*breve* prova
trabalho *útil*	–	ação *útil*
objeto *ruim*	–	coisa *ruim*
estabelecimento *modelar*	–	escola *modelar*
homem *audaz*	–	mulher *audaz*
conto *simples*	–	história *simples*

Exceções principais: *andaluz*, *andaluza*; *bom*, *boa*; *chim*, *china*; *espanhol*, *espanhola*.

Quanto aos *biformes*, isto é, que têm uma forma para o masculino e outra para o feminino, os adjetivos seguem de perto as mesma regras que apontamos para os substantivos. Lembraremos aqui apenas os casos principais:

a) Os terminados em *–ês*, *-or*, e *–u* acrescentam no feminino um *a*, na maioria das vezes.

chinês, *chinesa*; *lutador*, *lutadora*; *cru*, *crua*.

EXCEÇÕES: 1) *cortês*, *descortês*, *montês* e *pedrês* são invariáveis; 2) *incolor*, *multicor*, *sensabor*, *maior*, *melhor*, *menor*, *pior* e outros são invariáveis. Outros em *-dor* ou *-tor* apresentam-se em *-triz*: *motor*, *motriz* (a par de *motora*, conforme vimos nos substantivos); outros terminam em *-eira*: *trabalhador*, *trabalhadeira* (a par de *trabalhadora*). *Superiora* (de convento) usa-se como substantivo. 3) *hindu* é invariável; *mau* faz *má*.

b) Os terminados em *-eu* passam, no feminino, a *-eia*:

europeu, *europeia*; *ateu*, *ateia*.

EXCEÇÕES: *judeu – judia*; *sandeu – sandia*
tabaréu – tabaroa; *réu – ré*.

c) Alguns adjetivos, como já ocorreu nos substantivos, apresentam uma forma teórica básica do feminino singular com vogal aberta que estará presente também no plural; no masculino esta vogal aberta passa a fechada:

laborioso (ô), *laboriosa* (ó); *disposto* (ô), *disposta* (ó).

Este procedimento de partir do timbre da vogal tônica aberta do feminino para o fechamento da vogal do masculino, e não o inverso, explica-se pelo fato de que há adjetivos em que a vogal tônica fechada do masculino se mantém fechada também no feminino: *encantada*, *encantadora*, *português*, *portuguesa*.

Gradação do adjetivo – Há três tipos de gradação na qualidade expressa pelo adjetivo: *positivo*, *comparativo* e *superlativo*, quando se procede a estabelecer relações entre o que são ou se mostram duas ou mais pessoas. Como já dissemos, a gradação em português se expressa por mecanismo sintático ou derivacional:

O POSITIVO, que não se constitui a rigor numa gradação, enuncia simplesmente a qualidade:

O rapaz é *cuidadoso*.

O COMPARATIVO compara qualidade entre dois ou mais seres, estabelecendo:

a) uma *igualdade*:

O rapaz é *tão cuidadoso quanto* (ou *como*) *os outros*.

b) uma *superioridade*:

O rapaz é *mais cuidadoso que* (ou *do que*) *os outros*.

c) uma *inferioridade*:

O rapaz é *menos cuidadoso que* (ou *do que*) *os outros*.

O SUPERLATIVO pode:

a) ressaltar, com vantagem ou desvantagem, a qualidade do ser em relação a outros seres:

O rapaz é *o mais cuidadoso dos* (ou *dentre os*) *pretendentes ao emprego*.

O rapaz é *o menos cuidadoso dos pretendentes*.

b) indicar que a qualidade do ser ultrapassa a noção comum que temos dessa mesma qualidade:

O rapaz é *muito cuidadoso*.

O rapaz é *cuidadosíssimo*.

No primeiro caso, a *qualidade* é ressaltada em relação ou comparação com os outros pretendentes. Diz-se que o *superlativo* é *relativo*.

Forma-se o *superlativo relativo* do mesmo modo que o comparativo de superioridade ou inferioridade antecedido sempre do artigo definido e seguido de sintagma preposicional iniciado por *de* (ou *dentre*): *o mais... de* (ou *dentre*), *o menos... de* (ou *dentre*).

No segundo caso, a superioridade é ressaltada sem nenhuma relação com outros seres. Diz-se que o *superlativo* é *absoluto* ou *intensivo*.

O superlativo absoluto pode ser *analítico* ou *sintético*.

Forma-se o analítico com a anteposição de palavra intensiva (*muito*, *extremamente*, *extraordinariamente*, etc.) ao adjetivo: *muito cuidadoso*. Na modalidade espontânea, mesmo

em literatura, pode-se obter a manifestação afetiva do superlativo mediante a repetição do adjetivo: *Ela é linda linda*. Ou do advérbio: *Ela é muito muito linda*.

O *sintético* é obtido por meio do sufixo derivacional *-íssimo* (ou outro de valor intensivo) acrescido ao adjetivo na forma positiva, com a supressão da vogal temática, quando o exigirem regras morfofonêmicas: *cuidadosíssimo*.

Quanto ao aspecto semântico, *cuidadosíssimo* diz mais, é mais *enfático* do que *muito cuidadoso*. O sufixo *-íssimo* é recente na longa história do português e se deve a um empréstimo do latim, durante o Renascimento, com o auxílio do italiano, responsável pela recuperação do sufixo. Na linguagem coloquial, se desejamos que o superlativo absoluto analítico seja mais enfático, costumamos repetir a palavra intensiva: *Ele é muito mais cuidadoso*, ou se buscam efeitos expressivos mediante a ajuda de criações sufixais imprevistas como *-ésimo*.

O meio termo entre estes dois superlativos (*muito cuidadoso – cuidadosíssimo*) é obtido com a fórmula: *mais do que cuidadoso*, *menos de*:

> "Estas e outras arguições, complicadas com os procedimentos *mais do que ásperos* da expulsão do coleitor Castracani em 1639, não concorreram pouco para alienar de todo o ânimo das populações..." [RS.2, IV, 75-6].
> "Tomou o estudante uma casa *menos de* modesta, fora de portas em Santo Antônio dos Olivais" [CBr.6, 107].

Alterações gráficas no superlativo absoluto – Ao receber o sufixo intensivo, o adjetivo pode sofrer certas modificações na sua forma:

a) os terminados em *-a*, *-e*, *-o* perdem essas vogais:

cuidadosa – cuidadosíssima
elegante – elegantíssimo
cuidadoso – cuidadosíssimo

b) os terminados em *-vel* mudam este final para *-bil*:

terrível – terribilíssimo
amável – amabilíssimo

c) os terminados em *-m* e *-ão* passam, respectivamente, a *-n* e *-an*:

comum – comuníssimo
são – saníssimo

d) os terminados em *-z* passam esta consoante a *-c*:

feroz – ferocíssimo
sagaz – sagacíssimo

Há adjetivos que não alteram sua forma, como é o caso dos terminados em *-u*, *-l* (exceto *-vel*), *-r*:

cru – cruíssimo; fácil – facílimo – facilíssimo; regular – regularíssimo

Afora estes casos, outros há onde os superlativos se prendem às formas latinas. Apontemos os mais frequentes:

acre – acérrimo
amargo – amaríssimo
amigo – amicíssimo
antigo – antiquíssimo
magnífico – magnificentíssimo
magro – macérrimo
malédico – maledicentíssimo
malévolo – malevolentíssimo

áspero – aspérrimo

benéfico – beneficentíssimo

benévolo – benevolentíssimo

célebre – celebérrimo

célere – celérrimo

cristão – cristianíssimo

cruel – crudelíssimo

difícil – dificílimo

doce – dulcíssimo

fiel – fidelíssimo

frio – frigidíssimo

geral – generalíssimo

honorífico – honorificentíssimo

humilde – humílimo

incrível – incredibilíssimo

inimigo – inimicíssimo

íntegro – integérrimo

livre – libérrimo

maléfico – maleficentíssimo

mísero – misérrimo

miúdo – minutíssimo

negro – nigérrimo

nobre – nobilíssimo

parco – parcíssimo

pessoal – personalíssimo

pobre – paupérrimo

pródigo – prodigalíssimo

público – publicíssimo

provável – probabilíssimo

sábio – sapientíssimo

sagrado – sacratíssimo

salubre – salubérrimo

soberbo – superbíssimo

simples – simplicíssimo

tétrico – tetérrimo

Ao lado do superlativo à base do termo latino, pode circular o que procede do adjetivo acrescido da terminação *–íssimo*:

agílimo – agilíssimo

antiquíssimo – antiguíssimo

crudelíssimo – cruelíssimo

dulcíssimo – docíssimo

facílimo – facilíssimo

humílimo – humildíssimo, humilíssimo

macérrimo – magríssimo

nigérrimo – negríssimo

parcíssimo – parquíssimo

paupérrimo – pobríssimo

OBSERVAÇÃO: Chamamos a atenção para as palavras terminadas em *-io* que, na forma sintética, apresentam dois *is*, por seguirem a regra geral da queda do *-o* final para receber o sufixo:

cheio → cheiíssimo, cheiinho
feio → feiíssimo, feiinho
frio → friíssimo, friinho
necessário → necessariíssimo
precário → precariíssimo
sério → seriíssimo, seriinho
sumário → sumariíssimo
vário → variíssimo

OBSERVAÇÃO: A tendência da língua à fuga ao hiato leva a que apareçam formas com fusão dos dois ii, embora num ou noutro

adjetivo a eufonia impede a mudança: **fríssimo*, **varíssimo*, por exemplo, embora Dias Gomes (séc. XVIII) escrevesse *propríssimo*. Ainda que escritores usem formas com um só *i* (*cheíssimo*, *cheinho*, *feíssimo*, *seríssimo*, etc.), a língua padrão insiste no atendimento à manutenção dos dois ii.34

Comparativos e superlativos irregulares – Afastam-se dos demais na sua formação de comparativo e superlativo os adjetivos seguintes:

	Comparativo de superioridade	*Superlativo*	
Positivo		*absoluto*	*relativo*
bom	melhor	ótimo	o melhor
mau	pior	péssimo	o pior
grande	maior	máximo	o maior
pequeno	menor	mínimo	o menor

Não se diz *mais bom* nem *mais grande* em vez de *melhor* e *maior*; mas podem ocorrer *mais pequeno*, *o mais pequeno*, *mais mau*, por *menor*, *o menor*, *pior*. Também se podem empregar *bom* e *grande* nas expressões *mais ou menos grande*, *mais ou menos bom*, pois que os tais adjetivos se regulam pela última palavra:

> "Os poemas completos do desterrado do Ponto, todas as literaturas europeias os ambicionavam, e os meteram em si, com *mais ou menos boa* mão" [AC *apud* MBa.1, 249].

Note-se o jogo de alternância de *mais pequeno* e *menor* em:

> "Em matéria de amor-próprio o *mais pequeno* inseto não o tem *menor* que a baleia ou o elefante" [MM.1, 151].

É ainda oportuno lembrar que às vezes *bom* e *mau* constituem com o substantivo seguinte uma só lexia, uma só unidade léxica, de modo que, nesta situação, podem ser modificados pelos advérbios *mais*, *menos*, *melhor*, *pior*, que passam a referir-se a toda a expressão: *homem de mais mau-caráter*, *pessoa de menos más intenções*, *palavras da melhor boa-fé*:

> "Pode ser que ele ainda venha para ti com o coração purificado, e o tributo da mocidade avaramente pago. *Mais bom marido* será então" [CBr *apud* MBa.5, 241-242].

Ao lado dos superlativos *o maior*, *o menor*, figuram ainda *o máximo* e *o mínimo* que se aplicam a ideias abstratas e aparecem ainda em expressões científicas, como *a temperatura máxima*, *a temperatura mínima*, *máximo divisor comum*, *mínimo múltiplo comum*, *nota máxima*, *nota mínima*.

Em lugar de *mais alto* e *mais baixo* usam-se os comparativos *superior* e *inferior*; por *o mais alto* e *o mais baixo*, podemos empregar os superlativos *o supremo* ou *o sumo*, e *o ínfimo*.

Comparando-se duas qualidades ou ações, empregam-se *mais bom*, *mais mau*, *mais grande* e *mais pequeno* em vez de *melhor*, *pior*, *maior*, *menor*:

> *É mais bom do que mau* (e não: *é melhor do que mau*).
> *A escola é mais grande do que pequena.*
> *Escreveu mais bem do que mal.*
> *Ele é mais bom do que inteligente.*

Por fim, assinalemos que, depois dos comparativos em *-or* (*superior*, *inferior*, *anterior*,

posterior, *ulterior*), se usa a preposição *a*:

*Superior **a** ti*, *inferior **ao** livro*, *anterior **a** nós*

Repetição de adjetivo com valor superlativo – Na linguagem coloquial, pode-se empregar, em vez do superlativo, a repetição do mesmo adjetivo:

O dia está *belo belo* (= belíssimo).

Ela era *linda linda* (= lindíssima).

Proferindo-se estas orações, dá-se-lhes um tom de voz especial para melhor traduzir a ideia superlativa expressa pela repetição do adjetivo. Geralmente consiste na pausa demorada na vogal da sílaba tônica.

Comparações em lugar do superlativo – Para expressarmos mais vivamente o elevado grau de uma qualidade do ser, empregamos ainda comparações que melhor traduzem a ideia superlativa:

Pobre como Jó (= paupérrimo), *feio como a necessidade* (feiíssimo), *claro como água*, *escuro como breu*, *esperto como ele só*, *malandro como ninguém.*

Usam-se ainda certas expressões não comparativas: *podre de rico*, *feio a mais não poder*, *grande a valer*.

Adjetivos diminutivos – As formas diminutivas de adjetivos podem (precedidas ou não de *muito*, *mais*, *tão*, *bem*) adquirir valor de superlativo:

Blusa amarelinha, *garoto bonitinho*; "É bem *feiozinho*, benza-o Deus, o tal teu amigo!" [AAz].

No estilo coloquial não é raro o reforço deste emprego do diminutivo mediante as locuções *da Silva*, *da Costa* (cf. BF, XVII, 1 – 2, 197).

3 – Artigo

Artigo – Chamam-se *artigo definido* ou simplesmente *artigo **o**, **a**, **os**, **as*** que se antepõem a substantivos, com reduzido valor semântico demonstrativo e com função precípua de adjunto desses substantivos.

A tradição gramatical tem aproximado este verdadeiro artigo de ***um***, ***uns***, ***uma***, ***umas***, chamados *artigos indefinidos*, que se assemelham a ***o***, ***a***, ***os***, ***as*** pela mera circunstância de também funcionarem como adjunto de substantivo, mas que do autêntico artigo diferem pela origem, tonicidade, comportamento no discurso, valor semântico e papéis gramaticais.

Pela origem, porque *o*, *a*, *os*, *as* se prendem a antigo demonstrativo latino (*illum*, *illa*) – o que lhes garante o valor de demonstrativo atenuado –, enquanto *um*, *uma*, *uns*, *umas* representam emprego especial de generalização do numeral *um*. Pela tonicidade, porque, sendo um vocábulo eminentemente átono, não pode funcionar sozinho na oração, como o faz o chamado artigo indefinido que, neste papel, só não se confunde com o pronome indefinido

pelo auxílio que lhe emprestam os entornos linguísticos. Do ponto de vista semântico e consequentes resultados nas funções gramaticais, está o primordial valor *atualizador* do artigo, de que decorrem os demais valores contextuais: 35 o artigo definido identifica o objeto designado pelo nome a que se liga, delimitando-o, extraindo-o de entre os objetos da mesma classe, como aquele que já foi (ou será imediatamente) conhecido do ouvinte – quer através do discurso (que dele faz menção), quer pela "dêixis" (que o mostra, ordenando-o espacial e temporalmente), quer pelo contexto idiomático, no qual a palavra é, quando não ulteriormente determinada, nome de conceito ou de toda uma classe de objetos (assim, "o homem é um animal racional" equivale a "aquilo que conhecemos pela palavra *homem*...") [HCv.1, 2, 1427].

Deste valor atualizador decorre o fato sintático de o artigo ser dispensado quando tal valor já vem expresso por outro identificador adnominal, seja demonstrativo (*este homem*), seja possessivo (*meu livro*), seja por equivalente a este valor, ou antes de um nome próprio, já por si atual e individual. No português, em que a presença do artigo junto ao possessivo adnominal tem sido marcado por um progressivo emprego da fase antiga à moderna, o uso do artigo em "***o** meu livro*" é redundante, e, poderíamos repetir a classificação de um velho filólogo lembrado por Pacheco Júnior: muleta gramatical [PJ.1, 141].

Outra função é a da substantivação: qualquer unidade linguística, do texto ao morfema, pode substantivar-se quando é nome de si mesma, tomada materialmente: "***o** o* é artigo", "***o** este* é dissílabo", "não sabe ***o** como me agradar*", "***o** per-* é um prefixo".

Este fato e a força identificadora contribuem para a possibilidade de calar o nome já antes anunciado ou, se não antes anunciado no discurso, conhecido e identificado pelo falante e pelo ouvinte: "***o** livro de Edu* e ***o** teu*", "***a** blusa* branca e ***a*** azul", "***a** blusa* branca e ***aquela** azul*", etc. Tal possibilidade criou a diferença, na nomenclatura gramatical, entre *o* "artigo" e *o* "pronome demonstrativo", baseada em dois fatos: o segundo *o* vale semanticamente por *isto*, *isso*, *aquilo*, e por usarem outras línguas, nesta situação, um pronome (*ce* em francês, *quello* em italiano), e não o artigo. Gili Gaya [GG.1] já mostrou que línguas há que preferem, nesta situação, o artigo, enquanto outras preferem formas de demonstrativo.

Ora, isto nos leva a acompanhar os autores (Alarcos Llorach, mais recentemente) que veem como substantivações de orações previamente transpostas a subordinadas adjetivas ("Não sei *o que fazes*", objeto direto de *não sei*) ou adverbiais ("Gostou do *quando o filho se defendeu*", complemento relativo de *gostar*).

Esta omissão do antecedente do relativo é análoga à que se dá em subordinadas de *quem* absoluto ("*Quem tudo quer* tudo perde", e nas interrogativas indiretas ("Não sei *quem virá*", "Não sei *quando virá*"), já classificadas como de valor substantivo desde Epifânio Dias, no final do século passado, e adotadas depois, entre outros, por Said Ali e Mário Pereira de Sousa Lima.

Por fim, cumpre acrescentar que se uma operação determinativa passa a supérflua ou se realiza implicitamente, graças à presença de outros determinadores ou pelo contexto, as unidades específicas empregadas na operação podem servir para outras funções [ECs.3, 292-293]. Coseriu lembra que o artigo empregado junto com um quantificado tem função individuadora (*os dois homens*) e, aplicado a um nome próprio – já atual e individual –, pode

exercer função estilística (*Maria* ao lado de *a Maria*).

Junto de nome não marcado por gênero e número, pode o artigo ser responsável pela indicação dessas categorias gramaticais: ***o*** *artista*, ***a*** artista; ***o*** *lápis*, ***os*** *lápis*.

Emprego do Artigo Definido

Emprego do artigo definido – De largo uso no idioma, o artigo assume sentidos especialíssimos, graças aos contornos verbais e extraverbais:

a) Junto dos nomes próprios denota nossa familiaridade (neste mesmo caso pode o artigo ser também omitido):

O Cleto talvez falte hoje. O Antônio comunicou-se com o João.

Observação: O uso mais frequente, na linguagem culta, tendo em vista o valor já de si individualizante, dispensa o artigo junto a nomes próprios de pessoas, com exceção dos que se acham no plural. É tradição ainda só antepor artigo a apelidos: *o* Camões, *o* Tasso, *o* Vieira. Modernamente tem-se estendido a presença do artigo antes dos nomes de escritores, artistas e personagens célebres, principalmente quando usado em sentido figurado: *o* Dante, *o* Torquato, *o* Rafael (= o quadro de Rafael). Dizemos, indiferentemente, *Cristo* ou *o Cristo* (ou ainda *o Cristo Jesus*).

b) Costuma aparecer ao lado de certos nomes próprios geográficos, principalmente os que denotam países, oceanos, rios, montanhas, ilhas:

a Suécia, *o* Atlântico, *o* Amazonas, *os* Andes, *a* Groenlândia

Entre nós, dispensam artigo os nomes dos seguintes Estados: *Alagoas*, *Goiás*, *Mato Grosso*, *Minas Gerais*, *Santa Catarina*, *São Paulo*, *Pernambuco* e *Sergipe*.

Nota: Não se acompanham de artigo as denominações geográficas formadas com nomes ou adjetivos: *São Paulo*, *Belo Horizonte*.

Quanto às cidades, geralmente prescindem de artigo. Há, contudo, exceções devidas à influência de seu primitivo valor de substantivo comum: *a* Bahia, *o* Rio de Janeiro, *o* Porto, etc. Continuando a prática de outros idiomas que, por sua vez, se inspiram no árabe *el-Kahira* (a Vitoriosa), dizemos com artigo *o Cairo*.

Recife sempre se disse acompanhado de artigo: *o Recife*. Modernamente, pode dispensá-lo. *Aracaju*, capital de Sergipe, conhece a mesma liberdade.

c) Entra em numerosas alcunhas e cognomes: Isabel, *a Redentora*; D. Manuel, *o Venturoso*; *mas*: *Frederico Barba-roxa*.

d) Aparecem em certos títulos: *o* professor João Ribeiro, *o* historiador Tito Lívio, *o* doutor Sousa.

Observação: É omitido antes dos ordinais pospostos aos títulos: Pedro I, Henrique VIII, João VI.

e) São omitidos nos títulos de *Vossa Alteza*, *Vossa Majestade*, *Vossa Senhoria* e outras denominações, além das formas abreviadas *dom*, *frei*, *são* e as de origem estrangeira, como *Lord*, *Madame*, *Sir* e o latinismo *sóror* ou *soror* (oxítono): *Vossa Alteza passeia*. *Frei Joaquim do Amor Divino Caneca nasceu em Pernambuco*. *Soror* (ou *Sor*) *Mariana Alcoforado foi célebre escritora portuguesa*.

OBSERVAÇÃO: Ensina-nos JOÃO RIBEIRO: "É um galicismo a intercalação do artigo nas fórmulas: *Sua Excelência* ***o*** *deputado*, *Sua Alteza* ***o*** *príncipe*, *Sua Santidade* ***o*** *Papa*. Estes galicismos foram adotados geralmente na língua para evitar fórmulas menos elegantes, como: *a* excelência do Sr. Deputado, *a* alteza do príncipe, como mandaria dizer a vernaculidade" [JR.1, 266-7]. E, em nota, transcreve exemplos que lhe foram apontados pelo colaborador FIRMINIO COSTA, dos quais lembramos:

"... comunicou a coisa à Alteza de el-rei Dom João o III".

f) Dizem-se com artigo os nomes de trabalhos literários e artísticos (se o artigo pertence ao título, há de ser escrito obrigatoriamente com maiúscula):

a Eneida, *a* Jerusalém Libertada, *Os* Lusíadas, *A* Tempestade.

Mesmo quando precedido de preposição fora do título, deve-se modernamente (a tradição não procedia assim) preservar a integridade do artigo incluído na denominação:

No caso de ***Os Lusíadas****...*

Passando os olhos por ***As Cidades e as Serras****.*

Estampou-se ontem em ***O Globo*** *a notícia...*

Às vezes, aparentemente, se juntam dois artigos porque o primeiro tem subentendida a espécie da publicação: "Um artigo meu publicado ***na*** [revista] *A Águia*" [FP *apud* MAg.1, 21]. "***O*** [livro] *A Padaria Espiritual* está sendo caprichosamente confeccionado..." [LM *apud* MAg.1].

A má interpretação deste fato causou o emprego errôneo e pleonástico do artigo em construções do tipo: *A notícia saiu* ***pelas*** *As Grandes Novidades*.

g) São omitidos antes da palavra *casa*, designando residência ou família, nas expressões do tipo: *fui a casa*, *estou em casa*, *venho de casa*, *passei por casa*, *todos de casa*.

OBSERVAÇÃO: Seguido de nome do possuidor ou de um adjetivo ou expressão adjetiva, pode o vocábulo *casa* acompanhar-se de artigo: *Da* (ou *de*) casa de meus pais.

h) Omite-se ainda o artigo junto ao vocábulo *terra*, em oposição a *bordo* (que também dispensa artigo):

Iam de bordo *a* terra.

i) Costuma-se omitir o artigo com a palavra *palácio*, quando desacompanhada de modificador:

"Perguntou o mestre-escola afoitamente à sentinela do paço se o representante nacional, morgado da Agra, estava *em palácio*" [CBr.1, 144].

j) Aparece junto ao termo denotador da unidade quando se expressa o valor das coisas (aqui o artigo assume o valor de *cada*):

Maçãs de poucos cruzeiros *o* quilo.

k) Aparecem nas designações de tempo com os nomes das estações do ano:

Na primavera há flores em abundância. "Em uma tarde do *estio*, à hora incerta e saudosa..." [AH.2, 154].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Se o nome de estação vier precedido de *de*, significando *próprio de*, o artigo é dispensado: Numa manhã *de primavera*.

2.ª) Se a expressão temporal contiver nome de mês, dispensa ainda o artigo: Meu irmão faz anos *em março*.

l) Nas indicações de tempo com a expressão *uma hora*, significando *uma* a *primeira hora*, o emprego do artigo é facultativo:

Era perto *da* uma hora ou Era perto *de* uma hora.

A primeira construção parece ser mais dos portugueses; a segunda dos brasileiros. Por ser mais antiga na língua, fixou-se o emprego do *a* acentuado em expressões como *à uma hora*, etc.

m) É, na maioria dos casos, de emprego facultativo junto a possessivos em referência a nome expresso:

Meu livro ou *o* meu livro

OBSERVAÇÃO: É obrigatório o artigo, quando o possessivo é usado sem substantivo, em sentido próprio ou translato: Bonita casa era *a minha*. Fazer *das suas*. "Vês, peralta? É assim que um moço deve zelar o nome *dos seus*? Pensas que eu e meus avós ganhamos o dinheiro em casa de jogo ou a vadiar pelas ruas?" [MA.1, 57].

Mas sem artigo dizemos várias expressões, como *de meu*, *de seu natural*, linguagens com que traduzimos "os bens próprios de alguém" – a primeira – e "qualidades naturais" – a última:

Nunca tive *de meu*, outro bem maior.

"Bernardes era como estas formosas *de seu natural* que se não cansam com alindamentos, a quem tudo fica bem" [AC].

Dispensa ainda artigo o possessivo que entra em expressões com o valor de *alguns*:

Os Lusíadas têm *suas* dificuldades de interpretação.

Finalmente, na expressão de um ato usual, que se pratica com frequência, o possessivo vem normalmente sem artigo:

Às oito toma *seu* café.

n) Não se repete o artigo em frases como:

O homem mais virtuoso do lugar.

Estaria errado: *O* homem *o* mais virtuoso do lugar.

NOTA – É preciso distinguirmos cuidadosamente este feio erro de uma expressão tradicional e corretíssima que consiste em acrescentar, depois do substantivo determinado por adjetivo, o conjunto *o mais*, que introduzirá uma explicação, um adendo, uma restrição. Às vezes, exprimem-se tais ideias com ênfase, caso em que costumam aparecer, antes de *o mais*, elementos de valor concessivo como *ainda*, *mesmo*, *até*, *posto que*.

A má pontuação (deveria haver vírgula antes do conjunto iniciado por *o mais*) aproxima os dois tipos de expressão e uma análise menos cuidadosa tem feito que se evitem construções corretíssimas.

MARTINZ DE AGUIAR [MAg.1, 309-324] estudou com muita perspicácia os dois modos e assim concluiu a sua lição:

"Para que haja pureza de linguagem, é necessário, é imprescindível, que o substantivo, sem o acréscimo de *o mais*, combine com os outros termos da proposição num sentido cabal, de tal maneira, que possa repetir-se. Sem isso, estamos, iniludivelmente, à vista de um estrangeirismo de sintaxe ou de uma construção anti-idiomática, quer se trate de *o – o*, quer de *um – o*. Não é, pois, correta, esta construção de Gonçalves de Magalhães:

Seu rosto de leite e rosas,
De um contorno o mais perfeito.

Rosto de um contorno perfeito é tudo, *rosto de um contorno* não é nada" [MAg.1, 324].

Assim, estão corretas as seguintes passagens, notando-se, apenas, a ausência de vírgula antes de *o mais* (exemplos extraídos da série apresentada por AGUIAR):

"A inveja te assaltou, e a quem perdoa
Este monstro o maior do escuro Inferno?" [Pe. AGOSTINHO DE MACEDO].

"O método, que *as ciências as mais exatas* seguem nas suas operações" [JERÔNIMO BARBOSA].

"O *a*, este som o mais claro de todos" [CASTILHO ANTÔNIO].

Note-se que nos exemplos apontados poderíamos colocar vírgula, o que não acontece com os que se seguem:

"Tens mil águas cristalinas,
As frutas as mais divinas,
Uma esposa de invejar,
Que mais podes desejar?" [PA]
"Desde a quadra *a mais antiga*
De que rezam os pergaminhos" [FV]

Os poetas quiseram apenas dizer *as frutas mais divinas*, *a quadra mais antiga*.

O tipo "zero determinação" antes do substantivo seguido de *o mais* é menos enfático (*homem o mais alto*), e se valoriza através de uma inversão (*o mais alto homem*)". [Cf. MAg.1, 319-320].

o) Junto às designações de partes do corpo e nomes de parentesco, os artigos denotam a posse:

Traz *a cabeça* embranquiçada pelas preocupações.
Tem *o rosto* sereno, mas as mãos trêmulas
D. Laura (falando à irmã):
"Pois não! quem me podia aconselhar prudência
a não ser a senhora, a filha singular,
que ousa dispor de si dentro do pátrio lar,
sem ouvir *pai* nem *mãe*. Cuida que a sua escolha
basta, sem que primeiro *a* mãe e *o* pai a acolha?" [AC.3, 17].

p) A palavra *todo*, no singular, pode vir ou não seguida de artigo, com os significados de *inteiro*, *total* e *cada*, *qualquer*.

A presença ou ausência do artigo depende de que o substantivo exija ou repudie a antecipação de *o*, *a*, *os*, *as*.

Na língua moderna, *todo o* corre mais no sentido de totalidade, inteireza, ênfase (aqui principalmente com os termos que denotam sentimento: *de todo o coração*, *com todo o gosto*, *com todo o amor*, *com todo o carinho*, etc.):

Toda a família estava no recinto (= a família toda, inteira).

Entretanto, como traço do seu valor semântico indiferenciado ('qualquer' ou 'inteiro'), ainda pode aparecer nos autores modernos *todo o* ao lado de *todo* sem artigo, para expressar a ideia de 'qualquer':

O coração de *todo o* ser humano
Foi concebido para ter piedade [CS.2].

Não costuma dispensar artigo, entre bons escritores, o adjetivo substantivado modificado por *todo*, ainda sendo este último empregado com o sentido de *qualquer*:

Todo o próximo tem direito natural.

Às vezes, aparecem na escrita incertezas no emprego de *todo o* / *todo*, *toda a* / *toda*, em virtude do fenômeno de fonética sintática que funde o -*o*, -*a* finais com *o*, *a* artigo.

Com as designações geográficas, o emprego de *todo o* e *todo* depende de o nome exigir ou não a presença do artigo:

Todo o Brasil. Todo Portugal.

Usam-se, modernamente, com o artigo numerosas expressões em que entra a palavra *todo*:

todo o gênero, todo o mundo, a toda a parte, em toda a parte, por toda a parte, a toda a brida, a todo o galope, a toda a pressa, em todo o caso, a toda a hora, a todo o instante, a todo o momento, a todo o transe, a todo o custo, etc.

No plural, *todos* não dispensa artigo (salvo se vier acompanhado de palavra que exclua este determinante):

Todas as famílias têm bons e maus componentes.

Todas as famílias estavam no recinto.

Todas estas pessoas são nossas conhecidas.

Se exprimimos a totalidade numérica por numeral precedido do elemento reforçativo *todos*, aparecerá artigo se o substantivo vier expresso:

Todos os dois romances são dignos de leitura.

Todas as seis respostas estavam certas.

Se omitirmos o substantivo, não haverá lugar para o artigo:

Fizeram-me seis perguntas. Respondi, acertadamente, *a todas seis*.

q) Aparece o artigo nas enumerações onde há *contraste* ou *ênfase*:

Ficou entre *a vida* e *a morte*.

"As virtudes civis e, sobretudo, o amor da pátria tinham nascido para os godos que, fixando o seu domicílio nas Espanhas, possuíram de pais a filhos *o* campo agricultado, *o* lar doméstico, *o* templo da oração e *o* cemité rio do repouso e da saudade" [AH.1, 5].

"Notaram todos que *a tarde* e *a noite* daquele dia foram as mais tristes horas de Casimiro na sua prisão de dois meses" [CBr.6, 191].

r) Dispensa-se o artigo nos vocativos, na maioria das exclamações e nas datas que apomos aos escritos:

"*Velhice – Amigo*, diz-me um amigo,

Sabe que a boa idade é a última idade" [AO].

Rio, *10 de maio* de 1956.

s) Costuma-se dispensar o artigo depois de *cheirar a*, *saber a* (= ter o gosto de) e expressões sinônimas:

Isto *cheira a* jasmim. Isto *sabe a* vinho.

t) Em frases feitas, aparece o artigo definido na sua antiga forma *lo*, *la*.

"Tenho ouvido os quinhentistas a la moda, e os galiparlas" [CBr.1, 61].

Assim encontramos: *a la fé*, *a la par*, *a la mar*, etc.

Aparece ainda a forma antiga na expressão *el-rei*, que se deve usar sem a anteposição de o, apesar de alguns raros exemplos em contrário, em páginas de autores mais afastados de nós.

Vestígio provável da época em que tinha o artigo a força dêitica de pronome demonstrativo é o seu emprego junto a *que* em construções cristalizadas como *pelo que*, *no que diz respeito*, etc.

Emprego do artigo indefinido – O artigo indefinido pode assumir matizes variadíssimos de sentido: registraremos as seguintes considerações:

a) Usa-se o indefinido para aclarar melhor as características de um substantivo enunciado

anteriormente com artigo definido:

Estampava no rosto o sorriso, *um* sorriso de criança.

b) Procedente de sua função classificadora, *um* pode adquirir significação enfática, chegando até a vir acompanhado de oração com *que* de valor consecutivo, como se no contexto houvesse *um tal*:

O instrumento é de *uma* precisão admirável.

Ele é *um* herói! (compare com: Ele é herói!)

Falou de *uma* maneira, que pôs medo nos corações.

c) Antes de numeral denota aproximação:

Esperou *uma* meia hora (aproximadamente).

Terá *uns* vinte anos de idade.

d) Antes de pronome de sentido indefinido (*certo*, *tal*, *outro*, etc.), dispensa-se o artigo indefinido, salvo quando o exigir a ênfase:

Depois de *certa* hora não o encontramos em casa (e não *uma certa hora*).

Devia, pois, ser melancólico além do exprimível o que aí se passou nessa grade; triste, e desgraçado direi, a julgá-lo pelas consequências, que se vão descrever, com *um certo* pesar em que esperamos tomem os leitores o seu quinhão de pena, se não todos, ao menos aqueles que não dão nada pela felicidade da terra, quando ela implica ofensa ao Senhor do céu" [CBr.4, 223].

Esta dispensa pode ocorrer também antes do advérbio *tão* e certas locuções adverbiais (*com voz surda*), antes do substantivo que funciona como predicativo do verbo *ser* (*Você é homem* de bem).

Modernamente, cremos que mais por valorização estilística do indefinido que por simples e servil imitação do francês36, *um* aparece em casos que se não podem explicar por ênfase. Nestas circunstâncias, tais casos são censurados pela gramática tradicional.

e) *Um* ocorre como correlativo de *outro* em sentido distributivo:

Um irmão ia ao teatro e o *outro*, ao cinema.

OBSERVAÇÃO: Calando-se o substantivo também junto de *um*, ainda dispensamos a anteposição do artigo definido, ao contrário do que fazia o português antigo e do que fazem, por exemplo, o francês e o espanhol:

Um ia ao teatro e *o outro* ao cinema (*o um ... o outro*, no português antigo, *l'un ... l'autre*, *el uno ... el otro*).

f) Note-se a expressão *um como*, empregada no sentido de "uma coisa como", "um ser como", "uma espécie de", onde *um* concorda com o substantivo seguinte:

Fez *um como* discurso. Proferiu *uma como* prática.

A respeito de *uma* pronunciado *ũa*, veja-se o capítulo de ortoepia.

O artigo partitivo – A língua portuguesa de outros tempos empregava *do*, *dos*, *da*, *das*, junto a nomes concretos para indicar que os mesmos nomes eram apenas considerados nas suas partes ou numa quantidade ou valor indeterminado, indefinido:

Não digas *desta* água não beberei.

É o que a gramática denomina *artigo partitivo*. Modernamente, o partitivo não ocorre com a frequência de outrora e, pode-se dizer, quase se acha banido do uso geral, salvo pouquíssimas expressões em que ele se manteve, mormente nas ideias de *comer* e *beber*.

4 – PRONOME

Pronome – é a classe de palavras categoremáticas que reúne unidades em número limitado e que se refere a um significado léxico pela situação ou por outras palavras do contexto.

De modo geral, esta referência é feita a um objeto substantivo considerando-o apenas como pessoa localizada do discurso.

Pessoas do discurso – São duas as pessoas determinadas do discurso: 1.ª *eu* (a pessoa correspondente ao falante) e 2.ª *tu* (correspondente ao ouvinte).37 A 3.ª pessoa, indeterminada, aponta para outra pessoa em relação aos participantes da relação comunicativa.

Do ponto de vista semântico, os pronomes estão caracterizados porque indicam *dêixis* ("o apontar para"), isto é, estão habilitados, como verdadeiros gestos verbais, como indicadores, determinados ou indeterminados, ou de uma dêixis contextual a um elemento inserido no contexto, como é o caso, por exemplo, dos pronomes relativos, ou de uma dêixis *ad oculos*, que aponta ou indica um elemento presente ao falante. A dêixis será *anafórica* se aponta para um elemento já enunciado ou concebido, ou *catafórica*, se o elemento ainda não foi enunciado ou não está presente no discurso.38

A dêixis também envolve, como vimos, o lugar da 3.ª pessoa no discurso, só que de maneira negativa, em relação a *eu* e *tu*, que tem localização definida. Por isso é que línguas há, como o português, que podem fazer, quando isto se impõe, a distinção entre *localização indeterminada* e *localização determinada* ou *imediatamente determinável* ("objeto que se encontra à vista dos falantes": *aquele* / *aquele ali*, *aquela lá*). Acrescenta Coseriu, de quem tomamos a lição, que é por este caráter relativamente indeterminado da 3.ª pessoa que a situação possessiva que lhe corresponde às vezes pode necessitar de ulteriores esclarecimentos: *seu* / *seu mesmo*, *seu próprio*, *seu dele* [ECs.1, 301 n.37].

A localização positiva de *ele* ou *aquele* pode ainda dar-se pelos entornos extralinguísticos ou pelo gesto, que indica a *direção* em que o objeto pode achar-se.39

Os pronomes podem apresentar-se como *absolutos* – capazes de funcionar como núcleo de sintagma nominal, à maneira dos substantivos – ou como *adjuntos* do núcleo, à maneira dos adjetivos, dos artigos e dos numerais, como veremos abaixo.

Classificação dos pronomes – Os pronomes podem ser: *pessoais*, *possessivos*, *demonstrativos* (abarcando o artigo definido), *indefinidos* (abarcando o artigo indefinido), interrogativos e relativos.

PRONOME SUBSTANTIVO E PRONOME ADJETIVO – O pronome pode aparecer em referência a substantivo claro ou oculto:

> *Meu* livro é melhor que o *teu*.

Meu e *teu* são pronomes porque dão ideia de posse em relação à pessoa do discurso: *meu* (1.ª pessoa, a que fala), *teu* (2.ª pessoa, a com que se fala). Ambos os pronomes estão em

referência ao substantivo *livro* que vem expresso no início, mas se cala no fim por estar perfeitamente claro ao falante e ouvinte. Esta referência a substantivo caracteriza a função *adjetiva* ou de *adjunto* de certos pronomes. Muitas vezes, sem que tenha vindo expresso anteriormente, dispensa-se o substantivo, como em: Quero o *meu* e não o *seu* livro (onde ambos os pronomes possessivos são adjetivos).

Já em: *Isto é melhor que aquilo*, os pronomes *isto* e *aquilo* não se referem a nenhum substantivo determinado, mas fazem as vezes dele. São, por isso, pronomes *absolutos* ou *substantivos*.

Há pronomes que são apenas absolutos ou adjuntos, enquanto outros podem aparecer nas duas funções.

Pronomes pessoais – Os pronomes pessoais designam as duas pessoas do discurso e a não pessoa (não *eu*, não *tu*), considerada, pela tradição, a 3.ª pessoa:

1.ª pessoa: *eu* (singular), *nós* (plural),

2.ª pessoa: *tu* (singular), *vós* (plural) e

3.ª pessoa: *ele*, *ela* (singular), *eles*, *elas* (plural).

O plural *nós* indica *eu* mais outra ou outras pessoas, e não *eu* + *eu*. 40

As formas *eu*, *tu*, *ele*, *ela*, *nós*, *vós*, *eles*, *elas*, que funcionam como sujeito, se dizem *retas*. A cada um destes pronomes pessoais retos corresponde um pronome pessoal oblíquo que funciona como complemento e pode apresentar-se em forma átona ou forma tônica. Ao contrário das formas átonas, *as tônicas vêm sempre presas a preposição*:

PRONOMES PESSOAIS RETOS		PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS	
		átonos (sem prep.)	tônicos (c/prep.)
Singular:	1.ª pessoa: *eu*	*me*	*mim*
	2.ª pessoa: *tu*	*te*	*ti*
	3.ª pessoa: *ele*, *ela*	*lhe*, *o*, *a*, *se*	*ele*, *ela*, *si*
Plural:	1.ª pessoa: *nós*	*nos*	*nós*
	2.ª pessoa: *vós*	*vos*	*vós*
	3.ª pessoa: *eles*, *elas*	*lhes*, *os*, *as*, *se*	*eles*, *elas*, *si*

Exemplos de pronomes oblíquos átonos:

"Queixamo-*nos* da fortuna (destino) para desculpar a nossa preguiça" [MM].

"A melhor companhia acha-*se* em uma escolhida livraria" [MM].

Exemplos de pronomes oblíquos tônicos:

"Os nossos maiores inimigos existem dentro *de nós* mesmos: são os nossos erros, vícios e paixões" [MM].

"As virtudes se harmonizam, os vícios discordam *entre si*" [MM].

Se a preposição é *com*, dizemos *comigo*, *contigo*, *consigo*, *conosco*, *convosco*, e não: *com*

mi, *com ti*, *com si*, *com nós*, *com vós*. Empregam-se, entretanto, *com nós* e *com vós*, ao lado de *conosco* e *convosco*, quando estes pronomes tônicos vêm seguidos ou precedidos de *mesmos*, *próprios*, *todos*, *outros*, *ambos*, numeral ou oração adjetiva, a fim de evidenciar o antecedente:

"Há um céu para *nós outros* na imortalidade das nossas obras terrenas" [JR.2, 185].

Com vós todos ou *com todos vós*.

Com vós ambos ou *com ambos vós*.

Pronome oblíquo reflexivo – É o pronome oblíquo da mesma pessoa do pronome reto, significando *a mim mesmo*, *a ti mesmo*, etc.:

Eu *me* vesti rapidamente.

Nós *nos* vestimos.

Eles *se* vestiram.

Pronome oblíquo recíproco – É representado pelos pronomes *nos*, *vos*, *se* quando traduzem a ideia de *um ao outro*, *reciprocamente*:

Nós *nos* cumprimentamos (um ao outro).

Eles *se* abraçaram (um ao outro).

Formas de tratamento – Existem ainda formas substantivas de tratamento indireto de 2.ª pessoa que levam o verbo para a 3.ª pessoa. São as chamadas *formas substantivas de tratamento* ou *formas pronominais de tratamento*: 41

você, vocês (no tratamento familiar)

o Senhor, a Senhora (no tratamento cerimonioso)

A estes pronomes de tratamento pertencem as formas de reverência que consistem em nos dirigirmos às pessoas pelos seus atributos ou qualidades que ocupam:

Vossa Alteza (V. A., para príncipes, duques)

Vossa Eminência (V. Em.ª, para cardeais)

Vossa Excelência (V. Ex.ª, para altas patentes militares, ministros, Presidente da República, pessoas de alta categoria, bispos e arcebispos)

Vossa Magnificência (para reitores de universidade)

Vossa Majestade (V. M., para reis, imperadores)

Vossa Mercê (V. M.cê, para as pessoas de tratamento cerimonioso)

Vossa Onipotência (para Deus – não se usa abreviadamente)

Vossa Reverendíssima (V. Rev.ma, para os sacerdotes)

Vossa Senhoria (V. S.ª, para oficiais até coronel, funcionários graduados, pessoas de cerimônia)

Observações:

1.ª) Emprega-se *Vossa Alteza* (e demais) quando 2.ª pessoa, isto é, em relação a quem falamos; emprega-se *Sua Alteza* (e demais) quando 3.ª pessoa, isto é, em relação à de quem falamos.

2.ª) Usa-se de *Dom*, abreviadamente *D.*, junto ao nome próprio: D. Afonso, D. Henrique, D. Eugênio; às vezes aparece em autores junto a nome de família, mas esta prática deve ser evitada por contrariar a tradição da língua. Usa-se ainda *D.* junto a outro título: D. Prior, D. Abade, etc.

3.ª) *Você*, hoje usado familiarmente, é a redução da forma de reverência *Vossa Mercê*. Caindo o pronome *vós* em desuso, só usado nas orações e estilo solene, emprega-se *vocês* como o plural de *tu*.

4.ª) O substantivo *gente*, precedido do artigo *a* e em referência a um grupo de pessoas em que se inclui a que fala, ou a esta sozinha, passa a pronome e se emprega fora da linguagem cerimoniosa. Em ambos os casos o verbo fica na 3.ª pessoa do singular:

"É verdade que *a gente*, às vezes, *tem* cá as suas birras" [AH.4, II, 158].

5.ª) Ainda continuam vivos em Portugal *vós*, *vosso*.

Pronomes possessivos – São os que indicam a posse em referência às três pessoas do discurso:

SINGULAR:	1.ª pessoa:	*meu*	*minha*	*meus*	*minhas*
	2.ª pessoa:	*teu*	*tua*	*teus*	*tuas*
	3.ª pessoa:	*seu*	*sua*	*seus*	*suas*
PLURAL:	1.ª pessoa:	*nosso*	*nossa*	*nossos*	*nossas*
	2.ª pessoa:	*vosso*	*vossa*	*vossos*	*vossas*
	3.ª pessoa:	*seu*	*sua*	*seus*	*suas*

Pronomes demonstrativos – São os que indicam a posição dos seres em relação às três pessoas do discurso.

Esta localização pode ser no *tempo*, no *espaço* ou no *discurso*:

1.ª pessoa: este, esta, isto 42
2.ª pessoa: esse, essa, isso
3.ª pessoa: aquele, aquela, aquilo

Este livro é o livro que está perto da pessoa que fala; *esse livro* é o que está longe da pessoa que fala ou perto da pessoa com quem se fala; *aquele livro* é o que se acha distante da 1.ª e da 2.ª pessoa.

Nem sempre se usam com este rigor gramatical os pronomes demonstrativos; muitas vezes interferem situações especiais que escapam à disciplina da gramática.

São ainda pronomes demonstrativos *o*, *mesmo*, *próprio*, *semelhante* e *tal*.

Considera-se *o* pronome demonstrativo, de emprego absoluto, invariável no masculino e singular quando funciona com o valor "grosso modo" de *isto*, *isso*, *aquilo* ou *tal*:

Não *o* consentirei jamais.

"Arquiteto do mosteiro de S. Maria, já *o* não sou" [AH *apud* FB.1, 195].

"Se os olhos corporais estavam mortos, não *o* estavam os do espírito" [AH.4, I, 226].

"(...) residia uma viúva, que *o* era de um fidalgo da casa de Azevedo" [CBr *apud* MBa.3, 343].

Pode aludir a extensos enunciados:

Prometeu-me que sairia comigo nas próximas férias, mas não *o* fez.

O pronome *o*, perdido o seu valor essencialmente demonstrativo e posto antes de substantivo claro ou subentendido, expressão substantivada inclusive oração –, como adjunto, recebe o nome de artigo definido. Assim é que, no exemplo seguinte, consideramos o primeiro *os* e o segundo *o* artigo definido:

"*Os* homens de extraordinários talentos são ordinariamente *os* de menor juízo" [MM].

Mesmo, *próprio*, *semelhante* e *tal* têm valor demonstrativo quando denotam identidades ou se referem a seres e ideias já expressas anteriormente, e valem por *esse*, *essa*, *aquele*, *isso*,

aquilo:

"Depois, como Pádua falasse ao sacristão baixinho, aproximou-se deles; eu fiz a *mesma* coisa" [MA.4, 87].

"Não paguei uns nem outros, mas saindo de almas cândidas e verdadeiras *tais* promessas são como a moeda fiduciária..." [MA.4, 202].

É proibido dizeres *semelhantes* coisas.

Alguns estudiosos, por mera escolha pessoal, têm-se insurgido contra o emprego anafórico do demonstrativo *mesmo*, substantivado pelo artigo, precedido ou não de preposição, para referir-se a palavra ou declaração expressa anteriormente. Não apresentam, entretanto, as razões da crítica:

"Os diretores presos tiveram *habeas corpus*. Apareceu um relatório contra *os mesmos*, e contra outros..." [MA *apud* MMc.1, 274].

"Costuma-se escrever dentro dos livros, na folha de guarda, palavras alusivas *aos mesmos*" [E. Frieiro *apud* MMc.1].

Para estes críticos, *o mesmo*, etc., deve ser substituído por *ele*, etc. Talvez por isso E. Frieiro, na 2.ª edição, alterou seu texto para: "Costuma-se escrever dentro dos livros, na folha de guarda, palavras *a eles* alusivas".

Mesmo e *próprio* aparecem ainda reforçando pronomes pessoais:

Ela *mesma* quis ver o problema.

Nós *próprios* o dissemos.

"Tal faço eu, à medida que me vai lembrando e convindo à construção ou reconstrução de mim *mesmo*" [MA.4, 203].

Pronomes indefinidos – São os que se aplicam à 3.ª pessoa quando têm sentido vago ou exprimem quantidade indeterminada.

Funcionam como pronomes indefinidos substantivos, todos invariáveis: *alguém*, *ninguém*, *tudo*, *nada*, *algo*, *outrem*.

"*Ninguém* mais a voz sentida
Do Trovador escutou!" [GD].

São pronomes indefinidos adjetivos, todos variáveis com exceção de *cada*: *nenhum*, *outro* (também isolado), *um* (também isolado), *certo*, *qualquer* (só variável em número: *quaisquer*), *algum*, *cada*:

"As tiras saem-lhe das mãos, animadas e polidas. *Algumas* trazem poucas emendas ou *nenhumas*" [MA.2, 274].

"A vida a *uns*, a morte confere celebridades a *outros*" [MM].

Aplicam-se a quantidades indeterminadas os indefinidos, todos variáveis, com exceção de *mais* e *menos*: *muito*, *mais*, *menos*, *pouco*, *todo*, *algum*, *tanto*, *quanto*, *vário*, *diverso*:

Mais amores e *menos* confiança. (nunca *menas*!)

Com *pouco* dinheiro compraram *diversos* presentes.

Isto é o *menos* que se pode exigir.

Muito lhe devo.

Erraste por *pouco*.

Quantos não erraram neste caso!

OBSERVAÇÕES:

1.ª) O pronome indefinido *um* pode ser usado como substantivo, principalmente nas locuções do tipo *cada um*, *qualquer um*. Como adjunto, recebe o nome de *artigo indefinido*.

2.ª) Também os pronomes indefinidos *mais* e *menos* podem substantivar-se em expressões do tipo *o mais dos homens*, *o mais das vezes*, *o mais deles*, *o menos*. Por atração, *o mais* pode aparecer num giro derivado da construção original e concordar com o gênero e número do substantivo ou pronome pessoal que entra na expressão: *o mais dos homens* ou *os mais dos homens*; *o mais das vezes* ou *as mais das vezes*; *o mais deles* ou *os mais deles*, etc.

As duplas *quem... quem*, *qual... qual*, *este... este*, *um... outro* com sentido distributivo também são pronomes indefinidos:

"*Qual* se abisma nas lôbregas tristezas,
Qual em suaves júbilos discorre,
Com esperanças mil nas ideias acesas" [BBo].

Isto é: *um* se abisma... *outro* discorre.

OBSERVAÇÃO: Sobre o uso de *um e outro*, *um do outro* em referência a pessoas de sexos diferentes.

Muitas vezes a posição da palavra altera seu sentido e sua classificação:

Certas pessoas (pron. indef.) não chegam na hora *certa* (adjetivo), mas em *certas* horas (pron. indef.).
Algum livro (= certo livro). Livro *algum* (= nenhum livro).

Em outras épocas, *algum* podia ter sentido afirmativo ou negativo independente de sua posição:

"Desta gente refresco *algum* tomamos" [LC.1, V, 69].
Refresco algum = algum refresco
"Vós a quem não somente *algum* perigo
Estorva conquistar o povo imundo" [LC.1, VII, 2].
Algum perigo = nenhum perigo

LOCUÇÃO PRONOMINAL INDEFINIDA – É o grupo de palavras que vale por um pronome indefinido. Eis as principais locuções: *cada um*, *cada qual*, *alguma coisa*, *qualquer um*, *quem quer*, *quem quer que*, *o que quer que*, *seja quem for*, *seja qual for*, *quanto quer que*, *o mais* (hoje menos frequente que *a maior parte*, *a maioria*):

"As verdades não parecem as mesmas a todos, *cada um* as vê em ponto diverso de perspectiva" [MM].

Pronomes interrogativos – São os pronomes indefinidos *quem*, *que*, *qual* e *quanto* que se empregam nas perguntas, diretas ou indiretas:

Quem veio aqui?
Que cabeça, senhora?
Que compraste?
Qual autor desconhece?
Qual consideras melhor?
Quantos vieram?
Quantos anos tens?

Em lugar de *que* pode-se usar a forma enfática *o que*:

"Agora por isso, *o que* será feito de frei Timóteo?! Era naquele tempo um frade guapo e alentado! *O que* será feito dele?" [AH.4, II, 135].

Quem refere-se a pessoas, e é pronome substantivo. *Que* refere-se a pessoas ou coisas, e é pronome substantivo (com o valor de *que coisa?*) ou pronome adjetivo (com o valor de *que espécie?*).43 *Qual* e também *que*, indicadores de seleção, normalmente são pronomes adjetivos:

Em *qual* livraria compraremos o presente?
Em *que* livraria compraremos o presente?

Ressalta-se ainda a seleção antepondo ao substantivo no plural a expressão *qual dos*, *qual das*:

Em *qual dos* livros encontraste o exemplo?

OBSERVAÇÃO: Estes interrogativos saem normalmente dos pronomes indefinidos e por isso costumam ser chamados

indefinidos interrogativos. Aparecem ainda nas exclamações, e neste caso o *que* adquire sentido francamente intensivo:

Que susto levei! (Compare-se com: *que* cabeça, senhora!).

Diz-se *interrogação direta* a pergunta que termina por ponto de interrogação e se caracteriza pela entoação ascendente:

Quem veio aqui?

Interrogação indireta é a pergunta que: *a*) se faz indiretamente e para a qual não se pede resposta imediata; *b*) é proferida com entoação normal descendente; *c*) não termina por ponto de interrogação; *d*) vem depois de verbo que exprime interrogação ou incerteza (*perguntar*, *indagar*, *não saber*, *ignorar*, etc.):

Quero saber quem veio aqui.

Eis outros exemplos de interrogação indireta começados pelos pronomes interrogativos já citados:

Ignoro *que* cabeça, senhora.
Indagaram-me *que* compraste.
Perguntei-te por *que* vieste aqui.
Não sei *qual* autor desconhece.
Desconheço *qual* consideras melhor.
Indagaram *quantos* vieram.

Pronomes relativos – São os que normalmente se referem a um termo anterior chamado antecedente:

Eu sou o freguês *que* por último compra o jornal.
O *que* se refere à palavra *freguês*.

O pronome relativo *que* desempenha dois papéis gramaticais: além de sua referência ao antecedente como pronome, funciona também como transpositor de oração originariamente independente a adjetivo e aí exercer função de adjunto adnominal deste mesmo antecedente. No exemplo, a oração *O freguês compra por último o jornal* é degrada a função de adjunto adnominal na oração complexa: Eu sou o *freguês* [*que* por último compra o jornal].

O transpositor pronome relativo *que* difere do transpositor conjunção integrante porque este não exerce função sintática na oração em que está inserido, enquanto o relativo exerce sempre função sintática.

Os pronomes relativos são: *qual*, *o qual* (*a qual*, *os quais*, *as quais*) , *cujo* (*cuja*, *cujos*, *cujas*), *que*, *quanto* (*quanta*, *quantos*, *quantas*), *onde*.

Quem se refere a pessoas ou coisas personificadas e sempre aparece precedido de preposição. *Que* e *o qual* se referem a pessoas ou coisas. *Que* e *quem* funcionam como pronomes substantivos. *O qual* aparece como substantivo ou adjetivo:

As pessoas de *quem* falas não vieram.
O ônibus *que* esperamos está atrasado.
Não são poucas as alunas *que* faltaram.
Este é o assunto sobre *o qual* falará o professor.
Não vi o menino, *o qual* menino os colegas procuram.
A casa *onde* moro é espaçosa.

Cujo, sempre com função adjetiva, reclama, em geral, antecedente e consequente expressos

e exprime que o antecedente é possuidor do ser indicado pelo substantivo a que se refere:

Ali vai o *homem* ***cuja*** *casa* comprei

anteced. conseq.

(a casa do homem)

OBSERVAÇÃO: Em autores modernos de gosto arcaizante, de vez em quando ocorre *cujo* sem consequente, como em: "(...) a obra *cujo* comentador eu sou", em lugar de: "de que sou comentador" ou "cujo comentador sou".

Quanto tem por antecedente um pronome indefinido (*tudo*, *todo*, *todos*, *todas*, *tanto*):

Esqueça-se de tudo *quanto* lhe disse.

PRONOMES RELATIVOS SEM ANTECEDENTE – Os pronomes relativos *quem* e *onde* podem aparecer com emprego absoluto, sem referência a antecedentes:

Quem tudo quer tudo perde.

Dize-me com *quem* andas e eu te direi *quem* és.

Moro *onde* mais me agrada.

Quem, assim empregado, é considerado como do gênero masculino e do número singular:

Quem com ferro fere com ferro será ferido.

OBSERVAÇÃO: Os relativos sem antecedentes também se dizem *relativos indefinidos*. Muitos autores preferem, neste caso, subentender um antecedente adaptável ao contexto. Interpretando *quem* como *a pessoa que*, *onde* como *o lugar em que* assim substituem:

Quem tudo quer tudo perde = *a pessoa que* tudo quer tudo perde

Este duplo modo de encarar o problema tem repercussões diferentes na classificação das orações subordinadas, conforme veremos em **Orações subordinadas resultantes de substantivação: as interrogativas e exclamativas**.

EMPREGO DOS PRONOMES

Pronome pessoal

Pronome e termos oracionais – A rigor, o pronome pessoal reto funciona como sujeito e predicativo, enquanto o oblíquo como complemento:

Eu *saio.* ***Eu*** *não sou* ***ele****.* *Eu* ***o*** *vi.* *Não* ***lhe*** *respondemos.*

Entre os oblíquos, a forma átona vem desprovida de preposição, enquanto a tônica exige, no português moderno, esta partícula:

Eu ***o*** *vi.* *Referiu-se* ***a ti****.*

Casos há, entretanto, em que esta norma pode ser contrariada. Assim é que pode ocorrer a forma reta pela oblíqua:

a) quando o verbo e o seu complemento nominal estiverem distanciados, separados por pausa:

Subiu! E viu com seus olhos.

Ela a rir-se que dançava [GD].

b) nas enumerações e aposições, também com distanciamento do verbo e complemento:

Depois de muita delonga o diretor escolheu: *eu*, o Henrique e o Paulinho.

c) precedido de *todo*, *só* e mais alguns adjuntos, pode aparecer *ele* (e flexões) por *o* (e flexões); cf. adiante.

d) quando dotado de acentuação enfática, no fim de grupo de força:

Olha *ele*! [EQ].

e) em coordenações de pronomes ou com um substantivo introduzidos pela preposição *entre*:

entre *eu* e *tu* (por entre *mim* e *ti*); entre *eu* e o aluno, entre José e *eu*.

Já há concessões de alguns gramáticos quando o pronome *eu* ou *tu* vem em segundo lugar:

Entre *ele* e *eu*. Entre o José e *eu*.

A língua exemplar insiste na lição do rigor gramatical, recomendando, nestes casos, o uso dos pronomes oblíquos tônicos:

Entre *mim* e *ti*. Entre *ele* e *mim*.

Um exemplo como *Entre José e mim* dificilmente sairia hoje da pena de um escritor moderno.

Este desvio da norma encontra paralelo em outras línguas românicas, como o espanhol e o italiano [MLk.1, III, 76 e 80].

Também depois de expressões comparativas e exceptivas, a língua denuncia certa vacilação no emprego do pronome pessoal, havendo aqui forte divórcio entre a língua literária e a coloquial, escrita ou falada:

Não tenho outro amigo senão *tu*. Não sou como *tu*.
Não tenho outro amigo senão *a ti*. Não sou como *a ti*.

Emprego de pronome tônico pelo átono – Os pronomes tônicos preposicionados *a ele*, *a ela*, *a mim*, *a ti*, *a nós*, *a vós* podem aparecer, na língua exemplar, nos seguintes casos, em vez das formas átonas (*lhe*, *me*, *te*, *nos*, *vos*):

a) quanto anteposto ao verbo:

A ele cumpria encher as guias.

b) quando composto:

Remeti livros *a ele* e ao tio.

c) quando reforçado:

O dinheiro foi entregue *a ele mesmo*.
Darei as joias *só a ela*.

d) quando pleonástico:

Devolvi-*lhe a ele* as máquinas.

e) quando complemento relativo:

Atirou-se *a ele*. Gosto *dela*.

f) quando objeto direto preposicionado:

Nem ele entende *a nós* nem nós *a ele* [JO.3, 345].

Em geral, o português omite o pronome sujeito quando constituído por *eu*, *tu*, *nós* e *vós*:

"Não me lembra o que lhe disse" [MA.1, 65].

O aparecimento do pronome sujeito de regra se dá quando há ênfase ou oposição de pessoas gramaticais:

"*Eu* é que furo o pano, vou adiante, puxando por você, que vem atrás, obedecendo ao que *eu* faço e mando..." [MA.2, 230].
"Há entre nós um abismo: *tu* o abriste; *eu* precipitei-me nele" [AH.1, 295].

Estando perfeitamente conhecido pela situação linguística, pode-se calar o pronome complemento do verbo; esta linguagem é correta, apesar da censura que lhe faziam os gramáticos de outrora. Muitas vezes deve-se o fenômeno ao que o estilista alemão Leo Spitzer chamou "linguagem-eco", constituída de repetição de uma parte da oração, destinada a

reforçar a própria declaração, como no seguinte trecho de A. Herculano:

"Disse já que tinha de fazer uma explicação ao leitor. *Tenho*; e é indispensável" [AH.4, II, 261].

Em casos de ênfase costuma-se repetir:

a) o pronome átono pela sua respectiva forma tônica, precedida de preposição:

"Mas qual será a tua sorte quando na hora fatal os algozes, buscando a sua vítima, só *te* encontrarem *a ti*?" [AH.3, 277].

b) o complemento expresso por um nome pelo pronome átono conveniente ou vice-versa:

Ao *avarento* nada *lhe* peço.

"Ainda hoje estão em pé, mas ninguém *as* habita, *essas* choupanas execrandas..." [CBr.8, 43].

Usa-se o pronome *o* (*os*) em referência a nomes de gêneros diferentes, por neutralização:

"*A generosidade*, *o esforço* e *o amor*, ensinaste-*os* tu em toda a sua sublimidade" [AH.1, 35].

***Ele* como objeto direto** – O pronome *ele*, no português moderno, só aparece como objeto direto quando precedido de *todo* ou *só* (adjetivo) ou se dotado de acentuação enfática, em prosa ou verso:

"No latim eram quatro os pronomes demonstrativos. *Todos eles* conserva o português" [PL.1, 398].

"Subiu! – e viu com seus olhos/ *Ela* a rir-se que dançava..."
[GD *apud* SS].

"Olha *ele*!" [EQ *apud* SS].

Ordem dos pronomes pessoais – Na sequência dos pronomes pessoais sujeitos, o português normalmente apresenta ordem facultativa deles: *eu e tu*, *tu e eu*; *eu e ele*, *ele e eu*; *eu e o senhor*, *o senhor e eu*, etc.:

– Porque nós vamos lá jantar na segunda-feira.

– Nós... Nós, quem?

– Nós. *Eu e tu*, *tu e eu*. A condessa convidou-me no comboio [EQ.3, 382].

É evidente que nas circunstâncias em que há necessidade de superpor à expressão linguística traços de polidez, urbanidade ou, no polo oposto do convívio social, modéstia, pode o falante ou escritor inverter a ordem, dando a primazia da primeira referência ao seu interlocutor, quer manifestado por pronome, quer por substantivo. Esta é, por exemplo, a prática da cortesia entre franceses e espanhóis.

É o que se percebe, por exemplo, na seguinte preferência de Camilo, no início do romance *O Senhor do Paço de Ninães*:

Estamos no Minho, *o leitor e eu*.

O passo da cortesia linguística não para na ordem dos pronomes; invade o domínio da concordância, como a realizou Rui Barbosa neste conhecido trecho de uma carta:

"(...) e S. Exc.ª respondera, declarando aceitaria, sob a condição de anuírem *o Barão do Rio Branco e eu*".

A concordância gramatical, pela presença de pronome de 1.ª pessoa, exigiria o verbo flexionado na 1.ª do plural: *anuirmos*. Todavia, em razão da urbanidade, a polidez se reflete não só na ordem dos pronomes, mas ainda na flexão verbal.

O pronome *se* na construção reflexa 44 – Eis aqui um bom exemplo pelo qual se

patenteia que um significado gramatical unitário, significado de língua, se pode desdobrar em outras acepções, conforme as unidades linguísticas com que se acha combinado e o entorno situacional.

A reflexividade consiste, na essência, na "inversão (ou negação) da transitividade da ação verbal". Em outras palavras, significa que a ação denotada pelo verbo não passa a outra pessoa, mas reverte-se à pessoa do próprio sujeito (ele é, ao mesmo tempo, agente e paciente):

1.a) *João se banha*

A nossa experiência do mundo admite a hipótese de João banhar a si mesmo ou banhar uma outra pessoa: *João banha o filho pela manhã*.

Só que, na reflexividade "própria", ocorre a primeira hipótese:

João se banha. **A** Reflexivo "próprio"

Já na oração

1.b) *João e Maria se amam*,

o significado do verbo *amar* e a nossa experiência do mundo que, em geral, tratando de duas pessoas, supõem o amor de alguém A dirigido a outro alguém B, permitem-nos dar outra acepção, contextual, ao originário significado unitário de "reflexividade"; acreditamos que a oração quer expressar que "João ama Maria" e que "Maria ama ao João". Então, não mais se trata de "reflexividade pura", mas de "reflexividade recíproca":

João e Maria se amam. **A** **B** Reflexo recíproco

A interpretação de reflexivo recíproco não mudará se se tratar de verbo transitivo que se constrói com objeto indireto ou complemento relativo:

João e Maria se escrevem. (um escreve ao outro)

João e Maria se gostam. (um gosta do outro)

As unidades léxicas comprometidas na construção determinam a interpretação. Se dizemos *João e Maria se miram*, a interpretação mais natural seria a de um reflexivo recíproco; mas se acrescentarmos *João e Maria se miram no espelho*, mais natural nos parecerá a interpretação de reflexivo "próprio". Portanto, são interpretações contextuais, e não valores de língua.

Mudando as unidades linguísticas que se combinam com o pronome *se*, poderemos ter:

2) *O banco só se abre às dez horas*.

No presente exemplo, *banco* é um sujeito constituído por substantivo que, por inanimado, não pode ser agente da ação verbal; por isso, a construção é interpretada como "passiva": é o que a gramática chama voz "média" ou "passiva com *se*":

O banco só se abre às dez horas. A ◄ "média" ou "passiva com *se*"

Repare-se que a interpretação da "passiva com *se*" depende só do léxico, isto é, do significado lexical do verbo. A prova disto é que esta interpretação prevalece ainda nas orações cujo sujeito não é inanimado, portanto, passível de executar a ação verbal. Só que há certos verbos que denotam ações que a nossa experiência sabe que não são praticadas pelo termo que lhe serve de sujeito, como ocorre nos verbos *chamar* (= ter nome):

Ele ***se*** *chama João*.

A última acepção a que poderemos chegar nas construções do pronome *se* é a da oração:

3) *Abre-se às dez*.

Temos aqui um *se* na construção em que não aparece substantivo, claro ou subentendido, que funcione como sujeito do conteúdo predicativo. Interpreta-se a construção como *impessoal*.

Diante desta exposição, podemos dizer que o *se* nas construções estudadas e assemelhadas exerce as seguintes funções sintáticas em face das unidades léxicas que com o pronome concorrem:

1) Objeto direto:

Ele se feriu.
Eles se cumprimentaram.

2) Objeto indireto:

Ela se arroga essa liberdade.

3) Complemento relativo:

Eles se gostam.

4) Índice de indeterminação do sujeito:

Vive-se bem.
Lê-se pouco entre nós.
Precisa-se de empregados.
É-se feliz.

OBSERVAÇÕES FINAIS: Pelos exemplos acima, o *se* como índice de indeterminação de sujeito – primitivamente exclusivo em combinação com verbos não acompanhados de objeto direto –, estendeu seu papel aos transitivos diretos (onde a interpretação passiva passa a ter uma interpretação impessoal: *Vendem-se casas* = 'alguém tem casa para vender') e de ligação (*É-se feliz*). A passagem deste emprego da passiva à indeterminação levou o falante a não mais fazer concordância, pois o que era sujeito passou a ser entendido como objeto direto, função que não leva a exigir o acordo do verbo:

Vendem-se casas (= 'casas são vendidas') → *Vendem-se casas* (= 'alguém tem casa para vender') → *Vende-se casas*.

"*Vende-se casas* e *frita-se ovos* são frases de emprego ainda antiliterário, apesar da já multiplicidade de exemplos. A genuína linguagem literária requere *vendem-se*, *fritam-se*. Mas ambas as sintaxes são corretas, e a primeira não é absolutamente, como fica demonstrado, modificação da segunda. São apenas dois estágios diferentes de evolução. Fica também provado o falso testemunho que levantaram à sintaxe francesa, que em verdade nenhuma influência neste particular exerceu em nós..." [MAg.2, 181-183].

Pode ainda o pronome *se* juntar-se a verbos que indicam:

1) sentimento: *indignar-se*, *ufanar-se*, *atrever-se*, *admirar-se*, *lembrar-se*, *esquecer-se*, *orgulhar-se*, *arrepender-se*, *queixar-se*.

2) movimento ou atitudes da pessoa em relação ao seu próprio corpo: *ir-se*, *partir-se*, *sentar-se*, *sorrir-se*.

No primeiro caso, não se percebendo mais o sentido reflexivo da construção, considera-se o *se* como parte integrante do verbo, sem classificação especial.

No segundo, costumam os autores chamar ao *se pronome de realce* ou *expletivo*.

Concorrência de *si* e *ele* na reflexividade – A partir do português contemporâneo (séc. XVIII para cá), nasceu a possibilidade de o pronome tônico *si*, nas construções reflexas, ter a concorrência do pronome *ele*, também preposicionado, em orações do tipo:

> "(...) perguntou Glenda, sentindo que a pergunta não era dirigida apenas a Pablo, mas também *a ela própria*" [RBn.2, 23].
>
> "[a amante] viu *diante dela* o meu eugênico amigo" [MB *apud* RBn.2]. 45

A construção não encontra respaldo nas nossas melhores gramáticas, apesar do emprego largo na literatura moderna brasileira a partir, segundo Barbadinho, de José de Alencar. Nos exemplos acima, a norma gramatical pediria: *a si própria*, *diante de si*, como rezam as passagens onde o pronome se refere ao sujeito do verbo:

> "Simeão *por si mesmo* escolheu o deserto que lhe convinha (...)."
> [JR.2, 35]
>
> "O espetáculo da beleza é bastante *por si mesmo*." [JR.2, 199]
>
> "Depois mudava-se o teatro, e via-se *a si mesmo* (...)." [JR.2, 299]

Note-se a curiosa concorrência das duas sintaxes neste exemplo de Guimarães Rosa, citado por Barbadinho:

> "E o Menino estava muito *dentro dele mesmo*, em algum cantinho *de si*."

Esta novidade de sintaxe tem contra si o fato de às vezes fazer perigar a interpretação da oração, que só se resolve pela ajuda do contexto:

> João levou o livro *para ele*.

Combinação de pronomes átonos – Ocorrem em português as seguintes combinações de pronomes átonos, notando-se que o que funciona como objeto direto vem em segundo lugar: As formas *o*, *a*, *os*, *as* procedem das antigas *lo*, *la*, *los*, *las*:

mo = me + o; *ma* = me + a; *mos* = me + os; *mas* = me + as;

to = te + o; *ta* = te + a; *tos* = te + os; *tas* = te + as;

lho = lhe + o; *lha* = lhe + a; *lhos* = lhe + os; *lhas* = lhe + as;

no-lo = nos + (l)o; *no-la* = nos + (l)a; *no-los* = nos + (l)os; *no-las* = nos + (l)as;

vo-lo = vos + (l)o; *vo-la* = vos + (l)a; *vo-los* = vos + (l)os; *vo-las* = vos + (l)as;

lho = lhe(s) + o; *lha* = lhe(s) + a; *lhos* = lhe(s) + os; *lhas* = lhe(s) + as.

se me	-se-me	se nos	-se-nos
se te	-se-te	se vos	-se-vos
se lhe	-se-lhe	se lhes	-se-lhes

> "Se dizeis isso pela que me destes, tirai-*ma*: que não *vo-la* pedi eu."
> [AH.4, I, 267]
>
> "E como, a pouco e pouco, se foram exaurindo os cascalhos e afundando os veleiros, o banditismo franco impôs-*se-lhes* como derivativo à vida desmandada" [EC.1, 218].

Observações:

1.ª) A rigor, na combinação só entra a forma *lhe*, que, na língua antiga, servia tanto ao singular como ao plural.

2.ª) Nas demais combinações, o português moderno prefere substituir o pronome átono objetivo indireto pela forma tônica equivalente, precedida da preposição *a*. Enquanto dizemos hoje *a mim te mostras* ou *te mostras a mim*, a língua de outros tempos consentia em tais dizeres:

> "Porque assi *te me* mostras odiosa?" [JCR.1 *apud* SS.1, § 271].

3.ª) A língua padrão rejeita a combinação *se o* (e flexões), apesar de uns poucos exemplos na pena de literatos:

> "Parece um rio quando *se o* vê escorrer mansamente por entre as terras próximas..." [LB.2, 49 *apud* SS.6, n.º 198, 268].

Foge-se ao erro de três maneiras diferentes:

a) cala-se o pronome objetivo direto: *Não se quer*.

b) substitui-se o pronome *o* (e flexões) pelo sujeito *ele* (e flexões): *Não se quer ele*.

> Inveja-se a riqueza, mas não o trabalho com que ela se granjeia [MM].

c) se já existe na oração o pronome pessoal de objeto direto (*o*, *a*, *os*, *as*), usa-se o pronome de objeto indireto na forma tônica precedida da preposição *a* ou *para*:

> "É Vieira sem contradição mestre guapíssimo de nossa língua, e o mesmo Bernardes assim o conceituava; que porém *a si o* propusesse como exemplar, nem o indica, nem consta, nem se pode com indução plausível suspeitar" [AC *apud* MBa.5, 54].

Apesar disto, ocorre em bons escritores construção em que se junta o pronome *o* (e diretos) a verbo na voz reflexiva:

> "Temo que *se me* argua de comparações extraordinárias, mas o abismo de Pascal é o que mais prontamente vem ao bico da pena"
> [MA.9, 29 *apud* SS.1].
>
> "Não se dá baixa ao soldado quando já não pode com a milícia? Não *se lha* dá até em tempo de guerra?" [AC.10, II, 106 *apud* SS.1].

4.ª) A língua padrão admite *pode-se compô-lo* ou *pode-se compor*, quando não há locução verbal:

> *Pode-se* de algum modo *ligá-lo* a Schopenhauer... [JR.3, 19]
>
> Júlio Moreira [JM.1, II, 30-31] diz que em Portugal é menos comum do que no Brasil a primeira construção.

5.ª) Em construções do tipo *fi-lo sentar-se* (e também com os verbos *deixar*, *mandar*, *ver*, *ouvir* e sinônimos), isto é, em que depois destes verbos com pronome objetivo se segue o infinitivo de verbo reflexivo, pode-se deixar claro este último pronome ou omiti-lo: *fi-lo sentar*.

Função do pronome átono em *Dou-me ao trabalho* – Em geral, o pronome átono da forma verbal reflexiva portuguesa funciona como objeto direto: *dou-me* (obj. direto) *ao trabalho* (obj. indireto) *de fazer*.

Em francês e espanhol, esse pronome aparece como objeto indireto: *je me donne la peine de le faire*; *me doy el trabajo de hacerlo*.

Pronome pessoal átono e adjunto adverbial – Pode ocorrer a possibilidade de substituírem os pronomes pessoais átonos, na forma de objeto indireto, *me*, *te*, *se*, *nos*, *vos*, *lhe*, *lhes*, termos que na oração funcionam como adjuntos adverbiais [MBa.4, 273-276]:

Pôs-se *diante dele*	–	Pôs-se-*lhe* diante
Ficava *detrás dele*	–	Ficava-*lhe* detrás
Deu um abraço *no pai*	–	Deu-*lhe* um abraço
Bateu *nele*	–	Bateu-*lhe*
Ralhar *com ele*	–	Ralhou-*lhe*
Fugir *de mim*	–	Fugiu-*me*
Tudo girou *em volta dele*	–	Tudo *lhe* girou em volta

> "Ela tinha, porém, no semblante um ar de majestosa bondade que dificilmente esqueceria quem alguma vez se *lhe*

houvesse aproximado" [CL.1, I, 278].

Nestas substituições, o pronome átono faz referência à pessoa e a ideia da circunstância fica por conta do advérbio (ou substantivo adverbializado), quando se trata de locução prepositiva:

Fugia de mim – fugiu-me (não há locução prepositiva)

Tudo girou ***em volta dele*** – *Tudo lhe girou* ***em volta*** (há locução prepositiva)

Pronome possessivo

***Seu* e *dele* para evitar confusão** – Em algumas ocasiões, o possessivo *seu* pode dar lugar a dúvidas a respeito do possuidor. Remedeia-se o mal com a substituição de *seu*, *sua*, *seus*, *suas*, pelas formas *dele*, *dela*, *deles*, *delas*, *de você*, *do senhor*, etc., conforme convier.

Em

José, Pedro levou o seu chapéu,

o vocábulo *seu* não esclarece quem realmente possui o chapéu, se Pedro ou José.

É verdade que a disposição dos termos nos leva a considerar José o dono do chapéu; mas a referência a Pedro também é possível. Assim sendo, serve-se o falante do substituto *dele*, se o possessivo pertence a Pedro:

José, Pedro levou o chapéu *dele*.

"Com efeito, Margarida gostava imenso da presença do rapaz, mas não parecia dar-lhe uma importância que lisonjeasse o coração *dele*". [MA.6, 24]

Se o autor usasse o possessivo *seu*, o coração poderia ser tanto de Margarida quanto do rapaz.

Pode-se, para maior força de expressão, juntar *dele* a *seu*:

José, Pedro levou o *seu* chapéu *dele*.

"Se Adelaide o amava como e quanto Calisto já podia duvidar, *sua* honra *dele* era pôr peito à defesa do opressa..." [CBr.1, 109]

Menos usual, porém correta, é a união dos dois possessivos como no seguinte exemplo da citada obra de Camilo:

"É certo, Sr. Presidente, que a femina toca o requinte da depravação, e chega a efeituar horrores cuja narração é de si para gelar ardências do sangue, para infundir pavor em peitos equânimos; porém, o móbil dos crimes *seus delas* é outro" [CBr.1, 86].

Os pronomes pessoais átonos *me*, *te*, *se*, *nos*, *vos*, *lhe*, *lhes*, podem ser usados com sentido possessivo, mormente em estilo literário, tomando-se o cuidado de evitar o abuso.46

Tomou-*me* o chapéu = Tomou o meu chapéu.

Ainda neste caso, é possível ocorrer a repetição enfática *lhe ... dele*:

"D. Adelaide ficou embaraçada. Seria agravar as meninas de dezoito anos, e educadas como a filha do desembargador, e amantes como elas de um comprometido esposo, estar eu aqui a definir a entranhada zanga que *lhe* fez no espírito *dela* o despropósito de Calisto" [CBr.1, 104].

Foge-se ainda à confusão empregando-se *próprio*:

"Andrade contentou-se com o *seu próprio* sufrágio" [MA.6, 19].

Posição do pronome possessivo – De modo geral, o possessivo vem anteposto ao nome a que se refere:

O *meu* livro. *Tuas* preocupações. *Nossos* deveres.

A posposição ocorre no estilo solene, em prosa ou verso, e, em nome de pessoas ou de graus de parentesco, pode denotar carinho:

Deus meu, ajudai-me!

A ênfase permite também a posposição, principalmente se o substantivo vem desacompanhado do artigo definido:

Conselho *meu* ela não tem. Filho *meu* não faria tal.

Em certas situações, há notável diferença de sentido com a posposição do possessivo.47

Minhas saudades são saudades que sinto de alguém. *Saudades minhas* são saudades que alguém sente de mim.

"Parece que Miss Dólar ficou com boas *recordações suas*, disse D. Antônia" [MA.6, 2, 17].

Notamos o mesmo em *suas cartas* e *cartas suas*.

Recebi suas cartas (i. é, cartas que me mandaram ou que pertencem à pessoa a quem me dirijo).

Recebi cartas suas (i. é, enviadas a mim pela pessoa).

Invariavelmente, usamos de *notícias suas*, como no seguinte exemplo:

"Peço-lhe que me mande *notícias suas*" [EC].

Fora destas construções, a língua moderna evita tal emprego objetivo:

"Mova-te a piedade *sua* e *minha*" [LC.1, III, 127]. Entenda-se: *a piedade delas* (das criancinhas) *e de mim.*

Possessivo para indicar ideia de aproximação – Junto a números o possessivo pode denotar uma quantidade aproximada:

Nessa época, tinha *meus* quinze anos (aproximadamente).

Era já homem de *seus* quarenta anos.

OBSERVAÇÃO: Valorizamos também uma noção quantitativa por meio do adjetivo *bom*:

"O maior Vilela observava um rigoroso regímen que lhe ia entretendo a vida. Tinha uns *bons sessenta anos*" [MA.6, 53].

Valores afetivos do possessivo – O possessivo, como temos visto, não se limita a exprimir apenas a ideia de posse. Adquire variados matizes contextuais de sentido, muitas vezes de difícil delimitação.

Assim, o possessivo pode apenas indicar a coisa que nos interessa, por nos estarmos referindo, com ele, a causa que nos diz respeito, ou por que temos simpatia:

O *nosso* herói (falando-se de um personagem de histórias) não soube que fazer. Trabalho todo dia *minhas* oito horas [cf. JR.4, 206].

Além de exprimir a nossa simpatia, serve também o possessivo para traduzir nosso afeto, cortesia, deferência, submissão, ou ironia:

Meu prezado amigo. *Minha* senhora, esta é a mercadoria que lhe serve.

Meus senhores e *minhas* senhoras! *Meu* presidente, todos o esperam.

Meu coronel, os soldados estão prontos! *Meu* tolo, não vês que estou brincando?

Notemos, porém, que em expressões do tipo:

"Qual cansadas, *seu* Antoninho!" [LB],

"Ande, *seu* diplomático, continue" [MA],

seu não é, como parece a alguns estudiosos, a forma possessiva de 3.ª pessoa do singular. Trata-se aqui de uma redução familiar do tratamento *senhor*.

Difere a forma *seu* (admite ainda as variantes *seo*, *sô*) do termo nobre, *senhor*, por traduzir nossa familiaridade ou depreciação.

Ocorrendo isoladamente, prevalece a forma plena *senhor*, conforme nos mostra o seguinte exemplo:

> "Depressa, depressa, que a filha do Lemos vai cantar; e depois é o *senhor*. Está ouvindo, *seu* Ricardo" [LB.1, 115].

Um fingido respeito ou cortesia – bem entendidos, aliás, pelos presentes – pode determinar a presença da forma plena:

> "Diga, *senhora* mosca-morta?" [AH.4, II, 251].

Pela forma abreviada *seu* modelou-se o feminino *sua*:

> "E ri-se você, *sua* atrevida?! – exclamou o moleiro, voltando-se para Perpétua Rosa" [AH.4, 252].

Emprego do pessoal pelo possessivo – Embora de pouca frequência, pode aparecer o possessivo por uma forma de pronome pessoal precedido da preposição *de*. Neste caso está a expressão *ao pé de* + pronome pessoal.

> "Vós os que não credes em bruxas, nem em almas penadas, nem nas tropelias de Satanás, assentai-vos aqui ao lar bem juntos ao *pé de mim*, e contar-vos-ei a história de D. Diogo Lopes, senhor de Biscaia" [AH.4, II, 7].

> "Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baronesa, que tinha a modista ao *pé de si*, para não andar atrás dela" [MA.2, 31].

Possessivo expresso por uma locução – Expressa-se o possessivo ainda por meio de uma perífrase em que entra o verbo *ter*, *haver* ou sinônimo:

> Oxalá os problemas *que temos* durem pouco (os nossos problemas).

O possessivo em referência a um possuidor de sentido indefinido – Se o possessivo faz referência a pessoa de sentido indefinido, expresso ou sugerido pelo significado da oração, emprega-se o pronome de 3.ª pessoa:

> "É verdade que *a gente*, às vezes, tem cá as *suas* birras – disse ele, com certo ar que queria ser fino e saía parvo" [AH.4, II, 158].

Se o falante se inclui no termo ou expressão indefinida, usar-se-á o possessivo de 1.ª pessoa do plural:

> *A gente* compreende como estas cousas acontecem em *nossas* vidas [cf. CBr.1].

Repetição do possessivo – Numa série de substantivos, pode-se usar o possessivo (como qualquer outro determinante do nome) apenas junto ao primeiro nome, se não for nosso propósito enfatizar cada elemento da série:

> "A prova da *sua perspicácia* e *diligência* estava em ter já no caminho da forca os desgraçados cuja sentença vinha trazer à confirmação real" [AH.4, I, 187].

Note-se a ênfase e a oposição entre os possuidores (*eu* e *tu*):

> "O *teu* amor era como o íris do céu: era a *minha* paz, a *minha* alegria, a *minha* esperança" [AH.4, I, 190].

Se o termo vem acompanhado de modificador, não se costuma omitir o possessivo da série:

> "Foi a *tua* dignidade real, a *tua* justiça, o *teu* nome que eu quis salvar da *tua própria* brandura" [AH.4, I, 191].

Omite-se o possessivo na série sem ênfase, ainda que os substantivos sejam de gênero ou número (ou ambas as coisas) diferente. A repetição que nada acrescenta em ênfase à expressão é considerada, por muitos estudiosos, como imitação da sintaxe francesa [MBa.1, 412-413].

"... entendera (Calisto Elói) que a prudência o mandava viver em Lisboa consoante os costumes de Lisboa, e na província, segundo o *seu gênio* e *hábitos* aldeãos" [CBr.1, 107].

Se se trata de substantivo sinônimo, dispensa-se a repetição do possessivo:

Teu filho, de quinze anos apenas, é *teu* orgulho e ufania.

Se os substantivos forem de significação oposta, o possessivo em regra não é dispensado:

Teu perdão e *teu* ódio não conhecem o equilíbrio necessário à vida.

Substituição do possessivo pelo artigo definido – Sem ser norma de rigor absoluto, pode-se substituir o possessivo pelo artigo definido, quando a ideia de posse se patenteia pelo contexto ou pelo sentido total da oração, ou ainda pela aplicação reflexiva, isto é, quando se faz referência à própria pessoa que fala ou de quem se fala. Este fato ocorre principalmente junto dos nomes de partes do corpo, das peças do vestuário, faculdades do espírito e certas frases feitas:

"D. Fernando afastou-a suavemente de si: ela alevantou *o rosto* celeste orvalhado de pranto... D. Leonor ergueu *as mãos* suplicantes, com um gesto de profunda angústia" [AH.4, I, 190].

"... aqui parou (Calisto Elói), e cruzando *os braços*, se esteve largo espaço quedo, e fito nas janelas" [CBr.1, 110].

"E o vento assobiava no vigamento da casa, e nas orelhas de Calisto, o qual, levado do instinto da conservação, levantou a gola *do capote* à altura *das bossas parietais*..." [CBr.1].

Ele perdeu *o juízo*. Tem *a vida* por um fio. Recuperou *a memória*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Aparece o possessivo no caso de ênfase, quando se deseja insistir na pertença do indivíduo:

"(...) se *as suas* faces eram gordas, *as suas* mãos continuavam magras com longos dedos fusiformes e ágeis" [LB.1, 96].

"E cada lavrador enxugava *os seus* olhos" [CBr.6, 118].

2.ª) Dispensa-se o artigo definido nas expressões *Nosso Senhor*, *Nossa Senhora*, assim como nas fórmulas de tratamento onde entra um possessivo, do tipo: *vossa excelência*, *vossa reverendíssima*, *sua majestade*, etc.

O possessivo e as expressões de tratamento do tipo *Vossa Excelência* – Empregando-se as expressões de tratamento do tipo de *vossa excelência*, *vossa reverendíssima*, *vossa majestade*, *vossa senhoria*, onde aparece a forma possessiva de 2.ª pessoa do plural, a referência ao possuidor se faz hoje em dia com os termos *seu*, *sua*, isto é, com possessivo de 3.ª pessoa do singular:

Vossa Excelência conseguiu realizar todos os *seus* propósitos (e não: todos os *vossos* propósitos).

Tais tipos de títulos honoríficos começaram a aparecer no português entre os séculos XIV e XV e aí havia realmente uma possibilidade de alternância de *seu*, *sua*, *vosso*, *vossa*. A luta durou até aproximadamente o século XVII, quando as formas de 3.ª pessoa saíram vitoriosas. Assim sendo, modernamente só deve aparecer o possessivo conforme o exemplo dado. Raras exceções em escritores do séc. XVIII para cá são devidas a imitações literárias, justamente repudiadas como arcaicas, ou então porque o autor, em romance ou novela histórica, para não cair em anacronismo, faz seus personagens falar a linguagem da época.

Entre os escritores a cuja autoridade se abrigam os defensores do arcaísmo aqui citado, se acha Alexandre Herculano. Ávido leitor e constante hóspede dos monumentos históricos, o autor da *História de Portugal*, tratando do período de D. João I (1385-1433), no *Monge de Cister* (pronuncie-se este último nome como oxítono), teve oportunidade de mostrar o quanto

sabia da evolução de sua língua, conhecimento que o faz o melhor prosador ou um dos melhores que as letras portuguesas tiveram. Assim, pensamos que tal situação especialíssima do probo e perspicaz historiador não abre a porta para a prática da velha construção.

Pronome demonstrativo

A posição indicada pelo demonstrativo pode referir-se ao espaço, ao tempo (demonstrativos dêicticos espaciais e temporais) 48 ou ao discurso (demonstrativo anafórico).

Demonstrativos referidos à noção de espaço – *Este* (e flexões) aplica-se aos seres que pertencem ou estão perto da 1.ª pessoa, isto é, daquela que fala:

> *Este livro* é o livro que possuo ou tenho entre mãos.
> *Esta casa* é a casa onde me encontro.

Esse (e flexões) aplica-se aos seres que pertencem ou estão perto da 2.ª pessoa, isto é, daquela com quem se fala:

> *Esse livro* é o livro que nosso interlocutor traz.
> *Essa casa* é a casa onde se encontra a pessoa a quem me dirijo.

Na correspondência, *este* se refere ao lugar donde se escreve, e *esse* denota o lugar para onde a carta se destina. A referência à missiva que escrevemos se faz com *este*, *esta*:

> "Manaus, 13-1-1905
> Meu bom amigo Dr. José Veríssimo, – escrevo-lhe dissentindo abertamente de sua opinião sobre *este* singularíssimo clima da Amazônia..." [EC].
> Escrevo *estas* linhas para dar-te notícia *desta* nossa cidade e pedir-te as novas *dessa* região aonde foste descansar.

Quando se quer apenas indicar que o objeto se acha afastado da pessoa que fala, sem nenhuma referência à 2.ª pessoa, usa-se de *esse*:

> "Quero ver *esse* céu da minha terra
> Tão lindo e tão azul!" [CA].

Na linguagem animada, o interesse do falante pode favorecer uma aproximação figurada, imaginária, de pessoa ou coisa que realmente se acham afastadas dos que falam. Esta situação exige *este*:

> "Dói-me a certeza de que estou morrendo desde o primeiro dia da tua união com *este* homem... a certeza de que o hás de amar sempre, ainda que ele te despreze como já te desprezou" [CBr.1, 152].

Tal circunstância deve ter contribuído para o emprego de *este* como indicador de personagens que o escritor traz à baila.

> "*Este* Lopo, bacharel em direito, homem de trinta e tantos anos, e sagaz até a protérvia, vivia na companhia do irmão morgado..." [CBr.1, 149].

Por outro lado, cabe a *esse* a missão de afastar de nós pessoa ou coisa que na realidade se acham ou se poderiam achar próximas:

> "Vês África, dos bens do mundo avara,
> .....
> Olha *essa* terra toda, que se habita
> *Dessa* gente sem lei, quase infinita" [LC.1, X, 92 *apud* SA].

Estas expressões não se separam por linhas rigorosas de demarcação; por isso exemplos há de bons escritores que contrariam os princípios aqui examinados e não faltam mesmo certas

orientações momentâneas do escritor que fogem às perscrutações do gramático.

Demonstrativos referidos à noção de tempo – Na designação de tempo, o demonstrativo que denota um período mais ou menos extenso, no qual se inclui o momento em que se fala, é *este* (e flexões):

Neste dia (= no dia de hoje) celebramos a nossa independência.

Este mês (= no mês corrente) não houve novidades.

Aplicado a tempo já passado, o demonstrativo usual é *esse* (e flexões):

Nessa época atravessávamos uma fase difícil.

Se o tempo passado ou vindouro está relativamente próximo do momento em que se fala, pode-se fazer uso de *este*, em algumas expressões:

Esta noite (= a noite passada) tive um sonho belíssimo.

Porém, com a mesma linguagem *esta noite* poderíamos indicar a noite vindoura. Outro exemplo:

"Meu caro Barbosa:

Deves ter admirado o meu silêncio *destes quinze dias*, silêncio para ti, e silêncio para o jornal" [CBr.7, 56].

A indicação temporal de *este* e *esse* dispensa outra expressão adverbial, se a circunstância de tempo não se apresenta ao falante como elemento principal do conjunto:

"Para o jogo bastava *esse* movimento de peão". [ML]

Esse movimento vale por: *o movimento que se fez naquele momento*.

Demonstrativos referidos a nossas próprias palavras – No discurso, quando o falante deseja fazer menção ao que ele acabou de narrar (anáfora) ou ao que vai narrar (catáfora), emprega *este* (e flexões):

"Entrou Calisto na sala um pouco mais tarde que o costume, porque fora vestir-se de calça mais cordata em cor e feitio. Não me acoimem de arquivista de insignificâncias. *Este* pormenor (isto é: o pormenor a que fiz referência) das calças prende mui intimamente com o cataclismo que passa no coração de Barbuda" [CBr.1, 93].

"Se não existisse Ifigênia... acudiu Calisto. Já *este* nome (i.é.: o nome que proferi) me soava docemente quando, na minha mocidade pela angústia da filha de Argamenão, cujo sacrifício o oráculo de Áulida desmandava.

– Ah, também eu conheço *essas* angústias (i.é.: aquelas a que se refere) da tragédia de Racine" [CBr.1, 135].

– "... não há linguagem que não soe divinamente falada por minha prima.

– *Essas* lisonjas – volveu ela sorrindo – aprendeu-as nos seus livros velhos, primo Calisto?" [CBr.1, 136].

Por este último exemplo, podemos verificar que se a referência é feita às palavras da pessoa com quem se fala, o demonstrativo empregado é *esse* (e flexões). No trecho, *essas lisonjas* são as que faz Calisto à sua prima.

Há situações embaraçosas para o emprego do demonstrativo anafórico, isto é, aquele que se refere a palavras ditas ou que se vão dizer dentro do próprio discurso (catáfora). Ocorre o caso, por exemplo, nas referências a enunciados anteriores que envolvem afastamento da 1.ª pessoa ou ao tempo em que se fala. Nestes casos, geralmente, prevalece a preferência para nossas próprias palavras, aparecendo, assim, o anafórico *este* (e flexões) em lugar do dêictico *esse* (e flexões):

– "Então que te disse ele?...

– Que tinhas lá outra... e que te viu passear com ela.

– Viu-me a passear com uma nossa parenta, viúva de um general. Quem disse ao javardo que *esta* (a que me refiro) *senhora* era minha amante" [CBr.1, 157].

Expresso um nome a que, na construção do discurso, se quer juntar uma explicação, comparação, ou se lhe quer apontar característica saliente, costuma-se repetir este nome (ou o que lhe serve de explicação, comparação, ou característica) acompanhado do demonstrativo *esse* (e flexões):

"O olhar da opinião, *esse* olhar agudo e judicial, perde a virtude, logo que pisamos o território da morte" [MA.1, 81 *apud* SS].

"Creio que por então é que começou a desabotoar em mim a hipocondria, *essa* flor amarela, solitária, de um cheiro inebriante e sutil" [MA.1, 83 *apud* SS.1, 307].

Por meio do pronome invariável *o* repetimos pleonasticamente a oração objetiva que se antecipa de sua posição normal, ou, em sentido inverso, antecipa a oração objetiva do texto:

*Que todos iam sair cedo, eu **o** disse ontem.*

*Eu **o** disse ontem, que todos iam sair cedo.*

Reforços de demonstrativos – A necessidade de avivar a situação dos objetos e pessoas tratados pelo falante o leva a reforçar os demonstrativos com os advérbios dêiticos *aqui*, *aí*, *ali*, *acolá*: *este aqui*, *esse aí*, *aquele ali* ou *acolá*.

Eu *cá* tenho minhas dúvidas. Ele *lá* diz o que pensa.

Também desempenham o papel de reforço enfático *mesmo* e *próprio* (e flexões) presos a substantivos ou pronomes, com o valor de *em pessoa* (em sentido próprio ou figurado):

Eu *próprio* assisti à desagradável cena. Ela *mesma* foi verificar o fato.

Neste sentido de identidade, *mesmo* e *próprio* entram no rol dos demonstrativos.

No seguinte trecho de M. de Assis aparece *muito*:

"Você ignora que quem os cose sou eu, e *muito* eu" [MA.2, 230].

Há construções fixas que nem sempre se regulam pelas normas precedentes; entre estas, estão:

a) isto é (e nunca *isso é*) com o valor de 'quer dizer' ou 'significa', para introduzir esclarecimentos;

b) por isso, *nem por isso*, *além disso* são mais frequentes que *por isto*, *nem por isto*, *além disto*, como a introduzir uma conclusão ou aduzir um argumento;

c) isto de (e não *isso de*) com o valor de 'no que toca', 'no que diz respeito a'. [SA.2, 264]

Outros demonstrativos e seus empregos – Já vimos que *mesmo* e *próprio* denotando identidades e com o valor de "em pessoa" são classificados como demonstrativos:

"Tal faço eu, à medida que me vai lembrando e convindo à construção ou reconstrução de mim *mesmo*" [MA.4, 203].

"De resto, naquele *mesmo* tempo senti tal ou qual necessidade de contar a alguém o que se passava entre mim e Capitu" [MA.4, 225].

"Veja os algarismos: não há dois que façam o *mesmo* ofício" [MA.4, 267].

Pode ainda o demonstrativo *mesmo* assumir o valor de *próprio*, *até*:

"Estes e outros semelhantes preceitos não há dúvida que não são pesados e dificultosos; e por tais os estimou o *mesmo* Senhor, quando lhes chamou Cruz nossa" [AV. 1, XI, 150].

"Os *mesmos* animais de carga, se lhe deitam toda a uma parte, caem com ela" [AV *apud* ED.2, § 86, a].

Mesmo, *semelhante* e *tal* têm valor de demonstrativo anafórico, isto é, fazem referência a pensamentos expressos anteriormente:

"Depois, como Pádua falasse ao sacristão, baixinho, aproximou-se deles; eu fiz a *mesma* cousa" [MA.4, 87].

"Não paguei uns nem outros, mas saindo de almas cândidas e verdadeiras *tais* promessas são como a moeda fiduciária, – ainda que o devedor as não pague, valem a soma que dizem" [MA.4, 202; FT.1, 56].

Falaste em dois bons estudantes, mas não encontrei *semelhantes* prendas na sala de aula.

Tal (sozinho ou repetido) e *outro* são demonstrativos de sentido indefinido. O primeiro aparece junto à designação de um dia, lugar ou circunstâncias reais, que não queremos ou não podemos precisar:

"Ele combinou com o assassino assaltarem a casa em *tal* dia, a *tal* hora, por *tais* e *tais* meios" [JO.1, 40].

Outro se emprega com o valor de *um segundo*, *mais um* (no sentido de *diferente*, como *mesmo* no de *igual*, é adjetivo):

Ele me tratou mal e eu fiz *outro* tanto (*tanto*, veremos mais tarde, é pronome indefinido).

Tais acepções imprecisas levam alguns estudiosos a classificar *tal* e *outro* como indefinidos.

Como elemento reforçador dos que foram tratados anteriormente, aparece *mesmo* junto aos advérbios pronominais: *agora mesmo*, *aí mesmo*, *aqui mesmo*, *já mesmo*, etc.

OBSERVAÇÃO: Sobre o emprego tido como errôneo de *mesmo* como advérbio, veja-se, mais adiante.

Um pode ter, em certas expressões, o valor de *mesmo*:

"Oh cousa para espantar
Que ambos a ferida tem
Dum tamanho, em *um* lugar" [LC *apud* JM].

(i. é: do mesmo tamanho e no mesmo lugar)

Honra e proveito não cabem *num* saco.

No estilo familiar e animado, emprega-se o demonstrativo com o valor de artigo definido:

Esse João é das arábias! *Aquela* Maria tem cada ideia! [MA.1, 36].

Registre-se ainda o emprego substantivo de *aquilo* em construções como:

"e apenas, como uma das extravagâncias que mais requerem anotação, citarei *aquilo* da p. 14" [CL.1, I, 245].

Posição dos demonstrativos – Em situações normais, em que não impere a ênfase, o demonstrativo vem anteposto ao nome. Em caso contrário, pode o adjetivo vir posposto, principalmente se o demonstrativo se referir ao pensamento já expresso.

"Logo depois, senti-me transformado na *Summa Theologica* de S. Tomás, impressa num volume, e encadernada em marroquim, com fechos de prata e estampas; ideia *esta* que me deu ao corpo a mais completa imobilidade..." [MA *apud*. SS.1, 306].

"... Os seus olhos serenos, como o céu, que imitavam na cor, tomaram a terrível expressão que ele costumava dar-lhes no revolver dos combates, olhar *esse* que, só por si, fazia recuar os inimigos" [AH *apud* SS].

Nas orações exclamativas ocorre também a posposição: Que dia *este*!

Mesmo pode corresponder a dois vocábulos latinos: *idem* e *ipse*. No primeiro caso, denota identidade e reclama a presença do artigo ou de outro demonstrativo:

Disse as *mesmas* coisas. Referiu-se ao *mesmo* casal. Falou a este *mesmo* homem.

Idêntico a *ipse*, emprega-se junto a substantivo ou pronome e equivale a *próprio*, *em pessoa* (em sentido próprio ou figurado)49:

Ela *mesma* se condenou.

Em ambos os sentidos, *mesmo* pode aparecer antes ou depois do substantivo. Nota-se

apenas, na língua moderna, certa preferência para a anteposição, quando o demonstrativo assume o valor de *idem*, isto é, indica identidade.

É costume calar-se a preposição na oração subordinada que se refere a substantivo antecedente que tem *mesmo* como adjunto:

> Encontrei-o na *mesma situação* (***em***) ***que*** estava no ano passado.
>
> Saiu do trabalho no *mesmo dia* (***em***) ***que*** fora promovido.
>
> "Querias, porventura, ensiná-la a desprezar-me pela *mesma razão* (***por***) ***que*** tu me desprezas" [CBr *apud* MBa.2, 310].

Pronome indefinido

Nem sempre se pode estabelecer claramente a diferença entre simples indefinidos tratados neste lugar dos quantitativos indefinidos; isto porque certos indefinidos aparecem aplicados à quantidade incerta.

Empregos e particularidades dos principais indefinidos – O indefinido pode estender a sua significação a todos os indivíduos de uma classe:

> *Todos* os homens são bons. *Cada* livro deve estar no lugar próprio. *Qualquer* falta merece ser punida.
>
> Livro *algum* será retirado sem autorização. *Nenhum* erro foi cometido.

A significação do indefinido se pode estender apenas a um ou a alguns indivíduos de uma classe:

> *Certas* folhas ficaram em branco.
>
> Daí surgirão *outros* enganos.

Sobre os principais pronomes indefinidos acrescentaremos:

a) Algum

Anteposto ao substantivo tem valor positivo: Recebeu *algum* recado importante.

Posposto ao nome, assume significação negativa, podendo ser substituído pelo indefinido negativo *nenhum*: Resultado *algum* saiu do inquérito.

Ocorre com maior frequência este emprego em frases onde já existem expressões negativas (*não*, *nada*, *sem*, *nem*), em interrogações oratórias ou depois de substantivo precedido da preposição *sem*: "Era pessoa *sem* escrúpulo *algum*" [ED.2, § 106].

b) Algo

Está hoje praticamente desbancado pela locução sinônima *alguma coisa*: 50

> Terás *algo* para contar-me?
>
> Há *algo* novo no ar.

É mais frequente seu emprego como advérbio, em construções do tipo:

> A situação está ***algo*** *perigosa*.
>
> Ali se passaram os momentos ***algo*** *inesquecíveis*.

O mesmo emprego adverbial conhece o seu equivalente *alguma coisa*:

> A leitura deixou-lhe impressão ***alguma coisa*** *agradável*.

Algumas vezes o significado quantitativo de *algo* e *alguma coisa* favorece o aparecimento da preposição *de* com valor partitivo:

Não há ***algo de*** novo.

Ficou-lhe do encontro ***alguma coisa de*** arrependimento.

Alguma coisa de novo deve acontecer hoje.

A presença da preposição junto ao adjetivo o transpõe à classe do substantivo e, por atração, este pode concordar em gênero e número com o nome sujeito do verbo:

Apresento-lhe *estas desculpas* que têm ***algo de*** *engraçadas*.

De repente saíram *umas ideias* ***alguma coisa de*** *ridículas*.

Sem razão, alguns autores consideram galicismo a presença da preposição *de* nestas construções com pronomes indefinidos, todos de valor nitidamente quantitativo [MBa.5, 43].

c) Cada

Junta-se a substantivo singular, a numeral coletivo e expressões formadas por numeral seguido de substantivo no plural:

"Uma ilusão gemia em *cada* canto,

Chorava em *cada* canto uma saudade". [LG]

Cada século possui seus homens importantes.

Faz prova em *cada* trinta dias.

Usa-se combinado a *cada um* e *cada qual*.

É condenado o emprego de *cada* sem substantivo em lugar de *cada um* nas referências a nomes expressos anteriormente, considerado imitação da linguagem comercial francesa, o que pomos em dúvida.

Os livros custam trinta cruzeiros *cada* (por *cada um*).

Cada não sofre variação, mas a concordância do verbo com o sujeito se processa normalmente:

"Convém notar o tríduo das Lemúrias

Não corre a flux: ***cada*** *dois dias levam*

entre si um profano intercalado" [AC.1, III, 57 *apud* FC.1, 53].

OBSERVAÇÃO: Com exagero, já se condenou por mal soante a expressão *por cada*, que, segundo a crítica, lembraria *porcada* (vara de porcos). Rui Barbosa [RB.1, 126] defendeu brilhantemente o falso cacófato (mau som).

Lembra Sousa da Silveira o valor intensivo de *cada*, como no seguinte exemplo (está claro que proferido com entonação expressiva):

"Então é *cada* temporal, que até parece que os montes estremecem" [EQ.1, 288 *apud* SS.1, § 388].

Conta *cada* história!

d) Certo

É exclusivamente na língua moderna pronome indefinido quando antecede ao substantivo:

"A vida celibata podia ter *certas* vantagens próprias, mas seriam tênues, e compradas a troco da solidão" [MA.1, 306].

Havendo ênfase, poderá aparecer *um certo*, expressão que tem sido, com algum exagero, recriminada pelos gramáticos. Alexandre Herculano, notável escritor português, talvez influenciado pelas teorias gramaticais reinantes, aboliu, em redações posteriores, o artigo indefinido (junto ou não a palavras indefinidas), tirando, muita vez, o colorido enfático do trecho primitivo. De *um certo* usou ele nos seguintes passos:

"Forçoso é que um poeta creia no pensamento, que o agita, e no ideal, aonde tem de ir buscar *um certo* número d'existência..." [AH.2, 162].

"Passado todo este tempo os escravos de *um certo* Adócio, que herdara o domínio daquela montanha..." [AH.2, 215].

"O gesto brando com que, uma vez posta, começou a mover as asas, tinha *um certo* ar escarninho, que me aborreceu

muito" [MA.1, 99].

Posposto ao substantivo, *certo* fixou o seu emprego de adjetivo, com o sentido de "acertado", "ajustado", "exato", "verdadeiro". Ambos os sentidos, indefinido e qualificativo, são aproveitados nos seguintes jogos de palavras:

Tenho *certos amigos* que não são *amigos certos*.

Note-se, com o *Dicionário Contemporâneo*, que *certo* atenua o que na significação do substantivo haja de demasiadamente absoluto, quando este indefinido vem anteposto a nome que exprime qualidade, propriedade ou modo de ser:

Goza de *certa* reputação de talento.

A ópera tem uma *certa* novidade.

Nesta significação atenuativa, *certo*, equivalente a *algum* (e flexões), se aproxima dos quantitativos indefinidos.

NOTA: No português de outras épocas, a função de adjetivo ocorria, ou podia ocorrer, ainda anteposto ao nome:

"Deveis de ter sabido claramente
Como é dos fados grandes *certo* intento" (isto é: intento certo)
[LC.1, I, 24].

"Esta ilha pequena que habitamos
É em toda esta terra *certa* escala (isto é: escala certa)
De todos os que as ondas navegamos"
[LC.1, I, 54].

"Atento estava o rei na segurança
Com que provava o Gama o que dizia;
Concebe dele *certa* confiança, (isto é: confiança segura)
Crédito firme em quanto proferia"
[LC.1, VIII, 76].

e) Nenhum

Reforça a negativa *não*, podendo ser substituído pelo indefinido *algum*:

Não tínhamos *nenhuma* dívida até aquele momento.

Sem ênfase, *nenhum* vem geralmente anteposto ao substantivo; havendo desejo de avivar a negação, o indefinido aparece posposto:

"Que é lá? redargui; não cedi *cousa nenhuma*, nem cedo" [MA.1, 134].

Referindo-se o nome no plural, *nenhum* se flexiona:

"Mas se anda nisto mistério, como quer o condestável, espero que não serão *nenhuns feitiços*..." [RS.1, 195].

Em certas frases de forma afirmativa, *nenhum* pode adquirir valor afirmativo, como sinônimo de *qualquer*:

Mais do que *nenhum* homem, ele trabalhava para a tranquilidade.

Enquanto *nenhum* é um termo que generaliza a negação, *nem um* se refere à unidade:

Não tenho *nenhum* livro.

Não tenho *nem um livro*, quanto mais dois.

f) Todo – Tudo 51

Concorda em gênero e número com o substantivo ou pronome a que serve de adjunto adnominal.

Quando no singular está anteposto a substantivo ou adjetivo substantivado, vale por "cada", "qualquer" ou "inteiro", "total", podendo vir ou não acompanhado de artigo. Isto significa que, no singular, *todo* pode referir-se tanto à totalidade distributivamente de um conjunto

plural (*Todo o homem* é mortal = "todos e cada um dos homens") – e neste sentido equivale ao latim *omnis* –, como à totalidade, integralidade, de um indivíduo, de um singular (***Todo** o homem* ou *O homem **todo** é pecado e miséria*; *Trabalhar **todo** o dia* ou *o dia **todo***) – e já neste sentido vale pelo latim *totus* [HCv.3, III, 33 n.4].

Ainda que *todo* possa significar "qualquer", eles podem concorrer juntos na expressão *todo* (*toda*) *e qualquer*:

"Introdução de *todo e qualquer* gênero de produto" [RB *apud* FC.1, 295].
A *toda* falta deve corresponder um castigo adequado (*toda* = "cada").
A *toda a* falta... (*toda* = "cada").
Todo ser merece consideração (*todo* = "qualquer").
Todo o ser merece... (*todo* = "qualquer").
O incêndio destruiu *toda* casa (*toda* = "inteira", "total").
O incêndio destruiu *toda a* casa (*toda* = "inteira", "total")
Todo pobre receberá esmola.
Todo o pobre receberá esmola.

Enquanto em Portugal não se faz a distinção formal entre "*cada*"/ "*qualquer*" e "*inteiro*"/ "*total*", usando-se quase sempre *todo* seguido de artigo (*Todo o homem é mortal*), no Brasil, para o primeiro sentido, modernamente, dispensa-se o artigo (*Todo homem é mortal*) e, para o segundo, o artigo é obrigatório (*Toda a casa pegou fogo*).

Está claro que a presença ou ausência do artigo está inicialmente presa ao fato de o substantivo núcleo do sintagma exigir ou não artigo, independentemente da variedade semântica apontada. Assim, como se diz, nos nomes dos países, com artigo, *o Brasil*, dir-se-á *todo o Brasil*; em contraposição, só se diz, sem artigo, *Portugal*, logo se dirá *todo Portugal*.

A distinção entre "cada"/ "qualquer" e "inteiro"/ "total" fica prejudicada em virtude da ocorrência da fonética sintática que facilita, na pronúncia (com reflexo natural na escrita), a fusão por crase da vogal final de *todo*, *toda* com o artigo singular *o*/ *a*: *todo o* = *todo*; *toda a* = *toda*. Daí, muitas vezes a indecisão que sentem as pessoas na hora de usar *todo* e *todo o*, *toda* e *toda a*.

Assim, diz-se, entre brasileiros, sem distinção de sentido, *todo o mundo*, *toda a vida*, *todo o tempo*, *toda a hora*, *toda a parte*, etc., ao lado de *todo mundo*, *toda vida*, *todo tempo*, *toda hora*, *toda parte*, etc., vacilação que se nota no português europeu literário de épocas passadas, em Camões, por exemplo. Em *todo o mundo*, *toda a gente*, percebe-se, na própria significação dos substantivos, o valor coletivo da expressão.

Todo indica a totalidade numérica, isto é, qualquer indivíduo da classe, quando seguido de oração adjetiva substantivada pelo *o* ou do pronome *aquele* (*todo aquele que*):

"(...) *Todo o que* sofre,
Todo o que espera e crê, *todo o* que almeja
Perscrutar o futuro, se coloca
Ao lado do Senhor" [FV *apud* SS.1, § 366].

Desaparece, naturalmente, a vacilação quando, em vez do artigo definido, aparecer o indefinido *um*, pois aí *todo um* denota "inteiro", "total": *todo um dia*, *toda uma cidade*, construção, aliás, sem razão, rejeitada por puristas intransigentes.

Todo no singular e posposto ao substantivo entra sempre na expressão da totalidade: *o*

homem todo, *a casa toda*, *o país todo*, *a semana toda*, *o tempo todo*, *a fortuna toda*, *o mundo todo*, *uma cidade toda*.

Nas expressões de reforço enfático ou de valor superlativo do tipo de *todo o resto*, *toda a soma*, *todo o mais* (substantivado), *a toda a pressa*, *a toda a brida*, *a todo o galope*, o artigo é de presença obrigatória entre brasileiros.

No plural, *todos*, *todas*, antepostos ou pospostos, exigem sempre a presença do artigo, desde que o substantivo não esteja precedido de adjunto que o exclua:

Todos os alunos entregaram as provas antes do tempo.

Todas as revisões são passíveis de enganos.

Os alunos todos disseram sim.

Todos estes casos foram examinados.

Todas elas responderam às cartas

Estando a totalidade numérica definida por um numeral referido a substantivo explícito ou subentendido, *todos* pode ser ou não acompanhado de artigo (*todo um*, *todos dois* ou *todos os dois*, *todos três* ou *todos os três*, etc.):

"Era belo de verem-se *todos cinco* em redor da criança, como se para outro fim se não reunissem!" [CBr.6, 131].

Todas as quatro razões foram discutidas.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) É mais comum a presença do artigo quando o substantivo está expresso.

2.ª) Em *todas estas quatro razões*, a presença de um adjunto (*estas*) que exclui o artigo explica a sua ausência.

Graças à significação de certos verbos em determinados contextos, *todos* pode ser interpretado em sentido distributivo, com valor aproximado de "cada", como no exemplo:

"Dizia um Secretário de Estado meu amigo que, para se repartir com igualdade o melhoramento das ruas por toda a Lisboa, deviam ser obrigados os ministros a mudar de rua e bairro *todos os três meses*" [AGa.4, 33].

(isto é: a cada três meses, de três em três meses, como interpreta ED.2, § 61, a)

Todo pode ser empregado adverbialmente, com valor de "inteiramente", "em todas as suas partes":

"Desculpe-me, que eu estou *todo* absorvido pela minha mágoa!"

[CBr.6, 93].

"Longe de mim a triste ideia de me intrometer nessa questão *todo* particular"

[CL.1, I, 211].

Suas origens pronominais facultam-lhe a possibilidade de poder, por atração, concordar com a palavra a que se refere:

O professor é ***todo*** *ouvidos.* *Ela é* ***toda*** *ouvidos.*

Ele está ***todo*** *preocupado.* *Ela está* ***toda*** *preocupada.*

Acabamos de ver as crianças ***todas*** *chorosas.*[52]

Todo entra ainda na construção de locuções adverbiais: *em todo*, *de todo*, *de todo em todo*, etc.

Tudo – Refere-se às coisas consideradas em sua totalidade ou conjunto e, normalmente, se apresenta como termo absoluto, desacompanhado de determinado:

Nem *tudo* está perdido.

Põe a esperança em *tudo*.

O seu emprego absoluto apresenta duas exceções: quando se combina com os demonstrativos *isto*, *isso*, *aquilo* ou quando é seguido de oração adjetiva substantivada pelo

artigo:

Tudo isso é impossível. *Isso tudo* é impossível.

Onde você comprou *tudo aquilo*?

Desconhecemos *tudo o que eles disseram.*

Em tais construções, o demonstrativo funciona como núcleo do sintagma nominal e o indefinido como seu adjunto, bem como da oração adjetiva substantivada.

Pronome relativo

Usa-se *o qual* (e flexões) em lugar de *que*, principalmente quando o relativo se acha afastado do seu antecedente e o uso deste último possa dar margem a mais de uma interpretação:

O guia da turma, *o qual* nos veio visitar hoje, prometeu-nos voltar depois (com o emprego de *que* o sentido ficaria ambíguo).

Pode-se ainda recorrer à repetição do termo:

"Arrastaram o saco para o *paiol* e o *paiol* ficou a deitar fora" [CN.1, 12].

Dá-se ainda o afastamento do relativo em relação ao seu antecedente em exemplos como o seguinte:

"No fundo de um triste vale dos Abruges, terra angustiada e sáfara, um pobre eremita vivia *que* deixara as abominações do século pela soledade do deserto" [JR.2, 2, 219].

Hoje é mais comum construir:

"eremita que deixara... vivia" ou "vivia um pobre eremita que deixara...".

Deve-se evitar com cuidado o grande distanciamento entre o antecedente e o correspondente relativo, principalmente se este estiver precedido de dois nomes que possam assumir esta referência. Mário Barreto [MBa.5, 303] cita o trecho de Camilo em que o escritor explicita entre parêntese o real antecedente:

"Eu de mim, se não estivesse amortalhada no sobretudo do meu marido, *que* vou escovar (o sobretudo), era dele, como a borboleta é da chama (...)".

"Lúcia descera com a moça bonita, de calças curtas, *que* guiava o carro" [JL.2, 133].

Muitas vezes a pontuação salva a boa interpretação do texto; a vírgula posta entre um substantivo (ou pronome) e o relativo serve para indicar que este não se está referindo àquele, e sim ao mais afastado:

"mas ele tinha necessidade da sanção de alguns, *que* (isto é, a "sanção", e não "alguns") lhe confirmasse o aplauso dos outros" [MA.1, 138].

Em geral substitui-se *que* por *o* (*a*) *qual* depois de preposição ou locução prepositiva de mais de duas sílabas. Empregamos *sem que* ou *sem o qual*, *a que* ou *ao qual*, *de que* ou *do qual*, mas dizemos com mais frequência *apesar do qual*, *conforme o qual*, *perante o qual*, etc.53 O movimento rítmico da frase e a necessidade expressiva exigem, nestes casos, um vocábulo tônico (como *o qual*) em lugar de um átono (como *que*).

Com frequência, a preposição que deveria acompanhar o relativo emigra para o antecedente deste relativo:

"A barra é perigosa, como dissemos: porém a enseada fechada é ancoradouro seguro, *pelo que* (o porque, razão por que) tem sido sempre couto dos corsários de Berbéria" [AH.2, 69].

"... até o induzirem a mandá-lo sair da corte, *ao que* (o a que) D. Pedro atalhou com retirar-se antes que lhe ordenassem" [AH.2, 91].

"... não tardou a ser atravessado, pelo coração, com uma seta do que (o de que) imediatamente acabou" [AH.2, 97].

A construção regular, sem migração da preposição, é pouco usada e se nos apresenta como artificial:

"Assim me perdoem, também, *os a quem* tenho agravado, *os com quem* houver sido injusto, violento, intolerante..." [RB.2, 23].

No seguinte exemplo de Rui Barbosa a preposição aparece antecipada e depois no lugar devido:

"É *no em* que essa justificação se resume" [RB.1, 519].

Outras vezes omite-se a preposição que pertence a rigor ao relativo, em virtude de já ter o seu antecedente a mesma preposição:

Você só gosta *das coisas que* não deve (por: *das coisas de que não deve*).

Ele falou *do que* não podia falar (por: *de que não podia falar*).

Relativo universal – Na linguagem coloquial e na popular pode aparecer o pronome relativo despido de qualquer função sintática, como simples transpositor oracional. A função que deveria ser desempenhada pelo relativo vem mais adiante expressa por um substantivo ou pronome precedido de preposição. É o chamado *relativo universal* que, desfazendo uma complicada contextura gramatical, se torna um "elemento linguístico extremamente prático" [KN.1, V, 330]:

Ali vai o homem *que* eu falei com *ele*.

por

Ali vai o homem *com quem* eu falei.

Anacoluto no relativo – Costuma-se empregar ainda *que* ou *quem* seguido de pronome pessoal oblíquo (*que* ou *quem... lhe*) onde o rigor gramatical estaria a pedir este relativo precedido de preposição. É prática antiga que ainda persiste no colóquio moderno:

"Agora sim, disse então aquela cotovia astuta, agora sim, irmão, levantemos o voo e mudemos a casa, que vem *quem lhe* dói a fazenda"

(= aquele a quem dói a fazenda) [MBe *apud* AC.8, I, 70].

Quem ama o feio bonito *lhe* parece (= quem ama o feio parece bonito).

Quem cospe para o céu, na cara *lhe* cai.

Pode ocorrer ainda que, em vez do pronome *lhe*, apareça substantivo ou pronome com a preposição que deveria preceder o relativo.

Outras vezes o relativo não se refere propriamente ao seu antecedente, mas a um termo a ele relacionado:

"Bem vês as *lusitânicas* fadigas

Que eu já de muito longe favoreço" [LC.1, II, 171].

O pronome relativo se refere a *lusitanos*, ideia contida no adjetivo *lusitânicas*.

"Isto que parece absurdo ou desgracioso é perfeitamente racional e belo – belo à *nossa* maneira, *que* não andamos a ouvir na rua os rapsodos recitando os seus versos, nem os oradores os seus discursos, nem os filósofos, as suas filosofias" [MA *apud* SS.5, I, 28]. Aqui o relativo se refere ao pronome pessoal *nós* que se depreende do pronome possessivo *nossa*.

Não pertence à boa norma da língua repetir sob forma pronominal a função sintática já desempenhada pelo relativo. São escassos os exemplos como os seguintes:

"(nome) *que to* dissesse a brisa perfumada

Lasciva perpassando pelas flores" [CA.1, ed. SS, § 29].

"... o homem que se destina, ou *que o* destinou seu nascimento, a uma vocação pública, não pode sem vergonha ignorar as belas-letras e os clássicos" [AGa *apud* SS.5].

É preciso distinguir cuidadosamente este caso de outro aparentemente igual, em que não se trata de *que* pronome relativo, mas *que* conjunção causal ou consecutiva (com elipse do intensivo *tão*, *tal*):

"O português hodierno não é nem a língua de sábios nem de filósofos e pensadores *que* não *os* há..." [JR.6, 152].

"Tenho os pés *que os* não sinto, dizia ele ao seu vizinho" [AFg.1, 117].

(isto é: tenho os pés *de tal maneira, que*...)

Já vimos que *cujo*, como pronome relativo, traduz a ideia de posse, com o valor de *dele* (*dela*), *do qual* (*da qual*):

O livro *cujas* páginas... (= as páginas *do qual*, as páginas *dele*, as *suas* páginas).

Conforme a função do núcleo do sintagma nominal, do qual este pronome serve de adjunto, *cujo* pode vir precedido de preposição:

O proprietário *cuja casa* aluguei (a casa *do qual* aluguei).

Os pais *a cujos filhos* damos aula... (aos filhos *dos quais*).

Os pais *de cujos filhos* somos professores... (dos filhos *dos quais*).

O clube *em cujas dependências* faço ginástica (nas dependências *do qual*).

A cidade *por cujas ruas*, na infância, arrastou seus sonhos (pelas ruas da qual).

A prova *com cujas questões* me atrapalhei (com as questões *da qual*).

Para o emprego correto de *cujo*, além do que já dissemos antes, convém atentar para as três seguintes construções viciosas:

a) em vez de *cujo*, empregar um relativo (*que*, *quem*) precedido da preposição *de* para referir-se à ideia de posse:

Não posso trabalhar com uma pessoa *de quem* discordo dos métodos.

Dever-se-á construir:

Não posso trabalhar com uma pessoa *de cujos* métodos discordo (do método *dela*, do método *da qual*).

b) também não é para imitar o emprego de *cujo* (e flexões) significando *o qual* (e flexões). Os exemplos que dele se nos deparam na pena de um bom conhecedor do idioma, como Filinto Elísio, se devem explicar como uma iniciativa do idioleto do escritor, mas que não ganhou foros de cidade:

O livro *cujo* eu comprei ontem é excelente.

c) empregar artigo definido depois de *cujo*:

O pai *cujos os* filhos estudam aqui.

5 – Numeral

Numeral – é a palavra de função quantificadora que denota valor definido:

"A vida tem *uma* só entrada: a saída é por *cem* portas" [MM].

Os numerais propriamente ditos são os *cardinais*: *um*, *dois*, *três*, *quatro*, etc., e respondem às perguntas *quantos?*, *quantas?*.

Observações:

1.ª)Não são quantificadores numerais, ainda que tenham o mesmo significante, os substantivos que designam os algarismos e os números inteiros positivos. São substantivos e, como tais, admitem gênero e podem ir ao plural: *o um*, *os uns*; *o dois*, *os dois*; *o*

quatro, *os quatros*; prova dos *noves*. O gênero masculino se explica pela referência à palavra *número*, que se subentende. [AL.1, 120].

2.ª)Entre brasileiros, principalmente em referência a números de telefone, usa-se *meia dúzia* ou *meia* para o número *seis*. Não vale como numeral.

A tradição gramatical, levando em conta mais a significação de certas palavras denotadoras da quantidade e da ordem definidas, tem incluído entre os numerais próprios – os cardinais – ainda os seguintes: os *ordinais*, os *multiplicativos* e os *fracionários*. Tais palavras não exprimem uma quantidade direta do ponto de vista semântico, e, do ponto de vista sintático, se comportam, em geral, como adjetivos que funcionam como adjuntos e, portanto, passíveis de deslocamentos dentro do sintagma nominal:

Ele era o *segundo* irmão entre os homens.

Ele era o irmão *segundo* entre os homens.

Podem combinar-se coordenativamente com outros adjetivos:

Choveu muito nos *primeiros e gelados* dias deste inverno.

Podem até estar quantificados pelo numeral próprio:

Os *três primeiros* meses foram de muito calor.

Os *dois sêxtuplos* nasceram na mesma cidade, em anos diferentes.

De modo que seria mais coerente incluir os ordinais, multiplicativos e fracionários, conforme se apresentem no discurso, no grupo dos substantivos (*dobro*, *metade*, etc.) ou dos adjetivos (*duplo*, *primeiro*, etc.), como já fizemos com *último*, *penúltimo*, *anterior*, *posterior*, *derradeiro*, *simples*, *múltiplo*, etc., que denotam ordenação ou posição dos seres numa série, sem imediata ou mediata relação com a quantidade. Em nome da tradição e para comodidade de consulta do leitor, incluiremos nesta seção tais palavras, sem considerá-las como numerais.

Também a tradição gramatical tem posto *ambos* como numeral *dual*, como subcategoria de número (singular/plural), por sempre aludir a dois seres concretos já mencionados no discurso. Mas não temos, como alguns dialetos gregos, entre outras línguas, unidades linguísticas para a ideia da dualidade nos nomes e nos verbos [BD.1, II, 2.ª parte, 195; JV.1, 152]. Conforme as informações do contexto, podemos indicá-la por *dois*, *ambos*, pelo plural (*as abotoaduras*) ou possessivo (*suas abotoaduras*, *seus pulsos*), pelo reflexivo (*se amam*), etc. Nem o latim conhecia o dual [ECs.1, 198; HCv.3, III, 34]. Portanto, fica para *ambos* uma das duas classificações mais correntes: ou um *numeral* plural ao lado de *dois*, mas dele diferente por só se referir a seres já previamente indicados ou conhecidos, ou um *pronome*, justamente levando em conta essa referência de dêixis anafórica. *Ambos* admite posição anteposta ou posposta ao nome que modifica, nome (menos o pronome, naturalmente) que pode vir ou não precedido de preposição e pode ser substituído por *um e outro*:

Ambos os filhos ou os filhos *ambos*

Ambos os livros ou os livros *ambos*

Ambas (as) razões – *Uma e outra* razão

OBSERVAÇÃO: *Ambos* podia combinar-se com *dois* em construções enfáticas em que estivesse anteposto ou posposto ao substantivo: João e Maria eram irmãos; os *dois ambos* são engenheiros. Hoje, só no estilo solene, ocorre a construção.

Do ponto de vista material, existem em português os numerais simples (*um*, *dois*, *três*, *vinte*, *trinta*, *cem* [próclise de *cento*]), os compostos, que indicam adição, ligados pela conjunção *e* (*vinte e um*, *dezesseis*, *dezessete*, *cento e dois*, *mil e noventa*, etc.) e os justapostos que indicam multiplicação, quando a primeira unidade, multiplicadora, é menor

que a segunda: *quatrocentos* (4 x *cem*), *setecentos*, *oitocentos* e *novecentos*, *dois mil*, *cinco mil*, etc.54

Na designação dos números, usa-se a conjunção *e* entre as centenas, dezenas e unidades (*duzentos e vinte e seis*). Entre os milhares e as centenas, emprega-se o *e* se as centenas não forem seguidas de outro número (*dois mil e duzentos*); em caso contrário, omite-se a conjunção (*dois mil duzentos e vinte e seis*). Põe-se o *e* entre os milhares e as dezenas como também entre os milhares e as unidades (*dois mil e vinte e seis*; *dois mil e seis*). [SL.1, 164]

Nos números muito extensos, omite-se a conjunção entre as classes, isto é, entre os grupos de três algarismos: 324.312.090.215 – *trezentos e vinte e quatro bilhões trezentos e doze milhões noventa mil duzentos e quinze.*

Têm emprego como substantivos e, entre estes, guardam analogia com os coletivos – mas deles diferem pela indicação de quantidade definida: *dezena*, *década*, *dúzia*, *centena*, *centenar*, *cento*, *milhar*, *milheiro*, *milhão*, *bilhão*, *trilhão*, etc. [SA.2, 88].

Como ainda os coletivos, podem ter adjuntos introduzidos por preposição para indicar a espécie: uma *dúzia de laranjas*, duas *décadas de vida*, três *centos de bananas*, um *milhão de pessoas*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Em lugar de *milhão* pode ocorrer *conto*, na aplicação a dinheiro, em *conto de réis* ou, simplesmente, *conto*.

2.ª) Podem ser grafados com *lh* ou *li*: *bilhão* / *bilião*, *trilhão* / *trilião*, *quatrilião*, *quintilião*, *sextilião*, *setilião*, *octilião*. As formas com *lh* são mais usuais.

Os cardinais funcionam como adjuntos, à maneira dos adjetivos e pronomes adjetivos, e podem substantivar-se, se os seres forem consabidos, precedidos de artigo ou outro determinativo:

> *Os dois* acabaram chegando cedo.
>
> *Estes três* estão à sua espera.

Podem juntar-se a substantivo acompanhado ou não de adjetivos, antepostos ou pospostos ao numeral:

> Os *dois* bons momentos da vida.
>
> Os maravilhosos *três* dias passados na fazenda.

No que toca à flexão de gênero, os numerais são invariáveis, exceção de *um* (*uma*), *dois* (*duas*) e *ambos* (*ambas*), os formados com *um* (*vinte e um*/*vinte e uma*) e as centenas acima de *cem* (*duzentos*/*duzentas*, *trezentos*/*trezentas*, *novecentos*/*novecentas*).

Cumpre lembrar que se o sujeito da oração tiver por núcleo o substantivo *milhões*, acompanhado de adjunto preposicionado no plural, cujo núcleo é um feminino, o particípio ou o adjetivo pode concordar no masculino com seu núcleo, ou no feminino, com o substantivo preposicionado do adjunto:

> *Dois milhões de pessoas* foram aposentados (ou aposentadas) neste ano.

Os adjuntos de *milhar*, masculino, devem também ficar no masculino:

> *Alguns milhares* de pessoas se expõem perigosamente ao sol do meio-dia.
>
> *Os milhares* de pessoas que estudam línguas estrangeira não devem esquecer a materna.

Evite-se o erro, hoje comum: ***algumas*** *milhares de pessoas*, ***as milhares*** *de pessoas*.

Depois dos numerais compostos com *um* pode deixar-se o substantivo no plural: *trinta e um* ***dias***, contrução mais comum.

Na expressão alusiva a um número não conhecido ou que não se queira explicitar (*o número tanto*), pode-se também usar o plural: *o número tantos*, *a folhas tantas*, *a páginas tantas*.

Cabe ainda lembrar que o numeral cardinal pode às vezes ser empregado para indicar número indeterminado:

Peço-lhe *um* minuto de sua atenção (= *alguns poucos minutos*).

Contou-lhe o fato em *duas* palavras (= *poucas palavras*).

F. tem *mil e um* defeitos (por: *muitos defeitos*).

Ela anda com *mil* perguntas (por: *muitas perguntas*).

Como vimos no emprego de *todo*, às vezes expressões como *todos os dois dias*, *todas as três semanas*, etc. podem ser empregadas com o valor de "dois em dois dias" ou "a cada dois dias", "de três em três semanas" ou "a cada três semanas".

A relação entre os nomes numerais, como diz Mattoso Câmara [MC.4, 178], e a arte de contar leva a que, na língua escrita, se usem os algarismos em vez das palavras correspondentes, prática válida para os ordinais: 26 de fevereiro; reunião às 3 horas; rua X, 204; reinou 12 anos; capítulo 4; seção 32.ª; 14.º lugar, etc.

"Assim, os numerais passam a ser indicados na língua escrita por ideogramas" [MC.4, 178].

Ordinais – São as palavras que denotam o número de ordem dos seres numa série:

primeiro, *segundo*, *terceiro*, *quarto*, *quinto*, etc.

OBSERVAÇÃO: *Último*, *penúltimo*, *antepenúltimo*, *anterior*, *posterior*, *derradeiro*, *anteroposterior* e outros tais, ainda que exprimam posição do ser, não têm correspondência entre os numerais e por isso devem ser considerados meros adjetivos. 55

Ordinais e cardinais – Os ordinais têm pouca frequência na língua comum, exceto os casos consagrados pela tradição e, em geral, até o número *dez*:

4.º andar, 2.º pavimento, 3.ª seção, 5.º lugar, 100.º aniversário de fundação.

Todavia, no estilo administrativo e em outras variedades de estilo oficial, correm com mais frequência os ordinais. Os casos mais comuns são os seguintes: até décimo, quando se usam também os algarismos romanos (estes vão além de décimo). A partir de décimo, os cardinais substituem os ordinais correspondentes:

a) na seriação dos monarcas e papas de mesmo nome:

Pedro I, Pedro II, D. João VI, Pio X, Leão XIII, João XXIII

b) na cronologia dos séculos:

século I, século VI, século X, século XXI

c) na indicação dos capítulos de livros:

capítulo I, capítulo III, capítulo IX, capítulo XXXII

O cardinal substitui o ordinal na indicação de horas e em expressões designativas da idade de alguém; neste caso, se o substantivo estiver no plural, o número também irá ao plural:

É *uma hora* (= é a primeira hora).

É *uma hora e meia*.

São *duas horas* (= é a segunda hora).

Castro Alves faleceu aos 24 anos (= no vigésimo quarto ano de vida).

Também o cardinal substitui o ordinal na designação dos dias do mês; se mencionado o

substantivo *dia* antes do algarismo, fica no singular:

No dia 2 de dezembro nasceu Pedro II (por: no segundo dia de dezembro).

Se vier posposto ao algarismo, linguagem usada em documentos oficiais, o substantivo *dia* será usado no plural:

Aos *treze dias* do mês de janeiro nasceu o primogênito.

Aos *26 dias* de agosto de 1944 foi fundada a Academia Brasileira de Filologia.

Para referir-se ao dia que inicia cada mês podemos usar tanto o cardinal quanto o ordinal:

No dia *um* de janeiro nasceu-lhe o segundo filho.

No dia *primeiro* de janeiro nasceu-lhe o segundo filho.

Na referência a páginas ou capítulos de livro, usam-se as preposições *em* ou *a*. Com *em* emprega-se a palavra *página*, *folha* ou *capítulo* no singular seguida do cardinal, se for superior a dez, podendo até aí usar-se o ordinal, anteposto ou posposto:

Na página 32 há um erro de revisão / *na folha 32* / *no capítulo 32*

Na página dois faltou uma vírgula / *na folha 2* / *no capítulo dois*

Na página segunda ou *na segunda página* / *na folha segunda* / *no capítulo segundo*

Com a preposição *a*, usa-se o substantivo no plural:

A páginas 12 *A folhas 12*

Note-se que se pode dizer *à página dois*, *a páginas duas*, *a páginas vinte e uma*, *a páginas tantas*, *na página dois*, *na página vinte e um*, *na página vigésima primeira*. Em resumo: com *página*, no singular, o cardinal fica invariável; com *páginas*, no plural, o cardinal se flexiona em gênero. O ordinal se flexiona sempre: *página primeira*, *páginas vigésima primeira*.

Multiplicativos – São as palavras que exprimem a multiplicidade dos seres. Os mais usados são:

duplo ou *dobro*, *triplo* ou *tríplice*, *quádruplo*, *quíntuplo*, *sêxtuplo*, *séptuplo*, *óctuplo*, *nônuplo*, *décuplo*, *cêntuplo*.

Fracionários – São as palavras que indicam frações dos seres:

meio, *terço*, *quarto*, *quinto*, *sexto*, *sétimo*, *oitavo*, *nono*, *décimo*, *vigésimo*, *centésimo*, *milésimo*, *milionésimo*, empregados como equivalentes de *metade*, *terça parte*, *quarta parte*, etc.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) O fracionário *meio*, funcionando como adjunto, concorda com seu núcleo, explícito ou não: meio-dia e *meia* [hora]; duas e *meia* [hora].

2.ª) Em lugar de *um milhão* (*dois milhões*, etc.) *e meio* pode-se, mais raramente, empregar *um e meio milhão*, *dois e meio milhões*:

> "Para aquilatar a importância dos tropeiros, basta lembrar que o Brasil tem cerca de *oito e meio milhões* de quilômetros quadrados de superfície (...)" [AAr *apud* SS.3, 106].

Para muitos fracionários empregamos o cardinal seguido da palavra *avos*, extraído de *oitavo*, como se fora sufixo. Por hipertaxe passa a funcionar como uma palavra: onze avos, treze avos, quinze avos, etc.

Lista dos principais ordinais com o cardinal correspondente:

primeiro	–	um
segundo	–	dois

terceiro	–	três
quarto	–	quatro
quinto	–	cinco
sexto	–	seis
sétimo	–	sete
oitavo	–	oito
nono	–	nove
décimo	–	dez
undécimo ou décimo primeiro	–	onze
duodécimo ou décimo segundo	–	doze (e não douze!)
décimo terceiro	–	treze
décimo quarto	–	quatorze, catorze
vigésimo	–	vinte
vigésimo primeiro	–	vinte e um
trigésimo	–	trinta
quadragésimo	–	quarenta
quinquagésimo	–	cinquenta
sexagésimo	–	sessenta
septuagésimo ou setuagésimo	–	setenta
octogésimo	–	oitenta
nonagésimo	–	noventa
centésimo	–	cem
ducentésimo	–	duzentos
trecentésimo ou tricentésimo	–	trezentos
quadringentésimo	–	quatrocentos
quingentésimo	–	quinhentos
seiscentésimo, sexcentésimo	–	seiscentos
septingentésimo, setingentésimo	–	setecentos
octingentésimo	–	oitocentos
nongentésimo, noningentésimo	–	novecentos
milésimo	–	mil

dez milésimos	–	dez mil
cem milésimos	–	cem mil
milionésimo	–	um milhão
bilionésimo	–	um bilhão

OBSERVAÇÃO: A tradição da língua estabelece que, se o ordinal é de 2.000 em diante, o primeiro numeral usado é cardinal: 2345.ª – duas milésima trecentésima quadragésima quinta. A língua moderna, entretanto, parece preferir o primeiro numeral como ordinal, se o número é redondo: décimo milésimo aniversário.

6 – VERBO

Considerações gerais – Entende-se por verbo a unidade de significado categorial que se caracteriza por ser um molde pelo qual organiza o falar seu significado lexical.

A – ***A distinção de verbos nocionais e relacionais***

A tradicional distinção de duas subclasses em verbos *nocionais* e verbos *relacionais*, que está na base da distinção de *predicado verbal* e *predicado nominal*, tem sido posta em questionamento por notáveis linguistas modernos. Esta distinção é válida sob certo aspecto semântico, mas não no que se refere à sintaxe; o núcleo da oração é sempre o verbo, ainda que se trate de um verbo de significado léxico muito amplo e vago (costuma-se dizer "vazio", o que justifica a denominação tradicional de "cópula" – marca gramatical de identidade – e a classificação "relacional" de Said Ali). O verbo *ser* e o reduzido grupo de verbos que integram a constituição do chamado predicado nominal em nada diferem dos outros verbos: todos possuem "os morfemas de pessoa e número que com o sujeito gramatical dão fundamento à oração" [AL.1, 1994, 302]. Diz com muita justeza Benveniste que uma oração de verbo *ser* "é uma oração verbal, paralela a todas as orações verbais" [EBv.1, 169].

B – ***Categorias verbais segundo Roman Jakobson***

Para esta organização, além de ser pensado como significado verbal, o verbo se combina, entre outros, com instrumentos gramaticais (morfemas) de tempo, de modo, de pessoa, de número.

Assim, *trabalhar* e o *trabalho* são palavras que têm o mesmo significado lexical, mas diferentes moldes, diferentes significados categoriais, embora se deva ter presente que este não é o simples produto da combinação do significado lexical com o significado instrumental. Por isso, como ensina Coseriu, um lexema não é verbo *porque* se combina, por exemplo, com um morfema de tempo e pessoa, mas, ao contrário, combina-se com esses morfemas *para* ser verbo, e porque está pensado com significação verbal [ECs.7, 70].

Um estudo coerente do verbo requer o estabelecimento do sistema de *categorias verbais*, isto é, tipos ou funções da forma léxicas mediante as quais se estabelecem as oposições funcionais numa língua.

Quando se usam em português as formas:

canto – cantas – canta

vejo – vês – vê
parto – partes – parte

estabelecem-se oposições da mesma espécie que afetam o conceito de "pessoa".

Quando se usam as formas:

canto – cantamos,

estamos diante de uma mesma pessoa ("primeira pessoa") e a oposição afeta outro conceito, o de "número".

E quando se usam as formas:

canto – cante

temos a mesma pessoa e o mesmo número, mas não a mesma categoria de "modo".

As oposições podem ser *simples*, como as dos exemplos até aqui, isto é, quando, em cada caso, só ocorre uma só categoria, um só critério de diferença de conteúdo, ou *complexas*, como:

canto – canteis

em que a diferenciação de conteúdo se dá em três categorias: "pessoa" (1.ª e 2.ª), "número" (singular e plural) e "modo" (indicativo e subjuntivo).

No verbo português, há categorias que sempre estão ligadas: não se separa a "pessoa" do "número" nem o "tempo" do "modo"; isto ocorre em grande parte, senão totalmente, com o "tempo" e o "aspecto", como veremos depois.

O linguista Roman Jakobson elaborou um sistema geral das categorias verbais que é considerado o mais coerente e claro até agora apresentado. Será aqui tomado em consideração, ainda que nem sempre se mostre adequado para a análise do sistema verbal românico, em especial para o português que, para Coseriu, é o mais rico e complexo em comparação com as línguas da mesma família.

Tomando em consideração os atos de fala relacionados com as funções verbais, distingue Jakobson:

a) o ato de fala em si mesmo (F)

b) o conteúdo do ato de fala, isto é, o comunicado (C)

c) o acontecimento, isto é, tanto o ato de fala quanto o comunicado (A)

d) os participantes neste acontecimento (P)

Desta relação se extraem quatro conceitos fundamentais:

a) um acontecimento comunicado (AC)

b) o próprio acontecimento do falar (AF)

c) os participantes no acontecimento comunicado (PC)

d) os participantes no acontecimento da fala (PF)

As categorias verbais podem afetar um só dos elementos b) e c) ou referir-se a mais de um elemento; no primeiro caso dizem-se *caracterizadores* ("*designadores*" na nomenclatura de Jakobson), e no segundo *determinantes de relação* ("*conectores*", para Jakobson).

Assim, a categoria de número é caracterizadora, porque afeta exclusivamente o número de participantes no acontecimento comunicado; já o passivo é determinante de uma relação, porque enquadra uma relação entre o acontecimento comunicado e os participantes: *sou*

escutado encerra a relação entre minha pessoa e o acontecimento de *escutar*.

Por outro lado, as categorias caracterizadoras podem sê-lo por *qualificação* ou por *quantificação* dos elementos; a de gênero é *qualificadora*, e a de número, *quantificadora*.

Vistas por outro prisma, as categorias podem estar *determinadas linguisticamente* ou ser *determinadas pelo discurso*. Assim, o plural, que é uma categoria determinada pela língua, pode ser definido sem nenhuma relação com um ato momentâneo da fala, enquanto não podemos definir do mesmo modo o "eu", porque "eu" é sempre a pessoa que fala, uma categoria "definida pelo discurso".

Com base nestas informações, podemos aproveitar o seguinte quadro sinótico das categorias gerais do sistema verbal, apresentado por Coseriu:

		Que afetam os participantes		Que não afetam os participantes	
		caracte-rizadora	determinante de relação	caracte-rizadora	determinante de relação
deter-minadas linguis-ticamente	qualificadora	GÊNERO		ESTADO	
	quantificadora	NÚMERO		ASPECTO	
			VOZ		TAXIS
deter-minadas pelo discurso		PESSOA		TEMPO	
			MODO		EVIDÊNCIA

Explicação das categorias verbais

Gênero (PC) – Refere-se aos participantes no acontecimento comunicado e daí adquire capacidade qualificadora. Em geral, não necessita marca especial. No português, aparece apenas na voz passiva (*o livro foi escrito* / *a novela foi escrita*). Já no latim, é um morfema típico do particípio; também se manifestava em construções com objeto direto no português até entre os séculos XVII e XVIII, quando desapareceu definitivamente ("[Inês de Castro] *tem pisada a areia ardente*, Camões). Vigora ainda hoje no francês e no italiano (*je l'ai écrite* [*la lettre*], *l'ho scritta*).

Número (PC) – Refere-se aos participantes no acontecimento comunicado e daí adquire capacidade quantificadora. No português e demais línguas românicas, está sempre ligada à pessoa no verbo flexionado ou finito e, em parte, também na forma verbal infinita (port. *o dizê-lo eu*, esp. *el decirlo yo* – "o fato de que eu o diga"). Aparece sem pessoa apenas em uma forma infinita, novamente o particípio (*visto – vistos*).

Pessoa (PC/PF) – Determina a relação dos participantes no acontecimento comunicado com os participantes no ato de fala. Primeira pessoa: coincidência do participante no acontecimento comunicado (PC) com o falante (só em parte também, quando se trata do

plural); segunda pessoa: coincidência PC com o ouvinte; terceira pessoa: PC não coincide com nenhuma das duas pessoas.

Estado (AC) – Afeta a qualidade lógica do sucesso comunicado (*afirmativo*, *negativo*, *interrogativo*, *negativo-interrogativo*). No português e demais línguas românicas, o estado é mais uma qualidade da oração; mas, às vezes, exige também uma forma verbal especial no âmbito da sintaxe (inversão), ou também no âmbito da morfologia (imperativo – imperativo negado: *canta*/*não cantar*, *canta*/*não cantes*; gerúndio – gerúndio negado; particípio – particípio negado).

Aspecto (AC) – Segundo Jakobson, assinala a ação levada até o fim, isto é, como conclusa (perfeita) ou inconclusa (imperfeita). Certas espécies de ação, como *durativa*, *incoativa* (*ingressiva*), *terminativa*, *iterativa*, etc., são apenas subdivisões desta categoria.

Tempo ou **nível temporal** (AC/AF) – Assinala a relação temporal do acontecimento comunicado com o momento do ato de fala; o presente encerra este momento, o passado é anterior, e o futuro ocorrerá depois deste momento:

Voz ou **diátese** (PC/AC) – Determina a relação entre o acontecimento comunicado e seus participantes. O primeiro participante lógico, o sujeito, pode ser agente do acontecimento (*voz ativa*) ou objeto do acontecer (*voz passiva*), ou agente e objeto ao mesmo tempo (*voz média*, incluído o *reflexivo*):

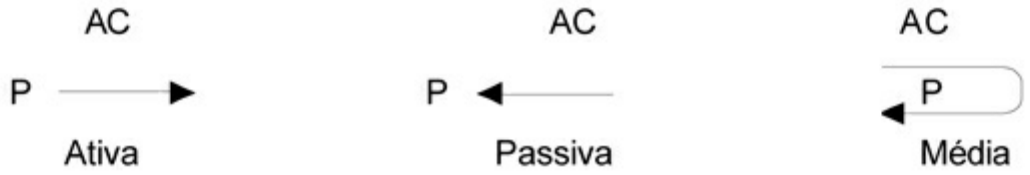

Modo (PC/AC/PF) – Assinala a posição do falante com respeito à relação entre a ação verbal e seu agente ou fim, isto é, o que o falante pensa dessa relação. O falante pode considerar a ação como algo feito, como verossímil – como um fato incerto –, como condicionada, como desejada pelo agente, como um ato que se exige do agente, etc., e assim se originam os modos: indicativo, subjuntivo, condicional, optativo, imperativo.

Taxis (AC/AC) – Assinala a posição de um acontecimento em relação com outro sem consideração do ato de fala. Nas línguas românicas é encontrada em certas construções impessoais com o gerúndio, com o infinitivo ou com o particípio (*comer cantando*, *comer depois de ter cantado*, etc.). Não se trata aqui de níveis temporais, mas de simples série de ações, já que o infinitivo não encerra relação com o ato de fala.

Evidência (AC/ACF/AF) – Assinala que o falante se refere a outro ato de fala – a uma informação indireta – por meio do qual ele experimenta o acontecimento como não vivido por ele mesmo (*Pedro deve ter falado com João*). No português e demais línguas românicas, é muito empregado nestes casos o *modus conditionalis* (*teria partido* = eu não o asseguro, ouvi de outra pessoa) e às vezes o futuro (*serão duas horas*).

C – ***Tempo e aspecto segundo Eugenio Coseriu***

Como assinalamos atrás, as categorias de "tempo" e "aspecto" costumam andar geralmente ligadas no português e nas demais línguas românicas, quer se trate de formas simples, quer de formas perifrásticas, também chamadas locuções verbais. A pura definição temporal e o *tempo* aludem à posição da ação verbal no percurso; a determinação aspectual alude à maneira de considerar a ação verbal no tempo. Coseriu apresenta uma clara e coerente proposta para a interpretação do verbo românico em relação com as categorias de tempo e aspecto com fundamento no sistema das subcategorias verbais.

Para tanto, distingue as seguintes subcategorias:

1) *Nível de tempo* ou simplesmente *nível* – Há uma estrutura temporal dupla no verbo românico: um plano que coincide com a linha do tempo mediante o presente (nível *atual*) e outra paralela onde se situam as ações que não dizem respeito com essa linha do tempo e que representam outra ação (nível *inatual*). O centro do nível atual é o *presente* e do nível inatual é o *imperfeito*:

Presente	nível atual
Imperfeito	nível inatual

Vale lembrar que nem sempre, como geralmente se supõe, o inatual com relação ao presente é interpretado como pertencente ao passado, ou que o imperfeito se enquadra como algo inseguro, condicionado, como algo distante da ação atual, como nas expressões de polidez e em orações principais presas a condicionais:

Eu queria pedir-lhe um favor.
Se soubesse, te dava a resposta.

2) *Perspectiva primária* – Enquadra a posição do falante em relação com a ação verbal. O falante pode ter a ação verbal como "paralela" a si mesmo, antes deste ponto ou depois dele. Por isso, a perspectiva primária pode ser *paralela*, *retrospectiva* ou *prospectiva*, segundo os *espaços de tempo*:

	Passado retrospectiva	Presente paralela	Futuro prospectiva
atual	*fiz*	*faço*	*farei*
inatual	*fizera*	*fazia*	*faria*

Esta estrutura está confirmada pelas possíveis neutralizações: *faço* pode substituir as formas *fiz* e *farei*; *fazia*, as formas *fizera* e *faria*.

De uma só vez a perspectiva primária define dois aspectos que emergem suplementarmente como função anexa da perspectiva:

a) na paralela tem-se uma ação em curso: *cursiva*.

b) na não paralela (retrospectiva ou prospectiva), uma ação como um todo, fora de curso: *complexiva*.

Daí se conclui que o presente e o imperfeito são cursivos e que as outras formas são complexivas.

Como o curso admite certa duração, os verbos pontuais (isto é, aqueles que se caracterizam pela ausência da duração no desenvolvimento do processo) como *encontrar*, *chegar*, etc.), aparecem no presente como formas de neutralização do passado ou do futuro ou, então, significam uma ação repetida (*eu encontro*, *ele chega amanhã*).

3) *Perspectiva secundária* – Consiste no fato de que cada espaço temporal delimitado pela perspectiva primária pode ser disposto outra vez segundo o mesmo princípio:

Presente:

tenho feito	FAÇO	*vou fazer*
tinha feito	FAZIA	*ia fazer*

Passado:

tive feito	FIZ	*fui fazer*
tivera feito	FIZERA	*fora fazer*

Futuro:

terei feito	FAREI	*irei fazer*
teria feito	FARIA	*iria fazer*

4) *Duração* – Esta categoria afeta o lapso em que se dá a ação verbal. A ação pode ser *durativa*, *momentânea* ou *intermitente* (mistura de ambas, isto é, uma ação formada por atos breves):

———	•	- - - - - - - - -
durativa	pontual	iterativa
olhar	*chegar*	*saltitar* (*dar saltos*)

Em português e nas demais línguas românicas, não tem esta categoria uma forma de expressão própria; está determinada lexicalmente ou aparece como categoria anexa à perspectiva.

5) *Repetição* – Impõe-se distinguir a categoria da repetição da de duração: a ação pode ser única (semelfáctiva ÷) ou ação repetida (frequentativa ÷ ÷ ÷ ÷ ...): singular ou repetição indeterminada. É em português uma categoria sem forma de expressão própria. Só a repetição única (÷ ÷) dispõe de perífrases, como *volto a dizer*, ou procedimentos de formação de palavras, como *redizer*.

6) *Conclusão* – Uma ação pode ser considerada *conclusa*, *inconclusa* ou *sem traço de conclusão*. O português não tem neste terreno, como também suas irmãs românicas, nenhum aspecto como categoria. Todavia, noutro sentido, a conclusão pode ser *subjetiva* ou *objetiva*,

na dependência de ter o sujeito levado a ação a um final objetivo ou não. Coseriu chama *terminativa* a conclusão subjetiva, e *completiva* a objetiva.

terminativa: ——————————|
escrevi muito (subjetiva; agora não escrevo)
completiva: ——————————O
escrevi o livro (objetiva; o que devia fazer, levei-o a cabo)

No português, só a conclusão subjetiva é expressa por formas verbais; a objetiva fica assinalada pelo contexto e às vezes pode ser expressa junto à voz verbal.

7) *Resultado* – Uma ação pode ser assinalada como "com resultado" (*resultativa*) ou como "sem resultado" (*não resultativa*). O resultado pode ser *subjetivo* (se afeta o sujeito [agente] e representa uma *reação efetiva*) ou *objetivo* (se afeta o objeto e representa um produto, *produtiva*).

No português, o resultado efetivo se expressa mediante *estar* + particípio: *está escrito*; o resultado produtivo, por *ter* + particípio em concordância com o objeto, porque se aplica na perspectiva secundária [*perfeito composto*]: *tenho escritos dois livros*.

8) *Visão* – É a categoria segundo a qual o falante pode considerar a ação verbal em seu todo ou parcialmente, em fragmentos, entre dois pontos de seu curso.

Na visão parcializante, podem-se diferençar diversas possibilidades:

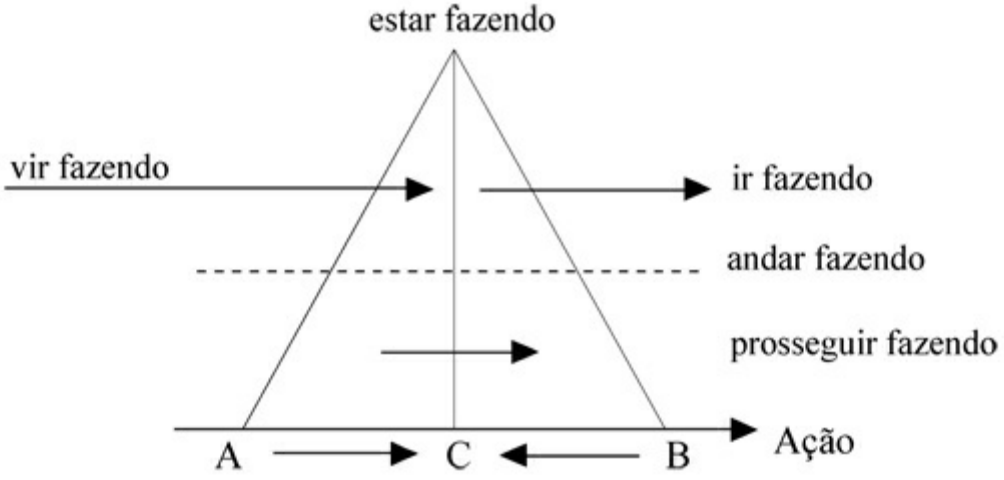

Explicitando esta *visão angular*

Pelo esquema, vê-se a ação entre dois pontos (A,B); ambos podem coincidir em um (C), isto é, podem ser pontos de começo e término de ação, o que não se expressa na forma do verbo e deve ser dito complementariamente: *estive lendo o dia todo*. Explicita-se em português com *estar* + gerúndio (*estou fazendo*) ou *estar a* + infinitivo (*estou a fazer*).

Visão comitativa – Trata-se do acompanhamento da ação verbal em diversos momentos de

seu curso entre A e B, e se expressa em português por *andar* + gerúndio (*ando fazendo*) ou *andar a* + infinitivo (*ando a fazer*).

A expressão pode ser ainda assinalada com o auxílio do adjetivo e particípio, como em *andar enfermo*, *andar desesperado*.

Visão prospectiva – Aqui se vê a ação entre o ponto C e um ponto distante, indefinido; em português há uma forma própria de expressão: *ir* + gerúndio (*vou fazendo*).

Visão retrospectiva – Aqui se vê a ação a partir do ponto indefinido anteriormente mencionado em direção ao ponto C, que coincide com o momento de observação da ação. Também aqui a ação é progressiva, e se expressa em português mediante *vir* + gerúndio (*venho fazendo*).

Visão continuativa – Trata-se de uma combinação de visão retrospectiva e prospectiva, que se expressa em português pelas perífrases: *seguir* + gerúndio (*sigo fazendo*) ou *continuar* + gerúndio (*continuo fazendo*).

Visão global – Aqui se acentua o conjunto da ação e a assinala expressamente como parcializante. A rigor, tal função poderia ser dispensada, já que pode ser desempenhada por membros neutros da oposição. Daí funcionarem as formas simples como membros neutrais:

estou lendo	*leio*
parcializante	neutral (não global parcializante)

Todavia, há expressões para acentuar o global, embora menos frequentes que as parcializantes. Estão representadas por perífrases aditivas com *tomar*, *pegar*, *agarrar*: *pego e escrevo*, *agarro e escrevo*, *tomo e escrevo*.

Para acentuar a globalidade, acompanha-se de todas as significações "enfáticas" do modo de falar, como "de fato", "com efeito", "rápido", "inesperado", "surpreendente", "decidido", "terminantemente", pois pode ocorrer a determinação expressa como "não cursiva" ou ainda como "não parcializante", como "redundante".

De forma esquemática, temos:

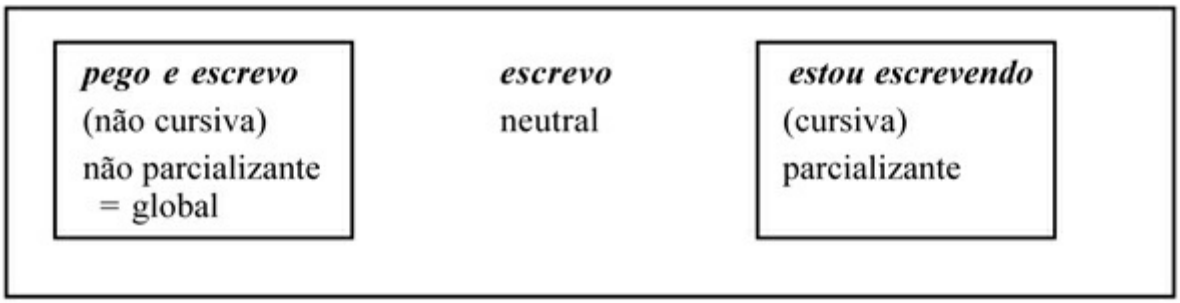

9) *Fase* – Trata-se aqui da relação entre o momento da observação e o grau de desenvolvimento da ação verbal observada.

Em princípio, podem-se distinguir as seguintes "fases":

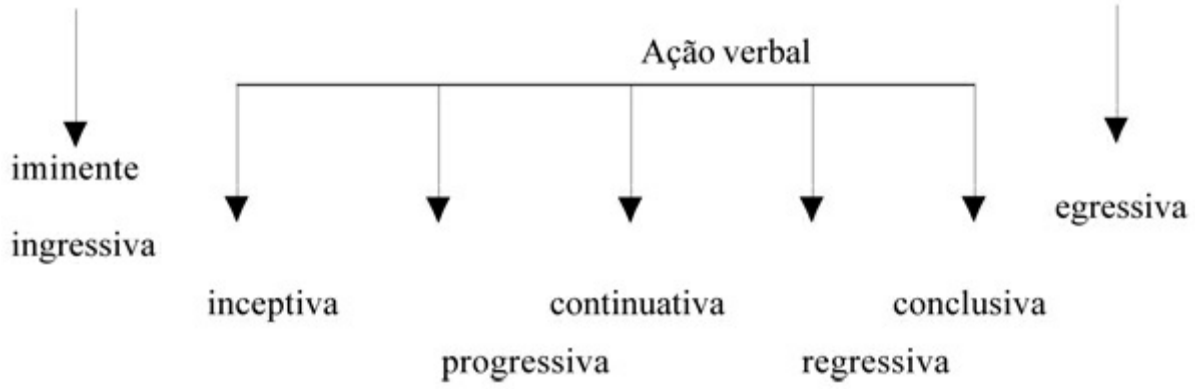

Fase iminente (*ingressiva*) – Trata-se da ação no seu começo. Indica-se com perífrases verbais, em geral, com o verbo *estar*: *estar para* (*por*) + infinitivo: *estou para* (*por*) *escrever*.

Fase inceptiva – Marca o ponto inicial da ação. Além da combinação léxica pura *começar a*, indica-se por várias perífrases verbais pondo ênfase ora na velocidade, ora no repentino da ação:

pôr-se a + infinitivo: *ponho-me a escrever*
meter-se a + infinitivo: *meto-me a escrever*
pegar a (*de*) + infinitivo: *pego a* (*de*) *escrever*
sair + gerúndio: *saio dizendo*

E também com construções aditivas: *ele agarrou e foi-se embora*.

Esta fase é a mais rica em formas e matizes.

Fase progressiva – Considera a ação em seu desenvolvimento; expressa-se mediante *ir* + gerúndio (*vou dizendo*).

Fase continuativa – Considera a ação na zona medial de seu desenvolvimento; expressa-se por *seguir* + gerúndio ou por combinações léxicas (*sigo escrevendo*, *continuo a*) ou conjuntamente com a visão (*estou dizendo*).

Fase regressiva e conclusiva – Considera a ação no seu término ou em sua fase final. Expressa-se exclusivamente com perífrases verbais, sem nenhum procedimento gramatical especial: *terminar de* + infinitivo (*termino de escrever*).

Fase egressiva – Considera a ação após seu término; expressa-se por *acabar de* + infinitivo (*acabo de escrever*).

Sincretismo: visão e fase – Pode ocorrer sincretismo de "visão" e "fase" na fase progressiva, quando o progressivo aparece como determinação secundária da visão: correlaciona-se com a visão comitativa, o que vale dizer dinâmica (*ando fazendo*), um progressivo retrospectivo (*venho fazendo* – de algum tempo até agora), um progressivo prospectivo (*vou fazendo* – desde agora para o futuro), e um progressivo tanto retrospectivo quanto prospectivo, isto é, uma continuativa (*sigo fazendo*).

Conclusão

Concluindo, para Coseriu são as seguintes as subcategorias que devem ser consideradas no exame do tempo e do aspecto do sistema verbal português e românico, levando-se ainda em conta que, entre estas categorias, há diferenças formais que aparecem em oposições funcionais:

• o nível temporal

• a perspectiva primária e secundária

• a visão

• a fase

• o resultado (parcial)

Em relação com outras categorias de sentido conexo, aparecem:

• a duração

• a repetição

• a conclusão (que não são mais do que significações laterais de perspectiva, da visão ou da fase, além de poderem ser constantes, como no caso da conclusão na perspectiva secundária).

Destas categorias, o *nível do tempo* e a *perspectiva primária* devem ser expressas e não podem faltar em cada forma verbal portuguesa. Já as outras categorias podem faltar ou não serem expressas; ficam, assim, "indeterminadas", "neutrais" as formas verbais em relação a essas categorias, ou podem juntar-se até duas. É o que ocorre com *estive fazendo*, que expressa, além do nível do tempo e da perspectiva primária, também a visão. *Tenho estado fazendo* expressa nível temporal, perspectiva primária, perspectiva secundária e visão. Já *tenho estado vindo fazendo*, *tinha-se estado pondo a fazer*, embora teoricamente possíveis, não são correntes. A última forma expressaria formalmente cinco categorias: nível temporal (inatual), perspectiva primária paralela (por causa da forma *tinha*), perspectiva secundária retrospectiva (por causa de *ter* + particípio), visão parcial (por *estar* + gerúndio) e fase inceptiva (por *pôr-se a* + infinitivo).

Exemplo para a descrição funcional – Para a descrição funcional de uma forma verbal

que leve em conta sua posição no sistema a que pertence, temos de enquadrá-la em todas estas categorias. Assim, em relação à forma do português ***fiz*** poderíamos dizer dela:

1) *Nível de tempo*: atual
2) *Perspectiva*: primária, retrospectiva, aspecto complexivo
3) *Visão*: global (neutral)
4) *Fase*: neutral
5) *Resultado*: não resultativa (neutral)
6) *Conclusão*: indefinida

Já de ***tinha estado fazendo***:

1) *Nível de tempo*: inatual
2) *Perspectiva*: primária, paralela, aspecto cursivo;
secundária, retrospectiva, aspecto complexivo
3) *Visão*: parcial
4) *Fase*: continuativa
5) *Resultado*: não resultativa
6) *Conclusão*: não terminativa

Pelo visto, pode-se concluir que o sistema verbal do português – e românico – representa um edifício de três "andares", que se ligam entre si, porque, é importante frisar, cada forma verbal que aparece inserida numa definição vale para todas as outras oposições como membro sem marca (neutral, extensivo).

Estes três "andares" apresentam:

a) no primeiro, temos um sistema fundamental que alude à configuração dos espaços de tempo: às categorias de *nível de tempo* e de *perspectiva primária*. Formalmente correspondem a este sistema fundamental as formas simples de tempo.

b) no segundo, um sistema secundário que alude à determinação do ponto temporal dentro dos espaços de tempo: à categoria da *perspectiva secundária*. A este sistema correspondem formalmente as formas perifrásticas de *ter* (*haver*) + particípio e verbo auxiliar (de preferência com *ir*) + infinitivo.

c) no terceiro, um sistema terciário que alude à definição de valores aspectivos especiais para cada ponto de tempo: às categorias de *visão*, *fase* e, em parte, *resultado*. Formalmente, este sistema coincide com outras diversas locuções verbais.

Cantaremos é uma forma verbal, porque exprime uma ação ou processo (a de cantar), exercida (referência à voz) pela 1.ª pessoa (referência à pessoa) do plural (referência ao número), do presente (referência ao tempo) do indicativo (referência ao modo).

As pessoas do verbo – Geralmente as formas verbais indicam as três pessoas do discurso, para o singular e o plural:

1.ª pessoa do singular: *eu canto*

2.ª pessoa do singular: *tu cantas*
3.ª pessoa do singular: *ele canta*
1.ª pessoa do plural: *nós cantamos*
2.ª pessoa do plural: *vós cantais*
3.ª pessoa do plural: *eles cantam*

Os tempos do verbo – São:

a) PRESENTE – em referência a fatos que se passam ou se estendem ao momento em que falamos: *eu canto*;

b) PRETÉRITO – em referência a fatos anteriores ao momento em que falamos e subdividido em *imperfeito*, *perfeito* e *mais-que-perfeito*:
cantava (imperfeito), *cantei* (perfeito) e *cantara* (mais-que-perfeito);

c) FUTURO – em referência a fatos ainda não realizados e subdividido em *futuro do presente* e *futuro do pretérito*:
cantarei (futuro do presente), *cantaria* (futuro do pretérito),
que implica também a modalidade condicional (cf. abaixo).

Os modos do verbo – São, conforme a posição do falante em face da relação entre a ação verbal e seu agente:

a) INDICATIVO – em referência a fatos como verossímeis ou tidos como tais: *canto*, *cantei*, *cantava*, *cantarei*

b) SUBJUNTIVO (CONJUNTIVO) – em referência a fatos incertos: talvez *cante*, se *cantasse*

c) CONDICIONAL – em referência a fatos dependentes de certa condição: *cantaria*

d) OPTATIVO – em relação a ação como desejada pelo agente:
E viva eu cá na terra sempre triste.

e) IMPERATIVO – em relação a um ato que se exige do agente:
cantai

As vozes do verbo – São:

a) ATIVA: forma em que o verbo se apresenta para normalmente indicar que a pessoa a que se refere é o *agente* da ação. A pessoa diz-se, neste caso, *agente* da ação verbal:

Eu *escrevo* a carta,
Tu *visitaste* o primo,
Nós *plantaremos* a árvore.

b) PASSIVA: forma verbal que indica que a pessoa é o *objeto* da ação verbal. A pessoa, neste caso, diz-se *paciente* da ação verbal:

A carta *é escrita* por mim,
O primo *foi visitado* por ti,
A árvore *será plantada* por nós.

A passiva é formada com um dos verbos *ser*, *estar*, *ficar* seguido de *particípio*.

Voz passiva e passividade – É preciso não confundir voz passiva e passividade. *Voz* é a forma especial em que se apresenta o verbo para indicar que a pessoa recebe a ação:

Ele *foi visitado* pelos amigos.

Alugam-se bicicletas.

Passividade é o fato de a pessoa receber a ação verbal. A passividade pode traduzir-se, além da voz passiva, pela ativa, se o verbo tiver sentido passivo:

Os criminosos recebem o merecido castigo.

Portanto, nem sempre a passividade corresponde à voz passiva56.

c) REFLEXIVA: forma verbal que indica que a ação verbal não passa a outro ser (negação da transitividade), podendo reverter-se ao próprio agente (sentido reflexivo propriamente dito), atuar reciprocamente entre mais de um agente (reflexivo recíproco), sentido de "passividade com se" e sentido de impessoalidade, conforme as interpretações favorecidas pelo contexto, formada de verbo seguido do pronome oblíquo de pessoa igual à que o verbo se refere:

eu *me visto*, tu *te feriste*, ele *se enfeita*.

O verbo empregado na forma reflexiva propriamente dita diz-se *pronominal*.

A voz passiva difere da reflexiva de sentido passivo em dois aspectos:

1) pode apresentar o verbo em qualquer pessoa, enquanto a reflexiva só se constrói na 3.ª pessoa com o pronome *se* (conhecido também pela denominação de "apassivador"):

Eu *fui visitado* pelos meus parentes.

Nós *fomos visitados* pelos parentes.

2) pode seguir-se de uma expressão que denota o agente da passiva, enquanto a reflexiva, no português contemporâneo, dispensa:

Eu *fui visitado* pelos parentes.

Aluga-*se* a casa (não se diz: aluga-se a casa pelo proprietário)

Todavia, há casos em que se explicita o agente, como no seguinte exemplo de Drummond:

Não sei se devemos exaltar Pelé por haver conseguido tanto, ou se nosso louvor deve antes ser dirigido ao gol em si, *que se deixou fazer por Pelé*, recusando-se a tantos outros [CDa.1, 130].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Em construções do tipo *batizei-me*, *chamas-te José*, há professores que veem passiva pronominal com pronomes oblíquos de 1.ª e 2.ª pessoas. Outros, porém, não pensam assim, e interpretam o fato como um emprego da voz reflexiva, indicando "uma atitude de aceitação consciente do nome dado ou do batismo recebido" [MC.4, 36].

2.ª) Em geral, o pronome átono que acompanha a voz reflexiva propriamente dita funciona como objeto direto, embora raras vezes possa exercer a função de indireto.

3.ª) Com verbos como *atrever-se*, *indignar-se*, *queixar-se*, *ufanar-se*, *admirar-se*, não se percebe mais a ação rigorosamente reflexa, mas a indicação de que a pessoa a que o verbo se refere está vivamente afetada. Com os verbos de movimento ou atitudes da pessoa "em relação ao seu próprio corpo" como *ir-se*, *partir-se*, e outros como *servir-se*, onde o pronome oblíquo empresta maior expressividade à oração, também não se expressa a ação reflexa. Alguns gramáticos chamam ao pronome oblíquo, nestas últimas circunstâncias, *pronome de realce*.

4.ª) Muitos verbos normalmente não pronominais se acompanham de pronome átono para exprimirem aspectos estilísticos, como a mudança lenta do estado ou de processo lento:

agonizar-se, *delirar-se*, *desmaiar-se*, *estalar-se, envelhecer-se*, *palpitar-se*, *peregrinar-se*, *repousar-se*, *tresnoitar-se*. [APa.1, 54-57]

5.ª) Inversamente, elimina-se o pronome de muitos verbos que o exigem na língua padrão:

aquecer, *chamar* (ter nome), *mudar* (transferir-se), *gripar*, *machucar*, *formar* (*Eu formei em Medicina*), *classificar* (*Ele classificou em 3.º lugar*), etc. (Obs.).

Formas nominais do verbo – Assim se chamam o *infinitivo*, o *particípio* e o *gerúndio*, porque, ao lado do seu valor verbal, podem desempenhar função de nomes. O infinitivo pode ter função de substantivo (*recordar é viver* = a recordação é vida); o particípio pode valer por um adjetivo (*homem sabido*), e o gerúndio por um advérbio ou adjetivo (*amanhecendo*, *sairemos* = logo pela manhã sairemos; *água fervendo* = água fervente). Nesta função adjetiva, o gerúndio tem sido apontado como galicismo; porém, é antigo na língua este emprego, quando ocupou o lugar vago deixado pelo particípio presente, que desapareceu do quadro verbal português para ingressar no quadro nominal.

As formas nominais do verbo, com exceção do infinitivo, não definem as pessoas do discurso e, por isso, são ainda conhecidas por *formas infinitas*. Possuem, quando possíveis, desinências nominais idênticas às que caracterizam a flexão dos nomes (gênero e número):

O infinitivo português, ao lado da forma infinita, isto é, sem manifestação explícita das pessoas do discurso, possui outra flexionada:

Infinito sem flexão	*Infinito flexionado*
Cantar	Cantar eu
	Cantares tu
	Cantar ele
	Cantarmos nós
	Cantardes vós
	Cantarem eles

As formas nominais do verbo se derivam do tema (radical + vogal temática) acrescido das desinências:

a) -*r*: para o infinitivo: canta-*r*, vende-*r*, parti-*r*

b) -*do* (ou -*to*, -*so*) para o particípio: canta-*do*, vendi-*do*, parti-*do*, acei-*to,* revol-*to*

c) -*ndo*: para o gerúndio: canta-*ndo*, vende-*ndo*, parti-*ndo*

OBSERVAÇÃO: O verbo *vir* (e derivados) forma também o seu particípio com a desinência -*do*; mas, pelo desaparecimento da vogal temática *i*, apresenta-se igual ao gerúndio: *vindo* (por vin-i-*do*) e *vindo* (vi-*ndo*).

Conjugar um verbo – É dizê-lo, de acordo com um sistema determinado, um paradigma, em todas as suas formas nas diversas pessoas, números, tempos, modos e vozes.

Em português temos três conjugações caracterizadas pela vogal temática:

1.ª conjugação – vogal temática ***a***: am***a***r, fal***a***r, tir***a***r.

2.ª conjugação – vogal temática ***e***: tem***e***r, vend***e***r, varr***e***r.

3.ª conjugação – vogal temática ***i***: part***i***r, fer***i***r, serv***i***r.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Não existe a 4.ª conjugação; *pôr* é um verbo da 2.ª conjugação cuja vogal temática desapareceu no infinitivo, mas permanece em outras formas do verbo. Veja-se a correspondência: *vend-e-s / põ-e-s*.

2.ª) Na história da língua, verbos há que mudaram de conjugação, mas deixaram vestígios em outras formas não verbais: *cair* (antigo *caer)*, com vestígio no adjetivo *cadente* (e não *cadinte*, como *ouvinte*). Alencar usa *rangir* por *ranger*, e hoje *viger* (cf. *vigente*) tem o concorrente *vigir* que, apesar de muito usado, não é aceito na norma exemplar: *A lei deve vigir* (por

viger).

Verbos regulares, irregulares e anômalos – Diz-se que um verbo é regular quando se apresenta de acordo com o modelo de sua conjugação: *cantar*, *vender*, *partir*. No verbo regular também o radical não varia. Tem-se o radical de um verbo privando-o, no infinito sem flexão, das terminações *-ar*, *-er*, *-ir*:

am-ar, fal-ar, tir-ar, tem-er, vend-er, varr-er, part-ir, fer-ir, serv-ir.

Irregular é o verbo que, em algumas formas, apresenta modificação no radical ou na flexão, afastando-se do modelo da conjugação a que pertence:

a) variação no radical em comparação com o infinitivo:

ouvir – ouço; *dizer* – digo; *perder* – perco;

b) variação na flexão, em relação ao modelo: *est**ou*** (veja-se *cant**o***), *est**ás*** (veja-se *cant**as***, um tônico e outro átono).

Os irregulares se dividem em *fracos* e *fortes*. Fracos são aqueles cujo radical do infinitivo não se modifica no pretérito: *sentir-senti*; *perder-perdi*.

Fortes são aqueles cujo radical do infinitivo se modifica no pretérito perfeito: *caber – coube*; *fazer – fiz*.

Os irregulares fracos apresentam formas iguais no infinitivo flexionado e futuro do subjuntivo:

Infinitivo	*Futuro do Subjuntivo*
Sentir	Sentir
Sentires	Sentires
Sentir	Sentir
Sentirmos	Sentirmos
Sentirdes	Sentirdes
Sentirem	Sentirem

Os irregulares fortes não apresentam identidade de formas entre o infinitivo flexionado e o futuro do subjuntivo:

Infinitivo flexionado	*Futuro do Subjuntivo*
Caber	Couber
Caberes	Couberes
Caber, etc.	Couber, etc.

OBSERVAÇÃO: Não entram no rol dos verbos irregulares aqueles que, para conservar a pronúncia, têm de sofrer variação de grafia:

carre***g***ar – carre***gu***e – carre***gu***ei – carre***gu***es

fi***c***ar – fi***c***o – fi***qu***ei – fi***que***

Não há portanto os *irregulares gráficos*.

Anômalo é o verbo irregular que apresenta, na sua conjugação, radicais primários diferentes: *ser* (reúne o concurso de dois radicais, os verbos latinos *sedēre* e *ĕsse*) e *ir* (reúne o concurso de três radicais, os verbos latinos *ire*, *vadēre* e *ĕsse*).

Outros autores consideram anômalo o verbo cujo radical sofre alterações que o não podem enquadrar em classificação alguma: *dar*, *estar*, *ter*, *haver*, *ser*, *poder*, *ir*, *vir*, *ver*, *caber*, *dizer*, *saber*, *pôr*, etc.

Verbos defectivos e abundantes – DEFECTIVO é o verbo que, na sua conjugação, não apresenta todas as formas: *colorir*, *precaver-se*, *reaver*, etc. É preciso não confundi-lo com os verbos chamados impessoais e unipessoais, que, como veremos, só se usam nas terceiras pessoas.

A defectividade verbal é devida a várias razões, entre as quais a eufonia e a significação. Entretanto, a defectividade de certos verbos não se assenta em bases morfológicas, mas em razões do uso e da norma vigentes em certos momentos da história da língua. Daí certa disparidade que por vezes se encontra na relação das gramáticas. Se a tradição da língua dispensa, por dissonante, a 1.ª pessoa do singular do verbo *colorir* (*coloro*), não se mostra igualmente exigente com a 1.ª pessoa do singular do verbo *colorar*. Por outro lado, o critério de eufonia pode variar com o tempo e com o gosto dos escritores; daí aparecer de vez em quando uma forma verbal que a gramática diz não ser usada. É na 3.ª conj. que se encontra a maioria dos verbos defectivos.

Quase sempre faltam as formas rizotônicas dos verbos defectivos. Suprimos, *quando necessário*, as lacunas de um defectivo empregando um sinônimo (derivado ou não do defectivo): Eu *recupero* (para *reaver*); eu *redimo* (para *remir*).

Há os seguintes grupos de verbos defectivos, em português:

a) os que não se conjugam nas pessoas em que depois do radical aparecem *a* ou *o*:

banir, *brandir*, *carpir*, *colorir*, *delir*, *explodir*, *fremer* (ou *fremir*), *haurir*, *ruir*, *exaurir*, *abolir*, *demolir*, *puir*, *delinquir*, *fulgir*, *feder*, *aturdir*, *bramir*, *jungir*, *esculpir*, *extorquir*, *impingir*, *puir*, *retorquir*, *soer*, *espargir*.

Tais verbos também não se empregam no pres. do subjuntivo, imperativo negativo, e no imperativo afirmativo só apresentam as segundas pessoas do singular e plural.

b) os que se usam unicamente nas formas em que depois do radical vem *i*:

adir, *aguerrir*, *emolir*, *empedernir*, *esbaforir*, *espavorir*, *exinanir*, *falir*, *fornir*, *remir*, *ressequir*, *revelir*, *vagir*, *florir*, *renhir*, *garrir*, *inanir*, *ressarcir*, *transir*, *combalir*.[57]

c) oferecem particularidades especiais:

1 – *precaver*(*-se*) e *reaver*. No pres. ind. só têm as duas primeiras pessoas do plural: *precavemos*, *precaveis*; *reavemos*, *reaveis*.

Imperativo: *precavei*, *reavei*.

Faltam-lhes o imperat. neg. e pres. do subj. No restante, conjugam-se normalmente.

2 – *adequar*, *antiquar*: cabem-lhes as mesmas observações feitas ao grupo anterior.

3 – *grassar* e *rever* (= destilar): só se usam nas terceiras pessoas.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Muitos verbos apontados outrora como defectivos são hoje conjugados integralmente: *agir*, *advir*, *compelir*, *desmedir-se*,

discernir, *embair*, *emergir*, *imergir*, *fruir*, *polir*, *prazer*, *submergir*. *Ressarcir* (cf. b) e *refulgir* (que alguns gramáticos só mandam conjugar nas formas em que o radical é seguido de *e* ou *i*) tendem a ser empregados como verbos completos.

2.ª) Os verbos que designam vozes de animais geralmente só aparecem nas terceiras pess. do sing. e pl., em virtude de sua significação, e são indevidamente arrolados como defectivos. Melhor chamá-los, quando no seu significado próprio, *unipessoais*.

3.ª) Também são indevidamente considerados defectivos os verbos *impessoais* (pois não se referem a sujeito), que só são empregados na terceira pess. sing.: *Chove* muito. *Relampeja*. Quando em sentido figurado, os verbos desta observação, como os da anterior, conjugam-se em quaisquer pessoas: *Chovam as bênçãos do céu*.

ABUNDANTE é o verbo que apresenta duas ou três formas de igual valor e função: *havemos* e *hemos*; *constrói* e *construi*; *pagado* e *pago*; *nascido*, *nato*, *nado* (pouco usado).

Normalmente esta abundância de forma ocorre no particípio.

Os principais verbos que gozam deste privilégio, no português moderno, são:

a) *comprazer* e *descomprazer*:

Pret. perf. ind.: comprazi, comprazeste, comprazeu, etc. ou comprouve, comprouveste, comprouve, etc.

M.-q-perf. ind.: comprazera, comprazeras, comprazera, etc. ou comprouvera, comprouveras, comprouvera, etc.

Imperf. subj.: comprazesse, comprazesses, comprazesse, etc. ou comprouvesse, comprouvesses, comprouvesse, etc.

Fut. subj.: comprazer, comprazeres, comprazer, etc. ou comprouver, comprouveres, comprouver, etc.

b) *construir* e seu grupo:

Pres. ind.: construo, construis (ou constróis), construi (ou constrói), construímos, construís, construem (ou constroem).

Imper. afirm.: construi tu (ou constrói tu).

Assim se conjugam *desconstruir*, *destruir*, *estruir*, *reconstruir*.

c) *entupir* e *desentupir*:

Pres. ind.: entupo, entupes (ou entopes), entupe (ou entope), entupimos, entupis, entupem (ou entopem).

Imper. afirm.: entupe (ou entope), entupi.

OBSERVAÇÃO: O *o* das formas abundantes é de timbre aberto.

d) *haver*:

Pres. ind.: hei, hás, há, havemos (ou hemos), haveis (ou heis), hão.

Imper. afirm.: há, havei.

e) *ir*:

Pres. ind.: vou, vais, vai, vamos (ou imos), ides (is é forma antiga), vão.

f) *querer* e *requerer*:

Pres. ind.: quero, queres, quer (ou quere), queremos, quereis, querem.

requeiro, requeres, requer (ou requere), requeremos, requereis, requerem.

Quere e *requere* são formas que só têm curso em Portugal; *quere* é criação recente (séc. XIX-XX, sem adoção geral) e *requere* é forma já antiga na língua, sendo *requer* de data recente.

g) *valer*:

Pres. ind.: valho, vales, vale (ou val), valemos, valeis, valem.

Val é forma antiga e ainda hoje corrente, máxime em Portugal.

h) imperativo dos verbos em *-zer*, *-zir*.

Podem perder o *-e* na 2.ª pess. sing.: faze tu (ou faz); traduze tu (ou traduz). São frequentíssimos os exemplos literários com os verbos *dizer*, *fazer*, *trazer* e *traduzir*.

i) particípio de numerosos verbos.

Existe grande número de verbos que admitem dois (e uns poucos até três) particípios: um *regular*, terminado em *-ado* (1.ª conjugação) ou *-ido* (2.ª e 3.ª conjugações), e outro *irregular*, proveniente do latim ou de nome que passou a ter aplicação como verbo, terminado em *-to*, *-so* ou criado por analogia com modelo preexistente. Eis uma relação dessas formas duplas de particípio, indicando-se entre parênteses se ocorrem com a voz ativa ou passiva, ou com ambas:

Infinitivo	*Particípio regular*	*Particípio irregular*
aceitar	aceitado (a., p.)	aceito (p.), aceite (p.)
assentar	assentado (a., p.)	assento (p.), assente (p.)
entregar	entregado (a., p.)	entregue (p.)
enxugar	enxugado (a., p.)	enxuto (p.)
expressar	expressado (a., p.)	expresso (p.)
expulsar	expulsado (a., p.)	expulso (p.)
fartar	fartado (a., p.)	farto (p.)
findar	findado (a., p.)	findo (p.)
ganhar	ganhado (a., p.)	ganho (a., p.)
gastar	gastado (a.)	gasto (a., p.)
isentar	isentado (a.)	isento (p.)
juntar	juntado (a., p.)	junto (a., p.)
limpar	limpado (a., p.)	limpo (a., p.)
matar	matado (a.)	morto (a., p.)
pagar	pagado (a.)	pago (a., p.)
pasmar	pasmado (a., p.)	pasmo (a.)
pegar	pegado (a., p.)	pego (é ou ê)
salvar	salvado (a., p)	salvo (a., p.)
acender	acendido (a., p.)	aceso (p.)
arrepender	arrependido (a., p.)	repeso por arrepeso (a., p.)
desenvolver	desenvolvido (a., p.)	desenvolto (a., p.)
eleger	elegido (a.)	eleito (a., p.)
envolver	envolvido (a., p.)	envolto (a., p.)
prender	prendido (a., p.)	preso (p.)
revolver	revolvido (a., p.)	revolto (a.)

suspender	suspendido (a., p.)	suspenso (p.)
desabrir	desabrido	desaberto
erigir	erigido (a., p.)	erecto (p.)
exprimir	exprimido (a., p.)	expresso (a., p.)
extinguir	extinguido (a., p.)	extinto (p.)
frigir	frigido (a.)	frito (a., p.)
imprimir	imprimido (a., p.)	impresso (a., p.)
inserir	inserido (a., p.)	inserto (a., p.)
tingir	tingido (a., p.)	tinto (p.)

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Em geral emprega-se a forma regular, que fica invariável com os auxiliares *ter* e *haver*, na voz ativa, e a forma irregular, que se flexiona em gênero e número, com os auxiliares *ser*, *estar* e *ficar*, na voz passiva.

Nós temos *aceitado* os documentos.

Os documentos têm sido *aceitos* por nós.

Há outros particípios, regulares ou irregulares, que se usam indiferentemente na voz ativa (auxiliares *ter* ou *haver*) ou passiva (auxiliares *ser, estar ficar*), conforme se assinalou entre parênteses.

2.ª) Há uns poucos particípios irregulares terminados em -*e*, em geral de introdução recente no idioma: *entregue* (o mais antigo), *aceite*, *assente*, *empregue* (em Portugal).

Locução verbal. Verbos auxiliares – Chama-se *locução verbal* a combinação das diversas formas de um verbo auxiliar com o infinitivo, gerúndio ou particípio de outro verbo que se chama *principal*: *hei de estudar*, *estou estudando*, *tenho estudado*. Muitas vezes o auxiliar empresta um matiz semântico ao verbo principal, dando origem aos chamados *aspectos do verbo*.

Entre o auxiliar e o verbo principal no infinitivo pode aparecer ou não uma preposição (*de*, *em*, *por*, *a*, *para*). Na locução verbal, é somente o auxiliar que recebe as flexões de pessoa, número, tempo e modo: *haveremos de fazer*, *estavam por sair*, *iam trabalhando*, *tinham visto*. Da arbitrariedade do uso é que depende o empregar-se em alguns casos a preposição e em outros omiti-la. Também pode ocorrer, em vários casos, a alternância da preposição (*começar a / de fazer*).

Várias são as aplicações dos verbos auxiliares da língua portuguesa:

1 – *ter*, *haver* (raramente) e *ser* (mais raramente) se combinam com o particípio do verbo principal para constituírem novos tempos, chamados *compostos*, que, unidos aos simples, formam o quadro completo da conjugação da voz ativa. Estas combinações exprimem que a ação verbal está concluída.

Temos nove formas compostas:

Indicativo

a) *pretérito perfeito composto*: tenho ou hei cantado, vendido, partido;

b) *pretérito mais-que-perfeito*: tinha ou havia cantado, vendido, partido;

c) *futuro do presente composto*: terei ou haverei cantado, vendido, partido;

d) *futuro do pretérito composto*: teria ou haveria cantado, vendido, partido;

OBSERVAÇÃO: A língua moderna pôs de lado a forma *tive cantado*, corrente no Português antigo.

Subjuntivo

a) *pretérito perfeito*: tenha ou haja cantado, vendido, partido;

b) *pretérito mais-que-perfeito*: tivesse ou houvesse cantado, vendido, partido;

c) *futuro composto*: tiver ou houver cantado, vendido, partido;

Formas nominais

a) *infinitivo composto*: ter ou haver cantado, vendido, partido;

b) *gerúndio composto*: tendo ou havendo cantado, vendido, partido.

O verbo *ser* só aparece em combinações que lembram os depoentes latinos, sobretudo com verbos que denotam movimento: "Os cavaleiros *eram partidos* caminho de Zamora" [AC.2, I, 101]. *Era chegada* a ocasião da fuga. *São passados* três meses.

2 – *ser*, *estar*, *ficar* se combinam com o particípio (variável em gênero e número) do verbo principal para constituir a voz passiva (de ação, de estado e mudança de estado): *é amado*, *está prejudicada*, *ficaram rodeados*.

3 – os auxiliares *acurativos* se combinam com o infinitivo ou gerúndio do verbo principal para determinar com mais rigor os aspectos do momento da ação verbal que não se acham bem definidos na divisão geral de tempo presente, passado e futuro:

a) início de ação: *começar a escrever, pôr-se a escrever*, etc.;

b) iminência de ação: *estar para* (*por*) *escrever*, *pegar a* (*de*) *escrever*, etc.;

c) continuidade da ação: *continua escrevendo*, *continua a escrever*, sendo a primeira forma a que é mais antiga no idioma;

d) desenvolvimento gradual da ação; duração: *estar a escrever*, *andar escrevendo*, *vir escrevendo*, *ir escrevendo*, etc.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) No Brasil prefere-se a construção com gerúndio (*estar escrevendo*), enquanto em Portugal é mais comum o infinitivo (*estar a escrever*), não sendo, entretanto, a única forma.

2.ª) Está mais de acordo com o gênio da nossa língua o uso do gerúndio com auxiliar *estar* ou infinitivo com *a* para traduzir atos que se realizam paulatinamente, em vez do uso de forma simples do verbo, como faz o francês (*Jeanne nous regarde* / Joana está-nos olhando ou *a nos olhar apud* MBa.4, 233).

e) repetição de ação: *tornar a escrever*, *costumar escrever* (repetição habitual), etc.;

f) término de ação: *acabar de escrever*, *cessar de escrever*, *deixar de escrever*, *parar de escrever*, *vir de escrever*, etc.

Vir de + infinitivo é construção antiga no idioma e valia por *voltar de* (ou *chegar*) + infinitivo: "De amor dos lusitanos encendidas/ Que *vêm de descobrir* o novo mundo" [LC.1, IX, 40]. Depois passou a significar *acabar de* + infinitivo e, porque em francês ocorre emprego semelhante, passou a ser, neste sentido, condenado como galicismo pelos gramáticos: "eu, aos doze anos, *vinha de perder* meu pai"[CBr *apud* HG.1, 462].

4 – os auxiliares *modais* se combinam com o infinitivo ou gerúndio do verbo principal para determinar com mais rigor o modo como se realiza ou se deixa de realizar a ação verbal:

a) necessidade, obrigação, dever: *haver de escrever*, *ter de escrever*, *dever escrever*,

precisar (*de*) *escrever*, etc.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Em vez de *ter* ou *haver de* + infinitivo, usa-se ainda, mais modernamente, *ter* ou *haver que* + infinitivo: *tenho que estudar*. Neste caso, *que*, como índice de complemento de natureza nominal, funciona como verdadeira preposição. Não se confunda este *que preposição* com o *que pron. relativo* em construções do tipo: *nada tinha que dizer*, *tenho muito que fazer*, etc.

2.ª) Muitas vezes no Português contemporâneo não é indiferente o sentido da expressão com preposição ou sem ela: *Deve resultar* exprime certa precisão de resultado; *deve de resultar* traduz a probabilidade do resultado.

b) possibilidade ou capacidade: *poder escrever*, etc.

c) vontade ou desejo: *querer escrever*, *desejar escrever*, *odiar escrever*, *abominar escrever*, etc.

d) tentativa ou esforço; às vezes com o sentido secundário depreendido pelo contexto, de que a tentativa acabou em decepção (*foi buscar lã e saiu tosquiado*): *buscar escrever*, *pretender escrever*, *tentar escrever*, *ousar escrever*, *atrever-se a escrever*, etc.

e) consecução: *conseguir escrever*, *lograr escrever*, etc.

f) aparência, dúvida: *parecer escrever*, etc.

g) movimento para realizar um intento futuro (próximo ou remoto): *ir escrever*, etc.

h) resultado: *vir a escrever*, *chegar a escrever*, etc.

Vir a + infinitivo de certos verbos tem quase o mesmo sentido do verbo principal empregado sozinho: *Isto vem a traduzir a mesma ideia* (= isto por fim traduz a mesma ideia). *Vir a ser* pode ainda ser sinônimo de *tornar-se*: *Ele veio a ser famoso*.

NOTA FINAL – Nem sempre a aproximação de dois ou mais verbos constitui uma locução verbal; a intenção da pessoa que fala ou escreve é que determinará a existência ou inexistência da locução. "Por exemplo, na frase: *queríamos colher rosas*, os verbos *queríamos colher* constituirão expressão verbal se pretendo dizer que queríamos colher *rosas* e não outra flor, sendo *rosas* o objeto da declaração. Se, porém, pretendo dizer que o que nós queríamos era *colher rosas* e não fazer outra cousa, o objeto da declaração é *colher rosas* e a declaração principal se contém incompletamente em *queríamos*" [JO.1, 202-203].

Auxiliares causativos e sensitivos – Assim se chamam os verbos *deixar*, *mandar*, *fazer* e sinônimos (causativos) e *ver*, *ouvir*, *olhar*, *sentir* e sinônimos (sensitivos) que, juntando-se a infinitivo ou gerúndio, não formam locução verbal, mas, muitas vezes, se comportam sintaticamente como tal, isto é, segundo as relações internas que se estabelecem dentro do grupo entre o infinitivo e os termos que o acompanham, como veremos no lugar próprio.

Elementos estruturais do verbo: desinências e sufixos verbais – Ao radical do verbo, que é o elemento que encerra o seu significado lexical, se juntam as formas mínimas chamadas *desinências* para constituir as flexões do verbo, indicadoras da *pessoa* e *número*, do *tempo* e *modo*. Segundo Mattoso, a constituição da forma verbal portuguesa é: T (R+VT) + D (DMT+DNP), em que T = tema; R = radical; VT = vogal temática; D = desinência; DMT = desinência modo-temporal e DNP = desinência número-pessoal

Chama-se *vogal temática* aquela classificadora da conjugação:

1.ª conjugação – *a*: cant-*a*-r

2.ª conjugação – *e*: vend-*e*-r

3.ª conjugação – *i*: part-*i*-r

A vogal temática presa ao radical constitui o *tema*:

canta-r , *vende*-r, *parti*-r.

Nem todas as formas verbais possuem a vogal temática, como, por exemplo, a 1.ª pessoa singular do presente do indicativo e do subjuntivo. As vogais ***e*** e ***a*** em cant-***e***, vend-***a***, part-***a*** são desinências temporais (veja abaixo). Outras vezes a vogal temática sofre variação: o ***a*** passa a ***e*** no pret.perf. do ind. da 1.ª conj. em contato com *i*, e passa a ***o*** em contato com *u*: cant-***a***-r, cant-***e***-i, cant-***o***-u; o ***e*** passa a ***i*** no pret. imperf. do ind. e particípio da 2.ª conjugação: vend-***e***-r, vend-***i***-a, vend-***i***-do. A vogal temática ***i*** da 3.ª conjugação passa a ***e*** quando átono, no pres. ind. (2.ª e 3.ª sing. e 3.ª pl.) e imper. (2.ª sing.): part-***e***-s, part-***e*** , part-***e***-m, part-***e***; se é tônico, nos mesmos casos, funde-se com o ***i*** da desinência ***is*** da 2.ª pessoa do plural: *part**is*** por *part-**i-is***.

O *tema* é a parte da palavra pronta para receber o sufixo ou a desinência.

Sufixo verbal é o que entra na formação dos verbos derivados: salt-it-ar, real-iz-ar, etc. (cf. **Afixos: prefixos e sufixos. Interfixos**).

As desinências modo-temporais são:

1) Para o *Indicativo*:

a) Ø no presente

b) -*va*- (-*ve*-) caracteriza o pretérito imperfeito da 1.ª conjugação: *canta-va*; 58

c) -*ia*- (-*ie*-), caracteriza o pretérito imperfeito da 2.ª e 3.ª conjugações: *dev-ia*, *part-ia*;59

d) Ø para o pretérito perfeito (até a 2.ª pess. do pl. e -*ra*- para a 3.ª pess. pl.): *cante-i*, *canta-ra-m*

e) -*ra*- (*re*) átono caracteriza o pretérito mais-que-perfeito: *canta-ra*, *vende-ra*, *parti-ra*; *cantá-re-is*;

f) -*ra*- (-*re*-) tônico caracteriza o futuro: *canta-re-i*, *canta-rá-s*, *canta-rã-o*, *deve-re-i*, *parti-re-i*;

g) -*ria*- (-*rie*-) caracteriza o futuro do pretérito: *canta-ria*, *deve-ria*, *parti-ria*;

2) Para o *Subjuntivo*:

a) -*e*- caracteriza o presente da 1.ª conjugação: *cant-e*;

b) -*a*- caracteriza o presente da 2.ª e 3.ª conjug.: *vend-a*, *part-a*;

c) -*sse*- caracteriza o pretérito imperfeito: *canta-sse*, *vende-sse*, *parti-sse*;

d) -*r*- (-*re*-) caracteriza o futuro: *cant-a-r*, *vend-e-r*, *part-i-r*;

3) Para as *Formas Nominais*:

a) -*ndo* caracteriza o gerúndio: *canta-ndo*, *vende-ndo*, *parti-ndo*;

b) -*do* caracteriza o particípio: *canta-do*, *vendi-do*, *parti-do*;

c) -*r* caracteriza o infinitivo: *canta-r*, *vende-r*, *parti-r*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Nem todas as formas verbais se apresentam com desinências e vogal temática.

2.ª) As características temporais terminadas em -*a* (imperf., m.-q.-perf. do ind. e futuro apresentam esta vogal alterada em *e* na 2.ª pessoa do plural, graças ao contato com a desinência pessoal -*is* que provoca a ditongação *eis*: eu *cantava*, vós *cantáveis*; eu *devia*, vós *devíeis*; eu *partia*, vós *partíeis*; eu *cantara*, vós *cantáreis*; eu *cantaria*, vós *cantaríeis*). O mesmo ocorre com a 1.ª pess. do fut. do presente: *cant-a-re-i*.

3.ª) As desinências pessoais (cf. abaixo) do pretérito perfeito servem, por acumulação, para caracterizar o tempo e modo do verbo.

As desinências número-pessoais são:

SINGULAR	1.ª pessoa: Ø, -*o* (só no pres. ind.), -*i* (só no pret. perf. do ind. e futuro do presente)[1]
	2.ª pessoa: -*s*, -*ste*[2] (só no pret. perf. do ind.) e Ø no imperativo
	3.ª pessoa: Ø, -*u* (só no pret. perf. do ind.)
PLURAL	1.ª pessoa: -*mos*
	2.ª pessoa: -*is*, -*des* (só no fut. do subj., inf. flex. e pres. do ind. de alguns verbos irregulares), -*stes* (só no pret. perfeito do ind.), -*i*(*s*) (no imperativo).
	3.ª pessoa: -*m* (indica que a vogal precedente é nasal).

1. O travessão indica ausência de desinência.

2. Cuidado especial hão de merecer estas desinências (-*ste*, singular, e -*stes*, plural) para que, por falsa analogia, não passem a -*stes* (singular) e -*steis* (plural): tu *comestes* por *comeste*), vós *comesteis* (por *comestes*).

Observações sobre as desinências número-pessoais.

1.ª pessoa do singular: geralmente falta a desinência de 1.ª pessoa do singular, exceto no presente do indicativo, onde aparece a desinência -*o*:

cant-*o*,	vend-*o*,	part-*o*

No pretérito perfeito do indicativo e futuro do presente aparece a desinência -*i*:

cante-*i*,	vend-*i*,	part-*i*
canta-re-*i*,	vende-re-*i*,	parti-re-*i*

2.ª pessoa do singular: a desinência geral é -*s*; no pretérito perfeito do indicativo -*ste;* Ø no imperativo:

canta-*s*,	canta-re-*s*,	canta-*ste*,	canta tu.
vende-*s*,	vende-re-*s*,	vende-*ste*,	vende tu.
parte-*s*,	parti-re-*s*,	parti-*ste*,	parte tu.

3.ª pessoa do singular: geralmente falta a desinência de 3.ª pess. do singular; só o pretérito perfeito do indicativo é que apresenta -*u*:

canto-*u*,	vende-*u*,	parti-*u*

1.ª pessoa do plural: a desinência é sempre -*mos*:

canta-*mos*,	vende-*mos*,	parti-*mos*

2.ª pessoa do plural: a desinência é -*is*; aparece -*des* no futuro do subjuntivo, infinitivo flex. e no presente do indicativo de alguns verbos irregulares (ter, vir, pôr, ver, rir, ir); o pret. perfeito do indicativo apresenta -*stes*, e o imperativo -*i* (na 3.ª conj. há crase com a vogal temática):

canta-*is*,	vende-*is*,	part-*is*
canta-r-*des*,	vende-r-*des*,	parti-r-*des*
canta-*stes*,	vende-*stes*,	parti-*stes*
canta-*i*,	vende-*i*,	part-*i*.

3.ª pessoa do plural: a desinência é -*m*, que nasaliza a vogal precedente:

canta-*m*,	vende-*m*,	parte-*m*
canta-re-*m*,	vende-re-*m*,	parti-re-*m*
canta-ra-*m*,	vende-ra-*m*,	parti-ra-*m*

OBSERVAÇÃO: No futuro do presente, dá-se uma ditongação; a nasalidade é indicada por til e se sobrepõe à característica temporal:

canta-*rão*,	vende-*rão*,	parti-*rão*

Tempos primitivos e derivados – No estudo dos verbos, principalmente dos irregulares, torna-se vantajoso o conhecimento das formas verbais que se derivam de outras chamadas *primitivas*.

1 – Praticamente do radical da 1.ª pessoa do presente do indicativo sai todo o presente do subjuntivo, bastando que se substitua a vogal final por *e*, nos verbos da 1.ª conjugação, e por *a* nos verbos da 2.ª e 3.ª conjugações:

	Presente do indicativo	*Presente do subjuntivo*
cantar	canto	cante
vender	vendo	venda
partir	parto	parta

Exceções:

ser	sou	seja
dar	dou	dê
estar	estou	esteja
haver	hei	haja

ir	vou	vá
querer	quero	queira
saber	sei	saiba

2 – Praticamente da 2.ª pessoa do singular e plural do presente do indicativo saem as 2.as pessoas do singular e plural do imperativo, bastando suprir o *s* final:

cantar	cantas,	cantais	canta,	cantai
vender	vendes,	vendeis	vende,	vendei
partir	partes,	partis	parte,	parti

Exceção: ser: *sê* (tu), *sede* (vós).

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Os verbos em *-zer* ou *-zir* podem ainda perder, na 2.ª pessoa do singular, o *e* final, quando o *z* não é precedido de consoante: *faze* (ou *faz*) tu, *traduze* (ou *traduz*) tu; mas *cirze* tu (cf. **Verbos defectivos e abundantes**, h).

2.ª) Para evitar os inconvenientes da homonímia que, pela identidade de formas, pode provocar ambiguidade com outras formas verbais, escritores portugueses se servem, às vezes, nos verbos da 3.ª conjungação, da antiga desinência *-ide* por *-i*:

Novas tenho e grandes novas, / Amigo, para vos dar: / Tomai esta chave e *abride* [AGa.1]

Ouvide-a e fazei o que Ela vos disser! [CBr *apud* MBa.3, 64-65].

O imperativo em português só tem formas próprias para as segundas pessoas; as pessoas que faltam são supridas pelos correspondentes do presente do subjuntivo. Não se usa o imperativo de 1.ª pessoa do singular como tal, mas com valor optativo. Por isto, estará assinalada nos paradigmas das formas imperativas. As terceiras pessoas do imperativo se referem a *você(s)*, e não a *ele(s)*. Também não se usa o imperativo nas orações negativas; neste caso empregam-se as formas correspondentes do presente do subjuntivo:

Imperativo afirmativo	*Imperativo negativo*
— eu	— eu
canta tu	não cantes tu
cante você, o senhor	não cante você, o senhor
cantemos nós	não cantemos nós
cantai vós	não canteis vós
cantem vocês, os senhores	não cantem vocês, os senhores.

3 – Do tema do pretérito perfeito do indicativo (que praticamente se acha suprimindo a desinência pessoal da 1.ª pessoa do plural ou 2.ª do singular) saem:

a) o mais-que-perfeito do indicativo, com o acréscimo de *-ra* (*-re*):

-ra, *-ra-s*, *-ra*, *-ra-mos*; *-re-is*; *-ra-m*;

b) o imperfeito do subjuntivo, com o acréscimo de *-sse*:

-sse, *-sse-s*, *-sse*; *-sse-mos*; *-sse-m*;

c) o futuro do subjuntivo, com o acréscimo de *-r* (*-re*):

-r, *-re-s*, *-r*, *-r-mos*; *-r-des*; *-re-m*.

Tema do pret. perf.	*M. q. perf. ind.*	*Imperf. subj.*	*Fut. subj.*
vi (-mos)	vira	visse	vir
vie (-mos)	viera	viesse	vier
coube (-mos)	coubera	coubesse	couber
puse (-mos)	pusera	pusesse	puser
fo (-mos)	fora	fosse	for

4 – Do infinitivo não flexionado se formam:

a) futuro do presente, com o acréscimo ao tema de *-ra* (*re*) tônico:

-re-i, *-rá-s*, *-rá*, *-re-mos*, *-re-is*, *-rã-o*.

b) futuro do pretérito, com o acréscimo de *-ria* (*rie*):

-ria, *-ria-s*, *-ria*, *-ría-mos*, *-ríe-is*, *-ria-m*.

Infinitivo	*Futuro do presente*	*Futuro do pretérito*
cantar	cantarei	cantaria
	cantarás	cantarias
	cantará	cantaria
	cantaremos	cantaríamos
	cantareis	cantaríeis
	cantarão	cantariam

Exceções: *dizer*, *fazer*, *trazer*, que fazem *direi*, *farei*, *trarei*, *diria*, *faria*, *traria*.

c) imperfeito do indicativo, com o acréscimo de *-va* (*ve*), na 1.ª conjugação, e *-ia* (*-ie*), na 2.ª e 3.ª:

cant-a-va, cant-a-va-s, cant-a-va, cant-á-va-mos, cant-á-ve-is, cant-a-va-m
vend-ia, vend-ia-s, vend-ia, vend-ía-mos, vend-íe-is, vend-ia-m
part-ia, part-ia-s, part-ia, part-ía-mos, part-íe-is, part-ia-m.

À parte, temos:

a) *ser* (era, eras, etc.)
b) *ter* (tinha, tinhas, etc)
c) *vir* (vinha, vinhas, etc.)
d) *pôr* (punha, punhas, etc.)

A sílaba tônica nos verbos: formas rizotônicas e arrizotônicas – RIZOTÔNICA é a forma verbal cuja sílaba tônica se acha numa das sílabas do radical:

quero, canto, canta, vendem, feito

ARRIZOTÔNICA é a forma verbal cuja sílaba tônica se acha fora do radical:

queremos, cantais, direi, vendido

A língua portuguesa é mais rica de formas rizotônicas.

São normalmente rizotônicas: *a*) as três pessoas do singular e a 3.ª do plural do presente do indicativo e do subjuntivo, e as correspondentes do imperativo; *b*) os particípios irregulares; *c*) a 1.ª pessoa e 3.ª do singular do pretérito perfeito dos verbos irregulares fortes: *coube*, *fiz*, *fez*.

Nos verbos defectivos, em geral, faltam as formas rizotônicas.

Em vista do exposto, as três pessoas do singular e a 3.ª do plural do pres. do indic. e subjuntivo têm sempre acentuada a penúltima sílaba: *frutifico*, *vociferas, sentencia*, *trafegam*.

Exceções:

a) *resfolegar* e *tresfolegar* fazem *resfólego*, *resfólegas*, *resfólega*, *resfólegam*, etc. Existem ainda as formas reduzidas *resfolgar* e *tresfolgar*, de acentuação regular: *resfolgo*, *tresfolgo*, etc.

b) *mobiliar* faz *mobílio*, *mobílias*, *mobília*, *mobiliamos*, *mobiliais*, *mobíliam*; *mobílie*, *mobílies*, *mobílie*, etc. Existem ainda as formas *mobilar* 60 e *mobilhar*, que se conjugam de acordo com a regra geral: *mobilo*, *mobilas*; *mobilho*, *mobilhas*, etc.

Mobilar é forma de pouca aceitação entre brasileiros: "Eu vivia encantonada na sala da frente, que ia de oitão a outro, com várias sacadas para o largo, mobiliada (atenção revisor: não ponha "mobilada", que é palavra que eu detesto) com uma cama de vento, uma cadeira e um lavatório de ferro" [MB.1, 459-460].

Alternância vocálica ou metafonia – Assim se chama a mudança de timbre que sofre a vogal do radical de um vocábulo na forma rizotônica. Muitos verbos da língua portuguesa apresentam este fenômeno:

ferver: fervo, ferves, ferve, fervemos, ferveis, fervem (o *e* tônico é fechado na 1.ª pessoa do sing. e na 1.ª e 2.ª pessoa do plural; nas outras, é de timbre aberto).

Na 1.ª conjugação:

a) a vogal *a*, não seguida de *m*, *n* ou *nh*, passa a ser proferida bem aberta:

falar: falo, falas, fala, falamos, falais, falam

chamar: chamo, chamas, chama, chamamos, chamais, chamam

b) ao *e* fechado corresponde *e* aberto, exceto quando não vem seguido de *m*, *n*, *nh*, *j*, *x*, *ch*, *lh*:

levar: levo, levas, leva, levamos, levais, levam

remar: remo, remas, rema, remamos, remais, remam

alvejar: alvejo, alvejas, alveja, alvejamos, alvejais, alvejam

pretextar: pretexto, pretextas, pretexta, pretextamos, pretextais, pretextam

fechar: fecho, fechas, fecha, fechamos, fechais, fecham

aparelhar: aparelho, aparelhas, aparelha, aparelhamos, aparelhais, aparelham

Exceções: *invejar* (tem *e* aberto); *chegar*, *ensebar* não sofrem metafonia.

Pesar, no sentido de *causar tristeza*, *desprezar*, é arrolado também como exceção; porém, no Brasil, o uso mais corrente é conjugá-lo como *levar*. Os gramáticos recomendam-no com *e*

fechado: *pesa*, *pesam*; *pese*, *pesem*, etc. (é verbo defectivo, só usado nas terceiras pessoas).

c) a vogal *o* passa a *o* aberto quando não seguida de *m*, *n*, *nh* ou o verbo não termina por -*oar*:

tocar: toco, tocas, toca, tocamos, tocais, tocam

sonhar: sonho, sonhas, sonha, sonhamos, sonhais, sonham

perdoar: perdoo, perdoas, perdoa, perdoamos, perdoais, perdoam.

Na 2.ª conjugação:

a) as vogais tônicas *e* e *o* soam com timbre aberto na 2.ª e 3.ª pessoa do singular e na 3.ª do plural do pres. do ind. e na 2.ª pess. sing. do imperativo afirmativo, salvo se vierem seguidas de *m*, *n* ou *nh*:

dever: devo (ê), deves (é), deve (é), devemos, deveis, devem (é)

roer: rói, roei (ô)

volver: volvo (ô), volves (ó), volve (ó), volvemos, volveis, volvem (ó)

temer: temo (ê), temes (ê), teme (ê), tememos, temeis, temem

comer: como (ô), comes (ô), come (ô), etc.

Exceções: *querer* e *poder* têm a vogal tônica aberta na 1.ª pess. do sing.

Na 3.ª conjugação:

a) a vogal *e*, última do radical, sofre alternâncias diversas quando nela recai o acento tônico:

1 – Passa a *i* na 1.ª pess. do sing. do indic. e em todo o presente do subj. e *e* aberto na 2.ª e 3.ª pess. sing. e 3.ª do plural do pres. do indic. e 2.ª pess. sing. do imperativo nos verbos:

aderir, advertir, aferir, assentir, auferir, compelir, competir, concernir, conferir, conseguir, consentir, convergir, deferir, desferir, desmentir, despir, desservir, diferir, digerir, discernir, dissentir, divergir, divertir, expelir, ferir, impelir, ingerir, mentir, preferir, pressentir, preterir, proferir, prosseguir, referir, refletir, repelir, repetir, seguir, servir, sugerir, transferir, vestir:

vestir: visto, vestes, veste, etc.

OBSERVAÇÃO: Se o *e* for nasal mantém-se inalterável, exceto na 1.ª pess. singular do pres. do ind. e em todo o pres. do subj., onde passa a *i*: sentir: *sinto*, *sentes*, *sente*, etc.

2 – Passa a *i* nas três pessoas do singular e 3.ª do plural do presente do indicativo, em todo o pres. do subj. e imperativo, salvo, neste, a 2.ª pessoa do plural:

agredir, cerzir, denegrir, prevenir, progredir, regredir, transgredir, e remir (este defectivo, cf. **Verbos defectivos e abundantes**).

Pres. ind.: agrido, agrides, agride, agredimos, agredis, agridem

Pres. subj.: agrida, agridas, agrida, etc.

Imper. afirm.: agride, agrida, agridamos, agredi, agridam

3 – os verbos *medir*, *pedir*, *despedir*, *impedir* e (derivados) têm *e* aberto nas formas rizotônicas, isto é, nas três pessoas do singular e 3.ª do plural do presente do indicativo e subjuntivo, e no imperativo afirmativo, exceto, neste, na 2.ª pessoa do plural:

medir – pres. ind.: meço, medes, mede, medimos, medis, medem
pres. subj.: meça, meças, meça, etc.
imper. afirm.: mede, meça, meçamos, medi, meçam

4 – Os verbos *aspergir*, *emergir*, *imergir* e *submergir* têm *e* tônico fechado na 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo (e formas que daí se derivam); têm *e* aberto na 2.ª e 3.ª do singular e 3.ª do plural do presente do indicativo (e formas que daí se derivam):

aspergir: asperjo (ê), asperges (é), asperge (é), aspergimos, aspergis, aspergem (é).

b) a vogal *o* sofre também alternâncias diferentes, quando nela recai o acento tônico:

1 – Passa a *u* na 1.ª pessoa sing. do pres. ind., em todo o pres. do subj. e no imperativo, salvo, neste, a 2.ª pess. do singular e plural; e passa a *o* aberto na 2.ª e 3.ª sing. e 3.ª do plural do pres. ind. e 2.ª do singular do imperativo:

dormir – pres. ind.: durmo, dormes, dorme, dormimos, dormis, dormem
pres. subj.: durma, durmas, durma, etc.
imper. afirm.: dorme, durma, durmamos, dormi, durmam

Assim se conjugam *cobrir*, *descobrir*, *encobrir*, *recobrir*, *tossir*. *Dormir* e *tossir* são regulares no particípio: *dormido*, *tossido*.

Para a conjugação de *engolir* e *desengolir* que, a rigor, deveriam seguir este modelo, veja-se o que se diz mais adiante.

2 – Passa a *u* nas três pessoas do sing. e 3.ª do plural do presente do indicativo, em todo o pres. do subjuntivo e no imperativo afirmativo, exceto, neste, a 2.ª pessoa do plural:

sortir – pres. ind.: surto, surtes, surte, sortimos, sortis, surtem
pres. subj.: surta, surtas, surta, etc.
imperat. afirma.: surte, surta, surtamos, sorti, surtam

Por este modelo se conjugam *despolir* e *polir* (cf. **Verbos defectivos e abundantes**). Antigamente seguiam este paradigma *cortir* e *ordir*, hoje grafados *curtir* e *urdir* e de conjugação regular.

c) a vogal *u* da penúltima sílaba do radical passa a *o* aberto na 2.ª e 3.ª pess. do singular e 3.ª do plural do presente do indicativo e na 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo:

acudir – pres. ind.: acudo, acodes (ó), acode (ó), acudimos, acudis, acodem (ó)
pres. subj.: acuda, acudas, acuda, etc.
imper. afirm.: acode (ó), acuda, acudamos, acudi, acudam

Assim se conjugam *bulir*, *cuspir*, *escapulir*, *fugir*, *sacudir*. *Consumir* e *sumir* têm o *o* fechado por estar seguido de *m*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) *Assumir*, *presumir*, *reassumir*, *resumir* são regulares: Pres. ind.: assumo, assumes, assumimos, assumis, assumem.

2.ª) os verbos em *-uir* não apresentam alternâncias vocálicas no radical; a 2.ª e 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo têm *is* e *i* em lugar de *es* e *e*, por haver ditongo oral:

constituir: pres. ind.: constituo, constituis, constitui, constituímos, constituís, constituem.

Assim se conjugam *anuir*, *arguir*, *atribuir*, *constituir*, *destituir*, *diluir*, *diminuir*, *estatuir*, *imbuir*, *influir*, *instituir*, *instruir*, *puir* (defectivo), *restituir*, *redarguir*, *ruir*.

3.ª) *Construir*, *desentupir*, *destruir*, *entupir* (e cognatos) seguem este modelo ou ainda admitem alternância do *u* em *o* aberto na 2.ª e 3.ª pessoa do sing. e 3.ª do plural do presente do indicativo e na 2.ª pessoa do sing. do imperativo afirmativo. *Entupir* e *desentupir* só se afastam do grupo porque apresentam *es* e *e* na 2.ª e 3.ª pessoa do sing. do pres. ind.: *entupo, entupes* (ou *entopes*), *entupe* (ou *entope*), *entupimos, entupis, entupem* (ou *entopem*).

construo, construis (ou *constróis*), *construi* (ou *constrói*), *construímos, construís, construem* (ou *constroem*).

Estes verbos são portanto abundantes. *Obstruir* é, entretanto, conjugado apenas como *constituir*. Cf. obs. 2.ª.

4.ª) *Engolir*, ainda que se escreva com *o*, segue o paradigma de *acudir*; para o Vocabulário de nossa Academia: *engulo, engoles, engole, engulimos, engulis, engolem.* Melhor fora, porém, conjugá-lo com *o* nas duas primeiras pessoas do plural do pres. do indicativo, desfazendo-se a incoerência.

d) a vogal *i* do radical do verbo *frigir* passa a *e* aberto na 2.ª e 3.ª pess. sing. e na 3.ª do plural do pres. do indicativo e na 2.ª pess. sing. do imperativo afirmativo:

Pres. ind.: frijo, freges, frege, frigimos, frigis, fregem

Imper. afirm.: frege, frija, frijamos, frigi, frijam

Não há metafonia, isto é, a vogal é proferida fechada, nos seguintes casos [SA.2, 113]:

1) quando a vogal tônica se acha no fim do radical:
crê, crês; *lê, lês*

2) quando integra os ditongos *ou, ei*:
douro, douras; *cheiro, cheiras*

3) no ditongo *oi* seguido de consoante:
pernoito, pernoitas

4) quando a vogal é seguida de consoante nasal:
como, comes

5) nos verbos terminados em *-ear*, *-elhar*, *-ejar* (exceto *invejar*) e *-oar*:
receio, receias; *aparelho, aparelhas*; *desejo, desejas*; *coroo, coroas*

6) nos verbos *chegar* e *ensebar*:
chego, chegas; *ensebo, ensebas*

Verbos notáveis quanto à pronúncia ou flexão

a) *aguar, desaguar, apaziguar, enxaguar, apropinquar, averiguar,* e afins podem ser conjugados de duas formas:

Pres. ind.: águo, águas, água, aguamos, aguais, águam / aguo, aguas, agua, aguamos, aguais, aguam

Pres. subj.: águe, águes, águe, aguemos, agueis, águem / ague, agues, ague, aguemos, aguis, aguem

b) *arguir* e *redarguir* não levam acento agudo na vogal tônica *u* nas formas rizotônicas:

Pres. ind.: arguo (ú), arguis (ú), argui (ú), arguímos, arguís, arguem (ú)

Pres. subj.: argua (ú), arguas (ú), argua (ú), arguamos, arguais, arguam (ú)

c) *Magoar*, conjuga-se:

Pres. ind.: magoo, magoas, magoa, magoamos, magoais, magoam

Pres. subj.: magoe, magoes, magoe, magoemos, magoeis, magoem

d) *Mobiliar*, conjuga-se:

Pres. ind.: mobílio, mobílias, mobília, mobiliamos, mobiliais, mobíliam

Pres. subj.: mobílie, mobílies, mobílie, mobiliemos, mobilieis, mobíliem

Observação: A variante *mobilar* apresenta-se regularmente: mobilo, mobilas, mobila, etc.

e) *Resfolegar* conjuga-se:

Pres. ind.: resfólego, resfólegas, resfólega, resfolegamos, resfolegais, resfólegam

Pres. subj.: resfólegue, resfólegues, resfólegue, resfoleguemos, resfolegueis, resfóleguem.

Observações:

1.ª) A forma contrata de *resfolegar* é *resfolgar*, que se apresenta regularmente: resfolgo, resfolgas, resfolga, etc.

2.ª) O substantivo é *resfôlego*, proparoxítono, com *o* tônico fechado.

f) *Dignar-se, indignar-se, obstar, optar, adaptar, pugnar, impugnar, ritmar, raptar,* conjugam-se:

Presente do indicativo

indigno-me (dí)	obsto (ó)	opto (ó)	impugno (ú)	ritmo (í)
indignas-te (dí)	obstas (ó)	optas (ó)	impugnas (ú)	ritmas (í)

indigna-se (dí)	obsta (ó)	opta (ó)	impugna (ú)	ritma (í)
indignamo-nos	obstamos	optamos	impugnamos	ritmamos
indignais-vos	obstais	optais	impugnais	ritmais
indignam-se (dí)	obstam (ó)	optam (ó)	impugnam (ú)	ritmam (í)

rapto (rá), *raptas* (rá), *rapta* (rá), *raptamos*, *raptais*, *raptam* (rá)

g) *Obviar* conjuga-se:

Pres. ind.: obvio (í), obvias (í), obvia (í), obviamos, obviais, obviam (í)

h) *Apiedar* e *moscar* conjugam-se:

apiedar – pres. ind.: apiedo, apiedas, apieda, apiedamos, apiedais, apiedam

A lição antiga de alguns gramáticos e ortógrafos confundia o arcaico *apiadar* e *apiedar* numa só conjugação, o que não aconselhamos:

Pres. ind.: apiado, apiadas, apiada, apiedamos, apiedais, apiadam (isto é, *a* nas formas rizotônicas e *e* nas arrizotônicas).

A mesma confusão existia com *moscar* e *muscar* (sumir-se):

Pres. ind.: musco, muscas, musca, moscamos, moscais, muscam (isto é, *u* nas formas rizotônicas e *o* nas arrizotônicas).

Mais certo será conjugarmos regularmente *moscar*:

Pres. ind.: mosco, moscas, mosca, moscamos, moscais, moscam; e *muscar*:

Pres. ind.: musco, muscas, musca, muscamos, muscais, muscam.

A correção, porém, talvez seja mais difícil, por serem muito pouco usados *moscar* e *muscar*.

i) Verbos com os ditongos fechados *ou* e *ei*: *roubar* e *inteirar*.

Conjugam-se não se reduzindo a vogais abertas *o* e *e*, respectivamente:

Roubar	*Inteirar*
roubo (e não *róbo*, etc.)	inteiro (e não *intéro*, etc.)
roubas	inteiras
rouba	inteira
roubamos	inteiramos
roubais	inteirais
roubam	inteiram

j) Verbos com os ditongos fechados *eu* e *oi*: tipos *endeusar* e *noivar*. Conjugam-se mantendo o ditongo sem que o *e* ou o *o* passem a timbre aberto: *endeuso, endeusas, endeusa,* etc.; *noivo, noivas, noiva,* etc.

OBSERVAÇÃO: O verbo *apoiar* tinha primitivamente fechado o ditongo; hoje é mais corrente proferi-lo aberto: *apoio*, *apoias*, etc.

k) Verbos com o hiato *au*, *ai* e *iu*: tipos *saudar*, *embainhar* e *amiudar*. Conjugam-se mantendo o hiato:

saudar	*embainhar*	*amiudar*
saúdo	embainho	amiúdo
saúdas	embainhas	amiúdas
saúda	embainha	amiúda
saudamos	embainhamos	amiudamos
saudais	embainhais	amiudais
saúdam	embainham	amiúdam

OBSERVAÇÃO: *Arraigar* (com hiato) passou desde cedo a *arraigar* (com ditongo, *ar-rai-gar*) e daí a *arreigar*. As formas com ditongo são mais frequentes, embora modernamente se tenha restabelecido *arraigar* com hiato. *Saudar* proferido com ditongo (*saudo, saudas,* etc.) ocorre aqui e ali nos poetas e se fixa no falar coloquial e popular.

Verbos terminados em -*zer*, -*zir*: tipos *fazer* e *traduzir* – Perdem o *e* final na 3.ª pess. sing. do presente do indicativo e na 2.ª pess. sing. do imperativo afirmativo (este caso não é obrigatório e até, com exagero, vem condenado pelos gramáticos), quando o *z* não é precedido de consoante:

fazer: faço, fazes, faz, etc. Imp. afirm.: faze (ou faz) tu
traduzir: traduzo, traduzes, traduz, etc. Imp. afirm.: traduze (ou traduz) tu
Mas, *cerzir*: cirzo, cirzes, cirze, etc.

Variações gráficas na conjugação – Muitas vezes altera-se a maneira de representar na escrita a última consoante do radical para conservar o mesmo som:

1 – os verbos terminados em -*car* e -*gar* mudam o *c* ou *g* em *qu* ou *gu*, quando tais consoantes são seguidas de *e*:

pecar: peco, peques; *cegar*: cego, cegues

2 – os verbos terminados em -*cer* ou -*cir* têm *c* cedilhado antes de *a* ou *o*:

conhecer – conheço, conheces, conhece; *ressarcir* – ressarço, ressarces

3 – os verbos terminados em -*çar* perdem a cedilha antes do *e*:

começar – começo, comeces

4 – os verbos terminados em -*ger* ou -*gir* mudam o *g* em *j* antes de *a* ou *o*:

eleger – elejo, eleges; *fugir* – fujo, foges

5 – os verbos terminados em -*guer* ou -*guir* perdem o *u* antes de *a* ou *o*:

erguer – ergo, ergues, erga
conseguir – consigo, consegues, consiga

A vogal *e* passa a ser grafada *i* quando entra num ditongo *oral* (verbos em -*uir*): atribuo, atribu*is*, atribu*i*.

Estas variações gráficas não constituem irregularidades de conjugação, não havendo, por isso, verbos irregulares gráficos.

Verbos em -*ear* e -*iar* – Os verbos em -*ear* trocam o *e* por *ei* nas formas rizotônicas:

Nomear – pres. ind.: nom*ei*o, nom*ei*as, nom*ei*a, nom*e*amos, nom*e*ais, nom*ei*am.
pres. subj.: nom*ei*e, nom*ei*es, nom*ei*e, nom*e*emos, nom*e*eis, nom*ei*em.
imp. afirm.: nom*ei*a, nom*ei*e, nom*e*emos, nom*e*ai, nom*ei*em.

Os verbos em -*iar* são conjugados regularmente:

Premiar – pres. ind.: premio, premias, premia, premiamos, premiais, premiam.
pres. subj.: premie, premies, premie, etc.
imp. afirm.: premia, premie, premiemos, premiai, premiem.

Cinco verbos em -*iar* se conjugam, nas formas rizotônicas, como se terminassem em -*ear* (MARIO é o anagrama que deles se pode formar):

mediar: med*ei*o, med*ei*as, med*ei*a, mediamos, mediais, med*ei*am

ansiar: ans*ei*o, ans*ei*as, ans*ei*a, ansiamos, ansiais, ans*ei*am

remediar: remed*ei*o, remed*ei*as, remed*ei*a, remediamos, remediais, remed*ei*am

incendiar: incend*ei*o, incend*ei*as, incend*ei*a, incendiamos, incendiais, incend*ei*am

odiar: od*ei*o, od*ei*as, od*ei*a, odiamos, odiais, od*ei*am

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Enquanto no Brasil já vamos conjugando os verbos em -*ear* e -*iar* pelo que acabamos de expor, entre os portugueses ainda se notam vacilações em muitos que, grafados com -*iar*, deveriam seguir o modelo de *premiar*, mas se acostam ao de *nomear*, dada a homofonia dos dois finais na fala corrente: além do próprio *premiar*, *agenciar*, *comerciar*, *licenciar*, *negociar*, *penitenciar*, *obsequiar*, *presenciar*, *providenciar*, *reverenciar*, *sentenciar*, *vangloriar*, *vitoriar*, *evidenciar*, *glorificar*, *diligenciar* e outros.

2.ª) Hoje não fazemos distinção entre *crear* (tirar do nada, dar existência) e *criar* (educar, cultivar, promover o desenvolvimento), usando apenas *criar* para ambos os casos, que se conjuga como *premiar*. Entre escritores modernos, porém, podem ocorrer exemplos de *crear*, conjugado como *nomear*.

3.ª) A diferença de conjugação torna-se imperiosa nos parônimos: *afear* e *afiar*; *arrear* e *arriar*; *estrear* e *estriar*; *vadear* e *vadiar*, etc.

Quando grafar -*ear* ou -*iar* – Grafam-se com -*ear* os verbos que possuem formas substantivas ou adjetivas cognatas terminadas em:

a) -*é*, -*eio*, -*eia*, -*éia*:

pé – apear ceia – cear
passeio – passear ideia – idear
Exceção: fé – fiar

b) consoante ou pelas vogais átonas -*a*, -*e*, -*o* precedidas de consoante:

mar – marear pente – pentear
casa – casear branco – branquear
Exceções: amplo – ampliar lume – alumiar
breve – abreviar sede – sediar
finança – financiar êxtase – extasiar
graça – agraciar

Incluem-se entre os verbos em -*ear*: *atear*, *bambolear*, *bruxulear*, *cecear*, *derrear*, *favonear*, *pavonear*, *semear*, *vadear*.

Grafam-se com -*iar* os verbos que possuem formas substantivas cognatas terminadas em:

a) -*io*, -*ia*:

alívio – aliviar delícia – deliciar
sócio – associar polícia – policiar
óbvio – obviar assovio – assoviar

b) -*ânsia*, -*ência*, -*ença*:

distância – distanciar presença – presenciar
diligência – diligenciar sentença – sentenciar

Incluem-se no rol dos verbos em *-iar*: *anuviar*, *apreciar*, *depreciar*, *saciar*.

OBSERVAÇÃO: Muitas vezes o final *-ear* ou *-iar* se pode alternar com o simples *-ar*: *azular* ou *azulear*; *bajar* ou *bagear* (produzir vagens); *diferenciar* ou *diferençar*; *balançar* ou *balancear*, *homicidar* ou *homicidiar*, etc.

Erros frequentes na conjugação de alguns verbos

a) *Vir* e seus derivados

No presente do indicativo temos: *venho, vens, vem, vimos* (e não *viemos*), *vindes, vêm*.

No pretérito perfeito do indicativo: *vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.*

O gerúndio é igual ao particípio, porque neste desapareceu a vogal temática: *vindo* (vi-ndo) e *vindo* (vin-i-do).

Notem-se estes enganos comuns nos derivados de *vir*, no pret. perf. ind.:

Os guardas *interviram* na discussão (em lugar de *intervieram*).

A professora *interviu* no caso (em lugar de *interveio*).

O futuro do subjuntivo é *vier*: Quando eu *vier*... (e não *vir*):

E, incapazes de negar a beleza (...) assaltaram a ave de Juno (...) *intervieram* para impor silêncio o leão e o tigre [JR.2, 200].

O Senhor Araña y Araña *conveio* em que o panorama era magnificente (...) [JR.2, 189].

b) *Ver* e seus derivados

Prover não se conjuga como *ver* no:

pret. perf. ind.: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram
m.-q.-perf. ind.: provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram
imperf. subj.: provesse, provesses, provesse, provêssemos, provêsseis, provessem
fut. subj.: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem
particípio: provido

Rever é conjugado como *ver*; por isso está errada a flexão em:

A aluna *reveu* (em vez de *reviu*) a prova.

Antever é conjugado como *ver* e, por isso, enganou-se o nosso Casimiro de Abreu ao escrever:

"Quem *antevera* (com *e*) que dum povo a ruína
Pelo seu próprio rei cavada fosse?" [SS.4, 34].

O futuro do subjuntivo é *vir*:

Quando eu vier à cidade e *vir* oportunidade de comprá-lo, então o farei (e não ver!).

c) Precaver-se.

É verbo defectivo que nada tem com *ver* ou *vir*; por isso evite-se dizer

Eu me *precavejo* ou Eu me *precavenho*.

Precavejam-se ou *Precavenham-se*.

Para sua conjugação, veja-se **Verbos defectivos e abundantes**.

d) *Reaver*.

É verbo defectivo, derivado de *haver*, que só se conjuga nas formas em que este possui *-v-*. Não se deve dizer: Eu *reavejo* ou Eu *reavenho*

Cuidado especial merece também o pret. perf.: *reouve*, *reouveste*, *reouve*, *reouvemos*,

reouvestes, *reouveram*.

Por isso evitem-se empregos como: *eu reavi*, *ele reaveu*, etc. Cf. **Verbos defectivos e abundantes**.

e) *Ter* e seus derivados

Deter, derivado de *ter*, conjuga-se como este. Logo está errada a frase:

O policial *deteu* (por *deteve*!) o criminoso.

Sirva de exemplo o caso que vou referir, segundo o texto autorizado de um doutor que (...) *entreteve* um diálogo com um dos últimos gregos [JR.2, 183].

f) *Pôr* e seus derivados.

Opor é derivado de *pôr* e por ele se modela na conjugação. Assim enganou-se o poeta Porto-Alegre nestes versos, usando *opor* em vez de *opuser*:

"Se aos paternos errores de contraste,
E à minha influição *opor* virtudes" [PA.1, II, 154 *apud* SS.4, 34].

g) *Estar* e seus derivados.

Sobrestar é derivado de *estar* e por ele se conjuga; porém, costuma-se ver modelado pelo verbo *ter*, como se fosse *sobrester*. Assim não está certo o seguinte exemplo de Alberto de Oliveira:

"Deixando a enferma, *sobrestenho* o passo" [AO.2 *apud* SS.4].

h) *Haver-se* e *avir-se*.

Estes verbos têm empregos diferentes. *Haver-se* (com alguém) significa:

1) *proceder*, *portar-se*:

"Ele, porém, *houve-se* com a maior delicadeza" [MA.1, 364].

2) *ser chamado a ordem*, *entrar em disputa com alguém*, *conciliar*, e aparece nas ameaças:

Ele tem de *se haver* comigo.

"Aquele que sobre ti lançar vistas de amor ou de cobiça, comigo *se haverá*" [MP.1, 139 *apud* SS.1, 361].

3) *conciliar*

Avir-se é sinônimo de *haver-se*, no sentido 3), isto é, significa *entrar em acordo com*, *conciliar*:

"Lá *se avenham* os sorveteiros com Boileau" [FE.2, V, 46 *apud* RB.1, 391 nota].

Desavir-se é o contrário de *avir-se*:

Os amigos *se desavieram* (e não *se desouveram*!) por muito pouco.

Erra-se frequentes vezes empregando-se, nas ameaças, *avir-se* por *haver-se*: Ele tem de *se avir* comigo (em lugar de *se haver*).

Paradigma dos verbos regulares

Com destaque dos elementos estruturais

1 – Conjugação simples

1.ª – ***Cant-a-r*** 2.ª – ***Vend-e-r*** 3.ª – ***Part-i-r***

MODO INDICATIVO

Presente

Cant-o	Vend-o	Part-o
Cant-a-s	Vend-e-s	Part-e-s
Cant-a	Vend-e	Part-e
Cant-a-mos	Vend-e-mos	Part-i-mos
Cant-a-is	Vend-e-is	Part-is
Cant-a-m	Vend-e-m	Part-e-m

Pretérito imperfeito

Cant-a-va	Vend-ia	Part-ia
Cant-a-va-s	Vend-ia-s	Part-ia-s
Cant-a-va	Vend-ia	Part-ia
Cant-á-va-mos	Vend-ía-mos	Part-ía-mos
Cant-á-ve-is	Vend-íe-is	Part-íe-is
Cant-a-va-m	Vend-ia-m	Part-ia-m

Pretérito perfeito

Cant-e-i	Vend-i	Part-i
Cant-a-ste	Vend-e-ste	Part-i-ste
Cant-o-u	Vend-e-u	Part-i-u
Cant-a-mos	Vend-e-mos	Part-i-mos
Cant-a-stes	Vend-e-stes	Part-i-stes
Cant-a-ra-m	Vend-e-ra-m	Part-i-ra-m

Pretérito mais-que-perfeito

Cant-a-ra	Vend-e-ra	Part-i-ra
Cant-a-ra-s	Vend-e-ras	Part-i-ra-s
Cant-a-ra	Vend-e-ra	Part-i-ra
Cant-á-ra-mos	Vend-ê-ra-mos	Part-í-ra-mos
Cant-á-re-is	Vend-ê-re-is	Part-í-re-is
Cant-a-ra-m	Vend-e-ra-m	Part-i-ra-m

Futuro do presente

Cant-a-re-i	Vend-e-re-i	Part-i-re-i
Cant-a-rá-s	Vend-e-rá-s	Part-i-rá-s
Cant-a-rá	Vend-e-rá	Part-i-rá

Cant-a-re-mos	Vend-e-re-mos	Part-i-re-mos
Cant-a-re-is	Vend-e-re-is	Part-i-re-is
Cant-a-rã-o	Vend-e-rã-o	Part-i-rã-o

Futuro do pretérito

Cant-a-ria	Vend-e-ria	Part-i-ria
Cant-a-ria-s	Vend-e-ria-s	Part-i-ria-s
Cant-a-ria	Vend-e-ria	Part-i-ria
Cant-a-ría-mos	Vend-e-ría-mos	Part-i-ría-mos
Cant-a-ríe-is	Vend-e-ríe-is	Part-i-ríe-is
Cant-a-ria-m	Vend-e-ria-m	Part-i-ria-m

MODO SUBJUNTIVO

Presente

Cant-e	Vend-a	Part-a
Cant-e-s	Vend-a-s	Part-a-s
Cant-e	Vend-a	Part-a
Cant-e-mos	Vend-a-mos	Part-a-mos
Cant-e-is	Vend-a-is	Part-a-is
Cant-e-m	Vend-a-m	Part-a-m

Pretérito Imperfeito

Cant-a-sse	Vend-e-sse	Part-i-sse
Cant-a-sse-s	Vend-e-sse-s	Part-i-sse-s
Cant-a-sse	Vend-e-sse	Part-i-sse
Cant-á-sse-mos	Vend-ê-sse-mos	Part-í-sse-mos
Cant-á-sse-is	Vend-ê-sse-is	Part-í-sse-is
Cant-a-sse-m	Vend-e-sse-m	Part-i-sse-m

Futuro

Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r
Cant-a-re-s	Vend-e-re-s	Part-i-re-s
Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r
Cant-a-r-mos	Vend-e-r-mos	Part-i-r-mos
Cant-a-r-des	Vend-e-r-des	Part-i-r-des
Cant-a-re-m	Vend-e-re-m	Part-i-re-m

MODO IMPERATIVO

Afirmativo

Cant-a tu	Vend-e tu	Part-e tu
Cant-e você	Vend-a você	Part-a você
Cant-e-mos nós	Vend-a-mos nós	Part-a-mos nós
Cant-a-i vós	Vend-e-i vós	Part-i vós
Cant-e-m vocês	Vend-a-m vocês	Part-a-m vocês

Negativo

Não cant-e-s tu	Não vend-a-s tu	Não part-a-s tu
Não cant-e você	Não vend-a você	Não part-a você
Não cant-e-mos nós	Não vend-a-mos nós	Não part-a-mos nós
Não cant-e-is vós	Não vend-a-is vós	Não part-a-is vós
Não cant-e-m vocês	Não vend-a-m vocês	Não part-a-m vocês

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo

Não flexionado

Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r

Flexionado

Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r
Cant-a-re-s	Vend-e-re-s	Part-i-re-s
Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r
Cant-a-r-mos	Vend-e-r-mos	Part-i-r-mos
Cant-a-r-des	Vend-e-r-des	Part-i-r-des
Cant-a-re-m	Vend-e-re-m	Part-i-re-m

Gerúndio

Cant-a-ndo	Vend-e-ndo	Part-i-ndo

Particípio

Cant-a-do	Vend-i-do	Part-i-do

MODO INDICATIVO

Pretérito perfeito composto

Tenho cantado	Tenho vendido	Tenho partido
Tens cantado	Tens vendido	Tens partido
Tem cantado	Tem vendido	Tem partido
Temos cantado	Temos vendido	Temos partido
Tendes cantado	Tendes vendido	Tendes partido
Têm cantado	Têm vendido	Têm partido

Pretérito mais-que-perfeito composto

Tinha cantado	Tinha vendido	Tinha partido
Tinhas cantado	Tinhas vendido	Tinhas partido
Tinha cantado	Tinha vendido	Tinha partido
Tínhamos cantado	Tínhamos vendido	Tínhamos partido
Tínheis cantado	Tínheis vendido	Tínheis partido
Tinham cantado	Tinham vendido	Tinham partido

Futuro do presente composto

Terei cantado	Terei vendido	Terei partido
Terás cantado	Terás vendido	Terás partido
Terá cantado	Terá vendido	Terá partido
Teremos cantado	Teremos vendido	Teremos partido
Tereis cantado	Tereis vendido	Tereis partido
Terão cantado	Terão vendido	Terão partido

Futuro do pretérito composto

Teria cantado	Teria vendido	Teria partido
Terias cantado	Terias vendido	Terias partido
Teria cantado	Teria vendido	Teria partido
Teríamos cantado	Teríamos vendido	Teríamos partido
Teríeis cantado	Teríeis vendido	Teríeis partido
Teriam cantado	Teriam vendido	Teriam partido

MODO SUBJUNTIVO

Pretérito perfeito

Tenha cantado	Tenha vendido	Tenha partido
Tenhas cantado	Tenhas vendido	Tenhas partido
Tenha cantado	Tenha vendido	Tenha partido
Tenhamos cantado	Tenhamos vendido	Tenhamos partido
Tenhais cantado	Tenhais vendido	Tenhais partido
Tenham cantado	Tenham vendido	Tenham partido

Pretérito mais-que-perfeito

Tivesse cantado	Tivesse vendido	Tivesse partido
Tivesses cantado	Tivesses vendido	Tivesses partido
Tivesse cantado	Tivesse vendido	Tivesse partido
Tivéssemos cantado	Tivéssemos vendido	Tivéssemos partido
Tivésseis cantado	Tivésseis vendido	Tivésseis partido
Tivessem cantado	Tivessem vendido	Tivessem partido

Futuro composto

Tiver cantado	Tiver vendido	Tiver partido
Tiveres cantado	Tiveres vendido	Tiveres partido
Tiver cantado	Tiver vendido	Tiver partido
Tivermos cantado	Tivermos vendido	Tivermos partido
Tiverdes cantado	Tiverdes vendido	Tiverdes partido
Tiverem cantado	Tiverem vendido	Tiverem partido

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo

Não flexionado composto

Ter cantado	Ter vendido	Ter partido

Flexionado composto

Ter cantado	Ter vendido	Ter partido
Teres cantado	Teres vendido	Teres partido
Ter cantado	Ter vendido	Ter partido
Termos cantado	Termos vendido	Termos partido
Terdes cantado	Terdes vendido	Terdes partido
Terem cantado	Terem vendido	Terem partido

Gerúndio composto

Tendo cantado	Tendo vendido	Tendo partido

Conjugação de verbos auxiliares mais comuns

1 – Conjugação simples

Ser	***Estar***	***Ter***	***Haver***
		MODO INDICATIVO	
		Presente	
Sou	Estou	Tenho	Hei
És	Estás	Tens	Hás
É	Está	Tem	Há
Somos	Estamos	Temos	Havemos
Sois	Estais	Tendes	Haveis
São	Estão	Têm [1]	Hão
		Pretérito Imperfeito	
Era	Estava	Tinha	Havia
Eras	Estavas	Tinhas	Havias
Era	Estava	Tinha	Havia
Éramos	Estávamos	Tínhamos	Havíamos
Éreis	Estáveis	Tínheis	Havíeis
Eram	Estavam	Tinham	Haviam
		Pretérito perfeito	
Fui	Estive	Tive	Houve
Foste	Estiveste	Tiveste	Houveste
Foi	Esteve	Teve	Houve
Fomos	Estivemos	Tivemos	Houvemos
Fostes	Estivestes	Tivestes	Houvestes
Foram	Estiveram	Tiveram	Houveram
		Pretérito mais-que-perfeito	
Fora	Estivera	Tivera	Houvera
Foras	Estiveras	Tiveras	Houveras

Fora	Estivera	Tivera	Houvera
Fôramos	Estivéramos	Tivéramos	Houvéramos
Fôreis	Estivéreis	Tivéreis	Houvéreis
Foram	Estiveram	Tiveram	Houveram

Futuro do presente

Serei	Estarei	Terei	Haverei
Serás	Estarás	Terás	Haverás
Será	Estará	Terá	Haverá
Seremos	Estaremos	Teremos	Haveremos
Sereis	Estareis	Tereis	Havereis
Serão	Estarão	Terão	Haverão

Futuro do pretérito

Seria	Estaria	Teria	Haveria
Serias	Estarias	Terias	Haverias
Seria	Estaria	Teria	Haveria
Seríamos	Estaríamos	Teríamos	Haveríamos
Seríeis	Estaríeis	Teríeis	Haveríeis
Seriam	Estariam	Teriam	Haveriam

MODO SUBJUNTIVO

Presente

Seja	Esteja	Tenha	Haja
Sejas	Estejas	Tenhas	Hajas
Seja	Esteja	Tenha	Haja
Sejamos	Estejamos	Tenhamos	Hajamos
Sejais	Estejais	Tenhais	Hajais
Sejam	Estejam	Tenham	Hajam

Pretérito imperfeito

Fosse	Estivesse	Tivesse	Houvesse
Fosses	Estivesses	Tivesses	Houvesses
Fosse	Estivesse	Tivesse	Houvesse
Fôssemos	Estivéssemos	Tivéssemos	Houvéssemos
Fôsseis	Estivésseis	Tivésseis	Houvésseis

Fossem	Estivessem	Tivessem	Houvessem

Futuro

For	Estiver	Tiver	Houver
Fores	Estiveres	Tiveres	Houveres
For	Estiver	Tiver	Houver
Formos	Estivermos	Tivermos	Houvermos
Fordes	Estiverdes	Tiverdes	Houverdes
Forem	Estiverem	Tiverem	Houverem

MODO IMPERATIVO

Afirmativo

Sê tu	Está tu	Tem tu[2]	Há tu
Seja você	Esteja você	Tenha você	Haja você
Sejamos nós	Estejamos nós	Tenhamos nós	Hajamos nós
Sede vós	Estai vós	Tende vós	Havei vós
Sejam vocês	Estejam vocês	Tenham vocês	Hajam vocês

Negativo

Não sejas tu	Não estejas tu	Não tenhas tu	Não hajas tu
Não seja você	Não esteja você	Não tenha você	Não haja você
Não sejamos nós	Não estejamos nós	Não tenhamos nós	Não hajamos nós
Não sejais vós	Não estejais vós	Não tenhais vós	Não hajais vós
Não sejam vocês	Não estejam vocês	Não tenham vocês	Não hajam vocês

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado

Ser	Estar	Ter	Haver

Infinitivo flexionado

Ser	Estar	Ter	Haver
Seres	Estares	Teres	Haveres
Ser	Estar	Ter	Haver
Sermos	Estarmos	Termos	Havermos
Serdes	Estardes	Terdes	Haverdes
Serem	Estarem	Terem	Haverem

Gerúndio

Sendo	Estando	Tendo	Havendo

Particípio

Sido	Estado	Tido	Havido

1. O *Vocabulário Oficial* só adota esta forma; porém, nos poetas pode ocorrer a pronúncia como dissílabo – *te-em-*, como dizem *creem*, *deem*, *leem*, *veem*. Ocorre o mesmo com *vêm* (de *vir*). Note-se, de passagem, que os dissílabos *creem*, *deem*, *leem*, *veem*, são pronúncias relativamente modernas. As formas antigas eram: *crem*, *dem*, *lem*, *vem*.

2. Com *m* final, e não com *n*.

2 – Conjugação composta

MODO INDICATIVO

Pretérito perfeito composto

Tenho	(ou hei)	sido, estado, tido, havido
Tens	(ou hás)	
Tem	(ou há)	
Temos	(ou havemos)	
Tendes	(ou haveis)	
Têm	(ou hão)	

Pretérito mais-que-perfeito composto

Tinha	(ou havia)	sido, estado, tido, havido
Tinhas	(ou havias)	
Tinha	(ou havia)	
Tínhamos	(ou havíamos)	
Tínheis	(ou havíeis)	
Tinham	(ou haviam)	

Futuro do presente composto

Terei	(ou haverei)	sido, estado, tido, havido
Terás	(ou haverás)	
Terá	(ou haverá)	
Teremos	(ou haveremos)	
Tereis	(ou havereis)	
Terão	(ou haverão)	

Futuro do Pretérito composto

Teria	(ou haveria)	sido, estado, tido, havido
Terias	(ou haverias)	
Teria	(ou haveria)	
Teríamos	(ou haveríamos)	
Teríeis	(ou haveríeis)	
Teriam	(ou haveriam)	

MODO SUBJUNTIVO

Pretérito perfeito

Tenha	(ou haja)	sido, estado, tido, havido
Tenhas	(ou hajas)	
Tenha	(ou haja)	
Tenhamos	(ou hajamos)	
Tenhais	(ou hajais)	
Tenham	(ou hajam)	

Pretérito mais-que-perfeito

Tivesse	(ou houvesse)	sido, estado, tido, havido
Tivesses	(ou houvesses)	
Tivesse	(ou houvesse)	
Tivéssemos	(ou houvéssemos)	
Tivésseis	(ou houvésseis)	
Tivessem	(ou houvessem)	

Futuro composto

Tiver	(ou houver)	sido, estado, tido, havido
Tiveres	(ou houveres)	
Tiver	(ou houver)	
Tivermos	(ou houvermos)	
Tiverdes	(ou houverdes)	
Tiverem	(ou houverem)	

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado composto

Ter	(ou haver)	sido, estado, tido, havido

Infinitivo flexionado composto

Ter	(ou haver)	sido, estado, tido, havido
Teres	(ou haveres)	
Ter	(ou haver)	
Termos	(ou havermos)	
Terdes	(ou haverdes)	
Terem	(ou haverem)	

Gerúndio

Tendo (ou havendo) sido, estado, tido, havido

Conjugação do verbo *pôr*

1 – Conjugação simples

MODO INDICATIVO

Presente	Pretérito imperfeito	Pretérito perfeito
Ponho	Punha	Pus
Pões	Punhas	Puseste
Põe	Punha	Pôs
Pomos	Púnhamos	Pusemos
Pondes	Púnheis	Pusestes
Põem	Punham	Puseram

Pretérito mais-que-perf.	Futuro do pretérito	Futuro do presente
Pusera	Poria	Porei
Puseras	Porias	Porás
Pusera	Poria	Porá
Puséramos	Poríamos	Poremos
Puséreis	Poríeis	Poreis
Puseram	Poriam	Porão

MODO SUBJUNTIVO

Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
Ponha	Pusesse	Puser
Ponhas	Pusesses	Puseres
Ponha	Pusesse	Puser
Ponhamos	Puséssemos	Pusermos
Ponhais	Puséssеis	Puserdes

Ponham	Pusessem	Puserem

MODO IMPERATIVO

Afirmativo	Negativo
Põe tu	Não ponhas tu
Ponha você	Não ponha você
Ponhamos nós	Não ponhamos nós
Ponde vós	Não ponhais vós
Ponham vocês	Não ponham vocês

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado	Infinitivo flexionado
Pôr	Pôr
	Pores
	Pôr
	Pormos
	Pordes
	Porem

Gerúndio	Particípio
Pondo	Posto

2 - Conjugação composta

MODO INDICATIVO

Pretérito perfeito composto		Pretérito mais-que-perfeito composto	
Tenho	posto	Tinha	posto
Tens	posto	Tinhas	posto
Tem	posto	Tinha	posto
Temos	posto	Tínhamos	posto
Tendes	posto	Tínheis	posto
Têm	posto	Tinham	posto

Futuro do presente composto		Futuro do pretérito composto	
Terei	posto	Teria	posto
Terás	posto	Terias	posto
Terá	posto	Teria	posto

Teremos	posto	Teríamos	posto
Tereis	posto	Teríeis	posto
Terão	posto	Teriam	posto

MODO SUBJUNTIVO

Pretérito perfeito		Pretérito mais-que-perf.		Futuro	
Tenha	posto	Tivesse	posto	Tiver	posto
Tenhas	posto	Tivesses	posto	Tiveres	posto
Tenha	posto	Tivesse	posto	Tiver	posto
Tenhamos	posto	Tivéssemos	posto	Tivermos	posto
Tenhais	posto	Tivésseis	posto	Tiverdes	posto
Tenham	posto	Tivessem	posto	Tiverem	posto

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado		Infinitivo flexionado	
Ter	posto	Ter	posto
		Teres	posto
		Ter	posto
		Termos	posto
		Terdes	posto
		Terem	posto

Gerúndio composto	
Tendo	posto

Conjugação de um verbo composto na voz passiva: *ser amado*

MODO INDICATIVO

Presente		Pretérito imperfeito		Pretérito perf. simples	
Sou	amado	Era	amado	Fui	amado
És	amado	Eras	amado	Foste	amado
É	amado	Era	amado	Foi	amado
Somos	amados	Éramos	amados	Fomos	amados
Sois	amados	Éreis	amados	Fostes	amados

São	amados	Eram	amados	Foram	amados

Pretérito perfeito composto

Tenho	sido amado
Tens	sido amado
Tem	sido amado
Temos	sido amados
Tendes	sido amados
Têm	sido amados

Pretérito mais-que-perfeito simples

Fora	amado
Foras	amado
Fora	amado
Fôramos	amados
Fôreis	amados
Foram	amados

Pret. mais-que-perfeito composto

Tinha	sido amado
Tinhas	sido amado
Tinha	sido amado
Tínhamos	sido amados
Tínheis	sido amados
Tinham	sido amados

Futuro do presente simples

Serei	amado
Serás	amado
Será	amado
Seremos	amados
Sereis	amados
Serão	amados

Futuro do presente composto

Terei	sido amado
Terás	sido amado
Terá	sido amado
Teremos	sido amados
Tereis	sido amados
Terão	sido amados

Futuro do pretérito simples

Seria	amado
Serias	amado
Seria	amado
Seríamos	amados
Seríeis	amados
Seriam	amados

Futuro do pretérito composto

Teria	sido amado
Terias	sido amado
Teria	sido amado
Teríamos	sido amados
Teríeis	sido amados
Teriam	sido amados

MODO SUBJUNTIVO

Presente

Seja	amado

Pretérito imperfeito

Fosse	amado

Pretérito perfeito

Tenha	sido amado

Sejas	amado	Fosses	amado	Tenhas	sido amado
Seja	amado	Fosse	amado	Tenha	sido amado
Sejamos	amados	Fôssemos	amados	Tenhamos	sido amados
Sejais	amados	Fôsseis	amados	Tenhais	sido amados
Sejam	amados	Fossem	amados	Tenham	sido amados

Pretérito mais-que-perfeito		Futuro		Futuro composto	
Tivesse	sido amado	For	amado	Tiver	sido amado
Tivesses	sido amado	Fores	amado	Tiveres	sido amado
Tivesse	sido amado	For	amado	Tiver	sido amado
Tivéssemos	sido amados	Formos	amados	Tivermos	sido amados
Tivésseis	sido amados	Fordes	amados	Tiverdes	sido amados
Tivessem	sido amados	Forem	amados	Tiverem	sido amados

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado		Infinitivo não flexionado composto	
Ser	amado	Ter	sido amado

Infinitivo flexionado composto		Infinitivo flexionado	
Ser	amado	Ter	sido amado
Seres	amado	Teres	sido amado
Ser	amado	Ter	sido amado
Sermos	amados	Termos	sido amados
Serdes	amados	Terdes	sido amados
Serem	amados	Terem	sido amados

Gerúndio	Gerúndio composto	
Sendo amado	Tendo	sido amado

OBSERVAÇÕES sobre a voz passiva:

1.ª) O particípio neste caso aparece na forma feminina se a referência é feita a ser do gênero feminino:

Ele é *amado*. Ela é *amada*.

2.ª) Também nas três pessoas do plural o particípio vai ao plural:

Voz ativa – Ela tem *estudado*. Elas têm *estudado*.

Voz passiva – Ela é *amada*. Elas são *amadas*.

3.ª) Na voz passiva não se usa o imperativo.

Conjugação de um verbo *pronominal*: *apiedar-se* – Já vimos que o verbo se diz

pronominal quando o pronome oblíquo se refere ao pronome reto:

Eu *me* visto. Nós *nos* arrependemos. Eles *se* foram.

O pronome átono pode vir antes, no meio ou depois do verbo ou verbos (se for uma conjugação composta), de acordo com certos princípios que serão futuramente estudados:

a) *próclise*: se o vocábulo átono vem antes: Ele se feriu (pronome átono proclítico);

b) mesóclise: se o vocábulo átono vem no meio (dos futuros, do presente e do pretérito): Vestir-se-á se puder. Vestir-nos-íamos se pudéssemos (pronome átono mesoclítico);

c) *ênclise*: se o vocábulo átono vem depois: Queixamo-nos ao diretor (pronome átono enclítico).

NOTA IMPORTANTE – Se o pronome for enclítico, nestes casos, só haverá uma alteração no verbo a que pertencer o pronome: perderá o *s* final da 1.ª pessoa do plural:

queixo-me
queixas-te
queixa-se
queixamo-nos
queixais-vos
queixam-se

Nas outras posições, o verbo ficará intacto:

Nós nos queixamos. Queixar-nos-emos.

Atente-se para o seguinte modelo e para as observações feitas sobre a impossibilidade da posposição em algumas formas:

Apiedar-se

MODO INDICATIVO

Presente	Pretérito imperfeito	Pretérito perfeito
apiedo-me	apiedava-me	apiedei-me
apiedas-te	apiedavas-te	apiedaste-te
apieda-se	apiedava-se	apiedou-se
apiedamo-nos	*apiedávamo-nos*	*apiedamo-nos*
apiedais-vos	apiedáveis-vos	apiedastes-vos
apiedam-se	apiedavam-se	apiedaram-se

Pretérito perfeito composto		Pretérito mais-que-perfeito
tenho-me	apiedado [1]	apiedara-me
tens-te	apiedado	apiedaras-te
tem-se	apiedado	apiedara-se
temo-nos	*apiedado*	*apiedáramo-nos*
tendes-vos	apiedado	apiedáreis-vos
têm-se	apiedado	apiedaram-se

Pretérito mais-que-perfeito composto

tinha-me	apiedado
tinhas-te	apiedado
tinha-se	apiedado
tínhamo-nos	*apiedado*
tínheis-vos	apiedado
tinham-se	apiedado

Futuro do presente

apiedar-me-ei [2]
apiedar-te-ás
apiedar-se-á
apiedar-nos-emos
apiedar-vos-eis
apiedar-se-ão

Futuro do presente composto

ter-me-ei	apiedado
ter-te-ás	apiedado
ter-se-á	apiedado
ter-nos-emos	apiedado
ter-vos-eis	apiedado
ter-se-ão	apiedado

Futuro do pretérito

apiedar-me-ia
apiedar-te-ias
apiedar-se-ia
apiedar-nos-íamos
apiedar-vos-íeis
apiedar-se-iam

Futuro do pretérito composto

ter-me-ia	apiedado
ter-se-ias	apiedado
ter-se-ia	apiedado
ter-nos-íamos	apiedado
ter-vos-íeis	apiedado
ter-se-iam	apiedado

1 Nunca se use pronome átono posposto a particípio.

2 Nunca se use pronome átono posposto aos futuros do presente e do pretérito; usar-se-á a anteposição ou a interposição, como veremos depois.

MODO SUBJUNTIVO

NOTA: Raramente aparece pronome posposto a verbo neste modo, por aparecer, em geral, em oração subordinada.

Presente	**Pretérito imperfeito**	**Pretérito perfeito**
apiede-me	apiedasse-me	Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!
apiedes-te	apiedasses-te	
apiede-se	apiedasse-se	
apiedemo-nos	*apiedássemo-nos*	
apiedeis-vos	apiedásseis-vos	
apiedem-se	apiedassem-se	

Pretérito mais-que-perfeito		**Futuro composto**
tivesse-me	apiedado	
tivesses-te	apiedado	

tivesse-se	apiedado	Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!
tivéssemo-nos	*apiedado*	
tivésseis-vos	apiedado	
tivessem-se	apiedado	

MODO IMPERATIVO

Afirmativo	**Negativo**
apieda-te tu	
apiede-se você	
apiedemo-nos nós	Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!
apiedai-vos vós	
apiedem-se vocês	

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado simples	**Infinitivo não flexionado composto**	
apiedar-me	ter-me	apiedado
apiedar-te	ter-te	apiedado
apiedar-se	ter-se	apiedado
apiedar-nos	ter-nos	apiedado
apiedar-vos	ter-vos	apiedado
apiedar-se	ter-se	apiedado
Infinito flexionado simples	**Infinito flexionado composto**	
apiedar-me	ter-me	apiedado
apiedares-te	teres-te	apiedado
apiedar-se	ter-se	apiedado
apiedarmo-nos	*termo-nos*	*apiedado*
apiedardes-vos	terdes-vos	apiedado
apiedarem-se	terem-se	apiedado
Gerúndio simples	**Gerúndio composto**	
apiedando-me	tendo-me	apiedado
apiedando-te	tendo-te	apiedado
apiedando-se	tendo-se	apiedado
apiedando-nos	tendo-nos	apiedado
apiedando-vos	tendo-vos	apiedado
apiedando-se	tendo-se	apiedado

Particípio

Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!

Conjugação de um verbo com pronome oblíquo átono (sem ser pronominal): tipo ***pô-lo*** – O verbo pode acompanhar-se de um pronome oblíquo átono que não se refira ao pronome reto, isto é, ao sujeito:

Eu *o* vi. Nós *te* admiramos. Ela *o* chama.

Quando os pronomes oblíquos átonos *o*, *a*, *os*, *as* estiverem depois do verbo ou no meio modificam-se de acordo com o final a que se acham pospostos:

a) se o verbo terminar por vogal ou semivogal oral, os pronomes aparecem inalterados: ponho-*o*, ponho-*a*, ponho-*os*, ponho-*as*;

b) se o verbo terminar por *r*, *s* ou *z*, desaparecem estas consoantes e os pronomes aparecem nas antigas formas *lo*, *la*, *los*, *las*:

pôr lo = pô-lo; pões lo = põe-lo; diz lo = di-lo; deixar lo ia = deixá-lo-ia

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Recorde-se a acentuação dos oxítonos estudada em **Regras de acentuação**.

2.ª) Se o verbo termina por *ns*, o *n* passará a *m*: *tens lo = tem-lo*.

c) se o verbo terminar por som nasal (*m* ou sílaba com til), os pronomes assumem as formas *no*, *na*, *nos, nas*:

põe + o = põe-no; viram + a = viram-na.

NOTA: Se os pronomes vêm antes do verbo, não há nenhuma alteração nos pronomes e no verbo: Ele *o põe* ali. Eu *o fiz*.

OBSERVAÇÃO: Alguns autores chamam *pronominais reflexos* aos verbos na voz reflexiva e pronominais irreflexivos (ou não reflexos) aos verbos deste parágrafo. 62

Atente-se para o seguinte modelo e para as observações feitas sobre a impossibilidade da posposição em algumas formas:

Pô-lo

(só a conjugação simples)

MODO INDICATIVO

Presente	**Pretérito imperfeito**	**Pretérito perfeito**
ponho-o	punha-o	pu-lo
põe-lo	punha-lo	puseste-o
põe-no	punha-o	pô-lo
pomo-lo	púnhamo-lo	pusemo-lo
ponde-lo	púnhei-lo	puseste-lo
põem-no	punham-no	puseram-no
Pret. Mais-que-perf.	**futuro do presente**	**Futuro do pretérito**
Pusera-o	pô-lo-ei [1]	pô-lo-ia
pusera-lo	pô-lo-ás	pô-lo-ias
pusera-o	pô-lo-á	pô-lo-ia
puséramo-lo	pô-lo-emos	pô-lo-íamos
pusérei-lo	pô-lo-eis	pô-lo-íeis
puseram-no	pô-lo-ão	pô-lo-iam

1 Note-se que nos futuros do presente e do pretérito há formas verbais com dois acentos gráficos.

MODO SUBJUNTIVO

NOTA: raramente aparece pronome posposto a verbo neste modo.

Presente	**Pretérito imperfeito**	**Futuro**
ponha-o	pusesse-o	Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!
ponha-lo	pusesse-lo	
ponha-o	pusesse-o	
ponhamo-lo	puséssemo-lo	
ponhai-lo	puséssei-lo	

ponham-no	pusessem-no

MODO IMPERATIVO

Afirmativo	**Negativo**
põe-no tu [2]	Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!
ponha-o você	
ponhamo-lo nós	
ponde-o vós [2]	
ponham-no vocês	

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo	**Gerúndio**	**Particípio**
pô-lo	pondo-o	Não se usa com pronome posposto.

2 Recorde-se que o s final do presente do indicativo desaparece no imperativo afirmativo.

Conjugação dos verbos irregulares – Na seguinte relação de verbos, apresentamos, além das formas irregulares, algumas regulares em que frequentemente se erra. As formas que aqui faltam e se empregam são todas regulares.

1.ª CONJUGAÇÃO:

Dar

Pres. ind.: dou, dás, dá, damos, dais, dão.
Pret. perf. ind.: dei, deste, deu, demos, destes, deram.
M.-que-Perf. ind.: dera, deras, dera, déramos, déreis, deram.
Pres. subj.: dê, dês, dê, demos, deis, deem.
Pret. imperf. subj.: desse, desses, desse, déssemos, désseis, dessem.
Fut. subj.: der, deres, der, dermos, derdes, derem.

Por este modelo conjuga-se *desdar; circundar* é, porém, regular.

Estar

Ver a lista dos verbos auxiliares.

Por este conjugam-se: *sobestar* e *sobrestar*. São regulares os seus derivados *constar, prestar, obstar, instar, distar, restar,* etc.

2.ª CONJUGAÇÃO

Caber

Pres. ind.: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem.

Pret. perf. ind.: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam.
M.-q.-perf. ind.: coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam.
Pres. subj.: caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam.
Pret. imp. subj.: coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem.
Fut. subj.: coube*r,* couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem.

Comprazer

Ver *prazer*.

Crer

Pres. ind.: creio, crês, crê, cremos, credes, creem.
Pret. perf. ind.: cri, creste, creu, cremos, crestes, creram.
Pres. subj.: creia, creias, creia, creiamos, creiais, creiam.
Pret. impa. subj.: cresse, cresses, cresse, crêssemos, crêsseis, cressem.
Fut. subj.: crer, creres, crer, crermos, crerdes, crerem.
Imperativo: crê, crede.
Part.: crido.

Com este conjuga-se *descrer*.

Dizer

Pres. ind.: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem.
Pret. Perf. ind.: disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram.
M.-q.-perf. ind.: dissera, disseras, dissera, disséramos, disséreis, disseram.
Fut. pres.: direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão.
Fut. pret.: diria, dirias, diria, diríamos, diríeis diriam.
Pres. subj.: diga, digas, diga, digamos, digais, digam.
Pret. imperf. subj.: dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem.
Fut. subj.: disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem,
Imperativo: dize, dizei.
Part.: dito.

Por este se conjugam *bendizer*, *condizer*, *contradizer*, *desdizer*, *maldizer*, *predizer*.

Fazer

Pres. ind.: faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem.
Pret. perf. ind.: fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram.
M.-q.-perf. ind.: fizera, fizeras, fizera, fizéramos, fizéreis, fizeram.
Fut. pres.: farei, farás, fará, faremos, fareis, farão.
Fut. pret.: faria, farias, faria, faríamos, faríeis, fariam.
Pres. subj.: faça, faças, faça, façamos, façais, façam.
Pret. imp. subj.: fizesse, fizesses, fizesse fizéssemos, fizésseis, fizessem.
Fut. subj.: fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem.
Imperativo: faz(e), fazei.
Part. : feito.

Por este se conjugam *afazer*, *contrafazer*, *desfazer*, *liquefazer*, *perfazer*, *refazer*, *rarefazer*, *satisfazer*.

Haver

Ver a conjugação dos verbos auxiliares.

Jazer

Pret. ind.: jazo, jazes, jaz, jazemos, jazeis, jazem.
Pret. Perf. ind.: jazi, jazeste, jazeu, jazemos, jazestes, jazeram.

As outras formas – pois é totalmente conjugado – são regulares.

Por este se modela *adjazer*.

Ler

Pres. ind.: leio, lês, lê, lemos, ledes, leem.

Pret. perf. ind.: li, leste, leu, lemos, lestes, leram.

M.-q.-perf. ind.: lera, leras, lera, lêramos, lêreis, leram.

Pres. subj.: leia, leias, leia, leiamos, leiais, leiam.

Pret. imp. subj.: lesse, lesses, lesse, lêssemos, lêsseis, lessem.

Fut. subj.: ler, leres, ler, lermos, lerdes, lerem.

Por este se conjugam *reler* e *tresler*.

Perder

Pres. ind.: perco (ê), perdes, perde, perdemos, perdeis, perdem.

Pres. subj.: perca (ê), percas (ê), perca (ê), percamos (ê), percais (ê), percam (ê).

Poder

Pres. ind.: posso, podes, pode, podemos, podeis, podem.

Pret. perf. ind.: pude, pudeste, pôde, pudemos, pudestes, puderam.

M.-q.-perf. ind.: pudera, puderas, pudera, pudéramos, pudéreis, puderam.

Pres. subj.: possa, possas, possa, possamos, possais, possam.

Pret. imp.: pudesse, pudesses, pudesse, pudéssemos, pudésseis, pudessem.

Fut. subj.: puder, puderes, puder, pudermos, puderdes, puderem.

Desusado modernamente no imperativo.

Prazer

(Pouco usado na 1.ª e 2.ª pessoa)

Pres. ind.: praz, prazem.

Pret. perf. ind.: prouve, prouveram.

M.-q.-perf. ind.: prouvera, prouveram.

Pret. imp. subj.: prouvesse, prouvessem.

Fut. subj.: prouver, prouverem.

Por este se conjugam *aprazer, desprazer, desaprazer,* verbos que se apresentam em todas as pessoas. *Comprazer* e *descomprazer são* verbos completos e se modelam por *prazer;* no pret. perfeito e m.-q.-perfeito do indicativo, pret. imperfeito e futuro do subjuntivo podem ainda ser conjugados regularmente.

> (...) o poeta (...) não *aprazia* a uma companhia ortodoxa [JR.2, 195].

Querer

Pres. ind.: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem.

Pret. Perf. ind.: quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram.

M.-q.-perf. ind.: quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram.

Pres. subj.: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram.

Pret. imp. subj.: quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem.

Fut. subj.: quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem.

Part.: querido (a forma quisto só se usa em *benquisto* e *malquisto).*

A moderna forma *quere*, 3.ª pessoa do singular, em lugar de *quer,* só é usada pelos portugueses. Normalmente não se usa o verbo *querer* no imperativo; há exemplos de *querei* nos *Sermões* do Pe. Antônio Vieira. Quando se usa pronome átono (*o*, *a*, *os*, *as*) posposto à 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo, emprega-se *qué-lo* ou *quere-o:* "Qué-lo o teu povo" [AH.4, 1, 79].

Desusado modernamente no imperativo; aparece no optativo que traduz um desejo de realização de um fato expresso pelo infinitivo seguinte: *Queira aceitar meus cumprimentos.*

Requerer

Pres. ind.: requeiro, requeres, requer (ou requere), requeremos, requereis, requerem.
Pret. Perf. ind.: requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram.
M.-q.-perf. ind.: requerera, requereras, requerera, requerêramos, requerêreis, requereram.
Pres. subj.: requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram.
Pret. imp. subj.: requeresse, requeresses, requeresse, requerêssemos, requerêsseis, requeressem.
Fut. subj.: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.
Imperativo: requer(e), requerei.
Part.: requerido.

A 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo *requer* é modernamente mais usada que *requere*, esta mais lusitana.

Saber

Pres. ind.: sei, sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem.
Pret. perf. ind.: soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, souberam.
M.-q.-perf. ind.: soubera, souberas, soubera, soubéramos, soubéreis, souberam.
Pres. subj.: saiba, saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam.
Pret. imp. subj.: soubesse, soubesses, soubesse, soubéssemos, soubésseis, soubessem.
Fut. subj.: souber, souberes, souber, soubermos, souberdes, souberem.

Ser

Veja a conjugação dos verbos auxiliares.

Ter

Veja a conjugação dos verbos auxiliares.

Trazer

Pres. ind.: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem.
Pret. perf. ind.: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram.
M.-q.-perf. ind.: trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram.
Futuro do pres.: trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão.
Fut. do pret.: traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam.
Pres. subj.: traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam.
Pret. imp. subj.: trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem.
Imperativo: traz(e), trazei.

Valer

Pres. ind.: valho, vales, vale (ou val), valemos, valeis, valem.
Pres. subj.: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham.

Val, por *vale*, é forma corrente entre os portugueses.

Como *valer* conjugam-se *desvaler* e *equivaler*.

Ver

Pres. ind.: vejo, vês, vê, vemos, vedes veem.
Pret. imp. ind.: via, vias, via, víamos, víeis, viam.
Pret. perf. ind.: vi, viste, viu, vimos, vistes, viram.
M.-q.-perf. ind.: vira, viras, vira, víramos, víreis, viram.
Pres. subj.: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam.
Pret. imp. subj.: visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem.
Fut. subj.: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.
Part.: visto.

Assim se conjugam *antever*, *entrever*, *prever* e *rever*. *Prover* e *desprover* modelam-se por *ver*, exceto no pretérito

perfeito do indicativo e derivados, e particípio, quando se conjugam regularmente.

Pret. Perf. ind.: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram.

M.-q.-perf. ind.: provera, proveras, provera, provéramos, provêreis, proveram.

Fut. subj.: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.

Part.: provido.

3.ª Conjugação:

Acudir

Pres. ind.: acudo, acodes, acode, acudimos, acudis, acodem.

Pret. Perf. ind.: acudi, acudiste, acudiu, acudimos, acudistes, acudirem.

Pres. subi.: acuda, acudas, acuda, acudamos, acudais, acudam.

Pret. imp. subj.: acudisse, acudisses, acudisse, acudíssemos, acudísseis, acudissem.

Imperativo: acode, acudi.

Assim se conjugam *bulir, construir, cuspir, destruir, engolir* 63, *entupir*64, *escapulir, fugir* 65, *sacudir, subir, sumir* 66.

Construir, destruir e *entupir,* como verbos abundantes, apresentam como formas menos usadas, *construis, construi, destrui, entupes, entupe.*

Os demais verbos em *udir* (*aludir*, *eludir*, *iludir*) são regulares.

Cair

Pres. ind.: caio, cais, cai, caímos, caís, caem.

Pret. imp. ind.: caía, caías, caía, caíamos, caíeis, caíam.

Pret. perf. ind.: caiu, caíste, caiu, caímos, caístes, caíram.

M.-q.-perf. ind.: caíra, caíras, caíra, caíramos, caíreis, caíram.

Fut. pres.: cairei, cairás, cairá, cairemos, caireis, cairão.

Fut. pret.: cairia, cairias, cairia, cairíamos, cairíeis, cairiam.

Pres. subj.: caia, caias, caia, caiamos, caiais, caiam.

Pret. imp. subj.: caísse, caísses, caísse, caíssemos, caísseis, caíssem.

Fut. subj.: cair, caíres, cair, cairmos, cairdes, caírem.

Por este se conjugam *atrair, contrair, distrair, esvair, retrair, sair, subtrair, trair, embair*.

Para a boa acentuação deste tipo de verbos, recorde-se o que se disse em **Regras de acentuação**.

Cobrir

Pres. ind.: cubro, cobres, cobre, cobrimos, cobris, cobrem.

Pret. Perf. ind.: cobri, cobriste, cobriu, cobrimos, cobristes, cobriram.

Pres. subj.: cubra, cubras, cubra, cubramos, cubrais, cubram.

Imperativo: cobre tu, cubra você, cubramos nós, cobri vós, cubram vocês.

Por este se conjugam *descobrir, dormir* (regular no part.: dormido), *encobrir, recobrir e tossir* (regular no part.: *tossido).*

Frigir

Pres. ind.: frijo, freges, frege, frigimos, frigis, fregem.

Pres. subj.: frija, frijas, frija, frijamos, frijais, frijam.

Imperativo: frege, frija, frijamos, frigi, frijam.

Part.: frigido e frito.

Atente-se para a troca de *g por j antes* de *a* e *o*.

Ir

Pres. ind.: vou, vais, vai, vamos (ou imos), ides, vão.

Pret. imp. ind.: ia, ias, ia, íamos, íeis, iam.
Pret. Perf.: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.
m.-q.-perf. ind.: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.
Fut. pres.: irei, irás, irá, iremos, ireis, irão.
Fut. Pret.: iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam.
Pres. subj.: vá, vás, vá, vamos, vades, vão.
Pret. imp. subj.: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.
Fut. subj.: for, fores, for, formos, fordes, forem.
Imperativo: vai, vá, vamos, ide, vão.
Gerúndio: indo.
Part.: ido.

Medir

Pres. ind.: meço, medes, mede, medimos, medis, medem.
Pres. subj.: meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam.
Assim se conjugam *desmedir e pedir*.

Mentir

Pres. ind.: minto, mentes, mente, mentimos, mentis, mentem.
Pres. subj.: minta, mintas, minta, mintamos, mintais, mintam.
Por este verbo se conjugam *consentir, desmentir, persentir* (sentir profundamente), *pressentir* (prever), *ressentir, sentir*.

Ouvir

Pres. ind.: ouço, ouves, ouve, ouvimos, ouvis, ouvem.
Pres. subj.: ouça, ouças, ouça, ouçamos, ouçais, ouçam.
Entre portugueses ocorre a variante *oiço,* ao lado de *ouço*. Também no presente do subjuntivo: *oiça, oiças, oiça, oiçamos, oiçais, oiçam.*

Pedir

Pres. ind.: peço, pedes, pede, etc.
Pres. subj.: peça, peças, peça, etc.
Pedir serve hoje de modelo para *desimpedir, despedir, expedir* e *impedir* (que não são derivados de *pedir*).

Parir

Polir (= *lustrar*, *civilizar*)

Pres. ind.: pulo, pules, pule, polimos, polis, pulem.
Pret. perf.: poli, poliste, poliu, polimos, polistes, poliram.
Pres. subj.: pula, pulas, pula, pulamos, pulais, pulam.
Imperativo: pule, pula, pulamos, poli, pulam.
Por este verbo se conjugam *despolir* e *sortir* (= abastecer, prover, misturar, combinar). *Surtir* (com *u*) é regular: *surto, surtes, surte, surtimos, surtis, surtem*[67].

> "...enquanto o progresso das ciências e das artes pule e melhora exteriormente o gênero humano, destruiria o intolerável egoísmo que destrói ou afeia o formoso edifício da moderna civilização". [AH.2, 142].

Progredir

Pres. ind.: progrido, progrides, progride, progredimos, progredis, progridem.
Pret. imp. ind.: progredia, progredias, progredia, progredíamos, progredíeis, progrediam.
Pret. perf. ind.: progredi, progrediste, progrediu, progredimos, progredistes, progrediram.
Pres. subj.: progrida, progridas, progrida, progridamos, progridais, progridam.
Por este verbo se conjugam *agredir, cerzir, denegrir, prevenir, regredir, transgredir. Remir,* hoje mais usado como defectivo (cf. **Verbos defectivos e abundantes**), seguia outrora o modelo de *progredir:* rimo, rimes, rime, remimos, remis,

rimem.

"Por 20 libras anuais a aldeia de Favaios rime todos os tributos e obtém o privilégio de nomear o seu juiz" [AH.2, 149].

Rir

Pres. ind.: rio, ris, ri, rimos, rides, riem.

Pret. imperf. ind. : ria, rias, ria, ríamos, ríeis, riam.

Pret. perf. ind.: ri, riste, riu, rimos, ristes, riram.

Part. : rido.

Segue este modelo o verbo *sorrir*.

Servir

Pres. ind.: sirvo, serves, serve, servimos, servis, servem.

Pres. subj.: sirva, sirvas, sirva, sirvamos, sirvais, sirvam.

Imperativo: serve, sirva, sirvamos, servi, sirvam.

Por este verbo se conjugam aderir, advertir, aferir, compelir, competir, concernir, conferir, conseguir, convergir, deferir, despir, digerir, divertir, expelir, impelir, inserir, perseguir, preferir, preterir, repelir, seguir, sugerir, vestir.

Submergir

Pres. ind.: submerjo (ê), submerges (é), submerge (é), submergimos, submergis, submergem (é).

Pres. subj.: submerja (ê), submerjas (ê), submerja (ê), submerjamos, submerjais, submerjam (ê).

Imperativo: submerge (é), submerja (ê), submerjamos, submergi, submerjam (ê).

Seguem este modelo *aspergir, emergir, imergir*.

Vir

Pres. ind.: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm.

Pret. imperf. ind.: vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham.

Pret. Perf. ind.: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.

Fut. pres.: virei, virás, virá, viremos, vireis virão.

Fut. pret.: viria, virias, viria, viríamos, viríeis, viriam.

Pres. subj.: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham.

Fut. subj.: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.

Imperativo: vem, venha, venhamos, vinde, venham.

Gerúndio: vindo.

Part.: vindo.

Por este modelo se conjugam advir, avir-se, convir, desavir, intervir, provir, sobrevir.

EMPREGO DO VERBO

Emprego de tempos e modos

1) **Indicativo** – É o modo que normalmente aparece nas orações independentes, e nas dependentes que encerram um fato real ou tido como tal.

Presente – Para bem entender os diversos empregos por que se desdobra o presente no sistema de oposições em que se insere, temos de considerar a lição de Coseriu, que propõe o seguinte esquema [ECs.5, 139]:

<table>
<tr><td></td><td>Presente</td><td colspan="2">Passado</td><td></td></tr>
<tr><td rowspan="2">Não futuro</td><td rowspan="2">canto</td><td>cantava</td><td>cantei</td><td>Presente</td></tr>
<tr><td colspan="2">cantara</td><td rowspan="2">Passado</td></tr>
<tr><td>Futuro</td><td>cantarei</td><td colspan="2">cantaria</td></tr>
</table>

Ainda teríamos de, no interior do passado, admitir outra vez a oposição presente/passado, isto é, uma oposição entre um "presente do passado" (*cantava – cantei*) e um "passado do passado" (*cantara*).

Isto significa que o presente, a rigor, se caracteriza pelo traço "negativo" ou "neutral" em relação ao pretérito (passado) e ao futuro, que são termos "positivos", isto é, aplicados ao ocorrido, o que lhe permite, ao presente, empregar-se, em determinados contextos, "em lugar" do passado e do futuro [ECs.1, 234]. Não ocorrendo a neutralização, tais substituições ficam impedidas: em *agora estarei muito cansado*, se entendermos "agora mesmo", e não "em seguida", depois do momento em que falo" (quando a construção será perfeitamente possível), não se empregará o futuro pelo presente.

O presente denota uma declaração:

a) que se verifica ou que se prolonga até o momento em que se fala:

"Ocorre-me uma reflexão imoral, que é ao mesmo tempo uma correção de estilo" [MA.1, 56].

b) que acontece habitualmente:

A Terra gira em torno do Sol.

c) que representa uma verdade universal (o "presente eterno"):

"O interesse adota e defende opiniões que a consciência reprova" [MM].

Emprega-se o presente:

a) pelo *pretérito*, em narrações animadas e seguidas (presente histórico), como para dar a fatos passados o sabor de novidade das coisas atuais:

"Pela manhã, *bates*-lhe à porta, chamando-o. Como ninguém responda, *procuras* entrar. Um peso imprevisto *detém* o esforço do teu braço. *Insistes*. *Entras*. E *recuas*, os olhos escancarados, o rosto transfigurado pela dor e pelo assombro, o coração parado no peito" [HC.1, 16-17]. 68

b) pelo *futuro do indicativo* para indicar com ênfase uma decisão:

Amanhã eu *vou* à cidade.

c) pelo *pretérito imperfeito* do subjuntivo:

Se *respondo* mal, ele se zangaria.

d) pelo *futuro do subjuntivo*:

Se *queres* a paz, prepara-te para a guerra.

OBSERVAÇÃO: Para exprimir ação começada emprega-se, em geral, o verbo *estar* seguido de gerúndio ou de infinitivo precedido de *a* preposição.

Estava { falando / a falar { sobre tal assunto

Pretérito imperfeito – O imperfeito, como ensina Coseriu [ECs.5, 165], é um membro não marcado, extensivo, de uma oposição que encerra três membros, dois dos quais são marcados e intensivos: o mais-que-perfeito e o chamado condicional presente, na forma simples.

Nesta oposição, o mais-que-perfeito significa um "anterior", enquanto o condicional presente (futuro do pretérito) um "depois". Daí o imperfeito não significar nem "antes" nem "depois" e, por isso, pode ocupar todo o espaço da oposição. Isto implica que não se pode, a rigor, atribuir ao imperfeito a pura e simples significação de passado, a não ser que ele seja considerado um "presente" do passado. Como um segundo "presente" pode – como ocorre com o presente próprio, que tem seu pretérito representado pelo perfeito simples, e o seu futuro representado pelo futuro simples – ter seu próprio passado (o mais-que-perfeito) e seu próprio futuro (o condicional presente). Por isso, o presente pode substituir o pretérito perfeito simples e o futuro, mas o imperfeito não.

Pode-se, neste gráfico, representar o presente e o imperfeito no sistema dos tempos em português; o imperfeito, sendo um termo neutro do plano "inatual", pode ser empregado "em lugar" do seu pretérito (passado) e de seu futuro:

Passado		Atualidade		Futuro
Perfeito simples	←	Presente	→	Futuro
Mais-que-perfeito	←	Imperfeito	→	Condicional presente (Fut. do pret.)

Daí a variedade e ambivalências destes dois tempos na atividade do discurso; geralmente uma forma verbal não está por outra ou em lugar de outra, mas sim no lugar de *outra significação* [ECs.5, 150].

Emprega-se o pret. imperfeito quando nos transportamos mentalmente a uma época passada e descrevemos o que então era presente:

"Eugênia *coxeava* um pouco, tão pouco, que eu cheguei a perguntar-lhe se machucara o pé" [MA.1, 193].

Nos pedidos e solicitações ou denota que duvidamos da realização do fato ou exprime um desejo feito com modéstia ou com o simples propósito:

"*Queria* viver para o seu filho – é como ele explicava o desejo da vida" [CBr.9, 22].

Sr. Manuel, eu *desejava* telefonar.

Pode substituir, principalmente na conversação, o futuro do pretérito, quando se quer exprimir fato categórico ou a segurança do falante:

"Se me desprezasses, morreria, *matava*-me" [CBr.9, 19].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Emprega-se o pretérito imperfeito do verbo *dever* (fazer uma coisa) em lugar do pretérito perfeito:

Ele *devia* (e não *deveu*) ser (ou *ter sido*) ontem mais atencioso para contigo [ED.1, § 207, a, obs].

2.ª) Aparece em lugar do futuro do pretérito para denotar um fato certo como consequência de outro que não se deu:

Eu, se tivesse crédito na praça, *pedia* outro empréstimo.

3.ª) Ainda na referência ao futuro, entra o imperfeito chamado "prelúdico" ou imperfeito dos jogos: *então* [neste jogo que

vamos começar a jogar] eu *era* o rei e tu *eras* a rainha [ECS.1, 207]. "Agora eu era o herói e o meu cavalo só falava inglês" (*João e Maria*, de Chico Buarque e Sivuca).

Pretérito perfeito – "O pretérito imperfeito é o tempo da ação prolongada ou repetida com limites imprecisos; ou não nos esclarece sobre a ocasião em que a ação terminaria ou nada nos informa quanto ao momento do início. O pretérito perfeito, pelo contrário, fixa e enquadra a ação dentro de um espaço de tempo determinado" [SA.5, II, 103]:

> "Marcela *teve* primeiro um silêncio indignado; depois *fez* um gesto magnífico: *tentou* atirar o colar à rua. Eu *retive*-lhe o braço; *pedi*-lhe muito que não me fizesse tal desfeita, que ficasse com a joia. *Sorriu* e *ficou*" [MA.1, 55].

Não se pode dizer, comenta Coseriu 69, que o perfeito simples e o imperfeito se contrapõem por uma simples oposição. Na essência, o imperfeito em português e no românico visualiza as ações como num pano de fundo, como se completando num nível secundário.

O pretérito composto (*tenho trabalhado*) exprime:

a) repetição ou prolongação de um fato até o momento em que se fala, ou fato habitual:

> "Não me *tens dito* nada das tuas ocupações nessa casa" [CBr.3, II, 133].

b) fato consumado:

> *Tenho dito* (no fim dos discursos).

Pretérito mais-que-perfeito (simples e composto) – Denota uma ação anterior a outra já passada:

> "No dia seguinte, antes de me recitar nada, explicou-me o capitão que só por motivos graves *abraçara* a profissão marítima..." [MA.1, 66-67].

OBSERVAÇÃO: Em certas orações temporais, aparece o pretérito perfeito onde se esperaria o mais-que-perfeito:

> "Logo que se *retirou* o inimigo, mandou D. João Mascarenhas enterrar os mortos" [ED.1, § 208].
>
> "Ao revés encontra-se em orações subordinadas o mais-que-perfeito correspondendo a um presente da oração subordinada, quando este presente tem o sentido de um pretérito, v.g. Os antiquários dizem (= deixaram escrito) que ele *vivera* neste reinado" [ED.1].

Emprega-se ainda o mais-que-perfeito simples em lugar do futuro do pretérito do indicativo e do pretérito do subjuntivo, o que serve hoje como traço estilístico de linguagem solene:

> "dizendo: Mais *servira* (= serviria), se não *fora* (= fosse) para tão longo amor tão curta a vida" [LC.2, 147].
>
> "Que *fora* (= seria) a vida, se nela não *houvera* (= houvesse) lágrimas?" [AH.1, 32].

Futuro – O futuro do presente e o do pretérito denotam uma ação que ainda se vai realizar:

> "Os homens nos *parecerão* sempre injustos enquanto o forem as pretensões do nosso amor-próprio" [MM].
>
> "Sem a crença em uma vida futura, a presente *seria* inexplicável" [MM].

O futuro do presente pode ainda exprimir:

a) em lugar do *presente*, incerteza ou ideia aproximada, simples possibilidade ou asseveração modesta:

> "O mal não *será* a especiaria do bem?" [MM].
>
> Ele *terá* seus vinte anos.

No caso de ser empregado, em linguagem polida, nas interrogações, o futuro "não obriga o interlocutor a responder, como quando se emprega o verbo no presente ou no pretérito" [SA.2, 225].

b) em lugar do *imperativo*, uma ordem ou recomendação, principalmente nas prescrições e recomendações morais:

> *Defenderás* os teus direitos.
>
> Não *furtarás*.

"Nas orações condicionais de *se*, nas temporais de *quando* e *enquanto*, nas conformativas (de *segundo* e *conforme*, etc.), nas adjetivas que denotam simples concepção", o futuro do indicativo é substituído pelo futuro conjuntivo (subjuntivo) – o qual só nestas orações se usa (ou também em certos casos pelo presente conjuntivo); assim diz-se: *se vejo*, *se vi*, mas: *se vir*; *quando vejo*, *quando vi*, mas: *quando vir*; *aquele que vê*, *aquele que viu*, mas: *aquele que vir*" [ED.1, § 209, a, obs.].

O futuro do pretérito se emprega ainda para denotar:

a) que um fato se dará, agora ou no futuro, dependendo de certa condição:

"A vida humana *seria* incomportável sem as ilusões e prestígios que a circundam" [MM].

"Se pudéssemos chegar a um certo grau de sabedoria, *morreríamos* tísicos de amor e admiração por Deus" [MM].

b) asseveração modesta em relação ao passado, admiração por um fato se ter realizado:

Eu *teria* ficado satisfeito com as tuas cartas [RV].

Nós *pretenderíamos* saber a verdade.

Seria isso verdadeiro?

c) incerteza:

Haveria na festa umas doze pessoas.

Emprega-se o auxiliar *tivera* (ou *houvera*) na oração condicional, em lugar do mais-que-perfeito, em relação a um futuro do pretérito posto na oração principal:

Estudaria (ou *teria estudado*), se *tivera* (= *tivesse*) *sabido* da prova.

2) **Subjuntivo** – O modo subjuntivo ocorre normalmente nas orações independentes optativas, nas imperativas negativas e afirmativas (nestas últimas com exceção da 2.ª pessoa do singular e plural), nas dubitativas com o advérbio *talvez* e nas subordinadas em que o fato é considerado como incerto, duvidoso ou impossível de se realizar:

Bons ventos o *levem.*

"Não *emprestes*, não *disputes*, não *maldigas* e não terás de arrepender-te" [MM].

"Não *desenganemos* os tolos se não queremos ter inumeráveis inimigos" [MM].

"*Louvemos* a quem nos louva para abonarmos o seu testemunho" [MM].

"Talvez a estas horas *desejem* dizer-te *pecavi*! Talvez *chorem* com lágrimas de sangue" [AH.5, I, 58].

"Faltam-nos memórias e documentos coevos em que *possamos* estribar-nos para relatar tais sucessos" [AH.6, I, 451].

OBSERVAÇÃO: Às vezes ocorre o indicativo com *talvez*: "Magistrado ou guerreiro de justo ou generoso se gaba: – e as turbas talvez o *aplaudem* e *celebram* seu nome" [AH.2, 180]. Parece que o indicativo deixa antever melhor a certeza de que o de que se duvida se pode bem realizar.

Nas orações subordinadas substantivas, ocorre o subjuntivo nos seguintes principais casos:

a) depois de expressões (verbos, nomes ou locuções equivalentes) que denotam ordem, vontade, consentimento, aprovação, proibição, receio, admiração, surpresa, contentamento:

"Prouvera a Deus, venerável Crimilde – tornou o quingentário – que nos *fosse* lícito desamparar estes muros" [AH.1, 146].

"Proibi-te que o *revelasses*" [AH.5, I, 294].

Espero que *estudes* e que *sejas* feliz.

b) depois de expressões (verbos ou locuções formadas por *ser*, *estar*, *ficar* + substantivo ou adjetivo) que denotam desejo, probabilidade, vulgaridade, justiça, necessidade, utilidade:

Cumpre que *venhas* cedo.

Convém que não nos *demoremos*.

É bom que *compreenda* logo o problema.

c) depois dos verbos *duvidar*, *suspeitar*, *desconfiar* e nomes cognatos (dúvida, duvidoso, suspeita, desconfiança, etc.) quando empregados afirmativamente, isto é, quando se trata de dúvida, suspeita ou desconfiança reais:

"... me vinham à mente *suspeitas* de que ela *fosse* um anjo transviado do céu..." [AH.5, II, 321].

"A luz... que *suspeitávamos procedesse* de lâmpada esquecida por sonolento moço de reposte..." [AH.5, 333].

Se o falante tem a suspeita como coisa certa, ou nela acredita, o normal é aparecer o indicativo:

"*Suspeitava*-se que era a alma da velha Brites que andava ali penada" [AH.5, 364].

Usa-se o subjuntivo nas orações adjetivas que exprimem:

a) fim:

"Ando à cata de um criado que *seja* econômico e fiel" [RB].

b) consequência (o relativo vem precedido de preposição, geralmente, *com*):

"Daqui levarás tudo tão sobejo
Com que faças (= que com isso) o fim a teu desejo" [LC.1, II, 4].

c) uma conjectura e não uma realidade:

Compare-se:

O cidadão que *ama* sua pátria engrandece-a. (realidade)

O cidadão que *ame* sua pátria engrandece-a. (conjectura)

d) depois de um predicado negativo, ou de uma interrogação de sentido negativo quando enunciam uma qualidade que determine e restrinja a ideia expressa por esse predicado ou interrogação:

"Não há homem algum que *possa* gabar-se de ser completamente feliz.
Quem há aí que *seja* completamente feliz?" [RV.1, 274-5]

Nas orações adverbiais usa-se o subjuntivo:

a) nas causais de *não porque*, *não* (ou *nem*), quando se quer dizer que a razão aludida não é verdadeira:

"Deitei-me ontem mais cedo, não porque *tivesse* sono, mas porque precisava de me levantar hoje de madrugada" [RV.1, 274].

b) nas concessivas de *ainda que*, *embora*, *conquanto*, *posto que*, *se bem que*, *por muito que*, *por pouco que* (e semelhantes), não havendo, entretanto, completo rigor a respeito:

"Ainda que *perdoemos* aos maus, a ordem moral não lhes perdoa, e castiga a nossa indulgência" [MM].

"Por mais sagaz que *seja* o nosso amor próprio, a lisonja quase sempre o engana" [MM].

Entram neste rol as alternativas de sentido concessivo (ou... ou, quer... quer) e as concessivas justapostas do tipo de *fosse ele o culpado*, *ainda assim lhe perdoaria*.

c) nas condições de *se*, *contanto que*, *sem que*, *a não ser que*, *suposto que*, *caso*, *dado que*, para exprimir hipótese, e não uma realidade. Entra ainda neste grupo a comparativa hipotética *como se*:

"Se as viagens simplesmente *instruíssem* os homens, os marinheiros seriam os mais instruídos" [MM].

"E moviam os lábios, como se *tentassem* falar" [AH.1, 26].

Se se tratar de coisa real ou tida como tal, geralmente aparece o indicativo:

"Não há momento que perder, se *queremos* salvar-nos" [AH.1, 253].

d) nas consecutivas quando se exprime uma simples concepção e não um fato real:

"Devemos regular a nossa vida de modo que *possamos* esperar e não recear depois de nossa morte" [MM].

"Não subais tão alto que a queda *seja* mortal" [MM].

e) nas finais:

"Os maus são exaltados para serem felizes, para que *caiam* do mais alto e *sejam* esmagados" [MM].

f) nas temporais de *antes que*, *assim que*, *até que*, *enquanto*, *depois que*, *logo que*, quando ocorrem nas negações ou nas indicações de simples concepção, e não uma realidade (caso em que aparece o indicativo):

"Cumprirei o que ordenas, porque jurei obedecer-te cegamente enquanto não *salvássemos* a irmã de Pelágio" [AH.1, 215].

Casos particulares:

1) A oração substantiva que completa a exclamação de surpresa *quem diria* constrói-se com indicativo ou subjuntivo:

Quem diria que ele *era* capaz disso.

Quem diria que ele *fosse* capaz disso.

2) Com os indefinidos do tipo *o que quer que* é mais comum o emprego do subjuntivo:

Saiu com o que quer que *fosse*.

Alexandre Herculano vacilou entre o emprego de *fosse* (ed. de 1876) e *era* (ed. de 1864) no seguinte passo:

"Com um olhar de simpatia e compaixão, misturada do que quer que *era* de admiração e de terror involuntário" [AH.1, 265 ed. 1864].

3) Também têm o verbo no subjuntivo as orações introduzidas por *que*, quando restringem a generalidade de um asserto:

"Não há, que eu *saiba*, expressão mais suave" [ED.1, 128].

3) **Imperativo** – Cumpre apenas acrescentar ao que disse anteriormente:

a) que o infinitivo pode substituir o imperativo nas ordens instantes:

"Todos se chegavam para o ferir, sem que a D. Álvaro se ouvissem outras palavras, senão estas: *Fartar*, rapazes" [AH.2, 98].

b) que se usa o imperativo do verbo *querer* (ao lado do subjuntivo presente) seguido de infinitivo para suavizar uma ordem:

Queira aceitar meus cumprimentos.

OBSERVAÇÃO: Os casos aqui lembrados estão longe de enquadrar a trama complexa do emprego de tempos e modos em português. São várias as situações que podem, ferindo os princípios aqui expostos, levar o falante ou escritor a buscar novos meios expressivos. São questões que fogem ao âmbito da Gramática e constituem preocupação da Estilística.

Emprego das formas nominais – A respeito das formas nominais, cumpre acrescentar ao que se disse nas páginas anteriores:

A – **Infinitivo histórico** – Entende-se por *infinitivo histórico* ou *de narração* aquele que, numa narração animada, considera a ação como já passada, e não no seu desenvolvimento:

"E os médicos a *insistirem* que saísse de Lisboa" [J. Dinis].

"Ela a *voltar* as costas, e o reitor a pôr o chapéu na cabeça" [J. Dinis].

"E ele a *rir*-se, ele a *regalar*-se" [EQ] 70

B – **Emprego do infinitivo** (flexionado e sem flexão):

1) *Infinitivo pertencente a uma locução verbal*:

Não se flexiona normalmente o infinitivo que faz parte de uma locução verbal:

"E o seu gesto era tão desgracioso, coitadinho, que todos, à exceção de Santa, *puseram*-se *a rir*" [AAz *apud* FB.1, 138].

"Pois, se *ousais levar* a cabo vosso desenho, eu ordeno que o façais" [AH *apud* FB.1, 196].

"Depois mostraram-lhe, um a um, os instrumentos das execuções, e explicaram-lhe por miúdo como *haviam de morrer* seu marido, seus filhos e o marido de sua filha" [CBr *apud* FB.1, 221].

Encontram-se exemplos que se afastam deste critério quando ocorrem os seguintes casos:

a) o verbo principal se acha afastado do auxiliar e se deseja avivar a pessoa a quem a ação se refere:

"*Possas* tu, descendente maldito
De uma tribo de nobres guerreiros,
Implorando cruéis forasteiros,
Seres presa de vis Aimorés" [GD.4, II, 31].

"... dentro dos mesmos limites atuais *podem* as cristandades *nascerem* ou *anularem*-se, *crescerem* ou *diminuírem* em certos pontos desses vastos territórios" [AH.2, 173].

b) o verbo auxiliar, expresso anteriormente, cala-se depois:

"*Queres ser* mau filho, *deixares* uma nódoa d'infância na tua linhagem" [AH.2, 174].

2) *Infinitivo dependente dos verbos causativos e sensitivos*:

Com os causativos *deixar*, *mandar*, *fazer* (e sinônimos), a norma é aparecer o infinitivo sem flexão, qualquer que seja o seu agente:

"Sancho II deu-lhe depois por válida a carta e *mandou*-lhes *erguer* de novo os marcos onde eles os haviam posto" [AH.2, 64].

"*Fazei*-os *parar*" [AH.2, 75].

"*Deixai vir* a mim as criancinhas".

Mas flexionado em:

"e *deixou fugirem*-lhe duas lágrimas pelas faces" [AH.2, 155]. 71

"Não são poucas as doenças para as quais, por desídia, vamos *deixando perderem*-se os nomes velhos que têm em português" [MBa.5, 211].

Com os sensitivos *ver*, *ouvir*, *olhar*, *sentir* (e sinônimos), o normal é empregar-se o infinitivo sem flexão, embora aqui o critério não seja tão rígido:

"Olhou para o céu, viu estrelas... escutou, *ouviu ramalhar* as árvores" [AH.2, 101].

"... o terror fazia-lhes crer que já *sentiam ranger* e *estalar* as vigas dos simples..." [AH.2, 172].

Os seguintes exemplos atestam o emprego do infinitivo flexionado:

"Em Alcoentre os ginetes e corredores do exército real vieram escaramuçar com os do infante, e ele próprio os *ouvia chamarem*-lhe traidor e hipócrita" [AH.2, 96].

"Creio que comi: *senti renovarem*-se-me as forças" [AH.2, 172].

Observações:

1.ª) Com os causativos e sensitivos pode aparecer ou não o pronome átono que pertence ao infinitivo (obs. 5.ª):

"*Deixei*-o *embrenhar* (por *embrenhar-se*) e transpus o rio após ele" [AH.2, 77].

"O faquir *deixou*-o *afastar* (por *afastar-se*)" [AH.2].

"Enconstando-se outra vez na sua dura jazida, Egas *sentiu alongar*-se a estrupiada dos cavalheiros..." [AH.3, 265-6].

"E o eremita *viu*-a, ave pernalta e branca, *bambolear*-se em voo, ir chegando, *passar*-se para cima do leito, *aconchegar*-se

ao pobre homem...” [JR.2, 327].

Por isso não cabe razão a Mário Barreto [MBa.4, 51] quando condena, nestes casos, o aparecimento do pronome átono.

2.ª) Aqui também o infinitivo pode aparecer flexionado, por se calar o auxiliar:

“*viu alvejar* os turbantes, e, depois *surgirem* rostos tostados, e, depois, *reluzirem* armas” [AH.1, 257].

3) *Infinitivo fora da locução verbal*:

Fora da locução verbal, “a escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos somente da ação ou do intuito ou necessidade de pormos em evidência o agente do verbo” [SA.2, 246].

O infinitivo sem flexão revela que a nossa atenção se volta com especial atenção para a ação verbal; o flexionamento serve de insistir na pessoa do sujeito:

Estudamos { para *vencer* na vida
para *vencermos* na vida

“As crianças são acalentadas por *dormirem*, e os homens enganados para *sossegarem*” [MM].

Ocorre o infinitivo flexionado nos seguintes casos principais:

1.º) “sempre que o infinitivo estiver acompanhado de um nominativo sujeito, nome ou pronome (quer igual ao de outro verbo, quer diferente);

2.º) sempre que se tornar necessário destacar o agente, e referir a ação especialmente a um sujeito, seja para evitar confusão, seja para tornar mais claro o pensamento. O infinitivo concordará com o sujeito que temos em mente;

3.º) quando o autor intencionalmente põe em relevo a pessoa a que o verbo se refere” [SA.1, 72]:

Estudamos para nós *vencermos* na vida.

“Beijo-vos as mãos, senhor rei, por vos *lembrardes* ainda de um velho homem de armas que para nada presta hoje” [AH *apud* FB.1, 195].

“É permitido aos versistas *poetarem* em prosa” [CBr.1, 60].

APÊNDICE

PASSAGEM DA VOZ ATIVA À PASSIVA E VICE-VERSA

Em geral, só pode ser construído na voz passiva verbo que pede objeto direto, acompanhado ou não de outro complemento. Daí a língua padrão lutar contra linguagens do tipo:

A missa foi assistida por todos,

uma vez que o verbo *assistir*, nesta acepção, só se constrói com complemento relativo:

Todos assistiram à missa.

À força do uso já se fazem concessões aos verbos:

apelar: A sentença não foi *apelada*.
aludir: Todas as faltas foram *aludidas*.
obedecer: Os regulamentos não são *obedecidos*.
pagar: As pensionistas foram *pagas* ontem.
perdoar: Os pecadores devem ser *perdoados*.

responder: Os bilhetes seriam *respondidos* hoje.

Na passagem da ativa para a passiva segue-se o esquema:

1.º) o sujeito da ativa, se houver, passa a agente da passiva;

2.º) o objeto direto da ativa, se houver, passa a sujeito da passiva;

3.º) o verbo da voz ativa passa para a voz passiva, conservando-se o mesmo tempo e modo;

4.º) não sofrem alteração os outros termos oracionais que apareçam.

Exemplo 1:

Ativa	*Passiva*
Eu li o livro	O livro foi lido por mim

Exemplo 2 (com pronome oblíquo):

Ativa	*Passiva*
Nós o ajudamos ontem	Ele, ontem, foi ajudado por nós

Exemplo 3 (com sujeito indeterminado):

Ativa	*Passiva*
Enganar-me-ão	Eu serei enganado

Exemplo 4 (com tempo composto):

Ativa	*Passiva*
Eles têm cometido erros	Erros têm sido cometidos por eles

Exemplo 5 (com sujeito indeterminado de verbo que aparecerá na passiva pronominal):

Ativa	*Passiva*
Vendem casas	Vendem-se casas
Vendem esta casa	Vende-se esta casa

7 – Advérbio

Advérbio – É a expressão modificadora que por si só denota uma circunstância (de lugar, de tempo, modo, intensidade, condição, etc.) e desempenha na oração a função de adjunto adverbial:

Aqui tudo vai *bem* (lugar e modo).

Hoje não irei *lá* (tempo, negação, lugar).

O aluno *talvez não* tenha redigido *muito bem* (dúvida, negação, intensidade, modo).

O *advérbio* é constituído por palavra de natureza nominal ou pronominal e se refere geralmente ao verbo, ou ainda, dentro de um grupo nominal unitário, a um adjetivo e a um advérbio (como intensificador), ou a uma declaração inteira:

José escreve *bem* (advérbio em referência ao verbo).

José é *muito* bom escritor (advérbio em referência ao adjetivo *bom*).

José escreve *muito* bem (advérbio em referência ao advérbio *bem*).

Felizmente José chegou (advérbio em referência a toda a declaração: José chegou; o advérbio deste tipo geralmente exprime um juízo pessoal de quem fala e constitui a cláusula comentário.

Fundamentalmente, distribuem-se os advérbios em assinalar a posição temporal (os de tempo) ou espacial do falante (os de lugar), ou ainda o modo pelo qual se visualiza o "estado de coisas" designado na oração.

Certos advérbios são assinalados em função de modificador de substantivo, principalmente

quando este é entendido não tanto enquanto substância, mas enquanto qualidade que esta substância apresenta: *Gonçalves Dias é verdadeiramente poeta* [PL *apud* por EBm.1, 8].

Pessoas ***assim*** não merecem nossa atenção.

Também certos advérbios funcionam como predicativo, à maneira dos adjetivos:

A vida é ***assim***.

Como bem diz Mattoso Câmara [MC.8, 122], perturba a descrição e a demarcação classificatória "a extrema mobilidade semântica e funcional que caracteriza os advérbios".

Combinações com advérbios – Advérbios há de *tempo* e *lugar* que marcam melhor sua função ou designação mediante o emprego de uma preposição [AL.1, §188]:

Por agora, estão encerrados os trabalhos.

Até então os telefones não funcionavam.

Desde cedo já havia compradores de ingresso.

De longe já se viam as chamas.

Por aqui se pode entrar na cidade.

As crianças *de hoje* contam com mais divertimentos.

Eles sempre se apresentam com as promessas *de sempre*.

Alguns advérbios – como as preposições que veremos ao seu tempo – precedem o transpositor ***que*** para marcar a circunstância, formando o que a gramática tradicional chama de *locuções conjuntivas* adverbiais. A rigor, trata-se de um grupo de palavras que, por hipotaxe, funciona como conjunção:

Agora que tudo serenou, podemos retornar.

Sabíamos que ele estava errado *sempre que* gaguejava.

Ainda que estude, terá de aperfeiçoar-se *depois que* se gradue.

Já que não me responde, sinto-me desobrigado de convidá-lo.

Assim que chegou, começou a trabalhar.

No capítulo de conjunção, teremos oportunidade de fazer referência a certos advérbios que, graças à sua mobilidade posicional, se colocam – quase sempre no início – de maneira tal, que têm levado alguns gramáticos a classificá-los como conjunção coordenativa explicativa (causal), conclusiva, etc. É o caso de advérbios como *pois*, *logo*, *entretanto*, *contudo*, *por conseguinte*, em construções do tipo [MMa.1, 153]:

Ela saiu cedo, *por conseguinte* encontrou facilidade de condução.

Tudo estava preparado, *logo* se poderia começar a reunião.

Advérbio e preposição – Já vimos que alguns advérbios se constituem pela união de preposição a substantivos, adjetivos ou a próprio advérbio, apresentando-se, conforme a ortografia vigente, ora escritos numa só palavra, ora separadamente. Unido o grupo a preposições, teremos um conjunto que, por hipotaxe, funciona como simples preposição a introduzir um adjunto adverbial: *apenas*, *em frente*, *em cima*, *depressa*, *debaixo*, *em baixo* (*embaixo*), *detrás*, etc.

Os livros ficam *debaixo da* mesa. (*sob* a mesa)

O carro estacionou *em frente da* casa.

A jarra repousa *em cima da* mesa. (*sobre* a mesa)

Construções como:

O vizinho escreveu *contra* o argumento,

permitem a passagem da preposição a advérbio pela redução da unidade introduzida pela preposição, construção breve, mas sem circulação frequente no idioma:

"Toda a minha vida colegial se desenha no espírito com tão vivas cores, que parecem frescas de ontem, e todavia mais de trinta anos já lhes pairaram *sobre*" [JA.4, 102].

O vizinho escreveu *contra*.

Já falei *a respeito*.

O advérbio estabelece a transição dos vocábulos variáveis para os invariáveis; a rigor não tem flexão propriamente dita, mas há uns tantos advérbios que admitem graus de qualidade como os nomes [RV.1, 71].

Locução adverbial – é o grupo geralmente constituído de preposição + substantivo (claro ou subentendido) que tem o valor e o emprego de advérbio. A preposição, funcionando como transpositor, prepara o substantivo para exercer uma função que primariamente não lhe é própria:

com efeito, *de graça*, *às vezes*, *em silêncio*, *por prazer*, *sem dúvida*, etc.

Na constituição das locuções adverbiais, o substantivo que nelas entra pode estar no masculino ou no feminino e no singular ou no plural, segundo as normas fixadas pela tradição.

Outras vezes o substantivo vem com acompanhante e pode ocorrer até a omissão do substantivo, em expressões fixas:

na verdade, *de nenhum modo*, *em breve* (subentende-se *tempo*), *à direita* (ao lado de *à mão direita*), *à francesa* (subentende-se *à moda*), etc.

Frequentemente se cala a preposição nas locuções adverbiais de tempo e modo:

Esta semana (por *nesta semana*) teremos prova.

Espingarda ao ombro (por *de espingarda ao ombro*), juntou-se ao grupo de pessoas.

Circunstâncias adverbiais – Constituindo o advérbio uma classe de palavra muito heterogênea, torna-se difícil atribuir-lhe uma classificação uniforme e coerente. Em geral, seu papel na oração se prende não apenas a um núcleo (verbo), mas se amplia na extensão em que se espraia o conteúdo manifestado no predicado. Isto lhe permite, em primeiro lugar, certa flexibilidade de posição não só no espaço em que se prolonga o predicado (com seu núcleo verbal), mas se estende aos domínios do sujeito, podendo antecedê-lo ou vir-lhe posposto. Este papel singular do advérbio lhe dá também certa autonomia fonológica, de contorno entonacional muito variado, a serviço do intuito comunicativo do falante.

Assim, há advérbios de papel semântico-sintático mais *internamente* ligados ao núcleo verbal (e estes não gozam das flexibilidades de posição e entoação atrás referidas), e há os advérbios mais externamente ligados ao núcleo verbal. Daí escapar ao analista uma classificação unitária que abarque todos os casos possíveis. É bom caminho, parece-nos, adotar a proposta de Alarcos Llorach no sentido de ater-se o analista "às relações que cada advérbio contrai dentro do enunciado, quer no seu papel primário de adjacente circunstancial,

quer por sua combinação com outras unidades no interior de um grupo nominal unitário" [AL.1, § 178].

Na classificação do advérbio, ora se pauta pelos valores léxicos (semânticos) das unidades que o constituem, ora por critérios funcionais. No primeiro caso, são os advérbios classificados como denotadores de *tempo* (*agora*, *antes*, *tarde*, etc.), de *lugar* (*aqui*, *fora*, etc.), de *quantidade* (*tanto*, *muito*, *bastante*, etc.), etc. Pelo segundo critério, teremos os *demonstrativos* (*aqui*, *então*, *agora*, *aí*, etc.), os *relativos* (*onde*, *como*, *quando*, etc.) e *interrogativos* (*quando*?, *onde*?, *como*?).

As principais circunstâncias expressas por advérbio ou locução adverbial são:

1) *assunto*: Conversar sobre música.

2) *causa*: Morrer de fome.

3) *companhia*: Sair com os amigos.

4) *concessão*: Voltaram apesar do escuro.

5) *condição*: Só entrará com autorização. Não sairá sem licença.

6) *conformidade*: Fez a casa conforme a planta.

7) *dúvida*: Talvez melhore o tempo. Acaso encontrou o livro.

8) *fim*: Preparou-se para o baile.

9) *instrumento*: Escrever com lápis.

10) *intensidade*: Andou mais depressa.

11) *lugar*: Estuda aqui. Foi lá. Passou pela cidade. Veio dali.

12) *modo*: Falou assim. Anda mal. Saiu às pressas.

13) *referência*: "O que nos sobra *em glória* de ousados e venturosos navegantes, míngua-nos *em fama* de enérgicos e previdentes colonizadores" [LCo *apud* FB.1, 218].

14) *tempo*: Visitaram-nos hoje. Então não havia recursos. Sempre nos cumprimentaram. Jamais mentiu.

15) *negação*: Não lerá sem óculos.

OBSERVAÇÃO: A Nomenclatura Gramatical Brasileira põe os denotadores de *inclusão*, *exclusão*, *situação*, *retificação*, *designação*, *realce*, etc. à parte, sem a rigor incluí-los entre os advérbios, mas constituindo uma classe ou grupo heterogêneo chamado *denotadores*, que coincide, em parte, com a proposta de José Oiticica das *palavras denotativas*, muitas das quais têm papel transfrástico e melhor atendem a fatores de função textual estranhos às relações semântico-sintáticas inerentes às orações em que se acham inseridas:

1 – *inclusão*: também, até, mesmo, etc.:

Até o professor riu-se.

Ninguém veio, *mesmo* o irmão.

2 – *exclusão*: só, somente, salvo, senão, apenas, etc.:

Só Deus é imortal.

Apenas o livro foi vendido.

3 – *situação*:

Mas que felicidade.

Então duvida que se falasse latim?

Pois não é que ele veio.

4 – *retificação*: aliás, melhor, isto é, ou antes, etc.:

Comprei cinco, *aliás*, seis livros.

Correu, *isto é*, voou até nossa casa.

5 – *designação*:

Eis o homem.

6 – *realce*:

Nós *é que* somos brasileiros.

7 – *expletivo*: lá, só, ora, que:

Eu sei *lá*!

Vejam *só* que coisa!

Oh! *Que* saudade *que* tenho!

Ora decidamos logo o negócio.

8 – *explicação*: a saber, por exemplo, isto é, etc.:

Eram três irmãos, *a saber*: Pedro, Antônio e Gilberto.

O plano "transfrástico" e os advérbios – No estudo de certas unidades torna-se de capital importância não deixar de lado as diversas camadas ou estratos de estruturação gramatical. No que toca particularmente a certos advérbios, merece atenção a camada da *antitaxe*, que diz respeito à retomada ou substituição de uma unidade de um plano gramatical qualquer, já presente ou virtualmente presente ou previsto no discurso, poder ser retomada ou antecipada por outra unidade, num ponto do discurso individual ou dialogado [ECs.2, 38]. A substituição ou retomada já vinha sendo posta em evidência pela gramática tradicional no caso dos pronomes; mas a ação da antitaxe é mais ampla e vai desembocar no papel textual de alguns advérbios, como veremos a seguir.

Assim, não são advérbios mas substitutos de oração (pro-orações ou pro-textos) *sim*, *não*, *talvez*, *também*, quando retomam, como respostas, enunciados textuais:

Você vai ao cinema? – *Sim.*

Ela fez os exercícios? – *Não*.

Tu não foste escolhido? *Também.*

Estão no mesmo caso as unidades de valor circunstancial (advérbios) que aparecem em orações do tipo seguinte, mas que retomam "estados de coisas" designados ou intuídos anteriormente, que exprimem relações ligadas ao sentido do discurso:

De fato nós saímos cedo.

Isto, *sem dúvida*, está errado.

Estes casos de antitaxe (retomada ou substituição) se combinam com outra camada de estruturação gramatical que é a *hipertaxe* ou *superordenação*, fenômeno pelo qual uma unidade de camada inferior pode funcionar sozinha em camadas superiores. É o caso de advérbios em *-mente* quando saem da camada no nível da palavra para funcionar no nível da cláusula e daí no nível da oração ou do texto, em exemplos como:

Certamente!

Naturalmente!

ambos no nível da oração e do texto, ou em:

Certamente ela não virá hoje.

Todos saíram ilesos, *felizmente*.

Naturalmente ele negará o que disse ontem.

todos no nível da cláusula comentário.

Portanto, a tais advérbios não se há de querer aplicar a série de características canônicas do advérbio que se acha exclusivamente preso às referências do núcleo verbal.

Também merecem referência especial os advérbios que estão no papel de diferençar as orações pelo seu "significado ôntico", isto é, o valor de existência que se atribui ao "estado de coisas" designado pela oração (existência certa, negada, duvidosa, desejada, etc.) 72. É o caso dos advérbios de *negação* e de *dúvida*:

Ele veio / Ele *não* veio

Ela chega / Ela *talvez* chegue

Advérbios de base nominal e pronominal – O advérbio, pela sua origem e significação, se prende a nomes ou pronomes, havendo, por isso, advérbios nominais e pronominais.

Entre os *nominais* se acham aqueles formados de adjetivos acrescidos do "sufixo" *-mente*: *rapidamente* (= de modo rápido), *pessimamente*. Na realidade, ficam a meio caminho, fonológica e morfologicamente, da derivação e da composição (locução).

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Se o nome tem forma para masculino e feminino, junta-se o sufixo ao feminino. Fazem exceção alguns adjetivos terminados em *ês* e *or*, que no português antigo só apresentavam uma forma para ambos os gêneros. Daí dizer-se *portuguesmente* (e não *portuguesamente*); *superiormente* (e não *superioramente*), *melhormente*.

2.ª) Estes advérbios em *-mente* se caracterizam por conservar o acento vocabular de cada elemento constitutivo, ainda que mais atenuado, o que lhes permite, numa série de advérbios, em geral só apresentar a forma em *-mente* no fim: Estuda *atenta* e *resolutamente*. Havendo ênfase, pode-se repetir o advérbio na forma plena:

"Depois, ainda falou *gravemente* e *longamente* sobre a promessa que fizera" [MA *apud* SS.1, § 480].

Entre os *pronominais*, temos:

a) *demonstrativos*: aqui, aí, acolá, lá, cá.

b) *relativos*: onde (em que), quando (em que), como (por que).

c) *indefinidos*: algures, alhures, muito, pouco, que.

d) *interrogativos*: onde?, quando?, como?, por que? (por quê?).

Os advérbios relativos, como os pronomes relativos, servem para referir-se a unidades que estão postas na oração anterior. Nas ideias de lugar empregamos *onde*, em vez de *em que*, *no qual* (e flexões):

A casa *onde* mora é excelente.

Precedido das preposições *a* ou *de*, grafa-se *aonde* e *donde*:

O sítio *aonde* vais é pequeno.

É bom o colégio *donde* saímos.

Ainda como os pronomes relativos, os advérbios relativos podem empregar-se de modo absoluto, isto é, sem referência a antecedente:

Moro onde mais me agrada.

Os advérbios interrogativos de base pronominal se empregam nas perguntas diretas e indiretas em referência ao lugar, tempo, modo ou causa:

Onde está estudando o primo? Ignoro onde estuda.

Quando irão os rapazes? Não sei quando irão os rapazes.

Como fizeram o trabalho? 73. Perguntei-lhes como fizeram o trabalho.

Por que chegaram tarde? Dir-me-ás por que chegaram tarde.

OBSERVAÇÃO: O *Vocabulário Oficial* preceitua que se escreva em duas palavras o advérbio interrogativo *por que*, por estar preocupado em indicar a origem pronominal do advérbio, distinguindo-o de *porque* conjunção, que, na essência, se prende também a uma combinação de *por* + *que*. Melhor seria, seguindo a tradição do idioma, grafar todo *porque* num só vocábulo. Quanto à origem, *por que* e *porque* se identificam: *porque* (e o mesmo vale para *quando* e *como*) não se enquadra apenas como conjunção; *porque*, *quando* e *como* são, em verdade, "expressões adverbiais conjuntivas, isto é, expressões que, sem perderem a sua função adverbial, têm concomitantemente função conjuntiva" [MAg.1, 197].

Adverbialização de adjetivos – Muitos adjetivos, permanecendo imóveis na sua flexão de gênero e número, podem passar a funcionar como advérbio:

Fala *claro* na hora da sua defesa.

Compraram *caro* a fazenda.

Agora estão vivendo *melhor*.

O critério formal de diferenciação das duas classes de modificador (adjetivo: modificador nominal; advérbio: modificador verbal) é a variabilidade do primeiro e a invariabilidade do segundo74:

Eles vendem muito *cara* a fruta. (adjetivo)

Eles vendem *caro* a fruta. (advérbio)

A concordância atrativa e intenções estilísticas e rítmicas podem desfazer as fronteiras acima apontadas.

Intensificação gradual dos advérbios – Há certos advérbios, principalmente os de modo, que podem manifestar uma relação intensificadora gradual, empregando-se, no comparativo e superlativo, de acordo com as regras que se aplicam aos adjetivos:

1 – COMPARATIVO DE
- a) *inferioridade*: Falou *menos* alto *que* (ou *do que*) o irmão.
- b) *igualdade*: Falou *tão* alto *quanto* (ou *como*) o irmão.
- c) *superioridade*:
  - 1) *analítico*: Falou *mais* alto *que* (ou *do que*) o irmão.
  - 2) *sintético*: Falou *melhor* (ou *pior*) *que* (ou *do que*) o irmão.

2 – SUPERLATIVO ABSOLUTO
- a) *sintético*: Falou *pessimamente*, *altíssimo*, *baixíssimo*, *dificílimo*.
- b) *analítico*: Falou *muito* ruim, *muito* alto, *extremamente* baixo, *consideravelmente* difícil, *o mais* depressa possível (indica o limite da possibilidade).

Na realidade, tais intensificações ou gradações do advérbio – como do adjetivo – se expressam por estruturas sintáticas que devem merecer atenção no estudo dos padrões frasais

do português.

3 – Diminutivo com valor de superlativo – Em linguagem familiar pode-se expressar o valor superlativo do advérbio pela sua forma diminutiva, combinada com o valor lexical das unidades que com ele concorrem:

Andar *devagarzinho* (muito devagar, um tanto devagar).

Acordava *cedinho* e só voltava à noitinha.

Saiu *agorinha*.

O diminutivo das fórmulas de recomendação não indica mais lentidão ou ligeireza da realização do fato, mas serve de expressar ou acentuar a recomendação:

Vá *depressinha* apanhar o meu chapéu.

É bom que estudes *devagarinho*.

Observação: Em lugar de *mais bem* e *mais mal* empregam-se *melhor* e *pior*:

"Ninguém conhece *melhor* os interesses do que o homem virtuoso; promovendo a felicidade dos outros assegura também a própria" [MM].

Usa-se, entretanto, de *mais bem* e *mais mal* junto a adjetivos:

"Os esquadrões *mais bem* encavalgados foram despedidos logo em seguimento dos fugitivos" [AH.1, 224].

"Com a maça jogada às mãos ambas abalava e rompia as armas *mais bem* temperadas..." [AH.1, 108].

8 – Preposição

Preposição – Chama-se preposição a uma unidade linguística desprovida de independência – isto é, não aparece sozinha no discurso, salvo por hipertaxe – e, em geral, átona, que se junta a substantivos, adjetivos, verbos e advérbios para marcar as relações gramaticais que elas desempenham no discurso, quer nos grupos unitários nominais, quer nas orações.

Não exerce nenhum outro papel que não seja ser índice da função gramatical de termo que ela introduz.

Em:

Aldenora gosta de Belo Horizonte

a preposição *de* une a forma verbal *gosta* ao seu termo complementar *Belo Horizonte* para ser o índice da função gramatical preposicionada *complemento relativo*.

Já em:

homem de coragem,

a mesma preposição *de* vai permitir que o substantivo *coragem* exerça o papel de *adjunto adnominal* do substantivo *homem* – função normalmente desempenhada por adjetivo. Daí dizer-se que, nestes casos, a preposição é um *transpositor*, isto é, elemento gramatical que habilita uma determinada unidade linguística a exercer papel gramatical diferente daquele que normalmente exerce. Ora, o substantivo normalmente não tem por missão ser palavra modificadora de outro substantivo, razão por que não é comum dizer-se *homem coragem*; para que *coragem* esteja habilitado a assumir o papel gramatical do adjetivo *corajoso* (homem corajoso), faz-se necessário o concurso do transpositor *de*: homem *de coragem*.

Neste papel, o termo anterior à preposição chama-se *antecedente* ou subordinante, e o posterior chama-se *consequente* ou subordinado. O subordinante pode ser substantivo, adjetivo, pronome, verbo, advérbio ou interjeição:

livro de história
útil a todos
alguns de vocês
necessito de ajuda
referentemente ao assunto
ai de mim!

O subordinado é constituído por substantivo, adjetivo, verbo (no infinitivo ou gerúndio) ou advérbio:

casa de *Pedro*
pulou de *contente*
gosta de *estudar*
em chegando
ficou por *aqui*

No exemplo:

De noite todos os gatos são pardos,

o grupo unitário *de noite* exerce na oração o papel de adjunto adverbial; mas o que temos como núcleo é outro substantivo, cujo significado lexical está incluído no amplo campo semântico das designações temporais das partes do dia: *noite*. Impõe-se a presença do transpositor *de* para que o substantivo fique habilitado ou constituindo uma locução adverbial temporal (*de noite*) e assim possa exercer a função de adjunto adverbial na oração acima.

No exemplo primeiro:

Aldenora gosta de Belo Horizonte,

diz-se que a preposição aparece por *servidão gramatical*, isto é, ela é mero índice de função sintática, sem correspondência com uma noção ou categoria gramatical, exigida pela noção léxica do grupo verbal e que, exterior ao falante, impõe a este o uso exclusivo de uma unidade linguística [GGh.1, 99]. É o que ocorre, por exemplo, com "a regência obrigatória de determinada preposição para os objetos que são alvo direto do processo verbal (*tratar de alguma coisa*, etc.)" [MC.4, 217].

Preposição e significado – Já vimos que tudo na língua é semântico, isto é, tudo tem um significado, que varia conforme o papel léxico ou puramente gramatical que as unidades linguísticas desempenham nos grupos nominais unitários e nas orações. As preposições não fazem exceção a isto:

Nós trabalhamos *com* ele, e não *contra* ele.

Contextos deste tipo ressaltam bem o significado de unidades como *com ele* e *contra ele*, auxiliados por diferentes preposições. Todavia, devemos lembrar aqui a noção de *significado unitário* (que não quer dizer significado *único*), exposta nas páginas de introdução.

Ora, cada preposição tem o seu significado unitário, fundamental, primário, que se desdobra em outros significados contextuais (sentido), em acepções particulares que emergem do nosso saber sobre as coisas e da nossa experiência de mundo.

Coseriu lembra, para tanto, o caso da preposição *com*, à qual as gramáticas atribuem englobadamente os significados de "companhia" (*dancei com Marlit*), "modo" (*estudei com prazer*), "instrumento" (*cortei o pão com a faca*), "causa" (*fugiu com medo do ladrão*),

“oposição” (*lutou com o ladrão*), entre outras.

A língua portuguesa só atribui a *com* o significado de “copresença”; o que, na língua, mediante o seu sistema semântico, se procura expressar com esta preposição é que, na fórmula *com* + *x*, *x* está sempre presente no “estado de coisas” designado. Os significados ou sentidos contextuais, analisados pela nossa experiência de mundo e saber sobre as coisas (inclusive as coisas da língua, que constitui a nossa competência linguística) nos permitem dar um passo a mais na interpretação e depreender uma acepção secundária.

Assim, em *cortar o pão com faca*, pelo que sabemos o que é “cortar”, “pão”, “faca”, entendemos que a *faca* não só esteve presente ao ato de “cortar o pão”, mas foi o “instrumento” utilizado para a realização desta ação.

Já em *dancei com Marlit*, emerge, depois da noção da “copresença”, o sentido de “companhia”, pois que em geral não se pratica a dança sozinho.

Em *estudei com prazer*, o *prazer* não só esteve “presente”, mas representou o “modo” de como a ação foi levada a termo.

Mas que a preposição *com* por si não significa “instrumento”, prova-o que esta interpretação não se ajusta a:

Everaldo cortou o pão *com* a Rosa,

pois que, assim como sabíamos o que significa *faca*, sabemos o que é *Rosa*: não se trata de nenhum instrumento cortante, capaz de fatiar o *pão*; teríamos, neste exemplo, uma acepção contextual (sentido) de “ajuda”, ou “companhia”, por esta ou aquela circunstância em que o *pão* se achava e que só o entorno ou situação poderia explicar o conteúdo da oração.

Assim, não se deve perder de vista que, na relação dos “significados” das preposições, há sempre um significado unitário de língua, que se desdobra em sentidos contextuais a que se chega pelo contexto e pela situação.

O sistema preposicional do português, do ponto de vista semântico, está dividido em dois campos centrais: um que se caracteriza pelo traço “dinamicidade” (física ou figurada) e outro em que os traços de noções “estáticas” e “dinâmicas” são indiferentemente marcados ambos, tanto em referência ao espaço quanto ao tempo.[75]

Ao primeiro campo pertencem: *a*, *contra*, *até*, *para*, *por*, *de* e *desde*; ao segundo: *ante*, *trás*, *sob*, *sobre*, *com*, *sem*, *em* e *entre*.

O primeiro grupo admite divisão em dois subgrupos: *a*) movimento de aproximação ao ponto de chegada (*a*, *contra*, *até*, *para*) ; *b*) movimento de afastamento (*de*, *desde*). A preposição *por* se mostra compatível com as duas noções aqui apontadas.

O primeiro subgrupo ainda se pode dividir em duas outras noções suplementares: *a*) “chegada ao limite” (*a*, *até*, *contra*, sendo que a *contra* se adiciona a noção de “limite como obstáculo” ou “confrontamento”); *b*) “mera direção” (*para*).

O segundo subgrupo também admite divisão em duas outras noções de afastamento: *a*) “origem” (*de*); *b*) “mero afastamento” (*desde*).

O segundo grupo admite divisão em dois subgrupos: *a*) situação definida e concreta (*ante*, *trás*, *sob*, *sobre*); *b*) situação mais imprecisa (*com*, *sem*, *em*, *entre*).

O primeiro subgrupo acima ainda se pode dividir em duas outras noções suplementares: *a*)

“situação horizontal” (*ante*, *trás*); *b*) “situação vertical” (*sob*, *sobre*).

O segundo subgrupo também admite divisão em duas outras noções suplementares: *a*) “copresença”, distribuída em “positiva” (*com*) e “negativa” (*sem*) ; *b*) em que a noção de “limite”, dentro da imprecisão que caracteriza o par, marca a preposição *entre*.

Veja adiante o quadro resumo do sistema preposicional do português do ponto de vista semântico.

Unidades convertidas em preposições – No sentido inverso à criação de advérbios ou locuções adverbiais mediante o emprego de preposições combinadas com substantivos (*à noite*, *de tarde*, *com prazer*, etc.), certos advérbios ou outras palavras transpostas à classe de advérbio, e certos adjetivos imobilizados no masculino podem converter-se em preposição:

Fora os alunos, ninguém mais pôde entrar no salão.

Após a chuva, vieram os prejuízos.

Os negociantes foram soltos *mediante* fiança.

Durante o jogo, a torcida cantava o hino do clube.

Também podem converter-se em preposição adjetivos como *exceto*, *salvo*, *visto*, *conforme*, *segundo*, *consoante*, *mediante* e os quantificadores indefinidos *mais* e *menos* quando estão empregados para exprimir não a quantidade, mas a soma e a subtração (***mais*** *estes reais*, ***menos*** *estes reais*; *ele* ***mais*** *o pai*).

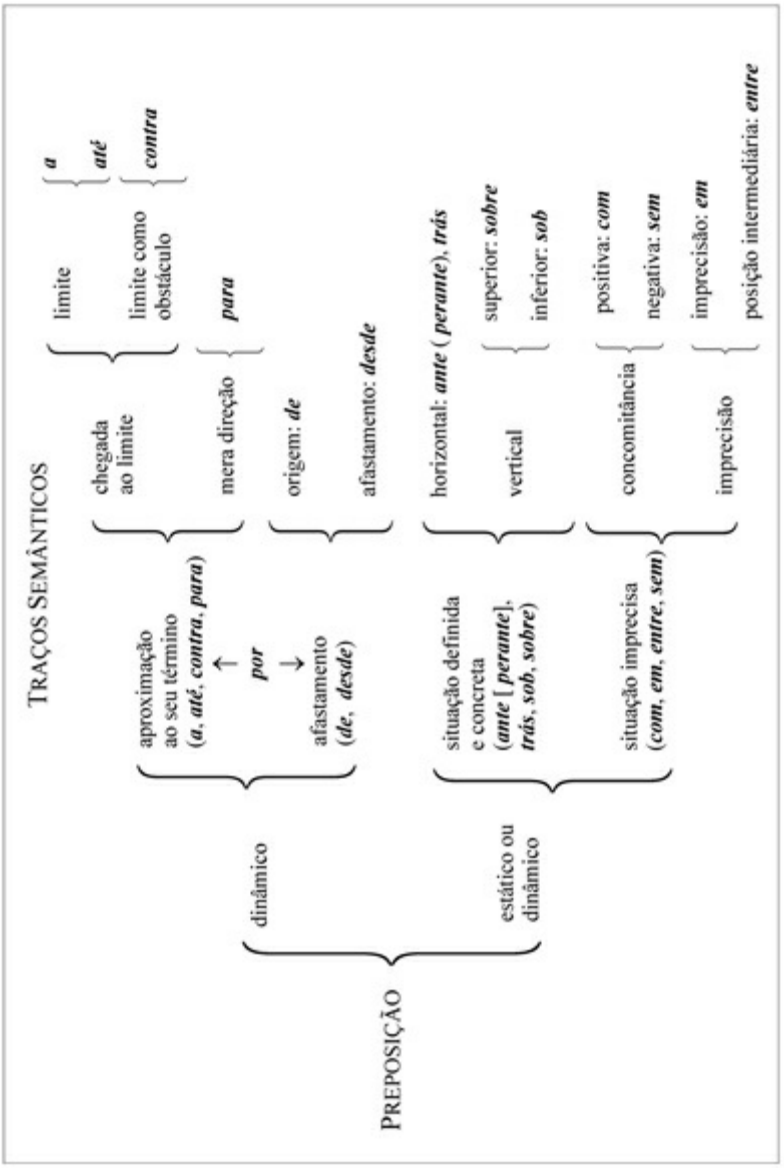

Locução prepositiva – é o grupo de palavras com valor e emprego de uma preposição. Em geral a locução prepositiva é constituída de advérbio ou locução adverbial seguida da preposição *de*, *a* ou *com*:

O garoto escondeu-se *atrás do* móvel.

Não saímos *por causa da* chuva.

O colégio ficava *em frente a* casa.

O ofício foi redigido *de acordo com* o modelo.

Às vezes a locução prepositiva se forma de duas preposições, como: *de per* (na locução *de per si*), *até a* e *para com*.

Foi *até ao* colégio.

Mostrava-se bom *para com* todos.

OBSERVAÇÃO: O substantivo que às vezes entra para formar estas locuções em geral está no singular; mas o plural também é possível: *Viver à custa do pai* (ou *às custas do pai*), *O negócio está em via de solução* (ou *em vias de solução*).

Preposições essenciais e acidentais – Há palavras que só aparecem na língua como preposições e, por isso, se dizem *preposições essenciais*: *a*, *ante*, *até*, *com*, *contra*, *de*,

desde, *em*, *entre*, *para*, *perante*, *por*, *sem*, *sob*, *sobre*, *trás*.

São ACIDENTAIS as palavras que, perdendo seu valor e emprego primitivos, passaram a funcionar como preposições: *durante*, *como*, *conforme*, *feito*, *exceto*, *salvo*, *visto*, *segundo*, *mediante*, *tirante*, *fora*, *afora*, etc.

Só as preposições *essenciais* se acompanham de formas tônicas dos pronomes oblíquos:

Sem *mim* não fariam isso.

Exceto *eu*, todos foram contemplados.

Acúmulo de preposições – Não raro duas preposições se juntam para dar maior efeito expressivo às ideias, guardando cada uma seu sentido primitivo:

Andou *por sobre* o mar.

Estes acúmulos de preposições não constituem uma locução prepositiva porque valem por duas preposições distintas. Combinam-se com mais frequência as preposições: *de*, *para* e *por* com *entre*, *sob* e *sobre*.

"De uma vez olhou *por entre* duas portadas mal fechadas para o interior de outra sala..." [CBr.1, 175].

"Os deputados oposicionistas conjuravam-no a não levantar mão *de sobre* os projetos depredadores" [CBr.1].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Pode ocorrer depois de algumas preposições acidentais (*exceto*, *salvo*, *tirante*, *inclusive*, etc. de sentido exceptivo ou inclusivo) outra preposição requerida pelo verbo, sendo que esta última preposição não é obrigatoriamente explicitada:

Gosto de todos daqui, exceto *ela* (ou *dela*).

Sem razão, alguns autores condenam, nestes casos, a explicitação da segunda preposição (*dela*, no exemplo acima).

Senhoreou-se de tudo, *exceto dos* dois sacos de prata [CBr *apud* MBa.3, 326].

2.ª) Na coordenação, não é necessário repetir as preposições, salvo quando assim o exigirem a ênfase, a clareza ou a eufonia:

Quase não falaram *com* o diretor e repórteres.

Quase não falaram *com* o diretor e *com* os repórteres.

A repetição é mais frequente antes dos pronomes pessoais tônicos e do reflexivo:

Então desde o Nilo ao Ganges / Cem povos armados vi / erguendo torvas falanges / *contra mim* e *contra ti* [Passos *apud* ED.2, § 223, a].

A norma se estende às locuções prepositivas, quando é mais comum a repetição do último elemento da locução:

Antes *do* bem e *do* mal estamos nós.

Quando a preposição se encontra combinada com artigo, deve ser repetida se repetido está o artigo:

"Opor-se *aos* projetos e *aos* desígnios d'alguns" [ED.2]

3.ª) Uma expressão preposicionada indicativa de lugar ou tempo pode ser acompanhada de uma segunda de significado local ou temporal:

Levou-o *para ao* pé da cruz.

Desde pela manhã, esperava novas notícias.

"Nós não fazemos senão andar atrás delas, *desde pela* manhã até a noite, desde a noite *até pela* manhã" [Mesquita *apud* MBa.2, 70].

Trata-se aqui de expressões petrificadas que valem por uma unidade léxica (*ao pé de*, *pela manhã*, etc.) e como tais podem depois ser precedidas de preposição.

Combinação e contração com outras palavras – Diz-se que há *combinação* quando a preposição, ligando-se a outra palavra, não sofre redução. A preposição *a* combina-se com o artigo definido masculino: *a+o = ao; a+os = aos*.

Diz-se que há *contração* quando, na ligação com outra palavra, a preposição sofre redução. As preposições que se contraem são: 76

A

1) com o artigo definido ou pronome demonstrativo feminino:

a + a = à; a + as = às (esta fusão recebe o nome de *crase*)

2) com o pronome demonstrativo:

a + aquele = àquele; a + aqueles = àqueles (crase)
a + aquela = àquela; a + aquelas = àquelas (crase)
a + aquilo = àquilo (crase)

Observações:

1.ª) Muitas vezes a ligação ou não da preposição à palavra seguinte depende da necessidade de garantir a clareza da mensagem, amparada por entoação especial:

> "Para Saussure a "ciência" dos signos era para ser um ramo da psicologia social, e a linguística uma subespécie deste ramo *apesar de a* mais importante" [JDe.1, 20].

M. Bandeira sentiu necessidade de não proceder à crase em *a aquela*, no exemplo:

> "Para tudo isso, porém, existe a adesão em massa. É o maior medo de Oswald de Andrade. De fato nada resiste *a aquela* estratégia paradoxal" [MB.2, 248].

2.ª) Não se combina o artigo quando este é parte integrante do sintagma nominal, como no seguinte exemplo:

> Há quem conheça o que se decidiu chamar *de o espírito carioca*.

É pela mesma razão de conservar a integridade que se deve evitar fazer a combinação da preposição com a palavra inicial dos títulos de livros, jornais e demais periódicos:

> *de* Os Lusíadas; *em* Os Sertões.

Também é preferível não se usar apóstrofo (*d'Os Lusíadas*), nem a repetição do artigo (*dos Os Lusíadas*).

> A prática dos escritores se mostra muito indecisa neste particular [AK.2, 55].

De

1) com o artigo definido masculino e feminino:

de + o = do; de + a = da; de + os = dos; de + as = das

2) com o artigo indefinido (menos frequente):

de + um = dum; de + uns = duns
de + uma = duma; de + umas = dumas

3) com o pronome demonstrativo:

de + aquele = daquele; de + aqueles = daqueles
de + aquela = daquela; de + aquelas = daquelas
de + aquilo = daquilo
de + esse = desse; de + esses = desses; de + este = deste; de + estes = destes
de + essa = dessa; de + essas = dessas; de + esta = desta; de + estas = destas
de + isso = disso; de + isto = disto

4) com o pronome pessoal:

de + ele = dele; de + eles = deles
de + ela = dela; de + elas = delas

5) com o pronome indefinido:

de + outro = doutro; de + outros = doutros
de + outra = doutra; de + outras = doutras

6) com advérbio:

de + aqui = daqui; de + aí = daí; de + ali = dali, etc.

Em

1) com o artigo definido, graças à ressonância da nasal:

em + o = no; em + os = nos; em + a = na; em + as = nas

2) com o artigo indefinido:

em + um = num; em + uns = nuns
em + uma = numa; em + umas = numas

3) com o pronome demonstrativo:

em + aquele = naquele; em + aqueles = naqueles
em + aquela = naquela; em + aquelas = naquelas
em + aquilo = naquilo
em + esse = nesse; em + esses = nesses; em + este = neste; em + estes = nestes
em + essa = nessa; em + essas = nessas; em + esta = nesta; em + estas = nestas
em + isso = nisso; em + isto = nisto

4) com o pronome pessoal:

em + ele = nele; em + eles = neles
em + ela = nela; em + elas = nelas

Per – com as formas antigas do artigo definido:

per + lo = pelo; per + los = pelos; per + la = pela; per + las = pelas

Para (*pra*) – com o artigo definido:

para (pra) + o = pro; para (pra) + os = pros; para (pra) + a = pra; para (pra) + as = pras

***Co*(*m*)** – com artigo definido, graças à supressão da ressonância nasal (ectlipse):

co(m) + o = co; co(m) + os = cos; co(m) + a = coa; co(m) + as = coas

A preposição e sua posição – Em vez de vir entre o termo subordinante e o subordinado, a preposição, graças à possibilidade de outra disposição das palavras, pode vir aparentemente sem o primeiro:

Por lá *todos* ***passaram***.
(subordinado) (subordinante)
Os primos ***estudaram com José***.
(subordinante) (subordinado)
Com José *os primos* ***estudaram***.
(subordinado) (subordinante)
"*Quem há de resistir*?
Resistir quem há de?" [LG]

Principais preposições e locuções prepositivas

a	de	exceto
abaixo de	de acordo com	fora de
acerca de, cerca de	debaixo de	junto a
acima de	de cima de	junto de

a fim de
à frente de
ante
antes de
ao lado de
ao longo de
ao redor de
a par com
apesar de
após
após de
a respeito de
à roda de
até
até a
atrás de
através de
com
como
conforme
consoante
contra
de conformidade com
defronte de
dentre
dentro
dentro de
dentro em
desde, dês
detrás de
diante de
durante
em
embaixo de
em cima de
em favor de
em frente de
em lugar de
em prol de
em razão de
em troco de
em vez de
entre
mediante
na conta de
não obstante
para
para com
per
por
por baixo de
por cima de
por defronte de
por dentro de
por detrás de
por diante de
por meio de
quanto a, enquanto a
segundo
sem
sem embargo de
sob
sobre
trás

Emprego da preposição

1) ***A***

Esta preposição aparece nos seguintes principais empregos:

a) Introduz complementos verbais (objetos indiretos) e nominais representados por nomes ou

pronomes oblíquos tônicos:

"Perdoamos mais vezes *aos nossos inimigos* por fraqueza, que por virtude" [MM].

"O nosso amor próprio é muitas vezes contrário *aos nossos interesses*".

"A força é hostil *a si própria*, quando a inteligência a não dirige" [MM].

b) Introduz objetos diretos:

"O mundo intelectual deleita *a poucos*, o material agrada *a todos*" [MM].

"O homem que não é indulgente com os outros, ainda se não conhece *a si próprio*" [MM].

c) Prende infinitivos a certos verbos que o uso ensinará:

"Os homens, dizendo em certos casos que vão falar com franqueza, parecem *dar a entender* que o fazem por exceção de regra" [MM].

Geralmente tais verbos indicam a causa, o início, a duração, a continuação ou o termo de movimento ou extensão da ideia contida no verbo principal. Os principais são: abalançar-se, acostumar-se, animar-se, anuir, aparelhar-se, aprender, apressar-se, arrojar-se, aspirar, atender, atrever-se, autorizar, aventurar-se, chegar, começar (também com *de* e *por*), concorrer, condenar, continuar, costumar, convidar (também com *para*), decidir-se, entrar, estimular, excitar-se, expor-se, habilitar-se, habituar-se, meter-se, obrigar, pôr-se, principiar, resolver-se, vir.

d) Prende infinitivos a certos verbos, formando locuções equivalentes e gerúndios de sentido progressivo:

"*Anda visitando* os defuntos? disse-lhe eu. Ora defuntos! respondeu Virgília com um muxoxo. E depois de me apertar as mãos: – *Ando a ver* se ponho os vadios para a rua" [MA *apud* SS.1, 309].

e) Introduz infinitivo designando condição, hipótese, concessão, exceção:

A ser verdade o que dizes, prefiro não colaborar.

"A filha estava com quatorze anos; mas era muito fraquinha, e não fazia nada, *a não ser* namorar os capadócios que lhe rondavam a rótula" [MA.1, 201].

f) Introduz ou pode introduzir o infinitivo da oração substantiva subjetiva do verbo *custar*:

"Custou-lhe muito *a aceitar* a casa" [MA.1, 194].

g) Introduz numerosas circunstâncias, tais como:

1) termo de movimento ou extensão:

"Nesse mesmo dia levei-os *ao Banco do Brasil*" [MA.1, 151].

OBSERVAÇÃO: Com os advérbios *aqui*, *lá*, *cá* e semelhantes não se emprega preposição:

"Vem *cá*, Eugênia, disse ela..." [MA.1, 96].

2) tempo em que uma coisa sucede:

"Indaguei do guarda; disse-me que efetivamente "esse sujeito" ia por ali às vezes. – *A* que horas?" [MA.1, 172].

3) fim ou destino:

"... apresentaram-se *a* falar ao imperador" [RP *apud* FB.1, 145].

Tocar *à* missa (= para assistir à missa).

Tocar o sino *a* ave-marias [EQ.5, 217].

4) meio, instrumento e modo:

matar à fome, fechar à chave, vender a dinheiro, falar aos gritos, escrever a lápis, viver a frutas, andar a cavalo.

Com os verbos *limpar*, *enxugar*, *assoar* indicamos de preferência o instrumento com *em*, e os portugueses com *a*: "limpar as lágrimas *no lenço*", "limpar as lágrimas *ao lenço*".

5) lugar, aproximação, contiguidade, exposição a um agente físico:

"Vejo-a a assomar *à porta* da alcova..." [MA.1, 14].

Estar *à janela*, ficar *à mesa*, *ao portão*, *ao sol*, falar *ao telefone*

6) semelhança, conformidade:

"Não sai *a nós*, que gostamos da paz..." [MA *apud* SS.1, 310].

"Desta vez falou *ao modo bíblico*" [MA *apud* SS.1].

Quem puxa *aos seus* não degenera.

7) distribuição proporcional, gradação:

um *a* um, mês *a* mês, pouco *a* pouco

OBSERVAÇÃO: Diz-se *pouco a pouco*, *pouco e pouco*, *a pouco e pouco*.

"*Pouco a pouco* muitas graves matronas... se tinham alongado da corte para suas honras e solares" [AH.3, 21].

8) preço:

A como estão as maçãs? *A* um real o quilo.

9) posse:

Tomou o pulso *ao* doente (= do doente).

10) forma numerosas locuções adverbiais:

à pressa, às pressas, às claras, às ocultas, às cegas, a granel, a rodo, etc.

Emprego do *à* acentuado – Emprega-se o acento grave no *a* para indicar que soa como vogal aberta nos seguintes dois casos:

1.º) quando representa a construção da preposição *a* com o artigo *a* ou o início de *aquele*(*s*), *aquela*(*s*), *aquilo*, fenômeno que em gramática se chama crase:

Fui *à* cidade.

O verbo *ir* pede a preposição *a*; o substantivo *cidade* pede o artigo feminino *a*: Fui *a a* cidade.

2.º) quando representa a *pura preposição a* que rege um substantivo feminino singular, formando uma locução adverbial que, por motivo de clareza, vem assinalada com acento diferencial:

à força, à míngua, à bala, à faca, à espada, à fome, à sede, à pressa, à noite, à tarde, etc. [SA.4, 11-23; CR.2, 233; ED.2, §§ 58 e 156; SL.1, 224].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) *Crase* é um fenômeno fonético que se estende a toda fusão de vogais iguais, e não só ao *a* acentuado.

2.ª) Não há razão para condenar-se o verbo *crasear* para significar "pôr o acento grave indicativo da crase". O que se não deve é chamar *crase* ao acento grave:

"Alencar *craseava* a preposição simples *a*" [JO.3, 27].

Ocorre a crase nos seguintes casos principais:

a) diante de palavra feminina, clara ou oculta, que não repele artigo:

Fui *à* cidade.

Dirigia-se *à* Bahia e depois *a* Paris.

Para sabermos se um substantivo feminino não repele artigo, basta construí-lo em orações em que apareçam regidos das preposições *de*, *em*, *por*. Se tivermos puras preposições, o nome dispensa artigo; se tivermos necessidade de usar, respectivamente *da*, *na*, *pela*, o artigo será obrigatório:

Fui *à* Gávea { Venho *da* Gávea / Moro *na* Gávea / Passo *pela* Gávea

Fui *a* Copacabana { Venho *de* Copacabana / Moro *em* Copacabana / Passo *por* Copacabana

Observações:

1.ª) O nome que sozinho dispensa artigo, pode tê-lo quando acompanhado de adjetivo ou locução adjetiva:

Fui *à* Copacabana de minha infância { Venho *da* Copacabana de minha infância. / Moro *na* Copacabana de minha infância. / Passo *pela* Copacabana de minha infância.

Assim se diz: Irei *à* casa paterna.

2.ª) Se for facultativo, nas condições acima, o emprego de *de* ou *da*, *em* ou *na*, *por* ou *pela*, será também facultativo o emprego do *a* acentuado:

Fui { *à* / *a* } França { Venho { *da* / *de* } França / Moro { *na* / *em* } França / Passo { *pela* / *por* } França

b) diante do artigo *a* e dos demonstrativos *aquele*, *aquela*, *aquilo*:

Referiu-se { à / *àquele* / *àquela* / *àquilo* } { que estava do seu lado

c) diante de possessivo em referência a substantivo oculto:

Dirigiu-se àquela casa e não *à* sua.

d) diante de locuções adverbiais constituídas de substantivo feminino plural:

às vezes, às claras, às ocultas, às escondidas, às três da manhã.

Não ocorre a crase nos seguintes casos principais:

a) diante de palavra de sentido indefinido:

Falou a { uma / certa / qualquer / cada / toda } pessoa

OBSERVAÇÃO: Há acento antes do numeral *uma*: Irei vê-la à uma hora.

b) diante dos pronomes relativos *que* (quando o *a* anterior for uma preposição), *quem*, *cuja*:

Está aí a pessoa *a* que fizeste alusão.
O autor *a* cuja obra a crítica se referiu é muito pouco conhecido.
Ali vai a criança *a* quem disseste a notícia.

c) diante de verbo no infinitivo:

Ficou *a* ver navios.
Livro *a* sair em breve.

d) diante de pronome pessoal e expressões de tratamento como V. Ex.ª, V.S.ª, V. M., etc.:

Não disseram *a* ela e *a* você toda a verdade.
Requeiro *a* V. Ex.ª com razão.

e) nas expressões formadas com a repetição de mesmo termo (ainda que seja um nome feminino), por se tratar de pura preposição:

frente *a* frente, cara *a* cara, face *a* face, gota *a* gota

f) diante da palavra *casa* quando desacompanhada de adjunto:

Irei *a* casa logo mais (cf. Entrei *em* casa; Saí *de* casa).

A crase é facultativa nos seguintes casos principais:

a) antes de pronome possessivo com substantivo feminino claro:

Dirigiu-se { *à* / *a* } minha casa, e não à sua

No português moderno dá-se preferência ao emprego do possessivo com artigo e, neste caso, ao *a* acentuado.

b) antes de nome próprio feminino:

As alusões eram feitas { *à* / *a* } Ângela

c) antes da palavra *casa* quando acompanhada de expressão que denota o dono ou morador, ou qualquer qualificação:

Irei { *à* / *a* } casa de meus pais

OBSERVAÇÕES:

1.ª) É preciso não identificar *crase* e *craseado* com acento e acentuado. Em tempos passados, principalmente entre os românticos, a preposição pura *a* era em geral acentuada, ainda diante de masculino, sem que isso quisesse indicar *a* craseado. Daí os falsos erros que se apontam em escritores dessa época, mormente em J. de Alencar.

2.ª) Deve-se usar *dormir a sesta*, e não *dormir à sesta*; *levá-lo a breca*, e não *levá-lo à breca*; *tudo está indo a breca*; *ele teria levado a breca*.

2) *Até*

Esta preposição indica o limite, o termo de movimento, e, acompanhando substantivo com artigo (definido ou indefinido) pode vir ou não seguida da preposição *a*:

Caminharam *até* { a / à } escola

"Ouvido isto, o desembargador comoveu-se *até às* lágrimas, e disse com mui entranhado afeto" [CBr.1, 67].

"... e prometem ser-lhe amparo *até ao* fim" [CBr.1, 77].

"Albernaz saiu fora da roda dos amigos e foi *até a* um canto da sala..." [LB *apud* SS.1, § 496].

É preciso distinguir a preposição da palavra de inclusão *até* que se usa para reforçar uma declaração com o sentido de "inclusive", "também", "mesmo", "ainda". A preposição pede pronome pessoal oblíquo tônico e a palavra de inclusão pede pronome pessoal reto:

Ele chegou *até mim* e disse toda a verdade.

Até eu recebi o castigo.

3) *Com*

Aparece nas circunstâncias de companhia, ajuntamento, simultaneidade, modo, maneira, meio, instrumento, causa, concessão (principalmente seguida de infinitivo), oposição:

"Quando os bons capitulam *com* os maus sancionam a própria ruína" [MM].

"Nunca agradecemos *com* tanto fervor como quando esperamos um novo favor" [MM].

"A economia *com* o trabalho é uma preciosa mina de ouro" [MM].

"Somos atletas na vida; lutamos *com* as paixões dos outros homens e *com* as nossas" [MM].

"Queremos governos perfeitos *com* homens imperfeitos: disparate" [MM].

"O silêncio *com* ser mudo não deixa de ser por vezes um grande impostor" [MM].

"A sociedade política nasceu da família; mas a família não acabou *com* (= temporal) a existência da sociedade" [AH.2, 144].

Inicia o complemento de muitos verbos e nomes (complemento relativo e complemento nominal):

"O lisonjeiro conta sempre *com* a abonação do nosso amor-próprio" [MM].

"O homem que não é indulgente *com* os outros, ainda se não conhece a si próprio" [MM].

4) *Contra*

Denota oposição, direção contrária, hostilidade:

Lutava *contra* tudo e *contra* todos.

Remar *contra* a maré

Votar *contra* alguém

Condenam bons mestres como galicismo o emprego desta preposição depois do verbo *apertar*, *estreitar* (e sinônimos), apesar dos exemplos de escritores corretos, uso que se vai generalizando:

"*Apertei contra* o coração o punho da espada" [AH.5, I, 37].

"E Dulce caiu nos braços do guerreiro trovador, que desta vez a *estreitou contra* o peito..." [AH.3, 144].

Também se considera como galicismo *contra* no sentido de "em troca de", bem como no sentido de "junto a", "ao lado de":

Dar a mercadoria *contra* recibo (por *mediante recibo*).

Encostar o móvel *contra* a parede (por *junto à parede*).

5) ***De***

a) Introduz complemento de verbos (complemento relativo) e nomes (complemento nominal) que o uso ensinará:

"Os sábios vivem ordinariamente solitários: receiam-se *dos velhacos*, e não podem tolerar os tolos" [MM].

"O temor *da morte* é a sentinela da vida" [MM].

b) Indica a circunstância de lugar donde, origem, ponto de partida dum movimento ou extensão (no tempo e no espaço), a pessoa ou coisa de que outra provém ou depende, em sentido próprio ou figurado e o agente da passiva (por ser o ponto de partida da ação), principalmente com os verbos que exprimem sentimento e manifestação de sentimentos:

"A maior parte dos erros em que laboramos neste mundo provém *da falsa definição*, ou *das noções falazes* que temos do bem e do mal" [MM].

"A doçura e beleza *das mulheres* parecem inculcar que são anjos e serafins que desceram *dos céus* e se humanaram na terra" [MM].

"Sancionada a virtude só pela opinião pública, ela desaparece *da* vida doméstica e *de* todos aqueles lugares não vistos *da multidão*" [AH.2, 143].

OBSERVAÇÃO: Modernamente o agente da passiva se rege mais de *por*.

c) Indica a pessoa, coisa, grupo ou série a que pertence ou de que se salienta, por qualquer razão, o nome precedido de preposição:

"A credulidade e confiança *de* muitos tolos faz o triunfo *de* poucos velhacos" [MM].

d) Indica a matéria de que uma coisa é feita:

"... ela só lhe aceitava sem relutância os mimos *de* escasso preço, como a cruz *de* ouro, que lhe deu, uma vez, de festas" [MA.1, 54].

e) Indica a razão ou a causa por que uma coisa sucede:

"O luxo, como o fogo, devora tudo e perece *de* faminto" [MM].

Cantar de alegria, morrer *de* medo.

f) Indica o assunto ou o objeto de que se trata:

"Dizer-se *de* um homem que tem juízo é o maior elogio que se lhe pode fazer" [MM].

g) Indica o meio, o instrumento ou modo, em sentido próprio ou figurado:

"O espírito vive *de* ficções, como o corpo se nutre *de* alimentos" [MM].

h) Indica a comparação, hoje principalmente na expressão *do que*:

São mais *de* três horas.

i) Indica a posição, o lugar:

"Sucede frequentes vezes admirarmos *de* longe o que *de* perto desprezamos" [MM].

j) Indica medida:

Copo *de* leite (= o leite na medida do copo), copo *d*'água, garrafa *de* vinho

OBSERVAÇÃO: Pode-se dizer também: *copo com leite*, *com água*, mas aí não se visa à medida, mas ao conteúdo.

l) Indica o fim, principalmente com infinitivo:

Dá-me *de* beber um copo d'água.

m) Indica o tempo:

De noite todos os gatos são pardos.

n) Ligando dois substantivos, imediatamente ou por intermédio de certos verbos, serve para caracterizar e definir uma pessoa ou coisa:

"O homem *de* juízo aproveita, o tolo desaproveita a experiência própria" [MM].

Rua *do* Ouvidor.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Nas denominações de ruas, escolas, teatros, monumentos, edifícios, festas religiosas e casas comerciais, e em circunstâncias que tais, se costuma omitir a preposição sem que haja regra fixa para tal critério: Avenida Rio Branco, Colégio Pedro II (mas Rua *do* Ouvidor, Praça *da* República).

2.ª) Usa-se a preposição *de* nas datas: 26 *de* fevereiro. Não é praxe da língua omiti-la nestas circunstâncias. Do mesmo modo, diz-se *o ano de 1928*, embora aqui se possa também empregar *o ano 1928*.

o) Indica o todo depois de palavras que significam parte:

A maioria *dos* homens, um terço *dos* soldados, um punhado *de* bravos; um pouco (ou uma pouca) *de* água.

OBSERVAÇÃO: Depois dos comparativos *maior*, *menor*, etc. pode ser substituído por *entre*: O maior *de* todos (= *entre* todos).

p) Indica modo de ser, semelhança, e normalmente vem precedendo predicativo:

"Muitos figuram *de* Diógenes, para se consolarem de não poderem ser Alexandres" [MM].

q) Liga adjetivo étnico ou gentílico aos substantivos *nação*, *nascimento*, *origem*:

brasileiro *de* nascimento, alemão *de* origem

r) Pode equivaler a *desde*:

Havia meio século *da* (= *desde a*) descoberta.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Note-se a fórmula *é de* com o sentido de *é próprio de*: "*É da* natureza humana que muitos homens trabalhem para manter os poucos que se ocupam em pensar para eles, instruí-los e governá-los" [MM].

2.ª) Em construção do tipo *acusar de negligente*, *presumir de formosa*, "explicam-se geralmente pela omissão de um verbo atributivo (*ser*, *estar*, etc.) ou pela fusão da construção do adjetivo com a de substantivo no mesmo lugar" [MBa.5, 297]. *Acusar de negligente* = *acusar de ser negligente*, *acusar de sua negligência*.

Não ocorre esta preposição nos seguintes principais casos:

a) em construções de tipo:

A primeira coisa que fiz foi vir a Madri (e não *foi de vir*).

b) "com os verbos e adjetivos que significam afastamento ou diferença, e com os que envolvem a ideia de aumento ou diminuição, superioridade ou inferioridade, a designação da medida que não tem preposição" [ED.1, § 125; JM.1, II, 46-47]:

Aumentar um centímetro (e não *aumentar de um*).

Este número excede aquele duas dezenas (e não *excede de duas dezenas*).

Mais novo alguns meses (e não *mais novo de alguns meses*).

c) depois do verbo *consistir*:

A prova consiste em duas páginas mimeografadas (e *não consiste de duas*).

NOTA: Os puristas, sem maiores exames, têm tachado de galicismo a expressão *de resto* (= quanto ao mais). Além de usada por grandes escritores, tem raízes no latim *de reliquo*.

6) *Em*

Denota:

a) lugar onde, situação, em sentido próprio ou figurado:

"Formam-se mais tempestades *em* nós mesmos que *no* ar, *na* terra e *nos* mares" [MM].

OBSERVAÇÃO: Com alguns verbos, para se exprimir esta circunstância, se emprega um pronome oblíquo átono em lugar da expressão introduzida por *em*:

"Pulsa-*lhe* (= nele) aquele afeto verdadeiro" [MA].

Não *me* toque. Bateu-*nos*. Mexeu-*lhe*.

b) tempo, duração, prazo:

"Os homens *em* todos os tempos, sobre o que não compreenderam, fabularam" [MM].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Precedendo um gerúndio, a preposição *em* aparece nas circunstâncias de tempo, condição ou hipótese:

"Ninguém, desde que entrou, *em* lhe *chegando* o turno, se conseguirá evadir à saída" [RB].

2.ª) Para denotar o espaço ou decurso de tempo usa-se a preposição *em* em concorrência a *dentro de* ou *daqui a*, emprego que alguns estudiosos, com exagero, veem como abuso ou imitação do francês [MBa.5, 75]:

Em cinco minutos irei atendê-lo.

c) modo, meio:

Foi *em pessoa* receber os convidados.

Pagava *em cheque* tudo o que comprava.

d) a nova natureza ou forma em que uma pessoa ou coisa se converte, disfarça, desfaz ou divide:

"O homem de juízo converte a desgraça *em* ventura, o tolo muda a fortuna *em* miséria" [MM].

Dar *em* doido.

e) preço, avaliação:

A casa foi avaliada *em* milhares de reais.

f) fim, destinação:

Vir *em* auxílio. Tomar *em* penhor. Pedir *em* casamento.

g) estado, qualidade ou matéria:

General *em* chefe. Ferro *em* brasa. Imagem *em* barro. Gravura *em* aço.

OBSERVAÇÃO: Tem-se, sem maior exame, condenado este emprego da preposição *em* como galicismo. Tem-se também querido evitar a expressão *em questão*, por se ter inspirado em modo de falar francês; mas é linguagem hoje comuníssima e corrente nas principais línguas literárias modernas.

h) causa, motivo (geralmente antes do infinitivo):

"Há povos que são felizes *em* não ter mais que um só tirano" [MM].

i) lugar para onde se dirige um movimento, sucessão, em sentido próprio ou figurado:

Saltar *em* terra. Entrar *em* casa. De grão *em* grão.

OBSERVAÇÃO: A língua padrão não agasalha este emprego com os verbos *vir*, *chegar*, preferindo a preposição *a*: Ir *à* cidade; chegar *ao* colégio.

j) forma, semelhança, significação de um gesto ou ação:

"Resoluta estendeu os braços, juntando as mãos *em* talhadeira e arrojou-se d'alto, mergulhando..." [CN *apud* SS.1, § 506, 7].

7) ***Entre***

Denota posição intermediária no espaço ou no tempo, em sentido próprio ou figurado:

"*Entre* o queijo e o café, demonstrou-me Quincas Borba que o sistema era a destruição da dor" [MA.1, 301].

Como as outras preposições, rege pronome oblíquo tônico, de modo que se diz *entre mim e ti*, *entre ele e mim*, *entre você e mim*, etc.

"Por que vens, pois, pedir-me adorações quando *entre mim e ti* está a cruz ensaguentada do Calvário...?" [AH.1, 46-47].

A língua exemplar evita exemplos como *entre eu e tu*, *entre eu e eles*, *entre eles e eu* e semelhantes. Deste último caso, em que o pronome reto não vem junto da preposição *entre* ocorrem alguns exemplos literários que a tradição do idioma evita:

"Odeio toda a gente / com tantas veras d'almas e tão profundamente /, que me ufano de ouvir que *entre eles e eu* existe / separação formal" [AC.4, 11-12].

8) ***Para***

Denota:

a) a pessoa ou coisa em proveito ou prejuízo de quem uma ação é praticada (objeto indireto, complemento relativo ou complemento nominal):

"Aborrecemos o absolutismo nos outros, porque o cobiçamos *para* nós mesmos" [MM].

"A preguiça nos maus é salutar *para* os bons" [MM].

b) a pessoa a que se atribui uma opinião (dativo livre):

"O pedir *para* quem não tem vergonha é menos penoso que trabalhar" [MM].

c) fim, destinação:

"A filha deu-me recomendações *para* Capitu e *para* minha mãe" [MA *apud* SS.1, 509, b].

d) fim:

"O ambicioso, *para* ser muito, afeta algumas vezes não valer nada" [MM].

e) termo de movimento, direção para um lugar com a ideia acessória de demora ou destino:

Foi *para* Europa.

OBSERVAÇÃO: Denota apenas "o lugar onde" em construções do tipo: Ele está agora *para* o Norte.

f) tempo a que se destina um objeto ou ação, ou para quando alguma coisa se reserva:

"Faz *para* as matanças seis anos que você justou comigo uma porca por 4 moedas..." [CBr *apud* JM.1, II, 49].

Vou aí *para* as seis horas.

9) ***Por*** (e ***per***)

Denota:

a) lugar por onde, em sentido próprio ou figurado:

"Tais eram as reflexões que eu vinha fazendo, *por* aquele Valongo fora, logo depois de ver e ajustar a casa" [MA.1,

190].

b) meio:

Puxar *pelo* paletó, rezar *pelo* livro, segurar *pelos* cabelos, levar *pela* mão, ler *pelo* rascunho, contar *pelos* dedos, enviar *pelo* correio.

c) modo:

Repetir *por* ordem, estudar *por* vontade.

"Louvamos *por* grosso, mas censuramos *por* miúdo" [MM].

d) distribuição:

Várias vezes *por* dia.

e) divisão, indicando a pessoa ou coisa que recebe o quinhão:

Distribuir *pelos* pobres, repartir *pelos* amigos, dividir *por* três a herança.

f) substituição, troca, valor igual, preço:

Comer gato *por* lebre.

"O barão dizia ontem, no seu camarote, que uma só italiana vale *por* cinco brasileiras" [MA.1, 183].

g) causa, motivo:

"O amor criou o Universo que *pelo* amor se perpetua" [MM].

"Muitos se abstêm *por* acanhados do que outros fogem *por* virtuosos" [MM].

h) nos juramentos e petições, designando a pessoa ou coisa invocada para firmar o juramento e para interceder:

jurar *pela* sua honra, pedir *pela* saúde de alguém [ED.1, § 163, b].

i) em favor de, em prol de:

Morrer *pela* pátria, lutar *pela* liberdade.

j) tempo, duração:

"Qual é aquele que, assentado, *por* noite de luar e serena sobre uma fraga marinha, não sente irem-se-lhe os olhos...?" [AH.2, 159].

l) agente da passiva:

"As mulheres são melhor dirigidas *pelo* seu coração do que os homens *pela* razão" [MM].

m) depois dos nomes que exprimem disposição ou manifestação de disposição de ânimo para com alguma coisa:

"A paixão *pelo* jogo pressupõe ordinariamente pouco amor *pelas* letras" [MM].

OBSERVAÇÃO: Não procede mais o ter-se como errônea a construção com *por*, nestes casos, porque, no português contemporâneo, o uso de *de* se especializou no sentido de genitivo objetivo. No português de outros tempos, *amor de Deus* era tanto o que consagramos a ele (genitivo objetivo) ou o que ele tem, o que nos consagra (genitivo subjetivo). Em lugar de *amor pelas letras* diz-se também corretamente *amor às letras*. Quando nos casos de genitivo objetivo pode ocorrer ambiguidade com o emprego da preposição *de*, costuma-se substituir esta preposição por *contra* (se o nome designa sentimento hostil) ou *para com* (se o sentimento é benévolo): Guerra *contra* os inimigos e respeito *para com* todos.

n) fim (em vez de *para*):

"Forcejava *por* obter-lhe a benevolência, depois a confiança" [MA.1, 194].

o) introduzindo o predicativo do objeto direto, denota qualidade, estado ou conceito em que se tem uma pessoa ou coisa:

Ter alguém *por* sábio. Enviar alguém *por* embaixador. Tenho *por* certo que ele virá.

OBSERVAÇÃO: Neste emprego pode ser substituída pela preposição *como*, apesar da crítica injusta dos puristas.77

9 – CONJUNÇÃO

Conector e transpositor – A língua possui unidades que têm por missão reunir orações num mesmo enunciado.

Estas unidades são tradicionalmente chamadas conjunções, que se repartem em dois tipos: *coordenadas* e *subordinadas*.

As conjunções coordenadas reúnem orações que pertencem ao mesmo nível sintático: dizem-se *independentes* umas das outras e, por isso mesmo, podem aparecer em enunciados separados.

Pedro fez concurso para medicina, *e* Maria se prepara para a mesma profissão.

Podíamos dizer desta maneira, em dois enunciados independentes:

Pedro fez concurso para medicina.
Maria se prepara para mesma profissão.

Daí ser a conjunção coordenativa um *conector*.

Como sua missão é reunir unidades independentes, pode também "conectar" duas unidades menores que a oração, desde que do mesmo valor funcional dentro de mesmo enunciado. Assim:

Pedro *e* Maria (dois substantivos)
Ele *e* ela (dois pronomes)
Ele *e* Maria (um pronome e um substantivo)
rico *e* inteligente (dois adjetivos)
ontem *e* hoje (dois advérbios)
saiu *e* voltou (dois verbos)
com *e* sem dinheiro (duas preposições)

Bem diferente é, entretanto, o papel da conjunção subordinada. No enunciado:

Soubemos que vai chover,

a missão da conjunção subordinada é assinalar que a oração que poderia ser sozinha um enunciado:

Vai chover

se insere num enunciado complexo em que ela (*vai chover*) perde a característica de enunciado independente, de oração, para exercer, num nível inferior da estruturação gramatical, a função de *palavra*, já que *vai chover* é agora objeto direto do núcleo verbal *soubemos*.

Assim, a conjunção subordinativa é um *transpositor* de um enunciado que passa a uma função de palavra, portanto de nível inferior dentro das camadas de estruturação gramatical. Diz-se, por isso, que *que vai chover* é uma oração "degradada" ao nível da palavra, e isto se deveu ao fenômeno de *hipotaxe* ou *subordinação*.

A oração degradada ou subordinada passa a exercer uma das funções sintáticas próprias do substantivo, do adjetivo e do advérbio, como veremos mais adiante.

Podemos aproximar o papel do transpositor *que* ao pronome relativo – que é um transpositor de oração degradada ao nível do adjetivo – e das preposições que, como vimos, transpõem uma unidade a exercer papel de outra unidade. Na oração *Ninguém é de ferro*, a preposição *de* transpõe o substantivo *ferro* à função de predicativo por ter *de ferro* passado a equivalente de adjetivo [AL.1, 229].

Conectores ou conjunções coordenativas – Os conectores ou conjunções coordenativas são de três tipos, conforme o significado com que envolvem a relação das unidades que unem: *aditivas*, *alternativas* e *adversativas*.

Conjunções aditivas – A aditiva apenas indica que as unidades que une (palavras, grupos de palavras e orações) estão marcadas por uma relação de adição. Temos dois conectores aditivos: *e* (para a adição das unidades positivas) e *nem* (para as unidades negativas). Vejam-se os exemplos extraídos do Marquês de Maricá:

O velho teme o futuro *e* se abriga no passado.

Uma velhice alegre *e* vigorosa é de ordinário a recompensa da mocidade virtuosa.

A pobreza *e* a preguiça andam sempre em companhia.

Não emprestes o vosso *nem* o alheio, não tereis cuidados *nem* receio.

Muitas vezes, graças ao significado dos lexemas envolvidos na adição, o grupo das orações coordenadas permite-nos extrair um conteúdo suplementar de "causa", "consequência", "oposição", etc. Estes sentidos contextuais, importantes na mensagem global, não interessam nem modificam a relação aditiva das unidades envolvidas: *Rico* ***e*** *inteligente* e *rico* ***e*** *desonesto*, ambas se unem por uma relação gramatical de adição, embora a oposição semântica existente entre *rico* e *desonesto* apresente um sentido suplementar, como se estivesse enunciado *rico* ***mas*** *desonesto*. O mesmo se dá se uma unidade for afirmativa e outra negativa: *rico e não honesto*.

Em lugar de *nem* usa-se *e não*, se a primeira unidade for positiva e a segunda negativa: rico *e não* honesto (compare com: ele *não* é rico *nem* honesto).

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Evite-se (embora não constitua erro) o emprego de *e nem* quando não houver necessidade de ênfase:

"Nunca vira uma boneca *e nem sequer* o nome desse brinquedo" [ML.2, 9].

"(...) mas o primo Nicolau está a dormir até tarde *e nem* à missa vai" [CBr.15].

2.ª) Algumas vezes *e* aparece depois de pausa, introduzindo grupos unitários e orações; são unidades enfáticas com função textual que extrapolam as relações internas da oração e constituem unidades textuais de situação:

"*E* repito: não é meu" [MA.1, 314].

3.ª) A expressão enfática da conjunção aditiva *e* pode ser expressa pela série *não só... mas também* e equivalentes.

Não só o estudo *mas também* a sorte são decisivos na vida.

Conjunções alternativas – Como o nome indica, enlaçam as unidades coordenadas matizando-as de um valor alternativo, quer para exprimir a incompatibilidade dos conceitos envolvidos, quer para exprimir a equivalência deles. A conjunção alternativa por excelência é *ou*, sozinha ou duplicada junto a cada unidade:

"Quando a cólera *ou* o amor nos visita, a razão se despede" [MM].

A enumeração distributiva que matiza a ideia de alternância leva a que se empreguem neste significado advérbios como *já*, *bem*, *ora* (repetidos ou não) ou formas verbais imobilizadas como *quer... quer*, *seja... seja*. Tais unidades não são conectores e, por isso, as orações enlaçadas se devem considerar justapostas.

OBSERVAÇÃO: "Cumpre lembrar que o par *seja... seja* não está de todo gramaticalizado, tanto que, em certas construções, aparece flexionado. *Sempre discordam de tudo,* ***sejam*** *as discordâncias ligeiras,* ***sejam*** *de peso*. S*empre discordavam de*

*tudo, **fossem** as discordâncias ligeiras, **fossem** as de peso*" [AK.1, 68].

Conjunções adversativas – Enlaçam unidades apontando uma oposição entre elas. As adversativas por excelência são *mas*, *porém* e *senão*.

Ao contrário das aditivas e alternativas, que podem enlaçar duas ou mais unidades, as adversativas se restringem a duas. *Mas* e *porém* acentuam a oposição; *senão* marca a incompatibilidade:

"Acabou-se o tempo das ressurreições, *mas* continua o das insurreições" [MM].

Unidades adverbiais que não são conjunções coordenativas – Levada pelo aspecto de certa proximidade de equivalência semântica, a tradição gramatical tem incluído entre as conjunções coordenativas certos advérbios que estabelecem relações interoracionais ou intertextuais. É o caso de *pois*, *logo*, *portanto*, *entretanto*, *contudo*, *todavia*, *não obstante*. Assim, além das conjunções coordenativas já assinaladas, teríamos as *explicativas* (*pois*, *porquanto*, etc.) e *conclusivas* (*pois* [posposto], *logo*, *portanto*, *então*, *assim*, *por conseguinte*, etc.), sem contar *contudo*, *entretanto*, *todavia* que se alinham junto com as adversativas. Não incluir tais palavras entre as conjunções coordenativas já era lição antiga na gramaticografia de língua portuguesa; vemo-la em Epifânio Dias [ED.1] e, entre brasileiros, em Maximino Maciel, nas últimas versões de sua *Gramática* [MMa.1]. Perceberam que tais advérbios marcam relações textuais e não desempenham o papel conector das conjunções coordenativas78, apesar de alguns manterem com elas certas aproximações ou mesmo identidades semânticas.

Que esses advérbios não são conjunções coordenativas e desempenham funções diversas prova-o o fato de poderem se compatibilizar, em exemplos como:

Não foram ao mesmo cinema *e*, *portanto*, não se poderiam encontrar.

Ele *e*, *portanto*, seu filho são responsáveis pela denúncia.

"Não queremos pensar na morte, *e por isso* nos ocupamos tanto da vida" [MM].

Cabe ao *e*, como conjunção, reunir num mesmo grupo oracional as duas orações independentes do enunciado, enquanto *portanto*, como advérbio, marca uma relação semântica com o que já foi dito. Poder-se-ia eliminar a conjunção *e* e, então, teríamos uma coordenação assindética, caso em que haveria uma pausa para marcar a fronteira das duas orações (marcada por vírgula ou ponto e vírgula):

Não foram ao mesmo cinema; *portanto* não se poderiam encontrar.

Poder-se-ia também eliminar o advérbio:

Não foram ao mesmo cinema *e* não se poderiam encontrar.

Não sendo próprio do advérbio exercer o papel de conector, ele poderia aparecer até numa oração subordinada, para marcar essa relação semântica entre os dois enunciados:

"Nunca perdemos de vista o nosso interesse, *ainda mesmo quando* nos inculcamos desinteressados" [MM].

Outra diferença entre as conjunções coordenativas e os advérbios (a que poderíamos chamar textuais ou discursivos) é que só as primeiras efetivam a coordenação entre subordinadas equifuncionais, isto é, do mesmo valor (substantiva, adjetiva ou adverbial) e com a mesma função sintática:

Espero que estudes *e* que sejas feliz.

Como advérbios, que guardam com o núcleo verbal uma relação, em geral, mais frouxa, esses advérbios podem vir em princípio em qualquer posição dentro da oração em que se inserem:

Eles não chegaram *nem todavia* deram certeza da presença.

Eles não chegaram *nem* deram, *todavia*, certeza da presença.

Eles não chegaram *nem* deram certeza da presença, *todavia*.

Também os advérbios não participam da particularidade das conjunções coordenativas de constituírem um bloco unitário de enunciados coordenados por sua vez coordenado a outro anterior [CA.1]:

Luís é vegetariano, *mas* [não come abóbora nem bebe chá].

Remetemos dois convites ao Paulo, *mas* [ou ele se mudou ou está doente].

Transpositores ou conjunções subordinativas – Já dissemos que o transpositor ou conjunção subordinativa transpõe oração degradada ou subordinada ao nível de equivalência de um substantivo capaz de exercer na *oração complexa* uma das funções sintáticas que têm por núcleo o substantivo.

Falamos em *oração complexa* e chegou o momento de diferençá-la em relação ao *grupo oracional*. Oração complexa é aquela que tem um ou mais dos seus termos sintáticos sob forma de uma oração subordinada.

Esperamos [*que todos venham ao baile*],

em que a oração transposta pelo *que* exerce uma das funções comuns ao substantivo: objeto direto do núcleo verbal *esperamos*.

Já no *grupo oracional* temos orações coordenadas, independentes, e que, por isso mesmo, podem ser usadas separadamente umas das outras:

Chegamos tarde e não assistimos a todo o filme, mas vimos o mais interessante dele.

Chegamos tarde. Não assistimos a todo o filme. Vimos o mais interessante dele.

As conjunções *e* e *mas* não modificam o valor sintático das orações reunidas; apenas indicam o tipo de relação semântica: *adição* (*e*) e *contraste* (*mas*).

Além do *que* transpositor de oração ao nível de substantivo, chamado *conjunção integrante*, e do *que* pronome relativo, que transpõe oração ao nível de adjetivo, a língua portuguesa conta com poucos outros transpositores:

a) *Se* que transpõe oração originariamente interrogativa total, isto é, desprovida de unidade interrogativa, ao nível de substantivo, conhecida, por isso mesmo, como conjunção integrante, a exemplo do *que* anterior:

Ela não sabe [*se terá sido aprovada*].

Aqui a oração interrogativa *Terá ela sido aprovada*? se transpõe, mediante o *se*, ao nível de substantivo e como tal está habilitada a exercer a função de objeto direto do núcleo verbal *não sabe*, sem o primitivo contorno melódico interrogativo.

b) *Se* que transpõe oração ao nível de advérbio, e como tal está habilitada a exercer a função de adjunto adverbial, com valor de circunstância de condição e é, por isso mesmo, chamado *conjunção condicional*.

***Que* e locuções: as chamadas locuções conjuntivas** – A oração transposta a substantivo pela conjunção *que*, de acordo com a função sintática que exerce em relação ao núcleo verbal da oração chamada "principal", pode receber um índice funcional representado por uma preposição. Se exerce função de sujeito, objeto direto, predicativo, não precisará deste índice funcional:

Parece [*que vai chover*].
Esperamos [*que cheguem cedo*].
A verdade é [*que todos se saíram bem*].

Se a função é de complemento relativo ou de objeto indireto, ou complemento nominal, a conjunção *que* vem precedida da conveniente preposição:

Estavam precisando [*de que os ajudassem*].
Ela dedicava seu cuidado [*a que o filho tivesse boa educação*].
Eram poucas as esperanças [*de que tudo acabasse bem*].

Como todo substantivo transposto, a oração subordinada substantiva pode exercer a função de adjunto adverbial; neste caso, o *que* também terá a companhia de uma preposição adequada, que marcará a relação semântica da circunstância:

Tudo sairá bem [*desde que as providências sejam tomadas a tempo*].
[*Sem que estivesse tudo acertado*], não iria viajar.
Trabalhou afincadamente [*para que tivesse uma velhice tranquila*].
Ela só dizia tudo aquilo *porque* [= *por que gostava da verdade*].

Pelo que podemos observar, tais combinações de preposição e conjunção *que* não constituem outros tipos especiais de locuções; são, na realidade, o concurso de um *que*, transpositor de oração a substantivo e de uma preposição que o acompanha como índice de sua função sintática em relação ao núcleo verbal, função, aliás, exercida pela oração inteira.

Nisto, o *que* conjunção difere do *que* pronome relativo, pois aqui a preposição é índice da função sintática que o relativo exerce na oração em que está inserido:

O homem *de que falavas* era pouco conhecido na cidade,

em que o transpositor *que*, precedido de preposição, funciona como complemento relativo do núcleo verbal *falavas*, enquanto a oração transposta a adjetivo *de que falavas* funciona como adjunto adnominal do substantivo *homem*.

Também se formam "locuções" aparentemente especiais quando temos segmentos do tipo *logo que*, *sempre que*, *ainda que*, etc., em que aparecem advérbios (que sozinhos podem funcionar como adjunto adverbial) seguidos do transpositor relativo *que*, já que esse relativo é um "repetidor" de advérbio, papel análogo ao que desempenha como "repetidor" (isto é, referente) de substantivo ou pronome. Assim, se na oração independente *Logo saiu de casa*, o advérbio *logo* funciona como adjunto adverbial; quando a oração se transpõe a subordinada:

[*Logo que saía de casa*], encontrou o amigo,

exercerá também a função de adjunto adverbial. O *que* degrada a oração *saía de casa* a subordinada e lhe confere o papel de termo adjunto do advérbio *logo*. Formalmente, esse relativo será equivalente a *quando*: ***Quando saía de casa**, encontrou o amigo* [AL.1, 236].

Este papel repetidor do relativo *que* parece estar presente em construções do tipo *há* (*faz*)

dias (*meses*, *anos*, *tempo*, etc.), em que já não temos um advérbio, mas substantivo cujo significado léxico aponta para o campo das expressões denotadoras de espaço ou percurso de tempo:

Há *dias que* não o vejo,

em que também, pelo sentido, o relativo equivale a *quando*.

Cabe lembrar, por fim, que, em algumas construções, se pode alterar o significado originário do advérbio, motivado pelos significados dos lexemas que entram na oração e por uma interpretação suplementar, contextual, do falante, calcada na sua experiência de mundo. Assim, *já*, que tem valor originário temporal, ao unir-se ao *que* na fórmula *já que*, passa a uma interpretação causal ou condicional:

Já que todos saíram, desisto do negócio.

Da mesma sorte, *ainda*, nitidamente temporal, ao unir-se ao *que* na locução *ainda que*, altera seu significado para valor concessivo, equivalente a *embora*:

Nada conseguiu da justiça, *ainda que* juntasse todas as provas em sua defesa.

Da mesma sorte que não são conjunções coordenativas os advérbios *contudo*, *entretanto*, *pois*, etc., equivalentes pelo sentido a unidades introdutoras de enunciados adversativos, explicativos e conclusivos, assim também não são conjunções subordinativas certos advérbios de significado causal, concessivo, temporal, consecutivo, etc.

Damos a seguir uma lista das principais conjunções e "locuções conjuntivas" subordinativas, relacionando-as pelo matiz semântico, reunindo, ainda, as que se formam com o concurso do transpositor *que* conjunção e do transpositor relativo *que*, examinados anteriormente, bem como das comparativas e consecutivas que têm outro tratamento. Estudo complementar delas veremos ao tratar das orações subordinadas:

1) CAUSAIS: quando iniciam oração que exprime a causa, o motivo, a razão do pensamento da oração principal: *que* (= *porque*) , *porque*, *como* (= *porque*, sempre anteposta a sua principal, no português moderno), *visto que*, *visto como*, *já que*, *uma vez que* (com verbo no indicativo), *desde que* (com o verbo no indicativo), etc.:

"A memória dos velhos é menos pronta *porque* o seu arquivo é muito extenso" [MM].

"*Como* ia de olhos fechados, não via o caminho" [MA.1, 19].

"*Desde que* se fala, indeterminadamente, e no plural, em direitos adquiridos e atos jurídicos perfeitos, razão era que no plural e indeterminadamente se aludisse a casos julgados" [RB.4, 25].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Já se condenou injustamente o emprego de *desde que* em sentido causal, só o aceitando com ideia temporal (*assim que*) ou condicional.

2.ª) Evite-se o emprego de *de vez que* por não ser locução legítima.

2) COMPARATIVAS: quando iniciam oração que exprime o outro termo da comparação. A comparação pode ser *assimilativa* ou *quantitativa*. É assimilativa "quando consiste em assimilar uma coisa, pessoa, qualidade ou fato a outra mais impressionante, ou mais conhecida" [MC.3, II, 48]. As unidades comparativas assimilativas são *como* ou *qual*, podendo estar em correlação com *assim* ou *tal* postos na oração principal, ou ainda aparecer *assim como*:

"O medo é a arma dos fracos, *como* a bravura a dos fortes" [MM].

"A ignorância, *qual* outro Faetonte, ousa muito e se precipita *como* ele" [MM].

"O jogo, *assim como* o fogo, consome em poucas horas o trabalho de muitos anos" [MM].

A comparação *quantitativa* "consiste em comparar, na sua quantidade ou intensidade, coisas, pessoas, qualidades ou fatos" [MC.3]. Há três tipos de comparação quantitativa:

a) *Igualdade* – introduzida por *como* ou *quanto* em correlação com o advérbio *tanto* ou *tão* da oração principal:

"Nenhum homem é *tão* bom *como* o seu partido o apregoa, nem *tão* mau *como* o contrário o representa" [MM].

"Nada incomoda *tanto* aos homens maus *como* a luz, a consciência e a razão" [MM].

b) *Superioridade* – introduzida por *que* ou *do que* em correlação com o advérbio *mais* da oração principal:

"O orgulho do saber é talvez *mais* odioso *que* o do poder" [MM].

"O homem bom espera *mais do que* teme, o mau receia *mais do que* espera" [MM].

c) *Inferioridade* – introduzida por *que* ou *do que* em correlação com o advérbio *menos* da oração principal:

"Tempos há em que é *menos* perigoso mentir *que* dizer verdades" [MM].

3) Concessivas: quando iniciam oração que exprime que um obstáculo – real ou suposto – não impedirá ou modificará a declaração da oração principal: *ainda que*, *embora*, *posto que*, *se bem que*, *apesar de que*, etc.:

"*Ainda que* perdoemos aos maus, a ordem moral não lhes perdoa, e castiga a nossa indulgência" [MM].

4) Condicionais (e *hipotéticas*): quando iniciam oração que em geral exprime:

a) uma condição necessária para que se realize ou se deixe de realizar o que se declara na oração principal;

b) um fato – real ou suposto – em contradição com o que se exprime na principal.

Este modo de dizer é frequente nas argumentações. As principais conjunções condicionais (e hipotéticas) são: *se*, *caso*, *sem que*, *uma vez que* (com o verbo no subjuntivo), *desde que* (com o verbo no subjuntivo), *dado que*, *contanto que*, etc:

"*Se* os homens não tivessem alguma coisa de loucos, seriam incapazes de heroísmo" [MM].

"*Se* as viagens simplesmente instruíssem os homens, os marinheiros seriam os mais instruídos" [MM].

5) Conformativas: quando iniciam oração que exprime um fato em conformidade com outro expresso na oração principal: *como*, *conforme*, *segundo*, *consoante*:

"Tranquilizei-a *como* pude" [MA.1, 174].

Fez os exercícios *conforme* o professor determinou.

6) Consecutivas: quando iniciam oração que exprime o efeito ou consequência do fato expresso na oração principal. A unidade consecutiva é *que*, que se prende a uma expressão de natureza intensiva como *tal*, *tanto*, *tão*, *tamanho*, posta na oração principal. Estes termos intensivos podem facilmente calar-se:

"Os povos exigem *tanto* dos seus validos, *que* estes em breve tempo se enfadam e os atraiçoam" [MM].

"Os vícios são *tão* feios *que*, ainda enfeitados, não podem inteiramente dissimilar a sua fealdade" [MM].

"Vive de maneira *que* ao morrer não te lastimes de haver vivido" [MM].

isto é: *vive de tal maneira que* (que em consequência...).

7) FINAIS: quando iniciam oração que exprime a intenção, o objetivo, a finalidade da declaração expressa na oração principal: *para que*, *a fim de que*, *que* (*para que*), *porque* (*para que*):

"Levamos ao Japão o nosso nome, *para que* outros mais felizes implantassem naquela terra singular os primeiros rudimentos da civilização ocidental" [LCo *apud* FB.1, 219].

8) MODAIS: quando iniciam oração que exprime o modo pelo qual se executou o fato expresso na oração principal: *sem que*:

Fez o trabalho *sem que* cometesse erros graves.

OBSERVAÇÃO: A Nomenclatura Gramatical Brasileira não agasalhou as conjunções modais e, assim, as orações modais, apesar de pôr o modo entre as circunstâncias adverbiais.

9) PROPORCIONAIS: quando iniciam oração que exprime um fato que ocorre, aumenta ou diminui na mesma proporção daquilo que se declara na oração principal: *à medida que*, *à proporção que*, *ao passo que*, (*tanto mais*)... *quanto mais*, (*tanto mais*)... *quanto menos*, (*tanto menos*)... *quanto mais*, (*tanto mais*)... *menos*, etc.:

"O anão *quanto mais* alto sobe, *mais* pequeno se afigura" [MM].

Progredia *à medida que* se dedicava aos estudos sérios.

10) TEMPORAIS: quando iniciam oração que exprime o tempo da realização do fato expresso na oração principal. As principais conjunções e "locuções temporais" são:

a) para o tempo anterior: *antes que*, *primeiro que*:

"Ninguém, senhores meus, que empreenda uma jornada extraordinária, *primeiro que* meta o pé na estrada, se esquecerá de entrar em conta com suas forças..." [RB *apud* FB.1, 126].

b) para o tempo posterior (de modo indeterminado): *depois que*, *quando*:

Quando disse isso, ninguém acreditou.

c) para o tempo posterior imediato: *logo que*, *tanto que* (hoje raro), *assim que*, *desde que*, *eis que*, (*eis*) *senão quando*, *eis senão que*:

Logo que saíram, o ambiente melhorou.

d) para o tempo frequentativo (repetido): *quando* (com o verbo no presente), *todas as vezes que*, (*de*) *cada vez que*, *sempre que*:

"Quando o povo não acredita na probidade, a imoralidade é geral" [MM].

OBSERVAÇÃO: Evite-se o erro de preceder com *em* o *que* da locução *todas as vezes que* (dizendo: *todas as vezes em que*).

e) para o tempo concomitante: *enquanto*, (*no*) *entretanto que* (hoje raro):

Dormiu *enquanto* estava no cinema.

OBSERVAÇÃO: *Entretanto* ou *no entretanto* são advérbios de tempo, com o sentido de *nesse ínterim*, *nesse tempo*, *nesse intervalo*:

"O aperto dos sitiados aumentava *entretanto* de dia para dia" [RS.2, IV, 208].

Mais modernamente *entretanto* passou a ter sentido adversativo, e, por influência do advérbio, tem sido empregado precedido da combinação *no* (*no entretanto*). Muitos puristas condenam tal acréscimo.

f) para o tempo terminal: *até que*:

Passeou *até que* se sentisse esgotado.

O relativo *que* entra em expressões de tempo: *agora que*, *hoje que*, *a primeira vez que*,

etc.

Agora, *que* tudo acabou, posso pensar mais tranquilamente.

Se o conjunto é proferido sem pausa, estabelece-se uma unidade de sentido à semelhança de *depois que*, *já que*, etc., e se passa a considerar o todo como locução conjuntiva temporal:

Agora que tudo acabou, posso pensar mais tranquilamente.

***Que* excessivo** – Sob o modelo das "locuções" conjuntivas finalizadas por *que*, desenvolveu-se o costume de acrescentar este transpositor junto a advérbio que só por si funciona como adjunto adverbial: *enquanto que*, *apenas que*, *embora que*, *mal que*, etc., construções que os puristas não têm visto com bons olhos, apesar dos exemplos de escritores corretos:

"... porque a ciência é mais lenta e a imaginação mais vaga, *enquanto que* o que eu ali via era a condensação viva de todos os tempos" [MA.1, 24].

Aparece ainda o *que* excessivo depois de expressões de sentido temporal como:

Desde aquele dia *que* o procuro.

Conjunções e expressões enfáticas – As conjunções coordenativas podem aparecer enfatizadas. Para esta ênfase o idioma se serve de vários recursos. Assim, a adição pode vir encarecida das expressões do tipo:

não só... mas (*também*)
não só... mas (*ainda*)
não só... senão (*também*)
não só... que também, etc.

Não só se aplica ao português *mas ainda* ao latim.

A alternativa pode ser enfatizada pela repetição:

Ou estudas *ou* brincas.
Já dizes sim *já* dizes não.
Ora vem aqui, *ora* vai ali.

A série *nem... nem* adquire sentido aditivo negativo.

Nem estudou *nem* tirou boas notas (não estudou e não tirou...)

Quer... quer e *ou... ou*, com o verbo no subjuntivo e tom de voz descendente, podem adquirir um sentido suplementar de concessão quando a possibilidade de ações opostas não impede a declaração contida na oração principal:

Quer estudes *quer* não, aprenderás facilmente a lição.

Nas subordinadas e principais, a correlação de uma expressão com o conectivo ou outro termo da oração a que se prende, para mostrar relação semântica em que essas orações se acham com a circunstância ou fato já expresso, é outro meio de enfatizar a interdependência oracional. Esta expressão memorativa é constituída por advérbio ou equivalente:

"Como os sábios não adulam os povos, *também* estes os não promovem" [MM].
"Quando os homens se desigualam, *então* se harmonizam" [MM].
Embora não me digam a verdade, *ainda assim* perguntarei mais vezes.
"Acabemos, *pois*, de despertar deste mortal letargo" [ED.1, 119].

"Estudemos *portanto*, e não nos deixemos dominar pela preguiça" [RV.1, 251].

10 – Interjeição

Interjeição – É a expressão com que traduzimos os nossos estados emotivos. Têm elas existência autônoma e, a rigor, constituem por si verdadeiras orações. Em certas situações, algumas podem estabelecer relações com outras unidades e com elas constituir unidades complexas. Acompanham-se de um contorno melódico exclamativo. Podem, entretanto, assumir papel de unidades interrogativo-exclamativas e de certas unidades próprias do chamamento, chamadas vocativo, e ainda por unidades verbais, como é o caso do imperativo [AL.1, 240; MC.4, 147].

As interjeições se repartem por quatro tipos:

a) certos sons vocálicos que na escrita se representam de maneira convencional: *ah!*, *oh!*, *hui!*, *hum*; o *h* no final pode marcar uma aspiração, alheia ao sistema do português;

b) palavras já correntes na língua, como *olá!*, *puxa!*, *bolas!*, *bravo!*, *homem!*, *valha!* (com contorno melódico exclamativo);

c) palavras que procuram reproduzir ruídos de animais ou de objetos, ou de outra origem, como: *clic* (*clique*), *tic-tac* (*tique-taque*), *pum!*.

d) locuções interjetivas: *ai de mim!*, *cruz credo!*, *valha-me Deus!*, *aqui d'el-rei!*.

Eis uma relação das interjeições mais comuns da língua, conforme a situação em que se apresentam:

1) de exclamação: *viva!*

2) de admiração: *ah!*, *oh!*

3) de alívio: *ah!*, *eh!*

4) de animação: *coragem!*, *eia!*, *sus!*

5) de apelo ou chamamento: *ó!*, *olá!*, *alô!*, *psit!*, *psiu!*

6) de aplauso: *bem!*, *bravo!*

7) de desejo ou ansiedade: *oh!*, *oxalá!*, *tomara!*

8) de dor física: *ai!*, *ui!*

9) de dor moral: *oh!*

10) de dúvida, suspeita, admiração: *hum!*, *hem!* (também *hein*)

11) de impaciência: *arre!*, *irra!*, *apre!*, *puxa!* (melhor será, não registrado oficialmente, *pucha*)

12) de imposição de silêncio: *caluda!*, *psiu!* (demorado)

13) de repetição: *bis!*

14) de satisfação: *upa!*, *oba!*, *opa!*

15) de zombaria: *fiau!*

Locução interjetiva – é um grupo de palavras com valor de interjeição: *ai de mim*, *ora*

bolas, com todos os diabos.

As interjeições são proferidas em tom de voz especial, ascendente ou descendente, conforme as diversas circunstâncias dos nossos estados emotivos.

Quando estão combinadas com uma frase maior exclamativa, podem-se separar da frase por meio de uma vírgula, ou por meio do ponto de exclamação, ao qual se deve seguir, entretanto, letra minúscula:

> "*Oh!* que doce harmonia traz-me a brisa" [CAv *apud* MC.3, I, 65].

B) Estrutura das unidades: análise mórfica

I – Estrutura das palavras

Palavra e morfema

Palavra e vocábulo: conceito – O termo *palavra* se nos apresenta com aplicações diferentes, que devem ser distinguidas e, portanto, classificadas de maneira diversa. Podemos ver a palavra *habilidade* sob três prismas diferentes: a) o seu aspecto *material, fônico*, como *significante* ou *expressão*; b) a sua *significação gramatical* como uma classe de palavra que se apresenta sob forma de um substantivo feminino singular; c) a sua *significação lexical*, isto é, o que significa a palavra *habilidade* em relação, por exemplo, a *caridade* ou *amabilidade*.

Como expressão material, quanto ao seu aspecto fônico, como "simples" palavra, de formas, não tem nenhum significado e só pode ser classificada pelas suas características físicas: *habilidade* pode ser classificada, por exemplo, pelo seu número de sílabas (polissílabo), ou pela posição da sílaba tônica (paroxítono). Consideradas como puras palavras, há uma só forma *"amo"* (*amo*, 'quero bem' e *amo* 'senhor') e uma só forma "casa" ("a *casa* de meu amigo" e "Maria se *casa* amanhã") [ECs.7, 54]. Nesta acepção, em vez de palavra, se pode usar o termo *vocábulo*, do latim *vox*, que significa 'a voz'.

Aqui temos de relembrar que a fronteira do vocábulo difere se se trata de língua oral ou de língua escrita. Na língua oral, na fala, predomina o ritmo acentual, o que resulta em que as sílabas átonas se agrupam em torno da sílaba tônica, de modo que são as pausas que marcam os limites ou fronteiras dos grupos fônicos, também chamadas *grupos de força*. Assim é que, na língua oral, há um só grupo fônico e, portanto, um só vocábulo, em *aluga-se*, em que a sílaba átona *se* se agrupa em torno da sílaba tônica (*lu*). Por isso, se dá, como reflexo na escrita, a grafia errônea *alugasse* (ou *alugase*). O vocábulo, portanto, nem sempre coincide com a palavra; no exemplo, temos um vocábulo e duas palavras significativas (*aluga* e *se*).

Como já vimos, as sílabas átonas que se agrupam em torno da sílaba tônica podem, segundo a posição, ser *proclíticas* | *syaluga* | – se vêm antes – ou *enclíticas* | *alugase* | – se vêm depois.

Na língua escrita, as fronteiras são demarcadas pelos espaços em branco: *se aluga* ou

aluga-se.

Quando, além da parte fônica (significante), se considera a parte significativa (significado), também há diferenças que devem ser levadas em conta. A questão se põe quando se pergunta quantas palavras existem no conhecido verso de Bilac: *Cheguei. Chegaste. Vinhas fatigada.*

Responderemos que há quatro ou três palavras conforme o conceito por que tomemos o termo *palavra*. Serão quatro se entendermos *cheguei, chegaste* como palavras de significação gramatical diferentes, já que expressam uma o pretérito perfeito do indicativo na 1.ª pessoa do singular (*eu cheguei*) e a outra o pretérito perfeito do indicativo na 2.ª pessoa do singular (*tu chegaste*). Tais significações se dizem "gramaticais" porque decorrem de classificações estabelecidas na gramática da língua portuguesa. Assim, *cheguei* e *chegaste* são contadas como duas *palavras gramaticais*.

Diremos que só há no referido verso três palavras se entendermos *cheguei, chegaste* como palavras de uma só significação lexical, já que ambas têm em comum o significado lexical 'atingir o final de movimento de ida ou vinda', um significado dado pela língua, mas que se situa fora da gramática, pois se trata de uma realidade do mundo em que vivemos. Assim, *cheguei* e *chegaste* são duas formas, duas "flexões" de uma mesma *palavra léxica*, o verbo *"chegar"*.

É neste sentido de *palavra léxica* que dizemos que *boa* é o feminino da "palavra *bom*", que *meninos* é o "substantivo *menino* no plural"[HCv.1, II, 594-595].

Repare-se que nos nossos dicionários o normal é iniciar o verbete com a *palavra léxica* básica: verbo no infinitivo, substantivo no gênero gramatical usual (*livro, vela, pente, ponte*) e adjetivo no masculino singular. Explica-se o procedimento porque o infinitivo, o masculino e o singular representam as formas não marcadas respectivamente do verbo, do substantivo e do adjetivo.

OBSERVAÇÃO: Na literatura linguística e gramatical, costumam os autores distinguir convencionalmente a maneira de indicar o vocábulo e a palavra. Coseriu, por exemplo, usa *itálico* para a palavra como signo, isto é, como expressão (significante) + conteúdo (significado): *chegar* = a palavra portuguesa *chegar* concomitantemente como expressão e conteúdo; itálico e aspas normais (duplas) para a expressão: "*chegar*" = o significante de *chegar* / xegar/; só aspas duplas para o conteúdo: "chegar" = o significado de *chegar*; só aspas simples para os traços distintivos de conteúdo: 'chegar' = traço distintivo que se encontra no conteúdo de *chegar, chegada, chegança, aconchego* e demais componentes da família.

Palavra e morfema – Do que foi exposto acima, conclui-se que em nossa língua, como se repete nas chamadas línguas flexionais, a palavra está constituída indissoluvelmente (a separação só se faz para efeito de análise e estudo) de uma base fônica e de duas formas semânticas, a gramatical e a lexical, conhecidas pelo nome técnico *morfema*.

Chama-se morfema a unidade mínima significativa ou dotada de significado que integra a palavra.

A depreensão do morfema ou dos morfemas que integram a palavra nem sempre constitui uma operação fácil e sujeita a uma única solução. Se tomarmos

falávamos
falava

facilmente depreendemos o elemento comum *falava*, e *mos* como distintivo. A unidade *-mos* indica estar a primeira forma verbal referida à 1.ª pessoa do plural (*nós*), e assim, portadora

de um conteúdo gramatical, é um morfema.

Se agora compararmos

falava
fala,

destacamos o morfema -*va*- que indica que a ação verbal se dá num passado que se prolonga (pret. imperfeito do indicativo). É, assim, outro morfema.

Se agora compararmos

falava
falara

se poderia chegar à conclusão que o elemento ou unidade distintiva das duas formas verbais fosse o -*v*- para a primeira ou o -*r*- para a segunda. A comparação com outras formas (*falava / fala; falara / falasse*, etc.) nos mostraria que as unidades a serem consideradas serão -*va*- e -*ra*-, que marcam o pret. imperf. e o mais-que-perf. do indicativo. Portanto, a depreensão de um morfema não é uma operação puramente material; há de se levar em consideração o seu conteúdo ou significado.

Também, como são unidades que se acham em concorrência com outras unidades, estão passíveis de mudanças na sua estrutura material, devidas a regras morfofonêmicas; no português, são frequentes a elisão e a crase: *porta* + *eiro* → port (*a*) *eiro* → *porteiro* (elisão); *porta* + *aria* → *portaria* (crase). Outras vezes, trata-se de alteração fônica: *fala*VA / *fala*VE*is* (por influência do *i* de *is*); outras vezes, de haplologia: *idade* + *oso* → *idoso* (por *idadoso*).

Tipos de morfema na estrutura das palavras – Na estrutura das palavras, os morfemas derivativos e flexionais se distribuem, quanto ao aspecto formal, pelos seguintes tipos, conforme ocorram por acréscimo (*aditivos*), por subtração (*subtrativos*) e por alternância (*modificativos*).

Há ainda relações gramaticais que se estabelecem no plano sintagmático, como a *concordância*, a *regência* e a "*consecutio temporum*", e também pela posição dos termos no sintagma, conhecida na gramática tradicional pelo rótulo "*ordem das palavras*". Destes tipos falaremos mais adiante.

Em nossa língua, são mais produtivos os morfemas aditivos, ao lado das formações com compostos; são raros os subtrativos, e os modificativos ocorrem com frequência nos casos de flexão nominal e verbal, conforme veremos no lugar competente.

Morfemas aditivos – Representados por:

1) *prefixos*: anteposição à base lexical: *pôr* → *repor; quieto* → *inquieto*
2) *sufixos, interfixos* e *desinências*: posposição à base lexical
3) *infixos:* intercalação no interior da estrutura da base
4) *circunfixos*: anteposição e posposição simultaneamente à base (parassintéticos)
5) *discontínuos*: fragmentação pela intercalação de outro morfema
6) *reduplicativos*: repetição da parte inicial da base

Morfemas subtrativos – Representados por:

1) *subtrativos*: subtração de fonema do radical para exprimir uma indicação gramatical

2) *supressivos*:

a) supressão de um segmento medial pertencente a qualquer das bases;

b) supressão do segmento final

c) supressão de elemento medial por cruzamento de bases

3) *abreviativos*: redução da extensão da palavra, que passa a valer pelo todo

Morfemas modificativos – Representados por:

1) *apofonia*: substituição de fonema vocálico de um radical de um mesmo paradigma flexional ou derivacional por mudança de timbre para indicação de significado gramatical

2) *metátese*: por mudança da sílaba tônica

Os morfemas podem ser classificados ainda como *livres* e *presos*, conforme apareçam independente ou dependentemente no discurso. Os morfemas apresentam: a) uma significação *externa*, referente a noções do nosso mundo (ações, estados, qualidades, ofícios, seres em geral, etc.), b) uma significação *interna* (puramente da esfera das noções gramaticais). A depreensão de um morfema depende de dois requisitos: a) a *significação* e b) a *forma fônica*. É importante observarmos que uma só forma fônica pode representar mais de um morfema: assim *-s* é marca pluralizadora em *as casas* e a 2.ª pessoa do singular em *cantas*. Por outro lado, um só morfema pode ter realizações fônicas diferentes em virtude do contexto fonético em que se acha; por exemplo, o morfema que corresponde à letra *-s* para indicar o plural em português se realiza como / x / diante de consoante surda (os cães), como / j / diante de consoante sonora (os gatos) e como / z / diante de vogal (os homens).79

Os elementos mórficos – Em português, as palavras se podem apresentar sob formas de estrutura diferentes:

a) *mar, sol, ar, é, hoje, lápis;*

b) *aluno, alunas, trabalhávamos;*

c) *casarão, livrinho, cantor, casamento, folhagem, alemão, fertilizar, chuviscar;*

d) *reter, conter, deter;*

e) *guarda-chuva, lanígero, agrícola, planalto, fidalgo.*

Em a) as palavras não se podem dividir em formas menores significativas porque só possuem um elemento mórfico chamado *radical*. *Radical* é o núcleo onde repousa a significação externa da palavra, isto é, relacionada com o mundo em que vivemos.

Já no grupo b) segue-se ao radical (de significação externa) um ou mais elementos de significação interna ou puramente gramatical. *Aluno* pode desmembrar-se em *alun-* e *-o*. O

primeiro elemento (radical) encerra a significação da palavra, cabendo ao final *-o* primeiramente atualizá-la para funcionar como palavra, integrando-a no léxico e secundariamente relacioná-la à marca de gênero, no caso de *-o* e *-a* (este de modo não geral, como acontece com *mapa*, *nauta*, masculinos). Em *alunas* o radical é *alun-*, e *as* encerra dois elementos de significação interna: 1) *-a* (indicador do significado gramatical gênero feminino) e 2) *-s* (indicador do significado gramatical número plural). Em *trabalhávamos* o radical é *trabalh-* e os elementos mórficos de significação interna são: 1) *-va* (que caracteriza o pret. imperf. do indicativo dos verbos da 1.ª conjugação) e 2) *-mos* (que caracteriza a 1.ª pessoa do plural).

Os elementos mórficos de significação interna, indicadores das flexões gramaticais, chamam-se *desinências* e se dividem em *nominais* e *verbais*.

As desinências nos nomes e em certos pronomes marcam as flexões de *gênero* e *número*; nos verbos: *número, pessoa, tempo* e *modo.*

Muitas vezes o radical não pode funcionar imediatamente como palavra; completa-o uma vogal para constituir o *tema* da palavra e por isso se chama *vogal temática* ou atualizador léxico, isto é, atualiza-o para funcionar concretamente no discurso [HCv.4, 7-26].

Tema é, portanto, o radical acrescido da *vogal temática* e que constitui a parte da palavra pronta para funcionar no discurso e para receber a desinência ou sufixo. São exemplos de temas: *livro-, trabalha-*. A vogal temática pode ocorrer num tema simples (*livr- o*) ou derivado (*livr- eir- o*).

Nos nomes as vogais temáticas estão representadas na escrita pelos grafemas *-a*, *-o* e *-e* e nos verbos por *-a*, *-e* e *-i*.

Nos nomes, a vogal temática (*a, o*) cumulativa e secundariamente funciona como a desinência de gênero. A vogal temática *o* ou *e* se acha representada, às vezes, por uma semivogal de um ditongo: *pã*O*, pã*ES. A vogal temática pode passar à variante *u* como ocorre com *afeto* → *afetuoso,* o que se dá, sem ser automático, quando se junta ao *-o* desinência ou sufixo iniciado por vogal [VK.2, 35]. Não têm vogal temática os nomes terminados em vogal tônica, e por isso se dizem *atemáticos*: *fé*. Neste caso, o tema coincide com o radical. Os nomes terminados em consoante (*mar, paz, mal*) apresentam a vogal temática *e*, latente no singular, mas patente no plural (*mares, pazes, males*). Uma característica desses atemáticos terminados em vogal tônica é que esta não é elidida quando seguida de sufixo: *café* → *cafezal, cafeeiro*.

OBSERVAÇÃO: Em geral a vogal tônica final (á, é, ó, ê, ô) resulta da crase da vogal do radical com a temática: *fé* < *fee* < *fide*(*m*). Em análise mórfica fora do plano histórico não cabe desfazer esta fusão.

Afixos: prefixos e sufixos. Interfixos – Nas palavras do grupo c) junta-se ao final da base um elemento mórfico chamado *sufixo* que não tem curso independente na língua (e por isso se chama *forma presa*) para formar uma palavra nova, emprestando-lhe uma ideia acessória e marcando-lhe a categoria (substantivo, adjetivo, etc.) a que pertence. O sufixo assume uma função morfológica, pois, em geral, altera a categoria gramatical do radical de que sai o

derivado (*real* adj. → *realidade* s., embora também possa não lhe alternar a categoria, como *feio* adj. → *feioso* adj.), e relaciona a palavra a que se agrega aos nomes aumentativos ou diminutivos, aos nomes de agente, de ação, de instrumento, aos coletivos, aos pátrios, etc.: *casarão* (aumento), *livrinho* (diminuição), *cantor, lavrador, sapateiro* (nomes de agente ou ofício), *punição, casamento, aprendizagem* (nomes de ação ou seu resultado), *folhagem, lodaçal, cardume, boiada* (nomes coletivos), *alemão, sergipano, cearense, português, minhoto, brasileiro* (nomes pátrios), *fertilizar* (ação), *chuviscar* (ação de pouca intensidade), *alvorecer* (início de ação), *mercadejar* (repetição de ação), *suavemente* (modo). Daí se distribuírem os sufixos em *nominais* (formadores de substantivos e adjetivos), *verbais* (do verbo) e o único adverbial, que é *-mente*, que se prende a adjetivos uniformes ou, quando biformes, à forma feminina: *cômoda* → *comodamente*.80

Nas palavras do grupo d) acrescenta-se ao início da base um elemento mórfico chamado *prefixo*, que empresta ao radical uma nova significação e que se relaciona semanticamente com as preposições. Os prefixos, em geral, se agregam a verbos, como nos exemplos do grupo d), ou a adjetivos: *in- feliz*, *des- leal, sub- terrâneo*. São menos frequentes os derivados em que os prefixos se agregam a substantivos; os que mais ocorrem são, na realidade, deverbais, como em *des- empate.* Ao contrário dos sufixos, que assumem valor morfológico, os prefixos têm mais força significativa, podem aparecer como formas livres (isto é, ter existência independente na língua) e não servem, como aqueles, para determinar uma nova categoria gramatical. Nem sempre existe em português a preposição que corresponde ao prefixo empregado: *intermédio* (cf. preposição *entre*), *combater* (cf. preposição *com*), *depenar* (cf. preposição *de*), *avocar* (cf. prep. *a* = ao lado, para perto de), *sobraçar* (cf. prep. *sob*), *sobrepor* (cf. prep. *sobre*), *embainhar* (cf. prep. *em* = movimento para dentro), mas *abusar* (*ab* = afastamento, privação), *progresso* (*pro* = movimento para diante, favorecimento), *refazer* (*re* = repetição).

Do ponto de vista formal, há ainda para notar que os sufixos derivativos são em geral mais longos que as desinências gramaticais, além de serem estas quase sempre átonas, enquanto aqueles são normalmente tônicos; outra distinção consiste em que os sufixos vêm imediatamente após o núcleo, e as desinências após os sufixos [cf. HCv.2, II, 530 n.35].

Prefixos e sufixos recebem o nome de *afixos*; são prefixos os afixos que se antepõem ao radical, e sufixos os que se lhe pospõem. Há ainda os *infixos* próprios, pois o que se costuma apontar como tal (representado por uma nasal) é de responsabilidade do latim (por exemplo, para distinguir o presente de alguns verbos, como *rumpo* e *findo* dos perfeitos *rupi*, *fidi* e do particípio passado *ruptus, fissus*, e, excepcionalmente, em certas formações nominais)81 e não interessa à gramática descritiva portuguesa. É preciso não confundir esta noção de *infixo* com as vogais e consoantes desprovidas de significado que, na formação de nossa palavras e das que importamos de línguas estrangeiras, principalmente quando o radical termina por vogal tônica, se intercalam para facilitar a pronúncia ou para evitar hiatos, e que, por isso, se chamam *vogais* e *consoantes de ligação*: cha-*l*-eira, pau-*l*-ada, cafe-*t*-eira, lan-*í*-gero, come-*z*-aina, pa-*z*-ada, chapeu-*z*-inho, pedre-*g*-ulho, pedre-*g*-oso.82 A rigor, há em português duas vogais de ligação: *i* e *o*. A vogal *i* na composição de elementos latinos e *o* de elementos gregos: dent*i*frício, gas*ô*metro83.

Temos ainda de considerar o caso dos *interfixos* (denominação adotada por Y. Malkiel), que são elementos átonos sem função gramatical e significativa que servem de ligação entre a base léxica e o sufixo, como ocorre em *glorificar* e *fumarada*, *fogaréu*, *solaréu*, em que os elementos *-ific*, *-ar* se interpõem entre as bases *glória* e o sufixo verbal *-ar* ou *fogo*, *sol* e o sufixo nominal *-éu*. A noção de interfixo não é ponto pacífico entre os estudiosos; muitas vezes se pode entendê-lo como integrante de um conglomerado de sufixos; nos exemplos acima, os conglomerados sufixais seriam *-ificar* e *-aréu*. Outras vezes, muito próxima desta noção, é ver o interfixo como resultado de um alongamento de sufixo, como se pode interpretá-lo na formação *ridículo* → *ridicularizar* (em vez de *ridiculizar*).

Nas palavras do grupo e) temos uma reunião de dois radicais, isto é, ao lado de um radical mais fundamental acrescenta-se outro (e até outros) para dar um significado especial ao conjunto. Dizemos então que as palavras são *compostas*. Estes radicais podem ser *livres*, isto é, usados independentemente na língua (como *guarda-chuva*) ou *presos*, isto é, não são usados isoladamente (como *agrícola* = agr + i + cola, *lanígero* = lan + i + gero).

Nas palavras compostas com radicais livres, do tipo *guarda-chuva*, persiste, como é fácil de observar, a individualidade de seus componentes. Esta individualidade se traduz: a) na escrita, pela mera justaposição de um radical a outro, normalmente separados por hífen; b) na pronúncia, pelo fato de ter cada radical seu acento tônico, sendo o último o mais forte e o que nos orienta na classificação da posição do acento nas palavras compostas (por isso que *couve-flor* é oxítono e *guarda-chuva* é paroxítono). Em tais casos dizemos que as palavras são compostas por *justaposição*.

Chamamos *aglutinação* o processo de formar palavras compostas pela fusão ou maior integração dos dois radicais: *planalto, fidalgo, lanígero, agrícola*. Esta maior integração traduz-se pela perda da delimitação vocabular decorrente: 1) da existência de um único acento tônico; 2) da troca ou perda de fonema; 3) da modificação da ordem mórfica [MC.4, 30].

"A adaptação da primeira palavra pode ser de quatro espécies: 1) mudança da parte final em relação à mesma palavra quando isolada; ex.: *lobis* – (comparar – *lobo*, em *lobisomem*); 2) redução da palavra ao seu elemento radical; ex.: *planalto*, onde *plan-* é o radical de *plano* (o composto indica um solo plano e alto numa montanha); 3) elemento radical alterado em relação à palavra quando isolada; ex.: *vinicultura* (*vin-,* mas *vinh-* em *vinha* 'árvore da uva'); 4) elemento radical que não aparece em português em palavra isolada; ex.: agricultura (a *agr* corresponde, em palavra isolada, *campo*)" [MC.2, 95].

A segunda palavra pode ocorrer com as seguintes alterações: "1) com mudança na parte final; ex.: *monocórdio* (instrumento de uma só corda); 2) com o elemento radical alterado; ex.: *vinagre* (um vinho que é acre); 3) com um elemento radical diverso do que a correspondente palavra isolada; ex.: *agrícola* (ao elemento de composição *cola* corresponde a ideia de *habitar* ou *cultivar*)"[MC.2, 95].

Na língua literária e técnica prefere-se empregar o radical de forma latina a utilizar o de forma vernácula, principalmente quando este já sofreu a evolução fonética. Emprega-se preferencialmente *silvicultura* (e não *selvicultura*), *viticultura* (e não *vidicultura*). Assim ocorre com *áureo, capilar, auricular, ocular, digital,* etc. [Cf. MBa.1, 429-430].

Diferença entre flexão e derivação – A flexão consiste fundamentalmente no morfema aditivo sufixal acrescido ao radical, enquanto a derivação consiste no acréscimo ao radical de um sufixo lexical ou derivacional: *casa + s: casas* (flexão de plural); *casa + inha*: *casinha* (derivação).

A flexão dos nomes e dos verbos apresenta muito frequentemente uma alternância complementar interna que recai na vogal tônica básica: *avô → avó, novo → nova; novo → novos; fiz → fez* (1.ª pessoa → 3.ª pessoa).

Quando falta o morfema aditivo à flexão, e só há alternância, a forma diz-se *forte: avô → avó* ou, mais restritamente se aplica, na gramática portuguesa, às 1.ª e 3.ª pessoas do singular do pret. perfeito do indicativo quando rizotônicas e atemáticas: *ter → tive, teve* (*i/e*), em oposição a *dizer → disse* (eu/ele); *poder → pude, pôde* (*u/o*), em oposição a *haver → houve* (eu/ele).

No plano sintagmático, a flexão provoca o fenômeno da concordância: *móvel novo → móveis novos* em oposição a *a casa nova → a casinha nova.*

Conceito de raiz ou radical primário – Chama-se *raiz*, em gramática descritiva, ao radical primário ou irredutível a que se chega dentro da língua portuguesa e comum a todas as palavras de uma mesma família.

Se tomarmos um vocábulo como *desregularizar* 84, facilmente podemos surpreender diversos graus de radical: o primeiro, destacando-se-lhe a vogal temática e a desinência de infinitivo, é *desregulariz-* (que aparece em *desregularização*); este radical pode ser reduzido, por destaques sucessivos, a: *regulariz* (sem o prefixo) > *regular* (sem o sufixo) > *regul* (cf. o latim *regu(la)* > *reg* (que aparece em *reger, régua*). Este último radical que constitui o elemento irredutível e comum a todas as palavras do grupo chama-se *primário* e coincide, em relação à língua atual, com a *raiz*. *Regul-* é um radical secundário (ou do 2.º grau), como *regular-* um radical terciário (ou do 3.º grau), e assim por diante.

OBSERVAÇÃO: Não interessa à gramática descritiva o conceito de raiz do ponto de vista histórico, que só é válido para a gramática histórica. Há frequentes divergências entre o estabelecimento de uma raiz dentro dos dois tipos de gramática; assim é que, enquanto para a histórica há raiz *ed-* em *comer* (do latim *comedere*, de *edere* = comer), a descritiva a esta reconhece em *com-* (cf. *com-ida, com-ilão, com-ilança*).

A raiz ou radical primário pode apresentar variante ou variantes; assim, a raiz *reg-* se altera em *regr-* (em *regra, regrar, desregrar*).

Base lexical real e base lexical teórica – Na análise mórfica (constitucional), torna-se importante acentuar, como já deixamos claro anteriormente, que nem sempre a unidade léxica que entra na constituição de uma forma derivada ou flexionada é a que se apresenta como básica. Muitas vezes, temos de nos socorrer de uma forma básica teórica, possível no sistema mas não vigente na norma. Assim é que nos plurais dos nomes terminados em consoante, socorremo-nos de uma forma teórica integrada pela vogal temática *-e-* para depois lhe acrescentar o pluralizador *-s*: *mar → *mare* → pl.: *mares.*

Palavras cognatas – Chamam-se cognatas as palavras que pertencem a uma família de raiz e significação comuns: *corpo, corporal, incorporar, corporação, corpúsculo, corpanzil; fugir* (em *foges,* temos a raiz alterada), *fugaz, refúgio, subterfúgio, trânsfuga.* Uma só família de palavras pode ter dois radicais, um de forma erudita, outro de forma popular: *digital* e *dedal, parietal* e *parede*, *capilar* e *cabelo, auricular* e *orelha, acutíssimo* e *agudíssimo*, *paupérrimo* e *pobríssimo, sacratíssimo* e *sagradíssimo*, etc.

Constituintes imediatos – Em análise mórfica, é importante ter em conta o princípio dos constituintes imediatos para que não se façam confusões no plano descritivo da classificação morfológica (vale o mesmo para as relações sintáticas) e se estabeleçam as possíveis gradações de estrutura. Assim é que diante de uma forma como *descobrimento*, não iremos enquadrá-la no grupo das palavras chamadas *parassintéticas* (considerando *des* + *cobri* + *mento*); trata-se de um derivado secundário cujos constituintes imediatos são o radical secundário *descobri-* e o sufixo *ment* (*o*). Em *arduamente* desprezaremos a desinência de feminino *-a-* (válida no vocábulo *árdua*) e analisaremos os constituintes imediatos: *ardua* + *mente*, sendo *ardua-* o radical secundário. Também em *desrespeitosamente* os constituintes imediatos são *desrespeitosa* (por destaques sucessivos > *respeitosa* > *respeit* > *speit,* este último radical primário ou raiz). Em *cantorezinhos* temos os constituintes imediatos *cantor* (*es*) e *zinho* (*s*), depois *cantor* e finalmente *cant-or*. Nessa gradação de elementos componentes de uma estrutura morfológica, nota-se que há certa ordem em sua distribuição; destacam-se primeiro, como nos constituintes imediatos, os elementos externos característicos da flexão, seguidos de elementos internos característicos do processo de transformação das palavras. Em nosso último exemplo, os externos de natureza flexional são representados pelas desinências de plural: *cantor(es),* e *zinho(s)*, enquanto os elementos internos são indicados pelos sufixos diminutivos de *cantor-zinho* (derivação sufixal) e pela desinência de nome de agente em *cant-or* (derivação sufixal).

A parassíntese ou circunfixação – Intimamente ligado à noção dos constituintes imediatos está o conceito de *parassíntese*, conceito não de todo assente entre os estudiosos. Para uns, para haver parassíntese basta a presença de prefixo e sufixo no derivado; é o caso de *descobrimento*, maneira de ver que rejeitamos, por não levar em conta a noção dos constituintes imediatos. Para outros, o processo consiste na entrada *simultânea* de prefixo e sufixo, de tal modo que não existirá na língua a forma ou só com prefixo ou só com sufixo; é o caso de *claro* para formar *aclarar*, em cujo processo entram concomitantemente o prefixo *a-* e o final *-ar*, elemento de flexão verbal que funciona, por acumulação, como sufixo. Como lembra Mattoso Câmara, pode dar-se ainda na parassíntese a adjunção de um sufixo de valor iterativo ou incoativo, o que ocorre em *entardecer* (*en* + *tard(e)* + *ec* + *er*) e *amanhecer* (*a* + *manh(ã)* + *ec* + *er*). Pode-se ainda entender que, a rigor, não existe parassíntese, se partirmos do fato de que, numa cadeia de novas formações, não poucas vezes ocorre o pulo de etapa do

processo, de modo que só virtualmente no sistema exista a forma primitiva. Assim, para se chegar a *farmacolando*, parte-se de um virtual **farmacolar* (à semelhança de *doutorar* em relação com *doutorando*), ou, para *prefeitável*, de um virtual **prefeitar* (como de *amar* para *amável*, ou de um *pagar* para *pagável*). Deste modo, em *aclarar, entardecer, amanhecer* se poderá pensar em partir dos virtuais **clarar, *tardecer, *manhecer* ou **aclaro, *entarde* e **amanhã*. Esta última explicação do fenômeno nos parece ser a melhor solução, abolindo a parassíntese como processo especial de formação de palavras, além de não contrariar o princípio geral da linearidade do signo linguístico.

As formações parassintéticas mais comuns no português ocorrem com o concurso dos prefixos *es -, a-, en-,* e os sufixos *-ear, -ejar, -ecer, -izar: esverdear, esclarecer, apodrecer, anoitecer, enraivecer, entardecer, encolerizar, aterrorizar.*

Haplologia na formação de palavras – A fim de evitar reduplicações de sílabas que pertencem à palavra primitiva e ao sufixo, é comum ocorrer *haplologia* ou *braquilogia*, como em: *caridad(e) + oso → caridoso* (por *caridadoso*) , *bondad(e) + oso → bondoso* (por *bondadoso*), *idad(e) + oso → idoso*. Estas simplificações também ocorrem em produtos por composição: *trágico + cômico → tragicômico*. Podem ocorrer também na língua as formas plenas: *caridadoso, bondadoso*.

Variantes dos elementos mórficos – É comum a variante de determinado elemento mórfico. Assim, altera-se a raiz em *reger* (reg-) e *regra* (regr-) ou *fazer* (faz-) e *fiz*; a desinência modo-temporal do pretérito imperfeito *-va-* (na 1.ª conjugação) ou *-ia-* (na 2.ª e 3.ª conjugações) passe a *-ve-* ou *-ie-*, respectivamente, na 2.ª pessoa do plural, pelo contato do *i* d e *is* da desinência pessoal (*amavas, amáveis, vendias, vendíeis, partias, partíeis*); a desinência de plural dos nomes é sempre *-s-*, mas diante de um plural como *mares*, temos, como já vimos em, de admitir uma forma teórica latente, no singular, não existente na norma, mas prevista no sistema, **mare*, que, servirá de forma básica para o plural *mares*. Ter-se-á de recorrer a essa forma teórica quando o pluralizador *-s* tiver de anexar-se a nome terminado em consoante: *sol → *sole + s > sols > soes → sóis; gás → *gase → gases,* etc. Quando temos formas variantes, aquela que ocorre isoladamente é a que se há de considerar a forma básica; assim é que temos as formas *chapéu* e *chapel* (em *chapelaria, chapeleiro*), mas a básica é *chapéu*, pois a outra só aparece nos derivados [VK.2, 20 n.2].

A forma livre *caber* (em *descaber*) apresenta, por exemplo, uma variante mórfica presa *-ceber* (em *receber, perceber*, etc.).

Tais variantes se chamam, à semelhança dos alofones, *alomorfes*. Destes alomorfes precisam ser distinguidos novos elementos mórficos oriundos de uma análise subjetiva do falante; não conhecendo a etimologia, muitas vezes o falante separa elementos que essa mesma etimologia não consigna. Por este processo, nasceram vocábulos como *sarampo* (do espanhol *sarampión*, e este do latim *sirimpionem*, por se pensar que *sarampão* fosse formado com o sufixo *-ão*), e *rosmano* (tirado de *rosmaninho*, do latim *rosmarinum*, também imaginado um

derivado com o sufixo de grau -*inho*).

Neutralização e sincretismo – A neutralização representa uma restrição no funcionamento das oposições distintivas existentes numa língua, quer no plano da fonologia, quer no plano gramatical (morfologia e sintaxe), quer no plano léxico.

Entende-se por neutralização a suspensão de uma oposição distintiva. Assim, o português estabelece oposição entre *e* aberto e *e* fechado, o que permite distinguir, por exemplo, *sede* (de um governo) e *sede* (sinto sede). Todavia, esta posição distintiva só funciona em posição tônica; se a vogal estiver em sílaba átona, só aparecerá o *e* fechado, na pronúncia normal brasileira, podendo fechar-se ainda mais a um *i*: *pedir/pidir*, sem que se altere o significado.

No plano do conteúdo gramatical, a oposição masculino/feminino fica suspensa com frequência no plural, apresentando-se apenas o masculino. Assim, *a menina e a prima estudiosas* no feminino, mas *a menina e o primo estudiosos*, em que o plural masculino se refere aos substantivos de gêneros diferentes.

Também o singular masculino pode, em certos contextos, assumir valor genérico e, assim, referir-se englobadamente a pessoas do sexo masculino e feminino: *O homem é mortal* (i.é, o homem e a mulher).

Ocorre o mesmo no léxico: *meus tios* pode fazer alusão a meus tios Benedito e Henrique, ou a meu tio Benedito e minha tia Noêmia. *Noite* e *dia* se dizem de partes distintas das "24 horas", mas *dia* pode englobar as duas partes quando empregado em contextos do tipo *Passei dois dias em Maceió*. Assim, o plural como termo marcado apresenta um traço diferencial positivo (com o valor "mais de um"), enquanto o singular, como termo não marcado apresenta dois valores: o contrário do outro (já que o singular é "unidade") e o valor genérico ("pluralidade"). Deste modo se explica por que o termo não marcado pode funcionar "em lugar" do marcado em certos contextos, não podendo haver o fenômeno contrário, isto é, o marcado aparecer "em lugar" do não marcado.

Em todos estes exemplos de neutralização, o termo que abrange toda a extensão da oposição se chamará *neutro*, *não marcado* ou *negativo*, e englobará o termo *positivo* ou *marcado*; assim, os masculinos *menino* e *dia* são termos neutros, e os femininos *menina* e *noite*, termos positivos ou marcados. Também, no sistema verbal, o presente se caracteriza pelo traço neutro, pois que, por isso, pode ser empregado "em lugar" do futuro (*Vou amanhã / Irei amanhã*) e do pretérito (*Pedro I proclama* nossa independência em 7 de setembro de 1822 / Pedro I *proclamou...*). Como ensina Coseriu, o presente, como termo neutro, pode ser empregado "em lugar" de qualquer outro tempo, e até em sentido "atemporal", ou em contextos de valor genérico ou em referência ao "presente eterno": *A terra gira em torno do sol*.

Não se há de confundir *neutralização* ou *sincretismo*. A neutralização, como vimos, é a suspensão, em determinado contexto, de uma oposição funcional que existe na língua em *um* dos seus dois planos: o da expressão ou o do conteúdo.

O sincretismo, por seu turno, é a ausência de manifestação material, numa seção de um paradigma ou em um paradigma, de uma distinção de conteúdo que, em outras seções do

mesmo paradigma ou em outros paradigmas análogos, se manifesta também materialmente. Assim, no paradigma verbal do português, a 1.ª e a 3.ª pessoas, que se distinguem em outros casos (*canto/canta; cantei/cantou*, etc.), não se distinguem, por exemplo, no imperfeito (*cantava*/*cantava*; *saía*/*saía*, etc.). Assim também haverá sincretismo, e não neutralização, em *falaram* como forma da 3.ª pessoa do plural do pret. perf. e do pret. mais-que-perfeito do indicativo, oposição recuperada na forma de 3.ª pessoa do singular (*falou/falara*) e ainda pelo contexto. Repare-se em que não se distinguem *na expressão* (na forma material, no significante), mas a diferença de conteúdo (de significado) persiste.

A diferença é que no sincretismo não há suspensão da oposição, nem há um termo de valor neutro que represente a soma "1.ª pessoa" + "3.ª pessoa". Pode haver sincretismos sintáticos, como, por exemplo, em *sábio alemão*, que admite duas interpretações exclusivas, conforme se entenda *sábio* como substantivo e *alemão* como adjetivo ou vice-versa.

Também em *amor de mãe* temos um sincretismo sintático, pois não se faz nenhuma distinção material se se trata do amor que a mãe tem ou nutre (pelos filhos, por exemplo) ou do amor que os filhos nutrem pela mãe; é o caso análogo ao genitivo "subjetivo" ou "objetivo" em latim. Mas os falantes fazem a distinção de conteúdo e não consideram a mãe como sujeito e objeto ao mesmo tempo.

O sincretismo pode ocorrer, principalmente, por *homonímia*, ou por *alomorfia* e desaparecimento do elemento mórfico, devidos a regras morfofonêmicas. Exemplos de homonímia: a) a vogal temática da 2.ª conjugação é *e*; esta vogal entretanto, passa a *i* no pret. imperf.; na 1.ª pessoa do singular do pret. perf. do indicativo e no particípio, suspendendo a oposição material distintiva com a 3.ª conjugação: vend + i + ia (com crase dos dois *ii*) → *vendia*; *vend + i + i → vendi; vend + i + do → vendido;* b) por outro lado, a vogal temática da 3.ª conjugação (*i*) passa a *e* quando átona, isto é, 2.ª e 3.ª pessoa do singular e 3.ª pessoa do plural do presente do indicativo e a 2.ª pessoa do singular do imperativo, suspendendo a oposição material entre a 2.ª e 3.ª conjugações: *vendes, partes; vende, parte; vendem, partem; vende tu, parte tu.* Também em *falaram*, a análise mórfica auxiliada pelo contexto dirá existir a 3.ª pessoa do plural do pret. perf. do indicativo (*fal-a-ra-m*) ou do pret. mais-que-perfeito (*fal-a-ra-m*).

Exemplos de desaparecimento: a) pela queda da vogal temática *i* do verbo *vir*, suspende-se a oposição, material entre o gerúndio e o particípio: *vindo* (gerúndio), *vindo* (particípio); b) pela queda da vogal temática *e* no infinitivo de *pôr*, este verbo ficou aparentemente afastado da 2.ª conjugação, chegando, durante muito tempo, a constituir razão para uma falsa 4.ª conjugação em português.

Graus de coesão de morfemas – A adição de morfemas nas constituições das palavras apresenta uma combinatória que cabe aqui ser referida. A adição aponta para uma combinatória rígida de modo que a ordem das unidades mórficas se mostra bem determinada. Assim, na estrutura do verbo em português – tomamos o verbo por exemplificação por ser, nas línguas flexivas como a nossa, aquela palavra de elementos estruturais mais rica – temos:

T (radical + vogal temática) + *D* (DMT + DNP)

am-a + re-mos

Em *recompor*, o prefixo *com* se acha mais integrado à significação do verbo *pôr* do que o prefixo *re-*. Também numa construção em que dois adjetivos modificam um mesmo substantivo, o adjetivo mais distante do substantivo é o menos coeso a ele, o que lhe permite normalmente permutar de posição: *céu azul maravilhoso / maravilhoso céu azul*, mas não *azul céu maravilhoso*. Entre prefixos isto não se dá: *recompor* (e nunca **comrepor*) [VK.2, 41].

Subtração nos elementos mórficos – Já vimos que os elementos mórficos podem ocorrer num processo de subtração, ao contrário do que ocorre com o processo por adição. A supressão de morfema é menos comum em português que o processo por adição.

Em português, um exemplo de morfema subtrativo é o que ocorre com os femininos de *anã, irmã, órfã*, obtidos pela eliminação do *-o* do masculino: 85

anão / anã
irmão / irmã
órfão / órfã

Temos ainda formação de palavras por procedimentos supressivos:

a) supressão do segmento medial pertencente a qualquer das bases: *petrodólares, apart-hotel, cineclube, credifone, tragicômico*

b) supressão do segmento final: *narcótico* → *narcotizar; prioridade* → *priorizar; maldade* → *maldoso*.

c) supressão do elemento final por cruzamento de bases: *motel* (motor + hotel), *brasiguaio* (brasileiro + uruguaio), *malular* (malufar + Lula), *sofressora* (sofrer + professora), *criança* (criança + onça), *aborrescente* (aborrecer + adolescente), *chafé* (chá + café). Este procedimento tem sido usado por bons escritores modernos (Guimarães Rosa, Mia Couto).

A subtração pode ocorrer por um processo de abreviação, em que a parte vale pelo todo: *foto* (grafia), *pneu* (mático), *metrô* (politano).

Morfema zero – Diferente do morfema subtrativo é o morfema zero (Ø). Consiste o morfema zero na ausência de uma marca de oposição gramatical em referência a outro termo marcado. Só haverá morfema zero se a noção por ele expressa for inerente à classe gramatical em que ele ocorra.

Assim, no par *alto/alta*, a oposição de gênero aparece marcada nos dois termos mediante *-o* e *-a*, já no par *alto/altos*, a noção de número plural, inerente à classe dos nomes, se acha marcada pelo pluralizador *-s*, enquanto a noção de singular está marcada pela ausência de uma marca. É esta ausência que tem o significado do valor do singular, e assim podemos considerá-la um verdadeiro morfema, a que chamaremos morfema zero (Ø).

Também em *amo, amas, ama*, as duas primeiras formas verbais apresentam marca de 1.ª e 2.ª pessoas do singular; a última (*ama*), pela falta de marca em relação às outras do mesmo

paradigma apresenta morfema zero para significado da 3.ª pessoa do singular.

OBSERVAÇÃO: Têm-se apresentado substantivos do tipo *pires, lápis, alferes*, adjetivos do tipo *simples, triste, feliz, capaz* como exemplos de morfema zero, por terem a mesma forma para o singular e o plural (nos substantivos) e para o masculino e feminino (nos adjetivos). Concordamos com a lição de Herculano de Carvalho, que não vê nestes casos morfema zero; trata-se de palavras que se mostram excepcionalmente alheias às classes gramaticais de número e gênero [HCv.2, II, 608-609]. Desta forma, *pires* não é um singular que permanece invariável no plural, pois não é em si nem singular nem plural, como *simples* não é nem masculino nem feminino.

Acumulação nos elementos mórficos – Entende-se, em geral, por *morfema cumulativo* aquele que reúne em si várias funções gramaticais. Assim, vê-se no *-o* final das formas verbais da 1.ª pessoa do presente do indicativo (*estudo, vendo, parto*) exemplo de morfema cumulativo, já que significa, simultaneamente, a pessoa (1.ª), o número (singular), o tempo (presente ou não passado) e o modo (indicativo).

Também entram na exemplificação de morfema cumulativo as desinências pessoais do pret. perfeito (*-i, -ste, -u, -stes*) porque eventualmente acumulam as funções de desinências modo-temporais que, nestas formas, é zero.

Todavia, esta descrição não é unanimemente aceita. Segundo alguns autores, entretanto, a condição para se considerar que estamos diante de um morfema cumulativo é o fato de duas ou mais significações gramaticais *nunca* serem marcadas por morfemas diferentes: é o que ocorre com as categorias de número e caso em algumas línguas indo-européias mais antigas ou conservadoras.86 Não é o caso, a rigor, do nosso *-o* final de *estud-o, vend-o, part-o*. Como ensina Matthews, tal caso não se ajusta a um modelo regular, pois a desinência costuma permanecer constante nos diferentes tempos e modos verbais. É bem verdade que o tempo e o modo estão sem morfemas aditivos, mas é um caso meramente especial de morfema sobreposto (cumulação acidental, para Sílvio Elia), como lhe chama o linguista citado, em relação com a totalidade do paradigma.

Em relação às desinências número-pessoais do pret. perf. do indicativo, lembremos que o verbo em português separa as desinências número-pessoais das modo-temporais. Assim, parece-nos que a melhor análise é considerar que no pret. perfeito do indicativo a desinência modo-temporal é zero, tal como se dá no presente do indicativo e no presente do subjuntivo. Não passa a sua função gramatical para a desinência número-pessoal.87

Muitas vezes um elemento mórfico utilizado para certa noção pode, por acumulação acidental, servir também para determinar outra noção desprovida de elemento característico (*elemento mórfico subtrativo*). As desinências de pessoa especiais para o pret. perfeito (*-i, ste, -u, -stes*), acumulam as funções de desinência modo-temporal por não existirem elas nestas formas verbais. Assim é que, embora haja elemento mórfico subtrativo, sabemos que *cantei, vendi* e *parti*, por exemplo, estão na 1ª pessoa do singular (função essencial da desinência *i*) do pret. perfeito do indicativo (função acumulativa da referida desinência), como ocorre com *-o* final de *estud-o*, *vend-o*, *part-o*, formas que estão na 1.ª pess. do sing. do pres. do indicativo.

Fusão nos elementos mórficos – Os elementos mórficos podem combinar-se por

justaposição ou por *fusão*. Em *livros* juntou-se ao radical primário a desinência pluralizadora *-s*, justaposta. No plural *canais* (*canale + s) ou *funis* (*funile + s) a integração do radical e desinência é mais íntima, não permitindo a análise dos dois elementos fundidos. No primeiro exemplo (*canais*), a fusão deu origem a um ditongo enquanto no segundo (*funis*) favoreceu uma crase (**funile + s = funi(l)es > funiis> funis*). Na 1.ª pessoa do singular do pretérito perfeito e na 2.ª pessoa do plural do pres. do indicativo da 3.ª conjugação há crase resultante da fusão da vogal temática com a desinência pessoal: *parti* (< partii), *partis* (< partiis) [Cf. VK.2, 20 n.2].

A aglutinação é um caso de fusão e, às vezes, pode ser tão íntima que o sentimento de linguagem moderno não perceba os dois elementos justapostos que a análise histórica patenteia. Dessarte, a gramática descritiva vê em *relógio* uma palavra simples, cujo radical é *relog-*; a histórica remonta aos dois radicais *hora lógio* (isto é, máquina que "diz a hora") [MC.2, 95].

O sufixo adverbial *-mente* foi primitivamente um substantivo de forma livre que se juntava aos femininos de adjetivos: *boa mente, clara mente*; depois houve maior integração dos dois elementos porque a forma livre passou a ser usada como afixo (forma presa) formador de advérbios. Foi desta aplicação de uma palavra como forma presa (afixo) que se originaram, para o português, o futuro do presente (*trabalharei*) e do pretérito (*trabalharia*), pois se uniram ao infinitivo (*trabalhar*) o presente e o pretérito imperfeito do verbo *haver* (*dar hei, dar hia* por *havia*). São casos de *hipotaxe* ou subordinação.

Passando as formas do verbo *haver* a constituir parte da desinência modo-temporal (*trabalharei* desdobra-se em *trabalh-a-re-i, trabalharia* em *trabalh-a-ria*, a gramática descritiva considera as nossas duas formas de futuro como formas simples.

Suplementação nos elementos mórficos – O ponto alto de uma irregularidade em relação ao paradigma da forma regular de determinado elemento mórfico é o processo chamado suplementação (ou *alternância supletiva*), que consiste em suprir uma forma com outra oriunda de radical diferente. O nosso verbo *ser* é anômalo porque, nas suas flexões, pede o concurso de dois verbos: *esse* e *sedēre*, também *ir* está neste caso, pois, além de suas formas próprias, possui as dos verbos *vadĕre* e *esse.*

A intensidade, a quantidade, o timbre e os elementos mórficos – Muitas vezes, em lugar de uma forma linguística, a intensidade, a quantidade e o timbre servem para ressaltar uma noção gramatical. Já vimos como o acento intensivo se mostra decisivo para distinguir o adjetivo, o verbo e o substantivo em *sábia, sabia* e *sabiá*.

A maior demora numa sílaba em regra traduz uma ênfase no significado da palavra:

> "Idiota! Trezentos e sessenta contos não se entregam nem à mão de Deus Padre! Idiota! Idioota!... Idiooooota..." [ML.1, 219].

A desinência do mais-que-perfeito do indicativo *-ra-* (variante *re-*) difere da semelhante que ocorre no futuro do presente, porque aquela é átona e esta é tônica: *cantara* (cant-a-ra) e *cantará* (cant-a-rá), *cantaras* (cant-a-ra-s) e *cantarás* (cant-a-rá-s).

A mudança de timbre (metafonia) concorre com a desinência da palavra para caracterizar o gênero, o número ou a pessoa do verbo: *caroço* (singular com *o* tônico fechado) → *caroços* (plural com *o* tônico aberto); *esse/essa, fez/fiz,* etc.

Há três grupos de alternância de timbre da vogal tônica com funções de indicações gramaticais:

a) | ê | → | é |; |ô | → | ó |

Em alguns nomes e pronomes, marca a oposição entre masculino e feminino ou singular e plural: *esse/essa; novo/nova*; *ovo/ovos.*

Em verbos da 2.ª conjugação marca, no presente do indicativo, a oposição entre a 1.ª pessoa do singular e as outras formas rizotônicas: *devo/deves, deve, devem; torço/torces, torce, torcem.*

b) | ê | → | i |; | ô | → | u |

Em pronomes, marca a oposição entre a referência de masculinos adjuntos e absolutos: *este, esse/isso; aquele/aquilo; todo/tudo.*

Em verbos fortes, marca a oposição entre 1.ª e 3.ª pessoas: *fez/fiz; pôs/pus.*

c) | i | → | ê |; | u | → | ô |; | i | → | é |; | u | → | ó |

Em verbos da 3.ª conjugação, marca, no presente do indicativo, a oposição entre a 1.ª pessoa e as outras rizotônicas: *minto/mentes, sinto/sentes*; *sumo/somes*; *firo/feres*; *durmo/dormes* [VK.2, 43-44].

Em Portugal, em geral, é o timbre aberto ou fechado da vogal tônica que distingue a 1.ª pessoa do plural do presente do indicativo e do pret. perfeito dos verbos da 1.ª e 2.ª conjugações: *lavamos* (â) (presente), *lavamos* (á) (pretérito), *devemos* (ê) (presente), *devemos* (é) (pretérito). No Brasil não fazemos em regra esta distinção, que fica, em geral, a cargo do advérbio adequado: *Hoje falamos disso. Ontem falamos disso.*88

2 – Formação de Palavras do Ponto de Vista Constitucional

Renovação do léxico: criação de palavras – As múltiplas atividades dos falantes no comércio da vida em sociedade favorecem a criação de palavras para atender às necessidades culturais, científicas e da comunicação de um modo geral. As palavras que vêm ao encontro dessas necessidades renovadoras chamam-se *neologismos*, que têm, do lado oposto ao movimento criador, os *arcaísmos*, representados por palavras e expressões que, por diversas razões, saem de uso e acabam esquecidas por uma comunidade linguística, embora permaneçam em comunidades mais conservadoras, ou lembrados em formações deles originados. De tudo isto trataremos no lugar próprio.

Os neologismos ou criações novas penetram na língua por diversos caminhos. O primeiro deles é mediante utilização da prata da casa, isto é, dos elementos (palavras, prefixos, sufixos) já existentes no idioma, quer no significado usual, quer por mudança do significado, o que já é um modo de revitalizar o léxico da língua.

Entre os procedimentos formais temos, assim, a *composição* e a *derivação* (*prefixal* e *sufixal*).

Outra fonte de revitalização lexical são os *empréstimos* e *calcos linguísticos*, isto é, palavras e elementos gramaticais (prefixos, preposições, ordem de palavras) tomados (empréstimos) ou traduzidos (calcos linguísticos) ou de outra comunidade linguística dentro da mesma língua histórica (regionalismos, nomenclaturas técnicas e gírias) ou de outras línguas estrangeiras – inclusive grego e latim –, que são incorporados ao léxico da língua comum e exemplar.

Uma fonte muito produtiva do neologismo vem da criação de certos produtos ou novidades que recebem o nome de seus inventores ou fabricantes, como *macadame, gilete*, etc. Muito próxima a esta via são os nomes criados levando em conta os sons naturais (fonossimbolismo) produzidos por seres e objetos: *Kodak, pipilar,* etc., são as onomatopéias e palavras expressivas.

De todos esses procedimentos de revitalização do léxico, merecem atenção especial para a gramática a composição e a derivação, tendo em vista a regularidade e sistematicidade com que operam na criação de novas palavras.

Conceito de composição e de lexia 89 – Já está assentada a distinção entre *composição* e *lexia*; por composição entende-se a junção de dois elementos identificáveis pelo falante numa unidade nova de significado único e constante: *papel-moeda, boquiaberto, planalto*. Há os compostos com elementos eruditos, geralmente de origem grega e latina, que só ocorrem na língua nessas novas unidades, isto é, que não aparecem independentes no discurso, e há os compostos com elementos vernáculos, de existência independente na língua (*papel-moeda*) ou com leves alterações formais (*planalto: plan*[*o*]*alto, boquiaberto: boqu*[*i*]*aberto*).

Por seu turno, a *lexia* complexa (termo cunhado pelo linguista francês Bernardo Pottier), também dita *sinapsia* (termo de outro linguista francês Emílio Benveniste – em grego ‘junção’, ‘conexão’, ‘coleção de coisas juntas’), é formada de sintagmas complexos que podem ser constituídos de mais de dois elementos: *negócio da China* (‘transação comercial vantajosa’), *pé de chinelo* (‘diz-se da pessoa de poucos recursos’), etc.

Alguns autores incluem a sinapsia no rol dos tipos de compostos, mas Benveniste – e cremos que com razão – prefere distingui-la. São características da sinapsia, segundo este autor:

a) a natureza sintática (não morfológica) da ligação dos elementos, o que muitas vezes torna difícil verificar se houve ou não lexicalização do conjunto;

b) o emprego de transpositores (preposições);

c) a ordem fixa *determinado* + *determinante*;

d) sua forma lexical plena, e a livre escolha de qualquer substantivo ou adjetivo;

e) a ausência de artigo antes do determinante, pois a presença do artigo romperia a unidade do conjunto, como se pode ver em *ar de família / ar da família; casa de pensão / casa da pensão;*

f) a possibilidade de expansão tanto do determinado quanto do determinante, *pouco ar de família / ar de boa família,* pois seu significado, apesar da expansão, é único e constante;

g) o caráter único e constante do significado.

Vê-se que algumas das características apontadas são também comuns aos compostos, o que explica, muitas vezes, a dificuldade de se traçarem limites rígidos entre os dois processos, já que, na língua, é tênue o limite entre o que é livre e o que está fixado.

A sinapsia, cujo resultado é sempre um substantivo ou adjetivo, tem grande vitalidade, especialmente na linguagem científica e técnica e, por isso mesmo, cria problemas na dicionarização dessas unidades lexicalizadas, já que dicionários e gramáticas, no seu levantamento, se guiam com maior atenção pela ortografia.

A relação sintática nas formações sinápticas é marcada normalmente mediante a preposição *de*, aparecendo ainda a preposição *em* ou *a*, esta última por influência estrangeira, em especial quando a unidade designa um artefato, em que o determinante indica o agente motor; *barco à vela, motor à explosão, fogão a gás*, ou uma característica distintiva *televisão a cores / televisão em cores.*

Há compostos em que a lexicalização se apresenta mais evidente que na sinapsia, é o caso dos compostos por *disjunção* e por *contraposição*.

Nos compostos por disjunção nem sempre os dois elementos se juntam graficamente por mais que seja evidente a lexicalização:

opinião pública guerra civil

mas

bicho-carpinteiro peixe-espada

Nestes compostos, o primeiro elemento é a denominação, enquanto o segundo é a sua especificação; assim *peixe-espada* é um *peixe* "que se assemelha a uma espada" e *opinião pública* é uma *opinião* "que é pública". A relação se diz de disjunção porque, embora o segundo seja uma especificação do primeiro, *espada* não é uma subclasse de *peixe* nem *pública* o é de *opinião*, como se os dois elementos pertencessem a classes diferentes.

Os compostos por disjunção são muito empregados nas denominações de plantas e animais, e menos frequentes na linguagem comum.

Os compostos por *contraposição* quando se constituem por dois substantivos, o segundo exerce uma função predicativa que designa a finalidade do primeiro, e há entre eles uma relação sintática de coordenação:

escola-modelo navio-escola
carro-leito carro-bomba

Em *acordo luso-brasileiro* é um acordo que envolve *portugueses* e *brasileiros*.

Nesses compostos com adjetivos étnicos, em geral são preferidas as formas reduzidas às plenas no primeiro elemento: luso-brasileiro (e não lusitano-brasileiro), aliança nipo-russa (e não japonês-russa).

A composição é uma transformação sintática em expressão nominal – Já vimos que compostos como *papel-moeda* se prendem a uma oração de base do tipo de "papel que é

moeda" o que aponta para o fato de tais unidades léxicas serem transformações de construções sintáticas simples ou complexas. Benveniste dá-nos sobre isto lição magistral:

> Os compostos "representam a transformação de certas orações típicas, simples ou complexas, em signos nominais. Não se pode, portanto, explicar a criação dos compostos pela simples junção imediata de dois signos anteriores. Se a composição nominal fosse, como é sempre apresentada, um processo de natureza morfológica, não se compreenderia por que ela parece se realizar em toda a parte, nem como puderam surgir essas classes formais em número limitado, tão parecidos entre as línguas mais diversas. É que o impulso que produziu os compostos não veio da morfologia, onde nenhuma necessidade os solicitaria; ele provém das construções sintáticas com suas variedades de predicação. É o modelo sintático que cria a possibilidade do composto morfológico e que o produz por transformação. A oração, com seus diferentes tipos, emerge assim na zona nominal. Consequentemente, é preciso reconhecer nos compostos uma situação particular. Em geral, eles são arrolados, com os derivados, na "formação dos nomes". Seria preciso, de preferência, fazê-los entrar em um capítulo novo da teoria das formas, consagrado ao fenômeno que poderia se chamar "*metamorfismo*"; entendemos por isso o processo de transformação de certas classes em outras (...). No momento em que a oração é transformada em composto e que os termos da oração se tornam membros do composto, a predicação é colocada em suspenso, e o enunciado atual torna-se virtual. É esta a consequência do processo de transformação.
>
> Assim se define então a função do composto: transferir para o virtual a relação atual de predicação enunciada pela oração de base. É justamente a essa função que correspondem também as características formais dos compostos. Tudo o que pode remeter a uma situação atual é apagado: a predicação verbal está apenas implícita; o primeiro membro, desprovido de qualquer índice de caso, de número, de gênero, é reduzido a um semantema; o segundo termo, sobre o qual repousa a relação sintagmática, toma uma forma e um final novos, índices do estatuto de adjetivo que o composto recebe (...). Ao passar assim para o quadro formal do nome, a oração livre sofre uma inevitável redução de suas latitudes de expressão. Seria seguramente impossível conter os dois termos do composto a multiplicidade de relações sintáticas a que é suscetível a oração livre. Todavia o composto é capaz de maior diversidade do que parece, e suas numerosas variedades recenseadas pelas gramáticas correspondem justamente a tipos diversos de orações (...).
>
> Mas esse relativo empobrecimento da expressão sintática transformada em expressão nominal é compensado pela variedade das combinações que o composto oferece à língua. Ele dá o poder de manejar como adjetivos ou nomes orações inteiras e de fazê-las entrar revestidas nessas novas espécies em outras orações. Assim se constitui particularmente um vasto repertório, sempre aberto, de compostos descritivos, instrumentos da classificação e da nomenclatura, aptos a se tornarem denominações científicas ou epítetos poéticos, e que, além do enriquecimento que proporcionam, mantêm essa atividade metamórfica, talvez o trabalho mais singular da língua" [EBv, 2, 163-164].

Palavras indivisíveis e divisíveis – INDIVISÍVEL é a palavra que só possui como elemento mórfico o radical: *mar, sol, ar, é, hoje, lápis, luz.*

DIVISÍVEL é a palavra que, ao lado do radical, pode desmembrar-se em outros elementos mórficos:

> mares (mar-e-s), alunas (alun-a-s), trabalhávamos (trabalh-á-va-mos).

Palavras divisíveis simples e compostas – Diz-se SIMPLES a palavra divisível que só possui um radical. Os outros elementos mórficos que a compõem ou são de significação puramente gramatical ou acrescentam ao radical a ideia subsidiária que denotam os afixos (prefixos ou sufixos).

Por causa desta nova aplicação de significado que os afixos comunicam ao radical, as palavras simples se dividem em *primitivas* e *derivadas*.

PRIMITIVA é a palavra simples que não resulta de outra dentro da língua portuguesa: *livro, belo, barco*

DERIVADA é a palavra simples que resulta de outra fundamental: *livraria, embelezar, barquinho.*

COMPOSTA é a palavra que possui mais de um radical: guarda-chuva, lanígero, planalto

Tanto as palavras simples (primitivas ou derivadas) como as compostas podem ser acrescidas de desinências que servem para exprimir uma categoria gramatical (flexão) que,

nos nomes e pronomes, traduz as noções de *gênero* e *número* e, nos verbos, *número, pessoa, tempo* e *modo*:

a) primitivas flexionadas: *livros, meninas*

b) derivadas flexionadas: *livrarias, meninadas*

c) compostas flexionadas: *couves-flores, guarda-livros, planaltos*

Quando a palavra é constituída de vários elementos mórficos, cabe, antes de mais nada, estabelecer o princípio dos constituintes imediatos. Analisando, por exemplo, *fidalgotes,* estabeleceremos que a palavra é primeiramente constituída de *fidalgote* + desinência de pluralizador *s*, através de *fidalg(o)* + diminutivo *-ote*.

Processos de formação de palavras – Dois são os principais processos de formação de palavras em português do ponto de vista da expressão ou da sua constituição material:

a) *composição*

b) *derivação*

A COMPOSIÇÃO consiste na criação de uma palavra nova de significado único e constante, sempre e somente por meio de dois radicais relacionados entre si. Isto não impede que um dos elementos do composto seja ele mesmo já um composto, contado como um termo único, pelo princípio dos constituintes imediatos.

1) Substantivo + substantivo:

a) Coordenação – quando há sequência de coordenação de elemento: 1– o determinante precede: *mãe-pátria, papel-moeda;* 2– o determinante vem depois: *peixe-espada, carro-dormitório, couve-flor*;

OBSERVAÇÃO: Os compostos com o determinado antes do determinante são os tipicamente portugueses. Nos compostos coordenativos um dos substantivos funciona como aposto do outro, em geral, o segundo: *peixe-espada* (peixe que se parece com uma espada). Compostos deste tipo em que o determinante vem antes do determinado, como em *mãe-pátria*, são mais raros. "Os realistas e os simbolistas são, porém, os que fazem mais vasto emprego artístico do substantivo por aposição, e cumpre confessar que, pela sua brevidade e viveza, têm estas formações alto poder estético: "A *nau-fantasma*, cortada a amarra, bamboleia nas ondas, prestes a largar" [G. Junqueiro *apud* MBa.2, 116-117]. Quando os elementos são constituídos por substantivos que apresentam formas para os dois gêneros, o determinante vai para o gênero do determinado, por ser este o principal: *batata-rainha*. As exceções explicam-se por analogia. Se não há distinção genérica, não se dará, naturalmente, a concordância: *a cobra-cascavel, a cobra-capelo, o pau-maçã, a fruta-pão, a cólera-morbo*. Quando fica obliterada ou esmaecida a natureza da composição, mais parecendo tratar-se de palavra simples, pode predominar o gênero do último, como ocorre com *o pontapé* [cf. MAg.3, 151-152].

b) Subordinação – quando há subordinação de um elemento, isto é, de um determinante a outro determinado: *arco-íris, estrada de ferro, pão de ló.*

OBSERVAÇÃO: Nesse tipo de subordinação, os elementos se unem por uma relação de complemento de substantivo, do adjetivo ou do verbo [cf. VK.3, 42 n. 5]. É muito natural no português a omissão da preposição *de*, como acontece com *arco-íris* (por *arco da íris, Íris* é nome mitológico). Assim, *porco-espinho* (= porco de espinho), *beira-mar* (= beira do mar), *pontapé* (= ponta do pé), etc. Observe-se que quando o gênero ou o número do 2.º elemento diverge do do 1.º, dá-se muitas vezes a concordância por influência deste: *pedra-raia* (por pedra de raio), *bolo-rei* (por bolo de Reis [Magos]), *sete-estrelo* (por sete estrelas) [cf. LV.2, 1, 441-442].

2) Substantivo + adjetivo (ou vice-versa):

aguardente, obra-prima, fogo-fátuo, belas-artes, baixa-mar, boquiaberto.

3) Adjetivo + adjetivo:

surdo-mudo, luso-brasileiro, auriverde.

4) Pronome + substantivo:

Nosso Senhor, Sua Excelência.

5) Numeral (inclusive latino) + substantivo:

onze-letras (alcoviteira), segunda-feira, bisneto, trigêmeo, sesquicentenário (sesqui = um e meio).

6) Advérbio (*bem, mal, sempre*) + substantivo, adjetivo ou verbo:

benquerença, benquisto, benquerer, malcriação (inutilmente corrigido para má-criação), malcriado, sempre-viva.

7) Verbo + substantivo:

lança-perfume, porta-voz, busca-pé, passatempo.

8) Verbo + verbo ou verbo + conjunção + verbo:

vai-vém, leva e traz, corre-corre.

9) Verbo + advérbio:

pisa-mansinho, ganha-pouco.

10) Um grupo de palavras ou uma oração inteira pode passar, pelo processo da hipotaxe ao nível de palavra:

um *Deus nos acuda*, mais vale um *toma* que dois *te darei*, os *disse me disse*.

Como já vimos, a associação dos componentes das palavras compostas se pode dar por:

a) *justaposição*: guarda-roupa, mãe-pátria, vai-vém.

b) *aglutinação*: planalto, auriverde, fidalgo.

OBSERVAÇÃO: Incluem-se no processo da aglutinação os casos, raros nas línguas românticas, de *incorporação nominal*, mediante os quais se incorpora ao verbo o seu complemento, nome ou pronome, que exerce a função semântica de paciente, locativo ou instrumental: *pesa-me - pêsame,* esp. *rabiatar* (= *atar el rabo*), etc.

"Na análise mórfica de um composto por justaposição, separam-se primeiramente as duas palavras, e, depois procede-se à separação de cada uma delas, se são divisíveis" [MC.2, 94].

Derivação – Derivação consiste em formar palavras de outra primitiva por meio de afixos. De modo geral, especialmente na língua literária e técnica, os derivados se formam dos radicais de tipo latino em vez dos de tipo português quando este sofreu a evolução própria da história da língua: *áureo* (e não *ouro*), *capilar* (e não *cabelo*), *aurícula* (e não *orelha*), etc. [MBa.1, 429-430].

Os afixos se dividem, em português, em *prefixos* (se vêm antes do radical) ou *sufixos* (se vêm depois). Daí a divisão em *derivação prefixal* e *sufixal*.

DERIVAÇÃO SUFIXAL: *livraria, livrinho, livresco.*

DERIVAÇÃO PREFIXAL: *reter, deter, conter.*

OBSERVAÇÃO: Como vimos em **Afixos: prefixos e sufixos. Interfixos**, os prefixos assumem valor semântico que empresta ao radical um novo significado, patenteando, assim, a sua natureza de elemento mórfico de significação externa subsidiária.

Baseados nisto, a gramática antiga e vários autores modernos fazem da prefixação um

processo de composição de palavras.

Sufixos – Os sufixos dificilmente aparecem com uma só aplicação; em regra, revestem-se de múltiplas acepções e empregá-los com exatidão, adequando-os às situações variadas, requer e revela completo conhecimento do idioma. Ao lado dos valores sistêmicos, associam-se aos sufixos valores ilocutórios intimamente ligados aos valores semânticos das bases a que se agregam, dos quais não se dissociam.90 A noção de aumento corre muitas vezes paralela à de coisa grotesca e se aplica às ideias pejorativas: *poetastro, mulheraça.* Os sufixos que formam nomes diminutivos traduzem ainda carinho: *mãezinha, paizinho, maninho.* Outras vezes, alguns sufixos assumem valores especiais (por exemplo *florão* não se aplica em geral a flor grande, mas a uma espécie de ornato de arquitetura), enquanto outros perdem o seu primitivo significado, como *carreta, camisola*. Por fim, cabe assinalar que temos sufixos de várias procedências, sendo os latinos e gregos os mais comuns nas formações eruditas.

Nas formações eruditas greco-latinas serão considerados nesta gramática elementos sufixais formas como - *ífic* -, - *ífer* -, - *duct* - e quejandos, em unidades como *sudorífico, frutífero, aqueduto*, assim como são elementos prefixais formas como *anfi-, extra-, inter-, mono-, multi-, poli-,* em *anfiteatro, extrafino, monovalente, multicolor, polianteia,* etc.

I – *Principais sufixos formadores de substantivos*:

1) Para a formação de nomes de agente, e ainda instrumento, lugar: 91

-tor, -dor, -sor, -or: narrador, genitor, ascensor, cantor, metralhadora, corredor (= lugar por onde se anda)

-nte, estudante, requerente, ouvinte

-ista: dentista, jornalista

-eira, -eiro: lavadeira, padeiro, vendeiro, derradeiro

-ária, -ário: bibliotecária, secretário

2) Para formação de nomes de ação ou resultado de ação, estado, qualidade, semelhança, composição, instrumento, lugar:

a) Derivados de verbo:

-ame: gravame

-ção, -são: coroação, perdição, compreensão, ascensão

OBSERVAÇÃO: Há de se atentar para a correta grafia de *-ção* e *-são*.

-mento: casamento, descobrimento

-ura, -dura, -tura: feitura, mordedura, formatura

-ança (-ancia), -ença (-encia): mudança, esperança, parecença, abundância, convalescença, (ou convalescência)

-ata: passeata

-ada: estada (estadia na norma de Portugal)

-ida (verbos da 2.ª e 3.ª conjugações): acolhida, partida

-agem: vadiagem

-ário: lapidário

b) Derivados de substantivo:

-ada: laçada, braçada, pousada

-ura: cintura

-astro: poetastro

-*estre*: silvestre, campestre
-*ato*: orfanato
-*aço, -aça*: vidraça
-*cínio*: patrocínio (não confundir com o radical -*cinio*, de *canĕre* 'cantar': galicínio 'o canto do galo')

c) Derivados de adjetivos:

-*ismo*: charlatanismo, civismo
-*tude*, -*dão:* amplitude, amplidão, solidão
-*ura*: doçura, brancura (concorrente vitorioso sobre -*or*: *verdor*, *amargor*)
-*eza, -ez*: beleza, viuvez
-*ácia*: audácia, falácia
-*dade*: dignidade
-*mônia*: acrimônia

3) Para significar lugar, meio, instrumento:

-*douro, -doura*: bebedouro, manjedoura
-*tério*: necrotério
-*tório*: dormitório
-*aria, -eria*: livraria, tesouraria, sorveteria
-*edo*: arvoredo
-*bulo*: turíbulo
-*or*: corredor
-*il*: covil (relacionado a nomes de animal, para indicar onde se recolhem)
-*anco*: barranco
-*cro*: simulacro, ambulacro

4) Para significar abundância, aglomeração, coleção:

-*aria, -ário, -eria*: cavalaria, infantaria (ou infanteria), casario
-*al:* laranjal, cipoal
-*edo*: arvoredo
-*eira*: doenceira, desgraceira
-*io*: mulherio
-*ama, -ame, -ume, -um*: mourama, velame, ervum, mulherum, homum, negrume
-*agem*: folhagem
-*ada*: boiada
-*aço*: chumaço
-*alha*: parentalha
-*ardo*: moscardo
-*ana, -aina* (por alongamento): andana, andaina

5) Para significar causa produtora, lugar onde se encontra ou se faz a coisa denotada pela palavra primitiva:

-*ário*: relicário, herbanário
-*eiro, -eira*: açucareiro, chocolateira
-*aria*: livraria, mercearia

6) Para formar nomes de naturalidade:

-*aco*: austríaco
-*ano,-ão*: pernambucano, coimbrão
-*ense, -ês*: cearense, português
-*enho*: estremenho (da Estremadura, Portugal)
-*eno*: madrileno, chileno

-*eu, -éu*: caldeu, hebreu, ilhéu (fem. *ilhoa*)

-*engo*: *flamengo*

-*ico*: brasílico

OBSERVAÇÃO: Em *algarvio* não há sufixo -*io*.

-*ista*: paulista

-*ol*: espanhol

-*oto*: minhoto (ô)

-*ato*: maiato (natural de Maia)

-*ino*: platino, bragantino

-*eiro*: brasileiro

-*eta*: lisboeta

-*aico*: hebraico, caldaico

7) Para formar nomes que indicam maneira de pensar; doutrina que alguém segue; seitas; ocupação relacionada com a coisa expressa pela palavra primitiva:

-*ismo*: cristianismo, classicismo

-*ista*: socialista, espiritista

-*ano*: maometano, anglicano

8) Para formar outros nomes técnicos usados nas ciências [AN.1, 123-124]:

-*ite* (emprega-se para as inflamações): pleurite, rinite, bronquite

-*ema* (é utilizado nos modernos estudos de linguagem com o sentido de "mínima unidade distintiva"): fonema (menor unidade de som); morfema (menor unidade significativa de forma), lexema, semema, estilema, etc.

-*oso* e -*ico* (distinguem óxidos, anídridos, ácidos e sais, reservando-se o último para os compostos que encerrem maior proporção do metaloide empregado): cloreto mercuroso, cloreto mercúrico

-*ato, -eto, -ito* (formam nomes de sais: clorato, cloreto, clorito): clorato de potássio, cloreto de sódio. Para os sais de enxofre usa-se o radical *sulf*: sulfeto, sulfito, e não *sulfur*, que é forma latina: sulfato de quinino, hipossulfito de sódio. Para os de fósforo usa-se o radical *fosf*, para os de flúor *flu*: fosfato, fluato. Para os de carbônio, o uso vulgar aceitou as formas *carbonato*, bem derivada, e *carbureto* (em vez de *carboneto*), que denota influência francesa: bicarbonato de sódio, carbureto de cálcio.

-*ênio* (caracteriza carbonetos de hidrogênio): acetilênio, etilênio, metilênio, etc.

-*ilio* (aparece em certos compostos chamados radicais químicos): amílio, metílio.

-*ina* (aparece em alcaloides e álcalis artificiais): *atropina*, alcaloide da beladona; *cafeína*, do café; *cocaína*, da coca; *codeína*, do ópio; *conicina,* da cicuta; *estricnina*, da noz-vômica; *morfina*, da papoula; *nicotina*, do fumo; *quinina*, da quina; *teína*, da árvore do chá, etc.; anilina, alizarina, etc.

-*io* (aparece em corpos simples): silício, telúrio, selênio, sódio, potássio, etc.

-*ol* (se encontra em derivados de hidrocarbonetos): fenol, naftol, etc.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) A Mineralogia e a Geologia têm também sufixos tomados em sentidos particulares:

-*ita* (para espécies minerais): pirita

-*ito* (para as rochas): granito

-*ite* (para fósseis): amonite

2.ª) Na indústria moderna os produtos novos são marcados com finais -*ax, -ex, -ix, -ox, -ux*, que passaram a ser entendidos como verdadeiros sufixos: ajax, tenax, paredex, pirex, atrix, inox, matox, rodox. Em *xerox* (ou etimológico *xérox*) não temos esse final, pois se prende a um adjetivo grego, que significa *enxuto*.

II – *Principais sufixos de nomes aumentativos e diminutivos, muitas vezes tomados pejorativa ou afetivamente*:

1) Aumentativos:

-*ão, -zão*: cadeirão, homenzão

-*anço*: falhanço, copianço

-arro, -arrão, -zarrão, arraz (arro + az): naviarra, bebarro, santarrão, coparrão, homenzarrão, pratarraz

-eirão: vozeirão

-aço, -aça: ricaço, barcaça, copaço

-astro: poetastro, politicastro, padrasto, madrasta (nos dois últimos houve dissimilação)

-alho, -alha, -alhão: politicalho, muralha, grandalhão

-ama: ourama, poeirama

-anzil: corpanzil

-ázio: copázio

-uça: dentuça

-eima: guleima, guloseima, boleima

-anca: bicanca

-asco: penhasco

-az: fatacaz, famanaz, famaraz

-ola: beiçola

-orra: cabeçorra

-eirão: chapeirão, toleirão

-ento: farturento

2) Diminutivos:

-inho, -zinho, -im, zim: livrinho, livrozinho, dormindinho, florzinha, espadim, bodim, valzim 92

Observação: Nem sempre é indiferente a opção por *-inho* ou *-zinho*. Não toleram *-inho* (e *-ito*) mas *-zinho* (e *-zito*) os nomes terminados em nasal, ditongo e vogal tônica: *cãozinho, cãozito, irmãzinha, albunzinho, raiozinho, bonezinho, urubuzinho*. Também se incluem os terminados em *-r*, embora aí haja alguns em *-inho*, facultativamente: *serzinho, cadaverzinho, caraterzinho; colher* admite *colherinha*, ao lado de *colherzinha*. Os terminados em *-s* e *-z* só toleram *-inho* (*-ito*): *tenisinho, lapisinho, rapazinho*.

-ito, -zito: copito, amorzito, passeandito

-ico: namorico, veranico

-isco: chuvisco, petisco

-eta, -ete, -eto: saleta, diabrete, livreto, saberete

-eco: livreco, padreco

-ota, -ote, -oto: ilhota, caixote, perdigoto

-ejo: lugarejo, animalejo

-acho: riacho, fogacho

-el, -ela, -elo (ora com *e* aberto ora fechado): cabedelo, magricela, donzela, donzel

-iola: arteríola

-ola: camisola (também tem sentido aumentativo quando designa a camisa longa de dormir); rapazola (cf. *-iola*)

-ucho: gorducho, pepelucho

-ebre: casebre

-ula, -ulo, -cula, -culo: nótula, glóbulo, radícula, corpúsculo

-alho, -elho, -ilho, -olho, -ulha: ramalho, rapazelho, pesadilho, ferrolho, bagulho

-aça, -aço, -iça, -iço: fumaça, caniço, nabiça

-el: cordel

III – *Principais sufixos para formar adjetivos*:

-(d)io, -(d)iço: fugidio, movediço (todos tirados do tema do particípio)

-vel, -bil: notável, crível, solúvel, flébil, ignóbil

-ento, -(l)ento: cruento, corpulento

-oso, -uoso: bondoso, primoroso, fastoso (ou fastuoso), untuoso, espirituoso

-onho: medonho, risonho

-az: mordaz, voraz

-udo: barrigudo, cabeçudo
-ício, -iço: acomodatício, enfermiço
-ário, -eiro: diário, ordinário, verdadeiro, costumeiro
-ano: humano
-asco: pardavasco
-esco, -isco: dantesco, principesco, mourisco
-ático: problemático, aromático
-eno: terreno
-áceo: rosáceo, galináceo
-acho: verdacho
-aco: demoníaco
-ado: barbado
-ardo: felizardo
-al: vital, *boçal*
-âneo, -anho: sucedâneo, estranho
-átil: portátil, volátil
-ino, -im: bailarino, paladino, paladim (a apócope de *-ino* a *-im* ocorre mais entre substantivos: *latino* [adj.], *latim* [s.])
-bundo: furibundo
-undo, -ondo: fecundo, redondo
-eo: róseo
-timo: marítimo
-urno: diurno
-iano: canoniano, virgiliano

OBSERVAÇÃO: Dos nomes próprios formam-se adjetivos em *-iano* e não *-eano*: comoniano, machadiano, saussuriano, wagneriano, como já era em latim. [cf. JMa.1, § 189, 2).

-ico: público
-engo, *-lengo*: mulherengo, avoengo, verdoengo (verdolengo)
-al, -ar: anual, escolar
-aico: prosaico
-estre: campestre
-este: celeste
-douro: vindouro, imorredouro
-tório: expiatório, satisfatório
-ivo: afirmativo, lucrativo
-ácea, -áceo (em família de plantas): liliáceas, papilonáceos
-ndo (equivalente ao particípio futuro passivo latino): graduando ('que vai ser graduado'), vitando ('que deve ser evitado'), venerando ('digno de ser venerado'), despiciendo ('digno de ser desprezado', 'desprezível'). Tem tido larga aceitação na nomenclatura de profissões universitárias, nem sempre bem visto pelos puristas: doutorando, farmacolando, engenheirando, etc.

IV – *Principais sufixos para formar verbos*:

1) Para indicar ação que deve ser praticada ou dar certa qualidade a uma coisa (verbo causativo):

-ant(*ar*): quebrantar
-it(*ar*): periclitar, debilitar
-iz(*ar*): civilizar, humanizar, realizar

2) Para indicar ação repetida (verbos frequentativos):

-aç(*ar*): espicaçar, adelgaçar

-*ej*(*ar*): mercadejar, voejar

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Nem sempre indicam repetição da ação; muitas vezes servem para exprimir a mesma noção, apenas por meio de forma entendida por mais sonora.

2.ª) Sobre -*ear* / -*ejar* [cf.MBa.5, 128].

3) Para indicar ação pouco intensa (verbos diminutivos):

-*it(ar*): saltitar, dormitar

OBSERVAÇÃO: Muitos verbos exprimem esta ideia por se formarem de nomes diminutivos: petisco + ar = petiscar; chuvisco + ar = chuviscar; cuspinho + ar = cuspinhar, namorico + ar = namoricar

4) Para indicar início de ação ou passagem para um novo estado ou qualidade (verbos incoativos):

-*ec*(*er*): alvorecer, anoitecer, apodrecer, endurecer, enfurecer

-*esc*(*er*): florescer

OBSERVAÇÃO: A grafia -*escer* é própria das palavras importadas que já chegaram à língua com -*sc-,* ou devidas à analogia.

V – *Sufixo para formar advérbio:*

-*mente* (junta-se a adjetivo na forma feminina, quando houver):

claramente, sinceramente, sossegadamente, simplesmente, horrivelmente, enormemente, primeiramente.

Por extensão, pode ainda muito expressivamente combinar-se com substantivos.

OBSERVAÇÃO: Os nomes terminados em -*ês* e alguns terminados em -*or*, porque no português antigo só tinham uma forma para os dois gêneros, não se apresentam no feminino: portuguesmente, superiormente.

Os advérbios em -*mente* podem ser distribuídos em três classes, conforme o sentido do adjetivo de que se formam [NE.1, 17-18]:

1) exprimem uma ideia de qualidade: *claramente*, *sinceramente*, *simplesmente*, *horrivelmente*;
2) exprimem uma ideia de quantidade ou medida: *copiosamente*, *imensamente*, *enormemente*;
3) exprimem uma ideia de relação de dois seres independente um do outro; entre as idéias de relação citamos as de *tempo* e *lugar*: *primeiramente*, *anteriormente*, *atualmente*.

Prefixos – Os principais prefixos que ocorrem em português são de procedência latina ou grega, sendo que muitos dos primeiros correspondem a preposições portuguesas. Ainda que os prefixos latinos tenham o mesmo significado de seus correspondentes gregos, formando assim palavras sinônimas, estas em regra não se podem substituir mutuamente, porque têm esferas semânticas diferentes.

Assim é que *transformação* e *metamorfose, circunferência* e *periferia, composição* e *síntese* são equivalentes, a rigor, mas não se aplicam indistintamente: *transformação*, por exemplo, é de emprego mais amplo que *metamorfose*.

Algumas vezes há duplicidade da noção expressa pelo prefixo e pela preposição que se segue à palavra derivada prefixalmente: *concorrer com, incorrer em, apor-se a,* etc.93 Outras vezes, o reforço se dá mediante o prefixo e o significado mesmo da palavra base; repare-se a repetição da ideia de *função, aproximidade* do prefixo *com-* e da base *vizinho* neste trecho de Euclides da Cunha: "Esta solidariedade de esforços evidencia-se melhor na vaquejada,

trabalho consistindo essencialmente no reunir, e discriminar depois, os gados de diferentes fazendas *convizinhas*...” [EC.1, 125].

Prefixos e elementos latinos

ab, abs (afastamento, separação): abstrair, abuso

ad, a (movimento para aproximação; adicionamento; passagem para outro estado; às vezes não tem significação própria): adjunto, apor

OBSERVAÇÃO: Não confundir com o *a* sem significação de certas palavras como *alevantar, assentar, atambor*.

ante (anteriormente, procedência – no tempo ou no espaço): antessala, antelóquio, antegozar, antevéspera

ambi (duplicidade): ambiguidade, ambidestro

bene, bem, ben (bem, excelência de um fato ou ação): bendizer, benfazejo

bis, bi, bin (dois, duplicidade): bisneto, biciclo, binóculo

centum, cento: centuplicar, centopeia

circum, circu (em roda de): circunferência, circulação

cis (posição aquém): cisalpino, cisatlântico, cisandino, cisplatino

OBSERVAÇÃO: Ocorre como antônimo de *trans*: transatlântico – cisatlântico.

cum, com, con-, co-, cor (companhia, sociedade, concomitância): cumplicidade, compadre, companheiro, condutor, colaborar, corroborar

contra (oposição, situação fronteira; o *a* final pode passar a *o* diante de certas derivações do verbo): contramarchar, contrapor, contramuro, controverter. Em *contradança* não ocorre o prefixo *contra*; o vocábulo nos veio do francês *contredanse*, do inglês *country-dance* (dança rústica), por etimologia popular, talvez devida ao fato de os pares se defrontarem, uns com os outros (daí o francês *contre*).

decem, deci, decu, dec (dez): decenviro, decilitro, décuplo

de- (movimento para baixo, separação, intensidade, negação): depenar, decompor. Às vezes alterna com *des-: decair — descair*.

de(s), di(s) (negação, ação contrária, cessação de um ato ou estado, ablação, intensidade): desventura, discordância, difícil (dis + fácil), desinfeliz, desfear (= fazer muito feio), desmudar (= mudar muito)

dis(s) (duplicidade, separação, diversidade de partes): dissecar (‘cortar em dois’), disjungir (‘separar duas coisas que estavam juntas’), dispor

ex-, es-, e- (movimento para fora, mudança de estado, esforço): esvaziar, evadir, expatriar, expectorar, emigrar, esforçar

OBSERVAÇÃO: Às vezes alterna-se com *des-, dis:* escampado – descampado; extenso – distenso; esguedelhar – desguedelhar; esmaiar – desmaiar; estripar e destripar; desapropriar e espropriar; desfiar e esfiar; desencarcerar e excarcerar; deserdar e exerdar [MBa.4, 211].

em-, en-, e-, in- (movimento para dentro, passagem para um estado ou forma, guarnecimento, revestimento): embeber, enterrar, enevoar, ingerir

OBSERVAÇÃO: Às vezes alterna-se a forma prefixada com o seu prefixo: *couraçar* e *encouraçar*, *cavalgar* e *encavalgar, trajar* e *entrajar, viuvar* e *enviuvar, bainhar* e *embainhar* [MBa.4, 206].

extra- (fora de, além de; superioridade; o *a* final passa, às vezes, a *o*): extradição, extralegal, extrafino, extroverter

in-, im-, i- (sentido contrário, negação, privação): impenitente, incorrigível, ilegal, ignorância

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Às vezes parece atribuir ao derivado o mesmo valor semântico da forma de base: *incruento, incrueldade*.

2.ª) Algumas vezes indica no que alguma coisa se transforma, isto é, mudança de estado: *incinerar* (‘reduzir a cinzas’), *inflamável* (‘que se transforma em chama’, ‘que se transforma em fogo’), etc.

3.ª) “Os prefixos negativos mais comuns são *in* e *des* ou *de*. São poucas as palavras verdadeiramente antigas formadas com o prefixo *in*, que só se tornam frequentes por imitação literária do latim, dos quinhentistas para cá; a derivação popular é sempre feita com o prefixo *des* ou *de*: *desfazer, descoser, desandar, desamor, desigual,* etc. Alguns tiveram a forma *in*, como *injustiça*, mas ainda em tal caso sempre (antigamente) se preferiu dizer a *sem-justiça* e dizer cousa *sem-nome* a cousa *inominada* ou quejandas expressões” [JR.5, n. 124].

infra- (abaixo): infra-assinado

inter-, entre (posição no meio, reciprocidade): entreter, interpor, intercâmbio

intro- (dentro): introduzir

intra- (posição interior, movimento para dentro; o *a* final passa, às vezes, a *o*): intramuscular, introverter, introduzir

ob-, o- (posição em frente): obstar, opor

per- (através de, coisa ou ação completa, intensidade): percorrer, perfazer, perdurar, persentir (sentir profundamente)

pluri- (muito): pluricelular

pos-, post- (posição posterior, no tempo e no espaço): postônico, pós-escrito

praeter (preter): preterir

primu (primeiro): primogênito

pre-, prae- (anteriormente, antecedência, superioridade): prefácio, prever, predomínio

pro- (movimento para frente, em lugar de, em proveito de): progredir, projeção

re- (movimento para trás, repetição, reciprocidade, intensidade): regredir, refazer, ressaudar (saudar mutuamente), ressaltar, rescaldar (escaldar muito)

retro- (para trás): retroceder, retroagir

satis (suficiente): satisfazer

semi- (metade de, quase, que faz as vezes de): semicírculo, semibárbaro, semivogal

so-, sob-, sub-, sus- (em baixo de, imediatamente abaixo num cargo ou função; inferioridade, ação pouco intensa): soterrar, sobestar, submarino, sustentar, supor

sobre- (nas formações vernáculas), *super-, supra-* (nas formações eruditas) (posição superior, saliência, parte final de um ato ou fenômeno; em seguida; excesso): sobrestar, superfície, supracitado, superlotado

soto-, sota- (posição inferior, inferioridade; logo após): soto-pôr, soto-mestre, sota-voga

trans-, tras-, tres-, tra-, tre- (além de, através de, passar de um lugar a outro, intensidade): transportar, traduzir, transladar, tresloucar, tresmalhar, tresnoitar, trespassar, tresler, tresgastar[94]

Observações:

1.ª) Não se há de confundir *três* (numeral) com *tres* (de *trans*): tresdobrar (triplicar);

2.ª) Às vezes *trans* é empregado como antônimo de *cis*: *transalpino* e *transandino*, por exemplo, opõem-se a *cisalpino* e *cisandino*;

3.ª) Também em certas palavras se podem alternar as variantes deste prefixo: transpassar, traspassar, trespassar; transmontar, tramontar

tris, tri, tres, tre (três): trissílabo, triciclo

ultra- (além de, excesso, passar além de): ultrapassar, ultrafino

un, uni (unidade): uniforme

vice-, vis- (em lugar de, imediatamente abaixo num cargo ou função): vice-presidente, visconde[95]

Prefixos e elementos gregos

a, an, este último antes de vogal (privação, negação, insuficiência, carência, contradição): afônico, anemia, anônimo, anoxia, amoral

aná (inversão, mudança, reduplicação): anabatista, anacrônico, analogia, anatomia, anáfora

anfí (duplicidade, ao redor, dos dois lados): anfíbio, anfibologia, anfiteatro

antí (oposição, ação contrária): antídoto, antártico, antípodas, antiaéreo

apó (afastamento): apologia, apocalipse

arqui, arce (superioridade hierárquica, primazia, excesso): arquiduque, arquimilionário, arcediago

catá (movimento para baixo): catacumba, catarata, católico

di (duplicidade, intensidade): dilema, dissílabo, ditongo

diá, di (através de): diálogo, diagrama

Observação: Pensando-se que *diálogo* é conversa de dois, tem-se empregado erradamente *triálogo* para conversa de três.

dis (dificuldade): dispepsia, disenteria

ec-, ex-, exo-, ecto (exterioridade, movimento para fora, separação): eczema, exegese, êxodo, exógeno, ectoderma

en-, em-, e- (interioridade): encômio, encíclica, enciclopédia, emblema, elipse

endo (movimento em direção para dentro): endocarpo, endovenosa

ento (interior): entófito (planta que vive dentro de outra)
epí (sobre, em cima de): epiderme, epitáfio
eu (excelência, perfeição, bondade): eufonia, euforia, eufemismo
hemi (metade, divisão de duas partes): hemiciclo, hemisfério
hipér (excesso): hipérbolo, hipérbato
hipó (posição inferior): hipocrisia, hipótese, hipoteca
metá (mudança, sucessão): metamorfose, metáfora, metonímia
pará (proximidade, semelhança, defeito, vício, intensidade): parábola, paradigma, paralela, paramnésia
perí (em torno de): perímetro, período, periscópio
pró (anterioridade): prólogo, prognóstico, profeta
prós (adjunção, em adição a): prosélito, prosódia
proto- (início, começo, anterioridade): protótipo, proto-história, proto-mártir
polí- (multiplicidade): polissílabo, politeísmo
sýn-, sým-, sý- (conjunto, simultaneidade): sinagoga, sinopse, simpatia, silogeu
tele- (distância, afastamento, controle feito à distância): telégrafo, telepatia, teleguiado

Correspondência entre prefixos e elementos latinos e gregos

Latinos	Gregos
des, in [1]: desleal, infeliz	*a, an*: amoral, anemia
contra: contrapor	*antí*: antipatia
ambi: ambiguidade	*anfi*: anfibologia
ab: abuso	*apó*: apogeu
bi(s): bilabial	*di*: dissílabo
trans: transparente, transformação	*diá, metá*: diáfano, metamorfose
in: ingressar	*en*: encéfalo
intra: intramuscular	*endo*: endovenoso
ex: exportar	*ec, ex:* êxodo
super, supra: superfície, supralingual, superlotar	*epí, hipér*: epiderme, hipertrofia
bene: benefício	*eu*: eufonia
semi: semicírculo	*hemi*: hemisfério
sub: subterrâneo	*hipó*: hipótese
ad: adjetivo	*pará*: paralelo
circum: circunferência	*perí*: periferia
de: depenar	*catá*: catarata
cum: composição	*sýn*: síntese

1. O prefixo *in* literário e erudito, ao contrário de *des-* popular, ganhou por isso certa cortesia e polidez, e constitui em neologismos, um recurso de eufemismos que cada vez mais se generaliza: *inverdade* (por *mentira*), *inexato, indelicado, indonto, impolido, inverídico, imerecido, inativo.*

OBSERVAÇÃO: Há também sinônimos ou equivalentes semânticos greco-latinos ou *doublets* bilíngues. Vejam-se os lembrados por [MBa.5, 103, n.18].

Latinos	Gregos
abecedário	*alfabeto*
florilégio	*antologia*
sudorífico	*diaforético*
unicórnio	*monoceronte*
rouxinol	*filomela*
península	*quersoneso*
novilúnio	*neomênio*
avareza	*filargiria*
favânio	*zéfiro*

Outros processos de formação de palavras – Além dos processos gerais típicos de formação de palavras, possui o português mais os seguintes: *formação regressiva, abreviação, reduplicação, conversão* e *combinação*.

Intimamente relacionada com a derivação temos a formação regressiva ou deverbal, que consiste em criar palavras por analogia, pela subtração de algum sufixo, dando a falsa impressão de serem vocábulos derivantes: de *atrasar* tiramos *atraso*, de *embarcar, embarque*; de *pescar, pesca*; de *gritar, grito*. Assim também os vocábulos *rosmaninho* e *sarampão* foram tomados, respectivamente como diminutivo e aumentativo, marcados, portanto, com sufixos de grau, e daí se tiraram as formas regressivas *rosmano* e *sarampo*, como falsos primitivos.

Tais derivados regressivos procedem da primeira ou da terceira pessoa do singular do presente do indicativo, o que explica sua distribuição em substantivos de tema em *-o* (se provindos da 1.ª pessoa) ou de tema em *-a* ou *-e* (se provindos da 3.ª pessoa), sem que se possa prever a opção da norma para a escolha da vogal temática. Os de tema em *-o* têm maior vitalidade no português moderno, especialmente na variedade informal: *o amasso, o agito, o chego, o sufoco, o apago* [VK.3, 23-24].

O Prof. Said Ali distribui-os em quatro grupos, levando em conta seu gênero gramatical:

"1.º) Masculino em *-o*: atraso, assento, emprego, voo, esforço, choro, degelo, remo, mergulho, suspiro, mando, confronto, rodeio, galanteio, festejo, gargarejo, etc.

2.º) Masculino em *-e*: embarque, desembarque, combate, corte, toque, etc.

3.º) Feminino em *-a*: amarra, pesca, sobra, suplica, leva, engorda, desova, renúncia, rega, esfrega, entrega, escolha, etc.

4.º) Masculinos e femininos: pago, paga, custo, custa, troco, troca, achego, achega, grito, grita, ameaço, ameaça" [SA.2, 163]

Neste processo, os substantivos tirados de verbos denotam ação, enquanto os substantivos que dão origem a verbos denotam, em geral, objeto ou substância, como *arquivo* → *arquivar, timbre* → *timbrar, apelido* → *apelidar*, e assim por diante. A vitalidade lhes garante formação de derivados: de *apago* se formou *apagão* nos blecautes, momentâneos ou demorados, das grandes cidades.

A ABREVIAÇÃO consiste no emprego de uma parte da palavra pelo todo. É comum não só no falar coloquial, mas ainda na linguagem cuidada, por brevidade de expressão: *extra* por *extraordinário* ou *extrafino*.

A forma abreviada passa realmente a constituir uma nova palavra e, nos dicionários, tem tratamento à parte, quando sofre variação de sentido ou adquire matriz especial em relação àquela donde procede. *Fotografia* e *foto* são *sinônimos* porque designam a mesma coisa, embora a sinonímia não seja absoluta. *Foto*, além de ser de emprego mais corrente, ainda serve para títulos de casas do gênero, o que não se dá com o termo *fotografia*.

Pode-se incluir como caso especial da abreviação o processo de se criarem palavras, com vitalidade no léxico, mediante a leitura (isoladas ou não) das letras que compõem siglas, como, por exemplo:

ONU (Organização das Nações Unidas)

PUC (Pontifícia Universidade Católica)

UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

USP (Universidade de São Paulo)

PT (Partido dos Trabalhadores)

Destas abreviaturas se derivam, mediante sufixos: *puquiano*, *uergiano*, *uspiano*, *petista*, etc.

A REDUPLICAÇÃO, também chamada *duplicação silábica*, consiste na repetição de vogal ou consoante, acompanhada quase sempre de alternância vocálica, para formar uma palavra imitativa:

> *tique-taque, reco-reco, pingue-pongue* (que provavelmente representa o chinês *ping-pang*, através do inglês *ping-pong*, segundo Sapir [ES.1, 82].

Este é o processo geralmente usado para formar as onomatopeias (Ú 74).

A CONVERSÃO consiste no emprego de uma palavra fora de sua classe normal:

> *Terrível palavra é um* ***não****. Não consegui descobrir o* ***porquê*** *da questão.*
>
> *Ele é o* ***benjamim*** *da família.*

Entre os casos de conversão podemos incluir a passagem, por hipertaxe, um grupo de vocábulos (geralmente o final) a palavra isolada: *Ele tem certas* ***fobias*** *(fobia* é a parte de um grupo de palavras que designam aversão a uma coisa: *fotofobia, xenofobia, hidrofobia,* etc). Estamos no século dos *ismos* e das *logias*.

OBSERVAÇÃO: Os casos de conversão recebiam o nome de *derivação imprópria*. Como a conversão não repercute na estrutura do significante de base, muitos estudiosos, com razão, não a incluem como processo especial de formaçao de palavras, como demonstra a hipertaxe.

A COMBINAÇÃO é um caso especial de composição em que a nova unidade resulta da combinação de parte de cada um dos dois termos que entram, na formação: *português + espanhol → portunhol; Bahia + Vitória → Bavi.* São comuns na linguagem jocosa: *sofrer +*

professor → sofressor; *aborrecer + adolescente → aborrecente.*

A INTENSIFICAÇÃO é um caso especial de intensificação ou expressividade semântica de uma palavra já existente mediante o alargamento de sufixos, quase sempre -*izar*, ou às vezes por modelos franceses ou ingleses: *agilizar* por *agir*, *veiculizar* por *veicular*, *obstaculizar* por *obstar*, *protocolizar* por *protocolar*, *culpabilizar* por *culpar*, *depauperizar* por *depauperar.*

Hibridismo – Chama-se hibridismo à formação de palavras com elementos de idiomas diferentes. São mais comuns os hibridismos constituídos da combinação de elemento grego com outro latino ou românico: *sociologia* (latino e grego), *autossugestão* (grego e português), *televisão* (grego e português), *burocracia* (francês *bureau* e grego), *automóvel* (grego e português), *decímetro* (latino e grego).

A nossa língua forma com facilidade hibridismos com elementos estrangeiros que se acham perfeitamente assimilados ao idioma, que passam como elementos nativos. Assim é que *fobia*, *mania, filo, tele, macro, micro, neo, pseudo, auto* e sufixos como *ismo, ista, ico* se juntam a elementos de qualquer procedência: *germanófilo, russófilo, germanofobia, russofobia, retratomania, teleguiado, micro-ônibus, neovencedor, pseudovencedor, autocrítica, autorretrato, caiporismo, governista.*[96]

Radicais gregos mais usados em português – Grande é o número de radicais gregos que encontramos no vocabulário português. Muitos deles nos chegaram através do latim e são antiquíssimos; lembremo-nos de que nos sécs. XVI a XVIII o latim era o veículo das obras de ciência e de filosofia em que abundavam os empréstimos de palavras gregas. Na adaptação dos termos gregos para o latim, geralmente se procedia da seguinte maneira: *k, ai, ei, oi, ou, u, r* (aspirado) gregos eram transliterados para latim, respectivamente em *c, ae, i, oe, u, y* e *rh*, e esta prática prevalecia para o português e demais línguas modernas. Esta norma nem sempre é hoje obedecida quando se trata de novos termos científicos. Assim é que se prefere *calidoscópio* a *caleidoscópio* (ei > i), apesar de, na linguagem técnica, dizer-se *dêictico* e não *díctico*. Aberta a porta para a introdução de palavras ou elementos de empréstimo numa língua, esta pode utilizá-los como bem lhe aprouver, criando distinções até então desconhecidas na língua de origem; assim é que, em português, distinguimos *amoral* 'que não é nem contrário nem conforme a moral' e *imoral* 'contrário a moral'.

Nessas criações com elementos eruditos, como bem diz Benveniste, o criador pensa na sua língua e escolhe o termo greco-latino, cujo significado originário nem sempre é o pretendido; o citado linguista estuda o termo *micróbio* criado por Sédillot (1804-1882) e mostra que, além da palavra não existir no grego, jamais seria criada para significar 'vida curta', pois *mikrós* não se ligaria a *bíos*, como em português não se apõe *breve* a *vista*, mas *vista curta.* Por outro lado, em regra não vamos ao grego para formar palavras novas; elas nos vêm do estrangeiro, mormente de França, e agora dos países de língua inglesa, através da nomenclatura científica

comum à maioria das nações cultas. E os erros que lá fora se cometem na formação dos neologismos não são por nós corrigidos. Aceitamos, e não há como corrigi-las, formas errôneas, como *quilômetro* (por *quiliômetro*), *hectômetro* (por *hecatômetro*).

Outras vezes não se leva em conta o significado rigoroso do termo grego. Assim se aplica *álgos* à dor física em vez da moral e se diz *cefalalgia* (dor de cabeça), *odontalgia* (dor de dente), *nevralgia* (dor de um nervo); também empregando-se *geo* para indicar *terra* como elemento, em vez de *argila* (uma vez que o primeiro só se poderia aplicar ao globo terrestre), se diz *geófago* (= comedor de terra) por *argilófago*. Ainda nos cabe dizer que muitos dos nomes técnicos, principalmente gregos, trazem na sua etimologia uma noção que o progresso científico considera errônea ou imperfeita. Destarte, *átomo*, que significa *indivisível*, *o que não se pode mais dividir*, não pode ser hoje tomado ao pé da letra; *oxigênio* quer dizer *gerador de ácidos*, como se todos os ácidos contivessem este corpo. Como são termos cuja etimologia não é inquirida, podem continuar a ser empregados sem inconveniência. Por fim, lembramos os casos de *esquecimento etimológico* em que o sentimento moderno não dá conta do significado de elemento constitutivo da palavra, dizendo, por exemplo, *ortografia correta* (orthós = correta), *caligrafia bonita* (calós = belo). Os bem falantes reagem contra muitos esquecimentos como *hemorragia de sangue, decapitar a cabeça, exultar de alegria*, estes dois últimos latinos.

Os principais radicais gregos usados em português são:

aér, aér-os (ar, vapor): aeronauta, aerostato, aéreo
ángel-os, aggel-os (enviado, mensageiro): anjo, evangelho
ág-o, agog-ós (conduzir, condutor): demagogo, pedagogo
ag-ón, ôn-os (combate, luta): agonia, antagonista
agr-ós (campo): agronomia
aithér (céu): etéreo
âthlon (certame): atleta
eti-a, aití-a (causa): etiologia
ácr-on, ákr-on (alto, extremidade): acrópole, acrobata, acróstico
álg-os (sofrimento, dor): nevralgia, nostalgia
állos (outro): alopatia
alpha (a = 1.ª letra do alfabeto): alfabeto
ánem-os (vento, sopro): anemoscópio, anêmona
ânt-os, ânth-os (flor): antologia
antrop-os, ánthrop-os (homem): filantropo, misantropo, antropófago
arc-aîos, arch-aîos (antigo): arcaico, arqueologia
arc, arkh-é (governo): anarquia, monarquia
arc, arch-ós (chefe que comanda): monarca
aritm-ós, arithm-ós (número): aritmética, logaritmo
árct-os (urso): ártico, antártico ("o nome *ártico* refere-se às constelações Grande Urso e Pequena Ursa, em uma das quais se acha a Estrela Polar", [SA.2, 167].
astér, ast(é)r-os (estrela): asteróide, astronomia
atmós (vapor): atmosfera
aut-ós (si mesmo): autógrafo, autonomia
bál-o, báll-o (projetar, lançar): balística, problema, símbolo
bor-is, bor-ýs, bár-os (pesado, grave): barítono, barômetro
bibl-íon (livro): bibliófilo, biblioteca

bí-os (vida): biografia, anfíbio
cené, skené (tenda): cenografia
cianos, *kýanos* (azul): cinanídrico
cir, *quir-ós*, *cheír*, *cheir-ós* (mão): quiróptero, cirurgia, quiromancia
cion, *kýon* (cão): cinegética
col-é, *khol-é* (bílis): melancolia
cor-os, *corea*, *chor-ós* (coro): coreía, (dança em coro), coreografia
clorós, klorós (verde): clorofila
cron-os, *chrón-os* (tempo): crônico, cronologia, isócrono, anacronismo
cópto, *kópto* (bato, corto): síncope
crom-a, *khrôm-a* (cor): cromolitografia
chíliai, *chília* (mil): quilômetro, quilograma
cris-ós – chrys-ós (ouro): crisóstomo, crisália, crisântemo
crátos, *krátos* (força): democracia
crípto, *krípto* (escondo): criptônimo, criptografia
quil-ós – chylós (suco): quilífero
dáctil-os – dáktyl-os (dedo): datilografia ou dactilografia
déca, *déka* (dez): decassílabo, decálogo
dêm-os (povo) democracia, epidemia
dérm-a (pele): epiderme, paquiderme
dís, di (dois): dissílabo, ditongo
dis, *dys* (mal, difícil): digestão
dô-ron (dom, presente): dose, antídoto, Pandora
dóx-a (opinião): ortodoxo, paradoxo
drâ-ma — atos (ação, drama): drama, dramático, melodrama
dróm-os (corrida, curso): hipódromo, pródromo
dínam-is — dýnam-*is* (força): dinâmica, dinamômetro
édr-a (base, lado): pentaedro, poliedro
id-os, *eîd-os* (forma), donde procede *óide* (que se assemelha a): elipsoide
ic-ón — eik-ón — ón-os (imagem): ícono, iconoclasta
électra — élektr-on (âmbar, eletricidade): elétrico, eletrômetro
estoma, *stóma* (boca): estômago, estomatite
érg-on (obra, trabalho), daí os sufixos — urgo, — urgia: metalurgia, dramaturgo, energia
escafe, scáphe (barco): escafandro
énter-a (entranhas, intestino): enterite, disenteria
estásis, *stásis* (ação de estar): hipóstaxe
étn-os — éthn-os (raça, nação): étnico, etnografia
étimos, *étymos* (verdadeiro): etimologia
gám-os (casamento), daí *gamo* (o que se casa): polígamo, bígamo, criptógamo
gastér, *gast(é)-ros* (ventre, estômago): gastrônomo, gastralgia
gê, *geo* (terra): geografia, geologia
génes-is (ação de gerar): gênese, hidrogênio
gén-os (gênero, espécie): homogêneo, heterogêneo
giné, *gyné* (mulher): ginecologia
giminós, *gyminós* (nu): ginástica
glôss-a ou *glôtt-a* (língua): glossário, glotologia, epiglote
gon-ía (ângulo): polígono, diagonal
gon-ós (formação, geração): cosmogonia, teogonia
gráf-o, gráph-o (escrever), e daí *graph-ía* (descrição), *gráph-o* (que escreve), *grámm-a* (o que está escrito):

geografia, telégrafo, telegrama
hágios (sagrado): hagiologia
hem-a — haêm-a — atos (sangue): anemia, hemorragia
here-o — hairé-o (tomar, escolher): heresia, herético
hélios (sol): helioscópio, heliotrópio
hemér-a (dia): efêmero, efemérides
hemí (metade): hemiciclo
héter-os (outro): heterodoxo, heterogêneo
heptá (sete): heptassílabo
héx (seis): hexágono
hier-ós (sagrado): hierarquia, hieróglifo
híp-os — hípp-os (cavalo): hipódromo, hipófago
hól-os (entregue de todo, inteiramente): ológrafo, holocausto
hom-ós, *homeo* (semelhante, o mesmo): homogêneo, homônimo, homeopatia
hór-a (hora): horóscopo
horáo (vejo), *hórama* (visão): panorama
hid-or — hýd-or (água), daí *hidro, hydro,* como elemento de composição: hidrogênio, hidrografia
ict-io — icht-ýo — ýos (peixe): ictiologia, ictiófago
ídios (próprio, particular): idioma, idiotismo
ísos (igual): isócrono, isotérmico
cac-ós — kak-ós (mau): cacofonia, cacografia
cal-ós — káll-os (belo), *kallos* (beleza): caligrafia
card-ía — kard-ía (coração): cardíaco, pericárdio
carp-ós — karp-ós (fruto): pericarpo, endocarpo
cefal-é — kephal-é (cabeça): cefalgia, encéfalo
clíno, klíno (inclino): ênclise, próclise
cósm-os — kósm-os (mundo): cosmografia, cosmopolita
coinós, *koinós* (em comum): cenobita
crát-os — krát-os (poder): democrático, aristocrático
cicl-os — kykl-os (círculo): hemicídio, bicicleta
lég-o (dizer, escolher): prolegômeno, ecletismo
lepís, *lepídeos* (escama): lepidóptero
lambán-o (tomar, daí *lêps-is* (ação de tomar), *lémma* (coisa tomada): eplepsia, lema, dilema
lítos, líthos (pedra): monólito, litografia
lóg-os (discurso, tratado, ciência): diálogo, arqueologia, bacteriologia, epílogo
máqu-e — mách-e (combate): logomaquia
macr-ós — makr-ós (comprido, longo): macróbio
man-ía (mania, loucura, gosto apaixonado por): bibliomania, monomania
manci-a — manteí-a (adivinhação, profecia): cartomancia, quiromancia
mártys — mártyros (testemunha): mártir, martirólogo
mazós (mama, seio): mastodonte
mégas, megále (grande): megalomania, megalócito
mélas, *mélan* (negro): melancolia, melanésia
mélos (música, canto): melodia, melodrama
méros (parte): pentâmero
mésos (meio): Mesopotâmia
méter, metrós (mãe): metrópole
métron (medida): barômetro, termômetro
micrós, mikrós (pequeno): micróbio, microscópio

mîmos (que imita): mimetismo, mímica
mis, mŷs, myós (músculo): miocárdio
mîsos (ódio): misantropo
mnéme (memória): amnésia, mnemotécnica
mónos (só): monólogo, monólio
morfé — morphé (forma): morfologia
mitos — mŷthos (fábula, mito): mitologia
miria — myria plural de *myrías* (dez mil): miriápode
naûs (nau): navio, náutica
necros — nekrós (morto, cadáver): necrópole, necrologia
né-os (novo): neologismo, neófito
nês-os (ilha): micronésia, melanésia
neûron (nervo): nevralgia, neurastenia
nóm-os (lei, administração, porção): astronomia, autonomia
octó (oito): octossílabo
od-é (canto): paródia
ad-os, hodós (caminho, via): êxodo, método, período
odus, odóntos (dente): odontologia
ónima, ónom-a, onyma (nome): pseudônimo, sinônimo
ófis, ofid — ophis, ophidos (serpente): ofídio
oftalmós — ophthlmós (olho, vista): oftalmia, oftalmoscópio
oîcos, oîkos (casa): economia, paróquia
óps, opós (vista): *ópsis* (ação de ver)
optikós (que se refere a visão): miopia, autópsia
hóram-a (vista): cosmorama, panorama
órnis, órnitos, órnithos (pássaro): ornitologia
óros (montanha): orografia
ortós — orthós (direito, reto): ortodoxo, ortografia, ortopedia
ostéon (osso): osteologia, periósteo, osteoporose
osmós (impulso): osmose
óxis — óxys (ácido, agudo): oxigênio, paroxismo
paideía, pedia (educação): pedagogo, enciclopédia
pente (cinco): pentágono
pes, pedos — paîs, paidós (criança, menino): pedagogia
paleos — palaiós (antigo): paleontologia, paleografia
pân, pantós (todos): panorama, panóplia, panteísmo, pantógrafo
patos — páthos (afecção, doença): patologia, simpatia
fag-o, phágo, phageîn (comer): antropófago, hipófago
fan-o, fen-o, phaíno (fazer aparecer, brilhar): diáfano, fenômeno
femi — phemí (eu digo, falo): eufemismo, profeta
fero, foros — phéro (levar, trazer):, *phor-ós* (que leva): fósforo, semáforo
filon, *phŷllon* (folha): clorofila
fílos — phílos (amigo): filarmonia, filantropo
físis, phýsis (natureza): fisionomia
fobeo, fóbos — phobe-os (temer, fazer fugir), daí *phob-os*: hidrófobo, anglófobo, russófobo
fôs, fotós — phos, photós (luz): fósforo, fotografia
frasis, phrásis (ato de dizer): perífrase
plut-os — ploût-os (riqueza): plutocracia
fon-é — phon-é (voz articulada): cacofonia

poléo (vendo): monopólio
pólis (cidade): acrópole, metrópole, necrópole
pépsis (cozimento): dispepsia
polis — polýs (muito): poligamia, polígono, policromia, polinésia, policlínica
pús, podós — poús, pod-ós (pé): antípoda, miriápode
pétalon (pétala): minopétalo
prôtos (primário, primeiro): protagonista, protocolo, protozoário, protoplasma
plésso (bato, firo): apoplexia
pseûdos (falsidade, mentira): pseudônimo
pleurá, *pleurón* (lado, flanco): pleurite
psiqué — psyché (alma): psicologia, metempsicose
pnêuma, *pnêumatos* (que respira, sopra): pneumático, dispneia
pterón (asa): quiróptero, coleóptero
ptôma (cadáver): ptomaína, ptomofagia
pir, pir-os — pŷr, pyr-ós (fogo, febre): pirotécnico, antipirina
poiéo (eu faço): onomatopeia
pénte (cinco): pentassílabo
potamós (rio): hipopótamo
pile, *pŷle* (porta): piloro
ptissis, ptýsis (escarro): hemoptise
sárx (carne): sarcoma, sarcófago
semion, *semeîon* (sinal): semiologia, semântica
sépo (apodreço): antissético, antisséptico
síderos (ferro): siderurgia, siderita, siderografia
spérma (semente): esperma, espermatozoide
stéllo (envio): epístola
sticos, *stíkhos* (verso): hemistíquio, dístico
re-o – rhé-o (correr, fluir): catarro, diarreia
sism-os – seism-ós, daí *sism* (estremecimento): sismologia, sísmico
scope-o – skopéo (examinar, daí *scópio* (que faz ver): telescópio, microscópio, osciloscópio
sofós – sophós (sábio): filósofo
estatós – statós (que se mantém): aeróstato, hidrostática
esfera, *sphaîra* (esfera): atmosfera
estilo, *stŷlos* (coluna): peristilo
estere-o – stere-o (sólido): estereótipo, estereomia
estratos, *stratós* (exército): estratégia
estref-o – stréph-o (virar, voltar): apóstrofe, catástrofe
tafos – taphos (túmulo): epitáfio, cenotáfio
témno (divido): anatomia
tautó por *tò autó* (o mesmo): tautologia
táxis (arranjo, ordem): sintaxe
taumatos, *thaumatós* (prodígio, milagre): taumaturgo
técne — téchne (arte): politécnico
téras, *tératos* (prodígio, fenômeno, monstro): teratologia
tema, *théma* (ato de colocar): anátema
têle (longe): telégrafo, telefone, telescópio
tétara, *tetra* (quatro): tetraedro
te-os — the-ós (deus): teologia, teocracia, politeísmo
termós — thermós (calor): termômetro

tésis — *thésis* (ação de por, ter): antítese, síntese
trefo, *trépho* (alimento): atrofia
tomé (cortadura, seção): tomo, átomo, estereotomia
trépo (envolto, mudo): heliotrópico
tópos (lugar): tópico, topografia, atopia
triás, *tríados*, *trees*, *tria* (três): trinômico, tríade
traûm-a – atos (ferimentos): traumático
tip-os – týp-os (tipo caráter): tipografia, arquétipo
zôi-on (animal, ser vivo): zoologia, zoófito

Famílias etimológicas de radical latino – Chama-se *família etimológica* a uma série de palavras cognatas. Cabem aqui as judiciosas observações do Prof. Said Ali: "parece cousa extremamente fácil distinguir palavras derivadas de palavras primitivas quando se trata de exemplo como *pedreiro, pedraria, pedregulho* ou *fechamento, laranjal, bananeira*, que não requerem especial cultivo da inteligência para alguém saber que se filiam respectivamente a *pedra, fechar, laranja, banana*. São entretanto numerosos os casos em que transparece menos lúcida a relação entre o termo derivado e o derivante, sendo necessário algum estudo para perceber a filiação. Outras vezes tem havido tal exclusão de forma e sentido, que surge um curioso conflito entre o sentimento geral do vulgo e o fato encarado à luz da pesquisa científica"[SA.2, II, 3].

Nesta matéria cabe distinguir cuidadosamente uma forma *livre* de uma forma *presa* (cf. **Afixos: prefixos e sufixos. Interfixos**). *Receber*, por exemplo, é considerada como derivada prefixal, embora *-ceber* não tenha curso independente na língua, porque é uma forma presa de *caber*, que aparece numa série de palavras portuguesas 97:

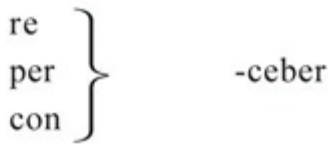

O mesmo ocorre com *resistir* e *iludir* cujas formas presas *-ludir* e *-sistir* são elemento comum a uma série:

Já o mesmo critério não se aplica a outras palavras como *esquecer* e *inteligência*, que passaram a funcionar, para o sentimento dos que falam português, como palavras primitivas.

Tenha-se presente ainda que, muitas vezes, se usam em português dois radicais oriundos de duas formas flexivas de uma mesma palavra: *câncer* e *cancro*.

Eis uma pequena lista de cognatos com radical latino:

aequus, a, um (direito, justo): adequar, equação, equidade, igual, iníquo.

ager, agri (campo): agrário, agricultor, agrícola, peregrino

ago, agis, egi, actum, agere (impelir, fazer): ágil, ator, coagir, exigir, indagar, pródigo

alter, a, um (outro): alterar, alternância, altruísmo, outro

ango, angis, anxi, ângere (apertar): angina, ângulo, angústia, ânsia, angusto

audio, audis, audivi, auditum, audire (ouvir): auditório, audiência

bellum, i (pugna, combate): belonave

bos, bovis (boi): bovino

cado, cadis, cécidi, casum, cadere (cair): acidente, cadente, incidir, ocaso

caedo, caedis, cecidi, caesum, caedere (cortar): cesariana, cesura, conciso, incisão, precisar

Há numerosos derivados em *cida, cidio*, cuja significação é "matar":

fratricida, homicida, infanticida, matricida, patricida, regicida, uxoricida, suicida, fratricídio, homicídio, suicídio, etc.

candeo, candes, candui, candere (embranquecer): cândido, candura, incandescer

cano, canis, cecini, cantum, canere (cantar): celebrar, predizer (este na língua religiosa): canoro, cântico, cantilena, acento. Há numerosos derivados em *-cínio*: vaticínio ('canto do vate', no significado de *profeta*), galicínio ('canto do galo'), tirocínio

capio, capis, cepi, captum, capere (tomar): antecipar, cativo, emancipar, incipiente, mancebo

caput, capitis (cabeça): cabeça, capitão, capital, decapitar, precipício

caveo, caves, cavi, cautum, cavere (ter cuidado): cautela, incauto, precaver-se

cedo, cedis, cessi, cessum, cedere (ceder): cessão, concessão, conceder

cerno, cernis, crevi, cretum, cernere (núcleo): discernir, cerne, concernir

clamo, clamas, clamavi, clamatum, clamare (chamar): proclamar, clamador

clarus, clara, clarum (claro): claridade, clareza

colo, colis, colui, cultum, colere (habitar, cultivar): agrícola, colônia, culto, íncola, inquilino, cultura (*agri-, avi-, hort-, pisci-, triti-, vini-,* etc.)

cor, cordis (coração): acordo, discórdia, misericórdia, recordar

dico, dicis, dixi, dictum, dicere (dizer): abdicar, bendito, dicionário, ditador, fatídico, maledicência

do, das, dedi, datum, dare (dar): data, doação, editar, perdoar, recôndito

doceo, doces, docui, doctum, docere (ensinar): docente, documento, doutor, doutrina, indócil

duo, duae, duo (dois): dobro, dual, duelo, duplicata, dúvida

duco, ducis, duxi, ductum, decere (levar, dirigir): conduto, duque, educação, dútil, produzir, tradução, viaduto

Deste radical há numerosos derivados em *duzir* (*a-, con-, de-, intro-, pro-, re-, se-, tra-,* etc.).

edo, edes, edi, esum, edere (comer): comer, comida, comestível (*cum* + *edo*)

eo, is, ivi, itum, ire (ir): comício, circuito, itinerário, transitivo, subir

facio, facis, feci, factum, facere (fazer): afeto, difícil, edificar, facínora, infecto, malefício, perfeito, suficiente

Há numerosos derivados em *ficar* (*clari-, falsi-, grati-, puri-,* etc.)...

fero, fers, tuli, latum, ferre (levar, conter): ablativo, aferir, conferência, fértil, oferecer, prelado, relação98

frango, frangis, fregi, fractum, frangere (quebrar): fração, frágil, infringir, naufrágio, refratário

fundo, fundis, fudi, fusum, fundere (derreter): fútil, funil, refutar, fundir (*con-, di-, in-, re-*), confuso, difuso, profuso

gero, geris, gessi, gestum, genere (gerar): beligerância, exagero, famigerado, gerúndio, registro

gigno, gignis, genui, genitum, gignere (produzir): genitor, genital

iaceo, iaces, iacui [part. fut. *iaciturus*], *iacere* (jazer): jazigo, jacente, adjacente, subjacente

gradior, graderis, gressus sum, gradi (avançar andando): egresso, ingressar

iacio, iacis, ieci, iactum, iacere (lançar): abjecto, jato, jeito, injeção, sujeito

lac, lactis (leite): lácteo, lactante, lactente, leiteria, laticínio

lateo, lates, latui, latum, latere (estar escondido): latente

lego, legis, legi, lectum, legere (ler): florilégio, legível, leitura, lente
loquor, loqueris, locutus sum, loqui (falar): colóquio, eloquência, locução, prolóquio
ludo, ludes, lusi, lusum, ludere (jogar): ludopédio, lúdico
misceo, misces, miscui, mistum (e *mixtum*) *miscere* (misturar): mexer, misturar, miscível
mitto, mittis, misi, missum, mittere (mandar): demitir, emissão, missionário, remeter, promessa
moneo, mones, monui, monitum, monere (advertir, fazer lembrar): admoestar, admonitor
mentior, mentiris, mentitus sum, mentiri (mentir): mentir, mentira
moveo, moves, movi, motum, movere (mover): motorista, motriz, comoção, móvel
nascor, nasceris, natus sum, nasci (nascer): natal, nativo, nascituro, renascimento
nosco, noscis, novi, notum, noscere (conhecer): incógnita, noção, notável
opus, operis (obra): obra, cooperar, operário, opereta, opúsculo
os, oris (boca): oral, oralidade
patior, pateris, passus sum, pati (sofrer): compatível, paciente, paixão, passional, passivo
pendeo, pendis, pependi, pensum, pendere (pender): suspenso
pes, pedis (pé): pedal, pé
plico, plicas, plicavi ou *plicui*, *plicatum* ou *plictum*, *plicare* (fazer pregas): dobrar, aplicar, chegar, cúmplice, explicar, implícito, réplica
pono, ponis, posui, positum, ponere (colocar): aposto, dispositivo, disponível, posição, posto
quaero, quaeris, quaesivi ou *quaesii, quaesitum, quaerere* (procurar): adquirir, inquirir, quesito, questão, questor
rapio, rapis, rapui, raptum, rapere (roubar): rapto, raptar
rego, regis, rexi, rectum, regere (dirigir): correto, reitor, regência, regime, reto
rumpo, rumpis, rupi, ruptum, rumpere (romper): corrupção, corruptela, roto, ruptura, erupção
scribo, scribes, scripsi, scriptum, scribere (escrever): escritor, escritura
seco, secas, secui, sectum, secare (cortar): bissetriz, inseto, secante, seção, segador, segmento
sedeo, sedes, sedi, sessum, sedere (estar sentado): sedestre
solvo, solvis, solvi, solutum, solvere (desunir): absolver, dissoluto, resolver, solução, solúvel
specio, specis, spexi, spectum, specere (ver): aspecto, espetáculo, perspectiva, prospecto, respeito, suspeito
sto, stas, steti, statum, stare (estar): estado, distância, estante, obstáculo, substância
sterno, sternis, stravi, stratum, sternere (estender por cima): consternar, estrada, estratificar, prostrar
sumo, sumis, sumpsi, sumptum, sumere (tomar, apoderar-se): assumir, consumir, sumidade, sumário
tango, tangis, tetige, tactum, tangere (tocar): contagioso, contingência, tato, contato, atingir
tendo, tendis, tetendi, tensum ou *tentum, tendere* (estender): atender, distenso, contente, extenso, pretensão
teneo, tenes, tenui, tentum, tenere (ter): contentar, abstinência, tenaz, sustentar, tenor, detento
trado, tradis, tradidi, traditum, tradere (trazer): tradição, extraditar
tribuo, tribuis, tribui, tributum, tribuere (repartir): atribuir, retribuir
torqueo, torques, torsi, tortum, torquere (torcer): extorsão, tortura, extorquir, tortuoso, distorção
verto, vertis, verti, versum, vertere (tornar, voltar): verter, versão
video, vides, vidi, visum, videre (ver): evidência, próvido, vidente, visionário, previdência
venio, venis, veni, ventum, venire (vir): vir, vinda
vivo, vivis, vixi, victurus, vivere (viver): vida, viver
volvo, volvis, volvi, volutum, volvere (envolver): devolver, envolto, revolução

3 – Estudo Estrutural do Léxico: A Lexemática

Entende-se por *lexemática* ou *semântica estrutural* o estudo da estrutura do conteúdo ("significado") léxico.

Para evitar confusões que perturbam tal estudo, convém distinguir as *relações de significação* das *relações de designação*. As relações de significação são relações entre significados dos signos linguísticos, enquanto as relações de designação são relações entre signos linguísticos inteiros e os "objetos", isto é, as realidades extralinguísticas por eles designados e representados no discurso. Só as relações de significação são estruturáveis. Um exemplo para clarear a distinção: a designação de dois signos pode ser a mesma sem que seus significados sejam idênticos. Coseriu exemplifica com os termos gregos *brotós* e *ánthropos*, que designam a mesma classe de objetos (os homens), mas não têm o mesmo significado, isto é, não significam "o mesmo": *brotós* significa "homem como não deus" e *ánthropos* significa "homem como não animal".

Outras disciplinas *semânticas* – É justamente o estudo da estruturação das relações de significação que separa a lexemática de outras disciplinas, todas importantes, que, chamadas ou não "estruturais", estudam a "semântica", no sentido amplo do termo. Todo problema que lide com a significação é, em certo sentido, "semântico"; todavia nem todo problema "semântico" é *lexemático*, pois este só diz respeito às relações estruturais, paradigmáticas e sintagmáticas, dos significados léxicos num mesmo sistema linguístico, isto é, numa *língua funcional*.

O objeto ideal das disciplinas lexicológicas 99 – a lexemática inclusive –, como de qualquer descrição estrutural, deve ser a língua funcional, como já vimos.

Destarte, a lexemática, entendida como estrutura do significado, tem propósito diferente da *onomasiologia* (partindo do significado, a disciplina estuda as relações entre este significado e os diferentes significantes que o expressam, como, por exemplo, as denominações do corpo humano "interidiomaticamente" estudadas, quer nas várias línguas funcionais de uma mesma "língua histórica" (o português, por exemplo) ou em "línguas históricas" diferentes (o português e o francês, por exemplo), da *semasiologia* (partindo do significante, a disciplina estuda as relações que unem este significante aos diferentes significados que pode expressar) como, por exemplo, os diferentes significados que idiomaticamente podem ser expressos pelo significante "*ponto*" (*ponto* para a geometria, para a linguagem escolar, para o teatro, para a costureira, para o funcionário, etc.) 100, dos *campos associativos* (estudam as associações de um signo com outros signos estabelecidos por similitude ou por contiguidade, tanto dos significantes quanto dos significados, associações motivadas por ideias, crenças e atitudes relativas às "coisas" (como *boi* associado não só a *vaca*, *touro*, *bezerro*, *chifre*, mas também a *trabalho*, *força*, *vigor*, *paciência*, *mansidão*). São configurações associativas, como diz Coseriu, que têm interesse para a psicolinguística, para a linguística do falar e para a do texto, mas não constituem objeto da descrição estrutural das línguas [ECs.1, 165].

A lexemática e as palavras lexemáticas – Se cabe à lexemática o estudo das relações de significação, só lhe interessam, em princípio, as palavras lexemáticas, que manifestam a configuração semântica do léxico.

Por isso estão fora da consideração da lexemática as palavras que constituem

“equivalências de orações”(interjeições, partículas de afirmação e de negação, como *sim*, *não*), as palavras morfemáticas (artigos, preposições, conjunções) e as palavras categoremáticas (dêiticos ou pronomes, como *eu*, *meu*, *agora*, *aqui*), bem como os nomes próprios e os numerais, porque não são estruturáveis, embora participem da maioria dos fenômenos léxicos (como a modificação, o desenvolvimento, a composição) [ECs.2, 88].

Estruturas paradigmáticas – As estruturas lexemáticas que podem ser identificadas no léxico ou são paradigmáticas ou sintagmáticas.

Chamam-se estruturas paradigmáticas no léxico as estruturas constituídas por unidades léxicas que se encontram em oposição no eixo da seleção. Assim, “bom-mau”, “casa – casinha”, “morrer – mortal” são oposições que manifestam estruturas paradigmáticas.

Diz-se *estrutura primária* se seus termos se implicam reciprocamente, sem que um deles seja primário em relação aos outros; “jovem” implica “velho” e “velho” implica “jovem”, mas nenhum deles é primário em relação ao outro.

Diz-se *estrutura secundária* se a implicação entre seus termos é de “direção única”. Assim “casa” - “casinha”, “morrer” - “mortal”, “trabalhar” - “trabalhador” são estruturas secundárias, porque o primeiro termo de cada par está implicado pelo segundo, mas não o inverso, pois a definição do conteúdo “casa” é independente do conteúdo “casinha”, mas a definição do conteúdo “casinha” inclui necessariamente o conteúdo “casa”.

Os dois tipos de estruturas primárias – Há dois tipos de estruturas paradigmáticas primárias: o *campo léxico* e a *classe léxica*.

Um *campo léxico* é uma estrutura paradigmática constituída por unidades léxicas que se repartem numa zona de significação comum e que se encontram em oposição imediata umas com as outras.

Por exemplo, podemos preencher a lacuna em:

Estive três _____ *em Fortaleza*;

selecionando um dos seguintes lexemas do paradigma: *segundo*, *minuto*, *hora*, *dia*, *semana*, *mês*, *ano*, etc., ficando excluídos termos como: *árvore*, *casa*, *rio*, *cadeira*, etc.

Em *O muro é verde*, *verde* exclui imediatamente *azul*, *branco*, *cinza*, etc., que pertencem ao mesmo campo léxico (o das cores), mas não termos como *muito*, *pouco*, *bastante*, *menos*, etc., que pertencem a outros campos.

Cada unidade de conteúdo léxico expresso no sistema linguístico é um *lexema*. Nos exemplos acima, *segundo*, *minuto*, *hora*, etc. são lexemas.

Uma unidade cujo conteúdo é idêntico ao conteúdo comum de duas ou mais unidades de um campo é um *arquilexema*. Os traços distintivos que caracterizam os lexemas chamam-se *semas*, como emprega o linguista B. Pottier.

Tomemos, para simples exemplo, o campo lexical de “assento”, estudado pelo citado Pottier, em que “assento” é o arquilexema desse campo, que tem como lexemas, em português, entre outros que deixaremos de lado: *cadeira*, *poltrona*, *sofá*, *canapé*, *banco* e *divã* [BP.1;

MV.1, 80-81].

Como traços distintivos dos lexemas, proporemos os seguintes *semas*:

s1: ‘objeto construído para a gente se sentar’

s2: ‘com encosto’

s3: ‘para uma pessoa’

s4: ‘com braços’

s5: ‘com pés’

s6: ‘feito de material rijo’

Levando-se em conta que a presença do sema será indicado por + e, sua ausência por – , teremos:

	s1	s2	s3	s4	s5	s6
banco	+	–	–	–	+	+
cadeira	+	+	+	–	+	+
poltrona	+	+	+	+	+	–
sofá	+	+	–	+	+	–
divã	+	–	+	–	+	–
canapé	+	+	–	+	+	+

Pelo exposto, vê-se que não basta dizer, por exemplo, que “*banco* é um objeto construído para a gente se sentar”, pois tal definição se aplicaria indistintamente a todos os lexemas incluídos no campo léxico. Com base nos semas, isto é, nos traços distintivos que separam os lexemas arrolados no exemplo, diremos que “banco é um objeto construído para a gente se sentar, com material rijo (madeira, ferro, cimento), dotado de pés”.

Se se tratasse de *cadeira*, definiríamos “objeto construído para a gente se sentar, com encosto, para uma pessoa, dotado de pés e feito de material rijo”.

Um lexema pode funcionar em vários campos; é o caso do adjetivo *fresco* que funciona no campo dos adjetivos como *novo*, *velho*, etc. (cf. *queijo fresco*, *fruta fresca*), ou no campo dos adjetivos *frio*, *quente*, *morno*, etc. (*manhã fresca*, *brisa fresca*).

Sobre *neutralizações* e *sincretismos* no léxico.

Classe léxica – Chama-se *classe léxica* a uma classe de lexemas determinados por um *classema*. *Classema* é um traço distintivo comum que define uma classe, independentemente dos campos léxicos. Assim, *jovem*, *inteligente*, *gago* pertencem a campos léxicos distintos,

mas podem estar incluídos na mesma classe pelo classema "ser humano", já que podemos dizer de uma pessoa que ela é *jovem*, ou *inteligente* ou, finalmente, *gago* [MV.1, 1979, 70 e ECs.2, 176].

Para os substantivos, podem-se estabelecer, por exemplo, classes como: "seres vivos", "coisas" e, dentro da classe "seres vivos", por exemplo, "seres humanos", "seres não humanos", etc.

Para os adjetivos, pode haver classes como "positivo", "negativo" que justificam coordenações aditivas do tipo "*bom* e *inteligente*", ou coordenações adversativas do tipo "*bom* mas *brigão*".

Para os verbos podem-se também constituir várias classes, como as já conhecidas "transitivo e intransitivo" (com possibilidades de subtipos, como "transitivos que não admitem voz passiva e transitivos que a admitem), ou ainda, com base no classema "direção" (em relação ao agente da ação), os verbos "adlativos", isto é, em direção de aproximação do agente (do tipo de *comprar*, *ganhar*, *receber*, *recolher*, etc.) e os "ablativos", isto é, em direção de afastamento do agente (do tipo de *vender*, *dar*, *entregar*, *soltar*, *devolver*, etc.).

Há lexemas que se apresentam na intersecção de duas classes quanto ao seu significante, mostrando-se insensível à diferença classemática, cujo significado em uso só se pode depreender no contexto.

É o que ocorre com substantivos como *hóspede* ("aquele que dá ou recebe hospedagem"), com verbos como *alugar* ("aquele que dá ou recebe de aluguel"), em orações do tipo: *Enildo é meu hóspede*; *Zélia alugou o apartamento*.

Entram neste rol palavras como *saudoso* ("que sente ou causa saudade"), *temeroso* ("que sente ou causa temor"), *arrendar* ("que dá ou toma de renda"), *esmolar* ("que dá ou pede esmola") [MBa.3, 290 e MBa.5, 151].

É o caso também de substantivos e adjetivos que podem ser tomados à boa e à má parte, como *sucesso*, *fortuna* (= destino), *êxito*, *ventura*, e que foram depois especializados no bom sentido; quando se empregam hoje diferentemente, requerem um adjetivo da classe "negativo": *mau sucesso*, *triste fortuna*, *mau êxito*, *pobre ventura*, etc. [MBa.3, 282].

Às vezes, a língua desfaz a duplicidade de conteúdo com o recurso a novas palavras; assim *hóspede* se especializa ou pode-se especializar em "aquele que recebe a hospedagem", e se cria a palavra *hospedeiro* para o que dá hospedagem. Outras vezes, com a especialização da classe, como ocorre com *hóspede* (especializado modernamente para aquele que recebe hospedagem), o que não ocorre, entretanto, com o verbo *hospedar* (= dar ou receber hospedagem; neste último significado, aparece como pronominal: *Eu me hospedei num hotel barato*).

Estruturas secundárias – As estruturas paradigmáticas secundárias correspondem ao domínio da formação de palavras e podem manifestar-se por estruturas de *modificação*, de *desenvolvimento* e de *composição*, que implicam sempre a transformação irreversível de um termo primário existente como lexema de conteúdo (significado) e de expressão (significante) na língua. Consumada a transformação, o termo – agora secundário – pode receber

determinações gramaticais explícitas próprias dos termos primários, como a pluralização: *casa* → *casas*; *casa* → *casinha* → *casinhas*.

Dada a extensão que merece o estudo dos três tipos de estruturas secundárias, trataremos dele na parte mais adiante em que se estudam os procedimentos de formação de palavras do ponto de vista das relações de significação.

Estruturas sintagmáticas: as solidariedades – As estruturas sintagmáticas são solidariedades, isto é, relação entre dois lexemas pertencentes a campos diferentes dos quais um está compreendido, em parte ou totalmente, no outro, como traço distintivo (sema), que limita sua combinação.

Distinguem-se três tipos de solidariedade: *afinidade*, *seleção* e *implicação*.

Na AFINIDADE, o classema do primeiro lexema funciona como traço distintivo no segundo. Assim, *pé* e *pata* têm como traços distintivos ao conteúdo 'membro de sustentação do corpo' a classe 'pessoa' (*pé*: "membro de sustentação de pessoa") e 'animal' (*pata*: "pé de animal"). O mesmo com *grávida* e *prenhe*; os traços distintivos do conteúdo "fecundação" são a classe 'pessoa' (*grávida*: "fecundada em relação a pessoas"), e 'animal' (*prenhe*: "fecundada em relação a animal") [ECs.2, 141; MV.1, 77].

Na SELEÇÃO, é o arquilexema do primeiro lexema que funciona como traço distintivo no segundo. Os lexemas *pelo* e *pena*, quanto ao conteúdo 'sistema piloso' incluem como traço distintivo o arquilexema *mamífero* e *ave*: *pelo* ("sistema piloso dito de mamíferos") e *pena* ("sistema piloso dito de aves").

Na IMPLICAÇÃO é todo o primeiro lexema que funciona como traço distintivo no segundo. Por exemplo, a cor *baio* tem como traço distintivo o lexema "cavalo", pois *baio* só se diz dos cavalos. Outro bom exemplo de implicação são as chamadas vozes dos animais, pois os lexemas *relinchar*, *mugir*, *zurrar*, *balir*, *grunhir*, *ladrar*, *miar*, *cacarejar*, *regougar* são o grito relativo, respectivamente, a "cavalo", "vaca", "burro", "cabra", "porco", "cão", "gato", "galinha", "raposa".

É preciso distinguir as solidariedades semânticas vistas aqui, propriamente linguísticas, dos "clichês léxicos", ou sintagmas estereotipados e das solidariedades frequentes, determinadas pelo nosso conhecimento das "coisas"; assim, *branco* aplicado às *gaivotas* não é exemplo de solidariedade semântica, porque a combinação não é um fato de língua, mas apenas assinala a frequência de gaivotas brancas na realidade extralinguística, sem que se despreze a possibilidade de gaivotas de outra cor. Pelo contrário, em *cavalo alazão* temos um fato de língua, porque *alazão* implica o traço distintivo "próprio do cavalo", razão por que no discurso se pode usar só de *alazão*, sem que seja necessário explicitar o lexema *cavalo*. Esta operação não se estende a *branco* em relação a *gaivota*.

4 – Formação de Palavras do Ponto de Vista do Conteúdo

Já vimos na lição de Benveniste que o problema de procedimentos de formação de

palavras ultrapassa os limites da morfologia, em que, tradicionalmente, parece enquadrada, na tradição linguística.

Por outro lado, como assinala Coseriu 101, um estudo coerente da formação das palavras que se atenha estrita e exclusivamente ao ponto de vista da expressão – como o vimos até aqui – é possível; mas para o aspecto funcional e, portanto, para a compreensão e descrição de uma língua, tal estudo é pouco proveitoso, já que os procedimentos materiais (prefixação, sufixação, etc.) e os funcionais não guardam entre si nenhum paralelismo, uma vez que procedimentos materiais diferentes podem corresponder ao mesmo tipo funcional e vice-versa. A não consideração do aspecto de significado é a causa de muita discussão e incertezas em incluir no domínio da formação de palavras as combinações casuais do tipo *um salve-se quem puder*, *bom dia*, *manu tenere* > *manter*, que não constituem propriamente *procedimentos* da formação de palavras, entre outros casos.

Ainda com apoio na lição de Coseriu, um estudo de formação de palavras do ponto de vista do conteúdo, isto é, fundado no significado, está mais ajustado a seu objeto. Partindo deste ponto de vista, a formação de palavras corresponde a uma particular *gramaticalização* do léxico "primário". Tomemos a este linguista o seguinte exemplo para mostrar que as relações, digamos assim, gramaticais, que se dão nos produtos da formação de palavras são consequências das equivalências semânticas entre esses produtos e as construções que lhes correspondem do ponto de vista do conteúdo. Em *beldade* como equivalente a "o fato de ser belo/bela", o termo "fato" não é a palavra *fato* da linguagem primária e que em seguida seria determinada por "ser belo / bela", mas sim um *nome* para a substantivação efetuada nesta formação; do mesmo modo, "ser" é nome da 'predicatividade de ser', isto é, da predicação atribuída, e "belo / bela" é nome da unidade de *belo*(s) + *bela*(s) na linguagem primária, ou seja, um *belo* sem gênero e sem número. Em outros termos, seria o mesmo que dizer, abstratamente, acerca de nossa fórmula: "*belo*(s) / *bela*(s) gramaticalizado por predicação atributiva e com posterior substantivação". Isto significa que os produtos de formação de palavras dizem sempre mais do que suas respectivas bases léxicas.

Por tudo isto, conclui Coseriu que a formação de palavras é um domínio autônomo das línguas, que abarca fatos "paragramaticais" e fatos puramente léxicos, e seu estudo é um ramo autônomo da semântica funcional, que deve começar pelas funções "paragramaticais" dos procedimentos de formação e chegar até as fixações na designação.

Dissemos "paragramaticais" porque, na realidade, a formação de palavras encerra uma "gramática do léxico", mas essa gramática não deve ser confundida com a gramática que conhecemos, já que, na formação de palavras, estamos diante de funções gramaticais distintas daquelas que ocorrem na morfossintaxe. Por isso, não falamos aqui em funções gramaticais e sim em funções paragramaticais. Uns exemplos podem esclarecer o que dizemos: a formação de "coletivos" (*arvoredo*, *laranjal*, *casario*, etc.) implica, por certo, uma pluralização, mas aqui não se trata de um simples "plural", (*árvores*), sim de uma "pluralização" que se dá e se considera como unidade.

Assim também, *chegada* implica um verbo predicativo mas não implica nem modo, nem tempo, nem número, nem pessoa; *beleza* implica um nome predicativo, mas não implica nem número nem gênero. É exatamente por isso, continua Coseriu a sua lição, que tais formações

não remontam a orações concretas como *João chega* e *Maria é bela* (ou *João é belo*), mas tão somente a uma função predicativa genérica de *chegar* e *belo*(*s*), *bela*(*s*).

Assim também em *papeleira* está implicada uma "função preposicional", mas não uma determinada preposição (p.ex. "*para*"*papéis*), e *despertador* implica um elemento pronominal genérico "alguém ou algo" que, de outro modo, não tem realização em português. 102

Os três tipos fundamentais de formação de palavras – Do ponto de vista do conteúdo podem-se distinguir três tipos (ou quatro se considerarmos a composição como dois) fundamentais de formação de palavras, consoante dois critérios que se entrecruzam e dizem respeito à determinação gramatical do termo primário:

a) a gramaticalização implícita afeta um só elemento ou os dois na base da formação;

b) a gramaticalização corresponde a uma função "inatual" (i. é, "não semelhante a uma função oracional") ou a uma função "atual" (i. é, "semelhante a uma função oracional").

Pelo primeiro critério, teremos, de um lado, a *modificação* e o *desenvolvimento* (em que a gramaticalização afeta um só termo) e do outro a *composição*.

Pelo segundo critério, a função gramatical implicada na modificação é "inatual" (do tipo do "gênero" ou do "número"), enquanto no desenvolvimento a função implicada é "atual" (do tipo das funções "sujeito", "predicado", "complemento verbal"). Na composição, a função pode ser inatual ou atual (por exemplo, em português *alvinegro* e *leitor*).

Na modificação, a categoria verbal dos produtos é sempre a mesma das respectivas bases, isto é, os substantivos produzem substantivos, os adjetivos adjetivos e assim por diante, porque a função gramatical implicada é "inatual", isto é, função que afeta os lexemas modificando-os enquanto tais (e não como membros de oração ou de sintagmas). Trata-se das formações diminutivas, dos coletivos, dos verbos formados com prefixos:

cavalo → cavalinho, forte → fortão, beijar → beijocar, ver → prever

No desenvolvimento – que sempre parte de lexemas com funções de membros de oração ou de sintagma – a categoria verbal dos produtos formados é distinta da categoria da base correspondente, vale dizer, o desenvolvimento implica sempre mudança da categoria verbal do termo primário desenvolvido, isto é, substantivo produz adjetivo, substantivo produz verbo, adjetivo produz substantivo, etc., advertindo-se, na oportunidade, que pode ainda tratar-se de base não realizada como tal na norma da língua. Em:

prefeito → [verbo] → *prefeitável*,

não existe na norma do português o verbo **prefeitar*, implicado no desenvolvimento citado.

Exemplos de desenvolvimentos são também *terra* → *terreno*, *céu* → *celeste*; *roda* → *rodar*, *voo* → *voar*; *útil* → *utilidade*; *rico* → *riqueza*.

Tais formações devem ser explicadas desta maneira: *belo* + função predicativa → *beleza* ("o fato de ser belo"); *chegar* + função predicativa → *chegada* ("o fato de chegar"); *branco* + função de epíteto → o *branco*; *em barco* + função predicativa → *embarcar*; *com o martelo* + função predicativa → *martelar*.

A composição implica sempre a presença de dois elementos básicos unidos por uma

relação gramatical, quase sempre por uma relação de recção. Pode ser de dois tipos:

a) *prolexemática*: se um dos dois elementos da base é um "prolexema", isto é, um elemento de natureza pronominal, não identificável com um lexema existente na língua,[103] como ocorre em "elemento substantivo-pronominal" [do tipo "alguém" ou "algo"] + *ler* → *leitor*; o mesmo elemento + *despertar* → *despertador*. Em lugar desse tipo genérico "alguém ou algo", pode ser um arquilexema de ordem muito geral [por exemplo, *agente* + *ler* → *leitor*] ou também um arquilexema (ou um lexema) de um campo particular [por exemplo, "árvore", "comerciante": "*árvore*" + *limão* → *limoeiro*; "comerciante" + *leite* → *leiteiro*].

b) *lexemática*: em que os dois elementos implicados são lexemas e a categoria verbal dos compostos é sempre a dos elementos "determinados" na composição; são exemplos de compostos lexemáticos: *tira-teima*, *guarda-chuva*.

O primeiro tipo corresponde ao que tradicionalmente se chama "derivação" (como podemos ver, tal denominação também abarca o processo de *modificação* e *desenvolvimento* agora expostos); o segundo tipo corresponde ao que tradicionalmente se chama composição, com exceção da prefixação verbal, a qual, nesta nova concepção de processos de formação de palavras entra como um tipo de modificação.

Combinações dos procedimentos formativos – Os procedimentos de formação de palavras podem combinar-se uma ou mais vezes, sendo decisiva a ordem das combinações para o significado do produto final, não se perdendo de vista o fato de que nessa sequência podem ocorrer combinações "prévias" cujos produtos não se realizam como fatos autônomos na norma da língua, como já aconteceu com o implicado *prefeitar* (< *prefeito*) no desenvolvimento *prefeitável*; *guarda-sol* é uma combinação de composição prolexemática e lexemática: composição prolexemática *guardar* → guarda [equivalente a *guardador*, 'o que guarda', com morfema zero] e uma composição lexemática, o composto *guarda-sol*. Deste podemos ter um novo composto prolexemático: elemento substantivo-pronominal do tipo "alguém" [ou, como também vimos, o lexema "comerciante"; "fabricante"] + *guarda-sol* → *guarda-soleiro* 'comerciante ou fabricante de guarda-sol'.

O termo *desembarcar* resulta da combinação do desenvolvimento *em* + *barco* (→ embarcar) e modificação (→ *des-embarcar*).

Um termo formado por desenvolvimento pode dar origem a nova forma desenvolvida (produto de desenvolvimento), e pode assim estender-se por uma série, perfeitamente identificáveis como constituintes imediatos, quando há paralelismo entre a expressão e o conteúdo:

rico → *enriquecer* → *enriquecimento*

nação → *nacional* → *nacionalizar* → *nacionalização*

Está neste rol de combinação dos tipos fundamentais de formação de palavras o discutidíssimo tipo de compostos como *tira-teima*, *guarda-roupa* em que entra um tema verbal puro seguido em geral de substantivo, mas não necessariamente, pois pode aparecer outra classe, como um advérbio (*ganha-pouco*, *pisa-mansinho*), um numeral (*mata-sete*). Quanto à função oracional implícita nesse segundo elemento, temos em geral um objeto direto,

mas podemos ter um predicativo (*espanta-coió*), um circunstancial (*pisa-mansinho*, *ganha-pouco*, *saltinvão*).

Há também particularidades formais na constituição desses compostos: na fase da composição lexemáticas o composto prolexemático se reduz pela supressão de possíveis sufixos, ou pelas preposições que normalmente seriam empregadas na construção de um composto prolexemático substantivo com outro substantivo; dá-se a supressão regularmente quando o segundo elemento corresponde a uma função oracional com a qual o verbo implicado na composição prolexemática se constrói sem preposição, do tipo de *girassol*, que se parafraseia aproximadamente com "algo que gira na direção do sol". Em outros casos, como vimos em *saltinvão*, mantém-se a preposição.

Entendem-se tais compostos como "alguma coisa que tira teima", "alguém ou alguma coisa que guarda roupa", isto é, paráfrases de uma composição prolexemática como *tirador* (ou *tiradora*), *guardador* (*guardadora*), a que se acrescentam o lexema *teima* ou *roupa*. Trata-se, portanto, da combinação de uma composição prolexemática com uma composição lexemática ("tirador, tiradora") + *teima* → *tira-teima*.

Em face desta análise semântica, chega-se à conclusão de que o chamado "elemento verbal" deste tipo de composição não é nem um imperativo nem nenhuma outra forma verbal conjugada; trata-se de uma derivação regressiva, que, do ponto de vista funcional, é um substantivo ou, então, semanticamente, um particípio substantivado. Este "particípio" pode ser um particípio ativo transitivo (como em *guarda-roupa*), um particípio causativo (como em *passatempo*: "qualquer coisa que faz passar o tempo").

Esta análise é confirmada pelo fato de, quando não há na língua um composto deste tipo, se utilizarem compostos prolexemáticos em construção preposicional com um segundo elemento: *medidor de gás*, *espalhador de cera*, *prendedor de gravata*, etc.

Subtipos dos procedimentos de formação de palavra – Dentro dos procedimentos vistos até aqui podem ocorrer subtipos, de acordo com os subtipos de funções "paragramaticais" implicadas.

Assim, na modificação podemos ter, entre outros:

a) uma mudança do gênero "natural" (sexo): *rei* → *rainha*; *galo* → *galinha*;

b) uma quantificação: 1) para diminutivos (*carro* → *carrinho*; *doente* → *doentinho*; *beber* → *bebericar*); com a variante "apreciação aproximativa" (*velho* → *velhusco*; 2) para aumentativos (*casa* → *casarão*; *grande* → *grandalhão*); 3) para coletivos (*casa* → *casario*); 4) para intensificação (*feio* → *feinho*);

c) repetição: *fazer* → *refazer*;

d) negação: *leal* → *desleal*; *útil* → *inútil*.

No desenvolvimento podemos ter, segundo a função oracional implícita de sua base:

a) predicação: *chegar* → *chegada*; *belo* → *beleza*;

b) atributivo: *de inverno* ("pertencente ao inverno") → *invernal*.

Generalização do significado no desenvolvimento – O desenvolvimento implica, em cada fase de produção, uma desconcentração ou generalização do significado da base. Assim, *de inverno* significa "pertencente ao inverno" (cf. *jogos de inverno*); já o termo desenvolvido *invernal* significa tanto "pertencente ao inverno" quanto "semelhante ao que pertence ao inverno" (cf. *jogos invernais*). Trata-se de um valor único de língua, que se "amplia" quando comparado com a base do desenvolvimento.

Homofonias em desenvolvimento – Desenvolvimentos formados de bases diferentes podem resultar homofonias totalmente distintas das homofonias casuais dos termos simples ou primários. Assim, em português existem duas séries homófonas *mortal-mortalidade*; a primeira desenvolvida a partir do conteúdo "morrer" ("o homem é mortal" – "a mortalidade do homem"), e a segunda a partir do conteúdo "matar" ("o golpe, o remédio foi mortal" – "a mortalidade do golpe, do remédio"). *Mortandade* é variante de *mortalidade*, e só se aplica ao conteúdo de "morrer" (= grande número de mortes por pestes, em batalha").

Cabe ainda observar que, já que o desenvolvimento implica sempre um emprego determinado do termo primário ou de base, pode haver desenvolvimentos diferentes, conforme o significado implicado nesse termo e nos elementos formativos:

terra → *terrestre*, *terreal*, *terral*, *terreiro*, *terreno*.

esperar → *espera* (de *esperar* "aguardar") e *esperança* (de *esperar* "confiar").

5 – Alterações Semânticas

A se*mântica estrutural diacrônica* é o estudo funcional das mudanças semânticas no léxico. É uma disciplina ainda muito recente, e dada a natureza desta gramática dela não nos ocuparemos aqui. Nosso intento é tão somente chamar a atenção para alterações semânticas no léxico. Como disse muito bem Pagliaro "Também as palavras são uma espécie de conchas, às quais temos de encostar o ouvido com humilde atenção, se quisermos apreender a voz que dentro delas ressoa" [APg.1, 210].

No decorrer de sua história nem sempre a palavra guarda seu significado etimológico, isto é, originário. Por motivos variadíssimos, ultrapassa os limites de sua primitiva "esfera semântica" e assume valores novos.

"A língua – disse Moritz Regula –, expressão consciente de impressões exteriores e interiores, está sujeita a uma perpétua transformação. As palavras mudam de significado ou porque as coisas se modificam ou porque a "constelação psíquica" sob cuja influência nasce o sentido do objeto, se altera graças a causas diversas" [MR.1, 26].

A significação das palavras está intimamente relacionada com o mundo das ideias e dos sentimentos; "entre as ideias, entre os pensamentos não há separação absoluta por isso que as associações se estabelecem, sem cessar, de uns para outros. Vendo uma substância ou um objeto muito achatado, muito delgado e pouco resistente, por exemplo de estanho ou de ouro finamente laminado, alguém foi levado a compará-lo a uma folha de árvore; pôde-se assim

dizer com propriedade e clareza: *uma folha de estanho*, *de ouro*, *de papel*, etc. Outra associação, posterior à precedente, deu à palavra *folha* o significado bem elástico de jornal: *uma folha diária*. É que se imprimem as notícias de cada dia em folhas de papel. A palavra *coração* serviu para exprimir tanto a parte interior de um legume ou fruta: *coração da melancia*, ou a essência de um assunto: *está no coração da questão*, como ainda os sentimentos cuja sede parece estar no fundo de nosso ser: *este homem não tem coração*, etc. Todas as associações deste gênero dão origem ao que se chama, em literatura, *imagem*; as imagens da linguagem corrente não diferem muito, pela sua natureza, das que brotam da imaginação dos poetas e dos escritores em geral" [AGr.1, 93-94 – com leves adaptações para o português].

Entre as causas que motivam a mudança de significação das palavras, as principais são:

a) Metáfora – translação de significado motivada pelo emprego em solidariedades, em que os termos implicados pertencem a classes diferentes mas pela combinação se percebem também como assimilados:

*cabelos de **neve**, **pesar** as razões, **negros** pressentimentos, **doces** sonhos, passos **religiosos*** [AR.1, 17 – nos queria ressaltar a religiosidade de sua personagem], ***boca** do estômago*, ***dentes** do garfo*, ***costas** da cadeira*, ***braços** do sofá*, ***pés** da mesa*, ***gastar rios** de dinheiro*, ***vale** de lágrimas*, *o **sol** da liberdad*e, *os dias **correm***, *a noite **caiu***.

OBSERVAÇÃO: Assim, a metáfora não resulta – como tradicionalmente se diz – de uma comparação abreviada; ao contrário, a comparação é que é uma metáfora explicitada. Importa, outrossim, distinguir a metáfora *linguística* (linguisticamente motivada pelo descompasso dos termos implicados nas solidariedades) da metáfora *motivada extralinguisticamente* pelo nosso saber sobre as coisas, como ocorre em expressões metafóricas do tipo de *não ponha a carroça diante dos bois* para expressar a inversão incorreta de uma ação ou de um juízo. As metáforas têm largo emprego na língua espontânea e na literária, e nesta teve grande difusão entre os poetas simbolistas. Cf. [ECs.1, 291], [ECs.2, 207], [ECs.3, 293 n. 22] e [HM.1, 109]: "A literatura moderna tem uma preferência para a metáfora oposta à comparação explícita. É a fusão imediata do mundo pessoal e do objetivo, do espiritual e do concreto, que levam a uma identificação direta, sem elos de ligação que intermedeiem a passagem dum plano para outro".

b) Metonímia – translação de significado pela proximidade de ideias:

1 – causa pelo efeito ou vice-versa ou o produtor pelo objeto produzido:

*um **Rafael*** (por um *quadro de Rafael), as **pálidas** doenças* (por *doenças que produzem palidez*), ***ganhar** a vida* (por *meios que permitam viver), ler **Machado de Assis*** (i.é, *um livro escrito por M. de Assis)*.

2 – o tempo ou o lugar pelos seres que se acham no tempo ou lugar:

*a **posteridade*** (i.é, *as pessoas do futuro*), *a **nação*** (i.é, *os componentes da nação*).

3 – o continente pelo conteúdo ou vice-versa:

*passe-me a **farinha*** (i.é, a farinheira), *comi **dois pratos*** (i.é, *a porção da comida que dois pratos continham*).

4 – o todo pela parte ou vice-versa:

*diz a **Escritura*** (i.é, *um versículo da Escritura*), *encontrar um **teto amigo*** (i.é, *uma casa*).

5 – a matéria pelo objeto:

*um **níquel*** (i.é, *moeda de níquel*), *uma **prata*** (i.é, *moeda de prata*)

6 – o lugar pelo produto ou características ou vice-versa:

jérsei (= *tecido da cidade Jersey*), ***gaza*** (= *tecido da cidade de Gaza*), ***havana*** (= *charutos da cidade de Havana*); ***greve*** (*as reuniões feitas na Place de la Grève*).

7 – o abstrato pelo concreto:

*A **virtude** vence o **crime*** (isto é, *as pessoas virtuosas vencem os criminosos*); *praticar a **caridade*** (= *atos de caridade*).

8 – o sinal pela coisa significada ou vice-versa:

o ***trono*** (= *o rei*), *o* ***rei*** (= *a realeza*)

c) Catacrese – translação do significado por esquecimento do significado original:

panaceia universal (*panaceia* '*remédio* para todos os males' já tem no elemento *pan-* a ideia de universalidade, generalidade), *etimologia verdadeira, abismo sem fundo, anedota inédita, correta ortografia, bela caligrafia, caldo quente, homicida do vizinho, hecatombe de almas, embarcar no trem, calçar as luvas.* [MBa.3, 311-317]

Produtos correntes da translação de significado, as catacreses são fatos normais que só devem ser evitados quando a noção primitiva ainda estiver patente para o falante.

d) Braquilogia ou abreviação – as diversas acepções de uma palavra devidas à elipse do determinante ou vice-versa:

dou-lhe a minha ***palavra*** (i.é, *palavra de honra*), *vamos à* ***cidade*** (i.é, *ao centro da cidad*e), *um* ***possesso*** (i.é, *pessoa possuída do demônio*), *aproveitar a* ***ocasião*** (= *a boa ocasião*), *a festa da* ***Ascensão*** (= da *Ascensão de Jesus Cristo*).

e) Eufemismo – translação de sentido pela suavização da ideia:

1 – para a morte:

finar-se, falecer, entregar a alma a Deus, dar o último suspiro (literários), passar desta a *melhor, ir para a cidade dos pés juntos, dizer adeus ao mundo, esticar as canelas, desocupar o beco, bater as botas, etc.* (*estes* populares).

2 – para a bebida:

abrideira, *água que gato* (*passarinho*) *não bebe*, *januária*.

O tabu linguístico pode favorecer o aparecimento de expressões eufemísticas. O medo de proferir palavras como *diabo*, *demônio*, *satanás* nos leva a usar desfigurações voluntárias como *diacho*, *diogo*, *demo*, *satã*. [MG.1, 76 e ss.]

f) Alterações semânticas por influência de um fato de civilização:

tonto (= *louco*) particípio do verbo *tondere*, por *tonso*, lembra-nos o tempo em que se rapava a cabeça aos loucos.104

pagão (= *indivíduo que não foi batizado*) se prende à época inicial do Cristianismo, pois a Igreja fez uso especial do termo que tinha curso na linguagem militar: *paganus*, o civil, em oposição ao soldado (castrensis) passou a ser o oposto a *christianus* [cf. EG.1, 134; RH.1, 132].

cor (*saber guardar*, *ter de* – = *de memória*) relembra-nos a época em que a anatomia antiga fazia do coração a sede dos sentimentos, da inteligência, da memória.

judiar (= *zombar*, *atormentar*) lembra-nos a época dos tormentos praticados ou sofridos pelos judeus. A palavra ***judas*** (= *homem mal trajado*) é uma aplicação do nome próprio *Judas* a quem o povo atribui qualidades negativas.

calabrear (= *misturar*; *confundir*; *mudar para pior*; *alterar vinhos*): documenta a má fama em que eram tidos os calabreses, acrescida pela lenda popular de que Judas era natural da Calábria, no sul da Itália. Cf. artigo de L. Spitzer, *Boletim de Filologia* (Lisboa), V, 3-4, pág. 376.

A maneira aristocrática de ver as coisas é responsável pela mudança de significado de algumas palavras:

vilão (saído do latim *villa* = quinta, aldeia), de "*camponês*" passou a designar "homem grosseiro", "perverso", "infame".

De vez em quando, surgem pessoas que querem ver expurgadas dos dicionários certas palavras depreciativas de povo ou localidade (como *judiar*, *baianada* e outros). É excesso de sentimento a que a História não se curva, nem o povo leva em conta, porque, no uso do termo,

não entra nas minúcias históricas do pesquisador, nem procura, usando a palavra, fazer juízo específico a respeito do povo ou da localidade.

g) Etimologia popular ou associativa

É a tendência que o falante – culto ou inculto – revela em aproximar uma palavra a um determinado significado, com o qual verdadeiramente não se relaciona.105

Às vezes a palavra recebe novo matiz semântico sem que altere sua forma. *Famigerado*, por exemplo, que significa "célebre", "notável",106 influenciado pela ideia e semelhança morfológica de faminto, passa, na linguagem popular, a este último significado. *Intemerato* (= sem mancha, puro), graças a *temer*, é considerado como sinônimo de *intimorato*; *inconteste* (= *s*em testemunho) passa a sinônimo de *incontestável*; *falaz* (= falso, enganador) é aproximado de *falador*.

Espécies de alteração semântica

A) Extensão do significado;

B) Enobrecimento do significado;

C) Enfraquecimento do significado.

A – ***Extensão do significado***

prédio (= propriedade rústica ou urbana inamovível) passou a designar qualquer edifício sem referência ao solo.

espraiar (= jogar algo à praia) alargou o significado como sinônimo de "estender-se por larga área".

embarcar (= entrar na barca) significa hoje "entrar em qualquer condução".

aliviar (= tornar mais leve uma carga) se diz hoje como igual a "minorar", "diminuir", "abrandar", uma culpa, um mal, o tempo (a chuva aliviou).

1 – **Restrição ou especialização do significado**

a) *fortuna* (destino bom ou mau) especializa seu sentido na direção positiva.

sucesso (acontecimento bom ou mau) passa a exprimir só o lado bom.

carta (= epístola) tinha em latim o sentido de qualquer livro, papel, escrito.

britar (significava "quebrar qualquer coisa") restringiu hoje o seu significado para "quebrar pedras".

b) *abreviação ou condensação: um havana* (= charuto de Havana); o champanha (= o vinho de Champagne); um (a) jato (= avião a jato).

2 – **Plenitude do significado**

Um milhão de reais já é uma *quantia*; José mostrou-se um *homem.*

B – ***Enobrecimento do significado***

emérito (aplicado ao funcionário que se aposentava) significa hoje *distinguido*, *ilustre*.

marechal (= criado do cavalo) passou a indicar o posto mais elevado do Exército.

pedagogo (era o escravo que conduzia as crianças à escola); significou depois o professor ou profissional em educação.

3 – **Degradação do significado (Pejorativos)**

vilão.

libertino (= escravo liberto) passou a indicar o indivíduo devasso, sem pudor.

libidinoso (= que segue seu capricho) significa hoje o dissoluto.
valetudinário (= de boa ou má saúde ou compleição) significa hoje só à má parte

C – ***Enfraquecimento do significado***

O emprego contínuo de uma palavra provoca a diminuição de sua energia semântica, mormente nas expressões afetivas. *Bajular* era "levar alguém às costas", o que enfatiza a ideia de servidão que tinha a palavra no início do seu emprego em expressões como "bajular o chefe".

Pequena nomenclatura de outros aspectos semânticos

1) **Polissemia** – É o fato de haver uma só forma (significante) com mais de um significado unitário pertencentes a campos semânticos diferentes. Ou, em outras palavras, a polissemia é um conjunto de significados, cada um unitário, relacionados com uma mesma forma. Portanto, não se pode ver a polissemia como "significados imprecisos e indeterminados", porque cada um desses significados é preciso e determinado:

pregar (um sermão) – *pregar* (= preguear uma bainha da roupa) – *pregar* (um prego)

manga (de camisa ou de candeeiro) – *manga* (fruto) – *manga* (= bando, ajuntamento) – *manga* (parede)

cabo (cabeça, extremidade, posto na hierarquia militar) – *cabo* (= parte de instrumento por onde esse se impunha ou utiliza: *cabo* da faca)

A polissemia é, portanto, um fato de língua.

É preciso não confundir a polissemia léxica ou *homofonia*107 com variação semântica ou polivalência no falar (fato de fala), que consiste na diversidade de acepções (sentidos) de um mesmo significado da língua segundo os valores contextuais, ou pela designação, isto é, graças ao conhecimento dos "estados de coisas" extralinguísticos:

pensar { um assunto / um ferimento

ponto {
- em geometria: um ponto no espaço
- em gramática: sinal de pontuação
- em teatro: auxiliar de atores
- em táxi: ponto de táxi
- em gíria escolar: o professor deu *ponto* novo ("matéria") / o aluno precisa de dois *pontos* (= grau)

Como lembra Coseriu, "antes de optar pela homofonia, dever-se-á perguntar se não se trata de variação (semântica): em todos os casos em que as homofonias ou polissemias não sejam evidentes (por exemplo, por se tratar de formas que pertencem a paradigmas diversos) (...), há de se buscar primeiro aquilo que caracteriza as línguas, isto é, invariantes de significado ou "significado unitário". E só quando se mostre absolutamente impossível "reduzir" todas as

acepções de uma forma a um valor unitário de língua, será lícito admitir homofonia (...)" [ECs.1, 206; AV.1, 101-102].

NOTA DE NOMENCLATURA: A tradição gramatical e os linguistas divergem na conceituação de *polissemia* e *homonímia*, criada ao tempo da linguística diacrônica. Por polissemia entende a tradição a "propriedade da significação linguística de abarcar toda uma gama de significações, que se definem e precisam dentro de seu contexto" [MC.4]. Exemplifica com a preposição *a* (significação gramatical) e a palavra *andar* (significação lexical): *ir a Lisboa*, *andar a* pé, *falar a Pedro*; *andar a largos passos*, *andar de automóvel*, *andar doente.*

2) **Homonímia** – Já por *homonímia* entende a tradição: "propriedade de duas ou mais formas, inteiramente distintas pela significação ou função, terem a mesma estrutura fonológica, os mesmos fonemas, dispostos na mesma ordem e subordinados ao mesmo tipo de acentuação; como exemplo: um homem *são*; *São* Jorge; *são* várias as circunstâncias (...)

Ela é possível sem prejuízo da comunicação em virtude do papel do contexto na significação de uma forma, como sucede com *são* nos exemplos dados [MC.4, s.v.].

Dentro da homonímia, alude-se, em relação à língua escrita, aos *homófonos* distinguidos por ter cada qual um grafema diferente, de acordo com o sistema ortográfico: *coser* 'costurar'; *cozer* 'cozinhar'; *expiar* 'sofrer'; *espiar* 'olhar sorrateiramente'; *sessão* 'ato de assistir'; *cessão* 'ato de ceder'; *cela* 'quarto para enclausuramento'; *sela* 'peça de arreio'[MC.4, s.v.].

O mesmo linguista aponta o artificialismo do conceito de *homógrafos*, "formas que se escrevem com as mesmas letras mas correspondendo elas a fonemas distintos, pois já não se trata evidentemente de homônimos da língua, cuja essência são as formas orais" [MC.4, s.v.].

Todos apontam a dificuldade de nem sempre se poder distinguir a polissemia da homonímia. Têm sido propostos alguns critérios para aclarar se se trata de uma mesma palavra com dois ou mais significados diferentes (polissemia) ou de duas palavras distintas com idênticos fonemas (homonímia):

a) critério histórico-etimológico – é o que fazem, em geral, os nossos dicionários;

b) a consciência linguística do falante;

c) critério das relações associativas;

d) critério dos campos léxicos.

Todos estes critérios estão sujeitos a críticas, como resenhou exaustivamente Geckeler [HG.1, 146-158].

Em erudito artigo, Coseriu chega, cremos, à correta interpretação da *polissemia*, na análise que faz do ensinamento de Aristóteles e resumo crítico desse artigo em AV.1, 92-107.

3) **Sinonímia** – É o fato de haver mais de uma palavra com semelhante significação, podendo uma estar em lugar da outra em determinado contexto, apesar dos diferentes matizes de sentido ou de carga estilística.

casa, *lar*, *morada*, *residência*, *mansão*

Um exame detido nos mostrará que a identidade dos sinônimos é muito relativa; no uso (quer literário, quer popular), eles assumem sentidos "ocasionais" que no contexto um não pode ser empregado pelo outro sem que se quebre um pouco o matiz da expressão. Uma série sinonímica apresenta-se-nos com pequenas gradações semânticas quanto a diversos domínios:

o sentido abstrato ou concreto; o valor literário ou popular (*fenecer* / *morrer*); a maior ou menor intensidade de significação (*chamar* / *clamar* / *bradar* / *berrar*); o aspecto cultural (*escutar*/*auscultar*) e tantas outras.

4) **Antonímia** – É o fato de haver palavras que entre si estabelecem uma oposição *contraditória* (*vida*; *morte*), *contrária* (*chegar*; *partir*) ou *correlativa* (*irmão*; *irmã*) [JK.1 *apud* HGe.1, 288 n.23].

Já Lyons [JLy.1 *apud* HGe.1, 291] entende que se podem distinguir três subconceitos do que se há de compreender por antonímia em sentido amplo:

a) *complementaridade* (a negação de uma implica a afirmação da outra e vice-versa: *João não está casado* implica que *João é solteiro*; *João está casado* implica que *João não é solteiro*);

b) *antonímia* (opostos por excelência: *grande* : *pequeno*);

c) *correlação* (*comprar* : *vender*; *marido* : *mulher*).

Quanto à sua manifestação constitucional, Mattoso cita os três aspectos diferentes:

a) mediante palavras de radicais diferentes: *bom* : *mau*;

b) com auxílio de um prefixo negativo em palavras do mesmo radical: *feliz* : *infeliz*; *legal* : *ilegal*; *político* : *apolítico*;

c) palavras que têm prefixos de significação contrária: *excluir* : *incluir*; *progredir* : *regredir*; *superpor* : *soto-pôr*.

Às vezes, a negação serve para atenuar a oração afirmativa: *Pedro não está bem* : *Pedro está mal*.

Às vezes ocorre a antonímia porque a palavra apresenta valor ativo e passivo:

alugar { a) dar de aluguel / b) receber de aluguel

emprestar { a) dar de empréstimo / b) receber de empréstimo

hóspede { a) quem recebe a hospedagem / b) quem dá a hospedagem (hoje hospedeiro)

esmolar { a) dar esmolas / b) receber esmolas

5) **Paronímia** – É o fato de haver palavras parecidas na forma e diferentes no significado:

Os parônimos dão margem a frequentes erros de impropriedade lexicais:

proscrever: proibir
prescrever: aconselhar

tráfego: trânsito
tráfico: comércio

ratificar: confirmar
retificar: corrigir

infringir: transgredir, violentar
infligir: aplicar pena, castigo

descrição: ato de descrever
discrição: qualidade de quem é discreto

intimorato: destemido, intrépido
intemerato: puro, imaculado

iminente: pendente, próximo para acontecer
eminente: ilustre

C) Estrutura do enunciado ou período. A oração e a frase

I – A Oração e as Funções Oracionais

Enunciado ou período – Toda a manifestação da linguagem com vistas à comunicação com nossos semelhantes se constrói com uma sequência de unidades delimitadas por um silêncio que precede o início dessa atividade e o que se lhe segue, acompanhada de contorno melódico, também chamado curva de entoação e normalmente marcada, na escrita, pelos sinais de pontuação e pelo emprego da maiúscula inicial:

O galo-da-campina ergue a poupa escarlate fora do ninho.

A esta unidade linguística que faz referência a uma experiência comunicada e que deve ser aceita e depreendida cabalmente pelo nosso interlocutor se dá o nome de *enunciado* ou *período*.

Há enunciados relativamente curtos, como o do nosso exemplo, ou ainda mais curtos, como *Sim* ou *Vou*, e há os que se dilatam por muito maior extensão:

O galo-da-campina ergue a poupa escarlate fora do ninho e seu límpido trinado anuncia a aproximação do dia.

Conforme a realidade designada, os enunciados se apresentam com formas variadas:

1. Os homens desejam a paz.
2. Ela não trabalha aos sábados.
3. Muitas crianças viram os pássaros.
4. Bebel gosta do colégio.
5. O chefe dará oportunidades aos jovens.
6. O sol é um astro luminoso.
7. Chove muito no verão.

8. Relampeja.
9. Que achou você da festa?
10. Eles ainda não chegaram?!
11. Vivam os campeões!
12. Que calor!
13. Depressa!

Apesar de tão variadas formas por que se apresentam os enunciados, há traços comuns que devem ser ressaltados [AL.1, 256]:

a) são mensagens completas e de acordo com a situação em que se acham falante e ouvinte;

b) são unidades sequenciais delimitadas por um silêncio precedente a ele e uma pausa final;

c) são proferidos com um contorno melódico particular.

Esta curva de entonação é o significante ou expressão material que evoca a modalidade de intenção comunicativa do enunciado (significado ôntico) que o falante quer transmitir ao seu interlocutor:

a) ou para lhe expor, afirmando ou negando, certos fatos (*Pedro estuda. Pedro não estuda*.);

b) ou para indagar sobre algo (*Pedro estuda*? *Pedro não estuda*? *Quem chegou*?);

c) ou para apelar-lhe, em geral, atuando sobre ele (*Dê-me o livro. Não me dê o livro. Volte cedo*.);

d) ou para chamar-lhe a atenção (*Ó Pedro.*);

e) ou para traduzir-lhe os próprios pontos de vista ou sentimentos (*Que prazer*! *Como está frio*!).

Assim, quanto à significação fundamental do enunciado, temos cinco tipos ou classes essenciais deles: *declarativo* ou *enunciativo*, *interrogativo*, *imperativo-exortativo*, *vocativo* e *exclamativo*, dos quais o primeiro corresponde à função representativa – informativa da linguagem, os três seguintes à função apelativa e o último à função expressiva [HC.1, s. v. Frase].

Entre o primeiro e o segundo tipos há maior afinidade do que entre o primeiro e os restantes. Talvez porque o primeiro encerre o aspecto ou papel fundamental da intenção comunicativa da linguagem, é considerado o enunciado típico – base do impulso inicial da especulação gramatical pela lógica grega –, do qual os outros tipos são considerados derivados ou ao qual todos os outros tipos se podem reduzir. Por isso é que a unidade linguística, dentro desta concepção original, recebe o nome de *enunciado*; na tradição gramatical brasileira, *período.*

Oração e frase – Entre os tipos de enunciados há um conhecido pelo nome de *oração* que, pela sua estrutura, representa o objeto mais propício à análise gramatical, por melhor revelar as relações que seus componentes mantêm entre si, sem apelar fundamentalmente para o entorno (situação e outros elementos extralinguísticos) em que se acha inserido. É neste tipo de enunciado chamado *oração* que se alicerça, portanto, a gramática, e será especificamente dela que trataremos a seguir.

Mas antes devemos adiantar que o enunciado também aparece sob forma de *frase*, cuja estrutura interna difere da oração porque não apresenta relação predicativa. São às vezes simples palavras, outras vezes uma reunião delas, que são transpostas à função do enunciado. Em nosso exemplário anterior, constituem *frases* os seguintes enunciados:

Depressa!
Que calor!

Mais adiante trataremos desse tipo de enunciado com mais atenção.

A oração se caracteriza por ter uma palavra fundamental que é o *verbo* (ou sintagma verbal) que reúne, na maioria das vezes, duas unidades significativas entre as quais se estabelece a *relação predicativa* – o *sujeito* e o *predicado*:

Sujeito	*Predicado*
Pedro	estuda.
Pedro	não estuda.

Comparemos agora as seguintes possibilidades:

Eu estudo português às segundas-feiras no horário da manhã.
Eu estudo português às segundas-feiras.
Eu estudo português.
Eu estudo.
Estudo.

Nas possibilidades acima, o único constituinte indispensável foi o verbo *estudo*, o que o faz *núcleo* da oração, enquanto os outros constituintes são adjacentes ao núcleo. Esta adjacência não guarda a mesma relação entre os diversos constituintes da oração, pois a relação entre o sujeito *eu* é mais estreita com o verbo *estudo* que os demais. Mas a relação predicativa pode ser *referida* a um sujeito, como em *Eu estudo*, ou *não referida*, como *Chove*. Por isso, nem mesmo o sujeito é um constituinte imprescindível da oração e, por conseguinte, da relação predicativa, embora a sua presença ao lado do verbo pessoal constitua o tipo mais frequente – diríamos até a estrutura favorita – de oração em português.

Em *Chove*, o verbo flexionado na 3.ª pessoa – marca o sujeito gramatical, isto é, assinalado apenas gramaticalmente, mas temos uma relação predicativa não referida, pois não admite sujeito explícito. Diz-se que o verbo é *impessoal* e a oração é *sem sujeito explícito*. A chamada 3.ª pessoa é a não pessoa, é a não eu nem meu interlocutor, e assim é a forma utilizada para indicar a relação predicativa não referida, isto é, as orações sem sujeito explícito.

Sujeito e predicado – O primeiro grupo natural corretamente identificado exerce uma função sintático-semântica chamada SUJEITO, e o segundo grupo exerce outra função sintático-semântica chamada PREDICADO.

Sujeito	*Predicado*
Os homens	desejam a paz.
Eu	trabalho como professor.
Muitas crianças	viram os pássaros
O bom filho	compreende o esforço dos pais
O sol	é um astro luminoso.

Conhecendo melhor o sujeito: núcleo e determinantes 108 – Chama-se sujeito à unidade ou sintagma nominal que estabelece uma relação predicativa com o núcleo verbal para constituir uma oração. É, na realidade, uma *explicitação léxica* do sujeito gramatical que o núcleo verbal da oração normalmente inclui como morfema número-pessoal. Em:

Eu estudo no colégio e eu e dois irmãos brincamos no clube,

os núcleos verbais das duas orações *estudo* e *brincamos* incluem os morfemas *–o* (*estud-o*) e *–mos* (*brinca-mos*), que indicam os sujeitos gramaticais "1.ª pessoa do singular" e "1.ª pessoa do plural", respectivamente. Estes sujeitos gramaticais, quando necessários ao melhor conhecimento da mensagem veiculada no texto, podem ser explicitados por *formas léxicas* que guardam com os sujeitos gramaticais a relação gramatical de concordância em número e pessoa. Assim é que em *Eu estudo*, *eu*, pronome de 1.ª pessoa do singular, se acomoda à indicação do morfema *–o*, indicador, nos verbos, da 1.ª pessoa do singular no presente do indicativo:

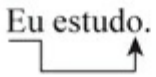

Já em *brincamos*, o sujeito gramatical "1.ª pessoa do plural" está indicado pelo morfema *–mos*. Este sujeito inclui necessariamente a pessoa que fala (eu), mas abre um amplo leque de pessoas que com ela participam do processo indicado pelo lexema *brincar*:

Eu e meu vizinho
Eu e minha colega
Eu e os primos, etc.

Por isso, sente o falante a necessidade de explicitar, de indicar claramente a que pessoas ele quer referir-se:

Eu e dois irmãos brincamos no clube.

Vê-se, então, que não se pode falar, a rigor, de elipse do sujeito, quando aparece apenas o núcleo verbal da oração (*Estudo*, *Brincamos*), já que ele aparece sempre presente na forma verbal flexionada no morfema que representa o sujeito gramatical (1.ª, 2.ª e 3.ª pessoas, do singular ou plural). Trata-se, pelo contrário, da sua expansão ou não, mediante o sujeito explícito, fato que não está mais na exigência da gramática (quando há, é claro, relação predicativa referida, mas do texto, para a transmissão efetiva e clara da mensagem).

Sujeito é uma noção gramatical, e não semântica, isto é, uma referência à realidade designada, como ocorre com as noções de *agente* e *paciente*. Assim, o sujeito não é necessariamente o agente do processo designado pelo núcleo verbal, como se patenteia em:

Machado de Assis escreveu extraordinários romances.

O sujeito pode representar o paciente desse processo:

Extraordinários romances foram escritos por Machado de Assis.

O sujeito, quando explicitado ou claro na oração, está representado – e só pode sê-lo – por uma expressão substantiva exercida por um *substantivo* (*homem*, *criança*, *sol*) ou pronome (*eu*) ou equivalente. Diz-se, portanto, que o núcleo do sujeito é um substantivo ou equivalente. Uma palavra não é substantivo porque pode exercer a função de sujeito; ao contrário, só pode ser sujeito porque é um substantivo ou equivalente.

A característica fundamental do sujeito explícito é estar em consonância com o sujeito gramatical do verbo do predicado, isto é, se adapte (isto é, *concorde*) a seu número, pessoa e gênero (neste caso quando há particípio no predicado):

Eu nasci. *Nós nascemos*. Elas não *eram nascidas*.

O reconhecimento seguinte do sujeito se faz pela sua posição normal à esquerda do predicado, bem como por responder às perguntas *quem*? (aplicado a seres animados), *que*? *o quê*? (aplicado a coisas), feitas antes do verbo.

José escreveu uma bela redação.

Quem escreveu uma bela redação? – *José*

O livro caiu.

Que caiu? – *O livro*.

Muitas vezes a expressão substantiva núcleo do sujeito – ou de qualquer função que tem por núcleo uma expressão substantiva – se faz acompanhar de determinantes que têm por papel expressivo *dizer algo acerca de algo com signos da língua*, isto é, com instrumentos verbais da língua. Assim, para ficarmos só nos limites do grupo natural representado pelo sujeito de enunciados, os determinantes dos núcleos substantivos são: *os* (homens), *muitas* (crianças), *o* e *bom* (filho), *o* (sol).

1) Determinantes, pré-determinantes e pós-determinantes

O exemplo da oração:

O bom filho compreende o esforço dos pais

nos põe diante da possibilidade de estar o núcleo substantivo que funciona como sujeito explícito acompanhado de mais de um determinante (*o* e *bom*). Nestes casos, a língua portuguesa conhece determinantes que podem figurar antes de outro determinante (os pré-determinantes) e os que podem figurar depois de outro determinante (os pós-determinantes).

Os determinantes estão, em geral, representados pelas seguintes classes de palavras: *adjetivo*, *artigo* e *pronome demonstrativo* ou equivalentes de adjetivos (estes veremos mais adiante):

Noites *claras* prenunciam bom tempo.

O livro está esgotado.

Esta manhã prometia chuva.

Na sequência de determinantes, aparecem como pré-determinantes, à esquerda do determinante, as palavras que podem receber globalmente o nome de *Quantificador* (*algum*, *certo*, *vários*, *todo*, *todos*, *qualquer*, *alguns* (*de*), *vários* (*de*), etc.:

Alguns bons momentos são inesquecíveis.

Todos os alunos saíram.

Alguns de nós não foram à festa.

Aparecem como pós-determinantes, isto é, as palavras que ocorrem à direita do determinante e do pré-determinante, o *pronome possessivo* e o *numeral*:

Os *seus* livros não estavam na estante.

Aqueles *dois* erros eram graves.

Vários de *meus* sobrinhos são engenheiros.

Aqueles *dois seus* vizinhos trabalham no comércio.

Antes de passarmos à descrição dos termos sintáticos integrantes da oração em português, precisamos falar de algumas noções que se fazem necessárias a que tal tarefa se realize o mais adequadamente possível. Estas noções dizem respeito *a termos nucleares* e *marginais* e *termos argumentais* e *não argumentais*, *termos opcionais* e *não opcionais*, e, finalmente, *termos integráveis* e *não integráveis*.

2) Termos nucleares e marginais

Numa oração como:

Graciliano falou de temas universais em seus romances,

além de *Graciliano* e *falou*, que são núcleos do sujeito e do predicado, temos os termos *de temas universais* e *em seus romances*, que se dizem *nucleares*, do ponto de vista sintático-semântico, porque estão intimamente referidos à relação predicativa, já que *de temas universais* explicita aquilo de que falam os romances de Graciliano Ramos, enquanto *em seus romances* faz alusão ao tipo de escritos nos quais o autor fala desses temas.

Já em:

Certamente, Graciliano viveu experiências amargas, durante sua vida,

muitas experiências amargas e *durante sua vida* são *nucleares*, porque também estão intimamente ligados, pelas relações sintáticas e semânticas, à função predicativa da oração, que tem por núcleo o verbo *viveu*. Tal não ocorre, porém, com o termo *certamente*, que não está referido nem somente ao sujeito nem somente ao predicado, mas a toda a oração. Esta independência sintática e semântica lhe permite deslocar-se livremente nos limites da oração:

Certamente, Graciliano viveu experiências amargas durante sua vida.
Graciliano, certamente, viveu experiências amargas, durante sua vida.
Graciliano viveu, certamente, experiências amargas durante a sua vida.
Graciliano viveu experiências amargas, certamente, durante a sua vida.
Graciliano viveu experiências amargas durante a sua vida, certamente.

Este termo *certamente*, verdadeiro comentário à parte do narrador, se considera um termo *marginal* da frase, de que nos ocuparemos mais adiante.

3) Termos argumentais e não argumentais – Se os termos nucleares se referem sintática e semanticamente à relação predicativa da oração, eles nem sempre o são no mesmo grau de coesão e de dependência ou subordinação. Assim, na oração:

Graciliano conheceu experiências amargas durante sua vida,

experiências amargas e *durante sua vida*, já o dissemos, são termos nucleares, mas o primeiro (*experiências amargas*) está mais estreitamente ligado ao conteúdo do pensamento designado pelo verbo *conhecer* do que o termo *durante sua vida*. Dizemos, então, que o termo nuclear *experiências amargas* é também um termo *argumental* ou é um *argumento*, porque aparece solicitado ou regido pelo significado lexical referido pelo verbo *conheceu*. Já o termo *durante sua vida* não está condicionado pelas relações sintáticas e semânticas do mesmo verbo; por isso pode não aparecer na referida oração, sem que esta se prejudique na sua estruturação sintático-semântica:

Graciliano conheceu experiências amargas,

o que não se daria, se eliminássemos o termo argumental *experiências amargas*:

* Graciliano conheceu durante sua vida.

Assim, *durante sua vida* é um termo *não argumental*. *Argumental* e *não argumental* distinguem as mesmas características sintáticas e semânticas que a gramática tradicional utiliza para separar os *complementos* ou termos *regidos* ou ainda *integrantes* dos *adjuntos* ou termos *acessórios*.

Além da capacidade de poder ser eliminado da oração, o termo não argumental, pela sua coesão fraca e independência sintático-semântica em relação ao predicado, goza de maior liberdade de colocação na *oração*, marcado com pausa adequada, assinalada quase sempre por sinais de pontuação:

Graciliano conheceu experiências amargas durante sua vida.
Durante sua vida, Graciliano conheceu experiências amargas.
Graciliano conheceu, durante sua vida, experiências amargas.

Esta liberdade, já o vimos, conheceu também o termo marginal *certamente*, do exemplo anterior; só que *durante sua vida* é termo nuclear, e não marginal, porque está referido ao predicado das orações acima. Esta liberdade se deve às características sintáticas e semânticas do verbo *conheceu*.

É oportuno lembrar também que um termo argumental o é por motivação das características sintáticas e semânticas da relação predicativa, e não apenas pelo conteúdo designado. Assim, uma noção de lugar como *no Brasil* pode funcionar como argumental ou complemento na oração (1), e como não argumental na oração (2):

(1) Ele mora *no Brasil.*
(2) Ele trabalha *no Brasil.*

Na oração (1), em condições normais, não se pode prescindir de *no Brasil*:

* Ele mora.

Já na oração (2), o apagamento de *no Brasil* é perfeitamente normal:

Ele trabalha.

4) Termos opcionais e não opcionais – É preciso não confundir termo argumental e não-argumental com termo não-opcional e opcional, respectivamente.

Muitas vezes um termo argumental, isto é, condicionado pelas características sintáticas e semânticas de recção ou regência do termo regente, pode ser dispensado, apagado ou eliminado da oração pelo falante ou porque já foi referido anteriormente e, por isso, é facilmente subentendido pelo ouvinte, ou porque, graças ao conhecimento que temos das coisas e do mundo, a nossa experiência também facilmente entende aquilo de que estamos falando.

Assim é que não se precisa repetir o sujeito *Antônio* junto ao segundo verbo do grupo de orações:

Antônio saiu cedo, mas não gostou da ideia,

que seria

Antônio saiu cedo, mas Antônio não gostou da ideia.

Também em razão do nosso saber sobre as coisas do mundo extralinguístico é que podemos fazer o chamado "emprego absoluto" de vários verbos, desacompanhados de seus argumentos ou complementos, implícitos na ação designada pelo verbo, mas que a nossa experiência recupera. Podemos ser entendidos e a oração "fazer sentido" com enunciados do tipo:

Hoje não *escrevi* [sabe-se que se trata de um texto qualquer]

Enchi o copo [sabe-se que se trata de um líquido, água, suco, etc.]

Não se fazem tais apagamentos se se trata de uma declaração que contrarie a nossa experiência:

Enchi o copo *de areia*.

5) Termos integráveis e não integráveis – Cabe, por fim, distinguir termos *integráveis* e termos *não integráveis*. Chamam-se integráveis aquelas funções sintáticas que podem ser substituídas por pronome pessoal adverbal átono, também chamado *clítico* (do grego *klísis* 'inclinação') pela possibilidade de integrar-se no mesmo grupo acentual da palavra a que se inclina na pronunciação, na curva melódica.

No português, são integráveis os complementos direto e indireto, como veremos ao seu tempo. Bastem-nos estes exemplos:

Li *o livro* – Li-*o*.

Viu *as crianças* – Viu-*as*.

Dei o livro *a Pedro* – Dei-*lhe* o livro.

Escreveram carta *aos primos* – Escreveram-*lhes* cartas.

Termos argumentais podem não ser integráveis: é o que acontece com o complemento relativo. Neste caso, a expressão que substitui esta função está representada por um sintagma prepositivo que repete a mesma preposição seguida dos pronomes *ele*, *ela*, *eles*, *elas* ou *isso*:

Não pensava *nos amigos* / Não pensava *neles*.

Assistimos *ao jogo* / Assistimos *a ele*.

Por outro lado, termos não argumentais podem ser integráveis, como ocorre com o chamado dativo de interesse, que estudaremos mais adiante:

Não *me* mexam nesses papéis!

Conhecendo melhor o predicado: núcleo e determinantes – Já vimos que sujeito e predicado organizam a relação predicativa, relação que constitui oração favorita e normal da língua portuguesa, organização que se traduz por marcas formais, como a concordância de número e pessoa, que estudaremos mais adiante.

O núcleo do predicado está constituído por uma classe de palavra chamada *verbo*; assim é que as orações ditas favoritas não dispensam o verbo, explícito, ou oculto pelas possibilidades da referência discursiva.

O predicado de uma oração pode ser *simples* ou *complexo*, conforme o conteúdo léxico do verbo que lhe serve de núcleo. Há verbos cujo conteúdo léxico é de grande extensão semântica; de modo que, se desejamos expressar determinada realidade, temos de delimitar essa extensão semântica mediante o auxílio de outros signos léxicos adequados à realidade concreta. Estes outros signos léxicos que nos socorrem nessa delimitação da extensão

semântica do verbo, verdadeiros delimitadores semânticos verbais, se chamam *argumentos* ou *complementos verbais*.

Os verbos que necessitam dessa delimitação semântica recebem o nome de *transitivos*:

O porteiro *viu o automóvel.*

Eles *precisam de socorro*.

Os verbos que apresentam significado lexical referente a realidades bem concretas não necessitam de outros signos léxicos, como fazem os que integram predicados complexos. Dizemos, então, que o predicado é *simples*. A tradição gramatical chama *intransitivos* a tais verbos:

Ela não *trabalha*.

José *acordou* cedo.

As crianças *cresceram* rapidamente.

Um mesmo verbo pode ser usado transitiva ou intransitivamente, principalmente quando o processo verbal tem aplicação muito vaga:

Eles *comeram* maçãs (transitivo).

Eles não *comeram* (intransitivo).

Esta particularidade só é possível quando a extensão significativa do verbo aponta para um termo geral (arquilexema) que englobe a natureza de todos os signos léxicos que naturalmente apareceriam à direita do verbo:

Eles *bebem* pouco (algo líquido: *água*, *refrigerante*, *suco*, etc.).

O aluno não *escreveu* (um texto: *bilhete*, *carta*, *oração*, etc.).

E é justamente por isso que não se podem usar intransitivamente, a não ser que os entornos venham em socorro da perfeita compreensão da mensagem, predicados do tipo:

Ele ofereceu

Nós reparamos,

já que o signo lexical do complemento não pode ser preenchido por um signo léxico abrangente, um arquilexema, como ocorreu nos exemplos anteriores.

Certos verbos normalmente transitivos, quando empregados intransitivamente, podem adquirir especial matiz semântico:

Ele não *vê* / 'não enxerga', 'é cego'

Já não *bebe* / 'abandonou o alcoolismo'

Ainda não *lê* / 'é analfabeto'

Por tudo isto, conclui-se que a oposição entre transitivo e intransitivo não é absoluta, e mais pertence ao léxico do que à gramática.

1) Os tipos de argumentos determinantes do predicado complexo

a) O complemento direto ou objeto direto – O predicado complexo acompanha-se de tipos diferentes de argumentos, conhecidos por *complementos verbais*.

O primeiro deles é o *complemento direto*, também chamado *objeto direto*, representado por um signo léxico de natureza substantiva (substantivo ou pronome) não introduzido por preposição necessária:

Os vizinhos não viram *o incêndio*.

Não encontramos *os responsáveis*.

O pai comprou *nova casa*.

Constituído, como o sujeito, por expressão substantiva não marcado por um índice funcional (a preposição, neste caso), o complemento direto se distingue do sujeito por vir à direita do verbo (o sujeito vem normalmente à esquerda) e não influir na flexão deste. Assim, a troca de posição destes dois termos na oração está circunscrita aos casos em que dela não resulte ambiguidade ou ruído de comunicação, principalmente no texto escrito. No texto oral, são as pausas e a entonação elementos decisivos para que a oração respeite a intenção comunicativa do falante, sem deixar de haver também, é evidente, a contribuição dos entornos:

José viu o irmão não é a mesma coisa que *O irmão viu José*. Mas já em *José viu os irmãos* e *Os irmãos viu José*, a flexão do verbo no singular patenteia que o sujeito, nas duas orações, só pode ser *José*.

A identificação deste tipo de complemento se faz, além da não presença de preposição necessária, mediante as seguintes estratégias:

a) a comutação do complemento direto pelos pronomes pessoais *o*, *a*, *os*, *as*, marcados formalmente com o gênero e o número do termo comutado:

Os vizinhos não viram *o incêndio* / ... não *o* viram
Não encontramos *os responsáveis* / ... não *os* encontramos
O pai comprou *nova casa* / ... *a* comprou

b) a passagem da oração na chamada voz ativa para a oração de voz passiva, mediante a qual o sujeito da ativa se transforma em agente da passiva introduzido pela preposição *por* (na combinação *per*), enquanto o complemento direto da ativa passa a sujeito da passiva:

Os vizinhos não viram *o incêndio* / *O incêndio* não foi visto *pelos vizinhos*.
Não encontramos *os responsáveis* / *Os responsáveis* não foram encontrados *por nós*.
O pai comprou *nova casa* / *Nova casa* foi comprada *pelo pai*.

c) a substituição do complemento direto pelos pronomes interrogativos *quem?* [é que] (para pessoas) e [o] *que* [é que]*?* antes da sequência sujeito + verbo, ou antes dos verbos *fazer* ou *acontecer*:

O caçador viu *o companheiro*.
Quem é que o caçador viu? – *o companheiro* (complemento direto)
O caçador viu *o lobo*.
Que é que o caçador viu? – *o lobo* (complemento direto)

d) finalmente, a transposição (topicalização) do complemento direto para a esquerda do verbo, operação que permite a presença de um pronome pessoal objetivo no local vizinho ao verbo onde deveria estar o complemento direto:

O caçador viu *o lobo* / *O lobo*, o caçador *o* viu

Nenhuma dessas estratégias por si só é operação infalível na identificação do complemento

direto; devemos, portanto, utilizar mais de uma estratégia, porque:

a) nem todo predicado complexo de oração de voz ativa admite a passagem à oração de voz passiva; ocorre o fato com certos verbos, como os seguintes [AB.1]:

*Eu quis o livro → *O livro foi querido por mim.*
*Cremos isso → *Isso é crido por nós.*
*O aluno tem o livro → *O livro é tido pelo aluno.*
*Os refugiados perderam tudo → *Tudo foi perdido pelos refugiados.*
*O atleta pesava 60 quilos → *60 quilos eram pesados pelo atleta.*

b) por outro lado, certos predicados complexos delimitados por signo léxico não constituído com complemento direto também admitem a transformação de oração de voz ativa em oração de voz passiva:

Assistimos à missa → A missa foi assistida por nós.
O proprietário pagou aos operários → Os operários foram pagos pelo proprietário.
O diretor perdoará aos alunos → Os alunos serão perdoados pelo diretor.
Os cidadãos obedecem à lei → A lei é obedecida pelos cidadãos.
Todos responderam ao anúncio → O anúncio foi respondido por todos.
Apelaram da sentença → A sentença foi apelada.
Não aludiram a essas razões → Essas razões não foram aludidas.

c) não são naturais, embora gramaticalmente possíveis, as perguntas com *quem*?, *que*? nas frases cujos predicados complexos contêm verbos que significam medida, peso, preço e tempo:

O corredor mede cinco metros.
O atleta pesa sessenta quilos.
O novo carro custou trinta mil reais.
O filme durou três horas.

d) também não são frequentes, embora gramaticalmente possíveis, as pronominalizações com os verbos da natureza semântica referida no item anterior:

O corredor mede-os.
O atleta pesa-os.
O novo carro custou-os.
O filme durou-as.

b) Objeto direto preposicionado – Não raro o objeto aparece iniciado por preposição:

Amar a Deus sobre todas as coisas.

A preposição quase sempre aparece para evidenciar o contraste entre o sujeito e o complemento, não se confundindo com o caso do posvérbio, porque este repercute na significação do verbo. Ocorre o objeto direto preposicionado nos seguintes casos principais:

a) quando se trata de pronome oblíquo tônico (uso hoje obrigatório):

"Nem ele entende *a nós*, nem nós *a ele"* [LC.1, V, 28].

b) quando, principalmente nos verbos que exprimem sentimentos ou manifestações de sentimento, se deseja encarecer a pessoa ou ser personificado a quem a ação verbal se

dirige ou favorece:

Amar *a Deus* sobre todas as coisas.

Consolou *aos amigos*.

c) quando se deseja evitar confusão de sentido, principalmente quando ocorre:

1) *inversão* (o objeto direto vem antes do sujeito):

A Abel matou Caim.

2) *comparação*:

"Isto causou estranheza e cuidados ao amorável Sarmento, que prezava Calisto como *a filho*" [CBr.1, 80].

OBSERVAÇÃO: Sem preposição poder-se-ia interpretar *filho* como sujeito: *como filho preza*; todavia, o uso da preposição neste caso não é gramaticalmente obrigatório.

d) na expressão de reciprocidade: *um ao outro*, *uns aos outros*:

Conhecem-se *uns aos outros*.

e) com o pronome relativo *quem*:

Conheci a pessoa *a quem* admiras.

f) nas construções paralelas com pronomes oblíquos (átonos ou tônicos) do tipo:

"Mas engana-se contando com os falsos que nos cercam. Conheço-os, e *aos leais*" [AH.3, 102].

g) nas construções de objeto direto pleonástico, sem que constitua norma obrigatória:

"Ao ingrato, ou não o sirvo, porque (para que) me não magoe" [RLb.2, 278].

c) A preposição como posvérbio – Muitas vezes aparece depois de certos verbos uma preposição que mais serve para lhes acrescentar um novo matiz de sentido do que reger o complemento desses mesmos verbos:

Arrancar a espada.

Arrancar da espada (acentua a ideia de uso do objeto e a retirada total da bainha ou cinta).

Cumprir o dever.

Cumprir com o dever (acentua a ideia de zelo ou boa vontade para executar algo).

Fiz que ele visse.

Fiz com que ele visse (acentua a ideia do esforço ou dedicação empregada).

A preposição que se emprega nestes casos deu-lhe o Prof. Antenor Nascentes o nome de *posvérbio* [AN.2, 17].

d) O complemento relativo – O predicado complexo também pode conter verbo cujo conteúdo léxico é de grande extensão semântica, que exige outro tipo de signo léxico que delimite e especifique a experiência comunicada, à semelhança do que vimos com o complemento direto. A diferença é que neste segundo caso o determinante do predicado complexo vem introduzido por preposição; a tal termo preposicionado chamamos *complemento relativo* [RL.1, 251]:

Todos nós *gostamos de cinema*.

O marido não *concordou com a mulher*.

Poucos *assistiram ao concerto*.

O comerciante não *confiou no empregado*.

A preposição que introduz o complemento relativo constitui uma extensão do signo léxico verbal como parece indicar o fato de que cada verbo se acompanha de sua própria preposição, por servidão gramatical.

A escolha de qual preposição deva introduzir este complemento relativo depende da norma estabelecida pela tradição, tradição que pode permitir, às vezes, o emprego variado e indiferente de mais de uma preposição:

Ela se parece *ao* pai Ela se parece *com* o pai.

Há, todavia, certos usos gramaticalmente previsíveis, como a frequente identidade do prefixo e da preposição (*depender de*, *concorrer com*, *agregar a*, por exemplo), ou a preferência relativa da preposição *de* depois de verbos pronominais (*arrepender-se de*, *queixar-se de*, *lembrar-se de*, *condoer-se de*, por exemplo), o que não deixa de ser aspectos da historicidade da norma.

A identidade, como termos funcionais argumentais do predicado complexo, entre o complemento direto e o complemento relativo justifica a quase nula frequência de coexistirem os dois termos no mesmo predicado, e nenhuma na coordenação deles:

O vizinho disse *mentiras do primo*.

O comerciante encheu *o copo de vinho*.

A jovem pôs *os livros na estante*.

Por outro lado, essa identidade funcional explica a possibilidade de, para muitos verbos, alternar a construção do complemento direto com o complemento relativo e até a norma admite indiferentemente qualquer dos dois complementos:

Ajudar a missa	*Ajudar à missa*
Atender o telefone	*Atender ao telefone*
Assistir os carentes	*Assistir aos carentes*
Chamar românicas essas línguas	*Chamar românicas a essas línguas*
Presidir a sessão	*Presidir à sessão*
Satisfazer o pedido	*Satisfazer ao pedido*

No decurso do tempo e nas variedades linguísticas (diatópicas, diastráticas e diafásicas é muito documentada essa mudança entre o complemento direto e o complemento relativo; assim, já se usaram como complemento relativo (o que hoje se fixou como complemento direto) os verbos *socorrer*, *contentar* e muitos outros.

O signo léxico que representa o complemento relativo é comutável pelos pronomes pessoais tônicos *ele*, *ela*, *eles*, *elas*, introduzidos pela respectiva preposição, marcando o gênero e o número da expressão substantiva comutada:

Todos gostam *do ator*. Todos gostam *dele*.

Os turistas assistiram *à opera*. Os turistas assistiram *a ela*.

O comerciante não confiou *nos empregados*. O negociante não confiou *neles*.

Porque delimitam a extensão semântica do signo léxico do predicado complexo, incluem-se como complemento relativo os argumentos dos verbos ditos locativos, situativos e direcionais, o que permite sua comutação com advérbios de equivalência semântica:

Seus parentes moram *no Rio*. / Seus parentes moram *aqui*.

O artista já não vive *em São Paulo*. / O artista já não vive *lá*.

Iremos *a Petrópolis*. / Iremos *aí* (*ali*).

Ela chegou *do Ceará*. / Ela chegou *de lá*.

OBSERVAÇÃO: Não há unanimidade entre os estudiosos em considerar tais argumentos do predicado complexo como complementos relativos. Levando em conta exclusivamente o aspecto semântico, muitos preferem considerar tais termos como adjuntos circunstanciais ou adverbiais, que estudaremos mais adiante. Pelas mesmas razões, também não é unânime a identificação como objeto direto argumentos do predicado complexo que têm por núcleo verbos que significam medida, peso, preço e tempo. A verdade é que significados gramaticais ["agente", "paciente", "locativo", "direção", etc.] se manifestam mediante esquemas sintáticos muito variados. Repare-se que, numa oração como *O policial acompanhou o idoso ao banco na hora do tumulto*, o termo indicativo do lugar (*ao banco*) é inerente ao predicado, e, portanto, não pode ser dispensado, como ocorre com *na hora do tumulto* [E. Paiva, 71 e ss.]

e) O complemento objeto indireto – Integrada a delimitação da amplitude semântica do predicado complexo mediante um signo léxico (*complemento direto* ou *complemento relativo*), pode aparecer um outro signo léxico, subsidiário desse conjunto da função predicativa, que denota geralmente relação a um ser animado, introduzido pela preposição *a* e que se refere à pessoa destinada ou beneficiada pela experiência comunicada no primeiro momento da intenção comunicativa do predicado complexo (verbo + argumento):

O diretor *escreveu cartas AOS PAIS*.

Os vizinhos *se queixaram* do *barulho À POLÍCIA*.

Este novo argumento do predicado complexo se chama *complemento* ou *objeto indireto* [HB.1, 261] e apresenta as seguintes características formais e semânticas: a) é introduzido apenas pela preposição *a* (raramento *para*); b) o signo léxico denota um ser animado ou concebido como tal; c) expressa o significado gramatical "beneficiário", "destinatário"; d) é comutável pelo pronome pessoal objetivo *lhe* / *lhes*, que leva a marca de número do signo léxico referido, mas não a de gênero, como ocorre no caso dos pronomes pessoais que comutam o signo léxico correspondente ao complemento direto (*o*, *a*, *os*, *as*) ou ao complemento relativo (prep. + *ele*, *ela*, *eles*, *elas*).

Enviaram o presente *à aniversariante*. / Enviaram-*lhe* o presente.

O diretor escreveu cartas *aos pais*. / O diretor escreveu-*lhes* cartas.

Acrescente-se ainda a possibilidade de poder esse pronome duplicar o complemento indireto na mesma oração, sem que este termo esteja obrigado a topicalizar-se, isto é, a aparecer antecipado na oração:

Sempre *lhe* dei *ao aluno* muita atenção.

Ao aluno sempre *lhe* dei muita atenção.

Assim, o complemento indireto é um termo que se distancia mais da delimitação semântica do predicado complexo e parece melhor um elemento adicional da intenção comunicativa que fica, no esquema sintático, a meio caminho entre os verdadeiros complementos verbais e os adjuntos circunstanciais.

Os estudiosos têm encontrado dificuldade em estabelecer um rigoroso critério de identificação do complemento indireto, preferindo servir-se concomitantemente de critérios

léxicos, formais e sintáticos.

A integração da relação predicativa se faz *imediatamente* com o complemento direto e relativo, e só *mediatamente* com o complemento indireto. Tanto é assim que em condições normais (isto é, quando não se trate de evidente elipse ou de auxílio de entorno, não se pode eliminar o complemento direto ou complemento relativo, mas é possível não anunciar o complemento indireto:

Vi o acidente	*Vi
Preciso do auxílio	*Preciso

mas:

Escrevi cartas aos pais	Escrevi cartas
Queixou-se da turma ao diretor	Queixou-se da turma

Embora o complemento ou objeto indireto integre o conjunto *verbo + complemento direto* ou *complemento relativo*, as circunstâncias do discurso (os entornos, a referência anterior ou seguinte no discurso) permitem que se omita o complemento direto ou complemento relativo, permanecendo na oração apenas o indireto, ou se pode omiti-lo, deixando apenas um daqueles complementos:

O diretor escreveu *aos pais*. O diretor escreveu *cartas*.

Os vizinhos se queixaram *à polícia*. Os vizinhos se queixaram *do barulho*.

f) Objeto indireto e adjuntos com *para* – Cabe insistir que a preposição que introduz o complemento indireto é *a*; muitas vezes, parece que, nesta função, se acha a preposição *para*, já que *a* e *para* se alternam em muitos esquemas sintáticos, mas não quando se trata do complemento indireto, o que só raramente acontece:

Alguns alunos compraram flores *para a professora*.

Se prestarmos atenção, *para a professora* do exemplo não introduz o termo que funcionaria como complemento indireto, e a prova disto está na possibilidade, na referida oração, de aparecer um complemento indireto:

Alguns alunos compraram flores *ao florista* para a professora.

Note-se que se *ao florista* e *para a professora* exercessem a mesma função de complemento indireto, deveriam aparecer coordenados mediante a conjunção *e*, como ocorre com todos os termos de igual valor gramatical. Não seria possível construir a seguinte oração:

Alguns alunos compraram flores *ao florista e para a professora*.

Diante de uma oração como a nossa

Alguns alunos compraram flores *ao florista para a professora*,

a pronominalização só pode ser comutada com o objeto indireto *ao florista*:

Alguns alunos compraram-lhe flores para a professora.

mas não:

*Alguns alunos compraram-lhe ao florista.

g) Construção especial com objeto indireto – Um pequeno número de verbos contraria o princípio geral que aqui adotamos, segundo o qual o objeto indireto integra a função predicativa exercida por *verbo* + *argumento* (objeto direto ou complemento relativo).

A notícia não agradou *ao povo*.

A notícia não *lhe* agradou.

Ocorre esta construção com verbos como *agradar*, *desagradar*, *pertencer*, *ocorrer*, *acontecer*, *saber* (= sentir sabor), *cheirar* (= sentir o cheiro), *interessar*, *aparecer*, *sorrir* (= aparecer favoravelmente).

O imóvel pertence *aos herdeiros* (pertence-*lhes*).

Esses fatos *lhe* aconteceram repentinamente.

Isto não *lhe* sabe bem.

O café *lhe* cheira bem.

Apareceram-lhe uns ruídos estranhos.

A sorte *lhe* sorriu nesta semana.

h) Os chamados "dativos livres" – Os objetos indiretos vistos nesta seção são argumentos sintático-semânticos extensivos da função predicativa do conteúdo comunicado nas respectivas orações.

Todavia, remanescentes de construções, algumas das quais da sintaxe latina, aparecem sob forma de objeto indireto, nominal ou pronominal, alguns termos que não estão direta ou indiretamente ligados à esfera do predicado: são os chamados *dativos livres*, representados pelos seguintes tipos:

a) *dativo de interesse* (*dativus commodi et incommodi*) – é aquele mediante o qual se indica de maneira secundária a quem aproveita ou prejudica a ação verbal:

Ele só trabalha *para os seus*.

Ele ligou-*me* amavelmente a luz [MV.2, 123].

Este dativo fica muito próximo da circunstância de fim ou proveito (beneficiário).

b) *dativo ético* – é uma variedade do anterior, muito comum da linguagem da conversação, e representa aquele pelo qual o falante tenta captar a benevolência do seu interlocutor na execução de um desejo:

Não *me* reprovem estas ideias!

Não *me* mexam nos papéis!

Ele sempre *te* saiu um grande mentiroso.

Não *me* enviem cartões a essas pessoas.

Repare-se que, neste último exemplo, o verbo se acompanha de complemento direto (*cartões*) e indireto (*a essas pessoas*), enquanto o pronome *me*, fora da esfera da transitividade verbal, denuncia o meu interesse de que a tais pessoas não sejam enviados cartões.

c) *dativo de posse* – exprimem o possuidor:

O médico tomou o pulso *ao* doente (tomou-*lhe* o pulso).

Doem-*me* as costas.

O vaso partiu-se-*me* [MV].

d) *dativo de opinião* – exprime a opinião de uma pessoa:

Para ele a vida deve ser intensamente vivida.

Para nós ela é a culpada.

A alguns destes dativos o velho e grande filólogo venezuelano Andres Bello chamava *dativos supérfluos*.

Isto evidencia que os pronomes adverbiais átonos, especialmente o caso do *lhe* como símbolo formal do objeto indireto, cobrem outras funções além daquela de complementação verbal.

i) O complemento predicativo – Um grupo reduzido de verbos integra o predicado complexo acompanhado de outro tipo de argumento verbal conhecido pelo nome de *complemento predicativo* ou tão somente *predicativo*. Estes verbos se caracterizam por uma referência tão vaga à realidade comunicada, que fazem do predicativo um argumento, pelo aspecto semântico, muito mais intrinsecamente relacionado com o verbo do que os demais integrantes do predicado complexo (os complementos direto, relativo e indireto) e portador de referência a traços essenciais do sujeito.

Esta pequena lista de verbos inclui *ser*, *estar*, *ficar*, *permanecer*, *parecer* e poucos outros, que aparecem matizados semanticamente pelo signo léxico que funciona como predicativo:

O trabalho *é* proveitoso.

Janete *é* minha irmã.

As alegrias *eram* passageiras.

O céu *está* azulado.

Os argumentos *permaneceram* incompletos.

A situação *parecia* resolvida.

Esses livros não *são* seus.

Se atentarmos para o aspecto formal, tirante o fenômeno da concordância do predicativo com o sujeito, verificaremos que há pontos de contato entre este predicativo e o complemento direto: a) ambos matizam a extensão semântica do verbo, funcionando como seu delimitante; b) aparecem normal e imediatamente (sem preposição) à direita do verbo; c) são comutados por pronome átono, ainda que de maneira diferente, quando o verbo é *ser*, *estar*, *ficar*, *parecer*; d) e, finalmente, porque muitas das construções oracionais com predicativo são equivalentes na designação, isto é, na referência à realidade comunicada, são equivalentes a orações com verbos que exprimem ação e processo, especialmente se o verbo está no presente: *Pedro é cantor* / *Pedro canta*; *O colega está irritado* / *O colega irrita-se.*

Tais aproximações levaram alguns estudiosos a considerar que, em orações do tipo, *Ele é meu irmão*, *meu irmão* poderia identificar-se com o *complemento direto*; outros, adotando a distinção, insistiam em juntar essas duas como variantes funcionais duma só função.

A primeira particularidade formal que distingue o predicativo dos demais argumentos verbais é a concordância (quando representada por adjetivo e alguns pronomes) em gênero e número com o sujeito da oração, conforme demonstram os exemplos acima.

A segunda particularidade é a possibilidade de comutação do predicativo pelo pronome invariável *o*, qualquer que seja o gênero e o número do núcleo do predicativo que substitui, quando o verbo é *ser*, *estar*, *ficar* e *parecer*:[109]

O trabalho é *proveitoso*. → O trabalho *o* é.

As alegrias eram *passageiras*. → As alegrias *o* eram.

Janete é *minha irmã* → Janete *o* é.

Mas:

A professora continua *doente* → * A professora *o* continua.

A terceira particularidade é a impossibilidade de ser a oração com tais verbos construída na voz passiva, como ocorre com a que tem complemento direto.

A quarta particularidade é a incompatibilidade de aparecer com o seu representante invariável *o* na mesma oração:

Filipe é *simpático*. Filipe *o* é. *Filipe *o* é *simpático*

2) Vale a pena distinguir predicado verbal e predicado nominal? – Tal esvaziamento do signo léxico representado por esses verbos, esvaziamento que se supre com o auxílio de um nome (substantivo ou adjetivo), e a particularidade de concordar o predicativo em gênero e número com o sujeito levaram a uma distinção entre predicado *verbal* (*Pedro canta*) e predicado *nominal* (*Pedro é cantor*, *Maria é professora*), o que implicava retirar de tais verbos o *status* de verbo, – pois sua missão gramatical se restringiria a "ligar" (daí os nomes de *copulativos*, *de ligação* ou *relacionais* que se lhes atribuíam) o predicativo ao sujeito. A realidade comunicada residiria no nome predicativo e o verbo seria apenas o marcador do tempo, modo e aspecto da oração. Ora, do ponto de vista funcional e formal, tais verbos apresentam todas as condições necessárias à classe dos verbos, incluindo-se aí os morfemas de gênero, número, pessoa, tempo e modo; daí acompanharmos neste livro os linguistas e gramáticos que defendem a não distinção entre o *predicado verbal* e o *predicado nominal*, incluindo também a desnecessidade de distinguir o *predicado verbo-nominal* [EBv.1, cap. 13 e 16]. Toda relação predicativa que se estabelece na oração tem por núcleo um verbo.

Como o signo linguístico que aparece na função de predicativo costuma ser um nome – substantivo ou adjetivo –, a tradição gramatical passou a designar *nominal* a esse tipo de predicado complexo, para diferi-lo dos outros chamados *verbais*. Além da sem razão dessa diferença, conforme acabamos de ver, cabe lembrar que funcionam como predicativo outras classes de palavras, inclusive advérbios.

João é meu *irmão*.
O sol está *quente*.
Os argumentos continuam os *mesmos*.
Ela mais parece uma *Maria vai com as outras*.
Os vizinhos estão *bem*.
Os jovens são *assim*.
O primo é *dos nossos*.
A mesa parece *de madeira*.
Nós somos *do Norte*.
As provas parecem *de boas fontes*.
Está *tarde*.
O compromisso está *de pé*.
Ela estava *que estava*.

Observações:

1.ª) Levada pela equivalência do conteúdo do pensamento designado com orações declarativas que têm por núcleo os verbos *ser*, *estar* ou outro adequado à intenção comunicativa, a tradição tem considerado que há elipse de um de tais verbos em

enunciados como os seguintes, comuns em provérbios, refrãos, clichês do discurso repetido, isto é, de fórmulas fossilizadas da língua ou a elas assimiladas:

Tal pai, tal filho.

Casa de ferreiro, espeto de pau.

Povo educado povo limpo.

Na realidade, trata-se de exemplos de frases de estrutura bimembre, de que falaremos mais adiante, em que não há necessidade de se apelar para elipse.

2.ª) Conforme já vimos, um mesmo verbo pode ser usado de maneira diferente, conforme a realidade comunicada; vejamos, por exemplo, o verbo *virar*:

O tempo virou (usado num predicado simples, intransitivamente).

O vento virou o barco (usado num predicado complexo, com o argumento complemento direto *o barco*).

O vizinho virou fera (usado num predicado complexo, com o argumento predicativo *fera*).

3) A posição do predicativo – A construção básica da oração apresenta o predicativo à direita do verbo: *Meu amigo é inteligente*. Mas pode apresentar uma construção derivada em que o predicativo se antecipa e aparece antes do sujeito. Se o predicativo é representado por adjetivo, não há dificuldade em identificá-lo como tal: *Inteligente é meu amigo*, em que inteligente, apesar de colocar-se antes do sujeito *meu amigo* continua a exercer a função de predicativo. Todavia, a dificuldade pode surgir, se o sujeito e o predicativo estão representados por dois substantivos ou um substantivo e um pronome:

O meu amigo é o padrinho. / O padrinho é o meu amigo.

Eu sou o padrinho. / O padrinho sou eu.

João é o padrinho. / O padrinho é João.

Pelo expediente da comutação podemos com facilidade assinalar a correta classificação, já que vimos que o predicativo é, nesses casos, comutável com o pronome invariável *o*; quando não se trata do verdadeiro predicativo, a comutação não se mostra natural:

O meu amigo é o padrinho → O meu amigo o é.

*O padrinho é o meu amigo → *O padrinho o é.*

Eu sou o padrinho → Eu o sou.

*O padrinho sou eu → *O padrinho o sou.*

João é o padrinho → João o é.

*O padrinho é João → *O padrinho o é.*

É justamente pela comutação que no exemplo *Seu orgulho eram os velhinhos* ficamos sabendo que houve apenas inversão do predicativo: Os velhinhos *o* eram / *Seu orgulho *o* era.

Tiramos, assim, duas conclusões importantes para a sintaxe:

a) *Seu orgulho eram os velhinhos* é uma construção derivada da construção básica *Os velhinhos eram seu orgulho*;

b) em *Seu orgulho eram os velhinhos* o verbo concorda com seu verdadeiro *sujeito* (*os velhinhos*), e não com o predicativo (*seu orgulho*) [VK.1, 438].

Ainda a comutação vem pôr luz a um falso problema de classificação sintática de *dez horas* na oração de função predicativa não referida (a oração não tem sujeito): *São dez horas*.

A classificação corrente é atribuir a *dez horas* a função de predicativo. Como o verbo é impessoal e está, por concordância atrativa, no plural, tem-se-lhe proposto a função de sujeito. Ora, a comutação nos mostra ser a classificação como predicativo a única possível:

*São dez horas? – São-**no**.*

Jamais o sentimento linguístico do falante aceitaria como normal:

São dez horas? – ***Elas** são*,

como seria, se o sujeito fosse *dez horas*.

4) Outro tipo de predicativo: *anexo predicativo* – Esse determinante predicativo não se restringe à referência ao sujeito, em orações com o concurso de verbos como *ser*, *estar*, *ficar*, etc. Pode aparecer em predicados simples e complexos, com o concurso de verbos outros de ação ou processo, referidos ao sujeito, ao complemento direto, ao complemento relativo e ao complemento indireto (talvez restrito ao verbo *chamar* 'dar nome'):

Ele estudou *atento*. Ela estudou *atenta* (predicativo do sujeito).

Os trens chegaram *atrasados* (predicativo do sujeito).

O auditório ouviu os conferencistas *atento* (predicativo do sujeito).

A polícia encontrou a porta *arrombada* (predicativo do complemento direto).

Definiu-se o caso como *impossível* (predicativo do sujeito) [ABo.1, 71].

Tratou-se da questão como *insolúvel*. (predicativo do complemento relativo).

Nós lhe chamávamos *doutor* (predicativo do complemento indireto).

Não é raro vir o predicativo precedido de preposição ou palavra equivalente:

Tachou-o *de louco*.

A maioria tinha o réu *por* (ou *como*) *inocente*.

"Jesus, pareces desenterrado! exclamou assustadíssima a pobre mulher, vendo-o *pálido e de olheiras* cavadas e negras" (AFg, 118).

Com o verbo *chamar* podemos dizer:

Chamaram-no *tolo* / *de tolo*.

Chamaram-lhe *tolo* / *de tolo*.

Acompanham-se de predicativo do complemento direto os verbos:

a) que significam 'chamar' e 'ter na conta de': *chamar*, *considerar*, *reputar*, *julgar*, *supor*, *declarar*, *intitular*, *crer*, *estimar*, *ter* e *haver por*, *dar* e *tomar por*, etc.;

b) *deixar*, *ver*, *ouvir*, *encontrar*, em construções do tipo:

Viu-o *vivo e forte*.

Deixei-o *de cama* e encontrei-o *sarado*.

Pode o predicativo que exprime resultado ou consequência do processo verbal, indicar a situação anterior e a que resulta da mudança:

O secretário passou José *de auxiliar a chefe*.

À semelhança do predicativo em predicado complexo com *ser*, *estar*, etc., esse argumento concorda em gênero e número com o núcleo referido, e por isso tem merecido em muitos autores a classificação de *predicativo*; todavia há entre os dois predicativos diferenças:

a) é normalmente representado por um adjetivo, enquanto o outro tipo de predicativo pode vir expresso por adjetivo, substantivo, pronome, advérbio, etc.;

b) este último determinante apresenta-se numa relação semântica intermédia, entre a realidade comunicada pelo verbo e uma qualificação ao signo lexical núcleo do sujeito ou do complemento verbal;

c) por essa maior frouxidão relacional com o verbo, pode ser suprimido sem provocar uma construção agramatical:

Ele é estudioso / **Ele é*; *Ele estudou atento* / *Ele estudou*; *O auditório ouviu os conferencistas atento* / *O auditório ouviu os conferencistas*;

d) ao contrário dos outros predicativos, esse determinante não pode ser comutado pelo pronome invariável *o*, mas por um advérbio como *assim*:

Ele estudou atento / Ele estudou *assim.* / Ela estudou *assim.*

A polícia encontrou a porta arrombada. / A polícia encontrou a porta *assim.*

e) essa relação com uma palavra de natureza adverbial (*assim*), permite a substituição do adjetivo por advérbio, resultando daí orações equivalentes na designação:

Ele estudou atento / Ele estudou atentamente; O auditório ouviu os conferencistas atento / O auditório ouviu os conferencistas atentamente.

Tais diferenças levaram alguns autores a dar outra classificação a predicativos dessa natureza; Said Ali chamou-lhes *anexo predicativo*, e cremos que, se houver necessidade de dar nomes diferentes a tais predicativos, a expressão pode ser utilizada. As propostas *predicativo atributivo* ou *atributo predicativo* também correm em bons autores [AK.1, 83; SL.1, 46-47].

Pode-se variar a construção em que entra esse segundo tipo de predicativo transpondo-o para junto do termo referido, caso em que se profere com breve pausa ou com pausa mais longa; neste último caso, usa-se vírgula na língua escrita:

Os rios corriam sonorosos.

Os rios sonorosos corriam.

Sonorosos corriam os rios.

Os rios, sonorosos, corriam.

OBSERVAÇÃO: No exemplo *Os rios sonorosos corriam* podemos ver em *sonorosos* tanto um adjunto adnominal de *rios* como um predicativo do sujeito. A intenção comunicativa do falante ou escritor, quando possível, dependerá do sentido textual que será resgatado mediante a gramática do texto ou análise gramatical. Para o responsável pelo conteúdo do pensamento designado não há essa ambiguidade, porque, como diz Coseriu, "os falantes intuem e conhecem determinadas relações entre paradigmas diversos de sua língua" [ECs.1, 254].

Dentro desta função do predicativo podemos incluir o determinante que denota o "tempo, hipótese, concessão, causa, comparação, ou debaixo de que respeito é considerada a pessoa ou cousa", na época referida pela relação predicativa [ED.2, 45,b]:

'Stamos em pleno mar... Doudo no espaço.

Brinca o luar – *dourada borboleta* [CAv.1, 92].

(isto é, "como dourada borboleta)

"*Rainha* esquece o que sofreu *vassala*" [BBo].

(isto é, "como rainha esquece o que sofreu quando vassala")

Também esses predicativos podem vir introduzidos por preposição ou advérbio, ou palavras em função equivalente:

Em rapaz dizia verdades que *quando velho* silenciou.

Audaz D. *Quixote* ele entrou na discussão.

Quando Presidente esqueceu-se das promessas *como candidato*.

Os exemplos acima podem ser reescritos sem os instrumentos verbais introdutórios, quando esses predicativos à moda latina emprestam ao enunciado certa energia e elegância. Neste caso são marcados por pausa, ainda que breve; no exemplo acima de Castro Alves, a pausa é indicada graficamente pelo travessão, enquanto no de Bocage não há sinal de pontuação, ainda que a pausa exista para que *rainha* não seja proferido com a linha melódica igual à que o marcaria como sujeito de *esquece*. O seguinte exemplo de Eça de Queirós é bom testemunho

desse tipo de predicativo marcado por pausa, para distingui-lo do adjetivo com função de adjunto adnominal; observe que a pausa, marcada por vírgula, é decisiva para tal distinção:

> Mas os meses passaram, naquela vida de uma regularidade triste de pêndulo, entre a casa e a farmácia e o grosso livro encadernado, onde ele devia copiar os *Esmaltes e Jóias*, permanecia ainda quase todo branco. Lá estavam os três poemas que o *Pensamento* acolhera: *Ofélia, A ti* – que era a Aninhas Serrana, *amada* – e *Mulher de Mármore* – que era a Aninhas Serrana, *odiada*! [EQ.1, 53-54]

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Levados pela equivalência designativa, alguns autores preferem considerar como se fossem orações abreviadas sem verbo explícito os predicativos introduzidos por *como*, *quando*, *porque*, por considerá-los, nestes casos, conjunções subordinativas:

Quando Presidente → Quando era Presidente...

2.ª)Exemplos como o já citado

Os rios, sonorosos, corriam,

aproximam formalmente este tipo de anexo predicativo.

5) O infinitivo e o gerúndio como predicativo 110 – Já tivemos oportunidade de ver que o infinitivo, como forma nominal do verbo, funciona também como substantivo: *Querer é poder*. *Escrever é um ato de cultura*.

Em *Convém prestar atenção aos conselhos*, *prestar atenção aos conselhos* (em que o infinitivo é núcleo de um predicado complexo, com objeto direto [*atenção*] e indireto [*aos conselhos*]) funciona unitariamente como sujeito explícito do núcleo *convém*.

Em *Vejo abrir a porta*, o infinitivo com seu objeto direto (*abrir a porta*) funciona unitariamente como objeto direto do núcleo *vejo*: *vejo-o*.

Mas em enunciados do tipo *Ouço soprar o vento* ou *Vejo crescer as árvores*, apesar de serem aparentemente análogos aos anteriores, temos outras construções em que entram como núcleo verbos que significam atos mentais de percepção, embora os conjuntos *soprar o vento* ou *crescer as árvores* possam ser comutados por pronomes adverbais átonos (Ouço-*o* e Vejo-*as*). Os substantivos *vento* e *árvores* não funcionam como objeto direto do infinitivo, mas sim dos núcleos *ouço* e *vejo*, razão por que são comutados por pronomes adverbais átonos: *Ouço-o* (= o vento) *soprar* e *vejo-as* (= as árvores) *crescer*, em cujo procedimento não se incluem os infinitivos *soprar* e *crescer*.

Agora, se compararmos as construções estudadas antes:

Encontrou a porta arrombada,

em que *arrombada* funciona como predicativo do objeto direto *porta* e em que, comutando este objeto direto por pronome adverbal átono, teremos:

Encontrei-a arrombada,

onde o predicativo *arrombada* não fica incluído na função de *a*.

Analogamente, nos nossos exemplos

Ouço-o soprar
Vejo-as crescer

os infinitivos funcionam como modificadores dos respectivos pronomes adverbais e funcionam como seus predicativos.

Desta maneira, não cabe falar aqui de "sujeito" de infinitivo exercido por *vento* e *árvores* nas construções:

Ouço soprar o vento / Ouço o vento soprar

Vejo crescer as árvores / Vejo as árvores crescer

A analogia se deve ao fato de *vento* e *árvores* serem, na análise do conteúdo semântico, *agente* da ação da atividade percebida, como em *O vento sopra* e *As árvores crescem*, o que não quer dizer que, naqueles exemplos, exerçam a função sintática de sujeito. Por isso, em *Ouço soprar o vento* e *Vejo crescer as árvores*, o normal é que não se precise flexionar o infinitivo, já que *vento* e *árvores* não funcionam como sujeito de *soprar* e *crescer*.

Repare-se que, ao comutar o objeto direto do núcleo *ouço* ou *vejo*, se tem de deixar à parte o infinitivo, que, como vimos, funciona como predicativo do objeto direto *vento* ou *árvores*:

Ouço o vento soprar → Ouço-o soprar.
Vejo as árvores crescer → Vejo-as crescer.

Tal como ocorreu com:

Encontrou a porta arrombada → Encontrou-a arrombada.

Se, como vimos, não se pode falar nestes casos de "sujeito" de infinitivo, também é impróprio afirmar que tais substantivos são "objeto direto" do núcleo *ouço* ou *vejo* e ao mesmo tempo "sujeito" do infinitivo.

A concordância que pode aparecer em

Ouço soprarem os ventos / Ouço os ventos soprarem.
Vejo crescerem as árvores / Vejo as árvores crescerem.

se deve à análise do conteúdo semântico da equivalência na designação, isto é, na referência à realidade percebida, com:

Ouço que os ventos sopram.
Vejo que as árvores crescem.

em que *ventos* e *árvores* são agentes e agora também sujeitos.

A diferença entre o *agente* da análise semântica e o sujeito da análise gramatical (da estrutura sintática) é comparável à que ocorre entre o *paciente* da análise semântica e o *sujeito* da construção sintática reflexiva em (só que aqui a língua padrão ainda não agasalhou o resultado do procedimento):

Alugam-se casas / Aluga-se casas.

Pelo mesmo efeito da equivalência na designação é que aparece o primeiro verbo no singular quando se combina com o pronome reflexivo se, procedimento que, na análise gramatical, passa os antigos objetos diretos (*ouço os ventos* / *vejo as árvores*) a sujeito do sentido passivo da nova construção:

Ouve-se soprar os ventos / Ouve-se os ventos soprar.
Vê-se crescer as árvores / Vê-se as árvores crescer.

Trata-se aqui de concordâncias tão irregulares à luz da análise gramatical e da tradição da língua exemplar, quanto as que ocorrem em:

Aluga-se casas.
Vende-se apartamentos.

Em lugar do infinitivo em função de predicativo, pode aparecer o *gerúndio*, quando é representado por signo léxico que denote atividade:

Ouço o vento soprando.
Vejo as árvores crescendo.
"No entanto ouvia [eu] as negras falando da morte dele com pavor" [JL.3, 37].

À semelhança da construção com infinitivo, a de gerúndio, na referência à realidade

percebida, pode ser substituída pela de relativo:

> Ouço o vento que sopra.
> Vejo as árvores que crescem.
> "Subitamente a chuva fustigou as vidraças; o primeiro bofar do vento fez ramalhar as árvores meias calvas; e *senti-o que se abismava* debaixo das arcarias de pedra" [AH.7, I, 139].

A mesma particularidade se repete com *eis*, que rigorosamente se acompanha de objeto direto:

> "... apenas os primeiros raios de sol faziam reluzir as armas,semelhantes no brilho trêmulo ao alvejar da geada, *ei-las* que pareciam rolar-se pelas encostas..." [AH.7, I, 172].

6) O complemento agente ("agente da passiva") – Um tipo de termo argumental não obrigatório é o que a gramática tradicional chama *agente da passiva*; caracteriza-se por ser um termo preposicionado marcado pela preposição *por* e, mais raramente por *de*, com verbos empregados como transitivos diretos na chamada voz ou construção passiva:

> Os exercícios foram feitos *por José*.
> O réu é condenado *pelo júri*.

Tal complemento de agente pode ser opcional, pois são construções gramaticalmente corretas:

> Os exercícios foram feitos.
> O réu é condenado.

A gramática tradicional tem posto este agente entre os complementos verbais em vista de seu relacionamento com o sujeito e com o complemento direto. Com o sujeito, porque, na transformação da estrutura passiva à estrutura ativa, o complemento agente passa a sujeito:

> Os exercícios foram feitos *por José* / *José* fez os exercícios.

Com o complemento direto, porque, enquanto este vem exigido pela característica gramatical da construção ativa, o agente o é da construção passiva.

Em geral, o complemento de agente apresenta o traço semântico *animado*, como revelam, nos exemplos acima, *José* (*por José*) e *júri* (*pelo júri*).

Quando não há o traço *animado*, pode apresentar o traço *potente*, representado lexicalmente por nome de coisa, mas capaz de praticar ou fazer desenvolver uma ação, como nos exemplos seguintes [PD.1, 46]:

> O menino foi atropelado *pelo ônibus escolar*.
> Os alpinistas foram surpreendidos *pelo vendaval*.

Dissemos que o complemento de agente pode vir introduzido pela preposição *de*, construção mais comum em outros tempos da história do português, e ainda usado literariamente; no português contemporâneo, *de* está praticamente restrito a unidades léxicas que exprimem sentimentos ou manifestações de sentimentos:

> Ela é estimada *de todos*.
> O professor não foi esquecido *dos alunos*.

Nem todo termo introduzido pela preposição *por* funciona como complemento de agente, principalmente se apresenta o traço *não animado*, referente a uma coisa, quando deve ser classificado como adjunto circunstancial de causa ou meio. Neste caso, *por* é comutável por outra preposição (p. ex., *com*) ou por locuções prepositivas do tipo *por causa de*, *por meio*

de, *em virtude de* e equivalentes:

O artista foi elogiado *pela sua técnica.*

Ficaram aborrecidos *pelas falsas promessas.*

Os ladrões foram encontrados *pela denúncia anônima.*

Em tais exemplos, a experiência comunicada em *pelas falsas promessas* e *pela denúncia anônima* pode ser expressa mediante outra construção:

Ficaram aborrecidos *com* (*por causa de*) *as falsas promessas.*

Os ladrões foram encontrados *em virtude de* (*graças a*) *denúncia anônima.*

Não é, portanto, a relação sintática, mas o contexto em que se enquadra a experiência comunicada, que irá resolver se se trata de um complemento de agente ou de adjunto circunstancial ou adverbial.

A construção dita "passiva pronominal" ou "passiva reflexa" (denominações melhores que "passiva sintética") não se acompanha, no português contemporâneo, do complemento de agente, como acontece na chamada construção passiva com auxiliar + particípio, vista até aqui.

Vendem-se casas.

O complemento de agente pode aparecer junto a substantivo ou adjetivo constituído por um signo léxico referido a um processo ou ação, como *assalto*, *vitória*, *derrota*, etc.

O assalto *pelo primeiro batalhão* foi decisivo.

O derrotado *pelo concorrente* achou justa a classificação.

7) Construção passiva e o predicativo – Partindo do fato de que a realidade comunicada nas orações *A casa está espaçosa* e *A casa está pintada* aponta ao sujeito *a casa* um atributo, muitos estudiosos não veem razão de estruturação sintática para distinguir o adjetivo *espaçosa* como predicativo do sujeito, e o signo léxico *pintada* como verbo na forma de particípio. Ora, já sabemos que um particípio verbal pode funcionar como adjetivo. A dificuldade desta distinção fica ainda mais notável, quando comparamos *A equipe é vencedora* e *A equipe é vencida*, em que, não havendo nenhuma diferença na estrutura sintática das duas orações, (um sujeito *a equipe*, um núcleo verbal e um termo que, à maneira dos predicativos, concorda em número com o núcleo da oração (o verbo) e em gênero e número com o sujeito explícito), a distinção repousa apenas no traço semântico 'ativo' do lexema *vencedora* em oposição ao traço semântico 'passivo' do lexema *vencido*.

Poder-se-ia objetar contra tal identificação dos dois termos o fato de poder levar o particípio *vencido*, ao contrário do predicativo como *vencedora*, uma expansão preposicionada "que se refere na realidade ao agente da atividade designada pelo signo léxico do particípio" [AL.1, 303], apesar do paralelismo da estrutura sintática.

Um argumento forte em favor de considerar o particípio como adjetivo e, assim, na função de predicativo, na construção dita "voz passiva", é a possibilidade de comutação do particípio pelo pronome invariável *o* – como ocorre com o signo léxico na função de predicativo:

A equipe é *vencedora.* A equipe *o* é.

A equipe é *vencida*. A equipe *o* é.
A equipe é *vencida* pelo adversário. A equipe *o* é pelo adversário.

Ocorre o mesmo se se trata de adjunto adverbial de causa ou meio, e não de complemento de agente.

A pressão é *controlada* com remédios. A pressão *o* é com remédios.
O artista foi *elogiado* pela sua técnica. O artista *o* foi pela sua técnica.

Fica, assim, ao analista optar por uma das duas maneiras, apesar dos fortes argumentos em favor da solução como predicativo. Neste livro, por motivação didática, seguimos a análise como passiva.

Os determinantes circunstanciais ou adverbiais

Se atentarmos para as frases:

A criança caiu da cama durante a noite
Os carregadores puseram o móvel na sala logo pela manhã
O marido acompanhou a esposa ao hospital na ambulância,

facilmente verificaremos que os termos *da cama* e *durante a noite* – para só ficarmos por enquanto no primeiro exemplo – denotam uma circunstância de lugar donde (*da cama*) e de tempo (*durante a noite*). Levada exclusivamente pelo aspecto semântico, a gramática tradicional igualou estes termos também sintaticamente, considerando-os ambos *adjuntos adverbiais*, isto é, como termos não argumentais, vale dizer, fora do âmbito da regência do verbo da oração, isto é, não pedidos por ele.

Ora, basta aplicarmos o *teste da redução* para verificarmos que o termo *da cama* é termo obrigatório, argumental, pois pertence à regência do verbo *cair*; assim, torna-se incompleta do ponto de vista sintático (e semântico, naturalmente) a oração sem este complemento relativo:

A criança caiu durante a noite.

Já não se dá o mesmo com a redução ou supressão do termo *durante a noite*:

A criança caiu da cama.

OBSERVAÇÃO: Para distinguir a identidade designativa de circunstância, presente em *da cama* e *durante a noite* da função sintática diferente dos dois termos, talvez fosse conveniente encontrar outra denominação para o *adjunto circunstancial* que evitasse a alusão à natureza de "circunstância".

Se *da cama* é o complemento relativo de *cair*, *durante a noite*, mero acréscimo à informação, à realidade comunicada, receberá a classificação de *adjunto circunstancial*. Os adjuntos adverbiais são semântica e sintaticamente opcionais. Respondem às clássicas perguntas *como?*, *quando?*, *onde?*, *por quê?*, enquanto o complemento relativo responde à pergunta *que? quem?*, precedidos da preposição que acompanha tradicionalmente o verbo:

Pedro fala sempre *de negócios* (fala de quê?: compl. relativo).
Pedro fala sempre *de memória* (como fala?: adjunto adverbial).

Se recorrermos ao teste de clivagem ou relevo mediante o usual instrumento *é ... que*/*quem*, verificaremos a diferença de resultado entre o complemento relativo e o adjunto adverbial:

É de negócios *de que* sempre fala o José.
É de memória *como* sempre fala o José [AL.1, 323].

Semanticamente, o papel desses adjuntos adverbiais é matizar o processo designado na relação predicativa, acrescentando à mensagem informações que o falante julga

indispensáveis ao conhecimento do seu interlocutor.

Entretanto, se o conteúdo semântico desses adjuntos adverbiais não oferece maiores problemas, seu comportamento sintático na oração é heterogêneo e requer maior atenção de quem procura descrever esse termo. Assim, a coesão dele ora é maior com o verbo ou com o sintagma verbal, ora faz referência a toda a oração, sem que com isso deixe de formar parte dela, à maneira dos termos marginais. São aspectos muitas vezes que fogem ao âmbito dos esquemas idiomáticos e entram no domínio da gramática do texto. É o caso, por exemplo, do termo *em casa* nas orações:

(1) *Em minha casa* grito eu.

(2) Eu grito *em casa*.

Enquanto na segunda, *em casa* afeta exclusivamente o verbo *grito*, na primeira *em minha casa* modifica a oração como um todo, a combinação *sujeito* + *predicado*, e esta coesão tênue com o verbo permite a possibilidade de pausa que normalmente aparece ao ser proferida a oração [PD.1, 18].

Tais variedades de coesão gramatical motivadas por objetivos pragmáticos, discursivos e entonacionais, têm levado estudiosos a enveredar por indagações de graus ou níveis de hierarquização de adjuntos adverbiais, tema que extrapola a natureza deste livro; por isso, consideraremos aqui todos estes casos uniformemente como adjuntos adverbiais.

Falam, assim, dos adjuntos adverbiais na condição de adjuntos de substantivos e adjetivos:

O inverno *em Campos do Jordão* é rigoroso.

Os conflitos *em praça pública* nem sempre são prenúncios de direitos feridos.

As brincadeiras *nas praias* são sempre ruidosas.

Retornando aos outros exemplos do início, notaremos que os termos *na sala* e *ao hospital*, apesar de semanticamente denotarem circunstâncias, funcionam como complemento relativo dos verbos *puseram* e *acompanhou*, respectivamente:

Os carregadores puseram o móvel logo pela manhã.
(sintaticamente incompleta)

Os carregadores *puseram* o móvel *na sala*.

O marido acompanhou a esposa na ambulância. (sintaticamente incompleta)

O marido *acompanhou* a esposa *ao hospital*.

Um termo preposicionado designativo da mesma circunstância (aqui "de lugar") pode exercer na oração diferentes funções sintáticas dependendo do conteúdo de pensamento designado, isto é, das circunstâncias concretas do discurso; por exemplo, *de Minas* é um complemento relativo em:

O escritor saiu jovem *de Minas*

é um complemento predicativo em:

O escritor é *de Minas*.

é um adjunto adverbial em:

O escritor telegrafou *de Minas*

é um adjunto adnominal em:

Os escritores *de Minas* gozam de muita aceitação

é um complemento nominal (de substantivo ou adjetivo):

Sua permanência *em Minas* foi breve.

Necessária na vida toda, a educação começa na infância.

Que não se trata de termos sintaticamente equivalentes mostra o fato de não poderem coordenar-se. Não é possível uma construção do tipo:

A criança caiu *da cama e durante a noite*,

como seria possível em:

As crianças caem *do balanço e do escorrega* durante o recreio.

Outra particularidade a ser observada entre as diferenças que separam o complemento relativo do adjunto adverbial é o caráter semântico bastante tênue (e às vezes até vazio) da preposição que introduz a primeira dessas funções que faz o papel de marca de função sintática, em oposição ao valor semântico da preposição que encabeça o adjunto adverbial. A preposição que marca o complemento relativo está determinada pela tradição do idioma, razão por que só muito raramente admite a substituição por outra preposição, salvo nos casos em que a mesma tradição o permite:

Preciso *do* livro.

*Preciso *ao* livro.

*Preciso *no* livro, etc.

Já a preposição que encabeça o adjunto adverbial conhece quase sempre a possibilidade dessa substituição:

Fez a horta *sob* as árvores.

Fez a horta *debaixo das* árvores.

Com frequência esses adjuntos adverbiais de conteúdo posicional ou temporal se combinam com uma ideia secundária de direção ou extensão, o que leva ao emprego concomitante de duas preposições:

Fez a horta *por debaixo das* árvores.

A janela estava aberta *desde pela* manhã.

A neve escorregou *de sobre* o telhado.

Enquanto no âmbito dos termos argumentais só pode existir no domínio da relação predicativa um só complemento direto ou indireto (salvo aqui os chamados dativos livres), predicativo ou complemento relativo – excluindo o caso de termos coordenados –, os adjuntos adverbiais não conhecem esta restrição, podendo aparecer quantos forem necessários à experiência comunicada:

De noite, o jovem trabalhava *em casa em companhia dos irmãos.*

Também ao contrário dos termos argumentais, se for elidido, o adjunto adverbial não exige preenchimento da casa vazia:

O jovem trabalhava em casa, em companhia dos irmãos.

O jovem trabalhava em companhia dos irmãos.

O jovem trabalhava.

1) Os principais tipos de adjuntos adverbiais – O adjunto adverbial constitui uma classe muito heterogênea – à semelhança do advérbio que normalmente desempenha o papel de seu núcleo – não só do ponto de vista formal como ainda do ponto de vista de valor semântico. Tal fato leva a que constantemente esteja a não delimitar com nitidez as fronteiras com outras funções sintáticas – conforme aqui mesmo já assinalamos – e com conteúdos de pensamento

designado vizinhos. Diante de tão vasta amplitude, fixar-nos-emos nos principais adjuntos adverbiais, detendo-nos aos aspectos mais interessantes à descrição gramatical e aos esquemas com que se representam tais funções nas circunstâncias concretas do discurso [PD.1, 30].

a) Adjuntos adverbiais de lugar – A característica de tais adjuntos é responder à pergunta *onde*?, precedido este advérbio ou não de preposição que marca a designação circunstancial (*donde?*, *por onde?*, *aonde, até onde*, etc.), em relação à ideia expressa pelo verbo, pelo sintagma, verbal ou ao conteúdo de uma oração dita principal.

Pedro trabalhava *em Petrópolis*. (onde?)
Pedro trabalhava *aí*. (onde?)
O professor tem parentes no *Recife*. (onde?)
Contemplamos *da janela* o cair da tarde. (donde?)
Procuraram-no *por toda a cidade*. (por onde?)
O atleta correu *até a chegada*. (até onde?)
"*Onde me espetam* fico". [M. de Assis]

Distinguimos, assim, vários matizes da ideia locativa: *lugar onde* ou *de situação*, *direção*, *origem* e *ponto de partida*, *lugar por onde*, *proximidade*, *distância*, *orientação*, *extensão*, etc., tanto numa perspectiva horizontal quanto na vertical.

Algumas expressões preposicionadas que funcionam como adjunto adverbial compartilham tanto do valor locativo quanto do temporal modal ou instrumental, como ocorre nas seguintes orações:

Ela me foi apresentada *na festa* (onde? ou quando?).
O primo não viaja *em avião* (onde? ou por que transporte?).

O advérbio núcleo do adjunto de lugar pode vir anteposto de um substantivo, e o conjunto precedido ou não de preposição, como ocorre nos exemplos:

O barco navegava *rio acima*.
O capitão anda *mundo fora*. (ou *afora*)
O sonâmbulo andava *casa dentro* (ou *pela casa dentro*).

b) Adjuntos adverbiais temporais – Respondem às perguntas *quando?*, *desde quando?*, *até quando?*, *durante quanto tempo?* e podem referir-se ao verbo, ao sintagma verbal ou a toda a oração:

A natureza *resplandece na primavera*. (referida ao verbo)
O fazendeiro *colhe frutas pela manhã*. (referido ao sintagma verbal *colhe frutas*)
De noite todos os gatos são pardos (referido a toda a oração).

Podem vir representados por advérbio, por sintagmas preposicionados ou por oração dita subordinada :

Augusto *não* trabalha *hoje*.
Estuda-se melhor *pela manhã*.
Ele saiu *quando o professor chegou*.

Também entre os adjuntos adverbiais de tempo distinguimos vários matizes temporais: o tempo propriamente dito, a duração, a quantificação temporal, a repetição, etc.:

Pedro não trabalha *hoje*.

Pedro trabalhou *das três às cinco*.

Pedro trabalhou *duas horas*.

Pedro trabalha *todos os dias*.

Os diversos tipos de adjuntos adverbiais de tempo podem vir ou não introduzidos por preposição ou locução prepositiva; estas matizam o valor temporal:

Não se trabalha *domingo* / *no domingo*.

Pedro não trabalha *hoje* / *por hoje*.

O vizinho viu televisão *até as três da madrugada*.

O baile terminou *depois das quatro*.

O aniversário será *daqui a cinco dias*.

OBSERVAÇÃO: Não se há de confundir o emprego da preposição *a* para indicar tempo vindouro com a expressão em que entra o verbo *haver* (há) para indicar tempo passado: Sairá *daqui a três horas* // Saiu *há três horas*.

Para a análise da oração em que, nestes casos, entra o verbo *haver*, veja-se o capítulo da oração complexa.

Em circunstâncias do tipo de

Pedro trabalha muitas horas,

o adjunto adverbial *muitas horas*, do ponto de vista semântico, se situa entre a ideia temporal e a quantitativa, zona limítrofe que explica como resultado, por exemplo, o uso indistinto do advérbio *já*, nitidamente temporal, e do advérbio *mais*, nitidamente quantitativo, em orações negativas do tipo:

Já não chove / Não chove *mais*.

No início, deve ter havido perfeita distinção; a ideia temporal existia em *Já não quero*, *Já não o tem*, *Já não serve*, onde o advérbio *já*, como lembra Morais (1813), se refere a "cousas que agora se acham em situação diversa da em que estavam antes" e a quantitativa em *Não quero mais*, *Não tem mais*. Sem levar em conta o trânsito semântico, alguns puristas consideram injustamente como galicismo o emprego temporal de *não mais* pelo *já não*, imitação servil, dizem, do francês *plus*. Ocorre que, nas orações citadas no início, poder-se-ia usar o *plus* francês como equivalente do *mais* (quantitativo) e do *já* (temporal): *Não quero mais* (*je n'en veux plus*), *Já não quero* (*je ne veux plus*) [PS.1, 603].

No Brasil, é mais geral o emprego de *não mais* em ambos os valores semânticos; em Portugal, como ensina Gladstone Chaves de Melo, *já não* é mais comumente usado "quando o que se focaliza é um trânsito de passado para presente", enquanto *não mais* se usa quando se quer "significar o futuro em relação ao tempo indicado pelo verbo" [GM.1, 111].

Também não têm razão os puristas na condenação da negativa enfática *já não...mais* em construções do tipo *Já não se faz mais musical como antigamente*. Ênfase nas orações negativas é fato corriqueiro nas línguas [OJ.1, 62-80; HS.1, 19-91].

Também apresentam pontos de contacto com a circunstância modal os advérbios de tempo do tipo de *rapidamente*, *de imediato*, *logo*, *num instante* e locuções equivalentes como *abrir e fechar de olhos*, *num piscar de olhos*, etc., que integram os adjuntos adverbiais de orações iguais a:

Saiu rapidamente.

Chegou de imediato.

Respondeu num piscar de olhos.

Essa ideia subsidiária de modo aproxima tais adjuntos adverbiais de outra função sintática já vista aqui, o anexo predicativo; basta que se use adjetivo (flexionado, para formalmente estabelecer a diferença de marca de função sintática):

Eles saíram rápidos.
Elas saíram rápidas.

Se se empregar *Ele saiu rápido*, *rápido* pode ser tanto considerado advérbio (=adjunto adverbial, igual a *rapidamente*), quanto adjetivo (=anexo predicativo). Já em *Ela saiu rápido*, *rápido* só pode ser classificado, graças à sua invariabilidade em gênero, como *advérbio* [HM.1, 55-56].

Como os locativos, o advérbio de tempo se deixa antepor de substantivo, conjunto que pode ou não vir introduzido por preposição:

Ela trabalhava *semana adentro*.
O fato ocorreu *dias atrás*.

c) Adjuntos adverbiais modais – Respondem à pergunta *como? de que modo ou maneira?* e se reportam ao verbo ou ao sintagma verbal da oração, para qualificar ou descrever como o processo verbal se realiza:

O aluno está escrevendo *bem*.
O fogo propagou-se *imperceptivelmente*.
Os vizinhos falaram do incêndio *com tristeza*.
Entraram no estádio *aos empurrões*.
Os ladrões fugiram *sem que fossem percebidos*.

Como vimos, podem tais adjuntos adverbiais estar integrados por advérbios, palavras ou sintagmas prepositivos com valor adverbial e orações inteiras; destas falaremos no capítulo sobre a oração complexa.

Muitas vezes a experiência que se comunica aproxima o valor modal de adjuntos adverbiais ao sentido modal ou qualitativo que se atribui ao sujeito e ao complemento direto por meio de um anexo predicativo.

Ela me cumprimentou muito educadamente / Ela me cumprimentou muito *educada*.

Esta aproximação semântica também ocorre quando a expressão encerra um sintagma preposicionado introduzido por *com* ou *sem* em construções alusivas à posse ou carência do sujeito ou de complemento direto; a melhor classificação parece ser como anexo predicativo [PD.1, 39].

O garoto chegou a casa *com a calça rasgada*.
Ele foi deitar-se *sem pijama*.

d) Adjuntos adverbiais de fim, de causa, de instrumento e de companhia – Característica comum a essas quatro circunstâncias adverbiais é que não podem ser representadas por meros advérbios, mas sim por sintagmas preposicionados ou, com exceção da de companhia, por uma oração subordinada, fato que estudaremos no capítulo da oração complexa:

Ele estudou *para médico* (fim).
Tremiam *de frio* (causa).
Fechou a porta *com a chave* (instrumento).

Saiu *com Maria* (companhia).

A realidade designada por meio desses adjuntos adverbiais pode ser equivalente àquela expressa por meio de complementos relativos:

O vizinho casou-se *com a prima*.

O garçom encheu o copo *de vinho*.

No que toca ao adjunto adverbial de fim, cabe não confundi-lo com o chamado dativo de interesse; este se refere sempre a pessoa e às vezes integrável pelo pronome *lhe*, e alude ao beneficiário ou prejudicado pelo processo verbal:

Mário trabalha *para a família*.

Comprou as flores [ao florista] *para a noiva*.

Como o complemento de agente da passiva é introduzido pelas preposições *por* e *de*, pode haver dificuldade em distingui-lo do adjunto adverbial de causa. Todavia, o agente da passiva está sempre representado por ser animado ou então capaz de praticar a ação verbal, além de, na transformação para a ativa, passar a sujeito; por seu turno, o adjunto adverbial de causa pode ter a preposição substituída pelas locuções *por causa de*, *devido a*, o que não se dá com o agente da passiva. Assim, estamos diante de agente da passiva em orações como:

A atriz foi bafejada *pela sorte* / *A sorte* bafejou a atriz.

A exposição era admirada *por todos* / *Todos* admiraram a exposição.

Já nas orações abaixo a expressão introduzida pela preposição *por* funciona como adjunto adverbial de causa:

O pintor foi admirado *pelos seus quadros*.

O jogador é expulso *pela falta desleal*.

Não é natural a transformação em ativa.

* Os quadros admiraram o pintor.

* A falta desleal expulsa o jogador.

Por outro lado, podemos substituir *por* pela locução *por causa de*:

O pintor foi admirado *por causa de seus quadros*.

O adjunto adverbial de causa, além das preposições *por*, *com* e *de*, pode vir introduzido por locuções prepositivas, como *por causa de*, *em virtude de*, *em razão de*, *devido a*, *graças a*, etc.:

Não saiu cedo *por causa da chuva*.

Houve faltas *devido à greve de ônibus*.

OBSERVAÇÃO: Não se usa neste emprego *devido* sem a preposição *a*: *Devido ao mau tempo* (e não *Devido o mau tempo*).

Em vez de um substantivo (ou pronome), pode vir um adjetivo usado neutralmente, para expressar a ideia de causa, aproximando o adjunto adverbial do anexo predicativo:

Os marginais fugiram *de medrosos*.

Por teimoso não viajou conosco.

Dentro da denominação de instrumento incluem-se circunstâncias afins, como o meio, a intermediação, a matéria, o domínio, o utensílio, e, por extensão, os contextos matemáticos do tipo de *multiplicar por*, *dividir por*:

Os amigos nunca viajaram *de avião*.

Mediu o quarto *com o metro*.

Escrever *à máquina*.

O jogador fez gol *com a proteção do juiz*.

Prenderam o ladrão *com a arma*.

O índice epidêmico foi multiplicado *por dois*.

A partida foi ganha *pela estratégia do técnico*.

Este último exemplo evidencia a possibilidade de aproximação designativa da circunstância de instrumento ao agente da passiva introduzido também pela preposição *por*. Um modo de distinguí-los, além da análise da experiência comunicada, é substituir a preposição *por* do instrumental por *com* ou *mediante*:

A partida foi ganha *com* (*mediante*) a estratégia do técnico.

Os adjuntos adverbiais de companhia repartem-se em dois grupos: os associativos, ou participativos e os que não o são. Os primeiros participam ou ajudam, ao lado do sujeito, ou, no caso de complemento verbal, são afetados pelo estado de coisas designado no predicado, como nos exemplos:

O capitão *com seus soldados* desbaratou o inimigo.

O professor *com seus colegas* dirigiu a exposição.

A diretora expulsou da sala o aluno *com os colegas de arruaça*.

Como exemplos de não participativos temos:

O colega trouxe *consigo* o livro pedido.

Minha irmã foi ao baile *com o vestido novo*.

O pai gostava dos filhos *com os avós*.

Pelos últimos exemplos, vê-se que a noção de companhia abarca o que é levado ou possuído pelo sujeito ou pelo complemento verbal.

O adjunto adverbial pode, por meio da preposição *sem*, assinalar a ausência ou a carência:

A garota já vai à escola *sem a mãe*.

Em muitos contextos, alguns desses adjuntos de companhia se aproximam dos de valor modal.

Com a presença do adjunto de companhia participativo pode o verbo da oração ir ao plural, como se se tratasse de um sujeito composto:

O capitão com seus soldados *desbaratou* o inimigo.

O capitão com seus soldados *desbarataram* o inimigo.

Em tais condições, a estrutura *sujeito + adjunto adverbial* pode alternar com a estrutura de sujeito composto:

O capitão e os seus soldados desbarataram o inimigo.

Se a estrutura gramatical permite esta alternância, do ponto de vista de estado de coisas comunicado, não é indiferente o emprego de um modo por outro; com o adjunto adverbial, a ênfase do processo verbal recai na pessoa do sujeito, enquanto na construção com sujeito composto desaparece essa ênfase especial.

e) Adjuntos adverbiais de quantidade – Tais adjuntos adverbiais respondem a perguntas do tipo *quanto?*, *até quanto?*, *em que medida?* e se repartem em intensivos ou gradativos, de medida e de preço, conforme a realidade designada:

Nesta região chove *mais* no verão.

Maria trabalha *muito* aos domingos.

Andaram *bastante* em busca de emprego.

A assistência ria *às bandeiras despregadas*.

O clube ganhou a partida *por dois a zero*.

O cavalo perdeu a corrida *por pescoço*.

Ela deixou de comprar o carro *por bom preço*.

Unidades léxicas designativas de unidades de tempo, peso, medida, preço, duração e quantidade que acompanham verbos (*durar*, *passar*, *percorrer*, *correr*, *medir*, *pesar*, etc.) empregados transitivamente, têm merecido classificações diferentes; há autores que as consideram adjuntos adverbiais:

O filme durou *uma hora*.

O atleta percorreu *dez quilômetros*.

A criança já pesa *vinte quilos*.

O viaduto mede *duzentos metros*.

Outros autores, levando em conta traços semânticos e sintáticos que caracterizam o complemento direto (além do valor de termo argumental, quase sempre estas unidades léxicas atendem aos testes da passiva, da integração, com a pergunta *que?*, etc.) preferem vê-los como verdadeiros objetos. Tome-se por exemplo, a oração:

O atleta percorreu *dez quilômetros*,

verifica-se que a expressão constitui um termo argumental, isto é, exigido pelas características semânticas do verbo, já que estaria imperfeita a construção:

*O atleta percorreu.

Por outro lado, a oração admite a transformação em passiva:

Dez quilômetros foram percorridos pelo atleta.

E também a passagem a termo integrável, por meio do pronome átono *os*, referido a *dez quilômetros*:

O atleta percorreu-*os*.

Pode-se ainda incluir neste problema classificatório o caso de unidades léxicas de significado intensivo do tipo de *muito*, *pouco*, *demasiado*, *bastante*, que não se referem diretamente a substantivos, mas à sua quantidade. Com verbos usados transitivamente assumem papel de termo argumental, isto é, necessário à integração sintático-semântica da oração, em textos do tipo:

Sabia *muito* para ser aprovado (*muito* = muitas coisas).

Vimos *pouco* por causa do nevoeiro (*pouco* = pouca coisa).

Não disse *bastante* em sua defesa.

Em favor de classificar estas unidades léxicas como termo argumental, leva-se em conta o fato de poderem vir referidas na oração adjetiva por meio de pronome relativo, como em orações do tipo:

Tenho muito *que* pedir-lhe.

Sabe pouco *que* dizer-me.

Também fala em favor desta classificação a possibilidade de virem tais unidades léxicas precedidas de artigo definido:

Você sabe *o muito* que lhe devo.

Elas não fizeram *o bastante* para vencer.

OBSERVAÇÃO: Sobre o falso erro no emprego de *o quanto* em construções do tipo: *Não soube o quanto se enganara*, veja-se o ensinamento de Epifânio Dias:

"Às orações interrogativas indiretas de *como*, *porque* e *quão* pode antepor-se o artigo definido" [ED.2, § 362]. Vale a pena a leitura da nota 138 de R. J. Cuervo à *Gramática* de A. Bello.

Tratar-se-á sem dúvida de adjunto adverbial se o verbo for usado intransitivamente ou se, transitivo, já vier acompanhado de complemento verbal:

Comprou a casa por cem mil reais.
O pedreiro mediu o aposento com linha.
Ela já sabia muito matemática.

f) Adjuntos adverbial de distribuição

Os jogadores ganham prêmio extra *por partida vencida*.

g) Adjunto adverbial de inclinação e oposição 111 – São os adjuntos que expressam a relação de "favor", "ajuda" ou "disposição favorável", muito próximo ao valor benefactivo do dativo, bem como as relações contrárias, de "oposição", "disposição desfavorável".

Trabalhou sempre *pelos amigos*.

Para a primeira relação, introduz-se o adjunto adverbial por meio da preposição *por* ou de locuções prepositivas equivalentes, do tipo de *a favor de*, *em benefício de*, *em prol de*, *em auxílio de*, etc.

Para a segunda relação, usa-se a preposição *contra* ou locuções do tipo:

Esforçava-se *por lutar contra os maus pensamentos*.

h) Adjunto adverbial de substituição, troca ou equivalência – Assim se chama o adjunto adverbial que expressa a relação de "substituição", "troca" de algo por outro no processo designado no predicado, seja pessoa, coisa, circunstância ou processo verbal. Tal adjunto vem introduzido pela preposição *por* ou pelas locuções prepositivas *em vez de*, *em lugar de*.

O guarda-costa se passou *pelo presidente*.
A colega fez a redação *pelo namorado*.
Na época de exames, trocava o dia *pela noite*.
Iremos amanhã *em vez de hoje*.
Durante o recreio jogava *em vez de alimentar-se*.
Comeu gato *por lebre*.
João trabalha *por dois*.
Ana trocou a merenda *por uma revista*.

Entra no âmbito deste adjunto adverbial a circunstância de delegação, pela qual uma pessoa representa outra na execução do processo expresso no predicado. Aparece para introduzi-lo a preposição *de* ou, então, as locuções prepositivas *da parte de*, *na representação de*:

Retribua-lhe o favor *de minha parte*.

Esta circunstância adverbial deixa estes adjuntos muito próximos do valor de "preço", em orações do tipo:

Deu vinte mil reais *pela motocicleta* (preço).
Deu a motocicleta *por vinte mil reais* (troca).

i) Adjunto adverbial de campo ou aspecto – É o adjunto adverbial que exprime o campo ou o aspecto da realidade referida:

O primo formou-se *em medicina*.
Deixaram de examinar a questão *por esse prisma*.

Nos exemplos abaixo, a circunstância se aproxima à de lugar virtual:

Cometeu-se grave erro *nesse tipo de explicação*.
A decisão do júri surpreendeu a todos *sob o ponto de vista ético*.

j) Adjunto adverbial de assunto ou matéria tratada – Introduz-se tal adjunto adverbial por meio das preposições *de*, *em* ou *sobre*, ou das locuções prepositivas *acerca de*, *a respeito de*, *em torno de* e equivalentes:

Hoje o professor falou pouco
- *de história.*
- *em moral.*
- *sobre tais fatos.*
- *acerca do caso.*
- *a respeito de crase.*

José de Alencar escreveu romances *sobre os brasileiros de várias regiões do país.*

É muito frequente aparecer o assunto ou a matéria tratada expressos como termo argumental exigido pelo significado léxico do verbo, em predicados em que entram unidades léxicos do tipo de *tratar*, *versar*, *falar* e equivalentes, como nas orações abaixo:

O orador tratou *de fatos literários.*
A dissertação versou *sobre história.*
Na aula o professor falou *de regência verbal.*

Outras vezes aparece como adjunto adnominal de substantivo:

O vizinho escreveu um livro *de histórias infantis.*

k) Adjunto adverbial de adição ou inclusão, exclusão e concessão – Os adjuntos adverbiais que expressam adição vêm introduzidos pela preposição *sobre*, por palavras de valor inclusivo (*mesmo*, *inclusive*, etc.), mais frequentemente, pelas locuções prepositivas *além de*, *a mais de*, *ademais de*:

Sobre desemprego, havia doença.
Além das notas ruins, faltava muito às aulas.
Ademais dos parentes, vinham os convidados.
Todos ficaram, *mesmo Ana*.
Os visitantes já se foram, *Daniel inclusive.*

Os que expressam exclusão vêm introduzidos por *menos*, *salvo*, *exceto*, *fora*, *exclusive*, e pelas locuções prepositivas ou não (*com*) *a exceção de*, *a não ser* e equivalentes:

Todos saíram, *menos o culpado*.
Eles foram a todos os bairros, *salvo Casa Amarela*.

Os que expressam concessão vêm introduzidos por *malgrado*, pela locução prepositiva *apesar de*:

Malgrado a chuva, fomos ao passeio.

Diva ganhou o concurso, *apesar da resistência da colega*.

Ainda uma vez os determinantes nominais

1) Adjunto adnominal – Depois de conhecidas as funções sintáticas até aqui enumeradas, estamos em condições de prosseguir no aprofundamento dos determinantes nominais, também chamados *adjuntos adnominais* que começamos a ver quando falamos da expansão do núcleo do sujeito em **Conhecendo melhor o sujeito: núcleo e determinantes**.

Toda expressão nominal, qualquer que seja a função exercida pelo seu núcleo, pode ser expandida por determinantes que têm por missão acrescer ideia acidental complementar ao significado desse substantivo nuclear. O resultado dessa expansão é um grupo unitário sintagmático nominal. Estas expansões não alteram a relação gramatical do núcleo, mas tão somente aludem a aspectos diferentes da realidade do conteúdo significativo do substantivo ou da expressão nominal a ele equivalente. Daí o resultado de a expansão exercer na oração a mesma função do núcleo despojado do(s) seu(s) determinante(s):

Sujeito	*Núcleo do Predicado*	*Objeto direto*	*Compl. relativo*	*Compl indireto*	*Adj. Adv.*
José	estuda.				
O meu primo José	estuda.				
Ela	comprou	livros.			
Ela	comprou	muitos livros de literatura.			
Nós	demos	presentes		a parentes.	
Nós	demos	muitos presentes		a todos os parentes distantes.	
Os professores	gostam		de alunos.		
Os professores	gostam		de alunos estudiosos.		
Meus pais	trabalham				em casa.
Meus pais	trabalham				em casa de campo.

O grupo sintagmático nominal pode constituir-se de vários tipos:

1– Os que podem ocorrer à esquerda ou à direita do *subtantivo* + *adjetivo*

Passei *belos dias* em *cidades agradáveis*.

Os determinantes estão, em geral, representados pelas seguintes classes de palavras: *adjetivo*, *artigo* e *pronome demonstrativo* ou equivalentes de adjetivos (estes veremos

adiante):

Noites *claras* prenunciam bom tempo.

O livro está esgotado.

Esta manhã prometia chuva.

Na sequência de determinantes, aparecem como pré-determinantes, à esquerda do determinante, as palavras que podem receber globalmente o nome de *Quantificador* (*algum*, *certo*, *vários*, *todo*, *todos*, *qualquer*, *alguns* (de), *vários* (de), etc.):

Alguns bons momentos são inesquecíveis.

Todos os alunos saíram.

Alguns de nós não foram à festa.

Aparecem como pós-determinantes, isto é, as palavras que ocorrem à direita do determinante, e do pré-determinante, o *pronome possessivo* e o *numeral*:

Os *seus* livros não estavam na estante.

Aqueles *dois* erros eram graves.

Vários de *meus* sobrinhos são engenheiros.

Aqueles *dois seus* vizinhos trabalham no comércio.

2 – Os que normalmente só ocorrem à esquerda do *substantivo* + *determinantes*, que incluem as seguintes classes de palavras:

a) artigo e os pronomes demonstrativos

Os bons filmes entrarão em cartaz *esta semana*.

b) substantivo + pré-determinantes (que incluem as seguintes classes de palavras: *pronome possessivo* e o *numeral*):

Os *seus livros* não estavam na estante.

Aqueles *dois erros* eram graves.

c) substantivo + pós-determinantes (que incluem os quantificadores, representados pelos pronomes indefinidos)

Todos os três meus bons amigos chegam hoje.

Os do tipo 1 (*substantivo* + *adjetivo*) podem ter estruturas diferentes:

a) um adjetivo:

belos dias em cidades *agradáveis*

b) um grupo preposicionado equivalente a adjetivo, que pode ou não ter um correspondente signo léxico na língua. Neste caso, quando o substantivo entra num grupo adjetivado, não concorda em gênero e número com o substantivo núcleo, e, se aparece no plural, não o faz pelo fenômeno da concordância, mas em atenção à realidade comunicada: *copo com defeito* / *copos com defeito*; mas *copo com defeito* / *copo com defeitos* (por se querer referir a mais de um defeito existente no *copo*).

homem *de coragem* (corajoso)

pão *com manteiga* (amanteigado)

copo *com defeito* (defeituoso)

casa *de Pedro*

cama *de solteiro*

c) uma oração transposta à função adjetiva:

O homem *que tem coragem* (corajoso)

A casa *que Pedro possui*

2) Complemento nominal – Uma tradição gramatical mais recente, atentando para o aspecto da realidade comunicada, e de certas relações gramaticais nela existentes, tem procurado distinguir os diversos sentidos em que se interpretam as expansões de substantivo como as seguintes, sem esgotar a exemplificação:

a resolução *do diretor*
a prisão *do criminoso pela polícia*
a remessa *dos livros*
a resposta *ao crítico*
o assalto *pelo batalhão*
a ida *a Petrópolis*

Assim é que essa tradição, partindo do conteúdo de *resolução do diretor* equivalente a *o diretor resolveu*, classifica *do diretor* como "*complemento* (e não *adjunto*) nominal subjetivo". Já em *prisão do criminoso*, equivalente a *o criminoso foi preso*, teremos um "complemento nominal subjetivo passivo". Em *a remessa dos livros*, equivalente a *alguém remeteu os livros*, *dos livros* se classificará como "complemento nominal objetivo". Como "complemento nominal objetivo indireto ou terminativo" será *ao crítico* do grupo sintagmático nominal *a resposta ao crítico*. Em *o assalto pelo batalhão*, a expressão preposicionada será classificada como "complemento de agente ou de causa eficiente". Já em *ida a Petrópolis*, teremos um "complemento nominal circunstancial" [JO.1, 223-227].

À primeira vista, em relação aos termos primários da relação predicativa (sujeito-predicado), não há razão para um tratamento sintático diferente do adjunto adnominal, tendo em vista que também com o complemento nominal a expansão do grupo sintagmático não modifica a relação gramatical do núcleo:

Sujeito	*Predicado*
A casa de Pedro	é espaçosa
A resolução do diretor	surpreendeu a todos
A prisão do criminoso pela polícia	mereceu elogio da imprensa

Assim também qualquer variação tanto no núcleo do adjunto adnominal quanto no do complemento nominal não alterará a relação com o núcleo verbal:

A casa *do vizinho* / A casa *dos vizinhos* } é espaçosa

A resolução *do diretor* / A resolução *dos diretores* } surpreendeu a todos

Poderíamos apontar outros aspectos gramaticais em que os dois termos apresentam traços comuns, como: a) a posição à direita do núcleo; b) a inexistência de pausa; c) a introdução por preposição, obrigatória no complemento nominal e muito frequente no adjunto.

Todavia, o complemento nominal está semanticamente mais coeso ao núcleo, por representar uma construção derivada mediante a nominalização, fenômeno que não ocorre no adjunto adnominal:

O diretor resolveu → A resolução do diretor

A polícia prendeu o criminoso → A prisão do criminoso pela polícia

Esta relação semântico-sintática provoca a impossibilidade – se não estiver já assinalado ou conhecido no contexto – de apagamento do complemento nominal, *sem que isto estabeleça a razão primordial para distinguir o complemento do adjunto*, uma vez que há adjuntos imprescindíveis:

**A resolução* surpreendeu a todos

**A prisão pela polícia* mereceu elogio

Estando a nominalização presente quer no complemento nominal de função primária subjetiva (*a resolução do diretor ← o diretor resolveu*), quer no de função primária objetiva (*a descoberta da imprensa ← Gutenberg descobriu a imprensa*), não cabe classificar no exemplo *a resolução do diretor*, *do diretor* como adjunto adnominal, enquanto no exemplo *a descoberta da imprensa*, *da imprensa* como complemento nominal [VK.4].

Ambos os termos participam das mesmas características próprias ao complemento nominal; além da nominalização, não admitem apagamento:

a resolução do diretor → *a resolução

a descoberta da imprensa → *a descoberta

Impõe-se, desta maneira, incluir o complemento nominal como termo argumental.

OBSERVAÇÃO: Cabe não confundir casos de impossibilidade de apagamento com outros em que o nosso saber sobre as coisas do mundo impede, por incoerentes, construções do tipo *Conheci um homem de pernas*, *João tem uma voz*, uma vez que a nossa experiência concebe todo homem com pernas, ou com voz. Todavia, anula-se a incoerência se tais substantivos vêm acompanhados de adjetivos: *Conheci um homem de pernas longuíssimas*, *João tem uma voz roufenha*, já que nem todos os homens têm pernas longuíssimas nem voz fanhosa. Portanto, nestes casos não se trata de um saber idiomático, mas de um saber elocutivo.

Há evidente paralelismo entre a estrutura interna do complemento nominal e das orações. Este tratamento especial do complemento nominal serve para explicar fatos gramaticais que ficam mais evidentes à luz desta distinção.

Por exemplo, o termo nominalizado (substantivo, adjetivo ou advérbio de base nominal) pode contrair as mesmas relações sintáticas da construção básica; se o núcleo verbal é complexo e se acompanha de complementos, a construção derivada apresenta estes termos:

A mãe ama o filho → O amor *de mãe ao filho*

A polícia prendeu o ladrão → A prisão *do ladrão pela polícia*

Jesus ama as criancinhas → o amor *de Jesus às criancinhas*

O carteiro entregou a carta de José ao Mário → A entrega *da carta de José ao Mário pelo carteiro*

A seleção da preposição que introduz o complemento nominal quase sempre está determinada pela preposição que acompanha o complemento verbal:

Foi *à cidade* → A ida *à cidade*

Penetrou *na floresta* → A penetração *na floresta*

Inclinou-se *à música* → A inclinação *à música*

De modo geral, a gramática tradicional tem apontado complementos nominais restritos a processos de nominalizações que envolvem substantivos (***desejo** de vitória ↔ desejar a vitória*), a adjetivos (***desejoso** de vitória ↔ desejar a vitória*), ou a advérbios (***referentemente** ao assunto ↔ referente* [adjetivo] *ao assunto ↔ referência* [substantivo] *ao assunto*). Mas há outros que devem sua presença a traços semânticos do núcleo nominal, independentes de nominalizações. Vejamos alguns desses tipos.

Como núcleo do sintagma nominal, teremos, de início, substantivos formalmente relacionados a verbos que assumem relações muito semelhantes às que ocorrem nas orações, conforme já vimos nos exemplos:

a saída do trem / *o trem saiu*

a entrega da carta / (alguém) *entregou a carta* ou *a carta foi entregue*

O substantivo formado de adjetivo também goza da estrutura argumental que lhe é própria:

a *cultura* do professor / o professor *culto*

Todavia, como a estrutura argumental depende do significado léxico de cada palavra, substantivos há que, não se relacionando morfológica ou materialmente a verbos e adjetivos, selecionam termos argumentais, inerentes ao conteúdo de pensamento designado. Tais termos atendem às duas condições básicas do estatuto dos argumentos: a) o núcleo os seleciona semântica e categorialmente; b) o núcleo lhes impõe uma interpretação determinada [EV.1, 32].

Estão neste caso de argumentos inerentes:

a) Os substantivos relacionais, isto é, aqueles que não fazem referência a indivíduos, mas expressam relações entre indivíduos. É o caso dos termos de parentesco, do tipo de *pai*, *mãe*, *filho*, *irmão*:

o pai *de Eduardo*

a tia *do Daniel*

o irmão *da Bebel*

Incluem-se neste rol, naturalmente, substantivos como *amigo*, *colega*, *companheiro*:

o amigo *de Cleto*

a colega *de Georgete*

Cabe lembrar que substantivos referidos à mesma entidade podem incluir-se ou não no grupo dos relacionais. Por exemplo, *pátria* e *país*; o primeiro é relacional, se significa o lugar de nascimento, porque é pátria sempre relacionado a alguém, enquanto *país* ('nação', 'região') não faz necessariamente referência a um indivíduo. O exemplo apresentado por Escandell Vidal *mascote* e *cão* é mais evidente, porque a mascote pressupõe sê-lo de alguém, o que não se dá com o substantivo *cão*.

Os nomes de partes do corpo e aqueles que aludem a partes constitutivas de uma entidade, física ou abstratamente considerada:

os *braços* da *dançarina*

o *rosto* da *criança*

a *face* do *problema*

o *galho* da *árvore*

o *cérebro* da *equipe*

o *x* da *questão*

b) Os substantivos icônicos, isto é, que designam representação, tais como *retrato*, *quadro*, *fotografia*, *filme*, *película*, quando referidos a entidades retratadas, pintadas, fotografadas, etc.

Note-se a diferença entre:

(1) *O retrato de Machado de Assis*

(2) *O retrato da galeria*

Em (1), o significado de *retrato* seleciona o termo argumental *Machado de Assis*, interpretado o sintagma nominal como 'o retrato em que aparece M. de Assis'.

Em (2), já *retrato* se acha acompanhado de um adjunto adnominal, sendo 'o retrato da galeria' interpretado como 'o retrato exposto na galeria'.

Também pode, no caso (1), o termo argumental referir-se não à entidade retratada, mas ao próprio autor do retrato ou quadro:

O quadro de Vitor Meireles

As referências à entidade retratada e ao seu autor podem concorrer no sintagma nominal mediante os dois termos argumentais:

O quadro da Proclamação da Independência de Vitor Meireles (i. é, o quadro que retrata a Proclamação da Independência de autoria de Vitor Meireles).

Pode até juntar-se a esses dois termos argumentais o adjunto adnominal:

O quadro do Grito do Ipiranga de Vitor Meireles do Museu de Belas Artes

Incluem-se entre os substantivos que designam representação os que se aplicam a produtos da atividade intelectual, como *livro*, *artigo*, etc.:

O livro de Graciliano Ramos intitula-se Vidas Secas

Assim como o adjunto adnominal pode ser representado por uma expansão mais complexa do núcleo nominal, isto é, por uma oração subordinada adjetiva:

A casa *comprada* está perto da cidade
A casa *que comprei* está perto da cidade,

assim também o complemento nominal pode ser representado por uma oração subordinada (originalmente substantiva) completiva nominal:

O desejo *de tua vitória* é constante
O desejo *de que venças* é constante

3) O aposto – Outro componente do grupo sintagmático nominal é o chamado *aposto*, cujo limite de distinção com o adjunto adnominal propriamente dito é muitas vezes difícil de traçar. Aparece em construções do tipo:

O rio *Amazonas* deságua no Atlântico.
O professor *Machado* honrou o magistério.
Sousa *cabeleireiro* me conhece bem.
Meu *primo* José morou na Itália.
"E com ele [programa] tem vindo pela vida, satisfazendo a portugueses e brasileiros, que o consideramos *uns e outros*, soldado do seu grupo." [MC.2, 206]
Clarice, *a primeira neta da família*, cursa Direito.
Sousa, nosso cabeleireiro, não trabalha hoje.
Pedro II, *imperador do Brasil*, protegia jovens talentosos.
Eu *Anibal* peço a paz [MMa].
Amanhã, *sábado*, não sairei [AK].

Chama-se *aposto* a um substantivo ou expressão equivalente que modifica um núcleo nominal (ou pronominal ou palavra de natureza substantiva como *amanhã*, *hoje*, etc.), também conhecido pela denominação *fundamental*, sem precisar de outro instrumento gramatical que marque esta função adnominal.

Há diferença de conteúdo semântico entre uma construção do tipo *O rio Amazonas* e *Pedro*

II, imperador do Brasil; na primeira, o substantivo que funciona como aposto se aplica diretamente ao nome núcleo e restringe seu conteúdo semântico de valor genérico, tal como faz um adjetivo, enquanto na segunda a sua missão é tão somente explicar o conceito do termo fundamental, razão pela qual é em geral marcado por pausa, indicada por vírgula ou por sinal equivalente (travessão e parêntese). Daí a aposição do primeiro tipo se chamar *específica* ou *especificativa* e a do segundo, *explicativa*.

O aposto explicativo pode apresentar valores secundários que merecem descrição especial, como ocorre com os seguintes:

a) Enumerativo, quando a explicação consiste em desdobrar o fundamental representado por um dos pronomes (ou locução) *tudo*, *nada*, *ninguém*, *cada um*, *um e outro*, etc., ou por substantivo:

Tudo – *alegrias, tristezas, preocupações* – ficava estampado logo no seu rosto.

Duas coisas o encorajavam, *a fé na religião e a confiança em si.*

"Duas cousas se não perdoam entre os partidos políticos: *a neutralidade e a apostasia*" [MM].

Às vezes esse tipo de aposto precede o fundamental:

A matemática, *a história*, *a língua portuguesa*, nada tinha segredos para ele.

Em todos estes exemplos, o fundamental (*tudo*, *duas coisas*, *nada*) funciona como sujeito das orações e, por isso, se estabelece a concordância entre ele e o verbo.

Este aposto pode vir precedido das locuções explicativas *isto é*, *por exemplo*, *a saber*, *verbi gratia* (abreviatura [v. g.]):

Duas coisas o incomodavam, *a saber*, *o barulho da rua e o frio intenso*.

b) *Distributivo*:

Machado de Assis e Gonçalves Dias são os meus escritores preferidos, *aquele na prosa e este na poesia*.

Um no automobilismo, *outro* no futebol, Senna e Pelé marcaram um período de ouro no esporte brasileiro.

c) *Circunstancial* (comparação, tempo, causa, etc., precedido ou não de palavra que marca esta relação a mais, já que o aposto explicativo acrescenta um dado a mais acerca do fundamental):

"As estrelas, *grandes olhos curiosos*, espreitavam através da folhagem". [EQ.2, 8 *apud* AK.1].

"*Artista* – corta o mármor de Carrara;

Poetisa – tange os hinos de Ferrara" [CAv.1, II: 142]

Este tipo de aposto pode ser introduzido por *como*, *na qualidade de*:

As estrelas, *como grandes olhos curiosos*, espreitavam através da folhagem.

A ti, *como general*, compete o comandar.

D. João de Castro, *vice-rei da Índia*, empenhou os cabelos da barba.

Este tipo de aposto pode ser introduzido por *quando*:

D. João de Castro, quando *vice-rei da Índia*, empenhou os cabelos da barba [Epifânio Dias].

Paulinho, *amigo*, tirou-o da dificuldade.

Paulinho, *porque amigo*, tirou-o da dificuldade.

4) Aposição com *de* x Adjunto adnominal – Algumas vezes, o aposto especificativo vem introduzido pela preposição *de*, especialmente se se trata de denominações de instituições, de

logradouros, de acidentes geográficos:

Colégio *de Santa Rita*
Praça *da República*
Ilha *de Marajó*
Cidade *do Recife*

Tal construção, materialmente falando, aproxima o aposto do adjunto adnominal preposicionado, que vimos antes; todavia, do ponto de vista semântico, há diferença entre *Ilha de Marajó* e *casa de Pedro*. Em *casa de Pedro*, *casa* e *Pedro* são duas realidades distintas, enquanto em *ilha* e *Marajó* se trata de uma só realidade, já que ambos querem referir-se a um só conteúdo de pensamento designado112 . Quanto ao emprego da preposição *de* nas construções deste último tipo, como bem ensina Epifânio Dias, "da arbitrariedade do uso é que depende o empregar-se em uns casos *de* definitivo, em outros a aposição. Diz-se, por exemplo: *o nome de Augusto*, mas *a palavra Augusto*; *a cidade de Lisboa*, mas *o rio Tejo*".

Às vezes podem as construções com *de* provocar casos de sincretismo sintático, com consequente efeito de ambiguidade, não diferençando o título da ideia de posse ou pertença. Por isso, para os títulos, no desejo de evitar a ambiguidade, vai-se generalizando o não emprego da preposição *de*: *Rua Santa Teresa*, *Praça Paris*, etc. Esta construção é antiga na língua e paralela ao uso latino (*Urbs Roma*, *Garumna flumen*). Mas a presença da justaposição no francês e inglês tem feito que tal prática seja condenada sem sucesso por estrangeirismo. A justaposição vai-se impondo em *bomba relógio*, *mandato tampão*, *homem bala*, *traje passeio*, em que o procedimento morfológico de formação de compostos se sobrepõe ao processo sintático. A prática, nestes casos, vacila entre o emprego ou não do hífen.

De qualquer maneira, o aposto e o adjunto adnominal são ambos expansões sintáticas do núcleo nominal.

5) As construções *uma joia de pessoa* e *o pobre do rapaz* – Em vez de *uma pessoa joia* e *o pobre rapaz*, em que o núcleo nominal (*pessoa*, *rapaz*) se acha acompanhado de um adjunto adnominal (*joia*, *pobre*), aparecem, numa forma carregada de afetividade, as expressões *uma joia de pessoa* e *o pobre do rapaz*, em que o primitivo adjunto passa formalmente a núcleo e o antigo núcleo passa a adjunto, mediante a presença da preposição *de*. Tem-se muito discutido como se formaram estas expressões derivadas, sem que tenhamos uma solução cabal; mas se pode filiá-las a frases exclamativas sem verbo do tipo de *ai de mim!*, *pobre de mim!*, etc. [FDz.1, III:131].

Ao lado da carga afetiva positiva em construções do tipo *o bom do pároco* pode ocorrer a carga negativa *o burro do cliente*, *a droga do cliente*; neste último caso cria-se uma ambiguidade entre as equivalências "o cliente é uma droga" e "o cliente tem uma droga".

Substantivo + adjetivo = Adjetivo + substantivo

Pode ocorrer sincretismo sintático em grupos nominais do tipo *sábio alemão*, em que se pode corretamente entender, de um lado, a existência de um *sábio* (substantivo) de

nacionalidade alemã (adjetivo), ou, de outro, um *alemão* (substantivo) que é *sábio* (adjetivo). Há aqui, portanto, uma coincidência material de combinação de formas linguísticas, mediante a qual substantivo + adjetivo = adjetivo + substantivo [ECs.4, 246].

A interpretação mais natural ou, pelo menos, mais imediata, é considerar o segundo termo como adjetivo, isto é, como adjunto adnominal. É a lição de M. Barreto, em grupos nominais do tipo *menino rei / rei menino*, *filósofo rei / rei filósofo* [MBa.7, 326]. Assim entendeu Machado de Assis ao definir que as *Memórias Póstumas de Brás Cubas* eram as de um *defunto autor* (= que escreve) e não de um *autor defunto* (= que morreu).

6) Graus de coesão nos grupos nominais – Às vezes, o núcleo nominal já expandido por um adjunto adnominal constituído por adjetivo vem acrescido de outro adjetivo, como

os competentes atletas mineiros,

em que ao grupo inicial *os competentes atletas* se junta o adjunto adnominal *mineiros*, que não se refere tão somente ao substantivo *atletas*, mas ao conjunto *competentes atletas*. Assim, *competentes* guarda maior grau de coesão em relação a *atletas* do que o adjetivo *mineiros*. Temos aqui um exemplo de hipotaxe estudada em, em que o grupo de palavras *competentes atletas* passa a funcionar no estrato de palavra e, assim, pode receber o adjunto adnominal *mineiros*.

Podem estar juntos os dois adjetivos, sem que se altere o grau de coesão:

a situação política atual [VK.1, 161]

O adjetivo menos coeso (*atual*) em relação ao nome (*situação*) pode mudar de posição, diferentemente do mais coeso (*política*):

a atual situação política

mas não:

**a política situação atual*

Também o menos coeso não pode intercalar-se entre o núcleo e o mais coeso:

* *a situação atual política*

7) O aposto com expressões do tipo *pôr nome* – Depois do substantivo das expressões *pôr nome*, *ter nome* e equivalentes, com o significado de "chamar(-se)", "dar nome", pode aparecer um aposto:

Quem o seu cão quer matar, *raiva* lhe põe nome [MBa.4, 64].

8) Aposto referido a uma oração – O aposto não só se refere a qualquer núcleo nominal em qualquer função da oração; pode referir-se ao conteúdo de pensamento expresso numa oração inteira:

Depois da prova, Filipe estava radiante, *sinal de seu sucesso*.

Como aposto de uma oração inteira costuma aparecer um substantivo como *coisa*, *razão*, *motivo*, *fato* e equivalente, sempre acompanhado de um adjunto adnominal, ou de uma oração subordinada adjetiva substantivada pelo artigo *o*:

O desastre provocou muitas vítimas, *coisa lastimável*.

Os convidados não foram à festa, *o que deixou o aniversariante frustrado*.

OBSERVAÇÃO: A tradição gramatical entre nós tem considerado neste último caso como pronome demonstrativo (= aquele, aquilo, isto) usado neutralmente, o *o* que precede o *que*, modificado por uma oração adjetiva, em vez de considerar essa mesma oração adjetiva substantivada pelo artigo *o*, como fizemos aqui. Discutimos o assunto mais adiante.

9) Vocativo: uma unidade à parte – Desligado da estrutura argumental da oração e desta separado por curva de entoação exclamativa, o vocativo cumpre uma função apelativa de 2.ª pessoa, pois, por seu intermédio, chamamos ou pomos em evidência a pessoa ou coisa a que nos dirigimos:

José, vem cá!

Tu, *meu irmão*, precisas estudar!

Felicidade, onde te escondes?

Algumas vezes vem precedido de *ó*, que a tradição gramatical inclui entre as interjeições, pela sua correspondência material, mas que, na realidade, pode ser considerado um morfema de vocativo, dada a característica entonacional que a diferencia das interjeições propriamente ditas [HCv.2, 197 n.47].

"*Deus*, *ó Deus*, onde estás que não respondes?" [CAv.1, 141]

Estes exemplos nos põem diante de algumas particularidades que envolvem o vocativo. Pelo desligamento da estrutura argumental da oração, constitui, por si só, a rigor, uma frase exclamativa à parte ou um fragmento de oração, à semelhança das interjeições. Por outro lado, como no caso de *Tu, meu irmão, precisas estudar!*, às vezes, se aproxima do aposto explicativo, pela razão que vai constituir a particularidade seguinte. Por fim, o vocativo, na função apelativa, está ligado ao imperativo ou conteúdo volitivo da forma verbal, já que, em se tratando de ordem ou manifestação de desejo endereçada à pessoa com quem falamos ou a quem nos dirigimos, presente quase sempre, não há necessidade de marcar gramaticalmente o sujeito. Quando surge a necessidade de explicitá-lo, por algum motivo, aludimos a esse sujeito em forma de vocativo [RLz.1, 66].

Assim é que em:

"Deixa-me! Deixa-me a vagar perdida...

Tu! - parte! volve para os lares teus". [CAv.1, 191],

tu não é o sujeito de *parte*, e sim vocativo, "espécie de aposição à ideia do sujeito, contida no imperativo" [HCv.2, 197 n.47]. Ocorre o mesmo com o substantivo *poeta* em:

Vai, *Poeta*... (*Id*., *ibid*.: 116)

Pelos exemplos aduzidos até aqui, vê-se que o vocativo pode ser representado por substantivo ou pronome, podendo admitir a presença de expansões (p. ex., de adjuntos adnominais, de orações adjetivas):

Desce do espaço imenso, *ó águia do oceano*!

"*Senhor Deus*, *que após a noite*

Mandas a luz do arrebol,

Que vestes a esfarrapada

Com o manto rico do sol". [CAv.1, 88]

Na correspondência epistolar, o vocativo vem separado do resto do enunciado por vírgula, enquanto em textos de outra natureza costuma aparecer o emprego dos dois pontos (:) ou do ponto de exclamação (!).

2 – Orações Complexas e Grupos Oracionais: a Subordinação e a Coordenação. A Justaposição

Subordinação: oração complexa – Uma oração independente do ponto de vista sintático, que sozinha, considerada como unidade material, constitui um texto, se este nela se resumir, como em

A noite chegou,

pode, pelo fenômeno de estruturação das camadas gramaticais conhecido por *hipotaxe* ou *subordinação*, passar a uma camada inferior e aí funcionar como pertença, como membro sintático de outra unidade;

O caçador percebeu que *a noite chegou*.

A primitiva oração independente *a noite chegou* transportou-se do nível sintático de independência para exercer a função de complemento ou objeto direto da relação predicativa da oração a que pertence o núcleo verbal *percebeu*: *o caçador percebeu.*

Dizemos, então, que a unidade sintática *que a noite chegou* é uma oração *subordinada*. A gramática tradicional chama à unidade *o caçador percebeu* oração principal. Gramaticalmente, a unidade oracional *O caçador percebeu que a noite chegou* é uma unidade sintática igual a *O caçador percebeu a chegada da noite*, onde *a chegada da noite* integra indissoluvelmente a relação predicativa que tem por núcleo e verbo *percebeu*, na função de complemento ou objeto direto.

Assim, levando em conta os constituintes imediatos, há um primeiro momento em que se analisa por inteiro a unidade sintática *O caçador percebeu que a noite chegou*, para depois se analisar o termo sintático que se apresenta sob forma oracional:

Sujeito: *o caçador*

Predicado: *percebeu que a noite chegou*

Objeto direto: *que a noite chegou*.

Como o objeto direto está constituído por uma oração subordinada, são passíveis de análise suas unidades sintáticas constitutivas:

Sujeito: *a noite*

Predicado: *chegou*

Oração complexa e grupos oracionais – A rigor, o conjunto complexo *que a noite chegou* não passa de um termo sintático na oração complexa *O caçador percebeu que a noite chegou*, que funciona como objeto direto do núcleo verbal *percebeu*. Estas unidades transpostas exercem função própria de meros substantivos, adjetivos e advérbios, razão por que são assim classificadas na oração complexa. Todavia, a presença de um núcleo verbal (que a noite *chegou*) leva a tradição a ver aí também uma unidade de caráter oracional, ao lado da unidade oracional (porque também tem verbo) a que se prende, embora, isoladamente, nenhuma das duas satisfaça as demais condições que caracterizam uma oração, além da presença do verbo integrando uma relação predicativa:

a) a delimitação entre duas pausas e o contorno melódico;

b) existência de um ato completo de comunicação em cada situação de fala concreta.

Assim, apesar destas considerações, esta gramática respeitará o peso da tradição e verá, num primeiro momento de análise em constituintes imediatos, uma oração complexa (a que também alguns gramáticos nossos chamavam *oração geral*, como, por exemplo, José Oiticica), para depois analisar como oração subordinada o complexo unitário correspondente a uma função sintática exercida por substantivo, adjetivo ou advérbio.

Diferente deste caso será o *grupo oracional* integrado por orações sintaticamente independentes, que, por isso, poderiam aparecer em separado:

O caçador chegou à cidade e procurou um hotel.

ou

O caçador chegou à cidade. Procurou um hotel.

Temos aqui um grupo de enunciados da mesma camada gramatical, isto é, como *orações*, o que caracteriza uma das propriedades de estruturação das camadas gramaticais conhecida por *parataxe* ou *coordenação*.

Daí só podermos, a rigor, falar em *orações compostas*, *grupos oracionais* ou *período composto* quando estivermos diante de orações coordenadas.

Não causará estranheza, se atentarmos para o princípio dos constituintes imediatos, que haja coordenação entre qualquer unidade da mesma camada gramatical: *homem e mulher,* (dois substantivos) *estudioso e inteligente* (dois adjetivos), *ontem e hoje* (dois advérbios), *leio e compreendo* (dois verbos), *com e sem* (duas preposições), um substantivo e oração substantiva (*desejo a vitória e que tenhas sucesso*), um adjetivo e oração adjetiva (*inteligente e que tem bom coração*), advérbio e oração adverbial (*agora e quando estiveres pronto*), duas orações da mesma função sintática (*desejo que venças e que sejas feliz*), etc.

Por hipertaxe ou hipotaxe, uma unidade pode passar, respectivamente, a camadas gramaticais superiores ou inferiores, e depois ocorrer a coordenação.

***Que*: marca de subordinação oracional** – No exemplo *O caçador percebeu que a noite chegou*, a marca de que a oração independente passou pelo processo da subordinação, a funcionar como membro de uma outra oração, é o *que*, conhecido tradicionalmente como "conjunção" integrante.

Na realidade esse *que* não tem por missão precípua "juntar" duas orações – como fazem as conjunções coordenativas – , mas tão somente marcar o processo por que se transpôs uma unidade de camada superior (uma oração independente) para funcionar, numa camada inferior, como membro de outra oração.

Daí não corresponder à nova realidade material da unidade sintática subordinada a denominação tradicional de *orações compostas* ou *período composto.* Temos sim orações *complexas*, isto é, orações que têm termos determinantes ou argumentais complexos, representados sob forma de outra oração. Só haverá orações ou períodos *compostos* quando houver *coordenação*. Dizemos que esse *que* é um *transpositor*.

Orações complexas de transposição substantiva – A oração transposta, inserida na oração complexa, é classificada conforme a categoria a que corresponde e pela qual pode ser substituída no desempenho da mesma função. Daí ser a oração transposta classificada como *substantiva*, *adjetiva* ou *adverbial*, segundo a tradição gramatical, pois desempenha função sintática normalmente constituída por substantivo, adjetivo ou advérbio. Assim, em nosso exemplo, *O caçador percebeu que a noite chegou*, a oração transposta inserida na oração complexa (que) *a noite chegou* será substituída pelo substantivo *a chegada da noite* (*O caçador percebeu a chegada da noite*), e a oração transposta pelo processo da subordinação funcionará também como objeto direto da relação predicativa que tem como núcleo verbal *percebeu*.

A oração subordinada transposta substantiva aparece inserida na oração complexa exercendo funções próprias do substantivo, ressaltando-se que a conjunção *que* pode vir precedida de preposição conforme exerça função que necessite desse índice funcional:

a) Sujeito: *Convém que tu estudes / Convém o teu estudo.*

b) Objeto direto: *O pai viu que a filha saíra / O pai viu a saída da filha.*

c) Complemento relativo: *Todos gostam de que sejam premiados / Todos gostam de prêmio.*

d) Predicativo: *A verdade é que todos foram aprovados / A verdade é a aprovação de todos.*

e) Objeto indireto: *Enildo dedica sua atenção a que os filhos se eduquem / Enildo dedica sua atenção à educação dos filhos.*

f) Aposto: *Uma coisa lhe posso adiantar, que as crianças são a alegria dos adultos. Uma coisa lhe posso adiantar, a alegria das crianças aos adultos.*

OBSERVAÇÃO: Para as funções de complemento nominal e agente da passiva.

5 – Orações subordinadas resultantes de substantivação: as interrogativas e exclamativas – Sem precisar do transpositor *que*, as orações interrogativas e exclamativas, desprovidas do particular contorno melódico e iniciadas por uma unidade desses valores semânticos, podem-se substantivar e exercer função própria de substantivo na oração complexa:

Ainda não sei *que vou fazer hoje* (cf. *Que vou fazer hoje?*)

Os comerciantes desconhecem *que a mercadoria terá mais saída no próximo verão*.

O professor pergunta *qual é o motivo da algazarra*.

Ainda não descobrimos *por que ele saiu cedo*.

A vizinha descobriu *quem lhe telefonou de madrugada*.

O treinador decidiu *como o time conterá o adversário*.

O calouro ainda não sabe *para que especialidade médica se dirigirá*.

Não adivinhava *quanta alegria causou em nós*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Opondo-se ao transpositor *que,* que não exerce função sintática, as unidades interrogativas e exclamativas (pronomes e advérbios) têm função sintática na oração subordinada a que pertencem.

2.ª) Na língua popular e regional – reminiscência de antigo uso –, pode aparecer o transpositor *que* antes da unidade interrogativa: Não sei *que por que só chega tarde.* Perguntavam-me *que por onde havia fugido*.

Também aparece desprovida do *que* a oração subordinada de valor semântico de incerteza ou dúvida, que primitivamente era uma interrogativa geral, passando a conjunção *se* a transpositora: Não sei *se a prima virá cedo.* Perguntavas *se o jogo seria hoje.*

Orações complexas de transposição adjetiva

1) Orações adjetivas ou de relativo

Tomemos a seguinte oração

O aluno estudioso vence na vida,

em que o adjunto adnominal representado pelo adjetivo *estudioso* pode também ser representado por uma oração que, pela equivalência semântica e sintática com *estudioso*, se chama *adjetiva*:

O aluno	que estuda	vence na vida.
O aluno	estudioso	vence na vida.

Repare que a oração independente

O aluno estuda,

mediante o transpositor *que*, representado pelo pronome relativo, transpõe a oração independente a funcionar, num nível inferior, como adjunto adnominal do substantivo *aluno,* tal qual fazia o adjetivo *estudioso* da oração básica *O aluno estudioso vence na vida.* Daí dizer-se que a oração transposta *que estuda* é *subordinada adjetiva.*

O transpositor relativo que, na oração subordinada reintroduz o antecedente a que se refere, acumula também uma função de acordo com a estrutura sintática da oração transposta.

No exemplo acima:

O aluno que estuda vence na vida,

a oração *que estuda* vale por *o aluno estuda*, já que o pronome relativo é aí o representante do antecedente *aluno.* Analisando *o aluno estuda,* o sujeito explícito é *o aluno*, o que nos leva a verificar que o pronome em *que estuda* funciona como sujeito explícito do núcleo verbal *estuda*.

2) O relativo marcado por índice preposicional

Já em

O livro de que gostas está esgotado,

o relativo *que* reintroduz também o antecedente *livro*, de modo que a oração subordinada *de que gostas* vale por *gostas do livro*, em que *do livro* é complemento relativo do núcleo verbal *gostas.* Se assim é, na oração subordinada *de que gostas* o pronome relativo funciona como complemento relativo. E como o complemento relativo é um termo argumental marcado por um índice preposicional e como o verbo *gostar* se acompanha da preposição *de*, é imprescindível que este índice esteja introduzindo o relativo *que*:

O livro *de que gostas* está esgotado.

Em

A cidade a que nos dirigimos ainda está longe,

o relativo *que* reintroduz na oração subordinada adjetiva *a que nos dirigimos* o substantivo

cidade, e vale por *nos dirigimos à cidade*, em que o núcleo verbal *dirigimos* requer um termo argumental marcado pelo índice preposicional *a*, preposição que, portanto, não deve faltar anteposta ao relativo, que funciona como complemento relativo do núcleo verbal *nos dirigimos*:

A cidade *a que* nos dirigimos ainda está longe.

Orações adjetivas explicativas e restritivas – Já vimos que o adjetivo pode antepor-se ou pospor-se ao substantivo e que, segundo sua posição o adjetivo pode variar de valor. Em geral, o adjetivo anteposto (também chamado *epíteto*) traduz, por parte da perspectiva do falante, valor *explicativo* ou *descritivo*: *a triste vida*. Aqui o adjetivo não designa nenhum tipo de *vida* que se oponha a outro que não seja *triste*; apenas se descreve como a *vida* é, e, como diz Alarcos Llorach, quase vale por "a vida com sua tristeza" [AL.1, 82]. Agora, se disséssemos, *a vida triste*, nos estaríamos restringindo a uma realidade que se opõe a outras, como *vida alegre, vida boêmia,* etc. Neste caso, o adjetivo se diz *restritivo.*

A oração adjetiva também conhece esses dois valores; a adjetiva explicativa alude a uma particularidade que não modifica a referência do antecedente e que, por ser mero apêndice, pode ser dispensada sem prejuízo total da mensagem. Na língua falada, aparece marcada por pausa em relação ao antecedente e, na escrita, é assinalada por adequado sinal de pontuação, em geral, entre vírgulas:

O homem, que vinha a cavalo, parou defronte da igreja.

Repare-se em que a oração adjetiva *que vinha a cavalo* denuncia que, na narração, só havia um homem, de modo que a declaração *que vinha a cavalo* pode ser dispensada:

O homem parou defronte da igreja

Já em

O homem que vinha a cavalo parou defronte da igreja,

a oração adjetiva, proferida sem pausa e não indicada na escrita por sinal de pontuação a separá-la do antecedente, demonstra que na narração havia mais de um homem, mas só o "que vinha a cavalo" *parou defronte* da igreja. A esta subordinada adjetiva se chama *restritiva.*

À semelhança do que se fez com a oração complexa em cuja estrutura há uma oração subordinada substantiva, num primeiro momento da análise, levando em conta o princípio dos constituintes imediatos, analisar-se-á por inteiro a unidade sintática *O aluno que estuda vence na vida*, para depois se analisar o termo sintático que se apresenta sob forma oracional:

Sujeito: *O aluno que estuda*
Predicado: *vence na vida*
Adjunto adverbial: *na vida*

Como o adjunto adnominal está constituído por uma oração subordinada adjetiva, são passíveis de análise suas unidades sintáticas constitutivas:

Sujeito: *que* (= o aluno)
Predicado: *estuda*

Adjetivação de oração originariamente substantiva – A unidade complexa *homem corajoso* pode ser substituída por *homem de coragem*, em que o substantivo *coragem* transposto por uma preposição ao papel de adjetivo funciona também como adjunto do núcleo nominal.

Esta mesma possibilidade de transposição a adjetivo modificador de um grupo nominal mediante o concurso de preposição conhece a oração originariamente substantiva. Este grupo nominal pode ter como núcleo um substantivo, um adjetivo.

Núcleo substantivo:

O desejo *de que se apurem os fatos* é a maior preocupação dos diretores.

A crença *em que a crise se espalhe* atormenta todos nós.

A desconfiança *de se devemos ir avante* é logo desfeita.

Núcleo adjetivo:

Estávamos todos desejosos *de que o concurso saísse logo*.

O negociante estava cônscio *de que sua responsabilidade era grande*.

OBSERVAÇÃO: Sendo as expressões preposicionadas de *desejo de glória*, *ânsia de liberdade*, *desejoso da glória*, *ansioso de liberdade* modificadores dos núcleos nominais (e por isso mesmo chamados *complementos nominais*) e funcionalmente partícipes da natureza dos adjetivos, manda a coerência que as orações que funcionam como complemento nominal sejam incluídas entre as adjetivas – como fizemos aqui – e não entre as substantivas, como faz a tradição entre nós. Como vimos, elas são primitivamente substantivas, mas que, num segundo momento de estruturação, para funcionarem como modificadoras de substantivos e adjetivos, são transpostas a adjetivas mediante o concurso da preposição.

Ocorre o mesmo com as orações que funcionam como agente da passiva que, primitivamente substantivas, são transpostas a adverbiais mediante a preposição *por*.

Substantivação de orações originariamente adjetivas – Em *O homem sábio é guia seguro,* o adjetivo *sábio* pode ocupar o papel da unidade complexa mediante sua substantivação: *O sábio é guia seguro,* onde se deu o apagamento do substantivo *homem* e se marcou o novo caráter substantivo de *sábio* com a anteposição do artigo *o*.

Também conhece esse expediente de substantivação a oração transposta adjetiva mediante o apagamento do antecedente dos relativos *quem* e *que* e a presença do artigo, se o antecedente, pela situação do discurso, é conhecido dos interlocutores ou se lhe quer dar certo ar de generalização:

O homem que cala e ouve não *dissipa o que sabe*, e aprende *o que ignora* [MM].

Os que mais blasonam de honra e probidade, são como os poltrões que se inculcam de valentes [MM].

Os elogios de maior crédito são *os que os nossos próprios inimigos nos tributam* [MM].

Para quem não tem juízo os maiores bens da vida se convertem em gravíssimos males [MM].

OBSERVAÇÃO: Alguns autores preferem desdobrar o *quem* em *aquele(s) que, aquela(s) que* e considerar a unidade *o, a, os , as* como pronomes demonstrativos representados na oração adjetiva pelo pronome relativo *que,* de modo que, não aceitando a substantivação nesses casos, analisam a subordinada como adjetiva: *Não conheço quem chegou = Não conheço aquele que chegou. Não conheço os que chegaram = Não conheço aqueles que chegaram.* São possíveis as duas maneiras de analisar tais construções.

Ocorre o mesmo com outros pronomes e advérbios relativos destituídos de antecedente:

quanto
por que

Não sabemos	como quando onde que qual	comprou

NOTA: A oração substantiva funciona, nestes exemplos, como objeto direto do verbo saber.

Desconheço QUE admiráveis presentes ganhaste.

Ignorava QUAIS os alunos que haviam perturbado as aulas.

QUEM *tudo quer* tudo perde (oração *subjetiva*).113

Falava a QUEM *lhe pedia conselhos* (oração *objetiva indireta*).

Fizeram QUANTO *lhes pedi* (oração *objetiva direta*).

Reconheço QUÃO *enganados nos achávamos a seu respeito* (oração *objetiva direta*).

Peço que anote QUAIS *foram os responsáveis* (oração *objetiva direta*).

A polícia descobriu QUANDO *foi o roubo* (oração *objetiva direta*).

Os jornais explicaram COMO *os ladrões conseguiram fugir* (oração *objetiva direta*).

Os garotos não descobriram ONDE *os pais tinham posto os presentes* (oração *objetiva direta*).

Os vizinhos não entenderam POR QUE *o fogo foi violento* (oração *objetiva direta*).

Ele é QUEM *os avisa* (oração *predicativa*).

Não sabia *por* QUEM *tinha sido enganado* (oração *objetiva direta*).

Assim, substituem *quem* por *a pessoa que, aquele que; quanto* por *o tanto que; quando* por *o momento em que; como* por *o modo pelo qual; onde* por *o lugar em que; por que* por *o motivo pelo qual*.

Analisam *Quem tudo quer tudo perde* desta maneira:

A pessoa | que tudo quer | tudo perde.

1.ª oração: – principal: *a pessoa tudo perde.*

2.ª oração: – subordinada adjetiva: *que tudo quer.*

A análise que adotamos tem a vantagem de encarar uma realidade da língua, e não uma substituição que a ela realmente nem sempre equivale.114

Não se transportam a substantivas as orações adjetivas introduzidas pelos relativos *cujo* e *o qual*.

Transposta a substantiva, a oração de relativo sem antecedente expresso pode exercer as funções próprias das substantivas originais. Assim, nos exemplos acima, *o que sabe* e *o que ignora* fazem o papel de objeto direto dos núcleos verbais *dissipa* e *aprende,* do primeiro. No segundo, *os que mais blasonam de honra e probidade* é o sujeito de *são*; no terceiro, *os que os nossos próprios nos tributam* é predicativo de *são*. No quarto exemplo, *a quem não tem juízo* funciona como objeto indireto da unidade verbal complexa *dar liberdade.*

Para marcar a natureza substantiva da oração transposta costuma-se anteceder de artigo a interrogativa indireta, prática às vezes injustamente condenada [ED.2, § 362]:

Não sei *o* quanto lhe devo nessa ajuda.

Mais uma construção de oração já transposta – A oração relativa sem antecedente transposta a substantiva pode ser de novo transposta a adjetiva com o concurso de preposição – geralmente *de* – e funcionar como modificador de substantivo.

Repare-se nas construções derivadas da construção básica *o homem sábio → o sábio → o trabalho do sábio,* em que, nesta última fase, o adjetivo substantivado *sábio* recebe o concurso da preposição *de* para desempenhar o papel de modificador ou adjunto do núcleo *trabalho*. Assim também em:

O maior trabalho dos que governam é tolerar os importunos [MM],

a oração relativa substantivada *os que governam*, mediante a preposição em *dos que governam*, passa a exercer função própria de adjetivo como modificador do substantivo *trabalho.*

Também a oração de relativo transposta a substantiva pode, com o curso de preposição, passar a exercer papel de advérbio e, assim, funcionar como adjunto circunstancial.

Nenhum senhorio é tão absoluto *como o que conferem os povos aos tiranos de sua escolha* [MM] (comparativa).

O tempo voa *para quem goza,* e se arrasta *para quem padece* [MM] (inclinação).

O livro foi escrito *por quem não se esperava* (agente da passiva).

Orações complexas de transposição adverbial – Refletindo a classe heterogênea dos advérbios, também as orações transpostas que exercem funções da natureza do advérbio se repartem por dois grupos:

a) as subordinadas adverbiais propriamente ditas, porque exercem função própria de advérbio ou locução adverbial e podem ser substituídas por um destes (advérbio ou locução adverbial): estão neste caso as que exprimem as noções de *tempo, lugar, modo* (substituíveis por advérbio), *causa, concessão, condição* e *fim* (substituíveis por locuções adverbiais formadas por substantivo e grupos nominais equivalentes introduzidos pelas respectivas preposições);

b) as subordinadas *comparativas* e *consecutivas.*

As subordinadas adverbiais propriamente ditas – As adverbiais do 1.º grupo exercem função própria de advérbio, que é, como vimos, um adjunto ou determinante circunstancial não argumental do núcleo verbal. Do ponto de vista constitucional, estão representados por advérbios (os de *tempo*, *lugar* e *modo*) ou pelas chamadas locuções adverbiais, constituídas por substantivos ou grupos nominais equivalentes introduzidos pelas respectivas preposições (as circunstâncias anteriores e, especialmente, as que denotam causa, concessão, condição e fim).

Daí tais orações adverbiais, do ponto de vista constitucional, se assemelharem às substantivas, já que se identificam com estas em funções adverbiais, como ocorre com o substantivo transposto ao papel de advérbio mediante o concurso de preposição:

Saiu *de noite.*

Estudamos *com prazer.*

Trabalhas *na fábrica.*

Passeamos *pela cidade.*

Destarte, quando as orações mediante o transpositor *que* se transpõem a subordinadas substantivas e passam a funcionar como adverbiais, são marcadas pela respectiva preposição, constituindo assim as impropriamente chamadas *locuções conjuntivas*: *sem que, para que, desde que, porque* (= *por* + *que*), *que*, etc. Impropriamente locuções conjuntivas, porque não se trata de uma unidade complexa, mas de dois elementos com papéis diferentes: a preposição assinala a noção circunstancial de que semanticamente se reveste a oração transposta ou subordinada; o *que* marca o novo papel da oração independente originária que passa a funcionar, num plano inferior, como termo sintático dentro da oração complexa:

Os alunos estudam muito *para que possam preparar-se para as exigências da vida.*

Os convidados saíram *sem que fossem notados.*

O advogado não o defendeu *porque o réu só mentiu no depoimento.*

Outras particularidades nos transpositores das orações adverbiais – Além do *que* precedido da conveniente preposição como vimos até aqui, devemos assinalar as seguintes outras particularidades:

a) Quando usados sem referência a antecedente, os advérbios relativos *onde, quando, como* e *quanto* (este com preposição) transpõem a oração a que pertencem, que passa a exercer papel de adjunto adverbial:

Onde me espetam fico.

Saíste *quando a festa melhorava.*

O prédio foi construído *como estava planejado.*

Só trabalhava *por quanto dinheiro ganhase para a viagem.*

b) Outros advérbios ou unidades de valor adverbial, próximos aos advérbios relativos, também transpõem orações para exercer papel adverbial, como ocorre com *se* (hipotético), *conforme, apenas, caso, enquanto:*

Se o emprego é nessas condições, ele não me interessa.

Seus sonhos se realizaram *conforme ela planejara.*

c) Também os pronomes relativos sem referência a antecedente ou precedidos de artigo transpõem oração subordinada a substantivo, podendo esta oração subordinada substantiva passar a exercer função adverbial se vem acompanhada da conveniente preposição:

Ela só saía *com quem lhe merecia confiança*

O vizinho errou quando depositou suas economias *no que era bastante precário.*

d) A oração transposta de *que* pode funcionar como determinante de um advérbio, de modo que às vezes o conjunto advérbio + *que* passa a funcionar como um transpositor unitário (*ainda que, ainda quando, já que, sempre que, logo que, assim que,* etc), em que o significado originário do advérbio fica modificado [AL.1, 355]:

Sempre que corríamos à janela, assistíamos ao espetáculo da natureza.

Logo que tudo fique resolvido, o vizinho se mudará.

OBSERVAÇÃO: Primitivamente o advérbio era um elemento da oração deslocado, que devia modificar um núcleo verbal daquela a que a rigor pertencia, e que passou a integrar outra oração.

e) Pelo fenômeno da subordinação ou hipotaxe, palavras ou grupos de palavras (advérbio ou substantivo adverbializado) passam a um estrato inferior e exercem papel próprio de

morfema, aqui de preposição, pela qual podem ser substituídos:

em virtude de doença = *por* doença
em cima da mesa = *sobre* a mesa
graças à ajuda = *com* a ajuda
debaixo da escada = *sob* a escada
dentro de pouco = *por* pouco

Neste caso, introduzindo uma oração transposta mediante *que*, esta exercerá papel adverbial:

Em virtude de que era o mais saudável, dispôs-se a trabalhar pelo grupo.

f) Alguns particípios fixos no masculino singular se unem a orações transpostas mediante *que* dando origem a transpositores complexos de orações adverbiais, do tipo de *dado que, posto que, visto que, suposto que, salvo que, exceto que, não obstante que*:

Nada resolveu o problema, *visto que não houve entendimento prévio das partes em litígio.*
Os turistas desistiram da visita *dado que chovia torrencialmente.*

OBSERVAÇÃO: Primitivamente o *que* introduzia oração que funcionava como sujeito do particípio, o que explica estar este no masculino singular, pois uma oração definida materialmente é considerada do gênero masculino e do número singular.

As subordinadas adverbiais comparativas e consecutivas – As subordinadas adverbiais do 2.º grupo, integradas pelas comparativas e consecutivas, guardam certa analogia com as adjetivas porque dependem de um antecedente, de natureza quantificadora ou de unidade quantificada (adjetivo ou advérbio) e só mantêm relação direta com o núcleo verbal da oração junto com seu antecedente. Assim é que em

Janete estuda mais que trabalha,

a oração subordinada *que trabalha* está presa ao advérbio *mais*, e o conjunto *mais que trabalha,* que manifesta uma comparação com o fato anterior, funciona como adjunto adverbial do núcleo verbal *estuda*.

O mesmo ocorre em

Janete é tão aplicada aos estudos que não lhe sobra tempo para o trabalho.

Aqui a oração subordinada *que não lhe sobra tempo para o trabalho*, que manifesta a consequência ou encarecimento do fato anterior, também está presa ao quantificador *tão* que funciona como adjunto adverbial de *aplicada*, e o conjunto *tão aplicada aos estudos que não lhe sobra tempo para o trabalho,* valendo por um adjetivo a modificar o substantivo *Janete*, funciona como predicativo do verbo *é.*

O caráter do adjunto, portanto de termo não argumental, tanto da oração subordinada comparativa quanto da consecutiva, se manifesta pelo fato de se poder eliminar, em cada caso, a oração subordinada, e continuar perfeita a oração anterior:

Janete estuda mais.
Janete é tão aplicada aos estudos.

Os diversos tipos de comparativas – Como já vimos, a comparação pode manifestar-se estabelecendo uma igualdade (*tanto... quanto*), uma superioridade (*mais...que* ou *do que*), uma inferioridade (*menos...que* ou *do que*) entre duas realidades ou conceitos.

A alternância de *que* e *do que* nasceu, em época relativamente recente, da construção primitiva em que a oração transposta que modificava *mais* ou *menos* era uma substantivada

iniciada por *o que...*, precedida de preposição *de*: *mais* (*menos*) *do que* = *mais* (*menos*) *daquilo que* [ED.2, 171; TM.1, 205].

Dos quantificadores, também já dissemos que só aparece flexionado em gênero e número o *tanto* adnominal, em conformidade com o substantivo ou pronome que modifique. *Tanto* é invariável quando se apresenta como advérbio. Vale ainda lembrar que os quantificadores *mais* e *menos* podem ser reforçados por advérbio: *muito mais, pouco mais, muito menos, pouco menos,* etc.

Outras unidades comparativas – Além dos quantificadores referidos, podem em seu lugar aparecer:

a) as formas adjetivas *maior, menor, melhor, pior:*

As qualidades devem ser *maiores que os vícios.*

b) unidades multiplicativas, indefinidas (como *outro, mesmo, igual*) e advérbios de valor seletivo (como *antes*):

A nota conseguida é o *dobro que o candidato merecia.*

Não pensava em *outra coisa que tirar proveito dos amigos.*

Tudo nele era o *mesmo que se vira antes.*

O roubo antes denigre o ladrão *que lhe aumenta os haveres.*

As orações subordinadas consecutivas – Como vimos, a oração transposta consecutiva também se aproxima da adjetiva relativa por estar o transpositor *que* relacionado com uma unidade quantificadora da oração anterior:

Janete é tão aplicada aos estudos *que não lhe sobra tempo para o trabalho.*

Pelo exemplo acima percebe-se que a oração subordinada manifesta uma consequência; mas o valor semântico primordial é assinalar que o quantificador encarece o conteúdo de pensamento designado.

No exemplo:

Ela sentia tal medo que a deixava paralisada,

se eliminarmos o encarecedor, o quantificador *tal*, a oração subordinada poderá confundir-se com a adjetiva relativa se não for proferida com o contorno melódico que em geral marca a consecutiva, o que a faz poder ser assinalada por vírgula:

Ela sentia medo que a deixava paralisada.

OBSERVAÇÃO: Esta aproximação da adverbial consecutiva desprovida de quantificador com a adjetiva relativa tem levado alguns escritores a repetir a função sintática desempenhada pelo *que* relativo mediante o pronome adverbal *o* (*a, os, as*), construção que a norma padrão desaconselha: "o homem que se destina, ou *que o* destinou seu nascimento, a uma vocação pública, não pode, sem vergonha, ignorar as belas letras e os clássicos" [AGa.4, 29].

Tal como ocorreu nas orações subordinadas comparativas, em *Ela sentia tal medo que a deixava paralisada,* constitui uma unidade complexa o conjunto *tal medo que a deixava paralisada*, que, na oração complexa, funciona como objeto direto do núcleo verbal *sentia.*

Outras unidades consecutivas – Os quantificadores a que se prendem as orações

consecutivas podem ser substituídos por outras unidades, naturalmente sem que deixem de ser marcadas pelo contorno melódico que manifesta o encarecimento do conteúdo do pensamento designado:

a) O indefinido *cada:*

Ele diz *cada* mentira *que já está desacreditado no grupo.*

b) O indefinido *um* (*uma, uns, umas*):

De repente caiu *uma ventania que afugentou do estádio todos os espectadores.*

c) As unidades *de modo, de maneira, assim*:

O mágico falava *de modo que impressionava a plateia.*

O escritor escrevia *de maneira que compunha um livro por mês.*

O atleta era *assim forte que punha nos concorrentes a certeza da derrota.*

OBSERVAÇÃO: Acerca da substituição de *de modo que, de maneira que* + verbo flexionado por *de modo a, de maneira a* + infinitivo (*de modo a fazer,* etc.) cf. link.

d) Pode faltar a unidade quantificadora, garantida pelo contorno melódico e pelo contexto:

É feio *que mete medo.*

Grupos oracionais: a coordenação – Já vimos que as orações coordenadas são orações sintaticamente independentes entre si e que se podem combinar para formar *grupos oracionais* ou *períodos compostos:*

Mário lê muitos livros e aumenta sua cultura.

Mário lê muitos livros e aprende pouco.

É fácil observar que as duas orações do primeiro exemplo são sintaticamente independentes, porque, ao analisar a primeira (*Mário lê muitos livros*), verificamos que possui todos os termos sintáticos previstos na relação predicativa, ao contrário da oração complexa, conforme vimos:

Sujeito: *Mário*

Predicado: *lê muitos livros*

Objeto direto: *muitos livros*

Entretanto, é também fácil verificarmos que a segunda oração *e aumenta sua cultura* manifesta o resultado, uma consequência do fato de Mário ler muito. Esta interpretação, aliás correta, não interfere na relação sintática que as duas orações mantêm entre si no grupo oracional. Esta interpretação adicional não resulta da relação sintática existente nas duas orações, mas sim da nossa experiência do mundo, porque sabemos que a leitura é uma das nossas fontes de cultura. E muito menos a manifestação nasce do emprego da conjunção *e* que, por ser mero conector das orações, tem por missão semântica apenas adicionar um conteúdo de pensamento a outro. Por isso, é denominada *conjunção* (= conector) *aditiva.*

Prova evidente do que estamos falando é o segundo exemplo:

Mário lê muitos livros e aprende pouco.

Do ponto de vista sintático, já vimos que aqui também estamos diante de orações independentes e que podem figurar isoladamente:

Mário lê muitos livros. Ele aprende pouco.

É partindo desse nosso saber sobre as coisas do mundo e dos significados dos lexemas utilizados que interpretamos a 2.ª oração como o contrário do que estávamos esperando pelo

fato de Mário ler muitos livros.

Como no exemplo anterior, essa interpretação adicional não tira da 2.ª oração o caráter de *coordenada aditiva* nem permite que se classifique o *e* diferentemente de uma conjunção aditiva. É o texto, com suas unidades léxicas, e não a gramática, que manifesta o sentido adversativo que claramente expressa a 2.ª oração em face do conteúdo que se enunciou na 1.ª. São, assim, unidades textuais, o que vale dizer, são unidades que manifestam funções sintagmáticas no nível do texto. Trata-se de exemplos de coordenação no nível da oração e de subordinação no nível do texto.

Cabe também assinalar que as orações conectadas por *e* não manifestam nenhum sentido textual subsidiário, além da adição; a ordem das orações é, em geral, livre, salvo quando o significado dos lexemas estabelece uma disposição natural dos conteúdos de pensamento designados. São, neste último caso, questões relativas ao nosso saber elocutivo, e não ao saber idiomático, exclusivamente:

Trabalhava de dia e estudava de noite.
Estudava de noite e trabalhava de dia.

Mas há ordem fixa em:

Ficou noivo em fevereiro e casou-se em junho.
Cursava a Faculdade de Direito e formou-se em advocacia.

Em sentido inverso, muitas orações subordinadas – especialmente as reduzidas, em vista da amplitude semântica em que podem ser envolvidas pela influência das unidades léxicas empregadas e do nosso saber e experiências do mundo – podem admitir um sentido "aditivo", como nos seguintes casos:

a) as orações reduzidas de gerúndio, quando equivalente a uma oração coordenada iniciada pela conjunção *e*:

Compreendeu bem a lição, *fazendo* depois corretamente os exercícios (= e fez depois...)

b) as reduzidas de infinitivo precedida da preposição *sobre* e da locução prepositiva *além de*:

"Além de que a fumarada do charuto, *sobre ser* purificante ou antipútrida, dava aos alvéolos solidez, e consistência aos dentes" [CBr.1, 108] (*sobre ser* = além de ser purificante... a fumarada do charuto dava...).

Apesar destas interpretações "aditivas", estas reduzidas, quanto à sua estruturação gramatical, pertencem ao quadro das orações subordinadas.

Os tipos de orações coordenadas e seus conectores – As orações coordenadas estão ligadas por conectores chamados conjunções coordenativas, que apenas marcam o tipo de relação semântica que o falante manifesta entre os conteúdos de pensamento designado em cada uma das orações sintaticamente independentes.

São três as relações semânticas marcadas pelas conjunções coordenativas ou conectores:

1) *Aditiva*: adiciona ou entrelaça duas ou mais orações, sem nenhuma ideia subsidiária.

As conjunções aditivas são *e* e *nem* (esta para os conteúdos negativos, e pode vir na 2.ª oração ou em ambas).

Pedro estuda *e* Maria trabalha.
Pedro não estuda *nem* trabalha.
Nem Pedro estuda *nem* Maria trabalha.

2) *Adversativa*: contrapõe o conteúdo de uma oração ao de outra expressa anteriormente:

João veio visitar o primo, *mas* não o encontrou.

As conjunções adversativas são *mas, porém, senão* (depois de conteúdo negativo).

Não saía senão com os primos.

3) *Alternativa*: contrapõe o conteúdo de uma oração ao de outra e manifesta exclusão de um deles, isto é, se um se realizar, o outro não se cumprirá:

Estudas *ou* brincas.

Enlaces adverbiais em grupos de orações – Certas unidades de natureza adverbial e que manifestam valores de concessão, conclusão, continuação, explicação, causa, que fazem referência anafórica ao que anteriormente se expressou, podem aparecer como aparentes conectores de orações em grupos oracionais: *logo, pois, portanto, por conseguinte, entretanto, contudo, todavia, por isso, por isto, também, daí, então, pelo contrário,* etc:

Será a primeira vez que copiará estes quadros, *pois* não há oito dias que os comprei [JA.3, 257].

O amor, como eu sonho e espero, há de ser a minha vida inteira; *portanto* parece-me que tenho o direito e até o dever de conhecê-lo antes (...) [JA.3, 379].

O que a protegia na confusão não era tanto o rápido olhar, como um sétimo sentido, que só ela possuía: uma espécie de previsão dos objetos que se aproximavam.

Contudo, eu sofria muito vendo Emília assim esquecida de mim e engolfada nos prazeres (...) [JA.3, 380].

Partindo desses valores semânticos, a gramática tradicional estabeleceu, entre os conectores coordenativos, as conjunções *conclusivas* e *causais-explicativas*. Realmente, nestes casos se trata de unidades que manifestam esses valores de dependência interna, semelhantes às orações subordinadas, mas no nível do sentido do texto. São unidades transfrásticas, já que ultrapassam os limites de fronteira das orações.

OBSERVAÇÃO: A inexistência, a rigor, das conjunções conclusivas e causais – explicativas, orientação que também é seguida em gramáticas de outras línguas, já tinha sido defendida entre nós por Maximino Maciel (1865-1923) na última revisão de sua *Gramática Descritiva*, em que as considerava advérbios, dada a facilidade com que se deslocavam nas orações, aparecendo em várias posições, o que lhes tirava o caráter de conectores.

Justaposição ou assindetismo – Ao lado da presença de transpositores e conectores vistos até aqui, as orações podem encadear-se, como ocorre com os termos sintáticos dentro da oração, sem que venham entrelaçadas por unidades especiais; basta-lhes apenas a sequência, em geral proferidas com contorno melódico descendente e com pausa demarcadora, assinalada quase sempre na escrita por vírgulas, ponto e vírgula e ainda por dois pontos:

O moço que dizia Simíles costumava zombar de mim com barulho. *Qualquer dito nem o excitava: mordia os beiços, avermelhava-se como um peru, lacrimejava, enfim não se continha, caía num riso convulso, rolava sobre o balcão, meio sufocado.* [GrR.1, 197].

Este procedimento de enlace chama-se *justaposição.*

Sob o ponto de vista sintático e semântico, tais justaposições se aproximam, pela independência sintática e estreito relacionamento semântico, da parataxe ou coordenação. Seu efeito para o discurso é variado, ora apontando para um estilo cortado com grande dose impressionista, ora para um estilo que focaliza quadros rápidos e movimentos ascendentes, especialmente se está constituído por sequência de verbos. Já a sequência de substantivos

manifesta lentidão.

Aproximam-se as orações justapostas das coordenadas, e com elas às vezes se alternam, por permitirem, no nível da camada superior do texto, um sentido subsidiário de causa-explicação, concessão, consequência, oposição, tempo, levando-se em conta o conteúdo de pensamento nelas designado:

> Uma vez por dia o grito severo me chamava à lição. Levantava-me, com um baque por dentro, dirigia-me à sala, gelado. *E emburrava: a língua fugia dos dentes, engrolava ruídos confusos* [GrR.1, 102].
>
> Não me ajeitava a esse trabalho: a mão segurava mal a caneta, ia e vinha em sacudidelas, *a pena caprichosa fugia da linha, evitava as curvas, rasgava o papel, andava à toa como uma barata* doida, semeando borrões [GrR.1, 114].

A chamada " coordenação distributiva" – Podem-se incluir nas orações justapostas aquelas que a gramática tradicional arrola sob o rótulo de coordenadas distributivas, caracterizadas por virem enlaçadas pelas unidades que manifestam uma reiteração anafórica do tipo de *ora...ora, já...já, quer...quer, um...outro, este...aquele, parte...parte, seja...seja,* e que assumem valores distributivos alternativos, e subsidiariamente concessivos, temporais, condicionais.

Do ponto de vista constitucional, essas unidades são integradas por várias classes de palavras: substantivo, pronome, advérbio e verbo, e do ponto de vista funcional não se incluem entre os conectores que congregam orações coordenadas:

> *Ora* eram eles capazes de atos de vandalismo, *ora* eram capazes de atos de ajuda ao próximo.
>
> *Já* não se mostravam como pessoas educadas, *já* se revelavam como se fossem inocentes crianças.
>
> *Uns* estavam sempre satisfeitos, *outros* só viviam reclamando da vida.

Orações intercaladas – Também se incluem nos grupos oracionais como orações justapostas as intercaladas, também caracterizadas por estarem separadas do conjunto por pausa e por contorno melódico particular. Na escrita, aparecem marcadas por vírgula, travessão ou parêntese. Do ponto de vista de conteúdo de pensamento designado, dividem-se em:115

1) *citação*: onde se acrescenta a pessoa que proferiu a oração anterior:

> Dê-me água, *me pediu o rapaz.*116
>
> Quem é ele? – *interrompeu a jovem.*

2) *advertência*: esclarece um ponto que o falante julga necessário:

> Em 1945 – *isto aconteceu no dia de meu aniversário* –, conheci um dos meus melhores amigos.

3) *opinião*: em que o falante aproveita a ocasião para opinar:

> D. Benta (*malvada é que era*) dizia que a sua doença impedia a brincadeira da garotada.
>
> "Comíamos, *é verdade*, mas era um comer virgulado de palavrinhas doces" [MA.1, 198].

4) *desejo*: em que o falante aproveita a ocasião para exprimir um desejo, bom ou mau:

> José – *Deus o conserve assim!* – conquistou o primeiro lugar da classe.
>
> "É bem feiozinho, *benza-o Deus,* o tal teu amigo!" (Aluísio Azevedo)
>
> O teu primo – *raios que o partam!* – pôs-me de cabelos brancos.

5) *escusa*: em que o falante se desculpa:

> "Pouco depois retirou-se: eu fui vê-la descer as escadas, e não sei por que fenômenos de ventriloquismo cerebral (*perdoem-me os filósofos essa frase bárbara*) murmurei comigo..." [MA.1, 325].

6) *permissão*: em que solicita algo:

"Meu espírito (*permita-me aqui uma comparação de criança*), meu espírito era naquela ocasião uma espécie de peteca" [MA.1, 282].

7) *ressalva*: em que faz uma limitação à generalidade de um enunciado:

"Daqui a um crime distava apenas um breve espaço e ela transpôs, *ao que parece*" [AH.2, 123].

Ele, *que eu saiba,* nunca veio aqui.117

"Cobiça de cátedras e borlas que, *diga-se de passagem,* Jesus Cristo repreendeu severamente aos fariseus" [CBr.2, 300].

Os livros, *pode-se bem dizer*, são o alimento do espírito.

Aparentes orações complexas – Entram, assim, neste caso as intercaladas de citação que, em estilo direto, reproduzem o que no estilo indireto funcionaria como objeto direto do núcleo verbal, claro ou subentendido: *Dê-me água, me pediu o rapaz*, equivalente no conteúdo a *O rapaz pediu que lhe desse água; Quem é ele? – interrompeu o jovem*, equivalente no conteúdo a *O jovem interrompeu* [*perguntando*] *quem é ele.*

Atendendo às equivalências do conteúdo, mas em contradição com a estrutura sintática e textual, alguns autores analisam tais orações justapostas como complexas. Só poderíamos proceder dessa maneira e considerá-las orações complexas se viessem introduzidas pelo transpositor, como ocorreu nas equivalências apontadas.

Como bem ensina A. da Gama Kury, devemos "considerar essas orações interferentes como períodos à parte, intercalados ou justapostos, que se analisarão lado a lado com aquele em que se inserem" [AK.1, 70].

3 – Discurso direto, indireto e indireto livre

O português, como outras línguas, apresenta normas textuais para nos referirmos no enunciado às palavras ou aos pensamentos de responsabilidade do nosso interlocutor, mediante os chamados *discurso direto, discurso indireto* e *discurso indireto livre.*

No DISCURSO DIRETO reproduzimos ou supomos reproduzir fiel e textualmente as nossas palavras e as do nosso interlocutor, em diálogo, conforme vimos nos exemplos das orações ou períodos intercalados de citação, com a ajuda explícita ou não de verbos como *disse, respondeu, perguntou, retrucou* ou sinônimos (os chamados verbos *dicendi*). Às vezes, usam-se outros verbos de intenção mais descritiva, como *gaguejar* (do nosso exemplo), *balbuciar, berrar,* etc. São os *sentiendi*, que exprimem reação psicológica do personagem.118 No diálogo, a sucessão da fala dos personagens é indicada por travessão (outras vezes, pelos nomes dos intervenientes):

Uma vez em que me extenuava na desgraçada tarefa percebi um murmúrio:

— *Lavou as orelhas hoje?*

— Lavei o rosto, *gaguejei* atarantado.

— Perguntei se lavou as orelhas.

— Então? Se lavei o rosto, devo ter lavado as orelhas [GrR, 114].

No DISCURSO INDIRETO os verbos *dicendi* se inserem na oração principal de uma oração complexa tendo por subordinada as porções do enunciado que reproduzem as palavras próprias ou do nosso interlocutor. Introduzem-se pelo transpositor *que,* pela dubitativa *se* e

pelos pronomes e advérbios de natureza pronominal *quem, qual, onde, como, por que, quando,* etc., já vistos antes:

Perguntei *se lavou as orelhas.*

O discurso direto em:

José Dias recusou, dizendo: *É justo levar a saúde à casa de sapé do pobre*

passa a discurso indireto, em que se transpõe o presente *é* do discurso direto para o pretérito imperfeito do indireto:

José Dias recusou, dizendo *que era justo levar a saúde à casa de sapé do pobre* [MA.4, 14].

O DISCURSO INDIRETO LIVRE consiste em, conservando os enunciados próprios do nosso interlocutor, não fazer-lhe referência direta. Como ensina Mattoso Câmara, mediante o estilo indireto livre reproduz-se a fala dos personagens – inclusive o narrador – sem "qualquer elo subordinativo com um verbo introdutor *dicendi*" [MC.4, 28]. Se tomássemos o exemplo acima d e *Dom Casmurro*, bastaria suprimir a forma verbal *dizendo* e construir dois períodos independentes com as duas partes restantes:

José Dias recusou. *Era justo levar a saúde à casa de sapé do pobre.*

Uma particularidade do estilo indireto livre é a permanência das interrogações e exclamações da forma oracional originária, ao contrário do caráter declarativo do estilo indireto. Mattoso Câmara cita um trecho de *Dom Casmurro* em que D. Glória tenta demover Pádua da ideia de suicídio por lhe ter mudado a vida financeira de repente, mediante um enunciado em estilo indireto livre a partir do segundo período:

> Minha mãe foi achá-lo à beira do poço, e intimou-lhe que vivesse. Que maluquice era aquela de parecer que ia ficar desgraçado, por causa de uma gratificação menos, e perder um emprego interino? Não, senhor, devia ser homem, pai de família, imitar a mulher e a filha... (p. 48)

Em suma, o discurso indireto livre "estabelece um elo psíquico entre o narrador e o personagem que fala (...) o narrador associa-se ao seu personagem, transpõe-se para junto dele e fala em uníssono com ele" [MC.4, 30-31].

Particularidades outras das orações transpostas substantivas – O transpositor da oração substantiva junto à oração principal se diz *conjunção integrante: que* (nas declarações de certeza) e *se* (nas declarações de incerteza):

Sei *que* virá hoje.

Não sei *se* virá hoje.

Conforme vimos, pode a conjunção integrante vir ou não precedida de preposição necessária. O quadro seguinte resumirá as orações substantivas, levando-se em conta a preposição necessária:

- Subordinadas Substantivas
  - a) sem preposição necessária
    - 1) *subjetiva*
    - 2) *objetiva direta*
    - 3) *predicativa*
    - 4) *apositiva*
  - b) com preposição necessária
    - 1) *completiva relativa* (complemento de verbo)
    - 2) *objetiva indireta* (complemento de verbo + objeto direto ou complemento relativo)

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Continuamos a insistir no termo *necessária (preposição necessária),* porque ela pode aparecer, esporadicamente, em lugares que a não exigem, como omitir-se onde seria esperada. Assim, pode-se prescindir da preposição que inicia uma oração objetiva indireta ou completiva nominal:

> "Em Coimbra recebeu o infante esta triste nova por uma carta da rainha sua filha, em que o avisava que *em conselho se decidira que o fossem cercar...*" [AH.2, 94],

isto é: em que o avisava que está por *em que o avisava* ***de que***.

2.ª) Pode ocorrer a omissão tanto da preposição quanto do transpositor:

> Quis defendê-la, mas Capitu não me deixou, continuou a chamar-lhe beata e carola, em voz tão alta que tive medo *fosse* ouvida os pais [MA *apud* MBa.3, 80],
>
> isto é: tive medo *de que* fosse ouvida.

Também se pode preceder de preposição uma oração subjetiva ou objetiva direta. Assim, por influência da construção *fazer com alguém* (= conseguir deste alguém) *que viesse* passamos a empregar *fazer com que* ao lado de *fazer que* em orações objetivas diretas do tipo:

> "...fizeram (os cortesãos) *com que se retirasse para Sintra...*" [AH.2, 93],
>
> onde *fazer* significa "diligenciar e conseguir que uma coisa aconteça".

Ou subjetiva, como:

> "Desaire real seria *de a deixar sem prêmio*" [AGa].

Registrem-se ainda as construções *dizer de sim, dizer de não,* em lugar de *dizer que sim, dizer que não:* "Eu me abalanço a lhes dizer e redizer *de não* [RB.5, 225]".

Características da oração subjetiva e predicativa – A oração substantiva subjetiva apresenta as seguintes características:

Estar o verbo da oração principal na 3.ª pessoa do singular e num destes quatro casos:

a) verbo na voz reflexiva de sentido passivo:

> Sabe-se que tudo vai bem.

b) verbo na voz passiva (*ser, estar, ficar*) seguidos de particípio:

> Ficou provado *que estava inocente.*

c) verbos *ser, estar, ficar* seguidos de substantivo ou adjetivo:

> É verdade que *sairemos cedo*.
>
> Foi bom *que fugissem.*

Está claro *que consentirei.*

Ficou certo *que me telefonariam.*

d) verbo do tipo *parece, consta, ocorre, corre, urge, importa, convém, dói, punge, acontece:*

Parece *que vai chover.*

Urge *que estudem.*

Cumpre *que façamos com cuidado todos os exercícios.*

Acontece *que todos já foram punidos.*

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Não se pautam pela tradição literária as construções em que se personaliza o verbo *pesar* significando arrependimento ou dor, do tipo de:

Pesam-me os dissabores que lhe causei.

A boa construção é dar-lhe objeto indireto de pessoa e complemento relativo de coisa introduzida pela preposição *de*, e na forma de 3.ª pessoa do singular:

Pesa-me dos dissabores que lhe causei.

2.ª) O Prof. Sousa Lima [SL.1, § 530] acha que só se poderá considerar *predicativa* a oração que contiver o verbo *parecer* concordando "com outro sujeito que não seja a proposição: *Tu pareces ser estrangeiro* ", outro exemplo, "Nunca nos esquecemos de nós, ainda quando *parecemos* que mais nos ocupamos dos outros" [MM].

A oração substantiva predicativa introduzida pela conjunção complementa, na maioria das vezes, o verbo *ser*:

A verdade *é que não ficaremos aqui.*

Omissão da conjunção integrante – Se o enunciado encerra mais de um *que,* podemos, com elegância, omitir a conjunção integrante, principalmente nas orações subjetivas e objetivas presas a núcleos verbais que exprimem vontade ou temor:

"Devia, pois, ser melancólico, além do exprimível o que aí se passou nessa grade: triste, e desgraçado direi, a julgá-lo pelas consequências *que* se vão descrever, com um certo pesar em *que esperamos tomem* os leitores o seu quinhão de pena..." [CBr.4, 223].

Esperamos tomem está por e*speramos que tomem.*

Ainda que não haja acúmulo de *quês*, constitui leveza a omissão da conjunção integrante, que ocorre principalmente no estilo administrativo:

"Frequentes vezes me *disse esperava* lhe anulassem no supremo tribunal o processo" [CBr.10, 51].

Requeiro *seja enviado o Processo a outra instância.*

Evitou-se, no primeiro exemplo, o emprego de duas conjunções integrantes: "...me disse *que esperava que* lhe anulassem o processo".

"Posto que, dizia ele, muito desejasse ver levar o negócio a cabo, *aconselhava-o não tentasse* nada de leve..."[AH.6, 262, *apud* AH.2, 149].

Aconselhava-o não tentasse está por *aconselhava-o a que não tentasse.*

Também se dá a omissão da integrante *que* depois do transpositor na comparação com *que* ou *do que*, como se observa no seguinte exemplo:

É melhor *que* lhe deem uma oportunidade *do que estejam* a retê-lo na prisão,

isto é: *é melhor que lhe deem...do que que estejam...*

Pode-se ainda fugir à repetição pondo-se o verbo no infinitivo:

do que *estar* a retê-lo na prisão.

Pleonasmos da conjunção integrante

Quando a oração substantiva não segue imediatamente o verbo de que serve de integração, pode ocorrer, mormente no falar coloquial, o pleonasmo da conjunção integrante, como o provam os seguintes exemplos:

"e disse *que*, se lhe não queríamos mais nada, *que* podíamos ir à nossa vida" [CBr, 45].

"O meu amor me disse ontem
Que eu *que* andava coradinha" [AO.1] 119

A verdade é *que* desde que anunciei ao rapaz a volta de sua mãe, *que* observei nele uma bizarra mudança de atitude [LCa.1].

Particularidades sobre as *orações transpostas adjetivas*

Funções sintáticas do relativo das orações adjetivas – As orações adjetivas iniciam-se por pronome relativo que, além de marcar a subordinação, *exerce uma função sintática da oração a que pertence.* Em:

"Há enganos *que* nos deleitam, como desenganos *que* nos afligem" [MM],

os dois *quês* exercem funções sintáticas na oração subordinada que iniciam. O primeiro é sujeito de *deleitam* (que nos deleita? – *enganos*, representado na oração subordinada pelo *que*); o segundo é sujeito de *afligem* (que nos aflige? – *desenganos*, representado na oração subordinada pelo *que*).

É importante assinalar que *a função sintática do pronome relativo nada tem a ver com a função do seu antecedente; ela é indicada pelo papel que desempenha na oração subordinada a que pertence.*

Desta maneira, no exemplo dado, *enganos* e *desenganos* são *objetos diretos* (a oração não tem sujeito, porque o verbo *haver* = *existir* é impessoal) e os *quês* são sujeitos.

a) *Que* – não precedido de preposição necessária – pode exercer as funções de *sujeito, objeto direto* ou *predicativo*:

O menino *que* estuda aprende (*sujeito*).

O livro *que* lemos é instrutivo (*objeto direto*).

Somos o *que* somos (*predicativo*).

b) *Que* – precedido de preposição necessária – pode exercer as funções de *objeto indireto, complemento relativo, adjunto adverbial* ou *agente da passiva*:

A pessoa *a que* entreguei o livro deixou-o no táxi (*objeto indireto*).

Os filmes *de que* gostamos são muitos (*complemento relativo*).

A cidade *a que* te diriges tem bom clima (*complemento relativo*).

A pena *com que* escrevo não está boa (*adjunto adverbial de meio*).

Este é o escritor *por que* foi escrito o livro (*agente da passiva*).

OBSERVAÇÃO: Constitui impropriedade o emprego do pronome relativo precedido de preposição *de* como adjunto adnominal, em lugar de *cujo*. Assim se evita dizer "o escritor *de que* todos conhecemos o livro", "as pessoas *de quem* reconheceis os privilégios". Em boa linguagem diremos "o escritor *cujo* livro todos conhecemos", "as pessoas *cujos* privilégios reconheceis". Todavia não são raros os exemplos em bons escritores: O anarquista maldiz de todos os governos *de que* não compartilha as vantagens [MM]. Para certa classe de gente, a consciência é uma gaveta fechada *de que* se perdeu a chave [AR.2, 168], isto é, *de cujas vantagens não compartilha; gaveta cuja chave se perdeu.*

c) *Quem* – sempre em referência a pessoas ou coisas personificadas – só se emprega precedido de preposição, e exerce as seguintes funções sintáticas:

Ali vai o professor *a quem* ofereci o livro (*objeto indireto*).

Apresento-te o amigo *a quem* hospedei no verão passado (*objeto direto*).

Não conheci o professor *a quem* te referes (*complemento relativo*).

As companhias *com quem* andas são péssimas (*adjunto adverbial*).

O amigo *por quem* fomos enganados desapareceu (*agente da passiva*).

d) *Cujo(s), cuja(s)* – precedidos ou não de preposição – valem sempre *do qual, da qual, dos quais, das quais* (caso em que a preposição *de* tem sentido de posse) e funcionam como *adjunto adnominal* do substantivo seguinte com o qual concordam em gênero e número. O sintagma a que *cujo* pertence exercerá a função que determinar sua relação com o núcleo verbal. Assim, *cuja casa* é objeto direto de *comprei* e *sobre cuja matéria* é complemento relativo de *discutíamos*:

O homem *cuja* casa comprei embarcou ontem (= a casa do qual).

Terminei o livro *sobre cuja* matéria tanto discutíamos (= sobre a matéria do qual).

OBSERVAÇÃO: *Erros no emprego de* CUJO.

Constitui erro empregar *cujo*:

a) como sinônimo de *o qual, a qual, os quais, as quais:*

Aqui está o livro *cujo* livro compramos (= o qual);

b) precedido ou seguido de artigo:

Este é o autor *à cuja* obra te referiste (Não há acento indicativo da crase).

Compramos os livros de *cujos os* autores nos esquecemos.

Emprego de relativos – Em lugar de *em que, de que, a que,* nas referências a lugar, empregam-se, respectivamente, *onde, donde, aonde* (que funcionam como adjunto adverbial ou complemento relativo):

O colégio *onde* estudas é excelente.

A cidade *donde* vens tem fama de ter bom clima.

A praia *aonde* te diriges parece perigosa.

Modernamente, os gramáticos têm tentado evitar o uso indiscriminado de *onde* e *aonde*, reservando o primeiro para a ideia de repouso e o segundo para a de movimento:

O lugar *onde* estudas...

O lugar *aonde* vais...

Esta lição da gramática tende a ser cada vez mais respeitada na língua escrita contemporânea, embora não sejam poucos os exemplos em contrário, entre escritores brasileiros e portugueses.

e) *O qual* – e flexões que concordam em gênero e número com o antecedente – substitui *que* e dá à expressão mais ênfase. Para maior vigor ou clareza pode-se até repetir o antecedente depois de *o qual*:

"O primeiro senhor de Ormuz de que temos notícia foi Male-Caez, *o qual*, habitando na ilha de Caez, dominava todas as ilhas daquele estreito" [AH.2, 54].

Ao livro ninguém fez referência, *o qual* livro merece a maior consideração, no meu entender.

Às vezes o antecedente se acha apenas esboçado, como no seguinte exemplo, onde se percebe claramente o termo *cidade*.

> "Logo, porém, que este prazo expirou, o rei de Leão fez uma estrada até Talavera, perto *da qual cidade* destroçou as tropas que intentaram opor-se-lhe" [AH.6, 94].

É mais comum a substituição de *que* por *o qual* depois de preposição, principalmente depois de preposição ou locução prepositiva de duas ou mais sílabas. Dizemos indiferentemente *de que*, ou *do qual*, *com que* ou *com o qual*, *a que* ou *ao qual*, *sem que* ou *sem o qual,* mas só ocorrem *apesar do qual, conforme o qual, segundo o qual, entre o qual, fora dos quais, perante os quais,* etc. A razão se deve ao movimento rítmico da oração e a uma necessidade expressiva que exigem um vocábulo tônico (como o *qual*), e não átono (como *que*).

Posição do relativo – Normalmente o *que* vem junto do seu antecedente; quando isto não se dá e o sentido da oração periga, desfaz-se a dúvida com o emprego de *o qual*, de *e este* ou se repete o antecedente, ou se põe vírgula para mostrar que o relativo não se refere ao antecedente mais próximo:

> "Mas ele tinha necessidade da sanção de alguns, que [isto é, *sanção* e não *alguns*] lhe confirmassem o aplauso dos outros" [MA.1, 138].
> "Arrastaram o saco para o paiol e o *paiol* ficou a deitar fora" [CN.1, 12].

Poderia também dizer o autor:

> Arrastaram o saco para o paiol *que* ficou a deitar fora.
> Arrastaram o saco para o paiol *o qual* ficou...
> Arrastaram o saco para o paiol *e este* ficou...

Note-se como Camilo evita o equívoco nesta passagem:

> "Eu de mim, se não estivesse amortalhada no sobretudo do meu marido, *que* vou escovar (o sobretudo), era dele, como a borboleta é da chama..." [CBr.12, 18 *apud* MBa.5, 303].

Não é impossível, entretanto, mormente nos autores mais antigos e naqueles que, embora contemporâneos, primam por escrever como os clássicos, vir o pronome relativo afastado do seu antecedente, como neste trecho de João Ribeiro, depois do verbo da oração principal [MLk.2, §637; ECs.4, 257-258]:

> "No fundo de um triste vale dos Abruzos, terra angustiada e sáfara, um pobre eremita vivia *que deixara as abominações do século pela soledade do deserto*" [JR.2, 219].

Era comum nos clássicos:

> "...àquele haveis de dar vosso voto para governar, *que* entre todos tiver mais saber" [HP, 178-9].

Por fim, cumpre assinalar que ocorre ainda a inversão de um termo da oração adjetiva para antes do relativo, como no exemplo de Vieira:

> "O padre Francisco Gonçalves, *provincial* que acabou de ser [em lugar de: *que acabou de ser provincial*] da província do Brasil..." [AV *apud* FB, 289].

Pronome relativo sem função na oração em que se encontra

Em expressões do tipo:

> Ali está o homem que eu pensei que tivesse desaparecido.
> Não faças a outrem o que não queres que te façam,

o pronome relativo *que* inicia as orações *que eu pensei*, *que não queres*, dando-lhes o caráter

de adjetivas, mas não exerce nelas função sintática; pertence, isto sim, às orações substantivas *que tivesse desaparecido* ou *que te façam*, das quais é o sujeito (na 1.ª) e objeto direto (na 2.ª). Cuidado especial há de ter-se no que toca à concordância, pois o escritor inexperiente logo opta por flexionar o verbo: ...distinção adiada *sine die* por motivos que não *vem* (e não *vêm* no plural) a pelo declarar [CL.1, 66].

Esta construção é correta e coerente, e resiste a um enquadramento nos processos normais de análise sintática.120

Pode-se evitar a repetição dos *quês* substituindo-se o verbo da oração substantiva por um infinitivo:

> Ali está o homem que eu pensei ter desaparecido.

"No português moderno, esta construção só tem lugar, em geral, quando a oração subordinada é substantiva; fora deste caso só se emprega, de ordinário, com o pronome *o qual*, e então coloca-se este pronome depois da expressão por ele determinada: *É problema, para resolver o qual são necessárias duas condições:* "O jugo da obediência, para lhes impor *o qual* muitas vezes faltava a força" [AH.6, 244]. Todavia, evita-se esta construção quanto possível, e diz por exemplo: *É problema para cuja resolução são necessárias* duas condições" [ED.2, § 367].

O QUE, A QUE, OS QUE, AS QUE

No exemplo:

> "De ordinário os que reclamam mais liberdade são os que menos a merecem" [MM],

as orações adjetivas substantivadas *das que reclamam mais liberdade* e *os que menos a merecem* não têm seus antecedentes explícitos.

Analisando a oração complexa constitutiva do enunciado, teremos uma cláusula do comentário *de ordinário* e uma comentada, assim analisada:

> Sujeito: *os que reclamam mais liberdade*
> Predicado: *são os que menos a merecem*
> Predicativo: *os que menos a merecem*

Análise do sujeito oracional:

> Sujeito: *os que*
> Predicado: *reclamam mais liberdade*
> Obj. direto: *mais liberdade*

Análise do predicativo oracional:

> Sujeito: *os que*
> Predicado: *menos a merecem*
> Obj. direto: *a*

Em

> José partiu, o que deixou a casa triste.

a oração adjetiva transposta a substantivo *o que...triste* é aposto da oração *José partiu*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Foge do plano de interpretação sintática o entender-se *o que* = *e isto*, como querem alguns gramáticos. Veja-se [CP.1, § 510].

2.ª) Em lugar de *o que* também pode ocorrer apenas *que*, construção que vai caindo em desuso: "... depois a 17 de agosto de 1710 acabou de expirar *que* (= o que) foi, como bem podemos presumir, voar do cárcere carregado com as palmas de

confessor e mártir para a pátria onde os frutos se colhem do que na terra se cultivou"[AC.8, 278 *apud* MBa.4, 139. Cf. ainda MBa.5, 234].

Com *o que, a que, os que, as que,* pode ocorrer uma preposição regendo toda a oração substantivada, o relativo ou ambos:

a) Gostei *do que disseste.*

b) O professor dissertou *sobre o de que* ontem conversávamos.

Com frequência, a preposição que deveria acompanhar o relativo emigra para o artigo que introduz a oração substantivada:

Não sei *no que* pensas (por *o em que*).

"Agora já sabe a fidalga *no que* ele estraga dinheiro" [CBr.1, 148].

Estas migrações de preposição para a unidade anterior ao relativo tornam a construção mais harmoniosa e espontânea. Os seguintes exemplos de Rui Barbosa, embora gramaticalmente corretos, trazem o selo do artificialismo:

"Assim me perdoem, também, *os a quem* tenho agravado, *os com quem* houver sido injusto, violento, intolerante..." [RB.2, 23].

"e daí, com estupenda mudança, começa a deixar ver *o a que* era destinada..." [RB.2, 36].

"Os meus serão *os a que* me julgo obrigado..." [RB.2, 61].

O DE que mais gosto é DE

É frequente ver-se a preposição que acompanha o relativo repetida junto ao termo ou oração que faz o papel de predicativo:

"do que [= de que] duvido é *de* que comecemos, se por el-rei houvermos de esperar" [AH.4, 222].

"No que [= o em que] em grande parte discordo de Schlegel é *no* severo conceito que forma do estilo de Addison" [AGa.4, 35; cf. MBa.4, 239-40].

Emprego de À em À QUE, ÀS QUE

As linguagens *a que, as que,* sendo o *a* artigo, podem vir regidas da preposição *a*, caso em que se usam as unidades complexas acentuadas *à que, às que:*

Não se referiu *à que* estava ao nosso lado (*à que* equivalente a *àquela que*).

Os prêmios foram entregues *às que* discursaram (*às que* equivalente a *àquelas que*).

É claro que se o *a* antes de *que* for apenas preposição não levará acento grave indicativo de crase, e não mais se tratará de adjetiva substantivada, mas tão somente adjetiva:

A pessoa *a que* te referes não veio hoje.

Relativo universal

Frequentes vezes a linguagem coloquial e a popular despem o relativo de qualquer função sintática, tomando-o por simples elemento transpositor oracional. A função que deveria ser exercida pelo relativo vem mais adiante expressa por substantivo ou pronome. A este relativo chamamos *universal*:

O homem QUE eu falei COM ELE

em vez de :

O homem COM QUEM (ou COM QUE) eu falei.

A amizade é coisa QUE nem sempre sabemos SEU SIGNIFICADO

em vez de:

A amizade é coisa CUJO SIGNIFICADO nem sempre sabemos.

Embora a língua padrão recomende o correto emprego dos relativos, o relativo universal se torna, no falar despreocupado, um "elemento linguístico extremamente prático" [KN.1, 330].

Observações finais:

1.ª) É frequente aparecer, na linguagem de outrora e ainda ocorre no colóquio moderno, *que* ou *quem* seguido de pronome pessoal oblíquo (*que* ou *quem... lhe*) onde o rigor gramatical exigiria aqueles pronomes precedidos de preposição:

"Agora sim, disse então aquela cotovia astuta, agora sim, irmãs, levantemos o voo e mudemos a casa, que vem *quem lhe* dói a fazenda" [MBe.1, I, 70].

Quem lhe dói a fazenda = a quem dói a fazenda.

"A Natureza, negando-lhe a ordinária ração de outros gostos, sente-o, e amua-se como menino, *que lhe tiram a merenda*" [*Vários Tratados*, II, 354 *apud* MBa.1, 254].

Tais construções não se enquadram nos processos rigorosos da análise.

2.ª) Às vezes o relativo não se refere à *forma* do seu antecedente, mas à *ideia* que ele traduz:

"Bem vês as *lusitânicas* fadigas

Que eu já de muito longe favoreço" [LC, IX, 38].

O relativo *que* se refere a *lusitanos*, ideia que, ensina-nos bem Epifânio Dias, está contida no adjetivo *lusitânicas* [LC, II, 171].121

Outras vezes o relativo se refere ao pronome pessoal que se depreende do pronome possessivo usado:

"Isto que parece absurdo ou desgracioso é perfeitamente racional e belo – belo à *nossa* maneira, *que* não andamos a ouvir na rua os rapsodos recitando os seus versos, nem os oradores os seus discursos, nem os filósofos as suas filosofias" [MA *apud* SS.5, I, 28],

que diz: "Quando leio este trecho, sinto como antecedente do *que* sublinhado a ideia de *nós*, encerrada no adjetivo *nossa.* Esse *que* não se me afigura conjunção causal". Julgo perfeitamente cabível a interpretação do mestre e constitui prática de linguagem corrente no latim: "*Vestra, qui cum summa integritate vixistis, hoc maxime interest*" [Cícero pro Sall, 28 *apud* JMa.1, § 317, a].

Outras particularidades das orações adverbiais

Tipos de oração subordinada adverbial – A oração subordinada adverbial funciona como adjunto adverbial da sua oração principal:

Toca sempre a sineta, *quando terminam as aulas*

(subordinada adverbial temporal).

As orações subordinadas adverbiais iniciam-se pelo transpositor *que*, acompanhado de preposição ou advérbios ou de outras unidades adverbiais:

1 – CAUSAIS: quando a subordinada exprime a causa, o motivo, a razão do pensamento

expresso na oração principal — *que* (= porque), *porque, como* (= porque), *visto que, visto como, já que, uma vez que* (com o verbo no indicativo), *desde que* (com o verbo no indicativo), etc.:

Saiu cedo *porque precisou ir à cidade.*

Como está chovendo, transferiremos o passeio.

Desde que assim quiseram, vão arrepender-se.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Evite-se na língua padrão o emprego de *de vez que* e *eis que* por não serem locuções legítimas.

2.ª) A língua moderna só usa *como* causal quando vier antes da principal.

2 – COMPARATIVAS: quando a subordinada exprime o ser com que se compara outro ser da oração principal. A comparação é *assimilativa*, quando "consiste em assimilar uma coisa, pessoa, qualidade ou fato a outra mais impressionante, ou mais conhecida" [MC.3, II, 48].

É introduzida a oração subordinada comparativa desta espécie por *como* ou *qual*, podendo ainda estarem em correlação com *assim* ou *tal* postos na oração principal:

"Os importunos são *como as moscas* que, enxotadas, revertem logo" [MM].

A comparação pode ainda ser *quantitativa*, quando "consiste em comparar, na sua quantidade ou intensidade, coisas, pessoas, qualidades ou fatos" [MC.3, II, 48].

Há três tipos de comparação quantitativa:

a) *igualdade,* introduzida por *como* ou *quanto* em correlação com *tanto* ou *tão* da oração principal, ou o *mesmo que:*

"Nada conserva e resguarda *tanto* a vida *como a virtude*" [MM].

Isto é o *mesmo que* nadar em ouro.

b) *superioridade*, introduzida por *que* ou *do que* em correlação com *mais* da oração principal:

"Um homem pode saber *mais do que muitos*, porém nunca tanto como todos" [MM].

c) *inferioridade,* introduzida por *que* ou *do que* em correlação com *menos* da oração principal:

"O governo dos loucos dura pouco, o dos tolos ainda *menos que o dos velhacos*" (*id.*).

As orações subordinadas comparativas, geralmente, não repetem certos termos que, já existentes na sua principal, são facilmente subentendidos:

Os importunos são como as moscas *são*...

Nada conserva e resguarda tanto a vida como a virtude *conserva e resguarda*...

Um homem pode saber mais do que muitos *sabem*...

O governo dos loucos dura pouco, o dos tolos ainda *dura menos* que *dura* o dos velhacos... (note-se que o primeiro *dura* omitido não está em oração comparativa).

Ocorre a presença do verbo em:

"Não tens inimigo mais poderoso, mais astuto, mais emperrado e mais doméstico *do que é teu* amor-próprio" [MBe.2, 213].

"O ar como que *era* cortado de relâmpagos sensuais, sentiam-se passar lufadas de tépida volúpia" [JRi.1,70].

Em lugar de *mais bom, mais grande, mais mau, mais pequeno, mais bem* e *mais mal* dizemos normalmente *melhor, maior, pior, menor* (*melhor* e *pior* se aplicam tanto para os adjetivos como para os advérbios).

"Os velhacos têm de ordinário mais talento, porém *menor* juízo do que os homens probos" [MM].

"Não há escravidão *pior* do que a dos vícios e paixões" [MM].

"Não há *maior* nem *pior* tirania que a dos maus hábitos inveterados" [MM].

"Dão-se os conselhos com *melhor* vontade do que geralmente se aceitam" [MM].

"Ninguém conhece *melhor* (advérbio) os seus interesses do que o homem virtuoso; promovendo a felicidade dos outros assegura também a própria" [MM].

Entretanto, se compararmos duas qualidades, usaremos os comparativos analíticos (*mais bom, mais grande,* etc.), em vez dos sintéticos (*melhor, maior,* etc.):

Ele é mais grande do que pequeno e não *Ele é maior do que menor.*

Para evitar confusões no sentido, usam-se as comparativas *como, que, do que* junto ao sujeito e, seguidas de preposição, *como a, que a, do que a* junto de objeto direto (o *a* é preposição).

Estimo-o *como* um pai (= como pai estima).

Estimo-o *como a* um pai (= como se estima a um pai).

Se o contexto não admitir esta dupla interpretação, pode-se dispensar o auxílio da preposição:

"Meu pai encarregou-a do governo doméstico e nós habituamo-nos a tê-la em conta de segunda mãe; também ela nos amava *como filhos*" [AH *apud* MBa.7, 172].

Para realçar-se a semelhança, a aparência, em vez de simples *como* pode-se usar *como que* quando se lhe segue o verbo:

"A luz do dia, ao desaparecer, *como que* se dobrava para afagar e beijar o desgraçado, que talvez não a tornaria a ver" [AH.3, 225]. Entenda-se: a luz do dia *parecia dobrar* para afagar...

"Entretanto, ainda no espírito me passa *como que* a visão profética do futuro concílio..." [AH.8, I, 19].

NOTA – *Como que*, neste último caso, não inicia oração subordinada comparativa.

Quando depois do termo de comparação vem um substantivo, denota-se ainda a aparência, a semelhança, por meio da expressão *um como*, caso em que *um* concorda em gênero e número com o substantivo seguinte:

Refrescou-o *um como orvalho* do céu.

Aproximou-se dele *uma como visão* fantástica.

NOTA — Também aqui não se tem oração comparativa.

Através de *como se* indicamos que o termo de comparação é hipotético:

"O velho fidalgo estremeceu *como se* acordasse sobressaltado" [RS.1, 174]. Entenda-se: ele não acordou sobressaltado, mas, se acordasse, estremeceria daquele jeito.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) A maioria dos gramáticos de língua portuguesa prefere desdobrar o *como se* em duas orações, sendo a primeira *comparativa* e a segunda *condicional*:

O velho fidalgo estremeceu como estremeceria se acordasse sobressaltado.

2.ª) Pode-se obter a mesma expressão por meio de *como a* + infinitivo:

"(...) outro ia no céu *como a decifrar* o enigma da sensação nunca experimentada" [CBr.6, 50].

3.ª) Atente-se para a concordância dos termos correlatos *tal qual*, que devem concordar com o substantivo ou pronome a que se referem:

Ele era *tal quais* os colegas.

Elas eram *tais qual* o irmão.

Nós somos *tais quais* os pais.

4.ª) Deve-se preferir *mais... (do) que* a *mais... a* + infinitivo em construções comparativas do tipo: Talvez seja *mais* interessante ao país gastar na educação *do que investir* na construção de presídios (e não: *a investir*).

Em vez de *como*, *do mesmo modo que*, *tanto como,* empregamos com frequência *que nem*:

É forte *que nem* um touro.

O verbo *preferir* sugere uma ideia implícita de comparação, à semelhança de *querer mais*, *querer antes*, mas exige complemento regido da preposição *a*:

Prefiro a praia *ao campo*.

Preferia estudar *a não fazer nada*.

A aproximação de *preferir* a *querer mais* e *querer antes* (embora não sejam perfeitamente sinônimos) tem gerado duas construções tidas como errôneas pelos nossos gramáticos:

a) a adjunção dos advérbios *mais* ou *antes* ao verbo *preferir*:

Antes prefiro... ou *Prefiro mais...*

b) iniciar o complemento do verbo *preferir* pelos transpositores comparativos *que* ou *do que*:

Prefiro a praia *do que o campo*.

Preferia estudar *do que não fazer nada*.

Preferiam *mais* mentir *do que dizer a verdade*.

Aluísio Azevedo poderia ter dado outro torneio à construção para evitar o desvio no seguinte trecho de *O Coruja:*

"E que, no caso de erro, *é preferível* sempre nos enganarmos, contra, *do que* a favor de quem quer que seja..." (cap. VI).

Note-se que a simples substituição de *do que* por *a* não seria ideal pela aproximação dos dois *aa*.

OBSERVAÇÃO: Distinga-se a construção errada de *preferir* da sequência *antes preferir* do seguinte exemplo do Marquês de Maricá, em que leve pausa aparece depois de *antes* [MM.1]:

"Ninguém quer passar por tolo, *antes prefere* parecer velhaco" [MM].

3 – CONCESSIVAS: quando a subordinada exprime que um obstáculo – real ou suposto – não impedirá ou modificará de modo algum a declaração da oração principal – *ainda que*, *embora, posto que, se bem que, conquanto,* etc.:

Embora chova, sairei.

Isto é, a chuva não será obstáculo tal, que me impedirá de sair.

"*Ainda que* perdoemos aos maus, a ordem moral não lhes perdoa, e castiga a nossa indulgência" [MM].

Ao lado destas concessivas comuns, empregam-se ainda as concessivas *intensivas* quando é nosso intuito assinalar qualidade ou modalidade qualquer, "consideradas em grau intensivo e sem limites" [SA]:

Por inteligente que seja, encontrará dificuldades em entender o problema.

Por mais que estude, ainda tem muito que aprender.

As concessivas intensivas caracterizam-se pelas expressões *por mais... que, por menos... que, por muito... que,* onde se pode dar ainda a eliminação do advérbio *mais, menos, muito.*

Em vez de *ainda que, ainda quando*, pode-se empregar simplesmente *que* e *quando* em construções que, proferidas com tom de voz descendente e com verbo no subjuntivo, exprimem a ideia concessiva:

Os obstáculos, *que fossem muitos*, não tiravam aos rapazes a certeza da vitória.

E, *quando as palavras não o digam*, aí estão os fatos, para comprovar que só enunciei verdades.

Nestes casos, empregando *que*, dá-se preferência à inversão de termos, passando a iniciar a oração concessiva a expressão que funciona como predicativo, ou complemento do verbo:

Os rapazes, *pobres que sejam,* merecem a nossa consideração.

Aqueles livros, *difíceis que fossem*, sempre nos serviram para elucidação de muitas dúvidas.

Mil desculpas que me desse, eu continuaria achando que procedeu mal comigo.

Não raro a oração principal contém uma expressão adverbial (*contudo, todavia, ainda assim, não obstante,* ou equivalente) que, no nível do texto, serve como resumo do pensamento anterior, avivando ao ouvinte a ideia concessiva da subordinada:

Ainda que todos saiam, *todavia* ficarei.

Embora não me queiram acompanhar, *ainda assim* não deixarei de ir à festa.

Conteúdos de valor concessivo podem vir, justapostos, iniciados por unidades alternativas (neste caso o verbo está no subjuntivo), quando denotam que a possibilidade de ações opostas ou diferentes não impede a declaração principal:

Quer estudes, quer não, aprenderás facilmente a lição.

Ou estudemos medicina, ou sejamos advogados, conquistaremos na sociedade um lugar de relevo.

4 – CONDICIONAIS: quando a oração subordinada exprime uma condição necessária para que se realize ou deixe de se realizar o que se declara na principal: *se, caso, sem que, uma vez que* (com o verbo no subjuntivo), *desde que* (verbo no subjuntivo), *dado que, contanto que, com a condição que*, etc.

A oração condicional exprime um fato que não se realizou ou, com toda a certeza, não se realizará:

a) falando-se do presente:

Se eu fosse aplicado, obteria o prêmio.

b) falando-se do passado:

Se eu fosse aplicado, obteria o prêmio.

ou

Se eu tivesse sido aplicado, teria obtido o prêmio.

No primeiro caso, usam-se na oração condicional o pretérito imperfeito do subjuntivo (*fosse*), e, na principal, o futuro do pretérito (*teria*).

No segundo caso, ou se repete o verbo nas formas apontadas para o caso anterior, ou usam-se na condicional o pretérito mais-que-perfeito (*tivesse sido*) e, na principal, o futuro do pretérito composto (*teria obtido*).

Pode ainda a oração condicional exprimir um fato cuja realização esperamos como provável:

Se eu estudar, obterei o prêmio.

Nestas circunstâncias, empregam-se o futuro do subjuntivo na condicional, e, na principal, o futuro do presente (*obterei*).

OBSERVAÇÃO: Cumpre notar que no caso a), estudado acima, em lugar de *Se eu fosse aplicado, obteria o prêmio,* a linguagem coloquial realça a ideia do presente usando no presente indicativo os verbos das duas orações: *Se eu sou aplicado, obtenho o prêmio.*

As orações condicionais não só exprimem condição, mas ainda podem encerrar as ideias d e *hipótese, eventualidade, concessão, tempo,* sem que muitas vezes se possam traçar demarcações entre esses vários campos do pensamento. Esta é a razão por que *sem que* admite mais de uma interpretação textual. O *que não* (= sem que) flutua entre a condição e o tempo frequentativo (repetido) em *Não lê que não cometa vários enganos;* o *quer... quer* (*ou... ou,* etc.) é um misto de concessão e condição (cf. por exemplo de [JO.1, 64-66]), e tantos outros casos que fogem à alçada de uma descrição gramatical por pertencerem ao plano textual.

5 – CONFORMATIVAS: quando a subordinada exprime um fato apresentado em conformidade com a declaração da principal: *como, conforme, segundo, consoante:*

Conseguiu fazer o trabalho *como lhe ensinaram.*

Todos procederam *conforme a ocasião* ensejava.

6 – CONSECUTIVAS: quando a subordinada exprime o efeito ou consequência do fato expresso na principal.

A oração consecutiva é introduzida pelo transpositor *que* a que se prende, na principal, uma expressão de natureza intensiva como *tal, tanto, tão, tamanho,* termos que também se podem facilmente subentender:

Alongou-se tanto no passeio, *que chegou tarde.*

Executou a obra com tal perfeição, *que foi premiada.*

É feio *que mete medo* (= *É tão* feio...).

A oração consecutiva não só exprime a consequência devida à ação ou ao estado indicado na principal, mas pode denotar que se deve a consequência ao modo pelo qual é praticada a ação da principal. Para este último caso, servimo-nos, *na oração principal,* das unidades complexas *de tal maneira, de tal sorte, de tal forma, de tal modo*:

Convenceu-se *de tal maneira* que surpreendeu a todos.122

Estando completo o conteúdo da primeira oração, empregam-se as expressões (destituídas

d e *tal*) *de maneira que, de sorte que, de forma que, de modo que,* como "locuções" conjuntivas, sem pausa entre o substantivo e o *que*, para introduzir uma consecutiva atenuada em orações justapostas:

Você estudou bem, *de modo que pôde tirar boa* colocação.

O livro estava rasgado, *de modo que muitas páginas tiveram sua leitura prejudicada.*

A independência sintática das duas orações, neste caso, pode vir indicada por uma pausa maior, isto é, por ponto e vírgula ou por ponto, valendo assim a unidade por um advérbio de oração para avivar ao ouvinte o pensamento anterior, com o sentido aproximado de *por conseguinte, consequentemente, daí:*

As alegrias da vida quase sempre são rápidas e fugidias, ainda que disto não tomemos conhecimento. *De modo que* elas devem ser aproveitadas inteligentemente.

Por tudo isto se vê que nem sempre podemos delimitar, no nível do texto, os campos dos valores consecutivo e conclusivo, acrescentando-se ainda que há vizinhanças destes valores com outros, como, por exemplo, a ideia de finalidade, o que estudaremos mais adiante.

Cumpre evitar um erro frequente com a expressão do pensamento consecutivo (e conclusivo): pôr no plural o substantivo nas locuções *de maneira que, de modo que,* etc., dizendo-se incorretamente:

Saiu rapidamente *de maneiras que* não pude vê-lo.

Estudou *de formas que* conseguiu aprender.

As unidades *de maneira que, de modo que*, etc., seguidas de verbo na forma finita, só modernamente aparecem substituídas por *de maneira a, de modo a,* etc., seguidas de infinitivo:

Estudou *de forma a conseguir* aprender (em lugar de: *de forma que conseguiu aprender*).

"(...) arredar o biombo da sua estreiteza natural, *de modo a deixar* entrar ar fresco" [AR.3, 170].

Aquilo que se apresenta na oração consecutiva como efeito ou resultado pode representar uma consequência intencional, de modo que se associa ao conteúdo consecutivo uma noção subsidiária de finalidade. Neste caso o verbo se acha normalmente no subjuntivo:

Chegou cedo ao serviço *de maneira que pudesse ser* elogiado pelo patrão.

Correu *de sorte que os inimigos não o pudessem alcançar.*

Daí resultam certos cruzamentos consecutivo-finais na construção do enunciado, cruzamentos que nem sempre são vistos com bons olhos pelos gramáticos (porque tais fatos não estão de acordo com a tradição do idioma e se repetem no francês), embora uns datem de longo tempo. Entre os tipos condenados está a construção acima referida *de modo a, de maneira a + infinitivo.* Com tais fórmulas, realmente se procura traduzir uma consecutiva intencional. Ao lado de: *Estudou de modo a poder passar*, usa-se: *Estudou de modo (a) que passasse.*

Presa ao mesmo caso parece estar a construção que emprega depois de *demais, demasiado, muito* (= *assaz, bastante, demasiado*) uma oração final de *para que* ou *para a + infinitivo,* para indicar a noção de proporção ou desproporção:

"*É demasiado esperto para que caia em tal,* equivalente a: não é tão pouco esperto que caia em tal" [ED.2, § 395].

"(...) os tempos não são mais de *bastante* fé ou desprendimento *para que* os ricos católicos façam doações (...)" [MB.1, II, 144].

"Entretanto a igrejinha tem tanto caráter (...), que ela só e mais uma meia dúzia de palmeiras bastam *a guardar* a fisionomia (...)" [MB.1, II, 149].

OBSERVAÇÃO: O ilustre sintaticista português Epifânio Dias aponta o fato como imitação do francês; cremos, entretanto, que o problema exige revisão.

7 – FINAIS: quando a oração subordinada indica a intenção, o objetivo, a finalidade do pensamento expresso na principal: *para que, a fim de, porque* (= para que),123 *que* (= para que):

Saíram *para que pudessem ver o incêndio.*

Reclamou *a fim de que o nomeassem.*

Trabalhou *porque fosse promovido.*

Falta pouco *que isto suceda.*

Abreviadamente usa-se de *não* + *subjuntivo* com o valor de *para que não, de modo que não,* quando se quer expressar a cautela, cuidado, restrição:

"Senhor, que estás nos céus, e vês as almas,
Que cuidam, que propõem, que determinam,
Alumia minha alma, *não se cegue*
No perigo, em que está" [AF.2, vv. 770-773 *apud* SS.1, § 485-a].

OBSERVAÇÃO: Os antigos, e hoje mais raramente, se serviam de *por se* em que *por* é o vestígio de uma ideia final: "Deixai-o amaldiçoar (lhes disse), *por se acaso* se compadece Deus, por essa causa, da minha aflição..." [MBe.2, III, 51 *apud* MBa.4, 227].

Por se acaso compadece = *para ver se acaso* compadece.

8 – LOCATIVAS: (iniciadas por *onde, quem, quanto* sem referência a antecedentes):

"Os meninos sobejam *onde estão* e faltam *onde não se acham"* [MM].

"Não pode haver reflexão *onde tudo é distração*" [MM].

"*Onde o luxo vence* a probidade afraca e desfalece" [MM].

9 – MODAIS:

"*De um relance* leu na fisionomia do mancebo, sem que suas pupilas estáticas se movessem nas órbitas" [JA.1, 157].

Se a oração principal estiver na negativa, usar-se-á de *que não* + subjuntivo:

Não emite um parecer *que não se aconselhe com o diretor.*

10 – PROPORCIONAIS: quando a subordinada exprime um fato que aumenta ou diminui na mesma proporção do fato que se declara na principal – *à medida que, à proporção que, ao passo que, tanto mais... quanto mais, tanto mais... quanto menos, tanto menos... quanto mais,* etc.:

À medida que a idade chega, a nossa experiência aumenta.

Aprendia *à proporção que* lia o livro.

Aumentava o seu vocabulário *ao passo que* consultava os mestres da língua.

OBSERVAÇÃO: A unidade *ao passo que* pode ser empregada sem ideia proporcional, para indicar que um fato não se deu ou não tem as características de outro já enunciado: "A surdez habitual, dada a multiplicação das obras e dos cuidados do indivíduo, tenderia a embotar os sentidos e a retardar os sexos, *ao passo que* o vestuário, negaceando a natureza, aguça e atrai as vontades, ativa-as, reprodu-las e conseguintemente faz andar a civilização" [MA.1, 260].

Ele foi ao cinema, *ao passo que* eu resolvi ir à praia.

11 – TEMPORAIS: quando a oração subordinada denota o tempo da realização do fato expresso na principal.

As principais chamadas conjunções e "locuções" conjuntivas e temporais são :

a) para o tempo anterior: *antes que, primeiro que* (raro):

Saiu *antes que* eu lhe desse o recado.

"Ninguém, senhores meus, que empreenda uma jornada extraordinária, *primeiro que* meta o pé na estrada, se esquecerá de entrar em conta com as suas forças..." [RB].

b) para o tempo posterior (de modo vago): *depois que, quando:*

Saiu *depois que* ele chegou.

c) para o tempo posterior imediato: *logo que, tanto que* (raro), *assim que, desde que, apenas, mal, eis que, (eis) senão quando, eis senão que:*

Saiu *logo que* ele chegou.

"*Eis senão quando* entra o patrão..." [AAr.1, 183].

d) para o tempo frequentativo (repetido): *quando* (estando o verbo no presente), *todas as vezes que, (de) cada vez que, sempre que:*

Todas as vezes que saio de casa, encontro-o à esquina.

Quando o vejo, lembro-me do que me pediu.

OBSERVAÇÃO: Evite-se o erro de se preceder da preposição *em* o *que*, dizendo-se: *todas as vezes em que*.

e) para o tempo concomitante: *enquanto, (no) entretanto que* (hoje raro):

Dormia *enquanto* o professor dissertava.

"... e se aposentou (S. Caetano) junto à Igreja de S. Jorge, e perto do Hospital maior, para *no entretanto* que regulava as dependências da renúncia se entreter no exercício da caridade" (Contador de Argote, *Vida de S. Caetano,* 1722, 90).

OBSERVAÇÕES:

1.ª) *Entretanto* ou *no entretanto* são advérbios de tempo, com o sentido de *neste ínterim, neste intervalo de tempo, neste meio tempo*. Mais modernamente, *entretanto* passou a valer por uma unidade de valor adversativa e, por influência do advérbio, tem sido empregado precedido da combinação *no* (*no entretanto*). Muitos puristas não aprovam esta última construção.

2.ª) A rigor, as "conjunções" proporcionais também indicam tempo concomitante; por isso, uns autores não distinguem as *temporais* das *concomitantes*, fazendo destas classes à parte das *temporais*. A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* não fala em *concomitante*.

3.ª) Evite-se o emprego *mais (menos)... mais (menos)* em lugar de *quanto mais (menos)... tanto mais (menos)* em construções do tipo: *Quanto mais* estudamos, *tanto mais* aumentam nossas possibilidades de vitória (e não: *Mais* estudamos e *mais* vencemos).

Pode-se omitir o *tanto* no segundo termo: *Quanto mai*s estudamos, *mais*...

f) para o tempo limite terminal: *até que:*

Brincou *até que fosse* repreendido.

Assume valor temporal o *que* relativo repetidor de advérbio e expressões que designam "desde que época um fato acontece": *agora que, hoje que, então que, a primeira vez que, a última vez que,* etc.:

Agora que consegui aprender a lição, passarei adiante.

Esta foi *a última vez que* o vi.

Não se fazendo pausa entre o advérbio e o transpositor (*agora que, então que,* etc.), estabelece-se uma unidade de valor semelhante ao que existe em *depois que,* etc., e se pode passar a considerar o todo como "locução conjuntiva":

Agora que tudo está certo vou embora.

Sob o modelo de tais linguagens, desenvolveu-se o costume de se acrescentar o transpositor *que* depois de expressões que denotam "desde que tempo uma coisa acontece", reduzida a simples palavra de realce temporal:

Desde aquele dia *que* o procuro.

Analisando, dispensa-se o *que*.

Depois dos verbos *haver* e *fazer* com sentido temporal (*há dias que, faz dias que*) o transpositor *que* (parece ter sido, neste caso, primitivamente integrante)124 adquiriu, por contato, a ideia de tempo, com valor aproximado de *desde que*:

Há quatro dias *que* não o vejo.

Fazia quatro meses *que* estivera doente.

Em tais orações, a análise se torna difícil pelo fato de a construção ter-se fixado apesar de alterado o sentimento linguístico. Há um visível descompasso entre a sua estrutura de superfície e a profunda. Considerar o *que* com valor temporal e, portanto, temporal a respectiva oração, é classificar como principal justamente a oração que expressa a circunstância de tempo:

1.ª oração — *principal*: Há quatro dias

2.ª oração — *subordinada adverbial temporal*: que não o vejo.125

Poder-se-á analisar como substantiva subjetiva a oração de *que*, depois de *fazer*, como fazem os autores patrícios lembrados na nota anterior.

Cremos, também, ser possível considerar que o *que* não serve de introduzir uma oração subordinada adverbial temporal, mas, *reduzido a simples palavra memorativa,* relembra, na oração principal, a partir de que fato se faz alusão ao tempo na subordinada anterior. Esta subordinada, não se ligando à principal por transpositor, será considerada justaposta:

1.ª oração — *subordinada adverbial temporal:* Há quatro dias

2.ª oração — *principal:* (que) não o vejo.126

Entretanto, não misturando o plano gramatical com o conteúdo designado, a orientação mais seguida é classificar a oração de *que* como adverbial temporal.

Tais orações temporais admitem mais de uma construção:

Há muito tempo que não o vejo.
Há muito tempo não o vejo.
Não o vejo há muito.
De há muito não o vejo.
Desde há muito não o vejo.
Até há pouco eu o vi por aqui.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Advérbios e unidades adverbializadas (*ontem, hoje, há muito*, *há pouco, há tantos anos,* etc.), precedidos da preposição *de,* são transpostos a adjetivos (adjuntos adnominais):

As notícias *de hoje*.

As lembranças *de ontem.*

Um testamento *de há cem anos.*

Modas *de há trinta anos.*

Meninos *de há pouco*. [ED.2, §423; MBa.3, 158]

2.ª) A preposição junto ao verbo *haver* em *De há muito não o vejo, desde há muito, até há pouco,* assinala melhor a ideia temporal. Adolfo Coelho considera sem razão, viciosa e linguagem *de há muito* que explica desta maneira: "Influência semelhante (fala da influência por analogia) se nota na expressão frequente, mas viciosa, *de há muito* por *há muito*. *Há muito* fixa-se como a indicação dum tempo passado; *há* não é apercebido como verbo, mas antes como preposição (*a*); daí o anterpor-se-lhe a preposição *de* por analogia de expressões como *de então* (*para cá*, *até hoje*), *de ontem, de muito"* [ACo.2, I, 82].

3.ª) Em lugar de *quando foi a vez dele* diz-se também *quando foi da vez dele* ou, abreviadamente, *quando da vez dele*. Estas duas últimas construções são modernas e Epifânio Dias as considera incorretas, devidas à má tradução do francês *lors de* [ED.2, § 182]. Júlio Moreira [JM.1, II, 68] e com ele Mário Barreto [MBa.3, 230] explicam o fenômeno por cruzamento sintático das duas expressões; *quando foi a vez dele* e *da vez dele,* de que resultou uma terceira mista: *quando foi da vez dele*. Ocorre ainda *a quando de* (*a quando da vez dele*), onde Epifânio Dias vê ainda influência do *a* do francês *alors*, "com requinte de barbarismo" (*ibid*.). Preferimos a explicação de Julio Moreira por não vermos na correspondente francesa a vitalidade suficiente para tal repercussão no português.

4.ª) Em muitos dizeres de sentido temporal, "há tendência, bem notória hoje em dia, para confundir *que* conjunção com *que* pronome relativo, e para afirmar este caráter pronominal em certos casos, hoje se prefere *em que* ao simples *que* da linguagem antiga" [SA.2, 197]. Dá-se com frequência esta alternância de *que* e *em que* quando o substantivo que se considera antecedente do pronome relativo vem precedido da preposição *em.* Prefere-se dizer *ao mesmo tempo que*, *a tempo que, ao tempo que,* mas *no tempo que* (ou *em que*), *no dia que* (ou *em que*), etc. Tem-se estendido sem razão nem tradição no idioma o emprego de *em que* em construções onde só deve figurar o *que*, como *todas as vezes em que.* Prefira-se *todas as vezes que* ou *em todas as vezes em que* (ou simplesmente *que*).

5.ª) O verbo *haver* (*HÁ*) *e a preposição A em sentido temporal.* Atente-se no emprego correto destas duas formas. *Há,* verbo, refere-se a tempo decorrido e *a,* preposição, a tempo futuro:

Há três dias não o vejo.

Já devia ter-lhe escrito *há* mais tempo.

Daqui *a* a três dias o verei.

Este produto é famoso *há* mais de meio século.

Usa-se ainda a preposição *a* nas indicações da distância de lugar:

Estamos *a* cinco quilômetros do sítio.

Cuidado especial hão de merecer também as expressões *a cerca de* e *há cerca de,* onde a locução *cerca de* (= aproximadamente, perto de, mais ou menos) vem precedida da preposição *a* ou da forma verbal *há*:

Ele falou *a cerca de* mil ouvintes (= para cerca de mil ouvintes).

Há cerca de trinta dias foi feita esta proposta.

Temos ainda a locução *acerca de* que significa *sobre, a respeito de, em relação a:*

O professor dissertou *acerca dos* progressos científicos.

Por outro lado, podem-se suprimir as palavras *atrás* ou *passado(s)* que aparecem com o verbo *haver*, uma vez que este já indica tempo decorrido:

Há três dias atrás ou *Há três dias.*

Há três dias passados ou *Há três dias.*

6.ª) Nas orações adverbiais precedidas de principal que encerra advérbio de valor temporal (*apenas, mal*), devemos empregar *quando* e não *que*:

Apenas tinha terminado a questão, *quando o professor recolheu a prova.*

Mal saía da escola, *quando se lembrou da pasta.*

Pode-se também suprimir o *quando*:

Apenas Pelágio transpôs o escuro portal da gruta, Eurico levantou-se [AH *apud* MBa.5, 20].

Análise de SEM QUE

De modo geral, tem-se enquadrado a locução *sem que* no grupo das chamadas "conjunções condicionais". A verdade é que a locução assume variados sentidos contextuais, entre os quais lembraremos:

1) *condição* (subordinada condicional):

Sem que estude, não passará.

2) nega uma *consequência* (subordinada consecutiva):

Estudou *sem que conseguisse aprovação.*

3) exprime uma *consequência* esperada (depois de negativa):

Não brinca *sem que acabe chorando* (todas as vezes que brinca acaba chorando).

4) exprime uma *concessão* (subordinada concessiva):

Ele é responsável, *sem que o saiba,* por todas essas coisas erradas.

5) nega uma *causa*, chegando quase a exprimir *concessão* (subordinada causal ou concessiva):

Estudou *sem que seus pais lho pedissem* (nega-se a causa ou uma das causas do estudo: o pedido dos pais, e vale quase por: *estudou ainda que seus pais não lho* pedissem).

6) denota simplesmente que tal ou qual circunstância não se deu, aproximando-se da ideia de *modo* (subordinada modal):

Entrou em casa *sem que tomasse nenhum alimento.*
Retirou-se *sem que chamasse seus colegas.*

A *Nomenclatura Gramatical Brasileira,* entretanto, desprezou as orações modais.

Em lugar de *sem que* pode-se usar também de *sem + infinitivo:*

Saiu *sem ser* percebido.

Estes foram os melhores teatrólogos, *sem falar* em Machado de Assis e Franklin Távora, mais ilustres no romance e no conto.

Em lugar de *sem que*, depois de uma principal de valor negativo, usa-se também *que não*, para indicar que a consequência se dá a todo o transe, se repete sempre que ocorrer o fato expresso na principal (o verbo da subordinada está no subjuntivo):

Não brinca *sem que acabe chorando.*

Não brinca *que não acabe chorando.*

"Eu não posso abrir um livro de história *que não me ria*" [AGa.5, 255].

OBSERVAÇÃO: Alguns autores dão à construção *não... que não* valor condicional. Cf. [AGo, 420] e [MBa.7, 48-9].

QUE depois de advérbio

Muitas vezes emprega-se *que* depois de advérbio onde a rigor poderia ser dispensado. São comuns as linguagens *talvez que, apenas que, felizmente que, oxalá que, quase que, enquanto que, embora que:*

"Assim, sem mais preâmbulos,
e *apenas que* te vejo,
venço o nativo pejo,
meu belo sedutor" [AC, 96 *apud* MBa.1, 176].

"Mas eu creio que Capitu olhava para dentro de si *enquanto que* eu fitava deveras o chão..." [MA.4, 130 *apud* MBa.1, 177].

Puristas têm condenado tais modos de dizer.

Orações justapostas de valor contextual adverbial

A justaposição pode, no nível do texto, apresentar as seguintes interpretações:

a) *concessivas:* tendo o verbo no subjuntivo anteposto ao sujeito ou caracterizadas por expressões do tipo *digam o que quiserem, custe o que custar, dê onde der, seja o que for, aconteça o que acontecer, venha donde vier, seja como for,* etc.:

Tivesse ele dito a verdade, ainda assim não lhe perdoaríamos.

Sairemos, *aconteça o que acontecer.*

Não é o subjuntivo que de per si denota a concessão, mas sim o contexto e a entoação descendente.

b) *condicionais*: tendo o verbo no tempo passado (mais-que-perfeito do indicativo ou imperfeito do subjuntivo) anteposto ao sujeito:

Tivesse eu dinheiro, conheceria o mundo.

Não *fora* a escuridão, veria o perigo.

"*Eu quisesse*, à força, hoje mesmo a Ritinha vinha comigo" [GR, 97].

Em tais casos, a segunda oração pode começar pela conjunção *e*:

Vencesse eu, *e não* me dariam o prêmio.

Vissem-na, *e* ninguém a reconheceria.

c) *temporais:*

Há dias não o encontro.

Chegaram àquela cidade *havia pouco.*

Não lhe escrevia *fazia meses.*

d) *finais:*

"Cala-te já, minha filha, *ninguém te oiça mais falar"* [AGa.1, II, 83].

"Mudemos, porém, de tecla, *não vá* alguém julgar-me candidato a revisor de gralhas" [CF *apud* MB.2, 321].

Composição do enunciado

O enunciado ou período pode encerrar, ao mesmo tempo, orações independentes (coordenadas e justapostas) e dependentes (subordinadas). Daremos exemplos de análise depois de serem apontadas as orações complexas e os enunciados justapostos:

a) *coordenada* e *subordinada*:

"Todos se tinham posto em pé quando el-rei erguera e esperavam ansiosos o que diria o velho" (Alexandre Herculano).

1.ª oração – *principal de 1.ª categoria:*

Todos se tinham posto em pé + subordinada temporal

2.ª oração – *subordinada adverbial temporal:*

quando el-rei se erguera,

3.ª oração – *coordenada à principal e principal de 2.ª categoria:*

e esperavam ansiosos + subordinada substantiva

4.ª oração – *subordinada substantivada (de primitiva adjetiva) objetiva direta:*

o que diria o velho.

OBSERVAÇÃO: Não é novidade o achar-se mais de uma oração principal num período. Se conceituarmos com rigor tal tipo de oração, seremos levados a esta necessidade. Com efeito, no exemplo dado, temos duas orações que apresentam um dos seus termos sob forma oracional; a subordinada *quando el-rei se erguera* denota o tempo da primeira principal, e a subordinada *o que diria o velho* funciona como objeto direto da segunda principal que, por sua vez, se acha coordenada à primeira principal. As expressões *principal de 1.ª categoria, de 2.ª categoria,* etc., já se acham nas excelentes noções elementares de análise sintática que abrem, desde 1887, a hoje tradicional *Antologia Nacional,* devidas a Fausto Barreto (o título primitivo era *Seleção Literária*, de parceria com Vicente de Sousa). Outra maneira de ver a principal, diferente desta (como, por exemplo, na excelente *Gramática* de Celso Cunha – Lindley Cintra), atenta mais para estruturação textual do que a gramatical, objeto da análise sintática.

b) *justaposição* e *subordinação:*

"Lembrai-vos", cavaleiro – disse ele – de que falais com D. João I" (Alexandre Herculano).

1.ª oração do 1.º período – *principal*:

lembrai-vos, cavaleiro + oração subordinada

2.ª oração do 1.º período – *subordinada substantiva completiva relativa:*

de que falais com D. João I.

1.ª oração do 2.º período – *justaposta de citação*:

disse ele

c) *coordenação* e *justaposição*:

"El-rei manda nos vivos e eu vou morrer! – atalhou o ancião em voz áspera, mas sumida" (Rebelo da Silva).

1.ª oração do 1.º período – *coordenada* (ou *coordenante*):

El-rei manda nos vivos

2.ª oração do 1.º período – *coordenada aditiva*:

e eu vou morrer!

1.ª oração do 2.º período – *justaposta de citação*:

atalhou o ancião em voz áspera, mas sumida.

d) *coordenação*, *justaposição* e *subordinação*:

"Agora sim, disse então aquela cotovia astuta, agora sim, irmãs, levantemos o voo e mudemos a casa, que vem quem lhe dói a fazenda" (Pe. Manuel Bernardes).

1.ª oração do 1.º período – *coordenada* (ou *coordenante*):

Agora sim, agora sim, irmãs, levantemos o voo

2.ª oração do 1.º período – *coordenada aditiva* e *principal* da 3.ª:

e mudemos a casa

3.ª oração do 1.º período – *subordinada causal* e *principal* da 4.ª:

que vem

4.ª oração do 1.º período – *subordinada substantiva subjetiva justaposta*:

quem lhe dói a fazenda.

1.ª oração do 2.º período – *justaposta de citação*:

disse então aquela cotovia astuta

OBSERVAÇÃO: Quando o período encerra mais de um tipo de oração, dá-se-lhe comumente o nome de *misto*, denominação que a *Nomenclatura Gramatical Brasileira* não agasalha. Todos os exemplos acima analisados são de períodos ou enunciados mistos.

Decorrência de subordinadas

A oração principal é aquela que tem um dos seus termos sob forma de outra oração. Ora, no período, mais de uma oração – qualquer que seja o seu valor sintático – pode acompanhar-se de oração subordinada:

Não sei se José disse que viria hoje.

A 1.ª principal pede a oração subordinada objetiva direta *se José disse*, que, por sua vez, pede a terceira *que viria hoje*. Assim sendo, a 2.ª oração se nos apresenta sob duplo aspecto sintático: subordinada em relação à 1.ª e principal em relação à 3.ª.

Não sei
se José disse
que viria hoje.

Havendo mais de uma oração principal, designá-las-emos, respectivamente, por *principal de 1.ª categoria, de 2.ª categoria, de 3.ª categoria,* etc.:

1.ª oração – *principal de 1.ª categoria:*

Não sei + subordinada

2.ª oração – *subordinada substantiva objetiva direta* (em relação à anterior) e *principal de 2.ª categoria* (em relação à seguinte):

se José disse + subordinada

3.ª oração – *subordinada substantiva objetiva direta:*

que viria hoje.

Neste ponto, precisamos assentar algumas noções importantes:

a) *no período pode haver mais de uma oração principal;*

b) *a oração ou orações principais podem ter o seu verbo no indicativo ou subjuntivo:*

Espero que vá embora (indicativo).
Espero que me *diga* se vai embora (indicativo e subjuntivo).

c) *a oração ou orações principais podem vir iniciadas por conectivos coordenativos ou transpositores:*

"Rubião passa muitas horas fora de casa, mas não o trata mal, e consente que vá acima..." [MA].

A oração coordenada aditiva *e consente* é também principal da subordinada *que vá acima*, pois esta lhe serve de objeto direto.

Concorrência de subordinadas: equipolência interoracional

Assim como uma oração pode depender de outra subordinada, assim também duas ou mais orações subordinadas podem servir à mesma principal:

Espero que estudes e que sejas feliz.

Isto é:

Espero { que estudes (*objetiva direta*)
e
que sejas feliz (*objetiva direta*) }

Como a concorrência de subordinadas só é possível se *as orações exercem a mesma função,* elas estarão coordenadas entre si, porque a *coordenação se dá com expressões do mesmo valor* e na mesma camada de estruturação gramatical.

No exemplo dado, a 3.ª oração se nos apresenta sob duplo aspecto sintático: *é coordenada* em relação à 2.ª (porque são do mesmo valor) e *subordinada* em relação à principal (*espero*), comum às duas subordinadas. Em vez desta classificação um tanto longa (*coordenada à anterior e subordinada à principal*), dizemos apenas que a 3.ª oração é *equipolente* à 2.ª oração. Infelizmente, esta denominação cômoda não encontrou agasalho na *Nomenclatura Gramatical Brasileira.*

A equipolente pode ser:

a) *substantiva:*

Espero que estudes *e que sejas feliz.*

b) *adjetiva:*

O livro que li *e que lhe devolvi* é ótimo.

c) *adverbial:*

Quando chegou *e quando me disse o ocorrido,* não acreditei.

Costuma-se, com elegância, omitir o transpositor subordinativo da oração equipolente (quando se tratar de pronome relativo, este exerce a mesma função sintática do pronome relativo anterior):

Espero que estudes *e sejas feliz.*

O livro que li *e lhe devolvi* é ótimo.

Quando chegou *e me disse o ocorrido,* não acreditei.

Venho *porque se trata de instrução e tenho embocadura para o magistério* [GrR.2, 59].

Se os pronomes relativos exercem funções diferentes, o normal é repetir cada pronome, sendo raros os exemplos como o seguinte:

"Pois vão também essas que aí deixei, e mais a figura de Tristão, *a que* cuidei dar meia dúzia de linhas e levou a maior parte delas" [MA.12, 37 *apud* MBa.2, 102. Cf. ainda ED.2, § 375 c].

Em construção do tipo "magistrado a cujo cargo estavam as obras públicas e *cuidava* do reparo dos templos da cidade de Roma" há vício de sintaxe, pois que antes de *cuidava* há de se subentender *que*, e não o anterior *a cujo*. [Cf. MBa.1, 387].

No português moderno cumpre evitar a prática de se lembrar na oração ou orações equipolentes uma unidade adverbial simples (geralmente *quando* e *como*) por meio de um simples *que:*[127]

Quando chegou e *que* me disse o ocorrido, não acreditei.

Ou se repete a unidade anterior, ou se omite: *quando* chegou e (*quando*) me disse:

Se se trata, porém, de "locução conjuntiva", é possível, na boa linguagem, repetir-se simplesmente o *que*:

Logo que chegou e me disse o ocorrido...

ou

Logo que chegou e *que* me disse o ocorrido...

Pode-se também omitir a conjunção coordenativa numa série de equipolentes:

> "Rubião passa muitas horas fora de casa, mas não o trata mal, e consente que vá acima, *que assista ao almoço ou ao jantar, que o acompanhe à sala ou ao gabinete*" [MA].

1.ª oração – *coordenada* (ou *coordenante*):

> Rubião passa muitas horas fora de casa,

2.ª oração – *coordenada adversativa:*

> mas não o trata mal,

3.ª oração – *coordenada aditiva e principal:*

> e consente + subordinada

4.ª oração – *subordinada substantiva objetiva direta:*

> que vá acima,

5.ª oração – *equipolente à 4.ª:*

> que assista ao almoço ou ao jantar,

6.ª oração – *equipolente à 5.ª:*

> que o acompanhe à sala ou ao gabinete.

Concorrência de termo + oração subordinada

Às vezes a concorrência não se dá entre duas orações da mesma função sintática, mas entre um termo da oração e outra oração:

> "conheci a violência das suas paixões e que a do ciúme devia ser terrível naquele coração" [AH.3, 119].

O verbo *conhecer* tem dois objetos diretos: o substantivo *violência* e a oração substantiva *que a do ciúme devia ser terrível naquele coração*, que se acham coordenados entre si.

No seguinte exemplo de Machado de Assis [MA.1, 242]:

> "Virgília tragou raivosa esse malogro, e disse-mo com certa cautela, não pela cousa em si, senão porque entendia com o filho"

temos dois adjuntos adverbiais de causa: a expressão *pela cousa em si* e a oração subordinada adverbial *porque entendia com o filho*, que se acham conectadas pela série *não... senão.*

3 – As chamadas Orações Reduzidas

Que é oração reduzida

Em

> *Estuda* agora, porque, quando o verão *chegar*, *entraremos* de férias.

as três orações se dizem *desenvolvidas*, porque seus verbos estão no imperativo (*estuda*), no subjuntivo (*chegar*)128 e no indicativo (*entraremos*).

Podemos, entretanto, alterar a maneira de expressar a subordinada *quando o verão chegar* sem nos utilizarmos dos três modos verbais acima apontados:

> quando o verão chegar = ao chegar o verão
>
> quando o verão chegar = chegando o verão
>
> quando o verão chegar = chegado o verão

Dizemos então que as subordinadas *ao chegar o verão, chegando o verão* e *chegado o*

verão são orações *reduzidas*, porque apresentam o seu verbo (principal ou auxiliar, este último nas locuções verbais), respectivamente, no *infinitivo, gerúndio e particípio* (reduzidas infinitivas, gerundiais e participiais).

Nota sobre o conceito de oração reduzida – Dentro e fora da gramática portuguesa tem sido muito diversificado o conceito de oração reduzida. A opinião mais generalizada, partindo da ideia de que o que caracteriza a relação predicativa é a presença de verbo na forma finita, é que a construção com verbo nas formas nominais (infinitivo, gerúndio e particípio) não constitui oração, e, neste caso, é uma subunidade da oração, um termo dela, quase sempre como um adjunto adnominal ou adverbial. Esta maneira de ver se estende até àquelas construções em que vem acompanhada a forma nominal de unidades que, se estivessem numa oração com verbo finito, funcionariam como termo argumental ou não argumental (no caso de papel de adjunto adverbial).

Outros autores, nestas últimas construções, dão estatuto de orações à parte (nem sempre usando a nomenclatura "reduzida") apenas àquelas que encerram infinitivo e gerúndio independentes, considerando as de particípio meros termos oracionais.

Em português, que possui o infinitivo flexionado, fica ainda mais difícil não aproximar *É necessário que estudes a lição* a *É necessário estudares a lição*, ainda que se trate de um idiotismo da língua.

Neste livro, optamos por dar estatuto à parte às reduzidas de qualquer forma nominal do verbo desde que apresentem autonomia sintática dentro do enunciado e possam estar estruturadas analogamente às orações com verbo de forma finita, as desenvolvidas.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Havendo locução verbal é o auxiliar que indica o tipo de reduzida. Assim são exemplos de reduzidas de gerúndio: "estando amanhecendo", "tendo de partir", "tendo partido"; são exemplos de reduzidas de infinitivo: "ter de partir", "depois de ter partido"; é exemplo de reduzida de particípio: "acabado de fazer". Se, por outro lado, o auxiliar da locução estiver na forma finita, não haverá oração reduzida: *Quanta gente havia de chorar.*

2.ª) Nem toda oração desprovida de transpositor é reduzida, uma vez que este transpositor pode estar oculto: *Espero que sejas feliz* ou *Espero sejas feliz.* Em ambos os exemplos a subordinada *que sejas feliz* ou *sejas feliz* é desenvolvida. *O que caracteriza a reduzida é a forma infinita ou nominal do verbo (principal ou auxiliar): infinitivo, gerúndio e particípio.*

3.ª) A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* desprezou a denominação *infinito* para designar as *formas nominais* do verbo, desfazendo uma incômoda sinonímia antiga entre *infinito* = *infinitivo*, que, em muitos casos, levava os leitores de gramática a confusões. *Infinita* é uma forma verbal normalmente sem flexão, enquanto *infinitivo* é uma das chamadas formas nominais do verbo; assim, se fala em emprego do *infinitivo*, e não em emprego do *infinito*.

O desdobramento das orações reduzidas

As orações reduzidas são subordinadas e quase sempre se podem desdobrar em orações desenvolvidas.129 O emprego de reduzidas por desenvolvidas e vice-versa, quando feito com arte e bom gosto, permite ao escritor variados modos de tornar o estilo conciso, não acumulado de quês e outros transpositores, enfim, elegante.130

Vejamos os seguintes exemplos:

a) Declarei *estar ocupado* = declarei *que estava ocupado.*

b) *Para estudarmos* precisamos de sossego = *para que estudemos*, precisamos de sossego.

c) *Chovendo* não sairei = *se chover*, não sairei.

d) *Acabada a festa,* retirou-se = *quando acabou a festa,* retirou-se.

Estes desdobramentos são meros artifícios de equivalências textuais, que nos ajudam a classificar as orações reduzidas, uma vez que poderemos proceder da seguinte maneira:

a) Declarei *estar ocupado* = declarei *que estava ocupado.*

que estava ocupado: *subordinada substantiva objetiva direta.*

Logo:

estar ocupado: *subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo* (ou *reduzida infinitiva*).

b) *Chovendo* não sairei = *se chover*, não sairei.

se chover: *subordinada adverbial condicional.*

Logo:

chovendo: *subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio* (ou *reduzida gerundial*).

c) *Acabada a festa,* retirou-se = *quando acabou a festa,* retirou-se.

quando acabou a festa: *subordinada adverbial temporal.*

Logo:

acabada a festa: *subordinada adverbial temporal reduzida de particípio* (ou *reduzida participal*).

Orações substantivas reduzidas

Normalmente as orações substantivas reduzidas têm o verbo, principal ou auxiliar, no infinitivo:

a) *subjetiva:*

"Agora mesmo, custava-me *responder* alguma coisa, mas enfim contei-lhe o motivo da minha ausência" [MA.1, 208].

b) *objetiva direta:*

"... como se estivesse ainda no vigor da mocidade e contasse como certo *vir a gastar frutos desta planta"* [LCo *apud* FB.1, 38].

c) *objetiva indireta:*

"Tudo, pois, aconselhava o rei de Portugal *a tentar uma expedição para aquele lado*" [AH.2, 148].

d) *completiva relativa:*

"Um povo que se embevecesse na História, que cultivasse a tradição, que amasse o passado, folgaria *de relembrar esses feitos*..." [CL.1, I, 123].

e) *predicativa* (do sujeito ou do objeto):

"O primeiro ímpeto de Luísa foi *atirar-se-lhe aos braços,* mas não se atreveu" [MLe *apud* FB.1, 31].

"... o averbara *de não possuir atributos de administrador".*

"O resultado foi eu *arrumar* uns cocotes na Germana e esfaquear João Fagundes" [GrR.2, 13].

f) *apositiva:*

"Dois meios havia em seguir esta empresa: *ou atacar com a armada por mar, ou marchar o exército por terra e sitiar aquela cidade*" [AH.2, 69].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Não é raro vir precedido de preposição o infinitivo das orações reduzidas subjetivas e objetivas:

"Desaire real seria *de a deixar sem prêmio*" [AGa.3, 122, da 5.ª ed.].

"mas não era assaz difícil *de reconhecer um cadáver coberto de feridas*..." [AH.2, 72].

"Custou-lhe muito *a aceitar a casa*" [MA.1, 194].

"Mostrou-se pesarosa de não o encontrar, e prometeu *de voltar hoje às três horas*" [CBr.1, 118].

"Senhor Luís de Melo, eu tenho por princípio *de me não intrometer*..." [AGa.6, 173 *apud* MBa.3, 212, da 2ª ed.].

2.ª) Não raro também a oração substantiva reduzida de infinitivo vem precedida de artigo (mormente se a oração funciona como sujeito ou objeto direto):

"*o haver de marchar* em um país inimigo, ocupado por gente belicosa, era considerado muito grave..." [AH.2, 69].

"Daí nasce *o trabalharem* os mais notáveis escritores da Europa por vivificarem o espírito religioso" [AH.2, 145].

"Aumentando (o rei) as fortificações da ilha, tornou impossível aos portugueses *o reconquistá-la*" [AH.2, 62].

Orações adjetivas reduzidas

As orações adjetivas reduzidas têm o verbo, principal ou auxiliar, no:

a) *infinitivo:*

"O orador ílhavo não era homem *de se dar assim por derrotado*" [AGa.5, 14 *apud* ED.2, § 308].

Está marcada a festa *a realizar-se na próxima semana*.

"mas nem um momento duvidamos de que a sua convicção íntima seja a necessidade *de restituir o antigo lustre e preço à filosofia do Evangelho*" [AH.2, 145].

Observações:

1.ª) "Ligar qualificativamente a substantivos o infinitivo precedido de *a* (*v. g.*: *livros a consultar*) em vez de uma oração relativa (*v. g.*: *livros que se hão de consultar*), ou de um infinitivo precedido de *para* (*v. g.*: *roupa para consertar*), é imitação moderna da sintaxe francesa, imitação que só por descuido se encontra nos que melhor falam a língua pátria.

"Qual é a relação a deduzir destas considerações e destes fatos?" [AH.8, IV, 177]. [ED.2, § 304]. [Cf. MBa.1, 490, 515].

2.ª) Condenam também algumas autoridades o emprego do infinitivo precedido da preposição *a* depois de adjetivos como *único, último, derradeiro,* além dos ordinais (*primeiro,* etc.). Para tais mestres o melhor é o emprego da preposição *em*, nesses casos, ou de uma oração iniciada por pronome relativo: *o primeiro em fazer* ou *o primeiro que fez*, e não *o primeiro a fazer.* Epifânio Dias, excelente conhecedor do português e francês, aceita a expressão condenada [Cf. ED.2, § 299], no que concordamos com ele.

b) *gerúndio, indicando de um substantivo ou pronome:*

1) uma atividade passageira:

"cujos brados selvagens de guerra começavam a soar ao longe como um trovão *ribombando no vale*" [AH.3, 218, ed. de 1878].

"Realmente, não sei como lhes diga que não me senti mal, ao pé da moça, *trajando* garridamente um vestido fino..." [MA.1, 260].

Em todos estes exemplos o gerúndio figura com a ideia de tempo transitório muito acentuada, servindo de atribuir um modo de ser, uma qualidade, uma atividade a um nome ou pronome, mas apenas dentro de certo período e em determinada situação. Assim, *água fervendo* é água *que naquele momento fervia* ou *fervia dentro de certo espaço de tempo.* Vale o gerúndio, nestas circunstâncias, por uma expressão formada de preposição *a* + *infinitivo: água a ferver*:

"Também algumas vezes foram dar com ela *a abraçar* a cadelinha" [MLe *apud* JR.5, 32].

2) uma atividade permanente, qualidade essencial, inerente aos seres, própria das coisas:

"O livro V, *compreendendo* as leis penais, aquele que, após os progressos efetuados na legislação e na humanidade, mais carecia de pronta reformação" [LCo.1, I, 288].

"Decreto de 14 de fevereiro de 1786, *proibindo* a entrada das meias de seda que não fossem pretas, e decreto de 2 de

agosto de 1786, *suscitando* a observância e *ampliando* o cap. II...” [LCo.1, I, 298].

“Algumas comédias havia com este nome *contendo* argumentos mais sólidos” [FF *apud* SA.2, 249].

Estes e muitíssimos outros exemplos atestam que tal emprego do gerúndio131 ocorre vitorioso na língua culta portuguesa, desde longos anos, dando-nos a impressão de se tratar de uma evolução normal, comum a mais de uma língua românica, e não de uma simples influência francesa. Entretanto, notáveis mestres condenam este uso como galicismo: Epifânio Dias, Júlio Moreira, Leite de Vasconcelos, Mário Barreto, entre outros. Defendem-no Otoniel Mota, Said Ali, Eduardo Carlos Pereira, Cláudio Brandão, entre outros.

Para os que têm a expressão como francesa, deve-se substituir o gerúndio por uma oração adjetiva iniciada por pronome relativo, ou por uma preposição conveniente:

Livro *contendo* gravuras

passaria a

Livro *que contém* gravuras

ou

Livro *com* (ou *de*) gravuras.

Aceitar o gerúndio como construção vernácula não implica adotá-lo a todo momento, acumulando-o numa série de mau gosto. Em muitos casos, como bem pondera Rodrigues Lapa [RLp.1, 227], “não há dúvida que o uso do gerúndio é preferível à oração relativa, sobretudo quando não temos o recurso acertado, expressivo das preposições. Não abusemos dele, mas não hesitemos em empregá-lo, sempre que o reconheçamos superior a outros modos de escrever”.

c) *particípio:*

“Os anais ensanguentados da humanidade estão cheios de facínoras, *empuxados* (= que foram empuxados) ao crime pela ingratidão injuriosa de mulheres muito amadas, e perversíssimas” [CBr.1, 120].

Orações adverbiais reduzidas

Têm o verbo, principal ou auxiliar, no:

A) *infinitivo:* caso em que, normalmente, se emprega o verbo regido de preposição adequada. Para o desdobramento da reduzida em desenvolvida basta substituir a preposição ou locução prepositiva por uma conjunção ou locução conjuntiva do mesmo valor e pôr o verbo na forma finita. É de toda conveniência conhecermos as principais preposições que correspondem a “conjunções” subordinativas adverbiais, porque isso melhor nos adestra na plástica da sintaxe portuguesa:

1) para as *causais* temos:

a) *com*:

“Porém, deixando o coração cativo,/ *com fazer-te* a meus rogos sempre humano,/ fugiste-me traidor...” [RD.1, c. VI].

Com fazer-te = porque te fizeste sempre humano.

b) *em*:

“Em verdade, bem louco deve ser este homem *em estar a plantar* agora esta nogueira, como se estivesse ainda no vigor da mocidade” [LCo *apud* JR.5, 38].

em estar a plantar = porque está a plantar;

c) *por*:

"... é tão desairoso falar um homem a sua língua mal, sob o pretexto de que ela é difícil, como tirar as botas num salão *por lhe doerem os calos*" [SR.1].

d) *visto*:

Visto sair de manhã bem cedo, não é muito conhecido pelos vizinhos.132

e) locuções prepositivas: *à força de, em virtude de, em vista de, por causa de, por motivo de, devido a,* etc.:

"*À força de se tornar trivial,* esta verdade eterna, que resume todo o espírito do cristianismo, deixou de ser para muitos" [AH.2, 159].

2) para as *concessivas:*

a) *com*:

Com fazer todas as obrigações corretamente, não conseguiu livrar-se da falência.

com fazer = embora fizesse;

b) *sem*, negando a causa e a consequência, pode exprimir a *concessão*:

"Este era funestamente o sistema colonial adotado pelas nações que copiavam *sem o entender* nem fecundar, como os romanos, o governo discricionário das províncias avassaladoras" [LCo *apud* FB.1, 215].

c) *malgrado*:

Estudou *malgrado ter perdido o caderno*.

d) *não obstante*:

Saíram *não obstante terem ouvido os conselhos do pai.*

e) locuções prepositivas: *apesar de, sem embargo de*:

"*Apesar, porém, da casa ser tida* como imagem dos perigos e privações da guerra, *e do duque haver adquirido* com ela grande disposição e robustez, observou-se depois que as armas o atraíam pouco" [RS.2, IV, 96].

3) para as *condicionais (e hipotéticas):*

a) *a*:

"... houve quem visse, ou fingisse ver, um notável reflexo que *a ser verdadeiro* devia nascer das muitas luzes que provavelmente estariam acesas" [AH.2, 83].133

No seguinte trecho vale por uma comparativa hipotética do tipo de *como se* ou modal:

"... depois veio a mim, que estava sentado, deu-me pancadinhas na testa, com um só dedo, *a repetir*: – Isto, isto – e eu não tive remédio senão rir também, e tudo acabou em galhofa" [MA.1, 209].134

OBSERVAÇÃO: *como* a + infinitivo

b) *sem*:

Não sairá *sem apresentar os exercícios.*

4) para a *consecutiva: de*:

É feio *de meter medo*.

5) para as *finais*:

a) *a*:

"Muitos personagens eminentes do Império e diversas famílias, ligadas por aproximação de afeto à família imperial, apresentaram-se *a falar ao imperador...*" [RP *apud* FB.1, 145].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) O infinitivo das orações finais pode aparecer sem preposição: "Diz-se que ele era um dos doze que foram a Inglaterra *pelejar* (= para pelejar) em desagravo das damas inglesas, fato assaz duvidoso..." [AH.2, 92].

Construções deste tipo, aproximando-se o infinitivo do verbo principal anterior (*foram pelejar*), permitiriam um início de locução verbal, onde o 1.º verbo passaria a ser sentido como auxiliar modal denotador de movimento para realizar um intento futuro. Este histórico importa para a explicação do emprego antigo da preposição *a*, suplantado depois, entre brasileiros principalmente, pela preposição *em*, no termo adverbial de lugar. Em *O rio Amazonas vai desaguar ao Atlântico,* temos ainda vestígio da fase em que o sentimento linguístico levava em consideração o verbo de movimento, *vai desaguar* (= para desaguar). Perdida esta noção de movimento, *vai ao Atlântico desaguar* passou a ser interpretado como um todo, prevalecendo a regência que competia ao verbo *desaguar*: *vai desaguar no Atlântico*.

Ambas as construções são corretas, tendo sido esta última, sem razão, recriminada por certos gramáticos:

"*Veio embarcar-se* (D. João) *a Aldeia Galega,* aonde o guardavam muitos fidalgos e eclesiásticos" [RS.2, IV, 171];

"Do outro lado da povoação corre o pequeno rio... que *vem desaguar no Lucus*" [AH.2, 70];

"... enquanto a frota *se ia colocar na boca do rio* a que deu nome aquela povoação" [AH.2. 70].

2.ª) Sobre a construção *questão a resolver*.

b) *de*:

Dava aos pobres algo *de comer pela manhã*.

OBSERVAÇÃO: Estas expressões alternam com as de preposição *a*: Dava aos pobres algo *a comer pela manhã*. Entretanto, parece entrever aqui uma imitação do francês: "A preposição *à* entre *donner* e infinitivo equivale a *de: donner à boire et à manger, dar de comer e beber; donner à diner à quelqu'um, dar de jantar; elle lui donna à souper, deu-lhe de cear.* Nessas construções *dar de comer, dar de almoçar, dar de mamar, pedir de beber, pedir de almoçar, ganhar de comer,* o complemento formado por *de* e um infinitivo é, na sua origem, de caráter adjetivo. *Dê-me algo, alguma coisa, qualquer coisa de comer,* é como se disséramos *algo comível* ou *comestível.* Omitido o substantivo, significa por si só as coisas sobre que se exerce a ação do infinitivo: *dê-me de comer* = dê-me coisa que comer" [MBa.3, 129]. Apesar do voto do ilustre mestre, julgamos ser irreprovável a linguagem *dar a comer*. Epifânio Dias [ED.2, § 293, a, 1] não vê galicismo na construção: *dar a alguém algo a beber.*135

c) *para*:

"Tudo isto diz o quadro a quem tiver olhos *para ver*, coração *para sentir,* entendimento *para perceber*" [AH.2, 165].

d) *por*, hoje mais rara, fixada em *por assim dizer* e semelhantes:

"Recomendava el-rei D. Manuel, por suas cartas, a Afonso de Albuquerque que trabalhasse *por haver às mãos* a cidade de Adém" [AH.2, 105].

e) *em*:

"e por isso posto que a Inglaterra não precisasse dela, para este fim, *trabalhou em possuí-la* para que os holandeses não se aproveitassem das vantagens que a sua situação oferecia" [AH.2, 102-3].

"Dois meios havia *em seguir esta empresa*" [AH.2, 69].

f) locuções prepositivas: *a fim de, com o fim de,* etc.:

"Da sua parte, os alunos não devem dar de mão à gramática elementar *a fim de se* exercitarem nos verbos e adquirirem outras noções básicas e, como tais, indispensáveis..." [SR.1].

6) para iniciar orações *locativas* reduzidas (correspondem a orações justapostas): *em*:

"Filha, *no muito possuir* não é ainda posta a felicidade, mas sim *no esperar e amar muito*" [AC *apud* JR.5, I, 37].136

7) para as ideias de *meio* e *instrumento*:

a) *com*:

"... até o (D. Afonso) induzirem a mandá-lo (D. Pedro) sair da corte, ao que D. Pedro atalhou *com retirar-se* antes que lho ordenassem" [AH.2, 91].

b) *de*:

"Eu não sou, minha Nise, pegureiro,
Que viva *de guardar alheio gado*" [TG.1, 15].

8) para as *temporais*:

a) tempo anterior: *antes de*:

"E, se ambos, morrermos *antes de estarem em idade* que se possam por si manter, terão por pai aquele que mora nos céus" [AC *apud* JR.5, 35].

b) tempo concomitante: *a* (neste caso o infinitivo pode vir ou não precedido de artigo):

"Tais eram as minhas reflexões *ao afastar-me* do pobre..." [AH.2, 190].

"E o moço, *a falar* de sua mãe, chorava..." [CBr.6, 59].

c) tempo posterior: *depois de, após*:

"A borboleta, *depois de esvoaçar* muito em torno de mim, pousou-me na testa" [MA.1, 99].137

d) tempo futuro próximo: *perto de, prestes a*:

"... e só abandona (o comandante) o posto quando voa em socorro da Parnaíba ou do Belmonte, *prestes a soçobar*" [Ouro Preto *apud* FB.l, 84].

e) duração de prazo: *até*:

"... o Sália... arrancava os penedos, aluía as raízes das árvores seculares, carreava as terras e rebramia com som medonho, *até chegar às planícies*..." [AH.1, 236].

OBSERVAÇÃO FINAL: É importante não confundirmos (e às vezes se não podem traçar limites rigorosos neste assunto (por serem razões extraídas dos elementos fornecidos pelo texto e não pela gramática) em certas expressões, o conjunto preposicional com um substantivo seguido de seu complemento nominal reduzido de infinitivo. Como bem ensina José Oiticica, "em certas locuções como *por causa de, por motivo de, em virtude de, em vista de,* etc., a oração de infinitivo não deve ser tida por *complementar*. *Exemplo:* "Em vista de lhe haverem furtado a chave, não pôde abrir o depósito". Esta oração de infinitivo seria *complementar* se o substantivo *vista* conservasse seu valor semântico; porém, na locução, desapareceu tal valor, e vigora num todo meramente prepositivo".138 E mais adiante continua: "Com locuções: *no intuito de, no propósito de, com intenção de,* etc., as orações são *complementares*, porque os substantivos mantêm seu valor (semântico) normal". Destarte, é de valor adjetiva completiva nominal reduzida grifada do seguinte período:

"Mandou então el-rei por seus arautos apregoar à roda do arraial de D. Pedro que, sob pena *de serem havidos em conta de traidores*, todos os que seguiam o Duque de Coimbra o abandonassem" [AH.2, 96}.

B) *gerúndio* e aí equivalente a:

1) uma oração *causal*:

"Vendo este os seus maltratados, mandou disparar algumas bombardas contra os espingardeiros" [AH.2, 97].

vendo = porque visse;

2) uma oração *consecutiva*:

"Isto acendeu por tal modo os ânimos dos soldados, que sem mandado, nem ordem de peleja, deram no arraial do infante, *rompendo-o por muitas partes*" [AH.2, 97].

rompendo-o = e como consequência o romperam;

3) uma oração *concessiva*:

Tendo mais do que imaginavam não socorreu os irmãos.

tendo = embora tivesse;

4) uma oração *condicional*:

Tendo livres as mãos, poderia fugir do cativeiro.

tendo *livre as mãos = tivesse livres as mãos.*

5) uma oração que denota *modo, meio, instrumento*:

"Um homem agigantado e de fera catadura saiu da choupana *murmurando sons* mal-articulados" [AH.1 *apud* ED.2, § 316, b, 1].

"E não os (destinos) podia realizar senão *ceifando cidades em lugar de farragiais, e enfeixando com mão robusta povos*" [AC.1 *apud* ED.2, 2].

6) uma oração *temporal:*

"El-rei, quando o mancebo o cumprimentou pela última vez, sorriu-se e disse *voltando-se:* Por que virá o conde quase de luto à festa?" [RS *apud* FB.5, 205].

voltando-se = enquanto se voltava;

No seguinte exemplo se acha reforçado por um advérbio de tempo:

"*Desviando* depois a mão que o suspendia baixou mais dois degraus" [RS *apud* FB.5, 209].

desviando = depois que desviou, no momento em que desviou.

Observação: O gerúndio pode aparecer precedido de preposição *em* quando indica tempo, condição ou hipótese. Neste caso, o português moderno exige que o verbo da oração principal denote acontecimento futuro ou ação que costuma acontecer:

"Ninguém, desde que entrou, *em lhe chegando* o turno, se conseguirá evadir à saída" [RB *apud* FB.1, 126].

Aqui o gerúndio indica tempo, e o verbo da principal exprime ação futura (*conseguirá*).

"Em Vieira morava o gênio: em Bernardes o amor, que, *em sendo verdadeiro,* é também gênio" [AC *apud* FB.1, 186].

Nesta passagem, o gerúndio exprime condição ou hipótese, e o verbo da oração *que é também gênio* (subordinante da condicional) denota um acontecimento que costuma ocorrer.

C) *particípio* e aí equivale a:

1) uma oração *causal*:

"*Irado* o infante com as injúrias que lhe tinham dito, mandou enforcar uns e degolar outros..." [AH.2, 96].

2) uma oração *condicional*:

Entramos em uma batalha, onde, *vencidos* os inimigos, honraremos nosso país.

vencidos = se forem vencidos.

3) uma oração *temporal*:

"E neste sentido, *mudados* os nomes, fez uma comunicação à sociedade cientista dos avicultores da imperial cidade da Mogúncia" [JR.2, 42].

Observações:

1.ª) Nestes empregos do particípio, observam-se as regras de concordância, estudadas no capítulo da Concordância, entre o verbo e o seu sujeito.

2.ª) Alguns particípios passaram a ter emprego equivalente a preposições e advérbios: *exceto, salvo, mediante, não obstante, tirante,* etc., e, como tais, normalmente devem aparecer invariáveis. Entretanto, não se perdeu totalmente a consciência de seu antigo valor, e muitos escritores de nota procedem à concordância necessária:

"Os tribunais, *salvas* exceções honrosas, reproduziam, povoados de criaturas do valido, todos os defeitos do sistema" [RS.2, IV, 67].

"A razão desta diferença é que a mulher (*salva* a hipótese do capítulo CI e outras) entrega-se por amor..." [MA.1, 327}.

Utilizar estas maneiras de dizer, devidas ao "amor excessivo da exatidão" é, como bem pondera Epifânio, expressar-se na verdade com correção gramatical, mas de modo desusado [ED.2, § 220, a].

3.ª) Elegantemente podemos empregar, para a ideia de tempo, o particípio seguido de *que* e duma forma adequada do verbo

ser:

Acabado que foi o prazo destinado à revisão, os candidatos continuaram insatisfeitos.

Há discordância entre os autores quanto à natureza deste *que* posposto ao particípio. Para Maximino Maciel (*Gramática Descritiva,* 368), é conjunção, segundo este trecho: "Também *elegantemente* se conjuncionalizam as reduzidas de particípio passado, interpondo entre o particípio e o substantivo sujeito a conjunção *que* a uma forma do verbo *ser*, adaptável ao tempo, exemplo: 'A ideia republicana e democrática se acabaria em toda a Europa, eclipsado *que* fosse o esplêndido luzeiro que até então lhe serviu de fanal'" (Latino Coelho, *República e Monarquia*).

Para Epifânio, o *que* é pronome relativo, e julgamos que com ele está a razão (cf. *Sintaxe Histórica Portuguesa,* § 91,c): "Na qualidade de nome predicativo ou aposto, pode (o pronome relativo) referir-se a adjetivos (ou particípios), servindo de realçar a qualidade ou estado: *acabada que esteja a obra*" (Cf. ainda a *Gramática Francesa,* § 282, 2, Obs. 1.ª).139

Orações reduzidas fixas

A nossa língua possui certo número de orações reduzidas que normalmente não aparecem sob forma desenvolvida. Neste grupo se acham:

a) as orações subjetivas que se seguem a certos verbos, como *caber, valer, impedir,* em construções do tipo de:

Coube-nos *ornamentar o salão* (e não: *que ornamentássemos*).

Valeu-nos *estarem perto alguns amigos* (e não: *que estivessem perto*).

Impediu-nos a viagem *ter vindo ordem* de voltarmos (e não: *que veio*).140

b) as orações objetivas diretas que se seguem a verbos como *agradecer, perdoar* e o impessoal *haver* na expressão *não há valer-lhe* (e equivalentes) em construções do tipo:

"Perdoou-lhes o *haverem-nos ofendido*" [ED.1, § 226, b].

"E lá se vão: não há mais *contê-los ou alcançá-los*" [EC, 128].

c) as de sentido aditivo enfático do tipo (verbo no infinitivo):

"Além de que a fumarada do charuto, *sobre ser purificante e antipútrida,* dava aos alvéolos solidez, e consistência aos dentes" [CBr.1, 108].

d) as que denotam pensamentos para cuja expressão não existem conjunções subordinativas, como as que indicam:

1) *exclusão* (verbo no infinitivo):

"*Em vez* (diziam) *dos nossos navios carregarem as mercadorias daqueles portos para o de Lisboa...* são embarcações estranhas as que hoje demandam as ilhas..." [RS.2, IV, 533].

Longe de desanimar com os obstáculos, reanima-se para vencê-los.

2) *exceção* (verbo no infinitivo):

"A filha estava com quatorze anos; mas era muito fraquinha, e não fazia nada, *a não ser* namorar os capadócios..." [MA.1, 201].

3) *meio* ou *instrumento* (verbo no infinitivo ou gerúndio) e *modo* (verbo no gerúndio, embora aqui haja conjunção correspondente):

"Salvou-o o senado, *segurando-lhe a pessoa* até poder sair a bordo de uma nau holandesa a 21 de maio" [RS.2, IV, 244].

Desmoralizou-o *com desmenti-lo em público*.

"Procurou este logo estorvar-lhe (a missão) por todos os ombros, *prendendo-o* ou *matando-o*." [RS.2, 244].

Enfrenta a vida *sorrindo dos perigos*.141

Quando o infinitivo não constitui oração reduzida

A presença do infinitivo não caracteriza oração reduzida nos seguintes principais casos, podendo, contudo, constituir, em alguns exemplos, oração (não reduzida):

a) quando, sem referência a nenhum sujeito, denota a ação de modo vago, à maneira de um substantivo:

Recordar é viver.

b) quando faz parte de uma oração verbal:

Tinham de chegar cedo ao trabalho.

c) quando, precedido de preposição e em referência a substantivo, o infinitivo tem sentido qualificativo, o que ocorre:

1) quando exprime a destinação:

sala de jantar, ferro de engomar, tábua de passar, criado de servir.

2) quando equivale a um adjetivo terminado em *-vel*:

É *de esperar* que todos se saiam bem (esperável).

Pareciam menos *de louvar* (louvável).

Foi caso muito *de recear* (receável).

d) quando, precedido de preposição e depois de certos adjetivos (*difícil, fácil, duro, bom,* etc.), o infinitivo tem sentido limitativo (com certa interpretação passiva ou ativa):

Osso duro *de roer* (*de ser roído* ou *de alguém roer*).

Poesia fácil *de decorar* (*de ser decorada* ou *de alguém decorar*).

e) quando, equivalente a imperativo, exprime o infinitivo ordem, recomendação:

"Todos se chegavam para a ferir, sem que a D. Álvaro se ouvissem outras palavras senão estas: *Fartar*, rapazes!" [AH.2, 98].

f) quando, nas exclamações, o infinitivo exprime estranheza pela realização de um acontecimento:

"*Pôr-me* a mim lá fora?! – bradou Teodora" [CBr.1, 175].

"Tu, Hermengarda, *recordas-te?!*" [AH.1, 47].

g) quando entra em orações interrogativas (diretas ou indiretas):

*Que fazer?*142

Não sei *que fazer.*

Nada tinha *que dizer*.

h) quando se trata de um infinitivo de narração, isto é, aquele que, numa narração animada, considera a ação como já passada, e não no seu desenvolvimento.143

"E os médicos *a insistirem que saísse* de Lisboa [Júlio Dinis]

"Ela *a voltar as costas*, e o *reitor a pôr* o chapéu na cabeça" [*id.*]

"E ele *a rir-se*, ele a *regalar-se*" [EQ]

"O senhor *a dizer-lhe* uma palavra, e eu *a provar-lhe* que..." [ED.2, §309,3].

NOTA: Não estão acordes os autores quanto à origem do infinitivo de narração: a hipótese mais cômoda, mas nem por isso

mais convincente, é a da elipse. Assim pensavam Quintiliano, para o latim, e Burguy, Littré, Kastner, Plattner, Lubker, entre outros para o francês. É a opinião que expende M. Barreto para o português: "Na frase: – *Eu falo, e eles a rir* (isto é, põem-se a rir, estão a rir-se, começam a rir) – temos o que se chama *infinitivo histórico*, que assim se diz o que na proposição tem valor de voz verbal de modo finito. A proposição que tem por predicado perifrástico, um elemento do qual está subentendido" (*Últimos Estudos*, 241). Contra esta maneira de explicar estão Diez, Schulze, Darmesteter, Strohmeyer e Brøndal. A segunda hipótese é a que o deriva do infinitivo de ordem ou infinitivo imperativo (opinião de Wackernagel, para o latim e Marcou, Spitzer e Lerch, para o francês). Para Lombard (*Op. cit.* 212) o infinitivo de narração é originariamente uma oração nominal. O problema se acha exaustivamente tratado nas páginas 186-243 do citado livro do romancista sueco.

OBSERVAÇÃO: Foge a uma análise rigorosa a série de expressões do tipo *temer, não teme,* com que, na linguagem afetiva, enunciamos réplicas e objeções. Epifânio (*Sintaxe História Portuguesa*, § 309, 3, Obs.) e Bello-Cuervo (*Gramática Castelhana*, § 926 e *Notas*, p. 63) supõem que se trata de uma construção elíptica, subentendendo-se, antes do infinitivo, a expressão *quanto a*, Meyer-Lübke crê que se trata de um *infinitivo de intensidade* e explica assim o nascimento do torneio de frase: "Nous devons prendre comme point de départ la question et la réponse prononcés sous l'empire de l'émotion. Ainsi, pour nous en tenir au premier exemple, on raconte quelque chose qui, de l'avis du conteur, pourrait provoquer de la crainte chez un des auditeurs ou chez tous. Un d'entre eux repousse cette pensée en demandant avec indignation: "Craindre?! Je ne crains pas". En conséquence, à l'origine il devait y avoir une pause entre l'infinitif et le verbe personnel. Plus tard, naturellement, la formule finit par devenir, comme expression de l'intensité d'une action, plus fixe et par conséquent plus générale" (*Grammaire*, III, § 135). Levando-se em conta que se devem algumas alterações de linguagem a esta atenção que o falante dá a um público, real ou imaginário, a hipótese do romanista é assaz sugestiva, apesar de Epifânio achar "improvável que o infinitivo, sendo rigorosamente interrogativo, viesse a deixar de o ser" (*ibid.*). Cremos que o problema estaria melhor resolvido se levássemos em conta os níveis da oração e do texto, conforme nos ensina Coseriu, já esboçado, aliás, na explicação de Meyer-Lübke. Em *temer, não teme* estamos diante de um enunciado que, no nível do texto (e não da oração), pressupõe uma declaração repetida em relação ao que proferiu nosso interlocutor e a que nos referimos agora mediante o *temer*, e que só no nível do texto deve encontrar cabal explicação.

O gerúndio e o particípio não constituem oração reduzida

a) quando fazem parte de uma locução verbal:

Estão saindo todos os alunos.

As lições *foram aprendidas* sem esforço.

b) quando aparecem como simples função qualificadora, à maneira dos adjetivos:

Livro *encadernado*.

Construções particulares com o infinitivo

São dignas de atenção certas construções em que o infinitivo precedido de verbos que exprimem percepção física (*ver, ouvir, olhar, sentir*) ou atuação e ordenação (*deixar, mandar, fazer*). Já tivemos oportunidade de nos referir ao caso, quando examinamos a função sintática do infinitivo e gerúndio que entram nestas construções.

Praticamente, estas construções de infinitivo se repartem em dois grupos:

a) um, em que o infinitivo tem o mesmo agente e sujeito do primeiro verbo (regente):

Preferimos *estudar* pela manhã.

b) outro, mais complexo, em que o infinitivo, depois dos verbos regentes acima aludidos, tem diferente agente:

Vejo *abrir* a porta.

Ouço *soprar* o vento.

Eu a vi *sair* de casa.

Ouvimos a sineta *chamar* os alunos.

No primeiro grupo, o infinitivo integra uma oração reduzida que exerce o papel de objeto direto do verbo regente *preferimos*, e por isso, pode ser comutado pelo pronome adverbal

átono *o*:

Preferimos *estudar* pela manhã → Nós *o* preferimos → Preferimo-*lo*.

O segundo grupo se subdivide em dois tipos: o infinitivo sozinho ou acompanhado de complementos:

1) o infinitivo integra uma oração subordinada objetiva direta:

Vejo *abrir* a porta.

Ouço *soprar* o vento.

em que *abrir a porta* e *soprar o vento* podem ser comutados pelo pronome adverbal átono *o*:

Vejo-*o*. Ouço-*o*.

Vês abrir a porta? Vejo-*o*.

Ouves sobrar o vento? Ouço-*o*.

2) o verbo regente exprime percepção física e o infinitivo exerce o papel de predicativo do objeto direto:

Eu *a* vi *sair* de casa.

Ouvimos *a sineta chamar* os alunos.

Aqui os verbos regentes que exprimem percepção física (*vi* e *ouvimos*) se acompanham do objeto direto (*a* e *a* sineta) que se acham modificados pelos infinitivos que exercem a função de seus predicativos (*sair* e *chamar*).

Por mais que equivalham no plano do conteúdo de pensamento designado, *Eu a vi sair de casa* a *Eu vi que ela saía de casa*, do ponto de vista gramatical as construções são diferentes. O pronome *a* (Eu *a* vi sair) e *ela* (Eu vi que *ela* saía de casa) são ambos *agentes* do processo *sair de casa*, mas *a* é *objeto direto* e *ela* é *sujeito*. Pela análise do conteúdo, a gramática tradicional tem atribuído a esse pronome *a* dupla função sintática: objeto direto do verbo regente (*vi*) e sujeito do infinitivo (*sair*).

Também os verbos que exprimem atuação ou ordenação (*deixar, mandar, fazer*) apresentam a mesma construção dos verbos de percepção física:

O policial fez calar o assaltante / O policial fê-lo calar.

O professor mandou o aluno saltar / O professor mandou-o saltar.

Até aqui o infinitivo não se acompanha de objeto direto próprio, mas ele pode aparecer, como ocorre em:

O professor mandou o aluno fazer o exercício,

quando os complementos do verbo regente *mandou* (*o aluno*) e do infinitivo *fazer* (*os exercícios*) podem ser teoricamente comutados pelos pronomes adverbais átonos *o*:

O professor mandou-o fazê-lo.

ou ainda:

O professor mandou-*o o* fazer,

o que daria uma contiguidade incômoda e artificial de dois *o... o*, onde a clareza do texto poderia ser prejudicada. Veja-se este exemplo de A. Herculano:

"(...) a tia Domingas ouviu-*o* chamá-*la* de novo mansamente" [AH.2, 76].

A tradição literária contornou o problema adotando duas normas seguintes:

a) Expressar o complemento do verbo regente sob forma de objeto direto se constituído por

substantivo:

O professor mandou *o aluno* fazê-lo.

b) Expressar o complemento do verbo regente sob forma de objeto indireto se constituído por pronome adverbal átono:

O professor mandou-*lhe* fazer os exercícios.

O professor mandou-*lhe* fazê-lo.

O professor *lhe* ouviu dizer que melhoraria seu comportamento.

A colega *lhe* deixou ver suas bonecas.144

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Pela possibilidade de poder o complemento do infinitivo se aproximar do verbo regente, pode ocorrer a junção do pronome adverbal átono *lhe* (ou outro indireto) com o pronome *o*, como no seguinte exemplo:

"... posto que Afonso I se houvesse apoderado de vários lugares... a desgraça de Badajoz *lhos* fizera perder..." [AH.2, 76], isto é: a desgraça *lhe* fizera perdê-los.

2.ª) É raro o emprego de *lhe* por *o* quando o verbo no infinitivo não se acompanha de objeto direto: "A vista só da vaca... nem *lhes* deixa pensar em soutos e pastios" [AC.9, 181].

A prática se estenderia a se empregar sob forma de objeto indireto o complemento do verbo regente, mesmo se constituído por substantivo:

O professor mandou *ao menino* fazer o exercício.

O professor ouviu *ao aluno* dizer que melhoraria o comportamento.

O namoro fez *ao jovem* perder a cabeça.

Por fim, cumpre assinalar que normalmente se usa *o*, e não *lhe*, quando o infinitivo é pronominal.

"o Sália... rebramia com som medonho, até chegar às planícies, onde o solo não comprimia e *o deixou espraiar-se* pelos pauis e juncais..." [AH.2, 76-77].

OBSERVAÇÃO: O infinitivo que se segue a *deixar, mandar e fazer* pode ser tomado em sentido passivo, e neste caso o agente da ação do infinitivo é regido pelas preposições *por* ou *de:*

"D. João de Castro, sem *deixar-se vencer do amor do filho,* nem *dos medos do tempo,* resolveu enviar o socorro" [FF *apud* ED.2, 289, a), Obs. 2.ª].

A omissão do pronome átono em EU OS VI AFASTAR DAQUI em vez de AFASTAR-SE DAQUI

Não é rara a omissão do pronome átono que devia acompanhar um infinitivo pronominal, quando este mesmo infinitivo tem por agente um pronome átono:

"*Deixei-o embrenhar* e transpus o rio após ele" [AH.2, 77].

"O faqui *deixou-o afastar*" [AH.2, 77].

Os seguintes exemplos mostram-nos que a presença do pronome também é correta:

"*Sentiu-o* para aqui um pouco e depois *encaminhar-se* ao longo do corredor" [AH.2, 76].

"E o eremita *viu-a*, ave pernalta e branca, *bambolear-se* em voo, ir chegando, *passar-se* para cima do leito, *aconchegar-se* ao pobre homem..." [JR.2, 227].145

A construção PEDIR PARA

Em

"Eu retive-a, *pedi-lhe* que ficasse, que esquecesse" [MA.1, 271]

o verbo *pedir* exige dois objetos: o indireto *lhe* e o direto oracional composto *que ficasse, que esquecesse*.

Normalmente, em tais casos, não se usa o objeto direto oracional sob forma reduzida. Evita-se dizer: *Pedi-lhe ficar, pedi-lhe esquecer.*

Em:

> "Dito isto, *peço licença para ir* um dia destes expor-lhe um trabalho..." [MA.1, 245]

o verbo *pedir* vem acompanhado apenas do objeto direto *licença*; a oração reduzida de infinitivo *para ir um dia destes expor-lhe um trabalho* é adverbial de fim.

Pode-se omitir o objeto direto e construir o verbo *pedir*, assim: *peço-lhe para ir um dia destes expor-lhe um trabalho*.

Como estão próximas as ideias de *pedir que algo aconteça* e *trabalhar para que algo aconteça*, passou-se a usar a preposição *para* no início da oração que seria objeto direto do verbo *pedir*, tendo-se em mira indicar a finalidade da coisa pedida:

> *Pediu para que* Pedro *saísse*

ou

> *Pediu para* Pedro *sair.*

Os gramáticos não aceitaram a operação mental e ainda hoje esta maneira condensada de dizer é repudiada, apesar da insistência com que penetra na linguagem das pessoas cultas. Para as autoridades de nossa língua, só está certo o emprego do verbo *pedir* quando se tem para objeto direto o substantivo *licença* (claro ou subentendido) e a oração de *para que* ou *para* + infinitivo é sentida como adverbial de fim, *com sujeito igual ao da oração principal*.146 Assim, em:

> O aluno pedia-lhe para sair,

o *aluno* pedia licença para ele mesmo sair.

A confusão dos dois empregos do verbo *pedir* traz ao enunciado incontestavelmente duplicidade de sentido, pois que em:

> *Ele pedia-lhe para sair*

ficamos em dúvida sobre a pessoa que sairá. Para o gramático só pode ser a que fez o pedido, e, na realidade, todos, ou quase todos, os exemplos abonados dos bons escritores têm o mesmo sujeito para a oração de *pedir* e para a oração iniciada pela preposição *para*.

A construção DIZER PARA

Semelhantemente ao que ocorre com o verbo *pedir*, a linguagem coloquial despreocupada constrói o verbo *dizer* (*falar* e sinônimos) seguido da preposição *para* junto ao que normalmente seria o seu objeto direto:

> *Disse para que ele fosse embora*

ou

> *Disse para ele ir embora.*

São expressões condenadas que os gramáticos recomendam se evitem no falar correto.

A construção PARA EU FAZER

Em

> O exercício é para eu fazer

a preposição *para* rege o verbo *fazer*, cujo sujeito é o pronome pessoal *eu*. Evite-se a construção errônea *o exercício é para mim fazer*, devida ao fato de se supor que a preposição se prende ao pronome, como: *este presente é para mim.*

Diz-se corretamente *o presente é para mim*, porque a preposição sempre rege pronome oblíquo tônico.

Distinga-se claramente este uso errôneo do correto, em que há antecipação do objeto indireto livre de opinião; o ritmo oracional marca a diferença:

> Para mim (pausa) fazer isso é sempre agradável.

A posição do sujeito nas orações reduzidas

No português contemporâneo, o sujeito das orações reduzidas de gerúndio e particípio vem normalmente depois do verbo (nas locuções verbais pode aparecer depois do auxiliar):

> "A guerra diplomática andava acesa em Roma, *lidando o enviado português* por contrariar com energia os meneios e dilações do Cardeal Torregiani" [LCo.1, I, 44].
>
> *Não me havendo chegado notícia das viagens de Gulliver*, penso que a minha gente liliputiana teve origem nas baratas e nas aranhas [GrR.1, 94].
>
> *Findo o susto*, considerava-me isolado, continuava nas infrações sem nenhuma vergonha [GrR.1, 180].
>
> *Acabada a festa*, foram ao cinema.

Estariam erradas as construções se colocássemos o sujeito antes do verbo: *o enviado português lidando, o susto findo, a festa acabada*.

Nas reduzidas de gerúndio é preciso distinguir cuidadosamente essas linguagens imperfeitas daquelas que, por falta de pontuação adequada, nos fazem supor que se trata de anteposições do sujeito. Nos seguintes exemplos só houve falta da vírgula para separar a principal da subordinada:

> "*O cristianismo elevando o culto* da mulher inspirou a cavalaria e a poesia cavaleiresca, nobilitando pelo amor e pelo sacrifício o sexo que era também o de Maria Santíssima" [JR.2, 51].
>
> "Então *Gonçalo Mendes fazendo* recuar o capuz que cobria a cabeça do suposto mensageiro olhou para ele alguns instantes" [AH.3, 116].147

Entre as reduzidas de gerúndio, fazem exceção ao princípio exposto aquelas que, precedidas da preposição *em*, denotam circunstâncias de tempo, hipótese ou condição, quando o sujeito pode vir antes ou depois desta forma verbal:

> "Ninguém, desde que entrou, *em lhe chegando o turno*, se conseguirá evadir à saída" [RB *apud* FB.1, 126].
>
> "A semelhança entre as filhas de Felipe da Gama reduzia-se a isto: mas era tão grande, que *em as duas conversando* a fala confundia-se, e o ouvinte mais não era capaz de distinguir" [RS.3, 2, 122 *apud* ED.2, §316,b,2,obs].

No tocante às reduzidas de particípio, podem ter o sujeito anteposto ou posposto ao verbo, quando constituído pelos pronomes *isto, isso, aquilo* e *o que*:

> *Isto posto*, resolvemos voltar

ou

> *Posto isto*, resolvemos voltar.

A construção É DA GENTE RIR

A antecipação do sujeito ao verbo, nas orações reduzidas de infinitivo preposicionado, possibilita a combinação da preposição com o sujeito ou um adjunto do sujeito:

> Já era tempo *de* saírem *os alunos* de férias.

pode passar facilmente a *Já era tempo* ***de os alunos*** *saírem de férias* e daí à combinação *Já era tempo* ***dos alunos*** *saírem de férias.*

A preposição pode-se combinar com o núcleo do sujeito. Assim, diremos:

É tempo DE ELE sair

ou

É tempo DELE sair.

Alguns gramáticos não aceitam a combinação apontada sob o pretexto de que o sujeito "não pode vir regido de preposição"; *não se trata aqui, entretanto, de regência preposicional de sujeito, mas do contato de duas palavras que, por hábito e por eufonia, costumam ser incorporadas na pronúncia.* Se tais combinações parecem contrariar a lógica da gramática, cumpre observar que não repugnam a tradição do idioma com o testemunho de seus melhores escritores, antigos e modernos. O que a lição dos fatos nos permite ensinar é que ambas as construções são corretas, segundo nos atestam as seguintes passagens que não se podem dar como errôneas ou descuidos de revisão.148 Trata-se de um problema de estilística fônica, pelo qual a não combinação encarece o papel do sujeito do infinitivo. Do ponto de vista meramente gramatical são válidas ambas construções:

"só voltou *depois do infante estar* proclamado regedor" [AH.2*,* 44].

"Os que no serviço militar perdiam o cavalo tiravam o valor deste dos despojos *antes destes* (*d'estes*, no original) se repartirem" [AH.2].

"*Apesar da sua ação ser...* superior à autoridade dos bispos..." [AH.2].

"... a unidade que resulta da síntese do ideal, *antes deste ser* revelado pela expressão material" [AH.2, 162].

"sabia-o, senhor, *antes do caso suceder*" [AH.4, I, 267].149

"... mesmo *depois dos descobrimentos dos portugueses haverem* transformado as condições do comércio geral do mundo" [RS.2*,* IV, 16].

"*Apesar*, porém, da *caça ser tida* como imagem dos perigos e privações da guerra..." [RS.2, 96].

"Notou, igualmente, a vantagem dos *confederados repartirem* de antemão os postos entre si..." [RS.2, 139].

"... e *a despeito do dia estar* chuvoso" [RS.2, 171-2].

"Nos dias pequenos o sino de recolher soava muito antes *dos mercadores terem* acabado a ceia nas hospedarias..." [RS.2, 527]

"*Depois do Garrett escrever* erradamente no seu *Camões...*" [AC, "Anotações à 6.ª edição do Dicionário de Morais", in *Arquivos Literários* de Delfim Guimarães, V *apud* P. A. Pinto, revista *Colaboração,* nº 5, p. 20].

"... se, por exemplo me concederem um monopólio do plantar couves, *apesar das couves serem* uma das muitas espécies de legumes" [RB *apud* P. A. Pinto, *ibid*.].

"Pelo fato *do verbo* restituir, numa de suas acepções, e entregar, em certos casos, *terem*, como diz o Dr. Rui, o mesmo sentido..." [CR.2 *apud* P. A. Pinto].

"... no caso do *infinitivo trazer compl. direto*" [ED.2, 226).150

Terminamos esta pequena lista com um fato que não deixa dúvidas de que os exemplos aduzidos não se explicam por descuidos. Na página 87 do vol. IV da sua excelentemente escrita *História de Portugal*, contrariando a sintaxe que lhe vem natural e frequente, Rebelo da Silva não faz a combinação:

"Nem o rei, nem o ministro apreciaram o perigo, senão *depois de ele declarado e irremediável*".

Mas, para surpresa de muitos gramáticos, no final do volume, na página destinada a erratas, declara textualmente:

"Onde se lê: *depois de ele* leia-se *depois dele* (*d'elle* no original). 151

Tem-se estendido o exagero da condenação aos casos em que a preposição precede um advérbio, quando, na realidade, o que decide a existência ou não existência da combinação é a menor ou a maior pausa no proferir as duas palavras, ou ainda a eufonia e, como vimos, o realce. No seguinte exemplo de Alexandre Herculano, a pausa maior entre a preposição e o advérbio evita a combinação:

"A afirmativa *de ali* se ajuntarem e agasalharem 20.000 pessoas é naturalmente impossível" [AH.2, 44].

É forçoso reconhecer que a facilidade da combinação da preposição *de* não se estendeu, com a mesma frequência, a outras preposições, nas circunstâncias aqui estudadas. Dá prova disto o seguinte trecho de Rebelo da Silva, tão afeito às construções combinadas:

"*No caso do reino se constituir* em república, que partido seguiria D. João, o do país, ou o dos castelhanos?" "Em qualquer acontecimento, redarguiu o duque, hei de acostar-me ao que seguir o comum do reino". "Então, continuou o secretário, está dada a resposta. Mais vale arriscar tudo para reinar, do que arriscar tudo ainda e ficar vassalo. A ocasião é chegada, e parece que Deus a trouxe. A maior dificuldade consistia *em os outros proporem* a empresa..." [RS.2, IV, 134].

Por fim, cabe-nos assinalar que, neste assunto de combinações de preposição, o português moderno desprezou certos giros que – embora também contrários à lógica da gramática – foram estimados dos antigos e ainda hoje puristas aplaudem. Interessa-nos agora aquela em que se combinava a preposição *por* (antigo *per*) com os pronomes *o, a, os, as,* em função de objeto direto:

Esforcei-me pelo convencer.

hoje desbancado por:

Esforcei-me por convencê-lo (ou *para convencê-lo*) ou *por o convencer* (mais raro entre os brasileiros).

Apesar de exemplos de autores modernos (Rui Barbosa entre eles) e do voto de Mário Barreto [MBa.1, cap. VII, 111-25], concordo com o parecer de Said Ali [SA.6, 4, 160]:

"A construção de *por* e antigo *per* com as formas pronominais *o, a, os, as,* pertence ao número das formas arcaicas, de que se encontram ainda restos, na linguagem popular de Portugal. É imprópria da linguagem culta de hoje, e se ocorre – o que é muitíssimo raro – em algum escritor moderno, deixa-nos logo a impressão de um estilo afetado. Não provam exemplos dessa espécie o uso geral, nem podem servir de norma para o falar correto".152

É elucidativo este passo de Rebelo da Silva, onde ocorrem os dois casos aqui estudados:

"... em que o tribunal proferiu a sentença, mandando entregar as fazendas a Adão Bans e sócios sob fiança *de as* restituírem *no caso dos portugueses* dentro de seis meses *pagarem a quantia*..." [RS.2, 515].

Reduzidas decorrentes e concorrentes

Como as desenvolvidas, as orações reduzidas podem ser:

a) *decorrentes:*

"O Conde de Avranches saiu a eles com quase toda a gente do arraial e *fazendo-os fugir* tomou alguns prisioneiros" [AH.2, 96].

A oração de *fazendo* é reduzida gerundial de tempo e se acompanha da oração também reduzida *fugir* (reduzida de infinitivo), modificadora do objeto direto *os*.

b) *concorrentes:*

"Irado o infante com as injúrias que lhe tinham dito, mandou *enforcar uns e degolar outros*, e o conde perseguiu o resto até Portugal" [AH.2, 96].

As orações reduzidas de infinitivo *enforcar uns* e *degolar outros* são subordinadas equipolentes; por isso se acham coordenadas entre si.

Não raro aparece, entre as orações equipolentes, uma reduzida coordenada à outra desenvolvida ou vice-versa [MBa.1, 168, nota].

> "*Para provar-lhe* que não falto à menor condição estipulada, *e para que a minha consciência fique pura de escrúpulos*, vou dar-lhe a gratificação prometida" [CBr.14, drama, ato II, cena IX].
>
> "Na província de Alentejo o recrutamento fazia-se para exclusiva defesa dela, cabendo um terço de cada comarca, *se era grande*, ou a duas unidas, *sendo pequenas*" [RS.2, 227].

4 – As Frases: Enunciados sem Núcleo Verbal

Oração e frase – Já tínhamos antecipado que a unidade sintática chamada *oração* constitui o centro da atenção da gramática por se tratar de uma unidade em que se relacionam sintaticamente seus termos constituintes e se manifestam as relações de ordem e recção que partem do núcleo verbal e das quais se ocupa a descrição gramatical.

Isto não impede a presença de enunciados destituídos desse núcleo verbal conhecidos pelo nome de *frases*:

> Bom dia!
> Saúde!
> Depressa!
> Que calor!
> Casa de ferreiro, espeto de pau.

Estas frases diferem da oração porque são proferidas, quase sempre, em situações especiais, fora as quais o enunciado não se manifesta em toda sua plenitude.

Em geral seus elementos constituintes são de natureza nominal (substantivos, adjetivos ou advérbios), e a ausência do núcleo verbal, donde dimanam as relações sintático-semânticas, impede que se identifiquem entre seus constituintes as funções que se manifestam na oração. Por outro lado, a frase aponta para asserção de uma verdade geral, já que exclui a forma verbal responsável por uma particularização da expressão [EBv.2, 181]. Entretanto, como são enunciados reais, apela-se para a interpretação mais ou menos próxima dos possíveis equivalentes expressos sob forma de oração. Assim, "entende-se" que um enunciado como *Bom dia!* equivale a *Desejo bom dia* ou *Espero que tenha bom dia!*, ou *Casa de ferreiro, espeto de pau* valeria aproximadamente a *Casa de ferreiro usa espeto de pau* ou *Quando a casa é de ferreiro, o espeto é de pau* ou, ainda, *Em casa de ferreiro não se usa espeto de ferro, mas de pau*.

A simples verificação das várias possibilidades de paráfrases mostra bem como são tênues as relações gramaticais que os termos existentes mantêm entre si dentro da frase. Por isso a descrição da frase não se fará pelos mesmos critérios empregados na oração, mas segundo sua constituição interna. Inicialmente, podemos dividir as frases em *unimembres* e *bimembres*.

Frases unimembres: interjeição – O tipo mais simples de frase é o constituído por

interjeição. Já é antiga em gramática a ideia de a interjeição não ser, a rigor, uma "palavra", mas que equivale a um enunciado independente ou a uma oração inteira:

Oh! Psiu!

Pode ainda aparecer combinada com outras unidades para constituir frases mais complexas:

Ai de mim!
Oh pátria minha!

Já vimos que outras classes de palavras e grupos nominais se podem transpor ao papel de interjeição, empregados em função apelativa, endereçada ao interlocutor, ou como manifestação da atitude do falante [AL.1, 385]:

Socorro!
Depressa!
Meu pai!
Que horror!
Viva!

Podem aparecer unidades mais longas resultantes de respostas ou comentários a diálogos reais ou imaginários com o interlocutor. São frases elípticas, quase sempre de valor nominal, resíduos de orações sintaticamente incompletas ou truncadas, que devem ser tratadas no rol dos enunciados independentes sem núcleo verbal, ao largo de qualquer restituição corretiva do ponto de vista sintático:

"— Está bem, deixe-me ficar algum tempo mais, estou na pista de
um mistério
— *Que mistério*?" [MA.1, 28].
"— Raposo, vou sair; há alguma cousa?
— *Nada, Capitão Viveiros*" [LB.3, 91].
"Fez-me sentar ao pé de si, na varanda, entre muitas exclamações
de contentamento:
— *Ora, o Brasinho*! *Um homem*! Quem diria, há anos... *Um homenzarrão*! *E bonito*! *Qual*! Você não se lembra de mim... [MA.1, 94-95]
— Qual é a sua profissão?
— *Estudante*." [LB.3, 91]

Entre essas verdadeiras *pro-orações* estão as palavras *sim*, *não*, *talvez*, *tampouco* e assemelhadas (sozinhas ou combinadas) que de primitivos advérbios passam por transposição hipertáxica ao papel de frases:

— Já deste a notícia?
— *Ainda não* [LB.3, 165].

Algumas vezes nestes casos um dos interlocutores ou o autor num monólogo faz uso de uma frase exclamativa complexa que vale, unitariamente, por transposição hipotáxica, por uma interjeição:

Eugênia sentou-se a concertar uma das tranças. *Que dissimulação graciosa*! *Que arte infinita e delicada*! *Que tartufice profunda*! [MA.1, 107]

Etiquetas e rótulos – Diferente contexto linguístico ocorre com frases que entram na indicação de etiquetas, letreiros e rótulos situados em circunstâncias tais que, com ajuda de

tais entornos, são suficientes para constituir informações precisas. Deste rol fazem parte a sinalização verbal das indicações de trânsito (*Entrada*, *Saída*, *Retorno*, etc.), de estabelecimentos bancários e comerciais (*Clientes de Conta Ouro*, *Fila Única*, *Padaria*, *Carnes*, *Laticínios*, *Limpeza*, *Estacionamento*, *Entrada proibida*, *Entrada só permitida a funcionários*, etc.)

Frases assertivas bimembres – Embora frases assertivas bimembres possam ser facilmente parafraseadas a orações de estrutura regular e com estas, muitas vezes, se alternar no discurso, não devem ser "reconstituídas" e "emendadas" com auxílio de elipses e outros recursos, para depois serem descritas como orações. A expressividade decorre da leveza e espontaneidade com que se caracterizam.

Incluem-se, portanto, no rol de frases assertivas bimembres (dotadas também de entoação ou contorno melódico assertivos) os seguintes exemplos:

Casa de ferreiro, espeto de pau

Tal pai, tal filho

A vivacidade e leveza que tais frases emprestam ao discurso explicam o seu largo emprego nas máximas e provérbios.

5 – Concordância

Considerações gerais – Em português a *concordância* consiste em se adaptar a palavra determinante ao gênero, número e pessoa da palavra determinada.

A concordância pode ser *nominal* ou *verbal* – Diz-se *concordância nominal* a que se verifica em gênero e número entre o adjetivo e o pronome (adjetivo), o artigo, o numeral ou o particípio (palavras determinantes) e o substantivo ou pronome (palavras determinadas) a que se referem:

"O capitão rosnou *alguma* cousa, deu *dous* passos, meteu *a* mão no bolso, sacou *um* pedaço de papel, muito *amarrotado*; depois *à* luz de *uma* lanterna, leu *uma* ode *horaciana* sobre *a* liberdade *da* vida *marítima*" [MA.1, 65].

Diz-se *concordância verbal* a que se verifica em número e pessoa entre o sujeito (e às vezes o *predicativo*) e o verbo da oração:

"Os outros não sabendo o que *era*, *falavam*, *olhavam*, *gesticulavam*, ao tempo que ela *olhava* só, ora fixa, ora móvel, levando a astúcia ao ponto de olhar às vezes para dentro de si, porque *deixava cair* as pálpebras" [MA.1, 183]

"Chegando à rua, *arrependi*-me de ter saído" [MA.1]

"*Eram* 2 de novembro de 1952" [AH.2, 124].

A concordância pode ser estabelecida de *palavra* para *palavra* ou de *palavra* para *sentido*. A concordância de *palavra* para *palavra* será *total* ou *parcial* (também chamada *atrativa*), conforme se leve em conta a totalidade ou o mais próximo das palavras determinadas numa série de coordenação:

"Repeli-a, porque se me *ofereciam* vida e honra a troco de perpétua infâmia" [AH.1, 147].

O verbo *ofereciam* concorda com a totalidade do sujeito composto: *vida* e *honra*.

"porque entre ele e Suintila... *está* o céu e o inferno" [AH.1, 143].

O verbo *está* concorda, atrativamente, com o sujeito mais próximo (o céu) da série coordenada o *céu* e o *inferno*.

"... *via*-se em todas as faces *pintado* o espantoso e o terror" [AH.2, 124].

O verbo *via* e o adjetivo *pintado* concordam, por atração, com o sujeito mais próximo da série *o espantoso* e *o terror*.

"Quando a educação, os livros, e o sentir daqueles que nos odeiam *apagou* em nossa alma o selo da cruz" [AH.2, 143].

O verbo *apagou* concorda, por atração, com o sujeito mais próximo (*o sentir daqueles*) do sujeito composto, ainda que este venha anteposto ao verbo.

A concordância de *palavra* para *sentido* se diz ainda *concordância* "*ad sensum*" ou *silepse*:

"A plebe *vociferava* as mais afrontosas injúrias contra D. Leonor: e se *chegassem* a entrar no paço, ela sem dúvida seria feita pedaços pelo tropel furioso" [AH.2, 41].

O verbo *vociferava* concorda com o sujeito *plebe* que, sendo um coletivo, pôde, pelo seu conteúdo semântico de pluralidade, levar ao plural o verbo *chegassem*, mais afastado dele.

"Era gente colectícia, *muitos*, acaso, sem pátria da guerra, e por isso pouco *habituados* a resignar-se com as várias e tediosas fases de um assédio" [AH.2, 51].

O termo *gente*, de valor coletivo, é o responsável pela flexão masculina de *muitos* e *habituados*, por se levar em conta a ideia de *soldados* contida na palavra *gente*.

É preciso estar atento a que a liberdade de concordância que a língua portuguesa muitas vezes oferece deve ser cuidadosamente aproveitada para não prejudicar a clareza da mensagem e a harmonia do estilo.

Na língua oral, em que o fluxo do pensamento corre mais rápido que a formulação e estruturação da oração, é muito comum enunciar primeiro o verbo – elemento fulcral da atividade comunicativa – para depois se seguirem os outros termos oracionais. Nestas circunstâncias, o falante costuma enunciar o verbo no singular, porque ainda não pensou no sujeito a quem atribuirá a função predicativa contida no verbo; se o sujeito, neste momento, for pensado como pluralidade, os casos de discordância serão aí frequentes. O mesmo ocorre com a concordância nominal, do particípio.

A língua escrita, formalmente mais elaborada, tem meios de evitar estas discordâncias.

Concordância nominal

A – Concordância de palavra para palavra

1) *Há uma só palavra determinada.*

A palavra determinante irá para o gênero e número da palavra determinada:

"Aflige-nos a glória *alheia contestada* com a *nossa* insignificância" [MM].

"*Os bons* exemplos *dos* pais são *as melhores* lições e a *melhor* herança para *os* filhos" [MM].

"Eu amo *a* noite *solitária* e *muda*" [GD.3, I, 314].

Eu estou *quite*. Nós estamos *quites*.

OBSERVAÇÃO: Os nomes femininos como *sentinela*, *guarda*, *guia* e assemelhados, quando aplicados a pessoas do sexo masculino, mantêm o gênero feminino, e levam para este gênero os determinantes a eles referidos: *a sentinela avançada*; "Depois desta digressão que acabais de fazer pelo mundo, com tão *má guia* como eu, voltemos a ouvir de novo as vossas pedras" [Agostinho de Campos *apud* MBa.2, 212].

2) *Há mais de uma palavra determinada.*

Observar-se-ão os seguintes casos:

1.º) Se as palavras determinadas forem do mesmo gênero, a palavra determinante irá para o plural e para o gênero comum, ou poderá concordar, principalmente se vier anteposta, em gênero e número com a mais próxima:

A língua e (a) literatura *portuguesas* ou A língua e (a) literatura *portuguesa*.

"Amava no estribeiro-mor as virtudes e a lealdade nunca *desmentidas*"

[RS.1, 124].

"O tom e gesto *caricioso*, com que ela dizia isto, não moveu medianamente o esposo" [CBr.1, 158].

"*e os nossos* Basílio e Durão, bem assim o Sr. Magalhães..." [OM, 72].153

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Se as palavras determinadas se referirem a uma só pessoa ou coisa, impõe-se o singular do determinante:

seu fiel amigo e servidor

2.ª) É injusta a crítica do gramático E. Carlos Pereira [CP.1, § 427, 3, nota] aos seguintes exemplos: "... a mão esquerda, entre *cujos* índice e polegar pendia o pergaminho..." [AH.5, II, 24] e "... pelas exigências cada vez maiores destas *devoradoras* e *insaciáveis* fome e sede de leitura" [AC.1, 315].

3.ª) Precedendo um substantivo (título ou prenome), ocorre o plural: Os *irmãos* Pedro e Paulo. Os *apóstolos* Barnabé e Paulo.

4.ª) Um determinante (adjetivo) no plural pode estar aposto a um sujeito do singular que venha colocado depois, quando este sujeito é algum dos pronomes *cada um*, *cada qual*, *ninguém*, *nenhum*, referidos a pessoas ou coisas já mencionadas:

sobressaltados com esta vista, procurava *cada um* pôr-se a salvo [ED].

2.º) Se as palavras determinadas forem de gêneros diferentes, a palavra determinante irá para o plural masculino ou concordará em gênero e número com a mais próxima:

"Vinha todo coberto de negro: *negros* o elmo, a couraça e o saio"

[AH.1, 107].

"como se um grande incêndio devorasse as brenhas e os carvalhais *antigos*" [AH.1, 86].

"*Calada* a natureza, a terra e os homens" [GD.3, I, 315].

com *boa* coragem e zelo, com coragem e zelo *bom* (ou *bons*), com *bons* coragem e zelo

toda sua luta e sacrifícios.

todos seus sacrifícios e luta.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Por uma questão de agrado auditivo (eufonia), prefere-se que numa série de palavras determinadas de gêneros diferentes seguida de palavra determinante no masculino plural, venha a determinada masculina em último lugar.

2.ª) Se, neste caso, se tratar de pronome possessivo posposto, a concordância deste se fará com o último substantivo:

"Este velho desterrado por *gosto* e *eleição sua*..." [RS.1, 16].

3.ª) Quando há ideia de reciprocidade, torna-se obrigatório o emprego do plural: "Ele entrou prazenteiro... e encontrou padrinho e afilhada *empenhados* em uma discussão sobre autoridade" [LBa *apud* SS.1, § 257 obs.].

3) *Há uma só palavra determinada e mais de uma determinante.*

A palavra determinada irá para o plural ou ficará no singular, sendo, neste último caso,

facultativa a repetição do artigo. Em geral, isto ocorre com adjetivos de nacionalidade: *As literaturas* brasileira e portuguesa ou *A literatura* brasileira e portuguesa (maneira de dizer menos frequente e, com exagero de lógica gramatical, considerada errônea por muitos autores) ou *A literatura* brasileira e *a* portuguesa.

"e os *cronistas tudense e toledano* fazem a luta dos dous reis depois daquele consórcio" [AH.6, III, 86].

"Li um anúncio, convidando mestra de *línguas inglesa* e *francesa* para o colégio" [CBr.1, 128].

"O pequeno reino sucessivamente perlustrou *as costas ocidental e oriental* da África..." (C. de Laet, I, 211).

as séries quarta e quinta

a quarta e quinta série (ou *séries*)

B – Concordância de palavra para sentido

A palavra determinante pode deixar de concordar em gênero e número com a *forma* da palavra determinada para levar em consideração, apenas, o *sentido* em que esta se aplica: *o* (vinho) *champanha*, *o* (rio) *Amazonas*.

Entre os diversos casos desta concordância pelo sentido aparecem os seguintes:

1) As expressões de tratamento do tipo de V. Ex.ª, V. S.ª, etc.:

V.Ex.ª é { *atencioso* (referindo-se a homem)
atenciosa (referindo-se a mulher)

OBSERVAÇÃO: Quando se junta um adjetivo a tais formas de tratamento, tal adjetivo fica no gênero da forma de tratamento:

Sua Majestade *fidelíssima* foi contrariado pelos representantes diplomáticos.

2) A expressão *a gente* aplicada a uma ou mais pessoas com inclusão da que fala:

"Pergunta a gente a si *próprio* (refere-se a pessoa do sexo masculino) quanto levaria o solicitador ao seu cliente por ter sonhado com o seu negócio" [PC *apud* MBa.2, 413]154.

3) O termo determinado é um coletivo seguido de determinante em gênero ou número (ou ambos) diferentes:

"*Acocorada* em torno, *nus*, a negralhada *miúda*, de dois a oito anos" [HC.2, 84].

Note-se que *acocorada* e *miúda* concordam com a forma gramatical de *negralhada*, enquanto *nus* o faz levando em conta o seu sentido (= grupo de negrinhos de dois a oito anos).

4) A palavra determinada aparece no singular e mais adiante o determinante no plural em virtude de se subentender aquela no plural:

"Não compres *livro* somente pelo título: ainda que pareçam bons, são muitas vezes péssimos" [JR.1, 321].

"Mas não nos constou em que *ano* começou nem *quantos* esteve com ele" [LS *apud* JR.1]155.

C – Outros casos de concordância nominal

1) ***Um e outro, nem um nem outro*** – Com *um e outro*, põe-se no singular o determinado (substantivo), e no singular ou no plural o verbo da oração, quando estas expressões aparecem

como sujeito:

"Alceu Amoroso Lima (...) teve a boa ideia de caracterizar e diferençar o ensaio e a crônica, dizendo que *um e outro* gênero se afirmam pelo estilo".

"Parou um momento e, olhando para *um e outro lado*, endireitou a carreira..." [AH.1, 107].

"Mas *uma e outra cousa duraram* apenas rápido instante" [AH.1, 218].

Com *nem um nem outro* é de rigor o singular para o substantivo e verbo:

Nem um nem outro livro merece ser lido.

Com *um ou outro* o substantivo também fica no singular e invariavelmente no singular aparece o verbo de que a expressão serve de sujeito:

"*Um ou outro* soldado, indisciplinadamente, *revidava*, disparando à toa, a arma para os ares" [EC, 2.ª ed., 428].

Se as expressões *um e outro*, *nem um nem outro* se aplicarem a nomes de gêneros diferentes, é mais comum o emprego das formas masculinas:

"Tornou a vê-la, foi visto por ela, e acabaram namorados *um do outro*" [MA.12, 1.ª ed., 39].

"Ali teve el-rei escondido algum tempo, e lá começaram os seus amores com a rainha, que tão fatais foram para *um e outro*" [AH.2, 35].

"Repousavam bem perto *um do outro* a matéria e o espírito" [AH.1, 44].

Não raro pode aparecer a concordância com o termo referido:

"... vivia o casal venturoso de um certo Izraim persa letrado e da sua esposa Proftásia que *um e outra* cultivavam para deleite do espírito a filosofia grega" [JR.2, 15].

2) ***Mesmo, próprio, só*** – Concordam com a palavra determinada em gênero e número:

Ele *mesmo* disse a verdade. Ela *mesma* disse a verdade.

Elas *próprias* foram ao local.

Nós não estamos *sós*.

"Eles *sós* se encaminham para essa parte..." [AH.1, 153].

Em língua literária ocorre o adjetivo *só* variável onde no colóquio se prefere usar do advérbio *só*, portanto invariável:

"Com *sós* 27 anos de idade... já a palidez da morte se via lutar no seu rosto com as rosas da mocidade [AC.10].

Mesmo, além de se empregar na ideia de identidade (= em pessoa), aparece ainda como sinônimo de *próprio*, *até*:

"ao *mesmo* demônio se deve fazer justiça, quando ele a tiver" [AV *apud* ED.2, § 86, a].

Este último sentido e mais o emprego adverbial junto de *aqui*, *já*, *agora* (aqui mesmo, já mesmo, agora mesmo) facilitaram o aparecimento moderno da palavra como advérbio, modo de dizer que os puristas condenam, mas que vem ganhando a simpatia geral:

"... vaidosos de seus apelidos, mas inofensivos, e virtuosos *mesmo* por vaidade de imitarem seus avoengos" [CBr.6, 219].156

3) ***Menos* e *somenos*** – É preciso atenção para não fazer a concordância de *menos* com o substantivo seguinte:

Mais amores e *menos* confiança (e não *menas*!).

Vale a mesma observação para *somenos* (= de menor valor):

"Há neles coisas boas e coisas más ou *somenos*" [MB.2, 239].

4) ***Leso*** – É adjetivo, e não forma do verbo *lesar*, em construções de tipo: crime de lesa-pátria, crime de leso-patriotismo. Por isso há de concordar com o seu determinado em gênero e número:

"Como se a substância não fosse já um crime de *leso-gosto* e *lesa-seriedade*, ainda por cima as pernas saíam sobre as botas" [CBr.1, 83].

5) ***Anexo***, ***apenso*** e ***incluso*** – *Anexo*, *apenso* e *incluso*, como adjetivo, concordam com a palavra determinada em gênero e número:

Correm *anexos* (*inclusos, apensos*) aos processos vários documentos.

Vai *anexa* (*inclusa, apensa*) a declaração solicitada.

OBSERVAÇÃO: Usa-se invariável *em anexo*, *em apenso*: Vai *em anexo* (*em apenso*) a declaração. Vão *em anexo* (*em apenso*) as declarações.

6) ***Dado*** e ***visto*** – Usados adjetivamente, concordam em gênero e número com o substantivo determinado:

Dado (*Visto*) o problema que se nos apresentou, resolvemos desistir do contrato.

Dadas (*Vistas*) as circunstâncias, foram-se embora.

7) ***Meio*** – Com o valor de "metade", usado adjetivamente, concorda em gênero e número com o termo determinado, claro ou oculto:

"Para aquilatar a importância do tropeiro, basta lembrar que o Brasil tem cerca de oito e *meio* milhões de quilômetros quadrados de superfície..." [AAr.2, 102].

Era *meio-dia e meia* (i.é: e *meia hora*).

8) ***Pseudo*** e ***todo*** – Usados em termos compostos ficam invariáveis.

A *pseudo-sabedoria* dos tolos é bem grande.

A *fé todo-poderosa* que nos guia é nossa salvação.

9) ***Tal*** e ***qual*** – *Tal*, como todo determinante, concorda em gênero e número com o determinado:

Tal opinião é absurda.

Tais razões não me movem.

Em correlação, *tal qual* também procedem à mesma concordância:

Ele não era *tal quais* seus primos.

Os filhos são *tais qual* o pai.

Os boatos são *tais quais* as notícias.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Em lugar de *tal qual*, podem aparecer: *tal e qual*, *tal ou qual*.

2.ª) Não confundir *tal qual* flexionáveis com *tal qual*, *tal qual como* invariáveis que valem "como":

"Descerra uns sorrisos discretos, sem mostrar os dentes, *tal qual como* as inglesas de primeiro sangue" [CBr *apud* CJ.1, 32].

1 0) ***Possível*** – Com *o mais possível*, *o menos possível*, *o melhor possível*, *o pior*

possível, *quanto possível*, o adjetivo *possível* fica invariável, ainda que se afaste da palavra *mais*:

Paisagens o mais *possível* belas
Paisagens o mais belas *possível*
Paisagens quanto *possível* belas

Com o plural *os mais*, *os menos*, *os piores*, *os melhores*, o adjetivo *possível* vai ao plural:

Paisagens as mais belas *possíveis*.

Estão erradas concordâncias como:

Paisagens as mais belas ***possível.***

Fora destes giros, a concordância de *possível* se processa normalmente:

"As alturas e o abismo são as fronteiras dele: no meio estão todos os universos *possíveis*" [AH.2, 160].
Sob todos os pontos de vista *possíveis*.

11) ***A olhos vistos*** – É tradicional o emprego da expressão *a olhos vistos* no sentido de *claramente*, *visivelmente*, em referência a nomes femininos ou masculinos:

"... padecia calada e definhava *a olhos vistos*" [MA.5, 13 *apud Tradições Clássicas*, 370].

Mais rara, porém correta, é a concordância de *visto* com a pessoa ou coisa que se vê:

"As minhas forças medravam *a olhos vistas* de dia para dia"
[AC *apud* CR.1, 554].
"O barão desmedrara *a olhos visto*" [CBr *apud* PDo.2, 32].

12) ***É necessário paciência*** – Com as expressões do tipo *é necessário*, *é bom*, *é preciso*, significando 'é necessário', o adjetivo pode ficar invariável, qualquer que seja o gênero e o número do termo determinado, quando se deseja fazer uma referência de modo vago ou geral. Poder-se-á também fazer normalmente a concordância:

É *necessário* paciência.
É *necessária* muita paciência.
"O fato de ter sido *precisa* a explicação (...)" [AP.1, 424 n.º 25].
"Eram *precisos* outros três homens" [AM.1 *apud* RBa.1, 33].

É possível ainda, em tais casos, aparecer no singular o próprio verbo da oração:

"É doce ao velho
Sons d'argentina voz" [GD *apud* SS.1, 254]

Como acentua Barbadinho, a flexão de *necessária*(*s*) é mais frequente que a de *precisa.*

13) **Adjetivo composto** – Nos adjetivos compostos de dois ou mais elementos referidos a nacionalidades, a concordância em gênero e número com o determinado só ocorrerá no último adjetivo do composto:

Acordo *luso-brasileiro*
Amizade *luso-brasileira*
Lideranças *luso-brasileiras*

14) ***Alguma coisa boa*** **ou** ***alguma coisa de bom*** – Em *alguma coisa boa* o adjetivo

concorda com o termo determinado:

"Quem tivesse reparado em Fr. Vasco perceberia facilmente que na sua alma se passava também *alguma cousa extraordinária*" [AH *apud* MBa.7, 144].

Em *alguma coisa de bom*, o adjetivo não concorda com *coisa*, sendo empregado neutralmente (como *algo de novo*, *nada de extraordinário*, *nada de trágico,* etc.).

Por atração pode-se fazer a concordância do adjetivo com o termo determinado que funciona como sujeito da oração:

"Que tinha pois, Ricardina, de *sedutora*!" [CBr *apud* MBa.7, 146].

"Amor próprio do vilão; que a infâmia nada tinha de *engenhosa*" [*Id*., *ibid*.].

Se os homens não tivessem alguma coisa de *loucos* seriam incapazes de heroísmo [MM].

A vida nada tem de *trágica*.

15) ***Um pouco de luz* e *uma pouca de luz*** – Ao lado da construção normal *um pouco de luz* pode ocorrer a concordância atrativa *uma pouca de luz*, por se haverem fundido numa só expressão as duas seguintes maneiras de dizer: *pouco de luz* + *pouca luz* 157:

"e aos pés deles os fiéis que obtinham para última jazida *uma pouca de terra*..." [AH.1, 154].

16) **Concordância do pronome** – O pronome, como palavra determinante, concorda em gênero e número com a palavra determinada.

Emprega-se o pronome oblíquo *os* em referência a nomes de diferentes gêneros:

"A generosidade, o esforço e o amor ensinaste-*os* tu em toda a sua sublimidade" [AH.1, 35].

17) ***Nós* por *eu*, *vós* por *tu*** – Empregando-se *vós* em referência a uma só pessoa, põe-se no singular o adjetivo:

"Sois *injusto* comigo" [AH *apud* ED.2, §14, b].

Ao se empregar, em idênticas condições, o pronome *nós*, o adjetivo pode ficar no singular ou ir ao plural:

Antes sejamos *breve* que *prolixo*.

"Entre o desejo de alimentar a curiosidade do leitor e o receio de faltar à exação histórica, hesitávamos perplexos" [AH *apud* ED.2, §14, b].

18) **Alternância entre adjetivo e advérbio** – Há casos em que a língua permite usar ora o advérbio (invariável) ora o adjetivo (variável):

"Vamos a falar *sérios*" [CBr *apud* MBa.1, 265].

Vamos a falar *sério*.

"Os momentos custam *caros* [RS *apud* MBa.1, 265].

Os momentos custam *caro*.

A vida custa tão *cara* aos velhos quanto é *barata* para os moços [MM].

"Era esta a herança dos miseráveis, que ele sabia não escassearem na quase solitária e *meia* arruinada Carteia" [AH.1, 12].

A voz sumiu-se-lhe, *toda* trêmula [EQ.3, 647].

A distinção entre adjetivos e advérbios só se dá claramente quando a palavra determinada está no feminino ou no plural, caso em que a flexão nos leva a melhor interpretar o termo

como adjetivo. Na língua padrão atual, a tendência é para nestes casos proceder dentro da estrita regra da gramática e usar tais termos sem flexão, adverbialmente.

Entram nesta possibilidade de flexão as construções de *tanto mais*, *quanto menos*, *pouco mais*, *muito mais*, em que o primeiro elemento pode concordar ou não com o substantivo:

Com *quanto* mais *razão*, *muito* mais honra.

Com *quanta* mais *razão*, *muita* mais honra.

Poucas mais *palavras* trocamos [CBr *apud* MBa.4, 21].

Notemos, por fim, que *alerta* é rigorosamente um advérbio e, assim, não aparece flexionado:

Estamos todos *alerta*.

Há uma tendência para se usar desta palavra como adjetivo, mas a língua padrão recomenda se evite tal prática. Junto de substantivo *alerta* adquire significado e função de adjetivo:

"A moça aguardava com inteligência curta, os sentidos *alertas*" [CLi *apud* RBa.2, 14].

Em sentido contrário, aparece o engano de não se flexionar o adjetivo *quite*. Deve-se dizer:

Estou *quite*.

Estamos *quites*.

19) **Particípios que passaram a preposição e advérbios** – Alguns particípios passaram a ter emprego equivalente a preposição e advérbio (por exemplo: *exceto*, *salvo*, *mediante*, *não obstante*, *tirante*, etc.) e, como tais, normalmente devem aparecer invariáveis. Entretanto, não se perdeu de todo a consciência de seu antigo valor, e muitos escritores procedem à concordância necessária:

"Os tribunais, *salvas* exceções honrosas, reproduziam... todos os defeitos do sistema" [RS.2, IV, 67].

"A razão desta diferença é que a mulher (*salva* a hipótese do cap. CI e outras) entrega-se por amor..." [MA.1, 327].

Como bem pondera Epifânio Dias, flexionar tais termos "é expressar-se na verdade com correção gramatical, mas de modo desusado" [ED.2, §220, a].

Deste modo, a língua moderna dá preferência a dizer "*salvo* exceções", "*salvo* a hipótese".

20) **A concordância com numerais** – Quando se empregam os cardinais pelos ordinais, não ocorre a flexão:

Página *um*. Figura *vinte e um*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Na linguagem jurídica diz-se: A folhas *vinte e uma*. A folhas *quarenta e duas*.

2.ª) Embora se tenha usado o substantivo no singular precedido de numeral combinado com *um*, *uma*, a preferência atual é pô-lo no plural: *vinte e um dias*, *as mil e uma noites*, etc.

3.ª) *Milhar* é masculino e portanto não admite seus adjuntos postos no feminino a concordar com o núcleo substantivo feminino: *Os milhares de pessoas* (e não *as milhares* de pessoas).

21) **A concordância com os adjetivos designativos de nomes de cores** – Surgem as incertezas quando o nome de cor é constituído de dois adjetivos. Neste caso, a prática mais comum é deixar o primeiro invariável na forma do masculino e fazer a concordância do

segundo com o substantivo determinado, embora não deixem de aparecer exemplos em bons autores em que estejam flexionados os dois adjetivos:

olhos verde-claros, *ondas verde-azuladas*.

Concordância verbal

A – Concordância de palavra para palavra

1) Há um só sujeito:

a) Se o sujeito for simples e singular, o verbo irá para o singular, ainda que seja um coletivo:

"A vida *tem* uma só entrada: a saída *é* por cem portas" [MM].

"Povo sem lealdade não *alcança* estabilidade" [MM].

b) Se o sujeito for simples e plural, o verbo irá para o plural:

"Os bons conselhos desprezados *são* com dor comemorados" [MM].

"A virtude aromatiza e purifica o ar, os vícios o *corrompem*" [MM].

2) Há mais de um sujeito:

Se o sujeito for composto, o verbo irá, normalmente, para o plural, qualquer que seja a sua posição em relação ao verbo:

"... os ódios civis, as ambições, a ousadia dos bandos e a corrupção dos costumes *haviam* feito incríveis progressos" [AH.1, 21].

"Repeti-as, porque se me *ofereciam* vida e honras a troco de perpétua infâmia" [AH.1, 144].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Pode dar-se a concordância com o núcleo mais próximo, *principalmente se o sujeito vem depois do verbo*:

"O romeiro é livre como a ave do céu: *respeitam*-no o besteiro e o homem d'armas; dá-lhe abrigo o vilão sobre o seu colmo, o abade no seu mosteiro, o nobre no seu castelo" [AH.3, 145].

2.ª) Quando o núcleo é singular e seguido de dois ou mais adjuntos, pode ocorrer o verbo no plural, como se tratasse na realidade de sujeito composto:

"ainda quando *a autoridade paterna e materna fossem delegada*s..." [AGa.2, 25].

A concordância do verbo no singular é a mais corrente na língua padrão.

3.ª) Nas obras com mais de um autor adota-se modernamente o hábito alemão de se indicar a autoria com os nomes separados por hífen, caso em que o verbo da oração vai ao plural ou ao singular (levando-se, neste caso, apenas em conta a obra em si): Meillet-Ernout *dizem* (ou *diz*) no seu *Dictionnaire Étymologique* – que a origem é duvidosa.

4.ª) Pode ocorrer o verbo no singular ainda nos casos seguintes:

a) se a sucessão dos substantivos indicar gradação de um mesmo fato:

A censura, a autoridade, o poder público, inexorável, frio, grave, calculado, lá *estava* [AH.7, VII, 113].

b) se se tratar de substantivos sinônimos ou assim considerados:

O ódio e a guerra que declaramos aos outros nos *gasta* e *consome* a nós mesmos [MM].

c) se o segundo substantivo exprimir o resultado ou a consequência do primeiro:

A doença e a morte de Filipe II (...) *foi* como a imagem (...) [RS.2, IV, 6].

d) se os substantivos formam juntos uma noção única:

O fluxo e refluxo das ondas nos *encanta*.

5.ª) Quando o verbo se põe entre os núcleos do sujeito, como acontece às vezes em poesia e no estilo solene, a concordância pode ser feita com o núcleo mais próximo ou gramaticalmente com a totalidade do sujeito [RC.1, 251].

B – Concordância de palavra para sentido

Quando o sujeito simples é constituído de nome ou pronome que se aplica a uma coleção ou grupo, pode o verbo ir ao plural. A língua moderna impõe apenas a condição estética, uma vez que soa geralmente desagradável ao ouvido construção do tipo:

O povo trabalham ou A gente vamos.

Se houver, entretanto, distância suficiente entre o sujeito e o verbo e se quiser acentuar a ideia de plural do coletivo, não repugnam à sensibilidade do escritor exemplos como os seguintes:

> "Começou então *o povo* a alborotar-se, e pegando do desgraçado cético o *arrastaram* até o meio do rossio e ali o *assassinaram*, e *queimaram*, com incrível presteza" [AH.2, 83].
>
> "Faça como eu: lamente as misérias dos homens, e viva com eles, sem participar-lhe dos defeitos; porque, meu nobre amigo, se *a gente* vai a rejeitar as relações das famílias, justa ou injustamente abocanhadas pela maledicência, a poucos passos não *temos* quem nos receba" [CBr.1, 64].

C – Outros casos de concordância verbal

1) **Sujeito constituído por pronomes pessoais**

Se o sujeito composto é constituído por diferentes pronomes pessoais em que entra *eu* ou *nós*, o verbo irá para a 1.ª pessoa do plural:

> "*Vínhamos* da missa ela, o pai e eu" [MA.1, 309].

Se na série entra *tu* ou *vós* e nenhum pronome de 1.ª pessoa, o verbo irá normalmente para a 2.ª pessoa do plural:

> "E, assim, te repito, Carlota, que Francisco Salter voltará, será teu marido, e tereis (i.é, *tu* e *ele*) larga remuneração dos sofrimentos que oferecerdes a Deus..." [CBr.4, 79].

OBSERVAÇÃO: Ou porque avulta como ideia principal o último sujeito ou porque, na língua contemporânea, vai desaparecendo o tratamento *vós*, nestes casos, a norma consagrou o verbo na 3.ª pessoa do plural:

> "quando *tu e os outros velhacos* da tua laia lhe *estorroaram* na cara lixo e terra..." [AH.5, I, 152 *apud* SA.5, II, 69].

Para a concordância com expressões de tratamento.

2) **Sujeito ligado por série aditiva enfática**

Se o sujeito composto tem os seus núcleos ligados por série aditiva enfática (não só... mas, tanto... quanto, não só... como, etc.), o verbo concorda com o mais próximo ou vai ao plural (o que é mais comum quando o verbo vem depois do sujeito):

> "Tanto o lidador como o abade *haviam* seguido para o sítio que ele parecia buscar com toda a precaução" [AH.3, 184].

3) **Sujeito ligado por *com***

Se o sujeito no singular é seguido imediatamente de outro no singular ou no plural mediante a preposição *com*, ou locução equivalente, pode o verbo ficar no singular, ou ir ao plural *para realçar a participação simultânea na ação*:

> "El-rei, com toda a corte e toda a nobreza, *estava* fora da cidade, por causa da peste em que então Lisboa ardia" [AH.2, 84].
>
> "Estas explicações não evitaram que o desembargador, com os seus velhos amigos, *prognosticassem* o derrancamento do morgado da Agra..." [CBr.1, 108].
>
> "Nesta conjuntura, um deputado dileto da rainha, por nome Antônio José da Silva Peixoto, *coadjuvado pelo foliculário José Acúrsio das Neves, levantaram-se e prorromperam* em 'vivas'..." [CBr *apud* MBa.1, 206].

4) **Sujeito ligado por *nem... nem***

O sujeito composto ligado pela série aditiva negativa *nem... nem* leva o verbo normalmente ao plural e, às vezes, ao singular:

"É a nobre dama recém-chegada, à qual *nem* o cansaço de trabalhosa jornada, *nem* o hábito dos cômodos do mundo *puderam impedir*..." [AH.1, 136].

"... *nem* Deus, *nem* o mundo lhes *dará* a mínima recompensa" [AH.2, 16].

Constituído o sujeito pela série *nem um... nem outro*, fica o verbo no singular:

Nem um nem outro *compareceu* ao exame.

5) **Sujeito ligado por *ou***

O verbo concordará com o sujeito mais próximo se a conjunção indicar:

a) *exclusão*:

"a quem a doença *ou* a idade *impossibilitou* de ganharem o sustento..." [AH.2, 16].

Se João Fernandes (*ou* Platzhoff) os *dá* como entes sem afeições (...) [CL.1, II, 304]

b) *retificação de número gramatical*:

"Cantares é o nome que o autor *ou* autores do Cancioneiro chamado do Colégio dos Nobres *dão* a cada um dos poemetos..." [AH.3, 131].

Sei que algures existe a alma ou as almas, às quais eu me dirijo [ACt.1, 23].

c) *identidade* ou *equivalência*:

O professor ou o nosso segundo pai *merece* o respeito da pátria.

Se a ideia expressa pelo predicado puder referir-se a toda a série do sujeito composto, o verbo irá para o plural mais frequentemente, porém pode ocorrer o singular:

"A nulidade *ou* a validade do contrato... *eram* assunto de direito civil"

[AH.2, 20].

"A ignorância *ou* errada compreensão da lei não *eximem* de pena (...)" [Código Civil].

"Mas aí, como se o destino *ou* o acaso, *ou* o que quer que fosse *se lembrasse* de dar algum pastos aos meus arrombos possessórios" [MA.1, 146].

6) **Sujeito representado por expressão como *a maioria dos homens***

Se o sujeito é representado por expressões do tipo de *a maioria de*, *a maior parte de*, *grande parte de*, *parte de* e um nome no plural, o verbo irá para o singular ou plural:

"a maior parte deles *recusou* segui-lo com temor do poder da regente" [AH.2, 38].

"e a maior parte dos esquadrões *seguiram-nos*" [AH.1, 111].

7) **Sujeito representado por *cada um de* + plural**

Neste caso, o verbo fica no singular:

Cada um dos concorrentes *deve* preencher corretamente as fichas de inscrição (e não *devem* preencher!).

8) **Concordância do verbo *ser***

Como se dá com a relação sintática de qualquer verbo e o sujeito da oração, o normal é que sujeito e verbo *ser* concordem em número:

José era um aluno aplicado.

Os dias de inverno são menores que os de verão.

Todavia, em alguns casos, o verbo *ser* se acomoda à flexão do predicativo, especialmente quando se acha no plural. São os seguintes os casos em que se dá esta concordância:

a) quando um dos pronomes *isto*, *isso*, *aquilo*, *tudo*, *ninguém*, *nenhum* ou expressão de

valor coletivo do tipo de *o resto*, *o mais* é sujeito do verbo *ser*:

Tudo *eram alegrias* e *cânticos* [RS.1, 5].

A concordância normal com o sujeito ocorre, apesar de mais rara:

Tudo é alegrias.

b) quando o sujeito é constituído pelos pronomes interrogativos *quem*, *que*, *o que*:

O que são comédias? [CBr.1, 40].

Quem eram os convidados?

Não sei *quem são os vencedores*.

c) quando o verbo *ser* está empregado na acepção de "ser constituído por":

A provisão *eram alguns quilos de arroz*.

d) quando o verbo *ser* é empregado impessoalmente, isto é, sem sujeito, nas designações de horas, datas, distâncias:

São dez horas? Ainda não *o são*.

Hoje *são 15* de agosto.

Da estação à fazenda *são três léguas* a cavalo [M. Said Ali].

OBSERVAÇÃO: Precedido o predicativo plural da expressão *perto de* é ainda possível vir o verbo *ser* no singular:

Era perto de duas horas quando saiu da janela [MA.3 *apud* SS].

Eram perto de oito horas [MA.3, *apud* SS].

e) quando o verbo *ser* aparece nas expressões *é muito*, *é pouco*, *é mais de*, *é tanto* e o sujeito é representado por termo no plural que denota preço, medida ou quantidade:

Sessenta mil homens *muita gente é* para casa tão pequena [RS.1, 1873, 172].

Dez reais *é pouco*.

Nas orações ditas equativas em que com *ser* se exprime a definição ou a identidade, o verbo, posto entre dois substantivos de números diferentes, concorda em geral com aquele que estiver no plural. Às vezes, um dos termos é um pronome:

A pátria não *é* ninguém: *são* todos [RB.3, 11].

Mas:

Justiça é tudo, justiça *é as virtudes todas* [AGa.2, 45].

Às vezes em vez de *ser* aparece o verbo *parecer*:

Essa imensa papelada

- - - - - - - - - - - - - - -

Parecem indiscrições [GD.3, II, 445].158

Se o sujeito está representado por pronome pessoal, o verbo *ser* concorda com o sujeito, qualquer que seja o número do termo que funciona como predicativo:

Ela *era* as preocupações do pai.

Na expressão, que introduz narrações, do tipo de *era uma princesa*, o verbo *ser* é intransitivo, com o significado de *existir*, funcionando como sujeito o substantivo seguinte, com o qual concorda:

Era uma princesa muito formosa que vivia num castelo de cristal.

Eram quatro irmãs tatibitates e a mãe delas tinha muito desgosto com esse defeito [CC.1, 292].

Com a expressão *era uma vez uma princesa*, continua o verbo *ser* como intransitivo e o substantivo seguinte como sujeito; todavia, como diz A.G. Kury, "a atração fortíssima que exerce o numeral *uma* da locução *uma vez*", leva a que o verbo fique no singular ainda quando o sujeito seja um plural:

Disse que *era uma vez* dois (...) compadres, um rico e outro pobre [CC.1, 31].

Era uma vez três moças muito bonitas e trabalhadeiras [CC.1, 120].

A verdade é que muitos idiomas, em textos de níveis distensos, apresentam essas irregularidades que se afastam do uso normal e padrão, principalmente quando o verbo é anunciado antes do sujeito, com alguma distância, como se o falante ao começar a oração pelo verbo ainda não tivesse decidido como iria apresentar formalmente a expressão do sujeito.

A moderna expressão *é que*, de valor reforçativo de qualquer termo oracional, aparece em geral com o verbo *ser* invariável em número:

*Nós é que s*omos brasileiros / Nós somos brasileiros.

Esses livros é que não compraremos agora.

Afastado do *que* e junto do termo no plural, aparece às vezes o verbo *ser* no plural:

São de homens assim *que* depende o futuro da pátria / De homens assim *é que* depende o futuro da pátria.

Foram nesses livros *que* estavam as respostas / Nesses livros *foi que* estavam as respostas.

Nas expressões que denotam operação aritmética do tipo *um e um*, *um mais um*, *um com um*, que funcionam como sujeito do verbo *ser* (*fazer*, *somar*, etc.), o verbo vai ao plural concordando normalmente com o sujeito:

— Sempre ouvi dizer que duas semanas são quinze dias.

— Eu também tenho ouvido, confessou o Dr. Magalhães. Mas é um engano. Uma semana tem sete dias. *Sete e sete não são* catorze? E então? [GR.2, 3.ª ed., 75].

9) **A concordância com *mais de um***

Depois de *mais de um* o verbo é em geral empregado no singular, sendo raro o aparecimento de verbo no plural:

"... *mais de um* poeta *tem* derramado..." [AH.2, 155].

"*Mais de um* coração de guerreiro *batia* apressado..." [AH.2, 169].

"Sei que há *mais de um* que não se *envergonham* dela" [AH.2, 169].

10) **A concordância com *que de***

Com *que de* (= que quantidade de, quanta) seguido de substantivo sujeito no plural o verbo vai ao plural:

Que de forças *existem* no coração feminino!

11) **A concordância com *quais de vós***.

Se o sujeito for constituído de um pronome plural de sentido partitivo (*quais, quantos, algumas, nenhuns, muitos, poucos,* etc.), o verbo concorda com a expressão partitiva introduzida por *de* ou *dentre*:

"*Quais dentre vós... sois* neste mundo sós e não tendes quem na morte regue com lágrima a terra que vos cobrir? *Quais de vós sois*, como eu, desterrados no meio do gênero humano?" [AH.1, 188-9].

Pode ainda ocorrer o verbo na 3.ª pessoa de plural:

"*quantos dentre vós estudam* conscienciosamente o passado?" [JA *apud* SS.1, § 456].

12) **A concordância com os pronomes relativos**

a) Se o sujeito da oração é o pronome relativo *que*, o verbo concorda com o antecedente, desde que este não funcione como predicativo de outra oração:

"Não gastava ele as horas *que* lhe *sobejavam* do exercício do seu laborioso ministério numa obra do senhor?" [AH.1, 18].

"Ó tu, *que tens* de humano o gesto e o peito" [LC.1, III, 127].

b) Se o antecedente do sujeito *que* for um pronome demonstrativo, o verbo da oração adjetiva vai para a 3.ª pessoa:

Aquele que trabalha acredita num futuro melhor.

Aqueles que trabalham acreditam num futuro melhor.

OBSERVAÇÃO:

Entra neste princípio a oração adjetiva que se substantiva mediante *o*, *a*, *os*, *as*:

Os que prometem fazer felizes os povos *são* ordinariamente os que pretendem sê-lo à custa deles. [MM].

Quando, por silepse, se quer incluir a pessoa que fala ou a que se dirige, pode-se pôr o verbo da oração adjetiva na 1.ª ou 2.ª pessoa do plural:

Por que a verdade é que somos nós *os que fabricamos* os próprios aspectos da natureza (...) [JR.2, 191].

Porque voltastes sem vo-lo eu ordenar, *vós os que tínheis* jurado obedecer-me em tudo? [AH.1, 223].

(...) *vós a que não tendes* nenhum préstamo de minhas mãos! [AH.3, 174, ed. 1878].

c) Se o antecedente do pronome relativo funciona como predicativo, o verbo da oração adjetiva pode concordar com o sujeito de sua principal ou ir para a 3.ª pessoa (se não se quer insistir na íntima relação entre o predicativo e o sujeito):

"Sou eu o primeiro que não *sei* classificar este livro" [AH.1, 311].

Fui o primeiro que *conseguiu* sair.

"Éramos dois sócios, que *entravam* no comércio da vida com diferente capital"[MA *apud* SS.1, § 461].

d) É de rigor a concordância do verbo com o sujeito de *ser* nas expressões de tipo *sou eu que*, *és tu que*, *foste tu que*, etc. (neste caso, era prática da língua até fins do séc. XVIII usar o artigo como antecedente do relativo: *sou eu o que*, etc.):

"Não fui eu que o *assassinei*" [AH *apud* SA.5, II, 75].

"Foste *tu que* me *buscaste*" [AH *apud* SA.5, II, 75].

e) Se ocorrer o pronome *quem*, o verbo da oração subordinada vai para a 3.ª pessoa do singular, qualquer que seja o antecedente do relativo, ou concorda com este antecedente:159

"Eram as paixões, os vícios, os afetos personalizados *quem fazia* o serviço dos seus poemas" [AH *apud* SA.5, 77].

"*És tu quem me dás* rumor à quieta noite,

És tu quem me dás frescor à mansa brisa,

Quem dás fulgor ao raio, asas ao vento,

Quem na voz do trovão longe *rouquejas*" [GD *apud* SA.5, 77].

f) Em linguagem do tipo *um dos... que*, o verbo da oração adjetiva pode ficar no singular

(concordando com o seletivo *um*)160 ou no plural (concordando com o termo sujeito no plural), prática, aliás, mais frequente, se o dito verbo se aplicar não só ao relativo mas ainda ao seletivo *um*:

"Este era *um dos que* mais se *doíam* do procedimento de D. Leonor"

[AH.2, 37].

"*Um dos* nossos escritores modernos *que* mais *abusou* do talento, e que mais portentos auferiu do sistema..." [AH.2, 46].

"Demais, *um dos que* hoje *deviam* estar tristes, eras tu" [CL.1, I, 190].

O singular é de regra quando o verbo da oração só se aplica ao seletivo *um*. Assim nos dizeres "foi um dos teus filhos que jantou ontem comigo", "é uma das tragédias de Racine que se representará hoje no teatro", será incorreto o emprego do número plural; o singular impõe-se imperiosamente pelo sentido do discurso" [Cr.2, 763].

13) **A concordância com os verbos impessoais**

Nas orações sem sujeito o verbo assume a forma de 3.ª pessoa do singular:

Há vários nomes aqui.

Deve haver cinco premiados.

Não o vejo *há* três meses.

Não o vejo *faz* três meses.

OBSERVAÇÃO: Os exemplos literários que se encontram de tais verbos no plural não ganharam foros de cidade: "Houveram alguns que aluminados da graça do Espírito Santo abraçaram o culto e a fé de Cristo" [FE.1, I, 20].

"*Houveram* coisas terríveis" [CBr *apud* JC, I, 98].

14) **A concordância com *dar* (e sinônimos) aplicado a horas**

Se aparece o sujeito *relógio*, com ele concorda o verbo da oração:

O *relógio deu* duas horas.

Não havendo o sujeito *relógio*, o verbo concorda com o sujeito expresso pela expressão numérica:

No *relógio deram* duas horas.

15) **A concordância com o verbo na passiva pronominal**

A língua padrão pede que o verbo concorde com o termo que a gramática aponta como sujeito:

Alugam-se casas.

Vendem-se apartamentos.

Fazem-se chaves.

Não *se perdem cinco contos*, como se perde um lenço de tabaco. *Cinco contos levam-se* com trinta mil sentidos, *apalpam-se* a miúdo, não *se* lhes *tiram* os olhos de cima, nem as mãos, nem o pensamento, e para *se perderem* assim totalmente, numa praia, é necessário que... [MA.1, 151].

OBSERVAÇÃO: Se o verbo estiver no infinitivo com sujeito explícito, o normal é usar o infinitivo flexionado como no exemplo acima de M. de Assis:

"e para *se perderem* assim..."

Todavia, aqui e ali, bons escritores deixam escapar exemplos com o infinitivo sem flexão:

Basta ver o que este bom povo é para *se avaliar* as excelências de quem assim o educou [CBr.6, 53].

16) **A concordância na locução verbal**

Havendo locução verbal cabe ao verbo auxiliar concordar com o sujeito:

"Bem sei que me *podem vir* com duas objeções que geralmente se *costumam fazer*" [AC.11 *apud* MBa.1, 215].

Se se considera *costumar fazer* como dois verbos principais sem que haja locução verbal, o *costumar* terá como sujeito a 2.ª oração que, considerada materialmente, vale como substantivo do número singular:

"Não *se costuma punir* os erros dos súditos sobre a efígie venerável dos monarcas" [RS *apud* MBa.1, 215]

Assim se poderá dizer:

As estrelas { *parecem brilhar* (loc. verbal)
parece brilharem (= parece brilharem as estrelas)

Em *as estrelas parecem brilharem* temos a contaminação sintática das duas construções, prática que deve ser evitada como norma.

Com *poder* e *dever* seguidos de infinitivo, a prática mais generalizada é considerar a presença de uma locução verbal, isto é, fazendo-se que o *poder* e *dever* concordem com o sujeito plural:

Podem-se dizer essas coisas.

Devem-se fazer esses serviços.

Todavia aparece o singular, corretamente:

Não é como a embriaguez que se *deve celebrar os sucessos* felizes (...) (M. Maricá, 3326).

São ambas construções corretas e correntes que se distinguem por apresentar diferentemente a ênfase sobre o sujeito da oração.

Quando, porém, o sentido determinar exatamente o sujeito verdadeiro, a concordância não pode ser arbitrária. Ex.: "*Quer-se inverter as leis*, e nunca *querem-se inverter as leis*. Neste caso, é evidente que o único sujeito possível é *inverter*" [JR.1, 322].

17) **A concordância com a expressão *não* (*nunca*)... *senão***

O verbo concorda com o sujeito que se interpõe na expressão exceptiva *não… senão* (ou *mais que*):

"Ao aparecer o dia, por quanto os olhos podiam alcançar, não se *viam* senão cadáveres" [AH.2, 117].

O mesmo ocorre com *não* (*nunca*)... *mais que* (*do que*):

Não se *viam* mais do que cadáveres.

Quando a exceção recai na 1.ª ou 2.ª pessoa, tem-se de dar outro torneio à oração, como, por exemplo:

Ninguém votou contra o projeto *senão nós três* [SA.2, 215].

Não haveria outro culpado *senão tu*.

OBSERVAÇÃO: Em vez de *não… mais que* pode-se usar *mais não… que*: "O som que vos fere os ouvidos *mais não é que* um rude eco da voz íntima" [*apud* MBa.4, 181]. Deve-se evitar o emprego de *que* em lugar de *senão*, por ser imitação do francês: "Isto não é *que* uma insolência" por "Isto não é *senão* uma insolência" [FF *apud* MBa.4].

Construção vernácula é o emprego de *que* por *senão* precedido de *outro*: *outro*, *outra coisa*, etc.: "Quando deu por ele, quis expeli-lo, para que entre ele e Fortunato não houvesse *outro laço que* o da amizade; mas não pôde" [MA.2 *apud* MBa.4]. "(...) sem obter *outra coisa que* a atenção cortês o acaso numa palavra sem valor" [MA.8 *apud* MBa.4].

18) **A concordância com títulos no plural**

Geralmente se usa o verbo no plural:

"Por isso, as *Cartas Persas anunciam* o Espírito das Leis" [MBa.6, XII].

Com o verbo *ser* e predicativo no singular pode ocorrer o singular:

"as *Cartas Persas é* um livro genial..." [MBa.6, XII].

Dos seus livros didáticos *é* o mais importante as *Lições de História do Brasil* professadas no antigo Colégio de Pedro II [JR.4, 76 da 15.ª ed.].

19) **A concordância no aposto**

Quando a um sujeito composto se seguem, como apostos, expressões de valor distributivo como *cada um*, *cada qual*, o verbo, posposto a tais expressões, concorda com elas:

Pai e filho *cada um seguia* por seu caminho [ED.2, 28].

Se o verbo vem anteposto a essas expressões, dá-se normalmente a concordância no plural com o sujeito composto ou no plural: "(...) não era possível que os aventureiros *tivessem cada um* o seu cubículo [JA *apud* SS.1, §465, obs.].

Eles *saíram cada um* com sua bicicleta.

20) **A concordância com *Haja vista***

A construção mais natural e frequente da expressão *haja vista*, com o valor de *veja*, é ter invariável o verbo, qualquer que seja o número do substantivo seguinte:

Haja vista os exemplos disso em Castilho [RB.1, 572].

Pode-se construir com o verbo no singular e substantivo seguinte à expressão precedido das preposições *a* ou *de*:

Haja vista às tangas [CBr.16, 61].

Haja vista dos elos que eles representam (...) [CBr *apud* CR.1, 624].

21) **A concordância do verbo com sujeito oracional**

Fica no singular o verbo que tem por sujeito uma oração, que, tomada materialmente, vale por um substantivo do número singular e do gênero masculino:

Parece que tudo vai bem.

Cá não se *usa* as noivas andarem a namoriscar à surdina [CBr *apud* MBa.1, 2.ª ed., 207].

É bom que compreendas estas razões.

Permanece no singular o verbo que tem como sujeito duas ou mais orações coordenadas entre si:

Que Sócrates nada escreveu e que Platão expôs as doutrinas de Sócrates *é sabido* [JR.1, 318].

22) **Concordância nas expressões de porcentagem**

Nas linguagens modernas em que entram expressões numéricas de porcentagem, a tendência

é fazer concordar o verbo com o termo preposicionado que especifica a referência numérica:

Trinta por cento *do Brasil assistiu* à transmissão dos jogos da Copa.

Trinta por cento *dos brasileiros assistiram* aos jogos da Copa.

Dois por cento *da assistência detestou* o filme.

Dois por cento *dos espectadores detestaram* o filme.

6 – Regência

Ao que dissemos no capítulo sobre complementos verbais e nominais e emprego de preposição, cumpre acrescentar os seguintes principais casos:

A preposição que serve a dois termos coordenados pode vir repetida ou calada junto ao segundo (e aos mais termos), conforme haja ou não desejo de enfatizar o valor semântico da preposição:

> As alegrias *de* infância e *de* juventude / As alegrias *de* infância e juventude.
>
> Precisava da ajuda *dos* pais e *dos* parentes / Precisava da ajuda *dos* pais e parentes.
>
> (...) mas as argolas do caixão foram seguras *pelos* cinco familiares e *o* Benjamim [MA *apud* MBa.4, 250].

A omissão da preposição parece ser mais natural quando não se combina com artigo, talvez porque em português (ao contrário, por exemplo, do francês e do espanhol) a presença de ambos leva-os a combinarem-se, como supõe Mário Barreto.

1) ***Isto é para eu fazer*** – Se a preposição seguida de pronome não serve de introduzir este pronome (que funciona como sujeito), mas um infinitivo, usam-se as formas retas *eu* e *tu*, e não *mim* e *ti*:

> Isto é para *mim* (a preposição rege o pronome).
>
> Isto é para *eu* fazer (a preposição rege o infinitivo: isto é, para que *eu* faça).

2) ***Pedir para*** – O verbo *pedir* pede objeto direto de coisa e indireto de pessoa a quem se pede:

> Pedi-lhe (obj. indireto) um favor (obj. direto).

Se o objeto direto é *licença* (ou equivalente), pode-se acrescentar uma oração adverbial de fim que indique o objetivo do pedido:

> Pediu-lhe *licença para sair* (ou *para que saísse*).

Este objeto direto *licença* pode calar-se, mas o sujeito de *pedir* terá de ser entendido como o mesmo do verbo da subordinada, para ter sanção tranquila na norma exemplar:

> O Antônio pediu-lhe para sair (i. é: o Antônio é quem sairá).
>
> Pediu para ajudar a vestir sua filha, mas não o obteve [CBr *apud* MBa.3, 2.ª ed. pág. 287 n.].

A linguagem coloquial aproximou as ideias de *pedir que algo aconteça* (oração objetiva direta) e *trabalhar para que algo aconteça* (oração adverbial final), passando a usar a preposição *para* a introduzir a oração que seria objeto direto do verbo *pedir*.

> *Pediu para que Antônio saísse*

em lugar de

Pediu que Antônio saísse.

Os gramáticos ainda não aceitaram a operação mental, apesar da insistência com que penetra na linguagem das pessoas cultas. O novo modo de expressão traz também uma ambiguidade, porque se fica sem saber qual é, na realidade, o sujeito da oração subordinada. Em:

Antônio pediu a José para sair,

custa-nos a dizer de pronto se quem sai é o mesmo Antônio ou José. O gramático só considera a expressão correta se o sujeito for Antônio, mas a linguagem coloquial constrói o período como se o sujeito fosse José, pois interpreta a oração subordinada como objetiva direta: *Antônio pediu que José saísse*.

Sob a alegação de que o objeto direto oracional não pode vir introduzido por preposição (argumento, aliás, fraco) é que gramáticos repudiam tal linguagem. Pode-se ver na construção o *para* como posvérbio iniciando a oração objetiva direta para denotar o interesse ou a insistência do pedido, como *cumprir o dever* ao lado de *cumprir com o dever*.

3) ***Está na hora da onça beber água*** – A possibilidade de se pôr o sujeito de infinitivo antes ou depois desta forma verbal nos permite dizer:

Está na hora de beber a onça água (posição rara)
Está na hora de a onça beber água (posição mais frequente).

Este último meio de expressão aproxima dois vocábulos (a preposição *de* e o artigo *a*) que a tradição do idioma contrai em *da*, surgindo assim um terceiro modo de dizer:

Está na hora da onça beber água,

construção normal que não tem repugnado os ouvidos dos que melhor conhecem e escrevem a língua portuguesa. Alguns gramáticos viram aí, entretanto, um solecismo, pelo fato de *se reger de preposição um sujeito*. Na realidade, não se trata de regência preposicional do sujeito, mas do contato de dois vocábulos que, por hábito e por eufonia, costumam vir incorporados na pronúncia. A lição dos bons autores nos manda aceitar ambas as construções, *de a onça beber água* e *da onça beber água*. Que a contração é possível mostram-nos os seguintes exemplos:

"... só voltou *depois do infante* estar proclamado regedor" [AH.2, 44]; "Sabia-o, senhor, *antes do caso* suceder" [AH.4, 267]; "se, por exemplo, me concederem um monopólio do plantar couves, *apesar das couves* serem uma das espécies de legumes" [RB *apud* PP]; "*Pelo fato do verbo restituir*, numa das suas acepções, e *entregar*, em certos casos, terem..." [CR.2, 579]; "*no caso do infinitivo* trazer compl. direto" [ED.2, § 289, b].

O problema que, do ponto de vista puramente gramatical, a rigor, termina nessa dupla possibilidade de emprego; já não se mostra indiferente do ponto de vista da necessidade de proferir o sujeito enunciando-o com maior ou menor realce. Deixa-se o domínio da gramática para se entrar no domínio da estilística, da expressividade. A não combinação da preposição com o sujeito garante o valor expressivo da preposição e a ênfase posta no sujeito: *É tempo de o povo querer melhores escolas*, diferente, sob o aspecto de expressividade, de *É tempo do povo querer melhores escolas*. A simples – e contrária à dupla possibilidade que a tradição literária registra – solução gramatical de rejeitar uma forma com privilégio de outra empobrece os recursos estilísticos da língua.

Pode-se evitar a combinação pondo o infinitivo entre a preposição e o sujeito, como fez Manuel Bandeira nesta passagem: E o Prefeito recordou que uma semana *antes de ser o*

grande romancista hospitalizado (...) [MB.1, II, 601].

4) **Migrações de preposição** – Com muita frequência vê-se migrar a preposição que deveria aparecer com o relativo para junto do antecedente deste pronome:

Não sei no que pensar por
Não sei o em que pensas

Ou:

Lisboa e Porto, *das quais cidades venho agora* por
Lisboa e Porto, *cidades das quais venho agora*
[LV.1, 312].

Destas migrações resultam giros mais agradáveis ao ouvido e que nos afastam de certas durezas de estilo artificial a que nos poderia levar a construção rigorosamente gramatical, como se depreende dos seguintes trechos de Rui Barbosa:

"Assim me perdoem, também, *os a quem* tenho agravado, *os com quem* houver sido injusto, violento, intolerante..." [RB.2, 23];
"e daí, com estupenda mudança, começa a deixar ver *o a que* era destinada..." [RB.2, 36].

Estas migrações correm na língua literária apadrinhadas pelos seus melhores representantes. Alexandre Herculano e Carlos de Laet nos dão testemunho do fato:

"A barra é perigosa, como dissemos; porém a enseada fechada é ancoradouro seguro, *pelo que* (= o por que) tem sido sempre couto dos corsários de Berbéria" [AH.2, 69];
"... até o induzirem a mandá-lo sair da corte, *ao que* (= o a que) D. Pedro atalhou com retirar-se antes que lhe ordenassem" [AH.2, 91].
"Eis para *o que* (= o para que) esperas utilizar o domínio dos ares" [CL in SS.3, 180].

É interessante a posição da preposição *de* a introduzir o predicativo quando se esperava antes do relativo:

"O que precisamos é *de* braços valorosos e de peitos resolutos"
[RS.2, IV, 184].

Note-se de passagem que, em construções como a do último exemplo, é possível haver o pleonasmo da preposição, a qual aparece antes do termo a que rigorosamente se prende e antes de *de braços*:

"O *de que* me não penitencio, é *do* esmero, bem ou malsucedido, que pus em dar os cuidados que dei à forma, com que nos veio da câmara o projeto" [RB.1, *apud* MBa.4, 3.ª ed., 235 e ss.].

5) **Repetição de prefixo e preposição** – Sem atentar para a tradição do idioma e de suas raízes latinas, alguns autores (p. ex., Cândido Figueiredo) condenam a concorrência de prefixo com preposição em usos como *con*correr *com*, *de*duzir *de*, *de*pender *de*, *in*cluir *em*, *a*derir *a*, *con*cordar *com*, *co*incidir *com*, etc. Daí repudiarem, por exemplo, a construção *consentâneo com*, recomendando se diga *duas coisas consentâneas* em vez de *uma coisa consentânea com outra*. Também substituem *uma coisa coincide com outra* por *uma coisa incide na outra*. São lições que, pela concorrência de prefixo e preposição, devem ser rejeitadas [VB.1].

6) **Complementos de termos de regências diferentes** – O rigor gramatical exige que não se dê complemento comum a termos de regência de natureza diferente. Assim não podemos dizer,

consoante este preceito:

Entrei e saí de casa

em lugar de

Entrei em casa e dela saí (ou equivalente),

porque *entrar* pede a preposição *em* e *sair* a preposição *de*.

Ao gênio de nossa língua, porém, não repugnam tais fórmulas abreviadas de dizer, principalmente quando vêm dar à expressão uma agradável concisão que o giro gramaticalmente correto nem sempre conhece:

"Tenho-o visto *entrar e sair do Colégio de S. Paulo*" [AH.5, I, 154];

"... que se deduz daí *a favor* ou *contra o direito* de propriedade literária?" [AH.7, II, 60].

Estendem certos autores a proibição aos dizeres em que duas ou mais preposições de sentido diferente, e até contrário, se referem a um só termo:

Com ou sem vantagens sairei

Antes e depois da luta

Para tais autores devemos dizer: *com vantagens ou sem elas*, *antes da luta e depois dela*, ou repetindo-se o substantivo como fez M. de Assis em:

"Os gritos da vítima, *antes da luta e durante a luta*, continuavam a repercutir dentro de mim" [*apud* MBa.3, 103].

Salvo as situações de ênfase e de encarecimento semântico de cada preposição, como a que se depreende do trecho acima, a língua dá preferência às construções abreviadas que a gramática insiste em condenar, sem, contudo, obter grandes vitórias.

7) **Termos preposicionados e pronomes átonos** – Tanto se pode dizer *não fujas* ***de mim*** como *não* ***me*** *fujas*:

O corajoso major tem afrontado teu irmão (...) mas Simão teme-o e *foge-lhe* com o pretexto de desafiar primeiro quem primeiro o ofendeu [CBr *apud* MBa.4, 273, de onde se colhem os exemplos abaixo].

Assim em vez de *pôs-se diante dele* se pode dizer *pôs-se-lhe diante*; em vez de *aparecer diante dele*, *aparecer-lhe diante*.

Nunca *me* tornaria a pôr a vista *em cima*.

Pretendem cair-*nos em cima*.

Tudo *lhe* girou *em volta*.

Sentaram-se-*lhe* em frente dois guardas.

Assim também em equivalência com a preposição *em*:

Deu um beijo *em* Nelina / Deu-*lhe* um beijo

Deu um abraço *em* Dolores / Deu-*lhe* um abraço

A mesma possibilidade se dá com verbos que se constroem com *de* ou *a* (*avizinhar-se*, *aproximar-se*, *acercar-se de*, entre outras) e *com* (*ralhar*, por exemplo):

Avizinhou-se *dela* / Avizinhou-se-*lhe*

Aproximar-se *dela* (ou *a ela*) / Aproximou-se-*lhe*

Ralhar *com o filho* / Ralhar-*lhe*

Vale lembrar aqui de passagem – pois não se trata de regência –, pois estamos falando de simplificações formais, que o mesmo processo se repete com alguns prefixos:

(...) o apalpá-la nas costelas *sobre* e *subjacentes* ao coração [CBr *apud* MBa.3, 113 n.].

(...) algumas faíscas de amor profano tinham entrado *ob* e *sub-repticiamente* (*Id.*, *ibid.*)

Esperemos, e oxalá não esperemos em vão, que chegue o dia longínquo em que todos os escritores *cis* e *transatlânticos* aprendam a sua língua (...) [MBa.3, 127n.].

Também nas expressões comparativas podem-se encontrar simplificações ou braquilogias, como nos seguintes exemplos muito comuns *tanto* (*tão*) *mais que*, *tanto* (*tão*) *ou menos que* (por *tanto* ou *quanto* e *mais que*, etc.):

A gota, o reumatismo, a ciática impacientavam-no *tanto ou menos que* o desmancho das coisas políticas [CBr.6, 55].

8) **Emprego de relativos precedidos de preposição** – O pronome relativo exerce função sintática na oração a que pertence:

a) *Sujeito*: O livro *que* está em cima da mesa é meu.

b) *Objeto direto*: O livro *que* eu li encerra uma bonita história.

c) *Predicativo*: Dividimos o pão como bons amigos *que* éramos.

d) *Complemento relativo*: O livro de *que* precisamos esgotou-se.

e) *Objeto indireto*: Este é o aluno *a que* dei o livro.

f) *Adjunto adverbial*: O livro *por que* aprendeste a ler é antigo. A casa *em que* moro é espaçosa.

g) *Agente da passiva*: Este é o autor *por que* a novela foi escrita.

As três primeiras funções sintáticas dispensam preposição enquanto as quatro últimas a exigem. Deve-se evitar, em língua literária, o emprego do relativo universal.

9) **Relação de regências de alguns verbos e nomes**161:

A

Abalançar-se a
aborrecer-se com
abrigado de
absolver– de
abster-se de
abundar em
abusar de
acabar– com
acautelar-se com
aceder a
acessível a
aceito a
acercar-se de
acomodar-se a
acontecer a, com
aconselhar– a
acordar com
acreditar– em
acudir a
acusar– de

adaptar– a
adequado a
aderir– a
admirar-se de, com, por
afastar– de
afável com, para com
afixar– a
agradar a
agradável a
agradecer a
agregar-se a
ajudar– a
ajuntar– a, -se com
alertar– de, sobre, contra
alhear-se de
alheio a
alimentar– com, de
almejar– por
aludir a
amante de
ameaçar– com, de
amercear-se de
amigo de
amofinar-se com
amoroso com, para com
análogo a
anelar por
ansiar– por, (trans. direto)
ansioso de, por
antecipar-se a
antepor– a
anterior a
apaixonar-se por, de
aparentado com
apartar– de
apear-se de
apegar-se a
apelar para, de
aperceber-se de
apetrechar-se com
apiedar-se de
aplicar-se a
apoderar-se de
apoiar-se em
aportar– a
aprender–
apressar-se a, em, por, para
aproveitar-se de
apto para, a

arguir– de
arrancar– de
aproximar-se a, de
arrepender-se de
arribar a
arrimar-se a
arriscar-se a
arrostar-se com
aspirar a (= desejar);
trans. direto (= inspirar)
assemelhar-se a, com
assenhorear-se de
assentir a
assinalar– com
assistir a (= presenciar)
assistir– (= ajudar)
assustar-se com
atapetar-se de, em
atemorizar-se com
atender– a
atestar contra, por
atento a, em
ater-se a
atinar com
atingir (sem *a*!)
atrair– a
atrever-se a, em
atribuir– a
aumentar
ausentar-se de
autorizar– a
avaliar– em
avaro de
averiguar– de
avesso a
avezar (-se) a
aviar-se de
ávido de
avir-se com
avisar– de
avizinhar-se de, a
avocar– a

B

bacharel em
bandear-se para
baixar– a
bastante a, para

bastar a
batalhar com
benéfico a
bater a, em
bem (fazer) em, de
blasfemar contra
blasonar de
bom para, para com
brigar com
brindar– com

C

cair em, sobre
calcar– a
capaz de, para
capitular– com
carecer de
caritativo com, para com
caro a
casar-se com
ceder– a
cego a
chamar 162
chegar (-se) a (não *em* junto
à expressão de lugar)
cheio de
cheirar a
cheiro a, de
chorar por
cingir– de, (-se) a
circunscrever-se a
circunvizinho de
clamar por
cobiçoso de
cobrar– de
cobrir– de
coetâneo de
coevo de, a
coexistir– com
coincidir– com
coligar-se com
combater– contra, por
combinar– com
começar a, por
comedir-se com, em
cometer– a
compadecer-se de
comparar– a, com

comparecer a
compatível com
compelir– a
competir com, a
compor-se de
comprazer– a, (-se) em, com
compreensível a
comprometer-se a
comprovar– com
comum a, de
comungar com
comunicar– a
comutar– em
concentrar– em
concordar com, em
conforme a, com
concorrer a, com
condenar– a
condescender com
condoer-se de
confabular com
confederar-se com
conferenciar com
confessar– a
confiar em, a
confinar com
conformar-se com, a
conforme com, a
confrontar– com
confundir-se com
congraçar-se com
congratular-se com
consagrar a
consentir em, tr. direto
considerar como
consistir em (e não *de*!)
consolar-se com
conspirar a, contra, para
constante em
constar de
constituir-se em
contagiar-se com
contaminar-se de, com
contemporizar com
contemporâneo de
contender com, de, sobre
contentar-se com, de, em
conter-se em
contíguo a

continuar em, com
contrapor a
contrário a
contribuir para, com
convalescer de
conversar– com 163
convencer-se de
converter– em, a
convidar– a, para
convir a, com, em
convocar– a, para
cooperar com, para
coroar– de, com
corresponder a, (-se) com
corrigir-se de
cotejar– com
crer– em, a
cristalizar– em
cruel com, para com
cuidadoso com
cuidar de, em (tr. direto)
culpar de
cúmplice em
cumprir com, a 164
curar-se de
curioso de
curtir-se em

D

dar a, em, com, por
dar-se (pressa) a, em
decair de
decidir sobre
declarar-se contra
declinar– de
dedicar– a
dedignar-se de
deduzir– de
deitar-se a, em, sobre
deleitar-se com, em, de
denotar– a, em
deparar– com
depender de
dependurar – de
depressivo de
derivar– de
desafiar– para
desagradar a

desagradável a
desalojar– de
desapegar-se de
desapossar– de
desapropriar– de
desatar– de, em
desatento a
desavir-se com
descansar– de
descansar com
descartar-se de
descender de
descer de, a
desconfiar de
descontar– de
descontente com
descuidar-se de
desculpar-se de, com
descurar-se de (não *por*)
desdizer-se de
desejoso de
desembaraçar-se de
desempenhar-se de
desenganar-se de
desertar– de
desesperar– de
desfavorável a
desfazer-se de
desgostar-se de, com
designar-se de
desistir de
desleal a
desobedecer a
despedir-se de
despenhar de
despojar– de
desprender– de
desquitar-se de
declinar a, para
destituir– de
deter-se em, com
determinar-se a
dever– de 165
devoto de
diferenciar– de
diferente de
difícil de
dignar-se de, a
digno de

diligente em, para
discordar de
discrepar em
disfarçar– em
dispensar– de, a
dispor– de, -se a, para
disposto a
disputar com
dissemelhante de
dissentir de
dissuadir– de
distar de
distinguir– de
distrair-se com
distribuir– a, por com, entre
ditoso com
diverso de
divertir-se com
divorciar-se de
dizer– de
doce a
dócil a, para com
doente de
doer-se de
dotado de
dotar– com, em
doutor em
duro de
duvidar de

E

eleger– por, em, como
embaraçar-se com
embeber– de, em
embelezar-se com
embevecer-se em, com
emboscar-se em
embriagar-se de, com
embutir– em
emendar-se de
empapar– de, em, com
empenhar-se por, em, com
emular com
empregar-se com
êmulo de
encarar– com
encarregar– de
encarniçar-se com, contra

encharcar-se em
encher– de
encomendar– a
encostar– a
encontrar-se com
enfadar-se com
enfastiar-se de, com
enfatuar-se com
enfeitar-se com
enfermar– de
enfurecer-se com, contra
engalanar-se com
enganar-se com, em
engenhar-se a
engolfar-se em
enlaçar-se em
enlear-se em
enraivecer-se contra
enredar-se em
ensaiar-se em, para
ensinar– a
entender de
entendido em
entregar-se a
entreter-se com, em
entristecer-se com, de
envaidar-se com, por
envelhecer– (sem *de*!)
equiparar a, com
equivalente a
equivaler– a
eriçado de
erigir (-se) em
erudito em
escapar a, de
escapulir de
escarmentado de, com
escarnecer de
escasso de
escolher– entre
escrupulizar em
escusar-se de
esforçar-se em, por, para
esmaltar– de
esmerar-se em
espantar-se com, de
especular– com, em
esperar– de, em
espraiar-se em

esquecer-se de
esquivar– de
esquivar-se a
essencial para
estabelecer-se com
estender-se em, a, por
estéril de
estimular– a, com
estranho a
estreito de, para
estribar-se em
estropiado de
exato em
exceder–, a, em, de
excetuar de
excitar– a
excluir– de
exercitar-se em
exortar– a
expor– a
extrair– de
exigir– de, a
eximir– de
exonerar– de
extorquir– a, de

F

fácil de
falar de, em, com, a, sobre
faltar com, a
falto de
fartar– com, de
farto em
fatigar-se de, com
favorável a
favorecer– com, de
fechar (-se) a
fecundo em
feder a
felicitar– por, de
fértil de, em
fiar-se em, de
fiel a
fincar-se em
firme em
florescer em
folgar de, em
formar-se em

forrar– de, com
forte de, em
fraco de, em
franco para com, de, em
franquear– de, a
frouxo de
fugir– de, a
fundar-se em
furioso com, de
furtar– a, de

G

gabar-se de
galardoar– com
ganhar– de, a
generoso com
glorificar-se de
gordo de
gostar de
gostoso a
gozar de
graduar-se em
grande de
grato a
gravar– com
gravoso a
grosso de
guardar-se de
guarnecer com
guerra a
guindar-se a

H

hábil em
habilitar– com, para
habituar-se a
habituado a
haver-se com
herdar– de
hesitar em, sobre
horror a
hostil a
humilhar-se a

I

ida a
idêntico a

idôneo para, a
imbuir-se de, em
imediato a
impaciente com
impedir– de, a
impelir– a
impenetrável a
impetrar– de, a
implicar com 166
impor– a
importar a (impessoal),
de (país), em (quantia) 167
inconsequente com
impossibilitar– para, a
impossibilidade de
impossível de
impotente contra, para
impróprio para
imputar– a
inábil para
inabilitar– para
inacessível a
incansável em
incapaz de, para
incerto de, em
incessante em
incidir em
incitar– a
inclinar– a, para
incluir– em
incompatível com
incompreensível a
inconsequente com
inconstante em
incorporar– a, em
incorrer em
incrível a, para
inculcar– em
incumbir– de
indébito a
indeciso em
indenizar– de
independente de, em
indiferente a
indignar-se com
indigno de
indispor– contra, (-se) com
indócil a
indulgente para, para com

indultar– de
induzir– a, em
inerente a
inexorável a
infatigável em
infeccionar– em
inferior a
inferior de
infestar– de
infiel a
inflamar-se de
inflexível a
influir em, para, sobre
informar– sobre, de,
(-se) de
ingerir– em
ingrato com, para com
inibir– de
iniciar– em, a
inimigo de
inimizar-se com
injuriar com
inocente de
inquietar-se de, com
insaciável de
insensível a
inseparável de
inserir– em
insinuar– em
insípido a
insistir sobre, em
instar– por, a
instruir– de, em, sobre
inteirar-se de
intercalar entre
interceder por
interessar-se por
interesse em, por
intermédio a
internar-se em
interpolar– entre, com
interpor– entre
interrogar a
intervir em
intolerante com, para com
inundar– de, em
intrometer-se em
inútil para, a
investir contra, com

irmanar– com
isentar– de

J

jactar-se de
jubilar– em
juncar– de
juntar– a, com
justificar– de, a; (-se)

L

lamentar-se de
lançar– em (-se) sobre
lastimar-se de
leal a, com, para com
lembrar-se de
lento em
levar– em, a, por
liberal com
libertar– de
lidar com
ligar– a, com
ligeiro de
limitar-se a, com
limitado de
limpar– em, a (-se), de, em
limpo de
lisonjear-se de
litigiar com, contra
livrar– de
livre de
lograr (-se) de
longe de
longínquo de
louco de, com
lutar com, contra

M

maior de, entre
maldizer– de
maliciar– de
malquistar-se com
manco de
mancomunar-se com
manso de
manter-se com
maquinar– contra

maravilhar-se com, de
matizar– de
mau com, para,
para com
mediano de, em
mediar entre
medir (-se) com, por
meditar em, sobre
medrar– em
melhorar de
menor de
merecer de
mergulhar– em
mesclar– em
meter-se– a, em juiz
mimosear– com
ministrar– a
misericordioso com, para com
moderar-se em
mofar– de, com
molestar– com
molesto a
morador em168
moroso de, em
morrer de, por
mortificar-se com
motejar– de
mudar– de; mudar-se para
murmurar– de

N

namorar 169
namorar-se de, namorar
(tr. direto), com
natural de
necessário a
necessitar de
negligente em
negar-se a
negociar– em, com
nivelar-se a, com
nobre de, em, por
nocivo a
nutrir-se de, com

O

obedecer a

obediente a
oblíquo a
obrigar– a
obrigação de
obsequioso com
obstar– a
obstinar-se em
obviar– a
ocupar-se com, em, de
ódio a, de, contra,
para com
odioso a, para
ofender– com, por
ombrear-se a, com
oneroso a
opinar sobre, de
opor (-se) a
oposto a
oprimir– com
optar por, entre
orar por
orgulhoso com, para
com, de

P

pactuar com
padecer de
pagar– a, de, em 170
pálido de
parco em, de
parecer com, a, de
parecido a, com
paralelo a
participar– de, em, a
pasmar de
passar de, com, em
passível de
peculiar a
pegar de, em
pender– de, a
pendurar– de, a
penetrado de
pensar em
perdoar– a
perfumar– com
perguntar a, por
perito em
permutar– com, por

pernicioso a
perpendicular a
persistir em
perseverar em
persuadir– de
pertencer a, pertencer
para (= ser próprio de)
pertinaz em
pesado a
pesar de (impessoal), a
piedade de
pleitear– com, contra
pobre de
poderoso para, em
porfiar em, por
pospor– a
possível de
possuído de
posterior a
povoar– de
prático em
precaver-se contra, de
preceder– em
precisar de
proeminência sobre, de
preferir– a 171
prejudicial a
preocupar-se com
preparar-se para
preponderar sobre
prescindir de
presentear– com
preservar– de
presidir– a, em
prestes a, para
presto a, para
presumir de
prevalecer– sobre
prevenir– de, para, contra
prezar-se de
primeiro de, dentre, a, em 172
privar– de, com
proceder a, com
processar– por
pródigo de, em
professar– em
proibir– a
promover– a
pronto para, em

propender para
propício a
propínquo de
próprio para, de
proporcionado a, com
prorromper em
prosseguir– em
prestar por
protestar contra
provar– de, a
proveitoso a
prever– a, de
provocar– a, contra
próximo a, de
pugnar por, contra
purgar-se de
purificar-se de
puxar– de, por

Q

quadrar– com
qualificar– de
queixar-se a, de
querelar contra
querer– a173
quebrado
querido de, por
quebrantar-se com

R

radicar-se em
ralhar com
rebaixar– de, -se a
rebelde a
rebentar de
recair em, sobre
reclamar– contra
reclinar-se sobre
recolher-se a
recomendar– a
recompensar com
reconciliar-se com
reconvir sobre
recorrer a
recostar-se sobre, em
recrear-se com
recusar– a

redundar em
reduzir– a (não *em*)
referir-se a
refletir em, sobre
refugiar-se em
regalar-se com
regar– de
regozijar-se de, com
regular-se por
reincidir em
reintegrar– em
rejubilar com
relaxar-se em
remontar– a
remover– de
renascer a
render-se a
renegar de
rente com, a, de
renunciar a
repartir entre, com, por
representar– contra
reptar para
requerer– a
resguardar-se de, contra
residir em
resignar-se a, com
resistir a
resolver-se a
respeito a, de, por
responsável por
ressentir-se de
restabelecer-se de
resultar de
retirar-se de, a
retrair-se a
retratar-se de
retroceder– a, para
revestir– de, com
rico de, em
rígido de
rijo de
rir-se de
rivalizar– com
roçar-se com
rodear-se de, com
rogar– por
romper– com

S

saber a (ter gosto), de
sábio em
sacar– de
saciar– de, a
sacrificar– a, (-se) por
sacudir– de
safar-se de
sair de, (-se) com
salpicar– de
salvar– de
sanar de
são de
sarar– de
satisfazer– a, (-se) com
seco de
sedento de, por
seguro de, em
segregar– de, a
semelhante a
semelhar– a
sensível a
sentir-se de
separar– de
serviço em
servir– a, (-se), de, para
severo com, para com, em
sindicar de
singularizar-se por
sito em174
soberbo com, de
sobrar a
sobreviver a
sobrevir a
sobrepujar– em
sobressair em, por
sobressaltar-se com
sóbrio de, em
socorrer– (-se) de, com, a
sofrido em
solicitar– de
solícito com
solto de
sonhar com
sortir de
submeter– a
subordinar– a
sub-rogar em

subsistir com
substabelecer em
substituir– por, a
subtrair– de, (-se) a
suceder a
sujar-se com
sujeitar-se a
sujo de
sumir-se em
superior a
suplicar– a
surdo a, de
surpreender-se com
suspeitar de
suspeito a, de
suspender– de
sustentar-se de, com
suster– com
suster-se de

T

tachar– de
tapar– com
tapizar de
tardar em
tardo a, em
tauxiado de
teimar em
temer de, por
temeroso de
temível a
terçar– com
terminar em, por
terno de
timbrar em, de
tingir– de
tirar– de
tiritar de
topar com
tornar a
trabalhar de, por, para, em
traduzir– em, para, de
traficar– com, em
traidor a, de
transbordar– de
transferir– a
transfigurar-se em
transformar– em

transido de
transitar por
transplantar– de, para
transportar-se de
trasladar– a, em, de
tratar– de
travar-se de
tremer de
tresandar a
trespassado de
tributar– a
triste de, com
triunfar de
trocar– por, de

U

ufanar-se de, com
último em, de, a
ultrajar– com
ungir– com
único em
uniformizar– com
unir– a, com
untar– de, com
usar– de
útil a, para
utilizar-se de

V

vacilar em
valer-se de, valer–, a
vangloriar-se de, por
variar– de, em
vazar– em
vazio de
vedar– a
velar– por, em,
versado em
verter– de, para, em
vestir-se com, de
viciar-se com ,em
vincular– a
vingar-se de, em
visar– (= pretender) a,
visar– (= dar o visto)
visível a
vizinho a, de

voltar de, a

Z

zangar-se com
zombar de
zelar por

7 – Colocação

Sintaxe de colocação* ou *de ordem – é aquela que trata da maneira de dispor os termos dentro da oração e as orações dentro do período.

A *colocação*, dentro de um idioma, obedece a tendências variadas, quer de ordem estritamente gramatical, quer de ordem rítmica, psicológica e estilística, que se coordenam e completam. O maior responsável pela ordem favorita numa língua ou grupo de línguas parece ser a entonação oracional. Entre os casos de colocação usual ou normal em português sobressaem os seguintes:

a) a colocação do adjunto preposicionado depois do seu substantivo:
a casa *de Vera*

b) a colocação do adjunto adjetivo depois do seu substantivo:
homem *rico*

c) a colocação do adjunto não representado por adjetivo (artigo, pronome adjunto, quantificadores) antes do substantivo:
o homem bom
meu tio rico
sete pecados capitais
muitos livros raros

d) a colocação do verbo depois do sujeito, não havendo passiva com o pronome *se* ou quando não se trata de interrogação parcial com pronome não sujeito ou advérbio interrogativo:
Dudu mudou de colégio.
Mas: Aluga-se *esta casa*. Por que cometeu *ele* essa falta?

e) a colocação do complemento verbal depois do verbo:
Compramos *maçãs*.
Assistiram *ao filme*.
Bebel é *estudiosa*.

f) a colocação do objeto direto antes do indireto, quando constituídos por substantivos:
Escreveram *cartas ao sócio prejudicado*.

g) a colocação do objeto indireto antes do direto, quando constituídos por pronomes (ou o direto por substantivos):
Escreveram-*lhe cartas*.
Escreveram-*lhas*. (*lhe* + *as*)
"O português pertence ao número daquelas que se caracterizam pelo ritmo ascendente, em que se anuncia o termo

menos importante e depois, com acentuação mais forte, a informação nova e de relevância para o ouvinte" [SA.2, 270].

Isto nos leva a uma ordem considerada *direta*, *usual* ou *habitual*, que consiste em enunciar, no rosto da oração, o sujeito, depois o verbo e, em seguida, os seus complementos, como vimos antes.

A ordem que saia do esquema SVC (sujeito – verbo – complemento) se diz *inversa* ou *ocasional*.

Chama-se *anástrofe* a ordem inversa que colide com a norma geral da colocação:

De teus olhos a cor vejo eu agora

Quando a colocação chega a prejudicar a clareza da mensagem, pela disposição violenta dos termos, diz-se que há um *hipérbato*:

a grita se levanta ao céu da gente por

a grita da gente se levanta ao céu [MC.4, s.v. Ambiguidade].

Diziam os retóritos que o hipérbato era a forma de expressões da paixão. Quando a deslocação cria a ambiguidade ou mais de uma interpretação do texto, alguns autores dão à forma o nome *sínquise*.

Quase sempre essa deslocação violenta dos termos oracionais, fonte de ambiguidades, exige, para o perfeito entendimento da mensagem, nosso conhecimento sobre as coisas e de ordem cultural:

Abel matou Caim

Pela lição bíblica não se há de entender que Abel praticou a ação e Caim a sofreu, mas sim ao contrário.

Sendo a ordem direta um padrão sintático, a ordem inversa, como afastamento da norma, pode adquirir valor estilístico. E realmente se lança mão da ordem inversa para enfatizar esse ou aquele termo oracional.

Posto no rosto da oração um termo sobre o qual queremos chamar a atenção do nosso ouvinte, quebra-se a norma sintática e consegue-se o efeito estilístico desejado. Por um jogo natural de oposição, a ordem direta também pode assumir valor estilístico para traduzir situações do campo da novidade. O estilo descritivo ama a ordem direta; José de Alencar tirou dela notáveis efeitos no seguinte trecho:

"A tarde ia morrendo. O sol declinava no horizonte e deitava-se sobre as grandes florestas, que iluminava com os seus últimos raios. A luz frouxa e suave do acaso, deslizando pela verde alcatifa, enrolava-se como ondas de ouro e de púrpura sobre a folhagem das árvores. Os espinheiros silvestres desatavam as flores alvas e delicadas; e o ouricuri abria as suas palmas mais novas, para receber no seu cálice o orvalho da noite. Os animais retardados procuravam a pousada; enquanto a juriti, chamando a companheira, soltava os arrulhos doces e saudosos com que se despede o dia. Um concerto de notas graves saudava o pôr do sol, e confundia o rumo da cascata, que parecia quebrar a aspereza de sua queda, e ceder à doce influência da tarde. Era Ave-Maria" [JA.2, 37].

O ritmo ascendente predominante no português, dispondo os termos de acentuação mais fraca e menos significativos antes dos termos mais fortes, estabelece as seguintes normas válidas para as situações em que não predomine a linguagem emocional, algumas delas já enunciadas anteriormente e agora completadas:

a) os artigos, os pronomes (adjuntos), os quantificadores (com exceção dos cardinais com valor de ordinais) se antepõem:

O livro, *um* livro, *este* livro, *meu* livro, *cada* livro, *três* livros;

b) a preposição vem antes de um termo nominal ou pronominal:

de noite, *a* ele;

c) o advérbio *não* precede o verbo:

não quero;

d) o verbo auxiliar precede seu verbo principal:

hei de ver, *quero* dizer, *costuma* falar

e) o adjetivo monossilábico modificador precede o nome de maior extensão fonética:

bom dia, *má* hora, etc.

f) o adjetivo que exprime forma ou cor vem depois do substantivo, especificando seu conceito e o opondo a outros da espécie:

rua larga, *blusa verde*;

g) vem antes o adjetivo empregado não para designar o seu sentido próprio, mas para atribuir uma significação figurada:

grande homem / homem grande

"... eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor" [MA.1, 1].

h) Numa sequência de dois adjetivos e um substantivo, aqueles aparecem em geral juntos: *Bons e estimados livros* ou *Livros bons e estimados*. A quebra desta disposição, pondo o substantivo no meio, é recurso comum na poesia, mas também não ausente na prosa artística: *Bons livros e estimados*. No seguinte passo João Ribeiro afastou ainda mais os dois adjetivos:

E quando foi noite, a donzela *transida* de terror e *lagrimosa* buscou o eremita [JR.2, 97].

i) Na sequência dos pronomes sujeitos *eu* e *tu*, *eu* e *ele* ou entre *eu* + pronome de tratamento ou substantivo, em geral a série começa com *eu*:

Eu e ele saímos juntos.

Todavia a inversão é possível (apesar de já ter sido apontada como francesismo), especialmente quando, por delicadeza e educação, se quer dar precedência ao interlocutor:

Estamos no Minho, o leitor e eu [CBr.12, 1].

E assim galgamos ele e eu o rochedo [JR.2, 194].

Colocação dos termos na oração e das orações no período – A norma sintática do português registra os seguintes casos:

1.º) Põe-se de ordinário o sujeito representado por substantivo depois do verbo na passiva pronominal:

Alugam-se casas.

Outra posição pode mudar a análise da oração, desde que entre um termo a que nossa tendência anímica atribua a realização da oração. Note-se a diferença contextual entre *Abriu-*

se a porta (voz passiva) e *A porta abriu-se* (voz ativa).

A norma já não é imperiosa se o sujeito está representado por um pronome:

Aquilo nunca se vira por ali [JL.1, 74].

2.º) Nas orações reduzidas de gerúndio e particípio, o sujeito vem depois do verbo:

Terminando o discurso, dirigiu-se ao hotel.

Terminado o discurso, dirigiu-se ao hotel.

3.º) O verbo vem no início das orações que indicam existência (*ser*, *existir*, *haver*, *fazer*), tempo, peso, medida:

Era uma vez um príncipe

Existiam várias razões

Houve discussão

Faz três anos que não o vejo

São várias horas de distância

Faltam dois dias para a festa

4.º) O verbo no início das subordinadas condicionais e concessivas sem transpositor:

Tivesse-me ele dito a verdade, tudo acabaria bem.

Acabasse falando comigo, mesmo assim não lhe perdoaria.

5.º) Nas orações intercaladas de citação, o sujeito vem de ordinário depois do verbo:

Suma-se – ordenou *o policial*.

6º) Nas interrogações introduzidas por pronomes e advérbios (*quem*, *que*, *o que*, *quanto*, *qual*, *como*, *quando*, *onde*, *por que*), o verbo vem em geral antes do sujeito, desde que este não seja o pronome interrogativo:

Quem veio aqui? (*quem* sujeito)

De quem falava você quando chegamos?

Como foi ele passar nessa encrenca?

Usa-se ainda, neste caso, sujeito antes do verbo ou a palavra interrogativa no fim da oração:

De quem você falava?

Ele comprou o quê?

OBSERVAÇÃO: Na pergunta retórica costuma-se pôr o sujeito antes do verbo em construção do tipo: *O médico aconselhou esta dieta, e você seguiu?*

7.º) Nas orações exclamativas, de sentido optativo ou não, é frequente o sujeito vir depois do verbo:

Como era verde o meu vale!

Viva o rei! (construção fixa)

8.º) A oração subordinada subjetiva vem normalmente depois do verbo regente:

Consta que o trem atrasou.

Ficou patente que o progresso começara.

É aconselhável que não se retirem agora.

9.º) A oração subordinada adverbial causal iniciada por *como* vem em geral no início do enunciador de sua principal:

Como o tempo melhorou, sairemos agora.

10.º) Numa sequência de pronomes átonos, vem em primeiro lugar o que funciona como objeto indireto seguido do objeto direto:

Eu vo-lo darei

Nunca *lho* dissemos

OBSERVAÇÃO: Nas ocorrências com o pronome *se* + *me*, *te*, *lhe*, *nos*, *vos*, o *se* vem sempre em primeiro lugar:

Não *se me* afiguram boas as soluções.

Pouco *se nos* dá esse tipo de solução.

11.º) Diante de negação, o pronome átono pode vir antes ou depois do advérbio *não*:

Ele *não me* disse. Ele *me não* disse (rara entre brasileiros)

12.º) Não raro se intercala uma ou mais palavras entre o pronome átono em próclise e o verbo:

Eram grandes raids, entradas, como se então dizia" [AAr.2, 128].

13.º) Nas orações em que entra verbo intransitivo parece haver preferência da posposição do sujeito, como indica esta passagem de Garrett:

"Assim passaram *meses*, assim correu *o inverno* quase todo, e já as amendoeiras se toucavam de suas alvíssimas flores de esperança, já uma depois de outras iam renascendo *as plantas*, iam abrolhando *as árvores*; logo vieram *as aves* trinando seus amores pelos ramos... insensivelmente era chegando *o mês* de abril, estávamos em plena e bela primavera" [AGa *apud* GM.1, 365].

14.º) Por elegância e ênfase de expressão, pode-se deslocar para antes do pronome relativo o predicativo da oração adjetiva:

Daniel, *professor* que foi daquela escola, nunca se dispôs a mudar de cidade.

Colocação e clareza – Levadas em conta as construções fundamentais de que a linguagem natural e espontânea não costuma afastar-se, é certo que para a estrutura oracional temos em português bastante liberdade. Esta, porém, é maior no verso, em que ocorrem certas transformações complementares estranhas não só ao falar comum, mas ainda ao discurso limado. Alguns escritores abusaram da liberdade poética, a ponto de tornarem a linguagem obscura e quase ininteligível:

"Ama a vivenda dos contrários ao fogo undosos rios" (Castilho)

"A do rei potente mimosa filha

Dos sem conto que há passado maléficos portentos" [AC *apud* SA.2, 276].

Colocação dos pronomes pessoais átonos e do demonstrativo *o* é questão de fonética sintática – Durante muito tempo viu-se o problema apenas pelo aspecto sintático, criando-se a falsa teoria da "atração" vocabular do *não*, do *quê*, de certas conjunções e tantos outros vocábulos. Graças a notáveis pesquisadores, e principalmente a Said Ali, passou-se a considerar o assunto pelo aspecto fonético-sintático. Abriram-se com isso os horizontes,

estudou-se a questão dos vocábulos átonos e tônicos, e chegou-se à conclusão de que muitas das regras estabelecidas pelos puristas ou estavam erradas, ou se aplicavam em especial atenção ao falar lusitano. A Gramática, alicerçada na tradição literária, ainda não se dispôs a fazer concessões a algumas tendências do falar de brasileiros cultos, e não leva em conta as possibilidades estilísticas que os escritores conseguem extrair da colocação de pronomes átonos. Daremos aqui apenas aquelas normas que, sem exagero, são observadas na linguagem escrita e falada das pessoas cultas. Não se infringindo os critérios expostos, o problema é questão pessoal de escolha, atendendo-se às exigências da eufonia. É urgente afastar a ideia de que a colocação brasileira é inferior à que os portugueses observam, porque:

> "*a pronúncia brasileira diversifica da lusitana; daí resulta que a colocação pronominal em nosso falar espontâneo não coincide perfeitamente com a do falar dos portugueses*" [SA.2, 279].

O pronome átono pode assumir três posições em relação ao vocábulo tônico, donde a *ênclise*, *próclise* e *mesóclise*.

Ênclise é a posposição do pronome átono (vocábulo átono) ao vocábulo tônico a que se liga:

> Deu-*me* a notícia.

Próclise é a anteposição ao vocábulo tônico:

> Não *me* deu a notícia.

Mesóclise é a interposição ao vocábulo tônico:

> Dar-*me*-ás a notícia.

Critérios para a colocação dos pronomes pessoais átonos e do demonstrativo *o*.

A – Em relação a um só verbo

1.º) Não se inicia período por pronome átono:

> "Sentei-*me*, enquanto Virgília, calada, fazia estalar as unhas" [MA.1, 125].
>
> "Não! *vos* digo eu!" [AH *apud* FB.1, 197].
>
> "Querendo parecer originais, *nos* tornamos ridículos ou extravagantes" [MM].

Observações:

1.ª) Ainda que não vitoriosa na língua exemplar, mormente na sua modalidade escrita, este princípio é, em nosso falar espontâneo, desrespeitado, e, como diz Sousa da Silveira, em alguns exemplos literários, a próclise comunica "à expressão encantadora suavidade e beleza" [SS.1, § 523, a, obs.]. Alguns modernistas, com Mário de Andrade à frente, tentaram estender essa próclise inicial de enunciado a todos os pronomes átonos, exagerando, porque isto não ocorre com *o*, *a*, *os*, *as*: *O vi.* Depois, só Mário persistiu no uso, apesar das ponderações de Manuel Bandeira.

2.ª) Preso a critério de *oração* (e não *período*, como aqui fizemos), Rui Barbosa [RB.1] tem por errônea a colocação em: "Se a simulação for absoluta, sem que tenha havido intenção de prejudicar a terceiros, ou de violar disposições de lei, e for assim provado a requerimento de algum dos contratantes, – *se julgará o ato inexistente*". Os que adotarem o critério de *oração*, só aceitam a posição inicial do pronome átono na intercalada de citação, como ocorre no exemplo de Herculano acima transcrito.

3.ª) Em expressões cristalizadas de cunho popular aparece o pronome no início do período: "*T'esconjuro*!... *sai*, *diabo!...*" [MA.1, 97].

2.º) Não se pospõe, em geral, pronome átono a verbo flexionado em oração subordinada:

"Confesso que tudo aquilo *me* pareceu obscuro " [MA.1, 79].

"Se *a* visse, iria logo pedi-la ao pai" [MA.1, 87].

"Tu que *me* lês, Virgília amada, não reparas na diferença entre a linguagem de hoje...?" [MA.1, 91].

OBSERVAÇÃO: Quando se trata de orações subordinadas coordenadas entre si, às vezes ocorre a ênclise do pronome átono na segunda oração subordinada. Também quando na subordinada se intercalam palavras ou oração, exigindo uma pausa antes do verbo, o pronome átono pode vir enclítico: "Mas a primeira parte se trocou por intervenção do tio Cosme, que, ao ver a criança, *disse-lhe* entre outros carinhos..." [MA *apud* MBa.2, 197]. Em todos estes e outros casos que se poderiam lembrar, a ação dos gramáticos se tem dirigido para a obediência ao critério exposto, considerando esporádicos e não dignos de imitação os exemplos que dele se afastam.

3.º) Não se pospõe pronome átono a verbo modificado diretamente por advérbio (isto é, sem pausa entre os dois, indicada ou não por vírgula) ou precedido de palavra de sentido negativo:

"Não *me* parece; acho os versos perfeitos" [MA.1, 69].

Sempre *me* recebiam bem.

Ninguém *lhe* disse a verdade.

Se houver pausa, o pronome pode vir antes ou depois do verbo:

"Ele esteve alguns instantes de pé, a olhar para mim; depois estendeu-*me* a mão com um gesto comovido" [MA.1, 86].

OBSERVAÇÃO: Como já foi indicado antes, o pronome átono, não inicial, pode vir antes da palavra negativa:

(...) descia eu para Nápoles a busca de sol que *o não* havia nas terras do norte [JR.2, 187].

4.º) Não se pospõe pronome átono a verbo no futuro do presente e futuro do pretérito (condicional). Se não forem contrariados os princípios anteriores, ou se coloca o pronome átono proclítico ou mesoclítico ao verbo:

"Teodomiro *recordar-se-á* ainda de qual foi o desfecho do amor de Eurico..." [AH.1, 60].

"Os infiéis... *contentar-se-ão*, talvez, com as riquezas..." [AH.1, 146].

5.º) Não se pospõe ou intercala pronome átono a verbo flexionado em oração iniciada por palavra interrogativa ou exclamativa:

"Quantos *lhe* dá?" [MA.1, 97].

"Quem *me* explicará a razão dessa diferença?" [MA.1, 158].

Como *te* perseguem!

B – EM RELAÇÃO A UMA LOCUÇÃO VERBAL

Temos de considerar dois casos:

a) Auxiliar + { infinitivo: ***quero falar*** / ou / gerúndio: ***estou falando*** }

Se os princípios já expostos não forem contrariados, o pronome átono poderá aparecer:

1) Proclítico ao auxiliar:

Eu *lhe* quero falar.

Eu *lhe* estou falando.

2) Enclítico ao auxiliar (ligado por hífen).

Eu quero-*lhe* falar.

Eu estou-*lhe* falando

(...) e a conversação de Adrião *foi-a* lentamente acostumado à sua presença [EQ.4, 56].

3) Enclítico ao verbo principal (ligado por hífen):

Eu quero falar-*lhe*

Eu estou falando-*lhe* (mais raro)

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Com mais frequência ocorre entre brasileiros, na linguagem falada ou escrita, o pronome átono proclítico ao verbo principal, sem hífen:

Eu quero *lhe* falar

Eu estou *lhe* falando

A Gramática clássica, com certo exagero, ainda não aceitou tal maneira de colocar o pronome átono, salvo se o infinitivo está precedido de preposição: *Começou a lhe falar* ou *a falar-lhe*.

2.ª) Com o infinitivo podem-se contrariar os princípios 2.º e 3.º anteriormente formulados:

Eu não quero falar-*lhe*

Espero que não queira falar-*lhe*

3.ª) Nas construções com o verbo *haver* do tipo *há-se de + infinitivo* ou *há de se + infinitivo*, esta última é mais corrente e a primeira, mais comum em Portugal, aparece apenas como reminiscência literária:

"(...) e *hão-me* ainda a face

De encobrir ervançais, para não *ver-te*" [AO *apud* SS.1, § 524, 3, obs.].

b) Auxiliar + particípio: ***tenho falado***...

Não contrariando os princípios iniciais, o pronome átono pode vir:

1) Proclítico ao auxiliar:

Eu *lhe* tenho falado.

2) Enclítico ao auxiliar (ligado por hífen):

Eu tenho-*lhe* falado

Jamais se pospõe pronome átono a particípio. Entre brasileiros também ocorre a próclise ao particípio:

Eu tenho *lhe* falado.

Posições fixas – A tradição fixou a próclise ainda nos seguintes casos:

1) com o gerúndio precedido da preposição *em*:

"Ninguém, desde que entrou, *em* lhe chegando o turno, se conseguirá evadir à saída" [RB.2, 30].

2) nas orações exclamativas e optativas, com o verbo no subjuntivo e sujeito anteposto ao verbo:

Bons ventos *o* levem!

Deus *te* ajude!

Explicação da colocação dos pronomes átonos no Brasil – Nos princípios anteriormente comentados, vimos certas tendências brasileiras que nem sempre a Gramática agasalha como dignas de imitação, presa que está a um critério de autoridade que a linguística moderna pede seja revisto.

Sobre o assunto, em lúcido resumo, comenta o Prof. Martinz de Aguiar:

"A colocação de pronomes complementos em português não se rege pela fonética, nem é o ritmo, o mesmo binário-ternário, em ambas as modalidades, brasileira e lusitana, que impõe uma colocação aqui, outra ali, não. Ela obedece a um complexo de fatores, fonético (rítmico), lógico, psicológico (estilístico), estético, histórico, que às vezes se entreajudam e às vezes se contrapõem. Numa frase como *ele vem-me ver*, geral em Portugal, literária no Brasil, o fator lógico deslocou o pronome *me* do verbo *vem*, para adjudicá-lo ao verbo *ver*, por ser ele determinante, objeto direto, do segundo, e não do primeiro. Isto é: deixou a língua falada no Brasil de dizer *vem-me ver* (fator histórico, por ser mera continuação do esquema geral português), para dizer *vem me-ver* (escrito sem hífen), que também vigia na língua, ligando-se o pronome ao verbo que o rege (fator lógico). Esta colocação de tal maneira se estabilizou, que pouco se diz *vem ver-me* e trouxe consequências imprevistas:

1.ª) Pôde-se juntar o pronome ao particípio, procliticamente:

Aqueles *haviam se-corrompido* (escrito sem hífen aqui e nos iguais exemplos).

2.ª) Pôde-se pôr o pronome depois dos futuros (do presente e do pretérito):

Poderá se-reduzir, *poderia se-reduzir*. Deixando de ligar-se aos futuros, para unir-se ao infinitivo, deixou igualmente de interpor-se-lhe aos elementos constitutivos.

3.ª) Em frases como *vamos nos-encontrar*, deixando o pronome de pospor-se à forma verbal pura, para antepor-se à nominal, deixou igualmente de determinar a dissimilação das sílabas parafônicas, podendo-se então dizer *vamo-nos encontrar*" [MAg.1, 408-409].

Pelas mesmas razões variadíssimas é que no Brasil, na linguagem coloquial, o pronome átono pode assumir posição inicial de período.

APÊNDICE

1 – Figuras de Sintaxe

Fenômenos de sintaxe mais importantes

1) **Elipse** – Chama-se *elipse* a omissão de um termo facilmente subentendido por faltar onde normalmente aparece, ou por ter sido anteriormente enunciado ou sugerido, ou ainda por ser depreendido pela situação, ou contexto. É o que ocorre quando, diante de um quadro, uma pessoa dá sua opinião:

É belo! [MC.4, s.v.].

São barulhentos, mas eu admiro *meus alunos*.

Assim, não se há de considerar elipse a omissão do sujeito léxico já que ele está indicado na desinência verbal, o sujeito gramatical. A necessidade de explicitação do sujeito gramatical mediante um sujeito explícito é ditada pelo texto; a rigor, portanto, não se trata da "elipse" do sujeito, mas do "acréscimo" de expressão que identifique ou explicite a que se refere o sujeito gramatical indicado na desinência do verbo finito ou flexionado. Em português, salvo nos casos de ênfase ou contraste, não se explicita o sujeito gramatical mediante os pronomes sujeitos de 1.ª e 2.ª pessoas do singular e do plural:

Sairei depois do almoço (desnecessário: *Eu* sairei...)

Foste contemplado na crítica (desnecessário: *Tu* foste...)

Mas:

Eu sairei, e *tu* ficarás.

Entre as elipses que ocorrem com mais frequência estão:

a) a da preposição em algumas circunstâncias adverbiais depreendidas pelo contexto:

As visitas, *pés sujos*, entraram no salão.

O tecido custava dez reais *o metro*.

Domingo irás à festa.

Conhecem-no *uma légua* em redondo.

OBSERVAÇÃO: Também ocorre a elipse de preposição em séries coordenadas:

eu disse a seu pai que a sustentação *de sua filha e marido*... [CBr.6, 104].

"Deus não dá *para ócios ou desperdícios*" [CBr.6].

Geralmente é mais rara a elipse quando a preposição vem com artigo:

Estou farto das afrontas *dos nobres e dos plebeus* [CBr.6, 110].

Ou quando há ênfase:

(...) (duas almas) recolhidas *em si e em Deus* [CBr.6].

Também é mais comum repetir-se a preposição antes dos pronomes pessoais monossilábicos e do pronome reflexivo:

Não se lembrou *de mim e de ti*.

Nas locuções prepositivas também é comum esta praxe; entretanto, só se costuma repetir o último componente da locução:

Através da história e *da* lenda, o fato chegou até nós.

Antes de mim e *de* ti há a justiça.

b) a da preposição antes do conectivo que introduz as orações de complemento relativo e completivas nominais:

Preciso (*de*) que venhas aqui.

Estou necessitado (*de*) que venhas aqui.

OBSERVAÇÃO: Pode ocorrer a elipse não só da preposição, mas também da conjunção integrantes:

Quis defendê-la, mas Capitu não me deixou, continuou a chamar-lhe beata e carola, em voz tão alta que *tive medo fosse* ouvida dos pais [MA *apud* MBa.3, 80].

c) a da conjugação integrante, mormente como transpositor das subordinadas subjetivas e objetivas diretas:

É necessário (*que*) se faça tudo rapidamente.

Espero (*que*) sejam felizes.

OBSERVAÇÃO: Às vezes dois verbos seguidos vêm desacompanhados das respectivas conjunções integrantes:

Frequentes vezes me *disse esperava* lhe arrumarem o processo [CBr.10, I, 51].

d) a do verbo *dizer* (e semelhante) nos diálogos:

E ela: — Você está zangado comigo?

e) a do objeto direto representado por pronome átono para aludir ao substantivo anteriormente expresso:

Você recebeu *o convite*? *Recebi* sim (por Recebi-*o* sim)

Cuidas que não tem cura lançar sangue? *Tem*, meu filho, *tem* [CBr. *apud* MBa.5, 172].

Alguns autores condenaram sem razão este tipo de elipse, tipo de antífrase.

f) a da preposição *de* em construções do tipo *vestido cor de rosa* por vestido *de cor de rosa*; pode-se também omitir toda a expressão *de cor de*: *vestido rosa*.

g) note-se a construção *para* + *particípio* para exprimir a ideia de "que há de ser", "digno de ser", à semelhança do particípio futuro passivo latino:

Não é *para dito* o que ali aconteceu [MBa.5, 218].

h) a elipse de rigor da conjunção integrante *que* depois de *que* ou *do que* comparativo:

A um animal atacado de raiva é melhor que o matem do que esteja a penar (por *do que que esteja a penar*).

i) a elipse do primeiro elemento (preposição ou advérbio) que integra a chamada locução conjuntiva (*posto que*, *dado que*, etc.) na oração subordinada coordenada à anterior:

Nada houve contra ela, *se bem que* uma voz rouca se levantou no tribunal e *que* (por: *se bem que*) dois ou três presentes a acompanharam com certo entusiasmo.

OBSERVAÇÃO: Evite-se a simples lembrança da conjunção subordinada da 1.ª oração por um *que* na 2.ª subordinada, coordenada à anterior:

Quando ele me viu e *que* disse isso, acreditei na sua versão do fato.

Ou se repete o *quando* (*Quando... e quando*) ou só se usa a conjunção coordenativa (*Quando... e disse*).

2) **Pleonasmo** – É a repetição de um termo já expresso ou de uma ideia já sugerida, para fins de clareza ou ênfase:

Vi-*o a ele* (pleonasmo do objeto direto).

Ao pobre não *lhe* devo (pleonasmo do objeto indireto).

(...) o conde atirava à mísera cantora alguns soldos que ainda *lhe* reforçavam *a ela* as cordas vocais [JR.2, 188] (pleonasmo do dativo de posse).

Subir para cima.

O grande juiz entre os pleonasmos de valor expressivo e os de valor negativo (por isso considerado erro de gramática) é o *uso*, e não a *lógica*. Se não dizemos, em geral, fora de situação especial de ênfase: *Subir para cima* ou *Descer para baixo*, não nos repugnam construções com *O leite está saindo por fora* ou *Palavra de rei não volta atrás*.

Eis alguns casos comuns de pleonasmo:

a) a série possessiva *seu... dele*, *sua... dela* para fugir à ambiguidade:

Mas não esmoreceu o Sr. Conde de Laet. Ninguém melhor do que ele fez então a psicologia da maior parte dos nossos movimentos revolucionários. Não só mostrou que quase sempre a *sua* causa *deles*, "é um segredo" (...) [JF *apud* CL.1, II, 333].

b) o emprego de dois termos de significado negativo para afirmar (*não indouto* = douto; *não sem razão* = *com razão*; *nada anormal* = *muito normal*; *sem desconhecer* = *conhecendo*; *indesculpável* = *culpável*) [MBa.3, 54 e MBa.4, 64].

c) a repetição da conjunção integrante em construções do tipo:

"e disse *que*, se lhe não queríamos mais nada, *que* podíamos ir à nossa vida" [CBr.1, 45].

É frequente na variedade coloquial falada acompanhando transpositores de oração subordinada:

Quero saber *como que* você fez isso.

Ainda não marcamos *quando que* iremos nos casar.

Finalmente, há de se ter presente para não usá-lo sempre que possível o pleonasmo léxico que resulta do esquecimento do verdadeiro significado de certas expressões portuguesas ou estrangeiras: *decapitar* (por *decepar*, já que *decapitar* só pode referir-se à *cabeça*) *a cabeça*, *exultar de alegria*, *panaceia universal*, *esquecimento involuntário*, *desde ab aeterno* (*ab aeterno* é expressão latina que já indica *desde a eternidade*) , *desde ab initio*, *tornar a*

repetir, *prever de antemão*, *antídoto contra* e tantos outros. Alguns, usados pelos melhores escritores, já correm com alguma despreocupação diante da crítica mais severa, como é o caso de *suicidar-se*. Já está incorporada a repetição do prefixo e preposição de mesmo significado, como: *in*corporar *em*, *co*abitar *com*, *co*incidir *com*, *con*formar-se *com*, etc.

3) **Anacoluto** – É a quebra da estruturação lógica da oração:

> "Eu que era branca e linda, *eis*-me medonha e escura"
> [MB *apud* SS.1, § 536].

"Resulta esta anomalia em geral do fato de não poder a linguagem acompanhar o pensamento em que as ideias se sucedem rápidas e tumultuárias. É a precipitação de começar a dizer alguma cousa sem calcular que pelo rumo escolhido não se chega diretamente a concluir o pensamento. Em meio do caminho dá-se pelo descuido, faz-se pausa, e, não convindo tornar atrás, procura-se saída em outra direção" [SA.4, 38].

O anacoluto, fora de certas situações especiais, é evitado pelas pessoas que timbram em falar e escrever corretamente a língua.

Coloca-se entre as construções anacolúticas o começar o enunciado por um termo não preposicionado e depois recuperá-lo na sua função própria, como que desprezando o inicial:

> *A pessoa* que não sabe viver em sociedade, *contra ela* se põe a lei.
> A construção gramatical seria: *Contra a pessoa* que... se põe a lei.

Um anacoluto muito comum é: *Eu parece-me* que tudo vai bem.

4) **Antecipação** – É a colocação de uma expressão fora do lugar que logicamente lhe compete:

> *O tempo parece que vai piorar*

por

> *Parece que o tempo vai piorar*.

As antecipações são ditadas por ênfase e muitas vezes geram anacolutos, mas destes diferem porque não quebram a estrutura gramatical do enunciado. Assim há apenas antecipação do termo *irapuru* (que deve ficar na oração de *quando*), e não anacoluto, nos conhecidos versos de Humberto Campos:

> Dizem que o irapuru quando desata
> A voz – Orfeu do seringal tranquilo –
> O passaredo, rápido a segui-lo
> Em derredor agrupa-se na mata,

isto é: dizem que, *quando o irapuru* desata a voz (...) o passaredo (...) agrupa-se na mata.

5) **Braquilogia** – É o emprego de uma expressão mais curta equivalente a outra mais ampla ou de estruturação mais complexa:

> *Estudou como estudaria se fosse passar*

por

> *Estudou como se fosse passar*

Incluem-se nos casos de braquilogia deste tipo construções como *Entrei e saí de casa*,

derivada de *Entrei em casa e daí saí* (ou *donde saí*).

É o que também ocorre naquelas em que entram graus de comparação, como: *Eles são melhores ou tão bons como nós* por *Eles são melhores do que nós ou tão bons como nós*.

Ainda há braquilogia quando se coordenam dois verbos de complementos diferentes e se simplifica a expressão dando-se a ambos o regime do verbo mais próximo: *Eu vi e gostei do filme* (por *Eu vi o filme e gostei dele*).

6) **Haplologia sintática** – É a omissão de uma palavra por estar em contato com outra (ou final de outra palavra) foneticamente igual ou parecida:

> Iracema *antes quer que* o sangue de Caubi tinja sua mão *que* a tua [JA.4, 223]. Isto é: *antes quer que... que quer que* a tua.

7) **Contaminação sintática** – "É a fusão irregular de duas construções que, em separado, são regulares" [ED.2, § 482].

Fiz com que Pedro viesse
(fusão de *Fiz com Pedro que viesse* e *Fiz que Pedro viesse*)

Caminhar por entre mares
(fusão de *caminhar por mares* e *caminhar entre mares*)

As estrelas pareciam brilharem
(fusão de *as estrelas pareciam brilhar* com *parecia que as estrelas brilhavam*).

Fazer de conta
(fusão de *fazer conta* = *imaginar*, *supor*, com expressões em que *fazer* é seguido de *de*: *fez de tolo*, *de sonso*, etc).

Estas contaminações são frequentes e ocorrem nos bons escritores quando o verbo admite uma construção com complemento direto de pessoa e preposicionado de coisa e outra com preposicionado de pessoa e direto de coisa. É o caso, entre muitos outros, de *persuadir* (*persuadir alguém a fazer* ou *persuadir a alguém que faça*), *fazer* (*fazer que alguém* e *fazer com alguém que*), que admitem fusões do tipo:

> O fato *lhe* persuadiu *a* deixar o trabalho.
> *Fizemos com que Pedro* chegasse logo.

Também resultam de contaminações sintáticas acumulações de preposições como:

> Andar *por entre* espinhos (*andar por espinhos* + *andar entre espinhos*).

8) **Expressão expletiva ou de realce** – É a que não exerce função gramatical:

> Nós *é que* sabemos viver
> Aqui *é onde a* ilusão se acaba.
> Oh! Que saudades *que* tenho!
> Quanto *que* é a conta?

É frequente o aparecimento de um *que* expletivo depois de conjunções, advérbios e expressões adverbiais:

> Eu não sei *quando que* ele vem.
> *Enquanto que* isso acontecia, não vinha nenhum socorro.
> *Desde cedo que* esperavam por elas.

Havia *muito que* não o via.

Verdadeiramente que ficamos amedrontados.

Quase que o incidente se transforma num caso de polícia.

OBSERVAÇÃO: Quando há circunstâncias de lugar, tempo, o *que* é substituído, respectivamente por *onde* e *quando*.

No Recife *é onde* fez o primário.

Durante a chuva *é quando* ocorrem mais acidentes de trânsito.

É preciso distinguir o *é que* expletivo do *é que* que indica:

a) *é* + *que* (conj. integrante):

A verdade *é que* saíram.

b) *é* (verbo vicário) + *que* (conj. integrante):

"Que quer dizer este nome? *É que* as almas..." [MBe *apud* JO.1]. (*É que* = *quer dizer que*)

c) *é* (vicário) + *que* (conj. causal):

Por que veio? *É que* teve medo (*é que* = *veio porque*)

d) *é que* = *é o que*

Este livro *é que* lemos ontem (= *é o que* lemos ontem)

e) há um *é que* que difere dos demais pela forte pausa que separa os dois termos, dando a impressão de se tratar de um resquício de oração seguido de conj. integrante que introduz seu antigo sujeito (= *é verdade*, *é certo que*):

"Ou *é que* o digesto não vale para os que o estudaram?" [AH.5, II, 35].

Modernamente se usa muito desta linguagem em *será que*:

Ou *será que* eu estou errado!

2 – Vícios e Anomalias de Linguagem

Entre os vícios de linguagem cabe menção aos seguintes:

1) **Solecismo** – É o erro de sintaxe (que abrange a concordância, a regência, a colocação e a má estruturação dos termos da oração) que a torna incompreensível ou imprecisa, ou a inadequação de se levar para uma variedade de língua a norma de outra variedade; em geral, da norma coloquial ou popular para a norma exemplar:

Eu *lhe* abracei (por *o*)

A gente *vamos* (por *vai*)

Tu *fostes* (por *foste*)

Aluga-se casas (por *alugam-se*)

Vendas *à* prazo (por *a*)

Queremos *fazermos* tudo certo (por *queremos fazer*)

Como acertadamente frisa Mattoso Câmara, "não constituem solecismos os desvios das normas sintáticas feitas com intenção estilística, em que a afetividade predomina sobre a análise intelectiva, como na silepse, na atração, no anacoluto" [MC.4, 227].

2) **Barbarismo** – É o erro no emprego de uma palavra, em oposição ao solecismo, que o é em referência à construção ou combinação de palavra. Inclui o erro de pronúncia (ortoepia), de

prosódia, de ortografia, de flexões, de significado, de palavras inexistentes na língua, de formação irregular de palavras:

contricto	por	*contrito*
gratuíto	por	*gratuito*
rúbrica	por	*rubrica*
proesa	por	*proeza*
cidadões	por	*cidadãos*
fosteis	por	*fostes*
a telefonema	por	*o telefonema*
areonáutica	por	*aeronáutica*
intemerato (= sem temor)	por	*intimorato*

Também já se empregou o termo *barbarismo* para referir-se aos erros cometidos pelos estrangeiros ao adaptar ao seu idioma palavras e expressões de outra língua.

3) **Estrangeirismo** – É o emprego de palavras, expressões e construções alheias ao idioma que a ele chegam por empréstimos tomados de outra língua. Os estrangeirismos léxicos que entram no idioma, por um processo natural de assimilação de cultura ou de contiguidade geográfica, assumem aspecto de sentimento político-patriótico que, aos olhos dos puristas extremados, trazem o selo da subserviência e da degradação do país. Esquecem-se de que a língua, como produto social, registra, em tais estrangeirismos, os contatos de povos. Este tipo de patriotismo linguístico (Leo Spitzer lhe dava pejorativamente o nome de *patriotite*) é antigo e revela reflexos de antigas dissensões históricas. Bréal lembra que os filólogos gregos que baniam os vocábulos turcos do léxico continuavam, à sua moda, a guerra da independência [MBr.1, 226]. Entre nós, o repúdio ao francesismo ou galicismo nasceu da repulsa, aliás, justa, dos portugueses aos excessos dos soldados de Junot quando Napoleão ordenou a invasão de Portugal. O que se deve combater é o excesso de importação de línguas estrangeiras, mormente aquela desnecessária por se encontrarem no vernáculo palavras e giros equivalentes. A introdução de uma palavra estrangeira para substituir uma vernácula em geral se explica pela debilidade funcional da palavra ameaçada de substituição.

Modernamente no mundo globalizado em que vivemos, onde os contactos de nações e de cultura são propiciados por mil modos, os estrangeirismos interpenetram-se com muita facilidade e rapidez. Para nós, brasileiros, os estrangeirismos de maior frequência são os *francesismos* ou *galicismos* (de língua francesa), *anglicismos* (de língua inglesa), *espanholismos* ou *castelhanismos* (de língua espanhola), *italianismos* (de língua italiana).

De modo geral, os estrangeirismos léxicos se repartem em dois grupos: os que se assimilam de tal maneira à língua que os recebe, que só são identificados como empréstimos pelas pessoas que lhes conhecem a história (*guerra*, *detalhe*, etc. – a esses os alemães chamam *Lehnwörter*, "empréstimos"); mas há os que facilmente mostram não ser prata da

casa, e se apresentam na vestimenta estrangeira (*maillot*, *ballet*, *feedback*, *footing*, etc.) ou se mascaram de vernáculos, como *maiô*, *abajur*, *tíquete*, etc. (são os, em alemão, *Fremdwörter*, "estrangeirismos"). O termo *empréstimo* abarca estas duas noções e se aplica tanto aos estrangeirismos léxicos quanto aos sintáticos e semânticos.

Os empréstimos lexicais durante muito tempo sofreram as críticas dos puristas, mas hoje vão sendo aceitos com mais facilidade, exceto aqueles comprovadamente desnecessários e sem muita repercussão em outros idiomas de cultura do mundo.

Entretanto, os de sintaxe e os de semântica continuam merecendo o reparo dos guardiães da vernaculidade, aliás de meritória atividade quando não se mostram extremados. Por isto, relacionaremos aqui um pequeno rol desses dois tipos de empréstimos. Começaremos pelos galicismos: 175

1) Certos empregos da preposição *a* em vez de *de*:

incumbido a dizer
moinho a vento
combinação a dois
equação a duas incógnitas

2) Certos empregos da preposição *contra*:

pagar contra recibo	por	*pagar com, mediante recibo*
encostar a mesa contra a parede	por	*encostar a mesa à parede*
remete-se contra reembolso	por	*remete-se a reembolso* (ou *a cobrança*)

3) Certos empregos da preposição *de*:

envelhecer de dez anos	por	*envelhecer dez anos*
aumentar de vinte reais	por	*aumentar vinte reais*
aposento largo de três metros	por	*aposento de* (ou *com*) *três metros de largura*

4) Certo empregos da preposição *em*:

barco em madeira	por	*barco de madeira*
relógio em ouro	por	*relógio de ouro*
chão em mármore	por	*chão de mármore*
capa em azul	por	*capa azul*
tingir em azul	por	*tingir de azul*

5) Expressões como:

estar ao fato de	por	*estar ciente de*
declarar a guerra	por	*declarar guerra*

pôr o acento nesse problema	por	*enfatizar esse problema*
pessoa de alguns vinte anos	por	*pessoa dos seus vinte anos*

6) Emprego do *que* nas orações negativas de exclusão:

a mãe nada viu que seu filho	por	*a mãe só viu o filho*
o egoísta não procura que o seu bem	por	*o egoísta não procura senão o seu bem*

7) Emprego, na coordenação de orações subordinadas adverbiais, do *que* para evitar a repetição da conjunção da subordinada anterior, quando não constituída pelas chamadas locuções conjuntivas:

Quando me viu e que me falou por *Quando me viu e me falou*

Mas já é vernácula a substituição pelo simples *que* em:

Logo que me viu e que me falou...

8) Anteposição do sujeito de orações com verbo no gerúndio e particípio:

O dia amanhecendo	por	*Amanhecendo o dia*
A aula terminada	por	*Terminada a aula*

9) Não flexão dos nomes e sobrenomes pluralizados pelo artigo:

Os Almeida	por	*Os Almeidas*
Os irmãos Paiva	por	*Os irmãos Paivas*
Os Pereira de Abreu	por	*Os Pereiras de Abreu*

Quanto aos *anglicismos*, vale chamar a atenção para o fato de que o inglês vai constantemente ao grego e ao latim buscar-lhes os tesouros, mas os usa com tal liberdade, que muitas vezes deturpa o emprego ou o significado original. Daí, não basta acalmar os ânimos com a alegação de que se trata não imediata, mas mediatamente, da boa cepa clássica. Alguns nos chegaram pela porta da França.

São exemplos de *anglicismos*:

1) Léxicos:

admitir (= julgar possível, dar como provável, acreditar, crer). Quando o significado vernáculo é ‘receber’, ‘deixar entrar’, ‘concordar’.

assumir por *supor*, *acreditar*

básico (inglês, francês, etc.)

contactar por *entrar em contacto com*

diferente por *melhor* (um produto diferente)

doméstico (voo) por *nacional*

leasing

marketing

politicamente correto
praticamente por *virtualmente*, *faltando pouco* (o tanque está praticamente cheio)
relax

2) Sintáticos [MC.4, s.v.]:

a) a anteposição do adjetivo ao seu substantivo, com valor meramente descritivo, como nos nomes de hotéis e estabelecimentos comerciais: *Majestoso Hotel*.

b) o emprego de um substantivo com função de adjetivo por vir anteposto: *Rio Hotel*.

c) o emprego da preposição *com* isolada do nome que deveria reger ou da preposição *contra* no fim da oração: *capa com e sem forro*; *eu sou pelo povo e tu és contra*.

São exemplos de *castelhanismos* (léxicos):
aficionado
bolero: jaqueta
charla
contestar (= responder, replicar). É vernáculo no significado de *refutar*, *negar direitos*.
ensimesmar-se
entretenimento
frente a (= ante)
muchacho (= garoto, rapazinho)
piso (= andar, pavimento)
quefazer (es) (= ocupações)
recuerdo (= lembrança)
redatar (= redigir)
resultar (tornar-se, ficar). É vernáculo *provir*, *proceder*
suelto (= artiguinho, nota crítica de jornal)

São exemplos de *italianismos* léxicos (muito frequentes em termos de arte, música)
adágio (= andamento musical vagaroso)
allegro (= movimento alegre)
andante (= andamento moderado)
aquarela
bambino
belvedere
bel-canto
cicerone
condottiere
confete (confetti, plural)

corso (= cortejo, desfile)
diletante
dueto
furbesco (= velhaco)
imbroglio (= confusão, enredo, atrapalhada)
influenza (= doença catarral, *gripe*, fr.)
intermezzo (entreato)
libreto
Madonna (= Nossa Senhora)
maestro (= regente de orquestra)
nitrido (= relincho)
nitrir (= relinchar)
piano (= com suavidade)
primadona (= cantora principal de ópera)
raconto (= conto, história)
sonata
soprano
espaguete
estúdio (= galeria de arte, sala de trabalho)
tarantela
terracota
trombone
vendeta (= vingança)
virtuose (= músico de talento)

Anomalias de Linguagem

Idiotismo ou expressão idiomática é toda a maneira de dizer que, não podendo ser analisada ou estando em choque com os princípios gerais da Gramática, é aceita no falar culto.

São idiotismos de nossa língua a expressão *é que*, o *infinitivo flexionado*, a preposição em *o bom do pároco*, etc.

Sobre o conceito de idiotismo nunca é demais relembrar a lição de Said Ali: "Não devemos definir o idiotismo, segundo alguns gramáticos, como construção particular de *uma* língua, estranha, portanto, às outras línguas, porque ninguém conhece todos os outros idiomas em todos os seus segredos e modos especiais de falar" [SA.2, 310].

Assim, o infinitivo flexionado é um idiotismo não porque só exista em português (na realidade outras línguas o conhecem, como alguns dialetos do sul da Itália, e outras o conhecem com aplicação diferente da que tem em português, como em húngaro), mas porque a

sua flexão contraria o conceito de forma infinita (i.é, não flexionada).

16 E. Coseriu [ECs.7, 136 - 138; ECs.15, 20 - 21].

17 E. Coseriu [ECs.12, 104; ECs.1, 265].

18 E. Coseriu [ECs.15, 21-22].

19 E. Coseriu [ECs.7, 59].

20 E. Coseriu [ECs.15, 20].

21 E. Coseriu [ECs.7, 60 n. 13].

22 Mattoso [MC.4, s.v.].

23 "Quanto a este ponto, a afirmação generalizada de que o substantivo tem flexão de gênero, aparentemente justificada pela existência de pares masculinos/femininos, tais como *irmão/irmã, noivo/noiva, gato/gata*, que significam, respectivamente, o macho e a fêmea de uma dada espécie de ser animado (sexuado). Com efeito, é propriedade essencial da flexão o fato de que por esse processo mórfico variem as significações gramaticais de 2.º grau (isto é, de gênero, número, tempo-aspecto, modo, pessoa, etc.) somadas, alternadamente, ao tema por meio dos morfemas próprios, sem que se altere a significação inerente da palavra semântica, que permanece a mesma em cada um dos membros do paradigma flexional. É isso que se dá com a variação de número *casa/casas* e, no adjetivo (pronome, etc.) com a de gênero: na variação *alto/alta* não se altera a significação inerente do adjetivo, presente no seu tema *alt-*. Ora, o que se passa com *lobo/loba* é precisamente o contrário, porque o termo masculino e o termo feminino manifestam significações inerentes diversas, a saber, respectivamente, a de espécie macho e a de espécie fêmea do gênero (lógico) *lupus* (significado este também pelo masculino, na sua qualidade de termo não marcado da oposição). Quer dizer que se trata aqui, não de flexão, mas antes de derivação, como a que se observa em *barco/barca*, *saco/saca*, etc." [HCv.2, 745-746].

24 "Por morfofonêmica, a sibilante da desinência é surda diante de pausa ou de consoante surda (ex.: *livros pretos /* livrus petrus) e sonora diante de vogal ou consoante sonora, sendo que diante de vogal passa a funcionar como pré-vocálica dessa vogal (ex.: *livros brancos* / livruz brankus / *livros alvos* / livruz álvus/)" [MC.4, 179].

25 *Mel* e *fel* fazem *meles* ou *méis, feles* ou *féis*, respectivamente, sendo as segundas formas mais frequentes por conformes no processo regular.

26 Mattoso assinala que, tendo em vista a pronúncia distensa da pronúncia brasileira do *-l* como | w |, passam a ser outras as regras morfofonêmicas: no caso de *carnaval*, por exemplo, temos a alternância | w | - | y |: | carnavau | - | carnavays |, e em *funil* temos a supressão do | w |: | funiu | - | funis |

27 Obs.: Continuamos a relacionar o singular como a forma básica em relação ao plural, nestes casos. A gramática histórica, entretanto, nos dá outra versão do fato linguístico.

28 Uma Lei federal (2.749 de 2 de abril de 1956) pretendeu disciplinar os gêneros dos nomes designativos das funções públicas no âmbito federal, que dispõe: "O gênero gramatical desse nome, em seu natural acolhimento ao sexo do funcionário a quem se refira, tem que obedecer aos tradicionais preceitos pertinentes ao assunto e consagrados na lexicologia do idioma. Devem, portanto, acompanhá-lo neste particular, se forem genericamente variáveis, assumindo, conforme o caso, feição masculina ou feminina, quaisquer adjetivos ou expressões pronominais sintaticamente relacionadas com o dito nome".

29 Mattoso prefere ver aqui um exemplo de morfema subtrativo, dizendo que ocorre a supressão da vogal temática sem adjunção de desinência: *irmão* → *irmã*(*o*) → *irmã*. Dada a raridade de ocorrência de morfema subtrativo em português, e, pelo contrário, a frequência da regra morfofonêmica de crase, optamos pela lição acima.

30 Embora esta seja a norma exemplar, o idioma não está fechado a feminizações expressivas, especialmente em nível coloquial e popular, com reflexos em estilizações literárias: *a carrasca*, *a verduga*, *a pássara*, etc. cf. [MBa5, 328-329].

31 Evite-se cuidadosamente o erro *diminuitivo* (com i).

32 Rio-Torto, *Sistêmica*, 203 – 227, onde tece importantes comentários contra a antiga concepção afixocêntrica da produção lexical.

33 [MBa.3, 282], preso ao critério diacrônico, vê no emprego dessas formas um neutro.

34 " O epíteto *benéfico*, assim como os antecedentes são *propríssimos* do sujeito Estrela" [DG.1, 362].

"A falsa notícia do falecimento de Gonçalves Dias teve a boa consequência de mover o Governo a aliviar-lhe a situação material, que era precaríssima" [MB.1, 778].

35 É válido o comentário de Coseriu: "(...) o artigo de per si não individua. Nos casos em que isto parece ocorrer (p. ex. "Leram *o livro*? Estou vendo *o* mapa"), a individuação está dada, na realidade, pelos contornos verbais e extraverbais" [ECs.1, 300 n.36].

36 Tem-se desprezado, nestes casos, a influência do inglês em nosso idioma.

37 “A definição da segunda pessoa como sendo a pessoa à qual a primeira se dirige convém sem dúvida ao seu emprego mais ordinário. Ordinário, porém, não quer dizer único e constante. Pode utilizar-se a segunda pessoa fora da alocução e fazê-la entrar numa variedade de “impessoal”. Por exemplo, *vous* funciona em francês como anafórico de “*on*” (ex: *on* ne peut *se* promener sans que quelqu’un *vous* aborde, port. “não *se* pode passear sem que alguém aborde *você*”) [EBv.1, 254]. Este fato, como a tradução revela, ocorre também em português, tanto na língua escrita como na falada. É um *você* ou *tu* que se referem ao próprio falante, mesmo que o ouvinte esteja presente:

“Daniel, a situação comigo está difícil. Chega um momento que *você* (= “eu”, “a gente”, impessoalizador) não sabe o que fazer”. “*Você* já vinha conhecendo que o tempo passava danadamente rápido por causa de uns indícios sutis. Por exemplo: quando um desconhecido fala a seu respeito não diz mais “aquela moça”, e sim “aquela senhora” (...) Sem falar nos que morreram, porque morrem muitos à medida que *a gente* fica mais velha” [RQ.1, 108].

Não levando em conta o jogo psicológico envolvido na situação, o giro tem sido injustamente condenado por alguns gramáticos que não atentam para o respaldo da língua escrita nem o testemunho de outras línguas. No português, nesta aplicação se usa de *você* ou *tu* (ou expressões substantivas como *a pessoa*, *o indivíduo*, *o cristão*, etc.).

38 Desde K. Brugmann (1904) foram estabelecidos quatro tipos de dêixis em relação à posição do falante: “*este*-dêixis”, “*eu*-dêixis”, “*tu*-dêixis” e “*aquele*-dêixis”. K. Buhler acrescenta uma dêixis especial: “dêixis em fantasma”, que se produz “quando um narrador transporta o ouvinte ao reino do ausente recordável ou ao reino da fantasia construtiva e lhe põe à disposição ali de todos os mesmos indicadores para que veja e ouça o que há ali para ver e ouvir (e tocar, se o desejar), e, quem sabe, cheirar e degustar” [*apud* LCr.1, s.v.]. Para o linguista são válidas as considerações de Herculano de Carvalho: “É evidente que esta espécie de mostração [em fantasma] assume real interesse para o psicólogo (que era Buhler) e para o estudioso da criação poética, mas não para o linguista, para quem ela se identifica com a mostração “ad oculos”, embora (...) ela possa estar implicada na anafórica” [HCv.3, 662].

39 [ECs.1, 301 n. 37]. Já o nosso João Ribeiro [JR.1, 88] lembrara a lição de A. Darmesteter, que considerava os pronomes, pelo seu ofício de indicar a posição da pessoa ou coisa no discurso, “gestos falados”.

40 “O simples fato de que palavras diferentes sejam muito geralmente empregadas para “eu” e “nós” (e também para “tu” e “vós”) é suficiente para excetuar os pronomes dos processos ordinários de pluralização (...). Na grande maioria das línguas, o plural pronominal não coincide com o plural nominal, pelo menos tal como se representa ordinariamente. Está claro, de fato, que a unidade e a subjetividade inerente a “eu” contradizem a possibilidade de uma pluralização. Se não pode haver vários “eus” concebidos pelo próprio “eu” que fala, é porque “nós” não é uma multiplicação de objetos idênticos, mas uma *junção* entre o “eu” e o “não eu”, seja qual for o conteúdo desse “não eu”. Essa junção forma uma totalidade nova e de um tipo totalmente particular, no qual os componentes não se equivalem: em “nós” é sempre “eu” que predomina, uma vez que só há “nós” a partir de “eu” e esse “eu” sujeita o elemento “não eu” pela sua qualidade transcendente. A presença do “eu” é constitutiva de “nós” [EBv.I, 256].

O plural de “eu” como “mera palavra” ou como substantivo para significar ‘a personalidade de quem fala’ tem normalmente o plural “eus”:

“Não poderiam mostrar, num dado instante e numa atmosfera única, todos os *eus* sucessivos que guardam dentro de si (...) [RCo.1, 164].

41 Para a discussão de considerar “o senhor”, “a senhora”, etc. formas substantivas de tratamento ou pronome de tratamento, vejam-se os estudos de HM, *Anrede*; LCi, *Formas*; EW, *Pronomes*. No fundo, trata-se de um falso problema, pela natureza categoremática do pronome.

42 Tradicionalmente a série *isto*, *isso*, *aquilo* e *o* (invariável) é dada como remanescente do neutro latino. Já o nosso primeiro gramático Fernão de Oliveira (1536) tinha desvinculado tais pronomes do neutro latino. Epifânio Dias considera-os como masculinos (*isto*, *isso*, *aquilo*), e o erudito artigo de Herculano de Carvalho sobre o gênero nos pronomes [HCv.4, 30-48] mostra que só lhes cabe o gênero masculino. É assim que os trataremos aqui, inclusive ao *o* invariável em gênero e número.

43 *Que é lá?*, aplicado a indagar sobre pessoas, talvez seja o resultado de desnasalação do *quem* por fonética sintática: “E começava a despir-se, quando ouviu passos no negro corredor, passos muito lentos, muito pesados, que se adiantavam (...) Assustado, gritou “*Que é lá*?” [EQ.3, 663].

44 Coseriu [ECs.4, 211-212].

45 No excelente livro de Barbadinho, há boa messe de exemplos. O fato sintático está a exigir investigação, pois parece ter raízes mais longínquas na família românica. A bibliografia aí já é extensa: [FDz.1, III, 56]; [MLk.1, III, § 67]; [WZ.1, § 709]; [FH.1, § 512], e o livro de G. Brandt sobre a concorrência de *soi* e *lui*, *eux*, *elle*(*s*) em francês.

46 Deve-se evitar o emprego do pronome pessoal pelo possessivo quando na oração já estiver um objeto indireto ou complemento relativo. Assim, Carneiro Ribeiro não aceitou, com razão, a emenda proposta por Rui Barbosa à redação de um artigo do Código Civil. Este rezava: “*A fortuna do pai passa* ***a seu filho***, emendada para: “A fortuna do pai passa-lhe ao filho”. Para Carneiro Ribeiro a emenda torna “o pensamento menos preciso e a frase forçada e desenxabida” [CR.2, 586].

47 Diz-se que o possessivo tem *sentido objetivo* quando designa o ser que é alvo de uma ação ou sentimento qualquer. Fora deste caso, tem *sentido subjetivo*. É muitas vezes difícil distinguirmos os dois casos.

48 Sabemos que o termo *dêictico*, se viesse no caudal das palavras hereditárias, não representaria a boa forma portuguesa de adaptação do vocabulário grego, conforme mostrou o Prof. Cândido Jucá (filho) [CJ.1, 35 e ss.]. Adotamo-lo por ser empréstimo científico disseminado, introduzido na língua técnica da gramática portuguesa por M. Said Ali.

49 A respeito do *ipse* latino faz Blatt um comentário que se pode aplicar ao nosso *mesmo*: "Pour des raisons historiques, on a l'habitude de ranger ipse... parmi les pronoms démonstratifs, bien que, si l'on tient au sens, on puisse plus légitimement le qualifier d'intensif" [FBl.1, § 186].

50 "*Algo* é obsolescente, usado praticamente só no estilo refletido, e mesmo aí não com muita frequência. O que é realmente de lamentar, visto o seu substituto *alguma coisa*, apesar do elevado grau de abstração aí alcançado pelo substantivo *coisa*, não ser facilmente separável da significação de "algo" concreto e até material" [HCv.3, 656 n. 93].

51 [SA.1, 105; SA.2, 266 – cf. Pág. 333, a]

52 É por causa de construções semelhantes que Epifânio Dias [ED.2, § 104, b] diz que a posposição de *todo* pode dar ocasião a ambiguidades, como neste exemplo em que a intenção do escritor foi usar *todo* como advérbio, e não como pronome. Poder-se-ia, é claro, não fazer a flexão, evitando a ambiguidade.

53 A tradição tem evitado o emprego de *sem quem*, substituindo-o por *sem o qual*, *sem a qual*, *sem os quais*, *sem as quais*, para evitar o eco.

54 As formas *duzentos*, *trezentos*, *quinhentos* e *seiscentos* representam diretamente numerais latinos.

55 "O quadro dos numerais ordinais é muito complexo e apresenta compostos e locuções rebarbativas, para cuja utilização o saber e a habilidade do homem do povo depressa se esgotam; daí se usarem como ordinais os próprios cardinais (...) Tal emprego dos cardinais se justifica logicamente, de um ponto de vista novo, segundo o qual o número passa a ser como que uma qualidade intrínseca daquela hora, daquela página, etc., desprendidas em nosso espírito, das horas, das páginas anteriores e assim por diante" [MC.4, 178].

56 Assim sendo, não se pode falar em voz passiva diante de linguagens do tipo *osso duro de roer*. Houve aqui, se interpretarmos *roer = de ser roído*, apenas passividade, com verbo na voz ativa. Sobre o sentido ativo ou passivo de infinitivo, veja o link.

57 Moderna e normalmente o verbo parir está incluído neste grupo: Pres. *parimos* e *paris*. Mas também, apesar de, por tabu linguístico, ser desusado na linguagem de sociedade, pode ser conjugado integralmente, com irregularidade apenas na 1.ª pess. do ind. e em todo o pres. do subj.: *pairo*, *pares*, *pare*, *parimos*, *paris*, *parem.* Pres. subj.: *paira*, *pairas*, *paira*, *pairamos*, *pairais*, *pairam.*

58 Pomos entre parênteses a variante do morfema ou alomorfe (cf. **Variantes dos elementos mórficos**).

59 Aceitamos as ponderações de Mattoso: "SMT é *-ia*, opondo-se a *-a*, do subjuntivo presente: *temia*, *partia*: *tema, parta*. Seria uma análise falsa considerar *-i* a vogal do tema e SMT a vogal *-a*, porque os dois tempos passariam a se distinguir não pelo seu SMT, mas pela presença ou ausência da vogal do tema" [MC.8, 148 n.27]. A solução com *-a* não seria de todo falsa, porque a vogal temática poderia acumular a função modo-temporal, mas a análise apresentada é mais coerente com a descrição e o papel normal da vogal temática.

60 No Brasil só por imitação literária aparece este verbo. Dele nos diz Manuel Bandeira: "Esse lusitanismo está sendo introduzido por certos revisores à revelia dos autores; já me enxertaram a antipática palavra numa tradução minha, mas eu juro que não a escrevi, nem jamais a escreverei: escreverei sempre "mobiliada" [MB.1, 441].

61 Sobre o emprego dos auxiliares *ter* e *haver* na conjugação composta veja-se **Conjugação de verbos auxiliares mais comuns**, 2.

62 Acompanhado de outro pronome que não esteja nos dois casos até aqui apontados, nenhuma alteração ocorre no verbo e no pronome posposto: *conhecemos-te*, *chamamos-lhe*, *requeremos-lhe*, etc. Evitem-se, portanto, *enviamo-lhe*, *informamo-lhe*!

63 Para seguir este modelo, melhor seria escrever *engulir* (com *u*). A forma *engolir* (com *o*) nos leva, naturalmente, à seguinte conjugação que o *Vocabulário Oficial* não registra: *engulo, engoles, engole, engolimos* (com *o*), *engolis* (com *o*), *engolem.*

64 O verbo *entupir* pode também ser conjugado sem sofrer a metafonia que ocorre no grupo: *entupo, entupes, entupe, entupimos, entupis, entupem.*

65 Leve-se em consideração a mudança de *g* para *j* antes de *o* e *a*: *fujo, foges foge,* etc.

66 Conjugam-se, porém, regularmente *assumir, presumir, reassumir, resumir.*

67 Significa *originar, produzir efeito*. Como *surtir* são também regulares *curtir* (pouco usado na 1.ª pessoa do singular e em todo o presente do subjuntivo) e *urdir*.

68 Algumas vezes os escritores, numa oração subordinada a um presente histórico, usam o pretérito imperfeito em vez do

presente, como se na oração subordinante estivesse um pretérito perfeito: "O mestre da nau em que navegava Jonas... examinou todo o navio, até o lastro, onde ia dormindo o Profeta. *Desperta*-o a gritos e *repreende*-lhe o sono em ocasião que o baixel *estava* em perigo de se ir a pique" [AV *apud* MBa.2, 117].

69 Coseriu [ECs.5, 143] que cita Togeby: "Le plus souvent les parfaits et les imparfaits alternent, en formant dans le texte, pour ainsi dire, deux plans. Les parfaits constituent le premier plan, les événements, les actions qui sont accomplies et qui font avancer le récit, tandis que les imparfaits composent le second plan, tantôt le décor, tantôt les raisons ou les conséquences, tantôt le contenu de déclarations ou de pensées".

70 [ALb.1, 8-10 e 98], donde extraímos os exemplos.

71 A flexão se apresenta geralmente quando o infinitivo vem acompanhado de um pronome pessoal oblíquo átono.

72 [EBm.1], onde se encontra o levantamento de alguns destes casos.

73 Aparece ainda em exclamações diretas e indiretas:

*Como chove! Veja como chov*e.

74 [HM.1, 55], em que as fronteiras entre o advérbio e o adjetivo são estudadas com muita erudição e acuidade estilística.

75 [AL.1, § 289], cuja proposta retocada adotamos; [MMa.1, 149]; [MPz.1], onde se faz exaustivo estudo do sistema preposicional do espanhol [VBr.1].

76 Pode-se também considerar *contração* apenas o caso de crase; nos outros, diremos que houve *combinação*. A NGB não tomou posição neste ponto. Na realidade, o termo *combinação* é muito amplo para ficar assim restringido. A nomenclatura tradicional, por exemplo, só emprega *combinação de pronomes*.

77 Que o português procedeu como as demais línguas românicas prova o trabalho de V. Väänämen, *Il est venu comme ambassadeur, il agit en soldat*, Helsinquia, 1951.

78 "(...) sem todavia influírem na ordenação das orações" [ED.1, § 195, obs.].

79 O estudo das diversas realizações fônicas de um dado morfema, como é o caso do nosso índice de plural, recebe, em linguística descritiva, o nome de *morfofonêmica* ou *morfonêmica*.

80 Parecem, à primeira vista, constituir exceção, formas como *portuguesmente, superiormente,* mas o fato se explica porque tais adjetivos em *-ês* e *-or* eram uniformes no português antigo, à época dessas derivações adverbiais.

81 Mesmo aí, integrando o indo-europeu, a aceitação desse infixo nasal é discutível. Vejam-se os comentários em Meillet-Vendryès, GC, §§ 237-238.

82 M. Barreto [MBa.1, 408-410; MBa.3, 347; MBa.5, 138] condena formações do tipo de *labiodental, labionasal, linguodental,* etc., em vez de *labidental, labinasal, linguidental,* etc., por aparecer a vogal *o* em vez de *i*, por serem latinas e não gregas. Aceita, embora as considere bárbaras, as formações *novo-latino, dento-labial, anglo-russo, hispano-americano,* etc., onde também aparece o *o* grego em lugar do *i* latino, como em *plenilúnio* (p.207)*, alvinitente, altíssono, lanígero, flamífero*. A questão é muito complexa (já o era no próprio grego e no latim), porque se trata de formações nascidas em épocas diversas e em domínios culturais diferentes, além de procedimentos que se repartem pela composição e pela justaposição, com ou sem braquilogias e reduções. O português, como as línguas românicas (algumas das quais nos serviram de modelo), sofreu o impacto dessas diferentes portas de entrada de tais neologismos eruditos, e até de reflexo popular, como *gaticídio, burricida,* etc. É um domínio que está, no português, a exigir estudos mais aprofundados. Cf. A.G. Hatcher *Modern English Word-Formation and Neo-Latin* (Baltimore, 1951), B. Migliorini *Saggi sulla lingua del novecento* (Firenze, 1963, p. 9-60) e FM, 1973, 1, 68-72.

83 A rigor, em *geografia* e *bibliófilo* não temos a vogal de ligação *o* (ge-o), porque não existe formação em que apareça o radical *ge*, ou *bibli*, como em *chá, pau, café* e *lã*. O radical grego é *ge*, mas em português é *geo*, como o é *biblio*, já que aí, como em outros casos, não se pode isolar a vogal *o*, tal qual fazemos em *gás + o + metro*. [VK.2, 37-38].

84 Cf. J. Mattoso Câmara Jr. *Dicionário de Filologia e Gramática*, 293. Para estudos mais adiantados veja-se Saussure, *Cours de Linguistique Générale*, 253 e E. Nida, *Morphology* (cap. de introdução).

85 Kehdi, *Morfologia*, 42, Rio-Torto, *FLP*, 2, 45-46; Sandmann, *Formação*, 145-152.

86 Matthews, *Morphology*, 1982, 146-147, *Inflectional Morphology,* 1972, 72.

87 Sílvio Elia, *Confluência* (2), 1991, 87.

88 Para Sten (*Particularités*, 24-25), citado por Nascentes (*Linguajar*, 96), a não diferenciação do português dialetal e do Brasil na pronúncia de *amamos* e *amámos* se deve à analogia, num processo de uniformização, com a 2.ª e 3.ª conjugações, e não à fonologia. Todavia, cumpre lembrar que a precedência de nasal é um fator de fechamento do timbre.

89 [EBv.2, 147] e [AE.1, 22 e ss.].

90 Rio-Torto, *Sistêmica,* 203 e ss.

91 É constantemente contrariada pela realidade da língua a hipótese de se estabelecer uma distribuição complementar entre tais construções agentivas calcada nos critérios 'grau prestígio social', 'formalidade' e 'grau de especialidade'. Não se podem

deixar de lado os valores semânticos dos elementos que integram os constituintes e seus reflexos não só nos produtos derivacionais mas também as motivações do contexto. A concepção afixocêntrica na produção lexical está sendo revista, para pôr em evidência o papel que desempenham as bases e os mecanismos derivacionais na criação lexical.

92 Se a palavra é masculino e termina em *-a*, este *a* reaparece quando se lhe acrescenta o sufixo *-inho*. O mesmo acontece se é feminino em *-o* ou singular em *-s*: *Jarbas* → *Jarbinhas; Carmo* (João do) → *Carminha; o Maia* → *o Mainha*. (Nota que me foi fornecida por Martinz de Aguiar). Note-se ainda que os diminutivos *-inho, -zinho* podem assumir valor patronímico, quando pais e filhos têm o mesmo nome: *Pacheco* (o pai), *Pachequinho* (o filho), *Diva* (a mãe), *Divinha* (a filha).

93 Cf. [VB.1].

94 *Tresler* é ler além do que está escrito, podendo, portanto, significar 'ler mal', 'ler sem entender': "Assim, em um artigo de seis páginas, João Fernandes diz, rediz, a si próprio se contradiz, anda para trás e para diante, e de tudo só deixa apurar que leu, releu, mas só *treslia* ao tomar da pena" [CL.1, II, 305].

95 "Do emprego de *vice* houve até abuso: *vice-deus* "grande santo", por distinguir de *semi-deuses*, que eram do paganismo. Vieira chamou a ausência de *vice-morte*. Filinto Elísio criou o verbo *vice-reinar*" [JR.5].

96 O ar vernáculo é tal, que a rigor não se poderia falar de hibridismo em muitas dessas inovações lexicais. Só aos olhos de quem conhece a história desses elementos é que fica patente sua origem estrangeira.

97 esta uma forma livre: *re(meter), re(fazer)*, etc. Este critério de negar a *receber* uma derivação prefixal colide com a aceitação de formas presas em compostos do tipo *agrimensor, aqueduto*, etc., nos quais o falante tem a mesma dificuldade em depreender o significado de um ou dos dois elementos da unidade criada. Preferimos ficar com a lição de Mattoso Câmara, que era também a de Nida: "A depreensão dos prefixos é uma técnica de análise descritiva. Para isso há a considerar três casos: 1) quando o radical a que se acrescenta constitui uma forma livre na língua (ex.: *predizer* = *pre* + *dizer*, *desconsolo* + *des* + *consolo*); 2) quando esse radical é forma livre numa estrutura variante (ex.: *permitir*, cf. *meter*); 3) quando esse radical só é forma presa, mas constitui a base de duas palavras, pelo menos, com prefixos distintos (ex.: *colisão, elisão*)" [MC.4, s.v. Prefixo]. Nossa questão se quadra neste último caso.

98 *Fero* é defectivo, apresentando forma do radical de *tollo* (tulli, latum); assim, não são cognatos *aferir* e *ablativo*. Ao primeiro se associam *conferência, fértil, oferecer*; ao segundo, *prelado* e *relaxado*. Esta observação se estende a qualquer forma latina que apresentar semelhante defectividade.

99 Para L. Weisgerber: *Lexicologia da expressão* (al. *Wortformenlehre*), *lexicologia do conteúdo* (al. *Wortinhaltslehre*), *semasiologia* (al. *Semasiologie*) e *onomasiologia* (al. *Onomasiologie*). A lexemática corresponde ao nível estrutural sistemático da *lexicologia do conteúdo*, a qual abarca também a *lexicologia semântica associativa*, e, em outros níveis estruturais, a *lexicologia semântica da norma* e a *lexicologia semântica do discurso* (compreendendo o estudo das preferências e "constâncias" semânticas dos escritores). Cf. [ECs.2, 46-50].

100 Um especial enfoque semasiológico está representado pela "semântica estrutural" dos linguistas americanos J. J. Katz e J. A. Fodor que, na realidade, trata da estrutura da interpretação, e não da estrutura do significado, pois que parte de um significante léxico para chegar à identificação do seu significado, resolvendo o problema de *desambiguização* dos signos. Cf. [ECs.2, 165-168].

101 Este fato já foi de há muito assinalado. Coseriu lembra a antecipação possivelmente no gramático romano Varrão, em nosso primeiro gramático Fernão de Oliveira (1536), em Chr. Wolff (1730) e, mais recentemente, em Gabelentz (1901).

102 Esta aplicação do termo paragramatical vai ser importante para entendermos o fato e a explicação em compostos do tipo *corta-papel*.

103 Estes dois elementos combinados pertencem normalmente a campos diferentes, um dos quais (o que está representado no significante) determina (recção) o outro (que está representado no significante por um sufixo derivacional ou por zero (este último caso é o de compostos como *tira-teima*, de que falaremos mais adiante).

104 Recente etimologia proposta pelo sueco Gunnar Tilander. Cf. nossa nota em Revista Brasileira de Filologia, vol. 6, tomo I, junho de 1961, 142-144. A etimologia não goza de aceitação unânime.

105 "A etimologia popular (...) não difere, na essência, de sua irmã erudita, a etimologia dos filólogos. Mais vivaz, mais 'operativa' que esta última, realiza instintivamente, intuitivamente e de pronto o que a outra faz intencionalmente, graças a um sem-número de alfarrábios e fichas" [J. Orr *apud* SU.1, 104].

106 A palavra *famigerado* pode aplicar-se à pessoa notável pelos seus dotes positivos ou negativos; todavia, no uso mais geral, a palavra se aplica às qualidades negativas.

107 Pode haver homofonia em um mesmo paradigma ("sincretismo"), como em *cantava*, 1.ª e 3.ª pess. do imperfeito, ou *-s* morfema pluralizador nos nomes e de 2.ª pess. sing. nos verbos.

108 Usamos aqui determinantes numa aplicação muito abrangente, que inclui as noções de adjunto e complemento, funções de que falaremos mais adiante.

109 Este emprego invariável do *o* parece dever-se à confluência de alguns fatos, entre os quais se destaca o de só haver

obrigatoriedade de concordância do predicativo com o sujeito quando é representado por adjetivo ou alguns pronomes e pela referência de dêixis e de valor neutral do pronome *o*.

110 [BC.1, §1100; AL.1, 311, AL.2, 182].

111 [PD.1, 51].

112 Esta diferença de conteúdo de pensamento designado em *Ilha de Marajó* se reflete bem no exemplo da maiúscula.

113 Estas orações de *quem* apresentam certa liberdade de colocação em relação à sua principal, e aparecem frequentemente no início do período.

114 Ensina-nos SAID ALI: "Em proposições como *quem porfia mata a caça, quem espera sempre alcança,* servimo-nos de um pronome visivelmente destituído de antecedente. Mas como o vocábulo *quem* aí sugere a noção de "homem (ou mulher) que", "alguém que", sentimo-nos propensos a ladear a questão linguística, analisando não já o pronome tal qual em tais frases se apresenta, mas sim o seu equivalente semântico. Esse método condenável, de conciliação forçada, não satisfaz todavia ao espírito quando aplicado a *quem quer que,* expressão ampliativa do mesmo pronome *quem* nestas proposições: *quem quer que o disse: não faças mal a quem quer que te ofenda.* SWEET propõe para o pronome nas condições dos dois primeiros como dos dois últimos exemplos a denominação de relativo *condensado* "por desempenhar o próprio relativo também funções de antecedente". Qualificativo cômodo, sem dúvida, mas não ditado pelo critério histórico-comparativo. Estudos mais rigorosos (DELBRÜCK e BRUGMANN) permitem presumir que o pronome em questão deve a sua origem a uma causa dupla: ao interrogativo *quem* nas interrogativas indiretas e ao indefinido *quem*" [SA.5, 114-5].

115 A que chamamos intercalada de *desejo* José Oiticica denominava de *exclamação*.

116 Professores há que preferem, havendo na intercalada um verbo transitivo direto, considerar este tipo de oração com principal. Assim, analisam:

Oração principal: *me pediu o rapaz*.

Oração subordinada, substantiva objetiva direta, justaposta: *dê-me água*.

Se a intercalada não encerra verbo transitivo direto, acham-no por elipse.

117 Com seus alunos deve apenas o professor insistir na conceituação de oração intercalada, desprezando minúcias de classificação. Nem sempre se traçam linhas rigorosas de demarcação entre o sentido de muitas dessas intercaladas.

118 Cf. [OG.1, 123], onde se encontra excelente e larga exposição sobre o emprego dos verbos *dicendi* e *sentiendi*, bem como as alterações que podem ter os tempos e modos verbais e os pronomes demonstrativos e possessivos na passagem do discurso direto a indireto, a pontuação e a colocação desses verbos. O assunto extrapola, na sua análise mais profunda, o âmbito da gramática para inserir-se na linguística do texto.

119 Para estes e outros exemplos ver [MBa.1, 181-3].

120 O fato ocorre também em francês, alemão e línguas escandinavas, conforme observa NYROP, *Grammaire Historique*, VI, §377 e *REMARQUE: Les confidences que je ne doutais pas qu'elle eût reçues de ma soeur. This man who I thought was my friend. "Ferner will ich deinem Vater sagen, was ich glaube, dass du wünschest*"(LESSING).

121 O fato se repete no latim: "Vejens bellum ortum est, *quibus* Sabini arma conjunxerant" [Tito Lívio, 2, 53 *apud* JMa.1, § 317, d) Obs. 1.ª)]. Cf. ainda [MBa.4, 25].

122 Pode ainda aqui faltar *o tal*:

Falaste *de modo* que desistiram do pedido.

Há acentuada pausa entre o substantivo e o *que*.

123 Hoje raro.

124 Cf. Lôfstedt, *Philologischer Kommentar zur Peregrinatio Aetheria*e, 56 e ss.; Norberg, *Syntaktische Forschungen auf dem Gebiete des Spätlaeins und des frühen Mittellateins*, 239; *Svennung, Untersuchngen zu Palladius und zur lateinischen Fach — und Volkssprache*, 505, nº 4. Maximino Maciel, *Lições Elementares de Língua Portuguesa*, 120: Mário Barreto, *Estudos da Língua Portuguesa*, 93 e ss. Martinz de Aguiar (em carta particular), Cândido Jucá (filho), *O Fator Psicológico na Evolução Sintática*, 91 consideram a oração de *fazer* como *subjetiva*.

125 Assim fazem os mestres Said Ali e Epifânio Dias.

126 Outros autores supõem que as orações do tipo de "há quatro dias", "faz quatro dias", sofreram um processo de *gramaticalização*, passando a ser consideradas como simples adjuntos adverbiais de tempo. Distinguindo — a meu ver sem razão — a sintaxe de *fazer* e *haver* nestas expressões, diz Maximino Maciel a respeito deste último verbo: "Procurar conferir ao verbo *haver* nestes casos a função proposicional é complicar a análise sem proveito na prática; e, além disso, nestas frases equivale praticamente à preposição *desde*" (*Lições Elementares*, 122, nº 1). Cf. *Gramática Descritiva* do autor, p. 343 e 395.

127 Este emprego do *que* é comum no francês e, por isso, se tem a construção como galicismo.

128 Deve-se distinguir cuidadosamente o infinitivo do futuro do subjuntivo: este aparece na oração não integrante. Assim as formas verbais do seguinte exemplo estão no futuro do subjuntivo, e não no infinitivo (a oração é adverbial condicional

introduzida por *se*): "Se do céu, onde estais, *abaterdes* os olhos e os *puserdes* em Amarante..." [AV.1, 7, VII, 294 *apud* FB.1]. O texto foi eliminado das edições modernas.

129 Com razão insiste Adolfo Coelho [ACo.1, 121, nota]: "Não *deve* nunca confundir-se o que é simplesmente equivalente com que é idêntico na forma, conquanto haja vantagem em fazer ver aos alunos que o mesmo pensamento se exprime de diversos modos".

130 Leia-se a respeito [MBa.1, cap. XI].

131 Cf. [CBd.1, 62; SA.5, II, 151 e ss; LSp.2]

132 Falando-se com rigor, funcionava originariamente como sujeito de um particípio absoluto o infinitivo que se junta a *não obstante*, *visto*, *posto*, etc. [Cf. ED.2, § 288 a)] e [EB.1, 35].

133 Melhor fora pontuar: *que*, a ser verdadeiro, devia...

134 Presos a um critério semântico, e não sintático, alguns professores ensinam que este *a* é conjunção condicional, lição que deve ser cuidadosamente evitada. Cf. a crítica de E. Carneiro Ribeiro [CR.1, 454], embora não seja convincente a solução que apresenta, socorrendo-se ao cômodo, mas enganador, recurso da elipse.

135 Temos dúvidas em apontar como galicismos vários empregos da preposição *a* em sentido final, pois é modo que as línguas românicas herdaram do latim. Para as condenações ver Mário Barreto [MBa.1, 515] e Epifânio Dias [ED.2, § 325, a) obs]. Para fontes de estudos remetemos o leitor a Meyer-Lübke [MLk.1, III, §§ 331 e 505] e Dag Norberg [DN.1, 211].

136 Pode-se enquadrar este tipo no caso dos infinitivos substantivados, sem formar oração à parte.

137 Carlos de Laet já condenou a Camilo o emprego pronominal do verbo *esvoaçar-se*, e o notável escritor lusitano defendeu-se com exemplo de Castilho (Cf. *Ecos Humorísticos do Minho*, n.º 2, p. 11). Rui Barbosa comenta [RB.1, 159]: "Teve-se por erro a Camilo haver pronominado o verbo *esvoaçar*. Não havia razão: várias vezes lhe dera Castilho Antônio essa categoria... e Vieira usara de *voar-se*". Cf. ainda [JC.1, 16, n.º 3]. Em [CBr.1, 56] colhemos *volitar-se*: "... a pomba que *se volita da arca*...".

138 Curso dado no INEP, 1949. Súmula 14.ª, p. 2. Vale a pena lembrar que aqui estamos diante de um exemplo do fenômeno de hipotaxe ou subordinação: são palavras (lexemas) ou grupos de palavras que experimentam o procedimento da subordinação no nível dos elementos mínimos da camada de estruturação gramatical e passaram a funcionar, na condição de unidades deste nível, como preposições.

139 F. Brunot dá o *que* também como pronome relativo em expressões francesas do tipo: *Arrivé que fut ledict conte* [cf. FBr.1, 767]. Também Meyer-Lübke [MLk.1, III, § 633] e A. Llorach [AL.1, § 208].

140 Exemplos de José Oiticica, *Curso do INEP*.

141 "Às vezes procura-se desdobrar este tipo de orações em explícitas [= desenvolvidas] temporais iniciadas por *quando* ou *enquanto*. É mero expediente, pois a noção de tempo não é equivalente à de modo ou meio de fazer alguma coisa" [SA.2, 183].

142 Baseados nesta construção, muitos romanistas explicam a construção *não sei que fazer* pelo emprego do infinitivo numa interrogação indireta por influência do infinitivo da interrogação direta *que fazer?* Estudos mais recentes nos ensinam que o infinitivo, nestes casos, se explica por contaminação sintática de uma oração de infinitivo (no latim *nihil habeo dicere*) com uma oração de relativo (no latim *nihil habeo quod dicam*). A discussão do problema se acha no artigo de Dag Norberg, *Zum Infinitiv in lat. Frage – und Relativsätzen* (na revista alemã *Glotta*, 1939, XXVII, 3-4, p. 261-70) e no livro do mesmo autor *Syntaktische Forschungen*, 259 e ss., onde se encontra extensa bibliografia.

Esta singular inexatidão de expressão (para usar as palavras de Meyer-Lübke, *Grammaire*, III, § 676), porque contraria o conceito de orações desenvolvidas e reduzidas, se explica, para Epifânio Dias (*Gramática Portuguesa Elementar*, § 244 e *Sintaxe Histórica*, §§ 274, a, Obs. 2ª e 307), por uma elipse de *poder*, *dever* ou *haver*, no presente ou pret. imperfeito: Não há um momento que (*possamos*) perder. Não sabia que (*havia de*) fazer.

Não nos foi possível fixar a opinião definitiva de Mário Barreto, pois que, através de sua extensa obra, encontramos as duas explicações. Nos *Últimos Estudos*, pp. 277-279, em artigo de 1929, pensa como Epifânio Dias e lhe cita a *Gramática Portuguesa Elementar*. Na 2ª edição dos *Novíssimos Estudos*, p. 132, nota, anterior, portanto ao artigo antes citado, contraria a Epifânio Dias, visivelmente influenciado que estava pelo § 133, b) dos excelentes *Élements de Linguistique Romane*, de E. Bourciez, embora não lhe faça referência, e nos dá uma lição digna de repetida:

"Quando se trata de interrogação indireta, feita por meio de um pronome ou de um advérbio interrogativo, o emprego do infinitivo na frase subordinada (com condição que o sujeito dela seja o mesmo que o da principal) é efeito de um cruzamento sintático. Uma frase como *nescio quid dicam*, aproximada no nosso espírito *de nescio dicere*, dá lugar a *nescio quid dicere* no latim falado. Contaminam-se duas construções: *Não sabe que diga + não sabe dizer nada = não sabe que dizer*. Idêntica combinação ou fusão de duas frases sinônimas de estrutura normal acharemos em: *Não sei como diga isso + não sei dizer isso = não sei como dizer*. — Buscou aquele lugar onde fizesse penitência + buscou aquele lugar para fazer penitência = buscou aquele lugar onde fazer penitência. — Eis aqui três exemplos da construção com infinitivo, construção que, neste caso,

o latim clássico não admitia, mas sim a do verbo finito em subjuntivo, a qual também admite o idioma português: "Dinheiro não acitavam de esmola, porque não achavam *que comprar* com ele" (Sousa, *Anais de El-rei D. João Terceiro*, publicados por A. Herculano, Lisboa, 1844, p. 44); "Não sei *que fazer* ao teu coração" (Camilo, *Memórias de Guilherme do Amaral*, 3ª ed., p. 171): "Não sabia escrever, não tinha ninguém *a quem pedir* a esmola de uma carta" (Id., *Maria Moisés*, 1ª parte, p. 40, ed. de 1876). Mas isto faz-se quando o agente da oração subordinante é o mesmo que o da proposição subordinada. Quando cada uma tem o seu nominativo, não tem cabimento usar o infinitivo. — Indaga-me tu *que* poderá ela ter. — Pergunta-lhe *que* tem. — Não sei *que* notou. Não é aceitável a explicação que do infinitivo dão alguns autores (e entre eles o ilustre filólogo Sr. Epifânio Dias na sua excelente *Gramática Portuguesa Elementar*, § 244), supondo a elipse dos verbos *poder*, *dever* no presente ou pretérito imperfeito do conjuntivo. Figure-se este exemplo: *Não lhe ocorreu que poder replicar-me*. Não é possível subentender-se o mesmo verbo num modo pessoal. O mesmo se dirá destoutro exemplo, só com diferença que em vez da frase interrogativa se trata da relativa: "Não tinha o governador baixelas, nem diamantes, *de que poder valer-se*; assim recorreu a outros penhores, a que a fidelidade deu valia, a Natureza não" (Jacinto Freire, *Vida de D. João de Castro*, liv. III, número 29). Antes de pôr fim a esta nota, lembra-nos a seguinte passagem do livro divino de Frei Luís de Sousa, na qual se emprega em orações relativas o infinitivo como equivalente do subjuntivo latino: "Estava o arcebispo só, não tinha homem *de quem se valer*; lançou os olhos pela casa, não viu coisa *que dar*, e viu-se obrigado a acudir"(*Vida de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires*, liv. I, cap. 21).

143 Cf. [ALb.1, 9-10 e 98 e ss.], donde extraímos os exemplos.

144 Cf. [SA.5, 194-196]. Para o latim [DN.1, 48].

145 Julgamos injusta a condenação de Mário Barreto [MBa.4, 51 da 3ª ed.]:

"É um dos instintos mais naturais do nosso falar: mas, em muitos textos escritos, uma preocupação pedantesca das mais descabidas põe de novo o pronome: é um indício singular de deformação artificial". Nos *Últimos Estudos* se mostra menos rigoroso: "Os verbos reflexivos no infinitivo depois dos verbos *fazer*, *deixar*, *ouvir*, *ver*, perdem em geral o seu pronome complemento" [MBa.2, 206].

146 Tem-se dito que Epifânio Dias (*Sintaxe Histórica*, § 347, 6, Obs. 1ª) admite a construção censurada pelos gramáticos (veja-se entre outros, A. C. Pires de Lima na sua resenha in *Revista Lusitana*, XXX, p. 205, nº 4): mas a redação do ilustre sintaticista não nos autoriza a pensar assim. Tratando dos verbos que pedem oração objetiva direta, diz em observação: "Alguns dos verbos de que trata este § também têm outra sintaxe. v. g.: 1) *pedir* também se constrói intransitivamente seguido de *para que*, ou *para* (com infinitivo)". E acrescenta: "Também em latim a oração de *ut* que se junta ao verbo *peto* é originariamente uma oração final". Pondo de lado a argumentação do latim, creio não encontrarmos fundamento de que a construção censurada tenha o beneplácito de Epifânio. Aquele *intransitivamente* nos leva a interpretar assim a lição (note-se que, na nomenclatura gramatical do sintaticista português, *Intransitivo* é o verbo que não pede complemento ou que pede complemento indireto): Epifânio defendia o emprego do verbo *pedir* sem o objeto direto *licença*, modo de dizer que Cândido de Figueiredo e outros tinham por errôneo, conforme se vê da defesa de Rui Barbosa, *Réplica*, 136 da 1.ª ed. nota 3 do n.º 95.

Somos de opinião que no caso do verbo *pedir* houve contágio da noção de objeto direto com a de adverbial de fim, que a expressão linguística traduz por formas condensadas, dando ocasião, muitas vezes, ao aparecimento da preposição como posvérbio (cf. o capítulo dos complementos verbais). Tais formas condensadas são frequentes: *atirar o livro* e *atirar com o livro* (condensação da noção de objeto direto com a de adverbial de instrumento), *olhar os campos* e *olhar para os campos* (do objeto direto e adjunto adverbial de direção, de lugar), *puxar a espada* e *puxar da espada* (do objeto direto e adjunto adverbial de lugar donde, origem), *pegar a pena* e *pegar na pena* (do objeto direto e do adjunto adverbial de lugar), etc., onde o pensamento não considera apenas o objeto, mas encarece uma circunstância concomitante na realização do processo indicado pelo verbo.

Entretanto, Carlos Góis, pensando que o *para* rege a oração objetiva direta, explica o fato por cruzamento sintático: "Do cruzamento da primeira forma (com o objeto direto expresso: *um soldado pediu-lhe licença para sair*) com a segunda (com o objeto direto indeterminado: *um soldado pediu-lhe para sair*) resultou uma terceira – a do verbo *pedir* seguida da preposição *para* regendo esta, não mais o adjunto adverbial de fim (note-se bem), mas o próprio objeto direto!" (*Sintaxe de Regência*, 124).

147 Por isso é injusta a crítica feita por A. Feliciano de Castilho – e a crítica foi acolhida pelo nosso ilustre gramático. E. Carlos Pereira (*Gramática Expositiva*, § 496 in Galicismos Fraseológicos) ao seguinte trecho do Padre Bernardes (e note-se que está com a respectiva vírgula!): "Nos casos chamados nas escolas absolutos ou ablativos absolutos dos romanos, antepõe (Bernardes) alguma vez o substantivo ao adjetivo, o que mais soa a francês que a português genuíno, e se deve evitar com grande escrúpulo: "Frei Domingos, vindo de Tortosa para Valença, com outros companheiros, que tinham ido tomar ordens, se lhe ajuntou ao caminho um moço mui confiado, etc." Havia de dizer: "Vindo Frei Domingos, etc."(Livraria Clássica, Padre Manuel Bernardes, II, 304-5). Pondo de lado a lição de gramática de um amador, ainda que ilustre, adiantamos que o pretenso erro não é de Bernardes, mas do crítico, uma vez que se lê o seguinte na *Nova Floresta*: "Vindo o servo de Deus de tortosa para Valença..." (III, 492).

148 Sem razão, Leite de Vasconcelos (*Lições de Filologia*, 382) condena como galicismo, a palavra *passagem*, no sentido aqui empregado, mandando substituí-la por *passo*. Os melhores escritores da língua usam *passagem* nesta acepção, e o clássico *Dicionário de Morais* (1813) a registra sem nenhuma crítica.

149 Assim escreveu Alexandre Herculano e não como aparece na edição moderna da *Antologia Nacional* de Fausto Barreto e Carlos de Laet (p. 196): *antes de o caso suceder*. Com a responsabilidade dos antigos editores da *A. Nacional* corria a combinação tida por correta. Aliás, Laet praticava a combinação: Entre as duas opiniões antinômicas e inconciliáveis do João Fernandes, esta *do cara* ser exótico (...) e aquela de ser indígena (...) (*Obras Seletas*, II, 261).

150 Para maiores exemplos, veja-se o prestimoso livro do Padre Pedro Adrião, *Tradições Clássicas da Língua Portuguesa*, § 691, p. 259).

151 Tal preceito gramatical se torna ainda mais difícil de se conciliar com a prática, quando se está diante de construções como: *O fato é devido AO* (por *a o*) *avião se ter atrasado* (ou, noutra ordem: *é devido a se ter o avião atrasado*); *PRO menino* (por *para o menino*) *ver*. Sentimos discordar da lição de Rebelo Gonçalves no seu *Tratado de Ortografia* (p. 286, Obs. 2.ª) cujos exemplos não vão em sua defesa. Cf. Diez, *Grammaire*, III, 425 e Meyer-Lübke, *Grammaire*, III, § 744).

152 Cf. ainda do mesmo autor *Dificuldades da Língua Portuguesa*, 30-1, e Solidônio Leite, *Clássicos Esquecidos*, 211 e ss. Também consideram arcaica a combinação Epifânio Dias 1933: 457, Obs. 3ª e Cláudio Brandão 1963: 354.

153 Comenta com razão Sousa da Silveira (*Trechos Seletos*, 251 da 4.a ed.): "O possesivo no plural, determinando dois substantivos do singular, e evitando assim o impreciso de "o nosso Basílio e Durão" e o pesado de "o nosso Basílio e nosso Durão. Cf.: "Os mesmos Pitt e Napoleão, apesar de precoces, não foram tudo aos vinte e um anos" (M. de Assis, *Papéis Avulsos*, 88).

154 Está correto neste caso também o emprego da concordância com a forma gramatical da palavra determinada: "Com estes leitores assim previstos, o mais acertado e modesto é *a gente ser sincera*" [CBr. *apud* MBa.2, 411].

155 Pode ocorrer a aparente discordância entre um nome e um pronome: "Luís escreveu uma *ode* admirável como sabia escrevê-*las* (João Ribeiro).

156 O mesmo Camilo reprovou a um amigo tal prática de linguagem: "Se fizeres terceira edição deves purificá-la das palavras *mesmo* como advérbio, posto que tenhas um exemplo em Camões e outros em D. Francisco Manuel de Melo" [CBr.3, II, 167].

157 Dá-se ao fenômeno o nome de contaminação ou cruzamento sintático. Cf. **Contaminação sintática**.

158 Elemento decisivo aqui é o ritmo com que se profere a oração, que determina a concordância com o sujeito ou com o predicativo. São oportunas as considerações de Rodrigues Lapa neste sentido, na sua *Estilística*.

159 Sobre esta última possibilidade comenta Said Ali: "A força de combater-se uma concordância que não é mais do que o corolário de um fenômeno de sintaxe histórica portuguesa fundada em sintaxe latina, tem desaparecido da linguagem literária o emprego de *quem* com verbo em 1.a e 2.a pessoa, vigorando todavia a antiga concordância desde que se empregue *que* em lugar de *quem*" (*op. laud.*).

160 Pode dar-se a omissão de *um*: "Foi dos últimos que *usaram* presilhas, rodaque e gravata de moda" (M. de Assis, D. Casmurro).

161 A presente lista não dispensa a consulta ao dicionário, o de regência, uma vez que o emprego do verbo como transitivo (com ou sem preposição) ou intransitivo depende de sua significação.

Quando ao verbo se segue um travessão (–), isto significa que ele pode ser também usado transitivamente. Por exemplo: *atender– a*: *atender o cliente*, *o cliente foi atendido*, *atendê-lo*, *atender ao cliente*. Umas vezes a variedade não implica mudança de significado; outras vezes sim. Daí a necessidade de consulta aos dicionários para se ter uma lição mais completa e adequada. O principal objetivo da relação é oferecer ao leitor a preposição que acompanha o verbo, quer no complemento quer no adjunto adverbial.

162 "No sentido de *mandar vir* é transitivo direto; no de *dar nome* é transitivo indireto. Já é muito corrente no Brasil a construção *chamar de* com obj. dir., contaminada de outras, como *acusar*, *arguir de*" [AN.1, 38].

163 Usa-se também transitivo em Portugal, com o sentido de "namorar", tratar intimamente.

164 Ou cumprir simplesmente.

165 Sem a preposição exprime obrigação; com *de*, probabilidade. Ex: *Você deve ter capricho*. *Ela deve de ter quinze anos*.

166 No significado de *resultar* é transitivo direto: *Isto implica erro*.

167 No significado de *produzir*, *acarretar* é transitivo direto.

168 *Morador na rua tal*, *no largo tal* (e não *à rua tal*).

169 É coloquial o uso da preposição *com*, influenciado talvez pela regência de *casar*.

170 Não pode aceitar obj. direto de pessoa: Paguei *o médico*, mas sim de coisa paga: Pagu*ei a conta* ao garção.

171 É errôneo o emprego do advérbio *antes* ou *mais* com este verbo porque a noção de preferência ou excelência já está contida no prefixo. É também errôneo o uso da conjunção comparativa *que* (ou *do que*). Deve dizer-se *prefiro isto àquilo*,

prefiro o teatro ao cinema.

172 O uso de *a* é considerado errado com exagero, por francesismo.

173 No sentido de *estimar*, *querer bem.*

174 *Sito na rua tal*, *no largo tal* e não *à rua*.

175 Seleção de fatos apresentados por F. J. Martins Sequeira em *Rol de Estrangeirismos*.

III – Pontuação

Os diversos tipos de sinais de pontuação – Com Nina Catach, entendemos por pontuação um "sistema de reforço da escrita, constituído de sinais sintáticos, destinados a organizar as relações e a proporção das partes do discurso e das pausas orais e escritas. Estes sinais também participam de todas as funções da sintaxe, gramaticais, entonacionais e semânticas" [NC.1, 7].

Os sinais de pontuação datam de época relativamente recente na história da escrita, embora se possa afirmar uma continuidade de alguns sinais desde os gregos, latinos e alta Idade Média; constituem hoje peça fundamental da comunicação e se impõem como objeto de estudo e aprendizado. Ao lado dos grafemas que "vestem" os fonemas, os morfemas e as unidades superiores, esses sinais extra-alfabéticos, como assinala Catach, são essencialmente unidades sintáticas, "sinais de orações" e "sinais de palavras", podendo comutar com tais unidades alfabéticas, substituí-las e tomar de empréstimo seu valor. Assim, um apóstrofo indica a supressão de um grafema, uma vírgula uma unidade de coordenação ou de subordinação. Na essência, os sinais de pontuação constituem um tipo especial de grafemas.

Pode-se entender a pontuação de duas maneiras: numa acepção larga e noutra restrita. A primeira abarca não só os sinais de pontuação propriamente ditos, mas de realce e valorização do texto: títulos, rubricas, margens, escolha de espaços e de caracteres e, indo mais além, a disposição dos capítulos e o modo de confecção do livro.

Segundo a concepção restrita, a pontuação é constituída por uns tantos sinais gráficos assim distribuídos: os essencialmente *separadores* (vírgula [,], ponto e vírgula [;], ponto final [.], ponto de exclamação [!], reticências [...]), e os sinais de comunicação ou "mensagem" (dois pontos [:], aspas simples [‘ ’], aspas duplas [“ ”], o travessão simples [–], o travessão duplo [—], os parênteses [( )], os colchetes ou parênteses retos [[ ]], a chave aberta [{], a chave fechada [}]. Alguns destes dois tipos de sinais admitem ainda uma subdivisão em sinais de *pausa conclusa* (fundamentalmente o ponto, e depois ponto e vírgula, o ponto de interrogação, o ponto de exclamação, as reticências, quando em função conclusa) e d e *pausa inconclusa* (fundamentalmente pela vírgula, mas também por dois pontos, parênteses, travessão, colchetes, quando em função inconclusa, i. é, quando as orações estão articuladas entre si).

A primeira palavra depois de um sinal de pausa conclusa é escrita com letra inicial maiúscula; se a oração seguinte constitui novo conjunto de ideias, ou mudança de interlocutor de diálogo, será escrito na outra linha e terá o seu final marcado pelo ponto parágrafo.

Estes sinais não se aplicam igualmente a todas as atividades linguísticas, razão por que podem ser distribuídos em três domínios de função da pontuação:

a) *a pontuação de palavras* (espaços em branco; maiúsculas iniciais; ponto abreviativo; traço de união, hífen ou traço de separação; apóstrofo; sublinhado; itálico).

b) *a pontuação sintática e comunicativa* (a pontuação propriamente dita e objeto deste capítulo).

c) *a pontuação do texto.*

Os dois primeiros, assinala ainda Catach, têm uma série de características que os distinguem do terceiro tipo: são *interiores* ao texto, aparecem de maneira linear, são comuns ao manuscrito e ao texto impresso e, em princípio, fazem parte da mensagem linguística. Apesar de poderem sofrer interferência de outra pessoa, é bem provável que pertençam à iniciativa e decisão do autor no seu desejo de levar ao texto algo mais de expressividade, de contorno melódico, rítmico e entonacional, além das palavras e construções utilizadas. Todavia, há de se levar em conta que os editores e preparadores de textos antigos (quando nem sempre se pode pensar em critérios inexistentes ou caóticos) a modernos têm muito interferido na pontuação original do autor de tal maneira, que é muito precária a certeza de que os sinais – e principalmente a falta deles – revelem as funções sintáticas, comunicativas expressivas que o escritor pretendera passar às palavras e orações empregadas no texto.

Ao contrário, no que toca ao terceiro tipo de pontuação, dela participam todos os que exercem atividade nesse âmbito, com funções específicas: calígrafos, secretários, tipógrafos, digitadores, revisores, editores.

Levando em conta tais distinções, podemos definir o conjunto dos dois primeiros tipos de pontuação que constituem essencialmente o objeto deste capítulo, como o fez Catach:

> "Conjunto de sinais visuais de organização e apresentação que acompanham o texto, *interiores* ao texto e *comuns* tanto ao manuscrito quanto ao impresso; abrange a pontuação várias classes de sinais gráficos discretos e constitutivos de um sistema, complementando ou suplementando a informação escrita".

Já o terceiro tipo é assim definido pela mesma autora:

> "Conjunto de técnicas visuais de organização e de apresentação do objeto livro, que vão do espaço entre palavras aos espaços de páginas, passando por todos os procedimentos interiores e exteriores ao texto, com vista ao seu arranjo e sua valoração".

A pontuação e o entendimento do texto – O enunciado não se constrói com um amontoado de palavras e orações. Elas se organizam segundo princípios gerais de dependência e independência sintática e semântica, recobertos por unidades melódicas e rítmicas que sedimentam estes princípios. Proferidas as palavras e orações sem tais aspectos melódicos e rítmicos, o enunciado estaria prejudicado na sua função comunicativa. Os sinais de pontuação, que já vêm sendo empregados desde muito tempo, procuram garantir no texto escrito esta solidariedade sintática e semântica. Por isso, uma pontuação errônea produz efeitos tão desastrosos à comunicação quanto o desconhecimento dessa solidariedade a que nos referimos.

Várias situações incômodas já foram criadas pelo mau emprego dos sinais de pontuação. Notem-se as diferenças entre as seguintes ordens de comando:

> Não podem atirar!
> Não, podem atirar!

Há numerosos jogos, bem mais divertidos e inocentes do que as situações de ordem anterior, cuja integridade comunicativa depende do bem emprego desses sinais.

Vejamos um exemplo:

Levar uma pedra para Europa uma andorinha não faz verão.

Ou

Um fazendeiro tinha um bezerro e a mãe do fazendeiro era também o pai do bezerro.

Para integridade da mensagem, basta colocar vírgula ou ponto e vírgula depois de *mãe*, no último exemplo. No primeiro, basta uma vírgula depois de *faz*, sendo *verão* a forma de futuro do verbo *ver*.

Ponto – O ponto simples final, que é dos sinais o que denota maior pausa, serve para encerrar períodos que terminem por qualquer tipo de oração que não seja a interrogativa direta, a exclamativa e as reticências.

É empregado ainda, sem ter relação com a pausa oracional, para acompanhar muitas palavras abreviadas: *p.*, *2.ª*, etc.

Quando o período, oração ou frase termina por abreviatura, não se coloca o ponto final adiante do ponto abreviativo, pois este, quando coincide com aquele, tem dupla serventia. Ex.: "O ponto abreviativo põe-se depois das palavras indicadas abreviadamente por suas iniciais ou por algumas das letras com que se representam, *v.g.* ; *V. S.ª* ; *Il.mo* ; *Ex.ª* ; etc." (Dr. Ernesto Carneiro Ribeiro)

Com frequência, aproxima-se das funções do ponto e vírgula e do travessão, que às vezes aparecem em seu lugar.

Ponto parágrafo – Um grupo de períodos cujas orações se prendem pelo mesmo centro de interesse é separado por ponto. Quando se passa de um para outro centro de interesse, impõe-se-nos o emprego do ponto parágrafo iniciando-se a escrever, na outra linha, com a mesma distância da margem com que começamos o escrito.

Na linguagem oficial dos artigos de lei, o parágrafo é indicado por um sinal especial (§).

Ponto de interrogação – Põe-se no fim da oração enunciada com entonação interrogativa ou de incerteza, real ou fingida, também chamada retórica.

Enquanto a interrogação conclusa de final de enunciado requer maiúscula inicial da palavra seguinte, a interrogação interna, quase sempre fictícia, não exige essa inicial maiúscula da palavra seguinte:

Pensas que eu e meus avós ganhamos o dinheiro em casas de jogos ou a vadiar pelas ruas? Pelintra! [MA.1, 72].

— Nhonhô, diga a estes senhores como é que se chama seu padrinho?

— Meu padrinho? É o Excelentíssimo Senhor coronel Paulo Vaz Lobo Cesar de Andrade e Sousa Rodrigues de Matos [MA.1, 32].

O ponto de interrogação, à semelhança dos outros sinais, não pede que a oração termine por ponto final, exceto, naturalmente, se for interna.

— "Esqueceu alguma cousa? perguntou Marcela de pé, no patamar" [MA.1, 50].

A interrogação indireta, não sendo enunciada em entonação especial, dispensa ponto de interrogação. O nosso sistema gráfico não distingue o ponto de interrogação da pergunta de sim ou não da pergunta total.

No diálogo pode aparecer sozinho ou acompanhado do de exclamação para indicar o

estado de dúvida do personagem diante do fato:

— "Esteve cá o homem da casa e disse que do próximo mês em diante são mais cinquenta...
— ? !..." [ML.1, 226].176

Ponto de exclamação – Põe-se no fim da oração enunciada com entonação exclamativa:

"Que gentil que estava a espanhola!" [MA.1, 50].
"Mas, na morte, que diferença! Que liberdade!" [MA.1, 81].

Põe-se o ponto de exclamação depois de uma interjeição:

Olé! exclamei. [MA.1, 74].
Ah! brejeiro! [MA.1, 93].

Aplicam-se ao ponto de exclamação as mesmas observações feitas ao ponto de interrogação, no que se refere ao emprego do ponto final e ao uso da maiúscula ou minúscula inicial da palavra seguinte.

Há escritores que denotam a gradação da surpresa através da narração com aumento progressivo do ponto de exclamação ou de interrogação:

"E será assim até que um senhor Darwin surja e prove a verdadeira origem do *Homo sapiens*...
— ? !
— Sim. Eles nomear-se-ão *Homo sapiens* apesar do teu sorriso, Gabriel, e ter-se-ão como feitos por mim de um barro especial e à minha imagem e semelhança.
— ? ! !" [ML.1, 204].

Reticências – Denotam interrupção ou incompletude do pensamento (ou porque se quer deixar em suspenso, ou porque os fatos se dão com breve espaço de tempo intervalar, ou porque o nosso interlocutor nos toma a palavra), ou hesitação em enunciá-lo:

"Ao proferir estas palavras havia um tremor de alegria na voz de Marcela: e no rosto como que se lhe espraiou uma onda de ventura..." [MA.1, 121].
"Não imagina o que ela é lá em casa: fala na senhora a todos os instantes, e aqui aparece uma pamonha. Ainda ontem... Digo, Maricota?" [MA.1, 120].
— "Moro na rua...
— Não quero saber onde mora, atalhou Quincas Borba" [MA.1, 169].

Postas no fim do enunciado, as reticências dispensam o ponto final, como se pode ver nos exemplos acima.

Se as reticências servem para indicar uma enumeração inconclusa, podem ser substituídas por *etc*.

Na transcrição de um diálogo, as reticências indicam a não resposta do interlocutor.

Numa citação, as reticências podem ser colocadas no início, no meio o no fim, para indicar supressão no texto transcrito, em cada uma dessas partes. Quando há supressão de um trecho de certa extensão, costuma-se usar uma linha pontilhada. Depois de um ponto de interrogação ou exclamação podem aparecer as reticências.

Vírgula – Emprega-se a vírgula:

a) para separar termos coordenados, ainda quando ligados por conjunção (no caso de haver pausa).

"Sim, eu era esse garção bonito, airoso, abastado" [MA.1, 48].
— "Ah! brejeiro! Contanto que não te deixes ficar aí inútil, obscuro, e triste" [MA.1, 93].

Observação: Na série de sujeitos seguidos imediatamente de verbo, o último sujeito da série não é separado do verbo por

vírgula:

Carlos Gomes, Vítor Meireles, Pedro Américo, José de Alencar tinham-nas começado [CL.1, I, 102].

b) para separar orações coordenadas aditivas ainda que sejam iniciadas pela conjunção e, proferidas com pausa.

"Gostava muito das nossas antigas dobras de ouro, e eu levava-lhe quanta podia obter" [CL.1, I, 53].

"No fim da meia hora, ninguém diria que ele não era o mais afortunado dos homens; conversava, chasqueava, e ria, e riam todos" [CL.1, I, 163].

c) para separar orações coordenadas alternativas (*ou*, *quer*, etc), quando proferidas com pausa:

Ele sairá daqui logo, *ou eu me desligarei do grupo*.

OBSERVAÇÃO: Vigora esta norma quando *ou* exprimir retificação:

Teve duas fases a nossa paixão, *ou* ligação, *ou* qualquer outro nome, que eu de nome não curo [MA.1, 52].

Se denota equivalência, não se separa por vírgula o *ou* posto entre dois termos: Solteiro *ou* solitário se prende ao mesmo termo latino.

d) nas aposições, exceto no especificativo:

"ora enfim de uma casa que ele meditava construir, para residência própria, casa de feitio moderno..." [MA.1, 238].

e) para separar, em geral, os pleonasmos, e as repetições (quando não têm efeito superlativamente).

"Nunca, nunca, meu amor!" [MA.1, 55].

A casa é linda, linda.

f) para separar ou intercalar vocativos; nas cartas a pontuação é vária (em geral, vírgula), e na redação oficial usam-se dois pontos.

g) para separar as orações adjetivas de valor explicativo:

"perguntava a mim mesmo por que não seria melhor deputado e melhor marquês do que o lobo Neves, – eu, *que valia mais*, muito mais do que ele, – ..." [MA.1, 137].

h) para separar, quase sempre, as orações adjetivas restritivas de certa extensão, principalmente quando os verbos de duas orações diferentes se juntam:

"No meio da confusão que produzira por toda a parte este acontecimento inesperado e cujo motivo e circunstâncias inteiramente se ignoravam, ninguém reparou nos dois cavaleiros..." [AH.1, 210].

OBSERVAÇÃO: Esta pontuação pode ocorrer ainda que separe por vírgula o sujeito expandido pela oração adjetiva:

Os que falam em matérias que não entendem, parecem fazer gala da sua própria ignorância [MM].

i) para separar as orações intercaladas:

"Não lhe posso dizer com certeza, respondi eu" [MA.1, 183].

j) para separar, em geral, adjuntos adverbiais que precedem o verbo e as orações adverbiais que vêm antes ou no meio da sua principal:

"Eu mesmo, até então, tinha-vos em má conta..." [MA.1, 185].

"mas, como as pestanas eram rótulas, o olhar continuava o seu ofício..." [MA.1, 183].

k) para separar, nas datas, o nome do lugar:

Rio de Janeiro, 8 de agosto de 1961.

l) para separar as partículas e expressões de explicação, correção, continuação, conclusão, concessão:

"e, *não obstante*, havia certa lógica, certa dedução" [MA.1, 89].

Sairá amanhã, *aliás*, depois de amanhã.

m) para separar as conjunções e advérbios adversativos (*porém*, *todavia*, *contudo*, *entretanto*), principalmente quando pospostos:

"A proposta, *porém*, desdizia tanto das minhas sensações últimas..."

[MA.1, 87].

n) para indicar, às vezes, a elipse do verbo:

Ele sai agora: eu, logo mais.

o) para assinalar a interrupção de um seguimento natural das ideias e se intercala um juízo de valor ou uma reflexão subsidiária.

p) para desfazer possível má interpretação resultante da distribuição irregular dos termos da oração, separa-se por vírgula a expressão deslocada:

De todas as revoluções, para o homem, a morte é a maior e a derradeira [MM].

Dois pontos – Usam-se dois pontos na:

1) enumeração, explicação, notícia subsidiária:177

Comprou dois presentes: um livro e uma caneta.

"que (Viegas) padecia de um reumatismo teimoso, de uma asma não menos teimosa e de uma lesão de coração: era um hospital concentrado"

[MA.1, 184].

"Queremos governos perfeitos com homens imperfeitos: disparate"

[M. de Maricá].

2) nas expressões que se seguem aos verbos *dizer*, *retrucar*, *responder* (e semelhantes) e que encerram a declaração textual, ou que assim julgamos, de outra pessoa:

"Não me quis dizer o que era: mas, como eu instasse muito:

— Creio que o Damião desconfia alguma coisa" [MA.1, 174].

Às vezes, para caracterizar textualmente o discurso do interlocutor, vem acompanhada de aspas a transcrição, e raras vezes de travessão:

"Ao cabo de alguns anos de peregrinação, atendi às suplicas de meu pai:

— Vem, dizia ele na última carta; se não vieres depressa acharás tua mãe morta!" [MA.1, 75].

3) nas expressões que, enunciadas com entonação especial, sugerem, pelo contexto, causa, explicação ou consequência:

"Explico-me: o diploma era uma carta de alforria" [MA.1, 71].

4) nas expressões que apresentam uma quebra da sequência das ideias:

Sacudiu o vestido, ainda molhado, e caminhou.

"Não! bradei eu; não hás de entrar... não quero... Ia a lançar-lhe as mãos: era tarde; ela entrara e fechara-se" [MA.1, 59].

Ponto e vírgula – Representa uma pausa mais forte que a vírgula e menos que o ponto, e é empregado:

a) num trecho longo, onde já existam vírgulas, para enunciar pausa mais forte:

"Enfim, cheguei-me a Virgília, que estava sentada, e travei-lhe da mão; D. Plácida foi à janela" [MA.1, 211].

b) separa as adversativas em que se quer ressaltar o contraste:

"Não se disse mais nada; mas de noite Lobo Neves insistiu no projeto" [MA.1, 210].

c) na redação oficial separa os diversos itens de um considerando, lei ou outro documento.

Travessão – Não confundir o travessão com o traço de união ou hífen e com o traço de divisão empregado na partição de sílabas (*ab-so-lu-ta-men-te*) e de palavras no fim de linha. O travessão pode substituir vírgulas, parênteses, colchetes, para assinalar uma expressão intercalada:

"... e eu falava-lhe de mil cousas diferentes – do último baile, da discussão das câmaras, berlindas e cavalos, de tudo, menos dos seus versos ou prosas" [MA.1, 138-9].

Usa-se simples se a intercalação termina o texto; em caso contrário, usa-se o travessão duplo:

"Duas, três vezes por semana, havia de lhe deixar na algibeira das calças – uma largas calças de enfiar –, ou na gaveta da mesa, ou ao pé do tinteiro, uma barata morta" [MA.1, 46].

OBSERVAÇÃO: Como se vê pelo exemplo, pode haver vírgula depois de travessão.

Pode denotar uma pausa mais forte:

"... e se estabelece uma cousa que poderemos chamar – solidariedade do aborrecimento humano" [MA.1, 126].

Pode indicar ainda a mudança de interlocutor, na transcrição de um diálogo, com ou sem aspas:

– Ah! respirou Lobo Neves, sentando-se preguiçosamente no sofá.
– Cansado? perguntei eu.
– Muito; aturei duas maçadas de primeira ordem (...) [MA.1, 177].

Neste caso, pode, ou não, combinar-se com as aspas.

Parênteses e colchetes – Os parênteses assinalam um isolamento sintático e semântico mais completo dentro do enunciado, além de estabelecer maior intimidade entre o autor e o seu leitor. Em geral, a inserção do parêntese é assinalada por uma entonação especial.

Quando uma pausa coincide com o início da construção parentética, o respectivo sinal de pontuação deve ficar depois dos parênteses, mas, estando a proposição ou a frase inteira encerrada pelos parênteses, dentro deles se põe a competente notação:

"Não, filhos meus (deixai-me experimentar, uma vez que seja, convosco, este suavíssimo nome); não: o coração não é tão frívolo, tão exterior, tão carnal, quanto se cuida" [RB]

"A imprensa (quem o contesta?) é o mais poderoso meio que se tem inventado para a divulgação do pensamento". (Carta inserta nos Anais da Biblioteca Nacional, vol. I) [CARLOS DE LAET]

Intimamente ligados aos parênteses pela sua função discursiva, os colchetes são utilizados quando já se acham empregados os parênteses, para introduzirem uma nova inserção.

Também se usam para preencher lacunas de textos ou ainda para introduzir, principalmente em citações, adendos ou explicações que facilitam o entendimento do texto. Nos dicionários e gramáticas, explicitam informações como a ortoépia, a prosódia etc., no que também podem

ser usados os parênteses.

Aspas – De modo geral, usamos como aspas o sinal [“ ”]; mas pode haver, para empregos diferentes as aspas simples [‘ ’], ou invertidas (simples ou duplas) [‘ ’], [“ ”]. Nos trabalhos científicos sobre línguas, as aspas simples referem-se a significados ou sentidos: *amare*, lat.‘*amar*’ port. Às vezes, usa-se nesta aplicação o sublinhado (cada vez menos frequente no texto impresso) ou o itálico. As aspas também são empregadas para dar a certa expressão sentido particular (na linguagem falada é em geral proferida com entoação especial) para ressaltar uma expressão dentro do contexto ou para apontar uma palavra como estrangeirismo ou gíria:

OBSERVAÇÃO: Escrevendo, ressaltamos a expressão também com o sublinhado, o que, nos textos impressos, corresponde ao emprego de tipo diferente:

— “Sim, mas percebo-o agora, porque só agora nos surgiu a ocasião de enriquecer. Foi uma sorte grande que Deus nos mandou.

— “Deus”...

— Deus, sim, e você o ofendeu afastando-a com o pé” [ML.1, 223].

“Você já reparou Miloca, na “ganja” da Sinhazinha? Disse uma sirigaita de “beleza” na testa” [ML.1, 102].

Quando uma pausa coincide com o final da expressão ou sentença que se acha entre aspas, coloca-se o competente sinal de pontuação depois delas, se encerram apenas uma parte da proposição; quando, porém, as aspas abrangem todo o período, sentença, frase ou expressão, a respectiva notação fica abrangida por elas:

“Aí temos a lei”, dizia o Florentino. “Mas quem as há de segurar? Ninguém.” [RB]

“Mísera, tivesse eu aquela enorme, aquela
Claridade imortal, que toda a luz resume!”

“Por que não nasce eu um simples vaga-lume?” [MA]

Alínea – Tem a mesma função do parágrafo, pois denota diversos centros de assuntos e, como este, exige mudança de linha. Geralmente vem indicada por número ou letra seguida de um traço curvo, semelhante ao que fecha parêntese para assinalar subdivisão da matéria tratada:

Os substantivos podem ser:

a) *próprios*

b) *comuns*

Chave – A chave [{ }] tem aplicação maior em obras de caráter científico, como pode exemplificar sua utilização neste livro.

Apêndice

Asterisco 178 – O asterisco (*) é colocado depois e em cima de uma palavra do trecho para se fazer uma citação ou comentário qualquer sobre o termo ou o que é tratado no trecho (neste caso o asterisco se põe no fim do período).

Nas obras sobre linguagem, o asterisco colocado antes e em cima da palavra o apresenta como forma reconstituída ou hipotética, isto é, de provável existência mas até então não documentada. Deve-se ao linguista alemão Augusto Schleicher (1821-1868) esta aplicação do sinal.

Emprega-se ainda um ou mais asteriscos depois de uma inicial para indicar uma pessoa cujo nome não se quer ou não se pode declinar: o *Dr.* *, *B.* **, *L.* ***

176 Em português, em geral se despreza o cômodo expediente do espanhol de indicar a interrogação no início da oração, com o sinal invertido: ¿O José chegou? Alguns escritores nossos fizeram uso deste expediente.

177 A imprensa moderna usa e abusa dos dois pontos para resumir, às vezes numa síntese de pensamento difícil de ser acompanhada, certas notícias. *Verão*: *cidade desprotegida das chuvas.*

178 Costuma-se ouvir este vocábulo deturpado para *asterístico*. *Asterisco* quer dizer *estrelinha*, nome devido à sua forma.

IV – Noções elementares de Estilística

Estilística – A *Estilística* é a parte dos estudos da linguagem que se preocupa com o *estilo.*

Que é estilo nesta conceituação – Entende-se por *estilo* o conjunto de processos que fazem da língua representativa um meio de exteriorização psíquica e apelo.

"O estilo, que é a solução para se fazer a língua da representação intelectiva servir às funções não intelectivas da manifestação psíquica e do apelo, é naturalmente levado a "deformar" os fatos gramaticais quando por eles aquelas funções não poderiam figurar".179

Estilística e Gramática – A compreensão deste conceito de *estilo* se fundamenta na lição de Charles Bally, segundo a qual o que caracteriza o estilo não é a oposição entre o *individual* e o *coletivo,* mas o contraste entre o *emocional* e o *intelectivo.* É neste sentido que diferem *Estilística* (que estuda a língua afetiva) e *Gramática* (que trabalha no campo da língua intelectiva). Baralhá-las, de modo que a Estilística se "dissolva" na Gramática, é pôr em perigo duas importantes disciplinas por confundir os seus objetos de estudo.

Uma não é a negação da outra, nem uma tem por missão destruir o que a outra, com orientação científica, tem podido construir. Ambas se completam no estudo dos processos do material de que o gênero humano se utiliza na exteriorização das ideias e sentimentos ou do conteúdo do pensamento designado.

Estilística e a Retórica – Tem-se apresentado a Estilística também como – a negação da antiga Retórica que predomina ainda na crítica tradicional do estilo com suas múltiplas indagações literárias, históricas, sociais, filosóficas e tantos outros domínios que na obra se espalham através do temperamento e atitude do escritor. Cabe aqui recordar as justas considerações de Amado Alonso:180 " ... a estilística não pretende petulantemente declarar caduca a crítica tradicional; reconhece seu alto valor e aprende nela; sabe que na análise de obras de arte nem tudo termina com o prazer estético e que há valores culturais, sociais, ideológicos, morais, enfim, valores históricos que não pode nem quer desprezar. E com a mesma se vê o que pretende e o seu valor: completar os estudos da crítica tradicional fazendo agora entrar um aspecto que estava menosprezado. E não apenas mais um aspecto, senão o aspecto básico e específico da obra de arte, o que dá valor a todos os outros. Por isso a estilística, sobre estudar temas novos, continua estudando com igual amor todos os velhos, apenas o faz do seu ponto de vista. Por exemplo, sempre se estudaram as fontes de um autor ou de uma obra, ou – o que vale o mesmo – a origem das ideias dominantes em um período literário. Porém realizou-se isso por interesse histórico, para fixar procedências. Este é o

ponto de chegada da crítica tradicional. Para a estilística é o ponto de partida, e a si pergunta: que fez meu autor ou minha época com estas fontes? Para usar a velha comparação: estudando o mel, a crítica tradicional estabelece em que flores e de que campos extraiu a abelha; a estilística se pergunta: como resultou este produto heterogêneo com todas as suas procedências, qual é a alquimia, que originais e triunfantes intenções lhe insuflaram vida nova? Ou voltando à comparação da estátua: a crítica tradicional estuda as canteiras donde procede o mármore; a estilística, que é que o artista fez com ele''.

Análise literária e análise estilística – Da lição de Amado Alonso se patenteia que não se há de confundir *análise literária* com *análise estilística*, pois que, trabalhando num mesmo trecho, tem preocupações diferentes e utilizam ferramentas também diversas. Em que pese à autoridade de nossos programas oficiais para ensino de Língua Portuguesa, o que deve ser, primordialmente, objeto da tarefa do professor de língua é a *análise estilística* (ainda que *elementar,* como reza a letra deste mesmo programa), e não a *análise literária,* que é da alçada do professor de Literatura. Ensinando-se a *língua* portuguesa, nada mais natural do que, num texto literário ou não, ressaltar o *sistema expressivo e sua eficácia estética* no idioma ou nas particularidades idiomáticas de um autor literário ou de um simples falante. Para a estilística, interessa tanto a depreensão dos traços estilísticos da língua oral como da escrita, do falante comum e do literato. Com razão disse Vossler que na linguagem de um mendigo vagabundo há gotinhas estilísticas da mesma natureza que todo o mundo expressional de um Shakespeare.

Traços estilísticos – O conjunto de particularidades do sistema expressivo para eficácia estética recebe o nome de *traços estilísticos.* São numerosos os traços estilísticos – e há um avultado número deles cujo valor ainda está para ser analisado – em todos os compartimentos de um idioma.

Cabe-nos agora indagar quando uma *particularidade linguística* se nos apresenta como traço estilístico. "Já sabemos – ensina-nos J. Mattoso Câmara Jr.181 – que o traço estilístico não se trata de uma maneira de dizer necessariamente pessoal; nem pelo fato de ser pessoal se tem necessariamente um traço estilístico. Esta dupla consideração é tão importante que hão de me relevar insistir um pouco mais. Para isso, peço desculpas de me citar a mim mesmo e me reportar a um pequeno artigo que publiquei há tempos na *Revista do Livro* sobre "A Coroa do Rubião": diz-nos Machado de Assis, no *Quincas Borba,* que Rubião, demente, julgando-se "imperador dos franceses" no momento da agonia, cingiu a "coroa", que não era sequer uma bacia, "onde se pudesse palpar a ilusão", "ele pegou nada, ergueu nada e cingiu nada". O emprego de *nada* depois do verbo sem se completar com um *não* antes do verbo, é uma maneira anômala de expressar a negação verbal em português. E é um traço estilístico: não porque seja exclusivamente pessoal de Machado de Assis (quem nos garante que outrem já não tinha feito isto? – nem o escritor faz isto sistematicamente), mas porque nesse dado contexto o emprego de *nada* nessas condições tem um valor "estético", fazendo-nos ver dolorosamente o gesto do pobre louco, mercê do tratamento de *nada*, não como mera partícula

negativa, mas como um substantivo negativo – o oposto de *alguma coisa*: a emoção do escritor e o seu apelo à nossa simpatia se comunicam através desse emprego de *nada*, que é, pois, um emprego estilístico. Ao contrário, quando José de Alencar acentuava a preposição simples *a,* exibia um uso *pessoal* da língua literária (que era um erro do ponto de vista de norma social vigente), mas não um traço estilístico, pois se circunscrevia ao domínio intelectivo (o escritor achava que assim devia escrever por um raciocínio gramatical em falso); seria, ao contrário, um traço estilístico se uma ou outra vez, apenas, aparecesse em seus textos como recurso para insistir na preposição, dando-lhe uma tonicidade excepcional.

Daí o erro dos que, pensando escrever bem, enxameiam suas páginas das chamadas figuras de linguagem (pleonasmos, hipérboles, anacolutos, metáforas, etc.). Essas figuras não se impõem "à outrance" às circunstâncias; estas é que favorecem o aparecimento daquelas para fins estéticos. Terá falhado na pesquisa estilística quem se contentar em dizer que há anacoluto no derradeiro terceto desta conhecida joia de Machado de Assis, que é o soneto à Carolina:

> "que eu, se tenho nos olhos malferidos
> pensamentos de vida formulados,
> são pensamentos idos e vividos".

O anacoluto ultrapassa os limites de uma simples figura, para ser um eficaz recurso estético que põe diante de nossos olhos a profunda dor do esposo que, pensando na companheira que se foi, não tem a paz interior necessária para estruturar racionalmente, intelectivamente, todo o tumulto de ideias que lhe vai n'alma.

Em suma, a Estilística é o passo mais decisivo, no estudo de uma língua, para a educação do sentimento estético e manifestação da competência expressiva.

Traço estilístico e erro gramatical – Não se há de entender que o estilo seja sempre uma deformação da norma linguística. Isto nos leva à distinção entre *traço estilístico* e *erro gramatical*.

O traço estilístico pode ser um desvio ocasional de norma gramatical vigente, mas se impõe pela sua intenção estético-expressiva.

O erro gramatical é o desvio sem intenção estética.

Campo da Estilística – O estudo da Estilística abarca, semelhante à Gramática, todos os domínios do idioma. Lembremos a lição de Bally: "Todos os fenômenos linguísticos, desde os sons até as combinações sintáticas mais complexas, podem revelar algum caráter fundamental da língua estudada. Todos os fatos linguísticos, sejam quais forem, podem manifestar alguma parcela da ida do espírito e algum movimento da sensibilidade. A estilística não é o estudo de uma parte da linguagem, mas o é da linguagem inteira, observada de um ângulo particular. Nunca pretendi (isto é para responder a umas críticas que me fizeram) que a linguagem afetiva existe independentemente da linguagem intelectual, nem que a estilística deva estudar a primeira excluindo a segunda; o que faz é estudá-las ambas em suas relações recíprocas, e examinar em que proporção se aliam para compor este ou aquele tipo de expressão".[182]

Teremos assim os seguintes campos da Estilística:

Estilística
- 1) fônica
- 2) morfológica
- 3) sintática
- 4) semântica

A Estilística Fônica procura indagar o emprego do valor expressivo dos sons: a harmonia imitativa, no amplo sentido do termo. É a *fonética expressiva* de que falamos na parte inicial deste livro.

A Estilística Morfológica sonda o uso expressivo das formas gramaticais. Entre os usos expressivos deste campo lembraremos:

1) *o plural de convite*: põe-se o verbo no plural como que se quisesse incentivar uma pessoa a praticar uma ação trabalhosa ou desagradável. É o caso da mãe que diz à filhinha que insiste em não tomar o remédio:

Olha, filhinha, *vamos* tomar o remedinho.

2) *o plural de modéstia*: o autor, falando de si mesmo, poderá dizer:

Nós, ao escrevermos este livro, tivemos em mira dar novos horizontes ao ensino do idioma.

3) *o emprego expressivo dos sufixos* (mormente os de gradação):

paizinho, mãezinha, poetastro, padreco, politicalha

4) *o emprego de tempos e modos verbais,* como, por exemplo:

a) o presente pelo futuro para indicar desejo firme, fato categórico:

Amanhã eu *vou* ao cinema.

b) o imperfeito para traduzir pedido:

Eu *queria* um quilo de queijo (em vez do categórico e, às vezes, ameaçador *quero*).

c) o presente pelo pretérito para emprestar à narração o ar de novidade e poder comover o ouvinte:

Aí César *invade* a Gália.

5) a *mudança de tratamento*, de um período para outro, para indicar mudança da situação psicológica entre falante e ouvinte, ou entre escritor e leitor. No soneto *Última Folha,* Casimiro de Abreu chama a Deus por *Meu Pai* e ora o trata por *tu,* ora por *vós*. É que em *Meu Pai* o poeta vê Deus como seu íntimo, ligado a ele tão intimamente que lhe cabe o tratamento *tu*. Mas ao poeta Deus se apresentava também como o criador de todas as coisas, o poder supremo a quem só podia caber a fórmula respeitosa e cerimoniosa assumida por *vós*.

A Estilística Sintática procura explicar o valor expressivo das construções:

1) na regência, como, por exemplo, o emprego do posvérbio;
2) na concordância, como, por exemplo, na *atração*, na *silepse*, no infinitivo flexionado para realce da pessoa sobre a ação mesma;
3) na colocação dos termos na oração, na colocação de pronomes, etc.
4) no emprego expressivo das chamadas *figuras de sintaxe.*

A Estilística Semântica pesquisa:

1) a significação ocasional e expressiva de certas palavras:
   Você é um *abacaxi.*
   Aquele aluno é um *monstro.*
   Ele tem uns *bons* sessenta anos.
2) no emprego expressivo das chamadas figuras de palavras ou *tropos* (metáfora, metonímia, etc.) e figuras de pensamento e sentimento (antítese, eufemismo, hipérbole, etc.).

Apêndice

DOIS EXEMPLOS DE ANÁLISE ESTILÍSTICA

A título de meras sugestões aos leitores ainda não familiarizados com as técnicas da análise estilística, temos a satisfação de transcrever aqui dois excertos assinados, um por excelente mestre brasileiro, J. Mattoso Câmara Jr., e outro pelo não menos distinto estudioso português, Jacinto do Prado Coelho. Outras interessantes amostras pode o leitor curioso ver nos estudos de Augusto Meyer, Othon Moacyr Garcia e uma plêiade de patrícios onde está indicada farta bibliografia especializada.

1) *Um soneto de Antônio Nobre*

O comentário de poemas será ainda, em grande parte, criação, inventiva, uma série de desdobramentos psicológicos, evocações, associações de imagens, que mostram a personalidade do leitor a colaborar com simpatia na obra do comentário. A visão de conjunto originária iluminará todo o comentário. A linguagem será encarada, segundo quer Spitzer, como floração da substância espiritual do poema. A divisão metodológica em comentário ideológico e comentário de forma não me parece justa. O poema deve ser olhado como um todo. A consideração das formas linguísticas conduzirá ao psicológico, e acompanhará o comentário da substância do princípio ao fim. O que se pretende, em primeiro lugar, é que o *eu* do leitor comungue no eu do poeta (e Berdiaeff mostrou muito bem a impossibilidade desta comunicação por meios que não sejam de natureza afetiva; pensar é objetivar, é separar). É claro que sem objetivação não há crítica. Mas no comentário de poemas a crítica aos pormenores deve incluir-se num estado de adesão que permaneça durante o comentário.

Tudo isto, eu sei, é muito difícil; nunca consegui realizá-lo satisfatoriamente. Dou, todavia, com exemplo, o comentário dum soneto que tentei fazer segundo a orientação exposta. Começo pela introdução à leitura:

"Antônio Nobre, não só pela concepção que teve da poesia, como pela estranha riqueza da

sua personalidade, é verdadeiramente um poeta moderno. Se ainda vivesse, teria setenta e cinco anos. Talvez a sua presença nos impedisse o convívio estreito com esse rapaz triste que escreveu o *Só*, o livro mais triste que há em Portugal. A sua presença física torná-lo-ia, porventura, mais distante. Assim, porque morreu aos trinta e dois anos, ficou sempre rapaz na nossa lembrança, de olhos doces, pálido, feições finas, embrulhado numa capa de estudante, absorto como é sina dos poetas.

Quando ouvimos o tom lastimoso da sua voz, quando o sentimos tão perto, os nossos braços procuram estender-se através da bruma que separa as almas, para lhe darem finalmente, com piedade fraterna, o carinho que pediu sem receber. Continua vivo a nosso lado, continua conversando, obriga-nos, pelo tom das suas palavras, a ver o mundo como ele via, sentir como ele sentia.

Mas não era assim, pela vida subjetiva, que Nobre queria viver. Nobre foi um homem de desejo. Emigrou para um país diferente, recolheu-se no sonho da infância, chegou a bem-dizer a velha, a senhora Morte, apenas pela força do seu destino.

Antônio Nobre queria viver a nossa vida, queria ser como os outros saudável e contente. Ambicionava uma purinha de cabelo negro e boca vermelha. Confessou-nos o seu "ideal de parisiense": casa defronte do mar, sardinha ao lume, economias no mealheiro, sendo possível, e mulher e filhos. Nobre fora feito para este mundo, e só a doença o afastou dele. O seu desespero dissolveu-se numa resignação de menino suave e obediente, que se entretém com brinquedos de luxo. O seu brinquedo foi a arte. Mas não somente um brinquedo: um meio de confissão, de transmissão da sua humanidade confrangida. Por isso (pensando que ele queria viver, e que morreu tão novo, tão triste, tão só) ouviremos sempre com piedade a voz do seu lamento, e choro de quem já não espera nada, nem mesmo o ópio do regresso, pela memória, aos tempos de criança:

Tombou da haste a flor da minha infância alada,
Murchou na jarra de oiro o pudico jasmim:
Voou aos altos céus a pomba enamorada
Que dantes estendia as asas sobre mim.

Julguei que fosse eterna a luz dessa alvorada,
E que era sempre dia, e nunca tinha fim
Essa visão de luar que vivia encantada
Num castelo ideal com torres de marfim!

Mas hoje as pombas de oiro, aves da minha infância,
Que me enchiam de lua o coração, outrora,
Partiram e no céu evoam-se a distância!

Debalde clamo e choro, erguendo aos céus meus ais:
Voltam na asa do vento os ais que a alma chora,
Elas, porém, Senhor! elas não voltam mais...

De leitura deste soneto fica-nos o travo da desilusão, a amargura de perder o que nunca mais se recupera. As metáforas, cuja finura e cuja riqueza nos impressionam, vêm transmitir uma visão encantada dos anos da meninice. Segundo o poeta, a infância é alada, tem asas, talvez porque o pensamento infantil voa a cada instante para o reino da fantasia, talvez porque a criança é um anjo, pela sua pureza, ainda visível da sua divisa.

Nobre escolheu uma flor, “um pudico jasmim”, para simbolizar essa candura perdida. O jasmim é branco, de perfume penetrante, mas suave. Também as crianças têm a graça, o perfume, a brancura da alma. O adjetivo “pudico” estabeleceu, no espírito do poeta, a ligação entre a flor e a criança: ambos possuem a pudicícia, a castidade, a inocência.

Vejam em tudo isto a delicadeza da arte de Antônio Nobre. Ele pôs de lado os processos declamatórios, a eloquência romântica, os meios diretos e demasiado conhecidos. Para nos dizer que terminou o sonho da sua meninice, a alegria da visão imaculada, Nobre fala-nos da flor que também tombou da haste, do jasmim que murchou num vaso de oiro, da pomba enamorada que se sumiu no azul e nunca mais voltou (lembramos aqui as lindas asas brancas de Garrett, que ele batia para voar ao céu).

Todo o soneto é construído sobre estas metáforas brilhantes, desde as pombas de oiro às torres de marfim. Somos levados a aludir ao simbolismo de Antônio Nobre, à preferência pela magia das insinuações indiretas. Na verdade o simbolismo não passou, a princípio, duma reação contra o processo parnasiano de mostrar as coisas, francamente, inteiramente, dando-as pelo nome próprio, sem rodeio nem véu. Isso tirava ao leitor o prazer de participar na criação.

“Nomear um objeto – escrevia Mallarmé em 1891 – é suprimir três quartos do gozo do poema, que consiste na delícia de adivinhar pouco a pouco; o sonho é sugerir o objeto. O uso perfeito deste mistério constitui o símbolo: evocar lentamente um objeto para mostrar um estado de alma, ou, inversamente, escolher um objeto e tirar dele um estado de alma por uma série de decifrações”. Estas palavras de Mallarmé (que foi o maior dos poetas simbolistas franceses) quadra à poesia de Antônio Nobre; notamos, porém, que, no soneto que hoje comentamos, não há imagens tão ousadas ou alucinantes que revoltem o senso comum; pelo contrário, é bem compreensível que se represente a candura da infância por uma flor branca, o mundo fantástico e hermético das crianças por um castelo de marfim.

O que parece estranho é não ser uma dor humana, dilacerante como a de Antônio Nobre, transmitida sem rodeios, no seu ímpeto de expansão, desalinhada e convulsiva. Não há dúvida de que Nobre foi sempre sincero. Desde pequeno, começou a meditar na morte, porque a esperava. Os prenúncios da tuberculose vieram pouco depois dos vinte anos. E ele, que já em criança pedia que, depois de morto, o embrulhassem num cobertor, “porque tinha medo do frio do jazigo”, depois começou a ver em todas as coisas o riso macabro da morte:

> Em tudo via a Velha, em tudo via a Morte;
> Um berço que dormia era um caixão pr‘a cova:
> Via a Foice no Céu quando era Lua Nova...

Antônio Nobre foi, portanto, um poeta espontâneo. Escreveu com o sangue das suas veias. Mas não foi apenas um homem que sofreu, porque fez dos pedaços da sua dor filigranas de beleza e harmonia. Ele próprio disse uma vez: “A dor que dura sempre produz o prazer que não dura mais que um momento”. Esse momento de que fala Nobre é, sem dúvida, o momento da criação poética, o momento da graça. O poeta depôs no altar da Arte a sua humanidade passageira, que sangrava. Contempla-se na própria imagem, acriançado e um pouco *dândi*, saboreando as palavras, procurando ritmos.

É notar como a palavra “lua” tem na sua poesia um halo especial de associações de imagens. As palavras recebem das outras mais próximas uma incidência de estímulos

psicológicos que muitas vezes transfiguram.

Por isso "lua", nos versos de Nobre ("...aves na minha infância que me enchiam de lua o coração outrora") sugere-nos o mundo saudoso e feminino do poeta, com as graças pálidas e os seus fantasmas adormecidos.

No último terceto, Nobre lança uma queixa dolorida e todavia humilde e resignada:

Debalde clamo e choro, erguendo aos céus meu ais:
Voltam na asa do vento os ais que a alma chora.
Elas, porém, Senhor! elas não voltam mais...

Nobre não renega o Senhor, embora tenha clamado antes de chorar. A rapidez saltitante do segundo verso, composto por palavras todas muito curtas, parece trazer o eco dos ais do poeta, vindos nas asas do vento. Voltam os ais que redobram a sua dor, mas não voltam as pombas de oiro da sua infância alada. O último verso, mais de que a chave racional do soneto, à maneira clássica, é uma frase sentimental: a primeira parte, ascendente, é um grito de alma ("elas, porém, Senhor!"); a segunda parte, descendente, é um suspiro de aceitação ("elas não voltam mais").

Antônio Nobre conformou-se, acabou por amar a sua cruz. Conseguiu tornar-se criança meiga e obediente, de olhos muito abertos, de sorriso tão triste. O sorriso de quem fala de ir viajar, sequinho, para o sol-posto; o sorriso de quem pede que componham com jeito o travesseiro, de modo que lhe faça bom encosto no caixão:

De modo que me faça bom encosto,
O travesseiro comporá com jeito,
E eu, tão feliz! Por não estar afeito,

Talvez este sorriso derive duma atitude premeditada, um último "coquetismo" de moribundo que compõe o lençol, manda abrir a janela e diz qualquer coisa infantil para distrair os outros da sua desgraça. Talvez seja a última defesa de quem teve de entregar-se todo, esfarrapado e sangrando, aos olhos da multidão compadecida".

Jacinto do Prado Coelho (*A Educação do Sentimento Poético*, pág. 65-71).

2) *Um soneto de Machado de Assis*:

A Carolina

...O estilo tem um cunho nitidamente quinhentista.

Sugere-o a formulação global, linguística e rítmica, e sublinham-no certos dados concretos, como, por exemplo, o qualificativo "malferidos", aconselhado por Mário Barreto justamente por se casar ao seu ideal de restauração da linguagem clássica183, a já citada locução de "pensamentos idos e vividos", e a pobreza das rimas dos tercetos em *-ados* e *-idos*, onde se alinham fácil e espontâneamente particípios da 1.ª conjugação e da 2.ª e 3.ª:

Trago-te flores, – restos arrancados
Da terra que nos viu passar unidos
E ora mortos nos deixa e separados
Que eu, se tenho nos olhos malferidos

Pensamentos de vida formulados,
São pensamentos idos e vividos.

O que, entretanto, mais aí nos deve interessar é a "forma interna", isto é, o plano formal imanente no desdobramento das frases.

Para o soneto, a forma interna, assim concebida, se processa pela concatenação de ideias, ascendentes em amplitude e intensidade, até o coroamento de uma larga e culminante expressão final. É o que naturalmente estava prefigurando no microcosmo da copla esparsa, de que vimos provavelmente ter evoluído o soneto.

Em Bocage, esta estruturação chega muitas vezes ao uso de um único período, que só na parte final apresenta as suas orações capitais. Um bom exemplo é o soneto sobre a existência de Deus184 onde vão-se anunciando os fatos da natureza comprobatórios, até se chegar à afirmação dessa existência na base desses fatos –

tudo que há a confessar me obriga

– acrescentando-se o conceito de que tal existência se impõe à Razão, e não apenas à Fé, pela evidência física e pela necessidade no plano moral, o que tinha de ser o capital argumento para o iluminismo oitocentista:

E para crer num braço autor de tudo,
Que recompensa os bons, que os maus castiga,
Não só da Fé mas da Razão me ajudo.

Esse plano formal interno pode, é verdade, oferecer a variante do chamado "soneto elisabetano" (que praticou Shakespeare)185 onde a três estrofes de quatro versos, independentes entre si quanto à rima, se adjunge um dístico final, que resume o pensamento anteriormente desenvolvido. Neste particular, Antônio Nobre nos ilustra uma forma interna de soneto elisabetano moldado na forma externa italiana, quando disjunge pela ideia os dois versos finais do último terceto, neles resumindo todo o teor da poesia, cujo pensamento se concluíra no décimo segundo verso:

Ó virgem que passais ao sol poente,
Pelas estradas ermas a cantar,
Eu quero ouvir uma canção ardente
Que me transporte ao meu perdido lar.
Cantai-me nessa voz onipotente
O sol que venha aureolando o mar,
A fartura da seara reluzente,
O vinho, a graça, a formosura, o luar.
Cantai, cantai, as límpidas cantigas
Do fundo do meu lar desaterrai
Todas aquelas ilusões antigas,
Que eu vi morrer num sonho como um ai!...
Ó suaves e frescas raparigas,
Adormecei-me nessa voz... Cantai! 186

Voltando, entretanto, a "A Carolina" de Machado de Assis, examinemos-lhe a forma interna na base das considerações acima feitas.

Não temos aí, em verdade, um desdobramento de ideias cada vez mais amplas e intensas até um clímax de versos finais.

O poeta combina pensamentos cognatos e paralelos: um nos quartetos, outro no primeiro terceto, enquanto um terceiro pensamento, que é a essência do pequeno poema, se

consubstancia finalmente no último terceto.

Recitemos a produção, comparando-a com o esquema assim depreendido:

A) Visita à sepultura com as ideias que acompanham esse gesto de saudade e carinho: a evocação da felicidade e a afirmação de uma lembrança e um afeto que não mais se apaga ou sequer desfalece:

> Querida, ao pé do leito derradeiro
> Em que descansas dessa longa vida,
> Aqui venho e virei, pobre querida,
> Trazer-te o coração de companheiro.
> Pulsa-lhe aquele afeto verdadeiro
> Que, a despeito de toda a humana lida,
> Fez a nossa existência apetecida
> E num recanto pôs o mundo inteiro.

B) Oferta de flores, como símbolo dessa saudade, que assim se concretiza num gesto ritual:

> Trago-te flores, restos arrancados
> Da terra que nos viu passar unidos
> E ora mortos nos deixa e separados.

C) Finalmente, o conceito de que o poeta está morto para o mundo, e a sua vida física se prolonga automaticamente pelo impulso adquirido de uma força vital que desapareceu:

> Que, se eu tenho nos olhos malferidos
> Pensamentos de vida formulados,
> São pensamentos idos e vividos.

Mas não é tudo. Não se resume nesta análise o plano complexo do soneto.

O poeta articulou sutilmente a parte C com a parte B, tirando-a da expressão, aparentemente secundária, de que ele está tão morto quanto a sua Carolina.

Digo "aparentemente secundária", porque o termo está colocado em meio de frase e como primeiro elemento de um conjugado copulativo, em que predomina formalmente, portanto, o segundo qualificativo *separados*.

Há a intenção de provocar a perplexidade *a posteriori* do leitor, cuja atenção desliza até *separados* e, *depois* de aceitar essa ideia *self-evident*, há de retornar, sem querer, para o paradoxal adjetivo *mortos*, que o antecede. "Mortos, por quê?" Assim concentrado num novo conceito, que obviamente tem de intrigá-lo, está ele preparado para receber o impacto de pensamento final, introduzido ao último terceto por um *que* de valor causal.

Temos, assim, – não um desdobramento que regularmente vai ascendendo para uma ideia ápice –, mas um primeiro pensamento concluso (a evocação da felicidade perdida e a lembrança perene da mulher amada), um segundo que o ilustra numa concretização simbólica, e, saindo de um elemento aí lançado quase ao acaso, um pensamento final, que transfigura o poema e lhe dá a substância definitiva.

É nesta forma interna e no seu contraste com o plano natural de um soneto, que me parece estar, estilisticamente, a significação da pequena joia poética que acabamos de rapidamente apreciar.

Joaquim Mattoso Câmara Jr. (*Revista do Livro*, no. 5, p. 71-73)

179 J. Mattoso Câmara Jr., “Noções de Estilística” in *Littera*, n.º 2, 91.
180 Matéria y Forma en Poesia, 103-104.
181 No artigo citado.
182 *Le Langage et la Vie*, 100.
183 Mário Barreto, *Novos Estudos da Língua Portuguesa*. Rio, 1921; p. 364.
184 *Obras Poéticas de Bocage*, ed. Tavares Cardoso e Irmão. Lisboa 1902, vol. I, 234.
185 Sobre o soneto na literatura inglesa, consultar Enid Hammer, *The Meters of English Poetry*, London, 1954; p. 186 ss.
186 Antônio Nobre, *Só*, 3.a. ed. (Aillaud e Bertrand)., 1913, p. 120.

V – Noções Elementares de Versificação

"La métrique est une science, mais c'est aussi un art.
Le métricien doit connaître la technique du vers, mais
il doit aussi être un homme de bon sens, avoir de la finesse
et du goût" (G. Millardet, *Romania*, 43, 1914, p. 260).

Poesia e prosa – Em sentido formal, chama-se **poesia** à forma de expressão ordenada segundo certas regras e dividida em unidades rítmicas.

Prosa é a forma de expressão continuada. Embora a prosa também possa ter ritmo, aqui ele é menos rigoroso que na poesia.

Verso é o conjunto de palavras que formam, dentro de qualquer número de sílabas, uma unidade fônica sujeita a um determinado ritmo.

Ritmo é a divisão do tempo em período uniformes mediante os apoios sucessivos da intensidade.

Metro é o verso que, além de atender ao ritmo, se apresenta dentro de uma norma regular de medida silábica.

O ritmo, comum ao verso e ao metro, não se manifesta de maneira uniforme; por isso produz efeitos diferentes conforme a disposição das cláusulas silábicas que constituem o período rítmico do verso.

Por sua vez, um mesmo metro pode apresentar-se sob várias modalidades rítmicas.

Pode-se mudar de ritmo sem alterar o metro ou o verso, como se pode mudar de metro ou verso sem alterar o ritmo.

Como ensina Navarro Tomás, o ritmo nasce da disposição acentual, o verso depende da ação do ritmo, e o metro obedece justamente ao ritmo e à medida silábica.

Além do ritmo acentual, outros recursos suplementares contribuem para dar ao verso as qualidades de sua fisionomia e de colorido; são recursos fônicos, morfológicos e semânticos. Além da rima e da estrofe, figuram, entre outros, a harmonia vocálica, a aliteração de consoantes, o paralelismo, a anáfora, a ordem das palavras ou a valorização semântica de uma palavra ou expressão.

Por melhor que seja o verso, perderá muito de seu valor se proferido por um leitor – e até mesmo pelo seu autor - que não saiba pôr em evidência as características de sua estrutura rítmica, métrica e de seus apoios fônicos.

Pausa final. Cavalgamento – Na leitura de um poema, marca-se o final de cada verso ou final de cada unidade de verso composto (*hemistíquio*) com uma pausa, a chamada *pausa métrica*. Esta pausa métrica não passa de uma pequena interrupção, que não chega a confundir com a pausa mais demorada, resultante da entoação da oração, marcada em geral por vírgula ou outro sinal de pontuação.

Não levar na devida conta a pausa métrica, além de atentar contra o ritmo, pode converter o verso em falsa prosa.

A pausa métrica é transferida para a primeira sílaba tônica do verso seguinte, quando a unidade sintática excede o limite de um verso e, para completar-se, "cavalga" ou "monta" no verso a seguir, patenteando, assim, um desacordo entre a unidade sintática e a unidade métrica. Este fenômeno é conhecido pela denominação francesa *enjambement*, que se pode traduzir, como fez Said Ali, por *cavalgamento*. Também se usa o termo *encavalgamento*:

> "Sonho profundo, ó Sonho doloroso,
> Doloroso e profundo Sentimento!
> *Vai, vai nas harpas trêmulas do vento*
> *Chorar o teu mistério tenebroso*" [CS.1, II, 63].

Versificação – é a técnica de fazer versos ou de estudar-lhes os expedientes rítmicos de que se constituem.

"Não se há de confundir *versificação* com *poesia*. A poesia é um *dom*: nasce-se poeta. A versificação é uma arte: torna-se um versejador. Grandes poetas, como Vigny, foram medíocres versejadores. Hábeis versejadores, como Teodoro de Banville, não podem jamais ser chamados poetas" [BH.1, 431].

O **ritmo poético**, que na essência não difere das outras modalidades de ritmo, se caracteriza pela repetição. O ritmo consiste na divisão perceptível do tempo e do espaço em intervalos iguais. Quando a poesia se constitui de unidades rítmicas iguais, diz-se que a versificação é *regular;* quando isto não ocorre, a versificação é *irregular* ou *livre*.

O ritmo poético utiliza recursos que nem sempre são coincidentes de idioma para idioma.

Entre nós, por exemplo, não figura a quantidade que é o alicerce da versificação latina ou grega. A rima, por outro lado, que hoje nos é tão familiar e querida, não constituía peça essencial da poesia até a Idade Média latina.

Em português o ritmo poético é assegurado pela utilização dos seguintes expedientes que se podem combinar de maneira variadíssima:

1) número fixo de sílabas;

2) distribuição das sílabas fortes (ou tônicas) e fracas (ou átonas);

3) cesura;

4) rima;

5) aliteração;

6) encadeamento;
7) paralelismo.

O número fixo de sílabas coordenado com a distribuição das sílabas fortes e fracas constitui um *metro poético* e o seu estudo recebe o nome de *métrica*.

I – Número Fixo de Sílabas

Como se contam as sílabas de um verso – Na recitação a contagem das sílabas se processa diferentemente da análise gramatical; nesta se atenta para a sua representação na escrita enquanto naquela se busca a realidade auditiva. No verso:

"É toda um hino: – esperança!" [CA.1, 97]

Há sete sílabas para o poeta (este só conta até a última tônica) e dez sílabas para o gramático; aquele não profere o *a* final de *toda*, liga a consoante *d* a *um*, omite o *o* final de *hino* e junta o *n* à sílaba inicial de *esperança*:

É / to / d(a)um / hi / n(o): – es / pe / ran / ça
1 2 3 4 5 6 7

Só se conta até a última sílaba tônica: verso agudos, graves e esdrúxulos – Uma das orientações que distinguem a contagem das sílabas entre o poeta e o gramático, é que o primeiro, de acordo com orientação revivida (foi iniciada por Couto Guerreiro, no século XVIII) 187 por Antônio Feliciano de Castilho, no século XIX, só leva em conta até a última sílaba tônica, desprezando a átona ou as átonas finais. Daí a divisão dos versos em *agudos*, *graves* ou *esdrúxulos*, conforme terminarem, respectivamente, por vocábulos oxítonos, paroxítonos, ou proparoxítonos, como nos seguintes versos, todos de dez sílabas:

"O padre não falou – mostrou-lhe o céu!" [CA.1, 137] **Agudo**
"Eu vi-a lacrimosa sobre as *pedras*." [CA.1, 106] **Grave**
"Estátua da aflição aos pés dum túmulo!" [CA.1, 106] **Esdrúxulo**

Neste livro indicaremos a sílaba métrica pelo símbolo ∪ ; quando for tônica poremos nele um acento tônico: ∪.188

Fenômenos fonéticos correntes na leitura dos versos – Na leitura dos versos, proferimos as palavras com as junções e as pausas que o falar de todos os momentos conhece; por exagero, entretanto, tais fenômenos fonéticos costumam ser explicados como "exigência da técnica versificatória".

Estes fenômenos são: 1) sinérese; 2) diérese; 3) elisão; 4) crase; 5) ectlipse; e podem ocorrer uns dentro do mesmo vocábulo (*intraverbais* ou *internos*) e outros pela junção de dois vocábulos (*interverbais* ou *externos*).

Sinérese ou ditongação é a junção de vogais contínuas numa só sílaba em virtude de uma das vogais passar a semivogal, no interior da palavra.

Na língua portuguesa moderna, especialmente no Brasil, é normal a sinérese interna: "a) nos grupos vocálicos átonos não finais, de segunda vogal, alta, correspondente em vocábulo derivado ou composto à vogal tônica do primitivo (ex.: *traidor*, de *trair*) ou à vogal inicial de uma das formas mínimas componentes (ex.: *vaidade*, rad. *va-*, suf. *-idade*), sendo que, fora dessas duas condições, se tem aí um ditongo sistemático (ex.: *lei-tu-ra*, *cau-te-la*, etc.); b) nos grupos vocálicos átonos não finais, de primeira vogal alta (ex.: *piedade*, *suavidade*); c) nos grupos vocálicos átonos finais, de primeira vogal átona (ex.: *glória*, *áscua*, *série*, *tênue*), sendo que não há primeira vogal média nesses grupos (cf. *níveo*/*níviu*/*mágoa*/*mágua*). A intenção estilística ou a métrica, no verso, criam frequentemente diérese nos dois primeiros casos" [MC.4, 221].

DIÉRESE é a dissolução de um ditongo em hiato no interior da palavra.

A diérese, que é sempre interna, é fenômeno hoje raro em poesia, geralmente usado apenas para certos fins expressivos ou como expediente para dar ao verso o número de sílabas exigidas:

"Pe / sa / -me es / ta / bri / lhan / te au / ré / o / la / de / nu / me..." [MA].

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12

O movimento lento, proferindo *auréola* (*au-ré-o-la*) como vocábulo de quatro sílabas, parece emprestar à situação o colosso do tamanho que tem o sol, em relação à simplicidade do vaga-lume.

Às vezes costuma-se indicar a diérese pondo-se trema no *i* ou *u*: *vaïdade* (*va-i-da-de*), *saudade* (*sa-u-da-de*).189

SINALEFA, é a perda de autonomia de uma vogal para tornar-se semivogal e, assim, constituir um ditongo com a vogal seguinte:

E triste e triste e fatigado eu‿vinha (lido como tritongo: /wew/).

ELISÃO é o desaparecimento de uma vogal quando pronunciada junto de outra vogal diferente:

e fatigad(o)‿eu vinha (lido: /ew/) [CCh.1, 667].

A pronúncia rápida dos portugueses leva mais frequentemente à realização de elisões do que a pronúncia mais lenta dos brasileiros. Nem sempre, como no exemplo acima, a elisão é indicada graficamente:

Mas se forçoso *t'é* deixar a pátria [CA.1, 125].

Note-se também que a elisão pode abarcar mais de duas vogais.

CRASE é a fusão de dois ou mais sons iguais num só:

"Teu pensamento, como‿o sol que morre,
Há de cismando mergulhar-se‿em mágoas" [CA.1, 125].
"Durante a noite quando‿o orvalho desce" [CA.1, 144].

ECTLIPSE é a supressão da ressonância nasal de uma vogal final de vocábulo para facilitar a sinérese ou a crase com a vogal contígua.190

Ocorre com mais frequência a ectlipse no final *-em* e na preposição *com*. Neste último caso, é comum ser indicada por apóstrofo, porque, a rigor, a ectlipse não passa de uma elisão considerada a palavra no seu sentido mais geral (o Vocabulário Oficial recomenda não usar apóstrofo: coa, coas, co, cos):

"Co'as tranças presas na fita,
Co'as flores no samburá" [CA.1, 116].

É preciso insistir, mais uma vez, que os fenômenos fonéticos aqui estudados só na mão do versejador são frios recursos de aumento ou diminuição de sílabas para atender às exigências da técnica versificatória; na mão do verdadeiro poeta constituem intencionais e vigorosos elementos do quadro que o artista deseja pôr diante de nossos olhos. O ritmo que devemos imprimir ao verso, acelerado aqui, com pausas acolá, é uma como harmonia imitativa das ideias que o poeta nos quer transmitir.

O ritmo e a pontuação do verso – Já acentuamos que nem sempre a unidade de sentido do poema coincide com os limites de sua linha, o que nos mostra o erro daqueles que leem verso fazendo longa pausa no fim de cada um deles.191 Esta longa pausa só é lícita quando a unidade sintática o exigir ou permitir:

"Meus Amigos, Adeus – Verei fulgindo
A lua em campo azul, e o sol no ocaso
Tingir de fogo a implacidez das águas;
Verei hórridas trevas lento e lento
Descerem, como um crepe funerário
Em negro esquife, onde repoisa a morte" [GD.3, I, 213].

Às vezes se podem ligar fonemas de palavras separadas por algum sinal de pontuação ou, ao contrário, pode haver uma pausa sem que seja indicada por sinal gráfico adequado, como nestes versos de dez sílabas:

"E eu, fitando-a, abençoava a vida" [CA.1, 279], lido:
E / eu / fi / tan / do-a a / ben / ço / a / va a / vi / da
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
"Ama-se a vida – a mocidade é crença" [CA.1, 144].

Expedientes mais raros na contagem das sílabas – Ao lado dos casos até aqui apontados, há outros de menos incidência, mas que merecem nossa atenção. Lembraremos os três seguintes:

a) o movimento rítmico de um verso pode estar sob a influência do verso anterior ou do seguinte, fazendo com que a vogal ou sílaba inicial de um verso fique incorporada no verso precedente; isto vem explicar a exatidão métrica de alguns versos aparentemente errados por se apresentarem mais curtos do que deviam:

"Chorar a virgem formosa
Morta na flor dos anos" [CA.1, 83], que será lido:
Cho / rar / a / vir / gem / for / mo /
1 2 3 4 5 6 7
sa / mor / ta na / flor / dos / a / nos
1 2 3 4 5 6 7

b) o silêncio ou pausa mais forte valendo como sílaba:

"Às vezes, oh, sim, / derramam tão fraco" [GD.3, I, 68].
"O céu era azul, / tão meigo e tão brando" [GD.3, I, 45].

são versos de onze sílabas aos quais a pausa intencional do poeta (indicada aqui por /) vale por uma sílaba métrica.

c) a dissolução de um encontro consonântico pela intercalação de uma vogal (/ *i* / ou / *e* /), não indicada na escrita, fazendo da primeira consoante uma sílaba à parte, o que revela uma tendência da pronúncia brasileira corrente:

"Ninguém mais *observa* o tratado" [GD.2] – *observa* deve ser lido com quatro sílabas.
"Contudo os olhos *d'ignóbil* pranto" [GD.1] – *ignóbil* deve ser lido também com quatro sílabas.

2 – Número Fixo de Sílabas e Pausas

O número fixo de sílabas e pausas é o principal dos apoios rítmicos do verso. O poeta tem a liberdade de não ficar, em todo o poema, preso ao mesmo metro. No poema de Gonçalves Dias, intitulado *Minha Vida e Meus Amores*, ocorre uma mudança de metro muito interessante. O poeta vinha versejando em decassílabos acentuados na sexta sílaba ou na quarta e oitava:

Outra vez que lá fui, que a vi, que a medo
Terna voz lhe escutei: – sonhei contigo! –
Inefável prazer banhou meu peito,
Senti delícias; mas a sós comigo
Pensei – talvez! – e já não pude crê-lo.

De súbito, nos versos 67 e 68 faz cair as pausas na quarta e sétima sílaba, aproximando o ritmo decassílabo do ritmo de onze sílabas, que vai aparecer nos versos 70 e 71:

Ela tão meiga e tão cheia de encantos,
Ela tão nova, tão pura e tão bela...
Amar-me! – Eu que sou?
Meus olhos enxergam, enquanto duvida
Minh'alma sem crença, de força exaurida,
Já farta da vida,
Que amor não doirou. [MB.1, II, 127].

Na poesia *A Tempestade*, Gonçalves Dias varia a medida de estrofe; a estrofe começando por duas sílabas até chegar a onze, quando retorna num movimento decrescente até voltar ao

de duas sílabas. Com isto o poeta quis-nos indicar mais vivamente "a aproximação gradativa da tempestade, cuja maior fúria estoura na décima estrofe, para depois afastar-se pouco a pouco" [Manuel Bandeira, editor das Obras de Gonçalves Dias, II, 235].

Os versos em português variam, em geral, de uma a doze sílabas, sendo raros os que ultrapassam este número. Para sua designação empregam-se os nomes gregos denotativos de número prefixados ao elemento -*sílabo*: *mono*- (um só), *dis*- (dois), *tri*- (três), *tetra*- (quatro), *penta*- (cinco), *hexa*- (seis), *hepta*- (sete), *octo*- (oito), *enea*- (nove), *deca*- (dez), *hendeca*- (onze), *dodeca*- (doze): *monossílabo*, *dissílabo*, *trissílabo*, *tetrassílabo* (também chamado *quadrissílabo*) , *pentassílabo* (também dito *redondilha menor*) , *hexassílabo*, *heptassílabo* (também dito *redondilha maior* ou só *redondilha*) , *octossílabo*, *eneassílabo*, *decassílabo* (também chamado *heróico*) , *hendecassílabo* (também chamado de *arte maior*) e *dodecassílabo* (ou também *alexandrino*), nome tirado das numerosas composições medievais que cantavam os feitos do guerreiro Alexandre, mormente o *Poema de Alexandre*, composto no século XII, por Alexandre de Bernay e Lambert Licor.

Cesura – Os versos longos, de ordinário a partir dos de dez sílabas, apresentam uma pausa interna, chamada *cesura*, para ressaltar o movimento rítmico, dividindo o verso em duas partes, nem sempre iguais, conhecidas pelo nome de *hemistíquios*. A *cesura* pode ser uma pausa menor (não indicada por sinal de pontuação), ou mais acentuada (indicada na escrita por sinal de pontuação).

Como assinala Navarro Tomás, "em qualquer ponto do verso pode ocorrer uma interrupção requerida pela sintaxe ou pela necessidade de destacar o significado de uma palavra. Estas paradas ocasionais não têm a função métrica da cesura ou da pausa" [NT.1, 28].

Versos de uma a doze sílabas – Os versos de uma, duas e três sílabas só têm uma sílaba forte:

a) Monossílabos (raríssimos):

"quebra
queima
reina
dança
sangue
gosma..." [MAn *apud* MB.3, 3242].

b) Dissílabos:

"Um raio
Fulgura
No espaço
Esparso
De luz" [GD.4, 229].

c) Trissílabos:

"Vem a aurora
Pressurosa,
Cor-de-rosa,

Que se cora
De carmim" [GD.4, 229].

d) Tetrassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ↺ ∪ ↺
"O sol desponta" [GD.4, 230].

2 – ∪ ∪ ∪ ↺
"Que entre verdores" [GD.4, 230].

3 – ↺ ∪ ∪ ↺
"Lá no horizonte" [GD.4, 230].

4 – ∪∪↺ ↺
"Salomé vinha" [*apud* MB.3, VI, 3242].

e) Pentassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ↺ ∪ ∪ ∪ ↺
"Gados que pasceis" [LC *apud* SA.3, 30].

2 – ∪ ↺ ∪ ∪↺
"Um ponto aparece" [GD *apud* SA.3].

3 – ∪ ∪ ↺ ∪ ↺
"Não sou eu tão tola" [JD *apud* SA.3].

f) Hexassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ↺ ∪ ↺ ∪↺
"Não solta a voz canora" [GD, *ibid.*].

2 – ∪ ↺∪ ∪ ∪↺
"Que um canto d'inspirado" [*Id.*, *ibid.*].

3 – ∪ ∪ ↺ ∪ ∪↺
"Como é fundo o sentir" [CA *apud* SA.3, 33].

4 – ↺ ∪↺ ∪ ∪ ↺
"Pois permite e consente" [LC *apud* SA.3, 32].

5 – ↺ ∪ ∪↺∪ ↺
"Tu já mataste a sede,
Mate-me a sede a mim" [JD *apud* SA.3].

6 – ∪ ∪ ∪ ↺ ∪↺
"E à luz do luar incerto" [AG *apud* MC.3, II, 149].

g) Heptassílabos – são os versos mais usados e populares em português e apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ◡ ◡ ◡ ◡ ◡◡◡
"Cresce a chuva, os rios crescem" [GD, *ibid.*].

2 – ◡´◡ ◡ ◡◡◡ ◡ ◡
"Fogem do vento que ruge" [*Id.*, *ibid.*].

3 – ◡ ◡◡ ◡ ◡◡◡ ◡
"Ardendo na usada sanha" [*Id.*, *ibid.*].

4 – ◡ ◡ ◡◡ ◡◡◡◡◡
"Como ovelhas assustadas" [*Id.*, *ibid.*].

5 – ◡ ◡ ◡◡ ◡ ◡◡ ◡ ◡
"Que da praia arreda o mar" [*Id.*, *ibid.*].

6 – ◡ ◡◡◡ ◡◡◡ ◡◡◡
"É já torrente bravia" [*Id.*, *ibid.*].

7 – ◡ ◡ ◡◡ ◡ ◡◡◡◡
"Grossos troncos a boiar"

8 – ◡ ◡◡ ◡ ◡ ◡ ◡ ◡◡
"Aqui nestas redondezas" [V. de Carvalho *apud* MC.3, 148].

h) Octossílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ◡ ◡◡ ◡ ◡◡ ◡ ◡◡ ◡ ◡◡
"Demônios mil, que, ouvindo-as, digam" [RC *apud* SA.3, 39].

2 – ◡◡ ◡◡ ◡ ◡◡◡◡ ◡◡
"Sabes tu de um poeta enorme" [MA *apud* SA.3, 40].

3 – ◡◡ ◡ ◡◡ ◡◡◡◡ ◡◡
"Roxas, brancas, rajadas, pretas" [*Id.*, *ibid.*].

4 – ◡ ◡◡ ◡ ◡ ◡◡◡◡ ◡◡◡
"Deixando a palhoça singela" [*Id.*, *ibid.*].

5 – ◡ ◡ ◡◡◡ ◡ ◡◡◡◡
"São Bom Jesus de Matozinhos" [AG *apud* MC.3, 150].

6 – ◡ ◡ ◡◡ ◡ ◡ ◡ ◡◡◡
"Querem vê-lo no seu altar" [*Id.*, *ibid.*].

7 – ◡◡◡◡ ◡◡ ◡ ◡ ◡◡
"Para ficar perto dos ninhos" [*Id.*, *ibid.*].

8 – ◡◡ ◡◡◡ ◡ ◡◡◡◡
"Alto, porém, tão alto soa" [RC *apud* SA.3, 40].

i) Eneassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ∪ ↺∪ ∪↺∪ ∪ ↺
"E no túrgido ocaso se avista" [GD, *op. laud.*]

2 – ∪∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ∪∪ ↺
"Além, nos mares tremulamente" [RC *apud* MC.3].

3 – ∪ ↺ ∪ ∪ ∪↺∪ ∪ ↺
"Da cor de uma menina sem vida" [AG *apud* MC.3, 152].

4 – ↺ ∪ ∪ ↺ ∪ ↺ ∪ ∪↺
"Pobres de pobres são pobrezinhos" [G. Junqueira *apud* SA.3, 42].

5 – ↺ ∪ ∪↺∪ ∪ ↺ ∪ ↺
"Dei-me ao relento, num mar de lua" [R. Correia *apud* SA.3].

6 – ∪ ↺ ∪↺∪ ∪ ↺ ∪ ↺
"Também outrora num mar de lua" [*Id.*, *ibid.*].

7 – ↺ ∪∪∪↺∪ ∪ ∪ ↺
"Pobre lua nova, tão pequena" [A. Guimarães *apud* MC.3].

j) Decassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ∪↺ ∪ ↺
"Um som longínquo cavernoso e ouco" [GD, *ibid.*].

2 – ∪ ∪ ∪ ∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ∪ ↺
"Eis outro inda mais perto, inda mais rouco" [*Id.*, *ibid.*].

3 – ∪↺ ∪ ↺ ∪ ↺ ∪ ∪ ∪ ↺
"Troveja, estoura, atroa; e dentro em pouco" [*Id.*, *ibid.*].

4 – ↺ ∪ ∪ ∪ ∪ ↺∪ ∪∪↺
"Rasga-se o negro bojo carregado" [*Id.*, *ibid.*].

5 – ∪ ↺ ∪ ∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ∪↺
"E enquanto a luz do raio o sol roxeia" [*Id.*, *ibid.*].

6 – ∪ ∪↺∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ∪ ↺
"Das ruínas completas o grande estrago" [*Id.*, *ibid.*].

7 – ∪∪ ∪ ∪ ↺ ∪ ↺ ∪ ∪ ↺
"O sonho passou. Traz magoado o rim" [MB.3, 3243].

8 – ∪ ∪ ∪ ∪↺ ∪ ↺ ∪ ∪↺
"Magoada a cabeça exposta à umidade" [*Id.*, *ibid.*].

9 – ∪∪ ∪ ↺∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ↺
"Doce repouso de minha lembrança" [LC *apud* MB.3].

k) Hendecassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ↺∪∪ ↺ ∪ ∪ ↺ ∪∪ ↺
"Nos últimos cimos dos montes erguidos"

2 – ↺ ∪ ∪ ∪↺ ∪ ∪ ↺ ∪∪ ↺
"Ai! há quantos anos que eu parti chorando" [GJ.1, 117].

3 – ∪∪ ∪ ∪ ↺∪ ∪∪∪∪ ↺
"Deste meu saudoso, carinhoso lar!..." (*Id.*, *ibid.*).

4 – ∪ ∪ ↺ ∪ ↺∪ ∪ ∪ ↺∪ ↺
"Foi há vinte?... há trinta?... Nem eu sei já quando!..." [*Id.*, *ibid.*].

l) Dodecassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ∪ ↺∪∪↺ / ∪∪↺∪ ∪ ↺
"Já não fala Tupã no ulular da procela" [OB *apud* SA.3, 56].

2 – ∪ ↺ ∪ ↺∪↺/ ∪ ↺∪↺∪↺
"E espalham tanto brilho as asas infinitas" [*Id.*, *ibid.*].

3 – ∪ ∪ ↺∪∪ ↺ / ∪ ↺ ∪ ↺ ∪↺
"Como a faixa de luz que o povo hebreu guiava" [*Id.*, *ibid.*].

4 – ∪ ↺ ∪ ↺ ∪ ↺ / ∪∪↺ ∪∪↺
"Teu pé também deixou um sinal neste solo" [*Id.*, *ibid.*].

5 – ↺∪ ∪↺ ∪ ↺ / ↺ ∪ ∪ ↺ ∪↺
"Ruge soturno o mar; turva-se hediondo o dia" [*Id.*, *ibid.*].

6 – ↺∪ ∪ ↺ ∪ ↺/ ∪ ↺∪ ↺∪ ↺
"Súbito a nota extrema anseia, treme, rola" [CAv.1, I, 115].

7 – ↺ ∪ ∪ ↺ ∪ ↺/ ∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ↺
"Noiva que espera o noivo e suspira em segredo" [OB *apud* SA.3].

8 – ∪ ↺ ∪ ↺∪ ↺/ ↺ ∪ ∪↺ ∪ ↺
"Em torno a cada ninho anda bailando uma asa" [*Id.*, *ibid.*].

9 – ∪ ∪ ↺∪ ∪ ↺ / ↺∪ ∪ ↺ ∪ ↺
"Vês com olhos do céu cousas que são do mundo" [MA, *ibid.*].

10 – ↺∪ ↺∪ ∪ ↺ / ↺∪ ↺ ∪ ∪↺
"Essa que ora nos céus anjos chamam Lenora" [*Id.*, *ibid.*].

11 – ↺∪ ↺∪ ∪↺ / ↺∪ ∪ ↺ ∪ ↺
"Casa, rico jardim, servas de toda a parte" (*Id.*, *ibid.*).

12 – ↺ ∪ ↺ ∪ ∪ ↺/∪ ↺ ∪ ↺ ∪↺
"Berço em que se emplumou o meu primeiro idílio" [OB, *ibid.*].

13 – ↺ ∪ ↺∪ ∪ ↺/∪∪↺ ∪ ∪ ↺
"Passa um velho judeu, avarento e mesquinho" (G. Junqueira, *ibid.*).

"A lei orgânica do alexandrino pode ser expressa em dois artigos: 1.º) quando a última palavra do primeiro verso de seis sílabas é grave (1.º hemistíquio), a primeira palavra do segundo deve começar por uma vogal ou por um *h*; 2.º) a última palavra do primeiro verso nunca pode ser esdrúxula. Claro está que, quando a última palavra do primeiro verso é aguda,

a primeira do segundo pode indiferentemente começar por qualquer letra, vogal ou consoante.

Alguns poetas modernos, desprezando essa regra essencial, têm abolido a tirania da censura. Mas o alexandrino clássico, o verdadeiro, o legítimo, é o que obedece a esses preceitos".192

3 – Rima: Perfeita e Imperfeita 193

Chama-se *rima* a igualdade ou semelhança de sons pertencentes ao fim das palavras, a partir da sua última vogal tônica.

As palavras em rima podem estar no fim (*rima final*, a mais usual) ou no interior do verso (*rima interna*), podendo, neste último caso, uma das palavras ocupar a posição final.

Interna é a rima que se faz com a última palavra de um verso e uma palavra no interior do verso seguinte. Em *Aventura Meridiana* (*Os Amores* de P. Ovídio Nasão, 63 e ss.), A. F. de Castilho, compondo quartetos de versos alternados, de 12 e 6 sílabas, rima o 1.º verso com a 2.ª sílaba do 2.º; o 2.º com o 4.º; o 3.º com a 2.ª sílaba do 4.º; finalmente variando o verso ora grave, ora agudo:

"Era na estiva quadra! Intenso meio-dia
Pedia um respirar;
No meio do meu peito
Me deito a descansar.

Janela entreaberta, esquiva ao sol fogoso,
Repouso ali mantém;
Luz como a de espessura
Escura ao quarto vem".

A rima pode ser *perfeita* (ou com *homofonia*) ou *imperfeita* (ou com *semi-homofonia*). Diz-se *perfeita* quando é completa a identidade dos fonemas finais, a partir da última vogal tônica:

"És engraçada e formosa
Como a rosa,
Como a rosa em mês d'abril;
És como a nuvem doirada
Deslizada,
Deslizada em céus d'anil" (G. Dias, *Obras*, 59).

Na rima perfeita, pode haver ainda identidade da(s) consoante(s) anterior(es) à vogal tônica. Para os versos inglês e alemão o fato constitui falta grave.

Diz-se *imperfeita* aquela em que a identidade de fonemas finais não é completa, insistindo-se apenas naqueles fonemas que se diferenciam fundamentalmente dos demais [CCh.2, 200]. Ocorre a rima imperfeita quando:

a) se rima uma vogal de timbre semiaberto com outra de timbre semifechado:

"Bailando no ar, gemia inquieto vaga-lume:
– "Quem me dera que fosse aquela loura *estrela*,
Que arde no eterno azul, como eterna *vela*!"
Mas a estrela, fitando a lua, com ciúme." (M. de Assis).

b) um dos finais tem um som que o outro não tem:

"Nessa *vertigem*
Amara a *virgem*" (C. de Abreu, *Obras*, 194).

Muitas vezes, a perfeição ou imperfeição da rima é relativa, conforme a pronúncia padrão. No Brasil, por exemplo, constituem rimas perfeitas as que se fazem entre certas vogais e ditongos (*desejos* com *beijos*; *luz* com *azuis*; *atroz* com *heróis*; *vãs* com *mães*; *espirais* com *Satanás*; *bondoso* com *repouso*). Em Portugal é perfeita a rima entre *mãe* e *também* (ou *tem*, etc.), prática que, por imitação literária, ocorre entre alguns de nossos poetas românticos.

c) se rima uma vogal oral com uma vogal nasal:

De que ele, o sol, inunda
O mar, quando se *põe*,
Imagem moribunda
De um coração que *foi* [JD *apud* CCh.1, 694].

d) se rimam vocábulos com só identidade das vogais tônicas (rima *toante* ou *assonante*).

Rimas consoantes e toantes – A rima se diz *consoante* quando é perfeita, isto é, tem os mesmos fonemas a partir da última vogal tônica do verso: *vaga-lume* / *ciúme*.

Toante (também *assonante*, de *assonância*) é a rima imperfeita, em que há apenas identidade nas vogais tônicas:

calma / *cada*; *terra* / *pedra*.

Disposição das rimas – Quanto à maneira por que se dispõem nos versos, as rimas podem ser *emparelhadas*, *alternadas* (ou *cruzadas*), *opostas* (ou *entrelaçadas* ou *enlaçadas*), *interpoladas* e *misturadas*.

Cada rima de uma estrofe é designada por uma letra maiúscula ou minúscula do alfabeto, de modo que a sucessão de letras indica a sucessão das rimas. Assim no exemplo:

"Moços, quero, entre vós, falar à nossa terra...
Somos sua esperança e o seu último amparo;
Em nosso corpo e em nosso espírito se encerra
O que ela agora tem de mais certo e mais caro" [JO.2, 159].

A distribuição das rimas é representada pelo esquema *abab* (ou ABAB) onde *a* indica a rima -*erra* (terra / encerra) e *b* a rima -*aro* (amparo / caro).

EMPARELHADAS são as que se sucedem duas a duas (o esquema é *aabbcc*, etc.):

"Numa vida anterior, fui um xeque macilento
E pobre... Eu galopava, o albornoz solto ao vento,
Na soalheira candente; e, herói de vida obscura,
Possuía tudo: o espaço, um cavalo, e a bravura" [OB.1].

ALTERNADAS (ou *cruzadas*) são as que, num grupo de quatro versos, se alteram, fazendo que o 1.º verso rime com o 3.º (e os demais ímpares) e o 2.º com o 4.º (e os demais pares).

Correspondem ao esquema *abab*:

"Ora (direis) ouvir estrelas! Certo
Perdeste o senso!" E eu vos direi, no entanto,
Que, para ouvi-las, muita vez desperto
E abro as janelas, pálido de espanto..." [OB.1].

OPOSTAS (ou *entrelaças* ou *enlaçadas*) são as que se verificam em dois versos entre os quais medeiam dois outros também rimados.

Correspondem ao esquema *abba*:

"Vai-se a primeira pomba despertada.
Vai-se outra mais... Mais outra... E enfim dezenas
De pombas vão-se dos pombais apenas
Raia, sanguínea e fresca, a madrugada" [R. Correia].

INTERPOLADAS são aquelas em que, num grupo de seis versos, o terceiro rima com o sexto, enquanto o primeiro rima com o segundo, e o quarto com o quinto. Correspondem ao esquema *aabccb*:

Eu nasci além dos mares
Os meus lares,
Meus amores ficam lá!
– Onde canta nos retiros
Seus suspiros,
Seus suspiros o sabiá! (C. de Abreu).

MISTURADAS são aquelas em que a distribuição é livre. As rimas misturadas, para lograrem êxito, requerem constância, vivacidade e sonoridade:

"É meia-noite... e rugindo
Passa triste a ventania,
Como um verbo da desgraça,
Como um grito de agonia.
E eu digo ao vento que passa
Por meus cabelos fugaz:
"Vento frio do deserto,
Onde ela está? Longe ou perto?
Mas, como um hálito incerto,
Responde-me o eco ao longe.
"Oh! Minh'amante, onde estás?..." [C. Alves].

4 – ALITERAÇÃO

Aliteração – É o apoio rítmico que consiste em repetir fonemas em palavras simetricamente dispostas. A aliteração nasce, em geral, de desejo de harmonia imitativa.

"A juruti suspira sobre as folhas secas" [C. de Abreu].
"É a perda dura dum futuro inteiro" [*Id.*].
"Vozes veladas, veludosas vozes,
Volúpias dos violões, vozes veladas,
Vagam nos velhos vórtices velozes

Dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas" [Cruz e Sousa].

5 – Encadeamento

Encadeamento – Consiste na repetição simetricamente disposta de fonemas, palavras, expressões ou um verso inteiro.

Foi recurso rítmico muitíssimo usado na poesia medieval e é frequente na poesia moderna em versos livres. Exemplos colhidos em Augusto Frederico Schmidt:

"No entanto este *motivo escolhido existe*.
Não *vejo*, esta *tristeza*, da saudade da que é *sempr*e a *Ausente*
Nem da sua graça desaparecida..." (repetição de fonema)
"*Pensei* em mortos que morreram entre indiferentes.
Pensei nas velhas mulheres..." (repetição de palavra)
"No princípio foi um balanço contínuo e vagaroso,
Depois foi descendo uma sombra indistinta,
Um grande leito surgiu e lençóis brancos como espuma
.....
No princípio foi um balanço contínuo e vagaroso" (repetição de verso).

6 – Paralelismo

Paralelismo – É a repetição de ideias mediante expressões aproximadas:

"O monstrengo que está no fim do mar
Na noite de breu ergueu-se a voar;
À roda da nau voou três vezes,
Voou três vezes a chiar,
E disse: *Quem é que ousou entrar*
Nas minhas cavernas que não desvendo,
Meus tetos negros do fim do mundo?
E o homem do leme disse, tremendo:
"El-Rei Dom João Segundo!"

"*De quem são as velas onde me roço?*
De quem as quilhas que vejo e ouço?"
Disse o monstrengo, e rodou três vezes,
Três vezes rodou imundo e grosso:
"*Quem vem poder o que eu só posso*,
Que moro onde nunca ninguém me visse
E escorro os medos do mar sem fundo?"
E o homem do leme tremeu, e disse:
"El-Rei Dom João Segundo!" (F. Pessoa).

7 – Estrofação

O poema pode conter dois ou mais versos os quais se agrupam para formar uma *estrofe*.

O costume tradicional é iniciar cada verso com letra maiúscula, qualquer que seja a sua relação sintática. Pode-se, entretanto, pôr, no início, letra minúscula, conforme a sua relação sintática com o verso precedente.

As estrofes podem ser *simples*, *compostas* e *livres*.

SIMPLES são as estrofes formadas de versos com a mesma medida.

COMPOSTAS são as que encerram versos de diferentes medidas.

LIVRES são as que admitem versos de qualquer medida.

As estrofes de dois, três, quatro, cinco, seis, oito e dez versos recebem, respectivamente, os seguintes nomes especiais: *dísticos*, *tercetos*, *quadras* (ou *quartetos*) , *quintilhas*, *sextilhas*, *oitavas* e *décimas*. As estrofes de *sete* e *nove* versos não têm nome especial.

8 – VERSO DE RITMO LIVRE

"O que chamamos impropriamente *versos livres* é uma série irregular de versos que tomados em separado são regulares" [BH.1, 427].

O verso de ritmo livre não tem número regular de sílabas, versos e estrofes, nem são uniformes e coincidentes o número e a distribuição das sílabas átonas e tônicas responsáveis pelo movimento rítmico.

O verso de ritmo livre exige do poeta uma realização tão completa quanto o verso regular. "À primeira vista, parece mais fácil de fazer do que o verso metrificado. Mas é engano. Basta dizer que no verso livre o poeta tem de criar o seu ritmo sem auxílio de fora. É como o sujeito que solto no recesso da floresta deva achar o seu caminho e sem bússola, sem vozes que de longe o orientem, sem os grãozinhos de feijão da história de João e Maria. Sem dúvida não custa nada escrever um trecho de prosa e depois distribuí-lo em linhas irregulares, obedecendo tão somente às pausas do pensamento. Mas isso nunca foi verso livre... O modernismo teve isso de catastrófico: trazendo para a nossa língua o verso livre, deu a todo o mundo a ilusão de que uma série de linhas desiguais é poema" [MB.1, II, 1282].

9 – RECITAÇÃO

"A recitação do verso, além dos requisitos exigidos para a da prosa, exige uma gesticulação adequada, sem exageros, um jogo fisionômico apropriado e que o recitalista não faça sentir demais a rima nem a cesura. No caso dos versos livres modernos é preciso descobrir o ritmo e a intenção que o poeta lhes quis dar" [AN.1, V, 108].

187 É interessante observar que Guerreiro optou pela contagem do verso até a última sílaba tônica por amor à brevidade, como declara, para evitar a "frequente repetição de *agudo*, *grave* e *esdrúxulo*, já que a última sílaba tônica basta para o verso ser

constante" (*Tratado de Versificação Portuguesa*, Lisboa, 1784, p. 6). À semelhança dos italianos e espanhóis, a contagem antiga dos versos portugueses levava sempre em conta a existência de sílaba átona depois da última tônica (a base era o verso grave).

188 O emprego antigo e ainda corrente do *mácron* (¯) para as tônicas e da *braquia* (˘) para as átonas pode confundir os conceitos de quantidade e intensidade.

189 O novo sistema ortográfico proposto não agasalha este emprego do trema.

190 "Sem isso, a sinérese, ou a crase, é anômala, porque a ressonância nasal corresponde a um travamento da sílaba e só as sílabas terminadas por vogal são propriamente *livres* e se prestam à crase ou sinérese" [MC.4, 103].

191 "(...) na leitura da poesia em que (pondo de parte o encavalgamento) o final de verso correspondente a uma cláusula (e, significativamente, a um sintagma), não é muitas vezes marcado por um silêncio, mas por algo como a combinação de uma descida de tom com um nítido prolongamento da última sílaba tônica" [HCv.2, II, 464 n. 33].

192 O. Bilac - G. Passos, Tratado de Versificação, 68-69.

193 Os versos que não rimam chamam-se *soltos* ou *brancos*.

Abreviatura de Autores e Obras Citadas

[AA] Amado Alonso

[AA.1] *Materia y Forma en Poesía*. Madrid, Gredos, 1952.

[AAr] Afonso Arinos

[AAr.1] *Pelo Sertão*. Rio de Janeiro, Garnier, 1915.

[AAr.2] *História e Paisagens*. Rio de Janeiro, Garnier, 1921.

[AAz] Aluísio Azevedo

[AB] Andreas Blinkenberg

[AB.1] *L'Ordre des Mots en Français Moderne*, 2 vols. Copenhague, Hørst, 1928.

[ABo] Amini Boainain Hauy

[ABo.1] *Da Necessidade de uma Gramática-Padrão da Língua Portuguesa*. São Paulo, Ática, 1983.

[AC] Antônio Feliciano de Castilho

[AC.1] *Tradução dos Fastos de Ovidio*, 3 vols. Lisboa, 1862.

[AC.2] *Quadros Históricos*. Lisboa, 1864.

[AC.3] *As Sabichonas – Trad. do Teatro de Molière*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1928.

[AC.4] *Misantropo – Trad. do Teatro de Molière*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1924.

[AC.5] *Tratado de Metrificação Portuguesa*, 3.ª ed. Lisboa, 1889.

[AC.6] *Sonho de uma Noite de S. João*. Porto, 1874.

[AC.7] *Rev. Lisbonense* nº 24.

[AC.8] *Livraria Clássica – Padre Manuel Bernardes*, 2 vols. Lisboa, 1865.

[AC.9] *As Geórgicas de Vergílio* , 2.ª ed. anotada por Otoniel Mota. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1938.

[AC.10] *Felicidade pela Agricultura*. Ponta Delgada, 1849.

[AC.11] *Colóquios Aldeãos*, 2.ª ed. Lisboa, 1872.

[ACo] Adolfo Coelho

[ACo.1] *Noções Elementares de Gramática Portuguesa*. Porto, Lemos Editora, 1891.

[ACo.2] *A Língua Portuguesa*, 3.ª ed. Porto, Magalhães-Moniz Editora, 1896.

[ACt] Armando Cortesão

[ACt.1] *Cartas à Mocidade.* Lisboa, 1954.

[AE] M. Alvar Ezquerra

[AE.1] *La Formación de Palabras en Español*. Madrid, Arcos Libros, 1996.

[AF] Antônio Ferreira

[AF.1] *Poemas Lusitanos*. Lisboa, Sá da Costa.

[AF.2] *A Castro*, ed. Sousa da Silveira. In *Textos Quinhentistas*.

[AFg] Antero de Figueiredo

[AFg.1] *O Último Olhar de N. Senhora*. Lisboa, Bertrand, 1944.

[AG] A. Guimarães

[AGa] Almeida Garrett

[AGa.1] *Romanceiro*. In *Obras Completas*. Ed. Teófilo Braga. 2 vols. Lisboa, 1904.

[AGa.2] *Da Educação*. In *Obras Completas*.

[AGa.3] *Camões*, 3.ª ed. Lisboa, Imprensa Nacional, 1944.

[AGa.4] *Viagens na minha Terra*, ed. Estanco Louro. Lisboa, F. Franco, 1934.

[AGa.5] *Tio Simplício* in *Obras Completas*.

[AGo] Alfredo Gomes

[AGo.1] *Gramática Portuguesa*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1930.

[AGr] Antoine Grégoire

[AGr.1] *Petit Traité de Linguistique*. Paris, Delagrave, 1923.

[AH] Alexandre Herculano

[AH.1] *Eurico*. Lisboa, 1876.

[AH.2] *Fragmentos Literários*, ed. de A. Leite. Rio de Janeiro, Sauer, 1921.

[AH.3] *O Bobo*. Lisboa, 1878

[AH.4] *Lendas e Narrativas*, 2 vols. Lisboa, 1876.

[AH.5] *O Monge de Cister*, ed. dirigida por David Lopes. Lisboa, Aillaud, s/d.

[AH.6] *História de Portugal*, ed. dirigida por David Lopes. Lisboa, Aillaud, 1914.

[AH.7] *Opúsculos*, ed. dirigida por David Lopes, 1878.

[AK] Adriano da Gama Kury

[AK.1] *Novas Lições de Análise Sintática*, 6.ª ed. São Paulo, Ática, 1993.

[AK.2] *Elaboração e Editoração de Trabalhos de Nível Universitário*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1987.

[AK.3] Normas de Editoração. Vide [AK.2].

[AL] Emilio Alarcos Llorach

[AL.1] *Gramatica de la Lengua Española*, 4.ª ed. Madrid, Espasa Calpe, 1994.

[AL.2] *Estudios de Gramática Funcional del Español*, 3.ª ed. Madrid, Gredos, 1976.

[ALb] Alf Lombard

[ALb.1] *L'Infinitif de Narration dans les Langues Romanes*. Upsala-Leipzig, 1911.

[AM] Aníbal Machado

[AM.1] *Vida Feliz*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1944.

[AN] Antenor Nascentes

[AN.1] *O Idioma Nacional*, 5 vols. Rio, 1919. 3.ª ed. S.Paulo, Ed. Nacional, 1957.

[AN.2] *O Problema da Regência*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1960.

[AN.3] *Dificuldades de Análise Sintática*. Rio de Janeiro, 1959.

[AN.4] *O Linguajar Carioca*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1963.

[ANb] Antônio Nobre

[ANb.1] *Só*, ed. Vitório Nemésio. Lisboa, Bertrand, 1947.

[AO] Alberto de Oliveira

[AO.1] *Mil Trovas*. Lisboa, Livraria Clássica Ed., 1945.

[AOl] Alberto de Oliveira

[AOl.2] *Poesias*, 4 séries. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1912.

[AP] Afonso Pena Jr.

[AP.1] *A Arte de Furtar e o seu Autor*. 2 vols. Rio de Janeiro, José Olympio Ed.,1946.

[APa] Antônio de Pádua

[APa.1] *Notas de Estilística*. Rio de Janeiro, Org. Simões, s/d.

[APg] Antonino Pagliaro

[APg.1] *A Vida do Sinal*, trad. Aníbal Pinto de Castro. Lisboa, Fund. Calouste Gulbenkian, 1965.

[AR] Aquilino Ribeiro

[AR.1] *Jardim de Tormenta*. Lisboa, Ailland (??), 1919.

[AS] Antônio Sandmann

[AS.1] *Formação de Palavras no Português Brasileiro Contemporâneo*. Curitiba, Scientia et Labor/ Ícone, 1989.

[AV] Pe. Antônio Vieira

[AV.1] *Sermões*, ed. fac-similada. São Paulo, Anchieta, 1945.

[AVi] Antonio Vilarnovo Caamaño

[AVi.1] *Lógica y Lenguaje en Eugenio Coseriu*. Madrid, Gredos, 1997.

[BBo] José M. Barbosa du Bocage

[BBo.1] *Poesias*. 5 vols., ed. Rebelo da Silva. Lisboa, A. Lopes, 1853.

[BC] Andrés Bello-Rufino J. Cuervo

[BC.1] *Gramática de la Lengua Castelhana*. Paris, Roger-Chervoviz, 1903.

[BD] Karl Brugmann-Berthold Delbruck

[BD.1] *Grundriss der vergleichenden Grammatik der indogermanischen Sprachen*. L. Aufl.

[BH] Ch. Bruneau-M. Heulluy

[BH.1] *Grammaire Pratique de la Langue Française*. Paris, Delagrave, 1937.

[BM] Bertil Malmberg

[BM.1] *La Phonétique*. Paris, PUF, 1962.

[BP] Bernard Pottier

[BP.1] *Linguística General. Teoría y Descripción*, trad. esp. Madrid, Gredos, 1977.

[CA] Casimiro de Abreu

[CA.1] *Obras de Casimiro de Abreu*, 2.ª ed. anotada por S. da Silveira. Rio de Janeiro, MEC-Casa de Rui Barbosa, 1955.

[CAl] Cesar H. Alonso

[CAl.1] *Gramática Funcional del Español*, 2.ª ed. Madrid, Gredos, 1986.

[CAv] Castro Alves

[CAv.1] *Obras Completas*, 2 vols., ed. Afrânio Peixoto. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1921.

[CAz] José Carlos Azeredo

[CAz] Revendo Análises: A descrição sintática e seu ensino In *Língua e Linguagem em Questão*. Org. Maria Teresa G. Pereira. Rio de Janeiro, EDUERJ, 1997.

[CB] Charles Bally

[CB.1] *Le Langage et la Vie*, 3.ª ed. Paris, Payot.

[CB.2] *Linguistique Générale et Linguistique Française*, 3.ª ed. Framke, Berne, 1954.

[CBd] Cláudio Brandão

[CBd.1] *O Particípio Presente e o Gerúndio em Português*. Belo Horizonte, 1933.

[CBd.2] *Sintaxe Clássica Portuguesa*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1961.

[CBr] Camilo Castelo Branco

[CBr.1] *A Queda de um Anjo*, ed. de P. A. Pinto. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1953.

[CBr.2] *Bohemia do Espírito*, 1.ª ed. Porto, Livr. Civilização, 1886.

[CBr.3] *Correspondência Epistolar*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.4] *Carlota Ângela*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.5] *A Bruxa de Monte Córdova*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.6] *O Bem e o Mal*, ed. M. Casassanta. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1955.

[CBr.7] *Cem Cartas*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa.

[CBr.8] *A Morgada de Romariz*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.9] *A Neta do Arcediago*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.10] *Memórias do Cárcere*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d

[CBr.11] *Os Brilhantes do Brasileiro*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.12] *O Senhor do Paço dos Ninhães*, ed. Júlio Nogueira. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1955.

[CBr.13] *O Vinho do Porto*, 1.ª ed. Porto, Livr. Civilização, 1844.

[CBr.14] *Justiça*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa.

[CC] Luís da Câmara Cascudo

[CC.1] *Contos Tradicionais do Brasil*. Rio de Janeiro, Americ. Edit., 1942.

[CCh] Celso Cunha - Lindley Cintra

[CCh.1] *Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa, João Sá da Costa, 1984.

[CCh.2] *Estudos de Poética Trovadoresca*. Rio de Janeiro, INL.

[CDa] Carlos Drummond de Andrade

[CDa.1] *O Poder*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1973.

[CF] Cândido de Figueiredo

[CF.1] *Combate sem Sangue*. Lisboa, 1923.

[CG] Carlos Góis

[CG.1] *Sintaxe de Regência*, 4.ª ed. Rio de Janeiro, 1924.

[CJ] Cândido Jucá (filho)

[CJ.1] *As Categorias Gramaticais*. Rio de Janeiro, 1957.

[CL] Carlos de Laet

[CL.1] *Obras Seletas*, 3 vols. Rio de Janeiro, Fund. Casa de Rui Barbosa, 1983.

[CLu] Celso Pedro Luft

[CLu.1] *Dicionário Prático de Regência Verbal*. São Paulo, Ática, 1996.

[CN] Coelho Neto

[CN.1] *Apólogos.* Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1945.

[CP] Eduardo Carlos Pereira

[CP.1] *Gramática Expositiva* (curso superior), 81.ª ed. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1951.

[CR] Ernesto Carneiro Ribeiro

[CR.1] *Serões Gramaticais*, 2.ªed. Bahia, 1902.

[CR.2] *Redação do Projeto do Código Civil* [Tréplica]. Bahia, Of. Dois Mundos,1905

[CS] Cruz e Sousa

[CS.1] *Obras Completas*, 2 vols., ed. de Nestor Vítor, R. Janeiro, Anuário do Brasil.

[CS.2] *Últimos Sonetos*, ed. e notas de A. da Gama Kury. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa.

[DG] Francisco Dias Gomes

[DG.1] *Obras Poéticas*. Lisboa, ed. da Academia. 1779.

[DN] Dag Norberg

[DN.1] *Syntaktische Forschungen auf dem Gebiete des Spätlateins und des fruhen Mittellateins*. Upsala, 1943.

[EB] Evanildo Bechara

[EB.1] *Estudos sobre os Meios de Expressão do Pensamento Concessivo em Português*. Rio de Janeiro, 1954.

[EBc] Edouard Bourciez

[EBe.1] *Éléments de Linguistique Romane*, 4.ª ed. Paris, 1946.

[EBm] Eneida Bonfim

[EBm.1] *Advérbios*. São Paulo, Ática, 1988.

[EBv] Emile Benveniste

[EBv.1] *Problemas de Linguística Geral* (trad. bras.). São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1976.

[EBv.2] *Problemas de Linguística Geral* (trad. bras.). São Paulo, Pontes, 1989.

[EC] Euclides da Cunha

[EC.1] *Os Sertões*, 2ª ed. Rio de Janeiro, Laemmert, 1903.

[ECs] Eugenio Coseriu

[ECs.1] *Teoría del Lenguaje y Linguística General*. Madrid, Gredos, 1973.

[ECs.2] *Sincronía, Diacronía e Historia* (El Problema del Cambio Linguístico). Madrid, Gredos, 1973.

[ECs.3] *Linguística Testuale*. Roma, Boringhiere, 1997.
[ECs.4] *Lecciones de Linguística General*. Madrid, Gredos, 1981.

[ECs.5] *Principes de Syntaxe Fonctionnelle*. Strabourg-Nancy, Klincksieck, 1989.

[ECs.6] *Introducción a la Linguística*. Madrid, Gredos, 1986.

[ECs.7] *Gramática, Semántica, Universales*. Madrid, Gredos, 1978.

[ECs.8] *Competencia Linguística*. Madrid, Gredos, 1992.

[ECs.9] *El Sistema Verbal Románico*. México, Siglo Veinteuno, 1996. Versão em parte reduzida de *Das romanische Verbalsystem*. Tubingen, Verlag Gunter Narr, 1976.

[ECs.10] *Tradición y Novedad en la Ciencia del Lenguaje*. Madrid, Gredos, 1977.

[ECs.11] *Estudios de Linguística Románica*. Madrid, Gredos, 1977.

[ECs.12] *Principios de Semántica Estrutural*. Madrid, Gredos, 1977.

[ECs.13] "O Meu Saussure". In *Confluência*, 14: 33-36, 1997.

[ECs.14] *El Hombre y su Lenguaje*. Madrid, Gredos, 1977.

[ECs.15] "Fundamentos e Tarefas da Sócio e Etnolinguística". In *Atas do 1º Congresso de Sócio e Etnolinguística*, João Pessoa, UFParaíba, 1990.

[ED] Epifânio Dias

[ED.1] *Gramática Portuguesa Elementar*, 12.ª ed. Lisboa, A.F. Machado Editor, 1905.

[ED.2] *Sintaxe Histórica Portuguesa*, 5.ª ed. Livraria Clássica Editora, 1970.

[EG] Ernst Gamillscheg

[EG.1] *Französische Bedeutungslehre.* Tubingen, Niemeyer, 1951.

[EM] Alfred Ernout-Antoine Meillet

[EM.1] *Dictionnaire Etymologique de la Langue Latine*, 4.ª ed. Paris.

[EN] Eugene Nida

[EN.1] *Morphology*, 2.ª ed. Baltimore, Ann Arbor, 1961.

[EQ] Eça de Queirós

[EQ.1] *A Cidade e as Serras*. Porto, Chardron, 1921.

[EQ.2] *Primo Basílio*. Porto, Chardron, 1909.

[EQ.3] *Os Maias*, 2.ª ed. Porto, Chardron, 1921.

[EQ.4] *Contos*. Porto, Chardron, 1920.

[EQ.5] *A Correspondência de Fradique Mendes*. Porto, Chardron, 1900.

[ER] Elise Richter

[ER.1] *Wie wir sprechen*. Leipzig, Teubner, 1912.

[ES] Eduard Sapir

[ES.1] *A Linguagem*, trad. J. Mattoso Câmara Jr., Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica.

[EV] Mª Victoria Escandell Vidal

[EV.1] *Los Complementos del Nombre*. Madrid, Arcos Libros, 1995.

[EVm] Érico Veríssimo

[FB] Fausto Barreto

[FB.1] *Antologia Nacional*, 7.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1915.

[FBl] Franz Blatt

[FBl.1] *Précis de Syntaxe Latine*, Paris, Ed. IAC, 1952.

[FBr] Ferdinand Brunot

[FBr.1] *La Pensée et la Langue*, 3.ª ed. Paris, Nasson, 1953.

[FC] Firmino Costa

[FC.1] *Léxico Gramatical*. São Paulo, Melhoramentos, s/d.

[FDz] Friederic Diez

[FDz.1] *Grammaire des Langues Romanes*, 3 vols., 3.ª ed. Paris, Viewew, 1874-76.

[FE] Filinto Elísio

[FE.1] *Vidas e Feitos d'El-Rei D. Manuel*, 2 vols. Porto, 1946.

[FE.2] *Obras Completas*, 11 vols., ed. Paris, Of. A. Bobée, 1817-1819.

[FF] Francisco José Freire

[FH] Frederico Hanssen

[FH.1] *Gramática Histórica de la Lengua Castelhana*. Halle, Niemeyer, 1913.

[FP] Fernando Pessoa

[FP.1] *Mensagem*, ed. Ivo Castro.

[FT] Franklin Távaro

[FT.1] *O Cabeleira*, 2.ª ed., Rio de Janeiro, Tip. Nacional, 1876.

[FV] Fagundes Varela

[GD] Gonçalves Dias

[GD.1] *Juca Pirama* in *Obras Poéticas*.

[GD.2] *Tabira* in *Obras Poéticas*.

[GD.3] *Obras Poéticas*, ed. M. Bandeira, 2 vols. São Paulo, Cia. Editora Nacional.

[GG] Samuel Gili Gaya

[GG.1] *Curso Superior de Sintáxis Española*, 2.ª ed. Barcelona, 1948.

[GGh] Georges Gougenheim

[GGh.1] *Système Gramatical de la Langue Française*. Paris, D'Artrey-D'Artrey, 1939.

[GJ] Guerra Junqueira

[GJ.1] *Os Simples*. Lisboa, 1920.

[GM] Gladstone Chaves de Melo

[GM.1] *Gramática Fundamental da Língua Portuguesa*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Livraria Padrão, 1970.

[GM.2] *Excelências Vernáculas de Gonçalves Dias*. Rio de Janeiro, Livraria Padrão, 1986.

[GR] J. Guimarães Rosa

[GR.1] *Sagarana*, 10.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1968.

[GrR] Graciliano Ramos

[GrR.1] *Infância*, 5.ª ed.. São Paulo, Martins Editora, 1961.

[GrR.2] *São Bernardo*, 3ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora.

[HB] Mª Lluísa Hernanz-José Mª Brucart

[HB.1] *La Sintáxis. Principios Teóricos. La oración simple*. Barcelona, Editora Crítica, 1987.

[HC] Humberto de Campos

[HC.1] *Sombras que Sofrem*. São Paulo, Editora Jackson, 1945.

[HC.2] *Memórias*, 2 vols. São Paulo, Editora Jackson, 1945.

[HCv] J. G. Herculano de Carvalho

[HCv.1] *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa, Editora Verbo.

[HCv.2] *Teoria da Linguagem*, 6.ª ed., I. Coimbra, Coimbra Editora, 1983.

[HCv.3] *Teoria da Linguagem*, 4.ª reimpr., II. Coimbra, Coimbra Editora, 1984.

[HCv.4] *Estudos Linguísticos*, vol. III. Coimbra, Coimbra Editora, 1984.

[HG] Heráclito Graça

[HG.1] *Factos da Linguagem*. Rio de Janeiro, Viúva Azevedo, 1904.

[HGe] Hørst Geckeler

[HGe.1] *Semántica Estrutural y Teoría del Campo Léxico*. Madrid, Gredos, 1987.

[HM] Harri Meier

[HM.1] *Ensaios de Filologia Românica*. Lisboa, Rev. de Portugal, 1948.

[HR] Horácio Rolim de Freitas

[HR.1] *Princípios de Morfologia*, 4.ª ed. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1997.

[HS] Holger Stein

[HS.1] *Les Particularités de la Langue Portugaise*. Copenhague, 1944.

[JA] José de Alencar

[JA.1] *Sertanejo*. In *Obra Completa*, 2.ª ed., 5 vols., Rio de Janeiro, Aguilar, 1965.

[JA.2] *O Guarani*. In *Obra Completa*.

[JA.3] *Iracema*. In *Obra Completa.*

[JCo] Jacinto de Prado Coelho

[JCo.1] *A Educação do Sentimento Poético*, *Coimbra*, Coimbra Edit., 1944.

[JCR] Jacinto Corte-Real

[JCR.1] *Naufrágio de Sepúlveda*. Lisboa, Tip. Rolandiana, 1842.

[JD] João de Deus

[JDe] J. Deely

[JDe.1] *Semiótica Básica*. São Paulo, Ática, 1994.

[JF] Jackson de Figueiredo

[JL] José Lins do Rego

[JL.1] *Riacho Doce*, 1.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1939.

[JL.2] *Água Mãe*, 1.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1941.

[JL.3] *Bangue*, 6.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1966.

[JLy] John Lyons

[JLy] *Introdução à Linguística Teórica*, trad. bras. de Rosa Virgínia M. e Silva e Helio Pimentel, revista por Isaac Salum. São Paulo, 1979.

[JM] Júlio Moreira

[JM.1] *Estudos da Língua Portuguesa*, 2 vols. Lisboa, 1907-1913.

[JMa] Johan Nicolau Madvig

[JMa.1] *Grammatica Latina*, trad. de A. Epifânio Dias. Porto, Tip. M. Pereira, 1872.

[JO] José Oiticica

[JO.1] *Manual de Análise Léxica e Sintática*, 6.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1942.

[JO.2] *Sonetos*, 1911.

[JO.3] in *Rev. Filológica*, n.º 29, Rio de Janeiro.

[JO.4] in *Revista Filológica*, n.º 16, Rio de Janeiro.

[JR] João Ribeiro

[JR.1] *Gramática Portuguesa*, 21.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1921.

[JR.2] *Floresta de Exemplos*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1959.

[JR.3] *Fabordão*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1964.

[JR.4] *Autores Contemporâneos*, 15.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1926.

[JR.5] *Seleta Clássica*, 4.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves.

[JR.6] *Cartas Devolvidas*. Lisboa.

[JV] Jules Vendryes

[JV.1] *Le Langage*, 2.ª ed. Paris, Albin, 1925.

[KB] Karl Brugmann

[KB.1] *Abregé de Grammaire Comparée des Langues Indo-Européennes*. Paris, 1905.

[KN] Kristofer Nyrop

[KN.1] *Grammaire Historique de la Langue Française*, V, 6 vols. Copenhague, 1935.

[LB] Lima Barreto

[LB.1] *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, 1.ª ed. Rio de Janeiro, 1915.

[LB.2] *Vida e Morte de Gonzaga de Sá*, 1.ª ed. Rio de Janeiro, 1919.

[LB.3] *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, 2.ª ed. Rio de Janeiro.

[LBl] Leonard Bloomfield

[LBl.1] *Language*, New York, Henry Holt, 1941.

[LC] Luís de Camões

[LC.1] *Os Lusíadas*, 2.ª ed. anotada por A. Epifânio Dias.

[LC.2] *Rimas*, ed. anotada por A. da Costa Pimpão.

[LCa] Lúcio Cardoso

[LCa.1] *Crônica da Casa Assassinada*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Edit. Letras e Artes, 1963.

[LCi] Luís Felipe Lindley Cintra

[LCi.1] *Formas de Tratamento na Língua Portuguesa*. Lisboa, 1972.

[LCo] Latino Coelho

[LCo.1] *História Política e Militar de Portugal*. Lisboa.

[LCo.2] *República e Monarquia*. Lisboa.

[LCr] F. Lázaro Carreter

[LCr.1] *Diccionario de Términos Filológicos*, 3.ª ed. Madrid, Gredos, 1968.

[LG] Luís Guimarães Jr.

[LM] Leonardo Mota

[LR] Léonce Roudet

[LR.1] *Éléments de Phonétique Générale*. Paris, H. Walter, 1911.

[LS] Frei Luís de Sousa

[LS.1] *A Vida de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires*, 2 vol., Lisboa, 1818.

[LSp] Leo Spitzer

[LSp.1] "Le Langage-éco". In *Boletim de Filologia*, V. Lisboa.

[LSp.2] *Attributives Gerundium* in *Zfr. Sprache und Literatur*, vol. L.

[LV] José Leite de Vasconcelos

[LV.1] *Lições de Filologia Portuguesa*, 2.ª ed. Lisboa, 1926.

[LV.2] *Opúsculos*, 7 vols. Lisboa, Imprensa da Universidade.

[MA] Machado de Assis

[MA.1] *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, 4.ª ed., Garnier, 1899.

[MA.2] *Várias Histórias*, 2.ª ed., Garnier, 1896.

[MA.3] *Quincas Borba*, Editora Garnier, 1909.

[MA.4] *D. Casmurro*, Editora Garnier, 1899.

[MA.5] *Papéis Avulsos*, Editora Garnier, 1882.

[MA.6] *Contos Fluminenses*, Editora Garnier, 1899.

[MA.7] *Memorial de Aires*, Editora Garnier, 1908.

[MA.8] *Esaú e Jacó*, Editora Garnier, 1904.

[MA.9] *Histórias sem Data*, Editora Garnier, 1884.

[MAg] Martinz de Aguiar

[MAg.1] *Notas de Português de Filinto e Odorico*. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1953.

[MAg.2] *Notas e Estudos de Português*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Fund. Getúlio Vargas.

[MAg.3] *Repasse Crítico da Gramática Portuguesa*, 2.ª ed. Fortaleza, Casa José de Alencar – Univ. do Ceará, 1996.

[MAn] Mário de Andrade

[MB] Manuel Bandeira

[MB.1] *Poesia e Prosa*, 2 vols. Rio de Janeiro, Aguilar, 1958.

[MB.2] *Andorinha, Andorinha*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1966.

[MB.3] Versificação Portuguesa. In *Enciclopédia Delta-Larousse*.
[MBa] Mário Barreto

[MBa.1] *Novos Estudos da Língua Portuguesa*, 3.ª ed., Rio de Janeiro, Presença, 1980.

[MBa.2] *Últimos Estudos da Língua Portuguesa*, 2.ª ed.. Rio de Janeiro, Presença, 1986.

[MBa.3] *Novíssimos Estudos da Língua Portuguesa*, 3.ª ed., 1980.

[MBa.4] *Através do Dicionário e da Gramática*, 3.ª ed., 1986.

[MBa.5] *De Gramática e de Linguagem*, 3.ª ed., 1982.

[MBa.6] *Cartas Persas de Montesquieu*, trad. de MBa, Editora Garnier, 1923.

[MBa.7] *Factos da Língua Portuguesa*, 3.ª ed., 1982.

[MBe] Pe. Manuel Bernardes

[MBe.1] *Nova Floresta*, ed. fac-similada da 1.ª. São Paulo, Anchieta, 1945.

[MBe.2] *Luz e Calor*, ed. fac-similada da 1.ª. São Paulo, Anchieta, 1945.

[MBr] Michel Bréal

[MBr.1] *Essai de Sémantique*, 3.ª ed. Paris, Hachette, 1903.

[MBs] Margarida Basílio

[MBs.1] *Teoria Lexical*. São Paulo, Ática, 1987.

[MC] J. Mattoso Câmara Jr.

[MC.1] *Princípios de Linguística Geral*, 4.ª ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica.

[MC.2] *Teoria da Análise Léxica*. Rio de Janeiro, Aquarone, 1956.

[MC.3] *Gramática*, 3.ª e 4.ª séries, R. Janeiro, Briguiet, 1956.

[MC.4] *Dicionário de Linguística e Gramática*. Petrópolis, Vozes, 1977.

[MC.5] *Elementos da Língua Pátria*, 2.ª ed., 4 vols. Rio de Janeiro, Briguiet, 1938.

[MC.6] Noções de Estilística. In *Littera*, Rio de Janeiro, Grifo.

[MC.7] *Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa*, 2.ª ed, R. Janeiro, Padrão, 1977.

[MC.8] *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Padrão.

[MG] R. F. Mansur Guérios

[MG.1] *Tabus Linguísticos*. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1979.

[ML] Monteiro Lobato

[ML.1] *Cidades Mortas*. São Paulo, Editora Brasileira.

[MLe] Mendes Leal

[MLk] W. Meyer Lubke

[MLk.1] *Grammaire des Langues Romanes*, 4 vols., trad. fr. de Doutrefont e Rabiet. New York, Stechert, 1923.

[MM] Marquês de Maricá

[MM.1] *Máximas do Marquês de Maricá*, ed. anotada por Sousa da Silveira. Rio de Janeiro, MEC/Casa de Rui Barbosa, 1958.

[MMa] Maximino Maciel

[MMa.1] *Gramática Descritiva*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1923.

[MMa.2] *Lições Elementares de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1923.

[MMc] Aires da Mata Machado Filho

[MMc.1] *Nos Domínios do Vocabulário*. São Paulo, Boa Leitura Ed., s/d.

[MMe] Francisco Manuel de Mello

[MMe.1] *Feira de Anexins*, ed. Inocêncio, Lisboa, 1876.

[MP] Martins Pena

[MP.1] *Teatro*, ed. Darcy Damasceno.

[MPz] Marcial Morera Perez

[MPz.1] *Semántica del Sistema Preposicional del Español Moderno y sus Campos de Uso*. Puerto del Rosário, 1988.

[MR] Moritz Regula

[MR.1] *Grammaire Française Explicative*. Berne, Francke Verlag, 1952.

[MV] Mário Vilela

[MV.1] *Estruturas Léxicas do Português*. Coimbra, Almedina, 1979.

[MV.2] *Gramática de Valências: teoria e aplicação*. Coimbra, Almedina, 1992.

[NC] Nina Catach

[NC.1] *La Pontuaction*. Paris, PUF, 1994.

[NE] Hans Nilsson-Ehle

[NE.1] *Les Adverbes en -ment Compléments d'un Verbe*. Lund-Leipzig, 1941.

[NT] T. Navarro Tomás

[NT.1] *Manual de Pronunciación Española*, 4.ª ed. Madrid, Hernando, 1933.

[NT.2] *Arte del Verso*, 5.ª ed. México, Málaga Editora, 1971.

[OB] Olavo Bilac

[OB.1] Avatar. In *Poesias*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1902.

[OG] Othon Moacir Garcia

[OG.1] *Comunicação em Prosa Moderna*. Rio de Janeiro, Fund. Getúlio Vargas, 1967.

[OJ] Otto Jespersen

[OJ.1] *Negation in English and other Languages*. Copenhague, Bianco Lunos, 1917.

[OM] Manuel Odorico Mendes

[OM.1] *Eneida Brasileira*. Paris, Tip. de Rignouse, 1854.

[PA] Manuel de Araújo Porto-Alegre

[PA.1] *Colombo*. Rio de Janeiro, 1892.

[PAd] Pedro Adrião

[PAd.1] *Tradições Clássicas da Língua Portuguesa*. Porto Alegre, 1945.

[PC] Pinheiro Chagas

[PD] Porto Dapena

[PD.1] *Complementos Argumentales del Verbo: directo, indirecto, suplemento y agente* . Madrid, Arcos Libros, 1992.

[PDo] Conde Pinheiro Domingues

[PDo.1] "Variação de Gênero em Português". In *Revista de Cultura*. Petrópolis, 1932.

[PDo.2] João Curioso [pseudônimo] *Camilo e a Caturrice dos Puristas*, I. Rio de Janeiro, 1924.

[PL] Pacheco da Silva Jr. e Lameira de Andrade

[PL] *Gramática da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, 1887.

[PJ] Pacheco da Silva Júnior

[PJ.1] *Noções de Semântica*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1903.

[PP] Pedro Augusto Pinto

[PR] Ernesto de Paiva Raposo

[PR.1] *Introdução à Gramática Generativa. Sintaxe do Português*, 2.ª ed. Lisboa, Moraes Editora, 1983.

[PS] Paulino de Sousa

[PS.1] *Grammaire Portugaise*. Paris, Garnier, 1896.

[RB] Rui Barbosa

[RB.1] *Réplica*, 1.ª ed., Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1904.

[RB.2] *Oração aos Moços*, ed. de Rocha Lima.

[RB.3] *Discurso no Colégio Anchieta*, ed. Casa de Rui Barbosa.

[RB.4] *Parecer*, I, ed. Casa de Rui Barbosa, 1990.

[RBa] Raimundo Barbadinho Neto

[RBa.1] *Em Busca da Verdade da Língua*: Dois Estudos

[RBa.2] *Sobre a Norma Literária do Modernismo*. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1977.

[RC] Raimundo Correia

[RC.1] *Poesias*. Lisboa.

[RCo] Ribeiro Couto

[RCo.1] *Conversa Inocente*. Rio de Janeiro, 1946.

[RD] Santa Rita Durão

[RD.1] *Caramuru*, ed. Academia Brasileira de Letras.

[RG] F. Rebelo Gonçalves

[RG.1] *Tratado de Ortografia da Língua Portuguesa*. Coimbra, Atlântida, 1947.

[RL] C. Henrique da Rocha Lima

[RL.1] *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, 37.ª ed., José Olympio Editora, 1992.

[RLb] Rodrigues Lobo

[RLb.1] *O Pastor Peregrino*. Lisboa, 1906.

[RLp] Manuel Rodrigues Lapa

[RLp.1] *Estilística da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica.

[RLz] Rodolfo Lenz

[RLz.1] *La Oración y sus Partes*, 3.ª ed. Madrid, Centro de Estudios Históricos, 1935.

[RP] Raul Pompéia

[RQ] Rachel de Queiroz

[RQ.1] *O Brasileiro Perplexo*. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1963.

[RS] Augusto Rebelo da Silva

[RS.1] *Contos e Lendas*. Lisboa, 1873

[RS.2] *História de Portugal*, 1.ª ed., 5 vols.

[RS.3] *A Mocidade de D. João V*, 3.ª ed., 3 vols. Lisboa.

[RT] Graça Maria Rio-Torto

[RT.1] Sistêmica e Pragmática dos Sufixos Avaliativos. In *Rev. Portuguesa de Filologia*, vol. 21. Coimbra, 1996-7, 203-228.

[RT.2] Operações e Paradigmas Genolexicais do Português. In *Filologia e Linguística* n.º 2, 39-60. São Paulo, Humanitas/USP, 1998.

[RV] A. G. Ribeiro de Vasconcelos

[RV.1] *Gramática Portuguesa*. Lisboa-Rio de Janeiro, s/d.

[SA] Manuel Said Ali

[SA.1] *Dificuldades da Língua Portuguesa*, 5.ª ed. preparada por Maximiano de Carvalho e Silva. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1957.

[SA.2] *Gramática Secundária da Língua Portuguesa*, 4.ª ed. São Paulo, Melhoramentos.

[SA.3] *Versificação Portuguesa*. Rio de Janeiro, INL, 1949.

[SA.4] *Meios de Expressão e Alterações Semânticas*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1930.

[SA.5] *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, 2.ª ed. São Paulo, Melhoramentos, s/d [1931].

[SA.6] Colocação de Pronomes. In *Revista Americana*, II.

[SL] Mário Pereira de Sousa Lima

[SL.1] *Gramática Portuguesa*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1945.

[SR] Silva Ramos

[SR.1] artigo in *Revista de Cultura* nº22.

[SS] Álvaro F. de Sousa da Silveira

[SS.1] *Lições de Português*, 6.ª ed. preparada por Maximiano de Carvalho e Silva.

[SS.2] *Fonética Sintática*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Fund. Getúlio Vargas, 1971.

[SS.3] *Trechos Seletos*, 7.ª ed. Rio de Janeiro, Briguiet, 1963.

[SS.4] *Obras de Casimiro de Abreu*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, MEC/Casa de Rui Barbosa, 1955.

[SS.5] Um Verso Obscuro dos Lusíadas. In *Revista de Philosofia e de História*, tomo II. Rio de Janeiro, 1934, 374-377.

[SS.6] Notas sobre os Pronomes Se e Ele. In *Revista de Cultura*, ano 17, jun. 1943, 265-268.

[SU] S. Ulmann

[SU.1] *Semántica*, trad. port., Lisboa, Fund. Calouste Gulbenkian, 1977.

[TG] Tomás Antônio Gonzaga

[TG.1] *Poesias*, ed. M. Rodrigues Lapa.

[TM] Theodoro Henrique Maurer

[TM.1] *Dois Problemas da Língua Portuguesa*. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1954.

[VB] Vittório E. Bergo

[VB.1] *Concorrência Pleonástica da Preposição com o Prefixo*. Tese de Concurso, 1945.

[VBr] Viggo Brøndal

[VBr.1] *Théorie des Prépositions*. Copenhague, Munksgaard, 1950.

[VC] Vicente de Carvalho

[VK] Valter Kehdi

[VK.1] *A Construção do Verbo Ser*. São Paulo, GEL, 1985.

[VK.2] *Morfemas do Português*. São Paulo, Ática, 1989.

[VK.3] *Formação de Palavras em Português*. São Paulo, Ática, 1990.

[VK.4] Complemento Nominal: Problemas de Caracterização. In *Confluência*, 5/1993, 60-65.

[VV] Verkko Väänänen

[VV.1] *Il est venu comme ambassadeur, il agit en soldat*. Helsinke, 1951.

[WZ] Walther von Wartburg-Paul Zumptor

[WZ.1] *Précis de Syntaxe du Français Contemporain*. Berne, Francke, 1973.

[YM] Yakob Malquiel

[YM.1] Los Interfijos Hispánicos. In *Miscelanea Martinet*, II, Canárias, 1958.

DO MESMO AUTOR

A nova ortografia

Evanildo Bechara

O livro que responde a todas as suas dúvidas, com comentários, histórico dos acordos, além de uma Nota Explicativa da Comissão responsável pelo Acordo Ortográfico.

O que muda com o novo Acordo Ortográfico

Evanildo Bechara

Guia prático e completo das mudanças estabelecidas pelo novo Acordo Ortográfico, elaborado de forma clara e didática pelo grande gramático e lexicógrafo da língua portuguesa. Um manual fácil de ser consultado, que vai esclarecer todas as suas dúvidas relacionadas à nova ortografia.

Gramática Escolar da Língua Portuguesa

Evanildo Bechara

Com exercícios ao final de cada capítulo. Inclui capítulo especial sobre compreensão e interpretação de textos. Índice de assuntos, para auxiliar a consulta dos leitores.

Anexo encarte com as respostas aos exercícios propostos. Indicada para o ensino médio e preparatórios para concursos.

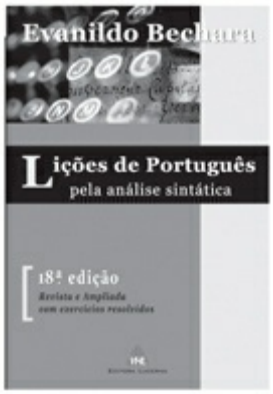

Lições de Português pela Análise Sintática

Evanildo Bechara

Inclui rica seleção de exercícios rigorosamente ordenados, partindo dos fatos idiomáticos mais simples para os mais complexos. Nesta nova edição, esses exercícios vêm resolvidos, para permitir ao leitor constante e proveitoso diálogo com o autor.

Produção editorial
Daniele Cajueiro
Shahira Mahmud
Janaína Senna

Revisão
Glória Braga Onelley
Mariana Elia

Conversão para ebook
Singular Digital | Mariana Mello e Souza

Este livro foi impresso no Rio de Janeiro, em novembro de 2009,
pela Ediouro Gráfica, para a Editora Nova Fronteira.
A fonte usada no miolo é Times New Roman, corpo 11/12.
O papel do miolo é offset 75g/m^2, e o da capa é cartão 250g/m^2.

Visite nosso site: www.novafronteira.com.br

Evanildo Bechara

Moderna Gramática Portuguesa

37ª edição atualizada pelo novo Acordo Ortográfico

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.club*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

MODERNA GRAMÁTICA PORTUGUESA

Evanildo Bechara

Professor Titular e Emérito da
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
e da Universidade Federal Fluminense (UFF)

Membro da Academia Brasileira de Letras
e da Academia Brasileira de Filologia

Representante brasileiro do
novo Acordo Ortográfico

MODERNA GRAMÁTICA PORTUGUESA

37.ª Edição
Revista, ampliada e atualizada
conforme o novo Acordo Ortográfico

EDITORA NOVA FRONTEIRA
EDITORA LUCERNA

Rio de Janeiro, 2009

Copyright © 2006 by Evanildo Bechara

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Editora Nova Fronteira Participações S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

Editora Nova Fronteira Participações S.A.
Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso – 21042-235
Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21) 3882-8212 / 8313
http://www.novafronteira.com.br
e-mail: sac@novafronteira.com.br

Conversão para ebook
Singular Digital | Mariana Mello e Souza

CIP-Brasil. Catalogação na fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livro, RJ

B354m Bechara, Evanildo, 1928-
Moderna gramática portuguesa / Evanildo Bechara. – 37. ed. rev., ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. – Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2009.

ISBN 978-85-209-3049-6

1. Língua portuguesa – Gramática. I. Título.

CDD 469.5
CDU 811.134.3'36

À memória de

M. Said Ali,
mestre e amigo

Aos mestres e amigos

Eugenio Coseriu
José G. Herculano de Carvalho
J. Mattoso Câmara Jr.
a cujas lições fui colher o que de
melhor existe nesta nova versão

Prefácio da 37.ª edição

Entregamos aos colegas de magistério, aos alunos e ao público estudioso de língua portuguesa esta edição, revista, ampliada e atualizada, levado que estamos pelos mesmos propósitos que nos fizeram, em 1961, trazer à luz a *Moderna Gramática Portuguesa*.

Amadurecido pela leitura atenta dos teóricos da linguagem, da produção acadêmica universitária, das críticas e sugestões gentilmente formuladas por companheiros da mesma seara e da leitura demorada de nossos melhores escritores, verá facilmente o leitor que se trata aqui de um novo livro.

Dificilmente haverá seção da *Moderna Gramática Portuguesa* que não tenha passado por uma consciente atualização e enriquecimento: atualização no plano teórico da descrição do idioma, e enriquecimento por trazer à discussão e à orientação normativa a maior soma possível de fatos gramaticais levantados pelos melhores estudiosos da língua portuguesa, dentro e fora do país, entre os quais cabe menção honrosa a Mário Barreto e Epifânio Dias.

É de toda justiça – e por isso esta edição é a eles dedicada – lembrar aqui, em primeiro lugar, nosso inesquecível mestre e amigo M. Said Ali, e, não menos presentes, este teórico profundo e admirável que é Eugenio Coseriu, ao lado de seu ilustre colega de reflexão linguística, que é J. G. Herculano de Carvalho, e do nosso primeiro linguista J. Mattoso Câmara Jr., guia seguro desde o lançamento inicial da *Moderna Gramática Portuguesa*.

O arcabouço teórico desta obra poderia bem orientar-se por outros modelos válidos, seguidos pelos nossos melhores linguistas em atuação nos centros universitários brasileiros. A orientação aqui adotada resulta da nossa convicção de que ela também pode oferecer elementos de efetiva operacionalização para uma proposta de reformulação da teoria gramatical entre nós, especialmente quando aplicada a uma obra da natureza desta *Moderna Gramática Portuguesa*, que alia a preocupação de uma científica descrição sincrônica a uma visão sadia da gramática normativa, libertada do ranço do antigo *magister dixit* e sem baralhar os objetivos das duas disciplinas.

Acreditamos que, neste sentido, os colegas de magistério e pesquisa encontrarão úteis sugestões ou temas de reflexão para uma proposta de melhoria da vigente nomenclatura gramatical em nossos compêndios escolares.

Estivemos também atentos à produção de textos gramaticais destinados a outras línguas, especialmente às românicas, e aí vale ressaltar o contributo dos espanhóis, dos franceses e dos italianos. Desejamos sintetizar nossa homenagem a esses colegas na figura excelsa de Emílio Alarcos Llorach, recentemente falecido.

Temos consciência de que ainda há muito que acrescentar e rever, e para tanto convocamos a ajuda dos colegas que neste sentido desejarem pronunciar-se.

Dar-nos-emos por bem pago se o leitor benévolo continuar encontrando nestas páginas os fundamentos que alicercem seu interesse e conhecimento reflexivo da língua portuguesa, traço que é da nacionalidade e elo fraterno da lusofonia.

Rio de Janeiro, 11 de março de 1999

Evanildo Bechara

Prefácio da 1.ª edição (1961)

Ao escrever esta *Moderna Gramática Portuguesa*, foi nosso intuito levar ao magistério brasileiro, num compêndio escolar escrito em estilo simples, o resultado dos progressos que os modernos estudos de linguagem alcançaram no estrangeiro e em nosso país. Não se rompe de vez com uma tradição secular: isto explica por que esta *Moderna Gramática* traz uma disposição da matéria mais ou menos conforme o modelo clássico. A nossa preocupação não residiu aí, mas na doutrina. Encontrarão os colegas de magistério, os alunos e quantos se interessam pelo ensino e aprendizado do idioma um tratamento novo para muitos assuntos importantes que não poderiam continuar a ser encarados pelos prismas por que a tradição os apresentava. Com a humildade necessária a tais empresas, sabemos que as pessoas competentes poderão facilmente verificar que fizemos uma revisão em quase todos os assuntos de que se compõe este livro, e muitos dos quais encontraram aqui um desenvolvimento ainda não conhecido em trabalho congênere. Por outro lado, a esta altura do progresso que a matéria tem tido, não poderíamos escrever esta *Moderna Gramática* sem umas noções, ainda que breves, sobre fonêmica e estilística. Isto nos permitiu, na última, tratar d a *análise literária*, que entre nós passa às vezes confundida com *análise estilística*; ressaltamos os objetivos desta e convidamos os nossos colegas de disciplina a que dela se sirvam num dos escopos supremos de sua missão: educar o sentimento estético do aluno. Na parte relativa à estruturação dos vocábulos e sua formação, pretendemos trazer para a gramática portuguesa os excelentes estudos que a linguística americana tem feito sobre tão importante capítulo. Seguimos a Nomenclatura Gramatical Brasileira. Os termos que aqui se encontrarem e lá faltam não se explicarão por discordância ou desrespeito; é que a NGB não tratou de todos os assuntos aqui ventilados.

A orientação científica por que se norteia esta nossa *Moderna Gramática* não seria possível sem a lição dos mestres (seria ocioso citá-los) que, dentro e fora do Brasil, tanto têm feito pelo desenvolvimento da disciplina. Devemos-lhe o que de melhor os leitores encontrarem neste livro, e a eles, em cada citação, prestamos sincera homenagem. Elegemos, entre eles, um dos mais ilustres para dedicar-lhe o nosso trabalho de hoje, aquele que para nós é tão caro pelo muito que contribuiu para nossa formação linguística: M. Said Ali. No ano em que seus discípulos e admiradores comemoram o 1.º centenário de seu nascimento,

não poderíamos deixar de levar ao mestre e amigo o testemunho de nossa profunda amizade e gratidão.

Evanildo Bechara

Introdução

Breve história externa da língua portuguesa

"As armas e padrões portugueses postos em África e em Ásia e em tantas mil ilhas fora da repartiçam das três partes da terra, materiaes sam, e pode-as o tempo gastar: peró nã gastará doutrina, costumes, linguagem, que os portugueses nestas terras leixarem."

(João de Barros, *Diálogo em Louvor da Nossa Linguagem*)

A língua portuguesa é a continuação ininterrupta, no tempo e no espaço, do latim levado à Península Ibérica pela expansão do império romano, no início do séc. III a.C., particularmente no processo de romanização dos povos do oeste e noroeste (lusitanos e galaicos), processo que encontrou tenaz resistência dos habitantes originários dessas regiões.

Depois do processo de romanização, sofreu a Península a invasão dos bárbaros germânicos, em diversos momentos e com diversidade de influências, que muito contribuíram para a fragmentação linguística da Hispânia: em 409 foi a vez dos alanos, vândalos e suevos; em 416, dos visigodos. Deste contacto encontramos como resultado a visível influência germânica, especialmente dos visigodos, no léxico e na onomástica.

No século VIII, em 711, voltou a Península a ser invadida pelos árabes, consumando a série de fatores externos que viriam a explicar a diferenciação linguística do português no mosaico dialetal que hoje conhecemos; apesar do largo contributo na cultura e na língua – especialmente no léxico –, a permanência muçulmana não teve força suficiente para apagar as indeléveis marcas de romanidade das línguas peninsulares.

O longo movimento de Reconquista anti-islâmico, começado já em 718, prolongou-se por séculos. Já no século X este processo tinha favorecido o nascimento de núcleos cristãos na parte norte e noroeste da Península, lançando os fundamentos de uma divisão linguística bem próxima da divisão administrativa: 1– Condado da Galiza (galego-português); 2– Reino de Leão e das Astúrias (ásturo-leonês); 3– Condado de Castela (castelhano); 4– Reino de Navarra (basco e navarro-aragonês); 5– Reino de Aragão e Condado de Barcelos (catalão).

Em 1095, Afonso VI concede autonomia à Província Portucalense, e, em 1139, Afonso Henriques se proclama o primeiro rei de Portugal.

Foi este falar comum à Galiza e ao território portucalense que o processo de Reconquista propagou em direção ao sul, sobrepondo-se aos dialetos moçárabes aí correntes. Já com a ajuda de cruzados ingleses, alemães, franceses e flamengos, e sob a bandeira portuguesa prossegue a reconquista de novas cidades do sul, tomadas aos muçulmanos: Santarém, em março de 1147 e Lisboa, em outubro do mesmo ano. Até o séc. XV, segundo Orlando Ribeiro, o Minho ainda não constituía limite linguístico entre o galego e o português.

O português, na sua feição originária galega, surgirá entre os séculos IX-XII, mas seus primeiros documentos datados só aparecerão no século XIII: o *Testamento de Afonso II* e a *Notícia de torto*. Curiosamente, a denominação "língua portuguesa" para substituir os antigos títulos "romance" ("romanço"), "linguagem", só passa a correr durante os escritores da Casa de Avis, com D. João I. Foi D. Dinis que oficializou o português como língua veicular dos documentos administrativos, substituindo o latim.

Entre os séculos XV e XVI, Portugal ocupa lugar de relevo no ciclo das grandes navegações, e a língua, "companheira do império", se espraia pelas regiões incógnitas, indo até o fim do mundo, e, na voz do Poeta, "se mais mundo houvera lá chegara" (*Os Lusíadas*, VII, 14).

Depois da expansão interna que, literária e culturalmente, exerce ação unificadora na diversidade dos falares regionais, mas que não elimina de todo essas diferenças refletidas nos dialetos, o português se arroja, na palavra de indômitos marinheiros, pelos mares nunca d'antes navegados, a fim de ser o porta-voz da fé e do império. São passos dessa gigantesca expansão colonial e religiosa, cujos efeitos, além da abertura dos mares, especialmente o Atlântico e o Índico, foram, segundo afirmação de Humboldt, uma duplicação do globo terrestre.

1415 – expedição a Ceuta sob o comando do próprio Rei
1425-1439 – Madeira e Açores
1444 – Cabo Verde, com início de povoamento em 1462
1446 – Guiné
1483-1486 – Angola (primeiros contatos) e colonização de S. Tomé e Príncipe
1498 – Vasco da Gama chega à Índia e passa por Moçambique
1500 – Brasil
1511 – Malaca e Malucas
1512 – Saião e Bornéu
1515 – Ormuz
1518 – Colombo
1536 – Damão
1547 – Macau
além das ilhas de Samatra, Java e Timor.

Tomado o séc. XIII como início da fase a que Leite de Vasconcelos chamou *português histórico*, isto é, documentado historicamente, podemos dividi-lo em períodos linguísticos, cujas delimitações não conseguem, entre os estudiosos, concordância unânime. A dificuldade de consenso advém de vários fatores: o terem as propostas fundamento em textos escritos que, como sabemos, mascaram a realidade e as mudanças linguísticas; o não terem os fenômenos sua data de nascimento e morte; e, finalmente, constitui elemento perturbador nesta ordem de estudos a influência de fatores estético-literários que, conforme sua orientação conservadora

ou progressista, atrasa ou acelera determinadas tendências linguísticas. Foi o que aconteceu com o chamado latim literário sob a influência grega; com o português europeu sob o influxo do Humanismo e Renascimento, e com o português do Brasil, sob a ação iconoclasta inicial do Modernismo.

Adotaremos aqui a seguinte proposta, incluindo na primeira fase a realidade galego-portuguesa:

a) *português arcaico*: séc. XIII ao final do XIV

b) *português arcaico médio*: 1.ª metade do séc. XV à 1.ª metade do séc. XVI

c) *português moderno*: 2.ª metade do séc. XVI ao final do XVII (podendo-se estender aos inícios do séc. XVIII)

d) *português contemporâneo*: séc. XVIII aos nossos dias

Ao primeiro período pertencem, além dos textos administrativos de leis, forais e ordenações, a poesia palaciana encerrada nos Cancioneiros medievais (Ajuda, Vaticana e Biblioteca Nacional, antigo Colocci Brancuti), as *Cantigas de Santa Maria*, algumas vidas de santos (Barlaão e Josafá, S. Aleixo, etc., traduções, em geral, de textos latinos, que chegaram até nós, quase sempre, em cópias mais modernas), o *Livro das Aves*, o *Fabulário de Esopo*, a *Demanda do Santo Graal*, *Corte Imperial*, entre muitas.

Ao segundo período pertencem o *Livro da Montaria*, de D. João I, *Leal Conselheiro* e *Livro da Ensinança de Bem Cavalgar toda Sela* de D. Duarte, as crônicas de Fernão Lopes (*D. João I*, *D. Pedro*, *D. Fernando*), de Zurara (*Crônica dos Feitos da Guiné*, *Crônica da Tomada de Ceuta*), a *Crônica dos Frades Menores*, as crônicas de Rui Pina, entre muitas outras obras.

Ao terceiro período pertencem as obras históricas de João de Barros, Diogo do Couto, Fernão Lopes de Castanheda, Damião de Góis, Gaspar Correia, o *Palmeirim de Inglaterra* de Francisco de Morais, a *Etiópia Oriental* de Frei João dos Santos, a obra literária de Sá de Miranda e o teatro clássico de Antônio Ferreira, a prosa mística da *Imagem da Vida Cristã* de Heitor Pinto, os *Diálogos* de Amador Arrais, os *Trabalhos de Jesus* de Tomé de Jesus e a *Consolação às Tribulações de Israel*, de Samuel Usque, a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, Pero Magalhães de Gandavo, mas a todos excede Luís de Camões que, não sendo "propriamente o criador do português moderno (...), libertou-o de alguns arcaísmos e foi um artista consumado e sem rival em burilar a frase portuguesa, descobrindo e aproveitando todos os recursos de que dispunha o idioma para representar as ideias de modo elegante, enérgico e expressivo. Reconhecida a superioridade da linguagem camoniana, a sua influência fez-se sentir na literatura de então em diante até os nossos dias" [SA.2, 4].

Com muita razão, concede Said Ali, do ponto de vista linguístico, um lugar à parte na literatura quinhentista às comédias, autos e farsas do chamado teatro de medida velha que tem em Gil Vicente seu principal representante, produções de grande importância para o conhecimento da variedade coloquial e popular da época. Pertencem a este gênero especial os *Autos* de Antônio Prestes, de Chiado, de Jerônimo Ribeiro, a *Eufrosina* e *Ulissipo* de Jorge Ferreira de Vasconcelos, sobrelevando-se a todos eles as obras deste genial pintor da

sociedade e dos costumes do séc. XVI em Portugal, que foi Gil Vicente.

No séc. XVII assistimos ao aperfeiçoamento da prosa artística com Frei Luís de Sousa, cuja linguagem representa uma fase de transição entre os dois momentos do português moderno. É o período em que ressaltam os *Sermões* do Padre Antônio Vieira, os *Apólogos Dialogais* de Francisco Manuel de Melo, a prosa religiosa do Padre Manuel Bernardes, os quadros bucólicos de *Corte na Aldeia* de Rodrigues Lobo, além dos representantes da historiografia de Alcobaça.

Fig. 1 – O Mundo da Lusofonia

O século XVIII não é só o século das academias literárias, mas de todo um esforço na renovação da cultura e da instrução pública, sob o influxo dos ideais do neoclassicismo francês, que culminou na reforma pombalina da Universidade, em 1772. Assiste-se a um reflorescimento da poesia com Pedro Antônio Correia Garção, Antônio Dinis da Cruz e Silva, Filinto Elísio, Tomás Antônio Gonzaga e os poetas árcades brasileiros, e Barbosa du Bocage.

Do ponto de vista linguístico, o português contemporâneo, fixado no decorrer do séc. XVIII, chega ao século seguinte sob o influxo de novas ideias estéticas, mas sem sofrer mudanças no sistema gramatical que lhe garantam, neste sentido, nova feição e nova fase histórica.

Os escritores dos séculos XIX e XX de todos os quadrantes da Lusofonia souberam garantir este patrimônio linguístico herdado de tanta tradição literária.

Em Portugal, no Brasil, em Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, a língua portuguesa, patrimônio cultural de todas estas nações, tem sido, e esperamos seja por muito tempo, expressão da sensibilidade e da razão, do sonho e das grandes realizações.

Patrimônio de todos e elo fraterno da Lusofonia de cerca de 200 milhões de falantes espalhados por todos os continentes, continuemos a formular os votos de Antônio Ferreira, no

séc. XVI:

Floresça, fale, cante, ouça-se e viva
A portuguesa língua, e já onde for,
Senhora vá de si, soberba e altiva!

Teoria Gramatical

A) Linguagem: suas dimensões universais

"dizer as coisas como são"
Platão

1 – Linguagem

Entende-se por *linguagem* qualquer sistema de signos simbólicos empregados na intercomunicação social para expressar e comunicar ideias e sentimentos, isto é, conteúdos da consciência.

A linguagem se realiza historicamente mediante sistemas de isoglossas comprovados numa comunidade de falantes, conhecidos com o nome de *línguas*, como veremos adiante.

Tal conceituação envolve as noções preliminares do que seja *sistema*, *signo*, *símbolo* e *intercomunicação social*.

Sistema é todo conjunto de unidades, concretas ou abstratas, reais ou imaginárias, que se encontram organizadas e que se ordenam para a realização de certa ou de certas finalidades [HCv.1, 264].

Entende-se por *signo* ou *sinal* a unidade, concreta ou abstrata, real ou imaginária, que, uma vez conhecida, leva ao conhecimento de algo diferente dele mesmo: as nuvens negras e densas no céu *manifestam* ou são o *sinal* de chuva iminente; o *-s* final em *livros* é o signo ou sinal de pluralizador, assim como em *cantas* é o signo de 2.ª pessoa do singular. Por isso mesmo se diz que tais unidades são *simbólicas*, já que se entende em geral por *símbolo* aquilo que, por convenção, manifesta ou leva ao conhecimento de outra coisa, a qual substitui. Assim, o cordeiro é o "símbolo" da mansidão; o macaco, da astúcia. No que toca estritamente à linguagem humana, pois só ela é a linguagem objeto da *Linguística*, os signos linguísticos diferem dos símbolos porque estes não constituem necessariamente sistema e podem sozinhos e sem nenhuma oposição "simbolizar". A oposição é um princípio fundamental para a determinação da existência dos signos linguísticos, como veremos adiante.

Por fim, *intercomunicação social*, porque a linguagem é sempre um estar no mundo com os outros, não como um indivíduo particular, mas como parte do todo social, de uma comunidade.

2 – Dimensões Universais da Linguagem

A linguagem, entendida como atividade humana de falar, apresenta cinco dimensões universais: *criatividade* (ou enérgeia), *materialidade*, *semanticidade*, *alteridade* e *historicidade*.

Criatividade, porque a linguagem, forma de cultura que é, se manifesta como atividade livre e criadora, ou "do espírito", isto é, como algo que vai mais além do aprendido, que não

simplesmente repete o que já foi produzido.

Materialidade, porque a linguagem é, primeiramente, uma atividade condicionada fisiológica e psiquicamente, pois implica, em relação ao falante, a capacidade de utilizar os órgãos de fonação, produzindo signos fonéticos articulados (fonemas, grafemas, quando representados na escrita, etc.) com que estabelece diferenças de significado (por exemplo, *P*ala, *V*ala, *M*ala, *T*ala, *R*ala, etc.); enquanto em relação ao ouvinte, implica a capacidade de perceber tais fonemas e interpretar o percebido como referência ao conteúdo configurado pelo falante mediante os signos fonéticos articulados. É o nível biológico da linguagem.

Semanticidade, porque a cada forma corresponde um conteúdo significativo, já que na linguagem tudo significa, tudo é semântico.

Alteridade, porque o significar é originariamente e sempre um "ser com outros", próprio da natureza político-social do homem, de indivíduos que são homens juntos a outros e, por exemplo, como falantes e ouvintes, são sempre cofalantes e coouvintes.

Historicidade, porque a linguagem se apresenta sempre sob a forma de *língua*, isto é, de tradição linguística de uma comunidade histórica. Não existe *língua* desacompanhada de sua referência histórica: só há *língua portuguesa*, *língua francesa*, *língua inglesa*, *língua espanhola*, *língua latina*, etc.

Geralmente se ouve que a língua é imposta ao homem, porque este é obrigado a dizer que determinado objeto conhecido por sua comunidade como livro é *livro*, e não *lápis* ou *mesa*. Tal fato não constitui uma limitação ou negação da liberdade do falante; é sim a dimensão histórica da linguagem, que coincide com a própria historicidade do homem. Trata-se de uma obrigação aceita livremente, e não de uma imposição. Este é o significado original da palavra latina *obligatio* [ECs.8, 216]. A língua não é "imposta" ao homem; este "dispõe" dela para manifestar sua liberdade expressiva. As atividades livres implicam um próprio "dever ser", isto é, uma série de normas intrínsecas.

Destas cinco dimensões, a criatividade e a materialidade são universais de todas as formas da cultura, pois são todas atividades criadoras que se realizam no mundo de forma material, sem o que não poderiam existir nem passar ao conhecimento dos outros membros da comunidade. A semanticidade é a "*differentia specifica*" da linguagem em relação às outras formas de cultura. A alteridade é o traço distintivo do significar linguístico em relação aos outros tipos de "conteúdo" das formas de expressão e é, por sua vez, fundamento da historicidade da linguagem [ECs.8, 15-16].

Por fim, há de se levar em conta, na capacidade geral de expressão, a execução de atividades que acompanham e às vezes até a substituem, já que não falamos só com as unidades linguísticas, com a língua concreta. Estas são formas de expressão extralinguísticas, tais como a mímica, a entonação, o ritmo, as pausas e silêncios, os gestos, os recursos gráficos e outros. O emprego da maiúscula serve para estabelecer antíteses entre o verdadeiro e bom e o menos bom e verdadeiro, quando dizemos:

Ele é um *Professor* com *P* maiúsculo, ou a referência à forma gráfica distingue homônimos, como em:

Chegamos na *hora h*.

Há momentos em que expressões só são inteligíveis se acompanhadas de determinado

gesto:

> "Um anjo, meu pateta, um anjo sem asas. Imagina uma moça assim, *desta altura*, viva como um azougue, e uns olhos..." [MA.1, 92].

À mímica corporal junte-se a vocal, a entoação especial com que se proferem certas palavras ou frases inteiras, que o escritor procura reavivar na escrita com a utilização de variados recursos gráficos:

> "Não vou daqui sem uma resposta definitiva, disse meu pai. *De-fi-ni-ti-va*! repetiu, batendo as sílabas com o dedo" [MA.1, 88].
> "Os dois garotos, porém, esperneiam com a mudança de mãe: – Mentira!... *Mentiiiira!... Mentiiiiiiiiiira!* – berra cada um para seu lado" [HC.1, 32].

3 – Atos Linguísticos

A linguagem humana articulada se realiza de maneira concreta por meio de formas específicas chamadas *atos linguísticos*, que se organizam em *sistemas de isoglossas* (*isos* = igual; *glossa* = língua) denominados tradicionalmente *línguas*. Embora o ato linguístico, por sua natureza, seja individual, está vinculado indissoluvelmente a outro indivíduo pela natureza finalística da linguagem, que é sempre um falar com os outros, consoante a dimensão *alteridade*, a que aludimos anteriormente.

Só de modo ideal se pensa em linguagem como um só sistema de signos; na realidade, há na linguagem diversos sistemas de signos – isto é, de línguas –, diversidade que varia entre países, entre comunidades sociais ou outros grupos de falantes.

A realidade concreta da linguagem, como dissemos, é o ato linguístico, quer dizer, é cada unidade de comunicação da linguagem humana, seja uma palavra ou uma frase. Os atos linguísticos não se realizam idênticos de falante para falante de uma mesma comunidade linguística, e até num só falante, em circunstâncias diferentes. Essa diversidade não se dá somente na forma material do ato linguístico, isto é, na sua *expressão*, mas também no seu significado, isto é, no seu *conteúdo*.

Para que se proceda a uma análise coerente e uniforme da linguagem humana, tem-se de considerar idealmente que os atos linguísticos são mais ou menos idênticos na expressão (forma material) e no conteúdo (significado), e é isto que realmente ocorre, porque, se não houvesse essa aparente identidade, não seria possível a comunicação entre os indivíduos, já que a comunicação é a finalidade fundamental da linguagem.

O conjunto sistêmico de atos linguísticos comuns considerados idênticos realizados numa comunidade linguística e por ela comprovada na consciência de seus falantes ("ele fala como eu", "o português dele é diferente do nosso") se acha delimitado por uma linha ideal, imaginária, *isoglossa*, de modo que se pode definir *língua*: *um sistema de isoglossas comprovado numa comunidade linguística.*

Esse sistema de isoglossas pode ser extensíssimo que abarque uma língua histórica de todos os falantes de uma larga comunidade, considerada no seu conjunto geográfico, social e individual (*língua portuguesa*, *língua espanhola*, *língua francesa*, *língua latina*, etc.); pode ser menos extensa, principalmente quando a língua histórica é falada por mais de um país (*língua portuguesa da modalidade europeia* – "português de Portugal" / *língua portuguesa*

da modalidade americana – "português do Brasil" bem como *língua portuguesa da África*; *língua inglesa da Inglaterra* / *língua inglesa dos Estados Unidos*; *francês da França* / *francês da Bélgica* / *francês do Canadá*); pode ser ainda menos extensa do ponto de vista espacial (*português do Rio de Janeiro* / *português de Lisboa*; *francês de Paris*; *alemão da Baviera*); pode ser ainda menos extensa espacial, social e estilisticamente (*português fluminense rural* / *português paulista familiar* / *português literário do Romantismo brasileiro*); pode abarcar um só falante (*português de Machado de Assis* / *português de Eça de Queirós*; *português de um analfabeto*).

Assim, o conceito de língua, considerada como um sistema de isoglossas, varia de acordo com o entendimento mais largo ou mais estreito que se atribui à extensão do conjunto de atos linguísticos comuns.

B) Planos e níveis da linguagem como atividade cultural

I – Planos e Níveis da Linguagem

A linguagem, como atividade humana universal do falar, que se realiza individualmente, mas sempre de acordo com tradições de comunidades históricas, pode diferenciar-se em três planos relativamente autônomos:

a) *Universal* ou do falar em geral, já que se apresenta como prática universalizada não determinada historicamente, isto é, todos os homens adultos e normais falam. É a referência ao plano do *falar em geral*, e a ele se alude, quando se diz que *esta criança ainda não fala* (note-se que não se quer dizer que ela ainda não fala português ou espanhol, por exemplo). Alude-se ainda a este plano quando se declara que *os animais não falam*. Aqui, como no exemplo anterior, não se refere a uma língua concreta, mas à capacidade de falar. O plano universal alude àquilo que faz parte de todo falar, não importa em que língua.

b) *Histórico* ou da língua concreta, já que, ao falar, o homem o faz mediante uma língua determinada: *falar português*, *falar espanhol*, etc. Como já se disse, não há *língua* sem adjetivo; só há *língua portuguesa*, *língua espanhola*, etc., onde o adjetivo pátrio aponta para uma tradição histórica determinada. Até as línguas inventadas, como o esperanto, se constroem e representam uma nova tradição do falar. Este é o plano de uma língua concreta determinada. O falante tem consciência desse saber ao afirmar, por exemplo, que alguém não fala bem o português.

c) *Individual*, já que é sempre um indivíduo que fala mediante uma língua determinada, e o faz, cada vez segundo uma circunstância determinada. A atividade de falar um indivíduo segundo a conveniência de uma circunstância determinada chama-se *discurso*. Não confundir *discurso*, nessa aplicação à atividade, com *texto*, que será entendido como produto dessa atividade, produto do discurso. O discurso – assim o texto como seu

produto – está determinado por quatro fatores: o *falante*, o *destinatário*, o *objeto* ou *tema* de que se fala e a *situação*.

Como toda atividade cultural, a atividade real de falar pode ser considerada sob três pontos de vista diferentes [ECs.8, 88]:

a) Como a própria *atividade*, como falar e entender, isto é, como atividade criadora que se serve de um saber já presente para dizer algo novo e com capacidade de criar um saber linguístico. É este o sentido próprio de *enérgeia*. Uma língua é "forma" e "potência" de uma *enérgeia*.

b) Como o *saber* que está subjacente à atividade, isto é, como a *competência* ou como o que Aristóteles chamava *dýnamis*.

c) Como o *produto* criado pela atividade do falar individual, isto é, como obra ou *érgon*: o *texto*.

Como toda atividade, o falar é uma atividade que revela um saber; assim a estes três níveis correspondem três planos ou tipos de saber linguístico:

a) Ao falar em geral mediante cada língua corresponde o *saber elocutivo*, ou *competência linguística geral*, que não é saber falar uma língua particular, mas, ao falar com qualquer língua, fazê-lo segundo os princípios da *congruência* em relação aos padrões universais do pensamento e ao conhecimento geral que o homem tem do "mundo", do mundo empírico. Na discutida frase "*A mesa quadrada é redonda*", não há propriamente desconhecimento de língua, e sim de formulação do pensamento por desconhecer a realidade do mundo empírico, uma vez que "ser quadrado" é diferente de "ser redondo".

b) Ao falar (em) uma língua particular corresponde o saber histórico denominado *saber idiomático*, ou *competência linguística particular*, que é falar (em) uma língua determinada de acordo com a tradição linguística historicamente determinada de uma comunidade.

c) Ao falar individual e relacionado com a maneira de elaborar textos segundo situações determinadas corresponde o chamado *saber expressivo* ou *competência textual*; é um saber técnico (gr. *téchnē*), isto é, um saber que se manifesta no próprio fazer, um saber fazer gramatical que se manifesta numa língua particular e que pode ir além do já criado nessa língua.

A linguagem se realiza, portanto, de acordo com um saber adquirido e se apresenta sob forma de fatos objetivos ou *produtos*. Mas, como bem caracterizou Humboldt em termos aristotélicos, a linguagem não é na essência *érgon* 'produto', 'coisa feita', mas *enérgeia*, 'atividade', atividade criadora, isto é, que vai além da técnica "aprendida", além do seu saber (*dýnamis*).

Assim, também do ponto de vista do produto se distinguem esses três planos:

a) o produto do falar em geral é a "totalidade de todas as manifestações", empiricamente infinita, *o* falado; não só a totalidade do que já foi dito, mas ainda a totalidade do que se

pode dizer, se considerada sempre como "coisa feita".

b) o produto do falar (em) uma língua particular é a língua particular *abstrata*, isto é, a língua deduzida do falar e concretizada em uma gramática e em um dicionário, ou, em outras palavras, o que no falar se reconhece como constante e que é objeto da linguística das línguas como descrição e como história.

c) o produto do falar individual é o *texto*, tal como pode ser anotado ou escrito.

2 – Juízos de Valor

Frequentemente se ouve um falante nativo dizer que "isso não é português" ou "isso não se diz assim em português" ou "seria melhor dizer assim em português", o que demonstra que os aspectos de juízos de valor devem merecer especial atenção do falante nativo, bem como do linguista e do gramático normativo. Infelizmente, em vista de confusões que Coseriu procurou deslindar, o assunto tem sido mal posto em discussão e, por isso, mal resolvido, de modo que as incoerências e os desencontros são responsáveis pela ideia muito difundida, mas errada, de que o tema não é científico, e fica sujeito ao capricho de pessoas despreparadas e intransigentes.

Distinguem-se três tipos de juízos de valor referentes às conformidades do falar com o respectivo saber linguístico:

a) Ao saber elocutivo corresponde a *norma da congruência*, isto é, os procedimentos em consonância com os princípios do pensar, autônomos ou independentes dos juízos que se referem à língua particular e ao texto. Neste plano do falar em geral temos não só a norma da congruência e da coerência, mas ainda a norma de conduta da tolerância, já que, muitas vezes, diante de frases "desconexas", a incongruência pode ser anulada pela tradição da língua particular e pela intenção do discurso. Assim, quando a canção diz que "*Tudo em volta está deserto, tudo certo / Tudo certo, como dois e dois são cinco*", não se interpreta como falar incongruente por conhecerem os falantes o procedimento da anulação metafórica: o que a canção quer dizer metaforicamente é que nada vai bem entre os tais namorados, como a soma de dois mais dois igual a cinco não está bem.

b) Ao saber idiomático corresponde a *norma da correção*, isto é, a conformidade de falar (em) uma língua particular segundo as normas de falar historicamente determinado e corrente na comunidade que a pratica. Sendo uma língua histórica (todo o português) um conjunto de várias línguas comunitárias, haverá mais de uma norma de correção (o português do Brasil, o português de Portugal, o português exemplar, o português comum, o português familiar, o português popular, etc.). Por falta das distinções até aqui estabelecidas, têm-se atribuído à língua particular ou ao saber idiomático qualidades e atributos que antes pertencem ao plano do falar em geral ou saber elocutivo ("coerência", "eficácia", "concisão", "clareza", "harmonia", etc.) ou ao plano individual ou saber expressivo ("adequado", "apropriado", "elegante", "expressivo", etc.). O juízo de valor concernente à *correção* é juízo de "suficiência" ou "conformidade" somente com o saber idiomático historicamente determinado para uma comunidade.

c) Ao saber expressivo corresponde a *norma de adequação* à constituição de textos

levando em conta o falante, o destinatário, o objeto ou a situação, critério mais complexo, e independente do critério de correção em relação à língua particular e do critério de congruência em relação ao falar em geral. A adequação ao discurso e à constituição de textos pode levar em conta o objeto representado ou o tema (e aí será considerada *adequada* ou *inadequada*), o destinatário (então será considerada *apropriada* ou *inapropriada*) ou a situação ou circunstâncias (e aí será considerada *oportuna* ou *inoportuna*).

A competência ou saber não se manifesta igualmente em todos os planos do linguístico. Na língua particular ele ocorre com mais frequência; nos outros planos – no saber elocutivo e principalmente no saber expressivo – o domínio da competência só se alcança depois de cuidada educação linguística. Muitas vezes se diz que "alguém escreve mal o português", quando, na realidade se quer fazer referência ao saber elocutivo ou ao expressivo, porque escreve sem congruência ou sem coerência, ou ainda com pouca clareza. Quando se diz que "o francês" é uma língua clara", a rigor, não se quer fazer referência a características da língua francesa, mas à capacidade de estruturar o pensamento, o discurso ou o texto com clareza e logicidade mais do que o normal, em virtude de uma larga tradição do falar nessa comunidade, tradição que começa no ensino escolar francês, e que deveríamos cultivar entre nós.

Cabe ainda lembrar o que foi aqui antes esboçado: conforme a intenção do falante, a adequação relativa a um discurso ou a um texto pode anular a incorreção idiomática, enquanto a adequação relativa à correção idiomática pode anular a incongruência ou incoerência do saber elocutivo.

3 – Três Tipos de Conteúdo Linguístico

Aos três planos linguísticos correspondem ainda três tipos diferentes de conteúdo linguístico:

a) Ao plano linguístico geral corresponde a *designação* (ou *referência*), isto é, a referência a uma "realidade" extralinguística, a um estado de coisas extralinguístico. Assim em *A porta está fechada* e *A porta não está aberta* faz-se referência à mesma realidade extralinguística. As orações não são *sinônimas*; são *equivalentes* na referência à designação.

b) Ao plano linguístico particular corresponde o *significado*, isto é, o conteúdo dado linguisticamente em uma língua particular, ou, em outras palavras, a especial configuração da designação numa língua particular.

c) Ao plano do discurso corresponde o *sentido*, que é o "dito" por meio do texto, isto é, o especial conteúdo linguístico que se expressa mediante a designação e o significado, sentido que, num discurso individual, vai além desses outros conteúdos e que corresponde às atitudes, intenções ou suposições do falante. Por exemplo, nas expressões *dar com os burros n'água* ou *torcer o nariz* o sentido é, respectivamente, "ter insucesso" e "rejeitar". Numa anedota, mediante a designação e o significado, atinge-se o *sentido* quando se "pega" o chamado "espírito da coisa". Uma visita de cerimônia ao dizer ao

dono da casa "Hoje está quente" pode ter a intenção de querer dizer "Por favor, abra a janela", que é o verdadeiro "sentido" da sua primeira frase. Quando dizemos a uma pessoa, pela manhã, "Bom dia!" não queremos dizer-lhe que o dia está agradável, mas tão somente cumprimentá-la; esse é o "sentido" da frase. Pode até o tempo estar chuvoso ou ameaçador; porém, é assim que tradicionalmente a nossa comunidade saúda alguém pela manhã. O sentido, portanto, se manifesta no plano individual do discurso.

Assim como o significado pode coincidir com a designação, como ocorre na linguagem técnica, onde tudo o que existe na tradição linguística concernente a ela é "nomenclatura", à medida que vai além do saber linguístico e implica um saber relativo às coisas mesmas, assim também o sentido pode coincidir com o significado, quando o texto é só informativo, e não artístico ou literário ("simbólico"). Mesmo em determinadas formas de "literatura", os fatos designados e significados são informativos, como ocorre na novela policial, que só muito excepcionalmente se alça à literatura artística [ECs.8, 291-292].

O quadro a seguir sintetiza tudo o que vimos até aqui:

	PONTOS DE VISTA				
PLANO	**ATIVIDADE** enérgeia	**SABER** (competência) dýnamis	**PRODUTO** (texto) érgon	**JUÍZO**	**CONTEÚDO**
UNIVERSAL: falar em geral; atividade humana universal	falar em geral	saber elocutivo	totalidade das manifestações	congruente / incongruente	designação (referência)
HISTÓRICO: língua concreta; tradições comunitárias	língua particular	saber idiomático	(língua particular abstrata)	correto / incorreto	significado
INDIVIDUAL: discurso; execução individual	discurso	saber expressivo	texto (obras)	adequado / inadequado	sentido

C) Língua histórica e língua funcional

1 – Língua Histórica

Quando nos referimos a *língua portuguesa*, *língua espanhola*, *língua alemã* ou *língua*

latina, fazemos alusão a uma língua como produto cultural histórico, constituída como unidade ideal, reconhecida pelos falantes nativos ou por falantes de outras línguas, e praticada por todas as comunidades integrantes desse domínio linguístico. Entendido assim, esse produto cultural recebe o nome de *língua histórica*. Esse amplo e diversificado espaço cultural, historicamente relacionado, está presente na frase de Fernando Pessoa: *Minha pátria é a língua portuguesa*.

Fácil é concluir que uma língua histórica encerra em si várias tradições linguísticas, de extensão e limite variáveis, em parte análogas e em parte divergentes, mas historicamente relacionadas. São analogias e divergências fonéticas, gramaticais e léxicas; por isso se diz que uma língua histórica nunca é um sistema único, mas um conjunto de sistemas.

Os sistemas que integram a língua histórica apresentam três aspectos, fundamentais de diferenças internas:

a) No espaço geográfico, constituindo os diferentes *dialetos*; Essa diversidade no espaço se diz *diatópica* (do grego *diá* 'através de', *tópos* 'lugar'), enquanto a relativa uniformidade no espaço se diz *sintópica* (do grego *sýn* 'reunião').

b) No nível sociocultural, constituindo os diferentes *níveis* de língua e estratos ou camadas socioculturais. Essa diferença no estrato sociocultural se diz *diastrática* (do latim *stratum* 'estrato', 'camada'), enquanto a relativa uniformidade correspondente se diz *sinestrática* ou *sinstrática*, também conhecida por *dialeto social*.

c) No estilo ou aspecto expressivo, isto é, em relação a diferentes situações do falar e estilos de língua. Essa diferença se diz *diafásica* (do grego *fásis* 'expressão'), enquanto a relativa uniformidade correspondente se diz *sinfásica* ou homogeneidade estilística.

As diferenças diatópicas ou os dialetos sempre mereceram as atenções dos estudiosos, o que nem sempre ocorreu com as diferenças de níveis (diastráticas) e de estilos de língua (diafásicas). Nem todas as línguas históricas têm muito marcadas as diferenças dialetais como ocorre, por exemplo, na Itália. No português essas diferenças são muito menos profundas, do que no italiano. Alguns linguistas chegam, no caso do português, a preferir *falares* a *dialetos*.

As diferenças diastráticas são mais marcadas em comunidades onde os estratos sociais se apresentam muito distanciados, como na antiga Índia, ou onde a rede escolar se encontra fragilizada ou inexistente entre as camadas populares. Nas comunidades modernas, existem diferenças diastráticas na distinção entre o nível popular (como ocorre no francês e inglês), bem afastado das formas "cultas" ou exemplares destas línguas, ou, com menos intensidade, no espanhol e no italiano populares. Menos intensa é ainda a distância entre o chamado português popular e o padrão ou culto.

As diferenças diafásicas se manifestam quando se comparam língua falada e língua escrita, língua usual e língua literária, língua corrente e língua burocrática ou oficial, etc. Nenhuma dessas variedades diafásicas se apresenta homogeneamente; até a língua literária acusa gradações, às vezes bem nítidas, como é o caso das divergências entre a prosa e a poesia (em verso), entre a poesia épica e a lírica, etc.

Incluem-se nas diferenças diafásicas as que ocorrem, num mesmo estrato sociocultural,

entre grupos "biológicos" (homens, mulheres, jovens, crianças) e profissionais.

Uma língua que apresenta só um estilo já não é uma língua viva; a que apresenta um ou poucos estilos é uma língua morta e funciona como veículo de comunicação para comunidades determinadas que têm sua própria língua, e se destina a finalidades culturais e profissionais, como tem sido o caso do latim na Igreja e, desde a Idade Média, na filosofia, na filologia, na medicina e outros domínios das ciências, e de especiais praxes acadêmicas universitárias (em cerimônias na outorga do título de doutor *honoris causa*, por exemplo a *laudatio*).

Há, contudo, uma realidade linguística idealmente homogênea e unitária, isto é, que se apresenta sintópica, sinstrática e sinfásica; em outras palavras, uma língua unitária quanto ao dialeto, ao nível e ao estilo: é a *língua funcional*, assim chamada porque é a modalidade que de maneira imediata e efetiva funciona nos discursos e textos.

2 – Língua Funcional

É bem verdade que num discurso e texto pode aparecer mais de uma língua funcional, principalmente se se mudam as circunstâncias e fatores (destinatário, objeto, situação). Todo falante de uma língua histórica é plurilíngue, porque domina ativa ou passivamente mais de uma língua funcional, embora não consiga nunca saber toda a extensão de uma língua histórica; e o sucesso da educação linguística é transformá-lo num "poliglota" dentro de sua própria língua nacional. Mas na constituição do discurso e do texto há sempre *uma* língua funcional que se sobrepõe às demais. Mesmo uma língua comum o mais possível unificada e codificada com muita rigidez, como ocorre com o francês "oficial", não corresponde exatamente a essa realidade de língua funcional, em face das diferenças estilísticas nele existentes.

Como por exigência metodológica e de coerência interna só se pode descrever uma realidade homogênea e unitária, é a língua funcional o objeto próprio da descrição estrutural e funcional. Uma gramática como produto desta descrição nunca é o espelho da língua histórica; é apenas a descrição de *uma* das suas línguas funcionais. Por isso não se há de exigir desta gramática o registro de fatos que pertençam a línguas funcionais diferentes: nisto consiste a diferença entre estrutura e arquitetura.

3 – Estrutura e Arquitetura

Estrutura é a descrição das oposições funcionais na expressão e no conteúdo de mesma técnica idiomática, isto é, a homogeneidade de uma língua funcional. *Arquitetura* é o registro da diversidade interna de uma língua histórica, onde coexistem para funções análogas formas distintas e vice-versa, isto é, diversidade de línguas funcionais. Por exemplo, a descrição do emprego dos pronomes *o* e *lhe* no português exemplar ou padrão é um fato de *estrutura*; a comparação do emprego de *o* no português padrão e do corresponde *ele* no português popular ou familiar ou do pronome *lhe* nessas modalidades é um fato de *arquitetura* do português do Brasil.

Para se chegar com coerência ao conceito de língua funcional e à essência do objeto próprio da descrição de uma técnica linguística é necessário fazer, além da distinção entre

estrutura e arquitetura, uma série de outras, quase sempre não levadas em consideração na gramática tradicional e em algumas linguísticas modernas: 1) conhecimento da língua e conhecimento das "coisas" (incluídos aí os seres vivos); 2) linguagem e metalinguagem; 3) sincronia e diacronia; 4) técnica livre e "discurso repetido"[ECs.8, 288].

4 – Conhecimento da Língua e Conhecimento das "coisas"

No plano do saber histórico não contamos somente com fatos linguísticos, mas também com outras tradições ligadas a "coisas" ou ao mundo extralinguístico. Assim, por exemplo, diante de frases do tipo "Macaco velho não mete a mão em cumbuca" ou de expressão como "macaco velho", não se pode dizer que *macaco* ou *macaco velho* evoca em português a ideia de 'prudência', 'sagacidade'. Relativamente à língua portuguesa, *macaco* está relacionado a outros animais, como *mico*, *chimpanzé*, etc.; pela evocação a 'prudência' não é responsável a língua portuguesa, até porque em muitas comunidades lusófonas o animal *macaco* não está relacionado com essa ideia. A evocação resulta exclusivamente do conhecimento que temos do animal, da sua participação em histórias, especialmente do folclore brasileiro.

5 – Linguagem e Metalinguagem

A metalinguagem é um uso linguístico cujo objeto é também uma linguagem; por exemplo quando se fala de palavras e seus componentes ou de orações: "*linguagem é uma palavra derivada de língua*", "*linguagem é um substantivo feminino em português e masculino em espanhol e francês*". "*-ção* é um sufixo formador de substantivo", "*Cadeira tem três sílabas*", etc. A metalinguagem não apresenta unidades estruturais nem pode ser estruturada no nível do saber idiomático; nem por isso seu estudo deixa de merecer o cuidado da ciência.

A linguagem, também chamada *linguagem primária*, não é uma linguagem que tem por objeto uma linguagem.

Esta distinção tem importância especial para a gramática. Por exemplo, qualquer palavra, grupo de palavras, parte de palavras, uma oração inteira, todo um texto tomado materialmente na metalinguagem pode ser considerado uma "palavra", um substantivo masculino por ser nome de algo: "*-mente* é um sufixo", "*lá* marca distância do falante", "Terrível palavra é um *não*", "*Não roubar* é um mandamento divino".

A metalinguagem pode manifestar uma técnica, um saber próprio em uma determinada tradição linguística. Por exemplo, na metalinguagem, em português, diz-se sem artigo "Homem é um dissílabo", enquanto na linguagem primária se diz com artigo "O homem trabalha".

6 – Sincronia e Diacronia

Outra distinção essencial, por sinal a primeira que se deve fazer no estudo das línguas, é a que se estabelece entre *sincronia* e *diacronia*. Por *sincronia* entende-se, em princípio, a referência à língua em um dado momento do seu percurso histórico, "sincronizada" sempre com seus falantes, e considerada no seu funcionamento no falar como descrição sistemática e

estrutural de um só sistema linguístico ("língua funcional"), enquanto por *diacronia* se entende a referência à língua através do tempo, isto é, no estudo histórico das estruturas de um sistema ("gramática histórica"), e como história da língua. Todavia, neste último aspecto, sincronia e diacronia não são correlativos, pois se se levar em conta o caráter parcialmente inovador de todo ato linguístico, toda língua viva está num perpétuo devenir, já que o aspecto sincrônico, para uma língua considerada na sua totalidade, metodologicamente imposto e necessário, é apenas uma abstração científica para estudar como a língua funciona e os traços que, entre dois momentos do seu desenvolvimento, se mostram constantes. Até para fins práticos necessitamos considerar a língua como algo estável e constante. Assim, a descrição sincrônica prescinde da história, no sentido de que não a abarca, mas a diacronia não pode prescindir das sincronias. Por fim, não se pode perder de vista que a descrição da língua num momento do seu desenvolvimento é uma parte da história dessa língua. Uma língua viva nunca está plenamente feita, mas se faz continuamente graças à atividade linguística.

À sincronia corresponde não só a descrição de sistemas unitários (isto é, a disciplina "gramática" em sua acepção mais ampla, abarcando ainda a fonologia e a semântica léxica estrutural ou lexemática), mas também a descrição dos três tipos de variedade já vistos feita por três outras disciplinas ("dialetos" → *dialetologia*, "níveis" → *sociolinguística* e "estilos" → *estilística da língua*).

7 – Estado da Língua Real e Sincronia

Convém distinguir entre *estado de língua real* e *sincronia*, considerada de modo absoluto. No estado de língua também está implícita uma dimensão diacrônica, já que os falantes, principalmente de comunidades com larga tradição de língua escrita, têm consciência de que certas formas são mais antigas que outras; que algumas já não se usam e que outras são recentes. Todavia essa "diacronia dos falantes" – que pode ser bem diferente da diacronia do historiador – não importa em relação ao funcionamento da língua, porque todo fato de "diacronia" subjetiva tem de ser descrito no seu funcionamento, isto é, na sua própria sincronia [ECs.8, 296].

À história da língua compete também referir-se ao aspecto sincrônico à medida que tem de socorrer-se dos vários "estados de língua" sucessivos, pois a "gramática histórica" é a comparação entre os vários sistemas estáticos compreendidos nos limites estabelecidos para estudo. No caso de uma língua românica como o português, pode-se começar pelos diversos sistemas do latim (clássico, vulgar, etc.) e continuar pelos sistemas sucessivos do português ou fases históricas (medieval, clássico, etc.), ou então partir do próprio português como língua já estabelecida e reconhecida pelos seus falantes e pelos falantes de outras comunidades linguísticas.

Pelo que vimos até aqui, e para evitar equívocos que elas implicam, seria melhor fugir às denominações *linguística sincrônica* e *linguística diacrônica* e, em vez delas, usar *descrição* e *história da língua*, porque ambas estão compreendidas no nível histórico da linguagem e constituem juntas a *linguística histórica*. Desligam-se, desta maneira, as noções de sincronia e diacronia da interpretação meramente temporal, como as entendia Saussure, em cuja lição

sincronia estava circunscrita a um só momento e diacronia a vários momentos [ECs.8, 281].

8 – Técnica Livre do Discurso e Discurso Repetido

Outra distinção necessária no estudo "sincrônico" de língua é a que se faz entre *técnica livre do discurso* e *discurso repetido*, porque as tradições linguísticas não só contêm técnica para falar, mas ainda linguagem já falada.

A técnica livre abarca os elementos constitutivos da língua e as regras "atuais" relativas à sua modificação e combinação, isto é, abarca as "palavras" e os instrumentos e procedimentos léxicos e gramaticais.

O discurso repetido abarca tudo aquilo que, no falar de uma comunidade, se repete mais ou menos uniformemente, como algo "já dito": algo já fixado num discurso e que pode ser repetido noutro discurso como "expressão", "giro", "modismo", frase ou locução cujos elementos constitutivos não são nem substituídos nem aceitam ser dispostos noutra ordem conforme permitem as regras de funcionamento da língua, ficando, assim, por não se submeterem a qualquer estruturação – pois só a técnica é estruturável –, fora do objeto da gramática e da lexicologia sincrônicas.

Assim, *bom professor* e *boa semana* pertencem à técnica livre do discurso, enquanto *bom samaritano* e *bom dia* (para a saudação matinal) são exemplos de discurso repetido.

D) Sistema, norma, fala e tipo linguístico

1 – Os Quatro Planos de Estruturação

Uma língua funcional apresenta diversos planos de estruturação. Distinguem-se quatro planos de estruturação: o *falar* (que é o plano da realização, isto é, uma técnica idiomática efetivamente realizada), e três planos de técnica ou de saber enquanto tal: a *norma*, o *sistema* e o *tipo linguístico*, que dizem respeito exclusivamente à estruturação de uma mesma técnica idiomática, em oposição à *arquitetura*, que, como já vimos, diz respeito à diversidade interna da língua histórica, com seu conjunto de línguas funcionais, em parte coincidentes e em parte diferentes umas das outras.

2 – A Norma

A *norma* contém tudo o que na língua não é funcional, mas que é tradicional, comum e constante, ou, em outras palavras, tudo o que se diz "assim, e não de outra maneira". É o plano de estruturação do saber idiomático que está mais próximo das realizações concretas. O sistema e a norma de uma língua funcional refletem a sua estrutura.

3 – O Sistema

O *sistema* contém apenas as oposições funcionais, isto é, contém unicamente os traços distintivos necessários e indispensáveis para que uma unidade da língua (quer no plano da expressão, quer no plano do conteúdo) não se confunda com outra unidade.

Assim, no sistema dos relativos em português, *que* e *o qual* se opõem ambos a *quem* e *cujo*, por exemplo; mas a norma usual da língua prefere unicamente *o qual*, e não *que*, depois de preposição com mais de duas sílabas:

> Os caminhos *de que* (*dos quais*) lhe falei...

mas:

> As razões *segundo as quais* (e não *segundo que*).

O sistema verbal português marca a 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo com o morfema -*o*: eu cant*o*, vend*o*, part*o*.

Crianças e adultos que usam incorretamente a forma verbal *seio* (por *sei*) são levados a fazê-lo por força do sistema, mas desconhecem a norma.

O sistema do português conta, além de outros, com o sufixo -*ção* para formar substantivos, em geral denotadores de ação, oriundos de verbos: *coroar* → *coroação*; *colocar* → *colocação*.

Todavia, a norma prefere *casamento* a *casação*, *livramento* a *livração*, *tomada* a *tomação* o u *tomamento*, etc. Outras vezes, a norma agasalha ambas as formas possibilitadas pelo sistema.

No domínio da sintaxe também se comprova a distinção entre norma e sistema. Os chamados complementos verbais quando constituídos por substantivos normalmente se dispõem na ordem *direto* + *indireto* (Dei *um livro ao primo*), mas quando aparece, numa dessas funções ou nas duas, pronome pessoal, a norma é vir primeiro o indireto: (Dei-*lhe um livro*) / Dei-*lho* (lhe + o).

O falante domina o sistema de uma língua quando está em condições de criar nela. Relativamente à norma, o seu domínio é muito mais complexo e exige do falante uma aprendizagem por toda a vida.

A norma pode coincidir com o sistema quando este oferece uma só possibilidade de realização.

O distanciamento entre sistema e norma de realização se manifesta quando a "novidade" criada à luz do sistema inexiste na norma, na tradição já realizada e, por isso mesmo, não se encontra registrada nos dicionários e nas gramáticas. Foi o caso, entre nós, de *imexível*, nascido com procedimentos do sistema do mesmo modo que *intocável*, *infalível*, etc., mas não ainda realizado na norma. Esqueceram-se os críticos de que uma língua viva não está feita, isto é, que não só estrutura seus atos por modelos precedentes, mas faz-se e refaz-se constantemente, encerra formas feitas e tem potencialidade para criar formas novas, e está sempre a serviço das necessidades expressivas de qualquer falante. É nisto que consiste a dimensão criatividade já aludida aqui anteriormente.

Como também pode conter traços não pertinentes do ponto de vista de oposição funcional, a norma, em certo sentido, tem maior amplitude que o sistema, já que este só contém traços distintivos necessários e indispensáveis para que uma unidade da língua se diferencie de outra

unidade. Por outro lado, o sistema é mais amplo do que a norma, porque propicia também possibilidades inéditas, não realizadas na norma da língua.

4 – O Tipo Linguístico

O *tipo linguístico* é o mais alto plano que se pode comprovar da técnica da língua. É o conjunto coerente de categorias funcionais e de tipos de procedimentos materiais que configuram um sistema ou diferentes sistemas: compreende as categorias de oposições de expressão e de conteúdo e os tipos de funções. Enquanto o sistema é sistema de possibilidades em relação à norma, o tipo é sistema de possibilidades em relação ao sistema.

No processo histórico, a norma pode modificar-se permanecendo inalterável o sistema, bem como o sistema pode modificar-se conservando no tipo seus princípios de configuração. As numerosas semelhanças que se podem apontar nas línguas românicas não se explicam somente pela origem comum e influências recíprocas, mas também porque, com exceção do francês, se configuraram em vários pontos por princípios funcionais análogos de tipo linguístico [ECs.14, 53-54].

Por fim, cabe esclarecer que a tipologia linguística está nos seus começos; alguns estudos que se têm realizado com seu nome nada mais são do que gramática contrastiva no nível dos sistemas e classificação de procedimentos idiomáticos.

No tocante às relações conceituais de fala, norma, sistema e tipo linguístico no quadro teórico de E. Coseriu e de F. de Saussure, fala corresponde mais ou menos à *parole*; a norma e o sistema da língua correspondem, no seu conjunto, mais ou menos à *langue*, enquanto o tipo linguístico não foi identificado como tal pelo linguista genebrino.

E) Propriedades dos estratos de estruturação gramatical 1

1 – Os Estratos Gramaticais

Em português, os estratos gramaticais possíveis são, pela ordem ascendente: o *elemento mínimo* (ou *monema*), a *palavra* gramatical, o *grupo de palavras*, a *cláusula*, a *oração* e o *texto*:

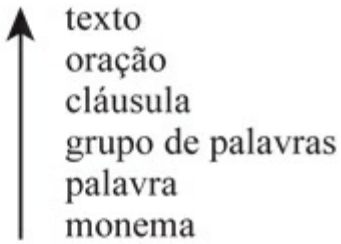

Do ponto de vista de sua função gramatical, *casa-* e *-s* são "monemas"; já *casas*, na oposição *casa* / *casas*, é uma "palavra gramatical" com sua função "plural", uma vez que *-s* é

o "pluralizador" e *casa*- o "pluralizado", e o sintagma inteiro *casas* é o "plural". Em português, a "explicação" e a "especificação" são funções do nível do grupo de palavras e se expressam mediante a posição do adjetivo. No grupo substantivo + adjetivo *o manso boi*, *o vasto oceano*, o adjetivo é explicativo (já que não separa classes menores dentro das classes "boi" e "oceano"; apenas expressa propriedades inerentes a estas classes); no entanto, em *o boi manso*, o adjetivo é "especificativo" (porque serve para opor um boi manso a outros bois não mansos). Como no exemplo anterior, *manso* é "explicador"e *boi* o termo "explicado", e o sintagma inteiro *o manso boi* é um "explicativo".

A oposição correspondente às funções "comentário" e "comentado" ocorre no estrato funcional a que Coseriu dá o nome convencional cláusula, que é o estrato que, no interior de uma só e mesma oração, estabelece a referida oposição. O chamado "advérbio de oração", que não passa de uma cláusula "comentário", ocorre nesse nível de estruturação. Em *Eu sei certo*, só temos uma oração, sem nenhum comentário, porque significa simplesmente 'eu sei com segurança', 'com certeza'. Já na oração em *Certamente, eu sei*, há duas cláusulas: a cláusula comentário *certamente* e a cláusula *eu sei*, e o conteúdo do enunciado oracional é equivalente a 'certamente, eu o sei', 'é certo que eu o sei', 'eu o sei, e este fato é certo'. Assim, *certamente* não determina o valor lexical de *eu sei*, mas assegura a realidade mesma do fato de saber.

O estrato gramatical da oração é caracterizado pela função "predicativa". Nela, o "sujeito" e o "predicado" são funções sintagmáticas e puramente relacionais: o predicado é o termo "referido", e o sujeito, o termo "referente", a função sintagmática é a de "referência", e a unidade resultante é a "predicação referida", que se opõe, neste nível, à "predicação não referida". Em *O aluno estuda* temos uma predicação referida; em *Chove*, *Faz calor*, uma predicação não referida. Registre-se aqui, de passagem, que a oração dita complexa não constitui um estrato superior da oração. O estrato superior da oração – simples ou complexa – é o texto.

No estrato do texto, como estrato gramatical idiomático, – e não como outras estruturas, por exemplo, o "soneto", a "crônica", a "novela"-, podemos ter casos como a oposição entre "pergunta não repetida" e "pergunta repetida". Se se pergunta *Você vai bem*?, no nível do texto, isto significa que se faz a pergunta pela primeira vez, ou pela qual não se manifesta se ela se diz pela primeira vez ou não. Mas já em *E você, como vai*? ou *E você vai bem*? ou *Que você vai bem*?, trata-se, sem dúvida, de uma pergunta repetida, ou porque, depois de uma primeira pergunta, agora se quer saber acerca do nosso interlocutor, ou então porque este não compreendeu a primeira pergunta sobre como passava de saúde ou de situação. Trata-se aqui de uma oposição no nível do discurso ou do texto, e não no nível da oração.

O número dos estratos gramaticais nem sempre é igual de língua para língua. Segundo Halliday, citado por Coseriu, só dois estratos são imprescindíveis, o do monema e o da oração.

2 – Propriedades dos Estratos de Estruturação Gramatical

São quatro estas propriedades: a *superordenação* (ou *hipertaxe*), a *subordinação* (ou

hipotaxe), a *coordenação* (ou *parataxe*) e a *substituição* (ou *antitaxe*).

Tais propriedades podem ser assim representadas graficamente:

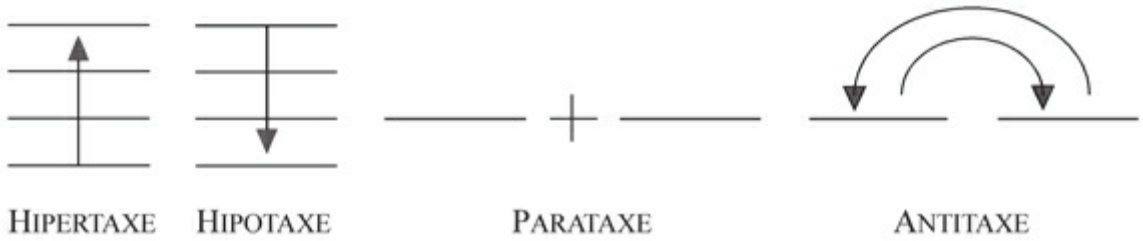

3 – Hipertaxe ou Superordenação

A hipertaxe é a propriedade pela qual uma unidade de um estrato inferior pode funcionar por si só – isto é, combinando-se com zero – em estratos superiores, podendo chegar até ao estrato do texto e aí opor-se a unidades próprias desse novo estrato. Assim, um monema pode, em princípio, funcionar como palavra; uma palavra como grupo de palavras, e assim sucessivamente.

Tomando o exemplo *casa – casas*, o elemento mínimo *casa* funciona como "singular" no nível da palavra gramatical, por oposição a *casas*, por estar "combinado" com zero. Em *casa – a casa*, a palavra *casa*, já determinada como "singular", funciona no nível do grupo de palavras como "virtual, inatual" – em oposição ao "atual" *a casa*. Em *Certamente*! *Claro*!, estamos diante de uma superordenação da palavra no nível da cláusula, e desta ao nível da oração e do texto.

As línguas conhecem restrições na manifestação dessa propriedade; por exemplo, a superordenação de palavras ou grupos de palavras no nível do texto é mais reduzida nas perguntas do que nas respostas. Uma resposta como *Isabel* é muito normal, diante da pergunta *Quem acabou de sair*? Por outro lado, uma pergunta como (*E*) *Isabel*? É certamente possível, mas exige um contexto especial. Salvo num caso de uma retomada de discurso anterior ou de emprego metalinguístico, as palavras morfemáticas, isto é, de significado puramente instrumental (artigos, preposições, conjunções), estão em geral impossibilitadas de se superordenar em nível de texto. Entretanto, nas retomadas de discurso anterior, e na metalinguagem, pode-se superordenar no nível da oração e do texto um monema, uma palavra morfemática ou até uma palavra, como, por exemplo, ocorre com *sem* na resposta à pergunta do tipo: *Viajarás com ou sem teus pais*? – *Sem*. Ou então o sufixo *-ção* na resposta diante da dúvida: *É condenação ou condenamento*? – *Ção*.

Na maioria dos casos reais da chamada *elipse* o que se tem, na verdade, é uma forma de superordenação (quase sempre combinada com uma substituição por retomada).

4 – Hipotaxe ou Subordinação

A hipotaxe é a propriedade oposta à hipertaxe: consiste na possibilidade de uma unidade correspondente a um estrato superior poder funcionar num estrato inferior, ou em estratos inferiores. É o caso de uma oração passar a funcionar como "membro" de outra oração, particularidade muito conhecida em gramática. O importante é, entretanto, verificar que este tipo de propriedade não fica só aqui, mas tem uma aplicação mais extensa. Em princípio, toda unidade superior ao estrato do monema pode ser subordinada. Um texto inteiro pode funcionar como uma oração num outro texto; uma oração como uma cláusula ou grupo de palavras; um grupo de palavras como uma palavra gramatical, e uma palavra como um elemento mínimo.

E m *Verdadeiramente ele disse isso*, a cláusula comentário (*verdadeiramente*), por hipertaxe, passa a oração (é verdade), enquanto temos hipotaxe da cláusula comentada (*ele disse isso*). As palavras compostas, do tipo de *planalto*, e as perífrases lexicais, como *pé de valsa* ('exímio dançarino') são, do ponto de vista gramatical, subordinações ou hipotaxes de grupos de palavras no nível da palavra; por outro lado, locuções do tipo *por meio de*, *por causa de* funcionam no nível de elementos mínimos (aproximadamente como *com*, *por*).

Vista pelo prisma da hipotaxe, percebe-se que a ideia de conceber as "conjunções subordinativas" como elementos que "unem" orações nasce do falso paralelismo entre subordinação (hipotaxe) e coordenação (parataxe). Na realidade, em línguas como o português, as conjunções subordinativas não são mais que morfemas de subordinação ou ainda preposições combinadas com esses morfemas. Em princípio, para subordinar orações ou cláusulas de estrutura oracional, temos necessidade de dois instrumentos: um para marcar a subordinação, isto é, para indicar que uma estrutura oracional de verbo flexionado funciona como membro de uma oração, e não como oração independente, e outro instrumento para indicar a função que esta estrutura exerce na oração complexa. No português essa marca de subordinação é *que*. Em se tratando de função sintagmática não marcada na oração ("sujeito", "complemento direto"), só se emprega esta marca *que*. Pode-se prescindir desta marca se o sintagma oracional subordinado já se acha indicado por um pronome, um advérbio interrogativo (ou exclamativo) ou pela conjunção *se* da interrogação geral: É preciso *que venhas.* Ela espera *que venhas.* Ela sabe *quem vem.* Os alunos não sabem *quando saem* os resultados. O professor não sabe *se haverá feriado nesta semana.*

Se se trata de função sintagmática introduzida (no caso de uma palavra ou de um grupo de palavras) por preposição, a chamada conjunção subordinada é normalmente constituída por essa preposição com *que*: *para acabar* / *para que acabe*; *antes da* (de a) *guerra começar* / *antes de que a guerra comece*, etc...

Pelos exemplos, vê-se que primeiro se subordina mediante o instrumento de subordinação (*que*) e depois se introduz o sintagma subordinado pela preposição correspondente à função sintagmática respectiva.

5 – Parataxe ou Coordenação

Consiste a parataxe na propriedade mediante a qual duas ou mais unidades de um mesmo estrato funcional podem combinar-se nesse mesmo nível para constituir, no mesmo estrato, uma nova unidade suscetível de contrair relações sintagmáticas próprias das unidades simples

deste estrato. Portanto, o que caracteriza a parataxe é a circunstância de que unidades combinadas são equivalentes do ponto de vista gramatical, isto é, uma não determina a outra, de modo que a unidade resultante da combinação é também gramaticalmente equivalente às unidades combinadas. Não sobem a estrato de estruturação superior. Assim, duas palavras combinadas persistem no nível da palavra e não constituem um "grupo de palavras", como se passassem ao nível imediatamente superior.

Podem-se coordenar orações que apresentam uma mesma função textual, palavras e grupos de palavras de mesmas funções (tais como sujeito, complemento, adjunto) e até preposições e conjunções do estrato de monemas, como *com* e *sem*, *e* e *ou*. A única condição a ser respeitada é que se trate de unidades pertencentes ao mesmo estrato ou transpostas ao mesmo estrato em virtude de hipertaxe ou de hipotaxe. Daí que estruturas do tipo [*ricos homens*] *e mulheres*/ [*ricos*] *homens e mulheres*, conforme a ordem de operações levadas a cabo na estruturação da expressão: constituição do grupo de palavras *ricos homens* e depois coordenação com *mulheres* ou, ao contrário, primeiro coordenação de *homens e mulheres*, no nível da palavra, por hipotaxe, e em seguida constituição do grupo de palavras por meio da determinação com *ricos*.

Pode-se, outrossim, coordenar uma palavra com uma oração que funciona como membro de outra oração desde que exerçam a mesma função, como em: Ele agora sabe *a verdade* e *que eu não lhe havia mentido*. Mas para isso foi necessário que a oração subordinada passasse ao estrato de grupo de palavras e de palavra gramatical, por meio da hipotaxe, para então ser possível a coordenação no mesmo nível da palavra.

Tem a parataxe sido vista apenas em relação à coordenação de orações, especialmente a parataxe aditiva com um só verbo flexionado, como se fosse o somatório com apagamento dos elementos idênticos nas orações coordenadas. Isto realmente ocorre em casos como *João e Maria leem*, que corresponde a *João lê* e *Maria lê*, mas já duvidosa em *João e Maria se casaram* e impossível, por absurda em *João e Maria se parecem*, que não vale por *João é parecido + Maria é parecida*. Na realidade, em todos estes casos se trata apenas da *ordem operacional* seguida na constituição da expressão, ordem que na interpretação deve ser refeita às avessas. Assim, tem-se inicialmente a coordenação *João e Maria* e depois a predicação constitutiva da oração.

Outro ponto que há de merecer a nossa atenção é o fato de que, partindo dos três tipos fundamentais e opositivos de coordenação em português (a aditiva, adversativa e a alternativa), estas construções podem ainda exprimir relações internas de "dependência", o que, à primeira vista, parece paradoxal, porque é o mesmo que dizer que "a parataxe inclui a hipotaxe" ou que "a parataxe também é hipotaxe". Na realidade, o que temos nesses casos é, a uma só vez, parataxe e hipotaxe, mas não no mesmo nível de estruturação gramatical. No nível da oração tais construções são paratáticas; mas exprimem ao mesmo tempo relações internas de dependência no que diz ao *sentido do discurso* e, por isso, manifestam funções sintagmáticas no nível do texto: os segundos elementos dessas construções se acham coordenados no nível da oração, mas são subordinados aos primeiros elementos enquanto *unidades textuais*. É o mesmo caso que ocorre com as orações introduzidas por *pois*, *porquanto*, *por isso*, *por conseguinte*, *logo*, a que a gramática tradicional e escolar chama

orações "conclusivas" e "causais-explicativas". Embora exprimindo estados de coisas comparáveis aos das orações subordinadas, são consideradas, não sem razão, orações "principais" ou "independentes". Na realidade, são independentes no nível da oração, mas são elementos subordinados do ponto de vista de unidades de conteúdo no nível superior do texto.

6 – Antitaxe ou Substituição

É a propriedade mediante a qual uma unidade de qualquer estrato gramatical já presente ou virtualmente presente ("prevista") na cadeia falada pode ser representada – retomada ou antecipada – por outra unidade de outro ponto da cadeia falada (quer no discurso individual, quer no diálogo), podendo a unidade que substitui ser parte da unidade substituída, com idêntica função ou mesmo zero. É o fenômeno muito conhecido no domínio dos pronomes que "substituem" (= "representam") lexemas (palavras ou grupos de palavras), inclusive lexemas inexistentes como tais na língua, como é o caso dos pronomes "neutros" (*isto*, *isso*, *aquilo*), que podem referir-se a um fato, a uma circunstância ou a uma situação.

O fenômeno da antitaxe, entretanto, é uma realidade de muito maior amplitude e diz respeito, em princípio, a todos os estratos gramaticais. Assim, a retomada mediante *sim*, *não*, diz respeito aos níveis da oração e do texto; e a não repetição (retomada por zero) de uma preposição na coordenação dos complementos ou do pronome sujeito na coordenação de dois ou mais verbos diz respeito ao estrato de elementos mínimos.

No interior da antitaxe, podemos distinguir, do ponto de vista constitucional (cf.) a antecipação e a retomada (ou "anáfora", "catáfora"), isto é, a representação "antes" e "depois", sendo esta válida até para a representação zero.

Do ponto de vista funcional, é preciso distinguir a antitaxe puramente material em que a unidade que substitui, além de representar a unidade substituída, tem também uma função particular, própria ao domínio da substituição. Assim, no português *clara e duramente*, temos uma antitaxe puramente material (o zero antecipador de *clara* tem exatamente a mesma função que *-mente* em *duramente*), enquanto na retomada por meio de *sim*, *não*, estamos diante de uma antitaxe funcional, já que tais unidades, além de representar o que foi dito pelo interlocutor (constituindo por isso "pro-orações" ou "pro-textos" e não meramente advérbios), exprimem também uma tomada de posição por parte do falante: a concordância ou a discordância com o conteúdo de consciência manifestado pelo interlocutor.

A rigor, a antitaxe é um fenômeno "transfrásico", um fenômeno do plano do "discurso" ou do "texto", uma parte porque concerne à constituição do discurso como tal, à estruturação material e funcional da cadeia falada, conforme as relações presentes na própria cadeia, e por outra parte, porque ela ignora as fronteiras entre as orações, funcionando independentemente dessas fronteiras tão bem numa só e mesma oração como em várias orações ao mesmo tempo e, quase sempre, além dos limites entre as orações. Daí este fenômeno pertencer ao domínio da linguística do texto. Entretanto, deve a antitaxe ser também estudada e descrita na gramática das línguas, mesmo numa "phrase-grammar", porque a expressão substituída apresenta procedimentos, materiais e funções que lhe são próprias e porque as línguas, como sistemas paradigmáticos, apresentam uma grande diversidade a este respeito.

F) Dialeto – Língua comum – Língua exemplar. Correção e exemplaridade. Gramáticas científicas e gramática normativa. Divisões da gramática e disciplinas afins. Linguística do texto

1 – Língua Comum e Dialeto

Já vimos que uma língua histórica, como o português, está constituída de várias "línguas" mais ou menos próximas entre si, mais ou menos diferenciadas, mas que não chegam a perder a configuração de que se trata "do português" (e não do galego, ou do espanhol, ou do francês, etc.), quer na convicção de seus falantes nativos, quer na convicção dos falantes de outros idiomas. Há uma *diversidade* na *unidade*, e uma *unidade* na *diversidade*.

Os falantes dessas diversidades, por motivações de ordem política e cultural, tendem a procurar, graças a um largo período histórico, um veículo comum de comunicação que manifeste a unidade que envolve e sedimenta as várias comunidades em questão. Geralmente, nessas condições, se eleva um dialeto – em geral o que apresenta melhores condições políticas e culturais – como veículo de expressão e comunicação que paire sobre as variedades regionais e se apresente como espelho da unidade que deseja refletir o bloco das comunidades irmanadas.

Esta unidade linguística ideal – que nem sempre cala o prestígio de outros dialetos nem afoga localismos linguísticos – chama-se *língua comum*.

No caso de Portugal, o dialeto falado na região Entre Douro e Minho (dialeto interamnense) – sede do governo e da instrução superior – alçou à condição de língua comum. Como a língua comum recebe, em geral, o nome da língua histórica (isto é, daquela que engloba as variedades dialetais de que vimos falando), em nosso caso particular a língua comum é denominada *língua portuguesa* ou, simplesmente, *português*. Isto ocorre por toda a parte; assim é que o dialeto de Paris (franciano) passou a denominar-se *francês*, o de Florença (toscano florentino) *italiano*, o de Castela *castelhano* ou *espanhol*. Por isso é que se diz que entre *língua* e *dialeto* não há diferença de natureza, e sim de prestígio político e cultural, além do fato da maior extensão geográfica da língua comum. Algumas vezes a língua comum desbanca os primitivos dialetos, como ocorreu com a *koiné* grega.

Por motivações de ordem cultural e para conter, na medida do possível e do razoável, a força diferenciadora, centrífuga, que caracteriza o perpétuo devenir das línguas, pode-se desenvolver dentro da língua comum um tipo de outra língua comum, mais disciplinada, normatizada idealmente, mediante a eleição de usos fonético-fonológicos, gramaticais e léxicos como padrões exemplares a toda a comunidade e a toda a nação, a serem praticados em determinadas situações sociais, culturais e administrativas do intercâmbio superior. É a modalidade a que Coseriu chama língua exemplar, mais relativamente uniforme do que a língua comum, porque está normatizada intencionalmente [ECs.8, 164-165]. Esta uniformidade relativa é mais frequente quando a língua comum é usada em países diferentes. É o que acontece entre nós, onde se registra uma exemplaridade do português do Brasil ao lado de uma exemplaridade do português de Portugal, em grande parte de delineação complexa, porque a

exemplaridade do português – e não fato exclusivo do nosso domínio – não está claramente fixada em suas formas, conteúdos e procedimentos [ECs.8, 35].

2 – O Exemplar e o Correto

Há de distinguir-se cuidadosamente o *exemplar* do *correto*, porque pertencem a planos conceituais diferentes. Quando se fala do exemplar, fala-se de uma forma eleita entre as várias formas de falar que constituem a língua histórica, razão por que o eleito não é nem correto nem incorreto.

Já quando se fala do correto, que é um juízo de valor, fala-se de uma conformidade com tal ou qual estrutura de uma língua funcional de qualquer variedade diatópica, diastrática ou diafásica. Por ele se deseja saber se tal fato está em conformidade com um modo de falar, isto é, com a língua funcional, com a tradição idiomática de uma comunidade, fato que pode ou não ser o modo exemplar de uma língua comunitária.

O modo exemplar pertence à arquitetura da língua histórica, enquanto o correto (ou incorreto) se situa no plano da estrutura da língua funcional. Cada língua funcional tem sua própria correção à medida que se trata de um modo de falar que existe historicamente.

3 – Gramática Descritiva e Gramática Normativa

Daí é fácil concluir que não devemos confundir dois tipos de gramática: a *descritiva* e a *normativa*.

A gramática descritiva é uma disciplina científica que registra e descreve (daí o ser *descritiva*, por isso não lhe cabe definir) um sistema linguístico em todos os seus aspectos (fonético-fonológico, morfossintático e léxico).

Cabe tão somente à gramática descritiva registrar como se diz numa língua funcional.

Por ser de natureza científica, não está preocupada em estabelecer o que é certo ou errado no nível do saber elocutivo, do saber idiomático e do saber expressivo.

A gramática descritiva se reveste de várias formas segundo o que examina mediante uma metodologia empregada, formas que não cabe aqui explicitar, mas tão somente enumerar: *estrutural*, *funcional*, *estrutural e funcional*, *constrastiva*, *distribucional*, *gerativa*, *transformacional*, *estratificacional*, *de dependências*, *de valências*, *de usos*, etc. A gramática estrutural funcional concebida por E. Coseriu aplica-se à depreensão e descrição dos paradigmas do significado gramatical, das estruturas gramaticais de uma língua particular.

Cabe à *gramática normativa*, que não é uma disciplina com finalidade científica e sim pedagógica, elencar os fatos recomendados como modelares da exemplaridade idiomática para serem utilizados em circunstâncias especiais do convívio social.

A gramática normativa recomenda como se deve falar e escrever segundo o uso e a autoridade dos escritores corretos e dos gramáticos e dicionaristas esclarecidos.

4 – Âmbitos de Estudo da Gramática

Como vimos, a gramática descritiva registra e descreve todos os aspectos de uma língua particular, homogênea e unitária. Por isso, aparece diversificada nos capítulos pelos quais costuma ser apresentada: *fonética* e *fonologia*, *morfologia* e *sintaxe* (melhor *morfossintaxe*), *semântica*, *estilística*.

4.1 – Fonética e Fonologia

A fonética e a fonologia estudam o aspecto físico-fisiológico, isto é, o aspecto fônico. A fonética se ocupa do aspecto acústico e fisiológico dos sons reais e concretos dos atos linguísticos: sua produção, articulação e variedades.

Já para a fonologia, a unidade básica não é o som, mas o *fonema*, visto como unidade acústica que desempenha função linguística distintiva de unidades linguísticas superiores dotadas de significado. Assim, em *tinta*, a fonética, levando em conta a realidade acústica na pronúncia carioca, distingue dois sons diferentes de *t*, enquanto a fonologia considera funcionalmente um só *t*, pois, apesar de articulado diferentemente nas várias realizações, o falante se considera diante de uma mesma palavra: *tinta*.

4.2 – Sistema gráfico

Nas línguas em que, ao lado da realidade *oral*, existe a representação escrita de um sistema convencional dessa oralidade chamado *sistema gráfico* ou *ortografia*, este sistema se regula, em geral, ora pela fonética, ora pela fonologia, o que conduz a uma primeira dificuldade para se chegar a um sistema ideal, que exigiria uma só unidade gráfica para um só valor fônico. Neste particular tornou-se necessário não se confundir *letra* com *som* da fala; letra é a representação gráfica com que se procura reproduzir na escrita o som, o que não significa identificá-los. O nosso sistema fonológico tem sete fonemas vocais orais tônicos para cuja representação temos apenas cinco letras (**a** – **e** – **i** – **o** – **u**). Costuma-se hoje chamar *grafema* à unidade gráfica (letra) da escrita.

Em se tratando de línguas modernas que adotaram um sistema gráfico aproveitando o alfabeto latino, como ocorre com a maioria dos idiomas modernos, três fatores contribuem para que não se alcance uma ortografia ideal, apesar de entrarem em seu socorro recursos de letras e sinais diacríticos não existentes em latim:

a) adoção de alfabeto estranho, como o latino, nem sempre capaz de atender à representação de fonemas das novas línguas;

b) mudança através do tempo de fonemas das novas línguas, depois de adotado o alfabeto latino;

c) permanente indecisão das convenções ortográficas entre a opção fonético-fonológica e a "etimológica" (este, pelo prestígio dos hábitos da escrita latina).

4.3 – Alfabeto fonético

Para fins científicos e pedagógicos (principalmente nas gramáticas e dicionários destinados a estrangeiros), usam-se *alfabetos fonéticos* que procuram na transcrição representar fielmente cada unidade fônica por meio de um sinal gráfico, escolhido entre as letras já existentes no alfabeto e mais sinais especiais criados para atingir a fidelidade acústica

desejada.

4.4 – Gramática e Estilística

A gramática pode estudar tanto o aspecto da pura comunicação (chamada linguagem enunciativa ou intelectiva) quanto o aspecto afetivo, de exteriorização psíquica e apelo (linguagem emotiva).

De modo geral, aplica-se a gramática propriamente dita aos aspectos da linguagem intelectiva, ficando a linguagem emotiva para tarefa de uma disciplina chamada *estilística*, de que falaremos mais adiante.

4.5 – Morfossintaxe

A parte central da gramática pura é a morfossintaxe, também com menos rigor estudada como dois domínios relativamente autônomos: a *morfologia* (estudo da palavra e suas "formas") e a *sintaxe* (estudo das combinações materiais ou funções sintáticas). Ocorre que, a rigor, tudo na língua se refere sempre a combinações de "formas", ainda que seja combinação com zero ou ausência de "forma"; assim, toda essa pura gramática é na realidade sintaxe, já que a própria oração não deixa de ser uma "forma"(na lição tradicional, ela não pertence ao domínio da morfologia). Melhor seria se adotássemos a proposta de Eugenio Coseriu que já estava presente numa lição de Gabelentz; a gramática se comporia de três seções: a) "constitucional" (que descreveria a configuração material da "forma" gramatical, abrangendo por forma também o grupo de palavras, a oração e o período); b) "funcional" (que investiga as funções dos diferentes estratos de estruturação gramatical, comprovando os paradigmas que funcionam em cada estrato); c) "relacional" (que estuda as relações entre os diferentes paradigmas pelos quais se expressam funções designativas análogas) [ECs.4, 262-263].

4.6 – Lexicologia

Outro domínio dos estudos gramaticais que, pela sua especificidade e extensão também constitui uma disciplina autônoma, é a *lexicologia*.

É tarefa da lexicologia o estudo dos *lexemas*, suas estruturas e variedades e suas relações com os significantes. Entende-se por lexema a unidade linguística dotada de *significado léxico*, isto é, aquele significado que aponta para o que se apreende do mundo extralinguístico mediante a linguagem. Assim, em *amor*, *amante*, *amar*, *amavelmente* o significado léxico é comum a todas as palavras da série.

Levando-se em conta o plano da expressão (significante) e o plano do conteúdo (significado), a lexicologia abarcará quatro disciplinas subsidiárias [ECs.12, 46-48]:

a) *lexicologia da expressão*: estudo das relações entre os vários significantes léxicos enquanto tais, por exemplo, *amar* ↔ *amante*, *falar* ↔ *falante* ao lado de *saltar* ↔ *saltador*.

b) *lexicologia do conteúdo*: estudo das relações entre os significados léxicos enquanto tais: *salário*, *ordenado*, *provento*, *honorário*, *soldo*, *mesada*; ou *sair* x *chegar*, etc. (sinônimos, antônimos)

c) *semasiologia*: estudo da relação entre os dois planos partindo da expressão para o conteúdo: o significante *hóspede* com os significados de 'aquele que dá a hospedagem' e

‘aquele que recebe a hospedagem’; *nora* ‘esposa de filho em relação aos pais dele’, e *nora* ‘aparelho para tirar água de poço, cisterna’.

Tradicionalmente é este estudo que se reconhece em geral como a disciplina semântica ou semântica lexical.

d) *onomasiologia*: estudo da relação dos dois planos, partindo do conteúdo: para o significado ‘dinheiro’ há os significantes *prata*, *massa*, *erva*, *caraminguá*, *arame*, *mango* (quase todos populares ou familiares).

Há disciplinas lexicológicas preocupadas com a origem dos palavras. Aí temos a *etimologia* (estudo da origem delas), a *onomástica* (estudo histórico dos nomes próprios, dividida em *antroponímia* – história dos nomes de pessoa – e *toponímia* – história dos nomes de lugares).

4.7 – Outra vez a Estilística

A seguir, temos a estilística, a qual, conforme dissemos anteriormente, é o estudo dos aspectos afetivos que envolvem e caracterizam a linguagem emotiva que perpassa todos os fatos de língua. Pode tanto aplicar-se àqueles usos da esfera afetiva e emotiva generalizados na língua, por exemplo, os diminutivos, os aumentativos, as hipérboles, etc. (a chamada *estilística da língua* de Charles Bally), ou então às criações estéticas originais e inéditas de um autor ou de uma obra (a chamada *estilística da fala* da escola idealista alemã de Karl Vossler, Leo Spitzer e seguidores).

4.8 – Outros tipos de Gramática

Além da gramática descritiva, são também gramáticas científicas, isto é, sem finalidade prescritiva ou normativa, e com objeto e metodologia próprios:

a) *gramática geral* (mais impropriamente chamada *gramática universal*): estudo dos fundamentos teóricos dos conceitos gramaticais (e por isso mesmo lhe cabe a definição desses conceitos), ou, noutro sentido, procura os fatos gramaticais comuns e gerais a vários sistemas linguísticos. Também é denominada *teoria gramatical*. Esta gramática investiga o plano universal da linguagem e, por isso, não tem como objeto uma língua particular, como as gramáticas seguintes, que investigam o plano histórico da linguagem, uma vez que estudam línguas históricas, isto é, técnicas (saberes) historicamente determinadas.

b) *gramática comparada*: estudo comparado de línguas pertencentes a um tronco ou “família” procedente de uma fonte comum primitiva, com vista a estabelecer os fatos manifestados pela relação de “parentesco”.

c) *gramática histórica* (considerada em sentido estrito): estudo diacrônico de um só sistema idealmente homogêneo.

d) *história interna da língua*: estudo diacrônico de uma língua histórica.

Citem-se mais as seguintes disciplinas linguísticas:

1) *dialetologia*: estudo das diferenças regionais de uma língua; sua aplicação, mediante método particular para cada uma, se faz com duas subdisciplinas: *geografia linguística* e *paleontologia linguística*.

2) *sociolinguística*: estudo da variedade e variação da linguagem em relação com a estrutura social das comunidades.

3) *etnolinguística*: estudo da variedade e variação da linguagem em relação com a civilização e a cultura [ECs.15, 29].

4) *psicolinguística*: estuda o aspecto psíquico da atividade linguística.

Até aqui, as gramáticas e disciplinas que investigam os fatos de uma língua ou de línguas particulares são disciplinas que se aplicam ao plano idiomático da linguagem.

Por fim, cabe aludir à *linguística do texto*, campo recente de estudo, que visa a examinar o sentido do texto considerado como entidade autônoma da linguagem. Investiga o plano individual da linguagem. É o estudo da hermenêutica do sentido. Para Coseriu, enquanto as disciplinas que estudam a língua se aplicam ao exame da estrutura do significante e à descrição da estrutura do significado, a pura linguística do texto se aplica à interpretação do significante e do significado da língua como expressão do sentido [ECs.3].

1 E. Coseriu [ECs.15, 22; ECs.4, 172].

I – Fonética e Fonologia

A) Produção dos sons e classificação dos fonemas

1 – Fonética Descritiva

Fonemas – Chamam-se fonemas os sons elementares e distintivos que o homem produz quando, pela voz, exprime seus pensamentos e emoções.

Fonemas não são letras – Desde logo uma distinção se impõe: não se há de confundir *fonema* com *letra*. *Fonema* é uma realidade acústica, realidade que nosso ouvido registra; enquanto *letra* é o sinal empregado para representar na escrita o sistema sonoro de uma língua. Não há identidade perfeita, muitas vezes, entre os fonemas e a maneira de representá-los na escrita, o que nos leva facilmente a perceber a impossibilidade de uma *ortografia* ideal. Temos, como veremos mais adiante, *sete* vogais orais tônicas, mas apenas *cinco* símbolos gráficos (letras): *a*, *e*, *i*, *o*, *u*. Quando queremos distinguir um *e* tônico aberto de um *e* tônico fechado – pois são dois fonemas distintos – geralmente utilizamos sinais subsidiários: o acento agudo (*fé*) ou o circunflexo (*vê*). Há letras que se escrevem por várias razões, mas que não se pronunciam, e portanto não representam a vestimenta gráfica do fonema; é o caso do *h* em *homem* ou *oh!* Por outro lado, há fonemas que se ouvem e que não se acham registrados na escrita; assim, no final de *cantavam*, ouvimos um ditongo em *-am* cuja semivogal não vem assinalada /amávãw/. A escrita, graças ao seu convencionalismo tradicional, nem sempre espelha a evolução fonética. Neste livro, diferençamos a letra do fonema, pondo este entre barras; dessarte, indicaremos o *e* aberto e *e* fechado da seguinte maneira: /*é*/, /*ê*/.

Fonética e Fonologia – Na atividade linguística, o importante para os falantes é o fonema, e não a série de movimentos articulatórios que o determina. Assim sendo, enquanto a análise fonética se preocupa tão-somente com a articulação, a fonêmica atenta apenas para o fonema que, reunindo um feixe de traços que o distingue de outro fonema, permite a comunicação linguística. A fonética pode reconhecer, e realmente o faz, diversas realizações para o /*t*/ da série *ta-te-ti-to-tu*; a fonêmica não leva em conta as *variações* (que se chamam *alofones*), porque delas não tomam conhecimento os falantes de língua portuguesa. Um fonema admite uma gama variada de realizações fonéticas que vai até a conservação da integridade do vocábulo: quando isto não ocorre, diz-se que houve mudança de fonema. O /*l*/ admite várias realizações no Brasil, de norte a sul (e estas variantes não interessam à análise fonêmica, análise que deveria ter primazia em nosso estudo de língua); mas haverá mudança de fonemas

quando se não puder fazer a oposição *mal* / *mau*. Como bem ensina Mattoso Câmara, "o fonema, entendido como um feixe de traços distintivos, individualiza-se e ganha realidade gramatical pelo seu contraste com outros feixes em idênticos ambientes fonéticos. Não é, pois, a diferença articulatória e acústica que distingue primariamente dois fonemas, senão a possibilidade de determinarem significações distintas numa mesma situação fonética. Compreende-se assim que um mesmo fonema possa variar amplamente na sua realização, conforme o ambiente fonético ou as peculiaridades do sujeito falante" [MC.7, 44-45].

Fonologia não se opõe a fonética: a primeira estuda o número de oposições utilizadas e suas relações mútuas, enquanto a fonética experimental determina a natureza física e fisiológica das distinções observadas [BM.1, 116]. Ambas disciplinas pertencem ao nível biológico do falar condicionado psicofisicamente.

Aparelho Fonador

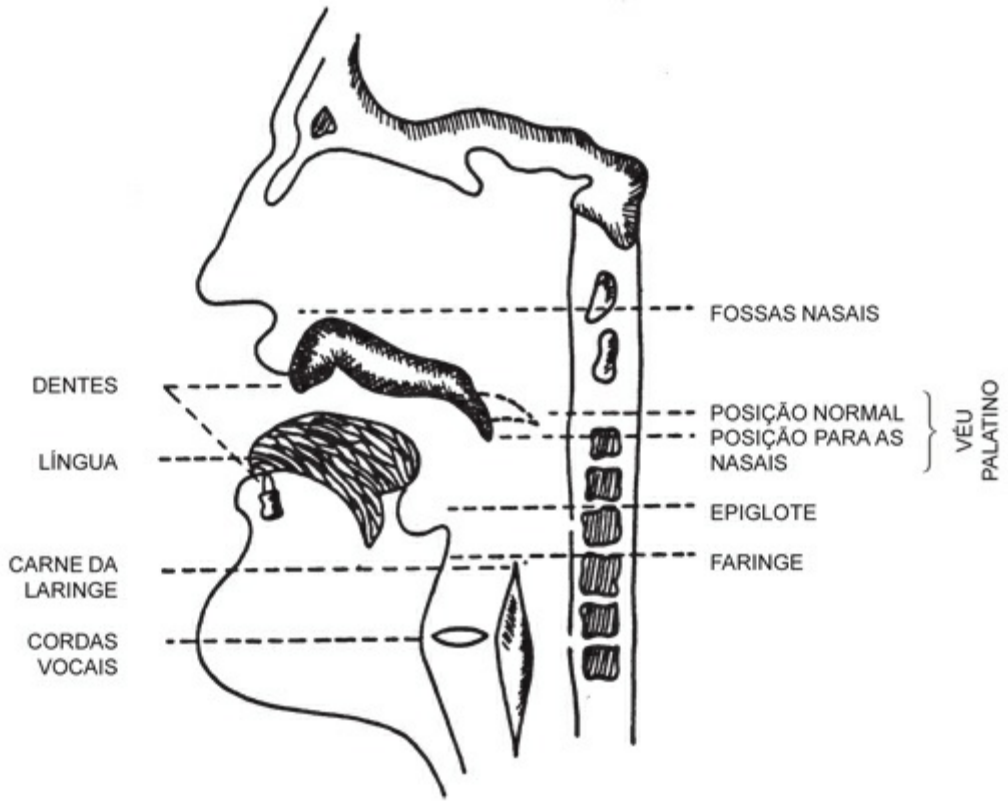

Aparelho fonador – Nós não temos um aparelho especial para a fala; produzimos os fonemas servindo-nos de órgão do aparelho respiratório e da parte superior do aparelho digestivo, que só secundariamente se adaptaram às exigências da comunicação, numa aquisição lenta do homem. A esses órgãos da fala, constitutivos do aparelho fonador, pertencem, além de músculos e nervos: os *brônquios*, a *traqueia*, a *laringe* (com as cordas vocais), a *faringe*, as *fossas nasais* e a *boca* com a *língua* (dividida em ápice, dorso e raiz), as *bochechas*, o *palato duro* (ou céu da boca), o *palato mole* (ou véu palatino) com a *úvula*

ou *campainha*, os *dentes* (mormente os anteriores) com os *alvéolos*, e os *lábios*.

Em português, como na maioria dos idiomas, os fonemas são produzidos graças à modificação que esses órgãos da fala impõem à *corrente de ar que sai dos pulmões*. Línguas há, entretanto, que se servem da corrente inspiratória (entrando o ar nos pulmões) para produzir fonemas, que são conhecidos pelo nome de *cliques*. Produzimos cliques quando fazemos os movimentos bucais, acompanhados da sucção de ar na boca, para o beijo, o muxoxo e certos estalidos como o que serve para animar a caminhada dos cavalos, mas não os utilizamos como sons da fala em português.

Como se produzem os fonemas – A corrente de ar que vem dos pulmões passa pela *traqueia* e chega à sua parte superior que se chama *laringe*, conhecida vulgarmente como *pomo de adão*. Na laringe, a parte mais valiosa e mais complexa do aparelho fonador, se acham, horizontalmente, duas membranas mucosas elásticas, à maneira de lábios: as *cordas vocais*, por cujo estreito intervalo, denominado *glote*, a corrente de ar tem de passar para ganhar a *faringe*, e daí, ou totalmente pela *boca* (*fonemas orais*), ou parte pela boca e parte pelas fossas nasais (*fonemas nasais*), chegar à atmosfera. É esta corrente expiratória que, modificada pelos órgãos da fala, é responsável pela produção dos fonemas.

As diferenças que se notam entre vozes diversas dos sexos, das idades e das pessoas, baseiam-se em geral nas dimensões da laringe.

Fonemas surdos e sonoros – Quando a corrente de ar se dirige à glote, esta pode encontrar-se aberta, fechada ou quase fechada. No primeiro caso, a corrente de ar passa livremente, sem provocar a vibração das cordas vocais. O fonema que, nestas circunstâncias, se produz é chamado *surdo*: /s/, /f/, /x/, /t/, /k/, etc. Se a glote está fechada ou quase fechada, a corrente de ar, ao forçar a passagem, provoca a vibração das cordas vocais, produzindo os fonemas sonoros. São sonoras todas as vogais e certas consoantes como /z/, /v/, /j/, /d/, /g/, etc.

Em muitos casos, podemos perceber a vibração das cordas vocais, pondo de leve a ponta do dedo no pomo de adão e proferindo um fonema sonoro, como /z/, /v/, /j/, tendo o cuidado de não acompanhá-lo de vogal. Sentimos nitidamente um tremular que denota a vibração das cordas vocais. Se proferimos um fonema surdo, como /s/, /f/, /x/, com o cuidado apontado acima, não sentimos o tremular. Podemos ainda repetir a experiência tapando os ouvidos. Só com os fonemas sonoros ouvimos um zumbido característico da vibração das cordas vocais.

Vogais e consoantes – A voz humana se compõe de *tons* (sons musicais) e *ruídos*, que o nosso ouvido distingue com perfeição. Caracterizam-se os tons, quanto às condições acústicas, por suas vibrações periódicas. Esta divisão corresponde, em suas linhas gerais, às vogais (= tons) e às consoantes (= ruídos). As consoantes podem ser ruídos puros, isto é, sem vibrações regulares (correspondem às consoantes surdas), ou ruídos combinados com um tom laríngeo (consoantes sonoras) [BM.1, 20].

Quanto às condições fisiológicas de produção, as vogais são fonemas durante cuja articulação a cavidade bucal se acha completamente livre para a passagem do ar. As consoantes são fonemas durante cuja produção a cavidade bucal está total ou parcialmente fechada, constituindo, assim, num ponto qualquer, um obstáculo à saída da corrente expiratória.

OBSERVAÇÃO: Só por suas condições acústicas e fisiológicas de produção é que se distinguem as vogais das consoantes. Por imitação dos gregos, os antigos gramáticos definiam a vogal pela sua função na sílaba: elemento necessário e suficiente para formar uma sílaba. E daí chegavam à conceituação deficiente de consoante: fonema sem existência independente, que só se profere com uma vogal. Sabemos de idiomas em que há sílabas constituídas apenas de consoantes e em que uma consoante pode fazer as vezes de vogal [LR.1, 75-75].

Na língua portuguesa a *base da sílaba* ou o *elemento silábico* é a vogal; os elementos *assilábicos* são a consoante e a semivogal, que estudaremos mais adiante.

Classificação das vogais – Classificam-se as vogais, segundo a *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, de acordo com quatro critérios:

a) quanto à zona de articulação;

b) quanto à intensidade;

c) quanto ao timbre;

d) quanto ao papel das cavidades bucal e nasal.

a) Quanto à ZONA DE ARTICULAÇÃO, as vogais podem ser *média*, *anteriores* e *posteriores*.

Com a boca ligeiramente aberta e a língua na posição quase de repouso, proferimos o fonema /a/, que é o que exige menor esforço e constitui a vogal *média*. Se daí passarmos à série /é/ – /ê/ – /i/, notaremos que a ponta da língua se eleva, avançando em direção ao palato duro, o que determina uma diminuição da abertura bucal e um aumento da abertura da faringe. A série /é/ – /ê/ – /i/ constitui as vogais *anteriores*. Se passarmos da vogal média /a/ para a série /ó/ – /ô/ – /u/, notaremos que o dorso da língua se eleva, recuando em direção ao véu do paladar, o que provoca uma diminuição da abertura bucal e um arredondamento progressivo dos lábios. A série /ó/ – /ô/ – /u/ forma as vogais *posteriores*.

VOGAIS ANTERIORES 2

POSIÇÃO DOS LÁBIOS POSIÇÃO DA LÍNGUA

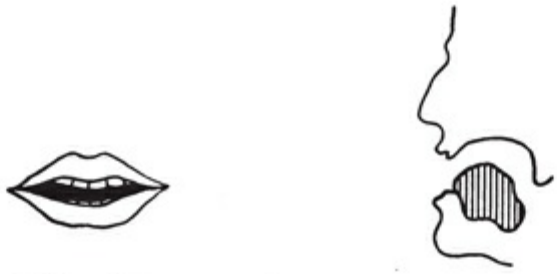

E (aberto) como em *é*

E (fechado) como em *dê*

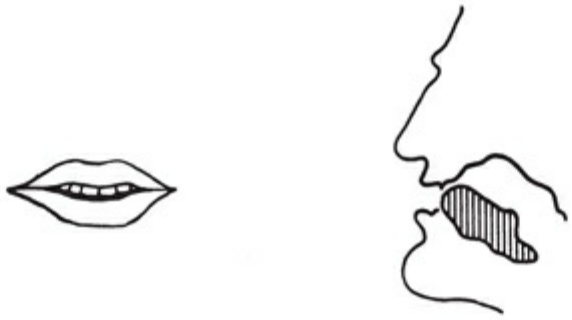

I como em *vi*

VOGAIS POSTERIORES 3

O (aberto) como em *pó*

O (fechado) como em *avô*

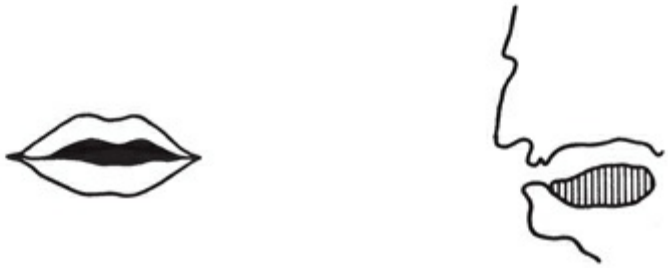

U como em *tu*

ZONAS DE ARTICULAÇÃO

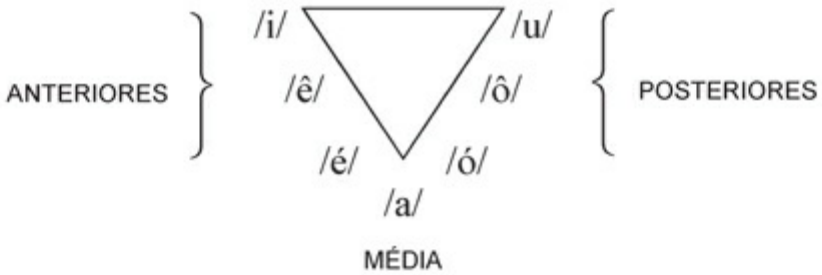

b) Quanto à INTENSIDADE, as vogais podem ser *tônicas* ou *átonas*. Vogal tônica é aquela em que recai o acento tônico da palavra: av*ó*, p*a*ga, t*í*mido.

Vogal átona é a inacentuada: *a*vó, pag*a*, tím*i*do. As vogais átonas podem estar antes da tônica (pretônicas): *a*vó, p*a*gar, ou depois (postônicas): tím*i*d*o*.

Nos vocábulos de maior extensão fonética, mormente nos derivados e nos verbos seguidos de pronome átono, pode aparecer, além da tônica, uma vogal de grande intensidade, a qual

recebe o nome de vogal *subtônica*: pol*i*damente, c*e*gamente, louv*a*r-te-ei.

c) quanto ao TIMBRE, as vogais podem ser *abertas*, *fechadas* e *reduzidas*. *Timbre* é o efeito acústico resultante da distância entre o dorso da língua e o véu do paladar, funcionando a cavidade bucal como caixa de ressonância. O timbre é o traço distintivo das vogais. Na vogal de timbre aberto, a língua se acha baixa: /a/, /é/, /ó/. Na vogal de timbre fechado, a língua se eleva: /ê/, /ô/, /i/, /u. A vogal de timbre reduzido é proferida debilitada, anulando-se a oposição entre aberta e fechada. A distinção entre abertas e fechadas só se dá nas vogais tônicas e subtônicas; nas átonas desaparece a diferença entre /ó/ e /ô/, /é/ e /ê/, e o /a/ reduzido é proferido com menos nitidez, como se pode depreender comparando-se os dois tipos em *casa*, em que o primeiro é aberto e o segundo, reduzido.

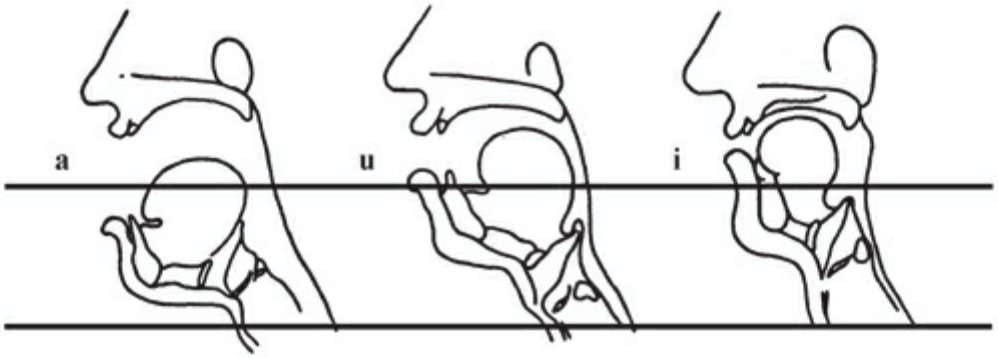

A gravura mostra a posição das vogais /a/, /u/ e /i/. Note-se o fechamento do canal bucal na articulação do /u/ e do /i/ com movimento da epiglote e elevação da língua em direção ao palato [ER.1, 15].

Quase sempre no fim das palavras, as vogais átonas *e* e *o* se enfraquecem e soam, respectivamente, /i/ e /u/ 4. Assim temos sete vogais tônicas orais (/a/, /é/, /ê/, /i/, /ó/, /ô/, /u/), cinco vogais átonas orais (/a/, /e/, /i/, /o/, /u/) e três vogais reduzidas orais (/a/, /i/, /u/). Também são reduzidas as vogais átonas nasais: *a*ntigo, s*e*ntar, l*i*mpeza, c*o*mbate, f*u*ndar.5

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Não temos no Brasil o *a* fechado oral tônico dos portugueses como em c*a*da, p*a*ra, m*a*s.

2.ª) Na pronúncia normal brasileira, as vogais nasais são fechadas ou reduzidas (estas quando átonas).

d) quanto ao papel das CAVIDADES BUCAL e NASAL, as vogais podem ser *orais* e *nasais*. São orais aquelas *cuja ressonância se produz na boca*. Há sete vogais orais tônicas (/á/, /é/, /ê/, /i/, /ó/, /ô/, /u/), cinco orais átonas, por não haver aqui distinção entre /é/ e /ê/, /ó/ e /ô/ (/a/, /e/, /i/, /o/, /u/) e três reduzidas (/a/, /i/, /u/). São nasais as vogais que, em sua produção, *ressoam nas fossas nasais*. Há cinco vogais nasais (/ã/, /ẽ/, /ĩ/, /õ/, /ũ/): l*ã*, c*a*nto, c*a*mpina, v*e*nto, v*e*ntania, l*í*mpido, viz*i*nhança, c*o*nde, c*o*ndessa, t*u*nda, pron*u*nciamos. É o fenômeno da ressonância, e não da saída do ar, o que opõe os fonemas orais aos nasais.

Quanto ao timbre, as nasais tônicas e subtônicas são fechadas e as átonas, reduzidas.

OBSERVAÇÃO: Na pronúncia normal brasileira soam quase sempre como nasais as vogais seguidas de *m*, *n* e principalmente *nh*: c*a*ma, c*a*na, b*a*nha, c*e*na, f*i*na, h*o*mem, Ant*ô*nio, *ú*mido, *u*nha. Assim não distinguimos as formas verbais terminadas em -*amos* e -*emos* do presente e do pretérito do indicativo: *agora cantamos*, *ontem cantamos*; *agora lemos*, *ontem lemos*.

ABERTAS	FECHADAS		REDUZIDAS	
orais	*orais*	*nasais*	*orais*	*nasais*
1) A: p*á*, c*a*veira, c*á*lido, pl*a*cidamente	—	rom*ã*, c*a*nto, l*â*mpada	cas*a*	ím*ã*, c*a*ntinho
2) E: f*é*, t*e*la, p*é*rola, caf*e*zal	v*ê*, n*e*gro, p*ê*ssego	l*e*mbro, v*e*nto	verd*e*	*e*ngolir
3) O: p*ó*, v*o*to, gl*ó*bulo, f*o*rtezinho	av*ô*, p*o*vo, l*ô*brego, gl*o*binho	p*o*nto, t*ô*mbola	globinh*o*	c*o*mprida, c*o*ntínua
4) I:	l*i*, v*i*da, l*í*rico	f*i*m, t*i*nta, l*í*mpido	láp*i*s, júr*i*	t*i*nteiro
5) U:	l*u*z, t*u*do, l*ú*gubre	f*u*ndo, c*u*mpro	vír*u*s	álb*u*m

Elevação da língua: quinto critério para classificação das vogais – A Nomenclatura Gramatical Brasileira não levou em conta a elevação gradual da língua, o que distingue as vogais em: 1 – vogal baixa: /a/; 2 – vogais médias com dois graus de elevação: /é/, /ó/ e /ê/, /ô/; 3 – vogais altas: /i/, /u/. Entre as nasais desaparecem os dois graus de elevação das vogais médias.

ORAIS 6

/ i /	/ u /	Altas
/ ê /	/ ô /	Médias
/ é /	/ ó /	Médias
/ a /		Baixa

NASAIS

/ ĩ /	/ ũ/	Altas
/ ẽ /	/ õ /	Médias
/ ã /		Baixa

Se não estabelecermos este quinto critério para a classificação das vogais, teremos de pôr num mesmo plano fonemas diferentes, como /õ/ e /ũ/, /ẽ/ e /ĩ/, o que não é correto.

QUADRO DA CLASSIFICAÇÃO DAS VOGAIS

VOGAIS	1) *quanto à zona de articulação*	anteriores: /é/, /ê/, /i/ média: /a/ posteriores: /ó/, /ô/, /u/
	2) *quanto ao timbre*	abertas: /a/, /é/, /ó/ fechadas: /ê/, /ô/, /i/, /u/ reduzidas: /a/, /i/, /u/
	3) *quanto ao papel das cavidades bucal e nasal*	orais: /a/, /é/, /ê/, /i/, /ó/, /ô/, /u/ nasais: /ã/, /ẽ/, /ĩ/, /õ/, /ũ/
	4) *quanto à intensidade*	tônicas átonas
	5) *quanto à elevação da língua*	baixa: /a/ médias: /é/, /ó/, /ê/, /ô/ altas: /i/, /u/

Semivogais. Encontros vocálicos: ditongos, tritongos e hiatos – Chamam-se *semivogais* as vogais *i* e *u* (orais ou nasais)7 quando assilábicas, as quais acompanham a vogal numa mesma sílaba. Os encontros vocálicos dão origem aos *ditongos*, *tritongos* e *hiatos*. Representamos as semivogais *i* (*e*) por /y/ e *u* (*o*) por /w/.

DITONGO é o encontro de uma vogal e de uma semivogal, ou vice-versa, na mesma silaba: p*ai*, m*ãe*, ág*ua*, cár*ie*, mág*oa*, r*ei*.

Sendo a vogal a base da sílaba ou o elemento silábico, é ela o som vocálico que, no ditongo, se ouve mais distintamente. Nos exemplos dados são vogais: pAi, mÃe, águA, cáriE, mágoA, rEi.

OBSERVAÇÃO: Os ditongos, como os demais encontros vocálicos, podem ocorrer no interior da palavra (dizem-se *intraverbais*: *pai*, *vaidade*) ou pela aproximação, por fonética sintática, de duas ou mais palavras (dizem-se *interverbais*: *certa* ‿ *idade*, *inculta* ‿ *e bela*).

Os ditongos podem ser:

a) crescentes e decrescentes

b) orais e nasais

Crescente é o ditongo em que a semivogal vem antes da vogal: ág*ua*, cár*ie*, mág*oa*.

Decrescente é o ditongo em que a vogal vem antes da semivogal: p*ai*, m*ãe*, r*ei*.

Como as vogais, os ditongos são *orais* (p*ai*, ág*ua*, cár*ie*, mág*oa*, r*ei*) ou *nasais* (m*ãe*).

Os ditongos nasais são sempre fechados, enquanto os orais podem ser *abertos* (p*ai*, c*éu*, r*ói*, id*ei*a) ou *fechados* (m*eu*, d*oi*do, v*ei*a).

Nos ditongos nasais, são nasais a vogal e a semivogal, mas só se coloca o til sobre a vogal: m*ãe*.

Principais ditongos crescentes:

Orais

1) /ya/: glór*ia*, pátr*ia*, d*ia*bo, ár*ea*, nív*ea*
2) /ye/: (= yi): cár*ie*, calvíc*ie*
3) /yé/: d*ie*ta
4) /yo/: vár*io*, méd*io*, áur*eo*, nív*eo*
5) /yó/: mand*io*ca
6) /yô/: p*io*lho
7) /yu/: m*iú*do
8) /wa/: ág*ua*, q*ua*se, d*ua*l, mág*oa*, nód*oa*
9) /wi/: ling*ui*ça, tên*ue*
10) /wó/: quiproq*uó*
11) /wô/: aq*uo*so
12) /wo/ (= *uu*): oblíq*uo*
13) /wê/: c*oe*lho
14) /wé/: eq*ue*stre, g*oe*la

OBSERVAÇÃO: Em muitos destes casos pode ser discutível a existência de ditongos crescentes "por ser indecisa e variável a sonoridade que se dá ao primeiro fonema. Certo é que tais ditongos se observam mais facilmente na hodierna pronúncia lusitana do que na brasileira, em que a vogal (= semivogal), embora fraca, costuma conservar sonoridade bastante sensível" [SA.2,17]. De qualquer maneira registre-se o descompasso entre a realidade fonética (ora hiato, ora ditongo) e a maneira invariável de grafar *miúdo* com acento agudo no *u*, quer seja proferido como dissílabo (e ditongo, portanto) ou como trissílabo (e hiato). Também palavras como *série*, *glória*, que podem ser proferidas como dissílabas (mais usual) ou trissílabas, não têm os encontros vocálicos separados na divisão silábica: *sé-rie*, *gló-ria*, em ambos os casos de pronúncia.

Nasais: 1) /yã/: cr*ia*nça
2) /wã/: q*ua*ndo
3) /wê/: freq*ue*nte, quinq*uê*nio, dep*oe*nte
4) /wĩ/: arg*ui*ndo, q*ui*nquênio, m*oi*nho

Os principais ditongos decrescentes são:

Orais: 1) /ay/: p*ai*, b*ai*xo, tr*ai*dor
2) /ay/ (*a* fechado e, às vezes, nasalado): f*ai*na, p*ai*na, and*ai*me
3) /aw/: p*au*, cac*au*s, *ao*
4) /éy/: r*éi*s, coron*éi*s
5) /êy/: l*ei*, j*ei*to, fiqu*ei*
6) /éw/: c*éu*, chap*éu*
7) /êw/: l*eu*, comet*eu*
8) /iw/: v*iu*, part*iu*
9) /óy/: her*ói*, anz*ói*s
10) /ôy/: b*oi*, f*oi*ce
11) /ow/: v*ou*, r*ou*bo, est*ou*ro
12) /uy/: f*ui*, az*ui*s

Nasais

1) /ãy/: alem*ãe*s, c*ãi*bra

2) /ãw/: p*ão*, amar*am* (= amárão)

3) /ẽy/: b*em* (= bẽi), ont*em* (= ontẽi)

4) /õy/: p*õe*, sen*õe*s

5) /ũy/: m*ui* (= mũi), m*ui*to (= mũito)

NOTA: Nos ditongos nasais decrescentes /*ẽy*/, /*ãy*/ e /*ãw*/ [cf. SS.3, 320, 18, onde *vãs* rima com *mães*], a semivogal pode não vir representada na escrita. Escrevemos a interjeição *hem!* ou *hein!*, sendo, a rigor, a primeira grafia mais recomendável.

TRITONGO é o encontro de uma vogal entre duas semivogais numa mesma sílaba. Os tritongos podem ser *orais* e *nasais*.

Orais

1) /way/: q*uais*, parag*uaio*

2) /wey/: enxag*uei*, averig*uei*s

3) /wiw/: delinq*uiu*

4) /wow/: apazig*uou*

Nasais

1) /wãw/: míng*uam*, sag*ião*, q*ião*

2) /wẽy/: delinq*uem*, enxág*uem*

3) /wõy/: sag*uõe*s

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Nos tritongos nasais /wãw/ e /wẽy/ a última semivogal pode não vir representada graficamente: mínguam, enxáguem.

2.ª) Entre portugueses, por não haver o maior relevo da primeira vogal – fato que se observa entre brasileiros –, o grupo de vogal seguida de um ditongo pode constituir-se num tritongo: f*iéi*s, p*oei*ra, p*ião*.

HIATO é o encontro de duas vogais em sílabas diferentes por guardarem sua individualidade fonética: s*aí*da, c*aa*tinga, m*oi*nho. Isto se dá porque a passagem da primeira para a segunda se faz mediante um movimento brusco, com interrupção da voz.8

Em português, como em muitas outras línguas, nota-se uma tendência para evitar o hiato, através da ditongação ou da crase.

OBSERVAÇÕES :

1.ª) Desenvolvem-se um /y/ semivogal (símbolo chamado em gramática *iode*) ou /w/ semivogal (símbolo chamado *uau*) nos encontros formados por ditongo decrescente seguido de vogal final ou ditongo átono: praia = prai-ia; cheia = chei-ia; tuxaua = tuxau-ua; goiaba = goi-ia-ba.

2.ª) "Nos hiatos cuja primeira vogal for *u* e cuja segunda vogal for final de vocábulo (seguida ou não de *s* gráfico), o desenvolvimento do *uau* variará de acordo com as necessidades expressionais ou as peculiaridades individuais" 9: nua = nu-a ou nu-ua; recue = re-cu-e ou re-cu-ue; amuo = amu-o ou amu-uo.

3.ª) "Os encontros *ia*, *ie*, *io*, *ua*, *ue*, *uo* finais, átonos, seguidos, ou não, de *s*, classificam-se quer como ditongos, quer como hiatos, uma vez que ambas as emissões existem no domínio da Língua Portuguesa: histó-ri-a e histó-ria; sé-ri-e e sé-rie; pá-ti-o e pá-tio; ár-du-a e ár-dua; tê-nu-e e tê-nue; vá-cu-o e vá-cuo".10

4.ª) Autores há que também consideram hiato quando se trata de uma vogal e uma semivogal, como no caso de *goiaba*, *joia*, etc. Outros consideram dois ditongos: *goi-ia-ba*, *joi-ia*.

Nos encontros vocálicos costumam ocorrer dois fenômenos: a *diérese* e a *sinérese*.

Chama-se DIÉRESE à passagem de semivogal a vogal, transformando, assim, o ditongo num hiato: *trai-ção* = *tra-i-ção*; *vai-da-de* = *va-i-da-de*; *cai* = *ca-i*.

Chama-se SINÉRESE à passagem de duas vogais de um hiato a um ditongo crescente:

su-a-ve = sua-ve; *pi-e-do-so = pie-do-so*; *lu-ar = luar*.

A sinérese é fenômeno bem mais frequente que a diérese. A poesia antiga dava preferência ao hiatismo, enquanto, a partir do século XVI, se nota acentuada predominância do ditonguismo (sinérese). É claro que os poetas modernos continuaram a usar a diérese, mormente como efeito estilístico-fônico para a ênfase, a ideia de grandeza, etc. O conhecido verso de Machado de Assis *auréola* com quatro sílabas acentua o tamanho descomunal ressaltado pela leitura lenta: "Pesa-me esta brilhante *auréola* de nume..."

Classificação das consoantes – De acordo com a *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, classificam-se as consoantes de acordo com quatro critérios:

a) quanto ao modo de articulação;

b) quanto à zona de articulação;

c) quanto ao papel das cordas vocais.

d) quanto ao papel das cavidades bucal e nasal.

a) quanto ao MODO DE ARTICULAÇÃO, as consoantes podem ser *oclusivas* e *constritivas*, e estas se subdividem em *fricativas*, *laterais*, *vibrantes* e *nasais*. O obstáculo que, na cavidade bucal, os órgãos impõem à corrente expiratória pode ser de dois tipos: ou os órgãos da boca estão dispostos de tal modo que impedem *completamente* a saída do ar, ou permitem *parcialmente* que a corrente expiratória chegue à atmosfera. No primeiro caso, dizemos que as consoantes são *oclusivas*; no segundo, *constritivas*. As constritivas são fricativas quando a corrente expiratória, passando por entre os órgãos que formam o obstáculo parcial, produz um atrito à maneira de fricção: /f/, /v/, /s/, /z/, /x/, /j/. São constritivas laterais quando a passagem da corrente expiratória, obstruída pela aproximação do ápice ou dorso da língua aos alvéolos da arcada dentária superior ou ao palato, escapa pelos lados da cavidade bucal: /l/, /lh/. São constritivas vibrantes quando o ápice da língua contra os alvéolos ou a raiz da língua contra o véu do paladar executa movimento vibratório rápido, abrindo e fechando a passagem à corrente expiratória: /r/ (simples) e /rr/ (múltipla). São constritivas nasais quando, pelo abaixamento do véu palatino e um abrimento do nasal, as consoantes ressoam nas fossas nasais. Temos três consoantes nasais: a bilabial /m/, a linguodental /n/ e a palatal /nh/.

b) quanto à ZONA DE ARTICULAÇÃO, as consoantes podem ser:

1) *bilabiais* (lábio contra lábio): /p/, /b/, /m/.

2) *labiodentais* (lábio inferior e arcada dentária superior): /f/, /v/.

3) *linguodentais* (língua contra arcada dentária superior): /t/, /d/, /n/.

4) *alveolares* (língua em direção ou contra os alvéolos): /s/, /z/, /l/, /r/, /rr/.

5) *palatais* (dorso da língua contra o céu da boca): /x/, /j/, /lh/, /nh/.

6) *velares* (raiz da língua contra o véu do paladar): /k/, /g/.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) O /l/ inicial da sílaba é nitidamente alveolar, enquanto o final é proferido relaxado, quase *velar*, mas tendo-se o cuidado de não fazê-lo igual a *u*. Nas ligações com a vogal inicial de outro vocábulo, soa como alveolar.

2.ª) O /rr/ *alveolar* pode ser proferido como *velar*, graças ao maior recuo da língua.

3.ª) As linguodentais /t/ e /d/ seguidas de *i* podem palatalizar-se: *tinta* e *digno* podem soar /txinta/ e /djigno/. Evite-se o exagero destas palatalizações.

c) quanto ao papel das CORDAS VOCAIS, as consoantes podem ser surdas e sonoras.

Surdas: /p/, /f/, /t/, /s/, /x/, /k/.

Sonoras: /b/, /v/, /d/, /z/, /j/, /g/, /m/, /n/, /nh/, /l/, /lh/, /r/, /rr/.

São sonoras as consoantes *vibrantes*, *nasais* e o /l/ lateral.

d) quanto ao papel das CAVIDADES BUCAL e NASAL, as consoantes podem ser *orais* e *nasais*. São nasais /m/, /n/, /nh/.

As outras são orais.

QUADRO DA CLASSIFICAÇÃO DAS CONSOANTES

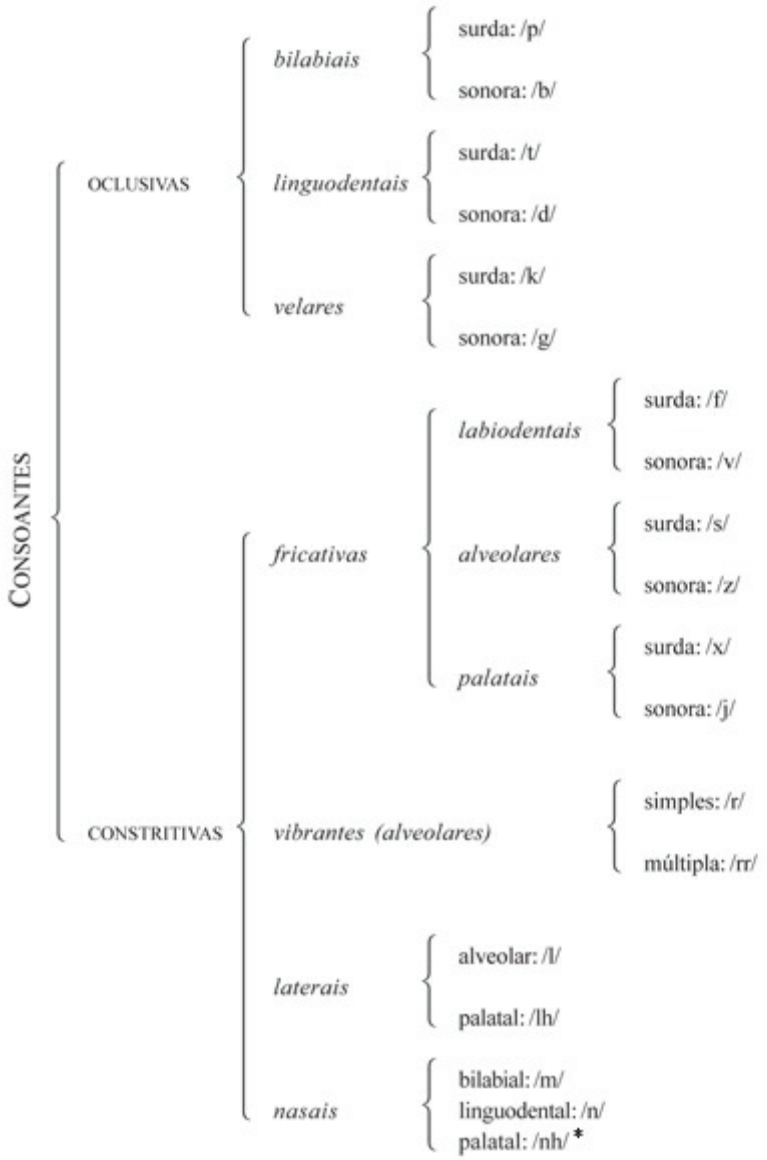

* Para fugir a uma oposição errônea *surda/sonora/nasal*, preferimos, ainda com a aquiescência da NGB, colocar as *nasais* entre as constritivas. Há autores que fazem das *nasais* uma classe à parte, ou as põem entre as oclusivas, critérios também defensáveis.

Encontro consonantal – Assim se chama o seguimento imediato de duas ou mais consoantes de um mesmo vocábulo. Há encontros consonânticos pertencentes a uma sílaba, ou a sílabas diferentes. Os primeiros terminam por *l* ou *r*: li-*vr*o; *bl*u-sa; *pr*o-sa; *cl*a-mor; ri*t-m*o; pa*c-t*o; a*f-t*a, a*d-m*i-tir.

O encontro consonantal /cs/ é representado graficamente pela letra *x*: anexo, fixo.

São mais raros em nossa língua os seguintes encontros consonânticos encontráveis em vocábulos eruditos. Estes encontros são separáveis, salvo os que aparecem no início de vocábulos:

bd: lamb-da	*ft*: af-ta
bs: ab-so-lu-to	*pn*: pneu, pneu-má-ti-co
cç: sec-ção	*ps*: psiu
dm: ad-mi-tir	*pt*: ap-to
gn: dig-no	*tm*: ist-mo
mn: mne-mô-ni-co	*tn*: ét-ni-co

Tais encontros merecem especial cuidado porque, na pronúncia despreocupada, tendem a constituir duas sílabas pela intercalação de uma vogal:

advogado	e não	*adivogado* ou *adevogado*
absoluto	e não	*abissoluto*
admirar	e não	*adimirar*
afta	e não	*áfita*
ritmo	e não	*rítimo*
pneu	e não	*pineu* / *peneu*
indigno	e não	*indíguino*

O desejo de corrigir o engano leva muitas vezes à omissão de vogal de certos vocábulos:

adivinhar	e não	*advinhar*
subentender	e não	*subtender*

Dígrafo – Não se há de confundir *dígrafo* ou *digrama* com encontro consonantal. *Dígrafo* é o emprego de duas letras para a representação gráfica de um só fonema: pa*ss*o (cf. paço), *ch*á (cf. xá), ma*nh*ã, pa*lh*a, *en*viar, m*an*dar.

Há dígrafos para representar consoantes e vogais nasais.11 Os dígrafos para consoantes são os seguintes, todos inseparáveis, com exceção de *rr* e *ss*, *sc*, *sç*, *xc*:

ch:	chá	*xs*:	exsudar 'transpirar'
lh:	malha	*rr*:	carro
nh:	banha	*ss*:	passo
sc:	nascer	*qu*:	quero
sç:	nasça	*gu*:	guerra
xc:	exceto		

Para as vogais nasais:

am ou *an*:	campo, canto
em ou *en*:	tempo, vento
im ou *in*:	limbo, lindo

om ou *on*: ombro, onda
um ou *un*: tumba, tunda

Letra diacrítica – É aquela que se junta a outra para lhe dar valor fonético especial e constituir um dígrafo. Em português as letras diacríticas são *h*, *r*, *s*, *c*, *ç*, *u* para os dígrafos consonantais e *m* e *n* para os dígrafos vocálicos: c*h*á, car*r*o, pas*s*o, q*u*ero, ca*m*po, o*n*da.

OBSERVAÇÃO: Daí se tiram as seguintes conclusões aplicáveis à análise fonética:

1.ª) Não há ditongo em q*u*ero;

2.ª) *M* e *n* não são aqui fonemas consonânticos nasais em caMpo, oNda, mas há autores que os classificam como consoantes, por não aceitarem a existência de vogais nasais (Mattoso Câmara).

3.ª) *Qu* e *gu* se classificam como /k/ e /g/, respectivamente.

2 – FONÉTICA EXPRESSIVA OU FONOESTILÍSTICA

Os fonemas com objetivos simbólicos – Muitas vezes utilizamos os fonemas para melhor evocar certas representações.

É deste emprego que surgem as *aliterações*, as *onomatopeias* e os *vocábulos expressivos*.

Aliteração – É a repetição de fonema, vocálico ou consonântico, igual ou parecido, para descrever ou sugerir acusticamente o que temos em mente e expressar, quer por meio de uma só palavra quer por unidades mais extensas.

O sossego do vento ou o barulho ensurdecedor do mar ganham maior vivacidade através da aliteração dos seguintes versos:

"As asas ao sereno e sossegado vento" (utilização do fonema fricativo alveolar sonoro e surdo).

"Bramindo o negro mar de longe brada" (utilização principal dos fonemas *b*, *r* e *d*).

A aliteração tanto pode servir ao estilo solene e culto, como nos exemplos referidos, como pode estar presente nas manifestações de espontânea expressividade popular, conforme se vê nos provérbios, nas frases feitas, nos modos de dizer populares: *são e salvo*, *cara ou coroa*, *de cabo a rabo*, etc. O que importa acentuar é que a aliteração mais ocorre na exteriorização psíquica e no apelo do *que* na comunicação intelectiva.

Onomatopeia – É o emprego de fonema em vocábulo para descrever acusticamente um objeto pela ação que exprime.

São frequentes as onomatopeias que traduzem as vozes dos animais e os sons das coisas:

O *tique-taque* do relógio, o *marulho* das ondas, o *zunzunar* da abelha, o *arrulhar* dos pombos.

Vocábulo expressivo – É o que não imita um ruído, mas sugere a ideia do ser que se quer designar com a ajuda do valor psicológico de seus fonemas: *romper*, *tagarelar*, *tremeluzir*, *jururu*, *ziriguidum*, *borogodó*.

Encontros de fonemas que produzem efeito desagradável ao ouvido – Muitas vezes, certos encontros de fonemas produzem efeito desagradável que repugna o ouvido e, por isso, cumpre evitar, sempre que possível. Esses defeitos são mais perceptíveis nos textos escritos porque a pessoa que os lê nem sempre faz as pausas e as entonações que o autor utilizou, com as quais diminui ou até anula os encontros de fonema que geram sons desagradáveis.

Entre os efeitos acústicos condenados estão: a *colisão*, o *eco*, o *hiato* e a *cacofonia*.

Colisão – É o encontro de consoantes que produz desagradável efeito acústico:

> "*Se eu tenho de morrer na flor dos anos,*
> *Meu Deus! não seja já*" [CA.1, 73].

Às vezes a omissão de um substantivo aproxima duas preposições de que resulta colisão, fato que os escritores não se esforçam por evitar:

> "Tenho ali na parede o retrato dela, ao lado *do do* marido, tais quais na outra casa" [MA.3, 21]
>
> "A voz da nova mestra era doce, não daquela doçura *da de* sua mãe, um canto de pássaro mais que uma voz humana" [JL.1, 13].

Também quase sempre não se evita a colisão do tipo de *no número*, *na nave*, *na noite*, *na nossa vida*, etc. Pode-se, sem ser obrigatório, fugir à colisão mediante substituição de *no*, *na*, *num*, etc. por *em o*, *em a*, *em um*, etc.: *em o* número, *em a* nave.

Eco – É a repetição, com pequeno intervalo, de palavras que terminam de modo idêntico:

> "Estas palavras subordinam frases em que se exprime condi*ção* necessária à realiza*ção* ou n*ão* realiza*ção* da a*ção* principal."

Hiato – O hiato de vogais tônicas torna-se desagradável principalmente quando formado pela sucessão de palavras:

> *Hoje há aula.*

Cacofonia ou **cacófato** – É o encontro de sílabas de duas ou mais palavras que forma um novo termo de sentido inconveniente ou ridículo em relação ao contexto:

> "Ora veja co*mo ela* está estendendo as mãozinhas inexperientes para a chama das velas..." [CBr.1, 102].
>
> herói *da nação*, no*sso hino*, bo*ca dela*, nun*ca que es*tuda

Deve-se evitar, tanto quanto possível, que uma palavra comece pela mesma sílaba com que a anterior acabe: *torre redonda*, *por razão*, *por respeito*, *pouca cautela*, *nunca casavam*, *ignora-se se se trata disso*.

Cuidado maior há de se ter se a junção lembra palavra pouco delicada: *o* Tiju*ca ga*nhou, o jogador mar*ca gol*, tão comuns na imprensa falada e escrita.

A leitura do texto em voz alta, antes de sua divulgação, surpreenderá muitos casos de cacófatos.

É oportuna a lição de Said Ali:

"Repara-se, hoje, com certo exagero, na cacofonia resultante da junção da sílaba terminal de um vocábulo com a palavra ou parte da palavra imediata. Não se liga, entretanto, maior importância à cacofonia quando esta se acha dentro de um mesmo vocábulo, sendo formada

por algumas das suas sílabas componentes. O mal aqui é irremediável, pois que expressões não se dispensam, nem se substituem. Muitas vezes, parece a cacofonia menos ridícula do que a vontade de percebê-la... O estudante evite, sempre que puder, semelhantes combinações de palavras, assim como quaisquer outras de onde possam nascer uns longes de cacofonia, e não se preocupe com descobri-los nos outros." [SA.1, 306-7]

B) Ortoépia ou Ortoepia

Ortoépia é a parte da gramática que trata da correta pronúncia dos fonemas.

Preocupa-se não apenas com o conhecimento exato dos valores fonéticos dos fonemas que entram na estrutura dos vocábulos, considerados isoladamente ou ligados na enunciação da oração, mas ainda com o ritmo, a entoação e expressão convenientes à boa elocução.

Vogais – Quanto à emissão das vogais, na pronúncia normal brasileira, observemos que:

a) São fechadas as vogais nasais; por isso não distinguimos as formas verbais terminadas em *-amos* e *-emos* do pres. e pret. perf. do indicativo da 1.ª e 2.ª conjugações: Ontem trabalh*amos* e agora trabalh*amos*.

b) Soam muitas vezes como nasais as vogais seguidas de *m*, *n* e principalmente *nh*: c*a*ma, c*a*na, b*a*nha, c*e*na, f*i*na, Ant*ô*nio, *u*nha;

OBSERVAÇÃO: Sem nasalidade proferem-se as vogais desses e de vários outros vocábulos: *emitir*, *emissário*, *eminente*, *energia*, *enaltecer*, *Enaldo*, etc.

c) Soam quase sempre como orais as vogais precedidas de *m*, *n* ou *nh*: m*a*ta, n*a*ta, c*o*mpanhia, m*i*lho. Assim, não tem razão linguística a pronúncia nasalada do *mas* /mãs/. Entretanto, *mui* e *muito* se proferem /mũi/, /mũito/.

d) Soam igualmente o *a* artigo, *a* preposição, *a* pronome e o *à* resultante da crase. Não se alonga o *à*, "salvo, muito excepcionalmente, se houver necessidade imperativa, para a inteligência da frase, caso em que o resultante da crase poderá ser pronunciado com certa tonicidade e ênfase" (*Normas*, 481).

e) São reduzidas as vogais *e* e *o* átonas finais, que soam /*i*/ e /*u*/, respectivamente: frent*e*, carr*o*.

f) São oscilantes /e/, /i/, /*ẽ*/, /ĩ/, /o/, /u/, /õ/, /ũ/, reduzidos pretônicos em numerosos vocábulos, oscilação que corresponde "a uma gradação de frequência de meio cultural, de nível social ou de tensão psíquica do indivíduo falante" (*Normas*, 482): pedir /pedir/ ou /pidir/; estudo /estudu/ ou /istudu/; sentir /sentir/ ou /sintir/; costura /costura/ ou /custura/; compadre /compadre/ ou /cumpadre/. Neste caso estão as preposições *com* e *por* que, salvo nas situações enfáticas, devem ser pronunciadas /kũ/ e /pur/. Fazem exceção muitos vocábulos eruditos e os compostos de *entre*: *embriogenia*, *hendíade*, *hexágono*, *entremeio* [AN.1, 14].

g) Em linguagem cuidada, evita-se a oscilação de que anteriormente se falou, quando tem valor opositivo, isto é, serve para distinguir palavras de significado diferente: eminente /

iminente; emigrar / imigrar; descrição / discrição.

h) u depois de *g* ou *q* ora é vogal ou semivogal (e aí se profere), ora é componente de dígrafo (e aí não se pronuncia).

Entre outras deve ser proferido nas seguintes palavras depois do *g*: *aguentar*, *ambiguidade*, *apaziguar*, *arguição*, *arguir*, *bilíngue*, *consanguíneo*, *contiguidade*, *ensanguentado*, *exiguidade*, *lingueta*, *linguista*, *redarguir*, *sagui* ou *saguim*, *unguento*, *unguiforme*.

Não se deve proferir o *u* depois do *g* em: *distinguir*, *exangue*, *extinguir*, *langue*, *pingue* (= gordo, fértil, rendoso).

É facultativo pronunciá-lo em: *antiguidade*; *sanguíneo*; *sanguinário*; *sanguinoso*.

Profere-se o *u* depois do *q* em: *aquícola*, *consequência*, *delinquência*, *delinquir*, *equestre*, *equevo*, *equidistante*, *equino* (= cavalar), *equitativo*, *equipolente* (também *equipolente*), *frequência*, *iniquidade*, *loquela*, *obliquidade*, *quercina*, *quingentésimo*, *quinquênio*, *quiproquó*, *sequência*, *Tarquínio*, *tranquilo*, *ubiquidade*.

Não se profere o *u* depois do *q* em: *adquirir*, *aniquilar*, *aqueduto*, *equilíbrio*, *equinócio*, *equipar*, *equiparar*, *equitação*, *equívoco*, *extorquir*, *inquérito*, *inquirir*, *sequioso*, *quérulo*, *questão*, *quibebe*.

É facultativo pronunciá-lo em: *antiquíssimo*, *equidade*, *equivalente*, *equivaler*, *liquidação*, *liquidar*, *líquido*, *liquidificador*, *retorquir*.

Diz-se *quatorze* ou *catorze*, sendo a primeira mais generalizada entre brasileiros.

i) Em muitos vocábulos há dúvidas quanto ao timbre das vogais. Recomendamos timbre aberto para o *e* em: *acerbo*, *Aulete*, *anelo*, *badejo*, *benesse*, *blefe*, *caterva*, *cedro*, *cerdo*, *cetro*, *cerne*, *cervo*, *coeso*, *coevo*, *coleta*, *cogumelo*, *confesso*, *corbelhe*, *duelo*, *espectro*, *equevo*, *flagelo*, *ileso* (também *ileso* com *e* fechado), *indefesso*, *besta* ('arma'), *doesto*, *lerdo*, *medievo*, *elmo*, *obsoleto*, *paredro*, *prelo*, *primevo*, *relho*, *septo*, *servo*, *Tejo*, *terso*.

É fechado em: *acervo* (também *acervo* com *e* aberto), *achega*, *adejo*, *adrede*, *alameda*, *amuleto*, *anacoreta*, *arabesco*, *aselha*, *bacelo*, *besta* ('animal de carga'), *bissexto*, *bofete*, *caminhoneta*, *cerebelo*, *cateto*, *cerda*, *destra*, *destro*, *devesa*, *defeso*, *dueto*, *entrevero*, *escaravelho*, *efebo*, *extra*, *fechar* (e suas formas *fecho*, *fechas*, *feche*, etc.), *ginete*, *grumete*, *indefeso*, *interesse* (s.), *ledo*, *lampejo*, *labareda*, *magneto*, *palimpsesto*, *panfleto*, *pez*, *quibebe*, *reses*, *retreta*, *Roquete*, *sobejo*, *veneta*, *vereda*, *vinheta*, *versalete*, *vespa*, *vedeta*, *verbete*, *xerez*, *xepa*. As autoridades recomendam o timbre fechado em *pese* (na expressão *em que pese a*), *centopeia* e *colmeia* (mas a pronúncia com timbre aberto é generalizada entre nós). Diz-se *topete* com *e* aberto ou fechado; *vedete* é mais proferido com *e* aberto no Brasil.

Tem timbre aberto o *o* tônico de: *amorfo*, *canoro*, (de) *envolta*, *dolo*, *forum*, *hissope*, *imoto*, *inodoro*, *manopla*, *meteoro*, *molho* ('feixe'), *noto* ('vento sul'), *opa* ('capa'), *piloro*, *probo*, *sinagoga*, *suor*, *troço* ('coisa'), *trombose*, *tropo*.

Tem timbre fechado o *o* tônico de: *aboio*, *alcova*, *apodo*, *alforje*, *algoz*, *boda*, *bodas*, *cochicholo*, *chope*, *cachopa*, *choldra*, *ciclope* (também aberto), *corça*, *desporto*, *filantropo*, *foro* ('jurisdição'), *loa*, *logro*, *lorpa*, *loto* ('jogo' também aberto), *Mausolo*, *malogro*, *mirolho*, *misantropo*, *molosso*, *odre*, *serôdio*, *teor*, *torpe*, *torso*, *torvo*, *transbordo*, *troço*

('parte'), *trolha*, *volvo*, *zarolho*, *zorro*.

j) Quanto aos ditongos, cumpre notar: *ai*, *ei* e *ou* devem guardar, na pronúncia cultivada, sua integridade, não se exagerando o valor do *i* ou *u*, nem os eliminando, como o faz a modalidade distensa: *caixa*, *queijo*, *ouro*.

Soa como ditongo nasal *ão* a sílaba átona final -*am*: *amam*.

Soam como ditongo nasal *ẽi* as sílabas -*em*, -*ém*, -*en*, -*ens* de muitos vocábulos: *bem*, *vem*; *vintém*, *ninguém*; *vens*, *homens*; *armazéns*, *parabéns*.

Normalmente ditongamos, pelo acréscimo de um *i*, as vogais tônicas finais seguidas de -*z* ou -*s*. Assim não fazemos a diferença entre *pás*, *paz* e *pais*; *más* e *mais*; *rapaz* e *jamais*; *vãs* e *mães*. Os poetas brasileiros nos dão bons exemplos destas ditongações.

Só por imitação dos poetas lusitanos (porque dizem *tãy*), entre os brasileiros, a rima *tem* e *mãe* aparece às vezes, como em Casimiro de Abreu:

> "*O país estrangeiro mais belezas*
> *Do que a pátria, não tem;*
> *E este mundo não val um só dos beijos*
> *Tão doces duma mãe*." [SS.4, 73]

Soam como ditongo, e não como hiato: *gratuito*, *fluido*, *fortuito*, *arraigar*, entre outros.

l) Quanto aos hiatos observemos que se desenvolve um *i* ou *u* semivogais nos encontros formados por ditongo decrescente seguido de vogal final ou ditongo átono: *praia prai-ia*; *tuxaua tuxau-ua*; *goiaba goi-iaba*; *boiem boi-iem* (cf. *Normas*, 486).

O mesmo desenvolvimento das referidas semivogais nos hiatos cuja primeira vogal seja *i* o u *u* tônicos e cuja segunda vogal seja final de vocábulo, "variará de acordo com as necessidades expressionais ou as peculiaridades individuais" (*Normas*, 485-6): via: *vi-a* ou *vi-ia*; lu-a: *lu-a* ou *lu-ua*.

Consoantes – Soam levemente as consoantes *b*, *c*, *d*, *f*, *g*, *s*, *t* quando finais de vocábulos: *sob*, *Moab*, *Isaac*, *Cid*, *Uf*, *Gog*, *fórceps*, *Garrett*, *Laet*.

Nos vocábulos eruditos as terminações átonas -*ar*, -*er*, -*en*, -*ex*, -*on* devem guardar sua integridade em pronúncia: *aljôfar*, *certâmen* (também *certame*) , *esfíncter*, *índex*, *cólon*, *númen* (também *nume*), *regímen* (também *regime*).

O *l* final de sílaba é proferido relaxado, quase velar, mas tendo-se o cuidado de não fazê-lo igual a *u*: *nacional*. Na língua literária dos românticos, mais em poesia, registra-se a troca do *l* por *r* nos grupos *bl*, *cl*, *fl*, *pl*, de algumas palavras: *neblina / nebrina*; *clina / crina*; *flauta / frauta*; *plantar / prantar*, etc.

Na palavra *sublinhar* e derivados o *l* deve ser pronunciado separadamente do *b*. Entre portugueses ouve-se como *sublime*.

O *r* múltiplo alveolar pode ser proferido como velar, graças ao maior recuo da língua, e até com articulação dorso-uvular (portanto mais carregado ainda), embora as *Normas* não a recomendem na pronúncia cuidada: *mar*, *avermelhar*. Nas palavras *abrupto*, *ab-rogar*, *ad-rogar*, *sub-rogar*, e derivados, o *r* deve ser pronunciado múltiplo e separado, isto é, sem fazer grupo com a consoante anterior.

O *m* final pode guardar sua integridade de pronúncia, não nasalizando o *e* anterior, no vocábulo *totem*, admitindo a grafia *tóteme*. Em *bem-amado* e *bem-aventurado*, nasaliza o *e* anterior, e não se liga ao *a* seguinte. Diz-se *infligir*, e não *inflingir*. Em *mancheia*, a sílaba inicial ouve-se /mã/; em *mão-cheia* ouve, naturalmente, /mãũ/. Em outros casos, temos facultativa a nasalização: *Roraima*, *Jaime*, *paina*.

As linguodentais *d* e *t*, seguidas de *i*, podem palatizar-se, evitando-se, entretanto, o exagero (articulação africada linguopalatal): *dia*, *tia*.

O *s* soa aproximadamente como se fora *j*, mas sem exagero, antes de *b*, *d*, *g*, *j*, *l*, *m*, *r* e *v*: *desjejum*, *deslizar*, *esmo*, *asno*, *esbarrar*, *esdrúxulo*, *engasgar*, *asno*, *desregrar*, *desvão*. Como bem acentua Antenor Nascentes [AN.1, 27], em outros pontos do país o *s*, nestes casos, soa aproximadamente como /z/.

Antes de *c*, *f*, *p*, *q*, *t*, *x* e ainda no fim de vocábulo que não se ligue ao seguinte, o *s* tem som próximo de /x/: *descampado*, *esfregar*, *respeito*, *esquivo*, *deste*, *desxadrezar*. Em outros pontos do país, segundo o autor anteriormente citado, o *s* nestas circunstâncias é sibilante, como na palavra *selva*.

Tem o som de /z/ entre vogais nos compostos do prefixo *trans* (*transatlântico*, *transação*, *transitivo*, etc.) e na palavra *obséquio* e derivados. Em *transe* (que se grafa também *trance*), *subsídio*, *subsidiar*, *subsistir*, *subsistência* e outros da mesma família, o *s* pode soar como sibilante (como em *selva*) ou como /z/. Se o elemento a que se prefixa *trans-* começa por *s*, não se duplica esta consoante que será proferida como sibilante: *Transilvânia* e derivados, *transiberiano*. Com o prefixo *ob* seguido a elemento começado por *s*, este soa como sibilante: *obsessão*, *obsidiar*, etc. No final *-simo* (de *vigésimo*, *trigésimo*, etc.) soa como /z/.

Escrevendo-se *aritmética* (com *t*), é mais usual proferir esta consoante. Pode-se ainda grafar *arimética*.

X tem quatro valores: 1) fricativo palatal como em *xarope*; 2) fricativo alveolar sonoro como em *exame*; 3) fricativo alveolar surdo (= ss) como em *auxílio*; 4) vale por /ks/ e /kz/ como em *anexo* e *hexâmetro*.

X soa /z/ nas palavras: *exação*, *exagero*, *exalar*, *exaltar*, *exame*, *exangue*, *exarar*, *exasperar*, *exato*, *exautorar*, *executar*, *êxedra*, *exegese*, *exegeta*, *exemplo*, *exéquias*, *exequível*, *exercer*, *exercício*, *exército*, *exaurir*, *exibir*, *exigir*, *exilar*, *exílio*, *exímio*, *existir*, *êxito*, *êxodo*, *exógeno*, *exonerar*, *exorar*, *exorbitar*, *exorcismo*, *exórdio*, *exornar*, *exótico*, *exuberar*, *exuberante*, *exultar*, *exumar*, *inexorável*.

Soa como /s/ em: *auxílio*, *máxima*, *Maximiliano*, *Maximino*, *máximo*, *próximo*, *sintaxe*, *trouxe*, *trouxera*, *trouxer*.

Soa como /ks/ ou /kz/, conforme o caso, em: *afluxo*, *anexo*, *axila*, *áxis*, *axiômetro*, *complexo*, *convexo*, *crucifixo*, *doxologia*, *fixo*, *flexão*, *fluxo*, *hexâmetro* (também soa como /z/), *hexaedro*, *hexágono* (também soa como /z/), *hexassílabo*, *índex*, *intoxicar*, *léxico*, *maxilar*, *nexo*, *máxime*, *ônix*, *ortodoxo*, *óxido*, *oximoro*, *prolixo*, *oxigênio*, *paradoxo*, *reflexo*, *sexagenário*, *sexagésimo*, *sexo*, *sílex*, *tórax*, *tóxico*.

É proferido indiferentemente como /ks/ ou /s/ em: *apoplexia*, *axioma* e *defluxo*.

Vale por /s/ no final de: *cálix*, *Félix*, *fênix* e na locução adverbial *a flux*.

O *z* em fim de palavra que não se ligue à seguinte, soa levemente chiado: *luz*, *conduz*.

Entre os casos particulares, são de notar:

– o *ch* em *Anchieta* e derivados soa chiado;

– o *cz* de *czar* (que também pode se escrever *tzar*) deve ser proferido como /ts/; o *lh* de *Alhambra* não constitui dígrafo como em *malha*; deve-se proferir o vocábulo como se não houvesse o *h*;

– o *w* do nome *Darwin* e dos derivados (*darwinismo*, *darwinista*, etc.) soa como /u/.

Sc e *xc* soam como /s/ em palavras como *nascer*, *descer*, *crescer*, *excelência*, *exceto*, *excelso*, *excídio*, *excisão*, *excita*.

Os encontros consonânticos devem ser pronunciados com valores fonéticos próprios, sem intercalação de *e* ou *i*: *pseudônimo*, *pneumático*, *mnemônico*, *apto*, *elipse*, *absoluto*, *admissão*, *adjetivo*, *ritmo*, *afta*, *indigno*, *recepção*, *advogado*, *accessível* (ao lado de *acessível*), *secção* (ao lado de *seção*), *samnita*, *sublinhar* (b-li), *subliminar* (b-li).

Ligação dos vocábulos – Cuidado especial merece a boa articulação dos fonemas, mormente finais e iniciais, na sequência dos vocábulos, desde que uma pausa não os separe.

a) *Vogais ou ditongos finais de vocábulo com vogais ou ditongos iniciais de vocábulo*

Quando a palavra termina por vogal tônica e o vocábulo seguinte começa com vogal ou ditongo tônicos, normalmente se respeita o hiato interverbal: *ali há*, *lá houve*, *li ontem*.

Se a vogal final é tônica e o vocábulo seguinte começa por vogal ou ditongo átonos, proferimos normalmente o hiato; mas pode ocorrer, muitas vezes, a ditongação se a vogal átona for *i* ou *e* ou *u* ou *o*:

segui aquela; *já ouvi*, *lá ironizei*, *vê umedecer*.

OBSERVAÇÃO: Evita-se a ditongação quando daí resultar uma sequência de sílabas tônicas: *boné usado*, *lá iremos*.

Se a vogal final é átona e o vocábulo seguinte começa por vogal tônica, normalmente se respeita o hiato: *essa hora*, *terreno árido*.

Neste caso pode ainda ocorrer a fusão (crase) das duas vogais se forem idênticas (essa fusão produz certo alongamento da vogal indicada aqui pelo mácron ¯), ou a ditongação, se a vogal átona final for *i*, *e* ou *u*, *o*:

terra árida: ter / ra / á / rida ou ter / rā / ri / da

esse ano: es / se / a / no ou es / sea / no.

OBSERVAÇÃO: Chama-se *crase* a fusão de dois ou mais sons iguais num só.

Se a vogal final e a inicial do vocábulo seguinte são átonas, pode ocorrer hiato, ditongo, crase ou elisão.

OBSERVAÇÃO: *Elisão* é o desaparecimento de uma vogal final átona em virtude do contato com a vogal inicial do vocábulo seguinte.

1) haverá hiato, fusão ou elisão se a vogal átona final for *a* e a inicial for *a* ou *ã*:

casa amarela
- *hiato*: ca / sa / a / ma / re / la
- *crase*: ca / sã / ma / re / la
- *elisão*: ca / sa / ma / re / la

casa anterior
- *hiato*: ca / sa / an / te / ri / or
- *crase*: ca / sãn / te / ri / or
- *elisão*: ca / san / te / ri / or

2) haverá hiato ou elisão se a vogal átona final for *a* e a vogal inicial *e*, *ẽ*, *o*, *õ*:

roda esportiva
- *hiato*: ro / da / es / por / ti / va
- *elisão*: ro / des / por / ti / va

porta entreaberta
- *hiato*: por / ta / en / trea / ber / ta
- *elisão*: por / ten / trea / ber / ta

3) haverá hiato, ditongo ou elisão se a vogal átona final for *a* e a inicial *i* (*e*), *ĩ* (*ẽ*), *u* (*o*), *ũ* (*õ*):

certa idade
- *ditongo*: cer / tai / da / de
- *hiato*: cer / ta / i / da / de
- *elisão*: cer / ti / da / de

certa indiferença
- *hiato*: cer / ta / in / di / fe / ren / ça
- *ditongo*: cer / tain / di / fe / ren / ça
- *elisão*: cer / tin / di / fe / ren / ça

4) haverá hiato ou ditongo se a vogal átona final for *i* (*e*) e a inicial qualquer uma, exceto *i* (*e*):

júri amigo
- *hiato*: ju / ri / a / mi / go
- *ditongo*: ju / ria / mi / go

livre arbítrio
- *hiato*: li / vre / ar / bí / trio
- *ditongo*: li / vriar / bí / trio

5) haverá hiato, crase ou elisão se a vogal átona final for *i* (*e*) e a inicial *i* (*e*) ou *ĩ* (*ẽ*):

livre imprensa
- *hiato*: li / vre / im / pren / sa
- *crase*: li / vrĩn / pren / sa
- *elisão*: li / vrin / pren / sa

6) haverá hiato, ditongo ou elisão se a vogal átona final for *u* (o u):

Santo Antônio
- *hiato*: san / to / An / tô / nio
- *ditongo*: san / toan / tô / nio
- *elisão*: san / tan / tô / nio

medo horrível
- *hiato*: mê / do / hor / rí / vel
- *ditongo*: me / duor / rí / vel

7) haverá hiato, crase ou elisão se a vogal final for *u* (*o*) e a inicial *u*:

velho humano
- *hiato*: ve / lho / hu / ma / no
- *crase*: ve / lhũ / ma / no
- *elisão*: ve / lhu / ma / no

aviso urgente
- *hiato*: a / vi / so / ur / gen / te
- *crase*: a / vi / sũr / gen / te
- *elisão*: a / vi / sur / gen / te

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Ocorrem os fenômenos acima apontados com os vocábulos iniciados por ditongos decrescentes, por iniciar por vogal. Em vez de ditongo, teremos tritongo:

jeito airoso (cf. 6)
- *hiato*: jei / to / ai / ro / so
- *tritongo*: jei / tuai / ro / so
- *elisão*: jei / tai / ro / so

2.ª) A preposição *para* pode reduzir-se a *pra* (e não p'ra), hoje usada até entre literatos. Esta forma, quando seguida do artigo *o*, *a*, *os*, *as* e com ele combinada, é grafada, respectivamente, *pro*, *pra* (para a), *pros*, *pras*.

3.ª) Pelo se reduz a *plo* (mais comum em Portugal), forma que, combinada com o artigo ou pronome *o*, *a*, *os*, *as*, é grafada *plo*, *pla*, *plos*, *plas*. Entre portugueses ouve-se ainda *pro* e *pros* com *o* aberto.

4.ª) A preposição *com* pode ter a nasalidade enfraquecida e combinar-se com *o*, *a*, *os*, *as*, dando origem às formas *co*, *ca*, *cos*, *cas*, empregadas mais com frequência na linguagem familiar e vulgar, de Portugal. É o que se chama *ectlipse*.

b) *Consoante final de vocábulo com fonema inicial de vocábulo*

A consoante final de uma palavra seguida de vogal inicial (ou semivogal), sem pausa intermediária, deve ser proferida como se fosse intervocálica, isto é, liga-se a uma vogal

obedecendo às normas já estabelecidas:

"*De um sentir*⋃*aventurado*"

"*É talvez*⋃*a voz mimosa*"

"*Gentil*⋃*infante, engraçado*"

"*Que dás*⋃*honra e valor*"

A consoante final *b* (em *sob*, por exemplo) seguida de outra consoante inicial deve ser proferida sem aparecimento de um *i* ou *e* intermédio:

Sob luzes d'esperança

Sob fúria

Se o vocábulo seguinte começa por vogal (ou semivogal), pode o *b* final ligar-se silabicamente a ela ou direta ou com apoio de *i* ou *e* (reduzido), o que é mais comum entre nós.

Sob os céus (so-bos-céus ou so-bios-céus).

Quando a consoante que termina o vocábulo é igual à que inicia o vocábulo seguinte (o que ocorre com *l* ou *r*), ouvem-se os dois fonemas:

Incrível lábia (in-cri-vel-lá-bia)

Temor repentino (te-mor-re-pen-ti-no).

O *s* final soa aproximadamente como se fora /j/, mas sem exagero, em ligação com vocábulo iniciado por *b*, *d*, *g*, *j*, *l*, *m*, *n*, *r*, *v* e *z*, ouvindo-se os dois fonemas:

Os braços, os dedos, as gengivas, dois jeitos, as luzes, os meninos, as nuvens, os ratos, os ventos, os zumbidos.

O *s* final soa aproximadamente como se fora /x/, mas sem exagero, em ligação com vocábulo iniciado por *c*, *f*, *p*, *q*, *s*, *t*, *x* e *ch*, ouvindo-se os dois fonemas:

três cadernos, os felizes, as pessoas, as queixas,
as secas, os tempos, os xaropes, os chás.

As consoantes *x* e *z* finais são tratadas como /s/ final, nas ligações:

faz medo (x = j), *faz calor* (z = x).

O *n* final de vocábulos, como *cânon*, *íon*, *cíclotron*, deve ser proferido sem nasalizar fortemente a vogal anterior, conforme vimos; nas ligações com outro vocábulo, guarda este valor quando é seguido de consoante: *cânon bíblico*.

Seguido de vogal (ou semivogal) liga-se silabicamente a esta, como se fosse inicial de sílaba; *cânon antigo*.

O *m* final de *bem-aventurado*, *bem-amado* e semelhantes nasaliza a vogal anterior, não se ligando à seguinte, como se fosse inicial de sílaba.

Quando o indefinido ou numeral *uma* é seguido de vocábulo começado por *m* não se deve proferir o *m*, soando, portanto, *ũa*, forma com que, às vezes, aparece grafado (evite-se a forma *u'a*):

uma mensagem, uma mão.

Ortografia e Ortoépia – Certos hábitos de grafia tendentes a preservar letras gregas e latinas que não constituem fonemas em português acabaram levando a que tais letras passassem a ser erradamente proferidas. Já vimos o caso do dígrafo *sc* de nascer, piscina, etc. É o que ocorre também com o latim *phlegma* que passou ao português *fleuma*, *fleima*. Por

motivo etimológico, persistem as grafias errôneas *fleugma*, *fleugmático*, onde o *g* não deve ser proferido, mas o é por influência da grafia.

Outras más soluções do sistema gráfico favorecem erros de pronúncia, como ocorre com *sublinhar* (b-li), *abrogar*, *abrupto*, que já se ouvem como se aí houvesse grupo consonantal: *su - bli - nhar*.

C) Prosódia

Prosódia é a parte da fonética que trata da correta acentuação e entonação dos fonemas.

A preocupação maior da prosódia é o conhecimento da sílaba *predominante*, chamada *tônica*.

Sílaba – É um fonema ou grupo de fonemas emitido num só impulso expiratório.

Em português, o elemento essencial da sílaba é a vogal.

Quanto à sua *constituição*, a sílaba pode ser *simples* ou *composta*, e esta última *aberta* (ou *livre*) ou *fechada* (ou *travada*).

Diz-se que a sílaba é *simples* quando é constituída apenas por uma vogal: *e*, *há*, *ah*!

Sílaba composta é a que encerra mais de um fonema: *ar* (vogal + consoante), *lei* (consoante + vogal + semivogal), *vi* (consoante + vogal), *ou* (vogal + semivogal), *mas* (consoante + vogal + consoante).

A sílaba composta é aberta (ou livre) se termina em vogal: *vi*; é fechada (ou travada) em caso contrário, incluindo-se a vogal nasal, porque a nasalidade vale por um travamento de sílaba: *ar*, *lei*, *ou*, *mas*, *um*.

Quanto ao número de sílabas, dividem-se os vocábulos em:

a) monossílabos (se têm uma sílaba): *é*, *há*, *mar*, *de*, *dê*;

b) dissílabos (se têm duas sílabas): *casa*, *amor*, *darás*, *você*;

c) trissílabos (se têm três sílabas): *cadeira*, *átomo*, *rápido*, *cômodo*;

d) polissílabos (se têm mais de três sílabas): *fonética*, *satisfeito*, *camaradagem*, *incovenientemente*.

Quanto à posição, a sílaba pode ser *inicial*, *medial* e *final*, conforme apareça no início, no interior ou no final do vocábulo:

fo	/	*né*	/	*ti*	/	*ca*
inicial		medial		medial		final

Quantidade – É a duração da vogal e da consoante. Distinguem-se as vogais e consoantes breves (se a pronúncia é rápida) das vogais e consoantes longas (se a pronúncia é demorada). Assinalamos a vogal breve com o sinal (˘) que se denomina *braquia* ou *bráquia*, e a vogal longa com o sinal (¯) chamado *mácron*: *ă* (*a* breve), *ā* (*a* longo).

Há língua em que a quantidade desempenha importante papel, para distinguir vocábulos e formas gramaticais, como em latim, em inglês ou alemão. Em latim, *rosă* (com *a breve*) não tem a mesma aplicação gramatical de *rosā* (com *a longo*), distinguindo-se, pela quantidade, o nominativo do ablativo, por exemplo. "Em inglês xĭp e xīp (que se escrevem *ship* e *sheep*) significam, respectivamente, *navio* e *carneiro*" [SA.2, 15]. Em latim, *ŏs* (com *o* breve) significa 'osso'; com *o* longo, *ōs* significa 'boca'.

Em português, a quantidade é pouco sentida e não exerce notável papel na caracterização e distinção dos vocábulos e formas gramaticais. Em geral, são mais rápidas as vogais seguidas de consoante surda (*lato / lado*) ou de *r* vibrante múltipla (*carro / caro*). Só excepcionalmente alongamos vogais e consoantes, como recursos estilísticos para imprimir ênfase, e constitui um dos grandes auxiliares da oratória:

> "Se pudéssemos, nós que temos experiência da vida, abrir os olhos dessas mariposinhas tontas ... Mas é inútil. Encasqueta-se-lhes na cabeça que o *amor*, o *amoor*, o *amooor* é tudo na vida, e adeus" [ML.1, 147].
>
> *BARbaridade*!

Acentuação – é o modo de proferir um som ou grupo de sons com mais relevo do que outros.

Este relevo se denomina *acento*. Diz-se que o acento é de *intensidade* (acento de força, acento dinâmico, acento expiratório ou icto), quando o relevo consiste no maior esforço expiratório. Diz-se que o acento é *musical* (acento de *altura* ou *tom*), quando o relevo consiste na elevação ou maior altura da voz.

O português e as demais línguas românicas, o inglês, o alemão, são línguas de *acento de intensidade*; o latim e o grego, por outro lado, possuem *acento musical*.

O acento de intensidade se manifesta no vocábulo considerado isoladamente (acento vocabular) ou ligado na enunciação da frase (acento frásico).

Acento de intensidade – Numa palavra nem todas as sílabas são proferidas com a mesma intensidade e clareza. Em *sólida*, *barro*, *poderoso*, *material*, há uma sílaba que se sobressai às demais por ser proferida com mais esforço muscular e mais nitidez e, por isso, se chama *tônica*: ***só***lida, ***ba***rro, pode***ro***so, materi***al***. As outras sílabas se dizem *átonas* e podem estar antes (pretônicas) ou depois (postônicas) da tônica:

po	–	*de*	–	*ro*	–	*so*
átona		átona		tônica		átona
pretônica		pretônica				postônica

Dizemos que nas sílabas fortes repousa o *acento tônico* do vocábulo (*acento da palavra* ou *acento vocabular*).

Existem ainda as sílabas semifortes chamadas *subtônicas* que, por questões rítmicas, compensam o seu afastamento da sílaba, tônica, fazendo que se desenvolva um acento de menor intensidade – *acento secundário*. Delas nos ocuparemos mais adiante.

Posição do acento tônico – Em português, quanto à posição do acento tônico, os vocábulos de duas ou mais sílabas podem ser:

a) *oxítonos*: o acento tônico recai na *última* sílaba: materi***al,*** princi***pal***, ca***fé***;

b) *paroxítonos*: o acento recai na *penúltima* sílaba: ***ba***rro, pode***ro***so, ***Pe***dro;

c) *proparoxítonos*: o acento tônico recai na *antepenúltima* sílaba: ***só***lida, feli***cí***ssimo.

OBSERVAÇÕES: Em *estudávamo-lo,* o acento tônico aparece na pré-antepenúltima sílaba, porque os monossílabos átonos formam um todo com o vocábulo a que se ligam foneticamente. É por isso que *fá-lo* é paroxítono e *admiras-te*, proparoxítono.

Em português, geralmente a sílaba tônica coincide com a sílaba tônica da palavra latina de que se origina.

Há vocábulos, como os que vimos até agora, que têm individualidade fonética e, portanto, acento próprio, ao lado de outros sem essa individualidade. Ao serem proferidos acostam-se ou ao vocábulo que vem antes ou ao que os segue. Por isso, são chamados *clíticos* (que se inclinam), e serão *proclíticos* se se inclinam para o vocábulo seguinte (*o* homem, *eu* sei, *vai* ver, *mar* alto, *não* viu) ou enclíticos, se para o vocábulo anterior (vejo-*me*, dou-*a*, fiz-*lhe*).

Os clíticos são geralmente monossilábicos que, por não terem acento próprio, também se dizem *átonos*. Os monossilábicos de individualidade fonética se chamam *tônicos*.

Alguns dissílabos podem ser também clíticos ou átonos: *para* (reduzido a *pra*) ver, *quero* crer, quero *porque* quero.

A tonicidade ou atonicidade de monossílabos e de alguns dissílabos *depende sempre do acento da frase*.

Acento de intensidade e significado da palavra – O acento de intensidade desempenha importante papel linguístico, decisivo para a significação da palavra. Assim, *sábia* é adjetivo sinônimo de *erudita*; *sabia* é forma do pretérito imperfeito do indicativo do verbo *saber*; *sabiá* é substantivo designativo de conhecido pássaro.

Acento principal e acento secundário – Em *rapidamente*, a sílaba *ra* possui um acento de intensidade menos forte que o da sílaba *men*, e se ouve mais distintamente do que as *átonas* existentes nas palavras. Dizemos que a sílaba *men* contém o *acento principal* e *ra* o *acento secundário* da palavra. A sílaba em que recai o acento secundário chama-se, como vimos, *subtônica*.

Geralmente ocorre o acento secundário na sílaba radical dos vocábulos polissilábicos derivados, cujos primitivos possuam acento principal: ***rá***pido – rapidamente. Há de se prestar atenção em certos enganos de pronúncia de vocábulos com acento secundário: por exemplo, respeita-se o hiato de *tardiamente*, e não se acentue fortemente a sílaba inicial: *tárdiamente*.

Acento de insistência e emocional – O português também faz emprego do acento de intensidade para obter, com o chamado acento de insistência, notáveis efeitos. Entra em jogo ainda a quantidade da vogal e da consoante, pois, quando se quer enfatizar uma palavra,

insiste-se mais demoradamente na sílaba tônica. Os escritores costumam indicar na grafia este alongamento enfático repetindo a vogal da sílaba tônica:

> "Os dois garotos, porém, esperneiam com a mudança de mãe:
> – *Mentira*!... *Mentiiiiira*!... *Mentiiiiiiiiira*! – berra cada um para seu lado" [HC.1, 32].
> "encasqueta-se-lhes na cabeça que o *amor*, o *amoor*, o *amooor* é tudo na vida e adeus" [ML.1, 147].

O acento de insistência pode cair noutra sílaba, diferente da tônica:

> ma***ra***vilhosa, ***for***midável, in***te***ligente, ***mi***serável.

Como bem acentua Roudet, a causa essencial do fenômeno do recuo do acento "parece ser a falta de sincronismo entre a emoção e sua expressão através da linguagem. A emoção se adianta à palavra e reforça a voz desde que as condições fonéticas o permitem" [LR.1, 252].

Este acento de insistência não tem apenas caráter emocional; adquire valor intelectual e ocorre ainda para ressaltar uma distinção, principalmente com palavras derivadas por prefixação ou expressões com preposições de sentidos opostos.

> São fatos ***sub***jetivos e não ***ob***jetivos.
> Os problemas de ***im***portação e de ***ex***portação.
> ***com*** dinheiro ou ***sem*** dinheiro.

Diz Bally que a entoação expressiva e a mímica são para quem fala um permanente comentário de suas palavras.

Acento de intensidade na frase – Isoladas, as palavras regulam sua sílaba tônica pela etimologia, isto é, pela sua origem; mas, na sucessão de vocábulos, deixa de prevalecer o acento da palavra para entrar em cena o acento da frase ou *frásico*, pertencente a cada *grupo de força*.

Chama-se *grupo de força* à sucessão de dois ou mais vocábulos que constituem um conjunto fonético subordinado a um acento tônico predominante: *A casa de Pedro / é muito grande*. Notamos aqui, naturalmente, dois grupos de força que se acham indicados por barra. No primeiro, as palavras *a* e *de* se incorporam a *casa* e *Pedro*, ficando o conjunto subordinado a um acento principal na sílaba inicial de *Pedro*, e um acento secundário na sílaba inicial de *casa*. No segundo grupo de força, as palavras *é* e *muito* se incorporam foneticamente a *grande*, ficando o conjunto subordinado a um acento principal na sílaba inicial de *grande* e outro secundário, mais fraco, na sílaba inicial de *muito*.

É quase sempre fácil determinar a sílaba tônica de cada grupo de força; o difícil é precisar, em certos casos, o ponto de divisão entre dois grupos sucessivos [NT.1, 29, n.1].

A distribuição dos grupos de força e a alternância de sílabas proferidas mais rápidas ou mais demoradas, mais fracas ou mais fortes, conforme o que temos em mente expressar, determinam certa cadência do contexto à qual chamamos *ritmo*. *Prosa* e *verso* possuem ritmo. No verso, o ritmo é essencial e específico; na prosa, apresenta-se livre, variando pela iniciativa de quem fala ou escreve12.

Vocábulos tônicos e átonos: os clíticos – Nestes grupos de força certos vocábulos perdem seu acento próprio para unir-se a outro que os segue ou que os precede. Dizemos que tais

vocábulos são *clíticos* (que se inclinam) ou *átonos* (porque se acham destituídos de seu acento vocabular). Aquele vocábulo que, no grupo de força, mantém sua individualidade fonética é chamado *tônico*. Ao conjunto se dá o nome de *vocábulo fonético*: *o rei* /urrey/; *deve estar* /devistar/.

Os clíticos se dizem *proclíticos* se precedem o vocábulo tônico a que se incorporam para constituir o grupo de força:

o∪rei // ele∪disse // bom∪livro // deve∪estar

Dizem enclíticos se vêm depois do vocábulo tônico:

disse-∪me // ei-∪lo // falar-∪lhe

Em português são geralmente átonas e proclíticas as seguintes classes de palavras:

1) artigos (definidos ou indefinidos, combinados ou não com preposição): *o homem // um homem // do livro.*
2) certos numerais: *um livro // três velas // cem homens*.
3) pronomes adjuntos antepostos (demonstrativos, possessivos, indefinidos, interrogativos): *este livro // meu livro // cada dia // que fazer?*
4) pronomes pessoais antepostos: *ele vem // eu disse.*
5) pronomes relativos;
6) verbos auxiliares;
7) certos advérbios: *já vi*, *não posso*, etc.
8) certas preposições: *a*, *de*, *em*, *com*, *por*, *sem*, *sob*, *para*
9) certas conjunções: *e*, *nem*, *ou*, *mas*, *que*, *se*, *como*, etc.

São enclíticas as formas pronominais *me*, *te*, *se*, *nos*, *vos*, *o*, *a*, *os*, *as*, *lhe*, *lhes*, quando pospostas ao vocábulo tônico.

Muitas vezes, uma palavra pode ser átona ou tônica, conforme sua posição no grupo de força a que pertence. Em *o arco desaparece*, o substantivo *arco* é tônico; em *o arco-íris*13, passou a átono proclítico.

Em *grande homem*, *alto mar*, os adjetivos são átonos; em *homem grande*, *mar alto*, já são os substantivos que se atonizam. Em *eu lhe disse*, os dois pronomes pessoais são átonos proclíticos; em *disse-lhe eu*, o pronome *eu* conserva seu acento próprio. Todo este conjunto de fatos são devidos a fenômenos de *fonética sintática*.

Consequência da próclise – Os vocábulos átonos proclíticos, perdendo seu acento próprio para se subordinarem ao do tônico, seguinte, resistem menos à pressa com que são proferidos, e acabam por sofrer reduções no seu volume fonético. Dentre os numerosos exemplos de próclise lembraremos aqui:

a) a passagem de hiato a ditongo, em virtude de uma vogal passar a semivogal (sinérese):

Tuas, normalmente dissilábico, tem de ser proferido com uma sílaba nos seguintes versos de Gonçalves Dias, graças à próclise:

> "E à noite, quando o céu é puro e limpo,
> Teu chão tinges de azul, – *tuas* ondas correm."

Boa (ou *boas*), em próclise, transforma a vogal *o* em semivogal, que chega, na língua popular, a desaparecer:

> "Outros suas terras em *boa* paz regeram
> Armando-as com *boas* leis, e bons preceitos." [AF.1]
> "*bas* noite nhozinho." [L. Cardoso] 14

b) o desaparecimento da vogal da primeira sílaba de um dissílabo; para > pra: Isto é *pra* mim.

c) o desaparecimento da sílaba final de um dissílabo:

1) *santo* > *são* (diante dos nomes começados por consoante): *São* Paulo, *São* Pedro;
2) *cento* > *cem*: *cem* páginas;
3) *grande* > *grã*, *grão*: *grã*-Bretanha, *grão*-vizir;
4) *tanto* > *tão*: *tão* grande;
5) *quanto* > *quão*: *quão* belo

d) outras reduções como *senhor* > *seu*: *seu* João.

Palavras que oferecem dúvidas quanto à posição da sílaba tônica – *Silabada* é o erro de prosódia que consiste na deslocação do acento tônico de uma palavra. Ignorar qual é a sílaba tônica de uma palavra, diz Gonçalves Viana, é ficar na impossibilidade de proferi-la.

Numerosas palavras existem que oferecem dúvidas quanto à posição da sílaba tônica.

São *oxítonas*:

aloés, cateter, Cister, harém, Gibraltar, Gulbenkian, masseter, faz-se mister (= necessário), Nobel, novel, recém, refém, ruim, sutil, ureter.

São *paroxítonas*:

acórdão, âmbar, ambrosia, avaro, aziago, barbaria, cânon, caracteres, cartomancia, ciclope, edito (lei, decreto), Epifania 15, exegese, filantropo, fluido (*ui* ditongo), fortuito (*ui* ditongo), gratuito (*ui* ditongo), ibero, impio (cruel), inaudito, látex, maquinaria, misantropo, necropsia, Normandia, onagro (tb. ônagro), oximoro (tb. oximóron), Pandora, Pólux, pudico, quiromancia, simulacro.

São *proparoxítonas* (incluindo-se os vocábulos terminados por ditongo crescente):

aeródromo, aerólito, álcali, álcool, alcoólatra, *alibi* (lat.), alvíssaras, âmago, amálgama, ambrósia, anátema, andrógino, antídoto, arquétipo, autóctone, barbárie, boêmia, brâmane, cáfila, condômino, crisântemo, década, díptero, écloga, édito (ordem judicial), Éfeso, êmbolo, epíteto, épsilon, escâncaras (às), êxodo, fac-símile, fíbula, idólatra, ímpio (sem fé), ímprobo, ínclito, iníquo, ínterim, máxime ou *maxime* (lat.), ômega, Pégaso, Péricles, Ésquilo, périplo, plêiade (-a), protótipo, Tâmisa, trânsfuga, vândalo.

Palavras que admitem dupla prosódia

acróbata ou acrobata; alópata ou alopata; ambrósia ou ambrosia; crisântemo ou crisantemo; hieróglifo ou hieroglifo; nefelíbata ou nefelibata; Oceânia ou Oceania; ortoépia ou ortoepia; projétil ou projetil; réptil ou reptil; reseda (ê) ou resedá; sóror ou soror; homília ou homilia; geodésia ou geodesia; zângão ou zangão.

D) Ortografia

I – Alfabeto

1) O alfabeto português consta fundamentalmente de vinte e seis letras: *a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v, w, x, y, z*.

II – K, W, Y

2) Empregam-se em abreviaturas e símbolos, bem como em palavras estrangeiras de uso internacional: *K* = potássio; *Kr* = criptônio; *kg* = quilograma; *km* = quilômetro; *kw* = quilowatt; *kwh* = quilowatt-hora; *W* = oeste ou wolfrâmio (tungstênio); *w* = watt; *ws* = watt-segundo; *Y* = ítrio; *yd* = jarda (*yard*, inglês), etc.

3) Os derivados portugueses de nomes próprios estrangeiros devem escrever-se de acordo com as formas primitivas: *frankliniano*, *kantismo*, *darwinismo*, *wagneriano*, *zwinglianista*, *byroniano*, *taylorista*, etc.

4) O *k* é substituído por *qu* antes de *e* e *i* e por *c* antes de outra qualquer letra: *breque*, *caqui*, *faquir*, *níquel*, *caulim*, etc.

5) O *w* substitui-se, em palavras portuguesas ou aportuguesadas, por *u* ou *v*, conforme o seu valor fonético: *sanduíche*, *talvegue*, *visigodo*, etc.

6) O *k* é uma consoante, tal como o *c* antes de *a*, *o*, *u* e o dígrafo *qu* de *quero*. O *w* é uma vogal ou semivogal pronunciado como /u/ em palavras de origem inglesa: *watt-hora*, *whisky*, *waffle*, *Wallace*, *show*. E é consoante como o nosso /v/ em palavras de origem alemã: *Walter*, *Wagner*, *wagneriano*. No nome do célebre naturalista inglês *Darwin* soa como /v/, pronúncia mais geral, ou como /u/. O *y* é um som vocálico pronunciado como /i/ com função de vogal ou semivogal: *yacht* (= certo tipo de embarcação), *yard* (= jarda), *yaki-mono* (= cerâmica japonesa), *yen* (= unidade monetária, e moeda, do Japão), *yenita* (= certo mineral).

III – H

7) Esta letra não é propriamente consoante, mas um símbolo que, em razão da etimologia e da tradição escrita do nosso idioma, se conserva no princípio de várias palavras no fim de algumas interjeições: *haver*, *hélice*, *hidrogênio*, *hóstia*, *humildade*; *hã!*, *hem?*, *puh!*, *ah!*, *ih!*, *oh!*, etc.

OBSERVAÇÃO: Não se escreve com *h* final a interjeição de chamamento ou apelo *ó*: *Ó José, vem aqui!*; *Ó Laura, pare com isso!*

8) No interior do vocábulo, só se emprega em dois casos: quando faz parte do *ch*, do *lh* e do *nh*, que representam fonemas palatais, e nos compostos em que o segundo elemento, com *h* inicial etimológico, se une ao primeiro por meio do hífen: *chave*, *malho*, *rebanho*, *anti-higiênico*, *contra-haste*, *pré-histórico*, *sobre-humano*, etc.

OBSERVAÇÕES: a) Nos compostos sem hífen, elimina-se o *h* do segundo elemento: *anarmônico*, *coabitar*, *coonestar*, *desarmonia*, *exausto*, *inabilitar*, *lobisomem*, *reaver*, etc. b) Nos casos em que não houver perda do som da vogal final do 1.º elemento, e o elemento seguinte começar com *h*, serão usadas as duas formas gráficas: *bi-hebdomadário* e *biebdomadário*; *carbo-hidrato* e *carboidrato*; *zoo-hematina* e *zooematina*; *geo-história* e *geoistória*. Já quando houver perda do som da vogal final do 1.º elemento, consideraremos que a grafia consagrada deve ser mantida: *cloridrato, cloridria, clorídrico, quinidrona, sulfidrila, xilarmônica, xilarmônico*. Devem ficar como estão as palavras que já são de uso consagrado, como *reidratar, reumanizar, reabituar, reabitar, reabilitar* e *reaver*.

9) No futuro do indicativo e no condicional, não se usa o *h* no último elemento, quando há pronome intercalado: *amá-lo-ei*, *dir-se-ia*, etc.

10) Quando a etimologia o não justifica, não se emprega: *arpejo* (substantivo), *ombro*,

ontem, etc. E mesmo que o justifique, não se escreve no fim de substantivos nem no começo de alguns vocábulos que o uso consagrou sem este símbolo, *andorinha*, *erva*, *felá*, *inverno*, etc.

11) Não se escreve *h* depois de *c* (salvo o disposto no n.º 8) nem depois de *p*, *r* e *t*: o *ph* é substituído por *f*, o *ch* (gutural) por *qu* antes de *e* ou *i* e por *c* antes de outra qualquer letra: *corografia*, *cristão*; *querubim*, *química*; *farmácia*, *fósforo*; *retórica*, *ruibarbo*; *teatro*, *turíbulo*, etc.

IV – Consoantes mudas

12) Não se escrevem as consoantes que se não proferem: *asma*, *assinatura*, *ciência*, *diretor*, *ginásio*, *inibir*, *inovação*, *ofício*, e não *asthma*, *assignatura*, *sciencia*, *director*, *gymnasio*, *inhibir*, *innovação*, *officio*. E conservam-se as consoantes nos casos em que são invariavelmente proferidas nas pronúncias cultas da língua: compacto, convicção, ficção; adepto, apto, etc.

OBSERVAÇÃO: Escreve-se, porém, o *s* em palavras como *descer*, *florescer*, *nascer*, etc., e o *x* em vocábulos como *exceto*, *excerto*, etc., apesar de nem sempre se pronunciarem essas consoantes.

13) Em sendo mudo o *p* no grupo *mpc* ou *mpt*, escreve-se *nc* ou *nt*: *assuncionista*, *assunto*, *presunção*, *prontificar*, etc.

14) Em vocábulos cujas consoantes facultativamente se pronunciam, escreve-se preferencialmente o de uso mais generalizado. Assim, serão consignados, além de outros, estes: *aspecto* e *aspeto*, *característico* e *caraterístico*, *circunspecto* e *circunspeto*, *contacto* e *contato*, *corrupção* e *corrução*, *corruptela* e *corrutela*, *dactilografia* e *datilografia*, *expectativa* e *expetativa*, *optimismo* e *otimismo*, *respectivo* e *respetivo*, *secção* e *seção*, *sinóptico* e *sinótico*, *sumptuoso* e *suntuoso*, *tacto* e *tato*. Escreve-se *Egito*, mas *egípcio*, por ser neste último pronuciado o *p*.

V – SC

15) Elimina-se o *s* do grupo inicial *sc*: *cena*, *cenografia*, *ciência*, etc.

16) Os compostos dessa classe de vocábulos, quando são formados em nossa língua, são escritos sem o *s* antes do *c*: *anticientífico*, *contracenar*, *encenação*, etc.; mas, quando vieram já formados para o vernáculo, conservam o *s*: *consciência*, *cônscio*, *imprescindível*, *prescindir*, *rescindir*, *rescisão*, etc.

VI – Letras dobradas

17) Escrevem-se *rr* e *ss* quando, entre vogais, representam os sons simples do *r* e *s* iniciais; e *cc* ou *cç* quando o primeiro soa distintamente do segundo: *carro*, *farra*, *massa*, *passo*; *convicção*, *occipital*, etc.

18) Duplicam-se o *r* e o *s* todas as vezes que a um elemento de composição terminado em vogal se segue, sem interposição do hífen, palavra começada por uma daquelas letras: *arritmia*, *corréu, prerrogativa*, *pressentir*, *ressentimento*, *sacrossanto*, etc.

VII – Vogais nasais

19) As vogais nasais são representadas no fim dos vocábulos por *ã* (*ãs*), *im* (*ins*), *om* (*ons*), *um* (*uns*): *afã*, *cãs*, *flautim*, *folhetins*, *semitom*, *tons*, *tutum*, *zum-zuns*, etc.

20) O *ã* pode figurar na sílaba tônica, pretônica ou átona: *ãatá*, *cristãmente*, *irmãmente*, *maçã*, *manhãzinha*, *órfã*, *romãzeira*, etc.

21) Quando aquelas vogais são iniciais ou mediais, a nasalidade é expressa por *m* antes do *b* e *p*, e por *n* antes de outra qualquer consoante: *ambos*, *campo*; *contudo*, *enfim*, *enquanto*, *homenzinho*, *nuvenzinha*, *vintenzinho*, etc.

VIII – Ditongos

22) Os ditongos orais escrevem-se com a subjuntiva *i* ou *u*: *aipo*, *cai*, *cauto*, *degraus*, *dei*, *fazeis*, *ideia*, *mausoléu*, *neurose*, *retorquiu*, *rói*, *sois*, *sou*, *souto*, *uivo*, *usufrui*, etc.

OBSERVAÇÃO: Escrevem-se com *i*, e não com *e*, a forma verbal *fui*, a 2.ª e 3.ª pess. do sing. do pres. do ind. e a 2.ª do sing. do imper. dos verbos terminados em *uir*: *aflui*, *fruis*, *retribuis*, etc.

23) O ditongo *ou* alterna, em numerosos vocábulos, com *oi*: *balouçar* e *baloiçar*, *calouro* e *caloiro*, *dourar* e *doirar*, etc. Escreve-se, preferencialmente, o de uso mais generalizado.

24) Escrevem-se assim os ditongos nasais: *ãe*, *ãi*, *ão*, *am*, *em*, *en*(*s*), *õe*, *ui* (proferido *ũi*): *mãe*, *pães*, *cãibra*, *acórdão*, *irmão*, *leãozinho*, *amam*, *bem*, *bens*, *devem*, *põe*, *repões*, *muito*, etc.

OBSERVAÇÕES:

a) Dispensa-se o til do ditongo nasal *ui* em *mui* e *muito*.

b) Com o ditongo nasal *ão* se escrevem os monossílabos, tônicos ou não, e os polissílabos oxítonos: *cão*, *dão*, *não*, *quão*; *então*, *irmão*, *viverão*, etc.

c) Também se escrevem com o ditongo *ão* os substantivos e adjetivos paroxítonos, acentuando-se, porém, a sílaba tônica: *órfão*, *órgão*, *sótão*, etc.

d) Nas formas verbais anoxítonas se escreve *am*: *amaram*, *deveram*, *partiram*, etc.

e) Com o ditongo nasal *ãe* se escrevem os vocábulos oxítonos e os seus derivados; e os anoxítonos primitivos grafam-se com o ditongo *ãi*: *capitães*, *mães*, *pãezinhos*; *cãibo*, *zãibo*, etc.

f) O ditongo nasal *e)i*(*s*) escreve-se *em* ou *en*(*s*) assim nos monossílabos como nos polissílabos de qualquer categoria gramatical: *bem*, *convém*, *convéns*, *virgem*, *virgens*, etc.

25) Os encontros vocálicos átonos e finais que podem ser pronunciados como ditongos crescentes escrevem-se da seguinte forma: *ea* (áurea), *eo* (cetáceo), *ia* (colônia), *ie* (espécie), *io* (exímio), *oa* (nódoa), *ua* (contínua), *ue* (tênue), *uo* (tríduo), etc.

IX – Hiatos

26) A 1.ª, 2.ª, 3.ª pess. do sing. do pres. do subj. e a 3.ª pess. do sing. do imper. dos verbos em *oar* escrevem-se com *oe* e não *oi*: *abençoe*, *amaldiçoes*, *perdoe*, etc.

27) As três pessoas do sing. do pres. do subj. e a 3.ª do sing. do imper. dos verbos em *uar* escrevem-se com *eu*, e não *ui*: *cultue*, *habitues*, etc.

X – Parônimos e vocábulos de grafia dupla

28) Deve-se fazer a mais rigorosa distinção entre os vocábulos parônimos e os de grafia dupla que se escrevem com *e* ou com *i*, com *o* ou com *u*, com *c* ou *q*, com *ch* ou *x*, com *g* ou *j*, com *s*, *ss* ou *c*, *ç*, com *s* ou *x*, com *s* ou *z*, e com os diversos valores do *x*:

1.°) com *i* ou com *e*: *acriano*, *camoniano*, *torriense* (em vez das antigas *acreano*, *camoneano*, *torreense*); *coreano*, *daomeano*, *guineense*.

2.°) com *o* ou com *u*: *frágua*, *lugar*, *mágoa*, *manuelino*, *polir*, *tribo*, *urdir*, *veio* (verbo ou substantivo), etc.

3.°) com *c* ou *q*: *quatorze* (seguido de *catorze*), *cinquenta*, *quociente* (seguido do *cociente*), etc.

4.°) com *ch* ou *x*: *anexim*, *bucha*, *charque*, *chimarrão*, *faxina*, *flecha*, *tachar* (= notar; censurar), *taxar* (= determinar a taxa; regular), etc.

5.°) com *g* ou *j*: *estrangeiro*, *jenipapo*, *genitivo*, *gíria*, *jeira*, *jeito*, *jiboia*, *jirau*, *laranjeira*, *lojista*, *majestade*, *viagem* (s.f.), *viajem* (do verbo *viajar*), etc.

6.°) com *s*, *ss* ou *c*, *ç*: *ânsia*, *anticéptico*, *boça* (= cabo de navio), *bossa* (= protuberância; aptidão), *bolçar* (= vomitar), *bolsar* (= fazer bolsos), *caçula*, *censual* (= relativo a censo), *sensual* (= lascivo), etc.

OBSERVAÇÃO: Não se emprega *ç* em início de palavras.

7.°) com *s* ou *x*: *espectador* (= testemunha), *expectador* (= pessoa tem esperança), *experto* (= perito; experimentado), *esperto* (= ativo; acordado), *esplêndido*, *esplendor*, *extremoso*, *flux* (= na locução *a flux*), *justafluvial*, *justapor*, *misto*, etc.

8.°) com *s* ou *z*: *alazão*, *alcaçuz* (= planta), *alisar* (= tornar liso), *alizar* (s.m.), *anestesiar*, *autorizar*, *bazar*, *coliseu*, *comezinho*, *cortês*, *dissensão*, *empresa*, *esfuziar*, *esvaziamento*, *frenesi* (seguido de *frenesim*), *guizo* (s.m.), *irisar* (= dar as cores do íris a), *irizar* (= atacar [o iriz] o cafezeiro), *narcisar-se*, *obséquio*, *prioresa*, *rizotônico*, *sacerdotisa*, *tapiz*, *trânsito*, *xadrez*, etc.

OBSERVAÇÕES:

a) É sonoro o *s* de *obséquio* e seus derivados, bem como o do prefixo *trans*, em se lhe seguindo vogal; quando, porém, a esse prefixo se segue palavra iniciada por *s*, só se escreve um, que se profere como se fora dobrado: *obsequiar* (ze), *transoceânico* (zo), *transecular* (se), *transubstanciação* (su); etc.

b) No final de sílaba átona, seja no interior, seja no fim do vocábulo, emprega-se o *s* em lugar do *z*: *asteca*, *endes*, *mesquita*, etc.

29) O *x* continua a escrever-se com os seus cinco valores, bem como nos casos em que pode ser mudo, como em *exceto*, *excerto*, etc. Tem, pois, o som de:

1.°) *ch*, no princípio e o no interior de muitas palavras: *xerife*, *xícara*, *ameixa*; *enxoval*, etc.

2.°) *cs*, no meio e no fim de várias palavras: *anexo*, *látex*, *tórax*, etc.

3.°) *z*, quando ocorre no prefixo *exo*, ou *ex* seguido de vogal: *exame*, *êxito*, *êxodo*, *exosmose*, *exotérmico*, etc.

4.°) *ss*: *aproximar*, *auxiliar*, *máximo*, *proximidade*, *sintaxe*, etc.

5.°) *s* final de sílaba: *contexto*, *fênix*, *pretextar*, *sexto*, *textual*, etc.

30) No final de sílabas iniciais e interiores se deve empregar o *s* em vez do *x*, quando não o precede a vogal *e*: *justafluvial*, *justaposição*, *misto*, *sistino*, etc.

31) Adotaremos a grafia que seja mais conforme à etimologia do vocábulo e à sua história, mas que esteja em harmonia com a prosódia geral dos brasileiros, nem sempre idêntica à lusitana. P.ex.: *judô* (no Br.) e *judo* (em Port.); *metrô* (no Br.) e *metro* (em Port.); *pônei* (no Br.) e *pónei* (em Port.).

XI – Nomes próprios

32) Os nomes próprios personativos, locativos e de qualquer natureza, sendo portugueses ou aportuguesados, estão sujeitos às mesmas regras estabelecidas para os nomes comuns.

33) Para salvaguardar direitos individuais, quem o quiser manterá em sua assinatura a forma consuetudinária. Poderá também ser mantida a grafia original de quaisquer firmas, sociedades, títulos e marcas que se achem inscritos em registro público.

OBSERVAÇÃO: Não sendo o próprio que assine o nome com a grafia e a acentuação do modo como foi registrado, a indicação do seu nome obedecerá às regras estabelecidas pelo sistema ortográfico vigente: *Fundação Casa de Rui Barbosa* (o notável jurista baiano assinava *Ruy*).

34) Os topônimos de origem estrangeira devem ser usados com as formas vernáculas de uso vulgar; e quando não têm formas vernáculas, transcrevem-se consoante as normas estatuídas pela Conferência de Geografia de 1926 que não contrariarem os princípios estabelecidos aqui.

35) Os topônimos de tradição histórica secular não sofrem alteração alguma na sua grafia, quando já esteja consagrada pelo consenso diuturno dos brasileiros. Sirva de exemplo o topônimo *Bahia*, que conservará esta forma quando se aplicar em referência ao Estado e à cidade que têm esse nome.

OBSERVAÇÃO: Os compostos e derivados desses topônimos obedecerão às normas gerais do vocabulário comum.

XII – Acentuação gráfica

Ver *Regras de acentuação*.

XIII – Apóstrofo

36) Limita-se o emprego do apóstrofo aos seguintes casos:

1.°) Indicar a supressão de uma letra ou letras no verso, por exigência da metrificação: *c'roa*, *esp'rança*, *of'recer*, *'star*, etc.

2.°) Reproduzir certas pronúncias populares: *'tá*, *'teve*, etc.

3.°) Indicar a supressão da vogal, já consagrada pelo uso, em certas palavras compostas ligadas pela preposição *de*: *copo-d'água* (= planta, lanche), *galinha-d'água*, *mãe-d'água*, *pau-d'água* (= árvore, ébrio), etc.

OBSERVAÇÃO: Restringindo-se o emprego do apóstrofo a esses casos, cumpre não se use dele em nenhuma outra hipótese. Assim, não será empregado:

a) nas contrações das preposições *de* e *em* com artigos, adjetivos ou pronomes demonstrativos, indefinidos, pessoais e com alguns advérbios: *dum*, *duma* (a par de *de um*, *de uma*), *num*, *numa* (a par de *em um*, *em uma*); *dalgum*, *dalguma* (a par de *de algum*, *de alguma*); *doutro*, *noutro* (a par de *de outro*, *em outro*); *dele*, *dela*, *nele*, *nela*; *deste*, *desta*, *neste*, *nesta*, *daquele*, *daquela*, *naquele*, *naquela*; *disto*, *nisto*, *daquilo*, *naquilo*; *daqui*, *daí*, *dacolá*, *donde*, *dantes*, *dentre*; etc.

b) nas combinações dos pronomes pessoais; *mo*, *ma*, *mos*, *mas*, *to*, *ta*, *tos*, *tas*, *lho*, *lha*, *lhos*, *lhas*, *no-lo*, *no-los*, *no-la*, *no-las*, *vo-lo*, *vo-la*, *vo-los*, *vo-las*.

c) nas expressões vocabulares que se tornaram unidades fonéticas e semânticas: *dessarte*, *destarte*, *homessa*, *tarrenego*, *tesconjuro*, *vivalma*, etc.

d) nas expressões de uso constante e geral na linguagem vulgar: *co*, *coa*, *ca*, *cos*, *cas*, *coas* (= com o, com a, com os, com as), *plo*, *pla*, *plos*, *plas* (= pelo, pela, pelos, pelas), *pra* (= para), *pro*, *pra*, *pros*, *pras* (= para o, para a, para os, para as), etc.

XIV – Hífen

37) Nos compostos

1.º) Emprega-se o hífen nos compostos sem elemento de ligação quando o 1.º termo, por extenso ou reduzido, está representado por forma substantiva, adjetiva, numeral ou verbal: *ano-luz*, *arco-íris*, *decreto-lei*, *és-sueste*, *joão-ninguém*, *médico-cirurgião*, *mesa-redonda*, *rainha-cláudia*, *tenente-coronel*, *tio-avô*, *zé-povinho*, *afro-asiático*, *afro-luso-brasileiro*, *azul-escuro*, *amor-perfeito*, *boa-fé*, *forma-piloto*, *uarda-noturno*, *luso-brasileiro*, *má-fé*, *mato-grossense*, *norte-americano*, *seu-vizinho* (dedo anelar), *social-democracia*, *sul-africano*, *verbo-nominal*, *primeiro-ministro*, *segunda-feira*, *conta-gotas*, *finca-pé*, *guarda-chuva*, *vaga-lume*, *porta-aviões*, *porta-retrato*.

OBSERVAÇÕES:

a) As formas empregadas adjetivamente do tipo *afro-, anglo-, euro-, franco-, indo-, luso-, sino-* e assemelhadas continuarão a ser grafadas **sem hífen** em empregos em que só há uma etnia: *afrodescendente, anglofalante, anglomania, eurocêntrico, eurodeputado, lusofonia, sinologia*, etc. Porém escreve-se com hífen quando houver mais de uma etnia: *afro-brasileiro, anglo-saxão, euro-asiático,* etc.

b) Com o passar do tempo, alguns compostos perderam a noção de composição, e passaram a se escrever aglutinadamente, como é o caso de: *girassol, madressilva, pontapé,* etc. Já se escrevem aglutinados: *paraquedas, paraquedistas* (e afins, *paraquedismo*, *paraquedístico*) e *mandachuva*.

Os outros compostos com a forma verbal *para-* seguirão sendo separados por hífen conforme a tradição lexicográfica: *para-brisa(s), para-choque, para-lama(s)*, etc.

Os outros compostos com a forma verbal *manda-* seguirão sendo separados por hífen conforme a tradição lexicográfica: *manda-lua*, *manda-tudo*.

A tradição ortográfica também usa o hífen em outras combinações vocabulares: *abaixo-assinado*, *assim-assim*, *ante-à-ré*, *ave-maria*, *salve-rainha*.

Os compostos formados com elementos repetidos, com ou sem alternância vocálica ou consonântica, por serem compostos representados por formas substantivas sem elemento de ligação, ficarão: *blá-blá-blá*, *lenga-lenga*, *reco-reco*, *tico-tico, zum-zum-zum*, *pingue-pongue*, *tique-taque, trouxe-mouxe, xique-xique* (= chocalho; cf. *xiquexique* = planta), *zás-trás, zigue-zague*, etc. Os derivados, entretanto, não serão hifenados: *lengalengar, ronronar, zunzunar*, etc. Não se separam por hífen as palavras com sílaba reduplicativa oriundas da linguagem infantil: *babá, titio, vovó, xixi,* etc.

Serão escritos **com hífen** os compostos entre cujos elementos há o emprego do apóstrofo: *cobra-d'água*, *mãe-d'água, mestre-d'armas, olho-d'água,* etc.

2.º) Emprega-se o hífen nos compostos sem elemento de ligação quando o 1.º elemento está representado pelas formas *além, aquém, recém, bem* e *sem*: *além-Atlântico, além-mar, aquém-Pireneus, recém-casado, recém-nascido, bem-estar, bem-humorado, bem-dito, bem-dizer, bem-vestido, bem-vindo, sem-cerimônia, sem-vergonha*, *sem-terra.*

OBSERVAÇÃO: Em muitos compostos o advérbio *bem* aparece aglutinado ao segundo elemento, quer este tenha ou não vida à parte quando o significado dos termos é alterado: *bendito* (=abençoado), *benfazejo*, *benfeito* [subst.] (=benefício); cf. *bem-feito* [adj.] = feito com capricho, harmonioso, e *bem-feito*! [interj.], *benfeitor, benquerença* e afins: *benfazer*, *benfeitoria, benquerer, benquisto, benquistar*.

3.º) Emprega-se o hífen nos compostos sem elemento de ligação quando o 1.º elemento está representado pela forma *mal* e o 2.º elemento começa por *vogal*, *h* ou *l*: *mal-afortunado, mal-entendido, mal-estar, mal-humorado, mal-informado, mal-limpo*. Porém: *malcriado, malgrado, malvisto*, etc.

OBSERVAÇÃO: *Mal* com o significado de 'doença' grafa-se com hífen: *mal-caduco* (= epilepsia), *mal-francês* (= sífilis), desde que não haja elemento de ligação. Se houver, não se usará hífen: *mal de Alzheimer*.

4.º) Emprega-se o hífen nos nomes geográficos compostos pelas formas *grã*, *grão*, ou por forma verbal ou, ainda, naqueles ligados por artigo: *Grã-Bretanha, Abre-Campo*, *Passa-Quatro*, *Quebra-Costas*, *Traga-Mouro*, *Baía de Todos-os-Santos*, *Entre-os-Rios*, *Montemor-o-Novo*, *Trás-os-Montes*.

OBSERVAÇÕES:

a) Os outros nomes geográficos compostos escrevem-se com os elementos separados, sem o hífen: *América do Sul, Belo Horizonte, Cabo Verde, Castelo Branco, Freixo de Espada à Cinta* , etc. Os topônimos *Guiné-Bissau* e *Timor-Leste* são, contudo, exceções consagradas.

b) Serão hifenizados os adjetivos gentílicos (ou seja, adjetivos que se referem ao lugar onde se nasce) derivados de nomes geográficos compostos que contenham ou não elementos de ligação: *belo-horizontino, mato-grossense-do-sul*, *juiz-forano, cruzeirense-do-sul, alto-rio-docense*.

c) Escreve-se com hífen *indo-chinês*, quando se referir à Índia e à China, ou aos indianos e chineses, diferentemente de *indochinês* (sem hífen), que se refere à Indochina.

5.º) Emprega-se o hífen nos compostos que designam espécies botânicas (planta e fruto) e zoológicas, estejam ou não ligadas por preposição ou qualquer outro elemento: *abóbora-menina*, *andorinha-do-mar*, *andorinha-grande*, *bem-me-quer* (mas *malmequer*), *bem-te-vi*, *bênção-de-deus*, *cobra-capelo*, *couve-flor*, *dente-de-cão*, *erva-doce*, *erva-do-chá*, *ervilha-de-cheiro*, *feijão-verde*, *formiga-branca*, *joão-de-barro*, *lesma-de-conchinha.*

OBSERVAÇÃO: Os compostos que designam espécies botânicas e zoológicas grafados com hífen pela norma acima não serão hifenizados quando tiverem aplicação diferente dessas espécies. Por exemplo: *bola-de-neve* (com hífen) com o significado de 'arbusto europeu', e *bola de neve* (sem hífen) significando 'aquilo que toma vulto rapidamente'; *bico-de-papagaio* (com hífen) referindo-se à planta e *bico de papagaio* (sem hífen) com o significado de 'nariz adunco'; *mata-cobra* (com hífen) referindo-se a inseto, e *mata cobra* (sem hífen) referindo-se a certo tipo de bastão; *não-me-toques* (com hífen) quando se refere a certas espécies de plantas, e *não me toques* (sem hífen) com o significado de 'melindres'.

38) Nas locuções:

Não se emprega o hífen nas locuções, sejam elas substantivas, adjetivas, pronominais, adverbiais, prepositivas ou conjuncionais, salvo algumas exceções já consagradas pelo uso (como é o caso de *água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao deus-dará, à queima-roupa*). Vale lembrar que, se na locução há algum elemento que já tenha hífen, será conservado este sinal: *à trouxe-mouxe, cara de mamão-macho, bem-te-vi de igreja*. Sirvam, pois, de exemplo de emprego **sem hífen** as seguintes locuções: a) Locuções substantivas: *cão de guarda, fim de semana, fim de século, sala de jantar*; b) Locuções adjetivas: *cor de açafrão, cor de café com leite, cor de vinho*; c) Locuções pronominais: *cada um, ele próprio, nós mesmos, quem quer que seja*; d) Locuções adverbiais: *à parte* (diferentemente do substantivo *aparte*), *à vontade, de mais* (locução que se contrapõe a *de menos*; escreve-se junto *demais* quando é advérbio ou pronome), *depois de*

amanhã, em cima, por isso; e) Locuções prepositivas: *abaixo de, acerca de, acima de, a fim de, a par de, à parte de, apesar de, aquando de, debaixo de, enquanto a, por baixo de, por cima de, quanto a*; f) Locuções conjuncionais: *a fim de que, ao passo que, contanto que, logo que, visto que*.

OBSERVAÇÕES:

a) Expressões com valor de substantivo, do tipo *deus nos acuda, salve-se quem puder, um faz de contas, um disse me disse*, *um maria vai com as outras*, *bumba meu boi, tomara que caia*, *aqui del rei*, devem ser grafadas sem hífen. Da mesma forma serão usadas sem hífen locuções como: *à toa* (adjetivo e advérbio), *dia a dia* (substantivo e advérbio), *arco e flecha*, *calcanhar de aquiles*, *comum de dois*, *general de divisão*, *tão somente*, *ponto e vírgula*.

b) Não se emprega o hífen nas locuções latinas usadas como tais, não substantivadas ou aportuguesadas: *ab initio, ab ovo, ad immortalitatem, ad hoc, data venia, de cujus, carpe diem, causa mortis, habeas corpus, in octavo, pari passu, ex libris*. Mas: o *ex-libris,* o *habeas-corpus, in-oitavo,* etc.

39) Nas sequências de palavras:

Emprega-se o hífen para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando não propriamente vocábulos, mas encadeamentos vocabulares, tipo: a divisa *Liberdade-Igualdade-Fraternidade*, a ponte *Rio-Niterói*, o percurso *Lisboa-Coimbra-Porto*, a ligação *Angola-Moçambique* e nas combinações históricas ou até mesmo ocasionais de topônimos, tipo: *Áustria-Hungria, Alsácia-Lorena, Angola-Brasil, Tóquio-Rio de Janeiro*, etc.

40) Nas formações com prefixos:

1.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por vogal igual à que inicia o 2.º elemento: *anti-infeccioso*, *anti-inflamatório*, *contra-almirante*, *eletro-ótica*, *entre-eixo*, *infra-axilar*, *micro-onda*, *neo-ortodoxo*, *semi-interno*, *sobre-elevar*, *sobre-estadia*, *supra-auricular*.

OBSERVAÇÕES:

a) Incluem-se neste princípio geral todos os prefixos terminados por vogal: *agro-* (= terra), *albi-, alfa-*, *ante-, anti-, ântero-, arqui-*, *áudio-*, *auto-, bi-, beta-, bio-, contra-, eletro-, euro-, ínfero-, infra-, íntero-, iso-, macro-, mega-, multi-, poli-, póstero-, pseudo-, súpero-, neuro-, orto-, sócio-,* etc.

Então, se o 1º elemento terminar por vogal diferente daquela que inicia o 2º elemento, escreve-se junto, sem hífen: *anteaurora*, *antiaéreo*, *aeroespacial*, *agroindustrial*, *autoajuda*, *autoaprendizagem*, *autoestrada*, *contraescritura*, *contraindicação*, *contraofensiva*, *extraescolar*, *extraoficial*, *extrauterino*, *hidroelétrico*, *infraestrutura*, *infraordem*, *intrauterino*, *neoafricano*, *neoimperialista*, *plurianual*, *protoariano*, *pseudoalucinação*, *pseudoepígrafe*, *retroalimentação*, *semiárido*, *sobreaquecer*, *socioeconômico*, *supraesofágico*, *supraocular*, *ultraelevado*.

b) O encontro de vogais diferentes tem facilitado a supressão da vogal final do 1.º elemento ou da vogal inicial do 2.º: *eletr**a**cústico*, ao lado de *eletr**oa**cústico*, e *arter**io**sclerose*. Recomendamos que se evitem essas supressões, a não ser nos casos já correntes ou dicionarizados.

c) O encontro de vogais iguais tem facilitado o aparecimento de formas reais ou potencialmente possíveis com a fusão dessas vogais, do tipo de *alfaglutinação*, ao lado de *alfa-aglutinação*; *ovadoblongo*, ao lado de *ovado-oblongo*. Para atender à regra geral de hifenizar o encontro de vogais iguais, é preferível evitar estas fusões no uso corrente, a não ser nos casos em que elas se mostram naturais, e não forçadas, como ocorre em *telespectador* (e não *tele-espectador*), *radiouvinte* (e não *rádio-ouvinte*).

d) Nas formações com os prefixos *co-*, *pro-, pre-* e *re-*, estes unem-se ao segundo elemento, mesmo quando iniciado por *o* ou *e*: *coabitar, coautor, coedição, coerdeiro, coobrigação, coocupante, coordenar, cooperação, cooperar, coemitente, coenzima, cofator, cogerente, cogestão, coirmão* ; *comandante*, *proativo, procônsul, propor, proembrião, proeminente* ; *preeleito* (ou *pré-eleito*), *preembrião* (ou *pré-embrião*), *preeminência, preenchido, preesclerose* (ou *pré-esclerose*), *preestabelecer, preexistir; reedição, reedificar, reeducação, reelaborar, reeleição, reenovelar, reentrar, reescrita, refazer, remarcar*.

2.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por consoante igual à que inicia o 2.º

elemento: *ad-digital*, *inter-racial*, *sub-base*, *super-revista*, etc.

OBSERVAÇÃO: Formas como *abbevilliano*, *addisoniano*, *addisonismo, addisonista* se prendem a nomes próprios estrangeiros: *Abbeville, Addison*.

3.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina acentuado graficamente, *pós-*, *pré-*, *pró-*: *pós-graduação, pós-tônico*; *pré-datado, pré-escolar, pré-história, pré-natal, pré-requisito*; *pró-africano, pró-europeu*.

OBSERVAÇÃO: Pode haver, em certos usos, alternância entre *pre-* e *pré-, pos-* e *pós-*; neste último caso, deve-se usar o hífen: *preesclerótico* ou *pré-esclerótico, postônico* ou *pós-tônico*.

4.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por *m* ou *n* e o 2.º elemento começa por *vogal*, *h*, *m* ou *n: circum-escolar*, *circum-hospitalar*, *circum-murado*, *circum-navegação*, *pan-africano*, *pan-americano*, *pan-harmônico*, *pan-hispânico*, *pan-mágico*, *pan-negritude.*

5.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento é um dos prefixos *ex-* (anterioridade ou cessação), *sota-*, *soto-*, *vice-*, *vizo-*: *ex-almirante*, *ex-diretor*, *ex-presidente*, *sota-almirante, sota-capitão*, *sota-vento*, *soto-almirante*, *soto-pôr* (mas *sobrepor*), *vice-presidente*, *vice-reitor*, *vizo-rei*.

OBSERVAÇÃO: Vimos que o verbo *pôr* não perde o acento gráfico (para se distinguir da preposição *por*). E mesmo em formas compostas como *soto-pôr*, ele continuará acentuado.

6.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por *vogal*, *r* ou *b* e o 2.º elemento se inicia por *h*: *adeno-hipófise*, *abdômino-histerotomia*, *anti-herói*, *anti-hemorrágico*, *arqui-hipérbole*, *auto-hipnose*, *beta-hemolítico*, *bi-hidroquinona*, *bio-histórico*, *contra-haste*, *di-hibridismo*, *entre-hostil*, *foto-heliografia*, *geo-história*, *giga-hertz*, *hétero-hemorragia*, *hiper-hidrose*, *infra-hepático*, *inter-hemisférico*, *poli-hídrico*, *semi-histórico*, *sobre-humano*, *sub-hepático*, *sub-humano*, *super-homem*, *tri-hídrico*.

OBSERVAÇÕES:

a) Nos casos em que não houver perda do som da vogal final do 1.º elemento, e o elemento seguinte começar com *h*, serão usadas as duas formas gráficas: *carbo-hidrato* e *carboidrato*; *zoo-hematina* e *zooematina*. Já quando houver perda do som da vogal final do 1.º elemento, consideraremos que a grafia consagrada deve ser mantida: *cloridrato, cloridria, clorídrico, quinidrona, sulfidrila, xilarmônica, xilarmônico*. Devem ficar como estão as palavras que, fugindo a este princípio, já são de uso consagrado, como *reidratar, reumanizar, reabituar, reabitar, reabilitar* e *reaver*.

b) Não se emprega o hífen com prefixos *des-* e *in-* quando o 2.º elemento perde o *h* inicial: *desumano, inábil, inumano, etc*.

c) Embora não tratado no Acordo, pode-se incluir neste caso o prefixo *an-* (p.ex.: *anistórico, anepático, anidrido*). Na sua forma reduzida *a-*, quando seguido de *h*, a tradição manda hifenizar e conservar o *h* (p.ex.: *a-histórico, a-historicidade*).

d) Não se emprega o hífen com as palavras *não* e *quase* com função prefixal: *não agressão, não beligerante, não fumante; quase delito, quase equilíbrio, quase domicílio,* etc.

e) Não há razão plausível que defenda a grafia *biidroquinona* ao lado de *bi-iodeto*, por este não ter *h* inicial. Foi o mesmo princípio que nos fez optar por *poli-hídrico* (em vez de *poliídrico*) e *poli-hidrite* (em vez de *poliidrite*).

7.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por *b* (*ab-, ob-, sob-, sub-*) ou *d* (*ad-*) e o 2.º elemento começa por *r*: *ab-rupto, ad-renal*, *ad-referendar, ob-rogar, sob-roda, sub-reitor, sub-reptício, sub-rogar*.

OBSERVAÇÃO: *Adrenalina*, *adrenalite* e afins já são exceções consagradas pelo uso. *Ab-rupto* é preferível a *abrupto*.

8.º) Quando o 1.º elemento termina por vogal e o 2.º elemento começa por *r* ou *s*, não se usa hífen, e estas consoantes devem duplicar-se, prática já adotada, também em palavras deste tipo pertencentes aos domínios científico e técnico: *antessala*, *antirreligioso*, *antissocial*, *autorregulamentação*, *biorritmo*, *biossatélite*, *contrarregra*, *contrassenha*, *cosseno*, *ele-*

trossiderurgia, *extrarregular*, *infrassom*, *macrorregião*, *microssistema*, *minissaia*, *multissegmentado*, *neorromano*, *protossatélite*, *pseudossigla*, *semirrígido*, *sobressaia*, *suprarrenal*, *ultrassonografia*.

41) Nas formações com sufixo

Emprega-se hífen apenas nas palavras terminadas por sufixos de origem tupi-guarani que representam formas adjetivas, como *-açu* (= grande), *-guaçu* (= grande), *-mirim* (= pequeno), quando o 1.º elemento termina por vogal acentuada graficamente ou quando a pronúncia exige a distinção gráfica dos dois elementos: *amoré-guaçu, anajá-mirim, andá-açu, capim-açu, Ceará-Mirim*.

42) O hífen nos casos de ênclise, mesóclise (tmese) e com o verbo haver

1.º) Emprega-se o hífen na ênclise e na mesóclise: *amá-lo, dá-se, deixa-o, partir-lhe; amá-lo-ei, enviar-lhe-emos*.

2.º) Não se emprega o hífen nas ligações da preposição *de* às formas monossilábicas do presente do indicativo do verbo *haver*: *hei de, hás de, hão de*, etc.

OBSERVAÇÕES:

a) Embora estejam consagradas pelo uso as formas verbais *quer* e *requer*, dos verbos *querer* e *requerer*, ao lado de *quere* e *requere*, estas últimas formas conservam-se, no entanto, nos casos de ênclise: *quere-o(s), requere-o(s)*.

Nestes contextos, as formas (legítimas, aliás) *qué-lo* e *requé-lo* são pouco usadas. *Quere* e *requere* são formas correntes entre portugueses; a primeira, a partir de 1904.

b) Usa-se também o hífen nas ligações de formas pronominais enclíticas ao advérbio *eis* (*eis-me, ei-lo*) e ainda nas combinações de formas pronominais do tipo *no-lo* (nos + o), *no-las* (nos + as), quando em próclise ao verbo (por exemplo: *Esperamos que no-lo comprem*).

XV – O trema

43) O trema não é usado em palavras portuguesas ou aportuguesadas, como: *aguentar, anguiforme, arguir, bilíngue, lingueta, linguista, linguístico, cinquenta, equestre, frequentar, tranquilo, ubiquidade*.

OBSERVAÇÕES:

a) O trema ocorre em palavras derivadas de nomes próprios estrangeiros que o possuem: *hübneriano*, de *Hübner*, *mülleriano*, de *Müller*, etc.

b) O trema poderá ser usado para indicar, quando for necessário, a pronúncia do *u* em vocabulários ortográficos e dicionários: *lingueta* (gü), *líquido* (qü ou qu), *linguiça* (gü), *equidistante* (qü ou qu).

c) Com o fim do trema em palavras portuguesas ou aportuguesadas, não houve modificação na pronúncia dessas palavras.

XVI – Acento grave

44) Emprega-se o acento grave nos casos de crase e aqueles indicados em **Emprego do à acentuado**.

1.º) Na contração da preposição *a* com as formas femininas do artigo *o* ou pronome demonstrativo *o*: *à* (de *a*+*a*), *às* (de *a*+*as*).

2.º) Na contração da preposição *a* com o *a* inicial dos demonstrativos *aquele*, *aquela*, *aqueles*, *aquelas*, e *aquilo* ou ainda da mesma preposição com compostos *aqueloutro* e suas flexões: *àquele*(*s*), *àquela*(*s*), *àquilo*, *àqueloutro*(*s*), *àqueloutras*(*s*).

3.º) Na contração da preposição *a* com os pronomes relativos *a qual*, *as quais*: *à qual*, *às*

quais.

XVII – Supressão dos acentos em palavras derivadas

45) Ocorre:

1.º) Nos advérbios em *-mente*, oriundos de adjetivos com acento agudo ou circunflexo: *avidamente* (de *ávido*), *debilmente* (de *débil*), *facilmente* (de *fácil*), *habilmente* (de *hábil*), *lucidamente* (de *lúcido*), *mamente* (de *má*), *somente* (de *só*); *candidamente* (de *cândido*), *cortesmente* (de *cortês*), *portuguesamente* (de *português*), *romanticamente* (de *romântico*).

2.º) Nas palavras que têm sufixos inciados por *z* e cujas formas de base apresentam vogal tônica com acento agudo ou circunflexo: *aneizinhos* (de *anéis*), *avozinha* (de *avó*), *bebezito* (de *bebê*), *cafezada* (de *café*), *chapeuzinho* (de *chapéu*), *mazinha* (de *má*), *orfãozinho* (de *órfão*); *avozinho* (de *avô*), *bençãozinha* (de *bênção*), *lampadazita* (de *lâmpada*), *pessegozito* (de *pêssego*).

XVIII – Divisão silábica

46) A divisão de qualquer vocábulo, assinalada pelo hífen, em regra se faz pela soletração, e não pelos seus elementos constitutivos segundo a etimologia.

47) Fundadas neste princípio geral, cumpre respeitar as seguintes normas:

1.º) A consoante inicial não seguida de vogal permanece na sílaba que a segue: *cni-do-se*, *dze-ta*, *gno-ma*, *mne-mô-ni-ca*, *pneu-má-ti-co*, etc.

2.º) No interior do vocábulo, sempre se conserva na sílaba que a precede a consoante não seguida de vogal: *ab-di-car*, *ac-ne*, *ét-ni-co*, *nup-ci-al*, *ob-fir-mar*, *op-ção*, *sig-ma-tis-mo*, *sub-por*, *sub-ju-gar*, etc.

3.º) Não se separam os elementos dos grupos consonânticos iniciais de sílabas nem os dos digramas *ch*, *lh*, *nh*: *a-blu-ção*, *a-bra-sar*, *a-che-gar*, *fi-lho*, *ma-nhã*, etc.

OBSERVAÇÃO: Nem sempre formam grupos articulados as consonâncias *bl* e *br*: nalguns casos o *l* e o *r* se pronunciam separadamente, e a isso se atenderá na partição do vocábulo; e as consoantes *dl*, a não ser no termo onomatopéico *dlim*, que exprime toque de campainha, proferem-se desligadamente, e na divisão silábica ficará o hífen entre essas duas letras. Ex.: *sub-lin-gual*, *sub-rogar*, *ad-le-ga-ção*, etc.

4.º) O *sc* no interior do vocábulo biparte-se, ficando o *s* numa sílaba, e o *c* na sílaba imediata: *a-do-les-cen-te*, *des-cer*, *pres-cin-dir*, *res-ci-são*, etc.

OBSERVAÇÃO: Forma sílaba com o prefixo antecedente o *s* que precede consoantes: *abs-tra-ir*, *ads-cre-ver*, *ins-cri-ção*, *ins-pe-tor*, *ins-tru-ir*, *in-ters-tí-cio*, *pers-pi-caz*, *subs-cre-ver*, *subs-ta-be-le-cer*, etc.

5.º) O *s* dos prefixos *bis*, *cis*, *des*, *dis*, *trans* e o *x* do prefixo *ex* não se separam quando a sílaba seguinte começa por consoante; mas, se principia por vogal, formam sílaba com esta e separam-se do elemento prefixal: *bis-ne-to*, *cis-pla-ti-no*, *des-li-gar*, *dis-tra-ção*, *trans-por-tar*, *ex-tra-ir*; *bi-sa-vô*, *ci-san-di-no*, *de-ses-pe-rar*, *di-sen-té-ri-co*, *tran-sa-tlân-ti-co*, *e-xér-ci-to*, etc.

6.º) As vogais idênticas e as letras *cc*, *cç*, *rr* e *ss* separam-se ficando uma na sílaba que as precede e outra na sílaba seguinte: *ca-a-tin-ga*, *co-or-de-nar*, *in-te-lec-ção*, *oc-ci-pi-tal*, *pror-ro-gar*, *res-sur-gir*, etc.

OBSERVAÇÃO: As vogais de hiatos, ainda que diferentes uma da outra, também se separam: *a-ta-ú-de*, *ca-í-eis*, *ca-ir*, *du-e-lo*, *fi-el*, *flu-iu*, *fru-ir*; *gra-ú-na*, *je-su-í-ta*, *le-al*, *mi-ú-do*, *po-ei-ra*, *ra-i-nha*, *sa-ú-de*, *vi-ví-eis*, *vo-ar*, etc.

7.º) Não se separam as vogais dos ditongos – crescentes e decrescentes – nem as dos tritongos: *ai-ro-so*, *a-ni-mais*, *au-ro-ra*, *a-ve-ri-gueis*, *ca-iu*, *cru-éis*, *en-jei-tar*, *fo-ga-réu*, *fu-giu*, *gló-ria*, *guai-ar*, *i-guais*, *ja-mais*, *joi-as*, *ó-dio*, *quais*, *sá-bio*, *sa-guão*, *sa-guões*, *su-bor-nou*, *ta-fuis*, *vá-rio*, etc.

OBSERVAÇÃO: Não se separa do *u* precedido de *g* ou *q* a vogal que o segue, acompanhada, ou não, de consoante: *am-bí-guo*, *e-qui-va-ler*, *guer-ra*, *u-bí-quo*, etc.

8.º) Na translineação (ou seja, na passagem para a linha seguinte quando se está escrevendo um texto) de uma palavra composta ou de uma combinação de palavras em que há um hífen, ou mais, se a partição coincide com o final de um dos elementos ou membros, por clareza gráfica, se deve repetir o hífen no início da linha seguinte: vice-almirante.

XIX – Emprego das iniciais maiúsculas

48) Emprega-se letra inicial maiúscula:

1.º) No começo do período, verso ou citação direta. Disse o Padre Antônio Vieira: "Estar com Cristo em qualquer lugar, ainda que seja no Inferno, é estar no Paraíso".

> "Auriverde pendão de minha terra
> que a brisa do Brasil beija e balança,
> Estandarte que à luz do sol encerra
> As promessas divinas da Esperança..." (Castro Alves)

OBSERVAÇÃO: Alguns poetas usam, à espanhola, a minúscula no princípio de cada verso, quando a pontuação o permite, como se vê em Castilho:

> "Aqui, sim, no meu cantinho,
> vendo rir-me o candeeiro,
> gozo o bem de estar sozinho
> e esquecer o mundo inteiro".

2.º) Nos substantivos próprios de qualquer espécie – antropônimos, topôninos, patronímicos, cognomes, alcunhas, tribos e castas, designações de comunidades religiosas e políticas, nomes sagrados e relativos a religiões, entidades mitológicas e astronômicas, etc.: *José*, *Maria*, *Macedo*, *Freitas*, *Brasil*, *Antoninos*, *Afonsinhos*, *Conquistador*, *Magnânimo*, *Coração de Leão*, *Sem Pavor*, *Deus*, *Jeová*, *Alá*, *Assunção*, *Ressureição*, *Júpiter*, *Baco*, *Cérbero*, *Via Láctea*, *Canopo*, *Vênus*, etc.

OBSERVAÇÕES:

a) As formas onomásticas que entram na formação de palavras do vocabulário comum escrevem-se com inicial minúscula quando se afastam de seu significado primitivo, excetuando-se os casos em que esse afastamento não ocorre: *água-de-colônia*, *joão-de-barro*, *erva-de-santa-maria*, *folha de flandres*; mas: *além-Brasil*, *aquém-Atlântico*, *doença de Chagas*, *mal de Alzheimer*, *sistema Didot*, *anel de Saturno*.

b) Os nomes de povos escrevem-se com inicial minúscula, não só quando designam habitantes ou naturais de um estado, província, cidade, vila ou distrito, ainda quando representam coletivamente uma nação: *amazonenses*, *baianos*, *estremenhos*, *fluminenses*, *paulistas*, *romenos*, *russos*, *suíços*, *uruguaios*, etc.

3.º) Nos nomes próprios de eras históricas e épocas notáveis: *Héjira*, *Idade Média*, *Quinhentos* (o século XVI), *Seiscentos* (o século XVII), etc.

OBSERVAÇÃO: Os nomes dos meses devem escrever-se com inicial minúscula: *janeiro*, *fevereiro*, *março*, *abril*, *maio*, *junho*, *julho*, *agosto*, *setembro*, *outubro*, *novembro*, *dezembro*.

4.º) Nos nomes de vias e lugares públicos: *Avenida de Rio Branco*, *Beco do Carmo*, *Largo da*

Carioca, *Praia do Flamengo*, *Praça da Bandeira*, *Travessa do Comércio*, *Túnel Noel Rosa*, etc.

5.º) Nos nomes que designam altos conceitos religiosos, políticos ou nacionalistas: *Igreja* (Católica, Apostólica, Romana), *Nação*, *Estado*, *Pátria*, *Raça*, etc.

OBSERVAÇÃO: Esses nomes se escrevem com inicial minúscula quando são empregados em sentido geral ou indeterminado.

6.º) Nos nomes que designam artes, ciências, ou disciplinas, bem como nos que sintetizam, em sentido elevado, as manifestações do engenho e do saber: *Agricultura*, *Arquitetura*, *Filologia Portuguesa*, *Direito*, *Medicina*, *Matemática*, *Pintura*, *Arte*, *Ciência*, *Cultura*, etc.

OBSERVAÇÃO: Os nomes *idioma*, *idioma pátrio*, *língua*, *língua portuguesa*, *vernáculo* e outros análogos escrevem-se com inicial maiúscula quando empregados com especial relevo.

7.º) Nos nomes que designam altos cargos, dignidades ou postos: *Papa*, *Cardeal*, *Arcebispo*, *Bispo*, *Patriarca*, *Vigário*, *Vigário-Geral*, *Presidente da República*, *Ministro da Educação*, *Governador do Estado*, *Embaixador*, *Almirantado*, *Secretário de Estado*, etc.

8.º) Nos nomes de repartições, corporações ou agremiações, edifícios e estabelecimentos públicos ou particulares: *Diretoria Geral do Ensino*, *Ministério das Relações Exteriores*, *Academia Paranaense de Letras*, *Círculo de Estudos "Bandeirantes"*, *Presidência da República*, *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*, *Tesouro do Estado*, *Departamento Administrativo do Serviço Público*, *Banco do Brasil*, *Imprensa Nacional*, *Teatro de São José*, *Tipografia Rolandiana*, *Museu de Arte Moderna*, etc.

9.º) Nos títulos de livros, jornais, revistas, produções artísticas, literárias e científicas: *Imitação de Cristo*, *Horas Marianas*, *Correio da Manhã*, *Revista Filológica*, *Transfiguração* (de Rafael), *Norma* (de Bellini), *O Guarani* (de Carlos Gomes), *O Espírito das Leis* (de Montesquieu), etc.

OBSERVAÇÕES: a) Não se escrevem com maiúscula inicial as partículas monossilábicas que se acham no interior de vocábulos compostos ou de locuções ou expressões que têm iniciais maiúsculas: *Queda do Império*, *O Crepúsculo dos Deuses*, *História sem Data*, *A Mão e a Luva*, *Festas e Tradições Populares do Brasil*, etc.

b) Nos bibliônimos, após o primeiro elemento, que é com maiúscula, os demais vocábulos podem ser escritos com minúscula, salvo nos nomes próprios nele contidos, tudo em grifo.

10.º) Nos nomes de fatos históricos e importantes, de atos solenes e de grandes empreendimentos públicos: *Centenário da Independência do Brasil*, *Descobrimento da América*, *Reforma Ortográfica*, *Acordo Luso-Brasileiro*, *Exposição Nacional*, *Festas das Mães*, *Dia do Município*, *Glorificação da Língua Portuguesa*, etc.

OBSERVAÇÃO: Os nomes de festas pagãs ou populares escrevem-se com inicial minúscula: *carnaval*, *entrudo*, *saturnais*, etc.

11.º) Nos nomes de escolas de qualquer espécie ou grau de ensino: *Faculdade de Filosofia*, *Escola Superior de Comércio*, *Colégio de Pedro II*, *Instituto de Educação*, etc.

12.º) Nos nomes comuns, quando personificados ou individuados, e de seres morais ou fictícios: *A Capital da República*, *a Transbrasiliana*, *moro na Capital*, *o Natal de Jesus*, *o Poeta* (Camões), *a ciência da Antiguidade*, os *habitantes da Península*, *a Bondade*, *o Amor*, *a Ira*, *o Lobo*, *o Cordeiro*, *a Cigarra*, *a Formiga*, etc.

OBSERVAÇÃO: Incluem-se nesta norma os nomes que designam atos das autoridades da República, quando empregados em correspondência ou documentos oficiais: *A Lei de 13 de maio*, *o Decreto-Lei n.º 292*, *o Decreto-Lei n.º 20.108*, *a Portaria de 15 de junho*, *o Regulamento n.º 737*, *o Acórdão de 3 de agosto*, etc.

13.º) Nos nomes dos pontos cardeais, quando designam regiões: *Os povos do Oriente*; *o falar*

do Norte é diferente do falar do Sul; *a guerra do Ocidente*, etc.

OBSERVAÇÃO: Os nomes dos pontos cardeais escrevem-se com iniciais minúsculas quando designam direções ou limites geográficos: *Percorri o país de norte a sul e de leste a oeste*.

14.º) Nos nomes, adjetivos, pronomes e expressões de tratamento ou reverência: *D*. (Dom ou Dona), *Sr*. (Senhor), *Sr.ª* (Senhora), *DD*. ou *Dig.mo* (Digníssimo), *MM*. ou *M.mo* (Meritíssimo), *Rev.mo* (Reverendíssimo), *V.Rev.ª* (Vossa Reverência), *S.E*. (Sua Eminência), *V.M*. (Vossa Majestade), *V.A*. (Vossa Alteza), *V.S.ª* (Vossa Senhoria), *V.Ex.ª* (Vossa Excelência), *V.Ex.ª Rev.ma* (Vossa Excelência Reverendíssima), *V.Ex.as* (Vossa Excelências), etc.

OBSERVAÇÃO: As formas que se acham ligadas a essas expressões de tratamento devem ser também escritas com iniciais maiúsculas: *D. Abade*, *Ex.ma Sr.ª Diretora*, *Sr. Almirante*, *Sr. Capitão-de-Mar-e-Guerra*, *MM. Juiz de Direito*, *Ex.mo e Rev.mo Sr. Arcebispo Primaz*, *Magnífico Reitor*, *Excelentíssimo Senhor Presidente da República*, *Eminentíssimo Senhor Cardeal*, *Sua Alteza Real*, etc.

15.º) Nas palavras que, no estilo epistolar, se dirigem a um amigo, a um colega, a uma pessoa respeitável, as quais, por deferência, consideração ou respeito, se queira realçar por esta maneira: *meu bom Amigo*, *caro Colega*, *meu prezado Mestre*, *estimado Professor*, *meu querido Pai*, *minha amorável Mãe*, *meu bom Padre*, *minha distinta Diretora*, *caro Dr.*, *prezado Capitão*, etc.

OBSERVAÇÃO: Para os itens 4.º, 6.º, 7.º e 14.º usa-se opcionalmente inicial minúscula (exceto para as formas abreviadas do item 14.º).

XX – Sinais de pontuação

Ver *Pontuação*.

Regras de acentuação

A – Monossílabos

Levam acento agudo ou circunflexo os monossílabos terminados em:

a) – a, – as: *já, lá, vás*;
b) – e, – es: *fé, lê, pés*;
c) – o, – os: *pó, dó, pós, sós*.

B – Vocábulos de mais de uma sílaba

1) OXÍTONOS (ou agudos)

Levam acento agudo ou circunflexo os oxítonos terminados em:

a) – a, – as: *cajás, vatapá, ananás, carajás*;
b) – e, – es: *você, café, pontapés;*
c) – o, – os: *cipó, jiló, avô, carijós*;
d) – em, – ens: *também, ninguém, vinténs, armazéns*.

Daí sem acento: *aqui, caqui, poti, caju, urubus*.

2) PAROXÍTONOS (ou graves)

Levam acento agudo ou circunflexo os paroxítonos terminados em:

a) – i, – is: *júri, cáqui, beribéri, lápis, tênis*;

b) – us: *vênus, vírus, bônus*.

OBSERVAÇÃO: Há poucos paroxítonos terminados em –*u*: um deles existente até há pouco era *tribu* que hoje se escreve com *o*: *tribo*, *tribos*.

c) – r: *caráter*, *revólver*, *éter*;

d) – l: *útil*, *amável*, *nível*, *têxtil* (não *téxtil*);

e) – x: *tórax*, *fênix*, *ônix*;

f) – n: *éden*, *hífen* (mas: *edens*, *hifens*, sem acento);

g) – um, – uns: *álbum*, *álbuns*, *médium*;

h) – ão, ãos: *órgão*, *órfão*, *órgãos*, *órfãos*;

i) – ã, – ãs: *órfã*, *ímã*, *órfãs*, *ímãs*;

j) – ps: *bíceps*, *fórceps*;

k) – on(s): *rádon, rádons*.

OBSERVAÇÃO: Devem ser acentuados os nomes técnicos terminados em -*om*: *iândom*, *rádom* (variante de *rádon*).

3) PROPAROXÍTONOS (ou esdrúxulos)

Levam acento agudo ou circunflexo todos os proparoxítonos: *cálido*, *tépido*, *cátedra*, *sólido*, *límpido*, *cômodo*.

4) CASOS ESPECIAIS

a) São sempre acentuadas as palavras oxítonas com os ditongos abertos grafados -*éis*, -*éu*(*s*) ou -*ói*(*s*) : *anéis, batéis, fiéis, papéis*; *céu(s)*, *chapéu(s)*, *ilhéu(s)*, *véu(s)*; *corrói(s)* (flexão de *corroer*), *herói(s)*, *remói(s)* (flexão de *remoer*), *sói(s)* (flexão de *soer*), *sóis* (pl. de *sol*).

b) Não são acentuadas as palavras paroxítonas com os ditongos abertos -*ei* e -*oi*, uma vez que existe oscilação em muitos casos entre a pronúncia aberta e fechada: *assembleia*, *boleia*, *ideia*, tal como *aldeia*, *baleia*, *cadeia*, *cheia*, *meia*; *coreico*, *epopeico*, *onomatopeico*, *proteico*; *alcaloide*, *apoio* (do verbo *apoiar*), tal como *apoio* (substantivo), *Azoia*, *boia*, *boina*, *comboio* (substantivo), tal como *comboio*, *comboias*, etc. (do verbo *comboiar*), *dezoito*, *estroina*, *heroico*, *introito*, *jiboia*, *moina*, *paranoico*, *zoina*.

OBSERVAÇÃO: Receberá acento gráfico a palavra que, mesmo incluída neste caso, se enquadrar em regra geral de acentuação, como ocorre com *blêizer, contêiner, destróier, gêiser, Méier*, etc., porque são paroxítonas terminadas em -*r*.

c) Não se acentuam os encontros vocálicos fechados: *pessoa*, *patroa*, *coroa*, *boa*, *canoa*; *teu*, *judeu*, *camafeu*; *voo*, *enjoo*, *perdoo*, *coroo*.

OBSERVAÇÃO: Será acentuada a palavra que, mesmo incluída neste caso, se enquadrar em regra geral de acentuação gráfica, como ocorre com *herôon* (Br.)/ *heróon* (Port.), paroxítona terminada em -*n*.

d) Não levam acento gráfico as palavras paroxítonas que, tendo respectivamente vogal tônica aberta ou fechada, são homógrafas de artigos, contrações, preposições e conjunções átonas. Assim, não se distinguem pelo acento gráfico: *para* (á) [flexão de *parar*], e *para* [preposição]; *pela(s)* (é) [substantivo e flexão de *pelar*] e *pela(s)* [combinação de *per* e *la(s)*]; *pelo* (é) [flexão de *pelar*] e *pelo(s)* (ê) [substantivo e combinação de *per* e *lo(s)*]; *pera* (ê) [substantivo] e *pera* (é) [preposição antiga]; *polo(s)* (ó) [substantivo] e *polo(s)* [combinação antiga e popular de *por* e *lo(s)*]; etc.

OBSERVAÇÃO: Seguindo esta regra, também perde o acento gráfico a forma *para* (do verbo *parar*) quando entra num composto separado por hífen: *para-balas, para-brisa(s)*, *para-choque(s)*, *para-lama(s)*, etc.

e) Levam acento agudo o *i* e *u*, quando representam a segunda vogal tônica de um hiato, desde que não formem sílaba com *r*, *l*, *m*, *n*, *z* ou não estejam seguidos de *nh*: *saúde*, *viúva*, *saída*, *caído*, *faísca*, *aí*, *Grajaú*; *raiz* (mas *raízes*), *paul*, *ruim*, *ruins*, *rainha*, *moinho*.

f) Não leva acento a vogal tônica dos ditongos *iu* e *ui*: *caiu*, *retribuiu*, *tafuis*, *pauis*.

g) Não serão acentuadas as vogais tônicas ***i*** e ***u*** das palavras **paroxítonas**, quando estas vogais estiverem precedidas de ditongo decrescente: *baiuca, bocaiuva, boiuno, cauila* (var. *cauira*), *cheiinho* (de *cheio*), *feiinho* (de *feio*), *feiura, feiudo, maoismo, maoista, saiinha* (de *saia*), *taoismo, tauismo*.

OBSERVAÇÕES:

1.º) Na palavra ***eoípo*** (= denominação dos primeiros ancestrais dos cavalos), a pronúncia normal assinala hiato (e-o), razão por que tem acento gráfico.

2.º) A palavra paroxítona *guaíba* não perde o acento agudo porque a vogal tônica *i* está precedida de ditongo crescente.

h) Serão acentuadas as vogais tônicas ***i*** e ***u*** das palavras **oxítonas**, quando mesmo precedidas de ditongo decrescente estão em posição final, sozinhas na sílaba, ou seguidas de *s*: *Piauí, teiú, teiús, tuiuiú, tuiuiús*.

OBSERVAÇÃO: Se, neste caso, a consoante final for diferente de *s*, tais vogais **não serão acentuadas**: *cauim, cauins*.

i) A 3.ª pessoa de alguns verbos se grafa da seguinte maneira:

1) quando termina em – *em* (monossílabos):

3.ª pess. sing.	3.ª pess. pl.
– em	– êm
ele tem	*eles têm*
ele vem	*eles vêm*

2) quando termina em – *ém*:

3.ª pess. sing.	3.ª pess. pl.
– ém	– êm
ele contém	*eles contêm*
ele convém	*eles convêm*

3) quando termina em – *ê* (*crê*, *dê*, *lê*, *vê* e derivados):

3.ª pess. sing.	3.ª pess. pl.
– ê	– eem
ele crê	*eles creem*
ele revê	*eles reveem*

j) Levam acento agudo ou circunflexo os vocábulos terminados por ditongo oral átono, quer decrescente ou crescente: *ágeis*, *devêreis*, *jóquei*, *túneis*, *área*, *espontâneo*, *ignorância*, *imundície*, *lírio*, *mágoa*, *régua*, *tênue*.

k) Leva acento agudo ou circunflexo a forma verbal terminada em *a*, *e*, *o* tônicos, seguida de *lo*, *la*, *los*, *las*: *fá-lo*, *fá-los*, *movê-lo-ia*, *sabê-lo-emos*, *trá-lo-ás*.

OBSERVAÇÃO: Pelo último exemplo, vemos que se o verbo estiver no futuro poderá haver dois acentos: *amá-lo-íeis*, *pô-lo-ás*, *fá-lo-íamos*.

l) Também leva acento agudo a vogal tônica *i* das formas verbais **oxítonas** terminadas em *-air* e *-uir*, quando seguidas de *-lo(s), -la(s)*, caso em que perdem o *r* final, como em: *atraí-lo(s)* [de *atrair-lo(s)*] ; *atraí-lo(s)-ia* [de *atrair-lo(s)-ia*] ; *possuí-la(s)* [de *possuir-la(s)*]; *possuí-la(s)-ia* [de *possuir-la(s)-ia*].

m) Não levam acento os prefixos paroxítonos terminados em *-r* e *-i*: *inter-helênico*, *super-homem*, *semi-histórico*.

n) Não leva trema o *u* dos grupos *gue*, *gui*, *que*, *qui*, mesmo quando for pronunciado e átono: *aguentar*, *arguição*, *eloquência*, *frequência*, *tranquilo*.

OBSERVAÇÕES:

1.º) Os verbos *ARGUIR* e *REDARGUIR* não levam acento agudo na vogal tônica *u* nas formas rizotônicas (aquelas cuja sílaba tônica está no radical): *arguo*, *arguis*, *argui*, *arguem*; *argua, arguas,* etc.

2.º) Os verbos do tipo de *AGUAR, APANIGUAR, APAZIGUAR, APROPINQUAR, AVERIGUAR, DESAGUAR, ENXAGUAR, OBLIQUAR, DELINQUIR* e afins podem ser conjugados de duas formas: ou têm as formas rizotônicas (cuja sílaba tônica recai no radical) com o *u* do radical tônico, mas sem acento agudo; ou têm as formas rizotônicas com *a* ou *i* do radical com acento agudo: averiguo (ou averíguo), averiguas (ou averíguas), averigua (ou averígua), etc.; averigue (ou averígue), averigues (ou averígues), etc.; delinquo (ou delínquo), delinques (ou delínques), etc.; delinqua (ou delínqua), delinquas (ou delínquas), etc.

3.º) O verbo *delinquir*, tradicionalmente dado como defectivo (ou seja, verbo que não é conjugado em todas as pessoas), é tratado como verbo que tem todas as suas formas. O Acordo também aceita duas possibilidades de pronúncia, quando a tradição padrão brasileira na gramática para este verbo só aceitava sua conjugação nas formas arrizotônicas.

4.º) Em conexão com os casos citados acima, é importante mencionar que os verbos em *-ingir* (*atingir*, *cingir*, *constringir*, *infringir*, *tingir*, etc.) e os verbos em *-inguir* sem a pronúncia do *u* (*distinguir*, *extinguir*, etc.) têm grafias absolutamente regulares (*atinjo*, *atinja*, *atinge*, *atingimos*, etc.; *distingo*, *distinga*, *distingue*, *distinguimos*, etc.)

o) Leva acento circunflexo diferencial a sílaba tônica da 3.ª pess. sing. do pret. perf. *pôde*, para distinguir-se de *pode*, forma da mesma pess. do pres. do ind.

p) Não se usa acento gráfico para distinguir as palavras oxítonas homógrafas (que possuem a mesma grafia), mas heterofônicas (pronunciadas de formas diferentes), do tipo de *cor* (ô) (substantivo) e *cor* (ó) (elemento da locução *de cor*) ; *colher* (ê) (verbo) e *colher* (é) (substantivo).

OBSERVAÇÃO: A forma verbal *pôr* continuará a ser grafada com acento circunflexo para se distinguir da preposição átona *por*.

q) Não é acentuada nem recebe apóstrofo a forma monossilábica *pra*, redução de *para*. Ou seja, são **incorretas** as grafias *prá* e *p'ra*.

r) Pode ser ou não acentuada a palavra *fôrma* (substantivo), distinta de *forma* (substantivo; 3.ª pess. do sing. do pres. do ind. ou 2.ª pess. do sing. do imper. do verbo *formar*). A grafia *fôrma (com acento gráfico) deve ser usada apenas nos casos em que houver ambiguidade, como nos versos do poema "Os sapos", de Manuel Bandeira: "Reduzi sem danos/ A fôrmas a forma."*

2 Extraído de *Elementos de Língua Pátria* de J. Mattoso Câmara Jr. [MC.5].

3 Extraído de *Elementos de Língua Pátria* de J. Mattoso Câmara Jr. [MC.5].

4 Daí ser possível uma mudança ortográfica do tipo *quasi* → *quase*, *tribu* → *tribo*. Mudou-se a letra, mas não o fonema.

5 Na realidade, as *reduzidas* não estão cientificamente formuladas pela NGB, e o melhor seria bani-las. Em muitos casos das chamadas reduzidas o que temos, na realidade, é mudança ou troca de fonema.

6 J. Mattoso Câmara Jr. [MC.5, II, 121].

7 Em lugar de *i* ou *u*, em certos casos, se pode grafar a semivogal *e* ou *o*, respectivamente, em observância às convenções do nosso sistema ortográfico vigente, segundo as quais a semivogal dos ditongos orais é representada pelo grafema *i* e a dos ditongos nasais pelo grafema *e*: *pai* / *mãe*, *distrai* / *distraem.*

8 Niedermann, *Phonétique Latine*, 37.

9 *Normas para a Língua Falada no Teatro*, 485-63.

10 *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, 16.

11 Destas últimas não cogita a NGB.

12 Na língua portuguesa moderna predomina a sequência progressiva, que consiste em apresentar, de preferência, a declaração no fim (o predicado), o determinado antes do determinante, o que se torna cômodo aos interesses de compreensão do interlocutor.

13 Por isso, nos compostos, para determinação da posição do acento tônico, leva-se em consideração a última palavra. Destarte, é oxítono *couve-flor* e paroxítono *arco-íris*.

14 Exemplos extraídos de [SS.2, 97-98].

15 Epifania - festa dos reis magos

II – Gramática descritiva e normativa

As Unidades no Enunciado

A) Formas e funções

Introdução

Classes de Palavras e Categorias Gramaticais

Os diversos significados – Quase sempre a gramática engloba numa mesma relação palavras que pertencem a grupos bem diferentes: *substantivo*, *adjetivo*, *artigo*, *numeral*, *pronome*, *verbo*, *advérbio*, *preposição*, *conjunção* e *interjeição*. Um exame atento facilmente nos mostrará que a relação junta palavras de natureza e funcionalidade bem diferentes com base em critérios categoriais, morfológicos e sintáticos misturados. E o elemento que as diferencia são os diversos significados que lhes são próprios. Para tanto, devemos distinguir os seguintes significados:16

a) SIGNIFICADO LEXICAL, que já conhecemos antes, é o significado que corresponde ao *quê* da apreensão do mundo extralinguístico, isto é, é o que corresponde à organização do mundo extralinguístico mediante as línguas. Como diz bem Coseriu, a linguagem *classifica* a realidade segundo interesses e atitudes humanas; por isso suas distinções *podem* coincidir com realidades e delimitações objetivas, mas isso não é necessário. A língua é um saber acerca de modelos e esquemas linguísticos, e não sobre os objetos, a respeito dos quais informam nossa experiência (o nosso saber do mundo) e as ciências não linguísticas; assim, que um vulcão se chame *Popocatepetl*, e só haja um com este nome, é um fato da geografia, e não um *fato de língua*.17 É o significado que é comum a cada uma das séries de palavras: *amor – amante – amar – amavelmente*; *verdor – verde – enverdar*, etc.

b) SIGNIFICADO CATEGORIAL é o que corresponde ao *como* da apreensão do mundo extralinguístico, a forma da intuição da realidade ou, ainda, o modo de ser das palavras no discurso, e não classes léxicas fixas: *amor* (quando empregado como substantivo), *amante* (quando empregado como adjetivo), *amar* (quando empregado como verbo), *amavelmente* (quando advérbio). Não cabe à gramática descritiva, mas sim à gramática geral, definir a categoria linguística "substantivo"; à gramática descritiva cabe tão somente comprovar se a língua objeto da descrição tem ou não substantivos, e, em caso afirmativo, quais são os meios materiais, isto é, os esquemas formais para expressar a categoria "substantivo". Assim, a

categoria "substantivo" expressa substantivos por meio de nomes como *homem, livro, saudade*, por meio de pronomes como *isto*, *isso*, *aquilo*, por sintagmas como *Rio Grande do Norte* ou orações (as chamadas subordinadas substantivas). As palavras lexemáticas e categoremáticas só estão categorialmente determinadas como substantivo, adjetivo, verbo e advérbio quando integradas na oração, atualizadas no discurso. No momento em que a gramática geral define o que é "adjetivo", essa definição, se correta, deverá servir a todas as línguas que tenham adjetivos. É equivocado o querer definir "o adjetivo em português". À gramática descritiva cabe descrevê-lo *numa* língua.

Constituem o substantivo, o adjetivo, o verbo e o advérbio as quatro únicas reais "categorias gramaticais" da língua, confusamente misturadas na gramática tradicional, e que aqui chamaremos "categorias verbais", porque são as únicas dotadas do significado categorial. Admitem, como já ensina a gramática tradicional, subdivisões, que serão estudadas no lugar próprio (substantivos próprios e comuns, etc.). Cabe lembrar que o significado categorial não caracteriza apenas os lexemas, mas ainda sintagmas e orações inteiras. Também o significado categorial está sempre implicado com certas funções específicas na estruturação gramatical; por isso, só o "substantivo" (representado por nome, pronome, sintagma nominal, oração nominalizada) pode ser o sujeito da oração, assim como o verbo exerce a função de predicado.18 Os significados categoriais são modos do conteúdo significativo. Todavia isto não serve de definição de substantivo; uma palavra não é substantivo porque funciona como sujeito, mas, ao contrário, pode ser sujeito porque é substantivo ou pode aparecer como tal.

c) SIGNIFICADO INSTRUMENTAL é o significado dos morfemas, isto é, dos elementos pertencentes ao universo da gramática, e podem apresentar-se como palavras morfemáticas (como os *artigos* e as *preposições*, por exemplo, ou como elementos de palavras: o *-s* de *livro-s* ou de *trabalha-s*, etc.); são os chamados englobadamente *instrumentos gramaticais*. O artigo *o* em *o livro* tem o significado "atualizador" e o *-s* em *livro-s* tem o significado "pluralizador". Incluem-se como dotados desse significado instrumental, isto é, como "morfemas", nas combinações gramaticais, os prefixos, os sufixos, as desinências, o acento, o ritmo, a entoação, a ordem das palavras, etc. Os significados instrumentais são modos da expressão material.

d) SIGNIFICADO ESTRUTURAL OU SINTÁTICO (este aqui tomado em sentido restrito) é o significado que resulta das combinações de unidades lexemáticas ou categoremáticas com unidades morfemáticas e morfemas, dentro da oração. São significados estruturais "singular", "plural", "atual", "virtual", "ativo", "passivo", "presente", "passado", "futuro", "indicativo", etc. Assim o *-s* de *livro-s* tem o significado instrumental" pluralizador" (e não "plural") ao lado do pluralizado *livro*; da combinação resulta o significado estrutural ou sintático "plural".

e) SIGNIFICADO ÔNTICO, que só se dá no plano da oração, é o que corresponde ao valor existencial que se comunica ao estado de coisas designado na oração: "afirmativo", "negativo", "interrogativo", "imperativo", etc.

Classe de palavra e classe verbal – Tem-se feito confusão entre *classe de palavra e categoria* ou classe *verbal*, confusão que pode ser desfeita com exemplos simples.[19] Assinalando com F a forma física, com L o significado léxico e com C o significado categorial, as palavras abstratas podem ser constituídas: a) como puras "formas" (F), por exemplo "amo" em português, e somente levando em conta sua forma, pode-se classificar apenas pelo seu lado material: é uma palavra dissílaba; é uma palavra paroxítona; é uma palavra com três fonemas, etc.; b) como "formas léxicas" ou "lexemas" (FL), por exemplo o português *verde*, independentemente dos diferentes significados categoriais, isto é, como adjetivo ou como substantivo; c) como "formas categoriais" ou "categoremas" (FC), por exemplo, *quadro, papel*, como substantivos, independentemente dos diferentes significados léxicos ("*quadro* de um pintor", "*quadro* de futebol", "folha de *papel*", "*papel* de um ator") e d) como palavras com significado léxico e categorial (FCL), por exemplo, em português *amo* 'senhor', substantivo, e *amo* 'quero bem', verbo. Somente as palavras abstratas dotadas com FC ou com FCL podem ser classificadas categorialmente graças ao elemento C; isto significa que uma mesma palavra FL poderá figurar em classes distintas se apresenta diferentes significados C, como foi o caso de *verde* (adjetivo: "folha *verde*", e substantivo: "o *verde* da folha") e *amo* (substantivo e verbo). Em suma: não podemos querer que a palavra *verde*, substantivo, pertença à classe da palavra *verde*, adjetivo, apenas porque tem o mesmo significado lexical, isto é, apelando para um traço que nada tem que ver com o critério com que está constituída a classe verbal.

Se tomarmos por critério FL, "verde" será uma só e mesma palavra, assim como "amo"; se as estabelecermos como FCL, "verde", adjetivo, e "verde", substantivo, serão duas palavras diferentes, assim como "amo" 'senhor' e "amo" 'quero bem', o que também valerá para o inglês (*the*) *fire* e (*to*) *fire*, isto é, substantivo e verbo.

Ao nos referirmos ao significado estrutural, aludimos, junto com as unidades lexemáticas (lexemas), às unidades categoremáticas, os pronomes, que são "formas sem substância", isto porque apresentam apenas, ou em primeiro lugar, um significado categorial, sem representar nenhuma matéria extralinguística. Por isso, os pronomes são substantivos, adjetivos, advérbios e – em algumas línguas que não o português – até verbos. Diferem dos lexemas porque não possuem significado lexical, ou, se o apresentam, têm um significado lexical genérico ("pessoa", "coisa", "lugar", "tempo", "modalidade", etc.), dado pela situação ou por outras palavras do contexto.[20]

Nas mesmas condições do pronome, pode-se incluir na classe das palavras categoremáticas o *numeral*.[21]

Por tudo o que vimos até aqui, os significados léxico, categorial e instrumental nos permitem dividir as palavras em lexemáticas (substantivo, adjetivo, verbo e advérbio), categoremáticas (pronome e numeral) e morfemáticas (artigo, preposição e conjunção).

Isto não impede que uma palavra categoremática possa também aparecer com significado instrumental, como é o caso de *meu lápis*, em que *meu* tem o significado categorial "adjetivo" e o significado instrumental em relação ao substantivo *lápis*, determinado como singular e do

gênero masculino. Vimos que as palavras lexemáticas, além do significado lexical, têm em português significado categorial, e podem funcionar também como instrumentos.

Da lista tradicional das classes de palavras só nos falta falar da *interjeição*, que, a rigor, nem é pura *palavra*, mas uma *palavra-oração*, que só por si pode valer por um conteúdo de pensamento da linguagem emocional.

Distinguidas assim as classes de palavras, podemos agora caracterizar uma a uma.

1 – Substantivo

Substantivo – é a classe de lexema que se caracteriza por significar o que convencionalmente chamamos *objetos substantivos*, isto é, em primeiro lugar, substâncias (*homem, casa, livro*) e, em segundo lugar, quaisquer outros objetos mentalmente apreendidos como substâncias, quais sejam qualidades (*bondade, brancura*), estados (*saúde, doença*), processos (*chegada, entrega, aceitação*).

Concretos e abstratos – Os substantivos se dividem em *concretos* e *abstratos*. Os concretos são *próprios* e *comuns*.

Substantivo concreto é o que designa ser de existência independente: *casa, mar, sol, automóvel, filho, mãe*.

Substantivo abstrato é o que designa ser de existência dependente: *prazer, beijo, trabalho, saída, beleza, cansaço.*

Os substantivos concretos nomeiam pessoas, lugares, animais, vegetais, minerais e coisas.

Os substantivos abstratos designam ações (*beijo, trabalho, saída, cansaço*), estado e qualidade (*prazer, beleza*), considerados fora dos seres, como se tivessem existência individual.

Próprios e comuns – Dividem-se os substantivos em *próprios* e *comuns*, divisão que pertence a planos diferentes.

Substantivo próprio é o que se aplica a um objeto ou a um conjunto de objetos, mas sempre individualmente. Isto significa que o substantivo próprio se aplica a esse objeto ou a esse conjunto de objetos, considerando-os como indivíduos. Assim, um nome como *João, Isabel* ou *Açores* só acidentalmente se aplicará a várias pessoas ou ilhas não porque estas apresentam características comuns que as identifiquem como membro de uma classe ou conjunto específico. Por isso cada *João*, cada *Isabel* e cada *Açores* é uma pessoa ou ilha considerada como indivíduo inconfundível para as demais pessoas. São materialmente idênticos, mas se aplicam a indivíduos diferentes. Se por *palavra* se entende significante (expressão) + significado (conteúdo), dois ou mais nomes *João* ou *Isabel* não representam a rigor uma só palavra.

Os substantivos próprios mais importantes são os *antropônimos* e os *topônimos*. Os primeiros se aplicam às pessoas que, em geral, têm *prenome* (nome próprio individual) e *sobrenome* ou *apelido* ("que situa melhor o indivíduo em função da sua proveniência geográfica [Frei Henrique de Coimbra], da sua profissão [*Caeiro*], da sua filiação (patronímico) [*Soares*, filho de Soeiro], de uma qualidade física ou moral [*Diogo Cão*], de uma circunstância de nascimento [*Neto*]").22

Os topônimos se aplicam a lugares e acidentes geográficos.

SUBSTANTIVO COMUM é o que se aplica a um ou mais objetos particulares que reúnem características inerentes a dada classe: *homem, mesa, livro, cachorro, lua, sol, fevereiro, segunda-feira, papa.*

Os cinco últimos exemplos patenteiam que há substantivos comuns que são nomes individualizados, não como os nomes próprios, mas pelo contexto extralinguístico e pelo nosso saber que nos diz que, no contexto "natural" nosso só há uma lua, um sol, um mês fevereiro, e um só dia da semana segunda-feira, e, no contexto "cultural", só há um papa. Se forem escritos com maiúscula, deve-se o fato à pura convenção ortográfica, e não porque são nomes próprios.

Nomes empregados no plural com referência a uma pluralidade de objetos que individualmente têm o mesmo nome (os *Antônios,* as *Marias*, as *Romas*), ou se aplicam ao conjunto de membros de uma mesma família ou nacionalidade (os *Azevedos,* os *Maias*) ou que significam "entes como..." (os *Tiradentes,* os *Ruis*, os *Pelés*, os *Eldorados*), ou, ainda, os objetos designados pelos nomes dos autores, fabricantes, produtores (os *Rembrandts*, os *Machados de Assis* e os *Fords*), são, na realidade, nomes da "classe" e, portanto, substantivos comuns.

Passagem de nomes próprios a comuns – Não nos prendemos apenas à pessoa ou coisa nomeada; observamos-lhes qualidades e defeitos que se podem transferir a um grupo mais numeroso de seres. Os personagens históricos, artísticos e literários pagam o tributo de sua fama com o desgaste do valor individualizante do seu nome próprio que, por isso, passa a comum. Por esta maneira é que aprendemos a ver no *Judas* não só o nome de um dos doze apóstolos, aquele que traiu Jesus; é também a encarnação mesma do *traidor*, *do amigo falso*, em expressões do tipo: *Fulano é um judas.*

Desta aplicação geral de um nome próprio temos vários outros exemplos: *dom-joão* (= homem formoso; galanteador; irresistível às mulheres), *tartufo* (= homem hipócrita; devoto falso), *cicerone* (guia de estrangeiros, dando-lhes informações que lhes interessam), *benjamim* (= filho predileto, geralmente o mais moço; o mais jovem membro de uma agremiação; prende-se ao personagem bíblico que foi o último e predileto filho de Jacó), *áfrica* (= façanha; proeza; revive as façanhas dos antigos portugueses nessas terras).

Passam a substantivos comuns os nomes próprios de fabricantes e de lugares onde se fazem ou se fabricam certos produtos: *estradivários* (= violino de Stradivárius), *guilhotina* (de J. Inácio Guilhotin), *macadame* (do engenheiro Mac Adam), *sanduíche* (do conde de Sandwich), *havana* (charuto; em Portugal *havano*) , *champanha* (da região francesa Champagne),

cambraia (da cidade francesa de Cambray).

Contáveis e não contáveis – Outra subclasse do substantivo repousa na variedade da sua extensão, que pode ser descontínua e discreta ou contínua. No primeiro caso, a classe é constituída por objetos que existem isolados como partes individualmente consideradas, e recebem o nome de *contáveis*: *homem, mulher, casa, livro,* etc.

No segundo caso, refere-se a classe a objetos contínuos, não separados em partes diversas, que podem ser massa ou matéria ou, ainda, uma ideia abstrata, e recebem o nome de *não contáveis*: *oceano, vinho, bondade, beleza*. Estes não contáveis constituem em geral os *singularia tantum*, isto é, habitualmente só se usam no singular.

À categoria dos não contáveis pertence o substantivo *coletivo*, que, na forma de singular, faz referência a uma coleção ou conjunto de objetos: *arvoredo, folhagem, casario.* Distingue-se o coletivo do plural de um substantivo contável, pois este alude a uma coleção de objetos considerados individualmente: *árvores, folhas, casas*.

Entre os coletivos há os *universais* (*povo, passarada, casario*) e os *particulares* (*caniçal, vinhedo, laranjal*). Os coletivos universais não são contáveis, e, por isso, só se pluralizam nas condições especiais à classe, enquanto os particulares se contam e podem ser pluralizados.

Não se confundem com os coletivos os chamados por Herculano de Carvalho *nomes de grupo* (*bando, rebanho, cardume,* etc.), embora assim o faça a gramática. Na realidade, são nomes de conjunto de objetos contáveis, que se aplicam habitualmente ou a uma espécie definida (*cardume, alcateia, enxame*) ou total ou parcialmente indefinida (*conjunto, grupo, bando*: *bando de pessoas, de aves, de alunos*). Ao contrário dos coletivos, os nomes de grupos, principalmente do 2.º grupo, requerem determinação explícita da espécie de objetos que compõem o conjunto: *um* ***bando*** *de pessoas, de adolescentes,* etc.; *um* ***cardume*** *de baleias, de sardinhas*, etc. Já não seria possível *um vinhedo de vinhos.*

São coletivos e nomes de grupo usuais:

a) CONJUNTO DE PESSOAS:

Alcateia, bando, caterva, corja, horda, farândula, malta, quadrilha, récova, súcia, turba: de ladrões, desordeiros, assassinos, malfeitores e vadios.

Associação, clube, comício, comissão, congresso, conselho, convenção, corporação, grêmio, sociedade: de pessoas, reunidas para fim comum.

Assistência, auditório, concorrência, aglomeração, roda: de assistentes, ouvintes ou espectadores.

Cabido: de cônegos de uma catedral.

Caravana: de viajantes.

Claque, torcida: de espectadores para aplaudir ou patear.

Clientela: de clientes, de advogados, de médicos, etc.

Comitiva, cortejo, séquito, acompanhamento: de pessoas que acompanham outra por dever ou cortesia.

Comunidade, confraria, congregação, irmandade: ordem de religiosos.
Concílio, conclave, consistório, sínodo, assembléia: de párocos ou de outros padres.
Coro: conjunto, bando de pessoas que cantam juntas.
Elenco: de artistas de uma companhia, peça ou filme.
Equipagem, marinhagem, companha, maruja, tripulação: de marinheiros.
Falange: de heróis, guerreiros, espíritos.
Junta: de credores, de médicos.
Pessoal: de uma fábrica, repartição pública ou escola, loja.
Plêiade ou *plêiada*: de poetas, artistas, talentos.
Ronda: de policiais que percorrem as ruas velando pela ordem pública.
Turma: de estudantes, trabalhadores, médicos.

b) Grupo de animais:
Alcateia: de lobos, panteras ou outros animais ferozes.
Bando, revoada: de aves, pardais.
Cáfila: de camelos.
Cardume, boana, corso (ô)*, manta*: de peixes.
Colmeia, enxame, cortiço: de abelhas.
Correição, cordão: de formigas.
Fato: rebanho de cabras.
Fauna: conjunto de animais próprios de uma região.
Gado: conjunto de animais criados nas fazendas.
Junta, obesana, cingel, jugo, jugada: de bois.
Lote: de burros, grupos de bestas de carga.
Malhada, oviário, rebanho: de ovelhas.
Manada: de cavalos, de porcos, éguas.
Matilha: de cães.
Ninhada: rodada de pintos.
Nuvem, miríade, onda, praga: de gafanhotos, marimbondos, percevejos.
Piara, vara: de porcos.
Récova, récua: de cavalgaduras.
Rebanho, armento, armentio, grei, maromba: de bois, ovelhas.

c) Grupo de coisas:
Acervo, chorrilho, enfiada: de asneiras, tolices. *Acervo* também se aplica aos bens materiais: É grande o *acervo* da Biblioteca Nacional.
Antologia, analecto, crestomatia, coletânea, florilégio, seleta: de trechos literários ou científicos.

Aparelho, baixela, serviço: de chá, café, jantar.
Armada, esquadra, frota: de navios de guerra.
Bateria, fileira: de peças de artilharia.
Braçada, braçado, buquê, ramo, ramalhete (ê), *festão*: de flores.
Cacho: de uvas, de bananas.
Cancioneiro: de canções. É erro empregar o vocábulo como sinônimo de cantor em expressões como *cancioneiros românticos*.
Carrada: de razões.
Chuva, chuveiro, granizo, saraiva, saraivada: de balas, pedras, setas.
Coleção: de selos, quadros, medalhas, moedas, livros.
Constelação: de estrelas.
Cordilheira, cadeia, série: de montes, montanhas.
Cordoalha, cordame, enxárcia: de cabos de um navio.
Feixe, lio, molho (ó): de lenha, capim.
Fila, fileira, linha: de cadeiras.
Flora: conjunto de plantas de uma determinada região.
Galeria: de quadros, estátuas.
Gavela ou *gabela, paveia*: feixe de espigas.
Herbário: coleção de plantas para exposição ou estudo.
Hinário: de hinos.
Instrumental: de instrumentos de orquestra, de qualquer ofício mecânico, de cirurgia.
Mobília, mobiliário: de móveis.
Monte, montão: de pedras, palha, lixo.
Penca: de bananas, laranjas, chaves.
Pilha, ruma: de livros, malas, tábuas.
Réstia: de cebolas, alhos.
Sequência: série de cartas do mesmo naipe.
Troféu: de bandeiras.

OBSERVAÇÃO: Para outros coletivos e nomes de grupos consulte-se o dicionário.

Estrutura interna do substantivo – A estrutura interna ou constitucional do substantivo (isto é, sua morfologia) consiste, nas línguas flexivas como o português, em geral, na combinação de um signo lexical expresso pelo radical com signos morfológicos expressos por desinências e alternâncias, ambos destituídos de existência própria fora dessa combinação. Entre as desinências que, na flexão, se combinam com o substantivo está a marca de *número* e, nas línguas que a possuem, a marca de *caso* (nominativo, acusativo, etc., como se dá, por exemplo, no grego, no latim, no alemão). O substantivo, fora da flexão, pode ser dotado da marca de gênero: *menino/menina, gato/gata.*[23]

Número – É uma categoria gramatical inerente primariamente ao substantivo, que se refere aos objetos substantivos considerando-os na sua unidade da classe a que pertencem (é o número *singular*) ou no seu conjunto de dois ou mais objetos da mesma classe (é o número *plural*). Quando o singular designa vários objetos de uma mesma classe considerados num todo, temos o *coletivo* (*professorado, alunado, caravana, cardume*, etc.).

A classe dos objetos substantivos pode conter unidades descontínuas e discretas: são os objetos *contáveis* (*homem, casa, cadeira*, etc.); a classe pode também ser constituída de objetos desprovidos de limites internos, como se fossem objetos únicos: são os *não contáveis*. Estes objetos únicos ou são massa ou matéria, ou concebidos como tal (*ouro, ferro, céu*, etc.), ou uma ideia abstrata (*amor, saudade, riqueza*, etc.).

Facilmente se pluralizam os substantivos que pertencem ao grupo dos contáveis (*homem - homens; casa - casas*); já os não contáveis, em geral, se usam no singular (*singularia tantum*). Em alguns desses nomes não contáveis, o plural alude a diferentes espécies ou à fragmentação: *vinhos* (o tinto, o branco, o rosé), *mares* e, por consequência, se apresentam com variação semântica. [HCv.1, 14, 364; SA.2, 69]

Em português, o significado gramatical plural é obtido com a presença da desinência pluralizadora *-s* fonologicamente constituída pela consoante sibilante pós-vocálica diante de pausa.24 O singular se caracteriza pela ausência desta desinência.

A flexão de número, em português, pelo mecanismo da concordância, se estende ao adjetivo (e demais adjuntos do substantivo) e ao verbo, quando este entra em concordância de número com a pessoa do sujeito.

A flexão de número dos substantivos

a) **Formação do plural com acréscimo de *-s***

Forma-se o plural dos substantivos com o acréscimo do morfema pluralizador (desinência do plural) *-s*, quando terminados explicitamente por:

1 – vogal ou ditongo oral: *livro → livros; lei → leis; cajá → cajás.*

2 – vogal nasal tônica ou átona: *ímã → ímãs*; *irmã → irmãs*; *dom → dons* (grafando-se *ns*); *álbum → álbuns; totem → totens* (para o plural *tótemes*).

3 – ditongos nasais *-ãe* (tônicos ou átonos) e *-ão* (átono): *mãe → mães; bênção → bênçãos*.

b) **Formação do plural com acréscimo de *-es***

Quando não está explícita a vogal temática suprimida no singular deverá ser restituída para constituir a forma teórica (*ás → *ase → ases*) e depois ser acrescida a desinência *-s*. Isto ocorre quando o singular termina por:

1 – *-s* (em sílaba tônica): *ás → ases*; *freguês → fregueses*

Cós serve para os dois números e ainda possui o plural reduplicativo *coses*.

2 – *-z* (em sílaba tônica): *luz → luzes*; *giz → gizes*; *cicatriz → cicatrizes*

3 – *-r*: *cor* → *cores*; *elixir* → *elixires*; *revólver* → *revólveres*

c) **Plural de nomes gregos em *-n***

Nos nomes de origem grega terminados em *-n*, pode-se obter o plural com o acréscimo da desinência *-s*, ou recorrer à forma teórica com a recuperação do *-e* (*abdômen* → **abdomene* → *abdômenes*). Melhor fora dar a estes substantivos feição mais de acordo com o sistema fonológico do português, eliminando o *-n* final ou substituindo-o por *-m* e procedendo-se à formação do plural com o só acréscimo do *-s* (*abdome* → *abdomes*; *pólen* → *polem* → *polens,* grafando *-ns*):

abdômen → abdomens ou abdômenes

certâmen → certamens ou certâmenes

dólmen (dolmem) → dolmens ou dólmenes

espécimen → espécimens ou especímenes

gérmen → germens ou gérmenes

hífen → hifens ou hífenes

pólen (polem) → polens ou pólenes

regímen → regimens ou regímenes

OBSERVAÇÕES:

1.ª) *éden* (melhor seria *edem*, que o *Vocabulário Ortográfico* não registra) faz *edens*.

2.ª) *Cânon,* melhor grafado *cânone*, faz *cânones*.

3.ª) Recorde-se que são acentuados os paroxítonos em *-n*, e não os em *-ens*. Daí *hífen*, mas *hifens* (sem acento gráfico).

d) **Plural dos nomes em *-ão* tônico**

Os nomes em *-ão* tônico a rigor pertencem à classe dos temas em *-o* ou em *-e*, conforme o plural respectivo: *irmãos* (= irmão + s), *pães* (= *pãe + s), *leões* (= *leõe + s). Para uma descrição coerente Mattoso propõe que se parta das formas teóricas do plural para se chegar ao tema, suplementadas pelas regras morfofonêmicas pertinentes, no processo de formação de plural.

Destacando-se a vogal temática (que passa a semivogal de ditongo em contacto com a vogal anterior), teremos o radical em *-õ* (*leõ*) e o radical em *-ã* (*irmã, pã*).

1) os substantivos em *-õ* com tema em *-e* fazem o plural com acréscimo da desinência *-s*:

leão (* leõ + e + s) → *leões*

coração (* coraçõ + e + s) → *corações*

Assim, temos os plurais: *questões, melões, razões,* etc.

Este grupo é o mais numeroso e, por isso mesmo, tende, no uso espontâneo, a assimilar outras formas de plural que a língua exemplar não adota. Neste grupo estão incluídos todos os substantivos abstratos formados com os sufixos *-ção, -são* e *-ão* e grande parte de substantivos concretos.

comoção → *comoções*; *adoração* → *adorações*

apreensão → *apreensões*; *compreensão* → *compreensões*

abusão → *abusões*; *visão* → *visões*

caminhão (*camião*) → *caminhões* (*camiões*); *barracão* → *barracões*

Este radical teórico em *-õ* aparece evidente em adjetivos e verbos da mesma família do substantivo, o que é sinal de que este faz o plural em *-ões*; por exemplo, *leonino* denuncia o plural correto de *leão*: *leões*.

2) os substantivos em *-ã* com tema em *-o* (*irmão*) fazem o plural com o acréscimo da desinência *-s*:

irmão (*irmã + o + s) → *irmãos*

cidadão (*cidadã + o + s) → *cidadãos*

Este radical teórico em *-ã* aparece evidente em adjetivos e verbos da mesma família dos substantivos *irmão* (irm*an*ar) e *cidadão* (cidad*an*ia).

3) os substantivos em *-ã* com vogal temática *-e* (*pã - e* de *pães*) fazem o plural com o acréscimo da desinência *-s*:

pão → (pã + e + s) → *pães*

capitão → (capitã + e + s) → *capitães*

Descrito o processo de flexão, cabe perguntar como, partindo da forma teórica do plural, se chega às formas do singular em *-ão*. Destacando-se a vogal temática, como já vimos, obtemos duas estruturas fonológicas para os radicais: em *-õ* (leõ) e em *ã* (irmã, pã). Os de tema em *-o* não sofrem alteração: *irmão*; os de tema em *-e* ou mudam a vogal para *-o* (*pão*) ou, se a vogal do radical for *-õ*, apresentam duas mudanças: a vogal temática passa de *-e* a *-o* e a vogal do radical passa de *õ* a *ã*: *leão*.

Dada a confluência das formas do singular num único final *-ão* (diferençadas no plural, como acabamos de ver), surgem muitas dúvidas no uso do plural, além de alterações que se deram através da história da língua, algumas das quais se mantêm regional ou popularmente, em geral a favor da forma plural *-ões*, por ser a que encerra maior número de representantes.

"O ensino escolar [comenta Mattoso] se esforça para manter os três tipos de plural, ora apoiando-se na origem latina, ora se inspirando no espanhol (onde há diferença no singular – *razón*: *razones*; *hermano*: *hermanos*; *pan*: *panes*), ora apelando para as preferências (se bem que às vezes inconsistentes) de determinados autores, na língua literária, considerados 'clássicos'[MC.8, 81-82].

Diante do exposto, oferecemos ao leitor relação minuciosa dos dois grupos de substantivos em *-ão* que não fazem o plural mais frequente em *-ões*:

1) plural em *-ães*:

cão → cães	escrivão → escrivães
capelão → capelães	tabelião → tabeliães
alemão → alemães	pão → pães
capitão → capitães	maçapão → maçapães
mata-cão → mata-cães	catalão → catalães

2) plural em *-ãos*:

chão → chãos

cidadão → cidadãos

cristão → cristãos

desvão → desvãos

grão → grãos

irmão → irmãos

mão → mãos

pagão → pagãos

e os paroxítonos apontados em **A flexão de número dos substantivos** - a) 3.

Muitos substantivos apresentam dois e até três plurais:

aldeão	aldeãos	aldeões	aldeães
ancião	anciãos	anciões	anciães
charlatão	—	charlatões	charlatães
corrimão	corrimãos	corrimões	—
cortesão	cortesãos	cortesões	—
deão	deãos	deões	deães
ermitão	ermitãos	ermitões	ermitães
fuão	fuãos	fuões	—
guardião	—	guardiões	guardiães
refrão	refrãos	—	refrães
sacristão	sacristãos	—	sacristães
truão	—	truões	truães
vilão	vilãos	vilões	vilães
vulcão	vulcãos	vulcões	—

e) **Plural dos nomes treminados em *-l***

1 – **Plural dos nomes terminados em *-al, -el, -ol, -ul***

Nos nomes em *-l*, temos de partir da forma teórica com restituição da vogal temática *-e*, acréscimo do pluralizador *-s*, posterior às regras morfofonêmicas: queda do *-l-* intermediário

e passagem da vogal temática a semivogal (grafada *-i*)

carnaval → *carnavale → carnavales → carnavaes → carnavais

papel → *papele → papeles → papees → papéis (tônico)

lençol → *lençole → lençoles → lençoes → lençóis

nível → *nivele → niveles → nívees → níveis (átono)25

paul → *paule → paules → paues → pauis

OBSERVAÇÕES:

1.ª) *cônsul* e *mal* fazem *cônsules* e *males*

2.ª) *cal* e *aval* fazem *cales* (= cano) e *cais*, *avales* (mais comum em Portugal) e *avais*

3.ª) *real* faz *réis* (moeda antiga) e *reais* (moeda nova)

2 – **Plural dos nomes terminados em *-il***

a) *-il* em vogal átona: ocorre a passagem do *i* a *e* e posteriormente o mesmo que o caso anterior:

fóssil → *fóssile → *fossele → fosseles → fossees → fósseis

b) *-il* com vogal tônica: ocorre o acréscimo do pluralizador *-s* e posterior supressão do *-l*, já que não é necessário recorrer à vogal temática, por não aparecer no plural:

*funil → *funils → funis*26

OBSERVAÇÃO: *mírtil* faz *mírtiles* e *mírteis*; *móbil* faz *móbiles* e *móbeis*.

Réptil e *projétil*, como paroxítonos, fazem *répteis* e *projéteis*; como oxítonos, *reptil* e *projetil* fazem *reptis* e *projetis*.

f) **Plural dos nomes terminados em -x (= ce)**

Os terminados em *-x* com o valor de *ce* (final com que podem também ser grafados) fazem o plural normalmente em *-ces*:

cálix (ou *cálice*), *cálices; apêndix* (ou *apêndice*), *apêndices*.

g) **Palavras que não possuem marca de número**

Há significantes terminados por *-s* em sílaba átona (como *lápis, pires*, ou monossílabos como *cais, xis*) que não possuem marca de número, quer no singular quer no plural, pois se mostram alheias à classe gramatical de número. Cremos ser a melhor lição a de Herculano de Carvalho, segundo a qual não se pode aceitar a doutrina corrente que vê nessas formas um singular que permanece invariável no plural. É um caso de sincretismo, e não de neutralização [HCv.3, 608-609 e 642]. A pluralidade é marcada pelos adjuntos (artigo, adjetivo, pronome, numeral): *o lápis, os lápis; um pires, dois pires; este xis, estes xis*.

Estão neste caso os terminados em:

1) *-s* (em sílaba átona; palavras sigmáticas):

o pires, os pires; o lápis, os lápis; a cútis, as cútis.

OBSERVAÇÃO: *Simples* faz *simpleces* ou, o que é mais comum, não varia. *Cós, lais* e *ferrabrás* são mais usados invariáveis, mas possuem o plural *coses, laises* e *ferrabrases*.

2) *-x* (com o valor de *cs*): *o tórax, os tórax; o ônix, os ônix.*

OBSERVAÇÃO: Alguns nomes com *x* = *cs* possuem a variante em *ce*: *índex* ou *índice, ápex* ou *ápice; códex* ou *códice*. Seus plurais são, respectivamente, *índices, códices, ápices.* Aliás, são preferíveis as grafias *índice, códice* e *ápice*, no singular.

h) **Plurais com alteração de *o* fechado para *o* aberto (metafonia)**[27]

Muitas palavras com *o* fechado tônico, quando passam ao plural, mudam esta vogal para *o* aberto:

miolo – miolos

Dentre as que apresentam esta mudança (chamada metafonia) na vogal tônica lembraremos aqui as mais usuais:

abrolho	fogo	porco
antolho	forno	porto
caroço	foro	posto
choco	fosso	povo
corcovo	imposto	reforço
coro	jogo	rogo
corpo	miolo	sobrolho
corvo	mirolho	socorro
despojo	olho	tijolo
destroço	osso	torto
escolho	ovo	troco
esforço	poço	troço

Esta alternância constitui a única marca do feminino em *avô* e formas com ela relacionadas, onde se acha suprimida a desinência *-a*: *avô – avó* (< *avoa* < lat. *aviola*). Nos casos de metafonia, o plural é marcado pelo morfema pluralizador *-s* e pelo morfema suprassegmental.

Continuam com *o* fechado no plural:

acordo	esboço	logro
adorno	esposo	morro
almoço	estorvo	repolho
alvoroço	ferrolho	rolo
arroto	fofo	sogro

boda	forro	soldo
bojo	gafanhoto	sopro
bolo	globo	soro
bolso	gorro	toco
cachorro	gosto	toldo
caolho	gozo	topo
coco	horto	torno
contorno	jorro	transtorno

OBSERVAÇÃO: Como no caso dos plurais em *-ão (-ões, -ães, -ãos)*, a inclusão da palavra no grupo dos metafônicos ou não metafônicos apresenta muitas indecisões. O esforço para dirimir dúvidas nestes casos se tem regulado pela origem do timbre da vogal tônica em latim e na forma paralela das correspondentes em espanhol, onde, como regra, do timbre fechado resulta uma vogal simples e do timbre aberto uma ditongação: *gozo* (esp.) – gozo (port.) – gozos (ô); *fuego* (esp.) – fogo (port.) – fogos (ó). Tanto a etimologia do latim quanto o paralelismo do espanhol nem sempre têm a boa resposta às dúvidas.

Não sofrem alteração os nomes próprios e os de família:

os *Diogos*, os *Mimosos*, os *Raposos*, os *Portos*.

i) **Plurais com deslocação do acento tônico** – Há palavras que, no plural, mudam de sílaba tônica:

caráter	–	caracteres
espécimen	–	especímenes
júnior	–	juniores
Júpiter	–	Jupíteres
Lúcifer	–	Lucíferes
sênior	–	seniores

O plural *sorores* é de *soror*, oxítono, o que se estende a *sóror*.

j) **Variações semânticas do significado entre o singular e o plural** – Normalmente, o plural guarda o mesmo significado do singular. Isto não acontece, porém, em alguns casos, principalmente se se trata de substantivos abstratos em sentidos contextuais:

bem (o que é bom) – *bens* (propriedades)

féria (produto do trabalho diário) – *férias* (dias de descanso)

"Onde não se preza a *honra* se desprezam as *honras*" [MM].

Em nomes abstratos como *injustiças, crueldades, gentilezas,* o plural denota atos repetidos, ora multiplicidade dos mesmos atos, com certa conotação aumentativa [FBr.1, 97].

Também em nomes concretos pode o plural acusar mudança de significado: *ferro* (metal) → *ferros* (algemas) [SA.2, 69].

Estão nestes casos os nomes que no plural indicam o casal:

os pais (pai e mãe), *os irmãos* (irmã e irmão), *os reis* (rei e rainha).

l) **Palavras só usadas no plural** (*pluralia tantum*) – Eis as principais:

ademanes	endoenças
afazeres	exéquias
alvíssaras	férias (= repouso)
anais	núpcias
arredores	trevas
avós (antepassados)	víveres
belas-artes, belas-letras	nomes de naipes: copas,
confins	ouros, espadas, paus

m) **Plural de nomes próprios** – Os nomes próprios usados no plural fazem o plural obedecendo às normas dos nomes comuns, e a língua padrão recomenda se ponham no plural, e não no singular:

"O fidalgo dos Vitos Alarcões tratou da cabeça na cama, uns quinze dias" [CBr.6, 144].

" (...) seria um garfo meritório do tronco dos *Parmas* d'Eça, ao qual ele Rui de Nelas se glorificava de ser estranho?" [CBr.6, 171].

Todavia, não é raro o uso do singular na língua literária:

"Os brasileiros do sul, os *Correia de Sá*, perdiam muito do encanto dessas obras (...)" [GA *apud* TS, 105].

n) **Plural dos nomes estrangeiros não assimilados** – Os nomes estrangeiros que se adaptaram ao sistema fonológico do português têm o seu plural consoante as normas vigentes: *clube → clubes; dólar → dólares; repórter → repórteres; abajur → abajures; ultimato → ultimatos; memorando → memorandos; confete → confetes.*

Os não assimilados ao nosso idioma tomam duas direções: a) terminam com *-s*, sem pretender coincidir com as regras do plural da língua originária, ou b) regulando-se pelas normas da língua estrangeira, o que, em geral, é o procedimento recomendado na língua padrão e nos textos científicos.

Do primeiro caso, temos:

films, leaders, ladys, dandys, lieds, blitzes.

Do segundo temos, entre os latinismos:

curriculum → curricula, memorandum → memoranda,

corpus → *corpora*, etc.,

que podem ser aportuguesados, no singular, em: *currículo, memorando, corpo* (raro).

campus → *campi (o campus, os campi)*

Entre os gregos cabe citar:

tópos → *tópoi*, *lógos* → *lógoi*, *ónoma* → *onómata.*

Entre os anglicismos:

lady → *ladies*; *penny* → *pennies* ou *pence*;

dandy → *dandies*; *sportman* → *sportmen.*

Entre os germanismos:

lied (/ *lid* /) → *lieder*; *leitmotiv* → *leitmotiven*; *blitz* → *blitzen.*

Também se erra usando-se *lieder* como singular.

Os escritores procuram, na medida do possível, acertar o passo; assim é que José Lins do Rego usou *lieds* nesta passagem de *Gordos e Magros* (1942): "Goethe ia ao povo para sentir a força dos *lieds*, a música que dorme na alma popular." Em *Poesia e Vida* (1945) já se pautava pela norma alemã: "Destruindo Mozart, uma grande Alemanha desapareceria; a Alemanha dos *lieder*, dos violinos gemendo por debaixo das macieiras em flor (...)".

Os nomes italianos em *-i* já estão no plural, quando flexionados (*o confetto* → *os confetti*), mas isto não impediu que um escritor correto como Latino Coelho fizesse o plural com acréscimo do *-s*: "Portugal não primou nas invenções admiráveis da ciência: não teve Newtons nem Platões. Não meneou com galhardo luzimento o escopro ou o pincel: não teve Rafaéis, nem Buonarottis." [*apud* SS.2, 70]. Também de *lápis-lazúli* temos o plural *lápis-lazúlis*. A prevalecer a norma da língua exemplar, pode-se dizer que se trata de um elemento funcional pertencente ao sistema português reservado aos plurais estrangeiros não assimilados (*Fremdwörter*) [ECs.1, 11 n.172].

o) **Plural dos nomes de letras** – Os nomes de letras vão normalmente ao plural, de acordo com as normas gerais.

Escreve com todos os *efes* e *erres*.

Coloquemos os pingos nos *is*.

N.B.: *Xis* serve para singular e plural.

Podemos ainda indicar o plural das letras com a sua duplicação: *ff, rr, ii.*

Este processo ocorre em muitas abreviaturas:

E.E.U.U. (Estados Unidos, também representado por EUA, Estados Unidos da América, ainda U.S.A.).

p) **Plural dos nomes com o sufixo *-zinho*** – Põem-se no plural os dois elementos e suprime-se o *s* do substantivo, consoante a regra ortográfica oficial:

animalzinho = animal + zinho
animaizinhos
coraçãozinho = coração + zinho
coraçõezinhos
florzinha = flor + zinha

florezinhas
papelzinho = papel + zinho
papeizinhos
pazinha = pá + zinha
pazinhas

mas

pazinha = paz + inha
pazezinhas

NOTA ORTOGRÁFICA: Os sufixos diminutivos *-inho* (*-ito,* etc.), *-zinho* (*-zito*, etc.) têm hoje uma distribuição regular, conforme o final da palavra básica:

a) se termina por vogal átona ou consoante (exceto *-s* e *-z*), a escolha é materialmente indiferente, apesar de aparecerem nuanças de sentido contextuais: corpo → *corpinho* (com queda da vogal temática) / *corpozinho* (a forma básica intacta); *flor* → *florinha / florzinha*; *mulher* → *mulherinha / mulherzinha*;

b) se termina por vogal tônica, nasal ou ditongo, é de emprego obrigatório *-zinho* (*-zito,* etc.); boné → bonezinho; siri → sirizinho; álbum → albunzinho; bem → benzinho; raio → raiozinho. Com *-zinho* evitam-se hiatos do tipo *irmãinha*, *raioito*, etc.;

c) se termina em *-s* ou *-z*, o emprego normal é com *-inho* (*-ito*, etc.), repudiando-se *-zinho* (*-zito*, etc.); ficando intacta a palavra básica: lapisinho (lápis + inho), cuscuzinho (cuscuz + inho), rapazinho (rapaz + inho), cartazinho (cartaz + inho), exatamente como escrevemos *lapiseira (lápis + eira), lapisar (lápis + ar), lapisada (lápis + ada)*, etc.

Estabelecem-se até oposições léxicas e fonológicas (já que se guardam os acentos das palavras básicas): *cartazinho* (= cartàz + inho), *cartazinha* (= càrta + zinha), *rapazinho* (= rapàz + inho); *rapazinho* (= ràpa + zinho); *masinho* (= mas + inho), *mazinha* (= mà + zinha) [veja-se o exemplo dado por Oiticica: *Você escreveu aí na pedra um masinho que ninguém percebe* (trata-se da conjunção *mas*)]. Às vezes há convergências gráficas: *pazinha* (*paz + inha*) e *pazinha* (*pá + zinha*), que o contexto dissolverá.

Se escrevemos oficialmente *lapisar, lapiseira,* por que o *Vocabulário* oficial preceitua *lapizinho*? Segundo já Epifânio Dias [ED.1, § 94] e José Oiticica, o coerente seria, já que a regra é flexionar as duas unidades: *açãozinha* (no singular) → *açõesinhas* (no plural, já a básica termina em *-s*). A regra que obriga o *-z* e que expusemos por ser a ortografia oficial, foi formulada por Gonçalves Viana (*Ortografia*, 123); Mário Barreto mostrou-se indeciso no pleito: "Da regra de Epifânio depreende-se que nos nomes em *-ão* os sufixos *-inho e -ito* se precedem de *z* (*açãozinha*, escreve o eruditíssimo gramático português) e que no plural perdem o *z*, tomando esta forma no tema e no sufixo: *ações-inhas*. Seja lá como for, o que está fora de dúvida é que o plural é *açõesinhas* ou *açõezinhas, coraçõesinhos* ou *coraçõezinhos*, e não *coraçãozinhos, açãozinhas*" [MBa.4, 226-227].

Oiticica [JO.3, 89] ainda acha que o normal seria *florinhas, florzinhas*, que a língua padrão evita, mas que têm adoções eventuais em bons escritores: "contam os seus amigos que, quando na mocidade frequentava noturnamente os *barzinhos* da Lapa..." [MB.1, II, 493].

A razão do emprego de formas plurais *barzinhos, colherzinhas* se prende ao fato de que com sufixos outros não ocorre o plural das duas unidades *florinha* → *florinhas*.

q) **Plural das palavras substantivadas** – Qualquer palavra, grupo de palavras, oração ou texto pode substantivar-se, isto é, passar a substantivo, que, tomadas materialmente, isto é, como designação de sua própria forma externa, valem por um substantivo masculino e singular:

o *sim,* o *não,* o *quê,* o *pró,* o *contra,* o *h, Peras* é feminino, *Os homens* é o sujeito da oração.

Tais palavras vão normalmente ao plural:

os *sins,* os *nãos,* os *quês,* os *prós,* os *contras,* os *hh* (agás)

Enquadram-se neste caso os nomes que exprimem número, quando aludem aos algarismos.

Na sua caderneta há três *setes* e dois *oitos*. Tire a prova dos *noves*. Há dois *quatros* a mais e três *onzes* a menos nessas parcelas.

Fazem exceção os terminados em *-s* (*dois, três, seis*), *-z* (*dez*) e *mil*, que são invariáveis.

Quatro *seis* e cinco *dez*.

r) **Plural cumulativo** – Alguns nomes possuem duas formas: uma, básica, singular e outra flexionada em plural que passa a valer como se singular fora:

ananá	ananás
eiró (iró)	eirós (irós)
filhó	filhós
ilhó	ilhós
lilá	lilás

o ananá, *os ananás*; *o lilá*, *os lilás*.

OBSERVAÇÃO: *Cós* fica invariável ou tem plural cumulativo *coses*.

Passando a forma plural a ser empregada como um singular (*o ananás, o lilás*, etc.), por semelhança de singulares em *-ós* (*retrós*, por exemplo), admite um novo plural, chamado cumulativo, por esquecimento da etapa de pluralização: *o ananás, os ananases; o eirós, os eiroses; o filhós, os filhoses; o ilhós, os ilhoses; o lilás, os lilases.*

s) **Plural nos etnônimos** – Etnônimo é o nome que se aplica à denominação dos povos, das tribos, das castas ou de agrupamentos outros em que prevalece o conceito de etnia. Estes nomes utilizados na língua comum admitem a forma plural, como todos os outros: *os brasileiros, os portugueses, os espanhóis, os botocudos, os tupis, os tamoios,* etc.

Por convenção internacional de etnólogos, está há anos acertado que, em trabalhos científicos, os etnônimos que não sejam de origem vernácula ou nos quais não haja elementos vernáculos não são alterados na forma plural, sendo a flexão indicada pelo artigo plural: *os tupi, os nambiquara, os caiuá, os tapirapé, os bântu, os somáli,* etc.

t) **Plural dos nomes compostos** – Merece especial atenção o plural dos nomes compostos, uma vez que as dúvidas e vacilações são frequentes. A questão envolve dificuldades de ordem

ortográfica (uso ou não do hífen) e de ordem gramatical. Torna-se imperiosa uma sistematização que venha pôr simplificação ou minorar as dúvidas ainda existentes, mesmo com as últimas propostas do Acordo Ortográfico. Sem pretendermos esgotar o assunto, apresentamos os seguintes critérios:

A – SOMENTE O ÚLTIMO ELEMENTO VARIA:

1) nos compostos grafados ligadamente:

fidalgo	fidalgos
girassol	girassóis
lenga-lenga	lenga-lengas
madressilva	madressilvas
pontapé	pontapés
vai-vem	vai-vens
zum-zum	zum-zuns

2) nos compostos com as formas adjetivas *grão, grã e bel:*

grão-prior	grão-priores
grã-cruz	grã-cruzes
bel-prazer	bel-prazeres

3) nos compostos de tema verbal ou palavra invariável seguida de substantivo ou adjetivo:

furta-cor	furta-cores
beija-flor	beija-flores
abaixo-assinado	abaixo-assinados
alto-falante	alto-falantes
vice-rei	vice-reis
ex-diretor	ex-diretores
ave-maria	ave-marias

4) nos compostos de três ou mais elementos, não sendo o 2.º elemento uma preposição:

bem-te-vi	bem-te-vis

5) nos compostos de emprego onomatopeico em que há repetição total ou parcial da primeira unidade:

reco-reco	reco-recos
tique-taque	tique-taques

B – SOMENTE O PRIMEIRO ELEMENTO VARIA:

1) nos compostos onde haja preposição, clara ou oculta:

cavalo-vapor (= de, a vapor)	cavalos-vapor
ferro de abrir lata	ferros de abrir lata
mula sem cabeça	mulas sem cabeça
pé de moleque	pés de moleque

2) nos compostos de dois substantivos, onde o segundo exprime a ideia de *fim, semelhança*, ou limita a significação do primeiro:

aço-liga	aços-liga
navio-escola	navios-escola (= para escola)
manga-rosa	mangas-rosa (= semelhante a rosa)
peixe-boi	peixes-boi
salário-família	salários-família

C – AMBOS OS ELEMENTOS VARIAM:

1) nos compostos de dois *substantivos*, de um *substantivo* e um *adjetivo* ou de um adjetivo e um *substantivo*:

amor-perfeito	amores-perfeitos
cabra-cega	cabras-cegas
carta-bilhete	cartas-bilhetes
decreto-lei	decretos-leis
gentil-homem	gentis-homens
guarda-civil	guardas-civis
guarda-mor	guardas-mores
lugar-comum	lugares-comuns
salário-mínimo	salários-mínimos
segunda-feira	segundas-feiras

OBSERVAÇÃO: *lugar-tenente* faz o plural *lugar-tenentes*.

2) nos compostos de temas verbais repetidos:

corre-corre	corres-corres
ruge-ruge	ruges-ruges

OBSERVAÇÃO: Os compostos incluídos neste caso também admitem a flexão adotada pelos nomes de *A*, 3): *corre-corres, ruge-ruges*.

D – FICAM INVARIÁVEIS:

1) as frases substantivas:

a estou-fraca (ave)	as estou-fraca
o não sei que diga	os não sei que diga
o disse me disse	os disse me disse
o bumba meu boi	os bumba meu boi

2) os compostos de tema verbal e palavra invariável:

o ganha-pouco	os ganha-pouco
o pisa-mansinho	os pisa-mansinho
o cola-tudo	os cola-tudo

3) nos compostos de dois temas verbais de significado oposto:

o leva e traz	os leva e traz
o vai-volta	os vai-volta

E – ADMITEM MAIS DE UM PLURAL, ENTRE OUTROS:

fruta-pão:	frutas-pão, fruta-pães
guarda-marinha:	guardas-marinha ou guardas-marinhas *
padre-nosso:	padres-nossos ou padre-nossos
ruge-ruge:	ruges-ruges ou ruge-ruges
salvo-conduto:	salvos-condutos ou salvo-condutos

* Rejeita-se, sem razão, o plural guarda-marinhas.

Gênero – A nossa língua conhece dois gêneros: o *masculino* e o *feminino*.

São masculinos os nomes a que se pode antepor o artigo **o**:

o *linho*, o *sol*, o *raio*, o *prazer*, o *filho*, o *beijo*

São femininos os nomes a que se pode antepor o artigo **a**:

a *flor*, a *casa*, a *mosca*, a *nuvem*, a *mãe*

Todo substantivo está dotado de gênero, que, no português, se distribui entre o grupo do *masculino* e o grupo do *feminino*. São masculinos os nomes a que se pode antepor o artigo *o* (*o linho*, *o sol*, *o clima*, *o poeta*, *o grama*, *o pente*, *o raio*, *o prazer*, *o filho*, *o beijo*) e são femininos os nomes a que se pode antepor o artigo *a* (*a linha*, *a lua*, *a grama*, *a ponte*, *a poetisa*, *a filha*, *a dor*). Só que esta determinação genérica não se manifesta no substantivo da mesma maneira que está representada no adjetivo ou no pronome, por exemplo, isto é, pelo processo da flexão. Apesar de haver substantivos em que aparentemente se manifeste a

distinção genérica pela flexão (*menino* / *menina*, *mestre* / *mestra*, *gato* / *gata*), a verdade é que a inclusão num ou noutro gênero depende direta e essencialmente da classe léxica dos substantivos e, como diz Herculano de Carvalho, "não é o fato de em português existirem duas palavras diferentes – *homem* / *mulher*, *pai* / *mãe*, *boi* / *vaca*, e ainda *filho* / *filha*, *lobo* / *loba* (das quais estas *não são* formas de uma flexão, mas palavras diferentes *tanto como* aquelas) – para significar o indivíduo macho e o indivíduo fêmea (duas espécies do mesmo "gênero", em sentido lógico) que permite afirmar a existência das classes do masculino e do feminino, mas, sim, o fato de o adjetivo, o artigo, o pronome, etc., se apresentarem sob duas formas diversas exigidas respectivamente por cada um dos termos de aqueles pares opositivos –, "est*e* homem velh*o*" / "est*a* mulher velh*a*", "*o* filho mais n*ó*v*o*" / "*a* filha mais n*ó*v*a*" –, formas que de fato constituem uma flexão" [HCv.1, v.9 s.v. *gênero*].

A aproximação da função cumulativa derivativa de -*a* como atualizador léxico e morfema categorial se manifesta tanto em *barca* de *barco*, *saca* de *saco*, *fruta* de *fruto*, *mata* de *mato*, *ribeira* de *ribeiro*, etc., quanto em *gata* de *gato*, porque dá "ao tema de que entra a fazer parte a capacidade de significar uma classe distinta de objetos, que em geral constituem uma espécie do gênero designado pelo tema primário" [HCv.3, 536 n.38; HCv.4, 21]. É pacífica, mesmo entre os que admitem o processo de flexão em *barco* → *barca* e *lobo* → *loba*, a informação de que a oposição masculino – feminino faz alusão a outros aspectos da realidade, diferentes da diversidade de sexo, e serve para distinguir os objetos substantivos por certas qualidades semânticas, pelas quais o masculino é uma forma geral, não marcada semanticamente, enquanto o feminino expressa uma especialização qualquer:

barco / *barca* (= barco grande)
jarro / *jarra* (um tipo especial de jarro)
lobo / *loba* (a fêmea do animal chamado lobo)

Esta aplicação semântica faz dos pares *barco* / *barca* e restantes da série acima não serem consideradas primariamente formas de uma flexão, mas palavras diferentes marcadas pelo processo de derivação. Esta função semântica está fora do domínio da flexão. A analogia material da flexão de gênero do adjetivo é que levou o gramático a pôr no mesmo plano *belo* / *bela* e *menino* / *menina*.

Este fato explica por que na manifestação do gênero no substantivo, entre outros processos, existe a indicação por meio de sufixo nominal: *conde* / *condessa*, *galo* / *galinha*, *ator* / *atriz*, *embaixador* / *embaixatriz*, etc.

Sem ser função precípua da morfologia do substantivo, a diferença do sexo nos seres animados pode manifestar-se ou não com diferenças formais neles. Esta manifestação se realiza ou pela mudança de sufixo (como em *menin**o*** / *menin**a***, *gat**o*** / *gat**a***) – é a *moção* –, ou pelo recurso a palavras diferentes que apontam para cada um dos sexos – é a *heteronímia* (*homem* / *mulher*, *boi* / *vaca*). Na primeira série de pares, como já vimos na lição de Herculano de Carvalho, não temos formas de uma flexão, mas, nelas, como na segunda série de pares, estamos diante de palavras diferentes.

Quando não ocorre nenhum destes dois tipos de manifestação formal, ou o substantivo, com o seu gênero gramatical, se mostra indiferente à designação do sexo (*a criança*, *a pessoa*, *o cônjuge*, *a formiga*, *o tatu*) ou, ainda indiferente pela forma, se acompanha de adjuntos

(artigos, adjetivos, pronomes, numerais) com moção de gênero para indicar o sexo (*o artista*, *a artista*, *bom estudante*, *boa estudante*).

Inconsistência do gênero gramatical – A distinção do gênero nos substantivos não tem fundamentos racionais, exceto a tradição fixada pelo uso e pela norma; nada justifica serem, em português, masculinos *lápis*, *papel*, *tinteiro* e femininos *caneta*, *folha* e *tinta*.

A inconsistência do gênero gramatical fica patente quando se compara a distribuição de gênero em duas ou mais línguas, e até no âmbito de uma mesma língua histórica na sua diversidade temporal, regional, social e estilística. Assim é que, para nós, o *sol* é masculino e, para os alemães, é feminino *die Sonne*, a *lua* é feminino, e, para eles, masculino *der Mond*; enquanto o português *mulher* é feminino, em alemão é neutro *das Weib*. *Sal* e *leite* são masculinos em português e femininos em espanhol: *la sal* e *la leche*. *Sangue* é masculino em português e francês e feminino em espanhol: *le sang* (fr.) e *la sangre* (esp.).

Mesmo nos seres animados, as formas do masculino ou do feminino podem não determinar a diversidade de sexo, como ocorre com os substantivos chamados *epicenos* (aplicados a animais irracionais), cuja função semântica é só apontar para a espécie: *a cobra*, *a lebre*, *a formiga* ou *o tatu*, *o colibri*, *o jacaré*, ou os substantivos aplicados a pessoas, denominados *comuns de dois*, distinguidos pela concordância: *o / a* ***estudante***, *este / esta* ***consorte***, *reconhecido / reconhecida* ***mártir***, ou ainda os substantivos de um só gênero denominados *sobrecomuns*, aplicados a pessoas, cuja referência a homem ou a mulher só se depreende pela referência anafórica do contexto: *o* ***algoz***, *o* ***carrasco***, *o* ***cônjuge***.

A mudança de gênero – Aproximações semânticas entre palavras (sinônimos, antônimos), a influência da terminação, o contexto léxico em que a palavra funciona e a própria fantasia que moldura o universo do falante, tudo isto representa alguns dos fatores que determinam a mudança do gênero gramatical dos substantivos. Na variedade temporal da língua, do português antigo ao contemporâneo, muitos substantivos passaram a ter gêneros diferentes, alguns sem deixar vestígios, outros como *mar*, hoje masculino, onde o antigo gênero continua presente em *preamar* (*prea = plena*, *cheia*) e *baixa-mar*.

Já foram femininos *fim*, *planeta*, *cometa*, *mapa*, *tigre*, *fantasma*, entre muitos outros; já foram usados como masculinos: *árvore*, *tribo*, *catástrofe*, *hipérbole*, *linguagem*, *linhagem* [SA.5, I, 65-70; PDo.1].

O gênero nas profissões femininas – A presença, cada vez mais justamente acentuada, da mulher nas atividades profissionais que até bem pouco eram exclusivas ou quase exclusivas do homem tem exigido que as línguas – não só o português – adaptem o seu sistema gramatical a estas novas realidades. Já correm vitoriosos faz muito tempo femininos como *mestra*, *professora*, *médica*, *advogada*, *engenheira*, *psicóloga*, *filóloga*, *juíza*, entre tantos outros.

As convenções sociais e hierárquicas criaram usos particulares que nem sempre são unanimemente adotados na língua comum. Todavia, já se aceita a distinção, por exemplo, entre

a *Cônsul* (= senhora que dirige um consulado) e a *Consulesa* (= esposa do Cônsul), a *Embaixadora* (= senhora que dirige uma Embaixada) e *Embaixatriz* (= esposa do Embaixador). Já para *senador* vigoram indiferentemente as formas de feminino *senadora* e *senatriz* para a mulher que exerce o cargo político ou para a esposa do senador, regra que também poucos gramáticos e lexicógrafos estendem a *consulesa* e *embaixatriz*.

Na hierarquia militar, a denominação para mulheres da profissão parece não haver uma regra generalizada. Correm com maior frequência os empregos28:

o cabo Ester Silva, *o sargento* Andreia.

Na linguagem jurídica, as petições iniciais vêm com o masculino com valor generalizante, dada a circunstância de não se saber quem examinará o processo, se juiz ou juíza.

Meritíssimo Senhor Juiz
Excelentíssimo Senhor Desembargador

Note-se, por fim, que algumas formas femininas podem não vingar por se revestirem de sentido pejorativo: *chefa*, *caba*, por exemplo.

Formação do feminino – Os substantivos que designam pessoas e animais manifestam o gênero e apresentam, quase sempre, duas formas diferentes: uma para indicar os seres do sexo masculino e outra para os seres do sexo feminino:

filho	–	filha
pai	–	mãe
rapaz	–	rapariga

Podemos distinguir, na manifestação do feminino, os seguintes processos:

a) com a mudança ou acréscimo ao radical, suprimindo a vogal temática: *filho* → filh(o) + a → *filha*:

1 – os terminados em -*o* mudam o -*o* em -*a*, por analogia com a flexão dos adjetivos biformes:

filho	–	filha	menino	–	menina
aluno	–	aluna	gato	–	gata

2 – os em -*e* uns há que ficam invariáveis, outros acrescentam -*a* depois de suprimir a vogal temática: *alfaiate* → alfaiat(e) + a → *alfaiata*.

Não variam de forma à semelhança dos adjetivos:

amante, *cliente*, *constituinte*, *doente*, *habitante*,
inocente, *ouvinte*, *servente*, etc.

Variam:

alfaiate – alfaiata
infante – infanta
governante – governanta
presidente – presidenta
parente – parenta
monge – monja

} também aparece invariável

3 – os em -*or* formam geralmente o feminino com acréscimo de *a*:

doutor – doutora
professor – professor

OBSERVAÇÃO: Outros, terminados em -*eira*: *arrumadeira*, *lavadeira*, *faladeira* (a par de *faladora*).

4 – os em vogal atemática (tônica), -*s*, -*l*, -*z* acrescentam *a*, sem qualquer alteração morfofonêmica:

freguês	–	freguesa	zagal	–	zagala
português	–	portuguesa	oficial	–	oficiala
juiz	–	juíza	guri	–	guria
peru	–	perua			

5 – os em -*ão* (dada a confluência no singular e permanência de formas diferençadas no plural, como já vimos, apresentam os seguintes casos:

a) quando este final pertence a nomes de tema em -*o* (transformado em semivogal do ditongo nasal), têm suprimida normalmente esta vogal e acrescida de -*a* e posterior fusão por crase:

irmão → irmã(o) + a → *irmãa* → *irmã* (por crase);
alemão → alemã(o) + a → *alemãa* → *alemã*. 29

b) quando -*ão* corresponde a forma teórica -*õ*, tal qual ocorre com o plural, há desnasalação da vogal temática e acréscimo de -*a*, que favorece o aparecimento de hiato:

bretão (radical teórico *bretõ*, cf. o plural *bretões*) → *breto*(m) + a → *bretoa*;
bom → bo(m) + a → *boa*.

c) quando -*ão* é sufixo derivacional aumentativo, a nasalidade desenvolve o fonema de transição /n/:

valentão (radical teórico *valentõ*, cf. pl. *valentões*) → *valento* + *n* + *a* → *valentona*.

6 – os que têm o sufixo derivacional –*eu* suprimem a vogal temática (aqui sob forma de semivogal do ditongo), acrescentam –*a* e, ao se obter o hiato *ea*, desenvolvem normalmente o ditongo /*ey*/ e conhecem posterior passagem do *e* fechado a aberto /*ey*/ (passagem que não se dá em todo o território onde se fala a língua, como, por exemplo, em Portugal): *europeu* → *europe*(u) + *a* → *europea* → *europeia* → *europeia*.

Assim procedem: *ateu*, *egeu*, *filisteu*, *giganteu*, *pigmeu*.

Fazem exceção: *judeu* → *judia*, *sandeu* → *sandia*.

7 – manifestam o feminino por meio dos sufixos derivacionais *-esa*, *-essa*, *-isa*, *-triz*, *-ez*:

abade – abadessa

alcaide – alcaidessa
(ou alcaidina)

barão – baronesa

bispo – episcopisa

conde – condessa

condastável – condastabelesa

cônego – canonisa

cônsul – consulesa

diácono – diaconisa

doge – dogesa, dogaresa,
dogaressa

druida – druidesa, druidisa
(ocorre em O. Bilac)

duque – duquesa

embaixador – embaixatriz
(embaixadora)

etíope – etiopisa

imperador – imperatriz

jogral – jogralesa

papa – papisa

píton – pitonisa

poeta – poetisa

príncipe – princesa

prior – priora, prioresa

profeta – profetisa

sacerdote – sacerdotisa

visconde – viscondessa

8 – não se enquadram nos casos precedentes:

ator – atriz

avô – avó

capiau – capioa

czar /pron. tçar/ - czarina *

dom – dona

felá – felaína

galo – galinha

grou – grua

herói – heroína

ilhéu – ilhoa

landgrave – landgravina

marajá – marani

mandarim – mandarina

maestro – maestrina
(também *maestra*)

pierrô – pierrete

raja ou rajá – râni ou rani

rapaz – rapariga

rei – rainha

réu – ré

silfo – sílfide

sultão – sultana

tabaréu – tabaroa

* Também grafado: tzar – tzarina.

b) com palavras diferentes para um e outro sexo (heterônimos):

1 – Nomes de pessoas:

cavaleiro – amazona

marido – mulher

cavalheiro – dama

confrade – confreira

compadre – comadre

frade – freira

frei – sóror, soror, sor

genro – nora

homem – mulher

padrasto – madrasta

padre – madre

padrinho – madrinha

pai – mãe

patriarca – matriarca

rico-homem – rica-dona

2 – Nomes de animais:

bode – cabra

boi – vaca

burro – besta

cão – cadela

carneiro – ovelha

cavalo – égua

veado – veada, cerva (é)

zangão, zângão – abelha

c) feminino com auxílio de outra palavra:

Há substantivos que têm uma só forma para os dois sexos:

estudante, consorte, mártir, amanuense, constituinte, escrevente, herege, intérprete, etíope, ouvinte, nigromante, servente, vidente, penitente

São por isso chamados comuns de (ou a) dois. Tais substantivos distinguem o sexo pela anteposição de *o* (para o masculino) e *a* (para o feminino):

o estudante – a estudante
o camarada – a camarada
o mártir – a mártir

Incluem-se neste grupo os nomes de família:

"(...) redarguiu colérica a *Pacheco* (...)" [CBr *apud* MB.2, 150].

Os nomes terminados em -*ista* e muitos terminados em -*e* são comuns de dois:

o capitalista – a capitalista; o doente – a doente

Também nomes próprios terminados em -*i* (antigamente ainda -*y*) são comuns tanto a homens como a mulheres:

Darci, Juraci

Enquadram-se neste grupo os nomes de animais para cuja distinção de sexo empregamos as palavras *macho* e *fêmea*:

cobra macho; jacaré fêmea

Podemos ainda servir-nos de outro torneio:

o macho da cobra; a fêmea do jacaré

Estes se chamam *epicenos*.

d) sobrecomuns

São nomes de um só gênero gramatical que se aplicam, indistintamente, a homens e mulheres: 30

o algoz, o carrasco, o cônjuge, a criatura, a criança, o ente, o indivíduo, a pessoa, o ser, a testemunha, o verdugo, a vítima.

Gênero estabelecido por palavra oculta – São masculinos os nomes de rios, mares, montes, ventos, lagos, pontos cardeais, meses, navios, por subentendermos estas denominações:

O (rio) *Amazonas*, *o* (oceano) *Atlântico*, *o* (vento) *bóreas*, *o* (lago) *Ládoga*, *o* (mês) *abril*, *o* (porta-avião) *Minas Gerais*

Por isso são normalmente femininos os nomes de cidade, ilhas:

A bela (cidade) *Petrópolis*. *A movimentada* (ilha) *Governador*.

Nas denominações de navios, depende do termo subentendido: *o* (transatlântico) *Argentina*, *a* (corveta) *Belmonte*, *a* (canhoneira) *Tijuca*, etc. De modo geral, os grandes transatlânticos são todos masculinos, em vista deste substantivo oculto, embora muitos tenham nomes femininos: "Embarcou *no Lusitânia* e foi para Lisboa" [MBa.5, 294].

Notem-se os seguintes gêneros:

O (vinho) *champanha* (e não *a champanha*!), *o* (vinho) *madeira*, *o* (charuto) *havana*, *o* (café) *moca*, *o* (gato) *angorá*, *o* (cão) *terra-nova*.

Mudança de sentido na mudança de gênero – Há substantivos que são masculinos ou femininos, conforme o sentido com que se achem empregados:

a apocalipse – *o apocalipse*
a cabeça (parte do corpo) – *o cabeça* (o chefe)
a capital (cidade principal) – *o capital* (dinheiro, bens)
a gênesis – *o gênesis*
a língua (órgão muscular; idioma) – *o língua* (o intérprete)
a lotação (capacidade de um carro, navio, sala, etc.) – *o lotação* (forma abreviada de autolotação)
a moral (parte da filosofia; moral de um fato; conclusão) – *o moral* (conjunto de nossas faculdades morais; ânimo)
a rádio (a estação) – *o rádio* (o aparelho)
a voga (moda; popularidade) – *o voga* (o remador)

Gênero de compostos – Os compostos são uma espécie de construção sintática abreviada, de modo que, se são constituídos por substantivos variáveis (biformes), o determinante (a 2.ª unidade) concorda com o gênero do determinado e é responsável pelo gênero do composto: a *batata-rainha* e não a *batata-rei*, a *ponta-seca* (instrumento de corte) [MAg.1, 160; MAg.3, 157].

Nos compostos de unidades uniformes, é evidente que não se dá a concordância do 2.º elemento, mas o gênero do composto continua se regulando pela 1.ª unidade: *a cobra-capelo*, *o pau-paraíba*, *a fruta-pão*.

Neste último caso, dá-se com frequência a perda da noção do composto (tratado como palavra base), o que facilita que o gênero do composto se regule pela 2.ª unidade: *o pontapé* e a indecisão entre o povo se é *a fruta-pão* (o normal), se *o fruta-pão* (com esquecimento do composto).

Se o composto está constituído de tema verbal e substantivo, a regra é o composto ter o gênero masculino singular: *o tira-teima*(s), *o arranca-rabo*, *o trava-língua*, *o trava-conta*(s).

Contrariamente ao gênero da língua e por imitação inglesa, passou-se a usar de compostos em que o determinante, invariável, ocupa o primeiro lugar, e o determinado o segundo, ficando o gênero do composto regulado por este último elemento: *a ferrovia*, *a aeromoça*. Segundo Martinz de Aguiar, por esta porta é que nos chegou o masculino de *o cólera-morbo* (*morbo*, latino, é masculino) e, na forma reduzida, *o cólera*, e não por influência francesa. A passagem ao hoje mais usual e aceito *a cólera-morbo*, *a cólera*, se deveu à analogia com o processo regular no português.

Gêneros que podem oferecer dúvida:

a) *São masculinos*:

Os nomes de letra de alfabeto, clã, champanha, dó, eclipse, formicida, grama (unidade de peso), jângal (jângala), lança-perfume, milhar, orbe, pijama, proclama, saca-rolhas, sanduíche, sósia, telefonema, soma (o organismo tomado como expressão material em oposição às funções psíquicas).

b) *São femininos*:

Aguardente, alface, alcunha, alcíone, análise, anacruse, bacanal, fácies, fama, cal, cataplasma, cólera, cólera-morbo, coma (cabeleira e vírgula), dinamite, eclipse, faringe, fênix, filoxera, fruta-pão, gesta (= façanha), libido, polé, preá, síndrome, tíbia, variante e os nomes terminados em *-gem* (exceção de *personagem* que pode ser masc. ou fem.).

c) *São indiferentemente masculinos ou femininos*:

Ágape, avestruz, caudal, componente (masc. no Br. e fem. em Portugal), crisma, diabete, gambá, hélice, íris, juriti, igarité, lama ou lhama, laringe (mais usado no fem.), ordenança, personagem, renque, sabiá, sentinela, soprano, suástica, suéter, tapa, trama (intriga), víspora.

Mais de um feminino – Além dos já apontados no decorrer do capítulo, lembraremos ainda os mais usuais:

aldeão – aldeã, aldeoa
deus – deusa, deia (poét.)
diabo – diaba, diabra, diáboa
elefante – elefanta, elefoa, aliá
javali – javalina, gironda
ladrão – ladra, ladrona, ladroa
melro – mélroa, melra
motor – motora, motriz (adj.)
pardal – pardoca, pardaloca, pardaleja
parvo – párvoa, parva
polonês – polonesa, polaca
varão – varoa, virago, matrona
vilão – vilã, viloa

OBSERVAÇÃO: As orações, os grupos de palavras, as palavras e suas partes tomadas materialmente são consideradas como do número singular e do gênero masculino: É bom *que estudes*; *o sim*; *o não*; *o re-*, etc.

Aumentativos e diminutivos – Os substantivos apresentam-se com a sua significação aumentada ou diminuída, auxiliados por sufixos derivacionais:

homem – homenzarrão – homenzinho

A NGB, confundindo flexão com derivação, estabelece dois graus de significação do substantivo:

a) aumentativo: *homenzarrão*
b) diminutivo 31: *homenzinho*

A derivação gradativa do substantivo se realiza por dois processos, numa prova evidente

de que estamos diante de um processo de derivação, e não de flexão:

a) *sintético* – consiste no acréscimo de um final especial chamado *sufixo derivacional aumentativo* ou *diminutivo*: homenzarrão, homenzinho;

b) *analítico* – consiste no emprego de uma palavra de aumento ou diminuição (grande, enorme, pequeno, etc.) junto ao substantivo: *homem grande*, *homem pequeno*.

A flexão se processa de modo sistemático, coerente e obrigatório em toda uma classe homogênea, fato que não ocorre na derivação, o que já levara o gramático e erudito romano Varrão a considerá-la uma *derivatio voluntaria*.

Aumentativos e diminutivos afetivos 32 – Fora da ideia de tamanho, as formas aumentativas e diminutivas podem traduzir o nosso desprezo, a nossa crítica, o nosso pouco caso para certos objetos e pessoas, sempre em função da significação lexical da base, auxiliados por uma entoação especial (eufórica, crítica, admirativa, lamentativa, etc.) e os entornos que envolvem falante e ouvinte:

poetastro, *politicalho*, *livreco*, *padreco*, *coisinha*, *issozinho*

Dizemos então que os substantivos estão em sentido pejorativo.

A ideia de pequenez se associa facilmente à de carinho que transparece nas formas diminutivas das seguintes bases léxicas:

paizinho, mãezinha, queridinha

Função sintática do substantivo – Quanto à função sintática, o substantivo exerce por excelência a função de sujeito (ou seu núcleo) da oração e, no domínio da constituição do predicado, as funções de objeto direto, complemento relativo, objeto indireto, predicativo, adjunto adnominal e adjunto adverbial. Em geral, na função de sujeito e de objeto direto dispensa o substantivo o concurso de qualquer outro elemento; nas outras, acompanha-se de índice funcional.

Toda palavra, parte da palavra ou toda unidade linguística de maior extensão – a oração e o texto inclusive – considerada materialmente, como "objetos substantivos" vale por um substantivo, na metalinguagem. Assim, em ***João** é oxítono, **re**-é um prefixo, o **hoje** e o **amanhã*** o que temos são elementos significantes da linguagem primária (isto é, a linguagem cujo objeto é a realidade não linguística) que se podem converter em nomes de si mesmos – e, portanto, em "substantivos" – no plano da metalinguagem do discurso (isto é, a linguagem cujo objeto é uma linguagem), vale dizer, no emprego metalinguístico da linguagem. Em *o **não*** ou *o **ai!*** não temos "substantivações" de advérbio ou de interjeição, mas substantivos metalexicalizados. Em *O **dlim-dlão** dos sinos acordou-me cedo,* não temos uma onomatopeia a funcionar como sujeito; no exemplo, *dlim-dlão* já não é uma onomatopeia (repare-se que só o substantivo ou equivalente funciona como sujeito), mas o seu nome expresso por substantivo designativo do som que o sino emite. É o que a escolástica chamava *suppositio materialis* [ECs.12, 107; HCv.2, 189].

Grafia dos nomes próprios estrangeiros – As ciências, as artes, a cultura, em geral, e o contato intenso entre nações fazem circular uma multiplicidade de nomes próprios estrangeiros, quer antropônimos, quer topônimos. A tradição literária – mais lusitana que brasileira – prefere, quando possível, aportuguesar, nos antropônimos, o prenome, deixando intacto o sobrenome: *Emílio Zola, Ernesto Renan, Renato Descartes, Antônio Meillet, Frederico Diez.* Todavia, também é possível a manutenção integral do nome estrangeiro: *Antoine Meillet*, *John Milton*, *Juan de Mena.*

Há outros que tradicionalmente são mantidos intactos: *William Shakespeare*, *Johann Wolfgang von Goethe*, *Giovanni Boccaccio*, *Wolfgang Amadeus Mozart*.

Particular atenção merecem os nomes latinos que, por imitação francesa, aparecem com a terminação *-us* do nominativo, quando deveriam ter *-o*: *Bruto* (e não *Brutus*), *Júnio* (e não *Junius*), *Quintílio* (e não *Quintilius*) [MBa.7, 252 - 253].

Maiores adeptos do aportuguesamento, especialmente em Portugal, angariam os topônimos, principalmente quando já correram entre escritores desde os séculos XV e XVI. Assim, é pacífica nos dois países (já que os países independentes de expressão oficial portuguesa acertam o passo com a lição e prática dos lusitanos) a aceitação de *Londres* (e não *London*), *Viena* (e não *Wien*), *Florença* (e não *Firenze*), *Colônia* (e não *Köln*), *Mogúncia* (e não *Mainz* ou *Mayence*), ao lado de outras de difícil aportuguesamento, como *Washington, Windsor, Civitàvecchia, St. Etienne.*

Para brasileiros soam estranhos aportuguesamentos como *Moscovo, Aquisgrano* (Aix-la-Chapelle ou Aachen), *Bona* (Bonn), *Vratislávia* (Breslau), *Cambrígia* (Cambridge), *Francoforte* (Frankfurt), *Glásgua* (Glasgow), entre outros, embora várias propostas tenham aceitação unânime: *Antuérpia* (para *Anvers*), *Avinhão* (*Avignon*), *Basileia* (*Bâle ou Basel*), *Berna* (*Berne*), *Cornualha* (*Cornwall*), *Cracóvia* (*Kraków*), *Leida* (*Leyden*), *Nimega* (*Nijmegen*), *Nova Iorque* (*New York*), *Zurique (Zurich*).

2 – ADJETIVO

Adjetivo – é a classe de lexema que se caracteriza por constituir a *delimitação*, isto é, por caracterizar as possibilidades designativas do substantivo, orientando delimitativamente a referência a uma *parte* ou a um *aspecto* do denotado.

O adjetivo pertence a um inventário aberto, sempre suscetível de ser aumentado. A estrutura interna ou constitucional do adjetivo consiste, nas línguas flexivas, na combinação de um signo lexical expresso pelo radical com signos morfológicos expressos por desinências e alternâncias, ambas destituídas de existência própria fora dessas combinações. No português, entre as desinências está a marca de gradação, isto é, o grau absoluto ou relativo da parte, ou aspecto ("qualidade") significado no radical, (*belo – belíssimo*), bem como afixos de gênero e de número. A relação gramatical instaurada entre o signo delimitador e o signo delimitado é geralmente expressa pela "concordância".

A delimitação apresenta distinções; pode ser *explicação*, *especialização* e *especificação*, expressas por instrumentos verbais correspondentes: os *explicadores*, os *especializadores* e

os *especificadores*. Os explicadores destacam e acentuam uma característica inerente do nomeado ou denotado. Os especializadores marcam os limites extensivos ou intensivos pelos quais se considera o determinado, sem isolá-lo nem opô-lo a outros determináveis capazes de caber na mesma denominação. Os especificadores restringem as possibilidades de referência de um signo, ajuntando-lhe notas que não são inerentes a seu significado.

Junto a virtuais, os especificadores delimitam dentro das classes correspondentes outras classes menos amplas (p. ex. *homem* / *homem branco*). Aplicados a atuais, apresentam os objetos denotados como pertencentes a classes que, por sua vez, se consideram incluídas em classes mais extensas (cf. um *menino louro* pertence à classe "menino louro", que é membro da classe "menino"). Este tipo de determinação Coseriu chama *especificação distintiva*.

Formalmente análoga à especificação distintiva, mas muito diferente no que toca ao funcional, é a *especificação informativa* ou *identificação*, que é um tipo autônomo de determinação, expresso pelos instrumentos *identificadores*. Consiste a identificação na especificação do significado de uma forma "multívoca" para garantir sua compreensão por parte do ouvinte atual ou eventual. Não é a identificação um processo que se realiza com *significados*, como a delimitação, mas com *formas*, e com vista à *atribuição do significado*, isto é, é um processo para que as formas se tornem *inequívocas* ao ouvinte.

Instrumentos gramaticais da determinação nominal – Os instrumentos verbais da determinação nominal são expressos por palavras dotadas de significado categorial e léxicos compreendidas pelos adjetivos, locuções adjetivas, orações adjetivas e nomes em aposição, que se aplicam tanto a nomes virtuais quanto a atuais.

São exemplos de:

a) *delimitadores explicadores*: ***o vasto*** *oceano*, ***as líquidas*** *lágrimas*

b) *delimitadores especializadores*: *a vida* ***inteira***, *o sol* ***matutino***, *o dia* ***no ocaso***, *o céu* ***austral***, *o homem* ***como sujeitos pensantes***, *Camões* ***como poeta***.

c) *delimitadores especificadores* (especificação distintiva): *castelo* ***medieval***, *menino* ***louro***, *aves* ***aquáticas***, *o presidente* ***da República***, *o médico* ***de família***.

São exemplos de determinação *identificadora*: *folha* ***de papel***, *folha* ***de zinco***, *quadro* ***de futebol***, *quadro* ***de parede***, *língua-**idioma***, *língua-**órgão,*** *o real* ***moeda***, *homem* ***homem*** (e não *homem* ser humano).

Os identificadores podem ser ocasionais (Caxias, *Maranhão*), usuais (São Lourenço *do Sul*), ou constantes (*Nova* York, Porto *Alegre*). Os identificadores usuais e constantes, como partes integrantes de um signo, constituem, com seus determinados, verdadeiros *nomes compostos*, embora normalmente dissociáveis, no caso dos identificadores usuais, em virtude de circunstâncias do falar a que Coseriu chama *entornos*.

Assim, se o falante estiver no Maranhão, escusará dizer *Caxias*, *Maranhão*, mas tão somente *Caxias*, como o habitante de *São Lourenço do Sul* usará apenas *São Lourenço*, dentro do mesmo entorno.

OBSERVAÇÃO: Outros instrumentos verbais podem, sozinhos ou acompanhados de adjetivo, exercer a função de delimitadores nominais. Entretanto, com os adjetivos propriamente ditos não se confundem, porque não possuem significação lexical (ou,

como vimos atrás, quando a apresentam, têm significado lexical genérico, o que ocorre com certos pronomes), e integram um inventário fechado: são pronomes adjuntos (a que a gramática tradicional chamava "adjetivos determinativos": *possessivos*, *demonstrativos*, *indefinidos*) e, intimamente relacionados com estes últimos, os *numerais*.

NOTA DE NOMENCLATURA: Os gramáticos antigos gregos e latinos reuniam substantivos e adjetivos numa só classe, a dos *nomes*, como ainda fazem alguns gramáticos de línguas estrangeiras (ingleses, por exemplo). Só na Idade Média se fez a distinção entre nomes substantivos e nomes adjetivos. Isto porque um mesmo objeto pode ser apreendido ou como objeto absoluto e independente (isto é, substância afetada por um acidente: *o forte* ***amor***), ou como objeto dependente (inerente a um sujeito: *o homem* ***amoroso***). Daí, com frequência, poder o mesmo significante ocorrer com um ou outro desses valores: ***alto*** *monte* – ***o alto*** *do monte*. Assim também expressões inteiras, inclusive orações, podem "substantivar-se", vale dizer, podem passar a exercer funções que os substantivos exercem; daí as chamadas orações subordinadas substantivas: *Desejo teu* ***progresso*** / *Desejo* ***que progridas*** [ECs.1, 291-308; HVc.1, 427-428]. Por outro lado, uma oração adjetiva não introduzida pelos conectores *cujo* e *o qual* pode voltar a substantivar-se mediante a anteposição do artigo, se se elide o substantivo antecedente: *Não sei* ***o que tem de verdade nisso***, onde a oração transposta de adjetivo passa a substantivo para exercer a função de objeto direto em relação ao predicado *não sei*. Chamar ao *o* (*a, os, as*) pronome demonstrativo é mascarar a substantivação.

Locução adjetiva – é a expressão formada de preposição + substantivo ou equivalente com função de adjetivo:

Homem de *coragem* = homem *corajoso*
Livro *sem capa* = livro *desencapado*
"Era uma noite medonha,
Sem estrelas, *sem luar*" [GD]
Homem *de cor*
Escritores *de hoje*

Note-se que nem sempre encontramos um adjetivo de significado perfeitamente idêntico ao de locução adjetiva:

Colega de turma

A língua poética é mais receptiva ao emprego do adjetivo que exprime matéria em lugar da locução adjetiva:

áureas *estátuas* – *estátuas* ***de ouro***
nuvens ***plúmbeas*** – *nuvens* ***de chumbo***
colunas ***marmóreas*** – *colunas* ***de mármore***

Substantivação do adjetivo – Certos adjetivos são empregados sem qualquer referência a nomes expressos como verdadeiros substantivos. A esta passagem de adjetivos a substantivos chama-se substantivação:

"A vida é combate
que os *fracos* abate,
que os *fortes*, os *bravos*,
só pode exaltar" [GD].

Nestas substantivações, o adjetivo prescinde do substantivo que o podia acompanhar, ou então é tomado em sentido muito geral e indeterminado, não marcado, caso em que se usa o masculino (à maneira do neutro latino, mas não do neutro em português, que não existe):[33]

O ***bom*** da história é que não houve fim.
O ***engraçado*** da anedota passou despercebido.
O ***triste*** do episódio está em que a vida é assim.

Flexões do adjetivo – O adjetivo se combina com certos signos gramaticais para manifestar o *número*, o *gênero* e o *grau*. O grau, entretanto, não constitui, no português, um processo gramatical e, assim, deve ser excluído da nossa descrição como tal, à semelhança do que já fazem gramáticas de outras línguas românicas. O grau, com estas reservas, figura aqui, por ter sido ainda contemplado pela NGB. A gradação em português, tanto no substantivo quanto no adjetivo, se manifesta por procedimentos sintáticos, e não morfológicos, como o era em latim, ou por sufixos derivacionais.

Número do adjetivo – O adjetivo acompanha o número do substantivo a que se refere: *aluno estudioso*, *alunos estudiosos*.

O adjetivo, portanto, conhece os dois números que vimos no substantivo: o *singular* e o *plural*.

Formação do plural dos adjetivos – Aos adjetivos se aplicam, na maioria dos casos, as mesmas regras de plural dos substantivos.

Alguns poucos adjetivos, como já ocorreu nos substantivos, se mostram indiferentes à marca de número, servindo indistintamente para a indicação do singular ou plural: *simples*, *isósceles*, assim:

critério *simples* / solução *simples*
caráter *assim* / coragem *assim*

Quanto aos adjetivos compostos, lembraremos que normalmente só o último varia, quando formados por dois adjetivos:

amizades luso-brasileiras, reuniões lítero-musicais
saias verde-escuras, folhas azul-claras

Variam ambos os elementos, entre outros exemplos, *surdo-mudo*: *surdos-mudos*.

Com exceção dos casos mais gerais, não tem havido unanimidade de uso no plural dos adjetivos compostos, quer na língua literária, quer na variedade espontânea da língua. A dificuldade fica ainda acrescida pelo fato de uma mesma forma poder ser empregada como adjetivo ou como substantivo, e a cada uma dessas funções são atribuídos plurais distintos, especialmente nos dicionários. As denominações de cores é que mais chamam a nossa atenção neste particular. Assim, para *verde-claro* como substantivo, se atribui o plural *verdes-claros* e, como adjetivo, *verde-claros*; já *verde-azul*, substantivo ou adjetivo, é assinalado com o plural *verde-azuis*.

Se o 2.º elemento é um substantivo (*verde-abacate*, *verde-água*), o composto admite dois plurais: *verdes-abacates* e *verdes-abacate*; *verdes-águas* e *verdes-água*.

O melhor, nestes casos, será apelar para as nossas tradicionais maneiras de adjetivar, com o auxílio da preposição *de* ou das locuções *de cor*, *de cor de* ou, simplesmente, *cor de* [SS.3, 74]: *olhos de verde-mar*, *ramagens de cor verde-garrafa*, *luvas de cor de pele*, *olhos cor de safira*, *olhos verdes da cor do mar*.

Mário Barreto, lembrando a possibilidade da elipse da preposição *de* ou da locução *cor de*, recomenda a invariabilidade do substantivo empregado adjetivamente, em *fitas creme*,

luvas café, isto é, fitas de cor de creme, e rejeita *fitas cremes*, *luvas cafés* [MBa.1, 375-377]. Ensina ainda que, sendo frequente o emprego do nome do objeto colorido para expressar a cor desse mesmo objeto: *o* ***lilá*** *pálido*, *um* ***violeta*** *escuro*, aplicando-se aos nomes *lilá*, *violeta* o gênero masculino na acepção da cor: "Prefiro o *rosa* ao *violeta*", em vez de "Prefiro *a* rosa à violeta", oração que pode ser entendida de maneira ambígua.

Gênero do adjetivo – O adjetivo concorda também em gênero com o substantivo a que se refere. Conhece, assim, os gêneros comuns ao substantivo: *masculino* e *feminino*. Todavia, esta distinção (em gênero e em número) tem diferente valor referencial no substantivo e no adjetivo; no substantivo, o gênero e o número modificam a referência, enquanto no adjetivo designam sempre a mesma qualidade e só se explicam como simples repercussão da relação sintática (concordância) que se instaura entre o determinado e o determinante, nada acrescentando semanticamente. Diferente de *menino* / *menina*, o adjetivo *estudioso* / *estudiosa* não assinala *menino* como da classe dos machos nem *menina* da classe das fêmeas.

Formação do feminino dos adjetivos – Os adjetivos *uniformes* são os que apresentam uma só forma para acompanhar substantivos masculinos e femininos. Geralmente estes uniformes terminam em *-a*, *-e*, *-l*, *-m*, *-r*, *-s* e *-z*:

povo *lusíada*	–	nação *lusíada*
breve exame	–	*breve* prova
trabalho *útil*	–	ação *útil*
objeto *ruim*	–	coisa *ruim*
estabelecimento *modelar*	–	escola *modelar*
homem *audaz*	–	mulher *audaz*
conto *simples*	–	história *simples*

Exceções principais: *andaluz*, *andaluza*; *bom*, *boa*; *chim*, *china*; *espanhol*, *espanhola*.

Quanto aos *biformes*, isto é, que têm uma forma para o masculino e outra para o feminino, os adjetivos seguem de perto as mesma regras que apontamos para os substantivos. Lembraremos aqui apenas os casos principais:

a) Os terminados em *–ês*, *-or*, e *–u* acrescentam no feminino um *a*, na maioria das vezes.

chinês, *chinesa*; *lutador*, *lutadora*; *cru*, *crua*.

EXCEÇÕES: 1) *cortês*, *descortês*, *montês* e *pedrês* são invariáveis; 2) *incolor*, *multicor*, *sensabor*, *maior*, *melhor*, *menor*, *pior* e outros são invariáveis. Outros em *-dor* ou *-tor* apresentam-se em *-triz*: *motor*, *motriz* (a par de *motora*, conforme vimos nos substantivos); outros terminam em *-eira*: *trabalhador*, *trabalhadeira* (a par de *trabalhadora*). *Superiora* (de convento) usa-se como substantivo. 3) *hindu* é invariável; *mau* faz *má*.

b) Os terminados em *-eu* passam, no feminino, a *-eia*:

europeu, *europeia*; *ateu*, *ateia*.

EXCEÇÕES: *judeu – judia*; *sandeu – sandia*
tabaréu – tabaroa; *réu – ré*.

c) Alguns adjetivos, como já ocorreu nos substantivos, apresentam uma forma teórica básica do feminino singular com vogal aberta que estará presente também no plural; no masculino esta vogal aberta passa a fechada:

laborioso (ô), *laboriosa* (ó); *disposto* (ô), *disposta* (ó).

Este procedimento de partir do timbre da vogal tônica aberta do feminino para o fechamento da vogal do masculino, e não o inverso, explica-se pelo fato de que há adjetivos em que a vogal tônica fechada do masculino se mantém fechada também no feminino: *encantada*, *encantadora*, *português*, *portuguesa*.

Gradação do adjetivo – Há três tipos de gradação na qualidade expressa pelo adjetivo: *positivo*, *comparativo* e *superlativo*, quando se procede a estabelecer relações entre o que são ou se mostram duas ou mais pessoas. Como já dissemos, a gradação em português se expressa por mecanismo sintático ou derivacional:

O POSITIVO, que não se constitui a rigor numa gradação, enuncia simplesmente a qualidade:

O rapaz é *cuidadoso*.

O COMPARATIVO compara qualidade entre dois ou mais seres, estabelecendo:

a) uma *igualdade*:

O rapaz é *tão cuidadoso quanto* (ou *como*) *os outros*.

b) uma *superioridade*:

O rapaz é *mais cuidadoso que* (ou *do que*) *os outros*.

c) uma *inferioridade*:

O rapaz é *menos cuidadoso que* (ou *do que*) *os outros*.

O SUPERLATIVO pode:

a) ressaltar, com vantagem ou desvantagem, a qualidade do ser em relação a outros seres:

O rapaz é *o mais cuidadoso dos* (ou *dentre os*) *pretendentes ao emprego*.

O rapaz é *o menos cuidadoso dos pretendentes*.

b) indicar que a qualidade do ser ultrapassa a noção comum que temos dessa mesma qualidade:

O rapaz é *muito cuidadoso*.

O rapaz é *cuidadosíssimo*.

No primeiro caso, a *qualidade* é ressaltada em relação ou comparação com os outros pretendentes. Diz-se que o *superlativo* é *relativo*.

Forma-se o *superlativo relativo* do mesmo modo que o comparativo de superioridade ou inferioridade antecedido sempre do artigo definido e seguido de sintagma preposicional iniciado por *de* (ou *dentre*): *o mais... de* (ou *dentre*), *o menos... de* (ou *dentre*).

No segundo caso, a superioridade é ressaltada sem nenhuma relação com outros seres. Diz-se que o *superlativo* é *absoluto* ou *intensivo*.

O superlativo absoluto pode ser *analítico* ou *sintético*.

Forma-se o analítico com a anteposição de palavra intensiva (*muito*, *extremamente*, *extraordinariamente*, etc.) ao adjetivo: *muito cuidadoso*. Na modalidade espontânea, mesmo

em literatura, pode-se obter a manifestação afetiva do superlativo mediante a repetição do adjetivo: *Ela é linda linda*. Ou do advérbio: *Ela é muito muito linda*.

O *sintético* é obtido por meio do sufixo derivacional *-íssimo* (ou outro de valor intensivo) acrescido ao adjetivo na forma positiva, com a supressão da vogal temática, quando o exigirem regras morfofonêmicas: *cuidadosíssimo*.

Quanto ao aspecto semântico, *cuidadosíssimo* diz mais, é mais *enfático* do que *muito cuidadoso*. O sufixo *-íssimo* é recente na longa história do português e se deve a um empréstimo do latim, durante o Renascimento, com o auxílio do italiano, responsável pela recuperação do sufixo. Na linguagem coloquial, se desejamos que o superlativo absoluto analítico seja mais enfático, costumamos repetir a palavra intensiva: *Ele é muito mais cuidadoso*, ou se buscam efeitos expressivos mediante a ajuda de criações sufixais imprevistas como *-ésimo*.

O meio termo entre estes dois superlativos (*muito cuidadoso – cuidadosíssimo*) é obtido com a fórmula: *mais do que cuidadoso*, *menos de*:

> "Estas e outras arguições, complicadas com os procedimentos *mais do que ásperos* da expulsão do coleitor Castracani em 1639, não concorreram pouco para alienar de todo o ânimo das populações..." [RS.2, IV, 75-6].
> "Tomou o estudante uma casa *menos de* modesta, fora de portas em Santo Antônio dos Olivais" [CBr.6, 107].

Alterações gráficas no superlativo absoluto – Ao receber o sufixo intensivo, o adjetivo pode sofrer certas modificações na sua forma:

a) os terminados em *-a*, *-e*, *-o* perdem essas vogais:

cuidadosa – cuidadosíssima
elegante – elegantíssimo
cuidadoso – cuidadosíssimo

b) os terminados em *-vel* mudam este final para *-bil*:

terrível – terribilíssimo
amável – amabilíssimo

c) os terminados em *-m* e *-ão* passam, respectivamente, a *-n* e *-an*:

comum – comuníssimo
são – saníssimo

d) os terminados em *-z* passam esta consoante a *-c*:

feroz – ferocíssimo
sagaz – sagacíssimo

Há adjetivos que não alteram sua forma, como é o caso dos terminados em *-u*, *-l* (exceto *-vel*), *-r*:

cru – cruíssimo; fácil – facílimo – facilíssimo; regular – regularíssimo

Afora estes casos, outros há onde os superlativos se prendem às formas latinas. Apontemos os mais frequentes:

acre – acérrimo
amargo – amaríssimo
amigo – amicíssimo
antigo – antiquíssimo
magnífico – magnificentíssimo
magro – macérrimo
malédico – maledicentíssimo
malévolo – malevolentíssimo

áspero – aspérrimo

benéfico – beneficentíssimo

benévolo – benevolentíssimo

célebre – celebérrimo

célere – celérrimo

cristão – cristianíssimo

cruel – crudelíssimo

difícil – dificílimo

doce – dulcíssimo

fiel – fidelíssimo

frio – frigidíssimo

geral – generalíssimo

honorífico – honorificentíssimo

humilde – humílimo

incrível – incredibilíssimo

inimigo – inimicíssimo

íntegro – integérrimo

livre – libérrimo

maléfico – maleficentíssimo

mísero – misérrimo

miúdo – minutíssimo

negro – nigérrimo

nobre – nobilíssimo

parco – parcíssimo

pessoal – personalíssimo

pobre – paupérrimo

pródigo – prodigalíssimo

público – publicíssimo

provável – probabilíssimo

sábio – sapientíssimo

sagrado – sacratíssimo

salubre – salubérrimo

soberbo – superbíssimo

simples – simplicíssimo

tétrico – tetérrimo

Ao lado do superlativo à base do termo latino, pode circular o que procede do adjetivo acrescido da terminação *–íssimo*:

agílimo – agilíssimo

antiquíssimo – antiguíssimo

crudelíssimo – cruelíssimo

dulcíssimo – docíssimo

facílimo – facilíssimo

humílimo – humildíssimo, humilíssimo

macérrimo – magríssimo

nigérrimo – negríssimo

parcíssimo – parquíssimo

paupérrimo – pobríssimo

OBSERVAÇÃO: Chamamos a atenção para as palavras terminadas em *-io* que, na forma sintética, apresentam dois *is*, por seguirem a regra geral da queda do *-o* final para receber o sufixo:

cheio → cheiíssimo, cheiinho
feio → feiíssimo, feiinho
frio → friíssimo, friinho
necessário → necessariíssimo
precário → precariíssimo
sério → seriíssimo, seriinho
sumário → sumariíssimo
vário → variíssimo

OBSERVAÇÃO: A tendência da língua à fuga ao hiato leva a que apareçam formas com fusão dos dois ii, embora num ou noutro

adjetivo a eufonia impede a mudança: **fríssimo*, **varíssimo*, por exemplo, embora Dias Gomes (séc. XVIII) escrevesse *propríssimo*. Ainda que escritores usem formas com um só *i* (*cheíssimo*, *cheinho*, *feíssimo*, *seríssimo*, etc.), a língua padrão insiste no atendimento à manutenção dos dois ii.34

Comparativos e superlativos irregulares – Afastam-se dos demais na sua formação de comparativo e superlativo os adjetivos seguintes:

	Comparativo de superioridade	*Superlativo*	
Positivo		*absoluto*	*relativo*
bom	melhor	ótimo	o melhor
mau	pior	péssimo	o pior
grande	maior	máximo	o maior
pequeno	menor	mínimo	o menor

Não se diz *mais bom* nem *mais grande* em vez de *melhor* e *maior*; mas podem ocorrer *mais pequeno*, *o mais pequeno*, *mais mau*, por *menor*, *o menor*, *pior*. Também se podem empregar *bom* e *grande* nas expressões *mais ou menos grande*, *mais ou menos bom*, pois que os tais adjetivos se regulam pela última palavra:

> "Os poemas completos do desterrado do Ponto, todas as literaturas europeias os ambicionavam, e os meteram em si, com *mais ou menos boa* mão" [AC *apud* MBa.1, 249].

Note-se o jogo de alternância de *mais pequeno* e *menor* em:

> "Em matéria de amor-próprio o *mais pequeno* inseto não o tem *menor* que a baleia ou o elefante" [MM.1, 151].

É ainda oportuno lembrar que às vezes *bom* e *mau* constituem com o substantivo seguinte uma só lexia, uma só unidade léxica, de modo que, nesta situação, podem ser modificados pelos advérbios *mais*, *menos*, *melhor*, *pior*, que passam a referir-se a toda a expressão: *homem de mais mau-caráter*, *pessoa de menos más intenções*, *palavras da melhor boa-fé*:

> "Pode ser que ele ainda venha para ti com o coração purificado, e o tributo da mocidade avaramente pago. *Mais bom marido* será então" [CBr *apud* MBa.5, 241-242].

Ao lado dos superlativos *o maior*, *o menor*, figuram ainda *o máximo* e *o mínimo* que se aplicam a ideias abstratas e aparecem ainda em expressões científicas, como *a temperatura máxima*, *a temperatura mínima*, *máximo divisor comum*, *mínimo múltiplo comum*, *nota máxima*, *nota mínima*.

Em lugar de *mais alto* e *mais baixo* usam-se os comparativos *superior* e *inferior*; por *o mais alto* e *o mais baixo*, podemos empregar os superlativos *o supremo* ou *o sumo*, e *o ínfimo*.

Comparando-se duas qualidades ou ações, empregam-se *mais bom*, *mais mau*, *mais grande* e *mais pequeno* em vez de *melhor*, *pior*, *maior*, *menor*:

> *É mais bom do que mau* (e não: *é melhor do que mau*).
> *A escola é mais grande do que pequena.*
> *Escreveu mais bem do que mal.*
> *Ele é mais bom do que inteligente.*

Por fim, assinalemos que, depois dos comparativos em *-or* (*superior*, *inferior*, *anterior*,

posterior, *ulterior*), se usa a preposição *a*:

*Superior **a** ti*, *inferior **ao** livro*, *anterior **a** nós*

Repetição de adjetivo com valor superlativo – Na linguagem coloquial, pode-se empregar, em vez do superlativo, a repetição do mesmo adjetivo:

O dia está *belo belo* (= belíssimo).

Ela era *linda linda* (= lindíssima).

Proferindo-se estas orações, dá-se-lhes um tom de voz especial para melhor traduzir a ideia superlativa expressa pela repetição do adjetivo. Geralmente consiste na pausa demorada na vogal da sílaba tônica.

Comparações em lugar do superlativo – Para expressarmos mais vivamente o elevado grau de uma qualidade do ser, empregamos ainda comparações que melhor traduzem a ideia superlativa:

Pobre como Jó (= paupérrimo), *feio como a necessidade* (feiíssimo), *claro como água*, *escuro como breu*, *esperto como ele só*, *malandro como ninguém.*

Usam-se ainda certas expressões não comparativas: *podre de rico*, *feio a mais não poder*, *grande a valer*.

Adjetivos diminutivos – As formas diminutivas de adjetivos podem (precedidas ou não de *muito*, *mais*, *tão*, *bem*) adquirir valor de superlativo:

Blusa amarelinha, *garoto bonitinho*; "É bem *feiozinho*, benza-o Deus, o tal teu amigo!" [AAz].

No estilo coloquial não é raro o reforço deste emprego do diminutivo mediante as locuções *da Silva*, *da Costa* (cf. BF, XVII, 1 – 2, 197).

3 – Artigo

Artigo – Chamam-se *artigo definido* ou simplesmente *artigo **o**, **a**, **os**, **as*** que se antepõem a substantivos, com reduzido valor semântico demonstrativo e com função precípua de adjunto desses substantivos.

A tradição gramatical tem aproximado este verdadeiro artigo de ***um***, ***uns***, ***uma***, ***umas***, chamados *artigos indefinidos*, que se assemelham a ***o***, ***a***, ***os***, ***as*** pela mera circunstância de também funcionarem como adjunto de substantivo, mas que do autêntico artigo diferem pela origem, tonicidade, comportamento no discurso, valor semântico e papéis gramaticais.

Pela origem, porque *o*, *a*, *os*, *as* se prendem a antigo demonstrativo latino (*illum*, *illa*) – o que lhes garante o valor de demonstrativo atenuado –, enquanto *um*, *uma*, *uns*, *umas* representam emprego especial de generalização do numeral *um*. Pela tonicidade, porque, sendo um vocábulo eminentemente átono, não pode funcionar sozinho na oração, como o faz o chamado artigo indefinido que, neste papel, só não se confunde com o pronome indefinido

pelo auxílio que lhe emprestam os entornos linguísticos. Do ponto de vista semântico e consequentes resultados nas funções gramaticais, está o primordial valor *atualizador* do artigo, de que decorrem os demais valores contextuais: 35 o artigo definido identifica o objeto designado pelo nome a que se liga, delimitando-o, extraindo-o de entre os objetos da mesma classe, como aquele que já foi (ou será imediatamente) conhecido do ouvinte – quer através do discurso (que dele faz menção), quer pela "dêixis" (que o mostra, ordenando-o espacial e temporalmente), quer pelo contexto idiomático, no qual a palavra é, quando não ulteriormente determinada, nome de conceito ou de toda uma classe de objetos (assim, "o homem é um animal racional" equivale a "aquilo que conhecemos pela palavra *homem*...") [HCv.1, 2, 1427].

Deste valor atualizador decorre o fato sintático de o artigo ser dispensado quando tal valor já vem expresso por outro identificador adnominal, seja demonstrativo (*este homem*), seja possessivo (*meu livro*), seja por equivalente a este valor, ou antes de um nome próprio, já por si atual e individual. No português, em que a presença do artigo junto ao possessivo adnominal tem sido marcado por um progressivo emprego da fase antiga à moderna, o uso do artigo em "***o** meu livro*" é redundante, e, poderíamos repetir a classificação de um velho filólogo lembrado por Pacheco Júnior: muleta gramatical [PJ.1, 141].

Outra função é a da substantivação: qualquer unidade linguística, do texto ao morfema, pode substantivar-se quando é nome de si mesma, tomada materialmente: "***o** o* é artigo", "***o** este* é dissílabo", "não sabe ***o** como me agradar*", "***o** per-* é um prefixo".

Este fato e a força identificadora contribuem para a possibilidade de calar o nome já antes anunciado ou, se não antes anunciado no discurso, conhecido e identificado pelo falante e pelo ouvinte: "***o** livro de Edu* e ***o** teu*", "***a** blusa* branca e ***a*** azul", "***a** blusa* branca e ***aquela** azul*", etc. Tal possibilidade criou a diferença, na nomenclatura gramatical, entre *o* "artigo" e *o* "pronome demonstrativo", baseada em dois fatos: o segundo *o* vale semanticamente por *isto*, *isso*, *aquilo*, e por usarem outras línguas, nesta situação, um pronome (*ce* em francês, *quello* em italiano), e não o artigo. Gili Gaya [GG.1] já mostrou que línguas há que preferem, nesta situação, o artigo, enquanto outras preferem formas de demonstrativo.

Ora, isto nos leva a acompanhar os autores (Alarcos Llorach, mais recentemente) que veem como substantivações de orações previamente transpostas a subordinadas adjetivas ("Não sei *o que fazes*", objeto direto de *não sei*) ou adverbiais ("Gostou do *quando o filho se defendeu*", complemento relativo de *gostar*).

Esta omissão do antecedente do relativo é análoga à que se dá em subordinadas de *quem* absoluto ("*Quem tudo quer* tudo perde", e nas interrogativas indiretas ("Não sei *quem virá*", "Não sei *quando virá*"), já classificadas como de valor substantivo desde Epifânio Dias, no final do século passado, e adotadas depois, entre outros, por Said Ali e Mário Pereira de Sousa Lima.

Por fim, cumpre acrescentar que se uma operação determinativa passa a supérflua ou se realiza implicitamente, graças à presença de outros determinadores ou pelo contexto, as unidades específicas empregadas na operação podem servir para outras funções [ECs.3, 292-293]. Coseriu lembra que o artigo empregado junto com um quantificado tem função individuadora (*os dois homens*) e, aplicado a um nome próprio – já atual e individual –, pode

exercer função estilística (*Maria* ao lado de *a Maria*).

Junto de nome não marcado por gênero e número, pode o artigo ser responsável pela indicação dessas categorias gramaticais: ***o*** *artista*, ***a*** artista; ***o*** *lápis*, ***os*** *lápis*.

Emprego do Artigo Definido

Emprego do artigo definido – De largo uso no idioma, o artigo assume sentidos especialíssimos, graças aos contornos verbais e extraverbais:

a) Junto dos nomes próprios denota nossa familiaridade (neste mesmo caso pode o artigo ser também omitido):

O Cleto talvez falte hoje. O Antônio comunicou-se com o João.

Observação: O uso mais frequente, na linguagem culta, tendo em vista o valor já de si individualizante, dispensa o artigo junto a nomes próprios de pessoas, com exceção dos que se acham no plural. É tradição ainda só antepor artigo a apelidos: *o* Camões, *o* Tasso, *o* Vieira. Modernamente tem-se estendido a presença do artigo antes dos nomes de escritores, artistas e personagens célebres, principalmente quando usado em sentido figurado: *o* Dante, *o* Torquato, *o* Rafael (= o quadro de Rafael). Dizemos, indiferentemente, *Cristo* ou *o Cristo* (ou ainda *o Cristo Jesus*).

b) Costuma aparecer ao lado de certos nomes próprios geográficos, principalmente os que denotam países, oceanos, rios, montanhas, ilhas:

a Suécia, *o* Atlântico, *o* Amazonas, *os* Andes, *a* Groenlândia

Entre nós, dispensam artigo os nomes dos seguintes Estados: *Alagoas*, *Goiás*, *Mato Grosso*, *Minas Gerais*, *Santa Catarina*, *São Paulo*, *Pernambuco* e *Sergipe*.

Nota: Não se acompanham de artigo as denominações geográficas formadas com nomes ou adjetivos: *São Paulo*, *Belo Horizonte*.

Quanto às cidades, geralmente prescindem de artigo. Há, contudo, exceções devidas à influência de seu primitivo valor de substantivo comum: *a* Bahia, *o* Rio de Janeiro, *o* Porto, etc. Continuando a prática de outros idiomas que, por sua vez, se inspiram no árabe *el-Kahira* (a Vitoriosa), dizemos com artigo *o Cairo*.

Recife sempre se disse acompanhado de artigo: *o Recife*. Modernamente, pode dispensá-lo. *Aracaju*, capital de Sergipe, conhece a mesma liberdade.

c) Entra em numerosas alcunhas e cognomes: Isabel, *a Redentora*; D. Manuel, *o Venturoso*; *mas*: *Frederico Barba-roxa*.

d) Aparecem em certos títulos: *o* professor João Ribeiro, *o* historiador Tito Lívio, *o* doutor Sousa.

Observação: É omitido antes dos ordinais pospostos aos títulos: Pedro I, Henrique VIII, João VI.

e) São omitidos nos títulos de *Vossa Alteza*, *Vossa Majestade*, *Vossa Senhoria* e outras denominações, além das formas abreviadas *dom*, *frei*, *são* e as de origem estrangeira, como *Lord*, *Madame*, *Sir* e o latinismo *sóror* ou *soror* (oxítono): *Vossa Alteza passeia*. *Frei Joaquim do Amor Divino Caneca nasceu em Pernambuco*. *Soror* (ou *Sor*) *Mariana Alcoforado foi célebre escritora portuguesa*.

OBSERVAÇÃO: Ensina-nos JOÃO RIBEIRO: "É um galicismo a intercalação do artigo nas fórmulas: *Sua Excelência* ***o*** *deputado*, *Sua Alteza* ***o*** *príncipe*, *Sua Santidade* ***o*** *Papa*. Estes galicismos foram adotados geralmente na língua para evitar fórmulas menos elegantes, como: *a* excelência do Sr. Deputado, *a* alteza do príncipe, como mandaria dizer a vernaculidade" [JR.1, 266-7]. E, em nota, transcreve exemplos que lhe foram apontados pelo colaborador FIRMINIO COSTA, dos quais lembramos:

"... comunicou a coisa à Alteza de el-rei Dom João o III".

f) Dizem-se com artigo os nomes de trabalhos literários e artísticos (se o artigo pertence ao título, há de ser escrito obrigatoriamente com maiúscula):

a Eneida, *a* Jerusalém Libertada, *Os* Lusíadas, *A* Tempestade.

Mesmo quando precedido de preposição fora do título, deve-se modernamente (a tradição não procedia assim) preservar a integridade do artigo incluído na denominação:

No caso de ***Os Lusíadas****...*

Passando os olhos por ***As Cidades e as Serras****.*

Estampou-se ontem em ***O Globo*** *a notícia...*

Às vezes, aparentemente, se juntam dois artigos porque o primeiro tem subentendida a espécie da publicação: "Um artigo meu publicado ***na*** [revista] *A Águia*" [FP *apud* MAg.1, 21]. "***O*** [livro] *A Padaria Espiritual* está sendo caprichosamente confeccionado..." [LM *apud* MAg.1].

A má interpretação deste fato causou o emprego errôneo e pleonástico do artigo em construções do tipo: *A notícia saiu* ***pelas*** *As Grandes Novidades*.

g) São omitidos antes da palavra *casa*, designando residência ou família, nas expressões do tipo: *fui a casa*, *estou em casa*, *venho de casa*, *passei por casa*, *todos de casa*.

OBSERVAÇÃO: Seguido de nome do possuidor ou de um adjetivo ou expressão adjetiva, pode o vocábulo *casa* acompanhar-se de artigo: *Da* (ou *de*) casa de meus pais.

h) Omite-se ainda o artigo junto ao vocábulo *terra*, em oposição a *bordo* (que também dispensa artigo):

Iam de bordo *a* terra.

i) Costuma-se omitir o artigo com a palavra *palácio*, quando desacompanhada de modificador:

"Perguntou o mestre-escola afoitamente à sentinela do paço se o representante nacional, morgado da Agra, estava *em palácio*" [CBr.1, 144].

j) Aparece junto ao termo denotador da unidade quando se expressa o valor das coisas (aqui o artigo assume o valor de *cada*):

Maçãs de poucos cruzeiros *o* quilo.

k) Aparecem nas designações de tempo com os nomes das estações do ano:

Na primavera há flores em abundância. "Em uma tarde do *estio*, à hora incerta e saudosa..." [AH.2, 154].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Se o nome de estação vier precedido de *de*, significando *próprio de*, o artigo é dispensado: Numa manhã *de primavera*.

2.ª) Se a expressão temporal contiver nome de mês, dispensa ainda o artigo: Meu irmão faz anos *em março*.

l) Nas indicações de tempo com a expressão *uma hora*, significando *uma* a *primeira hora*, o emprego do artigo é facultativo:

Era perto *da* uma hora ou Era perto *de* uma hora.

A primeira construção parece ser mais dos portugueses; a segunda dos brasileiros. Por ser mais antiga na língua, fixou-se o emprego do *a* acentuado em expressões como *à uma hora*, etc.

m) É, na maioria dos casos, de emprego facultativo junto a possessivos em referência a nome expresso:

Meu livro ou *o* meu livro

OBSERVAÇÃO: É obrigatório o artigo, quando o possessivo é usado sem substantivo, em sentido próprio ou translato: Bonita casa era *a minha*. Fazer *das suas*. "Vês, peralta? É assim que um moço deve zelar o nome *dos seus*? Pensas que eu e meus avós ganhamos o dinheiro em casa de jogo ou a vadiar pelas ruas?" [MA.1, 57].

Mas sem artigo dizemos várias expressões, como *de meu*, *de seu natural*, linguagens com que traduzimos "os bens próprios de alguém" – a primeira – e "qualidades naturais" – a última:

Nunca tive *de meu*, outro bem maior.

"Bernardes era como estas formosas *de seu natural* que se não cansam com alindamentos, a quem tudo fica bem" [AC].

Dispensa ainda artigo o possessivo que entra em expressões com o valor de *alguns*:

Os Lusíadas têm *suas* dificuldades de interpretação.

Finalmente, na expressão de um ato usual, que se pratica com frequência, o possessivo vem normalmente sem artigo:

Às oito toma *seu* café.

n) Não se repete o artigo em frases como:

O homem mais virtuoso do lugar.

Estaria errado: *O* homem *o* mais virtuoso do lugar.

NOTA – É preciso distinguirmos cuidadosamente este feio erro de uma expressão tradicional e corretíssima que consiste em acrescentar, depois do substantivo determinado por adjetivo, o conjunto *o mais*, que introduzirá uma explicação, um adendo, uma restrição. Às vezes, exprimem-se tais ideias com ênfase, caso em que costumam aparecer, antes de *o mais*, elementos de valor concessivo como *ainda*, *mesmo*, *até*, *posto que*.

A má pontuação (deveria haver vírgula antes do conjunto iniciado por *o mais*) aproxima os dois tipos de expressão e uma análise menos cuidadosa tem feito que se evitem construções corretíssimas.

MARTINZ DE AGUIAR [MAg.1, 309-324] estudou com muita perspicácia os dois modos e assim concluiu a sua lição:

"Para que haja pureza de linguagem, é necessário, é imprescindível, que o substantivo, sem o acréscimo de *o mais*, combine com os outros termos da proposição num sentido cabal, de tal maneira, que possa repetir-se. Sem isso, estamos, iniludivelmente, à vista de um estrangeirismo de sintaxe ou de uma construção anti-idiomática, quer se trate de *o – o*, quer de *um – o*. Não é, pois, correta, esta construção de Gonçalves de Magalhães:

Seu rosto de leite e rosas,
De um contorno o mais perfeito.

Rosto de um contorno perfeito é tudo, *rosto de um contorno* não é nada" [MAg.1, 324].

Assim, estão corretas as seguintes passagens, notando-se, apenas, a ausência de vírgula antes de *o mais* (exemplos extraídos da série apresentada por AGUIAR):

"A inveja te assaltou, e a quem perdoa
Este monstro o maior do escuro Inferno?" [Pe. AGOSTINHO DE MACEDO].

"O método, que *as ciências as mais exatas* seguem nas suas operações" [JERÔNIMO BARBOSA].

"O *a*, este som o mais claro de todos" [CASTILHO ANTÔNIO].

Note-se que nos exemplos apontados poderíamos colocar vírgula, o que não acontece com os que se seguem:

"Tens mil águas cristalinas,
As frutas as mais divinas,
Uma esposa de invejar,
Que mais podes desejar?" [PA]
"Desde a quadra *a mais antiga*
De que rezam os pergaminhos" [FV]

Os poetas quiseram apenas dizer *as frutas mais divinas*, *a quadra mais antiga*.

O tipo "zero determinação" antes do substantivo seguido de *o mais* é menos enfático (*homem o mais alto*), e se valoriza através de uma inversão (*o mais alto homem*)". [Cf. MAg.1, 319-320].

o) Junto às designações de partes do corpo e nomes de parentesco, os artigos denotam a posse:

Traz *a cabeça* embranquiçada pelas preocupações.
Tem *o rosto* sereno, mas as mãos trêmulas
D. Laura (falando à irmã):
"Pois não! quem me podia aconselhar prudência
a não ser a senhora, a filha singular,
que ousa dispor de si dentro do pátrio lar,
sem ouvir *pai* nem *mãe*. Cuida que a sua escolha
basta, sem que primeiro *a* mãe e *o* pai a acolha?" [AC.3, 17].

p) A palavra *todo*, no singular, pode vir ou não seguida de artigo, com os significados de *inteiro*, *total* e *cada*, *qualquer*.

A presença ou ausência do artigo depende de que o substantivo exija ou repudie a antecipação de *o*, *a*, *os*, *as*.

Na língua moderna, *todo o* corre mais no sentido de totalidade, inteireza, ênfase (aqui principalmente com os termos que denotam sentimento: *de todo o coração*, *com todo o gosto*, *com todo o amor*, *com todo o carinho*, etc.):

Toda a família estava no recinto (= a família toda, inteira).

Entretanto, como traço do seu valor semântico indiferenciado ('qualquer' ou 'inteiro'), ainda pode aparecer nos autores modernos *todo o* ao lado de *todo* sem artigo, para expressar a ideia de 'qualquer':

O coração de *todo o* ser humano
Foi concebido para ter piedade [CS.2].

Não costuma dispensar artigo, entre bons escritores, o adjetivo substantivado modificado por *todo*, ainda sendo este último empregado com o sentido de *qualquer*:

Todo o próximo tem direito natural.

Às vezes, aparecem na escrita incertezas no emprego de *todo o* / *todo*, *toda a* / *toda*, em virtude do fenômeno de fonética sintática que funde o -*o*, -*a* finais com *o*, *a* artigo.

Com as designações geográficas, o emprego de *todo o* e *todo* depende de o nome exigir ou não a presença do artigo:

Todo o Brasil. Todo Portugal.

Usam-se, modernamente, com o artigo numerosas expressões em que entra a palavra *todo*:

todo o gênero, todo o mundo, a toda a parte, em toda a parte, por toda a parte, a toda a brida, a todo o galope, a toda a pressa, em todo o caso, a toda a hora, a todo o instante, a todo o momento, a todo o transe, a todo o custo, etc.

No plural, *todos* não dispensa artigo (salvo se vier acompanhado de palavra que exclua este determinante):

Todas as famílias têm bons e maus componentes.

Todas as famílias estavam no recinto.

Todas estas pessoas são nossas conhecidas.

Se exprimimos a totalidade numérica por numeral precedido do elemento reforçativo *todos*, aparecerá artigo se o substantivo vier expresso:

Todos os dois romances são dignos de leitura.

Todas as seis respostas estavam certas.

Se omitirmos o substantivo, não haverá lugar para o artigo:

Fizeram-me seis perguntas. Respondi, acertadamente, *a todas seis*.

q) Aparece o artigo nas enumerações onde há *contraste* ou *ênfase*:

Ficou entre *a vida* e *a morte*.

"As virtudes civis e, sobretudo, o amor da pátria tinham nascido para os godos que, fixando o seu domicílio nas Espanhas, possuíram de pais a filhos *o* campo agricultado, *o* lar doméstico, *o* templo da oração e *o* cemité rio do repouso e da saudade" [AH.1, 5].

"Notaram todos que *a tarde* e *a noite* daquele dia foram as mais tristes horas de Casimiro na sua prisão de dois meses" [CBr.6, 191].

r) Dispensa-se o artigo nos vocativos, na maioria das exclamações e nas datas que apomos aos escritos:

"*Velhice – Amigo*, diz-me um amigo,

Sabe que a boa idade é a última idade" [AO].

Rio, *10 de maio* de 1956.

s) Costuma-se dispensar o artigo depois de *cheirar a*, *saber a* (= ter o gosto de) e expressões sinônimas:

Isto *cheira a* jasmim. Isto *sabe a* vinho.

t) Em frases feitas, aparece o artigo definido na sua antiga forma *lo*, *la*.

"Tenho ouvido os quinhentistas a la moda, e os galiparlas" [CBr.1, 61].

Assim encontramos: *a la fé*, *a la par*, *a la mar*, etc.

Aparece ainda a forma antiga na expressão *el-rei*, que se deve usar sem a anteposição de o, apesar de alguns raros exemplos em contrário, em páginas de autores mais afastados de nós.

Vestígio provável da época em que tinha o artigo a força dêitica de pronome demonstrativo é o seu emprego junto a *que* em construções cristalizadas como *pelo que*, *no que diz respeito*, etc.

Emprego do artigo indefinido – O artigo indefinido pode assumir matizes variadíssimos de sentido: registraremos as seguintes considerações:

a) Usa-se o indefinido para aclarar melhor as características de um substantivo enunciado

anteriormente com artigo definido:

Estampava no rosto o sorriso, *um* sorriso de criança.

b) Procedente de sua função classificadora, *um* pode adquirir significação enfática, chegando até a vir acompanhado de oração com *que* de valor consecutivo, como se no contexto houvesse *um tal*:

O instrumento é de *uma* precisão admirável.

Ele é *um* herói! (compare com: Ele é herói!)

Falou de *uma* maneira, que pôs medo nos corações.

c) Antes de numeral denota aproximação:

Esperou *uma* meia hora (aproximadamente).

Terá *uns* vinte anos de idade.

d) Antes de pronome de sentido indefinido (*certo*, *tal*, *outro*, etc.), dispensa-se o artigo indefinido, salvo quando o exigir a ênfase:

Depois de *certa* hora não o encontramos em casa (e não *uma certa hora*).

Devia, pois, ser melancólico além do exprimível o que aí se passou nessa grade; triste, e desgraçado direi, a julgá-lo pelas consequências, que se vão descrever, com *um certo* pesar em que esperamos tomem os leitores o seu quinhão de pena, se não todos, ao menos aqueles que não dão nada pela felicidade da terra, quando ela implica ofensa ao Senhor do céu" [CBr.4, 223].

Esta dispensa pode ocorrer também antes do advérbio *tão* e certas locuções adverbiais (*com voz surda*), antes do substantivo que funciona como predicativo do verbo *ser* (*Você é homem* de bem).

Modernamente, cremos que mais por valorização estilística do indefinido que por simples e servil imitação do francês36, *um* aparece em casos que se não podem explicar por ênfase. Nestas circunstâncias, tais casos são censurados pela gramática tradicional.

e) *Um* ocorre como correlativo de *outro* em sentido distributivo:

Um irmão ia ao teatro e o *outro*, ao cinema.

OBSERVAÇÃO: Calando-se o substantivo também junto de *um*, ainda dispensamos a anteposição do artigo definido, ao contrário do que fazia o português antigo e do que fazem, por exemplo, o francês e o espanhol:

Um ia ao teatro e *o outro* ao cinema (*o um ... o outro*, no português antigo, *l'un ... l'autre*, *el uno ... el otro*).

f) Note-se a expressão *um como*, empregada no sentido de "uma coisa como", "um ser como", "uma espécie de", onde *um* concorda com o substantivo seguinte:

Fez *um como* discurso. Proferiu *uma como* prática.

A respeito de *uma* pronunciado *ũa*, veja-se o capítulo de ortoepia.

O artigo partitivo – A língua portuguesa de outros tempos empregava *do*, *dos*, *da*, *das*, junto a nomes concretos para indicar que os mesmos nomes eram apenas considerados nas suas partes ou numa quantidade ou valor indeterminado, indefinido:

Não digas *desta* água não beberei.

É o que a gramática denomina *artigo partitivo*. Modernamente, o partitivo não ocorre com a frequência de outrora e, pode-se dizer, quase se acha banido do uso geral, salvo pouquíssimas expressões em que ele se manteve, mormente nas ideias de *comer* e *beber*.

4 – PRONOME

Pronome – é a classe de palavras categoremáticas que reúne unidades em número limitado e que se refere a um significado léxico pela situação ou por outras palavras do contexto.

De modo geral, esta referência é feita a um objeto substantivo considerando-o apenas como pessoa localizada do discurso.

Pessoas do discurso – São duas as pessoas determinadas do discurso: 1.ª *eu* (a pessoa correspondente ao falante) e 2.ª *tu* (correspondente ao ouvinte).37 A 3.ª pessoa, indeterminada, aponta para outra pessoa em relação aos participantes da relação comunicativa.

Do ponto de vista semântico, os pronomes estão caracterizados porque indicam *dêixis* ("o apontar para"), isto é, estão habilitados, como verdadeiros gestos verbais, como indicadores, determinados ou indeterminados, ou de uma dêixis contextual a um elemento inserido no contexto, como é o caso, por exemplo, dos pronomes relativos, ou de uma dêixis *ad oculos*, que aponta ou indica um elemento presente ao falante. A dêixis será *anafórica* se aponta para um elemento já enunciado ou concebido, ou *catafórica*, se o elemento ainda não foi enunciado ou não está presente no discurso.38

A dêixis também envolve, como vimos, o lugar da 3.ª pessoa no discurso, só que de maneira negativa, em relação a *eu* e *tu*, que tem localização definida. Por isso é que línguas há, como o português, que podem fazer, quando isto se impõe, a distinção entre *localização indeterminada* e *localização determinada* ou *imediatamente determinável* ("objeto que se encontra à vista dos falantes": *aquele* / *aquele ali*, *aquela lá*). Acrescenta Coseriu, de quem tomamos a lição, que é por este caráter relativamente indeterminado da 3.ª pessoa que a situação possessiva que lhe corresponde às vezes pode necessitar de ulteriores esclarecimentos: *seu* / *seu mesmo*, *seu próprio*, *seu dele* [ECs.1, 301 n.37].

A localização positiva de *ele* ou *aquele* pode ainda dar-se pelos entornos extralinguísticos ou pelo gesto, que indica a *direção* em que o objeto pode achar-se.39

Os pronomes podem apresentar-se como *absolutos* – capazes de funcionar como núcleo de sintagma nominal, à maneira dos substantivos – ou como *adjuntos* do núcleo, à maneira dos adjetivos, dos artigos e dos numerais, como veremos abaixo.

Classificação dos pronomes – Os pronomes podem ser: *pessoais*, *possessivos*, *demonstrativos* (abarcando o artigo definido), *indefinidos* (abarcando o artigo indefinido), interrogativos e relativos.

PRONOME SUBSTANTIVO E PRONOME ADJETIVO – O pronome pode aparecer em referência a substantivo claro ou oculto:

> *Meu* livro é melhor que o *teu*.

Meu e *teu* são pronomes porque dão ideia de posse em relação à pessoa do discurso: *meu* (1.ª pessoa, a que fala), *teu* (2.ª pessoa, a com que se fala). Ambos os pronomes estão em

referência ao substantivo *livro* que vem expresso no início, mas se cala no fim por estar perfeitamente claro ao falante e ouvinte. Esta referência a substantivo caracteriza a função *adjetiva* ou de *adjunto* de certos pronomes. Muitas vezes, sem que tenha vindo expresso anteriormente, dispensa-se o substantivo, como em: Quero o *meu* e não o *seu* livro (onde ambos os pronomes possessivos são adjetivos).

Já em: *Isto é melhor que aquilo*, os pronomes *isto* e *aquilo* não se referem a nenhum substantivo determinado, mas fazem as vezes dele. São, por isso, pronomes *absolutos* ou *substantivos*.

Há pronomes que são apenas absolutos ou adjuntos, enquanto outros podem aparecer nas duas funções.

Pronomes pessoais – Os pronomes pessoais designam as duas pessoas do discurso e a não pessoa (não *eu*, não *tu*), considerada, pela tradição, a 3.ª pessoa:

1.ª pessoa: *eu* (singular), *nós* (plural),

2.ª pessoa: *tu* (singular), *vós* (plural) e

3.ª pessoa: *ele*, *ela* (singular), *eles*, *elas* (plural).

O plural *nós* indica *eu* mais outra ou outras pessoas, e não *eu* + *eu*. 40

As formas *eu*, *tu*, *ele*, *ela*, *nós*, *vós*, *eles*, *elas*, que funcionam como sujeito, se dizem *retas*. A cada um destes pronomes pessoais retos corresponde um pronome pessoal oblíquo que funciona como complemento e pode apresentar-se em forma átona ou forma tônica. Ao contrário das formas átonas, *as tônicas vêm sempre presas a preposição*:

PRONOMES PESSOAIS RETOS		PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS	
		átonos (sem prep.)	tônicos (c/prep.)
Singular:	1.ª pessoa: *eu*	*me*	*mim*
	2.ª pessoa: *tu*	*te*	*ti*
	3.ª pessoa: *ele*, *ela*	*lhe*, *o*, *a*, *se*	*ele*, *ela*, *si*
Plural:	1.ª pessoa: *nós*	*nos*	*nós*
	2.ª pessoa: *vós*	*vos*	*vós*
	3.ª pessoa: *eles*, *elas*	*lhes*, *os*, *as*, *se*	*eles*, *elas*, *si*

Exemplos de pronomes oblíquos átonos:

"Queixamo-*nos* da fortuna (destino) para desculpar a nossa preguiça" [MM].

"A melhor companhia acha-*se* em uma escolhida livraria" [MM].

Exemplos de pronomes oblíquos tônicos:

"Os nossos maiores inimigos existem dentro *de nós* mesmos: são os nossos erros, vícios e paixões" [MM].

"As virtudes se harmonizam, os vícios discordam *entre si*" [MM].

Se a preposição é *com*, dizemos *comigo*, *contigo*, *consigo*, *conosco*, *convosco*, e não: *com*

mi, *com ti*, *com si*, *com nós*, *com vós*. Empregam-se, entretanto, *com nós* e *com vós*, ao lado de *conosco* e *convosco*, quando estes pronomes tônicos vêm seguidos ou precedidos de *mesmos*, *próprios*, *todos*, *outros*, *ambos*, numeral ou oração adjetiva, a fim de evidenciar o antecedente:

"Há um céu para *nós outros* na imortalidade das nossas obras terrenas" [JR.2, 185].

Com vós todos ou *com todos vós*.

Com vós ambos ou *com ambos vós*.

Pronome oblíquo reflexivo – É o pronome oblíquo da mesma pessoa do pronome reto, significando *a mim mesmo*, *a ti mesmo*, etc.:

Eu *me* vesti rapidamente.

Nós *nos* vestimos.

Eles *se* vestiram.

Pronome oblíquo recíproco – É representado pelos pronomes *nos*, *vos*, *se* quando traduzem a ideia de *um ao outro*, *reciprocamente*:

Nós *nos* cumprimentamos (um ao outro).

Eles *se* abraçaram (um ao outro).

Formas de tratamento – Existem ainda formas substantivas de tratamento indireto de 2.ª pessoa que levam o verbo para a 3.ª pessoa. São as chamadas *formas substantivas de tratamento* ou *formas pronominais de tratamento*: 41

você, vocês (no tratamento familiar)

o Senhor, a Senhora (no tratamento cerimonioso)

A estes pronomes de tratamento pertencem as formas de reverência que consistem em nos dirigirmos às pessoas pelos seus atributos ou qualidades que ocupam:

Vossa Alteza (V. A., para príncipes, duques)

Vossa Eminência (V. Em.ª, para cardeais)

Vossa Excelência (V. Ex.ª, para altas patentes militares, ministros, Presidente da República, pessoas de alta categoria, bispos e arcebispos)

Vossa Magnificência (para reitores de universidade)

Vossa Majestade (V. M., para reis, imperadores)

Vossa Mercê (V. M.cê, para as pessoas de tratamento cerimonioso)

Vossa Onipotência (para Deus – não se usa abreviadamente)

Vossa Reverendíssima (V. Rev.ma, para os sacerdotes)

Vossa Senhoria (V. S.ª, para oficiais até coronel, funcionários graduados, pessoas de cerimônia)

Observações:

1.ª) Emprega-se *Vossa Alteza* (e demais) quando 2.ª pessoa, isto é, em relação a quem falamos; emprega-se *Sua Alteza* (e demais) quando 3.ª pessoa, isto é, em relação à de quem falamos.

2.ª) Usa-se de *Dom*, abreviadamente *D.*, junto ao nome próprio: D. Afonso, D. Henrique, D. Eugênio; às vezes aparece em autores junto a nome de família, mas esta prática deve ser evitada por contrariar a tradição da língua. Usa-se ainda *D.* junto a outro título: D. Prior, D. Abade, etc.

3.ª) *Você*, hoje usado familiarmente, é a redução da forma de reverência *Vossa Mercê*. Caindo o pronome *vós* em desuso, só usado nas orações e estilo solene, emprega-se *vocês* como o plural de *tu*.

4.ª) O substantivo *gente*, precedido do artigo *a* e em referência a um grupo de pessoas em que se inclui a que fala, ou a esta sozinha, passa a pronome e se emprega fora da linguagem cerimoniosa. Em ambos os casos o verbo fica na 3.ª pessoa do singular:

"É verdade que *a gente*, às vezes, *tem* cá as suas birras" [AH.4, II, 158].

5.ª) Ainda continuam vivos em Portugal *vós*, *vosso*.

Pronomes possessivos – São os que indicam a posse em referência às três pessoas do discurso:

SINGULAR:	1.ª pessoa:	*meu*	*minha*	*meus*	*minhas*
	2.ª pessoa:	*teu*	*tua*	*teus*	*tuas*
	3.ª pessoa:	*seu*	*sua*	*seus*	*suas*
PLURAL:	1.ª pessoa:	*nosso*	*nossa*	*nossos*	*nossas*
	2.ª pessoa:	*vosso*	*vossa*	*vossos*	*vossas*
	3.ª pessoa:	*seu*	*sua*	*seus*	*suas*

Pronomes demonstrativos – São os que indicam a posição dos seres em relação às três pessoas do discurso.

Esta localização pode ser no *tempo*, no *espaço* ou no *discurso*:

1.ª pessoa: este, esta, isto 42
2.ª pessoa: esse, essa, isso
3.ª pessoa: aquele, aquela, aquilo

Este livro é o livro que está perto da pessoa que fala; *esse livro* é o que está longe da pessoa que fala ou perto da pessoa com quem se fala; *aquele livro* é o que se acha distante da 1.ª e da 2.ª pessoa.

Nem sempre se usam com este rigor gramatical os pronomes demonstrativos; muitas vezes interferem situações especiais que escapam à disciplina da gramática.

São ainda pronomes demonstrativos *o*, *mesmo*, *próprio*, *semelhante* e *tal*.

Considera-se *o* pronome demonstrativo, de emprego absoluto, invariável no masculino e singular quando funciona com o valor "grosso modo" de *isto*, *isso*, *aquilo* ou *tal*:

Não *o* consentirei jamais.

"Arquiteto do mosteiro de S. Maria, já *o* não sou" [AH *apud* FB.1, 195].

"Se os olhos corporais estavam mortos, não *o* estavam os do espírito" [AH.4, I, 226].

"(...) residia uma viúva, que *o* era de um fidalgo da casa de Azevedo" [CBr *apud* MBa.3, 343].

Pode aludir a extensos enunciados:

Prometeu-me que sairia comigo nas próximas férias, mas não *o* fez.

O pronome *o*, perdido o seu valor essencialmente demonstrativo e posto antes de substantivo claro ou subentendido, expressão substantivada inclusive oração –, como adjunto, recebe o nome de artigo definido. Assim é que, no exemplo seguinte, consideramos o primeiro *os* e o segundo *o* artigo definido:

"*Os* homens de extraordinários talentos são ordinariamente *os* de menor juízo" [MM].

Mesmo, *próprio*, *semelhante* e *tal* têm valor demonstrativo quando denotam identidades ou se referem a seres e ideias já expressas anteriormente, e valem por *esse*, *essa*, *aquele*, *isso*,

aquilo:

"Depois, como Pádua falasse ao sacristão baixinho, aproximou-se deles; eu fiz a *mesma* coisa" [MA.4, 87].

"Não paguei uns nem outros, mas saindo de almas cândidas e verdadeiras *tais* promessas são como a moeda fiduciária..." [MA.4, 202].

É proibido dizeres *semelhantes* coisas.

Alguns estudiosos, por mera escolha pessoal, têm-se insurgido contra o emprego anafórico do demonstrativo *mesmo*, substantivado pelo artigo, precedido ou não de preposição, para referir-se a palavra ou declaração expressa anteriormente. Não apresentam, entretanto, as razões da crítica:

"Os diretores presos tiveram *habeas corpus*. Apareceu um relatório contra *os mesmos*, e contra outros..." [MA *apud* MMc.1, 274].

"Costuma-se escrever dentro dos livros, na folha de guarda, palavras alusivas *aos mesmos*" [E. Frieiro *apud* MMc.1].

Para estes críticos, *o mesmo*, etc., deve ser substituído por *ele*, etc. Talvez por isso E. Frieiro, na 2.ª edição, alterou seu texto para: "Costuma-se escrever dentro dos livros, na folha de guarda, palavras *a eles* alusivas".

Mesmo e *próprio* aparecem ainda reforçando pronomes pessoais:

Ela *mesma* quis ver o problema.

Nós *próprios* o dissemos.

"Tal faço eu, à medida que me vai lembrando e convindo à construção ou reconstrução de mim *mesmo*" [MA.4, 203].

Pronomes indefinidos – São os que se aplicam à 3.ª pessoa quando têm sentido vago ou exprimem quantidade indeterminada.

Funcionam como pronomes indefinidos substantivos, todos invariáveis: *alguém*, *ninguém*, *tudo*, *nada*, *algo*, *outrem*.

"*Ninguém* mais a voz sentida
Do Trovador escutou!" [GD].

São pronomes indefinidos adjetivos, todos variáveis com exceção de *cada*: *nenhum*, *outro* (também isolado), *um* (também isolado), *certo*, *qualquer* (só variável em número: *quaisquer*), *algum*, *cada*:

"As tiras saem-lhe das mãos, animadas e polidas. *Algumas* trazem poucas emendas ou *nenhumas*" [MA.2, 274].

"A vida a *uns*, a morte confere celebridades a *outros*" [MM].

Aplicam-se a quantidades indeterminadas os indefinidos, todos variáveis, com exceção de *mais* e *menos*: *muito*, *mais*, *menos*, *pouco*, *todo*, *algum*, *tanto*, *quanto*, *vário*, *diverso*:

Mais amores e *menos* confiança. (nunca *menas*!)

Com *pouco* dinheiro compraram *diversos* presentes.

Isto é o *menos* que se pode exigir.

Muito lhe devo.

Erraste por *pouco*.

Quantos não erraram neste caso!

OBSERVAÇÕES:

1.ª) O pronome indefinido *um* pode ser usado como substantivo, principalmente nas locuções do tipo *cada um*, *qualquer um*. Como adjunto, recebe o nome de *artigo indefinido*.

2.ª) Também os pronomes indefinidos *mais* e *menos* podem substantivar-se em expressões do tipo *o mais dos homens*, *o mais das vezes*, *o mais deles*, *o menos*. Por atração, *o mais* pode aparecer num giro derivado da construção original e concordar com o gênero e número do substantivo ou pronome pessoal que entra na expressão: *o mais dos homens* ou *os mais dos homens*; *o mais das vezes* ou *as mais das vezes*; *o mais deles* ou *os mais deles*, etc.

As duplas *quem... quem*, *qual... qual*, *este... este*, *um... outro* com sentido distributivo também são pronomes indefinidos:

"*Qual* se abisma nas lôbregas tristezas,
Qual em suaves júbilos discorre,
Com esperanças mil nas ideias acesas" [BBo].

Isto é: *um* se abisma... *outro* discorre.

OBSERVAÇÃO: Sobre o uso de *um e outro*, *um do outro* em referência a pessoas de sexos diferentes.

Muitas vezes a posição da palavra altera seu sentido e sua classificação:

Certas pessoas (pron. indef.) não chegam na hora *certa* (adjetivo), mas em *certas* horas (pron. indef.).
Algum livro (= certo livro). Livro *algum* (= nenhum livro).

Em outras épocas, *algum* podia ter sentido afirmativo ou negativo independente de sua posição:

"Desta gente refresco *algum* tomamos" [LC.1, V, 69].
Refresco algum = algum refresco
"Vós a quem não somente *algum* perigo
Estorva conquistar o povo imundo" [LC.1, VII, 2].
Algum perigo = nenhum perigo

LOCUÇÃO PRONOMINAL INDEFINIDA – É o grupo de palavras que vale por um pronome indefinido. Eis as principais locuções: *cada um*, *cada qual*, *alguma coisa*, *qualquer um*, *quem quer*, *quem quer que*, *o que quer que*, *seja quem for*, *seja qual for*, *quanto quer que*, *o mais* (hoje menos frequente que *a maior parte*, *a maioria*):

"As verdades não parecem as mesmas a todos, *cada um* as vê em ponto diverso de perspectiva" [MM].

Pronomes interrogativos – São os pronomes indefinidos *quem*, *que*, *qual* e *quanto* que se empregam nas perguntas, diretas ou indiretas:

Quem veio aqui?
Que cabeça, senhora?
Que compraste?
Qual autor desconhece?
Qual consideras melhor?
Quantos vieram?
Quantos anos tens?

Em lugar de *que* pode-se usar a forma enfática *o que*:

"Agora por isso, *o que* será feito de frei Timóteo?! Era naquele tempo um frade guapo e alentado! *O que* será feito dele?" [AH.4, II, 135].

Quem refere-se a pessoas, e é pronome substantivo. *Que* refere-se a pessoas ou coisas, e é pronome substantivo (com o valor de *que coisa?*) ou pronome adjetivo (com o valor de *que espécie?*).43 *Qual* e também *que*, indicadores de seleção, normalmente são pronomes adjetivos:

Em *qual* livraria compraremos o presente?
Em *que* livraria compraremos o presente?

Ressalta-se ainda a seleção antepondo ao substantivo no plural a expressão *qual dos*, *qual das*:

Em *qual dos* livros encontraste o exemplo?

OBSERVAÇÃO: Estes interrogativos saem normalmente dos pronomes indefinidos e por isso costumam ser chamados

indefinidos interrogativos. Aparecem ainda nas exclamações, e neste caso o *que* adquire sentido francamente intensivo:

Que susto levei! (Compare-se com: *que* cabeça, senhora!).

Diz-se *interrogação direta* a pergunta que termina por ponto de interrogação e se caracteriza pela entoação ascendente:

Quem veio aqui?

Interrogação indireta é a pergunta que: *a*) se faz indiretamente e para a qual não se pede resposta imediata; *b*) é proferida com entoação normal descendente; *c*) não termina por ponto de interrogação; *d*) vem depois de verbo que exprime interrogação ou incerteza (*perguntar*, *indagar*, *não saber*, *ignorar*, etc.):

Quero saber quem veio aqui.

Eis outros exemplos de interrogação indireta começados pelos pronomes interrogativos já citados:

Ignoro *que* cabeça, senhora.
Indagaram-me *que* compraste.
Perguntei-te por *que* vieste aqui.
Não sei *qual* autor desconhece.
Desconheço *qual* consideras melhor.
Indagaram *quantos* vieram.

Pronomes relativos – São os que normalmente se referem a um termo anterior chamado antecedente:

Eu sou o freguês *que* por último compra o jornal.
O *que* se refere à palavra *freguês*.

O pronome relativo *que* desempenha dois papéis gramaticais: além de sua referência ao antecedente como pronome, funciona também como transpositor de oração originariamente independente a adjetivo e aí exercer função de adjunto adnominal deste mesmo antecedente. No exemplo, a oração *O freguês compra por último o jornal* é degrada a função de adjunto adnominal na oração complexa: Eu sou o *freguês* [*que* por último compra o jornal].

O transpositor pronome relativo *que* difere do transpositor conjunção integrante porque este não exerce função sintática na oração em que está inserido, enquanto o relativo exerce sempre função sintática.

Os pronomes relativos são: *qual*, *o qual* (*a qual*, *os quais*, *as quais*) , *cujo* (*cuja*, *cujos*, *cujas*), *que*, *quanto* (*quanta*, *quantos*, *quantas*), *onde*.

Quem se refere a pessoas ou coisas personificadas e sempre aparece precedido de preposição. *Que* e *o qual* se referem a pessoas ou coisas. *Que* e *quem* funcionam como pronomes substantivos. *O qual* aparece como substantivo ou adjetivo:

As pessoas de *quem* falas não vieram.
O ônibus *que* esperamos está atrasado.
Não são poucas as alunas *que* faltaram.
Este é o assunto sobre *o qual* falará o professor.
Não vi o menino, *o qual* menino os colegas procuram.
A casa *onde* moro é espaçosa.

Cujo, sempre com função adjetiva, reclama, em geral, antecedente e consequente expressos

e exprime que o antecedente é possuidor do ser indicado pelo substantivo a que se refere:

Ali vai o *homem* ***cuja*** *casa* comprei

anteced. conseq.

(a casa do homem)

OBSERVAÇÃO: Em autores modernos de gosto arcaizante, de vez em quando ocorre *cujo* sem consequente, como em: "(...) a obra *cujo* comentador eu sou", em lugar de: "de que sou comentador" ou "cujo comentador sou".

Quanto tem por antecedente um pronome indefinido (*tudo*, *todo*, *todos*, *todas*, *tanto*):

Esqueça-se de tudo *quanto* lhe disse.

PRONOMES RELATIVOS SEM ANTECEDENTE – Os pronomes relativos *quem* e *onde* podem aparecer com emprego absoluto, sem referência a antecedentes:

Quem tudo quer tudo perde.

Dize-me com *quem* andas e eu te direi *quem* és.

Moro *onde* mais me agrada.

Quem, assim empregado, é considerado como do gênero masculino e do número singular:

Quem com ferro fere com ferro será ferido.

OBSERVAÇÃO: Os relativos sem antecedentes também se dizem *relativos indefinidos*. Muitos autores preferem, neste caso, subentender um antecedente adaptável ao contexto. Interpretando *quem* como *a pessoa que*, *onde* como *o lugar em que* assim substituem:

Quem tudo quer tudo perde = *a pessoa que* tudo quer tudo perde

Este duplo modo de encarar o problema tem repercussões diferentes na classificação das orações subordinadas, conforme veremos em **Orações subordinadas resultantes de substantivação: as interrogativas e exclamativas**.

EMPREGO DOS PRONOMES

Pronome pessoal

Pronome e termos oracionais – A rigor, o pronome pessoal reto funciona como sujeito e predicativo, enquanto o oblíquo como complemento:

Eu *saio.* ***Eu*** *não sou* ***ele****.* *Eu* ***o*** *vi.* *Não* ***lhe*** *respondemos.*

Entre os oblíquos, a forma átona vem desprovida de preposição, enquanto a tônica exige, no português moderno, esta partícula:

Eu ***o*** *vi.* *Referiu-se* ***a ti****.*

Casos há, entretanto, em que esta norma pode ser contrariada. Assim é que pode ocorrer a forma reta pela oblíqua:

a) quando o verbo e o seu complemento nominal estiverem distanciados, separados por pausa:

Subiu! E viu com seus olhos.

Ela a rir-se que dançava [GD].

b) nas enumerações e aposições, também com distanciamento do verbo e complemento:

Depois de muita delonga o diretor escolheu: *eu*, o Henrique e o Paulinho.

c) precedido de *todo*, *só* e mais alguns adjuntos, pode aparecer *ele* (e flexões) por *o* (e flexões); cf. adiante.

d) quando dotado de acentuação enfática, no fim de grupo de força:

Olha *ele*! [EQ].

e) em coordenações de pronomes ou com um substantivo introduzidos pela preposição *entre*:

entre *eu* e *tu* (por entre *mim* e *ti*); entre *eu* e o aluno, entre José e *eu*.

Já há concessões de alguns gramáticos quando o pronome *eu* ou *tu* vem em segundo lugar:

Entre *ele* e *eu*. Entre o José e *eu*.

A língua exemplar insiste na lição do rigor gramatical, recomendando, nestes casos, o uso dos pronomes oblíquos tônicos:

Entre *mim* e *ti*. Entre *ele* e *mim*.

Um exemplo como *Entre José e mim* dificilmente sairia hoje da pena de um escritor moderno.

Este desvio da norma encontra paralelo em outras línguas românicas, como o espanhol e o italiano [MLk.1, III, 76 e 80].

Também depois de expressões comparativas e exceptivas, a língua denuncia certa vacilação no emprego do pronome pessoal, havendo aqui forte divórcio entre a língua literária e a coloquial, escrita ou falada:

Não tenho outro amigo senão *tu*. Não sou como *tu*.
Não tenho outro amigo senão *a ti*. Não sou como *a ti*.

Emprego de pronome tônico pelo átono – Os pronomes tônicos preposicionados *a ele*, *a ela*, *a mim*, *a ti*, *a nós*, *a vós* podem aparecer, na língua exemplar, nos seguintes casos, em vez das formas átonas (*lhe*, *me*, *te*, *nos*, *vos*):

a) quanto anteposto ao verbo:

A ele cumpria encher as guias.

b) quando composto:

Remeti livros *a ele* e ao tio.

c) quando reforçado:

O dinheiro foi entregue *a ele mesmo*.
Darei as joias *só a ela*.

d) quando pleonástico:

Devolvi-*lhe a ele* as máquinas.

e) quando complemento relativo:

Atirou-se *a ele*. Gosto *dela*.

f) quando objeto direto preposicionado:

Nem ele entende *a nós* nem nós *a ele* [JO.3, 345].

Em geral, o português omite o pronome sujeito quando constituído por *eu*, *tu*, *nós* e *vós*:

"Não me lembra o que lhe disse" [MA.1, 65].

O aparecimento do pronome sujeito de regra se dá quando há ênfase ou oposição de pessoas gramaticais:

"*Eu* é que furo o pano, vou adiante, puxando por você, que vem atrás, obedecendo ao que *eu* faço e mando..." [MA.2, 230].
"Há entre nós um abismo: *tu* o abriste; *eu* precipitei-me nele" [AH.1, 295].

Estando perfeitamente conhecido pela situação linguística, pode-se calar o pronome complemento do verbo; esta linguagem é correta, apesar da censura que lhe faziam os gramáticos de outrora. Muitas vezes deve-se o fenômeno ao que o estilista alemão Leo Spitzer chamou "linguagem-eco", constituída de repetição de uma parte da oração, destinada a

reforçar a própria declaração, como no seguinte trecho de A. Herculano:

"Disse já que tinha de fazer uma explicação ao leitor. *Tenho*; e é indispensável" [AH.4, II, 261].

Em casos de ênfase costuma-se repetir:

a) o pronome átono pela sua respectiva forma tônica, precedida de preposição:

"Mas qual será a tua sorte quando na hora fatal os algozes, buscando a sua vítima, só *te* encontrarem *a ti*?" [AH.3, 277].

b) o complemento expresso por um nome pelo pronome átono conveniente ou vice-versa:

Ao *avarento* nada *lhe* peço.

"Ainda hoje estão em pé, mas ninguém *as* habita, *essas* choupanas execrandas..." [CBr.8, 43].

Usa-se o pronome *o* (*os*) em referência a nomes de gêneros diferentes, por neutralização:

"*A generosidade*, *o esforço* e *o amor*, ensinaste-*os* tu em toda a sua sublimidade" [AH.1, 35].

***Ele* como objeto direto** – O pronome *ele*, no português moderno, só aparece como objeto direto quando precedido de *todo* ou *só* (adjetivo) ou se dotado de acentuação enfática, em prosa ou verso:

"No latim eram quatro os pronomes demonstrativos. *Todos eles* conserva o português" [PL.1, 398].

"Subiu! – e viu com seus olhos/ *Ela* a rir-se que dançava..."
[GD *apud* SS].

"Olha *ele*!" [EQ *apud* SS].

Ordem dos pronomes pessoais – Na sequência dos pronomes pessoais sujeitos, o português normalmente apresenta ordem facultativa deles: *eu e tu*, *tu e eu*; *eu e ele*, *ele e eu*; *eu e o senhor*, *o senhor e eu*, etc.:

– Porque nós vamos lá jantar na segunda-feira.

– Nós... Nós, quem?

– Nós. *Eu e tu*, *tu e eu*. A condessa convidou-me no comboio [EQ.3, 382].

É evidente que nas circunstâncias em que há necessidade de superpor à expressão linguística traços de polidez, urbanidade ou, no polo oposto do convívio social, modéstia, pode o falante ou escritor inverter a ordem, dando a primazia da primeira referência ao seu interlocutor, quer manifestado por pronome, quer por substantivo. Esta é, por exemplo, a prática da cortesia entre franceses e espanhóis.

É o que se percebe, por exemplo, na seguinte preferência de Camilo, no início do romance *O Senhor do Paço de Ninães*:

Estamos no Minho, *o leitor e eu*.

O passo da cortesia linguística não para na ordem dos pronomes; invade o domínio da concordância, como a realizou Rui Barbosa neste conhecido trecho de uma carta:

"(...) e S. Exc.ª respondera, declarando aceitaria, sob a condição de anuírem *o Barão do Rio Branco e eu*".

A concordância gramatical, pela presença de pronome de 1.ª pessoa, exigiria o verbo flexionado na 1.ª do plural: *anuirmos*. Todavia, em razão da urbanidade, a polidez se reflete não só na ordem dos pronomes, mas ainda na flexão verbal.

O pronome *se* na construção reflexa 44 – Eis aqui um bom exemplo pelo qual se

patenteia que um significado gramatical unitário, significado de língua, se pode desdobrar em outras acepções, conforme as unidades linguísticas com que se acha combinado e o entorno situacional.

A reflexividade consiste, na essência, na "inversão (ou negação) da transitividade da ação verbal". Em outras palavras, significa que a ação denotada pelo verbo não passa a outra pessoa, mas reverte-se à pessoa do próprio sujeito (ele é, ao mesmo tempo, agente e paciente):

1.a) *João se banha*

A nossa experiência do mundo admite a hipótese de João banhar a si mesmo ou banhar uma outra pessoa: *João banha o filho pela manhã*.

Só que, na reflexividade "própria", ocorre a primeira hipótese:

João se banha. **A** Reflexivo "próprio"

Já na oração

1.b) *João e Maria se amam*,

o significado do verbo *amar* e a nossa experiência do mundo que, em geral, tratando de duas pessoas, supõem o amor de alguém A dirigido a outro alguém B, permitem-nos dar outra acepção, contextual, ao originário significado unitário de "reflexividade"; acreditamos que a oração quer expressar que "João ama Maria" e que "Maria ama ao João". Então, não mais se trata de "reflexividade pura", mas de "reflexividade recíproca":

João e Maria se amam. **A** **B** Reflexo recíproco

A interpretação de reflexivo recíproco não mudará se se tratar de verbo transitivo que se constrói com objeto indireto ou complemento relativo:

João e Maria se escrevem. (um escreve ao outro)

João e Maria se gostam. (um gosta do outro)

As unidades léxicas comprometidas na construção determinam a interpretação. Se dizemos *João e Maria se miram*, a interpretação mais natural seria a de um reflexivo recíproco; mas se acrescentarmos *João e Maria se miram no espelho*, mais natural nos parecerá a interpretação de reflexivo "próprio". Portanto, são interpretações contextuais, e não valores de língua.

Mudando as unidades linguísticas que se combinam com o pronome *se*, poderemos ter:

2) *O banco só se abre às dez horas*.

No presente exemplo, *banco* é um sujeito constituído por substantivo que, por inanimado, não pode ser agente da ação verbal; por isso, a construção é interpretada como "passiva": é o que a gramática chama voz "média" ou "passiva com *se*":

O banco só se abre às dez horas. A ◄ "média" ou "passiva com *se*"

Repare-se que a interpretação da "passiva com *se*" depende só do léxico, isto é, do significado lexical do verbo. A prova disto é que esta interpretação prevalece ainda nas orações cujo sujeito não é inanimado, portanto, passível de executar a ação verbal. Só que há certos verbos que denotam ações que a nossa experiência sabe que não são praticadas pelo termo que lhe serve de sujeito, como ocorre nos verbos *chamar* (= ter nome):

Ele ***se*** *chama João*.

A última acepção a que poderemos chegar nas construções do pronome *se* é a da oração:

3) *Abre-se às dez*.

Temos aqui um *se* na construção em que não aparece substantivo, claro ou subentendido, que funcione como sujeito do conteúdo predicativo. Interpreta-se a construção como *impessoal*.

Diante desta exposição, podemos dizer que o *se* nas construções estudadas e assemelhadas exerce as seguintes funções sintáticas em face das unidades léxicas que com o pronome concorrem:

1) Objeto direto:

Ele se feriu.
Eles se cumprimentaram.

2) Objeto indireto:

Ela se arroga essa liberdade.

3) Complemento relativo:

Eles se gostam.

4) Índice de indeterminação do sujeito:

Vive-se bem.
Lê-se pouco entre nós.
Precisa-se de empregados.
É-se feliz.

OBSERVAÇÕES FINAIS: Pelos exemplos acima, o *se* como índice de indeterminação de sujeito – primitivamente exclusivo em combinação com verbos não acompanhados de objeto direto –, estendeu seu papel aos transitivos diretos (onde a interpretação passiva passa a ter uma interpretação impessoal: *Vendem-se casas* = 'alguém tem casa para vender') e de ligação (*É-se feliz*). A passagem deste emprego da passiva à indeterminação levou o falante a não mais fazer concordância, pois o que era sujeito passou a ser entendido como objeto direto, função que não leva a exigir o acordo do verbo:

Vendem-se casas (= 'casas são vendidas') → *Vendem-se casas* (= 'alguém tem casa para vender') → *Vende-se casas*.

"*Vende-se casas* e *frita-se ovos* são frases de emprego ainda antiliterário, apesar da já multiplicidade de exemplos. A genuína linguagem literária requere *vendem-se*, *fritam-se*. Mas ambas as sintaxes são corretas, e a primeira não é absolutamente, como fica demonstrado, modificação da segunda. São apenas dois estágios diferentes de evolução. Fica também provado o falso testemunho que levantaram à sintaxe francesa, que em verdade nenhuma influência neste particular exerceu em nós..." [MAg.2, 181-183].

Pode ainda o pronome *se* juntar-se a verbos que indicam:

1) sentimento: *indignar-se*, *ufanar-se*, *atrever-se*, *admirar-se*, *lembrar-se*, *esquecer-se*, *orgulhar-se*, *arrepender-se*, *queixar-se*.

2) movimento ou atitudes da pessoa em relação ao seu próprio corpo: *ir-se*, *partir-se*, *sentar-se*, *sorrir-se*.

No primeiro caso, não se percebendo mais o sentido reflexivo da construção, considera-se o *se* como parte integrante do verbo, sem classificação especial.

No segundo, costumam os autores chamar ao *se pronome de realce* ou *expletivo*.

Concorrência de *si* e *ele* na reflexividade – A partir do português contemporâneo (séc. XVIII para cá), nasceu a possibilidade de o pronome tônico *si*, nas construções reflexas, ter a concorrência do pronome *ele*, também preposicionado, em orações do tipo:

> "(...) perguntou Glenda, sentindo que a pergunta não era dirigida apenas a Pablo, mas também *a ela própria*" [RBn.2, 23].
>
> "[a amante] viu *diante dela* o meu eugênico amigo" [MB *apud* RBn.2]. 45

A construção não encontra respaldo nas nossas melhores gramáticas, apesar do emprego largo na literatura moderna brasileira a partir, segundo Barbadinho, de José de Alencar. Nos exemplos acima, a norma gramatical pediria: *a si própria*, *diante de si*, como rezam as passagens onde o pronome se refere ao sujeito do verbo:

> "Simeão *por si mesmo* escolheu o deserto que lhe convinha (...)."
> [JR.2, 35]
>
> "O espetáculo da beleza é bastante *por si mesmo*." [JR.2, 199]
>
> "Depois mudava-se o teatro, e via-se *a si mesmo* (...)." [JR.2, 299]

Note-se a curiosa concorrência das duas sintaxes neste exemplo de Guimarães Rosa, citado por Barbadinho:

> "E o Menino estava muito *dentro dele mesmo*, em algum cantinho *de si*."

Esta novidade de sintaxe tem contra si o fato de às vezes fazer perigar a interpretação da oração, que só se resolve pela ajuda do contexto:

> João levou o livro *para ele*.

Combinação de pronomes átonos – Ocorrem em português as seguintes combinações de pronomes átonos, notando-se que o que funciona como objeto direto vem em segundo lugar: As formas *o*, *a*, *os*, *as* procedem das antigas *lo*, *la*, *los*, *las*:

mo = me + o; *ma* = me + a; *mos* = me + os; *mas* = me + as;

to = te + o; *ta* = te + a; *tos* = te + os; *tas* = te + as;

lho = lhe + o; *lha* = lhe + a; *lhos* = lhe + os; *lhas* = lhe + as;

no-lo = nos + (l)o; *no-la* = nos + (l)a; *no-los* = nos + (l)os; *no-las* = nos + (l)as;

vo-lo = vos + (l)o; *vo-la* = vos + (l)a; *vo-los* = vos + (l)os; *vo-las* = vos + (l)as;

lho = lhe(s) + o; *lha* = lhe(s) + a; *lhos* = lhe(s) + os; *lhas* = lhe(s) + as.

se me	-se-me	se nos	-se-nos
se te	-se-te	se vos	-se-vos
se lhe	-se-lhe	se lhes	-se-lhes

> "Se dizeis isso pela que me destes, tirai-*ma*: que não *vo-la* pedi eu."
> [AH.4, I, 267]
>
> "E como, a pouco e pouco, se foram exaurindo os cascalhos e afundando os veleiros, o banditismo franco impôs-*se-lhes* como derivativo à vida desmandada" [EC.1, 218].

Observações:

1.ª) A rigor, na combinação só entra a forma *lhe*, que, na língua antiga, servia tanto ao singular como ao plural.

2.ª) Nas demais combinações, o português moderno prefere substituir o pronome átono objetivo indireto pela forma tônica equivalente, precedida da preposição *a*. Enquanto dizemos hoje *a mim te mostras* ou *te mostras a mim*, a língua de outros tempos consentia em tais dizeres:

> "Porque assi *te me* mostras odiosa?" [JCR.1 *apud* SS.1, § 271].

3.ª) A língua padrão rejeita a combinação *se o* (e flexões), apesar de uns poucos exemplos na pena de literatos:

> "Parece um rio quando *se o* vê escorrer mansamente por entre as terras próximas..." [LB.2, 49 *apud* SS.6, n.º 198, 268].

Foge-se ao erro de três maneiras diferentes:

a) cala-se o pronome objetivo direto: *Não se quer*.

b) substitui-se o pronome *o* (e flexões) pelo sujeito *ele* (e flexões): *Não se quer ele*.

> Inveja-se a riqueza, mas não o trabalho com que ela se granjeia [MM].

c) se já existe na oração o pronome pessoal de objeto direto (*o*, *a*, *os*, *as*), usa-se o pronome de objeto indireto na forma tônica precedida da preposição *a* ou *para*:

> "É Vieira sem contradição mestre guapíssimo de nossa língua, e o mesmo Bernardes assim o conceituava; que porém *a si o* propusesse como exemplar, nem o indica, nem consta, nem se pode com indução plausível suspeitar" [AC *apud* MBa.5, 54].

Apesar disto, ocorre em bons escritores construção em que se junta o pronome *o* (e diretos) a verbo na voz reflexiva:

> "Temo que *se me* argua de comparações extraordinárias, mas o abismo de Pascal é o que mais prontamente vem ao bico da pena"
> [MA.9, 29 *apud* SS.1].
>
> "Não se dá baixa ao soldado quando já não pode com a milícia? Não *se lha* dá até em tempo de guerra?" [AC.10, II, 106 *apud* SS.1].

4.ª) A língua padrão admite *pode-se compô-lo* ou *pode-se compor*, quando não há locução verbal:

> *Pode-se* de algum modo *ligá-lo* a Schopenhauer... [JR.3, 19]
>
> Júlio Moreira [JM.1, II, 30-31] diz que em Portugal é menos comum do que no Brasil a primeira construção.

5.ª) Em construções do tipo *fi-lo sentar-se* (e também com os verbos *deixar*, *mandar*, *ver*, *ouvir* e sinônimos), isto é, em que depois destes verbos com pronome objetivo se segue o infinitivo de verbo reflexivo, pode-se deixar claro este último pronome ou omiti-lo: *fi-lo sentar*.

Função do pronome átono em *Dou-me ao trabalho* – Em geral, o pronome átono da forma verbal reflexiva portuguesa funciona como objeto direto: *dou-me* (obj. direto) *ao trabalho* (obj. indireto) *de fazer*.

Em francês e espanhol, esse pronome aparece como objeto indireto: *je me donne la peine de le faire*; *me doy el trabajo de hacerlo*.

Pronome pessoal átono e adjunto adverbial – Pode ocorrer a possibilidade de substituírem os pronomes pessoais átonos, na forma de objeto indireto, *me*, *te*, *se*, *nos*, *vos*, *lhe*, *lhes*, termos que na oração funcionam como adjuntos adverbiais [MBa.4, 273-276]:

Pôs-se *diante dele*	–	Pôs-se-*lhe* diante
Ficava *detrás dele*	–	Ficava-*lhe* detrás
Deu um abraço *no pai*	–	Deu-*lhe* um abraço
Bateu *nele*	–	Bateu-*lhe*
Ralhar *com ele*	–	Ralhou-*lhe*
Fugir *de mim*	–	Fugiu-*me*
Tudo girou *em volta dele*	–	Tudo *lhe* girou em volta

> "Ela tinha, porém, no semblante um ar de majestosa bondade que dificilmente esqueceria quem alguma vez se *lhe*

houvesse aproximado" [CL.1, I, 278].

Nestas substituições, o pronome átono faz referência à pessoa e a ideia da circunstância fica por conta do advérbio (ou substantivo adverbializado), quando se trata de locução prepositiva:

Fugia de mim – fugiu-me (não há locução prepositiva)

Tudo girou ***em volta dele*** – *Tudo lhe girou* ***em volta*** (há locução prepositiva)

Pronome possessivo

***Seu* e *dele* para evitar confusão** – Em algumas ocasiões, o possessivo *seu* pode dar lugar a dúvidas a respeito do possuidor. Remedeia-se o mal com a substituição de *seu*, *sua*, *seus*, *suas*, pelas formas *dele*, *dela*, *deles*, *delas*, *de você*, *do senhor*, etc., conforme convier.

Em

José, Pedro levou o seu chapéu,

o vocábulo *seu* não esclarece quem realmente possui o chapéu, se Pedro ou José.

É verdade que a disposição dos termos nos leva a considerar José o dono do chapéu; mas a referência a Pedro também é possível. Assim sendo, serve-se o falante do substituto *dele*, se o possessivo pertence a Pedro:

José, Pedro levou o chapéu *dele*.

"Com efeito, Margarida gostava imenso da presença do rapaz, mas não parecia dar-lhe uma importância que lisonjeasse o coração *dele*". [MA.6, 24]

Se o autor usasse o possessivo *seu*, o coração poderia ser tanto de Margarida quanto do rapaz.

Pode-se, para maior força de expressão, juntar *dele* a *seu*:

José, Pedro levou o *seu* chapéu *dele*.

"Se Adelaide o amava como e quanto Calisto já podia duvidar, *sua* honra *dele* era pôr peito à defesa do opressa..." [CBr.1, 109]

Menos usual, porém correta, é a união dos dois possessivos como no seguinte exemplo da citada obra de Camilo:

"É certo, Sr. Presidente, que a femina toca o requinte da depravação, e chega a efeituar horrores cuja narração é de si para gelar ardências do sangue, para infundir pavor em peitos equânimos; porém, o móbil dos crimes *seus delas* é outro" [CBr.1, 86].

Os pronomes pessoais átonos *me*, *te*, *se*, *nos*, *vos*, *lhe*, *lhes*, podem ser usados com sentido possessivo, mormente em estilo literário, tomando-se o cuidado de evitar o abuso.46

Tomou-*me* o chapéu = Tomou o meu chapéu.

Ainda neste caso, é possível ocorrer a repetição enfática *lhe ... dele*:

"D. Adelaide ficou embaraçada. Seria agravar as meninas de dezoito anos, e educadas como a filha do desembargador, e amantes como elas de um comprometido esposo, estar eu aqui a definir a entranhada zanga que *lhe* fez no espírito *dela* o despropósito de Calisto" [CBr.1, 104].

Foge-se ainda à confusão empregando-se *próprio*:

"Andrade contentou-se com o *seu próprio* sufrágio" [MA.6, 19].

Posição do pronome possessivo – De modo geral, o possessivo vem anteposto ao nome a que se refere:

O *meu* livro. *Tuas* preocupações. *Nossos* deveres.

A posposição ocorre no estilo solene, em prosa ou verso, e, em nome de pessoas ou de graus de parentesco, pode denotar carinho:

Deus meu, ajudai-me!

A ênfase permite também a posposição, principalmente se o substantivo vem desacompanhado do artigo definido:

Conselho *meu* ela não tem. Filho *meu* não faria tal.

Em certas situações, há notável diferença de sentido com a posposição do possessivo.47

Minhas saudades são saudades que sinto de alguém. *Saudades minhas* são saudades que alguém sente de mim.

"Parece que Miss Dólar ficou com boas *recordações suas*, disse D. Antônia" [MA.6, 2, 17].

Notamos o mesmo em *suas cartas* e *cartas suas*.

Recebi suas cartas (i. é, cartas que me mandaram ou que pertencem à pessoa a quem me dirijo).

Recebi cartas suas (i. é, enviadas a mim pela pessoa).

Invariavelmente, usamos de *notícias suas*, como no seguinte exemplo:

"Peço-lhe que me mande *notícias suas*" [EC].

Fora destas construções, a língua moderna evita tal emprego objetivo:

"Mova-te a piedade *sua* e *minha*" [LC.1, III, 127]. Entenda-se: *a piedade delas* (das criancinhas) *e de mim.*

Possessivo para indicar ideia de aproximação – Junto a números o possessivo pode denotar uma quantidade aproximada:

Nessa época, tinha *meus* quinze anos (aproximadamente).

Era já homem de *seus* quarenta anos.

OBSERVAÇÃO: Valorizamos também uma noção quantitativa por meio do adjetivo *bom*:

"O maior Vilela observava um rigoroso regímen que lhe ia entretendo a vida. Tinha uns *bons sessenta anos*" [MA.6, 53].

Valores afetivos do possessivo – O possessivo, como temos visto, não se limita a exprimir apenas a ideia de posse. Adquire variados matizes contextuais de sentido, muitas vezes de difícil delimitação.

Assim, o possessivo pode apenas indicar a coisa que nos interessa, por nos estarmos referindo, com ele, a causa que nos diz respeito, ou por que temos simpatia:

O *nosso* herói (falando-se de um personagem de histórias) não soube que fazer. Trabalho todo dia *minhas* oito horas [cf. JR.4, 206].

Além de exprimir a nossa simpatia, serve também o possessivo para traduzir nosso afeto, cortesia, deferência, submissão, ou ironia:

Meu prezado amigo. *Minha* senhora, esta é a mercadoria que lhe serve.

Meus senhores e *minhas* senhoras! *Meu* presidente, todos o esperam.

Meu coronel, os soldados estão prontos! *Meu* tolo, não vês que estou brincando?

Notemos, porém, que em expressões do tipo:

"Qual cansadas, *seu* Antoninho!" [LB],

"Ande, *seu* diplomático, continue" [MA],

seu não é, como parece a alguns estudiosos, a forma possessiva de 3.ª pessoa do singular. Trata-se aqui de uma redução familiar do tratamento *senhor*.

Difere a forma *seu* (admite ainda as variantes *seo*, *sô*) do termo nobre, *senhor*, por traduzir nossa familiaridade ou depreciação.

Ocorrendo isoladamente, prevalece a forma plena *senhor*, conforme nos mostra o seguinte exemplo:

> "Depressa, depressa, que a filha do Lemos vai cantar; e depois é o *senhor*. Está ouvindo, *seu* Ricardo" [LB.1, 115].

Um fingido respeito ou cortesia – bem entendidos, aliás, pelos presentes – pode determinar a presença da forma plena:

> "Diga, *senhora* mosca-morta?" [AH.4, II, 251].

Pela forma abreviada *seu* modelou-se o feminino *sua*:

> "E ri-se você, *sua* atrevida?! – exclamou o moleiro, voltando-se para Perpétua Rosa" [AH.4, 252].

Emprego do pessoal pelo possessivo – Embora de pouca frequência, pode aparecer o possessivo por uma forma de pronome pessoal precedido da preposição *de*. Neste caso está a expressão *ao pé de* + pronome pessoal.

> "Vós os que não credes em bruxas, nem em almas penadas, nem nas tropelias de Satanás, assentai-vos aqui ao lar bem juntos ao *pé de mim*, e contar-vos-ei a história de D. Diogo Lopes, senhor de Biscaia" [AH.4, II, 7].

> "Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baronesa, que tinha a modista ao *pé de si*, para não andar atrás dela" [MA.2, 31].

Possessivo expresso por uma locução – Expressa-se o possessivo ainda por meio de uma perífrase em que entra o verbo *ter*, *haver* ou sinônimo:

> Oxalá os problemas *que temos* durem pouco (os nossos problemas).

O possessivo em referência a um possuidor de sentido indefinido – Se o possessivo faz referência a pessoa de sentido indefinido, expresso ou sugerido pelo significado da oração, emprega-se o pronome de 3.ª pessoa:

> "É verdade que *a gente*, às vezes, tem cá as *suas* birras – disse ele, com certo ar que queria ser fino e saía parvo" [AH.4, II, 158].

Se o falante se inclui no termo ou expressão indefinida, usar-se-á o possessivo de 1.ª pessoa do plural:

> *A gente* compreende como estas cousas acontecem em *nossas* vidas [cf. CBr.1].

Repetição do possessivo – Numa série de substantivos, pode-se usar o possessivo (como qualquer outro determinante do nome) apenas junto ao primeiro nome, se não for nosso propósito enfatizar cada elemento da série:

> "A prova da *sua perspicácia* e *diligência* estava em ter já no caminho da forca os desgraçados cuja sentença vinha trazer à confirmação real" [AH.4, I, 187].

Note-se a ênfase e a oposição entre os possuidores (*eu* e *tu*):

> "O *teu* amor era como o íris do céu: era a *minha* paz, a *minha* alegria, a *minha* esperança" [AH.4, I, 190].

Se o termo vem acompanhado de modificador, não se costuma omitir o possessivo da série:

> "Foi a *tua* dignidade real, a *tua* justiça, o *teu* nome que eu quis salvar da *tua própria* brandura" [AH.4, I, 191].

Omite-se o possessivo na série sem ênfase, ainda que os substantivos sejam de gênero ou número (ou ambas as coisas) diferente. A repetição que nada acrescenta em ênfase à expressão é considerada, por muitos estudiosos, como imitação da sintaxe francesa [MBa.1, 412-413].

"... entendera (Calisto Elói) que a prudência o mandava viver em Lisboa consoante os costumes de Lisboa, e na província, segundo o *seu gênio* e *hábitos* aldeãos" [CBr.1, 107].

Se se trata de substantivo sinônimo, dispensa-se a repetição do possessivo:

Teu filho, de quinze anos apenas, é *teu* orgulho e ufania.

Se os substantivos forem de significação oposta, o possessivo em regra não é dispensado:

Teu perdão e *teu* ódio não conhecem o equilíbrio necessário à vida.

Substituição do possessivo pelo artigo definido – Sem ser norma de rigor absoluto, pode-se substituir o possessivo pelo artigo definido, quando a ideia de posse se patenteia pelo contexto ou pelo sentido total da oração, ou ainda pela aplicação reflexiva, isto é, quando se faz referência à própria pessoa que fala ou de quem se fala. Este fato ocorre principalmente junto dos nomes de partes do corpo, das peças do vestuário, faculdades do espírito e certas frases feitas:

"D. Fernando afastou-a suavemente de si: ela alevantou *o rosto* celeste orvalhado de pranto... D. Leonor ergueu *as mãos* suplicantes, com um gesto de profunda angústia" [AH.4, I, 190].

"... aqui parou (Calisto Elói), e cruzando *os braços*, se esteve largo espaço quedo, e fito nas janelas" [CBr.1, 110].

"E o vento assobiava no vigamento da casa, e nas orelhas de Calisto, o qual, levado do instinto da conservação, levantou a gola *do capote* à altura *das bossas parietais*..." [CBr.1].

Ele perdeu *o juízo*. Tem *a vida* por um fio. Recuperou *a memória*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Aparece o possessivo no caso de ênfase, quando se deseja insistir na pertença do indivíduo:

"(...) se *as suas* faces eram gordas, *as suas* mãos continuavam magras com longos dedos fusiformes e ágeis" [LB.1, 96].

"E cada lavrador enxugava *os seus* olhos" [CBr.6, 118].

2.ª) Dispensa-se o artigo definido nas expressões *Nosso Senhor*, *Nossa Senhora*, assim como nas fórmulas de tratamento onde entra um possessivo, do tipo: *vossa excelência*, *vossa reverendíssima*, *sua majestade*, etc.

O possessivo e as expressões de tratamento do tipo *Vossa Excelência* – Empregando-se as expressões de tratamento do tipo de *vossa excelência*, *vossa reverendíssima*, *vossa majestade*, *vossa senhoria*, onde aparece a forma possessiva de 2.ª pessoa do plural, a referência ao possuidor se faz hoje em dia com os termos *seu*, *sua*, isto é, com possessivo de 3.ª pessoa do singular:

Vossa Excelência conseguiu realizar todos os *seus* propósitos (e não: todos os *vossos* propósitos).

Tais tipos de títulos honoríficos começaram a aparecer no português entre os séculos XIV e XV e aí havia realmente uma possibilidade de alternância de *seu*, *sua*, *vosso*, *vossa*. A luta durou até aproximadamente o século XVII, quando as formas de 3.ª pessoa saíram vitoriosas. Assim sendo, modernamente só deve aparecer o possessivo conforme o exemplo dado. Raras exceções em escritores do séc. XVIII para cá são devidas a imitações literárias, justamente repudiadas como arcaicas, ou então porque o autor, em romance ou novela histórica, para não cair em anacronismo, faz seus personagens falar a linguagem da época.

Entre os escritores a cuja autoridade se abrigam os defensores do arcaísmo aqui citado, se acha Alexandre Herculano. Ávido leitor e constante hóspede dos monumentos históricos, o autor da *História de Portugal*, tratando do período de D. João I (1385-1433), no *Monge de Cister* (pronuncie-se este último nome como oxítono), teve oportunidade de mostrar o quanto

sabia da evolução de sua língua, conhecimento que o faz o melhor prosador ou um dos melhores que as letras portuguesas tiveram. Assim, pensamos que tal situação especialíssima do probo e perspicaz historiador não abre a porta para a prática da velha construção.

Pronome demonstrativo

A posição indicada pelo demonstrativo pode referir-se ao espaço, ao tempo (demonstrativos dêicticos espaciais e temporais) 48 ou ao discurso (demonstrativo anafórico).

Demonstrativos referidos à noção de espaço – *Este* (e flexões) aplica-se aos seres que pertencem ou estão perto da 1.ª pessoa, isto é, daquela que fala:

> *Este livro* é o livro que possuo ou tenho entre mãos.
> *Esta casa* é a casa onde me encontro.

Esse (e flexões) aplica-se aos seres que pertencem ou estão perto da 2.ª pessoa, isto é, daquela com quem se fala:

> *Esse livro* é o livro que nosso interlocutor traz.
> *Essa casa* é a casa onde se encontra a pessoa a quem me dirijo.

Na correspondência, *este* se refere ao lugar donde se escreve, e *esse* denota o lugar para onde a carta se destina. A referência à missiva que escrevemos se faz com *este*, *esta*:

> "Manaus, 13-1-1905
> Meu bom amigo Dr. José Veríssimo, – escrevo-lhe dissentindo abertamente de sua opinião sobre *este* singularíssimo clima da Amazônia..." [EC].
> Escrevo *estas* linhas para dar-te notícia *desta* nossa cidade e pedir-te as novas *dessa* região aonde foste descansar.

Quando se quer apenas indicar que o objeto se acha afastado da pessoa que fala, sem nenhuma referência à 2.ª pessoa, usa-se de *esse*:

> "Quero ver *esse* céu da minha terra
> Tão lindo e tão azul!" [CA].

Na linguagem animada, o interesse do falante pode favorecer uma aproximação figurada, imaginária, de pessoa ou coisa que realmente se acham afastadas dos que falam. Esta situação exige *este*:

> "Dói-me a certeza de que estou morrendo desde o primeiro dia da tua união com *este* homem... a certeza de que o hás de amar sempre, ainda que ele te despreze como já te desprezou" [CBr.1, 152].

Tal circunstância deve ter contribuído para o emprego de *este* como indicador de personagens que o escritor traz à baila.

> "*Este* Lopo, bacharel em direito, homem de trinta e tantos anos, e sagaz até a protérvia, vivia na companhia do irmão morgado..." [CBr.1, 149].

Por outro lado, cabe a *esse* a missão de afastar de nós pessoa ou coisa que na realidade se acham ou se poderiam achar próximas:

> "Vês África, dos bens do mundo avara,
> .....
> Olha *essa* terra toda, que se habita
> *Dessa* gente sem lei, quase infinita" [LC.1, X, 92 *apud* SA].

Estas expressões não se separam por linhas rigorosas de demarcação; por isso exemplos há de bons escritores que contrariam os princípios aqui examinados e não faltam mesmo certas

orientações momentâneas do escritor que fogem às perscrutações do gramático.

Demonstrativos referidos à noção de tempo – Na designação de tempo, o demonstrativo que denota um período mais ou menos extenso, no qual se inclui o momento em que se fala, é *este* (e flexões):

Neste dia (= no dia de hoje) celebramos a nossa independência.

Este mês (= no mês corrente) não houve novidades.

Aplicado a tempo já passado, o demonstrativo usual é *esse* (e flexões):

Nessa época atravessávamos uma fase difícil.

Se o tempo passado ou vindouro está relativamente próximo do momento em que se fala, pode-se fazer uso de *este*, em algumas expressões:

Esta noite (= a noite passada) tive um sonho belíssimo.

Porém, com a mesma linguagem *esta noite* poderíamos indicar a noite vindoura. Outro exemplo:

"Meu caro Barbosa:

Deves ter admirado o meu silêncio *destes quinze dias*, silêncio para ti, e silêncio para o jornal" [CBr.7, 56].

A indicação temporal de *este* e *esse* dispensa outra expressão adverbial, se a circunstância de tempo não se apresenta ao falante como elemento principal do conjunto:

"Para o jogo bastava *esse* movimento de peão". [ML]

Esse movimento vale por: *o movimento que se fez naquele momento*.

Demonstrativos referidos a nossas próprias palavras – No discurso, quando o falante deseja fazer menção ao que ele acabou de narrar (anáfora) ou ao que vai narrar (catáfora), emprega *este* (e flexões):

"Entrou Calisto na sala um pouco mais tarde que o costume, porque fora vestir-se de calça mais cordata em cor e feitio. Não me acoimem de arquivista de insignificâncias. *Este* pormenor (isto é: o pormenor a que fiz referência) das calças prende mui intimamente com o cataclismo que passa no coração de Barbuda" [CBr.1, 93].

"Se não existisse Ifigênia... acudiu Calisto. Já *este* nome (i.é.: o nome que proferi) me soava docemente quando, na minha mocidade pela angústia da filha de Argamenão, cujo sacrifício o oráculo de Áulida desmandava.

– Ah, também eu conheço *essas* angústias (i.é.: aquelas a que se refere) da tragédia de Racine" [CBr.1, 135].

– "... não há linguagem que não soe divinamente falada por minha prima.

– *Essas* lisonjas – volveu ela sorrindo – aprendeu-as nos seus livros velhos, primo Calisto?" [CBr.1, 136].

Por este último exemplo, podemos verificar que se a referência é feita às palavras da pessoa com quem se fala, o demonstrativo empregado é *esse* (e flexões). No trecho, *essas lisonjas* são as que faz Calisto à sua prima.

Há situações embaraçosas para o emprego do demonstrativo anafórico, isto é, aquele que se refere a palavras ditas ou que se vão dizer dentro do próprio discurso (catáfora). Ocorre o caso, por exemplo, nas referências a enunciados anteriores que envolvem afastamento da 1.ª pessoa ou ao tempo em que se fala. Nestes casos, geralmente, prevalece a preferência para nossas próprias palavras, aparecendo, assim, o anafórico *este* (e flexões) em lugar do dêictico *esse* (e flexões):

– "Então que te disse ele?...

– Que tinhas lá outra... e que te viu passear com ela.

– Viu-me a passear com uma nossa parenta, viúva de um general. Quem disse ao javardo que *esta* (a que me refiro) *senhora* era minha amante" [CBr.1, 157].

Expresso um nome a que, na construção do discurso, se quer juntar uma explicação, comparação, ou se lhe quer apontar característica saliente, costuma-se repetir este nome (ou o que lhe serve de explicação, comparação, ou característica) acompanhado do demonstrativo *esse* (e flexões):

"O olhar da opinião, *esse* olhar agudo e judicial, perde a virtude, logo que pisamos o território da morte" [MA.1, 81 *apud* SS].

"Creio que por então é que começou a desabotoar em mim a hipocondria, *essa* flor amarela, solitária, de um cheiro inebriante e sutil" [MA.1, 83 *apud* SS.1, 307].

Por meio do pronome invariável *o* repetimos pleonasticamente a oração objetiva que se antecipa de sua posição normal, ou, em sentido inverso, antecipa a oração objetiva do texto:

*Que todos iam sair cedo, eu **o** disse ontem.*

*Eu **o** disse ontem, que todos iam sair cedo.*

Reforços de demonstrativos – A necessidade de avivar a situação dos objetos e pessoas tratados pelo falante o leva a reforçar os demonstrativos com os advérbios dêiticos *aqui*, *aí*, *ali*, *acolá*: *este aqui*, *esse aí*, *aquele ali* ou *acolá*.

Eu *cá* tenho minhas dúvidas. Ele *lá* diz o que pensa.

Também desempenham o papel de reforço enfático *mesmo* e *próprio* (e flexões) presos a substantivos ou pronomes, com o valor de *em pessoa* (em sentido próprio ou figurado):

Eu *próprio* assisti à desagradável cena. Ela *mesma* foi verificar o fato.

Neste sentido de identidade, *mesmo* e *próprio* entram no rol dos demonstrativos.

No seguinte trecho de M. de Assis aparece *muito*:

"Você ignora que quem os cose sou eu, e *muito* eu" [MA.2, 230].

Há construções fixas que nem sempre se regulam pelas normas precedentes; entre estas, estão:

a) isto é (e nunca *isso é*) com o valor de 'quer dizer' ou 'significa', para introduzir esclarecimentos;

b) por isso, *nem por isso*, *além disso* são mais frequentes que *por isto*, *nem por isto*, *além disto*, como a introduzir uma conclusão ou aduzir um argumento;

c) isto de (e não *isso de*) com o valor de 'no que toca', 'no que diz respeito a'. [SA.2, 264]

Outros demonstrativos e seus empregos – Já vimos que *mesmo* e *próprio* denotando identidades e com o valor de "em pessoa" são classificados como demonstrativos:

"Tal faço eu, à medida que me vai lembrando e convindo à construção ou reconstrução de mim *mesmo*" [MA.4, 203].

"De resto, naquele *mesmo* tempo senti tal ou qual necessidade de contar a alguém o que se passava entre mim e Capitu" [MA.4, 225].

"Veja os algarismos: não há dois que façam o *mesmo* ofício" [MA.4, 267].

Pode ainda o demonstrativo *mesmo* assumir o valor de *próprio*, *até*:

"Estes e outros semelhantes preceitos não há dúvida que não são pesados e dificultosos; e por tais os estimou o *mesmo* Senhor, quando lhes chamou Cruz nossa" [AV. 1, XI, 150].

"Os *mesmos* animais de carga, se lhe deitam toda a uma parte, caem com ela" [AV *apud* ED.2, § 86, a].

Mesmo, *semelhante* e *tal* têm valor de demonstrativo anafórico, isto é, fazem referência a pensamentos expressos anteriormente:

"Depois, como Pádua falasse ao sacristão, baixinho, aproximou-se deles; eu fiz a *mesma* cousa" [MA.4, 87].

"Não paguei uns nem outros, mas saindo de almas cândidas e verdadeiras *tais* promessas são como a moeda fiduciária, – ainda que o devedor as não pague, valem a soma que dizem" [MA.4, 202; FT.1, 56].

Falaste em dois bons estudantes, mas não encontrei *semelhantes* prendas na sala de aula.

Tal (sozinho ou repetido) e *outro* são demonstrativos de sentido indefinido. O primeiro aparece junto à designação de um dia, lugar ou circunstâncias reais, que não queremos ou não podemos precisar:

"Ele combinou com o assassino assaltarem a casa em *tal* dia, a *tal* hora, por *tais* e *tais* meios" [JO.1, 40].

Outro se emprega com o valor de *um segundo*, *mais um* (no sentido de *diferente*, como *mesmo* no de *igual*, é adjetivo):

Ele me tratou mal e eu fiz *outro* tanto (*tanto*, veremos mais tarde, é pronome indefinido).

Tais acepções imprecisas levam alguns estudiosos a classificar *tal* e *outro* como indefinidos.

Como elemento reforçador dos que foram tratados anteriormente, aparece *mesmo* junto aos advérbios pronominais: *agora mesmo*, *aí mesmo*, *aqui mesmo*, *já mesmo*, etc.

OBSERVAÇÃO: Sobre o emprego tido como errôneo de *mesmo* como advérbio, veja-se, mais adiante.

Um pode ter, em certas expressões, o valor de *mesmo*:

"Oh cousa para espantar
Que ambos a ferida tem
Dum tamanho, em *um* lugar" [LC *apud* JM].

(i. é: do mesmo tamanho e no mesmo lugar)

Honra e proveito não cabem *num* saco.

No estilo familiar e animado, emprega-se o demonstrativo com o valor de artigo definido:

Esse João é das arábias! *Aquela* Maria tem cada ideia! [MA.1, 36].

Registre-se ainda o emprego substantivo de *aquilo* em construções como:

"e apenas, como uma das extravagâncias que mais requerem anotação, citarei *aquilo* da p. 14" [CL.1, I, 245].

Posição dos demonstrativos – Em situações normais, em que não impere a ênfase, o demonstrativo vem anteposto ao nome. Em caso contrário, pode o adjetivo vir posposto, principalmente se o demonstrativo se referir ao pensamento já expresso.

"Logo depois, senti-me transformado na *Summa Theologica* de S. Tomás, impressa num volume, e encadernada em marroquim, com fechos de prata e estampas; ideia *esta* que me deu ao corpo a mais completa imobilidade..." [MA *apud*. SS.1, 306].

"... Os seus olhos serenos, como o céu, que imitavam na cor, tomaram a terrível expressão que ele costumava dar-lhes no revolver dos combates, olhar *esse* que, só por si, fazia recuar os inimigos" [AH *apud* SS].

Nas orações exclamativas ocorre também a posposição: Que dia *este*!

Mesmo pode corresponder a dois vocábulos latinos: *idem* e *ipse*. No primeiro caso, denota identidade e reclama a presença do artigo ou de outro demonstrativo:

Disse as *mesmas* coisas. Referiu-se ao *mesmo* casal. Falou a este *mesmo* homem.

Idêntico a *ipse*, emprega-se junto a substantivo ou pronome e equivale a *próprio*, *em pessoa* (em sentido próprio ou figurado)49:

Ela *mesma* se condenou.

Em ambos os sentidos, *mesmo* pode aparecer antes ou depois do substantivo. Nota-se

apenas, na língua moderna, certa preferência para a anteposição, quando o demonstrativo assume o valor de *idem*, isto é, indica identidade.

É costume calar-se a preposição na oração subordinada que se refere a substantivo antecedente que tem *mesmo* como adjunto:

> Encontrei-o na *mesma situação* (***em***) ***que*** estava no ano passado.
>
> Saiu do trabalho no *mesmo dia* (***em***) ***que*** fora promovido.
>
> "Querias, porventura, ensiná-la a desprezar-me pela *mesma razão* (***por***) ***que*** tu me desprezas" [CBr *apud* MBa.2, 310].

Pronome indefinido

Nem sempre se pode estabelecer claramente a diferença entre simples indefinidos tratados neste lugar dos quantitativos indefinidos; isto porque certos indefinidos aparecem aplicados à quantidade incerta.

Empregos e particularidades dos principais indefinidos – O indefinido pode estender a sua significação a todos os indivíduos de uma classe:

> *Todos* os homens são bons. *Cada* livro deve estar no lugar próprio. *Qualquer* falta merece ser punida.
>
> Livro *algum* será retirado sem autorização. *Nenhum* erro foi cometido.

A significação do indefinido se pode estender apenas a um ou a alguns indivíduos de uma classe:

> *Certas* folhas ficaram em branco.
>
> Daí surgirão *outros* enganos.

Sobre os principais pronomes indefinidos acrescentaremos:

a) Algum

Anteposto ao substantivo tem valor positivo: Recebeu *algum* recado importante.

Posposto ao nome, assume significação negativa, podendo ser substituído pelo indefinido negativo *nenhum*: Resultado *algum* saiu do inquérito.

Ocorre com maior frequência este emprego em frases onde já existem expressões negativas (*não*, *nada*, *sem*, *nem*), em interrogações oratórias ou depois de substantivo precedido da preposição *sem*: "Era pessoa *sem* escrúpulo *algum*" [ED.2, § 106].

b) Algo

Está hoje praticamente desbancado pela locução sinônima *alguma coisa*: 50

> Terás *algo* para contar-me?
>
> Há *algo* novo no ar.

É mais frequente seu emprego como advérbio, em construções do tipo:

> A situação está ***algo*** *perigosa*.
>
> Ali se passaram os momentos ***algo*** *inesquecíveis*.

O mesmo emprego adverbial conhece o seu equivalente *alguma coisa*:

> A leitura deixou-lhe impressão ***alguma coisa*** *agradável*.

Algumas vezes o significado quantitativo de *algo* e *alguma coisa* favorece o aparecimento da preposição *de* com valor partitivo:

Não há ***algo de*** novo.

Ficou-lhe do encontro ***alguma coisa de*** arrependimento.

Alguma coisa de novo deve acontecer hoje.

A presença da preposição junto ao adjetivo o transpõe à classe do substantivo e, por atração, este pode concordar em gênero e número com o nome sujeito do verbo:

Apresento-lhe *estas desculpas* que têm ***algo de*** *engraçadas*.

De repente saíram *umas ideias* ***alguma coisa de*** *ridículas*.

Sem razão, alguns autores consideram galicismo a presença da preposição *de* nestas construções com pronomes indefinidos, todos de valor nitidamente quantitativo [MBa.5, 43].

c) Cada

Junta-se a substantivo singular, a numeral coletivo e expressões formadas por numeral seguido de substantivo no plural:

"Uma ilusão gemia em *cada* canto,

Chorava em *cada* canto uma saudade". [LG]

Cada século possui seus homens importantes.

Faz prova em *cada* trinta dias.

Usa-se combinado a *cada um* e *cada qual*.

É condenado o emprego de *cada* sem substantivo em lugar de *cada um* nas referências a nomes expressos anteriormente, considerado imitação da linguagem comercial francesa, o que pomos em dúvida.

Os livros custam trinta cruzeiros *cada* (por *cada um*).

Cada não sofre variação, mas a concordância do verbo com o sujeito se processa normalmente:

"Convém notar o tríduo das Lemúrias

Não corre a flux: ***cada*** *dois dias levam*

entre si um profano intercalado" [AC.1, III, 57 *apud* FC.1, 53].

OBSERVAÇÃO: Com exagero, já se condenou por mal soante a expressão *por cada*, que, segundo a crítica, lembraria *porcada* (vara de porcos). Rui Barbosa [RB.1, 126] defendeu brilhantemente o falso cacófato (mau som).

Lembra Sousa da Silveira o valor intensivo de *cada*, como no seguinte exemplo (está claro que proferido com entonação expressiva):

"Então é *cada* temporal, que até parece que os montes estremecem" [EQ.1, 288 *apud* SS.1, § 388].

Conta *cada* história!

d) Certo

É exclusivamente na língua moderna pronome indefinido quando antecede ao substantivo:

"A vida celibata podia ter *certas* vantagens próprias, mas seriam tênues, e compradas a troco da solidão" [MA.1, 306].

Havendo ênfase, poderá aparecer *um certo*, expressão que tem sido, com algum exagero, recriminada pelos gramáticos. Alexandre Herculano, notável escritor português, talvez influenciado pelas teorias gramaticais reinantes, aboliu, em redações posteriores, o artigo indefinido (junto ou não a palavras indefinidas), tirando, muita vez, o colorido enfático do trecho primitivo. De *um certo* usou ele nos seguintes passos:

"Forçoso é que um poeta creia no pensamento, que o agita, e no ideal, aonde tem de ir buscar *um certo* número d'existência..." [AH.2, 162].

"Passado todo este tempo os escravos de *um certo* Adócio, que herdara o domínio daquela montanha..." [AH.2, 215].

"O gesto brando com que, uma vez posta, começou a mover as asas, tinha *um certo* ar escarninho, que me aborreceu

muito" [MA.1, 99].

Posposto ao substantivo, *certo* fixou o seu emprego de adjetivo, com o sentido de "acertado", "ajustado", "exato", "verdadeiro". Ambos os sentidos, indefinido e qualificativo, são aproveitados nos seguintes jogos de palavras:

Tenho *certos amigos* que não são *amigos certos*.

Note-se, com o *Dicionário Contemporâneo*, que *certo* atenua o que na significação do substantivo haja de demasiadamente absoluto, quando este indefinido vem anteposto a nome que exprime qualidade, propriedade ou modo de ser:

Goza de *certa* reputação de talento.

A ópera tem uma *certa* novidade.

Nesta significação atenuativa, *certo*, equivalente a *algum* (e flexões), se aproxima dos quantitativos indefinidos.

NOTA: No português de outras épocas, a função de adjetivo ocorria, ou podia ocorrer, ainda anteposto ao nome:

"Deveis de ter sabido claramente
Como é dos fados grandes *certo* intento" (isto é: intento certo)
[LC.1, I, 24].

"Esta ilha pequena que habitamos
É em toda esta terra *certa* escala (isto é: escala certa)
De todos os que as ondas navegamos"
[LC.1, I, 54].

"Atento estava o rei na segurança
Com que provava o Gama o que dizia;
Concebe dele *certa* confiança, (isto é: confiança segura)
Crédito firme em quanto proferia"
[LC.1, VIII, 76].

e) Nenhum

Reforça a negativa *não*, podendo ser substituído pelo indefinido *algum*:

Não tínhamos *nenhuma* dívida até aquele momento.

Sem ênfase, *nenhum* vem geralmente anteposto ao substantivo; havendo desejo de avivar a negação, o indefinido aparece posposto:

"Que é lá? redargui; não cedi *cousa nenhuma*, nem cedo" [MA.1, 134].

Referindo-se o nome no plural, *nenhum* se flexiona:

"Mas se anda nisto mistério, como quer o condestável, espero que não serão *nenhuns feitiços*..." [RS.1, 195].

Em certas frases de forma afirmativa, *nenhum* pode adquirir valor afirmativo, como sinônimo de *qualquer*:

Mais do que *nenhum* homem, ele trabalhava para a tranquilidade.

Enquanto *nenhum* é um termo que generaliza a negação, *nem um* se refere à unidade:

Não tenho *nenhum* livro.

Não tenho *nem um livro*, quanto mais dois.

f) Todo – Tudo 51

Concorda em gênero e número com o substantivo ou pronome a que serve de adjunto adnominal.

Quando no singular está anteposto a substantivo ou adjetivo substantivado, vale por "cada", "qualquer" ou "inteiro", "total", podendo vir ou não acompanhado de artigo. Isto significa que, no singular, *todo* pode referir-se tanto à totalidade distributivamente de um conjunto

plural (*Todo o homem* é mortal = "todos e cada um dos homens") – e neste sentido equivale ao latim *omnis* –, como à totalidade, integralidade, de um indivíduo, de um singular (***Todo** o homem* ou *O homem **todo** é pecado e miséria*; *Trabalhar **todo** o dia* ou *o dia **todo***) – e já neste sentido vale pelo latim *totus* [HCv.3, III, 33 n.4].

Ainda que *todo* possa significar "qualquer", eles podem concorrer juntos na expressão *todo* (*toda*) *e qualquer*:

"Introdução de *todo e qualquer* gênero de produto" [RB *apud* FC.1, 295].
A *toda* falta deve corresponder um castigo adequado (*toda* = "cada").
A *toda a* falta... (*toda* = "cada").
Todo ser merece consideração (*todo* = "qualquer").
Todo o ser merece... (*todo* = "qualquer").
O incêndio destruiu *toda* casa (*toda* = "inteira", "total").
O incêndio destruiu *toda a* casa (*toda* = "inteira", "total")
Todo pobre receberá esmola.
Todo o pobre receberá esmola.

Enquanto em Portugal não se faz a distinção formal entre "*cada*"/ "*qualquer*" e "*inteiro*"/ "*total*", usando-se quase sempre *todo* seguido de artigo (*Todo o homem é mortal*), no Brasil, para o primeiro sentido, modernamente, dispensa-se o artigo (*Todo homem é mortal*) e, para o segundo, o artigo é obrigatório (*Toda a casa pegou fogo*).

Está claro que a presença ou ausência do artigo está inicialmente presa ao fato de o substantivo núcleo do sintagma exigir ou não artigo, independentemente da variedade semântica apontada. Assim, como se diz, nos nomes dos países, com artigo, *o Brasil*, dir-se-á *todo o Brasil*; em contraposição, só se diz, sem artigo, *Portugal*, logo se dirá *todo Portugal*.

A distinção entre "cada"/ "qualquer" e "inteiro"/ "total" fica prejudicada em virtude da ocorrência da fonética sintática que facilita, na pronúncia (com reflexo natural na escrita), a fusão por crase da vogal final de *todo*, *toda* com o artigo singular *o*/ *a*: *todo o* = *todo*; *toda a* = *toda*. Daí, muitas vezes a indecisão que sentem as pessoas na hora de usar *todo* e *todo o*, *toda* e *toda a*.

Assim, diz-se, entre brasileiros, sem distinção de sentido, *todo o mundo*, *toda a vida*, *todo o tempo*, *toda a hora*, *toda a parte*, etc., ao lado de *todo mundo*, *toda vida*, *todo tempo*, *toda hora*, *toda parte*, etc., vacilação que se nota no português europeu literário de épocas passadas, em Camões, por exemplo. Em *todo o mundo*, *toda a gente*, percebe-se, na própria significação dos substantivos, o valor coletivo da expressão.

Todo indica a totalidade numérica, isto é, qualquer indivíduo da classe, quando seguido de oração adjetiva substantivada pelo *o* ou do pronome *aquele* (*todo aquele que*):

"(...) *Todo o que* sofre,
Todo o que espera e crê, *todo o* que almeja
Perscrutar o futuro, se coloca
Ao lado do Senhor" [FV *apud* SS.1, § 366].

Desaparece, naturalmente, a vacilação quando, em vez do artigo definido, aparecer o indefinido *um*, pois aí *todo um* denota "inteiro", "total": *todo um dia*, *toda uma cidade*, construção, aliás, sem razão, rejeitada por puristas intransigentes.

Todo no singular e posposto ao substantivo entra sempre na expressão da totalidade: *o*

homem todo, *a casa toda*, *o país todo*, *a semana toda*, *o tempo todo*, *a fortuna toda*, *o mundo todo*, *uma cidade toda*.

Nas expressões de reforço enfático ou de valor superlativo do tipo de *todo o resto*, *toda a soma*, *todo o mais* (substantivado), *a toda a pressa*, *a toda a brida*, *a todo o galope*, o artigo é de presença obrigatória entre brasileiros.

No plural, *todos*, *todas*, antepostos ou pospostos, exigem sempre a presença do artigo, desde que o substantivo não esteja precedido de adjunto que o exclua:

Todos os alunos entregaram as provas antes do tempo.

Todas as revisões são passíveis de enganos.

Os alunos todos disseram sim.

Todos estes casos foram examinados.

Todas elas responderam às cartas

Estando a totalidade numérica definida por um numeral referido a substantivo explícito ou subentendido, *todos* pode ser ou não acompanhado de artigo (*todo um*, *todos dois* ou *todos os dois*, *todos três* ou *todos os três*, etc.):

"Era belo de verem-se *todos cinco* em redor da criança, como se para outro fim se não reunissem!" [CBr.6, 131].

Todas as quatro razões foram discutidas.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) É mais comum a presença do artigo quando o substantivo está expresso.

2.ª) Em *todas estas quatro razões*, a presença de um adjunto (*estas*) que exclui o artigo explica a sua ausência.

Graças à significação de certos verbos em determinados contextos, *todos* pode ser interpretado em sentido distributivo, com valor aproximado de "cada", como no exemplo:

"Dizia um Secretário de Estado meu amigo que, para se repartir com igualdade o melhoramento das ruas por toda a Lisboa, deviam ser obrigados os ministros a mudar de rua e bairro *todos os três meses*" [AGa.4, 33].

(isto é: a cada três meses, de três em três meses, como interpreta ED.2, § 61, a)

Todo pode ser empregado adverbialmente, com valor de "inteiramente", "em todas as suas partes":

"Desculpe-me, que eu estou *todo* absorvido pela minha mágoa!"

[CBr.6, 93].

"Longe de mim a triste ideia de me intrometer nessa questão *todo* particular"

[CL.1, I, 211].

Suas origens pronominais facultam-lhe a possibilidade de poder, por atração, concordar com a palavra a que se refere:

O professor é ***todo*** *ouvidos.* *Ela é* ***toda*** *ouvidos.*

Ele está ***todo*** *preocupado.* *Ela está* ***toda*** *preocupada.*

Acabamos de ver as crianças ***todas*** *chorosas.*[52]

Todo entra ainda na construção de locuções adverbiais: *em todo*, *de todo*, *de todo em todo*, etc.

Tudo – Refere-se às coisas consideradas em sua totalidade ou conjunto e, normalmente, se apresenta como termo absoluto, desacompanhado de determinado:

Nem *tudo* está perdido.

Põe a esperança em *tudo*.

O seu emprego absoluto apresenta duas exceções: quando se combina com os demonstrativos *isto*, *isso*, *aquilo* ou quando é seguido de oração adjetiva substantivada pelo

artigo:

Tudo isso é impossível. *Isso tudo* é impossível.

Onde você comprou *tudo aquilo*?

Desconhecemos *tudo o que eles disseram.*

Em tais construções, o demonstrativo funciona como núcleo do sintagma nominal e o indefinido como seu adjunto, bem como da oração adjetiva substantivada.

Pronome relativo

Usa-se *o qual* (e flexões) em lugar de *que*, principalmente quando o relativo se acha afastado do seu antecedente e o uso deste último possa dar margem a mais de uma interpretação:

O guia da turma, *o qual* nos veio visitar hoje, prometeu-nos voltar depois (com o emprego de *que* o sentido ficaria ambíguo).

Pode-se ainda recorrer à repetição do termo:

"Arrastaram o saco para o *paiol* e o *paiol* ficou a deitar fora" [CN.1, 12].

Dá-se ainda o afastamento do relativo em relação ao seu antecedente em exemplos como o seguinte:

"No fundo de um triste vale dos Abruges, terra angustiada e sáfara, um pobre eremita vivia *que* deixara as abominações do século pela soledade do deserto" [JR.2, 2, 219].

Hoje é mais comum construir:

"eremita que deixara... vivia" ou "vivia um pobre eremita que deixara...".

Deve-se evitar com cuidado o grande distanciamento entre o antecedente e o correspondente relativo, principalmente se este estiver precedido de dois nomes que possam assumir esta referência. Mário Barreto [MBa.5, 303] cita o trecho de Camilo em que o escritor explicita entre parêntese o real antecedente:

"Eu de mim, se não estivesse amortalhada no sobretudo do meu marido, *que* vou escovar (o sobretudo), era dele, como a borboleta é da chama (...)".

"Lúcia descera com a moça bonita, de calças curtas, *que* guiava o carro" [JL.2, 133].

Muitas vezes a pontuação salva a boa interpretação do texto; a vírgula posta entre um substantivo (ou pronome) e o relativo serve para indicar que este não se está referindo àquele, e sim ao mais afastado:

"mas ele tinha necessidade da sanção de alguns, *que* (isto é, a "sanção", e não "alguns") lhe confirmasse o aplauso dos outros" [MA.1, 138].

Em geral substitui-se *que* por *o* (*a*) *qual* depois de preposição ou locução prepositiva de mais de duas sílabas. Empregamos *sem que* ou *sem o qual*, *a que* ou *ao qual*, *de que* ou *do qual*, mas dizemos com mais frequência *apesar do qual*, *conforme o qual*, *perante o qual*, etc.53 O movimento rítmico da frase e a necessidade expressiva exigem, nestes casos, um vocábulo tônico (como *o qual*) em lugar de um átono (como *que*).

Com frequência, a preposição que deveria acompanhar o relativo emigra para o antecedente deste relativo:

"A barra é perigosa, como dissemos: porém a enseada fechada é ancoradouro seguro, *pelo que* (o porque, razão por que) tem sido sempre couto dos corsários de Berbéria" [AH.2, 69].

"... até o induzirem a mandá-lo sair da corte, *ao que* (o a que) D. Pedro atalhou com retirar-se antes que lhe ordenassem" [AH.2, 91].

"... não tardou a ser atravessado, pelo coração, com uma seta do que (o de que) imediatamente acabou" [AH.2, 97].

A construção regular, sem migração da preposição, é pouco usada e se nos apresenta como artificial:

"Assim me perdoem, também, *os a quem* tenho agravado, *os com quem* houver sido injusto, violento, intolerante..." [RB.2, 23].

No seguinte exemplo de Rui Barbosa a preposição aparece antecipada e depois no lugar devido:

"É *no em* que essa justificação se resume" [RB.1, 519].

Outras vezes omite-se a preposição que pertence a rigor ao relativo, em virtude de já ter o seu antecedente a mesma preposição:

Você só gosta *das coisas que* não deve (por: *das coisas de que não deve*).

Ele falou *do que* não podia falar (por: *de que não podia falar*).

Relativo universal – Na linguagem coloquial e na popular pode aparecer o pronome relativo despido de qualquer função sintática, como simples transpositor oracional. A função que deveria ser desempenhada pelo relativo vem mais adiante expressa por um substantivo ou pronome precedido de preposição. É o chamado *relativo universal* que, desfazendo uma complicada contextura gramatical, se torna um "elemento linguístico extremamente prático" [KN.1, V, 330]:

Ali vai o homem *que* eu falei com *ele*.

por

Ali vai o homem *com quem* eu falei.

Anacoluto no relativo – Costuma-se empregar ainda *que* ou *quem* seguido de pronome pessoal oblíquo (*que* ou *quem... lhe*) onde o rigor gramatical estaria a pedir este relativo precedido de preposição. É prática antiga que ainda persiste no colóquio moderno:

"Agora sim, disse então aquela cotovia astuta, agora sim, irmão, levantemos o voo e mudemos a casa, que vem *quem lhe* dói a fazenda"

(= aquele a quem dói a fazenda) [MBe *apud* AC.8, I, 70].

Quem ama o feio bonito *lhe* parece (= quem ama o feio parece bonito).

Quem cospe para o céu, na cara *lhe* cai.

Pode ocorrer ainda que, em vez do pronome *lhe*, apareça substantivo ou pronome com a preposição que deveria preceder o relativo.

Outras vezes o relativo não se refere propriamente ao seu antecedente, mas a um termo a ele relacionado:

"Bem vês as *lusitânicas* fadigas

Que eu já de muito longe favoreço" [LC.1, II, 171].

O pronome relativo se refere a *lusitanos*, ideia contida no adjetivo *lusitânicas*.

"Isto que parece absurdo ou desgracioso é perfeitamente racional e belo – belo à *nossa* maneira, *que* não andamos a ouvir na rua os rapsodos recitando os seus versos, nem os oradores os seus discursos, nem os filósofos, as suas filosofias" [MA *apud* SS.5, I, 28]. Aqui o relativo se refere ao pronome pessoal *nós* que se depreende do pronome possessivo *nossa*.

Não pertence à boa norma da língua repetir sob forma pronominal a função sintática já desempenhada pelo relativo. São escassos os exemplos como os seguintes:

"(nome) *que to* dissesse a brisa perfumada

Lasciva perpassando pelas flores" [CA.1, ed. SS, § 29].

"... o homem que se destina, ou *que o* destinou seu nascimento, a uma vocação pública, não pode sem vergonha ignorar as belas-letras e os clássicos" [AGa *apud* SS.5].

É preciso distinguir cuidadosamente este caso de outro aparentemente igual, em que não se trata de *que* pronome relativo, mas *que* conjunção causal ou consecutiva (com elipse do intensivo *tão*, *tal*):

"O português hodierno não é nem a língua de sábios nem de filósofos e pensadores *que* não *os* há..." [JR.6, 152].

"Tenho os pés *que os* não sinto, dizia ele ao seu vizinho" [AFg.1, 117].

(isto é: tenho os pés *de tal maneira, que*...)

Já vimos que *cujo*, como pronome relativo, traduz a ideia de posse, com o valor de *dele* (*dela*), *do qual* (*da qual*):

O livro *cujas* páginas... (= as páginas *do qual*, as páginas *dele*, as *suas* páginas).

Conforme a função do núcleo do sintagma nominal, do qual este pronome serve de adjunto, *cujo* pode vir precedido de preposição:

O proprietário *cuja casa* aluguei (a casa *do qual* aluguei).

Os pais *a cujos filhos* damos aula... (aos filhos *dos quais*).

Os pais *de cujos filhos* somos professores... (dos filhos *dos quais*).

O clube *em cujas dependências* faço ginástica (nas dependências *do qual*).

A cidade *por cujas ruas*, na infância, arrastou seus sonhos (pelas ruas da qual).

A prova *com cujas questões* me atrapalhei (com as questões *da qual*).

Para o emprego correto de *cujo*, além do que já dissemos antes, convém atentar para as três seguintes construções viciosas:

a) em vez de *cujo*, empregar um relativo (*que*, *quem*) precedido da preposição *de* para referir-se à ideia de posse:

Não posso trabalhar com uma pessoa *de quem* discordo dos métodos.

Dever-se-á construir:

Não posso trabalhar com uma pessoa *de cujos* métodos discordo (do método *dela*, do método *da qual*).

b) também não é para imitar o emprego de *cujo* (e flexões) significando *o qual* (e flexões). Os exemplos que dele se nos deparam na pena de um bom conhecedor do idioma, como Filinto Elísio, se devem explicar como uma iniciativa do idioleto do escritor, mas que não ganhou foros de cidade:

O livro *cujo* eu comprei ontem é excelente.

c) empregar artigo definido depois de *cujo*:

O pai *cujos os* filhos estudam aqui.

5 – Numeral

Numeral – é a palavra de função quantificadora que denota valor definido:

"A vida tem *uma* só entrada: a saída é por *cem* portas" [MM].

Os numerais propriamente ditos são os *cardinais*: *um*, *dois*, *três*, *quatro*, etc., e respondem às perguntas *quantos?*, *quantas?*.

Observações:

1.ª)Não são quantificadores numerais, ainda que tenham o mesmo significante, os substantivos que designam os algarismos e os números inteiros positivos. São substantivos e, como tais, admitem gênero e podem ir ao plural: *o um*, *os uns*; *o dois*, *os dois*; *o*

quatro, *os quatros*; prova dos *noves*. O gênero masculino se explica pela referência à palavra *número*, que se subentende. [AL.1, 120].

2.ª)Entre brasileiros, principalmente em referência a números de telefone, usa-se *meia dúzia* ou *meia* para o número *seis*. Não vale como numeral.

A tradição gramatical, levando em conta mais a significação de certas palavras denotadoras da quantidade e da ordem definidas, tem incluído entre os numerais próprios – os cardinais – ainda os seguintes: os *ordinais*, os *multiplicativos* e os *fracionários*. Tais palavras não exprimem uma quantidade direta do ponto de vista semântico, e, do ponto de vista sintático, se comportam, em geral, como adjetivos que funcionam como adjuntos e, portanto, passíveis de deslocamentos dentro do sintagma nominal:

Ele era o *segundo* irmão entre os homens.

Ele era o irmão *segundo* entre os homens.

Podem combinar-se coordenativamente com outros adjetivos:

Choveu muito nos *primeiros e gelados* dias deste inverno.

Podem até estar quantificados pelo numeral próprio:

Os *três primeiros* meses foram de muito calor.

Os *dois sêxtuplos* nasceram na mesma cidade, em anos diferentes.

De modo que seria mais coerente incluir os ordinais, multiplicativos e fracionários, conforme se apresentem no discurso, no grupo dos substantivos (*dobro*, *metade*, etc.) ou dos adjetivos (*duplo*, *primeiro*, etc.), como já fizemos com *último*, *penúltimo*, *anterior*, *posterior*, *derradeiro*, *simples*, *múltiplo*, etc., que denotam ordenação ou posição dos seres numa série, sem imediata ou mediata relação com a quantidade. Em nome da tradição e para comodidade de consulta do leitor, incluiremos nesta seção tais palavras, sem considerá-las como numerais.

Também a tradição gramatical tem posto *ambos* como numeral *dual*, como subcategoria de número (singular/plural), por sempre aludir a dois seres concretos já mencionados no discurso. Mas não temos, como alguns dialetos gregos, entre outras línguas, unidades linguísticas para a ideia da dualidade nos nomes e nos verbos [BD.1, II, 2.ª parte, 195; JV.1, 152]. Conforme as informações do contexto, podemos indicá-la por *dois*, *ambos*, pelo plural (*as abotoaduras*) ou possessivo (*suas abotoaduras*, *seus pulsos*), pelo reflexivo (*se amam*), etc. Nem o latim conhecia o dual [ECs.1, 198; HCv.3, III, 34]. Portanto, fica para *ambos* uma das duas classificações mais correntes: ou um *numeral* plural ao lado de *dois*, mas dele diferente por só se referir a seres já previamente indicados ou conhecidos, ou um *pronome*, justamente levando em conta essa referência de dêixis anafórica. *Ambos* admite posição anteposta ou posposta ao nome que modifica, nome (menos o pronome, naturalmente) que pode vir ou não precedido de preposição e pode ser substituído por *um e outro*:

Ambos os filhos ou os filhos *ambos*

Ambos os livros ou os livros *ambos*

Ambas (as) razões – *Uma e outra* razão

OBSERVAÇÃO: *Ambos* podia combinar-se com *dois* em construções enfáticas em que estivesse anteposto ou posposto ao substantivo: João e Maria eram irmãos; os *dois ambos* são engenheiros. Hoje, só no estilo solene, ocorre a construção.

Do ponto de vista material, existem em português os numerais simples (*um*, *dois*, *três*, *vinte*, *trinta*, *cem* [próclise de *cento*]), os compostos, que indicam adição, ligados pela conjunção *e* (*vinte e um*, *dezesseis*, *dezessete*, *cento e dois*, *mil e noventa*, etc.) e os justapostos que indicam multiplicação, quando a primeira unidade, multiplicadora, é menor

que a segunda: *quatrocentos* (4 x *cem*), *setecentos*, *oitocentos* e *novecentos*, *dois mil*, *cinco mil*, etc.54

Na designação dos números, usa-se a conjunção *e* entre as centenas, dezenas e unidades (*duzentos e vinte e seis*). Entre os milhares e as centenas, emprega-se o *e* se as centenas não forem seguidas de outro número (*dois mil e duzentos*); em caso contrário, omite-se a conjunção (*dois mil duzentos e vinte e seis*). Põe-se o *e* entre os milhares e as dezenas como também entre os milhares e as unidades (*dois mil e vinte e seis*; *dois mil e seis*). [SL.1, 164]

Nos números muito extensos, omite-se a conjunção entre as classes, isto é, entre os grupos de três algarismos: 324.312.090.215 – *trezentos e vinte e quatro bilhões trezentos e doze milhões noventa mil duzentos e quinze.*

Têm emprego como substantivos e, entre estes, guardam analogia com os coletivos – mas deles diferem pela indicação de quantidade definida: *dezena*, *década*, *dúzia*, *centena*, *centenar*, *cento*, *milhar*, *milheiro*, *milhão*, *bilhão*, *trilhão*, etc. [SA.2, 88].

Como ainda os coletivos, podem ter adjuntos introduzidos por preposição para indicar a espécie: uma *dúzia de laranjas*, duas *décadas de vida*, três *centos de bananas*, um *milhão de pessoas*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Em lugar de *milhão* pode ocorrer *conto*, na aplicação a dinheiro, em *conto de réis* ou, simplesmente, *conto*.

2.ª) Podem ser grafados com *lh* ou *li*: *bilhão* / *bilião*, *trilhão* / *trilião*, *quatrilião*, *quintilião*, *sextilião*, *setilião*, *octilião*. As formas com *lh* são mais usuais.

Os cardinais funcionam como adjuntos, à maneira dos adjetivos e pronomes adjetivos, e podem substantivar-se, se os seres forem consabidos, precedidos de artigo ou outro determinativo:

> *Os dois* acabaram chegando cedo.
>
> *Estes três* estão à sua espera.

Podem juntar-se a substantivo acompanhado ou não de adjetivos, antepostos ou pospostos ao numeral:

> Os *dois* bons momentos da vida.
>
> Os maravilhosos *três* dias passados na fazenda.

No que toca à flexão de gênero, os numerais são invariáveis, exceção de *um* (*uma*), *dois* (*duas*) e *ambos* (*ambas*), os formados com *um* (*vinte e um*/*vinte e uma*) e as centenas acima de *cem* (*duzentos*/*duzentas*, *trezentos*/*trezentas*, *novecentos*/*novecentas*).

Cumpre lembrar que se o sujeito da oração tiver por núcleo o substantivo *milhões*, acompanhado de adjunto preposicionado no plural, cujo núcleo é um feminino, o particípio ou o adjetivo pode concordar no masculino com seu núcleo, ou no feminino, com o substantivo preposicionado do adjunto:

> *Dois milhões de pessoas* foram aposentados (ou aposentadas) neste ano.

Os adjuntos de *milhar*, masculino, devem também ficar no masculino:

> *Alguns milhares* de pessoas se expõem perigosamente ao sol do meio-dia.
>
> *Os milhares* de pessoas que estudam línguas estrangeira não devem esquecer a materna.

Evite-se o erro, hoje comum: ***algumas*** *milhares de pessoas*, ***as milhares*** *de pessoas*.

Depois dos numerais compostos com *um* pode deixar-se o substantivo no plural: *trinta e um* ***dias***, contrução mais comum.

Na expressão alusiva a um número não conhecido ou que não se queira explicitar (*o número tanto*), pode-se também usar o plural: *o número tantos*, *a folhas tantas*, *a páginas tantas*.

Cabe ainda lembrar que o numeral cardinal pode às vezes ser empregado para indicar número indeterminado:

Peço-lhe *um* minuto de sua atenção (= *alguns poucos minutos*).

Contou-lhe o fato em *duas* palavras (= *poucas palavras*).

F. tem *mil e um* defeitos (por: *muitos defeitos*).

Ela anda com *mil* perguntas (por: *muitas perguntas*).

Como vimos no emprego de *todo*, às vezes expressões como *todos os dois dias*, *todas as três semanas*, etc. podem ser empregadas com o valor de "dois em dois dias" ou "a cada dois dias", "de três em três semanas" ou "a cada três semanas".

A relação entre os nomes numerais, como diz Mattoso Câmara [MC.4, 178], e a arte de contar leva a que, na língua escrita, se usem os algarismos em vez das palavras correspondentes, prática válida para os ordinais: 26 de fevereiro; reunião às 3 horas; rua X, 204; reinou 12 anos; capítulo 4; seção 32.ª; 14.º lugar, etc.

"Assim, os numerais passam a ser indicados na língua escrita por ideogramas" [MC.4, 178].

Ordinais – São as palavras que denotam o número de ordem dos seres numa série:

primeiro, *segundo*, *terceiro*, *quarto*, *quinto*, etc.

OBSERVAÇÃO: *Último*, *penúltimo*, *antepenúltimo*, *anterior*, *posterior*, *derradeiro*, *anteroposterior* e outros tais, ainda que exprimam posição do ser, não têm correspondência entre os numerais e por isso devem ser considerados meros adjetivos. 55

Ordinais e cardinais – Os ordinais têm pouca frequência na língua comum, exceto os casos consagrados pela tradição e, em geral, até o número *dez*:

4.º andar, 2.º pavimento, 3.ª seção, 5.º lugar, 100.º aniversário de fundação.

Todavia, no estilo administrativo e em outras variedades de estilo oficial, correm com mais frequência os ordinais. Os casos mais comuns são os seguintes: até décimo, quando se usam também os algarismos romanos (estes vão além de décimo). A partir de décimo, os cardinais substituem os ordinais correspondentes:

a) na seriação dos monarcas e papas de mesmo nome:

Pedro I, Pedro II, D. João VI, Pio X, Leão XIII, João XXIII

b) na cronologia dos séculos:

século I, século VI, século X, século XXI

c) na indicação dos capítulos de livros:

capítulo I, capítulo III, capítulo IX, capítulo XXXII

O cardinal substitui o ordinal na indicação de horas e em expressões designativas da idade de alguém; neste caso, se o substantivo estiver no plural, o número também irá ao plural:

É *uma hora* (= é a primeira hora).

É *uma hora e meia*.

São *duas horas* (= é a segunda hora).

Castro Alves faleceu aos 24 anos (= no vigésimo quarto ano de vida).

Também o cardinal substitui o ordinal na designação dos dias do mês; se mencionado o

substantivo *dia* antes do algarismo, fica no singular:

No dia 2 de dezembro nasceu Pedro II (por: no segundo dia de dezembro).

Se vier posposto ao algarismo, linguagem usada em documentos oficiais, o substantivo *dia* será usado no plural:

Aos *treze dias* do mês de janeiro nasceu o primogênito.

Aos *26 dias* de agosto de 1944 foi fundada a Academia Brasileira de Filologia.

Para referir-se ao dia que inicia cada mês podemos usar tanto o cardinal quanto o ordinal:

No dia *um* de janeiro nasceu-lhe o segundo filho.

No dia *primeiro* de janeiro nasceu-lhe o segundo filho.

Na referência a páginas ou capítulos de livro, usam-se as preposições *em* ou *a*. Com *em* emprega-se a palavra *página*, *folha* ou *capítulo* no singular seguida do cardinal, se for superior a dez, podendo até aí usar-se o ordinal, anteposto ou posposto:

Na página 32 há um erro de revisão / *na folha 32* / *no capítulo 32*

Na página dois faltou uma vírgula / *na folha 2* / *no capítulo dois*

Na página segunda ou *na segunda página* / *na folha segunda* / *no capítulo segundo*

Com a preposição *a*, usa-se o substantivo no plural:

A páginas 12 *A folhas 12*

Note-se que se pode dizer *à página dois*, *a páginas duas*, *a páginas vinte e uma*, *a páginas tantas*, *na página dois*, *na página vinte e um*, *na página vigésima primeira*. Em resumo: com *página*, no singular, o cardinal fica invariável; com *páginas*, no plural, o cardinal se flexiona em gênero. O ordinal se flexiona sempre: *página primeira*, *páginas vigésima primeira*.

Multiplicativos – São as palavras que exprimem a multiplicidade dos seres. Os mais usados são:

duplo ou *dobro*, *triplo* ou *tríplice*, *quádruplo*, *quíntuplo*, *sêxtuplo*, *séptuplo*, *óctuplo*, *nônuplo*, *décuplo*, *cêntuplo*.

Fracionários – São as palavras que indicam frações dos seres:

meio, *terço*, *quarto*, *quinto*, *sexto*, *sétimo*, *oitavo*, *nono*, *décimo*, *vigésimo*, *centésimo*, *milésimo*, *milionésimo*, empregados como equivalentes de *metade*, *terça parte*, *quarta parte*, etc.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) O fracionário *meio*, funcionando como adjunto, concorda com seu núcleo, explícito ou não: meio-dia e *meia* [hora]; duas e *meia* [hora].

2.ª) Em lugar de *um milhão* (*dois milhões*, etc.) *e meio* pode-se, mais raramente, empregar *um e meio milhão*, *dois e meio milhões*:

> "Para aquilatar a importância dos tropeiros, basta lembrar que o Brasil tem cerca de *oito e meio milhões* de quilômetros quadrados de superfície (...)" [AAr *apud* SS.3, 106].

Para muitos fracionários empregamos o cardinal seguido da palavra *avos*, extraído de *oitavo*, como se fora sufixo. Por hipertaxe passa a funcionar como uma palavra: onze avos, treze avos, quinze avos, etc.

Lista dos principais ordinais com o cardinal correspondente:

primeiro	–	um
segundo	–	dois

terceiro	–	três
quarto	–	quatro
quinto	–	cinco
sexto	–	seis
sétimo	–	sete
oitavo	–	oito
nono	–	nove
décimo	–	dez
undécimo ou décimo primeiro	–	onze
duodécimo ou décimo segundo	–	doze (e não douze!)
décimo terceiro	–	treze
décimo quarto	–	quatorze, catorze
vigésimo	–	vinte
vigésimo primeiro	–	vinte e um
trigésimo	–	trinta
quadragésimo	–	quarenta
quinquagésimo	–	cinquenta
sexagésimo	–	sessenta
septuagésimo ou setuagésimo	–	setenta
octogésimo	–	oitenta
nonagésimo	–	noventa
centésimo	–	cem
ducentésimo	–	duzentos
trecentésimo ou tricentésimo	–	trezentos
quadringentésimo	–	quatrocentos
quingentésimo	–	quinhentos
seiscentésimo, sexcentésimo	–	seiscentos
septingentésimo, setingentésimo	–	setecentos
octingentésimo	–	oitocentos
nongentésimo, noningentésimo	–	novecentos
milésimo	–	mil

dez milésimos	–	dez mil
cem milésimos	–	cem mil
milionésimo	–	um milhão
bilionésimo	–	um bilhão

OBSERVAÇÃO: A tradição da língua estabelece que, se o ordinal é de 2.000 em diante, o primeiro numeral usado é cardinal: 2345.ª – duas milésima trecentésima quadragésima quinta. A língua moderna, entretanto, parece preferir o primeiro numeral como ordinal, se o número é redondo: décimo milésimo aniversário.

6 – VERBO

Considerações gerais – Entende-se por verbo a unidade de significado categorial que se caracteriza por ser um molde pelo qual organiza o falar seu significado lexical.

A – ***A distinção de verbos nocionais e relacionais***

A tradicional distinção de duas subclasses em verbos *nocionais* e verbos *relacionais*, que está na base da distinção de *predicado verbal* e *predicado nominal*, tem sido posta em questionamento por notáveis linguistas modernos. Esta distinção é válida sob certo aspecto semântico, mas não no que se refere à sintaxe; o núcleo da oração é sempre o verbo, ainda que se trate de um verbo de significado léxico muito amplo e vago (costuma-se dizer "vazio", o que justifica a denominação tradicional de "cópula" – marca gramatical de identidade – e a classificação "relacional" de Said Ali). O verbo *ser* e o reduzido grupo de verbos que integram a constituição do chamado predicado nominal em nada diferem dos outros verbos: todos possuem "os morfemas de pessoa e número que com o sujeito gramatical dão fundamento à oração" [AL.1, 1994, 302]. Diz com muita justeza Benveniste que uma oração de verbo *ser* "é uma oração verbal, paralela a todas as orações verbais" [EBv.1, 169].

B – ***Categorias verbais segundo Roman Jakobson***

Para esta organização, além de ser pensado como significado verbal, o verbo se combina, entre outros, com instrumentos gramaticais (morfemas) de tempo, de modo, de pessoa, de número.

Assim, *trabalhar* e o *trabalho* são palavras que têm o mesmo significado lexical, mas diferentes moldes, diferentes significados categoriais, embora se deva ter presente que este não é o simples produto da combinação do significado lexical com o significado instrumental. Por isso, como ensina Coseriu, um lexema não é verbo *porque* se combina, por exemplo, com um morfema de tempo e pessoa, mas, ao contrário, combina-se com esses morfemas *para* ser verbo, e porque está pensado com significação verbal [ECs.7, 70].

Um estudo coerente do verbo requer o estabelecimento do sistema de *categorias verbais*, isto é, tipos ou funções da forma léxicas mediante as quais se estabelecem as oposições funcionais numa língua.

Quando se usam em português as formas:

canto – cantas – canta

vejo – vês – vê
parto – partes – parte

estabelecem-se oposições da mesma espécie que afetam o conceito de "pessoa".

Quando se usam as formas:

canto – cantamos,

estamos diante de uma mesma pessoa ("primeira pessoa") e a oposição afeta outro conceito, o de "número".

E quando se usam as formas:

canto – cante

temos a mesma pessoa e o mesmo número, mas não a mesma categoria de "modo".

As oposições podem ser *simples*, como as dos exemplos até aqui, isto é, quando, em cada caso, só ocorre uma só categoria, um só critério de diferença de conteúdo, ou *complexas*, como:

canto – canteis

em que a diferenciação de conteúdo se dá em três categorias: "pessoa" (1.ª e 2.ª), "número" (singular e plural) e "modo" (indicativo e subjuntivo).

No verbo português, há categorias que sempre estão ligadas: não se separa a "pessoa" do "número" nem o "tempo" do "modo"; isto ocorre em grande parte, senão totalmente, com o "tempo" e o "aspecto", como veremos depois.

O linguista Roman Jakobson elaborou um sistema geral das categorias verbais que é considerado o mais coerente e claro até agora apresentado. Será aqui tomado em consideração, ainda que nem sempre se mostre adequado para a análise do sistema verbal românico, em especial para o português que, para Coseriu, é o mais rico e complexo em comparação com as línguas da mesma família.

Tomando em consideração os atos de fala relacionados com as funções verbais, distingue Jakobson:

a) o ato de fala em si mesmo (F)

b) o conteúdo do ato de fala, isto é, o comunicado (C)

c) o acontecimento, isto é, tanto o ato de fala quanto o comunicado (A)

d) os participantes neste acontecimento (P)

Desta relação se extraem quatro conceitos fundamentais:

a) um acontecimento comunicado (AC)

b) o próprio acontecimento do falar (AF)

c) os participantes no acontecimento comunicado (PC)

d) os participantes no acontecimento da fala (PF)

As categorias verbais podem afetar um só dos elementos b) e c) ou referir-se a mais de um elemento; no primeiro caso dizem-se *caracterizadores* ("*designadores*" na nomenclatura de Jakobson), e no segundo *determinantes de relação* ("*conectores*", para Jakobson).

Assim, a categoria de número é caracterizadora, porque afeta exclusivamente o número de participantes no acontecimento comunicado; já o passivo é determinante de uma relação, porque enquadra uma relação entre o acontecimento comunicado e os participantes: *sou*

escutado encerra a relação entre minha pessoa e o acontecimento de *escutar*.

Por outro lado, as categorias caracterizadoras podem sê-lo por *qualificação* ou por *quantificação* dos elementos; a de gênero é *qualificadora*, e a de número, *quantificadora*.

Vistas por outro prisma, as categorias podem estar *determinadas linguisticamente* ou ser *determinadas pelo discurso*. Assim, o plural, que é uma categoria determinada pela língua, pode ser definido sem nenhuma relação com um ato momentâneo da fala, enquanto não podemos definir do mesmo modo o "eu", porque "eu" é sempre a pessoa que fala, uma categoria "definida pelo discurso".

Com base nestas informações, podemos aproveitar o seguinte quadro sinótico das categorias gerais do sistema verbal, apresentado por Coseriu:

		Que afetam os participantes		Que não afetam os participantes	
		caracte-rizadora	determinante de relação	caracte-rizadora	determinante de relação
deter-minadas linguis-ticamente	qualificadora	GÊNERO		ESTADO	
	quantificadora	NÚMERO		ASPECTO	
			VOZ		TAXIS
deter-minadas pelo discurso		PESSOA		TEMPO	
			MODO		EVIDÊNCIA

Explicação das categorias verbais

Gênero (PC) – Refere-se aos participantes no acontecimento comunicado e daí adquire capacidade qualificadora. Em geral, não necessita marca especial. No português, aparece apenas na voz passiva (*o livro foi escrito* / *a novela foi escrita*). Já no latim, é um morfema típico do particípio; também se manifestava em construções com objeto direto no português até entre os séculos XVII e XVIII, quando desapareceu definitivamente ("[Inês de Castro] *tem pisada a areia ardente*, Camões). Vigora ainda hoje no francês e no italiano (*je l'ai écrite* [*la lettre*], *l'ho scritta*).

Número (PC) – Refere-se aos participantes no acontecimento comunicado e daí adquire capacidade quantificadora. No português e demais línguas românicas, está sempre ligada à pessoa no verbo flexionado ou finito e, em parte, também na forma verbal infinita (port. *o dizê-lo eu*, esp. *el decirlo yo* – "o fato de que eu o diga"). Aparece sem pessoa apenas em uma forma infinita, novamente o particípio (*visto – vistos*).

Pessoa (PC/PF) – Determina a relação dos participantes no acontecimento comunicado com os participantes no ato de fala. Primeira pessoa: coincidência do participante no acontecimento comunicado (PC) com o falante (só em parte também, quando se trata do

plural); segunda pessoa: coincidência PC com o ouvinte; terceira pessoa: PC não coincide com nenhuma das duas pessoas.

Estado (AC) – Afeta a qualidade lógica do sucesso comunicado (*afirmativo*, *negativo*, *interrogativo*, *negativo-interrogativo*). No português e demais línguas românicas, o estado é mais uma qualidade da oração; mas, às vezes, exige também uma forma verbal especial no âmbito da sintaxe (inversão), ou também no âmbito da morfologia (imperativo – imperativo negado: *canta*/*não cantar*, *canta*/*não cantes*; gerúndio – gerúndio negado; particípio – particípio negado).

Aspecto (AC) – Segundo Jakobson, assinala a ação levada até o fim, isto é, como conclusa (perfeita) ou inconclusa (imperfeita). Certas espécies de ação, como *durativa*, *incoativa* (*ingressiva*), *terminativa*, *iterativa*, etc., são apenas subdivisões desta categoria.

Tempo ou **nível temporal** (AC/AF) – Assinala a relação temporal do acontecimento comunicado com o momento do ato de fala; o presente encerra este momento, o passado é anterior, e o futuro ocorrerá depois deste momento:

Voz ou **diátese** (PC/AC) – Determina a relação entre o acontecimento comunicado e seus participantes. O primeiro participante lógico, o sujeito, pode ser agente do acontecimento (*voz ativa*) ou objeto do acontecer (*voz passiva*), ou agente e objeto ao mesmo tempo (*voz média*, incluído o *reflexivo*):

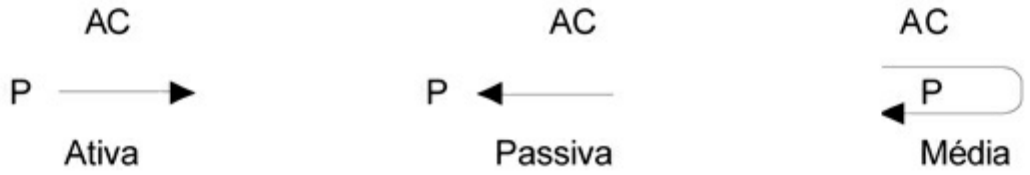

Modo (PC/AC/PF) – Assinala a posição do falante com respeito à relação entre a ação verbal e seu agente ou fim, isto é, o que o falante pensa dessa relação. O falante pode considerar a ação como algo feito, como verossímil – como um fato incerto –, como condicionada, como desejada pelo agente, como um ato que se exige do agente, etc., e assim se originam os modos: indicativo, subjuntivo, condicional, optativo, imperativo.

Taxis (AC/AC) – Assinala a posição de um acontecimento em relação com outro sem consideração do ato de fala. Nas línguas românicas é encontrada em certas construções impessoais com o gerúndio, com o infinitivo ou com o particípio (*comer cantando*, *comer depois de ter cantado*, etc.). Não se trata aqui de níveis temporais, mas de simples série de ações, já que o infinitivo não encerra relação com o ato de fala.

Evidência (AC/ACF/AF) – Assinala que o falante se refere a outro ato de fala – a uma informação indireta – por meio do qual ele experimenta o acontecimento como não vivido por ele mesmo (*Pedro deve ter falado com João*). No português e demais línguas românicas, é muito empregado nestes casos o *modus conditionalis* (*teria partido* = eu não o asseguro, ouvi de outra pessoa) e às vezes o futuro (*serão duas horas*).

C – ***Tempo e aspecto segundo Eugenio Coseriu***

Como assinalamos atrás, as categorias de "tempo" e "aspecto" costumam andar geralmente ligadas no português e nas demais línguas românicas, quer se trate de formas simples, quer de formas perifrásticas, também chamadas locuções verbais. A pura definição temporal e o *tempo* aludem à posição da ação verbal no percurso; a determinação aspectual alude à maneira de considerar a ação verbal no tempo. Coseriu apresenta uma clara e coerente proposta para a interpretação do verbo românico em relação com as categorias de tempo e aspecto com fundamento no sistema das subcategorias verbais.

Para tanto, distingue as seguintes subcategorias:

1) *Nível de tempo* ou simplesmente *nível* – Há uma estrutura temporal dupla no verbo românico: um plano que coincide com a linha do tempo mediante o presente (nível *atual*) e outra paralela onde se situam as ações que não dizem respeito com essa linha do tempo e que representam outra ação (nível *inatual*). O centro do nível atual é o *presente* e do nível inatual é o *imperfeito*:

Presente	nível atual
Imperfeito	nível inatual

Vale lembrar que nem sempre, como geralmente se supõe, o inatual com relação ao presente é interpretado como pertencente ao passado, ou que o imperfeito se enquadra como algo inseguro, condicionado, como algo distante da ação atual, como nas expressões de polidez e em orações principais presas a condicionais:

Eu queria pedir-lhe um favor.
Se soubesse, te dava a resposta.

2) *Perspectiva primária* – Enquadra a posição do falante em relação com a ação verbal. O falante pode ter a ação verbal como "paralela" a si mesmo, antes deste ponto ou depois dele. Por isso, a perspectiva primária pode ser *paralela*, *retrospectiva* ou *prospectiva*, segundo os *espaços de tempo*:

	Passado retrospectiva	Presente paralela	Futuro prospectiva
atual	*fiz*	*faço*	*farei*
inatual	*fizera*	*fazia*	*faria*

Esta estrutura está confirmada pelas possíveis neutralizações: *faço* pode substituir as formas *fiz* e *farei*; *fazia*, as formas *fizera* e *faria*.

De uma só vez a perspectiva primária define dois aspectos que emergem suplementarmente como função anexa da perspectiva:

a) na paralela tem-se uma ação em curso: *cursiva*.

b) na não paralela (retrospectiva ou prospectiva), uma ação como um todo, fora de curso: *complexiva*.

Daí se conclui que o presente e o imperfeito são cursivos e que as outras formas são complexivas.

Como o curso admite certa duração, os verbos pontuais (isto é, aqueles que se caracterizam pela ausência da duração no desenvolvimento do processo) como *encontrar*, *chegar*, etc.), aparecem no presente como formas de neutralização do passado ou do futuro ou, então, significam uma ação repetida (*eu encontro*, *ele chega amanhã*).

3) *Perspectiva secundária* – Consiste no fato de que cada espaço temporal delimitado pela perspectiva primária pode ser disposto outra vez segundo o mesmo princípio:

Presente:

tenho feito	FAÇO	*vou fazer*
tinha feito	FAZIA	*ia fazer*

Passado:

tive feito	FIZ	*fui fazer*
tivera feito	FIZERA	*fora fazer*

Futuro:

terei feito	FAREI	*irei fazer*
teria feito	FARIA	*iria fazer*

4) *Duração* – Esta categoria afeta o lapso em que se dá a ação verbal. A ação pode ser *durativa*, *momentânea* ou *intermitente* (mistura de ambas, isto é, uma ação formada por atos breves):

———	•	- - - - - - - - -
durativa	pontual	iterativa
olhar	*chegar*	*saltitar* (*dar saltos*)

Em português e nas demais línguas românicas, não tem esta categoria uma forma de expressão própria; está determinada lexicalmente ou aparece como categoria anexa à perspectiva.

5) *Repetição* – Impõe-se distinguir a categoria da repetição da de duração: a ação pode ser única (semelfáctiva ÷) ou ação repetida (frequentativa ÷ ÷ ÷ ÷ ...): singular ou repetição indeterminada. É em português uma categoria sem forma de expressão própria. Só a repetição única (÷ ÷) dispõe de perífrases, como *volto a dizer*, ou procedimentos de formação de palavras, como *redizer*.

6) *Conclusão* – Uma ação pode ser considerada *conclusa*, *inconclusa* ou *sem traço de conclusão*. O português não tem neste terreno, como também suas irmãs românicas, nenhum aspecto como categoria. Todavia, noutro sentido, a conclusão pode ser *subjetiva* ou *objetiva*,

na dependência de ter o sujeito levado a ação a um final objetivo ou não. Coseriu chama *terminativa* a conclusão subjetiva, e *completiva* a objetiva.

terminativa: ——————————|
escrevi muito (subjetiva; agora não escrevo)
completiva: ——————————O
escrevi o livro (objetiva; o que devia fazer, levei-o a cabo)

No português, só a conclusão subjetiva é expressa por formas verbais; a objetiva fica assinalada pelo contexto e às vezes pode ser expressa junto à voz verbal.

7) *Resultado* – Uma ação pode ser assinalada como "com resultado" (*resultativa*) ou como "sem resultado" (*não resultativa*). O resultado pode ser *subjetivo* (se afeta o sujeito [agente] e representa uma *reação efetiva*) ou *objetivo* (se afeta o objeto e representa um produto, *produtiva*).

No português, o resultado efetivo se expressa mediante *estar* + particípio: *está escrito*; o resultado produtivo, por *ter* + particípio em concordância com o objeto, porque se aplica na perspectiva secundária [*perfeito composto*]: *tenho escritos dois livros*.

8) *Visão* – É a categoria segundo a qual o falante pode considerar a ação verbal em seu todo ou parcialmente, em fragmentos, entre dois pontos de seu curso.

Na visão parcializante, podem-se diferençar diversas possibilidades:

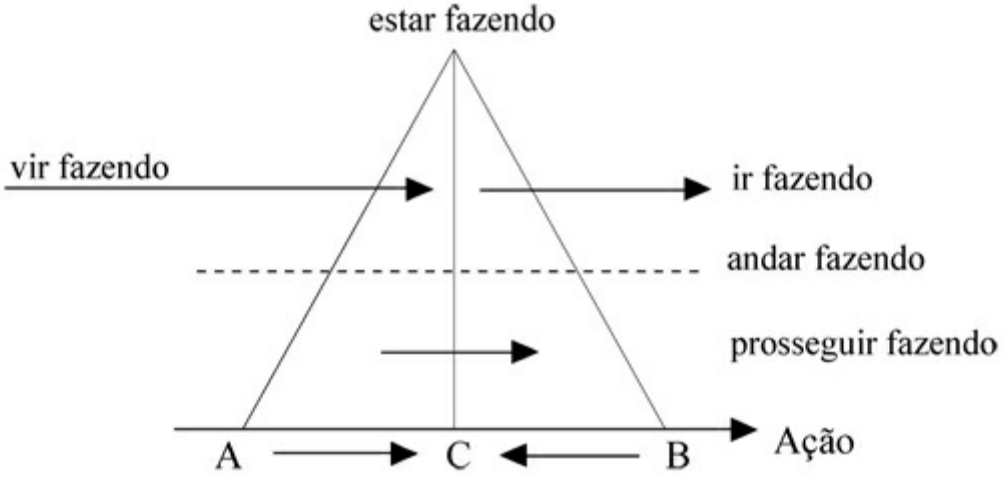

Explicitando esta *visão angular*

Pelo esquema, vê-se a ação entre dois pontos (A,B); ambos podem coincidir em um (C), isto é, podem ser pontos de começo e término de ação, o que não se expressa na forma do verbo e deve ser dito complementariamente: *estive lendo o dia todo*. Explicita-se em português com *estar* + gerúndio (*estou fazendo*) ou *estar a* + infinitivo (*estou a fazer*).

Visão comitativa – Trata-se do acompanhamento da ação verbal em diversos momentos de

seu curso entre A e B, e se expressa em português por *andar* + gerúndio (*ando fazendo*) ou *andar a* + infinitivo (*ando a fazer*).

A expressão pode ser ainda assinalada com o auxílio do adjetivo e particípio, como em *andar enfermo*, *andar desesperado*.

Visão prospectiva – Aqui se vê a ação entre o ponto C e um ponto distante, indefinido; em português há uma forma própria de expressão: *ir* + gerúndio (*vou fazendo*).

Visão retrospectiva – Aqui se vê a ação a partir do ponto indefinido anteriormente mencionado em direção ao ponto C, que coincide com o momento de observação da ação. Também aqui a ação é progressiva, e se expressa em português mediante *vir* + gerúndio (*venho fazendo*).

Visão continuativa – Trata-se de uma combinação de visão retrospectiva e prospectiva, que se expressa em português pelas perífrases: *seguir* + gerúndio (*sigo fazendo*) ou *continuar* + gerúndio (*continuo fazendo*).

Visão global – Aqui se acentua o conjunto da ação e a assinala expressamente como parcializante. A rigor, tal função poderia ser dispensada, já que pode ser desempenhada por membros neutros da oposição. Daí funcionarem as formas simples como membros neutrais:

estou lendo	*leio*
parcializante	neutral (não global parcializante)

Todavia, há expressões para acentuar o global, embora menos frequentes que as parcializantes. Estão representadas por perífrases aditivas com *tomar*, *pegar*, *agarrar*: *pego e escrevo*, *agarro e escrevo*, *tomo e escrevo*.

Para acentuar a globalidade, acompanha-se de todas as significações "enfáticas" do modo de falar, como "de fato", "com efeito", "rápido", "inesperado", "surpreendente", "decidido", "terminantemente", pois pode ocorrer a determinação expressa como "não cursiva" ou ainda como "não parcializante", como "redundante".

De forma esquemática, temos:

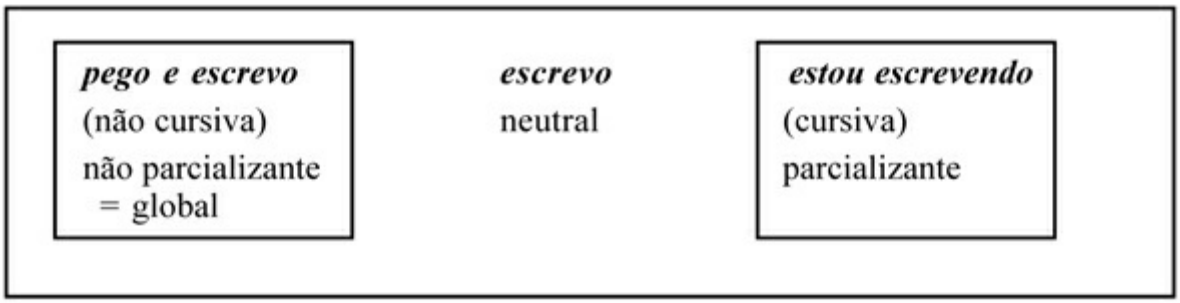

9) *Fase* – Trata-se aqui da relação entre o momento da observação e o grau de desenvolvimento da ação verbal observada.

Em princípio, podem-se distinguir as seguintes "fases":

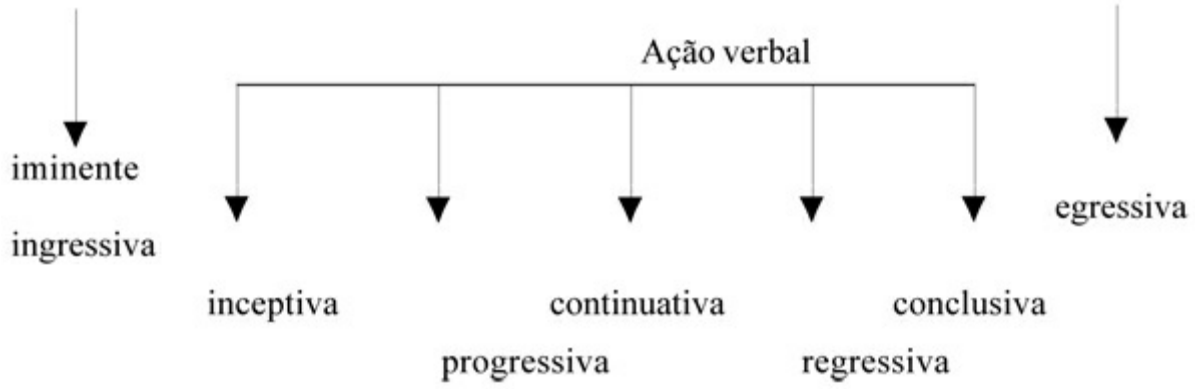

Fase iminente (*ingressiva*) – Trata-se da ação no seu começo. Indica-se com perífrases verbais, em geral, com o verbo *estar*: *estar para* (*por*) + infinitivo: *estou para* (*por*) *escrever*.

Fase inceptiva – Marca o ponto inicial da ação. Além da combinação léxica pura *começar a*, indica-se por várias perífrases verbais pondo ênfase ora na velocidade, ora no repentino da ação:

pôr-se a + infinitivo: *ponho-me a escrever*
meter-se a + infinitivo: *meto-me a escrever*
pegar a (*de*) + infinitivo: *pego a* (*de*) *escrever*
sair + gerúndio: *saio dizendo*

E também com construções aditivas: *ele agarrou e foi-se embora*.

Esta fase é a mais rica em formas e matizes.

Fase progressiva – Considera a ação em seu desenvolvimento; expressa-se mediante *ir* + gerúndio (*vou dizendo*).

Fase continuativa – Considera a ação na zona medial de seu desenvolvimento; expressa-se por *seguir* + gerúndio ou por combinações léxicas (*sigo escrevendo*, *continuo a*) ou conjuntamente com a visão (*estou dizendo*).

Fase regressiva e conclusiva – Considera a ação no seu término ou em sua fase final. Expressa-se exclusivamente com perífrases verbais, sem nenhum procedimento gramatical especial: *terminar de* + infinitivo (*termino de escrever*).

Fase egressiva – Considera a ação após seu término; expressa-se por *acabar de* + infinitivo (*acabo de escrever*).

Sincretismo: visão e fase – Pode ocorrer sincretismo de "visão" e "fase" na fase progressiva, quando o progressivo aparece como determinação secundária da visão: correlaciona-se com a visão comitativa, o que vale dizer dinâmica (*ando fazendo*), um progressivo retrospectivo (*venho fazendo* – de algum tempo até agora), um progressivo prospectivo (*vou fazendo* – desde agora para o futuro), e um progressivo tanto retrospectivo quanto prospectivo, isto é, uma continuativa (*sigo fazendo*).

Conclusão

Concluindo, para Coseriu são as seguintes as subcategorias que devem ser consideradas no exame do tempo e do aspecto do sistema verbal português e românico, levando-se ainda em conta que, entre estas categorias, há diferenças formais que aparecem em oposições funcionais:

• o nível temporal

• a perspectiva primária e secundária

• a visão

• a fase

• o resultado (parcial)

Em relação com outras categorias de sentido conexo, aparecem:

• a duração

• a repetição

• a conclusão (que não são mais do que significações laterais de perspectiva, da visão ou da fase, além de poderem ser constantes, como no caso da conclusão na perspectiva secundária).

Destas categorias, o *nível do tempo* e a *perspectiva primária* devem ser expressas e não podem faltar em cada forma verbal portuguesa. Já as outras categorias podem faltar ou não serem expressas; ficam, assim, "indeterminadas", "neutrais" as formas verbais em relação a essas categorias, ou podem juntar-se até duas. É o que ocorre com *estive fazendo*, que expressa, além do nível do tempo e da perspectiva primária, também a visão. *Tenho estado fazendo* expressa nível temporal, perspectiva primária, perspectiva secundária e visão. Já *tenho estado vindo fazendo*, *tinha-se estado pondo a fazer*, embora teoricamente possíveis, não são correntes. A última forma expressaria formalmente cinco categorias: nível temporal (inatual), perspectiva primária paralela (por causa da forma *tinha*), perspectiva secundária retrospectiva (por causa de *ter* + particípio), visão parcial (por *estar* + gerúndio) e fase inceptiva (por *pôr-se a* + infinitivo).

Exemplo para a descrição funcional – Para a descrição funcional de uma forma verbal

que leve em conta sua posição no sistema a que pertence, temos de enquadrá-la em todas estas categorias. Assim, em relação à forma do português ***fiz*** poderíamos dizer dela:

1) *Nível de tempo*: atual
2) *Perspectiva*: primária, retrospectiva, aspecto complexivo
3) *Visão*: global (neutral)
4) *Fase*: neutral
5) *Resultado*: não resultativa (neutral)
6) *Conclusão*: indefinida

Já de ***tinha estado fazendo***:

1) *Nível de tempo*: inatual
2) *Perspectiva*: primária, paralela, aspecto cursivo;
secundária, retrospectiva, aspecto complexivo
3) *Visão*: parcial
4) *Fase*: continuativa
5) *Resultado*: não resultativa
6) *Conclusão*: não terminativa

Pelo visto, pode-se concluir que o sistema verbal do português – e românico – representa um edifício de três "andares", que se ligam entre si, porque, é importante frisar, cada forma verbal que aparece inserida numa definição vale para todas as outras oposições como membro sem marca (neutral, extensivo).

Estes três "andares" apresentam:

a) no primeiro, temos um sistema fundamental que alude à configuração dos espaços de tempo: às categorias de *nível de tempo* e de *perspectiva primária*. Formalmente correspondem a este sistema fundamental as formas simples de tempo.

b) no segundo, um sistema secundário que alude à determinação do ponto temporal dentro dos espaços de tempo: à categoria da *perspectiva secundária*. A este sistema correspondem formalmente as formas perifrásticas de *ter* (*haver*) + particípio e verbo auxiliar (de preferência com *ir*) + infinitivo.

c) no terceiro, um sistema terciário que alude à definição de valores aspectivos especiais para cada ponto de tempo: às categorias de *visão*, *fase* e, em parte, *resultado*. Formalmente, este sistema coincide com outras diversas locuções verbais.

Cantaremos é uma forma verbal, porque exprime uma ação ou processo (a de cantar), exercida (referência à voz) pela 1.ª pessoa (referência à pessoa) do plural (referência ao número), do presente (referência ao tempo) do indicativo (referência ao modo).

As pessoas do verbo – Geralmente as formas verbais indicam as três pessoas do discurso, para o singular e o plural:

1.ª pessoa do singular: *eu canto*

2.ª pessoa do singular: *tu cantas*
3.ª pessoa do singular: *ele canta*
1.ª pessoa do plural: *nós cantamos*
2.ª pessoa do plural: *vós cantais*
3.ª pessoa do plural: *eles cantam*

Os tempos do verbo – São:

a) PRESENTE – em referência a fatos que se passam ou se estendem ao momento em que falamos: *eu canto*;

b) PRETÉRITO – em referência a fatos anteriores ao momento em que falamos e subdividido em *imperfeito*, *perfeito* e *mais-que-perfeito*:
cantava (imperfeito), *cantei* (perfeito) e *cantara* (mais-que-perfeito);

c) FUTURO – em referência a fatos ainda não realizados e subdividido em *futuro do presente* e *futuro do pretérito*:
cantarei (futuro do presente), *cantaria* (futuro do pretérito),
que implica também a modalidade condicional (cf. abaixo).

Os modos do verbo – São, conforme a posição do falante em face da relação entre a ação verbal e seu agente:

a) INDICATIVO – em referência a fatos como verossímeis ou tidos como tais: *canto*, *cantei*, *cantava*, *cantarei*

b) SUBJUNTIVO (CONJUNTIVO) – em referência a fatos incertos: talvez *cante*, se *cantasse*

c) CONDICIONAL – em referência a fatos dependentes de certa condição: *cantaria*

d) OPTATIVO – em relação a ação como desejada pelo agente:
E viva eu cá na terra sempre triste.

e) IMPERATIVO – em relação a um ato que se exige do agente:
cantai

As vozes do verbo – São:

a) ATIVA: forma em que o verbo se apresenta para normalmente indicar que a pessoa a que se refere é o *agente* da ação. A pessoa diz-se, neste caso, *agente* da ação verbal:

Eu *escrevo* a carta,
Tu *visitaste* o primo,
Nós *plantaremos* a árvore.

b) PASSIVA: forma verbal que indica que a pessoa é o *objeto* da ação verbal. A pessoa, neste caso, diz-se *paciente* da ação verbal:

A carta *é escrita* por mim,
O primo *foi visitado* por ti,
A árvore *será plantada* por nós.

A passiva é formada com um dos verbos *ser*, *estar*, *ficar* seguido de *particípio*.

Voz passiva e passividade – É preciso não confundir voz passiva e passividade. *Voz* é a forma especial em que se apresenta o verbo para indicar que a pessoa recebe a ação:

Ele *foi visitado* pelos amigos.

Alugam-se bicicletas.

Passividade é o fato de a pessoa receber a ação verbal. A passividade pode traduzir-se, além da voz passiva, pela ativa, se o verbo tiver sentido passivo:

Os criminosos recebem o merecido castigo.

Portanto, nem sempre a passividade corresponde à voz passiva56.

c) REFLEXIVA: forma verbal que indica que a ação verbal não passa a outro ser (negação da transitividade), podendo reverter-se ao próprio agente (sentido reflexivo propriamente dito), atuar reciprocamente entre mais de um agente (reflexivo recíproco), sentido de "passividade com se" e sentido de impessoalidade, conforme as interpretações favorecidas pelo contexto, formada de verbo seguido do pronome oblíquo de pessoa igual à que o verbo se refere:

eu *me visto*, tu *te feriste*, ele *se enfeita*.

O verbo empregado na forma reflexiva propriamente dita diz-se *pronominal*.

A voz passiva difere da reflexiva de sentido passivo em dois aspectos:

1) pode apresentar o verbo em qualquer pessoa, enquanto a reflexiva só se constrói na 3.ª pessoa com o pronome *se* (conhecido também pela denominação de "apassivador"):

Eu *fui visitado* pelos meus parentes.

Nós *fomos visitados* pelos parentes.

2) pode seguir-se de uma expressão que denota o agente da passiva, enquanto a reflexiva, no português contemporâneo, dispensa:

Eu *fui visitado* pelos parentes.

Aluga-*se* a casa (não se diz: aluga-se a casa pelo proprietário)

Todavia, há casos em que se explicita o agente, como no seguinte exemplo de Drummond:

Não sei se devemos exaltar Pelé por haver conseguido tanto, ou se nosso louvor deve antes ser dirigido ao gol em si, *que se deixou fazer por Pelé*, recusando-se a tantos outros [CDa.1, 130].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Em construções do tipo *batizei-me*, *chamas-te José*, há professores que veem passiva pronominal com pronomes oblíquos de 1.ª e 2.ª pessoas. Outros, porém, não pensam assim, e interpretam o fato como um emprego da voz reflexiva, indicando "uma atitude de aceitação consciente do nome dado ou do batismo recebido" [MC.4, 36].

2.ª) Em geral, o pronome átono que acompanha a voz reflexiva propriamente dita funciona como objeto direto, embora raras vezes possa exercer a função de indireto.

3.ª) Com verbos como *atrever-se*, *indignar-se*, *queixar-se*, *ufanar-se*, *admirar-se*, não se percebe mais a ação rigorosamente reflexa, mas a indicação de que a pessoa a que o verbo se refere está vivamente afetada. Com os verbos de movimento ou atitudes da pessoa "em relação ao seu próprio corpo" como *ir-se*, *partir-se*, e outros como *servir-se*, onde o pronome oblíquo empresta maior expressividade à oração, também não se expressa a ação reflexa. Alguns gramáticos chamam ao pronome oblíquo, nestas últimas circunstâncias, *pronome de realce*.

4.ª) Muitos verbos normalmente não pronominais se acompanham de pronome átono para exprimirem aspectos estilísticos, como a mudança lenta do estado ou de processo lento:

agonizar-se, *delirar-se*, *desmaiar-se*, *estalar-se, envelhecer-se*, *palpitar-se*, *peregrinar-se*, *repousar-se*, *tresnoitar-se*. [APa.1, 54-57]

5.ª) Inversamente, elimina-se o pronome de muitos verbos que o exigem na língua padrão:

aquecer, *chamar* (ter nome), *mudar* (transferir-se), *gripar*, *machucar*, *formar* (*Eu formei em Medicina*), *classificar* (*Ele classificou em 3.º lugar*), etc. (Obs.).

Formas nominais do verbo – Assim se chamam o *infinitivo*, o *particípio* e o *gerúndio*, porque, ao lado do seu valor verbal, podem desempenhar função de nomes. O infinitivo pode ter função de substantivo (*recordar é viver* = a recordação é vida); o particípio pode valer por um adjetivo (*homem sabido*), e o gerúndio por um advérbio ou adjetivo (*amanhecendo*, *sairemos* = logo pela manhã sairemos; *água fervendo* = água fervente). Nesta função adjetiva, o gerúndio tem sido apontado como galicismo; porém, é antigo na língua este emprego, quando ocupou o lugar vago deixado pelo particípio presente, que desapareceu do quadro verbal português para ingressar no quadro nominal.

As formas nominais do verbo, com exceção do infinitivo, não definem as pessoas do discurso e, por isso, são ainda conhecidas por *formas infinitas*. Possuem, quando possíveis, desinências nominais idênticas às que caracterizam a flexão dos nomes (gênero e número):

O infinitivo português, ao lado da forma infinita, isto é, sem manifestação explícita das pessoas do discurso, possui outra flexionada:

Infinito sem flexão	*Infinito flexionado*
Cantar	Cantar eu
	Cantares tu
	Cantar ele
	Cantarmos nós
	Cantardes vós
	Cantarem eles

As formas nominais do verbo se derivam do tema (radical + vogal temática) acrescido das desinências:

a) -*r*: para o infinitivo: canta-*r*, vende-*r*, parti-*r*

b) -*do* (ou -*to*, -*so*) para o particípio: canta-*do*, vendi-*do*, parti-*do*, acei-*to,* revol-*to*

c) -*ndo*: para o gerúndio: canta-*ndo*, vende-*ndo*, parti-*ndo*

OBSERVAÇÃO: O verbo *vir* (e derivados) forma também o seu particípio com a desinência -*do*; mas, pelo desaparecimento da vogal temática *i*, apresenta-se igual ao gerúndio: *vindo* (por vin-i-*do*) e *vindo* (vi-*ndo*).

Conjugar um verbo – É dizê-lo, de acordo com um sistema determinado, um paradigma, em todas as suas formas nas diversas pessoas, números, tempos, modos e vozes.

Em português temos três conjugações caracterizadas pela vogal temática:

1.ª conjugação – vogal temática ***a***: am***a***r, fal***a***r, tir***a***r.

2.ª conjugação – vogal temática ***e***: tem***e***r, vend***e***r, varr***e***r.

3.ª conjugação – vogal temática ***i***: part***i***r, fer***i***r, serv***i***r.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Não existe a 4.ª conjugação; *pôr* é um verbo da 2.ª conjugação cuja vogal temática desapareceu no infinitivo, mas permanece em outras formas do verbo. Veja-se a correspondência: *vend-e-s / põ-e-s*.

2.ª) Na história da língua, verbos há que mudaram de conjugação, mas deixaram vestígios em outras formas não verbais: *cair* (antigo *caer)*, com vestígio no adjetivo *cadente* (e não *cadinte*, como *ouvinte*). Alencar usa *rangir* por *ranger*, e hoje *viger* (cf. *vigente*) tem o concorrente *vigir* que, apesar de muito usado, não é aceito na norma exemplar: *A lei deve vigir* (por

viger).

Verbos regulares, irregulares e anômalos – Diz-se que um verbo é regular quando se apresenta de acordo com o modelo de sua conjugação: *cantar*, *vender*, *partir*. No verbo regular também o radical não varia. Tem-se o radical de um verbo privando-o, no infinito sem flexão, das terminações *-ar*, *-er*, *-ir*:

am-ar, fal-ar, tir-ar, tem-er, vend-er, varr-er, part-ir, fer-ir, serv-ir.

Irregular é o verbo que, em algumas formas, apresenta modificação no radical ou na flexão, afastando-se do modelo da conjugação a que pertence:

a) variação no radical em comparação com o infinitivo:

ouvir – ouço; *dizer* – digo; *perder* – perco;

b) variação na flexão, em relação ao modelo: *est**ou*** (veja-se *cant**o***), *est**ás*** (veja-se *cant**as***, um tônico e outro átono).

Os irregulares se dividem em *fracos* e *fortes*. Fracos são aqueles cujo radical do infinitivo não se modifica no pretérito: *sentir-senti*; *perder-perdi*.

Fortes são aqueles cujo radical do infinitivo se modifica no pretérito perfeito: *caber – coube*; *fazer – fiz*.

Os irregulares fracos apresentam formas iguais no infinitivo flexionado e futuro do subjuntivo:

Infinitivo	*Futuro do Subjuntivo*
Sentir	Sentir
Sentires	Sentires
Sentir	Sentir
Sentirmos	Sentirmos
Sentirdes	Sentirdes
Sentirem	Sentirem

Os irregulares fortes não apresentam identidade de formas entre o infinitivo flexionado e o futuro do subjuntivo:

Infinitivo flexionado	*Futuro do Subjuntivo*
Caber	Couber
Caberes	Couberes
Caber, etc.	Couber, etc.

OBSERVAÇÃO: Não entram no rol dos verbos irregulares aqueles que, para conservar a pronúncia, têm de sofrer variação de grafia:

carre***g***ar – carre***gu***e – carre***gu***ei – carre***gu***es

fi***c***ar – fi***c***o – fi***qu***ei – fi***que***

Não há portanto os *irregulares gráficos*.

Anômalo é o verbo irregular que apresenta, na sua conjugação, radicais primários diferentes: *ser* (reúne o concurso de dois radicais, os verbos latinos *sedēre* e *ĕsse*) e *ir* (reúne o concurso de três radicais, os verbos latinos *ire*, *vadēre* e *ĕsse*).

Outros autores consideram anômalo o verbo cujo radical sofre alterações que o não podem enquadrar em classificação alguma: *dar*, *estar*, *ter*, *haver*, *ser*, *poder*, *ir*, *vir*, *ver*, *caber*, *dizer*, *saber*, *pôr*, etc.

Verbos defectivos e abundantes – DEFECTIVO é o verbo que, na sua conjugação, não apresenta todas as formas: *colorir*, *precaver-se*, *reaver*, etc. É preciso não confundi-lo com os verbos chamados impessoais e unipessoais, que, como veremos, só se usam nas terceiras pessoas.

A defectividade verbal é devida a várias razões, entre as quais a eufonia e a significação. Entretanto, a defectividade de certos verbos não se assenta em bases morfológicas, mas em razões do uso e da norma vigentes em certos momentos da história da língua. Daí certa disparidade que por vezes se encontra na relação das gramáticas. Se a tradição da língua dispensa, por dissonante, a 1.ª pessoa do singular do verbo *colorir* (*coloro*), não se mostra igualmente exigente com a 1.ª pessoa do singular do verbo *colorar*. Por outro lado, o critério de eufonia pode variar com o tempo e com o gosto dos escritores; daí aparecer de vez em quando uma forma verbal que a gramática diz não ser usada. É na 3.ª conj. que se encontra a maioria dos verbos defectivos.

Quase sempre faltam as formas rizotônicas dos verbos defectivos. Suprimos, *quando necessário*, as lacunas de um defectivo empregando um sinônimo (derivado ou não do defectivo): Eu *recupero* (para *reaver*); eu *redimo* (para *remir*).

Há os seguintes grupos de verbos defectivos, em português:

a) os que não se conjugam nas pessoas em que depois do radical aparecem *a* ou *o*:

banir, *brandir*, *carpir*, *colorir*, *delir*, *explodir*, *fremer* (ou *fremir*), *haurir*, *ruir*, *exaurir*, *abolir*, *demolir*, *puir*, *delinquir*, *fulgir*, *feder*, *aturdir*, *bramir*, *jungir*, *esculpir*, *extorquir*, *impingir*, *puir*, *retorquir*, *soer*, *espargir*.

Tais verbos também não se empregam no pres. do subjuntivo, imperativo negativo, e no imperativo afirmativo só apresentam as segundas pessoas do singular e plural.

b) os que se usam unicamente nas formas em que depois do radical vem *i*:

adir, *aguerrir*, *emolir*, *empedernir*, *esbaforir*, *espavorir*, *exinanir*, *falir*, *fornir*, *remir*, *ressequir*, *revelir*, *vagir*, *florir*, *renhir*, *garrir*, *inanir*, *ressarcir*, *transir*, *combalir*.[57]

c) oferecem particularidades especiais:

1 – *precaver*(*-se*) e *reaver*. No pres. ind. só têm as duas primeiras pessoas do plural: *precavemos*, *precaveis*; *reavemos*, *reaveis*.

Imperativo: *precavei*, *reavei*.

Faltam-lhes o imperat. neg. e pres. do subj. No restante, conjugam-se normalmente.

2 – *adequar*, *antiquar*: cabem-lhes as mesmas observações feitas ao grupo anterior.

3 – *grassar* e *rever* (= destilar): só se usam nas terceiras pessoas.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Muitos verbos apontados outrora como defectivos são hoje conjugados integralmente: *agir*, *advir*, *compelir*, *desmedir-se*,

discernir, *embair*, *emergir*, *imergir*, *fruir*, *polir*, *prazer*, *submergir*. *Ressarcir* (cf. b) e *refulgir* (que alguns gramáticos só mandam conjugar nas formas em que o radical é seguido de *e* ou *i*) tendem a ser empregados como verbos completos.

2.ª) Os verbos que designam vozes de animais geralmente só aparecem nas terceiras pess. do sing. e pl., em virtude de sua significação, e são indevidamente arrolados como defectivos. Melhor chamá-los, quando no seu significado próprio, *unipessoais*.

3.ª) Também são indevidamente considerados defectivos os verbos *impessoais* (pois não se referem a sujeito), que só são empregados na terceira pess. sing.: *Chove* muito. *Relampeja*. Quando em sentido figurado, os verbos desta observação, como os da anterior, conjugam-se em quaisquer pessoas: *Chovam as bênçãos do céu*.

ABUNDANTE é o verbo que apresenta duas ou três formas de igual valor e função: *havemos* e *hemos*; *constrói* e *construi*; *pagado* e *pago*; *nascido*, *nato*, *nado* (pouco usado).

Normalmente esta abundância de forma ocorre no particípio.

Os principais verbos que gozam deste privilégio, no português moderno, são:

a) *comprazer* e *descomprazer*:

Pret. perf. ind.: comprazi, comprazeste, comprazeu, etc. ou comprouve, comprouveste, comprouve, etc.

M.-q-perf. ind.: comprazera, comprazeras, comprazera, etc. ou comprouvera, comprouveras, comprouvera, etc.

Imperf. subj.: comprazesse, comprazesses, comprazesse, etc. ou comprouvesse, comprouvesses, comprouvesse, etc.

Fut. subj.: comprazer, comprazeres, comprazer, etc. ou comprouver, comprouveres, comprouver, etc.

b) *construir* e seu grupo:

Pres. ind.: construo, construis (ou constróis), construi (ou constrói), construímos, construís, construem (ou constroem).

Imper. afirm.: construi tu (ou constrói tu).

Assim se conjugam *desconstruir*, *destruir*, *estruir*, *reconstruir*.

c) *entupir* e *desentupir*:

Pres. ind.: entupo, entupes (ou entopes), entupe (ou entope), entupimos, entupis, entupem (ou entopem).

Imper. afirm.: entupe (ou entope), entupi.

OBSERVAÇÃO: O *o* das formas abundantes é de timbre aberto.

d) *haver*:

Pres. ind.: hei, hás, há, havemos (ou hemos), haveis (ou heis), hão.

Imper. afirm.: há, havei.

e) *ir*:

Pres. ind.: vou, vais, vai, vamos (ou imos), ides (is é forma antiga), vão.

f) *querer* e *requerer*:

Pres. ind.: quero, queres, quer (ou quere), queremos, quereis, querem.

requeiro, requeres, requer (ou requere), requeremos, requereis, requerem.

Quere e *requere* são formas que só têm curso em Portugal; *quere* é criação recente (séc. XIX-XX, sem adoção geral) e *requere* é forma já antiga na língua, sendo *requer* de data recente.

g) *valer*:

Pres. ind.: valho, vales, vale (ou val), valemos, valeis, valem.

Val é forma antiga e ainda hoje corrente, máxime em Portugal.

h) imperativo dos verbos em *-zer*, *-zir*.

Podem perder o *-e* na 2.ª pess. sing.: faze tu (ou faz); traduze tu (ou traduz). São frequentíssimos os exemplos literários com os verbos *dizer*, *fazer*, *trazer* e *traduzir*.

i) particípio de numerosos verbos.

Existe grande número de verbos que admitem dois (e uns poucos até três) particípios: um *regular*, terminado em *-ado* (1.ª conjugação) ou *-ido* (2.ª e 3.ª conjugações), e outro *irregular*, proveniente do latim ou de nome que passou a ter aplicação como verbo, terminado em *-to*, *-so* ou criado por analogia com modelo preexistente. Eis uma relação dessas formas duplas de particípio, indicando-se entre parênteses se ocorrem com a voz ativa ou passiva, ou com ambas:

Infinitivo	*Particípio regular*	*Particípio irregular*
aceitar	aceitado (a., p.)	aceito (p.), aceite (p.)
assentar	assentado (a., p.)	assento (p.), assente (p.)
entregar	entregado (a., p.)	entregue (p.)
enxugar	enxugado (a., p.)	enxuto (p.)
expressar	expressado (a., p.)	expresso (p.)
expulsar	expulsado (a., p.)	expulso (p.)
fartar	fartado (a., p.)	farto (p.)
findar	findado (a., p.)	findo (p.)
ganhar	ganhado (a., p.)	ganho (a., p.)
gastar	gastado (a.)	gasto (a., p.)
isentar	isentado (a.)	isento (p.)
juntar	juntado (a., p.)	junto (a., p.)
limpar	limpado (a., p.)	limpo (a., p.)
matar	matado (a.)	morto (a., p.)
pagar	pagado (a.)	pago (a., p.)
pasmar	pasmado (a., p.)	pasmo (a.)
pegar	pegado (a., p.)	pego (é ou ê)
salvar	salvado (a., p)	salvo (a., p.)
acender	acendido (a., p.)	aceso (p.)
arrepender	arrependido (a., p.)	repeso por arrepeso (a., p.)
desenvolver	desenvolvido (a., p.)	desenvolto (a., p.)
eleger	elegido (a.)	eleito (a., p.)
envolver	envolvido (a., p.)	envolto (a., p.)
prender	prendido (a., p.)	preso (p.)
revolver	revolvido (a., p.)	revolto (a.)

suspender	suspendido (a., p.)	suspenso (p.)
desabrir	desabrido	desaberto
erigir	erigido (a., p.)	erecto (p.)
exprimir	exprimido (a., p.)	expresso (a., p.)
extinguir	extinguido (a., p.)	extinto (p.)
frigir	frigido (a.)	frito (a., p.)
imprimir	imprimido (a., p.)	impresso (a., p.)
inserir	inserido (a., p.)	inserto (a., p.)
tingir	tingido (a., p.)	tinto (p.)

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Em geral emprega-se a forma regular, que fica invariável com os auxiliares *ter* e *haver*, na voz ativa, e a forma irregular, que se flexiona em gênero e número, com os auxiliares *ser*, *estar* e *ficar*, na voz passiva.

Nós temos *aceitado* os documentos.

Os documentos têm sido *aceitos* por nós.

Há outros particípios, regulares ou irregulares, que se usam indiferentemente na voz ativa (auxiliares *ter* ou *haver*) ou passiva (auxiliares *ser, estar ficar*), conforme se assinalou entre parênteses.

2.ª) Há uns poucos particípios irregulares terminados em -*e*, em geral de introdução recente no idioma: *entregue* (o mais antigo), *aceite*, *assente*, *empregue* (em Portugal).

Locução verbal. Verbos auxiliares – Chama-se *locução verbal* a combinação das diversas formas de um verbo auxiliar com o infinitivo, gerúndio ou particípio de outro verbo que se chama *principal*: *hei de estudar*, *estou estudando*, *tenho estudado*. Muitas vezes o auxiliar empresta um matiz semântico ao verbo principal, dando origem aos chamados *aspectos do verbo*.

Entre o auxiliar e o verbo principal no infinitivo pode aparecer ou não uma preposição (*de*, *em*, *por*, *a*, *para*). Na locução verbal, é somente o auxiliar que recebe as flexões de pessoa, número, tempo e modo: *haveremos de fazer*, *estavam por sair*, *iam trabalhando*, *tinham visto*. Da arbitrariedade do uso é que depende o empregar-se em alguns casos a preposição e em outros omiti-la. Também pode ocorrer, em vários casos, a alternância da preposição (*começar a / de fazer*).

Várias são as aplicações dos verbos auxiliares da língua portuguesa:

1 – *ter*, *haver* (raramente) e *ser* (mais raramente) se combinam com o particípio do verbo principal para constituírem novos tempos, chamados *compostos*, que, unidos aos simples, formam o quadro completo da conjugação da voz ativa. Estas combinações exprimem que a ação verbal está concluída.

Temos nove formas compostas:

Indicativo

a) *pretérito perfeito composto*: tenho ou hei cantado, vendido, partido;

b) *pretérito mais-que-perfeito*: tinha ou havia cantado, vendido, partido;

c) *futuro do presente composto*: terei ou haverei cantado, vendido, partido;

d) *futuro do pretérito composto*: teria ou haveria cantado, vendido, partido;

OBSERVAÇÃO: A língua moderna pôs de lado a forma *tive cantado*, corrente no Português antigo.

Subjuntivo

a) *pretérito perfeito*: tenha ou haja cantado, vendido, partido;

b) *pretérito mais-que-perfeito*: tivesse ou houvesse cantado, vendido, partido;

c) *futuro composto*: tiver ou houver cantado, vendido, partido;

Formas nominais

a) *infinitivo composto*: ter ou haver cantado, vendido, partido;

b) *gerúndio composto*: tendo ou havendo cantado, vendido, partido.

O verbo *ser* só aparece em combinações que lembram os depoentes latinos, sobretudo com verbos que denotam movimento: "Os cavaleiros *eram partidos* caminho de Zamora" [AC.2, I, 101]. *Era chegada* a ocasião da fuga. *São passados* três meses.

2 – *ser*, *estar*, *ficar* se combinam com o particípio (variável em gênero e número) do verbo principal para constituir a voz passiva (de ação, de estado e mudança de estado): *é amado*, *está prejudicada*, *ficaram rodeados*.

3 – os auxiliares *acurativos* se combinam com o infinitivo ou gerúndio do verbo principal para determinar com mais rigor os aspectos do momento da ação verbal que não se acham bem definidos na divisão geral de tempo presente, passado e futuro:

a) início de ação: *começar a escrever, pôr-se a escrever*, etc.;

b) iminência de ação: *estar para* (*por*) *escrever*, *pegar a* (*de*) *escrever*, etc.;

c) continuidade da ação: *continua escrevendo*, *continua a escrever*, sendo a primeira forma a que é mais antiga no idioma;

d) desenvolvimento gradual da ação; duração: *estar a escrever*, *andar escrevendo*, *vir escrevendo*, *ir escrevendo*, etc.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) No Brasil prefere-se a construção com gerúndio (*estar escrevendo*), enquanto em Portugal é mais comum o infinitivo (*estar a escrever*), não sendo, entretanto, a única forma.

2.ª) Está mais de acordo com o gênio da nossa língua o uso do gerúndio com auxiliar *estar* ou infinitivo com *a* para traduzir atos que se realizam paulatinamente, em vez do uso de forma simples do verbo, como faz o francês (*Jeanne nous regarde* / Joana está-nos olhando ou *a nos olhar apud* MBa.4, 233).

e) repetição de ação: *tornar a escrever*, *costumar escrever* (repetição habitual), etc.;

f) término de ação: *acabar de escrever*, *cessar de escrever*, *deixar de escrever*, *parar de escrever*, *vir de escrever*, etc.

Vir de + infinitivo é construção antiga no idioma e valia por *voltar de* (ou *chegar*) + infinitivo: "De amor dos lusitanos encendidas/ Que *vêm de descobrir* o novo mundo" [LC.1, IX, 40]. Depois passou a significar *acabar de* + infinitivo e, porque em francês ocorre emprego semelhante, passou a ser, neste sentido, condenado como galicismo pelos gramáticos: "eu, aos doze anos, *vinha de perder* meu pai"[CBr *apud* HG.1, 462].

4 – os auxiliares *modais* se combinam com o infinitivo ou gerúndio do verbo principal para determinar com mais rigor o modo como se realiza ou se deixa de realizar a ação verbal:

a) necessidade, obrigação, dever: *haver de escrever*, *ter de escrever*, *dever escrever*,

precisar (*de*) *escrever*, etc.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Em vez de *ter* ou *haver de* + infinitivo, usa-se ainda, mais modernamente, *ter* ou *haver que* + infinitivo: *tenho que estudar*. Neste caso, *que*, como índice de complemento de natureza nominal, funciona como verdadeira preposição. Não se confunda este *que preposição* com o *que pron. relativo* em construções do tipo: *nada tinha que dizer*, *tenho muito que fazer*, etc.

2.ª) Muitas vezes no Português contemporâneo não é indiferente o sentido da expressão com preposição ou sem ela: *Deve resultar* exprime certa precisão de resultado; *deve de resultar* traduz a probabilidade do resultado.

b) possibilidade ou capacidade: *poder escrever*, etc.

c) vontade ou desejo: *querer escrever*, *desejar escrever*, *odiar escrever*, *abominar escrever*, etc.

d) tentativa ou esforço; às vezes com o sentido secundário depreendido pelo contexto, de que a tentativa acabou em decepção (*foi buscar lã e saiu tosquiado*): *buscar escrever*, *pretender escrever*, *tentar escrever*, *ousar escrever*, *atrever-se a escrever*, etc.

e) consecução: *conseguir escrever*, *lograr escrever*, etc.

f) aparência, dúvida: *parecer escrever*, etc.

g) movimento para realizar um intento futuro (próximo ou remoto): *ir escrever*, etc.

h) resultado: *vir a escrever*, *chegar a escrever*, etc.

Vir a + infinitivo de certos verbos tem quase o mesmo sentido do verbo principal empregado sozinho: *Isto vem a traduzir a mesma ideia* (= isto por fim traduz a mesma ideia). *Vir a ser* pode ainda ser sinônimo de *tornar-se*: *Ele veio a ser famoso*.

NOTA FINAL – Nem sempre a aproximação de dois ou mais verbos constitui uma locução verbal; a intenção da pessoa que fala ou escreve é que determinará a existência ou inexistência da locução. "Por exemplo, na frase: *queríamos colher rosas*, os verbos *queríamos colher* constituirão expressão verbal se pretendo dizer que queríamos colher *rosas* e não outra flor, sendo *rosas* o objeto da declaração. Se, porém, pretendo dizer que o que nós queríamos era *colher rosas* e não fazer outra cousa, o objeto da declaração é *colher rosas* e a declaração principal se contém incompletamente em *queríamos*" [JO.1, 202-203].

Auxiliares causativos e sensitivos – Assim se chamam os verbos *deixar*, *mandar*, *fazer* e sinônimos (causativos) e *ver*, *ouvir*, *olhar*, *sentir* e sinônimos (sensitivos) que, juntando-se a infinitivo ou gerúndio, não formam locução verbal, mas, muitas vezes, se comportam sintaticamente como tal, isto é, segundo as relações internas que se estabelecem dentro do grupo entre o infinitivo e os termos que o acompanham, como veremos no lugar próprio.

Elementos estruturais do verbo: desinências e sufixos verbais – Ao radical do verbo, que é o elemento que encerra o seu significado lexical, se juntam as formas mínimas chamadas *desinências* para constituir as flexões do verbo, indicadoras da *pessoa* e *número*, do *tempo* e *modo*. Segundo Mattoso, a constituição da forma verbal portuguesa é: T (R+VT) + D (DMT+DNP), em que T = tema; R = radical; VT = vogal temática; D = desinência; DMT = desinência modo-temporal e DNP = desinência número-pessoal

Chama-se *vogal temática* aquela classificadora da conjugação:

1.ª conjugação – *a*: cant-*a*-r

2.ª conjugação – *e*: vend-*e*-r

3.ª conjugação – *i*: part-*i*-r

A vogal temática presa ao radical constitui o *tema*:

canta-r , *vende*-r, *parti*-r.

Nem todas as formas verbais possuem a vogal temática, como, por exemplo, a 1.ª pessoa singular do presente do indicativo e do subjuntivo. As vogais ***e*** e ***a*** em cant-***e***, vend-***a***, part-***a*** são desinências temporais (veja abaixo). Outras vezes a vogal temática sofre variação: o ***a*** passa a ***e*** no pret.perf. do ind. da 1.ª conj. em contato com *i*, e passa a ***o*** em contato com *u*: cant-***a***-r, cant-***e***-i, cant-***o***-u; o ***e*** passa a ***i*** no pret. imperf. do ind. e particípio da 2.ª conjugação: vend-***e***-r, vend-***i***-a, vend-***i***-do. A vogal temática ***i*** da 3.ª conjugação passa a ***e*** quando átono, no pres. ind. (2.ª e 3.ª sing. e 3.ª pl.) e imper. (2.ª sing.): part-***e***-s, part-***e*** , part-***e***-m, part-***e***; se é tônico, nos mesmos casos, funde-se com o ***i*** da desinência ***is*** da 2.ª pessoa do plural: *part**is*** por *part-**i-is***.

O *tema* é a parte da palavra pronta para receber o sufixo ou a desinência.

Sufixo verbal é o que entra na formação dos verbos derivados: salt-it-ar, real-iz-ar, etc. (cf. **Afixos: prefixos e sufixos. Interfixos**).

As desinências modo-temporais são:

1) Para o *Indicativo*:

a) Ø no presente

b) -*va*- (-*ve*-) caracteriza o pretérito imperfeito da 1.ª conjugação: *canta-va*; 58

c) -*ia*- (-*ie*-), caracteriza o pretérito imperfeito da 2.ª e 3.ª conjugações: *dev-ia*, *part-ia*;59

d) Ø para o pretérito perfeito (até a 2.ª pess. do pl. e -*ra*- para a 3.ª pess. pl.): *cante-i*, *canta-ra-m*

e) -*ra*- (*re*) átono caracteriza o pretérito mais-que-perfeito: *canta-ra*, *vende-ra*, *parti-ra*; *cantá-re-is*;

f) -*ra*- (-*re*-) tônico caracteriza o futuro: *canta-re-i*, *canta-rá-s*, *canta-rã-o*, *deve-re-i*, *parti-re-i*;

g) -*ria*- (-*rie*-) caracteriza o futuro do pretérito: *canta-ria*, *deve-ria*, *parti-ria*;

2) Para o *Subjuntivo*:

a) -*e*- caracteriza o presente da 1.ª conjugação: *cant-e*;

b) -*a*- caracteriza o presente da 2.ª e 3.ª conjug.: *vend-a*, *part-a*;

c) -*sse*- caracteriza o pretérito imperfeito: *canta-sse*, *vende-sse*, *parti-sse*;

d) -*r*- (-*re*-) caracteriza o futuro: *cant-a-r*, *vend-e-r*, *part-i-r*;

3) Para as *Formas Nominais*:

a) -*ndo* caracteriza o gerúndio: *canta-ndo*, *vende-ndo*, *parti-ndo*;

b) -*do* caracteriza o particípio: *canta-do*, *vendi-do*, *parti-do*;

c) -*r* caracteriza o infinitivo: *canta-r*, *vende-r*, *parti-r*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Nem todas as formas verbais se apresentam com desinências e vogal temática.

2.ª) As características temporais terminadas em -*a* (imperf., m.-q.-perf. do ind. e futuro apresentam esta vogal alterada em *e* na 2.ª pessoa do plural, graças ao contato com a desinência pessoal -*is* que provoca a ditongação *eis*: eu *cantava*, vós *cantáveis*; eu *devia*, vós *devíeis*; eu *partia*, vós *partíeis*; eu *cantara*, vós *cantáreis*; eu *cantaria*, vós *cantaríeis*). O mesmo ocorre com a 1.ª pess. do fut. do presente: *cant-a-re-i*.

3.ª) As desinências pessoais (cf. abaixo) do pretérito perfeito servem, por acumulação, para caracterizar o tempo e modo do verbo.

As desinências número-pessoais são:

SINGULAR	1.ª pessoa: Ø, -*o* (só no pres. ind.), -*i* (só no pret. perf. do ind. e futuro do presente)[1]
	2.ª pessoa: -*s*, -*ste*[2] (só no pret. perf. do ind.) e Ø no imperativo
	3.ª pessoa: Ø, -*u* (só no pret. perf. do ind.)
PLURAL	1.ª pessoa: -*mos*
	2.ª pessoa: -*is*, -*des* (só no fut. do subj., inf. flex. e pres. do ind. de alguns verbos irregulares), -*stes* (só no pret. perfeito do ind.), -*i*(*s*) (no imperativo).
	3.ª pessoa: -*m* (indica que a vogal precedente é nasal).

1. O travessão indica ausência de desinência.

2. Cuidado especial hão de merecer estas desinências (-*ste*, singular, e -*stes*, plural) para que, por falsa analogia, não passem a -*stes* (singular) e -*steis* (plural): tu *comestes* por *comeste*), vós *comesteis* (por *comestes*).

Observações sobre as desinências número-pessoais.

1.ª pessoa do singular: geralmente falta a desinência de 1.ª pessoa do singular, exceto no presente do indicativo, onde aparece a desinência -*o*:

cant-*o*,	vend-*o*,	part-*o*

No pretérito perfeito do indicativo e futuro do presente aparece a desinência -*i*:

cante-*i*,	vend-*i*,	part-*i*
canta-re-*i*,	vende-re-*i*,	parti-re-*i*

2.ª pessoa do singular: a desinência geral é -*s*; no pretérito perfeito do indicativo -*ste;* Ø no imperativo:

canta-*s*,	canta-re-*s*,	canta-*ste*,	canta tu.
vende-*s*,	vende-re-*s*,	vende-*ste*,	vende tu.
parte-*s*,	parti-re-*s*,	parti-*ste*,	parte tu.

3.ª pessoa do singular: geralmente falta a desinência de 3.ª pess. do singular; só o pretérito perfeito do indicativo é que apresenta -*u*:

canto-*u*,	vende-*u*,	parti-*u*

1.ª pessoa do plural: a desinência é sempre -*mos*:

canta-*mos*,	vende-*mos*,	parti-*mos*

2.ª pessoa do plural: a desinência é -*is*; aparece -*des* no futuro do subjuntivo, infinitivo flex. e no presente do indicativo de alguns verbos irregulares (ter, vir, pôr, ver, rir, ir); o pret. perfeito do indicativo apresenta -*stes*, e o imperativo -*i* (na 3.ª conj. há crase com a vogal temática):

canta-*is*,	vende-*is*,	part-*is*
canta-r-*des*,	vende-r-*des*,	parti-r-*des*
canta-*stes*,	vende-*stes*,	parti-*stes*
canta-*i*,	vende-*i*,	part-*i*.

3.ª pessoa do plural: a desinência é -*m*, que nasaliza a vogal precedente:

canta-*m*,	vende-*m*,	parte-*m*
canta-re-*m*,	vende-re-*m*,	parti-re-*m*
canta-ra-*m*,	vende-ra-*m*,	parti-ra-*m*

OBSERVAÇÃO: No futuro do presente, dá-se uma ditongação; a nasalidade é indicada por til e se sobrepõe à característica temporal:

canta-*rão*,	vende-*rão*,	parti-*rão*

Tempos primitivos e derivados – No estudo dos verbos, principalmente dos irregulares, torna-se vantajoso o conhecimento das formas verbais que se derivam de outras chamadas *primitivas*.

1 – Praticamente do radical da 1.ª pessoa do presente do indicativo sai todo o presente do subjuntivo, bastando que se substitua a vogal final por *e*, nos verbos da 1.ª conjugação, e por *a* nos verbos da 2.ª e 3.ª conjugações:

	Presente do indicativo	*Presente do subjuntivo*
cantar	canto	cante
vender	vendo	venda
partir	parto	parta

Exceções:

ser	sou	seja
dar	dou	dê
estar	estou	esteja
haver	hei	haja

ir	vou	vá
querer	quero	queira
saber	sei	saiba

2 – Praticamente da 2.ª pessoa do singular e plural do presente do indicativo saem as 2.as pessoas do singular e plural do imperativo, bastando suprir o *s* final:

cantar	cantas,	cantais	canta,	cantai
vender	vendes,	vendeis	vende,	vendei
partir	partes,	partis	parte,	parti

Exceção: ser: *sê* (tu), *sede* (vós).

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Os verbos em *-zer* ou *-zir* podem ainda perder, na 2.ª pessoa do singular, o *e* final, quando o *z* não é precedido de consoante: *faze* (ou *faz*) tu, *traduze* (ou *traduz*) tu; mas *cirze* tu (cf. **Verbos defectivos e abundantes**, h).

2.ª) Para evitar os inconvenientes da homonímia que, pela identidade de formas, pode provocar ambiguidade com outras formas verbais, escritores portugueses se servem, às vezes, nos verbos da 3.ª conjungação, da antiga desinência *-ide* por *-i*:

Novas tenho e grandes novas, / Amigo, para vos dar: / Tomai esta chave e *abride* [AGa.1]

Ouvide-a e fazei o que Ela vos disser! [CBr *apud* MBa.3, 64-65].

O imperativo em português só tem formas próprias para as segundas pessoas; as pessoas que faltam são supridas pelos correspondentes do presente do subjuntivo. Não se usa o imperativo de 1.ª pessoa do singular como tal, mas com valor optativo. Por isto, estará assinalada nos paradigmas das formas imperativas. As terceiras pessoas do imperativo se referem a *você(s)*, e não a *ele(s)*. Também não se usa o imperativo nas orações negativas; neste caso empregam-se as formas correspondentes do presente do subjuntivo:

Imperativo afirmativo	*Imperativo negativo*
— eu	— eu
canta tu	não cantes tu
cante você, o senhor	não cante você, o senhor
cantemos nós	não cantemos nós
cantai vós	não canteis vós
cantem vocês, os senhores	não cantem vocês, os senhores.

3 – Do tema do pretérito perfeito do indicativo (que praticamente se acha suprimindo a desinência pessoal da 1.ª pessoa do plural ou 2.ª do singular) saem:

a) o mais-que-perfeito do indicativo, com o acréscimo de *-ra* (*-re*):

-ra, *-ra-s*, *-ra*, *-ra-mos*; *-re-is*; *-ra-m*;

b) o imperfeito do subjuntivo, com o acréscimo de *-sse*:

-sse, *-sse-s*, *-sse*; *-sse-mos*; *-sse-m*;

c) o futuro do subjuntivo, com o acréscimo de *-r* (*-re*):

-r, *-re-s*, *-r*, *-r-mos*; *-r-des*; *-re-m*.

Tema do pret. perf.	*M. q. perf. ind.*	*Imperf. subj.*	*Fut. subj.*
vi (-mos)	vira	visse	vir
vie (-mos)	viera	viesse	vier
coube (-mos)	coubera	coubesse	couber
puse (-mos)	pusera	pusesse	puser
fo (-mos)	fora	fosse	for

4 – Do infinitivo não flexionado se formam:

a) futuro do presente, com o acréscimo ao tema de *-ra* (*re*) tônico:

-re-i, *-rá-s*, *-rá*, *-re-mos*, *-re-is*, *-rã-o*.

b) futuro do pretérito, com o acréscimo de *-ria* (*rie*):

-ria, *-ria-s*, *-ria*, *-ría-mos*, *-ríe-is*, *-ria-m*.

Infinitivo	*Futuro do presente*	*Futuro do pretérito*
cantar	cantarei	cantaria
	cantarás	cantarias
	cantará	cantaria
	cantaremos	cantaríamos
	cantareis	cantaríeis
	cantarão	cantariam

Exceções: *dizer*, *fazer*, *trazer*, que fazem *direi*, *farei*, *trarei*, *diria*, *faria*, *traria*.

c) imperfeito do indicativo, com o acréscimo de *-va* (*ve*), na 1.ª conjugação, e *-ia* (*-ie*), na 2.ª e 3.ª:

cant-a-va, cant-a-va-s, cant-a-va, cant-á-va-mos, cant-á-ve-is, cant-a-va-m
vend-ia, vend-ia-s, vend-ia, vend-ía-mos, vend-íe-is, vend-ia-m
part-ia, part-ia-s, part-ia, part-ía-mos, part-íe-is, part-ia-m.

À parte, temos:

a) *ser* (era, eras, etc.)
b) *ter* (tinha, tinhas, etc)
c) *vir* (vinha, vinhas, etc.)
d) *pôr* (punha, punhas, etc.)

A sílaba tônica nos verbos: formas rizotônicas e arrizotônicas – RIZOTÔNICA é a forma verbal cuja sílaba tônica se acha numa das sílabas do radical:

quero, canto, canta, vendem, feito

ARRIZOTÔNICA é a forma verbal cuja sílaba tônica se acha fora do radical:

queremos, cantais, direi, vendido

A língua portuguesa é mais rica de formas rizotônicas.

São normalmente rizotônicas: *a*) as três pessoas do singular e a 3.ª do plural do presente do indicativo e do subjuntivo, e as correspondentes do imperativo; *b*) os particípios irregulares; *c*) a 1.ª pessoa e 3.ª do singular do pretérito perfeito dos verbos irregulares fortes: *coube*, *fiz*, *fez*.

Nos verbos defectivos, em geral, faltam as formas rizotônicas.

Em vista do exposto, as três pessoas do singular e a 3.ª do plural do pres. do indic. e subjuntivo têm sempre acentuada a penúltima sílaba: *frutifico*, *vociferas, sentencia*, *trafegam*.

Exceções:

a) *resfolegar* e *tresfolegar* fazem *resfólego*, *resfólegas*, *resfólega*, *resfólegam*, etc. Existem ainda as formas reduzidas *resfolgar* e *tresfolgar*, de acentuação regular: *resfolgo*, *tresfolgo*, etc.

b) *mobiliar* faz *mobílio*, *mobílias*, *mobília*, *mobiliamos*, *mobiliais*, *mobíliam*; *mobílie*, *mobílies*, *mobílie*, etc. Existem ainda as formas *mobilar* 60 e *mobilhar*, que se conjugam de acordo com a regra geral: *mobilo*, *mobilas*; *mobilho*, *mobilhas*, etc.

Mobilar é forma de pouca aceitação entre brasileiros: "Eu vivia encantonada na sala da frente, que ia de oitão a outro, com várias sacadas para o largo, mobiliada (atenção revisor: não ponha "mobilada", que é palavra que eu detesto) com uma cama de vento, uma cadeira e um lavatório de ferro" [MB.1, 459-460].

Alternância vocálica ou metafonia – Assim se chama a mudança de timbre que sofre a vogal do radical de um vocábulo na forma rizotônica. Muitos verbos da língua portuguesa apresentam este fenômeno:

ferver: fervo, ferves, ferve, fervemos, ferveis, fervem (o *e* tônico é fechado na 1.ª pessoa do sing. e na 1.ª e 2.ª pessoa do plural; nas outras, é de timbre aberto).

Na 1.ª conjugação:

a) a vogal *a*, não seguida de *m*, *n* ou *nh*, passa a ser proferida bem aberta:

falar: falo, falas, fala, falamos, falais, falam

chamar: chamo, chamas, chama, chamamos, chamais, chamam

b) ao *e* fechado corresponde *e* aberto, exceto quando não vem seguido de *m*, *n*, *nh*, *j*, *x*, *ch*, *lh*:

levar: levo, levas, leva, levamos, levais, levam

remar: remo, remas, rema, remamos, remais, remam

alvejar: alvejo, alvejas, alveja, alvejamos, alvejais, alvejam

pretextar: pretexto, pretextas, pretexta, pretextamos, pretextais, pretextam

fechar: fecho, fechas, fecha, fechamos, fechais, fecham

aparelhar: aparelho, aparelhas, aparelha, aparelhamos, aparelhais, aparelham

Exceções: *invejar* (tem *e* aberto); *chegar*, *ensebar* não sofrem metafonia.

Pesar, no sentido de *causar tristeza*, *desprezar*, é arrolado também como exceção; porém, no Brasil, o uso mais corrente é conjugá-lo como *levar*. Os gramáticos recomendam-no com *e*

fechado: *pesa*, *pesam*; *pese*, *pesem*, etc. (é verbo defectivo, só usado nas terceiras pessoas).

c) a vogal *o* passa a *o* aberto quando não seguida de *m*, *n*, *nh* ou o verbo não termina por -*oar*:

tocar: toco, tocas, toca, tocamos, tocais, tocam

sonhar: sonho, sonhas, sonha, sonhamos, sonhais, sonham

perdoar: perdoo, perdoas, perdoa, perdoamos, perdoais, perdoam.

Na 2.ª conjugação:

a) as vogais tônicas *e* e *o* soam com timbre aberto na 2.ª e 3.ª pessoa do singular e na 3.ª do plural do pres. do ind. e na 2.ª pess. sing. do imperativo afirmativo, salvo se vierem seguidas de *m*, *n* ou *nh*:

dever: devo (ê), deves (é), deve (é), devemos, deveis, devem (é)

roer: rói, roei (ô)

volver: volvo (ô), volves (ó), volve (ó), volvemos, volveis, volvem (ó)

temer: temo (ê), temes (ê), teme (ê), tememos, temeis, temem

comer: como (ô), comes (ô), come (ô), etc.

Exceções: *querer* e *poder* têm a vogal tônica aberta na 1.ª pess. do sing.

Na 3.ª conjugação:

a) a vogal *e*, última do radical, sofre alternâncias diversas quando nela recai o acento tônico:

1 – Passa a *i* na 1.ª pess. do sing. do indic. e em todo o presente do subj. e *e* aberto na 2.ª e 3.ª pess. sing. e 3.ª do plural do pres. do indic. e 2.ª pess. sing. do imperativo nos verbos:

aderir, advertir, aferir, assentir, auferir, compelir, competir, concernir, conferir, conseguir, consentir, convergir, deferir, desferir, desmentir, despir, desservir, diferir, digerir, discernir, dissentir, divergir, divertir, expelir, ferir, impelir, ingerir, mentir, preferir, pressentir, preterir, proferir, prosseguir, referir, refletir, repelir, repetir, seguir, servir, sugerir, transferir, vestir:

vestir: visto, vestes, veste, etc.

OBSERVAÇÃO: Se o *e* for nasal mantém-se inalterável, exceto na 1.ª pess. singular do pres. do ind. e em todo o pres. do subj., onde passa a *i*: sentir: *sinto*, *sentes*, *sente*, etc.

2 – Passa a *i* nas três pessoas do singular e 3.ª do plural do presente do indicativo, em todo o pres. do subj. e imperativo, salvo, neste, a 2.ª pessoa do plural:

agredir, cerzir, denegrir, prevenir, progredir, regredir, transgredir, e remir (este defectivo, cf. **Verbos defectivos e abundantes**).

Pres. ind.: agrido, agrides, agride, agredimos, agredis, agridem

Pres. subj.: agrida, agridas, agrida, etc.

Imper. afirm.: agride, agrida, agridamos, agredi, agridam

3 – os verbos *medir*, *pedir*, *despedir*, *impedir* e (derivados) têm *e* aberto nas formas rizotônicas, isto é, nas três pessoas do singular e 3.ª do plural do presente do indicativo e subjuntivo, e no imperativo afirmativo, exceto, neste, na 2.ª pessoa do plural:

medir – pres. ind.: meço, medes, mede, medimos, medis, medem
pres. subj.: meça, meças, meça, etc.
imper. afirm.: mede, meça, meçamos, medi, meçam

4 – Os verbos *aspergir*, *emergir*, *imergir* e *submergir* têm *e* tônico fechado na 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo (e formas que daí se derivam); têm *e* aberto na 2.ª e 3.ª do singular e 3.ª do plural do presente do indicativo (e formas que daí se derivam):

aspergir: asperjo (ê), asperges (é), asperge (é), aspergimos, aspergis, aspergem (é).

b) a vogal *o* sofre também alternâncias diferentes, quando nela recai o acento tônico:

1 – Passa a *u* na 1.ª pessoa sing. do pres. ind., em todo o pres. do subj. e no imperativo, salvo, neste, a 2.ª pess. do singular e plural; e passa a *o* aberto na 2.ª e 3.ª sing. e 3.ª do plural do pres. ind. e 2.ª do singular do imperativo:

dormir – pres. ind.: durmo, dormes, dorme, dormimos, dormis, dormem
pres. subj.: durma, durmas, durma, etc.
imper. afirm.: dorme, durma, durmamos, dormi, durmam

Assim se conjugam *cobrir*, *descobrir*, *encobrir*, *recobrir*, *tossir*. *Dormir* e *tossir* são regulares no particípio: *dormido*, *tossido*.

Para a conjugação de *engolir* e *desengolir* que, a rigor, deveriam seguir este modelo, veja-se o que se diz mais adiante.

2 – Passa a *u* nas três pessoas do sing. e 3.ª do plural do presente do indicativo, em todo o pres. do subjuntivo e no imperativo afirmativo, exceto, neste, a 2.ª pessoa do plural:

sortir – pres. ind.: surto, surtes, surte, sortimos, sortis, surtem
pres. subj.: surta, surtas, surta, etc.
imperat. afirma.: surte, surta, surtamos, sorti, surtam

Por este modelo se conjugam *despolir* e *polir* (cf. **Verbos defectivos e abundantes**). Antigamente seguiam este paradigma *cortir* e *ordir*, hoje grafados *curtir* e *urdir* e de conjugação regular.

c) a vogal *u* da penúltima sílaba do radical passa a *o* aberto na 2.ª e 3.ª pess. do singular e 3.ª do plural do presente do indicativo e na 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo:

acudir – pres. ind.: acudo, acodes (ó), acode (ó), acudimos, acudis, acodem (ó)
pres. subj.: acuda, acudas, acuda, etc.
imper. afirm.: acode (ó), acuda, acudamos, acudi, acudam

Assim se conjugam *bulir*, *cuspir*, *escapulir*, *fugir*, *sacudir*. *Consumir* e *sumir* têm o *o* fechado por estar seguido de *m*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) *Assumir*, *presumir*, *reassumir*, *resumir* são regulares: Pres. ind.: assumo, assumes, assumimos, assumis, assumem.

2.ª) os verbos em *-uir* não apresentam alternâncias vocálicas no radical; a 2.ª e 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo têm *is* e *i* em lugar de *es* e *e*, por haver ditongo oral:

constituir: pres. ind.: constituo, constituis, constitui, constituímos, constituís, constituem.

Assim se conjugam *anuir*, *arguir*, *atribuir*, *constituir*, *destituir*, *diluir*, *diminuir*, *estatuir*, *imbuir*, *influir*, *instituir*, *instruir*, *puir* (defectivo), *restituir*, *redarguir*, *ruir*.

3.ª) *Construir*, *desentupir*, *destruir*, *entupir* (e cognatos) seguem este modelo ou ainda admitem alternância do *u* em *o* aberto na 2.ª e 3.ª pessoa do sing. e 3.ª do plural do presente do indicativo e na 2.ª pessoa do sing. do imperativo afirmativo. *Entupir* e *desentupir* só se afastam do grupo porque apresentam *es* e *e* na 2.ª e 3.ª pessoa do sing. do pres. ind.: *entupo, entupes* (ou *entopes*), *entupe* (ou *entope*), *entupimos, entupis, entupem* (ou *entopem*).

construo, construis (ou *constróis*), *construi* (ou *constrói*), *construímos, construís, construem* (ou *constroem*).

Estes verbos são portanto abundantes. *Obstruir* é, entretanto, conjugado apenas como *constituir*. Cf. obs. 2.ª.

4.ª) *Engolir*, ainda que se escreva com *o*, segue o paradigma de *acudir*; para o Vocabulário de nossa Academia: *engulo, engoles, engole, engulimos, engulis, engolem.* Melhor fora, porém, conjugá-lo com *o* nas duas primeiras pessoas do plural do pres. do indicativo, desfazendo-se a incoerência.

d) a vogal *i* do radical do verbo *frigir* passa a *e* aberto na 2.ª e 3.ª pess. sing. e na 3.ª do plural do pres. do indicativo e na 2.ª pess. sing. do imperativo afirmativo:

Pres. ind.: frijo, freges, frege, frigimos, frigis, fregem

Imper. afirm.: frege, frija, frijamos, frigi, frijam

Não há metafonia, isto é, a vogal é proferida fechada, nos seguintes casos [SA.2, 113]:

1) quando a vogal tônica se acha no fim do radical:
crê, crês; *lê, lês*

2) quando integra os ditongos *ou, ei*:
douro, douras; *cheiro, cheiras*

3) no ditongo *oi* seguido de consoante:
pernoito, pernoitas

4) quando a vogal é seguida de consoante nasal:
como, comes

5) nos verbos terminados em *-ear*, *-elhar*, *-ejar* (exceto *invejar*) e *-oar*:
receio, receias; *aparelho, aparelhas*; *desejo, desejas*; *coroo, coroas*

6) nos verbos *chegar* e *ensebar*:
chego, chegas; *ensebo, ensebas*

Verbos notáveis quanto à pronúncia ou flexão

a) *aguar, desaguar, apaziguar, enxaguar, apropinquar, averiguar,* e afins podem ser conjugados de duas formas:

Pres. ind.: águo, águas, água, aguamos, aguais, águam / aguo, aguas, agua, aguamos, aguais, aguam

Pres. subj.: águe, águes, águe, aguemos, agueis, águem / ague, agues, ague, aguemos, aguis, aguem

b) *arguir* e *redarguir* não levam acento agudo na vogal tônica *u* nas formas rizotônicas:

Pres. ind.: arguo (ú), arguis (ú), argui (ú), arguímos, arguís, arguem (ú)

Pres. subj.: argua (ú), arguas (ú), argua (ú), arguamos, arguais, arguam (ú)

c) *Magoar*, conjuga-se:

Pres. ind.: magoo, magoas, magoa, magoamos, magoais, magoam

Pres. subj.: magoe, magoes, magoe, magoemos, magoeis, magoem

d) *Mobiliar*, conjuga-se:

Pres. ind.: mobílio, mobílias, mobília, mobiliamos, mobiliais, mobíliam

Pres. subj.: mobílie, mobílies, mobílie, mobiliemos, mobilieis, mobíliem

Observação: A variante *mobilar* apresenta-se regularmente: mobilo, mobilas, mobila, etc.

e) *Resfolegar* conjuga-se:

Pres. ind.: resfólego, resfólegas, resfólega, resfolegamos, resfolegais, resfólegam

Pres. subj.: resfólegue, resfólegues, resfólegue, resfoleguemos, resfolegueis, resfóleguem.

Observações:

1.ª) A forma contrata de *resfolegar* é *resfolgar*, que se apresenta regularmente: resfolgo, resfolgas, resfolga, etc.

2.ª) O substantivo é *resfôlego*, proparoxítono, com *o* tônico fechado.

f) *Dignar-se, indignar-se, obstar, optar, adaptar, pugnar, impugnar, ritmar, raptar,* conjugam-se:

Presente do indicativo

indigno-me (dí)	obsto (ó)	opto (ó)	impugno (ú)	ritmo (í)
indignas-te (dí)	obstas (ó)	optas (ó)	impugnas (ú)	ritmas (í)

indigna-se (dí)	obsta (ó)	opta (ó)	impugna (ú)	ritma (í)
indignamo-nos	obstamos	optamos	impugnamos	ritmamos
indignais-vos	obstais	optais	impugnais	ritmais
indignam-se (dí)	obstam (ó)	optam (ó)	impugnam (ú)	ritmam (í)

rapto (rá), *raptas* (rá), *rapta* (rá), *raptamos*, *raptais*, *raptam* (rá)

g) *Obviar* conjuga-se:

Pres. ind.: obvio (í), obvias (í), obvia (í), obviamos, obviais, obviam (í)

h) *Apiedar* e *moscar* conjugam-se:

apiedar – pres. ind.: apiedo, apiedas, apieda, apiedamos, apiedais, apiedam

A lição antiga de alguns gramáticos e ortógrafos confundia o arcaico *apiadar* e *apiedar* numa só conjugação, o que não aconselhamos:

Pres. ind.: apiado, apiadas, apiada, apiedamos, apiedais, apiadam (isto é, *a* nas formas rizotônicas e *e* nas arrizotônicas).

A mesma confusão existia com *moscar* e *muscar* (sumir-se):

Pres. ind.: musco, muscas, musca, moscamos, moscais, muscam (isto é, *u* nas formas rizotônicas e *o* nas arrizotônicas).

Mais certo será conjugarmos regularmente *moscar*:

Pres. ind.: mosco, moscas, mosca, moscamos, moscais, moscam; e *muscar*:

Pres. ind.: musco, muscas, musca, muscamos, muscais, muscam.

A correção, porém, talvez seja mais difícil, por serem muito pouco usados *moscar* e *muscar*.

i) Verbos com os ditongos fechados *ou* e *ei*: *roubar* e *inteirar*.

Conjugam-se não se reduzindo a vogais abertas *o* e *e*, respectivamente:

Roubar	*Inteirar*
roubo (e não *róbo*, etc.)	inteiro (e não *intéro*, etc.)
roubas	inteiras
rouba	inteira
roubamos	inteiramos
roubais	inteirais
roubam	inteiram

j) Verbos com os ditongos fechados *eu* e *oi*: tipos *endeusar* e *noivar*. Conjugam-se mantendo o ditongo sem que o *e* ou o *o* passem a timbre aberto: *endeuso, endeusas, endeusa,* etc.; *noivo, noivas, noiva,* etc.

OBSERVAÇÃO: O verbo *apoiar* tinha primitivamente fechado o ditongo; hoje é mais corrente proferi-lo aberto: *apoio*, *apoias*, etc.

k) Verbos com o hiato *au*, *ai* e *iu*: tipos *saudar*, *embainhar* e *amiudar*. Conjugam-se mantendo o hiato:

saudar	*embainhar*	*amiudar*
saúdo	embainho	amiúdo
saúdas	embainhas	amiúdas
saúda	embainha	amiúda
saudamos	embainhamos	amiudamos
saudais	embainhais	amiudais
saúdam	embainham	amiúdam

OBSERVAÇÃO: *Arraigar* (com hiato) passou desde cedo a *arraigar* (com ditongo, *ar-rai-gar*) e daí a *arreigar*. As formas com ditongo são mais frequentes, embora modernamente se tenha restabelecido *arraigar* com hiato. *Saudar* proferido com ditongo (*saudo, saudas,* etc.) ocorre aqui e ali nos poetas e se fixa no falar coloquial e popular.

Verbos terminados em -*zer*, -*zir*: tipos *fazer* e *traduzir* – Perdem o *e* final na 3.ª pess. sing. do presente do indicativo e na 2.ª pess. sing. do imperativo afirmativo (este caso não é obrigatório e até, com exagero, vem condenado pelos gramáticos), quando o *z* não é precedido de consoante:

fazer: faço, fazes, faz, etc. Imp. afirm.: faze (ou faz) tu
traduzir: traduzo, traduzes, traduz, etc. Imp. afirm.: traduze (ou traduz) tu
Mas, *cerzir*: cirzo, cirzes, cirze, etc.

Variações gráficas na conjugação – Muitas vezes altera-se a maneira de representar na escrita a última consoante do radical para conservar o mesmo som:

1 – os verbos terminados em -*car* e -*gar* mudam o *c* ou *g* em *qu* ou *gu*, quando tais consoantes são seguidas de *e*:

pecar: peco, peques; *cegar*: cego, cegues

2 – os verbos terminados em -*cer* ou -*cir* têm *c* cedilhado antes de *a* ou *o*:

conhecer – conheço, conheces, conhece; *ressarcir* – ressarço, ressarces

3 – os verbos terminados em -*çar* perdem a cedilha antes do *e*:

começar – começo, comeces

4 – os verbos terminados em -*ger* ou -*gir* mudam o *g* em *j* antes de *a* ou *o*:

eleger – elejo, eleges; *fugir* – fujo, foges

5 – os verbos terminados em -*guer* ou -*guir* perdem o *u* antes de *a* ou *o*:

erguer – ergo, ergues, erga
conseguir – consigo, consegues, consiga

A vogal *e* passa a ser grafada *i* quando entra num ditongo *oral* (verbos em -*uir*): atribuo, atribu*is*, atribu*i*.

Estas variações gráficas não constituem irregularidades de conjugação, não havendo, por isso, verbos irregulares gráficos.

Verbos em -*ear* e -*iar* – Os verbos em -*ear* trocam o *e* por *ei* nas formas rizotônicas:

Nomear – pres. ind.: nom*ei*o, nom*ei*as, nom*ei*a, nom*e*amos, nom*e*ais, nom*ei*am.
pres. subj.: nom*ei*e, nom*ei*es, nom*ei*e, nom*e*emos, nom*e*eis, nom*ei*em.
imp. afirm.: nom*ei*a, nom*ei*e, nom*e*emos, nom*e*ai, nom*ei*em.

Os verbos em -*iar* são conjugados regularmente:

Premiar – pres. ind.: premio, premias, premia, premiamos, premiais, premiam.
pres. subj.: premie, premies, premie, etc.
imp. afirm.: premia, premie, premiemos, premiai, premiem.

Cinco verbos em -*iar* se conjugam, nas formas rizotônicas, como se terminassem em -*ear* (MARIO é o anagrama que deles se pode formar):

mediar: med*ei*o, med*ei*as, med*ei*a, mediamos, mediais, med*ei*am

ansiar: ans*ei*o, ans*ei*as, ans*ei*a, ansiamos, ansiais, ans*ei*am

remediar: remed*ei*o, remed*ei*as, remed*ei*a, remediamos, remediais, remed*ei*am

incendiar: incend*ei*o, incend*ei*as, incend*ei*a, incendiamos, incendiais, incend*ei*am

odiar: od*ei*o, od*ei*as, od*ei*a, odiamos, odiais, od*ei*am

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Enquanto no Brasil já vamos conjugando os verbos em -*ear* e -*iar* pelo que acabamos de expor, entre os portugueses ainda se notam vacilações em muitos que, grafados com -*iar*, deveriam seguir o modelo de *premiar*, mas se acostam ao de *nomear*, dada a homofonia dos dois finais na fala corrente: além do próprio *premiar*, *agenciar*, *comerciar*, *licenciar*, *negociar*, *penitenciar*, *obsequiar*, *presenciar*, *providenciar*, *reverenciar*, *sentenciar*, *vangloriar*, *vitoriar*, *evidenciar*, *glorificar*, *diligenciar* e outros.

2.ª) Hoje não fazemos distinção entre *crear* (tirar do nada, dar existência) e *criar* (educar, cultivar, promover o desenvolvimento), usando apenas *criar* para ambos os casos, que se conjuga como *premiar*. Entre escritores modernos, porém, podem ocorrer exemplos de *crear*, conjugado como *nomear*.

3.ª) A diferença de conjugação torna-se imperiosa nos parônimos: *afear* e *afiar*; *arrear* e *arriar*; *estrear* e *estriar*; *vadear* e *vadiar*, etc.

Quando grafar -*ear* ou -*iar* – Grafam-se com -*ear* os verbos que possuem formas substantivas ou adjetivas cognatas terminadas em:

a) -*é*, -*eio*, -*eia*, -*éia*:

pé – apear ceia – cear
passeio – passear ideia – idear
Exceção: fé – fiar

b) consoante ou pelas vogais átonas -*a*, -*e*, -*o* precedidas de consoante:

mar – marear pente – pentear
casa – casear branco – branquear
Exceções: amplo – ampliar lume – alumiar
breve – abreviar sede – sediar
finança – financiar êxtase – extasiar
graça – agraciar

Incluem-se entre os verbos em -*ear*: *atear*, *bambolear*, *bruxulear*, *cecear*, *derrear*, *favonear*, *pavonear*, *semear*, *vadear*.

Grafam-se com -*iar* os verbos que possuem formas substantivas cognatas terminadas em:

a) -*io*, -*ia*:

alívio – aliviar delícia – deliciar
sócio – associar polícia – policiar
óbvio – obviar assovio – assoviar

b) -*ânsia*, -*ência*, -*ença*:

distância – distanciar presença – presenciar
diligência – diligenciar sentença – sentenciar

Incluem-se no rol dos verbos em *-iar*: *anuviar*, *apreciar*, *depreciar*, *saciar*.

OBSERVAÇÃO: Muitas vezes o final *-ear* ou *-iar* se pode alternar com o simples *-ar*: *azular* ou *azulear*; *bajar* ou *bagear* (produzir vagens); *diferenciar* ou *diferençar*; *balançar* ou *balancear*, *homicidar* ou *homicidiar*, etc.

Erros frequentes na conjugação de alguns verbos

a) *Vir* e seus derivados

No presente do indicativo temos: *venho, vens, vem, vimos* (e não *viemos*), *vindes, vêm*.

No pretérito perfeito do indicativo: *vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.*

O gerúndio é igual ao particípio, porque neste desapareceu a vogal temática: *vindo* (vi-ndo) e *vindo* (vin-i-do).

Notem-se estes enganos comuns nos derivados de *vir*, no pret. perf. ind.:

Os guardas *interviram* na discussão (em lugar de *intervieram*).

A professora *interviu* no caso (em lugar de *interveio*).

O futuro do subjuntivo é *vier*: Quando eu *vier*... (e não *vir*):

E, incapazes de negar a beleza (...) assaltaram a ave de Juno (...) *intervieram* para impor silêncio o leão e o tigre [JR.2, 200].

O Senhor Araña y Araña *conveio* em que o panorama era magnificente (...) [JR.2, 189].

b) *Ver* e seus derivados

Prover não se conjuga como *ver* no:

pret. perf. ind.: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram
m.-q.-perf. ind.: provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram
imperf. subj.: provesse, provesses, provesse, provêssemos, provêsseis, provessem
fut. subj.: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem
particípio: provido

Rever é conjugado como *ver*; por isso está errada a flexão em:

A aluna *reveu* (em vez de *reviu*) a prova.

Antever é conjugado como *ver* e, por isso, enganou-se o nosso Casimiro de Abreu ao escrever:

"Quem *antevera* (com *e*) que dum povo a ruína
Pelo seu próprio rei cavada fosse?" [SS.4, 34].

O futuro do subjuntivo é *vir*:

Quando eu vier à cidade e *vir* oportunidade de comprá-lo, então o farei (e não ver!).

c) Precaver-se.

É verbo defectivo que nada tem com *ver* ou *vir*; por isso evite-se dizer

Eu me *precavejo* ou Eu me *precavenho*.

Precavejam-se ou *Precavenham-se*.

Para sua conjugação, veja-se **Verbos defectivos e abundantes**.

d) *Reaver*.

É verbo defectivo, derivado de *haver*, que só se conjuga nas formas em que este possui *-v-*. Não se deve dizer: Eu *reavejo* ou Eu *reavenho*

Cuidado especial merece também o pret. perf.: *reouve*, *reouveste*, *reouve*, *reouvemos*,

reouvestes, *reouveram*.

Por isso evitem-se empregos como: *eu reavi*, *ele reaveu*, etc. Cf. **Verbos defectivos e abundantes**.

e) *Ter* e seus derivados

Deter, derivado de *ter*, conjuga-se como este. Logo está errada a frase:

O policial *deteu* (por *deteve*!) o criminoso.

Sirva de exemplo o caso que vou referir, segundo o texto autorizado de um doutor que (...) *entreteve* um diálogo com um dos últimos gregos [JR.2, 183].

f) *Pôr* e seus derivados.

Opor é derivado de *pôr* e por ele se modela na conjugação. Assim enganou-se o poeta Porto-Alegre nestes versos, usando *opor* em vez de *opuser*:

"Se aos paternos errores de contraste,
E à minha influição *opor* virtudes" [PA.1, II, 154 *apud* SS.4, 34].

g) *Estar* e seus derivados.

Sobrestar é derivado de *estar* e por ele se conjuga; porém, costuma-se ver modelado pelo verbo *ter*, como se fosse *sobrester*. Assim não está certo o seguinte exemplo de Alberto de Oliveira:

"Deixando a enferma, *sobrestenho* o passo" [AO.2 *apud* SS.4].

h) *Haver-se* e *avir-se*.

Estes verbos têm empregos diferentes. *Haver-se* (com alguém) significa:

1) *proceder*, *portar-se*:

"Ele, porém, *houve-se* com a maior delicadeza" [MA.1, 364].

2) *ser chamado a ordem*, *entrar em disputa com alguém*, *conciliar*, e aparece nas ameaças:

Ele tem de *se haver* comigo.

"Aquele que sobre ti lançar vistas de amor ou de cobiça, comigo *se haverá*" [MP.1, 139 *apud* SS.1, 361].

3) *conciliar*

Avir-se é sinônimo de *haver-se*, no sentido 3), isto é, significa *entrar em acordo com*, *conciliar*:

"Lá *se avenham* os sorveteiros com Boileau" [FE.2, V, 46 *apud* RB.1, 391 nota].

Desavir-se é o contrário de *avir-se*:

Os amigos *se desavieram* (e não *se desouveram*!) por muito pouco.

Erra-se frequentes vezes empregando-se, nas ameaças, *avir-se* por *haver-se*: Ele tem de *se avir* comigo (em lugar de *se haver*).

Paradigma dos verbos regulares

Com destaque dos elementos estruturais

1 – Conjugação simples

1.ª – ***Cant-a-r*** 2.ª – ***Vend-e-r*** 3.ª – ***Part-i-r***

MODO INDICATIVO

Presente

Cant-o	Vend-o	Part-o
Cant-a-s	Vend-e-s	Part-e-s
Cant-a	Vend-e	Part-e
Cant-a-mos	Vend-e-mos	Part-i-mos
Cant-a-is	Vend-e-is	Part-is
Cant-a-m	Vend-e-m	Part-e-m

Pretérito imperfeito

Cant-a-va	Vend-ia	Part-ia
Cant-a-va-s	Vend-ia-s	Part-ia-s
Cant-a-va	Vend-ia	Part-ia
Cant-á-va-mos	Vend-ía-mos	Part-ía-mos
Cant-á-ve-is	Vend-íe-is	Part-íe-is
Cant-a-va-m	Vend-ia-m	Part-ia-m

Pretérito perfeito

Cant-e-i	Vend-i	Part-i
Cant-a-ste	Vend-e-ste	Part-i-ste
Cant-o-u	Vend-e-u	Part-i-u
Cant-a-mos	Vend-e-mos	Part-i-mos
Cant-a-stes	Vend-e-stes	Part-i-stes
Cant-a-ra-m	Vend-e-ra-m	Part-i-ra-m

Pretérito mais-que-perfeito

Cant-a-ra	Vend-e-ra	Part-i-ra
Cant-a-ra-s	Vend-e-ras	Part-i-ra-s
Cant-a-ra	Vend-e-ra	Part-i-ra
Cant-á-ra-mos	Vend-ê-ra-mos	Part-í-ra-mos
Cant-á-re-is	Vend-ê-re-is	Part-í-re-is
Cant-a-ra-m	Vend-e-ra-m	Part-i-ra-m

Futuro do presente

Cant-a-re-i	Vend-e-re-i	Part-i-re-i
Cant-a-rá-s	Vend-e-rá-s	Part-i-rá-s
Cant-a-rá	Vend-e-rá	Part-i-rá

Cant-a-re-mos	Vend-e-re-mos	Part-i-re-mos
Cant-a-re-is	Vend-e-re-is	Part-i-re-is
Cant-a-rã-o	Vend-e-rã-o	Part-i-rã-o

Futuro do pretérito

Cant-a-ria	Vend-e-ria	Part-i-ria
Cant-a-ria-s	Vend-e-ria-s	Part-i-ria-s
Cant-a-ria	Vend-e-ria	Part-i-ria
Cant-a-ría-mos	Vend-e-ría-mos	Part-i-ría-mos
Cant-a-ríe-is	Vend-e-ríe-is	Part-i-ríe-is
Cant-a-ria-m	Vend-e-ria-m	Part-i-ria-m

MODO SUBJUNTIVO

Presente

Cant-e	Vend-a	Part-a
Cant-e-s	Vend-a-s	Part-a-s
Cant-e	Vend-a	Part-a
Cant-e-mos	Vend-a-mos	Part-a-mos
Cant-e-is	Vend-a-is	Part-a-is
Cant-e-m	Vend-a-m	Part-a-m

Pretérito Imperfeito

Cant-a-sse	Vend-e-sse	Part-i-sse
Cant-a-sse-s	Vend-e-sse-s	Part-i-sse-s
Cant-a-sse	Vend-e-sse	Part-i-sse
Cant-á-sse-mos	Vend-ê-sse-mos	Part-í-sse-mos
Cant-á-sse-is	Vend-ê-sse-is	Part-í-sse-is
Cant-a-sse-m	Vend-e-sse-m	Part-i-sse-m

Futuro

Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r
Cant-a-re-s	Vend-e-re-s	Part-i-re-s
Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r
Cant-a-r-mos	Vend-e-r-mos	Part-i-r-mos
Cant-a-r-des	Vend-e-r-des	Part-i-r-des
Cant-a-re-m	Vend-e-re-m	Part-i-re-m

MODO IMPERATIVO

Afirmativo

Cant-a tu	Vend-e tu	Part-e tu
Cant-e você	Vend-a você	Part-a você
Cant-e-mos nós	Vend-a-mos nós	Part-a-mos nós
Cant-a-i vós	Vend-e-i vós	Part-i vós
Cant-e-m vocês	Vend-a-m vocês	Part-a-m vocês

Negativo

Não cant-e-s tu	Não vend-a-s tu	Não part-a-s tu
Não cant-e você	Não vend-a você	Não part-a você
Não cant-e-mos nós	Não vend-a-mos nós	Não part-a-mos nós
Não cant-e-is vós	Não vend-a-is vós	Não part-a-is vós
Não cant-e-m vocês	Não vend-a-m vocês	Não part-a-m vocês

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo

Não flexionado

Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r

Flexionado

Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r
Cant-a-re-s	Vend-e-re-s	Part-i-re-s
Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r
Cant-a-r-mos	Vend-e-r-mos	Part-i-r-mos
Cant-a-r-des	Vend-e-r-des	Part-i-r-des
Cant-a-re-m	Vend-e-re-m	Part-i-re-m

Gerúndio

Cant-a-ndo	Vend-e-ndo	Part-i-ndo

Particípio

Cant-a-do	Vend-i-do	Part-i-do

MODO INDICATIVO

Pretérito perfeito composto

Tenho cantado	Tenho vendido	Tenho partido
Tens cantado	Tens vendido	Tens partido
Tem cantado	Tem vendido	Tem partido
Temos cantado	Temos vendido	Temos partido
Tendes cantado	Tendes vendido	Tendes partido
Têm cantado	Têm vendido	Têm partido

Pretérito mais-que-perfeito composto

Tinha cantado	Tinha vendido	Tinha partido
Tinhas cantado	Tinhas vendido	Tinhas partido
Tinha cantado	Tinha vendido	Tinha partido
Tínhamos cantado	Tínhamos vendido	Tínhamos partido
Tínheis cantado	Tínheis vendido	Tínheis partido
Tinham cantado	Tinham vendido	Tinham partido

Futuro do presente composto

Terei cantado	Terei vendido	Terei partido
Terás cantado	Terás vendido	Terás partido
Terá cantado	Terá vendido	Terá partido
Teremos cantado	Teremos vendido	Teremos partido
Tereis cantado	Tereis vendido	Tereis partido
Terão cantado	Terão vendido	Terão partido

Futuro do pretérito composto

Teria cantado	Teria vendido	Teria partido
Terias cantado	Terias vendido	Terias partido
Teria cantado	Teria vendido	Teria partido
Teríamos cantado	Teríamos vendido	Teríamos partido
Teríeis cantado	Teríeis vendido	Teríeis partido
Teriam cantado	Teriam vendido	Teriam partido

MODO SUBJUNTIVO

Pretérito perfeito

Tenha cantado	Tenha vendido	Tenha partido
Tenhas cantado	Tenhas vendido	Tenhas partido
Tenha cantado	Tenha vendido	Tenha partido
Tenhamos cantado	Tenhamos vendido	Tenhamos partido
Tenhais cantado	Tenhais vendido	Tenhais partido
Tenham cantado	Tenham vendido	Tenham partido

Pretérito mais-que-perfeito

Tivesse cantado	Tivesse vendido	Tivesse partido
Tivesses cantado	Tivesses vendido	Tivesses partido
Tivesse cantado	Tivesse vendido	Tivesse partido
Tivéssemos cantado	Tivéssemos vendido	Tivéssemos partido
Tivésseis cantado	Tivésseis vendido	Tivésseis partido
Tivessem cantado	Tivessem vendido	Tivessem partido

Futuro composto

Tiver cantado	Tiver vendido	Tiver partido
Tiveres cantado	Tiveres vendido	Tiveres partido
Tiver cantado	Tiver vendido	Tiver partido
Tivermos cantado	Tivermos vendido	Tivermos partido
Tiverdes cantado	Tiverdes vendido	Tiverdes partido
Tiverem cantado	Tiverem vendido	Tiverem partido

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo

Não flexionado composto

Ter cantado	Ter vendido	Ter partido

Flexionado composto

Ter cantado	Ter vendido	Ter partido
Teres cantado	Teres vendido	Teres partido
Ter cantado	Ter vendido	Ter partido
Termos cantado	Termos vendido	Termos partido
Terdes cantado	Terdes vendido	Terdes partido
Terem cantado	Terem vendido	Terem partido

Gerúndio composto

Tendo cantado	Tendo vendido	Tendo partido

Conjugação de verbos auxiliares mais comuns

1 – Conjugação simples

Ser	***Estar***	***Ter***	***Haver***
		MODO INDICATIVO	
		Presente	
Sou	Estou	Tenho	Hei
És	Estás	Tens	Hás
É	Está	Tem	Há
Somos	Estamos	Temos	Havemos
Sois	Estais	Tendes	Haveis
São	Estão	Têm [1]	Hão
		Pretérito Imperfeito	
Era	Estava	Tinha	Havia
Eras	Estavas	Tinhas	Havias
Era	Estava	Tinha	Havia
Éramos	Estávamos	Tínhamos	Havíamos
Éreis	Estáveis	Tínheis	Havíeis
Eram	Estavam	Tinham	Haviam
		Pretérito perfeito	
Fui	Estive	Tive	Houve
Foste	Estiveste	Tiveste	Houveste
Foi	Esteve	Teve	Houve
Fomos	Estivemos	Tivemos	Houvemos
Fostes	Estivestes	Tivestes	Houvestes
Foram	Estiveram	Tiveram	Houveram
		Pretérito mais-que-perfeito	
Fora	Estivera	Tivera	Houvera
Foras	Estiveras	Tiveras	Houveras

Fora	Estivera	Tivera	Houvera
Fôramos	Estivéramos	Tivéramos	Houvéramos
Fôreis	Estivéreis	Tivéreis	Houvéreis
Foram	Estiveram	Tiveram	Houveram

Futuro do presente

Serei	Estarei	Terei	Haverei
Serás	Estarás	Terás	Haverás
Será	Estará	Terá	Haverá
Seremos	Estaremos	Teremos	Haveremos
Sereis	Estareis	Tereis	Havereis
Serão	Estarão	Terão	Haverão

Futuro do pretérito

Seria	Estaria	Teria	Haveria
Serias	Estarias	Terias	Haverias
Seria	Estaria	Teria	Haveria
Seríamos	Estaríamos	Teríamos	Haveríamos
Seríeis	Estaríeis	Teríeis	Haveríeis
Seriam	Estariam	Teriam	Haveriam

MODO SUBJUNTIVO

Presente

Seja	Esteja	Tenha	Haja
Sejas	Estejas	Tenhas	Hajas
Seja	Esteja	Tenha	Haja
Sejamos	Estejamos	Tenhamos	Hajamos
Sejais	Estejais	Tenhais	Hajais
Sejam	Estejam	Tenham	Hajam

Pretérito imperfeito

Fosse	Estivesse	Tivesse	Houvesse
Fosses	Estivesses	Tivesses	Houvesses
Fosse	Estivesse	Tivesse	Houvesse
Fôssemos	Estivéssemos	Tivéssemos	Houvéssemos
Fôsseis	Estivésseis	Tivésseis	Houvésseis

Fossem	Estivessem	Tivessem	Houvessem

Futuro

For	Estiver	Tiver	Houver
Fores	Estiveres	Tiveres	Houveres
For	Estiver	Tiver	Houver
Formos	Estivermos	Tivermos	Houvermos
Fordes	Estiverdes	Tiverdes	Houverdes
Forem	Estiverem	Tiverem	Houverem

MODO IMPERATIVO

Afirmativo

Sê tu	Está tu	Tem tu[2]	Há tu
Seja você	Esteja você	Tenha você	Haja você
Sejamos nós	Estejamos nós	Tenhamos nós	Hajamos nós
Sede vós	Estai vós	Tende vós	Havei vós
Sejam vocês	Estejam vocês	Tenham vocês	Hajam vocês

Negativo

Não sejas tu	Não estejas tu	Não tenhas tu	Não hajas tu
Não seja você	Não esteja você	Não tenha você	Não haja você
Não sejamos nós	Não estejamos nós	Não tenhamos nós	Não hajamos nós
Não sejais vós	Não estejais vós	Não tenhais vós	Não hajais vós
Não sejam vocês	Não estejam vocês	Não tenham vocês	Não hajam vocês

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado

Ser	Estar	Ter	Haver

Infinitivo flexionado

Ser	Estar	Ter	Haver
Seres	Estares	Teres	Haveres
Ser	Estar	Ter	Haver
Sermos	Estarmos	Termos	Havermos
Serdes	Estardes	Terdes	Haverdes
Serem	Estarem	Terem	Haverem

Gerúndio

Sendo	Estando	Tendo	Havendo

Particípio

Sido	Estado	Tido	Havido

1. O *Vocabulário Oficial* só adota esta forma; porém, nos poetas pode ocorrer a pronúncia como dissílabo – *te-em-*, como dizem *creem*, *deem*, *leem*, *veem*. Ocorre o mesmo com *vêm* (de *vir*). Note-se, de passagem, que os dissílabos *creem*, *deem*, *leem*, *veem*, são pronúncias relativamente modernas. As formas antigas eram: *crem*, *dem*, *lem*, *vem*.

2. Com *m* final, e não com *n*.

2 – Conjugação composta

MODO INDICATIVO

Pretérito perfeito composto

Tenho	(ou hei)	sido, estado, tido, havido
Tens	(ou hás)	
Tem	(ou há)	
Temos	(ou havemos)	
Tendes	(ou haveis)	
Têm	(ou hão)	

Pretérito mais-que-perfeito composto

Tinha	(ou havia)	sido, estado, tido, havido
Tinhas	(ou havias)	
Tinha	(ou havia)	
Tínhamos	(ou havíamos)	
Tínheis	(ou havíeis)	
Tinham	(ou haviam)	

Futuro do presente composto

Terei	(ou haverei)	sido, estado, tido, havido
Terás	(ou haverás)	
Terá	(ou haverá)	
Teremos	(ou haveremos)	
Tereis	(ou havereis)	
Terão	(ou haverão)	

Futuro do Pretérito composto

Teria	(ou haveria)	sido, estado, tido, havido
Terias	(ou haverias)	
Teria	(ou haveria)	
Teríamos	(ou haveríamos)	
Teríeis	(ou haveríeis)	
Teriam	(ou haveriam)	

MODO SUBJUNTIVO

Pretérito perfeito

Tenha	(ou haja)	sido, estado, tido, havido
Tenhas	(ou hajas)	
Tenha	(ou haja)	
Tenhamos	(ou hajamos)	
Tenhais	(ou hajais)	
Tenham	(ou hajam)	

Pretérito mais-que-perfeito

Tivesse	(ou houvesse)	sido, estado, tido, havido
Tivesses	(ou houvesses)	
Tivesse	(ou houvesse)	
Tivéssemos	(ou houvéssemos)	
Tivésseis	(ou houvésseis)	
Tivessem	(ou houvessem)	

Futuro composto

Tiver	(ou houver)	sido, estado, tido, havido
Tiveres	(ou houveres)	
Tiver	(ou houver)	
Tivermos	(ou houvermos)	
Tiverdes	(ou houverdes)	
Tiverem	(ou houverem)	

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado composto

Ter	(ou haver)	sido, estado, tido, havido

Infinitivo flexionado composto

Ter	(ou haver)	sido, estado, tido, havido
Teres	(ou haveres)	
Ter	(ou haver)	
Termos	(ou havermos)	
Terdes	(ou haverdes)	
Terem	(ou haverem)	

Gerúndio

Tendo (ou havendo) sido, estado, tido, havido

Conjugação do verbo *pôr*

1 – Conjugação simples

MODO INDICATIVO

Presente	Pretérito imperfeito	Pretérito perfeito
Ponho	Punha	Pus
Pões	Punhas	Puseste
Põe	Punha	Pôs
Pomos	Púnhamos	Pusemos
Pondes	Púnheis	Pusestes
Põem	Punham	Puseram

Pretérito mais-que-perf.	Futuro do pretérito	Futuro do presente
Pusera	Poria	Porei
Puseras	Porias	Porás
Pusera	Poria	Porá
Puséramos	Poríamos	Poremos
Puséreis	Poríeis	Poreis
Puseram	Poriam	Porão

MODO SUBJUNTIVO

Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
Ponha	Pusesse	Puser
Ponhas	Pusesses	Puseres
Ponha	Pusesse	Puser
Ponhamos	Puséssemos	Pusermos
Ponhais	Puséssеis	Puserdes

Ponham	Pusessem	Puserem

MODO IMPERATIVO

Afirmativo	Negativo
Põe tu	Não ponhas tu
Ponha você	Não ponha você
Ponhamos nós	Não ponhamos nós
Ponde vós	Não ponhais vós
Ponham vocês	Não ponham vocês

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado	Infinitivo flexionado
Pôr	Pôr
	Pores
	Pôr
	Pormos
	Pordes
	Porem

Gerúndio	Particípio
Pondo	Posto

2 - Conjugação composta

MODO INDICATIVO

Pretérito perfeito composto		Pretérito mais-que-perfeito composto	
Tenho	posto	Tinha	posto
Tens	posto	Tinhas	posto
Tem	posto	Tinha	posto
Temos	posto	Tínhamos	posto
Tendes	posto	Tínheis	posto
Têm	posto	Tinham	posto

Futuro do presente composto		Futuro do pretérito composto	
Terei	posto	Teria	posto
Terás	posto	Terias	posto
Terá	posto	Teria	posto

Teremos	posto	Teríamos	posto
Tereis	posto	Teríeis	posto
Terão	posto	Teriam	posto

MODO SUBJUNTIVO

Pretérito perfeito		Pretérito mais-que-perf.		Futuro	
Tenha	posto	Tivesse	posto	Tiver	posto
Tenhas	posto	Tivesses	posto	Tiveres	posto
Tenha	posto	Tivesse	posto	Tiver	posto
Tenhamos	posto	Tivéssemos	posto	Tivermos	posto
Tenhais	posto	Tivésseis	posto	Tiverdes	posto
Tenham	posto	Tivessem	posto	Tiverem	posto

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado		Infinitivo flexionado	
Ter	posto	Ter	posto
		Teres	posto
		Ter	posto
		Termos	posto
		Terdes	posto
		Terem	posto

Gerúndio composto	
Tendo	posto

Conjugação de um verbo composto na voz passiva: *ser amado*

MODO INDICATIVO

Presente		Pretérito imperfeito		Pretérito perf. simples	
Sou	amado	Era	amado	Fui	amado
És	amado	Eras	amado	Foste	amado
É	amado	Era	amado	Foi	amado
Somos	amados	Éramos	amados	Fomos	amados
Sois	amados	Éreis	amados	Fostes	amados

São	amados	Eram	amados	Foram	amados

Pretérito perfeito composto

Tenho	sido amado
Tens	sido amado
Tem	sido amado
Temos	sido amados
Tendes	sido amados
Têm	sido amados

Pretérito mais-que-perfeito simples

Fora	amado
Foras	amado
Fora	amado
Fôramos	amados
Fôreis	amados
Foram	amados

Pret. mais-que-perfeito composto

Tinha	sido amado
Tinhas	sido amado
Tinha	sido amado
Tínhamos	sido amados
Tínheis	sido amados
Tinham	sido amados

Futuro do presente simples

Serei	amado
Serás	amado
Será	amado
Seremos	amados
Sereis	amados
Serão	amados

Futuro do presente composto

Terei	sido amado
Terás	sido amado
Terá	sido amado
Teremos	sido amados
Tereis	sido amados
Terão	sido amados

Futuro do pretérito simples

Seria	amado
Serias	amado
Seria	amado
Seríamos	amados
Seríeis	amados
Seriam	amados

Futuro do pretérito composto

Teria	sido amado
Terias	sido amado
Teria	sido amado
Teríamos	sido amados
Teríeis	sido amados
Teriam	sido amados

MODO SUBJUNTIVO

Presente

Seja	amado

Pretérito imperfeito

Fosse	amado

Pretérito perfeito

Tenha	sido amado

Sejas	amado	Fosses	amado	Tenhas	sido amado
Seja	amado	Fosse	amado	Tenha	sido amado
Sejamos	amados	Fôssemos	amados	Tenhamos	sido amados
Sejais	amados	Fôsseis	amados	Tenhais	sido amados
Sejam	amados	Fossem	amados	Tenham	sido amados

Pretérito mais-que-perfeito		Futuro		Futuro composto	
Tivesse	sido amado	For	amado	Tiver	sido amado
Tivesses	sido amado	Fores	amado	Tiveres	sido amado
Tivesse	sido amado	For	amado	Tiver	sido amado
Tivéssemos	sido amados	Formos	amados	Tivermos	sido amados
Tivésseis	sido amados	Fordes	amados	Tiverdes	sido amados
Tivessem	sido amados	Forem	amados	Tiverem	sido amados

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado		Infinitivo não flexionado composto	
Ser	amado	Ter	sido amado

Infinitivo flexionado composto		Infinitivo flexionado	
Ser	amado	Ter	sido amado
Seres	amado	Teres	sido amado
Ser	amado	Ter	sido amado
Sermos	amados	Termos	sido amados
Serdes	amados	Terdes	sido amados
Serem	amados	Terem	sido amados

Gerúndio	Gerúndio composto	
Sendo amado	Tendo	sido amado

OBSERVAÇÕES sobre a voz passiva:

1.ª) O particípio neste caso aparece na forma feminina se a referência é feita a ser do gênero feminino:

Ele é *amado*. Ela é *amada*.

2.ª) Também nas três pessoas do plural o particípio vai ao plural:

Voz ativa – Ela tem *estudado*. Elas têm *estudado*.

Voz passiva – Ela é *amada*. Elas são *amadas*.

3.ª) Na voz passiva não se usa o imperativo.

Conjugação de um verbo *pronominal*: *apiedar-se* – Já vimos que o verbo se diz

pronominal quando o pronome oblíquo se refere ao pronome reto:

Eu *me* visto. Nós *nos* arrependemos. Eles *se* foram.

O pronome átono pode vir antes, no meio ou depois do verbo ou verbos (se for uma conjugação composta), de acordo com certos princípios que serão futuramente estudados:

a) *próclise*: se o vocábulo átono vem antes: Ele se feriu (pronome átono proclítico);

b) mesóclise: se o vocábulo átono vem no meio (dos futuros, do presente e do pretérito): Vestir-se-á se puder. Vestir-nos-íamos se pudéssemos (pronome átono mesoclítico);

c) *ênclise*: se o vocábulo átono vem depois: Queixamo-nos ao diretor (pronome átono enclítico).

NOTA IMPORTANTE – Se o pronome for enclítico, nestes casos, só haverá uma alteração no verbo a que pertencer o pronome: perderá o *s* final da 1.ª pessoa do plural:

queixo-me
queixas-te
queixa-se
queixamo-nos
queixais-vos
queixam-se

Nas outras posições, o verbo ficará intacto:

Nós nos queixamos. Queixar-nos-emos.

Atente-se para o seguinte modelo e para as observações feitas sobre a impossibilidade da posposição em algumas formas:

Apiedar-se

MODO INDICATIVO

Presente	Pretérito imperfeito	Pretérito perfeito
apiedo-me	apiedava-me	apiedei-me
apiedas-te	apiedavas-te	apiedaste-te
apieda-se	apiedava-se	apiedou-se
apiedamo-nos	*apiedávamo-nos*	*apiedamo-nos*
apiedais-vos	apiedáveis-vos	apiedastes-vos
apiedam-se	apiedavam-se	apiedaram-se

Pretérito perfeito composto		Pretérito mais-que-perfeito
tenho-me	apiedado [1]	apiedara-me
tens-te	apiedado	apiedaras-te
tem-se	apiedado	apiedara-se
temo-nos	*apiedado*	*apiedáramo-nos*
tendes-vos	apiedado	apiedáreis-vos
têm-se	apiedado	apiedaram-se

Pretérito mais-que-perfeito composto

tinha-me	apiedado
tinhas-te	apiedado
tinha-se	apiedado
tínhamo-nos	*apiedado*
tínheis-vos	apiedado
tinham-se	apiedado

Futuro do presente

apiedar-me-ei [2]
apiedar-te-ás
apiedar-se-á
apiedar-nos-emos
apiedar-vos-eis
apiedar-se-ão

Futuro do presente composto

ter-me-ei	apiedado
ter-te-ás	apiedado
ter-se-á	apiedado
ter-nos-emos	apiedado
ter-vos-eis	apiedado
ter-se-ão	apiedado

Futuro do pretérito

apiedar-me-ia
apiedar-te-ias
apiedar-se-ia
apiedar-nos-íamos
apiedar-vos-íeis
apiedar-se-iam

Futuro do pretérito composto

ter-me-ia	apiedado
ter-se-ias	apiedado
ter-se-ia	apiedado
ter-nos-íamos	apiedado
ter-vos-íeis	apiedado
ter-se-iam	apiedado

1 Nunca se use pronome átono posposto a particípio.

2 Nunca se use pronome átono posposto aos futuros do presente e do pretérito; usar-se-á a anteposição ou a interposição, como veremos depois.

MODO SUBJUNTIVO

NOTA: Raramente aparece pronome posposto a verbo neste modo, por aparecer, em geral, em oração subordinada.

Presente	**Pretérito imperfeito**	**Pretérito perfeito**
apiede-me	apiedasse-me	Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!
apiedes-te	apiedasses-te	
apiede-se	apiedasse-se	
apiedemo-nos	*apiedássemo-nos*	
apiedeis-vos	apiedásseis-vos	
apiedem-se	apiedassem-se	

Pretérito mais-que-perfeito		**Futuro composto**
tivesse-me	apiedado	
tivesses-te	apiedado	

tivesse-se	apiedado	Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!
tivéssemo-nos	*apiedado*	
tivésseis-vos	apiedado	
tivessem-se	apiedado	

MODO IMPERATIVO

Afirmativo	**Negativo**
apieda-te tu	
apiede-se você	
apiedemo-nos nós	Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!
apiedai-vos vós	
apiedem-se vocês	

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado simples	**Infinitivo não flexionado composto**	
apiedar-me	ter-me	apiedado
apiedar-te	ter-te	apiedado
apiedar-se	ter-se	apiedado
apiedar-nos	ter-nos	apiedado
apiedar-vos	ter-vos	apiedado
apiedar-se	ter-se	apiedado
Infinito flexionado simples	**Infinito flexionado composto**	
apiedar-me	ter-me	apiedado
apiedares-te	teres-te	apiedado
apiedar-se	ter-se	apiedado
apiedarmo-nos	*termo-nos*	*apiedado*
apiedardes-vos	terdes-vos	apiedado
apiedarem-se	terem-se	apiedado
Gerúndio simples	**Gerúndio composto**	
apiedando-me	tendo-me	apiedado
apiedando-te	tendo-te	apiedado
apiedando-se	tendo-se	apiedado
apiedando-nos	tendo-nos	apiedado
apiedando-vos	tendo-vos	apiedado
apiedando-se	tendo-se	apiedado

Particípio

Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!

Conjugação de um verbo com pronome oblíquo átono (sem ser pronominal): tipo ***pô-lo*** – O verbo pode acompanhar-se de um pronome oblíquo átono que não se refira ao pronome reto, isto é, ao sujeito:

Eu *o* vi. Nós *te* admiramos. Ela *o* chama.

Quando os pronomes oblíquos átonos *o*, *a*, *os*, *as* estiverem depois do verbo ou no meio modificam-se de acordo com o final a que se acham pospostos:

a) se o verbo terminar por vogal ou semivogal oral, os pronomes aparecem inalterados: ponho-*o*, ponho-*a*, ponho-*os*, ponho-*as*;

b) se o verbo terminar por *r*, *s* ou *z*, desaparecem estas consoantes e os pronomes aparecem nas antigas formas *lo*, *la*, *los*, *las*:

pôr lo = pô-lo; pões lo = põe-lo; diz lo = di-lo; deixar lo ia = deixá-lo-ia

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Recorde-se a acentuação dos oxítonos estudada em **Regras de acentuação**.

2.ª) Se o verbo termina por *ns*, o *n* passará a *m*: *tens lo = tem-lo*.

c) se o verbo terminar por som nasal (*m* ou sílaba com til), os pronomes assumem as formas *no*, *na*, *nos, nas*:

põe + o = põe-no; viram + a = viram-na.

NOTA: Se os pronomes vêm antes do verbo, não há nenhuma alteração nos pronomes e no verbo: Ele *o põe* ali. Eu *o fiz*.

OBSERVAÇÃO: Alguns autores chamam *pronominais reflexos* aos verbos na voz reflexiva e pronominais irreflexivos (ou não reflexos) aos verbos deste parágrafo. 62

Atente-se para o seguinte modelo e para as observações feitas sobre a impossibilidade da posposição em algumas formas:

Pô-lo

(só a conjugação simples)

MODO INDICATIVO

Presente	**Pretérito imperfeito**	**Pretérito perfeito**
ponho-o	punha-o	pu-lo
põe-lo	punha-lo	puseste-o
põe-no	punha-o	pô-lo
pomo-lo	púnhamo-lo	pusemo-lo
ponde-lo	púnhei-lo	puseste-lo
põem-no	punham-no	puseram-no
Pret. Mais-que-perf.	**futuro do presente**	**Futuro do pretérito**
Pusera-o	pô-lo-ei [1]	pô-lo-ia
pusera-lo	pô-lo-ás	pô-lo-ias
pusera-o	pô-lo-á	pô-lo-ia
puséramo-lo	pô-lo-emos	pô-lo-íamos
pusérei-lo	pô-lo-eis	pô-lo-íeis
puseram-no	pô-lo-ão	pô-lo-iam

1 Note-se que nos futuros do presente e do pretérito há formas verbais com dois acentos gráficos.

MODO SUBJUNTIVO

NOTA: raramente aparece pronome posposto a verbo neste modo.

Presente	**Pretérito imperfeito**	**Futuro**
ponha-o	pusesse-o	Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!
ponha-lo	pusesse-lo	
ponha-o	pusesse-o	
ponhamo-lo	puséssemo-lo	
ponhai-lo	puséssei-lo	

ponham-no	pusessem-no

MODO IMPERATIVO

Afirmativo	**Negativo**
põe-no tu [2]	Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!
ponha-o você	
ponhamo-lo nós	
ponde-o vós [2]	
ponham-no vocês	

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo	**Gerúndio**	**Particípio**
pô-lo	pondo-o	Não se usa com pronome posposto.

2 Recorde-se que o s final do presente do indicativo desaparece no imperativo afirmativo.

Conjugação dos verbos irregulares – Na seguinte relação de verbos, apresentamos, além das formas irregulares, algumas regulares em que frequentemente se erra. As formas que aqui faltam e se empregam são todas regulares.

1.ª CONJUGAÇÃO:

Dar

Pres. ind.: dou, dás, dá, damos, dais, dão.
Pret. perf. ind.: dei, deste, deu, demos, destes, deram.
M.-que-Perf. ind.: dera, deras, dera, déramos, déreis, deram.
Pres. subj.: dê, dês, dê, demos, deis, deem.
Pret. imperf. subj.: desse, desses, desse, déssemos, désseis, dessem.
Fut. subj.: der, deres, der, dermos, derdes, derem.

Por este modelo conjuga-se *desdar; circundar* é, porém, regular.

Estar

Ver a lista dos verbos auxiliares.

Por este conjugam-se: *sobestar* e *sobrestar*. São regulares os seus derivados *constar, prestar, obstar, instar, distar, restar,* etc.

2.ª CONJUGAÇÃO

Caber

Pres. ind.: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem.

Pret. perf. ind.: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam.
M.-q.-perf. ind.: coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam.
Pres. subj.: caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam.
Pret. imp. subj.: coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem.
Fut. subj.: coube*r,* couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem.

Comprazer

Ver *prazer*.

Crer

Pres. ind.: creio, crês, crê, cremos, credes, creem.
Pret. perf. ind.: cri, creste, creu, cremos, crestes, creram.
Pres. subj.: creia, creias, creia, creiamos, creiais, creiam.
Pret. impa. subj.: cresse, cresses, cresse, crêssemos, crêsseis, cressem.
Fut. subj.: crer, creres, crer, crermos, crerdes, crerem.
Imperativo: crê, crede.
Part.: crido.

Com este conjuga-se *descrer*.

Dizer

Pres. ind.: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem.
Pret. Perf. ind.: disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram.
M.-q.-perf. ind.: dissera, disseras, dissera, disséramos, disséreis, disseram.
Fut. pres.: direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão.
Fut. pret.: diria, dirias, diria, diríamos, diríeis diriam.
Pres. subj.: diga, digas, diga, digamos, digais, digam.
Pret. imperf. subj.: dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem.
Fut. subj.: disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem,
Imperativo: dize, dizei.
Part.: dito.

Por este se conjugam *bendizer*, *condizer*, *contradizer*, *desdizer*, *maldizer*, *predizer*.

Fazer

Pres. ind.: faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem.
Pret. perf. ind.: fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram.
M.-q.-perf. ind.: fizera, fizeras, fizera, fizéramos, fizéreis, fizeram.
Fut. pres.: farei, farás, fará, faremos, fareis, farão.
Fut. pret.: faria, farias, faria, faríamos, faríeis, fariam.
Pres. subj.: faça, faças, faça, façamos, façais, façam.
Pret. imp. subj.: fizesse, fizesses, fizesse fizéssemos, fizésseis, fizessem.
Fut. subj.: fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem.
Imperativo: faz(e), fazei.
Part. : feito.

Por este se conjugam *afazer*, *contrafazer*, *desfazer*, *liquefazer*, *perfazer*, *refazer*, *rarefazer*, *satisfazer*.

Haver

Ver a conjugação dos verbos auxiliares.

Jazer

Pret. ind.: jazo, jazes, jaz, jazemos, jazeis, jazem.
Pret. Perf. ind.: jazi, jazeste, jazeu, jazemos, jazestes, jazeram.

As outras formas – pois é totalmente conjugado – são regulares.

Por este se modela *adjazer*.

Ler

Pres. ind.: leio, lês, lê, lemos, ledes, leem.

Pret. perf. ind.: li, leste, leu, lemos, lestes, leram.

M.-q.-perf. ind.: lera, leras, lera, lêramos, lêreis, leram.

Pres. subj.: leia, leias, leia, leiamos, leiais, leiam.

Pret. imp. subj.: lesse, lesses, lesse, lêssemos, lêsseis, lessem.

Fut. subj.: ler, leres, ler, lermos, lerdes, lerem.

Por este se conjugam *reler* e *tresler*.

Perder

Pres. ind.: perco (ê), perdes, perde, perdemos, perdeis, perdem.

Pres. subj.: perca (ê), percas (ê), perca (ê), percamos (ê), percais (ê), percam (ê).

Poder

Pres. ind.: posso, podes, pode, podemos, podeis, podem.

Pret. perf. ind.: pude, pudeste, pôde, pudemos, pudestes, puderam.

M.-q.-perf. ind.: pudera, puderas, pudera, pudéramos, pudéreis, puderam.

Pres. subj.: possa, possas, possa, possamos, possais, possam.

Pret. imp.: pudesse, pudesses, pudesse, pudéssemos, pudésseis, pudessem.

Fut. subj.: puder, puderes, puder, pudermos, puderdes, puderem.

Desusado modernamente no imperativo.

Prazer

(Pouco usado na 1.ª e 2.ª pessoa)

Pres. ind.: praz, prazem.

Pret. perf. ind.: prouve, prouveram.

M.-q.-perf. ind.: prouvera, prouveram.

Pret. imp. subj.: prouvesse, prouvessem.

Fut. subj.: prouver, prouverem.

Por este se conjugam *aprazer, desprazer, desaprazer,* verbos que se apresentam em todas as pessoas. *Comprazer* e *descomprazer são* verbos completos e se modelam por *prazer;* no pret. perfeito e m.-q.-perfeito do indicativo, pret. imperfeito e futuro do subjuntivo podem ainda ser conjugados regularmente.

> (...) o poeta (...) não *aprazia* a uma companhia ortodoxa [JR.2, 195].

Querer

Pres. ind.: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem.

Pret. Perf. ind.: quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram.

M.-q.-perf. ind.: quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram.

Pres. subj.: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram.

Pret. imp. subj.: quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem.

Fut. subj.: quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem.

Part.: querido (a forma quisto só se usa em *benquisto* e *malquisto).*

A moderna forma *quere*, 3.ª pessoa do singular, em lugar de *quer,* só é usada pelos portugueses. Normalmente não se usa o verbo *querer* no imperativo; há exemplos de *querei* nos *Sermões* do Pe. Antônio Vieira. Quando se usa pronome átono (*o*, *a*, *os*, *as*) posposto à 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo, emprega-se *qué-lo* ou *quere-o:* "Qué-lo o teu povo" [AH.4, 1, 79].

Desusado modernamente no imperativo; aparece no optativo que traduz um desejo de realização de um fato expresso pelo infinitivo seguinte: *Queira aceitar meus cumprimentos.*

Requerer

Pres. ind.: requeiro, requeres, requer (ou requere), requeremos, requereis, requerem.
Pret. Perf. ind.: requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram.
M.-q.-perf. ind.: requerera, requereras, requerera, requerêramos, requerêreis, requereram.
Pres. subj.: requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram.
Pret. imp. subj.: requeresse, requeresses, requeresse, requerêssemos, requerêsseis, requeressem.
Fut. subj.: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.
Imperativo: requer(e), requerei.
Part.: requerido.

A 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo *requer* é modernamente mais usada que *requere*, esta mais lusitana.

Saber

Pres. ind.: sei, sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem.
Pret. perf. ind.: soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, souberam.
M.-q.-perf. ind.: soubera, souberas, soubera, soubéramos, soubéreis, souberam.
Pres. subj.: saiba, saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam.
Pret. imp. subj.: soubesse, soubesses, soubesse, soubéssemos, soubésseis, soubessem.
Fut. subj.: souber, souberes, souber, soubermos, souberdes, souberem.

Ser

Veja a conjugação dos verbos auxiliares.

Ter

Veja a conjugação dos verbos auxiliares.

Trazer

Pres. ind.: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem.
Pret. perf. ind.: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram.
M.-q.-perf. ind.: trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram.
Futuro do pres.: trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão.
Fut. do pret.: traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam.
Pres. subj.: traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam.
Pret. imp. subj.: trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem.
Imperativo: traz(e), trazei.

Valer

Pres. ind.: valho, vales, vale (ou val), valemos, valeis, valem.
Pres. subj.: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham.

Val, por *vale*, é forma corrente entre os portugueses.

Como *valer* conjugam-se *desvaler* e *equivaler*.

Ver

Pres. ind.: vejo, vês, vê, vemos, vedes veem.
Pret. imp. ind.: via, vias, via, víamos, víeis, viam.
Pret. perf. ind.: vi, viste, viu, vimos, vistes, viram.
M.-q.-perf. ind.: vira, viras, vira, víramos, víreis, viram.
Pres. subj.: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam.
Pret. imp. subj.: visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem.
Fut. subj.: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.
Part.: visto.

Assim se conjugam *antever*, *entrever*, *prever* e *rever*. *Prover* e *desprover* modelam-se por *ver*, exceto no pretérito

perfeito do indicativo e derivados, e particípio, quando se conjugam regularmente.

Pret. Perf. ind.: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram.

M.-q.-perf. ind.: provera, proveras, provera, provéramos, provêreis, proveram.

Fut. subj.: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.

Part.: provido.

3.ª Conjugação:

Acudir

Pres. ind.: acudo, acodes, acode, acudimos, acudis, acodem.

Pret. Perf. ind.: acudi, acudiste, acudiu, acudimos, acudistes, acudirem.

Pres. subi.: acuda, acudas, acuda, acudamos, acudais, acudam.

Pret. imp. subj.: acudisse, acudisses, acudisse, acudíssemos, acudísseis, acudissem.

Imperativo: acode, acudi.

Assim se conjugam *bulir, construir, cuspir, destruir, engolir* 63, *entupir*64, *escapulir, fugir* 65, *sacudir, subir, sumir* 66.

Construir, destruir e *entupir,* como verbos abundantes, apresentam como formas menos usadas, *construis, construi, destrui, entupes, entupe.*

Os demais verbos em *udir* (*aludir*, *eludir*, *iludir*) são regulares.

Cair

Pres. ind.: caio, cais, cai, caímos, caís, caem.

Pret. imp. ind.: caía, caías, caía, caíamos, caíeis, caíam.

Pret. perf. ind.: caiu, caíste, caiu, caímos, caístes, caíram.

M.-q.-perf. ind.: caíra, caíras, caíra, caíramos, caíreis, caíram.

Fut. pres.: cairei, cairás, cairá, cairemos, caireis, cairão.

Fut. pret.: cairia, cairias, cairia, cairíamos, cairíeis, cairiam.

Pres. subj.: caia, caias, caia, caiamos, caiais, caiam.

Pret. imp. subj.: caísse, caísses, caísse, caíssemos, caísseis, caíssem.

Fut. subj.: cair, caíres, cair, cairmos, cairdes, caírem.

Por este se conjugam *atrair, contrair, distrair, esvair, retrair, sair, subtrair, trair, embair*.

Para a boa acentuação deste tipo de verbos, recorde-se o que se disse em **Regras de acentuação**.

Cobrir

Pres. ind.: cubro, cobres, cobre, cobrimos, cobris, cobrem.

Pret. Perf. ind.: cobri, cobriste, cobriu, cobrimos, cobristes, cobriram.

Pres. subj.: cubra, cubras, cubra, cubramos, cubrais, cubram.

Imperativo: cobre tu, cubra você, cubramos nós, cobri vós, cubram vocês.

Por este se conjugam *descobrir, dormir* (regular no part.: dormido), *encobrir, recobrir e tossir* (regular no part.: *tossido).*

Frigir

Pres. ind.: frijo, freges, frege, frigimos, frigis, fregem.

Pres. subj.: frija, frijas, frija, frijamos, frijais, frijam.

Imperativo: frege, frija, frijamos, frigi, frijam.

Part.: frigido e frito.

Atente-se para a troca de *g por j antes* de *a* e *o*.

Ir

Pres. ind.: vou, vais, vai, vamos (ou imos), ides, vão.

Pret. imp. ind.: ia, ias, ia, íamos, íeis, iam.
Pret. Perf.: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.
m.-q.-perf. ind.: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.
Fut. pres.: irei, irás, irá, iremos, ireis, irão.
Fut. Pret.: iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam.
Pres. subj.: vá, vás, vá, vamos, vades, vão.
Pret. imp. subj.: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.
Fut. subj.: for, fores, for, formos, fordes, forem.
Imperativo: vai, vá, vamos, ide, vão.
Gerúndio: indo.
Part.: ido.

Medir

Pres. ind.: meço, medes, mede, medimos, medis, medem.
Pres. subj.: meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam.
Assim se conjugam *desmedir e pedir*.

Mentir

Pres. ind.: minto, mentes, mente, mentimos, mentis, mentem.
Pres. subj.: minta, mintas, minta, mintamos, mintais, mintam.
Por este verbo se conjugam *consentir, desmentir, persentir* (sentir profundamente), *pressentir* (prever), *ressentir, sentir*.

Ouvir

Pres. ind.: ouço, ouves, ouve, ouvimos, ouvis, ouvem.
Pres. subj.: ouça, ouças, ouça, ouçamos, ouçais, ouçam.
Entre portugueses ocorre a variante *oiço,* ao lado de *ouço*. Também no presente do subjuntivo: *oiça, oiças, oiça, oiçamos, oiçais, oiçam.*

Pedir

Pres. ind.: peço, pedes, pede, etc.
Pres. subj.: peça, peças, peça, etc.
Pedir serve hoje de modelo para *desimpedir, despedir, expedir* e *impedir* (que não são derivados de *pedir*).

Parir

Polir (= *lustrar*, *civilizar*)

Pres. ind.: pulo, pules, pule, polimos, polis, pulem.
Pret. perf.: poli, poliste, poliu, polimos, polistes, poliram.
Pres. subj.: pula, pulas, pula, pulamos, pulais, pulam.
Imperativo: pule, pula, pulamos, poli, pulam.
Por este verbo se conjugam *despolir* e *sortir* (= abastecer, prover, misturar, combinar). *Surtir* (com *u*) é regular: *surto, surtes, surte, surtimos, surtis, surtem*[67].

> "...enquanto o progresso das ciências e das artes pule e melhora exteriormente o gênero humano, destruiria o intolerável egoísmo que destrói ou afeia o formoso edifício da moderna civilização". [AH.2, 142].

Progredir

Pres. ind.: progrido, progrides, progride, progredimos, progredis, progridem.
Pret. imp. ind.: progredia, progredias, progredia, progredíamos, progredíeis, progrediam.
Pret. perf. ind.: progredi, progrediste, progrediu, progredimos, progredistes, progrediram.
Pres. subj.: progrida, progridas, progrida, progridamos, progridais, progridam.
Por este verbo se conjugam *agredir, cerzir, denegrir, prevenir, regredir, transgredir. Remir,* hoje mais usado como defectivo (cf. **Verbos defectivos e abundantes**), seguia outrora o modelo de *progredir:* rimo, rimes, rime, remimos, remis,

rimem.

"Por 20 libras anuais a aldeia de Favaios rime todos os tributos e obtém o privilégio de nomear o seu juiz" [AH.2, 149].

Rir

Pres. ind.: rio, ris, ri, rimos, rides, riem.

Pret. imperf. ind. : ria, rias, ria, ríamos, ríeis, riam.

Pret. perf. ind.: ri, riste, riu, rimos, ristes, riram.

Part. : rido.

Segue este modelo o verbo *sorrir*.

Servir

Pres. ind.: sirvo, serves, serve, servimos, servis, servem.

Pres. subj.: sirva, sirvas, sirva, sirvamos, sirvais, sirvam.

Imperativo: serve, sirva, sirvamos, servi, sirvam.

Por este verbo se conjugam aderir, advertir, aferir, compelir, competir, concernir, conferir, conseguir, convergir, deferir, despir, digerir, divertir, expelir, impelir, inserir, perseguir, preferir, preterir, repelir, seguir, sugerir, vestir.

Submergir

Pres. ind.: submerjo (ê), submerges (é), submerge (é), submergimos, submergis, submergem (é).

Pres. subj.: submerja (ê), submerjas (ê), submerja (ê), submerjamos, submerjais, submerjam (ê).

Imperativo: submerge (é), submerja (ê), submerjamos, submergi, submerjam (ê).

Seguem este modelo *aspergir, emergir, imergir*.

Vir

Pres. ind.: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm.

Pret. imperf. ind.: vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham.

Pret. Perf. ind.: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.

Fut. pres.: virei, virás, virá, viremos, vireis virão.

Fut. pret.: viria, virias, viria, viríamos, viríeis, viriam.

Pres. subj.: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham.

Fut. subj.: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.

Imperativo: vem, venha, venhamos, vinde, venham.

Gerúndio: vindo.

Part.: vindo.

Por este modelo se conjugam advir, avir-se, convir, desavir, intervir, provir, sobrevir.

EMPREGO DO VERBO

Emprego de tempos e modos

1) **Indicativo** – É o modo que normalmente aparece nas orações independentes, e nas dependentes que encerram um fato real ou tido como tal.

Presente – Para bem entender os diversos empregos por que se desdobra o presente no sistema de oposições em que se insere, temos de considerar a lição de Coseriu, que propõe o seguinte esquema [ECs.5, 139]:

<table>
<tr><td></td><td>Presente</td><td colspan="2">Passado</td><td></td></tr>
<tr><td rowspan="2">Não futuro</td><td rowspan="2">canto</td><td>cantava</td><td>cantei</td><td>Presente</td></tr>
<tr><td colspan="2">cantara</td><td rowspan="2">Passado</td></tr>
<tr><td>Futuro</td><td>cantarei</td><td colspan="2">cantaria</td></tr>
</table>

Ainda teríamos de, no interior do passado, admitir outra vez a oposição presente/passado, isto é, uma oposição entre um "presente do passado" (*cantava – cantei*) e um "passado do passado" (*cantara*).

Isto significa que o presente, a rigor, se caracteriza pelo traço "negativo" ou "neutral" em relação ao pretérito (passado) e ao futuro, que são termos "positivos", isto é, aplicados ao ocorrido, o que lhe permite, ao presente, empregar-se, em determinados contextos, "em lugar" do passado e do futuro [ECs.1, 234]. Não ocorrendo a neutralização, tais substituições ficam impedidas: em *agora estarei muito cansado*, se entendermos "agora mesmo", e não "em seguida", depois do momento em que falo" (quando a construção será perfeitamente possível), não se empregará o futuro pelo presente.

O presente denota uma declaração:

a) que se verifica ou que se prolonga até o momento em que se fala:

"Ocorre-me uma reflexão imoral, que é ao mesmo tempo uma correção de estilo" [MA.1, 56].

b) que acontece habitualmente:

A Terra gira em torno do Sol.

c) que representa uma verdade universal (o "presente eterno"):

"O interesse adota e defende opiniões que a consciência reprova" [MM].

Emprega-se o presente:

a) pelo *pretérito*, em narrações animadas e seguidas (presente histórico), como para dar a fatos passados o sabor de novidade das coisas atuais:

"Pela manhã, *bates*-lhe à porta, chamando-o. Como ninguém responda, *procuras* entrar. Um peso imprevisto *detém* o esforço do teu braço. *Insistes*. *Entras*. E *recuas*, os olhos escancarados, o rosto transfigurado pela dor e pelo assombro, o coração parado no peito" [HC.1, 16-17]. 68

b) pelo *futuro do indicativo* para indicar com ênfase uma decisão:

Amanhã eu *vou* à cidade.

c) pelo *pretérito imperfeito* do subjuntivo:

Se *respondo* mal, ele se zangaria.

d) pelo *futuro do subjuntivo*:

Se *queres* a paz, prepara-te para a guerra.

OBSERVAÇÃO: Para exprimir ação começada emprega-se, em geral, o verbo *estar* seguido de gerúndio ou de infinitivo precedido de *a* preposição.

Estava { falando / a falar { sobre tal assunto

Pretérito imperfeito – O imperfeito, como ensina Coseriu [ECs.5, 165], é um membro não marcado, extensivo, de uma oposição que encerra três membros, dois dos quais são marcados e intensivos: o mais-que-perfeito e o chamado condicional presente, na forma simples.

Nesta oposição, o mais-que-perfeito significa um "anterior", enquanto o condicional presente (futuro do pretérito) um "depois". Daí o imperfeito não significar nem "antes" nem "depois" e, por isso, pode ocupar todo o espaço da oposição. Isto implica que não se pode, a rigor, atribuir ao imperfeito a pura e simples significação de passado, a não ser que ele seja considerado um "presente" do passado. Como um segundo "presente" pode – como ocorre com o presente próprio, que tem seu pretérito representado pelo perfeito simples, e o seu futuro representado pelo futuro simples – ter seu próprio passado (o mais-que-perfeito) e seu próprio futuro (o condicional presente). Por isso, o presente pode substituir o pretérito perfeito simples e o futuro, mas o imperfeito não.

Pode-se, neste gráfico, representar o presente e o imperfeito no sistema dos tempos em português; o imperfeito, sendo um termo neutro do plano "inatual", pode ser empregado "em lugar" do seu pretérito (passado) e de seu futuro:

Passado		Atualidade		Futuro
Perfeito simples	←	Presente	→	Futuro
Mais-que-perfeito	←	Imperfeito	→	Condicional presente (Fut. do pret.)

Daí a variedade e ambivalências destes dois tempos na atividade do discurso; geralmente uma forma verbal não está por outra ou em lugar de outra, mas sim no lugar de *outra significação* [ECs.5, 150].

Emprega-se o pret. imperfeito quando nos transportamos mentalmente a uma época passada e descrevemos o que então era presente:

"Eugênia *coxeava* um pouco, tão pouco, que eu cheguei a perguntar-lhe se machucara o pé" [MA.1, 193].

Nos pedidos e solicitações ou denota que duvidamos da realização do fato ou exprime um desejo feito com modéstia ou com o simples propósito:

"*Queria* viver para o seu filho – é como ele explicava o desejo da vida" [CBr.9, 22].

Sr. Manuel, eu *desejava* telefonar.

Pode substituir, principalmente na conversação, o futuro do pretérito, quando se quer exprimir fato categórico ou a segurança do falante:

"Se me desprezasses, morreria, *matava*-me" [CBr.9, 19].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Emprega-se o pretérito imperfeito do verbo *dever* (fazer uma coisa) em lugar do pretérito perfeito:

Ele *devia* (e não *deveu*) ser (ou *ter sido*) ontem mais atencioso para contigo [ED.1, § 207, a, obs].

2.ª) Aparece em lugar do futuro do pretérito para denotar um fato certo como consequência de outro que não se deu:

Eu, se tivesse crédito na praça, *pedia* outro empréstimo.

3.ª) Ainda na referência ao futuro, entra o imperfeito chamado "prelúdico" ou imperfeito dos jogos: *então* [neste jogo que

vamos começar a jogar] eu *era* o rei e tu *eras* a rainha [ECS.1, 207]. "Agora eu era o herói e o meu cavalo só falava inglês" (*João e Maria*, de Chico Buarque e Sivuca).

Pretérito perfeito – "O pretérito imperfeito é o tempo da ação prolongada ou repetida com limites imprecisos; ou não nos esclarece sobre a ocasião em que a ação terminaria ou nada nos informa quanto ao momento do início. O pretérito perfeito, pelo contrário, fixa e enquadra a ação dentro de um espaço de tempo determinado" [SA.5, II, 103]:

> "Marcela *teve* primeiro um silêncio indignado; depois *fez* um gesto magnífico: *tentou* atirar o colar à rua. Eu *retive*-lhe o braço; *pedi*-lhe muito que não me fizesse tal desfeita, que ficasse com a joia. *Sorriu* e *ficou*" [MA.1, 55].

Não se pode dizer, comenta Coseriu 69, que o perfeito simples e o imperfeito se contrapõem por uma simples oposição. Na essência, o imperfeito em português e no românico visualiza as ações como num pano de fundo, como se completando num nível secundário.

O pretérito composto (*tenho trabalhado*) exprime:

a) repetição ou prolongação de um fato até o momento em que se fala, ou fato habitual:

> "Não me *tens dito* nada das tuas ocupações nessa casa" [CBr.3, II, 133].

b) fato consumado:

> *Tenho dito* (no fim dos discursos).

Pretérito mais-que-perfeito (simples e composto) – Denota uma ação anterior a outra já passada:

> "No dia seguinte, antes de me recitar nada, explicou-me o capitão que só por motivos graves *abraçara* a profissão marítima..." [MA.1, 66-67].

OBSERVAÇÃO: Em certas orações temporais, aparece o pretérito perfeito onde se esperaria o mais-que-perfeito:

> "Logo que se *retirou* o inimigo, mandou D. João Mascarenhas enterrar os mortos" [ED.1, § 208].
>
> "Ao revés encontra-se em orações subordinadas o mais-que-perfeito correspondendo a um presente da oração subordinada, quando este presente tem o sentido de um pretérito, v.g. Os antiquários dizem (= deixaram escrito) que ele *vivera* neste reinado" [ED.1].

Emprega-se ainda o mais-que-perfeito simples em lugar do futuro do pretérito do indicativo e do pretérito do subjuntivo, o que serve hoje como traço estilístico de linguagem solene:

> "dizendo: Mais *servira* (= serviria), se não *fora* (= fosse) para tão longo amor tão curta a vida" [LC.2, 147].
>
> "Que *fora* (= seria) a vida, se nela não *houvera* (= houvesse) lágrimas?" [AH.1, 32].

Futuro – O futuro do presente e o do pretérito denotam uma ação que ainda se vai realizar:

> "Os homens nos *parecerão* sempre injustos enquanto o forem as pretensões do nosso amor-próprio" [MM].
>
> "Sem a crença em uma vida futura, a presente *seria* inexplicável" [MM].

O futuro do presente pode ainda exprimir:

a) em lugar do *presente*, incerteza ou ideia aproximada, simples possibilidade ou asseveração modesta:

> "O mal não *será* a especiaria do bem?" [MM].
>
> Ele *terá* seus vinte anos.

No caso de ser empregado, em linguagem polida, nas interrogações, o futuro "não obriga o interlocutor a responder, como quando se emprega o verbo no presente ou no pretérito" [SA.2, 225].

b) em lugar do *imperativo*, uma ordem ou recomendação, principalmente nas prescrições e recomendações morais:

> *Defenderás* os teus direitos.
>
> Não *furtarás*.

"Nas orações condicionais de *se*, nas temporais de *quando* e *enquanto*, nas conformativas (de *segundo* e *conforme*, etc.), nas adjetivas que denotam simples concepção", o futuro do indicativo é substituído pelo futuro conjuntivo (subjuntivo) – o qual só nestas orações se usa (ou também em certos casos pelo presente conjuntivo); assim diz-se: *se vejo*, *se vi*, mas: *se vir*; *quando vejo*, *quando vi*, mas: *quando vir*; *aquele que vê*, *aquele que viu*, mas: *aquele que vir*" [ED.1, § 209, a, obs.].

O futuro do pretérito se emprega ainda para denotar:

a) que um fato se dará, agora ou no futuro, dependendo de certa condição:

"A vida humana *seria* incomportável sem as ilusões e prestígios que a circundam" [MM].

"Se pudéssemos chegar a um certo grau de sabedoria, *morreríamos* tísicos de amor e admiração por Deus" [MM].

b) asseveração modesta em relação ao passado, admiração por um fato se ter realizado:

Eu *teria* ficado satisfeito com as tuas cartas [RV].

Nós *pretenderíamos* saber a verdade.

Seria isso verdadeiro?

c) incerteza:

Haveria na festa umas doze pessoas.

Emprega-se o auxiliar *tivera* (ou *houvera*) na oração condicional, em lugar do mais-que-perfeito, em relação a um futuro do pretérito posto na oração principal:

Estudaria (ou *teria estudado*), se *tivera* (= *tivesse*) *sabido* da prova.

2) **Subjuntivo** – O modo subjuntivo ocorre normalmente nas orações independentes optativas, nas imperativas negativas e afirmativas (nestas últimas com exceção da 2.ª pessoa do singular e plural), nas dubitativas com o advérbio *talvez* e nas subordinadas em que o fato é considerado como incerto, duvidoso ou impossível de se realizar:

Bons ventos o *levem.*

"Não *emprestes*, não *disputes*, não *maldigas* e não terás de arrepender-te" [MM].

"Não *desenganemos* os tolos se não queremos ter inumeráveis inimigos" [MM].

"*Louvemos* a quem nos louva para abonarmos o seu testemunho" [MM].

"Talvez a estas horas *desejem* dizer-te *pecavi*! Talvez *chorem* com lágrimas de sangue" [AH.5, I, 58].

"Faltam-nos memórias e documentos coevos em que *possamos* estribar-nos para relatar tais sucessos" [AH.6, I, 451].

OBSERVAÇÃO: Às vezes ocorre o indicativo com *talvez*: "Magistrado ou guerreiro de justo ou generoso se gaba: – e as turbas talvez o *aplaudem* e *celebram* seu nome" [AH.2, 180]. Parece que o indicativo deixa antever melhor a certeza de que o de que se duvida se pode bem realizar.

Nas orações subordinadas substantivas, ocorre o subjuntivo nos seguintes principais casos:

a) depois de expressões (verbos, nomes ou locuções equivalentes) que denotam ordem, vontade, consentimento, aprovação, proibição, receio, admiração, surpresa, contentamento:

"Prouvera a Deus, venerável Crimilde – tornou o quingentário – que nos *fosse* lícito desamparar estes muros" [AH.1, 146].

"Proibi-te que o *revelasses*" [AH.5, I, 294].

Espero que *estudes* e que *sejas* feliz.

b) depois de expressões (verbos ou locuções formadas por *ser*, *estar*, *ficar* + substantivo ou adjetivo) que denotam desejo, probabilidade, vulgaridade, justiça, necessidade, utilidade:

Cumpre que *venhas* cedo.

Convém que não nos *demoremos*.

É bom que *compreenda* logo o problema.

c) depois dos verbos *duvidar*, *suspeitar*, *desconfiar* e nomes cognatos (dúvida, duvidoso, suspeita, desconfiança, etc.) quando empregados afirmativamente, isto é, quando se trata de dúvida, suspeita ou desconfiança reais:

"... me vinham à mente *suspeitas* de que ela *fosse* um anjo transviado do céu..." [AH.5, II, 321].

"A luz... que *suspeitávamos procedesse* de lâmpada esquecida por sonolento moço de reposte..." [AH.5, 333].

Se o falante tem a suspeita como coisa certa, ou nela acredita, o normal é aparecer o indicativo:

"*Suspeitava*-se que era a alma da velha Brites que andava ali penada" [AH.5, 364].

Usa-se o subjuntivo nas orações adjetivas que exprimem:

a) fim:

"Ando à cata de um criado que *seja* econômico e fiel" [RB].

b) consequência (o relativo vem precedido de preposição, geralmente, *com*):

"Daqui levarás tudo tão sobejo
Com que faças (= que com isso) o fim a teu desejo" [LC.1, II, 4].

c) uma conjectura e não uma realidade:

Compare-se:

O cidadão que *ama* sua pátria engrandece-a. (realidade)

O cidadão que *ame* sua pátria engrandece-a. (conjectura)

d) depois de um predicado negativo, ou de uma interrogação de sentido negativo quando enunciam uma qualidade que determine e restrinja a ideia expressa por esse predicado ou interrogação:

"Não há homem algum que *possa* gabar-se de ser completamente feliz.
Quem há aí que *seja* completamente feliz?" [RV.1, 274-5]

Nas orações adverbiais usa-se o subjuntivo:

a) nas causais de *não porque*, *não* (ou *nem*), quando se quer dizer que a razão aludida não é verdadeira:

"Deitei-me ontem mais cedo, não porque *tivesse* sono, mas porque precisava de me levantar hoje de madrugada" [RV.1, 274].

b) nas concessivas de *ainda que*, *embora*, *conquanto*, *posto que*, *se bem que*, *por muito que*, *por pouco que* (e semelhantes), não havendo, entretanto, completo rigor a respeito:

"Ainda que *perdoemos* aos maus, a ordem moral não lhes perdoa, e castiga a nossa indulgência" [MM].

"Por mais sagaz que *seja* o nosso amor próprio, a lisonja quase sempre o engana" [MM].

Entram neste rol as alternativas de sentido concessivo (ou... ou, quer... quer) e as concessivas justapostas do tipo de *fosse ele o culpado*, *ainda assim lhe perdoaria*.

c) nas condições de *se*, *contanto que*, *sem que*, *a não ser que*, *suposto que*, *caso*, *dado que*, para exprimir hipótese, e não uma realidade. Entra ainda neste grupo a comparativa hipotética *como se*:

"Se as viagens simplesmente *instruíssem* os homens, os marinheiros seriam os mais instruídos" [MM].

"E moviam os lábios, como se *tentassem* falar" [AH.1, 26].

Se se tratar de coisa real ou tida como tal, geralmente aparece o indicativo:

"Não há momento que perder, se *queremos* salvar-nos" [AH.1, 253].

d) nas consecutivas quando se exprime uma simples concepção e não um fato real:

"Devemos regular a nossa vida de modo que *possamos* esperar e não recear depois de nossa morte" [MM].

"Não subais tão alto que a queda *seja* mortal" [MM].

e) nas finais:

"Os maus são exaltados para serem felizes, para que *caiam* do mais alto e *sejam* esmagados" [MM].

f) nas temporais de *antes que*, *assim que*, *até que*, *enquanto*, *depois que*, *logo que*, quando ocorrem nas negações ou nas indicações de simples concepção, e não uma realidade (caso em que aparece o indicativo):

"Cumprirei o que ordenas, porque jurei obedecer-te cegamente enquanto não *salvássemos* a irmã de Pelágio" [AH.1, 215].

Casos particulares:

1) A oração substantiva que completa a exclamação de surpresa *quem diria* constrói-se com indicativo ou subjuntivo:

Quem diria que ele *era* capaz disso.

Quem diria que ele *fosse* capaz disso.

2) Com os indefinidos do tipo *o que quer que* é mais comum o emprego do subjuntivo:

Saiu com o que quer que *fosse*.

Alexandre Herculano vacilou entre o emprego de *fosse* (ed. de 1876) e *era* (ed. de 1864) no seguinte passo:

"Com um olhar de simpatia e compaixão, misturada do que quer que *era* de admiração e de terror involuntário" [AH.1, 265 ed. 1864].

3) Também têm o verbo no subjuntivo as orações introduzidas por *que*, quando restringem a generalidade de um asserto:

"Não há, que eu *saiba*, expressão mais suave" [ED.1, 128].

3) **Imperativo** – Cumpre apenas acrescentar ao que disse anteriormente:

a) que o infinitivo pode substituir o imperativo nas ordens instantes:

"Todos se chegavam para o ferir, sem que a D. Álvaro se ouvissem outras palavras, senão estas: *Fartar*, rapazes" [AH.2, 98].

b) que se usa o imperativo do verbo *querer* (ao lado do subjuntivo presente) seguido de infinitivo para suavizar uma ordem:

Queira aceitar meus cumprimentos.

OBSERVAÇÃO: Os casos aqui lembrados estão longe de enquadrar a trama complexa do emprego de tempos e modos em português. São várias as situações que podem, ferindo os princípios aqui expostos, levar o falante ou escritor a buscar novos meios expressivos. São questões que fogem ao âmbito da Gramática e constituem preocupação da Estilística.

Emprego das formas nominais – A respeito das formas nominais, cumpre acrescentar ao que se disse nas páginas anteriores:

A – **Infinitivo histórico** – Entende-se por *infinitivo histórico* ou *de narração* aquele que, numa narração animada, considera a ação como já passada, e não no seu desenvolvimento:

"E os médicos a *insistirem* que saísse de Lisboa" [J. Dinis].

"Ela a *voltar* as costas, e o reitor a pôr o chapéu na cabeça" [J. Dinis].

"E ele a *rir*-se, ele a *regalar*-se" [EQ] 70

B – **Emprego do infinitivo** (flexionado e sem flexão):

1) *Infinitivo pertencente a uma locução verbal*:

Não se flexiona normalmente o infinitivo que faz parte de uma locução verbal:

"E o seu gesto era tão desgracioso, coitadinho, que todos, à exceção de Santa, *puseram*-se *a rir*" [AAz *apud* FB.1, 138].

"Pois, se *ousais levar* a cabo vosso desenho, eu ordeno que o façais" [AH *apud* FB.1, 196].

"Depois mostraram-lhe, um a um, os instrumentos das execuções, e explicaram-lhe por miúdo como *haviam de morrer* seu marido, seus filhos e o marido de sua filha" [CBr *apud* FB.1, 221].

Encontram-se exemplos que se afastam deste critério quando ocorrem os seguintes casos:

a) o verbo principal se acha afastado do auxiliar e se deseja avivar a pessoa a quem a ação se refere:

"*Possas* tu, descendente maldito
De uma tribo de nobres guerreiros,
Implorando cruéis forasteiros,
Seres presa de vis Aimorés" [GD.4, II, 31].

"... dentro dos mesmos limites atuais *podem* as cristandades *nascerem* ou *anularem*-se, *crescerem* ou *diminuírem* em certos pontos desses vastos territórios" [AH.2, 173].

b) o verbo auxiliar, expresso anteriormente, cala-se depois:

"*Queres ser* mau filho, *deixares* uma nódoa d'infância na tua linhagem" [AH.2, 174].

2) *Infinitivo dependente dos verbos causativos e sensitivos*:

Com os causativos *deixar*, *mandar*, *fazer* (e sinônimos), a norma é aparecer o infinitivo sem flexão, qualquer que seja o seu agente:

"Sancho II deu-lhe depois por válida a carta e *mandou*-lhes *erguer* de novo os marcos onde eles os haviam posto" [AH.2, 64].

"*Fazei*-os *parar*" [AH.2, 75].

"*Deixai vir* a mim as criancinhas".

Mas flexionado em:

"e *deixou fugirem*-lhe duas lágrimas pelas faces" [AH.2, 155]. 71

"Não são poucas as doenças para as quais, por desídia, vamos *deixando perderem*-se os nomes velhos que têm em português" [MBa.5, 211].

Com os sensitivos *ver*, *ouvir*, *olhar*, *sentir* (e sinônimos), o normal é empregar-se o infinitivo sem flexão, embora aqui o critério não seja tão rígido:

"Olhou para o céu, viu estrelas... escutou, *ouviu ramalhar* as árvores" [AH.2, 101].

"... o terror fazia-lhes crer que já *sentiam ranger* e *estalar* as vigas dos simples..." [AH.2, 172].

Os seguintes exemplos atestam o emprego do infinitivo flexionado:

"Em Alcoentre os ginetes e corredores do exército real vieram escaramuçar com os do infante, e ele próprio os *ouvia chamarem*-lhe traidor e hipócrita" [AH.2, 96].

"Creio que comi: *senti renovarem*-se-me as forças" [AH.2, 172].

Observações:

1.ª) Com os causativos e sensitivos pode aparecer ou não o pronome átono que pertence ao infinitivo (obs. 5.ª):

"*Deixei*-o *embrenhar* (por *embrenhar-se*) e transpus o rio após ele" [AH.2, 77].

"O faquir *deixou*-o *afastar* (por *afastar-se*)" [AH.2].

"Enconstando-se outra vez na sua dura jazida, Egas *sentiu alongar*-se a estrupiada dos cavalheiros..." [AH.3, 265-6].

"E o eremita *viu*-a, ave pernalta e branca, *bambolear*-se em voo, ir chegando, *passar*-se para cima do leito, *aconchegar*-se

ao pobre homem...” [JR.2, 327].

Por isso não cabe razão a Mário Barreto [MBa.4, 51] quando condena, nestes casos, o aparecimento do pronome átono.

2.ª) Aqui também o infinitivo pode aparecer flexionado, por se calar o auxiliar:

“*viu alvejar* os turbantes, e, depois *surgirem* rostos tostados, e, depois, *reluzirem* armas” [AH.1, 257].

3) *Infinitivo fora da locução verbal*:

Fora da locução verbal, “a escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos somente da ação ou do intuito ou necessidade de pormos em evidência o agente do verbo” [SA.2, 246].

O infinitivo sem flexão revela que a nossa atenção se volta com especial atenção para a ação verbal; o flexionamento serve de insistir na pessoa do sujeito:

Estudamos { para *vencer* na vida
para *vencermos* na vida

“As crianças são acalentadas por *dormirem*, e os homens enganados para *sossegarem*” [MM].

Ocorre o infinitivo flexionado nos seguintes casos principais:

1.º) “sempre que o infinitivo estiver acompanhado de um nominativo sujeito, nome ou pronome (quer igual ao de outro verbo, quer diferente);

2.º) sempre que se tornar necessário destacar o agente, e referir a ação especialmente a um sujeito, seja para evitar confusão, seja para tornar mais claro o pensamento. O infinitivo concordará com o sujeito que temos em mente;

3.º) quando o autor intencionalmente põe em relevo a pessoa a que o verbo se refere” [SA.1, 72]:

Estudamos para nós *vencermos* na vida.

“Beijo-vos as mãos, senhor rei, por vos *lembrardes* ainda de um velho homem de armas que para nada presta hoje” [AH *apud* FB.1, 195].

“É permitido aos versistas *poetarem* em prosa” [CBr.1, 60].

APÊNDICE

PASSAGEM DA VOZ ATIVA À PASSIVA E VICE-VERSA

Em geral, só pode ser construído na voz passiva verbo que pede objeto direto, acompanhado ou não de outro complemento. Daí a língua padrão lutar contra linguagens do tipo:

A missa foi assistida por todos,

uma vez que o verbo *assistir*, nesta acepção, só se constrói com complemento relativo:

Todos assistiram à missa.

À força do uso já se fazem concessões aos verbos:

apelar: A sentença não foi *apelada*.
aludir: Todas as faltas foram *aludidas*.
obedecer: Os regulamentos não são *obedecidos*.
pagar: As pensionistas foram *pagas* ontem.
perdoar: Os pecadores devem ser *perdoados*.

responder: Os bilhetes seriam *respondidos* hoje.

Na passagem da ativa para a passiva segue-se o esquema:

1.º) o sujeito da ativa, se houver, passa a agente da passiva;

2.º) o objeto direto da ativa, se houver, passa a sujeito da passiva;

3.º) o verbo da voz ativa passa para a voz passiva, conservando-se o mesmo tempo e modo;

4.º) não sofrem alteração os outros termos oracionais que apareçam.

Exemplo 1:

Ativa	*Passiva*
Eu li o livro	O livro foi lido por mim

Exemplo 2 (com pronome oblíquo):

Ativa	*Passiva*
Nós o ajudamos ontem	Ele, ontem, foi ajudado por nós

Exemplo 3 (com sujeito indeterminado):

Ativa	*Passiva*
Enganar-me-ão	Eu serei enganado

Exemplo 4 (com tempo composto):

Ativa	*Passiva*
Eles têm cometido erros	Erros têm sido cometidos por eles

Exemplo 5 (com sujeito indeterminado de verbo que aparecerá na passiva pronominal):

Ativa	*Passiva*
Vendem casas	Vendem-se casas
Vendem esta casa	Vende-se esta casa

7 – Advérbio

Advérbio – É a expressão modificadora que por si só denota uma circunstância (de lugar, de tempo, modo, intensidade, condição, etc.) e desempenha na oração a função de adjunto adverbial:

Aqui tudo vai *bem* (lugar e modo).

Hoje não irei *lá* (tempo, negação, lugar).

O aluno *talvez não* tenha redigido *muito bem* (dúvida, negação, intensidade, modo).

O *advérbio* é constituído por palavra de natureza nominal ou pronominal e se refere geralmente ao verbo, ou ainda, dentro de um grupo nominal unitário, a um adjetivo e a um advérbio (como intensificador), ou a uma declaração inteira:

José escreve *bem* (advérbio em referência ao verbo).

José é *muito* bom escritor (advérbio em referência ao adjetivo *bom*).

José escreve *muito* bem (advérbio em referência ao advérbio *bem*).

Felizmente José chegou (advérbio em referência a toda a declaração: José chegou; o advérbio deste tipo geralmente exprime um juízo pessoal de quem fala e constitui a cláusula comentário.

Fundamentalmente, distribuem-se os advérbios em assinalar a posição temporal (os de tempo) ou espacial do falante (os de lugar), ou ainda o modo pelo qual se visualiza o "estado de coisas" designado na oração.

Certos advérbios são assinalados em função de modificador de substantivo, principalmente

quando este é entendido não tanto enquanto substância, mas enquanto qualidade que esta substância apresenta: *Gonçalves Dias é verdadeiramente poeta* [PL *apud* por EBm.1, 8].

Pessoas ***assim*** não merecem nossa atenção.

Também certos advérbios funcionam como predicativo, à maneira dos adjetivos:

A vida é ***assim***.

Como bem diz Mattoso Câmara [MC.8, 122], perturba a descrição e a demarcação classificatória "a extrema mobilidade semântica e funcional que caracteriza os advérbios".

Combinações com advérbios – Advérbios há de *tempo* e *lugar* que marcam melhor sua função ou designação mediante o emprego de uma preposição [AL.1, §188]:

Por agora, estão encerrados os trabalhos.

Até então os telefones não funcionavam.

Desde cedo já havia compradores de ingresso.

De longe já se viam as chamas.

Por aqui se pode entrar na cidade.

As crianças *de hoje* contam com mais divertimentos.

Eles sempre se apresentam com as promessas *de sempre*.

Alguns advérbios – como as preposições que veremos ao seu tempo – precedem o transpositor ***que*** para marcar a circunstância, formando o que a gramática tradicional chama de *locuções conjuntivas* adverbiais. A rigor, trata-se de um grupo de palavras que, por hipotaxe, funciona como conjunção:

Agora que tudo serenou, podemos retornar.

Sabíamos que ele estava errado *sempre que* gaguejava.

Ainda que estude, terá de aperfeiçoar-se *depois que* se gradue.

Já que não me responde, sinto-me desobrigado de convidá-lo.

Assim que chegou, começou a trabalhar.

No capítulo de conjunção, teremos oportunidade de fazer referência a certos advérbios que, graças à sua mobilidade posicional, se colocam – quase sempre no início – de maneira tal, que têm levado alguns gramáticos a classificá-los como conjunção coordenativa explicativa (causal), conclusiva, etc. É o caso de advérbios como *pois*, *logo*, *entretanto*, *contudo*, *por conseguinte*, em construções do tipo [MMa.1, 153]:

Ela saiu cedo, *por conseguinte* encontrou facilidade de condução.

Tudo estava preparado, *logo* se poderia começar a reunião.

Advérbio e preposição – Já vimos que alguns advérbios se constituem pela união de preposição a substantivos, adjetivos ou a próprio advérbio, apresentando-se, conforme a ortografia vigente, ora escritos numa só palavra, ora separadamente. Unido o grupo a preposições, teremos um conjunto que, por hipotaxe, funciona como simples preposição a introduzir um adjunto adverbial: *apenas*, *em frente*, *em cima*, *depressa*, *debaixo*, *em baixo* (*embaixo*), *detrás*, etc.

Os livros ficam *debaixo da* mesa. (*sob* a mesa)

O carro estacionou *em frente da* casa.

A jarra repousa *em cima da* mesa. (*sobre* a mesa)

Construções como:

O vizinho escreveu *contra* o argumento,

permitem a passagem da preposição a advérbio pela redução da unidade introduzida pela preposição, construção breve, mas sem circulação frequente no idioma:

"Toda a minha vida colegial se desenha no espírito com tão vivas cores, que parecem frescas de ontem, e todavia mais de trinta anos já lhes pairaram *sobre*" [JA.4, 102].

O vizinho escreveu *contra*.

Já falei *a respeito*.

O advérbio estabelece a transição dos vocábulos variáveis para os invariáveis; a rigor não tem flexão propriamente dita, mas há uns tantos advérbios que admitem graus de qualidade como os nomes [RV.1, 71].

Locução adverbial – é o grupo geralmente constituído de preposição + substantivo (claro ou subentendido) que tem o valor e o emprego de advérbio. A preposição, funcionando como transpositor, prepara o substantivo para exercer uma função que primariamente não lhe é própria:

com efeito, *de graça*, *às vezes*, *em silêncio*, *por prazer*, *sem dúvida*, etc.

Na constituição das locuções adverbiais, o substantivo que nelas entra pode estar no masculino ou no feminino e no singular ou no plural, segundo as normas fixadas pela tradição.

Outras vezes o substantivo vem com acompanhante e pode ocorrer até a omissão do substantivo, em expressões fixas:

na verdade, *de nenhum modo*, *em breve* (subentende-se *tempo*), *à direita* (ao lado de *à mão direita*), *à francesa* (subentende-se *à moda*), etc.

Frequentemente se cala a preposição nas locuções adverbiais de tempo e modo:

Esta semana (por *nesta semana*) teremos prova.

Espingarda ao ombro (por *de espingarda ao ombro*), juntou-se ao grupo de pessoas.

Circunstâncias adverbiais – Constituindo o advérbio uma classe de palavra muito heterogênea, torna-se difícil atribuir-lhe uma classificação uniforme e coerente. Em geral, seu papel na oração se prende não apenas a um núcleo (verbo), mas se amplia na extensão em que se espraia o conteúdo manifestado no predicado. Isto lhe permite, em primeiro lugar, certa flexibilidade de posição não só no espaço em que se prolonga o predicado (com seu núcleo verbal), mas se estende aos domínios do sujeito, podendo antecedê-lo ou vir-lhe posposto. Este papel singular do advérbio lhe dá também certa autonomia fonológica, de contorno entonacional muito variado, a serviço do intuito comunicativo do falante.

Assim, há advérbios de papel semântico-sintático mais *internamente* ligados ao núcleo verbal (e estes não gozam das flexibilidades de posição e entoação atrás referidas), e há os advérbios mais externamente ligados ao núcleo verbal. Daí escapar ao analista uma classificação unitária que abarque todos os casos possíveis. É bom caminho, parece-nos, adotar a proposta de Alarcos Llorach no sentido de ater-se o analista "às relações que cada advérbio contrai dentro do enunciado, quer no seu papel primário de adjacente circunstancial,

quer por sua combinação com outras unidades no interior de um grupo nominal unitário" [AL.1, § 178].

Na classificação do advérbio, ora se pauta pelos valores léxicos (semânticos) das unidades que o constituem, ora por critérios funcionais. No primeiro caso, são os advérbios classificados como denotadores de *tempo* (*agora*, *antes*, *tarde*, etc.), de *lugar* (*aqui*, *fora*, etc.), de *quantidade* (*tanto*, *muito*, *bastante*, etc.), etc. Pelo segundo critério, teremos os *demonstrativos* (*aqui*, *então*, *agora*, *aí*, etc.), os *relativos* (*onde*, *como*, *quando*, etc.) e *interrogativos* (*quando*?, *onde*?, *como*?).

As principais circunstâncias expressas por advérbio ou locução adverbial são:

1) *assunto*: Conversar sobre música.

2) *causa*: Morrer de fome.

3) *companhia*: Sair com os amigos.

4) *concessão*: Voltaram apesar do escuro.

5) *condição*: Só entrará com autorização. Não sairá sem licença.

6) *conformidade*: Fez a casa conforme a planta.

7) *dúvida*: Talvez melhore o tempo. Acaso encontrou o livro.

8) *fim*: Preparou-se para o baile.

9) *instrumento*: Escrever com lápis.

10) *intensidade*: Andou mais depressa.

11) *lugar*: Estuda aqui. Foi lá. Passou pela cidade. Veio dali.

12) *modo*: Falou assim. Anda mal. Saiu às pressas.

13) *referência*: "O que nos sobra *em glória* de ousados e venturosos navegantes, míngua-nos *em fama* de enérgicos e previdentes colonizadores" [LCo *apud* FB.1, 218].

14) *tempo*: Visitaram-nos hoje. Então não havia recursos. Sempre nos cumprimentaram. Jamais mentiu.

15) *negação*: Não lerá sem óculos.

OBSERVAÇÃO: A Nomenclatura Gramatical Brasileira põe os denotadores de *inclusão*, *exclusão*, *situação*, *retificação*, *designação*, *realce*, etc. à parte, sem a rigor incluí-los entre os advérbios, mas constituindo uma classe ou grupo heterogêneo chamado *denotadores*, que coincide, em parte, com a proposta de José Oiticica das *palavras denotativas*, muitas das quais têm papel transfrástico e melhor atendem a fatores de função textual estranhos às relações semântico-sintáticas inerentes às orações em que se acham inseridas:

1 – *inclusão*: também, até, mesmo, etc.:

Até o professor riu-se.

Ninguém veio, *mesmo* o irmão.

2 – *exclusão*: só, somente, salvo, senão, apenas, etc.:

Só Deus é imortal.

Apenas o livro foi vendido.

3 – *situação*:

Mas que felicidade.

Então duvida que se falasse latim?

Pois não é que ele veio.

4 – *retificação*: aliás, melhor, isto é, ou antes, etc.:

Comprei cinco, *aliás*, seis livros.

Correu, *isto é*, voou até nossa casa.

5 – *designação*:

Eis o homem.

6 – *realce*:

Nós *é que* somos brasileiros.

7 – *expletivo*: lá, só, ora, que:

Eu sei *lá*!

Vejam *só* que coisa!

Oh! *Que* saudade *que* tenho!

Ora decidamos logo o negócio.

8 – *explicação*: a saber, por exemplo, isto é, etc.:

Eram três irmãos, *a saber*: Pedro, Antônio e Gilberto.

O plano "transfrástico" e os advérbios – No estudo de certas unidades torna-se de capital importância não deixar de lado as diversas camadas ou estratos de estruturação gramatical. No que toca particularmente a certos advérbios, merece atenção a camada da *antitaxe*, que diz respeito à retomada ou substituição de uma unidade de um plano gramatical qualquer, já presente ou virtualmente presente ou previsto no discurso, poder ser retomada ou antecipada por outra unidade, num ponto do discurso individual ou dialogado [ECs.2, 38]. A substituição ou retomada já vinha sendo posta em evidência pela gramática tradicional no caso dos pronomes; mas a ação da antitaxe é mais ampla e vai desembocar no papel textual de alguns advérbios, como veremos a seguir.

Assim, não são advérbios mas substitutos de oração (pro-orações ou pro-textos) *sim*, *não*, *talvez*, *também*, quando retomam, como respostas, enunciados textuais:

Você vai ao cinema? – *Sim.*

Ela fez os exercícios? – *Não*.

Tu não foste escolhido? *Também.*

Estão no mesmo caso as unidades de valor circunstancial (advérbios) que aparecem em orações do tipo seguinte, mas que retomam "estados de coisas" designados ou intuídos anteriormente, que exprimem relações ligadas ao sentido do discurso:

De fato nós saímos cedo.

Isto, *sem dúvida*, está errado.

Estes casos de antitaxe (retomada ou substituição) se combinam com outra camada de estruturação gramatical que é a *hipertaxe* ou *superordenação*, fenômeno pelo qual uma unidade de camada inferior pode funcionar sozinha em camadas superiores. É o caso de advérbios em *-mente* quando saem da camada no nível da palavra para funcionar no nível da cláusula e daí no nível da oração ou do texto, em exemplos como:

Certamente!

Naturalmente!

ambos no nível da oração e do texto, ou em:

Certamente ela não virá hoje.

Todos saíram ilesos, *felizmente*.

Naturalmente ele negará o que disse ontem.

todos no nível da cláusula comentário.

Portanto, a tais advérbios não se há de querer aplicar a série de características canônicas do advérbio que se acha exclusivamente preso às referências do núcleo verbal.

Também merecem referência especial os advérbios que estão no papel de diferençar as orações pelo seu "significado ôntico", isto é, o valor de existência que se atribui ao "estado de coisas" designado pela oração (existência certa, negada, duvidosa, desejada, etc.) 72. É o caso dos advérbios de *negação* e de *dúvida*:

Ele veio / Ele *não* veio

Ela chega / Ela *talvez* chegue

Advérbios de base nominal e pronominal – O advérbio, pela sua origem e significação, se prende a nomes ou pronomes, havendo, por isso, advérbios nominais e pronominais.

Entre os *nominais* se acham aqueles formados de adjetivos acrescidos do "sufixo" *-mente*: *rapidamente* (= de modo rápido), *pessimamente*. Na realidade, ficam a meio caminho, fonológica e morfologicamente, da derivação e da composição (locução).

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Se o nome tem forma para masculino e feminino, junta-se o sufixo ao feminino. Fazem exceção alguns adjetivos terminados em *ês* e *or*, que no português antigo só apresentavam uma forma para ambos os gêneros. Daí dizer-se *portuguesmente* (e não *portuguesamente*); *superiormente* (e não *superioramente*), *melhormente*.

2.ª) Estes advérbios em *-mente* se caracterizam por conservar o acento vocabular de cada elemento constitutivo, ainda que mais atenuado, o que lhes permite, numa série de advérbios, em geral só apresentar a forma em *-mente* no fim: Estuda *atenta* e *resolutamente*. Havendo ênfase, pode-se repetir o advérbio na forma plena:

"Depois, ainda falou *gravemente* e *longamente* sobre a promessa que fizera" [MA *apud* SS.1, § 480].

Entre os *pronominais*, temos:

a) *demonstrativos*: aqui, aí, acolá, lá, cá.

b) *relativos*: onde (em que), quando (em que), como (por que).

c) *indefinidos*: algures, alhures, muito, pouco, que.

d) *interrogativos*: onde?, quando?, como?, por que? (por quê?).

Os advérbios relativos, como os pronomes relativos, servem para referir-se a unidades que estão postas na oração anterior. Nas ideias de lugar empregamos *onde*, em vez de *em que*, *no qual* (e flexões):

A casa *onde* mora é excelente.

Precedido das preposições *a* ou *de*, grafa-se *aonde* e *donde*:

O sítio *aonde* vais é pequeno.

É bom o colégio *donde* saímos.

Ainda como os pronomes relativos, os advérbios relativos podem empregar-se de modo absoluto, isto é, sem referência a antecedente:

Moro onde mais me agrada.

Os advérbios interrogativos de base pronominal se empregam nas perguntas diretas e indiretas em referência ao lugar, tempo, modo ou causa:

Onde está estudando o primo? Ignoro onde estuda.

Quando irão os rapazes? Não sei quando irão os rapazes.

Como fizeram o trabalho? 73. Perguntei-lhes como fizeram o trabalho.

Por que chegaram tarde? Dir-me-ás por que chegaram tarde.

OBSERVAÇÃO: O *Vocabulário Oficial* preceitua que se escreva em duas palavras o advérbio interrogativo *por que*, por estar preocupado em indicar a origem pronominal do advérbio, distinguindo-o de *porque* conjunção, que, na essência, se prende também a uma combinação de *por* + *que*. Melhor seria, seguindo a tradição do idioma, grafar todo *porque* num só vocábulo. Quanto à origem, *por que* e *porque* se identificam: *porque* (e o mesmo vale para *quando* e *como*) não se enquadra apenas como conjunção; *porque*, *quando* e *como* são, em verdade, "expressões adverbiais conjuntivas, isto é, expressões que, sem perderem a sua função adverbial, têm concomitantemente função conjuntiva" [MAg.1, 197].

Adverbialização de adjetivos – Muitos adjetivos, permanecendo imóveis na sua flexão de gênero e número, podem passar a funcionar como advérbio:

Fala *claro* na hora da sua defesa.

Compraram *caro* a fazenda.

Agora estão vivendo *melhor*.

O critério formal de diferenciação das duas classes de modificador (adjetivo: modificador nominal; advérbio: modificador verbal) é a variabilidade do primeiro e a invariabilidade do segundo74:

Eles vendem muito *cara* a fruta. (adjetivo)

Eles vendem *caro* a fruta. (advérbio)

A concordância atrativa e intenções estilísticas e rítmicas podem desfazer as fronteiras acima apontadas.

Intensificação gradual dos advérbios – Há certos advérbios, principalmente os de modo, que podem manifestar uma relação intensificadora gradual, empregando-se, no comparativo e superlativo, de acordo com as regras que se aplicam aos adjetivos:

1 – COMPARATIVO DE
- a) *inferioridade*: Falou *menos* alto *que* (ou *do que*) o irmão.
- b) *igualdade*: Falou *tão* alto *quanto* (ou *como*) o irmão.
- c) *superioridade*:
  - 1) *analítico*: Falou *mais* alto *que* (ou *do que*) o irmão.
  - 2) *sintético*: Falou *melhor* (ou *pior*) *que* (ou *do que*) o irmão.

2 – SUPERLATIVO ABSOLUTO
- a) *sintético*: Falou *pessimamente*, *altíssimo*, *baixíssimo*, *dificílimo*.
- b) *analítico*: Falou *muito* ruim, *muito* alto, *extremamente* baixo, *consideravelmente* difícil, *o mais* depressa possível (indica o limite da possibilidade).

Na realidade, tais intensificações ou gradações do advérbio – como do adjetivo – se expressam por estruturas sintáticas que devem merecer atenção no estudo dos padrões frasais

do português.

3 – Diminutivo com valor de superlativo – Em linguagem familiar pode-se expressar o valor superlativo do advérbio pela sua forma diminutiva, combinada com o valor lexical das unidades que com ele concorrem:

Andar *devagarzinho* (muito devagar, um tanto devagar).

Acordava *cedinho* e só voltava à noitinha.

Saiu *agorinha*.

O diminutivo das fórmulas de recomendação não indica mais lentidão ou ligeireza da realização do fato, mas serve de expressar ou acentuar a recomendação:

Vá *depressinha* apanhar o meu chapéu.

É bom que estudes *devagarinho*.

Observação: Em lugar de *mais bem* e *mais mal* empregam-se *melhor* e *pior*:

"Ninguém conhece *melhor* os interesses do que o homem virtuoso; promovendo a felicidade dos outros assegura também a própria" [MM].

Usa-se, entretanto, de *mais bem* e *mais mal* junto a adjetivos:

"Os esquadrões *mais bem* encavalgados foram despedidos logo em seguimento dos fugitivos" [AH.1, 224].

"Com a maça jogada às mãos ambas abalava e rompia as armas *mais bem* temperadas..." [AH.1, 108].

8 – Preposição

Preposição – Chama-se preposição a uma unidade linguística desprovida de independência – isto é, não aparece sozinha no discurso, salvo por hipertaxe – e, em geral, átona, que se junta a substantivos, adjetivos, verbos e advérbios para marcar as relações gramaticais que elas desempenham no discurso, quer nos grupos unitários nominais, quer nas orações.

Não exerce nenhum outro papel que não seja ser índice da função gramatical de termo que ela introduz.

Em:

Aldenora gosta de Belo Horizonte

a preposição *de* une a forma verbal *gosta* ao seu termo complementar *Belo Horizonte* para ser o índice da função gramatical preposicionada *complemento relativo*.

Já em:

homem de coragem,

a mesma preposição *de* vai permitir que o substantivo *coragem* exerça o papel de *adjunto adnominal* do substantivo *homem* – função normalmente desempenhada por adjetivo. Daí dizer-se que, nestes casos, a preposição é um *transpositor*, isto é, elemento gramatical que habilita uma determinada unidade linguística a exercer papel gramatical diferente daquele que normalmente exerce. Ora, o substantivo normalmente não tem por missão ser palavra modificadora de outro substantivo, razão por que não é comum dizer-se *homem coragem*; para que *coragem* esteja habilitado a assumir o papel gramatical do adjetivo *corajoso* (homem corajoso), faz-se necessário o concurso do transpositor *de*: homem *de coragem*.

Neste papel, o termo anterior à preposição chama-se *antecedente* ou subordinante, e o posterior chama-se *consequente* ou subordinado. O subordinante pode ser substantivo, adjetivo, pronome, verbo, advérbio ou interjeição:

livro de história
útil a todos
alguns de vocês
necessito de ajuda
referentemente ao assunto
ai de mim!

O subordinado é constituído por substantivo, adjetivo, verbo (no infinitivo ou gerúndio) ou advérbio:

casa de *Pedro*
pulou de *contente*
gosta de *estudar*
em chegando
ficou por *aqui*

No exemplo:

De noite todos os gatos são pardos,

o grupo unitário *de noite* exerce na oração o papel de adjunto adverbial; mas o que temos como núcleo é outro substantivo, cujo significado lexical está incluído no amplo campo semântico das designações temporais das partes do dia: *noite*. Impõe-se a presença do transpositor *de* para que o substantivo fique habilitado ou constituindo uma locução adverbial temporal (*de noite*) e assim possa exercer a função de adjunto adverbial na oração acima.

No exemplo primeiro:

Aldenora gosta de Belo Horizonte,

diz-se que a preposição aparece por *servidão gramatical*, isto é, ela é mero índice de função sintática, sem correspondência com uma noção ou categoria gramatical, exigida pela noção léxica do grupo verbal e que, exterior ao falante, impõe a este o uso exclusivo de uma unidade linguística [GGh.1, 99]. É o que ocorre, por exemplo, com "a regência obrigatória de determinada preposição para os objetos que são alvo direto do processo verbal (*tratar de alguma coisa*, etc.)" [MC.4, 217].

Preposição e significado – Já vimos que tudo na língua é semântico, isto é, tudo tem um significado, que varia conforme o papel léxico ou puramente gramatical que as unidades linguísticas desempenham nos grupos nominais unitários e nas orações. As preposições não fazem exceção a isto:

Nós trabalhamos *com* ele, e não *contra* ele.

Contextos deste tipo ressaltam bem o significado de unidades como *com ele* e *contra ele*, auxiliados por diferentes preposições. Todavia, devemos lembrar aqui a noção de *significado unitário* (que não quer dizer significado *único*), exposta nas páginas de introdução.

Ora, cada preposição tem o seu significado unitário, fundamental, primário, que se desdobra em outros significados contextuais (sentido), em acepções particulares que emergem do nosso saber sobre as coisas e da nossa experiência de mundo.

Coseriu lembra, para tanto, o caso da preposição *com*, à qual as gramáticas atribuem englobadamente os significados de "companhia" (*dancei com Marlit*), "modo" (*estudei com prazer*), "instrumento" (*cortei o pão com a faca*), "causa" (*fugiu com medo do ladrão*),

“oposição” (*lutou com o ladrão*), entre outras.

A língua portuguesa só atribui a *com* o significado de “copresença”; o que, na língua, mediante o seu sistema semântico, se procura expressar com esta preposição é que, na fórmula *com* + *x*, *x* está sempre presente no “estado de coisas” designado. Os significados ou sentidos contextuais, analisados pela nossa experiência de mundo e saber sobre as coisas (inclusive as coisas da língua, que constitui a nossa competência linguística) nos permitem dar um passo a mais na interpretação e depreender uma acepção secundária.

Assim, em *cortar o pão com faca*, pelo que sabemos o que é “cortar”, “pão”, “faca”, entendemos que a *faca* não só esteve presente ao ato de “cortar o pão”, mas foi o “instrumento” utilizado para a realização desta ação.

Já em *dancei com Marlit*, emerge, depois da noção da “copresença”, o sentido de “companhia”, pois que em geral não se pratica a dança sozinho.

Em *estudei com prazer*, o *prazer* não só esteve “presente”, mas representou o “modo” de como a ação foi levada a termo.

Mas que a preposição *com* por si não significa “instrumento”, prova-o que esta interpretação não se ajusta a:

Everaldo cortou o pão *com* a Rosa,

pois que, assim como sabíamos o que significa *faca*, sabemos o que é *Rosa*: não se trata de nenhum instrumento cortante, capaz de fatiar o *pão*; teríamos, neste exemplo, uma acepção contextual (sentido) de “ajuda”, ou “companhia”, por esta ou aquela circunstância em que o *pão* se achava e que só o entorno ou situação poderia explicar o conteúdo da oração.

Assim, não se deve perder de vista que, na relação dos “significados” das preposições, há sempre um significado unitário de língua, que se desdobra em sentidos contextuais a que se chega pelo contexto e pela situação.

O sistema preposicional do português, do ponto de vista semântico, está dividido em dois campos centrais: um que se caracteriza pelo traço “dinamicidade” (física ou figurada) e outro em que os traços de noções “estáticas” e “dinâmicas” são indiferentemente marcados ambos, tanto em referência ao espaço quanto ao tempo.[75]

Ao primeiro campo pertencem: *a*, *contra*, *até*, *para*, *por*, *de* e *desde*; ao segundo: *ante*, *trás*, *sob*, *sobre*, *com*, *sem*, *em* e *entre*.

O primeiro grupo admite divisão em dois subgrupos: *a*) movimento de aproximação ao ponto de chegada (*a*, *contra*, *até*, *para*) ; *b*) movimento de afastamento (*de*, *desde*). A preposição *por* se mostra compatível com as duas noções aqui apontadas.

O primeiro subgrupo ainda se pode dividir em duas outras noções suplementares: *a*) “chegada ao limite” (*a*, *até*, *contra*, sendo que a *contra* se adiciona a noção de “limite como obstáculo” ou “confrontamento”); *b*) “mera direção” (*para*).

O segundo subgrupo também admite divisão em duas outras noções de afastamento: *a*) “origem” (*de*); *b*) “mero afastamento” (*desde*).

O segundo grupo admite divisão em dois subgrupos: *a*) situação definida e concreta (*ante*, *trás*, *sob*, *sobre*); *b*) situação mais imprecisa (*com*, *sem*, *em*, *entre*).

O primeiro subgrupo acima ainda se pode dividir em duas outras noções suplementares: *a*)

“situação horizontal” (*ante*, *trás*); *b*) “situação vertical” (*sob*, *sobre*).

O segundo subgrupo também admite divisão em duas outras noções suplementares: *a*) “copresença”, distribuída em “positiva” (*com*) e “negativa” (*sem*) ; *b*) em que a noção de “limite”, dentro da imprecisão que caracteriza o par, marca a preposição *entre*.

Veja adiante o quadro resumo do sistema preposicional do português do ponto de vista semântico.

Unidades convertidas em preposições – No sentido inverso à criação de advérbios ou locuções adverbiais mediante o emprego de preposições combinadas com substantivos (*à noite*, *de tarde*, *com prazer*, etc.), certos advérbios ou outras palavras transpostas à classe de advérbio, e certos adjetivos imobilizados no masculino podem converter-se em preposição:

Fora os alunos, ninguém mais pôde entrar no salão.

Após a chuva, vieram os prejuízos.

Os negociantes foram soltos *mediante* fiança.

Durante o jogo, a torcida cantava o hino do clube.

Também podem converter-se em preposição adjetivos como *exceto*, *salvo*, *visto*, *conforme*, *segundo*, *consoante*, *mediante* e os quantificadores indefinidos *mais* e *menos* quando estão empregados para exprimir não a quantidade, mas a soma e a subtração (***mais*** *estes reais*, ***menos*** *estes reais*; *ele* ***mais*** *o pai*).

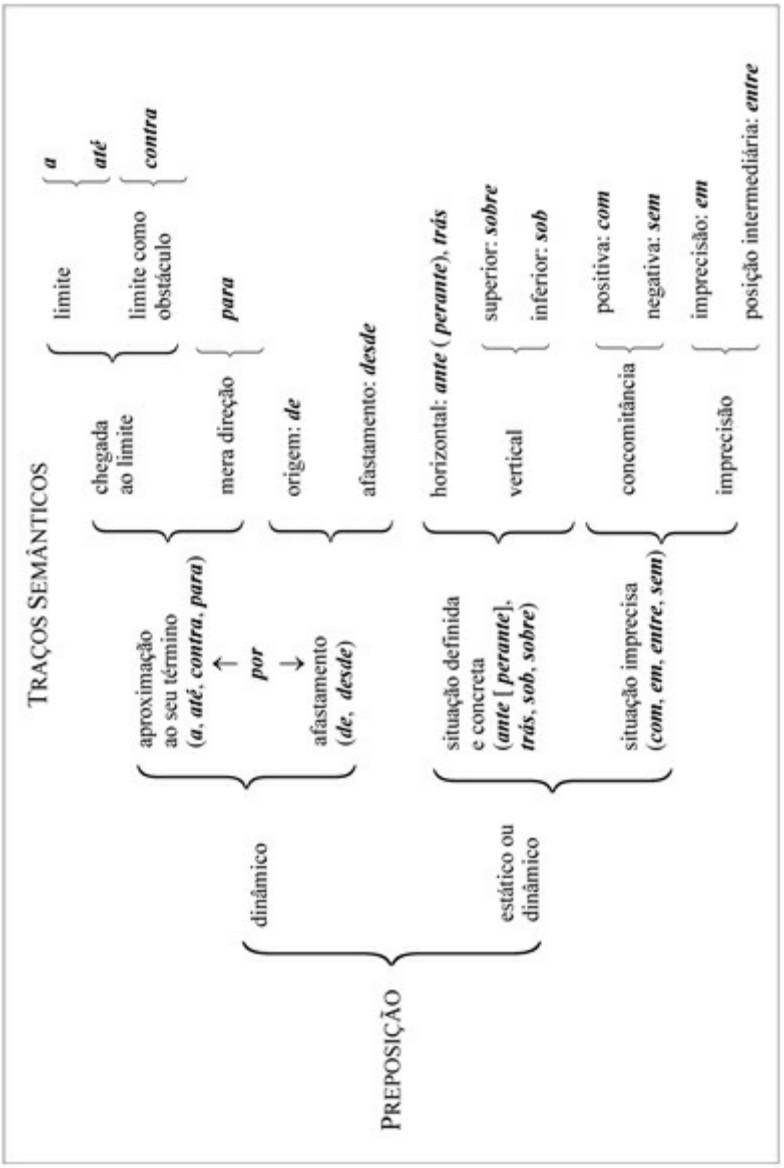

Locução prepositiva – é o grupo de palavras com valor e emprego de uma preposição. Em geral a locução prepositiva é constituída de advérbio ou locução adverbial seguida da preposição *de*, *a* ou *com*:

O garoto escondeu-se *atrás do* móvel.

Não saímos *por causa da* chuva.

O colégio ficava *em frente a* casa.

O ofício foi redigido *de acordo com* o modelo.

Às vezes a locução prepositiva se forma de duas preposições, como: *de per* (na locução *de per si*), *até a* e *para com*.

Foi *até ao* colégio.

Mostrava-se bom *para com* todos.

OBSERVAÇÃO: O substantivo que às vezes entra para formar estas locuções em geral está no singular; mas o plural também é possível: *Viver à custa do pai* (ou *às custas do pai*), *O negócio está em via de solução* (ou *em vias de solução*).

Preposições essenciais e acidentais – Há palavras que só aparecem na língua como preposições e, por isso, se dizem *preposições essenciais*: *a*, *ante*, *até*, *com*, *contra*, *de*,

desde, *em*, *entre*, *para*, *perante*, *por*, *sem*, *sob*, *sobre*, *trás*.

São ACIDENTAIS as palavras que, perdendo seu valor e emprego primitivos, passaram a funcionar como preposições: *durante*, *como*, *conforme*, *feito*, *exceto*, *salvo*, *visto*, *segundo*, *mediante*, *tirante*, *fora*, *afora*, etc.

Só as preposições *essenciais* se acompanham de formas tônicas dos pronomes oblíquos:

Sem *mim* não fariam isso.

Exceto *eu*, todos foram contemplados.

Acúmulo de preposições – Não raro duas preposições se juntam para dar maior efeito expressivo às ideias, guardando cada uma seu sentido primitivo:

Andou *por sobre* o mar.

Estes acúmulos de preposições não constituem uma locução prepositiva porque valem por duas preposições distintas. Combinam-se com mais frequência as preposições: *de*, *para* e *por* com *entre*, *sob* e *sobre*.

"De uma vez olhou *por entre* duas portadas mal fechadas para o interior de outra sala..." [CBr.1, 175].

"Os deputados oposicionistas conjuravam-no a não levantar mão *de sobre* os projetos depredadores" [CBr.1].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Pode ocorrer depois de algumas preposições acidentais (*exceto*, *salvo*, *tirante*, *inclusive*, etc. de sentido exceptivo ou inclusivo) outra preposição requerida pelo verbo, sendo que esta última preposição não é obrigatoriamente explicitada:

Gosto de todos daqui, exceto *ela* (ou *dela*).

Sem razão, alguns autores condenam, nestes casos, a explicitação da segunda preposição (*dela*, no exemplo acima).

Senhoreou-se de tudo, *exceto dos* dois sacos de prata [CBr *apud* MBa.3, 326].

2.ª) Na coordenação, não é necessário repetir as preposições, salvo quando assim o exigirem a ênfase, a clareza ou a eufonia:

Quase não falaram *com* o diretor e repórteres.

Quase não falaram *com* o diretor e *com* os repórteres.

A repetição é mais frequente antes dos pronomes pessoais tônicos e do reflexivo:

Então desde o Nilo ao Ganges / Cem povos armados vi / erguendo torvas falanges / *contra mim* e *contra ti* [Passos *apud* ED.2, § 223, a].

A norma se estende às locuções prepositivas, quando é mais comum a repetição do último elemento da locução:

Antes *do* bem e *do* mal estamos nós.

Quando a preposição se encontra combinada com artigo, deve ser repetida se repetido está o artigo:

"Opor-se *aos* projetos e *aos* desígnios d'alguns" [ED.2]

3.ª) Uma expressão preposicionada indicativa de lugar ou tempo pode ser acompanhada de uma segunda de significado local ou temporal:

Levou-o *para ao* pé da cruz.

Desde pela manhã, esperava novas notícias.

"Nós não fazemos senão andar atrás delas, *desde pela* manhã até a noite, desde a noite *até pela* manhã" [Mesquita *apud* MBa.2, 70].

Trata-se aqui de expressões petrificadas que valem por uma unidade léxica (*ao pé de*, *pela manhã*, etc.) e como tais podem depois ser precedidas de preposição.

Combinação e contração com outras palavras – Diz-se que há *combinação* quando a preposição, ligando-se a outra palavra, não sofre redução. A preposição *a* combina-se com o artigo definido masculino: *a+o = ao; a+os = aos*.

Diz-se que há *contração* quando, na ligação com outra palavra, a preposição sofre redução. As preposições que se contraem são: 76

A

1) com o artigo definido ou pronome demonstrativo feminino:

a + a = à; a + as = às (esta fusão recebe o nome de *crase*)

2) com o pronome demonstrativo:

a + aquele = àquele; a + aqueles = àqueles (crase)
a + aquela = àquela; a + aquelas = àquelas (crase)
a + aquilo = àquilo (crase)

Observações:

1.ª) Muitas vezes a ligação ou não da preposição à palavra seguinte depende da necessidade de garantir a clareza da mensagem, amparada por entoação especial:

> "Para Saussure a "ciência" dos signos era para ser um ramo da psicologia social, e a linguística uma subespécie deste ramo *apesar de a* mais importante" [JDe.1, 20].

M. Bandeira sentiu necessidade de não proceder à crase em *a aquela*, no exemplo:

> "Para tudo isso, porém, existe a adesão em massa. É o maior medo de Oswald de Andrade. De fato nada resiste *a aquela* estratégia paradoxal" [MB.2, 248].

2.ª) Não se combina o artigo quando este é parte integrante do sintagma nominal, como no seguinte exemplo:

> Há quem conheça o que se decidiu chamar *de o espírito carioca*.

É pela mesma razão de conservar a integridade que se deve evitar fazer a combinação da preposição com a palavra inicial dos títulos de livros, jornais e demais periódicos:

> *de* Os Lusíadas; *em* Os Sertões.

Também é preferível não se usar apóstrofo (*d'Os Lusíadas*), nem a repetição do artigo (*dos Os Lusíadas*).

> A prática dos escritores se mostra muito indecisa neste particular [AK.2, 55].

De

1) com o artigo definido masculino e feminino:

de + o = do; de + a = da; de + os = dos; de + as = das

2) com o artigo indefinido (menos frequente):

de + um = dum; de + uns = duns
de + uma = duma; de + umas = dumas

3) com o pronome demonstrativo:

de + aquele = daquele; de + aqueles = daqueles
de + aquela = daquela; de + aquelas = daquelas
de + aquilo = daquilo
de + esse = desse; de + esses = desses; de + este = deste; de + estes = destes
de + essa = dessa; de + essas = dessas; de + esta = desta; de + estas = destas
de + isso = disso; de + isto = disto

4) com o pronome pessoal:

de + ele = dele; de + eles = deles
de + ela = dela; de + elas = delas

5) com o pronome indefinido:

de + outro = doutro; de + outros = doutros
de + outra = doutra; de + outras = doutras

6) com advérbio:

de + aqui = daqui; de + aí = daí; de + ali = dali, etc.

Em

1) com o artigo definido, graças à ressonância da nasal:

em + o = no; em + os = nos; em + a = na; em + as = nas

2) com o artigo indefinido:

em + um = num; em + uns = nuns
em + uma = numa; em + umas = numas

3) com o pronome demonstrativo:

em + aquele = naquele; em + aqueles = naqueles
em + aquela = naquela; em + aquelas = naquelas
em + aquilo = naquilo
em + esse = nesse; em + esses = nesses; em + este = neste; em + estes = nestes
em + essa = nessa; em + essas = nessas; em + esta = nesta; em + estas = nestas
em + isso = nisso; em + isto = nisto

4) com o pronome pessoal:

em + ele = nele; em + eles = neles
em + ela = nela; em + elas = nelas

Per – com as formas antigas do artigo definido:

per + lo = pelo; per + los = pelos; per + la = pela; per + las = pelas

Para (*pra*) – com o artigo definido:

para (pra) + o = pro; para (pra) + os = pros; para (pra) + a = pra; para (pra) + as = pras

***Co*(*m*)** – com artigo definido, graças à supressão da ressonância nasal (ectlipse):

co(m) + o = co; co(m) + os = cos; co(m) + a = coa; co(m) + as = coas

A preposição e sua posição – Em vez de vir entre o termo subordinante e o subordinado, a preposição, graças à possibilidade de outra disposição das palavras, pode vir aparentemente sem o primeiro:

Por lá *todos* ***passaram***.
(subordinado) (subordinante)
Os primos ***estudaram com José***.
(subordinante) (subordinado)
Com José *os primos* ***estudaram***.
(subordinado) (subordinante)
"*Quem há de resistir*?
Resistir quem há de?" [LG]

Principais preposições e locuções prepositivas

a	de	exceto
abaixo de	de acordo com	fora de
acerca de, cerca de	debaixo de	junto a
acima de	de cima de	junto de

a fim de
à frente de
ante
antes de
ao lado de
ao longo de
ao redor de
a par com
apesar de
após
após de
a respeito de
à roda de
até
até a
atrás de
através de
com
como
conforme
consoante
contra
de conformidade com
defronte de
dentre
dentro
dentro de
dentro em
desde, dês
detrás de
diante de
durante
em
embaixo de
em cima de
em favor de
em frente de
em lugar de
em prol de
em razão de
em troco de
em vez de
entre
mediante
na conta de
não obstante
para
para com
per
por
por baixo de
por cima de
por defronte de
por dentro de
por detrás de
por diante de
por meio de
quanto a, enquanto a
segundo
sem
sem embargo de
sob
sobre
trás

Emprego da preposição

1) ***A***

Esta preposição aparece nos seguintes principais empregos:

a) Introduz complementos verbais (objetos indiretos) e nominais representados por nomes ou

pronomes oblíquos tônicos:

"Perdoamos mais vezes *aos nossos inimigos* por fraqueza, que por virtude" [MM].

"O nosso amor próprio é muitas vezes contrário *aos nossos interesses*".

"A força é hostil *a si própria*, quando a inteligência a não dirige" [MM].

b) Introduz objetos diretos:

"O mundo intelectual deleita *a poucos*, o material agrada *a todos*" [MM].

"O homem que não é indulgente com os outros, ainda se não conhece *a si próprio*" [MM].

c) Prende infinitivos a certos verbos que o uso ensinará:

"Os homens, dizendo em certos casos que vão falar com franqueza, parecem *dar a entender* que o fazem por exceção de regra" [MM].

Geralmente tais verbos indicam a causa, o início, a duração, a continuação ou o termo de movimento ou extensão da ideia contida no verbo principal. Os principais são: abalançar-se, acostumar-se, animar-se, anuir, aparelhar-se, aprender, apressar-se, arrojar-se, aspirar, atender, atrever-se, autorizar, aventurar-se, chegar, começar (também com *de* e *por*), concorrer, condenar, continuar, costumar, convidar (também com *para*), decidir-se, entrar, estimular, excitar-se, expor-se, habilitar-se, habituar-se, meter-se, obrigar, pôr-se, principiar, resolver-se, vir.

d) Prende infinitivos a certos verbos, formando locuções equivalentes e gerúndios de sentido progressivo:

"*Anda visitando* os defuntos? disse-lhe eu. Ora defuntos! respondeu Virgília com um muxoxo. E depois de me apertar as mãos: – *Ando a ver* se ponho os vadios para a rua" [MA *apud* SS.1, 309].

e) Introduz infinitivo designando condição, hipótese, concessão, exceção:

A ser verdade o que dizes, prefiro não colaborar.

"A filha estava com quatorze anos; mas era muito fraquinha, e não fazia nada, *a não ser* namorar os capadócios que lhe rondavam a rótula" [MA.1, 201].

f) Introduz ou pode introduzir o infinitivo da oração substantiva subjetiva do verbo *custar*:

"Custou-lhe muito *a aceitar* a casa" [MA.1, 194].

g) Introduz numerosas circunstâncias, tais como:

1) termo de movimento ou extensão:

"Nesse mesmo dia levei-os *ao Banco do Brasil*" [MA.1, 151].

OBSERVAÇÃO: Com os advérbios *aqui*, *lá*, *cá* e semelhantes não se emprega preposição:

"Vem *cá*, Eugênia, disse ela..." [MA.1, 96].

2) tempo em que uma coisa sucede:

"Indaguei do guarda; disse-me que efetivamente "esse sujeito" ia por ali às vezes. – *A* que horas?" [MA.1, 172].

3) fim ou destino:

"... apresentaram-se *a* falar ao imperador" [RP *apud* FB.1, 145].

Tocar *à* missa (= para assistir à missa).

Tocar o sino *a* ave-marias [EQ.5, 217].

4) meio, instrumento e modo:

matar à fome, fechar à chave, vender a dinheiro, falar aos gritos, escrever a lápis, viver a frutas, andar a cavalo.

Com os verbos *limpar*, *enxugar*, *assoar* indicamos de preferência o instrumento com *em*, e os portugueses com *a*: "limpar as lágrimas *no lenço*", "limpar as lágrimas *ao lenço*".

5) lugar, aproximação, contiguidade, exposição a um agente físico:

"Vejo-a a assomar *à porta* da alcova..." [MA.1, 14].

Estar *à janela*, ficar *à mesa*, *ao portão*, *ao sol*, falar *ao telefone*

6) semelhança, conformidade:

"Não sai *a nós*, que gostamos da paz..." [MA *apud* SS.1, 310].

"Desta vez falou *ao modo bíblico*" [MA *apud* SS.1].

Quem puxa *aos seus* não degenera.

7) distribuição proporcional, gradação:

um *a* um, mês *a* mês, pouco *a* pouco

OBSERVAÇÃO: Diz-se *pouco a pouco*, *pouco e pouco*, *a pouco e pouco*.

"*Pouco a pouco* muitas graves matronas... se tinham alongado da corte para suas honras e solares" [AH.3, 21].

8) preço:

A como estão as maçãs? *A* um real o quilo.

9) posse:

Tomou o pulso *ao* doente (= do doente).

10) forma numerosas locuções adverbiais:

à pressa, às pressas, às claras, às ocultas, às cegas, a granel, a rodo, etc.

Emprego do *à* acentuado – Emprega-se o acento grave no *a* para indicar que soa como vogal aberta nos seguintes dois casos:

1.º) quando representa a construção da preposição *a* com o artigo *a* ou o início de *aquele*(*s*), *aquela*(*s*), *aquilo*, fenômeno que em gramática se chama crase:

Fui *à* cidade.

O verbo *ir* pede a preposição *a*; o substantivo *cidade* pede o artigo feminino *a*: Fui *a a* cidade.

2.º) quando representa a *pura preposição a* que rege um substantivo feminino singular, formando uma locução adverbial que, por motivo de clareza, vem assinalada com acento diferencial:

à força, à míngua, à bala, à faca, à espada, à fome, à sede, à pressa, à noite, à tarde, etc. [SA.4, 11-23; CR.2, 233; ED.2, §§ 58 e 156; SL.1, 224].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) *Crase* é um fenômeno fonético que se estende a toda fusão de vogais iguais, e não só ao *a* acentuado.

2.ª) Não há razão para condenar-se o verbo *crasear* para significar "pôr o acento grave indicativo da crase". O que se não deve é chamar *crase* ao acento grave:

"Alencar *craseava* a preposição simples *a*" [JO.3, 27].

Ocorre a crase nos seguintes casos principais:

a) diante de palavra feminina, clara ou oculta, que não repele artigo:

Fui *à* cidade.

Dirigia-se *à* Bahia e depois *a* Paris.

Para sabermos se um substantivo feminino não repele artigo, basta construí-lo em orações em que apareçam regidos das preposições *de*, *em*, *por*. Se tivermos puras preposições, o nome dispensa artigo; se tivermos necessidade de usar, respectivamente *da*, *na*, *pela*, o artigo será obrigatório:

Fui *à* Gávea { Venho *da* Gávea / Moro *na* Gávea / Passo *pela* Gávea

Fui *a* Copacabana { Venho *de* Copacabana / Moro *em* Copacabana / Passo *por* Copacabana

Observações:

1.ª) O nome que sozinho dispensa artigo, pode tê-lo quando acompanhado de adjetivo ou locução adjetiva:

Fui *à* Copacabana de minha infância { Venho *da* Copacabana de minha infância. / Moro *na* Copacabana de minha infância. / Passo *pela* Copacabana de minha infância.

Assim se diz: Irei *à* casa paterna.

2.ª) Se for facultativo, nas condições acima, o emprego de *de* ou *da*, *em* ou *na*, *por* ou *pela*, será também facultativo o emprego do *a* acentuado:

Fui { *à* / *a* } França { Venho { *da* / *de* } França / Moro { *na* / *em* } França / Passo { *pela* / *por* } França

b) diante do artigo *a* e dos demonstrativos *aquele*, *aquela*, *aquilo*:

Referiu-se { à / *àquele* / *àquela* / *àquilo* } { que estava do seu lado

c) diante de possessivo em referência a substantivo oculto:

Dirigiu-se àquela casa e não *à* sua.

d) diante de locuções adverbiais constituídas de substantivo feminino plural:

às vezes, às claras, às ocultas, às escondidas, às três da manhã.

Não ocorre a crase nos seguintes casos principais:

a) diante de palavra de sentido indefinido:

Falou a { uma / certa / qualquer / cada / toda } pessoa

OBSERVAÇÃO: Há acento antes do numeral *uma*: Irei vê-la à uma hora.

b) diante dos pronomes relativos *que* (quando o *a* anterior for uma preposição), *quem*, *cuja*:

Está aí a pessoa *a* que fizeste alusão.
O autor *a* cuja obra a crítica se referiu é muito pouco conhecido.
Ali vai a criança *a* quem disseste a notícia.

c) diante de verbo no infinitivo:

Ficou *a* ver navios.
Livro *a* sair em breve.

d) diante de pronome pessoal e expressões de tratamento como V. Ex.ª, V.S.ª, V. M., etc.:

Não disseram *a* ela e *a* você toda a verdade.
Requeiro *a* V. Ex.ª com razão.

e) nas expressões formadas com a repetição de mesmo termo (ainda que seja um nome feminino), por se tratar de pura preposição:

frente *a* frente, cara *a* cara, face *a* face, gota *a* gota

f) diante da palavra *casa* quando desacompanhada de adjunto:

Irei *a* casa logo mais (cf. Entrei *em* casa; Saí *de* casa).

A crase é facultativa nos seguintes casos principais:

a) antes de pronome possessivo com substantivo feminino claro:

Dirigiu-se { *à* / *a* } minha casa, e não à sua

No português moderno dá-se preferência ao emprego do possessivo com artigo e, neste caso, ao *a* acentuado.

b) antes de nome próprio feminino:

As alusões eram feitas { *à* / *a* } Ângela

c) antes da palavra *casa* quando acompanhada de expressão que denota o dono ou morador, ou qualquer qualificação:

Irei { *à* / *a* } casa de meus pais

OBSERVAÇÕES:

1.ª) É preciso não identificar *crase* e *craseado* com acento e acentuado. Em tempos passados, principalmente entre os românticos, a preposição pura *a* era em geral acentuada, ainda diante de masculino, sem que isso quisesse indicar *a* craseado. Daí os falsos erros que se apontam em escritores dessa época, mormente em J. de Alencar.

2.ª) Deve-se usar *dormir a sesta*, e não *dormir à sesta*; *levá-lo a breca*, e não *levá-lo à breca*; *tudo está indo a breca*; *ele teria levado a breca*.

2) *Até*

Esta preposição indica o limite, o termo de movimento, e, acompanhando substantivo com artigo (definido ou indefinido) pode vir ou não seguida da preposição *a*:

Caminharam *até* { a / à } escola

"Ouvido isto, o desembargador comoveu-se *até às* lágrimas, e disse com mui entranhado afeto" [CBr.1, 67].

"... e prometem ser-lhe amparo *até ao* fim" [CBr.1, 77].

"Albernaz saiu fora da roda dos amigos e foi *até a* um canto da sala..." [LB *apud* SS.1, § 496].

É preciso distinguir a preposição da palavra de inclusão *até* que se usa para reforçar uma declaração com o sentido de "inclusive", "também", "mesmo", "ainda". A preposição pede pronome pessoal oblíquo tônico e a palavra de inclusão pede pronome pessoal reto:

Ele chegou *até mim* e disse toda a verdade.

Até eu recebi o castigo.

3) *Com*

Aparece nas circunstâncias de companhia, ajuntamento, simultaneidade, modo, maneira, meio, instrumento, causa, concessão (principalmente seguida de infinitivo), oposição:

"Quando os bons capitulam *com* os maus sancionam a própria ruína" [MM].

"Nunca agradecemos *com* tanto fervor como quando esperamos um novo favor" [MM].

"A economia *com* o trabalho é uma preciosa mina de ouro" [MM].

"Somos atletas na vida; lutamos *com* as paixões dos outros homens e *com* as nossas" [MM].

"Queremos governos perfeitos *com* homens imperfeitos: disparate" [MM].

"O silêncio *com* ser mudo não deixa de ser por vezes um grande impostor" [MM].

"A sociedade política nasceu da família; mas a família não acabou *com* (= temporal) a existência da sociedade" [AH.2, 144].

Inicia o complemento de muitos verbos e nomes (complemento relativo e complemento nominal):

"O lisonjeiro conta sempre *com* a abonação do nosso amor-próprio" [MM].

"O homem que não é indulgente *com* os outros, ainda se não conhece a si próprio" [MM].

4) *Contra*

Denota oposição, direção contrária, hostilidade:

Lutava *contra* tudo e *contra* todos.

Remar *contra* a maré

Votar *contra* alguém

Condenam bons mestres como galicismo o emprego desta preposição depois do verbo *apertar*, *estreitar* (e sinônimos), apesar dos exemplos de escritores corretos, uso que se vai generalizando:

"*Apertei contra* o coração o punho da espada" [AH.5, I, 37].

"E Dulce caiu nos braços do guerreiro trovador, que desta vez a *estreitou contra* o peito..." [AH.3, 144].

Também se considera como galicismo *contra* no sentido de "em troca de", bem como no sentido de "junto a", "ao lado de":

Dar a mercadoria *contra* recibo (por *mediante recibo*).

Encostar o móvel *contra* a parede (por *junto à parede*).

5) ***De***

a) Introduz complemento de verbos (complemento relativo) e nomes (complemento nominal) que o uso ensinará:

"Os sábios vivem ordinariamente solitários: receiam-se *dos velhacos*, e não podem tolerar os tolos" [MM].

"O temor *da morte* é a sentinela da vida" [MM].

b) Indica a circunstância de lugar donde, origem, ponto de partida dum movimento ou extensão (no tempo e no espaço), a pessoa ou coisa de que outra provém ou depende, em sentido próprio ou figurado e o agente da passiva (por ser o ponto de partida da ação), principalmente com os verbos que exprimem sentimento e manifestação de sentimentos:

"A maior parte dos erros em que laboramos neste mundo provém *da falsa definição*, ou *das noções falazes* que temos do bem e do mal" [MM].

"A doçura e beleza *das mulheres* parecem inculcar que são anjos e serafins que desceram *dos céus* e se humanaram na terra" [MM].

"Sancionada a virtude só pela opinião pública, ela desaparece *da* vida doméstica e *de* todos aqueles lugares não vistos *da multidão*" [AH.2, 143].

OBSERVAÇÃO: Modernamente o agente da passiva se rege mais de *por*.

c) Indica a pessoa, coisa, grupo ou série a que pertence ou de que se salienta, por qualquer razão, o nome precedido de preposição:

"A credulidade e confiança *de* muitos tolos faz o triunfo *de* poucos velhacos" [MM].

d) Indica a matéria de que uma coisa é feita:

"... ela só lhe aceitava sem relutância os mimos *de* escasso preço, como a cruz *de* ouro, que lhe deu, uma vez, de festas" [MA.1, 54].

e) Indica a razão ou a causa por que uma coisa sucede:

"O luxo, como o fogo, devora tudo e perece *de* faminto" [MM].

Cantar de alegria, morrer *de* medo.

f) Indica o assunto ou o objeto de que se trata:

"Dizer-se *de* um homem que tem juízo é o maior elogio que se lhe pode fazer" [MM].

g) Indica o meio, o instrumento ou modo, em sentido próprio ou figurado:

"O espírito vive *de* ficções, como o corpo se nutre *de* alimentos" [MM].

h) Indica a comparação, hoje principalmente na expressão *do que*:

São mais *de* três horas.

i) Indica a posição, o lugar:

"Sucede frequentes vezes admirarmos *de* longe o que *de* perto desprezamos" [MM].

j) Indica medida:

Copo *de* leite (= o leite na medida do copo), copo *d*'água, garrafa *de* vinho

OBSERVAÇÃO: Pode-se dizer também: *copo com leite*, *com água*, mas aí não se visa à medida, mas ao conteúdo.

l) Indica o fim, principalmente com infinitivo:

Dá-me *de* beber um copo d'água.

m) Indica o tempo:

De noite todos os gatos são pardos.

n) Ligando dois substantivos, imediatamente ou por intermédio de certos verbos, serve para caracterizar e definir uma pessoa ou coisa:

"O homem *de* juízo aproveita, o tolo desaproveita a experiência própria" [MM].

Rua *do* Ouvidor.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Nas denominações de ruas, escolas, teatros, monumentos, edifícios, festas religiosas e casas comerciais, e em circunstâncias que tais, se costuma omitir a preposição sem que haja regra fixa para tal critério: Avenida Rio Branco, Colégio Pedro II (mas Rua *do* Ouvidor, Praça *da* República).

2.ª) Usa-se a preposição *de* nas datas: 26 *de* fevereiro. Não é praxe da língua omiti-la nestas circunstâncias. Do mesmo modo, diz-se *o ano de 1928*, embora aqui se possa também empregar *o ano 1928*.

o) Indica o todo depois de palavras que significam parte:

A maioria *dos* homens, um terço *dos* soldados, um punhado *de* bravos; um pouco (ou uma pouca) *de* água.

OBSERVAÇÃO: Depois dos comparativos *maior*, *menor*, etc. pode ser substituído por *entre*: O maior *de* todos (= *entre* todos).

p) Indica modo de ser, semelhança, e normalmente vem precedendo predicativo:

"Muitos figuram *de* Diógenes, para se consolarem de não poderem ser Alexandres" [MM].

q) Liga adjetivo étnico ou gentílico aos substantivos *nação*, *nascimento*, *origem*:

brasileiro *de* nascimento, alemão *de* origem

r) Pode equivaler a *desde*:

Havia meio século *da* (= *desde a*) descoberta.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Note-se a fórmula *é de* com o sentido de *é próprio de*: "*É da* natureza humana que muitos homens trabalhem para manter os poucos que se ocupam em pensar para eles, instruí-los e governá-los" [MM].

2.ª) Em construção do tipo *acusar de negligente*, *presumir de formosa*, "explicam-se geralmente pela omissão de um verbo atributivo (*ser*, *estar*, etc.) ou pela fusão da construção do adjetivo com a de substantivo no mesmo lugar" [MBa.5, 297]. *Acusar de negligente* = *acusar de ser negligente*, *acusar de sua negligência*.

Não ocorre esta preposição nos seguintes principais casos:

a) em construções de tipo:

A primeira coisa que fiz foi vir a Madri (e não *foi de vir*).

b) "com os verbos e adjetivos que significam afastamento ou diferença, e com os que envolvem a ideia de aumento ou diminuição, superioridade ou inferioridade, a designação da medida que não tem preposição" [ED.1, § 125; JM.1, II, 46-47]:

Aumentar um centímetro (e não *aumentar de um*).

Este número excede aquele duas dezenas (e não *excede de duas dezenas*).

Mais novo alguns meses (e não *mais novo de alguns meses*).

c) depois do verbo *consistir*:

A prova consiste em duas páginas mimeografadas (e *não consiste de duas*).

NOTA: Os puristas, sem maiores exames, têm tachado de galicismo a expressão *de resto* (= quanto ao mais). Além de usada por grandes escritores, tem raízes no latim *de reliquo*.

6) *Em*

Denota:

a) lugar onde, situação, em sentido próprio ou figurado:

"Formam-se mais tempestades *em* nós mesmos que *no* ar, *na* terra e *nos* mares" [MM].

OBSERVAÇÃO: Com alguns verbos, para se exprimir esta circunstância, se emprega um pronome oblíquo átono em lugar da expressão introduzida por *em*:

"Pulsa-*lhe* (= nele) aquele afeto verdadeiro" [MA].

Não *me* toque. Bateu-*nos*. Mexeu-*lhe*.

b) tempo, duração, prazo:

"Os homens *em* todos os tempos, sobre o que não compreenderam, fabularam" [MM].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Precedendo um gerúndio, a preposição *em* aparece nas circunstâncias de tempo, condição ou hipótese:

"Ninguém, desde que entrou, *em* lhe *chegando* o turno, se conseguirá evadir à saída" [RB].

2.ª) Para denotar o espaço ou decurso de tempo usa-se a preposição *em* em concorrência a *dentro de* ou *daqui a*, emprego que alguns estudiosos, com exagero, veem como abuso ou imitação do francês [MBa.5, 75]:

Em cinco minutos irei atendê-lo.

c) modo, meio:

Foi *em pessoa* receber os convidados.

Pagava *em cheque* tudo o que comprava.

d) a nova natureza ou forma em que uma pessoa ou coisa se converte, disfarça, desfaz ou divide:

"O homem de juízo converte a desgraça *em* ventura, o tolo muda a fortuna *em* miséria" [MM].

Dar *em* doido.

e) preço, avaliação:

A casa foi avaliada *em* milhares de reais.

f) fim, destinação:

Vir *em* auxílio. Tomar *em* penhor. Pedir *em* casamento.

g) estado, qualidade ou matéria:

General *em* chefe. Ferro *em* brasa. Imagem *em* barro. Gravura *em* aço.

OBSERVAÇÃO: Tem-se, sem maior exame, condenado este emprego da preposição *em* como galicismo. Tem-se também querido evitar a expressão *em questão*, por se ter inspirado em modo de falar francês; mas é linguagem hoje comuníssima e corrente nas principais línguas literárias modernas.

h) causa, motivo (geralmente antes do infinitivo):

"Há povos que são felizes *em* não ter mais que um só tirano" [MM].

i) lugar para onde se dirige um movimento, sucessão, em sentido próprio ou figurado:

Saltar *em* terra. Entrar *em* casa. De grão *em* grão.

OBSERVAÇÃO: A língua padrão não agasalha este emprego com os verbos *vir*, *chegar*, preferindo a preposição *a*: Ir *à* cidade; chegar *ao* colégio.

j) forma, semelhança, significação de um gesto ou ação:

"Resoluta estendeu os braços, juntando as mãos *em* talhadeira e arrojou-se d'alto, mergulhando..." [CN *apud* SS.1, § 506, 7].

7) ***Entre***

Denota posição intermediária no espaço ou no tempo, em sentido próprio ou figurado:

"*Entre* o queijo e o café, demonstrou-me Quincas Borba que o sistema era a destruição da dor" [MA.1, 301].

Como as outras preposições, rege pronome oblíquo tônico, de modo que se diz *entre mim e ti*, *entre ele e mim*, *entre você e mim*, etc.

"Por que vens, pois, pedir-me adorações quando *entre mim e ti* está a cruz ensaguentada do Calvário...?" [AH.1, 46-47].

A língua exemplar evita exemplos como *entre eu e tu*, *entre eu e eles*, *entre eles e eu* e semelhantes. Deste último caso, em que o pronome reto não vem junto da preposição *entre* ocorrem alguns exemplos literários que a tradição do idioma evita:

"Odeio toda a gente / com tantas veras d'almas e tão profundamente /, que me ufano de ouvir que *entre eles e eu* existe / separação formal" [AC.4, 11-12].

8) ***Para***

Denota:

a) a pessoa ou coisa em proveito ou prejuízo de quem uma ação é praticada (objeto indireto, complemento relativo ou complemento nominal):

"Aborrecemos o absolutismo nos outros, porque o cobiçamos *para* nós mesmos" [MM].

"A preguiça nos maus é salutar *para* os bons" [MM].

b) a pessoa a que se atribui uma opinião (dativo livre):

"O pedir *para* quem não tem vergonha é menos penoso que trabalhar" [MM].

c) fim, destinação:

"A filha deu-me recomendações *para* Capitu e *para* minha mãe" [MA *apud* SS.1, 509, b].

d) fim:

"O ambicioso, *para* ser muito, afeta algumas vezes não valer nada" [MM].

e) termo de movimento, direção para um lugar com a ideia acessória de demora ou destino:

Foi *para* Europa.

OBSERVAÇÃO: Denota apenas "o lugar onde" em construções do tipo: Ele está agora *para* o Norte.

f) tempo a que se destina um objeto ou ação, ou para quando alguma coisa se reserva:

"Faz *para* as matanças seis anos que você justou comigo uma porca por 4 moedas..." [CBr *apud* JM.1, II, 49].

Vou aí *para* as seis horas.

9) ***Por*** (e ***per***)

Denota:

a) lugar por onde, em sentido próprio ou figurado:

"Tais eram as reflexões que eu vinha fazendo, *por* aquele Valongo fora, logo depois de ver e ajustar a casa" [MA.1,

190].

b) meio:

Puxar *pelo* paletó, rezar *pelo* livro, segurar *pelos* cabelos, levar *pela* mão, ler *pelo* rascunho, contar *pelos* dedos, enviar *pelo* correio.

c) modo:

Repetir *por* ordem, estudar *por* vontade.

"Louvamos *por* grosso, mas censuramos *por* miúdo" [MM].

d) distribuição:

Várias vezes *por* dia.

e) divisão, indicando a pessoa ou coisa que recebe o quinhão:

Distribuir *pelos* pobres, repartir *pelos* amigos, dividir *por* três a herança.

f) substituição, troca, valor igual, preço:

Comer gato *por* lebre.

"O barão dizia ontem, no seu camarote, que uma só italiana vale *por* cinco brasileiras" [MA.1, 183].

g) causa, motivo:

"O amor criou o Universo que *pelo* amor se perpetua" [MM].

"Muitos se abstêm *por* acanhados do que outros fogem *por* virtuosos" [MM].

h) nos juramentos e petições, designando a pessoa ou coisa invocada para firmar o juramento e para interceder:

jurar *pela* sua honra, pedir *pela* saúde de alguém [ED.1, § 163, b].

i) em favor de, em prol de:

Morrer *pela* pátria, lutar *pela* liberdade.

j) tempo, duração:

"Qual é aquele que, assentado, *por* noite de luar e serena sobre uma fraga marinha, não sente irem-se-lhe os olhos...?" [AH.2, 159].

l) agente da passiva:

"As mulheres são melhor dirigidas *pelo* seu coração do que os homens *pela* razão" [MM].

m) depois dos nomes que exprimem disposição ou manifestação de disposição de ânimo para com alguma coisa:

"A paixão *pelo* jogo pressupõe ordinariamente pouco amor *pelas* letras" [MM].

OBSERVAÇÃO: Não procede mais o ter-se como errônea a construção com *por*, nestes casos, porque, no português contemporâneo, o uso de *de* se especializou no sentido de genitivo objetivo. No português de outros tempos, *amor de Deus* era tanto o que consagramos a ele (genitivo objetivo) ou o que ele tem, o que nos consagra (genitivo subjetivo). Em lugar de *amor pelas letras* diz-se também corretamente *amor às letras*. Quando nos casos de genitivo objetivo pode ocorrer ambiguidade com o emprego da preposição *de*, costuma-se substituir esta preposição por *contra* (se o nome designa sentimento hostil) ou *para com* (se o sentimento é benévolo): Guerra *contra* os inimigos e respeito *para com* todos.

n) fim (em vez de *para*):

"Forcejava *por* obter-lhe a benevolência, depois a confiança" [MA.1, 194].

o) introduzindo o predicativo do objeto direto, denota qualidade, estado ou conceito em que se tem uma pessoa ou coisa:

Ter alguém *por* sábio. Enviar alguém *por* embaixador. Tenho *por* certo que ele virá.

OBSERVAÇÃO: Neste emprego pode ser substituída pela preposição *como*, apesar da crítica injusta dos puristas.77

9 – CONJUNÇÃO

Conector e transpositor – A língua possui unidades que têm por missão reunir orações num mesmo enunciado.

Estas unidades são tradicionalmente chamadas conjunções, que se repartem em dois tipos: *coordenadas* e *subordinadas*.

As conjunções coordenadas reúnem orações que pertencem ao mesmo nível sintático: dizem-se *independentes* umas das outras e, por isso mesmo, podem aparecer em enunciados separados.

Pedro fez concurso para medicina, *e* Maria se prepara para a mesma profissão.

Podíamos dizer desta maneira, em dois enunciados independentes:

Pedro fez concurso para medicina.
Maria se prepara para mesma profissão.

Daí ser a conjunção coordenativa um *conector*.

Como sua missão é reunir unidades independentes, pode também "conectar" duas unidades menores que a oração, desde que do mesmo valor funcional dentro de mesmo enunciado. Assim:

Pedro *e* Maria (dois substantivos)
Ele *e* ela (dois pronomes)
Ele *e* Maria (um pronome e um substantivo)
rico *e* inteligente (dois adjetivos)
ontem *e* hoje (dois advérbios)
saiu *e* voltou (dois verbos)
com *e* sem dinheiro (duas preposições)

Bem diferente é, entretanto, o papel da conjunção subordinada. No enunciado:

Soubemos que vai chover,

a missão da conjunção subordinada é assinalar que a oração que poderia ser sozinha um enunciado:

Vai chover

se insere num enunciado complexo em que ela (*vai chover*) perde a característica de enunciado independente, de oração, para exercer, num nível inferior da estruturação gramatical, a função de *palavra*, já que *vai chover* é agora objeto direto do núcleo verbal *soubemos*.

Assim, a conjunção subordinativa é um *transpositor* de um enunciado que passa a uma função de palavra, portanto de nível inferior dentro das camadas de estruturação gramatical. Diz-se, por isso, que *que vai chover* é uma oração "degradada" ao nível da palavra, e isto se deveu ao fenômeno de *hipotaxe* ou *subordinação*.

A oração degradada ou subordinada passa a exercer uma das funções sintáticas próprias do substantivo, do adjetivo e do advérbio, como veremos mais adiante.

Podemos aproximar o papel do transpositor *que* ao pronome relativo – que é um transpositor de oração degradada ao nível do adjetivo – e das preposições que, como vimos, transpõem uma unidade a exercer papel de outra unidade. Na oração *Ninguém é de ferro*, a preposição *de* transpõe o substantivo *ferro* à função de predicativo por ter *de ferro* passado a equivalente de adjetivo [AL.1, 229].

Conectores ou conjunções coordenativas – Os conectores ou conjunções coordenativas são de três tipos, conforme o significado com que envolvem a relação das unidades que unem: *aditivas*, *alternativas* e *adversativas*.

Conjunções aditivas – A aditiva apenas indica que as unidades que une (palavras, grupos de palavras e orações) estão marcadas por uma relação de adição. Temos dois conectores aditivos: *e* (para a adição das unidades positivas) e *nem* (para as unidades negativas). Vejam-se os exemplos extraídos do Marquês de Maricá:

O velho teme o futuro *e* se abriga no passado.

Uma velhice alegre *e* vigorosa é de ordinário a recompensa da mocidade virtuosa.

A pobreza *e* a preguiça andam sempre em companhia.

Não emprestes o vosso *nem* o alheio, não tereis cuidados *nem* receio.

Muitas vezes, graças ao significado dos lexemas envolvidos na adição, o grupo das orações coordenadas permite-nos extrair um conteúdo suplementar de "causa", "consequência", "oposição", etc. Estes sentidos contextuais, importantes na mensagem global, não interessam nem modificam a relação aditiva das unidades envolvidas: *Rico* ***e*** *inteligente* e *rico* ***e*** *desonesto*, ambas se unem por uma relação gramatical de adição, embora a oposição semântica existente entre *rico* e *desonesto* apresente um sentido suplementar, como se estivesse enunciado *rico* ***mas*** *desonesto*. O mesmo se dá se uma unidade for afirmativa e outra negativa: *rico e não honesto*.

Em lugar de *nem* usa-se *e não*, se a primeira unidade for positiva e a segunda negativa: rico *e não* honesto (compare com: ele *não* é rico *nem* honesto).

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Evite-se (embora não constitua erro) o emprego de *e nem* quando não houver necessidade de ênfase:

"Nunca vira uma boneca *e nem sequer* o nome desse brinquedo" [ML.2, 9].

"(...) mas o primo Nicolau está a dormir até tarde *e nem* à missa vai" [CBr.15].

2.ª) Algumas vezes *e* aparece depois de pausa, introduzindo grupos unitários e orações; são unidades enfáticas com função textual que extrapolam as relações internas da oração e constituem unidades textuais de situação:

"*E* repito: não é meu" [MA.1, 314].

3.ª) A expressão enfática da conjunção aditiva *e* pode ser expressa pela série *não só... mas também* e equivalentes.

Não só o estudo *mas também* a sorte são decisivos na vida.

Conjunções alternativas – Como o nome indica, enlaçam as unidades coordenadas matizando-as de um valor alternativo, quer para exprimir a incompatibilidade dos conceitos envolvidos, quer para exprimir a equivalência deles. A conjunção alternativa por excelência é *ou*, sozinha ou duplicada junto a cada unidade:

"Quando a cólera *ou* o amor nos visita, a razão se despede" [MM].

A enumeração distributiva que matiza a ideia de alternância leva a que se empreguem neste significado advérbios como *já*, *bem*, *ora* (repetidos ou não) ou formas verbais imobilizadas como *quer... quer*, *seja... seja*. Tais unidades não são conectores e, por isso, as orações enlaçadas se devem considerar justapostas.

OBSERVAÇÃO: "Cumpre lembrar que o par *seja... seja* não está de todo gramaticalizado, tanto que, em certas construções, aparece flexionado. *Sempre discordam de tudo,* ***sejam*** *as discordâncias ligeiras,* ***sejam*** *de peso*. S*empre discordavam de*

*tudo, **fossem** as discordâncias ligeiras, **fossem** as de peso*" [AK.1, 68].

Conjunções adversativas – Enlaçam unidades apontando uma oposição entre elas. As adversativas por excelência são *mas*, *porém* e *senão*.

Ao contrário das aditivas e alternativas, que podem enlaçar duas ou mais unidades, as adversativas se restringem a duas. *Mas* e *porém* acentuam a oposição; *senão* marca a incompatibilidade:

"Acabou-se o tempo das ressurreições, *mas* continua o das insurreições" [MM].

Unidades adverbiais que não são conjunções coordenativas – Levada pelo aspecto de certa proximidade de equivalência semântica, a tradição gramatical tem incluído entre as conjunções coordenativas certos advérbios que estabelecem relações interoracionais ou intertextuais. É o caso de *pois*, *logo*, *portanto*, *entretanto*, *contudo*, *todavia*, *não obstante*. Assim, além das conjunções coordenativas já assinaladas, teríamos as *explicativas* (*pois*, *porquanto*, etc.) e *conclusivas* (*pois* [posposto], *logo*, *portanto*, *então*, *assim*, *por conseguinte*, etc.), sem contar *contudo*, *entretanto*, *todavia* que se alinham junto com as adversativas. Não incluir tais palavras entre as conjunções coordenativas já era lição antiga na gramaticografia de língua portuguesa; vemo-la em Epifânio Dias [ED.1] e, entre brasileiros, em Maximino Maciel, nas últimas versões de sua *Gramática* [MMa.1]. Perceberam que tais advérbios marcam relações textuais e não desempenham o papel conector das conjunções coordenativas78, apesar de alguns manterem com elas certas aproximações ou mesmo identidades semânticas.

Que esses advérbios não são conjunções coordenativas e desempenham funções diversas prova-o o fato de poderem se compatibilizar, em exemplos como:

Não foram ao mesmo cinema *e*, *portanto*, não se poderiam encontrar.

Ele *e*, *portanto*, seu filho são responsáveis pela denúncia.

"Não queremos pensar na morte, *e por isso* nos ocupamos tanto da vida" [MM].

Cabe ao *e*, como conjunção, reunir num mesmo grupo oracional as duas orações independentes do enunciado, enquanto *portanto*, como advérbio, marca uma relação semântica com o que já foi dito. Poder-se-ia eliminar a conjunção *e* e, então, teríamos uma coordenação assindética, caso em que haveria uma pausa para marcar a fronteira das duas orações (marcada por vírgula ou ponto e vírgula):

Não foram ao mesmo cinema; *portanto* não se poderiam encontrar.

Poder-se-ia também eliminar o advérbio:

Não foram ao mesmo cinema *e* não se poderiam encontrar.

Não sendo próprio do advérbio exercer o papel de conector, ele poderia aparecer até numa oração subordinada, para marcar essa relação semântica entre os dois enunciados:

"Nunca perdemos de vista o nosso interesse, *ainda mesmo quando* nos inculcamos desinteressados" [MM].

Outra diferença entre as conjunções coordenativas e os advérbios (a que poderíamos chamar textuais ou discursivos) é que só as primeiras efetivam a coordenação entre subordinadas equifuncionais, isto é, do mesmo valor (substantiva, adjetiva ou adverbial) e com a mesma função sintática:

Espero que estudes *e* que sejas feliz.

Como advérbios, que guardam com o núcleo verbal uma relação, em geral, mais frouxa, esses advérbios podem vir em princípio em qualquer posição dentro da oração em que se inserem:

Eles não chegaram *nem todavia* deram certeza da presença.

Eles não chegaram *nem* deram, *todavia*, certeza da presença.

Eles não chegaram *nem* deram certeza da presença, *todavia*.

Também os advérbios não participam da particularidade das conjunções coordenativas de constituírem um bloco unitário de enunciados coordenados por sua vez coordenado a outro anterior [CA.1]:

Luís é vegetariano, *mas* [não come abóbora nem bebe chá].

Remetemos dois convites ao Paulo, *mas* [ou ele se mudou ou está doente].

Transpositores ou conjunções subordinativas – Já dissemos que o transpositor ou conjunção subordinativa transpõe oração degradada ou subordinada ao nível de equivalência de um substantivo capaz de exercer na *oração complexa* uma das funções sintáticas que têm por núcleo o substantivo.

Falamos em *oração complexa* e chegou o momento de diferençá-la em relação ao *grupo oracional*. Oração complexa é aquela que tem um ou mais dos seus termos sintáticos sob forma de uma oração subordinada.

Esperamos [*que todos venham ao baile*],

em que a oração transposta pelo *que* exerce uma das funções comuns ao substantivo: objeto direto do núcleo verbal *esperamos*.

Já no *grupo oracional* temos orações coordenadas, independentes, e que, por isso mesmo, podem ser usadas separadamente umas das outras:

Chegamos tarde e não assistimos a todo o filme, mas vimos o mais interessante dele.

Chegamos tarde. Não assistimos a todo o filme. Vimos o mais interessante dele.

As conjunções *e* e *mas* não modificam o valor sintático das orações reunidas; apenas indicam o tipo de relação semântica: *adição* (*e*) e *contraste* (*mas*).

Além do *que* transpositor de oração ao nível de substantivo, chamado *conjunção integrante*, e do *que* pronome relativo, que transpõe oração ao nível de adjetivo, a língua portuguesa conta com poucos outros transpositores:

a) *Se* que transpõe oração originariamente interrogativa total, isto é, desprovida de unidade interrogativa, ao nível de substantivo, conhecida, por isso mesmo, como conjunção integrante, a exemplo do *que* anterior:

Ela não sabe [*se terá sido aprovada*].

Aqui a oração interrogativa *Terá ela sido aprovada*? se transpõe, mediante o *se*, ao nível de substantivo e como tal está habilitada a exercer a função de objeto direto do núcleo verbal *não sabe*, sem o primitivo contorno melódico interrogativo.

b) *Se* que transpõe oração ao nível de advérbio, e como tal está habilitada a exercer a função de adjunto adverbial, com valor de circunstância de condição e é, por isso mesmo, chamado *conjunção condicional*.

***Que* e locuções: as chamadas locuções conjuntivas** – A oração transposta a substantivo pela conjunção *que*, de acordo com a função sintática que exerce em relação ao núcleo verbal da oração chamada "principal", pode receber um índice funcional representado por uma preposição. Se exerce função de sujeito, objeto direto, predicativo, não precisará deste índice funcional:

Parece [*que vai chover*].
Esperamos [*que cheguem cedo*].
A verdade é [*que todos se saíram bem*].

Se a função é de complemento relativo ou de objeto indireto, ou complemento nominal, a conjunção *que* vem precedida da conveniente preposição:

Estavam precisando [*de que os ajudassem*].
Ela dedicava seu cuidado [*a que o filho tivesse boa educação*].
Eram poucas as esperanças [*de que tudo acabasse bem*].

Como todo substantivo transposto, a oração subordinada substantiva pode exercer a função de adjunto adverbial; neste caso, o *que* também terá a companhia de uma preposição adequada, que marcará a relação semântica da circunstância:

Tudo sairá bem [*desde que as providências sejam tomadas a tempo*].
[*Sem que estivesse tudo acertado*], não iria viajar.
Trabalhou afincadamente [*para que tivesse uma velhice tranquila*].
Ela só dizia tudo aquilo *porque* [= *por que gostava da verdade*].

Pelo que podemos observar, tais combinações de preposição e conjunção *que* não constituem outros tipos especiais de locuções; são, na realidade, o concurso de um *que*, transpositor de oração a substantivo e de uma preposição que o acompanha como índice de sua função sintática em relação ao núcleo verbal, função, aliás, exercida pela oração inteira.

Nisto, o *que* conjunção difere do *que* pronome relativo, pois aqui a preposição é índice da função sintática que o relativo exerce na oração em que está inserido:

O homem *de que falavas* era pouco conhecido na cidade,

em que o transpositor *que*, precedido de preposição, funciona como complemento relativo do núcleo verbal *falavas*, enquanto a oração transposta a adjetivo *de que falavas* funciona como adjunto adnominal do substantivo *homem*.

Também se formam "locuções" aparentemente especiais quando temos segmentos do tipo *logo que*, *sempre que*, *ainda que*, etc., em que aparecem advérbios (que sozinhos podem funcionar como adjunto adverbial) seguidos do transpositor relativo *que*, já que esse relativo é um "repetidor" de advérbio, papel análogo ao que desempenha como "repetidor" (isto é, referente) de substantivo ou pronome. Assim, se na oração independente *Logo saiu de casa*, o advérbio *logo* funciona como adjunto adverbial; quando a oração se transpõe a subordinada:

[*Logo que saía de casa*], encontrou o amigo,

exercerá também a função de adjunto adverbial. O *que* degrada a oração *saía de casa* a subordinada e lhe confere o papel de termo adjunto do advérbio *logo*. Formalmente, esse relativo será equivalente a *quando*: ***Quando saía de casa**, encontrou o amigo* [AL.1, 236].

Este papel repetidor do relativo *que* parece estar presente em construções do tipo *há* (*faz*)

dias (*meses*, *anos*, *tempo*, etc.), em que já não temos um advérbio, mas substantivo cujo significado léxico aponta para o campo das expressões denotadoras de espaço ou percurso de tempo:

Há *dias que* não o vejo,

em que também, pelo sentido, o relativo equivale a *quando*.

Cabe lembrar, por fim, que, em algumas construções, se pode alterar o significado originário do advérbio, motivado pelos significados dos lexemas que entram na oração e por uma interpretação suplementar, contextual, do falante, calcada na sua experiência de mundo. Assim, *já*, que tem valor originário temporal, ao unir-se ao *que* na fórmula *já que*, passa a uma interpretação causal ou condicional:

Já que todos saíram, desisto do negócio.

Da mesma sorte, *ainda*, nitidamente temporal, ao unir-se ao *que* na locução *ainda que*, altera seu significado para valor concessivo, equivalente a *embora*:

Nada conseguiu da justiça, *ainda que* juntasse todas as provas em sua defesa.

Da mesma sorte que não são conjunções coordenativas os advérbios *contudo*, *entretanto*, *pois*, etc., equivalentes pelo sentido a unidades introdutoras de enunciados adversativos, explicativos e conclusivos, assim também não são conjunções subordinativas certos advérbios de significado causal, concessivo, temporal, consecutivo, etc.

Damos a seguir uma lista das principais conjunções e "locuções conjuntivas" subordinativas, relacionando-as pelo matiz semântico, reunindo, ainda, as que se formam com o concurso do transpositor *que* conjunção e do transpositor relativo *que*, examinados anteriormente, bem como das comparativas e consecutivas que têm outro tratamento. Estudo complementar delas veremos ao tratar das orações subordinadas:

1) CAUSAIS: quando iniciam oração que exprime a causa, o motivo, a razão do pensamento da oração principal: *que* (= *porque*) , *porque*, *como* (= *porque*, sempre anteposta a sua principal, no português moderno), *visto que*, *visto como*, *já que*, *uma vez que* (com verbo no indicativo), *desde que* (com o verbo no indicativo), etc.:

"A memória dos velhos é menos pronta *porque* o seu arquivo é muito extenso" [MM].

"*Como* ia de olhos fechados, não via o caminho" [MA.1, 19].

"*Desde que* se fala, indeterminadamente, e no plural, em direitos adquiridos e atos jurídicos perfeitos, razão era que no plural e indeterminadamente se aludisse a casos julgados" [RB.4, 25].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Já se condenou injustamente o emprego de *desde que* em sentido causal, só o aceitando com ideia temporal (*assim que*) ou condicional.

2.ª) Evite-se o emprego de *de vez que* por não ser locução legítima.

2) COMPARATIVAS: quando iniciam oração que exprime o outro termo da comparação. A comparação pode ser *assimilativa* ou *quantitativa*. É assimilativa "quando consiste em assimilar uma coisa, pessoa, qualidade ou fato a outra mais impressionante, ou mais conhecida" [MC.3, II, 48]. As unidades comparativas assimilativas são *como* ou *qual*, podendo estar em correlação com *assim* ou *tal* postos na oração principal, ou ainda aparecer *assim como*:

"O medo é a arma dos fracos, *como* a bravura a dos fortes" [MM].

"A ignorância, *qual* outro Faetonte, ousa muito e se precipita *como* ele" [MM].

"O jogo, *assim como* o fogo, consome em poucas horas o trabalho de muitos anos" [MM].

A comparação *quantitativa* "consiste em comparar, na sua quantidade ou intensidade, coisas, pessoas, qualidades ou fatos" [MC.3]. Há três tipos de comparação quantitativa:

a) *Igualdade* – introduzida por *como* ou *quanto* em correlação com o advérbio *tanto* ou *tão* da oração principal:

"Nenhum homem é *tão* bom *como* o seu partido o apregoa, nem *tão* mau *como* o contrário o representa" [MM].

"Nada incomoda *tanto* aos homens maus *como* a luz, a consciência e a razão" [MM].

b) *Superioridade* – introduzida por *que* ou *do que* em correlação com o advérbio *mais* da oração principal:

"O orgulho do saber é talvez *mais* odioso *que* o do poder" [MM].

"O homem bom espera *mais do que* teme, o mau receia *mais do que* espera" [MM].

c) *Inferioridade* – introduzida por *que* ou *do que* em correlação com o advérbio *menos* da oração principal:

"Tempos há em que é *menos* perigoso mentir *que* dizer verdades" [MM].

3) Concessivas: quando iniciam oração que exprime que um obstáculo – real ou suposto – não impedirá ou modificará a declaração da oração principal: *ainda que*, *embora*, *posto que*, *se bem que*, *apesar de que*, etc.:

"*Ainda que* perdoemos aos maus, a ordem moral não lhes perdoa, e castiga a nossa indulgência" [MM].

4) Condicionais (e *hipotéticas*): quando iniciam oração que em geral exprime:

a) uma condição necessária para que se realize ou se deixe de realizar o que se declara na oração principal;

b) um fato – real ou suposto – em contradição com o que se exprime na principal.

Este modo de dizer é frequente nas argumentações. As principais conjunções condicionais (e hipotéticas) são: *se*, *caso*, *sem que*, *uma vez que* (com o verbo no subjuntivo), *desde que* (com o verbo no subjuntivo), *dado que*, *contanto que*, etc:

"*Se* os homens não tivessem alguma coisa de loucos, seriam incapazes de heroísmo" [MM].

"*Se* as viagens simplesmente instruíssem os homens, os marinheiros seriam os mais instruídos" [MM].

5) Conformativas: quando iniciam oração que exprime um fato em conformidade com outro expresso na oração principal: *como*, *conforme*, *segundo*, *consoante*:

"Tranquilizei-a *como* pude" [MA.1, 174].

Fez os exercícios *conforme* o professor determinou.

6) Consecutivas: quando iniciam oração que exprime o efeito ou consequência do fato expresso na oração principal. A unidade consecutiva é *que*, que se prende a uma expressão de natureza intensiva como *tal*, *tanto*, *tão*, *tamanho*, posta na oração principal. Estes termos intensivos podem facilmente calar-se:

"Os povos exigem *tanto* dos seus validos, *que* estes em breve tempo se enfadam e os atraiçoam" [MM].

"Os vícios são *tão* feios *que*, ainda enfeitados, não podem inteiramente dissimilar a sua fealdade" [MM].

"Vive de maneira *que* ao morrer não te lastimes de haver vivido" [MM].

isto é: *vive de tal maneira que* (que em consequência...).

7) FINAIS: quando iniciam oração que exprime a intenção, o objetivo, a finalidade da declaração expressa na oração principal: *para que*, *a fim de que*, *que* (*para que*), *porque* (*para que*):

"Levamos ao Japão o nosso nome, *para que* outros mais felizes implantassem naquela terra singular os primeiros rudimentos da civilização ocidental" [LCo *apud* FB.1, 219].

8) MODAIS: quando iniciam oração que exprime o modo pelo qual se executou o fato expresso na oração principal: *sem que*:

Fez o trabalho *sem que* cometesse erros graves.

OBSERVAÇÃO: A Nomenclatura Gramatical Brasileira não agasalhou as conjunções modais e, assim, as orações modais, apesar de pôr o modo entre as circunstâncias adverbiais.

9) PROPORCIONAIS: quando iniciam oração que exprime um fato que ocorre, aumenta ou diminui na mesma proporção daquilo que se declara na oração principal: *à medida que*, *à proporção que*, *ao passo que*, (*tanto mais*)... *quanto mais*, (*tanto mais*)... *quanto menos*, (*tanto menos*)... *quanto mais*, (*tanto mais*)... *menos*, etc.:

"O anão *quanto mais* alto sobe, *mais* pequeno se afigura" [MM].

Progredia *à medida que* se dedicava aos estudos sérios.

10) TEMPORAIS: quando iniciam oração que exprime o tempo da realização do fato expresso na oração principal. As principais conjunções e "locuções temporais" são:

a) para o tempo anterior: *antes que*, *primeiro que*:

"Ninguém, senhores meus, que empreenda uma jornada extraordinária, *primeiro que* meta o pé na estrada, se esquecerá de entrar em conta com suas forças..." [RB *apud* FB.1, 126].

b) para o tempo posterior (de modo indeterminado): *depois que*, *quando*:

Quando disse isso, ninguém acreditou.

c) para o tempo posterior imediato: *logo que*, *tanto que* (hoje raro), *assim que*, *desde que*, *eis que*, (*eis*) *senão quando*, *eis senão que*:

Logo que saíram, o ambiente melhorou.

d) para o tempo frequentativo (repetido): *quando* (com o verbo no presente), *todas as vezes que*, (*de*) *cada vez que*, *sempre que*:

"Quando o povo não acredita na probidade, a imoralidade é geral" [MM].

OBSERVAÇÃO: Evite-se o erro de preceder com *em* o *que* da locução *todas as vezes que* (dizendo: *todas as vezes em que*).

e) para o tempo concomitante: *enquanto*, (*no*) *entretanto que* (hoje raro):

Dormiu *enquanto* estava no cinema.

OBSERVAÇÃO: *Entretanto* ou *no entretanto* são advérbios de tempo, com o sentido de *nesse ínterim*, *nesse tempo*, *nesse intervalo*:

"O aperto dos sitiados aumentava *entretanto* de dia para dia" [RS.2, IV, 208].

Mais modernamente *entretanto* passou a ter sentido adversativo, e, por influência do advérbio, tem sido empregado precedido da combinação *no* (*no entretanto*). Muitos puristas condenam tal acréscimo.

f) para o tempo terminal: *até que*:

Passeou *até que* se sentisse esgotado.

O relativo *que* entra em expressões de tempo: *agora que*, *hoje que*, *a primeira vez que*,

etc.

Agora, *que* tudo acabou, posso pensar mais tranquilamente.

Se o conjunto é proferido sem pausa, estabelece-se uma unidade de sentido à semelhança de *depois que*, *já que*, etc., e se passa a considerar o todo como locução conjuntiva temporal:

Agora que tudo acabou, posso pensar mais tranquilamente.

***Que* excessivo** – Sob o modelo das "locuções" conjuntivas finalizadas por *que*, desenvolveu-se o costume de acrescentar este transpositor junto a advérbio que só por si funciona como adjunto adverbial: *enquanto que*, *apenas que*, *embora que*, *mal que*, etc., construções que os puristas não têm visto com bons olhos, apesar dos exemplos de escritores corretos:

"... porque a ciência é mais lenta e a imaginação mais vaga, *enquanto que* o que eu ali via era a condensação viva de todos os tempos" [MA.1, 24].

Aparece ainda o *que* excessivo depois de expressões de sentido temporal como:

Desde aquele dia *que* o procuro.

Conjunções e expressões enfáticas – As conjunções coordenativas podem aparecer enfatizadas. Para esta ênfase o idioma se serve de vários recursos. Assim, a adição pode vir encarecida das expressões do tipo:

não só... mas (*também*)
não só... mas (*ainda*)
não só... senão (*também*)
não só... que também, etc.

Não só se aplica ao português *mas ainda* ao latim.

A alternativa pode ser enfatizada pela repetição:

Ou estudas *ou* brincas.
Já dizes sim *já* dizes não.
Ora vem aqui, *ora* vai ali.

A série *nem... nem* adquire sentido aditivo negativo.

Nem estudou *nem* tirou boas notas (não estudou e não tirou...)

Quer... quer e *ou... ou*, com o verbo no subjuntivo e tom de voz descendente, podem adquirir um sentido suplementar de concessão quando a possibilidade de ações opostas não impede a declaração contida na oração principal:

Quer estudes *quer* não, aprenderás facilmente a lição.

Nas subordinadas e principais, a correlação de uma expressão com o conectivo ou outro termo da oração a que se prende, para mostrar relação semântica em que essas orações se acham com a circunstância ou fato já expresso, é outro meio de enfatizar a interdependência oracional. Esta expressão memorativa é constituída por advérbio ou equivalente:

"Como os sábios não adulam os povos, *também* estes os não promovem" [MM].
"Quando os homens se desigualam, *então* se harmonizam" [MM].
Embora não me digam a verdade, *ainda assim* perguntarei mais vezes.
"Acabemos, *pois*, de despertar deste mortal letargo" [ED.1, 119].

"Estudemos *portanto*, e não nos deixemos dominar pela preguiça" [RV.1, 251].

10 – Interjeição

Interjeição – É a expressão com que traduzimos os nossos estados emotivos. Têm elas existência autônoma e, a rigor, constituem por si verdadeiras orações. Em certas situações, algumas podem estabelecer relações com outras unidades e com elas constituir unidades complexas. Acompanham-se de um contorno melódico exclamativo. Podem, entretanto, assumir papel de unidades interrogativo-exclamativas e de certas unidades próprias do chamamento, chamadas vocativo, e ainda por unidades verbais, como é o caso do imperativo [AL.1, 240; MC.4, 147].

As interjeições se repartem por quatro tipos:

a) certos sons vocálicos que na escrita se representam de maneira convencional: *ah!*, *oh!*, *hui!*, *hum*; o *h* no final pode marcar uma aspiração, alheia ao sistema do português;

b) palavras já correntes na língua, como *olá!*, *puxa!*, *bolas!*, *bravo!*, *homem!*, *valha!* (com contorno melódico exclamativo);

c) palavras que procuram reproduzir ruídos de animais ou de objetos, ou de outra origem, como: *clic* (*clique*), *tic-tac* (*tique-taque*), *pum!*.

d) locuções interjetivas: *ai de mim!*, *cruz credo!*, *valha-me Deus!*, *aqui d'el-rei!*.

Eis uma relação das interjeições mais comuns da língua, conforme a situação em que se apresentam:

1) de exclamação: *viva!*

2) de admiração: *ah!*, *oh!*

3) de alívio: *ah!*, *eh!*

4) de animação: *coragem!*, *eia!*, *sus!*

5) de apelo ou chamamento: *ó!*, *olá!*, *alô!*, *psit!*, *psiu!*

6) de aplauso: *bem!*, *bravo!*

7) de desejo ou ansiedade: *oh!*, *oxalá!*, *tomara!*

8) de dor física: *ai!*, *ui!*

9) de dor moral: *oh!*

10) de dúvida, suspeita, admiração: *hum!*, *hem!* (também *hein*)

11) de impaciência: *arre!*, *irra!*, *apre!*, *puxa!* (melhor será, não registrado oficialmente, *pucha*)

12) de imposição de silêncio: *caluda!*, *psiu!* (demorado)

13) de repetição: *bis!*

14) de satisfação: *upa!*, *oba!*, *opa!*

15) de zombaria: *fiau!*

Locução interjetiva – é um grupo de palavras com valor de interjeição: *ai de mim*, *ora*

bolas, com todos os diabos.

As interjeições são proferidas em tom de voz especial, ascendente ou descendente, conforme as diversas circunstâncias dos nossos estados emotivos.

Quando estão combinadas com uma frase maior exclamativa, podem-se separar da frase por meio de uma vírgula, ou por meio do ponto de exclamação, ao qual se deve seguir, entretanto, letra minúscula:

> "*Oh!* que doce harmonia traz-me a brisa" [CAv *apud* MC.3, I, 65].

B) Estrutura das unidades: análise mórfica

I – Estrutura das palavras

Palavra e morfema

Palavra e vocábulo: conceito – O termo *palavra* se nos apresenta com aplicações diferentes, que devem ser distinguidas e, portanto, classificadas de maneira diversa. Podemos ver a palavra *habilidade* sob três prismas diferentes: a) o seu aspecto *material, fônico*, como *significante* ou *expressão*; b) a sua *significação gramatical* como uma classe de palavra que se apresenta sob forma de um substantivo feminino singular; c) a sua *significação lexical*, isto é, o que significa a palavra *habilidade* em relação, por exemplo, a *caridade* ou *amabilidade*.

Como expressão material, quanto ao seu aspecto fônico, como "simples" palavra, de formas, não tem nenhum significado e só pode ser classificada pelas suas características físicas: *habilidade* pode ser classificada, por exemplo, pelo seu número de sílabas (polissílabo), ou pela posição da sílaba tônica (paroxítono). Consideradas como puras palavras, há uma só forma *"amo"* (*amo*, 'quero bem' e *amo* 'senhor') e uma só forma "casa" ("a *casa* de meu amigo" e "Maria se *casa* amanhã") [ECs.7, 54]. Nesta acepção, em vez de palavra, se pode usar o termo *vocábulo*, do latim *vox*, que significa 'a voz'.

Aqui temos de relembrar que a fronteira do vocábulo difere se se trata de língua oral ou de língua escrita. Na língua oral, na fala, predomina o ritmo acentual, o que resulta em que as sílabas átonas se agrupam em torno da sílaba tônica, de modo que são as pausas que marcam os limites ou fronteiras dos grupos fônicos, também chamadas *grupos de força*. Assim é que, na língua oral, há um só grupo fônico e, portanto, um só vocábulo, em *aluga-se*, em que a sílaba átona *se* se agrupa em torno da sílaba tônica (*lu*). Por isso, se dá, como reflexo na escrita, a grafia errônea *alugasse* (ou *alugase*). O vocábulo, portanto, nem sempre coincide com a palavra; no exemplo, temos um vocábulo e duas palavras significativas (*aluga* e *se*).

Como já vimos, as sílabas átonas que se agrupam em torno da sílaba tônica podem, segundo a posição, ser *proclíticas* | *syaluga* | – se vêm antes – ou *enclíticas* | *alugase* | – se vêm depois.

Na língua escrita, as fronteiras são demarcadas pelos espaços em branco: *se aluga* ou

aluga-se.

Quando, além da parte fônica (significante), se considera a parte significativa (significado), também há diferenças que devem ser levadas em conta. A questão se põe quando se pergunta quantas palavras existem no conhecido verso de Bilac: *Cheguei. Chegaste. Vinhas fatigada.*

Responderemos que há quatro ou três palavras conforme o conceito por que tomemos o termo *palavra*. Serão quatro se entendermos *cheguei, chegaste* como palavras de significação gramatical diferentes, já que expressam uma o pretérito perfeito do indicativo na 1.ª pessoa do singular (*eu cheguei*) e a outra o pretérito perfeito do indicativo na 2.ª pessoa do singular (*tu chegaste*). Tais significações se dizem "gramaticais" porque decorrem de classificações estabelecidas na gramática da língua portuguesa. Assim, *cheguei* e *chegaste* são contadas como duas *palavras gramaticais*.

Diremos que só há no referido verso três palavras se entendermos *cheguei, chegaste* como palavras de uma só significação lexical, já que ambas têm em comum o significado lexical 'atingir o final de movimento de ida ou vinda', um significado dado pela língua, mas que se situa fora da gramática, pois se trata de uma realidade do mundo em que vivemos. Assim, *cheguei* e *chegaste* são duas formas, duas "flexões" de uma mesma *palavra léxica*, o verbo *"chegar"*.

É neste sentido de *palavra léxica* que dizemos que *boa* é o feminino da "palavra *bom*", que *meninos* é o "substantivo *menino* no plural"[HCv.1, II, 594-595].

Repare-se que nos nossos dicionários o normal é iniciar o verbete com a *palavra léxica* básica: verbo no infinitivo, substantivo no gênero gramatical usual (*livro, vela, pente, ponte*) e adjetivo no masculino singular. Explica-se o procedimento porque o infinitivo, o masculino e o singular representam as formas não marcadas respectivamente do verbo, do substantivo e do adjetivo.

OBSERVAÇÃO: Na literatura linguística e gramatical, costumam os autores distinguir convencionalmente a maneira de indicar o vocábulo e a palavra. Coseriu, por exemplo, usa *itálico* para a palavra como signo, isto é, como expressão (significante) + conteúdo (significado): *chegar* = a palavra portuguesa *chegar* concomitantemente como expressão e conteúdo; itálico e aspas normais (duplas) para a expressão: "*chegar*" = o significante de *chegar* / xegar/; só aspas duplas para o conteúdo: "chegar" = o significado de *chegar*; só aspas simples para os traços distintivos de conteúdo: 'chegar' = traço distintivo que se encontra no conteúdo de *chegar, chegada, chegança, aconchego* e demais componentes da família.

Palavra e morfema – Do que foi exposto acima, conclui-se que em nossa língua, como se repete nas chamadas línguas flexionais, a palavra está constituída indissoluvelmente (a separação só se faz para efeito de análise e estudo) de uma base fônica e de duas formas semânticas, a gramatical e a lexical, conhecidas pelo nome técnico *morfema*.

Chama-se morfema a unidade mínima significativa ou dotada de significado que integra a palavra.

A depreensão do morfema ou dos morfemas que integram a palavra nem sempre constitui uma operação fácil e sujeita a uma única solução. Se tomarmos

falávamos
falava

facilmente depreendemos o elemento comum *falava*, e *mos* como distintivo. A unidade *-mos* indica estar a primeira forma verbal referida à 1.ª pessoa do plural (*nós*), e assim, portadora

de um conteúdo gramatical, é um morfema.

Se agora compararmos

falava
fala,

destacamos o morfema -*va*- que indica que a ação verbal se dá num passado que se prolonga (pret. imperfeito do indicativo). É, assim, outro morfema.

Se agora compararmos

falava
falara

se poderia chegar à conclusão que o elemento ou unidade distintiva das duas formas verbais fosse o -*v*- para a primeira ou o -*r*- para a segunda. A comparação com outras formas (*falava / fala; falara / falasse*, etc.) nos mostraria que as unidades a serem consideradas serão -*va*- e -*ra*-, que marcam o pret. imperf. e o mais-que-perf. do indicativo. Portanto, a depreensão de um morfema não é uma operação puramente material; há de se levar em consideração o seu conteúdo ou significado.

Também, como são unidades que se acham em concorrência com outras unidades, estão passíveis de mudanças na sua estrutura material, devidas a regras morfofonêmicas; no português, são frequentes a elisão e a crase: *porta* + *eiro* → port (*a*) *eiro* → *porteiro* (elisão); *porta* + *aria* → *portaria* (crase). Outras vezes, trata-se de alteração fônica: *fala*VA / *fala*VE*is* (por influência do *i* de *is*); outras vezes, de haplologia: *idade* + *oso* → *idoso* (por *idadoso*).

Tipos de morfema na estrutura das palavras – Na estrutura das palavras, os morfemas derivativos e flexionais se distribuem, quanto ao aspecto formal, pelos seguintes tipos, conforme ocorram por acréscimo (*aditivos*), por subtração (*subtrativos*) e por alternância (*modificativos*).

Há ainda relações gramaticais que se estabelecem no plano sintagmático, como a *concordância*, a *regência* e a "*consecutio temporum*", e também pela posição dos termos no sintagma, conhecida na gramática tradicional pelo rótulo "*ordem das palavras*". Destes tipos falaremos mais adiante.

Em nossa língua, são mais produtivos os morfemas aditivos, ao lado das formações com compostos; são raros os subtrativos, e os modificativos ocorrem com frequência nos casos de flexão nominal e verbal, conforme veremos no lugar competente.

Morfemas aditivos – Representados por:

1) *prefixos*: anteposição à base lexical: *pôr* → *repor; quieto* → *inquieto*
2) *sufixos, interfixos* e *desinências*: posposição à base lexical
3) *infixos:* intercalação no interior da estrutura da base
4) *circunfixos*: anteposição e posposição simultaneamente à base (parassintéticos)
5) *discontínuos*: fragmentação pela intercalação de outro morfema
6) *reduplicativos*: repetição da parte inicial da base

Morfemas subtrativos – Representados por:

1) *subtrativos*: subtração de fonema do radical para exprimir uma indicação gramatical

2) *supressivos*:

a) supressão de um segmento medial pertencente a qualquer das bases;

b) supressão do segmento final

c) supressão de elemento medial por cruzamento de bases

3) *abreviativos*: redução da extensão da palavra, que passa a valer pelo todo

Morfemas modificativos – Representados por:

1) *apofonia*: substituição de fonema vocálico de um radical de um mesmo paradigma flexional ou derivacional por mudança de timbre para indicação de significado gramatical

2) *metátese*: por mudança da sílaba tônica

Os morfemas podem ser classificados ainda como *livres* e *presos*, conforme apareçam independente ou dependentemente no discurso. Os morfemas apresentam: a) uma significação *externa*, referente a noções do nosso mundo (ações, estados, qualidades, ofícios, seres em geral, etc.), b) uma significação *interna* (puramente da esfera das noções gramaticais). A depreensão de um morfema depende de dois requisitos: a) a *significação* e b) a *forma fônica*. É importante observarmos que uma só forma fônica pode representar mais de um morfema: assim *-s* é marca pluralizadora em *as casas* e a 2.ª pessoa do singular em *cantas*. Por outro lado, um só morfema pode ter realizações fônicas diferentes em virtude do contexto fonético em que se acha; por exemplo, o morfema que corresponde à letra *-s* para indicar o plural em português se realiza como / x / diante de consoante surda (os cães), como / j / diante de consoante sonora (os gatos) e como / z / diante de vogal (os homens).79

Os elementos mórficos – Em português, as palavras se podem apresentar sob formas de estrutura diferentes:

a) *mar, sol, ar, é, hoje, lápis;*

b) *aluno, alunas, trabalhávamos;*

c) *casarão, livrinho, cantor, casamento, folhagem, alemão, fertilizar, chuviscar;*

d) *reter, conter, deter;*

e) *guarda-chuva, lanígero, agrícola, planalto, fidalgo.*

Em a) as palavras não se podem dividir em formas menores significativas porque só possuem um elemento mórfico chamado *radical*. *Radical* é o núcleo onde repousa a significação externa da palavra, isto é, relacionada com o mundo em que vivemos.

Já no grupo b) segue-se ao radical (de significação externa) um ou mais elementos de significação interna ou puramente gramatical. *Aluno* pode desmembrar-se em *alun-* e *-o*. O

primeiro elemento (radical) encerra a significação da palavra, cabendo ao final *-o* primeiramente atualizá-la para funcionar como palavra, integrando-a no léxico e secundariamente relacioná-la à marca de gênero, no caso de *-o* e *-a* (este de modo não geral, como acontece com *mapa*, *nauta*, masculinos). Em *alunas* o radical é *alun-*, e *as* encerra dois elementos de significação interna: 1) *-a* (indicador do significado gramatical gênero feminino) e 2) *-s* (indicador do significado gramatical número plural). Em *trabalhávamos* o radical é *trabalh-* e os elementos mórficos de significação interna são: 1) *-va* (que caracteriza o pret. imperf. do indicativo dos verbos da 1.ª conjugação) e 2) *-mos* (que caracteriza a 1.ª pessoa do plural).

Os elementos mórficos de significação interna, indicadores das flexões gramaticais, chamam-se *desinências* e se dividem em *nominais* e *verbais*.

As desinências nos nomes e em certos pronomes marcam as flexões de *gênero* e *número*; nos verbos: *número, pessoa, tempo* e *modo.*

Muitas vezes o radical não pode funcionar imediatamente como palavra; completa-o uma vogal para constituir o *tema* da palavra e por isso se chama *vogal temática* ou atualizador léxico, isto é, atualiza-o para funcionar concretamente no discurso [HCv.4, 7-26].

Tema é, portanto, o radical acrescido da *vogal temática* e que constitui a parte da palavra pronta para funcionar no discurso e para receber a desinência ou sufixo. São exemplos de temas: *livro-, trabalha-*. A vogal temática pode ocorrer num tema simples (*livr- o*) ou derivado (*livr- eir- o*).

Nos nomes as vogais temáticas estão representadas na escrita pelos grafemas *-a*, *-o* e *-e* e nos verbos por *-a*, *-e* e *-i*.

Nos nomes, a vogal temática (*a, o*) cumulativa e secundariamente funciona como a desinência de gênero. A vogal temática *o* ou *e* se acha representada, às vezes, por uma semivogal de um ditongo: *pã*O*, pã*ES. A vogal temática pode passar à variante *u* como ocorre com *afeto* → *afetuoso,* o que se dá, sem ser automático, quando se junta ao *-o* desinência ou sufixo iniciado por vogal [VK.2, 35]. Não têm vogal temática os nomes terminados em vogal tônica, e por isso se dizem *atemáticos*: *fé*. Neste caso, o tema coincide com o radical. Os nomes terminados em consoante (*mar, paz, mal*) apresentam a vogal temática *e*, latente no singular, mas patente no plural (*mares, pazes, males*). Uma característica desses atemáticos terminados em vogal tônica é que esta não é elidida quando seguida de sufixo: *café* → *cafezal, cafeeiro*.

OBSERVAÇÃO: Em geral a vogal tônica final (á, é, ó, ê, ô) resulta da crase da vogal do radical com a temática: *fé* < *fee* < *fide*(*m*). Em análise mórfica fora do plano histórico não cabe desfazer esta fusão.

Afixos: prefixos e sufixos. Interfixos – Nas palavras do grupo c) junta-se ao final da base um elemento mórfico chamado *sufixo* que não tem curso independente na língua (e por isso se chama *forma presa*) para formar uma palavra nova, emprestando-lhe uma ideia acessória e marcando-lhe a categoria (substantivo, adjetivo, etc.) a que pertence. O sufixo assume uma função morfológica, pois, em geral, altera a categoria gramatical do radical de que sai o

derivado (*real* adj. → *realidade* s., embora também possa não lhe alternar a categoria, como *feio* adj. → *feioso* adj.), e relaciona a palavra a que se agrega aos nomes aumentativos ou diminutivos, aos nomes de agente, de ação, de instrumento, aos coletivos, aos pátrios, etc.: *casarão* (aumento), *livrinho* (diminuição), *cantor, lavrador, sapateiro* (nomes de agente ou ofício), *punição, casamento, aprendizagem* (nomes de ação ou seu resultado), *folhagem, lodaçal, cardume, boiada* (nomes coletivos), *alemão, sergipano, cearense, português, minhoto, brasileiro* (nomes pátrios), *fertilizar* (ação), *chuviscar* (ação de pouca intensidade), *alvorecer* (início de ação), *mercadejar* (repetição de ação), *suavemente* (modo). Daí se distribuírem os sufixos em *nominais* (formadores de substantivos e adjetivos), *verbais* (do verbo) e o único adverbial, que é *-mente*, que se prende a adjetivos uniformes ou, quando biformes, à forma feminina: *cômoda* → *comodamente*.80

Nas palavras do grupo d) acrescenta-se ao início da base um elemento mórfico chamado *prefixo*, que empresta ao radical uma nova significação e que se relaciona semanticamente com as preposições. Os prefixos, em geral, se agregam a verbos, como nos exemplos do grupo d), ou a adjetivos: *in- feliz*, *des- leal, sub- terrâneo*. São menos frequentes os derivados em que os prefixos se agregam a substantivos; os que mais ocorrem são, na realidade, deverbais, como em *des- empate.* Ao contrário dos sufixos, que assumem valor morfológico, os prefixos têm mais força significativa, podem aparecer como formas livres (isto é, ter existência independente na língua) e não servem, como aqueles, para determinar uma nova categoria gramatical. Nem sempre existe em português a preposição que corresponde ao prefixo empregado: *intermédio* (cf. preposição *entre*), *combater* (cf. preposição *com*), *depenar* (cf. preposição *de*), *avocar* (cf. prep. *a* = ao lado, para perto de), *sobraçar* (cf. prep. *sob*), *sobrepor* (cf. prep. *sobre*), *embainhar* (cf. prep. *em* = movimento para dentro), mas *abusar* (*ab* = afastamento, privação), *progresso* (*pro* = movimento para diante, favorecimento), *refazer* (*re* = repetição).

Do ponto de vista formal, há ainda para notar que os sufixos derivativos são em geral mais longos que as desinências gramaticais, além de serem estas quase sempre átonas, enquanto aqueles são normalmente tônicos; outra distinção consiste em que os sufixos vêm imediatamente após o núcleo, e as desinências após os sufixos [cf. HCv.2, II, 530 n.35].

Prefixos e sufixos recebem o nome de *afixos*; são prefixos os afixos que se antepõem ao radical, e sufixos os que se lhe pospõem. Há ainda os *infixos* próprios, pois o que se costuma apontar como tal (representado por uma nasal) é de responsabilidade do latim (por exemplo, para distinguir o presente de alguns verbos, como *rumpo* e *findo* dos perfeitos *rupi*, *fidi* e do particípio passado *ruptus, fissus*, e, excepcionalmente, em certas formações nominais)81 e não interessa à gramática descritiva portuguesa. É preciso não confundir esta noção de *infixo* com as vogais e consoantes desprovidas de significado que, na formação de nossa palavras e das que importamos de línguas estrangeiras, principalmente quando o radical termina por vogal tônica, se intercalam para facilitar a pronúncia ou para evitar hiatos, e que, por isso, se chamam *vogais* e *consoantes de ligação*: cha-*l*-eira, pau-*l*-ada, cafe-*t*-eira, lan-*í*-gero, come-*z*-aina, pa-*z*-ada, chapeu-*z*-inho, pedre-*g*-ulho, pedre-*g*-oso.82 A rigor, há em português duas vogais de ligação: *i* e *o*. A vogal *i* na composição de elementos latinos e *o* de elementos gregos: dent*i*frício, gas*ô*metro83.

Temos ainda de considerar o caso dos *interfixos* (denominação adotada por Y. Malkiel), que são elementos átonos sem função gramatical e significativa que servem de ligação entre a base léxica e o sufixo, como ocorre em *glorificar* e *fumarada*, *fogaréu*, *solaréu*, em que os elementos *-ific*, *-ar* se interpõem entre as bases *glória* e o sufixo verbal *-ar* ou *fogo*, *sol* e o sufixo nominal *-éu*. A noção de interfixo não é ponto pacífico entre os estudiosos; muitas vezes se pode entendê-lo como integrante de um conglomerado de sufixos; nos exemplos acima, os conglomerados sufixais seriam *-ificar* e *-aréu*. Outras vezes, muito próxima desta noção, é ver o interfixo como resultado de um alongamento de sufixo, como se pode interpretá-lo na formação *ridículo* → *ridicularizar* (em vez de *ridiculizar*).

Nas palavras do grupo e) temos uma reunião de dois radicais, isto é, ao lado de um radical mais fundamental acrescenta-se outro (e até outros) para dar um significado especial ao conjunto. Dizemos então que as palavras são *compostas*. Estes radicais podem ser *livres*, isto é, usados independentemente na língua (como *guarda-chuva*) ou *presos*, isto é, não são usados isoladamente (como *agrícola* = agr + i + cola, *lanígero* = lan + i + gero).

Nas palavras compostas com radicais livres, do tipo *guarda-chuva*, persiste, como é fácil de observar, a individualidade de seus componentes. Esta individualidade se traduz: a) na escrita, pela mera justaposição de um radical a outro, normalmente separados por hífen; b) na pronúncia, pelo fato de ter cada radical seu acento tônico, sendo o último o mais forte e o que nos orienta na classificação da posição do acento nas palavras compostas (por isso que *couve-flor* é oxítono e *guarda-chuva* é paroxítono). Em tais casos dizemos que as palavras são compostas por *justaposição*.

Chamamos *aglutinação* o processo de formar palavras compostas pela fusão ou maior integração dos dois radicais: *planalto, fidalgo, lanígero, agrícola*. Esta maior integração traduz-se pela perda da delimitação vocabular decorrente: 1) da existência de um único acento tônico; 2) da troca ou perda de fonema; 3) da modificação da ordem mórfica [MC.4, 30].

"A adaptação da primeira palavra pode ser de quatro espécies: 1) mudança da parte final em relação à mesma palavra quando isolada; ex.: *lobis* – (comparar – *lobo*, em *lobisomem*); 2) redução da palavra ao seu elemento radical; ex.: *planalto*, onde *plan-* é o radical de *plano* (o composto indica um solo plano e alto numa montanha); 3) elemento radical alterado em relação à palavra quando isolada; ex.: *vinicultura* (*vin-,* mas *vinh-* em *vinha* 'árvore da uva'); 4) elemento radical que não aparece em português em palavra isolada; ex.: agricultura (a *agr* corresponde, em palavra isolada, *campo*)" [MC.2, 95].

A segunda palavra pode ocorrer com as seguintes alterações: "1) com mudança na parte final; ex.: *monocórdio* (instrumento de uma só corda); 2) com o elemento radical alterado; ex.: *vinagre* (um vinho que é acre); 3) com um elemento radical diverso do que a correspondente palavra isolada; ex.: *agrícola* (ao elemento de composição *cola* corresponde a ideia de *habitar* ou *cultivar*)"[MC.2, 95].

Na língua literária e técnica prefere-se empregar o radical de forma latina a utilizar o de forma vernácula, principalmente quando este já sofreu a evolução fonética. Emprega-se preferencialmente *silvicultura* (e não *selvicultura*), *viticultura* (e não *vidicultura*). Assim ocorre com *áureo, capilar, auricular, ocular, digital,* etc. [Cf. MBa.1, 429-430].

Diferença entre flexão e derivação – A flexão consiste fundamentalmente no morfema aditivo sufixal acrescido ao radical, enquanto a derivação consiste no acréscimo ao radical de um sufixo lexical ou derivacional: *casa + s: casas* (flexão de plural); *casa + inha*: *casinha* (derivação).

A flexão dos nomes e dos verbos apresenta muito frequentemente uma alternância complementar interna que recai na vogal tônica básica: *avô → avó, novo → nova; novo → novos; fiz → fez* (1.ª pessoa → 3.ª pessoa).

Quando falta o morfema aditivo à flexão, e só há alternância, a forma diz-se *forte: avô → avó* ou, mais restritamente se aplica, na gramática portuguesa, às 1.ª e 3.ª pessoas do singular do pret. perfeito do indicativo quando rizotônicas e atemáticas: *ter → tive, teve* (*i/e*), em oposição a *dizer → disse* (eu/ele); *poder → pude, pôde* (*u/o*), em oposição a *haver → houve* (eu/ele).

No plano sintagmático, a flexão provoca o fenômeno da concordância: *móvel novo → móveis novos* em oposição a *a casa nova → a casinha nova.*

Conceito de raiz ou radical primário – Chama-se *raiz*, em gramática descritiva, ao radical primário ou irredutível a que se chega dentro da língua portuguesa e comum a todas as palavras de uma mesma família.

Se tomarmos um vocábulo como *desregularizar* 84, facilmente podemos surpreender diversos graus de radical: o primeiro, destacando-se-lhe a vogal temática e a desinência de infinitivo, é *desregulariz-* (que aparece em *desregularização*); este radical pode ser reduzido, por destaques sucessivos, a: *regulariz* (sem o prefixo) > *regular* (sem o sufixo) > *regul* (cf. o latim *regu(la)* > *reg* (que aparece em *reger, régua*). Este último radical que constitui o elemento irredutível e comum a todas as palavras do grupo chama-se *primário* e coincide, em relação à língua atual, com a *raiz*. *Regul-* é um radical secundário (ou do 2.º grau), como *regular-* um radical terciário (ou do 3.º grau), e assim por diante.

OBSERVAÇÃO: Não interessa à gramática descritiva o conceito de raiz do ponto de vista histórico, que só é válido para a gramática histórica. Há frequentes divergências entre o estabelecimento de uma raiz dentro dos dois tipos de gramática; assim é que, enquanto para a histórica há raiz *ed-* em *comer* (do latim *comedere*, de *edere* = comer), a descritiva a esta reconhece em *com-* (cf. *com-ida, com-ilão, com-ilança*).

A raiz ou radical primário pode apresentar variante ou variantes; assim, a raiz *reg-* se altera em *regr-* (em *regra, regrar, desregrar*).

Base lexical real e base lexical teórica – Na análise mórfica (constitucional), torna-se importante acentuar, como já deixamos claro anteriormente, que nem sempre a unidade léxica que entra na constituição de uma forma derivada ou flexionada é a que se apresenta como básica. Muitas vezes, temos de nos socorrer de uma forma básica teórica, possível no sistema mas não vigente na norma. Assim é que nos plurais dos nomes terminados em consoante, socorremo-nos de uma forma teórica integrada pela vogal temática *-e-* para depois lhe acrescentar o pluralizador *-s*: *mar → *mare* → pl.: *mares.*

Palavras cognatas – Chamam-se cognatas as palavras que pertencem a uma família de raiz e significação comuns: *corpo, corporal, incorporar, corporação, corpúsculo, corpanzil; fugir* (em *foges,* temos a raiz alterada), *fugaz, refúgio, subterfúgio, trânsfuga.* Uma só família de palavras pode ter dois radicais, um de forma erudita, outro de forma popular: *digital* e *dedal, parietal* e *parede*, *capilar* e *cabelo, auricular* e *orelha, acutíssimo* e *agudíssimo*, *paupérrimo* e *pobríssimo, sacratíssimo* e *sagradíssimo*, etc.

Constituintes imediatos – Em análise mórfica, é importante ter em conta o princípio dos constituintes imediatos para que não se façam confusões no plano descritivo da classificação morfológica (vale o mesmo para as relações sintáticas) e se estabeleçam as possíveis gradações de estrutura. Assim é que diante de uma forma como *descobrimento*, não iremos enquadrá-la no grupo das palavras chamadas *parassintéticas* (considerando *des* + *cobri* + *mento*); trata-se de um derivado secundário cujos constituintes imediatos são o radical secundário *descobri-* e o sufixo *ment* (*o*). Em *arduamente* desprezaremos a desinência de feminino *-a-* (válida no vocábulo *árdua*) e analisaremos os constituintes imediatos: *ardua* + *mente*, sendo *ardua-* o radical secundário. Também em *desrespeitosamente* os constituintes imediatos são *desrespeitosa* (por destaques sucessivos > *respeitosa* > *respeit* > *speit,* este último radical primário ou raiz). Em *cantorezinhos* temos os constituintes imediatos *cantor* (*es*) e *zinho* (*s*), depois *cantor* e finalmente *cant-or*. Nessa gradação de elementos componentes de uma estrutura morfológica, nota-se que há certa ordem em sua distribuição; destacam-se primeiro, como nos constituintes imediatos, os elementos externos característicos da flexão, seguidos de elementos internos característicos do processo de transformação das palavras. Em nosso último exemplo, os externos de natureza flexional são representados pelas desinências de plural: *cantor(es),* e *zinho(s)*, enquanto os elementos internos são indicados pelos sufixos diminutivos de *cantor-zinho* (derivação sufixal) e pela desinência de nome de agente em *cant-or* (derivação sufixal).

A parassíntese ou circunfixação – Intimamente ligado à noção dos constituintes imediatos está o conceito de *parassíntese*, conceito não de todo assente entre os estudiosos. Para uns, para haver parassíntese basta a presença de prefixo e sufixo no derivado; é o caso de *descobrimento*, maneira de ver que rejeitamos, por não levar em conta a noção dos constituintes imediatos. Para outros, o processo consiste na entrada *simultânea* de prefixo e sufixo, de tal modo que não existirá na língua a forma ou só com prefixo ou só com sufixo; é o caso de *claro* para formar *aclarar*, em cujo processo entram concomitantemente o prefixo *a-* e o final *-ar*, elemento de flexão verbal que funciona, por acumulação, como sufixo. Como lembra Mattoso Câmara, pode dar-se ainda na parassíntese a adjunção de um sufixo de valor iterativo ou incoativo, o que ocorre em *entardecer* (*en* + *tard(e)* + *ec* + *er*) e *amanhecer* (*a* + *manh(ã)* + *ec* + *er*). Pode-se ainda entender que, a rigor, não existe parassíntese, se partirmos do fato de que, numa cadeia de novas formações, não poucas vezes ocorre o pulo de etapa do

processo, de modo que só virtualmente no sistema exista a forma primitiva. Assim, para se chegar a *farmacolando*, parte-se de um virtual **farmacolar* (à semelhança de *doutorar* em relação com *doutorando*), ou, para *prefeitável*, de um virtual **prefeitar* (como de *amar* para *amável*, ou de um *pagar* para *pagável*). Deste modo, em *aclarar, entardecer, amanhecer* se poderá pensar em partir dos virtuais **clarar, *tardecer, *manhecer* ou **aclaro, *entarde* e **amanhã*. Esta última explicação do fenômeno nos parece ser a melhor solução, abolindo a parassíntese como processo especial de formação de palavras, além de não contrariar o princípio geral da linearidade do signo linguístico.

As formações parassintéticas mais comuns no português ocorrem com o concurso dos prefixos *es -, a-, en-,* e os sufixos *-ear, -ejar, -ecer, -izar: esverdear, esclarecer, apodrecer, anoitecer, enraivecer, entardecer, encolerizar, aterrorizar.*

Haplologia na formação de palavras – A fim de evitar reduplicações de sílabas que pertencem à palavra primitiva e ao sufixo, é comum ocorrer *haplologia* ou *braquilogia*, como em: *caridad(e) + oso → caridoso* (por *caridadoso*) , *bondad(e) + oso → bondoso* (por *bondadoso*), *idad(e) + oso → idoso*. Estas simplificações também ocorrem em produtos por composição: *trágico + cômico → tragicômico*. Podem ocorrer também na língua as formas plenas: *caridadoso, bondadoso*.

Variantes dos elementos mórficos – É comum a variante de determinado elemento mórfico. Assim, altera-se a raiz em *reger* (reg-) e *regra* (regr-) ou *fazer* (faz-) e *fiz*; a desinência modo-temporal do pretérito imperfeito *-va-* (na 1.ª conjugação) ou *-ia-* (na 2.ª e 3.ª conjugações) passe a *-ve-* ou *-ie-*, respectivamente, na 2.ª pessoa do plural, pelo contato do *i* d e *is* da desinência pessoal (*amavas, amáveis, vendias, vendíeis, partias, partíeis*); a desinência de plural dos nomes é sempre *-s-*, mas diante de um plural como *mares*, temos, como já vimos em, de admitir uma forma teórica latente, no singular, não existente na norma, mas prevista no sistema, **mare*, que, servirá de forma básica para o plural *mares*. Ter-se-á de recorrer a essa forma teórica quando o pluralizador *-s* tiver de anexar-se a nome terminado em consoante: *sol → *sole + s > sols > soes → sóis; gás → *gase → gases,* etc. Quando temos formas variantes, aquela que ocorre isoladamente é a que se há de considerar a forma básica; assim é que temos as formas *chapéu* e *chapel* (em *chapelaria, chapeleiro*), mas a básica é *chapéu*, pois a outra só aparece nos derivados [VK.2, 20 n.2].

A forma livre *caber* (em *descaber*) apresenta, por exemplo, uma variante mórfica presa *-ceber* (em *receber, perceber*, etc.).

Tais variantes se chamam, à semelhança dos alofones, *alomorfes*. Destes alomorfes precisam ser distinguidos novos elementos mórficos oriundos de uma análise subjetiva do falante; não conhecendo a etimologia, muitas vezes o falante separa elementos que essa mesma etimologia não consigna. Por este processo, nasceram vocábulos como *sarampo* (do espanhol *sarampión*, e este do latim *sirimpionem*, por se pensar que *sarampão* fosse formado com o sufixo *-ão*), e *rosmano* (tirado de *rosmaninho*, do latim *rosmarinum*, também imaginado um

derivado com o sufixo de grau -*inho*).

Neutralização e sincretismo – A neutralização representa uma restrição no funcionamento das oposições distintivas existentes numa língua, quer no plano da fonologia, quer no plano gramatical (morfologia e sintaxe), quer no plano léxico.

Entende-se por neutralização a suspensão de uma oposição distintiva. Assim, o português estabelece oposição entre *e* aberto e *e* fechado, o que permite distinguir, por exemplo, *sede* (de um governo) e *sede* (sinto sede). Todavia, esta posição distintiva só funciona em posição tônica; se a vogal estiver em sílaba átona, só aparecerá o *e* fechado, na pronúncia normal brasileira, podendo fechar-se ainda mais a um *i*: *pedir/pidir*, sem que se altere o significado.

No plano do conteúdo gramatical, a oposição masculino/feminino fica suspensa com frequência no plural, apresentando-se apenas o masculino. Assim, *a menina e a prima estudiosas* no feminino, mas *a menina e o primo estudiosos*, em que o plural masculino se refere aos substantivos de gêneros diferentes.

Também o singular masculino pode, em certos contextos, assumir valor genérico e, assim, referir-se englobadamente a pessoas do sexo masculino e feminino: *O homem é mortal* (i.é, o homem e a mulher).

Ocorre o mesmo no léxico: *meus tios* pode fazer alusão a meus tios Benedito e Henrique, ou a meu tio Benedito e minha tia Noêmia. *Noite* e *dia* se dizem de partes distintas das "24 horas", mas *dia* pode englobar as duas partes quando empregado em contextos do tipo *Passei dois dias em Maceió*. Assim, o plural como termo marcado apresenta um traço diferencial positivo (com o valor "mais de um"), enquanto o singular, como termo não marcado apresenta dois valores: o contrário do outro (já que o singular é "unidade") e o valor genérico ("pluralidade"). Deste modo se explica por que o termo não marcado pode funcionar "em lugar" do marcado em certos contextos, não podendo haver o fenômeno contrário, isto é, o marcado aparecer "em lugar" do não marcado.

Em todos estes exemplos de neutralização, o termo que abrange toda a extensão da oposição se chamará *neutro*, *não marcado* ou *negativo*, e englobará o termo *positivo* ou *marcado*; assim, os masculinos *menino* e *dia* são termos neutros, e os femininos *menina* e *noite*, termos positivos ou marcados. Também, no sistema verbal, o presente se caracteriza pelo traço neutro, pois que, por isso, pode ser empregado "em lugar" do futuro (*Vou amanhã / Irei amanhã*) e do pretérito (*Pedro I proclama* nossa independência em 7 de setembro de 1822 / Pedro I *proclamou...*). Como ensina Coseriu, o presente, como termo neutro, pode ser empregado "em lugar" de qualquer outro tempo, e até em sentido "atemporal", ou em contextos de valor genérico ou em referência ao "presente eterno": *A terra gira em torno do sol*.

Não se há de confundir *neutralização* ou *sincretismo*. A neutralização, como vimos, é a suspensão, em determinado contexto, de uma oposição funcional que existe na língua em *um* dos seus dois planos: o da expressão ou o do conteúdo.

O sincretismo, por seu turno, é a ausência de manifestação material, numa seção de um paradigma ou em um paradigma, de uma distinção de conteúdo que, em outras seções do

mesmo paradigma ou em outros paradigmas análogos, se manifesta também materialmente. Assim, no paradigma verbal do português, a 1.ª e a 3.ª pessoas, que se distinguem em outros casos (*canto/canta; cantei/cantou*, etc.), não se distinguem, por exemplo, no imperfeito (*cantava*/*cantava*; *saía*/*saía*, etc.). Assim também haverá sincretismo, e não neutralização, em *falaram* como forma da 3.ª pessoa do plural do pret. perf. e do pret. mais-que-perfeito do indicativo, oposição recuperada na forma de 3.ª pessoa do singular (*falou/falara*) e ainda pelo contexto. Repare-se em que não se distinguem *na expressão* (na forma material, no significante), mas a diferença de conteúdo (de significado) persiste.

A diferença é que no sincretismo não há suspensão da oposição, nem há um termo de valor neutro que represente a soma "1.ª pessoa" + "3.ª pessoa". Pode haver sincretismos sintáticos, como, por exemplo, em *sábio alemão*, que admite duas interpretações exclusivas, conforme se entenda *sábio* como substantivo e *alemão* como adjetivo ou vice-versa.

Também em *amor de mãe* temos um sincretismo sintático, pois não se faz nenhuma distinção material se se trata do amor que a mãe tem ou nutre (pelos filhos, por exemplo) ou do amor que os filhos nutrem pela mãe; é o caso análogo ao genitivo "subjetivo" ou "objetivo" em latim. Mas os falantes fazem a distinção de conteúdo e não consideram a mãe como sujeito e objeto ao mesmo tempo.

O sincretismo pode ocorrer, principalmente, por *homonímia*, ou por *alomorfia* e desaparecimento do elemento mórfico, devidos a regras morfofonêmicas. Exemplos de homonímia: a) a vogal temática da 2.ª conjugação é *e*; esta vogal entretanto, passa a *i* no pret. imperf.; na 1.ª pessoa do singular do pret. perf. do indicativo e no particípio, suspendendo a oposição material distintiva com a 3.ª conjugação: vend + i + ia (com crase dos dois *ii*) → *vendia*; *vend + i + i → vendi; vend + i + do → vendido;* b) por outro lado, a vogal temática da 3.ª conjugação (*i*) passa a *e* quando átona, isto é, 2.ª e 3.ª pessoa do singular e 3.ª pessoa do plural do presente do indicativo e a 2.ª pessoa do singular do imperativo, suspendendo a oposição material entre a 2.ª e 3.ª conjugações: *vendes, partes; vende, parte; vendem, partem; vende tu, parte tu.* Também em *falaram*, a análise mórfica auxiliada pelo contexto dirá existir a 3.ª pessoa do plural do pret. perf. do indicativo (*fal-a-ra-m*) ou do pret. mais-que-perfeito (*fal-a-ra-m*).

Exemplos de desaparecimento: a) pela queda da vogal temática *i* do verbo *vir*, suspende-se a oposição, material entre o gerúndio e o particípio: *vindo* (gerúndio), *vindo* (particípio); b) pela queda da vogal temática *e* no infinitivo de *pôr*, este verbo ficou aparentemente afastado da 2.ª conjugação, chegando, durante muito tempo, a constituir razão para uma falsa 4.ª conjugação em português.

Graus de coesão de morfemas – A adição de morfemas nas constituições das palavras apresenta uma combinatória que cabe aqui ser referida. A adição aponta para uma combinatória rígida de modo que a ordem das unidades mórficas se mostra bem determinada. Assim, na estrutura do verbo em português – tomamos o verbo por exemplificação por ser, nas línguas flexivas como a nossa, aquela palavra de elementos estruturais mais rica – temos:

T (radical + vogal temática) + *D* (DMT + DNP)

am-a + re-mos

Em *recompor*, o prefixo *com* se acha mais integrado à significação do verbo *pôr* do que o prefixo *re-*. Também numa construção em que dois adjetivos modificam um mesmo substantivo, o adjetivo mais distante do substantivo é o menos coeso a ele, o que lhe permite normalmente permutar de posição: *céu azul maravilhoso / maravilhoso céu azul*, mas não *azul céu maravilhoso*. Entre prefixos isto não se dá: *recompor* (e nunca **comrepor*) [VK.2, 41].

Subtração nos elementos mórficos – Já vimos que os elementos mórficos podem ocorrer num processo de subtração, ao contrário do que ocorre com o processo por adição. A supressão de morfema é menos comum em português que o processo por adição.

Em português, um exemplo de morfema subtrativo é o que ocorre com os femininos de *anã, irmã, órfã*, obtidos pela eliminação do *-o* do masculino: 85

anão / anã
irmão / irmã
órfão / órfã

Temos ainda formação de palavras por procedimentos supressivos:

a) supressão do segmento medial pertencente a qualquer das bases: *petrodólares, apart-hotel, cineclube, credifone, tragicômico*

b) supressão do segmento final: *narcótico* → *narcotizar; prioridade* → *priorizar; maldade* → *maldoso*.

c) supressão do elemento final por cruzamento de bases: *motel* (motor + hotel), *brasiguaio* (brasileiro + uruguaio), *malular* (malufar + Lula), *sofressora* (sofrer + professora), *criança* (criança + onça), *aborrescente* (aborrecer + adolescente), *chafé* (chá + café). Este procedimento tem sido usado por bons escritores modernos (Guimarães Rosa, Mia Couto).

A subtração pode ocorrer por um processo de abreviação, em que a parte vale pelo todo: *foto* (grafia), *pneu* (mático), *metrô* (politano).

Morfema zero – Diferente do morfema subtrativo é o morfema zero (Ø). Consiste o morfema zero na ausência de uma marca de oposição gramatical em referência a outro termo marcado. Só haverá morfema zero se a noção por ele expressa for inerente à classe gramatical em que ele ocorra.

Assim, no par *alto/alta*, a oposição de gênero aparece marcada nos dois termos mediante *-o* e *-a*, já no par *alto/altos*, a noção de número plural, inerente à classe dos nomes, se acha marcada pelo pluralizador *-s*, enquanto a noção de singular está marcada pela ausência de uma marca. É esta ausência que tem o significado do valor do singular, e assim podemos considerá-la um verdadeiro morfema, a que chamaremos morfema zero (Ø).

Também em *amo, amas, ama*, as duas primeiras formas verbais apresentam marca de 1.ª e 2.ª pessoas do singular; a última (*ama*), pela falta de marca em relação às outras do mesmo

paradigma apresenta morfema zero para significado da 3.ª pessoa do singular.

OBSERVAÇÃO: Têm-se apresentado substantivos do tipo *pires, lápis, alferes*, adjetivos do tipo *simples, triste, feliz, capaz* como exemplos de morfema zero, por terem a mesma forma para o singular e o plural (nos substantivos) e para o masculino e feminino (nos adjetivos). Concordamos com a lição de Herculano de Carvalho, que não vê nestes casos morfema zero; trata-se de palavras que se mostram excepcionalmente alheias às classes gramaticais de número e gênero [HCv.2, II, 608-609]. Desta forma, *pires* não é um singular que permanece invariável no plural, pois não é em si nem singular nem plural, como *simples* não é nem masculino nem feminino.

Acumulação nos elementos mórficos – Entende-se, em geral, por *morfema cumulativo* aquele que reúne em si várias funções gramaticais. Assim, vê-se no *-o* final das formas verbais da 1.ª pessoa do presente do indicativo (*estudo, vendo, parto*) exemplo de morfema cumulativo, já que significa, simultaneamente, a pessoa (1.ª), o número (singular), o tempo (presente ou não passado) e o modo (indicativo).

Também entram na exemplificação de morfema cumulativo as desinências pessoais do pret. perfeito (*-i, -ste, -u, -stes*) porque eventualmente acumulam as funções de desinências modo-temporais que, nestas formas, é zero.

Todavia, esta descrição não é unanimemente aceita. Segundo alguns autores, entretanto, a condição para se considerar que estamos diante de um morfema cumulativo é o fato de duas ou mais significações gramaticais *nunca* serem marcadas por morfemas diferentes: é o que ocorre com as categorias de número e caso em algumas línguas indo-européias mais antigas ou conservadoras.86 Não é o caso, a rigor, do nosso *-o* final de *estud-o, vend-o, part-o*. Como ensina Matthews, tal caso não se ajusta a um modelo regular, pois a desinência costuma permanecer constante nos diferentes tempos e modos verbais. É bem verdade que o tempo e o modo estão sem morfemas aditivos, mas é um caso meramente especial de morfema sobreposto (cumulação acidental, para Sílvio Elia), como lhe chama o linguista citado, em relação com a totalidade do paradigma.

Em relação às desinências número-pessoais do pret. perf. do indicativo, lembremos que o verbo em português separa as desinências número-pessoais das modo-temporais. Assim, parece-nos que a melhor análise é considerar que no pret. perfeito do indicativo a desinência modo-temporal é zero, tal como se dá no presente do indicativo e no presente do subjuntivo. Não passa a sua função gramatical para a desinência número-pessoal.87

Muitas vezes um elemento mórfico utilizado para certa noção pode, por acumulação acidental, servir também para determinar outra noção desprovida de elemento característico (*elemento mórfico subtrativo*). As desinências de pessoa especiais para o pret. perfeito (*-i, ste, -u, -stes*), acumulam as funções de desinência modo-temporal por não existirem elas nestas formas verbais. Assim é que, embora haja elemento mórfico subtrativo, sabemos que *cantei, vendi* e *parti*, por exemplo, estão na 1ª pessoa do singular (função essencial da desinência *i*) do pret. perfeito do indicativo (função acumulativa da referida desinência), como ocorre com *-o* final de *estud-o*, *vend-o*, *part-o*, formas que estão na 1.ª pess. do sing. do pres. do indicativo.

Fusão nos elementos mórficos – Os elementos mórficos podem combinar-se por

justaposição ou por *fusão*. Em *livros* juntou-se ao radical primário a desinência pluralizadora *-s*, justaposta. No plural *canais* (*canale + s) ou *funis* (*funile + s) a integração do radical e desinência é mais íntima, não permitindo a análise dos dois elementos fundidos. No primeiro exemplo (*canais*), a fusão deu origem a um ditongo enquanto no segundo (*funis*) favoreceu uma crase (**funile + s = funi(l)es > funiis> funis*). Na 1.ª pessoa do singular do pretérito perfeito e na 2.ª pessoa do plural do pres. do indicativo da 3.ª conjugação há crase resultante da fusão da vogal temática com a desinência pessoal: *parti* (< partii), *partis* (< partiis) [Cf. VK.2, 20 n.2].

A aglutinação é um caso de fusão e, às vezes, pode ser tão íntima que o sentimento de linguagem moderno não perceba os dois elementos justapostos que a análise histórica patenteia. Dessarte, a gramática descritiva vê em *relógio* uma palavra simples, cujo radical é *relog-*; a histórica remonta aos dois radicais *hora lógio* (isto é, máquina que "diz a hora") [MC.2, 95].

O sufixo adverbial *-mente* foi primitivamente um substantivo de forma livre que se juntava aos femininos de adjetivos: *boa mente, clara mente*; depois houve maior integração dos dois elementos porque a forma livre passou a ser usada como afixo (forma presa) formador de advérbios. Foi desta aplicação de uma palavra como forma presa (afixo) que se originaram, para o português, o futuro do presente (*trabalharei*) e do pretérito (*trabalharia*), pois se uniram ao infinitivo (*trabalhar*) o presente e o pretérito imperfeito do verbo *haver* (*dar hei, dar hia* por *havia*). São casos de *hipotaxe* ou subordinação.

Passando as formas do verbo *haver* a constituir parte da desinência modo-temporal (*trabalharei* desdobra-se em *trabalh-a-re-i, trabalharia* em *trabalh-a-ria*, a gramática descritiva considera as nossas duas formas de futuro como formas simples.

Suplementação nos elementos mórficos – O ponto alto de uma irregularidade em relação ao paradigma da forma regular de determinado elemento mórfico é o processo chamado suplementação (ou *alternância supletiva*), que consiste em suprir uma forma com outra oriunda de radical diferente. O nosso verbo *ser* é anômalo porque, nas suas flexões, pede o concurso de dois verbos: *esse* e *sedēre*, também *ir* está neste caso, pois, além de suas formas próprias, possui as dos verbos *vadĕre* e *esse.*

A intensidade, a quantidade, o timbre e os elementos mórficos – Muitas vezes, em lugar de uma forma linguística, a intensidade, a quantidade e o timbre servem para ressaltar uma noção gramatical. Já vimos como o acento intensivo se mostra decisivo para distinguir o adjetivo, o verbo e o substantivo em *sábia, sabia* e *sabiá*.

A maior demora numa sílaba em regra traduz uma ênfase no significado da palavra:

> "Idiota! Trezentos e sessenta contos não se entregam nem à mão de Deus Padre! Idiota! Idioota!... Idiooooota..." [ML.1, 219].

A desinência do mais-que-perfeito do indicativo *-ra-* (variante *re-*) difere da semelhante que ocorre no futuro do presente, porque aquela é átona e esta é tônica: *cantara* (cant-a-ra) e *cantará* (cant-a-rá), *cantaras* (cant-a-ra-s) e *cantarás* (cant-a-rá-s).

A mudança de timbre (metafonia) concorre com a desinência da palavra para caracterizar o gênero, o número ou a pessoa do verbo: *caroço* (singular com *o* tônico fechado) → *caroços* (plural com *o* tônico aberto); *esse/essa, fez/fiz,* etc.

Há três grupos de alternância de timbre da vogal tônica com funções de indicações gramaticais:

a) | ê | → | é |; |ô | → | ó |

Em alguns nomes e pronomes, marca a oposição entre masculino e feminino ou singular e plural: *esse/essa; novo/nova*; *ovo/ovos.*

Em verbos da 2.ª conjugação marca, no presente do indicativo, a oposição entre a 1.ª pessoa do singular e as outras formas rizotônicas: *devo/deves, deve, devem; torço/torces, torce, torcem.*

b) | ê | → | i |; | ô | → | u |

Em pronomes, marca a oposição entre a referência de masculinos adjuntos e absolutos: *este, esse/isso; aquele/aquilo; todo/tudo.*

Em verbos fortes, marca a oposição entre 1.ª e 3.ª pessoas: *fez/fiz; pôs/pus.*

c) | i | → | ê |; | u | → | ô |; | i | → | é |; | u | → | ó |

Em verbos da 3.ª conjugação, marca, no presente do indicativo, a oposição entre a 1.ª pessoa e as outras rizotônicas: *minto/mentes, sinto/sentes*; *sumo/somes*; *firo/feres*; *durmo/dormes* [VK.2, 43-44].

Em Portugal, em geral, é o timbre aberto ou fechado da vogal tônica que distingue a 1.ª pessoa do plural do presente do indicativo e do pret. perfeito dos verbos da 1.ª e 2.ª conjugações: *lavamos* (â) (presente), *lavamos* (á) (pretérito), *devemos* (ê) (presente), *devemos* (é) (pretérito). No Brasil não fazemos em regra esta distinção, que fica, em geral, a cargo do advérbio adequado: *Hoje falamos disso. Ontem falamos disso.*88

2 – Formação de Palavras do Ponto de Vista Constitucional

Renovação do léxico: criação de palavras – As múltiplas atividades dos falantes no comércio da vida em sociedade favorecem a criação de palavras para atender às necessidades culturais, científicas e da comunicação de um modo geral. As palavras que vêm ao encontro dessas necessidades renovadoras chamam-se *neologismos*, que têm, do lado oposto ao movimento criador, os *arcaísmos*, representados por palavras e expressões que, por diversas razões, saem de uso e acabam esquecidas por uma comunidade linguística, embora permaneçam em comunidades mais conservadoras, ou lembrados em formações deles originados. De tudo isto trataremos no lugar próprio.

Os neologismos ou criações novas penetram na língua por diversos caminhos. O primeiro deles é mediante utilização da prata da casa, isto é, dos elementos (palavras, prefixos, sufixos) já existentes no idioma, quer no significado usual, quer por mudança do significado, o que já é um modo de revitalizar o léxico da língua.

Entre os procedimentos formais temos, assim, a *composição* e a *derivação* (*prefixal* e *sufixal*).

Outra fonte de revitalização lexical são os *empréstimos* e *calcos linguísticos*, isto é, palavras e elementos gramaticais (prefixos, preposições, ordem de palavras) tomados (empréstimos) ou traduzidos (calcos linguísticos) ou de outra comunidade linguística dentro da mesma língua histórica (regionalismos, nomenclaturas técnicas e gírias) ou de outras línguas estrangeiras – inclusive grego e latim –, que são incorporados ao léxico da língua comum e exemplar.

Uma fonte muito produtiva do neologismo vem da criação de certos produtos ou novidades que recebem o nome de seus inventores ou fabricantes, como *macadame, gilete*, etc. Muito próxima a esta via são os nomes criados levando em conta os sons naturais (fonossimbolismo) produzidos por seres e objetos: *Kodak, pipilar,* etc., são as onomatopéias e palavras expressivas.

De todos esses procedimentos de revitalização do léxico, merecem atenção especial para a gramática a composição e a derivação, tendo em vista a regularidade e sistematicidade com que operam na criação de novas palavras.

Conceito de composição e de lexia 89 – Já está assentada a distinção entre *composição* e *lexia*; por composição entende-se a junção de dois elementos identificáveis pelo falante numa unidade nova de significado único e constante: *papel-moeda, boquiaberto, planalto*. Há os compostos com elementos eruditos, geralmente de origem grega e latina, que só ocorrem na língua nessas novas unidades, isto é, que não aparecem independentes no discurso, e há os compostos com elementos vernáculos, de existência independente na língua (*papel-moeda*) ou com leves alterações formais (*planalto: plan*[*o*]*alto, boquiaberto: boqu*[*i*]*aberto*).

Por seu turno, a *lexia* complexa (termo cunhado pelo linguista francês Bernardo Pottier), também dita *sinapsia* (termo de outro linguista francês Emílio Benveniste – em grego ‘junção’, ‘conexão’, ‘coleção de coisas juntas’), é formada de sintagmas complexos que podem ser constituídos de mais de dois elementos: *negócio da China* (‘transação comercial vantajosa’), *pé de chinelo* (‘diz-se da pessoa de poucos recursos’), etc.

Alguns autores incluem a sinapsia no rol dos tipos de compostos, mas Benveniste – e cremos que com razão – prefere distingui-la. São características da sinapsia, segundo este autor:

a) a natureza sintática (não morfológica) da ligação dos elementos, o que muitas vezes torna difícil verificar se houve ou não lexicalização do conjunto;

b) o emprego de transpositores (preposições);

c) a ordem fixa *determinado* + *determinante*;

d) sua forma lexical plena, e a livre escolha de qualquer substantivo ou adjetivo;

e) a ausência de artigo antes do determinante, pois a presença do artigo romperia a unidade do conjunto, como se pode ver em *ar de família / ar da família; casa de pensão / casa da pensão;*

f) a possibilidade de expansão tanto do determinado quanto do determinante, *pouco ar de família / ar de boa família,* pois seu significado, apesar da expansão, é único e constante;

g) o caráter único e constante do significado.

Vê-se que algumas das características apontadas são também comuns aos compostos, o que explica, muitas vezes, a dificuldade de se traçarem limites rígidos entre os dois processos, já que, na língua, é tênue o limite entre o que é livre e o que está fixado.

A sinapsia, cujo resultado é sempre um substantivo ou adjetivo, tem grande vitalidade, especialmente na linguagem científica e técnica e, por isso mesmo, cria problemas na dicionarização dessas unidades lexicalizadas, já que dicionários e gramáticas, no seu levantamento, se guiam com maior atenção pela ortografia.

A relação sintática nas formações sinápticas é marcada normalmente mediante a preposição *de*, aparecendo ainda a preposição *em* ou *a*, esta última por influência estrangeira, em especial quando a unidade designa um artefato, em que o determinante indica o agente motor; *barco à vela, motor à explosão, fogão a gás*, ou uma característica distintiva *televisão a cores / televisão em cores.*

Há compostos em que a lexicalização se apresenta mais evidente que na sinapsia, é o caso dos compostos por *disjunção* e por *contraposição*.

Nos compostos por disjunção nem sempre os dois elementos se juntam graficamente por mais que seja evidente a lexicalização:

opinião pública guerra civil

mas

bicho-carpinteiro peixe-espada

Nestes compostos, o primeiro elemento é a denominação, enquanto o segundo é a sua especificação; assim *peixe-espada* é um *peixe* "que se assemelha a uma espada" e *opinião pública* é uma *opinião* "que é pública". A relação se diz de disjunção porque, embora o segundo seja uma especificação do primeiro, *espada* não é uma subclasse de *peixe* nem *pública* o é de *opinião*, como se os dois elementos pertencessem a classes diferentes.

Os compostos por disjunção são muito empregados nas denominações de plantas e animais, e menos frequentes na linguagem comum.

Os compostos por *contraposição* quando se constituem por dois substantivos, o segundo exerce uma função predicativa que designa a finalidade do primeiro, e há entre eles uma relação sintática de coordenação:

escola-modelo navio-escola
carro-leito carro-bomba

Em *acordo luso-brasileiro* é um acordo que envolve *portugueses* e *brasileiros*.

Nesses compostos com adjetivos étnicos, em geral são preferidas as formas reduzidas às plenas no primeiro elemento: luso-brasileiro (e não lusitano-brasileiro), aliança nipo-russa (e não japonês-russa).

A composição é uma transformação sintática em expressão nominal – Já vimos que compostos como *papel-moeda* se prendem a uma oração de base do tipo de "papel que é

moeda" o que aponta para o fato de tais unidades léxicas serem transformações de construções sintáticas simples ou complexas. Benveniste dá-nos sobre isto lição magistral:

> Os compostos "representam a transformação de certas orações típicas, simples ou complexas, em signos nominais. Não se pode, portanto, explicar a criação dos compostos pela simples junção imediata de dois signos anteriores. Se a composição nominal fosse, como é sempre apresentada, um processo de natureza morfológica, não se compreenderia por que ela parece se realizar em toda a parte, nem como puderam surgir essas classes formais em número limitado, tão parecidos entre as línguas mais diversas. É que o impulso que produziu os compostos não veio da morfologia, onde nenhuma necessidade os solicitaria; ele provém das construções sintáticas com suas variedades de predicação. É o modelo sintático que cria a possibilidade do composto morfológico e que o produz por transformação. A oração, com seus diferentes tipos, emerge assim na zona nominal. Consequentemente, é preciso reconhecer nos compostos uma situação particular. Em geral, eles são arrolados, com os derivados, na "formação dos nomes". Seria preciso, de preferência, fazê-los entrar em um capítulo novo da teoria das formas, consagrado ao fenômeno que poderia se chamar "*metamorfismo*"; entendemos por isso o processo de transformação de certas classes em outras (...). No momento em que a oração é transformada em composto e que os termos da oração se tornam membros do composto, a predicação é colocada em suspenso, e o enunciado atual torna-se virtual. É esta a consequência do processo de transformação.
>
> Assim se define então a função do composto: transferir para o virtual a relação atual de predicação enunciada pela oração de base. É justamente a essa função que correspondem também as características formais dos compostos. Tudo o que pode remeter a uma situação atual é apagado: a predicação verbal está apenas implícita; o primeiro membro, desprovido de qualquer índice de caso, de número, de gênero, é reduzido a um semantema; o segundo termo, sobre o qual repousa a relação sintagmática, toma uma forma e um final novos, índices do estatuto de adjetivo que o composto recebe (...). Ao passar assim para o quadro formal do nome, a oração livre sofre uma inevitável redução de suas latitudes de expressão. Seria seguramente impossível conter os dois termos do composto a multiplicidade de relações sintáticas a que é suscetível a oração livre. Todavia o composto é capaz de maior diversidade do que parece, e suas numerosas variedades recenseadas pelas gramáticas correspondem justamente a tipos diversos de orações (...).
>
> Mas esse relativo empobrecimento da expressão sintática transformada em expressão nominal é compensado pela variedade das combinações que o composto oferece à língua. Ele dá o poder de manejar como adjetivos ou nomes orações inteiras e de fazê-las entrar revestidas nessas novas espécies em outras orações. Assim se constitui particularmente um vasto repertório, sempre aberto, de compostos descritivos, instrumentos da classificação e da nomenclatura, aptos a se tornarem denominações científicas ou epítetos poéticos, e que, além do enriquecimento que proporcionam, mantêm essa atividade metamórfica, talvez o trabalho mais singular da língua" [EBv, 2, 163-164].

Palavras indivisíveis e divisíveis – INDIVISÍVEL é a palavra que só possui como elemento mórfico o radical: *mar, sol, ar, é, hoje, lápis, luz.*

DIVISÍVEL é a palavra que, ao lado do radical, pode desmembrar-se em outros elementos mórficos:

> mares (mar-e-s), alunas (alun-a-s), trabalhávamos (trabalh-á-va-mos).

Palavras divisíveis simples e compostas – Diz-se SIMPLES a palavra divisível que só possui um radical. Os outros elementos mórficos que a compõem ou são de significação puramente gramatical ou acrescentam ao radical a ideia subsidiária que denotam os afixos (prefixos ou sufixos).

Por causa desta nova aplicação de significado que os afixos comunicam ao radical, as palavras simples se dividem em *primitivas* e *derivadas*.

PRIMITIVA é a palavra simples que não resulta de outra dentro da língua portuguesa: *livro, belo, barco*

DERIVADA é a palavra simples que resulta de outra fundamental: *livraria, embelezar, barquinho.*

COMPOSTA é a palavra que possui mais de um radical: guarda-chuva, lanígero, planalto

Tanto as palavras simples (primitivas ou derivadas) como as compostas podem ser acrescidas de desinências que servem para exprimir uma categoria gramatical (flexão) que,

nos nomes e pronomes, traduz as noções de *gênero* e *número* e, nos verbos, *número, pessoa, tempo* e *modo*:

a) primitivas flexionadas: *livros, meninas*

b) derivadas flexionadas: *livrarias, meninadas*

c) compostas flexionadas: *couves-flores, guarda-livros, planaltos*

Quando a palavra é constituída de vários elementos mórficos, cabe, antes de mais nada, estabelecer o princípio dos constituintes imediatos. Analisando, por exemplo, *fidalgotes,* estabeleceremos que a palavra é primeiramente constituída de *fidalgote* + desinência de pluralizador *s*, através de *fidalg(o)* + diminutivo *-ote*.

Processos de formação de palavras – Dois são os principais processos de formação de palavras em português do ponto de vista da expressão ou da sua constituição material:

a) *composição*

b) *derivação*

A COMPOSIÇÃO consiste na criação de uma palavra nova de significado único e constante, sempre e somente por meio de dois radicais relacionados entre si. Isto não impede que um dos elementos do composto seja ele mesmo já um composto, contado como um termo único, pelo princípio dos constituintes imediatos.

1) Substantivo + substantivo:

a) Coordenação – quando há sequência de coordenação de elemento: 1– o determinante precede: *mãe-pátria, papel-moeda;* 2– o determinante vem depois: *peixe-espada, carro-dormitório, couve-flor*;

OBSERVAÇÃO: Os compostos com o determinado antes do determinante são os tipicamente portugueses. Nos compostos coordenativos um dos substantivos funciona como aposto do outro, em geral, o segundo: *peixe-espada* (peixe que se parece com uma espada). Compostos deste tipo em que o determinante vem antes do determinado, como em *mãe-pátria*, são mais raros. "Os realistas e os simbolistas são, porém, os que fazem mais vasto emprego artístico do substantivo por aposição, e cumpre confessar que, pela sua brevidade e viveza, têm estas formações alto poder estético: "A *nau-fantasma*, cortada a amarra, bamboleia nas ondas, prestes a largar" [G. Junqueiro *apud* MBa.2, 116-117]. Quando os elementos são constituídos por substantivos que apresentam formas para os dois gêneros, o determinante vai para o gênero do determinado, por ser este o principal: *batata-rainha*. As exceções explicam-se por analogia. Se não há distinção genérica, não se dará, naturalmente, a concordância: *a cobra-cascavel, a cobra-capelo, o pau-maçã, a fruta-pão, a cólera-morbo*. Quando fica obliterada ou esmaecida a natureza da composição, mais parecendo tratar-se de palavra simples, pode predominar o gênero do último, como ocorre com *o pontapé* [cf. MAg.3, 151-152].

b) Subordinação – quando há subordinação de um elemento, isto é, de um determinante a outro determinado: *arco-íris, estrada de ferro, pão de ló.*

OBSERVAÇÃO: Nesse tipo de subordinação, os elementos se unem por uma relação de complemento de substantivo, do adjetivo ou do verbo [cf. VK.3, 42 n. 5]. É muito natural no português a omissão da preposição *de*, como acontece com *arco-íris* (por *arco da íris, Íris* é nome mitológico). Assim, *porco-espinho* (= porco de espinho), *beira-mar* (= beira do mar), *pontapé* (= ponta do pé), etc. Observe-se que quando o gênero ou o número do 2.º elemento diverge do do 1.º, dá-se muitas vezes a concordância por influência deste: *pedra-raia* (por pedra de raio), *bolo-rei* (por bolo de Reis [Magos]), *sete-estrelo* (por sete estrelas) [cf. LV.2, 1, 441-442].

2) Substantivo + adjetivo (ou vice-versa):

aguardente, obra-prima, fogo-fátuo, belas-artes, baixa-mar, boquiaberto.

3) Adjetivo + adjetivo:

surdo-mudo, luso-brasileiro, auriverde.

4) Pronome + substantivo:

Nosso Senhor, Sua Excelência.

5) Numeral (inclusive latino) + substantivo:

onze-letras (alcoviteira), segunda-feira, bisneto, trigêmeo, sesquicentenário (sesqui = um e meio).

6) Advérbio (*bem, mal, sempre*) + substantivo, adjetivo ou verbo:

benquerença, benquisto, benquerer, malcriação (inutilmente corrigido para má-criação), malcriado, sempre-viva.

7) Verbo + substantivo:

lança-perfume, porta-voz, busca-pé, passatempo.

8) Verbo + verbo ou verbo + conjunção + verbo:

vai-vém, leva e traz, corre-corre.

9) Verbo + advérbio:

pisa-mansinho, ganha-pouco.

10) Um grupo de palavras ou uma oração inteira pode passar, pelo processo da hipotaxe ao nível de palavra:

um *Deus nos acuda*, mais vale um *toma* que dois *te darei*, os *disse me disse*.

Como já vimos, a associação dos componentes das palavras compostas se pode dar por:

a) *justaposição*: guarda-roupa, mãe-pátria, vai-vém.

b) *aglutinação*: planalto, auriverde, fidalgo.

OBSERVAÇÃO: Incluem-se no processo da aglutinação os casos, raros nas línguas românticas, de *incorporação nominal*, mediante os quais se incorpora ao verbo o seu complemento, nome ou pronome, que exerce a função semântica de paciente, locativo ou instrumental: *pesa-me - pêsame,* esp. *rabiatar* (= *atar el rabo*), etc.

"Na análise mórfica de um composto por justaposição, separam-se primeiramente as duas palavras, e, depois procede-se à separação de cada uma delas, se são divisíveis" [MC.2, 94].

Derivação – Derivação consiste em formar palavras de outra primitiva por meio de afixos. De modo geral, especialmente na língua literária e técnica, os derivados se formam dos radicais de tipo latino em vez dos de tipo português quando este sofreu a evolução própria da história da língua: *áureo* (e não *ouro*), *capilar* (e não *cabelo*), *aurícula* (e não *orelha*), etc. [MBa.1, 429-430].

Os afixos se dividem, em português, em *prefixos* (se vêm antes do radical) ou *sufixos* (se vêm depois). Daí a divisão em *derivação prefixal* e *sufixal*.

DERIVAÇÃO SUFIXAL: *livraria, livrinho, livresco.*

DERIVAÇÃO PREFIXAL: *reter, deter, conter.*

OBSERVAÇÃO: Como vimos em **Afixos: prefixos e sufixos. Interfixos**, os prefixos assumem valor semântico que empresta ao radical um novo significado, patenteando, assim, a sua natureza de elemento mórfico de significação externa subsidiária.

Baseados nisto, a gramática antiga e vários autores modernos fazem da prefixação um

processo de composição de palavras.

Sufixos – Os sufixos dificilmente aparecem com uma só aplicação; em regra, revestem-se de múltiplas acepções e empregá-los com exatidão, adequando-os às situações variadas, requer e revela completo conhecimento do idioma. Ao lado dos valores sistêmicos, associam-se aos sufixos valores ilocutórios intimamente ligados aos valores semânticos das bases a que se agregam, dos quais não se dissociam.90 A noção de aumento corre muitas vezes paralela à de coisa grotesca e se aplica às ideias pejorativas: *poetastro, mulheraça.* Os sufixos que formam nomes diminutivos traduzem ainda carinho: *mãezinha, paizinho, maninho.* Outras vezes, alguns sufixos assumem valores especiais (por exemplo *florão* não se aplica em geral a flor grande, mas a uma espécie de ornato de arquitetura), enquanto outros perdem o seu primitivo significado, como *carreta, camisola*. Por fim, cabe assinalar que temos sufixos de várias procedências, sendo os latinos e gregos os mais comuns nas formações eruditas.

Nas formações eruditas greco-latinas serão considerados nesta gramática elementos sufixais formas como - *ífic* -, - *ífer* -, - *duct* - e quejandos, em unidades como *sudorífico, frutífero, aqueduto*, assim como são elementos prefixais formas como *anfi-, extra-, inter-, mono-, multi-, poli-,* em *anfiteatro, extrafino, monovalente, multicolor, polianteia,* etc.

I – *Principais sufixos formadores de substantivos*:

1) Para a formação de nomes de agente, e ainda instrumento, lugar: 91

-tor, -dor, -sor, -or: narrador, genitor, ascensor, cantor, metralhadora, corredor (= lugar por onde se anda)

-nte, estudante, requerente, ouvinte

-ista: dentista, jornalista

-eira, -eiro: lavadeira, padeiro, vendeiro, derradeiro

-ária, -ário: bibliotecária, secretário

2) Para formação de nomes de ação ou resultado de ação, estado, qualidade, semelhança, composição, instrumento, lugar:

a) Derivados de verbo:

-ame: gravame

-ção, -são: coroação, perdição, compreensão, ascensão

OBSERVAÇÃO: Há de se atentar para a correta grafia de *-ção* e *-são*.

-mento: casamento, descobrimento

-ura, -dura, -tura: feitura, mordedura, formatura

-ança (-ancia), -ença (-encia): mudança, esperança, parecença, abundância, convalescença, (ou convalescência)

-ata: passeata

-ada: estada (estadia na norma de Portugal)

-ida (verbos da 2.ª e 3.ª conjugações): acolhida, partida

-agem: vadiagem

-ário: lapidário

b) Derivados de substantivo:

-ada: laçada, braçada, pousada

-ura: cintura

-astro: poetastro

-*estre*: silvestre, campestre
-*ato*: orfanato
-*aço, -aça*: vidraça
-*cínio*: patrocínio (não confundir com o radical -*cinio*, de *canĕre* 'cantar': galicínio 'o canto do galo')

c) Derivados de adjetivos:

-*ismo*: charlatanismo, civismo
-*tude*, -*dão:* amplitude, amplidão, solidão
-*ura*: doçura, brancura (concorrente vitorioso sobre -*or*: *verdor*, *amargor*)
-*eza, -ez*: beleza, viuvez
-*ácia*: audácia, falácia
-*dade*: dignidade
-*mônia*: acrimônia

3) Para significar lugar, meio, instrumento:

-*douro, -doura*: bebedouro, manjedoura
-*tério*: necrotério
-*tório*: dormitório
-*aria, -eria*: livraria, tesouraria, sorveteria
-*edo*: arvoredo
-*bulo*: turíbulo
-*or*: corredor
-*il*: covil (relacionado a nomes de animal, para indicar onde se recolhem)
-*anco*: barranco
-*cro*: simulacro, ambulacro

4) Para significar abundância, aglomeração, coleção:

-*aria, -ário, -eria*: cavalaria, infantaria (ou infanteria), casario
-*al:* laranjal, cipoal
-*edo*: arvoredo
-*eira*: doenceira, desgraceira
-*io*: mulherio
-*ama, -ame, -ume, -um*: mourama, velame, ervum, mulherum, homum, negrume
-*agem*: folhagem
-*ada*: boiada
-*aço*: chumaço
-*alha*: parentalha
-*ardo*: moscardo
-*ana, -aina* (por alongamento): andana, andaina

5) Para significar causa produtora, lugar onde se encontra ou se faz a coisa denotada pela palavra primitiva:

-*ário*: relicário, herbanário
-*eiro, -eira*: açucareiro, chocolateira
-*aria*: livraria, mercearia

6) Para formar nomes de naturalidade:

-*aco*: austríaco
-*ano,-ão*: pernambucano, coimbrão
-*ense, -ês*: cearense, português
-*enho*: estremenho (da Estremadura, Portugal)
-*eno*: madrileno, chileno

-*eu, -éu*: caldeu, hebreu, ilhéu (fem. *ilhoa*)

-*engo*: *flamengo*

-*ico*: brasílico

OBSERVAÇÃO: Em *algarvio* não há sufixo -*io*.

-*ista*: paulista

-*ol*: espanhol

-*oto*: minhoto (ô)

-*ato*: maiato (natural de Maia)

-*ino*: platino, bragantino

-*eiro*: brasileiro

-*eta*: lisboeta

-*aico*: hebraico, caldaico

7) Para formar nomes que indicam maneira de pensar; doutrina que alguém segue; seitas; ocupação relacionada com a coisa expressa pela palavra primitiva:

-*ismo*: cristianismo, classicismo

-*ista*: socialista, espiritista

-*ano*: maometano, anglicano

8) Para formar outros nomes técnicos usados nas ciências [AN.1, 123-124]:

-*ite* (emprega-se para as inflamações): pleurite, rinite, bronquite

-*ema* (é utilizado nos modernos estudos de linguagem com o sentido de "mínima unidade distintiva"): fonema (menor unidade de som); morfema (menor unidade significativa de forma), lexema, semema, estilema, etc.

-*oso* e -*ico* (distinguem óxidos, anídridos, ácidos e sais, reservando-se o último para os compostos que encerrem maior proporção do metaloide empregado): cloreto mercuroso, cloreto mercúrico

-*ato, -eto, -ito* (formam nomes de sais: clorato, cloreto, clorito): clorato de potássio, cloreto de sódio. Para os sais de enxofre usa-se o radical *sulf*: sulfeto, sulfito, e não *sulfur*, que é forma latina: sulfato de quinino, hipossulfito de sódio. Para os de fósforo usa-se o radical *fosf*, para os de flúor *flu*: fosfato, fluato. Para os de carbônio, o uso vulgar aceitou as formas *carbonato*, bem derivada, e *carbureto* (em vez de *carboneto*), que denota influência francesa: bicarbonato de sódio, carbureto de cálcio.

-*ênio* (caracteriza carbonetos de hidrogênio): acetilênio, etilênio, metilênio, etc.

-*ilio* (aparece em certos compostos chamados radicais químicos): amílio, metílio.

-*ina* (aparece em alcaloides e álcalis artificiais): *atropina*, alcaloide da beladona; *cafeína*, do café; *cocaína*, da coca; *codeína*, do ópio; *conicina,* da cicuta; *estricnina*, da noz-vômica; *morfina*, da papoula; *nicotina*, do fumo; *quinina*, da quina; *teína*, da árvore do chá, etc.; anilina, alizarina, etc.

-*io* (aparece em corpos simples): silício, telúrio, selênio, sódio, potássio, etc.

-*ol* (se encontra em derivados de hidrocarbonetos): fenol, naftol, etc.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) A Mineralogia e a Geologia têm também sufixos tomados em sentidos particulares:

-*ita* (para espécies minerais): pirita

-*ito* (para as rochas): granito

-*ite* (para fósseis): amonite

2.ª) Na indústria moderna os produtos novos são marcados com finais -*ax, -ex, -ix, -ox, -ux*, que passaram a ser entendidos como verdadeiros sufixos: ajax, tenax, paredex, pirex, atrix, inox, matox, rodox. Em *xerox* (ou etimológico *xérox*) não temos esse final, pois se prende a um adjetivo grego, que significa *enxuto*.

II – *Principais sufixos de nomes aumentativos e diminutivos, muitas vezes tomados pejorativa ou afetivamente*:

1) Aumentativos:

-*ão, -zão*: cadeirão, homenzão

-*anço*: falhanço, copianço

-arro, -arrão, -zarrão, arraz (arro + az): naviarra, bebarro, santarrão, coparrão, homenzarrão, pratarraz

-eirão: vozeirão

-aço, -aça: ricaço, barcaça, copaço

-astro: poetastro, politicastro, padrasto, madrasta (nos dois últimos houve dissimilação)

-alho, -alha, -alhão: politicalho, muralha, grandalhão

-ama: ourama, poeirama

-anzil: corpanzil

-ázio: copázio

-uça: dentuça

-eima: guleima, guloseima, boleima

-anca: bicanca

-asco: penhasco

-az: fatacaz, famanaz, famaraz

-ola: beiçola

-orra: cabeçorra

-eirão: chapeirão, toleirão

-ento: farturento

2) Diminutivos:

-inho, -zinho, -im, zim: livrinho, livrozinho, dormindinho, florzinha, espadim, bodim, valzim 92

Observação: Nem sempre é indiferente a opção por *-inho* ou *-zinho*. Não toleram *-inho* (e *-ito*) mas *-zinho* (e *-zito*) os nomes terminados em nasal, ditongo e vogal tônica: *cãozinho, cãozito, irmãzinha, albunzinho, raiozinho, bonezinho, urubuzinho*. Também se incluem os terminados em *-r*, embora aí haja alguns em *-inho*, facultativamente: *serzinho, cadaverzinho, caraterzinho; colher* admite *colherinha*, ao lado de *colherzinha*. Os terminados em *-s* e *-z* só toleram *-inho* (*-ito*): *tenisinho, lapisinho, rapazinho*.

-ito, -zito: copito, amorzito, passeandito

-ico: namorico, veranico

-isco: chuvisco, petisco

-eta, -ete, -eto: saleta, diabrete, livreto, saberete

-eco: livreco, padreco

-ota, -ote, -oto: ilhota, caixote, perdigoto

-ejo: lugarejo, animalejo

-acho: riacho, fogacho

-el, -ela, -elo (ora com *e* aberto ora fechado): cabedelo, magricela, donzela, donzel

-iola: arteríola

-ola: camisola (também tem sentido aumentativo quando designa a camisa longa de dormir); rapazola (cf. *-iola*)

-ucho: gorducho, pepelucho

-ebre: casebre

-ula, -ulo, -cula, -culo: nótula, glóbulo, radícula, corpúsculo

-alho, -elho, -ilho, -olho, -ulha: ramalho, rapazelho, pesadilho, ferrolho, bagulho

-aça, -aço, -iça, -iço: fumaça, caniço, nabiça

-el: cordel

III – *Principais sufixos para formar adjetivos*:

-(d)io, -(d)iço: fugidio, movediço (todos tirados do tema do particípio)

-vel, -bil: notável, crível, solúvel, flébil, ignóbil

-ento, -(l)ento: cruento, corpulento

-oso, -uoso: bondoso, primoroso, fastoso (ou fastuoso), untuoso, espirituoso

-onho: medonho, risonho

-az: mordaz, voraz

-udo: barrigudo, cabeçudo
-ício, -iço: acomodatício, enfermiço
-ário, -eiro: diário, ordinário, verdadeiro, costumeiro
-ano: humano
-asco: pardavasco
-esco, -isco: dantesco, principesco, mourisco
-ático: problemático, aromático
-eno: terreno
-áceo: rosáceo, galináceo
-acho: verdacho
-aco: demoníaco
-ado: barbado
-ardo: felizardo
-al: vital, *boçal*
-âneo, -anho: sucedâneo, estranho
-átil: portátil, volátil
-ino, -im: bailarino, paladino, paladim (a apócope de *-ino* a *-im* ocorre mais entre substantivos: *latino* [adj.], *latim* [s.])
-bundo: furibundo
-undo, -ondo: fecundo, redondo
-eo: róseo
-timo: marítimo
-urno: diurno
-iano: canoniano, virgiliano

OBSERVAÇÃO: Dos nomes próprios formam-se adjetivos em *-iano* e não *-eano*: comoniano, machadiano, saussuriano, wagneriano, como já era em latim. [cf. JMa.1, § 189, 2).

-ico: público
-engo, *-lengo*: mulherengo, avoengo, verdoengo (verdolengo)
-al, -ar: anual, escolar
-aico: prosaico
-estre: campestre
-este: celeste
-douro: vindouro, imorredouro
-tório: expiatório, satisfatório
-ivo: afirmativo, lucrativo
-ácea, -áceo (em família de plantas): liliáceas, papilonáceos
-ndo (equivalente ao particípio futuro passivo latino): graduando ('que vai ser graduado'), vitando ('que deve ser evitado'), venerando ('digno de ser venerado'), despiciendo ('digno de ser desprezado', 'desprezível'). Tem tido larga aceitação na nomenclatura de profissões universitárias, nem sempre bem visto pelos puristas: doutorando, farmacolando, engenheirando, etc.

IV – *Principais sufixos para formar verbos*:

1) Para indicar ação que deve ser praticada ou dar certa qualidade a uma coisa (verbo causativo):

-ant(*ar*): quebrantar
-it(*ar*): periclitar, debilitar
-iz(*ar*): civilizar, humanizar, realizar

2) Para indicar ação repetida (verbos frequentativos):

-aç(*ar*): espicaçar, adelgaçar

-*ej*(*ar*): mercadejar, voejar

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Nem sempre indicam repetição da ação; muitas vezes servem para exprimir a mesma noção, apenas por meio de forma entendida por mais sonora.

2.ª) Sobre -*ear* / -*ejar* [cf.MBa.5, 128].

3) Para indicar ação pouco intensa (verbos diminutivos):

-*it(ar*): saltitar, dormitar

OBSERVAÇÃO: Muitos verbos exprimem esta ideia por se formarem de nomes diminutivos: petisco + ar = petiscar; chuvisco + ar = chuviscar; cuspinho + ar = cuspinhar, namorico + ar = namoricar

4) Para indicar início de ação ou passagem para um novo estado ou qualidade (verbos incoativos):

-*ec*(*er*): alvorecer, anoitecer, apodrecer, endurecer, enfurecer

-*esc*(*er*): florescer

OBSERVAÇÃO: A grafia -*escer* é própria das palavras importadas que já chegaram à língua com -*sc-,* ou devidas à analogia.

V – *Sufixo para formar advérbio:*

-*mente* (junta-se a adjetivo na forma feminina, quando houver):

claramente, sinceramente, sossegadamente, simplesmente, horrivelmente, enormemente, primeiramente.

Por extensão, pode ainda muito expressivamente combinar-se com substantivos.

OBSERVAÇÃO: Os nomes terminados em -*ês* e alguns terminados em -*or*, porque no português antigo só tinham uma forma para os dois gêneros, não se apresentam no feminino: portuguesmente, superiormente.

Os advérbios em -*mente* podem ser distribuídos em três classes, conforme o sentido do adjetivo de que se formam [NE.1, 17-18]:

1) exprimem uma ideia de qualidade: *claramente*, *sinceramente*, *simplesmente*, *horrivelmente*;
2) exprimem uma ideia de quantidade ou medida: *copiosamente*, *imensamente*, *enormemente*;
3) exprimem uma ideia de relação de dois seres independente um do outro; entre as idéias de relação citamos as de *tempo* e *lugar*: *primeiramente*, *anteriormente*, *atualmente*.

Prefixos – Os principais prefixos que ocorrem em português são de procedência latina ou grega, sendo que muitos dos primeiros correspondem a preposições portuguesas. Ainda que os prefixos latinos tenham o mesmo significado de seus correspondentes gregos, formando assim palavras sinônimas, estas em regra não se podem substituir mutuamente, porque têm esferas semânticas diferentes.

Assim é que *transformação* e *metamorfose, circunferência* e *periferia, composição* e *síntese* são equivalentes, a rigor, mas não se aplicam indistintamente: *transformação*, por exemplo, é de emprego mais amplo que *metamorfose*.

Algumas vezes há duplicidade da noção expressa pelo prefixo e pela preposição que se segue à palavra derivada prefixalmente: *concorrer com, incorrer em, apor-se a,* etc.93 Outras vezes, o reforço se dá mediante o prefixo e o significado mesmo da palavra base; repare-se a repetição da ideia de *função, aproximidade* do prefixo *com-* e da base *vizinho* neste trecho de Euclides da Cunha: "Esta solidariedade de esforços evidencia-se melhor na vaquejada,

trabalho consistindo essencialmente no reunir, e discriminar depois, os gados de diferentes fazendas *convizinhas*...” [EC.1, 125].

Prefixos e elementos latinos

ab, abs (afastamento, separação): abstrair, abuso

ad, a (movimento para aproximação; adicionamento; passagem para outro estado; às vezes não tem significação própria): adjunto, apor

OBSERVAÇÃO: Não confundir com o *a* sem significação de certas palavras como *alevantar, assentar, atambor*.

ante (anteriormente, procedência – no tempo ou no espaço): antessala, antelóquio, antegozar, antevéspera

ambi (duplicidade): ambiguidade, ambidestro

bene, bem, ben (bem, excelência de um fato ou ação): bendizer, benfazejo

bis, bi, bin (dois, duplicidade): bisneto, biciclo, binóculo

centum, cento: centuplicar, centopeia

circum, circu (em roda de): circunferência, circulação

cis (posição aquém): cisalpino, cisatlântico, cisandino, cisplatino

OBSERVAÇÃO: Ocorre como antônimo de *trans*: transatlântico – cisatlântico.

cum, com, con-, co-, cor (companhia, sociedade, concomitância): cumplicidade, compadre, companheiro, condutor, colaborar, corroborar

contra (oposição, situação fronteira; o *a* final pode passar a *o* diante de certas derivações do verbo): contramarchar, contrapor, contramuro, controverter. Em *contradança* não ocorre o prefixo *contra*; o vocábulo nos veio do francês *contredanse*, do inglês *country-dance* (dança rústica), por etimologia popular, talvez devida ao fato de os pares se defrontarem, uns com os outros (daí o francês *contre*).

decem, deci, decu, dec (dez): decenviro, decilitro, décuplo

de- (movimento para baixo, separação, intensidade, negação): depenar, decompor. Às vezes alterna com *des-: decair — descair*.

de(s), di(s) (negação, ação contrária, cessação de um ato ou estado, ablação, intensidade): desventura, discordância, difícil (dis + fácil), desinfeliz, desfear (= fazer muito feio), desmudar (= mudar muito)

dis(s) (duplicidade, separação, diversidade de partes): dissecar (‘cortar em dois’), disjungir (‘separar duas coisas que estavam juntas’), dispor

ex-, es-, e- (movimento para fora, mudança de estado, esforço): esvaziar, evadir, expatriar, expectorar, emigrar, esforçar

OBSERVAÇÃO: Às vezes alterna-se com *des-, dis:* escampado – descampado; extenso – distenso; esguedelhar – desguedelhar; esmaiar – desmaiar; estripar e destripar; desapropriar e espropriar; desfiar e esfiar; desencarcerar e excarcerar; deserdar e exerdar [MBa.4, 211].

em-, en-, e-, in- (movimento para dentro, passagem para um estado ou forma, guarnecimento, revestimento): embeber, enterrar, enevoar, ingerir

OBSERVAÇÃO: Às vezes alterna-se a forma prefixada com o seu prefixo: *couraçar* e *encouraçar*, *cavalgar* e *encavalgar, trajar* e *entrajar, viuvar* e *enviuvar, bainhar* e *embainhar* [MBa.4, 206].

extra- (fora de, além de; superioridade; o *a* final passa, às vezes, a *o*): extradição, extralegal, extrafino, extroverter

in-, im-, i- (sentido contrário, negação, privação): impenitente, incorrigível, ilegal, ignorância

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Às vezes parece atribuir ao derivado o mesmo valor semântico da forma de base: *incruento, incrueldade*.

2.ª) Algumas vezes indica no que alguma coisa se transforma, isto é, mudança de estado: *incinerar* (‘reduzir a cinzas’), *inflamável* (‘que se transforma em chama’, ‘que se transforma em fogo’), etc.

3.ª) “Os prefixos negativos mais comuns são *in* e *des* ou *de*. São poucas as palavras verdadeiramente antigas formadas com o prefixo *in*, que só se tornam frequentes por imitação literária do latim, dos quinhentistas para cá; a derivação popular é sempre feita com o prefixo *des* ou *de*: *desfazer, descoser, desandar, desamor, desigual,* etc. Alguns tiveram a forma *in*, como *injustiça*, mas ainda em tal caso sempre (antigamente) se preferiu dizer a *sem-justiça* e dizer cousa *sem-nome* a cousa *inominada* ou quejandas expressões” [JR.5, n. 124].

infra- (abaixo): infra-assinado

inter-, entre (posição no meio, reciprocidade): entreter, interpor, intercâmbio

intro- (dentro): introduzir

intra- (posição interior, movimento para dentro; o *a* final passa, às vezes, a *o*): intramuscular, introverter, introduzir

ob-, o- (posição em frente): obstar, opor

per- (através de, coisa ou ação completa, intensidade): percorrer, perfazer, perdurar, persentir (sentir profundamente)

pluri- (muito): pluricelular

pos-, post- (posição posterior, no tempo e no espaço): postônico, pós-escrito

praeter (preter): preterir

primu (primeiro): primogênito

pre-, prae- (anteriormente, antecedência, superioridade): prefácio, prever, predomínio

pro- (movimento para frente, em lugar de, em proveito de): progredir, projeção

re- (movimento para trás, repetição, reciprocidade, intensidade): regredir, refazer, ressaudar (saudar mutuamente), ressaltar, rescaldar (escaldar muito)

retro- (para trás): retroceder, retroagir

satis (suficiente): satisfazer

semi- (metade de, quase, que faz as vezes de): semicírculo, semibárbaro, semivogal

so-, sob-, sub-, sus- (em baixo de, imediatamente abaixo num cargo ou função; inferioridade, ação pouco intensa): soterrar, sobestar, submarino, sustentar, supor

sobre- (nas formações vernáculas), *super-, supra-* (nas formações eruditas) (posição superior, saliência, parte final de um ato ou fenômeno; em seguida; excesso): sobrestar, superfície, supracitado, superlotado

soto-, sota- (posição inferior, inferioridade; logo após): soto-pôr, soto-mestre, sota-voga

trans-, tras-, tres-, tra-, tre- (além de, através de, passar de um lugar a outro, intensidade): transportar, traduzir, transladar, tresloucar, tresmalhar, tresnoitar, trespassar, tresler, tresgastar[94]

Observações:

1.ª) Não se há de confundir *três* (numeral) com *tres* (de *trans*): tresdobrar (triplicar);

2.ª) Às vezes *trans* é empregado como antônimo de *cis*: *transalpino* e *transandino*, por exemplo, opõem-se a *cisalpino* e *cisandino*;

3.ª) Também em certas palavras se podem alternar as variantes deste prefixo: transpassar, traspassar, trespassar; transmontar, tramontar

tris, tri, tres, tre (três): trissílabo, triciclo

ultra- (além de, excesso, passar além de): ultrapassar, ultrafino

un, uni (unidade): uniforme

vice-, vis- (em lugar de, imediatamente abaixo num cargo ou função): vice-presidente, visconde[95]

Prefixos e elementos gregos

a, an, este último antes de vogal (privação, negação, insuficiência, carência, contradição): afônico, anemia, anônimo, anoxia, amoral

aná (inversão, mudança, reduplicação): anabatista, anacrônico, analogia, anatomia, anáfora

anfí (duplicidade, ao redor, dos dois lados): anfíbio, anfibologia, anfiteatro

antí (oposição, ação contrária): antídoto, antártico, antípodas, antiaéreo

apó (afastamento): apologia, apocalipse

arqui, arce (superioridade hierárquica, primazia, excesso): arquiduque, arquimilionário, arcediago

catá (movimento para baixo): catacumba, catarata, católico

di (duplicidade, intensidade): dilema, dissílabo, ditongo

diá, di (através de): diálogo, diagrama

Observação: Pensando-se que *diálogo* é conversa de dois, tem-se empregado erradamente *triálogo* para conversa de três.

dis (dificuldade): dispepsia, disenteria

ec-, ex-, exo-, ecto (exterioridade, movimento para fora, separação): eczema, exegese, êxodo, exógeno, ectoderma

en-, em-, e- (interioridade): encômio, encíclica, enciclopédia, emblema, elipse

endo (movimento em direção para dentro): endocarpo, endovenosa

ento (interior): entófito (planta que vive dentro de outra)
epí (sobre, em cima de): epiderme, epitáfio
eu (excelência, perfeição, bondade): eufonia, euforia, eufemismo
hemi (metade, divisão de duas partes): hemiciclo, hemisfério
hipér (excesso): hipérbolo, hipérbato
hipó (posição inferior): hipocrisia, hipótese, hipoteca
metá (mudança, sucessão): metamorfose, metáfora, metonímia
pará (proximidade, semelhança, defeito, vício, intensidade): parábola, paradigma, paralela, paramnésia
perí (em torno de): perímetro, período, periscópio
pró (anterioridade): prólogo, prognóstico, profeta
prós (adjunção, em adição a): prosélito, prosódia
proto- (início, começo, anterioridade): protótipo, proto-história, proto-mártir
polí- (multiplicidade): polissílabo, politeísmo
sýn-, sým-, sý- (conjunto, simultaneidade): sinagoga, sinopse, simpatia, silogeu
tele- (distância, afastamento, controle feito à distância): telégrafo, telepatia, teleguiado

Correspondência entre prefixos e elementos latinos e gregos

Latinos	Gregos
des, in [1]: desleal, infeliz	*a, an*: amoral, anemia
contra: contrapor	*antí*: antipatia
ambi: ambiguidade	*anfi*: anfibologia
ab: abuso	*apó*: apogeu
bi(s): bilabial	*di*: dissílabo
trans: transparente, transformação	*diá, metá*: diáfano, metamorfose
in: ingressar	*en*: encéfalo
intra: intramuscular	*endo*: endovenoso
ex: exportar	*ec, ex:* êxodo
super, supra: superfície, supralingual, superlotar	*epí, hipér*: epiderme, hipertrofia
bene: benefício	*eu*: eufonia
semi: semicírculo	*hemi*: hemisfério
sub: subterrâneo	*hipó*: hipótese
ad: adjetivo	*pará*: paralelo
circum: circunferência	*perí*: periferia
de: depenar	*catá*: catarata
cum: composição	*sýn*: síntese

1. O prefixo *in* literário e erudito, ao contrário de *des-* popular, ganhou por isso certa cortesia e polidez, e constitui em neologismos, um recurso de eufemismos que cada vez mais se generaliza: *inverdade* (por *mentira*), *inexato, indelicado, indonto, impolido, inverídico, imerecido, inativo.*

OBSERVAÇÃO: Há também sinônimos ou equivalentes semânticos greco-latinos ou *doublets* bilíngues. Vejam-se os lembrados por [MBa.5, 103, n.18].

Latinos	Gregos
abecedário	*alfabeto*
florilégio	*antologia*
sudorífico	*diaforético*
unicórnio	*monoceronte*
rouxinol	*filomela*
península	*quersoneso*
novilúnio	*neomênio*
avareza	*filargiria*
favânio	*zéfiro*

Outros processos de formação de palavras – Além dos processos gerais típicos de formação de palavras, possui o português mais os seguintes: *formação regressiva, abreviação, reduplicação, conversão* e *combinação*.

Intimamente relacionada com a derivação temos a formação regressiva ou deverbal, que consiste em criar palavras por analogia, pela subtração de algum sufixo, dando a falsa impressão de serem vocábulos derivantes: de *atrasar* tiramos *atraso*, de *embarcar, embarque*; de *pescar, pesca*; de *gritar, grito*. Assim também os vocábulos *rosmaninho* e *sarampão* foram tomados, respectivamente como diminutivo e aumentativo, marcados, portanto, com sufixos de grau, e daí se tiraram as formas regressivas *rosmano* e *sarampo*, como falsos primitivos.

Tais derivados regressivos procedem da primeira ou da terceira pessoa do singular do presente do indicativo, o que explica sua distribuição em substantivos de tema em *-o* (se provindos da 1.ª pessoa) ou de tema em *-a* ou *-e* (se provindos da 3.ª pessoa), sem que se possa prever a opção da norma para a escolha da vogal temática. Os de tema em *-o* têm maior vitalidade no português moderno, especialmente na variedade informal: *o amasso, o agito, o chego, o sufoco, o apago* [VK.3, 23-24].

O Prof. Said Ali distribui-os em quatro grupos, levando em conta seu gênero gramatical:

"1.º) Masculino em *-o*: atraso, assento, emprego, voo, esforço, choro, degelo, remo, mergulho, suspiro, mando, confronto, rodeio, galanteio, festejo, gargarejo, etc.

2.º) Masculino em *-e*: embarque, desembarque, combate, corte, toque, etc.

3.º) Feminino em *-a*: amarra, pesca, sobra, suplica, leva, engorda, desova, renúncia, rega, esfrega, entrega, escolha, etc.

4.º) Masculinos e femininos: pago, paga, custo, custa, troco, troca, achego, achega, grito, grita, ameaço, ameaça" [SA.2, 163]

Neste processo, os substantivos tirados de verbos denotam ação, enquanto os substantivos que dão origem a verbos denotam, em geral, objeto ou substância, como *arquivo* → *arquivar, timbre* → *timbrar, apelido* → *apelidar*, e assim por diante. A vitalidade lhes garante formação de derivados: de *apago* se formou *apagão* nos blecautes, momentâneos ou demorados, das grandes cidades.

A ABREVIAÇÃO consiste no emprego de uma parte da palavra pelo todo. É comum não só no falar coloquial, mas ainda na linguagem cuidada, por brevidade de expressão: *extra* por *extraordinário* ou *extrafino*.

A forma abreviada passa realmente a constituir uma nova palavra e, nos dicionários, tem tratamento à parte, quando sofre variação de sentido ou adquire matriz especial em relação àquela donde procede. *Fotografia* e *foto* são *sinônimos* porque designam a mesma coisa, embora a sinonímia não seja absoluta. *Foto*, além de ser de emprego mais corrente, ainda serve para títulos de casas do gênero, o que não se dá com o termo *fotografia*.

Pode-se incluir como caso especial da abreviação o processo de se criarem palavras, com vitalidade no léxico, mediante a leitura (isoladas ou não) das letras que compõem siglas, como, por exemplo:

ONU (Organização das Nações Unidas)

PUC (Pontifícia Universidade Católica)

UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

USP (Universidade de São Paulo)

PT (Partido dos Trabalhadores)

Destas abreviaturas se derivam, mediante sufixos: *puquiano*, *uergiano*, *uspiano*, *petista*, etc.

A REDUPLICAÇÃO, também chamada *duplicação silábica*, consiste na repetição de vogal ou consoante, acompanhada quase sempre de alternância vocálica, para formar uma palavra imitativa:

> *tique-taque, reco-reco, pingue-pongue* (que provavelmente representa o chinês *ping-pang*, através do inglês *ping-pong*, segundo Sapir [ES.1, 82].

Este é o processo geralmente usado para formar as onomatopeias (Ú 74).

A CONVERSÃO consiste no emprego de uma palavra fora de sua classe normal:

> *Terrível palavra é um* ***não****. Não consegui descobrir o* ***porquê*** *da questão.*
>
> *Ele é o* ***benjamim*** *da família.*

Entre os casos de conversão podemos incluir a passagem, por hipertaxe, um grupo de vocábulos (geralmente o final) a palavra isolada: *Ele tem certas* ***fobias*** *(fobia* é a parte de um grupo de palavras que designam aversão a uma coisa: *fotofobia, xenofobia, hidrofobia,* etc). Estamos no século dos *ismos* e das *logias*.

OBSERVAÇÃO: Os casos de conversão recebiam o nome de *derivação imprópria*. Como a conversão não repercute na estrutura do significante de base, muitos estudiosos, com razão, não a incluem como processo especial de formaçao de palavras, como demonstra a hipertaxe.

A COMBINAÇÃO é um caso especial de composição em que a nova unidade resulta da combinação de parte de cada um dos dois termos que entram, na formação: *português + espanhol → portunhol; Bahia + Vitória → Bavi.* São comuns na linguagem jocosa: *sofrer +*

professor → sofressor; *aborrecer + adolescente → aborrecente.*

A INTENSIFICAÇÃO é um caso especial de intensificação ou expressividade semântica de uma palavra já existente mediante o alargamento de sufixos, quase sempre -*izar*, ou às vezes por modelos franceses ou ingleses: *agilizar* por *agir*, *veiculizar* por *veicular*, *obstaculizar* por *obstar*, *protocolizar* por *protocolar*, *culpabilizar* por *culpar*, *depauperizar* por *depauperar.*

Hibridismo – Chama-se hibridismo à formação de palavras com elementos de idiomas diferentes. São mais comuns os hibridismos constituídos da combinação de elemento grego com outro latino ou românico: *sociologia* (latino e grego), *autossugestão* (grego e português), *televisão* (grego e português), *burocracia* (francês *bureau* e grego), *automóvel* (grego e português), *decímetro* (latino e grego).

A nossa língua forma com facilidade hibridismos com elementos estrangeiros que se acham perfeitamente assimilados ao idioma, que passam como elementos nativos. Assim é que *fobia*, *mania, filo, tele, macro, micro, neo, pseudo, auto* e sufixos como *ismo, ista, ico* se juntam a elementos de qualquer procedência: *germanófilo, russófilo, germanofobia, russofobia, retratomania, teleguiado, micro-ônibus, neovencedor, pseudovencedor, autocrítica, autorretrato, caiporismo, governista.*[96]

Radicais gregos mais usados em português – Grande é o número de radicais gregos que encontramos no vocabulário português. Muitos deles nos chegaram através do latim e são antiquíssimos; lembremo-nos de que nos sécs. XVI a XVIII o latim era o veículo das obras de ciência e de filosofia em que abundavam os empréstimos de palavras gregas. Na adaptação dos termos gregos para o latim, geralmente se procedia da seguinte maneira: *k, ai, ei, oi, ou, u, r* (aspirado) gregos eram transliterados para latim, respectivamente em *c, ae, i, oe, u, y* e *rh*, e esta prática prevalecia para o português e demais línguas modernas. Esta norma nem sempre é hoje obedecida quando se trata de novos termos científicos. Assim é que se prefere *calidoscópio* a *caleidoscópio* (ei > i), apesar de, na linguagem técnica, dizer-se *dêictico* e não *díctico*. Aberta a porta para a introdução de palavras ou elementos de empréstimo numa língua, esta pode utilizá-los como bem lhe aprouver, criando distinções até então desconhecidas na língua de origem; assim é que, em português, distinguimos *amoral* 'que não é nem contrário nem conforme a moral' e *imoral* 'contrário a moral'.

Nessas criações com elementos eruditos, como bem diz Benveniste, o criador pensa na sua língua e escolhe o termo greco-latino, cujo significado originário nem sempre é o pretendido; o citado linguista estuda o termo *micróbio* criado por Sédillot (1804-1882) e mostra que, além da palavra não existir no grego, jamais seria criada para significar 'vida curta', pois *mikrós* não se ligaria a *bíos*, como em português não se apõe *breve* a *vista*, mas *vista curta.* Por outro lado, em regra não vamos ao grego para formar palavras novas; elas nos vêm do estrangeiro, mormente de França, e agora dos países de língua inglesa, através da nomenclatura científica

comum à maioria das nações cultas. E os erros que lá fora se cometem na formação dos neologismos não são por nós corrigidos. Aceitamos, e não há como corrigi-las, formas errôneas, como *quilômetro* (por *quiliômetro*), *hectômetro* (por *hecatômetro*).

Outras vezes não se leva em conta o significado rigoroso do termo grego. Assim se aplica *álgos* à dor física em vez da moral e se diz *cefalalgia* (dor de cabeça), *odontalgia* (dor de dente), *nevralgia* (dor de um nervo); também empregando-se *geo* para indicar *terra* como elemento, em vez de *argila* (uma vez que o primeiro só se poderia aplicar ao globo terrestre), se diz *geófago* (= comedor de terra) por *argilófago*. Ainda nos cabe dizer que muitos dos nomes técnicos, principalmente gregos, trazem na sua etimologia uma noção que o progresso científico considera errônea ou imperfeita. Destarte, *átomo*, que significa *indivisível*, *o que não se pode mais dividir*, não pode ser hoje tomado ao pé da letra; *oxigênio* quer dizer *gerador de ácidos*, como se todos os ácidos contivessem este corpo. Como são termos cuja etimologia não é inquirida, podem continuar a ser empregados sem inconveniência. Por fim, lembramos os casos de *esquecimento etimológico* em que o sentimento moderno não dá conta do significado de elemento constitutivo da palavra, dizendo, por exemplo, *ortografia correta* (orthós = correta), *caligrafia bonita* (calós = belo). Os bem falantes reagem contra muitos esquecimentos como *hemorragia de sangue, decapitar a cabeça, exultar de alegria*, estes dois últimos latinos.

Os principais radicais gregos usados em português são:

aér, aér-os (ar, vapor): aeronauta, aerostato, aéreo
ángel-os, aggel-os (enviado, mensageiro): anjo, evangelho
ág-o, agog-ós (conduzir, condutor): demagogo, pedagogo
ag-ón, ôn-os (combate, luta): agonia, antagonista
agr-ós (campo): agronomia
aithér (céu): etéreo
âthlon (certame): atleta
eti-a, aití-a (causa): etiologia
ácr-on, ákr-on (alto, extremidade): acrópole, acrobata, acróstico
álg-os (sofrimento, dor): nevralgia, nostalgia
állos (outro): alopatia
alpha (a = 1.ª letra do alfabeto): alfabeto
ánem-os (vento, sopro): anemoscópio, anêmona
ânt-os, ânth-os (flor): antologia
antrop-os, ánthrop-os (homem): filantropo, misantropo, antropófago
arc-aîos, arch-aîos (antigo): arcaico, arqueologia
arc, arkh-é (governo): anarquia, monarquia
arc, arch-ós (chefe que comanda): monarca
aritm-ós, arithm-ós (número): aritmética, logaritmo
árct-os (urso): ártico, antártico ("o nome *ártico* refere-se às constelações Grande Urso e Pequena Ursa, em uma das quais se acha a Estrela Polar", [SA.2, 167].
astér, ast(é)r-os (estrela): asteróide, astronomia
atmós (vapor): atmosfera
aut-ós (si mesmo): autógrafo, autonomia
bál-o, báll-o (projetar, lançar): balística, problema, símbolo
bor-is, bor-ýs, bár-os (pesado, grave): barítono, barômetro
bibl-íon (livro): bibliófilo, biblioteca

bí-os (vida): biografia, anfíbio
cené, skené (tenda): cenografia
cianos, *kýanos* (azul): cinanídrico
cir, *quir-ós*, *cheír*, *cheir-ós* (mão): quiróptero, cirurgia, quiromancia
cion, *kýon* (cão): cinegética
col-é, *khol-é* (bílis): melancolia
cor-os, *corea*, *chor-ós* (coro): coreía, (dança em coro), coreografia
clorós, klorós (verde): clorofila
cron-os, *chrón-os* (tempo): crônico, cronologia, isócrono, anacronismo
cópto, *kópto* (bato, corto): síncope
crom-a, *khrôm-a* (cor): cromolitografia
chíliai, *chília* (mil): quilômetro, quilograma
cris-ós – chrys-ós (ouro): crisóstomo, crisália, crisântemo
crátos, *krátos* (força): democracia
crípto, *krípto* (escondo): criptônimo, criptografia
quil-ós – chylós (suco): quilífero
dáctil-os – dáktyl-os (dedo): datilografia ou dactilografia
déca, *déka* (dez): decassílabo, decálogo
dêm-os (povo) democracia, epidemia
dérm-a (pele): epiderme, paquiderme
dís, di (dois): dissílabo, ditongo
dis, *dys* (mal, difícil): digestão
dô-ron (dom, presente): dose, antídoto, Pandora
dóx-a (opinião): ortodoxo, paradoxo
drâ-ma — atos (ação, drama): drama, dramático, melodrama
dróm-os (corrida, curso): hipódromo, pródromo
dínam-is — dýnam-*is* (força): dinâmica, dinamômetro
édr-a (base, lado): pentaedro, poliedro
id-os, *eîd-os* (forma), donde procede *óide* (que se assemelha a): elipsoide
ic-ón — eik-ón — ón-os (imagem): ícono, iconoclasta
électra — élektr-on (âmbar, eletricidade): elétrico, eletrômetro
estoma, *stóma* (boca): estômago, estomatite
érg-on (obra, trabalho), daí os sufixos — urgo, — urgia: metalurgia, dramaturgo, energia
escafe, scáphe (barco): escafandro
énter-a (entranhas, intestino): enterite, disenteria
estásis, *stásis* (ação de estar): hipóstaxe
étn-os — éthn-os (raça, nação): étnico, etnografia
étimos, *étymos* (verdadeiro): etimologia
gám-os (casamento), daí *gamo* (o que se casa): polígamo, bígamo, criptógamo
gastér, *gast(é)-ros* (ventre, estômago): gastrônomo, gastralgia
gê, *geo* (terra): geografia, geologia
génes-is (ação de gerar): gênese, hidrogênio
gén-os (gênero, espécie): homogêneo, heterogêneo
giné, *gyné* (mulher): ginecologia
giminós, *gyminós* (nu): ginástica
glôss-a ou *glôtt-a* (língua): glossário, glotologia, epiglote
gon-ía (ângulo): polígono, diagonal
gon-ós (formação, geração): cosmogonia, teogonia
gráf-o, gráph-o (escrever), e daí *graph-ía* (descrição), *gráph-o* (que escreve), *grámm-a* (o que está escrito):

geografia, telégrafo, telegrama
hágios (sagrado): hagiologia
hem-a — haêm-a — atos (sangue): anemia, hemorragia
here-o — hairé-o (tomar, escolher): heresia, herético
hélios (sol): helioscópio, heliotrópio
hemér-a (dia): efêmero, efemérides
hemí (metade): hemiciclo
héter-os (outro): heterodoxo, heterogêneo
heptá (sete): heptassílabo
héx (seis): hexágono
hier-ós (sagrado): hierarquia, hieróglifo
híp-os — hípp-os (cavalo): hipódromo, hipófago
hól-os (entregue de todo, inteiramente): ológrafo, holocausto
hom-ós, *homeo* (semelhante, o mesmo): homogêneo, homônimo, homeopatia
hór-a (hora): horóscopo
horáo (vejo), *hórama* (visão): panorama
hid-or — hýd-or (água), daí *hidro, hydro,* como elemento de composição: hidrogênio, hidrografia
ict-io — icht-ýo — ýos (peixe): ictiologia, ictiófago
ídios (próprio, particular): idioma, idiotismo
ísos (igual): isócrono, isotérmico
cac-ós — kak-ós (mau): cacofonia, cacografia
cal-ós — káll-os (belo), *kallos* (beleza): caligrafia
card-ía — kard-ía (coração): cardíaco, pericárdio
carp-ós — karp-ós (fruto): pericarpo, endocarpo
cefal-é — kephal-é (cabeça): cefalgia, encéfalo
clíno, klíno (inclino): ênclise, próclise
cósm-os — kósm-os (mundo): cosmografia, cosmopolita
coinós, *koinós* (em comum): cenobita
crát-os — krát-os (poder): democrático, aristocrático
cicl-os — kykl-os (círculo): hemicídio, bicicleta
lég-o (dizer, escolher): prolegômeno, ecletismo
lepís, *lepídeos* (escama): lepidóptero
lambán-o (tomar, daí *lêps-is* (ação de tomar), *lémma* (coisa tomada): eplepsia, lema, dilema
lítos, líthos (pedra): monólito, litografia
lóg-os (discurso, tratado, ciência): diálogo, arqueologia, bacteriologia, epílogo
máqu-e — mách-e (combate): logomaquia
macr-ós — makr-ós (comprido, longo): macróbio
man-ía (mania, loucura, gosto apaixonado por): bibliomania, monomania
manci-a — manteí-a (adivinhação, profecia): cartomancia, quiromancia
mártys — mártyros (testemunha): mártir, martirólogo
mazós (mama, seio): mastodonte
mégas, megále (grande): megalomania, megalócito
mélas, *mélan* (negro): melancolia, melanésia
mélos (música, canto): melodia, melodrama
méros (parte): pentâmero
mésos (meio): Mesopotâmia
méter, metrós (mãe): metrópole
métron (medida): barômetro, termômetro
micrós, mikrós (pequeno): micróbio, microscópio

mîmos (que imita): mimetismo, mímica
mis, mŷs, myós (músculo): miocárdio
mîsos (ódio): misantropo
mnéme (memória): amnésia, mnemotécnica
mónos (só): monólogo, monólio
morfé — morphé (forma): morfologia
mitos — mŷthos (fábula, mito): mitologia
miria — myria plural de *myrías* (dez mil): miriápode
naûs (nau): navio, náutica
necros — nekrós (morto, cadáver): necrópole, necrologia
né-os (novo): neologismo, neófito
nês-os (ilha): micronésia, melanésia
neûron (nervo): nevralgia, neurastenia
nóm-os (lei, administração, porção): astronomia, autonomia
octó (oito): octossílabo
od-é (canto): paródia
ad-os, hodós (caminho, via): êxodo, método, período
odus, odóntos (dente): odontologia
ónima, ónom-a, onyma (nome): pseudônimo, sinônimo
ófis, ofid — ophis, ophidos (serpente): ofídio
oftalmós — ophthlmós (olho, vista): oftalmia, oftalmoscópio
oîcos, oîkos (casa): economia, paróquia
óps, opós (vista): *ópsis* (ação de ver)
optikós (que se refere a visão): miopia, autópsia
hóram-a (vista): cosmorama, panorama
órnis, órnitos, órnithos (pássaro): ornitologia
óros (montanha): orografia
ortós — orthós (direito, reto): ortodoxo, ortografia, ortopedia
ostéon (osso): osteologia, periósteo, osteoporose
osmós (impulso): osmose
óxis — óxys (ácido, agudo): oxigênio, paroxismo
paideía, pedia (educação): pedagogo, enciclopédia
pente (cinco): pentágono
pes, pedos — paîs, paidós (criança, menino): pedagogia
paleos — palaiós (antigo): paleontologia, paleografia
pân, pantós (todos): panorama, panóplia, panteísmo, pantógrafo
patos — páthos (afecção, doença): patologia, simpatia
fag-o, phágo, phageîn (comer): antropófago, hipófago
fan-o, fen-o, phaíno (fazer aparecer, brilhar): diáfano, fenômeno
femi — phemí (eu digo, falo): eufemismo, profeta
fero, foros — phéro (levar, trazer):, *phor-ós* (que leva): fósforo, semáforo
filon, *phŷllon* (folha): clorofila
fílos — phílos (amigo): filarmonia, filantropo
físis, phýsis (natureza): fisionomia
fobeo, fóbos — phobe-os (temer, fazer fugir), daí *phob-os*: hidrófobo, anglófobo, russófobo
fôs, fotós — phos, photós (luz): fósforo, fotografia
frasis, phrásis (ato de dizer): perífrase
plut-os — ploût-os (riqueza): plutocracia
fon-é — phon-é (voz articulada): cacofonia

poléo (vendo): monopólio
pólis (cidade): acrópole, metrópole, necrópole
pépsis (cozimento): dispepsia
polis — polýs (muito): poligamia, polígono, policromia, polinésia, policlínica
pús, podós — poús, pod-ós (pé): antípoda, miriápode
pétalon (pétala): minopétalo
prôtos (primário, primeiro): protagonista, protocolo, protozoário, protoplasma
plésso (bato, firo): apoplexia
pseûdos (falsidade, mentira): pseudônimo
pleurá, *pleurón* (lado, flanco): pleurite
psiqué — psyché (alma): psicologia, metempsicose
pnêuma, *pnêumatos* (que respira, sopra): pneumático, dispneia
pterón (asa): quiróptero, coleóptero
ptôma (cadáver): ptomaína, ptomofagia
pir, pir-os — pŷr, pyr-ós (fogo, febre): pirotécnico, antipirina
poiéo (eu faço): onomatopeia
pénte (cinco): pentassílabo
potamós (rio): hipopótamo
pile, *pŷle* (porta): piloro
ptissis, ptýsis (escarro): hemoptise
sárx (carne): sarcoma, sarcófago
semion, *semeîon* (sinal): semiologia, semântica
sépo (apodreço): antissético, antisséptico
síderos (ferro): siderurgia, siderita, siderografia
spérma (semente): esperma, espermatozoide
stéllo (envio): epístola
sticos, *stíkhos* (verso): hemistíquio, dístico
re-o – rhé-o (correr, fluir): catarro, diarreia
sism-os – seism-ós, daí *sism* (estremecimento): sismologia, sísmico
scope-o – skopéo (examinar, daí *scópio* (que faz ver): telescópio, microscópio, osciloscópio
sofós – sophós (sábio): filósofo
estatós – statós (que se mantém): aeróstato, hidrostática
esfera, *sphaîra* (esfera): atmosfera
estilo, *stŷlos* (coluna): peristilo
estere-o – stere-o (sólido): estereótipo, estereomia
estratos, *stratós* (exército): estratégia
estref-o – stréph-o (virar, voltar): apóstrofe, catástrofe
tafos – taphos (túmulo): epitáfio, cenotáfio
témno (divido): anatomia
tautó por *tò autó* (o mesmo): tautologia
táxis (arranjo, ordem): sintaxe
taumatos, *thaumatós* (prodígio, milagre): taumaturgo
técne — téchne (arte): politécnico
téras, *tératos* (prodígio, fenômeno, monstro): teratologia
tema, *théma* (ato de colocar): anátema
têle (longe): telégrafo, telefone, telescópio
tétara, *tetra* (quatro): tetraedro
te-os — the-ós (deus): teologia, teocracia, politeísmo
termós — thermós (calor): termômetro

tésis — *thésis* (ação de por, ter): antítese, síntese
trefo, *trépho* (alimento): atrofia
tomé (cortadura, seção): tomo, átomo, estereotomia
trépo (envolto, mudo): heliotrópico
tópos (lugar): tópico, topografia, atopia
triás, *tríados*, *trees*, *tria* (três): trinômico, tríade
traûm-a – atos (ferimentos): traumático
tip-os – týp-os (tipo caráter): tipografia, arquétipo
zôi-on (animal, ser vivo): zoologia, zoófito

Famílias etimológicas de radical latino – Chama-se *família etimológica* a uma série de palavras cognatas. Cabem aqui as judiciosas observações do Prof. Said Ali: "parece cousa extremamente fácil distinguir palavras derivadas de palavras primitivas quando se trata de exemplo como *pedreiro, pedraria, pedregulho* ou *fechamento, laranjal, bananeira*, que não requerem especial cultivo da inteligência para alguém saber que se filiam respectivamente a *pedra, fechar, laranja, banana*. São entretanto numerosos os casos em que transparece menos lúcida a relação entre o termo derivado e o derivante, sendo necessário algum estudo para perceber a filiação. Outras vezes tem havido tal exclusão de forma e sentido, que surge um curioso conflito entre o sentimento geral do vulgo e o fato encarado à luz da pesquisa científica"[SA.2, II, 3].

Nesta matéria cabe distinguir cuidadosamente uma forma *livre* de uma forma *presa* (cf. **Afixos: prefixos e sufixos. Interfixos**). *Receber*, por exemplo, é considerada como derivada prefixal, embora *-ceber* não tenha curso independente na língua, porque é uma forma presa de *caber*, que aparece numa série de palavras portuguesas 97:

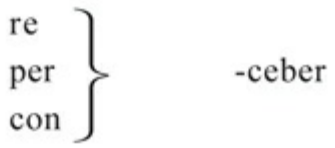

O mesmo ocorre com *resistir* e *iludir* cujas formas presas *-ludir* e *-sistir* são elemento comum a uma série:

Já o mesmo critério não se aplica a outras palavras como *esquecer* e *inteligência*, que passaram a funcionar, para o sentimento dos que falam português, como palavras primitivas.

Tenha-se presente ainda que, muitas vezes, se usam em português dois radicais oriundos de duas formas flexivas de uma mesma palavra: *câncer* e *cancro*.

Eis uma pequena lista de cognatos com radical latino:

aequus, a, um (direito, justo): adequar, equação, equidade, igual, iníquo.

ager, agri (campo): agrário, agricultor, agrícola, peregrino

ago, agis, egi, actum, agere (impelir, fazer): ágil, ator, coagir, exigir, indagar, pródigo

alter, a, um (outro): alterar, alternância, altruísmo, outro

ango, angis, anxi, ângere (apertar): angina, ângulo, angústia, ânsia, angusto

audio, audis, audivi, auditum, audire (ouvir): auditório, audiência

bellum, i (pugna, combate): belonave

bos, bovis (boi): bovino

cado, cadis, cécidi, casum, cadere (cair): acidente, cadente, incidir, ocaso

caedo, caedis, cecidi, caesum, caedere (cortar): cesariana, cesura, conciso, incisão, precisar

Há numerosos derivados em *cida, cidio*, cuja significação é "matar":

fratricida, homicida, infanticida, matricida, patricida, regicida, uxoricida, suicida, fratricídio, homicídio, suicídio, etc.

candeo, candes, candui, candere (embranquecer): cândido, candura, incandescer

cano, canis, cecini, cantum, canere (cantar): celebrar, predizer (este na língua religiosa): canoro, cântico, cantilena, acento. Há numerosos derivados em *-cínio*: vaticínio ('canto do vate', no significado de *profeta*), galicínio ('canto do galo'), tirocínio

capio, capis, cepi, captum, capere (tomar): antecipar, cativo, emancipar, incipiente, mancebo

caput, capitis (cabeça): cabeça, capitão, capital, decapitar, precipício

caveo, caves, cavi, cautum, cavere (ter cuidado): cautela, incauto, precaver-se

cedo, cedis, cessi, cessum, cedere (ceder): cessão, concessão, conceder

cerno, cernis, crevi, cretum, cernere (núcleo): discernir, cerne, concernir

clamo, clamas, clamavi, clamatum, clamare (chamar): proclamar, clamador

clarus, clara, clarum (claro): claridade, clareza

colo, colis, colui, cultum, colere (habitar, cultivar): agrícola, colônia, culto, íncola, inquilino, cultura (*agri-, avi-, hort-, pisci-, triti-, vini-,* etc.)

cor, cordis (coração): acordo, discórdia, misericórdia, recordar

dico, dicis, dixi, dictum, dicere (dizer): abdicar, bendito, dicionário, ditador, fatídico, maledicência

do, das, dedi, datum, dare (dar): data, doação, editar, perdoar, recôndito

doceo, doces, docui, doctum, docere (ensinar): docente, documento, doutor, doutrina, indócil

duo, duae, duo (dois): dobro, dual, duelo, duplicata, dúvida

duco, ducis, duxi, ductum, decere (levar, dirigir): conduto, duque, educação, dútil, produzir, tradução, viaduto

Deste radical há numerosos derivados em *duzir* (*a-, con-, de-, intro-, pro-, re-, se-, tra-,* etc.).

edo, edes, edi, esum, edere (comer): comer, comida, comestível (*cum* + *edo*)

eo, is, ivi, itum, ire (ir): comício, circuito, itinerário, transitivo, subir

facio, facis, feci, factum, facere (fazer): afeto, difícil, edificar, facínora, infecto, malefício, perfeito, suficiente

Há numerosos derivados em *ficar* (*clari-, falsi-, grati-, puri-,* etc.)...

fero, fers, tuli, latum, ferre (levar, conter): ablativo, aferir, conferência, fértil, oferecer, prelado, relação98

frango, frangis, fregi, fractum, frangere (quebrar): fração, frágil, infringir, naufrágio, refratário

fundo, fundis, fudi, fusum, fundere (derreter): fútil, funil, refutar, fundir (*con-, di-, in-, re-*), confuso, difuso, profuso

gero, geris, gessi, gestum, genere (gerar): beligerância, exagero, famigerado, gerúndio, registro

gigno, gignis, genui, genitum, gignere (produzir): genitor, genital

iaceo, iaces, iacui [part. fut. *iaciturus*], *iacere* (jazer): jazigo, jacente, adjacente, subjacente

gradior, graderis, gressus sum, gradi (avançar andando): egresso, ingressar

iacio, iacis, ieci, iactum, iacere (lançar): abjecto, jato, jeito, injeção, sujeito

lac, lactis (leite): lácteo, lactante, lactente, leiteria, laticínio

lateo, lates, latui, latum, latere (estar escondido): latente

lego, legis, legi, lectum, legere (ler): florilégio, legível, leitura, lente
loquor, loqueris, locutus sum, loqui (falar): colóquio, eloquência, locução, prolóquio
ludo, ludes, lusi, lusum, ludere (jogar): ludopédio, lúdico
misceo, misces, miscui, mistum (e *mixtum*) *miscere* (misturar): mexer, misturar, miscível
mitto, mittis, misi, missum, mittere (mandar): demitir, emissão, missionário, remeter, promessa
moneo, mones, monui, monitum, monere (advertir, fazer lembrar): admoestar, admonitor
mentior, mentiris, mentitus sum, mentiri (mentir): mentir, mentira
moveo, moves, movi, motum, movere (mover): motorista, motriz, comoção, móvel
nascor, nasceris, natus sum, nasci (nascer): natal, nativo, nascituro, renascimento
nosco, noscis, novi, notum, noscere (conhecer): incógnita, noção, notável
opus, operis (obra): obra, cooperar, operário, opereta, opúsculo
os, oris (boca): oral, oralidade
patior, pateris, passus sum, pati (sofrer): compatível, paciente, paixão, passional, passivo
pendeo, pendis, pependi, pensum, pendere (pender): suspenso
pes, pedis (pé): pedal, pé
plico, plicas, plicavi ou *plicui*, *plicatum* ou *plictum*, *plicare* (fazer pregas): dobrar, aplicar, chegar, cúmplice, explicar, implícito, réplica
pono, ponis, posui, positum, ponere (colocar): aposto, dispositivo, disponível, posição, posto
quaero, quaeris, quaesivi ou *quaesii, quaesitum, quaerere* (procurar): adquirir, inquirir, quesito, questão, questor
rapio, rapis, rapui, raptum, rapere (roubar): rapto, raptar
rego, regis, rexi, rectum, regere (dirigir): correto, reitor, regência, regime, reto
rumpo, rumpis, rupi, ruptum, rumpere (romper): corrupção, corruptela, roto, ruptura, erupção
scribo, scribes, scripsi, scriptum, scribere (escrever): escritor, escritura
seco, secas, secui, sectum, secare (cortar): bissetriz, inseto, secante, seção, segador, segmento
sedeo, sedes, sedi, sessum, sedere (estar sentado): sedestre
solvo, solvis, solvi, solutum, solvere (desunir): absolver, dissoluto, resolver, solução, solúvel
specio, specis, spexi, spectum, specere (ver): aspecto, espetáculo, perspectiva, prospecto, respeito, suspeito
sto, stas, steti, statum, stare (estar): estado, distância, estante, obstáculo, substância
sterno, sternis, stravi, stratum, sternere (estender por cima): consternar, estrada, estratificar, prostrar
sumo, sumis, sumpsi, sumptum, sumere (tomar, apoderar-se): assumir, consumir, sumidade, sumário
tango, tangis, tetige, tactum, tangere (tocar): contagioso, contingência, tato, contato, atingir
tendo, tendis, tetendi, tensum ou *tentum, tendere* (estender): atender, distenso, contente, extenso, pretensão
teneo, tenes, tenui, tentum, tenere (ter): contentar, abstinência, tenaz, sustentar, tenor, detento
trado, tradis, tradidi, traditum, tradere (trazer): tradição, extraditar
tribuo, tribuis, tribui, tributum, tribuere (repartir): atribuir, retribuir
torqueo, torques, torsi, tortum, torquere (torcer): extorsão, tortura, extorquir, tortuoso, distorção
verto, vertis, verti, versum, vertere (tornar, voltar): verter, versão
video, vides, vidi, visum, videre (ver): evidência, próvido, vidente, visionário, previdência
venio, venis, veni, ventum, venire (vir): vir, vinda
vivo, vivis, vixi, victurus, vivere (viver): vida, viver
volvo, volvis, volvi, volutum, volvere (envolver): devolver, envolto, revolução

3 – Estudo Estrutural do Léxico: A Lexemática

Entende-se por *lexemática* ou *semântica estrutural* o estudo da estrutura do conteúdo ("significado") léxico.

Para evitar confusões que perturbam tal estudo, convém distinguir as *relações de significação* das *relações de designação*. As relações de significação são relações entre significados dos signos linguísticos, enquanto as relações de designação são relações entre signos linguísticos inteiros e os "objetos", isto é, as realidades extralinguísticas por eles designados e representados no discurso. Só as relações de significação são estruturáveis. Um exemplo para clarear a distinção: a designação de dois signos pode ser a mesma sem que seus significados sejam idênticos. Coseriu exemplifica com os termos gregos *brotós* e *ánthropos*, que designam a mesma classe de objetos (os homens), mas não têm o mesmo significado, isto é, não significam "o mesmo": *brotós* significa "homem como não deus" e *ánthropos* significa "homem como não animal".

Outras disciplinas *semânticas* – É justamente o estudo da estruturação das relações de significação que separa a lexemática de outras disciplinas, todas importantes, que, chamadas ou não "estruturais", estudam a "semântica", no sentido amplo do termo. Todo problema que lide com a significação é, em certo sentido, "semântico"; todavia nem todo problema "semântico" é *lexemático*, pois este só diz respeito às relações estruturais, paradigmáticas e sintagmáticas, dos significados léxicos num mesmo sistema linguístico, isto é, numa *língua funcional*.

O objeto ideal das disciplinas lexicológicas 99 – a lexemática inclusive –, como de qualquer descrição estrutural, deve ser a língua funcional, como já vimos.

Destarte, a lexemática, entendida como estrutura do significado, tem propósito diferente da *onomasiologia* (partindo do significado, a disciplina estuda as relações entre este significado e os diferentes significantes que o expressam, como, por exemplo, as denominações do corpo humano "interidiomaticamente" estudadas, quer nas várias línguas funcionais de uma mesma "língua histórica" (o português, por exemplo) ou em "línguas históricas" diferentes (o português e o francês, por exemplo), da *semasiologia* (partindo do significante, a disciplina estuda as relações que unem este significante aos diferentes significados que pode expressar) como, por exemplo, os diferentes significados que idiomaticamente podem ser expressos pelo significante "*ponto*" (*ponto* para a geometria, para a linguagem escolar, para o teatro, para a costureira, para o funcionário, etc.) 100, dos *campos associativos* (estudam as associações de um signo com outros signos estabelecidos por similitude ou por contiguidade, tanto dos significantes quanto dos significados, associações motivadas por ideias, crenças e atitudes relativas às "coisas" (como *boi* associado não só a *vaca*, *touro*, *bezerro*, *chifre*, mas também a *trabalho*, *força*, *vigor*, *paciência*, *mansidão*). São configurações associativas, como diz Coseriu, que têm interesse para a psicolinguística, para a linguística do falar e para a do texto, mas não constituem objeto da descrição estrutural das línguas [ECs.1, 165].

A lexemática e as palavras lexemáticas – Se cabe à lexemática o estudo das relações de significação, só lhe interessam, em princípio, as palavras lexemáticas, que manifestam a configuração semântica do léxico.

Por isso estão fora da consideração da lexemática as palavras que constituem

“equivalências de orações”(interjeições, partículas de afirmação e de negação, como *sim*, *não*), as palavras morfemáticas (artigos, preposições, conjunções) e as palavras categoremáticas (dêiticos ou pronomes, como *eu*, *meu*, *agora*, *aqui*), bem como os nomes próprios e os numerais, porque não são estruturáveis, embora participem da maioria dos fenômenos léxicos (como a modificação, o desenvolvimento, a composição) [ECs.2, 88].

Estruturas paradigmáticas – As estruturas lexemáticas que podem ser identificadas no léxico ou são paradigmáticas ou sintagmáticas.

Chamam-se estruturas paradigmáticas no léxico as estruturas constituídas por unidades léxicas que se encontram em oposição no eixo da seleção. Assim, “bom-mau”, “casa – casinha”, “morrer – mortal” são oposições que manifestam estruturas paradigmáticas.

Diz-se *estrutura primária* se seus termos se implicam reciprocamente, sem que um deles seja primário em relação aos outros; “jovem” implica “velho” e “velho” implica “jovem”, mas nenhum deles é primário em relação ao outro.

Diz-se *estrutura secundária* se a implicação entre seus termos é de “direção única”. Assim “casa” - “casinha”, “morrer” - “mortal”, “trabalhar” - “trabalhador” são estruturas secundárias, porque o primeiro termo de cada par está implicado pelo segundo, mas não o inverso, pois a definição do conteúdo “casa” é independente do conteúdo “casinha”, mas a definição do conteúdo “casinha” inclui necessariamente o conteúdo “casa”.

Os dois tipos de estruturas primárias – Há dois tipos de estruturas paradigmáticas primárias: o *campo léxico* e a *classe léxica*.

Um *campo léxico* é uma estrutura paradigmática constituída por unidades léxicas que se repartem numa zona de significação comum e que se encontram em oposição imediata umas com as outras.

Por exemplo, podemos preencher a lacuna em:

Estive três _____ *em Fortaleza*;

selecionando um dos seguintes lexemas do paradigma: *segundo*, *minuto*, *hora*, *dia*, *semana*, *mês*, *ano*, etc., ficando excluídos termos como: *árvore*, *casa*, *rio*, *cadeira*, etc.

Em *O muro é verde*, *verde* exclui imediatamente *azul*, *branco*, *cinza*, etc., que pertencem ao mesmo campo léxico (o das cores), mas não termos como *muito*, *pouco*, *bastante*, *menos*, etc., que pertencem a outros campos.

Cada unidade de conteúdo léxico expresso no sistema linguístico é um *lexema*. Nos exemplos acima, *segundo*, *minuto*, *hora*, etc. são lexemas.

Uma unidade cujo conteúdo é idêntico ao conteúdo comum de duas ou mais unidades de um campo é um *arquilexema*. Os traços distintivos que caracterizam os lexemas chamam-se *semas*, como emprega o linguista B. Pottier.

Tomemos, para simples exemplo, o campo lexical de “assento”, estudado pelo citado Pottier, em que “assento” é o arquilexema desse campo, que tem como lexemas, em português, entre outros que deixaremos de lado: *cadeira*, *poltrona*, *sofá*, *canapé*, *banco* e *divã* [BP.1;

MV.1, 80-81].

Como traços distintivos dos lexemas, proporemos os seguintes *semas*:

s1: ‘objeto construído para a gente se sentar’

s2: ‘com encosto’

s3: ‘para uma pessoa’

s4: ‘com braços’

s5: ‘com pés’

s6: ‘feito de material rijo’

Levando-se em conta que a presença do sema será indicado por + e, sua ausência por – , teremos:

	s1	s2	s3	s4	s5	s6
banco	+	–	–	–	+	+
cadeira	+	+	+	–	+	+
poltrona	+	+	+	+	+	–
sofá	+	+	–	+	+	–
divã	+	–	+	–	+	–
canapé	+	+	–	+	+	+

Pelo exposto, vê-se que não basta dizer, por exemplo, que “*banco* é um objeto construído para a gente se sentar”, pois tal definição se aplicaria indistintamente a todos os lexemas incluídos no campo léxico. Com base nos semas, isto é, nos traços distintivos que separam os lexemas arrolados no exemplo, diremos que “banco é um objeto construído para a gente se sentar, com material rijo (madeira, ferro, cimento), dotado de pés”.

Se se tratasse de *cadeira*, definiríamos “objeto construído para a gente se sentar, com encosto, para uma pessoa, dotado de pés e feito de material rijo”.

Um lexema pode funcionar em vários campos; é o caso do adjetivo *fresco* que funciona no campo dos adjetivos como *novo*, *velho*, etc. (cf. *queijo fresco*, *fruta fresca*), ou no campo dos adjetivos *frio*, *quente*, *morno*, etc. (*manhã fresca*, *brisa fresca*).

Sobre *neutralizações* e *sincretismos* no léxico.

Classe léxica – Chama-se *classe léxica* a uma classe de lexemas determinados por um *classema*. *Classema* é um traço distintivo comum que define uma classe, independentemente dos campos léxicos. Assim, *jovem*, *inteligente*, *gago* pertencem a campos léxicos distintos,

mas podem estar incluídos na mesma classe pelo classema "ser humano", já que podemos dizer de uma pessoa que ela é *jovem*, ou *inteligente* ou, finalmente, *gago* [MV.1, 1979, 70 e ECs.2, 176].

Para os substantivos, podem-se estabelecer, por exemplo, classes como: "seres vivos", "coisas" e, dentro da classe "seres vivos", por exemplo, "seres humanos", "seres não humanos", etc.

Para os adjetivos, pode haver classes como "positivo", "negativo" que justificam coordenações aditivas do tipo "*bom* e *inteligente*", ou coordenações adversativas do tipo "*bom* mas *brigão*".

Para os verbos podem-se também constituir várias classes, como as já conhecidas "transitivo e intransitivo" (com possibilidades de subtipos, como "transitivos que não admitem voz passiva e transitivos que a admitem), ou ainda, com base no classema "direção" (em relação ao agente da ação), os verbos "adlativos", isto é, em direção de aproximação do agente (do tipo de *comprar*, *ganhar*, *receber*, *recolher*, etc.) e os "ablativos", isto é, em direção de afastamento do agente (do tipo de *vender*, *dar*, *entregar*, *soltar*, *devolver*, etc.).

Há lexemas que se apresentam na intersecção de duas classes quanto ao seu significante, mostrando-se insensível à diferença classemática, cujo significado em uso só se pode depreender no contexto.

É o que ocorre com substantivos como *hóspede* ("aquele que dá ou recebe hospedagem"), com verbos como *alugar* ("aquele que dá ou recebe de aluguel"), em orações do tipo: *Enildo é meu hóspede*; *Zélia alugou o apartamento*.

Entram neste rol palavras como *saudoso* ("que sente ou causa saudade"), *temeroso* ("que sente ou causa temor"), *arrendar* ("que dá ou toma de renda"), *esmolar* ("que dá ou pede esmola") [MBa.3, 290 e MBa.5, 151].

É o caso também de substantivos e adjetivos que podem ser tomados à boa e à má parte, como *sucesso*, *fortuna* (= destino), *êxito*, *ventura*, e que foram depois especializados no bom sentido; quando se empregam hoje diferentemente, requerem um adjetivo da classe "negativo": *mau sucesso*, *triste fortuna*, *mau êxito*, *pobre ventura*, etc. [MBa.3, 282].

Às vezes, a língua desfaz a duplicidade de conteúdo com o recurso a novas palavras; assim *hóspede* se especializa ou pode-se especializar em "aquele que recebe a hospedagem", e se cria a palavra *hospedeiro* para o que dá hospedagem. Outras vezes, com a especialização da classe, como ocorre com *hóspede* (especializado modernamente para aquele que recebe hospedagem), o que não ocorre, entretanto, com o verbo *hospedar* (= dar ou receber hospedagem; neste último significado, aparece como pronominal: *Eu me hospedei num hotel barato*).

Estruturas secundárias – As estruturas paradigmáticas secundárias correspondem ao domínio da formação de palavras e podem manifestar-se por estruturas de *modificação*, de *desenvolvimento* e de *composição*, que implicam sempre a transformação irreversível de um termo primário existente como lexema de conteúdo (significado) e de expressão (significante) na língua. Consumada a transformação, o termo – agora secundário – pode receber

determinações gramaticais explícitas próprias dos termos primários, como a pluralização: *casa* → *casas*; *casa* → *casinha* → *casinhas*.

Dada a extensão que merece o estudo dos três tipos de estruturas secundárias, trataremos dele na parte mais adiante em que se estudam os procedimentos de formação de palavras do ponto de vista das relações de significação.

Estruturas sintagmáticas: as solidariedades – As estruturas sintagmáticas são solidariedades, isto é, relação entre dois lexemas pertencentes a campos diferentes dos quais um está compreendido, em parte ou totalmente, no outro, como traço distintivo (sema), que limita sua combinação.

Distinguem-se três tipos de solidariedade: *afinidade*, *seleção* e *implicação*.

Na AFINIDADE, o classema do primeiro lexema funciona como traço distintivo no segundo. Assim, *pé* e *pata* têm como traços distintivos ao conteúdo 'membro de sustentação do corpo' a classe 'pessoa' (*pé*: "membro de sustentação de pessoa") e 'animal' (*pata*: "pé de animal"). O mesmo com *grávida* e *prenhe*; os traços distintivos do conteúdo "fecundação" são a classe 'pessoa' (*grávida*: "fecundada em relação a pessoas"), e 'animal' (*prenhe*: "fecundada em relação a animal") [ECs.2, 141; MV.1, 77].

Na SELEÇÃO, é o arquilexema do primeiro lexema que funciona como traço distintivo no segundo. Os lexemas *pelo* e *pena*, quanto ao conteúdo 'sistema piloso' incluem como traço distintivo o arquilexema *mamífero* e *ave*: *pelo* ("sistema piloso dito de mamíferos") e *pena* ("sistema piloso dito de aves").

Na IMPLICAÇÃO é todo o primeiro lexema que funciona como traço distintivo no segundo. Por exemplo, a cor *baio* tem como traço distintivo o lexema "cavalo", pois *baio* só se diz dos cavalos. Outro bom exemplo de implicação são as chamadas vozes dos animais, pois os lexemas *relinchar*, *mugir*, *zurrar*, *balir*, *grunhir*, *ladrar*, *miar*, *cacarejar*, *regougar* são o grito relativo, respectivamente, a "cavalo", "vaca", "burro", "cabra", "porco", "cão", "gato", "galinha", "raposa".

É preciso distinguir as solidariedades semânticas vistas aqui, propriamente linguísticas, dos "clichês léxicos", ou sintagmas estereotipados e das solidariedades frequentes, determinadas pelo nosso conhecimento das "coisas"; assim, *branco* aplicado às *gaivotas* não é exemplo de solidariedade semântica, porque a combinação não é um fato de língua, mas apenas assinala a frequência de gaivotas brancas na realidade extralinguística, sem que se despreze a possibilidade de gaivotas de outra cor. Pelo contrário, em *cavalo alazão* temos um fato de língua, porque *alazão* implica o traço distintivo "próprio do cavalo", razão por que no discurso se pode usar só de *alazão*, sem que seja necessário explicitar o lexema *cavalo*. Esta operação não se estende a *branco* em relação a *gaivota*.

4 – Formação de Palavras do Ponto de Vista do Conteúdo

Já vimos na lição de Benveniste que o problema de procedimentos de formação de

palavras ultrapassa os limites da morfologia, em que, tradicionalmente, parece enquadrada, na tradição linguística.

Por outro lado, como assinala Coseriu 101, um estudo coerente da formação das palavras que se atenha estrita e exclusivamente ao ponto de vista da expressão – como o vimos até aqui – é possível; mas para o aspecto funcional e, portanto, para a compreensão e descrição de uma língua, tal estudo é pouco proveitoso, já que os procedimentos materiais (prefixação, sufixação, etc.) e os funcionais não guardam entre si nenhum paralelismo, uma vez que procedimentos materiais diferentes podem corresponder ao mesmo tipo funcional e vice-versa. A não consideração do aspecto de significado é a causa de muita discussão e incertezas em incluir no domínio da formação de palavras as combinações casuais do tipo *um salve-se quem puder*, *bom dia*, *manu tenere* > *manter*, que não constituem propriamente *procedimentos* da formação de palavras, entre outros casos.

Ainda com apoio na lição de Coseriu, um estudo de formação de palavras do ponto de vista do conteúdo, isto é, fundado no significado, está mais ajustado a seu objeto. Partindo deste ponto de vista, a formação de palavras corresponde a uma particular *gramaticalização* do léxico "primário". Tomemos a este linguista o seguinte exemplo para mostrar que as relações, digamos assim, gramaticais, que se dão nos produtos da formação de palavras são consequências das equivalências semânticas entre esses produtos e as construções que lhes correspondem do ponto de vista do conteúdo. Em *beldade* como equivalente a "o fato de ser belo/bela", o termo "fato" não é a palavra *fato* da linguagem primária e que em seguida seria determinada por "ser belo / bela", mas sim um *nome* para a substantivação efetuada nesta formação; do mesmo modo, "ser" é nome da 'predicatividade de ser', isto é, da predicação atribuída, e "belo / bela" é nome da unidade de *belo*(s) + *bela*(s) na linguagem primária, ou seja, um *belo* sem gênero e sem número. Em outros termos, seria o mesmo que dizer, abstratamente, acerca de nossa fórmula: "*belo*(s) / *bela*(s) gramaticalizado por predicação atributiva e com posterior substantivação". Isto significa que os produtos de formação de palavras dizem sempre mais do que suas respectivas bases léxicas.

Por tudo isto, conclui Coseriu que a formação de palavras é um domínio autônomo das línguas, que abarca fatos "paragramaticais" e fatos puramente léxicos, e seu estudo é um ramo autônomo da semântica funcional, que deve começar pelas funções "paragramaticais" dos procedimentos de formação e chegar até as fixações na designação.

Dissemos "paragramaticais" porque, na realidade, a formação de palavras encerra uma "gramática do léxico", mas essa gramática não deve ser confundida com a gramática que conhecemos, já que, na formação de palavras, estamos diante de funções gramaticais distintas daquelas que ocorrem na morfossintaxe. Por isso, não falamos aqui em funções gramaticais e sim em funções paragramaticais. Uns exemplos podem esclarecer o que dizemos: a formação de "coletivos" (*arvoredo*, *laranjal*, *casario*, etc.) implica, por certo, uma pluralização, mas aqui não se trata de um simples "plural", (*árvores*), sim de uma "pluralização" que se dá e se considera como unidade.

Assim também, *chegada* implica um verbo predicativo mas não implica nem modo, nem tempo, nem número, nem pessoa; *beleza* implica um nome predicativo, mas não implica nem número nem gênero. É exatamente por isso, continua Coseriu a sua lição, que tais formações

não remontam a orações concretas como *João chega* e *Maria é bela* (ou *João é belo*), mas tão somente a uma função predicativa genérica de *chegar* e *belo*(*s*), *bela*(*s*).

Assim também em *papeleira* está implicada uma "função preposicional", mas não uma determinada preposição (p.ex. "*para*"*papéis*), e *despertador* implica um elemento pronominal genérico "alguém ou algo" que, de outro modo, não tem realização em português. 102

Os três tipos fundamentais de formação de palavras – Do ponto de vista do conteúdo podem-se distinguir três tipos (ou quatro se considerarmos a composição como dois) fundamentais de formação de palavras, consoante dois critérios que se entrecruzam e dizem respeito à determinação gramatical do termo primário:

a) a gramaticalização implícita afeta um só elemento ou os dois na base da formação;

b) a gramaticalização corresponde a uma função "inatual" (i. é, "não semelhante a uma função oracional") ou a uma função "atual" (i. é, "semelhante a uma função oracional").

Pelo primeiro critério, teremos, de um lado, a *modificação* e o *desenvolvimento* (em que a gramaticalização afeta um só termo) e do outro a *composição*.

Pelo segundo critério, a função gramatical implicada na modificação é "inatual" (do tipo do "gênero" ou do "número"), enquanto no desenvolvimento a função implicada é "atual" (do tipo das funções "sujeito", "predicado", "complemento verbal"). Na composição, a função pode ser inatual ou atual (por exemplo, em português *alvinegro* e *leitor*).

Na modificação, a categoria verbal dos produtos é sempre a mesma das respectivas bases, isto é, os substantivos produzem substantivos, os adjetivos adjetivos e assim por diante, porque a função gramatical implicada é "inatual", isto é, função que afeta os lexemas modificando-os enquanto tais (e não como membros de oração ou de sintagmas). Trata-se das formações diminutivas, dos coletivos, dos verbos formados com prefixos:

cavalo → cavalinho, forte → fortão, beijar → beijocar, ver → prever

No desenvolvimento – que sempre parte de lexemas com funções de membros de oração ou de sintagma – a categoria verbal dos produtos formados é distinta da categoria da base correspondente, vale dizer, o desenvolvimento implica sempre mudança da categoria verbal do termo primário desenvolvido, isto é, substantivo produz adjetivo, substantivo produz verbo, adjetivo produz substantivo, etc., advertindo-se, na oportunidade, que pode ainda tratar-se de base não realizada como tal na norma da língua. Em:

prefeito → [verbo] → *prefeitável*,

não existe na norma do português o verbo **prefeitar*, implicado no desenvolvimento citado.

Exemplos de desenvolvimentos são também *terra* → *terreno*, *céu* → *celeste*; *roda* → *rodar*, *voo* → *voar*; *útil* → *utilidade*; *rico* → *riqueza*.

Tais formações devem ser explicadas desta maneira: *belo* + função predicativa → *beleza* ("o fato de ser belo"); *chegar* + função predicativa → *chegada* ("o fato de chegar"); *branco* + função de epíteto → o *branco*; *em barco* + função predicativa → *embarcar*; *com o martelo* + função predicativa → *martelar*.

A composição implica sempre a presença de dois elementos básicos unidos por uma

relação gramatical, quase sempre por uma relação de recção. Pode ser de dois tipos:

a) *prolexemática*: se um dos dois elementos da base é um "prolexema", isto é, um elemento de natureza pronominal, não identificável com um lexema existente na língua,[103] como ocorre em "elemento substantivo-pronominal" [do tipo "alguém" ou "algo"] + *ler* → *leitor*; o mesmo elemento + *despertar* → *despertador*. Em lugar desse tipo genérico "alguém ou algo", pode ser um arquilexema de ordem muito geral [por exemplo, *agente* + *ler* → *leitor*] ou também um arquilexema (ou um lexema) de um campo particular [por exemplo, "árvore", "comerciante": "*árvore*" + *limão* → *limoeiro*; "comerciante" + *leite* → *leiteiro*].

b) *lexemática*: em que os dois elementos implicados são lexemas e a categoria verbal dos compostos é sempre a dos elementos "determinados" na composição; são exemplos de compostos lexemáticos: *tira-teima*, *guarda-chuva*.

O primeiro tipo corresponde ao que tradicionalmente se chama "derivação" (como podemos ver, tal denominação também abarca o processo de *modificação* e *desenvolvimento* agora expostos); o segundo tipo corresponde ao que tradicionalmente se chama composição, com exceção da prefixação verbal, a qual, nesta nova concepção de processos de formação de palavras entra como um tipo de modificação.

Combinações dos procedimentos formativos – Os procedimentos de formação de palavras podem combinar-se uma ou mais vezes, sendo decisiva a ordem das combinações para o significado do produto final, não se perdendo de vista o fato de que nessa sequência podem ocorrer combinações "prévias" cujos produtos não se realizam como fatos autônomos na norma da língua, como já aconteceu com o implicado *prefeitar* (< *prefeito*) no desenvolvimento *prefeitável*; *guarda-sol* é uma combinação de composição prolexemática e lexemática: composição prolexemática *guardar* → guarda [equivalente a *guardador*, 'o que guarda', com morfema zero] e uma composição lexemática, o composto *guarda-sol*. Deste podemos ter um novo composto prolexemático: elemento substantivo-pronominal do tipo "alguém" [ou, como também vimos, o lexema "comerciante"; "fabricante"] + *guarda-sol* → *guarda-soleiro* 'comerciante ou fabricante de guarda-sol'.

O termo *desembarcar* resulta da combinação do desenvolvimento *em* + *barco* (→ embarcar) e modificação (→ *des-embarcar*).

Um termo formado por desenvolvimento pode dar origem a nova forma desenvolvida (produto de desenvolvimento), e pode assim estender-se por uma série, perfeitamente identificáveis como constituintes imediatos, quando há paralelismo entre a expressão e o conteúdo:

rico → *enriquecer* → *enriquecimento*

nação → *nacional* → *nacionalizar* → *nacionalização*

Está neste rol de combinação dos tipos fundamentais de formação de palavras o discutidíssimo tipo de compostos como *tira-teima*, *guarda-roupa* em que entra um tema verbal puro seguido em geral de substantivo, mas não necessariamente, pois pode aparecer outra classe, como um advérbio (*ganha-pouco*, *pisa-mansinho*), um numeral (*mata-sete*). Quanto à função oracional implícita nesse segundo elemento, temos em geral um objeto direto,

mas podemos ter um predicativo (*espanta-coió*), um circunstancial (*pisa-mansinho*, *ganha-pouco*, *saltinvão*).

Há também particularidades formais na constituição desses compostos: na fase da composição lexemáticas o composto prolexemático se reduz pela supressão de possíveis sufixos, ou pelas preposições que normalmente seriam empregadas na construção de um composto prolexemático substantivo com outro substantivo; dá-se a supressão regularmente quando o segundo elemento corresponde a uma função oracional com a qual o verbo implicado na composição prolexemática se constrói sem preposição, do tipo de *girassol*, que se parafraseia aproximadamente com "algo que gira na direção do sol". Em outros casos, como vimos em *saltinvão*, mantém-se a preposição.

Entendem-se tais compostos como "alguma coisa que tira teima", "alguém ou alguma coisa que guarda roupa", isto é, paráfrases de uma composição prolexemática como *tirador* (ou *tiradora*), *guardador* (*guardadora*), a que se acrescentam o lexema *teima* ou *roupa*. Trata-se, portanto, da combinação de uma composição prolexemática com uma composição lexemática ("tirador, tiradora") + *teima* → *tira-teima*.

Em face desta análise semântica, chega-se à conclusão de que o chamado "elemento verbal" deste tipo de composição não é nem um imperativo nem nenhuma outra forma verbal conjugada; trata-se de uma derivação regressiva, que, do ponto de vista funcional, é um substantivo ou, então, semanticamente, um particípio substantivado. Este "particípio" pode ser um particípio ativo transitivo (como em *guarda-roupa*), um particípio causativo (como em *passatempo*: "qualquer coisa que faz passar o tempo").

Esta análise é confirmada pelo fato de, quando não há na língua um composto deste tipo, se utilizarem compostos prolexemáticos em construção preposicional com um segundo elemento: *medidor de gás*, *espalhador de cera*, *prendedor de gravata*, etc.

Subtipos dos procedimentos de formação de palavra – Dentro dos procedimentos vistos até aqui podem ocorrer subtipos, de acordo com os subtipos de funções "paragramaticais" implicadas.

Assim, na modificação podemos ter, entre outros:

a) uma mudança do gênero "natural" (sexo): *rei* → *rainha*; *galo* → *galinha*;

b) uma quantificação: 1) para diminutivos (*carro* → *carrinho*; *doente* → *doentinho*; *beber* → *bebericar*); com a variante "apreciação aproximativa" (*velho* → *velhusco*; 2) para aumentativos (*casa* → *casarão*; *grande* → *grandalhão*); 3) para coletivos (*casa* → *casario*); 4) para intensificação (*feio* → *feinho*);

c) repetição: *fazer* → *refazer*;

d) negação: *leal* → *desleal*; *útil* → *inútil*.

No desenvolvimento podemos ter, segundo a função oracional implícita de sua base:

a) predicação: *chegar* → *chegada*; *belo* → *beleza*;

b) atributivo: *de inverno* ("pertencente ao inverno") → *invernal*.

Generalização do significado no desenvolvimento – O desenvolvimento implica, em cada fase de produção, uma desconcentração ou generalização do significado da base. Assim, *de inverno* significa "pertencente ao inverno" (cf. *jogos de inverno*); já o termo desenvolvido *invernal* significa tanto "pertencente ao inverno" quanto "semelhante ao que pertence ao inverno" (cf. *jogos invernais*). Trata-se de um valor único de língua, que se "amplia" quando comparado com a base do desenvolvimento.

Homofonias em desenvolvimento – Desenvolvimentos formados de bases diferentes podem resultar homofonias totalmente distintas das homofonias casuais dos termos simples ou primários. Assim, em português existem duas séries homófonas *mortal-mortalidade*; a primeira desenvolvida a partir do conteúdo "morrer" ("o homem é mortal" – "a mortalidade do homem"), e a segunda a partir do conteúdo "matar" ("o golpe, o remédio foi mortal" – "a mortalidade do golpe, do remédio"). *Mortandade* é variante de *mortalidade*, e só se aplica ao conteúdo de "morrer" (= grande número de mortes por pestes, em batalha").

Cabe ainda observar que, já que o desenvolvimento implica sempre um emprego determinado do termo primário ou de base, pode haver desenvolvimentos diferentes, conforme o significado implicado nesse termo e nos elementos formativos:

terra → *terrestre*, *terreal*, *terral*, *terreiro*, *terreno*.

esperar → *espera* (de *esperar* "aguardar") e *esperança* (de *esperar* "confiar").

5 – Alterações Semânticas

A se*mântica estrutural diacrônica* é o estudo funcional das mudanças semânticas no léxico. É uma disciplina ainda muito recente, e dada a natureza desta gramática dela não nos ocuparemos aqui. Nosso intento é tão somente chamar a atenção para alterações semânticas no léxico. Como disse muito bem Pagliaro "Também as palavras são uma espécie de conchas, às quais temos de encostar o ouvido com humilde atenção, se quisermos apreender a voz que dentro delas ressoa" [APg.1, 210].

No decorrer de sua história nem sempre a palavra guarda seu significado etimológico, isto é, originário. Por motivos variadíssimos, ultrapassa os limites de sua primitiva "esfera semântica" e assume valores novos.

"A língua – disse Moritz Regula –, expressão consciente de impressões exteriores e interiores, está sujeita a uma perpétua transformação. As palavras mudam de significado ou porque as coisas se modificam ou porque a "constelação psíquica" sob cuja influência nasce o sentido do objeto, se altera graças a causas diversas" [MR.1, 26].

A significação das palavras está intimamente relacionada com o mundo das ideias e dos sentimentos; "entre as ideias, entre os pensamentos não há separação absoluta por isso que as associações se estabelecem, sem cessar, de uns para outros. Vendo uma substância ou um objeto muito achatado, muito delgado e pouco resistente, por exemplo de estanho ou de ouro finamente laminado, alguém foi levado a compará-lo a uma folha de árvore; pôde-se assim

dizer com propriedade e clareza: *uma folha de estanho*, *de ouro*, *de papel*, etc. Outra associação, posterior à precedente, deu à palavra *folha* o significado bem elástico de jornal: *uma folha diária*. É que se imprimem as notícias de cada dia em folhas de papel. A palavra *coração* serviu para exprimir tanto a parte interior de um legume ou fruta: *coração da melancia*, ou a essência de um assunto: *está no coração da questão*, como ainda os sentimentos cuja sede parece estar no fundo de nosso ser: *este homem não tem coração*, etc. Todas as associações deste gênero dão origem ao que se chama, em literatura, *imagem*; as imagens da linguagem corrente não diferem muito, pela sua natureza, das que brotam da imaginação dos poetas e dos escritores em geral" [AGr.1, 93-94 – com leves adaptações para o português].

Entre as causas que motivam a mudança de significação das palavras, as principais são:

a) Metáfora – translação de significado motivada pelo emprego em solidariedades, em que os termos implicados pertencem a classes diferentes mas pela combinação se percebem também como assimilados:

*cabelos de **neve**, **pesar** as razões, **negros** pressentimentos, **doces** sonhos, passos **religiosos*** [AR.1, 17 – nos queria ressaltar a religiosidade de sua personagem], ***boca** do estômago*, ***dentes** do garfo*, ***costas** da cadeira*, ***braços** do sofá*, ***pés** da mesa*, ***gastar rios** de dinheiro*, ***vale** de lágrimas*, *o **sol** da liberdad*e, *os dias **correm***, *a noite **caiu***.

OBSERVAÇÃO: Assim, a metáfora não resulta – como tradicionalmente se diz – de uma comparação abreviada; ao contrário, a comparação é que é uma metáfora explicitada. Importa, outrossim, distinguir a metáfora *linguística* (linguisticamente motivada pelo descompasso dos termos implicados nas solidariedades) da metáfora *motivada extralinguisticamente* pelo nosso saber sobre as coisas, como ocorre em expressões metafóricas do tipo de *não ponha a carroça diante dos bois* para expressar a inversão incorreta de uma ação ou de um juízo. As metáforas têm largo emprego na língua espontânea e na literária, e nesta teve grande difusão entre os poetas simbolistas. Cf. [ECs.1, 291], [ECs.2, 207], [ECs.3, 293 n. 22] e [HM.1, 109]: "A literatura moderna tem uma preferência para a metáfora oposta à comparação explícita. É a fusão imediata do mundo pessoal e do objetivo, do espiritual e do concreto, que levam a uma identificação direta, sem elos de ligação que intermedeiem a passagem dum plano para outro".

b) Metonímia – translação de significado pela proximidade de ideias:

1 – causa pelo efeito ou vice-versa ou o produtor pelo objeto produzido:

*um **Rafael*** (por um *quadro de Rafael), as **pálidas** doenças* (por *doenças que produzem palidez*), ***ganhar** a vida* (por *meios que permitam viver), ler **Machado de Assis*** (i.é, *um livro escrito por M. de Assis)*.

2 – o tempo ou o lugar pelos seres que se acham no tempo ou lugar:

*a **posteridade*** (i.é, *as pessoas do futuro*), *a **nação*** (i.é, *os componentes da nação*).

3 – o continente pelo conteúdo ou vice-versa:

*passe-me a **farinha*** (i.é, a farinheira), *comi **dois pratos*** (i.é, *a porção da comida que dois pratos continham*).

4 – o todo pela parte ou vice-versa:

*diz a **Escritura*** (i.é, *um versículo da Escritura*), *encontrar um **teto amigo*** (i.é, *uma casa*).

5 – a matéria pelo objeto:

*um **níquel*** (i.é, *moeda de níquel*), *uma **prata*** (i.é, *moeda de prata*)

6 – o lugar pelo produto ou características ou vice-versa:

jérsei (= *tecido da cidade Jersey*), ***gaza*** (= *tecido da cidade de Gaza*), ***havana*** (= *charutos da cidade de Havana*); ***greve*** (*as reuniões feitas na Place de la Grève*).

7 – o abstrato pelo concreto:

*A **virtude** vence o **crime*** (isto é, *as pessoas virtuosas vencem os criminosos*); *praticar a **caridade*** (= *atos de caridade*).

8 – o sinal pela coisa significada ou vice-versa:

o ***trono*** (= *o rei*), *o* ***rei*** (= *a realeza*)

c) Catacrese – translação do significado por esquecimento do significado original:

panaceia universal (*panaceia* '*remédio* para todos os males' já tem no elemento *pan-* a ideia de universalidade, generalidade), *etimologia verdadeira, abismo sem fundo, anedota inédita, correta ortografia, bela caligrafia, caldo quente, homicida do vizinho, hecatombe de almas, embarcar no trem, calçar as luvas.* [MBa.3, 311-317]

Produtos correntes da translação de significado, as catacreses são fatos normais que só devem ser evitados quando a noção primitiva ainda estiver patente para o falante.

d) Braquilogia ou abreviação – as diversas acepções de uma palavra devidas à elipse do determinante ou vice-versa:

dou-lhe a minha ***palavra*** (i.é, *palavra de honra*), *vamos à* ***cidade*** (i.é, *ao centro da cidad*e), *um* ***possesso*** (i.é, *pessoa possuída do demônio*), *aproveitar a* ***ocasião*** (= *a boa ocasião*), *a festa da* ***Ascensão*** (= da *Ascensão de Jesus Cristo*).

e) Eufemismo – translação de sentido pela suavização da ideia:

1 – para a morte:

finar-se, falecer, entregar a alma a Deus, dar o último suspiro (literários), passar desta a *melhor, ir para a cidade dos pés juntos, dizer adeus ao mundo, esticar as canelas, desocupar o beco, bater as botas, etc.* (*estes* populares).

2 – para a bebida:

abrideira, *água que gato* (*passarinho*) *não bebe*, *januária*.

O tabu linguístico pode favorecer o aparecimento de expressões eufemísticas. O medo de proferir palavras como *diabo*, *demônio*, *satanás* nos leva a usar desfigurações voluntárias como *diacho*, *diogo*, *demo*, *satã*. [MG.1, 76 e ss.]

f) Alterações semânticas por influência de um fato de civilização:

tonto (= *louco*) particípio do verbo *tondere*, por *tonso*, lembra-nos o tempo em que se rapava a cabeça aos loucos.104

pagão (= *indivíduo que não foi batizado*) se prende à época inicial do Cristianismo, pois a Igreja fez uso especial do termo que tinha curso na linguagem militar: *paganus*, o civil, em oposição ao soldado (castrensis) passou a ser o oposto a *christianus* [cf. EG.1, 134; RH.1, 132].

cor (*saber guardar*, *ter de* – = *de memória*) relembra-nos a época em que a anatomia antiga fazia do coração a sede dos sentimentos, da inteligência, da memória.

judiar (= *zombar*, *atormentar*) lembra-nos a época dos tormentos praticados ou sofridos pelos judeus. A palavra ***judas*** (= *homem mal trajado*) é uma aplicação do nome próprio *Judas* a quem o povo atribui qualidades negativas.

calabrear (= *misturar*; *confundir*; *mudar para pior*; *alterar vinhos*): documenta a má fama em que eram tidos os calabreses, acrescida pela lenda popular de que Judas era natural da Calábria, no sul da Itália. Cf. artigo de L. Spitzer, *Boletim de Filologia* (Lisboa), V, 3-4, pág. 376.

A maneira aristocrática de ver as coisas é responsável pela mudança de significado de algumas palavras:

vilão (saído do latim *villa* = quinta, aldeia), de "*camponês*" passou a designar "homem grosseiro", "perverso", "infame".

De vez em quando, surgem pessoas que querem ver expurgadas dos dicionários certas palavras depreciativas de povo ou localidade (como *judiar*, *baianada* e outros). É excesso de sentimento a que a História não se curva, nem o povo leva em conta, porque, no uso do termo,

não entra nas minúcias históricas do pesquisador, nem procura, usando a palavra, fazer juízo específico a respeito do povo ou da localidade.

g) Etimologia popular ou associativa

É a tendência que o falante – culto ou inculto – revela em aproximar uma palavra a um determinado significado, com o qual verdadeiramente não se relaciona.105

Às vezes a palavra recebe novo matiz semântico sem que altere sua forma. *Famigerado*, por exemplo, que significa "célebre", "notável",106 influenciado pela ideia e semelhança morfológica de faminto, passa, na linguagem popular, a este último significado. *Intemerato* (= sem mancha, puro), graças a *temer*, é considerado como sinônimo de *intimorato*; *inconteste* (= *s*em testemunho) passa a sinônimo de *incontestável*; *falaz* (= falso, enganador) é aproximado de *falador*.

Espécies de alteração semântica

A) Extensão do significado;

B) Enobrecimento do significado;

C) Enfraquecimento do significado.

A – ***Extensão do significado***

prédio (= propriedade rústica ou urbana inamovível) passou a designar qualquer edifício sem referência ao solo.

espraiar (= jogar algo à praia) alargou o significado como sinônimo de "estender-se por larga área".

embarcar (= entrar na barca) significa hoje "entrar em qualquer condução".

aliviar (= tornar mais leve uma carga) se diz hoje como igual a "minorar", "diminuir", "abrandar", uma culpa, um mal, o tempo (a chuva aliviou).

1 – **Restrição ou especialização do significado**

a) *fortuna* (destino bom ou mau) especializa seu sentido na direção positiva.

sucesso (acontecimento bom ou mau) passa a exprimir só o lado bom.

carta (= epístola) tinha em latim o sentido de qualquer livro, papel, escrito.

britar (significava "quebrar qualquer coisa") restringiu hoje o seu significado para "quebrar pedras".

b) *abreviação ou condensação: um havana* (= charuto de Havana); o champanha (= o vinho de Champagne); um (a) jato (= avião a jato).

2 – **Plenitude do significado**

Um milhão de reais já é uma *quantia*; José mostrou-se um *homem.*

B – ***Enobrecimento do significado***

emérito (aplicado ao funcionário que se aposentava) significa hoje *distinguido*, *ilustre*.

marechal (= criado do cavalo) passou a indicar o posto mais elevado do Exército.

pedagogo (era o escravo que conduzia as crianças à escola); significou depois o professor ou profissional em educação.

3 – **Degradação do significado (Pejorativos)**

vilão.

libertino (= escravo liberto) passou a indicar o indivíduo devasso, sem pudor.

libidinoso (= que segue seu capricho) significa hoje o dissoluto.
valetudinário (= de boa ou má saúde ou compleição) significa hoje só à má parte

C – ***Enfraquecimento do significado***

O emprego contínuo de uma palavra provoca a diminuição de sua energia semântica, mormente nas expressões afetivas. *Bajular* era "levar alguém às costas", o que enfatiza a ideia de servidão que tinha a palavra no início do seu emprego em expressões como "bajular o chefe".

Pequena nomenclatura de outros aspectos semânticos

1) **Polissemia** – É o fato de haver uma só forma (significante) com mais de um significado unitário pertencentes a campos semânticos diferentes. Ou, em outras palavras, a polissemia é um conjunto de significados, cada um unitário, relacionados com uma mesma forma. Portanto, não se pode ver a polissemia como "significados imprecisos e indeterminados", porque cada um desses significados é preciso e determinado:

pregar (um sermão) – *pregar* (= preguear uma bainha da roupa) – *pregar* (um prego)

manga (de camisa ou de candeeiro) – *manga* (fruto) – *manga* (= bando, ajuntamento) – *manga* (parede)

cabo (cabeça, extremidade, posto na hierarquia militar) – *cabo* (= parte de instrumento por onde esse se impunha ou utiliza: *cabo* da faca)

A polissemia é, portanto, um fato de língua.

É preciso não confundir a polissemia léxica ou *homofonia*107 com variação semântica ou polivalência no falar (fato de fala), que consiste na diversidade de acepções (sentidos) de um mesmo significado da língua segundo os valores contextuais, ou pela designação, isto é, graças ao conhecimento dos "estados de coisas" extralinguísticos:

pensar { um assunto / um ferimento

ponto {
- em geometria: um ponto no espaço
- em gramática: sinal de pontuação
- em teatro: auxiliar de atores
- em táxi: ponto de táxi
- em gíria escolar: o professor deu *ponto* novo ("matéria") / o aluno precisa de dois *pontos* (= grau)

Como lembra Coseriu, "antes de optar pela homofonia, dever-se-á perguntar se não se trata de variação (semântica): em todos os casos em que as homofonias ou polissemias não sejam evidentes (por exemplo, por se tratar de formas que pertencem a paradigmas diversos) (...), há de se buscar primeiro aquilo que caracteriza as línguas, isto é, invariantes de significado ou "significado unitário". E só quando se mostre absolutamente impossível "reduzir" todas as

acepções de uma forma a um valor unitário de língua, será lícito admitir homofonia (...)" [ECs.1, 206; AV.1, 101-102].

NOTA DE NOMENCLATURA: A tradição gramatical e os linguistas divergem na conceituação de *polissemia* e *homonímia*, criada ao tempo da linguística diacrônica. Por polissemia entende a tradição a "propriedade da significação linguística de abarcar toda uma gama de significações, que se definem e precisam dentro de seu contexto" [MC.4]. Exemplifica com a preposição *a* (significação gramatical) e a palavra *andar* (significação lexical): *ir a Lisboa*, *andar a* pé, *falar a Pedro*; *andar a largos passos*, *andar de automóvel*, *andar doente.*

2) **Homonímia** – Já por *homonímia* entende a tradição: "propriedade de duas ou mais formas, inteiramente distintas pela significação ou função, terem a mesma estrutura fonológica, os mesmos fonemas, dispostos na mesma ordem e subordinados ao mesmo tipo de acentuação; como exemplo: um homem *são*; *São* Jorge; *são* várias as circunstâncias (...)

Ela é possível sem prejuízo da comunicação em virtude do papel do contexto na significação de uma forma, como sucede com *são* nos exemplos dados [MC.4, s.v.].

Dentro da homonímia, alude-se, em relação à língua escrita, aos *homófonos* distinguidos por ter cada qual um grafema diferente, de acordo com o sistema ortográfico: *coser* 'costurar'; *cozer* 'cozinhar'; *expiar* 'sofrer'; *espiar* 'olhar sorrateiramente'; *sessão* 'ato de assistir'; *cessão* 'ato de ceder'; *cela* 'quarto para enclausuramento'; *sela* 'peça de arreio'[MC.4, s.v.].

O mesmo linguista aponta o artificialismo do conceito de *homógrafos*, "formas que se escrevem com as mesmas letras mas correspondendo elas a fonemas distintos, pois já não se trata evidentemente de homônimos da língua, cuja essência são as formas orais" [MC.4, s.v.].

Todos apontam a dificuldade de nem sempre se poder distinguir a polissemia da homonímia. Têm sido propostos alguns critérios para aclarar se se trata de uma mesma palavra com dois ou mais significados diferentes (polissemia) ou de duas palavras distintas com idênticos fonemas (homonímia):

a) critério histórico-etimológico – é o que fazem, em geral, os nossos dicionários;

b) a consciência linguística do falante;

c) critério das relações associativas;

d) critério dos campos léxicos.

Todos estes critérios estão sujeitos a críticas, como resenhou exaustivamente Geckeler [HG.1, 146-158].

Em erudito artigo, Coseriu chega, cremos, à correta interpretação da *polissemia*, na análise que faz do ensinamento de Aristóteles e resumo crítico desse artigo em AV.1, 92-107.

3) **Sinonímia** – É o fato de haver mais de uma palavra com semelhante significação, podendo uma estar em lugar da outra em determinado contexto, apesar dos diferentes matizes de sentido ou de carga estilística.

casa, *lar*, *morada*, *residência*, *mansão*

Um exame detido nos mostrará que a identidade dos sinônimos é muito relativa; no uso (quer literário, quer popular), eles assumem sentidos "ocasionais" que no contexto um não pode ser empregado pelo outro sem que se quebre um pouco o matiz da expressão. Uma série sinonímica apresenta-se-nos com pequenas gradações semânticas quanto a diversos domínios:

o sentido abstrato ou concreto; o valor literário ou popular (*fenecer* / *morrer*); a maior ou menor intensidade de significação (*chamar* / *clamar* / *bradar* / *berrar*); o aspecto cultural (*escutar*/*auscultar*) e tantas outras.

4) **Antonímia** – É o fato de haver palavras que entre si estabelecem uma oposição *contraditória* (*vida*; *morte*), *contrária* (*chegar*; *partir*) ou *correlativa* (*irmão*; *irmã*) [JK.1 *apud* HGe.1, 288 n.23].

Já Lyons [JLy.1 *apud* HGe.1, 291] entende que se podem distinguir três subconceitos do que se há de compreender por antonímia em sentido amplo:

a) *complementaridade* (a negação de uma implica a afirmação da outra e vice-versa: *João não está casado* implica que *João é solteiro*; *João está casado* implica que *João não é solteiro*);

b) *antonímia* (opostos por excelência: *grande* : *pequeno*);

c) *correlação* (*comprar* : *vender*; *marido* : *mulher*).

Quanto à sua manifestação constitucional, Mattoso cita os três aspectos diferentes:

a) mediante palavras de radicais diferentes: *bom* : *mau*;

b) com auxílio de um prefixo negativo em palavras do mesmo radical: *feliz* : *infeliz*; *legal* : *ilegal*; *político* : *apolítico*;

c) palavras que têm prefixos de significação contrária: *excluir* : *incluir*; *progredir* : *regredir*; *superpor* : *soto-pôr*.

Às vezes, a negação serve para atenuar a oração afirmativa: *Pedro não está bem* : *Pedro está mal*.

Às vezes ocorre a antonímia porque a palavra apresenta valor ativo e passivo:

alugar { a) dar de aluguel / b) receber de aluguel

emprestar { a) dar de empréstimo / b) receber de empréstimo

hóspede { a) quem recebe a hospedagem / b) quem dá a hospedagem (hoje hospedeiro)

esmolar { a) dar esmolas / b) receber esmolas

5) **Paronímia** – É o fato de haver palavras parecidas na forma e diferentes no significado:

Os parônimos dão margem a frequentes erros de impropriedade lexicais:

proscrever: proibir
prescrever: aconselhar

tráfego: trânsito
tráfico: comércio

ratificar: confirmar
retificar: corrigir

infringir: transgredir, violentar
infligir: aplicar pena, castigo

descrição: ato de descrever
discrição: qualidade de quem é discreto

intimorato: destemido, intrépido
intemerato: puro, imaculado

iminente: pendente, próximo para acontecer
eminente: ilustre

C) Estrutura do enunciado ou período. A oração e a frase

I – A Oração e as Funções Oracionais

Enunciado ou período – Toda a manifestação da linguagem com vistas à comunicação com nossos semelhantes se constrói com uma sequência de unidades delimitadas por um silêncio que precede o início dessa atividade e o que se lhe segue, acompanhada de contorno melódico, também chamado curva de entoação e normalmente marcada, na escrita, pelos sinais de pontuação e pelo emprego da maiúscula inicial:

O galo-da-campina ergue a poupa escarlate fora do ninho.

A esta unidade linguística que faz referência a uma experiência comunicada e que deve ser aceita e depreendida cabalmente pelo nosso interlocutor se dá o nome de *enunciado* ou *período*.

Há enunciados relativamente curtos, como o do nosso exemplo, ou ainda mais curtos, como *Sim* ou *Vou*, e há os que se dilatam por muito maior extensão:

O galo-da-campina ergue a poupa escarlate fora do ninho e seu límpido trinado anuncia a aproximação do dia.

Conforme a realidade designada, os enunciados se apresentam com formas variadas:

1. Os homens desejam a paz.
2. Ela não trabalha aos sábados.
3. Muitas crianças viram os pássaros.
4. Bebel gosta do colégio.
5. O chefe dará oportunidades aos jovens.
6. O sol é um astro luminoso.
7. Chove muito no verão.

8. Relampeja.
9. Que achou você da festa?
10. Eles ainda não chegaram?!
11. Vivam os campeões!
12. Que calor!
13. Depressa!

Apesar de tão variadas formas por que se apresentam os enunciados, há traços comuns que devem ser ressaltados [AL.1, 256]:

a) são mensagens completas e de acordo com a situação em que se acham falante e ouvinte;

b) são unidades sequenciais delimitadas por um silêncio precedente a ele e uma pausa final;

c) são proferidos com um contorno melódico particular.

Esta curva de entonação é o significante ou expressão material que evoca a modalidade de intenção comunicativa do enunciado (significado ôntico) que o falante quer transmitir ao seu interlocutor:

a) ou para lhe expor, afirmando ou negando, certos fatos (*Pedro estuda. Pedro não estuda*.);

b) ou para indagar sobre algo (*Pedro estuda*? *Pedro não estuda*? *Quem chegou*?);

c) ou para apelar-lhe, em geral, atuando sobre ele (*Dê-me o livro. Não me dê o livro. Volte cedo*.);

d) ou para chamar-lhe a atenção (*Ó Pedro.*);

e) ou para traduzir-lhe os próprios pontos de vista ou sentimentos (*Que prazer*! *Como está frio*!).

Assim, quanto à significação fundamental do enunciado, temos cinco tipos ou classes essenciais deles: *declarativo* ou *enunciativo*, *interrogativo*, *imperativo-exortativo*, *vocativo* e *exclamativo*, dos quais o primeiro corresponde à função representativa – informativa da linguagem, os três seguintes à função apelativa e o último à função expressiva [HC.1, s. v. Frase].

Entre o primeiro e o segundo tipos há maior afinidade do que entre o primeiro e os restantes. Talvez porque o primeiro encerre o aspecto ou papel fundamental da intenção comunicativa da linguagem, é considerado o enunciado típico – base do impulso inicial da especulação gramatical pela lógica grega –, do qual os outros tipos são considerados derivados ou ao qual todos os outros tipos se podem reduzir. Por isso é que a unidade linguística, dentro desta concepção original, recebe o nome de *enunciado*; na tradição gramatical brasileira, *período.*

Oração e frase – Entre os tipos de enunciados há um conhecido pelo nome de *oração* que, pela sua estrutura, representa o objeto mais propício à análise gramatical, por melhor revelar as relações que seus componentes mantêm entre si, sem apelar fundamentalmente para o entorno (situação e outros elementos extralinguísticos) em que se acha inserido. É neste tipo de enunciado chamado *oração* que se alicerça, portanto, a gramática, e será especificamente dela que trataremos a seguir.

Mas antes devemos adiantar que o enunciado também aparece sob forma de *frase*, cuja estrutura interna difere da oração porque não apresenta relação predicativa. São às vezes simples palavras, outras vezes uma reunião delas, que são transpostas à função do enunciado. Em nosso exemplário anterior, constituem *frases* os seguintes enunciados:

Depressa!
Que calor!

Mais adiante trataremos desse tipo de enunciado com mais atenção.

A oração se caracteriza por ter uma palavra fundamental que é o *verbo* (ou sintagma verbal) que reúne, na maioria das vezes, duas unidades significativas entre as quais se estabelece a *relação predicativa* – o *sujeito* e o *predicado*:

Sujeito	*Predicado*
Pedro	estuda.
Pedro	não estuda.

Comparemos agora as seguintes possibilidades:

Eu estudo português às segundas-feiras no horário da manhã.
Eu estudo português às segundas-feiras.
Eu estudo português.
Eu estudo.
Estudo.

Nas possibilidades acima, o único constituinte indispensável foi o verbo *estudo*, o que o faz *núcleo* da oração, enquanto os outros constituintes são adjacentes ao núcleo. Esta adjacência não guarda a mesma relação entre os diversos constituintes da oração, pois a relação entre o sujeito *eu* é mais estreita com o verbo *estudo* que os demais. Mas a relação predicativa pode ser *referida* a um sujeito, como em *Eu estudo*, ou *não referida*, como *Chove*. Por isso, nem mesmo o sujeito é um constituinte imprescindível da oração e, por conseguinte, da relação predicativa, embora a sua presença ao lado do verbo pessoal constitua o tipo mais frequente – diríamos até a estrutura favorita – de oração em português.

Em *Chove*, o verbo flexionado na 3.ª pessoa – marca o sujeito gramatical, isto é, assinalado apenas gramaticalmente, mas temos uma relação predicativa não referida, pois não admite sujeito explícito. Diz-se que o verbo é *impessoal* e a oração é *sem sujeito explícito*. A chamada 3.ª pessoa é a não pessoa, é a não eu nem meu interlocutor, e assim é a forma utilizada para indicar a relação predicativa não referida, isto é, as orações sem sujeito explícito.

Sujeito e predicado – O primeiro grupo natural corretamente identificado exerce uma função sintático-semântica chamada SUJEITO, e o segundo grupo exerce outra função sintático-semântica chamada PREDICADO.

Sujeito	*Predicado*
Os homens	desejam a paz.
Eu	trabalho como professor.
Muitas crianças	viram os pássaros
O bom filho	compreende o esforço dos pais
O sol	é um astro luminoso.

Conhecendo melhor o sujeito: núcleo e determinantes 108 – Chama-se sujeito à unidade ou sintagma nominal que estabelece uma relação predicativa com o núcleo verbal para constituir uma oração. É, na realidade, uma *explicitação léxica* do sujeito gramatical que o núcleo verbal da oração normalmente inclui como morfema número-pessoal. Em:

Eu estudo no colégio e eu e dois irmãos brincamos no clube,

os núcleos verbais das duas orações *estudo* e *brincamos* incluem os morfemas *–o* (*estud-o*) e *–mos* (*brinca-mos*), que indicam os sujeitos gramaticais "1.ª pessoa do singular" e "1.ª pessoa do plural", respectivamente. Estes sujeitos gramaticais, quando necessários ao melhor conhecimento da mensagem veiculada no texto, podem ser explicitados por *formas léxicas* que guardam com os sujeitos gramaticais a relação gramatical de concordância em número e pessoa. Assim é que em *Eu estudo*, *eu*, pronome de 1.ª pessoa do singular, se acomoda à indicação do morfema *–o*, indicador, nos verbos, da 1.ª pessoa do singular no presente do indicativo:

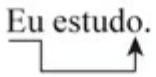

Já em *brincamos*, o sujeito gramatical "1.ª pessoa do plural" está indicado pelo morfema *–mos*. Este sujeito inclui necessariamente a pessoa que fala (eu), mas abre um amplo leque de pessoas que com ela participam do processo indicado pelo lexema *brincar*:

Eu e meu vizinho
Eu e minha colega
Eu e os primos, etc.

Por isso, sente o falante a necessidade de explicitar, de indicar claramente a que pessoas ele quer referir-se:

Eu e dois irmãos brincamos no clube.

Vê-se, então, que não se pode falar, a rigor, de elipse do sujeito, quando aparece apenas o núcleo verbal da oração (*Estudo*, *Brincamos*), já que ele aparece sempre presente na forma verbal flexionada no morfema que representa o sujeito gramatical (1.ª, 2.ª e 3.ª pessoas, do singular ou plural). Trata-se, pelo contrário, da sua expansão ou não, mediante o sujeito explícito, fato que não está mais na exigência da gramática (quando há, é claro, relação predicativa referida, mas do texto, para a transmissão efetiva e clara da mensagem).

Sujeito é uma noção gramatical, e não semântica, isto é, uma referência à realidade designada, como ocorre com as noções de *agente* e *paciente*. Assim, o sujeito não é necessariamente o agente do processo designado pelo núcleo verbal, como se patenteia em:

Machado de Assis escreveu extraordinários romances.

O sujeito pode representar o paciente desse processo:

Extraordinários romances foram escritos por Machado de Assis.

O sujeito, quando explicitado ou claro na oração, está representado – e só pode sê-lo – por uma expressão substantiva exercida por um *substantivo* (*homem*, *criança*, *sol*) ou pronome (*eu*) ou equivalente. Diz-se, portanto, que o núcleo do sujeito é um substantivo ou equivalente. Uma palavra não é substantivo porque pode exercer a função de sujeito; ao contrário, só pode ser sujeito porque é um substantivo ou equivalente.

A característica fundamental do sujeito explícito é estar em consonância com o sujeito gramatical do verbo do predicado, isto é, se adapte (isto é, *concorde*) a seu número, pessoa e gênero (neste caso quando há particípio no predicado):

Eu nasci. *Nós nascemos*. Elas não *eram nascidas*.

O reconhecimento seguinte do sujeito se faz pela sua posição normal à esquerda do predicado, bem como por responder às perguntas *quem*? (aplicado a seres animados), *que*? *o quê*? (aplicado a coisas), feitas antes do verbo.

José escreveu uma bela redação.

Quem escreveu uma bela redação? – *José*

O livro caiu.

Que caiu? – *O livro*.

Muitas vezes a expressão substantiva núcleo do sujeito – ou de qualquer função que tem por núcleo uma expressão substantiva – se faz acompanhar de determinantes que têm por papel expressivo *dizer algo acerca de algo com signos da língua*, isto é, com instrumentos verbais da língua. Assim, para ficarmos só nos limites do grupo natural representado pelo sujeito de enunciados, os determinantes dos núcleos substantivos são: *os* (homens), *muitas* (crianças), *o* e *bom* (filho), *o* (sol).

1) Determinantes, pré-determinantes e pós-determinantes

O exemplo da oração:

O bom filho compreende o esforço dos pais

nos põe diante da possibilidade de estar o núcleo substantivo que funciona como sujeito explícito acompanhado de mais de um determinante (*o* e *bom*). Nestes casos, a língua portuguesa conhece determinantes que podem figurar antes de outro determinante (os pré-determinantes) e os que podem figurar depois de outro determinante (os pós-determinantes).

Os determinantes estão, em geral, representados pelas seguintes classes de palavras: *adjetivo*, *artigo* e *pronome demonstrativo* ou equivalentes de adjetivos (estes veremos mais adiante):

Noites *claras* prenunciam bom tempo.

O livro está esgotado.

Esta manhã prometia chuva.

Na sequência de determinantes, aparecem como pré-determinantes, à esquerda do determinante, as palavras que podem receber globalmente o nome de *Quantificador* (*algum*, *certo*, *vários*, *todo*, *todos*, *qualquer*, *alguns* (*de*), *vários* (*de*), etc.:

Alguns bons momentos são inesquecíveis.

Todos os alunos saíram.

Alguns de nós não foram à festa.

Aparecem como pós-determinantes, isto é, as palavras que ocorrem à direita do determinante e do pré-determinante, o *pronome possessivo* e o *numeral*:

Os *seus* livros não estavam na estante.

Aqueles *dois* erros eram graves.

Vários de *meus* sobrinhos são engenheiros.

Aqueles *dois seus* vizinhos trabalham no comércio.

Antes de passarmos à descrição dos termos sintáticos integrantes da oração em português, precisamos falar de algumas noções que se fazem necessárias a que tal tarefa se realize o mais adequadamente possível. Estas noções dizem respeito *a termos nucleares* e *marginais* e *termos argumentais* e *não argumentais*, *termos opcionais* e *não opcionais*, e, finalmente, *termos integráveis* e *não integráveis*.

2) Termos nucleares e marginais

Numa oração como:

Graciliano falou de temas universais em seus romances,

além de *Graciliano* e *falou*, que são núcleos do sujeito e do predicado, temos os termos *de temas universais* e *em seus romances*, que se dizem *nucleares*, do ponto de vista sintático-semântico, porque estão intimamente referidos à relação predicativa, já que *de temas universais* explicita aquilo de que falam os romances de Graciliano Ramos, enquanto *em seus romances* faz alusão ao tipo de escritos nos quais o autor fala desses temas.

Já em:

Certamente, Graciliano viveu experiências amargas, durante sua vida,

muitas experiências amargas e *durante sua vida* são *nucleares*, porque também estão intimamente ligados, pelas relações sintáticas e semânticas, à função predicativa da oração, que tem por núcleo o verbo *viveu*. Tal não ocorre, porém, com o termo *certamente*, que não está referido nem somente ao sujeito nem somente ao predicado, mas a toda a oração. Esta independência sintática e semântica lhe permite deslocar-se livremente nos limites da oração:

Certamente, Graciliano viveu experiências amargas durante sua vida.
Graciliano, certamente, viveu experiências amargas, durante sua vida.
Graciliano viveu, certamente, experiências amargas durante a sua vida.
Graciliano viveu experiências amargas, certamente, durante a sua vida.
Graciliano viveu experiências amargas durante a sua vida, certamente.

Este termo *certamente*, verdadeiro comentário à parte do narrador, se considera um termo *marginal* da frase, de que nos ocuparemos mais adiante.

3) Termos argumentais e não argumentais – Se os termos nucleares se referem sintática e semanticamente à relação predicativa da oração, eles nem sempre o são no mesmo grau de coesão e de dependência ou subordinação. Assim, na oração:

Graciliano conheceu experiências amargas durante sua vida,

experiências amargas e *durante sua vida*, já o dissemos, são termos nucleares, mas o primeiro (*experiências amargas*) está mais estreitamente ligado ao conteúdo do pensamento designado pelo verbo *conhecer* do que o termo *durante sua vida*. Dizemos, então, que o termo nuclear *experiências amargas* é também um termo *argumental* ou é um *argumento*, porque aparece solicitado ou regido pelo significado lexical referido pelo verbo *conheceu*. Já o termo *durante sua vida* não está condicionado pelas relações sintáticas e semânticas do mesmo verbo; por isso pode não aparecer na referida oração, sem que esta se prejudique na sua estruturação sintático-semântica:

Graciliano conheceu experiências amargas,

o que não se daria, se eliminássemos o termo argumental *experiências amargas*:

* Graciliano conheceu durante sua vida.

Assim, *durante sua vida* é um termo *não argumental*. *Argumental* e *não argumental* distinguem as mesmas características sintáticas e semânticas que a gramática tradicional utiliza para separar os *complementos* ou termos *regidos* ou ainda *integrantes* dos *adjuntos* ou termos *acessórios*.

Além da capacidade de poder ser eliminado da oração, o termo não argumental, pela sua coesão fraca e independência sintático-semântica em relação ao predicado, goza de maior liberdade de colocação na *oração*, marcado com pausa adequada, assinalada quase sempre por sinais de pontuação:

Graciliano conheceu experiências amargas durante sua vida.
Durante sua vida, Graciliano conheceu experiências amargas.
Graciliano conheceu, durante sua vida, experiências amargas.

Esta liberdade, já o vimos, conheceu também o termo marginal *certamente*, do exemplo anterior; só que *durante sua vida* é termo nuclear, e não marginal, porque está referido ao predicado das orações acima. Esta liberdade se deve às características sintáticas e semânticas do verbo *conheceu*.

É oportuno lembrar também que um termo argumental o é por motivação das características sintáticas e semânticas da relação predicativa, e não apenas pelo conteúdo designado. Assim, uma noção de lugar como *no Brasil* pode funcionar como argumental ou complemento na oração (1), e como não argumental na oração (2):

(1) Ele mora *no Brasil.*
(2) Ele trabalha *no Brasil.*

Na oração (1), em condições normais, não se pode prescindir de *no Brasil*:

* Ele mora.

Já na oração (2), o apagamento de *no Brasil* é perfeitamente normal:

Ele trabalha.

4) Termos opcionais e não opcionais – É preciso não confundir termo argumental e não-argumental com termo não-opcional e opcional, respectivamente.

Muitas vezes um termo argumental, isto é, condicionado pelas características sintáticas e semânticas de recção ou regência do termo regente, pode ser dispensado, apagado ou eliminado da oração pelo falante ou porque já foi referido anteriormente e, por isso, é facilmente subentendido pelo ouvinte, ou porque, graças ao conhecimento que temos das coisas e do mundo, a nossa experiência também facilmente entende aquilo de que estamos falando.

Assim é que não se precisa repetir o sujeito *Antônio* junto ao segundo verbo do grupo de orações:

Antônio saiu cedo, mas não gostou da ideia,

que seria

Antônio saiu cedo, mas Antônio não gostou da ideia.

Também em razão do nosso saber sobre as coisas do mundo extralinguístico é que podemos fazer o chamado "emprego absoluto" de vários verbos, desacompanhados de seus argumentos ou complementos, implícitos na ação designada pelo verbo, mas que a nossa experiência recupera. Podemos ser entendidos e a oração "fazer sentido" com enunciados do tipo:

Hoje não *escrevi* [sabe-se que se trata de um texto qualquer]

Enchi o copo [sabe-se que se trata de um líquido, água, suco, etc.]

Não se fazem tais apagamentos se se trata de uma declaração que contrarie a nossa experiência:

Enchi o copo *de areia*.

5) Termos integráveis e não integráveis – Cabe, por fim, distinguir termos *integráveis* e termos *não integráveis*. Chamam-se integráveis aquelas funções sintáticas que podem ser substituídas por pronome pessoal adverbal átono, também chamado *clítico* (do grego *klísis* 'inclinação') pela possibilidade de integrar-se no mesmo grupo acentual da palavra a que se inclina na pronunciação, na curva melódica.

No português, são integráveis os complementos direto e indireto, como veremos ao seu tempo. Bastem-nos estes exemplos:

Li *o livro* – Li-*o*.

Viu *as crianças* – Viu-*as*.

Dei o livro *a Pedro* – Dei-*lhe* o livro.

Escreveram carta *aos primos* – Escreveram-*lhes* cartas.

Termos argumentais podem não ser integráveis: é o que acontece com o complemento relativo. Neste caso, a expressão que substitui esta função está representada por um sintagma prepositivo que repete a mesma preposição seguida dos pronomes *ele*, *ela*, *eles*, *elas* ou *isso*:

Não pensava *nos amigos* / Não pensava *neles*.

Assistimos *ao jogo* / Assistimos *a ele*.

Por outro lado, termos não argumentais podem ser integráveis, como ocorre com o chamado dativo de interesse, que estudaremos mais adiante:

Não *me* mexam nesses papéis!

Conhecendo melhor o predicado: núcleo e determinantes – Já vimos que sujeito e predicado organizam a relação predicativa, relação que constitui oração favorita e normal da língua portuguesa, organização que se traduz por marcas formais, como a concordância de número e pessoa, que estudaremos mais adiante.

O núcleo do predicado está constituído por uma classe de palavra chamada *verbo*; assim é que as orações ditas favoritas não dispensam o verbo, explícito, ou oculto pelas possibilidades da referência discursiva.

O predicado de uma oração pode ser *simples* ou *complexo*, conforme o conteúdo léxico do verbo que lhe serve de núcleo. Há verbos cujo conteúdo léxico é de grande extensão semântica; de modo que, se desejamos expressar determinada realidade, temos de delimitar essa extensão semântica mediante o auxílio de outros signos léxicos adequados à realidade concreta. Estes outros signos léxicos que nos socorrem nessa delimitação da extensão

semântica do verbo, verdadeiros delimitadores semânticos verbais, se chamam *argumentos* ou *complementos verbais*.

Os verbos que necessitam dessa delimitação semântica recebem o nome de *transitivos*:

O porteiro *viu o automóvel.*

Eles *precisam de socorro*.

Os verbos que apresentam significado lexical referente a realidades bem concretas não necessitam de outros signos léxicos, como fazem os que integram predicados complexos. Dizemos, então, que o predicado é *simples*. A tradição gramatical chama *intransitivos* a tais verbos:

Ela não *trabalha*.

José *acordou* cedo.

As crianças *cresceram* rapidamente.

Um mesmo verbo pode ser usado transitiva ou intransitivamente, principalmente quando o processo verbal tem aplicação muito vaga:

Eles *comeram* maçãs (transitivo).

Eles não *comeram* (intransitivo).

Esta particularidade só é possível quando a extensão significativa do verbo aponta para um termo geral (arquilexema) que englobe a natureza de todos os signos léxicos que naturalmente apareceriam à direita do verbo:

Eles *bebem* pouco (algo líquido: *água*, *refrigerante*, *suco*, etc.).

O aluno não *escreveu* (um texto: *bilhete*, *carta*, *oração*, etc.).

E é justamente por isso que não se podem usar intransitivamente, a não ser que os entornos venham em socorro da perfeita compreensão da mensagem, predicados do tipo:

Ele ofereceu

Nós reparamos,

já que o signo lexical do complemento não pode ser preenchido por um signo léxico abrangente, um arquilexema, como ocorreu nos exemplos anteriores.

Certos verbos normalmente transitivos, quando empregados intransitivamente, podem adquirir especial matiz semântico:

Ele não *vê* / 'não enxerga', 'é cego'

Já não *bebe* / 'abandonou o alcoolismo'

Ainda não *lê* / 'é analfabeto'

Por tudo isto, conclui-se que a oposição entre transitivo e intransitivo não é absoluta, e mais pertence ao léxico do que à gramática.

1) Os tipos de argumentos determinantes do predicado complexo

a) O complemento direto ou objeto direto – O predicado complexo acompanha-se de tipos diferentes de argumentos, conhecidos por *complementos verbais*.

O primeiro deles é o *complemento direto*, também chamado *objeto direto*, representado por um signo léxico de natureza substantiva (substantivo ou pronome) não introduzido por preposição necessária:

Os vizinhos não viram *o incêndio*.

Não encontramos *os responsáveis*.

O pai comprou *nova casa*.

Constituído, como o sujeito, por expressão substantiva não marcado por um índice funcional (a preposição, neste caso), o complemento direto se distingue do sujeito por vir à direita do verbo (o sujeito vem normalmente à esquerda) e não influir na flexão deste. Assim, a troca de posição destes dois termos na oração está circunscrita aos casos em que dela não resulte ambiguidade ou ruído de comunicação, principalmente no texto escrito. No texto oral, são as pausas e a entonação elementos decisivos para que a oração respeite a intenção comunicativa do falante, sem deixar de haver também, é evidente, a contribuição dos entornos:

José viu o irmão não é a mesma coisa que *O irmão viu José*. Mas já em *José viu os irmãos* e *Os irmãos viu José*, a flexão do verbo no singular patenteia que o sujeito, nas duas orações, só pode ser *José*.

A identificação deste tipo de complemento se faz, além da não presença de preposição necessária, mediante as seguintes estratégias:

a) a comutação do complemento direto pelos pronomes pessoais *o*, *a*, *os*, *as*, marcados formalmente com o gênero e o número do termo comutado:

Os vizinhos não viram *o incêndio* / ... não *o* viram
Não encontramos *os responsáveis* / ... não *os* encontramos
O pai comprou *nova casa* / ... *a* comprou

b) a passagem da oração na chamada voz ativa para a oração de voz passiva, mediante a qual o sujeito da ativa se transforma em agente da passiva introduzido pela preposição *por* (na combinação *per*), enquanto o complemento direto da ativa passa a sujeito da passiva:

Os vizinhos não viram *o incêndio* / *O incêndio* não foi visto *pelos vizinhos*.
Não encontramos *os responsáveis* / *Os responsáveis* não foram encontrados *por nós*.
O pai comprou *nova casa* / *Nova casa* foi comprada *pelo pai*.

c) a substituição do complemento direto pelos pronomes interrogativos *quem?* [é que] (para pessoas) e [o] *que* [é que]*?* antes da sequência sujeito + verbo, ou antes dos verbos *fazer* ou *acontecer*:

O caçador viu *o companheiro*.
Quem é que o caçador viu? – *o companheiro* (complemento direto)
O caçador viu *o lobo*.
Que é que o caçador viu? – *o lobo* (complemento direto)

d) finalmente, a transposição (topicalização) do complemento direto para a esquerda do verbo, operação que permite a presença de um pronome pessoal objetivo no local vizinho ao verbo onde deveria estar o complemento direto:

O caçador viu *o lobo* / *O lobo*, o caçador *o* viu

Nenhuma dessas estratégias por si só é operação infalível na identificação do complemento

direto; devemos, portanto, utilizar mais de uma estratégia, porque:

a) nem todo predicado complexo de oração de voz ativa admite a passagem à oração de voz passiva; ocorre o fato com certos verbos, como os seguintes [AB.1]:

*Eu quis o livro → *O livro foi querido por mim.*
*Cremos isso → *Isso é crido por nós.*
*O aluno tem o livro → *O livro é tido pelo aluno.*
*Os refugiados perderam tudo → *Tudo foi perdido pelos refugiados.*
*O atleta pesava 60 quilos → *60 quilos eram pesados pelo atleta.*

b) por outro lado, certos predicados complexos delimitados por signo léxico não constituído com complemento direto também admitem a transformação de oração de voz ativa em oração de voz passiva:

Assistimos à missa → A missa foi assistida por nós.
O proprietário pagou aos operários → Os operários foram pagos pelo proprietário.
O diretor perdoará aos alunos → Os alunos serão perdoados pelo diretor.
Os cidadãos obedecem à lei → A lei é obedecida pelos cidadãos.
Todos responderam ao anúncio → O anúncio foi respondido por todos.
Apelaram da sentença → A sentença foi apelada.
Não aludiram a essas razões → Essas razões não foram aludidas.

c) não são naturais, embora gramaticalmente possíveis, as perguntas com *quem*?, *que*? nas frases cujos predicados complexos contêm verbos que significam medida, peso, preço e tempo:

O corredor mede cinco metros.
O atleta pesa sessenta quilos.
O novo carro custou trinta mil reais.
O filme durou três horas.

d) também não são frequentes, embora gramaticalmente possíveis, as pronominalizações com os verbos da natureza semântica referida no item anterior:

O corredor mede-os.
O atleta pesa-os.
O novo carro custou-os.
O filme durou-as.

b) Objeto direto preposicionado – Não raro o objeto aparece iniciado por preposição:

Amar a Deus sobre todas as coisas.

A preposição quase sempre aparece para evidenciar o contraste entre o sujeito e o complemento, não se confundindo com o caso do posvérbio, porque este repercute na significação do verbo. Ocorre o objeto direto preposicionado nos seguintes casos principais:

a) quando se trata de pronome oblíquo tônico (uso hoje obrigatório):

"Nem ele entende *a nós*, nem nós *a ele"* [LC.1, V, 28].

b) quando, principalmente nos verbos que exprimem sentimentos ou manifestações de sentimento, se deseja encarecer a pessoa ou ser personificado a quem a ação verbal se

dirige ou favorece:

Amar *a Deus* sobre todas as coisas.

Consolou *aos amigos*.

c) quando se deseja evitar confusão de sentido, principalmente quando ocorre:

1) *inversão* (o objeto direto vem antes do sujeito):

A Abel matou Caim.

2) *comparação*:

"Isto causou estranheza e cuidados ao amorável Sarmento, que prezava Calisto como *a filho*" [CBr.1, 80].

OBSERVAÇÃO: Sem preposição poder-se-ia interpretar *filho* como sujeito: *como filho preza*; todavia, o uso da preposição neste caso não é gramaticalmente obrigatório.

d) na expressão de reciprocidade: *um ao outro*, *uns aos outros*:

Conhecem-se *uns aos outros*.

e) com o pronome relativo *quem*:

Conheci a pessoa *a quem* admiras.

f) nas construções paralelas com pronomes oblíquos (átonos ou tônicos) do tipo:

"Mas engana-se contando com os falsos que nos cercam. Conheço-os, e *aos leais*" [AH.3, 102].

g) nas construções de objeto direto pleonástico, sem que constitua norma obrigatória:

"Ao ingrato, ou não o sirvo, porque (para que) me não magoe" [RLb.2, 278].

c) A preposição como posvérbio – Muitas vezes aparece depois de certos verbos uma preposição que mais serve para lhes acrescentar um novo matiz de sentido do que reger o complemento desses mesmos verbos:

Arrancar a espada.

Arrancar da espada (acentua a ideia de uso do objeto e a retirada total da bainha ou cinta).

Cumprir o dever.

Cumprir com o dever (acentua a ideia de zelo ou boa vontade para executar algo).

Fiz que ele visse.

Fiz com que ele visse (acentua a ideia do esforço ou dedicação empregada).

A preposição que se emprega nestes casos deu-lhe o Prof. Antenor Nascentes o nome de *posvérbio* [AN.2, 17].

d) O complemento relativo – O predicado complexo também pode conter verbo cujo conteúdo léxico é de grande extensão semântica, que exige outro tipo de signo léxico que delimite e especifique a experiência comunicada, à semelhança do que vimos com o complemento direto. A diferença é que neste segundo caso o determinante do predicado complexo vem introduzido por preposição; a tal termo preposicionado chamamos *complemento relativo* [RL.1, 251]:

Todos nós *gostamos de cinema*.

O marido não *concordou com a mulher*.

Poucos *assistiram ao concerto*.

O comerciante não *confiou no empregado*.

A preposição que introduz o complemento relativo constitui uma extensão do signo léxico verbal como parece indicar o fato de que cada verbo se acompanha de sua própria preposição, por servidão gramatical.

A escolha de qual preposição deva introduzir este complemento relativo depende da norma estabelecida pela tradição, tradição que pode permitir, às vezes, o emprego variado e indiferente de mais de uma preposição:

Ela se parece *ao* pai Ela se parece *com* o pai.

Há, todavia, certos usos gramaticalmente previsíveis, como a frequente identidade do prefixo e da preposição (*depender de*, *concorrer com*, *agregar a*, por exemplo), ou a preferência relativa da preposição *de* depois de verbos pronominais (*arrepender-se de*, *queixar-se de*, *lembrar-se de*, *condoer-se de*, por exemplo), o que não deixa de ser aspectos da historicidade da norma.

A identidade, como termos funcionais argumentais do predicado complexo, entre o complemento direto e o complemento relativo justifica a quase nula frequência de coexistirem os dois termos no mesmo predicado, e nenhuma na coordenação deles:

O vizinho disse *mentiras do primo*.

O comerciante encheu *o copo de vinho*.

A jovem pôs *os livros na estante*.

Por outro lado, essa identidade funcional explica a possibilidade de, para muitos verbos, alternar a construção do complemento direto com o complemento relativo e até a norma admite indiferentemente qualquer dos dois complementos:

Ajudar a missa	*Ajudar à missa*
Atender o telefone	*Atender ao telefone*
Assistir os carentes	*Assistir aos carentes*
Chamar românicas essas línguas	*Chamar românicas a essas línguas*
Presidir a sessão	*Presidir à sessão*
Satisfazer o pedido	*Satisfazer ao pedido*

No decurso do tempo e nas variedades linguísticas (diatópicas, diastráticas e diafásicas é muito documentada essa mudança entre o complemento direto e o complemento relativo; assim, já se usaram como complemento relativo (o que hoje se fixou como complemento direto) os verbos *socorrer*, *contentar* e muitos outros.

O signo léxico que representa o complemento relativo é comutável pelos pronomes pessoais tônicos *ele*, *ela*, *eles*, *elas*, introduzidos pela respectiva preposição, marcando o gênero e o número da expressão substantiva comutada:

Todos gostam *do ator*. Todos gostam *dele*.

Os turistas assistiram *à opera*. Os turistas assistiram *a ela*.

O comerciante não confiou *nos empregados*. O negociante não confiou *neles*.

Porque delimitam a extensão semântica do signo léxico do predicado complexo, incluem-se como complemento relativo os argumentos dos verbos ditos locativos, situativos e direcionais, o que permite sua comutação com advérbios de equivalência semântica:

Seus parentes moram *no Rio*. / Seus parentes moram *aqui*.

O artista já não vive *em São Paulo*. / O artista já não vive *lá*.

Iremos *a Petrópolis*. / Iremos *aí* (*ali*).

Ela chegou *do Ceará*. / Ela chegou *de lá*.

OBSERVAÇÃO: Não há unanimidade entre os estudiosos em considerar tais argumentos do predicado complexo como complementos relativos. Levando em conta exclusivamente o aspecto semântico, muitos preferem considerar tais termos como adjuntos circunstanciais ou adverbiais, que estudaremos mais adiante. Pelas mesmas razões, também não é unânime a identificação como objeto direto argumentos do predicado complexo que têm por núcleo verbos que significam medida, peso, preço e tempo. A verdade é que significados gramaticais ["agente", "paciente", "locativo", "direção", etc.] se manifestam mediante esquemas sintáticos muito variados. Repare-se que, numa oração como *O policial acompanhou o idoso ao banco na hora do tumulto*, o termo indicativo do lugar (*ao banco*) é inerente ao predicado, e, portanto, não pode ser dispensado, como ocorre com *na hora do tumulto* [E. Paiva, 71 e ss.]

e) O complemento objeto indireto – Integrada a delimitação da amplitude semântica do predicado complexo mediante um signo léxico (*complemento direto* ou *complemento relativo*), pode aparecer um outro signo léxico, subsidiário desse conjunto da função predicativa, que denota geralmente relação a um ser animado, introduzido pela preposição *a* e que se refere à pessoa destinada ou beneficiada pela experiência comunicada no primeiro momento da intenção comunicativa do predicado complexo (verbo + argumento):

O diretor *escreveu cartas AOS PAIS*.

Os vizinhos *se queixaram* do *barulho À POLÍCIA*.

Este novo argumento do predicado complexo se chama *complemento* ou *objeto indireto* [HB.1, 261] e apresenta as seguintes características formais e semânticas: a) é introduzido apenas pela preposição *a* (raramento *para*); b) o signo léxico denota um ser animado ou concebido como tal; c) expressa o significado gramatical "beneficiário", "destinatário"; d) é comutável pelo pronome pessoal objetivo *lhe* / *lhes*, que leva a marca de número do signo léxico referido, mas não a de gênero, como ocorre no caso dos pronomes pessoais que comutam o signo léxico correspondente ao complemento direto (*o*, *a*, *os*, *as*) ou ao complemento relativo (prep. + *ele*, *ela*, *eles*, *elas*).

Enviaram o presente *à aniversariante*. / Enviaram-*lhe* o presente.

O diretor escreveu cartas *aos pais*. / O diretor escreveu-*lhes* cartas.

Acrescente-se ainda a possibilidade de poder esse pronome duplicar o complemento indireto na mesma oração, sem que este termo esteja obrigado a topicalizar-se, isto é, a aparecer antecipado na oração:

Sempre *lhe* dei *ao aluno* muita atenção.

Ao aluno sempre *lhe* dei muita atenção.

Assim, o complemento indireto é um termo que se distancia mais da delimitação semântica do predicado complexo e parece melhor um elemento adicional da intenção comunicativa que fica, no esquema sintático, a meio caminho entre os verdadeiros complementos verbais e os adjuntos circunstanciais.

Os estudiosos têm encontrado dificuldade em estabelecer um rigoroso critério de identificação do complemento indireto, preferindo servir-se concomitantemente de critérios

léxicos, formais e sintáticos.

A integração da relação predicativa se faz *imediatamente* com o complemento direto e relativo, e só *mediatamente* com o complemento indireto. Tanto é assim que em condições normais (isto é, quando não se trate de evidente elipse ou de auxílio de entorno, não se pode eliminar o complemento direto ou complemento relativo, mas é possível não anunciar o complemento indireto:

Vi o acidente	*Vi
Preciso do auxílio	*Preciso

mas:

Escrevi cartas aos pais	Escrevi cartas
Queixou-se da turma ao diretor	Queixou-se da turma

Embora o complemento ou objeto indireto integre o conjunto *verbo + complemento direto* ou *complemento relativo*, as circunstâncias do discurso (os entornos, a referência anterior ou seguinte no discurso) permitem que se omita o complemento direto ou complemento relativo, permanecendo na oração apenas o indireto, ou se pode omiti-lo, deixando apenas um daqueles complementos:

O diretor escreveu *aos pais*. O diretor escreveu *cartas*.

Os vizinhos se queixaram *à polícia*. Os vizinhos se queixaram *do barulho*.

f) Objeto indireto e adjuntos com *para* – Cabe insistir que a preposição que introduz o complemento indireto é *a*; muitas vezes, parece que, nesta função, se acha a preposição *para*, já que *a* e *para* se alternam em muitos esquemas sintáticos, mas não quando se trata do complemento indireto, o que só raramente acontece:

Alguns alunos compraram flores *para a professora*.

Se prestarmos atenção, *para a professora* do exemplo não introduz o termo que funcionaria como complemento indireto, e a prova disto está na possibilidade, na referida oração, de aparecer um complemento indireto:

Alguns alunos compraram flores *ao florista* para a professora.

Note-se que se *ao florista* e *para a professora* exercessem a mesma função de complemento indireto, deveriam aparecer coordenados mediante a conjunção *e*, como ocorre com todos os termos de igual valor gramatical. Não seria possível construir a seguinte oração:

Alguns alunos compraram flores *ao florista e para a professora*.

Diante de uma oração como a nossa

Alguns alunos compraram flores *ao florista para a professora*,

a pronominalização só pode ser comutada com o objeto indireto *ao florista*:

Alguns alunos compraram-lhe flores para a professora.

mas não:

*Alguns alunos compraram-lhe ao florista.

g) Construção especial com objeto indireto – Um pequeno número de verbos contraria o princípio geral que aqui adotamos, segundo o qual o objeto indireto integra a função predicativa exercida por *verbo* + *argumento* (objeto direto ou complemento relativo).

A notícia não agradou *ao povo*.

A notícia não *lhe* agradou.

Ocorre esta construção com verbos como *agradar*, *desagradar*, *pertencer*, *ocorrer*, *acontecer*, *saber* (= sentir sabor), *cheirar* (= sentir o cheiro), *interessar*, *aparecer*, *sorrir* (= aparecer favoravelmente).

O imóvel pertence *aos herdeiros* (pertence-*lhes*).

Esses fatos *lhe* aconteceram repentinamente.

Isto não *lhe* sabe bem.

O café *lhe* cheira bem.

Apareceram-lhe uns ruídos estranhos.

A sorte *lhe* sorriu nesta semana.

h) Os chamados "dativos livres" – Os objetos indiretos vistos nesta seção são argumentos sintático-semânticos extensivos da função predicativa do conteúdo comunicado nas respectivas orações.

Todavia, remanescentes de construções, algumas das quais da sintaxe latina, aparecem sob forma de objeto indireto, nominal ou pronominal, alguns termos que não estão direta ou indiretamente ligados à esfera do predicado: são os chamados *dativos livres*, representados pelos seguintes tipos:

a) *dativo de interesse* (*dativus commodi et incommodi*) – é aquele mediante o qual se indica de maneira secundária a quem aproveita ou prejudica a ação verbal:

Ele só trabalha *para os seus*.

Ele ligou-*me* amavelmente a luz [MV.2, 123].

Este dativo fica muito próximo da circunstância de fim ou proveito (beneficiário).

b) *dativo ético* – é uma variedade do anterior, muito comum da linguagem da conversação, e representa aquele pelo qual o falante tenta captar a benevolência do seu interlocutor na execução de um desejo:

Não *me* reprovem estas ideias!

Não *me* mexam nos papéis!

Ele sempre *te* saiu um grande mentiroso.

Não *me* enviem cartões a essas pessoas.

Repare-se que, neste último exemplo, o verbo se acompanha de complemento direto (*cartões*) e indireto (*a essas pessoas*), enquanto o pronome *me*, fora da esfera da transitividade verbal, denuncia o meu interesse de que a tais pessoas não sejam enviados cartões.

c) *dativo de posse* – exprimem o possuidor:

O médico tomou o pulso *ao* doente (tomou-*lhe* o pulso).

Doem-*me* as costas.

O vaso partiu-se-*me* [MV].

d) *dativo de opinião* – exprime a opinião de uma pessoa:

Para ele a vida deve ser intensamente vivida.

Para nós ela é a culpada.

A alguns destes dativos o velho e grande filólogo venezuelano Andres Bello chamava *dativos supérfluos*.

Isto evidencia que os pronomes adverbiais átonos, especialmente o caso do *lhe* como símbolo formal do objeto indireto, cobrem outras funções além daquela de complementação verbal.

i) O complemento predicativo – Um grupo reduzido de verbos integra o predicado complexo acompanhado de outro tipo de argumento verbal conhecido pelo nome de *complemento predicativo* ou tão somente *predicativo*. Estes verbos se caracterizam por uma referência tão vaga à realidade comunicada, que fazem do predicativo um argumento, pelo aspecto semântico, muito mais intrinsecamente relacionado com o verbo do que os demais integrantes do predicado complexo (os complementos direto, relativo e indireto) e portador de referência a traços essenciais do sujeito.

Esta pequena lista de verbos inclui *ser*, *estar*, *ficar*, *permanecer*, *parecer* e poucos outros, que aparecem matizados semanticamente pelo signo léxico que funciona como predicativo:

O trabalho *é* proveitoso.

Janete *é* minha irmã.

As alegrias *eram* passageiras.

O céu *está* azulado.

Os argumentos *permaneceram* incompletos.

A situação *parecia* resolvida.

Esses livros não *são* seus.

Se atentarmos para o aspecto formal, tirante o fenômeno da concordância do predicativo com o sujeito, verificaremos que há pontos de contato entre este predicativo e o complemento direto: a) ambos matizam a extensão semântica do verbo, funcionando como seu delimitante; b) aparecem normal e imediatamente (sem preposição) à direita do verbo; c) são comutados por pronome átono, ainda que de maneira diferente, quando o verbo é *ser*, *estar*, *ficar*, *parecer*; d) e, finalmente, porque muitas das construções oracionais com predicativo são equivalentes na designação, isto é, na referência à realidade comunicada, são equivalentes a orações com verbos que exprimem ação e processo, especialmente se o verbo está no presente: *Pedro é cantor* / *Pedro canta*; *O colega está irritado* / *O colega irrita-se.*

Tais aproximações levaram alguns estudiosos a considerar que, em orações do tipo, *Ele é meu irmão*, *meu irmão* poderia identificar-se com o *complemento direto*; outros, adotando a distinção, insistiam em juntar essas duas como variantes funcionais duma só função.

A primeira particularidade formal que distingue o predicativo dos demais argumentos verbais é a concordância (quando representada por adjetivo e alguns pronomes) em gênero e número com o sujeito da oração, conforme demonstram os exemplos acima.

A segunda particularidade é a possibilidade de comutação do predicativo pelo pronome invariável *o*, qualquer que seja o gênero e o número do núcleo do predicativo que substitui, quando o verbo é *ser*, *estar*, *ficar* e *parecer*:[109]

O trabalho é *proveitoso*. → O trabalho *o* é.

As alegrias eram *passageiras*. → As alegrias *o* eram.

Janete é *minha irmã* → Janete *o* é.

Mas:

A professora continua *doente* → * A professora *o* continua.

A terceira particularidade é a impossibilidade de ser a oração com tais verbos construída na voz passiva, como ocorre com a que tem complemento direto.

A quarta particularidade é a incompatibilidade de aparecer com o seu representante invariável *o* na mesma oração:

Filipe é *simpático*. Filipe *o* é. *Filipe *o* é *simpático*

2) Vale a pena distinguir predicado verbal e predicado nominal? – Tal esvaziamento do signo léxico representado por esses verbos, esvaziamento que se supre com o auxílio de um nome (substantivo ou adjetivo), e a particularidade de concordar o predicativo em gênero e número com o sujeito levaram a uma distinção entre predicado *verbal* (*Pedro canta*) e predicado *nominal* (*Pedro é cantor*, *Maria é professora*), o que implicava retirar de tais verbos o *status* de verbo, – pois sua missão gramatical se restringiria a "ligar" (daí os nomes de *copulativos*, *de ligação* ou *relacionais* que se lhes atribuíam) o predicativo ao sujeito. A realidade comunicada residiria no nome predicativo e o verbo seria apenas o marcador do tempo, modo e aspecto da oração. Ora, do ponto de vista funcional e formal, tais verbos apresentam todas as condições necessárias à classe dos verbos, incluindo-se aí os morfemas de gênero, número, pessoa, tempo e modo; daí acompanharmos neste livro os linguistas e gramáticos que defendem a não distinção entre o *predicado verbal* e o *predicado nominal*, incluindo também a desnecessidade de distinguir o *predicado verbo-nominal* [EBv.1, cap. 13 e 16]. Toda relação predicativa que se estabelece na oração tem por núcleo um verbo.

Como o signo linguístico que aparece na função de predicativo costuma ser um nome – substantivo ou adjetivo –, a tradição gramatical passou a designar *nominal* a esse tipo de predicado complexo, para diferi-lo dos outros chamados *verbais*. Além da sem razão dessa diferença, conforme acabamos de ver, cabe lembrar que funcionam como predicativo outras classes de palavras, inclusive advérbios.

João é meu *irmão*.
O sol está *quente*.
Os argumentos continuam os *mesmos*.
Ela mais parece uma *Maria vai com as outras*.
Os vizinhos estão *bem*.
Os jovens são *assim*.
O primo é *dos nossos*.
A mesa parece *de madeira*.
Nós somos *do Norte*.
As provas parecem *de boas fontes*.
Está *tarde*.
O compromisso está *de pé*.
Ela estava *que estava*.

Observações:

1.ª) Levada pela equivalência do conteúdo do pensamento designado com orações declarativas que têm por núcleo os verbos *ser*, *estar* ou outro adequado à intenção comunicativa, a tradição tem considerado que há elipse de um de tais verbos em

enunciados como os seguintes, comuns em provérbios, refrãos, clichês do discurso repetido, isto é, de fórmulas fossilizadas da língua ou a elas assimiladas:

Tal pai, tal filho.

Casa de ferreiro, espeto de pau.

Povo educado povo limpo.

Na realidade, trata-se de exemplos de frases de estrutura bimembre, de que falaremos mais adiante, em que não há necessidade de se apelar para elipse.

2.ª) Conforme já vimos, um mesmo verbo pode ser usado de maneira diferente, conforme a realidade comunicada; vejamos, por exemplo, o verbo *virar*:

O tempo virou (usado num predicado simples, intransitivamente).

O vento virou o barco (usado num predicado complexo, com o argumento complemento direto *o barco*).

O vizinho virou fera (usado num predicado complexo, com o argumento predicativo *fera*).

3) A posição do predicativo – A construção básica da oração apresenta o predicativo à direita do verbo: *Meu amigo é inteligente*. Mas pode apresentar uma construção derivada em que o predicativo se antecipa e aparece antes do sujeito. Se o predicativo é representado por adjetivo, não há dificuldade em identificá-lo como tal: *Inteligente é meu amigo*, em que inteligente, apesar de colocar-se antes do sujeito *meu amigo* continua a exercer a função de predicativo. Todavia, a dificuldade pode surgir, se o sujeito e o predicativo estão representados por dois substantivos ou um substantivo e um pronome:

O meu amigo é o padrinho. / O padrinho é o meu amigo.

Eu sou o padrinho. / O padrinho sou eu.

João é o padrinho. / O padrinho é João.

Pelo expediente da comutação podemos com facilidade assinalar a correta classificação, já que vimos que o predicativo é, nesses casos, comutável com o pronome invariável *o*; quando não se trata do verdadeiro predicativo, a comutação não se mostra natural:

O meu amigo é o padrinho → O meu amigo o é.

*O padrinho é o meu amigo → *O padrinho o é.*

Eu sou o padrinho → Eu o sou.

*O padrinho sou eu → *O padrinho o sou.*

João é o padrinho → João o é.

*O padrinho é João → *O padrinho o é.*

É justamente pela comutação que no exemplo *Seu orgulho eram os velhinhos* ficamos sabendo que houve apenas inversão do predicativo: Os velhinhos *o* eram / *Seu orgulho *o* era.

Tiramos, assim, duas conclusões importantes para a sintaxe:

a) *Seu orgulho eram os velhinhos* é uma construção derivada da construção básica *Os velhinhos eram seu orgulho*;

b) em *Seu orgulho eram os velhinhos* o verbo concorda com seu verdadeiro *sujeito* (*os velhinhos*), e não com o predicativo (*seu orgulho*) [VK.1, 438].

Ainda a comutação vem pôr luz a um falso problema de classificação sintática de *dez horas* na oração de função predicativa não referida (a oração não tem sujeito): *São dez horas*.

A classificação corrente é atribuir a *dez horas* a função de predicativo. Como o verbo é impessoal e está, por concordância atrativa, no plural, tem-se-lhe proposto a função de sujeito. Ora, a comutação nos mostra ser a classificação como predicativo a única possível:

*São dez horas? – São-**no**.*

Jamais o sentimento linguístico do falante aceitaria como normal:

São dez horas? – ***Elas** são*,

como seria, se o sujeito fosse *dez horas*.

4) Outro tipo de predicativo: *anexo predicativo* – Esse determinante predicativo não se restringe à referência ao sujeito, em orações com o concurso de verbos como *ser*, *estar*, *ficar*, etc. Pode aparecer em predicados simples e complexos, com o concurso de verbos outros de ação ou processo, referidos ao sujeito, ao complemento direto, ao complemento relativo e ao complemento indireto (talvez restrito ao verbo *chamar* 'dar nome'):

Ele estudou *atento*. Ela estudou *atenta* (predicativo do sujeito).

Os trens chegaram *atrasados* (predicativo do sujeito).

O auditório ouviu os conferencistas *atento* (predicativo do sujeito).

A polícia encontrou a porta *arrombada* (predicativo do complemento direto).

Definiu-se o caso como *impossível* (predicativo do sujeito) [ABo.1, 71].

Tratou-se da questão como *insolúvel*. (predicativo do complemento relativo).

Nós lhe chamávamos *doutor* (predicativo do complemento indireto).

Não é raro vir o predicativo precedido de preposição ou palavra equivalente:

Tachou-o *de louco*.

A maioria tinha o réu *por* (ou *como*) *inocente*.

"Jesus, pareces desenterrado! exclamou assustadíssima a pobre mulher, vendo-o *pálido e de olheiras* cavadas e negras" (AFg, 118).

Com o verbo *chamar* podemos dizer:

Chamaram-no *tolo* / *de tolo*.

Chamaram-lhe *tolo* / *de tolo*.

Acompanham-se de predicativo do complemento direto os verbos:

a) que significam 'chamar' e 'ter na conta de': *chamar*, *considerar*, *reputar*, *julgar*, *supor*, *declarar*, *intitular*, *crer*, *estimar*, *ter* e *haver por*, *dar* e *tomar por*, etc.;

b) *deixar*, *ver*, *ouvir*, *encontrar*, em construções do tipo:

Viu-o *vivo e forte*.

Deixei-o *de cama* e encontrei-o *sarado*.

Pode o predicativo que exprime resultado ou consequência do processo verbal, indicar a situação anterior e a que resulta da mudança:

O secretário passou José *de auxiliar a chefe*.

À semelhança do predicativo em predicado complexo com *ser*, *estar*, etc., esse argumento concorda em gênero e número com o núcleo referido, e por isso tem merecido em muitos autores a classificação de *predicativo*; todavia há entre os dois predicativos diferenças:

a) é normalmente representado por um adjetivo, enquanto o outro tipo de predicativo pode vir expresso por adjetivo, substantivo, pronome, advérbio, etc.;

b) este último determinante apresenta-se numa relação semântica intermédia, entre a realidade comunicada pelo verbo e uma qualificação ao signo lexical núcleo do sujeito ou do complemento verbal;

c) por essa maior frouxidão relacional com o verbo, pode ser suprimido sem provocar uma construção agramatical:

Ele é estudioso / **Ele é*; *Ele estudou atento* / *Ele estudou*; *O auditório ouviu os conferencistas atento* / *O auditório ouviu os conferencistas*;

d) ao contrário dos outros predicativos, esse determinante não pode ser comutado pelo pronome invariável *o*, mas por um advérbio como *assim*:

Ele estudou atento / Ele estudou *assim.* / Ela estudou *assim.*

A polícia encontrou a porta arrombada. / A polícia encontrou a porta *assim.*

e) essa relação com uma palavra de natureza adverbial (*assim*), permite a substituição do adjetivo por advérbio, resultando daí orações equivalentes na designação:

Ele estudou atento / Ele estudou atentamente; O auditório ouviu os conferencistas atento / O auditório ouviu os conferencistas atentamente.

Tais diferenças levaram alguns autores a dar outra classificação a predicativos dessa natureza; Said Ali chamou-lhes *anexo predicativo*, e cremos que, se houver necessidade de dar nomes diferentes a tais predicativos, a expressão pode ser utilizada. As propostas *predicativo atributivo* ou *atributo predicativo* também correm em bons autores [AK.1, 83; SL.1, 46-47].

Pode-se variar a construção em que entra esse segundo tipo de predicativo transpondo-o para junto do termo referido, caso em que se profere com breve pausa ou com pausa mais longa; neste último caso, usa-se vírgula na língua escrita:

Os rios corriam sonorosos.

Os rios sonorosos corriam.

Sonorosos corriam os rios.

Os rios, sonorosos, corriam.

OBSERVAÇÃO: No exemplo *Os rios sonorosos corriam* podemos ver em *sonorosos* tanto um adjunto adnominal de *rios* como um predicativo do sujeito. A intenção comunicativa do falante ou escritor, quando possível, dependerá do sentido textual que será resgatado mediante a gramática do texto ou análise gramatical. Para o responsável pelo conteúdo do pensamento designado não há essa ambiguidade, porque, como diz Coseriu, "os falantes intuem e conhecem determinadas relações entre paradigmas diversos de sua língua" [ECs.1, 254].

Dentro desta função do predicativo podemos incluir o determinante que denota o "tempo, hipótese, concessão, causa, comparação, ou debaixo de que respeito é considerada a pessoa ou cousa", na época referida pela relação predicativa [ED.2, 45,b]:

'Stamos em pleno mar... Doudo no espaço.

Brinca o luar – *dourada borboleta* [CAv.1, 92].

(isto é, "como dourada borboleta)

"*Rainha* esquece o que sofreu *vassala*" [BBo].

(isto é, "como rainha esquece o que sofreu quando vassala")

Também esses predicativos podem vir introduzidos por preposição ou advérbio, ou palavras em função equivalente:

Em rapaz dizia verdades que *quando velho* silenciou.

Audaz D. *Quixote* ele entrou na discussão.

Quando Presidente esqueceu-se das promessas *como candidato*.

Os exemplos acima podem ser reescritos sem os instrumentos verbais introdutórios, quando esses predicativos à moda latina emprestam ao enunciado certa energia e elegância. Neste caso são marcados por pausa, ainda que breve; no exemplo acima de Castro Alves, a pausa é indicada graficamente pelo travessão, enquanto no de Bocage não há sinal de pontuação, ainda que a pausa exista para que *rainha* não seja proferido com a linha melódica igual à que o marcaria como sujeito de *esquece*. O seguinte exemplo de Eça de Queirós é bom testemunho

desse tipo de predicativo marcado por pausa, para distingui-lo do adjetivo com função de adjunto adnominal; observe que a pausa, marcada por vírgula, é decisiva para tal distinção:

> Mas os meses passaram, naquela vida de uma regularidade triste de pêndulo, entre a casa e a farmácia e o grosso livro encadernado, onde ele devia copiar os *Esmaltes e Jóias*, permanecia ainda quase todo branco. Lá estavam os três poemas que o *Pensamento* acolhera: *Ofélia, A ti* – que era a Aninhas Serrana, *amada* – e *Mulher de Mármore* – que era a Aninhas Serrana, *odiada*! [EQ.1, 53-54]

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Levados pela equivalência designativa, alguns autores preferem considerar como se fossem orações abreviadas sem verbo explícito os predicativos introduzidos por *como*, *quando*, *porque*, por considerá-los, nestes casos, conjunções subordinativas:

Quando Presidente → Quando era Presidente...

2.ª)Exemplos como o já citado

Os rios, sonorosos, corriam,

aproximam formalmente este tipo de anexo predicativo.

5) O infinitivo e o gerúndio como predicativo 110 – Já tivemos oportunidade de ver que o infinitivo, como forma nominal do verbo, funciona também como substantivo: *Querer é poder*. *Escrever é um ato de cultura*.

Em *Convém prestar atenção aos conselhos*, *prestar atenção aos conselhos* (em que o infinitivo é núcleo de um predicado complexo, com objeto direto [*atenção*] e indireto [*aos conselhos*]) funciona unitariamente como sujeito explícito do núcleo *convém*.

Em *Vejo abrir a porta*, o infinitivo com seu objeto direto (*abrir a porta*) funciona unitariamente como objeto direto do núcleo *vejo*: *vejo-o*.

Mas em enunciados do tipo *Ouço soprar o vento* ou *Vejo crescer as árvores*, apesar de serem aparentemente análogos aos anteriores, temos outras construções em que entram como núcleo verbos que significam atos mentais de percepção, embora os conjuntos *soprar o vento* ou *crescer as árvores* possam ser comutados por pronomes adverbais átonos (Ouço-*o* e Vejo-*as*). Os substantivos *vento* e *árvores* não funcionam como objeto direto do infinitivo, mas sim dos núcleos *ouço* e *vejo*, razão por que são comutados por pronomes adverbais átonos: *Ouço-o* (= o vento) *soprar* e *vejo-as* (= as árvores) *crescer*, em cujo procedimento não se incluem os infinitivos *soprar* e *crescer*.

Agora, se compararmos as construções estudadas antes:

Encontrou a porta arrombada,

em que *arrombada* funciona como predicativo do objeto direto *porta* e em que, comutando este objeto direto por pronome adverbal átono, teremos:

Encontrei-a arrombada,

onde o predicativo *arrombada* não fica incluído na função de *a*.

Analogamente, nos nossos exemplos

Ouço-o soprar
Vejo-as crescer

os infinitivos funcionam como modificadores dos respectivos pronomes adverbais e funcionam como seus predicativos.

Desta maneira, não cabe falar aqui de "sujeito" de infinitivo exercido por *vento* e *árvores* nas construções:

Ouço soprar o vento / Ouço o vento soprar

Vejo crescer as árvores / Vejo as árvores crescer

A analogia se deve ao fato de *vento* e *árvores* serem, na análise do conteúdo semântico, *agente* da ação da atividade percebida, como em *O vento sopra* e *As árvores crescem*, o que não quer dizer que, naqueles exemplos, exerçam a função sintática de sujeito. Por isso, em *Ouço soprar o vento* e *Vejo crescer as árvores*, o normal é que não se precise flexionar o infinitivo, já que *vento* e *árvores* não funcionam como sujeito de *soprar* e *crescer*.

Repare-se que, ao comutar o objeto direto do núcleo *ouço* ou *vejo*, se tem de deixar à parte o infinitivo, que, como vimos, funciona como predicativo do objeto direto *vento* ou *árvores*:

Ouço o vento soprar → Ouço-o soprar.
Vejo as árvores crescer → Vejo-as crescer.

Tal como ocorreu com:

Encontrou a porta arrombada → Encontrou-a arrombada.

Se, como vimos, não se pode falar nestes casos de "sujeito" de infinitivo, também é impróprio afirmar que tais substantivos são "objeto direto" do núcleo *ouço* ou *vejo* e ao mesmo tempo "sujeito" do infinitivo.

A concordância que pode aparecer em

Ouço soprarem os ventos / Ouço os ventos soprarem.
Vejo crescerem as árvores / Vejo as árvores crescerem.

se deve à análise do conteúdo semântico da equivalência na designação, isto é, na referência à realidade percebida, com:

Ouço que os ventos sopram.
Vejo que as árvores crescem.

em que *ventos* e *árvores* são agentes e agora também sujeitos.

A diferença entre o *agente* da análise semântica e o sujeito da análise gramatical (da estrutura sintática) é comparável à que ocorre entre o *paciente* da análise semântica e o *sujeito* da construção sintática reflexiva em (só que aqui a língua padrão ainda não agasalhou o resultado do procedimento):

Alugam-se casas / Aluga-se casas.

Pelo mesmo efeito da equivalência na designação é que aparece o primeiro verbo no singular quando se combina com o pronome reflexivo se, procedimento que, na análise gramatical, passa os antigos objetos diretos (*ouço os ventos* / *vejo as árvores*) a sujeito do sentido passivo da nova construção:

Ouve-se soprar os ventos / Ouve-se os ventos soprar.
Vê-se crescer as árvores / Vê-se as árvores crescer.

Trata-se aqui de concordâncias tão irregulares à luz da análise gramatical e da tradição da língua exemplar, quanto as que ocorrem em:

Aluga-se casas.
Vende-se apartamentos.

Em lugar do infinitivo em função de predicativo, pode aparecer o *gerúndio*, quando é representado por signo léxico que denote atividade:

Ouço o vento soprando.
Vejo as árvores crescendo.
"No entanto ouvia [eu] as negras falando da morte dele com pavor" [JL.3, 37].

À semelhança da construção com infinitivo, a de gerúndio, na referência à realidade

percebida, pode ser substituída pela de relativo:

> Ouço o vento que sopra.
> Vejo as árvores que crescem.
> "Subitamente a chuva fustigou as vidraças; o primeiro bofar do vento fez ramalhar as árvores meias calvas; e *senti-o que se abismava* debaixo das arcarias de pedra" [AH.7, I, 139].

A mesma particularidade se repete com *eis*, que rigorosamente se acompanha de objeto direto:

> "... apenas os primeiros raios de sol faziam reluzir as armas,semelhantes no brilho trêmulo ao alvejar da geada, *ei-las* que pareciam rolar-se pelas encostas..." [AH.7, I, 172].

6) O complemento agente ("agente da passiva") – Um tipo de termo argumental não obrigatório é o que a gramática tradicional chama *agente da passiva*; caracteriza-se por ser um termo preposicionado marcado pela preposição *por* e, mais raramente por *de*, com verbos empregados como transitivos diretos na chamada voz ou construção passiva:

> Os exercícios foram feitos *por José*.
> O réu é condenado *pelo júri*.

Tal complemento de agente pode ser opcional, pois são construções gramaticalmente corretas:

> Os exercícios foram feitos.
> O réu é condenado.

A gramática tradicional tem posto este agente entre os complementos verbais em vista de seu relacionamento com o sujeito e com o complemento direto. Com o sujeito, porque, na transformação da estrutura passiva à estrutura ativa, o complemento agente passa a sujeito:

> Os exercícios foram feitos *por José* / *José* fez os exercícios.

Com o complemento direto, porque, enquanto este vem exigido pela característica gramatical da construção ativa, o agente o é da construção passiva.

Em geral, o complemento de agente apresenta o traço semântico *animado*, como revelam, nos exemplos acima, *José* (*por José*) e *júri* (*pelo júri*).

Quando não há o traço *animado*, pode apresentar o traço *potente*, representado lexicalmente por nome de coisa, mas capaz de praticar ou fazer desenvolver uma ação, como nos exemplos seguintes [PD.1, 46]:

> O menino foi atropelado *pelo ônibus escolar*.
> Os alpinistas foram surpreendidos *pelo vendaval*.

Dissemos que o complemento de agente pode vir introduzido pela preposição *de*, construção mais comum em outros tempos da história do português, e ainda usado literariamente; no português contemporâneo, *de* está praticamente restrito a unidades léxicas que exprimem sentimentos ou manifestações de sentimentos:

> Ela é estimada *de todos*.
> O professor não foi esquecido *dos alunos*.

Nem todo termo introduzido pela preposição *por* funciona como complemento de agente, principalmente se apresenta o traço *não animado*, referente a uma coisa, quando deve ser classificado como adjunto circunstancial de causa ou meio. Neste caso, *por* é comutável por outra preposição (p. ex., *com*) ou por locuções prepositivas do tipo *por causa de*, *por meio*

de, *em virtude de* e equivalentes:

O artista foi elogiado *pela sua técnica.*

Ficaram aborrecidos *pelas falsas promessas.*

Os ladrões foram encontrados *pela denúncia anônima.*

Em tais exemplos, a experiência comunicada em *pelas falsas promessas* e *pela denúncia anônima* pode ser expressa mediante outra construção:

Ficaram aborrecidos *com* (*por causa de*) *as falsas promessas.*

Os ladrões foram encontrados *em virtude de* (*graças a*) *denúncia anônima.*

Não é, portanto, a relação sintática, mas o contexto em que se enquadra a experiência comunicada, que irá resolver se se trata de um complemento de agente ou de adjunto circunstancial ou adverbial.

A construção dita "passiva pronominal" ou "passiva reflexa" (denominações melhores que "passiva sintética") não se acompanha, no português contemporâneo, do complemento de agente, como acontece na chamada construção passiva com auxiliar + particípio, vista até aqui.

Vendem-se casas.

O complemento de agente pode aparecer junto a substantivo ou adjetivo constituído por um signo léxico referido a um processo ou ação, como *assalto*, *vitória*, *derrota*, etc.

O assalto *pelo primeiro batalhão* foi decisivo.

O derrotado *pelo concorrente* achou justa a classificação.

7) Construção passiva e o predicativo – Partindo do fato de que a realidade comunicada nas orações *A casa está espaçosa* e *A casa está pintada* aponta ao sujeito *a casa* um atributo, muitos estudiosos não veem razão de estruturação sintática para distinguir o adjetivo *espaçosa* como predicativo do sujeito, e o signo léxico *pintada* como verbo na forma de particípio. Ora, já sabemos que um particípio verbal pode funcionar como adjetivo. A dificuldade desta distinção fica ainda mais notável, quando comparamos *A equipe é vencedora* e *A equipe é vencida*, em que, não havendo nenhuma diferença na estrutura sintática das duas orações, (um sujeito *a equipe*, um núcleo verbal e um termo que, à maneira dos predicativos, concorda em número com o núcleo da oração (o verbo) e em gênero e número com o sujeito explícito), a distinção repousa apenas no traço semântico 'ativo' do lexema *vencedora* em oposição ao traço semântico 'passivo' do lexema *vencido*.

Poder-se-ia objetar contra tal identificação dos dois termos o fato de poder levar o particípio *vencido*, ao contrário do predicativo como *vencedora*, uma expansão preposicionada "que se refere na realidade ao agente da atividade designada pelo signo léxico do particípio" [AL.1, 303], apesar do paralelismo da estrutura sintática.

Um argumento forte em favor de considerar o particípio como adjetivo e, assim, na função de predicativo, na construção dita "voz passiva", é a possibilidade de comutação do particípio pelo pronome invariável *o* – como ocorre com o signo léxico na função de predicativo:

A equipe é *vencedora.* A equipe *o* é.

A equipe é *vencida*. A equipe *o* é.
A equipe é *vencida* pelo adversário. A equipe *o* é pelo adversário.

Ocorre o mesmo se se trata de adjunto adverbial de causa ou meio, e não de complemento de agente.

A pressão é *controlada* com remédios. A pressão *o* é com remédios.
O artista foi *elogiado* pela sua técnica. O artista *o* foi pela sua técnica.

Fica, assim, ao analista optar por uma das duas maneiras, apesar dos fortes argumentos em favor da solução como predicativo. Neste livro, por motivação didática, seguimos a análise como passiva.

Os determinantes circunstanciais ou adverbiais

Se atentarmos para as frases:

A criança caiu da cama durante a noite
Os carregadores puseram o móvel na sala logo pela manhã
O marido acompanhou a esposa ao hospital na ambulância,

facilmente verificaremos que os termos *da cama* e *durante a noite* – para só ficarmos por enquanto no primeiro exemplo – denotam uma circunstância de lugar donde (*da cama*) e de tempo (*durante a noite*). Levada exclusivamente pelo aspecto semântico, a gramática tradicional igualou estes termos também sintaticamente, considerando-os ambos *adjuntos adverbiais*, isto é, como termos não argumentais, vale dizer, fora do âmbito da regência do verbo da oração, isto é, não pedidos por ele.

Ora, basta aplicarmos o *teste da redução* para verificarmos que o termo *da cama* é termo obrigatório, argumental, pois pertence à regência do verbo *cair*; assim, torna-se incompleta do ponto de vista sintático (e semântico, naturalmente) a oração sem este complemento relativo:

A criança caiu durante a noite.

Já não se dá o mesmo com a redução ou supressão do termo *durante a noite*:

A criança caiu da cama.

OBSERVAÇÃO: Para distinguir a identidade designativa de circunstância, presente em *da cama* e *durante a noite* da função sintática diferente dos dois termos, talvez fosse conveniente encontrar outra denominação para o *adjunto circunstancial* que evitasse a alusão à natureza de "circunstância".

Se *da cama* é o complemento relativo de *cair*, *durante a noite*, mero acréscimo à informação, à realidade comunicada, receberá a classificação de *adjunto circunstancial*. Os adjuntos adverbiais são semântica e sintaticamente opcionais. Respondem às clássicas perguntas *como?*, *quando?*, *onde?*, *por quê?*, enquanto o complemento relativo responde à pergunta *que? quem?*, precedidos da preposição que acompanha tradicionalmente o verbo:

Pedro fala sempre *de negócios* (fala de quê?: compl. relativo).
Pedro fala sempre *de memória* (como fala?: adjunto adverbial).

Se recorrermos ao teste de clivagem ou relevo mediante o usual instrumento *é ... que*/*quem*, verificaremos a diferença de resultado entre o complemento relativo e o adjunto adverbial:

É de negócios *de que* sempre fala o José.
É de memória *como* sempre fala o José [AL.1, 323].

Semanticamente, o papel desses adjuntos adverbiais é matizar o processo designado na relação predicativa, acrescentando à mensagem informações que o falante julga

indispensáveis ao conhecimento do seu interlocutor.

Entretanto, se o conteúdo semântico desses adjuntos adverbiais não oferece maiores problemas, seu comportamento sintático na oração é heterogêneo e requer maior atenção de quem procura descrever esse termo. Assim, a coesão dele ora é maior com o verbo ou com o sintagma verbal, ora faz referência a toda a oração, sem que com isso deixe de formar parte dela, à maneira dos termos marginais. São aspectos muitas vezes que fogem ao âmbito dos esquemas idiomáticos e entram no domínio da gramática do texto. É o caso, por exemplo, do termo *em casa* nas orações:

(1) *Em minha casa* grito eu.

(2) Eu grito *em casa*.

Enquanto na segunda, *em casa* afeta exclusivamente o verbo *grito*, na primeira *em minha casa* modifica a oração como um todo, a combinação *sujeito* + *predicado*, e esta coesão tênue com o verbo permite a possibilidade de pausa que normalmente aparece ao ser proferida a oração [PD.1, 18].

Tais variedades de coesão gramatical motivadas por objetivos pragmáticos, discursivos e entonacionais, têm levado estudiosos a enveredar por indagações de graus ou níveis de hierarquização de adjuntos adverbiais, tema que extrapola a natureza deste livro; por isso, consideraremos aqui todos estes casos uniformemente como adjuntos adverbiais.

Falam, assim, dos adjuntos adverbiais na condição de adjuntos de substantivos e adjetivos:

O inverno *em Campos do Jordão* é rigoroso.

Os conflitos *em praça pública* nem sempre são prenúncios de direitos feridos.

As brincadeiras *nas praias* são sempre ruidosas.

Retornando aos outros exemplos do início, notaremos que os termos *na sala* e *ao hospital*, apesar de semanticamente denotarem circunstâncias, funcionam como complemento relativo dos verbos *puseram* e *acompanhou*, respectivamente:

Os carregadores puseram o móvel logo pela manhã.
(sintaticamente incompleta)

Os carregadores *puseram* o móvel *na sala*.

O marido acompanhou a esposa na ambulância. (sintaticamente incompleta)

O marido *acompanhou* a esposa *ao hospital*.

Um termo preposicionado designativo da mesma circunstância (aqui "de lugar") pode exercer na oração diferentes funções sintáticas dependendo do conteúdo de pensamento designado, isto é, das circunstâncias concretas do discurso; por exemplo, *de Minas* é um complemento relativo em:

O escritor saiu jovem *de Minas*

é um complemento predicativo em:

O escritor é *de Minas*.

é um adjunto adverbial em:

O escritor telegrafou *de Minas*

é um adjunto adnominal em:

Os escritores *de Minas* gozam de muita aceitação

é um complemento nominal (de substantivo ou adjetivo):

Sua permanência *em Minas* foi breve.

Necessária na vida toda, a educação começa na infância.

Que não se trata de termos sintaticamente equivalentes mostra o fato de não poderem coordenar-se. Não é possível uma construção do tipo:

A criança caiu *da cama e durante a noite*,

como seria possível em:

As crianças caem *do balanço e do escorrega* durante o recreio.

Outra particularidade a ser observada entre as diferenças que separam o complemento relativo do adjunto adverbial é o caráter semântico bastante tênue (e às vezes até vazio) da preposição que introduz a primeira dessas funções que faz o papel de marca de função sintática, em oposição ao valor semântico da preposição que encabeça o adjunto adverbial. A preposição que marca o complemento relativo está determinada pela tradição do idioma, razão por que só muito raramente admite a substituição por outra preposição, salvo nos casos em que a mesma tradição o permite:

Preciso *do* livro.

*Preciso *ao* livro.

*Preciso *no* livro, etc.

Já a preposição que encabeça o adjunto adverbial conhece quase sempre a possibilidade dessa substituição:

Fez a horta *sob* as árvores.

Fez a horta *debaixo das* árvores.

Com frequência esses adjuntos adverbiais de conteúdo posicional ou temporal se combinam com uma ideia secundária de direção ou extensão, o que leva ao emprego concomitante de duas preposições:

Fez a horta *por debaixo das* árvores.

A janela estava aberta *desde pela* manhã.

A neve escorregou *de sobre* o telhado.

Enquanto no âmbito dos termos argumentais só pode existir no domínio da relação predicativa um só complemento direto ou indireto (salvo aqui os chamados dativos livres), predicativo ou complemento relativo – excluindo o caso de termos coordenados –, os adjuntos adverbiais não conhecem esta restrição, podendo aparecer quantos forem necessários à experiência comunicada:

De noite, o jovem trabalhava *em casa em companhia dos irmãos.*

Também ao contrário dos termos argumentais, se for elidido, o adjunto adverbial não exige preenchimento da casa vazia:

O jovem trabalhava em casa, em companhia dos irmãos.

O jovem trabalhava em companhia dos irmãos.

O jovem trabalhava.

1) Os principais tipos de adjuntos adverbiais – O adjunto adverbial constitui uma classe muito heterogênea – à semelhança do advérbio que normalmente desempenha o papel de seu núcleo – não só do ponto de vista formal como ainda do ponto de vista de valor semântico. Tal fato leva a que constantemente esteja a não delimitar com nitidez as fronteiras com outras funções sintáticas – conforme aqui mesmo já assinalamos – e com conteúdos de pensamento

designado vizinhos. Diante de tão vasta amplitude, fixar-nos-emos nos principais adjuntos adverbiais, detendo-nos aos aspectos mais interessantes à descrição gramatical e aos esquemas com que se representam tais funções nas circunstâncias concretas do discurso [PD.1, 30].

a) Adjuntos adverbiais de lugar – A característica de tais adjuntos é responder à pergunta *onde*?, precedido este advérbio ou não de preposição que marca a designação circunstancial (*donde?*, *por onde?*, *aonde, até onde*, etc.), em relação à ideia expressa pelo verbo, pelo sintagma, verbal ou ao conteúdo de uma oração dita principal.

Pedro trabalhava *em Petrópolis*. (onde?)
Pedro trabalhava *aí*. (onde?)
O professor tem parentes no *Recife*. (onde?)
Contemplamos *da janela* o cair da tarde. (donde?)
Procuraram-no *por toda a cidade*. (por onde?)
O atleta correu *até a chegada*. (até onde?)
"*Onde me espetam* fico". [M. de Assis]

Distinguimos, assim, vários matizes da ideia locativa: *lugar onde* ou *de situação*, *direção*, *origem* e *ponto de partida*, *lugar por onde*, *proximidade*, *distância*, *orientação*, *extensão*, etc., tanto numa perspectiva horizontal quanto na vertical.

Algumas expressões preposicionadas que funcionam como adjunto adverbial compartilham tanto do valor locativo quanto do temporal modal ou instrumental, como ocorre nas seguintes orações:

Ela me foi apresentada *na festa* (onde? ou quando?).
O primo não viaja *em avião* (onde? ou por que transporte?).

O advérbio núcleo do adjunto de lugar pode vir anteposto de um substantivo, e o conjunto precedido ou não de preposição, como ocorre nos exemplos:

O barco navegava *rio acima*.
O capitão anda *mundo fora*. (ou *afora*)
O sonâmbulo andava *casa dentro* (ou *pela casa dentro*).

b) Adjuntos adverbiais temporais – Respondem às perguntas *quando?*, *desde quando?*, *até quando?*, *durante quanto tempo?* e podem referir-se ao verbo, ao sintagma verbal ou a toda a oração:

A natureza *resplandece na primavera*. (referida ao verbo)
O fazendeiro *colhe frutas pela manhã*. (referido ao sintagma verbal *colhe frutas*)
De noite todos os gatos são pardos (referido a toda a oração).

Podem vir representados por advérbio, por sintagmas preposicionados ou por oração dita subordinada :

Augusto *não* trabalha *hoje*.
Estuda-se melhor *pela manhã*.
Ele saiu *quando o professor chegou*.

Também entre os adjuntos adverbiais de tempo distinguimos vários matizes temporais: o tempo propriamente dito, a duração, a quantificação temporal, a repetição, etc.:

Pedro não trabalha *hoje*.

Pedro trabalhou *das três às cinco*.

Pedro trabalhou *duas horas*.

Pedro trabalha *todos os dias*.

Os diversos tipos de adjuntos adverbiais de tempo podem vir ou não introduzidos por preposição ou locução prepositiva; estas matizam o valor temporal:

Não se trabalha *domingo* / *no domingo*.

Pedro não trabalha *hoje* / *por hoje*.

O vizinho viu televisão *até as três da madrugada*.

O baile terminou *depois das quatro*.

O aniversário será *daqui a cinco dias*.

OBSERVAÇÃO: Não se há de confundir o emprego da preposição *a* para indicar tempo vindouro com a expressão em que entra o verbo *haver* (há) para indicar tempo passado: Sairá *daqui a três horas* // Saiu *há três horas*.

Para a análise da oração em que, nestes casos, entra o verbo *haver*, veja-se o capítulo da oração complexa.

Em circunstâncias do tipo de

Pedro trabalha muitas horas,

o adjunto adverbial *muitas horas*, do ponto de vista semântico, se situa entre a ideia temporal e a quantitativa, zona limítrofe que explica como resultado, por exemplo, o uso indistinto do advérbio *já*, nitidamente temporal, e do advérbio *mais*, nitidamente quantitativo, em orações negativas do tipo:

Já não chove / Não chove *mais*.

No início, deve ter havido perfeita distinção; a ideia temporal existia em *Já não quero*, *Já não o tem*, *Já não serve*, onde o advérbio *já*, como lembra Morais (1813), se refere a "cousas que agora se acham em situação diversa da em que estavam antes" e a quantitativa em *Não quero mais*, *Não tem mais*. Sem levar em conta o trânsito semântico, alguns puristas consideram injustamente como galicismo o emprego temporal de *não mais* pelo *já não*, imitação servil, dizem, do francês *plus*. Ocorre que, nas orações citadas no início, poder-se-ia usar o *plus* francês como equivalente do *mais* (quantitativo) e do *já* (temporal): *Não quero mais* (*je n'en veux plus*), *Já não quero* (*je ne veux plus*) [PS.1, 603].

No Brasil, é mais geral o emprego de *não mais* em ambos os valores semânticos; em Portugal, como ensina Gladstone Chaves de Melo, *já não* é mais comumente usado "quando o que se focaliza é um trânsito de passado para presente", enquanto *não mais* se usa quando se quer "significar o futuro em relação ao tempo indicado pelo verbo" [GM.1, 111].

Também não têm razão os puristas na condenação da negativa enfática *já não...mais* em construções do tipo *Já não se faz mais musical como antigamente*. Ênfase nas orações negativas é fato corriqueiro nas línguas [OJ.1, 62-80; HS.1, 19-91].

Também apresentam pontos de contacto com a circunstância modal os advérbios de tempo do tipo de *rapidamente*, *de imediato*, *logo*, *num instante* e locuções equivalentes como *abrir e fechar de olhos*, *num piscar de olhos*, etc., que integram os adjuntos adverbiais de orações iguais a:

Saiu rapidamente.

Chegou de imediato.

Respondeu num piscar de olhos.

Essa ideia subsidiária de modo aproxima tais adjuntos adverbiais de outra função sintática já vista aqui, o anexo predicativo; basta que se use adjetivo (flexionado, para formalmente estabelecer a diferença de marca de função sintática):

Eles saíram rápidos.
Elas saíram rápidas.

Se se empregar *Ele saiu rápido*, *rápido* pode ser tanto considerado advérbio (=adjunto adverbial, igual a *rapidamente*), quanto adjetivo (=anexo predicativo). Já em *Ela saiu rápido*, *rápido* só pode ser classificado, graças à sua invariabilidade em gênero, como *advérbio* [HM.1, 55-56].

Como os locativos, o advérbio de tempo se deixa antepor de substantivo, conjunto que pode ou não vir introduzido por preposição:

Ela trabalhava *semana adentro*.
O fato ocorreu *dias atrás*.

c) Adjuntos adverbiais modais – Respondem à pergunta *como? de que modo ou maneira?* e se reportam ao verbo ou ao sintagma verbal da oração, para qualificar ou descrever como o processo verbal se realiza:

O aluno está escrevendo *bem*.
O fogo propagou-se *imperceptivelmente*.
Os vizinhos falaram do incêndio *com tristeza*.
Entraram no estádio *aos empurrões*.
Os ladrões fugiram *sem que fossem percebidos*.

Como vimos, podem tais adjuntos adverbiais estar integrados por advérbios, palavras ou sintagmas prepositivos com valor adverbial e orações inteiras; destas falaremos no capítulo sobre a oração complexa.

Muitas vezes a experiência que se comunica aproxima o valor modal de adjuntos adverbiais ao sentido modal ou qualitativo que se atribui ao sujeito e ao complemento direto por meio de um anexo predicativo.

Ela me cumprimentou muito educadamente / Ela me cumprimentou muito *educada*.

Esta aproximação semântica também ocorre quando a expressão encerra um sintagma preposicionado introduzido por *com* ou *sem* em construções alusivas à posse ou carência do sujeito ou de complemento direto; a melhor classificação parece ser como anexo predicativo [PD.1, 39].

O garoto chegou a casa *com a calça rasgada*.
Ele foi deitar-se *sem pijama*.

d) Adjuntos adverbiais de fim, de causa, de instrumento e de companhia – Característica comum a essas quatro circunstâncias adverbiais é que não podem ser representadas por meros advérbios, mas sim por sintagmas preposicionados ou, com exceção da de companhia, por uma oração subordinada, fato que estudaremos no capítulo da oração complexa:

Ele estudou *para médico* (fim).
Tremiam *de frio* (causa).
Fechou a porta *com a chave* (instrumento).

Saiu *com Maria* (companhia).

A realidade designada por meio desses adjuntos adverbiais pode ser equivalente àquela expressa por meio de complementos relativos:

O vizinho casou-se *com a prima*.

O garçom encheu o copo *de vinho*.

No que toca ao adjunto adverbial de fim, cabe não confundi-lo com o chamado dativo de interesse; este se refere sempre a pessoa e às vezes integrável pelo pronome *lhe*, e alude ao beneficiário ou prejudicado pelo processo verbal:

Mário trabalha *para a família*.

Comprou as flores [ao florista] *para a noiva*.

Como o complemento de agente da passiva é introduzido pelas preposições *por* e *de*, pode haver dificuldade em distingui-lo do adjunto adverbial de causa. Todavia, o agente da passiva está sempre representado por ser animado ou então capaz de praticar a ação verbal, além de, na transformação para a ativa, passar a sujeito; por seu turno, o adjunto adverbial de causa pode ter a preposição substituída pelas locuções *por causa de*, *devido a*, o que não se dá com o agente da passiva. Assim, estamos diante de agente da passiva em orações como:

A atriz foi bafejada *pela sorte* / *A sorte* bafejou a atriz.

A exposição era admirada *por todos* / *Todos* admiraram a exposição.

Já nas orações abaixo a expressão introduzida pela preposição *por* funciona como adjunto adverbial de causa:

O pintor foi admirado *pelos seus quadros*.

O jogador é expulso *pela falta desleal*.

Não é natural a transformação em ativa.

* Os quadros admiraram o pintor.

* A falta desleal expulsa o jogador.

Por outro lado, podemos substituir *por* pela locução *por causa de*:

O pintor foi admirado *por causa de seus quadros*.

O adjunto adverbial de causa, além das preposições *por*, *com* e *de*, pode vir introduzido por locuções prepositivas, como *por causa de*, *em virtude de*, *em razão de*, *devido a*, *graças a*, etc.:

Não saiu cedo *por causa da chuva*.

Houve faltas *devido à greve de ônibus*.

OBSERVAÇÃO: Não se usa neste emprego *devido* sem a preposição *a*: *Devido ao mau tempo* (e não *Devido o mau tempo*).

Em vez de um substantivo (ou pronome), pode vir um adjetivo usado neutralmente, para expressar a ideia de causa, aproximando o adjunto adverbial do anexo predicativo:

Os marginais fugiram *de medrosos*.

Por teimoso não viajou conosco.

Dentro da denominação de instrumento incluem-se circunstâncias afins, como o meio, a intermediação, a matéria, o domínio, o utensílio, e, por extensão, os contextos matemáticos do tipo de *multiplicar por*, *dividir por*:

Os amigos nunca viajaram *de avião*.

Mediu o quarto *com o metro*.

Escrever *à máquina*.

O jogador fez gol *com a proteção do juiz*.

Prenderam o ladrão *com a arma*.

O índice epidêmico foi multiplicado *por dois*.

A partida foi ganha *pela estratégia do técnico*.

Este último exemplo evidencia a possibilidade de aproximação designativa da circunstância de instrumento ao agente da passiva introduzido também pela preposição *por*. Um modo de distinguí-los, além da análise da experiência comunicada, é substituir a preposição *por* do instrumental por *com* ou *mediante*:

A partida foi ganha *com* (*mediante*) a estratégia do técnico.

Os adjuntos adverbiais de companhia repartem-se em dois grupos: os associativos, ou participativos e os que não o são. Os primeiros participam ou ajudam, ao lado do sujeito, ou, no caso de complemento verbal, são afetados pelo estado de coisas designado no predicado, como nos exemplos:

O capitão *com seus soldados* desbaratou o inimigo.

O professor *com seus colegas* dirigiu a exposição.

A diretora expulsou da sala o aluno *com os colegas de arruaça*.

Como exemplos de não participativos temos:

O colega trouxe *consigo* o livro pedido.

Minha irmã foi ao baile *com o vestido novo*.

O pai gostava dos filhos *com os avós*.

Pelos últimos exemplos, vê-se que a noção de companhia abarca o que é levado ou possuído pelo sujeito ou pelo complemento verbal.

O adjunto adverbial pode, por meio da preposição *sem*, assinalar a ausência ou a carência:

A garota já vai à escola *sem a mãe*.

Em muitos contextos, alguns desses adjuntos de companhia se aproximam dos de valor modal.

Com a presença do adjunto de companhia participativo pode o verbo da oração ir ao plural, como se se tratasse de um sujeito composto:

O capitão com seus soldados *desbaratou* o inimigo.

O capitão com seus soldados *desbarataram* o inimigo.

Em tais condições, a estrutura *sujeito + adjunto adverbial* pode alternar com a estrutura de sujeito composto:

O capitão e os seus soldados desbarataram o inimigo.

Se a estrutura gramatical permite esta alternância, do ponto de vista de estado de coisas comunicado, não é indiferente o emprego de um modo por outro; com o adjunto adverbial, a ênfase do processo verbal recai na pessoa do sujeito, enquanto na construção com sujeito composto desaparece essa ênfase especial.

e) Adjuntos adverbiais de quantidade – Tais adjuntos adverbiais respondem a perguntas do tipo *quanto?*, *até quanto?*, *em que medida?* e se repartem em intensivos ou gradativos, de medida e de preço, conforme a realidade designada:

Nesta região chove *mais* no verão.

Maria trabalha *muito* aos domingos.

Andaram *bastante* em busca de emprego.

A assistência ria *às bandeiras despregadas*.

O clube ganhou a partida *por dois a zero*.

O cavalo perdeu a corrida *por pescoço*.

Ela deixou de comprar o carro *por bom preço*.

Unidades léxicas designativas de unidades de tempo, peso, medida, preço, duração e quantidade que acompanham verbos (*durar*, *passar*, *percorrer*, *correr*, *medir*, *pesar*, etc.) empregados transitivamente, têm merecido classificações diferentes; há autores que as consideram adjuntos adverbiais:

O filme durou *uma hora*.

O atleta percorreu *dez quilômetros*.

A criança já pesa *vinte quilos*.

O viaduto mede *duzentos metros*.

Outros autores, levando em conta traços semânticos e sintáticos que caracterizam o complemento direto (além do valor de termo argumental, quase sempre estas unidades léxicas atendem aos testes da passiva, da integração, com a pergunta *que?*, etc.) preferem vê-los como verdadeiros objetos. Tome-se por exemplo, a oração:

O atleta percorreu *dez quilômetros*,

verifica-se que a expressão constitui um termo argumental, isto é, exigido pelas características semânticas do verbo, já que estaria imperfeita a construção:

*O atleta percorreu.

Por outro lado, a oração admite a transformação em passiva:

Dez quilômetros foram percorridos pelo atleta.

E também a passagem a termo integrável, por meio do pronome átono *os*, referido a *dez quilômetros*:

O atleta percorreu-*os*.

Pode-se ainda incluir neste problema classificatório o caso de unidades léxicas de significado intensivo do tipo de *muito*, *pouco*, *demasiado*, *bastante*, que não se referem diretamente a substantivos, mas à sua quantidade. Com verbos usados transitivamente assumem papel de termo argumental, isto é, necessário à integração sintático-semântica da oração, em textos do tipo:

Sabia *muito* para ser aprovado (*muito* = muitas coisas).

Vimos *pouco* por causa do nevoeiro (*pouco* = pouca coisa).

Não disse *bastante* em sua defesa.

Em favor de classificar estas unidades léxicas como termo argumental, leva-se em conta o fato de poderem vir referidas na oração adjetiva por meio de pronome relativo, como em orações do tipo:

Tenho muito *que* pedir-lhe.

Sabe pouco *que* dizer-me.

Também fala em favor desta classificação a possibilidade de virem tais unidades léxicas precedidas de artigo definido:

Você sabe *o muito* que lhe devo.

Elas não fizeram *o bastante* para vencer.

OBSERVAÇÃO: Sobre o falso erro no emprego de *o quanto* em construções do tipo: *Não soube o quanto se enganara*, veja-se o ensinamento de Epifânio Dias:

"Às orações interrogativas indiretas de *como*, *porque* e *quão* pode antepor-se o artigo definido" [ED.2, § 362]. Vale a pena a leitura da nota 138 de R. J. Cuervo à *Gramática* de A. Bello.

Tratar-se-á sem dúvida de adjunto adverbial se o verbo for usado intransitivamente ou se, transitivo, já vier acompanhado de complemento verbal:

Comprou a casa por cem mil reais.
O pedreiro mediu o aposento com linha.
Ela já sabia muito matemática.

f) Adjuntos adverbial de distribuição

Os jogadores ganham prêmio extra *por partida vencida*.

g) Adjunto adverbial de inclinação e oposição 111 – São os adjuntos que expressam a relação de "favor", "ajuda" ou "disposição favorável", muito próximo ao valor benefactivo do dativo, bem como as relações contrárias, de "oposição", "disposição desfavorável".

Trabalhou sempre *pelos amigos*.

Para a primeira relação, introduz-se o adjunto adverbial por meio da preposição *por* ou de locuções prepositivas equivalentes, do tipo de *a favor de*, *em benefício de*, *em prol de*, *em auxílio de*, etc.

Para a segunda relação, usa-se a preposição *contra* ou locuções do tipo:

Esforçava-se *por lutar contra os maus pensamentos*.

h) Adjunto adverbial de substituição, troca ou equivalência – Assim se chama o adjunto adverbial que expressa a relação de "substituição", "troca" de algo por outro no processo designado no predicado, seja pessoa, coisa, circunstância ou processo verbal. Tal adjunto vem introduzido pela preposição *por* ou pelas locuções prepositivas *em vez de*, *em lugar de*.

O guarda-costa se passou *pelo presidente*.
A colega fez a redação *pelo namorado*.
Na época de exames, trocava o dia *pela noite*.
Iremos amanhã *em vez de hoje*.
Durante o recreio jogava *em vez de alimentar-se*.
Comeu gato *por lebre*.
João trabalha *por dois*.
Ana trocou a merenda *por uma revista*.

Entra no âmbito deste adjunto adverbial a circunstância de delegação, pela qual uma pessoa representa outra na execução do processo expresso no predicado. Aparece para introduzi-lo a preposição *de* ou, então, as locuções prepositivas *da parte de*, *na representação de*:

Retribua-lhe o favor *de minha parte*.

Esta circunstância adverbial deixa estes adjuntos muito próximos do valor de "preço", em orações do tipo:

Deu vinte mil reais *pela motocicleta* (preço).
Deu a motocicleta *por vinte mil reais* (troca).

i) Adjunto adverbial de campo ou aspecto – É o adjunto adverbial que exprime o campo ou o aspecto da realidade referida:

O primo formou-se *em medicina*.
Deixaram de examinar a questão *por esse prisma*.

Nos exemplos abaixo, a circunstância se aproxima à de lugar virtual:

Cometeu-se grave erro *nesse tipo de explicação*.
A decisão do júri surpreendeu a todos *sob o ponto de vista ético*.

j) Adjunto adverbial de assunto ou matéria tratada – Introduz-se tal adjunto adverbial por meio das preposições *de*, *em* ou *sobre*, ou das locuções prepositivas *acerca de*, *a respeito de*, *em torno de* e equivalentes:

Hoje o professor falou pouco
- *de história.*
- *em moral.*
- *sobre tais fatos.*
- *acerca do caso.*
- *a respeito de crase.*

José de Alencar escreveu romances *sobre os brasileiros de várias regiões do país.*

É muito frequente aparecer o assunto ou a matéria tratada expressos como termo argumental exigido pelo significado léxico do verbo, em predicados em que entram unidades léxicos do tipo de *tratar*, *versar*, *falar* e equivalentes, como nas orações abaixo:

O orador tratou *de fatos literários.*
A dissertação versou *sobre história.*
Na aula o professor falou *de regência verbal.*

Outras vezes aparece como adjunto adnominal de substantivo:

O vizinho escreveu um livro *de histórias infantis.*

k) Adjunto adverbial de adição ou inclusão, exclusão e concessão – Os adjuntos adverbiais que expressam adição vêm introduzidos pela preposição *sobre*, por palavras de valor inclusivo (*mesmo*, *inclusive*, etc.), mais frequentemente, pelas locuções prepositivas *além de*, *a mais de*, *ademais de*:

Sobre desemprego, havia doença.
Além das notas ruins, faltava muito às aulas.
Ademais dos parentes, vinham os convidados.
Todos ficaram, *mesmo Ana*.
Os visitantes já se foram, *Daniel inclusive.*

Os que expressam exclusão vêm introduzidos por *menos*, *salvo*, *exceto*, *fora*, *exclusive*, e pelas locuções prepositivas ou não (*com*) *a exceção de*, *a não ser* e equivalentes:

Todos saíram, *menos o culpado*.
Eles foram a todos os bairros, *salvo Casa Amarela*.

Os que expressam concessão vêm introduzidos por *malgrado*, pela locução prepositiva *apesar de*:

Malgrado a chuva, fomos ao passeio.

Diva ganhou o concurso, *apesar da resistência da colega*.

Ainda uma vez os determinantes nominais

1) Adjunto adnominal – Depois de conhecidas as funções sintáticas até aqui enumeradas, estamos em condições de prosseguir no aprofundamento dos determinantes nominais, também chamados *adjuntos adnominais* que começamos a ver quando falamos da expansão do núcleo do sujeito em **Conhecendo melhor o sujeito: núcleo e determinantes**.

Toda expressão nominal, qualquer que seja a função exercida pelo seu núcleo, pode ser expandida por determinantes que têm por missão acrescer ideia acidental complementar ao significado desse substantivo nuclear. O resultado dessa expansão é um grupo unitário sintagmático nominal. Estas expansões não alteram a relação gramatical do núcleo, mas tão somente aludem a aspectos diferentes da realidade do conteúdo significativo do substantivo ou da expressão nominal a ele equivalente. Daí o resultado de a expansão exercer na oração a mesma função do núcleo despojado do(s) seu(s) determinante(s):

Sujeito	*Núcleo do Predicado*	*Objeto direto*	*Compl. relativo*	*Compl indireto*	*Adj. Adv.*
José	estuda.				
O meu primo José	estuda.				
Ela	comprou	livros.			
Ela	comprou	muitos livros de literatura.			
Nós	demos	presentes		a parentes.	
Nós	demos	muitos presentes		a todos os parentes distantes.	
Os professores	gostam		de alunos.		
Os professores	gostam		de alunos estudiosos.		
Meus pais	trabalham				em casa.
Meus pais	trabalham				em casa de campo.

O grupo sintagmático nominal pode constituir-se de vários tipos:

1– Os que podem ocorrer à esquerda ou à direita do *subtantivo* + *adjetivo*

Passei *belos dias* em *cidades agradáveis*.

Os determinantes estão, em geral, representados pelas seguintes classes de palavras: *adjetivo*, *artigo* e *pronome demonstrativo* ou equivalentes de adjetivos (estes veremos

adiante):

Noites *claras* prenunciam bom tempo.

O livro está esgotado.

Esta manhã prometia chuva.

Na sequência de determinantes, aparecem como pré-determinantes, à esquerda do determinante, as palavras que podem receber globalmente o nome de *Quantificador* (*algum*, *certo*, *vários*, *todo*, *todos*, *qualquer*, *alguns* (de), *vários* (de), etc.):

Alguns bons momentos são inesquecíveis.

Todos os alunos saíram.

Alguns de nós não foram à festa.

Aparecem como pós-determinantes, isto é, as palavras que ocorrem à direita do determinante, e do pré-determinante, o *pronome possessivo* e o *numeral*:

Os *seus* livros não estavam na estante.

Aqueles *dois* erros eram graves.

Vários de *meus* sobrinhos são engenheiros.

Aqueles *dois seus* vizinhos trabalham no comércio.

2 – Os que normalmente só ocorrem à esquerda do *substantivo* + *determinantes*, que incluem as seguintes classes de palavras:

a) artigo e os pronomes demonstrativos

Os bons filmes entrarão em cartaz *esta semana*.

b) substantivo + pré-determinantes (que incluem as seguintes classes de palavras: *pronome possessivo* e o *numeral*):

Os *seus livros* não estavam na estante.

Aqueles *dois erros* eram graves.

c) substantivo + pós-determinantes (que incluem os quantificadores, representados pelos pronomes indefinidos)

Todos os três meus bons amigos chegam hoje.

Os do tipo 1 (*substantivo* + *adjetivo*) podem ter estruturas diferentes:

a) um adjetivo:

belos dias em cidades *agradáveis*

b) um grupo preposicionado equivalente a adjetivo, que pode ou não ter um correspondente signo léxico na língua. Neste caso, quando o substantivo entra num grupo adjetivado, não concorda em gênero e número com o substantivo núcleo, e, se aparece no plural, não o faz pelo fenômeno da concordância, mas em atenção à realidade comunicada: *copo com defeito* / *copos com defeito*; mas *copo com defeito* / *copo com defeitos* (por se querer referir a mais de um defeito existente no *copo*).

homem *de coragem* (corajoso)

pão *com manteiga* (amanteigado)

copo *com defeito* (defeituoso)

casa *de Pedro*

cama *de solteiro*

c) uma oração transposta à função adjetiva:

O homem *que tem coragem* (corajoso)

A casa *que Pedro possui*

2) Complemento nominal – Uma tradição gramatical mais recente, atentando para o aspecto da realidade comunicada, e de certas relações gramaticais nela existentes, tem procurado distinguir os diversos sentidos em que se interpretam as expansões de substantivo como as seguintes, sem esgotar a exemplificação:

a resolução *do diretor*
a prisão *do criminoso pela polícia*
a remessa *dos livros*
a resposta *ao crítico*
o assalto *pelo batalhão*
a ida *a Petrópolis*

Assim é que essa tradição, partindo do conteúdo de *resolução do diretor* equivalente a *o diretor resolveu*, classifica *do diretor* como "*complemento* (e não *adjunto*) nominal subjetivo". Já em *prisão do criminoso*, equivalente a *o criminoso foi preso*, teremos um "complemento nominal subjetivo passivo". Em *a remessa dos livros*, equivalente a *alguém remeteu os livros*, *dos livros* se classificará como "complemento nominal objetivo". Como "complemento nominal objetivo indireto ou terminativo" será *ao crítico* do grupo sintagmático nominal *a resposta ao crítico*. Em *o assalto pelo batalhão*, a expressão preposicionada será classificada como "complemento de agente ou de causa eficiente". Já em *ida a Petrópolis*, teremos um "complemento nominal circunstancial" [JO.1, 223-227].

À primeira vista, em relação aos termos primários da relação predicativa (sujeito-predicado), não há razão para um tratamento sintático diferente do adjunto adnominal, tendo em vista que também com o complemento nominal a expansão do grupo sintagmático não modifica a relação gramatical do núcleo:

Sujeito	*Predicado*
A casa de Pedro	é espaçosa
A resolução do diretor	surpreendeu a todos
A prisão do criminoso pela polícia	mereceu elogio da imprensa

Assim também qualquer variação tanto no núcleo do adjunto adnominal quanto no do complemento nominal não alterará a relação com o núcleo verbal:

A casa *do vizinho* / A casa *dos vizinhos* } é espaçosa

A resolução *do diretor* / A resolução *dos diretores* } surpreendeu a todos

Poderíamos apontar outros aspectos gramaticais em que os dois termos apresentam traços comuns, como: a) a posição à direita do núcleo; b) a inexistência de pausa; c) a introdução por preposição, obrigatória no complemento nominal e muito frequente no adjunto.

Todavia, o complemento nominal está semanticamente mais coeso ao núcleo, por representar uma construção derivada mediante a nominalização, fenômeno que não ocorre no adjunto adnominal:

O diretor resolveu → A resolução do diretor

A polícia prendeu o criminoso → A prisão do criminoso pela polícia

Esta relação semântico-sintática provoca a impossibilidade – se não estiver já assinalado ou conhecido no contexto – de apagamento do complemento nominal, *sem que isto estabeleça a razão primordial para distinguir o complemento do adjunto*, uma vez que há adjuntos imprescindíveis:

**A resolução* surpreendeu a todos

**A prisão pela polícia* mereceu elogio

Estando a nominalização presente quer no complemento nominal de função primária subjetiva (*a resolução do diretor ← o diretor resolveu*), quer no de função primária objetiva (*a descoberta da imprensa ← Gutenberg descobriu a imprensa*), não cabe classificar no exemplo *a resolução do diretor*, *do diretor* como adjunto adnominal, enquanto no exemplo *a descoberta da imprensa*, *da imprensa* como complemento nominal [VK.4].

Ambos os termos participam das mesmas características próprias ao complemento nominal; além da nominalização, não admitem apagamento:

a resolução do diretor → *a resolução

a descoberta da imprensa → *a descoberta

Impõe-se, desta maneira, incluir o complemento nominal como termo argumental.

OBSERVAÇÃO: Cabe não confundir casos de impossibilidade de apagamento com outros em que o nosso saber sobre as coisas do mundo impede, por incoerentes, construções do tipo *Conheci um homem de pernas*, *João tem uma voz*, uma vez que a nossa experiência concebe todo homem com pernas, ou com voz. Todavia, anula-se a incoerência se tais substantivos vêm acompanhados de adjetivos: *Conheci um homem de pernas longuíssimas*, *João tem uma voz roufenha*, já que nem todos os homens têm pernas longuíssimas nem voz fanhosa. Portanto, nestes casos não se trata de um saber idiomático, mas de um saber elocutivo.

Há evidente paralelismo entre a estrutura interna do complemento nominal e das orações. Este tratamento especial do complemento nominal serve para explicar fatos gramaticais que ficam mais evidentes à luz desta distinção.

Por exemplo, o termo nominalizado (substantivo, adjetivo ou advérbio de base nominal) pode contrair as mesmas relações sintáticas da construção básica; se o núcleo verbal é complexo e se acompanha de complementos, a construção derivada apresenta estes termos:

A mãe ama o filho → O amor *de mãe ao filho*

A polícia prendeu o ladrão → A prisão *do ladrão pela polícia*

Jesus ama as criancinhas → o amor *de Jesus às criancinhas*

O carteiro entregou a carta de José ao Mário → A entrega *da carta de José ao Mário pelo carteiro*

A seleção da preposição que introduz o complemento nominal quase sempre está determinada pela preposição que acompanha o complemento verbal:

Foi *à cidade* → A ida *à cidade*

Penetrou *na floresta* → A penetração *na floresta*

Inclinou-se *à música* → A inclinação *à música*

De modo geral, a gramática tradicional tem apontado complementos nominais restritos a processos de nominalizações que envolvem substantivos (***desejo** de vitória ↔ desejar a vitória*), a adjetivos (***desejoso** de vitória ↔ desejar a vitória*), ou a advérbios (***referentemente** ao assunto ↔ referente* [adjetivo] *ao assunto ↔ referência* [substantivo] *ao assunto*). Mas há outros que devem sua presença a traços semânticos do núcleo nominal, independentes de nominalizações. Vejamos alguns desses tipos.

Como núcleo do sintagma nominal, teremos, de início, substantivos formalmente relacionados a verbos que assumem relações muito semelhantes às que ocorrem nas orações, conforme já vimos nos exemplos:

a saída do trem / *o trem saiu*

a entrega da carta / (alguém) *entregou a carta* ou *a carta foi entregue*

O substantivo formado de adjetivo também goza da estrutura argumental que lhe é própria:

a *cultura* do professor / o professor *culto*

Todavia, como a estrutura argumental depende do significado léxico de cada palavra, substantivos há que, não se relacionando morfológica ou materialmente a verbos e adjetivos, selecionam termos argumentais, inerentes ao conteúdo de pensamento designado. Tais termos atendem às duas condições básicas do estatuto dos argumentos: a) o núcleo os seleciona semântica e categorialmente; b) o núcleo lhes impõe uma interpretação determinada [EV.1, 32].

Estão neste caso de argumentos inerentes:

a) Os substantivos relacionais, isto é, aqueles que não fazem referência a indivíduos, mas expressam relações entre indivíduos. É o caso dos termos de parentesco, do tipo de *pai*, *mãe*, *filho*, *irmão*:

o pai *de Eduardo*

a tia *do Daniel*

o irmão *da Bebel*

Incluem-se neste rol, naturalmente, substantivos como *amigo*, *colega*, *companheiro*:

o amigo *de Cleto*

a colega *de Georgete*

Cabe lembrar que substantivos referidos à mesma entidade podem incluir-se ou não no grupo dos relacionais. Por exemplo, *pátria* e *país*; o primeiro é relacional, se significa o lugar de nascimento, porque é pátria sempre relacionado a alguém, enquanto *país* ('nação', 'região') não faz necessariamente referência a um indivíduo. O exemplo apresentado por Escandell Vidal *mascote* e *cão* é mais evidente, porque a mascote pressupõe sê-lo de alguém, o que não se dá com o substantivo *cão*.

Os nomes de partes do corpo e aqueles que aludem a partes constitutivas de uma entidade, física ou abstratamente considerada:

os *braços* da *dançarina*

o *rosto* da *criança*

a *face* do *problema*

o *galho* da *árvore*

o *cérebro* da *equipe*

o *x* da *questão*

b) Os substantivos icônicos, isto é, que designam representação, tais como *retrato*, *quadro*, *fotografia*, *filme*, *película*, quando referidos a entidades retratadas, pintadas, fotografadas, etc.

Note-se a diferença entre:

(1) *O retrato de Machado de Assis*

(2) *O retrato da galeria*

Em (1), o significado de *retrato* seleciona o termo argumental *Machado de Assis*, interpretado o sintagma nominal como 'o retrato em que aparece M. de Assis'.

Em (2), já *retrato* se acha acompanhado de um adjunto adnominal, sendo 'o retrato da galeria' interpretado como 'o retrato exposto na galeria'.

Também pode, no caso (1), o termo argumental referir-se não à entidade retratada, mas ao próprio autor do retrato ou quadro:

O quadro de Vitor Meireles

As referências à entidade retratada e ao seu autor podem concorrer no sintagma nominal mediante os dois termos argumentais:

O quadro da Proclamação da Independência de Vitor Meireles (i. é, o quadro que retrata a Proclamação da Independência de autoria de Vitor Meireles).

Pode até juntar-se a esses dois termos argumentais o adjunto adnominal:

O quadro do Grito do Ipiranga de Vitor Meireles do Museu de Belas Artes

Incluem-se entre os substantivos que designam representação os que se aplicam a produtos da atividade intelectual, como *livro*, *artigo*, etc.:

O livro de Graciliano Ramos intitula-se Vidas Secas

Assim como o adjunto adnominal pode ser representado por uma expansão mais complexa do núcleo nominal, isto é, por uma oração subordinada adjetiva:

A casa *comprada* está perto da cidade
A casa *que comprei* está perto da cidade,

assim também o complemento nominal pode ser representado por uma oração subordinada (originalmente substantiva) completiva nominal:

O desejo *de tua vitória* é constante
O desejo *de que venças* é constante

3) O aposto – Outro componente do grupo sintagmático nominal é o chamado *aposto*, cujo limite de distinção com o adjunto adnominal propriamente dito é muitas vezes difícil de traçar. Aparece em construções do tipo:

O rio *Amazonas* deságua no Atlântico.
O professor *Machado* honrou o magistério.
Sousa *cabeleireiro* me conhece bem.
Meu *primo* José morou na Itália.
"E com ele [programa] tem vindo pela vida, satisfazendo a portugueses e brasileiros, que o consideramos *uns e outros*, soldado do seu grupo." [MC.2, 206]
Clarice, *a primeira neta da família*, cursa Direito.
Sousa, nosso cabeleireiro, não trabalha hoje.
Pedro II, *imperador do Brasil*, protegia jovens talentosos.
Eu *Anibal* peço a paz [MMa].
Amanhã, *sábado*, não sairei [AK].

Chama-se *aposto* a um substantivo ou expressão equivalente que modifica um núcleo nominal (ou pronominal ou palavra de natureza substantiva como *amanhã*, *hoje*, etc.), também conhecido pela denominação *fundamental*, sem precisar de outro instrumento gramatical que marque esta função adnominal.

Há diferença de conteúdo semântico entre uma construção do tipo *O rio Amazonas* e *Pedro*

II, imperador do Brasil; na primeira, o substantivo que funciona como aposto se aplica diretamente ao nome núcleo e restringe seu conteúdo semântico de valor genérico, tal como faz um adjetivo, enquanto na segunda a sua missão é tão somente explicar o conceito do termo fundamental, razão pela qual é em geral marcado por pausa, indicada por vírgula ou por sinal equivalente (travessão e parêntese). Daí a aposição do primeiro tipo se chamar *específica* ou *especificativa* e a do segundo, *explicativa*.

O aposto explicativo pode apresentar valores secundários que merecem descrição especial, como ocorre com os seguintes:

a) Enumerativo, quando a explicação consiste em desdobrar o fundamental representado por um dos pronomes (ou locução) *tudo*, *nada*, *ninguém*, *cada um*, *um e outro*, etc., ou por substantivo:

Tudo – *alegrias, tristezas, preocupações* – ficava estampado logo no seu rosto.

Duas coisas o encorajavam, *a fé na religião e a confiança em si.*

"Duas cousas se não perdoam entre os partidos políticos: *a neutralidade e a apostasia*" [MM].

Às vezes esse tipo de aposto precede o fundamental:

A matemática, *a história*, *a língua portuguesa*, nada tinha segredos para ele.

Em todos estes exemplos, o fundamental (*tudo*, *duas coisas*, *nada*) funciona como sujeito das orações e, por isso, se estabelece a concordância entre ele e o verbo.

Este aposto pode vir precedido das locuções explicativas *isto é*, *por exemplo*, *a saber*, *verbi gratia* (abreviatura [v. g.]):

Duas coisas o incomodavam, *a saber*, *o barulho da rua e o frio intenso*.

b) *Distributivo*:

Machado de Assis e Gonçalves Dias são os meus escritores preferidos, *aquele na prosa e este na poesia*.

Um no automobilismo, *outro* no futebol, Senna e Pelé marcaram um período de ouro no esporte brasileiro.

c) *Circunstancial* (comparação, tempo, causa, etc., precedido ou não de palavra que marca esta relação a mais, já que o aposto explicativo acrescenta um dado a mais acerca do fundamental):

"As estrelas, *grandes olhos curiosos*, espreitavam através da folhagem". [EQ.2, 8 *apud* AK.1].

"*Artista* – corta o mármor de Carrara;

Poetisa – tange os hinos de Ferrara" [CAv.1, II: 142]

Este tipo de aposto pode ser introduzido por *como*, *na qualidade de*:

As estrelas, *como grandes olhos curiosos*, espreitavam através da folhagem.

A ti, *como general*, compete o comandar.

D. João de Castro, *vice-rei da Índia*, empenhou os cabelos da barba.

Este tipo de aposto pode ser introduzido por *quando*:

D. João de Castro, quando *vice-rei da Índia*, empenhou os cabelos da barba [Epifânio Dias].

Paulinho, *amigo*, tirou-o da dificuldade.

Paulinho, *porque amigo*, tirou-o da dificuldade.

4) Aposição com *de* x Adjunto adnominal – Algumas vezes, o aposto especificativo vem introduzido pela preposição *de*, especialmente se se trata de denominações de instituições, de

logradouros, de acidentes geográficos:

Colégio *de Santa Rita*
Praça *da República*
Ilha *de Marajó*
Cidade *do Recife*

Tal construção, materialmente falando, aproxima o aposto do adjunto adnominal preposicionado, que vimos antes; todavia, do ponto de vista semântico, há diferença entre *Ilha de Marajó* e *casa de Pedro*. Em *casa de Pedro*, *casa* e *Pedro* são duas realidades distintas, enquanto em *ilha* e *Marajó* se trata de uma só realidade, já que ambos querem referir-se a um só conteúdo de pensamento designado112 . Quanto ao emprego da preposição *de* nas construções deste último tipo, como bem ensina Epifânio Dias, "da arbitrariedade do uso é que depende o empregar-se em uns casos *de* definitivo, em outros a aposição. Diz-se, por exemplo: *o nome de Augusto*, mas *a palavra Augusto*; *a cidade de Lisboa*, mas *o rio Tejo*".

Às vezes podem as construções com *de* provocar casos de sincretismo sintático, com consequente efeito de ambiguidade, não diferençando o título da ideia de posse ou pertença. Por isso, para os títulos, no desejo de evitar a ambiguidade, vai-se generalizando o não emprego da preposição *de*: *Rua Santa Teresa*, *Praça Paris*, etc. Esta construção é antiga na língua e paralela ao uso latino (*Urbs Roma*, *Garumna flumen*). Mas a presença da justaposição no francês e inglês tem feito que tal prática seja condenada sem sucesso por estrangeirismo. A justaposição vai-se impondo em *bomba relógio*, *mandato tampão*, *homem bala*, *traje passeio*, em que o procedimento morfológico de formação de compostos se sobrepõe ao processo sintático. A prática, nestes casos, vacila entre o emprego ou não do hífen.

De qualquer maneira, o aposto e o adjunto adnominal são ambos expansões sintáticas do núcleo nominal.

5) As construções *uma joia de pessoa* e *o pobre do rapaz* – Em vez de *uma pessoa joia* e *o pobre rapaz*, em que o núcleo nominal (*pessoa*, *rapaz*) se acha acompanhado de um adjunto adnominal (*joia*, *pobre*), aparecem, numa forma carregada de afetividade, as expressões *uma joia de pessoa* e *o pobre do rapaz*, em que o primitivo adjunto passa formalmente a núcleo e o antigo núcleo passa a adjunto, mediante a presença da preposição *de*. Tem-se muito discutido como se formaram estas expressões derivadas, sem que tenhamos uma solução cabal; mas se pode filiá-las a frases exclamativas sem verbo do tipo de *ai de mim!*, *pobre de mim!*, etc. [FDz.1, III:131].

Ao lado da carga afetiva positiva em construções do tipo *o bom do pároco* pode ocorrer a carga negativa *o burro do cliente*, *a droga do cliente*; neste último caso cria-se uma ambiguidade entre as equivalências "o cliente é uma droga" e "o cliente tem uma droga".

Substantivo + adjetivo = Adjetivo + substantivo

Pode ocorrer sincretismo sintático em grupos nominais do tipo *sábio alemão*, em que se pode corretamente entender, de um lado, a existência de um *sábio* (substantivo) de

nacionalidade alemã (adjetivo), ou, de outro, um *alemão* (substantivo) que é *sábio* (adjetivo). Há aqui, portanto, uma coincidência material de combinação de formas linguísticas, mediante a qual substantivo + adjetivo = adjetivo + substantivo [ECs.4, 246].

A interpretação mais natural ou, pelo menos, mais imediata, é considerar o segundo termo como adjetivo, isto é, como adjunto adnominal. É a lição de M. Barreto, em grupos nominais do tipo *menino rei / rei menino*, *filósofo rei / rei filósofo* [MBa.7, 326]. Assim entendeu Machado de Assis ao definir que as *Memórias Póstumas de Brás Cubas* eram as de um *defunto autor* (= que escreve) e não de um *autor defunto* (= que morreu).

6) Graus de coesão nos grupos nominais – Às vezes, o núcleo nominal já expandido por um adjunto adnominal constituído por adjetivo vem acrescido de outro adjetivo, como

os competentes atletas mineiros,

em que ao grupo inicial *os competentes atletas* se junta o adjunto adnominal *mineiros*, que não se refere tão somente ao substantivo *atletas*, mas ao conjunto *competentes atletas*. Assim, *competentes* guarda maior grau de coesão em relação a *atletas* do que o adjetivo *mineiros*. Temos aqui um exemplo de hipotaxe estudada em, em que o grupo de palavras *competentes atletas* passa a funcionar no estrato de palavra e, assim, pode receber o adjunto adnominal *mineiros*.

Podem estar juntos os dois adjetivos, sem que se altere o grau de coesão:

a situação política atual [VK.1, 161]

O adjetivo menos coeso (*atual*) em relação ao nome (*situação*) pode mudar de posição, diferentemente do mais coeso (*política*):

a atual situação política

mas não:

**a política situação atual*

Também o menos coeso não pode intercalar-se entre o núcleo e o mais coeso:

* *a situação atual política*

7) O aposto com expressões do tipo *pôr nome* – Depois do substantivo das expressões *pôr nome*, *ter nome* e equivalentes, com o significado de "chamar(-se)", "dar nome", pode aparecer um aposto:

Quem o seu cão quer matar, *raiva* lhe põe nome [MBa.4, 64].

8) Aposto referido a uma oração – O aposto não só se refere a qualquer núcleo nominal em qualquer função da oração; pode referir-se ao conteúdo de pensamento expresso numa oração inteira:

Depois da prova, Filipe estava radiante, *sinal de seu sucesso*.

Como aposto de uma oração inteira costuma aparecer um substantivo como *coisa*, *razão*, *motivo*, *fato* e equivalente, sempre acompanhado de um adjunto adnominal, ou de uma oração subordinada adjetiva substantivada pelo artigo *o*:

O desastre provocou muitas vítimas, *coisa lastimável*.

Os convidados não foram à festa, *o que deixou o aniversariante frustrado*.

OBSERVAÇÃO: A tradição gramatical entre nós tem considerado neste último caso como pronome demonstrativo (= aquele, aquilo, isto) usado neutralmente, o *o* que precede o *que*, modificado por uma oração adjetiva, em vez de considerar essa mesma oração adjetiva substantivada pelo artigo *o*, como fizemos aqui. Discutimos o assunto mais adiante.

9) Vocativo: uma unidade à parte – Desligado da estrutura argumental da oração e desta separado por curva de entoação exclamativa, o vocativo cumpre uma função apelativa de 2.ª pessoa, pois, por seu intermédio, chamamos ou pomos em evidência a pessoa ou coisa a que nos dirigimos:

José, vem cá!

Tu, *meu irmão*, precisas estudar!

Felicidade, onde te escondes?

Algumas vezes vem precedido de *ó*, que a tradição gramatical inclui entre as interjeições, pela sua correspondência material, mas que, na realidade, pode ser considerado um morfema de vocativo, dada a característica entonacional que a diferencia das interjeições propriamente ditas [HCv.2, 197 n.47].

"*Deus*, *ó Deus*, onde estás que não respondes?" [CAv.1, 141]

Estes exemplos nos põem diante de algumas particularidades que envolvem o vocativo. Pelo desligamento da estrutura argumental da oração, constitui, por si só, a rigor, uma frase exclamativa à parte ou um fragmento de oração, à semelhança das interjeições. Por outro lado, como no caso de *Tu, meu irmão, precisas estudar!*, às vezes, se aproxima do aposto explicativo, pela razão que vai constituir a particularidade seguinte. Por fim, o vocativo, na função apelativa, está ligado ao imperativo ou conteúdo volitivo da forma verbal, já que, em se tratando de ordem ou manifestação de desejo endereçada à pessoa com quem falamos ou a quem nos dirigimos, presente quase sempre, não há necessidade de marcar gramaticalmente o sujeito. Quando surge a necessidade de explicitá-lo, por algum motivo, aludimos a esse sujeito em forma de vocativo [RLz.1, 66].

Assim é que em:

"Deixa-me! Deixa-me a vagar perdida...

Tu! - parte! volve para os lares teus". [CAv.1, 191],

tu não é o sujeito de *parte*, e sim vocativo, "espécie de aposição à ideia do sujeito, contida no imperativo" [HCv.2, 197 n.47]. Ocorre o mesmo com o substantivo *poeta* em:

Vai, *Poeta*... (*Id*., *ibid*.: 116)

Pelos exemplos aduzidos até aqui, vê-se que o vocativo pode ser representado por substantivo ou pronome, podendo admitir a presença de expansões (p. ex., de adjuntos adnominais, de orações adjetivas):

Desce do espaço imenso, *ó águia do oceano*!

"*Senhor Deus*, *que após a noite*

Mandas a luz do arrebol,

Que vestes a esfarrapada

Com o manto rico do sol". [CAv.1, 88]

Na correspondência epistolar, o vocativo vem separado do resto do enunciado por vírgula, enquanto em textos de outra natureza costuma aparecer o emprego dos dois pontos (:) ou do ponto de exclamação (!).

2 – Orações Complexas e Grupos Oracionais: a Subordinação e a Coordenação. A Justaposição

Subordinação: oração complexa – Uma oração independente do ponto de vista sintático, que sozinha, considerada como unidade material, constitui um texto, se este nela se resumir, como em

A noite chegou,

pode, pelo fenômeno de estruturação das camadas gramaticais conhecido por *hipotaxe* ou *subordinação*, passar a uma camada inferior e aí funcionar como pertença, como membro sintático de outra unidade;

O caçador percebeu que *a noite chegou*.

A primitiva oração independente *a noite chegou* transportou-se do nível sintático de independência para exercer a função de complemento ou objeto direto da relação predicativa da oração a que pertence o núcleo verbal *percebeu*: *o caçador percebeu.*

Dizemos, então, que a unidade sintática *que a noite chegou* é uma oração *subordinada*. A gramática tradicional chama à unidade *o caçador percebeu* oração principal. Gramaticalmente, a unidade oracional *O caçador percebeu que a noite chegou* é uma unidade sintática igual a *O caçador percebeu a chegada da noite*, onde *a chegada da noite* integra indissoluvelmente a relação predicativa que tem por núcleo e verbo *percebeu*, na função de complemento ou objeto direto.

Assim, levando em conta os constituintes imediatos, há um primeiro momento em que se analisa por inteiro a unidade sintática *O caçador percebeu que a noite chegou*, para depois se analisar o termo sintático que se apresenta sob forma oracional:

Sujeito: *o caçador*

Predicado: *percebeu que a noite chegou*

Objeto direto: *que a noite chegou*.

Como o objeto direto está constituído por uma oração subordinada, são passíveis de análise suas unidades sintáticas constitutivas:

Sujeito: *a noite*

Predicado: *chegou*

Oração complexa e grupos oracionais – A rigor, o conjunto complexo *que a noite chegou* não passa de um termo sintático na oração complexa *O caçador percebeu que a noite chegou*, que funciona como objeto direto do núcleo verbal *percebeu*. Estas unidades transpostas exercem função própria de meros substantivos, adjetivos e advérbios, razão por que são assim classificadas na oração complexa. Todavia, a presença de um núcleo verbal (que a noite *chegou*) leva a tradição a ver aí também uma unidade de caráter oracional, ao lado da unidade oracional (porque também tem verbo) a que se prende, embora, isoladamente, nenhuma das duas satisfaça as demais condições que caracterizam uma oração, além da presença do verbo integrando uma relação predicativa:

a) a delimitação entre duas pausas e o contorno melódico;

b) existência de um ato completo de comunicação em cada situação de fala concreta.

Assim, apesar destas considerações, esta gramática respeitará o peso da tradição e verá, num primeiro momento de análise em constituintes imediatos, uma oração complexa (a que também alguns gramáticos nossos chamavam *oração geral*, como, por exemplo, José Oiticica), para depois analisar como oração subordinada o complexo unitário correspondente a uma função sintática exercida por substantivo, adjetivo ou advérbio.

Diferente deste caso será o *grupo oracional* integrado por orações sintaticamente independentes, que, por isso, poderiam aparecer em separado:

O caçador chegou à cidade e procurou um hotel.

ou

O caçador chegou à cidade. Procurou um hotel.

Temos aqui um grupo de enunciados da mesma camada gramatical, isto é, como *orações*, o que caracteriza uma das propriedades de estruturação das camadas gramaticais conhecida por *parataxe* ou *coordenação*.

Daí só podermos, a rigor, falar em *orações compostas*, *grupos oracionais* ou *período composto* quando estivermos diante de orações coordenadas.

Não causará estranheza, se atentarmos para o princípio dos constituintes imediatos, que haja coordenação entre qualquer unidade da mesma camada gramatical: *homem e mulher,* (dois substantivos) *estudioso e inteligente* (dois adjetivos), *ontem e hoje* (dois advérbios), *leio e compreendo* (dois verbos), *com e sem* (duas preposições), um substantivo e oração substantiva (*desejo a vitória e que tenhas sucesso*), um adjetivo e oração adjetiva (*inteligente e que tem bom coração*), advérbio e oração adverbial (*agora e quando estiveres pronto*), duas orações da mesma função sintática (*desejo que venças e que sejas feliz*), etc.

Por hipertaxe ou hipotaxe, uma unidade pode passar, respectivamente, a camadas gramaticais superiores ou inferiores, e depois ocorrer a coordenação.

***Que*: marca de subordinação oracional** – No exemplo *O caçador percebeu que a noite chegou*, a marca de que a oração independente passou pelo processo da subordinação, a funcionar como membro de uma outra oração, é o *que*, conhecido tradicionalmente como "conjunção" integrante.

Na realidade esse *que* não tem por missão precípua "juntar" duas orações – como fazem as conjunções coordenativas – , mas tão somente marcar o processo por que se transpôs uma unidade de camada superior (uma oração independente) para funcionar, numa camada inferior, como membro de outra oração.

Daí não corresponder à nova realidade material da unidade sintática subordinada a denominação tradicional de *orações compostas* ou *período composto.* Temos sim orações *complexas*, isto é, orações que têm termos determinantes ou argumentais complexos, representados sob forma de outra oração. Só haverá orações ou períodos *compostos* quando houver *coordenação*. Dizemos que esse *que* é um *transpositor*.

Orações complexas de transposição substantiva – A oração transposta, inserida na oração complexa, é classificada conforme a categoria a que corresponde e pela qual pode ser substituída no desempenho da mesma função. Daí ser a oração transposta classificada como *substantiva*, *adjetiva* ou *adverbial*, segundo a tradição gramatical, pois desempenha função sintática normalmente constituída por substantivo, adjetivo ou advérbio. Assim, em nosso exemplo, *O caçador percebeu que a noite chegou*, a oração transposta inserida na oração complexa (que) *a noite chegou* será substituída pelo substantivo *a chegada da noite* (*O caçador percebeu a chegada da noite*), e a oração transposta pelo processo da subordinação funcionará também como objeto direto da relação predicativa que tem como núcleo verbal *percebeu*.

A oração subordinada transposta substantiva aparece inserida na oração complexa exercendo funções próprias do substantivo, ressaltando-se que a conjunção *que* pode vir precedida de preposição conforme exerça função que necessite desse índice funcional:

a) Sujeito: *Convém que tu estudes / Convém o teu estudo.*

b) Objeto direto: *O pai viu que a filha saíra / O pai viu a saída da filha.*

c) Complemento relativo: *Todos gostam de que sejam premiados / Todos gostam de prêmio.*

d) Predicativo: *A verdade é que todos foram aprovados / A verdade é a aprovação de todos.*

e) Objeto indireto: *Enildo dedica sua atenção a que os filhos se eduquem / Enildo dedica sua atenção à educação dos filhos.*

f) Aposto: *Uma coisa lhe posso adiantar, que as crianças são a alegria dos adultos. Uma coisa lhe posso adiantar, a alegria das crianças aos adultos.*

OBSERVAÇÃO: Para as funções de complemento nominal e agente da passiva.

5 – Orações subordinadas resultantes de substantivação: as interrogativas e exclamativas – Sem precisar do transpositor *que*, as orações interrogativas e exclamativas, desprovidas do particular contorno melódico e iniciadas por uma unidade desses valores semânticos, podem-se substantivar e exercer função própria de substantivo na oração complexa:

Ainda não sei *que vou fazer hoje* (cf. *Que vou fazer hoje?*)

Os comerciantes desconhecem *que a mercadoria terá mais saída no próximo verão*.

O professor pergunta *qual é o motivo da algazarra*.

Ainda não descobrimos *por que ele saiu cedo*.

A vizinha descobriu *quem lhe telefonou de madrugada*.

O treinador decidiu *como o time conterá o adversário*.

O calouro ainda não sabe *para que especialidade médica se dirigirá*.

Não adivinhava *quanta alegria causou em nós*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Opondo-se ao transpositor *que,* que não exerce função sintática, as unidades interrogativas e exclamativas (pronomes e advérbios) têm função sintática na oração subordinada a que pertencem.

2.ª) Na língua popular e regional – reminiscência de antigo uso –, pode aparecer o transpositor *que* antes da unidade interrogativa: Não sei *que por que só chega tarde.* Perguntavam-me *que por onde havia fugido*.

Também aparece desprovida do *que* a oração subordinada de valor semântico de incerteza ou dúvida, que primitivamente era uma interrogativa geral, passando a conjunção *se* a transpositora: Não sei *se a prima virá cedo.* Perguntavas *se o jogo seria hoje.*

Orações complexas de transposição adjetiva

1) Orações adjetivas ou de relativo

Tomemos a seguinte oração

O aluno estudioso vence na vida,

em que o adjunto adnominal representado pelo adjetivo *estudioso* pode também ser representado por uma oração que, pela equivalência semântica e sintática com *estudioso*, se chama *adjetiva*:

O aluno	que estuda	vence na vida.
O aluno	estudioso	vence na vida.

Repare que a oração independente

O aluno estuda,

mediante o transpositor *que*, representado pelo pronome relativo, transpõe a oração independente a funcionar, num nível inferior, como adjunto adnominal do substantivo *aluno,* tal qual fazia o adjetivo *estudioso* da oração básica *O aluno estudioso vence na vida.* Daí dizer-se que a oração transposta *que estuda* é *subordinada adjetiva.*

O transpositor relativo que, na oração subordinada reintroduz o antecedente a que se refere, acumula também uma função de acordo com a estrutura sintática da oração transposta.

No exemplo acima:

O aluno que estuda vence na vida,

a oração *que estuda* vale por *o aluno estuda*, já que o pronome relativo é aí o representante do antecedente *aluno.* Analisando *o aluno estuda,* o sujeito explícito é *o aluno*, o que nos leva a verificar que o pronome em *que estuda* funciona como sujeito explícito do núcleo verbal *estuda*.

2) O relativo marcado por índice preposicional

Já em

O livro de que gostas está esgotado,

o relativo *que* reintroduz também o antecedente *livro*, de modo que a oração subordinada *de que gostas* vale por *gostas do livro*, em que *do livro* é complemento relativo do núcleo verbal *gostas.* Se assim é, na oração subordinada *de que gostas* o pronome relativo funciona como complemento relativo. E como o complemento relativo é um termo argumental marcado por um índice preposicional e como o verbo *gostar* se acompanha da preposição *de*, é imprescindível que este índice esteja introduzindo o relativo *que*:

O livro *de que gostas* está esgotado.

Em

A cidade a que nos dirigimos ainda está longe,

o relativo *que* reintroduz na oração subordinada adjetiva *a que nos dirigimos* o substantivo

cidade, e vale por *nos dirigimos à cidade*, em que o núcleo verbal *dirigimos* requer um termo argumental marcado pelo índice preposicional *a*, preposição que, portanto, não deve faltar anteposta ao relativo, que funciona como complemento relativo do núcleo verbal *nos dirigimos*:

A cidade *a que* nos dirigimos ainda está longe.

Orações adjetivas explicativas e restritivas – Já vimos que o adjetivo pode antepor-se ou pospor-se ao substantivo e que, segundo sua posição o adjetivo pode variar de valor. Em geral, o adjetivo anteposto (também chamado *epíteto*) traduz, por parte da perspectiva do falante, valor *explicativo* ou *descritivo*: *a triste vida*. Aqui o adjetivo não designa nenhum tipo de *vida* que se oponha a outro que não seja *triste*; apenas se descreve como a *vida* é, e, como diz Alarcos Llorach, quase vale por "a vida com sua tristeza" [AL.1, 82]. Agora, se disséssemos, *a vida triste*, nos estaríamos restringindo a uma realidade que se opõe a outras, como *vida alegre, vida boêmia,* etc. Neste caso, o adjetivo se diz *restritivo.*

A oração adjetiva também conhece esses dois valores; a adjetiva explicativa alude a uma particularidade que não modifica a referência do antecedente e que, por ser mero apêndice, pode ser dispensada sem prejuízo total da mensagem. Na língua falada, aparece marcada por pausa em relação ao antecedente e, na escrita, é assinalada por adequado sinal de pontuação, em geral, entre vírgulas:

O homem, que vinha a cavalo, parou defronte da igreja.

Repare-se em que a oração adjetiva *que vinha a cavalo* denuncia que, na narração, só havia um homem, de modo que a declaração *que vinha a cavalo* pode ser dispensada:

O homem parou defronte da igreja

Já em

O homem que vinha a cavalo parou defronte da igreja,

a oração adjetiva, proferida sem pausa e não indicada na escrita por sinal de pontuação a separá-la do antecedente, demonstra que na narração havia mais de um homem, mas só o "que vinha a cavalo" *parou defronte* da igreja. A esta subordinada adjetiva se chama *restritiva.*

À semelhança do que se fez com a oração complexa em cuja estrutura há uma oração subordinada substantiva, num primeiro momento da análise, levando em conta o princípio dos constituintes imediatos, analisar-se-á por inteiro a unidade sintática *O aluno que estuda vence na vida*, para depois se analisar o termo sintático que se apresenta sob forma oracional:

Sujeito: *O aluno que estuda*
Predicado: *vence na vida*
Adjunto adverbial: *na vida*

Como o adjunto adnominal está constituído por uma oração subordinada adjetiva, são passíveis de análise suas unidades sintáticas constitutivas:

Sujeito: *que* (= o aluno)
Predicado: *estuda*

Adjetivação de oração originariamente substantiva – A unidade complexa *homem corajoso* pode ser substituída por *homem de coragem*, em que o substantivo *coragem* transposto por uma preposição ao papel de adjetivo funciona também como adjunto do núcleo nominal.

Esta mesma possibilidade de transposição a adjetivo modificador de um grupo nominal mediante o concurso de preposição conhece a oração originariamente substantiva. Este grupo nominal pode ter como núcleo um substantivo, um adjetivo.

Núcleo substantivo:

O desejo *de que se apurem os fatos* é a maior preocupação dos diretores.

A crença *em que a crise se espalhe* atormenta todos nós.

A desconfiança *de se devemos ir avante* é logo desfeita.

Núcleo adjetivo:

Estávamos todos desejosos *de que o concurso saísse logo*.

O negociante estava cônscio *de que sua responsabilidade era grande*.

OBSERVAÇÃO: Sendo as expressões preposicionadas de *desejo de glória*, *ânsia de liberdade*, *desejoso da glória*, *ansioso de liberdade* modificadores dos núcleos nominais (e por isso mesmo chamados *complementos nominais*) e funcionalmente partícipes da natureza dos adjetivos, manda a coerência que as orações que funcionam como complemento nominal sejam incluídas entre as adjetivas – como fizemos aqui – e não entre as substantivas, como faz a tradição entre nós. Como vimos, elas são primitivamente substantivas, mas que, num segundo momento de estruturação, para funcionarem como modificadoras de substantivos e adjetivos, são transpostas a adjetivas mediante o concurso da preposição.

Ocorre o mesmo com as orações que funcionam como agente da passiva que, primitivamente substantivas, são transpostas a adverbiais mediante a preposição *por*.

Substantivação de orações originariamente adjetivas – Em *O homem sábio é guia seguro,* o adjetivo *sábio* pode ocupar o papel da unidade complexa mediante sua substantivação: *O sábio é guia seguro,* onde se deu o apagamento do substantivo *homem* e se marcou o novo caráter substantivo de *sábio* com a anteposição do artigo *o*.

Também conhece esse expediente de substantivação a oração transposta adjetiva mediante o apagamento do antecedente dos relativos *quem* e *que* e a presença do artigo, se o antecedente, pela situação do discurso, é conhecido dos interlocutores ou se lhe quer dar certo ar de generalização:

O homem que cala e ouve não *dissipa o que sabe*, e aprende *o que ignora* [MM].

Os que mais blasonam de honra e probidade, são como os poltrões que se inculcam de valentes [MM].

Os elogios de maior crédito são *os que os nossos próprios inimigos nos tributam* [MM].

Para quem não tem juízo os maiores bens da vida se convertem em gravíssimos males [MM].

OBSERVAÇÃO: Alguns autores preferem desdobrar o *quem* em *aquele(s) que, aquela(s) que* e considerar a unidade *o, a, os , as* como pronomes demonstrativos representados na oração adjetiva pelo pronome relativo *que,* de modo que, não aceitando a substantivação nesses casos, analisam a subordinada como adjetiva: *Não conheço quem chegou = Não conheço aquele que chegou. Não conheço os que chegaram = Não conheço aqueles que chegaram.* São possíveis as duas maneiras de analisar tais construções.

Ocorre o mesmo com outros pronomes e advérbios relativos destituídos de antecedente:

quanto
por que

Não sabemos	como quando onde que qual	comprou

NOTA: A oração substantiva funciona, nestes exemplos, como objeto direto do verbo saber.

Desconheço QUE admiráveis presentes ganhaste.

Ignorava QUAIS os alunos que haviam perturbado as aulas.

QUEM *tudo quer* tudo perde (oração *subjetiva*).113

Falava a QUEM *lhe pedia conselhos* (oração *objetiva indireta*).

Fizeram QUANTO *lhes pedi* (oração *objetiva direta*).

Reconheço QUÃO *enganados nos achávamos a seu respeito* (oração *objetiva direta*).

Peço que anote QUAIS *foram os responsáveis* (oração *objetiva direta*).

A polícia descobriu QUANDO *foi o roubo* (oração *objetiva direta*).

Os jornais explicaram COMO *os ladrões conseguiram fugir* (oração *objetiva direta*).

Os garotos não descobriram ONDE *os pais tinham posto os presentes* (oração *objetiva direta*).

Os vizinhos não entenderam POR QUE *o fogo foi violento* (oração *objetiva direta*).

Ele é QUEM *os avisa* (oração *predicativa*).

Não sabia *por* QUEM *tinha sido enganado* (oração *objetiva direta*).

Assim, substituem *quem* por *a pessoa que, aquele que; quanto* por *o tanto que; quando* por *o momento em que; como* por *o modo pelo qual; onde* por *o lugar em que; por que* por *o motivo pelo qual*.

Analisam *Quem tudo quer tudo perde* desta maneira:

A pessoa | que tudo quer | tudo perde.

1.ª oração: – principal: *a pessoa tudo perde.*

2.ª oração: – subordinada adjetiva: *que tudo quer.*

A análise que adotamos tem a vantagem de encarar uma realidade da língua, e não uma substituição que a ela realmente nem sempre equivale.114

Não se transportam a substantivas as orações adjetivas introduzidas pelos relativos *cujo* e *o qual*.

Transposta a substantiva, a oração de relativo sem antecedente expresso pode exercer as funções próprias das substantivas originais. Assim, nos exemplos acima, *o que sabe* e *o que ignora* fazem o papel de objeto direto dos núcleos verbais *dissipa* e *aprende,* do primeiro. No segundo, *os que mais blasonam de honra e probidade* é o sujeito de *são*; no terceiro, *os que os nossos próprios nos tributam* é predicativo de *são*. No quarto exemplo, *a quem não tem juízo* funciona como objeto indireto da unidade verbal complexa *dar liberdade.*

Para marcar a natureza substantiva da oração transposta costuma-se anteceder de artigo a interrogativa indireta, prática às vezes injustamente condenada [ED.2, § 362]:

Não sei *o* quanto lhe devo nessa ajuda.

Mais uma construção de oração já transposta – A oração relativa sem antecedente transposta a substantiva pode ser de novo transposta a adjetiva com o concurso de preposição – geralmente *de* – e funcionar como modificador de substantivo.

Repare-se nas construções derivadas da construção básica *o homem sábio → o sábio → o trabalho do sábio,* em que, nesta última fase, o adjetivo substantivado *sábio* recebe o concurso da preposição *de* para desempenhar o papel de modificador ou adjunto do núcleo *trabalho*. Assim também em:

O maior trabalho dos que governam é tolerar os importunos [MM],

a oração relativa substantivada *os que governam*, mediante a preposição em *dos que governam*, passa a exercer função própria de adjetivo como modificador do substantivo *trabalho.*

Também a oração de relativo transposta a substantiva pode, com o curso de preposição, passar a exercer papel de advérbio e, assim, funcionar como adjunto circunstancial.

Nenhum senhorio é tão absoluto *como o que conferem os povos aos tiranos de sua escolha* [MM] (comparativa).

O tempo voa *para quem goza,* e se arrasta *para quem padece* [MM] (inclinação).

O livro foi escrito *por quem não se esperava* (agente da passiva).

Orações complexas de transposição adverbial – Refletindo a classe heterogênea dos advérbios, também as orações transpostas que exercem funções da natureza do advérbio se repartem por dois grupos:

a) as subordinadas adverbiais propriamente ditas, porque exercem função própria de advérbio ou locução adverbial e podem ser substituídas por um destes (advérbio ou locução adverbial): estão neste caso as que exprimem as noções de *tempo, lugar, modo* (substituíveis por advérbio), *causa, concessão, condição* e *fim* (substituíveis por locuções adverbiais formadas por substantivo e grupos nominais equivalentes introduzidos pelas respectivas preposições);

b) as subordinadas *comparativas* e *consecutivas.*

As subordinadas adverbiais propriamente ditas – As adverbiais do 1.º grupo exercem função própria de advérbio, que é, como vimos, um adjunto ou determinante circunstancial não argumental do núcleo verbal. Do ponto de vista constitucional, estão representados por advérbios (os de *tempo*, *lugar* e *modo*) ou pelas chamadas locuções adverbiais, constituídas por substantivos ou grupos nominais equivalentes introduzidos pelas respectivas preposições (as circunstâncias anteriores e, especialmente, as que denotam causa, concessão, condição e fim).

Daí tais orações adverbiais, do ponto de vista constitucional, se assemelharem às substantivas, já que se identificam com estas em funções adverbiais, como ocorre com o substantivo transposto ao papel de advérbio mediante o concurso de preposição:

Saiu *de noite.*

Estudamos *com prazer.*

Trabalhas *na fábrica.*

Passeamos *pela cidade.*

Destarte, quando as orações mediante o transpositor *que* se transpõem a subordinadas substantivas e passam a funcionar como adverbiais, são marcadas pela respectiva preposição, constituindo assim as impropriamente chamadas *locuções conjuntivas*: *sem que, para que, desde que, porque* (= *por* + *que*), *que*, etc. Impropriamente locuções conjuntivas, porque não se trata de uma unidade complexa, mas de dois elementos com papéis diferentes: a preposição assinala a noção circunstancial de que semanticamente se reveste a oração transposta ou subordinada; o *que* marca o novo papel da oração independente originária que passa a funcionar, num plano inferior, como termo sintático dentro da oração complexa:

Os alunos estudam muito *para que possam preparar-se para as exigências da vida.*

Os convidados saíram *sem que fossem notados.*

O advogado não o defendeu *porque o réu só mentiu no depoimento.*

Outras particularidades nos transpositores das orações adverbiais – Além do *que* precedido da conveniente preposição como vimos até aqui, devemos assinalar as seguintes outras particularidades:

a) Quando usados sem referência a antecedente, os advérbios relativos *onde, quando, como* e *quanto* (este com preposição) transpõem a oração a que pertencem, que passa a exercer papel de adjunto adverbial:

Onde me espetam fico.

Saíste *quando a festa melhorava.*

O prédio foi construído *como estava planejado.*

Só trabalhava *por quanto dinheiro ganhase para a viagem.*

b) Outros advérbios ou unidades de valor adverbial, próximos aos advérbios relativos, também transpõem orações para exercer papel adverbial, como ocorre com *se* (hipotético), *conforme, apenas, caso, enquanto:*

Se o emprego é nessas condições, ele não me interessa.

Seus sonhos se realizaram *conforme ela planejara.*

c) Também os pronomes relativos sem referência a antecedente ou precedidos de artigo transpõem oração subordinada a substantivo, podendo esta oração subordinada substantiva passar a exercer função adverbial se vem acompanhada da conveniente preposição:

Ela só saía *com quem lhe merecia confiança*

O vizinho errou quando depositou suas economias *no que era bastante precário.*

d) A oração transposta de *que* pode funcionar como determinante de um advérbio, de modo que às vezes o conjunto advérbio + *que* passa a funcionar como um transpositor unitário (*ainda que, ainda quando, já que, sempre que, logo que, assim que,* etc), em que o significado originário do advérbio fica modificado [AL.1, 355]:

Sempre que corríamos à janela, assistíamos ao espetáculo da natureza.

Logo que tudo fique resolvido, o vizinho se mudará.

OBSERVAÇÃO: Primitivamente o advérbio era um elemento da oração deslocado, que devia modificar um núcleo verbal daquela a que a rigor pertencia, e que passou a integrar outra oração.

e) Pelo fenômeno da subordinação ou hipotaxe, palavras ou grupos de palavras (advérbio ou substantivo adverbializado) passam a um estrato inferior e exercem papel próprio de

morfema, aqui de preposição, pela qual podem ser substituídos:

em virtude de doença = *por* doença
em cima da mesa = *sobre* a mesa
graças à ajuda = *com* a ajuda
debaixo da escada = *sob* a escada
dentro de pouco = *por* pouco

Neste caso, introduzindo uma oração transposta mediante *que*, esta exercerá papel adverbial:

Em virtude de que era o mais saudável, dispôs-se a trabalhar pelo grupo.

f) Alguns particípios fixos no masculino singular se unem a orações transpostas mediante *que* dando origem a transpositores complexos de orações adverbiais, do tipo de *dado que, posto que, visto que, suposto que, salvo que, exceto que, não obstante que*:

Nada resolveu o problema, *visto que não houve entendimento prévio das partes em litígio.*
Os turistas desistiram da visita *dado que chovia torrencialmente.*

OBSERVAÇÃO: Primitivamente o *que* introduzia oração que funcionava como sujeito do particípio, o que explica estar este no masculino singular, pois uma oração definida materialmente é considerada do gênero masculino e do número singular.

As subordinadas adverbiais comparativas e consecutivas – As subordinadas adverbiais do 2.º grupo, integradas pelas comparativas e consecutivas, guardam certa analogia com as adjetivas porque dependem de um antecedente, de natureza quantificadora ou de unidade quantificada (adjetivo ou advérbio) e só mantêm relação direta com o núcleo verbal da oração junto com seu antecedente. Assim é que em

Janete estuda mais que trabalha,

a oração subordinada *que trabalha* está presa ao advérbio *mais*, e o conjunto *mais que trabalha,* que manifesta uma comparação com o fato anterior, funciona como adjunto adverbial do núcleo verbal *estuda*.

O mesmo ocorre em

Janete é tão aplicada aos estudos que não lhe sobra tempo para o trabalho.

Aqui a oração subordinada *que não lhe sobra tempo para o trabalho*, que manifesta a consequência ou encarecimento do fato anterior, também está presa ao quantificador *tão* que funciona como adjunto adverbial de *aplicada*, e o conjunto *tão aplicada aos estudos que não lhe sobra tempo para o trabalho,* valendo por um adjetivo a modificar o substantivo *Janete*, funciona como predicativo do verbo *é.*

O caráter do adjunto, portanto de termo não argumental, tanto da oração subordinada comparativa quanto da consecutiva, se manifesta pelo fato de se poder eliminar, em cada caso, a oração subordinada, e continuar perfeita a oração anterior:

Janete estuda mais.
Janete é tão aplicada aos estudos.

Os diversos tipos de comparativas – Como já vimos, a comparação pode manifestar-se estabelecendo uma igualdade (*tanto... quanto*), uma superioridade (*mais...que* ou *do que*), uma inferioridade (*menos...que* ou *do que*) entre duas realidades ou conceitos.

A alternância de *que* e *do que* nasceu, em época relativamente recente, da construção primitiva em que a oração transposta que modificava *mais* ou *menos* era uma substantivada

iniciada por *o que...*, precedida de preposição *de*: *mais* (*menos*) *do que* = *mais* (*menos*) *daquilo que* [ED.2, 171; TM.1, 205].

Dos quantificadores, também já dissemos que só aparece flexionado em gênero e número o *tanto* adnominal, em conformidade com o substantivo ou pronome que modifique. *Tanto* é invariável quando se apresenta como advérbio. Vale ainda lembrar que os quantificadores *mais* e *menos* podem ser reforçados por advérbio: *muito mais, pouco mais, muito menos, pouco menos,* etc.

Outras unidades comparativas – Além dos quantificadores referidos, podem em seu lugar aparecer:

a) as formas adjetivas *maior, menor, melhor, pior:*

As qualidades devem ser *maiores que os vícios.*

b) unidades multiplicativas, indefinidas (como *outro, mesmo, igual*) e advérbios de valor seletivo (como *antes*):

A nota conseguida é o *dobro que o candidato merecia.*

Não pensava em *outra coisa que tirar proveito dos amigos.*

Tudo nele era o *mesmo que se vira antes.*

O roubo antes denigre o ladrão *que lhe aumenta os haveres.*

As orações subordinadas consecutivas – Como vimos, a oração transposta consecutiva também se aproxima da adjetiva relativa por estar o transpositor *que* relacionado com uma unidade quantificadora da oração anterior:

Janete é tão aplicada aos estudos *que não lhe sobra tempo para o trabalho.*

Pelo exemplo acima percebe-se que a oração subordinada manifesta uma consequência; mas o valor semântico primordial é assinalar que o quantificador encarece o conteúdo de pensamento designado.

No exemplo:

Ela sentia tal medo que a deixava paralisada,

se eliminarmos o encarecedor, o quantificador *tal*, a oração subordinada poderá confundir-se com a adjetiva relativa se não for proferida com o contorno melódico que em geral marca a consecutiva, o que a faz poder ser assinalada por vírgula:

Ela sentia medo que a deixava paralisada.

OBSERVAÇÃO: Esta aproximação da adverbial consecutiva desprovida de quantificador com a adjetiva relativa tem levado alguns escritores a repetir a função sintática desempenhada pelo *que* relativo mediante o pronome adverbal *o* (*a, os, as*), construção que a norma padrão desaconselha: "o homem que se destina, ou *que o* destinou seu nascimento, a uma vocação pública, não pode, sem vergonha, ignorar as belas letras e os clássicos" [AGa.4, 29].

Tal como ocorreu nas orações subordinadas comparativas, em *Ela sentia tal medo que a deixava paralisada,* constitui uma unidade complexa o conjunto *tal medo que a deixava paralisada*, que, na oração complexa, funciona como objeto direto do núcleo verbal *sentia.*

Outras unidades consecutivas – Os quantificadores a que se prendem as orações

consecutivas podem ser substituídos por outras unidades, naturalmente sem que deixem de ser marcadas pelo contorno melódico que manifesta o encarecimento do conteúdo do pensamento designado:

a) O indefinido *cada:*

Ele diz *cada* mentira *que já está desacreditado no grupo.*

b) O indefinido *um* (*uma, uns, umas*):

De repente caiu *uma ventania que afugentou do estádio todos os espectadores.*

c) As unidades *de modo, de maneira, assim*:

O mágico falava *de modo que impressionava a plateia.*

O escritor escrevia *de maneira que compunha um livro por mês.*

O atleta era *assim forte que punha nos concorrentes a certeza da derrota.*

OBSERVAÇÃO: Acerca da substituição de *de modo que, de maneira que* + verbo flexionado por *de modo a, de maneira a* + infinitivo (*de modo a fazer,* etc.) cf. link.

d) Pode faltar a unidade quantificadora, garantida pelo contorno melódico e pelo contexto:

É feio *que mete medo.*

Grupos oracionais: a coordenação – Já vimos que as orações coordenadas são orações sintaticamente independentes entre si e que se podem combinar para formar *grupos oracionais* ou *períodos compostos:*

Mário lê muitos livros e aumenta sua cultura.

Mário lê muitos livros e aprende pouco.

É fácil observar que as duas orações do primeiro exemplo são sintaticamente independentes, porque, ao analisar a primeira (*Mário lê muitos livros*), verificamos que possui todos os termos sintáticos previstos na relação predicativa, ao contrário da oração complexa, conforme vimos:

Sujeito: *Mário*

Predicado: *lê muitos livros*

Objeto direto: *muitos livros*

Entretanto, é também fácil verificarmos que a segunda oração *e aumenta sua cultura* manifesta o resultado, uma consequência do fato de Mário ler muito. Esta interpretação, aliás correta, não interfere na relação sintática que as duas orações mantêm entre si no grupo oracional. Esta interpretação adicional não resulta da relação sintática existente nas duas orações, mas sim da nossa experiência do mundo, porque sabemos que a leitura é uma das nossas fontes de cultura. E muito menos a manifestação nasce do emprego da conjunção *e* que, por ser mero conector das orações, tem por missão semântica apenas adicionar um conteúdo de pensamento a outro. Por isso, é denominada *conjunção* (= conector) *aditiva.*

Prova evidente do que estamos falando é o segundo exemplo:

Mário lê muitos livros e aprende pouco.

Do ponto de vista sintático, já vimos que aqui também estamos diante de orações independentes e que podem figurar isoladamente:

Mário lê muitos livros. Ele aprende pouco.

É partindo desse nosso saber sobre as coisas do mundo e dos significados dos lexemas utilizados que interpretamos a 2.ª oração como o contrário do que estávamos esperando pelo

fato de Mário ler muitos livros.

Como no exemplo anterior, essa interpretação adicional não tira da 2.ª oração o caráter de *coordenada aditiva* nem permite que se classifique o *e* diferentemente de uma conjunção aditiva. É o texto, com suas unidades léxicas, e não a gramática, que manifesta o sentido adversativo que claramente expressa a 2.ª oração em face do conteúdo que se enunciou na 1.ª. São, assim, unidades textuais, o que vale dizer, são unidades que manifestam funções sintagmáticas no nível do texto. Trata-se de exemplos de coordenação no nível da oração e de subordinação no nível do texto.

Cabe também assinalar que as orações conectadas por *e* não manifestam nenhum sentido textual subsidiário, além da adição; a ordem das orações é, em geral, livre, salvo quando o significado dos lexemas estabelece uma disposição natural dos conteúdos de pensamento designados. São, neste último caso, questões relativas ao nosso saber elocutivo, e não ao saber idiomático, exclusivamente:

Trabalhava de dia e estudava de noite.
Estudava de noite e trabalhava de dia.

Mas há ordem fixa em:

Ficou noivo em fevereiro e casou-se em junho.
Cursava a Faculdade de Direito e formou-se em advocacia.

Em sentido inverso, muitas orações subordinadas – especialmente as reduzidas, em vista da amplitude semântica em que podem ser envolvidas pela influência das unidades léxicas empregadas e do nosso saber e experiências do mundo – podem admitir um sentido "aditivo", como nos seguintes casos:

a) as orações reduzidas de gerúndio, quando equivalente a uma oração coordenada iniciada pela conjunção *e*:

Compreendeu bem a lição, *fazendo* depois corretamente os exercícios (= e fez depois...)

b) as reduzidas de infinitivo precedida da preposição *sobre* e da locução prepositiva *além de*:

"Além de que a fumarada do charuto, *sobre ser* purificante ou antipútrida, dava aos alvéolos solidez, e consistência aos dentes" [CBr.1, 108] (*sobre ser* = além de ser purificante... a fumarada do charuto dava...).

Apesar destas interpretações "aditivas", estas reduzidas, quanto à sua estruturação gramatical, pertencem ao quadro das orações subordinadas.

Os tipos de orações coordenadas e seus conectores – As orações coordenadas estão ligadas por conectores chamados conjunções coordenativas, que apenas marcam o tipo de relação semântica que o falante manifesta entre os conteúdos de pensamento designado em cada uma das orações sintaticamente independentes.

São três as relações semânticas marcadas pelas conjunções coordenativas ou conectores:

1) *Aditiva*: adiciona ou entrelaça duas ou mais orações, sem nenhuma ideia subsidiária.

As conjunções aditivas são *e* e *nem* (esta para os conteúdos negativos, e pode vir na 2.ª oração ou em ambas).

Pedro estuda *e* Maria trabalha.
Pedro não estuda *nem* trabalha.
Nem Pedro estuda *nem* Maria trabalha.

2) *Adversativa*: contrapõe o conteúdo de uma oração ao de outra expressa anteriormente:

João veio visitar o primo, *mas* não o encontrou.

As conjunções adversativas são *mas, porém, senão* (depois de conteúdo negativo).

Não saía senão com os primos.

3) *Alternativa*: contrapõe o conteúdo de uma oração ao de outra e manifesta exclusão de um deles, isto é, se um se realizar, o outro não se cumprirá:

Estudas *ou* brincas.

Enlaces adverbiais em grupos de orações – Certas unidades de natureza adverbial e que manifestam valores de concessão, conclusão, continuação, explicação, causa, que fazem referência anafórica ao que anteriormente se expressou, podem aparecer como aparentes conectores de orações em grupos oracionais: *logo, pois, portanto, por conseguinte, entretanto, contudo, todavia, por isso, por isto, também, daí, então, pelo contrário,* etc:

Será a primeira vez que copiará estes quadros, *pois* não há oito dias que os comprei [JA.3, 257].

O amor, como eu sonho e espero, há de ser a minha vida inteira; *portanto* parece-me que tenho o direito e até o dever de conhecê-lo antes (...) [JA.3, 379].

O que a protegia na confusão não era tanto o rápido olhar, como um sétimo sentido, que só ela possuía: uma espécie de previsão dos objetos que se aproximavam.

Contudo, eu sofria muito vendo Emília assim esquecida de mim e engolfada nos prazeres (...) [JA.3, 380].

Partindo desses valores semânticos, a gramática tradicional estabeleceu, entre os conectores coordenativos, as conjunções *conclusivas* e *causais-explicativas*. Realmente, nestes casos se trata de unidades que manifestam esses valores de dependência interna, semelhantes às orações subordinadas, mas no nível do sentido do texto. São unidades transfrásticas, já que ultrapassam os limites de fronteira das orações.

OBSERVAÇÃO: A inexistência, a rigor, das conjunções conclusivas e causais – explicativas, orientação que também é seguida em gramáticas de outras línguas, já tinha sido defendida entre nós por Maximino Maciel (1865-1923) na última revisão de sua *Gramática Descritiva*, em que as considerava advérbios, dada a facilidade com que se deslocavam nas orações, aparecendo em várias posições, o que lhes tirava o caráter de conectores.

Justaposição ou assindetismo – Ao lado da presença de transpositores e conectores vistos até aqui, as orações podem encadear-se, como ocorre com os termos sintáticos dentro da oração, sem que venham entrelaçadas por unidades especiais; basta-lhes apenas a sequência, em geral proferidas com contorno melódico descendente e com pausa demarcadora, assinalada quase sempre na escrita por vírgulas, ponto e vírgula e ainda por dois pontos:

O moço que dizia Simíles costumava zombar de mim com barulho. *Qualquer dito nem o excitava: mordia os beiços, avermelhava-se como um peru, lacrimejava, enfim não se continha, caía num riso convulso, rolava sobre o balcão, meio sufocado.* [GrR.1, 197].

Este procedimento de enlace chama-se *justaposição.*

Sob o ponto de vista sintático e semântico, tais justaposições se aproximam, pela independência sintática e estreito relacionamento semântico, da parataxe ou coordenação. Seu efeito para o discurso é variado, ora apontando para um estilo cortado com grande dose impressionista, ora para um estilo que focaliza quadros rápidos e movimentos ascendentes, especialmente se está constituído por sequência de verbos. Já a sequência de substantivos

manifesta lentidão.

Aproximam-se as orações justapostas das coordenadas, e com elas às vezes se alternam, por permitirem, no nível da camada superior do texto, um sentido subsidiário de causa-explicação, concessão, consequência, oposição, tempo, levando-se em conta o conteúdo de pensamento nelas designado:

> Uma vez por dia o grito severo me chamava à lição. Levantava-me, com um baque por dentro, dirigia-me à sala, gelado. *E emburrava: a língua fugia dos dentes, engrolava ruídos confusos* [GrR.1, 102].
>
> Não me ajeitava a esse trabalho: a mão segurava mal a caneta, ia e vinha em sacudidelas, *a pena caprichosa fugia da linha, evitava as curvas, rasgava o papel, andava à toa como uma barata* doida, semeando borrões [GrR.1, 114].

A chamada " coordenação distributiva" – Podem-se incluir nas orações justapostas aquelas que a gramática tradicional arrola sob o rótulo de coordenadas distributivas, caracterizadas por virem enlaçadas pelas unidades que manifestam uma reiteração anafórica do tipo de *ora...ora, já...já, quer...quer, um...outro, este...aquele, parte...parte, seja...seja,* e que assumem valores distributivos alternativos, e subsidiariamente concessivos, temporais, condicionais.

Do ponto de vista constitucional, essas unidades são integradas por várias classes de palavras: substantivo, pronome, advérbio e verbo, e do ponto de vista funcional não se incluem entre os conectores que congregam orações coordenadas:

> *Ora* eram eles capazes de atos de vandalismo, *ora* eram capazes de atos de ajuda ao próximo.
>
> *Já* não se mostravam como pessoas educadas, *já* se revelavam como se fossem inocentes crianças.
>
> *Uns* estavam sempre satisfeitos, *outros* só viviam reclamando da vida.

Orações intercaladas – Também se incluem nos grupos oracionais como orações justapostas as intercaladas, também caracterizadas por estarem separadas do conjunto por pausa e por contorno melódico particular. Na escrita, aparecem marcadas por vírgula, travessão ou parêntese. Do ponto de vista de conteúdo de pensamento designado, dividem-se em:115

1) *citação*: onde se acrescenta a pessoa que proferiu a oração anterior:

> Dê-me água, *me pediu o rapaz.*116
>
> Quem é ele? – *interrompeu a jovem.*

2) *advertência*: esclarece um ponto que o falante julga necessário:

> Em 1945 – *isto aconteceu no dia de meu aniversário* –, conheci um dos meus melhores amigos.

3) *opinião*: em que o falante aproveita a ocasião para opinar:

> D. Benta (*malvada é que era*) dizia que a sua doença impedia a brincadeira da garotada.
>
> "Comíamos, *é verdade*, mas era um comer virgulado de palavrinhas doces" [MA.1, 198].

4) *desejo*: em que o falante aproveita a ocasião para exprimir um desejo, bom ou mau:

> José – *Deus o conserve assim!* – conquistou o primeiro lugar da classe.
>
> "É bem feiozinho, *benza-o Deus,* o tal teu amigo!" (Aluísio Azevedo)
>
> O teu primo – *raios que o partam!* – pôs-me de cabelos brancos.

5) *escusa*: em que o falante se desculpa:

> "Pouco depois retirou-se: eu fui vê-la descer as escadas, e não sei por que fenômenos de ventriloquismo cerebral (*perdoem-me os filósofos essa frase bárbara*) murmurei comigo..." [MA.1, 325].

6) *permissão*: em que solicita algo:

"Meu espírito (*permita-me aqui uma comparação de criança*), meu espírito era naquela ocasião uma espécie de peteca" [MA.1, 282].

7) *ressalva*: em que faz uma limitação à generalidade de um enunciado:

"Daqui a um crime distava apenas um breve espaço e ela transpôs, *ao que parece*" [AH.2, 123].

Ele, *que eu saiba,* nunca veio aqui.117

"Cobiça de cátedras e borlas que, *diga-se de passagem,* Jesus Cristo repreendeu severamente aos fariseus" [CBr.2, 300].

Os livros, *pode-se bem dizer*, são o alimento do espírito.

Aparentes orações complexas – Entram, assim, neste caso as intercaladas de citação que, em estilo direto, reproduzem o que no estilo indireto funcionaria como objeto direto do núcleo verbal, claro ou subentendido: *Dê-me água, me pediu o rapaz*, equivalente no conteúdo a *O rapaz pediu que lhe desse água; Quem é ele? – interrompeu o jovem*, equivalente no conteúdo a *O jovem interrompeu* [*perguntando*] *quem é ele.*

Atendendo às equivalências do conteúdo, mas em contradição com a estrutura sintática e textual, alguns autores analisam tais orações justapostas como complexas. Só poderíamos proceder dessa maneira e considerá-las orações complexas se viessem introduzidas pelo transpositor, como ocorreu nas equivalências apontadas.

Como bem ensina A. da Gama Kury, devemos "considerar essas orações interferentes como períodos à parte, intercalados ou justapostos, que se analisarão lado a lado com aquele em que se inserem" [AK.1, 70].

3 – Discurso direto, indireto e indireto livre

O português, como outras línguas, apresenta normas textuais para nos referirmos no enunciado às palavras ou aos pensamentos de responsabilidade do nosso interlocutor, mediante os chamados *discurso direto, discurso indireto* e *discurso indireto livre.*

No DISCURSO DIRETO reproduzimos ou supomos reproduzir fiel e textualmente as nossas palavras e as do nosso interlocutor, em diálogo, conforme vimos nos exemplos das orações ou períodos intercalados de citação, com a ajuda explícita ou não de verbos como *disse, respondeu, perguntou, retrucou* ou sinônimos (os chamados verbos *dicendi*). Às vezes, usam-se outros verbos de intenção mais descritiva, como *gaguejar* (do nosso exemplo), *balbuciar, berrar,* etc. São os *sentiendi*, que exprimem reação psicológica do personagem.118 No diálogo, a sucessão da fala dos personagens é indicada por travessão (outras vezes, pelos nomes dos intervenientes):

Uma vez em que me extenuava na desgraçada tarefa percebi um murmúrio:

— *Lavou as orelhas hoje?*

— Lavei o rosto, *gaguejei* atarantado.

— Perguntei se lavou as orelhas.

— Então? Se lavei o rosto, devo ter lavado as orelhas [GrR, 114].

No DISCURSO INDIRETO os verbos *dicendi* se inserem na oração principal de uma oração complexa tendo por subordinada as porções do enunciado que reproduzem as palavras próprias ou do nosso interlocutor. Introduzem-se pelo transpositor *que,* pela dubitativa *se* e

pelos pronomes e advérbios de natureza pronominal *quem, qual, onde, como, por que, quando,* etc., já vistos antes:

Perguntei *se lavou as orelhas.*

O discurso direto em:

José Dias recusou, dizendo: *É justo levar a saúde à casa de sapé do pobre*

passa a discurso indireto, em que se transpõe o presente *é* do discurso direto para o pretérito imperfeito do indireto:

José Dias recusou, dizendo *que era justo levar a saúde à casa de sapé do pobre* [MA.4, 14].

O DISCURSO INDIRETO LIVRE consiste em, conservando os enunciados próprios do nosso interlocutor, não fazer-lhe referência direta. Como ensina Mattoso Câmara, mediante o estilo indireto livre reproduz-se a fala dos personagens – inclusive o narrador – sem "qualquer elo subordinativo com um verbo introdutor *dicendi*" [MC.4, 28]. Se tomássemos o exemplo acima d e *Dom Casmurro*, bastaria suprimir a forma verbal *dizendo* e construir dois períodos independentes com as duas partes restantes:

José Dias recusou. *Era justo levar a saúde à casa de sapé do pobre.*

Uma particularidade do estilo indireto livre é a permanência das interrogações e exclamações da forma oracional originária, ao contrário do caráter declarativo do estilo indireto. Mattoso Câmara cita um trecho de *Dom Casmurro* em que D. Glória tenta demover Pádua da ideia de suicídio por lhe ter mudado a vida financeira de repente, mediante um enunciado em estilo indireto livre a partir do segundo período:

> Minha mãe foi achá-lo à beira do poço, e intimou-lhe que vivesse. Que maluquice era aquela de parecer que ia ficar desgraçado, por causa de uma gratificação menos, e perder um emprego interino? Não, senhor, devia ser homem, pai de família, imitar a mulher e a filha... (p. 48)

Em suma, o discurso indireto livre "estabelece um elo psíquico entre o narrador e o personagem que fala (...) o narrador associa-se ao seu personagem, transpõe-se para junto dele e fala em uníssono com ele" [MC.4, 30-31].

Particularidades outras das orações transpostas substantivas – O transpositor da oração substantiva junto à oração principal se diz *conjunção integrante: que* (nas declarações de certeza) e *se* (nas declarações de incerteza):

Sei *que* virá hoje.

Não sei *se* virá hoje.

Conforme vimos, pode a conjunção integrante vir ou não precedida de preposição necessária. O quadro seguinte resumirá as orações substantivas, levando-se em conta a preposição necessária:

- Subordinadas Substantivas
  - a) sem preposição necessária
    - 1) *subjetiva*
    - 2) *objetiva direta*
    - 3) *predicativa*
    - 4) *apositiva*
  - b) com preposição necessária
    - 1) *completiva relativa* (complemento de verbo)
    - 2) *objetiva indireta* (complemento de verbo + objeto direto ou complemento relativo)

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Continuamos a insistir no termo *necessária (preposição necessária),* porque ela pode aparecer, esporadicamente, em lugares que a não exigem, como omitir-se onde seria esperada. Assim, pode-se prescindir da preposição que inicia uma oração objetiva indireta ou completiva nominal:

> "Em Coimbra recebeu o infante esta triste nova por uma carta da rainha sua filha, em que o avisava que *em conselho se decidira que o fossem cercar...*" [AH.2, 94],

isto é: em que o avisava que está por *em que o avisava* ***de que***.

2.ª) Pode ocorrer a omissão tanto da preposição quanto do transpositor:

> Quis defendê-la, mas Capitu não me deixou, continuou a chamar-lhe beata e carola, em voz tão alta que tive medo *fosse* ouvida os pais [MA *apud* MBa.3, 80],
>
> isto é: tive medo *de que* fosse ouvida.

Também se pode preceder de preposição uma oração subjetiva ou objetiva direta. Assim, por influência da construção *fazer com alguém* (= conseguir deste alguém) *que viesse* passamos a empregar *fazer com que* ao lado de *fazer que* em orações objetivas diretas do tipo:

> "...fizeram (os cortesãos) *com que se retirasse para Sintra...*" [AH.2, 93],
>
> onde *fazer* significa "diligenciar e conseguir que uma coisa aconteça".

Ou subjetiva, como:

> "Desaire real seria *de a deixar sem prêmio*" [AGa].

Registrem-se ainda as construções *dizer de sim, dizer de não,* em lugar de *dizer que sim, dizer que não:* "Eu me abalanço a lhes dizer e redizer *de não* [RB.5, 225]".

Características da oração subjetiva e predicativa – A oração substantiva subjetiva apresenta as seguintes características:

Estar o verbo da oração principal na 3.ª pessoa do singular e num destes quatro casos:

a) verbo na voz reflexiva de sentido passivo:

> Sabe-se que tudo vai bem.

b) verbo na voz passiva (*ser, estar, ficar*) seguidos de particípio:

> Ficou provado *que estava inocente.*

c) verbos *ser, estar, ficar* seguidos de substantivo ou adjetivo:

> É verdade que *sairemos cedo*.
>
> Foi bom *que fugissem.*

Está claro *que consentirei.*

Ficou certo *que me telefonariam.*

d) verbo do tipo *parece, consta, ocorre, corre, urge, importa, convém, dói, punge, acontece:*

Parece *que vai chover.*

Urge *que estudem.*

Cumpre *que façamos com cuidado todos os exercícios.*

Acontece *que todos já foram punidos.*

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Não se pautam pela tradição literária as construções em que se personaliza o verbo *pesar* significando arrependimento ou dor, do tipo de:

Pesam-me os dissabores que lhe causei.

A boa construção é dar-lhe objeto indireto de pessoa e complemento relativo de coisa introduzida pela preposição *de*, e na forma de 3.ª pessoa do singular:

Pesa-me dos dissabores que lhe causei.

2.ª) O Prof. Sousa Lima [SL.1, § 530] acha que só se poderá considerar *predicativa* a oração que contiver o verbo *parecer* concordando "com outro sujeito que não seja a proposição: *Tu pareces ser estrangeiro* ", outro exemplo, "Nunca nos esquecemos de nós, ainda quando *parecemos* que mais nos ocupamos dos outros" [MM].

A oração substantiva predicativa introduzida pela conjunção complementa, na maioria das vezes, o verbo *ser*:

A verdade *é que não ficaremos aqui.*

Omissão da conjunção integrante – Se o enunciado encerra mais de um *que,* podemos, com elegância, omitir a conjunção integrante, principalmente nas orações subjetivas e objetivas presas a núcleos verbais que exprimem vontade ou temor:

"Devia, pois, ser melancólico, além do exprimível o que aí se passou nessa grade: triste, e desgraçado direi, a julgá-lo pelas consequências *que* se vão descrever, com um certo pesar em *que esperamos tomem* os leitores o seu quinhão de pena..." [CBr.4, 223].

Esperamos tomem está por e*speramos que tomem.*

Ainda que não haja acúmulo de *quês*, constitui leveza a omissão da conjunção integrante, que ocorre principalmente no estilo administrativo:

"Frequentes vezes me *disse esperava* lhe anulassem no supremo tribunal o processo" [CBr.10, 51].

Requeiro *seja enviado o Processo a outra instância.*

Evitou-se, no primeiro exemplo, o emprego de duas conjunções integrantes: "...me disse *que esperava que* lhe anulassem o processo".

"Posto que, dizia ele, muito desejasse ver levar o negócio a cabo, *aconselhava-o não tentasse* nada de leve..."[AH.6, 262, *apud* AH.2, 149].

Aconselhava-o não tentasse está por *aconselhava-o a que não tentasse.*

Também se dá a omissão da integrante *que* depois do transpositor na comparação com *que* ou *do que*, como se observa no seguinte exemplo:

É melhor *que* lhe deem uma oportunidade *do que estejam* a retê-lo na prisão,

isto é: *é melhor que lhe deem...do que que estejam...*

Pode-se ainda fugir à repetição pondo-se o verbo no infinitivo:

do que *estar* a retê-lo na prisão.

Pleonasmos da conjunção integrante

Quando a oração substantiva não segue imediatamente o verbo de que serve de integração, pode ocorrer, mormente no falar coloquial, o pleonasmo da conjunção integrante, como o provam os seguintes exemplos:

"e disse *que*, se lhe não queríamos mais nada, *que* podíamos ir à nossa vida" [CBr, 45].

"O meu amor me disse ontem
Que eu *que* andava coradinha" [AO.1] 119

A verdade é *que* desde que anunciei ao rapaz a volta de sua mãe, *que* observei nele uma bizarra mudança de atitude [LCa.1].

Particularidades sobre as *orações transpostas adjetivas*

Funções sintáticas do relativo das orações adjetivas – As orações adjetivas iniciam-se por pronome relativo que, além de marcar a subordinação, *exerce uma função sintática da oração a que pertence.* Em:

"Há enganos *que* nos deleitam, como desenganos *que* nos afligem" [MM],

os dois *quês* exercem funções sintáticas na oração subordinada que iniciam. O primeiro é sujeito de *deleitam* (que nos deleita? – *enganos*, representado na oração subordinada pelo *que*); o segundo é sujeito de *afligem* (que nos aflige? – *desenganos*, representado na oração subordinada pelo *que*).

É importante assinalar que *a função sintática do pronome relativo nada tem a ver com a função do seu antecedente; ela é indicada pelo papel que desempenha na oração subordinada a que pertence.*

Desta maneira, no exemplo dado, *enganos* e *desenganos* são *objetos diretos* (a oração não tem sujeito, porque o verbo *haver* = *existir* é impessoal) e os *quês* são sujeitos.

a) *Que* – não precedido de preposição necessária – pode exercer as funções de *sujeito, objeto direto* ou *predicativo*:

O menino *que* estuda aprende (*sujeito*).

O livro *que* lemos é instrutivo (*objeto direto*).

Somos o *que* somos (*predicativo*).

b) *Que* – precedido de preposição necessária – pode exercer as funções de *objeto indireto, complemento relativo, adjunto adverbial* ou *agente da passiva*:

A pessoa *a que* entreguei o livro deixou-o no táxi (*objeto indireto*).

Os filmes *de que* gostamos são muitos (*complemento relativo*).

A cidade *a que* te diriges tem bom clima (*complemento relativo*).

A pena *com que* escrevo não está boa (*adjunto adverbial de meio*).

Este é o escritor *por que* foi escrito o livro (*agente da passiva*).

OBSERVAÇÃO: Constitui impropriedade o emprego do pronome relativo precedido de preposição *de* como adjunto adnominal, em lugar de *cujo*. Assim se evita dizer "o escritor *de que* todos conhecemos o livro", "as pessoas *de quem* reconheceis os privilégios". Em boa linguagem diremos "o escritor *cujo* livro todos conhecemos", "as pessoas *cujos* privilégios reconheceis". Todavia não são raros os exemplos em bons escritores: O anarquista maldiz de todos os governos *de que* não compartilha as vantagens [MM]. Para certa classe de gente, a consciência é uma gaveta fechada *de que* se perdeu a chave [AR.2, 168], isto é, *de cujas vantagens não compartilha; gaveta cuja chave se perdeu.*

c) *Quem* – sempre em referência a pessoas ou coisas personificadas – só se emprega precedido de preposição, e exerce as seguintes funções sintáticas:

Ali vai o professor *a quem* ofereci o livro (*objeto indireto*).

Apresento-te o amigo *a quem* hospedei no verão passado (*objeto direto*).

Não conheci o professor *a quem* te referes (*complemento relativo*).

As companhias *com quem* andas são péssimas (*adjunto adverbial*).

O amigo *por quem* fomos enganados desapareceu (*agente da passiva*).

d) *Cujo(s), cuja(s)* – precedidos ou não de preposição – valem sempre *do qual, da qual, dos quais, das quais* (caso em que a preposição *de* tem sentido de posse) e funcionam como *adjunto adnominal* do substantivo seguinte com o qual concordam em gênero e número. O sintagma a que *cujo* pertence exercerá a função que determinar sua relação com o núcleo verbal. Assim, *cuja casa* é objeto direto de *comprei* e *sobre cuja matéria* é complemento relativo de *discutíamos*:

O homem *cuja* casa comprei embarcou ontem (= a casa do qual).

Terminei o livro *sobre cuja* matéria tanto discutíamos (= sobre a matéria do qual).

OBSERVAÇÃO: *Erros no emprego de* CUJO.

Constitui erro empregar *cujo*:

a) como sinônimo de *o qual, a qual, os quais, as quais:*

Aqui está o livro *cujo* livro compramos (= o qual);

b) precedido ou seguido de artigo:

Este é o autor *à cuja* obra te referiste (Não há acento indicativo da crase).

Compramos os livros de *cujos os* autores nos esquecemos.

Emprego de relativos – Em lugar de *em que, de que, a que,* nas referências a lugar, empregam-se, respectivamente, *onde, donde, aonde* (que funcionam como adjunto adverbial ou complemento relativo):

O colégio *onde* estudas é excelente.

A cidade *donde* vens tem fama de ter bom clima.

A praia *aonde* te diriges parece perigosa.

Modernamente, os gramáticos têm tentado evitar o uso indiscriminado de *onde* e *aonde*, reservando o primeiro para a ideia de repouso e o segundo para a de movimento:

O lugar *onde* estudas...

O lugar *aonde* vais...

Esta lição da gramática tende a ser cada vez mais respeitada na língua escrita contemporânea, embora não sejam poucos os exemplos em contrário, entre escritores brasileiros e portugueses.

e) *O qual* – e flexões que concordam em gênero e número com o antecedente – substitui *que* e dá à expressão mais ênfase. Para maior vigor ou clareza pode-se até repetir o antecedente depois de *o qual*:

"O primeiro senhor de Ormuz de que temos notícia foi Male-Caez, *o qual*, habitando na ilha de Caez, dominava todas as ilhas daquele estreito" [AH.2, 54].

Ao livro ninguém fez referência, *o qual* livro merece a maior consideração, no meu entender.

Às vezes o antecedente se acha apenas esboçado, como no seguinte exemplo, onde se percebe claramente o termo *cidade*.

> "Logo, porém, que este prazo expirou, o rei de Leão fez uma estrada até Talavera, perto *da qual cidade* destroçou as tropas que intentaram opor-se-lhe" [AH.6, 94].

É mais comum a substituição de *que* por *o qual* depois de preposição, principalmente depois de preposição ou locução prepositiva de duas ou mais sílabas. Dizemos indiferentemente *de que*, ou *do qual*, *com que* ou *com o qual*, *a que* ou *ao qual*, *sem que* ou *sem o qual,* mas só ocorrem *apesar do qual, conforme o qual, segundo o qual, entre o qual, fora dos quais, perante os quais,* etc. A razão se deve ao movimento rítmico da oração e a uma necessidade expressiva que exigem um vocábulo tônico (como o *qual*), e não átono (como *que*).

Posição do relativo – Normalmente o *que* vem junto do seu antecedente; quando isto não se dá e o sentido da oração periga, desfaz-se a dúvida com o emprego de *o qual*, de *e este* ou se repete o antecedente, ou se põe vírgula para mostrar que o relativo não se refere ao antecedente mais próximo:

> "Mas ele tinha necessidade da sanção de alguns, que [isto é, *sanção* e não *alguns*] lhe confirmassem o aplauso dos outros" [MA.1, 138].
> "Arrastaram o saco para o paiol e o *paiol* ficou a deitar fora" [CN.1, 12].

Poderia também dizer o autor:

> Arrastaram o saco para o paiol *que* ficou a deitar fora.
> Arrastaram o saco para o paiol *o qual* ficou...
> Arrastaram o saco para o paiol *e este* ficou...

Note-se como Camilo evita o equívoco nesta passagem:

> "Eu de mim, se não estivesse amortalhada no sobretudo do meu marido, *que* vou escovar (o sobretudo), era dele, como a borboleta é da chama..." [CBr.12, 18 *apud* MBa.5, 303].

Não é impossível, entretanto, mormente nos autores mais antigos e naqueles que, embora contemporâneos, primam por escrever como os clássicos, vir o pronome relativo afastado do seu antecedente, como neste trecho de João Ribeiro, depois do verbo da oração principal [MLk.2, §637; ECs.4, 257-258]:

> "No fundo de um triste vale dos Abruzos, terra angustiada e sáfara, um pobre eremita vivia *que deixara as abominações do século pela soledade do deserto*" [JR.2, 219].

Era comum nos clássicos:

> "...àquele haveis de dar vosso voto para governar, *que* entre todos tiver mais saber" [HP, 178-9].

Por fim, cumpre assinalar que ocorre ainda a inversão de um termo da oração adjetiva para antes do relativo, como no exemplo de Vieira:

> "O padre Francisco Gonçalves, *provincial* que acabou de ser [em lugar de: *que acabou de ser provincial*] da província do Brasil..." [AV *apud* FB, 289].

Pronome relativo sem função na oração em que se encontra

Em expressões do tipo:

> Ali está o homem que eu pensei que tivesse desaparecido.
> Não faças a outrem o que não queres que te façam,

o pronome relativo *que* inicia as orações *que eu pensei*, *que não queres*, dando-lhes o caráter

de adjetivas, mas não exerce nelas função sintática; pertence, isto sim, às orações substantivas *que tivesse desaparecido* ou *que te façam*, das quais é o sujeito (na 1.ª) e objeto direto (na 2.ª). Cuidado especial há de ter-se no que toca à concordância, pois o escritor inexperiente logo opta por flexionar o verbo: ...distinção adiada *sine die* por motivos que não *vem* (e não *vêm* no plural) a pelo declarar [CL.1, 66].

Esta construção é correta e coerente, e resiste a um enquadramento nos processos normais de análise sintática.120

Pode-se evitar a repetição dos *quês* substituindo-se o verbo da oração substantiva por um infinitivo:

> Ali está o homem que eu pensei ter desaparecido.

"No português moderno, esta construção só tem lugar, em geral, quando a oração subordinada é substantiva; fora deste caso só se emprega, de ordinário, com o pronome *o qual*, e então coloca-se este pronome depois da expressão por ele determinada: *É problema, para resolver o qual são necessárias duas condições:* "O jugo da obediência, para lhes impor *o qual* muitas vezes faltava a força" [AH.6, 244]. Todavia, evita-se esta construção quanto possível, e diz por exemplo: *É problema para cuja resolução são necessárias* duas condições" [ED.2, § 367].

O QUE, A QUE, OS QUE, AS QUE

No exemplo:

> "De ordinário os que reclamam mais liberdade são os que menos a merecem" [MM],

as orações adjetivas substantivadas *das que reclamam mais liberdade* e *os que menos a merecem* não têm seus antecedentes explícitos.

Analisando a oração complexa constitutiva do enunciado, teremos uma cláusula do comentário *de ordinário* e uma comentada, assim analisada:

> Sujeito: *os que reclamam mais liberdade*
> Predicado: *são os que menos a merecem*
> Predicativo: *os que menos a merecem*

Análise do sujeito oracional:

> Sujeito: *os que*
> Predicado: *reclamam mais liberdade*
> Obj. direto: *mais liberdade*

Análise do predicativo oracional:

> Sujeito: *os que*
> Predicado: *menos a merecem*
> Obj. direto: *a*

Em

> José partiu, o que deixou a casa triste.

a oração adjetiva transposta a substantivo *o que...triste* é aposto da oração *José partiu*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Foge do plano de interpretação sintática o entender-se *o que* = *e isto*, como querem alguns gramáticos. Veja-se [CP.1, § 510].

2.ª) Em lugar de *o que* também pode ocorrer apenas *que*, construção que vai caindo em desuso: "... depois a 17 de agosto de 1710 acabou de expirar *que* (= o que) foi, como bem podemos presumir, voar do cárcere carregado com as palmas de

confessor e mártir para a pátria onde os frutos se colhem do que na terra se cultivou"[AC.8, 278 *apud* MBa.4, 139. Cf. ainda MBa.5, 234].

Com *o que, a que, os que, as que,* pode ocorrer uma preposição regendo toda a oração substantivada, o relativo ou ambos:

a) Gostei *do que disseste.*

b) O professor dissertou *sobre o de que* ontem conversávamos.

Com frequência, a preposição que deveria acompanhar o relativo emigra para o artigo que introduz a oração substantivada:

Não sei *no que* pensas (por *o em que*).

"Agora já sabe a fidalga *no que* ele estraga dinheiro" [CBr.1, 148].

Estas migrações de preposição para a unidade anterior ao relativo tornam a construção mais harmoniosa e espontânea. Os seguintes exemplos de Rui Barbosa, embora gramaticalmente corretos, trazem o selo do artificialismo:

"Assim me perdoem, também, *os a quem* tenho agravado, *os com quem* houver sido injusto, violento, intolerante..." [RB.2, 23].

"e daí, com estupenda mudança, começa a deixar ver *o a que* era destinada..." [RB.2, 36].

"Os meus serão *os a que* me julgo obrigado..." [RB.2, 61].

O DE que mais gosto é DE

É frequente ver-se a preposição que acompanha o relativo repetida junto ao termo ou oração que faz o papel de predicativo:

"do que [= de que] duvido é *de* que comecemos, se por el-rei houvermos de esperar" [AH.4, 222].

"No que [= o em que] em grande parte discordo de Schlegel é *no* severo conceito que forma do estilo de Addison" [AGa.4, 35; cf. MBa.4, 239-40].

Emprego de À em À QUE, ÀS QUE

As linguagens *a que, as que,* sendo o *a* artigo, podem vir regidas da preposição *a*, caso em que se usam as unidades complexas acentuadas *à que, às que:*

Não se referiu *à que* estava ao nosso lado (*à que* equivalente a *àquela que*).

Os prêmios foram entregues *às que* discursaram (*às que* equivalente a *àquelas que*).

É claro que se o *a* antes de *que* for apenas preposição não levará acento grave indicativo de crase, e não mais se tratará de adjetiva substantivada, mas tão somente adjetiva:

A pessoa *a que* te referes não veio hoje.

Relativo universal

Frequentes vezes a linguagem coloquial e a popular despem o relativo de qualquer função sintática, tomando-o por simples elemento transpositor oracional. A função que deveria ser exercida pelo relativo vem mais adiante expressa por substantivo ou pronome. A este relativo chamamos *universal*:

O homem QUE eu falei COM ELE

em vez de :

O homem COM QUEM (ou COM QUE) eu falei.

A amizade é coisa QUE nem sempre sabemos SEU SIGNIFICADO

em vez de:

A amizade é coisa CUJO SIGNIFICADO nem sempre sabemos.

Embora a língua padrão recomende o correto emprego dos relativos, o relativo universal se torna, no falar despreocupado, um "elemento linguístico extremamente prático" [KN.1, 330].

Observações finais:

1.ª) É frequente aparecer, na linguagem de outrora e ainda ocorre no colóquio moderno, *que* ou *quem* seguido de pronome pessoal oblíquo (*que* ou *quem... lhe*) onde o rigor gramatical exigiria aqueles pronomes precedidos de preposição:

"Agora sim, disse então aquela cotovia astuta, agora sim, irmãs, levantemos o voo e mudemos a casa, que vem *quem lhe* dói a fazenda" [MBe.1, I, 70].

Quem lhe dói a fazenda = a quem dói a fazenda.

"A Natureza, negando-lhe a ordinária ração de outros gostos, sente-o, e amua-se como menino, *que lhe tiram a merenda*" [*Vários Tratados*, II, 354 *apud* MBa.1, 254].

Tais construções não se enquadram nos processos rigorosos da análise.

2.ª) Às vezes o relativo não se refere à *forma* do seu antecedente, mas à *ideia* que ele traduz:

"Bem vês as *lusitânicas* fadigas

Que eu já de muito longe favoreço" [LC, IX, 38].

O relativo *que* se refere a *lusitanos*, ideia que, ensina-nos bem Epifânio Dias, está contida no adjetivo *lusitânicas* [LC, II, 171].121

Outras vezes o relativo se refere ao pronome pessoal que se depreende do pronome possessivo usado:

"Isto que parece absurdo ou desgracioso é perfeitamente racional e belo – belo à *nossa* maneira, *que* não andamos a ouvir na rua os rapsodos recitando os seus versos, nem os oradores os seus discursos, nem os filósofos as suas filosofias" [MA *apud* SS.5, I, 28],

que diz: "Quando leio este trecho, sinto como antecedente do *que* sublinhado a ideia de *nós*, encerrada no adjetivo *nossa.* Esse *que* não se me afigura conjunção causal". Julgo perfeitamente cabível a interpretação do mestre e constitui prática de linguagem corrente no latim: "*Vestra, qui cum summa integritate vixistis, hoc maxime interest*" [Cícero pro Sall, 28 *apud* JMa.1, § 317, a].

Outras particularidades das orações adverbiais

Tipos de oração subordinada adverbial – A oração subordinada adverbial funciona como adjunto adverbial da sua oração principal:

Toca sempre a sineta, *quando terminam as aulas*

(subordinada adverbial temporal).

As orações subordinadas adverbiais iniciam-se pelo transpositor *que*, acompanhado de preposição ou advérbios ou de outras unidades adverbiais:

1 – CAUSAIS: quando a subordinada exprime a causa, o motivo, a razão do pensamento

expresso na oração principal — *que* (= porque), *porque, como* (= porque), *visto que, visto como, já que, uma vez que* (com o verbo no indicativo), *desde que* (com o verbo no indicativo), etc.:

Saiu cedo *porque precisou ir à cidade.*

Como está chovendo, transferiremos o passeio.

Desde que assim quiseram, vão arrepender-se.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Evite-se na língua padrão o emprego de *de vez que* e *eis que* por não serem locuções legítimas.

2.ª) A língua moderna só usa *como* causal quando vier antes da principal.

2 – COMPARATIVAS: quando a subordinada exprime o ser com que se compara outro ser da oração principal. A comparação é *assimilativa*, quando "consiste em assimilar uma coisa, pessoa, qualidade ou fato a outra mais impressionante, ou mais conhecida" [MC.3, II, 48].

É introduzida a oração subordinada comparativa desta espécie por *como* ou *qual*, podendo ainda estarem em correlação com *assim* ou *tal* postos na oração principal:

"Os importunos são *como as moscas* que, enxotadas, revertem logo" [MM].

A comparação pode ainda ser *quantitativa*, quando "consiste em comparar, na sua quantidade ou intensidade, coisas, pessoas, qualidades ou fatos" [MC.3, II, 48].

Há três tipos de comparação quantitativa:

a) *igualdade,* introduzida por *como* ou *quanto* em correlação com *tanto* ou *tão* da oração principal, ou o *mesmo que:*

"Nada conserva e resguarda *tanto* a vida *como a virtude*" [MM].

Isto é o *mesmo que* nadar em ouro.

b) *superioridade*, introduzida por *que* ou *do que* em correlação com *mais* da oração principal:

"Um homem pode saber *mais do que muitos*, porém nunca tanto como todos" [MM].

c) *inferioridade,* introduzida por *que* ou *do que* em correlação com *menos* da oração principal:

"O governo dos loucos dura pouco, o dos tolos ainda *menos que o dos velhacos*" (*id.*).

As orações subordinadas comparativas, geralmente, não repetem certos termos que, já existentes na sua principal, são facilmente subentendidos:

Os importunos são como as moscas *são*...

Nada conserva e resguarda tanto a vida como a virtude *conserva e resguarda*...

Um homem pode saber mais do que muitos *sabem*...

O governo dos loucos dura pouco, o dos tolos ainda *dura menos* que *dura* o dos velhacos... (note-se que o primeiro *dura* omitido não está em oração comparativa).

Ocorre a presença do verbo em:

"Não tens inimigo mais poderoso, mais astuto, mais emperrado e mais doméstico *do que é teu* amor-próprio" [MBe.2, 213].

"O ar como que *era* cortado de relâmpagos sensuais, sentiam-se passar lufadas de tépida volúpia" [JRi.1,70].

Em lugar de *mais bom, mais grande, mais mau, mais pequeno, mais bem* e *mais mal* dizemos normalmente *melhor, maior, pior, menor* (*melhor* e *pior* se aplicam tanto para os adjetivos como para os advérbios).

"Os velhacos têm de ordinário mais talento, porém *menor* juízo do que os homens probos" [MM].

"Não há escravidão *pior* do que a dos vícios e paixões" [MM].

"Não há *maior* nem *pior* tirania que a dos maus hábitos inveterados" [MM].

"Dão-se os conselhos com *melhor* vontade do que geralmente se aceitam" [MM].

"Ninguém conhece *melhor* (advérbio) os seus interesses do que o homem virtuoso; promovendo a felicidade dos outros assegura também a própria" [MM].

Entretanto, se compararmos duas qualidades, usaremos os comparativos analíticos (*mais bom, mais grande,* etc.), em vez dos sintéticos (*melhor, maior,* etc.):

Ele é mais grande do que pequeno e não *Ele é maior do que menor.*

Para evitar confusões no sentido, usam-se as comparativas *como, que, do que* junto ao sujeito e, seguidas de preposição, *como a, que a, do que a* junto de objeto direto (o *a* é preposição).

Estimo-o *como* um pai (= como pai estima).

Estimo-o *como a* um pai (= como se estima a um pai).

Se o contexto não admitir esta dupla interpretação, pode-se dispensar o auxílio da preposição:

"Meu pai encarregou-a do governo doméstico e nós habituamo-nos a tê-la em conta de segunda mãe; também ela nos amava *como filhos*" [AH *apud* MBa.7, 172].

Para realçar-se a semelhança, a aparência, em vez de simples *como* pode-se usar *como que* quando se lhe segue o verbo:

"A luz do dia, ao desaparecer, *como que* se dobrava para afagar e beijar o desgraçado, que talvez não a tornaria a ver" [AH.3, 225]. Entenda-se: a luz do dia *parecia dobrar* para afagar...

"Entretanto, ainda no espírito me passa *como que* a visão profética do futuro concílio..." [AH.8, I, 19].

NOTA – *Como que*, neste último caso, não inicia oração subordinada comparativa.

Quando depois do termo de comparação vem um substantivo, denota-se ainda a aparência, a semelhança, por meio da expressão *um como*, caso em que *um* concorda em gênero e número com o substantivo seguinte:

Refrescou-o *um como orvalho* do céu.

Aproximou-se dele *uma como visão* fantástica.

NOTA — Também aqui não se tem oração comparativa.

Através de *como se* indicamos que o termo de comparação é hipotético:

"O velho fidalgo estremeceu *como se* acordasse sobressaltado" [RS.1, 174]. Entenda-se: ele não acordou sobressaltado, mas, se acordasse, estremeceria daquele jeito.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) A maioria dos gramáticos de língua portuguesa prefere desdobrar o *como se* em duas orações, sendo a primeira *comparativa* e a segunda *condicional*:

O velho fidalgo estremeceu como estremeceria se acordasse sobressaltado.

2.ª) Pode-se obter a mesma expressão por meio de *como a* + infinitivo:

"(...) outro ia no céu *como a decifrar* o enigma da sensação nunca experimentada" [CBr.6, 50].

3.ª) Atente-se para a concordância dos termos correlatos *tal qual*, que devem concordar com o substantivo ou pronome a que se referem:

Ele era *tal quais* os colegas.

Elas eram *tais qual* o irmão.

Nós somos *tais quais* os pais.

4.ª) Deve-se preferir *mais... (do) que* a *mais... a* + infinitivo em construções comparativas do tipo: Talvez seja *mais* interessante ao país gastar na educação *do que investir* na construção de presídios (e não: *a investir*).

Em vez de *como*, *do mesmo modo que*, *tanto como,* empregamos com frequência *que nem*:

É forte *que nem* um touro.

O verbo *preferir* sugere uma ideia implícita de comparação, à semelhança de *querer mais*, *querer antes*, mas exige complemento regido da preposição *a*:

Prefiro a praia *ao campo*.

Preferia estudar *a não fazer nada*.

A aproximação de *preferir* a *querer mais* e *querer antes* (embora não sejam perfeitamente sinônimos) tem gerado duas construções tidas como errôneas pelos nossos gramáticos:

a) a adjunção dos advérbios *mais* ou *antes* ao verbo *preferir*:

Antes prefiro... ou *Prefiro mais...*

b) iniciar o complemento do verbo *preferir* pelos transpositores comparativos *que* ou *do que*:

Prefiro a praia *do que o campo*.

Preferia estudar *do que não fazer nada*.

Preferiam *mais* mentir *do que dizer a verdade*.

Aluísio Azevedo poderia ter dado outro torneio à construção para evitar o desvio no seguinte trecho de *O Coruja:*

"E que, no caso de erro, *é preferível* sempre nos enganarmos, contra, *do que* a favor de quem quer que seja..." (cap. VI).

Note-se que a simples substituição de *do que* por *a* não seria ideal pela aproximação dos dois *aa*.

OBSERVAÇÃO: Distinga-se a construção errada de *preferir* da sequência *antes preferir* do seguinte exemplo do Marquês de Maricá, em que leve pausa aparece depois de *antes* [MM.1]:

"Ninguém quer passar por tolo, *antes prefere* parecer velhaco" [MM].

3 – CONCESSIVAS: quando a subordinada exprime que um obstáculo – real ou suposto – não impedirá ou modificará de modo algum a declaração da oração principal – *ainda que*, *embora, posto que, se bem que, conquanto,* etc.:

Embora chova, sairei.

Isto é, a chuva não será obstáculo tal, que me impedirá de sair.

"*Ainda que* perdoemos aos maus, a ordem moral não lhes perdoa, e castiga a nossa indulgência" [MM].

Ao lado destas concessivas comuns, empregam-se ainda as concessivas *intensivas* quando é nosso intuito assinalar qualidade ou modalidade qualquer, "consideradas em grau intensivo e sem limites" [SA]:

Por inteligente que seja, encontrará dificuldades em entender o problema.

Por mais que estude, ainda tem muito que aprender.

As concessivas intensivas caracterizam-se pelas expressões *por mais... que, por menos... que, por muito... que,* onde se pode dar ainda a eliminação do advérbio *mais, menos, muito.*

Em vez de *ainda que, ainda quando*, pode-se empregar simplesmente *que* e *quando* em construções que, proferidas com tom de voz descendente e com verbo no subjuntivo, exprimem a ideia concessiva:

Os obstáculos, *que fossem muitos*, não tiravam aos rapazes a certeza da vitória.

E, *quando as palavras não o digam*, aí estão os fatos, para comprovar que só enunciei verdades.

Nestes casos, empregando *que*, dá-se preferência à inversão de termos, passando a iniciar a oração concessiva a expressão que funciona como predicativo, ou complemento do verbo:

Os rapazes, *pobres que sejam,* merecem a nossa consideração.

Aqueles livros, *difíceis que fossem*, sempre nos serviram para elucidação de muitas dúvidas.

Mil desculpas que me desse, eu continuaria achando que procedeu mal comigo.

Não raro a oração principal contém uma expressão adverbial (*contudo, todavia, ainda assim, não obstante,* ou equivalente) que, no nível do texto, serve como resumo do pensamento anterior, avivando ao ouvinte a ideia concessiva da subordinada:

Ainda que todos saiam, *todavia* ficarei.

Embora não me queiram acompanhar, *ainda assim* não deixarei de ir à festa.

Conteúdos de valor concessivo podem vir, justapostos, iniciados por unidades alternativas (neste caso o verbo está no subjuntivo), quando denotam que a possibilidade de ações opostas ou diferentes não impede a declaração principal:

Quer estudes, quer não, aprenderás facilmente a lição.

Ou estudemos medicina, ou sejamos advogados, conquistaremos na sociedade um lugar de relevo.

4 – CONDICIONAIS: quando a oração subordinada exprime uma condição necessária para que se realize ou deixe de se realizar o que se declara na principal: *se, caso, sem que, uma vez que* (com o verbo no subjuntivo), *desde que* (verbo no subjuntivo), *dado que, contanto que, com a condição que*, etc.

A oração condicional exprime um fato que não se realizou ou, com toda a certeza, não se realizará:

a) falando-se do presente:

Se eu fosse aplicado, obteria o prêmio.

b) falando-se do passado:

Se eu fosse aplicado, obteria o prêmio.

ou

Se eu tivesse sido aplicado, teria obtido o prêmio.

No primeiro caso, usam-se na oração condicional o pretérito imperfeito do subjuntivo (*fosse*), e, na principal, o futuro do pretérito (*teria*).

No segundo caso, ou se repete o verbo nas formas apontadas para o caso anterior, ou usam-se na condicional o pretérito mais-que-perfeito (*tivesse sido*) e, na principal, o futuro do pretérito composto (*teria obtido*).

Pode ainda a oração condicional exprimir um fato cuja realização esperamos como provável:

Se eu estudar, obterei o prêmio.

Nestas circunstâncias, empregam-se o futuro do subjuntivo na condicional, e, na principal, o futuro do presente (*obterei*).

OBSERVAÇÃO: Cumpre notar que no caso a), estudado acima, em lugar de *Se eu fosse aplicado, obteria o prêmio,* a linguagem coloquial realça a ideia do presente usando no presente indicativo os verbos das duas orações: *Se eu sou aplicado, obtenho o prêmio.*

As orações condicionais não só exprimem condição, mas ainda podem encerrar as ideias d e *hipótese, eventualidade, concessão, tempo,* sem que muitas vezes se possam traçar demarcações entre esses vários campos do pensamento. Esta é a razão por que *sem que* admite mais de uma interpretação textual. O *que não* (= sem que) flutua entre a condição e o tempo frequentativo (repetido) em *Não lê que não cometa vários enganos;* o *quer... quer* (*ou... ou,* etc.) é um misto de concessão e condição (cf. por exemplo de [JO.1, 64-66]), e tantos outros casos que fogem à alçada de uma descrição gramatical por pertencerem ao plano textual.

5 – CONFORMATIVAS: quando a subordinada exprime um fato apresentado em conformidade com a declaração da principal: *como, conforme, segundo, consoante:*

Conseguiu fazer o trabalho *como lhe ensinaram.*

Todos procederam *conforme a ocasião* ensejava.

6 – CONSECUTIVAS: quando a subordinada exprime o efeito ou consequência do fato expresso na principal.

A oração consecutiva é introduzida pelo transpositor *que* a que se prende, na principal, uma expressão de natureza intensiva como *tal, tanto, tão, tamanho,* termos que também se podem facilmente subentender:

Alongou-se tanto no passeio, *que chegou tarde.*

Executou a obra com tal perfeição, *que foi premiada.*

É feio *que mete medo* (= *É tão* feio...).

A oração consecutiva não só exprime a consequência devida à ação ou ao estado indicado na principal, mas pode denotar que se deve a consequência ao modo pelo qual é praticada a ação da principal. Para este último caso, servimo-nos, *na oração principal,* das unidades complexas *de tal maneira, de tal sorte, de tal forma, de tal modo*:

Convenceu-se *de tal maneira* que surpreendeu a todos.122

Estando completo o conteúdo da primeira oração, empregam-se as expressões (destituídas

d e *tal*) *de maneira que, de sorte que, de forma que, de modo que,* como "locuções" conjuntivas, sem pausa entre o substantivo e o *que*, para introduzir uma consecutiva atenuada em orações justapostas:

Você estudou bem, *de modo que pôde tirar boa* colocação.

O livro estava rasgado, *de modo que muitas páginas tiveram sua leitura prejudicada.*

A independência sintática das duas orações, neste caso, pode vir indicada por uma pausa maior, isto é, por ponto e vírgula ou por ponto, valendo assim a unidade por um advérbio de oração para avivar ao ouvinte o pensamento anterior, com o sentido aproximado de *por conseguinte, consequentemente, daí:*

As alegrias da vida quase sempre são rápidas e fugidias, ainda que disto não tomemos conhecimento. *De modo que* elas devem ser aproveitadas inteligentemente.

Por tudo isto se vê que nem sempre podemos delimitar, no nível do texto, os campos dos valores consecutivo e conclusivo, acrescentando-se ainda que há vizinhanças destes valores com outros, como, por exemplo, a ideia de finalidade, o que estudaremos mais adiante.

Cumpre evitar um erro frequente com a expressão do pensamento consecutivo (e conclusivo): pôr no plural o substantivo nas locuções *de maneira que, de modo que,* etc., dizendo-se incorretamente:

Saiu rapidamente *de maneiras que* não pude vê-lo.

Estudou *de formas que* conseguiu aprender.

As unidades *de maneira que, de modo que*, etc., seguidas de verbo na forma finita, só modernamente aparecem substituídas por *de maneira a, de modo a,* etc., seguidas de infinitivo:

Estudou *de forma a conseguir* aprender (em lugar de: *de forma que conseguiu aprender*).

"(...) arredar o biombo da sua estreiteza natural, *de modo a deixar* entrar ar fresco" [AR.3, 170].

Aquilo que se apresenta na oração consecutiva como efeito ou resultado pode representar uma consequência intencional, de modo que se associa ao conteúdo consecutivo uma noção subsidiária de finalidade. Neste caso o verbo se acha normalmente no subjuntivo:

Chegou cedo ao serviço *de maneira que pudesse ser* elogiado pelo patrão.

Correu *de sorte que os inimigos não o pudessem alcançar.*

Daí resultam certos cruzamentos consecutivo-finais na construção do enunciado, cruzamentos que nem sempre são vistos com bons olhos pelos gramáticos (porque tais fatos não estão de acordo com a tradição do idioma e se repetem no francês), embora uns datem de longo tempo. Entre os tipos condenados está a construção acima referida *de modo a, de maneira a + infinitivo.* Com tais fórmulas, realmente se procura traduzir uma consecutiva intencional. Ao lado de: *Estudou de modo a poder passar*, usa-se: *Estudou de modo (a) que passasse.*

Presa ao mesmo caso parece estar a construção que emprega depois de *demais, demasiado, muito* (= *assaz, bastante, demasiado*) uma oração final de *para que* ou *para a + infinitivo,* para indicar a noção de proporção ou desproporção:

"*É demasiado esperto para que caia em tal,* equivalente a: não é tão pouco esperto que caia em tal" [ED.2, § 395].

"(...) os tempos não são mais de *bastante* fé ou desprendimento *para que* os ricos católicos façam doações (...)" [MB.1, II, 144].

"Entretanto a igrejinha tem tanto caráter (...), que ela só e mais uma meia dúzia de palmeiras bastam *a guardar* a fisionomia (...)" [MB.1, II, 149].

OBSERVAÇÃO: O ilustre sintaticista português Epifânio Dias aponta o fato como imitação do francês; cremos, entretanto, que o problema exige revisão.

7 – FINAIS: quando a oração subordinada indica a intenção, o objetivo, a finalidade do pensamento expresso na principal: *para que, a fim de, porque* (= para que),123 *que* (= para que):

Saíram *para que pudessem ver o incêndio.*

Reclamou *a fim de que o nomeassem.*

Trabalhou *porque fosse promovido.*

Falta pouco *que isto suceda.*

Abreviadamente usa-se de *não* + *subjuntivo* com o valor de *para que não, de modo que não,* quando se quer expressar a cautela, cuidado, restrição:

"Senhor, que estás nos céus, e vês as almas,
Que cuidam, que propõem, que determinam,
Alumia minha alma, *não se cegue*
No perigo, em que está" [AF.2, vv. 770-773 *apud* SS.1, § 485-a].

OBSERVAÇÃO: Os antigos, e hoje mais raramente, se serviam de *por se* em que *por* é o vestígio de uma ideia final: "Deixai-o amaldiçoar (lhes disse), *por se acaso* se compadece Deus, por essa causa, da minha aflição..." [MBe.2, III, 51 *apud* MBa.4, 227].

Por se acaso compadece = *para ver se acaso* compadece.

8 – LOCATIVAS: (iniciadas por *onde, quem, quanto* sem referência a antecedentes):

"Os meninos sobejam *onde estão* e faltam *onde não se acham"* [MM].

"Não pode haver reflexão *onde tudo é distração*" [MM].

"*Onde o luxo vence* a probidade afraca e desfalece" [MM].

9 – MODAIS:

"*De um relance* leu na fisionomia do mancebo, sem que suas pupilas estáticas se movessem nas órbitas" [JA.1, 157].

Se a oração principal estiver na negativa, usar-se-á de *que não* + subjuntivo:

Não emite um parecer *que não se aconselhe com o diretor.*

10 – PROPORCIONAIS: quando a subordinada exprime um fato que aumenta ou diminui na mesma proporção do fato que se declara na principal – *à medida que, à proporção que, ao passo que, tanto mais... quanto mais, tanto mais... quanto menos, tanto menos... quanto mais,* etc.:

À medida que a idade chega, a nossa experiência aumenta.

Aprendia *à proporção que* lia o livro.

Aumentava o seu vocabulário *ao passo que* consultava os mestres da língua.

OBSERVAÇÃO: A unidade *ao passo que* pode ser empregada sem ideia proporcional, para indicar que um fato não se deu ou não tem as características de outro já enunciado: "A surdez habitual, dada a multiplicação das obras e dos cuidados do indivíduo, tenderia a embotar os sentidos e a retardar os sexos, *ao passo que* o vestuário, negaceando a natureza, aguça e atrai as vontades, ativa-as, reprodu-las e conseguintemente faz andar a civilização" [MA.1, 260].

Ele foi ao cinema, *ao passo que* eu resolvi ir à praia.

11 – TEMPORAIS: quando a oração subordinada denota o tempo da realização do fato expresso na principal.

As principais chamadas conjunções e "locuções" conjuntivas e temporais são :

a) para o tempo anterior: *antes que, primeiro que* (raro):

Saiu *antes que* eu lhe desse o recado.

"Ninguém, senhores meus, que empreenda uma jornada extraordinária, *primeiro que* meta o pé na estrada, se esquecerá de entrar em conta com as suas forças..." [RB].

b) para o tempo posterior (de modo vago): *depois que, quando:*

Saiu *depois que* ele chegou.

c) para o tempo posterior imediato: *logo que, tanto que* (raro), *assim que, desde que, apenas, mal, eis que, (eis) senão quando, eis senão que:*

Saiu *logo que* ele chegou.

"*Eis senão quando* entra o patrão..." [AAr.1, 183].

d) para o tempo frequentativo (repetido): *quando* (estando o verbo no presente), *todas as vezes que, (de) cada vez que, sempre que:*

Todas as vezes que saio de casa, encontro-o à esquina.

Quando o vejo, lembro-me do que me pediu.

OBSERVAÇÃO: Evite-se o erro de se preceder da preposição *em* o *que*, dizendo-se: *todas as vezes em que*.

e) para o tempo concomitante: *enquanto, (no) entretanto que* (hoje raro):

Dormia *enquanto* o professor dissertava.

"... e se aposentou (S. Caetano) junto à Igreja de S. Jorge, e perto do Hospital maior, para *no entretanto* que regulava as dependências da renúncia se entreter no exercício da caridade" (Contador de Argote, *Vida de S. Caetano,* 1722, 90).

OBSERVAÇÕES:

1.ª) *Entretanto* ou *no entretanto* são advérbios de tempo, com o sentido de *neste ínterim, neste intervalo de tempo, neste meio tempo*. Mais modernamente, *entretanto* passou a valer por uma unidade de valor adversativa e, por influência do advérbio, tem sido empregado precedido da combinação *no* (*no entretanto*). Muitos puristas não aprovam esta última construção.

2.ª) A rigor, as "conjunções" proporcionais também indicam tempo concomitante; por isso, uns autores não distinguem as *temporais* das *concomitantes*, fazendo destas classes à parte das *temporais*. A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* não fala em *concomitante*.

3.ª) Evite-se o emprego *mais (menos)... mais (menos)* em lugar de *quanto mais (menos)... tanto mais (menos)* em construções do tipo: *Quanto mais* estudamos, *tanto mais* aumentam nossas possibilidades de vitória (e não: *Mais* estudamos e *mais* vencemos).

Pode-se omitir o *tanto* no segundo termo: *Quanto mai*s estudamos, *mais*...

f) para o tempo limite terminal: *até que:*

Brincou *até que fosse* repreendido.

Assume valor temporal o *que* relativo repetidor de advérbio e expressões que designam "desde que época um fato acontece": *agora que, hoje que, então que, a primeira vez que, a última vez que,* etc.:

Agora que consegui aprender a lição, passarei adiante.

Esta foi *a última vez que* o vi.

Não se fazendo pausa entre o advérbio e o transpositor (*agora que, então que,* etc.), estabelece-se uma unidade de valor semelhante ao que existe em *depois que,* etc., e se pode passar a considerar o todo como "locução conjuntiva":

Agora que tudo está certo vou embora.

Sob o modelo de tais linguagens, desenvolveu-se o costume de se acrescentar o transpositor *que* depois de expressões que denotam "desde que tempo uma coisa acontece", reduzida a simples palavra de realce temporal:

Desde aquele dia *que* o procuro.

Analisando, dispensa-se o *que*.

Depois dos verbos *haver* e *fazer* com sentido temporal (*há dias que, faz dias que*) o transpositor *que* (parece ter sido, neste caso, primitivamente integrante)124 adquiriu, por contato, a ideia de tempo, com valor aproximado de *desde que*:

Há quatro dias *que* não o vejo.

Fazia quatro meses *que* estivera doente.

Em tais orações, a análise se torna difícil pelo fato de a construção ter-se fixado apesar de alterado o sentimento linguístico. Há um visível descompasso entre a sua estrutura de superfície e a profunda. Considerar o *que* com valor temporal e, portanto, temporal a respectiva oração, é classificar como principal justamente a oração que expressa a circunstância de tempo:

1.ª oração — *principal*: Há quatro dias

2.ª oração — *subordinada adverbial temporal*: que não o vejo.125

Poder-se-á analisar como substantiva subjetiva a oração de *que*, depois de *fazer*, como fazem os autores patrícios lembrados na nota anterior.

Cremos, também, ser possível considerar que o *que* não serve de introduzir uma oração subordinada adverbial temporal, mas, *reduzido a simples palavra memorativa,* relembra, na oração principal, a partir de que fato se faz alusão ao tempo na subordinada anterior. Esta subordinada, não se ligando à principal por transpositor, será considerada justaposta:

1.ª oração — *subordinada adverbial temporal:* Há quatro dias

2.ª oração — *principal:* (que) não o vejo.126

Entretanto, não misturando o plano gramatical com o conteúdo designado, a orientação mais seguida é classificar a oração de *que* como adverbial temporal.

Tais orações temporais admitem mais de uma construção:

Há muito tempo que não o vejo.
Há muito tempo não o vejo.
Não o vejo há muito.
De há muito não o vejo.
Desde há muito não o vejo.
Até há pouco eu o vi por aqui.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Advérbios e unidades adverbializadas (*ontem, hoje, há muito*, *há pouco, há tantos anos,* etc.), precedidos da preposição *de,* são transpostos a adjetivos (adjuntos adnominais):

As notícias *de hoje*.

As lembranças *de ontem.*

Um testamento *de há cem anos.*

Modas *de há trinta anos.*

Meninos *de há pouco*. [ED.2, §423; MBa.3, 158]

2.ª) A preposição junto ao verbo *haver* em *De há muito não o vejo, desde há muito, até há pouco,* assinala melhor a ideia temporal. Adolfo Coelho considera sem razão, viciosa e linguagem *de há muito* que explica desta maneira: "Influência semelhante (fala da influência por analogia) se nota na expressão frequente, mas viciosa, *de há muito* por *há muito*. *Há muito* fixa-se como a indicação dum tempo passado; *há* não é apercebido como verbo, mas antes como preposição (*a*); daí o anterpor-se-lhe a preposição *de* por analogia de expressões como *de então* (*para cá*, *até hoje*), *de ontem, de muito"* [ACo.2, I, 82].

3.ª) Em lugar de *quando foi a vez dele* diz-se também *quando foi da vez dele* ou, abreviadamente, *quando da vez dele*. Estas duas últimas construções são modernas e Epifânio Dias as considera incorretas, devidas à má tradução do francês *lors de* [ED.2, § 182]. Júlio Moreira [JM.1, II, 68] e com ele Mário Barreto [MBa.3, 230] explicam o fenômeno por cruzamento sintático das duas expressões; *quando foi a vez dele* e *da vez dele,* de que resultou uma terceira mista: *quando foi da vez dele*. Ocorre ainda *a quando de* (*a quando da vez dele*), onde Epifânio Dias vê ainda influência do *a* do francês *alors*, "com requinte de barbarismo" (*ibid*.). Preferimos a explicação de Julio Moreira por não vermos na correspondente francesa a vitalidade suficiente para tal repercussão no português.

4.ª) Em muitos dizeres de sentido temporal, "há tendência, bem notória hoje em dia, para confundir *que* conjunção com *que* pronome relativo, e para afirmar este caráter pronominal em certos casos, hoje se prefere *em que* ao simples *que* da linguagem antiga" [SA.2, 197]. Dá-se com frequência esta alternância de *que* e *em que* quando o substantivo que se considera antecedente do pronome relativo vem precedido da preposição *em.* Prefere-se dizer *ao mesmo tempo que*, *a tempo que, ao tempo que,* mas *no tempo que* (ou *em que*), *no dia que* (ou *em que*), etc. Tem-se estendido sem razão nem tradição no idioma o emprego de *em que* em construções onde só deve figurar o *que*, como *todas as vezes em que.* Prefira-se *todas as vezes que* ou *em todas as vezes em que* (ou simplesmente *que*).

5.ª) O verbo *haver* (*HÁ*) *e a preposição A em sentido temporal.* Atente-se no emprego correto destas duas formas. *Há,* verbo, refere-se a tempo decorrido e *a,* preposição, a tempo futuro:

Há três dias não o vejo.

Já devia ter-lhe escrito *há* mais tempo.

Daqui *a* a três dias o verei.

Este produto é famoso *há* mais de meio século.

Usa-se ainda a preposição *a* nas indicações da distância de lugar:

Estamos *a* cinco quilômetros do sítio.

Cuidado especial hão de merecer também as expressões *a cerca de* e *há cerca de,* onde a locução *cerca de* (= aproximadamente, perto de, mais ou menos) vem precedida da preposição *a* ou da forma verbal *há*:

Ele falou *a cerca de* mil ouvintes (= para cerca de mil ouvintes).

Há cerca de trinta dias foi feita esta proposta.

Temos ainda a locução *acerca de* que significa *sobre, a respeito de, em relação a:*

O professor dissertou *acerca dos* progressos científicos.

Por outro lado, podem-se suprimir as palavras *atrás* ou *passado(s)* que aparecem com o verbo *haver*, uma vez que este já indica tempo decorrido:

Há três dias atrás ou *Há três dias.*

Há três dias passados ou *Há três dias.*

6.ª) Nas orações adverbiais precedidas de principal que encerra advérbio de valor temporal (*apenas, mal*), devemos empregar *quando* e não *que*:

Apenas tinha terminado a questão, *quando o professor recolheu a prova.*

Mal saía da escola, *quando se lembrou da pasta.*

Pode-se também suprimir o *quando*:

Apenas Pelágio transpôs o escuro portal da gruta, Eurico levantou-se [AH *apud* MBa.5, 20].

Análise de SEM QUE

De modo geral, tem-se enquadrado a locução *sem que* no grupo das chamadas "conjunções condicionais". A verdade é que a locução assume variados sentidos contextuais, entre os quais lembraremos:

1) *condição* (subordinada condicional):

Sem que estude, não passará.

2) nega uma *consequência* (subordinada consecutiva):

Estudou *sem que conseguisse aprovação.*

3) exprime uma *consequência* esperada (depois de negativa):

Não brinca *sem que acabe chorando* (todas as vezes que brinca acaba chorando).

4) exprime uma *concessão* (subordinada concessiva):

Ele é responsável, *sem que o saiba,* por todas essas coisas erradas.

5) nega uma *causa*, chegando quase a exprimir *concessão* (subordinada causal ou concessiva):

Estudou *sem que seus pais lho pedissem* (nega-se a causa ou uma das causas do estudo: o pedido dos pais, e vale quase por: *estudou ainda que seus pais não lho* pedissem).

6) denota simplesmente que tal ou qual circunstância não se deu, aproximando-se da ideia de *modo* (subordinada modal):

Entrou em casa *sem que tomasse nenhum alimento.*
Retirou-se *sem que chamasse seus colegas.*

A *Nomenclatura Gramatical Brasileira,* entretanto, desprezou as orações modais.

Em lugar de *sem que* pode-se usar também de *sem + infinitivo:*

Saiu *sem ser* percebido.

Estes foram os melhores teatrólogos, *sem falar* em Machado de Assis e Franklin Távora, mais ilustres no romance e no conto.

Em lugar de *sem que*, depois de uma principal de valor negativo, usa-se também *que não*, para indicar que a consequência se dá a todo o transe, se repete sempre que ocorrer o fato expresso na principal (o verbo da subordinada está no subjuntivo):

Não brinca *sem que acabe chorando.*

Não brinca *que não acabe chorando.*

"Eu não posso abrir um livro de história *que não me ria*" [AGa.5, 255].

OBSERVAÇÃO: Alguns autores dão à construção *não... que não* valor condicional. Cf. [AGo, 420] e [MBa.7, 48-9].

QUE depois de advérbio

Muitas vezes emprega-se *que* depois de advérbio onde a rigor poderia ser dispensado. São comuns as linguagens *talvez que, apenas que, felizmente que, oxalá que, quase que, enquanto que, embora que:*

"Assim, sem mais preâmbulos,
e *apenas que* te vejo,
venço o nativo pejo,
meu belo sedutor" [AC, 96 *apud* MBa.1, 176].

"Mas eu creio que Capitu olhava para dentro de si *enquanto que* eu fitava deveras o chão..." [MA.4, 130 *apud* MBa.1, 177].

Puristas têm condenado tais modos de dizer.

Orações justapostas de valor contextual adverbial

A justaposição pode, no nível do texto, apresentar as seguintes interpretações:

a) *concessivas:* tendo o verbo no subjuntivo anteposto ao sujeito ou caracterizadas por expressões do tipo *digam o que quiserem, custe o que custar, dê onde der, seja o que for, aconteça o que acontecer, venha donde vier, seja como for,* etc.:

Tivesse ele dito a verdade, ainda assim não lhe perdoaríamos.

Sairemos, *aconteça o que acontecer.*

Não é o subjuntivo que de per si denota a concessão, mas sim o contexto e a entoação descendente.

b) *condicionais*: tendo o verbo no tempo passado (mais-que-perfeito do indicativo ou imperfeito do subjuntivo) anteposto ao sujeito:

Tivesse eu dinheiro, conheceria o mundo.

Não *fora* a escuridão, veria o perigo.

"*Eu quisesse*, à força, hoje mesmo a Ritinha vinha comigo" [GR, 97].

Em tais casos, a segunda oração pode começar pela conjunção *e*:

Vencesse eu, *e não* me dariam o prêmio.

Vissem-na, *e* ninguém a reconheceria.

c) *temporais:*

Há dias não o encontro.

Chegaram àquela cidade *havia pouco.*

Não lhe escrevia *fazia meses.*

d) *finais:*

"Cala-te já, minha filha, *ninguém te oiça mais falar"* [AGa.1, II, 83].

"Mudemos, porém, de tecla, *não vá* alguém julgar-me candidato a revisor de gralhas" [CF *apud* MB.2, 321].

Composição do enunciado

O enunciado ou período pode encerrar, ao mesmo tempo, orações independentes (coordenadas e justapostas) e dependentes (subordinadas). Daremos exemplos de análise depois de serem apontadas as orações complexas e os enunciados justapostos:

a) *coordenada* e *subordinada*:

"Todos se tinham posto em pé quando el-rei erguera e esperavam ansiosos o que diria o velho" (Alexandre Herculano).

1.ª oração – *principal de 1.ª categoria:*

Todos se tinham posto em pé + subordinada temporal

2.ª oração – *subordinada adverbial temporal:*

quando el-rei se erguera,

3.ª oração – *coordenada à principal e principal de 2.ª categoria:*

e esperavam ansiosos + subordinada substantiva

4.ª oração – *subordinada substantivada (de primitiva adjetiva) objetiva direta:*

o que diria o velho.

OBSERVAÇÃO: Não é novidade o achar-se mais de uma oração principal num período. Se conceituarmos com rigor tal tipo de oração, seremos levados a esta necessidade. Com efeito, no exemplo dado, temos duas orações que apresentam um dos seus termos sob forma oracional; a subordinada *quando el-rei se erguera* denota o tempo da primeira principal, e a subordinada *o que diria o velho* funciona como objeto direto da segunda principal que, por sua vez, se acha coordenada à primeira principal. As expressões *principal de 1.ª categoria, de 2.ª categoria,* etc., já se acham nas excelentes noções elementares de análise sintática que abrem, desde 1887, a hoje tradicional *Antologia Nacional,* devidas a Fausto Barreto (o título primitivo era *Seleção Literária*, de parceria com Vicente de Sousa). Outra maneira de ver a principal, diferente desta (como, por exemplo, na excelente *Gramática* de Celso Cunha – Lindley Cintra), atenta mais para estruturação textual do que a gramatical, objeto da análise sintática.

b) *justaposição* e *subordinação:*

"Lembrai-vos", cavaleiro – disse ele – de que falais com D. João I" (Alexandre Herculano).

1.ª oração do 1.º período – *principal*:

lembrai-vos, cavaleiro + oração subordinada

2.ª oração do 1.º período – *subordinada substantiva completiva relativa:*

de que falais com D. João I.

1.ª oração do 2.º período – *justaposta de citação*:

disse ele

c) *coordenação* e *justaposição*:

"El-rei manda nos vivos e eu vou morrer! – atalhou o ancião em voz áspera, mas sumida" (Rebelo da Silva).

1.ª oração do 1.º período – *coordenada* (ou *coordenante*):

El-rei manda nos vivos

2.ª oração do 1.º período – *coordenada aditiva*:

e eu vou morrer!

1.ª oração do 2.º período – *justaposta de citação*:

atalhou o ancião em voz áspera, mas sumida.

d) *coordenação*, *justaposição* e *subordinação*:

"Agora sim, disse então aquela cotovia astuta, agora sim, irmãs, levantemos o voo e mudemos a casa, que vem quem lhe dói a fazenda" (Pe. Manuel Bernardes).

1.ª oração do 1.º período – *coordenada* (ou *coordenante*):

Agora sim, agora sim, irmãs, levantemos o voo

2.ª oração do 1.º período – *coordenada aditiva* e *principal* da 3.ª:

e mudemos a casa

3.ª oração do 1.º período – *subordinada causal* e *principal* da 4.ª:

que vem

4.ª oração do 1.º período – *subordinada substantiva subjetiva justaposta*:

quem lhe dói a fazenda.

1.ª oração do 2.º período – *justaposta de citação*:

disse então aquela cotovia astuta

OBSERVAÇÃO: Quando o período encerra mais de um tipo de oração, dá-se-lhe comumente o nome de *misto*, denominação que a *Nomenclatura Gramatical Brasileira* não agasalha. Todos os exemplos acima analisados são de períodos ou enunciados mistos.

Decorrência de subordinadas

A oração principal é aquela que tem um dos seus termos sob forma de outra oração. Ora, no período, mais de uma oração – qualquer que seja o seu valor sintático – pode acompanhar-se de oração subordinada:

Não sei se José disse que viria hoje.

A 1.ª principal pede a oração subordinada objetiva direta *se José disse*, que, por sua vez, pede a terceira *que viria hoje*. Assim sendo, a 2.ª oração se nos apresenta sob duplo aspecto sintático: subordinada em relação à 1.ª e principal em relação à 3.ª.

Não sei
se José disse
que viria hoje.

Havendo mais de uma oração principal, designá-las-emos, respectivamente, por *principal de 1.ª categoria, de 2.ª categoria, de 3.ª categoria,* etc.:

1.ª oração – *principal de 1.ª categoria:*

Não sei + subordinada

2.ª oração – *subordinada substantiva objetiva direta* (em relação à anterior) e *principal de 2.ª categoria* (em relação à seguinte):

se José disse + subordinada

3.ª oração – *subordinada substantiva objetiva direta:*

que viria hoje.

Neste ponto, precisamos assentar algumas noções importantes:

a) *no período pode haver mais de uma oração principal;*

b) *a oração ou orações principais podem ter o seu verbo no indicativo ou subjuntivo:*

Espero que vá embora (indicativo).
Espero que me *diga* se vai embora (indicativo e subjuntivo).

c) *a oração ou orações principais podem vir iniciadas por conectivos coordenativos ou transpositores:*

"Rubião passa muitas horas fora de casa, mas não o trata mal, e consente que vá acima..." [MA].

A oração coordenada aditiva *e consente* é também principal da subordinada *que vá acima*, pois esta lhe serve de objeto direto.

Concorrência de subordinadas: equipolência interoracional

Assim como uma oração pode depender de outra subordinada, assim também duas ou mais orações subordinadas podem servir à mesma principal:

Espero que estudes e que sejas feliz.

Isto é:

Espero { que estudes (*objetiva direta*)
e
que sejas feliz (*objetiva direta*) }

Como a concorrência de subordinadas só é possível se *as orações exercem a mesma função,* elas estarão coordenadas entre si, porque a *coordenação se dá com expressões do mesmo valor* e na mesma camada de estruturação gramatical.

No exemplo dado, a 3.ª oração se nos apresenta sob duplo aspecto sintático: *é coordenada* em relação à 2.ª (porque são do mesmo valor) e *subordinada* em relação à principal (*espero*), comum às duas subordinadas. Em vez desta classificação um tanto longa (*coordenada à anterior e subordinada à principal*), dizemos apenas que a 3.ª oração é *equipolente* à 2.ª oração. Infelizmente, esta denominação cômoda não encontrou agasalho na *Nomenclatura Gramatical Brasileira.*

A equipolente pode ser:

a) *substantiva:*

Espero que estudes *e que sejas feliz.*

b) *adjetiva:*

O livro que li *e que lhe devolvi* é ótimo.

c) *adverbial:*

Quando chegou *e quando me disse o ocorrido,* não acreditei.

Costuma-se, com elegância, omitir o transpositor subordinativo da oração equipolente (quando se tratar de pronome relativo, este exerce a mesma função sintática do pronome relativo anterior):

Espero que estudes *e sejas feliz.*

O livro que li *e lhe devolvi* é ótimo.

Quando chegou *e me disse o ocorrido,* não acreditei.

Venho *porque se trata de instrução e tenho embocadura para o magistério* [GrR.2, 59].

Se os pronomes relativos exercem funções diferentes, o normal é repetir cada pronome, sendo raros os exemplos como o seguinte:

"Pois vão também essas que aí deixei, e mais a figura de Tristão, *a que* cuidei dar meia dúzia de linhas e levou a maior parte delas" [MA.12, 37 *apud* MBa.2, 102. Cf. ainda ED.2, § 375 c].

Em construção do tipo "magistrado a cujo cargo estavam as obras públicas e *cuidava* do reparo dos templos da cidade de Roma" há vício de sintaxe, pois que antes de *cuidava* há de se subentender *que*, e não o anterior *a cujo*. [Cf. MBa.1, 387].

No português moderno cumpre evitar a prática de se lembrar na oração ou orações equipolentes uma unidade adverbial simples (geralmente *quando* e *como*) por meio de um simples *que:*[127]

Quando chegou e *que* me disse o ocorrido, não acreditei.

Ou se repete a unidade anterior, ou se omite: *quando* chegou e (*quando*) me disse:

Se se trata, porém, de "locução conjuntiva", é possível, na boa linguagem, repetir-se simplesmente o *que*:

Logo que chegou e me disse o ocorrido...

ou

Logo que chegou e *que* me disse o ocorrido...

Pode-se também omitir a conjunção coordenativa numa série de equipolentes:

> "Rubião passa muitas horas fora de casa, mas não o trata mal, e consente que vá acima, *que assista ao almoço ou ao jantar, que o acompanhe à sala ou ao gabinete*" [MA].

1.ª oração – *coordenada* (ou *coordenante*):

> Rubião passa muitas horas fora de casa,

2.ª oração – *coordenada adversativa:*

> mas não o trata mal,

3.ª oração – *coordenada aditiva e principal:*

> e consente + subordinada

4.ª oração – *subordinada substantiva objetiva direta:*

> que vá acima,

5.ª oração – *equipolente à 4.ª:*

> que assista ao almoço ou ao jantar,

6.ª oração – *equipolente à 5.ª:*

> que o acompanhe à sala ou ao gabinete.

Concorrência de termo + oração subordinada

Às vezes a concorrência não se dá entre duas orações da mesma função sintática, mas entre um termo da oração e outra oração:

> "conheci a violência das suas paixões e que a do ciúme devia ser terrível naquele coração" [AH.3, 119].

O verbo *conhecer* tem dois objetos diretos: o substantivo *violência* e a oração substantiva *que a do ciúme devia ser terrível naquele coração*, que se acham coordenados entre si.

No seguinte exemplo de Machado de Assis [MA.1, 242]:

> "Virgília tragou raivosa esse malogro, e disse-mo com certa cautela, não pela cousa em si, senão porque entendia com o filho"

temos dois adjuntos adverbiais de causa: a expressão *pela cousa em si* e a oração subordinada adverbial *porque entendia com o filho*, que se acham conectadas pela série *não... senão.*

3 – As chamadas Orações Reduzidas

Que é oração reduzida

Em

> *Estuda* agora, porque, quando o verão *chegar*, *entraremos* de férias.

as três orações se dizem *desenvolvidas*, porque seus verbos estão no imperativo (*estuda*), no subjuntivo (*chegar*)128 e no indicativo (*entraremos*).

Podemos, entretanto, alterar a maneira de expressar a subordinada *quando o verão chegar* sem nos utilizarmos dos três modos verbais acima apontados:

> quando o verão chegar = ao chegar o verão
>
> quando o verão chegar = chegando o verão
>
> quando o verão chegar = chegado o verão

Dizemos então que as subordinadas *ao chegar o verão, chegando o verão* e *chegado o*

verão são orações *reduzidas*, porque apresentam o seu verbo (principal ou auxiliar, este último nas locuções verbais), respectivamente, no *infinitivo, gerúndio e particípio* (reduzidas infinitivas, gerundiais e participiais).

Nota sobre o conceito de oração reduzida – Dentro e fora da gramática portuguesa tem sido muito diversificado o conceito de oração reduzida. A opinião mais generalizada, partindo da ideia de que o que caracteriza a relação predicativa é a presença de verbo na forma finita, é que a construção com verbo nas formas nominais (infinitivo, gerúndio e particípio) não constitui oração, e, neste caso, é uma subunidade da oração, um termo dela, quase sempre como um adjunto adnominal ou adverbial. Esta maneira de ver se estende até àquelas construções em que vem acompanhada a forma nominal de unidades que, se estivessem numa oração com verbo finito, funcionariam como termo argumental ou não argumental (no caso de papel de adjunto adverbial).

Outros autores, nestas últimas construções, dão estatuto de orações à parte (nem sempre usando a nomenclatura "reduzida") apenas àquelas que encerram infinitivo e gerúndio independentes, considerando as de particípio meros termos oracionais.

Em português, que possui o infinitivo flexionado, fica ainda mais difícil não aproximar *É necessário que estudes a lição* a *É necessário estudares a lição*, ainda que se trate de um idiotismo da língua.

Neste livro, optamos por dar estatuto à parte às reduzidas de qualquer forma nominal do verbo desde que apresentem autonomia sintática dentro do enunciado e possam estar estruturadas analogamente às orações com verbo de forma finita, as desenvolvidas.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Havendo locução verbal é o auxiliar que indica o tipo de reduzida. Assim são exemplos de reduzidas de gerúndio: "estando amanhecendo", "tendo de partir", "tendo partido"; são exemplos de reduzidas de infinitivo: "ter de partir", "depois de ter partido"; é exemplo de reduzida de particípio: "acabado de fazer". Se, por outro lado, o auxiliar da locução estiver na forma finita, não haverá oração reduzida: *Quanta gente havia de chorar.*

2.ª) Nem toda oração desprovida de transpositor é reduzida, uma vez que este transpositor pode estar oculto: *Espero que sejas feliz* ou *Espero sejas feliz.* Em ambos os exemplos a subordinada *que sejas feliz* ou *sejas feliz* é desenvolvida. *O que caracteriza a reduzida é a forma infinita ou nominal do verbo (principal ou auxiliar): infinitivo, gerúndio e particípio.*

3.ª) A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* desprezou a denominação *infinito* para designar as *formas nominais* do verbo, desfazendo uma incômoda sinonímia antiga entre *infinito* = *infinitivo*, que, em muitos casos, levava os leitores de gramática a confusões. *Infinita* é uma forma verbal normalmente sem flexão, enquanto *infinitivo* é uma das chamadas formas nominais do verbo; assim, se fala em emprego do *infinitivo*, e não em emprego do *infinito*.

O desdobramento das orações reduzidas

As orações reduzidas são subordinadas e quase sempre se podem desdobrar em orações desenvolvidas.129 O emprego de reduzidas por desenvolvidas e vice-versa, quando feito com arte e bom gosto, permite ao escritor variados modos de tornar o estilo conciso, não acumulado de quês e outros transpositores, enfim, elegante.130

Vejamos os seguintes exemplos:

a) Declarei *estar ocupado* = declarei *que estava ocupado.*

b) *Para estudarmos* precisamos de sossego = *para que estudemos*, precisamos de sossego.

c) *Chovendo* não sairei = *se chover*, não sairei.

d) *Acabada a festa,* retirou-se = *quando acabou a festa,* retirou-se.

Estes desdobramentos são meros artifícios de equivalências textuais, que nos ajudam a classificar as orações reduzidas, uma vez que poderemos proceder da seguinte maneira:

a) Declarei *estar ocupado* = declarei *que estava ocupado.*

que estava ocupado: *subordinada substantiva objetiva direta.*

Logo:

estar ocupado: *subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo* (ou *reduzida infinitiva*).

b) *Chovendo* não sairei = *se chover*, não sairei.

se chover: *subordinada adverbial condicional.*

Logo:

chovendo: *subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio* (ou *reduzida gerundial*).

c) *Acabada a festa,* retirou-se = *quando acabou a festa,* retirou-se.

quando acabou a festa: *subordinada adverbial temporal.*

Logo:

acabada a festa: *subordinada adverbial temporal reduzida de particípio* (ou *reduzida participal*).

Orações substantivas reduzidas

Normalmente as orações substantivas reduzidas têm o verbo, principal ou auxiliar, no infinitivo:

a) *subjetiva:*

"Agora mesmo, custava-me *responder* alguma coisa, mas enfim contei-lhe o motivo da minha ausência" [MA.1, 208].

b) *objetiva direta:*

"... como se estivesse ainda no vigor da mocidade e contasse como certo *vir a gastar frutos desta planta"* [LCo *apud* FB.1, 38].

c) *objetiva indireta:*

"Tudo, pois, aconselhava o rei de Portugal *a tentar uma expedição para aquele lado*" [AH.2, 148].

d) *completiva relativa:*

"Um povo que se embevecesse na História, que cultivasse a tradição, que amasse o passado, folgaria *de relembrar esses feitos*..." [CL.1, I, 123].

e) *predicativa* (do sujeito ou do objeto):

"O primeiro ímpeto de Luísa foi *atirar-se-lhe aos braços,* mas não se atreveu" [MLe *apud* FB.1, 31].

"... o averbara *de não possuir atributos de administrador".*

"O resultado foi eu *arrumar* uns cocotes na Germana e esfaquear João Fagundes" [GrR.2, 13].

f) *apositiva:*

"Dois meios havia em seguir esta empresa: *ou atacar com a armada por mar, ou marchar o exército por terra e sitiar aquela cidade*" [AH.2, 69].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Não é raro vir precedido de preposição o infinitivo das orações reduzidas subjetivas e objetivas:

"Desaire real seria *de a deixar sem prêmio*" [AGa.3, 122, da 5.ª ed.].

"mas não era assaz difícil *de reconhecer um cadáver coberto de feridas*..." [AH.2, 72].

"Custou-lhe muito *a aceitar a casa*" [MA.1, 194].

"Mostrou-se pesarosa de não o encontrar, e prometeu *de voltar hoje às três horas*" [CBr.1, 118].

"Senhor Luís de Melo, eu tenho por princípio *de me não intrometer*..." [AGa.6, 173 *apud* MBa.3, 212, da 2ª ed.].

2.ª) Não raro também a oração substantiva reduzida de infinitivo vem precedida de artigo (mormente se a oração funciona como sujeito ou objeto direto):

"*o haver de marchar* em um país inimigo, ocupado por gente belicosa, era considerado muito grave..." [AH.2, 69].

"Daí nasce *o trabalharem* os mais notáveis escritores da Europa por vivificarem o espírito religioso" [AH.2, 145].

"Aumentando (o rei) as fortificações da ilha, tornou impossível aos portugueses *o reconquistá-la*" [AH.2, 62].

Orações adjetivas reduzidas

As orações adjetivas reduzidas têm o verbo, principal ou auxiliar, no:

a) *infinitivo:*

"O orador ílhavo não era homem *de se dar assim por derrotado*" [AGa.5, 14 *apud* ED.2, § 308].

Está marcada a festa *a realizar-se na próxima semana*.

"mas nem um momento duvidamos de que a sua convicção íntima seja a necessidade *de restituir o antigo lustre e preço à filosofia do Evangelho*" [AH.2, 145].

Observações:

1.ª) "Ligar qualificativamente a substantivos o infinitivo precedido de *a* (*v. g.*: *livros a consultar*) em vez de uma oração relativa (*v. g.*: *livros que se hão de consultar*), ou de um infinitivo precedido de *para* (*v. g.*: *roupa para consertar*), é imitação moderna da sintaxe francesa, imitação que só por descuido se encontra nos que melhor falam a língua pátria.

"Qual é a relação a deduzir destas considerações e destes fatos?" [AH.8, IV, 177]. [ED.2, § 304]. [Cf. MBa.1, 490, 515].

2.ª) Condenam também algumas autoridades o emprego do infinitivo precedido da preposição *a* depois de adjetivos como *único, último, derradeiro,* além dos ordinais (*primeiro,* etc.). Para tais mestres o melhor é o emprego da preposição *em*, nesses casos, ou de uma oração iniciada por pronome relativo: *o primeiro em fazer* ou *o primeiro que fez*, e não *o primeiro a fazer.* Epifânio Dias, excelente conhecedor do português e francês, aceita a expressão condenada [Cf. ED.2, § 299], no que concordamos com ele.

b) *gerúndio, indicando de um substantivo ou pronome:*

1) uma atividade passageira:

"cujos brados selvagens de guerra começavam a soar ao longe como um trovão *ribombando no vale*" [AH.3, 218, ed. de 1878].

"Realmente, não sei como lhes diga que não me senti mal, ao pé da moça, *trajando* garridamente um vestido fino..." [MA.1, 260].

Em todos estes exemplos o gerúndio figura com a ideia de tempo transitório muito acentuada, servindo de atribuir um modo de ser, uma qualidade, uma atividade a um nome ou pronome, mas apenas dentro de certo período e em determinada situação. Assim, *água fervendo* é água *que naquele momento fervia* ou *fervia dentro de certo espaço de tempo.* Vale o gerúndio, nestas circunstâncias, por uma expressão formada de preposição *a* + *infinitivo: água a ferver*:

"Também algumas vezes foram dar com ela *a abraçar* a cadelinha" [MLe *apud* JR.5, 32].

2) uma atividade permanente, qualidade essencial, inerente aos seres, própria das coisas:

"O livro V, *compreendendo* as leis penais, aquele que, após os progressos efetuados na legislação e na humanidade, mais carecia de pronta reformação" [LCo.1, I, 288].

"Decreto de 14 de fevereiro de 1786, *proibindo* a entrada das meias de seda que não fossem pretas, e decreto de 2 de

agosto de 1786, *suscitando* a observância e *ampliando* o cap. II...” [LCo.1, I, 298].

“Algumas comédias havia com este nome *contendo* argumentos mais sólidos” [FF *apud* SA.2, 249].

Estes e muitíssimos outros exemplos atestam que tal emprego do gerúndio131 ocorre vitorioso na língua culta portuguesa, desde longos anos, dando-nos a impressão de se tratar de uma evolução normal, comum a mais de uma língua românica, e não de uma simples influência francesa. Entretanto, notáveis mestres condenam este uso como galicismo: Epifânio Dias, Júlio Moreira, Leite de Vasconcelos, Mário Barreto, entre outros. Defendem-no Otoniel Mota, Said Ali, Eduardo Carlos Pereira, Cláudio Brandão, entre outros.

Para os que têm a expressão como francesa, deve-se substituir o gerúndio por uma oração adjetiva iniciada por pronome relativo, ou por uma preposição conveniente:

Livro *contendo* gravuras

passaria a

Livro *que contém* gravuras

ou

Livro *com* (ou *de*) gravuras.

Aceitar o gerúndio como construção vernácula não implica adotá-lo a todo momento, acumulando-o numa série de mau gosto. Em muitos casos, como bem pondera Rodrigues Lapa [RLp.1, 227], “não há dúvida que o uso do gerúndio é preferível à oração relativa, sobretudo quando não temos o recurso acertado, expressivo das preposições. Não abusemos dele, mas não hesitemos em empregá-lo, sempre que o reconheçamos superior a outros modos de escrever”.

c) *particípio:*

“Os anais ensanguentados da humanidade estão cheios de facínoras, *empuxados* (= que foram empuxados) ao crime pela ingratidão injuriosa de mulheres muito amadas, e perversíssimas” [CBr.1, 120].

Orações adverbiais reduzidas

Têm o verbo, principal ou auxiliar, no:

A) *infinitivo:* caso em que, normalmente, se emprega o verbo regido de preposição adequada. Para o desdobramento da reduzida em desenvolvida basta substituir a preposição ou locução prepositiva por uma conjunção ou locução conjuntiva do mesmo valor e pôr o verbo na forma finita. É de toda conveniência conhecermos as principais preposições que correspondem a “conjunções” subordinativas adverbiais, porque isso melhor nos adestra na plástica da sintaxe portuguesa:

1) para as *causais* temos:

a) *com*:

“Porém, deixando o coração cativo,/ *com fazer-te* a meus rogos sempre humano,/ fugiste-me traidor...” [RD.1, c. VI].

Com fazer-te = porque te fizeste sempre humano.

b) *em*:

“Em verdade, bem louco deve ser este homem *em estar a plantar* agora esta nogueira, como se estivesse ainda no vigor da mocidade” [LCo *apud* JR.5, 38].

em estar a plantar = porque está a plantar;

c) *por*:

"... é tão desairoso falar um homem a sua língua mal, sob o pretexto de que ela é difícil, como tirar as botas num salão *por lhe doerem os calos*" [SR.1].

d) *visto*:

Visto sair de manhã bem cedo, não é muito conhecido pelos vizinhos.132

e) locuções prepositivas: *à força de, em virtude de, em vista de, por causa de, por motivo de, devido a,* etc.:

"*À força de se tornar trivial,* esta verdade eterna, que resume todo o espírito do cristianismo, deixou de ser para muitos" [AH.2, 159].

2) para as *concessivas:*

a) *com*:

Com fazer todas as obrigações corretamente, não conseguiu livrar-se da falência.

com fazer = embora fizesse;

b) *sem*, negando a causa e a consequência, pode exprimir a *concessão*:

"Este era funestamente o sistema colonial adotado pelas nações que copiavam *sem o entender* nem fecundar, como os romanos, o governo discricionário das províncias avassaladoras" [LCo *apud* FB.1, 215].

c) *malgrado*:

Estudou *malgrado ter perdido o caderno*.

d) *não obstante*:

Saíram *não obstante terem ouvido os conselhos do pai.*

e) locuções prepositivas: *apesar de, sem embargo de*:

"*Apesar, porém, da casa ser tida* como imagem dos perigos e privações da guerra, *e do duque haver adquirido* com ela grande disposição e robustez, observou-se depois que as armas o atraíam pouco" [RS.2, IV, 96].

3) para as *condicionais (e hipotéticas):*

a) *a*:

"... houve quem visse, ou fingisse ver, um notável reflexo que *a ser verdadeiro* devia nascer das muitas luzes que provavelmente estariam acesas" [AH.2, 83].133

No seguinte trecho vale por uma comparativa hipotética do tipo de *como se* ou modal:

"... depois veio a mim, que estava sentado, deu-me pancadinhas na testa, com um só dedo, *a repetir*: – Isto, isto – e eu não tive remédio senão rir também, e tudo acabou em galhofa" [MA.1, 209].134

OBSERVAÇÃO: *como* a + infinitivo

b) *sem*:

Não sairá *sem apresentar os exercícios.*

4) para a *consecutiva: de*:

É feio *de meter medo*.

5) para as *finais*:

a) *a*:

"Muitos personagens eminentes do Império e diversas famílias, ligadas por aproximação de afeto à família imperial, apresentaram-se *a falar ao imperador...*" [RP *apud* FB.1, 145].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) O infinitivo das orações finais pode aparecer sem preposição: "Diz-se que ele era um dos doze que foram a Inglaterra *pelejar* (= para pelejar) em desagravo das damas inglesas, fato assaz duvidoso..." [AH.2, 92].

Construções deste tipo, aproximando-se o infinitivo do verbo principal anterior (*foram pelejar*), permitiriam um início de locução verbal, onde o 1.º verbo passaria a ser sentido como auxiliar modal denotador de movimento para realizar um intento futuro. Este histórico importa para a explicação do emprego antigo da preposição *a*, suplantado depois, entre brasileiros principalmente, pela preposição *em*, no termo adverbial de lugar. Em *O rio Amazonas vai desaguar ao Atlântico,* temos ainda vestígio da fase em que o sentimento linguístico levava em consideração o verbo de movimento, *vai desaguar* (= para desaguar). Perdida esta noção de movimento, *vai ao Atlântico desaguar* passou a ser interpretado como um todo, prevalecendo a regência que competia ao verbo *desaguar*: *vai desaguar no Atlântico*.

Ambas as construções são corretas, tendo sido esta última, sem razão, recriminada por certos gramáticos:

"*Veio embarcar-se* (D. João) *a Aldeia Galega,* aonde o guardavam muitos fidalgos e eclesiásticos" [RS.2, IV, 171];

"Do outro lado da povoação corre o pequeno rio... que *vem desaguar no Lucus*" [AH.2, 70];

"... enquanto a frota *se ia colocar na boca do rio* a que deu nome aquela povoação" [AH.2. 70].

2.ª) Sobre a construção *questão a resolver*.

b) *de*:

Dava aos pobres algo *de comer pela manhã*.

OBSERVAÇÃO: Estas expressões alternam com as de preposição *a*: Dava aos pobres algo *a comer pela manhã*. Entretanto, parece entrever aqui uma imitação do francês: "A preposição *à* entre *donner* e infinitivo equivale a *de: donner à boire et à manger, dar de comer e beber; donner à diner à quelqu'um, dar de jantar; elle lui donna à souper, deu-lhe de cear.* Nessas construções *dar de comer, dar de almoçar, dar de mamar, pedir de beber, pedir de almoçar, ganhar de comer,* o complemento formado por *de* e um infinitivo é, na sua origem, de caráter adjetivo. *Dê-me algo, alguma coisa, qualquer coisa de comer,* é como se disséramos *algo comível* ou *comestível.* Omitido o substantivo, significa por si só as coisas sobre que se exerce a ação do infinitivo: *dê-me de comer* = dê-me coisa que comer" [MBa.3, 129]. Apesar do voto do ilustre mestre, julgamos ser irreprovável a linguagem *dar a comer*. Epifânio Dias [ED.2, § 293, a, 1] não vê galicismo na construção: *dar a alguém algo a beber.*135

c) *para*:

"Tudo isto diz o quadro a quem tiver olhos *para ver*, coração *para sentir,* entendimento *para perceber*" [AH.2, 165].

d) *por*, hoje mais rara, fixada em *por assim dizer* e semelhantes:

"Recomendava el-rei D. Manuel, por suas cartas, a Afonso de Albuquerque que trabalhasse *por haver às mãos* a cidade de Adém" [AH.2, 105].

e) *em*:

"e por isso posto que a Inglaterra não precisasse dela, para este fim, *trabalhou em possuí-la* para que os holandeses não se aproveitassem das vantagens que a sua situação oferecia" [AH.2, 102-3].

"Dois meios havia *em seguir esta empresa*" [AH.2, 69].

f) locuções prepositivas: *a fim de, com o fim de,* etc.:

"Da sua parte, os alunos não devem dar de mão à gramática elementar *a fim de se* exercitarem nos verbos e adquirirem outras noções básicas e, como tais, indispensáveis..." [SR.1].

6) para iniciar orações *locativas* reduzidas (correspondem a orações justapostas): *em*:

"Filha, *no muito possuir* não é ainda posta a felicidade, mas sim *no esperar e amar muito*" [AC *apud* JR.5, I, 37].136

7) para as ideias de *meio* e *instrumento*:

a) *com*:

"... até o (D. Afonso) induzirem a mandá-lo (D. Pedro) sair da corte, ao que D. Pedro atalhou *com retirar-se* antes que lho ordenassem" [AH.2, 91].

b) *de*:

"Eu não sou, minha Nise, pegureiro,
Que viva *de guardar alheio gado*" [TG.1, 15].

8) para as *temporais*:

a) tempo anterior: *antes de*:

"E, se ambos, morrermos *antes de estarem em idade* que se possam por si manter, terão por pai aquele que mora nos céus" [AC *apud* JR.5, 35].

b) tempo concomitante: *a* (neste caso o infinitivo pode vir ou não precedido de artigo):

"Tais eram as minhas reflexões *ao afastar-me* do pobre..." [AH.2, 190].

"E o moço, *a falar* de sua mãe, chorava..." [CBr.6, 59].

c) tempo posterior: *depois de, após*:

"A borboleta, *depois de esvoaçar* muito em torno de mim, pousou-me na testa" [MA.1, 99].137

d) tempo futuro próximo: *perto de, prestes a*:

"... e só abandona (o comandante) o posto quando voa em socorro da Parnaíba ou do Belmonte, *prestes a soçobar*" [Ouro Preto *apud* FB.l, 84].

e) duração de prazo: *até*:

"... o Sália... arrancava os penedos, aluía as raízes das árvores seculares, carreava as terras e rebramia com som medonho, *até chegar às planícies*..." [AH.1, 236].

OBSERVAÇÃO FINAL: É importante não confundirmos (e às vezes se não podem traçar limites rigorosos neste assunto (por serem razões extraídas dos elementos fornecidos pelo texto e não pela gramática) em certas expressões, o conjunto preposicional com um substantivo seguido de seu complemento nominal reduzido de infinitivo. Como bem ensina José Oiticica, "em certas locuções como *por causa de, por motivo de, em virtude de, em vista de,* etc., a oração de infinitivo não deve ser tida por *complementar*. *Exemplo:* "Em vista de lhe haverem furtado a chave, não pôde abrir o depósito". Esta oração de infinitivo seria *complementar* se o substantivo *vista* conservasse seu valor semântico; porém, na locução, desapareceu tal valor, e vigora num todo meramente prepositivo".138 E mais adiante continua: "Com locuções: *no intuito de, no propósito de, com intenção de,* etc., as orações são *complementares*, porque os substantivos mantêm seu valor (semântico) normal". Destarte, é de valor adjetiva completiva nominal reduzida grifada do seguinte período:

"Mandou então el-rei por seus arautos apregoar à roda do arraial de D. Pedro que, sob pena *de serem havidos em conta de traidores*, todos os que seguiam o Duque de Coimbra o abandonassem" [AH.2, 96}.

B) *gerúndio* e aí equivalente a:

1) uma oração *causal*:

"Vendo este os seus maltratados, mandou disparar algumas bombardas contra os espingardeiros" [AH.2, 97].

vendo = porque visse;

2) uma oração *consecutiva*:

"Isto acendeu por tal modo os ânimos dos soldados, que sem mandado, nem ordem de peleja, deram no arraial do infante, *rompendo-o por muitas partes*" [AH.2, 97].

rompendo-o = e como consequência o romperam;

3) uma oração *concessiva*:

Tendo mais do que imaginavam não socorreu os irmãos.

tendo = embora tivesse;

4) uma oração *condicional*:

Tendo livres as mãos, poderia fugir do cativeiro.

tendo *livre as mãos = tivesse livres as mãos.*

5) uma oração que denota *modo, meio, instrumento*:

"Um homem agigantado e de fera catadura saiu da choupana *murmurando sons* mal-articulados" [AH.1 *apud* ED.2, § 316, b, 1].

"E não os (destinos) podia realizar senão *ceifando cidades em lugar de farragiais, e enfeixando com mão robusta povos*" [AC.1 *apud* ED.2, 2].

6) uma oração *temporal:*

"El-rei, quando o mancebo o cumprimentou pela última vez, sorriu-se e disse *voltando-se:* Por que virá o conde quase de luto à festa?" [RS *apud* FB.5, 205].

voltando-se = enquanto se voltava;

No seguinte exemplo se acha reforçado por um advérbio de tempo:

"*Desviando* depois a mão que o suspendia baixou mais dois degraus" [RS *apud* FB.5, 209].

desviando = depois que desviou, no momento em que desviou.

Observação: O gerúndio pode aparecer precedido de preposição *em* quando indica tempo, condição ou hipótese. Neste caso, o português moderno exige que o verbo da oração principal denote acontecimento futuro ou ação que costuma acontecer:

"Ninguém, desde que entrou, *em lhe chegando* o turno, se conseguirá evadir à saída" [RB *apud* FB.1, 126].

Aqui o gerúndio indica tempo, e o verbo da principal exprime ação futura (*conseguirá*).

"Em Vieira morava o gênio: em Bernardes o amor, que, *em sendo verdadeiro,* é também gênio" [AC *apud* FB.1, 186].

Nesta passagem, o gerúndio exprime condição ou hipótese, e o verbo da oração *que é também gênio* (subordinante da condicional) denota um acontecimento que costuma ocorrer.

C) *particípio* e aí equivale a:

1) uma oração *causal*:

"*Irado* o infante com as injúrias que lhe tinham dito, mandou enforcar uns e degolar outros..." [AH.2, 96].

2) uma oração *condicional*:

Entramos em uma batalha, onde, *vencidos* os inimigos, honraremos nosso país.

vencidos = se forem vencidos.

3) uma oração *temporal*:

"E neste sentido, *mudados* os nomes, fez uma comunicação à sociedade cientista dos avicultores da imperial cidade da Mogúncia" [JR.2, 42].

Observações:

1.ª) Nestes empregos do particípio, observam-se as regras de concordância, estudadas no capítulo da Concordância, entre o verbo e o seu sujeito.

2.ª) Alguns particípios passaram a ter emprego equivalente a preposições e advérbios: *exceto, salvo, mediante, não obstante, tirante,* etc., e, como tais, normalmente devem aparecer invariáveis. Entretanto, não se perdeu totalmente a consciência de seu antigo valor, e muitos escritores de nota procedem à concordância necessária:

"Os tribunais, *salvas* exceções honrosas, reproduziam, povoados de criaturas do valido, todos os defeitos do sistema" [RS.2, IV, 67].

"A razão desta diferença é que a mulher (*salva* a hipótese do capítulo CI e outras) entrega-se por amor..." [MA.1, 327}.

Utilizar estas maneiras de dizer, devidas ao "amor excessivo da exatidão" é, como bem pondera Epifânio, expressar-se na verdade com correção gramatical, mas de modo desusado [ED.2, § 220, a].

3.ª) Elegantemente podemos empregar, para a ideia de tempo, o particípio seguido de *que* e duma forma adequada do verbo

ser:

Acabado que foi o prazo destinado à revisão, os candidatos continuaram insatisfeitos.

Há discordância entre os autores quanto à natureza deste *que* posposto ao particípio. Para Maximino Maciel (*Gramática Descritiva,* 368), é conjunção, segundo este trecho: "Também *elegantemente* se conjuncionalizam as reduzidas de particípio passado, interpondo entre o particípio e o substantivo sujeito a conjunção *que* a uma forma do verbo *ser*, adaptável ao tempo, exemplo: 'A ideia republicana e democrática se acabaria em toda a Europa, eclipsado *que* fosse o esplêndido luzeiro que até então lhe serviu de fanal'" (Latino Coelho, *República e Monarquia*).

Para Epifânio, o *que* é pronome relativo, e julgamos que com ele está a razão (cf. *Sintaxe Histórica Portuguesa,* § 91,c): "Na qualidade de nome predicativo ou aposto, pode (o pronome relativo) referir-se a adjetivos (ou particípios), servindo de realçar a qualidade ou estado: *acabada que esteja a obra*" (Cf. ainda a *Gramática Francesa,* § 282, 2, Obs. 1.ª).139

Orações reduzidas fixas

A nossa língua possui certo número de orações reduzidas que normalmente não aparecem sob forma desenvolvida. Neste grupo se acham:

a) as orações subjetivas que se seguem a certos verbos, como *caber, valer, impedir,* em construções do tipo de:

Coube-nos *ornamentar o salão* (e não: *que ornamentássemos*).

Valeu-nos *estarem perto alguns amigos* (e não: *que estivessem perto*).

Impediu-nos a viagem *ter vindo ordem* de voltarmos (e não: *que veio*).140

b) as orações objetivas diretas que se seguem a verbos como *agradecer, perdoar* e o impessoal *haver* na expressão *não há valer-lhe* (e equivalentes) em construções do tipo:

"Perdoou-lhes o *haverem-nos ofendido*" [ED.1, § 226, b].

"E lá se vão: não há mais *contê-los ou alcançá-los*" [EC, 128].

c) as de sentido aditivo enfático do tipo (verbo no infinitivo):

"Além de que a fumarada do charuto, *sobre ser purificante e antipútrida,* dava aos alvéolos solidez, e consistência aos dentes" [CBr.1, 108].

d) as que denotam pensamentos para cuja expressão não existem conjunções subordinativas, como as que indicam:

1) *exclusão* (verbo no infinitivo):

"*Em vez* (diziam) *dos nossos navios carregarem as mercadorias daqueles portos para o de Lisboa...* são embarcações estranhas as que hoje demandam as ilhas..." [RS.2, IV, 533].

Longe de desanimar com os obstáculos, reanima-se para vencê-los.

2) *exceção* (verbo no infinitivo):

"A filha estava com quatorze anos; mas era muito fraquinha, e não fazia nada, *a não ser* namorar os capadócios..." [MA.1, 201].

3) *meio* ou *instrumento* (verbo no infinitivo ou gerúndio) e *modo* (verbo no gerúndio, embora aqui haja conjunção correspondente):

"Salvou-o o senado, *segurando-lhe a pessoa* até poder sair a bordo de uma nau holandesa a 21 de maio" [RS.2, IV, 244].

Desmoralizou-o *com desmenti-lo em público*.

"Procurou este logo estorvar-lhe (a missão) por todos os ombros, *prendendo-o* ou *matando-o*." [RS.2, 244].

Enfrenta a vida *sorrindo dos perigos*.141

Quando o infinitivo não constitui oração reduzida

A presença do infinitivo não caracteriza oração reduzida nos seguintes principais casos, podendo, contudo, constituir, em alguns exemplos, oração (não reduzida):

a) quando, sem referência a nenhum sujeito, denota a ação de modo vago, à maneira de um substantivo:

Recordar é viver.

b) quando faz parte de uma oração verbal:

Tinham de chegar cedo ao trabalho.

c) quando, precedido de preposição e em referência a substantivo, o infinitivo tem sentido qualificativo, o que ocorre:

1) quando exprime a destinação:

sala de jantar, ferro de engomar, tábua de passar, criado de servir.

2) quando equivale a um adjetivo terminado em *-vel*:

É *de esperar* que todos se saiam bem (esperável).

Pareciam menos *de louvar* (louvável).

Foi caso muito *de recear* (receável).

d) quando, precedido de preposição e depois de certos adjetivos (*difícil, fácil, duro, bom,* etc.), o infinitivo tem sentido limitativo (com certa interpretação passiva ou ativa):

Osso duro *de roer* (*de ser roído* ou *de alguém roer*).

Poesia fácil *de decorar* (*de ser decorada* ou *de alguém decorar*).

e) quando, equivalente a imperativo, exprime o infinitivo ordem, recomendação:

"Todos se chegavam para a ferir, sem que a D. Álvaro se ouvissem outras palavras senão estas: *Fartar*, rapazes!" [AH.2, 98].

f) quando, nas exclamações, o infinitivo exprime estranheza pela realização de um acontecimento:

"*Pôr-me* a mim lá fora?! – bradou Teodora" [CBr.1, 175].

"Tu, Hermengarda, *recordas-te?!*" [AH.1, 47].

g) quando entra em orações interrogativas (diretas ou indiretas):

*Que fazer?*142

Não sei *que fazer.*

Nada tinha *que dizer*.

h) quando se trata de um infinitivo de narração, isto é, aquele que, numa narração animada, considera a ação como já passada, e não no seu desenvolvimento.143

"E os médicos *a insistirem que saísse* de Lisboa [Júlio Dinis]

"Ela *a voltar as costas*, e o *reitor a pôr* o chapéu na cabeça" [*id.*]

"E ele *a rir-se*, ele a *regalar-se*" [EQ]

"O senhor *a dizer-lhe* uma palavra, e eu *a provar-lhe* que..." [ED.2, §309,3].

NOTA: Não estão acordes os autores quanto à origem do infinitivo de narração: a hipótese mais cômoda, mas nem por isso

mais convincente, é a da elipse. Assim pensavam Quintiliano, para o latim, e Burguy, Littré, Kastner, Plattner, Lubker, entre outros para o francês. É a opinião que expende M. Barreto para o português: "Na frase: – *Eu falo, e eles a rir* (isto é, põem-se a rir, estão a rir-se, começam a rir) – temos o que se chama *infinitivo histórico*, que assim se diz o que na proposição tem valor de voz verbal de modo finito. A proposição que tem por predicado perifrástico, um elemento do qual está subentendido" (*Últimos Estudos*, 241). Contra esta maneira de explicar estão Diez, Schulze, Darmesteter, Strohmeyer e Brøndal. A segunda hipótese é a que o deriva do infinitivo de ordem ou infinitivo imperativo (opinião de Wackernagel, para o latim e Marcou, Spitzer e Lerch, para o francês). Para Lombard (*Op. cit.* 212) o infinitivo de narração é originariamente uma oração nominal. O problema se acha exaustivamente tratado nas páginas 186-243 do citado livro do romancista sueco.

OBSERVAÇÃO: Foge a uma análise rigorosa a série de expressões do tipo *temer, não teme,* com que, na linguagem afetiva, enunciamos réplicas e objeções. Epifânio (*Sintaxe História Portuguesa*, § 309, 3, Obs.) e Bello-Cuervo (*Gramática Castelhana*, § 926 e *Notas*, p. 63) supõem que se trata de uma construção elíptica, subentendendo-se, antes do infinitivo, a expressão *quanto a*, Meyer-Lübke crê que se trata de um *infinitivo de intensidade* e explica assim o nascimento do torneio de frase: "Nous devons prendre comme point de départ la question et la réponse prononcés sous l'empire de l'émotion. Ainsi, pour nous en tenir au premier exemple, on raconte quelque chose qui, de l'avis du conteur, pourrait provoquer de la crainte chez un des auditeurs ou chez tous. Un d'entre eux repousse cette pensée en demandant avec indignation: "Craindre?! Je ne crains pas". En conséquence, à l'origine il devait y avoir une pause entre l'infinitif et le verbe personnel. Plus tard, naturellement, la formule finit par devenir, comme expression de l'intensité d'une action, plus fixe et par conséquent plus générale" (*Grammaire*, III, § 135). Levando-se em conta que se devem algumas alterações de linguagem a esta atenção que o falante dá a um público, real ou imaginário, a hipótese do romanista é assaz sugestiva, apesar de Epifânio achar "improvável que o infinitivo, sendo rigorosamente interrogativo, viesse a deixar de o ser" (*ibid.*). Cremos que o problema estaria melhor resolvido se levássemos em conta os níveis da oração e do texto, conforme nos ensina Coseriu, já esboçado, aliás, na explicação de Meyer-Lübke. Em *temer, não teme* estamos diante de um enunciado que, no nível do texto (e não da oração), pressupõe uma declaração repetida em relação ao que proferiu nosso interlocutor e a que nos referimos agora mediante o *temer*, e que só no nível do texto deve encontrar cabal explicação.

O gerúndio e o particípio não constituem oração reduzida

a) quando fazem parte de uma locução verbal:

Estão saindo todos os alunos.

As lições *foram aprendidas* sem esforço.

b) quando aparecem como simples função qualificadora, à maneira dos adjetivos:

Livro *encadernado*.

Construções particulares com o infinitivo

São dignas de atenção certas construções em que o infinitivo precedido de verbos que exprimem percepção física (*ver, ouvir, olhar, sentir*) ou atuação e ordenação (*deixar, mandar, fazer*). Já tivemos oportunidade de nos referir ao caso, quando examinamos a função sintática do infinitivo e gerúndio que entram nestas construções.

Praticamente, estas construções de infinitivo se repartem em dois grupos:

a) um, em que o infinitivo tem o mesmo agente e sujeito do primeiro verbo (regente):

Preferimos *estudar* pela manhã.

b) outro, mais complexo, em que o infinitivo, depois dos verbos regentes acima aludidos, tem diferente agente:

Vejo *abrir* a porta.

Ouço *soprar* o vento.

Eu a vi *sair* de casa.

Ouvimos a sineta *chamar* os alunos.

No primeiro grupo, o infinitivo integra uma oração reduzida que exerce o papel de objeto direto do verbo regente *preferimos*, e por isso, pode ser comutado pelo pronome adverbal

átono *o*:

Preferimos *estudar* pela manhã → Nós *o* preferimos → Preferimo-*lo*.

O segundo grupo se subdivide em dois tipos: o infinitivo sozinho ou acompanhado de complementos:

1) o infinitivo integra uma oração subordinada objetiva direta:

Vejo *abrir* a porta.

Ouço *soprar* o vento.

em que *abrir a porta* e *soprar o vento* podem ser comutados pelo pronome adverbal átono *o*:

Vejo-*o*. Ouço-*o*.

Vês abrir a porta? Vejo-*o*.

Ouves sobrar o vento? Ouço-*o*.

2) o verbo regente exprime percepção física e o infinitivo exerce o papel de predicativo do objeto direto:

Eu *a* vi *sair* de casa.

Ouvimos *a sineta chamar* os alunos.

Aqui os verbos regentes que exprimem percepção física (*vi* e *ouvimos*) se acompanham do objeto direto (*a* e *a* sineta) que se acham modificados pelos infinitivos que exercem a função de seus predicativos (*sair* e *chamar*).

Por mais que equivalham no plano do conteúdo de pensamento designado, *Eu a vi sair de casa* a *Eu vi que ela saía de casa*, do ponto de vista gramatical as construções são diferentes. O pronome *a* (Eu *a* vi sair) e *ela* (Eu vi que *ela* saía de casa) são ambos *agentes* do processo *sair de casa*, mas *a* é *objeto direto* e *ela* é *sujeito*. Pela análise do conteúdo, a gramática tradicional tem atribuído a esse pronome *a* dupla função sintática: objeto direto do verbo regente (*vi*) e sujeito do infinitivo (*sair*).

Também os verbos que exprimem atuação ou ordenação (*deixar, mandar, fazer*) apresentam a mesma construção dos verbos de percepção física:

O policial fez calar o assaltante / O policial fê-lo calar.

O professor mandou o aluno saltar / O professor mandou-o saltar.

Até aqui o infinitivo não se acompanha de objeto direto próprio, mas ele pode aparecer, como ocorre em:

O professor mandou o aluno fazer o exercício,

quando os complementos do verbo regente *mandou* (*o aluno*) e do infinitivo *fazer* (*os exercícios*) podem ser teoricamente comutados pelos pronomes adverbais átonos *o*:

O professor mandou-o fazê-lo.

ou ainda:

O professor mandou-*o o* fazer,

o que daria uma contiguidade incômoda e artificial de dois *o... o*, onde a clareza do texto poderia ser prejudicada. Veja-se este exemplo de A. Herculano:

"(...) a tia Domingas ouviu-*o* chamá-*la* de novo mansamente" [AH.2, 76].

A tradição literária contornou o problema adotando duas normas seguintes:

a) Expressar o complemento do verbo regente sob forma de objeto direto se constituído por

substantivo:

O professor mandou *o aluno* fazê-lo.

b) Expressar o complemento do verbo regente sob forma de objeto indireto se constituído por pronome adverbal átono:

O professor mandou-*lhe* fazer os exercícios.

O professor mandou-*lhe* fazê-lo.

O professor *lhe* ouviu dizer que melhoraria seu comportamento.

A colega *lhe* deixou ver suas bonecas.144

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Pela possibilidade de poder o complemento do infinitivo se aproximar do verbo regente, pode ocorrer a junção do pronome adverbal átono *lhe* (ou outro indireto) com o pronome *o*, como no seguinte exemplo:

"... posto que Afonso I se houvesse apoderado de vários lugares... a desgraça de Badajoz *lhos* fizera perder..." [AH.2, 76], isto é: a desgraça *lhe* fizera perdê-los.

2.ª) É raro o emprego de *lhe* por *o* quando o verbo no infinitivo não se acompanha de objeto direto: "A vista só da vaca... nem *lhes* deixa pensar em soutos e pastios" [AC.9, 181].

A prática se estenderia a se empregar sob forma de objeto indireto o complemento do verbo regente, mesmo se constituído por substantivo:

O professor mandou *ao menino* fazer o exercício.

O professor ouviu *ao aluno* dizer que melhoraria o comportamento.

O namoro fez *ao jovem* perder a cabeça.

Por fim, cumpre assinalar que normalmente se usa *o*, e não *lhe*, quando o infinitivo é pronominal.

"o Sália... rebramia com som medonho, até chegar às planícies, onde o solo não comprimia e *o deixou espraiar-se* pelos pauis e juncais..." [AH.2, 76-77].

OBSERVAÇÃO: O infinitivo que se segue a *deixar, mandar e fazer* pode ser tomado em sentido passivo, e neste caso o agente da ação do infinitivo é regido pelas preposições *por* ou *de:*

"D. João de Castro, sem *deixar-se vencer do amor do filho,* nem *dos medos do tempo,* resolveu enviar o socorro" [FF *apud* ED.2, 289, a), Obs. 2.ª].

A omissão do pronome átono em EU OS VI AFASTAR DAQUI em vez de AFASTAR-SE DAQUI

Não é rara a omissão do pronome átono que devia acompanhar um infinitivo pronominal, quando este mesmo infinitivo tem por agente um pronome átono:

"*Deixei-o embrenhar* e transpus o rio após ele" [AH.2, 77].

"O faqui *deixou-o afastar*" [AH.2, 77].

Os seguintes exemplos mostram-nos que a presença do pronome também é correta:

"*Sentiu-o* para aqui um pouco e depois *encaminhar-se* ao longo do corredor" [AH.2, 76].

"E o eremita *viu-a*, ave pernalta e branca, *bambolear-se* em voo, ir chegando, *passar-se* para cima do leito, *aconchegar-se* ao pobre homem..." [JR.2, 227].145

A construção PEDIR PARA

Em

"Eu retive-a, *pedi-lhe* que ficasse, que esquecesse" [MA.1, 271]

o verbo *pedir* exige dois objetos: o indireto *lhe* e o direto oracional composto *que ficasse, que esquecesse*.

Normalmente, em tais casos, não se usa o objeto direto oracional sob forma reduzida. Evita-se dizer: *Pedi-lhe ficar, pedi-lhe esquecer.*

Em:

> "Dito isto, *peço licença para ir* um dia destes expor-lhe um trabalho..." [MA.1, 245]

o verbo *pedir* vem acompanhado apenas do objeto direto *licença*; a oração reduzida de infinitivo *para ir um dia destes expor-lhe um trabalho* é adverbial de fim.

Pode-se omitir o objeto direto e construir o verbo *pedir*, assim: *peço-lhe para ir um dia destes expor-lhe um trabalho*.

Como estão próximas as ideias de *pedir que algo aconteça* e *trabalhar para que algo aconteça*, passou-se a usar a preposição *para* no início da oração que seria objeto direto do verbo *pedir*, tendo-se em mira indicar a finalidade da coisa pedida:

> *Pediu para que* Pedro *saísse*

ou

> *Pediu para* Pedro *sair.*

Os gramáticos não aceitaram a operação mental e ainda hoje esta maneira condensada de dizer é repudiada, apesar da insistência com que penetra na linguagem das pessoas cultas. Para as autoridades de nossa língua, só está certo o emprego do verbo *pedir* quando se tem para objeto direto o substantivo *licença* (claro ou subentendido) e a oração de *para que* ou *para* + infinitivo é sentida como adverbial de fim, *com sujeito igual ao da oração principal*.146 Assim, em:

> O aluno pedia-lhe para sair,

o *aluno* pedia licença para ele mesmo sair.

A confusão dos dois empregos do verbo *pedir* traz ao enunciado incontestavelmente duplicidade de sentido, pois que em:

> *Ele pedia-lhe para sair*

ficamos em dúvida sobre a pessoa que sairá. Para o gramático só pode ser a que fez o pedido, e, na realidade, todos, ou quase todos, os exemplos abonados dos bons escritores têm o mesmo sujeito para a oração de *pedir* e para a oração iniciada pela preposição *para*.

A construção DIZER PARA

Semelhantemente ao que ocorre com o verbo *pedir*, a linguagem coloquial despreocupada constrói o verbo *dizer* (*falar* e sinônimos) seguido da preposição *para* junto ao que normalmente seria o seu objeto direto:

> *Disse para que ele fosse embora*

ou

> *Disse para ele ir embora.*

São expressões condenadas que os gramáticos recomendam se evitem no falar correto.

A construção PARA EU FAZER

Em

> O exercício é para eu fazer

a preposição *para* rege o verbo *fazer*, cujo sujeito é o pronome pessoal *eu*. Evite-se a construção errônea *o exercício é para mim fazer*, devida ao fato de se supor que a preposição se prende ao pronome, como: *este presente é para mim.*

Diz-se corretamente *o presente é para mim*, porque a preposição sempre rege pronome oblíquo tônico.

Distinga-se claramente este uso errôneo do correto, em que há antecipação do objeto indireto livre de opinião; o ritmo oracional marca a diferença:

> Para mim (pausa) fazer isso é sempre agradável.

A posição do sujeito nas orações reduzidas

No português contemporâneo, o sujeito das orações reduzidas de gerúndio e particípio vem normalmente depois do verbo (nas locuções verbais pode aparecer depois do auxiliar):

> "A guerra diplomática andava acesa em Roma, *lidando o enviado português* por contrariar com energia os meneios e dilações do Cardeal Torregiani" [LCo.1, I, 44].
>
> *Não me havendo chegado notícia das viagens de Gulliver*, penso que a minha gente liliputiana teve origem nas baratas e nas aranhas [GrR.1, 94].
>
> *Findo o susto*, considerava-me isolado, continuava nas infrações sem nenhuma vergonha [GrR.1, 180].
>
> *Acabada a festa*, foram ao cinema.

Estariam erradas as construções se colocássemos o sujeito antes do verbo: *o enviado português lidando, o susto findo, a festa acabada*.

Nas reduzidas de gerúndio é preciso distinguir cuidadosamente essas linguagens imperfeitas daquelas que, por falta de pontuação adequada, nos fazem supor que se trata de anteposições do sujeito. Nos seguintes exemplos só houve falta da vírgula para separar a principal da subordinada:

> "*O cristianismo elevando o culto* da mulher inspirou a cavalaria e a poesia cavaleiresca, nobilitando pelo amor e pelo sacrifício o sexo que era também o de Maria Santíssima" [JR.2, 51].
>
> "Então *Gonçalo Mendes fazendo* recuar o capuz que cobria a cabeça do suposto mensageiro olhou para ele alguns instantes" [AH.3, 116].147

Entre as reduzidas de gerúndio, fazem exceção ao princípio exposto aquelas que, precedidas da preposição *em*, denotam circunstâncias de tempo, hipótese ou condição, quando o sujeito pode vir antes ou depois desta forma verbal:

> "Ninguém, desde que entrou, *em lhe chegando o turno*, se conseguirá evadir à saída" [RB *apud* FB.1, 126].
>
> "A semelhança entre as filhas de Felipe da Gama reduzia-se a isto: mas era tão grande, que *em as duas conversando* a fala confundia-se, e o ouvinte mais não era capaz de distinguir" [RS.3, 2, 122 *apud* ED.2, §316,b,2,obs].

No tocante às reduzidas de particípio, podem ter o sujeito anteposto ou posposto ao verbo, quando constituído pelos pronomes *isto, isso, aquilo* e *o que*:

> *Isto posto*, resolvemos voltar

ou

> *Posto isto*, resolvemos voltar.

A construção É DA GENTE RIR

A antecipação do sujeito ao verbo, nas orações reduzidas de infinitivo preposicionado, possibilita a combinação da preposição com o sujeito ou um adjunto do sujeito:

> Já era tempo *de* saírem *os alunos* de férias.

pode passar facilmente a *Já era tempo* ***de os alunos*** *saírem de férias* e daí à combinação *Já era tempo* ***dos alunos*** *saírem de férias.*

A preposição pode-se combinar com o núcleo do sujeito. Assim, diremos:

É tempo DE ELE sair

ou

É tempo DELE sair.

Alguns gramáticos não aceitam a combinação apontada sob o pretexto de que o sujeito "não pode vir regido de preposição"; *não se trata aqui, entretanto, de regência preposicional de sujeito, mas do contato de duas palavras que, por hábito e por eufonia, costumam ser incorporadas na pronúncia.* Se tais combinações parecem contrariar a lógica da gramática, cumpre observar que não repugnam a tradição do idioma com o testemunho de seus melhores escritores, antigos e modernos. O que a lição dos fatos nos permite ensinar é que ambas as construções são corretas, segundo nos atestam as seguintes passagens que não se podem dar como errôneas ou descuidos de revisão.148 Trata-se de um problema de estilística fônica, pelo qual a não combinação encarece o papel do sujeito do infinitivo. Do ponto de vista meramente gramatical são válidas ambas construções:

"só voltou *depois do infante estar* proclamado regedor" [AH.2*,* 44].

"Os que no serviço militar perdiam o cavalo tiravam o valor deste dos despojos *antes destes* (*d'estes*, no original) se repartirem" [AH.2].

"*Apesar da sua ação ser...* superior à autoridade dos bispos..." [AH.2].

"... a unidade que resulta da síntese do ideal, *antes deste ser* revelado pela expressão material" [AH.2, 162].

"sabia-o, senhor, *antes do caso suceder*" [AH.4, I, 267].149

"... mesmo *depois dos descobrimentos dos portugueses haverem* transformado as condições do comércio geral do mundo" [RS.2*,* IV, 16].

"*Apesar*, porém, da *caça ser tida* como imagem dos perigos e privações da guerra..." [RS.2, 96].

"Notou, igualmente, a vantagem dos *confederados repartirem* de antemão os postos entre si..." [RS.2, 139].

"... e *a despeito do dia estar* chuvoso" [RS.2, 171-2].

"Nos dias pequenos o sino de recolher soava muito antes *dos mercadores terem* acabado a ceia nas hospedarias..." [RS.2, 527]

"*Depois do Garrett escrever* erradamente no seu *Camões...*" [AC, "Anotações à 6.ª edição do Dicionário de Morais", in *Arquivos Literários* de Delfim Guimarães, V *apud* P. A. Pinto, revista *Colaboração,* nº 5, p. 20].

"... se, por exemplo me concederem um monopólio do plantar couves, *apesar das couves serem* uma das muitas espécies de legumes" [RB *apud* P. A. Pinto, *ibid*.].

"Pelo fato *do verbo* restituir, numa de suas acepções, e entregar, em certos casos, *terem*, como diz o Dr. Rui, o mesmo sentido..." [CR.2 *apud* P. A. Pinto].

"... no caso do *infinitivo trazer compl. direto*" [ED.2, 226).150

Terminamos esta pequena lista com um fato que não deixa dúvidas de que os exemplos aduzidos não se explicam por descuidos. Na página 87 do vol. IV da sua excelentemente escrita *História de Portugal*, contrariando a sintaxe que lhe vem natural e frequente, Rebelo da Silva não faz a combinação:

"Nem o rei, nem o ministro apreciaram o perigo, senão *depois de ele declarado e irremediável*".

Mas, para surpresa de muitos gramáticos, no final do volume, na página destinada a erratas, declara textualmente:

"Onde se lê: *depois de ele* leia-se *depois dele* (*d'elle* no original). 151

Tem-se estendido o exagero da condenação aos casos em que a preposição precede um advérbio, quando, na realidade, o que decide a existência ou não existência da combinação é a menor ou a maior pausa no proferir as duas palavras, ou ainda a eufonia e, como vimos, o realce. No seguinte exemplo de Alexandre Herculano, a pausa maior entre a preposição e o advérbio evita a combinação:

"A afirmativa *de ali* se ajuntarem e agasalharem 20.000 pessoas é naturalmente impossível" [AH.2, 44].

É forçoso reconhecer que a facilidade da combinação da preposição *de* não se estendeu, com a mesma frequência, a outras preposições, nas circunstâncias aqui estudadas. Dá prova disto o seguinte trecho de Rebelo da Silva, tão afeito às construções combinadas:

"*No caso do reino se constituir* em república, que partido seguiria D. João, o do país, ou o dos castelhanos?" "Em qualquer acontecimento, redarguiu o duque, hei de acostar-me ao que seguir o comum do reino". "Então, continuou o secretário, está dada a resposta. Mais vale arriscar tudo para reinar, do que arriscar tudo ainda e ficar vassalo. A ocasião é chegada, e parece que Deus a trouxe. A maior dificuldade consistia *em os outros proporem* a empresa..." [RS.2, IV, 134].

Por fim, cabe-nos assinalar que, neste assunto de combinações de preposição, o português moderno desprezou certos giros que – embora também contrários à lógica da gramática – foram estimados dos antigos e ainda hoje puristas aplaudem. Interessa-nos agora aquela em que se combinava a preposição *por* (antigo *per*) com os pronomes *o, a, os, as,* em função de objeto direto:

Esforcei-me pelo convencer.

hoje desbancado por:

Esforcei-me por convencê-lo (ou *para convencê-lo*) ou *por o convencer* (mais raro entre os brasileiros).

Apesar de exemplos de autores modernos (Rui Barbosa entre eles) e do voto de Mário Barreto [MBa.1, cap. VII, 111-25], concordo com o parecer de Said Ali [SA.6, 4, 160]:

"A construção de *por* e antigo *per* com as formas pronominais *o, a, os, as,* pertence ao número das formas arcaicas, de que se encontram ainda restos, na linguagem popular de Portugal. É imprópria da linguagem culta de hoje, e se ocorre – o que é muitíssimo raro – em algum escritor moderno, deixa-nos logo a impressão de um estilo afetado. Não provam exemplos dessa espécie o uso geral, nem podem servir de norma para o falar correto".152

É elucidativo este passo de Rebelo da Silva, onde ocorrem os dois casos aqui estudados:

"... em que o tribunal proferiu a sentença, mandando entregar as fazendas a Adão Bans e sócios sob fiança *de as* restituírem *no caso dos portugueses* dentro de seis meses *pagarem a quantia*..." [RS.2, 515].

Reduzidas decorrentes e concorrentes

Como as desenvolvidas, as orações reduzidas podem ser:

a) *decorrentes:*

"O Conde de Avranches saiu a eles com quase toda a gente do arraial e *fazendo-os fugir* tomou alguns prisioneiros" [AH.2, 96].

A oração de *fazendo* é reduzida gerundial de tempo e se acompanha da oração também reduzida *fugir* (reduzida de infinitivo), modificadora do objeto direto *os*.

b) *concorrentes:*

"Irado o infante com as injúrias que lhe tinham dito, mandou *enforcar uns e degolar outros*, e o conde perseguiu o resto até Portugal" [AH.2, 96].

As orações reduzidas de infinitivo *enforcar uns* e *degolar outros* são subordinadas equipolentes; por isso se acham coordenadas entre si.

Não raro aparece, entre as orações equipolentes, uma reduzida coordenada à outra desenvolvida ou vice-versa [MBa.1, 168, nota].

> "*Para provar-lhe* que não falto à menor condição estipulada, *e para que a minha consciência fique pura de escrúpulos*, vou dar-lhe a gratificação prometida" [CBr.14, drama, ato II, cena IX].
>
> "Na província de Alentejo o recrutamento fazia-se para exclusiva defesa dela, cabendo um terço de cada comarca, *se era grande*, ou a duas unidas, *sendo pequenas*" [RS.2, 227].

4 – As Frases: Enunciados sem Núcleo Verbal

Oração e frase – Já tínhamos antecipado que a unidade sintática chamada *oração* constitui o centro da atenção da gramática por se tratar de uma unidade em que se relacionam sintaticamente seus termos constituintes e se manifestam as relações de ordem e recção que partem do núcleo verbal e das quais se ocupa a descrição gramatical.

Isto não impede a presença de enunciados destituídos desse núcleo verbal conhecidos pelo nome de *frases*:

> Bom dia!
> Saúde!
> Depressa!
> Que calor!
> Casa de ferreiro, espeto de pau.

Estas frases diferem da oração porque são proferidas, quase sempre, em situações especiais, fora as quais o enunciado não se manifesta em toda sua plenitude.

Em geral seus elementos constituintes são de natureza nominal (substantivos, adjetivos ou advérbios), e a ausência do núcleo verbal, donde dimanam as relações sintático-semânticas, impede que se identifiquem entre seus constituintes as funções que se manifestam na oração. Por outro lado, a frase aponta para asserção de uma verdade geral, já que exclui a forma verbal responsável por uma particularização da expressão [EBv.2, 181]. Entretanto, como são enunciados reais, apela-se para a interpretação mais ou menos próxima dos possíveis equivalentes expressos sob forma de oração. Assim, "entende-se" que um enunciado como *Bom dia!* equivale a *Desejo bom dia* ou *Espero que tenha bom dia!*, ou *Casa de ferreiro, espeto de pau* valeria aproximadamente a *Casa de ferreiro usa espeto de pau* ou *Quando a casa é de ferreiro, o espeto é de pau* ou, ainda, *Em casa de ferreiro não se usa espeto de ferro, mas de pau*.

A simples verificação das várias possibilidades de paráfrases mostra bem como são tênues as relações gramaticais que os termos existentes mantêm entre si dentro da frase. Por isso a descrição da frase não se fará pelos mesmos critérios empregados na oração, mas segundo sua constituição interna. Inicialmente, podemos dividir as frases em *unimembres* e *bimembres*.

Frases unimembres: interjeição – O tipo mais simples de frase é o constituído por

interjeição. Já é antiga em gramática a ideia de a interjeição não ser, a rigor, uma "palavra", mas que equivale a um enunciado independente ou a uma oração inteira:

Oh! Psiu!

Pode ainda aparecer combinada com outras unidades para constituir frases mais complexas:

Ai de mim!
Oh pátria minha!

Já vimos que outras classes de palavras e grupos nominais se podem transpor ao papel de interjeição, empregados em função apelativa, endereçada ao interlocutor, ou como manifestação da atitude do falante [AL.1, 385]:

Socorro!
Depressa!
Meu pai!
Que horror!
Viva!

Podem aparecer unidades mais longas resultantes de respostas ou comentários a diálogos reais ou imaginários com o interlocutor. São frases elípticas, quase sempre de valor nominal, resíduos de orações sintaticamente incompletas ou truncadas, que devem ser tratadas no rol dos enunciados independentes sem núcleo verbal, ao largo de qualquer restituição corretiva do ponto de vista sintático:

"— Está bem, deixe-me ficar algum tempo mais, estou na pista de
um mistério
— *Que mistério*?" [MA.1, 28].
"— Raposo, vou sair; há alguma cousa?
— *Nada, Capitão Viveiros*" [LB.3, 91].
"Fez-me sentar ao pé de si, na varanda, entre muitas exclamações
de contentamento:
— *Ora, o Brasinho*! *Um homem*! Quem diria, há anos... *Um homenzarrão*! *E bonito*! *Qual*! Você não se lembra de mim... [MA.1, 94-95]
— Qual é a sua profissão?
— *Estudante*." [LB.3, 91]

Entre essas verdadeiras *pro-orações* estão as palavras *sim*, *não*, *talvez*, *tampouco* e assemelhadas (sozinhas ou combinadas) que de primitivos advérbios passam por transposição hipertáxica ao papel de frases:

— Já deste a notícia?
— *Ainda não* [LB.3, 165].

Algumas vezes nestes casos um dos interlocutores ou o autor num monólogo faz uso de uma frase exclamativa complexa que vale, unitariamente, por transposição hipotáxica, por uma interjeição:

Eugênia sentou-se a concertar uma das tranças. *Que dissimulação graciosa*! *Que arte infinita e delicada*! *Que tartufice profunda*! [MA.1, 107]

Etiquetas e rótulos – Diferente contexto linguístico ocorre com frases que entram na indicação de etiquetas, letreiros e rótulos situados em circunstâncias tais que, com ajuda de

tais entornos, são suficientes para constituir informações precisas. Deste rol fazem parte a sinalização verbal das indicações de trânsito (*Entrada*, *Saída*, *Retorno*, etc.), de estabelecimentos bancários e comerciais (*Clientes de Conta Ouro*, *Fila Única*, *Padaria*, *Carnes*, *Laticínios*, *Limpeza*, *Estacionamento*, *Entrada proibida*, *Entrada só permitida a funcionários*, etc.)

Frases assertivas bimembres – Embora frases assertivas bimembres possam ser facilmente parafraseadas a orações de estrutura regular e com estas, muitas vezes, se alternar no discurso, não devem ser "reconstituídas" e "emendadas" com auxílio de elipses e outros recursos, para depois serem descritas como orações. A expressividade decorre da leveza e espontaneidade com que se caracterizam.

Incluem-se, portanto, no rol de frases assertivas bimembres (dotadas também de entoação ou contorno melódico assertivos) os seguintes exemplos:

Casa de ferreiro, espeto de pau

Tal pai, tal filho

A vivacidade e leveza que tais frases emprestam ao discurso explicam o seu largo emprego nas máximas e provérbios.

5 – Concordância

Considerações gerais – Em português a *concordância* consiste em se adaptar a palavra determinante ao gênero, número e pessoa da palavra determinada.

A concordância pode ser *nominal* ou *verbal* – Diz-se *concordância nominal* a que se verifica em gênero e número entre o adjetivo e o pronome (adjetivo), o artigo, o numeral ou o particípio (palavras determinantes) e o substantivo ou pronome (palavras determinadas) a que se referem:

"O capitão rosnou *alguma* cousa, deu *dous* passos, meteu *a* mão no bolso, sacou *um* pedaço de papel, muito *amarrotado*; depois *à* luz de *uma* lanterna, leu *uma* ode *horaciana* sobre *a* liberdade *da* vida *marítima*" [MA.1, 65].

Diz-se *concordância verbal* a que se verifica em número e pessoa entre o sujeito (e às vezes o *predicativo*) e o verbo da oração:

"Os outros não sabendo o que *era*, *falavam*, *olhavam*, *gesticulavam*, ao tempo que ela *olhava* só, ora fixa, ora móvel, levando a astúcia ao ponto de olhar às vezes para dentro de si, porque *deixava cair* as pálpebras" [MA.1, 183]

"Chegando à rua, *arrependi*-me de ter saído" [MA.1]

"*Eram* 2 de novembro de 1952" [AH.2, 124].

A concordância pode ser estabelecida de *palavra* para *palavra* ou de *palavra* para *sentido*. A concordância de *palavra* para *palavra* será *total* ou *parcial* (também chamada *atrativa*), conforme se leve em conta a totalidade ou o mais próximo das palavras determinadas numa série de coordenação:

"Repeli-a, porque se me *ofereciam* vida e honra a troco de perpétua infâmia" [AH.1, 147].

O verbo *ofereciam* concorda com a totalidade do sujeito composto: *vida* e *honra*.

"porque entre ele e Suintila... *está* o céu e o inferno" [AH.1, 143].

O verbo *está* concorda, atrativamente, com o sujeito mais próximo (o céu) da série coordenada o *céu* e o *inferno*.

"... *via*-se em todas as faces *pintado* o espantoso e o terror" [AH.2, 124].

O verbo *via* e o adjetivo *pintado* concordam, por atração, com o sujeito mais próximo da série *o espantoso* e *o terror*.

"Quando a educação, os livros, e o sentir daqueles que nos odeiam *apagou* em nossa alma o selo da cruz" [AH.2, 143].

O verbo *apagou* concorda, por atração, com o sujeito mais próximo (*o sentir daqueles*) do sujeito composto, ainda que este venha anteposto ao verbo.

A concordância de *palavra* para *sentido* se diz ainda *concordância* "*ad sensum*" ou *silepse*:

"A plebe *vociferava* as mais afrontosas injúrias contra D. Leonor: e se *chegassem* a entrar no paço, ela sem dúvida seria feita pedaços pelo tropel furioso" [AH.2, 41].

O verbo *vociferava* concorda com o sujeito *plebe* que, sendo um coletivo, pôde, pelo seu conteúdo semântico de pluralidade, levar ao plural o verbo *chegassem*, mais afastado dele.

"Era gente colectícia, *muitos*, acaso, sem pátria da guerra, e por isso pouco *habituados* a resignar-se com as várias e tediosas fases de um assédio" [AH.2, 51].

O termo *gente*, de valor coletivo, é o responsável pela flexão masculina de *muitos* e *habituados*, por se levar em conta a ideia de *soldados* contida na palavra *gente*.

É preciso estar atento a que a liberdade de concordância que a língua portuguesa muitas vezes oferece deve ser cuidadosamente aproveitada para não prejudicar a clareza da mensagem e a harmonia do estilo.

Na língua oral, em que o fluxo do pensamento corre mais rápido que a formulação e estruturação da oração, é muito comum enunciar primeiro o verbo – elemento fulcral da atividade comunicativa – para depois se seguirem os outros termos oracionais. Nestas circunstâncias, o falante costuma enunciar o verbo no singular, porque ainda não pensou no sujeito a quem atribuirá a função predicativa contida no verbo; se o sujeito, neste momento, for pensado como pluralidade, os casos de discordância serão aí frequentes. O mesmo ocorre com a concordância nominal, do particípio.

A língua escrita, formalmente mais elaborada, tem meios de evitar estas discordâncias.

Concordância nominal

A – Concordância de palavra para palavra

1) *Há uma só palavra determinada.*

A palavra determinante irá para o gênero e número da palavra determinada:

"Aflige-nos a glória *alheia contestada* com a *nossa* insignificância" [MM].

"*Os bons* exemplos *dos* pais são *as melhores* lições e a *melhor* herança para *os* filhos" [MM].

"Eu amo *a* noite *solitária* e *muda*" [GD.3, I, 314].

Eu estou *quite*. Nós estamos *quites*.

OBSERVAÇÃO: Os nomes femininos como *sentinela*, *guarda*, *guia* e assemelhados, quando aplicados a pessoas do sexo masculino, mantêm o gênero feminino, e levam para este gênero os determinantes a eles referidos: *a sentinela avançada*; "Depois desta digressão que acabais de fazer pelo mundo, com tão *má guia* como eu, voltemos a ouvir de novo as vossas pedras" [Agostinho de Campos *apud* MBa.2, 212].

2) *Há mais de uma palavra determinada.*

Observar-se-ão os seguintes casos:

1.º) Se as palavras determinadas forem do mesmo gênero, a palavra determinante irá para o plural e para o gênero comum, ou poderá concordar, principalmente se vier anteposta, em gênero e número com a mais próxima:

A língua e (a) literatura *portuguesas* ou A língua e (a) literatura *portuguesa*.

"Amava no estribeiro-mor as virtudes e a lealdade nunca *desmentidas*"

[RS.1, 124].

"O tom e gesto *caricioso*, com que ela dizia isto, não moveu medianamente o esposo" [CBr.1, 158].

"*e os nossos* Basílio e Durão, bem assim o Sr. Magalhães..." [OM, 72].153

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Se as palavras determinadas se referirem a uma só pessoa ou coisa, impõe-se o singular do determinante:

seu fiel amigo e servidor

2.ª) É injusta a crítica do gramático E. Carlos Pereira [CP.1, § 427, 3, nota] aos seguintes exemplos: "... a mão esquerda, entre *cujos* índice e polegar pendia o pergaminho..." [AH.5, II, 24] e "... pelas exigências cada vez maiores destas *devoradoras* e *insaciáveis* fome e sede de leitura" [AC.1, 315].

3.ª) Precedendo um substantivo (título ou prenome), ocorre o plural: Os *irmãos* Pedro e Paulo. Os *apóstolos* Barnabé e Paulo.

4.ª) Um determinante (adjetivo) no plural pode estar aposto a um sujeito do singular que venha colocado depois, quando este sujeito é algum dos pronomes *cada um*, *cada qual*, *ninguém*, *nenhum*, referidos a pessoas ou coisas já mencionadas:

sobressaltados com esta vista, procurava *cada um* pôr-se a salvo [ED].

2.º) Se as palavras determinadas forem de gêneros diferentes, a palavra determinante irá para o plural masculino ou concordará em gênero e número com a mais próxima:

"Vinha todo coberto de negro: *negros* o elmo, a couraça e o saio"

[AH.1, 107].

"como se um grande incêndio devorasse as brenhas e os carvalhais *antigos*" [AH.1, 86].

"*Calada* a natureza, a terra e os homens" [GD.3, I, 315].

com *boa* coragem e zelo, com coragem e zelo *bom* (ou *bons*), com *bons* coragem e zelo

toda sua luta e sacrifícios.

todos seus sacrifícios e luta.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Por uma questão de agrado auditivo (eufonia), prefere-se que numa série de palavras determinadas de gêneros diferentes seguida de palavra determinante no masculino plural, venha a determinada masculina em último lugar.

2.ª) Se, neste caso, se tratar de pronome possessivo posposto, a concordância deste se fará com o último substantivo:

"Este velho desterrado por *gosto* e *eleição sua*..." [RS.1, 16].

3.ª) Quando há ideia de reciprocidade, torna-se obrigatório o emprego do plural: "Ele entrou prazenteiro... e encontrou padrinho e afilhada *empenhados* em uma discussão sobre autoridade" [LBa *apud* SS.1, § 257 obs.].

3) *Há uma só palavra determinada e mais de uma determinante.*

A palavra determinada irá para o plural ou ficará no singular, sendo, neste último caso,

facultativa a repetição do artigo. Em geral, isto ocorre com adjetivos de nacionalidade: *As literaturas* brasileira e portuguesa ou *A literatura* brasileira e portuguesa (maneira de dizer menos frequente e, com exagero de lógica gramatical, considerada errônea por muitos autores) ou *A literatura* brasileira e *a* portuguesa.

"e os *cronistas tudense e toledano* fazem a luta dos dous reis depois daquele consórcio" [AH.6, III, 86].

"Li um anúncio, convidando mestra de *línguas inglesa* e *francesa* para o colégio" [CBr.1, 128].

"O pequeno reino sucessivamente perlustrou *as costas ocidental e oriental* da África..." (C. de Laet, I, 211).

as séries quarta e quinta

a quarta e quinta série (ou *séries*)

B – Concordância de palavra para sentido

A palavra determinante pode deixar de concordar em gênero e número com a *forma* da palavra determinada para levar em consideração, apenas, o *sentido* em que esta se aplica: *o* (vinho) *champanha*, *o* (rio) *Amazonas*.

Entre os diversos casos desta concordância pelo sentido aparecem os seguintes:

1) As expressões de tratamento do tipo de V. Ex.ª, V. S.ª, etc.:

V.Ex.ª é { *atencioso* (referindo-se a homem)
atenciosa (referindo-se a mulher)

OBSERVAÇÃO: Quando se junta um adjetivo a tais formas de tratamento, tal adjetivo fica no gênero da forma de tratamento:

Sua Majestade *fidelíssima* foi contrariado pelos representantes diplomáticos.

2) A expressão *a gente* aplicada a uma ou mais pessoas com inclusão da que fala:

"Pergunta a gente a si *próprio* (refere-se a pessoa do sexo masculino) quanto levaria o solicitador ao seu cliente por ter sonhado com o seu negócio" [PC *apud* MBa.2, 413]154.

3) O termo determinado é um coletivo seguido de determinante em gênero ou número (ou ambos) diferentes:

"*Acocorada* em torno, *nus*, a negralhada *miúda*, de dois a oito anos" [HC.2, 84].

Note-se que *acocorada* e *miúda* concordam com a forma gramatical de *negralhada*, enquanto *nus* o faz levando em conta o seu sentido (= grupo de negrinhos de dois a oito anos).

4) A palavra determinada aparece no singular e mais adiante o determinante no plural em virtude de se subentender aquela no plural:

"Não compres *livro* somente pelo título: ainda que pareçam bons, são muitas vezes péssimos" [JR.1, 321].

"Mas não nos constou em que *ano* começou nem *quantos* esteve com ele" [LS *apud* JR.1]155.

C – Outros casos de concordância nominal

1) ***Um e outro, nem um nem outro*** – Com *um e outro*, põe-se no singular o determinado (substantivo), e no singular ou no plural o verbo da oração, quando estas expressões aparecem

como sujeito:

"Alceu Amoroso Lima (...) teve a boa ideia de caracterizar e diferençar o ensaio e a crônica, dizendo que *um e outro* gênero se afirmam pelo estilo".

"Parou um momento e, olhando para *um e outro lado*, endireitou a carreira..." [AH.1, 107].

"Mas *uma e outra cousa duraram* apenas rápido instante" [AH.1, 218].

Com *nem um nem outro* é de rigor o singular para o substantivo e verbo:

Nem um nem outro livro merece ser lido.

Com *um ou outro* o substantivo também fica no singular e invariavelmente no singular aparece o verbo de que a expressão serve de sujeito:

"*Um ou outro* soldado, indisciplinadamente, *revidava*, disparando à toa, a arma para os ares" [EC, 2.ª ed., 428].

Se as expressões *um e outro*, *nem um nem outro* se aplicarem a nomes de gêneros diferentes, é mais comum o emprego das formas masculinas:

"Tornou a vê-la, foi visto por ela, e acabaram namorados *um do outro*" [MA.12, 1.ª ed., 39].

"Ali teve el-rei escondido algum tempo, e lá começaram os seus amores com a rainha, que tão fatais foram para *um e outro*" [AH.2, 35].

"Repousavam bem perto *um do outro* a matéria e o espírito" [AH.1, 44].

Não raro pode aparecer a concordância com o termo referido:

"... vivia o casal venturoso de um certo Izraim persa letrado e da sua esposa Proftásia que *um e outra* cultivavam para deleite do espírito a filosofia grega" [JR.2, 15].

2) ***Mesmo, próprio, só*** – Concordam com a palavra determinada em gênero e número:

Ele *mesmo* disse a verdade. Ela *mesma* disse a verdade.

Elas *próprias* foram ao local.

Nós não estamos *sós*.

"Eles *sós* se encaminham para essa parte..." [AH.1, 153].

Em língua literária ocorre o adjetivo *só* variável onde no colóquio se prefere usar do advérbio *só*, portanto invariável:

"Com *sós* 27 anos de idade... já a palidez da morte se via lutar no seu rosto com as rosas da mocidade [AC.10].

Mesmo, além de se empregar na ideia de identidade (= em pessoa), aparece ainda como sinônimo de *próprio*, *até*:

"ao *mesmo* demônio se deve fazer justiça, quando ele a tiver" [AV *apud* ED.2, § 86, a].

Este último sentido e mais o emprego adverbial junto de *aqui*, *já*, *agora* (aqui mesmo, já mesmo, agora mesmo) facilitaram o aparecimento moderno da palavra como advérbio, modo de dizer que os puristas condenam, mas que vem ganhando a simpatia geral:

"... vaidosos de seus apelidos, mas inofensivos, e virtuosos *mesmo* por vaidade de imitarem seus avoengos" [CBr.6, 219].156

3) ***Menos* e *somenos*** – É preciso atenção para não fazer a concordância de *menos* com o substantivo seguinte:

Mais amores e *menos* confiança (e não *menas*!).

Vale a mesma observação para *somenos* (= de menor valor):

"Há neles coisas boas e coisas más ou *somenos*" [MB.2, 239].

4) ***Leso*** – É adjetivo, e não forma do verbo *lesar*, em construções de tipo: crime de lesa-pátria, crime de leso-patriotismo. Por isso há de concordar com o seu determinado em gênero e número:

"Como se a substância não fosse já um crime de *leso-gosto* e *lesa-seriedade*, ainda por cima as pernas saíam sobre as botas" [CBr.1, 83].

5) ***Anexo***, ***apenso*** e ***incluso*** – *Anexo*, *apenso* e *incluso*, como adjetivo, concordam com a palavra determinada em gênero e número:

Correm *anexos* (*inclusos, apensos*) aos processos vários documentos.

Vai *anexa* (*inclusa, apensa*) a declaração solicitada.

OBSERVAÇÃO: Usa-se invariável *em anexo*, *em apenso*: Vai *em anexo* (*em apenso*) a declaração. Vão *em anexo* (*em apenso*) as declarações.

6) ***Dado*** e ***visto*** – Usados adjetivamente, concordam em gênero e número com o substantivo determinado:

Dado (*Visto*) o problema que se nos apresentou, resolvemos desistir do contrato.

Dadas (*Vistas*) as circunstâncias, foram-se embora.

7) ***Meio*** – Com o valor de "metade", usado adjetivamente, concorda em gênero e número com o termo determinado, claro ou oculto:

"Para aquilatar a importância do tropeiro, basta lembrar que o Brasil tem cerca de oito e *meio* milhões de quilômetros quadrados de superfície..." [AAr.2, 102].

Era *meio-dia e meia* (i.é: e *meia hora*).

8) ***Pseudo*** e ***todo*** – Usados em termos compostos ficam invariáveis.

A *pseudo-sabedoria* dos tolos é bem grande.

A *fé todo-poderosa* que nos guia é nossa salvação.

9) ***Tal*** e ***qual*** – *Tal*, como todo determinante, concorda em gênero e número com o determinado:

Tal opinião é absurda.

Tais razões não me movem.

Em correlação, *tal qual* também procedem à mesma concordância:

Ele não era *tal quais* seus primos.

Os filhos são *tais qual* o pai.

Os boatos são *tais quais* as notícias.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Em lugar de *tal qual*, podem aparecer: *tal e qual*, *tal ou qual*.

2.ª) Não confundir *tal qual* flexionáveis com *tal qual*, *tal qual como* invariáveis que valem "como":

"Descerra uns sorrisos discretos, sem mostrar os dentes, *tal qual como* as inglesas de primeiro sangue" [CBr *apud* CJ.1, 32].

1 0) ***Possível*** – Com *o mais possível*, *o menos possível*, *o melhor possível*, *o pior*

possível, *quanto possível*, o adjetivo *possível* fica invariável, ainda que se afaste da palavra *mais*:

Paisagens o mais *possível* belas
Paisagens o mais belas *possível*
Paisagens quanto *possível* belas

Com o plural *os mais*, *os menos*, *os piores*, *os melhores*, o adjetivo *possível* vai ao plural:

Paisagens as mais belas *possíveis*.

Estão erradas concordâncias como:

Paisagens as mais belas ***possível.***

Fora destes giros, a concordância de *possível* se processa normalmente:

"As alturas e o abismo são as fronteiras dele: no meio estão todos os universos *possíveis*" [AH.2, 160].
Sob todos os pontos de vista *possíveis*.

11) ***A olhos vistos*** – É tradicional o emprego da expressão *a olhos vistos* no sentido de *claramente*, *visivelmente*, em referência a nomes femininos ou masculinos:

"... padecia calada e definhava *a olhos vistos*" [MA.5, 13 *apud Tradições Clássicas*, 370].

Mais rara, porém correta, é a concordância de *visto* com a pessoa ou coisa que se vê:

"As minhas forças medravam *a olhos vistas* de dia para dia"
[AC *apud* CR.1, 554].
"O barão desmedrara *a olhos visto*" [CBr *apud* PDo.2, 32].

12) ***É necessário paciência*** – Com as expressões do tipo *é necessário*, *é bom*, *é preciso*, significando 'é necessário', o adjetivo pode ficar invariável, qualquer que seja o gênero e o número do termo determinado, quando se deseja fazer uma referência de modo vago ou geral. Poder-se-á também fazer normalmente a concordância:

É *necessário* paciência.
É *necessária* muita paciência.
"O fato de ter sido *precisa* a explicação (...)" [AP.1, 424 n.º 25].
"Eram *precisos* outros três homens" [AM.1 *apud* RBa.1, 33].

É possível ainda, em tais casos, aparecer no singular o próprio verbo da oração:

"É doce ao velho
Sons d'argentina voz" [GD *apud* SS.1, 254]

Como acentua Barbadinho, a flexão de *necessária*(*s*) é mais frequente que a de *precisa.*

13) **Adjetivo composto** – Nos adjetivos compostos de dois ou mais elementos referidos a nacionalidades, a concordância em gênero e número com o determinado só ocorrerá no último adjetivo do composto:

Acordo *luso-brasileiro*
Amizade *luso-brasileira*
Lideranças *luso-brasileiras*

14) ***Alguma coisa boa*** **ou** ***alguma coisa de bom*** – Em *alguma coisa boa* o adjetivo

concorda com o termo determinado:

"Quem tivesse reparado em Fr. Vasco perceberia facilmente que na sua alma se passava também *alguma cousa extraordinária*" [AH *apud* MBa.7, 144].

Em *alguma coisa de bom*, o adjetivo não concorda com *coisa*, sendo empregado neutralmente (como *algo de novo*, *nada de extraordinário*, *nada de trágico,* etc.).

Por atração pode-se fazer a concordância do adjetivo com o termo determinado que funciona como sujeito da oração:

"Que tinha pois, Ricardina, de *sedutora*!" [CBr *apud* MBa.7, 146].

"Amor próprio do vilão; que a infâmia nada tinha de *engenhosa*" [*Id*., *ibid*.].

Se os homens não tivessem alguma coisa de *loucos* seriam incapazes de heroísmo [MM].

A vida nada tem de *trágica*.

15) ***Um pouco de luz* e *uma pouca de luz*** – Ao lado da construção normal *um pouco de luz* pode ocorrer a concordância atrativa *uma pouca de luz*, por se haverem fundido numa só expressão as duas seguintes maneiras de dizer: *pouco de luz* + *pouca luz* 157:

"e aos pés deles os fiéis que obtinham para última jazida *uma pouca de terra*..." [AH.1, 154].

16) **Concordância do pronome** – O pronome, como palavra determinante, concorda em gênero e número com a palavra determinada.

Emprega-se o pronome oblíquo *os* em referência a nomes de diferentes gêneros:

"A generosidade, o esforço e o amor ensinaste-*os* tu em toda a sua sublimidade" [AH.1, 35].

17) ***Nós* por *eu*, *vós* por *tu*** – Empregando-se *vós* em referência a uma só pessoa, põe-se no singular o adjetivo:

"Sois *injusto* comigo" [AH *apud* ED.2, §14, b].

Ao se empregar, em idênticas condições, o pronome *nós*, o adjetivo pode ficar no singular ou ir ao plural:

Antes sejamos *breve* que *prolixo*.

"Entre o desejo de alimentar a curiosidade do leitor e o receio de faltar à exação histórica, hesitávamos perplexos" [AH *apud* ED.2, §14, b].

18) **Alternância entre adjetivo e advérbio** – Há casos em que a língua permite usar ora o advérbio (invariável) ora o adjetivo (variável):

"Vamos a falar *sérios*" [CBr *apud* MBa.1, 265].

Vamos a falar *sério*.

"Os momentos custam *caros* [RS *apud* MBa.1, 265].

Os momentos custam *caro*.

A vida custa tão *cara* aos velhos quanto é *barata* para os moços [MM].

"Era esta a herança dos miseráveis, que ele sabia não escassearem na quase solitária e *meia* arruinada Carteia" [AH.1, 12].

A voz sumiu-se-lhe, *toda* trêmula [EQ.3, 647].

A distinção entre adjetivos e advérbios só se dá claramente quando a palavra determinada está no feminino ou no plural, caso em que a flexão nos leva a melhor interpretar o termo

como adjetivo. Na língua padrão atual, a tendência é para nestes casos proceder dentro da estrita regra da gramática e usar tais termos sem flexão, adverbialmente.

Entram nesta possibilidade de flexão as construções de *tanto mais*, *quanto menos*, *pouco mais*, *muito mais*, em que o primeiro elemento pode concordar ou não com o substantivo:

Com *quanto* mais *razão*, *muito* mais honra.

Com *quanta* mais *razão*, *muita* mais honra.

Poucas mais *palavras* trocamos [CBr *apud* MBa.4, 21].

Notemos, por fim, que *alerta* é rigorosamente um advérbio e, assim, não aparece flexionado:

Estamos todos *alerta*.

Há uma tendência para se usar desta palavra como adjetivo, mas a língua padrão recomenda se evite tal prática. Junto de substantivo *alerta* adquire significado e função de adjetivo:

"A moça aguardava com inteligência curta, os sentidos *alertas*" [CLi *apud* RBa.2, 14].

Em sentido contrário, aparece o engano de não se flexionar o adjetivo *quite*. Deve-se dizer:

Estou *quite*.

Estamos *quites*.

19) **Particípios que passaram a preposição e advérbios** – Alguns particípios passaram a ter emprego equivalente a preposição e advérbio (por exemplo: *exceto*, *salvo*, *mediante*, *não obstante*, *tirante*, etc.) e, como tais, normalmente devem aparecer invariáveis. Entretanto, não se perdeu de todo a consciência de seu antigo valor, e muitos escritores procedem à concordância necessária:

"Os tribunais, *salvas* exceções honrosas, reproduziam... todos os defeitos do sistema" [RS.2, IV, 67].

"A razão desta diferença é que a mulher (*salva* a hipótese do cap. CI e outras) entrega-se por amor..." [MA.1, 327].

Como bem pondera Epifânio Dias, flexionar tais termos "é expressar-se na verdade com correção gramatical, mas de modo desusado" [ED.2, §220, a].

Deste modo, a língua moderna dá preferência a dizer "*salvo* exceções", "*salvo* a hipótese".

20) **A concordância com numerais** – Quando se empregam os cardinais pelos ordinais, não ocorre a flexão:

Página *um*. Figura *vinte e um*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Na linguagem jurídica diz-se: A folhas *vinte e uma*. A folhas *quarenta e duas*.

2.ª) Embora se tenha usado o substantivo no singular precedido de numeral combinado com *um*, *uma*, a preferência atual é pô-lo no plural: *vinte e um dias*, *as mil e uma noites*, etc.

3.ª) *Milhar* é masculino e portanto não admite seus adjuntos postos no feminino a concordar com o núcleo substantivo feminino: *Os milhares de pessoas* (e não *as milhares* de pessoas).

21) **A concordância com os adjetivos designativos de nomes de cores** – Surgem as incertezas quando o nome de cor é constituído de dois adjetivos. Neste caso, a prática mais comum é deixar o primeiro invariável na forma do masculino e fazer a concordância do

segundo com o substantivo determinado, embora não deixem de aparecer exemplos em bons autores em que estejam flexionados os dois adjetivos:

olhos verde-claros, *ondas verde-azuladas*.

Concordância verbal

A – Concordância de palavra para palavra

1) Há um só sujeito:

a) Se o sujeito for simples e singular, o verbo irá para o singular, ainda que seja um coletivo:

"A vida *tem* uma só entrada: a saída *é* por cem portas" [MM].

"Povo sem lealdade não *alcança* estabilidade" [MM].

b) Se o sujeito for simples e plural, o verbo irá para o plural:

"Os bons conselhos desprezados *são* com dor comemorados" [MM].

"A virtude aromatiza e purifica o ar, os vícios o *corrompem*" [MM].

2) Há mais de um sujeito:

Se o sujeito for composto, o verbo irá, normalmente, para o plural, qualquer que seja a sua posição em relação ao verbo:

"... os ódios civis, as ambições, a ousadia dos bandos e a corrupção dos costumes *haviam* feito incríveis progressos" [AH.1, 21].

"Repeti-as, porque se me *ofereciam* vida e honras a troco de perpétua infâmia" [AH.1, 144].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Pode dar-se a concordância com o núcleo mais próximo, *principalmente se o sujeito vem depois do verbo*:

"O romeiro é livre como a ave do céu: *respeitam*-no o besteiro e o homem d'armas; dá-lhe abrigo o vilão sobre o seu colmo, o abade no seu mosteiro, o nobre no seu castelo" [AH.3, 145].

2.ª) Quando o núcleo é singular e seguido de dois ou mais adjuntos, pode ocorrer o verbo no plural, como se tratasse na realidade de sujeito composto:

"ainda quando *a autoridade paterna e materna fossem delegada*s..." [AGa.2, 25].

A concordância do verbo no singular é a mais corrente na língua padrão.

3.ª) Nas obras com mais de um autor adota-se modernamente o hábito alemão de se indicar a autoria com os nomes separados por hífen, caso em que o verbo da oração vai ao plural ou ao singular (levando-se, neste caso, apenas em conta a obra em si): Meillet-Ernout *dizem* (ou *diz*) no seu *Dictionnaire Étymologique* – que a origem é duvidosa.

4.ª) Pode ocorrer o verbo no singular ainda nos casos seguintes:

a) se a sucessão dos substantivos indicar gradação de um mesmo fato:

A censura, a autoridade, o poder público, inexorável, frio, grave, calculado, lá *estava* [AH.7, VII, 113].

b) se se tratar de substantivos sinônimos ou assim considerados:

O ódio e a guerra que declaramos aos outros nos *gasta* e *consome* a nós mesmos [MM].

c) se o segundo substantivo exprimir o resultado ou a consequência do primeiro:

A doença e a morte de Filipe II (...) *foi* como a imagem (...) [RS.2, IV, 6].

d) se os substantivos formam juntos uma noção única:

O fluxo e refluxo das ondas nos *encanta*.

5.ª) Quando o verbo se põe entre os núcleos do sujeito, como acontece às vezes em poesia e no estilo solene, a concordância pode ser feita com o núcleo mais próximo ou gramaticalmente com a totalidade do sujeito [RC.1, 251].

B – Concordância de palavra para sentido

Quando o sujeito simples é constituído de nome ou pronome que se aplica a uma coleção ou grupo, pode o verbo ir ao plural. A língua moderna impõe apenas a condição estética, uma vez que soa geralmente desagradável ao ouvido construção do tipo:

O povo trabalham ou A gente vamos.

Se houver, entretanto, distância suficiente entre o sujeito e o verbo e se quiser acentuar a ideia de plural do coletivo, não repugnam à sensibilidade do escritor exemplos como os seguintes:

> "Começou então *o povo* a alborotar-se, e pegando do desgraçado cético o *arrastaram* até o meio do rossio e ali o *assassinaram*, e *queimaram*, com incrível presteza" [AH.2, 83].
>
> "Faça como eu: lamente as misérias dos homens, e viva com eles, sem participar-lhe dos defeitos; porque, meu nobre amigo, se *a gente* vai a rejeitar as relações das famílias, justa ou injustamente abocanhadas pela maledicência, a poucos passos não *temos* quem nos receba" [CBr.1, 64].

C – Outros casos de concordância verbal

1) **Sujeito constituído por pronomes pessoais**

Se o sujeito composto é constituído por diferentes pronomes pessoais em que entra *eu* ou *nós*, o verbo irá para a 1.ª pessoa do plural:

> "*Vínhamos* da missa ela, o pai e eu" [MA.1, 309].

Se na série entra *tu* ou *vós* e nenhum pronome de 1.ª pessoa, o verbo irá normalmente para a 2.ª pessoa do plural:

> "E, assim, te repito, Carlota, que Francisco Salter voltará, será teu marido, e tereis (i.é, *tu* e *ele*) larga remuneração dos sofrimentos que oferecerdes a Deus..." [CBr.4, 79].

OBSERVAÇÃO: Ou porque avulta como ideia principal o último sujeito ou porque, na língua contemporânea, vai desaparecendo o tratamento *vós*, nestes casos, a norma consagrou o verbo na 3.ª pessoa do plural:

> "quando *tu e os outros velhacos* da tua laia lhe *estorroaram* na cara lixo e terra..." [AH.5, I, 152 *apud* SA.5, II, 69].

Para a concordância com expressões de tratamento.

2) **Sujeito ligado por série aditiva enfática**

Se o sujeito composto tem os seus núcleos ligados por série aditiva enfática (não só... mas, tanto... quanto, não só... como, etc.), o verbo concorda com o mais próximo ou vai ao plural (o que é mais comum quando o verbo vem depois do sujeito):

> "Tanto o lidador como o abade *haviam* seguido para o sítio que ele parecia buscar com toda a precaução" [AH.3, 184].

3) **Sujeito ligado por *com***

Se o sujeito no singular é seguido imediatamente de outro no singular ou no plural mediante a preposição *com*, ou locução equivalente, pode o verbo ficar no singular, ou ir ao plural *para realçar a participação simultânea na ação*:

> "El-rei, com toda a corte e toda a nobreza, *estava* fora da cidade, por causa da peste em que então Lisboa ardia" [AH.2, 84].
>
> "Estas explicações não evitaram que o desembargador, com os seus velhos amigos, *prognosticassem* o derrancamento do morgado da Agra..." [CBr.1, 108].
>
> "Nesta conjuntura, um deputado dileto da rainha, por nome Antônio José da Silva Peixoto, *coadjuvado pelo foliculário José Acúrsio das Neves, levantaram-se e prorromperam* em 'vivas'..." [CBr *apud* MBa.1, 206].

4) **Sujeito ligado por *nem... nem***

O sujeito composto ligado pela série aditiva negativa *nem... nem* leva o verbo normalmente ao plural e, às vezes, ao singular:

"É a nobre dama recém-chegada, à qual *nem* o cansaço de trabalhosa jornada, *nem* o hábito dos cômodos do mundo *puderam impedir*..." [AH.1, 136].

"... *nem* Deus, *nem* o mundo lhes *dará* a mínima recompensa" [AH.2, 16].

Constituído o sujeito pela série *nem um... nem outro*, fica o verbo no singular:

Nem um nem outro *compareceu* ao exame.

5) **Sujeito ligado por *ou***

O verbo concordará com o sujeito mais próximo se a conjunção indicar:

a) *exclusão*:

"a quem a doença *ou* a idade *impossibilitou* de ganharem o sustento..." [AH.2, 16].

Se João Fernandes (*ou* Platzhoff) os *dá* como entes sem afeições (...) [CL.1, II, 304]

b) *retificação de número gramatical*:

"Cantares é o nome que o autor *ou* autores do Cancioneiro chamado do Colégio dos Nobres *dão* a cada um dos poemetos..." [AH.3, 131].

Sei que algures existe a alma ou as almas, às quais eu me dirijo [ACt.1, 23].

c) *identidade* ou *equivalência*:

O professor ou o nosso segundo pai *merece* o respeito da pátria.

Se a ideia expressa pelo predicado puder referir-se a toda a série do sujeito composto, o verbo irá para o plural mais frequentemente, porém pode ocorrer o singular:

"A nulidade *ou* a validade do contrato... *eram* assunto de direito civil"

[AH.2, 20].

"A ignorância *ou* errada compreensão da lei não *eximem* de pena (...)" [Código Civil].

"Mas aí, como se o destino *ou* o acaso, *ou* o que quer que fosse *se lembrasse* de dar algum pastos aos meus arrombos possessórios" [MA.1, 146].

6) **Sujeito representado por expressão como *a maioria dos homens***

Se o sujeito é representado por expressões do tipo de *a maioria de*, *a maior parte de*, *grande parte de*, *parte de* e um nome no plural, o verbo irá para o singular ou plural:

"a maior parte deles *recusou* segui-lo com temor do poder da regente" [AH.2, 38].

"e a maior parte dos esquadrões *seguiram-nos*" [AH.1, 111].

7) **Sujeito representado por *cada um de* + plural**

Neste caso, o verbo fica no singular:

Cada um dos concorrentes *deve* preencher corretamente as fichas de inscrição (e não *devem* preencher!).

8) **Concordância do verbo *ser***

Como se dá com a relação sintática de qualquer verbo e o sujeito da oração, o normal é que sujeito e verbo *ser* concordem em número:

José era um aluno aplicado.

Os dias de inverno são menores que os de verão.

Todavia, em alguns casos, o verbo *ser* se acomoda à flexão do predicativo, especialmente quando se acha no plural. São os seguintes os casos em que se dá esta concordância:

a) quando um dos pronomes *isto*, *isso*, *aquilo*, *tudo*, *ninguém*, *nenhum* ou expressão de

valor coletivo do tipo de *o resto*, *o mais* é sujeito do verbo *ser*:

Tudo *eram alegrias* e *cânticos* [RS.1, 5].

A concordância normal com o sujeito ocorre, apesar de mais rara:

Tudo é alegrias.

b) quando o sujeito é constituído pelos pronomes interrogativos *quem*, *que*, *o que*:

O que são comédias? [CBr.1, 40].

Quem eram os convidados?

Não sei *quem são os vencedores*.

c) quando o verbo *ser* está empregado na acepção de "ser constituído por":

A provisão *eram alguns quilos de arroz*.

d) quando o verbo *ser* é empregado impessoalmente, isto é, sem sujeito, nas designações de horas, datas, distâncias:

São dez horas? Ainda não *o são*.

Hoje *são 15* de agosto.

Da estação à fazenda *são três léguas* a cavalo [M. Said Ali].

OBSERVAÇÃO: Precedido o predicativo plural da expressão *perto de* é ainda possível vir o verbo *ser* no singular:

Era perto de duas horas quando saiu da janela [MA.3 *apud* SS].

Eram perto de oito horas [MA.3, *apud* SS].

e) quando o verbo *ser* aparece nas expressões *é muito*, *é pouco*, *é mais de*, *é tanto* e o sujeito é representado por termo no plural que denota preço, medida ou quantidade:

Sessenta mil homens *muita gente é* para casa tão pequena [RS.1, 1873, 172].

Dez reais *é pouco*.

Nas orações ditas equativas em que com *ser* se exprime a definição ou a identidade, o verbo, posto entre dois substantivos de números diferentes, concorda em geral com aquele que estiver no plural. Às vezes, um dos termos é um pronome:

A pátria não *é* ninguém: *são* todos [RB.3, 11].

Mas:

Justiça é tudo, justiça *é as virtudes todas* [AGa.2, 45].

Às vezes em vez de *ser* aparece o verbo *parecer*:

Essa imensa papelada

- - - - - - - - - - - - - - -

Parecem indiscrições [GD.3, II, 445].158

Se o sujeito está representado por pronome pessoal, o verbo *ser* concorda com o sujeito, qualquer que seja o número do termo que funciona como predicativo:

Ela *era* as preocupações do pai.

Na expressão, que introduz narrações, do tipo de *era uma princesa*, o verbo *ser* é intransitivo, com o significado de *existir*, funcionando como sujeito o substantivo seguinte, com o qual concorda:

Era uma princesa muito formosa que vivia num castelo de cristal.

Eram quatro irmãs tatibitates e a mãe delas tinha muito desgosto com esse defeito [CC.1, 292].

Com a expressão *era uma vez uma princesa*, continua o verbo *ser* como intransitivo e o substantivo seguinte como sujeito; todavia, como diz A.G. Kury, "a atração fortíssima que exerce o numeral *uma* da locução *uma vez*", leva a que o verbo fique no singular ainda quando o sujeito seja um plural:

Disse que *era uma vez* dois (...) compadres, um rico e outro pobre [CC.1, 31].

Era uma vez três moças muito bonitas e trabalhadeiras [CC.1, 120].

A verdade é que muitos idiomas, em textos de níveis distensos, apresentam essas irregularidades que se afastam do uso normal e padrão, principalmente quando o verbo é anunciado antes do sujeito, com alguma distância, como se o falante ao começar a oração pelo verbo ainda não tivesse decidido como iria apresentar formalmente a expressão do sujeito.

A moderna expressão *é que*, de valor reforçativo de qualquer termo oracional, aparece em geral com o verbo *ser* invariável em número:

*Nós é que s*omos brasileiros / Nós somos brasileiros.

Esses livros é que não compraremos agora.

Afastado do *que* e junto do termo no plural, aparece às vezes o verbo *ser* no plural:

São de homens assim *que* depende o futuro da pátria / De homens assim *é que* depende o futuro da pátria.

Foram nesses livros *que* estavam as respostas / Nesses livros *foi que* estavam as respostas.

Nas expressões que denotam operação aritmética do tipo *um e um*, *um mais um*, *um com um*, que funcionam como sujeito do verbo *ser* (*fazer*, *somar*, etc.), o verbo vai ao plural concordando normalmente com o sujeito:

— Sempre ouvi dizer que duas semanas são quinze dias.

— Eu também tenho ouvido, confessou o Dr. Magalhães. Mas é um engano. Uma semana tem sete dias. *Sete e sete não são* catorze? E então? [GR.2, 3.ª ed., 75].

9) **A concordância com *mais de um***

Depois de *mais de um* o verbo é em geral empregado no singular, sendo raro o aparecimento de verbo no plural:

"... *mais de um* poeta *tem* derramado..." [AH.2, 155].

"*Mais de um* coração de guerreiro *batia* apressado..." [AH.2, 169].

"Sei que há *mais de um* que não se *envergonham* dela" [AH.2, 169].

10) **A concordância com *que de***

Com *que de* (= que quantidade de, quanta) seguido de substantivo sujeito no plural o verbo vai ao plural:

Que de forças *existem* no coração feminino!

11) **A concordância com *quais de vós***.

Se o sujeito for constituído de um pronome plural de sentido partitivo (*quais, quantos, algumas, nenhuns, muitos, poucos,* etc.), o verbo concorda com a expressão partitiva introduzida por *de* ou *dentre*:

"*Quais dentre vós... sois* neste mundo sós e não tendes quem na morte regue com lágrima a terra que vos cobrir? *Quais de vós sois*, como eu, desterrados no meio do gênero humano?" [AH.1, 188-9].

Pode ainda ocorrer o verbo na 3.ª pessoa de plural:

"*quantos dentre vós estudam* conscienciosamente o passado?" [JA *apud* SS.1, § 456].

12) **A concordância com os pronomes relativos**

a) Se o sujeito da oração é o pronome relativo *que*, o verbo concorda com o antecedente, desde que este não funcione como predicativo de outra oração:

"Não gastava ele as horas *que* lhe *sobejavam* do exercício do seu laborioso ministério numa obra do senhor?" [AH.1, 18].

"Ó tu, *que tens* de humano o gesto e o peito" [LC.1, III, 127].

b) Se o antecedente do sujeito *que* for um pronome demonstrativo, o verbo da oração adjetiva vai para a 3.ª pessoa:

Aquele que trabalha acredita num futuro melhor.

Aqueles que trabalham acreditam num futuro melhor.

OBSERVAÇÃO:

Entra neste princípio a oração adjetiva que se substantiva mediante *o*, *a*, *os*, *as*:

Os que prometem fazer felizes os povos *são* ordinariamente os que pretendem sê-lo à custa deles. [MM].

Quando, por silepse, se quer incluir a pessoa que fala ou a que se dirige, pode-se pôr o verbo da oração adjetiva na 1.ª ou 2.ª pessoa do plural:

Por que a verdade é que somos nós *os que fabricamos* os próprios aspectos da natureza (...) [JR.2, 191].

Porque voltastes sem vo-lo eu ordenar, *vós os que tínheis* jurado obedecer-me em tudo? [AH.1, 223].

(...) *vós a que não tendes* nenhum préstamo de minhas mãos! [AH.3, 174, ed. 1878].

c) Se o antecedente do pronome relativo funciona como predicativo, o verbo da oração adjetiva pode concordar com o sujeito de sua principal ou ir para a 3.ª pessoa (se não se quer insistir na íntima relação entre o predicativo e o sujeito):

"Sou eu o primeiro que não *sei* classificar este livro" [AH.1, 311].

Fui o primeiro que *conseguiu* sair.

"Éramos dois sócios, que *entravam* no comércio da vida com diferente capital"[MA *apud* SS.1, § 461].

d) É de rigor a concordância do verbo com o sujeito de *ser* nas expressões de tipo *sou eu que*, *és tu que*, *foste tu que*, etc. (neste caso, era prática da língua até fins do séc. XVIII usar o artigo como antecedente do relativo: *sou eu o que*, etc.):

"Não fui eu que o *assassinei*" [AH *apud* SA.5, II, 75].

"Foste *tu que* me *buscaste*" [AH *apud* SA.5, II, 75].

e) Se ocorrer o pronome *quem*, o verbo da oração subordinada vai para a 3.ª pessoa do singular, qualquer que seja o antecedente do relativo, ou concorda com este antecedente:159

"Eram as paixões, os vícios, os afetos personalizados *quem fazia* o serviço dos seus poemas" [AH *apud* SA.5, 77].

"*És tu quem me dás* rumor à quieta noite,

És tu quem me dás frescor à mansa brisa,

Quem dás fulgor ao raio, asas ao vento,

Quem na voz do trovão longe *rouquejas*" [GD *apud* SA.5, 77].

f) Em linguagem do tipo *um dos... que*, o verbo da oração adjetiva pode ficar no singular

(concordando com o seletivo *um*)160 ou no plural (concordando com o termo sujeito no plural), prática, aliás, mais frequente, se o dito verbo se aplicar não só ao relativo mas ainda ao seletivo *um*:

"Este era *um dos que* mais se *doíam* do procedimento de D. Leonor"

[AH.2, 37].

"*Um dos* nossos escritores modernos *que* mais *abusou* do talento, e que mais portentos auferiu do sistema..." [AH.2, 46].

"Demais, *um dos que* hoje *deviam* estar tristes, eras tu" [CL.1, I, 190].

O singular é de regra quando o verbo da oração só se aplica ao seletivo *um*. Assim nos dizeres "foi um dos teus filhos que jantou ontem comigo", "é uma das tragédias de Racine que se representará hoje no teatro", será incorreto o emprego do número plural; o singular impõe-se imperiosamente pelo sentido do discurso" [Cr.2, 763].

13) **A concordância com os verbos impessoais**

Nas orações sem sujeito o verbo assume a forma de 3.ª pessoa do singular:

Há vários nomes aqui.

Deve haver cinco premiados.

Não o vejo *há* três meses.

Não o vejo *faz* três meses.

OBSERVAÇÃO: Os exemplos literários que se encontram de tais verbos no plural não ganharam foros de cidade: "Houveram alguns que aluminados da graça do Espírito Santo abraçaram o culto e a fé de Cristo" [FE.1, I, 20].

"*Houveram* coisas terríveis" [CBr *apud* JC, I, 98].

14) **A concordância com *dar* (e sinônimos) aplicado a horas**

Se aparece o sujeito *relógio*, com ele concorda o verbo da oração:

O *relógio deu* duas horas.

Não havendo o sujeito *relógio*, o verbo concorda com o sujeito expresso pela expressão numérica:

No *relógio deram* duas horas.

15) **A concordância com o verbo na passiva pronominal**

A língua padrão pede que o verbo concorde com o termo que a gramática aponta como sujeito:

Alugam-se casas.

Vendem-se apartamentos.

Fazem-se chaves.

Não *se perdem cinco contos*, como se perde um lenço de tabaco. *Cinco contos levam-se* com trinta mil sentidos, *apalpam-se* a miúdo, não *se* lhes *tiram* os olhos de cima, nem as mãos, nem o pensamento, e para *se perderem* assim totalmente, numa praia, é necessário que... [MA.1, 151].

OBSERVAÇÃO: Se o verbo estiver no infinitivo com sujeito explícito, o normal é usar o infinitivo flexionado como no exemplo acima de M. de Assis:

"e para *se perderem* assim..."

Todavia, aqui e ali, bons escritores deixam escapar exemplos com o infinitivo sem flexão:

Basta ver o que este bom povo é para *se avaliar* as excelências de quem assim o educou [CBr.6, 53].

16) **A concordância na locução verbal**

Havendo locução verbal cabe ao verbo auxiliar concordar com o sujeito:

"Bem sei que me *podem vir* com duas objeções que geralmente se *costumam fazer*" [AC.11 *apud* MBa.1, 215].

Se se considera *costumar fazer* como dois verbos principais sem que haja locução verbal, o *costumar* terá como sujeito a 2.ª oração que, considerada materialmente, vale como substantivo do número singular:

"Não *se costuma punir* os erros dos súditos sobre a efígie venerável dos monarcas" [RS *apud* MBa.1, 215]

Assim se poderá dizer:

As estrelas { *parecem brilhar* (loc. verbal)
parece brilharem (= parece brilharem as estrelas)

Em *as estrelas parecem brilharem* temos a contaminação sintática das duas construções, prática que deve ser evitada como norma.

Com *poder* e *dever* seguidos de infinitivo, a prática mais generalizada é considerar a presença de uma locução verbal, isto é, fazendo-se que o *poder* e *dever* concordem com o sujeito plural:

Podem-se dizer essas coisas.

Devem-se fazer esses serviços.

Todavia aparece o singular, corretamente:

Não é como a embriaguez que se *deve celebrar os sucessos* felizes (...) (M. Maricá, 3326).

São ambas construções corretas e correntes que se distinguem por apresentar diferentemente a ênfase sobre o sujeito da oração.

Quando, porém, o sentido determinar exatamente o sujeito verdadeiro, a concordância não pode ser arbitrária. Ex.: "*Quer-se inverter as leis*, e nunca *querem-se inverter as leis*. Neste caso, é evidente que o único sujeito possível é *inverter*" [JR.1, 322].

17) **A concordância com a expressão *não* (*nunca*)... *senão***

O verbo concorda com o sujeito que se interpõe na expressão exceptiva *não… senão* (ou *mais que*):

"Ao aparecer o dia, por quanto os olhos podiam alcançar, não se *viam* senão cadáveres" [AH.2, 117].

O mesmo ocorre com *não* (*nunca*)... *mais que* (*do que*):

Não se *viam* mais do que cadáveres.

Quando a exceção recai na 1.ª ou 2.ª pessoa, tem-se de dar outro torneio à oração, como, por exemplo:

Ninguém votou contra o projeto *senão nós três* [SA.2, 215].

Não haveria outro culpado *senão tu*.

OBSERVAÇÃO: Em vez de *não… mais que* pode-se usar *mais não… que*: "O som que vos fere os ouvidos *mais não é que* um rude eco da voz íntima" [*apud* MBa.4, 181]. Deve-se evitar o emprego de *que* em lugar de *senão*, por ser imitação do francês: "Isto não é *que* uma insolência" por "Isto não é *senão* uma insolência" [FF *apud* MBa.4].

Construção vernácula é o emprego de *que* por *senão* precedido de *outro*: *outro*, *outra coisa*, etc.: "Quando deu por ele, quis expeli-lo, para que entre ele e Fortunato não houvesse *outro laço que* o da amizade; mas não pôde" [MA.2 *apud* MBa.4]. "(...) sem obter *outra coisa que* a atenção cortês o acaso numa palavra sem valor" [MA.8 *apud* MBa.4].

18) **A concordância com títulos no plural**

Geralmente se usa o verbo no plural:

"Por isso, as *Cartas Persas anunciam* o Espírito das Leis" [MBa.6, XII].

Com o verbo *ser* e predicativo no singular pode ocorrer o singular:

"as *Cartas Persas é* um livro genial..." [MBa.6, XII].

Dos seus livros didáticos *é* o mais importante as *Lições de História do Brasil* professadas no antigo Colégio de Pedro II [JR.4, 76 da 15.ª ed.].

19) **A concordância no aposto**

Quando a um sujeito composto se seguem, como apostos, expressões de valor distributivo como *cada um*, *cada qual*, o verbo, posposto a tais expressões, concorda com elas:

Pai e filho *cada um seguia* por seu caminho [ED.2, 28].

Se o verbo vem anteposto a essas expressões, dá-se normalmente a concordância no plural com o sujeito composto ou no plural: "(...) não era possível que os aventureiros *tivessem cada um* o seu cubículo [JA *apud* SS.1, §465, obs.].

Eles *saíram cada um* com sua bicicleta.

20) **A concordância com *Haja vista***

A construção mais natural e frequente da expressão *haja vista*, com o valor de *veja*, é ter invariável o verbo, qualquer que seja o número do substantivo seguinte:

Haja vista os exemplos disso em Castilho [RB.1, 572].

Pode-se construir com o verbo no singular e substantivo seguinte à expressão precedido das preposições *a* ou *de*:

Haja vista às tangas [CBr.16, 61].

Haja vista dos elos que eles representam (...) [CBr *apud* CR.1, 624].

21) **A concordância do verbo com sujeito oracional**

Fica no singular o verbo que tem por sujeito uma oração, que, tomada materialmente, vale por um substantivo do número singular e do gênero masculino:

Parece que tudo vai bem.

Cá não se *usa* as noivas andarem a namoriscar à surdina [CBr *apud* MBa.1, 2.ª ed., 207].

É bom que compreendas estas razões.

Permanece no singular o verbo que tem como sujeito duas ou mais orações coordenadas entre si:

Que Sócrates nada escreveu e que Platão expôs as doutrinas de Sócrates *é sabido* [JR.1, 318].

22) **Concordância nas expressões de porcentagem**

Nas linguagens modernas em que entram expressões numéricas de porcentagem, a tendência

é fazer concordar o verbo com o termo preposicionado que especifica a referência numérica:

Trinta por cento *do Brasil assistiu* à transmissão dos jogos da Copa.

Trinta por cento *dos brasileiros assistiram* aos jogos da Copa.

Dois por cento *da assistência detestou* o filme.

Dois por cento *dos espectadores detestaram* o filme.

6 – Regência

Ao que dissemos no capítulo sobre complementos verbais e nominais e emprego de preposição, cumpre acrescentar os seguintes principais casos:

A preposição que serve a dois termos coordenados pode vir repetida ou calada junto ao segundo (e aos mais termos), conforme haja ou não desejo de enfatizar o valor semântico da preposição:

> As alegrias *de* infância e *de* juventude / As alegrias *de* infância e juventude.
>
> Precisava da ajuda *dos* pais e *dos* parentes / Precisava da ajuda *dos* pais e parentes.
>
> (...) mas as argolas do caixão foram seguras *pelos* cinco familiares e *o* Benjamim [MA *apud* MBa.4, 250].

A omissão da preposição parece ser mais natural quando não se combina com artigo, talvez porque em português (ao contrário, por exemplo, do francês e do espanhol) a presença de ambos leva-os a combinarem-se, como supõe Mário Barreto.

1) ***Isto é para eu fazer*** – Se a preposição seguida de pronome não serve de introduzir este pronome (que funciona como sujeito), mas um infinitivo, usam-se as formas retas *eu* e *tu*, e não *mim* e *ti*:

> Isto é para *mim* (a preposição rege o pronome).
>
> Isto é para *eu* fazer (a preposição rege o infinitivo: isto é, para que *eu* faça).

2) ***Pedir para*** – O verbo *pedir* pede objeto direto de coisa e indireto de pessoa a quem se pede:

> Pedi-lhe (obj. indireto) um favor (obj. direto).

Se o objeto direto é *licença* (ou equivalente), pode-se acrescentar uma oração adverbial de fim que indique o objetivo do pedido:

> Pediu-lhe *licença para sair* (ou *para que saísse*).

Este objeto direto *licença* pode calar-se, mas o sujeito de *pedir* terá de ser entendido como o mesmo do verbo da subordinada, para ter sanção tranquila na norma exemplar:

> O Antônio pediu-lhe para sair (i. é: o Antônio é quem sairá).
>
> Pediu para ajudar a vestir sua filha, mas não o obteve [CBr *apud* MBa.3, 2.ª ed. pág. 287 n.].

A linguagem coloquial aproximou as ideias de *pedir que algo aconteça* (oração objetiva direta) e *trabalhar para que algo aconteça* (oração adverbial final), passando a usar a preposição *para* a introduzir a oração que seria objeto direto do verbo *pedir*.

> *Pediu para que Antônio saísse*

em lugar de

Pediu que Antônio saísse.

Os gramáticos ainda não aceitaram a operação mental, apesar da insistência com que penetra na linguagem das pessoas cultas. O novo modo de expressão traz também uma ambiguidade, porque se fica sem saber qual é, na realidade, o sujeito da oração subordinada. Em:

Antônio pediu a José para sair,

custa-nos a dizer de pronto se quem sai é o mesmo Antônio ou José. O gramático só considera a expressão correta se o sujeito for Antônio, mas a linguagem coloquial constrói o período como se o sujeito fosse José, pois interpreta a oração subordinada como objetiva direta: *Antônio pediu que José saísse*.

Sob a alegação de que o objeto direto oracional não pode vir introduzido por preposição (argumento, aliás, fraco) é que gramáticos repudiam tal linguagem. Pode-se ver na construção o *para* como posvérbio iniciando a oração objetiva direta para denotar o interesse ou a insistência do pedido, como *cumprir o dever* ao lado de *cumprir com o dever*.

3) ***Está na hora da onça beber água*** – A possibilidade de se pôr o sujeito de infinitivo antes ou depois desta forma verbal nos permite dizer:

Está na hora de beber a onça água (posição rara)
Está na hora de a onça beber água (posição mais frequente).

Este último meio de expressão aproxima dois vocábulos (a preposição *de* e o artigo *a*) que a tradição do idioma contrai em *da*, surgindo assim um terceiro modo de dizer:

Está na hora da onça beber água,

construção normal que não tem repugnado os ouvidos dos que melhor conhecem e escrevem a língua portuguesa. Alguns gramáticos viram aí, entretanto, um solecismo, pelo fato de *se reger de preposição um sujeito*. Na realidade, não se trata de regência preposicional do sujeito, mas do contato de dois vocábulos que, por hábito e por eufonia, costumam vir incorporados na pronúncia. A lição dos bons autores nos manda aceitar ambas as construções, *de a onça beber água* e *da onça beber água*. Que a contração é possível mostram-nos os seguintes exemplos:

"... só voltou *depois do infante* estar proclamado regedor" [AH.2, 44]; "Sabia-o, senhor, *antes do caso* suceder" [AH.4, 267]; "se, por exemplo, me concederem um monopólio do plantar couves, *apesar das couves* serem uma das espécies de legumes" [RB *apud* PP]; "*Pelo fato do verbo restituir*, numa das suas acepções, e *entregar*, em certos casos, terem..." [CR.2, 579]; "*no caso do infinitivo* trazer compl. direto" [ED.2, § 289, b].

O problema que, do ponto de vista puramente gramatical, a rigor, termina nessa dupla possibilidade de emprego; já não se mostra indiferente do ponto de vista da necessidade de proferir o sujeito enunciando-o com maior ou menor realce. Deixa-se o domínio da gramática para se entrar no domínio da estilística, da expressividade. A não combinação da preposição com o sujeito garante o valor expressivo da preposição e a ênfase posta no sujeito: *É tempo de o povo querer melhores escolas*, diferente, sob o aspecto de expressividade, de *É tempo do povo querer melhores escolas*. A simples – e contrária à dupla possibilidade que a tradição literária registra – solução gramatical de rejeitar uma forma com privilégio de outra empobrece os recursos estilísticos da língua.

Pode-se evitar a combinação pondo o infinitivo entre a preposição e o sujeito, como fez Manuel Bandeira nesta passagem: E o Prefeito recordou que uma semana *antes de ser o*

grande romancista hospitalizado (...) [MB.1, II, 601].

4) **Migrações de preposição** – Com muita frequência vê-se migrar a preposição que deveria aparecer com o relativo para junto do antecedente deste pronome:

Não sei no que pensar por
Não sei o em que pensas

Ou:

Lisboa e Porto, *das quais cidades venho agora* por
Lisboa e Porto, *cidades das quais venho agora*
[LV.1, 312].

Destas migrações resultam giros mais agradáveis ao ouvido e que nos afastam de certas durezas de estilo artificial a que nos poderia levar a construção rigorosamente gramatical, como se depreende dos seguintes trechos de Rui Barbosa:

"Assim me perdoem, também, *os a quem* tenho agravado, *os com quem* houver sido injusto, violento, intolerante..." [RB.2, 23];
"e daí, com estupenda mudança, começa a deixar ver *o a que* era destinada..." [RB.2, 36].

Estas migrações correm na língua literária apadrinhadas pelos seus melhores representantes. Alexandre Herculano e Carlos de Laet nos dão testemunho do fato:

"A barra é perigosa, como dissemos; porém a enseada fechada é ancoradouro seguro, *pelo que* (= o por que) tem sido sempre couto dos corsários de Berbéria" [AH.2, 69];
"... até o induzirem a mandá-lo sair da corte, *ao que* (= o a que) D. Pedro atalhou com retirar-se antes que lhe ordenassem" [AH.2, 91].
"Eis para *o que* (= o para que) esperas utilizar o domínio dos ares" [CL in SS.3, 180].

É interessante a posição da preposição *de* a introduzir o predicativo quando se esperava antes do relativo:

"O que precisamos é *de* braços valorosos e de peitos resolutos"
[RS.2, IV, 184].

Note-se de passagem que, em construções como a do último exemplo, é possível haver o pleonasmo da preposição, a qual aparece antes do termo a que rigorosamente se prende e antes de *de braços*:

"O *de que* me não penitencio, é *do* esmero, bem ou malsucedido, que pus em dar os cuidados que dei à forma, com que nos veio da câmara o projeto" [RB.1, *apud* MBa.4, 3.ª ed., 235 e ss.].

5) **Repetição de prefixo e preposição** – Sem atentar para a tradição do idioma e de suas raízes latinas, alguns autores (p. ex., Cândido Figueiredo) condenam a concorrência de prefixo com preposição em usos como *con*correr *com*, *de*duzir *de*, *de*pender *de*, *in*cluir *em*, *a*derir *a*, *con*cordar *com*, *co*incidir *com*, etc. Daí repudiarem, por exemplo, a construção *consentâneo com*, recomendando se diga *duas coisas consentâneas* em vez de *uma coisa consentânea com outra*. Também substituem *uma coisa coincide com outra* por *uma coisa incide na outra*. São lições que, pela concorrência de prefixo e preposição, devem ser rejeitadas [VB.1].

6) **Complementos de termos de regências diferentes** – O rigor gramatical exige que não se dê complemento comum a termos de regência de natureza diferente. Assim não podemos dizer,

consoante este preceito:

Entrei e saí de casa

em lugar de

Entrei em casa e dela saí (ou equivalente),

porque *entrar* pede a preposição *em* e *sair* a preposição *de*.

Ao gênio de nossa língua, porém, não repugnam tais fórmulas abreviadas de dizer, principalmente quando vêm dar à expressão uma agradável concisão que o giro gramaticalmente correto nem sempre conhece:

"Tenho-o visto *entrar e sair do Colégio de S. Paulo*" [AH.5, I, 154];

"... que se deduz daí *a favor* ou *contra o direito* de propriedade literária?" [AH.7, II, 60].

Estendem certos autores a proibição aos dizeres em que duas ou mais preposições de sentido diferente, e até contrário, se referem a um só termo:

Com ou sem vantagens sairei

Antes e depois da luta

Para tais autores devemos dizer: *com vantagens ou sem elas*, *antes da luta e depois dela*, ou repetindo-se o substantivo como fez M. de Assis em:

"Os gritos da vítima, *antes da luta e durante a luta*, continuavam a repercutir dentro de mim" [*apud* MBa.3, 103].

Salvo as situações de ênfase e de encarecimento semântico de cada preposição, como a que se depreende do trecho acima, a língua dá preferência às construções abreviadas que a gramática insiste em condenar, sem, contudo, obter grandes vitórias.

7) **Termos preposicionados e pronomes átonos** – Tanto se pode dizer *não fujas* ***de mim*** como *não* ***me*** *fujas*:

O corajoso major tem afrontado teu irmão (...) mas Simão teme-o e *foge-lhe* com o pretexto de desafiar primeiro quem primeiro o ofendeu [CBr *apud* MBa.4, 273, de onde se colhem os exemplos abaixo].

Assim em vez de *pôs-se diante dele* se pode dizer *pôs-se-lhe diante*; em vez de *aparecer diante dele*, *aparecer-lhe diante*.

Nunca *me* tornaria a pôr a vista *em cima*.

Pretendem cair-*nos em cima*.

Tudo *lhe* girou *em volta*.

Sentaram-se-*lhe* em frente dois guardas.

Assim também em equivalência com a preposição *em*:

Deu um beijo *em* Nelina / Deu-*lhe* um beijo

Deu um abraço *em* Dolores / Deu-*lhe* um abraço

A mesma possibilidade se dá com verbos que se constroem com *de* ou *a* (*avizinhar-se*, *aproximar-se*, *acercar-se de*, entre outras) e *com* (*ralhar*, por exemplo):

Avizinhou-se *dela* / Avizinhou-se-*lhe*

Aproximar-se *dela* (ou *a ela*) / Aproximou-se-*lhe*

Ralhar *com o filho* / Ralhar-*lhe*

Vale lembrar aqui de passagem – pois não se trata de regência –, pois estamos falando de simplificações formais, que o mesmo processo se repete com alguns prefixos:

(...) o apalpá-la nas costelas *sobre* e *subjacentes* ao coração [CBr *apud* MBa.3, 113 n.].

(...) algumas faíscas de amor profano tinham entrado *ob* e *sub-repticiamente* (*Id.*, *ibid.*)

Esperemos, e oxalá não esperemos em vão, que chegue o dia longínquo em que todos os escritores *cis* e *transatlânticos* aprendam a sua língua (...) [MBa.3, 127n.].

Também nas expressões comparativas podem-se encontrar simplificações ou braquilogias, como nos seguintes exemplos muito comuns *tanto* (*tão*) *mais que*, *tanto* (*tão*) *ou menos que* (por *tanto* ou *quanto* e *mais que*, etc.):

A gota, o reumatismo, a ciática impacientavam-no *tanto ou menos que* o desmancho das coisas políticas [CBr.6, 55].

8) **Emprego de relativos precedidos de preposição** – O pronome relativo exerce função sintática na oração a que pertence:

a) *Sujeito*: O livro *que* está em cima da mesa é meu.

b) *Objeto direto*: O livro *que* eu li encerra uma bonita história.

c) *Predicativo*: Dividimos o pão como bons amigos *que* éramos.

d) *Complemento relativo*: O livro de *que* precisamos esgotou-se.

e) *Objeto indireto*: Este é o aluno *a que* dei o livro.

f) *Adjunto adverbial*: O livro *por que* aprendeste a ler é antigo. A casa *em que* moro é espaçosa.

g) *Agente da passiva*: Este é o autor *por que* a novela foi escrita.

As três primeiras funções sintáticas dispensam preposição enquanto as quatro últimas a exigem. Deve-se evitar, em língua literária, o emprego do relativo universal.

9) **Relação de regências de alguns verbos e nomes**161:

A

Abalançar-se a
aborrecer-se com
abrigado de
absolver– de
abster-se de
abundar em
abusar de
acabar– com
acautelar-se com
aceder a
acessível a
aceito a
acercar-se de
acomodar-se a
acontecer a, com
aconselhar– a
acordar com
acreditar– em
acudir a
acusar– de

adaptar– a
adequado a
aderir– a
admirar-se de, com, por
afastar– de
afável com, para com
afixar– a
agradar a
agradável a
agradecer a
agregar-se a
ajudar– a
ajuntar– a, -se com
alertar– de, sobre, contra
alhear-se de
alheio a
alimentar– com, de
almejar– por
aludir a
amante de
ameaçar– com, de
amercear-se de
amigo de
amofinar-se com
amoroso com, para com
análogo a
anelar por
ansiar– por, (trans. direto)
ansioso de, por
antecipar-se a
antepor– a
anterior a
apaixonar-se por, de
aparentado com
apartar– de
apear-se de
apegar-se a
apelar para, de
aperceber-se de
apetrechar-se com
apiedar-se de
aplicar-se a
apoderar-se de
apoiar-se em
aportar– a
aprender–
apressar-se a, em, por, para
aproveitar-se de
apto para, a

arguir– de
arrancar– de
aproximar-se a, de
arrepender-se de
arribar a
arrimar-se a
arriscar-se a
arrostar-se com
aspirar a (= desejar);
trans. direto (= inspirar)
assemelhar-se a, com
assenhorear-se de
assentir a
assinalar– com
assistir a (= presenciar)
assistir– (= ajudar)
assustar-se com
atapetar-se de, em
atemorizar-se com
atender– a
atestar contra, por
atento a, em
ater-se a
atinar com
atingir (sem *a*!)
atrair– a
atrever-se a, em
atribuir– a
aumentar
ausentar-se de
autorizar– a
avaliar– em
avaro de
averiguar– de
avesso a
avezar (-se) a
aviar-se de
ávido de
avir-se com
avisar– de
avizinhar-se de, a
avocar– a

B

bacharel em
bandear-se para
baixar– a
bastante a, para

bastar a
batalhar com
benéfico a
bater a, em
bem (fazer) em, de
blasfemar contra
blasonar de
bom para, para com
brigar com
brindar– com

C

cair em, sobre
calcar– a
capaz de, para
capitular– com
carecer de
caritativo com, para com
caro a
casar-se com
ceder– a
cego a
chamar 162
chegar (-se) a (não *em* junto
à expressão de lugar)
cheio de
cheirar a
cheiro a, de
chorar por
cingir– de, (-se) a
circunscrever-se a
circunvizinho de
clamar por
cobiçoso de
cobrar– de
cobrir– de
coetâneo de
coevo de, a
coexistir– com
coincidir– com
coligar-se com
combater– contra, por
combinar– com
começar a, por
comedir-se com, em
cometer– a
compadecer-se de
comparar– a, com

comparecer a
compatível com
compelir– a
competir com, a
compor-se de
comprazer– a, (-se) em, com
compreensível a
comprometer-se a
comprovar– com
comum a, de
comungar com
comunicar– a
comutar– em
concentrar– em
concordar com, em
conforme a, com
concorrer a, com
condenar– a
condescender com
condoer-se de
confabular com
confederar-se com
conferenciar com
confessar– a
confiar em, a
confinar com
conformar-se com, a
conforme com, a
confrontar– com
confundir-se com
congraçar-se com
congratular-se com
consagrar a
consentir em, tr. direto
considerar como
consistir em (e não *de*!)
consolar-se com
conspirar a, contra, para
constante em
constar de
constituir-se em
contagiar-se com
contaminar-se de, com
contemporizar com
contemporâneo de
contender com, de, sobre
contentar-se com, de, em
conter-se em
contíguo a

continuar em, com
contrapor a
contrário a
contribuir para, com
convalescer de
conversar– com 163
convencer-se de
converter– em, a
convidar– a, para
convir a, com, em
convocar– a, para
cooperar com, para
coroar– de, com
corresponder a, (-se) com
corrigir-se de
cotejar– com
crer– em, a
cristalizar– em
cruel com, para com
cuidadoso com
cuidar de, em (tr. direto)
culpar de
cúmplice em
cumprir com, a 164
curar-se de
curioso de
curtir-se em

D

dar a, em, com, por
dar-se (pressa) a, em
decair de
decidir sobre
declarar-se contra
declinar– de
dedicar– a
dedignar-se de
deduzir– de
deitar-se a, em, sobre
deleitar-se com, em, de
denotar– a, em
deparar– com
depender de
dependurar – de
depressivo de
derivar– de
desafiar– para
desagradar a

desagradável a
desalojar– de
desapegar-se de
desapossar– de
desapropriar– de
desatar– de, em
desatento a
desavir-se com
descansar– de
descansar com
descartar-se de
descender de
descer de, a
desconfiar de
descontar– de
descontente com
descuidar-se de
desculpar-se de, com
descurar-se de (não *por*)
desdizer-se de
desejoso de
desembaraçar-se de
desempenhar-se de
desenganar-se de
desertar– de
desesperar– de
desfavorável a
desfazer-se de
desgostar-se de, com
designar-se de
desistir de
desleal a
desobedecer a
despedir-se de
despenhar de
despojar– de
desprender– de
desquitar-se de
declinar a, para
destituir– de
deter-se em, com
determinar-se a
dever– de 165
devoto de
diferenciar– de
diferente de
difícil de
dignar-se de, a
digno de

diligente em, para
discordar de
discrepar em
disfarçar– em
dispensar– de, a
dispor– de, -se a, para
disposto a
disputar com
dissemelhante de
dissentir de
dissuadir– de
distar de
distinguir– de
distrair-se com
distribuir– a, por com, entre
ditoso com
diverso de
divertir-se com
divorciar-se de
dizer– de
doce a
dócil a, para com
doente de
doer-se de
dotado de
dotar– com, em
doutor em
duro de
duvidar de

E

eleger– por, em, como
embaraçar-se com
embeber– de, em
embelezar-se com
embevecer-se em, com
emboscar-se em
embriagar-se de, com
embutir– em
emendar-se de
empapar– de, em, com
empenhar-se por, em, com
emular com
empregar-se com
êmulo de
encarar– com
encarregar– de
encarniçar-se com, contra

encharcar-se em
encher– de
encomendar– a
encostar– a
encontrar-se com
enfadar-se com
enfastiar-se de, com
enfatuar-se com
enfeitar-se com
enfermar– de
enfurecer-se com, contra
engalanar-se com
enganar-se com, em
engenhar-se a
engolfar-se em
enlaçar-se em
enlear-se em
enraivecer-se contra
enredar-se em
ensaiar-se em, para
ensinar– a
entender de
entendido em
entregar-se a
entreter-se com, em
entristecer-se com, de
envaidar-se com, por
envelhecer– (sem *de*!)
equiparar a, com
equivalente a
equivaler– a
eriçado de
erigir (-se) em
erudito em
escapar a, de
escapulir de
escarmentado de, com
escarnecer de
escasso de
escolher– entre
escrupulizar em
escusar-se de
esforçar-se em, por, para
esmaltar– de
esmerar-se em
espantar-se com, de
especular– com, em
esperar– de, em
espraiar-se em

esquecer-se de
esquivar– de
esquivar-se a
essencial para
estabelecer-se com
estender-se em, a, por
estéril de
estimular– a, com
estranho a
estreito de, para
estribar-se em
estropiado de
exato em
exceder–, a, em, de
excetuar de
excitar– a
excluir– de
exercitar-se em
exortar– a
expor– a
extrair– de
exigir– de, a
eximir– de
exonerar– de
extorquir– a, de

F

fácil de
falar de, em, com, a, sobre
faltar com, a
falto de
fartar– com, de
farto em
fatigar-se de, com
favorável a
favorecer– com, de
fechar (-se) a
fecundo em
feder a
felicitar– por, de
fértil de, em
fiar-se em, de
fiel a
fincar-se em
firme em
florescer em
folgar de, em
formar-se em

forrar– de, com
forte de, em
fraco de, em
franco para com, de, em
franquear– de, a
frouxo de
fugir– de, a
fundar-se em
furioso com, de
furtar– a, de

G

gabar-se de
galardoar– com
ganhar– de, a
generoso com
glorificar-se de
gordo de
gostar de
gostoso a
gozar de
graduar-se em
grande de
grato a
gravar– com
gravoso a
grosso de
guardar-se de
guarnecer com
guerra a
guindar-se a

H

hábil em
habilitar– com, para
habituar-se a
habituado a
haver-se com
herdar– de
hesitar em, sobre
horror a
hostil a
humilhar-se a

I

ida a
idêntico a

idôneo para, a
imbuir-se de, em
imediato a
impaciente com
impedir– de, a
impelir– a
impenetrável a
impetrar– de, a
implicar com 166
impor– a
importar a (impessoal),
de (país), em (quantia) 167
inconsequente com
impossibilitar– para, a
impossibilidade de
impossível de
impotente contra, para
impróprio para
imputar– a
inábil para
inabilitar– para
inacessível a
incansável em
incapaz de, para
incerto de, em
incessante em
incidir em
incitar– a
inclinar– a, para
incluir– em
incompatível com
incompreensível a
inconsequente com
inconstante em
incorporar– a, em
incorrer em
incrível a, para
inculcar– em
incumbir– de
indébito a
indeciso em
indenizar– de
independente de, em
indiferente a
indignar-se com
indigno de
indispor– contra, (-se) com
indócil a
indulgente para, para com

indultar– de
induzir– a, em
inerente a
inexorável a
infatigável em
infeccionar– em
inferior a
inferior de
infestar– de
infiel a
inflamar-se de
inflexível a
influir em, para, sobre
informar– sobre, de,
(-se) de
ingerir– em
ingrato com, para com
inibir– de
iniciar– em, a
inimigo de
inimizar-se com
injuriar com
inocente de
inquietar-se de, com
insaciável de
insensível a
inseparável de
inserir– em
insinuar– em
insípido a
insistir sobre, em
instar– por, a
instruir– de, em, sobre
inteirar-se de
intercalar entre
interceder por
interessar-se por
interesse em, por
intermédio a
internar-se em
interpolar– entre, com
interpor– entre
interrogar a
intervir em
intolerante com, para com
inundar– de, em
intrometer-se em
inútil para, a
investir contra, com

irmanar– com
isentar– de

J

jactar-se de
jubilar– em
juncar– de
juntar– a, com
justificar– de, a; (-se)

L

lamentar-se de
lançar– em (-se) sobre
lastimar-se de
leal a, com, para com
lembrar-se de
lento em
levar– em, a, por
liberal com
libertar– de
lidar com
ligar– a, com
ligeiro de
limitar-se a, com
limitado de
limpar– em, a (-se), de, em
limpo de
lisonjear-se de
litigiar com, contra
livrar– de
livre de
lograr (-se) de
longe de
longínquo de
louco de, com
lutar com, contra

M

maior de, entre
maldizer– de
maliciar– de
malquistar-se com
manco de
mancomunar-se com
manso de
manter-se com
maquinar– contra

maravilhar-se com, de
matizar– de
mau com, para,
para com
mediano de, em
mediar entre
medir (-se) com, por
meditar em, sobre
medrar– em
melhorar de
menor de
merecer de
mergulhar– em
mesclar– em
meter-se– a, em juiz
mimosear– com
ministrar– a
misericordioso com, para com
moderar-se em
mofar– de, com
molestar– com
molesto a
morador em168
moroso de, em
morrer de, por
mortificar-se com
motejar– de
mudar– de; mudar-se para
murmurar– de

N

namorar 169
namorar-se de, namorar
(tr. direto), com
natural de
necessário a
necessitar de
negligente em
negar-se a
negociar– em, com
nivelar-se a, com
nobre de, em, por
nocivo a
nutrir-se de, com

O

obedecer a

obediente a
oblíquo a
obrigar– a
obrigação de
obsequioso com
obstar– a
obstinar-se em
obviar– a
ocupar-se com, em, de
ódio a, de, contra,
para com
odioso a, para
ofender– com, por
ombrear-se a, com
oneroso a
opinar sobre, de
opor (-se) a
oposto a
oprimir– com
optar por, entre
orar por
orgulhoso com, para
com, de

P

pactuar com
padecer de
pagar– a, de, em 170
pálido de
parco em, de
parecer com, a, de
parecido a, com
paralelo a
participar– de, em, a
pasmar de
passar de, com, em
passível de
peculiar a
pegar de, em
pender– de, a
pendurar– de, a
penetrado de
pensar em
perdoar– a
perfumar– com
perguntar a, por
perito em
permutar– com, por

pernicioso a
perpendicular a
persistir em
perseverar em
persuadir– de
pertencer a, pertencer
para (= ser próprio de)
pertinaz em
pesado a
pesar de (impessoal), a
piedade de
pleitear– com, contra
pobre de
poderoso para, em
porfiar em, por
pospor– a
possível de
possuído de
posterior a
povoar– de
prático em
precaver-se contra, de
preceder– em
precisar de
proeminência sobre, de
preferir– a 171
prejudicial a
preocupar-se com
preparar-se para
preponderar sobre
prescindir de
presentear– com
preservar– de
presidir– a, em
prestes a, para
presto a, para
presumir de
prevalecer– sobre
prevenir– de, para, contra
prezar-se de
primeiro de, dentre, a, em 172
privar– de, com
proceder a, com
processar– por
pródigo de, em
professar– em
proibir– a
promover– a
pronto para, em

propender para
propício a
propínquo de
próprio para, de
proporcionado a, com
prorromper em
prosseguir– em
prestar por
protestar contra
provar– de, a
proveitoso a
prever– a, de
provocar– a, contra
próximo a, de
pugnar por, contra
purgar-se de
purificar-se de
puxar– de, por

Q

quadrar– com
qualificar– de
queixar-se a, de
querelar contra
querer– a173
quebrado
querido de, por
quebrantar-se com

R

radicar-se em
ralhar com
rebaixar– de, -se a
rebelde a
rebentar de
recair em, sobre
reclamar– contra
reclinar-se sobre
recolher-se a
recomendar– a
recompensar com
reconciliar-se com
reconvir sobre
recorrer a
recostar-se sobre, em
recrear-se com
recusar– a

redundar em
reduzir– a (não *em*)
referir-se a
refletir em, sobre
refugiar-se em
regalar-se com
regar– de
regozijar-se de, com
regular-se por
reincidir em
reintegrar– em
rejubilar com
relaxar-se em
remontar– a
remover– de
renascer a
render-se a
renegar de
rente com, a, de
renunciar a
repartir entre, com, por
representar– contra
reptar para
requerer– a
resguardar-se de, contra
residir em
resignar-se a, com
resistir a
resolver-se a
respeito a, de, por
responsável por
ressentir-se de
restabelecer-se de
resultar de
retirar-se de, a
retrair-se a
retratar-se de
retroceder– a, para
revestir– de, com
rico de, em
rígido de
rijo de
rir-se de
rivalizar– com
roçar-se com
rodear-se de, com
rogar– por
romper– com

S

saber a (ter gosto), de
sábio em
sacar– de
saciar– de, a
sacrificar– a, (-se) por
sacudir– de
safar-se de
sair de, (-se) com
salpicar– de
salvar– de
sanar de
são de
sarar– de
satisfazer– a, (-se) com
seco de
sedento de, por
seguro de, em
segregar– de, a
semelhante a
semelhar– a
sensível a
sentir-se de
separar– de
serviço em
servir– a, (-se), de, para
severo com, para com, em
sindicar de
singularizar-se por
sito em174
soberbo com, de
sobrar a
sobreviver a
sobrevir a
sobrepujar– em
sobressair em, por
sobressaltar-se com
sóbrio de, em
socorrer– (-se) de, com, a
sofrido em
solicitar– de
solícito com
solto de
sonhar com
sortir de
submeter– a
subordinar– a
sub-rogar em

subsistir com
substabelecer em
substituir– por, a
subtrair– de, (-se) a
suceder a
sujar-se com
sujeitar-se a
sujo de
sumir-se em
superior a
suplicar– a
surdo a, de
surpreender-se com
suspeitar de
suspeito a, de
suspender– de
sustentar-se de, com
suster– com
suster-se de

T

tachar– de
tapar– com
tapizar de
tardar em
tardo a, em
tauxiado de
teimar em
temer de, por
temeroso de
temível a
terçar– com
terminar em, por
terno de
timbrar em, de
tingir– de
tirar– de
tiritar de
topar com
tornar a
trabalhar de, por, para, em
traduzir– em, para, de
traficar– com, em
traidor a, de
transbordar– de
transferir– a
transfigurar-se em
transformar– em

transido de
transitar por
transplantar– de, para
transportar-se de
trasladar– a, em, de
tratar– de
travar-se de
tremer de
tresandar a
trespassado de
tributar– a
triste de, com
triunfar de
trocar– por, de

U

ufanar-se de, com
último em, de, a
ultrajar– com
ungir– com
único em
uniformizar– com
unir– a, com
untar– de, com
usar– de
útil a, para
utilizar-se de

V

vacilar em
valer-se de, valer–, a
vangloriar-se de, por
variar– de, em
vazar– em
vazio de
vedar– a
velar– por, em,
versado em
verter– de, para, em
vestir-se com, de
viciar-se com ,em
vincular– a
vingar-se de, em
visar– (= pretender) a,
visar– (= dar o visto)
visível a
vizinho a, de

voltar de, a

Z

zangar-se com
zombar de
zelar por

7 – Colocação

Sintaxe de colocação* ou *de ordem – é aquela que trata da maneira de dispor os termos dentro da oração e as orações dentro do período.

A *colocação*, dentro de um idioma, obedece a tendências variadas, quer de ordem estritamente gramatical, quer de ordem rítmica, psicológica e estilística, que se coordenam e completam. O maior responsável pela ordem favorita numa língua ou grupo de línguas parece ser a entonação oracional. Entre os casos de colocação usual ou normal em português sobressaem os seguintes:

a) a colocação do adjunto preposicionado depois do seu substantivo:
a casa *de Vera*

b) a colocação do adjunto adjetivo depois do seu substantivo:
homem *rico*

c) a colocação do adjunto não representado por adjetivo (artigo, pronome adjunto, quantificadores) antes do substantivo:
o homem bom
meu tio rico
sete pecados capitais
muitos livros raros

d) a colocação do verbo depois do sujeito, não havendo passiva com o pronome *se* ou quando não se trata de interrogação parcial com pronome não sujeito ou advérbio interrogativo:
Dudu mudou de colégio.
Mas: Aluga-se *esta casa*. Por que cometeu *ele* essa falta?

e) a colocação do complemento verbal depois do verbo:
Compramos *maçãs*.
Assistiram *ao filme*.
Bebel é *estudiosa*.

f) a colocação do objeto direto antes do indireto, quando constituídos por substantivos:
Escreveram *cartas ao sócio prejudicado*.

g) a colocação do objeto indireto antes do direto, quando constituídos por pronomes (ou o direto por substantivos):
Escreveram-*lhe cartas*.
Escreveram-*lhas*. (*lhe* + *as*)
"O português pertence ao número daquelas que se caracterizam pelo ritmo ascendente, em que se anuncia o termo

menos importante e depois, com acentuação mais forte, a informação nova e de relevância para o ouvinte" [SA.2, 270].

Isto nos leva a uma ordem considerada *direta*, *usual* ou *habitual*, que consiste em enunciar, no rosto da oração, o sujeito, depois o verbo e, em seguida, os seus complementos, como vimos antes.

A ordem que saia do esquema SVC (sujeito – verbo – complemento) se diz *inversa* ou *ocasional*.

Chama-se *anástrofe* a ordem inversa que colide com a norma geral da colocação:

De teus olhos a cor vejo eu agora

Quando a colocação chega a prejudicar a clareza da mensagem, pela disposição violenta dos termos, diz-se que há um *hipérbato*:

a grita se levanta ao céu da gente por

a grita da gente se levanta ao céu [MC.4, s.v. Ambiguidade].

Diziam os retóritos que o hipérbato era a forma de expressões da paixão. Quando a deslocação cria a ambiguidade ou mais de uma interpretação do texto, alguns autores dão à forma o nome *sínquise*.

Quase sempre essa deslocação violenta dos termos oracionais, fonte de ambiguidades, exige, para o perfeito entendimento da mensagem, nosso conhecimento sobre as coisas e de ordem cultural:

Abel matou Caim

Pela lição bíblica não se há de entender que Abel praticou a ação e Caim a sofreu, mas sim ao contrário.

Sendo a ordem direta um padrão sintático, a ordem inversa, como afastamento da norma, pode adquirir valor estilístico. E realmente se lança mão da ordem inversa para enfatizar esse ou aquele termo oracional.

Posto no rosto da oração um termo sobre o qual queremos chamar a atenção do nosso ouvinte, quebra-se a norma sintática e consegue-se o efeito estilístico desejado. Por um jogo natural de oposição, a ordem direta também pode assumir valor estilístico para traduzir situações do campo da novidade. O estilo descritivo ama a ordem direta; José de Alencar tirou dela notáveis efeitos no seguinte trecho:

"A tarde ia morrendo. O sol declinava no horizonte e deitava-se sobre as grandes florestas, que iluminava com os seus últimos raios. A luz frouxa e suave do acaso, deslizando pela verde alcatifa, enrolava-se como ondas de ouro e de púrpura sobre a folhagem das árvores. Os espinheiros silvestres desatavam as flores alvas e delicadas; e o ouricuri abria as suas palmas mais novas, para receber no seu cálice o orvalho da noite. Os animais retardados procuravam a pousada; enquanto a juriti, chamando a companheira, soltava os arrulhos doces e saudosos com que se despede o dia. Um concerto de notas graves saudava o pôr do sol, e confundia o rumo da cascata, que parecia quebrar a aspereza de sua queda, e ceder à doce influência da tarde. Era Ave-Maria" [JA.2, 37].

O ritmo ascendente predominante no português, dispondo os termos de acentuação mais fraca e menos significativos antes dos termos mais fortes, estabelece as seguintes normas válidas para as situações em que não predomine a linguagem emocional, algumas delas já enunciadas anteriormente e agora completadas:

a) os artigos, os pronomes (adjuntos), os quantificadores (com exceção dos cardinais com valor de ordinais) se antepõem:

O livro, *um* livro, *este* livro, *meu* livro, *cada* livro, *três* livros;

b) a preposição vem antes de um termo nominal ou pronominal:

de noite, *a* ele;

c) o advérbio *não* precede o verbo:

não quero;

d) o verbo auxiliar precede seu verbo principal:

hei de ver, *quero* dizer, *costuma* falar

e) o adjetivo monossilábico modificador precede o nome de maior extensão fonética:

bom dia, *má* hora, etc.

f) o adjetivo que exprime forma ou cor vem depois do substantivo, especificando seu conceito e o opondo a outros da espécie:

rua larga, *blusa verde*;

g) vem antes o adjetivo empregado não para designar o seu sentido próprio, mas para atribuir uma significação figurada:

grande homem / homem grande

"... eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor" [MA.1, 1].

h) Numa sequência de dois adjetivos e um substantivo, aqueles aparecem em geral juntos: *Bons e estimados livros* ou *Livros bons e estimados*. A quebra desta disposição, pondo o substantivo no meio, é recurso comum na poesia, mas também não ausente na prosa artística: *Bons livros e estimados*. No seguinte passo João Ribeiro afastou ainda mais os dois adjetivos:

E quando foi noite, a donzela *transida* de terror e *lagrimosa* buscou o eremita [JR.2, 97].

i) Na sequência dos pronomes sujeitos *eu* e *tu*, *eu* e *ele* ou entre *eu* + pronome de tratamento ou substantivo, em geral a série começa com *eu*:

Eu e ele saímos juntos.

Todavia a inversão é possível (apesar de já ter sido apontada como francesismo), especialmente quando, por delicadeza e educação, se quer dar precedência ao interlocutor:

Estamos no Minho, o leitor e eu [CBr.12, 1].

E assim galgamos ele e eu o rochedo [JR.2, 194].

Colocação dos termos na oração e das orações no período – A norma sintática do português registra os seguintes casos:

1.º) Põe-se de ordinário o sujeito representado por substantivo depois do verbo na passiva pronominal:

Alugam-se casas.

Outra posição pode mudar a análise da oração, desde que entre um termo a que nossa tendência anímica atribua a realização da oração. Note-se a diferença contextual entre *Abriu-*

se a porta (voz passiva) e *A porta abriu-se* (voz ativa).

A norma já não é imperiosa se o sujeito está representado por um pronome:

Aquilo nunca se vira por ali [JL.1, 74].

2.º) Nas orações reduzidas de gerúndio e particípio, o sujeito vem depois do verbo:

Terminando o discurso, dirigiu-se ao hotel.

Terminado o discurso, dirigiu-se ao hotel.

3.º) O verbo vem no início das orações que indicam existência (*ser*, *existir*, *haver*, *fazer*), tempo, peso, medida:

Era uma vez um príncipe

Existiam várias razões

Houve discussão

Faz três anos que não o vejo

São várias horas de distância

Faltam dois dias para a festa

4.º) O verbo no início das subordinadas condicionais e concessivas sem transpositor:

Tivesse-me ele dito a verdade, tudo acabaria bem.

Acabasse falando comigo, mesmo assim não lhe perdoaria.

5.º) Nas orações intercaladas de citação, o sujeito vem de ordinário depois do verbo:

Suma-se – ordenou *o policial*.

6º) Nas interrogações introduzidas por pronomes e advérbios (*quem*, *que*, *o que*, *quanto*, *qual*, *como*, *quando*, *onde*, *por que*), o verbo vem em geral antes do sujeito, desde que este não seja o pronome interrogativo:

Quem veio aqui? (*quem* sujeito)

De quem falava você quando chegamos?

Como foi ele passar nessa encrenca?

Usa-se ainda, neste caso, sujeito antes do verbo ou a palavra interrogativa no fim da oração:

De quem você falava?

Ele comprou o quê?

OBSERVAÇÃO: Na pergunta retórica costuma-se pôr o sujeito antes do verbo em construção do tipo: *O médico aconselhou esta dieta, e você seguiu?*

7.º) Nas orações exclamativas, de sentido optativo ou não, é frequente o sujeito vir depois do verbo:

Como era verde o meu vale!

Viva o rei! (construção fixa)

8.º) A oração subordinada subjetiva vem normalmente depois do verbo regente:

Consta que o trem atrasou.

Ficou patente que o progresso começara.

É aconselhável que não se retirem agora.

9.º) A oração subordinada adverbial causal iniciada por *como* vem em geral no início do enunciador de sua principal:

Como o tempo melhorou, sairemos agora.

10.º) Numa sequência de pronomes átonos, vem em primeiro lugar o que funciona como objeto indireto seguido do objeto direto:

Eu vo-lo darei

Nunca *lho* dissemos

OBSERVAÇÃO: Nas ocorrências com o pronome *se* + *me*, *te*, *lhe*, *nos*, *vos*, o *se* vem sempre em primeiro lugar:

Não *se me* afiguram boas as soluções.

Pouco *se nos* dá esse tipo de solução.

11.º) Diante de negação, o pronome átono pode vir antes ou depois do advérbio *não*:

Ele *não me* disse. Ele *me não* disse (rara entre brasileiros)

12.º) Não raro se intercala uma ou mais palavras entre o pronome átono em próclise e o verbo:

Eram grandes raids, entradas, como se então dizia" [AAr.2, 128].

13.º) Nas orações em que entra verbo intransitivo parece haver preferência da posposição do sujeito, como indica esta passagem de Garrett:

"Assim passaram *meses*, assim correu *o inverno* quase todo, e já as amendoeiras se toucavam de suas alvíssimas flores de esperança, já uma depois de outras iam renascendo *as plantas*, iam abrolhando *as árvores*; logo vieram *as aves* trinando seus amores pelos ramos... insensivelmente era chegando *o mês* de abril, estávamos em plena e bela primavera" [AGa *apud* GM.1, 365].

14.º) Por elegância e ênfase de expressão, pode-se deslocar para antes do pronome relativo o predicativo da oração adjetiva:

Daniel, *professor* que foi daquela escola, nunca se dispôs a mudar de cidade.

Colocação e clareza – Levadas em conta as construções fundamentais de que a linguagem natural e espontânea não costuma afastar-se, é certo que para a estrutura oracional temos em português bastante liberdade. Esta, porém, é maior no verso, em que ocorrem certas transformações complementares estranhas não só ao falar comum, mas ainda ao discurso limado. Alguns escritores abusaram da liberdade poética, a ponto de tornarem a linguagem obscura e quase ininteligível:

"Ama a vivenda dos contrários ao fogo undosos rios" (Castilho)

"A do rei potente mimosa filha

Dos sem conto que há passado maléficos portentos" [AC *apud* SA.2, 276].

Colocação dos pronomes pessoais átonos e do demonstrativo *o* é questão de fonética sintática – Durante muito tempo viu-se o problema apenas pelo aspecto sintático, criando-se a falsa teoria da "atração" vocabular do *não*, do *quê*, de certas conjunções e tantos outros vocábulos. Graças a notáveis pesquisadores, e principalmente a Said Ali, passou-se a considerar o assunto pelo aspecto fonético-sintático. Abriram-se com isso os horizontes,

estudou-se a questão dos vocábulos átonos e tônicos, e chegou-se à conclusão de que muitas das regras estabelecidas pelos puristas ou estavam erradas, ou se aplicavam em especial atenção ao falar lusitano. A Gramática, alicerçada na tradição literária, ainda não se dispôs a fazer concessões a algumas tendências do falar de brasileiros cultos, e não leva em conta as possibilidades estilísticas que os escritores conseguem extrair da colocação de pronomes átonos. Daremos aqui apenas aquelas normas que, sem exagero, são observadas na linguagem escrita e falada das pessoas cultas. Não se infringindo os critérios expostos, o problema é questão pessoal de escolha, atendendo-se às exigências da eufonia. É urgente afastar a ideia de que a colocação brasileira é inferior à que os portugueses observam, porque:

> "*a pronúncia brasileira diversifica da lusitana; daí resulta que a colocação pronominal em nosso falar espontâneo não coincide perfeitamente com a do falar dos portugueses*" [SA.2, 279].

O pronome átono pode assumir três posições em relação ao vocábulo tônico, donde a *ênclise*, *próclise* e *mesóclise*.

Ênclise é a posposição do pronome átono (vocábulo átono) ao vocábulo tônico a que se liga:

> Deu-*me* a notícia.

Próclise é a anteposição ao vocábulo tônico:

> Não *me* deu a notícia.

Mesóclise é a interposição ao vocábulo tônico:

> Dar-*me*-ás a notícia.

Critérios para a colocação dos pronomes pessoais átonos e do demonstrativo *o*.

A – Em relação a um só verbo

1.º) Não se inicia período por pronome átono:

> "Sentei-*me*, enquanto Virgília, calada, fazia estalar as unhas" [MA.1, 125].
>
> "Não! *vos* digo eu!" [AH *apud* FB.1, 197].
>
> "Querendo parecer originais, *nos* tornamos ridículos ou extravagantes" [MM].

Observações:

1.ª) Ainda que não vitoriosa na língua exemplar, mormente na sua modalidade escrita, este princípio é, em nosso falar espontâneo, desrespeitado, e, como diz Sousa da Silveira, em alguns exemplos literários, a próclise comunica "à expressão encantadora suavidade e beleza" [SS.1, § 523, a, obs.]. Alguns modernistas, com Mário de Andrade à frente, tentaram estender essa próclise inicial de enunciado a todos os pronomes átonos, exagerando, porque isto não ocorre com *o*, *a*, *os*, *as*: *O vi.* Depois, só Mário persistiu no uso, apesar das ponderações de Manuel Bandeira.

2.ª) Preso a critério de *oração* (e não *período*, como aqui fizemos), Rui Barbosa [RB.1] tem por errônea a colocação em: "Se a simulação for absoluta, sem que tenha havido intenção de prejudicar a terceiros, ou de violar disposições de lei, e for assim provado a requerimento de algum dos contratantes, – *se julgará o ato inexistente*". Os que adotarem o critério de *oração*, só aceitam a posição inicial do pronome átono na intercalada de citação, como ocorre no exemplo de Herculano acima transcrito.

3.ª) Em expressões cristalizadas de cunho popular aparece o pronome no início do período: "*T'esconjuro*!... *sai*, *diabo!...*" [MA.1, 97].

2.º) Não se pospõe, em geral, pronome átono a verbo flexionado em oração subordinada:

"Confesso que tudo aquilo *me* pareceu obscuro " [MA.1, 79].

"Se *a* visse, iria logo pedi-la ao pai" [MA.1, 87].

"Tu que *me* lês, Virgília amada, não reparas na diferença entre a linguagem de hoje...?" [MA.1, 91].

OBSERVAÇÃO: Quando se trata de orações subordinadas coordenadas entre si, às vezes ocorre a ênclise do pronome átono na segunda oração subordinada. Também quando na subordinada se intercalam palavras ou oração, exigindo uma pausa antes do verbo, o pronome átono pode vir enclítico: "Mas a primeira parte se trocou por intervenção do tio Cosme, que, ao ver a criança, *disse-lhe* entre outros carinhos..." [MA *apud* MBa.2, 197]. Em todos estes e outros casos que se poderiam lembrar, a ação dos gramáticos se tem dirigido para a obediência ao critério exposto, considerando esporádicos e não dignos de imitação os exemplos que dele se afastam.

3.º) Não se pospõe pronome átono a verbo modificado diretamente por advérbio (isto é, sem pausa entre os dois, indicada ou não por vírgula) ou precedido de palavra de sentido negativo:

"Não *me* parece; acho os versos perfeitos" [MA.1, 69].

Sempre *me* recebiam bem.

Ninguém *lhe* disse a verdade.

Se houver pausa, o pronome pode vir antes ou depois do verbo:

"Ele esteve alguns instantes de pé, a olhar para mim; depois estendeu-*me* a mão com um gesto comovido" [MA.1, 86].

OBSERVAÇÃO: Como já foi indicado antes, o pronome átono, não inicial, pode vir antes da palavra negativa:

(...) descia eu para Nápoles a busca de sol que *o não* havia nas terras do norte [JR.2, 187].

4.º) Não se pospõe pronome átono a verbo no futuro do presente e futuro do pretérito (condicional). Se não forem contrariados os princípios anteriores, ou se coloca o pronome átono proclítico ou mesoclítico ao verbo:

"Teodomiro *recordar-se-á* ainda de qual foi o desfecho do amor de Eurico..." [AH.1, 60].

"Os infiéis... *contentar-se-ão*, talvez, com as riquezas..." [AH.1, 146].

5.º) Não se pospõe ou intercala pronome átono a verbo flexionado em oração iniciada por palavra interrogativa ou exclamativa:

"Quantos *lhe* dá?" [MA.1, 97].

"Quem *me* explicará a razão dessa diferença?" [MA.1, 158].

Como *te* perseguem!

B – EM RELAÇÃO A UMA LOCUÇÃO VERBAL

Temos de considerar dois casos:

a) Auxiliar + { infinitivo: ***quero falar*** / ou / gerúndio: ***estou falando*** }

Se os princípios já expostos não forem contrariados, o pronome átono poderá aparecer:

1) Proclítico ao auxiliar:

Eu *lhe* quero falar.

Eu *lhe* estou falando.

2) Enclítico ao auxiliar (ligado por hífen).

Eu quero-*lhe* falar.

Eu estou-*lhe* falando

(...) e a conversação de Adrião *foi-a* lentamente acostumado à sua presença [EQ.4, 56].

3) Enclítico ao verbo principal (ligado por hífen):

Eu quero falar-*lhe*

Eu estou falando-*lhe* (mais raro)

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Com mais frequência ocorre entre brasileiros, na linguagem falada ou escrita, o pronome átono proclítico ao verbo principal, sem hífen:

Eu quero *lhe* falar

Eu estou *lhe* falando

A Gramática clássica, com certo exagero, ainda não aceitou tal maneira de colocar o pronome átono, salvo se o infinitivo está precedido de preposição: *Começou a lhe falar* ou *a falar-lhe*.

2.ª) Com o infinitivo podem-se contrariar os princípios 2.º e 3.º anteriormente formulados:

Eu não quero falar-*lhe*

Espero que não queira falar-*lhe*

3.ª) Nas construções com o verbo *haver* do tipo *há-se de + infinitivo* ou *há de se + infinitivo*, esta última é mais corrente e a primeira, mais comum em Portugal, aparece apenas como reminiscência literária:

"(...) e *hão-me* ainda a face

De encobrir ervançais, para não *ver-te*" [AO *apud* SS.1, § 524, 3, obs.].

b) Auxiliar + particípio: ***tenho falado***...

Não contrariando os princípios iniciais, o pronome átono pode vir:

1) Proclítico ao auxiliar:

Eu *lhe* tenho falado.

2) Enclítico ao auxiliar (ligado por hífen):

Eu tenho-*lhe* falado

Jamais se pospõe pronome átono a particípio. Entre brasileiros também ocorre a próclise ao particípio:

Eu tenho *lhe* falado.

Posições fixas – A tradição fixou a próclise ainda nos seguintes casos:

1) com o gerúndio precedido da preposição *em*:

"Ninguém, desde que entrou, *em* lhe chegando o turno, se conseguirá evadir à saída" [RB.2, 30].

2) nas orações exclamativas e optativas, com o verbo no subjuntivo e sujeito anteposto ao verbo:

Bons ventos *o* levem!

Deus *te* ajude!

Explicação da colocação dos pronomes átonos no Brasil – Nos princípios anteriormente comentados, vimos certas tendências brasileiras que nem sempre a Gramática agasalha como dignas de imitação, presa que está a um critério de autoridade que a linguística moderna pede seja revisto.

Sobre o assunto, em lúcido resumo, comenta o Prof. Martinz de Aguiar:

"A colocação de pronomes complementos em português não se rege pela fonética, nem é o ritmo, o mesmo binário-ternário, em ambas as modalidades, brasileira e lusitana, que impõe uma colocação aqui, outra ali, não. Ela obedece a um complexo de fatores, fonético (rítmico), lógico, psicológico (estilístico), estético, histórico, que às vezes se entreajudam e às vezes se contrapõem. Numa frase como *ele vem-me ver*, geral em Portugal, literária no Brasil, o fator lógico deslocou o pronome *me* do verbo *vem*, para adjudicá-lo ao verbo *ver*, por ser ele determinante, objeto direto, do segundo, e não do primeiro. Isto é: deixou a língua falada no Brasil de dizer *vem-me ver* (fator histórico, por ser mera continuação do esquema geral português), para dizer *vem me-ver* (escrito sem hífen), que também vigia na língua, ligando-se o pronome ao verbo que o rege (fator lógico). Esta colocação de tal maneira se estabilizou, que pouco se diz *vem ver-me* e trouxe consequências imprevistas:

1.ª) Pôde-se juntar o pronome ao particípio, procliticamente:

Aqueles *haviam se-corrompido* (escrito sem hífen aqui e nos iguais exemplos).

2.ª) Pôde-se pôr o pronome depois dos futuros (do presente e do pretérito):

Poderá se-reduzir, *poderia se-reduzir*. Deixando de ligar-se aos futuros, para unir-se ao infinitivo, deixou igualmente de interpor-se-lhe aos elementos constitutivos.

3.ª) Em frases como *vamos nos-encontrar*, deixando o pronome de pospor-se à forma verbal pura, para antepor-se à nominal, deixou igualmente de determinar a dissimilação das sílabas parafônicas, podendo-se então dizer *vamo-nos encontrar*" [MAg.1, 408-409].

Pelas mesmas razões variadíssimas é que no Brasil, na linguagem coloquial, o pronome átono pode assumir posição inicial de período.

APÊNDICE

1 – Figuras de Sintaxe

Fenômenos de sintaxe mais importantes

1) **Elipse** – Chama-se *elipse* a omissão de um termo facilmente subentendido por faltar onde normalmente aparece, ou por ter sido anteriormente enunciado ou sugerido, ou ainda por ser depreendido pela situação, ou contexto. É o que ocorre quando, diante de um quadro, uma pessoa dá sua opinião:

É belo! [MC.4, s.v.].

São barulhentos, mas eu admiro *meus alunos*.

Assim, não se há de considerar elipse a omissão do sujeito léxico já que ele está indicado na desinência verbal, o sujeito gramatical. A necessidade de explicitação do sujeito gramatical mediante um sujeito explícito é ditada pelo texto; a rigor, portanto, não se trata da "elipse" do sujeito, mas do "acréscimo" de expressão que identifique ou explicite a que se refere o sujeito gramatical indicado na desinência do verbo finito ou flexionado. Em português, salvo nos casos de ênfase ou contraste, não se explicita o sujeito gramatical mediante os pronomes sujeitos de 1.ª e 2.ª pessoas do singular e do plural:

Sairei depois do almoço (desnecessário: *Eu* sairei...)

Foste contemplado na crítica (desnecessário: *Tu* foste...)

Mas:

Eu sairei, e *tu* ficarás.

Entre as elipses que ocorrem com mais frequência estão:

a) a da preposição em algumas circunstâncias adverbiais depreendidas pelo contexto:

As visitas, *pés sujos*, entraram no salão.

O tecido custava dez reais *o metro*.

Domingo irás à festa.

Conhecem-no *uma légua* em redondo.

OBSERVAÇÃO: Também ocorre a elipse de preposição em séries coordenadas:

eu disse a seu pai que a sustentação *de sua filha e marido*... [CBr.6, 104].

"Deus não dá *para ócios ou desperdícios*" [CBr.6].

Geralmente é mais rara a elipse quando a preposição vem com artigo:

Estou farto das afrontas *dos nobres e dos plebeus* [CBr.6, 110].

Ou quando há ênfase:

(...) (duas almas) recolhidas *em si e em Deus* [CBr.6].

Também é mais comum repetir-se a preposição antes dos pronomes pessoais monossilábicos e do pronome reflexivo:

Não se lembrou *de mim e de ti*.

Nas locuções prepositivas também é comum esta praxe; entretanto, só se costuma repetir o último componente da locução:

Através da história e *da* lenda, o fato chegou até nós.

Antes de mim e *de* ti há a justiça.

b) a da preposição antes do conectivo que introduz as orações de complemento relativo e completivas nominais:

Preciso (*de*) que venhas aqui.

Estou necessitado (*de*) que venhas aqui.

OBSERVAÇÃO: Pode ocorrer a elipse não só da preposição, mas também da conjunção integrantes:

Quis defendê-la, mas Capitu não me deixou, continuou a chamar-lhe beata e carola, em voz tão alta que *tive medo fosse* ouvida dos pais [MA *apud* MBa.3, 80].

c) a da conjugação integrante, mormente como transpositor das subordinadas subjetivas e objetivas diretas:

É necessário (*que*) se faça tudo rapidamente.

Espero (*que*) sejam felizes.

OBSERVAÇÃO: Às vezes dois verbos seguidos vêm desacompanhados das respectivas conjunções integrantes:

Frequentes vezes me *disse esperava* lhe arrumarem o processo [CBr.10, I, 51].

d) a do verbo *dizer* (e semelhante) nos diálogos:

E ela: — Você está zangado comigo?

e) a do objeto direto representado por pronome átono para aludir ao substantivo anteriormente expresso:

Você recebeu *o convite*? *Recebi* sim (por Recebi-*o* sim)

Cuidas que não tem cura lançar sangue? *Tem*, meu filho, *tem* [CBr. *apud* MBa.5, 172].

Alguns autores condenaram sem razão este tipo de elipse, tipo de antífrase.

f) a da preposição *de* em construções do tipo *vestido cor de rosa* por vestido *de cor de rosa*; pode-se também omitir toda a expressão *de cor de*: *vestido rosa*.

g) note-se a construção *para* + *particípio* para exprimir a ideia de "que há de ser", "digno de ser", à semelhança do particípio futuro passivo latino:

Não é *para dito* o que ali aconteceu [MBa.5, 218].

h) a elipse de rigor da conjunção integrante *que* depois de *que* ou *do que* comparativo:

A um animal atacado de raiva é melhor que o matem do que esteja a penar (por *do que que esteja a penar*).

i) a elipse do primeiro elemento (preposição ou advérbio) que integra a chamada locução conjuntiva (*posto que*, *dado que*, etc.) na oração subordinada coordenada à anterior:

Nada houve contra ela, *se bem que* uma voz rouca se levantou no tribunal e *que* (por: *se bem que*) dois ou três presentes a acompanharam com certo entusiasmo.

OBSERVAÇÃO: Evite-se a simples lembrança da conjunção subordinada da 1.ª oração por um *que* na 2.ª subordinada, coordenada à anterior:

Quando ele me viu e *que* disse isso, acreditei na sua versão do fato.

Ou se repete o *quando* (*Quando... e quando*) ou só se usa a conjunção coordenativa (*Quando... e disse*).

2) **Pleonasmo** – É a repetição de um termo já expresso ou de uma ideia já sugerida, para fins de clareza ou ênfase:

Vi-*o a ele* (pleonasmo do objeto direto).

Ao pobre não *lhe* devo (pleonasmo do objeto indireto).

(...) o conde atirava à mísera cantora alguns soldos que ainda *lhe* reforçavam *a ela* as cordas vocais [JR.2, 188] (pleonasmo do dativo de posse).

Subir para cima.

O grande juiz entre os pleonasmos de valor expressivo e os de valor negativo (por isso considerado erro de gramática) é o *uso*, e não a *lógica*. Se não dizemos, em geral, fora de situação especial de ênfase: *Subir para cima* ou *Descer para baixo*, não nos repugnam construções com *O leite está saindo por fora* ou *Palavra de rei não volta atrás*.

Eis alguns casos comuns de pleonasmo:

a) a série possessiva *seu... dele*, *sua... dela* para fugir à ambiguidade:

Mas não esmoreceu o Sr. Conde de Laet. Ninguém melhor do que ele fez então a psicologia da maior parte dos nossos movimentos revolucionários. Não só mostrou que quase sempre a *sua* causa *deles*, "é um segredo" (...) [JF *apud* CL.1, II, 333].

b) o emprego de dois termos de significado negativo para afirmar (*não indouto* = douto; *não sem razão* = *com razão*; *nada anormal* = *muito normal*; *sem desconhecer* = *conhecendo*; *indesculpável* = *culpável*) [MBa.3, 54 e MBa.4, 64].

c) a repetição da conjunção integrante em construções do tipo:

"e disse *que*, se lhe não queríamos mais nada, *que* podíamos ir à nossa vida" [CBr.1, 45].

É frequente na variedade coloquial falada acompanhando transpositores de oração subordinada:

Quero saber *como que* você fez isso.

Ainda não marcamos *quando que* iremos nos casar.

Finalmente, há de se ter presente para não usá-lo sempre que possível o pleonasmo léxico que resulta do esquecimento do verdadeiro significado de certas expressões portuguesas ou estrangeiras: *decapitar* (por *decepar*, já que *decapitar* só pode referir-se à *cabeça*) *a cabeça*, *exultar de alegria*, *panaceia universal*, *esquecimento involuntário*, *desde ab aeterno* (*ab aeterno* é expressão latina que já indica *desde a eternidade*) , *desde ab initio*, *tornar a*

repetir, *prever de antemão*, *antídoto contra* e tantos outros. Alguns, usados pelos melhores escritores, já correm com alguma despreocupação diante da crítica mais severa, como é o caso de *suicidar-se*. Já está incorporada a repetição do prefixo e preposição de mesmo significado, como: *in*corporar *em*, *co*abitar *com*, *co*incidir *com*, *con*formar-se *com*, etc.

3) **Anacoluto** – É a quebra da estruturação lógica da oração:

> "Eu que era branca e linda, *eis*-me medonha e escura"
> [MB *apud* SS.1, § 536].

"Resulta esta anomalia em geral do fato de não poder a linguagem acompanhar o pensamento em que as ideias se sucedem rápidas e tumultuárias. É a precipitação de começar a dizer alguma cousa sem calcular que pelo rumo escolhido não se chega diretamente a concluir o pensamento. Em meio do caminho dá-se pelo descuido, faz-se pausa, e, não convindo tornar atrás, procura-se saída em outra direção" [SA.4, 38].

O anacoluto, fora de certas situações especiais, é evitado pelas pessoas que timbram em falar e escrever corretamente a língua.

Coloca-se entre as construções anacolúticas o começar o enunciado por um termo não preposicionado e depois recuperá-lo na sua função própria, como que desprezando o inicial:

> *A pessoa* que não sabe viver em sociedade, *contra ela* se põe a lei.
> A construção gramatical seria: *Contra a pessoa* que... se põe a lei.

Um anacoluto muito comum é: *Eu parece-me* que tudo vai bem.

4) **Antecipação** – É a colocação de uma expressão fora do lugar que logicamente lhe compete:

> *O tempo parece que vai piorar*

por

> *Parece que o tempo vai piorar*.

As antecipações são ditadas por ênfase e muitas vezes geram anacolutos, mas destes diferem porque não quebram a estrutura gramatical do enunciado. Assim há apenas antecipação do termo *irapuru* (que deve ficar na oração de *quando*), e não anacoluto, nos conhecidos versos de Humberto Campos:

> Dizem que o irapuru quando desata
> A voz – Orfeu do seringal tranquilo –
> O passaredo, rápido a segui-lo
> Em derredor agrupa-se na mata,

isto é: dizem que, *quando o irapuru* desata a voz (...) o passaredo (...) agrupa-se na mata.

5) **Braquilogia** – É o emprego de uma expressão mais curta equivalente a outra mais ampla ou de estruturação mais complexa:

> *Estudou como estudaria se fosse passar*

por

> *Estudou como se fosse passar*

Incluem-se nos casos de braquilogia deste tipo construções como *Entrei e saí de casa*,

derivada de *Entrei em casa e daí saí* (ou *donde saí*).

É o que também ocorre naquelas em que entram graus de comparação, como: *Eles são melhores ou tão bons como nós* por *Eles são melhores do que nós ou tão bons como nós*.

Ainda há braquilogia quando se coordenam dois verbos de complementos diferentes e se simplifica a expressão dando-se a ambos o regime do verbo mais próximo: *Eu vi e gostei do filme* (por *Eu vi o filme e gostei dele*).

6) **Haplologia sintática** – É a omissão de uma palavra por estar em contato com outra (ou final de outra palavra) foneticamente igual ou parecida:

> Iracema *antes quer que* o sangue de Caubi tinja sua mão *que* a tua [JA.4, 223]. Isto é: *antes quer que... que quer que* a tua.

7) **Contaminação sintática** – "É a fusão irregular de duas construções que, em separado, são regulares" [ED.2, § 482].

Fiz com que Pedro viesse
(fusão de *Fiz com Pedro que viesse* e *Fiz que Pedro viesse*)

Caminhar por entre mares
(fusão de *caminhar por mares* e *caminhar entre mares*)

As estrelas pareciam brilharem
(fusão de *as estrelas pareciam brilhar* com *parecia que as estrelas brilhavam*).

Fazer de conta
(fusão de *fazer conta* = *imaginar*, *supor*, com expressões em que *fazer* é seguido de *de*: *fez de tolo*, *de sonso*, etc).

Estas contaminações são frequentes e ocorrem nos bons escritores quando o verbo admite uma construção com complemento direto de pessoa e preposicionado de coisa e outra com preposicionado de pessoa e direto de coisa. É o caso, entre muitos outros, de *persuadir* (*persuadir alguém a fazer* ou *persuadir a alguém que faça*), *fazer* (*fazer que alguém* e *fazer com alguém que*), que admitem fusões do tipo:

> O fato *lhe* persuadiu *a* deixar o trabalho.
> *Fizemos com que Pedro* chegasse logo.

Também resultam de contaminações sintáticas acumulações de preposições como:

> Andar *por entre* espinhos (*andar por espinhos* + *andar entre espinhos*).

8) **Expressão expletiva ou de realce** – É a que não exerce função gramatical:

> Nós *é que* sabemos viver
> Aqui *é onde a* ilusão se acaba.
> Oh! Que saudades *que* tenho!
> Quanto *que* é a conta?

É frequente o aparecimento de um *que* expletivo depois de conjunções, advérbios e expressões adverbiais:

> Eu não sei *quando que* ele vem.
> *Enquanto que* isso acontecia, não vinha nenhum socorro.
> *Desde cedo que* esperavam por elas.

Havia *muito que* não o via.

Verdadeiramente que ficamos amedrontados.

Quase que o incidente se transforma num caso de polícia.

OBSERVAÇÃO: Quando há circunstâncias de lugar, tempo, o *que* é substituído, respectivamente por *onde* e *quando*.

No Recife *é onde* fez o primário.

Durante a chuva *é quando* ocorrem mais acidentes de trânsito.

É preciso distinguir o *é que* expletivo do *é que* que indica:

a) *é* + *que* (conj. integrante):

A verdade *é que* saíram.

b) *é* (verbo vicário) + *que* (conj. integrante):

"Que quer dizer este nome? *É que* as almas..." [MBe *apud* JO.1]. (*É que* = *quer dizer que*)

c) *é* (vicário) + *que* (conj. causal):

Por que veio? *É que* teve medo (*é que* = *veio porque*)

d) *é que* = *é o que*

Este livro *é que* lemos ontem (= *é o que* lemos ontem)

e) há um *é que* que difere dos demais pela forte pausa que separa os dois termos, dando a impressão de se tratar de um resquício de oração seguido de conj. integrante que introduz seu antigo sujeito (= *é verdade*, *é certo que*):

"Ou *é que* o digesto não vale para os que o estudaram?" [AH.5, II, 35].

Modernamente se usa muito desta linguagem em *será que*:

Ou *será que* eu estou errado!

2 – Vícios e Anomalias de Linguagem

Entre os vícios de linguagem cabe menção aos seguintes:

1) **Solecismo** – É o erro de sintaxe (que abrange a concordância, a regência, a colocação e a má estruturação dos termos da oração) que a torna incompreensível ou imprecisa, ou a inadequação de se levar para uma variedade de língua a norma de outra variedade; em geral, da norma coloquial ou popular para a norma exemplar:

Eu *lhe* abracei (por *o*)

A gente *vamos* (por *vai*)

Tu *fostes* (por *foste*)

Aluga-se casas (por *alugam-se*)

Vendas *à* prazo (por *a*)

Queremos *fazermos* tudo certo (por *queremos fazer*)

Como acertadamente frisa Mattoso Câmara, "não constituem solecismos os desvios das normas sintáticas feitas com intenção estilística, em que a afetividade predomina sobre a análise intelectiva, como na silepse, na atração, no anacoluto" [MC.4, 227].

2) **Barbarismo** – É o erro no emprego de uma palavra, em oposição ao solecismo, que o é em referência à construção ou combinação de palavra. Inclui o erro de pronúncia (ortoepia), de

prosódia, de ortografia, de flexões, de significado, de palavras inexistentes na língua, de formação irregular de palavras:

contricto	por	*contrito*
gratuíto	por	*gratuito*
rúbrica	por	*rubrica*
proesa	por	*proeza*
cidadões	por	*cidadãos*
fosteis	por	*fostes*
a telefonema	por	*o telefonema*
areonáutica	por	*aeronáutica*
intemerato (= sem temor)	por	*intimorato*

Também já se empregou o termo *barbarismo* para referir-se aos erros cometidos pelos estrangeiros ao adaptar ao seu idioma palavras e expressões de outra língua.

3) **Estrangeirismo** – É o emprego de palavras, expressões e construções alheias ao idioma que a ele chegam por empréstimos tomados de outra língua. Os estrangeirismos léxicos que entram no idioma, por um processo natural de assimilação de cultura ou de contiguidade geográfica, assumem aspecto de sentimento político-patriótico que, aos olhos dos puristas extremados, trazem o selo da subserviência e da degradação do país. Esquecem-se de que a língua, como produto social, registra, em tais estrangeirismos, os contatos de povos. Este tipo de patriotismo linguístico (Leo Spitzer lhe dava pejorativamente o nome de *patriotite*) é antigo e revela reflexos de antigas dissensões históricas. Bréal lembra que os filólogos gregos que baniam os vocábulos turcos do léxico continuavam, à sua moda, a guerra da independência [MBr.1, 226]. Entre nós, o repúdio ao francesismo ou galicismo nasceu da repulsa, aliás, justa, dos portugueses aos excessos dos soldados de Junot quando Napoleão ordenou a invasão de Portugal. O que se deve combater é o excesso de importação de línguas estrangeiras, mormente aquela desnecessária por se encontrarem no vernáculo palavras e giros equivalentes. A introdução de uma palavra estrangeira para substituir uma vernácula em geral se explica pela debilidade funcional da palavra ameaçada de substituição.

Modernamente no mundo globalizado em que vivemos, onde os contactos de nações e de cultura são propiciados por mil modos, os estrangeirismos interpenetram-se com muita facilidade e rapidez. Para nós, brasileiros, os estrangeirismos de maior frequência são os *francesismos* ou *galicismos* (de língua francesa), *anglicismos* (de língua inglesa), *espanholismos* ou *castelhanismos* (de língua espanhola), *italianismos* (de língua italiana).

De modo geral, os estrangeirismos léxicos se repartem em dois grupos: os que se assimilam de tal maneira à língua que os recebe, que só são identificados como empréstimos pelas pessoas que lhes conhecem a história (*guerra*, *detalhe*, etc. – a esses os alemães chamam *Lehnwörter*, "empréstimos"); mas há os que facilmente mostram não ser prata da

casa, e se apresentam na vestimenta estrangeira (*maillot*, *ballet*, *feedback*, *footing*, etc.) ou se mascaram de vernáculos, como *maiô*, *abajur*, *tíquete*, etc. (são os, em alemão, *Fremdwörter*, "estrangeirismos"). O termo *empréstimo* abarca estas duas noções e se aplica tanto aos estrangeirismos léxicos quanto aos sintáticos e semânticos.

Os empréstimos lexicais durante muito tempo sofreram as críticas dos puristas, mas hoje vão sendo aceitos com mais facilidade, exceto aqueles comprovadamente desnecessários e sem muita repercussão em outros idiomas de cultura do mundo.

Entretanto, os de sintaxe e os de semântica continuam merecendo o reparo dos guardiães da vernaculidade, aliás de meritória atividade quando não se mostram extremados. Por isto, relacionaremos aqui um pequeno rol desses dois tipos de empréstimos. Começaremos pelos galicismos: 175

1) Certos empregos da preposição *a* em vez de *de*:

incumbido a dizer
moinho a vento
combinação a dois
equação a duas incógnitas

2) Certos empregos da preposição *contra*:

pagar contra recibo	por	*pagar com, mediante recibo*
encostar a mesa contra a parede	por	*encostar a mesa à parede*
remete-se contra reembolso	por	*remete-se a reembolso* (ou *a cobrança*)

3) Certos empregos da preposição *de*:

envelhecer de dez anos	por	*envelhecer dez anos*
aumentar de vinte reais	por	*aumentar vinte reais*
aposento largo de três metros	por	*aposento de* (ou *com*) *três metros de largura*

4) Certo empregos da preposição *em*:

barco em madeira	por	*barco de madeira*
relógio em ouro	por	*relógio de ouro*
chão em mármore	por	*chão de mármore*
capa em azul	por	*capa azul*
tingir em azul	por	*tingir de azul*

5) Expressões como:

estar ao fato de	por	*estar ciente de*
declarar a guerra	por	*declarar guerra*

pôr o acento nesse problema	por	*enfatizar esse problema*
pessoa de alguns vinte anos	por	*pessoa dos seus vinte anos*

6) Emprego do *que* nas orações negativas de exclusão:

a mãe nada viu que seu filho	por	*a mãe só viu o filho*
o egoísta não procura que o seu bem	por	*o egoísta não procura senão o seu bem*

7) Emprego, na coordenação de orações subordinadas adverbiais, do *que* para evitar a repetição da conjunção da subordinada anterior, quando não constituída pelas chamadas locuções conjuntivas:

Quando me viu e que me falou por *Quando me viu e me falou*

Mas já é vernácula a substituição pelo simples *que* em:

Logo que me viu e que me falou...

8) Anteposição do sujeito de orações com verbo no gerúndio e particípio:

O dia amanhecendo	por	*Amanhecendo o dia*
A aula terminada	por	*Terminada a aula*

9) Não flexão dos nomes e sobrenomes pluralizados pelo artigo:

Os Almeida	por	*Os Almeidas*
Os irmãos Paiva	por	*Os irmãos Paivas*
Os Pereira de Abreu	por	*Os Pereiras de Abreu*

Quanto aos *anglicismos*, vale chamar a atenção para o fato de que o inglês vai constantemente ao grego e ao latim buscar-lhes os tesouros, mas os usa com tal liberdade, que muitas vezes deturpa o emprego ou o significado original. Daí, não basta acalmar os ânimos com a alegação de que se trata não imediata, mas mediatamente, da boa cepa clássica. Alguns nos chegaram pela porta da França.

São exemplos de *anglicismos*:

1) Léxicos:

admitir (= julgar possível, dar como provável, acreditar, crer). Quando o significado vernáculo é ‘receber’, ‘deixar entrar’, ‘concordar’.

assumir por *supor*, *acreditar*

básico (inglês, francês, etc.)

contactar por *entrar em contacto com*

diferente por *melhor* (um produto diferente)

doméstico (voo) por *nacional*

leasing

marketing

politicamente correto
praticamente por *virtualmente*, *faltando pouco* (o tanque está praticamente cheio)
relax

2) Sintáticos [MC.4, s.v.]:

a) a anteposição do adjetivo ao seu substantivo, com valor meramente descritivo, como nos nomes de hotéis e estabelecimentos comerciais: *Majestoso Hotel*.

b) o emprego de um substantivo com função de adjetivo por vir anteposto: *Rio Hotel*.

c) o emprego da preposição *com* isolada do nome que deveria reger ou da preposição *contra* no fim da oração: *capa com e sem forro*; *eu sou pelo povo e tu és contra*.

São exemplos de *castelhanismos* (léxicos):
aficionado
bolero: jaqueta
charla
contestar (= responder, replicar). É vernáculo no significado de *refutar*, *negar direitos*.
ensimesmar-se
entretenimento
frente a (= ante)
muchacho (= garoto, rapazinho)
piso (= andar, pavimento)
quefazer (es) (= ocupações)
recuerdo (= lembrança)
redatar (= redigir)
resultar (tornar-se, ficar). É vernáculo *provir*, *proceder*
suelto (= artiguinho, nota crítica de jornal)

São exemplos de *italianismos* léxicos (muito frequentes em termos de arte, música)
adágio (= andamento musical vagaroso)
allegro (= movimento alegre)
andante (= andamento moderado)
aquarela
bambino
belvedere
bel-canto
cicerone
condottiere
confete (confetti, plural)

corso (= cortejo, desfile)
diletante
dueto
furbesco (= velhaco)
imbroglio (= confusão, enredo, atrapalhada)
influenza (= doença catarral, *gripe*, fr.)
intermezzo (entreato)
libreto
Madonna (= Nossa Senhora)
maestro (= regente de orquestra)
nitrido (= relincho)
nitrir (= relinchar)
piano (= com suavidade)
primadona (= cantora principal de ópera)
raconto (= conto, história)
sonata
soprano
espaguete
estúdio (= galeria de arte, sala de trabalho)
tarantela
terracota
trombone
vendeta (= vingança)
virtuose (= músico de talento)

Anomalias de Linguagem

Idiotismo ou expressão idiomática é toda a maneira de dizer que, não podendo ser analisada ou estando em choque com os princípios gerais da Gramática, é aceita no falar culto.

São idiotismos de nossa língua a expressão *é que*, o *infinitivo flexionado*, a preposição em *o bom do pároco*, etc.

Sobre o conceito de idiotismo nunca é demais relembrar a lição de Said Ali: "Não devemos definir o idiotismo, segundo alguns gramáticos, como construção particular de *uma* língua, estranha, portanto, às outras línguas, porque ninguém conhece todos os outros idiomas em todos os seus segredos e modos especiais de falar" [SA.2, 310].

Assim, o infinitivo flexionado é um idiotismo não porque só exista em português (na realidade outras línguas o conhecem, como alguns dialetos do sul da Itália, e outras o conhecem com aplicação diferente da que tem em português, como em húngaro), mas porque a

sua flexão contraria o conceito de forma infinita (i.é, não flexionada).

16 E. Coseriu [ECs.7, 136 - 138; ECs.15, 20 - 21].

17 E. Coseriu [ECs.12, 104; ECs.1, 265].

18 E. Coseriu [ECs.15, 21-22].

19 E. Coseriu [ECs.7, 59].

20 E. Coseriu [ECs.15, 20].

21 E. Coseriu [ECs.7, 60 n. 13].

22 Mattoso [MC.4, s.v.].

23 "Quanto a este ponto, a afirmação generalizada de que o substantivo tem flexão de gênero, aparentemente justificada pela existência de pares masculinos/femininos, tais como *irmão/irmã, noivo/noiva, gato/gata*, que significam, respectivamente, o macho e a fêmea de uma dada espécie de ser animado (sexuado). Com efeito, é propriedade essencial da flexão o fato de que por esse processo mórfico variem as significações gramaticais de 2.º grau (isto é, de gênero, número, tempo-aspecto, modo, pessoa, etc.) somadas, alternadamente, ao tema por meio dos morfemas próprios, sem que se altere a significação inerente da palavra semântica, que permanece a mesma em cada um dos membros do paradigma flexional. É isso que se dá com a variação de número *casa/casas* e, no adjetivo (pronome, etc.) com a de gênero: na variação *alto/alta* não se altera a significação inerente do adjetivo, presente no seu tema *alt-*. Ora, o que se passa com *lobo/loba* é precisamente o contrário, porque o termo masculino e o termo feminino manifestam significações inerentes diversas, a saber, respectivamente, a de espécie macho e a de espécie fêmea do gênero (lógico) *lupus* (significado este também pelo masculino, na sua qualidade de termo não marcado da oposição). Quer dizer que se trata aqui, não de flexão, mas antes de derivação, como a que se observa em *barco/barca*, *saco/saca*, etc." [HCv.2, 745-746].

24 "Por morfofonêmica, a sibilante da desinência é surda diante de pausa ou de consoante surda (ex.: *livros pretos /* livrus petrus) e sonora diante de vogal ou consoante sonora, sendo que diante de vogal passa a funcionar como pré-vocálica dessa vogal (ex.: *livros brancos* / livruz brankus / *livros alvos* / livruz álvus/)" [MC.4, 179].

25 *Mel* e *fel* fazem *meles* ou *méis, feles* ou *féis*, respectivamente, sendo as segundas formas mais frequentes por conformes no processo regular.

26 Mattoso assinala que, tendo em vista a pronúncia distensa da pronúncia brasileira do *-l* como | w |, passam a ser outras as regras morfofonêmicas: no caso de *carnaval*, por exemplo, temos a alternância | w | - | y |: | carnavau | - | carnavays |, e em *funil* temos a supressão do | w |: | funiu | - | funis |

27 Obs.: Continuamos a relacionar o singular como a forma básica em relação ao plural, nestes casos. A gramática histórica, entretanto, nos dá outra versão do fato linguístico.

28 Uma Lei federal (2.749 de 2 de abril de 1956) pretendeu disciplinar os gêneros dos nomes designativos das funções públicas no âmbito federal, que dispõe: "O gênero gramatical desse nome, em seu natural acolhimento ao sexo do funcionário a quem se refira, tem que obedecer aos tradicionais preceitos pertinentes ao assunto e consagrados na lexicologia do idioma. Devem, portanto, acompanhá-lo neste particular, se forem genericamente variáveis, assumindo, conforme o caso, feição masculina ou feminina, quaisquer adjetivos ou expressões pronominais sintaticamente relacionadas com o dito nome".

29 Mattoso prefere ver aqui um exemplo de morfema subtrativo, dizendo que ocorre a supressão da vogal temática sem adjunção de desinência: *irmão* → *irmã*(*o*) → *irmã*. Dada a raridade de ocorrência de morfema subtrativo em português, e, pelo contrário, a frequência da regra morfofonêmica de crase, optamos pela lição acima.

30 Embora esta seja a norma exemplar, o idioma não está fechado a feminizações expressivas, especialmente em nível coloquial e popular, com reflexos em estilizações literárias: *a carrasca*, *a verduga*, *a pássara*, etc. cf. [MBa5, 328-329].

31 Evite-se cuidadosamente o erro *diminuitivo* (com i).

32 Rio-Torto, *Sistêmica*, 203 – 227, onde tece importantes comentários contra a antiga concepção afixocêntrica da produção lexical.

33 [MBa.3, 282], preso ao critério diacrônico, vê no emprego dessas formas um neutro.

34 " O epíteto *benéfico*, assim como os antecedentes são *propríssimos* do sujeito Estrela" [DG.1, 362].

"A falsa notícia do falecimento de Gonçalves Dias teve a boa consequência de mover o Governo a aliviar-lhe a situação material, que era precaríssima" [MB.1, 778].

35 É válido o comentário de Coseriu: "(...) o artigo de per si não individua. Nos casos em que isto parece ocorrer (p. ex. "Leram *o livro*? Estou vendo *o* mapa"), a individuação está dada, na realidade, pelos contornos verbais e extraverbais" [ECs.1, 300 n.36].

36 Tem-se desprezado, nestes casos, a influência do inglês em nosso idioma.

37 “A definição da segunda pessoa como sendo a pessoa à qual a primeira se dirige convém sem dúvida ao seu emprego mais ordinário. Ordinário, porém, não quer dizer único e constante. Pode utilizar-se a segunda pessoa fora da alocução e fazê-la entrar numa variedade de “impessoal”. Por exemplo, *vous* funciona em francês como anafórico de “*on*” (ex: *on* ne peut *se* promener sans que quelqu’un *vous* aborde, port. “não *se* pode passear sem que alguém aborde *você*”) [EBv.1, 254]. Este fato, como a tradução revela, ocorre também em português, tanto na língua escrita como na falada. É um *você* ou *tu* que se referem ao próprio falante, mesmo que o ouvinte esteja presente:

“Daniel, a situação comigo está difícil. Chega um momento que *você* (= “eu”, “a gente”, impessoalizador) não sabe o que fazer”. “*Você* já vinha conhecendo que o tempo passava danadamente rápido por causa de uns indícios sutis. Por exemplo: quando um desconhecido fala a seu respeito não diz mais “aquela moça”, e sim “aquela senhora” (...) Sem falar nos que morreram, porque morrem muitos à medida que *a gente* fica mais velha” [RQ.1, 108].

Não levando em conta o jogo psicológico envolvido na situação, o giro tem sido injustamente condenado por alguns gramáticos que não atentam para o respaldo da língua escrita nem o testemunho de outras línguas. No português, nesta aplicação se usa de *você* ou *tu* (ou expressões substantivas como *a pessoa*, *o indivíduo*, *o cristão*, etc.).

38 Desde K. Brugmann (1904) foram estabelecidos quatro tipos de dêixis em relação à posição do falante: “*este*-dêixis”, “*eu*-dêixis”, “*tu*-dêixis” e “*aquele*-dêixis”. K. Buhler acrescenta uma dêixis especial: “dêixis em fantasma”, que se produz “quando um narrador transporta o ouvinte ao reino do ausente recordável ou ao reino da fantasia construtiva e lhe põe à disposição ali de todos os mesmos indicadores para que veja e ouça o que há ali para ver e ouvir (e tocar, se o desejar), e, quem sabe, cheirar e degustar” [*apud* LCr.1, s.v.]. Para o linguista são válidas as considerações de Herculano de Carvalho: “É evidente que esta espécie de mostração [em fantasma] assume real interesse para o psicólogo (que era Buhler) e para o estudioso da criação poética, mas não para o linguista, para quem ela se identifica com a mostração “ad oculos”, embora (...) ela possa estar implicada na anafórica” [HCv.3, 662].

39 [ECs.1, 301 n. 37]. Já o nosso João Ribeiro [JR.1, 88] lembrara a lição de A. Darmesteter, que considerava os pronomes, pelo seu ofício de indicar a posição da pessoa ou coisa no discurso, “gestos falados”.

40 “O simples fato de que palavras diferentes sejam muito geralmente empregadas para “eu” e “nós” (e também para “tu” e “vós”) é suficiente para excetuar os pronomes dos processos ordinários de pluralização (...). Na grande maioria das línguas, o plural pronominal não coincide com o plural nominal, pelo menos tal como se representa ordinariamente. Está claro, de fato, que a unidade e a subjetividade inerente a “eu” contradizem a possibilidade de uma pluralização. Se não pode haver vários “eus” concebidos pelo próprio “eu” que fala, é porque “nós” não é uma multiplicação de objetos idênticos, mas uma *junção* entre o “eu” e o “não eu”, seja qual for o conteúdo desse “não eu”. Essa junção forma uma totalidade nova e de um tipo totalmente particular, no qual os componentes não se equivalem: em “nós” é sempre “eu” que predomina, uma vez que só há “nós” a partir de “eu” e esse “eu” sujeita o elemento “não eu” pela sua qualidade transcendente. A presença do “eu” é constitutiva de “nós” [EBv.I, 256].

O plural de “eu” como “mera palavra” ou como substantivo para significar ‘a personalidade de quem fala’ tem normalmente o plural “eus”:

“Não poderiam mostrar, num dado instante e numa atmosfera única, todos os *eus* sucessivos que guardam dentro de si (...) [RCo.1, 164].

41 Para a discussão de considerar “o senhor”, “a senhora”, etc. formas substantivas de tratamento ou pronome de tratamento, vejam-se os estudos de HM, *Anrede*; LCi, *Formas*; EW, *Pronomes*. No fundo, trata-se de um falso problema, pela natureza categoremática do pronome.

42 Tradicionalmente a série *isto*, *isso*, *aquilo* e *o* (invariável) é dada como remanescente do neutro latino. Já o nosso primeiro gramático Fernão de Oliveira (1536) tinha desvinculado tais pronomes do neutro latino. Epifânio Dias considera-os como masculinos (*isto*, *isso*, *aquilo*), e o erudito artigo de Herculano de Carvalho sobre o gênero nos pronomes [HCv.4, 30-48] mostra que só lhes cabe o gênero masculino. É assim que os trataremos aqui, inclusive ao *o* invariável em gênero e número.

43 *Que é lá?*, aplicado a indagar sobre pessoas, talvez seja o resultado de desnasalação do *quem* por fonética sintática: “E começava a despir-se, quando ouviu passos no negro corredor, passos muito lentos, muito pesados, que se adiantavam (...) Assustado, gritou “*Que é lá*?” [EQ.3, 663].

44 Coseriu [ECs.4, 211-212].

45 No excelente livro de Barbadinho, há boa messe de exemplos. O fato sintático está a exigir investigação, pois parece ter raízes mais longínquas na família românica. A bibliografia aí já é extensa: [FDz.1, III, 56]; [MLk.1, III, § 67]; [WZ.1, § 709]; [FH.1, § 512], e o livro de G. Brandt sobre a concorrência de *soi* e *lui*, *eux*, *elle*(*s*) em francês.

46 Deve-se evitar o emprego do pronome pessoal pelo possessivo quando na oração já estiver um objeto indireto ou complemento relativo. Assim, Carneiro Ribeiro não aceitou, com razão, a emenda proposta por Rui Barbosa à redação de um artigo do Código Civil. Este rezava: “*A fortuna do pai passa* ***a seu filho***, emendada para: “A fortuna do pai passa-lhe ao filho”. Para Carneiro Ribeiro a emenda torna “o pensamento menos preciso e a frase forçada e desenxabida” [CR.2, 586].

47 Diz-se que o possessivo tem *sentido objetivo* quando designa o ser que é alvo de uma ação ou sentimento qualquer. Fora deste caso, tem *sentido subjetivo*. É muitas vezes difícil distinguirmos os dois casos.

48 Sabemos que o termo *dêictico*, se viesse no caudal das palavras hereditárias, não representaria a boa forma portuguesa de adaptação do vocabulário grego, conforme mostrou o Prof. Cândido Jucá (filho) [CJ.1, 35 e ss.]. Adotamo-lo por ser empréstimo científico disseminado, introduzido na língua técnica da gramática portuguesa por M. Said Ali.

49 A respeito do *ipse* latino faz Blatt um comentário que se pode aplicar ao nosso *mesmo*: "Pour des raisons historiques, on a l'habitude de ranger ipse... parmi les pronoms démonstratifs, bien que, si l'on tient au sens, on puisse plus légitimement le qualifier d'intensif" [FBl.1, § 186].

50 "*Algo* é obsolescente, usado praticamente só no estilo refletido, e mesmo aí não com muita frequência. O que é realmente de lamentar, visto o seu substituto *alguma coisa*, apesar do elevado grau de abstração aí alcançado pelo substantivo *coisa*, não ser facilmente separável da significação de "algo" concreto e até material" [HCv.3, 656 n. 93].

51 [SA.1, 105; SA.2, 266 – cf. Pág. 333, a]

52 É por causa de construções semelhantes que Epifânio Dias [ED.2, § 104, b] diz que a posposição de *todo* pode dar ocasião a ambiguidades, como neste exemplo em que a intenção do escritor foi usar *todo* como advérbio, e não como pronome. Poder-se-ia, é claro, não fazer a flexão, evitando a ambiguidade.

53 A tradição tem evitado o emprego de *sem quem*, substituindo-o por *sem o qual*, *sem a qual*, *sem os quais*, *sem as quais*, para evitar o eco.

54 As formas *duzentos*, *trezentos*, *quinhentos* e *seiscentos* representam diretamente numerais latinos.

55 "O quadro dos numerais ordinais é muito complexo e apresenta compostos e locuções rebarbativas, para cuja utilização o saber e a habilidade do homem do povo depressa se esgotam; daí se usarem como ordinais os próprios cardinais (...) Tal emprego dos cardinais se justifica logicamente, de um ponto de vista novo, segundo o qual o número passa a ser como que uma qualidade intrínseca daquela hora, daquela página, etc., desprendidas em nosso espírito, das horas, das páginas anteriores e assim por diante" [MC.4, 178].

56 Assim sendo, não se pode falar em voz passiva diante de linguagens do tipo *osso duro de roer*. Houve aqui, se interpretarmos *roer = de ser roído*, apenas passividade, com verbo na voz ativa. Sobre o sentido ativo ou passivo de infinitivo, veja o link.

57 Moderna e normalmente o verbo parir está incluído neste grupo: Pres. *parimos* e *paris*. Mas também, apesar de, por tabu linguístico, ser desusado na linguagem de sociedade, pode ser conjugado integralmente, com irregularidade apenas na 1.ª pess. do ind. e em todo o pres. do subj.: *pairo*, *pares*, *pare*, *parimos*, *paris*, *parem.* Pres. subj.: *paira*, *pairas*, *paira*, *pairamos*, *pairais*, *pairam.*

58 Pomos entre parênteses a variante do morfema ou alomorfe (cf. **Variantes dos elementos mórficos**).

59 Aceitamos as ponderações de Mattoso: "SMT é *-ia*, opondo-se a *-a*, do subjuntivo presente: *temia*, *partia*: *tema, parta*. Seria uma análise falsa considerar *-i* a vogal do tema e SMT a vogal *-a*, porque os dois tempos passariam a se distinguir não pelo seu SMT, mas pela presença ou ausência da vogal do tema" [MC.8, 148 n.27]. A solução com *-a* não seria de todo falsa, porque a vogal temática poderia acumular a função modo-temporal, mas a análise apresentada é mais coerente com a descrição e o papel normal da vogal temática.

60 No Brasil só por imitação literária aparece este verbo. Dele nos diz Manuel Bandeira: "Esse lusitanismo está sendo introduzido por certos revisores à revelia dos autores; já me enxertaram a antipática palavra numa tradução minha, mas eu juro que não a escrevi, nem jamais a escreverei: escreverei sempre "mobiliada" [MB.1, 441].

61 Sobre o emprego dos auxiliares *ter* e *haver* na conjugação composta veja-se **Conjugação de verbos auxiliares mais comuns**, 2.

62 Acompanhado de outro pronome que não esteja nos dois casos até aqui apontados, nenhuma alteração ocorre no verbo e no pronome posposto: *conhecemos-te*, *chamamos-lhe*, *requeremos-lhe*, etc. Evitem-se, portanto, *enviamo-lhe*, *informamo-lhe*!

63 Para seguir este modelo, melhor seria escrever *engulir* (com *u*). A forma *engolir* (com *o*) nos leva, naturalmente, à seguinte conjugação que o *Vocabulário Oficial* não registra: *engulo, engoles, engole, engolimos* (com *o*), *engolis* (com *o*), *engolem.*

64 O verbo *entupir* pode também ser conjugado sem sofrer a metafonia que ocorre no grupo: *entupo, entupes, entupe, entupimos, entupis, entupem.*

65 Leve-se em consideração a mudança de *g* para *j* antes de *o* e *a*: *fujo, foges foge,* etc.

66 Conjugam-se, porém, regularmente *assumir, presumir, reassumir, resumir.*

67 Significa *originar, produzir efeito*. Como *surtir* são também regulares *curtir* (pouco usado na 1.ª pessoa do singular e em todo o presente do subjuntivo) e *urdir*.

68 Algumas vezes os escritores, numa oração subordinada a um presente histórico, usam o pretérito imperfeito em vez do

presente, como se na oração subordinante estivesse um pretérito perfeito: "O mestre da nau em que navegava Jonas... examinou todo o navio, até o lastro, onde ia dormindo o Profeta. *Desperta*-o a gritos e *repreende*-lhe o sono em ocasião que o baixel *estava* em perigo de se ir a pique" [AV *apud* MBa.2, 117].

69 Coseriu [ECs.5, 143] que cita Togeby: "Le plus souvent les parfaits et les imparfaits alternent, en formant dans le texte, pour ainsi dire, deux plans. Les parfaits constituent le premier plan, les événements, les actions qui sont accomplies et qui font avancer le récit, tandis que les imparfaits composent le second plan, tantôt le décor, tantôt les raisons ou les conséquences, tantôt le contenu de déclarations ou de pensées".

70 [ALb.1, 8-10 e 98], donde extraímos os exemplos.

71 A flexão se apresenta geralmente quando o infinitivo vem acompanhado de um pronome pessoal oblíquo átono.

72 [EBm.1], onde se encontra o levantamento de alguns destes casos.

73 Aparece ainda em exclamações diretas e indiretas:

*Como chove! Veja como chov*e.

74 [HM.1, 55], em que as fronteiras entre o advérbio e o adjetivo são estudadas com muita erudição e acuidade estilística.

75 [AL.1, § 289], cuja proposta retocada adotamos; [MMa.1, 149]; [MPz.1], onde se faz exaustivo estudo do sistema preposicional do espanhol [VBr.1].

76 Pode-se também considerar *contração* apenas o caso de crase; nos outros, diremos que houve *combinação*. A NGB não tomou posição neste ponto. Na realidade, o termo *combinação* é muito amplo para ficar assim restringido. A nomenclatura tradicional, por exemplo, só emprega *combinação de pronomes*.

77 Que o português procedeu como as demais línguas românicas prova o trabalho de V. Väänämen, *Il est venu comme ambassadeur, il agit en soldat*, Helsinquia, 1951.

78 "(...) sem todavia influírem na ordenação das orações" [ED.1, § 195, obs.].

79 O estudo das diversas realizações fônicas de um dado morfema, como é o caso do nosso índice de plural, recebe, em linguística descritiva, o nome de *morfofonêmica* ou *morfonêmica*.

80 Parecem, à primeira vista, constituir exceção, formas como *portuguesmente, superiormente,* mas o fato se explica porque tais adjetivos em *-ês* e *-or* eram uniformes no português antigo, à época dessas derivações adverbiais.

81 Mesmo aí, integrando o indo-europeu, a aceitação desse infixo nasal é discutível. Vejam-se os comentários em Meillet-Vendryès, GC, §§ 237-238.

82 M. Barreto [MBa.1, 408-410; MBa.3, 347; MBa.5, 138] condena formações do tipo de *labiodental, labionasal, linguodental,* etc., em vez de *labidental, labinasal, linguidental,* etc., por aparecer a vogal *o* em vez de *i*, por serem latinas e não gregas. Aceita, embora as considere bárbaras, as formações *novo-latino, dento-labial, anglo-russo, hispano-americano,* etc., onde também aparece o *o* grego em lugar do *i* latino, como em *plenilúnio* (p.207)*, alvinitente, altíssono, lanígero, flamífero*. A questão é muito complexa (já o era no próprio grego e no latim), porque se trata de formações nascidas em épocas diversas e em domínios culturais diferentes, além de procedimentos que se repartem pela composição e pela justaposição, com ou sem braquilogias e reduções. O português, como as línguas românicas (algumas das quais nos serviram de modelo), sofreu o impacto dessas diferentes portas de entrada de tais neologismos eruditos, e até de reflexo popular, como *gaticídio, burricida,* etc. É um domínio que está, no português, a exigir estudos mais aprofundados. Cf. A.G. Hatcher *Modern English Word-Formation and Neo-Latin* (Baltimore, 1951), B. Migliorini *Saggi sulla lingua del novecento* (Firenze, 1963, p. 9-60) e FM, 1973, 1, 68-72.

83 A rigor, em *geografia* e *bibliófilo* não temos a vogal de ligação *o* (ge-o), porque não existe formação em que apareça o radical *ge*, ou *bibli*, como em *chá, pau, café* e *lã*. O radical grego é *ge*, mas em português é *geo*, como o é *biblio*, já que aí, como em outros casos, não se pode isolar a vogal *o*, tal qual fazemos em *gás + o + metro*. [VK.2, 37-38].

84 Cf. J. Mattoso Câmara Jr. *Dicionário de Filologia e Gramática*, 293. Para estudos mais adiantados veja-se Saussure, *Cours de Linguistique Générale*, 253 e E. Nida, *Morphology* (cap. de introdução).

85 Kehdi, *Morfologia*, 42, Rio-Torto, *FLP*, 2, 45-46; Sandmann, *Formação*, 145-152.

86 Matthews, *Morphology*, 1982, 146-147, *Inflectional Morphology,* 1972, 72.

87 Sílvio Elia, *Confluência* (2), 1991, 87.

88 Para Sten (*Particularités*, 24-25), citado por Nascentes (*Linguajar*, 96), a não diferenciação do português dialetal e do Brasil na pronúncia de *amamos* e *amámos* se deve à analogia, num processo de uniformização, com a 2.ª e 3.ª conjugações, e não à fonologia. Todavia, cumpre lembrar que a precedência de nasal é um fator de fechamento do timbre.

89 [EBv.2, 147] e [AE.1, 22 e ss.].

90 Rio-Torto, *Sistêmica,* 203 e ss.

91 É constantemente contrariada pela realidade da língua a hipótese de se estabelecer uma distribuição complementar entre tais construções agentivas calcada nos critérios 'grau prestígio social', 'formalidade' e 'grau de especialidade'. Não se podem

deixar de lado os valores semânticos dos elementos que integram os constituintes e seus reflexos não só nos produtos derivacionais mas também as motivações do contexto. A concepção afixocêntrica na produção lexical está sendo revista, para pôr em evidência o papel que desempenham as bases e os mecanismos derivacionais na criação lexical.

92 Se a palavra é masculino e termina em *-a*, este *a* reaparece quando se lhe acrescenta o sufixo *-inho*. O mesmo acontece se é feminino em *-o* ou singular em *-s*: *Jarbas* → *Jarbinhas; Carmo* (João do) → *Carminha; o Maia* → *o Mainha*. (Nota que me foi fornecida por Martinz de Aguiar). Note-se ainda que os diminutivos *-inho, -zinho* podem assumir valor patronímico, quando pais e filhos têm o mesmo nome: *Pacheco* (o pai), *Pachequinho* (o filho), *Diva* (a mãe), *Divinha* (a filha).

93 Cf. [VB.1].

94 *Tresler* é ler além do que está escrito, podendo, portanto, significar 'ler mal', 'ler sem entender': "Assim, em um artigo de seis páginas, João Fernandes diz, rediz, a si próprio se contradiz, anda para trás e para diante, e de tudo só deixa apurar que leu, releu, mas só *treslia* ao tomar da pena" [CL.1, II, 305].

95 "Do emprego de *vice* houve até abuso: *vice-deus* "grande santo", por distinguir de *semi-deuses*, que eram do paganismo. Vieira chamou a ausência de *vice-morte*. Filinto Elísio criou o verbo *vice-reinar*" [JR.5].

96 O ar vernáculo é tal, que a rigor não se poderia falar de hibridismo em muitas dessas inovações lexicais. Só aos olhos de quem conhece a história desses elementos é que fica patente sua origem estrangeira.

97 esta uma forma livre: *re(meter), re(fazer)*, etc. Este critério de negar a *receber* uma derivação prefixal colide com a aceitação de formas presas em compostos do tipo *agrimensor, aqueduto*, etc., nos quais o falante tem a mesma dificuldade em depreender o significado de um ou dos dois elementos da unidade criada. Preferimos ficar com a lição de Mattoso Câmara, que era também a de Nida: "A depreensão dos prefixos é uma técnica de análise descritiva. Para isso há a considerar três casos: 1) quando o radical a que se acrescenta constitui uma forma livre na língua (ex.: *predizer* = *pre* + *dizer*, *desconsolo* + *des* + *consolo*); 2) quando esse radical é forma livre numa estrutura variante (ex.: *permitir*, cf. *meter*); 3) quando esse radical só é forma presa, mas constitui a base de duas palavras, pelo menos, com prefixos distintos (ex.: *colisão, elisão*)" [MC.4, s.v. Prefixo]. Nossa questão se quadra neste último caso.

98 *Fero* é defectivo, apresentando forma do radical de *tollo* (tulli, latum); assim, não são cognatos *aferir* e *ablativo*. Ao primeiro se associam *conferência, fértil, oferecer*; ao segundo, *prelado* e *relaxado*. Esta observação se estende a qualquer forma latina que apresentar semelhante defectividade.

99 Para L. Weisgerber: *Lexicologia da expressão* (al. *Wortformenlehre*), *lexicologia do conteúdo* (al. *Wortinhaltslehre*), *semasiologia* (al. *Semasiologie*) e *onomasiologia* (al. *Onomasiologie*). A lexemática corresponde ao nível estrutural sistemático da *lexicologia do conteúdo*, a qual abarca também a *lexicologia semântica associativa*, e, em outros níveis estruturais, a *lexicologia semântica da norma* e a *lexicologia semântica do discurso* (compreendendo o estudo das preferências e "constâncias" semânticas dos escritores). Cf. [ECs.2, 46-50].

100 Um especial enfoque semasiológico está representado pela "semântica estrutural" dos linguistas americanos J. J. Katz e J. A. Fodor que, na realidade, trata da estrutura da interpretação, e não da estrutura do significado, pois que parte de um significante léxico para chegar à identificação do seu significado, resolvendo o problema de *desambiguização* dos signos. Cf. [ECs.2, 165-168].

101 Este fato já foi de há muito assinalado. Coseriu lembra a antecipação possivelmente no gramático romano Varrão, em nosso primeiro gramático Fernão de Oliveira (1536), em Chr. Wolff (1730) e, mais recentemente, em Gabelentz (1901).

102 Esta aplicação do termo paragramatical vai ser importante para entendermos o fato e a explicação em compostos do tipo *corta-papel*.

103 Estes dois elementos combinados pertencem normalmente a campos diferentes, um dos quais (o que está representado no significante) determina (recção) o outro (que está representado no significante por um sufixo derivacional ou por zero (este último caso é o de compostos como *tira-teima*, de que falaremos mais adiante).

104 Recente etimologia proposta pelo sueco Gunnar Tilander. Cf. nossa nota em Revista Brasileira de Filologia, vol. 6, tomo I, junho de 1961, 142-144. A etimologia não goza de aceitação unânime.

105 "A etimologia popular (...) não difere, na essência, de sua irmã erudita, a etimologia dos filólogos. Mais vivaz, mais 'operativa' que esta última, realiza instintivamente, intuitivamente e de pronto o que a outra faz intencionalmente, graças a um sem-número de alfarrábios e fichas" [J. Orr *apud* SU.1, 104].

106 A palavra *famigerado* pode aplicar-se à pessoa notável pelos seus dotes positivos ou negativos; todavia, no uso mais geral, a palavra se aplica às qualidades negativas.

107 Pode haver homofonia em um mesmo paradigma ("sincretismo"), como em *cantava*, 1.ª e 3.ª pess. do imperfeito, ou *-s* morfema pluralizador nos nomes e de 2.ª pess. sing. nos verbos.

108 Usamos aqui determinantes numa aplicação muito abrangente, que inclui as noções de adjunto e complemento, funções de que falaremos mais adiante.

109 Este emprego invariável do *o* parece dever-se à confluência de alguns fatos, entre os quais se destaca o de só haver

obrigatoriedade de concordância do predicativo com o sujeito quando é representado por adjetivo ou alguns pronomes e pela referência de dêixis e de valor neutral do pronome *o*.

110 [BC.1, §1100; AL.1, 311, AL.2, 182].

111 [PD.1, 51].

112 Esta diferença de conteúdo de pensamento designado em *Ilha de Marajó* se reflete bem no exemplo da maiúscula.

113 Estas orações de *quem* apresentam certa liberdade de colocação em relação à sua principal, e aparecem frequentemente no início do período.

114 Ensina-nos SAID ALI: "Em proposições como *quem porfia mata a caça, quem espera sempre alcança,* servimo-nos de um pronome visivelmente destituído de antecedente. Mas como o vocábulo *quem* aí sugere a noção de "homem (ou mulher) que", "alguém que", sentimo-nos propensos a ladear a questão linguística, analisando não já o pronome tal qual em tais frases se apresenta, mas sim o seu equivalente semântico. Esse método condenável, de conciliação forçada, não satisfaz todavia ao espírito quando aplicado a *quem quer que,* expressão ampliativa do mesmo pronome *quem* nestas proposições: *quem quer que o disse: não faças mal a quem quer que te ofenda.* SWEET propõe para o pronome nas condições dos dois primeiros como dos dois últimos exemplos a denominação de relativo *condensado* "por desempenhar o próprio relativo também funções de antecedente". Qualificativo cômodo, sem dúvida, mas não ditado pelo critério histórico-comparativo. Estudos mais rigorosos (DELBRÜCK e BRUGMANN) permitem presumir que o pronome em questão deve a sua origem a uma causa dupla: ao interrogativo *quem* nas interrogativas indiretas e ao indefinido *quem*" [SA.5, 114-5].

115 A que chamamos intercalada de *desejo* José Oiticica denominava de *exclamação*.

116 Professores há que preferem, havendo na intercalada um verbo transitivo direto, considerar este tipo de oração com principal. Assim, analisam:

Oração principal: *me pediu o rapaz*.

Oração subordinada, substantiva objetiva direta, justaposta: *dê-me água*.

Se a intercalada não encerra verbo transitivo direto, acham-no por elipse.

117 Com seus alunos deve apenas o professor insistir na conceituação de oração intercalada, desprezando minúcias de classificação. Nem sempre se traçam linhas rigorosas de demarcação entre o sentido de muitas dessas intercaladas.

118 Cf. [OG.1, 123], onde se encontra excelente e larga exposição sobre o emprego dos verbos *dicendi* e *sentiendi*, bem como as alterações que podem ter os tempos e modos verbais e os pronomes demonstrativos e possessivos na passagem do discurso direto a indireto, a pontuação e a colocação desses verbos. O assunto extrapola, na sua análise mais profunda, o âmbito da gramática para inserir-se na linguística do texto.

119 Para estes e outros exemplos ver [MBa.1, 181-3].

120 O fato ocorre também em francês, alemão e línguas escandinavas, conforme observa NYROP, *Grammaire Historique*, VI, §377 e *REMARQUE: Les confidences que je ne doutais pas qu'elle eût reçues de ma soeur. This man who I thought was my friend. "Ferner will ich deinem Vater sagen, was ich glaube, dass du wünschest*"(LESSING).

121 O fato se repete no latim: "Vejens bellum ortum est, *quibus* Sabini arma conjunxerant" [Tito Lívio, 2, 53 *apud* JMa.1, § 317, d) Obs. 1.ª)]. Cf. ainda [MBa.4, 25].

122 Pode ainda aqui faltar *o tal*:

Falaste *de modo* que desistiram do pedido.

Há acentuada pausa entre o substantivo e o *que*.

123 Hoje raro.

124 Cf. Lôfstedt, *Philologischer Kommentar zur Peregrinatio Aetheria*e, 56 e ss.; Norberg, *Syntaktische Forschungen auf dem Gebiete des Spätlaeins und des frühen Mittellateins*, 239; *Svennung, Untersuchngen zu Palladius und zur lateinischen Fach — und Volkssprache*, 505, nº 4. Maximino Maciel, *Lições Elementares de Língua Portuguesa*, 120: Mário Barreto, *Estudos da Língua Portuguesa*, 93 e ss. Martinz de Aguiar (em carta particular), Cândido Jucá (filho), *O Fator Psicológico na Evolução Sintática*, 91 consideram a oração de *fazer* como *subjetiva*.

125 Assim fazem os mestres Said Ali e Epifânio Dias.

126 Outros autores supõem que as orações do tipo de "há quatro dias", "faz quatro dias", sofreram um processo de *gramaticalização*, passando a ser consideradas como simples adjuntos adverbiais de tempo. Distinguindo — a meu ver sem razão — a sintaxe de *fazer* e *haver* nestas expressões, diz Maximino Maciel a respeito deste último verbo: "Procurar conferir ao verbo *haver* nestes casos a função proposicional é complicar a análise sem proveito na prática; e, além disso, nestas frases equivale praticamente à preposição *desde*" (*Lições Elementares*, 122, nº 1). Cf. *Gramática Descritiva* do autor, p. 343 e 395.

127 Este emprego do *que* é comum no francês e, por isso, se tem a construção como galicismo.

128 Deve-se distinguir cuidadosamente o infinitivo do futuro do subjuntivo: este aparece na oração não integrante. Assim as formas verbais do seguinte exemplo estão no futuro do subjuntivo, e não no infinitivo (a oração é adverbial condicional

introduzida por *se*): "Se do céu, onde estais, *abaterdes* os olhos e os *puserdes* em Amarante..." [AV.1, 7, VII, 294 *apud* FB.1]. O texto foi eliminado das edições modernas.

129 Com razão insiste Adolfo Coelho [ACo.1, 121, nota]: "Não *deve* nunca confundir-se o que é simplesmente equivalente com que é idêntico na forma, conquanto haja vantagem em fazer ver aos alunos que o mesmo pensamento se exprime de diversos modos".

130 Leia-se a respeito [MBa.1, cap. XI].

131 Cf. [CBd.1, 62; SA.5, II, 151 e ss; LSp.2]

132 Falando-se com rigor, funcionava originariamente como sujeito de um particípio absoluto o infinitivo que se junta a *não obstante*, *visto*, *posto*, etc. [Cf. ED.2, § 288 a)] e [EB.1, 35].

133 Melhor fora pontuar: *que*, a ser verdadeiro, devia...

134 Presos a um critério semântico, e não sintático, alguns professores ensinam que este *a* é conjunção condicional, lição que deve ser cuidadosamente evitada. Cf. a crítica de E. Carneiro Ribeiro [CR.1, 454], embora não seja convincente a solução que apresenta, socorrendo-se ao cômodo, mas enganador, recurso da elipse.

135 Temos dúvidas em apontar como galicismos vários empregos da preposição *a* em sentido final, pois é modo que as línguas românicas herdaram do latim. Para as condenações ver Mário Barreto [MBa.1, 515] e Epifânio Dias [ED.2, § 325, a) obs]. Para fontes de estudos remetemos o leitor a Meyer-Lübke [MLk.1, III, §§ 331 e 505] e Dag Norberg [DN.1, 211].

136 Pode-se enquadrar este tipo no caso dos infinitivos substantivados, sem formar oração à parte.

137 Carlos de Laet já condenou a Camilo o emprego pronominal do verbo *esvoaçar-se*, e o notável escritor lusitano defendeu-se com exemplo de Castilho (Cf. *Ecos Humorísticos do Minho*, n.º 2, p. 11). Rui Barbosa comenta [RB.1, 159]: "Teve-se por erro a Camilo haver pronominado o verbo *esvoaçar*. Não havia razão: várias vezes lhe dera Castilho Antônio essa categoria... e Vieira usara de *voar-se*". Cf. ainda [JC.1, 16, n.º 3]. Em [CBr.1, 56] colhemos *volitar-se*: "... a pomba que *se volita da arca*...".

138 Curso dado no INEP, 1949. Súmula 14.ª, p. 2. Vale a pena lembrar que aqui estamos diante de um exemplo do fenômeno de hipotaxe ou subordinação: são palavras (lexemas) ou grupos de palavras que experimentam o procedimento da subordinação no nível dos elementos mínimos da camada de estruturação gramatical e passaram a funcionar, na condição de unidades deste nível, como preposições.

139 F. Brunot dá o *que* também como pronome relativo em expressões francesas do tipo: *Arrivé que fut ledict conte* [cf. FBr.1, 767]. Também Meyer-Lübke [MLk.1, III, § 633] e A. Llorach [AL.1, § 208].

140 Exemplos de José Oiticica, *Curso do INEP*.

141 "Às vezes procura-se desdobrar este tipo de orações em explícitas [= desenvolvidas] temporais iniciadas por *quando* ou *enquanto*. É mero expediente, pois a noção de tempo não é equivalente à de modo ou meio de fazer alguma coisa" [SA.2, 183].

142 Baseados nesta construção, muitos romanistas explicam a construção *não sei que fazer* pelo emprego do infinitivo numa interrogação indireta por influência do infinitivo da interrogação direta *que fazer?* Estudos mais recentes nos ensinam que o infinitivo, nestes casos, se explica por contaminação sintática de uma oração de infinitivo (no latim *nihil habeo dicere*) com uma oração de relativo (no latim *nihil habeo quod dicam*). A discussão do problema se acha no artigo de Dag Norberg, *Zum Infinitiv in lat. Frage – und Relativsätzen* (na revista alemã *Glotta*, 1939, XXVII, 3-4, p. 261-70) e no livro do mesmo autor *Syntaktische Forschungen*, 259 e ss., onde se encontra extensa bibliografia.

Esta singular inexatidão de expressão (para usar as palavras de Meyer-Lübke, *Grammaire*, III, § 676), porque contraria o conceito de orações desenvolvidas e reduzidas, se explica, para Epifânio Dias (*Gramática Portuguesa Elementar*, § 244 e *Sintaxe Histórica*, §§ 274, a, Obs. 2ª e 307), por uma elipse de *poder*, *dever* ou *haver*, no presente ou pret. imperfeito: Não há um momento que (*possamos*) perder. Não sabia que (*havia de*) fazer.

Não nos foi possível fixar a opinião definitiva de Mário Barreto, pois que, através de sua extensa obra, encontramos as duas explicações. Nos *Últimos Estudos*, pp. 277-279, em artigo de 1929, pensa como Epifânio Dias e lhe cita a *Gramática Portuguesa Elementar*. Na 2ª edição dos *Novíssimos Estudos*, p. 132, nota, anterior, portanto ao artigo antes citado, contraria a Epifânio Dias, visivelmente influenciado que estava pelo § 133, b) dos excelentes *Élements de Linguistique Romane*, de E. Bourciez, embora não lhe faça referência, e nos dá uma lição digna de repetida:

"Quando se trata de interrogação indireta, feita por meio de um pronome ou de um advérbio interrogativo, o emprego do infinitivo na frase subordinada (com condição que o sujeito dela seja o mesmo que o da principal) é efeito de um cruzamento sintático. Uma frase como *nescio quid dicam*, aproximada no nosso espírito *de nescio dicere*, dá lugar a *nescio quid dicere* no latim falado. Contaminam-se duas construções: *Não sabe que diga + não sabe dizer nada = não sabe que dizer*. Idêntica combinação ou fusão de duas frases sinônimas de estrutura normal acharemos em: *Não sei como diga isso + não sei dizer isso = não sei como dizer*. — Buscou aquele lugar onde fizesse penitência + buscou aquele lugar para fazer penitência = buscou aquele lugar onde fazer penitência. — Eis aqui três exemplos da construção com infinitivo, construção que, neste caso,

o latim clássico não admitia, mas sim a do verbo finito em subjuntivo, a qual também admite o idioma português: "Dinheiro não acitavam de esmola, porque não achavam *que comprar* com ele" (Sousa, *Anais de El-rei D. João Terceiro*, publicados por A. Herculano, Lisboa, 1844, p. 44); "Não sei *que fazer* ao teu coração" (Camilo, *Memórias de Guilherme do Amaral*, 3ª ed., p. 171): "Não sabia escrever, não tinha ninguém *a quem pedir* a esmola de uma carta" (Id., *Maria Moisés*, 1ª parte, p. 40, ed. de 1876). Mas isto faz-se quando o agente da oração subordinante é o mesmo que o da proposição subordinada. Quando cada uma tem o seu nominativo, não tem cabimento usar o infinitivo. — Indaga-me tu *que* poderá ela ter. — Pergunta-lhe *que* tem. — Não sei *que* notou. Não é aceitável a explicação que do infinitivo dão alguns autores (e entre eles o ilustre filólogo Sr. Epifânio Dias na sua excelente *Gramática Portuguesa Elementar*, § 244), supondo a elipse dos verbos *poder*, *dever* no presente ou pretérito imperfeito do conjuntivo. Figure-se este exemplo: *Não lhe ocorreu que poder replicar-me*. Não é possível subentender-se o mesmo verbo num modo pessoal. O mesmo se dirá destoutro exemplo, só com diferença que em vez da frase interrogativa se trata da relativa: "Não tinha o governador baixelas, nem diamantes, *de que poder valer-se*; assim recorreu a outros penhores, a que a fidelidade deu valia, a Natureza não" (Jacinto Freire, *Vida de D. João de Castro*, liv. III, número 29). Antes de pôr fim a esta nota, lembra-nos a seguinte passagem do livro divino de Frei Luís de Sousa, na qual se emprega em orações relativas o infinitivo como equivalente do subjuntivo latino: "Estava o arcebispo só, não tinha homem *de quem se valer*; lançou os olhos pela casa, não viu coisa *que dar*, e viu-se obrigado a acudir"(*Vida de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires*, liv. I, cap. 21).

143 Cf. [ALb.1, 9-10 e 98 e ss.], donde extraímos os exemplos.

144 Cf. [SA.5, 194-196]. Para o latim [DN.1, 48].

145 Julgamos injusta a condenação de Mário Barreto [MBa.4, 51 da 3ª ed.]:

"É um dos instintos mais naturais do nosso falar: mas, em muitos textos escritos, uma preocupação pedantesca das mais descabidas põe de novo o pronome: é um indício singular de deformação artificial". Nos *Últimos Estudos* se mostra menos rigoroso: "Os verbos reflexivos no infinitivo depois dos verbos *fazer*, *deixar*, *ouvir*, *ver*, perdem em geral o seu pronome complemento" [MBa.2, 206].

146 Tem-se dito que Epifânio Dias (*Sintaxe Histórica*, § 347, 6, Obs. 1ª) admite a construção censurada pelos gramáticos (veja-se entre outros, A. C. Pires de Lima na sua resenha in *Revista Lusitana*, XXX, p. 205, nº 4): mas a redação do ilustre sintaticista não nos autoriza a pensar assim. Tratando dos verbos que pedem oração objetiva direta, diz em observação: "Alguns dos verbos de que trata este § também têm outra sintaxe. v. g.: 1) *pedir* também se constrói intransitivamente seguido de *para que*, ou *para* (com infinitivo)". E acrescenta: "Também em latim a oração de *ut* que se junta ao verbo *peto* é originariamente uma oração final". Pondo de lado a argumentação do latim, creio não encontrarmos fundamento de que a construção censurada tenha o beneplácito de Epifânio. Aquele *intransitivamente* nos leva a interpretar assim a lição (note-se que, na nomenclatura gramatical do sintaticista português, *Intransitivo* é o verbo que não pede complemento ou que pede complemento indireto): Epifânio defendia o emprego do verbo *pedir* sem o objeto direto *licença*, modo de dizer que Cândido de Figueiredo e outros tinham por errôneo, conforme se vê da defesa de Rui Barbosa, *Réplica*, 136 da 1.ª ed. nota 3 do n.º 95.

Somos de opinião que no caso do verbo *pedir* houve contágio da noção de objeto direto com a de adverbial de fim, que a expressão linguística traduz por formas condensadas, dando ocasião, muitas vezes, ao aparecimento da preposição como posvérbio (cf. o capítulo dos complementos verbais). Tais formas condensadas são frequentes: *atirar o livro* e *atirar com o livro* (condensação da noção de objeto direto com a de adverbial de instrumento), *olhar os campos* e *olhar para os campos* (do objeto direto e adjunto adverbial de direção, de lugar), *puxar a espada* e *puxar da espada* (do objeto direto e adjunto adverbial de lugar donde, origem), *pegar a pena* e *pegar na pena* (do objeto direto e do adjunto adverbial de lugar), etc., onde o pensamento não considera apenas o objeto, mas encarece uma circunstância concomitante na realização do processo indicado pelo verbo.

Entretanto, Carlos Góis, pensando que o *para* rege a oração objetiva direta, explica o fato por cruzamento sintático: "Do cruzamento da primeira forma (com o objeto direto expresso: *um soldado pediu-lhe licença para sair*) com a segunda (com o objeto direto indeterminado: *um soldado pediu-lhe para sair*) resultou uma terceira – a do verbo *pedir* seguida da preposição *para* regendo esta, não mais o adjunto adverbial de fim (note-se bem), mas o próprio objeto direto!" (*Sintaxe de Regência*, 124).

147 Por isso é injusta a crítica feita por A. Feliciano de Castilho – e a crítica foi acolhida pelo nosso ilustre gramático. E. Carlos Pereira (*Gramática Expositiva*, § 496 in Galicismos Fraseológicos) ao seguinte trecho do Padre Bernardes (e note-se que está com a respectiva vírgula!): "Nos casos chamados nas escolas absolutos ou ablativos absolutos dos romanos, antepõe (Bernardes) alguma vez o substantivo ao adjetivo, o que mais soa a francês que a português genuíno, e se deve evitar com grande escrúpulo: "Frei Domingos, vindo de Tortosa para Valença, com outros companheiros, que tinham ido tomar ordens, se lhe ajuntou ao caminho um moço mui confiado, etc." Havia de dizer: "Vindo Frei Domingos, etc."(Livraria Clássica, Padre Manuel Bernardes, II, 304-5). Pondo de lado a lição de gramática de um amador, ainda que ilustre, adiantamos que o pretenso erro não é de Bernardes, mas do crítico, uma vez que se lê o seguinte na *Nova Floresta*: "Vindo o servo de Deus de tortosa para Valença..." (III, 492).

148 Sem razão, Leite de Vasconcelos (*Lições de Filologia*, 382) condena como galicismo, a palavra *passagem*, no sentido aqui empregado, mandando substituí-la por *passo*. Os melhores escritores da língua usam *passagem* nesta acepção, e o clássico *Dicionário de Morais* (1813) a registra sem nenhuma crítica.

149 Assim escreveu Alexandre Herculano e não como aparece na edição moderna da *Antologia Nacional* de Fausto Barreto e Carlos de Laet (p. 196): *antes de o caso suceder*. Com a responsabilidade dos antigos editores da *A. Nacional* corria a combinação tida por correta. Aliás, Laet praticava a combinação: Entre as duas opiniões antinômicas e inconciliáveis do João Fernandes, esta *do cara* ser exótico (...) e aquela de ser indígena (...) (*Obras Seletas*, II, 261).

150 Para maiores exemplos, veja-se o prestimoso livro do Padre Pedro Adrião, *Tradições Clássicas da Língua Portuguesa*, § 691, p. 259).

151 Tal preceito gramatical se torna ainda mais difícil de se conciliar com a prática, quando se está diante de construções como: *O fato é devido AO* (por *a o*) *avião se ter atrasado* (ou, noutra ordem: *é devido a se ter o avião atrasado*); *PRO menino* (por *para o menino*) *ver*. Sentimos discordar da lição de Rebelo Gonçalves no seu *Tratado de Ortografia* (p. 286, Obs. 2.ª) cujos exemplos não vão em sua defesa. Cf. Diez, *Grammaire*, III, 425 e Meyer-Lübke, *Grammaire*, III, § 744).

152 Cf. ainda do mesmo autor *Dificuldades da Língua Portuguesa*, 30-1, e Solidônio Leite, *Clássicos Esquecidos*, 211 e ss. Também consideram arcaica a combinação Epifânio Dias 1933: 457, Obs. 3ª e Cláudio Brandão 1963: 354.

153 Comenta com razão Sousa da Silveira (*Trechos Seletos*, 251 da 4.a ed.): "O possesivo no plural, determinando dois substantivos do singular, e evitando assim o impreciso de "o nosso Basílio e Durão" e o pesado de "o nosso Basílio e nosso Durão. Cf.: "Os mesmos Pitt e Napoleão, apesar de precoces, não foram tudo aos vinte e um anos" (M. de Assis, *Papéis Avulsos*, 88).

154 Está correto neste caso também o emprego da concordância com a forma gramatical da palavra determinada: "Com estes leitores assim previstos, o mais acertado e modesto é *a gente ser sincera*" [CBr. *apud* MBa.2, 411].

155 Pode ocorrer a aparente discordância entre um nome e um pronome: "Luís escreveu uma *ode* admirável como sabia escrevê-*las* (João Ribeiro).

156 O mesmo Camilo reprovou a um amigo tal prática de linguagem: "Se fizeres terceira edição deves purificá-la das palavras *mesmo* como advérbio, posto que tenhas um exemplo em Camões e outros em D. Francisco Manuel de Melo" [CBr.3, II, 167].

157 Dá-se ao fenômeno o nome de contaminação ou cruzamento sintático. Cf. **Contaminação sintática**.

158 Elemento decisivo aqui é o ritmo com que se profere a oração, que determina a concordância com o sujeito ou com o predicativo. São oportunas as considerações de Rodrigues Lapa neste sentido, na sua *Estilística*.

159 Sobre esta última possibilidade comenta Said Ali: "A força de combater-se uma concordância que não é mais do que o corolário de um fenômeno de sintaxe histórica portuguesa fundada em sintaxe latina, tem desaparecido da linguagem literária o emprego de *quem* com verbo em 1.a e 2.a pessoa, vigorando todavia a antiga concordância desde que se empregue *que* em lugar de *quem*" (*op. laud.*).

160 Pode dar-se a omissão de *um*: "Foi dos últimos que *usaram* presilhas, rodaque e gravata de moda" (M. de Assis, D. Casmurro).

161 A presente lista não dispensa a consulta ao dicionário, o de regência, uma vez que o emprego do verbo como transitivo (com ou sem preposição) ou intransitivo depende de sua significação.

Quando ao verbo se segue um travessão (–), isto significa que ele pode ser também usado transitivamente. Por exemplo: *atender– a*: *atender o cliente*, *o cliente foi atendido*, *atendê-lo*, *atender ao cliente*. Umas vezes a variedade não implica mudança de significado; outras vezes sim. Daí a necessidade de consulta aos dicionários para se ter uma lição mais completa e adequada. O principal objetivo da relação é oferecer ao leitor a preposição que acompanha o verbo, quer no complemento quer no adjunto adverbial.

162 "No sentido de *mandar vir* é transitivo direto; no de *dar nome* é transitivo indireto. Já é muito corrente no Brasil a construção *chamar de* com obj. dir., contaminada de outras, como *acusar*, *arguir de*" [AN.1, 38].

163 Usa-se também transitivo em Portugal, com o sentido de "namorar", tratar intimamente.

164 Ou cumprir simplesmente.

165 Sem a preposição exprime obrigação; com *de*, probabilidade. Ex: *Você deve ter capricho*. *Ela deve de ter quinze anos*.

166 No significado de *resultar* é transitivo direto: *Isto implica erro*.

167 No significado de *produzir*, *acarretar* é transitivo direto.

168 *Morador na rua tal*, *no largo tal* (e não *à rua tal*).

169 É coloquial o uso da preposição *com*, influenciado talvez pela regência de *casar*.

170 Não pode aceitar obj. direto de pessoa: Paguei *o médico*, mas sim de coisa paga: Pagu*ei a conta* ao garção.

171 É errôneo o emprego do advérbio *antes* ou *mais* com este verbo porque a noção de preferência ou excelência já está contida no prefixo. É também errôneo o uso da conjunção comparativa *que* (ou *do que*). Deve dizer-se *prefiro isto àquilo*,

prefiro o teatro ao cinema.

172 O uso de *a* é considerado errado com exagero, por francesismo.

173 No sentido de *estimar*, *querer bem.*

174 *Sito na rua tal*, *no largo tal* e não *à rua*.

175 Seleção de fatos apresentados por F. J. Martins Sequeira em *Rol de Estrangeirismos*.

III – Pontuação

Os diversos tipos de sinais de pontuação – Com Nina Catach, entendemos por pontuação um "sistema de reforço da escrita, constituído de sinais sintáticos, destinados a organizar as relações e a proporção das partes do discurso e das pausas orais e escritas. Estes sinais também participam de todas as funções da sintaxe, gramaticais, entonacionais e semânticas" [NC.1, 7].

Os sinais de pontuação datam de época relativamente recente na história da escrita, embora se possa afirmar uma continuidade de alguns sinais desde os gregos, latinos e alta Idade Média; constituem hoje peça fundamental da comunicação e se impõem como objeto de estudo e aprendizado. Ao lado dos grafemas que "vestem" os fonemas, os morfemas e as unidades superiores, esses sinais extra-alfabéticos, como assinala Catach, são essencialmente unidades sintáticas, "sinais de orações" e "sinais de palavras", podendo comutar com tais unidades alfabéticas, substituí-las e tomar de empréstimo seu valor. Assim, um apóstrofo indica a supressão de um grafema, uma vírgula uma unidade de coordenação ou de subordinação. Na essência, os sinais de pontuação constituem um tipo especial de grafemas.

Pode-se entender a pontuação de duas maneiras: numa acepção larga e noutra restrita. A primeira abarca não só os sinais de pontuação propriamente ditos, mas de realce e valorização do texto: títulos, rubricas, margens, escolha de espaços e de caracteres e, indo mais além, a disposição dos capítulos e o modo de confecção do livro.

Segundo a concepção restrita, a pontuação é constituída por uns tantos sinais gráficos assim distribuídos: os essencialmente *separadores* (vírgula [,], ponto e vírgula [;], ponto final [.], ponto de exclamação [!], reticências [...]), e os sinais de comunicação ou "mensagem" (dois pontos [:], aspas simples [‘ ’], aspas duplas [“ ”], o travessão simples [–], o travessão duplo [—], os parênteses [( )], os colchetes ou parênteses retos [[ ]], a chave aberta [{], a chave fechada [}]. Alguns destes dois tipos de sinais admitem ainda uma subdivisão em sinais de *pausa conclusa* (fundamentalmente o ponto, e depois ponto e vírgula, o ponto de interrogação, o ponto de exclamação, as reticências, quando em função conclusa) e d e *pausa inconclusa* (fundamentalmente pela vírgula, mas também por dois pontos, parênteses, travessão, colchetes, quando em função inconclusa, i. é, quando as orações estão articuladas entre si).

A primeira palavra depois de um sinal de pausa conclusa é escrita com letra inicial maiúscula; se a oração seguinte constitui novo conjunto de ideias, ou mudança de interlocutor de diálogo, será escrito na outra linha e terá o seu final marcado pelo ponto parágrafo.

Estes sinais não se aplicam igualmente a todas as atividades linguísticas, razão por que podem ser distribuídos em três domínios de função da pontuação:

a) *a pontuação de palavras* (espaços em branco; maiúsculas iniciais; ponto abreviativo; traço de união, hífen ou traço de separação; apóstrofo; sublinhado; itálico).

b) *a pontuação sintática e comunicativa* (a pontuação propriamente dita e objeto deste capítulo).

c) *a pontuação do texto.*

Os dois primeiros, assinala ainda Catach, têm uma série de características que os distinguem do terceiro tipo: são *interiores* ao texto, aparecem de maneira linear, são comuns ao manuscrito e ao texto impresso e, em princípio, fazem parte da mensagem linguística. Apesar de poderem sofrer interferência de outra pessoa, é bem provável que pertençam à iniciativa e decisão do autor no seu desejo de levar ao texto algo mais de expressividade, de contorno melódico, rítmico e entonacional, além das palavras e construções utilizadas. Todavia, há de se levar em conta que os editores e preparadores de textos antigos (quando nem sempre se pode pensar em critérios inexistentes ou caóticos) a modernos têm muito interferido na pontuação original do autor de tal maneira, que é muito precária a certeza de que os sinais – e principalmente a falta deles – revelem as funções sintáticas, comunicativas expressivas que o escritor pretendera passar às palavras e orações empregadas no texto.

Ao contrário, no que toca ao terceiro tipo de pontuação, dela participam todos os que exercem atividade nesse âmbito, com funções específicas: calígrafos, secretários, tipógrafos, digitadores, revisores, editores.

Levando em conta tais distinções, podemos definir o conjunto dos dois primeiros tipos de pontuação que constituem essencialmente o objeto deste capítulo, como o fez Catach:

> "Conjunto de sinais visuais de organização e apresentação que acompanham o texto, *interiores* ao texto e *comuns* tanto ao manuscrito quanto ao impresso; abrange a pontuação várias classes de sinais gráficos discretos e constitutivos de um sistema, complementando ou suplementando a informação escrita".

Já o terceiro tipo é assim definido pela mesma autora:

> "Conjunto de técnicas visuais de organização e de apresentação do objeto livro, que vão do espaço entre palavras aos espaços de páginas, passando por todos os procedimentos interiores e exteriores ao texto, com vista ao seu arranjo e sua valoração".

A pontuação e o entendimento do texto – O enunciado não se constrói com um amontoado de palavras e orações. Elas se organizam segundo princípios gerais de dependência e independência sintática e semântica, recobertos por unidades melódicas e rítmicas que sedimentam estes princípios. Proferidas as palavras e orações sem tais aspectos melódicos e rítmicos, o enunciado estaria prejudicado na sua função comunicativa. Os sinais de pontuação, que já vêm sendo empregados desde muito tempo, procuram garantir no texto escrito esta solidariedade sintática e semântica. Por isso, uma pontuação errônea produz efeitos tão desastrosos à comunicação quanto o desconhecimento dessa solidariedade a que nos referimos.

Várias situações incômodas já foram criadas pelo mau emprego dos sinais de pontuação. Notem-se as diferenças entre as seguintes ordens de comando:

> Não podem atirar!
> Não, podem atirar!

Há numerosos jogos, bem mais divertidos e inocentes do que as situações de ordem anterior, cuja integridade comunicativa depende do bem emprego desses sinais.

Vejamos um exemplo:

Levar uma pedra para Europa uma andorinha não faz verão.

Ou

Um fazendeiro tinha um bezerro e a mãe do fazendeiro era também o pai do bezerro.

Para integridade da mensagem, basta colocar vírgula ou ponto e vírgula depois de *mãe*, no último exemplo. No primeiro, basta uma vírgula depois de *faz*, sendo *verão* a forma de futuro do verbo *ver*.

Ponto – O ponto simples final, que é dos sinais o que denota maior pausa, serve para encerrar períodos que terminem por qualquer tipo de oração que não seja a interrogativa direta, a exclamativa e as reticências.

É empregado ainda, sem ter relação com a pausa oracional, para acompanhar muitas palavras abreviadas: *p.*, *2.ª*, etc.

Quando o período, oração ou frase termina por abreviatura, não se coloca o ponto final adiante do ponto abreviativo, pois este, quando coincide com aquele, tem dupla serventia. Ex.: "O ponto abreviativo põe-se depois das palavras indicadas abreviadamente por suas iniciais ou por algumas das letras com que se representam, *v.g.* ; *V. S.ª* ; *Il.mo* ; *Ex.ª* ; etc." (Dr. Ernesto Carneiro Ribeiro)

Com frequência, aproxima-se das funções do ponto e vírgula e do travessão, que às vezes aparecem em seu lugar.

Ponto parágrafo – Um grupo de períodos cujas orações se prendem pelo mesmo centro de interesse é separado por ponto. Quando se passa de um para outro centro de interesse, impõe-se-nos o emprego do ponto parágrafo iniciando-se a escrever, na outra linha, com a mesma distância da margem com que começamos o escrito.

Na linguagem oficial dos artigos de lei, o parágrafo é indicado por um sinal especial (§).

Ponto de interrogação – Põe-se no fim da oração enunciada com entonação interrogativa ou de incerteza, real ou fingida, também chamada retórica.

Enquanto a interrogação conclusa de final de enunciado requer maiúscula inicial da palavra seguinte, a interrogação interna, quase sempre fictícia, não exige essa inicial maiúscula da palavra seguinte:

Pensas que eu e meus avós ganhamos o dinheiro em casas de jogos ou a vadiar pelas ruas? Pelintra! [MA.1, 72].

— Nhonhô, diga a estes senhores como é que se chama seu padrinho?

— Meu padrinho? É o Excelentíssimo Senhor coronel Paulo Vaz Lobo Cesar de Andrade e Sousa Rodrigues de Matos [MA.1, 32].

O ponto de interrogação, à semelhança dos outros sinais, não pede que a oração termine por ponto final, exceto, naturalmente, se for interna.

— "Esqueceu alguma cousa? perguntou Marcela de pé, no patamar" [MA.1, 50].

A interrogação indireta, não sendo enunciada em entonação especial, dispensa ponto de interrogação. O nosso sistema gráfico não distingue o ponto de interrogação da pergunta de sim ou não da pergunta total.

No diálogo pode aparecer sozinho ou acompanhado do de exclamação para indicar o

estado de dúvida do personagem diante do fato:

— "Esteve cá o homem da casa e disse que do próximo mês em diante são mais cinquenta...
— ? !..." [ML.1, 226].176

Ponto de exclamação – Põe-se no fim da oração enunciada com entonação exclamativa:

"Que gentil que estava a espanhola!" [MA.1, 50].
"Mas, na morte, que diferença! Que liberdade!" [MA.1, 81].

Põe-se o ponto de exclamação depois de uma interjeição:

Olé! exclamei. [MA.1, 74].
Ah! brejeiro! [MA.1, 93].

Aplicam-se ao ponto de exclamação as mesmas observações feitas ao ponto de interrogação, no que se refere ao emprego do ponto final e ao uso da maiúscula ou minúscula inicial da palavra seguinte.

Há escritores que denotam a gradação da surpresa através da narração com aumento progressivo do ponto de exclamação ou de interrogação:

"E será assim até que um senhor Darwin surja e prove a verdadeira origem do *Homo sapiens*...
— ? !
— Sim. Eles nomear-se-ão *Homo sapiens* apesar do teu sorriso, Gabriel, e ter-se-ão como feitos por mim de um barro especial e à minha imagem e semelhança.
— ? ! !" [ML.1, 204].

Reticências – Denotam interrupção ou incompletude do pensamento (ou porque se quer deixar em suspenso, ou porque os fatos se dão com breve espaço de tempo intervalar, ou porque o nosso interlocutor nos toma a palavra), ou hesitação em enunciá-lo:

"Ao proferir estas palavras havia um tremor de alegria na voz de Marcela: e no rosto como que se lhe espraiou uma onda de ventura..." [MA.1, 121].
"Não imagina o que ela é lá em casa: fala na senhora a todos os instantes, e aqui aparece uma pamonha. Ainda ontem... Digo, Maricota?" [MA.1, 120].
— "Moro na rua...
— Não quero saber onde mora, atalhou Quincas Borba" [MA.1, 169].

Postas no fim do enunciado, as reticências dispensam o ponto final, como se pode ver nos exemplos acima.

Se as reticências servem para indicar uma enumeração inconclusa, podem ser substituídas por *etc*.

Na transcrição de um diálogo, as reticências indicam a não resposta do interlocutor.

Numa citação, as reticências podem ser colocadas no início, no meio o no fim, para indicar supressão no texto transcrito, em cada uma dessas partes. Quando há supressão de um trecho de certa extensão, costuma-se usar uma linha pontilhada. Depois de um ponto de interrogação ou exclamação podem aparecer as reticências.

Vírgula – Emprega-se a vírgula:

a) para separar termos coordenados, ainda quando ligados por conjunção (no caso de haver pausa).

"Sim, eu era esse garção bonito, airoso, abastado" [MA.1, 48].
— "Ah! brejeiro! Contanto que não te deixes ficar aí inútil, obscuro, e triste" [MA.1, 93].

Observação: Na série de sujeitos seguidos imediatamente de verbo, o último sujeito da série não é separado do verbo por

vírgula:

Carlos Gomes, Vítor Meireles, Pedro Américo, José de Alencar tinham-nas começado [CL.1, I, 102].

b) para separar orações coordenadas aditivas ainda que sejam iniciadas pela conjunção e, proferidas com pausa.

"Gostava muito das nossas antigas dobras de ouro, e eu levava-lhe quanta podia obter" [CL.1, I, 53].

"No fim da meia hora, ninguém diria que ele não era o mais afortunado dos homens; conversava, chasqueava, e ria, e riam todos" [CL.1, I, 163].

c) para separar orações coordenadas alternativas (*ou*, *quer*, etc), quando proferidas com pausa:

Ele sairá daqui logo, *ou eu me desligarei do grupo*.

OBSERVAÇÃO: Vigora esta norma quando *ou* exprimir retificação:

Teve duas fases a nossa paixão, *ou* ligação, *ou* qualquer outro nome, que eu de nome não curo [MA.1, 52].

Se denota equivalência, não se separa por vírgula o *ou* posto entre dois termos: Solteiro *ou* solitário se prende ao mesmo termo latino.

d) nas aposições, exceto no especificativo:

"ora enfim de uma casa que ele meditava construir, para residência própria, casa de feitio moderno..." [MA.1, 238].

e) para separar, em geral, os pleonasmos, e as repetições (quando não têm efeito superlativamente).

"Nunca, nunca, meu amor!" [MA.1, 55].

A casa é linda, linda.

f) para separar ou intercalar vocativos; nas cartas a pontuação é vária (em geral, vírgula), e na redação oficial usam-se dois pontos.

g) para separar as orações adjetivas de valor explicativo:

"perguntava a mim mesmo por que não seria melhor deputado e melhor marquês do que o lobo Neves, – eu, *que valia mais*, muito mais do que ele, – ..." [MA.1, 137].

h) para separar, quase sempre, as orações adjetivas restritivas de certa extensão, principalmente quando os verbos de duas orações diferentes se juntam:

"No meio da confusão que produzira por toda a parte este acontecimento inesperado e cujo motivo e circunstâncias inteiramente se ignoravam, ninguém reparou nos dois cavaleiros..." [AH.1, 210].

OBSERVAÇÃO: Esta pontuação pode ocorrer ainda que separe por vírgula o sujeito expandido pela oração adjetiva:

Os que falam em matérias que não entendem, parecem fazer gala da sua própria ignorância [MM].

i) para separar as orações intercaladas:

"Não lhe posso dizer com certeza, respondi eu" [MA.1, 183].

j) para separar, em geral, adjuntos adverbiais que precedem o verbo e as orações adverbiais que vêm antes ou no meio da sua principal:

"Eu mesmo, até então, tinha-vos em má conta..." [MA.1, 185].

"mas, como as pestanas eram rótulas, o olhar continuava o seu ofício..." [MA.1, 183].

k) para separar, nas datas, o nome do lugar:

Rio de Janeiro, 8 de agosto de 1961.

l) para separar as partículas e expressões de explicação, correção, continuação, conclusão, concessão:

"e, *não obstante*, havia certa lógica, certa dedução" [MA.1, 89].

Sairá amanhã, *aliás*, depois de amanhã.

m) para separar as conjunções e advérbios adversativos (*porém*, *todavia*, *contudo*, *entretanto*), principalmente quando pospostos:

"A proposta, *porém*, desdizia tanto das minhas sensações últimas..."

[MA.1, 87].

n) para indicar, às vezes, a elipse do verbo:

Ele sai agora: eu, logo mais.

o) para assinalar a interrupção de um seguimento natural das ideias e se intercala um juízo de valor ou uma reflexão subsidiária.

p) para desfazer possível má interpretação resultante da distribuição irregular dos termos da oração, separa-se por vírgula a expressão deslocada:

De todas as revoluções, para o homem, a morte é a maior e a derradeira [MM].

Dois pontos – Usam-se dois pontos na:

1) enumeração, explicação, notícia subsidiária:177

Comprou dois presentes: um livro e uma caneta.

"que (Viegas) padecia de um reumatismo teimoso, de uma asma não menos teimosa e de uma lesão de coração: era um hospital concentrado"

[MA.1, 184].

"Queremos governos perfeitos com homens imperfeitos: disparate"

[M. de Maricá].

2) nas expressões que se seguem aos verbos *dizer*, *retrucar*, *responder* (e semelhantes) e que encerram a declaração textual, ou que assim julgamos, de outra pessoa:

"Não me quis dizer o que era: mas, como eu instasse muito:

— Creio que o Damião desconfia alguma coisa" [MA.1, 174].

Às vezes, para caracterizar textualmente o discurso do interlocutor, vem acompanhada de aspas a transcrição, e raras vezes de travessão:

"Ao cabo de alguns anos de peregrinação, atendi às suplicas de meu pai:

— Vem, dizia ele na última carta; se não vieres depressa acharás tua mãe morta!" [MA.1, 75].

3) nas expressões que, enunciadas com entonação especial, sugerem, pelo contexto, causa, explicação ou consequência:

"Explico-me: o diploma era uma carta de alforria" [MA.1, 71].

4) nas expressões que apresentam uma quebra da sequência das ideias:

Sacudiu o vestido, ainda molhado, e caminhou.

"Não! bradei eu; não hás de entrar... não quero... Ia a lançar-lhe as mãos: era tarde; ela entrara e fechara-se" [MA.1, 59].

Ponto e vírgula – Representa uma pausa mais forte que a vírgula e menos que o ponto, e é empregado:

a) num trecho longo, onde já existam vírgulas, para enunciar pausa mais forte:

"Enfim, cheguei-me a Virgília, que estava sentada, e travei-lhe da mão; D. Plácida foi à janela" [MA.1, 211].

b) separa as adversativas em que se quer ressaltar o contraste:

"Não se disse mais nada; mas de noite Lobo Neves insistiu no projeto" [MA.1, 210].

c) na redação oficial separa os diversos itens de um considerando, lei ou outro documento.

Travessão – Não confundir o travessão com o traço de união ou hífen e com o traço de divisão empregado na partição de sílabas (*ab-so-lu-ta-men-te*) e de palavras no fim de linha. O travessão pode substituir vírgulas, parênteses, colchetes, para assinalar uma expressão intercalada:

"... e eu falava-lhe de mil cousas diferentes – do último baile, da discussão das câmaras, berlindas e cavalos, de tudo, menos dos seus versos ou prosas" [MA.1, 138-9].

Usa-se simples se a intercalação termina o texto; em caso contrário, usa-se o travessão duplo:

"Duas, três vezes por semana, havia de lhe deixar na algibeira das calças – uma largas calças de enfiar –, ou na gaveta da mesa, ou ao pé do tinteiro, uma barata morta" [MA.1, 46].

OBSERVAÇÃO: Como se vê pelo exemplo, pode haver vírgula depois de travessão.

Pode denotar uma pausa mais forte:

"... e se estabelece uma cousa que poderemos chamar – solidariedade do aborrecimento humano" [MA.1, 126].

Pode indicar ainda a mudança de interlocutor, na transcrição de um diálogo, com ou sem aspas:

– Ah! respirou Lobo Neves, sentando-se preguiçosamente no sofá.
– Cansado? perguntei eu.
– Muito; aturei duas maçadas de primeira ordem (...) [MA.1, 177].

Neste caso, pode, ou não, combinar-se com as aspas.

Parênteses e colchetes – Os parênteses assinalam um isolamento sintático e semântico mais completo dentro do enunciado, além de estabelecer maior intimidade entre o autor e o seu leitor. Em geral, a inserção do parêntese é assinalada por uma entonação especial.

Quando uma pausa coincide com o início da construção parentética, o respectivo sinal de pontuação deve ficar depois dos parênteses, mas, estando a proposição ou a frase inteira encerrada pelos parênteses, dentro deles se põe a competente notação:

"Não, filhos meus (deixai-me experimentar, uma vez que seja, convosco, este suavíssimo nome); não: o coração não é tão frívolo, tão exterior, tão carnal, quanto se cuida" [RB]

"A imprensa (quem o contesta?) é o mais poderoso meio que se tem inventado para a divulgação do pensamento". (Carta inserta nos Anais da Biblioteca Nacional, vol. I) [CARLOS DE LAET]

Intimamente ligados aos parênteses pela sua função discursiva, os colchetes são utilizados quando já se acham empregados os parênteses, para introduzirem uma nova inserção.

Também se usam para preencher lacunas de textos ou ainda para introduzir, principalmente em citações, adendos ou explicações que facilitam o entendimento do texto. Nos dicionários e gramáticas, explicitam informações como a ortoépia, a prosódia etc., no que também podem

ser usados os parênteses.

Aspas – De modo geral, usamos como aspas o sinal [“ ”]; mas pode haver, para empregos diferentes as aspas simples [‘ ’], ou invertidas (simples ou duplas) [‘ ’], [“ ”]. Nos trabalhos científicos sobre línguas, as aspas simples referem-se a significados ou sentidos: *amare*, lat.‘*amar*’ port. Às vezes, usa-se nesta aplicação o sublinhado (cada vez menos frequente no texto impresso) ou o itálico. As aspas também são empregadas para dar a certa expressão sentido particular (na linguagem falada é em geral proferida com entoação especial) para ressaltar uma expressão dentro do contexto ou para apontar uma palavra como estrangeirismo ou gíria:

OBSERVAÇÃO: Escrevendo, ressaltamos a expressão também com o sublinhado, o que, nos textos impressos, corresponde ao emprego de tipo diferente:

— “Sim, mas percebo-o agora, porque só agora nos surgiu a ocasião de enriquecer. Foi uma sorte grande que Deus nos mandou.

— “Deus”...

— Deus, sim, e você o ofendeu afastando-a com o pé” [ML.1, 223].

“Você já reparou Miloca, na “ganja” da Sinhazinha? Disse uma sirigaita de “beleza” na testa” [ML.1, 102].

Quando uma pausa coincide com o final da expressão ou sentença que se acha entre aspas, coloca-se o competente sinal de pontuação depois delas, se encerram apenas uma parte da proposição; quando, porém, as aspas abrangem todo o período, sentença, frase ou expressão, a respectiva notação fica abrangida por elas:

“Aí temos a lei”, dizia o Florentino. “Mas quem as há de segurar? Ninguém.” [RB]

“Mísera, tivesse eu aquela enorme, aquela
Claridade imortal, que toda a luz resume!”

“Por que não nasce eu um simples vaga-lume?” [MA]

Alínea – Tem a mesma função do parágrafo, pois denota diversos centros de assuntos e, como este, exige mudança de linha. Geralmente vem indicada por número ou letra seguida de um traço curvo, semelhante ao que fecha parêntese para assinalar subdivisão da matéria tratada:

Os substantivos podem ser:

a) *próprios*

b) *comuns*

Chave – A chave [{ }] tem aplicação maior em obras de caráter científico, como pode exemplificar sua utilização neste livro.

Apêndice

Asterisco 178 – O asterisco (*) é colocado depois e em cima de uma palavra do trecho para se fazer uma citação ou comentário qualquer sobre o termo ou o que é tratado no trecho (neste caso o asterisco se põe no fim do período).

Nas obras sobre linguagem, o asterisco colocado antes e em cima da palavra o apresenta como forma reconstituída ou hipotética, isto é, de provável existência mas até então não documentada. Deve-se ao linguista alemão Augusto Schleicher (1821-1868) esta aplicação do sinal.

Emprega-se ainda um ou mais asteriscos depois de uma inicial para indicar uma pessoa cujo nome não se quer ou não se pode declinar: o *Dr.* *, *B.* **, *L.* ***

176 Em português, em geral se despreza o cômodo expediente do espanhol de indicar a interrogação no início da oração, com o sinal invertido: ¿O José chegou? Alguns escritores nossos fizeram uso deste expediente.

177 A imprensa moderna usa e abusa dos dois pontos para resumir, às vezes numa síntese de pensamento difícil de ser acompanhada, certas notícias. *Verão*: *cidade desprotegida das chuvas.*

178 Costuma-se ouvir este vocábulo deturpado para *asterístico*. *Asterisco* quer dizer *estrelinha*, nome devido à sua forma.

IV – Noções elementares de Estilística

Estilística – A *Estilística* é a parte dos estudos da linguagem que se preocupa com o *estilo.*

Que é estilo nesta conceituação – Entende-se por *estilo* o conjunto de processos que fazem da língua representativa um meio de exteriorização psíquica e apelo.

"O estilo, que é a solução para se fazer a língua da representação intelectiva servir às funções não intelectivas da manifestação psíquica e do apelo, é naturalmente levado a "deformar" os fatos gramaticais quando por eles aquelas funções não poderiam figurar".179

Estilística e Gramática – A compreensão deste conceito de *estilo* se fundamenta na lição de Charles Bally, segundo a qual o que caracteriza o estilo não é a oposição entre o *individual* e o *coletivo,* mas o contraste entre o *emocional* e o *intelectivo.* É neste sentido que diferem *Estilística* (que estuda a língua afetiva) e *Gramática* (que trabalha no campo da língua intelectiva). Baralhá-las, de modo que a Estilística se "dissolva" na Gramática, é pôr em perigo duas importantes disciplinas por confundir os seus objetos de estudo.

Uma não é a negação da outra, nem uma tem por missão destruir o que a outra, com orientação científica, tem podido construir. Ambas se completam no estudo dos processos do material de que o gênero humano se utiliza na exteriorização das ideias e sentimentos ou do conteúdo do pensamento designado.

Estilística e a Retórica – Tem-se apresentado a Estilística também como – a negação da antiga Retórica que predomina ainda na crítica tradicional do estilo com suas múltiplas indagações literárias, históricas, sociais, filosóficas e tantos outros domínios que na obra se espalham através do temperamento e atitude do escritor. Cabe aqui recordar as justas considerações de Amado Alonso:180 " ... a estilística não pretende petulantemente declarar caduca a crítica tradicional; reconhece seu alto valor e aprende nela; sabe que na análise de obras de arte nem tudo termina com o prazer estético e que há valores culturais, sociais, ideológicos, morais, enfim, valores históricos que não pode nem quer desprezar. E com a mesma se vê o que pretende e o seu valor: completar os estudos da crítica tradicional fazendo agora entrar um aspecto que estava menosprezado. E não apenas mais um aspecto, senão o aspecto básico e específico da obra de arte, o que dá valor a todos os outros. Por isso a estilística, sobre estudar temas novos, continua estudando com igual amor todos os velhos, apenas o faz do seu ponto de vista. Por exemplo, sempre se estudaram as fontes de um autor ou de uma obra, ou – o que vale o mesmo – a origem das ideias dominantes em um período literário. Porém realizou-se isso por interesse histórico, para fixar procedências. Este é o

ponto de chegada da crítica tradicional. Para a estilística é o ponto de partida, e a si pergunta: que fez meu autor ou minha época com estas fontes? Para usar a velha comparação: estudando o mel, a crítica tradicional estabelece em que flores e de que campos extraiu a abelha; a estilística se pergunta: como resultou este produto heterogêneo com todas as suas procedências, qual é a alquimia, que originais e triunfantes intenções lhe insuflaram vida nova? Ou voltando à comparação da estátua: a crítica tradicional estuda as canteiras donde procede o mármore; a estilística, que é que o artista fez com ele''.

Análise literária e análise estilística – Da lição de Amado Alonso se patenteia que não se há de confundir *análise literária* com *análise estilística*, pois que, trabalhando num mesmo trecho, tem preocupações diferentes e utilizam ferramentas também diversas. Em que pese à autoridade de nossos programas oficiais para ensino de Língua Portuguesa, o que deve ser, primordialmente, objeto da tarefa do professor de língua é a *análise estilística* (ainda que *elementar,* como reza a letra deste mesmo programa), e não a *análise literária,* que é da alçada do professor de Literatura. Ensinando-se a *língua* portuguesa, nada mais natural do que, num texto literário ou não, ressaltar o *sistema expressivo e sua eficácia estética* no idioma ou nas particularidades idiomáticas de um autor literário ou de um simples falante. Para a estilística, interessa tanto a depreensão dos traços estilísticos da língua oral como da escrita, do falante comum e do literato. Com razão disse Vossler que na linguagem de um mendigo vagabundo há gotinhas estilísticas da mesma natureza que todo o mundo expressional de um Shakespeare.

Traços estilísticos – O conjunto de particularidades do sistema expressivo para eficácia estética recebe o nome de *traços estilísticos.* São numerosos os traços estilísticos – e há um avultado número deles cujo valor ainda está para ser analisado – em todos os compartimentos de um idioma.

Cabe-nos agora indagar quando uma *particularidade linguística* se nos apresenta como traço estilístico. "Já sabemos – ensina-nos J. Mattoso Câmara Jr.181 – que o traço estilístico não se trata de uma maneira de dizer necessariamente pessoal; nem pelo fato de ser pessoal se tem necessariamente um traço estilístico. Esta dupla consideração é tão importante que hão de me relevar insistir um pouco mais. Para isso, peço desculpas de me citar a mim mesmo e me reportar a um pequeno artigo que publiquei há tempos na *Revista do Livro* sobre "A Coroa do Rubião": diz-nos Machado de Assis, no *Quincas Borba,* que Rubião, demente, julgando-se "imperador dos franceses" no momento da agonia, cingiu a "coroa", que não era sequer uma bacia, "onde se pudesse palpar a ilusão", "ele pegou nada, ergueu nada e cingiu nada". O emprego de *nada* depois do verbo sem se completar com um *não* antes do verbo, é uma maneira anômala de expressar a negação verbal em português. E é um traço estilístico: não porque seja exclusivamente pessoal de Machado de Assis (quem nos garante que outrem já não tinha feito isto? – nem o escritor faz isto sistematicamente), mas porque nesse dado contexto o emprego de *nada* nessas condições tem um valor "estético", fazendo-nos ver dolorosamente o gesto do pobre louco, mercê do tratamento de *nada*, não como mera partícula

negativa, mas como um substantivo negativo – o oposto de *alguma coisa*: a emoção do escritor e o seu apelo à nossa simpatia se comunicam através desse emprego de *nada*, que é, pois, um emprego estilístico. Ao contrário, quando José de Alencar acentuava a preposição simples *a,* exibia um uso *pessoal* da língua literária (que era um erro do ponto de vista de norma social vigente), mas não um traço estilístico, pois se circunscrevia ao domínio intelectivo (o escritor achava que assim devia escrever por um raciocínio gramatical em falso); seria, ao contrário, um traço estilístico se uma ou outra vez, apenas, aparecesse em seus textos como recurso para insistir na preposição, dando-lhe uma tonicidade excepcional.

Daí o erro dos que, pensando escrever bem, enxameiam suas páginas das chamadas figuras de linguagem (pleonasmos, hipérboles, anacolutos, metáforas, etc.). Essas figuras não se impõem "à outrance" às circunstâncias; estas é que favorecem o aparecimento daquelas para fins estéticos. Terá falhado na pesquisa estilística quem se contentar em dizer que há anacoluto no derradeiro terceto desta conhecida joia de Machado de Assis, que é o soneto à Carolina:

> "que eu, se tenho nos olhos malferidos
> pensamentos de vida formulados,
> são pensamentos idos e vividos".

O anacoluto ultrapassa os limites de uma simples figura, para ser um eficaz recurso estético que põe diante de nossos olhos a profunda dor do esposo que, pensando na companheira que se foi, não tem a paz interior necessária para estruturar racionalmente, intelectivamente, todo o tumulto de ideias que lhe vai n'alma.

Em suma, a Estilística é o passo mais decisivo, no estudo de uma língua, para a educação do sentimento estético e manifestação da competência expressiva.

Traço estilístico e erro gramatical – Não se há de entender que o estilo seja sempre uma deformação da norma linguística. Isto nos leva à distinção entre *traço estilístico* e *erro gramatical*.

O traço estilístico pode ser um desvio ocasional de norma gramatical vigente, mas se impõe pela sua intenção estético-expressiva.

O erro gramatical é o desvio sem intenção estética.

Campo da Estilística – O estudo da Estilística abarca, semelhante à Gramática, todos os domínios do idioma. Lembremos a lição de Bally: "Todos os fenômenos linguísticos, desde os sons até as combinações sintáticas mais complexas, podem revelar algum caráter fundamental da língua estudada. Todos os fatos linguísticos, sejam quais forem, podem manifestar alguma parcela da ida do espírito e algum movimento da sensibilidade. A estilística não é o estudo de uma parte da linguagem, mas o é da linguagem inteira, observada de um ângulo particular. Nunca pretendi (isto é para responder a umas críticas que me fizeram) que a linguagem afetiva existe independentemente da linguagem intelectual, nem que a estilística deva estudar a primeira excluindo a segunda; o que faz é estudá-las ambas em suas relações recíprocas, e examinar em que proporção se aliam para compor este ou aquele tipo de expressão".[182]

Teremos assim os seguintes campos da Estilística:

Estilística
- 1) fônica
- 2) morfológica
- 3) sintática
- 4) semântica

A Estilística Fônica procura indagar o emprego do valor expressivo dos sons: a harmonia imitativa, no amplo sentido do termo. É a *fonética expressiva* de que falamos na parte inicial deste livro.

A Estilística Morfológica sonda o uso expressivo das formas gramaticais. Entre os usos expressivos deste campo lembraremos:

1) *o plural de convite*: põe-se o verbo no plural como que se quisesse incentivar uma pessoa a praticar uma ação trabalhosa ou desagradável. É o caso da mãe que diz à filhinha que insiste em não tomar o remédio:

Olha, filhinha, *vamos* tomar o remedinho.

2) *o plural de modéstia*: o autor, falando de si mesmo, poderá dizer:

Nós, ao escrevermos este livro, tivemos em mira dar novos horizontes ao ensino do idioma.

3) *o emprego expressivo dos sufixos* (mormente os de gradação):

paizinho, mãezinha, poetastro, padreco, politicalha

4) *o emprego de tempos e modos verbais,* como, por exemplo:

a) o presente pelo futuro para indicar desejo firme, fato categórico:

Amanhã eu *vou* ao cinema.

b) o imperfeito para traduzir pedido:

Eu *queria* um quilo de queijo (em vez do categórico e, às vezes, ameaçador *quero*).

c) o presente pelo pretérito para emprestar à narração o ar de novidade e poder comover o ouvinte:

Aí César *invade* a Gália.

5) a *mudança de tratamento*, de um período para outro, para indicar mudança da situação psicológica entre falante e ouvinte, ou entre escritor e leitor. No soneto *Última Folha,* Casimiro de Abreu chama a Deus por *Meu Pai* e ora o trata por *tu,* ora por *vós*. É que em *Meu Pai* o poeta vê Deus como seu íntimo, ligado a ele tão intimamente que lhe cabe o tratamento *tu*. Mas ao poeta Deus se apresentava também como o criador de todas as coisas, o poder supremo a quem só podia caber a fórmula respeitosa e cerimoniosa assumida por *vós*.

A Estilística Sintática procura explicar o valor expressivo das construções:

1) na regência, como, por exemplo, o emprego do posvérbio;
2) na concordância, como, por exemplo, na *atração*, na *silepse*, no infinitivo flexionado para realce da pessoa sobre a ação mesma;
3) na colocação dos termos na oração, na colocação de pronomes, etc.
4) no emprego expressivo das chamadas *figuras de sintaxe.*

A Estilística Semântica pesquisa:

1) a significação ocasional e expressiva de certas palavras:
   Você é um *abacaxi.*
   Aquele aluno é um *monstro.*
   Ele tem uns *bons* sessenta anos.
2) no emprego expressivo das chamadas figuras de palavras ou *tropos* (metáfora, metonímia, etc.) e figuras de pensamento e sentimento (antítese, eufemismo, hipérbole, etc.).

Apêndice

DOIS EXEMPLOS DE ANÁLISE ESTILÍSTICA

A título de meras sugestões aos leitores ainda não familiarizados com as técnicas da análise estilística, temos a satisfação de transcrever aqui dois excertos assinados, um por excelente mestre brasileiro, J. Mattoso Câmara Jr., e outro pelo não menos distinto estudioso português, Jacinto do Prado Coelho. Outras interessantes amostras pode o leitor curioso ver nos estudos de Augusto Meyer, Othon Moacyr Garcia e uma plêiade de patrícios onde está indicada farta bibliografia especializada.

1) *Um soneto de Antônio Nobre*

O comentário de poemas será ainda, em grande parte, criação, inventiva, uma série de desdobramentos psicológicos, evocações, associações de imagens, que mostram a personalidade do leitor a colaborar com simpatia na obra do comentário. A visão de conjunto originária iluminará todo o comentário. A linguagem será encarada, segundo quer Spitzer, como floração da substância espiritual do poema. A divisão metodológica em comentário ideológico e comentário de forma não me parece justa. O poema deve ser olhado como um todo. A consideração das formas linguísticas conduzirá ao psicológico, e acompanhará o comentário da substância do princípio ao fim. O que se pretende, em primeiro lugar, é que o *eu* do leitor comungue no eu do poeta (e Berdiaeff mostrou muito bem a impossibilidade desta comunicação por meios que não sejam de natureza afetiva; pensar é objetivar, é separar). É claro que sem objetivação não há crítica. Mas no comentário de poemas a crítica aos pormenores deve incluir-se num estado de adesão que permaneça durante o comentário.

Tudo isto, eu sei, é muito difícil; nunca consegui realizá-lo satisfatoriamente. Dou, todavia, com exemplo, o comentário dum soneto que tentei fazer segundo a orientação exposta. Começo pela introdução à leitura:

"Antônio Nobre, não só pela concepção que teve da poesia, como pela estranha riqueza da

sua personalidade, é verdadeiramente um poeta moderno. Se ainda vivesse, teria setenta e cinco anos. Talvez a sua presença nos impedisse o convívio estreito com esse rapaz triste que escreveu o *Só*, o livro mais triste que há em Portugal. A sua presença física torná-lo-ia, porventura, mais distante. Assim, porque morreu aos trinta e dois anos, ficou sempre rapaz na nossa lembrança, de olhos doces, pálido, feições finas, embrulhado numa capa de estudante, absorto como é sina dos poetas.

Quando ouvimos o tom lastimoso da sua voz, quando o sentimos tão perto, os nossos braços procuram estender-se através da bruma que separa as almas, para lhe darem finalmente, com piedade fraterna, o carinho que pediu sem receber. Continua vivo a nosso lado, continua conversando, obriga-nos, pelo tom das suas palavras, a ver o mundo como ele via, sentir como ele sentia.

Mas não era assim, pela vida subjetiva, que Nobre queria viver. Nobre foi um homem de desejo. Emigrou para um país diferente, recolheu-se no sonho da infância, chegou a bem-dizer a velha, a senhora Morte, apenas pela força do seu destino.

Antônio Nobre queria viver a nossa vida, queria ser como os outros saudável e contente. Ambicionava uma purinha de cabelo negro e boca vermelha. Confessou-nos o seu "ideal de parisiense": casa defronte do mar, sardinha ao lume, economias no mealheiro, sendo possível, e mulher e filhos. Nobre fora feito para este mundo, e só a doença o afastou dele. O seu desespero dissolveu-se numa resignação de menino suave e obediente, que se entretém com brinquedos de luxo. O seu brinquedo foi a arte. Mas não somente um brinquedo: um meio de confissão, de transmissão da sua humanidade confrangida. Por isso (pensando que ele queria viver, e que morreu tão novo, tão triste, tão só) ouviremos sempre com piedade a voz do seu lamento, e choro de quem já não espera nada, nem mesmo o ópio do regresso, pela memória, aos tempos de criança:

Tombou da haste a flor da minha infância alada,
Murchou na jarra de oiro o pudico jasmim:
Voou aos altos céus a pomba enamorada
Que dantes estendia as asas sobre mim.

Julguei que fosse eterna a luz dessa alvorada,
E que era sempre dia, e nunca tinha fim
Essa visão de luar que vivia encantada
Num castelo ideal com torres de marfim!

Mas hoje as pombas de oiro, aves da minha infância,
Que me enchiam de lua o coração, outrora,
Partiram e no céu evoam-se a distância!

Debalde clamo e choro, erguendo aos céus meus ais:
Voltam na asa do vento os ais que a alma chora,
Elas, porém, Senhor! elas não voltam mais...

De leitura deste soneto fica-nos o travo da desilusão, a amargura de perder o que nunca mais se recupera. As metáforas, cuja finura e cuja riqueza nos impressionam, vêm transmitir uma visão encantada dos anos da meninice. Segundo o poeta, a infância é alada, tem asas, talvez porque o pensamento infantil voa a cada instante para o reino da fantasia, talvez porque a criança é um anjo, pela sua pureza, ainda visível da sua divisa.

Nobre escolheu uma flor, “um pudico jasmim”, para simbolizar essa candura perdida. O jasmim é branco, de perfume penetrante, mas suave. Também as crianças têm a graça, o perfume, a brancura da alma. O adjetivo “pudico” estabeleceu, no espírito do poeta, a ligação entre a flor e a criança: ambos possuem a pudicícia, a castidade, a inocência.

Vejam em tudo isto a delicadeza da arte de Antônio Nobre. Ele pôs de lado os processos declamatórios, a eloquência romântica, os meios diretos e demasiado conhecidos. Para nos dizer que terminou o sonho da sua meninice, a alegria da visão imaculada, Nobre fala-nos da flor que também tombou da haste, do jasmim que murchou num vaso de oiro, da pomba enamorada que se sumiu no azul e nunca mais voltou (lembramos aqui as lindas asas brancas de Garrett, que ele batia para voar ao céu).

Todo o soneto é construído sobre estas metáforas brilhantes, desde as pombas de oiro às torres de marfim. Somos levados a aludir ao simbolismo de Antônio Nobre, à preferência pela magia das insinuações indiretas. Na verdade o simbolismo não passou, a princípio, duma reação contra o processo parnasiano de mostrar as coisas, francamente, inteiramente, dando-as pelo nome próprio, sem rodeio nem véu. Isso tirava ao leitor o prazer de participar na criação.

“Nomear um objeto – escrevia Mallarmé em 1891 – é suprimir três quartos do gozo do poema, que consiste na delícia de adivinhar pouco a pouco; o sonho é sugerir o objeto. O uso perfeito deste mistério constitui o símbolo: evocar lentamente um objeto para mostrar um estado de alma, ou, inversamente, escolher um objeto e tirar dele um estado de alma por uma série de decifrações”. Estas palavras de Mallarmé (que foi o maior dos poetas simbolistas franceses) quadra à poesia de Antônio Nobre; notamos, porém, que, no soneto que hoje comentamos, não há imagens tão ousadas ou alucinantes que revoltem o senso comum; pelo contrário, é bem compreensível que se represente a candura da infância por uma flor branca, o mundo fantástico e hermético das crianças por um castelo de marfim.

O que parece estranho é não ser uma dor humana, dilacerante como a de Antônio Nobre, transmitida sem rodeios, no seu ímpeto de expansão, desalinhada e convulsiva. Não há dúvida de que Nobre foi sempre sincero. Desde pequeno, começou a meditar na morte, porque a esperava. Os prenúncios da tuberculose vieram pouco depois dos vinte anos. E ele, que já em criança pedia que, depois de morto, o embrulhassem num cobertor, “porque tinha medo do frio do jazigo”, depois começou a ver em todas as coisas o riso macabro da morte:

> Em tudo via a Velha, em tudo via a Morte;
> Um berço que dormia era um caixão pr‘a cova:
> Via a Foice no Céu quando era Lua Nova...

Antônio Nobre foi, portanto, um poeta espontâneo. Escreveu com o sangue das suas veias. Mas não foi apenas um homem que sofreu, porque fez dos pedaços da sua dor filigranas de beleza e harmonia. Ele próprio disse uma vez: “A dor que dura sempre produz o prazer que não dura mais que um momento”. Esse momento de que fala Nobre é, sem dúvida, o momento da criação poética, o momento da graça. O poeta depôs no altar da Arte a sua humanidade passageira, que sangrava. Contempla-se na própria imagem, acriançado e um pouco *dândi*, saboreando as palavras, procurando ritmos.

É notar como a palavra “lua” tem na sua poesia um halo especial de associações de imagens. As palavras recebem das outras mais próximas uma incidência de estímulos

psicológicos que muitas vezes transfiguram.

Por isso "lua", nos versos de Nobre ("...aves na minha infância que me enchiam de lua o coração outrora") sugere-nos o mundo saudoso e feminino do poeta, com as graças pálidas e os seus fantasmas adormecidos.

No último terceto, Nobre lança uma queixa dolorida e todavia humilde e resignada:

Debalde clamo e choro, erguendo aos céus meu ais:
Voltam na asa do vento os ais que a alma chora.
Elas, porém, Senhor! elas não voltam mais...

Nobre não renega o Senhor, embora tenha clamado antes de chorar. A rapidez saltitante do segundo verso, composto por palavras todas muito curtas, parece trazer o eco dos ais do poeta, vindos nas asas do vento. Voltam os ais que redobram a sua dor, mas não voltam as pombas de oiro da sua infância alada. O último verso, mais de que a chave racional do soneto, à maneira clássica, é uma frase sentimental: a primeira parte, ascendente, é um grito de alma ("elas, porém, Senhor!"); a segunda parte, descendente, é um suspiro de aceitação ("elas não voltam mais").

Antônio Nobre conformou-se, acabou por amar a sua cruz. Conseguiu tornar-se criança meiga e obediente, de olhos muito abertos, de sorriso tão triste. O sorriso de quem fala de ir viajar, sequinho, para o sol-posto; o sorriso de quem pede que componham com jeito o travesseiro, de modo que lhe faça bom encosto no caixão:

De modo que me faça bom encosto,
O travesseiro comporá com jeito,
E eu, tão feliz! Por não estar afeito,

Talvez este sorriso derive duma atitude premeditada, um último "coquetismo" de moribundo que compõe o lençol, manda abrir a janela e diz qualquer coisa infantil para distrair os outros da sua desgraça. Talvez seja a última defesa de quem teve de entregar-se todo, esfarrapado e sangrando, aos olhos da multidão compadecida".

Jacinto do Prado Coelho (*A Educação do Sentimento Poético*, pág. 65-71).

2) *Um soneto de Machado de Assis*:

A Carolina

...O estilo tem um cunho nitidamente quinhentista.

Sugere-o a formulação global, linguística e rítmica, e sublinham-no certos dados concretos, como, por exemplo, o qualificativo "malferidos", aconselhado por Mário Barreto justamente por se casar ao seu ideal de restauração da linguagem clássica183, a já citada locução de "pensamentos idos e vividos", e a pobreza das rimas dos tercetos em *-ados* e *-idos*, onde se alinham fácil e espontâneamente particípios da 1.ª conjugação e da 2.ª e 3.ª:

Trago-te flores, – restos arrancados
Da terra que nos viu passar unidos
E ora mortos nos deixa e separados
Que eu, se tenho nos olhos malferidos

Pensamentos de vida formulados,
São pensamentos idos e vividos.

O que, entretanto, mais aí nos deve interessar é a "forma interna", isto é, o plano formal imanente no desdobramento das frases.

Para o soneto, a forma interna, assim concebida, se processa pela concatenação de ideias, ascendentes em amplitude e intensidade, até o coroamento de uma larga e culminante expressão final. É o que naturalmente estava prefigurando no microcosmo da copla esparsa, de que vimos provavelmente ter evoluído o soneto.

Em Bocage, esta estruturação chega muitas vezes ao uso de um único período, que só na parte final apresenta as suas orações capitais. Um bom exemplo é o soneto sobre a existência de Deus184 onde vão-se anunciando os fatos da natureza comprobatórios, até se chegar à afirmação dessa existência na base desses fatos –

tudo que há a confessar me obriga

– acrescentando-se o conceito de que tal existência se impõe à Razão, e não apenas à Fé, pela evidência física e pela necessidade no plano moral, o que tinha de ser o capital argumento para o iluminismo oitocentista:

E para crer num braço autor de tudo,
Que recompensa os bons, que os maus castiga,
Não só da Fé mas da Razão me ajudo.

Esse plano formal interno pode, é verdade, oferecer a variante do chamado "soneto elisabetano" (que praticou Shakespeare)185 onde a três estrofes de quatro versos, independentes entre si quanto à rima, se adjunge um dístico final, que resume o pensamento anteriormente desenvolvido. Neste particular, Antônio Nobre nos ilustra uma forma interna de soneto elisabetano moldado na forma externa italiana, quando disjunge pela ideia os dois versos finais do último terceto, neles resumindo todo o teor da poesia, cujo pensamento se concluíra no décimo segundo verso:

Ó virgem que passais ao sol poente,
Pelas estradas ermas a cantar,
Eu quero ouvir uma canção ardente
Que me transporte ao meu perdido lar.
Cantai-me nessa voz onipotente
O sol que venha aureolando o mar,
A fartura da seara reluzente,
O vinho, a graça, a formosura, o luar.
Cantai, cantai, as límpidas cantigas
Do fundo do meu lar desaterrai
Todas aquelas ilusões antigas,
Que eu vi morrer num sonho como um ai!...
Ó suaves e frescas raparigas,
Adormecei-me nessa voz... Cantai! 186

Voltando, entretanto, a "A Carolina" de Machado de Assis, examinemos-lhe a forma interna na base das considerações acima feitas.

Não temos aí, em verdade, um desdobramento de ideias cada vez mais amplas e intensas até um clímax de versos finais.

O poeta combina pensamentos cognatos e paralelos: um nos quartetos, outro no primeiro terceto, enquanto um terceiro pensamento, que é a essência do pequeno poema, se

consubstancia finalmente no último terceto.

Recitemos a produção, comparando-a com o esquema assim depreendido:

A) Visita à sepultura com as ideias que acompanham esse gesto de saudade e carinho: a evocação da felicidade e a afirmação de uma lembrança e um afeto que não mais se apaga ou sequer desfalece:

> Querida, ao pé do leito derradeiro
> Em que descansas dessa longa vida,
> Aqui venho e virei, pobre querida,
> Trazer-te o coração de companheiro.
> Pulsa-lhe aquele afeto verdadeiro
> Que, a despeito de toda a humana lida,
> Fez a nossa existência apetecida
> E num recanto pôs o mundo inteiro.

B) Oferta de flores, como símbolo dessa saudade, que assim se concretiza num gesto ritual:

> Trago-te flores, restos arrancados
> Da terra que nos viu passar unidos
> E ora mortos nos deixa e separados.

C) Finalmente, o conceito de que o poeta está morto para o mundo, e a sua vida física se prolonga automaticamente pelo impulso adquirido de uma força vital que desapareceu:

> Que, se eu tenho nos olhos malferidos
> Pensamentos de vida formulados,
> São pensamentos idos e vividos.

Mas não é tudo. Não se resume nesta análise o plano complexo do soneto.

O poeta articulou sutilmente a parte C com a parte B, tirando-a da expressão, aparentemente secundária, de que ele está tão morto quanto a sua Carolina.

Digo "aparentemente secundária", porque o termo está colocado em meio de frase e como primeiro elemento de um conjugado copulativo, em que predomina formalmente, portanto, o segundo qualificativo *separados*.

Há a intenção de provocar a perplexidade *a posteriori* do leitor, cuja atenção desliza até *separados* e, *depois* de aceitar essa ideia *self-evident*, há de retornar, sem querer, para o paradoxal adjetivo *mortos*, que o antecede. "Mortos, por quê?" Assim concentrado num novo conceito, que obviamente tem de intrigá-lo, está ele preparado para receber o impacto de pensamento final, introduzido ao último terceto por um *que* de valor causal.

Temos, assim, – não um desdobramento que regularmente vai ascendendo para uma ideia ápice –, mas um primeiro pensamento concluso (a evocação da felicidade perdida e a lembrança perene da mulher amada), um segundo que o ilustra numa concretização simbólica, e, saindo de um elemento aí lançado quase ao acaso, um pensamento final, que transfigura o poema e lhe dá a substância definitiva.

É nesta forma interna e no seu contraste com o plano natural de um soneto, que me parece estar, estilisticamente, a significação da pequena joia poética que acabamos de rapidamente apreciar.

Joaquim Mattoso Câmara Jr. (*Revista do Livro*, no. 5, p. 71-73)

179 J. Mattoso Câmara Jr., “Noções de Estilística” in *Littera*, n.º 2, 91.
180 Matéria y Forma en Poesia, 103-104.
181 No artigo citado.
182 *Le Langage et la Vie*, 100.
183 Mário Barreto, *Novos Estudos da Língua Portuguesa*. Rio, 1921; p. 364.
184 *Obras Poéticas de Bocage*, ed. Tavares Cardoso e Irmão. Lisboa 1902, vol. I, 234.
185 Sobre o soneto na literatura inglesa, consultar Enid Hammer, *The Meters of English Poetry*, London, 1954; p. 186 ss.
186 Antônio Nobre, *Só*, 3.a. ed. (Aillaud e Bertrand)., 1913, p. 120.

V – Noções Elementares de Versificação

"La métrique est une science, mais c'est aussi un art.
Le métricien doit connaître la technique du vers, mais
il doit aussi être un homme de bon sens, avoir de la finesse
et du goût" (G. Millardet, *Romania*, 43, 1914, p. 260).

Poesia e prosa – Em sentido formal, chama-se **poesia** à forma de expressão ordenada segundo certas regras e dividida em unidades rítmicas.

Prosa é a forma de expressão continuada. Embora a prosa também possa ter ritmo, aqui ele é menos rigoroso que na poesia.

Verso é o conjunto de palavras que formam, dentro de qualquer número de sílabas, uma unidade fônica sujeita a um determinado ritmo.

Ritmo é a divisão do tempo em período uniformes mediante os apoios sucessivos da intensidade.

Metro é o verso que, além de atender ao ritmo, se apresenta dentro de uma norma regular de medida silábica.

O ritmo, comum ao verso e ao metro, não se manifesta de maneira uniforme; por isso produz efeitos diferentes conforme a disposição das cláusulas silábicas que constituem o período rítmico do verso.

Por sua vez, um mesmo metro pode apresentar-se sob várias modalidades rítmicas.

Pode-se mudar de ritmo sem alterar o metro ou o verso, como se pode mudar de metro ou verso sem alterar o ritmo.

Como ensina Navarro Tomás, o ritmo nasce da disposição acentual, o verso depende da ação do ritmo, e o metro obedece justamente ao ritmo e à medida silábica.

Além do ritmo acentual, outros recursos suplementares contribuem para dar ao verso as qualidades de sua fisionomia e de colorido; são recursos fônicos, morfológicos e semânticos. Além da rima e da estrofe, figuram, entre outros, a harmonia vocálica, a aliteração de consoantes, o paralelismo, a anáfora, a ordem das palavras ou a valorização semântica de uma palavra ou expressão.

Por melhor que seja o verso, perderá muito de seu valor se proferido por um leitor – e até mesmo pelo seu autor - que não saiba pôr em evidência as características de sua estrutura rítmica, métrica e de seus apoios fônicos.

Pausa final. Cavalgamento – Na leitura de um poema, marca-se o final de cada verso ou final de cada unidade de verso composto (*hemistíquio*) com uma pausa, a chamada *pausa métrica*. Esta pausa métrica não passa de uma pequena interrupção, que não chega a confundir com a pausa mais demorada, resultante da entoação da oração, marcada em geral por vírgula ou outro sinal de pontuação.

Não levar na devida conta a pausa métrica, além de atentar contra o ritmo, pode converter o verso em falsa prosa.

A pausa métrica é transferida para a primeira sílaba tônica do verso seguinte, quando a unidade sintática excede o limite de um verso e, para completar-se, "cavalga" ou "monta" no verso a seguir, patenteando, assim, um desacordo entre a unidade sintática e a unidade métrica. Este fenômeno é conhecido pela denominação francesa *enjambement*, que se pode traduzir, como fez Said Ali, por *cavalgamento*. Também se usa o termo *encavalgamento*:

> "Sonho profundo, ó Sonho doloroso,
> Doloroso e profundo Sentimento!
> *Vai, vai nas harpas trêmulas do vento*
> *Chorar o teu mistério tenebroso*" [CS.1, II, 63].

Versificação – é a técnica de fazer versos ou de estudar-lhes os expedientes rítmicos de que se constituem.

"Não se há de confundir *versificação* com *poesia*. A poesia é um *dom*: nasce-se poeta. A versificação é uma arte: torna-se um versejador. Grandes poetas, como Vigny, foram medíocres versejadores. Hábeis versejadores, como Teodoro de Banville, não podem jamais ser chamados poetas" [BH.1, 431].

O **ritmo poético**, que na essência não difere das outras modalidades de ritmo, se caracteriza pela repetição. O ritmo consiste na divisão perceptível do tempo e do espaço em intervalos iguais. Quando a poesia se constitui de unidades rítmicas iguais, diz-se que a versificação é *regular;* quando isto não ocorre, a versificação é *irregular* ou *livre*.

O ritmo poético utiliza recursos que nem sempre são coincidentes de idioma para idioma.

Entre nós, por exemplo, não figura a quantidade que é o alicerce da versificação latina ou grega. A rima, por outro lado, que hoje nos é tão familiar e querida, não constituía peça essencial da poesia até a Idade Média latina.

Em português o ritmo poético é assegurado pela utilização dos seguintes expedientes que se podem combinar de maneira variadíssima:

1) número fixo de sílabas;

2) distribuição das sílabas fortes (ou tônicas) e fracas (ou átonas);

3) cesura;

4) rima;

5) aliteração;

6) encadeamento;
7) paralelismo.

O número fixo de sílabas coordenado com a distribuição das sílabas fortes e fracas constitui um *metro poético* e o seu estudo recebe o nome de *métrica*.

I – Número Fixo de Sílabas

Como se contam as sílabas de um verso – Na recitação a contagem das sílabas se processa diferentemente da análise gramatical; nesta se atenta para a sua representação na escrita enquanto naquela se busca a realidade auditiva. No verso:

"É toda um hino: – esperança!" [CA.1, 97]

Há sete sílabas para o poeta (este só conta até a última tônica) e dez sílabas para o gramático; aquele não profere o *a* final de *toda*, liga a consoante *d* a *um*, omite o *o* final de *hino* e junta o *n* à sílaba inicial de *esperança*:

É / to / d(a)um / hi / n(o): – es / pe / ran / ça
1 2 3 4 5 6 7

Só se conta até a última sílaba tônica: verso agudos, graves e esdrúxulos – Uma das orientações que distinguem a contagem das sílabas entre o poeta e o gramático, é que o primeiro, de acordo com orientação revivida (foi iniciada por Couto Guerreiro, no século XVIII) 187 por Antônio Feliciano de Castilho, no século XIX, só leva em conta até a última sílaba tônica, desprezando a átona ou as átonas finais. Daí a divisão dos versos em *agudos*, *graves* ou *esdrúxulos*, conforme terminarem, respectivamente, por vocábulos oxítonos, paroxítonos, ou proparoxítonos, como nos seguintes versos, todos de dez sílabas:

"O padre não falou – mostrou-lhe o céu!" [CA.1, 137] **Agudo**
"Eu vi-a lacrimosa sobre as *pedras*." [CA.1, 106] **Grave**
"Estátua da aflição aos pés dum túmulo!" [CA.1, 106] **Esdrúxulo**

Neste livro indicaremos a sílaba métrica pelo símbolo ∪ ; quando for tônica poremos nele um acento tônico: ∪.188

Fenômenos fonéticos correntes na leitura dos versos – Na leitura dos versos, proferimos as palavras com as junções e as pausas que o falar de todos os momentos conhece; por exagero, entretanto, tais fenômenos fonéticos costumam ser explicados como "exigência da técnica versificatória".

Estes fenômenos são: 1) sinérese; 2) diérese; 3) elisão; 4) crase; 5) ectlipse; e podem ocorrer uns dentro do mesmo vocábulo (*intraverbais* ou *internos*) e outros pela junção de dois vocábulos (*interverbais* ou *externos*).

Sinérese ou ditongação é a junção de vogais contínuas numa só sílaba em virtude de uma das vogais passar a semivogal, no interior da palavra.

Na língua portuguesa moderna, especialmente no Brasil, é normal a sinérese interna: "a) nos grupos vocálicos átonos não finais, de segunda vogal, alta, correspondente em vocábulo derivado ou composto à vogal tônica do primitivo (ex.: *traidor*, de *trair*) ou à vogal inicial de uma das formas mínimas componentes (ex.: *vaidade*, rad. *va-*, suf. *-idade*), sendo que, fora dessas duas condições, se tem aí um ditongo sistemático (ex.: *lei-tu-ra*, *cau-te-la*, etc.); b) nos grupos vocálicos átonos não finais, de primeira vogal alta (ex.: *piedade*, *suavidade*); c) nos grupos vocálicos átonos finais, de primeira vogal átona (ex.: *glória*, *áscua*, *série*, *tênue*), sendo que não há primeira vogal média nesses grupos (cf. *níveo*/*níviu*/*mágoa*/*mágua*). A intenção estilística ou a métrica, no verso, criam frequentemente diérese nos dois primeiros casos" [MC.4, 221].

DIÉRESE é a dissolução de um ditongo em hiato no interior da palavra.

A diérese, que é sempre interna, é fenômeno hoje raro em poesia, geralmente usado apenas para certos fins expressivos ou como expediente para dar ao verso o número de sílabas exigidas:

"Pe / sa / -me es / ta / bri / lhan / te au / ré / o / la / de / nu / me..." [MA].

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12

O movimento lento, proferindo *auréola* (*au-ré-o-la*) como vocábulo de quatro sílabas, parece emprestar à situação o colosso do tamanho que tem o sol, em relação à simplicidade do vaga-lume.

Às vezes costuma-se indicar a diérese pondo-se trema no *i* ou *u*: *vaïdade* (*va-i-da-de*), *saudade* (*sa-u-da-de*).189

SINALEFA, é a perda de autonomia de uma vogal para tornar-se semivogal e, assim, constituir um ditongo com a vogal seguinte:

E triste e triste e fatigado eu‿vinha (lido como tritongo: /wew/).

ELISÃO é o desaparecimento de uma vogal quando pronunciada junto de outra vogal diferente:

e fatigad(o)‿eu vinha (lido: /ew/) [CCh.1, 667].

A pronúncia rápida dos portugueses leva mais frequentemente à realização de elisões do que a pronúncia mais lenta dos brasileiros. Nem sempre, como no exemplo acima, a elisão é indicada graficamente:

Mas se forçoso *t'é* deixar a pátria [CA.1, 125].

Note-se também que a elisão pode abarcar mais de duas vogais.

CRASE é a fusão de dois ou mais sons iguais num só:

"Teu pensamento, como‿o sol que morre,
Há de cismando mergulhar-se‿em mágoas" [CA.1, 125].
"Durante a noite quando‿o orvalho desce" [CA.1, 144].

ECTLIPSE é a supressão da ressonância nasal de uma vogal final de vocábulo para facilitar a sinérese ou a crase com a vogal contígua.190

Ocorre com mais frequência a ectlipse no final *-em* e na preposição *com*. Neste último caso, é comum ser indicada por apóstrofo, porque, a rigor, a ectlipse não passa de uma elisão considerada a palavra no seu sentido mais geral (o Vocabulário Oficial recomenda não usar apóstrofo: coa, coas, co, cos):

"Co'as tranças presas na fita,
Co'as flores no samburá" [CA.1, 116].

É preciso insistir, mais uma vez, que os fenômenos fonéticos aqui estudados só na mão do versejador são frios recursos de aumento ou diminuição de sílabas para atender às exigências da técnica versificatória; na mão do verdadeiro poeta constituem intencionais e vigorosos elementos do quadro que o artista deseja pôr diante de nossos olhos. O ritmo que devemos imprimir ao verso, acelerado aqui, com pausas acolá, é uma como harmonia imitativa das ideias que o poeta nos quer transmitir.

O ritmo e a pontuação do verso – Já acentuamos que nem sempre a unidade de sentido do poema coincide com os limites de sua linha, o que nos mostra o erro daqueles que leem verso fazendo longa pausa no fim de cada um deles.191 Esta longa pausa só é lícita quando a unidade sintática o exigir ou permitir:

"Meus Amigos, Adeus – Verei fulgindo
A lua em campo azul, e o sol no ocaso
Tingir de fogo a implacidez das águas;
Verei hórridas trevas lento e lento
Descerem, como um crepe funerário
Em negro esquife, onde repoisa a morte" [GD.3, I, 213].

Às vezes se podem ligar fonemas de palavras separadas por algum sinal de pontuação ou, ao contrário, pode haver uma pausa sem que seja indicada por sinal gráfico adequado, como nestes versos de dez sílabas:

"E eu, fitando-a, abençoava a vida" [CA.1, 279], lido:
E / eu / fi / tan / do-a a / ben / ço / a / va a / vi / da
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
"Ama-se a vida – a mocidade é crença" [CA.1, 144].

Expedientes mais raros na contagem das sílabas – Ao lado dos casos até aqui apontados, há outros de menos incidência, mas que merecem nossa atenção. Lembraremos os três seguintes:

a) o movimento rítmico de um verso pode estar sob a influência do verso anterior ou do seguinte, fazendo com que a vogal ou sílaba inicial de um verso fique incorporada no verso precedente; isto vem explicar a exatidão métrica de alguns versos aparentemente errados por se apresentarem mais curtos do que deviam:

"Chorar a virgem formosa
Morta na flor dos anos" [CA.1, 83], que será lido:
Cho / rar / a / vir / gem / for / mo /
1 2 3 4 5 6 7
sa / mor / ta na / flor / dos / a / nos
1 2 3 4 5 6 7

b) o silêncio ou pausa mais forte valendo como sílaba:

"Às vezes, oh, sim, / derramam tão fraco" [GD.3, I, 68].
"O céu era azul, / tão meigo e tão brando" [GD.3, I, 45].

são versos de onze sílabas aos quais a pausa intencional do poeta (indicada aqui por /) vale por uma sílaba métrica.

c) a dissolução de um encontro consonântico pela intercalação de uma vogal (/ *i* / ou / *e* /), não indicada na escrita, fazendo da primeira consoante uma sílaba à parte, o que revela uma tendência da pronúncia brasileira corrente:

"Ninguém mais *observa* o tratado" [GD.2] – *observa* deve ser lido com quatro sílabas.
"Contudo os olhos *d'ignóbil* pranto" [GD.1] – *ignóbil* deve ser lido também com quatro sílabas.

2 – Número Fixo de Sílabas e Pausas

O número fixo de sílabas e pausas é o principal dos apoios rítmicos do verso. O poeta tem a liberdade de não ficar, em todo o poema, preso ao mesmo metro. No poema de Gonçalves Dias, intitulado *Minha Vida e Meus Amores*, ocorre uma mudança de metro muito interessante. O poeta vinha versejando em decassílabos acentuados na sexta sílaba ou na quarta e oitava:

Outra vez que lá fui, que a vi, que a medo
Terna voz lhe escutei: – sonhei contigo! –
Inefável prazer banhou meu peito,
Senti delícias; mas a sós comigo
Pensei – talvez! – e já não pude crê-lo.

De súbito, nos versos 67 e 68 faz cair as pausas na quarta e sétima sílaba, aproximando o ritmo decassílabo do ritmo de onze sílabas, que vai aparecer nos versos 70 e 71:

Ela tão meiga e tão cheia de encantos,
Ela tão nova, tão pura e tão bela...
Amar-me! – Eu que sou?
Meus olhos enxergam, enquanto duvida
Minh'alma sem crença, de força exaurida,
Já farta da vida,
Que amor não doirou. [MB.1, II, 127].

Na poesia *A Tempestade*, Gonçalves Dias varia a medida de estrofe; a estrofe começando por duas sílabas até chegar a onze, quando retorna num movimento decrescente até voltar ao

de duas sílabas. Com isto o poeta quis-nos indicar mais vivamente "a aproximação gradativa da tempestade, cuja maior fúria estoura na décima estrofe, para depois afastar-se pouco a pouco" [Manuel Bandeira, editor das Obras de Gonçalves Dias, II, 235].

Os versos em português variam, em geral, de uma a doze sílabas, sendo raros os que ultrapassam este número. Para sua designação empregam-se os nomes gregos denotativos de número prefixados ao elemento -*sílabo*: *mono*- (um só), *dis*- (dois), *tri*- (três), *tetra*- (quatro), *penta*- (cinco), *hexa*- (seis), *hepta*- (sete), *octo*- (oito), *enea*- (nove), *deca*- (dez), *hendeca*- (onze), *dodeca*- (doze): *monossílabo*, *dissílabo*, *trissílabo*, *tetrassílabo* (também chamado *quadrissílabo*) , *pentassílabo* (também dito *redondilha menor*) , *hexassílabo*, *heptassílabo* (também dito *redondilha maior* ou só *redondilha*) , *octossílabo*, *eneassílabo*, *decassílabo* (também chamado *heróico*) , *hendecassílabo* (também chamado de *arte maior*) e *dodecassílabo* (ou também *alexandrino*), nome tirado das numerosas composições medievais que cantavam os feitos do guerreiro Alexandre, mormente o *Poema de Alexandre*, composto no século XII, por Alexandre de Bernay e Lambert Licor.

Cesura – Os versos longos, de ordinário a partir dos de dez sílabas, apresentam uma pausa interna, chamada *cesura*, para ressaltar o movimento rítmico, dividindo o verso em duas partes, nem sempre iguais, conhecidas pelo nome de *hemistíquios*. A *cesura* pode ser uma pausa menor (não indicada por sinal de pontuação), ou mais acentuada (indicada na escrita por sinal de pontuação).

Como assinala Navarro Tomás, "em qualquer ponto do verso pode ocorrer uma interrupção requerida pela sintaxe ou pela necessidade de destacar o significado de uma palavra. Estas paradas ocasionais não têm a função métrica da cesura ou da pausa" [NT.1, 28].

Versos de uma a doze sílabas – Os versos de uma, duas e três sílabas só têm uma sílaba forte:

a) Monossílabos (raríssimos):

"quebra
queima
reina
dança
sangue
gosma..." [MAn *apud* MB.3, 3242].

b) Dissílabos:

"Um raio
Fulgura
No espaço
Esparso
De luz" [GD.4, 229].

c) Trissílabos:

"Vem a aurora
Pressurosa,
Cor-de-rosa,

Que se cora
De carmim" [GD.4, 229].

d) Tetrassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ↺ ∪ ↺
"O sol desponta" [GD.4, 230].

2 – ∪ ∪ ∪ ↺
"Que entre verdores" [GD.4, 230].

3 – ↺ ∪ ∪ ↺
"Lá no horizonte" [GD.4, 230].

4 – ∪∪↺ ↺
"Salomé vinha" [*apud* MB.3, VI, 3242].

e) Pentassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ↺ ∪ ∪ ∪ ↺
"Gados que pasceis" [LC *apud* SA.3, 30].

2 – ∪ ↺ ∪ ∪↺
"Um ponto aparece" [GD *apud* SA.3].

3 – ∪ ∪ ↺ ∪ ↺
"Não sou eu tão tola" [JD *apud* SA.3].

f) Hexassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ↺ ∪ ↺ ∪↺
"Não solta a voz canora" [GD, *ibid.*].

2 – ∪ ↺∪ ∪ ∪↺
"Que um canto d'inspirado" [*Id.*, *ibid.*].

3 – ∪ ∪ ↺ ∪ ∪↺
"Como é fundo o sentir" [CA *apud* SA.3, 33].

4 – ↺ ∪↺ ∪ ∪ ↺
"Pois permite e consente" [LC *apud* SA.3, 32].

5 – ↺ ∪ ∪↺∪ ↺
"Tu já mataste a sede,
Mate-me a sede a mim" [JD *apud* SA.3].

6 – ∪ ∪ ∪ ↺ ∪↺
"E à luz do luar incerto" [AG *apud* MC.3, II, 149].

g) Heptassílabos – são os versos mais usados e populares em português e apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ◡ ◡ ◡ ◡ ◡◡◡
"Cresce a chuva, os rios crescem" [GD, *ibid.*].

2 – ◡´◡ ◡ ◡◡◡ ◡ ◡
"Fogem do vento que ruge" [*Id.*, *ibid.*].

3 – ◡ ◡◡ ◡ ◡◡◡ ◡
"Ardendo na usada sanha" [*Id.*, *ibid.*].

4 – ◡ ◡ ◡◡ ◡◡◡◡◡
"Como ovelhas assustadas" [*Id.*, *ibid.*].

5 – ◡ ◡ ◡◡ ◡ ◡◡ ◡ ◡
"Que da praia arreda o mar" [*Id.*, *ibid.*].

6 – ◡ ◡◡◡ ◡◡◡ ◡◡◡
"É já torrente bravia" [*Id.*, *ibid.*].

7 – ◡ ◡ ◡◡ ◡ ◡◡◡◡
"Grossos troncos a boiar"

8 – ◡ ◡◡ ◡ ◡ ◡ ◡ ◡◡
"Aqui nestas redondezas" [V. de Carvalho *apud* MC.3, 148].

h) Octossílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ◡ ◡◡ ◡ ◡◡ ◡ ◡◡ ◡ ◡◡
"Demônios mil, que, ouvindo-as, digam" [RC *apud* SA.3, 39].

2 – ◡◡ ◡◡ ◡ ◡◡◡◡ ◡◡
"Sabes tu de um poeta enorme" [MA *apud* SA.3, 40].

3 – ◡◡ ◡ ◡◡ ◡◡◡◡ ◡◡
"Roxas, brancas, rajadas, pretas" [*Id.*, *ibid.*].

4 – ◡ ◡◡ ◡ ◡ ◡◡◡◡ ◡◡◡
"Deixando a palhoça singela" [*Id.*, *ibid.*].

5 – ◡ ◡ ◡◡◡ ◡ ◡◡◡◡
"São Bom Jesus de Matozinhos" [AG *apud* MC.3, 150].

6 – ◡ ◡ ◡◡ ◡ ◡ ◡ ◡◡◡
"Querem vê-lo no seu altar" [*Id.*, *ibid.*].

7 – ◡◡◡◡ ◡◡ ◡ ◡ ◡◡
"Para ficar perto dos ninhos" [*Id.*, *ibid.*].

8 – ◡◡ ◡◡◡ ◡ ◡◡◡◡
"Alto, porém, tão alto soa" [RC *apud* SA.3, 40].

i) Eneassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ∪ ↺∪ ∪↺∪ ∪ ↺
"E no túrgido ocaso se avista" [GD, *op. laud.*]

2 – ∪∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ∪∪ ↺
"Além, nos mares tremulamente" [RC *apud* MC.3].

3 – ∪ ↺ ∪ ∪ ∪↺∪ ∪ ↺
"Da cor de uma menina sem vida" [AG *apud* MC.3, 152].

4 – ↺ ∪ ∪ ↺ ∪ ↺ ∪ ∪↺
"Pobres de pobres são pobrezinhos" [G. Junqueira *apud* SA.3, 42].

5 – ↺ ∪ ∪↺∪ ∪ ↺ ∪ ↺
"Dei-me ao relento, num mar de lua" [R. Correia *apud* SA.3].

6 – ∪ ↺ ∪↺∪ ∪ ↺ ∪ ↺
"Também outrora num mar de lua" [*Id.*, *ibid.*].

7 – ↺ ∪∪∪↺∪ ∪ ∪ ↺
"Pobre lua nova, tão pequena" [A. Guimarães *apud* MC.3].

j) Decassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ∪↺ ∪ ↺
"Um som longínquo cavernoso e ouco" [GD, *ibid.*].

2 – ∪ ∪ ∪ ∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ∪ ↺
"Eis outro inda mais perto, inda mais rouco" [*Id.*, *ibid.*].

3 – ∪↺ ∪ ↺ ∪ ↺ ∪ ∪ ∪ ↺
"Troveja, estoura, atroa; e dentro em pouco" [*Id.*, *ibid.*].

4 – ↺ ∪ ∪ ∪ ∪ ↺∪ ∪∪↺
"Rasga-se o negro bojo carregado" [*Id.*, *ibid.*].

5 – ∪ ↺ ∪ ∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ∪↺
"E enquanto a luz do raio o sol roxeia" [*Id.*, *ibid.*].

6 – ∪ ∪↺∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ∪ ↺
"Das ruínas completas o grande estrago" [*Id.*, *ibid.*].

7 – ∪∪ ∪ ∪ ↺ ∪ ↺ ∪ ∪ ↺
"O sonho passou. Traz magoado o rim" [MB.3, 3243].

8 – ∪ ∪ ∪ ∪↺ ∪ ↺ ∪ ∪↺
"Magoada a cabeça exposta à umidade" [*Id.*, *ibid.*].

9 – ∪∪ ∪ ↺∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ↺
"Doce repouso de minha lembrança" [LC *apud* MB.3].

k) Hendecassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ↺∪∪ ↺ ∪ ∪ ↺ ∪∪ ↺
"Nos últimos cimos dos montes erguidos"

2 – ↺ ∪ ∪ ∪↺ ∪ ∪ ↺ ∪∪ ↺
"Ai! há quantos anos que eu parti chorando" [GJ.1, 117].

3 – ∪∪ ∪ ∪ ↺∪ ∪∪∪∪ ↺
"Deste meu saudoso, carinhoso lar!..." (*Id.*, *ibid.*).

4 – ∪ ∪ ↺ ∪ ↺∪ ∪ ∪ ↺∪ ↺
"Foi há vinte?... há trinta?... Nem eu sei já quando!..." [*Id.*, *ibid.*].

l) Dodecassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ∪ ↺∪∪↺ / ∪∪↺∪ ∪ ↺
"Já não fala Tupã no ulular da procela" [OB *apud* SA.3, 56].

2 – ∪ ↺ ∪ ↺∪↺/ ∪ ↺∪↺∪↺
"E espalham tanto brilho as asas infinitas" [*Id.*, *ibid.*].

3 – ∪ ∪ ↺∪∪ ↺ / ∪ ↺ ∪ ↺ ∪↺
"Como a faixa de luz que o povo hebreu guiava" [*Id.*, *ibid.*].

4 – ∪ ↺ ∪ ↺ ∪ ↺ / ∪∪↺ ∪∪↺
"Teu pé também deixou um sinal neste solo" [*Id.*, *ibid.*].

5 – ↺∪ ∪↺ ∪ ↺ / ↺ ∪ ∪ ↺ ∪↺
"Ruge soturno o mar; turva-se hediondo o dia" [*Id.*, *ibid.*].

6 – ↺∪ ∪ ↺ ∪ ↺/ ∪ ↺∪ ↺∪ ↺
"Súbito a nota extrema anseia, treme, rola" [CAv.1, I, 115].

7 – ↺ ∪ ∪ ↺ ∪ ↺/ ∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ↺
"Noiva que espera o noivo e suspira em segredo" [OB *apud* SA.3].

8 – ∪ ↺ ∪ ↺∪ ↺/ ↺ ∪ ∪↺ ∪ ↺
"Em torno a cada ninho anda bailando uma asa" [*Id.*, *ibid.*].

9 – ∪ ∪ ↺∪ ∪ ↺ / ↺∪ ∪ ↺ ∪ ↺
"Vês com olhos do céu cousas que são do mundo" [MA, *ibid.*].

10 – ↺∪ ↺∪ ∪ ↺ / ↺∪ ↺ ∪ ∪↺
"Essa que ora nos céus anjos chamam Lenora" [*Id.*, *ibid.*].

11 – ↺∪ ↺∪ ∪↺ / ↺∪ ∪ ↺ ∪ ↺
"Casa, rico jardim, servas de toda a parte" (*Id.*, *ibid.*).

12 – ↺ ∪ ↺ ∪ ∪ ↺/∪ ↺ ∪ ↺ ∪↺
"Berço em que se emplumou o meu primeiro idílio" [OB, *ibid.*].

13 – ↺ ∪ ↺∪ ∪ ↺/∪∪↺ ∪ ∪ ↺
"Passa um velho judeu, avarento e mesquinho" (G. Junqueira, *ibid.*).

"A lei orgânica do alexandrino pode ser expressa em dois artigos: 1.º) quando a última palavra do primeiro verso de seis sílabas é grave (1.º hemistíquio), a primeira palavra do segundo deve começar por uma vogal ou por um *h*; 2.º) a última palavra do primeiro verso nunca pode ser esdrúxula. Claro está que, quando a última palavra do primeiro verso é aguda,

a primeira do segundo pode indiferentemente começar por qualquer letra, vogal ou consoante.

Alguns poetas modernos, desprezando essa regra essencial, têm abolido a tirania da censura. Mas o alexandrino clássico, o verdadeiro, o legítimo, é o que obedece a esses preceitos".192

3 – Rima: Perfeita e Imperfeita 193

Chama-se *rima* a igualdade ou semelhança de sons pertencentes ao fim das palavras, a partir da sua última vogal tônica.

As palavras em rima podem estar no fim (*rima final*, a mais usual) ou no interior do verso (*rima interna*), podendo, neste último caso, uma das palavras ocupar a posição final.

Interna é a rima que se faz com a última palavra de um verso e uma palavra no interior do verso seguinte. Em *Aventura Meridiana* (*Os Amores* de P. Ovídio Nasão, 63 e ss.), A. F. de Castilho, compondo quartetos de versos alternados, de 12 e 6 sílabas, rima o 1.º verso com a 2.ª sílaba do 2.º; o 2.º com o 4.º; o 3.º com a 2.ª sílaba do 4.º; finalmente variando o verso ora grave, ora agudo:

"Era na estiva quadra! Intenso meio-dia
Pedia um respirar;
No meio do meu peito
Me deito a descansar.

Janela entreaberta, esquiva ao sol fogoso,
Repouso ali mantém;
Luz como a de espessura
Escura ao quarto vem".

A rima pode ser *perfeita* (ou com *homofonia*) ou *imperfeita* (ou com *semi-homofonia*). Diz-se *perfeita* quando é completa a identidade dos fonemas finais, a partir da última vogal tônica:

"És engraçada e formosa
Como a rosa,
Como a rosa em mês d'abril;
És como a nuvem doirada
Deslizada,
Deslizada em céus d'anil" (G. Dias, *Obras*, 59).

Na rima perfeita, pode haver ainda identidade da(s) consoante(s) anterior(es) à vogal tônica. Para os versos inglês e alemão o fato constitui falta grave.

Diz-se *imperfeita* aquela em que a identidade de fonemas finais não é completa, insistindo-se apenas naqueles fonemas que se diferenciam fundamentalmente dos demais [CCh.2, 200]. Ocorre a rima imperfeita quando:

a) se rima uma vogal de timbre semiaberto com outra de timbre semifechado:

"Bailando no ar, gemia inquieto vaga-lume:
– "Quem me dera que fosse aquela loura *estrela*,
Que arde no eterno azul, como eterna *vela*!"
Mas a estrela, fitando a lua, com ciúme." (M. de Assis).

b) um dos finais tem um som que o outro não tem:

"Nessa *vertigem*
Amara a *virgem*" (C. de Abreu, *Obras*, 194).

Muitas vezes, a perfeição ou imperfeição da rima é relativa, conforme a pronúncia padrão. No Brasil, por exemplo, constituem rimas perfeitas as que se fazem entre certas vogais e ditongos (*desejos* com *beijos*; *luz* com *azuis*; *atroz* com *heróis*; *vãs* com *mães*; *espirais* com *Satanás*; *bondoso* com *repouso*). Em Portugal é perfeita a rima entre *mãe* e *também* (ou *tem*, etc.), prática que, por imitação literária, ocorre entre alguns de nossos poetas românticos.

c) se rima uma vogal oral com uma vogal nasal:

De que ele, o sol, inunda
O mar, quando se *põe*,
Imagem moribunda
De um coração que *foi* [JD *apud* CCh.1, 694].

d) se rimam vocábulos com só identidade das vogais tônicas (rima *toante* ou *assonante*).

Rimas consoantes e toantes – A rima se diz *consoante* quando é perfeita, isto é, tem os mesmos fonemas a partir da última vogal tônica do verso: *vaga-lume* / *ciúme*.

Toante (também *assonante*, de *assonância*) é a rima imperfeita, em que há apenas identidade nas vogais tônicas:

calma / *cada*; *terra* / *pedra*.

Disposição das rimas – Quanto à maneira por que se dispõem nos versos, as rimas podem ser *emparelhadas*, *alternadas* (ou *cruzadas*), *opostas* (ou *entrelaçadas* ou *enlaçadas*), *interpoladas* e *misturadas*.

Cada rima de uma estrofe é designada por uma letra maiúscula ou minúscula do alfabeto, de modo que a sucessão de letras indica a sucessão das rimas. Assim no exemplo:

"Moços, quero, entre vós, falar à nossa terra...
Somos sua esperança e o seu último amparo;
Em nosso corpo e em nosso espírito se encerra
O que ela agora tem de mais certo e mais caro" [JO.2, 159].

A distribuição das rimas é representada pelo esquema *abab* (ou ABAB) onde *a* indica a rima -*erra* (terra / encerra) e *b* a rima -*aro* (amparo / caro).

EMPARELHADAS são as que se sucedem duas a duas (o esquema é *aabbcc*, etc.):

"Numa vida anterior, fui um xeque macilento
E pobre... Eu galopava, o albornoz solto ao vento,
Na soalheira candente; e, herói de vida obscura,
Possuía tudo: o espaço, um cavalo, e a bravura" [OB.1].

ALTERNADAS (ou *cruzadas*) são as que, num grupo de quatro versos, se alteram, fazendo que o 1.º verso rime com o 3.º (e os demais ímpares) e o 2.º com o 4.º (e os demais pares).

Correspondem ao esquema *abab*:

"Ora (direis) ouvir estrelas! Certo
Perdeste o senso!" E eu vos direi, no entanto,
Que, para ouvi-las, muita vez desperto
E abro as janelas, pálido de espanto..." [OB.1].

OPOSTAS (ou *entrelaças* ou *enlaçadas*) são as que se verificam em dois versos entre os quais medeiam dois outros também rimados.

Correspondem ao esquema *abba*:

"Vai-se a primeira pomba despertada.
Vai-se outra mais... Mais outra... E enfim dezenas
De pombas vão-se dos pombais apenas
Raia, sanguínea e fresca, a madrugada" [R. Correia].

INTERPOLADAS são aquelas em que, num grupo de seis versos, o terceiro rima com o sexto, enquanto o primeiro rima com o segundo, e o quarto com o quinto. Correspondem ao esquema *aabccb*:

Eu nasci além dos mares
Os meus lares,
Meus amores ficam lá!
– Onde canta nos retiros
Seus suspiros,
Seus suspiros o sabiá! (C. de Abreu).

MISTURADAS são aquelas em que a distribuição é livre. As rimas misturadas, para lograrem êxito, requerem constância, vivacidade e sonoridade:

"É meia-noite... e rugindo
Passa triste a ventania,
Como um verbo da desgraça,
Como um grito de agonia.
E eu digo ao vento que passa
Por meus cabelos fugaz:
"Vento frio do deserto,
Onde ela está? Longe ou perto?
Mas, como um hálito incerto,
Responde-me o eco ao longe.
"Oh! Minh'amante, onde estás?..." [C. Alves].

4 – ALITERAÇÃO

Aliteração – É o apoio rítmico que consiste em repetir fonemas em palavras simetricamente dispostas. A aliteração nasce, em geral, de desejo de harmonia imitativa.

"A juruti suspira sobre as folhas secas" [C. de Abreu].
"É a perda dura dum futuro inteiro" [*Id.*].
"Vozes veladas, veludosas vozes,
Volúpias dos violões, vozes veladas,
Vagam nos velhos vórtices velozes

Dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas" [Cruz e Sousa].

5 – Encadeamento

Encadeamento – Consiste na repetição simetricamente disposta de fonemas, palavras, expressões ou um verso inteiro.

Foi recurso rítmico muitíssimo usado na poesia medieval e é frequente na poesia moderna em versos livres. Exemplos colhidos em Augusto Frederico Schmidt:

"No entanto este *motivo escolhido existe*.
Não *vejo*, esta *tristeza*, da saudade da que é *sempr*e a *Ausente*
Nem da sua graça desaparecida..." (repetição de fonema)
"*Pensei* em mortos que morreram entre indiferentes.
Pensei nas velhas mulheres..." (repetição de palavra)
"No princípio foi um balanço contínuo e vagaroso,
Depois foi descendo uma sombra indistinta,
Um grande leito surgiu e lençóis brancos como espuma
.....
No princípio foi um balanço contínuo e vagaroso" (repetição de verso).

6 – Paralelismo

Paralelismo – É a repetição de ideias mediante expressões aproximadas:

"O monstrengo que está no fim do mar
Na noite de breu ergueu-se a voar;
À roda da nau voou três vezes,
Voou três vezes a chiar,
E disse: *Quem é que ousou entrar*
Nas minhas cavernas que não desvendo,
Meus tetos negros do fim do mundo?
E o homem do leme disse, tremendo:
"El-Rei Dom João Segundo!"

"*De quem são as velas onde me roço?*
De quem as quilhas que vejo e ouço?"
Disse o monstrengo, e rodou três vezes,
Três vezes rodou imundo e grosso:
"*Quem vem poder o que eu só posso*,
Que moro onde nunca ninguém me visse
E escorro os medos do mar sem fundo?"
E o homem do leme tremeu, e disse:
"El-Rei Dom João Segundo!" (F. Pessoa).

7 – Estrofação

O poema pode conter dois ou mais versos os quais se agrupam para formar uma *estrofe*.

O costume tradicional é iniciar cada verso com letra maiúscula, qualquer que seja a sua relação sintática. Pode-se, entretanto, pôr, no início, letra minúscula, conforme a sua relação sintática com o verso precedente.

As estrofes podem ser *simples*, *compostas* e *livres*.

SIMPLES são as estrofes formadas de versos com a mesma medida.

COMPOSTAS são as que encerram versos de diferentes medidas.

LIVRES são as que admitem versos de qualquer medida.

As estrofes de dois, três, quatro, cinco, seis, oito e dez versos recebem, respectivamente, os seguintes nomes especiais: *dísticos*, *tercetos*, *quadras* (ou *quartetos*) , *quintilhas*, *sextilhas*, *oitavas* e *décimas*. As estrofes de *sete* e *nove* versos não têm nome especial.

8 – VERSO DE RITMO LIVRE

"O que chamamos impropriamente *versos livres* é uma série irregular de versos que tomados em separado são regulares" [BH.1, 427].

O verso de ritmo livre não tem número regular de sílabas, versos e estrofes, nem são uniformes e coincidentes o número e a distribuição das sílabas átonas e tônicas responsáveis pelo movimento rítmico.

O verso de ritmo livre exige do poeta uma realização tão completa quanto o verso regular. "À primeira vista, parece mais fácil de fazer do que o verso metrificado. Mas é engano. Basta dizer que no verso livre o poeta tem de criar o seu ritmo sem auxílio de fora. É como o sujeito que solto no recesso da floresta deva achar o seu caminho e sem bússola, sem vozes que de longe o orientem, sem os grãozinhos de feijão da história de João e Maria. Sem dúvida não custa nada escrever um trecho de prosa e depois distribuí-lo em linhas irregulares, obedecendo tão somente às pausas do pensamento. Mas isso nunca foi verso livre... O modernismo teve isso de catastrófico: trazendo para a nossa língua o verso livre, deu a todo o mundo a ilusão de que uma série de linhas desiguais é poema" [MB.1, II, 1282].

9 – RECITAÇÃO

"A recitação do verso, além dos requisitos exigidos para a da prosa, exige uma gesticulação adequada, sem exageros, um jogo fisionômico apropriado e que o recitalista não faça sentir demais a rima nem a cesura. No caso dos versos livres modernos é preciso descobrir o ritmo e a intenção que o poeta lhes quis dar" [AN.1, V, 108].

187 É interessante observar que Guerreiro optou pela contagem do verso até a última sílaba tônica por amor à brevidade, como declara, para evitar a "frequente repetição de *agudo*, *grave* e *esdrúxulo*, já que a última sílaba tônica basta para o verso ser

constante" (*Tratado de Versificação Portuguesa*, Lisboa, 1784, p. 6). À semelhança dos italianos e espanhóis, a contagem antiga dos versos portugueses levava sempre em conta a existência de sílaba átona depois da última tônica (a base era o verso grave).

188 O emprego antigo e ainda corrente do *mácron* (¯) para as tônicas e da *braquia* (˘) para as átonas pode confundir os conceitos de quantidade e intensidade.

189 O novo sistema ortográfico proposto não agasalha este emprego do trema.

190 "Sem isso, a sinérese, ou a crase, é anômala, porque a ressonância nasal corresponde a um travamento da sílaba e só as sílabas terminadas por vogal são propriamente *livres* e se prestam à crase ou sinérese" [MC.4, 103].

191 "(...) na leitura da poesia em que (pondo de parte o encavalgamento) o final de verso correspondente a uma cláusula (e, significativamente, a um sintagma), não é muitas vezes marcado por um silêncio, mas por algo como a combinação de uma descida de tom com um nítido prolongamento da última sílaba tônica" [HCv.2, II, 464 n. 33].

192 O. Bilac - G. Passos, Tratado de Versificação, 68-69.

193 Os versos que não rimam chamam-se *soltos* ou *brancos*.

Abreviatura de Autores e Obras Citadas

[AA] Amado Alonso

[AA.1] *Materia y Forma en Poesía*. Madrid, Gredos, 1952.

[AAr] Afonso Arinos

[AAr.1] *Pelo Sertão*. Rio de Janeiro, Garnier, 1915.

[AAr.2] *História e Paisagens*. Rio de Janeiro, Garnier, 1921.

[AAz] Aluísio Azevedo

[AB] Andreas Blinkenberg

[AB.1] *L'Ordre des Mots en Français Moderne*, 2 vols. Copenhague, Hørst, 1928.

[ABo] Amini Boainain Hauy

[ABo.1] *Da Necessidade de uma Gramática-Padrão da Língua Portuguesa*. São Paulo, Ática, 1983.

[AC] Antônio Feliciano de Castilho

[AC.1] *Tradução dos Fastos de Ovidio*, 3 vols. Lisboa, 1862.

[AC.2] *Quadros Históricos*. Lisboa, 1864.

[AC.3] *As Sabichonas – Trad. do Teatro de Molière*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1928.

[AC.4] *Misantropo – Trad. do Teatro de Molière*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1924.

[AC.5] *Tratado de Metrificação Portuguesa*, 3.ª ed. Lisboa, 1889.

[AC.6] *Sonho de uma Noite de S. João*. Porto, 1874.

[AC.7] *Rev. Lisbonense* nº 24.

[AC.8] *Livraria Clássica – Padre Manuel Bernardes*, 2 vols. Lisboa, 1865.

[AC.9] *As Geórgicas de Vergílio* , 2.ª ed. anotada por Otoniel Mota. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1938.

[AC.10] *Felicidade pela Agricultura*. Ponta Delgada, 1849.

[AC.11] *Colóquios Aldeãos*, 2.ª ed. Lisboa, 1872.

[ACo] Adolfo Coelho

[ACo.1] *Noções Elementares de Gramática Portuguesa*. Porto, Lemos Editora, 1891.

[ACo.2] *A Língua Portuguesa*, 3.ª ed. Porto, Magalhães-Moniz Editora, 1896.

[ACt] Armando Cortesão

[ACt.1] *Cartas à Mocidade.* Lisboa, 1954.

[AE] M. Alvar Ezquerra

[AE.1] *La Formación de Palabras en Español*. Madrid, Arcos Libros, 1996.

[AF] Antônio Ferreira

[AF.1] *Poemas Lusitanos*. Lisboa, Sá da Costa.

[AF.2] *A Castro*, ed. Sousa da Silveira. In *Textos Quinhentistas*.

[AFg] Antero de Figueiredo

[AFg.1] *O Último Olhar de N. Senhora*. Lisboa, Bertrand, 1944.

[AG] A. Guimarães

[AGa] Almeida Garrett

[AGa.1] *Romanceiro*. In *Obras Completas*. Ed. Teófilo Braga. 2 vols. Lisboa, 1904.

[AGa.2] *Da Educação*. In *Obras Completas*.

[AGa.3] *Camões*, 3.ª ed. Lisboa, Imprensa Nacional, 1944.

[AGa.4] *Viagens na minha Terra*, ed. Estanco Louro. Lisboa, F. Franco, 1934.

[AGa.5] *Tio Simplício* in *Obras Completas*.

[AGo] Alfredo Gomes

[AGo.1] *Gramática Portuguesa*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1930.

[AGr] Antoine Grégoire

[AGr.1] *Petit Traité de Linguistique*. Paris, Delagrave, 1923.

[AH] Alexandre Herculano

[AH.1] *Eurico*. Lisboa, 1876.

[AH.2] *Fragmentos Literários*, ed. de A. Leite. Rio de Janeiro, Sauer, 1921.

[AH.3] *O Bobo*. Lisboa, 1878

[AH.4] *Lendas e Narrativas*, 2 vols. Lisboa, 1876.

[AH.5] *O Monge de Cister*, ed. dirigida por David Lopes. Lisboa, Aillaud, s/d.

[AH.6] *História de Portugal*, ed. dirigida por David Lopes. Lisboa, Aillaud, 1914.

[AH.7] *Opúsculos*, ed. dirigida por David Lopes, 1878.

[AK] Adriano da Gama Kury

[AK.1] *Novas Lições de Análise Sintática*, 6.ª ed. São Paulo, Ática, 1993.

[AK.2] *Elaboração e Editoração de Trabalhos de Nível Universitário*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1987.

[AK.3] Normas de Editoração. Vide [AK.2].

[AL] Emilio Alarcos Llorach

[AL.1] *Gramatica de la Lengua Española*, 4.ª ed. Madrid, Espasa Calpe, 1994.

[AL.2] *Estudios de Gramática Funcional del Español*, 3.ª ed. Madrid, Gredos, 1976.

[ALb] Alf Lombard

[ALb.1] *L'Infinitif de Narration dans les Langues Romanes*. Upsala-Leipzig, 1911.

[AM] Aníbal Machado

[AM.1] *Vida Feliz*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1944.

[AN] Antenor Nascentes

[AN.1] *O Idioma Nacional*, 5 vols. Rio, 1919. 3.ª ed. S.Paulo, Ed. Nacional, 1957.

[AN.2] *O Problema da Regência*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1960.

[AN.3] *Dificuldades de Análise Sintática*. Rio de Janeiro, 1959.

[AN.4] *O Linguajar Carioca*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1963.

[ANb] Antônio Nobre

[ANb.1] *Só*, ed. Vitório Nemésio. Lisboa, Bertrand, 1947.

[AO] Alberto de Oliveira

[AO.1] *Mil Trovas*. Lisboa, Livraria Clássica Ed., 1945.

[AOl] Alberto de Oliveira

[AOl.2] *Poesias*, 4 séries. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1912.

[AP] Afonso Pena Jr.

[AP.1] *A Arte de Furtar e o seu Autor*. 2 vols. Rio de Janeiro, José Olympio Ed.,1946.

[APa] Antônio de Pádua

[APa.1] *Notas de Estilística*. Rio de Janeiro, Org. Simões, s/d.

[APg] Antonino Pagliaro

[APg.1] *A Vida do Sinal*, trad. Aníbal Pinto de Castro. Lisboa, Fund. Calouste Gulbenkian, 1965.

[AR] Aquilino Ribeiro

[AR.1] *Jardim de Tormenta*. Lisboa, Ailland (??), 1919.

[AS] Antônio Sandmann

[AS.1] *Formação de Palavras no Português Brasileiro Contemporâneo*. Curitiba, Scientia et Labor/ Ícone, 1989.

[AV] Pe. Antônio Vieira

[AV.1] *Sermões*, ed. fac-similada. São Paulo, Anchieta, 1945.

[AVi] Antonio Vilarnovo Caamaño

[AVi.1] *Lógica y Lenguaje en Eugenio Coseriu*. Madrid, Gredos, 1997.

[BBo] José M. Barbosa du Bocage

[BBo.1] *Poesias*. 5 vols., ed. Rebelo da Silva. Lisboa, A. Lopes, 1853.

[BC] Andrés Bello-Rufino J. Cuervo

[BC.1] *Gramática de la Lengua Castelhana*. Paris, Roger-Chervoviz, 1903.

[BD] Karl Brugmann-Berthold Delbruck

[BD.1] *Grundriss der vergleichenden Grammatik der indogermanischen Sprachen*. L. Aufl.

[BH] Ch. Bruneau-M. Heulluy

[BH.1] *Grammaire Pratique de la Langue Française*. Paris, Delagrave, 1937.

[BM] Bertil Malmberg

[BM.1] *La Phonétique*. Paris, PUF, 1962.

[BP] Bernard Pottier

[BP.1] *Linguística General. Teoría y Descripción*, trad. esp. Madrid, Gredos, 1977.

[CA] Casimiro de Abreu

[CA.1] *Obras de Casimiro de Abreu*, 2.ª ed. anotada por S. da Silveira. Rio de Janeiro, MEC-Casa de Rui Barbosa, 1955.

[CAl] Cesar H. Alonso

[CAl.1] *Gramática Funcional del Español*, 2.ª ed. Madrid, Gredos, 1986.

[CAv] Castro Alves

[CAv.1] *Obras Completas*, 2 vols., ed. Afrânio Peixoto. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1921.

[CAz] José Carlos Azeredo

[CAz] Revendo Análises: A descrição sintática e seu ensino In *Língua e Linguagem em Questão*. Org. Maria Teresa G. Pereira. Rio de Janeiro, EDUERJ, 1997.

[CB] Charles Bally

[CB.1] *Le Langage et la Vie*, 3.ª ed. Paris, Payot.

[CB.2] *Linguistique Générale et Linguistique Française*, 3.ª ed. Framke, Berne, 1954.

[CBd] Cláudio Brandão

[CBd.1] *O Particípio Presente e o Gerúndio em Português*. Belo Horizonte, 1933.

[CBd.2] *Sintaxe Clássica Portuguesa*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1961.

[CBr] Camilo Castelo Branco

[CBr.1] *A Queda de um Anjo*, ed. de P. A. Pinto. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1953.

[CBr.2] *Bohemia do Espírito*, 1.ª ed. Porto, Livr. Civilização, 1886.

[CBr.3] *Correspondência Epistolar*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.4] *Carlota Ângela*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.5] *A Bruxa de Monte Córdova*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.6] *O Bem e o Mal*, ed. M. Casassanta. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1955.

[CBr.7] *Cem Cartas*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa.

[CBr.8] *A Morgada de Romariz*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.9] *A Neta do Arcediago*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.10] *Memórias do Cárcere*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d

[CBr.11] *Os Brilhantes do Brasileiro*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.12] *O Senhor do Paço dos Ninhães*, ed. Júlio Nogueira. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1955.

[CBr.13] *O Vinho do Porto*, 1.ª ed. Porto, Livr. Civilização, 1844.

[CBr.14] *Justiça*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa.

[CC] Luís da Câmara Cascudo

[CC.1] *Contos Tradicionais do Brasil*. Rio de Janeiro, Americ. Edit., 1942.

[CCh] Celso Cunha - Lindley Cintra

[CCh.1] *Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa, João Sá da Costa, 1984.

[CCh.2] *Estudos de Poética Trovadoresca*. Rio de Janeiro, INL.

[CDa] Carlos Drummond de Andrade

[CDa.1] *O Poder*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1973.

[CF] Cândido de Figueiredo

[CF.1] *Combate sem Sangue*. Lisboa, 1923.

[CG] Carlos Góis

[CG.1] *Sintaxe de Regência*, 4.ª ed. Rio de Janeiro, 1924.

[CJ] Cândido Jucá (filho)

[CJ.1] *As Categorias Gramaticais*. Rio de Janeiro, 1957.

[CL] Carlos de Laet

[CL.1] *Obras Seletas*, 3 vols. Rio de Janeiro, Fund. Casa de Rui Barbosa, 1983.

[CLu] Celso Pedro Luft

[CLu.1] *Dicionário Prático de Regência Verbal*. São Paulo, Ática, 1996.

[CN] Coelho Neto

[CN.1] *Apólogos.* Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1945.

[CP] Eduardo Carlos Pereira

[CP.1] *Gramática Expositiva* (curso superior), 81.ª ed. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1951.

[CR] Ernesto Carneiro Ribeiro

[CR.1] *Serões Gramaticais*, 2.ªed. Bahia, 1902.

[CR.2] *Redação do Projeto do Código Civil* [Tréplica]. Bahia, Of. Dois Mundos,1905

[CS] Cruz e Sousa

[CS.1] *Obras Completas*, 2 vols., ed. de Nestor Vítor, R. Janeiro, Anuário do Brasil.

[CS.2] *Últimos Sonetos*, ed. e notas de A. da Gama Kury. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa.

[DG] Francisco Dias Gomes

[DG.1] *Obras Poéticas*. Lisboa, ed. da Academia. 1779.

[DN] Dag Norberg

[DN.1] *Syntaktische Forschungen auf dem Gebiete des Spätlateins und des fruhen Mittellateins*. Upsala, 1943.

[EB] Evanildo Bechara

[EB.1] *Estudos sobre os Meios de Expressão do Pensamento Concessivo em Português*. Rio de Janeiro, 1954.

[EBc] Edouard Bourciez

[EBe.1] *Éléments de Linguistique Romane*, 4.ª ed. Paris, 1946.

[EBm] Eneida Bonfim

[EBm.1] *Advérbios*. São Paulo, Ática, 1988.

[EBv] Emile Benveniste

[EBv.1] *Problemas de Linguística Geral* (trad. bras.). São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1976.

[EBv.2] *Problemas de Linguística Geral* (trad. bras.). São Paulo, Pontes, 1989.

[EC] Euclides da Cunha

[EC.1] *Os Sertões*, 2ª ed. Rio de Janeiro, Laemmert, 1903.

[ECs] Eugenio Coseriu

[ECs.1] *Teoría del Lenguaje y Linguística General*. Madrid, Gredos, 1973.

[ECs.2] *Sincronía, Diacronía e Historia* (El Problema del Cambio Linguístico). Madrid, Gredos, 1973.

[ECs.3] *Linguística Testuale*. Roma, Boringhiere, 1997.
[ECs.4] *Lecciones de Linguística General*. Madrid, Gredos, 1981.

[ECs.5] *Principes de Syntaxe Fonctionnelle*. Strabourg-Nancy, Klincksieck, 1989.

[ECs.6] *Introducción a la Linguística*. Madrid, Gredos, 1986.

[ECs.7] *Gramática, Semántica, Universales*. Madrid, Gredos, 1978.

[ECs.8] *Competencia Linguística*. Madrid, Gredos, 1992.

[ECs.9] *El Sistema Verbal Románico*. México, Siglo Veinteuno, 1996. Versão em parte reduzida de *Das romanische Verbalsystem*. Tubingen, Verlag Gunter Narr, 1976.

[ECs.10] *Tradición y Novedad en la Ciencia del Lenguaje*. Madrid, Gredos, 1977.

[ECs.11] *Estudios de Linguística Románica*. Madrid, Gredos, 1977.

[ECs.12] *Principios de Semántica Estrutural*. Madrid, Gredos, 1977.

[ECs.13] "O Meu Saussure". In *Confluência*, 14: 33-36, 1997.

[ECs.14] *El Hombre y su Lenguaje*. Madrid, Gredos, 1977.

[ECs.15] "Fundamentos e Tarefas da Sócio e Etnolinguística". In *Atas do 1º Congresso de Sócio e Etnolinguística*, João Pessoa, UFParaíba, 1990.

[ED] Epifânio Dias

[ED.1] *Gramática Portuguesa Elementar*, 12.ª ed. Lisboa, A.F. Machado Editor, 1905.

[ED.2] *Sintaxe Histórica Portuguesa*, 5.ª ed. Livraria Clássica Editora, 1970.

[EG] Ernst Gamillscheg

[EG.1] *Französische Bedeutungslehre.* Tubingen, Niemeyer, 1951.

[EM] Alfred Ernout-Antoine Meillet

[EM.1] *Dictionnaire Etymologique de la Langue Latine*, 4.ª ed. Paris.

[EN] Eugene Nida

[EN.1] *Morphology*, 2.ª ed. Baltimore, Ann Arbor, 1961.

[EQ] Eça de Queirós

[EQ.1] *A Cidade e as Serras*. Porto, Chardron, 1921.

[EQ.2] *Primo Basílio*. Porto, Chardron, 1909.

[EQ.3] *Os Maias*, 2.ª ed. Porto, Chardron, 1921.

[EQ.4] *Contos*. Porto, Chardron, 1920.

[EQ.5] *A Correspondência de Fradique Mendes*. Porto, Chardron, 1900.

[ER] Elise Richter

[ER.1] *Wie wir sprechen*. Leipzig, Teubner, 1912.

[ES] Eduard Sapir

[ES.1] *A Linguagem*, trad. J. Mattoso Câmara Jr., Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica.

[EV] Mª Victoria Escandell Vidal

[EV.1] *Los Complementos del Nombre*. Madrid, Arcos Libros, 1995.

[EVm] Érico Veríssimo

[FB] Fausto Barreto

[FB.1] *Antologia Nacional*, 7.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1915.

[FBl] Franz Blatt

[FBl.1] *Précis de Syntaxe Latine*, Paris, Ed. IAC, 1952.

[FBr] Ferdinand Brunot

[FBr.1] *La Pensée et la Langue*, 3.ª ed. Paris, Nasson, 1953.

[FC] Firmino Costa

[FC.1] *Léxico Gramatical*. São Paulo, Melhoramentos, s/d.

[FDz] Friederic Diez

[FDz.1] *Grammaire des Langues Romanes*, 3 vols., 3.ª ed. Paris, Viewew, 1874-76.

[FE] Filinto Elísio

[FE.1] *Vidas e Feitos d'El-Rei D. Manuel*, 2 vols. Porto, 1946.

[FE.2] *Obras Completas*, 11 vols., ed. Paris, Of. A. Bobée, 1817-1819.

[FF] Francisco José Freire

[FH] Frederico Hanssen

[FH.1] *Gramática Histórica de la Lengua Castelhana*. Halle, Niemeyer, 1913.

[FP] Fernando Pessoa

[FP.1] *Mensagem*, ed. Ivo Castro.

[FT] Franklin Távaro

[FT.1] *O Cabeleira*, 2.ª ed., Rio de Janeiro, Tip. Nacional, 1876.

[FV] Fagundes Varela

[GD] Gonçalves Dias

[GD.1] *Juca Pirama* in *Obras Poéticas*.

[GD.2] *Tabira* in *Obras Poéticas*.

[GD.3] *Obras Poéticas*, ed. M. Bandeira, 2 vols. São Paulo, Cia. Editora Nacional.

[GG] Samuel Gili Gaya

[GG.1] *Curso Superior de Sintáxis Española*, 2.ª ed. Barcelona, 1948.

[GGh] Georges Gougenheim

[GGh.1] *Système Gramatical de la Langue Française*. Paris, D'Artrey-D'Artrey, 1939.

[GJ] Guerra Junqueira

[GJ.1] *Os Simples*. Lisboa, 1920.

[GM] Gladstone Chaves de Melo

[GM.1] *Gramática Fundamental da Língua Portuguesa*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Livraria Padrão, 1970.

[GM.2] *Excelências Vernáculas de Gonçalves Dias*. Rio de Janeiro, Livraria Padrão, 1986.

[GR] J. Guimarães Rosa

[GR.1] *Sagarana*, 10.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1968.

[GrR] Graciliano Ramos

[GrR.1] *Infância*, 5.ª ed.. São Paulo, Martins Editora, 1961.

[GrR.2] *São Bernardo*, 3ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora.

[HB] Mª Lluísa Hernanz-José Mª Brucart

[HB.1] *La Sintáxis. Principios Teóricos. La oración simple*. Barcelona, Editora Crítica, 1987.

[HC] Humberto de Campos

[HC.1] *Sombras que Sofrem*. São Paulo, Editora Jackson, 1945.

[HC.2] *Memórias*, 2 vols. São Paulo, Editora Jackson, 1945.

[HCv] J. G. Herculano de Carvalho

[HCv.1] *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa, Editora Verbo.

[HCv.2] *Teoria da Linguagem*, 6.ª ed., I. Coimbra, Coimbra Editora, 1983.

[HCv.3] *Teoria da Linguagem*, 4.ª reimpr., II. Coimbra, Coimbra Editora, 1984.

[HCv.4] *Estudos Linguísticos*, vol. III. Coimbra, Coimbra Editora, 1984.

[HG] Heráclito Graça

[HG.1] *Factos da Linguagem*. Rio de Janeiro, Viúva Azevedo, 1904.

[HGe] Hørst Geckeler

[HGe.1] *Semántica Estrutural y Teoría del Campo Léxico*. Madrid, Gredos, 1987.

[HM] Harri Meier

[HM.1] *Ensaios de Filologia Românica*. Lisboa, Rev. de Portugal, 1948.

[HR] Horácio Rolim de Freitas

[HR.1] *Princípios de Morfologia*, 4.ª ed. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1997.

[HS] Holger Stein

[HS.1] *Les Particularités de la Langue Portugaise*. Copenhague, 1944.

[JA] José de Alencar

[JA.1] *Sertanejo*. In *Obra Completa*, 2.ª ed., 5 vols., Rio de Janeiro, Aguilar, 1965.

[JA.2] *O Guarani*. In *Obra Completa*.

[JA.3] *Iracema*. In *Obra Completa.*

[JCo] Jacinto de Prado Coelho

[JCo.1] *A Educação do Sentimento Poético*, *Coimbra*, Coimbra Edit., 1944.

[JCR] Jacinto Corte-Real

[JCR.1] *Naufrágio de Sepúlveda*. Lisboa, Tip. Rolandiana, 1842.

[JD] João de Deus

[JDe] J. Deely

[JDe.1] *Semiótica Básica*. São Paulo, Ática, 1994.

[JF] Jackson de Figueiredo

[JL] José Lins do Rego

[JL.1] *Riacho Doce*, 1.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1939.

[JL.2] *Água Mãe*, 1.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1941.

[JL.3] *Bangue*, 6.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1966.

[JLy] John Lyons

[JLy] *Introdução à Linguística Teórica*, trad. bras. de Rosa Virgínia M. e Silva e Helio Pimentel, revista por Isaac Salum. São Paulo, 1979.

[JM] Júlio Moreira

[JM.1] *Estudos da Língua Portuguesa*, 2 vols. Lisboa, 1907-1913.

[JMa] Johan Nicolau Madvig

[JMa.1] *Grammatica Latina*, trad. de A. Epifânio Dias. Porto, Tip. M. Pereira, 1872.

[JO] José Oiticica

[JO.1] *Manual de Análise Léxica e Sintática*, 6.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1942.

[JO.2] *Sonetos*, 1911.

[JO.3] in *Rev. Filológica*, n.º 29, Rio de Janeiro.

[JO.4] in *Revista Filológica*, n.º 16, Rio de Janeiro.

[JR] João Ribeiro

[JR.1] *Gramática Portuguesa*, 21.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1921.

[JR.2] *Floresta de Exemplos*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1959.

[JR.3] *Fabordão*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1964.

[JR.4] *Autores Contemporâneos*, 15.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1926.

[JR.5] *Seleta Clássica*, 4.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves.

[JR.6] *Cartas Devolvidas*. Lisboa.

[JV] Jules Vendryes

[JV.1] *Le Langage*, 2.ª ed. Paris, Albin, 1925.

[KB] Karl Brugmann

[KB.1] *Abregé de Grammaire Comparée des Langues Indo-Européennes*. Paris, 1905.

[KN] Kristofer Nyrop

[KN.1] *Grammaire Historique de la Langue Française*, V, 6 vols. Copenhague, 1935.

[LB] Lima Barreto

[LB.1] *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, 1.ª ed. Rio de Janeiro, 1915.

[LB.2] *Vida e Morte de Gonzaga de Sá*, 1.ª ed. Rio de Janeiro, 1919.

[LB.3] *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, 2.ª ed. Rio de Janeiro.

[LBl] Leonard Bloomfield

[LBl.1] *Language*, New York, Henry Holt, 1941.

[LC] Luís de Camões

[LC.1] *Os Lusíadas*, 2.ª ed. anotada por A. Epifânio Dias.

[LC.2] *Rimas*, ed. anotada por A. da Costa Pimpão.

[LCa] Lúcio Cardoso

[LCa.1] *Crônica da Casa Assassinada*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Edit. Letras e Artes, 1963.

[LCi] Luís Felipe Lindley Cintra

[LCi.1] *Formas de Tratamento na Língua Portuguesa*. Lisboa, 1972.

[LCo] Latino Coelho

[LCo.1] *História Política e Militar de Portugal*. Lisboa.

[LCo.2] *República e Monarquia*. Lisboa.

[LCr] F. Lázaro Carreter

[LCr.1] *Diccionario de Términos Filológicos*, 3.ª ed. Madrid, Gredos, 1968.

[LG] Luís Guimarães Jr.

[LM] Leonardo Mota

[LR] Léonce Roudet

[LR.1] *Éléments de Phonétique Générale*. Paris, H. Walter, 1911.

[LS] Frei Luís de Sousa

[LS.1] *A Vida de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires*, 2 vol., Lisboa, 1818.

[LSp] Leo Spitzer

[LSp.1] "Le Langage-éco". In *Boletim de Filologia*, V. Lisboa.

[LSp.2] *Attributives Gerundium* in *Zfr. Sprache und Literatur*, vol. L.

[LV] José Leite de Vasconcelos

[LV.1] *Lições de Filologia Portuguesa*, 2.ª ed. Lisboa, 1926.

[LV.2] *Opúsculos*, 7 vols. Lisboa, Imprensa da Universidade.

[MA] Machado de Assis

[MA.1] *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, 4.ª ed., Garnier, 1899.

[MA.2] *Várias Histórias*, 2.ª ed., Garnier, 1896.

[MA.3] *Quincas Borba*, Editora Garnier, 1909.

[MA.4] *D. Casmurro*, Editora Garnier, 1899.

[MA.5] *Papéis Avulsos*, Editora Garnier, 1882.

[MA.6] *Contos Fluminenses*, Editora Garnier, 1899.

[MA.7] *Memorial de Aires*, Editora Garnier, 1908.

[MA.8] *Esaú e Jacó*, Editora Garnier, 1904.

[MA.9] *Histórias sem Data*, Editora Garnier, 1884.

[MAg] Martinz de Aguiar

[MAg.1] *Notas de Português de Filinto e Odorico*. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1953.

[MAg.2] *Notas e Estudos de Português*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Fund. Getúlio Vargas.

[MAg.3] *Repasse Crítico da Gramática Portuguesa*, 2.ª ed. Fortaleza, Casa José de Alencar – Univ. do Ceará, 1996.

[MAn] Mário de Andrade

[MB] Manuel Bandeira

[MB.1] *Poesia e Prosa*, 2 vols. Rio de Janeiro, Aguilar, 1958.

[MB.2] *Andorinha, Andorinha*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1966.

[MB.3] Versificação Portuguesa. In *Enciclopédia Delta-Larousse*.
[MBa] Mário Barreto

[MBa.1] *Novos Estudos da Língua Portuguesa*, 3.ª ed., Rio de Janeiro, Presença, 1980.

[MBa.2] *Últimos Estudos da Língua Portuguesa*, 2.ª ed.. Rio de Janeiro, Presença, 1986.

[MBa.3] *Novíssimos Estudos da Língua Portuguesa*, 3.ª ed., 1980.

[MBa.4] *Através do Dicionário e da Gramática*, 3.ª ed., 1986.

[MBa.5] *De Gramática e de Linguagem*, 3.ª ed., 1982.

[MBa.6] *Cartas Persas de Montesquieu*, trad. de MBa, Editora Garnier, 1923.

[MBa.7] *Factos da Língua Portuguesa*, 3.ª ed., 1982.

[MBe] Pe. Manuel Bernardes

[MBe.1] *Nova Floresta*, ed. fac-similada da 1.ª. São Paulo, Anchieta, 1945.

[MBe.2] *Luz e Calor*, ed. fac-similada da 1.ª. São Paulo, Anchieta, 1945.

[MBr] Michel Bréal

[MBr.1] *Essai de Sémantique*, 3.ª ed. Paris, Hachette, 1903.

[MBs] Margarida Basílio

[MBs.1] *Teoria Lexical*. São Paulo, Ática, 1987.

[MC] J. Mattoso Câmara Jr.

[MC.1] *Princípios de Linguística Geral*, 4.ª ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica.

[MC.2] *Teoria da Análise Léxica*. Rio de Janeiro, Aquarone, 1956.

[MC.3] *Gramática*, 3.ª e 4.ª séries, R. Janeiro, Briguiet, 1956.

[MC.4] *Dicionário de Linguística e Gramática*. Petrópolis, Vozes, 1977.

[MC.5] *Elementos da Língua Pátria*, 2.ª ed., 4 vols. Rio de Janeiro, Briguiet, 1938.

[MC.6] Noções de Estilística. In *Littera*, Rio de Janeiro, Grifo.

[MC.7] *Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa*, 2.ª ed, R. Janeiro, Padrão, 1977.

[MC.8] *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Padrão.

[MG] R. F. Mansur Guérios

[MG.1] *Tabus Linguísticos*. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1979.

[ML] Monteiro Lobato

[ML.1] *Cidades Mortas*. São Paulo, Editora Brasileira.

[MLe] Mendes Leal

[MLk] W. Meyer Lubke

[MLk.1] *Grammaire des Langues Romanes*, 4 vols., trad. fr. de Doutrefont e Rabiet. New York, Stechert, 1923.

[MM] Marquês de Maricá

[MM.1] *Máximas do Marquês de Maricá*, ed. anotada por Sousa da Silveira. Rio de Janeiro, MEC/Casa de Rui Barbosa, 1958.

[MMa] Maximino Maciel

[MMa.1] *Gramática Descritiva*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1923.

[MMa.2] *Lições Elementares de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1923.

[MMc] Aires da Mata Machado Filho

[MMc.1] *Nos Domínios do Vocabulário*. São Paulo, Boa Leitura Ed., s/d.

[MMe] Francisco Manuel de Mello

[MMe.1] *Feira de Anexins*, ed. Inocêncio, Lisboa, 1876.

[MP] Martins Pena

[MP.1] *Teatro*, ed. Darcy Damasceno.

[MPz] Marcial Morera Perez

[MPz.1] *Semántica del Sistema Preposicional del Español Moderno y sus Campos de Uso*. Puerto del Rosário, 1988.

[MR] Moritz Regula

[MR.1] *Grammaire Française Explicative*. Berne, Francke Verlag, 1952.

[MV] Mário Vilela

[MV.1] *Estruturas Léxicas do Português*. Coimbra, Almedina, 1979.

[MV.2] *Gramática de Valências: teoria e aplicação*. Coimbra, Almedina, 1992.

[NC] Nina Catach

[NC.1] *La Pontuaction*. Paris, PUF, 1994.

[NE] Hans Nilsson-Ehle

[NE.1] *Les Adverbes en -ment Compléments d'un Verbe*. Lund-Leipzig, 1941.

[NT] T. Navarro Tomás

[NT.1] *Manual de Pronunciación Española*, 4.ª ed. Madrid, Hernando, 1933.

[NT.2] *Arte del Verso*, 5.ª ed. México, Málaga Editora, 1971.

[OB] Olavo Bilac

[OB.1] Avatar. In *Poesias*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1902.

[OG] Othon Moacir Garcia

[OG.1] *Comunicação em Prosa Moderna*. Rio de Janeiro, Fund. Getúlio Vargas, 1967.

[OJ] Otto Jespersen

[OJ.1] *Negation in English and other Languages*. Copenhague, Bianco Lunos, 1917.

[OM] Manuel Odorico Mendes

[OM.1] *Eneida Brasileira*. Paris, Tip. de Rignouse, 1854.

[PA] Manuel de Araújo Porto-Alegre

[PA.1] *Colombo*. Rio de Janeiro, 1892.

[PAd] Pedro Adrião

[PAd.1] *Tradições Clássicas da Língua Portuguesa*. Porto Alegre, 1945.

[PC] Pinheiro Chagas

[PD] Porto Dapena

[PD.1] *Complementos Argumentales del Verbo: directo, indirecto, suplemento y agente* . Madrid, Arcos Libros, 1992.

[PDo] Conde Pinheiro Domingues

[PDo.1] "Variação de Gênero em Português". In *Revista de Cultura*. Petrópolis, 1932.

[PDo.2] João Curioso [pseudônimo] *Camilo e a Caturrice dos Puristas*, I. Rio de Janeiro, 1924.

[PL] Pacheco da Silva Jr. e Lameira de Andrade

[PL] *Gramática da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, 1887.

[PJ] Pacheco da Silva Júnior

[PJ.1] *Noções de Semântica*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1903.

[PP] Pedro Augusto Pinto

[PR] Ernesto de Paiva Raposo

[PR.1] *Introdução à Gramática Generativa. Sintaxe do Português*, 2.ª ed. Lisboa, Moraes Editora, 1983.

[PS] Paulino de Sousa

[PS.1] *Grammaire Portugaise*. Paris, Garnier, 1896.

[RB] Rui Barbosa

[RB.1] *Réplica*, 1.ª ed., Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1904.

[RB.2] *Oração aos Moços*, ed. de Rocha Lima.

[RB.3] *Discurso no Colégio Anchieta*, ed. Casa de Rui Barbosa.

[RB.4] *Parecer*, I, ed. Casa de Rui Barbosa, 1990.

[RBa] Raimundo Barbadinho Neto

[RBa.1] *Em Busca da Verdade da Língua*: Dois Estudos

[RBa.2] *Sobre a Norma Literária do Modernismo*. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1977.

[RC] Raimundo Correia

[RC.1] *Poesias*. Lisboa.

[RCo] Ribeiro Couto

[RCo.1] *Conversa Inocente*. Rio de Janeiro, 1946.

[RD] Santa Rita Durão

[RD.1] *Caramuru*, ed. Academia Brasileira de Letras.

[RG] F. Rebelo Gonçalves

[RG.1] *Tratado de Ortografia da Língua Portuguesa*. Coimbra, Atlântida, 1947.

[RL] C. Henrique da Rocha Lima

[RL.1] *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, 37.ª ed., José Olympio Editora, 1992.

[RLb] Rodrigues Lobo

[RLb.1] *O Pastor Peregrino*. Lisboa, 1906.

[RLp] Manuel Rodrigues Lapa

[RLp.1] *Estilística da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica.

[RLz] Rodolfo Lenz

[RLz.1] *La Oración y sus Partes*, 3.ª ed. Madrid, Centro de Estudios Históricos, 1935.

[RP] Raul Pompéia

[RQ] Rachel de Queiroz

[RQ.1] *O Brasileiro Perplexo*. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1963.

[RS] Augusto Rebelo da Silva

[RS.1] *Contos e Lendas*. Lisboa, 1873

[RS.2] *História de Portugal*, 1.ª ed., 5 vols.

[RS.3] *A Mocidade de D. João V*, 3.ª ed., 3 vols. Lisboa.

[RT] Graça Maria Rio-Torto

[RT.1] Sistêmica e Pragmática dos Sufixos Avaliativos. In *Rev. Portuguesa de Filologia*, vol. 21. Coimbra, 1996-7, 203-228.

[RT.2] Operações e Paradigmas Genolexicais do Português. In *Filologia e Linguística* n.º 2, 39-60. São Paulo, Humanitas/USP, 1998.

[RV] A. G. Ribeiro de Vasconcelos

[RV.1] *Gramática Portuguesa*. Lisboa-Rio de Janeiro, s/d.

[SA] Manuel Said Ali

[SA.1] *Dificuldades da Língua Portuguesa*, 5.ª ed. preparada por Maximiano de Carvalho e Silva. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1957.

[SA.2] *Gramática Secundária da Língua Portuguesa*, 4.ª ed. São Paulo, Melhoramentos.

[SA.3] *Versificação Portuguesa*. Rio de Janeiro, INL, 1949.

[SA.4] *Meios de Expressão e Alterações Semânticas*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1930.

[SA.5] *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, 2.ª ed. São Paulo, Melhoramentos, s/d [1931].

[SA.6] Colocação de Pronomes. In *Revista Americana*, II.

[SL] Mário Pereira de Sousa Lima

[SL.1] *Gramática Portuguesa*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1945.

[SR] Silva Ramos

[SR.1] artigo in *Revista de Cultura* nº22.

[SS] Álvaro F. de Sousa da Silveira

[SS.1] *Lições de Português*, 6.ª ed. preparada por Maximiano de Carvalho e Silva.

[SS.2] *Fonética Sintática*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Fund. Getúlio Vargas, 1971.

[SS.3] *Trechos Seletos*, 7.ª ed. Rio de Janeiro, Briguiet, 1963.

[SS.4] *Obras de Casimiro de Abreu*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, MEC/Casa de Rui Barbosa, 1955.

[SS.5] Um Verso Obscuro dos Lusíadas. In *Revista de Philosofia e de História*, tomo II. Rio de Janeiro, 1934, 374-377.

[SS.6] Notas sobre os Pronomes Se e Ele. In *Revista de Cultura*, ano 17, jun. 1943, 265-268.

[SU] S. Ulmann

[SU.1] *Semántica*, trad. port., Lisboa, Fund. Calouste Gulbenkian, 1977.

[TG] Tomás Antônio Gonzaga

[TG.1] *Poesias*, ed. M. Rodrigues Lapa.

[TM] Theodoro Henrique Maurer

[TM.1] *Dois Problemas da Língua Portuguesa*. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1954.

[VB] Vittório E. Bergo

[VB.1] *Concorrência Pleonástica da Preposição com o Prefixo*. Tese de Concurso, 1945.

[VBr] Viggo Brøndal

[VBr.1] *Théorie des Prépositions*. Copenhague, Munksgaard, 1950.

[VC] Vicente de Carvalho

[VK] Valter Kehdi

[VK.1] *A Construção do Verbo Ser*. São Paulo, GEL, 1985.

[VK.2] *Morfemas do Português*. São Paulo, Ática, 1989.

[VK.3] *Formação de Palavras em Português*. São Paulo, Ática, 1990.

[VK.4] Complemento Nominal: Problemas de Caracterização. In *Confluência*, 5/1993, 60-65.

[VV] Verkko Väänänen

[VV.1] *Il est venu comme ambassadeur, il agit en soldat*. Helsinke, 1951.

[WZ] Walther von Wartburg-Paul Zumptor

[WZ.1] *Précis de Syntaxe du Français Contemporain*. Berne, Francke, 1973.

[YM] Yakob Malquiel

[YM.1] Los Interfijos Hispánicos. In *Miscelanea Martinet*, II, Canárias, 1958.

DO MESMO AUTOR

A nova ortografia

Evanildo Bechara

O livro que responde a todas as suas dúvidas, com comentários, histórico dos acordos, além de uma Nota Explicativa da Comissão responsável pelo Acordo Ortográfico.

O que muda com o novo Acordo Ortográfico

Evanildo Bechara

Guia prático e completo das mudanças estabelecidas pelo novo Acordo Ortográfico, elaborado de forma clara e didática pelo grande gramático e lexicógrafo da língua portuguesa. Um manual fácil de ser consultado, que vai esclarecer todas as suas dúvidas relacionadas à nova ortografia.

Gramática Escolar da Língua Portuguesa

Evanildo Bechara

Com exercícios ao final de cada capítulo. Inclui capítulo especial sobre compreensão e interpretação de textos. Índice de assuntos, para auxiliar a consulta dos leitores.

Anexo encarte com as respostas aos exercícios propostos. Indicada para o ensino médio e preparatórios para concursos.

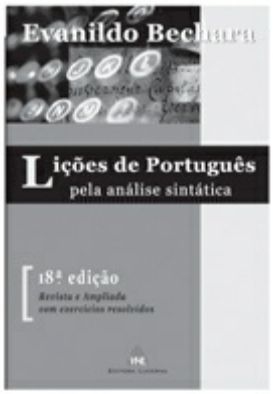

Lições de Português pela Análise Sintática

Evanildo Bechara

Inclui rica seleção de exercícios rigorosamente ordenados, partindo dos fatos idiomáticos mais simples para os mais complexos. Nesta nova edição, esses exercícios vêm resolvidos, para permitir ao leitor constante e proveitoso diálogo com o autor.

Produção editorial
Daniele Cajueiro
Shahira Mahmud
Janaína Senna

Revisão
Glória Braga Onelley
Mariana Elia

Conversão para ebook
Singular Digital | Mariana Mello e Souza

Este livro foi impresso no Rio de Janeiro, em novembro de 2009,
pela Ediouro Gráfica, para a Editora Nova Fronteira.
A fonte usada no miolo é Times New Roman, corpo 11/12.
O papel do miolo é offset 75g/m^2, e o da capa é cartão 250g/m^2.

Visite nosso site: www.novafronteira.com.br

Evanildo Bechara

Moderna Gramática Portuguesa

37ª edição atualizada pelo novo Acordo Ortográfico

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.club*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

MODERNA GRAMÁTICA PORTUGUESA

Evanildo Bechara

Professor Titular e Emérito da
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
e da Universidade Federal Fluminense (UFF)

Membro da Academia Brasileira de Letras
e da Academia Brasileira de Filologia

Representante brasileiro do
novo Acordo Ortográfico

MODERNA GRAMÁTICA PORTUGUESA

37.ª Edição
Revista, ampliada e atualizada
conforme o novo Acordo Ortográfico

EDITORA NOVA FRONTEIRA
EDITORA LUCERNA

Rio de Janeiro, 2009

Copyright © 2006 by Evanildo Bechara

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Editora Nova Fronteira Participações S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

Editora Nova Fronteira Participações S.A.
Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso – 21042-235
Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21) 3882-8212 / 8313
http://www.novafronteira.com.br
e-mail: sac@novafronteira.com.br

Conversão para ebook
Singular Digital | Mariana Mello e Souza

CIP-Brasil. Catalogação na fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livro, RJ

B354m Bechara, Evanildo, 1928-
Moderna gramática portuguesa / Evanildo Bechara. – 37. ed. rev., ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. – Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2009.

ISBN 978-85-209-3049-6

1. Língua portuguesa – Gramática. I. Título.

CDD 469.5
CDU 811.134.3'36

À memória de

M. Said Ali,
mestre e amigo

Aos mestres e amigos

Eugenio Coseriu
José G. Herculano de Carvalho
J. Mattoso Câmara Jr.
a cujas lições fui colher o que de
melhor existe nesta nova versão

Prefácio da 37.ª edição

Entregamos aos colegas de magistério, aos alunos e ao público estudioso de língua portuguesa esta edição, revista, ampliada e atualizada, levado que estamos pelos mesmos propósitos que nos fizeram, em 1961, trazer à luz a *Moderna Gramática Portuguesa*.

Amadurecido pela leitura atenta dos teóricos da linguagem, da produção acadêmica universitária, das críticas e sugestões gentilmente formuladas por companheiros da mesma seara e da leitura demorada de nossos melhores escritores, verá facilmente o leitor que se trata aqui de um novo livro.

Dificilmente haverá seção da *Moderna Gramática Portuguesa* que não tenha passado por uma consciente atualização e enriquecimento: atualização no plano teórico da descrição do idioma, e enriquecimento por trazer à discussão e à orientação normativa a maior soma possível de fatos gramaticais levantados pelos melhores estudiosos da língua portuguesa, dentro e fora do país, entre os quais cabe menção honrosa a Mário Barreto e Epifânio Dias.

É de toda justiça – e por isso esta edição é a eles dedicada – lembrar aqui, em primeiro lugar, nosso inesquecível mestre e amigo M. Said Ali, e, não menos presentes, este teórico profundo e admirável que é Eugenio Coseriu, ao lado de seu ilustre colega de reflexão linguística, que é J. G. Herculano de Carvalho, e do nosso primeiro linguista J. Mattoso Câmara Jr., guia seguro desde o lançamento inicial da *Moderna Gramática Portuguesa*.

O arcabouço teórico desta obra poderia bem orientar-se por outros modelos válidos, seguidos pelos nossos melhores linguistas em atuação nos centros universitários brasileiros. A orientação aqui adotada resulta da nossa convicção de que ela também pode oferecer elementos de efetiva operacionalização para uma proposta de reformulação da teoria gramatical entre nós, especialmente quando aplicada a uma obra da natureza desta *Moderna Gramática Portuguesa*, que alia a preocupação de uma científica descrição sincrônica a uma visão sadia da gramática normativa, libertada do ranço do antigo *magister dixit* e sem baralhar os objetivos das duas disciplinas.

Acreditamos que, neste sentido, os colegas de magistério e pesquisa encontrarão úteis sugestões ou temas de reflexão para uma proposta de melhoria da vigente nomenclatura gramatical em nossos compêndios escolares.

Estivemos também atentos à produção de textos gramaticais destinados a outras línguas, especialmente às românicas, e aí vale ressaltar o contributo dos espanhóis, dos franceses e dos italianos. Desejamos sintetizar nossa homenagem a esses colegas na figura excelsa de Emílio Alarcos Llorach, recentemente falecido.

Temos consciência de que ainda há muito que acrescentar e rever, e para tanto convocamos a ajuda dos colegas que neste sentido desejarem pronunciar-se.

Dar-nos-emos por bem pago se o leitor benévolo continuar encontrando nestas páginas os fundamentos que alicercem seu interesse e conhecimento reflexivo da língua portuguesa, traço que é da nacionalidade e elo fraterno da lusofonia.

Rio de Janeiro, 11 de março de 1999

Evanildo Bechara

Prefácio da 1.ª edição (1961)

Ao escrever esta *Moderna Gramática Portuguesa*, foi nosso intuito levar ao magistério brasileiro, num compêndio escolar escrito em estilo simples, o resultado dos progressos que os modernos estudos de linguagem alcançaram no estrangeiro e em nosso país. Não se rompe de vez com uma tradição secular: isto explica por que esta *Moderna Gramática* traz uma disposição da matéria mais ou menos conforme o modelo clássico. A nossa preocupação não residiu aí, mas na doutrina. Encontrarão os colegas de magistério, os alunos e quantos se interessam pelo ensino e aprendizado do idioma um tratamento novo para muitos assuntos importantes que não poderiam continuar a ser encarados pelos prismas por que a tradição os apresentava. Com a humildade necessária a tais empresas, sabemos que as pessoas competentes poderão facilmente verificar que fizemos uma revisão em quase todos os assuntos de que se compõe este livro, e muitos dos quais encontraram aqui um desenvolvimento ainda não conhecido em trabalho congênere. Por outro lado, a esta altura do progresso que a matéria tem tido, não poderíamos escrever esta *Moderna Gramática* sem umas noções, ainda que breves, sobre fonêmica e estilística. Isto nos permitiu, na última, tratar d a *análise literária*, que entre nós passa às vezes confundida com *análise estilística*; ressaltamos os objetivos desta e convidamos os nossos colegas de disciplina a que dela se sirvam num dos escopos supremos de sua missão: educar o sentimento estético do aluno. Na parte relativa à estruturação dos vocábulos e sua formação, pretendemos trazer para a gramática portuguesa os excelentes estudos que a linguística americana tem feito sobre tão importante capítulo. Seguimos a Nomenclatura Gramatical Brasileira. Os termos que aqui se encontrarem e lá faltam não se explicarão por discordância ou desrespeito; é que a NGB não tratou de todos os assuntos aqui ventilados.

A orientação científica por que se norteia esta nossa *Moderna Gramática* não seria possível sem a lição dos mestres (seria ocioso citá-los) que, dentro e fora do Brasil, tanto têm feito pelo desenvolvimento da disciplina. Devemos-lhe o que de melhor os leitores encontrarem neste livro, e a eles, em cada citação, prestamos sincera homenagem. Elegemos, entre eles, um dos mais ilustres para dedicar-lhe o nosso trabalho de hoje, aquele que para nós é tão caro pelo muito que contribuiu para nossa formação linguística: M. Said Ali. No ano em que seus discípulos e admiradores comemoram o 1.º centenário de seu nascimento,

não poderíamos deixar de levar ao mestre e amigo o testemunho de nossa profunda amizade e gratidão.

Evanildo Bechara

Introdução

Breve história externa da língua portuguesa

"As armas e padrões portugueses postos em África e em Ásia e em tantas mil ilhas fora da repartiçam das três partes da terra, materiaes sam, e pode-as o tempo gastar: peró nã gastará doutrina, costumes, linguagem, que os portugueses nestas terras leixarem."

(João de Barros, *Diálogo em Louvor da Nossa Linguagem*)

A língua portuguesa é a continuação ininterrupta, no tempo e no espaço, do latim levado à Península Ibérica pela expansão do império romano, no início do séc. III a.C., particularmente no processo de romanização dos povos do oeste e noroeste (lusitanos e galaicos), processo que encontrou tenaz resistência dos habitantes originários dessas regiões.

Depois do processo de romanização, sofreu a Península a invasão dos bárbaros germânicos, em diversos momentos e com diversidade de influências, que muito contribuíram para a fragmentação linguística da Hispânia: em 409 foi a vez dos alanos, vândalos e suevos; em 416, dos visigodos. Deste contacto encontramos como resultado a visível influência germânica, especialmente dos visigodos, no léxico e na onomástica.

No século VIII, em 711, voltou a Península a ser invadida pelos árabes, consumando a série de fatores externos que viriam a explicar a diferenciação linguística do português no mosaico dialetal que hoje conhecemos; apesar do largo contributo na cultura e na língua – especialmente no léxico –, a permanência muçulmana não teve força suficiente para apagar as indeléveis marcas de romanidade das línguas peninsulares.

O longo movimento de Reconquista anti-islâmico, começado já em 718, prolongou-se por séculos. Já no século X este processo tinha favorecido o nascimento de núcleos cristãos na parte norte e noroeste da Península, lançando os fundamentos de uma divisão linguística bem próxima da divisão administrativa: 1– Condado da Galiza (galego-português); 2– Reino de Leão e das Astúrias (ásturo-leonês); 3– Condado de Castela (castelhano); 4– Reino de Navarra (basco e navarro-aragonês); 5– Reino de Aragão e Condado de Barcelos (catalão).

Em 1095, Afonso VI concede autonomia à Província Portucalense, e, em 1139, Afonso Henriques se proclama o primeiro rei de Portugal.

Foi este falar comum à Galiza e ao território portucalense que o processo de Reconquista propagou em direção ao sul, sobrepondo-se aos dialetos moçárabes aí correntes. Já com a ajuda de cruzados ingleses, alemães, franceses e flamengos, e sob a bandeira portuguesa prossegue a reconquista de novas cidades do sul, tomadas aos muçulmanos: Santarém, em março de 1147 e Lisboa, em outubro do mesmo ano. Até o séc. XV, segundo Orlando Ribeiro, o Minho ainda não constituía limite linguístico entre o galego e o português.

O português, na sua feição originária galega, surgirá entre os séculos IX-XII, mas seus primeiros documentos datados só aparecerão no século XIII: o *Testamento de Afonso II* e a *Notícia de torto*. Curiosamente, a denominação "língua portuguesa" para substituir os antigos títulos "romance" ("romanço"), "linguagem", só passa a correr durante os escritores da Casa de Avis, com D. João I. Foi D. Dinis que oficializou o português como língua veicular dos documentos administrativos, substituindo o latim.

Entre os séculos XV e XVI, Portugal ocupa lugar de relevo no ciclo das grandes navegações, e a língua, "companheira do império", se espraia pelas regiões incógnitas, indo até o fim do mundo, e, na voz do Poeta, "se mais mundo houvera lá chegara" (*Os Lusíadas*, VII, 14).

Depois da expansão interna que, literária e culturalmente, exerce ação unificadora na diversidade dos falares regionais, mas que não elimina de todo essas diferenças refletidas nos dialetos, o português se arroja, na palavra de indômitos marinheiros, pelos mares nunca d'antes navegados, a fim de ser o porta-voz da fé e do império. São passos dessa gigantesca expansão colonial e religiosa, cujos efeitos, além da abertura dos mares, especialmente o Atlântico e o Índico, foram, segundo afirmação de Humboldt, uma duplicação do globo terrestre.

1415 – expedição a Ceuta sob o comando do próprio Rei
1425-1439 – Madeira e Açores
1444 – Cabo Verde, com início de povoamento em 1462
1446 – Guiné
1483-1486 – Angola (primeiros contatos) e colonização de S. Tomé e Príncipe
1498 – Vasco da Gama chega à Índia e passa por Moçambique
1500 – Brasil
1511 – Malaca e Malucas
1512 – Saião e Bornéu
1515 – Ormuz
1518 – Colombo
1536 – Damão
1547 – Macau
além das ilhas de Samatra, Java e Timor.

Tomado o séc. XIII como início da fase a que Leite de Vasconcelos chamou *português histórico*, isto é, documentado historicamente, podemos dividi-lo em períodos linguísticos, cujas delimitações não conseguem, entre os estudiosos, concordância unânime. A dificuldade de consenso advém de vários fatores: o terem as propostas fundamento em textos escritos que, como sabemos, mascaram a realidade e as mudanças linguísticas; o não terem os fenômenos sua data de nascimento e morte; e, finalmente, constitui elemento perturbador nesta ordem de estudos a influência de fatores estético-literários que, conforme sua orientação conservadora

ou progressista, atrasa ou acelera determinadas tendências linguísticas. Foi o que aconteceu com o chamado latim literário sob a influência grega; com o português europeu sob o influxo do Humanismo e Renascimento, e com o português do Brasil, sob a ação iconoclasta inicial do Modernismo.

Adotaremos aqui a seguinte proposta, incluindo na primeira fase a realidade galego-portuguesa:

a) *português arcaico*: séc. XIII ao final do XIV

b) *português arcaico médio*: 1.ª metade do séc. XV à 1.ª metade do séc. XVI

c) *português moderno*: 2.ª metade do séc. XVI ao final do XVII (podendo-se estender aos inícios do séc. XVIII)

d) *português contemporâneo*: séc. XVIII aos nossos dias

Ao primeiro período pertencem, além dos textos administrativos de leis, forais e ordenações, a poesia palaciana encerrada nos Cancioneiros medievais (Ajuda, Vaticana e Biblioteca Nacional, antigo Colocci Brancuti), as *Cantigas de Santa Maria*, algumas vidas de santos (Barlaão e Josafá, S. Aleixo, etc., traduções, em geral, de textos latinos, que chegaram até nós, quase sempre, em cópias mais modernas), o *Livro das Aves*, o *Fabulário de Esopo*, a *Demanda do Santo Graal*, *Corte Imperial*, entre muitas.

Ao segundo período pertencem o *Livro da Montaria*, de D. João I, *Leal Conselheiro* e *Livro da Ensinança de Bem Cavalgar toda Sela* de D. Duarte, as crônicas de Fernão Lopes (*D. João I*, *D. Pedro*, *D. Fernando*), de Zurara (*Crônica dos Feitos da Guiné*, *Crônica da Tomada de Ceuta*), a *Crônica dos Frades Menores*, as crônicas de Rui Pina, entre muitas outras obras.

Ao terceiro período pertencem as obras históricas de João de Barros, Diogo do Couto, Fernão Lopes de Castanheda, Damião de Góis, Gaspar Correia, o *Palmeirim de Inglaterra* de Francisco de Morais, a *Etiópia Oriental* de Frei João dos Santos, a obra literária de Sá de Miranda e o teatro clássico de Antônio Ferreira, a prosa mística da *Imagem da Vida Cristã* de Heitor Pinto, os *Diálogos* de Amador Arrais, os *Trabalhos de Jesus* de Tomé de Jesus e a *Consolação às Tribulações de Israel*, de Samuel Usque, a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, Pero Magalhães de Gandavo, mas a todos excede Luís de Camões que, não sendo "propriamente o criador do português moderno (...), libertou-o de alguns arcaísmos e foi um artista consumado e sem rival em burilar a frase portuguesa, descobrindo e aproveitando todos os recursos de que dispunha o idioma para representar as ideias de modo elegante, enérgico e expressivo. Reconhecida a superioridade da linguagem camoniana, a sua influência fez-se sentir na literatura de então em diante até os nossos dias" [SA.2, 4].

Com muita razão, concede Said Ali, do ponto de vista linguístico, um lugar à parte na literatura quinhentista às comédias, autos e farsas do chamado teatro de medida velha que tem em Gil Vicente seu principal representante, produções de grande importância para o conhecimento da variedade coloquial e popular da época. Pertencem a este gênero especial os *Autos* de Antônio Prestes, de Chiado, de Jerônimo Ribeiro, a *Eufrosina* e *Ulissipo* de Jorge Ferreira de Vasconcelos, sobrelevando-se a todos eles as obras deste genial pintor da

sociedade e dos costumes do séc. XVI em Portugal, que foi Gil Vicente.

No séc. XVII assistimos ao aperfeiçoamento da prosa artística com Frei Luís de Sousa, cuja linguagem representa uma fase de transição entre os dois momentos do português moderno. É o período em que ressaltam os *Sermões* do Padre Antônio Vieira, os *Apólogos Dialogais* de Francisco Manuel de Melo, a prosa religiosa do Padre Manuel Bernardes, os quadros bucólicos de *Corte na Aldeia* de Rodrigues Lobo, além dos representantes da historiografia de Alcobaça.

Fig. 1 – O Mundo da Lusofonia

O século XVIII não é só o século das academias literárias, mas de todo um esforço na renovação da cultura e da instrução pública, sob o influxo dos ideais do neoclassicismo francês, que culminou na reforma pombalina da Universidade, em 1772. Assiste-se a um reflorescimento da poesia com Pedro Antônio Correia Garção, Antônio Dinis da Cruz e Silva, Filinto Elísio, Tomás Antônio Gonzaga e os poetas árcades brasileiros, e Barbosa du Bocage.

Do ponto de vista linguístico, o português contemporâneo, fixado no decorrer do séc. XVIII, chega ao século seguinte sob o influxo de novas ideias estéticas, mas sem sofrer mudanças no sistema gramatical que lhe garantam, neste sentido, nova feição e nova fase histórica.

Os escritores dos séculos XIX e XX de todos os quadrantes da Lusofonia souberam garantir este patrimônio linguístico herdado de tanta tradição literária.

Em Portugal, no Brasil, em Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, a língua portuguesa, patrimônio cultural de todas estas nações, tem sido, e esperamos seja por muito tempo, expressão da sensibilidade e da razão, do sonho e das grandes realizações.

Patrimônio de todos e elo fraterno da Lusofonia de cerca de 200 milhões de falantes espalhados por todos os continentes, continuemos a formular os votos de Antônio Ferreira, no

séc. XVI:

Floresça, fale, cante, ouça-se e viva
A portuguesa língua, e já onde for,
Senhora vá de si, soberba e altiva!

Teoria Gramatical

A) Linguagem: suas dimensões universais

"dizer as coisas como são"
Platão

1 – Linguagem

Entende-se por *linguagem* qualquer sistema de signos simbólicos empregados na intercomunicação social para expressar e comunicar ideias e sentimentos, isto é, conteúdos da consciência.

A linguagem se realiza historicamente mediante sistemas de isoglossas comprovados numa comunidade de falantes, conhecidos com o nome de *línguas*, como veremos adiante.

Tal conceituação envolve as noções preliminares do que seja *sistema*, *signo*, *símbolo* e *intercomunicação social*.

Sistema é todo conjunto de unidades, concretas ou abstratas, reais ou imaginárias, que se encontram organizadas e que se ordenam para a realização de certa ou de certas finalidades [HCv.1, 264].

Entende-se por *signo* ou *sinal* a unidade, concreta ou abstrata, real ou imaginária, que, uma vez conhecida, leva ao conhecimento de algo diferente dele mesmo: as nuvens negras e densas no céu *manifestam* ou são o *sinal* de chuva iminente; o *-s* final em *livros* é o signo ou sinal de pluralizador, assim como em *cantas* é o signo de 2.ª pessoa do singular. Por isso mesmo se diz que tais unidades são *simbólicas*, já que se entende em geral por *símbolo* aquilo que, por convenção, manifesta ou leva ao conhecimento de outra coisa, a qual substitui. Assim, o cordeiro é o "símbolo" da mansidão; o macaco, da astúcia. No que toca estritamente à linguagem humana, pois só ela é a linguagem objeto da *Linguística*, os signos linguísticos diferem dos símbolos porque estes não constituem necessariamente sistema e podem sozinhos e sem nenhuma oposição "simbolizar". A oposição é um princípio fundamental para a determinação da existência dos signos linguísticos, como veremos adiante.

Por fim, *intercomunicação social*, porque a linguagem é sempre um estar no mundo com os outros, não como um indivíduo particular, mas como parte do todo social, de uma comunidade.

2 – Dimensões Universais da Linguagem

A linguagem, entendida como atividade humana de falar, apresenta cinco dimensões universais: *criatividade* (ou enérgeia), *materialidade*, *semanticidade*, *alteridade* e *historicidade*.

Criatividade, porque a linguagem, forma de cultura que é, se manifesta como atividade livre e criadora, ou "do espírito", isto é, como algo que vai mais além do aprendido, que não

simplesmente repete o que já foi produzido.

Materialidade, porque a linguagem é, primeiramente, uma atividade condicionada fisiológica e psiquicamente, pois implica, em relação ao falante, a capacidade de utilizar os órgãos de fonação, produzindo signos fonéticos articulados (fonemas, grafemas, quando representados na escrita, etc.) com que estabelece diferenças de significado (por exemplo, *P*ala, *V*ala, *M*ala, *T*ala, *R*ala, etc.); enquanto em relação ao ouvinte, implica a capacidade de perceber tais fonemas e interpretar o percebido como referência ao conteúdo configurado pelo falante mediante os signos fonéticos articulados. É o nível biológico da linguagem.

Semanticidade, porque a cada forma corresponde um conteúdo significativo, já que na linguagem tudo significa, tudo é semântico.

Alteridade, porque o significar é originariamente e sempre um "ser com outros", próprio da natureza político-social do homem, de indivíduos que são homens juntos a outros e, por exemplo, como falantes e ouvintes, são sempre cofalantes e coouvintes.

Historicidade, porque a linguagem se apresenta sempre sob a forma de *língua*, isto é, de tradição linguística de uma comunidade histórica. Não existe *língua* desacompanhada de sua referência histórica: só há *língua portuguesa*, *língua francesa*, *língua inglesa*, *língua espanhola*, *língua latina*, etc.

Geralmente se ouve que a língua é imposta ao homem, porque este é obrigado a dizer que determinado objeto conhecido por sua comunidade como livro é *livro*, e não *lápis* ou *mesa*. Tal fato não constitui uma limitação ou negação da liberdade do falante; é sim a dimensão histórica da linguagem, que coincide com a própria historicidade do homem. Trata-se de uma obrigação aceita livremente, e não de uma imposição. Este é o significado original da palavra latina *obligatio* [ECs.8, 216]. A língua não é "imposta" ao homem; este "dispõe" dela para manifestar sua liberdade expressiva. As atividades livres implicam um próprio "dever ser", isto é, uma série de normas intrínsecas.

Destas cinco dimensões, a criatividade e a materialidade são universais de todas as formas da cultura, pois são todas atividades criadoras que se realizam no mundo de forma material, sem o que não poderiam existir nem passar ao conhecimento dos outros membros da comunidade. A semanticidade é a "*differentia specifica*" da linguagem em relação às outras formas de cultura. A alteridade é o traço distintivo do significar linguístico em relação aos outros tipos de "conteúdo" das formas de expressão e é, por sua vez, fundamento da historicidade da linguagem [ECs.8, 15-16].

Por fim, há de se levar em conta, na capacidade geral de expressão, a execução de atividades que acompanham e às vezes até a substituem, já que não falamos só com as unidades linguísticas, com a língua concreta. Estas são formas de expressão extralinguísticas, tais como a mímica, a entonação, o ritmo, as pausas e silêncios, os gestos, os recursos gráficos e outros. O emprego da maiúscula serve para estabelecer antíteses entre o verdadeiro e bom e o menos bom e verdadeiro, quando dizemos:

Ele é um *Professor* com *P* maiúsculo, ou a referência à forma gráfica distingue homônimos, como em:

Chegamos na *hora h*.

Há momentos em que expressões só são inteligíveis se acompanhadas de determinado

gesto:

> "Um anjo, meu pateta, um anjo sem asas. Imagina uma moça assim, *desta altura*, viva como um azougue, e uns olhos..." [MA.1, 92].

À mímica corporal junte-se a vocal, a entoação especial com que se proferem certas palavras ou frases inteiras, que o escritor procura reavivar na escrita com a utilização de variados recursos gráficos:

> "Não vou daqui sem uma resposta definitiva, disse meu pai. *De-fi-ni-ti-va*! repetiu, batendo as sílabas com o dedo" [MA.1, 88].
> "Os dois garotos, porém, esperneiam com a mudança de mãe: – Mentira!... *Mentiiiira!... Mentiiiiiiiiiira!* – berra cada um para seu lado" [HC.1, 32].

3 – Atos Linguísticos

A linguagem humana articulada se realiza de maneira concreta por meio de formas específicas chamadas *atos linguísticos*, que se organizam em *sistemas de isoglossas* (*isos* = igual; *glossa* = língua) denominados tradicionalmente *línguas*. Embora o ato linguístico, por sua natureza, seja individual, está vinculado indissoluvelmente a outro indivíduo pela natureza finalística da linguagem, que é sempre um falar com os outros, consoante a dimensão *alteridade*, a que aludimos anteriormente.

Só de modo ideal se pensa em linguagem como um só sistema de signos; na realidade, há na linguagem diversos sistemas de signos – isto é, de línguas –, diversidade que varia entre países, entre comunidades sociais ou outros grupos de falantes.

A realidade concreta da linguagem, como dissemos, é o ato linguístico, quer dizer, é cada unidade de comunicação da linguagem humana, seja uma palavra ou uma frase. Os atos linguísticos não se realizam idênticos de falante para falante de uma mesma comunidade linguística, e até num só falante, em circunstâncias diferentes. Essa diversidade não se dá somente na forma material do ato linguístico, isto é, na sua *expressão*, mas também no seu significado, isto é, no seu *conteúdo*.

Para que se proceda a uma análise coerente e uniforme da linguagem humana, tem-se de considerar idealmente que os atos linguísticos são mais ou menos idênticos na expressão (forma material) e no conteúdo (significado), e é isto que realmente ocorre, porque, se não houvesse essa aparente identidade, não seria possível a comunicação entre os indivíduos, já que a comunicação é a finalidade fundamental da linguagem.

O conjunto sistêmico de atos linguísticos comuns considerados idênticos realizados numa comunidade linguística e por ela comprovada na consciência de seus falantes ("ele fala como eu", "o português dele é diferente do nosso") se acha delimitado por uma linha ideal, imaginária, *isoglossa*, de modo que se pode definir *língua*: *um sistema de isoglossas comprovado numa comunidade linguística.*

Esse sistema de isoglossas pode ser extensíssimo que abarque uma língua histórica de todos os falantes de uma larga comunidade, considerada no seu conjunto geográfico, social e individual (*língua portuguesa*, *língua espanhola*, *língua francesa*, *língua latina*, etc.); pode ser menos extensa, principalmente quando a língua histórica é falada por mais de um país (*língua portuguesa da modalidade europeia* – "português de Portugal" / *língua portuguesa*

da modalidade americana – "português do Brasil" bem como *língua portuguesa da África*; *língua inglesa da Inglaterra* / *língua inglesa dos Estados Unidos*; *francês da França* / *francês da Bélgica* / *francês do Canadá*); pode ser ainda menos extensa do ponto de vista espacial (*português do Rio de Janeiro* / *português de Lisboa*; *francês de Paris*; *alemão da Baviera*); pode ser ainda menos extensa espacial, social e estilisticamente (*português fluminense rural* / *português paulista familiar* / *português literário do Romantismo brasileiro*); pode abarcar um só falante (*português de Machado de Assis* / *português de Eça de Queirós*; *português de um analfabeto*).

Assim, o conceito de língua, considerada como um sistema de isoglossas, varia de acordo com o entendimento mais largo ou mais estreito que se atribui à extensão do conjunto de atos linguísticos comuns.

B) Planos e níveis da linguagem como atividade cultural

I – Planos e Níveis da Linguagem

A linguagem, como atividade humana universal do falar, que se realiza individualmente, mas sempre de acordo com tradições de comunidades históricas, pode diferenciar-se em três planos relativamente autônomos:

a) *Universal* ou do falar em geral, já que se apresenta como prática universalizada não determinada historicamente, isto é, todos os homens adultos e normais falam. É a referência ao plano do *falar em geral*, e a ele se alude, quando se diz que *esta criança ainda não fala* (note-se que não se quer dizer que ela ainda não fala português ou espanhol, por exemplo). Alude-se ainda a este plano quando se declara que *os animais não falam*. Aqui, como no exemplo anterior, não se refere a uma língua concreta, mas à capacidade de falar. O plano universal alude àquilo que faz parte de todo falar, não importa em que língua.

b) *Histórico* ou da língua concreta, já que, ao falar, o homem o faz mediante uma língua determinada: *falar português*, *falar espanhol*, etc. Como já se disse, não há *língua* sem adjetivo; só há *língua portuguesa*, *língua espanhola*, etc., onde o adjetivo pátrio aponta para uma tradição histórica determinada. Até as línguas inventadas, como o esperanto, se constroem e representam uma nova tradição do falar. Este é o plano de uma língua concreta determinada. O falante tem consciência desse saber ao afirmar, por exemplo, que alguém não fala bem o português.

c) *Individual*, já que é sempre um indivíduo que fala mediante uma língua determinada, e o faz, cada vez segundo uma circunstância determinada. A atividade de falar um indivíduo segundo a conveniência de uma circunstância determinada chama-se *discurso*. Não confundir *discurso*, nessa aplicação à atividade, com *texto*, que será entendido como produto dessa atividade, produto do discurso. O discurso – assim o texto como seu

produto – está determinado por quatro fatores: o *falante*, o *destinatário*, o *objeto* ou *tema* de que se fala e a *situação*.

Como toda atividade cultural, a atividade real de falar pode ser considerada sob três pontos de vista diferentes [ECs.8, 88]:

a) Como a própria *atividade*, como falar e entender, isto é, como atividade criadora que se serve de um saber já presente para dizer algo novo e com capacidade de criar um saber linguístico. É este o sentido próprio de *enérgeia*. Uma língua é "forma" e "potência" de uma *enérgeia*.

b) Como o *saber* que está subjacente à atividade, isto é, como a *competência* ou como o que Aristóteles chamava *dýnamis*.

c) Como o *produto* criado pela atividade do falar individual, isto é, como obra ou *érgon*: o *texto*.

Como toda atividade, o falar é uma atividade que revela um saber; assim a estes três níveis correspondem três planos ou tipos de saber linguístico:

a) Ao falar em geral mediante cada língua corresponde o *saber elocutivo*, ou *competência linguística geral*, que não é saber falar uma língua particular, mas, ao falar com qualquer língua, fazê-lo segundo os princípios da *congruência* em relação aos padrões universais do pensamento e ao conhecimento geral que o homem tem do "mundo", do mundo empírico. Na discutida frase "*A mesa quadrada é redonda*", não há propriamente desconhecimento de língua, e sim de formulação do pensamento por desconhecer a realidade do mundo empírico, uma vez que "ser quadrado" é diferente de "ser redondo".

b) Ao falar (em) uma língua particular corresponde o saber histórico denominado *saber idiomático*, ou *competência linguística particular*, que é falar (em) uma língua determinada de acordo com a tradição linguística historicamente determinada de uma comunidade.

c) Ao falar individual e relacionado com a maneira de elaborar textos segundo situações determinadas corresponde o chamado *saber expressivo* ou *competência textual*; é um saber técnico (gr. *téchnē*), isto é, um saber que se manifesta no próprio fazer, um saber fazer gramatical que se manifesta numa língua particular e que pode ir além do já criado nessa língua.

A linguagem se realiza, portanto, de acordo com um saber adquirido e se apresenta sob forma de fatos objetivos ou *produtos*. Mas, como bem caracterizou Humboldt em termos aristotélicos, a linguagem não é na essência *érgon* 'produto', 'coisa feita', mas *enérgeia*, 'atividade', atividade criadora, isto é, que vai além da técnica "aprendida", além do seu saber (*dýnamis*).

Assim, também do ponto de vista do produto se distinguem esses três planos:

a) o produto do falar em geral é a "totalidade de todas as manifestações", empiricamente infinita, *o* falado; não só a totalidade do que já foi dito, mas ainda a totalidade do que se

pode dizer, se considerada sempre como "coisa feita".

b) o produto do falar (em) uma língua particular é a língua particular *abstrata*, isto é, a língua deduzida do falar e concretizada em uma gramática e em um dicionário, ou, em outras palavras, o que no falar se reconhece como constante e que é objeto da linguística das línguas como descrição e como história.

c) o produto do falar individual é o *texto*, tal como pode ser anotado ou escrito.

2 – Juízos de Valor

Frequentemente se ouve um falante nativo dizer que "isso não é português" ou "isso não se diz assim em português" ou "seria melhor dizer assim em português", o que demonstra que os aspectos de juízos de valor devem merecer especial atenção do falante nativo, bem como do linguista e do gramático normativo. Infelizmente, em vista de confusões que Coseriu procurou deslindar, o assunto tem sido mal posto em discussão e, por isso, mal resolvido, de modo que as incoerências e os desencontros são responsáveis pela ideia muito difundida, mas errada, de que o tema não é científico, e fica sujeito ao capricho de pessoas despreparadas e intransigentes.

Distinguem-se três tipos de juízos de valor referentes às conformidades do falar com o respectivo saber linguístico:

a) Ao saber elocutivo corresponde a *norma da congruência*, isto é, os procedimentos em consonância com os princípios do pensar, autônomos ou independentes dos juízos que se referem à língua particular e ao texto. Neste plano do falar em geral temos não só a norma da congruência e da coerência, mas ainda a norma de conduta da tolerância, já que, muitas vezes, diante de frases "desconexas", a incongruência pode ser anulada pela tradição da língua particular e pela intenção do discurso. Assim, quando a canção diz que "*Tudo em volta está deserto, tudo certo / Tudo certo, como dois e dois são cinco*", não se interpreta como falar incongruente por conhecerem os falantes o procedimento da anulação metafórica: o que a canção quer dizer metaforicamente é que nada vai bem entre os tais namorados, como a soma de dois mais dois igual a cinco não está bem.

b) Ao saber idiomático corresponde a *norma da correção*, isto é, a conformidade de falar (em) uma língua particular segundo as normas de falar historicamente determinado e corrente na comunidade que a pratica. Sendo uma língua histórica (todo o português) um conjunto de várias línguas comunitárias, haverá mais de uma norma de correção (o português do Brasil, o português de Portugal, o português exemplar, o português comum, o português familiar, o português popular, etc.). Por falta das distinções até aqui estabelecidas, têm-se atribuído à língua particular ou ao saber idiomático qualidades e atributos que antes pertencem ao plano do falar em geral ou saber elocutivo ("coerência", "eficácia", "concisão", "clareza", "harmonia", etc.) ou ao plano individual ou saber expressivo ("adequado", "apropriado", "elegante", "expressivo", etc.). O juízo de valor concernente à *correção* é juízo de "suficiência" ou "conformidade" somente com o saber idiomático historicamente determinado para uma comunidade.

c) Ao saber expressivo corresponde a *norma de adequação* à constituição de textos

levando em conta o falante, o destinatário, o objeto ou a situação, critério mais complexo, e independente do critério de correção em relação à língua particular e do critério de congruência em relação ao falar em geral. A adequação ao discurso e à constituição de textos pode levar em conta o objeto representado ou o tema (e aí será considerada *adequada* ou *inadequada*), o destinatário (então será considerada *apropriada* ou *inapropriada*) ou a situação ou circunstâncias (e aí será considerada *oportuna* ou *inoportuna*).

A competência ou saber não se manifesta igualmente em todos os planos do linguístico. Na língua particular ele ocorre com mais frequência; nos outros planos – no saber elocutivo e principalmente no saber expressivo – o domínio da competência só se alcança depois de cuidada educação linguística. Muitas vezes se diz que "alguém escreve mal o português", quando, na realidade se quer fazer referência ao saber elocutivo ou ao expressivo, porque escreve sem congruência ou sem coerência, ou ainda com pouca clareza. Quando se diz que "o francês" é uma língua clara", a rigor, não se quer fazer referência a características da língua francesa, mas à capacidade de estruturar o pensamento, o discurso ou o texto com clareza e logicidade mais do que o normal, em virtude de uma larga tradição do falar nessa comunidade, tradição que começa no ensino escolar francês, e que deveríamos cultivar entre nós.

Cabe ainda lembrar o que foi aqui antes esboçado: conforme a intenção do falante, a adequação relativa a um discurso ou a um texto pode anular a incorreção idiomática, enquanto a adequação relativa à correção idiomática pode anular a incongruência ou incoerência do saber elocutivo.

3 – Três Tipos de Conteúdo Linguístico

Aos três planos linguísticos correspondem ainda três tipos diferentes de conteúdo linguístico:

a) Ao plano linguístico geral corresponde a *designação* (ou *referência*), isto é, a referência a uma "realidade" extralinguística, a um estado de coisas extralinguístico. Assim em *A porta está fechada* e *A porta não está aberta* faz-se referência à mesma realidade extralinguística. As orações não são *sinônimas*; são *equivalentes* na referência à designação.

b) Ao plano linguístico particular corresponde o *significado*, isto é, o conteúdo dado linguisticamente em uma língua particular, ou, em outras palavras, a especial configuração da designação numa língua particular.

c) Ao plano do discurso corresponde o *sentido*, que é o "dito" por meio do texto, isto é, o especial conteúdo linguístico que se expressa mediante a designação e o significado, sentido que, num discurso individual, vai além desses outros conteúdos e que corresponde às atitudes, intenções ou suposições do falante. Por exemplo, nas expressões *dar com os burros n'água* ou *torcer o nariz* o sentido é, respectivamente, "ter insucesso" e "rejeitar". Numa anedota, mediante a designação e o significado, atinge-se o *sentido* quando se "pega" o chamado "espírito da coisa". Uma visita de cerimônia ao dizer ao

dono da casa "Hoje está quente" pode ter a intenção de querer dizer "Por favor, abra a janela", que é o verdadeiro "sentido" da sua primeira frase. Quando dizemos a uma pessoa, pela manhã, "Bom dia!" não queremos dizer-lhe que o dia está agradável, mas tão somente cumprimentá-la; esse é o "sentido" da frase. Pode até o tempo estar chuvoso ou ameaçador; porém, é assim que tradicionalmente a nossa comunidade saúda alguém pela manhã. O sentido, portanto, se manifesta no plano individual do discurso.

Assim como o significado pode coincidir com a designação, como ocorre na linguagem técnica, onde tudo o que existe na tradição linguística concernente a ela é "nomenclatura", à medida que vai além do saber linguístico e implica um saber relativo às coisas mesmas, assim também o sentido pode coincidir com o significado, quando o texto é só informativo, e não artístico ou literário ("simbólico"). Mesmo em determinadas formas de "literatura", os fatos designados e significados são informativos, como ocorre na novela policial, que só muito excepcionalmente se alça à literatura artística [ECs.8, 291-292].

O quadro a seguir sintetiza tudo o que vimos até aqui:

	PONTOS DE VISTA				
PLANO	**ATIVIDADE** enérgeia	**SABER** (competência) dýnamis	**PRODUTO** (texto) érgon	**JUÍZO**	**CONTEÚDO**
UNIVERSAL: falar em geral; atividade humana universal	falar em geral	saber elocutivo	totalidade das manifestações	congruente / incongruente	designação (referência)
HISTÓRICO: língua concreta; tradições comunitárias	língua particular	saber idiomático	(língua particular abstrata)	correto / incorreto	significado
INDIVIDUAL: discurso; execução individual	discurso	saber expressivo	texto (obras)	adequado / inadequado	sentido

C) Língua histórica e língua funcional

1 – Língua Histórica

Quando nos referimos a *língua portuguesa*, *língua espanhola*, *língua alemã* ou *língua*

latina, fazemos alusão a uma língua como produto cultural histórico, constituída como unidade ideal, reconhecida pelos falantes nativos ou por falantes de outras línguas, e praticada por todas as comunidades integrantes desse domínio linguístico. Entendido assim, esse produto cultural recebe o nome de *língua histórica*. Esse amplo e diversificado espaço cultural, historicamente relacionado, está presente na frase de Fernando Pessoa: *Minha pátria é a língua portuguesa*.

Fácil é concluir que uma língua histórica encerra em si várias tradições linguísticas, de extensão e limite variáveis, em parte análogas e em parte divergentes, mas historicamente relacionadas. São analogias e divergências fonéticas, gramaticais e léxicas; por isso se diz que uma língua histórica nunca é um sistema único, mas um conjunto de sistemas.

Os sistemas que integram a língua histórica apresentam três aspectos, fundamentais de diferenças internas:

a) No espaço geográfico, constituindo os diferentes *dialetos*; Essa diversidade no espaço se diz *diatópica* (do grego *diá* 'através de', *tópos* 'lugar'), enquanto a relativa uniformidade no espaço se diz *sintópica* (do grego *sýn* 'reunião').

b) No nível sociocultural, constituindo os diferentes *níveis* de língua e estratos ou camadas socioculturais. Essa diferença no estrato sociocultural se diz *diastrática* (do latim *stratum* 'estrato', 'camada'), enquanto a relativa uniformidade correspondente se diz *sinestrática* ou *sinstrática*, também conhecida por *dialeto social*.

c) No estilo ou aspecto expressivo, isto é, em relação a diferentes situações do falar e estilos de língua. Essa diferença se diz *diafásica* (do grego *fásis* 'expressão'), enquanto a relativa uniformidade correspondente se diz *sinfásica* ou homogeneidade estilística.

As diferenças diatópicas ou os dialetos sempre mereceram as atenções dos estudiosos, o que nem sempre ocorreu com as diferenças de níveis (diastráticas) e de estilos de língua (diafásicas). Nem todas as línguas históricas têm muito marcadas as diferenças dialetais como ocorre, por exemplo, na Itália. No português essas diferenças são muito menos profundas, do que no italiano. Alguns linguistas chegam, no caso do português, a preferir *falares* a *dialetos*.

As diferenças diastráticas são mais marcadas em comunidades onde os estratos sociais se apresentam muito distanciados, como na antiga Índia, ou onde a rede escolar se encontra fragilizada ou inexistente entre as camadas populares. Nas comunidades modernas, existem diferenças diastráticas na distinção entre o nível popular (como ocorre no francês e inglês), bem afastado das formas "cultas" ou exemplares destas línguas, ou, com menos intensidade, no espanhol e no italiano populares. Menos intensa é ainda a distância entre o chamado português popular e o padrão ou culto.

As diferenças diafásicas se manifestam quando se comparam língua falada e língua escrita, língua usual e língua literária, língua corrente e língua burocrática ou oficial, etc. Nenhuma dessas variedades diafásicas se apresenta homogeneamente; até a língua literária acusa gradações, às vezes bem nítidas, como é o caso das divergências entre a prosa e a poesia (em verso), entre a poesia épica e a lírica, etc.

Incluem-se nas diferenças diafásicas as que ocorrem, num mesmo estrato sociocultural,

entre grupos "biológicos" (homens, mulheres, jovens, crianças) e profissionais.

Uma língua que apresenta só um estilo já não é uma língua viva; a que apresenta um ou poucos estilos é uma língua morta e funciona como veículo de comunicação para comunidades determinadas que têm sua própria língua, e se destina a finalidades culturais e profissionais, como tem sido o caso do latim na Igreja e, desde a Idade Média, na filosofia, na filologia, na medicina e outros domínios das ciências, e de especiais praxes acadêmicas universitárias (em cerimônias na outorga do título de doutor *honoris causa*, por exemplo a *laudatio*).

Há, contudo, uma realidade linguística idealmente homogênea e unitária, isto é, que se apresenta sintópica, sinstrática e sinfásica; em outras palavras, uma língua unitária quanto ao dialeto, ao nível e ao estilo: é a *língua funcional*, assim chamada porque é a modalidade que de maneira imediata e efetiva funciona nos discursos e textos.

2 – Língua Funcional

É bem verdade que num discurso e texto pode aparecer mais de uma língua funcional, principalmente se se mudam as circunstâncias e fatores (destinatário, objeto, situação). Todo falante de uma língua histórica é plurilíngue, porque domina ativa ou passivamente mais de uma língua funcional, embora não consiga nunca saber toda a extensão de uma língua histórica; e o sucesso da educação linguística é transformá-lo num "poliglota" dentro de sua própria língua nacional. Mas na constituição do discurso e do texto há sempre *uma* língua funcional que se sobrepõe às demais. Mesmo uma língua comum o mais possível unificada e codificada com muita rigidez, como ocorre com o francês "oficial", não corresponde exatamente a essa realidade de língua funcional, em face das diferenças estilísticas nele existentes.

Como por exigência metodológica e de coerência interna só se pode descrever uma realidade homogênea e unitária, é a língua funcional o objeto próprio da descrição estrutural e funcional. Uma gramática como produto desta descrição nunca é o espelho da língua histórica; é apenas a descrição de *uma* das suas línguas funcionais. Por isso não se há de exigir desta gramática o registro de fatos que pertençam a línguas funcionais diferentes: nisto consiste a diferença entre estrutura e arquitetura.

3 – Estrutura e Arquitetura

Estrutura é a descrição das oposições funcionais na expressão e no conteúdo de mesma técnica idiomática, isto é, a homogeneidade de uma língua funcional. *Arquitetura* é o registro da diversidade interna de uma língua histórica, onde coexistem para funções análogas formas distintas e vice-versa, isto é, diversidade de línguas funcionais. Por exemplo, a descrição do emprego dos pronomes *o* e *lhe* no português exemplar ou padrão é um fato de *estrutura*; a comparação do emprego de *o* no português padrão e do corresponde *ele* no português popular ou familiar ou do pronome *lhe* nessas modalidades é um fato de *arquitetura* do português do Brasil.

Para se chegar com coerência ao conceito de língua funcional e à essência do objeto próprio da descrição de uma técnica linguística é necessário fazer, além da distinção entre

estrutura e arquitetura, uma série de outras, quase sempre não levadas em consideração na gramática tradicional e em algumas linguísticas modernas: 1) conhecimento da língua e conhecimento das "coisas" (incluídos aí os seres vivos); 2) linguagem e metalinguagem; 3) sincronia e diacronia; 4) técnica livre e "discurso repetido"[ECs.8, 288].

4 – Conhecimento da Língua e Conhecimento das "coisas"

No plano do saber histórico não contamos somente com fatos linguísticos, mas também com outras tradições ligadas a "coisas" ou ao mundo extralinguístico. Assim, por exemplo, diante de frases do tipo "Macaco velho não mete a mão em cumbuca" ou de expressão como "macaco velho", não se pode dizer que *macaco* ou *macaco velho* evoca em português a ideia de 'prudência', 'sagacidade'. Relativamente à língua portuguesa, *macaco* está relacionado a outros animais, como *mico*, *chimpanzé*, etc.; pela evocação a 'prudência' não é responsável a língua portuguesa, até porque em muitas comunidades lusófonas o animal *macaco* não está relacionado com essa ideia. A evocação resulta exclusivamente do conhecimento que temos do animal, da sua participação em histórias, especialmente do folclore brasileiro.

5 – Linguagem e Metalinguagem

A metalinguagem é um uso linguístico cujo objeto é também uma linguagem; por exemplo quando se fala de palavras e seus componentes ou de orações: "*linguagem é uma palavra derivada de língua*", "*linguagem é um substantivo feminino em português e masculino em espanhol e francês*". "*-ção* é um sufixo formador de substantivo", "*Cadeira tem três sílabas*", etc. A metalinguagem não apresenta unidades estruturais nem pode ser estruturada no nível do saber idiomático; nem por isso seu estudo deixa de merecer o cuidado da ciência.

A linguagem, também chamada *linguagem primária*, não é uma linguagem que tem por objeto uma linguagem.

Esta distinção tem importância especial para a gramática. Por exemplo, qualquer palavra, grupo de palavras, parte de palavras, uma oração inteira, todo um texto tomado materialmente na metalinguagem pode ser considerado uma "palavra", um substantivo masculino por ser nome de algo: "*-mente* é um sufixo", "*lá* marca distância do falante", "Terrível palavra é um *não*", "*Não roubar* é um mandamento divino".

A metalinguagem pode manifestar uma técnica, um saber próprio em uma determinada tradição linguística. Por exemplo, na metalinguagem, em português, diz-se sem artigo "Homem é um dissílabo", enquanto na linguagem primária se diz com artigo "O homem trabalha".

6 – Sincronia e Diacronia

Outra distinção essencial, por sinal a primeira que se deve fazer no estudo das línguas, é a que se estabelece entre *sincronia* e *diacronia*. Por *sincronia* entende-se, em princípio, a referência à língua em um dado momento do seu percurso histórico, "sincronizada" sempre com seus falantes, e considerada no seu funcionamento no falar como descrição sistemática e

estrutural de um só sistema linguístico ("língua funcional"), enquanto por *diacronia* se entende a referência à língua através do tempo, isto é, no estudo histórico das estruturas de um sistema ("gramática histórica"), e como história da língua. Todavia, neste último aspecto, sincronia e diacronia não são correlativos, pois se se levar em conta o caráter parcialmente inovador de todo ato linguístico, toda língua viva está num perpétuo devenir, já que o aspecto sincrônico, para uma língua considerada na sua totalidade, metodologicamente imposto e necessário, é apenas uma abstração científica para estudar como a língua funciona e os traços que, entre dois momentos do seu desenvolvimento, se mostram constantes. Até para fins práticos necessitamos considerar a língua como algo estável e constante. Assim, a descrição sincrônica prescinde da história, no sentido de que não a abarca, mas a diacronia não pode prescindir das sincronias. Por fim, não se pode perder de vista que a descrição da língua num momento do seu desenvolvimento é uma parte da história dessa língua. Uma língua viva nunca está plenamente feita, mas se faz continuamente graças à atividade linguística.

À sincronia corresponde não só a descrição de sistemas unitários (isto é, a disciplina "gramática" em sua acepção mais ampla, abarcando ainda a fonologia e a semântica léxica estrutural ou lexemática), mas também a descrição dos três tipos de variedade já vistos feita por três outras disciplinas ("dialetos" → *dialetologia*, "níveis" → *sociolinguística* e "estilos" → *estilística da língua*).

7 – Estado da Língua Real e Sincronia

Convém distinguir entre *estado de língua real* e *sincronia*, considerada de modo absoluto. No estado de língua também está implícita uma dimensão diacrônica, já que os falantes, principalmente de comunidades com larga tradição de língua escrita, têm consciência de que certas formas são mais antigas que outras; que algumas já não se usam e que outras são recentes. Todavia essa "diacronia dos falantes" – que pode ser bem diferente da diacronia do historiador – não importa em relação ao funcionamento da língua, porque todo fato de "diacronia" subjetiva tem de ser descrito no seu funcionamento, isto é, na sua própria sincronia [ECs.8, 296].

À história da língua compete também referir-se ao aspecto sincrônico à medida que tem de socorrer-se dos vários "estados de língua" sucessivos, pois a "gramática histórica" é a comparação entre os vários sistemas estáticos compreendidos nos limites estabelecidos para estudo. No caso de uma língua românica como o português, pode-se começar pelos diversos sistemas do latim (clássico, vulgar, etc.) e continuar pelos sistemas sucessivos do português ou fases históricas (medieval, clássico, etc.), ou então partir do próprio português como língua já estabelecida e reconhecida pelos seus falantes e pelos falantes de outras comunidades linguísticas.

Pelo que vimos até aqui, e para evitar equívocos que elas implicam, seria melhor fugir às denominações *linguística sincrônica* e *linguística diacrônica* e, em vez delas, usar *descrição* e *história da língua*, porque ambas estão compreendidas no nível histórico da linguagem e constituem juntas a *linguística histórica*. Desligam-se, desta maneira, as noções de sincronia e diacronia da interpretação meramente temporal, como as entendia Saussure, em cuja lição

sincronia estava circunscrita a um só momento e diacronia a vários momentos [ECs.8, 281].

8 – Técnica Livre do Discurso e Discurso Repetido

Outra distinção necessária no estudo "sincrônico" de língua é a que se faz entre *técnica livre do discurso* e *discurso repetido*, porque as tradições linguísticas não só contêm técnica para falar, mas ainda linguagem já falada.

A técnica livre abarca os elementos constitutivos da língua e as regras "atuais" relativas à sua modificação e combinação, isto é, abarca as "palavras" e os instrumentos e procedimentos léxicos e gramaticais.

O discurso repetido abarca tudo aquilo que, no falar de uma comunidade, se repete mais ou menos uniformemente, como algo "já dito": algo já fixado num discurso e que pode ser repetido noutro discurso como "expressão", "giro", "modismo", frase ou locução cujos elementos constitutivos não são nem substituídos nem aceitam ser dispostos noutra ordem conforme permitem as regras de funcionamento da língua, ficando, assim, por não se submeterem a qualquer estruturação – pois só a técnica é estruturável –, fora do objeto da gramática e da lexicologia sincrônicas.

Assim, *bom professor* e *boa semana* pertencem à técnica livre do discurso, enquanto *bom samaritano* e *bom dia* (para a saudação matinal) são exemplos de discurso repetido.

D) Sistema, norma, fala e tipo linguístico

1 – Os Quatro Planos de Estruturação

Uma língua funcional apresenta diversos planos de estruturação. Distinguem-se quatro planos de estruturação: o *falar* (que é o plano da realização, isto é, uma técnica idiomática efetivamente realizada), e três planos de técnica ou de saber enquanto tal: a *norma*, o *sistema* e o *tipo linguístico*, que dizem respeito exclusivamente à estruturação de uma mesma técnica idiomática, em oposição à *arquitetura*, que, como já vimos, diz respeito à diversidade interna da língua histórica, com seu conjunto de línguas funcionais, em parte coincidentes e em parte diferentes umas das outras.

2 – A Norma

A *norma* contém tudo o que na língua não é funcional, mas que é tradicional, comum e constante, ou, em outras palavras, tudo o que se diz "assim, e não de outra maneira". É o plano de estruturação do saber idiomático que está mais próximo das realizações concretas. O sistema e a norma de uma língua funcional refletem a sua estrutura.

3 – O Sistema

O *sistema* contém apenas as oposições funcionais, isto é, contém unicamente os traços distintivos necessários e indispensáveis para que uma unidade da língua (quer no plano da expressão, quer no plano do conteúdo) não se confunda com outra unidade.

Assim, no sistema dos relativos em português, *que* e *o qual* se opõem ambos a *quem* e *cujo*, por exemplo; mas a norma usual da língua prefere unicamente *o qual*, e não *que*, depois de preposição com mais de duas sílabas:

> Os caminhos *de que* (*dos quais*) lhe falei...

mas:

> As razões *segundo as quais* (e não *segundo que*).

O sistema verbal português marca a 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo com o morfema -*o*: eu cant*o*, vend*o*, part*o*.

Crianças e adultos que usam incorretamente a forma verbal *seio* (por *sei*) são levados a fazê-lo por força do sistema, mas desconhecem a norma.

O sistema do português conta, além de outros, com o sufixo -*ção* para formar substantivos, em geral denotadores de ação, oriundos de verbos: *coroar* → *coroação*; *colocar* → *colocação*.

Todavia, a norma prefere *casamento* a *casação*, *livramento* a *livração*, *tomada* a *tomação* o u *tomamento*, etc. Outras vezes, a norma agasalha ambas as formas possibilitadas pelo sistema.

No domínio da sintaxe também se comprova a distinção entre norma e sistema. Os chamados complementos verbais quando constituídos por substantivos normalmente se dispõem na ordem *direto* + *indireto* (Dei *um livro ao primo*), mas quando aparece, numa dessas funções ou nas duas, pronome pessoal, a norma é vir primeiro o indireto: (Dei-*lhe um livro*) / Dei-*lho* (lhe + o).

O falante domina o sistema de uma língua quando está em condições de criar nela. Relativamente à norma, o seu domínio é muito mais complexo e exige do falante uma aprendizagem por toda a vida.

A norma pode coincidir com o sistema quando este oferece uma só possibilidade de realização.

O distanciamento entre sistema e norma de realização se manifesta quando a "novidade" criada à luz do sistema inexiste na norma, na tradição já realizada e, por isso mesmo, não se encontra registrada nos dicionários e nas gramáticas. Foi o caso, entre nós, de *imexível*, nascido com procedimentos do sistema do mesmo modo que *intocável*, *infalível*, etc., mas não ainda realizado na norma. Esqueceram-se os críticos de que uma língua viva não está feita, isto é, que não só estrutura seus atos por modelos precedentes, mas faz-se e refaz-se constantemente, encerra formas feitas e tem potencialidade para criar formas novas, e está sempre a serviço das necessidades expressivas de qualquer falante. É nisto que consiste a dimensão criatividade já aludida aqui anteriormente.

Como também pode conter traços não pertinentes do ponto de vista de oposição funcional, a norma, em certo sentido, tem maior amplitude que o sistema, já que este só contém traços distintivos necessários e indispensáveis para que uma unidade da língua se diferencie de outra

unidade. Por outro lado, o sistema é mais amplo do que a norma, porque propicia também possibilidades inéditas, não realizadas na norma da língua.

4 – O Tipo Linguístico

O *tipo linguístico* é o mais alto plano que se pode comprovar da técnica da língua. É o conjunto coerente de categorias funcionais e de tipos de procedimentos materiais que configuram um sistema ou diferentes sistemas: compreende as categorias de oposições de expressão e de conteúdo e os tipos de funções. Enquanto o sistema é sistema de possibilidades em relação à norma, o tipo é sistema de possibilidades em relação ao sistema.

No processo histórico, a norma pode modificar-se permanecendo inalterável o sistema, bem como o sistema pode modificar-se conservando no tipo seus princípios de configuração. As numerosas semelhanças que se podem apontar nas línguas românicas não se explicam somente pela origem comum e influências recíprocas, mas também porque, com exceção do francês, se configuraram em vários pontos por princípios funcionais análogos de tipo linguístico [ECs.14, 53-54].

Por fim, cabe esclarecer que a tipologia linguística está nos seus começos; alguns estudos que se têm realizado com seu nome nada mais são do que gramática contrastiva no nível dos sistemas e classificação de procedimentos idiomáticos.

No tocante às relações conceituais de fala, norma, sistema e tipo linguístico no quadro teórico de E. Coseriu e de F. de Saussure, fala corresponde mais ou menos à *parole*; a norma e o sistema da língua correspondem, no seu conjunto, mais ou menos à *langue*, enquanto o tipo linguístico não foi identificado como tal pelo linguista genebrino.

E) Propriedades dos estratos de estruturação gramatical 1

1 – Os Estratos Gramaticais

Em português, os estratos gramaticais possíveis são, pela ordem ascendente: o *elemento mínimo* (ou *monema*), a *palavra* gramatical, o *grupo de palavras*, a *cláusula*, a *oração* e o *texto*:

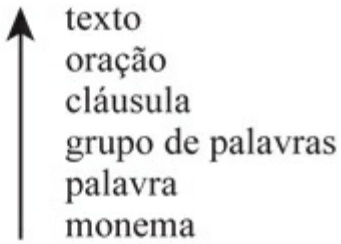

Do ponto de vista de sua função gramatical, *casa-* e *-s* são "monemas"; já *casas*, na oposição *casa* / *casas*, é uma "palavra gramatical" com sua função "plural", uma vez que *-s* é

o "pluralizador" e *casa*- o "pluralizado", e o sintagma inteiro *casas* é o "plural". Em português, a "explicação" e a "especificação" são funções do nível do grupo de palavras e se expressam mediante a posição do adjetivo. No grupo substantivo + adjetivo *o manso boi*, *o vasto oceano*, o adjetivo é explicativo (já que não separa classes menores dentro das classes "boi" e "oceano"; apenas expressa propriedades inerentes a estas classes); no entanto, em *o boi manso*, o adjetivo é "especificativo" (porque serve para opor um boi manso a outros bois não mansos). Como no exemplo anterior, *manso* é "explicador"e *boi* o termo "explicado", e o sintagma inteiro *o manso boi* é um "explicativo".

A oposição correspondente às funções "comentário" e "comentado" ocorre no estrato funcional a que Coseriu dá o nome convencional cláusula, que é o estrato que, no interior de uma só e mesma oração, estabelece a referida oposição. O chamado "advérbio de oração", que não passa de uma cláusula "comentário", ocorre nesse nível de estruturação. Em *Eu sei certo*, só temos uma oração, sem nenhum comentário, porque significa simplesmente 'eu sei com segurança', 'com certeza'. Já na oração em *Certamente, eu sei*, há duas cláusulas: a cláusula comentário *certamente* e a cláusula *eu sei*, e o conteúdo do enunciado oracional é equivalente a 'certamente, eu o sei', 'é certo que eu o sei', 'eu o sei, e este fato é certo'. Assim, *certamente* não determina o valor lexical de *eu sei*, mas assegura a realidade mesma do fato de saber.

O estrato gramatical da oração é caracterizado pela função "predicativa". Nela, o "sujeito" e o "predicado" são funções sintagmáticas e puramente relacionais: o predicado é o termo "referido", e o sujeito, o termo "referente", a função sintagmática é a de "referência", e a unidade resultante é a "predicação referida", que se opõe, neste nível, à "predicação não referida". Em *O aluno estuda* temos uma predicação referida; em *Chove*, *Faz calor*, uma predicação não referida. Registre-se aqui, de passagem, que a oração dita complexa não constitui um estrato superior da oração. O estrato superior da oração – simples ou complexa – é o texto.

No estrato do texto, como estrato gramatical idiomático, – e não como outras estruturas, por exemplo, o "soneto", a "crônica", a "novela"-, podemos ter casos como a oposição entre "pergunta não repetida" e "pergunta repetida". Se se pergunta *Você vai bem*?, no nível do texto, isto significa que se faz a pergunta pela primeira vez, ou pela qual não se manifesta se ela se diz pela primeira vez ou não. Mas já em *E você, como vai*? ou *E você vai bem*? ou *Que você vai bem*?, trata-se, sem dúvida, de uma pergunta repetida, ou porque, depois de uma primeira pergunta, agora se quer saber acerca do nosso interlocutor, ou então porque este não compreendeu a primeira pergunta sobre como passava de saúde ou de situação. Trata-se aqui de uma oposição no nível do discurso ou do texto, e não no nível da oração.

O número dos estratos gramaticais nem sempre é igual de língua para língua. Segundo Halliday, citado por Coseriu, só dois estratos são imprescindíveis, o do monema e o da oração.

2 – Propriedades dos Estratos de Estruturação Gramatical

São quatro estas propriedades: a *superordenação* (ou *hipertaxe*), a *subordinação* (ou

hipotaxe), a *coordenação* (ou *parataxe*) e a *substituição* (ou *antitaxe*).

Tais propriedades podem ser assim representadas graficamente:

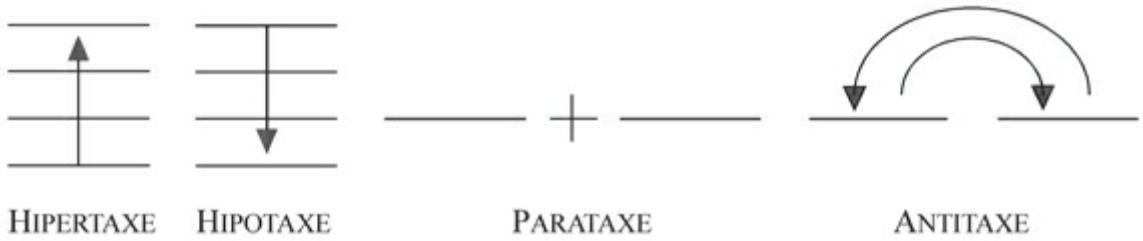

3 – Hipertaxe ou Superordenação

A hipertaxe é a propriedade pela qual uma unidade de um estrato inferior pode funcionar por si só – isto é, combinando-se com zero – em estratos superiores, podendo chegar até ao estrato do texto e aí opor-se a unidades próprias desse novo estrato. Assim, um monema pode, em princípio, funcionar como palavra; uma palavra como grupo de palavras, e assim sucessivamente.

Tomando o exemplo *casa – casas*, o elemento mínimo *casa* funciona como "singular" no nível da palavra gramatical, por oposição a *casas*, por estar "combinado" com zero. Em *casa – a casa*, a palavra *casa*, já determinada como "singular", funciona no nível do grupo de palavras como "virtual, inatual" – em oposição ao "atual" *a casa*. Em *Certamente*! *Claro*!, estamos diante de uma superordenação da palavra no nível da cláusula, e desta ao nível da oração e do texto.

As línguas conhecem restrições na manifestação dessa propriedade; por exemplo, a superordenação de palavras ou grupos de palavras no nível do texto é mais reduzida nas perguntas do que nas respostas. Uma resposta como *Isabel* é muito normal, diante da pergunta *Quem acabou de sair*? Por outro lado, uma pergunta como (*E*) *Isabel*? É certamente possível, mas exige um contexto especial. Salvo num caso de uma retomada de discurso anterior ou de emprego metalinguístico, as palavras morfemáticas, isto é, de significado puramente instrumental (artigos, preposições, conjunções), estão em geral impossibilitadas de se superordenar em nível de texto. Entretanto, nas retomadas de discurso anterior, e na metalinguagem, pode-se superordenar no nível da oração e do texto um monema, uma palavra morfemática ou até uma palavra, como, por exemplo, ocorre com *sem* na resposta à pergunta do tipo: *Viajarás com ou sem teus pais*? – *Sem*. Ou então o sufixo *-ção* na resposta diante da dúvida: *É condenação ou condenamento*? – *Ção*.

Na maioria dos casos reais da chamada *elipse* o que se tem, na verdade, é uma forma de superordenação (quase sempre combinada com uma substituição por retomada).

4 – Hipotaxe ou Subordinação

A hipotaxe é a propriedade oposta à hipertaxe: consiste na possibilidade de uma unidade correspondente a um estrato superior poder funcionar num estrato inferior, ou em estratos inferiores. É o caso de uma oração passar a funcionar como "membro" de outra oração, particularidade muito conhecida em gramática. O importante é, entretanto, verificar que este tipo de propriedade não fica só aqui, mas tem uma aplicação mais extensa. Em princípio, toda unidade superior ao estrato do monema pode ser subordinada. Um texto inteiro pode funcionar como uma oração num outro texto; uma oração como uma cláusula ou grupo de palavras; um grupo de palavras como uma palavra gramatical, e uma palavra como um elemento mínimo.

E m *Verdadeiramente ele disse isso*, a cláusula comentário (*verdadeiramente*), por hipertaxe, passa a oração (é verdade), enquanto temos hipotaxe da cláusula comentada (*ele disse isso*). As palavras compostas, do tipo de *planalto*, e as perífrases lexicais, como *pé de valsa* ('exímio dançarino') são, do ponto de vista gramatical, subordinações ou hipotaxes de grupos de palavras no nível da palavra; por outro lado, locuções do tipo *por meio de*, *por causa de* funcionam no nível de elementos mínimos (aproximadamente como *com*, *por*).

Vista pelo prisma da hipotaxe, percebe-se que a ideia de conceber as "conjunções subordinativas" como elementos que "unem" orações nasce do falso paralelismo entre subordinação (hipotaxe) e coordenação (parataxe). Na realidade, em línguas como o português, as conjunções subordinativas não são mais que morfemas de subordinação ou ainda preposições combinadas com esses morfemas. Em princípio, para subordinar orações ou cláusulas de estrutura oracional, temos necessidade de dois instrumentos: um para marcar a subordinação, isto é, para indicar que uma estrutura oracional de verbo flexionado funciona como membro de uma oração, e não como oração independente, e outro instrumento para indicar a função que esta estrutura exerce na oração complexa. No português essa marca de subordinação é *que*. Em se tratando de função sintagmática não marcada na oração ("sujeito", "complemento direto"), só se emprega esta marca *que*. Pode-se prescindir desta marca se o sintagma oracional subordinado já se acha indicado por um pronome, um advérbio interrogativo (ou exclamativo) ou pela conjunção *se* da interrogação geral: É preciso *que venhas.* Ela espera *que venhas.* Ela sabe *quem vem.* Os alunos não sabem *quando saem* os resultados. O professor não sabe *se haverá feriado nesta semana.*

Se se trata de função sintagmática introduzida (no caso de uma palavra ou de um grupo de palavras) por preposição, a chamada conjunção subordinada é normalmente constituída por essa preposição com *que*: *para acabar* / *para que acabe*; *antes da* (de a) *guerra começar* / *antes de que a guerra comece*, etc...

Pelos exemplos, vê-se que primeiro se subordina mediante o instrumento de subordinação (*que*) e depois se introduz o sintagma subordinado pela preposição correspondente à função sintagmática respectiva.

5 – Parataxe ou Coordenação

Consiste a parataxe na propriedade mediante a qual duas ou mais unidades de um mesmo estrato funcional podem combinar-se nesse mesmo nível para constituir, no mesmo estrato, uma nova unidade suscetível de contrair relações sintagmáticas próprias das unidades simples

deste estrato. Portanto, o que caracteriza a parataxe é a circunstância de que unidades combinadas são equivalentes do ponto de vista gramatical, isto é, uma não determina a outra, de modo que a unidade resultante da combinação é também gramaticalmente equivalente às unidades combinadas. Não sobem a estrato de estruturação superior. Assim, duas palavras combinadas persistem no nível da palavra e não constituem um "grupo de palavras", como se passassem ao nível imediatamente superior.

Podem-se coordenar orações que apresentam uma mesma função textual, palavras e grupos de palavras de mesmas funções (tais como sujeito, complemento, adjunto) e até preposições e conjunções do estrato de monemas, como *com* e *sem*, *e* e *ou*. A única condição a ser respeitada é que se trate de unidades pertencentes ao mesmo estrato ou transpostas ao mesmo estrato em virtude de hipertaxe ou de hipotaxe. Daí que estruturas do tipo [*ricos homens*] *e mulheres*/ [*ricos*] *homens e mulheres*, conforme a ordem de operações levadas a cabo na estruturação da expressão: constituição do grupo de palavras *ricos homens* e depois coordenação com *mulheres* ou, ao contrário, primeiro coordenação de *homens e mulheres*, no nível da palavra, por hipotaxe, e em seguida constituição do grupo de palavras por meio da determinação com *ricos*.

Pode-se, outrossim, coordenar uma palavra com uma oração que funciona como membro de outra oração desde que exerçam a mesma função, como em: Ele agora sabe *a verdade* e *que eu não lhe havia mentido*. Mas para isso foi necessário que a oração subordinada passasse ao estrato de grupo de palavras e de palavra gramatical, por meio da hipotaxe, para então ser possível a coordenação no mesmo nível da palavra.

Tem a parataxe sido vista apenas em relação à coordenação de orações, especialmente a parataxe aditiva com um só verbo flexionado, como se fosse o somatório com apagamento dos elementos idênticos nas orações coordenadas. Isto realmente ocorre em casos como *João e Maria leem*, que corresponde a *João lê* e *Maria lê*, mas já duvidosa em *João e Maria se casaram* e impossível, por absurda em *João e Maria se parecem*, que não vale por *João é parecido + Maria é parecida*. Na realidade, em todos estes casos se trata apenas da *ordem operacional* seguida na constituição da expressão, ordem que na interpretação deve ser refeita às avessas. Assim, tem-se inicialmente a coordenação *João e Maria* e depois a predicação constitutiva da oração.

Outro ponto que há de merecer a nossa atenção é o fato de que, partindo dos três tipos fundamentais e opositivos de coordenação em português (a aditiva, adversativa e a alternativa), estas construções podem ainda exprimir relações internas de "dependência", o que, à primeira vista, parece paradoxal, porque é o mesmo que dizer que "a parataxe inclui a hipotaxe" ou que "a parataxe também é hipotaxe". Na realidade, o que temos nesses casos é, a uma só vez, parataxe e hipotaxe, mas não no mesmo nível de estruturação gramatical. No nível da oração tais construções são paratáticas; mas exprimem ao mesmo tempo relações internas de dependência no que diz ao *sentido do discurso* e, por isso, manifestam funções sintagmáticas no nível do texto: os segundos elementos dessas construções se acham coordenados no nível da oração, mas são subordinados aos primeiros elementos enquanto *unidades textuais*. É o mesmo caso que ocorre com as orações introduzidas por *pois*, *porquanto*, *por isso*, *por conseguinte*, *logo*, a que a gramática tradicional e escolar chama

orações "conclusivas" e "causais-explicativas". Embora exprimindo estados de coisas comparáveis aos das orações subordinadas, são consideradas, não sem razão, orações "principais" ou "independentes". Na realidade, são independentes no nível da oração, mas são elementos subordinados do ponto de vista de unidades de conteúdo no nível superior do texto.

6 – Antitaxe ou Substituição

É a propriedade mediante a qual uma unidade de qualquer estrato gramatical já presente ou virtualmente presente ("prevista") na cadeia falada pode ser representada – retomada ou antecipada – por outra unidade de outro ponto da cadeia falada (quer no discurso individual, quer no diálogo), podendo a unidade que substitui ser parte da unidade substituída, com idêntica função ou mesmo zero. É o fenômeno muito conhecido no domínio dos pronomes que "substituem" (= "representam") lexemas (palavras ou grupos de palavras), inclusive lexemas inexistentes como tais na língua, como é o caso dos pronomes "neutros" (*isto*, *isso*, *aquilo*), que podem referir-se a um fato, a uma circunstância ou a uma situação.

O fenômeno da antitaxe, entretanto, é uma realidade de muito maior amplitude e diz respeito, em princípio, a todos os estratos gramaticais. Assim, a retomada mediante *sim*, *não*, diz respeito aos níveis da oração e do texto; e a não repetição (retomada por zero) de uma preposição na coordenação dos complementos ou do pronome sujeito na coordenação de dois ou mais verbos diz respeito ao estrato de elementos mínimos.

No interior da antitaxe, podemos distinguir, do ponto de vista constitucional (cf.) a antecipação e a retomada (ou "anáfora", "catáfora"), isto é, a representação "antes" e "depois", sendo esta válida até para a representação zero.

Do ponto de vista funcional, é preciso distinguir a antitaxe puramente material em que a unidade que substitui, além de representar a unidade substituída, tem também uma função particular, própria ao domínio da substituição. Assim, no português *clara e duramente*, temos uma antitaxe puramente material (o zero antecipador de *clara* tem exatamente a mesma função que *-mente* em *duramente*), enquanto na retomada por meio de *sim*, *não*, estamos diante de uma antitaxe funcional, já que tais unidades, além de representar o que foi dito pelo interlocutor (constituindo por isso "pro-orações" ou "pro-textos" e não meramente advérbios), exprimem também uma tomada de posição por parte do falante: a concordância ou a discordância com o conteúdo de consciência manifestado pelo interlocutor.

A rigor, a antitaxe é um fenômeno "transfrásico", um fenômeno do plano do "discurso" ou do "texto", uma parte porque concerne à constituição do discurso como tal, à estruturação material e funcional da cadeia falada, conforme as relações presentes na própria cadeia, e por outra parte, porque ela ignora as fronteiras entre as orações, funcionando independentemente dessas fronteiras tão bem numa só e mesma oração como em várias orações ao mesmo tempo e, quase sempre, além dos limites entre as orações. Daí este fenômeno pertencer ao domínio da linguística do texto. Entretanto, deve a antitaxe ser também estudada e descrita na gramática das línguas, mesmo numa "phrase-grammar", porque a expressão substituída apresenta procedimentos, materiais e funções que lhe são próprias e porque as línguas, como sistemas paradigmáticos, apresentam uma grande diversidade a este respeito.

F) Dialeto – Língua comum – Língua exemplar. Correção e exemplaridade. Gramáticas científicas e gramática normativa. Divisões da gramática e disciplinas afins. Linguística do texto

1 – Língua Comum e Dialeto

Já vimos que uma língua histórica, como o português, está constituída de várias "línguas" mais ou menos próximas entre si, mais ou menos diferenciadas, mas que não chegam a perder a configuração de que se trata "do português" (e não do galego, ou do espanhol, ou do francês, etc.), quer na convicção de seus falantes nativos, quer na convicção dos falantes de outros idiomas. Há uma *diversidade* na *unidade*, e uma *unidade* na *diversidade*.

Os falantes dessas diversidades, por motivações de ordem política e cultural, tendem a procurar, graças a um largo período histórico, um veículo comum de comunicação que manifeste a unidade que envolve e sedimenta as várias comunidades em questão. Geralmente, nessas condições, se eleva um dialeto – em geral o que apresenta melhores condições políticas e culturais – como veículo de expressão e comunicação que paire sobre as variedades regionais e se apresente como espelho da unidade que deseja refletir o bloco das comunidades irmanadas.

Esta unidade linguística ideal – que nem sempre cala o prestígio de outros dialetos nem afoga localismos linguísticos – chama-se *língua comum*.

No caso de Portugal, o dialeto falado na região Entre Douro e Minho (dialeto interamnense) – sede do governo e da instrução superior – alçou à condição de língua comum. Como a língua comum recebe, em geral, o nome da língua histórica (isto é, daquela que engloba as variedades dialetais de que vimos falando), em nosso caso particular a língua comum é denominada *língua portuguesa* ou, simplesmente, *português*. Isto ocorre por toda a parte; assim é que o dialeto de Paris (franciano) passou a denominar-se *francês*, o de Florença (toscano florentino) *italiano*, o de Castela *castelhano* ou *espanhol*. Por isso é que se diz que entre *língua* e *dialeto* não há diferença de natureza, e sim de prestígio político e cultural, além do fato da maior extensão geográfica da língua comum. Algumas vezes a língua comum desbanca os primitivos dialetos, como ocorreu com a *koiné* grega.

Por motivações de ordem cultural e para conter, na medida do possível e do razoável, a força diferenciadora, centrífuga, que caracteriza o perpétuo devenir das línguas, pode-se desenvolver dentro da língua comum um tipo de outra língua comum, mais disciplinada, normatizada idealmente, mediante a eleição de usos fonético-fonológicos, gramaticais e léxicos como padrões exemplares a toda a comunidade e a toda a nação, a serem praticados em determinadas situações sociais, culturais e administrativas do intercâmbio superior. É a modalidade a que Coseriu chama língua exemplar, mais relativamente uniforme do que a língua comum, porque está normatizada intencionalmente [ECs.8, 164-165]. Esta uniformidade relativa é mais frequente quando a língua comum é usada em países diferentes. É o que acontece entre nós, onde se registra uma exemplaridade do português do Brasil ao lado de uma exemplaridade do português de Portugal, em grande parte de delineação complexa, porque a

exemplaridade do português – e não fato exclusivo do nosso domínio – não está claramente fixada em suas formas, conteúdos e procedimentos [ECs.8, 35].

2 – O Exemplar e o Correto

Há de distinguir-se cuidadosamente o *exemplar* do *correto*, porque pertencem a planos conceituais diferentes. Quando se fala do exemplar, fala-se de uma forma eleita entre as várias formas de falar que constituem a língua histórica, razão por que o eleito não é nem correto nem incorreto.

Já quando se fala do correto, que é um juízo de valor, fala-se de uma conformidade com tal ou qual estrutura de uma língua funcional de qualquer variedade diatópica, diastrática ou diafásica. Por ele se deseja saber se tal fato está em conformidade com um modo de falar, isto é, com a língua funcional, com a tradição idiomática de uma comunidade, fato que pode ou não ser o modo exemplar de uma língua comunitária.

O modo exemplar pertence à arquitetura da língua histórica, enquanto o correto (ou incorreto) se situa no plano da estrutura da língua funcional. Cada língua funcional tem sua própria correção à medida que se trata de um modo de falar que existe historicamente.

3 – Gramática Descritiva e Gramática Normativa

Daí é fácil concluir que não devemos confundir dois tipos de gramática: a *descritiva* e a *normativa*.

A gramática descritiva é uma disciplina científica que registra e descreve (daí o ser *descritiva*, por isso não lhe cabe definir) um sistema linguístico em todos os seus aspectos (fonético-fonológico, morfossintático e léxico).

Cabe tão somente à gramática descritiva registrar como se diz numa língua funcional.

Por ser de natureza científica, não está preocupada em estabelecer o que é certo ou errado no nível do saber elocutivo, do saber idiomático e do saber expressivo.

A gramática descritiva se reveste de várias formas segundo o que examina mediante uma metodologia empregada, formas que não cabe aqui explicitar, mas tão somente enumerar: *estrutural*, *funcional*, *estrutural e funcional*, *constrastiva*, *distribucional*, *gerativa*, *transformacional*, *estratificacional*, *de dependências*, *de valências*, *de usos*, etc. A gramática estrutural funcional concebida por E. Coseriu aplica-se à depreensão e descrição dos paradigmas do significado gramatical, das estruturas gramaticais de uma língua particular.

Cabe à *gramática normativa*, que não é uma disciplina com finalidade científica e sim pedagógica, elencar os fatos recomendados como modelares da exemplaridade idiomática para serem utilizados em circunstâncias especiais do convívio social.

A gramática normativa recomenda como se deve falar e escrever segundo o uso e a autoridade dos escritores corretos e dos gramáticos e dicionaristas esclarecidos.

4 – Âmbitos de Estudo da Gramática

Como vimos, a gramática descritiva registra e descreve todos os aspectos de uma língua particular, homogênea e unitária. Por isso, aparece diversificada nos capítulos pelos quais costuma ser apresentada: *fonética* e *fonologia*, *morfologia* e *sintaxe* (melhor *morfossintaxe*), *semântica*, *estilística*.

4.1 – Fonética e Fonologia

A fonética e a fonologia estudam o aspecto físico-fisiológico, isto é, o aspecto fônico. A fonética se ocupa do aspecto acústico e fisiológico dos sons reais e concretos dos atos linguísticos: sua produção, articulação e variedades.

Já para a fonologia, a unidade básica não é o som, mas o *fonema*, visto como unidade acústica que desempenha função linguística distintiva de unidades linguísticas superiores dotadas de significado. Assim, em *tinta*, a fonética, levando em conta a realidade acústica na pronúncia carioca, distingue dois sons diferentes de *t*, enquanto a fonologia considera funcionalmente um só *t*, pois, apesar de articulado diferentemente nas várias realizações, o falante se considera diante de uma mesma palavra: *tinta*.

4.2 – Sistema gráfico

Nas línguas em que, ao lado da realidade *oral*, existe a representação escrita de um sistema convencional dessa oralidade chamado *sistema gráfico* ou *ortografia*, este sistema se regula, em geral, ora pela fonética, ora pela fonologia, o que conduz a uma primeira dificuldade para se chegar a um sistema ideal, que exigiria uma só unidade gráfica para um só valor fônico. Neste particular tornou-se necessário não se confundir *letra* com *som* da fala; letra é a representação gráfica com que se procura reproduzir na escrita o som, o que não significa identificá-los. O nosso sistema fonológico tem sete fonemas vocais orais tônicos para cuja representação temos apenas cinco letras (**a** – **e** – **i** – **o** – **u**). Costuma-se hoje chamar *grafema* à unidade gráfica (letra) da escrita.

Em se tratando de línguas modernas que adotaram um sistema gráfico aproveitando o alfabeto latino, como ocorre com a maioria dos idiomas modernos, três fatores contribuem para que não se alcance uma ortografia ideal, apesar de entrarem em seu socorro recursos de letras e sinais diacríticos não existentes em latim:

a) adoção de alfabeto estranho, como o latino, nem sempre capaz de atender à representação de fonemas das novas línguas;

b) mudança através do tempo de fonemas das novas línguas, depois de adotado o alfabeto latino;

c) permanente indecisão das convenções ortográficas entre a opção fonético-fonológica e a "etimológica" (este, pelo prestígio dos hábitos da escrita latina).

4.3 – Alfabeto fonético

Para fins científicos e pedagógicos (principalmente nas gramáticas e dicionários destinados a estrangeiros), usam-se *alfabetos fonéticos* que procuram na transcrição representar fielmente cada unidade fônica por meio de um sinal gráfico, escolhido entre as letras já existentes no alfabeto e mais sinais especiais criados para atingir a fidelidade acústica

desejada.

4.4 – Gramática e Estilística

A gramática pode estudar tanto o aspecto da pura comunicação (chamada linguagem enunciativa ou intelectiva) quanto o aspecto afetivo, de exteriorização psíquica e apelo (linguagem emotiva).

De modo geral, aplica-se a gramática propriamente dita aos aspectos da linguagem intelectiva, ficando a linguagem emotiva para tarefa de uma disciplina chamada *estilística*, de que falaremos mais adiante.

4.5 – Morfossintaxe

A parte central da gramática pura é a morfossintaxe, também com menos rigor estudada como dois domínios relativamente autônomos: a *morfologia* (estudo da palavra e suas "formas") e a *sintaxe* (estudo das combinações materiais ou funções sintáticas). Ocorre que, a rigor, tudo na língua se refere sempre a combinações de "formas", ainda que seja combinação com zero ou ausência de "forma"; assim, toda essa pura gramática é na realidade sintaxe, já que a própria oração não deixa de ser uma "forma"(na lição tradicional, ela não pertence ao domínio da morfologia). Melhor seria se adotássemos a proposta de Eugenio Coseriu que já estava presente numa lição de Gabelentz; a gramática se comporia de três seções: a) "constitucional" (que descreveria a configuração material da "forma" gramatical, abrangendo por forma também o grupo de palavras, a oração e o período); b) "funcional" (que investiga as funções dos diferentes estratos de estruturação gramatical, comprovando os paradigmas que funcionam em cada estrato); c) "relacional" (que estuda as relações entre os diferentes paradigmas pelos quais se expressam funções designativas análogas) [ECs.4, 262-263].

4.6 – Lexicologia

Outro domínio dos estudos gramaticais que, pela sua especificidade e extensão também constitui uma disciplina autônoma, é a *lexicologia*.

É tarefa da lexicologia o estudo dos *lexemas*, suas estruturas e variedades e suas relações com os significantes. Entende-se por lexema a unidade linguística dotada de *significado léxico*, isto é, aquele significado que aponta para o que se apreende do mundo extralinguístico mediante a linguagem. Assim, em *amor*, *amante*, *amar*, *amavelmente* o significado léxico é comum a todas as palavras da série.

Levando-se em conta o plano da expressão (significante) e o plano do conteúdo (significado), a lexicologia abarcará quatro disciplinas subsidiárias [ECs.12, 46-48]:

a) *lexicologia da expressão*: estudo das relações entre os vários significantes léxicos enquanto tais, por exemplo, *amar* ↔ *amante*, *falar* ↔ *falante* ao lado de *saltar* ↔ *saltador*.

b) *lexicologia do conteúdo*: estudo das relações entre os significados léxicos enquanto tais: *salário*, *ordenado*, *provento*, *honorário*, *soldo*, *mesada*; ou *sair* x *chegar*, etc. (sinônimos, antônimos)

c) *semasiologia*: estudo da relação entre os dois planos partindo da expressão para o conteúdo: o significante *hóspede* com os significados de 'aquele que dá a hospedagem' e

‘aquele que recebe a hospedagem’; *nora* ‘esposa de filho em relação aos pais dele’, e *nora* ‘aparelho para tirar água de poço, cisterna’.

Tradicionalmente é este estudo que se reconhece em geral como a disciplina semântica ou semântica lexical.

d) *onomasiologia*: estudo da relação dos dois planos, partindo do conteúdo: para o significado ‘dinheiro’ há os significantes *prata*, *massa*, *erva*, *caraminguá*, *arame*, *mango* (quase todos populares ou familiares).

Há disciplinas lexicológicas preocupadas com a origem dos palavras. Aí temos a *etimologia* (estudo da origem delas), a *onomástica* (estudo histórico dos nomes próprios, dividida em *antroponímia* – história dos nomes de pessoa – e *toponímia* – história dos nomes de lugares).

4.7 – Outra vez a Estilística

A seguir, temos a estilística, a qual, conforme dissemos anteriormente, é o estudo dos aspectos afetivos que envolvem e caracterizam a linguagem emotiva que perpassa todos os fatos de língua. Pode tanto aplicar-se àqueles usos da esfera afetiva e emotiva generalizados na língua, por exemplo, os diminutivos, os aumentativos, as hipérboles, etc. (a chamada *estilística da língua* de Charles Bally), ou então às criações estéticas originais e inéditas de um autor ou de uma obra (a chamada *estilística da fala* da escola idealista alemã de Karl Vossler, Leo Spitzer e seguidores).

4.8 – Outros tipos de Gramática

Além da gramática descritiva, são também gramáticas científicas, isto é, sem finalidade prescritiva ou normativa, e com objeto e metodologia próprios:

a) *gramática geral* (mais impropriamente chamada *gramática universal*): estudo dos fundamentos teóricos dos conceitos gramaticais (e por isso mesmo lhe cabe a definição desses conceitos), ou, noutro sentido, procura os fatos gramaticais comuns e gerais a vários sistemas linguísticos. Também é denominada *teoria gramatical*. Esta gramática investiga o plano universal da linguagem e, por isso, não tem como objeto uma língua particular, como as gramáticas seguintes, que investigam o plano histórico da linguagem, uma vez que estudam línguas históricas, isto é, técnicas (saberes) historicamente determinadas.

b) *gramática comparada*: estudo comparado de línguas pertencentes a um tronco ou “família” procedente de uma fonte comum primitiva, com vista a estabelecer os fatos manifestados pela relação de “parentesco”.

c) *gramática histórica* (considerada em sentido estrito): estudo diacrônico de um só sistema idealmente homogêneo.

d) *história interna da língua*: estudo diacrônico de uma língua histórica.

Citem-se mais as seguintes disciplinas linguísticas:

1) *dialetologia*: estudo das diferenças regionais de uma língua; sua aplicação, mediante método particular para cada uma, se faz com duas subdisciplinas: *geografia linguística* e *paleontologia linguística*.

2) *sociolinguística*: estudo da variedade e variação da linguagem em relação com a estrutura social das comunidades.

3) *etnolinguística*: estudo da variedade e variação da linguagem em relação com a civilização e a cultura [ECs.15, 29].

4) *psicolinguística*: estuda o aspecto psíquico da atividade linguística.

Até aqui, as gramáticas e disciplinas que investigam os fatos de uma língua ou de línguas particulares são disciplinas que se aplicam ao plano idiomático da linguagem.

Por fim, cabe aludir à *linguística do texto*, campo recente de estudo, que visa a examinar o sentido do texto considerado como entidade autônoma da linguagem. Investiga o plano individual da linguagem. É o estudo da hermenêutica do sentido. Para Coseriu, enquanto as disciplinas que estudam a língua se aplicam ao exame da estrutura do significante e à descrição da estrutura do significado, a pura linguística do texto se aplica à interpretação do significante e do significado da língua como expressão do sentido [ECs.3].

1 E. Coseriu [ECs.15, 22; ECs.4, 172].

I – Fonética e Fonologia

A) Produção dos sons e classificação dos fonemas

1 – Fonética Descritiva

Fonemas – Chamam-se fonemas os sons elementares e distintivos que o homem produz quando, pela voz, exprime seus pensamentos e emoções.

Fonemas não são letras – Desde logo uma distinção se impõe: não se há de confundir *fonema* com *letra*. *Fonema* é uma realidade acústica, realidade que nosso ouvido registra; enquanto *letra* é o sinal empregado para representar na escrita o sistema sonoro de uma língua. Não há identidade perfeita, muitas vezes, entre os fonemas e a maneira de representá-los na escrita, o que nos leva facilmente a perceber a impossibilidade de uma *ortografia* ideal. Temos, como veremos mais adiante, *sete* vogais orais tônicas, mas apenas *cinco* símbolos gráficos (letras): *a*, *e*, *i*, *o*, *u*. Quando queremos distinguir um *e* tônico aberto de um *e* tônico fechado – pois são dois fonemas distintos – geralmente utilizamos sinais subsidiários: o acento agudo (*fé*) ou o circunflexo (*vê*). Há letras que se escrevem por várias razões, mas que não se pronunciam, e portanto não representam a vestimenta gráfica do fonema; é o caso do *h* em *homem* ou *oh!* Por outro lado, há fonemas que se ouvem e que não se acham registrados na escrita; assim, no final de *cantavam*, ouvimos um ditongo em *-am* cuja semivogal não vem assinalada /amávãw/. A escrita, graças ao seu convencionalismo tradicional, nem sempre espelha a evolução fonética. Neste livro, diferençamos a letra do fonema, pondo este entre barras; dessarte, indicaremos o *e* aberto e *e* fechado da seguinte maneira: /*é*/, /*ê*/.

Fonética e Fonologia – Na atividade linguística, o importante para os falantes é o fonema, e não a série de movimentos articulatórios que o determina. Assim sendo, enquanto a análise fonética se preocupa tão-somente com a articulação, a fonêmica atenta apenas para o fonema que, reunindo um feixe de traços que o distingue de outro fonema, permite a comunicação linguística. A fonética pode reconhecer, e realmente o faz, diversas realizações para o /*t*/ da série *ta-te-ti-to-tu*; a fonêmica não leva em conta as *variações* (que se chamam *alofones*), porque delas não tomam conhecimento os falantes de língua portuguesa. Um fonema admite uma gama variada de realizações fonéticas que vai até a conservação da integridade do vocábulo: quando isto não ocorre, diz-se que houve mudança de fonema. O /*l*/ admite várias realizações no Brasil, de norte a sul (e estas variantes não interessam à análise fonêmica, análise que deveria ter primazia em nosso estudo de língua); mas haverá mudança de fonemas

quando se não puder fazer a oposição *mal* / *mau*. Como bem ensina Mattoso Câmara, "o fonema, entendido como um feixe de traços distintivos, individualiza-se e ganha realidade gramatical pelo seu contraste com outros feixes em idênticos ambientes fonéticos. Não é, pois, a diferença articulatória e acústica que distingue primariamente dois fonemas, senão a possibilidade de determinarem significações distintas numa mesma situação fonética. Compreende-se assim que um mesmo fonema possa variar amplamente na sua realização, conforme o ambiente fonético ou as peculiaridades do sujeito falante" [MC.7, 44-45].

Fonologia não se opõe a fonética: a primeira estuda o número de oposições utilizadas e suas relações mútuas, enquanto a fonética experimental determina a natureza física e fisiológica das distinções observadas [BM.1, 116]. Ambas disciplinas pertencem ao nível biológico do falar condicionado psicofisicamente.

Aparelho Fonador

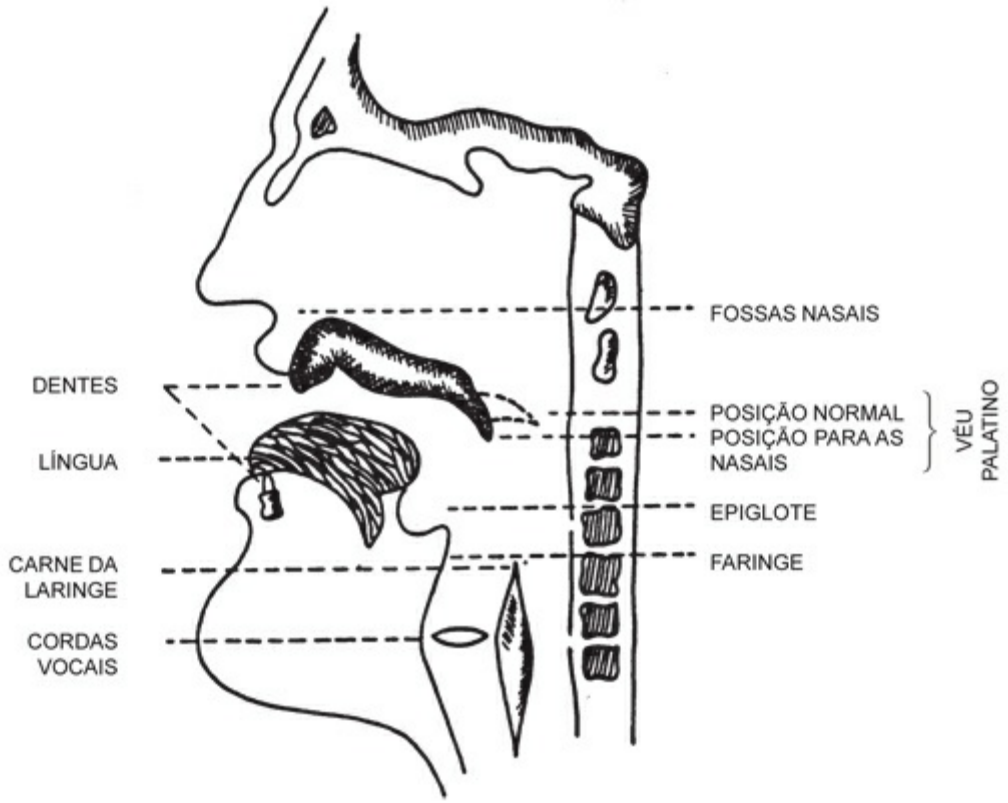

Aparelho fonador – Nós não temos um aparelho especial para a fala; produzimos os fonemas servindo-nos de órgão do aparelho respiratório e da parte superior do aparelho digestivo, que só secundariamente se adaptaram às exigências da comunicação, numa aquisição lenta do homem. A esses órgãos da fala, constitutivos do aparelho fonador, pertencem, além de músculos e nervos: os *brônquios*, a *traqueia*, a *laringe* (com as cordas vocais), a *faringe*, as *fossas nasais* e a *boca* com a *língua* (dividida em ápice, dorso e raiz), as *bochechas*, o *palato duro* (ou céu da boca), o *palato mole* (ou véu palatino) com a *úvula*

ou *campainha*, os *dentes* (mormente os anteriores) com os *alvéolos*, e os *lábios*.

Em português, como na maioria dos idiomas, os fonemas são produzidos graças à modificação que esses órgãos da fala impõem à *corrente de ar que sai dos pulmões*. Línguas há, entretanto, que se servem da corrente inspiratória (entrando o ar nos pulmões) para produzir fonemas, que são conhecidos pelo nome de *cliques*. Produzimos cliques quando fazemos os movimentos bucais, acompanhados da sucção de ar na boca, para o beijo, o muxoxo e certos estalidos como o que serve para animar a caminhada dos cavalos, mas não os utilizamos como sons da fala em português.

Como se produzem os fonemas – A corrente de ar que vem dos pulmões passa pela *traqueia* e chega à sua parte superior que se chama *laringe*, conhecida vulgarmente como *pomo de adão*. Na laringe, a parte mais valiosa e mais complexa do aparelho fonador, se acham, horizontalmente, duas membranas mucosas elásticas, à maneira de lábios: as *cordas vocais*, por cujo estreito intervalo, denominado *glote*, a corrente de ar tem de passar para ganhar a *faringe*, e daí, ou totalmente pela *boca* (*fonemas orais*), ou parte pela boca e parte pelas fossas nasais (*fonemas nasais*), chegar à atmosfera. É esta corrente expiratória que, modificada pelos órgãos da fala, é responsável pela produção dos fonemas.

As diferenças que se notam entre vozes diversas dos sexos, das idades e das pessoas, baseiam-se em geral nas dimensões da laringe.

Fonemas surdos e sonoros – Quando a corrente de ar se dirige à glote, esta pode encontrar-se aberta, fechada ou quase fechada. No primeiro caso, a corrente de ar passa livremente, sem provocar a vibração das cordas vocais. O fonema que, nestas circunstâncias, se produz é chamado *surdo*: /s/, /f/, /x/, /t/, /k/, etc. Se a glote está fechada ou quase fechada, a corrente de ar, ao forçar a passagem, provoca a vibração das cordas vocais, produzindo os fonemas sonoros. São sonoras todas as vogais e certas consoantes como /z/, /v/, /j/, /d/, /g/, etc.

Em muitos casos, podemos perceber a vibração das cordas vocais, pondo de leve a ponta do dedo no pomo de adão e proferindo um fonema sonoro, como /z/, /v/, /j/, tendo o cuidado de não acompanhá-lo de vogal. Sentimos nitidamente um tremular que denota a vibração das cordas vocais. Se proferimos um fonema surdo, como /s/, /f/, /x/, com o cuidado apontado acima, não sentimos o tremular. Podemos ainda repetir a experiência tapando os ouvidos. Só com os fonemas sonoros ouvimos um zumbido característico da vibração das cordas vocais.

Vogais e consoantes – A voz humana se compõe de *tons* (sons musicais) e *ruídos*, que o nosso ouvido distingue com perfeição. Caracterizam-se os tons, quanto às condições acústicas, por suas vibrações periódicas. Esta divisão corresponde, em suas linhas gerais, às vogais (= tons) e às consoantes (= ruídos). As consoantes podem ser ruídos puros, isto é, sem vibrações regulares (correspondem às consoantes surdas), ou ruídos combinados com um tom laríngeo (consoantes sonoras) [BM.1, 20].

Quanto às condições fisiológicas de produção, as vogais são fonemas durante cuja articulação a cavidade bucal se acha completamente livre para a passagem do ar. As consoantes são fonemas durante cuja produção a cavidade bucal está total ou parcialmente fechada, constituindo, assim, num ponto qualquer, um obstáculo à saída da corrente expiratória.

OBSERVAÇÃO: Só por suas condições acústicas e fisiológicas de produção é que se distinguem as vogais das consoantes. Por imitação dos gregos, os antigos gramáticos definiam a vogal pela sua função na sílaba: elemento necessário e suficiente para formar uma sílaba. E daí chegavam à conceituação deficiente de consoante: fonema sem existência independente, que só se profere com uma vogal. Sabemos de idiomas em que há sílabas constituídas apenas de consoantes e em que uma consoante pode fazer as vezes de vogal [LR.1, 75-75].

Na língua portuguesa a *base da sílaba* ou o *elemento silábico* é a vogal; os elementos *assilábicos* são a consoante e a semivogal, que estudaremos mais adiante.

Classificação das vogais – Classificam-se as vogais, segundo a *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, de acordo com quatro critérios:

a) quanto à zona de articulação;

b) quanto à intensidade;

c) quanto ao timbre;

d) quanto ao papel das cavidades bucal e nasal.

a) Quanto à ZONA DE ARTICULAÇÃO, as vogais podem ser *média*, *anteriores* e *posteriores*.

Com a boca ligeiramente aberta e a língua na posição quase de repouso, proferimos o fonema /a/, que é o que exige menor esforço e constitui a vogal *média*. Se daí passarmos à série /é/ – /ê/ – /i/, notaremos que a ponta da língua se eleva, avançando em direção ao palato duro, o que determina uma diminuição da abertura bucal e um aumento da abertura da faringe. A série /é/ – /ê/ – /i/ constitui as vogais *anteriores*. Se passarmos da vogal média /a/ para a série /ó/ – /ô/ – /u/, notaremos que o dorso da língua se eleva, recuando em direção ao véu do paladar, o que provoca uma diminuição da abertura bucal e um arredondamento progressivo dos lábios. A série /ó/ – /ô/ – /u/ forma as vogais *posteriores*.

VOGAIS ANTERIORES 2

POSIÇÃO DOS LÁBIOS POSIÇÃO DA LÍNGUA

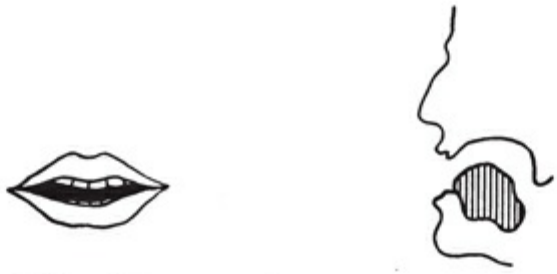

E (aberto) como em *é*

E (fechado) como em *dê*

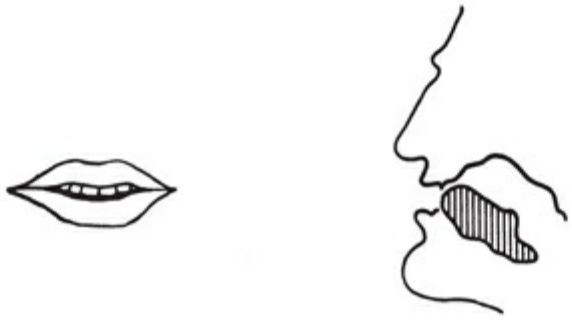

I como em *vi*

VOGAIS POSTERIORES 3

O (aberto) como em *pó*

O (fechado) como em *avô*

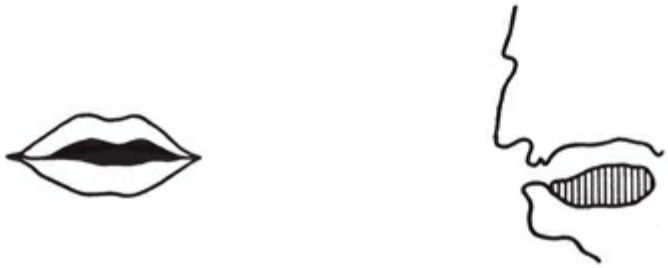

U como em *tu*

ZONAS DE ARTICULAÇÃO

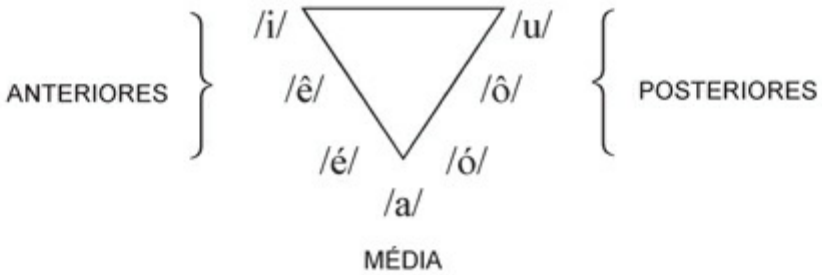

b) Quanto à INTENSIDADE, as vogais podem ser *tônicas* ou *átonas*. Vogal tônica é aquela em que recai o acento tônico da palavra: av*ó*, p*a*ga, t*í*mido.

Vogal átona é a inacentuada: *a*vó, pag*a*, tím*i*do. As vogais átonas podem estar antes da tônica (pretônicas): *a*vó, p*a*gar, ou depois (postônicas): tím*i*d*o*.

Nos vocábulos de maior extensão fonética, mormente nos derivados e nos verbos seguidos de pronome átono, pode aparecer, além da tônica, uma vogal de grande intensidade, a qual

recebe o nome de vogal *subtônica*: pol*i*damente, c*e*gamente, louv*a*r-te-ei.

c) quanto ao TIMBRE, as vogais podem ser *abertas*, *fechadas* e *reduzidas*. *Timbre* é o efeito acústico resultante da distância entre o dorso da língua e o véu do paladar, funcionando a cavidade bucal como caixa de ressonância. O timbre é o traço distintivo das vogais. Na vogal de timbre aberto, a língua se acha baixa: /a/, /é/, /ó/. Na vogal de timbre fechado, a língua se eleva: /ê/, /ô/, /i/, /u. A vogal de timbre reduzido é proferida debilitada, anulando-se a oposição entre aberta e fechada. A distinção entre abertas e fechadas só se dá nas vogais tônicas e subtônicas; nas átonas desaparece a diferença entre /ó/ e /ô/, /é/ e /ê/, e o /a/ reduzido é proferido com menos nitidez, como se pode depreender comparando-se os dois tipos em *casa*, em que o primeiro é aberto e o segundo, reduzido.

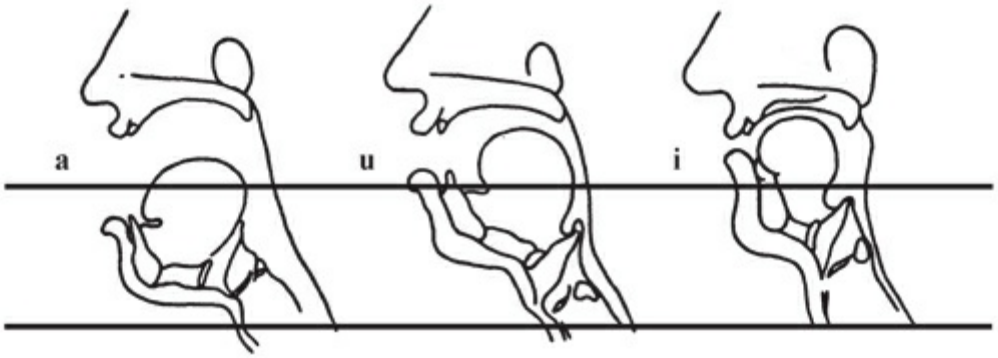

A gravura mostra a posição das vogais /a/, /u/ e /i/. Note-se o fechamento do canal bucal na articulação do /u/ e do /i/ com movimento da epiglote e elevação da língua em direção ao palato [ER.1, 15].

Quase sempre no fim das palavras, as vogais átonas *e* e *o* se enfraquecem e soam, respectivamente, /i/ e /u/ 4. Assim temos sete vogais tônicas orais (/a/, /é/, /ê/, /i/, /ó/, /ô/, /u/), cinco vogais átonas orais (/a/, /e/, /i/, /o/, /u/) e três vogais reduzidas orais (/a/, /i/, /u/). Também são reduzidas as vogais átonas nasais: *a*ntigo, s*e*ntar, l*i*mpeza, c*o*mbate, f*u*ndar.5

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Não temos no Brasil o *a* fechado oral tônico dos portugueses como em c*a*da, p*a*ra, m*a*s.

2.ª) Na pronúncia normal brasileira, as vogais nasais são fechadas ou reduzidas (estas quando átonas).

d) quanto ao papel das CAVIDADES BUCAL e NASAL, as vogais podem ser *orais* e *nasais*. São orais aquelas *cuja ressonância se produz na boca*. Há sete vogais orais tônicas (/á/, /é/, /ê/, /i/, /ó/, /ô/, /u/), cinco orais átonas, por não haver aqui distinção entre /é/ e /ê/, /ó/ e /ô/ (/a/, /e/, /i/, /o/, /u/) e três reduzidas (/a/, /i/, /u/). São nasais as vogais que, em sua produção, *ressoam nas fossas nasais*. Há cinco vogais nasais (/ã/, /ẽ/, /ĩ/, /õ/, /ũ/): l*ã*, c*a*nto, c*a*mpina, v*e*nto, v*e*ntania, l*í*mpido, viz*i*nhança, c*o*nde, c*o*ndessa, t*u*nda, pron*u*nciamos. É o fenômeno da ressonância, e não da saída do ar, o que opõe os fonemas orais aos nasais.

Quanto ao timbre, as nasais tônicas e subtônicas são fechadas e as átonas, reduzidas.

OBSERVAÇÃO: Na pronúncia normal brasileira soam quase sempre como nasais as vogais seguidas de *m*, *n* e principalmente *nh*: c*a*ma, c*a*na, b*a*nha, c*e*na, f*i*na, h*o*mem, Ant*ô*nio, *ú*mido, *u*nha. Assim não distinguimos as formas verbais terminadas em -*amos* e -*emos* do presente e do pretérito do indicativo: *agora cantamos*, *ontem cantamos*; *agora lemos*, *ontem lemos*.

ABERTAS	FECHADAS		REDUZIDAS	
orais	*orais*	*nasais*	*orais*	*nasais*
1) A: p*á*, c*a*veira, c*á*lido, pl*a*cidamente	—	rom*ã*, c*a*nto, l*â*mpada	cas*a*	ím*ã*, c*a*ntinho
2) E: f*é*, t*e*la, p*é*rola, caf*e*zal	v*ê*, n*e*gro, p*ê*ssego	l*e*mbro, v*e*nto	verd*e*	*e*ngolir
3) O: p*ó*, v*o*to, gl*ó*bulo, f*o*rtezinho	av*ô*, p*o*vo, l*ô*brego, gl*o*binho	p*o*nto, t*ô*mbola	globinh*o*	c*o*mprida, c*o*ntínua
4) I:	l*i*, v*i*da, l*í*rico	f*i*m, t*i*nta, l*í*mpido	láp*i*s, júr*i*	t*i*nteiro
5) U:	l*u*z, t*u*do, l*ú*gubre	f*u*ndo, c*u*mpro	vír*u*s	álb*u*m

Elevação da língua: quinto critério para classificação das vogais – A Nomenclatura Gramatical Brasileira não levou em conta a elevação gradual da língua, o que distingue as vogais em: 1 – vogal baixa: /a/; 2 – vogais médias com dois graus de elevação: /é/, /ó/ e /ê/, /ô/; 3 – vogais altas: /i/, /u/. Entre as nasais desaparecem os dois graus de elevação das vogais médias.

ORAIS 6

/ i /	/ u /	Altas
/ ê /	/ ô /	Médias
/ é /	/ ó /	Médias
/ a /		Baixa

NASAIS

/ ĩ /	/ ũ/	Altas
/ ẽ /	/ õ /	Médias
/ ã /		Baixa

Se não estabelecermos este quinto critério para a classificação das vogais, teremos de pôr num mesmo plano fonemas diferentes, como /õ/ e /ũ/, /ẽ/ e /ĩ/, o que não é correto.

QUADRO DA CLASSIFICAÇÃO DAS VOGAIS

VOGAIS	1) *quanto à zona de articulação*	anteriores: /é/, /ê/, /i/ média: /a/ posteriores: /ó/, /ô/, /u/
	2) *quanto ao timbre*	abertas: /a/, /é/, /ó/ fechadas: /ê/, /ô/, /i/, /u/ reduzidas: /a/, /i/, /u/
	3) *quanto ao papel das cavidades bucal e nasal*	orais: /a/, /é/, /ê/, /i/, /ó/, /ô/, /u/ nasais: /ã/, /ẽ/, /ĩ/, /õ/, /ũ/
	4) *quanto à intensidade*	tônicas átonas
	5) *quanto à elevação da língua*	baixa: /a/ médias: /é/, /ó/, /ê/, /ô/ altas: /i/, /u/

Semivogais. Encontros vocálicos: ditongos, tritongos e hiatos – Chamam-se *semivogais* as vogais *i* e *u* (orais ou nasais)7 quando assilábicas, as quais acompanham a vogal numa mesma sílaba. Os encontros vocálicos dão origem aos *ditongos*, *tritongos* e *hiatos*. Representamos as semivogais *i* (*e*) por /y/ e *u* (*o*) por /w/.

DITONGO é o encontro de uma vogal e de uma semivogal, ou vice-versa, na mesma silaba: p*ai*, m*ãe*, ág*ua*, cár*ie*, mág*oa*, r*ei*.

Sendo a vogal a base da sílaba ou o elemento silábico, é ela o som vocálico que, no ditongo, se ouve mais distintamente. Nos exemplos dados são vogais: pAi, mÃe, águA, cáriE, mágoA, rEi.

OBSERVAÇÃO: Os ditongos, como os demais encontros vocálicos, podem ocorrer no interior da palavra (dizem-se *intraverbais*: *pai*, *vaidade*) ou pela aproximação, por fonética sintática, de duas ou mais palavras (dizem-se *interverbais*: *certa* ‿ *idade*, *inculta* ‿ *e bela*).

Os ditongos podem ser:

a) crescentes e decrescentes

b) orais e nasais

Crescente é o ditongo em que a semivogal vem antes da vogal: ág*ua*, cár*ie*, mág*oa*.

Decrescente é o ditongo em que a vogal vem antes da semivogal: p*ai*, m*ãe*, r*ei*.

Como as vogais, os ditongos são *orais* (p*ai*, ág*ua*, cár*ie*, mág*oa*, r*ei*) ou *nasais* (m*ãe*).

Os ditongos nasais são sempre fechados, enquanto os orais podem ser *abertos* (p*ai*, c*éu*, r*ói*, id*ei*a) ou *fechados* (m*eu*, d*oi*do, v*ei*a).

Nos ditongos nasais, são nasais a vogal e a semivogal, mas só se coloca o til sobre a vogal: m*ãe*.

Principais ditongos crescentes:

Orais

1) /ya/: glór*ia*, pátr*ia*, d*ia*bo, ár*ea*, nív*ea*
2) /ye/: (= yi): cár*ie*, calvíc*ie*
3) /yé/: d*ie*ta
4) /yo/: vár*io*, méd*io*, áur*eo*, nív*eo*
5) /yó/: mand*io*ca
6) /yô/: p*io*lho
7) /yu/: m*iú*do
8) /wa/: ág*ua*, q*ua*se, d*ua*l, mág*oa*, nód*oa*
9) /wi/: ling*ui*ça, tên*ue*
10) /wó/: quiproq*uó*
11) /wô/: aq*uo*so
12) /wo/ (= *uu*): oblíq*uo*
13) /wê/: c*oe*lho
14) /wé/: eq*ue*stre, g*oe*la

OBSERVAÇÃO: Em muitos destes casos pode ser discutível a existência de ditongos crescentes "por ser indecisa e variável a sonoridade que se dá ao primeiro fonema. Certo é que tais ditongos se observam mais facilmente na hodierna pronúncia lusitana do que na brasileira, em que a vogal (= semivogal), embora fraca, costuma conservar sonoridade bastante sensível" [SA.2,17]. De qualquer maneira registre-se o descompasso entre a realidade fonética (ora hiato, ora ditongo) e a maneira invariável de grafar *miúdo* com acento agudo no *u*, quer seja proferido como dissílabo (e ditongo, portanto) ou como trissílabo (e hiato). Também palavras como *série*, *glória*, que podem ser proferidas como dissílabas (mais usual) ou trissílabas, não têm os encontros vocálicos separados na divisão silábica: *sé-rie*, *gló-ria*, em ambos os casos de pronúncia.

Nasais: 1) /yã/: cr*ia*nça
2) /wã/: q*ua*ndo
3) /wê/: freq*ue*nte, quinq*uê*nio, dep*oe*nte
4) /wĩ/: arg*ui*ndo, q*ui*nquênio, m*oi*nho

Os principais ditongos decrescentes são:

Orais: 1) /ay/: p*ai*, b*ai*xo, tr*ai*dor
2) /ay/ (*a* fechado e, às vezes, nasalado): f*ai*na, p*ai*na, and*ai*me
3) /aw/: p*au*, cac*au*s, *ao*
4) /éy/: r*éi*s, coron*éi*s
5) /êy/: l*ei*, j*ei*to, fiqu*ei*
6) /éw/: c*éu*, chap*éu*
7) /êw/: l*eu*, comet*eu*
8) /iw/: v*iu*, part*iu*
9) /óy/: her*ói*, anz*ói*s
10) /ôy/: b*oi*, f*oi*ce
11) /ow/: v*ou*, r*ou*bo, est*ou*ro
12) /uy/: f*ui*, az*ui*s

Nasais

1) /ãy/: alem*ãe*s, c*ãi*bra

2) /ãw/: p*ão*, amar*am* (= amárão)

3) /ẽy/: b*em* (= bẽi), ont*em* (= ontẽi)

4) /õy/: p*õe*, sen*õe*s

5) /ũy/: m*ui* (= mũi), m*ui*to (= mũito)

NOTA: Nos ditongos nasais decrescentes /*ẽy*/, /*ãy*/ e /*ãw*/ [cf. SS.3, 320, 18, onde *vãs* rima com *mães*], a semivogal pode não vir representada na escrita. Escrevemos a interjeição *hem!* ou *hein!*, sendo, a rigor, a primeira grafia mais recomendável.

TRITONGO é o encontro de uma vogal entre duas semivogais numa mesma sílaba. Os tritongos podem ser *orais* e *nasais*.

Orais

1) /way/: q*uais*, parag*uaio*

2) /wey/: enxag*uei*, averig*uei*s

3) /wiw/: delinq*uiu*

4) /wow/: apazig*uou*

Nasais

1) /wãw/: míng*uam*, sag*ião*, q*ião*

2) /wẽy/: delinq*uem*, enxág*uem*

3) /wõy/: sag*uõe*s

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Nos tritongos nasais /wãw/ e /wẽy/ a última semivogal pode não vir representada graficamente: mínguam, enxáguem.

2.ª) Entre portugueses, por não haver o maior relevo da primeira vogal – fato que se observa entre brasileiros –, o grupo de vogal seguida de um ditongo pode constituir-se num tritongo: f*iéi*s, p*oei*ra, p*ião*.

HIATO é o encontro de duas vogais em sílabas diferentes por guardarem sua individualidade fonética: s*aí*da, c*aa*tinga, m*oi*nho. Isto se dá porque a passagem da primeira para a segunda se faz mediante um movimento brusco, com interrupção da voz.8

Em português, como em muitas outras línguas, nota-se uma tendência para evitar o hiato, através da ditongação ou da crase.

OBSERVAÇÕES :

1.ª) Desenvolvem-se um /y/ semivogal (símbolo chamado em gramática *iode*) ou /w/ semivogal (símbolo chamado *uau*) nos encontros formados por ditongo decrescente seguido de vogal final ou ditongo átono: praia = prai-ia; cheia = chei-ia; tuxaua = tuxau-ua; goiaba = goi-ia-ba.

2.ª) "Nos hiatos cuja primeira vogal for *u* e cuja segunda vogal for final de vocábulo (seguida ou não de *s* gráfico), o desenvolvimento do *uau* variará de acordo com as necessidades expressionais ou as peculiaridades individuais" 9: nua = nu-a ou nu-ua; recue = re-cu-e ou re-cu-ue; amuo = amu-o ou amu-uo.

3.ª) "Os encontros *ia*, *ie*, *io*, *ua*, *ue*, *uo* finais, átonos, seguidos, ou não, de *s*, classificam-se quer como ditongos, quer como hiatos, uma vez que ambas as emissões existem no domínio da Língua Portuguesa: histó-ri-a e histó-ria; sé-ri-e e sé-rie; pá-ti-o e pá-tio; ár-du-a e ár-dua; tê-nu-e e tê-nue; vá-cu-o e vá-cuo".10

4.ª) Autores há que também consideram hiato quando se trata de uma vogal e uma semivogal, como no caso de *goiaba*, *joia*, etc. Outros consideram dois ditongos: *goi-ia-ba*, *joi-ia*.

Nos encontros vocálicos costumam ocorrer dois fenômenos: a *diérese* e a *sinérese*.

Chama-se DIÉRESE à passagem de semivogal a vogal, transformando, assim, o ditongo num hiato: *trai-ção* = *tra-i-ção*; *vai-da-de* = *va-i-da-de*; *cai* = *ca-i*.

Chama-se SINÉRESE à passagem de duas vogais de um hiato a um ditongo crescente:

su-a-ve = sua-ve; *pi-e-do-so = pie-do-so*; *lu-ar = luar*.

A sinérese é fenômeno bem mais frequente que a diérese. A poesia antiga dava preferência ao hiatismo, enquanto, a partir do século XVI, se nota acentuada predominância do ditonguismo (sinérese). É claro que os poetas modernos continuaram a usar a diérese, mormente como efeito estilístico-fônico para a ênfase, a ideia de grandeza, etc. O conhecido verso de Machado de Assis *auréola* com quatro sílabas acentua o tamanho descomunal ressaltado pela leitura lenta: "Pesa-me esta brilhante *auréola* de nume..."

Classificação das consoantes – De acordo com a *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, classificam-se as consoantes de acordo com quatro critérios:

a) quanto ao modo de articulação;

b) quanto à zona de articulação;

c) quanto ao papel das cordas vocais.

d) quanto ao papel das cavidades bucal e nasal.

a) quanto ao MODO DE ARTICULAÇÃO, as consoantes podem ser *oclusivas* e *constritivas*, e estas se subdividem em *fricativas*, *laterais*, *vibrantes* e *nasais*. O obstáculo que, na cavidade bucal, os órgãos impõem à corrente expiratória pode ser de dois tipos: ou os órgãos da boca estão dispostos de tal modo que impedem *completamente* a saída do ar, ou permitem *parcialmente* que a corrente expiratória chegue à atmosfera. No primeiro caso, dizemos que as consoantes são *oclusivas*; no segundo, *constritivas*. As constritivas são fricativas quando a corrente expiratória, passando por entre os órgãos que formam o obstáculo parcial, produz um atrito à maneira de fricção: /f/, /v/, /s/, /z/, /x/, /j/. São constritivas laterais quando a passagem da corrente expiratória, obstruída pela aproximação do ápice ou dorso da língua aos alvéolos da arcada dentária superior ou ao palato, escapa pelos lados da cavidade bucal: /l/, /lh/. São constritivas vibrantes quando o ápice da língua contra os alvéolos ou a raiz da língua contra o véu do paladar executa movimento vibratório rápido, abrindo e fechando a passagem à corrente expiratória: /r/ (simples) e /rr/ (múltipla). São constritivas nasais quando, pelo abaixamento do véu palatino e um abrimento do nasal, as consoantes ressoam nas fossas nasais. Temos três consoantes nasais: a bilabial /m/, a linguodental /n/ e a palatal /nh/.

b) quanto à ZONA DE ARTICULAÇÃO, as consoantes podem ser:

1) *bilabiais* (lábio contra lábio): /p/, /b/, /m/.

2) *labiodentais* (lábio inferior e arcada dentária superior): /f/, /v/.

3) *linguodentais* (língua contra arcada dentária superior): /t/, /d/, /n/.

4) *alveolares* (língua em direção ou contra os alvéolos): /s/, /z/, /l/, /r/, /rr/.

5) *palatais* (dorso da língua contra o céu da boca): /x/, /j/, /lh/, /nh/.

6) *velares* (raiz da língua contra o véu do paladar): /k/, /g/.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) O /l/ inicial da sílaba é nitidamente alveolar, enquanto o final é proferido relaxado, quase *velar*, mas tendo-se o cuidado de não fazê-lo igual a *u*. Nas ligações com a vogal inicial de outro vocábulo, soa como alveolar.

2.ª) O /rr/ *alveolar* pode ser proferido como *velar*, graças ao maior recuo da língua.

3.ª) As linguodentais /t/ e /d/ seguidas de *i* podem palatalizar-se: *tinta* e *digno* podem soar /txinta/ e /djigno/. Evite-se o exagero destas palatalizações.

c) quanto ao papel das CORDAS VOCAIS, as consoantes podem ser surdas e sonoras.

Surdas: /p/, /f/, /t/, /s/, /x/, /k/.

Sonoras: /b/, /v/, /d/, /z/, /j/, /g/, /m/, /n/, /nh/, /l/, /lh/, /r/, /rr/.

São sonoras as consoantes *vibrantes*, *nasais* e o /l/ lateral.

d) quanto ao papel das CAVIDADES BUCAL e NASAL, as consoantes podem ser *orais* e *nasais*. São nasais /m/, /n/, /nh/.

As outras são orais.

QUADRO DA CLASSIFICAÇÃO DAS CONSOANTES

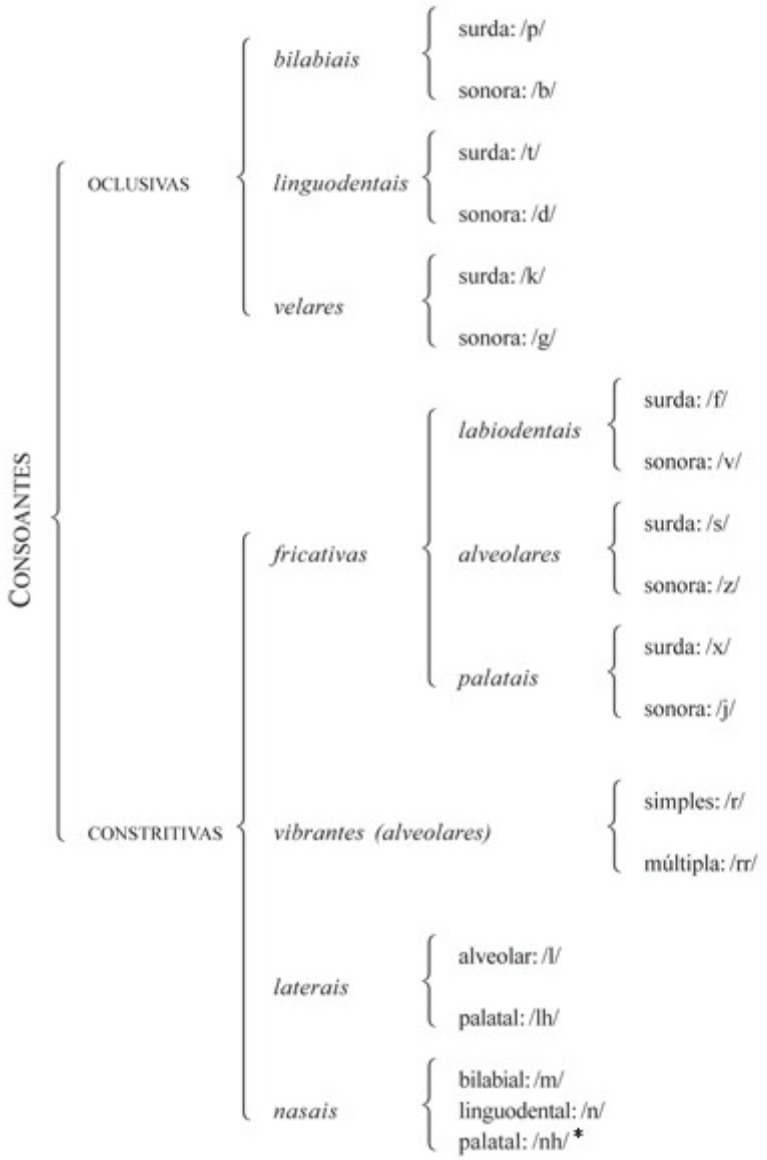

* Para fugir a uma oposição errônea *surda/sonora/nasal*, preferimos, ainda com a aquiescência da NGB, colocar as *nasais* entre as constritivas. Há autores que fazem das *nasais* uma classe à parte, ou as põem entre as oclusivas, critérios também defensáveis.

Encontro consonantal – Assim se chama o seguimento imediato de duas ou mais consoantes de um mesmo vocábulo. Há encontros consonânticos pertencentes a uma sílaba, ou a sílabas diferentes. Os primeiros terminam por *l* ou *r*: li-*vr*o; *bl*u-sa; *pr*o-sa; *cl*a-mor; ri*t-m*o; pa*c-t*o; a*f-t*a, a*d-m*i-tir.

O encontro consonantal /cs/ é representado graficamente pela letra *x*: anexo, fixo.

São mais raros em nossa língua os seguintes encontros consonânticos encontráveis em vocábulos eruditos. Estes encontros são separáveis, salvo os que aparecem no início de vocábulos:

bd: lamb-da	*ft*: af-ta
bs: ab-so-lu-to	*pn*: pneu, pneu-má-ti-co
cç: sec-ção	*ps*: psiu
dm: ad-mi-tir	*pt*: ap-to
gn: dig-no	*tm*: ist-mo
mn: mne-mô-ni-co	*tn*: ét-ni-co

Tais encontros merecem especial cuidado porque, na pronúncia despreocupada, tendem a constituir duas sílabas pela intercalação de uma vogal:

advogado	e não	*adivogado* ou *adevogado*
absoluto	e não	*abissoluto*
admirar	e não	*adimirar*
afta	e não	*áfita*
ritmo	e não	*rítimo*
pneu	e não	*pineu* / *peneu*
indigno	e não	*indíguino*

O desejo de corrigir o engano leva muitas vezes à omissão de vogal de certos vocábulos:

adivinhar	e não	*advinhar*
subentender	e não	*subtender*

Dígrafo – Não se há de confundir *dígrafo* ou *digrama* com encontro consonantal. *Dígrafo* é o emprego de duas letras para a representação gráfica de um só fonema: pa*ss*o (cf. paço), *ch*á (cf. xá), ma*nh*ã, pa*lh*a, *en*viar, m*an*dar.

Há dígrafos para representar consoantes e vogais nasais.11 Os dígrafos para consoantes são os seguintes, todos inseparáveis, com exceção de *rr* e *ss*, *sc*, *sç*, *xc*:

ch:	chá	*xs*:	exsudar 'transpirar'
lh:	malha	*rr*:	carro
nh:	banha	*ss*:	passo
sc:	nascer	*qu*:	quero
sç:	nasça	*gu*:	guerra
xc:	exceto		

Para as vogais nasais:

am ou *an*:	campo, canto
em ou *en*:	tempo, vento
im ou *in*:	limbo, lindo

om ou *on*: ombro, onda
um ou *un*: tumba, tunda

Letra diacrítica – É aquela que se junta a outra para lhe dar valor fonético especial e constituir um dígrafo. Em português as letras diacríticas são *h*, *r*, *s*, *c*, *ç*, *u* para os dígrafos consonantais e *m* e *n* para os dígrafos vocálicos: c*h*á, car*r*o, pas*s*o, q*u*ero, ca*m*po, o*n*da.

OBSERVAÇÃO: Daí se tiram as seguintes conclusões aplicáveis à análise fonética:

1.ª) Não há ditongo em q*u*ero;

2.ª) *M* e *n* não são aqui fonemas consonânticos nasais em caMpo, oNda, mas há autores que os classificam como consoantes, por não aceitarem a existência de vogais nasais (Mattoso Câmara).

3.ª) *Qu* e *gu* se classificam como /k/ e /g/, respectivamente.

2 – FONÉTICA EXPRESSIVA OU FONOESTILÍSTICA

Os fonemas com objetivos simbólicos – Muitas vezes utilizamos os fonemas para melhor evocar certas representações.

É deste emprego que surgem as *aliterações*, as *onomatopeias* e os *vocábulos expressivos*.

Aliteração – É a repetição de fonema, vocálico ou consonântico, igual ou parecido, para descrever ou sugerir acusticamente o que temos em mente e expressar, quer por meio de uma só palavra quer por unidades mais extensas.

O sossego do vento ou o barulho ensurdecedor do mar ganham maior vivacidade através da aliteração dos seguintes versos:

"As asas ao sereno e sossegado vento" (utilização do fonema fricativo alveolar sonoro e surdo).

"Bramindo o negro mar de longe brada" (utilização principal dos fonemas *b*, *r* e *d*).

A aliteração tanto pode servir ao estilo solene e culto, como nos exemplos referidos, como pode estar presente nas manifestações de espontânea expressividade popular, conforme se vê nos provérbios, nas frases feitas, nos modos de dizer populares: *são e salvo*, *cara ou coroa*, *de cabo a rabo*, etc. O que importa acentuar é que a aliteração mais ocorre na exteriorização psíquica e no apelo do *que* na comunicação intelectiva.

Onomatopeia – É o emprego de fonema em vocábulo para descrever acusticamente um objeto pela ação que exprime.

São frequentes as onomatopeias que traduzem as vozes dos animais e os sons das coisas:

O *tique-taque* do relógio, o *marulho* das ondas, o *zunzunar* da abelha, o *arrulhar* dos pombos.

Vocábulo expressivo – É o que não imita um ruído, mas sugere a ideia do ser que se quer designar com a ajuda do valor psicológico de seus fonemas: *romper*, *tagarelar*, *tremeluzir*, *jururu*, *ziriguidum*, *borogodó*.

Encontros de fonemas que produzem efeito desagradável ao ouvido – Muitas vezes, certos encontros de fonemas produzem efeito desagradável que repugna o ouvido e, por isso, cumpre evitar, sempre que possível. Esses defeitos são mais perceptíveis nos textos escritos porque a pessoa que os lê nem sempre faz as pausas e as entonações que o autor utilizou, com as quais diminui ou até anula os encontros de fonema que geram sons desagradáveis.

Entre os efeitos acústicos condenados estão: a *colisão*, o *eco*, o *hiato* e a *cacofonia*.

Colisão – É o encontro de consoantes que produz desagradável efeito acústico:

> "*Se eu tenho de morrer na flor dos anos,*
> *Meu Deus! não seja já*" [CA.1, 73].

Às vezes a omissão de um substantivo aproxima duas preposições de que resulta colisão, fato que os escritores não se esforçam por evitar:

> "Tenho ali na parede o retrato dela, ao lado *do do* marido, tais quais na outra casa" [MA.3, 21]
>
> "A voz da nova mestra era doce, não daquela doçura *da de* sua mãe, um canto de pássaro mais que uma voz humana" [JL.1, 13].

Também quase sempre não se evita a colisão do tipo de *no número*, *na nave*, *na noite*, *na nossa vida*, etc. Pode-se, sem ser obrigatório, fugir à colisão mediante substituição de *no*, *na*, *num*, etc. por *em o*, *em a*, *em um*, etc.: *em o* número, *em a* nave.

Eco – É a repetição, com pequeno intervalo, de palavras que terminam de modo idêntico:

> "Estas palavras subordinam frases em que se exprime condi*ção* necessária à realiza*ção* ou n*ão* realiza*ção* da a*ção* principal."

Hiato – O hiato de vogais tônicas torna-se desagradável principalmente quando formado pela sucessão de palavras:

> *Hoje há aula.*

Cacofonia ou **cacófato** – É o encontro de sílabas de duas ou mais palavras que forma um novo termo de sentido inconveniente ou ridículo em relação ao contexto:

> "Ora veja co*mo ela* está estendendo as mãozinhas inexperientes para a chama das velas..." [CBr.1, 102].
>
> herói *da nação*, no*sso hino*, bo*ca dela*, nun*ca que es*tuda

Deve-se evitar, tanto quanto possível, que uma palavra comece pela mesma sílaba com que a anterior acabe: *torre redonda*, *por razão*, *por respeito*, *pouca cautela*, *nunca casavam*, *ignora-se se se trata disso*.

Cuidado maior há de se ter se a junção lembra palavra pouco delicada: *o* Tiju*ca ga*nhou, o jogador mar*ca gol*, tão comuns na imprensa falada e escrita.

A leitura do texto em voz alta, antes de sua divulgação, surpreenderá muitos casos de cacófatos.

É oportuna a lição de Said Ali:

"Repara-se, hoje, com certo exagero, na cacofonia resultante da junção da sílaba terminal de um vocábulo com a palavra ou parte da palavra imediata. Não se liga, entretanto, maior importância à cacofonia quando esta se acha dentro de um mesmo vocábulo, sendo formada

por algumas das suas sílabas componentes. O mal aqui é irremediável, pois que expressões não se dispensam, nem se substituem. Muitas vezes, parece a cacofonia menos ridícula do que a vontade de percebê-la... O estudante evite, sempre que puder, semelhantes combinações de palavras, assim como quaisquer outras de onde possam nascer uns longes de cacofonia, e não se preocupe com descobri-los nos outros." [SA.1, 306-7]

B) Ortoépia ou Ortoepia

Ortoépia é a parte da gramática que trata da correta pronúncia dos fonemas.

Preocupa-se não apenas com o conhecimento exato dos valores fonéticos dos fonemas que entram na estrutura dos vocábulos, considerados isoladamente ou ligados na enunciação da oração, mas ainda com o ritmo, a entoação e expressão convenientes à boa elocução.

Vogais – Quanto à emissão das vogais, na pronúncia normal brasileira, observemos que:

a) São fechadas as vogais nasais; por isso não distinguimos as formas verbais terminadas em *-amos* e *-emos* do pres. e pret. perf. do indicativo da 1.ª e 2.ª conjugações: Ontem trabalh*amos* e agora trabalh*amos*.

b) Soam muitas vezes como nasais as vogais seguidas de *m*, *n* e principalmente *nh*: c*a*ma, c*a*na, b*a*nha, c*e*na, f*i*na, Ant*ô*nio, *u*nha;

OBSERVAÇÃO: Sem nasalidade proferem-se as vogais desses e de vários outros vocábulos: *emitir*, *emissário*, *eminente*, *energia*, *enaltecer*, *Enaldo*, etc.

c) Soam quase sempre como orais as vogais precedidas de *m*, *n* ou *nh*: m*a*ta, n*a*ta, c*o*mpanhia, m*i*lho. Assim, não tem razão linguística a pronúncia nasalada do *mas* /mãs/. Entretanto, *mui* e *muito* se proferem /mũi/, /mũito/.

d) Soam igualmente o *a* artigo, *a* preposição, *a* pronome e o *à* resultante da crase. Não se alonga o *à*, "salvo, muito excepcionalmente, se houver necessidade imperativa, para a inteligência da frase, caso em que o resultante da crase poderá ser pronunciado com certa tonicidade e ênfase" (*Normas*, 481).

e) São reduzidas as vogais *e* e *o* átonas finais, que soam /*i*/ e /*u*/, respectivamente: frent*e*, carr*o*.

f) São oscilantes /e/, /i/, /*ẽ*/, /ĩ/, /o/, /u/, /õ/, /ũ/, reduzidos pretônicos em numerosos vocábulos, oscilação que corresponde "a uma gradação de frequência de meio cultural, de nível social ou de tensão psíquica do indivíduo falante" (*Normas*, 482): pedir /pedir/ ou /pidir/; estudo /estudu/ ou /istudu/; sentir /sentir/ ou /sintir/; costura /costura/ ou /custura/; compadre /compadre/ ou /cumpadre/. Neste caso estão as preposições *com* e *por* que, salvo nas situações enfáticas, devem ser pronunciadas /kũ/ e /pur/. Fazem exceção muitos vocábulos eruditos e os compostos de *entre*: *embriogenia*, *hendíade*, *hexágono*, *entremeio* [AN.1, 14].

g) Em linguagem cuidada, evita-se a oscilação de que anteriormente se falou, quando tem valor opositivo, isto é, serve para distinguir palavras de significado diferente: eminente /

iminente; emigrar / imigrar; descrição / discrição.

h) u depois de *g* ou *q* ora é vogal ou semivogal (e aí se profere), ora é componente de dígrafo (e aí não se pronuncia).

Entre outras deve ser proferido nas seguintes palavras depois do *g*: *aguentar*, *ambiguidade*, *apaziguar*, *arguição*, *arguir*, *bilíngue*, *consanguíneo*, *contiguidade*, *ensanguentado*, *exiguidade*, *lingueta*, *linguista*, *redarguir*, *sagui* ou *saguim*, *unguento*, *unguiforme*.

Não se deve proferir o *u* depois do *g* em: *distinguir*, *exangue*, *extinguir*, *langue*, *pingue* (= gordo, fértil, rendoso).

É facultativo pronunciá-lo em: *antiguidade*; *sanguíneo*; *sanguinário*; *sanguinoso*.

Profere-se o *u* depois do *q* em: *aquícola*, *consequência*, *delinquência*, *delinquir*, *equestre*, *equevo*, *equidistante*, *equino* (= cavalar), *equitativo*, *equipolente* (também *equipolente*), *frequência*, *iniquidade*, *loquela*, *obliquidade*, *quercina*, *quingentésimo*, *quinquênio*, *quiproquó*, *sequência*, *Tarquínio*, *tranquilo*, *ubiquidade*.

Não se profere o *u* depois do *q* em: *adquirir*, *aniquilar*, *aqueduto*, *equilíbrio*, *equinócio*, *equipar*, *equiparar*, *equitação*, *equívoco*, *extorquir*, *inquérito*, *inquirir*, *sequioso*, *quérulo*, *questão*, *quibebe*.

É facultativo pronunciá-lo em: *antiquíssimo*, *equidade*, *equivalente*, *equivaler*, *liquidação*, *liquidar*, *líquido*, *liquidificador*, *retorquir*.

Diz-se *quatorze* ou *catorze*, sendo a primeira mais generalizada entre brasileiros.

i) Em muitos vocábulos há dúvidas quanto ao timbre das vogais. Recomendamos timbre aberto para o *e* em: *acerbo*, *Aulete*, *anelo*, *badejo*, *benesse*, *blefe*, *caterva*, *cedro*, *cerdo*, *cetro*, *cerne*, *cervo*, *coeso*, *coevo*, *coleta*, *cogumelo*, *confesso*, *corbelhe*, *duelo*, *espectro*, *equevo*, *flagelo*, *ileso* (também *ileso* com *e* fechado), *indefesso*, *besta* ('arma'), *doesto*, *lerdo*, *medievo*, *elmo*, *obsoleto*, *paredro*, *prelo*, *primevo*, *relho*, *septo*, *servo*, *Tejo*, *terso*.

É fechado em: *acervo* (também *acervo* com *e* aberto), *achega*, *adejo*, *adrede*, *alameda*, *amuleto*, *anacoreta*, *arabesco*, *aselha*, *bacelo*, *besta* ('animal de carga'), *bissexto*, *bofete*, *caminhoneta*, *cerebelo*, *cateto*, *cerda*, *destra*, *destro*, *devesa*, *defeso*, *dueto*, *entrevero*, *escaravelho*, *efebo*, *extra*, *fechar* (e suas formas *fecho*, *fechas*, *feche*, etc.), *ginete*, *grumete*, *indefeso*, *interesse* (s.), *ledo*, *lampejo*, *labareda*, *magneto*, *palimpsesto*, *panfleto*, *pez*, *quibebe*, *reses*, *retreta*, *Roquete*, *sobejo*, *veneta*, *vereda*, *vinheta*, *versalete*, *vespa*, *vedeta*, *verbete*, *xerez*, *xepa*. As autoridades recomendam o timbre fechado em *pese* (na expressão *em que pese a*), *centopeia* e *colmeia* (mas a pronúncia com timbre aberto é generalizada entre nós). Diz-se *topete* com *e* aberto ou fechado; *vedete* é mais proferido com *e* aberto no Brasil.

Tem timbre aberto o *o* tônico de: *amorfo*, *canoro*, (de) *envolta*, *dolo*, *forum*, *hissope*, *imoto*, *inodoro*, *manopla*, *meteoro*, *molho* ('feixe'), *noto* ('vento sul'), *opa* ('capa'), *piloro*, *probo*, *sinagoga*, *suor*, *troço* ('coisa'), *trombose*, *tropo*.

Tem timbre fechado o *o* tônico de: *aboio*, *alcova*, *apodo*, *alforje*, *algoz*, *boda*, *bodas*, *cochicholo*, *chope*, *cachopa*, *choldra*, *ciclope* (também aberto), *corça*, *desporto*, *filantropo*, *foro* ('jurisdição'), *loa*, *logro*, *lorpa*, *loto* ('jogo' também aberto), *Mausolo*, *malogro*, *mirolho*, *misantropo*, *molosso*, *odre*, *serôdio*, *teor*, *torpe*, *torso*, *torvo*, *transbordo*, *troço*

('parte'), *trolha*, *volvo*, *zarolho*, *zorro*.

j) Quanto aos ditongos, cumpre notar: *ai*, *ei* e *ou* devem guardar, na pronúncia cultivada, sua integridade, não se exagerando o valor do *i* ou *u*, nem os eliminando, como o faz a modalidade distensa: *caixa*, *queijo*, *ouro*.

Soa como ditongo nasal *ão* a sílaba átona final -*am*: *amam*.

Soam como ditongo nasal *ẽi* as sílabas -*em*, -*ém*, -*en*, -*ens* de muitos vocábulos: *bem*, *vem*; *vintém*, *ninguém*; *vens*, *homens*; *armazéns*, *parabéns*.

Normalmente ditongamos, pelo acréscimo de um *i*, as vogais tônicas finais seguidas de -*z* ou -*s*. Assim não fazemos a diferença entre *pás*, *paz* e *pais*; *más* e *mais*; *rapaz* e *jamais*; *vãs* e *mães*. Os poetas brasileiros nos dão bons exemplos destas ditongações.

Só por imitação dos poetas lusitanos (porque dizem *tãy*), entre os brasileiros, a rima *tem* e *mãe* aparece às vezes, como em Casimiro de Abreu:

> "*O país estrangeiro mais belezas*
> *Do que a pátria, não tem;*
> *E este mundo não val um só dos beijos*
> *Tão doces duma mãe*." [SS.4, 73]

Soam como ditongo, e não como hiato: *gratuito*, *fluido*, *fortuito*, *arraigar*, entre outros.

l) Quanto aos hiatos observemos que se desenvolve um *i* ou *u* semivogais nos encontros formados por ditongo decrescente seguido de vogal final ou ditongo átono: *praia prai-ia*; *tuxaua tuxau-ua*; *goiaba goi-iaba*; *boiem boi-iem* (cf. *Normas*, 486).

O mesmo desenvolvimento das referidas semivogais nos hiatos cuja primeira vogal seja *i* o u *u* tônicos e cuja segunda vogal seja final de vocábulo, "variará de acordo com as necessidades expressionais ou as peculiaridades individuais" (*Normas*, 485-6): via: *vi-a* ou *vi-ia*; lu-a: *lu-a* ou *lu-ua*.

Consoantes – Soam levemente as consoantes *b*, *c*, *d*, *f*, *g*, *s*, *t* quando finais de vocábulos: *sob*, *Moab*, *Isaac*, *Cid*, *Uf*, *Gog*, *fórceps*, *Garrett*, *Laet*.

Nos vocábulos eruditos as terminações átonas -*ar*, -*er*, -*en*, -*ex*, -*on* devem guardar sua integridade em pronúncia: *aljôfar*, *certâmen* (também *certame*) , *esfíncter*, *índex*, *cólon*, *númen* (também *nume*), *regímen* (também *regime*).

O *l* final de sílaba é proferido relaxado, quase velar, mas tendo-se o cuidado de não fazê-lo igual a *u*: *nacional*. Na língua literária dos românticos, mais em poesia, registra-se a troca do *l* por *r* nos grupos *bl*, *cl*, *fl*, *pl*, de algumas palavras: *neblina / nebrina*; *clina / crina*; *flauta / frauta*; *plantar / prantar*, etc.

Na palavra *sublinhar* e derivados o *l* deve ser pronunciado separadamente do *b*. Entre portugueses ouve-se como *sublime*.

O *r* múltiplo alveolar pode ser proferido como velar, graças ao maior recuo da língua, e até com articulação dorso-uvular (portanto mais carregado ainda), embora as *Normas* não a recomendem na pronúncia cuidada: *mar*, *avermelhar*. Nas palavras *abrupto*, *ab-rogar*, *ad-rogar*, *sub-rogar*, e derivados, o *r* deve ser pronunciado múltiplo e separado, isto é, sem fazer grupo com a consoante anterior.

O *m* final pode guardar sua integridade de pronúncia, não nasalizando o *e* anterior, no vocábulo *totem*, admitindo a grafia *tóteme*. Em *bem-amado* e *bem-aventurado*, nasaliza o *e* anterior, e não se liga ao *a* seguinte. Diz-se *infligir*, e não *inflingir*. Em *mancheia*, a sílaba inicial ouve-se /mã/; em *mão-cheia* ouve, naturalmente, /mãũ/. Em outros casos, temos facultativa a nasalização: *Roraima*, *Jaime*, *paina*.

As linguodentais *d* e *t*, seguidas de *i*, podem palatizar-se, evitando-se, entretanto, o exagero (articulação africada linguopalatal): *dia*, *tia*.

O *s* soa aproximadamente como se fora *j*, mas sem exagero, antes de *b*, *d*, *g*, *j*, *l*, *m*, *r* e *v*: *desjejum*, *deslizar*, *esmo*, *asno*, *esbarrar*, *esdrúxulo*, *engasgar*, *asno*, *desregrar*, *desvão*. Como bem acentua Antenor Nascentes [AN.1, 27], em outros pontos do país o *s*, nestes casos, soa aproximadamente como /z/.

Antes de *c*, *f*, *p*, *q*, *t*, *x* e ainda no fim de vocábulo que não se ligue ao seguinte, o *s* tem som próximo de /x/: *descampado*, *esfregar*, *respeito*, *esquivo*, *deste*, *desxadrezar*. Em outros pontos do país, segundo o autor anteriormente citado, o *s* nestas circunstâncias é sibilante, como na palavra *selva*.

Tem o som de /z/ entre vogais nos compostos do prefixo *trans* (*transatlântico*, *transação*, *transitivo*, etc.) e na palavra *obséquio* e derivados. Em *transe* (que se grafa também *trance*), *subsídio*, *subsidiar*, *subsistir*, *subsistência* e outros da mesma família, o *s* pode soar como sibilante (como em *selva*) ou como /z/. Se o elemento a que se prefixa *trans-* começa por *s*, não se duplica esta consoante que será proferida como sibilante: *Transilvânia* e derivados, *transiberiano*. Com o prefixo *ob* seguido a elemento começado por *s*, este soa como sibilante: *obsessão*, *obsidiar*, etc. No final *-simo* (de *vigésimo*, *trigésimo*, etc.) soa como /z/.

Escrevendo-se *aritmética* (com *t*), é mais usual proferir esta consoante. Pode-se ainda grafar *arimética*.

X tem quatro valores: 1) fricativo palatal como em *xarope*; 2) fricativo alveolar sonoro como em *exame*; 3) fricativo alveolar surdo (= ss) como em *auxílio*; 4) vale por /ks/ e /kz/ como em *anexo* e *hexâmetro*.

X soa /z/ nas palavras: *exação*, *exagero*, *exalar*, *exaltar*, *exame*, *exangue*, *exarar*, *exasperar*, *exato*, *exautorar*, *executar*, *êxedra*, *exegese*, *exegeta*, *exemplo*, *exéquias*, *exequível*, *exercer*, *exercício*, *exército*, *exaurir*, *exibir*, *exigir*, *exilar*, *exílio*, *exímio*, *existir*, *êxito*, *êxodo*, *exógeno*, *exonerar*, *exorar*, *exorbitar*, *exorcismo*, *exórdio*, *exornar*, *exótico*, *exuberar*, *exuberante*, *exultar*, *exumar*, *inexorável*.

Soa como /s/ em: *auxílio*, *máxima*, *Maximiliano*, *Maximino*, *máximo*, *próximo*, *sintaxe*, *trouxe*, *trouxera*, *trouxer*.

Soa como /ks/ ou /kz/, conforme o caso, em: *afluxo*, *anexo*, *axila*, *áxis*, *axiômetro*, *complexo*, *convexo*, *crucifixo*, *doxologia*, *fixo*, *flexão*, *fluxo*, *hexâmetro* (também soa como /z/), *hexaedro*, *hexágono* (também soa como /z/), *hexassílabo*, *índex*, *intoxicar*, *léxico*, *maxilar*, *nexo*, *máxime*, *ônix*, *ortodoxo*, *óxido*, *oximoro*, *prolixo*, *oxigênio*, *paradoxo*, *reflexo*, *sexagenário*, *sexagésimo*, *sexo*, *sílex*, *tórax*, *tóxico*.

É proferido indiferentemente como /ks/ ou /s/ em: *apoplexia*, *axioma* e *defluxo*.

Vale por /s/ no final de: *cálix*, *Félix*, *fênix* e na locução adverbial *a flux*.

O *z* em fim de palavra que não se ligue à seguinte, soa levemente chiado: *luz*, *conduz*.

Entre os casos particulares, são de notar:

– o *ch* em *Anchieta* e derivados soa chiado;

– o *cz* de *czar* (que também pode se escrever *tzar*) deve ser proferido como /ts/; o *lh* de *Alhambra* não constitui dígrafo como em *malha*; deve-se proferir o vocábulo como se não houvesse o *h*;

– o *w* do nome *Darwin* e dos derivados (*darwinismo*, *darwinista*, etc.) soa como /u/.

Sc e *xc* soam como /s/ em palavras como *nascer*, *descer*, *crescer*, *excelência*, *exceto*, *excelso*, *excídio*, *excisão*, *excita*.

Os encontros consonânticos devem ser pronunciados com valores fonéticos próprios, sem intercalação de *e* ou *i*: *pseudônimo*, *pneumático*, *mnemônico*, *apto*, *elipse*, *absoluto*, *admissão*, *adjetivo*, *ritmo*, *afta*, *indigno*, *recepção*, *advogado*, *accessível* (ao lado de *acessível*), *secção* (ao lado de *seção*), *samnita*, *sublinhar* (b-li), *subliminar* (b-li).

Ligação dos vocábulos – Cuidado especial merece a boa articulação dos fonemas, mormente finais e iniciais, na sequência dos vocábulos, desde que uma pausa não os separe.

a) *Vogais ou ditongos finais de vocábulo com vogais ou ditongos iniciais de vocábulo*

Quando a palavra termina por vogal tônica e o vocábulo seguinte começa com vogal ou ditongo tônicos, normalmente se respeita o hiato interverbal: *ali há*, *lá houve*, *li ontem*.

Se a vogal final é tônica e o vocábulo seguinte começa por vogal ou ditongo átonos, proferimos normalmente o hiato; mas pode ocorrer, muitas vezes, a ditongação se a vogal átona for *i* ou *e* ou *u* ou *o*:

segui aquela; *já ouvi*, *lá ironizei*, *vê umedecer*.

OBSERVAÇÃO: Evita-se a ditongação quando daí resultar uma sequência de sílabas tônicas: *boné usado*, *lá iremos*.

Se a vogal final é átona e o vocábulo seguinte começa por vogal tônica, normalmente se respeita o hiato: *essa hora*, *terreno árido*.

Neste caso pode ainda ocorrer a fusão (crase) das duas vogais se forem idênticas (essa fusão produz certo alongamento da vogal indicada aqui pelo mácron ¯), ou a ditongação, se a vogal átona final for *i*, *e* ou *u*, *o*:

terra árida: ter / ra / á / rida ou ter / rā / ri / da

esse ano: es / se / a / no ou es / sea / no.

OBSERVAÇÃO: Chama-se *crase* a fusão de dois ou mais sons iguais num só.

Se a vogal final e a inicial do vocábulo seguinte são átonas, pode ocorrer hiato, ditongo, crase ou elisão.

OBSERVAÇÃO: *Elisão* é o desaparecimento de uma vogal final átona em virtude do contato com a vogal inicial do vocábulo seguinte.

1) haverá hiato, fusão ou elisão se a vogal átona final for *a* e a inicial for *a* ou *ã*:

casa amarela
- *hiato*: ca / sa / a / ma / re / la
- *crase*: ca / sã / ma / re / la
- *elisão*: ca / sa / ma / re / la

casa anterior
- *hiato*: ca / sa / an / te / ri / or
- *crase*: ca / sãn / te / ri / or
- *elisão*: ca / san / te / ri / or

2) haverá hiato ou elisão se a vogal átona final for *a* e a vogal inicial *e*, *ẽ*, *o*, *õ*:

roda esportiva
- *hiato*: ro / da / es / por / ti / va
- *elisão*: ro / des / por / ti / va

porta entreaberta
- *hiato*: por / ta / en / trea / ber / ta
- *elisão*: por / ten / trea / ber / ta

3) haverá hiato, ditongo ou elisão se a vogal átona final for *a* e a inicial *i* (*e*), *ĩ* (*ẽ*), *u* (*o*), *ũ* (*õ*):

certa idade
- *ditongo*: cer / tai / da / de
- *hiato*: cer / ta / i / da / de
- *elisão*: cer / ti / da / de

certa indiferença
- *hiato*: cer / ta / in / di / fe / ren / ça
- *ditongo*: cer / tain / di / fe / ren / ça
- *elisão*: cer / tin / di / fe / ren / ça

4) haverá hiato ou ditongo se a vogal átona final for *i* (*e*) e a inicial qualquer uma, exceto *i* (*e*):

júri amigo
- *hiato*: ju / ri / a / mi / go
- *ditongo*: ju / ria / mi / go

livre arbítrio
- *hiato*: li / vre / ar / bí / trio
- *ditongo*: li / vriar / bí / trio

5) haverá hiato, crase ou elisão se a vogal átona final for *i* (*e*) e a inicial *i* (*e*) ou *ĩ* (*ẽ*):

livre imprensa
- *hiato*: li / vre / im / pren / sa
- *crase*: li / vrĩn / pren / sa
- *elisão*: li / vrin / pren / sa

6) haverá hiato, ditongo ou elisão se a vogal átona final for *u* (o u):

Santo Antônio
- *hiato*: san / to / An / tô / nio
- *ditongo*: san / toan / tô / nio
- *elisão*: san / tan / tô / nio

medo horrível
- *hiato*: mê / do / hor / rí / vel
- *ditongo*: me / duor / rí / vel

7) haverá hiato, crase ou elisão se a vogal final for *u* (*o*) e a inicial *u*:

velho humano
- *hiato*: ve / lho / hu / ma / no
- *crase*: ve / lhũ / ma / no
- *elisão*: ve / lhu / ma / no

aviso urgente
- *hiato*: a / vi / so / ur / gen / te
- *crase*: a / vi / sũr / gen / te
- *elisão*: a / vi / sur / gen / te

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Ocorrem os fenômenos acima apontados com os vocábulos iniciados por ditongos decrescentes, por iniciar por vogal. Em vez de ditongo, teremos tritongo:

jeito airoso (cf. 6)
- *hiato*: jei / to / ai / ro / so
- *tritongo*: jei / tuai / ro / so
- *elisão*: jei / tai / ro / so

2.ª) A preposição *para* pode reduzir-se a *pra* (e não p'ra), hoje usada até entre literatos. Esta forma, quando seguida do artigo *o*, *a*, *os*, *as* e com ele combinada, é grafada, respectivamente, *pro*, *pra* (para a), *pros*, *pras*.

3.ª) Pelo se reduz a *plo* (mais comum em Portugal), forma que, combinada com o artigo ou pronome *o*, *a*, *os*, *as*, é grafada *plo*, *pla*, *plos*, *plas*. Entre portugueses ouve-se ainda *pro* e *pros* com *o* aberto.

4.ª) A preposição *com* pode ter a nasalidade enfraquecida e combinar-se com *o*, *a*, *os*, *as*, dando origem às formas *co*, *ca*, *cos*, *cas*, empregadas mais com frequência na linguagem familiar e vulgar, de Portugal. É o que se chama *ectlipse*.

b) *Consoante final de vocábulo com fonema inicial de vocábulo*

A consoante final de uma palavra seguida de vogal inicial (ou semivogal), sem pausa intermediária, deve ser proferida como se fosse intervocálica, isto é, liga-se a uma vogal

obedecendo às normas já estabelecidas:

"*De um sentir*⋃*aventurado*"

"*É talvez*⋃*a voz mimosa*"

"*Gentil*⋃*infante, engraçado*"

"*Que dás*⋃*honra e valor*"

A consoante final *b* (em *sob*, por exemplo) seguida de outra consoante inicial deve ser proferida sem aparecimento de um *i* ou *e* intermédio:

Sob luzes d'esperança

Sob fúria

Se o vocábulo seguinte começa por vogal (ou semivogal), pode o *b* final ligar-se silabicamente a ela ou direta ou com apoio de *i* ou *e* (reduzido), o que é mais comum entre nós.

Sob os céus (so-bos-céus ou so-bios-céus).

Quando a consoante que termina o vocábulo é igual à que inicia o vocábulo seguinte (o que ocorre com *l* ou *r*), ouvem-se os dois fonemas:

Incrível lábia (in-cri-vel-lá-bia)

Temor repentino (te-mor-re-pen-ti-no).

O *s* final soa aproximadamente como se fora /j/, mas sem exagero, em ligação com vocábulo iniciado por *b*, *d*, *g*, *j*, *l*, *m*, *n*, *r*, *v* e *z*, ouvindo-se os dois fonemas:

Os braços, os dedos, as gengivas, dois jeitos, as luzes, os meninos, as nuvens, os ratos, os ventos, os zumbidos.

O *s* final soa aproximadamente como se fora /x/, mas sem exagero, em ligação com vocábulo iniciado por *c*, *f*, *p*, *q*, *s*, *t*, *x* e *ch*, ouvindo-se os dois fonemas:

três cadernos, os felizes, as pessoas, as queixas,
as secas, os tempos, os xaropes, os chás.

As consoantes *x* e *z* finais são tratadas como /s/ final, nas ligações:

faz medo (x = j), *faz calor* (z = x).

O *n* final de vocábulos, como *cânon*, *íon*, *cíclotron*, deve ser proferido sem nasalizar fortemente a vogal anterior, conforme vimos; nas ligações com outro vocábulo, guarda este valor quando é seguido de consoante: *cânon bíblico*.

Seguido de vogal (ou semivogal) liga-se silabicamente a esta, como se fosse inicial de sílaba; *cânon antigo*.

O *m* final de *bem-aventurado*, *bem-amado* e semelhantes nasaliza a vogal anterior, não se ligando à seguinte, como se fosse inicial de sílaba.

Quando o indefinido ou numeral *uma* é seguido de vocábulo começado por *m* não se deve proferir o *m*, soando, portanto, *ũa*, forma com que, às vezes, aparece grafado (evite-se a forma *u'a*):

uma mensagem, uma mão.

Ortografia e Ortoépia – Certos hábitos de grafia tendentes a preservar letras gregas e latinas que não constituem fonemas em português acabaram levando a que tais letras passassem a ser erradamente proferidas. Já vimos o caso do dígrafo *sc* de nascer, piscina, etc. É o que ocorre também com o latim *phlegma* que passou ao português *fleuma*, *fleima*. Por

motivo etimológico, persistem as grafias errôneas *fleugma*, *fleugmático*, onde o *g* não deve ser proferido, mas o é por influência da grafia.

Outras más soluções do sistema gráfico favorecem erros de pronúncia, como ocorre com *sublinhar* (b-li), *abrogar*, *abrupto*, que já se ouvem como se aí houvesse grupo consonantal: *su - bli - nhar*.

C) Prosódia

Prosódia é a parte da fonética que trata da correta acentuação e entonação dos fonemas.

A preocupação maior da prosódia é o conhecimento da sílaba *predominante*, chamada *tônica*.

Sílaba – É um fonema ou grupo de fonemas emitido num só impulso expiratório.

Em português, o elemento essencial da sílaba é a vogal.

Quanto à sua *constituição*, a sílaba pode ser *simples* ou *composta*, e esta última *aberta* (ou *livre*) ou *fechada* (ou *travada*).

Diz-se que a sílaba é *simples* quando é constituída apenas por uma vogal: *e*, *há*, *ah*!

Sílaba composta é a que encerra mais de um fonema: *ar* (vogal + consoante), *lei* (consoante + vogal + semivogal), *vi* (consoante + vogal), *ou* (vogal + semivogal), *mas* (consoante + vogal + consoante).

A sílaba composta é aberta (ou livre) se termina em vogal: *vi*; é fechada (ou travada) em caso contrário, incluindo-se a vogal nasal, porque a nasalidade vale por um travamento de sílaba: *ar*, *lei*, *ou*, *mas*, *um*.

Quanto ao número de sílabas, dividem-se os vocábulos em:

a) monossílabos (se têm uma sílaba): *é*, *há*, *mar*, *de*, *dê*;

b) dissílabos (se têm duas sílabas): *casa*, *amor*, *darás*, *você*;

c) trissílabos (se têm três sílabas): *cadeira*, *átomo*, *rápido*, *cômodo*;

d) polissílabos (se têm mais de três sílabas): *fonética*, *satisfeito*, *camaradagem*, *incovenientemente*.

Quanto à posição, a sílaba pode ser *inicial*, *medial* e *final*, conforme apareça no início, no interior ou no final do vocábulo:

fo	/	*né*	/	*ti*	/	*ca*
inicial		medial		medial		final

Quantidade – É a duração da vogal e da consoante. Distinguem-se as vogais e consoantes breves (se a pronúncia é rápida) das vogais e consoantes longas (se a pronúncia é demorada). Assinalamos a vogal breve com o sinal (˘) que se denomina *braquia* ou *bráquia*, e a vogal longa com o sinal (¯) chamado *mácron*: *ă* (*a* breve), *ā* (*a* longo).

Há língua em que a quantidade desempenha importante papel, para distinguir vocábulos e formas gramaticais, como em latim, em inglês ou alemão. Em latim, *rosă* (com *a breve*) não tem a mesma aplicação gramatical de *rosā* (com *a longo*), distinguindo-se, pela quantidade, o nominativo do ablativo, por exemplo. "Em inglês xĭp e xīp (que se escrevem *ship* e *sheep*) significam, respectivamente, *navio* e *carneiro*" [SA.2, 15]. Em latim, *ŏs* (com *o* breve) significa 'osso'; com *o* longo, *ōs* significa 'boca'.

Em português, a quantidade é pouco sentida e não exerce notável papel na caracterização e distinção dos vocábulos e formas gramaticais. Em geral, são mais rápidas as vogais seguidas de consoante surda (*lato / lado*) ou de *r* vibrante múltipla (*carro / caro*). Só excepcionalmente alongamos vogais e consoantes, como recursos estilísticos para imprimir ênfase, e constitui um dos grandes auxiliares da oratória:

> "Se pudéssemos, nós que temos experiência da vida, abrir os olhos dessas mariposinhas tontas ... Mas é inútil. Encasqueta-se-lhes na cabeça que o *amor*, o *amoor*, o *amooor* é tudo na vida, e adeus" [ML.1, 147].
>
> *BARbaridade*!

Acentuação – é o modo de proferir um som ou grupo de sons com mais relevo do que outros.

Este relevo se denomina *acento*. Diz-se que o acento é de *intensidade* (acento de força, acento dinâmico, acento expiratório ou icto), quando o relevo consiste no maior esforço expiratório. Diz-se que o acento é *musical* (acento de *altura* ou *tom*), quando o relevo consiste na elevação ou maior altura da voz.

O português e as demais línguas românicas, o inglês, o alemão, são línguas de *acento de intensidade*; o latim e o grego, por outro lado, possuem *acento musical*.

O acento de intensidade se manifesta no vocábulo considerado isoladamente (acento vocabular) ou ligado na enunciação da frase (acento frásico).

Acento de intensidade – Numa palavra nem todas as sílabas são proferidas com a mesma intensidade e clareza. Em *sólida*, *barro*, *poderoso*, *material*, há uma sílaba que se sobressai às demais por ser proferida com mais esforço muscular e mais nitidez e, por isso, se chama *tônica*: ***só***lida, ***ba***rro, pode***ro***so, materi***al***. As outras sílabas se dizem *átonas* e podem estar antes (pretônicas) ou depois (postônicas) da tônica:

po	–	*de*	–	*ro*	–	*so*
átona		átona		tônica		átona
pretônica		pretônica				postônica

Dizemos que nas sílabas fortes repousa o *acento tônico* do vocábulo (*acento da palavra* ou *acento vocabular*).

Existem ainda as sílabas semifortes chamadas *subtônicas* que, por questões rítmicas, compensam o seu afastamento da sílaba, tônica, fazendo que se desenvolva um acento de menor intensidade – *acento secundário*. Delas nos ocuparemos mais adiante.

Posição do acento tônico – Em português, quanto à posição do acento tônico, os vocábulos de duas ou mais sílabas podem ser:

a) *oxítonos*: o acento tônico recai na *última* sílaba: materi***al,*** princi***pal***, ca***fé***;

b) *paroxítonos*: o acento recai na *penúltima* sílaba: ***ba***rro, pode***ro***so, ***Pe***dro;

c) *proparoxítonos*: o acento tônico recai na *antepenúltima* sílaba: ***só***lida, feli***cí***ssimo.

OBSERVAÇÕES: Em *estudávamo-lo,* o acento tônico aparece na pré-antepenúltima sílaba, porque os monossílabos átonos formam um todo com o vocábulo a que se ligam foneticamente. É por isso que *fá-lo* é paroxítono e *admiras-te*, proparoxítono.

Em português, geralmente a sílaba tônica coincide com a sílaba tônica da palavra latina de que se origina.

Há vocábulos, como os que vimos até agora, que têm individualidade fonética e, portanto, acento próprio, ao lado de outros sem essa individualidade. Ao serem proferidos acostam-se ou ao vocábulo que vem antes ou ao que os segue. Por isso, são chamados *clíticos* (que se inclinam), e serão *proclíticos* se se inclinam para o vocábulo seguinte (*o* homem, *eu* sei, *vai* ver, *mar* alto, *não* viu) ou enclíticos, se para o vocábulo anterior (vejo-*me*, dou-*a*, fiz-*lhe*).

Os clíticos são geralmente monossilábicos que, por não terem acento próprio, também se dizem *átonos*. Os monossilábicos de individualidade fonética se chamam *tônicos*.

Alguns dissílabos podem ser também clíticos ou átonos: *para* (reduzido a *pra*) ver, *quero* crer, quero *porque* quero.

A tonicidade ou atonicidade de monossílabos e de alguns dissílabos *depende sempre do acento da frase*.

Acento de intensidade e significado da palavra – O acento de intensidade desempenha importante papel linguístico, decisivo para a significação da palavra. Assim, *sábia* é adjetivo sinônimo de *erudita*; *sabia* é forma do pretérito imperfeito do indicativo do verbo *saber*; *sabiá* é substantivo designativo de conhecido pássaro.

Acento principal e acento secundário – Em *rapidamente*, a sílaba *ra* possui um acento de intensidade menos forte que o da sílaba *men*, e se ouve mais distintamente do que as *átonas* existentes nas palavras. Dizemos que a sílaba *men* contém o *acento principal* e *ra* o *acento secundário* da palavra. A sílaba em que recai o acento secundário chama-se, como vimos, *subtônica*.

Geralmente ocorre o acento secundário na sílaba radical dos vocábulos polissilábicos derivados, cujos primitivos possuam acento principal: ***rá***pido – rapidamente. Há de se prestar atenção em certos enganos de pronúncia de vocábulos com acento secundário: por exemplo, respeita-se o hiato de *tardiamente*, e não se acentue fortemente a sílaba inicial: *tárdiamente*.

Acento de insistência e emocional – O português também faz emprego do acento de intensidade para obter, com o chamado acento de insistência, notáveis efeitos. Entra em jogo ainda a quantidade da vogal e da consoante, pois, quando se quer enfatizar uma palavra,

insiste-se mais demoradamente na sílaba tônica. Os escritores costumam indicar na grafia este alongamento enfático repetindo a vogal da sílaba tônica:

> "Os dois garotos, porém, esperneiam com a mudança de mãe:
> – *Mentira*!... *Mentiiiiira*!... *Mentiiiiiiiiira*! – berra cada um para seu lado" [HC.1, 32].
> "encasqueta-se-lhes na cabeça que o *amor*, o *amoor*, o *amooor* é tudo na vida e adeus" [ML.1, 147].

O acento de insistência pode cair noutra sílaba, diferente da tônica:

> ma***ra***vilhosa, ***for***midável, in***te***ligente, ***mi***serável.

Como bem acentua Roudet, a causa essencial do fenômeno do recuo do acento "parece ser a falta de sincronismo entre a emoção e sua expressão através da linguagem. A emoção se adianta à palavra e reforça a voz desde que as condições fonéticas o permitem" [LR.1, 252].

Este acento de insistência não tem apenas caráter emocional; adquire valor intelectual e ocorre ainda para ressaltar uma distinção, principalmente com palavras derivadas por prefixação ou expressões com preposições de sentidos opostos.

> São fatos ***sub***jetivos e não ***ob***jetivos.
> Os problemas de ***im***portação e de ***ex***portação.
> ***com*** dinheiro ou ***sem*** dinheiro.

Diz Bally que a entoação expressiva e a mímica são para quem fala um permanente comentário de suas palavras.

Acento de intensidade na frase – Isoladas, as palavras regulam sua sílaba tônica pela etimologia, isto é, pela sua origem; mas, na sucessão de vocábulos, deixa de prevalecer o acento da palavra para entrar em cena o acento da frase ou *frásico*, pertencente a cada *grupo de força*.

Chama-se *grupo de força* à sucessão de dois ou mais vocábulos que constituem um conjunto fonético subordinado a um acento tônico predominante: *A casa de Pedro / é muito grande*. Notamos aqui, naturalmente, dois grupos de força que se acham indicados por barra. No primeiro, as palavras *a* e *de* se incorporam a *casa* e *Pedro*, ficando o conjunto subordinado a um acento principal na sílaba inicial de *Pedro*, e um acento secundário na sílaba inicial de *casa*. No segundo grupo de força, as palavras *é* e *muito* se incorporam foneticamente a *grande*, ficando o conjunto subordinado a um acento principal na sílaba inicial de *grande* e outro secundário, mais fraco, na sílaba inicial de *muito*.

É quase sempre fácil determinar a sílaba tônica de cada grupo de força; o difícil é precisar, em certos casos, o ponto de divisão entre dois grupos sucessivos [NT.1, 29, n.1].

A distribuição dos grupos de força e a alternância de sílabas proferidas mais rápidas ou mais demoradas, mais fracas ou mais fortes, conforme o que temos em mente expressar, determinam certa cadência do contexto à qual chamamos *ritmo*. *Prosa* e *verso* possuem ritmo. No verso, o ritmo é essencial e específico; na prosa, apresenta-se livre, variando pela iniciativa de quem fala ou escreve12.

Vocábulos tônicos e átonos: os clíticos – Nestes grupos de força certos vocábulos perdem seu acento próprio para unir-se a outro que os segue ou que os precede. Dizemos que tais

vocábulos são *clíticos* (que se inclinam) ou *átonos* (porque se acham destituídos de seu acento vocabular). Aquele vocábulo que, no grupo de força, mantém sua individualidade fonética é chamado *tônico*. Ao conjunto se dá o nome de *vocábulo fonético*: *o rei* /urrey/; *deve estar* /devistar/.

Os clíticos se dizem *proclíticos* se precedem o vocábulo tônico a que se incorporam para constituir o grupo de força:

o∪rei // ele∪disse // bom∪livro // deve∪estar

Dizem enclíticos se vêm depois do vocábulo tônico:

disse-∪me // ei-∪lo // falar-∪lhe

Em português são geralmente átonas e proclíticas as seguintes classes de palavras:

1) artigos (definidos ou indefinidos, combinados ou não com preposição): *o homem // um homem // do livro.*
2) certos numerais: *um livro // três velas // cem homens*.
3) pronomes adjuntos antepostos (demonstrativos, possessivos, indefinidos, interrogativos): *este livro // meu livro // cada dia // que fazer?*
4) pronomes pessoais antepostos: *ele vem // eu disse.*
5) pronomes relativos;
6) verbos auxiliares;
7) certos advérbios: *já vi*, *não posso*, etc.
8) certas preposições: *a*, *de*, *em*, *com*, *por*, *sem*, *sob*, *para*
9) certas conjunções: *e*, *nem*, *ou*, *mas*, *que*, *se*, *como*, etc.

São enclíticas as formas pronominais *me*, *te*, *se*, *nos*, *vos*, *o*, *a*, *os*, *as*, *lhe*, *lhes*, quando pospostas ao vocábulo tônico.

Muitas vezes, uma palavra pode ser átona ou tônica, conforme sua posição no grupo de força a que pertence. Em *o arco desaparece*, o substantivo *arco* é tônico; em *o arco-íris*13, passou a átono proclítico.

Em *grande homem*, *alto mar*, os adjetivos são átonos; em *homem grande*, *mar alto*, já são os substantivos que se atonizam. Em *eu lhe disse*, os dois pronomes pessoais são átonos proclíticos; em *disse-lhe eu*, o pronome *eu* conserva seu acento próprio. Todo este conjunto de fatos são devidos a fenômenos de *fonética sintática*.

Consequência da próclise – Os vocábulos átonos proclíticos, perdendo seu acento próprio para se subordinarem ao do tônico, seguinte, resistem menos à pressa com que são proferidos, e acabam por sofrer reduções no seu volume fonético. Dentre os numerosos exemplos de próclise lembraremos aqui:

a) a passagem de hiato a ditongo, em virtude de uma vogal passar a semivogal (sinérese):

Tuas, normalmente dissilábico, tem de ser proferido com uma sílaba nos seguintes versos de Gonçalves Dias, graças à próclise:

> "E à noite, quando o céu é puro e limpo,
> Teu chão tinges de azul, – *tuas* ondas correm."

Boa (ou *boas*), em próclise, transforma a vogal *o* em semivogal, que chega, na língua popular, a desaparecer:

> "Outros suas terras em *boa* paz regeram
> Armando-as com *boas* leis, e bons preceitos." [AF.1]
> "*bas* noite nhozinho." [L. Cardoso] 14

b) o desaparecimento da vogal da primeira sílaba de um dissílabo; para > pra: Isto é *pra* mim.

c) o desaparecimento da sílaba final de um dissílabo:

1) *santo* > *são* (diante dos nomes começados por consoante): *São* Paulo, *São* Pedro;
2) *cento* > *cem*: *cem* páginas;
3) *grande* > *grã*, *grão*: *grã*-Bretanha, *grão*-vizir;
4) *tanto* > *tão*: *tão* grande;
5) *quanto* > *quão*: *quão* belo

d) outras reduções como *senhor* > *seu*: *seu* João.

Palavras que oferecem dúvidas quanto à posição da sílaba tônica – *Silabada* é o erro de prosódia que consiste na deslocação do acento tônico de uma palavra. Ignorar qual é a sílaba tônica de uma palavra, diz Gonçalves Viana, é ficar na impossibilidade de proferi-la.

Numerosas palavras existem que oferecem dúvidas quanto à posição da sílaba tônica.

São *oxítonas*:

aloés, cateter, Cister, harém, Gibraltar, Gulbenkian, masseter, faz-se mister (= necessário), Nobel, novel, recém, refém, ruim, sutil, ureter.

São *paroxítonas*:

acórdão, âmbar, ambrosia, avaro, aziago, barbaria, cânon, caracteres, cartomancia, ciclope, edito (lei, decreto), Epifania 15, exegese, filantropo, fluido (*ui* ditongo), fortuito (*ui* ditongo), gratuito (*ui* ditongo), ibero, impio (cruel), inaudito, látex, maquinaria, misantropo, necropsia, Normandia, onagro (tb. ônagro), oximoro (tb. oximóron), Pandora, Pólux, pudico, quiromancia, simulacro.

São *proparoxítonas* (incluindo-se os vocábulos terminados por ditongo crescente):

aeródromo, aerólito, álcali, álcool, alcoólatra, *alibi* (lat.), alvíssaras, âmago, amálgama, ambrósia, anátema, andrógino, antídoto, arquétipo, autóctone, barbárie, boêmia, brâmane, cáfila, condômino, crisântemo, década, díptero, écloga, édito (ordem judicial), Éfeso, êmbolo, epíteto, épsilon, escâncaras (às), êxodo, fac-símile, fíbula, idólatra, ímpio (sem fé), ímprobo, ínclito, iníquo, ínterim, máxime ou *maxime* (lat.), ômega, Pégaso, Péricles, Ésquilo, périplo, plêiade (-a), protótipo, Tâmisa, trânsfuga, vândalo.

Palavras que admitem dupla prosódia

acróbata ou acrobata; alópata ou alopata; ambrósia ou ambrosia; crisântemo ou crisantemo; hieróglifo ou hieroglifo; nefelíbata ou nefelibata; Oceânia ou Oceania; ortoépia ou ortoepia; projétil ou projetil; réptil ou reptil; reseda (ê) ou resedá; sóror ou soror; homília ou homilia; geodésia ou geodesia; zângão ou zangão.

D) Ortografia

I – Alfabeto

1) O alfabeto português consta fundamentalmente de vinte e seis letras: *a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v, w, x, y, z*.

II – K, W, Y

2) Empregam-se em abreviaturas e símbolos, bem como em palavras estrangeiras de uso internacional: *K* = potássio; *Kr* = criptônio; *kg* = quilograma; *km* = quilômetro; *kw* = quilowatt; *kwh* = quilowatt-hora; *W* = oeste ou wolfrâmio (tungstênio); *w* = watt; *ws* = watt-segundo; *Y* = ítrio; *yd* = jarda (*yard*, inglês), etc.

3) Os derivados portugueses de nomes próprios estrangeiros devem escrever-se de acordo com as formas primitivas: *frankliniano*, *kantismo*, *darwinismo*, *wagneriano*, *zwinglianista*, *byroniano*, *taylorista*, etc.

4) O *k* é substituído por *qu* antes de *e* e *i* e por *c* antes de outra qualquer letra: *breque*, *caqui*, *faquir*, *níquel*, *caulim*, etc.

5) O *w* substitui-se, em palavras portuguesas ou aportuguesadas, por *u* ou *v*, conforme o seu valor fonético: *sanduíche*, *talvegue*, *visigodo*, etc.

6) O *k* é uma consoante, tal como o *c* antes de *a*, *o*, *u* e o dígrafo *qu* de *quero*. O *w* é uma vogal ou semivogal pronunciado como /u/ em palavras de origem inglesa: *watt-hora*, *whisky*, *waffle*, *Wallace*, *show*. E é consoante como o nosso /v/ em palavras de origem alemã: *Walter*, *Wagner*, *wagneriano*. No nome do célebre naturalista inglês *Darwin* soa como /v/, pronúncia mais geral, ou como /u/. O *y* é um som vocálico pronunciado como /i/ com função de vogal ou semivogal: *yacht* (= certo tipo de embarcação), *yard* (= jarda), *yaki-mono* (= cerâmica japonesa), *yen* (= unidade monetária, e moeda, do Japão), *yenita* (= certo mineral).

III – H

7) Esta letra não é propriamente consoante, mas um símbolo que, em razão da etimologia e da tradição escrita do nosso idioma, se conserva no princípio de várias palavras no fim de algumas interjeições: *haver*, *hélice*, *hidrogênio*, *hóstia*, *humildade*; *hã!*, *hem?*, *puh!*, *ah!*, *ih!*, *oh!*, etc.

OBSERVAÇÃO: Não se escreve com *h* final a interjeição de chamamento ou apelo *ó*: *Ó José, vem aqui!*; *Ó Laura, pare com isso!*

8) No interior do vocábulo, só se emprega em dois casos: quando faz parte do *ch*, do *lh* e do *nh*, que representam fonemas palatais, e nos compostos em que o segundo elemento, com *h* inicial etimológico, se une ao primeiro por meio do hífen: *chave*, *malho*, *rebanho*, *anti-higiênico*, *contra-haste*, *pré-histórico*, *sobre-humano*, etc.

OBSERVAÇÕES: a) Nos compostos sem hífen, elimina-se o *h* do segundo elemento: *anarmônico*, *coabitar*, *coonestar*, *desarmonia*, *exausto*, *inabilitar*, *lobisomem*, *reaver*, etc. b) Nos casos em que não houver perda do som da vogal final do 1.º elemento, e o elemento seguinte começar com *h*, serão usadas as duas formas gráficas: *bi-hebdomadário* e *biebdomadário*; *carbo-hidrato* e *carboidrato*; *zoo-hematina* e *zooematina*; *geo-história* e *geoistória*. Já quando houver perda do som da vogal final do 1.º elemento, consideraremos que a grafia consagrada deve ser mantida: *cloridrato, cloridria, clorídrico, quinidrona, sulfidrila, xilarmônica, xilarmônico*. Devem ficar como estão as palavras que já são de uso consagrado, como *reidratar, reumanizar, reabituar, reabitar, reabilitar* e *reaver*.

9) No futuro do indicativo e no condicional, não se usa o *h* no último elemento, quando há pronome intercalado: *amá-lo-ei*, *dir-se-ia*, etc.

10) Quando a etimologia o não justifica, não se emprega: *arpejo* (substantivo), *ombro*,

ontem, etc. E mesmo que o justifique, não se escreve no fim de substantivos nem no começo de alguns vocábulos que o uso consagrou sem este símbolo, *andorinha*, *erva*, *felá*, *inverno*, etc.

11) Não se escreve *h* depois de *c* (salvo o disposto no n.º 8) nem depois de *p*, *r* e *t*: o *ph* é substituído por *f*, o *ch* (gutural) por *qu* antes de *e* ou *i* e por *c* antes de outra qualquer letra: *corografia*, *cristão*; *querubim*, *química*; *farmácia*, *fósforo*; *retórica*, *ruibarbo*; *teatro*, *turíbulo*, etc.

IV – Consoantes mudas

12) Não se escrevem as consoantes que se não proferem: *asma*, *assinatura*, *ciência*, *diretor*, *ginásio*, *inibir*, *inovação*, *ofício*, e não *asthma*, *assignatura*, *sciencia*, *director*, *gymnasio*, *inhibir*, *innovação*, *officio*. E conservam-se as consoantes nos casos em que são invariavelmente proferidas nas pronúncias cultas da língua: compacto, convicção, ficção; adepto, apto, etc.

OBSERVAÇÃO: Escreve-se, porém, o *s* em palavras como *descer*, *florescer*, *nascer*, etc., e o *x* em vocábulos como *exceto*, *excerto*, etc., apesar de nem sempre se pronunciarem essas consoantes.

13) Em sendo mudo o *p* no grupo *mpc* ou *mpt*, escreve-se *nc* ou *nt*: *assuncionista*, *assunto*, *presunção*, *prontificar*, etc.

14) Em vocábulos cujas consoantes facultativamente se pronunciam, escreve-se preferencialmente o de uso mais generalizado. Assim, serão consignados, além de outros, estes: *aspecto* e *aspeto*, *característico* e *caraterístico*, *circunspecto* e *circunspeto*, *contacto* e *contato*, *corrupção* e *corrução*, *corruptela* e *corrutela*, *dactilografia* e *datilografia*, *expectativa* e *expetativa*, *optimismo* e *otimismo*, *respectivo* e *respetivo*, *secção* e *seção*, *sinóptico* e *sinótico*, *sumptuoso* e *suntuoso*, *tacto* e *tato*. Escreve-se *Egito*, mas *egípcio*, por ser neste último pronuciado o *p*.

V – SC

15) Elimina-se o *s* do grupo inicial *sc*: *cena*, *cenografia*, *ciência*, etc.

16) Os compostos dessa classe de vocábulos, quando são formados em nossa língua, são escritos sem o *s* antes do *c*: *anticientífico*, *contracenar*, *encenação*, etc.; mas, quando vieram já formados para o vernáculo, conservam o *s*: *consciência*, *cônscio*, *imprescindível*, *prescindir*, *rescindir*, *rescisão*, etc.

VI – Letras dobradas

17) Escrevem-se *rr* e *ss* quando, entre vogais, representam os sons simples do *r* e *s* iniciais; e *cc* ou *cç* quando o primeiro soa distintamente do segundo: *carro*, *farra*, *massa*, *passo*; *convicção*, *occipital*, etc.

18) Duplicam-se o *r* e o *s* todas as vezes que a um elemento de composição terminado em vogal se segue, sem interposição do hífen, palavra começada por uma daquelas letras: *arritmia*, *corréu, prerrogativa*, *pressentir*, *ressentimento*, *sacrossanto*, etc.

VII – Vogais nasais

19) As vogais nasais são representadas no fim dos vocábulos por *ã* (*ãs*), *im* (*ins*), *om* (*ons*), *um* (*uns*): *afã*, *cãs*, *flautim*, *folhetins*, *semitom*, *tons*, *tutum*, *zum-zuns*, etc.

20) O *ã* pode figurar na sílaba tônica, pretônica ou átona: *ãatá*, *cristãmente*, *irmãmente*, *maçã*, *manhãzinha*, *órfã*, *romãzeira*, etc.

21) Quando aquelas vogais são iniciais ou mediais, a nasalidade é expressa por *m* antes do *b* e *p*, e por *n* antes de outra qualquer consoante: *ambos*, *campo*; *contudo*, *enfim*, *enquanto*, *homenzinho*, *nuvenzinha*, *vintenzinho*, etc.

VIII – Ditongos

22) Os ditongos orais escrevem-se com a subjuntiva *i* ou *u*: *aipo*, *cai*, *cauto*, *degraus*, *dei*, *fazeis*, *ideia*, *mausoléu*, *neurose*, *retorquiu*, *rói*, *sois*, *sou*, *souto*, *uivo*, *usufrui*, etc.

OBSERVAÇÃO: Escrevem-se com *i*, e não com *e*, a forma verbal *fui*, a 2.ª e 3.ª pess. do sing. do pres. do ind. e a 2.ª do sing. do imper. dos verbos terminados em *uir*: *aflui*, *fruis*, *retribuis*, etc.

23) O ditongo *ou* alterna, em numerosos vocábulos, com *oi*: *balouçar* e *baloiçar*, *calouro* e *caloiro*, *dourar* e *doirar*, etc. Escreve-se, preferencialmente, o de uso mais generalizado.

24) Escrevem-se assim os ditongos nasais: *ãe*, *ãi*, *ão*, *am*, *em*, *en*(*s*), *õe*, *ui* (proferido *ũi*): *mãe*, *pães*, *cãibra*, *acórdão*, *irmão*, *leãozinho*, *amam*, *bem*, *bens*, *devem*, *põe*, *repões*, *muito*, etc.

OBSERVAÇÕES:

a) Dispensa-se o til do ditongo nasal *ui* em *mui* e *muito*.

b) Com o ditongo nasal *ão* se escrevem os monossílabos, tônicos ou não, e os polissílabos oxítonos: *cão*, *dão*, *não*, *quão*; *então*, *irmão*, *viverão*, etc.

c) Também se escrevem com o ditongo *ão* os substantivos e adjetivos paroxítonos, acentuando-se, porém, a sílaba tônica: *órfão*, *órgão*, *sótão*, etc.

d) Nas formas verbais anoxítonas se escreve *am*: *amaram*, *deveram*, *partiram*, etc.

e) Com o ditongo nasal *ãe* se escrevem os vocábulos oxítonos e os seus derivados; e os anoxítonos primitivos grafam-se com o ditongo *ãi*: *capitães*, *mães*, *pãezinhos*; *cãibo*, *zãibo*, etc.

f) O ditongo nasal *e)i*(*s*) escreve-se *em* ou *en*(*s*) assim nos monossílabos como nos polissílabos de qualquer categoria gramatical: *bem*, *convém*, *convéns*, *virgem*, *virgens*, etc.

25) Os encontros vocálicos átonos e finais que podem ser pronunciados como ditongos crescentes escrevem-se da seguinte forma: *ea* (áurea), *eo* (cetáceo), *ia* (colônia), *ie* (espécie), *io* (exímio), *oa* (nódoa), *ua* (contínua), *ue* (tênue), *uo* (tríduo), etc.

IX – Hiatos

26) A 1.ª, 2.ª, 3.ª pess. do sing. do pres. do subj. e a 3.ª pess. do sing. do imper. dos verbos em *oar* escrevem-se com *oe* e não *oi*: *abençoe*, *amaldiçoes*, *perdoe*, etc.

27) As três pessoas do sing. do pres. do subj. e a 3.ª do sing. do imper. dos verbos em *uar* escrevem-se com *eu*, e não *ui*: *cultue*, *habitues*, etc.

X – Parônimos e vocábulos de grafia dupla

28) Deve-se fazer a mais rigorosa distinção entre os vocábulos parônimos e os de grafia dupla que se escrevem com *e* ou com *i*, com *o* ou com *u*, com *c* ou *q*, com *ch* ou *x*, com *g* ou *j*, com *s*, *ss* ou *c*, *ç*, com *s* ou *x*, com *s* ou *z*, e com os diversos valores do *x*:

1.°) com *i* ou com *e*: *acriano*, *camoniano*, *torriense* (em vez das antigas *acreano*, *camoneano*, *torreense*); *coreano*, *daomeano*, *guineense*.

2.°) com *o* ou com *u*: *frágua*, *lugar*, *mágoa*, *manuelino*, *polir*, *tribo*, *urdir*, *veio* (verbo ou substantivo), etc.

3.°) com *c* ou *q*: *quatorze* (seguido de *catorze*), *cinquenta*, *quociente* (seguido do *cociente*), etc.

4.°) com *ch* ou *x*: *anexim*, *bucha*, *charque*, *chimarrão*, *faxina*, *flecha*, *tachar* (= notar; censurar), *taxar* (= determinar a taxa; regular), etc.

5.°) com *g* ou *j*: *estrangeiro*, *jenipapo*, *genitivo*, *gíria*, *jeira*, *jeito*, *jiboia*, *jirau*, *laranjeira*, *lojista*, *majestade*, *viagem* (s.f.), *viajem* (do verbo *viajar*), etc.

6.°) com *s*, *ss* ou *c*, *ç*: *ânsia*, *anticéptico*, *boça* (= cabo de navio), *bossa* (= protuberância; aptidão), *bolçar* (= vomitar), *bolsar* (= fazer bolsos), *caçula*, *censual* (= relativo a censo), *sensual* (= lascivo), etc.

OBSERVAÇÃO: Não se emprega *ç* em início de palavras.

7.°) com *s* ou *x*: *espectador* (= testemunha), *expectador* (= pessoa tem esperança), *experto* (= perito; experimentado), *esperto* (= ativo; acordado), *esplêndido*, *esplendor*, *extremoso*, *flux* (= na locução *a flux*), *justafluvial*, *justapor*, *misto*, etc.

8.°) com *s* ou *z*: *alazão*, *alcaçuz* (= planta), *alisar* (= tornar liso), *alizar* (s.m.), *anestesiar*, *autorizar*, *bazar*, *coliseu*, *comezinho*, *cortês*, *dissensão*, *empresa*, *esfuziar*, *esvaziamento*, *frenesi* (seguido de *frenesim*), *guizo* (s.m.), *irisar* (= dar as cores do íris a), *irizar* (= atacar [o iriz] o cafezeiro), *narcisar-se*, *obséquio*, *prioresa*, *rizotônico*, *sacerdotisa*, *tapiz*, *trânsito*, *xadrez*, etc.

OBSERVAÇÕES:

a) É sonoro o *s* de *obséquio* e seus derivados, bem como o do prefixo *trans*, em se lhe seguindo vogal; quando, porém, a esse prefixo se segue palavra iniciada por *s*, só se escreve um, que se profere como se fora dobrado: *obsequiar* (ze), *transoceânico* (zo), *transecular* (se), *transubstanciação* (su); etc.

b) No final de sílaba átona, seja no interior, seja no fim do vocábulo, emprega-se o *s* em lugar do *z*: *asteca*, *endes*, *mesquita*, etc.

29) O *x* continua a escrever-se com os seus cinco valores, bem como nos casos em que pode ser mudo, como em *exceto*, *excerto*, etc. Tem, pois, o som de:

1.°) *ch*, no princípio e o no interior de muitas palavras: *xerife*, *xícara*, *ameixa*; *enxoval*, etc.

2.°) *cs*, no meio e no fim de várias palavras: *anexo*, *látex*, *tórax*, etc.

3.°) *z*, quando ocorre no prefixo *exo*, ou *ex* seguido de vogal: *exame*, *êxito*, *êxodo*, *exosmose*, *exotérmico*, etc.

4.°) *ss*: *aproximar*, *auxiliar*, *máximo*, *proximidade*, *sintaxe*, etc.

5.°) *s* final de sílaba: *contexto*, *fênix*, *pretextar*, *sexto*, *textual*, etc.

30) No final de sílabas iniciais e interiores se deve empregar o *s* em vez do *x*, quando não o precede a vogal *e*: *justafluvial*, *justaposição*, *misto*, *sistino*, etc.

31) Adotaremos a grafia que seja mais conforme à etimologia do vocábulo e à sua história, mas que esteja em harmonia com a prosódia geral dos brasileiros, nem sempre idêntica à lusitana. P.ex.: *judô* (no Br.) e *judo* (em Port.); *metrô* (no Br.) e *metro* (em Port.); *pônei* (no Br.) e *pónei* (em Port.).

XI – Nomes próprios

32) Os nomes próprios personativos, locativos e de qualquer natureza, sendo portugueses ou aportuguesados, estão sujeitos às mesmas regras estabelecidas para os nomes comuns.

33) Para salvaguardar direitos individuais, quem o quiser manterá em sua assinatura a forma consuetudinária. Poderá também ser mantida a grafia original de quaisquer firmas, sociedades, títulos e marcas que se achem inscritos em registro público.

OBSERVAÇÃO: Não sendo o próprio que assine o nome com a grafia e a acentuação do modo como foi registrado, a indicação do seu nome obedecerá às regras estabelecidas pelo sistema ortográfico vigente: *Fundação Casa de Rui Barbosa* (o notável jurista baiano assinava *Ruy*).

34) Os topônimos de origem estrangeira devem ser usados com as formas vernáculas de uso vulgar; e quando não têm formas vernáculas, transcrevem-se consoante as normas estatuídas pela Conferência de Geografia de 1926 que não contrariarem os princípios estabelecidos aqui.

35) Os topônimos de tradição histórica secular não sofrem alteração alguma na sua grafia, quando já esteja consagrada pelo consenso diuturno dos brasileiros. Sirva de exemplo o topônimo *Bahia*, que conservará esta forma quando se aplicar em referência ao Estado e à cidade que têm esse nome.

OBSERVAÇÃO: Os compostos e derivados desses topônimos obedecerão às normas gerais do vocabulário comum.

XII – Acentuação gráfica

Ver *Regras de acentuação*.

XIII – Apóstrofo

36) Limita-se o emprego do apóstrofo aos seguintes casos:

1.°) Indicar a supressão de uma letra ou letras no verso, por exigência da metrificação: *c'roa*, *esp'rança*, *of'recer*, *'star*, etc.

2.°) Reproduzir certas pronúncias populares: *'tá*, *'teve*, etc.

3.°) Indicar a supressão da vogal, já consagrada pelo uso, em certas palavras compostas ligadas pela preposição *de*: *copo-d'água* (= planta, lanche), *galinha-d'água*, *mãe-d'água*, *pau-d'água* (= árvore, ébrio), etc.

OBSERVAÇÃO: Restringindo-se o emprego do apóstrofo a esses casos, cumpre não se use dele em nenhuma outra hipótese. Assim, não será empregado:

a) nas contrações das preposições *de* e *em* com artigos, adjetivos ou pronomes demonstrativos, indefinidos, pessoais e com alguns advérbios: *dum*, *duma* (a par de *de um*, *de uma*), *num*, *numa* (a par de *em um*, *em uma*); *dalgum*, *dalguma* (a par de *de algum*, *de alguma*); *doutro*, *noutro* (a par de *de outro*, *em outro*); *dele*, *dela*, *nele*, *nela*; *deste*, *desta*, *neste*, *nesta*, *daquele*, *daquela*, *naquele*, *naquela*; *disto*, *nisto*, *daquilo*, *naquilo*; *daqui*, *daí*, *dacolá*, *donde*, *dantes*, *dentre*; etc.

b) nas combinações dos pronomes pessoais; *mo*, *ma*, *mos*, *mas*, *to*, *ta*, *tos*, *tas*, *lho*, *lha*, *lhos*, *lhas*, *no-lo*, *no-los*, *no-la*, *no-las*, *vo-lo*, *vo-la*, *vo-los*, *vo-las*.

c) nas expressões vocabulares que se tornaram unidades fonéticas e semânticas: *dessarte*, *destarte*, *homessa*, *tarrenego*, *tesconjuro*, *vivalma*, etc.

d) nas expressões de uso constante e geral na linguagem vulgar: *co*, *coa*, *ca*, *cos*, *cas*, *coas* (= com o, com a, com os, com as), *plo*, *pla*, *plos*, *plas* (= pelo, pela, pelos, pelas), *pra* (= para), *pro*, *pra*, *pros*, *pras* (= para o, para a, para os, para as), etc.

XIV – Hífen

37) Nos compostos

1.º) Emprega-se o hífen nos compostos sem elemento de ligação quando o 1.º termo, por extenso ou reduzido, está representado por forma substantiva, adjetiva, numeral ou verbal: *ano-luz*, *arco-íris*, *decreto-lei*, *és-sueste*, *joão-ninguém*, *médico-cirurgião*, *mesa-redonda*, *rainha-cláudia*, *tenente-coronel*, *tio-avô*, *zé-povinho*, *afro-asiático*, *afro-luso-brasileiro*, *azul-escuro*, *amor-perfeito*, *boa-fé*, *forma-piloto*, *uarda-noturno*, *luso-brasileiro*, *má-fé*, *mato-grossense*, *norte-americano*, *seu-vizinho* (dedo anelar), *social-democracia*, *sul-africano*, *verbo-nominal*, *primeiro-ministro*, *segunda-feira*, *conta-gotas*, *finca-pé*, *guarda-chuva*, *vaga-lume*, *porta-aviões*, *porta-retrato*.

OBSERVAÇÕES:

a) As formas empregadas adjetivamente do tipo *afro-, anglo-, euro-, franco-, indo-, luso-, sino-* e assemelhadas continuarão a ser grafadas **sem hífen** em empregos em que só há uma etnia: *afrodescendente, anglofalante, anglomania, eurocêntrico, eurodeputado, lusofonia, sinologia*, etc. Porém escreve-se com hífen quando houver mais de uma etnia: *afro-brasileiro, anglo-saxão, euro-asiático,* etc.

b) Com o passar do tempo, alguns compostos perderam a noção de composição, e passaram a se escrever aglutinadamente, como é o caso de: *girassol, madressilva, pontapé,* etc. Já se escrevem aglutinados: *paraquedas, paraquedistas* (e afins, *paraquedismo*, *paraquedístico*) e *mandachuva*.

Os outros compostos com a forma verbal *para-* seguirão sendo separados por hífen conforme a tradição lexicográfica: *para-brisa(s), para-choque, para-lama(s)*, etc.

Os outros compostos com a forma verbal *manda-* seguirão sendo separados por hífen conforme a tradição lexicográfica: *manda-lua*, *manda-tudo*.

A tradição ortográfica também usa o hífen em outras combinações vocabulares: *abaixo-assinado*, *assim-assim*, *ante-à-ré*, *ave-maria*, *salve-rainha*.

Os compostos formados com elementos repetidos, com ou sem alternância vocálica ou consonântica, por serem compostos representados por formas substantivas sem elemento de ligação, ficarão: *blá-blá-blá*, *lenga-lenga*, *reco-reco*, *tico-tico, zum-zum-zum*, *pingue-pongue*, *tique-taque, trouxe-mouxe, xique-xique* (= chocalho; cf. *xiquexique* = planta), *zás-trás, zigue-zague*, etc. Os derivados, entretanto, não serão hifenados: *lengalengar, ronronar, zunzunar*, etc. Não se separam por hífen as palavras com sílaba reduplicativa oriundas da linguagem infantil: *babá, titio, vovó, xixi,* etc.

Serão escritos **com hífen** os compostos entre cujos elementos há o emprego do apóstrofo: *cobra-d'água*, *mãe-d'água, mestre-d'armas, olho-d'água,* etc.

2.º) Emprega-se o hífen nos compostos sem elemento de ligação quando o 1.º elemento está representado pelas formas *além, aquém, recém, bem* e *sem*: *além-Atlântico, além-mar, aquém-Pireneus, recém-casado, recém-nascido, bem-estar, bem-humorado, bem-dito, bem-dizer, bem-vestido, bem-vindo, sem-cerimônia, sem-vergonha*, *sem-terra.*

OBSERVAÇÃO: Em muitos compostos o advérbio *bem* aparece aglutinado ao segundo elemento, quer este tenha ou não vida à parte quando o significado dos termos é alterado: *bendito* (=abençoado), *benfazejo*, *benfeito* [subst.] (=benefício); cf. *bem-feito* [adj.] = feito com capricho, harmonioso, e *bem-feito*! [interj.], *benfeitor, benquerença* e afins: *benfazer*, *benfeitoria, benquerer, benquisto, benquistar*.

3.º) Emprega-se o hífen nos compostos sem elemento de ligação quando o 1.º elemento está representado pela forma *mal* e o 2.º elemento começa por *vogal*, *h* ou *l*: *mal-afortunado, mal-entendido, mal-estar, mal-humorado, mal-informado, mal-limpo*. Porém: *malcriado, malgrado, malvisto*, etc.

OBSERVAÇÃO: *Mal* com o significado de 'doença' grafa-se com hífen: *mal-caduco* (= epilepsia), *mal-francês* (= sífilis), desde que não haja elemento de ligação. Se houver, não se usará hífen: *mal de Alzheimer*.

4.º) Emprega-se o hífen nos nomes geográficos compostos pelas formas *grã*, *grão*, ou por forma verbal ou, ainda, naqueles ligados por artigo: *Grã-Bretanha, Abre-Campo*, *Passa-Quatro*, *Quebra-Costas*, *Traga-Mouro*, *Baía de Todos-os-Santos*, *Entre-os-Rios*, *Montemor-o-Novo*, *Trás-os-Montes*.

OBSERVAÇÕES:

a) Os outros nomes geográficos compostos escrevem-se com os elementos separados, sem o hífen: *América do Sul, Belo Horizonte, Cabo Verde, Castelo Branco, Freixo de Espada à Cinta* , etc. Os topônimos *Guiné-Bissau* e *Timor-Leste* são, contudo, exceções consagradas.

b) Serão hifenizados os adjetivos gentílicos (ou seja, adjetivos que se referem ao lugar onde se nasce) derivados de nomes geográficos compostos que contenham ou não elementos de ligação: *belo-horizontino, mato-grossense-do-sul*, *juiz-forano, cruzeirense-do-sul, alto-rio-docense*.

c) Escreve-se com hífen *indo-chinês*, quando se referir à Índia e à China, ou aos indianos e chineses, diferentemente de *indochinês* (sem hífen), que se refere à Indochina.

5.º) Emprega-se o hífen nos compostos que designam espécies botânicas (planta e fruto) e zoológicas, estejam ou não ligadas por preposição ou qualquer outro elemento: *abóbora-menina*, *andorinha-do-mar*, *andorinha-grande*, *bem-me-quer* (mas *malmequer*), *bem-te-vi*, *bênção-de-deus*, *cobra-capelo*, *couve-flor*, *dente-de-cão*, *erva-doce*, *erva-do-chá*, *ervilha-de-cheiro*, *feijão-verde*, *formiga-branca*, *joão-de-barro*, *lesma-de-conchinha.*

OBSERVAÇÃO: Os compostos que designam espécies botânicas e zoológicas grafados com hífen pela norma acima não serão hifenizados quando tiverem aplicação diferente dessas espécies. Por exemplo: *bola-de-neve* (com hífen) com o significado de 'arbusto europeu', e *bola de neve* (sem hífen) significando 'aquilo que toma vulto rapidamente'; *bico-de-papagaio* (com hífen) referindo-se à planta e *bico de papagaio* (sem hífen) com o significado de 'nariz adunco'; *mata-cobra* (com hífen) referindo-se a inseto, e *mata cobra* (sem hífen) referindo-se a certo tipo de bastão; *não-me-toques* (com hífen) quando se refere a certas espécies de plantas, e *não me toques* (sem hífen) com o significado de 'melindres'.

38) Nas locuções:

Não se emprega o hífen nas locuções, sejam elas substantivas, adjetivas, pronominais, adverbiais, prepositivas ou conjuncionais, salvo algumas exceções já consagradas pelo uso (como é o caso de *água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao deus-dará, à queima-roupa*). Vale lembrar que, se na locução há algum elemento que já tenha hífen, será conservado este sinal: *à trouxe-mouxe, cara de mamão-macho, bem-te-vi de igreja*. Sirvam, pois, de exemplo de emprego **sem hífen** as seguintes locuções: a) Locuções substantivas: *cão de guarda, fim de semana, fim de século, sala de jantar*; b) Locuções adjetivas: *cor de açafrão, cor de café com leite, cor de vinho*; c) Locuções pronominais: *cada um, ele próprio, nós mesmos, quem quer que seja*; d) Locuções adverbiais: *à parte* (diferentemente do substantivo *aparte*), *à vontade, de mais* (locução que se contrapõe a *de menos*; escreve-se junto *demais* quando é advérbio ou pronome), *depois de*

amanhã, em cima, por isso; e) Locuções prepositivas: *abaixo de, acerca de, acima de, a fim de, a par de, à parte de, apesar de, aquando de, debaixo de, enquanto a, por baixo de, por cima de, quanto a*; f) Locuções conjuncionais: *a fim de que, ao passo que, contanto que, logo que, visto que*.

OBSERVAÇÕES:

a) Expressões com valor de substantivo, do tipo *deus nos acuda, salve-se quem puder, um faz de contas, um disse me disse*, *um maria vai com as outras*, *bumba meu boi, tomara que caia*, *aqui del rei*, devem ser grafadas sem hífen. Da mesma forma serão usadas sem hífen locuções como: *à toa* (adjetivo e advérbio), *dia a dia* (substantivo e advérbio), *arco e flecha*, *calcanhar de aquiles*, *comum de dois*, *general de divisão*, *tão somente*, *ponto e vírgula*.

b) Não se emprega o hífen nas locuções latinas usadas como tais, não substantivadas ou aportuguesadas: *ab initio, ab ovo, ad immortalitatem, ad hoc, data venia, de cujus, carpe diem, causa mortis, habeas corpus, in octavo, pari passu, ex libris*. Mas: o *ex-libris,* o *habeas-corpus, in-oitavo,* etc.

39) Nas sequências de palavras:

Emprega-se o hífen para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando não propriamente vocábulos, mas encadeamentos vocabulares, tipo: a divisa *Liberdade-Igualdade-Fraternidade*, a ponte *Rio-Niterói*, o percurso *Lisboa-Coimbra-Porto*, a ligação *Angola-Moçambique* e nas combinações históricas ou até mesmo ocasionais de topônimos, tipo: *Áustria-Hungria, Alsácia-Lorena, Angola-Brasil, Tóquio-Rio de Janeiro*, etc.

40) Nas formações com prefixos:

1.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por vogal igual à que inicia o 2.º elemento: *anti-infeccioso*, *anti-inflamatório*, *contra-almirante*, *eletro-ótica*, *entre-eixo*, *infra-axilar*, *micro-onda*, *neo-ortodoxo*, *semi-interno*, *sobre-elevar*, *sobre-estadia*, *supra-auricular*.

OBSERVAÇÕES:

a) Incluem-se neste princípio geral todos os prefixos terminados por vogal: *agro-* (= terra), *albi-, alfa-*, *ante-, anti-, ântero-, arqui-*, *áudio-*, *auto-, bi-, beta-, bio-, contra-, eletro-, euro-, ínfero-, infra-, íntero-, iso-, macro-, mega-, multi-, poli-, póstero-, pseudo-, súpero-, neuro-, orto-, sócio-,* etc.

Então, se o 1º elemento terminar por vogal diferente daquela que inicia o 2º elemento, escreve-se junto, sem hífen: *anteaurora*, *antiaéreo*, *aeroespacial*, *agroindustrial*, *autoajuda*, *autoaprendizagem*, *autoestrada*, *contraescritura*, *contraindicação*, *contraofensiva*, *extraescolar*, *extraoficial*, *extrauterino*, *hidroelétrico*, *infraestrutura*, *infraordem*, *intrauterino*, *neoafricano*, *neoimperialista*, *plurianual*, *protoariano*, *pseudoalucinação*, *pseudoepígrafe*, *retroalimentação*, *semiárido*, *sobreaquecer*, *socioeconômico*, *supraesofágico*, *supraocular*, *ultraelevado*.

b) O encontro de vogais diferentes tem facilitado a supressão da vogal final do 1.º elemento ou da vogal inicial do 2.º: *eletr**a**cústico*, ao lado de *eletr**oa**cústico*, e *arter**io**sclerose*. Recomendamos que se evitem essas supressões, a não ser nos casos já correntes ou dicionarizados.

c) O encontro de vogais iguais tem facilitado o aparecimento de formas reais ou potencialmente possíveis com a fusão dessas vogais, do tipo de *alfaglutinação*, ao lado de *alfa-aglutinação*; *ovadoblongo*, ao lado de *ovado-oblongo*. Para atender à regra geral de hifenizar o encontro de vogais iguais, é preferível evitar estas fusões no uso corrente, a não ser nos casos em que elas se mostram naturais, e não forçadas, como ocorre em *telespectador* (e não *tele-espectador*), *radiouvinte* (e não *rádio-ouvinte*).

d) Nas formações com os prefixos *co-*, *pro-, pre-* e *re-*, estes unem-se ao segundo elemento, mesmo quando iniciado por *o* ou *e*: *coabitar, coautor, coedição, coerdeiro, coobrigação, coocupante, coordenar, cooperação, cooperar, coemitente, coenzima, cofator, cogerente, cogestão, coirmão* ; *comandante*, *proativo, procônsul, propor, proembrião, proeminente* ; *preeleito* (ou *pré-eleito*), *preembrião* (ou *pré-embrião*), *preeminência, preenchido, preesclerose* (ou *pré-esclerose*), *preestabelecer, preexistir; reedição, reedificar, reeducação, reelaborar, reeleição, reenovelar, reentrar, reescrita, refazer, remarcar*.

2.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por consoante igual à que inicia o 2.º

elemento: *ad-digital*, *inter-racial*, *sub-base*, *super-revista*, etc.

OBSERVAÇÃO: Formas como *abbevilliano*, *addisoniano*, *addisonismo, addisonista* se prendem a nomes próprios estrangeiros: *Abbeville, Addison*.

3.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina acentuado graficamente, *pós-*, *pré-*, *pró-*: *pós-graduação, pós-tônico*; *pré-datado, pré-escolar, pré-história, pré-natal, pré-requisito*; *pró-africano, pró-europeu*.

OBSERVAÇÃO: Pode haver, em certos usos, alternância entre *pre-* e *pré-, pos-* e *pós-*; neste último caso, deve-se usar o hífen: *preesclerótico* ou *pré-esclerótico, postônico* ou *pós-tônico*.

4.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por *m* ou *n* e o 2.º elemento começa por *vogal*, *h*, *m* ou *n: circum-escolar*, *circum-hospitalar*, *circum-murado*, *circum-navegação*, *pan-africano*, *pan-americano*, *pan-harmônico*, *pan-hispânico*, *pan-mágico*, *pan-negritude.*

5.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento é um dos prefixos *ex-* (anterioridade ou cessação), *sota-*, *soto-*, *vice-*, *vizo-*: *ex-almirante*, *ex-diretor*, *ex-presidente*, *sota-almirante, sota-capitão*, *sota-vento*, *soto-almirante*, *soto-pôr* (mas *sobrepor*), *vice-presidente*, *vice-reitor*, *vizo-rei*.

OBSERVAÇÃO: Vimos que o verbo *pôr* não perde o acento gráfico (para se distinguir da preposição *por*). E mesmo em formas compostas como *soto-pôr*, ele continuará acentuado.

6.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por *vogal*, *r* ou *b* e o 2.º elemento se inicia por *h*: *adeno-hipófise*, *abdômino-histerotomia*, *anti-herói*, *anti-hemorrágico*, *arqui-hipérbole*, *auto-hipnose*, *beta-hemolítico*, *bi-hidroquinona*, *bio-histórico*, *contra-haste*, *di-hibridismo*, *entre-hostil*, *foto-heliografia*, *geo-história*, *giga-hertz*, *hétero-hemorragia*, *hiper-hidrose*, *infra-hepático*, *inter-hemisférico*, *poli-hídrico*, *semi-histórico*, *sobre-humano*, *sub-hepático*, *sub-humano*, *super-homem*, *tri-hídrico*.

OBSERVAÇÕES:

a) Nos casos em que não houver perda do som da vogal final do 1.º elemento, e o elemento seguinte começar com *h*, serão usadas as duas formas gráficas: *carbo-hidrato* e *carboidrato*; *zoo-hematina* e *zooematina*. Já quando houver perda do som da vogal final do 1.º elemento, consideraremos que a grafia consagrada deve ser mantida: *cloridrato, cloridria, clorídrico, quinidrona, sulfidrila, xilarmônica, xilarmônico*. Devem ficar como estão as palavras que, fugindo a este princípio, já são de uso consagrado, como *reidratar, reumanizar, reabituar, reabitar, reabilitar* e *reaver*.

b) Não se emprega o hífen com prefixos *des-* e *in-* quando o 2.º elemento perde o *h* inicial: *desumano, inábil, inumano, etc*.

c) Embora não tratado no Acordo, pode-se incluir neste caso o prefixo *an-* (p.ex.: *anistórico, anepático, anidrido*). Na sua forma reduzida *a-*, quando seguido de *h*, a tradição manda hifenizar e conservar o *h* (p.ex.: *a-histórico, a-historicidade*).

d) Não se emprega o hífen com as palavras *não* e *quase* com função prefixal: *não agressão, não beligerante, não fumante; quase delito, quase equilíbrio, quase domicílio,* etc.

e) Não há razão plausível que defenda a grafia *biidroquinona* ao lado de *bi-iodeto*, por este não ter *h* inicial. Foi o mesmo princípio que nos fez optar por *poli-hídrico* (em vez de *poliídrico*) e *poli-hidrite* (em vez de *poliidrite*).

7.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por *b* (*ab-, ob-, sob-, sub-*) ou *d* (*ad-*) e o 2.º elemento começa por *r*: *ab-rupto, ad-renal*, *ad-referendar, ob-rogar, sob-roda, sub-reitor, sub-reptício, sub-rogar*.

OBSERVAÇÃO: *Adrenalina*, *adrenalite* e afins já são exceções consagradas pelo uso. *Ab-rupto* é preferível a *abrupto*.

8.º) Quando o 1.º elemento termina por vogal e o 2.º elemento começa por *r* ou *s*, não se usa hífen, e estas consoantes devem duplicar-se, prática já adotada, também em palavras deste tipo pertencentes aos domínios científico e técnico: *antessala*, *antirreligioso*, *antissocial*, *autorregulamentação*, *biorritmo*, *biossatélite*, *contrarregra*, *contrassenha*, *cosseno*, *ele-*

trossiderurgia, *extrarregular*, *infrassom*, *macrorregião*, *microssistema*, *minissaia*, *multissegmentado*, *neorromano*, *protossatélite*, *pseudossigla*, *semirrígido*, *sobressaia*, *suprarrenal*, *ultrassonografia*.

41) Nas formações com sufixo

Emprega-se hífen apenas nas palavras terminadas por sufixos de origem tupi-guarani que representam formas adjetivas, como *-açu* (= grande), *-guaçu* (= grande), *-mirim* (= pequeno), quando o 1.º elemento termina por vogal acentuada graficamente ou quando a pronúncia exige a distinção gráfica dos dois elementos: *amoré-guaçu, anajá-mirim, andá-açu, capim-açu, Ceará-Mirim*.

42) O hífen nos casos de ênclise, mesóclise (tmese) e com o verbo haver

1.º) Emprega-se o hífen na ênclise e na mesóclise: *amá-lo, dá-se, deixa-o, partir-lhe; amá-lo-ei, enviar-lhe-emos*.

2.º) Não se emprega o hífen nas ligações da preposição *de* às formas monossilábicas do presente do indicativo do verbo *haver*: *hei de, hás de, hão de*, etc.

OBSERVAÇÕES:

a) Embora estejam consagradas pelo uso as formas verbais *quer* e *requer*, dos verbos *querer* e *requerer*, ao lado de *quere* e *requere*, estas últimas formas conservam-se, no entanto, nos casos de ênclise: *quere-o(s), requere-o(s)*.

Nestes contextos, as formas (legítimas, aliás) *qué-lo* e *requé-lo* são pouco usadas. *Quere* e *requere* são formas correntes entre portugueses; a primeira, a partir de 1904.

b) Usa-se também o hífen nas ligações de formas pronominais enclíticas ao advérbio *eis* (*eis-me, ei-lo*) e ainda nas combinações de formas pronominais do tipo *no-lo* (nos + o), *no-las* (nos + as), quando em próclise ao verbo (por exemplo: *Esperamos que no-lo comprem*).

XV – O trema

43) O trema não é usado em palavras portuguesas ou aportuguesadas, como: *aguentar, anguiforme, arguir, bilíngue, lingueta, linguista, linguístico, cinquenta, equestre, frequentar, tranquilo, ubiquidade*.

OBSERVAÇÕES:

a) O trema ocorre em palavras derivadas de nomes próprios estrangeiros que o possuem: *hübneriano*, de *Hübner*, *mülleriano*, de *Müller*, etc.

b) O trema poderá ser usado para indicar, quando for necessário, a pronúncia do *u* em vocabulários ortográficos e dicionários: *lingueta* (gü), *líquido* (qü ou qu), *linguiça* (gü), *equidistante* (qü ou qu).

c) Com o fim do trema em palavras portuguesas ou aportuguesadas, não houve modificação na pronúncia dessas palavras.

XVI – Acento grave

44) Emprega-se o acento grave nos casos de crase e aqueles indicados em **Emprego do à acentuado**.

1.º) Na contração da preposição *a* com as formas femininas do artigo *o* ou pronome demonstrativo *o*: *à* (de *a*+*a*), *às* (de *a*+*as*).

2.º) Na contração da preposição *a* com o *a* inicial dos demonstrativos *aquele*, *aquela*, *aqueles*, *aquelas*, e *aquilo* ou ainda da mesma preposição com compostos *aqueloutro* e suas flexões: *àquele*(*s*), *àquela*(*s*), *àquilo*, *àqueloutro*(*s*), *àqueloutras*(*s*).

3.º) Na contração da preposição *a* com os pronomes relativos *a qual*, *as quais*: *à qual*, *às*

quais.

XVII – Supressão dos acentos em palavras derivadas

45) Ocorre:

1.º) Nos advérbios em *-mente*, oriundos de adjetivos com acento agudo ou circunflexo: *avidamente* (de *ávido*), *debilmente* (de *débil*), *facilmente* (de *fácil*), *habilmente* (de *hábil*), *lucidamente* (de *lúcido*), *mamente* (de *má*), *somente* (de *só*); *candidamente* (de *cândido*), *cortesmente* (de *cortês*), *portuguesamente* (de *português*), *romanticamente* (de *romântico*).

2.º) Nas palavras que têm sufixos inciados por *z* e cujas formas de base apresentam vogal tônica com acento agudo ou circunflexo: *aneizinhos* (de *anéis*), *avozinha* (de *avó*), *bebezito* (de *bebê*), *cafezada* (de *café*), *chapeuzinho* (de *chapéu*), *mazinha* (de *má*), *orfãozinho* (de *órfão*); *avozinho* (de *avô*), *bençãozinha* (de *bênção*), *lampadazita* (de *lâmpada*), *pessegozito* (de *pêssego*).

XVIII – Divisão silábica

46) A divisão de qualquer vocábulo, assinalada pelo hífen, em regra se faz pela soletração, e não pelos seus elementos constitutivos segundo a etimologia.

47) Fundadas neste princípio geral, cumpre respeitar as seguintes normas:

1.º) A consoante inicial não seguida de vogal permanece na sílaba que a segue: *cni-do-se*, *dze-ta*, *gno-ma*, *mne-mô-ni-ca*, *pneu-má-ti-co*, etc.

2.º) No interior do vocábulo, sempre se conserva na sílaba que a precede a consoante não seguida de vogal: *ab-di-car*, *ac-ne*, *ét-ni-co*, *nup-ci-al*, *ob-fir-mar*, *op-ção*, *sig-ma-tis-mo*, *sub-por*, *sub-ju-gar*, etc.

3.º) Não se separam os elementos dos grupos consonânticos iniciais de sílabas nem os dos digramas *ch*, *lh*, *nh*: *a-blu-ção*, *a-bra-sar*, *a-che-gar*, *fi-lho*, *ma-nhã*, etc.

OBSERVAÇÃO: Nem sempre formam grupos articulados as consonâncias *bl* e *br*: nalguns casos o *l* e o *r* se pronunciam separadamente, e a isso se atenderá na partição do vocábulo; e as consoantes *dl*, a não ser no termo onomatopéico *dlim*, que exprime toque de campainha, proferem-se desligadamente, e na divisão silábica ficará o hífen entre essas duas letras. Ex.: *sub-lin-gual*, *sub-rogar*, *ad-le-ga-ção*, etc.

4.º) O *sc* no interior do vocábulo biparte-se, ficando o *s* numa sílaba, e o *c* na sílaba imediata: *a-do-les-cen-te*, *des-cer*, *pres-cin-dir*, *res-ci-são*, etc.

OBSERVAÇÃO: Forma sílaba com o prefixo antecedente o *s* que precede consoantes: *abs-tra-ir*, *ads-cre-ver*, *ins-cri-ção*, *ins-pe-tor*, *ins-tru-ir*, *in-ters-tí-cio*, *pers-pi-caz*, *subs-cre-ver*, *subs-ta-be-le-cer*, etc.

5.º) O *s* dos prefixos *bis*, *cis*, *des*, *dis*, *trans* e o *x* do prefixo *ex* não se separam quando a sílaba seguinte começa por consoante; mas, se principia por vogal, formam sílaba com esta e separam-se do elemento prefixal: *bis-ne-to*, *cis-pla-ti-no*, *des-li-gar*, *dis-tra-ção*, *trans-por-tar*, *ex-tra-ir*; *bi-sa-vô*, *ci-san-di-no*, *de-ses-pe-rar*, *di-sen-té-ri-co*, *tran-sa-tlân-ti-co*, *e-xér-ci-to*, etc.

6.º) As vogais idênticas e as letras *cc*, *cç*, *rr* e *ss* separam-se ficando uma na sílaba que as precede e outra na sílaba seguinte: *ca-a-tin-ga*, *co-or-de-nar*, *in-te-lec-ção*, *oc-ci-pi-tal*, *pror-ro-gar*, *res-sur-gir*, etc.

OBSERVAÇÃO: As vogais de hiatos, ainda que diferentes uma da outra, também se separam: *a-ta-ú-de*, *ca-í-eis*, *ca-ir*, *du-e-lo*, *fi-el*, *flu-iu*, *fru-ir*; *gra-ú-na*, *je-su-í-ta*, *le-al*, *mi-ú-do*, *po-ei-ra*, *ra-i-nha*, *sa-ú-de*, *vi-ví-eis*, *vo-ar*, etc.

7.º) Não se separam as vogais dos ditongos – crescentes e decrescentes – nem as dos tritongos: *ai-ro-so*, *a-ni-mais*, *au-ro-ra*, *a-ve-ri-gueis*, *ca-iu*, *cru-éis*, *en-jei-tar*, *fo-ga-réu*, *fu-giu*, *gló-ria*, *guai-ar*, *i-guais*, *ja-mais*, *joi-as*, *ó-dio*, *quais*, *sá-bio*, *sa-guão*, *sa-guões*, *su-bor-nou*, *ta-fuis*, *vá-rio*, etc.

OBSERVAÇÃO: Não se separa do *u* precedido de *g* ou *q* a vogal que o segue, acompanhada, ou não, de consoante: *am-bí-guo*, *e-qui-va-ler*, *guer-ra*, *u-bí-quo*, etc.

8.º) Na translineação (ou seja, na passagem para a linha seguinte quando se está escrevendo um texto) de uma palavra composta ou de uma combinação de palavras em que há um hífen, ou mais, se a partição coincide com o final de um dos elementos ou membros, por clareza gráfica, se deve repetir o hífen no início da linha seguinte: vice-almirante.

XIX – Emprego das iniciais maiúsculas

48) Emprega-se letra inicial maiúscula:

1.º) No começo do período, verso ou citação direta. Disse o Padre Antônio Vieira: "Estar com Cristo em qualquer lugar, ainda que seja no Inferno, é estar no Paraíso".

> "Auriverde pendão de minha terra
> que a brisa do Brasil beija e balança,
> Estandarte que à luz do sol encerra
> As promessas divinas da Esperança..." (Castro Alves)

OBSERVAÇÃO: Alguns poetas usam, à espanhola, a minúscula no princípio de cada verso, quando a pontuação o permite, como se vê em Castilho:

> "Aqui, sim, no meu cantinho,
> vendo rir-me o candeeiro,
> gozo o bem de estar sozinho
> e esquecer o mundo inteiro".

2.º) Nos substantivos próprios de qualquer espécie – antropônimos, topôninos, patronímicos, cognomes, alcunhas, tribos e castas, designações de comunidades religiosas e políticas, nomes sagrados e relativos a religiões, entidades mitológicas e astronômicas, etc.: *José*, *Maria*, *Macedo*, *Freitas*, *Brasil*, *Antoninos*, *Afonsinhos*, *Conquistador*, *Magnânimo*, *Coração de Leão*, *Sem Pavor*, *Deus*, *Jeová*, *Alá*, *Assunção*, *Ressureição*, *Júpiter*, *Baco*, *Cérbero*, *Via Láctea*, *Canopo*, *Vênus*, etc.

OBSERVAÇÕES:

a) As formas onomásticas que entram na formação de palavras do vocabulário comum escrevem-se com inicial minúscula quando se afastam de seu significado primitivo, excetuando-se os casos em que esse afastamento não ocorre: *água-de-colônia*, *joão-de-barro*, *erva-de-santa-maria*, *folha de flandres*; mas: *além-Brasil*, *aquém-Atlântico*, *doença de Chagas*, *mal de Alzheimer*, *sistema Didot*, *anel de Saturno*.

b) Os nomes de povos escrevem-se com inicial minúscula, não só quando designam habitantes ou naturais de um estado, província, cidade, vila ou distrito, ainda quando representam coletivamente uma nação: *amazonenses*, *baianos*, *estremenhos*, *fluminenses*, *paulistas*, *romenos*, *russos*, *suíços*, *uruguaios*, etc.

3.º) Nos nomes próprios de eras históricas e épocas notáveis: *Héjira*, *Idade Média*, *Quinhentos* (o século XVI), *Seiscentos* (o século XVII), etc.

OBSERVAÇÃO: Os nomes dos meses devem escrever-se com inicial minúscula: *janeiro*, *fevereiro*, *março*, *abril*, *maio*, *junho*, *julho*, *agosto*, *setembro*, *outubro*, *novembro*, *dezembro*.

4.º) Nos nomes de vias e lugares públicos: *Avenida de Rio Branco*, *Beco do Carmo*, *Largo da*

Carioca, *Praia do Flamengo*, *Praça da Bandeira*, *Travessa do Comércio*, *Túnel Noel Rosa*, etc.

5.º) Nos nomes que designam altos conceitos religiosos, políticos ou nacionalistas: *Igreja* (Católica, Apostólica, Romana), *Nação*, *Estado*, *Pátria*, *Raça*, etc.

OBSERVAÇÃO: Esses nomes se escrevem com inicial minúscula quando são empregados em sentido geral ou indeterminado.

6.º) Nos nomes que designam artes, ciências, ou disciplinas, bem como nos que sintetizam, em sentido elevado, as manifestações do engenho e do saber: *Agricultura*, *Arquitetura*, *Filologia Portuguesa*, *Direito*, *Medicina*, *Matemática*, *Pintura*, *Arte*, *Ciência*, *Cultura*, etc.

OBSERVAÇÃO: Os nomes *idioma*, *idioma pátrio*, *língua*, *língua portuguesa*, *vernáculo* e outros análogos escrevem-se com inicial maiúscula quando empregados com especial relevo.

7.º) Nos nomes que designam altos cargos, dignidades ou postos: *Papa*, *Cardeal*, *Arcebispo*, *Bispo*, *Patriarca*, *Vigário*, *Vigário-Geral*, *Presidente da República*, *Ministro da Educação*, *Governador do Estado*, *Embaixador*, *Almirantado*, *Secretário de Estado*, etc.

8.º) Nos nomes de repartições, corporações ou agremiações, edifícios e estabelecimentos públicos ou particulares: *Diretoria Geral do Ensino*, *Ministério das Relações Exteriores*, *Academia Paranaense de Letras*, *Círculo de Estudos "Bandeirantes"*, *Presidência da República*, *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*, *Tesouro do Estado*, *Departamento Administrativo do Serviço Público*, *Banco do Brasil*, *Imprensa Nacional*, *Teatro de São José*, *Tipografia Rolandiana*, *Museu de Arte Moderna*, etc.

9.º) Nos títulos de livros, jornais, revistas, produções artísticas, literárias e científicas: *Imitação de Cristo*, *Horas Marianas*, *Correio da Manhã*, *Revista Filológica*, *Transfiguração* (de Rafael), *Norma* (de Bellini), *O Guarani* (de Carlos Gomes), *O Espírito das Leis* (de Montesquieu), etc.

OBSERVAÇÕES: a) Não se escrevem com maiúscula inicial as partículas monossilábicas que se acham no interior de vocábulos compostos ou de locuções ou expressões que têm iniciais maiúsculas: *Queda do Império*, *O Crepúsculo dos Deuses*, *História sem Data*, *A Mão e a Luva*, *Festas e Tradições Populares do Brasil*, etc.

b) Nos bibliônimos, após o primeiro elemento, que é com maiúscula, os demais vocábulos podem ser escritos com minúscula, salvo nos nomes próprios nele contidos, tudo em grifo.

10.º) Nos nomes de fatos históricos e importantes, de atos solenes e de grandes empreendimentos públicos: *Centenário da Independência do Brasil*, *Descobrimento da América*, *Reforma Ortográfica*, *Acordo Luso-Brasileiro*, *Exposição Nacional*, *Festas das Mães*, *Dia do Município*, *Glorificação da Língua Portuguesa*, etc.

OBSERVAÇÃO: Os nomes de festas pagãs ou populares escrevem-se com inicial minúscula: *carnaval*, *entrudo*, *saturnais*, etc.

11.º) Nos nomes de escolas de qualquer espécie ou grau de ensino: *Faculdade de Filosofia*, *Escola Superior de Comércio*, *Colégio de Pedro II*, *Instituto de Educação*, etc.

12.º) Nos nomes comuns, quando personificados ou individuados, e de seres morais ou fictícios: *A Capital da República*, *a Transbrasiliana*, *moro na Capital*, *o Natal de Jesus*, *o Poeta* (Camões), *a ciência da Antiguidade*, os *habitantes da Península*, *a Bondade*, *o Amor*, *a Ira*, *o Lobo*, *o Cordeiro*, *a Cigarra*, *a Formiga*, etc.

OBSERVAÇÃO: Incluem-se nesta norma os nomes que designam atos das autoridades da República, quando empregados em correspondência ou documentos oficiais: *A Lei de 13 de maio*, *o Decreto-Lei n.º 292*, *o Decreto-Lei n.º 20.108*, *a Portaria de 15 de junho*, *o Regulamento n.º 737*, *o Acórdão de 3 de agosto*, etc.

13.º) Nos nomes dos pontos cardeais, quando designam regiões: *Os povos do Oriente*; *o falar*

do Norte é diferente do falar do Sul; *a guerra do Ocidente*, etc.

OBSERVAÇÃO: Os nomes dos pontos cardeais escrevem-se com iniciais minúsculas quando designam direções ou limites geográficos: *Percorri o país de norte a sul e de leste a oeste*.

14.º) Nos nomes, adjetivos, pronomes e expressões de tratamento ou reverência: *D*. (Dom ou Dona), *Sr*. (Senhor), *Sr.ª* (Senhora), *DD*. ou *Dig.mo* (Digníssimo), *MM*. ou *M.mo* (Meritíssimo), *Rev.mo* (Reverendíssimo), *V.Rev.ª* (Vossa Reverência), *S.E*. (Sua Eminência), *V.M*. (Vossa Majestade), *V.A*. (Vossa Alteza), *V.S.ª* (Vossa Senhoria), *V.Ex.ª* (Vossa Excelência), *V.Ex.ª Rev.ma* (Vossa Excelência Reverendíssima), *V.Ex.as* (Vossa Excelências), etc.

OBSERVAÇÃO: As formas que se acham ligadas a essas expressões de tratamento devem ser também escritas com iniciais maiúsculas: *D. Abade*, *Ex.ma Sr.ª Diretora*, *Sr. Almirante*, *Sr. Capitão-de-Mar-e-Guerra*, *MM. Juiz de Direito*, *Ex.mo e Rev.mo Sr. Arcebispo Primaz*, *Magnífico Reitor*, *Excelentíssimo Senhor Presidente da República*, *Eminentíssimo Senhor Cardeal*, *Sua Alteza Real*, etc.

15.º) Nas palavras que, no estilo epistolar, se dirigem a um amigo, a um colega, a uma pessoa respeitável, as quais, por deferência, consideração ou respeito, se queira realçar por esta maneira: *meu bom Amigo*, *caro Colega*, *meu prezado Mestre*, *estimado Professor*, *meu querido Pai*, *minha amorável Mãe*, *meu bom Padre*, *minha distinta Diretora*, *caro Dr.*, *prezado Capitão*, etc.

OBSERVAÇÃO: Para os itens 4.º, 6.º, 7.º e 14.º usa-se opcionalmente inicial minúscula (exceto para as formas abreviadas do item 14.º).

XX – Sinais de pontuação

Ver *Pontuação*.

Regras de acentuação

A – Monossílabos

Levam acento agudo ou circunflexo os monossílabos terminados em:

a) – a, – as: *já, lá, vás*;
b) – e, – es: *fé, lê, pés*;
c) – o, – os: *pó, dó, pós, sós*.

B – Vocábulos de mais de uma sílaba

1) OXÍTONOS (ou agudos)

Levam acento agudo ou circunflexo os oxítonos terminados em:

a) – a, – as: *cajás, vatapá, ananás, carajás*;
b) – e, – es: *você, café, pontapés;*
c) – o, – os: *cipó, jiló, avô, carijós*;
d) – em, – ens: *também, ninguém, vinténs, armazéns*.

Daí sem acento: *aqui, caqui, poti, caju, urubus*.

2) PAROXÍTONOS (ou graves)

Levam acento agudo ou circunflexo os paroxítonos terminados em:

a) – i, – is: *júri, cáqui, beribéri, lápis, tênis*;

b) – us: *vênus, vírus, bônus*.

OBSERVAÇÃO: Há poucos paroxítonos terminados em –*u*: um deles existente até há pouco era *tribu* que hoje se escreve com *o*: *tribo*, *tribos*.

c) – r: *caráter*, *revólver*, *éter*;

d) – l: *útil*, *amável*, *nível*, *têxtil* (não *téxtil*);

e) – x: *tórax*, *fênix*, *ônix*;

f) – n: *éden*, *hífen* (mas: *edens*, *hifens*, sem acento);

g) – um, – uns: *álbum*, *álbuns*, *médium*;

h) – ão, ãos: *órgão*, *órfão*, *órgãos*, *órfãos*;

i) – ã, – ãs: *órfã*, *ímã*, *órfãs*, *ímãs*;

j) – ps: *bíceps*, *fórceps*;

k) – on(s): *rádon, rádons*.

OBSERVAÇÃO: Devem ser acentuados os nomes técnicos terminados em -*om*: *iândom*, *rádom* (variante de *rádon*).

3) PROPAROXÍTONOS (ou esdrúxulos)

Levam acento agudo ou circunflexo todos os proparoxítonos: *cálido*, *tépido*, *cátedra*, *sólido*, *límpido*, *cômodo*.

4) CASOS ESPECIAIS

a) São sempre acentuadas as palavras oxítonas com os ditongos abertos grafados -*éis*, -*éu*(*s*) ou -*ói*(*s*) : *anéis, batéis, fiéis, papéis*; *céu(s)*, *chapéu(s)*, *ilhéu(s)*, *véu(s)*; *corrói(s)* (flexão de *corroer*), *herói(s)*, *remói(s)* (flexão de *remoer*), *sói(s)* (flexão de *soer*), *sóis* (pl. de *sol*).

b) Não são acentuadas as palavras paroxítonas com os ditongos abertos -*ei* e -*oi*, uma vez que existe oscilação em muitos casos entre a pronúncia aberta e fechada: *assembleia*, *boleia*, *ideia*, tal como *aldeia*, *baleia*, *cadeia*, *cheia*, *meia*; *coreico*, *epopeico*, *onomatopeico*, *proteico*; *alcaloide*, *apoio* (do verbo *apoiar*), tal como *apoio* (substantivo), *Azoia*, *boia*, *boina*, *comboio* (substantivo), tal como *comboio*, *comboias*, etc. (do verbo *comboiar*), *dezoito*, *estroina*, *heroico*, *introito*, *jiboia*, *moina*, *paranoico*, *zoina*.

OBSERVAÇÃO: Receberá acento gráfico a palavra que, mesmo incluída neste caso, se enquadrar em regra geral de acentuação, como ocorre com *blêizer, contêiner, destróier, gêiser, Méier*, etc., porque são paroxítonas terminadas em -*r*.

c) Não se acentuam os encontros vocálicos fechados: *pessoa*, *patroa*, *coroa*, *boa*, *canoa*; *teu*, *judeu*, *camafeu*; *voo*, *enjoo*, *perdoo*, *coroo*.

OBSERVAÇÃO: Será acentuada a palavra que, mesmo incluída neste caso, se enquadrar em regra geral de acentuação gráfica, como ocorre com *herôon* (Br.)/ *heróon* (Port.), paroxítona terminada em -*n*.

d) Não levam acento gráfico as palavras paroxítonas que, tendo respectivamente vogal tônica aberta ou fechada, são homógrafas de artigos, contrações, preposições e conjunções átonas. Assim, não se distinguem pelo acento gráfico: *para* (á) [flexão de *parar*], e *para* [preposição]; *pela(s)* (é) [substantivo e flexão de *pelar*] e *pela(s)* [combinação de *per* e *la(s)*]; *pelo* (é) [flexão de *pelar*] e *pelo(s)* (ê) [substantivo e combinação de *per* e *lo(s)*]; *pera* (ê) [substantivo] e *pera* (é) [preposição antiga]; *polo(s)* (ó) [substantivo] e *polo(s)* [combinação antiga e popular de *por* e *lo(s)*]; etc.

OBSERVAÇÃO: Seguindo esta regra, também perde o acento gráfico a forma *para* (do verbo *parar*) quando entra num composto separado por hífen: *para-balas, para-brisa(s)*, *para-choque(s)*, *para-lama(s)*, etc.

e) Levam acento agudo o *i* e *u*, quando representam a segunda vogal tônica de um hiato, desde que não formem sílaba com *r*, *l*, *m*, *n*, *z* ou não estejam seguidos de *nh*: *saúde*, *viúva*, *saída*, *caído*, *faísca*, *aí*, *Grajaú*; *raiz* (mas *raízes*), *paul*, *ruim*, *ruins*, *rainha*, *moinho*.

f) Não leva acento a vogal tônica dos ditongos *iu* e *ui*: *caiu*, *retribuiu*, *tafuis*, *pauis*.

g) Não serão acentuadas as vogais tônicas ***i*** e ***u*** das palavras **paroxítonas**, quando estas vogais estiverem precedidas de ditongo decrescente: *baiuca, bocaiuva, boiuno, cauila* (var. *cauira*), *cheiinho* (de *cheio*), *feiinho* (de *feio*), *feiura, feiudo, maoismo, maoista, saiinha* (de *saia*), *taoismo, tauismo*.

OBSERVAÇÕES:

1.º) Na palavra ***eoípo*** (= denominação dos primeiros ancestrais dos cavalos), a pronúncia normal assinala hiato (e-o), razão por que tem acento gráfico.

2.º) A palavra paroxítona *guaíba* não perde o acento agudo porque a vogal tônica *i* está precedida de ditongo crescente.

h) Serão acentuadas as vogais tônicas ***i*** e ***u*** das palavras **oxítonas**, quando mesmo precedidas de ditongo decrescente estão em posição final, sozinhas na sílaba, ou seguidas de *s*: *Piauí, teiú, teiús, tuiuiú, tuiuiús*.

OBSERVAÇÃO: Se, neste caso, a consoante final for diferente de *s*, tais vogais **não serão acentuadas**: *cauim, cauins*.

i) A 3.ª pessoa de alguns verbos se grafa da seguinte maneira:

1) quando termina em – *em* (monossílabos):

3.ª pess. sing.	3.ª pess. pl.
– em	– êm
ele tem	*eles têm*
ele vem	*eles vêm*

2) quando termina em – *ém*:

3.ª pess. sing.	3.ª pess. pl.
– ém	– êm
ele contém	*eles contêm*
ele convém	*eles convêm*

3) quando termina em – *ê* (*crê*, *dê*, *lê*, *vê* e derivados):

3.ª pess. sing.	3.ª pess. pl.
– ê	– eem
ele crê	*eles creem*
ele revê	*eles reveem*

j) Levam acento agudo ou circunflexo os vocábulos terminados por ditongo oral átono, quer decrescente ou crescente: *ágeis*, *devêreis*, *jóquei*, *túneis*, *área*, *espontâneo*, *ignorância*, *imundície*, *lírio*, *mágoa*, *régua*, *tênue*.

k) Leva acento agudo ou circunflexo a forma verbal terminada em *a*, *e*, *o* tônicos, seguida de *lo*, *la*, *los*, *las*: *fá-lo*, *fá-los*, *movê-lo-ia*, *sabê-lo-emos*, *trá-lo-ás*.

OBSERVAÇÃO: Pelo último exemplo, vemos que se o verbo estiver no futuro poderá haver dois acentos: *amá-lo-íeis*, *pô-lo-ás*, *fá-lo-íamos*.

l) Também leva acento agudo a vogal tônica *i* das formas verbais **oxítonas** terminadas em *-air* e *-uir*, quando seguidas de *-lo(s), -la(s)*, caso em que perdem o *r* final, como em: *atraí-lo(s)* [de *atrair-lo(s)*] ; *atraí-lo(s)-ia* [de *atrair-lo(s)-ia*] ; *possuí-la(s)* [de *possuir-la(s)*]; *possuí-la(s)-ia* [de *possuir-la(s)-ia*].

m) Não levam acento os prefixos paroxítonos terminados em *-r* e *-i*: *inter-helênico*, *super-homem*, *semi-histórico*.

n) Não leva trema o *u* dos grupos *gue*, *gui*, *que*, *qui*, mesmo quando for pronunciado e átono: *aguentar*, *arguição*, *eloquência*, *frequência*, *tranquilo*.

OBSERVAÇÕES:

1.º) Os verbos *ARGUIR* e *REDARGUIR* não levam acento agudo na vogal tônica *u* nas formas rizotônicas (aquelas cuja sílaba tônica está no radical): *arguo*, *arguis*, *argui*, *arguem*; *argua, arguas,* etc.

2.º) Os verbos do tipo de *AGUAR, APANIGUAR, APAZIGUAR, APROPINQUAR, AVERIGUAR, DESAGUAR, ENXAGUAR, OBLIQUAR, DELINQUIR* e afins podem ser conjugados de duas formas: ou têm as formas rizotônicas (cuja sílaba tônica recai no radical) com o *u* do radical tônico, mas sem acento agudo; ou têm as formas rizotônicas com *a* ou *i* do radical com acento agudo: averiguo (ou averíguo), averiguas (ou averíguas), averigua (ou averígua), etc.; averigue (ou averígue), averigues (ou averígues), etc.; delinquo (ou delínquo), delinques (ou delínques), etc.; delinqua (ou delínqua), delinquas (ou delínquas), etc.

3.º) O verbo *delinquir*, tradicionalmente dado como defectivo (ou seja, verbo que não é conjugado em todas as pessoas), é tratado como verbo que tem todas as suas formas. O Acordo também aceita duas possibilidades de pronúncia, quando a tradição padrão brasileira na gramática para este verbo só aceitava sua conjugação nas formas arrizotônicas.

4.º) Em conexão com os casos citados acima, é importante mencionar que os verbos em *-ingir* (*atingir*, *cingir*, *constringir*, *infringir*, *tingir*, etc.) e os verbos em *-inguir* sem a pronúncia do *u* (*distinguir*, *extinguir*, etc.) têm grafias absolutamente regulares (*atinjo*, *atinja*, *atinge*, *atingimos*, etc.; *distingo*, *distinga*, *distingue*, *distinguimos*, etc.)

o) Leva acento circunflexo diferencial a sílaba tônica da 3.ª pess. sing. do pret. perf. *pôde*, para distinguir-se de *pode*, forma da mesma pess. do pres. do ind.

p) Não se usa acento gráfico para distinguir as palavras oxítonas homógrafas (que possuem a mesma grafia), mas heterofônicas (pronunciadas de formas diferentes), do tipo de *cor* (ô) (substantivo) e *cor* (ó) (elemento da locução *de cor*) ; *colher* (ê) (verbo) e *colher* (é) (substantivo).

OBSERVAÇÃO: A forma verbal *pôr* continuará a ser grafada com acento circunflexo para se distinguir da preposição átona *por*.

q) Não é acentuada nem recebe apóstrofo a forma monossilábica *pra*, redução de *para*. Ou seja, são **incorretas** as grafias *prá* e *p'ra*.

r) Pode ser ou não acentuada a palavra *fôrma* (substantivo), distinta de *forma* (substantivo; 3.ª pess. do sing. do pres. do ind. ou 2.ª pess. do sing. do imper. do verbo *formar*). A grafia *fôrma (com acento gráfico) deve ser usada apenas nos casos em que houver ambiguidade, como nos versos do poema "Os sapos", de Manuel Bandeira: "Reduzi sem danos/ A fôrmas a forma."*

2 Extraído de *Elementos de Língua Pátria* de J. Mattoso Câmara Jr. [MC.5].

3 Extraído de *Elementos de Língua Pátria* de J. Mattoso Câmara Jr. [MC.5].

4 Daí ser possível uma mudança ortográfica do tipo *quasi* → *quase*, *tribu* → *tribo*. Mudou-se a letra, mas não o fonema.

5 Na realidade, as *reduzidas* não estão cientificamente formuladas pela NGB, e o melhor seria bani-las. Em muitos casos das chamadas reduzidas o que temos, na realidade, é mudança ou troca de fonema.

6 J. Mattoso Câmara Jr. [MC.5, II, 121].

7 Em lugar de *i* ou *u*, em certos casos, se pode grafar a semivogal *e* ou *o*, respectivamente, em observância às convenções do nosso sistema ortográfico vigente, segundo as quais a semivogal dos ditongos orais é representada pelo grafema *i* e a dos ditongos nasais pelo grafema *e*: *pai* / *mãe*, *distrai* / *distraem.*

8 Niedermann, *Phonétique Latine*, 37.

9 *Normas para a Língua Falada no Teatro*, 485-63.

10 *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, 16.

11 Destas últimas não cogita a NGB.

12 Na língua portuguesa moderna predomina a sequência progressiva, que consiste em apresentar, de preferência, a declaração no fim (o predicado), o determinado antes do determinante, o que se torna cômodo aos interesses de compreensão do interlocutor.

13 Por isso, nos compostos, para determinação da posição do acento tônico, leva-se em consideração a última palavra. Destarte, é oxítono *couve-flor* e paroxítono *arco-íris*.

14 Exemplos extraídos de [SS.2, 97-98].

15 Epifania - festa dos reis magos

II – Gramática descritiva e normativa

As Unidades no Enunciado

A) Formas e funções

Introdução

Classes de Palavras e Categorias Gramaticais

Os diversos significados – Quase sempre a gramática engloba numa mesma relação palavras que pertencem a grupos bem diferentes: *substantivo*, *adjetivo*, *artigo*, *numeral*, *pronome*, *verbo*, *advérbio*, *preposição*, *conjunção* e *interjeição*. Um exame atento facilmente nos mostrará que a relação junta palavras de natureza e funcionalidade bem diferentes com base em critérios categoriais, morfológicos e sintáticos misturados. E o elemento que as diferencia são os diversos significados que lhes são próprios. Para tanto, devemos distinguir os seguintes significados:16

a) SIGNIFICADO LEXICAL, que já conhecemos antes, é o significado que corresponde ao *quê* da apreensão do mundo extralinguístico, isto é, é o que corresponde à organização do mundo extralinguístico mediante as línguas. Como diz bem Coseriu, a linguagem *classifica* a realidade segundo interesses e atitudes humanas; por isso suas distinções *podem* coincidir com realidades e delimitações objetivas, mas isso não é necessário. A língua é um saber acerca de modelos e esquemas linguísticos, e não sobre os objetos, a respeito dos quais informam nossa experiência (o nosso saber do mundo) e as ciências não linguísticas; assim, que um vulcão se chame *Popocatepetl*, e só haja um com este nome, é um fato da geografia, e não um *fato de língua*.17 É o significado que é comum a cada uma das séries de palavras: *amor – amante – amar – amavelmente*; *verdor – verde – enverdar*, etc.

b) SIGNIFICADO CATEGORIAL é o que corresponde ao *como* da apreensão do mundo extralinguístico, a forma da intuição da realidade ou, ainda, o modo de ser das palavras no discurso, e não classes léxicas fixas: *amor* (quando empregado como substantivo), *amante* (quando empregado como adjetivo), *amar* (quando empregado como verbo), *amavelmente* (quando advérbio). Não cabe à gramática descritiva, mas sim à gramática geral, definir a categoria linguística "substantivo"; à gramática descritiva cabe tão somente comprovar se a língua objeto da descrição tem ou não substantivos, e, em caso afirmativo, quais são os meios materiais, isto é, os esquemas formais para expressar a categoria "substantivo". Assim, a

categoria "substantivo" expressa substantivos por meio de nomes como *homem, livro, saudade*, por meio de pronomes como *isto*, *isso*, *aquilo*, por sintagmas como *Rio Grande do Norte* ou orações (as chamadas subordinadas substantivas). As palavras lexemáticas e categoremáticas só estão categorialmente determinadas como substantivo, adjetivo, verbo e advérbio quando integradas na oração, atualizadas no discurso. No momento em que a gramática geral define o que é "adjetivo", essa definição, se correta, deverá servir a todas as línguas que tenham adjetivos. É equivocado o querer definir "o adjetivo em português". À gramática descritiva cabe descrevê-lo *numa* língua.

Constituem o substantivo, o adjetivo, o verbo e o advérbio as quatro únicas reais "categorias gramaticais" da língua, confusamente misturadas na gramática tradicional, e que aqui chamaremos "categorias verbais", porque são as únicas dotadas do significado categorial. Admitem, como já ensina a gramática tradicional, subdivisões, que serão estudadas no lugar próprio (substantivos próprios e comuns, etc.). Cabe lembrar que o significado categorial não caracteriza apenas os lexemas, mas ainda sintagmas e orações inteiras. Também o significado categorial está sempre implicado com certas funções específicas na estruturação gramatical; por isso, só o "substantivo" (representado por nome, pronome, sintagma nominal, oração nominalizada) pode ser o sujeito da oração, assim como o verbo exerce a função de predicado.18 Os significados categoriais são modos do conteúdo significativo. Todavia isto não serve de definição de substantivo; uma palavra não é substantivo porque funciona como sujeito, mas, ao contrário, pode ser sujeito porque é substantivo ou pode aparecer como tal.

c) SIGNIFICADO INSTRUMENTAL é o significado dos morfemas, isto é, dos elementos pertencentes ao universo da gramática, e podem apresentar-se como palavras morfemáticas (como os *artigos* e as *preposições*, por exemplo, ou como elementos de palavras: o *-s* de *livro-s* ou de *trabalha-s*, etc.); são os chamados englobadamente *instrumentos gramaticais*. O artigo *o* em *o livro* tem o significado "atualizador" e o *-s* em *livro-s* tem o significado "pluralizador". Incluem-se como dotados desse significado instrumental, isto é, como "morfemas", nas combinações gramaticais, os prefixos, os sufixos, as desinências, o acento, o ritmo, a entoação, a ordem das palavras, etc. Os significados instrumentais são modos da expressão material.

d) SIGNIFICADO ESTRUTURAL OU SINTÁTICO (este aqui tomado em sentido restrito) é o significado que resulta das combinações de unidades lexemáticas ou categoremáticas com unidades morfemáticas e morfemas, dentro da oração. São significados estruturais "singular", "plural", "atual", "virtual", "ativo", "passivo", "presente", "passado", "futuro", "indicativo", etc. Assim o *-s* de *livro-s* tem o significado instrumental" pluralizador" (e não "plural") ao lado do pluralizado *livro*; da combinação resulta o significado estrutural ou sintático "plural".

e) SIGNIFICADO ÔNTICO, que só se dá no plano da oração, é o que corresponde ao valor existencial que se comunica ao estado de coisas designado na oração: "afirmativo", "negativo", "interrogativo", "imperativo", etc.

Classe de palavra e classe verbal – Tem-se feito confusão entre *classe de palavra e categoria* ou classe *verbal*, confusão que pode ser desfeita com exemplos simples.[19] Assinalando com F a forma física, com L o significado léxico e com C o significado categorial, as palavras abstratas podem ser constituídas: a) como puras "formas" (F), por exemplo "amo" em português, e somente levando em conta sua forma, pode-se classificar apenas pelo seu lado material: é uma palavra dissílaba; é uma palavra paroxítona; é uma palavra com três fonemas, etc.; b) como "formas léxicas" ou "lexemas" (FL), por exemplo o português *verde*, independentemente dos diferentes significados categoriais, isto é, como adjetivo ou como substantivo; c) como "formas categoriais" ou "categoremas" (FC), por exemplo, *quadro, papel*, como substantivos, independentemente dos diferentes significados léxicos ("*quadro* de um pintor", "*quadro* de futebol", "folha de *papel*", "*papel* de um ator") e d) como palavras com significado léxico e categorial (FCL), por exemplo, em português *amo* 'senhor', substantivo, e *amo* 'quero bem', verbo. Somente as palavras abstratas dotadas com FC ou com FCL podem ser classificadas categorialmente graças ao elemento C; isto significa que uma mesma palavra FL poderá figurar em classes distintas se apresenta diferentes significados C, como foi o caso de *verde* (adjetivo: "folha *verde*", e substantivo: "o *verde* da folha") e *amo* (substantivo e verbo). Em suma: não podemos querer que a palavra *verde*, substantivo, pertença à classe da palavra *verde*, adjetivo, apenas porque tem o mesmo significado lexical, isto é, apelando para um traço que nada tem que ver com o critério com que está constituída a classe verbal.

Se tomarmos por critério FL, "verde" será uma só e mesma palavra, assim como "amo"; se as estabelecermos como FCL, "verde", adjetivo, e "verde", substantivo, serão duas palavras diferentes, assim como "amo" 'senhor' e "amo" 'quero bem', o que também valerá para o inglês (*the*) *fire* e (*to*) *fire*, isto é, substantivo e verbo.

Ao nos referirmos ao significado estrutural, aludimos, junto com as unidades lexemáticas (lexemas), às unidades categoremáticas, os pronomes, que são "formas sem substância", isto porque apresentam apenas, ou em primeiro lugar, um significado categorial, sem representar nenhuma matéria extralinguística. Por isso, os pronomes são substantivos, adjetivos, advérbios e – em algumas línguas que não o português – até verbos. Diferem dos lexemas porque não possuem significado lexical, ou, se o apresentam, têm um significado lexical genérico ("pessoa", "coisa", "lugar", "tempo", "modalidade", etc.), dado pela situação ou por outras palavras do contexto.[20]

Nas mesmas condições do pronome, pode-se incluir na classe das palavras categoremáticas o *numeral*.[21]

Por tudo o que vimos até aqui, os significados léxico, categorial e instrumental nos permitem dividir as palavras em lexemáticas (substantivo, adjetivo, verbo e advérbio), categoremáticas (pronome e numeral) e morfemáticas (artigo, preposição e conjunção).

Isto não impede que uma palavra categoremática possa também aparecer com significado instrumental, como é o caso de *meu lápis*, em que *meu* tem o significado categorial "adjetivo" e o significado instrumental em relação ao substantivo *lápis*, determinado como singular e do

gênero masculino. Vimos que as palavras lexemáticas, além do significado lexical, têm em português significado categorial, e podem funcionar também como instrumentos.

Da lista tradicional das classes de palavras só nos falta falar da *interjeição*, que, a rigor, nem é pura *palavra*, mas uma *palavra-oração*, que só por si pode valer por um conteúdo de pensamento da linguagem emocional.

Distinguidas assim as classes de palavras, podemos agora caracterizar uma a uma.

1 – Substantivo

Substantivo – é a classe de lexema que se caracteriza por significar o que convencionalmente chamamos *objetos substantivos*, isto é, em primeiro lugar, substâncias (*homem, casa, livro*) e, em segundo lugar, quaisquer outros objetos mentalmente apreendidos como substâncias, quais sejam qualidades (*bondade, brancura*), estados (*saúde, doença*), processos (*chegada, entrega, aceitação*).

Concretos e abstratos – Os substantivos se dividem em *concretos* e *abstratos*. Os concretos são *próprios* e *comuns*.

Substantivo concreto é o que designa ser de existência independente: *casa, mar, sol, automóvel, filho, mãe*.

Substantivo abstrato é o que designa ser de existência dependente: *prazer, beijo, trabalho, saída, beleza, cansaço.*

Os substantivos concretos nomeiam pessoas, lugares, animais, vegetais, minerais e coisas.

Os substantivos abstratos designam ações (*beijo, trabalho, saída, cansaço*), estado e qualidade (*prazer, beleza*), considerados fora dos seres, como se tivessem existência individual.

Próprios e comuns – Dividem-se os substantivos em *próprios* e *comuns*, divisão que pertence a planos diferentes.

Substantivo próprio é o que se aplica a um objeto ou a um conjunto de objetos, mas sempre individualmente. Isto significa que o substantivo próprio se aplica a esse objeto ou a esse conjunto de objetos, considerando-os como indivíduos. Assim, um nome como *João, Isabel* ou *Açores* só acidentalmente se aplicará a várias pessoas ou ilhas não porque estas apresentam características comuns que as identifiquem como membro de uma classe ou conjunto específico. Por isso cada *João*, cada *Isabel* e cada *Açores* é uma pessoa ou ilha considerada como indivíduo inconfundível para as demais pessoas. São materialmente idênticos, mas se aplicam a indivíduos diferentes. Se por *palavra* se entende significante (expressão) + significado (conteúdo), dois ou mais nomes *João* ou *Isabel* não representam a rigor uma só palavra.

Os substantivos próprios mais importantes são os *antropônimos* e os *topônimos*. Os primeiros se aplicam às pessoas que, em geral, têm *prenome* (nome próprio individual) e *sobrenome* ou *apelido* ("que situa melhor o indivíduo em função da sua proveniência geográfica [Frei Henrique de Coimbra], da sua profissão [*Caeiro*], da sua filiação (patronímico) [*Soares*, filho de Soeiro], de uma qualidade física ou moral [*Diogo Cão*], de uma circunstância de nascimento [*Neto*]").22

Os topônimos se aplicam a lugares e acidentes geográficos.

SUBSTANTIVO COMUM é o que se aplica a um ou mais objetos particulares que reúnem características inerentes a dada classe: *homem, mesa, livro, cachorro, lua, sol, fevereiro, segunda-feira, papa.*

Os cinco últimos exemplos patenteiam que há substantivos comuns que são nomes individualizados, não como os nomes próprios, mas pelo contexto extralinguístico e pelo nosso saber que nos diz que, no contexto "natural" nosso só há uma lua, um sol, um mês fevereiro, e um só dia da semana segunda-feira, e, no contexto "cultural", só há um papa. Se forem escritos com maiúscula, deve-se o fato à pura convenção ortográfica, e não porque são nomes próprios.

Nomes empregados no plural com referência a uma pluralidade de objetos que individualmente têm o mesmo nome (os *Antônios,* as *Marias*, as *Romas*), ou se aplicam ao conjunto de membros de uma mesma família ou nacionalidade (os *Azevedos,* os *Maias*) ou que significam "entes como..." (os *Tiradentes,* os *Ruis*, os *Pelés*, os *Eldorados*), ou, ainda, os objetos designados pelos nomes dos autores, fabricantes, produtores (os *Rembrandts*, os *Machados de Assis* e os *Fords*), são, na realidade, nomes da "classe" e, portanto, substantivos comuns.

Passagem de nomes próprios a comuns – Não nos prendemos apenas à pessoa ou coisa nomeada; observamos-lhes qualidades e defeitos que se podem transferir a um grupo mais numeroso de seres. Os personagens históricos, artísticos e literários pagam o tributo de sua fama com o desgaste do valor individualizante do seu nome próprio que, por isso, passa a comum. Por esta maneira é que aprendemos a ver no *Judas* não só o nome de um dos doze apóstolos, aquele que traiu Jesus; é também a encarnação mesma do *traidor*, *do amigo falso*, em expressões do tipo: *Fulano é um judas.*

Desta aplicação geral de um nome próprio temos vários outros exemplos: *dom-joão* (= homem formoso; galanteador; irresistível às mulheres), *tartufo* (= homem hipócrita; devoto falso), *cicerone* (guia de estrangeiros, dando-lhes informações que lhes interessam), *benjamim* (= filho predileto, geralmente o mais moço; o mais jovem membro de uma agremiação; prende-se ao personagem bíblico que foi o último e predileto filho de Jacó), *áfrica* (= façanha; proeza; revive as façanhas dos antigos portugueses nessas terras).

Passam a substantivos comuns os nomes próprios de fabricantes e de lugares onde se fazem ou se fabricam certos produtos: *estradivários* (= violino de Stradivárius), *guilhotina* (de J. Inácio Guilhotin), *macadame* (do engenheiro Mac Adam), *sanduíche* (do conde de Sandwich), *havana* (charuto; em Portugal *havano*) , *champanha* (da região francesa Champagne),

cambraia (da cidade francesa de Cambray).

Contáveis e não contáveis – Outra subclasse do substantivo repousa na variedade da sua extensão, que pode ser descontínua e discreta ou contínua. No primeiro caso, a classe é constituída por objetos que existem isolados como partes individualmente consideradas, e recebem o nome de *contáveis*: *homem, mulher, casa, livro,* etc.

No segundo caso, refere-se a classe a objetos contínuos, não separados em partes diversas, que podem ser massa ou matéria ou, ainda, uma ideia abstrata, e recebem o nome de *não contáveis*: *oceano, vinho, bondade, beleza*. Estes não contáveis constituem em geral os *singularia tantum*, isto é, habitualmente só se usam no singular.

À categoria dos não contáveis pertence o substantivo *coletivo*, que, na forma de singular, faz referência a uma coleção ou conjunto de objetos: *arvoredo, folhagem, casario.* Distingue-se o coletivo do plural de um substantivo contável, pois este alude a uma coleção de objetos considerados individualmente: *árvores, folhas, casas*.

Entre os coletivos há os *universais* (*povo, passarada, casario*) e os *particulares* (*caniçal, vinhedo, laranjal*). Os coletivos universais não são contáveis, e, por isso, só se pluralizam nas condições especiais à classe, enquanto os particulares se contam e podem ser pluralizados.

Não se confundem com os coletivos os chamados por Herculano de Carvalho *nomes de grupo* (*bando, rebanho, cardume,* etc.), embora assim o faça a gramática. Na realidade, são nomes de conjunto de objetos contáveis, que se aplicam habitualmente ou a uma espécie definida (*cardume, alcateia, enxame*) ou total ou parcialmente indefinida (*conjunto, grupo, bando*: *bando de pessoas, de aves, de alunos*). Ao contrário dos coletivos, os nomes de grupos, principalmente do 2.º grupo, requerem determinação explícita da espécie de objetos que compõem o conjunto: *um* ***bando*** *de pessoas, de adolescentes,* etc.; *um* ***cardume*** *de baleias, de sardinhas*, etc. Já não seria possível *um vinhedo de vinhos.*

São coletivos e nomes de grupo usuais:

a) CONJUNTO DE PESSOAS:

Alcateia, bando, caterva, corja, horda, farândula, malta, quadrilha, récova, súcia, turba: de ladrões, desordeiros, assassinos, malfeitores e vadios.

Associação, clube, comício, comissão, congresso, conselho, convenção, corporação, grêmio, sociedade: de pessoas, reunidas para fim comum.

Assistência, auditório, concorrência, aglomeração, roda: de assistentes, ouvintes ou espectadores.

Cabido: de cônegos de uma catedral.

Caravana: de viajantes.

Claque, torcida: de espectadores para aplaudir ou patear.

Clientela: de clientes, de advogados, de médicos, etc.

Comitiva, cortejo, séquito, acompanhamento: de pessoas que acompanham outra por dever ou cortesia.

Comunidade, confraria, congregação, irmandade: ordem de religiosos.
Concílio, conclave, consistório, sínodo, assembléia: de párocos ou de outros padres.
Coro: conjunto, bando de pessoas que cantam juntas.
Elenco: de artistas de uma companhia, peça ou filme.
Equipagem, marinhagem, companha, maruja, tripulação: de marinheiros.
Falange: de heróis, guerreiros, espíritos.
Junta: de credores, de médicos.
Pessoal: de uma fábrica, repartição pública ou escola, loja.
Plêiade ou *plêiada*: de poetas, artistas, talentos.
Ronda: de policiais que percorrem as ruas velando pela ordem pública.
Turma: de estudantes, trabalhadores, médicos.

b) Grupo de animais:
Alcateia: de lobos, panteras ou outros animais ferozes.
Bando, revoada: de aves, pardais.
Cáfila: de camelos.
Cardume, boana, corso (ô)*, manta*: de peixes.
Colmeia, enxame, cortiço: de abelhas.
Correição, cordão: de formigas.
Fato: rebanho de cabras.
Fauna: conjunto de animais próprios de uma região.
Gado: conjunto de animais criados nas fazendas.
Junta, obesana, cingel, jugo, jugada: de bois.
Lote: de burros, grupos de bestas de carga.
Malhada, oviário, rebanho: de ovelhas.
Manada: de cavalos, de porcos, éguas.
Matilha: de cães.
Ninhada: rodada de pintos.
Nuvem, miríade, onda, praga: de gafanhotos, marimbondos, percevejos.
Piara, vara: de porcos.
Récova, récua: de cavalgaduras.
Rebanho, armento, armentio, grei, maromba: de bois, ovelhas.

c) Grupo de coisas:
Acervo, chorrilho, enfiada: de asneiras, tolices. *Acervo* também se aplica aos bens materiais: É grande o *acervo* da Biblioteca Nacional.
Antologia, analecto, crestomatia, coletânea, florilégio, seleta: de trechos literários ou científicos.

Aparelho, baixela, serviço: de chá, café, jantar.
Armada, esquadra, frota: de navios de guerra.
Bateria, fileira: de peças de artilharia.
Braçada, braçado, buquê, ramo, ramalhete (ê), *festão*: de flores.
Cacho: de uvas, de bananas.
Cancioneiro: de canções. É erro empregar o vocábulo como sinônimo de cantor em expressões como *cancioneiros românticos*.
Carrada: de razões.
Chuva, chuveiro, granizo, saraiva, saraivada: de balas, pedras, setas.
Coleção: de selos, quadros, medalhas, moedas, livros.
Constelação: de estrelas.
Cordilheira, cadeia, série: de montes, montanhas.
Cordoalha, cordame, enxárcia: de cabos de um navio.
Feixe, lio, molho (ó): de lenha, capim.
Fila, fileira, linha: de cadeiras.
Flora: conjunto de plantas de uma determinada região.
Galeria: de quadros, estátuas.
Gavela ou *gabela, paveia*: feixe de espigas.
Herbário: coleção de plantas para exposição ou estudo.
Hinário: de hinos.
Instrumental: de instrumentos de orquestra, de qualquer ofício mecânico, de cirurgia.
Mobília, mobiliário: de móveis.
Monte, montão: de pedras, palha, lixo.
Penca: de bananas, laranjas, chaves.
Pilha, ruma: de livros, malas, tábuas.
Réstia: de cebolas, alhos.
Sequência: série de cartas do mesmo naipe.
Troféu: de bandeiras.

OBSERVAÇÃO: Para outros coletivos e nomes de grupos consulte-se o dicionário.

Estrutura interna do substantivo – A estrutura interna ou constitucional do substantivo (isto é, sua morfologia) consiste, nas línguas flexivas como o português, em geral, na combinação de um signo lexical expresso pelo radical com signos morfológicos expressos por desinências e alternâncias, ambos destituídos de existência própria fora dessa combinação. Entre as desinências que, na flexão, se combinam com o substantivo está a marca de *número* e, nas línguas que a possuem, a marca de *caso* (nominativo, acusativo, etc., como se dá, por exemplo, no grego, no latim, no alemão). O substantivo, fora da flexão, pode ser dotado da marca de gênero: *menino/menina, gato/gata.*[23]

Número – É uma categoria gramatical inerente primariamente ao substantivo, que se refere aos objetos substantivos considerando-os na sua unidade da classe a que pertencem (é o número *singular*) ou no seu conjunto de dois ou mais objetos da mesma classe (é o número *plural*). Quando o singular designa vários objetos de uma mesma classe considerados num todo, temos o *coletivo* (*professorado, alunado, caravana, cardume*, etc.).

A classe dos objetos substantivos pode conter unidades descontínuas e discretas: são os objetos *contáveis* (*homem, casa, cadeira*, etc.); a classe pode também ser constituída de objetos desprovidos de limites internos, como se fossem objetos únicos: são os *não contáveis*. Estes objetos únicos ou são massa ou matéria, ou concebidos como tal (*ouro, ferro, céu*, etc.), ou uma ideia abstrata (*amor, saudade, riqueza*, etc.).

Facilmente se pluralizam os substantivos que pertencem ao grupo dos contáveis (*homem - homens; casa - casas*); já os não contáveis, em geral, se usam no singular (*singularia tantum*). Em alguns desses nomes não contáveis, o plural alude a diferentes espécies ou à fragmentação: *vinhos* (o tinto, o branco, o rosé), *mares* e, por consequência, se apresentam com variação semântica. [HCv.1, 14, 364; SA.2, 69]

Em português, o significado gramatical plural é obtido com a presença da desinência pluralizadora *-s* fonologicamente constituída pela consoante sibilante pós-vocálica diante de pausa.24 O singular se caracteriza pela ausência desta desinência.

A flexão de número, em português, pelo mecanismo da concordância, se estende ao adjetivo (e demais adjuntos do substantivo) e ao verbo, quando este entra em concordância de número com a pessoa do sujeito.

A flexão de número dos substantivos

a) **Formação do plural com acréscimo de *-s***

Forma-se o plural dos substantivos com o acréscimo do morfema pluralizador (desinência do plural) *-s*, quando terminados explicitamente por:

1 – vogal ou ditongo oral: *livro → livros; lei → leis; cajá → cajás.*

2 – vogal nasal tônica ou átona: *ímã → ímãs*; *irmã → irmãs*; *dom → dons* (grafando-se *ns*); *álbum → álbuns; totem → totens* (para o plural *tótemes*).

3 – ditongos nasais *-ãe* (tônicos ou átonos) e *-ão* (átono): *mãe → mães; bênção → bênçãos*.

b) **Formação do plural com acréscimo de *-es***

Quando não está explícita a vogal temática suprimida no singular deverá ser restituída para constituir a forma teórica (*ás → *ase → ases*) e depois ser acrescida a desinência *-s*. Isto ocorre quando o singular termina por:

1 – *-s* (em sílaba tônica): *ás → ases*; *freguês → fregueses*

Cós serve para os dois números e ainda possui o plural reduplicativo *coses*.

2 – *-z* (em sílaba tônica): *luz → luzes*; *giz → gizes*; *cicatriz → cicatrizes*

3 – *-r*: *cor* → *cores*; *elixir* → *elixires*; *revólver* → *revólveres*

c) **Plural de nomes gregos em *-n***

Nos nomes de origem grega terminados em *-n*, pode-se obter o plural com o acréscimo da desinência *-s*, ou recorrer à forma teórica com a recuperação do *-e* (*abdômen* → **abdomene* → *abdômenes*). Melhor fora dar a estes substantivos feição mais de acordo com o sistema fonológico do português, eliminando o *-n* final ou substituindo-o por *-m* e procedendo-se à formação do plural com o só acréscimo do *-s* (*abdome* → *abdomes*; *pólen* → *polem* → *polens,* grafando *-ns*):

abdômen → abdomens ou abdômenes

certâmen → certamens ou certâmenes

dólmen (dolmem) → dolmens ou dólmenes

espécimen → espécimens ou especímenes

gérmen → germens ou gérmenes

hífen → hifens ou hífenes

pólen (polem) → polens ou pólenes

regímen → regimens ou regímenes

OBSERVAÇÕES:

1.ª) *éden* (melhor seria *edem*, que o *Vocabulário Ortográfico* não registra) faz *edens*.

2.ª) *Cânon,* melhor grafado *cânone*, faz *cânones*.

3.ª) Recorde-se que são acentuados os paroxítonos em *-n*, e não os em *-ens*. Daí *hífen*, mas *hifens* (sem acento gráfico).

d) **Plural dos nomes em *-ão* tônico**

Os nomes em *-ão* tônico a rigor pertencem à classe dos temas em *-o* ou em *-e*, conforme o plural respectivo: *irmãos* (= irmão + s), *pães* (= *pãe + s), *leões* (= *leõe + s). Para uma descrição coerente Mattoso propõe que se parta das formas teóricas do plural para se chegar ao tema, suplementadas pelas regras morfofonêmicas pertinentes, no processo de formação de plural.

Destacando-se a vogal temática (que passa a semivogal de ditongo em contacto com a vogal anterior), teremos o radical em *-õ* (*leõ*) e o radical em *-ã* (*irmã, pã*).

1) os substantivos em *-õ* com tema em *-e* fazem o plural com acréscimo da desinência *-s*:

leão (* leõ + e + s) → *leões*

coração (* coraçõ + e + s) → *corações*

Assim, temos os plurais: *questões, melões, razões,* etc.

Este grupo é o mais numeroso e, por isso mesmo, tende, no uso espontâneo, a assimilar outras formas de plural que a língua exemplar não adota. Neste grupo estão incluídos todos os substantivos abstratos formados com os sufixos *-ção, -são* e *-ão* e grande parte de substantivos concretos.

comoção → *comoções*; *adoração* → *adorações*

apreensão → *apreensões*; *compreensão* → *compreensões*

abusão → *abusões*; *visão* → *visões*

caminhão (*camião*) → *caminhões* (*camiões*); *barracão* → *barracões*

Este radical teórico em *-õ* aparece evidente em adjetivos e verbos da mesma família do substantivo, o que é sinal de que este faz o plural em *-ões*; por exemplo, *leonino* denuncia o plural correto de *leão*: *leões*.

2) os substantivos em *-ã* com tema em *-o* (*irmão*) fazem o plural com o acréscimo da desinência *-s*:

irmão (*irmã + o + s) → *irmãos*

cidadão (*cidadã + o + s) → *cidadãos*

Este radical teórico em *-ã* aparece evidente em adjetivos e verbos da mesma família dos substantivos *irmão* (irm*an*ar) e *cidadão* (cidad*an*ia).

3) os substantivos em *-ã* com vogal temática *-e* (*pã - e* de *pães*) fazem o plural com o acréscimo da desinência *-s*:

pão → (pã + e + s) → *pães*

capitão → (capitã + e + s) → *capitães*

Descrito o processo de flexão, cabe perguntar como, partindo da forma teórica do plural, se chega às formas do singular em *-ão*. Destacando-se a vogal temática, como já vimos, obtemos duas estruturas fonológicas para os radicais: em *-õ* (leõ) e em *ã* (irmã, pã). Os de tema em *-o* não sofrem alteração: *irmão*; os de tema em *-e* ou mudam a vogal para *-o* (*pão*) ou, se a vogal do radical for *-õ*, apresentam duas mudanças: a vogal temática passa de *-e* a *-o* e a vogal do radical passa de *õ* a *ã*: *leão*.

Dada a confluência das formas do singular num único final *-ão* (diferençadas no plural, como acabamos de ver), surgem muitas dúvidas no uso do plural, além de alterações que se deram através da história da língua, algumas das quais se mantêm regional ou popularmente, em geral a favor da forma plural *-ões*, por ser a que encerra maior número de representantes.

"O ensino escolar [comenta Mattoso] se esforça para manter os três tipos de plural, ora apoiando-se na origem latina, ora se inspirando no espanhol (onde há diferença no singular – *razón*: *razones*; *hermano*: *hermanos*; *pan*: *panes*), ora apelando para as preferências (se bem que às vezes inconsistentes) de determinados autores, na língua literária, considerados 'clássicos'[MC.8, 81-82].

Diante do exposto, oferecemos ao leitor relação minuciosa dos dois grupos de substantivos em *-ão* que não fazem o plural mais frequente em *-ões*:

1) plural em *-ães*:

cão → cães	escrivão → escrivães
capelão → capelães	tabelião → tabeliães
alemão → alemães	pão → pães
capitão → capitães	maçapão → maçapães
mata-cão → mata-cães	catalão → catalães

2) plural em *-ãos*:

chão → chãos

cidadão → cidadãos

cristão → cristãos

desvão → desvãos

grão → grãos

irmão → irmãos

mão → mãos

pagão → pagãos

e os paroxítonos apontados em **A flexão de número dos substantivos** - a) 3.

Muitos substantivos apresentam dois e até três plurais:

aldeão	aldeãos	aldeões	aldeães
ancião	anciãos	anciões	anciães
charlatão	—	charlatões	charlatães
corrimão	corrimãos	corrimões	—
cortesão	cortesãos	cortesões	—
deão	deãos	deões	deães
ermitão	ermitãos	ermitões	ermitães
fuão	fuãos	fuões	—
guardião	—	guardiões	guardiães
refrão	refrãos	—	refrães
sacristão	sacristãos	—	sacristães
truão	—	truões	truães
vilão	vilãos	vilões	vilães
vulcão	vulcãos	vulcões	—

e) **Plural dos nomes treminados em *-l***

1 – **Plural dos nomes terminados em *-al, -el, -ol, -ul***

Nos nomes em *-l*, temos de partir da forma teórica com restituição da vogal temática *-e*, acréscimo do pluralizador *-s*, posterior às regras morfofonêmicas: queda do *-l-* intermediário

e passagem da vogal temática a semivogal (grafada *-i*)

carnaval → *carnavale → carnavales → carnavaes → carnavais

papel → *papele → papeles → papees → papéis (tônico)

lençol → *lençole → lençoles → lençoes → lençóis

nível → *nivele → niveles → nívees → níveis (átono)25

paul → *paule → paules → paues → pauis

OBSERVAÇÕES:

1.ª) *cônsul* e *mal* fazem *cônsules* e *males*

2.ª) *cal* e *aval* fazem *cales* (= cano) e *cais*, *avales* (mais comum em Portugal) e *avais*

3.ª) *real* faz *réis* (moeda antiga) e *reais* (moeda nova)

2 – **Plural dos nomes terminados em *-il***

a) *-il* em vogal átona: ocorre a passagem do *i* a *e* e posteriormente o mesmo que o caso anterior:

fóssil → *fóssile → *fossele → fosseles → fossees → fósseis

b) *-il* com vogal tônica: ocorre o acréscimo do pluralizador *-s* e posterior supressão do *-l*, já que não é necessário recorrer à vogal temática, por não aparecer no plural:

*funil → *funils → funis*26

OBSERVAÇÃO: *mírtil* faz *mírtiles* e *mírteis*; *móbil* faz *móbiles* e *móbeis*.

Réptil e *projétil*, como paroxítonos, fazem *répteis* e *projéteis*; como oxítonos, *reptil* e *projetil* fazem *reptis* e *projetis*.

f) **Plural dos nomes terminados em -x (= ce)**

Os terminados em *-x* com o valor de *ce* (final com que podem também ser grafados) fazem o plural normalmente em *-ces*:

cálix (ou *cálice*), *cálices; apêndix* (ou *apêndice*), *apêndices*.

g) **Palavras que não possuem marca de número**

Há significantes terminados por *-s* em sílaba átona (como *lápis, pires*, ou monossílabos como *cais, xis*) que não possuem marca de número, quer no singular quer no plural, pois se mostram alheias à classe gramatical de número. Cremos ser a melhor lição a de Herculano de Carvalho, segundo a qual não se pode aceitar a doutrina corrente que vê nessas formas um singular que permanece invariável no plural. É um caso de sincretismo, e não de neutralização [HCv.3, 608-609 e 642]. A pluralidade é marcada pelos adjuntos (artigo, adjetivo, pronome, numeral): *o lápis, os lápis; um pires, dois pires; este xis, estes xis*.

Estão neste caso os terminados em:

1) *-s* (em sílaba átona; palavras sigmáticas):

o pires, os pires; o lápis, os lápis; a cútis, as cútis.

OBSERVAÇÃO: *Simples* faz *simpleces* ou, o que é mais comum, não varia. *Cós, lais* e *ferrabrás* são mais usados invariáveis, mas possuem o plural *coses, laises* e *ferrabrases*.

2) *-x* (com o valor de *cs*): *o tórax, os tórax; o ônix, os ônix.*

OBSERVAÇÃO: Alguns nomes com *x* = *cs* possuem a variante em *ce*: *índex* ou *índice, ápex* ou *ápice; códex* ou *códice*. Seus plurais são, respectivamente, *índices, códices, ápices.* Aliás, são preferíveis as grafias *índice, códice* e *ápice*, no singular.

h) **Plurais com alteração de *o* fechado para *o* aberto (metafonia)**[27]

Muitas palavras com *o* fechado tônico, quando passam ao plural, mudam esta vogal para *o* aberto:

miolo – miolos

Dentre as que apresentam esta mudança (chamada metafonia) na vogal tônica lembraremos aqui as mais usuais:

abrolho	fogo	porco
antolho	forno	porto
caroço	foro	posto
choco	fosso	povo
corcovo	imposto	reforço
coro	jogo	rogo
corpo	miolo	sobrolho
corvo	mirolho	socorro
despojo	olho	tijolo
destroço	osso	torto
escolho	ovo	troco
esforço	poço	troço

Esta alternância constitui a única marca do feminino em *avô* e formas com ela relacionadas, onde se acha suprimida a desinência *-a*: *avô – avó* (< *avoa* < lat. *aviola*). Nos casos de metafonia, o plural é marcado pelo morfema pluralizador *-s* e pelo morfema suprassegmental.

Continuam com *o* fechado no plural:

acordo	esboço	logro
adorno	esposo	morro
almoço	estorvo	repolho
alvoroço	ferrolho	rolo
arroto	fofo	sogro

boda	forro	soldo
bojo	gafanhoto	sopro
bolo	globo	soro
bolso	gorro	toco
cachorro	gosto	toldo
caolho	gozo	topo
coco	horto	torno
contorno	jorro	transtorno

OBSERVAÇÃO: Como no caso dos plurais em *-ão (-ões, -ães, -ãos)*, a inclusão da palavra no grupo dos metafônicos ou não metafônicos apresenta muitas indecisões. O esforço para dirimir dúvidas nestes casos se tem regulado pela origem do timbre da vogal tônica em latim e na forma paralela das correspondentes em espanhol, onde, como regra, do timbre fechado resulta uma vogal simples e do timbre aberto uma ditongação: *gozo* (esp.) – gozo (port.) – gozos (ô); *fuego* (esp.) – fogo (port.) – fogos (ó). Tanto a etimologia do latim quanto o paralelismo do espanhol nem sempre têm a boa resposta às dúvidas.

Não sofrem alteração os nomes próprios e os de família:

os *Diogos*, os *Mimosos*, os *Raposos*, os *Portos*.

i) **Plurais com deslocação do acento tônico** – Há palavras que, no plural, mudam de sílaba tônica:

caráter	–	caracteres
espécimen	–	especímenes
júnior	–	juniores
Júpiter	–	Jupíteres
Lúcifer	–	Lucíferes
sênior	–	seniores

O plural *sorores* é de *soror*, oxítono, o que se estende a *sóror*.

j) **Variações semânticas do significado entre o singular e o plural** – Normalmente, o plural guarda o mesmo significado do singular. Isto não acontece, porém, em alguns casos, principalmente se se trata de substantivos abstratos em sentidos contextuais:

bem (o que é bom) – *bens* (propriedades)

féria (produto do trabalho diário) – *férias* (dias de descanso)

"Onde não se preza a *honra* se desprezam as *honras*" [MM].

Em nomes abstratos como *injustiças, crueldades, gentilezas,* o plural denota atos repetidos, ora multiplicidade dos mesmos atos, com certa conotação aumentativa [FBr.1, 97].

Também em nomes concretos pode o plural acusar mudança de significado: *ferro* (metal) → *ferros* (algemas) [SA.2, 69].

Estão nestes casos os nomes que no plural indicam o casal:

os pais (pai e mãe), *os irmãos* (irmã e irmão), *os reis* (rei e rainha).

l) **Palavras só usadas no plural** (*pluralia tantum*) – Eis as principais:

ademanes	endoenças
afazeres	exéquias
alvíssaras	férias (= repouso)
anais	núpcias
arredores	trevas
avós (antepassados)	víveres
belas-artes, belas-letras	nomes de naipes: copas,
confins	ouros, espadas, paus

m) **Plural de nomes próprios** – Os nomes próprios usados no plural fazem o plural obedecendo às normas dos nomes comuns, e a língua padrão recomenda se ponham no plural, e não no singular:

"O fidalgo dos Vitos Alarcões tratou da cabeça na cama, uns quinze dias" [CBr.6, 144].

" (...) seria um garfo meritório do tronco dos *Parmas* d'Eça, ao qual ele Rui de Nelas se glorificava de ser estranho?" [CBr.6, 171].

Todavia, não é raro o uso do singular na língua literária:

"Os brasileiros do sul, os *Correia de Sá*, perdiam muito do encanto dessas obras (...)" [GA *apud* TS, 105].

n) **Plural dos nomes estrangeiros não assimilados** – Os nomes estrangeiros que se adaptaram ao sistema fonológico do português têm o seu plural consoante as normas vigentes: *clube → clubes; dólar → dólares; repórter → repórteres; abajur → abajures; ultimato → ultimatos; memorando → memorandos; confete → confetes.*

Os não assimilados ao nosso idioma tomam duas direções: a) terminam com *-s*, sem pretender coincidir com as regras do plural da língua originária, ou b) regulando-se pelas normas da língua estrangeira, o que, em geral, é o procedimento recomendado na língua padrão e nos textos científicos.

Do primeiro caso, temos:

films, leaders, ladys, dandys, lieds, blitzes.

Do segundo temos, entre os latinismos:

curriculum → curricula, memorandum → memoranda,

corpus → *corpora*, etc.,

que podem ser aportuguesados, no singular, em: *currículo, memorando, corpo* (raro).

campus → *campi (o campus, os campi)*

Entre os gregos cabe citar:

tópos → *tópoi*, *lógos* → *lógoi*, *ónoma* → *onómata.*

Entre os anglicismos:

lady → *ladies*; *penny* → *pennies* ou *pence*;

dandy → *dandies*; *sportman* → *sportmen.*

Entre os germanismos:

lied (/ *lid* /) → *lieder*; *leitmotiv* → *leitmotiven*; *blitz* → *blitzen.*

Também se erra usando-se *lieder* como singular.

Os escritores procuram, na medida do possível, acertar o passo; assim é que José Lins do Rego usou *lieds* nesta passagem de *Gordos e Magros* (1942): "Goethe ia ao povo para sentir a força dos *lieds*, a música que dorme na alma popular." Em *Poesia e Vida* (1945) já se pautava pela norma alemã: "Destruindo Mozart, uma grande Alemanha desapareceria; a Alemanha dos *lieder*, dos violinos gemendo por debaixo das macieiras em flor (...)".

Os nomes italianos em *-i* já estão no plural, quando flexionados (*o confetto* → *os confetti*), mas isto não impediu que um escritor correto como Latino Coelho fizesse o plural com acréscimo do *-s*: "Portugal não primou nas invenções admiráveis da ciência: não teve Newtons nem Platões. Não meneou com galhardo luzimento o escopro ou o pincel: não teve Rafaéis, nem Buonarottis." [*apud* SS.2, 70]. Também de *lápis-lazúli* temos o plural *lápis-lazúlis*. A prevalecer a norma da língua exemplar, pode-se dizer que se trata de um elemento funcional pertencente ao sistema português reservado aos plurais estrangeiros não assimilados (*Fremdwörter*) [ECs.1, 11 n.172].

o) **Plural dos nomes de letras** – Os nomes de letras vão normalmente ao plural, de acordo com as normas gerais.

Escreve com todos os *efes* e *erres*.

Coloquemos os pingos nos *is*.

N.B.: *Xis* serve para singular e plural.

Podemos ainda indicar o plural das letras com a sua duplicação: *ff, rr, ii.*

Este processo ocorre em muitas abreviaturas:

E.E.U.U. (Estados Unidos, também representado por EUA, Estados Unidos da América, ainda U.S.A.).

p) **Plural dos nomes com o sufixo *-zinho*** – Põem-se no plural os dois elementos e suprime-se o *s* do substantivo, consoante a regra ortográfica oficial:

animalzinho = animal + zinho
animaizinhos
coraçãozinho = coração + zinho
coraçõezinhos
florzinha = flor + zinha

florezinhas
papelzinho = papel + zinho
papeizinhos
pazinha = pá + zinha
pazinhas

mas

pazinha = paz + inha
pazezinhas

NOTA ORTOGRÁFICA: Os sufixos diminutivos *-inho* (*-ito,* etc.), *-zinho* (*-zito*, etc.) têm hoje uma distribuição regular, conforme o final da palavra básica:

a) se termina por vogal átona ou consoante (exceto *-s* e *-z*), a escolha é materialmente indiferente, apesar de aparecerem nuanças de sentido contextuais: corpo → *corpinho* (com queda da vogal temática) / *corpozinho* (a forma básica intacta); *flor* → *florinha / florzinha*; *mulher* → *mulherinha / mulherzinha*;

b) se termina por vogal tônica, nasal ou ditongo, é de emprego obrigatório *-zinho* (*-zito,* etc.); boné → bonezinho; siri → sirizinho; álbum → albunzinho; bem → benzinho; raio → raiozinho. Com *-zinho* evitam-se hiatos do tipo *irmãinha*, *raioito*, etc.;

c) se termina em *-s* ou *-z*, o emprego normal é com *-inho* (*-ito*, etc.), repudiando-se *-zinho* (*-zito*, etc.); ficando intacta a palavra básica: lapisinho (lápis + inho), cuscuzinho (cuscuz + inho), rapazinho (rapaz + inho), cartazinho (cartaz + inho), exatamente como escrevemos *lapiseira (lápis + eira), lapisar (lápis + ar), lapisada (lápis + ada)*, etc.

Estabelecem-se até oposições léxicas e fonológicas (já que se guardam os acentos das palavras básicas): *cartazinho* (= cartàz + inho), *cartazinha* (= càrta + zinha), *rapazinho* (= rapàz + inho); *rapazinho* (= ràpa + zinho); *masinho* (= mas + inho), *mazinha* (= mà + zinha) [veja-se o exemplo dado por Oiticica: *Você escreveu aí na pedra um masinho que ninguém percebe* (trata-se da conjunção *mas*)]. Às vezes há convergências gráficas: *pazinha* (*paz + inha*) e *pazinha* (*pá + zinha*), que o contexto dissolverá.

Se escrevemos oficialmente *lapisar, lapiseira,* por que o *Vocabulário* oficial preceitua *lapizinho*? Segundo já Epifânio Dias [ED.1, § 94] e José Oiticica, o coerente seria, já que a regra é flexionar as duas unidades: *açãozinha* (no singular) → *açõesinhas* (no plural, já a básica termina em *-s*). A regra que obriga o *-z* e que expusemos por ser a ortografia oficial, foi formulada por Gonçalves Viana (*Ortografia*, 123); Mário Barreto mostrou-se indeciso no pleito: "Da regra de Epifânio depreende-se que nos nomes em *-ão* os sufixos *-inho e -ito* se precedem de *z* (*açãozinha*, escreve o eruditíssimo gramático português) e que no plural perdem o *z*, tomando esta forma no tema e no sufixo: *ações-inhas*. Seja lá como for, o que está fora de dúvida é que o plural é *açõesinhas* ou *açõezinhas, coraçõesinhos* ou *coraçõezinhos*, e não *coraçãozinhos, açãozinhas*" [MBa.4, 226-227].

Oiticica [JO.3, 89] ainda acha que o normal seria *florinhas, florzinhas*, que a língua padrão evita, mas que têm adoções eventuais em bons escritores: "contam os seus amigos que, quando na mocidade frequentava noturnamente os *barzinhos* da Lapa..." [MB.1, II, 493].

A razão do emprego de formas plurais *barzinhos, colherzinhas* se prende ao fato de que com sufixos outros não ocorre o plural das duas unidades *florinha* → *florinhas*.

q) **Plural das palavras substantivadas** – Qualquer palavra, grupo de palavras, oração ou texto pode substantivar-se, isto é, passar a substantivo, que, tomadas materialmente, isto é, como designação de sua própria forma externa, valem por um substantivo masculino e singular:

o *sim,* o *não,* o *quê,* o *pró,* o *contra,* o *h, Peras* é feminino, *Os homens* é o sujeito da oração.

Tais palavras vão normalmente ao plural:

os *sins,* os *nãos,* os *quês,* os *prós,* os *contras,* os *hh* (agás)

Enquadram-se neste caso os nomes que exprimem número, quando aludem aos algarismos.

Na sua caderneta há três *setes* e dois *oitos*. Tire a prova dos *noves*. Há dois *quatros* a mais e três *onzes* a menos nessas parcelas.

Fazem exceção os terminados em *-s* (*dois, três, seis*), *-z* (*dez*) e *mil*, que são invariáveis.

Quatro *seis* e cinco *dez*.

r) **Plural cumulativo** – Alguns nomes possuem duas formas: uma, básica, singular e outra flexionada em plural que passa a valer como se singular fora:

ananá	ananás
eiró (iró)	eirós (irós)
filhó	filhós
ilhó	ilhós
lilá	lilás

o ananá, *os ananás*; *o lilá*, *os lilás*.

OBSERVAÇÃO: *Cós* fica invariável ou tem plural cumulativo *coses*.

Passando a forma plural a ser empregada como um singular (*o ananás, o lilás*, etc.), por semelhança de singulares em *-ós* (*retrós*, por exemplo), admite um novo plural, chamado cumulativo, por esquecimento da etapa de pluralização: *o ananás, os ananases; o eirós, os eiroses; o filhós, os filhoses; o ilhós, os ilhoses; o lilás, os lilases.*

s) **Plural nos etnônimos** – Etnônimo é o nome que se aplica à denominação dos povos, das tribos, das castas ou de agrupamentos outros em que prevalece o conceito de etnia. Estes nomes utilizados na língua comum admitem a forma plural, como todos os outros: *os brasileiros, os portugueses, os espanhóis, os botocudos, os tupis, os tamoios,* etc.

Por convenção internacional de etnólogos, está há anos acertado que, em trabalhos científicos, os etnônimos que não sejam de origem vernácula ou nos quais não haja elementos vernáculos não são alterados na forma plural, sendo a flexão indicada pelo artigo plural: *os tupi, os nambiquara, os caiuá, os tapirapé, os bântu, os somáli,* etc.

t) **Plural dos nomes compostos** – Merece especial atenção o plural dos nomes compostos, uma vez que as dúvidas e vacilações são frequentes. A questão envolve dificuldades de ordem

ortográfica (uso ou não do hífen) e de ordem gramatical. Torna-se imperiosa uma sistematização que venha pôr simplificação ou minorar as dúvidas ainda existentes, mesmo com as últimas propostas do Acordo Ortográfico. Sem pretendermos esgotar o assunto, apresentamos os seguintes critérios:

A – SOMENTE O ÚLTIMO ELEMENTO VARIA:

1) nos compostos grafados ligadamente:

fidalgo	fidalgos
girassol	girassóis
lenga-lenga	lenga-lengas
madressilva	madressilvas
pontapé	pontapés
vai-vem	vai-vens
zum-zum	zum-zuns

2) nos compostos com as formas adjetivas *grão, grã e bel:*

grão-prior	grão-priores
grã-cruz	grã-cruzes
bel-prazer	bel-prazeres

3) nos compostos de tema verbal ou palavra invariável seguida de substantivo ou adjetivo:

furta-cor	furta-cores
beija-flor	beija-flores
abaixo-assinado	abaixo-assinados
alto-falante	alto-falantes
vice-rei	vice-reis
ex-diretor	ex-diretores
ave-maria	ave-marias

4) nos compostos de três ou mais elementos, não sendo o 2.º elemento uma preposição:

bem-te-vi	bem-te-vis

5) nos compostos de emprego onomatopeico em que há repetição total ou parcial da primeira unidade:

reco-reco	reco-recos
tique-taque	tique-taques

B – SOMENTE O PRIMEIRO ELEMENTO VARIA:

1) nos compostos onde haja preposição, clara ou oculta:

cavalo-vapor (= de, a vapor)	cavalos-vapor
ferro de abrir lata	ferros de abrir lata
mula sem cabeça	mulas sem cabeça
pé de moleque	pés de moleque

2) nos compostos de dois substantivos, onde o segundo exprime a ideia de *fim, semelhança*, ou limita a significação do primeiro:

aço-liga	aços-liga
navio-escola	navios-escola (= para escola)
manga-rosa	mangas-rosa (= semelhante a rosa)
peixe-boi	peixes-boi
salário-família	salários-família

C – AMBOS OS ELEMENTOS VARIAM:

1) nos compostos de dois *substantivos*, de um *substantivo* e um *adjetivo* ou de um adjetivo e um *substantivo*:

amor-perfeito	amores-perfeitos
cabra-cega	cabras-cegas
carta-bilhete	cartas-bilhetes
decreto-lei	decretos-leis
gentil-homem	gentis-homens
guarda-civil	guardas-civis
guarda-mor	guardas-mores
lugar-comum	lugares-comuns
salário-mínimo	salários-mínimos
segunda-feira	segundas-feiras

OBSERVAÇÃO: *lugar-tenente* faz o plural *lugar-tenentes*.

2) nos compostos de temas verbais repetidos:

corre-corre	corres-corres
ruge-ruge	ruges-ruges

OBSERVAÇÃO: Os compostos incluídos neste caso também admitem a flexão adotada pelos nomes de *A*, 3): *corre-corres, ruge-ruges*.

D – FICAM INVARIÁVEIS:

1) as frases substantivas:

a estou-fraca (ave)	as estou-fraca
o não sei que diga	os não sei que diga
o disse me disse	os disse me disse
o bumba meu boi	os bumba meu boi

2) os compostos de tema verbal e palavra invariável:

o ganha-pouco	os ganha-pouco
o pisa-mansinho	os pisa-mansinho
o cola-tudo	os cola-tudo

3) nos compostos de dois temas verbais de significado oposto:

o leva e traz	os leva e traz
o vai-volta	os vai-volta

E – ADMITEM MAIS DE UM PLURAL, ENTRE OUTROS:

fruta-pão:	frutas-pão, fruta-pães
guarda-marinha:	guardas-marinha ou guardas-marinhas *
padre-nosso:	padres-nossos ou padre-nossos
ruge-ruge:	ruges-ruges ou ruge-ruges
salvo-conduto:	salvos-condutos ou salvo-condutos

* Rejeita-se, sem razão, o plural guarda-marinhas.

Gênero – A nossa língua conhece dois gêneros: o *masculino* e o *feminino*.

São masculinos os nomes a que se pode antepor o artigo **o**:

o *linho*, o *sol*, o *raio*, o *prazer*, o *filho*, o *beijo*

São femininos os nomes a que se pode antepor o artigo **a**:

a *flor*, a *casa*, a *mosca*, a *nuvem*, a *mãe*

Todo substantivo está dotado de gênero, que, no português, se distribui entre o grupo do *masculino* e o grupo do *feminino*. São masculinos os nomes a que se pode antepor o artigo *o* (*o linho*, *o sol*, *o clima*, *o poeta*, *o grama*, *o pente*, *o raio*, *o prazer*, *o filho*, *o beijo*) e são femininos os nomes a que se pode antepor o artigo *a* (*a linha*, *a lua*, *a grama*, *a ponte*, *a poetisa*, *a filha*, *a dor*). Só que esta determinação genérica não se manifesta no substantivo da mesma maneira que está representada no adjetivo ou no pronome, por exemplo, isto é, pelo processo da flexão. Apesar de haver substantivos em que aparentemente se manifeste a

distinção genérica pela flexão (*menino* / *menina*, *mestre* / *mestra*, *gato* / *gata*), a verdade é que a inclusão num ou noutro gênero depende direta e essencialmente da classe léxica dos substantivos e, como diz Herculano de Carvalho, "não é o fato de em português existirem duas palavras diferentes – *homem* / *mulher*, *pai* / *mãe*, *boi* / *vaca*, e ainda *filho* / *filha*, *lobo* / *loba* (das quais estas *não são* formas de uma flexão, mas palavras diferentes *tanto como* aquelas) – para significar o indivíduo macho e o indivíduo fêmea (duas espécies do mesmo "gênero", em sentido lógico) que permite afirmar a existência das classes do masculino e do feminino, mas, sim, o fato de o adjetivo, o artigo, o pronome, etc., se apresentarem sob duas formas diversas exigidas respectivamente por cada um dos termos de aqueles pares opositivos –, "est*e* homem velh*o*" / "est*a* mulher velh*a*", "*o* filho mais n*ó*v*o*" / "*a* filha mais n*ó*v*a*" –, formas que de fato constituem uma flexão" [HCv.1, v.9 s.v. *gênero*].

A aproximação da função cumulativa derivativa de -*a* como atualizador léxico e morfema categorial se manifesta tanto em *barca* de *barco*, *saca* de *saco*, *fruta* de *fruto*, *mata* de *mato*, *ribeira* de *ribeiro*, etc., quanto em *gata* de *gato*, porque dá "ao tema de que entra a fazer parte a capacidade de significar uma classe distinta de objetos, que em geral constituem uma espécie do gênero designado pelo tema primário" [HCv.3, 536 n.38; HCv.4, 21]. É pacífica, mesmo entre os que admitem o processo de flexão em *barco* → *barca* e *lobo* → *loba*, a informação de que a oposição masculino – feminino faz alusão a outros aspectos da realidade, diferentes da diversidade de sexo, e serve para distinguir os objetos substantivos por certas qualidades semânticas, pelas quais o masculino é uma forma geral, não marcada semanticamente, enquanto o feminino expressa uma especialização qualquer:

barco / *barca* (= barco grande)
jarro / *jarra* (um tipo especial de jarro)
lobo / *loba* (a fêmea do animal chamado lobo)

Esta aplicação semântica faz dos pares *barco* / *barca* e restantes da série acima não serem consideradas primariamente formas de uma flexão, mas palavras diferentes marcadas pelo processo de derivação. Esta função semântica está fora do domínio da flexão. A analogia material da flexão de gênero do adjetivo é que levou o gramático a pôr no mesmo plano *belo* / *bela* e *menino* / *menina*.

Este fato explica por que na manifestação do gênero no substantivo, entre outros processos, existe a indicação por meio de sufixo nominal: *conde* / *condessa*, *galo* / *galinha*, *ator* / *atriz*, *embaixador* / *embaixatriz*, etc.

Sem ser função precípua da morfologia do substantivo, a diferença do sexo nos seres animados pode manifestar-se ou não com diferenças formais neles. Esta manifestação se realiza ou pela mudança de sufixo (como em *menin**o*** / *menin**a***, *gat**o*** / *gat**a***) – é a *moção* –, ou pelo recurso a palavras diferentes que apontam para cada um dos sexos – é a *heteronímia* (*homem* / *mulher*, *boi* / *vaca*). Na primeira série de pares, como já vimos na lição de Herculano de Carvalho, não temos formas de uma flexão, mas, nelas, como na segunda série de pares, estamos diante de palavras diferentes.

Quando não ocorre nenhum destes dois tipos de manifestação formal, ou o substantivo, com o seu gênero gramatical, se mostra indiferente à designação do sexo (*a criança*, *a pessoa*, *o cônjuge*, *a formiga*, *o tatu*) ou, ainda indiferente pela forma, se acompanha de adjuntos

(artigos, adjetivos, pronomes, numerais) com moção de gênero para indicar o sexo (*o artista*, *a artista*, *bom estudante*, *boa estudante*).

Inconsistência do gênero gramatical – A distinção do gênero nos substantivos não tem fundamentos racionais, exceto a tradição fixada pelo uso e pela norma; nada justifica serem, em português, masculinos *lápis*, *papel*, *tinteiro* e femininos *caneta*, *folha* e *tinta*.

A inconsistência do gênero gramatical fica patente quando se compara a distribuição de gênero em duas ou mais línguas, e até no âmbito de uma mesma língua histórica na sua diversidade temporal, regional, social e estilística. Assim é que, para nós, o *sol* é masculino e, para os alemães, é feminino *die Sonne*, a *lua* é feminino, e, para eles, masculino *der Mond*; enquanto o português *mulher* é feminino, em alemão é neutro *das Weib*. *Sal* e *leite* são masculinos em português e femininos em espanhol: *la sal* e *la leche*. *Sangue* é masculino em português e francês e feminino em espanhol: *le sang* (fr.) e *la sangre* (esp.).

Mesmo nos seres animados, as formas do masculino ou do feminino podem não determinar a diversidade de sexo, como ocorre com os substantivos chamados *epicenos* (aplicados a animais irracionais), cuja função semântica é só apontar para a espécie: *a cobra*, *a lebre*, *a formiga* ou *o tatu*, *o colibri*, *o jacaré*, ou os substantivos aplicados a pessoas, denominados *comuns de dois*, distinguidos pela concordância: *o / a* ***estudante***, *este / esta* ***consorte***, *reconhecido / reconhecida* ***mártir***, ou ainda os substantivos de um só gênero denominados *sobrecomuns*, aplicados a pessoas, cuja referência a homem ou a mulher só se depreende pela referência anafórica do contexto: *o* ***algoz***, *o* ***carrasco***, *o* ***cônjuge***.

A mudança de gênero – Aproximações semânticas entre palavras (sinônimos, antônimos), a influência da terminação, o contexto léxico em que a palavra funciona e a própria fantasia que moldura o universo do falante, tudo isto representa alguns dos fatores que determinam a mudança do gênero gramatical dos substantivos. Na variedade temporal da língua, do português antigo ao contemporâneo, muitos substantivos passaram a ter gêneros diferentes, alguns sem deixar vestígios, outros como *mar*, hoje masculino, onde o antigo gênero continua presente em *preamar* (*prea = plena*, *cheia*) e *baixa-mar*.

Já foram femininos *fim*, *planeta*, *cometa*, *mapa*, *tigre*, *fantasma*, entre muitos outros; já foram usados como masculinos: *árvore*, *tribo*, *catástrofe*, *hipérbole*, *linguagem*, *linhagem* [SA.5, I, 65-70; PDo.1].

O gênero nas profissões femininas – A presença, cada vez mais justamente acentuada, da mulher nas atividades profissionais que até bem pouco eram exclusivas ou quase exclusivas do homem tem exigido que as línguas – não só o português – adaptem o seu sistema gramatical a estas novas realidades. Já correm vitoriosos faz muito tempo femininos como *mestra*, *professora*, *médica*, *advogada*, *engenheira*, *psicóloga*, *filóloga*, *juíza*, entre tantos outros.

As convenções sociais e hierárquicas criaram usos particulares que nem sempre são unanimemente adotados na língua comum. Todavia, já se aceita a distinção, por exemplo, entre

a *Cônsul* (= senhora que dirige um consulado) e a *Consulesa* (= esposa do Cônsul), a *Embaixadora* (= senhora que dirige uma Embaixada) e *Embaixatriz* (= esposa do Embaixador). Já para *senador* vigoram indiferentemente as formas de feminino *senadora* e *senatriz* para a mulher que exerce o cargo político ou para a esposa do senador, regra que também poucos gramáticos e lexicógrafos estendem a *consulesa* e *embaixatriz*.

Na hierarquia militar, a denominação para mulheres da profissão parece não haver uma regra generalizada. Correm com maior frequência os empregos28:

o cabo Ester Silva, *o sargento* Andreia.

Na linguagem jurídica, as petições iniciais vêm com o masculino com valor generalizante, dada a circunstância de não se saber quem examinará o processo, se juiz ou juíza.

Meritíssimo Senhor Juiz
Excelentíssimo Senhor Desembargador

Note-se, por fim, que algumas formas femininas podem não vingar por se revestirem de sentido pejorativo: *chefa*, *caba*, por exemplo.

Formação do feminino – Os substantivos que designam pessoas e animais manifestam o gênero e apresentam, quase sempre, duas formas diferentes: uma para indicar os seres do sexo masculino e outra para os seres do sexo feminino:

filho	–	filha
pai	–	mãe
rapaz	–	rapariga

Podemos distinguir, na manifestação do feminino, os seguintes processos:

a) com a mudança ou acréscimo ao radical, suprimindo a vogal temática: *filho* → filh(o) + a → *filha*:

1 – os terminados em -*o* mudam o -*o* em -*a*, por analogia com a flexão dos adjetivos biformes:

filho	–	filha	menino	–	menina
aluno	–	aluna	gato	–	gata

2 – os em -*e* uns há que ficam invariáveis, outros acrescentam -*a* depois de suprimir a vogal temática: *alfaiate* → alfaiat(e) + a → *alfaiata*.

Não variam de forma à semelhança dos adjetivos:

amante, *cliente*, *constituinte*, *doente*, *habitante*,
inocente, *ouvinte*, *servente*, etc.

Variam:

alfaiate – alfaiata
infante – infanta
governante – governanta
presidente – presidenta
parente – parenta
monge – monja

} também aparece invariável

3 – os em -*or* formam geralmente o feminino com acréscimo de *a*:

doutor – doutora
professor – professor

OBSERVAÇÃO: Outros, terminados em -*eira*: *arrumadeira*, *lavadeira*, *faladeira* (a par de *faladora*).

4 – os em vogal atemática (tônica), -*s*, -*l*, -*z* acrescentam *a*, sem qualquer alteração morfofonêmica:

freguês	–	freguesa	zagal	–	zagala
português	–	portuguesa	oficial	–	oficiala
juiz	–	juíza	guri	–	guria
peru	–	perua			

5 – os em -*ão* (dada a confluência no singular e permanência de formas diferençadas no plural, como já vimos, apresentam os seguintes casos:

a) quando este final pertence a nomes de tema em -*o* (transformado em semivogal do ditongo nasal), têm suprimida normalmente esta vogal e acrescida de -*a* e posterior fusão por crase:

irmão → irmã(o) + a → *irmãa* → *irmã* (por crase);
alemão → alemã(o) + a → *alemãa* → *alemã*. 29

b) quando -*ão* corresponde a forma teórica -*õ*, tal qual ocorre com o plural, há desnasalação da vogal temática e acréscimo de -*a*, que favorece o aparecimento de hiato:

bretão (radical teórico *bretõ*, cf. o plural *bretões*) → *breto*(m) + a → *bretoa*;
bom → bo(m) + a → *boa*.

c) quando -*ão* é sufixo derivacional aumentativo, a nasalidade desenvolve o fonema de transição /n/:

valentão (radical teórico *valentõ*, cf. pl. *valentões*) → *valento* + *n* + *a* → *valentona*.

6 – os que têm o sufixo derivacional –*eu* suprimem a vogal temática (aqui sob forma de semivogal do ditongo), acrescentam –*a* e, ao se obter o hiato *ea*, desenvolvem normalmente o ditongo /*ey*/ e conhecem posterior passagem do *e* fechado a aberto /*ey*/ (passagem que não se dá em todo o território onde se fala a língua, como, por exemplo, em Portugal): *europeu* → *europe*(u) + *a* → *europea* → *europeia* → *europeia*.

Assim procedem: *ateu*, *egeu*, *filisteu*, *giganteu*, *pigmeu*.

Fazem exceção: *judeu* → *judia*, *sandeu* → *sandia*.

7 – manifestam o feminino por meio dos sufixos derivacionais *-esa*, *-essa*, *-isa*, *-triz*, *-ez*:

abade – abadessa

alcaide – alcaidessa
(ou alcaidina)

barão – baronesa

bispo – episcopisa

conde – condessa

condastável – condastabelesa

cônego – canonisa

cônsul – consulesa

diácono – diaconisa

doge – dogesa, dogaresa,
dogaressa

druida – druidesa, druidisa
(ocorre em O. Bilac)

duque – duquesa

embaixador – embaixatriz
(embaixadora)

etíope – etiopisa

imperador – imperatriz

jogral – jogralesa

papa – papisa

píton – pitonisa

poeta – poetisa

príncipe – princesa

prior – priora, prioresa

profeta – profetisa

sacerdote – sacerdotisa

visconde – viscondessa

8 – não se enquadram nos casos precedentes:

ator – atriz

avô – avó

capiau – capioa

czar /pron. tçar/ - czarina *

dom – dona

felá – felaína

galo – galinha

grou – grua

herói – heroína

ilhéu – ilhoa

landgrave – landgravina

marajá – marani

mandarim – mandarina

maestro – maestrina
(também *maestra*)

pierrô – pierrete

raja ou rajá – râni ou rani

rapaz – rapariga

rei – rainha

réu – ré

silfo – sílfide

sultão – sultana

tabaréu – tabaroa

* Também grafado: tzar – tzarina.

b) com palavras diferentes para um e outro sexo (heterônimos):

1 – Nomes de pessoas:

cavaleiro – amazona

marido – mulher

cavalheiro – dama

confrade – confreira

compadre – comadre

frade – freira

frei – sóror, soror, sor

genro – nora

homem – mulher

padrasto – madrasta

padre – madre

padrinho – madrinha

pai – mãe

patriarca – matriarca

rico-homem – rica-dona

2 – Nomes de animais:

bode – cabra

boi – vaca

burro – besta

cão – cadela

carneiro – ovelha

cavalo – égua

veado – veada, cerva (é)

zangão, zângão – abelha

c) feminino com auxílio de outra palavra:

Há substantivos que têm uma só forma para os dois sexos:

estudante, consorte, mártir, amanuense, constituinte, escrevente, herege, intérprete, etíope, ouvinte, nigromante, servente, vidente, penitente

São por isso chamados comuns de (ou a) dois. Tais substantivos distinguem o sexo pela anteposição de *o* (para o masculino) e *a* (para o feminino):

o estudante – a estudante
o camarada – a camarada
o mártir – a mártir

Incluem-se neste grupo os nomes de família:

"(...) redarguiu colérica a *Pacheco* (...)" [CBr *apud* MB.2, 150].

Os nomes terminados em -*ista* e muitos terminados em -*e* são comuns de dois:

o capitalista – a capitalista; o doente – a doente

Também nomes próprios terminados em -*i* (antigamente ainda -*y*) são comuns tanto a homens como a mulheres:

Darci, Juraci

Enquadram-se neste grupo os nomes de animais para cuja distinção de sexo empregamos as palavras *macho* e *fêmea*:

cobra macho; jacaré fêmea

Podemos ainda servir-nos de outro torneio:

o macho da cobra; a fêmea do jacaré

Estes se chamam *epicenos*.

d) sobrecomuns

São nomes de um só gênero gramatical que se aplicam, indistintamente, a homens e mulheres: 30

o algoz, o carrasco, o cônjuge, a criatura, a criança, o ente, o indivíduo, a pessoa, o ser, a testemunha, o verdugo, a vítima.

Gênero estabelecido por palavra oculta – São masculinos os nomes de rios, mares, montes, ventos, lagos, pontos cardeais, meses, navios, por subentendermos estas denominações:

O (rio) *Amazonas*, *o* (oceano) *Atlântico*, *o* (vento) *bóreas*, *o* (lago) *Ládoga*, *o* (mês) *abril*, *o* (porta-avião) *Minas Gerais*

Por isso são normalmente femininos os nomes de cidade, ilhas:

A bela (cidade) *Petrópolis*. *A movimentada* (ilha) *Governador*.

Nas denominações de navios, depende do termo subentendido: *o* (transatlântico) *Argentina*, *a* (corveta) *Belmonte*, *a* (canhoneira) *Tijuca*, etc. De modo geral, os grandes transatlânticos são todos masculinos, em vista deste substantivo oculto, embora muitos tenham nomes femininos: "Embarcou *no Lusitânia* e foi para Lisboa" [MBa.5, 294].

Notem-se os seguintes gêneros:

O (vinho) *champanha* (e não *a champanha*!), *o* (vinho) *madeira*, *o* (charuto) *havana*, *o* (café) *moca*, *o* (gato) *angorá*, *o* (cão) *terra-nova*.

Mudança de sentido na mudança de gênero – Há substantivos que são masculinos ou femininos, conforme o sentido com que se achem empregados:

a apocalipse – *o apocalipse*
a cabeça (parte do corpo) – *o cabeça* (o chefe)
a capital (cidade principal) – *o capital* (dinheiro, bens)
a gênesis – *o gênesis*
a língua (órgão muscular; idioma) – *o língua* (o intérprete)
a lotação (capacidade de um carro, navio, sala, etc.) – *o lotação* (forma abreviada de autolotação)
a moral (parte da filosofia; moral de um fato; conclusão) – *o moral* (conjunto de nossas faculdades morais; ânimo)
a rádio (a estação) – *o rádio* (o aparelho)
a voga (moda; popularidade) – *o voga* (o remador)

Gênero de compostos – Os compostos são uma espécie de construção sintática abreviada, de modo que, se são constituídos por substantivos variáveis (biformes), o determinante (a 2.ª unidade) concorda com o gênero do determinado e é responsável pelo gênero do composto: a *batata-rainha* e não a *batata-rei*, a *ponta-seca* (instrumento de corte) [MAg.1, 160; MAg.3, 157].

Nos compostos de unidades uniformes, é evidente que não se dá a concordância do 2.º elemento, mas o gênero do composto continua se regulando pela 1.ª unidade: *a cobra-capelo*, *o pau-paraíba*, *a fruta-pão*.

Neste último caso, dá-se com frequência a perda da noção do composto (tratado como palavra base), o que facilita que o gênero do composto se regule pela 2.ª unidade: *o pontapé* e a indecisão entre o povo se é *a fruta-pão* (o normal), se *o fruta-pão* (com esquecimento do composto).

Se o composto está constituído de tema verbal e substantivo, a regra é o composto ter o gênero masculino singular: *o tira-teima*(s), *o arranca-rabo*, *o trava-língua*, *o trava-conta*(s).

Contrariamente ao gênero da língua e por imitação inglesa, passou-se a usar de compostos em que o determinante, invariável, ocupa o primeiro lugar, e o determinado o segundo, ficando o gênero do composto regulado por este último elemento: *a ferrovia*, *a aeromoça*. Segundo Martinz de Aguiar, por esta porta é que nos chegou o masculino de *o cólera-morbo* (*morbo*, latino, é masculino) e, na forma reduzida, *o cólera*, e não por influência francesa. A passagem ao hoje mais usual e aceito *a cólera-morbo*, *a cólera*, se deveu à analogia com o processo regular no português.

Gêneros que podem oferecer dúvida:

a) *São masculinos*:

Os nomes de letra de alfabeto, clã, champanha, dó, eclipse, formicida, grama (unidade de peso), jângal (jângala), lança-perfume, milhar, orbe, pijama, proclama, saca-rolhas, sanduíche, sósia, telefonema, soma (o organismo tomado como expressão material em oposição às funções psíquicas).

b) *São femininos*:

Aguardente, alface, alcunha, alcíone, análise, anacruse, bacanal, fácies, fama, cal, cataplasma, cólera, cólera-morbo, coma (cabeleira e vírgula), dinamite, eclipse, faringe, fênix, filoxera, fruta-pão, gesta (= façanha), libido, polé, preá, síndrome, tíbia, variante e os nomes terminados em *-gem* (exceção de *personagem* que pode ser masc. ou fem.).

c) *São indiferentemente masculinos ou femininos*:

Ágape, avestruz, caudal, componente (masc. no Br. e fem. em Portugal), crisma, diabete, gambá, hélice, íris, juriti, igarité, lama ou lhama, laringe (mais usado no fem.), ordenança, personagem, renque, sabiá, sentinela, soprano, suástica, suéter, tapa, trama (intriga), víspora.

Mais de um feminino – Além dos já apontados no decorrer do capítulo, lembraremos ainda os mais usuais:

aldeão – aldeã, aldeoa
deus – deusa, deia (poét.)
diabo – diaba, diabra, diáboa
elefante – elefanta, elefoa, aliá
javali – javalina, gironda
ladrão – ladra, ladrona, ladroa
melro – mélroa, melra
motor – motora, motriz (adj.)
pardal – pardoca, pardaloca, pardaleja
parvo – párvoa, parva
polonês – polonesa, polaca
varão – varoa, virago, matrona
vilão – vilã, viloa

OBSERVAÇÃO: As orações, os grupos de palavras, as palavras e suas partes tomadas materialmente são consideradas como do número singular e do gênero masculino: É bom *que estudes*; *o sim*; *o não*; *o re-*, etc.

Aumentativos e diminutivos – Os substantivos apresentam-se com a sua significação aumentada ou diminuída, auxiliados por sufixos derivacionais:

homem – homenzarrão – homenzinho

A NGB, confundindo flexão com derivação, estabelece dois graus de significação do substantivo:

a) aumentativo: *homenzarrão*
b) diminutivo 31: *homenzinho*

A derivação gradativa do substantivo se realiza por dois processos, numa prova evidente

de que estamos diante de um processo de derivação, e não de flexão:

a) *sintético* – consiste no acréscimo de um final especial chamado *sufixo derivacional aumentativo* ou *diminutivo*: homenzarrão, homenzinho;

b) *analítico* – consiste no emprego de uma palavra de aumento ou diminuição (grande, enorme, pequeno, etc.) junto ao substantivo: *homem grande*, *homem pequeno*.

A flexão se processa de modo sistemático, coerente e obrigatório em toda uma classe homogênea, fato que não ocorre na derivação, o que já levara o gramático e erudito romano Varrão a considerá-la uma *derivatio voluntaria*.

Aumentativos e diminutivos afetivos 32 – Fora da ideia de tamanho, as formas aumentativas e diminutivas podem traduzir o nosso desprezo, a nossa crítica, o nosso pouco caso para certos objetos e pessoas, sempre em função da significação lexical da base, auxiliados por uma entoação especial (eufórica, crítica, admirativa, lamentativa, etc.) e os entornos que envolvem falante e ouvinte:

poetastro, *politicalho*, *livreco*, *padreco*, *coisinha*, *issozinho*

Dizemos então que os substantivos estão em sentido pejorativo.

A ideia de pequenez se associa facilmente à de carinho que transparece nas formas diminutivas das seguintes bases léxicas:

paizinho, mãezinha, queridinha

Função sintática do substantivo – Quanto à função sintática, o substantivo exerce por excelência a função de sujeito (ou seu núcleo) da oração e, no domínio da constituição do predicado, as funções de objeto direto, complemento relativo, objeto indireto, predicativo, adjunto adnominal e adjunto adverbial. Em geral, na função de sujeito e de objeto direto dispensa o substantivo o concurso de qualquer outro elemento; nas outras, acompanha-se de índice funcional.

Toda palavra, parte da palavra ou toda unidade linguística de maior extensão – a oração e o texto inclusive – considerada materialmente, como "objetos substantivos" vale por um substantivo, na metalinguagem. Assim, em ***João** é oxítono, **re**-é um prefixo, o **hoje** e o **amanhã*** o que temos são elementos significantes da linguagem primária (isto é, a linguagem cujo objeto é a realidade não linguística) que se podem converter em nomes de si mesmos – e, portanto, em "substantivos" – no plano da metalinguagem do discurso (isto é, a linguagem cujo objeto é uma linguagem), vale dizer, no emprego metalinguístico da linguagem. Em *o **não*** ou *o **ai!*** não temos "substantivações" de advérbio ou de interjeição, mas substantivos metalexicalizados. Em *O **dlim-dlão** dos sinos acordou-me cedo,* não temos uma onomatopeia a funcionar como sujeito; no exemplo, *dlim-dlão* já não é uma onomatopeia (repare-se que só o substantivo ou equivalente funciona como sujeito), mas o seu nome expresso por substantivo designativo do som que o sino emite. É o que a escolástica chamava *suppositio materialis* [ECs.12, 107; HCv.2, 189].

Grafia dos nomes próprios estrangeiros – As ciências, as artes, a cultura, em geral, e o contato intenso entre nações fazem circular uma multiplicidade de nomes próprios estrangeiros, quer antropônimos, quer topônimos. A tradição literária – mais lusitana que brasileira – prefere, quando possível, aportuguesar, nos antropônimos, o prenome, deixando intacto o sobrenome: *Emílio Zola, Ernesto Renan, Renato Descartes, Antônio Meillet, Frederico Diez.* Todavia, também é possível a manutenção integral do nome estrangeiro: *Antoine Meillet*, *John Milton*, *Juan de Mena.*

Há outros que tradicionalmente são mantidos intactos: *William Shakespeare*, *Johann Wolfgang von Goethe*, *Giovanni Boccaccio*, *Wolfgang Amadeus Mozart*.

Particular atenção merecem os nomes latinos que, por imitação francesa, aparecem com a terminação *-us* do nominativo, quando deveriam ter *-o*: *Bruto* (e não *Brutus*), *Júnio* (e não *Junius*), *Quintílio* (e não *Quintilius*) [MBa.7, 252 - 253].

Maiores adeptos do aportuguesamento, especialmente em Portugal, angariam os topônimos, principalmente quando já correram entre escritores desde os séculos XV e XVI. Assim, é pacífica nos dois países (já que os países independentes de expressão oficial portuguesa acertam o passo com a lição e prática dos lusitanos) a aceitação de *Londres* (e não *London*), *Viena* (e não *Wien*), *Florença* (e não *Firenze*), *Colônia* (e não *Köln*), *Mogúncia* (e não *Mainz* ou *Mayence*), ao lado de outras de difícil aportuguesamento, como *Washington, Windsor, Civitàvecchia, St. Etienne.*

Para brasileiros soam estranhos aportuguesamentos como *Moscovo, Aquisgrano* (Aix-la-Chapelle ou Aachen), *Bona* (Bonn), *Vratislávia* (Breslau), *Cambrígia* (Cambridge), *Francoforte* (Frankfurt), *Glásgua* (Glasgow), entre outros, embora várias propostas tenham aceitação unânime: *Antuérpia* (para *Anvers*), *Avinhão* (*Avignon*), *Basileia* (*Bâle ou Basel*), *Berna* (*Berne*), *Cornualha* (*Cornwall*), *Cracóvia* (*Kraków*), *Leida* (*Leyden*), *Nimega* (*Nijmegen*), *Nova Iorque* (*New York*), *Zurique (Zurich*).

2 – ADJETIVO

Adjetivo – é a classe de lexema que se caracteriza por constituir a *delimitação*, isto é, por caracterizar as possibilidades designativas do substantivo, orientando delimitativamente a referência a uma *parte* ou a um *aspecto* do denotado.

O adjetivo pertence a um inventário aberto, sempre suscetível de ser aumentado. A estrutura interna ou constitucional do adjetivo consiste, nas línguas flexivas, na combinação de um signo lexical expresso pelo radical com signos morfológicos expressos por desinências e alternâncias, ambas destituídas de existência própria fora dessas combinações. No português, entre as desinências está a marca de gradação, isto é, o grau absoluto ou relativo da parte, ou aspecto ("qualidade") significado no radical, (*belo – belíssimo*), bem como afixos de gênero e de número. A relação gramatical instaurada entre o signo delimitador e o signo delimitado é geralmente expressa pela "concordância".

A delimitação apresenta distinções; pode ser *explicação*, *especialização* e *especificação*, expressas por instrumentos verbais correspondentes: os *explicadores*, os *especializadores* e

os *especificadores*. Os explicadores destacam e acentuam uma característica inerente do nomeado ou denotado. Os especializadores marcam os limites extensivos ou intensivos pelos quais se considera o determinado, sem isolá-lo nem opô-lo a outros determináveis capazes de caber na mesma denominação. Os especificadores restringem as possibilidades de referência de um signo, ajuntando-lhe notas que não são inerentes a seu significado.

Junto a virtuais, os especificadores delimitam dentro das classes correspondentes outras classes menos amplas (p. ex. *homem* / *homem branco*). Aplicados a atuais, apresentam os objetos denotados como pertencentes a classes que, por sua vez, se consideram incluídas em classes mais extensas (cf. um *menino louro* pertence à classe "menino louro", que é membro da classe "menino"). Este tipo de determinação Coseriu chama *especificação distintiva*.

Formalmente análoga à especificação distintiva, mas muito diferente no que toca ao funcional, é a *especificação informativa* ou *identificação*, que é um tipo autônomo de determinação, expresso pelos instrumentos *identificadores*. Consiste a identificação na especificação do significado de uma forma "multívoca" para garantir sua compreensão por parte do ouvinte atual ou eventual. Não é a identificação um processo que se realiza com *significados*, como a delimitação, mas com *formas*, e com vista à *atribuição do significado*, isto é, é um processo para que as formas se tornem *inequívocas* ao ouvinte.

Instrumentos gramaticais da determinação nominal – Os instrumentos verbais da determinação nominal são expressos por palavras dotadas de significado categorial e léxicos compreendidas pelos adjetivos, locuções adjetivas, orações adjetivas e nomes em aposição, que se aplicam tanto a nomes virtuais quanto a atuais.

São exemplos de:

a) *delimitadores explicadores*: ***o vasto*** *oceano*, ***as líquidas*** *lágrimas*

b) *delimitadores especializadores*: *a vida* ***inteira***, *o sol* ***matutino***, *o dia* ***no ocaso***, *o céu* ***austral***, *o homem* ***como sujeitos pensantes***, *Camões* ***como poeta***.

c) *delimitadores especificadores* (especificação distintiva): *castelo* ***medieval***, *menino* ***louro***, *aves* ***aquáticas***, *o presidente* ***da República***, *o médico* ***de família***.

São exemplos de determinação *identificadora*: *folha* ***de papel***, *folha* ***de zinco***, *quadro* ***de futebol***, *quadro* ***de parede***, *língua-**idioma***, *língua-**órgão,*** *o real* ***moeda***, *homem* ***homem*** (e não *homem* ser humano).

Os identificadores podem ser ocasionais (Caxias, *Maranhão*), usuais (São Lourenço *do Sul*), ou constantes (*Nova* York, Porto *Alegre*). Os identificadores usuais e constantes, como partes integrantes de um signo, constituem, com seus determinados, verdadeiros *nomes compostos*, embora normalmente dissociáveis, no caso dos identificadores usuais, em virtude de circunstâncias do falar a que Coseriu chama *entornos*.

Assim, se o falante estiver no Maranhão, escusará dizer *Caxias*, *Maranhão*, mas tão somente *Caxias*, como o habitante de *São Lourenço do Sul* usará apenas *São Lourenço*, dentro do mesmo entorno.

OBSERVAÇÃO: Outros instrumentos verbais podem, sozinhos ou acompanhados de adjetivo, exercer a função de delimitadores nominais. Entretanto, com os adjetivos propriamente ditos não se confundem, porque não possuem significação lexical (ou,

como vimos atrás, quando a apresentam, têm significado lexical genérico, o que ocorre com certos pronomes), e integram um inventário fechado: são pronomes adjuntos (a que a gramática tradicional chamava "adjetivos determinativos": *possessivos*, *demonstrativos*, *indefinidos*) e, intimamente relacionados com estes últimos, os *numerais*.

NOTA DE NOMENCLATURA: Os gramáticos antigos gregos e latinos reuniam substantivos e adjetivos numa só classe, a dos *nomes*, como ainda fazem alguns gramáticos de línguas estrangeiras (ingleses, por exemplo). Só na Idade Média se fez a distinção entre nomes substantivos e nomes adjetivos. Isto porque um mesmo objeto pode ser apreendido ou como objeto absoluto e independente (isto é, substância afetada por um acidente: *o forte* ***amor***), ou como objeto dependente (inerente a um sujeito: *o homem* ***amoroso***). Daí, com frequência, poder o mesmo significante ocorrer com um ou outro desses valores: ***alto*** *monte* – ***o alto*** *do monte*. Assim também expressões inteiras, inclusive orações, podem "substantivar-se", vale dizer, podem passar a exercer funções que os substantivos exercem; daí as chamadas orações subordinadas substantivas: *Desejo teu* ***progresso*** / *Desejo* ***que progridas*** [ECs.1, 291-308; HVc.1, 427-428]. Por outro lado, uma oração adjetiva não introduzida pelos conectores *cujo* e *o qual* pode voltar a substantivar-se mediante a anteposição do artigo, se se elide o substantivo antecedente: *Não sei* ***o que tem de verdade nisso***, onde a oração transposta de adjetivo passa a substantivo para exercer a função de objeto direto em relação ao predicado *não sei*. Chamar ao *o* (*a, os, as*) pronome demonstrativo é mascarar a substantivação.

Locução adjetiva – é a expressão formada de preposição + substantivo ou equivalente com função de adjetivo:

Homem de *coragem* = homem *corajoso*
Livro *sem capa* = livro *desencapado*
"Era uma noite medonha,
Sem estrelas, *sem luar*" [GD]
Homem *de cor*
Escritores *de hoje*

Note-se que nem sempre encontramos um adjetivo de significado perfeitamente idêntico ao de locução adjetiva:

Colega de turma

A língua poética é mais receptiva ao emprego do adjetivo que exprime matéria em lugar da locução adjetiva:

áureas *estátuas* – *estátuas* ***de ouro***
nuvens ***plúmbeas*** – *nuvens* ***de chumbo***
colunas ***marmóreas*** – *colunas* ***de mármore***

Substantivação do adjetivo – Certos adjetivos são empregados sem qualquer referência a nomes expressos como verdadeiros substantivos. A esta passagem de adjetivos a substantivos chama-se substantivação:

"A vida é combate
que os *fracos* abate,
que os *fortes*, os *bravos*,
só pode exaltar" [GD].

Nestas substantivações, o adjetivo prescinde do substantivo que o podia acompanhar, ou então é tomado em sentido muito geral e indeterminado, não marcado, caso em que se usa o masculino (à maneira do neutro latino, mas não do neutro em português, que não existe):[33]

O ***bom*** da história é que não houve fim.
O ***engraçado*** da anedota passou despercebido.
O ***triste*** do episódio está em que a vida é assim.

Flexões do adjetivo – O adjetivo se combina com certos signos gramaticais para manifestar o *número*, o *gênero* e o *grau*. O grau, entretanto, não constitui, no português, um processo gramatical e, assim, deve ser excluído da nossa descrição como tal, à semelhança do que já fazem gramáticas de outras línguas românicas. O grau, com estas reservas, figura aqui, por ter sido ainda contemplado pela NGB. A gradação em português, tanto no substantivo quanto no adjetivo, se manifesta por procedimentos sintáticos, e não morfológicos, como o era em latim, ou por sufixos derivacionais.

Número do adjetivo – O adjetivo acompanha o número do substantivo a que se refere: *aluno estudioso*, *alunos estudiosos*.

O adjetivo, portanto, conhece os dois números que vimos no substantivo: o *singular* e o *plural*.

Formação do plural dos adjetivos – Aos adjetivos se aplicam, na maioria dos casos, as mesmas regras de plural dos substantivos.

Alguns poucos adjetivos, como já ocorreu nos substantivos, se mostram indiferentes à marca de número, servindo indistintamente para a indicação do singular ou plural: *simples*, *isósceles*, assim:

critério *simples* / solução *simples*
caráter *assim* / coragem *assim*

Quanto aos adjetivos compostos, lembraremos que normalmente só o último varia, quando formados por dois adjetivos:

amizades luso-brasileiras, reuniões lítero-musicais
saias verde-escuras, folhas azul-claras

Variam ambos os elementos, entre outros exemplos, *surdo-mudo*: *surdos-mudos*.

Com exceção dos casos mais gerais, não tem havido unanimidade de uso no plural dos adjetivos compostos, quer na língua literária, quer na variedade espontânea da língua. A dificuldade fica ainda acrescida pelo fato de uma mesma forma poder ser empregada como adjetivo ou como substantivo, e a cada uma dessas funções são atribuídos plurais distintos, especialmente nos dicionários. As denominações de cores é que mais chamam a nossa atenção neste particular. Assim, para *verde-claro* como substantivo, se atribui o plural *verdes-claros* e, como adjetivo, *verde-claros*; já *verde-azul*, substantivo ou adjetivo, é assinalado com o plural *verde-azuis*.

Se o 2.º elemento é um substantivo (*verde-abacate*, *verde-água*), o composto admite dois plurais: *verdes-abacates* e *verdes-abacate*; *verdes-águas* e *verdes-água*.

O melhor, nestes casos, será apelar para as nossas tradicionais maneiras de adjetivar, com o auxílio da preposição *de* ou das locuções *de cor*, *de cor de* ou, simplesmente, *cor de* [SS.3, 74]: *olhos de verde-mar*, *ramagens de cor verde-garrafa*, *luvas de cor de pele*, *olhos cor de safira*, *olhos verdes da cor do mar*.

Mário Barreto, lembrando a possibilidade da elipse da preposição *de* ou da locução *cor de*, recomenda a invariabilidade do substantivo empregado adjetivamente, em *fitas creme*,

luvas café, isto é, fitas de cor de creme, e rejeita *fitas cremes*, *luvas cafés* [MBa.1, 375-377]. Ensina ainda que, sendo frequente o emprego do nome do objeto colorido para expressar a cor desse mesmo objeto: *o* ***lilá*** *pálido*, *um* ***violeta*** *escuro*, aplicando-se aos nomes *lilá*, *violeta* o gênero masculino na acepção da cor: "Prefiro o *rosa* ao *violeta*", em vez de "Prefiro *a* rosa à violeta", oração que pode ser entendida de maneira ambígua.

Gênero do adjetivo – O adjetivo concorda também em gênero com o substantivo a que se refere. Conhece, assim, os gêneros comuns ao substantivo: *masculino* e *feminino*. Todavia, esta distinção (em gênero e em número) tem diferente valor referencial no substantivo e no adjetivo; no substantivo, o gênero e o número modificam a referência, enquanto no adjetivo designam sempre a mesma qualidade e só se explicam como simples repercussão da relação sintática (concordância) que se instaura entre o determinado e o determinante, nada acrescentando semanticamente. Diferente de *menino* / *menina*, o adjetivo *estudioso* / *estudiosa* não assinala *menino* como da classe dos machos nem *menina* da classe das fêmeas.

Formação do feminino dos adjetivos – Os adjetivos *uniformes* são os que apresentam uma só forma para acompanhar substantivos masculinos e femininos. Geralmente estes uniformes terminam em *-a*, *-e*, *-l*, *-m*, *-r*, *-s* e *-z*:

povo *lusíada*	–	nação *lusíada*
breve exame	–	*breve* prova
trabalho *útil*	–	ação *útil*
objeto *ruim*	–	coisa *ruim*
estabelecimento *modelar*	–	escola *modelar*
homem *audaz*	–	mulher *audaz*
conto *simples*	–	história *simples*

Exceções principais: *andaluz*, *andaluza*; *bom*, *boa*; *chim*, *china*; *espanhol*, *espanhola*.

Quanto aos *biformes*, isto é, que têm uma forma para o masculino e outra para o feminino, os adjetivos seguem de perto as mesma regras que apontamos para os substantivos. Lembraremos aqui apenas os casos principais:

a) Os terminados em *–ês*, *-or*, e *–u* acrescentam no feminino um *a*, na maioria das vezes.

chinês, *chinesa*; *lutador*, *lutadora*; *cru*, *crua*.

EXCEÇÕES: 1) *cortês*, *descortês*, *montês* e *pedrês* são invariáveis; 2) *incolor*, *multicor*, *sensabor*, *maior*, *melhor*, *menor*, *pior* e outros são invariáveis. Outros em *-dor* ou *-tor* apresentam-se em *-triz*: *motor*, *motriz* (a par de *motora*, conforme vimos nos substantivos); outros terminam em *-eira*: *trabalhador*, *trabalhadeira* (a par de *trabalhadora*). *Superiora* (de convento) usa-se como substantivo. 3) *hindu* é invariável; *mau* faz *má*.

b) Os terminados em *-eu* passam, no feminino, a *-eia*:

europeu, *europeia*; *ateu*, *ateia*.

EXCEÇÕES: *judeu – judia*; *sandeu – sandia*
tabaréu – tabaroa; *réu – ré*.

c) Alguns adjetivos, como já ocorreu nos substantivos, apresentam uma forma teórica básica do feminino singular com vogal aberta que estará presente também no plural; no masculino esta vogal aberta passa a fechada:

laborioso (ô), *laboriosa* (ó); *disposto* (ô), *disposta* (ó).

Este procedimento de partir do timbre da vogal tônica aberta do feminino para o fechamento da vogal do masculino, e não o inverso, explica-se pelo fato de que há adjetivos em que a vogal tônica fechada do masculino se mantém fechada também no feminino: *encantada*, *encantadora*, *português*, *portuguesa*.

Gradação do adjetivo – Há três tipos de gradação na qualidade expressa pelo adjetivo: *positivo*, *comparativo* e *superlativo*, quando se procede a estabelecer relações entre o que são ou se mostram duas ou mais pessoas. Como já dissemos, a gradação em português se expressa por mecanismo sintático ou derivacional:

O POSITIVO, que não se constitui a rigor numa gradação, enuncia simplesmente a qualidade:

O rapaz é *cuidadoso*.

O COMPARATIVO compara qualidade entre dois ou mais seres, estabelecendo:

a) uma *igualdade*:

O rapaz é *tão cuidadoso quanto* (ou *como*) *os outros*.

b) uma *superioridade*:

O rapaz é *mais cuidadoso que* (ou *do que*) *os outros*.

c) uma *inferioridade*:

O rapaz é *menos cuidadoso que* (ou *do que*) *os outros*.

O SUPERLATIVO pode:

a) ressaltar, com vantagem ou desvantagem, a qualidade do ser em relação a outros seres:

O rapaz é *o mais cuidadoso dos* (ou *dentre os*) *pretendentes ao emprego*.

O rapaz é *o menos cuidadoso dos pretendentes*.

b) indicar que a qualidade do ser ultrapassa a noção comum que temos dessa mesma qualidade:

O rapaz é *muito cuidadoso*.

O rapaz é *cuidadosíssimo*.

No primeiro caso, a *qualidade* é ressaltada em relação ou comparação com os outros pretendentes. Diz-se que o *superlativo* é *relativo*.

Forma-se o *superlativo relativo* do mesmo modo que o comparativo de superioridade ou inferioridade antecedido sempre do artigo definido e seguido de sintagma preposicional iniciado por *de* (ou *dentre*): *o mais... de* (ou *dentre*), *o menos... de* (ou *dentre*).

No segundo caso, a superioridade é ressaltada sem nenhuma relação com outros seres. Diz-se que o *superlativo* é *absoluto* ou *intensivo*.

O superlativo absoluto pode ser *analítico* ou *sintético*.

Forma-se o analítico com a anteposição de palavra intensiva (*muito*, *extremamente*, *extraordinariamente*, etc.) ao adjetivo: *muito cuidadoso*. Na modalidade espontânea, mesmo

em literatura, pode-se obter a manifestação afetiva do superlativo mediante a repetição do adjetivo: *Ela é linda linda*. Ou do advérbio: *Ela é muito muito linda*.

O *sintético* é obtido por meio do sufixo derivacional *-íssimo* (ou outro de valor intensivo) acrescido ao adjetivo na forma positiva, com a supressão da vogal temática, quando o exigirem regras morfofonêmicas: *cuidadosíssimo*.

Quanto ao aspecto semântico, *cuidadosíssimo* diz mais, é mais *enfático* do que *muito cuidadoso*. O sufixo *-íssimo* é recente na longa história do português e se deve a um empréstimo do latim, durante o Renascimento, com o auxílio do italiano, responsável pela recuperação do sufixo. Na linguagem coloquial, se desejamos que o superlativo absoluto analítico seja mais enfático, costumamos repetir a palavra intensiva: *Ele é muito mais cuidadoso*, ou se buscam efeitos expressivos mediante a ajuda de criações sufixais imprevistas como *-ésimo*.

O meio termo entre estes dois superlativos (*muito cuidadoso – cuidadosíssimo*) é obtido com a fórmula: *mais do que cuidadoso*, *menos de*:

> "Estas e outras arguições, complicadas com os procedimentos *mais do que ásperos* da expulsão do coleitor Castracani em 1639, não concorreram pouco para alienar de todo o ânimo das populações..." [RS.2, IV, 75-6].
> "Tomou o estudante uma casa *menos de* modesta, fora de portas em Santo Antônio dos Olivais" [CBr.6, 107].

Alterações gráficas no superlativo absoluto – Ao receber o sufixo intensivo, o adjetivo pode sofrer certas modificações na sua forma:

a) os terminados em *-a*, *-e*, *-o* perdem essas vogais:

cuidadosa – cuidadosíssima
elegante – elegantíssimo
cuidadoso – cuidadosíssimo

b) os terminados em *-vel* mudam este final para *-bil*:

terrível – terribilíssimo
amável – amabilíssimo

c) os terminados em *-m* e *-ão* passam, respectivamente, a *-n* e *-an*:

comum – comuníssimo
são – saníssimo

d) os terminados em *-z* passam esta consoante a *-c*:

feroz – ferocíssimo
sagaz – sagacíssimo

Há adjetivos que não alteram sua forma, como é o caso dos terminados em *-u*, *-l* (exceto *-vel*), *-r*:

cru – cruíssimo; fácil – facílimo – facilíssimo; regular – regularíssimo

Afora estes casos, outros há onde os superlativos se prendem às formas latinas. Apontemos os mais frequentes:

acre – acérrimo
amargo – amaríssimo
amigo – amicíssimo
antigo – antiquíssimo
magnífico – magnificentíssimo
magro – macérrimo
malédico – maledicentíssimo
malévolo – malevolentíssimo

áspero – aspérrimo

benéfico – beneficentíssimo

benévolo – benevolentíssimo

célebre – celebérrimo

célere – celérrimo

cristão – cristianíssimo

cruel – crudelíssimo

difícil – dificílimo

doce – dulcíssimo

fiel – fidelíssimo

frio – frigidíssimo

geral – generalíssimo

honorífico – honorificentíssimo

humilde – humílimo

incrível – incredibilíssimo

inimigo – inimicíssimo

íntegro – integérrimo

livre – libérrimo

maléfico – maleficentíssimo

mísero – misérrimo

miúdo – minutíssimo

negro – nigérrimo

nobre – nobilíssimo

parco – parcíssimo

pessoal – personalíssimo

pobre – paupérrimo

pródigo – prodigalíssimo

público – publicíssimo

provável – probabilíssimo

sábio – sapientíssimo

sagrado – sacratíssimo

salubre – salubérrimo

soberbo – superbíssimo

simples – simplicíssimo

tétrico – tetérrimo

Ao lado do superlativo à base do termo latino, pode circular o que procede do adjetivo acrescido da terminação *–íssimo*:

agílimo – agilíssimo

antiquíssimo – antiguíssimo

crudelíssimo – cruelíssimo

dulcíssimo – docíssimo

facílimo – facilíssimo

humílimo – humildíssimo, humilíssimo

macérrimo – magríssimo

nigérrimo – negríssimo

parcíssimo – parquíssimo

paupérrimo – pobríssimo

OBSERVAÇÃO: Chamamos a atenção para as palavras terminadas em *-io* que, na forma sintética, apresentam dois *is*, por seguirem a regra geral da queda do *-o* final para receber o sufixo:

cheio → cheiíssimo, cheiinho
feio → feiíssimo, feiinho
frio → friíssimo, friinho
necessário → necessariíssimo
precário → precariíssimo
sério → seriíssimo, seriinho
sumário → sumariíssimo
vário → variíssimo

OBSERVAÇÃO: A tendência da língua à fuga ao hiato leva a que apareçam formas com fusão dos dois ii, embora num ou noutro

adjetivo a eufonia impede a mudança: **fríssimo*, **varíssimo*, por exemplo, embora Dias Gomes (séc. XVIII) escrevesse *propríssimo*. Ainda que escritores usem formas com um só *i* (*cheíssimo*, *cheinho*, *feíssimo*, *seríssimo*, etc.), a língua padrão insiste no atendimento à manutenção dos dois ii.34

Comparativos e superlativos irregulares – Afastam-se dos demais na sua formação de comparativo e superlativo os adjetivos seguintes:

	Comparativo de superioridade	*Superlativo*	
Positivo		*absoluto*	*relativo*
bom	melhor	ótimo	o melhor
mau	pior	péssimo	o pior
grande	maior	máximo	o maior
pequeno	menor	mínimo	o menor

Não se diz *mais bom* nem *mais grande* em vez de *melhor* e *maior*; mas podem ocorrer *mais pequeno*, *o mais pequeno*, *mais mau*, por *menor*, *o menor*, *pior*. Também se podem empregar *bom* e *grande* nas expressões *mais ou menos grande*, *mais ou menos bom*, pois que os tais adjetivos se regulam pela última palavra:

> "Os poemas completos do desterrado do Ponto, todas as literaturas europeias os ambicionavam, e os meteram em si, com *mais ou menos boa* mão" [AC *apud* MBa.1, 249].

Note-se o jogo de alternância de *mais pequeno* e *menor* em:

> "Em matéria de amor-próprio o *mais pequeno* inseto não o tem *menor* que a baleia ou o elefante" [MM.1, 151].

É ainda oportuno lembrar que às vezes *bom* e *mau* constituem com o substantivo seguinte uma só lexia, uma só unidade léxica, de modo que, nesta situação, podem ser modificados pelos advérbios *mais*, *menos*, *melhor*, *pior*, que passam a referir-se a toda a expressão: *homem de mais mau-caráter*, *pessoa de menos más intenções*, *palavras da melhor boa-fé*:

> "Pode ser que ele ainda venha para ti com o coração purificado, e o tributo da mocidade avaramente pago. *Mais bom marido* será então" [CBr *apud* MBa.5, 241-242].

Ao lado dos superlativos *o maior*, *o menor*, figuram ainda *o máximo* e *o mínimo* que se aplicam a ideias abstratas e aparecem ainda em expressões científicas, como *a temperatura máxima*, *a temperatura mínima*, *máximo divisor comum*, *mínimo múltiplo comum*, *nota máxima*, *nota mínima*.

Em lugar de *mais alto* e *mais baixo* usam-se os comparativos *superior* e *inferior*; por *o mais alto* e *o mais baixo*, podemos empregar os superlativos *o supremo* ou *o sumo*, e *o ínfimo*.

Comparando-se duas qualidades ou ações, empregam-se *mais bom*, *mais mau*, *mais grande* e *mais pequeno* em vez de *melhor*, *pior*, *maior*, *menor*:

> *É mais bom do que mau* (e não: *é melhor do que mau*).
> *A escola é mais grande do que pequena.*
> *Escreveu mais bem do que mal.*
> *Ele é mais bom do que inteligente.*

Por fim, assinalemos que, depois dos comparativos em *-or* (*superior*, *inferior*, *anterior*,

posterior, *ulterior*), se usa a preposição *a*:

*Superior **a** ti*, *inferior **ao** livro*, *anterior **a** nós*

Repetição de adjetivo com valor superlativo – Na linguagem coloquial, pode-se empregar, em vez do superlativo, a repetição do mesmo adjetivo:

O dia está *belo belo* (= belíssimo).

Ela era *linda linda* (= lindíssima).

Proferindo-se estas orações, dá-se-lhes um tom de voz especial para melhor traduzir a ideia superlativa expressa pela repetição do adjetivo. Geralmente consiste na pausa demorada na vogal da sílaba tônica.

Comparações em lugar do superlativo – Para expressarmos mais vivamente o elevado grau de uma qualidade do ser, empregamos ainda comparações que melhor traduzem a ideia superlativa:

Pobre como Jó (= paupérrimo), *feio como a necessidade* (feiíssimo), *claro como água*, *escuro como breu*, *esperto como ele só*, *malandro como ninguém.*

Usam-se ainda certas expressões não comparativas: *podre de rico*, *feio a mais não poder*, *grande a valer*.

Adjetivos diminutivos – As formas diminutivas de adjetivos podem (precedidas ou não de *muito*, *mais*, *tão*, *bem*) adquirir valor de superlativo:

Blusa amarelinha, *garoto bonitinho*; "É bem *feiozinho*, benza-o Deus, o tal teu amigo!" [AAz].

No estilo coloquial não é raro o reforço deste emprego do diminutivo mediante as locuções *da Silva*, *da Costa* (cf. BF, XVII, 1 – 2, 197).

3 – Artigo

Artigo – Chamam-se *artigo definido* ou simplesmente *artigo **o**, **a**, **os**, **as*** que se antepõem a substantivos, com reduzido valor semântico demonstrativo e com função precípua de adjunto desses substantivos.

A tradição gramatical tem aproximado este verdadeiro artigo de ***um***, ***uns***, ***uma***, ***umas***, chamados *artigos indefinidos*, que se assemelham a ***o***, ***a***, ***os***, ***as*** pela mera circunstância de também funcionarem como adjunto de substantivo, mas que do autêntico artigo diferem pela origem, tonicidade, comportamento no discurso, valor semântico e papéis gramaticais.

Pela origem, porque *o*, *a*, *os*, *as* se prendem a antigo demonstrativo latino (*illum*, *illa*) – o que lhes garante o valor de demonstrativo atenuado –, enquanto *um*, *uma*, *uns*, *umas* representam emprego especial de generalização do numeral *um*. Pela tonicidade, porque, sendo um vocábulo eminentemente átono, não pode funcionar sozinho na oração, como o faz o chamado artigo indefinido que, neste papel, só não se confunde com o pronome indefinido

pelo auxílio que lhe emprestam os entornos linguísticos. Do ponto de vista semântico e consequentes resultados nas funções gramaticais, está o primordial valor *atualizador* do artigo, de que decorrem os demais valores contextuais: 35 o artigo definido identifica o objeto designado pelo nome a que se liga, delimitando-o, extraindo-o de entre os objetos da mesma classe, como aquele que já foi (ou será imediatamente) conhecido do ouvinte – quer através do discurso (que dele faz menção), quer pela "dêixis" (que o mostra, ordenando-o espacial e temporalmente), quer pelo contexto idiomático, no qual a palavra é, quando não ulteriormente determinada, nome de conceito ou de toda uma classe de objetos (assim, "o homem é um animal racional" equivale a "aquilo que conhecemos pela palavra *homem*...") [HCv.1, 2, 1427].

Deste valor atualizador decorre o fato sintático de o artigo ser dispensado quando tal valor já vem expresso por outro identificador adnominal, seja demonstrativo (*este homem*), seja possessivo (*meu livro*), seja por equivalente a este valor, ou antes de um nome próprio, já por si atual e individual. No português, em que a presença do artigo junto ao possessivo adnominal tem sido marcado por um progressivo emprego da fase antiga à moderna, o uso do artigo em "***o** meu livro*" é redundante, e, poderíamos repetir a classificação de um velho filólogo lembrado por Pacheco Júnior: muleta gramatical [PJ.1, 141].

Outra função é a da substantivação: qualquer unidade linguística, do texto ao morfema, pode substantivar-se quando é nome de si mesma, tomada materialmente: "***o** o* é artigo", "***o** este* é dissílabo", "não sabe ***o** como me agradar*", "***o** per-* é um prefixo".

Este fato e a força identificadora contribuem para a possibilidade de calar o nome já antes anunciado ou, se não antes anunciado no discurso, conhecido e identificado pelo falante e pelo ouvinte: "***o** livro de Edu* e ***o** teu*", "***a** blusa* branca e ***a*** azul", "***a** blusa* branca e ***aquela** azul*", etc. Tal possibilidade criou a diferença, na nomenclatura gramatical, entre *o* "artigo" e *o* "pronome demonstrativo", baseada em dois fatos: o segundo *o* vale semanticamente por *isto*, *isso*, *aquilo*, e por usarem outras línguas, nesta situação, um pronome (*ce* em francês, *quello* em italiano), e não o artigo. Gili Gaya [GG.1] já mostrou que línguas há que preferem, nesta situação, o artigo, enquanto outras preferem formas de demonstrativo.

Ora, isto nos leva a acompanhar os autores (Alarcos Llorach, mais recentemente) que veem como substantivações de orações previamente transpostas a subordinadas adjetivas ("Não sei *o que fazes*", objeto direto de *não sei*) ou adverbiais ("Gostou do *quando o filho se defendeu*", complemento relativo de *gostar*).

Esta omissão do antecedente do relativo é análoga à que se dá em subordinadas de *quem* absoluto ("*Quem tudo quer* tudo perde", e nas interrogativas indiretas ("Não sei *quem virá*", "Não sei *quando virá*"), já classificadas como de valor substantivo desde Epifânio Dias, no final do século passado, e adotadas depois, entre outros, por Said Ali e Mário Pereira de Sousa Lima.

Por fim, cumpre acrescentar que se uma operação determinativa passa a supérflua ou se realiza implicitamente, graças à presença de outros determinadores ou pelo contexto, as unidades específicas empregadas na operação podem servir para outras funções [ECs.3, 292-293]. Coseriu lembra que o artigo empregado junto com um quantificado tem função individuadora (*os dois homens*) e, aplicado a um nome próprio – já atual e individual –, pode

exercer função estilística (*Maria* ao lado de *a Maria*).

Junto de nome não marcado por gênero e número, pode o artigo ser responsável pela indicação dessas categorias gramaticais: ***o*** *artista*, ***a*** artista; ***o*** *lápis*, ***os*** *lápis*.

Emprego do Artigo Definido

Emprego do artigo definido – De largo uso no idioma, o artigo assume sentidos especialíssimos, graças aos contornos verbais e extraverbais:

a) Junto dos nomes próprios denota nossa familiaridade (neste mesmo caso pode o artigo ser também omitido):

O Cleto talvez falte hoje. O Antônio comunicou-se com o João.

Observação: O uso mais frequente, na linguagem culta, tendo em vista o valor já de si individualizante, dispensa o artigo junto a nomes próprios de pessoas, com exceção dos que se acham no plural. É tradição ainda só antepor artigo a apelidos: *o* Camões, *o* Tasso, *o* Vieira. Modernamente tem-se estendido a presença do artigo antes dos nomes de escritores, artistas e personagens célebres, principalmente quando usado em sentido figurado: *o* Dante, *o* Torquato, *o* Rafael (= o quadro de Rafael). Dizemos, indiferentemente, *Cristo* ou *o Cristo* (ou ainda *o Cristo Jesus*).

b) Costuma aparecer ao lado de certos nomes próprios geográficos, principalmente os que denotam países, oceanos, rios, montanhas, ilhas:

a Suécia, *o* Atlântico, *o* Amazonas, *os* Andes, *a* Groenlândia

Entre nós, dispensam artigo os nomes dos seguintes Estados: *Alagoas*, *Goiás*, *Mato Grosso*, *Minas Gerais*, *Santa Catarina*, *São Paulo*, *Pernambuco* e *Sergipe*.

Nota: Não se acompanham de artigo as denominações geográficas formadas com nomes ou adjetivos: *São Paulo*, *Belo Horizonte*.

Quanto às cidades, geralmente prescindem de artigo. Há, contudo, exceções devidas à influência de seu primitivo valor de substantivo comum: *a* Bahia, *o* Rio de Janeiro, *o* Porto, etc. Continuando a prática de outros idiomas que, por sua vez, se inspiram no árabe *el-Kahira* (a Vitoriosa), dizemos com artigo *o Cairo*.

Recife sempre se disse acompanhado de artigo: *o Recife*. Modernamente, pode dispensá-lo. *Aracaju*, capital de Sergipe, conhece a mesma liberdade.

c) Entra em numerosas alcunhas e cognomes: Isabel, *a Redentora*; D. Manuel, *o Venturoso*; *mas*: *Frederico Barba-roxa*.

d) Aparecem em certos títulos: *o* professor João Ribeiro, *o* historiador Tito Lívio, *o* doutor Sousa.

Observação: É omitido antes dos ordinais pospostos aos títulos: Pedro I, Henrique VIII, João VI.

e) São omitidos nos títulos de *Vossa Alteza*, *Vossa Majestade*, *Vossa Senhoria* e outras denominações, além das formas abreviadas *dom*, *frei*, *são* e as de origem estrangeira, como *Lord*, *Madame*, *Sir* e o latinismo *sóror* ou *soror* (oxítono): *Vossa Alteza passeia*. *Frei Joaquim do Amor Divino Caneca nasceu em Pernambuco*. *Soror* (ou *Sor*) *Mariana Alcoforado foi célebre escritora portuguesa*.

OBSERVAÇÃO: Ensina-nos JOÃO RIBEIRO: "É um galicismo a intercalação do artigo nas fórmulas: *Sua Excelência* ***o*** *deputado*, *Sua Alteza* ***o*** *príncipe*, *Sua Santidade* ***o*** *Papa*. Estes galicismos foram adotados geralmente na língua para evitar fórmulas menos elegantes, como: *a* excelência do Sr. Deputado, *a* alteza do príncipe, como mandaria dizer a vernaculidade" [JR.1, 266-7]. E, em nota, transcreve exemplos que lhe foram apontados pelo colaborador FIRMINIO COSTA, dos quais lembramos:

"... comunicou a coisa à Alteza de el-rei Dom João o III".

f) Dizem-se com artigo os nomes de trabalhos literários e artísticos (se o artigo pertence ao título, há de ser escrito obrigatoriamente com maiúscula):

a Eneida, *a* Jerusalém Libertada, *Os* Lusíadas, *A* Tempestade.

Mesmo quando precedido de preposição fora do título, deve-se modernamente (a tradição não procedia assim) preservar a integridade do artigo incluído na denominação:

No caso de ***Os Lusíadas****...*

Passando os olhos por ***As Cidades e as Serras****.*

Estampou-se ontem em ***O Globo*** *a notícia...*

Às vezes, aparentemente, se juntam dois artigos porque o primeiro tem subentendida a espécie da publicação: "Um artigo meu publicado ***na*** [revista] *A Águia*" [FP *apud* MAg.1, 21]. "***O*** [livro] *A Padaria Espiritual* está sendo caprichosamente confeccionado..." [LM *apud* MAg.1].

A má interpretação deste fato causou o emprego errôneo e pleonástico do artigo em construções do tipo: *A notícia saiu* ***pelas*** *As Grandes Novidades*.

g) São omitidos antes da palavra *casa*, designando residência ou família, nas expressões do tipo: *fui a casa*, *estou em casa*, *venho de casa*, *passei por casa*, *todos de casa*.

OBSERVAÇÃO: Seguido de nome do possuidor ou de um adjetivo ou expressão adjetiva, pode o vocábulo *casa* acompanhar-se de artigo: *Da* (ou *de*) casa de meus pais.

h) Omite-se ainda o artigo junto ao vocábulo *terra*, em oposição a *bordo* (que também dispensa artigo):

Iam de bordo *a* terra.

i) Costuma-se omitir o artigo com a palavra *palácio*, quando desacompanhada de modificador:

"Perguntou o mestre-escola afoitamente à sentinela do paço se o representante nacional, morgado da Agra, estava *em palácio*" [CBr.1, 144].

j) Aparece junto ao termo denotador da unidade quando se expressa o valor das coisas (aqui o artigo assume o valor de *cada*):

Maçãs de poucos cruzeiros *o* quilo.

k) Aparecem nas designações de tempo com os nomes das estações do ano:

Na primavera há flores em abundância. "Em uma tarde do *estio*, à hora incerta e saudosa..." [AH.2, 154].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Se o nome de estação vier precedido de *de*, significando *próprio de*, o artigo é dispensado: Numa manhã *de primavera*.

2.ª) Se a expressão temporal contiver nome de mês, dispensa ainda o artigo: Meu irmão faz anos *em março*.

l) Nas indicações de tempo com a expressão *uma hora*, significando *uma* a *primeira hora*, o emprego do artigo é facultativo:

Era perto *da* uma hora ou Era perto *de* uma hora.

A primeira construção parece ser mais dos portugueses; a segunda dos brasileiros. Por ser mais antiga na língua, fixou-se o emprego do *a* acentuado em expressões como *à uma hora*, etc.

m) É, na maioria dos casos, de emprego facultativo junto a possessivos em referência a nome expresso:

Meu livro ou *o* meu livro

OBSERVAÇÃO: É obrigatório o artigo, quando o possessivo é usado sem substantivo, em sentido próprio ou translato: Bonita casa era *a minha*. Fazer *das suas*. "Vês, peralta? É assim que um moço deve zelar o nome *dos seus*? Pensas que eu e meus avós ganhamos o dinheiro em casa de jogo ou a vadiar pelas ruas?" [MA.1, 57].

Mas sem artigo dizemos várias expressões, como *de meu*, *de seu natural*, linguagens com que traduzimos "os bens próprios de alguém" – a primeira – e "qualidades naturais" – a última:

Nunca tive *de meu*, outro bem maior.

"Bernardes era como estas formosas *de seu natural* que se não cansam com alindamentos, a quem tudo fica bem" [AC].

Dispensa ainda artigo o possessivo que entra em expressões com o valor de *alguns*:

Os Lusíadas têm *suas* dificuldades de interpretação.

Finalmente, na expressão de um ato usual, que se pratica com frequência, o possessivo vem normalmente sem artigo:

Às oito toma *seu* café.

n) Não se repete o artigo em frases como:

O homem mais virtuoso do lugar.

Estaria errado: *O* homem *o* mais virtuoso do lugar.

NOTA – É preciso distinguirmos cuidadosamente este feio erro de uma expressão tradicional e corretíssima que consiste em acrescentar, depois do substantivo determinado por adjetivo, o conjunto *o mais*, que introduzirá uma explicação, um adendo, uma restrição. Às vezes, exprimem-se tais ideias com ênfase, caso em que costumam aparecer, antes de *o mais*, elementos de valor concessivo como *ainda*, *mesmo*, *até*, *posto que*.

A má pontuação (deveria haver vírgula antes do conjunto iniciado por *o mais*) aproxima os dois tipos de expressão e uma análise menos cuidadosa tem feito que se evitem construções corretíssimas.

MARTINZ DE AGUIAR [MAg.1, 309-324] estudou com muita perspicácia os dois modos e assim concluiu a sua lição:

"Para que haja pureza de linguagem, é necessário, é imprescindível, que o substantivo, sem o acréscimo de *o mais*, combine com os outros termos da proposição num sentido cabal, de tal maneira, que possa repetir-se. Sem isso, estamos, iniludivelmente, à vista de um estrangeirismo de sintaxe ou de uma construção anti-idiomática, quer se trate de *o – o*, quer de *um – o*. Não é, pois, correta, esta construção de Gonçalves de Magalhães:

Seu rosto de leite e rosas,
De um contorno o mais perfeito.

Rosto de um contorno perfeito é tudo, *rosto de um contorno* não é nada" [MAg.1, 324].

Assim, estão corretas as seguintes passagens, notando-se, apenas, a ausência de vírgula antes de *o mais* (exemplos extraídos da série apresentada por AGUIAR):

"A inveja te assaltou, e a quem perdoa
Este monstro o maior do escuro Inferno?" [Pe. AGOSTINHO DE MACEDO].

"O método, que *as ciências as mais exatas* seguem nas suas operações" [JERÔNIMO BARBOSA].

"O *a*, este som o mais claro de todos" [CASTILHO ANTÔNIO].

Note-se que nos exemplos apontados poderíamos colocar vírgula, o que não acontece com os que se seguem:

"Tens mil águas cristalinas,
As frutas as mais divinas,
Uma esposa de invejar,
Que mais podes desejar?" [PA]
"Desde a quadra *a mais antiga*
De que rezam os pergaminhos" [FV]

Os poetas quiseram apenas dizer *as frutas mais divinas*, *a quadra mais antiga*.

O tipo "zero determinação" antes do substantivo seguido de *o mais* é menos enfático (*homem o mais alto*), e se valoriza através de uma inversão (*o mais alto homem*)". [Cf. MAg.1, 319-320].

o) Junto às designações de partes do corpo e nomes de parentesco, os artigos denotam a posse:

Traz *a cabeça* embranquiçada pelas preocupações.
Tem *o rosto* sereno, mas as mãos trêmulas
D. Laura (falando à irmã):
"Pois não! quem me podia aconselhar prudência
a não ser a senhora, a filha singular,
que ousa dispor de si dentro do pátrio lar,
sem ouvir *pai* nem *mãe*. Cuida que a sua escolha
basta, sem que primeiro *a* mãe e *o* pai a acolha?" [AC.3, 17].

p) A palavra *todo*, no singular, pode vir ou não seguida de artigo, com os significados de *inteiro*, *total* e *cada*, *qualquer*.

A presença ou ausência do artigo depende de que o substantivo exija ou repudie a antecipação de *o*, *a*, *os*, *as*.

Na língua moderna, *todo o* corre mais no sentido de totalidade, inteireza, ênfase (aqui principalmente com os termos que denotam sentimento: *de todo o coração*, *com todo o gosto*, *com todo o amor*, *com todo o carinho*, etc.):

Toda a família estava no recinto (= a família toda, inteira).

Entretanto, como traço do seu valor semântico indiferenciado ('qualquer' ou 'inteiro'), ainda pode aparecer nos autores modernos *todo o* ao lado de *todo* sem artigo, para expressar a ideia de 'qualquer':

O coração de *todo o* ser humano
Foi concebido para ter piedade [CS.2].

Não costuma dispensar artigo, entre bons escritores, o adjetivo substantivado modificado por *todo*, ainda sendo este último empregado com o sentido de *qualquer*:

Todo o próximo tem direito natural.

Às vezes, aparecem na escrita incertezas no emprego de *todo o* / *todo*, *toda a* / *toda*, em virtude do fenômeno de fonética sintática que funde o -*o*, -*a* finais com *o*, *a* artigo.

Com as designações geográficas, o emprego de *todo o* e *todo* depende de o nome exigir ou não a presença do artigo:

Todo o Brasil. Todo Portugal.

Usam-se, modernamente, com o artigo numerosas expressões em que entra a palavra *todo*:

todo o gênero, todo o mundo, a toda a parte, em toda a parte, por toda a parte, a toda a brida, a todo o galope, a toda a pressa, em todo o caso, a toda a hora, a todo o instante, a todo o momento, a todo o transe, a todo o custo, etc.

No plural, *todos* não dispensa artigo (salvo se vier acompanhado de palavra que exclua este determinante):

Todas as famílias têm bons e maus componentes.

Todas as famílias estavam no recinto.

Todas estas pessoas são nossas conhecidas.

Se exprimimos a totalidade numérica por numeral precedido do elemento reforçativo *todos*, aparecerá artigo se o substantivo vier expresso:

Todos os dois romances são dignos de leitura.

Todas as seis respostas estavam certas.

Se omitirmos o substantivo, não haverá lugar para o artigo:

Fizeram-me seis perguntas. Respondi, acertadamente, *a todas seis*.

q) Aparece o artigo nas enumerações onde há *contraste* ou *ênfase*:

Ficou entre *a vida* e *a morte*.

"As virtudes civis e, sobretudo, o amor da pátria tinham nascido para os godos que, fixando o seu domicílio nas Espanhas, possuíram de pais a filhos *o* campo agricultado, *o* lar doméstico, *o* templo da oração e *o* cemité rio do repouso e da saudade" [AH.1, 5].

"Notaram todos que *a tarde* e *a noite* daquele dia foram as mais tristes horas de Casimiro na sua prisão de dois meses" [CBr.6, 191].

r) Dispensa-se o artigo nos vocativos, na maioria das exclamações e nas datas que apomos aos escritos:

"*Velhice – Amigo*, diz-me um amigo,

Sabe que a boa idade é a última idade" [AO].

Rio, *10 de maio* de 1956.

s) Costuma-se dispensar o artigo depois de *cheirar a*, *saber a* (= ter o gosto de) e expressões sinônimas:

Isto *cheira a* jasmim. Isto *sabe a* vinho.

t) Em frases feitas, aparece o artigo definido na sua antiga forma *lo*, *la*.

"Tenho ouvido os quinhentistas a la moda, e os galiparlas" [CBr.1, 61].

Assim encontramos: *a la fé*, *a la par*, *a la mar*, etc.

Aparece ainda a forma antiga na expressão *el-rei*, que se deve usar sem a anteposição de o, apesar de alguns raros exemplos em contrário, em páginas de autores mais afastados de nós.

Vestígio provável da época em que tinha o artigo a força dêitica de pronome demonstrativo é o seu emprego junto a *que* em construções cristalizadas como *pelo que*, *no que diz respeito*, etc.

Emprego do artigo indefinido – O artigo indefinido pode assumir matizes variadíssimos de sentido: registraremos as seguintes considerações:

a) Usa-se o indefinido para aclarar melhor as características de um substantivo enunciado

anteriormente com artigo definido:

Estampava no rosto o sorriso, *um* sorriso de criança.

b) Procedente de sua função classificadora, *um* pode adquirir significação enfática, chegando até a vir acompanhado de oração com *que* de valor consecutivo, como se no contexto houvesse *um tal*:

O instrumento é de *uma* precisão admirável.

Ele é *um* herói! (compare com: Ele é herói!)

Falou de *uma* maneira, que pôs medo nos corações.

c) Antes de numeral denota aproximação:

Esperou *uma* meia hora (aproximadamente).

Terá *uns* vinte anos de idade.

d) Antes de pronome de sentido indefinido (*certo*, *tal*, *outro*, etc.), dispensa-se o artigo indefinido, salvo quando o exigir a ênfase:

Depois de *certa* hora não o encontramos em casa (e não *uma certa hora*).

Devia, pois, ser melancólico além do exprimível o que aí se passou nessa grade; triste, e desgraçado direi, a julgá-lo pelas consequências, que se vão descrever, com *um certo* pesar em que esperamos tomem os leitores o seu quinhão de pena, se não todos, ao menos aqueles que não dão nada pela felicidade da terra, quando ela implica ofensa ao Senhor do céu" [CBr.4, 223].

Esta dispensa pode ocorrer também antes do advérbio *tão* e certas locuções adverbiais (*com voz surda*), antes do substantivo que funciona como predicativo do verbo *ser* (*Você é homem* de bem).

Modernamente, cremos que mais por valorização estilística do indefinido que por simples e servil imitação do francês36, *um* aparece em casos que se não podem explicar por ênfase. Nestas circunstâncias, tais casos são censurados pela gramática tradicional.

e) *Um* ocorre como correlativo de *outro* em sentido distributivo:

Um irmão ia ao teatro e o *outro*, ao cinema.

OBSERVAÇÃO: Calando-se o substantivo também junto de *um*, ainda dispensamos a anteposição do artigo definido, ao contrário do que fazia o português antigo e do que fazem, por exemplo, o francês e o espanhol:

Um ia ao teatro e *o outro* ao cinema (*o um ... o outro*, no português antigo, *l'un ... l'autre*, *el uno ... el otro*).

f) Note-se a expressão *um como*, empregada no sentido de "uma coisa como", "um ser como", "uma espécie de", onde *um* concorda com o substantivo seguinte:

Fez *um como* discurso. Proferiu *uma como* prática.

A respeito de *uma* pronunciado *ũa*, veja-se o capítulo de ortoepia.

O artigo partitivo – A língua portuguesa de outros tempos empregava *do*, *dos*, *da*, *das*, junto a nomes concretos para indicar que os mesmos nomes eram apenas considerados nas suas partes ou numa quantidade ou valor indeterminado, indefinido:

Não digas *desta* água não beberei.

É o que a gramática denomina *artigo partitivo*. Modernamente, o partitivo não ocorre com a frequência de outrora e, pode-se dizer, quase se acha banido do uso geral, salvo pouquíssimas expressões em que ele se manteve, mormente nas ideias de *comer* e *beber*.

4 – PRONOME

Pronome – é a classe de palavras categoremáticas que reúne unidades em número limitado e que se refere a um significado léxico pela situação ou por outras palavras do contexto.

De modo geral, esta referência é feita a um objeto substantivo considerando-o apenas como pessoa localizada do discurso.

Pessoas do discurso – São duas as pessoas determinadas do discurso: 1.ª *eu* (a pessoa correspondente ao falante) e 2.ª *tu* (correspondente ao ouvinte).37 A 3.ª pessoa, indeterminada, aponta para outra pessoa em relação aos participantes da relação comunicativa.

Do ponto de vista semântico, os pronomes estão caracterizados porque indicam *dêixis* ("o apontar para"), isto é, estão habilitados, como verdadeiros gestos verbais, como indicadores, determinados ou indeterminados, ou de uma dêixis contextual a um elemento inserido no contexto, como é o caso, por exemplo, dos pronomes relativos, ou de uma dêixis *ad oculos*, que aponta ou indica um elemento presente ao falante. A dêixis será *anafórica* se aponta para um elemento já enunciado ou concebido, ou *catafórica*, se o elemento ainda não foi enunciado ou não está presente no discurso.38

A dêixis também envolve, como vimos, o lugar da 3.ª pessoa no discurso, só que de maneira negativa, em relação a *eu* e *tu*, que tem localização definida. Por isso é que línguas há, como o português, que podem fazer, quando isto se impõe, a distinção entre *localização indeterminada* e *localização determinada* ou *imediatamente determinável* ("objeto que se encontra à vista dos falantes": *aquele* / *aquele ali*, *aquela lá*). Acrescenta Coseriu, de quem tomamos a lição, que é por este caráter relativamente indeterminado da 3.ª pessoa que a situação possessiva que lhe corresponde às vezes pode necessitar de ulteriores esclarecimentos: *seu* / *seu mesmo*, *seu próprio*, *seu dele* [ECs.1, 301 n.37].

A localização positiva de *ele* ou *aquele* pode ainda dar-se pelos entornos extralinguísticos ou pelo gesto, que indica a *direção* em que o objeto pode achar-se.39

Os pronomes podem apresentar-se como *absolutos* – capazes de funcionar como núcleo de sintagma nominal, à maneira dos substantivos – ou como *adjuntos* do núcleo, à maneira dos adjetivos, dos artigos e dos numerais, como veremos abaixo.

Classificação dos pronomes – Os pronomes podem ser: *pessoais*, *possessivos*, *demonstrativos* (abarcando o artigo definido), *indefinidos* (abarcando o artigo indefinido), interrogativos e relativos.

PRONOME SUBSTANTIVO E PRONOME ADJETIVO – O pronome pode aparecer em referência a substantivo claro ou oculto:

> *Meu* livro é melhor que o *teu*.

Meu e *teu* são pronomes porque dão ideia de posse em relação à pessoa do discurso: *meu* (1.ª pessoa, a que fala), *teu* (2.ª pessoa, a com que se fala). Ambos os pronomes estão em

referência ao substantivo *livro* que vem expresso no início, mas se cala no fim por estar perfeitamente claro ao falante e ouvinte. Esta referência a substantivo caracteriza a função *adjetiva* ou de *adjunto* de certos pronomes. Muitas vezes, sem que tenha vindo expresso anteriormente, dispensa-se o substantivo, como em: Quero o *meu* e não o *seu* livro (onde ambos os pronomes possessivos são adjetivos).

Já em: *Isto é melhor que aquilo*, os pronomes *isto* e *aquilo* não se referem a nenhum substantivo determinado, mas fazem as vezes dele. São, por isso, pronomes *absolutos* ou *substantivos*.

Há pronomes que são apenas absolutos ou adjuntos, enquanto outros podem aparecer nas duas funções.

Pronomes pessoais – Os pronomes pessoais designam as duas pessoas do discurso e a não pessoa (não *eu*, não *tu*), considerada, pela tradição, a 3.ª pessoa:

1.ª pessoa: *eu* (singular), *nós* (plural),

2.ª pessoa: *tu* (singular), *vós* (plural) e

3.ª pessoa: *ele*, *ela* (singular), *eles*, *elas* (plural).

O plural *nós* indica *eu* mais outra ou outras pessoas, e não *eu* + *eu*. 40

As formas *eu*, *tu*, *ele*, *ela*, *nós*, *vós*, *eles*, *elas*, que funcionam como sujeito, se dizem *retas*. A cada um destes pronomes pessoais retos corresponde um pronome pessoal oblíquo que funciona como complemento e pode apresentar-se em forma átona ou forma tônica. Ao contrário das formas átonas, *as tônicas vêm sempre presas a preposição*:

PRONOMES PESSOAIS RETOS		PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS	
		átonos (sem prep.)	tônicos (c/prep.)
Singular:	1.ª pessoa: *eu*	*me*	*mim*
	2.ª pessoa: *tu*	*te*	*ti*
	3.ª pessoa: *ele*, *ela*	*lhe*, *o*, *a*, *se*	*ele*, *ela*, *si*
Plural:	1.ª pessoa: *nós*	*nos*	*nós*
	2.ª pessoa: *vós*	*vos*	*vós*
	3.ª pessoa: *eles*, *elas*	*lhes*, *os*, *as*, *se*	*eles*, *elas*, *si*

Exemplos de pronomes oblíquos átonos:

"Queixamo-*nos* da fortuna (destino) para desculpar a nossa preguiça" [MM].

"A melhor companhia acha-*se* em uma escolhida livraria" [MM].

Exemplos de pronomes oblíquos tônicos:

"Os nossos maiores inimigos existem dentro *de nós* mesmos: são os nossos erros, vícios e paixões" [MM].

"As virtudes se harmonizam, os vícios discordam *entre si*" [MM].

Se a preposição é *com*, dizemos *comigo*, *contigo*, *consigo*, *conosco*, *convosco*, e não: *com*

mi, *com ti*, *com si*, *com nós*, *com vós*. Empregam-se, entretanto, *com nós* e *com vós*, ao lado de *conosco* e *convosco*, quando estes pronomes tônicos vêm seguidos ou precedidos de *mesmos*, *próprios*, *todos*, *outros*, *ambos*, numeral ou oração adjetiva, a fim de evidenciar o antecedente:

"Há um céu para *nós outros* na imortalidade das nossas obras terrenas" [JR.2, 185].

Com vós todos ou *com todos vós*.

Com vós ambos ou *com ambos vós*.

Pronome oblíquo reflexivo – É o pronome oblíquo da mesma pessoa do pronome reto, significando *a mim mesmo*, *a ti mesmo*, etc.:

Eu *me* vesti rapidamente.

Nós *nos* vestimos.

Eles *se* vestiram.

Pronome oblíquo recíproco – É representado pelos pronomes *nos*, *vos*, *se* quando traduzem a ideia de *um ao outro*, *reciprocamente*:

Nós *nos* cumprimentamos (um ao outro).

Eles *se* abraçaram (um ao outro).

Formas de tratamento – Existem ainda formas substantivas de tratamento indireto de 2.ª pessoa que levam o verbo para a 3.ª pessoa. São as chamadas *formas substantivas de tratamento* ou *formas pronominais de tratamento*: 41

você, vocês (no tratamento familiar)

o Senhor, a Senhora (no tratamento cerimonioso)

A estes pronomes de tratamento pertencem as formas de reverência que consistem em nos dirigirmos às pessoas pelos seus atributos ou qualidades que ocupam:

Vossa Alteza (V. A., para príncipes, duques)

Vossa Eminência (V. Em.ª, para cardeais)

Vossa Excelência (V. Ex.ª, para altas patentes militares, ministros, Presidente da República, pessoas de alta categoria, bispos e arcebispos)

Vossa Magnificência (para reitores de universidade)

Vossa Majestade (V. M., para reis, imperadores)

Vossa Mercê (V. M.cê, para as pessoas de tratamento cerimonioso)

Vossa Onipotência (para Deus – não se usa abreviadamente)

Vossa Reverendíssima (V. Rev.ma, para os sacerdotes)

Vossa Senhoria (V. S.ª, para oficiais até coronel, funcionários graduados, pessoas de cerimônia)

Observações:

1.ª) Emprega-se *Vossa Alteza* (e demais) quando 2.ª pessoa, isto é, em relação a quem falamos; emprega-se *Sua Alteza* (e demais) quando 3.ª pessoa, isto é, em relação à de quem falamos.

2.ª) Usa-se de *Dom*, abreviadamente *D.*, junto ao nome próprio: D. Afonso, D. Henrique, D. Eugênio; às vezes aparece em autores junto a nome de família, mas esta prática deve ser evitada por contrariar a tradição da língua. Usa-se ainda *D.* junto a outro título: D. Prior, D. Abade, etc.

3.ª) *Você*, hoje usado familiarmente, é a redução da forma de reverência *Vossa Mercê*. Caindo o pronome *vós* em desuso, só usado nas orações e estilo solene, emprega-se *vocês* como o plural de *tu*.

4.ª) O substantivo *gente*, precedido do artigo *a* e em referência a um grupo de pessoas em que se inclui a que fala, ou a esta sozinha, passa a pronome e se emprega fora da linguagem cerimoniosa. Em ambos os casos o verbo fica na 3.ª pessoa do singular:

"É verdade que *a gente*, às vezes, *tem* cá as suas birras" [AH.4, II, 158].

5.ª) Ainda continuam vivos em Portugal *vós*, *vosso*.

Pronomes possessivos – São os que indicam a posse em referência às três pessoas do discurso:

SINGULAR:	1.ª pessoa:	*meu*	*minha*	*meus*	*minhas*
	2.ª pessoa:	*teu*	*tua*	*teus*	*tuas*
	3.ª pessoa:	*seu*	*sua*	*seus*	*suas*
PLURAL:	1.ª pessoa:	*nosso*	*nossa*	*nossos*	*nossas*
	2.ª pessoa:	*vosso*	*vossa*	*vossos*	*vossas*
	3.ª pessoa:	*seu*	*sua*	*seus*	*suas*

Pronomes demonstrativos – São os que indicam a posição dos seres em relação às três pessoas do discurso.

Esta localização pode ser no *tempo*, no *espaço* ou no *discurso*:

1.ª pessoa: este, esta, isto 42
2.ª pessoa: esse, essa, isso
3.ª pessoa: aquele, aquela, aquilo

Este livro é o livro que está perto da pessoa que fala; *esse livro* é o que está longe da pessoa que fala ou perto da pessoa com quem se fala; *aquele livro* é o que se acha distante da 1.ª e da 2.ª pessoa.

Nem sempre se usam com este rigor gramatical os pronomes demonstrativos; muitas vezes interferem situações especiais que escapam à disciplina da gramática.

São ainda pronomes demonstrativos *o*, *mesmo*, *próprio*, *semelhante* e *tal*.

Considera-se *o* pronome demonstrativo, de emprego absoluto, invariável no masculino e singular quando funciona com o valor "grosso modo" de *isto*, *isso*, *aquilo* ou *tal*:

Não *o* consentirei jamais.

"Arquiteto do mosteiro de S. Maria, já *o* não sou" [AH *apud* FB.1, 195].

"Se os olhos corporais estavam mortos, não *o* estavam os do espírito" [AH.4, I, 226].

"(...) residia uma viúva, que *o* era de um fidalgo da casa de Azevedo" [CBr *apud* MBa.3, 343].

Pode aludir a extensos enunciados:

Prometeu-me que sairia comigo nas próximas férias, mas não *o* fez.

O pronome *o*, perdido o seu valor essencialmente demonstrativo e posto antes de substantivo claro ou subentendido, expressão substantivada inclusive oração –, como adjunto, recebe o nome de artigo definido. Assim é que, no exemplo seguinte, consideramos o primeiro *os* e o segundo *o* artigo definido:

"*Os* homens de extraordinários talentos são ordinariamente *os* de menor juízo" [MM].

Mesmo, *próprio*, *semelhante* e *tal* têm valor demonstrativo quando denotam identidades ou se referem a seres e ideias já expressas anteriormente, e valem por *esse*, *essa*, *aquele*, *isso*,

aquilo:

"Depois, como Pádua falasse ao sacristão baixinho, aproximou-se deles; eu fiz a *mesma* coisa" [MA.4, 87].

"Não paguei uns nem outros, mas saindo de almas cândidas e verdadeiras *tais* promessas são como a moeda fiduciária..." [MA.4, 202].

É proibido dizeres *semelhantes* coisas.

Alguns estudiosos, por mera escolha pessoal, têm-se insurgido contra o emprego anafórico do demonstrativo *mesmo*, substantivado pelo artigo, precedido ou não de preposição, para referir-se a palavra ou declaração expressa anteriormente. Não apresentam, entretanto, as razões da crítica:

"Os diretores presos tiveram *habeas corpus*. Apareceu um relatório contra *os mesmos*, e contra outros..." [MA *apud* MMc.1, 274].

"Costuma-se escrever dentro dos livros, na folha de guarda, palavras alusivas *aos mesmos*" [E. Frieiro *apud* MMc.1].

Para estes críticos, *o mesmo*, etc., deve ser substituído por *ele*, etc. Talvez por isso E. Frieiro, na 2.ª edição, alterou seu texto para: "Costuma-se escrever dentro dos livros, na folha de guarda, palavras *a eles* alusivas".

Mesmo e *próprio* aparecem ainda reforçando pronomes pessoais:

Ela *mesma* quis ver o problema.

Nós *próprios* o dissemos.

"Tal faço eu, à medida que me vai lembrando e convindo à construção ou reconstrução de mim *mesmo*" [MA.4, 203].

Pronomes indefinidos – São os que se aplicam à 3.ª pessoa quando têm sentido vago ou exprimem quantidade indeterminada.

Funcionam como pronomes indefinidos substantivos, todos invariáveis: *alguém*, *ninguém*, *tudo*, *nada*, *algo*, *outrem*.

"*Ninguém* mais a voz sentida
Do Trovador escutou!" [GD].

São pronomes indefinidos adjetivos, todos variáveis com exceção de *cada*: *nenhum*, *outro* (também isolado), *um* (também isolado), *certo*, *qualquer* (só variável em número: *quaisquer*), *algum*, *cada*:

"As tiras saem-lhe das mãos, animadas e polidas. *Algumas* trazem poucas emendas ou *nenhumas*" [MA.2, 274].

"A vida a *uns*, a morte confere celebridades a *outros*" [MM].

Aplicam-se a quantidades indeterminadas os indefinidos, todos variáveis, com exceção de *mais* e *menos*: *muito*, *mais*, *menos*, *pouco*, *todo*, *algum*, *tanto*, *quanto*, *vário*, *diverso*:

Mais amores e *menos* confiança. (nunca *menas*!)

Com *pouco* dinheiro compraram *diversos* presentes.

Isto é o *menos* que se pode exigir.

Muito lhe devo.

Erraste por *pouco*.

Quantos não erraram neste caso!

OBSERVAÇÕES:

1.ª) O pronome indefinido *um* pode ser usado como substantivo, principalmente nas locuções do tipo *cada um*, *qualquer um*. Como adjunto, recebe o nome de *artigo indefinido*.

2.ª) Também os pronomes indefinidos *mais* e *menos* podem substantivar-se em expressões do tipo *o mais dos homens*, *o mais das vezes*, *o mais deles*, *o menos*. Por atração, *o mais* pode aparecer num giro derivado da construção original e concordar com o gênero e número do substantivo ou pronome pessoal que entra na expressão: *o mais dos homens* ou *os mais dos homens*; *o mais das vezes* ou *as mais das vezes*; *o mais deles* ou *os mais deles*, etc.

As duplas *quem... quem*, *qual... qual*, *este... este*, *um... outro* com sentido distributivo também são pronomes indefinidos:

"*Qual* se abisma nas lôbregas tristezas,
Qual em suaves júbilos discorre,
Com esperanças mil nas ideias acesas" [BBo].

Isto é: *um* se abisma... *outro* discorre.

OBSERVAÇÃO: Sobre o uso de *um e outro*, *um do outro* em referência a pessoas de sexos diferentes.

Muitas vezes a posição da palavra altera seu sentido e sua classificação:

Certas pessoas (pron. indef.) não chegam na hora *certa* (adjetivo), mas em *certas* horas (pron. indef.).
Algum livro (= certo livro). Livro *algum* (= nenhum livro).

Em outras épocas, *algum* podia ter sentido afirmativo ou negativo independente de sua posição:

"Desta gente refresco *algum* tomamos" [LC.1, V, 69].
Refresco algum = algum refresco
"Vós a quem não somente *algum* perigo
Estorva conquistar o povo imundo" [LC.1, VII, 2].
Algum perigo = nenhum perigo

LOCUÇÃO PRONOMINAL INDEFINIDA – É o grupo de palavras que vale por um pronome indefinido. Eis as principais locuções: *cada um*, *cada qual*, *alguma coisa*, *qualquer um*, *quem quer*, *quem quer que*, *o que quer que*, *seja quem for*, *seja qual for*, *quanto quer que*, *o mais* (hoje menos frequente que *a maior parte*, *a maioria*):

"As verdades não parecem as mesmas a todos, *cada um* as vê em ponto diverso de perspectiva" [MM].

Pronomes interrogativos – São os pronomes indefinidos *quem*, *que*, *qual* e *quanto* que se empregam nas perguntas, diretas ou indiretas:

Quem veio aqui?
Que cabeça, senhora?
Que compraste?
Qual autor desconhece?
Qual consideras melhor?
Quantos vieram?
Quantos anos tens?

Em lugar de *que* pode-se usar a forma enfática *o que*:

"Agora por isso, *o que* será feito de frei Timóteo?! Era naquele tempo um frade guapo e alentado! *O que* será feito dele?" [AH.4, II, 135].

Quem refere-se a pessoas, e é pronome substantivo. *Que* refere-se a pessoas ou coisas, e é pronome substantivo (com o valor de *que coisa?*) ou pronome adjetivo (com o valor de *que espécie?*).43 *Qual* e também *que*, indicadores de seleção, normalmente são pronomes adjetivos:

Em *qual* livraria compraremos o presente?
Em *que* livraria compraremos o presente?

Ressalta-se ainda a seleção antepondo ao substantivo no plural a expressão *qual dos*, *qual das*:

Em *qual dos* livros encontraste o exemplo?

OBSERVAÇÃO: Estes interrogativos saem normalmente dos pronomes indefinidos e por isso costumam ser chamados

indefinidos interrogativos. Aparecem ainda nas exclamações, e neste caso o *que* adquire sentido francamente intensivo:

Que susto levei! (Compare-se com: *que* cabeça, senhora!).

Diz-se *interrogação direta* a pergunta que termina por ponto de interrogação e se caracteriza pela entoação ascendente:

Quem veio aqui?

Interrogação indireta é a pergunta que: *a*) se faz indiretamente e para a qual não se pede resposta imediata; *b*) é proferida com entoação normal descendente; *c*) não termina por ponto de interrogação; *d*) vem depois de verbo que exprime interrogação ou incerteza (*perguntar*, *indagar*, *não saber*, *ignorar*, etc.):

Quero saber quem veio aqui.

Eis outros exemplos de interrogação indireta começados pelos pronomes interrogativos já citados:

Ignoro *que* cabeça, senhora.
Indagaram-me *que* compraste.
Perguntei-te por *que* vieste aqui.
Não sei *qual* autor desconhece.
Desconheço *qual* consideras melhor.
Indagaram *quantos* vieram.

Pronomes relativos – São os que normalmente se referem a um termo anterior chamado antecedente:

Eu sou o freguês *que* por último compra o jornal.
O *que* se refere à palavra *freguês*.

O pronome relativo *que* desempenha dois papéis gramaticais: além de sua referência ao antecedente como pronome, funciona também como transpositor de oração originariamente independente a adjetivo e aí exercer função de adjunto adnominal deste mesmo antecedente. No exemplo, a oração *O freguês compra por último o jornal* é degrada a função de adjunto adnominal na oração complexa: Eu sou o *freguês* [*que* por último compra o jornal].

O transpositor pronome relativo *que* difere do transpositor conjunção integrante porque este não exerce função sintática na oração em que está inserido, enquanto o relativo exerce sempre função sintática.

Os pronomes relativos são: *qual*, *o qual* (*a qual*, *os quais*, *as quais*) , *cujo* (*cuja*, *cujos*, *cujas*), *que*, *quanto* (*quanta*, *quantos*, *quantas*), *onde*.

Quem se refere a pessoas ou coisas personificadas e sempre aparece precedido de preposição. *Que* e *o qual* se referem a pessoas ou coisas. *Que* e *quem* funcionam como pronomes substantivos. *O qual* aparece como substantivo ou adjetivo:

As pessoas de *quem* falas não vieram.
O ônibus *que* esperamos está atrasado.
Não são poucas as alunas *que* faltaram.
Este é o assunto sobre *o qual* falará o professor.
Não vi o menino, *o qual* menino os colegas procuram.
A casa *onde* moro é espaçosa.

Cujo, sempre com função adjetiva, reclama, em geral, antecedente e consequente expressos

e exprime que o antecedente é possuidor do ser indicado pelo substantivo a que se refere:

Ali vai o *homem* ***cuja*** *casa* comprei

anteced. conseq.

(a casa do homem)

OBSERVAÇÃO: Em autores modernos de gosto arcaizante, de vez em quando ocorre *cujo* sem consequente, como em: "(...) a obra *cujo* comentador eu sou", em lugar de: "de que sou comentador" ou "cujo comentador sou".

Quanto tem por antecedente um pronome indefinido (*tudo*, *todo*, *todos*, *todas*, *tanto*):

Esqueça-se de tudo *quanto* lhe disse.

PRONOMES RELATIVOS SEM ANTECEDENTE – Os pronomes relativos *quem* e *onde* podem aparecer com emprego absoluto, sem referência a antecedentes:

Quem tudo quer tudo perde.

Dize-me com *quem* andas e eu te direi *quem* és.

Moro *onde* mais me agrada.

Quem, assim empregado, é considerado como do gênero masculino e do número singular:

Quem com ferro fere com ferro será ferido.

OBSERVAÇÃO: Os relativos sem antecedentes também se dizem *relativos indefinidos*. Muitos autores preferem, neste caso, subentender um antecedente adaptável ao contexto. Interpretando *quem* como *a pessoa que*, *onde* como *o lugar em que* assim substituem:

Quem tudo quer tudo perde = *a pessoa que* tudo quer tudo perde

Este duplo modo de encarar o problema tem repercussões diferentes na classificação das orações subordinadas, conforme veremos em **Orações subordinadas resultantes de substantivação: as interrogativas e exclamativas**.

EMPREGO DOS PRONOMES

Pronome pessoal

Pronome e termos oracionais – A rigor, o pronome pessoal reto funciona como sujeito e predicativo, enquanto o oblíquo como complemento:

Eu *saio.* ***Eu*** *não sou* ***ele****.* *Eu* ***o*** *vi.* *Não* ***lhe*** *respondemos.*

Entre os oblíquos, a forma átona vem desprovida de preposição, enquanto a tônica exige, no português moderno, esta partícula:

Eu ***o*** *vi.* *Referiu-se* ***a ti****.*

Casos há, entretanto, em que esta norma pode ser contrariada. Assim é que pode ocorrer a forma reta pela oblíqua:

a) quando o verbo e o seu complemento nominal estiverem distanciados, separados por pausa:

Subiu! E viu com seus olhos.

Ela a rir-se que dançava [GD].

b) nas enumerações e aposições, também com distanciamento do verbo e complemento:

Depois de muita delonga o diretor escolheu: *eu*, o Henrique e o Paulinho.

c) precedido de *todo*, *só* e mais alguns adjuntos, pode aparecer *ele* (e flexões) por *o* (e flexões); cf. adiante.

d) quando dotado de acentuação enfática, no fim de grupo de força:

Olha *ele*! [EQ].

e) em coordenações de pronomes ou com um substantivo introduzidos pela preposição *entre*:

entre *eu* e *tu* (por entre *mim* e *ti*); entre *eu* e o aluno, entre José e *eu*.

Já há concessões de alguns gramáticos quando o pronome *eu* ou *tu* vem em segundo lugar:

Entre *ele* e *eu*. Entre o José e *eu*.

A língua exemplar insiste na lição do rigor gramatical, recomendando, nestes casos, o uso dos pronomes oblíquos tônicos:

Entre *mim* e *ti*. Entre *ele* e *mim*.

Um exemplo como *Entre José e mim* dificilmente sairia hoje da pena de um escritor moderno.

Este desvio da norma encontra paralelo em outras línguas românicas, como o espanhol e o italiano [MLk.1, III, 76 e 80].

Também depois de expressões comparativas e exceptivas, a língua denuncia certa vacilação no emprego do pronome pessoal, havendo aqui forte divórcio entre a língua literária e a coloquial, escrita ou falada:

Não tenho outro amigo senão *tu*. Não sou como *tu*.
Não tenho outro amigo senão *a ti*. Não sou como *a ti*.

Emprego de pronome tônico pelo átono – Os pronomes tônicos preposicionados *a ele*, *a ela*, *a mim*, *a ti*, *a nós*, *a vós* podem aparecer, na língua exemplar, nos seguintes casos, em vez das formas átonas (*lhe*, *me*, *te*, *nos*, *vos*):

a) quanto anteposto ao verbo:

A ele cumpria encher as guias.

b) quando composto:

Remeti livros *a ele* e ao tio.

c) quando reforçado:

O dinheiro foi entregue *a ele mesmo*.
Darei as joias *só a ela*.

d) quando pleonástico:

Devolvi-*lhe a ele* as máquinas.

e) quando complemento relativo:

Atirou-se *a ele*. Gosto *dela*.

f) quando objeto direto preposicionado:

Nem ele entende *a nós* nem nós *a ele* [JO.3, 345].

Em geral, o português omite o pronome sujeito quando constituído por *eu*, *tu*, *nós* e *vós*:

"Não me lembra o que lhe disse" [MA.1, 65].

O aparecimento do pronome sujeito de regra se dá quando há ênfase ou oposição de pessoas gramaticais:

"*Eu* é que furo o pano, vou adiante, puxando por você, que vem atrás, obedecendo ao que *eu* faço e mando..." [MA.2, 230].
"Há entre nós um abismo: *tu* o abriste; *eu* precipitei-me nele" [AH.1, 295].

Estando perfeitamente conhecido pela situação linguística, pode-se calar o pronome complemento do verbo; esta linguagem é correta, apesar da censura que lhe faziam os gramáticos de outrora. Muitas vezes deve-se o fenômeno ao que o estilista alemão Leo Spitzer chamou "linguagem-eco", constituída de repetição de uma parte da oração, destinada a

reforçar a própria declaração, como no seguinte trecho de A. Herculano:

"Disse já que tinha de fazer uma explicação ao leitor. *Tenho*; e é indispensável" [AH.4, II, 261].

Em casos de ênfase costuma-se repetir:

a) o pronome átono pela sua respectiva forma tônica, precedida de preposição:

"Mas qual será a tua sorte quando na hora fatal os algozes, buscando a sua vítima, só *te* encontrarem *a ti*?" [AH.3, 277].

b) o complemento expresso por um nome pelo pronome átono conveniente ou vice-versa:

Ao *avarento* nada *lhe* peço.

"Ainda hoje estão em pé, mas ninguém *as* habita, *essas* choupanas execrandas..." [CBr.8, 43].

Usa-se o pronome *o* (*os*) em referência a nomes de gêneros diferentes, por neutralização:

"*A generosidade*, *o esforço* e *o amor*, ensinaste-*os* tu em toda a sua sublimidade" [AH.1, 35].

***Ele* como objeto direto** – O pronome *ele*, no português moderno, só aparece como objeto direto quando precedido de *todo* ou *só* (adjetivo) ou se dotado de acentuação enfática, em prosa ou verso:

"No latim eram quatro os pronomes demonstrativos. *Todos eles* conserva o português" [PL.1, 398].

"Subiu! – e viu com seus olhos/ *Ela* a rir-se que dançava..."
[GD *apud* SS].

"Olha *ele*!" [EQ *apud* SS].

Ordem dos pronomes pessoais – Na sequência dos pronomes pessoais sujeitos, o português normalmente apresenta ordem facultativa deles: *eu e tu*, *tu e eu*; *eu e ele*, *ele e eu*; *eu e o senhor*, *o senhor e eu*, etc.:

– Porque nós vamos lá jantar na segunda-feira.

– Nós... Nós, quem?

– Nós. *Eu e tu*, *tu e eu*. A condessa convidou-me no comboio [EQ.3, 382].

É evidente que nas circunstâncias em que há necessidade de superpor à expressão linguística traços de polidez, urbanidade ou, no polo oposto do convívio social, modéstia, pode o falante ou escritor inverter a ordem, dando a primazia da primeira referência ao seu interlocutor, quer manifestado por pronome, quer por substantivo. Esta é, por exemplo, a prática da cortesia entre franceses e espanhóis.

É o que se percebe, por exemplo, na seguinte preferência de Camilo, no início do romance *O Senhor do Paço de Ninães*:

Estamos no Minho, *o leitor e eu*.

O passo da cortesia linguística não para na ordem dos pronomes; invade o domínio da concordância, como a realizou Rui Barbosa neste conhecido trecho de uma carta:

"(...) e S. Exc.ª respondera, declarando aceitaria, sob a condição de anuírem *o Barão do Rio Branco e eu*".

A concordância gramatical, pela presença de pronome de 1.ª pessoa, exigiria o verbo flexionado na 1.ª do plural: *anuirmos*. Todavia, em razão da urbanidade, a polidez se reflete não só na ordem dos pronomes, mas ainda na flexão verbal.

O pronome *se* na construção reflexa 44 – Eis aqui um bom exemplo pelo qual se

patenteia que um significado gramatical unitário, significado de língua, se pode desdobrar em outras acepções, conforme as unidades linguísticas com que se acha combinado e o entorno situacional.

A reflexividade consiste, na essência, na "inversão (ou negação) da transitividade da ação verbal". Em outras palavras, significa que a ação denotada pelo verbo não passa a outra pessoa, mas reverte-se à pessoa do próprio sujeito (ele é, ao mesmo tempo, agente e paciente):

1.a) *João se banha*

A nossa experiência do mundo admite a hipótese de João banhar a si mesmo ou banhar uma outra pessoa: *João banha o filho pela manhã*.

Só que, na reflexividade "própria", ocorre a primeira hipótese:

João se banha. **A** Reflexivo "próprio"

Já na oração

1.b) *João e Maria se amam*,

o significado do verbo *amar* e a nossa experiência do mundo que, em geral, tratando de duas pessoas, supõem o amor de alguém A dirigido a outro alguém B, permitem-nos dar outra acepção, contextual, ao originário significado unitário de "reflexividade"; acreditamos que a oração quer expressar que "João ama Maria" e que "Maria ama ao João". Então, não mais se trata de "reflexividade pura", mas de "reflexividade recíproca":

João e Maria se amam. **A** **B** Reflexo recíproco

A interpretação de reflexivo recíproco não mudará se se tratar de verbo transitivo que se constrói com objeto indireto ou complemento relativo:

João e Maria se escrevem. (um escreve ao outro)

João e Maria se gostam. (um gosta do outro)

As unidades léxicas comprometidas na construção determinam a interpretação. Se dizemos *João e Maria se miram*, a interpretação mais natural seria a de um reflexivo recíproco; mas se acrescentarmos *João e Maria se miram no espelho*, mais natural nos parecerá a interpretação de reflexivo "próprio". Portanto, são interpretações contextuais, e não valores de língua.

Mudando as unidades linguísticas que se combinam com o pronome *se*, poderemos ter:

2) *O banco só se abre às dez horas*.

No presente exemplo, *banco* é um sujeito constituído por substantivo que, por inanimado, não pode ser agente da ação verbal; por isso, a construção é interpretada como "passiva": é o que a gramática chama voz "média" ou "passiva com *se*":

O banco só se abre às dez horas. A ◄ "média" ou "passiva com *se*"

Repare-se que a interpretação da "passiva com *se*" depende só do léxico, isto é, do significado lexical do verbo. A prova disto é que esta interpretação prevalece ainda nas orações cujo sujeito não é inanimado, portanto, passível de executar a ação verbal. Só que há certos verbos que denotam ações que a nossa experiência sabe que não são praticadas pelo termo que lhe serve de sujeito, como ocorre nos verbos *chamar* (= ter nome):

Ele ***se*** *chama João*.

A última acepção a que poderemos chegar nas construções do pronome *se* é a da oração:

3) *Abre-se às dez*.

Temos aqui um *se* na construção em que não aparece substantivo, claro ou subentendido, que funcione como sujeito do conteúdo predicativo. Interpreta-se a construção como *impessoal*.

Diante desta exposição, podemos dizer que o *se* nas construções estudadas e assemelhadas exerce as seguintes funções sintáticas em face das unidades léxicas que com o pronome concorrem:

1) Objeto direto:

Ele se feriu.
Eles se cumprimentaram.

2) Objeto indireto:

Ela se arroga essa liberdade.

3) Complemento relativo:

Eles se gostam.

4) Índice de indeterminação do sujeito:

Vive-se bem.
Lê-se pouco entre nós.
Precisa-se de empregados.
É-se feliz.

OBSERVAÇÕES FINAIS: Pelos exemplos acima, o *se* como índice de indeterminação de sujeito – primitivamente exclusivo em combinação com verbos não acompanhados de objeto direto –, estendeu seu papel aos transitivos diretos (onde a interpretação passiva passa a ter uma interpretação impessoal: *Vendem-se casas* = 'alguém tem casa para vender') e de ligação (*É-se feliz*). A passagem deste emprego da passiva à indeterminação levou o falante a não mais fazer concordância, pois o que era sujeito passou a ser entendido como objeto direto, função que não leva a exigir o acordo do verbo:

Vendem-se casas (= 'casas são vendidas') → *Vendem-se casas* (= 'alguém tem casa para vender') → *Vende-se casas*.

"*Vende-se casas* e *frita-se ovos* são frases de emprego ainda antiliterário, apesar da já multiplicidade de exemplos. A genuína linguagem literária requere *vendem-se*, *fritam-se*. Mas ambas as sintaxes são corretas, e a primeira não é absolutamente, como fica demonstrado, modificação da segunda. São apenas dois estágios diferentes de evolução. Fica também provado o falso testemunho que levantaram à sintaxe francesa, que em verdade nenhuma influência neste particular exerceu em nós..." [MAg.2, 181-183].

Pode ainda o pronome *se* juntar-se a verbos que indicam:

1) sentimento: *indignar-se*, *ufanar-se*, *atrever-se*, *admirar-se*, *lembrar-se*, *esquecer-se*, *orgulhar-se*, *arrepender-se*, *queixar-se*.

2) movimento ou atitudes da pessoa em relação ao seu próprio corpo: *ir-se*, *partir-se*, *sentar-se*, *sorrir-se*.

No primeiro caso, não se percebendo mais o sentido reflexivo da construção, considera-se o *se* como parte integrante do verbo, sem classificação especial.

No segundo, costumam os autores chamar ao *se pronome de realce* ou *expletivo*.

Concorrência de *si* e *ele* na reflexividade – A partir do português contemporâneo (séc. XVIII para cá), nasceu a possibilidade de o pronome tônico *si*, nas construções reflexas, ter a concorrência do pronome *ele*, também preposicionado, em orações do tipo:

> "(...) perguntou Glenda, sentindo que a pergunta não era dirigida apenas a Pablo, mas também *a ela própria*" [RBn.2, 23].
>
> "[a amante] viu *diante dela* o meu eugênico amigo" [MB *apud* RBn.2]. 45

A construção não encontra respaldo nas nossas melhores gramáticas, apesar do emprego largo na literatura moderna brasileira a partir, segundo Barbadinho, de José de Alencar. Nos exemplos acima, a norma gramatical pediria: *a si própria*, *diante de si*, como rezam as passagens onde o pronome se refere ao sujeito do verbo:

> "Simeão *por si mesmo* escolheu o deserto que lhe convinha (...)."
> [JR.2, 35]
>
> "O espetáculo da beleza é bastante *por si mesmo*." [JR.2, 199]
>
> "Depois mudava-se o teatro, e via-se *a si mesmo* (...)." [JR.2, 299]

Note-se a curiosa concorrência das duas sintaxes neste exemplo de Guimarães Rosa, citado por Barbadinho:

> "E o Menino estava muito *dentro dele mesmo*, em algum cantinho *de si*."

Esta novidade de sintaxe tem contra si o fato de às vezes fazer perigar a interpretação da oração, que só se resolve pela ajuda do contexto:

> João levou o livro *para ele*.

Combinação de pronomes átonos – Ocorrem em português as seguintes combinações de pronomes átonos, notando-se que o que funciona como objeto direto vem em segundo lugar: As formas *o*, *a*, *os*, *as* procedem das antigas *lo*, *la*, *los*, *las*:

mo = me + o; *ma* = me + a; *mos* = me + os; *mas* = me + as;

to = te + o; *ta* = te + a; *tos* = te + os; *tas* = te + as;

lho = lhe + o; *lha* = lhe + a; *lhos* = lhe + os; *lhas* = lhe + as;

no-lo = nos + (l)o; *no-la* = nos + (l)a; *no-los* = nos + (l)os; *no-las* = nos + (l)as;

vo-lo = vos + (l)o; *vo-la* = vos + (l)a; *vo-los* = vos + (l)os; *vo-las* = vos + (l)as;

lho = lhe(s) + o; *lha* = lhe(s) + a; *lhos* = lhe(s) + os; *lhas* = lhe(s) + as.

se me	-se-me	se nos	-se-nos
se te	-se-te	se vos	-se-vos
se lhe	-se-lhe	se lhes	-se-lhes

> "Se dizeis isso pela que me destes, tirai-*ma*: que não *vo-la* pedi eu."
> [AH.4, I, 267]
>
> "E como, a pouco e pouco, se foram exaurindo os cascalhos e afundando os veleiros, o banditismo franco impôs-*se-lhes* como derivativo à vida desmandada" [EC.1, 218].

Observações:

1.ª) A rigor, na combinação só entra a forma *lhe*, que, na língua antiga, servia tanto ao singular como ao plural.

2.ª) Nas demais combinações, o português moderno prefere substituir o pronome átono objetivo indireto pela forma tônica equivalente, precedida da preposição *a*. Enquanto dizemos hoje *a mim te mostras* ou *te mostras a mim*, a língua de outros tempos consentia em tais dizeres:

> "Porque assi *te me* mostras odiosa?" [JCR.1 *apud* SS.1, § 271].

3.ª) A língua padrão rejeita a combinação *se o* (e flexões), apesar de uns poucos exemplos na pena de literatos:

> "Parece um rio quando *se o* vê escorrer mansamente por entre as terras próximas..." [LB.2, 49 *apud* SS.6, n.º 198, 268].

Foge-se ao erro de três maneiras diferentes:

a) cala-se o pronome objetivo direto: *Não se quer*.

b) substitui-se o pronome *o* (e flexões) pelo sujeito *ele* (e flexões): *Não se quer ele*.

> Inveja-se a riqueza, mas não o trabalho com que ela se granjeia [MM].

c) se já existe na oração o pronome pessoal de objeto direto (*o*, *a*, *os*, *as*), usa-se o pronome de objeto indireto na forma tônica precedida da preposição *a* ou *para*:

> "É Vieira sem contradição mestre guapíssimo de nossa língua, e o mesmo Bernardes assim o conceituava; que porém *a si o* propusesse como exemplar, nem o indica, nem consta, nem se pode com indução plausível suspeitar" [AC *apud* MBa.5, 54].

Apesar disto, ocorre em bons escritores construção em que se junta o pronome *o* (e diretos) a verbo na voz reflexiva:

> "Temo que *se me* argua de comparações extraordinárias, mas o abismo de Pascal é o que mais prontamente vem ao bico da pena"
> [MA.9, 29 *apud* SS.1].
>
> "Não se dá baixa ao soldado quando já não pode com a milícia? Não *se lha* dá até em tempo de guerra?" [AC.10, II, 106 *apud* SS.1].

4.ª) A língua padrão admite *pode-se compô-lo* ou *pode-se compor*, quando não há locução verbal:

> *Pode-se* de algum modo *ligá-lo* a Schopenhauer... [JR.3, 19]
>
> Júlio Moreira [JM.1, II, 30-31] diz que em Portugal é menos comum do que no Brasil a primeira construção.

5.ª) Em construções do tipo *fi-lo sentar-se* (e também com os verbos *deixar*, *mandar*, *ver*, *ouvir* e sinônimos), isto é, em que depois destes verbos com pronome objetivo se segue o infinitivo de verbo reflexivo, pode-se deixar claro este último pronome ou omiti-lo: *fi-lo sentar*.

Função do pronome átono em *Dou-me ao trabalho* – Em geral, o pronome átono da forma verbal reflexiva portuguesa funciona como objeto direto: *dou-me* (obj. direto) *ao trabalho* (obj. indireto) *de fazer*.

Em francês e espanhol, esse pronome aparece como objeto indireto: *je me donne la peine de le faire*; *me doy el trabajo de hacerlo*.

Pronome pessoal átono e adjunto adverbial – Pode ocorrer a possibilidade de substituírem os pronomes pessoais átonos, na forma de objeto indireto, *me*, *te*, *se*, *nos*, *vos*, *lhe*, *lhes*, termos que na oração funcionam como adjuntos adverbiais [MBa.4, 273-276]:

Pôs-se *diante dele*	–	Pôs-se-*lhe* diante
Ficava *detrás dele*	–	Ficava-*lhe* detrás
Deu um abraço *no pai*	–	Deu-*lhe* um abraço
Bateu *nele*	–	Bateu-*lhe*
Ralhar *com ele*	–	Ralhou-*lhe*
Fugir *de mim*	–	Fugiu-*me*
Tudo girou *em volta dele*	–	Tudo *lhe* girou em volta

> "Ela tinha, porém, no semblante um ar de majestosa bondade que dificilmente esqueceria quem alguma vez se *lhe*

houvesse aproximado" [CL.1, I, 278].

Nestas substituições, o pronome átono faz referência à pessoa e a ideia da circunstância fica por conta do advérbio (ou substantivo adverbializado), quando se trata de locução prepositiva:

Fugia de mim – fugiu-me (não há locução prepositiva)

Tudo girou ***em volta dele*** – *Tudo lhe girou* ***em volta*** (há locução prepositiva)

Pronome possessivo

***Seu* e *dele* para evitar confusão** – Em algumas ocasiões, o possessivo *seu* pode dar lugar a dúvidas a respeito do possuidor. Remedeia-se o mal com a substituição de *seu*, *sua*, *seus*, *suas*, pelas formas *dele*, *dela*, *deles*, *delas*, *de você*, *do senhor*, etc., conforme convier.

Em

José, Pedro levou o seu chapéu,

o vocábulo *seu* não esclarece quem realmente possui o chapéu, se Pedro ou José.

É verdade que a disposição dos termos nos leva a considerar José o dono do chapéu; mas a referência a Pedro também é possível. Assim sendo, serve-se o falante do substituto *dele*, se o possessivo pertence a Pedro:

José, Pedro levou o chapéu *dele*.

"Com efeito, Margarida gostava imenso da presença do rapaz, mas não parecia dar-lhe uma importância que lisonjeasse o coração *dele*". [MA.6, 24]

Se o autor usasse o possessivo *seu*, o coração poderia ser tanto de Margarida quanto do rapaz.

Pode-se, para maior força de expressão, juntar *dele* a *seu*:

José, Pedro levou o *seu* chapéu *dele*.

"Se Adelaide o amava como e quanto Calisto já podia duvidar, *sua* honra *dele* era pôr peito à defesa do opressa..." [CBr.1, 109]

Menos usual, porém correta, é a união dos dois possessivos como no seguinte exemplo da citada obra de Camilo:

"É certo, Sr. Presidente, que a femina toca o requinte da depravação, e chega a efeituar horrores cuja narração é de si para gelar ardências do sangue, para infundir pavor em peitos equânimos; porém, o móbil dos crimes *seus delas* é outro" [CBr.1, 86].

Os pronomes pessoais átonos *me*, *te*, *se*, *nos*, *vos*, *lhe*, *lhes*, podem ser usados com sentido possessivo, mormente em estilo literário, tomando-se o cuidado de evitar o abuso.46

Tomou-*me* o chapéu = Tomou o meu chapéu.

Ainda neste caso, é possível ocorrer a repetição enfática *lhe ... dele*:

"D. Adelaide ficou embaraçada. Seria agravar as meninas de dezoito anos, e educadas como a filha do desembargador, e amantes como elas de um comprometido esposo, estar eu aqui a definir a entranhada zanga que *lhe* fez no espírito *dela* o despropósito de Calisto" [CBr.1, 104].

Foge-se ainda à confusão empregando-se *próprio*:

"Andrade contentou-se com o *seu próprio* sufrágio" [MA.6, 19].

Posição do pronome possessivo – De modo geral, o possessivo vem anteposto ao nome a que se refere:

O *meu* livro. *Tuas* preocupações. *Nossos* deveres.

A posposição ocorre no estilo solene, em prosa ou verso, e, em nome de pessoas ou de graus de parentesco, pode denotar carinho:

Deus meu, ajudai-me!

A ênfase permite também a posposição, principalmente se o substantivo vem desacompanhado do artigo definido:

Conselho *meu* ela não tem. Filho *meu* não faria tal.

Em certas situações, há notável diferença de sentido com a posposição do possessivo.47

Minhas saudades são saudades que sinto de alguém. *Saudades minhas* são saudades que alguém sente de mim.

"Parece que Miss Dólar ficou com boas *recordações suas*, disse D. Antônia" [MA.6, 2, 17].

Notamos o mesmo em *suas cartas* e *cartas suas*.

Recebi suas cartas (i. é, cartas que me mandaram ou que pertencem à pessoa a quem me dirijo).

Recebi cartas suas (i. é, enviadas a mim pela pessoa).

Invariavelmente, usamos de *notícias suas*, como no seguinte exemplo:

"Peço-lhe que me mande *notícias suas*" [EC].

Fora destas construções, a língua moderna evita tal emprego objetivo:

"Mova-te a piedade *sua* e *minha*" [LC.1, III, 127]. Entenda-se: *a piedade delas* (das criancinhas) *e de mim.*

Possessivo para indicar ideia de aproximação – Junto a números o possessivo pode denotar uma quantidade aproximada:

Nessa época, tinha *meus* quinze anos (aproximadamente).

Era já homem de *seus* quarenta anos.

OBSERVAÇÃO: Valorizamos também uma noção quantitativa por meio do adjetivo *bom*:

"O maior Vilela observava um rigoroso regímen que lhe ia entretendo a vida. Tinha uns *bons sessenta anos*" [MA.6, 53].

Valores afetivos do possessivo – O possessivo, como temos visto, não se limita a exprimir apenas a ideia de posse. Adquire variados matizes contextuais de sentido, muitas vezes de difícil delimitação.

Assim, o possessivo pode apenas indicar a coisa que nos interessa, por nos estarmos referindo, com ele, a causa que nos diz respeito, ou por que temos simpatia:

O *nosso* herói (falando-se de um personagem de histórias) não soube que fazer. Trabalho todo dia *minhas* oito horas [cf. JR.4, 206].

Além de exprimir a nossa simpatia, serve também o possessivo para traduzir nosso afeto, cortesia, deferência, submissão, ou ironia:

Meu prezado amigo. *Minha* senhora, esta é a mercadoria que lhe serve.

Meus senhores e *minhas* senhoras! *Meu* presidente, todos o esperam.

Meu coronel, os soldados estão prontos! *Meu* tolo, não vês que estou brincando?

Notemos, porém, que em expressões do tipo:

"Qual cansadas, *seu* Antoninho!" [LB],

"Ande, *seu* diplomático, continue" [MA],

seu não é, como parece a alguns estudiosos, a forma possessiva de 3.ª pessoa do singular. Trata-se aqui de uma redução familiar do tratamento *senhor*.

Difere a forma *seu* (admite ainda as variantes *seo*, *sô*) do termo nobre, *senhor*, por traduzir nossa familiaridade ou depreciação.

Ocorrendo isoladamente, prevalece a forma plena *senhor*, conforme nos mostra o seguinte exemplo:

> "Depressa, depressa, que a filha do Lemos vai cantar; e depois é o *senhor*. Está ouvindo, *seu* Ricardo" [LB.1, 115].

Um fingido respeito ou cortesia – bem entendidos, aliás, pelos presentes – pode determinar a presença da forma plena:

> "Diga, *senhora* mosca-morta?" [AH.4, II, 251].

Pela forma abreviada *seu* modelou-se o feminino *sua*:

> "E ri-se você, *sua* atrevida?! – exclamou o moleiro, voltando-se para Perpétua Rosa" [AH.4, 252].

Emprego do pessoal pelo possessivo – Embora de pouca frequência, pode aparecer o possessivo por uma forma de pronome pessoal precedido da preposição *de*. Neste caso está a expressão *ao pé de* + pronome pessoal.

> "Vós os que não credes em bruxas, nem em almas penadas, nem nas tropelias de Satanás, assentai-vos aqui ao lar bem juntos ao *pé de mim*, e contar-vos-ei a história de D. Diogo Lopes, senhor de Biscaia" [AH.4, II, 7].

> "Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baronesa, que tinha a modista ao *pé de si*, para não andar atrás dela" [MA.2, 31].

Possessivo expresso por uma locução – Expressa-se o possessivo ainda por meio de uma perífrase em que entra o verbo *ter*, *haver* ou sinônimo:

> Oxalá os problemas *que temos* durem pouco (os nossos problemas).

O possessivo em referência a um possuidor de sentido indefinido – Se o possessivo faz referência a pessoa de sentido indefinido, expresso ou sugerido pelo significado da oração, emprega-se o pronome de 3.ª pessoa:

> "É verdade que *a gente*, às vezes, tem cá as *suas* birras – disse ele, com certo ar que queria ser fino e saía parvo" [AH.4, II, 158].

Se o falante se inclui no termo ou expressão indefinida, usar-se-á o possessivo de 1.ª pessoa do plural:

> *A gente* compreende como estas cousas acontecem em *nossas* vidas [cf. CBr.1].

Repetição do possessivo – Numa série de substantivos, pode-se usar o possessivo (como qualquer outro determinante do nome) apenas junto ao primeiro nome, se não for nosso propósito enfatizar cada elemento da série:

> "A prova da *sua perspicácia* e *diligência* estava em ter já no caminho da forca os desgraçados cuja sentença vinha trazer à confirmação real" [AH.4, I, 187].

Note-se a ênfase e a oposição entre os possuidores (*eu* e *tu*):

> "O *teu* amor era como o íris do céu: era a *minha* paz, a *minha* alegria, a *minha* esperança" [AH.4, I, 190].

Se o termo vem acompanhado de modificador, não se costuma omitir o possessivo da série:

> "Foi a *tua* dignidade real, a *tua* justiça, o *teu* nome que eu quis salvar da *tua própria* brandura" [AH.4, I, 191].

Omite-se o possessivo na série sem ênfase, ainda que os substantivos sejam de gênero ou número (ou ambas as coisas) diferente. A repetição que nada acrescenta em ênfase à expressão é considerada, por muitos estudiosos, como imitação da sintaxe francesa [MBa.1, 412-413].

"... entendera (Calisto Elói) que a prudência o mandava viver em Lisboa consoante os costumes de Lisboa, e na província, segundo o *seu gênio* e *hábitos* aldeãos" [CBr.1, 107].

Se se trata de substantivo sinônimo, dispensa-se a repetição do possessivo:

Teu filho, de quinze anos apenas, é *teu* orgulho e ufania.

Se os substantivos forem de significação oposta, o possessivo em regra não é dispensado:

Teu perdão e *teu* ódio não conhecem o equilíbrio necessário à vida.

Substituição do possessivo pelo artigo definido – Sem ser norma de rigor absoluto, pode-se substituir o possessivo pelo artigo definido, quando a ideia de posse se patenteia pelo contexto ou pelo sentido total da oração, ou ainda pela aplicação reflexiva, isto é, quando se faz referência à própria pessoa que fala ou de quem se fala. Este fato ocorre principalmente junto dos nomes de partes do corpo, das peças do vestuário, faculdades do espírito e certas frases feitas:

"D. Fernando afastou-a suavemente de si: ela alevantou *o rosto* celeste orvalhado de pranto... D. Leonor ergueu *as mãos* suplicantes, com um gesto de profunda angústia" [AH.4, I, 190].

"... aqui parou (Calisto Elói), e cruzando *os braços*, se esteve largo espaço quedo, e fito nas janelas" [CBr.1, 110].

"E o vento assobiava no vigamento da casa, e nas orelhas de Calisto, o qual, levado do instinto da conservação, levantou a gola *do capote* à altura *das bossas parietais*..." [CBr.1].

Ele perdeu *o juízo*. Tem *a vida* por um fio. Recuperou *a memória*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Aparece o possessivo no caso de ênfase, quando se deseja insistir na pertença do indivíduo:

"(...) se *as suas* faces eram gordas, *as suas* mãos continuavam magras com longos dedos fusiformes e ágeis" [LB.1, 96].

"E cada lavrador enxugava *os seus* olhos" [CBr.6, 118].

2.ª) Dispensa-se o artigo definido nas expressões *Nosso Senhor*, *Nossa Senhora*, assim como nas fórmulas de tratamento onde entra um possessivo, do tipo: *vossa excelência*, *vossa reverendíssima*, *sua majestade*, etc.

O possessivo e as expressões de tratamento do tipo *Vossa Excelência* – Empregando-se as expressões de tratamento do tipo de *vossa excelência*, *vossa reverendíssima*, *vossa majestade*, *vossa senhoria*, onde aparece a forma possessiva de 2.ª pessoa do plural, a referência ao possuidor se faz hoje em dia com os termos *seu*, *sua*, isto é, com possessivo de 3.ª pessoa do singular:

Vossa Excelência conseguiu realizar todos os *seus* propósitos (e não: todos os *vossos* propósitos).

Tais tipos de títulos honoríficos começaram a aparecer no português entre os séculos XIV e XV e aí havia realmente uma possibilidade de alternância de *seu*, *sua*, *vosso*, *vossa*. A luta durou até aproximadamente o século XVII, quando as formas de 3.ª pessoa saíram vitoriosas. Assim sendo, modernamente só deve aparecer o possessivo conforme o exemplo dado. Raras exceções em escritores do séc. XVIII para cá são devidas a imitações literárias, justamente repudiadas como arcaicas, ou então porque o autor, em romance ou novela histórica, para não cair em anacronismo, faz seus personagens falar a linguagem da época.

Entre os escritores a cuja autoridade se abrigam os defensores do arcaísmo aqui citado, se acha Alexandre Herculano. Ávido leitor e constante hóspede dos monumentos históricos, o autor da *História de Portugal*, tratando do período de D. João I (1385-1433), no *Monge de Cister* (pronuncie-se este último nome como oxítono), teve oportunidade de mostrar o quanto

sabia da evolução de sua língua, conhecimento que o faz o melhor prosador ou um dos melhores que as letras portuguesas tiveram. Assim, pensamos que tal situação especialíssima do probo e perspicaz historiador não abre a porta para a prática da velha construção.

Pronome demonstrativo

A posição indicada pelo demonstrativo pode referir-se ao espaço, ao tempo (demonstrativos dêicticos espaciais e temporais) 48 ou ao discurso (demonstrativo anafórico).

Demonstrativos referidos à noção de espaço – *Este* (e flexões) aplica-se aos seres que pertencem ou estão perto da 1.ª pessoa, isto é, daquela que fala:

> *Este livro* é o livro que possuo ou tenho entre mãos.
> *Esta casa* é a casa onde me encontro.

Esse (e flexões) aplica-se aos seres que pertencem ou estão perto da 2.ª pessoa, isto é, daquela com quem se fala:

> *Esse livro* é o livro que nosso interlocutor traz.
> *Essa casa* é a casa onde se encontra a pessoa a quem me dirijo.

Na correspondência, *este* se refere ao lugar donde se escreve, e *esse* denota o lugar para onde a carta se destina. A referência à missiva que escrevemos se faz com *este*, *esta*:

> "Manaus, 13-1-1905
> Meu bom amigo Dr. José Veríssimo, – escrevo-lhe dissentindo abertamente de sua opinião sobre *este* singularíssimo clima da Amazônia..." [EC].
> Escrevo *estas* linhas para dar-te notícia *desta* nossa cidade e pedir-te as novas *dessa* região aonde foste descansar.

Quando se quer apenas indicar que o objeto se acha afastado da pessoa que fala, sem nenhuma referência à 2.ª pessoa, usa-se de *esse*:

> "Quero ver *esse* céu da minha terra
> Tão lindo e tão azul!" [CA].

Na linguagem animada, o interesse do falante pode favorecer uma aproximação figurada, imaginária, de pessoa ou coisa que realmente se acham afastadas dos que falam. Esta situação exige *este*:

> "Dói-me a certeza de que estou morrendo desde o primeiro dia da tua união com *este* homem... a certeza de que o hás de amar sempre, ainda que ele te despreze como já te desprezou" [CBr.1, 152].

Tal circunstância deve ter contribuído para o emprego de *este* como indicador de personagens que o escritor traz à baila.

> "*Este* Lopo, bacharel em direito, homem de trinta e tantos anos, e sagaz até a protérvia, vivia na companhia do irmão morgado..." [CBr.1, 149].

Por outro lado, cabe a *esse* a missão de afastar de nós pessoa ou coisa que na realidade se acham ou se poderiam achar próximas:

> "Vês África, dos bens do mundo avara,
> .....
> Olha *essa* terra toda, que se habita
> *Dessa* gente sem lei, quase infinita" [LC.1, X, 92 *apud* SA].

Estas expressões não se separam por linhas rigorosas de demarcação; por isso exemplos há de bons escritores que contrariam os princípios aqui examinados e não faltam mesmo certas

orientações momentâneas do escritor que fogem às perscrutações do gramático.

Demonstrativos referidos à noção de tempo – Na designação de tempo, o demonstrativo que denota um período mais ou menos extenso, no qual se inclui o momento em que se fala, é *este* (e flexões):

Neste dia (= no dia de hoje) celebramos a nossa independência.

Este mês (= no mês corrente) não houve novidades.

Aplicado a tempo já passado, o demonstrativo usual é *esse* (e flexões):

Nessa época atravessávamos uma fase difícil.

Se o tempo passado ou vindouro está relativamente próximo do momento em que se fala, pode-se fazer uso de *este*, em algumas expressões:

Esta noite (= a noite passada) tive um sonho belíssimo.

Porém, com a mesma linguagem *esta noite* poderíamos indicar a noite vindoura. Outro exemplo:

"Meu caro Barbosa:

Deves ter admirado o meu silêncio *destes quinze dias*, silêncio para ti, e silêncio para o jornal" [CBr.7, 56].

A indicação temporal de *este* e *esse* dispensa outra expressão adverbial, se a circunstância de tempo não se apresenta ao falante como elemento principal do conjunto:

"Para o jogo bastava *esse* movimento de peão". [ML]

Esse movimento vale por: *o movimento que se fez naquele momento*.

Demonstrativos referidos a nossas próprias palavras – No discurso, quando o falante deseja fazer menção ao que ele acabou de narrar (anáfora) ou ao que vai narrar (catáfora), emprega *este* (e flexões):

"Entrou Calisto na sala um pouco mais tarde que o costume, porque fora vestir-se de calça mais cordata em cor e feitio. Não me acoimem de arquivista de insignificâncias. *Este* pormenor (isto é: o pormenor a que fiz referência) das calças prende mui intimamente com o cataclismo que passa no coração de Barbuda" [CBr.1, 93].

"Se não existisse Ifigênia... acudiu Calisto. Já *este* nome (i.é.: o nome que proferi) me soava docemente quando, na minha mocidade pela angústia da filha de Argamenão, cujo sacrifício o oráculo de Áulida desmandava.

– Ah, também eu conheço *essas* angústias (i.é.: aquelas a que se refere) da tragédia de Racine" [CBr.1, 135].

– "... não há linguagem que não soe divinamente falada por minha prima.

– *Essas* lisonjas – volveu ela sorrindo – aprendeu-as nos seus livros velhos, primo Calisto?" [CBr.1, 136].

Por este último exemplo, podemos verificar que se a referência é feita às palavras da pessoa com quem se fala, o demonstrativo empregado é *esse* (e flexões). No trecho, *essas lisonjas* são as que faz Calisto à sua prima.

Há situações embaraçosas para o emprego do demonstrativo anafórico, isto é, aquele que se refere a palavras ditas ou que se vão dizer dentro do próprio discurso (catáfora). Ocorre o caso, por exemplo, nas referências a enunciados anteriores que envolvem afastamento da 1.ª pessoa ou ao tempo em que se fala. Nestes casos, geralmente, prevalece a preferência para nossas próprias palavras, aparecendo, assim, o anafórico *este* (e flexões) em lugar do dêictico *esse* (e flexões):

– "Então que te disse ele?...

– Que tinhas lá outra... e que te viu passear com ela.

– Viu-me a passear com uma nossa parenta, viúva de um general. Quem disse ao javardo que *esta* (a que me refiro) *senhora* era minha amante" [CBr.1, 157].

Expresso um nome a que, na construção do discurso, se quer juntar uma explicação, comparação, ou se lhe quer apontar característica saliente, costuma-se repetir este nome (ou o que lhe serve de explicação, comparação, ou característica) acompanhado do demonstrativo *esse* (e flexões):

"O olhar da opinião, *esse* olhar agudo e judicial, perde a virtude, logo que pisamos o território da morte" [MA.1, 81 *apud* SS].

"Creio que por então é que começou a desabotoar em mim a hipocondria, *essa* flor amarela, solitária, de um cheiro inebriante e sutil" [MA.1, 83 *apud* SS.1, 307].

Por meio do pronome invariável *o* repetimos pleonasticamente a oração objetiva que se antecipa de sua posição normal, ou, em sentido inverso, antecipa a oração objetiva do texto:

*Que todos iam sair cedo, eu **o** disse ontem.*

*Eu **o** disse ontem, que todos iam sair cedo.*

Reforços de demonstrativos – A necessidade de avivar a situação dos objetos e pessoas tratados pelo falante o leva a reforçar os demonstrativos com os advérbios dêiticos *aqui*, *aí*, *ali*, *acolá*: *este aqui*, *esse aí*, *aquele ali* ou *acolá*.

Eu *cá* tenho minhas dúvidas. Ele *lá* diz o que pensa.

Também desempenham o papel de reforço enfático *mesmo* e *próprio* (e flexões) presos a substantivos ou pronomes, com o valor de *em pessoa* (em sentido próprio ou figurado):

Eu *próprio* assisti à desagradável cena. Ela *mesma* foi verificar o fato.

Neste sentido de identidade, *mesmo* e *próprio* entram no rol dos demonstrativos.

No seguinte trecho de M. de Assis aparece *muito*:

"Você ignora que quem os cose sou eu, e *muito* eu" [MA.2, 230].

Há construções fixas que nem sempre se regulam pelas normas precedentes; entre estas, estão:

a) isto é (e nunca *isso é*) com o valor de 'quer dizer' ou 'significa', para introduzir esclarecimentos;

b) por isso, *nem por isso*, *além disso* são mais frequentes que *por isto*, *nem por isto*, *além disto*, como a introduzir uma conclusão ou aduzir um argumento;

c) isto de (e não *isso de*) com o valor de 'no que toca', 'no que diz respeito a'. [SA.2, 264]

Outros demonstrativos e seus empregos – Já vimos que *mesmo* e *próprio* denotando identidades e com o valor de "em pessoa" são classificados como demonstrativos:

"Tal faço eu, à medida que me vai lembrando e convindo à construção ou reconstrução de mim *mesmo*" [MA.4, 203].

"De resto, naquele *mesmo* tempo senti tal ou qual necessidade de contar a alguém o que se passava entre mim e Capitu" [MA.4, 225].

"Veja os algarismos: não há dois que façam o *mesmo* ofício" [MA.4, 267].

Pode ainda o demonstrativo *mesmo* assumir o valor de *próprio*, *até*:

"Estes e outros semelhantes preceitos não há dúvida que não são pesados e dificultosos; e por tais os estimou o *mesmo* Senhor, quando lhes chamou Cruz nossa" [AV. 1, XI, 150].

"Os *mesmos* animais de carga, se lhe deitam toda a uma parte, caem com ela" [AV *apud* ED.2, § 86, a].

Mesmo, *semelhante* e *tal* têm valor de demonstrativo anafórico, isto é, fazem referência a pensamentos expressos anteriormente:

"Depois, como Pádua falasse ao sacristão, baixinho, aproximou-se deles; eu fiz a *mesma* cousa" [MA.4, 87].

"Não paguei uns nem outros, mas saindo de almas cândidas e verdadeiras *tais* promessas são como a moeda fiduciária, – ainda que o devedor as não pague, valem a soma que dizem" [MA.4, 202; FT.1, 56].

Falaste em dois bons estudantes, mas não encontrei *semelhantes* prendas na sala de aula.

Tal (sozinho ou repetido) e *outro* são demonstrativos de sentido indefinido. O primeiro aparece junto à designação de um dia, lugar ou circunstâncias reais, que não queremos ou não podemos precisar:

"Ele combinou com o assassino assaltarem a casa em *tal* dia, a *tal* hora, por *tais* e *tais* meios" [JO.1, 40].

Outro se emprega com o valor de *um segundo*, *mais um* (no sentido de *diferente*, como *mesmo* no de *igual*, é adjetivo):

Ele me tratou mal e eu fiz *outro* tanto (*tanto*, veremos mais tarde, é pronome indefinido).

Tais acepções imprecisas levam alguns estudiosos a classificar *tal* e *outro* como indefinidos.

Como elemento reforçador dos que foram tratados anteriormente, aparece *mesmo* junto aos advérbios pronominais: *agora mesmo*, *aí mesmo*, *aqui mesmo*, *já mesmo*, etc.

OBSERVAÇÃO: Sobre o emprego tido como errôneo de *mesmo* como advérbio, veja-se, mais adiante.

Um pode ter, em certas expressões, o valor de *mesmo*:

"Oh cousa para espantar
Que ambos a ferida tem
Dum tamanho, em *um* lugar" [LC *apud* JM].

(i. é: do mesmo tamanho e no mesmo lugar)

Honra e proveito não cabem *num* saco.

No estilo familiar e animado, emprega-se o demonstrativo com o valor de artigo definido:

Esse João é das arábias! *Aquela* Maria tem cada ideia! [MA.1, 36].

Registre-se ainda o emprego substantivo de *aquilo* em construções como:

"e apenas, como uma das extravagâncias que mais requerem anotação, citarei *aquilo* da p. 14" [CL.1, I, 245].

Posição dos demonstrativos – Em situações normais, em que não impere a ênfase, o demonstrativo vem anteposto ao nome. Em caso contrário, pode o adjetivo vir posposto, principalmente se o demonstrativo se referir ao pensamento já expresso.

"Logo depois, senti-me transformado na *Summa Theologica* de S. Tomás, impressa num volume, e encadernada em marroquim, com fechos de prata e estampas; ideia *esta* que me deu ao corpo a mais completa imobilidade..." [MA *apud*. SS.1, 306].

"... Os seus olhos serenos, como o céu, que imitavam na cor, tomaram a terrível expressão que ele costumava dar-lhes no revolver dos combates, olhar *esse* que, só por si, fazia recuar os inimigos" [AH *apud* SS].

Nas orações exclamativas ocorre também a posposição: Que dia *este*!

Mesmo pode corresponder a dois vocábulos latinos: *idem* e *ipse*. No primeiro caso, denota identidade e reclama a presença do artigo ou de outro demonstrativo:

Disse as *mesmas* coisas. Referiu-se ao *mesmo* casal. Falou a este *mesmo* homem.

Idêntico a *ipse*, emprega-se junto a substantivo ou pronome e equivale a *próprio*, *em pessoa* (em sentido próprio ou figurado)49:

Ela *mesma* se condenou.

Em ambos os sentidos, *mesmo* pode aparecer antes ou depois do substantivo. Nota-se

apenas, na língua moderna, certa preferência para a anteposição, quando o demonstrativo assume o valor de *idem*, isto é, indica identidade.

É costume calar-se a preposição na oração subordinada que se refere a substantivo antecedente que tem *mesmo* como adjunto:

> Encontrei-o na *mesma situação* (***em***) ***que*** estava no ano passado.
>
> Saiu do trabalho no *mesmo dia* (***em***) ***que*** fora promovido.
>
> "Querias, porventura, ensiná-la a desprezar-me pela *mesma razão* (***por***) ***que*** tu me desprezas" [CBr *apud* MBa.2, 310].

Pronome indefinido

Nem sempre se pode estabelecer claramente a diferença entre simples indefinidos tratados neste lugar dos quantitativos indefinidos; isto porque certos indefinidos aparecem aplicados à quantidade incerta.

Empregos e particularidades dos principais indefinidos – O indefinido pode estender a sua significação a todos os indivíduos de uma classe:

> *Todos* os homens são bons. *Cada* livro deve estar no lugar próprio. *Qualquer* falta merece ser punida.
>
> Livro *algum* será retirado sem autorização. *Nenhum* erro foi cometido.

A significação do indefinido se pode estender apenas a um ou a alguns indivíduos de uma classe:

> *Certas* folhas ficaram em branco.
>
> Daí surgirão *outros* enganos.

Sobre os principais pronomes indefinidos acrescentaremos:

a) Algum

Anteposto ao substantivo tem valor positivo: Recebeu *algum* recado importante.

Posposto ao nome, assume significação negativa, podendo ser substituído pelo indefinido negativo *nenhum*: Resultado *algum* saiu do inquérito.

Ocorre com maior frequência este emprego em frases onde já existem expressões negativas (*não*, *nada*, *sem*, *nem*), em interrogações oratórias ou depois de substantivo precedido da preposição *sem*: "Era pessoa *sem* escrúpulo *algum*" [ED.2, § 106].

b) Algo

Está hoje praticamente desbancado pela locução sinônima *alguma coisa*: 50

> Terás *algo* para contar-me?
>
> Há *algo* novo no ar.

É mais frequente seu emprego como advérbio, em construções do tipo:

> A situação está ***algo*** *perigosa*.
>
> Ali se passaram os momentos ***algo*** *inesquecíveis*.

O mesmo emprego adverbial conhece o seu equivalente *alguma coisa*:

> A leitura deixou-lhe impressão ***alguma coisa*** *agradável*.

Algumas vezes o significado quantitativo de *algo* e *alguma coisa* favorece o aparecimento da preposição *de* com valor partitivo:

Não há ***algo de*** novo.

Ficou-lhe do encontro ***alguma coisa de*** arrependimento.

Alguma coisa de novo deve acontecer hoje.

A presença da preposição junto ao adjetivo o transpõe à classe do substantivo e, por atração, este pode concordar em gênero e número com o nome sujeito do verbo:

Apresento-lhe *estas desculpas* que têm ***algo de*** *engraçadas*.

De repente saíram *umas ideias* ***alguma coisa de*** *ridículas*.

Sem razão, alguns autores consideram galicismo a presença da preposição *de* nestas construções com pronomes indefinidos, todos de valor nitidamente quantitativo [MBa.5, 43].

c) Cada

Junta-se a substantivo singular, a numeral coletivo e expressões formadas por numeral seguido de substantivo no plural:

"Uma ilusão gemia em *cada* canto,

Chorava em *cada* canto uma saudade". [LG]

Cada século possui seus homens importantes.

Faz prova em *cada* trinta dias.

Usa-se combinado a *cada um* e *cada qual*.

É condenado o emprego de *cada* sem substantivo em lugar de *cada um* nas referências a nomes expressos anteriormente, considerado imitação da linguagem comercial francesa, o que pomos em dúvida.

Os livros custam trinta cruzeiros *cada* (por *cada um*).

Cada não sofre variação, mas a concordância do verbo com o sujeito se processa normalmente:

"Convém notar o tríduo das Lemúrias

Não corre a flux: ***cada*** *dois dias levam*

entre si um profano intercalado" [AC.1, III, 57 *apud* FC.1, 53].

OBSERVAÇÃO: Com exagero, já se condenou por mal soante a expressão *por cada*, que, segundo a crítica, lembraria *porcada* (vara de porcos). Rui Barbosa [RB.1, 126] defendeu brilhantemente o falso cacófato (mau som).

Lembra Sousa da Silveira o valor intensivo de *cada*, como no seguinte exemplo (está claro que proferido com entonação expressiva):

"Então é *cada* temporal, que até parece que os montes estremecem" [EQ.1, 288 *apud* SS.1, § 388].

Conta *cada* história!

d) Certo

É exclusivamente na língua moderna pronome indefinido quando antecede ao substantivo:

"A vida celibata podia ter *certas* vantagens próprias, mas seriam tênues, e compradas a troco da solidão" [MA.1, 306].

Havendo ênfase, poderá aparecer *um certo*, expressão que tem sido, com algum exagero, recriminada pelos gramáticos. Alexandre Herculano, notável escritor português, talvez influenciado pelas teorias gramaticais reinantes, aboliu, em redações posteriores, o artigo indefinido (junto ou não a palavras indefinidas), tirando, muita vez, o colorido enfático do trecho primitivo. De *um certo* usou ele nos seguintes passos:

"Forçoso é que um poeta creia no pensamento, que o agita, e no ideal, aonde tem de ir buscar *um certo* número d'existência..." [AH.2, 162].

"Passado todo este tempo os escravos de *um certo* Adócio, que herdara o domínio daquela montanha..." [AH.2, 215].

"O gesto brando com que, uma vez posta, começou a mover as asas, tinha *um certo* ar escarninho, que me aborreceu

muito" [MA.1, 99].

Posposto ao substantivo, *certo* fixou o seu emprego de adjetivo, com o sentido de "acertado", "ajustado", "exato", "verdadeiro". Ambos os sentidos, indefinido e qualificativo, são aproveitados nos seguintes jogos de palavras:

Tenho *certos amigos* que não são *amigos certos*.

Note-se, com o *Dicionário Contemporâneo*, que *certo* atenua o que na significação do substantivo haja de demasiadamente absoluto, quando este indefinido vem anteposto a nome que exprime qualidade, propriedade ou modo de ser:

Goza de *certa* reputação de talento.

A ópera tem uma *certa* novidade.

Nesta significação atenuativa, *certo*, equivalente a *algum* (e flexões), se aproxima dos quantitativos indefinidos.

NOTA: No português de outras épocas, a função de adjetivo ocorria, ou podia ocorrer, ainda anteposto ao nome:

"Deveis de ter sabido claramente
Como é dos fados grandes *certo* intento" (isto é: intento certo)
[LC.1, I, 24].

"Esta ilha pequena que habitamos
É em toda esta terra *certa* escala (isto é: escala certa)
De todos os que as ondas navegamos"
[LC.1, I, 54].

"Atento estava o rei na segurança
Com que provava o Gama o que dizia;
Concebe dele *certa* confiança, (isto é: confiança segura)
Crédito firme em quanto proferia"
[LC.1, VIII, 76].

e) Nenhum

Reforça a negativa *não*, podendo ser substituído pelo indefinido *algum*:

Não tínhamos *nenhuma* dívida até aquele momento.

Sem ênfase, *nenhum* vem geralmente anteposto ao substantivo; havendo desejo de avivar a negação, o indefinido aparece posposto:

"Que é lá? redargui; não cedi *cousa nenhuma*, nem cedo" [MA.1, 134].

Referindo-se o nome no plural, *nenhum* se flexiona:

"Mas se anda nisto mistério, como quer o condestável, espero que não serão *nenhuns feitiços*..." [RS.1, 195].

Em certas frases de forma afirmativa, *nenhum* pode adquirir valor afirmativo, como sinônimo de *qualquer*:

Mais do que *nenhum* homem, ele trabalhava para a tranquilidade.

Enquanto *nenhum* é um termo que generaliza a negação, *nem um* se refere à unidade:

Não tenho *nenhum* livro.

Não tenho *nem um livro*, quanto mais dois.

f) Todo – Tudo 51

Concorda em gênero e número com o substantivo ou pronome a que serve de adjunto adnominal.

Quando no singular está anteposto a substantivo ou adjetivo substantivado, vale por "cada", "qualquer" ou "inteiro", "total", podendo vir ou não acompanhado de artigo. Isto significa que, no singular, *todo* pode referir-se tanto à totalidade distributivamente de um conjunto

plural (*Todo o homem* é mortal = "todos e cada um dos homens") – e neste sentido equivale ao latim *omnis* –, como à totalidade, integralidade, de um indivíduo, de um singular (***Todo** o homem* ou *O homem **todo** é pecado e miséria*; *Trabalhar **todo** o dia* ou *o dia **todo***) – e já neste sentido vale pelo latim *totus* [HCv.3, III, 33 n.4].

Ainda que *todo* possa significar "qualquer", eles podem concorrer juntos na expressão *todo* (*toda*) *e qualquer*:

"Introdução de *todo e qualquer* gênero de produto" [RB *apud* FC.1, 295].
A *toda* falta deve corresponder um castigo adequado (*toda* = "cada").
A *toda a* falta... (*toda* = "cada").
Todo ser merece consideração (*todo* = "qualquer").
Todo o ser merece... (*todo* = "qualquer").
O incêndio destruiu *toda* casa (*toda* = "inteira", "total").
O incêndio destruiu *toda a* casa (*toda* = "inteira", "total")
Todo pobre receberá esmola.
Todo o pobre receberá esmola.

Enquanto em Portugal não se faz a distinção formal entre "*cada*"/ "*qualquer*" e "*inteiro*"/ "*total*", usando-se quase sempre *todo* seguido de artigo (*Todo o homem é mortal*), no Brasil, para o primeiro sentido, modernamente, dispensa-se o artigo (*Todo homem é mortal*) e, para o segundo, o artigo é obrigatório (*Toda a casa pegou fogo*).

Está claro que a presença ou ausência do artigo está inicialmente presa ao fato de o substantivo núcleo do sintagma exigir ou não artigo, independentemente da variedade semântica apontada. Assim, como se diz, nos nomes dos países, com artigo, *o Brasil*, dir-se-á *todo o Brasil*; em contraposição, só se diz, sem artigo, *Portugal*, logo se dirá *todo Portugal*.

A distinção entre "cada"/ "qualquer" e "inteiro"/ "total" fica prejudicada em virtude da ocorrência da fonética sintática que facilita, na pronúncia (com reflexo natural na escrita), a fusão por crase da vogal final de *todo*, *toda* com o artigo singular *o*/ *a*: *todo o* = *todo*; *toda a* = *toda*. Daí, muitas vezes a indecisão que sentem as pessoas na hora de usar *todo* e *todo o*, *toda* e *toda a*.

Assim, diz-se, entre brasileiros, sem distinção de sentido, *todo o mundo*, *toda a vida*, *todo o tempo*, *toda a hora*, *toda a parte*, etc., ao lado de *todo mundo*, *toda vida*, *todo tempo*, *toda hora*, *toda parte*, etc., vacilação que se nota no português europeu literário de épocas passadas, em Camões, por exemplo. Em *todo o mundo*, *toda a gente*, percebe-se, na própria significação dos substantivos, o valor coletivo da expressão.

Todo indica a totalidade numérica, isto é, qualquer indivíduo da classe, quando seguido de oração adjetiva substantivada pelo *o* ou do pronome *aquele* (*todo aquele que*):

"(...) *Todo o que* sofre,
Todo o que espera e crê, *todo o* que almeja
Perscrutar o futuro, se coloca
Ao lado do Senhor" [FV *apud* SS.1, § 366].

Desaparece, naturalmente, a vacilação quando, em vez do artigo definido, aparecer o indefinido *um*, pois aí *todo um* denota "inteiro", "total": *todo um dia*, *toda uma cidade*, construção, aliás, sem razão, rejeitada por puristas intransigentes.

Todo no singular e posposto ao substantivo entra sempre na expressão da totalidade: *o*

homem todo, *a casa toda*, *o país todo*, *a semana toda*, *o tempo todo*, *a fortuna toda*, *o mundo todo*, *uma cidade toda*.

Nas expressões de reforço enfático ou de valor superlativo do tipo de *todo o resto*, *toda a soma*, *todo o mais* (substantivado), *a toda a pressa*, *a toda a brida*, *a todo o galope*, o artigo é de presença obrigatória entre brasileiros.

No plural, *todos*, *todas*, antepostos ou pospostos, exigem sempre a presença do artigo, desde que o substantivo não esteja precedido de adjunto que o exclua:

Todos os alunos entregaram as provas antes do tempo.

Todas as revisões são passíveis de enganos.

Os alunos todos disseram sim.

Todos estes casos foram examinados.

Todas elas responderam às cartas

Estando a totalidade numérica definida por um numeral referido a substantivo explícito ou subentendido, *todos* pode ser ou não acompanhado de artigo (*todo um*, *todos dois* ou *todos os dois*, *todos três* ou *todos os três*, etc.):

"Era belo de verem-se *todos cinco* em redor da criança, como se para outro fim se não reunissem!" [CBr.6, 131].

Todas as quatro razões foram discutidas.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) É mais comum a presença do artigo quando o substantivo está expresso.

2.ª) Em *todas estas quatro razões*, a presença de um adjunto (*estas*) que exclui o artigo explica a sua ausência.

Graças à significação de certos verbos em determinados contextos, *todos* pode ser interpretado em sentido distributivo, com valor aproximado de "cada", como no exemplo:

"Dizia um Secretário de Estado meu amigo que, para se repartir com igualdade o melhoramento das ruas por toda a Lisboa, deviam ser obrigados os ministros a mudar de rua e bairro *todos os três meses*" [AGa.4, 33].

(isto é: a cada três meses, de três em três meses, como interpreta ED.2, § 61, a)

Todo pode ser empregado adverbialmente, com valor de "inteiramente", "em todas as suas partes":

"Desculpe-me, que eu estou *todo* absorvido pela minha mágoa!"

[CBr.6, 93].

"Longe de mim a triste ideia de me intrometer nessa questão *todo* particular"

[CL.1, I, 211].

Suas origens pronominais facultam-lhe a possibilidade de poder, por atração, concordar com a palavra a que se refere:

O professor é ***todo*** *ouvidos.* *Ela é* ***toda*** *ouvidos.*

Ele está ***todo*** *preocupado.* *Ela está* ***toda*** *preocupada.*

Acabamos de ver as crianças ***todas*** *chorosas.*[52]

Todo entra ainda na construção de locuções adverbiais: *em todo*, *de todo*, *de todo em todo*, etc.

Tudo – Refere-se às coisas consideradas em sua totalidade ou conjunto e, normalmente, se apresenta como termo absoluto, desacompanhado de determinado:

Nem *tudo* está perdido.

Põe a esperança em *tudo*.

O seu emprego absoluto apresenta duas exceções: quando se combina com os demonstrativos *isto*, *isso*, *aquilo* ou quando é seguido de oração adjetiva substantivada pelo

artigo:

Tudo isso é impossível. *Isso tudo* é impossível.

Onde você comprou *tudo aquilo*?

Desconhecemos *tudo o que eles disseram.*

Em tais construções, o demonstrativo funciona como núcleo do sintagma nominal e o indefinido como seu adjunto, bem como da oração adjetiva substantivada.

Pronome relativo

Usa-se *o qual* (e flexões) em lugar de *que*, principalmente quando o relativo se acha afastado do seu antecedente e o uso deste último possa dar margem a mais de uma interpretação:

O guia da turma, *o qual* nos veio visitar hoje, prometeu-nos voltar depois (com o emprego de *que* o sentido ficaria ambíguo).

Pode-se ainda recorrer à repetição do termo:

"Arrastaram o saco para o *paiol* e o *paiol* ficou a deitar fora" [CN.1, 12].

Dá-se ainda o afastamento do relativo em relação ao seu antecedente em exemplos como o seguinte:

"No fundo de um triste vale dos Abruges, terra angustiada e sáfara, um pobre eremita vivia *que* deixara as abominações do século pela soledade do deserto" [JR.2, 2, 219].

Hoje é mais comum construir:

"eremita que deixara... vivia" ou "vivia um pobre eremita que deixara...".

Deve-se evitar com cuidado o grande distanciamento entre o antecedente e o correspondente relativo, principalmente se este estiver precedido de dois nomes que possam assumir esta referência. Mário Barreto [MBa.5, 303] cita o trecho de Camilo em que o escritor explicita entre parêntese o real antecedente:

"Eu de mim, se não estivesse amortalhada no sobretudo do meu marido, *que* vou escovar (o sobretudo), era dele, como a borboleta é da chama (...)".

"Lúcia descera com a moça bonita, de calças curtas, *que* guiava o carro" [JL.2, 133].

Muitas vezes a pontuação salva a boa interpretação do texto; a vírgula posta entre um substantivo (ou pronome) e o relativo serve para indicar que este não se está referindo àquele, e sim ao mais afastado:

"mas ele tinha necessidade da sanção de alguns, *que* (isto é, a "sanção", e não "alguns") lhe confirmasse o aplauso dos outros" [MA.1, 138].

Em geral substitui-se *que* por *o* (*a*) *qual* depois de preposição ou locução prepositiva de mais de duas sílabas. Empregamos *sem que* ou *sem o qual*, *a que* ou *ao qual*, *de que* ou *do qual*, mas dizemos com mais frequência *apesar do qual*, *conforme o qual*, *perante o qual*, etc.53 O movimento rítmico da frase e a necessidade expressiva exigem, nestes casos, um vocábulo tônico (como *o qual*) em lugar de um átono (como *que*).

Com frequência, a preposição que deveria acompanhar o relativo emigra para o antecedente deste relativo:

"A barra é perigosa, como dissemos: porém a enseada fechada é ancoradouro seguro, *pelo que* (o porque, razão por que) tem sido sempre couto dos corsários de Berbéria" [AH.2, 69].

"... até o induzirem a mandá-lo sair da corte, *ao que* (o a que) D. Pedro atalhou com retirar-se antes que lhe ordenassem" [AH.2, 91].

"... não tardou a ser atravessado, pelo coração, com uma seta do que (o de que) imediatamente acabou" [AH.2, 97].

A construção regular, sem migração da preposição, é pouco usada e se nos apresenta como artificial:

"Assim me perdoem, também, *os a quem* tenho agravado, *os com quem* houver sido injusto, violento, intolerante..." [RB.2, 23].

No seguinte exemplo de Rui Barbosa a preposição aparece antecipada e depois no lugar devido:

"É *no em* que essa justificação se resume" [RB.1, 519].

Outras vezes omite-se a preposição que pertence a rigor ao relativo, em virtude de já ter o seu antecedente a mesma preposição:

Você só gosta *das coisas que* não deve (por: *das coisas de que não deve*).

Ele falou *do que* não podia falar (por: *de que não podia falar*).

Relativo universal – Na linguagem coloquial e na popular pode aparecer o pronome relativo despido de qualquer função sintática, como simples transpositor oracional. A função que deveria ser desempenhada pelo relativo vem mais adiante expressa por um substantivo ou pronome precedido de preposição. É o chamado *relativo universal* que, desfazendo uma complicada contextura gramatical, se torna um "elemento linguístico extremamente prático" [KN.1, V, 330]:

Ali vai o homem *que* eu falei com *ele*.

por

Ali vai o homem *com quem* eu falei.

Anacoluto no relativo – Costuma-se empregar ainda *que* ou *quem* seguido de pronome pessoal oblíquo (*que* ou *quem... lhe*) onde o rigor gramatical estaria a pedir este relativo precedido de preposição. É prática antiga que ainda persiste no colóquio moderno:

"Agora sim, disse então aquela cotovia astuta, agora sim, irmão, levantemos o voo e mudemos a casa, que vem *quem lhe* dói a fazenda"

(= aquele a quem dói a fazenda) [MBe *apud* AC.8, I, 70].

Quem ama o feio bonito *lhe* parece (= quem ama o feio parece bonito).

Quem cospe para o céu, na cara *lhe* cai.

Pode ocorrer ainda que, em vez do pronome *lhe*, apareça substantivo ou pronome com a preposição que deveria preceder o relativo.

Outras vezes o relativo não se refere propriamente ao seu antecedente, mas a um termo a ele relacionado:

"Bem vês as *lusitânicas* fadigas

Que eu já de muito longe favoreço" [LC.1, II, 171].

O pronome relativo se refere a *lusitanos*, ideia contida no adjetivo *lusitânicas*.

"Isto que parece absurdo ou desgracioso é perfeitamente racional e belo – belo à *nossa* maneira, *que* não andamos a ouvir na rua os rapsodos recitando os seus versos, nem os oradores os seus discursos, nem os filósofos, as suas filosofias" [MA *apud* SS.5, I, 28]. Aqui o relativo se refere ao pronome pessoal *nós* que se depreende do pronome possessivo *nossa*.

Não pertence à boa norma da língua repetir sob forma pronominal a função sintática já desempenhada pelo relativo. São escassos os exemplos como os seguintes:

"(nome) *que to* dissesse a brisa perfumada

Lasciva perpassando pelas flores" [CA.1, ed. SS, § 29].

"... o homem que se destina, ou *que o* destinou seu nascimento, a uma vocação pública, não pode sem vergonha ignorar as belas-letras e os clássicos" [AGa *apud* SS.5].

É preciso distinguir cuidadosamente este caso de outro aparentemente igual, em que não se trata de *que* pronome relativo, mas *que* conjunção causal ou consecutiva (com elipse do intensivo *tão*, *tal*):

"O português hodierno não é nem a língua de sábios nem de filósofos e pensadores *que* não *os* há..." [JR.6, 152].

"Tenho os pés *que os* não sinto, dizia ele ao seu vizinho" [AFg.1, 117].

(isto é: tenho os pés *de tal maneira, que*...)

Já vimos que *cujo*, como pronome relativo, traduz a ideia de posse, com o valor de *dele* (*dela*), *do qual* (*da qual*):

O livro *cujas* páginas... (= as páginas *do qual*, as páginas *dele*, as *suas* páginas).

Conforme a função do núcleo do sintagma nominal, do qual este pronome serve de adjunto, *cujo* pode vir precedido de preposição:

O proprietário *cuja casa* aluguei (a casa *do qual* aluguei).

Os pais *a cujos filhos* damos aula... (aos filhos *dos quais*).

Os pais *de cujos filhos* somos professores... (dos filhos *dos quais*).

O clube *em cujas dependências* faço ginástica (nas dependências *do qual*).

A cidade *por cujas ruas*, na infância, arrastou seus sonhos (pelas ruas da qual).

A prova *com cujas questões* me atrapalhei (com as questões *da qual*).

Para o emprego correto de *cujo*, além do que já dissemos antes, convém atentar para as três seguintes construções viciosas:

a) em vez de *cujo*, empregar um relativo (*que*, *quem*) precedido da preposição *de* para referir-se à ideia de posse:

Não posso trabalhar com uma pessoa *de quem* discordo dos métodos.

Dever-se-á construir:

Não posso trabalhar com uma pessoa *de cujos* métodos discordo (do método *dela*, do método *da qual*).

b) também não é para imitar o emprego de *cujo* (e flexões) significando *o qual* (e flexões). Os exemplos que dele se nos deparam na pena de um bom conhecedor do idioma, como Filinto Elísio, se devem explicar como uma iniciativa do idioleto do escritor, mas que não ganhou foros de cidade:

O livro *cujo* eu comprei ontem é excelente.

c) empregar artigo definido depois de *cujo*:

O pai *cujos os* filhos estudam aqui.

5 – Numeral

Numeral – é a palavra de função quantificadora que denota valor definido:

"A vida tem *uma* só entrada: a saída é por *cem* portas" [MM].

Os numerais propriamente ditos são os *cardinais*: *um*, *dois*, *três*, *quatro*, etc., e respondem às perguntas *quantos?*, *quantas?*.

Observações:

1.ª)Não são quantificadores numerais, ainda que tenham o mesmo significante, os substantivos que designam os algarismos e os números inteiros positivos. São substantivos e, como tais, admitem gênero e podem ir ao plural: *o um*, *os uns*; *o dois*, *os dois*; *o*

quatro, *os quatros*; prova dos *noves*. O gênero masculino se explica pela referência à palavra *número*, que se subentende. [AL.1, 120].

2.ª)Entre brasileiros, principalmente em referência a números de telefone, usa-se *meia dúzia* ou *meia* para o número *seis*. Não vale como numeral.

A tradição gramatical, levando em conta mais a significação de certas palavras denotadoras da quantidade e da ordem definidas, tem incluído entre os numerais próprios – os cardinais – ainda os seguintes: os *ordinais*, os *multiplicativos* e os *fracionários*. Tais palavras não exprimem uma quantidade direta do ponto de vista semântico, e, do ponto de vista sintático, se comportam, em geral, como adjetivos que funcionam como adjuntos e, portanto, passíveis de deslocamentos dentro do sintagma nominal:

Ele era o *segundo* irmão entre os homens.

Ele era o irmão *segundo* entre os homens.

Podem combinar-se coordenativamente com outros adjetivos:

Choveu muito nos *primeiros e gelados* dias deste inverno.

Podem até estar quantificados pelo numeral próprio:

Os *três primeiros* meses foram de muito calor.

Os *dois sêxtuplos* nasceram na mesma cidade, em anos diferentes.

De modo que seria mais coerente incluir os ordinais, multiplicativos e fracionários, conforme se apresentem no discurso, no grupo dos substantivos (*dobro*, *metade*, etc.) ou dos adjetivos (*duplo*, *primeiro*, etc.), como já fizemos com *último*, *penúltimo*, *anterior*, *posterior*, *derradeiro*, *simples*, *múltiplo*, etc., que denotam ordenação ou posição dos seres numa série, sem imediata ou mediata relação com a quantidade. Em nome da tradição e para comodidade de consulta do leitor, incluiremos nesta seção tais palavras, sem considerá-las como numerais.

Também a tradição gramatical tem posto *ambos* como numeral *dual*, como subcategoria de número (singular/plural), por sempre aludir a dois seres concretos já mencionados no discurso. Mas não temos, como alguns dialetos gregos, entre outras línguas, unidades linguísticas para a ideia da dualidade nos nomes e nos verbos [BD.1, II, 2.ª parte, 195; JV.1, 152]. Conforme as informações do contexto, podemos indicá-la por *dois*, *ambos*, pelo plural (*as abotoaduras*) ou possessivo (*suas abotoaduras*, *seus pulsos*), pelo reflexivo (*se amam*), etc. Nem o latim conhecia o dual [ECs.1, 198; HCv.3, III, 34]. Portanto, fica para *ambos* uma das duas classificações mais correntes: ou um *numeral* plural ao lado de *dois*, mas dele diferente por só se referir a seres já previamente indicados ou conhecidos, ou um *pronome*, justamente levando em conta essa referência de dêixis anafórica. *Ambos* admite posição anteposta ou posposta ao nome que modifica, nome (menos o pronome, naturalmente) que pode vir ou não precedido de preposição e pode ser substituído por *um e outro*:

Ambos os filhos ou os filhos *ambos*

Ambos os livros ou os livros *ambos*

Ambas (as) razões – *Uma e outra* razão

OBSERVAÇÃO: *Ambos* podia combinar-se com *dois* em construções enfáticas em que estivesse anteposto ou posposto ao substantivo: João e Maria eram irmãos; os *dois ambos* são engenheiros. Hoje, só no estilo solene, ocorre a construção.

Do ponto de vista material, existem em português os numerais simples (*um*, *dois*, *três*, *vinte*, *trinta*, *cem* [próclise de *cento*]), os compostos, que indicam adição, ligados pela conjunção *e* (*vinte e um*, *dezesseis*, *dezessete*, *cento e dois*, *mil e noventa*, etc.) e os justapostos que indicam multiplicação, quando a primeira unidade, multiplicadora, é menor

que a segunda: *quatrocentos* (4 x *cem*), *setecentos*, *oitocentos* e *novecentos*, *dois mil*, *cinco mil*, etc.54

Na designação dos números, usa-se a conjunção *e* entre as centenas, dezenas e unidades (*duzentos e vinte e seis*). Entre os milhares e as centenas, emprega-se o *e* se as centenas não forem seguidas de outro número (*dois mil e duzentos*); em caso contrário, omite-se a conjunção (*dois mil duzentos e vinte e seis*). Põe-se o *e* entre os milhares e as dezenas como também entre os milhares e as unidades (*dois mil e vinte e seis*; *dois mil e seis*). [SL.1, 164]

Nos números muito extensos, omite-se a conjunção entre as classes, isto é, entre os grupos de três algarismos: 324.312.090.215 – *trezentos e vinte e quatro bilhões trezentos e doze milhões noventa mil duzentos e quinze.*

Têm emprego como substantivos e, entre estes, guardam analogia com os coletivos – mas deles diferem pela indicação de quantidade definida: *dezena*, *década*, *dúzia*, *centena*, *centenar*, *cento*, *milhar*, *milheiro*, *milhão*, *bilhão*, *trilhão*, etc. [SA.2, 88].

Como ainda os coletivos, podem ter adjuntos introduzidos por preposição para indicar a espécie: uma *dúzia de laranjas*, duas *décadas de vida*, três *centos de bananas*, um *milhão de pessoas*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Em lugar de *milhão* pode ocorrer *conto*, na aplicação a dinheiro, em *conto de réis* ou, simplesmente, *conto*.

2.ª) Podem ser grafados com *lh* ou *li*: *bilhão* / *bilião*, *trilhão* / *trilião*, *quatrilião*, *quintilião*, *sextilião*, *setilião*, *octilião*. As formas com *lh* são mais usuais.

Os cardinais funcionam como adjuntos, à maneira dos adjetivos e pronomes adjetivos, e podem substantivar-se, se os seres forem consabidos, precedidos de artigo ou outro determinativo:

> *Os dois* acabaram chegando cedo.
>
> *Estes três* estão à sua espera.

Podem juntar-se a substantivo acompanhado ou não de adjetivos, antepostos ou pospostos ao numeral:

> Os *dois* bons momentos da vida.
>
> Os maravilhosos *três* dias passados na fazenda.

No que toca à flexão de gênero, os numerais são invariáveis, exceção de *um* (*uma*), *dois* (*duas*) e *ambos* (*ambas*), os formados com *um* (*vinte e um*/*vinte e uma*) e as centenas acima de *cem* (*duzentos*/*duzentas*, *trezentos*/*trezentas*, *novecentos*/*novecentas*).

Cumpre lembrar que se o sujeito da oração tiver por núcleo o substantivo *milhões*, acompanhado de adjunto preposicionado no plural, cujo núcleo é um feminino, o particípio ou o adjetivo pode concordar no masculino com seu núcleo, ou no feminino, com o substantivo preposicionado do adjunto:

> *Dois milhões de pessoas* foram aposentados (ou aposentadas) neste ano.

Os adjuntos de *milhar*, masculino, devem também ficar no masculino:

> *Alguns milhares* de pessoas se expõem perigosamente ao sol do meio-dia.
>
> *Os milhares* de pessoas que estudam línguas estrangeira não devem esquecer a materna.

Evite-se o erro, hoje comum: ***algumas*** *milhares de pessoas*, ***as milhares*** *de pessoas*.

Depois dos numerais compostos com *um* pode deixar-se o substantivo no plural: *trinta e um* ***dias***, contrução mais comum.

Na expressão alusiva a um número não conhecido ou que não se queira explicitar (*o número tanto*), pode-se também usar o plural: *o número tantos*, *a folhas tantas*, *a páginas tantas*.

Cabe ainda lembrar que o numeral cardinal pode às vezes ser empregado para indicar número indeterminado:

Peço-lhe *um* minuto de sua atenção (= *alguns poucos minutos*).

Contou-lhe o fato em *duas* palavras (= *poucas palavras*).

F. tem *mil e um* defeitos (por: *muitos defeitos*).

Ela anda com *mil* perguntas (por: *muitas perguntas*).

Como vimos no emprego de *todo*, às vezes expressões como *todos os dois dias*, *todas as três semanas*, etc. podem ser empregadas com o valor de "dois em dois dias" ou "a cada dois dias", "de três em três semanas" ou "a cada três semanas".

A relação entre os nomes numerais, como diz Mattoso Câmara [MC.4, 178], e a arte de contar leva a que, na língua escrita, se usem os algarismos em vez das palavras correspondentes, prática válida para os ordinais: 26 de fevereiro; reunião às 3 horas; rua X, 204; reinou 12 anos; capítulo 4; seção 32.ª; 14.º lugar, etc.

"Assim, os numerais passam a ser indicados na língua escrita por ideogramas" [MC.4, 178].

Ordinais – São as palavras que denotam o número de ordem dos seres numa série:

primeiro, *segundo*, *terceiro*, *quarto*, *quinto*, etc.

OBSERVAÇÃO: *Último*, *penúltimo*, *antepenúltimo*, *anterior*, *posterior*, *derradeiro*, *anteroposterior* e outros tais, ainda que exprimam posição do ser, não têm correspondência entre os numerais e por isso devem ser considerados meros adjetivos. 55

Ordinais e cardinais – Os ordinais têm pouca frequência na língua comum, exceto os casos consagrados pela tradição e, em geral, até o número *dez*:

4.º andar, 2.º pavimento, 3.ª seção, 5.º lugar, 100.º aniversário de fundação.

Todavia, no estilo administrativo e em outras variedades de estilo oficial, correm com mais frequência os ordinais. Os casos mais comuns são os seguintes: até décimo, quando se usam também os algarismos romanos (estes vão além de décimo). A partir de décimo, os cardinais substituem os ordinais correspondentes:

a) na seriação dos monarcas e papas de mesmo nome:

Pedro I, Pedro II, D. João VI, Pio X, Leão XIII, João XXIII

b) na cronologia dos séculos:

século I, século VI, século X, século XXI

c) na indicação dos capítulos de livros:

capítulo I, capítulo III, capítulo IX, capítulo XXXII

O cardinal substitui o ordinal na indicação de horas e em expressões designativas da idade de alguém; neste caso, se o substantivo estiver no plural, o número também irá ao plural:

É *uma hora* (= é a primeira hora).

É *uma hora e meia*.

São *duas horas* (= é a segunda hora).

Castro Alves faleceu aos 24 anos (= no vigésimo quarto ano de vida).

Também o cardinal substitui o ordinal na designação dos dias do mês; se mencionado o

substantivo *dia* antes do algarismo, fica no singular:

No dia 2 de dezembro nasceu Pedro II (por: no segundo dia de dezembro).

Se vier posposto ao algarismo, linguagem usada em documentos oficiais, o substantivo *dia* será usado no plural:

Aos *treze dias* do mês de janeiro nasceu o primogênito.

Aos *26 dias* de agosto de 1944 foi fundada a Academia Brasileira de Filologia.

Para referir-se ao dia que inicia cada mês podemos usar tanto o cardinal quanto o ordinal:

No dia *um* de janeiro nasceu-lhe o segundo filho.

No dia *primeiro* de janeiro nasceu-lhe o segundo filho.

Na referência a páginas ou capítulos de livro, usam-se as preposições *em* ou *a*. Com *em* emprega-se a palavra *página*, *folha* ou *capítulo* no singular seguida do cardinal, se for superior a dez, podendo até aí usar-se o ordinal, anteposto ou posposto:

Na página 32 há um erro de revisão / *na folha 32* / *no capítulo 32*

Na página dois faltou uma vírgula / *na folha 2* / *no capítulo dois*

Na página segunda ou *na segunda página* / *na folha segunda* / *no capítulo segundo*

Com a preposição *a*, usa-se o substantivo no plural:

A páginas 12 *A folhas 12*

Note-se que se pode dizer *à página dois*, *a páginas duas*, *a páginas vinte e uma*, *a páginas tantas*, *na página dois*, *na página vinte e um*, *na página vigésima primeira*. Em resumo: com *página*, no singular, o cardinal fica invariável; com *páginas*, no plural, o cardinal se flexiona em gênero. O ordinal se flexiona sempre: *página primeira*, *páginas vigésima primeira*.

Multiplicativos – São as palavras que exprimem a multiplicidade dos seres. Os mais usados são:

duplo ou *dobro*, *triplo* ou *tríplice*, *quádruplo*, *quíntuplo*, *sêxtuplo*, *séptuplo*, *óctuplo*, *nônuplo*, *décuplo*, *cêntuplo*.

Fracionários – São as palavras que indicam frações dos seres:

meio, *terço*, *quarto*, *quinto*, *sexto*, *sétimo*, *oitavo*, *nono*, *décimo*, *vigésimo*, *centésimo*, *milésimo*, *milionésimo*, empregados como equivalentes de *metade*, *terça parte*, *quarta parte*, etc.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) O fracionário *meio*, funcionando como adjunto, concorda com seu núcleo, explícito ou não: meio-dia e *meia* [hora]; duas e *meia* [hora].

2.ª) Em lugar de *um milhão* (*dois milhões*, etc.) *e meio* pode-se, mais raramente, empregar *um e meio milhão*, *dois e meio milhões*:

> "Para aquilatar a importância dos tropeiros, basta lembrar que o Brasil tem cerca de *oito e meio milhões* de quilômetros quadrados de superfície (...)" [AAr *apud* SS.3, 106].

Para muitos fracionários empregamos o cardinal seguido da palavra *avos*, extraído de *oitavo*, como se fora sufixo. Por hipertaxe passa a funcionar como uma palavra: onze avos, treze avos, quinze avos, etc.

Lista dos principais ordinais com o cardinal correspondente:

primeiro	–	um
segundo	–	dois

terceiro	–	três
quarto	–	quatro
quinto	–	cinco
sexto	–	seis
sétimo	–	sete
oitavo	–	oito
nono	–	nove
décimo	–	dez
undécimo ou décimo primeiro	–	onze
duodécimo ou décimo segundo	–	doze (e não douze!)
décimo terceiro	–	treze
décimo quarto	–	quatorze, catorze
vigésimo	–	vinte
vigésimo primeiro	–	vinte e um
trigésimo	–	trinta
quadragésimo	–	quarenta
quinquagésimo	–	cinquenta
sexagésimo	–	sessenta
septuagésimo ou setuagésimo	–	setenta
octogésimo	–	oitenta
nonagésimo	–	noventa
centésimo	–	cem
ducentésimo	–	duzentos
trecentésimo ou tricentésimo	–	trezentos
quadringentésimo	–	quatrocentos
quingentésimo	–	quinhentos
seiscentésimo, sexcentésimo	–	seiscentos
septingentésimo, setingentésimo	–	setecentos
octingentésimo	–	oitocentos
nongentésimo, noningentésimo	–	novecentos
milésimo	–	mil

dez milésimos	–	dez mil
cem milésimos	–	cem mil
milionésimo	–	um milhão
bilionésimo	–	um bilhão

OBSERVAÇÃO: A tradição da língua estabelece que, se o ordinal é de 2.000 em diante, o primeiro numeral usado é cardinal: 2345.ª – duas milésima trecentésima quadragésima quinta. A língua moderna, entretanto, parece preferir o primeiro numeral como ordinal, se o número é redondo: décimo milésimo aniversário.

6 – VERBO

Considerações gerais – Entende-se por verbo a unidade de significado categorial que se caracteriza por ser um molde pelo qual organiza o falar seu significado lexical.

A – ***A distinção de verbos nocionais e relacionais***

A tradicional distinção de duas subclasses em verbos *nocionais* e verbos *relacionais*, que está na base da distinção de *predicado verbal* e *predicado nominal*, tem sido posta em questionamento por notáveis linguistas modernos. Esta distinção é válida sob certo aspecto semântico, mas não no que se refere à sintaxe; o núcleo da oração é sempre o verbo, ainda que se trate de um verbo de significado léxico muito amplo e vago (costuma-se dizer "vazio", o que justifica a denominação tradicional de "cópula" – marca gramatical de identidade – e a classificação "relacional" de Said Ali). O verbo *ser* e o reduzido grupo de verbos que integram a constituição do chamado predicado nominal em nada diferem dos outros verbos: todos possuem "os morfemas de pessoa e número que com o sujeito gramatical dão fundamento à oração" [AL.1, 1994, 302]. Diz com muita justeza Benveniste que uma oração de verbo *ser* "é uma oração verbal, paralela a todas as orações verbais" [EBv.1, 169].

B – ***Categorias verbais segundo Roman Jakobson***

Para esta organização, além de ser pensado como significado verbal, o verbo se combina, entre outros, com instrumentos gramaticais (morfemas) de tempo, de modo, de pessoa, de número.

Assim, *trabalhar* e o *trabalho* são palavras que têm o mesmo significado lexical, mas diferentes moldes, diferentes significados categoriais, embora se deva ter presente que este não é o simples produto da combinação do significado lexical com o significado instrumental. Por isso, como ensina Coseriu, um lexema não é verbo *porque* se combina, por exemplo, com um morfema de tempo e pessoa, mas, ao contrário, combina-se com esses morfemas *para* ser verbo, e porque está pensado com significação verbal [ECs.7, 70].

Um estudo coerente do verbo requer o estabelecimento do sistema de *categorias verbais*, isto é, tipos ou funções da forma léxicas mediante as quais se estabelecem as oposições funcionais numa língua.

Quando se usam em português as formas:

canto – cantas – canta

vejo – vês – vê
parto – partes – parte

estabelecem-se oposições da mesma espécie que afetam o conceito de "pessoa".

Quando se usam as formas:

canto – cantamos,

estamos diante de uma mesma pessoa ("primeira pessoa") e a oposição afeta outro conceito, o de "número".

E quando se usam as formas:

canto – cante

temos a mesma pessoa e o mesmo número, mas não a mesma categoria de "modo".

As oposições podem ser *simples*, como as dos exemplos até aqui, isto é, quando, em cada caso, só ocorre uma só categoria, um só critério de diferença de conteúdo, ou *complexas*, como:

canto – canteis

em que a diferenciação de conteúdo se dá em três categorias: "pessoa" (1.ª e 2.ª), "número" (singular e plural) e "modo" (indicativo e subjuntivo).

No verbo português, há categorias que sempre estão ligadas: não se separa a "pessoa" do "número" nem o "tempo" do "modo"; isto ocorre em grande parte, senão totalmente, com o "tempo" e o "aspecto", como veremos depois.

O linguista Roman Jakobson elaborou um sistema geral das categorias verbais que é considerado o mais coerente e claro até agora apresentado. Será aqui tomado em consideração, ainda que nem sempre se mostre adequado para a análise do sistema verbal românico, em especial para o português que, para Coseriu, é o mais rico e complexo em comparação com as línguas da mesma família.

Tomando em consideração os atos de fala relacionados com as funções verbais, distingue Jakobson:

a) o ato de fala em si mesmo (F)

b) o conteúdo do ato de fala, isto é, o comunicado (C)

c) o acontecimento, isto é, tanto o ato de fala quanto o comunicado (A)

d) os participantes neste acontecimento (P)

Desta relação se extraem quatro conceitos fundamentais:

a) um acontecimento comunicado (AC)

b) o próprio acontecimento do falar (AF)

c) os participantes no acontecimento comunicado (PC)

d) os participantes no acontecimento da fala (PF)

As categorias verbais podem afetar um só dos elementos b) e c) ou referir-se a mais de um elemento; no primeiro caso dizem-se *caracterizadores* ("*designadores*" na nomenclatura de Jakobson), e no segundo *determinantes de relação* ("*conectores*", para Jakobson).

Assim, a categoria de número é caracterizadora, porque afeta exclusivamente o número de participantes no acontecimento comunicado; já o passivo é determinante de uma relação, porque enquadra uma relação entre o acontecimento comunicado e os participantes: *sou*

escutado encerra a relação entre minha pessoa e o acontecimento de *escutar*.

Por outro lado, as categorias caracterizadoras podem sê-lo por *qualificação* ou por *quantificação* dos elementos; a de gênero é *qualificadora*, e a de número, *quantificadora*.

Vistas por outro prisma, as categorias podem estar *determinadas linguisticamente* ou ser *determinadas pelo discurso*. Assim, o plural, que é uma categoria determinada pela língua, pode ser definido sem nenhuma relação com um ato momentâneo da fala, enquanto não podemos definir do mesmo modo o "eu", porque "eu" é sempre a pessoa que fala, uma categoria "definida pelo discurso".

Com base nestas informações, podemos aproveitar o seguinte quadro sinótico das categorias gerais do sistema verbal, apresentado por Coseriu:

		Que afetam os participantes		Que não afetam os participantes	
		caracte-rizadora	determinante de relação	caracte-rizadora	determinante de relação
deter-minadas linguis-ticamente	qualificadora	GÊNERO		ESTADO	
	quantificadora	NÚMERO		ASPECTO	
			VOZ		TAXIS
deter-minadas pelo discurso		PESSOA		TEMPO	
			MODO		EVIDÊNCIA

Explicação das categorias verbais

Gênero (PC) – Refere-se aos participantes no acontecimento comunicado e daí adquire capacidade qualificadora. Em geral, não necessita marca especial. No português, aparece apenas na voz passiva (*o livro foi escrito* / *a novela foi escrita*). Já no latim, é um morfema típico do particípio; também se manifestava em construções com objeto direto no português até entre os séculos XVII e XVIII, quando desapareceu definitivamente ("[Inês de Castro] *tem pisada a areia ardente*, Camões). Vigora ainda hoje no francês e no italiano (*je l'ai écrite* [*la lettre*], *l'ho scritta*).

Número (PC) – Refere-se aos participantes no acontecimento comunicado e daí adquire capacidade quantificadora. No português e demais línguas românicas, está sempre ligada à pessoa no verbo flexionado ou finito e, em parte, também na forma verbal infinita (port. *o dizê-lo eu*, esp. *el decirlo yo* – "o fato de que eu o diga"). Aparece sem pessoa apenas em uma forma infinita, novamente o particípio (*visto – vistos*).

Pessoa (PC/PF) – Determina a relação dos participantes no acontecimento comunicado com os participantes no ato de fala. Primeira pessoa: coincidência do participante no acontecimento comunicado (PC) com o falante (só em parte também, quando se trata do

plural); segunda pessoa: coincidência PC com o ouvinte; terceira pessoa: PC não coincide com nenhuma das duas pessoas.

Estado (AC) – Afeta a qualidade lógica do sucesso comunicado (*afirmativo*, *negativo*, *interrogativo*, *negativo-interrogativo*). No português e demais línguas românicas, o estado é mais uma qualidade da oração; mas, às vezes, exige também uma forma verbal especial no âmbito da sintaxe (inversão), ou também no âmbito da morfologia (imperativo – imperativo negado: *canta*/*não cantar*, *canta*/*não cantes*; gerúndio – gerúndio negado; particípio – particípio negado).

Aspecto (AC) – Segundo Jakobson, assinala a ação levada até o fim, isto é, como conclusa (perfeita) ou inconclusa (imperfeita). Certas espécies de ação, como *durativa*, *incoativa* (*ingressiva*), *terminativa*, *iterativa*, etc., são apenas subdivisões desta categoria.

Tempo ou **nível temporal** (AC/AF) – Assinala a relação temporal do acontecimento comunicado com o momento do ato de fala; o presente encerra este momento, o passado é anterior, e o futuro ocorrerá depois deste momento:

Voz ou **diátese** (PC/AC) – Determina a relação entre o acontecimento comunicado e seus participantes. O primeiro participante lógico, o sujeito, pode ser agente do acontecimento (*voz ativa*) ou objeto do acontecer (*voz passiva*), ou agente e objeto ao mesmo tempo (*voz média*, incluído o *reflexivo*):

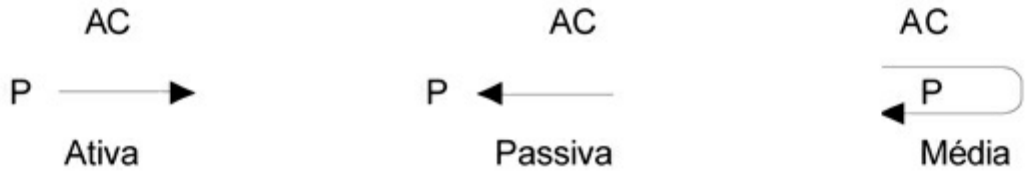

Modo (PC/AC/PF) – Assinala a posição do falante com respeito à relação entre a ação verbal e seu agente ou fim, isto é, o que o falante pensa dessa relação. O falante pode considerar a ação como algo feito, como verossímil – como um fato incerto –, como condicionada, como desejada pelo agente, como um ato que se exige do agente, etc., e assim se originam os modos: indicativo, subjuntivo, condicional, optativo, imperativo.

Taxis (AC/AC) – Assinala a posição de um acontecimento em relação com outro sem consideração do ato de fala. Nas línguas românicas é encontrada em certas construções impessoais com o gerúndio, com o infinitivo ou com o particípio (*comer cantando*, *comer depois de ter cantado*, etc.). Não se trata aqui de níveis temporais, mas de simples série de ações, já que o infinitivo não encerra relação com o ato de fala.

Evidência (AC/ACF/AF) – Assinala que o falante se refere a outro ato de fala – a uma informação indireta – por meio do qual ele experimenta o acontecimento como não vivido por ele mesmo (*Pedro deve ter falado com João*). No português e demais línguas românicas, é muito empregado nestes casos o *modus conditionalis* (*teria partido* = eu não o asseguro, ouvi de outra pessoa) e às vezes o futuro (*serão duas horas*).

C – ***Tempo e aspecto segundo Eugenio Coseriu***

Como assinalamos atrás, as categorias de "tempo" e "aspecto" costumam andar geralmente ligadas no português e nas demais línguas românicas, quer se trate de formas simples, quer de formas perifrásticas, também chamadas locuções verbais. A pura definição temporal e o *tempo* aludem à posição da ação verbal no percurso; a determinação aspectual alude à maneira de considerar a ação verbal no tempo. Coseriu apresenta uma clara e coerente proposta para a interpretação do verbo românico em relação com as categorias de tempo e aspecto com fundamento no sistema das subcategorias verbais.

Para tanto, distingue as seguintes subcategorias:

1) *Nível de tempo* ou simplesmente *nível* – Há uma estrutura temporal dupla no verbo românico: um plano que coincide com a linha do tempo mediante o presente (nível *atual*) e outra paralela onde se situam as ações que não dizem respeito com essa linha do tempo e que representam outra ação (nível *inatual*). O centro do nível atual é o *presente* e do nível inatual é o *imperfeito*:

Presente	nível atual
Imperfeito	nível inatual

Vale lembrar que nem sempre, como geralmente se supõe, o inatual com relação ao presente é interpretado como pertencente ao passado, ou que o imperfeito se enquadra como algo inseguro, condicionado, como algo distante da ação atual, como nas expressões de polidez e em orações principais presas a condicionais:

Eu queria pedir-lhe um favor.
Se soubesse, te dava a resposta.

2) *Perspectiva primária* – Enquadra a posição do falante em relação com a ação verbal. O falante pode ter a ação verbal como "paralela" a si mesmo, antes deste ponto ou depois dele. Por isso, a perspectiva primária pode ser *paralela*, *retrospectiva* ou *prospectiva*, segundo os *espaços de tempo*:

	Passado retrospectiva	Presente paralela	Futuro prospectiva
atual	*fiz*	*faço*	*farei*
inatual	*fizera*	*fazia*	*faria*

Esta estrutura está confirmada pelas possíveis neutralizações: *faço* pode substituir as formas *fiz* e *farei*; *fazia*, as formas *fizera* e *faria*.

De uma só vez a perspectiva primária define dois aspectos que emergem suplementarmente como função anexa da perspectiva:

a) na paralela tem-se uma ação em curso: *cursiva*.

b) na não paralela (retrospectiva ou prospectiva), uma ação como um todo, fora de curso: *complexiva*.

Daí se conclui que o presente e o imperfeito são cursivos e que as outras formas são complexivas.

Como o curso admite certa duração, os verbos pontuais (isto é, aqueles que se caracterizam pela ausência da duração no desenvolvimento do processo) como *encontrar*, *chegar*, etc.), aparecem no presente como formas de neutralização do passado ou do futuro ou, então, significam uma ação repetida (*eu encontro*, *ele chega amanhã*).

3) *Perspectiva secundária* – Consiste no fato de que cada espaço temporal delimitado pela perspectiva primária pode ser disposto outra vez segundo o mesmo princípio:

Presente:

tenho feito	FAÇO	*vou fazer*
tinha feito	FAZIA	*ia fazer*

Passado:

tive feito	FIZ	*fui fazer*
tivera feito	FIZERA	*fora fazer*

Futuro:

terei feito	FAREI	*irei fazer*
teria feito	FARIA	*iria fazer*

4) *Duração* – Esta categoria afeta o lapso em que se dá a ação verbal. A ação pode ser *durativa*, *momentânea* ou *intermitente* (mistura de ambas, isto é, uma ação formada por atos breves):

———	•	- - - - - - - - -
durativa	pontual	iterativa
olhar	*chegar*	*saltitar* (*dar saltos*)

Em português e nas demais línguas românicas, não tem esta categoria uma forma de expressão própria; está determinada lexicalmente ou aparece como categoria anexa à perspectiva.

5) *Repetição* – Impõe-se distinguir a categoria da repetição da de duração: a ação pode ser única (semelfáctiva ÷) ou ação repetida (frequentativa ÷ ÷ ÷ ÷ ...): singular ou repetição indeterminada. É em português uma categoria sem forma de expressão própria. Só a repetição única (÷ ÷) dispõe de perífrases, como *volto a dizer*, ou procedimentos de formação de palavras, como *redizer*.

6) *Conclusão* – Uma ação pode ser considerada *conclusa*, *inconclusa* ou *sem traço de conclusão*. O português não tem neste terreno, como também suas irmãs românicas, nenhum aspecto como categoria. Todavia, noutro sentido, a conclusão pode ser *subjetiva* ou *objetiva*,

na dependência de ter o sujeito levado a ação a um final objetivo ou não. Coseriu chama *terminativa* a conclusão subjetiva, e *completiva* a objetiva.

terminativa: ——————————|
escrevi muito (subjetiva; agora não escrevo)
completiva: ——————————O
escrevi o livro (objetiva; o que devia fazer, levei-o a cabo)

No português, só a conclusão subjetiva é expressa por formas verbais; a objetiva fica assinalada pelo contexto e às vezes pode ser expressa junto à voz verbal.

7) *Resultado* – Uma ação pode ser assinalada como "com resultado" (*resultativa*) ou como "sem resultado" (*não resultativa*). O resultado pode ser *subjetivo* (se afeta o sujeito [agente] e representa uma *reação efetiva*) ou *objetivo* (se afeta o objeto e representa um produto, *produtiva*).

No português, o resultado efetivo se expressa mediante *estar* + particípio: *está escrito*; o resultado produtivo, por *ter* + particípio em concordância com o objeto, porque se aplica na perspectiva secundária [*perfeito composto*]: *tenho escritos dois livros*.

8) *Visão* – É a categoria segundo a qual o falante pode considerar a ação verbal em seu todo ou parcialmente, em fragmentos, entre dois pontos de seu curso.

Na visão parcializante, podem-se diferençar diversas possibilidades:

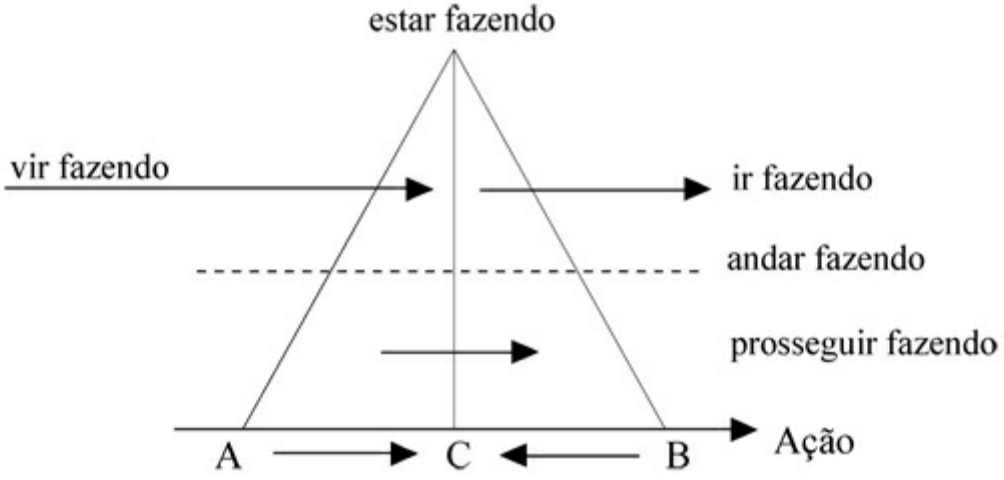

Explicitando esta *visão angular*

Pelo esquema, vê-se a ação entre dois pontos (A,B); ambos podem coincidir em um (C), isto é, podem ser pontos de começo e término de ação, o que não se expressa na forma do verbo e deve ser dito complementariamente: *estive lendo o dia todo*. Explicita-se em português com *estar* + gerúndio (*estou fazendo*) ou *estar a* + infinitivo (*estou a fazer*).

Visão comitativa – Trata-se do acompanhamento da ação verbal em diversos momentos de

seu curso entre A e B, e se expressa em português por *andar* + gerúndio (*ando fazendo*) ou *andar a* + infinitivo (*ando a fazer*).

A expressão pode ser ainda assinalada com o auxílio do adjetivo e particípio, como em *andar enfermo*, *andar desesperado*.

Visão prospectiva – Aqui se vê a ação entre o ponto C e um ponto distante, indefinido; em português há uma forma própria de expressão: *ir* + gerúndio (*vou fazendo*).

Visão retrospectiva – Aqui se vê a ação a partir do ponto indefinido anteriormente mencionado em direção ao ponto C, que coincide com o momento de observação da ação. Também aqui a ação é progressiva, e se expressa em português mediante *vir* + gerúndio (*venho fazendo*).

Visão continuativa – Trata-se de uma combinação de visão retrospectiva e prospectiva, que se expressa em português pelas perífrases: *seguir* + gerúndio (*sigo fazendo*) ou *continuar* + gerúndio (*continuo fazendo*).

Visão global – Aqui se acentua o conjunto da ação e a assinala expressamente como parcializante. A rigor, tal função poderia ser dispensada, já que pode ser desempenhada por membros neutros da oposição. Daí funcionarem as formas simples como membros neutrais:

estou lendo	*leio*
parcializante	neutral (não global parcializante)

Todavia, há expressões para acentuar o global, embora menos frequentes que as parcializantes. Estão representadas por perífrases aditivas com *tomar*, *pegar*, *agarrar*: *pego e escrevo*, *agarro e escrevo*, *tomo e escrevo*.

Para acentuar a globalidade, acompanha-se de todas as significações "enfáticas" do modo de falar, como "de fato", "com efeito", "rápido", "inesperado", "surpreendente", "decidido", "terminantemente", pois pode ocorrer a determinação expressa como "não cursiva" ou ainda como "não parcializante", como "redundante".

De forma esquemática, temos:

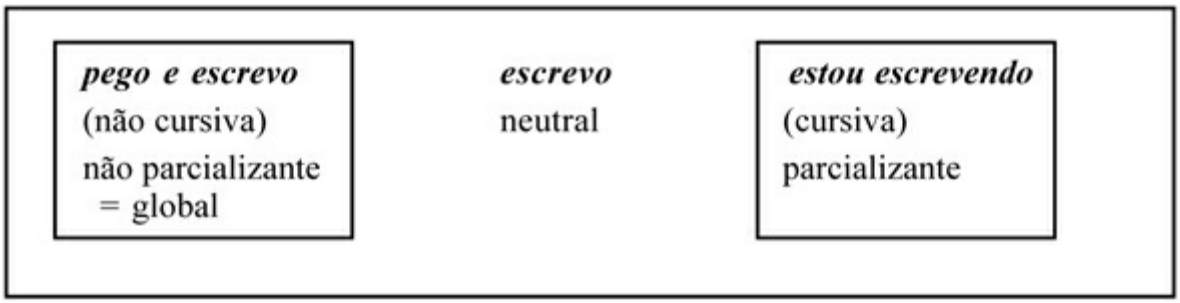

9) *Fase* – Trata-se aqui da relação entre o momento da observação e o grau de desenvolvimento da ação verbal observada.

Em princípio, podem-se distinguir as seguintes "fases":

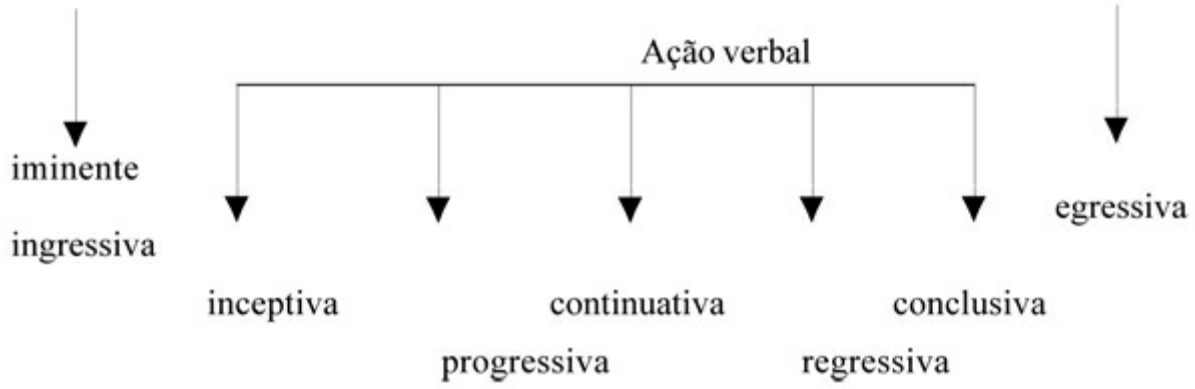

Fase iminente (*ingressiva*) – Trata-se da ação no seu começo. Indica-se com perífrases verbais, em geral, com o verbo *estar*: *estar para* (*por*) + infinitivo: *estou para* (*por*) *escrever*.

Fase inceptiva – Marca o ponto inicial da ação. Além da combinação léxica pura *começar a*, indica-se por várias perífrases verbais pondo ênfase ora na velocidade, ora no repentino da ação:

pôr-se a + infinitivo: *ponho-me a escrever*
meter-se a + infinitivo: *meto-me a escrever*
pegar a (*de*) + infinitivo: *pego a* (*de*) *escrever*
sair + gerúndio: *saio dizendo*

E também com construções aditivas: *ele agarrou e foi-se embora*.

Esta fase é a mais rica em formas e matizes.

Fase progressiva – Considera a ação em seu desenvolvimento; expressa-se mediante *ir* + gerúndio (*vou dizendo*).

Fase continuativa – Considera a ação na zona medial de seu desenvolvimento; expressa-se por *seguir* + gerúndio ou por combinações léxicas (*sigo escrevendo*, *continuo a*) ou conjuntamente com a visão (*estou dizendo*).

Fase regressiva e conclusiva – Considera a ação no seu término ou em sua fase final. Expressa-se exclusivamente com perífrases verbais, sem nenhum procedimento gramatical especial: *terminar de* + infinitivo (*termino de escrever*).

Fase egressiva – Considera a ação após seu término; expressa-se por *acabar de* + infinitivo (*acabo de escrever*).

Sincretismo: visão e fase – Pode ocorrer sincretismo de "visão" e "fase" na fase progressiva, quando o progressivo aparece como determinação secundária da visão: correlaciona-se com a visão comitativa, o que vale dizer dinâmica (*ando fazendo*), um progressivo retrospectivo (*venho fazendo* – de algum tempo até agora), um progressivo prospectivo (*vou fazendo* – desde agora para o futuro), e um progressivo tanto retrospectivo quanto prospectivo, isto é, uma continuativa (*sigo fazendo*).

Conclusão

Concluindo, para Coseriu são as seguintes as subcategorias que devem ser consideradas no exame do tempo e do aspecto do sistema verbal português e românico, levando-se ainda em conta que, entre estas categorias, há diferenças formais que aparecem em oposições funcionais:

• o nível temporal

• a perspectiva primária e secundária

• a visão

• a fase

• o resultado (parcial)

Em relação com outras categorias de sentido conexo, aparecem:

• a duração

• a repetição

• a conclusão (que não são mais do que significações laterais de perspectiva, da visão ou da fase, além de poderem ser constantes, como no caso da conclusão na perspectiva secundária).

Destas categorias, o *nível do tempo* e a *perspectiva primária* devem ser expressas e não podem faltar em cada forma verbal portuguesa. Já as outras categorias podem faltar ou não serem expressas; ficam, assim, "indeterminadas", "neutrais" as formas verbais em relação a essas categorias, ou podem juntar-se até duas. É o que ocorre com *estive fazendo*, que expressa, além do nível do tempo e da perspectiva primária, também a visão. *Tenho estado fazendo* expressa nível temporal, perspectiva primária, perspectiva secundária e visão. Já *tenho estado vindo fazendo*, *tinha-se estado pondo a fazer*, embora teoricamente possíveis, não são correntes. A última forma expressaria formalmente cinco categorias: nível temporal (inatual), perspectiva primária paralela (por causa da forma *tinha*), perspectiva secundária retrospectiva (por causa de *ter* + particípio), visão parcial (por *estar* + gerúndio) e fase inceptiva (por *pôr-se a* + infinitivo).

Exemplo para a descrição funcional – Para a descrição funcional de uma forma verbal

que leve em conta sua posição no sistema a que pertence, temos de enquadrá-la em todas estas categorias. Assim, em relação à forma do português ***fiz*** poderíamos dizer dela:

1) *Nível de tempo*: atual
2) *Perspectiva*: primária, retrospectiva, aspecto complexivo
3) *Visão*: global (neutral)
4) *Fase*: neutral
5) *Resultado*: não resultativa (neutral)
6) *Conclusão*: indefinida

Já de ***tinha estado fazendo***:

1) *Nível de tempo*: inatual
2) *Perspectiva*: primária, paralela, aspecto cursivo;
secundária, retrospectiva, aspecto complexivo
3) *Visão*: parcial
4) *Fase*: continuativa
5) *Resultado*: não resultativa
6) *Conclusão*: não terminativa

Pelo visto, pode-se concluir que o sistema verbal do português – e românico – representa um edifício de três "andares", que se ligam entre si, porque, é importante frisar, cada forma verbal que aparece inserida numa definição vale para todas as outras oposições como membro sem marca (neutral, extensivo).

Estes três "andares" apresentam:

a) no primeiro, temos um sistema fundamental que alude à configuração dos espaços de tempo: às categorias de *nível de tempo* e de *perspectiva primária*. Formalmente correspondem a este sistema fundamental as formas simples de tempo.

b) no segundo, um sistema secundário que alude à determinação do ponto temporal dentro dos espaços de tempo: à categoria da *perspectiva secundária*. A este sistema correspondem formalmente as formas perifrásticas de *ter* (*haver*) + particípio e verbo auxiliar (de preferência com *ir*) + infinitivo.

c) no terceiro, um sistema terciário que alude à definição de valores aspectivos especiais para cada ponto de tempo: às categorias de *visão*, *fase* e, em parte, *resultado*. Formalmente, este sistema coincide com outras diversas locuções verbais.

Cantaremos é uma forma verbal, porque exprime uma ação ou processo (a de cantar), exercida (referência à voz) pela 1.ª pessoa (referência à pessoa) do plural (referência ao número), do presente (referência ao tempo) do indicativo (referência ao modo).

As pessoas do verbo – Geralmente as formas verbais indicam as três pessoas do discurso, para o singular e o plural:

1.ª pessoa do singular: *eu canto*

2.ª pessoa do singular: *tu cantas*
3.ª pessoa do singular: *ele canta*
1.ª pessoa do plural: *nós cantamos*
2.ª pessoa do plural: *vós cantais*
3.ª pessoa do plural: *eles cantam*

Os tempos do verbo – São:

a) PRESENTE – em referência a fatos que se passam ou se estendem ao momento em que falamos: *eu canto*;

b) PRETÉRITO – em referência a fatos anteriores ao momento em que falamos e subdividido em *imperfeito*, *perfeito* e *mais-que-perfeito*:
cantava (imperfeito), *cantei* (perfeito) e *cantara* (mais-que-perfeito);

c) FUTURO – em referência a fatos ainda não realizados e subdividido em *futuro do presente* e *futuro do pretérito*:
cantarei (futuro do presente), *cantaria* (futuro do pretérito),
que implica também a modalidade condicional (cf. abaixo).

Os modos do verbo – São, conforme a posição do falante em face da relação entre a ação verbal e seu agente:

a) INDICATIVO – em referência a fatos como verossímeis ou tidos como tais: *canto*, *cantei*, *cantava*, *cantarei*

b) SUBJUNTIVO (CONJUNTIVO) – em referência a fatos incertos: talvez *cante*, se *cantasse*

c) CONDICIONAL – em referência a fatos dependentes de certa condição: *cantaria*

d) OPTATIVO – em relação a ação como desejada pelo agente:
E viva eu cá na terra sempre triste.

e) IMPERATIVO – em relação a um ato que se exige do agente:
cantai

As vozes do verbo – São:

a) ATIVA: forma em que o verbo se apresenta para normalmente indicar que a pessoa a que se refere é o *agente* da ação. A pessoa diz-se, neste caso, *agente* da ação verbal:

Eu *escrevo* a carta,
Tu *visitaste* o primo,
Nós *plantaremos* a árvore.

b) PASSIVA: forma verbal que indica que a pessoa é o *objeto* da ação verbal. A pessoa, neste caso, diz-se *paciente* da ação verbal:

A carta *é escrita* por mim,
O primo *foi visitado* por ti,
A árvore *será plantada* por nós.

A passiva é formada com um dos verbos *ser*, *estar*, *ficar* seguido de *particípio*.

Voz passiva e passividade – É preciso não confundir voz passiva e passividade. *Voz* é a forma especial em que se apresenta o verbo para indicar que a pessoa recebe a ação:

Ele *foi visitado* pelos amigos.

Alugam-se bicicletas.

Passividade é o fato de a pessoa receber a ação verbal. A passividade pode traduzir-se, além da voz passiva, pela ativa, se o verbo tiver sentido passivo:

Os criminosos recebem o merecido castigo.

Portanto, nem sempre a passividade corresponde à voz passiva56.

c) REFLEXIVA: forma verbal que indica que a ação verbal não passa a outro ser (negação da transitividade), podendo reverter-se ao próprio agente (sentido reflexivo propriamente dito), atuar reciprocamente entre mais de um agente (reflexivo recíproco), sentido de "passividade com se" e sentido de impessoalidade, conforme as interpretações favorecidas pelo contexto, formada de verbo seguido do pronome oblíquo de pessoa igual à que o verbo se refere:

eu *me visto*, tu *te feriste*, ele *se enfeita*.

O verbo empregado na forma reflexiva propriamente dita diz-se *pronominal*.

A voz passiva difere da reflexiva de sentido passivo em dois aspectos:

1) pode apresentar o verbo em qualquer pessoa, enquanto a reflexiva só se constrói na 3.ª pessoa com o pronome *se* (conhecido também pela denominação de "apassivador"):

Eu *fui visitado* pelos meus parentes.

Nós *fomos visitados* pelos parentes.

2) pode seguir-se de uma expressão que denota o agente da passiva, enquanto a reflexiva, no português contemporâneo, dispensa:

Eu *fui visitado* pelos parentes.

Aluga-*se* a casa (não se diz: aluga-se a casa pelo proprietário)

Todavia, há casos em que se explicita o agente, como no seguinte exemplo de Drummond:

Não sei se devemos exaltar Pelé por haver conseguido tanto, ou se nosso louvor deve antes ser dirigido ao gol em si, *que se deixou fazer por Pelé*, recusando-se a tantos outros [CDa.1, 130].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Em construções do tipo *batizei-me*, *chamas-te José*, há professores que veem passiva pronominal com pronomes oblíquos de 1.ª e 2.ª pessoas. Outros, porém, não pensam assim, e interpretam o fato como um emprego da voz reflexiva, indicando "uma atitude de aceitação consciente do nome dado ou do batismo recebido" [MC.4, 36].

2.ª) Em geral, o pronome átono que acompanha a voz reflexiva propriamente dita funciona como objeto direto, embora raras vezes possa exercer a função de indireto.

3.ª) Com verbos como *atrever-se*, *indignar-se*, *queixar-se*, *ufanar-se*, *admirar-se*, não se percebe mais a ação rigorosamente reflexa, mas a indicação de que a pessoa a que o verbo se refere está vivamente afetada. Com os verbos de movimento ou atitudes da pessoa "em relação ao seu próprio corpo" como *ir-se*, *partir-se*, e outros como *servir-se*, onde o pronome oblíquo empresta maior expressividade à oração, também não se expressa a ação reflexa. Alguns gramáticos chamam ao pronome oblíquo, nestas últimas circunstâncias, *pronome de realce*.

4.ª) Muitos verbos normalmente não pronominais se acompanham de pronome átono para exprimirem aspectos estilísticos, como a mudança lenta do estado ou de processo lento:

agonizar-se, *delirar-se*, *desmaiar-se*, *estalar-se, envelhecer-se*, *palpitar-se*, *peregrinar-se*, *repousar-se*, *tresnoitar-se*. [APa.1, 54-57]

5.ª) Inversamente, elimina-se o pronome de muitos verbos que o exigem na língua padrão:

aquecer, *chamar* (ter nome), *mudar* (transferir-se), *gripar*, *machucar*, *formar* (*Eu formei em Medicina*), *classificar* (*Ele classificou em 3.º lugar*), etc. (Obs.).

Formas nominais do verbo – Assim se chamam o *infinitivo*, o *particípio* e o *gerúndio*, porque, ao lado do seu valor verbal, podem desempenhar função de nomes. O infinitivo pode ter função de substantivo (*recordar é viver* = a recordação é vida); o particípio pode valer por um adjetivo (*homem sabido*), e o gerúndio por um advérbio ou adjetivo (*amanhecendo*, *sairemos* = logo pela manhã sairemos; *água fervendo* = água fervente). Nesta função adjetiva, o gerúndio tem sido apontado como galicismo; porém, é antigo na língua este emprego, quando ocupou o lugar vago deixado pelo particípio presente, que desapareceu do quadro verbal português para ingressar no quadro nominal.

As formas nominais do verbo, com exceção do infinitivo, não definem as pessoas do discurso e, por isso, são ainda conhecidas por *formas infinitas*. Possuem, quando possíveis, desinências nominais idênticas às que caracterizam a flexão dos nomes (gênero e número):

O infinitivo português, ao lado da forma infinita, isto é, sem manifestação explícita das pessoas do discurso, possui outra flexionada:

Infinito sem flexão	*Infinito flexionado*
Cantar	Cantar eu
	Cantares tu
	Cantar ele
	Cantarmos nós
	Cantardes vós
	Cantarem eles

As formas nominais do verbo se derivam do tema (radical + vogal temática) acrescido das desinências:

a) -*r*: para o infinitivo: canta-*r*, vende-*r*, parti-*r*

b) -*do* (ou -*to*, -*so*) para o particípio: canta-*do*, vendi-*do*, parti-*do*, acei-*to,* revol-*to*

c) -*ndo*: para o gerúndio: canta-*ndo*, vende-*ndo*, parti-*ndo*

OBSERVAÇÃO: O verbo *vir* (e derivados) forma também o seu particípio com a desinência -*do*; mas, pelo desaparecimento da vogal temática *i*, apresenta-se igual ao gerúndio: *vindo* (por vin-i-*do*) e *vindo* (vi-*ndo*).

Conjugar um verbo – É dizê-lo, de acordo com um sistema determinado, um paradigma, em todas as suas formas nas diversas pessoas, números, tempos, modos e vozes.

Em português temos três conjugações caracterizadas pela vogal temática:

1.ª conjugação – vogal temática ***a***: am***a***r, fal***a***r, tir***a***r.

2.ª conjugação – vogal temática ***e***: tem***e***r, vend***e***r, varr***e***r.

3.ª conjugação – vogal temática ***i***: part***i***r, fer***i***r, serv***i***r.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Não existe a 4.ª conjugação; *pôr* é um verbo da 2.ª conjugação cuja vogal temática desapareceu no infinitivo, mas permanece em outras formas do verbo. Veja-se a correspondência: *vend-e-s / põ-e-s*.

2.ª) Na história da língua, verbos há que mudaram de conjugação, mas deixaram vestígios em outras formas não verbais: *cair* (antigo *caer)*, com vestígio no adjetivo *cadente* (e não *cadinte*, como *ouvinte*). Alencar usa *rangir* por *ranger*, e hoje *viger* (cf. *vigente*) tem o concorrente *vigir* que, apesar de muito usado, não é aceito na norma exemplar: *A lei deve vigir* (por

viger).

Verbos regulares, irregulares e anômalos – Diz-se que um verbo é regular quando se apresenta de acordo com o modelo de sua conjugação: *cantar*, *vender*, *partir*. No verbo regular também o radical não varia. Tem-se o radical de um verbo privando-o, no infinito sem flexão, das terminações *-ar*, *-er*, *-ir*:

am-ar, fal-ar, tir-ar, tem-er, vend-er, varr-er, part-ir, fer-ir, serv-ir.

Irregular é o verbo que, em algumas formas, apresenta modificação no radical ou na flexão, afastando-se do modelo da conjugação a que pertence:

a) variação no radical em comparação com o infinitivo:

ouvir – ouço; *dizer* – digo; *perder* – perco;

b) variação na flexão, em relação ao modelo: *est**ou*** (veja-se *cant**o***), *est**ás*** (veja-se *cant**as***, um tônico e outro átono).

Os irregulares se dividem em *fracos* e *fortes*. Fracos são aqueles cujo radical do infinitivo não se modifica no pretérito: *sentir-senti*; *perder-perdi*.

Fortes são aqueles cujo radical do infinitivo se modifica no pretérito perfeito: *caber – coube*; *fazer – fiz*.

Os irregulares fracos apresentam formas iguais no infinitivo flexionado e futuro do subjuntivo:

Infinitivo	*Futuro do Subjuntivo*
Sentir	Sentir
Sentires	Sentires
Sentir	Sentir
Sentirmos	Sentirmos
Sentirdes	Sentirdes
Sentirem	Sentirem

Os irregulares fortes não apresentam identidade de formas entre o infinitivo flexionado e o futuro do subjuntivo:

Infinitivo flexionado	*Futuro do Subjuntivo*
Caber	Couber
Caberes	Couberes
Caber, etc.	Couber, etc.

OBSERVAÇÃO: Não entram no rol dos verbos irregulares aqueles que, para conservar a pronúncia, têm de sofrer variação de grafia:

carre***g***ar – carre***gu***e – carre***gu***ei – carre***gu***es

fi***c***ar – fi***c***o – fi***qu***ei – fi***que***

Não há portanto os *irregulares gráficos*.

Anômalo é o verbo irregular que apresenta, na sua conjugação, radicais primários diferentes: *ser* (reúne o concurso de dois radicais, os verbos latinos *sedēre* e *ĕsse*) e *ir* (reúne o concurso de três radicais, os verbos latinos *ire*, *vadēre* e *ĕsse*).

Outros autores consideram anômalo o verbo cujo radical sofre alterações que o não podem enquadrar em classificação alguma: *dar*, *estar*, *ter*, *haver*, *ser*, *poder*, *ir*, *vir*, *ver*, *caber*, *dizer*, *saber*, *pôr*, etc.

Verbos defectivos e abundantes – DEFECTIVO é o verbo que, na sua conjugação, não apresenta todas as formas: *colorir*, *precaver-se*, *reaver*, etc. É preciso não confundi-lo com os verbos chamados impessoais e unipessoais, que, como veremos, só se usam nas terceiras pessoas.

A defectividade verbal é devida a várias razões, entre as quais a eufonia e a significação. Entretanto, a defectividade de certos verbos não se assenta em bases morfológicas, mas em razões do uso e da norma vigentes em certos momentos da história da língua. Daí certa disparidade que por vezes se encontra na relação das gramáticas. Se a tradição da língua dispensa, por dissonante, a 1.ª pessoa do singular do verbo *colorir* (*coloro*), não se mostra igualmente exigente com a 1.ª pessoa do singular do verbo *colorar*. Por outro lado, o critério de eufonia pode variar com o tempo e com o gosto dos escritores; daí aparecer de vez em quando uma forma verbal que a gramática diz não ser usada. É na 3.ª conj. que se encontra a maioria dos verbos defectivos.

Quase sempre faltam as formas rizotônicas dos verbos defectivos. Suprimos, *quando necessário*, as lacunas de um defectivo empregando um sinônimo (derivado ou não do defectivo): Eu *recupero* (para *reaver*); eu *redimo* (para *remir*).

Há os seguintes grupos de verbos defectivos, em português:

a) os que não se conjugam nas pessoas em que depois do radical aparecem *a* ou *o*:

banir, *brandir*, *carpir*, *colorir*, *delir*, *explodir*, *fremer* (ou *fremir*), *haurir*, *ruir*, *exaurir*, *abolir*, *demolir*, *puir*, *delinquir*, *fulgir*, *feder*, *aturdir*, *bramir*, *jungir*, *esculpir*, *extorquir*, *impingir*, *puir*, *retorquir*, *soer*, *espargir*.

Tais verbos também não se empregam no pres. do subjuntivo, imperativo negativo, e no imperativo afirmativo só apresentam as segundas pessoas do singular e plural.

b) os que se usam unicamente nas formas em que depois do radical vem *i*:

adir, *aguerrir*, *emolir*, *empedernir*, *esbaforir*, *espavorir*, *exinanir*, *falir*, *fornir*, *remir*, *ressequir*, *revelir*, *vagir*, *florir*, *renhir*, *garrir*, *inanir*, *ressarcir*, *transir*, *combalir*.[57]

c) oferecem particularidades especiais:

1 – *precaver*(*-se*) e *reaver*. No pres. ind. só têm as duas primeiras pessoas do plural: *precavemos*, *precaveis*; *reavemos*, *reaveis*.

Imperativo: *precavei*, *reavei*.

Faltam-lhes o imperat. neg. e pres. do subj. No restante, conjugam-se normalmente.

2 – *adequar*, *antiquar*: cabem-lhes as mesmas observações feitas ao grupo anterior.

3 – *grassar* e *rever* (= destilar): só se usam nas terceiras pessoas.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Muitos verbos apontados outrora como defectivos são hoje conjugados integralmente: *agir*, *advir*, *compelir*, *desmedir-se*,

discernir, *embair*, *emergir*, *imergir*, *fruir*, *polir*, *prazer*, *submergir*. *Ressarcir* (cf. b) e *refulgir* (que alguns gramáticos só mandam conjugar nas formas em que o radical é seguido de *e* ou *i*) tendem a ser empregados como verbos completos.

2.ª) Os verbos que designam vozes de animais geralmente só aparecem nas terceiras pess. do sing. e pl., em virtude de sua significação, e são indevidamente arrolados como defectivos. Melhor chamá-los, quando no seu significado próprio, *unipessoais*.

3.ª) Também são indevidamente considerados defectivos os verbos *impessoais* (pois não se referem a sujeito), que só são empregados na terceira pess. sing.: *Chove* muito. *Relampeja*. Quando em sentido figurado, os verbos desta observação, como os da anterior, conjugam-se em quaisquer pessoas: *Chovam as bênçãos do céu*.

ABUNDANTE é o verbo que apresenta duas ou três formas de igual valor e função: *havemos* e *hemos*; *constrói* e *construi*; *pagado* e *pago*; *nascido*, *nato*, *nado* (pouco usado).

Normalmente esta abundância de forma ocorre no particípio.

Os principais verbos que gozam deste privilégio, no português moderno, são:

a) *comprazer* e *descomprazer*:

Pret. perf. ind.: comprazi, comprazeste, comprazeu, etc. ou comprouve, comprouveste, comprouve, etc.

M.-q-perf. ind.: comprazera, comprazeras, comprazera, etc. ou comprouvera, comprouveras, comprouvera, etc.

Imperf. subj.: comprazesse, comprazesses, comprazesse, etc. ou comprouvesse, comprouvesses, comprouvesse, etc.

Fut. subj.: comprazer, comprazeres, comprazer, etc. ou comprouver, comprouveres, comprouver, etc.

b) *construir* e seu grupo:

Pres. ind.: construo, construis (ou constróis), construi (ou constrói), construímos, construís, construem (ou constroem).

Imper. afirm.: construi tu (ou constrói tu).

Assim se conjugam *desconstruir*, *destruir*, *estruir*, *reconstruir*.

c) *entupir* e *desentupir*:

Pres. ind.: entupo, entupes (ou entopes), entupe (ou entope), entupimos, entupis, entupem (ou entopem).

Imper. afirm.: entupe (ou entope), entupi.

OBSERVAÇÃO: O *o* das formas abundantes é de timbre aberto.

d) *haver*:

Pres. ind.: hei, hás, há, havemos (ou hemos), haveis (ou heis), hão.

Imper. afirm.: há, havei.

e) *ir*:

Pres. ind.: vou, vais, vai, vamos (ou imos), ides (is é forma antiga), vão.

f) *querer* e *requerer*:

Pres. ind.: quero, queres, quer (ou quere), queremos, quereis, querem.

requeiro, requeres, requer (ou requere), requeremos, requereis, requerem.

Quere e *requere* são formas que só têm curso em Portugal; *quere* é criação recente (séc. XIX-XX, sem adoção geral) e *requere* é forma já antiga na língua, sendo *requer* de data recente.

g) *valer*:

Pres. ind.: valho, vales, vale (ou val), valemos, valeis, valem.

Val é forma antiga e ainda hoje corrente, máxime em Portugal.

h) imperativo dos verbos em *-zer*, *-zir*.

Podem perder o *-e* na 2.ª pess. sing.: faze tu (ou faz); traduze tu (ou traduz). São frequentíssimos os exemplos literários com os verbos *dizer*, *fazer*, *trazer* e *traduzir*.

i) particípio de numerosos verbos.

Existe grande número de verbos que admitem dois (e uns poucos até três) particípios: um *regular*, terminado em *-ado* (1.ª conjugação) ou *-ido* (2.ª e 3.ª conjugações), e outro *irregular*, proveniente do latim ou de nome que passou a ter aplicação como verbo, terminado em *-to*, *-so* ou criado por analogia com modelo preexistente. Eis uma relação dessas formas duplas de particípio, indicando-se entre parênteses se ocorrem com a voz ativa ou passiva, ou com ambas:

Infinitivo	*Particípio regular*	*Particípio irregular*
aceitar	aceitado (a., p.)	aceito (p.), aceite (p.)
assentar	assentado (a., p.)	assento (p.), assente (p.)
entregar	entregado (a., p.)	entregue (p.)
enxugar	enxugado (a., p.)	enxuto (p.)
expressar	expressado (a., p.)	expresso (p.)
expulsar	expulsado (a., p.)	expulso (p.)
fartar	fartado (a., p.)	farto (p.)
findar	findado (a., p.)	findo (p.)
ganhar	ganhado (a., p.)	ganho (a., p.)
gastar	gastado (a.)	gasto (a., p.)
isentar	isentado (a.)	isento (p.)
juntar	juntado (a., p.)	junto (a., p.)
limpar	limpado (a., p.)	limpo (a., p.)
matar	matado (a.)	morto (a., p.)
pagar	pagado (a.)	pago (a., p.)
pasmar	pasmado (a., p.)	pasmo (a.)
pegar	pegado (a., p.)	pego (é ou ê)
salvar	salvado (a., p)	salvo (a., p.)
acender	acendido (a., p.)	aceso (p.)
arrepender	arrependido (a., p.)	repeso por arrepeso (a., p.)
desenvolver	desenvolvido (a., p.)	desenvolto (a., p.)
eleger	elegido (a.)	eleito (a., p.)
envolver	envolvido (a., p.)	envolto (a., p.)
prender	prendido (a., p.)	preso (p.)
revolver	revolvido (a., p.)	revolto (a.)

suspender	suspendido (a., p.)	suspenso (p.)
desabrir	desabrido	desaberto
erigir	erigido (a., p.)	erecto (p.)
exprimir	exprimido (a., p.)	expresso (a., p.)
extinguir	extinguido (a., p.)	extinto (p.)
frigir	frigido (a.)	frito (a., p.)
imprimir	imprimido (a., p.)	impresso (a., p.)
inserir	inserido (a., p.)	inserto (a., p.)
tingir	tingido (a., p.)	tinto (p.)

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Em geral emprega-se a forma regular, que fica invariável com os auxiliares *ter* e *haver*, na voz ativa, e a forma irregular, que se flexiona em gênero e número, com os auxiliares *ser*, *estar* e *ficar*, na voz passiva.

Nós temos *aceitado* os documentos.

Os documentos têm sido *aceitos* por nós.

Há outros particípios, regulares ou irregulares, que se usam indiferentemente na voz ativa (auxiliares *ter* ou *haver*) ou passiva (auxiliares *ser, estar ficar*), conforme se assinalou entre parênteses.

2.ª) Há uns poucos particípios irregulares terminados em -*e*, em geral de introdução recente no idioma: *entregue* (o mais antigo), *aceite*, *assente*, *empregue* (em Portugal).

Locução verbal. Verbos auxiliares – Chama-se *locução verbal* a combinação das diversas formas de um verbo auxiliar com o infinitivo, gerúndio ou particípio de outro verbo que se chama *principal*: *hei de estudar*, *estou estudando*, *tenho estudado*. Muitas vezes o auxiliar empresta um matiz semântico ao verbo principal, dando origem aos chamados *aspectos do verbo*.

Entre o auxiliar e o verbo principal no infinitivo pode aparecer ou não uma preposição (*de*, *em*, *por*, *a*, *para*). Na locução verbal, é somente o auxiliar que recebe as flexões de pessoa, número, tempo e modo: *haveremos de fazer*, *estavam por sair*, *iam trabalhando*, *tinham visto*. Da arbitrariedade do uso é que depende o empregar-se em alguns casos a preposição e em outros omiti-la. Também pode ocorrer, em vários casos, a alternância da preposição (*começar a / de fazer*).

Várias são as aplicações dos verbos auxiliares da língua portuguesa:

1 – *ter*, *haver* (raramente) e *ser* (mais raramente) se combinam com o particípio do verbo principal para constituírem novos tempos, chamados *compostos*, que, unidos aos simples, formam o quadro completo da conjugação da voz ativa. Estas combinações exprimem que a ação verbal está concluída.

Temos nove formas compostas:

Indicativo

a) *pretérito perfeito composto*: tenho ou hei cantado, vendido, partido;

b) *pretérito mais-que-perfeito*: tinha ou havia cantado, vendido, partido;

c) *futuro do presente composto*: terei ou haverei cantado, vendido, partido;

d) *futuro do pretérito composto*: teria ou haveria cantado, vendido, partido;

OBSERVAÇÃO: A língua moderna pôs de lado a forma *tive cantado*, corrente no Português antigo.

Subjuntivo

a) *pretérito perfeito*: tenha ou haja cantado, vendido, partido;

b) *pretérito mais-que-perfeito*: tivesse ou houvesse cantado, vendido, partido;

c) *futuro composto*: tiver ou houver cantado, vendido, partido;

Formas nominais

a) *infinitivo composto*: ter ou haver cantado, vendido, partido;

b) *gerúndio composto*: tendo ou havendo cantado, vendido, partido.

O verbo *ser* só aparece em combinações que lembram os depoentes latinos, sobretudo com verbos que denotam movimento: "Os cavaleiros *eram partidos* caminho de Zamora" [AC.2, I, 101]. *Era chegada* a ocasião da fuga. *São passados* três meses.

2 – *ser*, *estar*, *ficar* se combinam com o particípio (variável em gênero e número) do verbo principal para constituir a voz passiva (de ação, de estado e mudança de estado): *é amado*, *está prejudicada*, *ficaram rodeados*.

3 – os auxiliares *acurativos* se combinam com o infinitivo ou gerúndio do verbo principal para determinar com mais rigor os aspectos do momento da ação verbal que não se acham bem definidos na divisão geral de tempo presente, passado e futuro:

a) início de ação: *começar a escrever, pôr-se a escrever*, etc.;

b) iminência de ação: *estar para* (*por*) *escrever*, *pegar a* (*de*) *escrever*, etc.;

c) continuidade da ação: *continua escrevendo*, *continua a escrever*, sendo a primeira forma a que é mais antiga no idioma;

d) desenvolvimento gradual da ação; duração: *estar a escrever*, *andar escrevendo*, *vir escrevendo*, *ir escrevendo*, etc.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) No Brasil prefere-se a construção com gerúndio (*estar escrevendo*), enquanto em Portugal é mais comum o infinitivo (*estar a escrever*), não sendo, entretanto, a única forma.

2.ª) Está mais de acordo com o gênio da nossa língua o uso do gerúndio com auxiliar *estar* ou infinitivo com *a* para traduzir atos que se realizam paulatinamente, em vez do uso de forma simples do verbo, como faz o francês (*Jeanne nous regarde* / Joana está-nos olhando ou *a nos olhar apud* MBa.4, 233).

e) repetição de ação: *tornar a escrever*, *costumar escrever* (repetição habitual), etc.;

f) término de ação: *acabar de escrever*, *cessar de escrever*, *deixar de escrever*, *parar de escrever*, *vir de escrever*, etc.

Vir de + infinitivo é construção antiga no idioma e valia por *voltar de* (ou *chegar*) + infinitivo: "De amor dos lusitanos encendidas/ Que *vêm de descobrir* o novo mundo" [LC.1, IX, 40]. Depois passou a significar *acabar de* + infinitivo e, porque em francês ocorre emprego semelhante, passou a ser, neste sentido, condenado como galicismo pelos gramáticos: "eu, aos doze anos, *vinha de perder* meu pai"[CBr *apud* HG.1, 462].

4 – os auxiliares *modais* se combinam com o infinitivo ou gerúndio do verbo principal para determinar com mais rigor o modo como se realiza ou se deixa de realizar a ação verbal:

a) necessidade, obrigação, dever: *haver de escrever*, *ter de escrever*, *dever escrever*,

precisar (*de*) *escrever*, etc.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Em vez de *ter* ou *haver de* + infinitivo, usa-se ainda, mais modernamente, *ter* ou *haver que* + infinitivo: *tenho que estudar*. Neste caso, *que*, como índice de complemento de natureza nominal, funciona como verdadeira preposição. Não se confunda este *que preposição* com o *que pron. relativo* em construções do tipo: *nada tinha que dizer*, *tenho muito que fazer*, etc.

2.ª) Muitas vezes no Português contemporâneo não é indiferente o sentido da expressão com preposição ou sem ela: *Deve resultar* exprime certa precisão de resultado; *deve de resultar* traduz a probabilidade do resultado.

b) possibilidade ou capacidade: *poder escrever*, etc.

c) vontade ou desejo: *querer escrever*, *desejar escrever*, *odiar escrever*, *abominar escrever*, etc.

d) tentativa ou esforço; às vezes com o sentido secundário depreendido pelo contexto, de que a tentativa acabou em decepção (*foi buscar lã e saiu tosquiado*): *buscar escrever*, *pretender escrever*, *tentar escrever*, *ousar escrever*, *atrever-se a escrever*, etc.

e) consecução: *conseguir escrever*, *lograr escrever*, etc.

f) aparência, dúvida: *parecer escrever*, etc.

g) movimento para realizar um intento futuro (próximo ou remoto): *ir escrever*, etc.

h) resultado: *vir a escrever*, *chegar a escrever*, etc.

Vir a + infinitivo de certos verbos tem quase o mesmo sentido do verbo principal empregado sozinho: *Isto vem a traduzir a mesma ideia* (= isto por fim traduz a mesma ideia). *Vir a ser* pode ainda ser sinônimo de *tornar-se*: *Ele veio a ser famoso*.

NOTA FINAL – Nem sempre a aproximação de dois ou mais verbos constitui uma locução verbal; a intenção da pessoa que fala ou escreve é que determinará a existência ou inexistência da locução. "Por exemplo, na frase: *queríamos colher rosas*, os verbos *queríamos colher* constituirão expressão verbal se pretendo dizer que queríamos colher *rosas* e não outra flor, sendo *rosas* o objeto da declaração. Se, porém, pretendo dizer que o que nós queríamos era *colher rosas* e não fazer outra cousa, o objeto da declaração é *colher rosas* e a declaração principal se contém incompletamente em *queríamos*" [JO.1, 202-203].

Auxiliares causativos e sensitivos – Assim se chamam os verbos *deixar*, *mandar*, *fazer* e sinônimos (causativos) e *ver*, *ouvir*, *olhar*, *sentir* e sinônimos (sensitivos) que, juntando-se a infinitivo ou gerúndio, não formam locução verbal, mas, muitas vezes, se comportam sintaticamente como tal, isto é, segundo as relações internas que se estabelecem dentro do grupo entre o infinitivo e os termos que o acompanham, como veremos no lugar próprio.

Elementos estruturais do verbo: desinências e sufixos verbais – Ao radical do verbo, que é o elemento que encerra o seu significado lexical, se juntam as formas mínimas chamadas *desinências* para constituir as flexões do verbo, indicadoras da *pessoa* e *número*, do *tempo* e *modo*. Segundo Mattoso, a constituição da forma verbal portuguesa é: T (R+VT) + D (DMT+DNP), em que T = tema; R = radical; VT = vogal temática; D = desinência; DMT = desinência modo-temporal e DNP = desinência número-pessoal

Chama-se *vogal temática* aquela classificadora da conjugação:

1.ª conjugação – *a*: cant-*a*-r

2.ª conjugação – *e*: vend-*e*-r

3.ª conjugação – *i*: part-*i*-r

A vogal temática presa ao radical constitui o *tema*:

canta-r , *vende*-r, *parti*-r.

Nem todas as formas verbais possuem a vogal temática, como, por exemplo, a 1.ª pessoa singular do presente do indicativo e do subjuntivo. As vogais ***e*** e ***a*** em cant-***e***, vend-***a***, part-***a*** são desinências temporais (veja abaixo). Outras vezes a vogal temática sofre variação: o ***a*** passa a ***e*** no pret.perf. do ind. da 1.ª conj. em contato com *i*, e passa a ***o*** em contato com *u*: cant-***a***-r, cant-***e***-i, cant-***o***-u; o ***e*** passa a ***i*** no pret. imperf. do ind. e particípio da 2.ª conjugação: vend-***e***-r, vend-***i***-a, vend-***i***-do. A vogal temática ***i*** da 3.ª conjugação passa a ***e*** quando átono, no pres. ind. (2.ª e 3.ª sing. e 3.ª pl.) e imper. (2.ª sing.): part-***e***-s, part-***e*** , part-***e***-m, part-***e***; se é tônico, nos mesmos casos, funde-se com o ***i*** da desinência ***is*** da 2.ª pessoa do plural: *part**is*** por *part-**i-is***.

O *tema* é a parte da palavra pronta para receber o sufixo ou a desinência.

Sufixo verbal é o que entra na formação dos verbos derivados: salt-it-ar, real-iz-ar, etc. (cf. **Afixos: prefixos e sufixos. Interfixos**).

As desinências modo-temporais são:

1) Para o *Indicativo*:

a) Ø no presente

b) -*va*- (-*ve*-) caracteriza o pretérito imperfeito da 1.ª conjugação: *canta-va*; 58

c) -*ia*- (-*ie*-), caracteriza o pretérito imperfeito da 2.ª e 3.ª conjugações: *dev-ia*, *part-ia*;59

d) Ø para o pretérito perfeito (até a 2.ª pess. do pl. e -*ra*- para a 3.ª pess. pl.): *cante-i*, *canta-ra-m*

e) -*ra*- (*re*) átono caracteriza o pretérito mais-que-perfeito: *canta-ra*, *vende-ra*, *parti-ra*; *cantá-re-is*;

f) -*ra*- (-*re*-) tônico caracteriza o futuro: *canta-re-i*, *canta-rá-s*, *canta-rã-o*, *deve-re-i*, *parti-re-i*;

g) -*ria*- (-*rie*-) caracteriza o futuro do pretérito: *canta-ria*, *deve-ria*, *parti-ria*;

2) Para o *Subjuntivo*:

a) -*e*- caracteriza o presente da 1.ª conjugação: *cant-e*;

b) -*a*- caracteriza o presente da 2.ª e 3.ª conjug.: *vend-a*, *part-a*;

c) -*sse*- caracteriza o pretérito imperfeito: *canta-sse*, *vende-sse*, *parti-sse*;

d) -*r*- (-*re*-) caracteriza o futuro: *cant-a-r*, *vend-e-r*, *part-i-r*;

3) Para as *Formas Nominais*:

a) -*ndo* caracteriza o gerúndio: *canta-ndo*, *vende-ndo*, *parti-ndo*;

b) -*do* caracteriza o particípio: *canta-do*, *vendi-do*, *parti-do*;

c) -*r* caracteriza o infinitivo: *canta-r*, *vende-r*, *parti-r*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Nem todas as formas verbais se apresentam com desinências e vogal temática.

2.ª) As características temporais terminadas em -*a* (imperf., m.-q.-perf. do ind. e futuro apresentam esta vogal alterada em *e* na 2.ª pessoa do plural, graças ao contato com a desinência pessoal -*is* que provoca a ditongação *eis*: eu *cantava*, vós *cantáveis*; eu *devia*, vós *devíeis*; eu *partia*, vós *partíeis*; eu *cantara*, vós *cantáreis*; eu *cantaria*, vós *cantaríeis*). O mesmo ocorre com a 1.ª pess. do fut. do presente: *cant-a-re-i*.

3.ª) As desinências pessoais (cf. abaixo) do pretérito perfeito servem, por acumulação, para caracterizar o tempo e modo do verbo.

As desinências número-pessoais são:

SINGULAR	1.ª pessoa: Ø, -*o* (só no pres. ind.), -*i* (só no pret. perf. do ind. e futuro do presente)[1]
	2.ª pessoa: -*s*, -*ste*[2] (só no pret. perf. do ind.) e Ø no imperativo
	3.ª pessoa: Ø, -*u* (só no pret. perf. do ind.)
PLURAL	1.ª pessoa: -*mos*
	2.ª pessoa: -*is*, -*des* (só no fut. do subj., inf. flex. e pres. do ind. de alguns verbos irregulares), -*stes* (só no pret. perfeito do ind.), -*i*(*s*) (no imperativo).
	3.ª pessoa: -*m* (indica que a vogal precedente é nasal).

1. O travessão indica ausência de desinência.

2. Cuidado especial hão de merecer estas desinências (-*ste*, singular, e -*stes*, plural) para que, por falsa analogia, não passem a -*stes* (singular) e -*steis* (plural): tu *comestes* por *comeste*), vós *comesteis* (por *comestes*).

Observações sobre as desinências número-pessoais.

1.ª pessoa do singular: geralmente falta a desinência de 1.ª pessoa do singular, exceto no presente do indicativo, onde aparece a desinência -*o*:

cant-*o*,	vend-*o*,	part-*o*

No pretérito perfeito do indicativo e futuro do presente aparece a desinência -*i*:

cante-*i*,	vend-*i*,	part-*i*
canta-re-*i*,	vende-re-*i*,	parti-re-*i*

2.ª pessoa do singular: a desinência geral é -*s*; no pretérito perfeito do indicativo -*ste;* Ø no imperativo:

canta-*s*,	canta-re-*s*,	canta-*ste*,	canta tu.
vende-*s*,	vende-re-*s*,	vende-*ste*,	vende tu.
parte-*s*,	parti-re-*s*,	parti-*ste*,	parte tu.

3.ª pessoa do singular: geralmente falta a desinência de 3.ª pess. do singular; só o pretérito perfeito do indicativo é que apresenta -*u*:

canto-*u*,	vende-*u*,	parti-*u*

1.ª pessoa do plural: a desinência é sempre -*mos*:

canta-*mos*,	vende-*mos*,	parti-*mos*

2.ª pessoa do plural: a desinência é -*is*; aparece -*des* no futuro do subjuntivo, infinitivo flex. e no presente do indicativo de alguns verbos irregulares (ter, vir, pôr, ver, rir, ir); o pret. perfeito do indicativo apresenta -*stes*, e o imperativo -*i* (na 3.ª conj. há crase com a vogal temática):

canta-*is*,	vende-*is*,	part-*is*
canta-r-*des*,	vende-r-*des*,	parti-r-*des*
canta-*stes*,	vende-*stes*,	parti-*stes*
canta-*i*,	vende-*i*,	part-*i*.

3.ª pessoa do plural: a desinência é -*m*, que nasaliza a vogal precedente:

canta-*m*,	vende-*m*,	parte-*m*
canta-re-*m*,	vende-re-*m*,	parti-re-*m*
canta-ra-*m*,	vende-ra-*m*,	parti-ra-*m*

OBSERVAÇÃO: No futuro do presente, dá-se uma ditongação; a nasalidade é indicada por til e se sobrepõe à característica temporal:

canta-*rão*,	vende-*rão*,	parti-*rão*

Tempos primitivos e derivados – No estudo dos verbos, principalmente dos irregulares, torna-se vantajoso o conhecimento das formas verbais que se derivam de outras chamadas *primitivas*.

1 – Praticamente do radical da 1.ª pessoa do presente do indicativo sai todo o presente do subjuntivo, bastando que se substitua a vogal final por *e*, nos verbos da 1.ª conjugação, e por *a* nos verbos da 2.ª e 3.ª conjugações:

	Presente do indicativo	*Presente do subjuntivo*
cantar	canto	cante
vender	vendo	venda
partir	parto	parta

Exceções:

ser	sou	seja
dar	dou	dê
estar	estou	esteja
haver	hei	haja

ir	vou	vá
querer	quero	queira
saber	sei	saiba

2 – Praticamente da 2.ª pessoa do singular e plural do presente do indicativo saem as 2.as pessoas do singular e plural do imperativo, bastando suprir o *s* final:

cantar	cantas,	cantais	canta,	cantai
vender	vendes,	vendeis	vende,	vendei
partir	partes,	partis	parte,	parti

Exceção: ser: *sê* (tu), *sede* (vós).

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Os verbos em *-zer* ou *-zir* podem ainda perder, na 2.ª pessoa do singular, o *e* final, quando o *z* não é precedido de consoante: *faze* (ou *faz*) tu, *traduze* (ou *traduz*) tu; mas *cirze* tu (cf. **Verbos defectivos e abundantes**, h).

2.ª) Para evitar os inconvenientes da homonímia que, pela identidade de formas, pode provocar ambiguidade com outras formas verbais, escritores portugueses se servem, às vezes, nos verbos da 3.ª conjungação, da antiga desinência *-ide* por *-i*:

Novas tenho e grandes novas, / Amigo, para vos dar: / Tomai esta chave e *abride* [AGa.1]

Ouvide-a e fazei o que Ela vos disser! [CBr *apud* MBa.3, 64-65].

O imperativo em português só tem formas próprias para as segundas pessoas; as pessoas que faltam são supridas pelos correspondentes do presente do subjuntivo. Não se usa o imperativo de 1.ª pessoa do singular como tal, mas com valor optativo. Por isto, estará assinalada nos paradigmas das formas imperativas. As terceiras pessoas do imperativo se referem a *você(s)*, e não a *ele(s)*. Também não se usa o imperativo nas orações negativas; neste caso empregam-se as formas correspondentes do presente do subjuntivo:

Imperativo afirmativo	*Imperativo negativo*
— eu	— eu
canta tu	não cantes tu
cante você, o senhor	não cante você, o senhor
cantemos nós	não cantemos nós
cantai vós	não canteis vós
cantem vocês, os senhores	não cantem vocês, os senhores.

3 – Do tema do pretérito perfeito do indicativo (que praticamente se acha suprimindo a desinência pessoal da 1.ª pessoa do plural ou 2.ª do singular) saem:

a) o mais-que-perfeito do indicativo, com o acréscimo de *-ra* (*-re*):

-ra, *-ra-s*, *-ra*, *-ra-mos*; *-re-is*; *-ra-m*;

b) o imperfeito do subjuntivo, com o acréscimo de *-sse*:

-sse, *-sse-s*, *-sse*; *-sse-mos*; *-sse-m*;

c) o futuro do subjuntivo, com o acréscimo de *-r* (*-re*):

-r, *-re-s*, *-r*, *-r-mos*; *-r-des*; *-re-m*.

Tema do pret. perf.	*M. q. perf. ind.*	*Imperf. subj.*	*Fut. subj.*
vi (-mos)	vira	visse	vir
vie (-mos)	viera	viesse	vier
coube (-mos)	coubera	coubesse	couber
puse (-mos)	pusera	pusesse	puser
fo (-mos)	fora	fosse	for

4 – Do infinitivo não flexionado se formam:

a) futuro do presente, com o acréscimo ao tema de *-ra* (*re*) tônico:

-re-i, *-rá-s*, *-rá*, *-re-mos*, *-re-is*, *-rã-o*.

b) futuro do pretérito, com o acréscimo de *-ria* (*rie*):

-ria, *-ria-s*, *-ria*, *-ría-mos*, *-ríe-is*, *-ria-m*.

Infinitivo	*Futuro do presente*	*Futuro do pretérito*
cantar	cantarei	cantaria
	cantarás	cantarias
	cantará	cantaria
	cantaremos	cantaríamos
	cantareis	cantaríeis
	cantarão	cantariam

Exceções: *dizer*, *fazer*, *trazer*, que fazem *direi*, *farei*, *trarei*, *diria*, *faria*, *traria*.

c) imperfeito do indicativo, com o acréscimo de *-va* (*ve*), na 1.ª conjugação, e *-ia* (*-ie*), na 2.ª e 3.ª:

cant-a-va, cant-a-va-s, cant-a-va, cant-á-va-mos, cant-á-ve-is, cant-a-va-m
vend-ia, vend-ia-s, vend-ia, vend-ía-mos, vend-íe-is, vend-ia-m
part-ia, part-ia-s, part-ia, part-ía-mos, part-íe-is, part-ia-m.

À parte, temos:

a) *ser* (era, eras, etc.)
b) *ter* (tinha, tinhas, etc)
c) *vir* (vinha, vinhas, etc.)
d) *pôr* (punha, punhas, etc.)

A sílaba tônica nos verbos: formas rizotônicas e arrizotônicas – RIZOTÔNICA é a forma verbal cuja sílaba tônica se acha numa das sílabas do radical:

quero, canto, canta, vendem, feito

ARRIZOTÔNICA é a forma verbal cuja sílaba tônica se acha fora do radical:

queremos, cantais, direi, vendido

A língua portuguesa é mais rica de formas rizotônicas.

São normalmente rizotônicas: *a*) as três pessoas do singular e a 3.ª do plural do presente do indicativo e do subjuntivo, e as correspondentes do imperativo; *b*) os particípios irregulares; *c*) a 1.ª pessoa e 3.ª do singular do pretérito perfeito dos verbos irregulares fortes: *coube*, *fiz*, *fez*.

Nos verbos defectivos, em geral, faltam as formas rizotônicas.

Em vista do exposto, as três pessoas do singular e a 3.ª do plural do pres. do indic. e subjuntivo têm sempre acentuada a penúltima sílaba: *frutifico*, *vociferas, sentencia*, *trafegam*.

Exceções:

a) *resfolegar* e *tresfolegar* fazem *resfólego*, *resfólegas*, *resfólega*, *resfólegam*, etc. Existem ainda as formas reduzidas *resfolgar* e *tresfolgar*, de acentuação regular: *resfolgo*, *tresfolgo*, etc.

b) *mobiliar* faz *mobílio*, *mobílias*, *mobília*, *mobiliamos*, *mobiliais*, *mobíliam*; *mobílie*, *mobílies*, *mobílie*, etc. Existem ainda as formas *mobilar* 60 e *mobilhar*, que se conjugam de acordo com a regra geral: *mobilo*, *mobilas*; *mobilho*, *mobilhas*, etc.

Mobilar é forma de pouca aceitação entre brasileiros: "Eu vivia encantonada na sala da frente, que ia de oitão a outro, com várias sacadas para o largo, mobiliada (atenção revisor: não ponha "mobilada", que é palavra que eu detesto) com uma cama de vento, uma cadeira e um lavatório de ferro" [MB.1, 459-460].

Alternância vocálica ou metafonia – Assim se chama a mudança de timbre que sofre a vogal do radical de um vocábulo na forma rizotônica. Muitos verbos da língua portuguesa apresentam este fenômeno:

ferver: fervo, ferves, ferve, fervemos, ferveis, fervem (o *e* tônico é fechado na 1.ª pessoa do sing. e na 1.ª e 2.ª pessoa do plural; nas outras, é de timbre aberto).

Na 1.ª conjugação:

a) a vogal *a*, não seguida de *m*, *n* ou *nh*, passa a ser proferida bem aberta:

falar: falo, falas, fala, falamos, falais, falam

chamar: chamo, chamas, chama, chamamos, chamais, chamam

b) ao *e* fechado corresponde *e* aberto, exceto quando não vem seguido de *m*, *n*, *nh*, *j*, *x*, *ch*, *lh*:

levar: levo, levas, leva, levamos, levais, levam

remar: remo, remas, rema, remamos, remais, remam

alvejar: alvejo, alvejas, alveja, alvejamos, alvejais, alvejam

pretextar: pretexto, pretextas, pretexta, pretextamos, pretextais, pretextam

fechar: fecho, fechas, fecha, fechamos, fechais, fecham

aparelhar: aparelho, aparelhas, aparelha, aparelhamos, aparelhais, aparelham

Exceções: *invejar* (tem *e* aberto); *chegar*, *ensebar* não sofrem metafonia.

Pesar, no sentido de *causar tristeza*, *desprezar*, é arrolado também como exceção; porém, no Brasil, o uso mais corrente é conjugá-lo como *levar*. Os gramáticos recomendam-no com *e*

fechado: *pesa*, *pesam*; *pese*, *pesem*, etc. (é verbo defectivo, só usado nas terceiras pessoas).

c) a vogal *o* passa a *o* aberto quando não seguida de *m*, *n*, *nh* ou o verbo não termina por -*oar*:

tocar: toco, tocas, toca, tocamos, tocais, tocam

sonhar: sonho, sonhas, sonha, sonhamos, sonhais, sonham

perdoar: perdoo, perdoas, perdoa, perdoamos, perdoais, perdoam.

Na 2.ª conjugação:

a) as vogais tônicas *e* e *o* soam com timbre aberto na 2.ª e 3.ª pessoa do singular e na 3.ª do plural do pres. do ind. e na 2.ª pess. sing. do imperativo afirmativo, salvo se vierem seguidas de *m*, *n* ou *nh*:

dever: devo (ê), deves (é), deve (é), devemos, deveis, devem (é)

roer: rói, roei (ô)

volver: volvo (ô), volves (ó), volve (ó), volvemos, volveis, volvem (ó)

temer: temo (ê), temes (ê), teme (ê), tememos, temeis, temem

comer: como (ô), comes (ô), come (ô), etc.

Exceções: *querer* e *poder* têm a vogal tônica aberta na 1.ª pess. do sing.

Na 3.ª conjugação:

a) a vogal *e*, última do radical, sofre alternâncias diversas quando nela recai o acento tônico:

1 – Passa a *i* na 1.ª pess. do sing. do indic. e em todo o presente do subj. e *e* aberto na 2.ª e 3.ª pess. sing. e 3.ª do plural do pres. do indic. e 2.ª pess. sing. do imperativo nos verbos:

aderir, advertir, aferir, assentir, auferir, compelir, competir, concernir, conferir, conseguir, consentir, convergir, deferir, desferir, desmentir, despir, desservir, diferir, digerir, discernir, dissentir, divergir, divertir, expelir, ferir, impelir, ingerir, mentir, preferir, pressentir, preterir, proferir, prosseguir, referir, refletir, repelir, repetir, seguir, servir, sugerir, transferir, vestir:

vestir: visto, vestes, veste, etc.

OBSERVAÇÃO: Se o *e* for nasal mantém-se inalterável, exceto na 1.ª pess. singular do pres. do ind. e em todo o pres. do subj., onde passa a *i*: sentir: *sinto*, *sentes*, *sente*, etc.

2 – Passa a *i* nas três pessoas do singular e 3.ª do plural do presente do indicativo, em todo o pres. do subj. e imperativo, salvo, neste, a 2.ª pessoa do plural:

agredir, cerzir, denegrir, prevenir, progredir, regredir, transgredir, e remir (este defectivo, cf. **Verbos defectivos e abundantes**).

Pres. ind.: agrido, agrides, agride, agredimos, agredis, agridem

Pres. subj.: agrida, agridas, agrida, etc.

Imper. afirm.: agride, agrida, agridamos, agredi, agridam

3 – os verbos *medir*, *pedir*, *despedir*, *impedir* e (derivados) têm *e* aberto nas formas rizotônicas, isto é, nas três pessoas do singular e 3.ª do plural do presente do indicativo e subjuntivo, e no imperativo afirmativo, exceto, neste, na 2.ª pessoa do plural:

medir – pres. ind.: meço, medes, mede, medimos, medis, medem
pres. subj.: meça, meças, meça, etc.
imper. afirm.: mede, meça, meçamos, medi, meçam

4 – Os verbos *aspergir*, *emergir*, *imergir* e *submergir* têm *e* tônico fechado na 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo (e formas que daí se derivam); têm *e* aberto na 2.ª e 3.ª do singular e 3.ª do plural do presente do indicativo (e formas que daí se derivam):

aspergir: asperjo (ê), asperges (é), asperge (é), aspergimos, aspergis, aspergem (é).

b) a vogal *o* sofre também alternâncias diferentes, quando nela recai o acento tônico:

1 – Passa a *u* na 1.ª pessoa sing. do pres. ind., em todo o pres. do subj. e no imperativo, salvo, neste, a 2.ª pess. do singular e plural; e passa a *o* aberto na 2.ª e 3.ª sing. e 3.ª do plural do pres. ind. e 2.ª do singular do imperativo:

dormir – pres. ind.: durmo, dormes, dorme, dormimos, dormis, dormem
pres. subj.: durma, durmas, durma, etc.
imper. afirm.: dorme, durma, durmamos, dormi, durmam

Assim se conjugam *cobrir*, *descobrir*, *encobrir*, *recobrir*, *tossir*. *Dormir* e *tossir* são regulares no particípio: *dormido*, *tossido*.

Para a conjugação de *engolir* e *desengolir* que, a rigor, deveriam seguir este modelo, veja-se o que se diz mais adiante.

2 – Passa a *u* nas três pessoas do sing. e 3.ª do plural do presente do indicativo, em todo o pres. do subjuntivo e no imperativo afirmativo, exceto, neste, a 2.ª pessoa do plural:

sortir – pres. ind.: surto, surtes, surte, sortimos, sortis, surtem
pres. subj.: surta, surtas, surta, etc.
imperat. afirma.: surte, surta, surtamos, sorti, surtam

Por este modelo se conjugam *despolir* e *polir* (cf. **Verbos defectivos e abundantes**). Antigamente seguiam este paradigma *cortir* e *ordir*, hoje grafados *curtir* e *urdir* e de conjugação regular.

c) a vogal *u* da penúltima sílaba do radical passa a *o* aberto na 2.ª e 3.ª pess. do singular e 3.ª do plural do presente do indicativo e na 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo:

acudir – pres. ind.: acudo, acodes (ó), acode (ó), acudimos, acudis, acodem (ó)
pres. subj.: acuda, acudas, acuda, etc.
imper. afirm.: acode (ó), acuda, acudamos, acudi, acudam

Assim se conjugam *bulir*, *cuspir*, *escapulir*, *fugir*, *sacudir*. *Consumir* e *sumir* têm o *o* fechado por estar seguido de *m*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) *Assumir*, *presumir*, *reassumir*, *resumir* são regulares: Pres. ind.: assumo, assumes, assumimos, assumis, assumem.

2.ª) os verbos em *-uir* não apresentam alternâncias vocálicas no radical; a 2.ª e 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo têm *is* e *i* em lugar de *es* e *e*, por haver ditongo oral:

constituir: pres. ind.: constituo, constituis, constitui, constituímos, constituís, constituem.

Assim se conjugam *anuir*, *arguir*, *atribuir*, *constituir*, *destituir*, *diluir*, *diminuir*, *estatuir*, *imbuir*, *influir*, *instituir*, *instruir*, *puir* (defectivo), *restituir*, *redarguir*, *ruir*.

3.ª) *Construir*, *desentupir*, *destruir*, *entupir* (e cognatos) seguem este modelo ou ainda admitem alternância do *u* em *o* aberto na 2.ª e 3.ª pessoa do sing. e 3.ª do plural do presente do indicativo e na 2.ª pessoa do sing. do imperativo afirmativo. *Entupir* e *desentupir* só se afastam do grupo porque apresentam *es* e *e* na 2.ª e 3.ª pessoa do sing. do pres. ind.: *entupo, entupes* (ou *entopes*), *entupe* (ou *entope*), *entupimos, entupis, entupem* (ou *entopem*).

construo, construis (ou *constróis*), *construi* (ou *constrói*), *construímos, construís, construem* (ou *constroem*).

Estes verbos são portanto abundantes. *Obstruir* é, entretanto, conjugado apenas como *constituir*. Cf. obs. 2.ª.

4.ª) *Engolir*, ainda que se escreva com *o*, segue o paradigma de *acudir*; para o Vocabulário de nossa Academia: *engulo, engoles, engole, engulimos, engulis, engolem.* Melhor fora, porém, conjugá-lo com *o* nas duas primeiras pessoas do plural do pres. do indicativo, desfazendo-se a incoerência.

d) a vogal *i* do radical do verbo *frigir* passa a *e* aberto na 2.ª e 3.ª pess. sing. e na 3.ª do plural do pres. do indicativo e na 2.ª pess. sing. do imperativo afirmativo:

Pres. ind.: frijo, freges, frege, frigimos, frigis, fregem

Imper. afirm.: frege, frija, frijamos, frigi, frijam

Não há metafonia, isto é, a vogal é proferida fechada, nos seguintes casos [SA.2, 113]:

1) quando a vogal tônica se acha no fim do radical:
crê, crês; *lê, lês*

2) quando integra os ditongos *ou, ei*:
douro, douras; *cheiro, cheiras*

3) no ditongo *oi* seguido de consoante:
pernoito, pernoitas

4) quando a vogal é seguida de consoante nasal:
como, comes

5) nos verbos terminados em *-ear*, *-elhar*, *-ejar* (exceto *invejar*) e *-oar*:
receio, receias; *aparelho, aparelhas*; *desejo, desejas*; *coroo, coroas*

6) nos verbos *chegar* e *ensebar*:
chego, chegas; *ensebo, ensebas*

Verbos notáveis quanto à pronúncia ou flexão

a) *aguar, desaguar, apaziguar, enxaguar, apropinquar, averiguar,* e afins podem ser conjugados de duas formas:

Pres. ind.: águo, águas, água, aguamos, aguais, águam / aguo, aguas, agua, aguamos, aguais, aguam

Pres. subj.: águe, águes, águe, aguemos, agueis, águem / ague, agues, ague, aguemos, aguis, aguem

b) *arguir* e *redarguir* não levam acento agudo na vogal tônica *u* nas formas rizotônicas:

Pres. ind.: arguo (ú), arguis (ú), argui (ú), arguímos, arguís, arguem (ú)

Pres. subj.: argua (ú), arguas (ú), argua (ú), arguamos, arguais, arguam (ú)

c) *Magoar*, conjuga-se:

Pres. ind.: magoo, magoas, magoa, magoamos, magoais, magoam

Pres. subj.: magoe, magoes, magoe, magoemos, magoeis, magoem

d) *Mobiliar*, conjuga-se:

Pres. ind.: mobílio, mobílias, mobília, mobiliamos, mobiliais, mobíliam

Pres. subj.: mobílie, mobílies, mobílie, mobiliemos, mobilieis, mobíliem

Observação: A variante *mobilar* apresenta-se regularmente: mobilo, mobilas, mobila, etc.

e) *Resfolegar* conjuga-se:

Pres. ind.: resfólego, resfólegas, resfólega, resfolegamos, resfolegais, resfólegam

Pres. subj.: resfólegue, resfólegues, resfólegue, resfoleguemos, resfolegueis, resfóleguem.

Observações:

1.ª) A forma contrata de *resfolegar* é *resfolgar*, que se apresenta regularmente: resfolgo, resfolgas, resfolga, etc.

2.ª) O substantivo é *resfôlego*, proparoxítono, com *o* tônico fechado.

f) *Dignar-se, indignar-se, obstar, optar, adaptar, pugnar, impugnar, ritmar, raptar,* conjugam-se:

Presente do indicativo

indigno-me (dí)	obsto (ó)	opto (ó)	impugno (ú)	ritmo (í)
indignas-te (dí)	obstas (ó)	optas (ó)	impugnas (ú)	ritmas (í)

indigna-se (dí)	obsta (ó)	opta (ó)	impugna (ú)	ritma (í)
indignamo-nos	obstamos	optamos	impugnamos	ritmamos
indignais-vos	obstais	optais	impugnais	ritmais
indignam-se (dí)	obstam (ó)	optam (ó)	impugnam (ú)	ritmam (í)

rapto (rá), *raptas* (rá), *rapta* (rá), *raptamos*, *raptais*, *raptam* (rá)

g) *Obviar* conjuga-se:

Pres. ind.: obvio (í), obvias (í), obvia (í), obviamos, obviais, obviam (í)

h) *Apiedar* e *moscar* conjugam-se:

apiedar – pres. ind.: apiedo, apiedas, apieda, apiedamos, apiedais, apiedam

A lição antiga de alguns gramáticos e ortógrafos confundia o arcaico *apiadar* e *apiedar* numa só conjugação, o que não aconselhamos:

Pres. ind.: apiado, apiadas, apiada, apiedamos, apiedais, apiadam (isto é, *a* nas formas rizotônicas e *e* nas arrizotônicas).

A mesma confusão existia com *moscar* e *muscar* (sumir-se):

Pres. ind.: musco, muscas, musca, moscamos, moscais, muscam (isto é, *u* nas formas rizotônicas e *o* nas arrizotônicas).

Mais certo será conjugarmos regularmente *moscar*:

Pres. ind.: mosco, moscas, mosca, moscamos, moscais, moscam; e *muscar*:

Pres. ind.: musco, muscas, musca, muscamos, muscais, muscam.

A correção, porém, talvez seja mais difícil, por serem muito pouco usados *moscar* e *muscar*.

i) Verbos com os ditongos fechados *ou* e *ei*: *roubar* e *inteirar*.

Conjugam-se não se reduzindo a vogais abertas *o* e *e*, respectivamente:

Roubar	*Inteirar*
roubo (e não *róbo*, etc.)	inteiro (e não *intéro*, etc.)
roubas	inteiras
rouba	inteira
roubamos	inteiramos
roubais	inteirais
roubam	inteiram

j) Verbos com os ditongos fechados *eu* e *oi*: tipos *endeusar* e *noivar*. Conjugam-se mantendo o ditongo sem que o *e* ou o *o* passem a timbre aberto: *endeuso, endeusas, endeusa,* etc.; *noivo, noivas, noiva,* etc.

OBSERVAÇÃO: O verbo *apoiar* tinha primitivamente fechado o ditongo; hoje é mais corrente proferi-lo aberto: *apoio*, *apoias*, etc.

k) Verbos com o hiato *au*, *ai* e *iu*: tipos *saudar*, *embainhar* e *amiudar*. Conjugam-se mantendo o hiato:

saudar	*embainhar*	*amiudar*
saúdo	embainho	amiúdo
saúdas	embainhas	amiúdas
saúda	embainha	amiúda
saudamos	embainhamos	amiudamos
saudais	embainhais	amiudais
saúdam	embainham	amiúdam

OBSERVAÇÃO: *Arraigar* (com hiato) passou desde cedo a *arraigar* (com ditongo, *ar-rai-gar*) e daí a *arreigar*. As formas com ditongo são mais frequentes, embora modernamente se tenha restabelecido *arraigar* com hiato. *Saudar* proferido com ditongo (*saudo, saudas,* etc.) ocorre aqui e ali nos poetas e se fixa no falar coloquial e popular.

Verbos terminados em -*zer*, -*zir*: tipos *fazer* e *traduzir* – Perdem o *e* final na 3.ª pess. sing. do presente do indicativo e na 2.ª pess. sing. do imperativo afirmativo (este caso não é obrigatório e até, com exagero, vem condenado pelos gramáticos), quando o *z* não é precedido de consoante:

fazer: faço, fazes, faz, etc. Imp. afirm.: faze (ou faz) tu
traduzir: traduzo, traduzes, traduz, etc. Imp. afirm.: traduze (ou traduz) tu
Mas, *cerzir*: cirzo, cirzes, cirze, etc.

Variações gráficas na conjugação – Muitas vezes altera-se a maneira de representar na escrita a última consoante do radical para conservar o mesmo som:

1 – os verbos terminados em -*car* e -*gar* mudam o *c* ou *g* em *qu* ou *gu*, quando tais consoantes são seguidas de *e*:

pecar: peco, peques; *cegar*: cego, cegues

2 – os verbos terminados em -*cer* ou -*cir* têm *c* cedilhado antes de *a* ou *o*:

conhecer – conheço, conheces, conhece; *ressarcir* – ressarço, ressarces

3 – os verbos terminados em -*çar* perdem a cedilha antes do *e*:

começar – começo, comeces

4 – os verbos terminados em -*ger* ou -*gir* mudam o *g* em *j* antes de *a* ou *o*:

eleger – elejo, eleges; *fugir* – fujo, foges

5 – os verbos terminados em -*guer* ou -*guir* perdem o *u* antes de *a* ou *o*:

erguer – ergo, ergues, erga
conseguir – consigo, consegues, consiga

A vogal *e* passa a ser grafada *i* quando entra num ditongo *oral* (verbos em -*uir*): atribuo, atribu*is*, atribu*i*.

Estas variações gráficas não constituem irregularidades de conjugação, não havendo, por isso, verbos irregulares gráficos.

Verbos em -*ear* e -*iar* – Os verbos em -*ear* trocam o *e* por *ei* nas formas rizotônicas:

Nomear – pres. ind.: nom*ei*o, nom*ei*as, nom*ei*a, nom*e*amos, nom*e*ais, nom*ei*am.
pres. subj.: nom*ei*e, nom*ei*es, nom*ei*e, nom*e*emos, nom*e*eis, nom*ei*em.
imp. afirm.: nom*ei*a, nom*ei*e, nom*e*emos, nom*e*ai, nom*ei*em.

Os verbos em -*iar* são conjugados regularmente:

Premiar – pres. ind.: premio, premias, premia, premiamos, premiais, premiam.
pres. subj.: premie, premies, premie, etc.
imp. afirm.: premia, premie, premiemos, premiai, premiem.

Cinco verbos em -*iar* se conjugam, nas formas rizotônicas, como se terminassem em -*ear* (MARIO é o anagrama que deles se pode formar):

mediar: med*ei*o, med*ei*as, med*ei*a, mediamos, mediais, med*ei*am

ansiar: ans*ei*o, ans*ei*as, ans*ei*a, ansiamos, ansiais, ans*ei*am

remediar: remed*ei*o, remed*ei*as, remed*ei*a, remediamos, remediais, remed*ei*am

incendiar: incend*ei*o, incend*ei*as, incend*ei*a, incendiamos, incendiais, incend*ei*am

odiar: od*ei*o, od*ei*as, od*ei*a, odiamos, odiais, od*ei*am

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Enquanto no Brasil já vamos conjugando os verbos em -*ear* e -*iar* pelo que acabamos de expor, entre os portugueses ainda se notam vacilações em muitos que, grafados com -*iar*, deveriam seguir o modelo de *premiar*, mas se acostam ao de *nomear*, dada a homofonia dos dois finais na fala corrente: além do próprio *premiar*, *agenciar*, *comerciar*, *licenciar*, *negociar*, *penitenciar*, *obsequiar*, *presenciar*, *providenciar*, *reverenciar*, *sentenciar*, *vangloriar*, *vitoriar*, *evidenciar*, *glorificar*, *diligenciar* e outros.

2.ª) Hoje não fazemos distinção entre *crear* (tirar do nada, dar existência) e *criar* (educar, cultivar, promover o desenvolvimento), usando apenas *criar* para ambos os casos, que se conjuga como *premiar*. Entre escritores modernos, porém, podem ocorrer exemplos de *crear*, conjugado como *nomear*.

3.ª) A diferença de conjugação torna-se imperiosa nos parônimos: *afear* e *afiar*; *arrear* e *arriar*; *estrear* e *estriar*; *vadear* e *vadiar*, etc.

Quando grafar -*ear* ou -*iar* – Grafam-se com -*ear* os verbos que possuem formas substantivas ou adjetivas cognatas terminadas em:

a) -*é*, -*eio*, -*eia*, -*éia*:

pé – apear ceia – cear
passeio – passear ideia – idear
Exceção: fé – fiar

b) consoante ou pelas vogais átonas -*a*, -*e*, -*o* precedidas de consoante:

mar – marear pente – pentear
casa – casear branco – branquear
Exceções: amplo – ampliar lume – alumiar
breve – abreviar sede – sediar
finança – financiar êxtase – extasiar
graça – agraciar

Incluem-se entre os verbos em -*ear*: *atear*, *bambolear*, *bruxulear*, *cecear*, *derrear*, *favonear*, *pavonear*, *semear*, *vadear*.

Grafam-se com -*iar* os verbos que possuem formas substantivas cognatas terminadas em:

a) -*io*, -*ia*:

alívio – aliviar delícia – deliciar
sócio – associar polícia – policiar
óbvio – obviar assovio – assoviar

b) -*ânsia*, -*ência*, -*ença*:

distância – distanciar presença – presenciar
diligência – diligenciar sentença – sentenciar

Incluem-se no rol dos verbos em *-iar*: *anuviar*, *apreciar*, *depreciar*, *saciar*.

OBSERVAÇÃO: Muitas vezes o final *-ear* ou *-iar* se pode alternar com o simples *-ar*: *azular* ou *azulear*; *bajar* ou *bagear* (produzir vagens); *diferenciar* ou *diferençar*; *balançar* ou *balancear*, *homicidar* ou *homicidiar*, etc.

Erros frequentes na conjugação de alguns verbos

a) *Vir* e seus derivados

No presente do indicativo temos: *venho, vens, vem, vimos* (e não *viemos*), *vindes, vêm*.

No pretérito perfeito do indicativo: *vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.*

O gerúndio é igual ao particípio, porque neste desapareceu a vogal temática: *vindo* (vi-ndo) e *vindo* (vin-i-do).

Notem-se estes enganos comuns nos derivados de *vir*, no pret. perf. ind.:

Os guardas *interviram* na discussão (em lugar de *intervieram*).

A professora *interviu* no caso (em lugar de *interveio*).

O futuro do subjuntivo é *vier*: Quando eu *vier*... (e não *vir*):

E, incapazes de negar a beleza (...) assaltaram a ave de Juno (...) *intervieram* para impor silêncio o leão e o tigre [JR.2, 200].

O Senhor Araña y Araña *conveio* em que o panorama era magnificente (...) [JR.2, 189].

b) *Ver* e seus derivados

Prover não se conjuga como *ver* no:

pret. perf. ind.: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram
m.-q.-perf. ind.: provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram
imperf. subj.: provesse, provesses, provesse, provêssemos, provêsseis, provessem
fut. subj.: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem
particípio: provido

Rever é conjugado como *ver*; por isso está errada a flexão em:

A aluna *reveu* (em vez de *reviu*) a prova.

Antever é conjugado como *ver* e, por isso, enganou-se o nosso Casimiro de Abreu ao escrever:

"Quem *antevera* (com *e*) que dum povo a ruína
Pelo seu próprio rei cavada fosse?" [SS.4, 34].

O futuro do subjuntivo é *vir*:

Quando eu vier à cidade e *vir* oportunidade de comprá-lo, então o farei (e não ver!).

c) Precaver-se.

É verbo defectivo que nada tem com *ver* ou *vir*; por isso evite-se dizer

Eu me *precavejo* ou Eu me *precavenho*.

Precavejam-se ou *Precavenham-se*.

Para sua conjugação, veja-se **Verbos defectivos e abundantes**.

d) *Reaver*.

É verbo defectivo, derivado de *haver*, que só se conjuga nas formas em que este possui *-v-*. Não se deve dizer: Eu *reavejo* ou Eu *reavenho*

Cuidado especial merece também o pret. perf.: *reouve*, *reouveste*, *reouve*, *reouvemos*,

reouvestes, *reouveram*.

Por isso evitem-se empregos como: *eu reavi*, *ele reaveu*, etc. Cf. **Verbos defectivos e abundantes**.

e) *Ter* e seus derivados

Deter, derivado de *ter*, conjuga-se como este. Logo está errada a frase:

O policial *deteu* (por *deteve*!) o criminoso.

Sirva de exemplo o caso que vou referir, segundo o texto autorizado de um doutor que (...) *entreteve* um diálogo com um dos últimos gregos [JR.2, 183].

f) *Pôr* e seus derivados.

Opor é derivado de *pôr* e por ele se modela na conjugação. Assim enganou-se o poeta Porto-Alegre nestes versos, usando *opor* em vez de *opuser*:

"Se aos paternos errores de contraste,
E à minha influição *opor* virtudes" [PA.1, II, 154 *apud* SS.4, 34].

g) *Estar* e seus derivados.

Sobrestar é derivado de *estar* e por ele se conjuga; porém, costuma-se ver modelado pelo verbo *ter*, como se fosse *sobrester*. Assim não está certo o seguinte exemplo de Alberto de Oliveira:

"Deixando a enferma, *sobrestenho* o passo" [AO.2 *apud* SS.4].

h) *Haver-se* e *avir-se*.

Estes verbos têm empregos diferentes. *Haver-se* (com alguém) significa:

1) *proceder*, *portar-se*:

"Ele, porém, *houve-se* com a maior delicadeza" [MA.1, 364].

2) *ser chamado a ordem*, *entrar em disputa com alguém*, *conciliar*, e aparece nas ameaças:

Ele tem de *se haver* comigo.

"Aquele que sobre ti lançar vistas de amor ou de cobiça, comigo *se haverá*" [MP.1, 139 *apud* SS.1, 361].

3) *conciliar*

Avir-se é sinônimo de *haver-se*, no sentido 3), isto é, significa *entrar em acordo com*, *conciliar*:

"Lá *se avenham* os sorveteiros com Boileau" [FE.2, V, 46 *apud* RB.1, 391 nota].

Desavir-se é o contrário de *avir-se*:

Os amigos *se desavieram* (e não *se desouveram*!) por muito pouco.

Erra-se frequentes vezes empregando-se, nas ameaças, *avir-se* por *haver-se*: Ele tem de *se avir* comigo (em lugar de *se haver*).

Paradigma dos verbos regulares

Com destaque dos elementos estruturais

1 – Conjugação simples

1.ª – ***Cant-a-r*** 2.ª – ***Vend-e-r*** 3.ª – ***Part-i-r***

MODO INDICATIVO

Presente

Cant-o	Vend-o	Part-o
Cant-a-s	Vend-e-s	Part-e-s
Cant-a	Vend-e	Part-e
Cant-a-mos	Vend-e-mos	Part-i-mos
Cant-a-is	Vend-e-is	Part-is
Cant-a-m	Vend-e-m	Part-e-m

Pretérito imperfeito

Cant-a-va	Vend-ia	Part-ia
Cant-a-va-s	Vend-ia-s	Part-ia-s
Cant-a-va	Vend-ia	Part-ia
Cant-á-va-mos	Vend-ía-mos	Part-ía-mos
Cant-á-ve-is	Vend-íe-is	Part-íe-is
Cant-a-va-m	Vend-ia-m	Part-ia-m

Pretérito perfeito

Cant-e-i	Vend-i	Part-i
Cant-a-ste	Vend-e-ste	Part-i-ste
Cant-o-u	Vend-e-u	Part-i-u
Cant-a-mos	Vend-e-mos	Part-i-mos
Cant-a-stes	Vend-e-stes	Part-i-stes
Cant-a-ra-m	Vend-e-ra-m	Part-i-ra-m

Pretérito mais-que-perfeito

Cant-a-ra	Vend-e-ra	Part-i-ra
Cant-a-ra-s	Vend-e-ras	Part-i-ra-s
Cant-a-ra	Vend-e-ra	Part-i-ra
Cant-á-ra-mos	Vend-ê-ra-mos	Part-í-ra-mos
Cant-á-re-is	Vend-ê-re-is	Part-í-re-is
Cant-a-ra-m	Vend-e-ra-m	Part-i-ra-m

Futuro do presente

Cant-a-re-i	Vend-e-re-i	Part-i-re-i
Cant-a-rá-s	Vend-e-rá-s	Part-i-rá-s
Cant-a-rá	Vend-e-rá	Part-i-rá

Cant-a-re-mos	Vend-e-re-mos	Part-i-re-mos
Cant-a-re-is	Vend-e-re-is	Part-i-re-is
Cant-a-rã-o	Vend-e-rã-o	Part-i-rã-o

Futuro do pretérito

Cant-a-ria	Vend-e-ria	Part-i-ria
Cant-a-ria-s	Vend-e-ria-s	Part-i-ria-s
Cant-a-ria	Vend-e-ria	Part-i-ria
Cant-a-ría-mos	Vend-e-ría-mos	Part-i-ría-mos
Cant-a-ríe-is	Vend-e-ríe-is	Part-i-ríe-is
Cant-a-ria-m	Vend-e-ria-m	Part-i-ria-m

MODO SUBJUNTIVO

Presente

Cant-e	Vend-a	Part-a
Cant-e-s	Vend-a-s	Part-a-s
Cant-e	Vend-a	Part-a
Cant-e-mos	Vend-a-mos	Part-a-mos
Cant-e-is	Vend-a-is	Part-a-is
Cant-e-m	Vend-a-m	Part-a-m

Pretérito Imperfeito

Cant-a-sse	Vend-e-sse	Part-i-sse
Cant-a-sse-s	Vend-e-sse-s	Part-i-sse-s
Cant-a-sse	Vend-e-sse	Part-i-sse
Cant-á-sse-mos	Vend-ê-sse-mos	Part-í-sse-mos
Cant-á-sse-is	Vend-ê-sse-is	Part-í-sse-is
Cant-a-sse-m	Vend-e-sse-m	Part-i-sse-m

Futuro

Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r
Cant-a-re-s	Vend-e-re-s	Part-i-re-s
Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r
Cant-a-r-mos	Vend-e-r-mos	Part-i-r-mos
Cant-a-r-des	Vend-e-r-des	Part-i-r-des
Cant-a-re-m	Vend-e-re-m	Part-i-re-m

MODO IMPERATIVO

Afirmativo

Cant-a tu	Vend-e tu	Part-e tu
Cant-e você	Vend-a você	Part-a você
Cant-e-mos nós	Vend-a-mos nós	Part-a-mos nós
Cant-a-i vós	Vend-e-i vós	Part-i vós
Cant-e-m vocês	Vend-a-m vocês	Part-a-m vocês

Negativo

Não cant-e-s tu	Não vend-a-s tu	Não part-a-s tu
Não cant-e você	Não vend-a você	Não part-a você
Não cant-e-mos nós	Não vend-a-mos nós	Não part-a-mos nós
Não cant-e-is vós	Não vend-a-is vós	Não part-a-is vós
Não cant-e-m vocês	Não vend-a-m vocês	Não part-a-m vocês

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo

Não flexionado

Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r

Flexionado

Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r
Cant-a-re-s	Vend-e-re-s	Part-i-re-s
Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r
Cant-a-r-mos	Vend-e-r-mos	Part-i-r-mos
Cant-a-r-des	Vend-e-r-des	Part-i-r-des
Cant-a-re-m	Vend-e-re-m	Part-i-re-m

Gerúndio

Cant-a-ndo	Vend-e-ndo	Part-i-ndo

Particípio

Cant-a-do	Vend-i-do	Part-i-do

MODO INDICATIVO

Pretérito perfeito composto

Tenho cantado	Tenho vendido	Tenho partido
Tens cantado	Tens vendido	Tens partido
Tem cantado	Tem vendido	Tem partido
Temos cantado	Temos vendido	Temos partido
Tendes cantado	Tendes vendido	Tendes partido
Têm cantado	Têm vendido	Têm partido

Pretérito mais-que-perfeito composto

Tinha cantado	Tinha vendido	Tinha partido
Tinhas cantado	Tinhas vendido	Tinhas partido
Tinha cantado	Tinha vendido	Tinha partido
Tínhamos cantado	Tínhamos vendido	Tínhamos partido
Tínheis cantado	Tínheis vendido	Tínheis partido
Tinham cantado	Tinham vendido	Tinham partido

Futuro do presente composto

Terei cantado	Terei vendido	Terei partido
Terás cantado	Terás vendido	Terás partido
Terá cantado	Terá vendido	Terá partido
Teremos cantado	Teremos vendido	Teremos partido
Tereis cantado	Tereis vendido	Tereis partido
Terão cantado	Terão vendido	Terão partido

Futuro do pretérito composto

Teria cantado	Teria vendido	Teria partido
Terias cantado	Terias vendido	Terias partido
Teria cantado	Teria vendido	Teria partido
Teríamos cantado	Teríamos vendido	Teríamos partido
Teríeis cantado	Teríeis vendido	Teríeis partido
Teriam cantado	Teriam vendido	Teriam partido

MODO SUBJUNTIVO

Pretérito perfeito

Tenha cantado	Tenha vendido	Tenha partido
Tenhas cantado	Tenhas vendido	Tenhas partido
Tenha cantado	Tenha vendido	Tenha partido
Tenhamos cantado	Tenhamos vendido	Tenhamos partido
Tenhais cantado	Tenhais vendido	Tenhais partido
Tenham cantado	Tenham vendido	Tenham partido

Pretérito mais-que-perfeito

Tivesse cantado	Tivesse vendido	Tivesse partido
Tivesses cantado	Tivesses vendido	Tivesses partido
Tivesse cantado	Tivesse vendido	Tivesse partido
Tivéssemos cantado	Tivéssemos vendido	Tivéssemos partido
Tivésseis cantado	Tivésseis vendido	Tivésseis partido
Tivessem cantado	Tivessem vendido	Tivessem partido

Futuro composto

Tiver cantado	Tiver vendido	Tiver partido
Tiveres cantado	Tiveres vendido	Tiveres partido
Tiver cantado	Tiver vendido	Tiver partido
Tivermos cantado	Tivermos vendido	Tivermos partido
Tiverdes cantado	Tiverdes vendido	Tiverdes partido
Tiverem cantado	Tiverem vendido	Tiverem partido

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo

Não flexionado composto

Ter cantado	Ter vendido	Ter partido

Flexionado composto

Ter cantado	Ter vendido	Ter partido
Teres cantado	Teres vendido	Teres partido
Ter cantado	Ter vendido	Ter partido
Termos cantado	Termos vendido	Termos partido
Terdes cantado	Terdes vendido	Terdes partido
Terem cantado	Terem vendido	Terem partido

Gerúndio composto

Tendo cantado	Tendo vendido	Tendo partido

Conjugação de verbos auxiliares mais comuns

1 – Conjugação simples

Ser	***Estar***	***Ter***	***Haver***
		MODO INDICATIVO	
		Presente	
Sou	Estou	Tenho	Hei
És	Estás	Tens	Hás
É	Está	Tem	Há
Somos	Estamos	Temos	Havemos
Sois	Estais	Tendes	Haveis
São	Estão	Têm [1]	Hão
		Pretérito Imperfeito	
Era	Estava	Tinha	Havia
Eras	Estavas	Tinhas	Havias
Era	Estava	Tinha	Havia
Éramos	Estávamos	Tínhamos	Havíamos
Éreis	Estáveis	Tínheis	Havíeis
Eram	Estavam	Tinham	Haviam
		Pretérito perfeito	
Fui	Estive	Tive	Houve
Foste	Estiveste	Tiveste	Houveste
Foi	Esteve	Teve	Houve
Fomos	Estivemos	Tivemos	Houvemos
Fostes	Estivestes	Tivestes	Houvestes
Foram	Estiveram	Tiveram	Houveram
		Pretérito mais-que-perfeito	
Fora	Estivera	Tivera	Houvera
Foras	Estiveras	Tiveras	Houveras

Fora	Estivera	Tivera	Houvera
Fôramos	Estivéramos	Tivéramos	Houvéramos
Fôreis	Estivéreis	Tivéreis	Houvéreis
Foram	Estiveram	Tiveram	Houveram

Futuro do presente

Serei	Estarei	Terei	Haverei
Serás	Estarás	Terás	Haverás
Será	Estará	Terá	Haverá
Seremos	Estaremos	Teremos	Haveremos
Sereis	Estareis	Tereis	Havereis
Serão	Estarão	Terão	Haverão

Futuro do pretérito

Seria	Estaria	Teria	Haveria
Serias	Estarias	Terias	Haverias
Seria	Estaria	Teria	Haveria
Seríamos	Estaríamos	Teríamos	Haveríamos
Seríeis	Estaríeis	Teríeis	Haveríeis
Seriam	Estariam	Teriam	Haveriam

MODO SUBJUNTIVO

Presente

Seja	Esteja	Tenha	Haja
Sejas	Estejas	Tenhas	Hajas
Seja	Esteja	Tenha	Haja
Sejamos	Estejamos	Tenhamos	Hajamos
Sejais	Estejais	Tenhais	Hajais
Sejam	Estejam	Tenham	Hajam

Pretérito imperfeito

Fosse	Estivesse	Tivesse	Houvesse
Fosses	Estivesses	Tivesses	Houvesses
Fosse	Estivesse	Tivesse	Houvesse
Fôssemos	Estivéssemos	Tivéssemos	Houvéssemos
Fôsseis	Estivésseis	Tivésseis	Houvésseis

Fossem	Estivessem	Tivessem	Houvessem

Futuro

For	Estiver	Tiver	Houver
Fores	Estiveres	Tiveres	Houveres
For	Estiver	Tiver	Houver
Formos	Estivermos	Tivermos	Houvermos
Fordes	Estiverdes	Tiverdes	Houverdes
Forem	Estiverem	Tiverem	Houverem

MODO IMPERATIVO

Afirmativo

Sê tu	Está tu	Tem tu[2]	Há tu
Seja você	Esteja você	Tenha você	Haja você
Sejamos nós	Estejamos nós	Tenhamos nós	Hajamos nós
Sede vós	Estai vós	Tende vós	Havei vós
Sejam vocês	Estejam vocês	Tenham vocês	Hajam vocês

Negativo

Não sejas tu	Não estejas tu	Não tenhas tu	Não hajas tu
Não seja você	Não esteja você	Não tenha você	Não haja você
Não sejamos nós	Não estejamos nós	Não tenhamos nós	Não hajamos nós
Não sejais vós	Não estejais vós	Não tenhais vós	Não hajais vós
Não sejam vocês	Não estejam vocês	Não tenham vocês	Não hajam vocês

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado

Ser	Estar	Ter	Haver

Infinitivo flexionado

Ser	Estar	Ter	Haver
Seres	Estares	Teres	Haveres
Ser	Estar	Ter	Haver
Sermos	Estarmos	Termos	Havermos
Serdes	Estardes	Terdes	Haverdes
Serem	Estarem	Terem	Haverem

Gerúndio

Sendo	Estando	Tendo	Havendo

Particípio

Sido	Estado	Tido	Havido

1. O *Vocabulário Oficial* só adota esta forma; porém, nos poetas pode ocorrer a pronúncia como dissílabo – *te-em-*, como dizem *creem*, *deem*, *leem*, *veem*. Ocorre o mesmo com *vêm* (de *vir*). Note-se, de passagem, que os dissílabos *creem*, *deem*, *leem*, *veem*, são pronúncias relativamente modernas. As formas antigas eram: *crem*, *dem*, *lem*, *vem*.

2. Com *m* final, e não com *n*.

2 – Conjugação composta

MODO INDICATIVO

Pretérito perfeito composto

Tenho	(ou hei)	sido, estado, tido, havido
Tens	(ou hás)	
Tem	(ou há)	
Temos	(ou havemos)	
Tendes	(ou haveis)	
Têm	(ou hão)	

Pretérito mais-que-perfeito composto

Tinha	(ou havia)	sido, estado, tido, havido
Tinhas	(ou havias)	
Tinha	(ou havia)	
Tínhamos	(ou havíamos)	
Tínheis	(ou havíeis)	
Tinham	(ou haviam)	

Futuro do presente composto

Terei	(ou haverei)	sido, estado, tido, havido
Terás	(ou haverás)	
Terá	(ou haverá)	
Teremos	(ou haveremos)	
Tereis	(ou havereis)	
Terão	(ou haverão)	

Futuro do Pretérito composto

Teria	(ou haveria)	sido, estado, tido, havido
Terias	(ou haverias)	
Teria	(ou haveria)	
Teríamos	(ou haveríamos)	
Teríeis	(ou haveríeis)	
Teriam	(ou haveriam)	

MODO SUBJUNTIVO

Pretérito perfeito

Tenha	(ou haja)	sido, estado, tido, havido
Tenhas	(ou hajas)	
Tenha	(ou haja)	
Tenhamos	(ou hajamos)	
Tenhais	(ou hajais)	
Tenham	(ou hajam)	

Pretérito mais-que-perfeito

Tivesse	(ou houvesse)	sido, estado, tido, havido
Tivesses	(ou houvesses)	
Tivesse	(ou houvesse)	
Tivéssemos	(ou houvéssemos)	
Tivésseis	(ou houvésseis)	
Tivessem	(ou houvessem)	

Futuro composto

Tiver	(ou houver)	sido, estado, tido, havido
Tiveres	(ou houveres)	
Tiver	(ou houver)	
Tivermos	(ou houvermos)	
Tiverdes	(ou houverdes)	
Tiverem	(ou houverem)	

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado composto

Ter	(ou haver)	sido, estado, tido, havido

Infinitivo flexionado composto

Ter	(ou haver)	sido, estado, tido, havido
Teres	(ou haveres)	
Ter	(ou haver)	
Termos	(ou havermos)	
Terdes	(ou haverdes)	
Terem	(ou haverem)	

Gerúndio

Tendo (ou havendo) sido, estado, tido, havido

Conjugação do verbo *pôr*

1 – Conjugação simples

MODO INDICATIVO

Presente	Pretérito imperfeito	Pretérito perfeito
Ponho	Punha	Pus
Pões	Punhas	Puseste
Põe	Punha	Pôs
Pomos	Púnhamos	Pusemos
Pondes	Púnheis	Pusestes
Põem	Punham	Puseram

Pretérito mais-que-perf.	Futuro do pretérito	Futuro do presente
Pusera	Poria	Porei
Puseras	Porias	Porás
Pusera	Poria	Porá
Puséramos	Poríamos	Poremos
Puséreis	Poríeis	Poreis
Puseram	Poriam	Porão

MODO SUBJUNTIVO

Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
Ponha	Pusesse	Puser
Ponhas	Pusesses	Puseres
Ponha	Pusesse	Puser
Ponhamos	Puséssemos	Pusermos
Ponhais	Puséssеis	Puserdes

Ponham	Pusessem	Puserem

MODO IMPERATIVO

Afirmativo	Negativo
Põe tu	Não ponhas tu
Ponha você	Não ponha você
Ponhamos nós	Não ponhamos nós
Ponde vós	Não ponhais vós
Ponham vocês	Não ponham vocês

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado	Infinitivo flexionado
Pôr	Pôr
	Pores
	Pôr
	Pormos
	Pordes
	Porem

Gerúndio	Particípio
Pondo	Posto

2 - Conjugação composta

MODO INDICATIVO

Pretérito perfeito composto		Pretérito mais-que-perfeito composto	
Tenho	posto	Tinha	posto
Tens	posto	Tinhas	posto
Tem	posto	Tinha	posto
Temos	posto	Tínhamos	posto
Tendes	posto	Tínheis	posto
Têm	posto	Tinham	posto

Futuro do presente composto		Futuro do pretérito composto	
Terei	posto	Teria	posto
Terás	posto	Terias	posto
Terá	posto	Teria	posto

Teremos	posto	Teríamos	posto
Tereis	posto	Teríeis	posto
Terão	posto	Teriam	posto

MODO SUBJUNTIVO

Pretérito perfeito		Pretérito mais-que-perf.		Futuro	
Tenha	posto	Tivesse	posto	Tiver	posto
Tenhas	posto	Tivesses	posto	Tiveres	posto
Tenha	posto	Tivesse	posto	Tiver	posto
Tenhamos	posto	Tivéssemos	posto	Tivermos	posto
Tenhais	posto	Tivésseis	posto	Tiverdes	posto
Tenham	posto	Tivessem	posto	Tiverem	posto

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado		Infinitivo flexionado	
Ter	posto	Ter	posto
		Teres	posto
		Ter	posto
		Termos	posto
		Terdes	posto
		Terem	posto

Gerúndio composto	
Tendo	posto

Conjugação de um verbo composto na voz passiva: *ser amado*

MODO INDICATIVO

Presente		Pretérito imperfeito		Pretérito perf. simples	
Sou	amado	Era	amado	Fui	amado
És	amado	Eras	amado	Foste	amado
É	amado	Era	amado	Foi	amado
Somos	amados	Éramos	amados	Fomos	amados
Sois	amados	Éreis	amados	Fostes	amados

São	amados	Eram	amados	Foram	amados

Pretérito perfeito composto

Tenho	sido amado
Tens	sido amado
Tem	sido amado
Temos	sido amados
Tendes	sido amados
Têm	sido amados

Pretérito mais-que-perfeito simples

Fora	amado
Foras	amado
Fora	amado
Fôramos	amados
Fôreis	amados
Foram	amados

Pret. mais-que-perfeito composto

Tinha	sido amado
Tinhas	sido amado
Tinha	sido amado
Tínhamos	sido amados
Tínheis	sido amados
Tinham	sido amados

Futuro do presente simples

Serei	amado
Serás	amado
Será	amado
Seremos	amados
Sereis	amados
Serão	amados

Futuro do presente composto

Terei	sido amado
Terás	sido amado
Terá	sido amado
Teremos	sido amados
Tereis	sido amados
Terão	sido amados

Futuro do pretérito simples

Seria	amado
Serias	amado
Seria	amado
Seríamos	amados
Seríeis	amados
Seriam	amados

Futuro do pretérito composto

Teria	sido amado
Terias	sido amado
Teria	sido amado
Teríamos	sido amados
Teríeis	sido amados
Teriam	sido amados

MODO SUBJUNTIVO

Presente

Seja	amado

Pretérito imperfeito

Fosse	amado

Pretérito perfeito

Tenha	sido amado

Sejas	amado	Fosses	amado	Tenhas	sido amado
Seja	amado	Fosse	amado	Tenha	sido amado
Sejamos	amados	Fôssemos	amados	Tenhamos	sido amados
Sejais	amados	Fôsseis	amados	Tenhais	sido amados
Sejam	amados	Fossem	amados	Tenham	sido amados

Pretérito mais-que-perfeito		Futuro		Futuro composto	
Tivesse	sido amado	For	amado	Tiver	sido amado
Tivesses	sido amado	Fores	amado	Tiveres	sido amado
Tivesse	sido amado	For	amado	Tiver	sido amado
Tivéssemos	sido amados	Formos	amados	Tivermos	sido amados
Tivésseis	sido amados	Fordes	amados	Tiverdes	sido amados
Tivessem	sido amados	Forem	amados	Tiverem	sido amados

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado		Infinitivo não flexionado composto	
Ser	amado	Ter	sido amado

Infinitivo flexionado composto		Infinitivo flexionado	
Ser	amado	Ter	sido amado
Seres	amado	Teres	sido amado
Ser	amado	Ter	sido amado
Sermos	amados	Termos	sido amados
Serdes	amados	Terdes	sido amados
Serem	amados	Terem	sido amados

Gerúndio	Gerúndio composto	
Sendo amado	Tendo	sido amado

OBSERVAÇÕES sobre a voz passiva:

1.ª) O particípio neste caso aparece na forma feminina se a referência é feita a ser do gênero feminino:

Ele é *amado*. Ela é *amada*.

2.ª) Também nas três pessoas do plural o particípio vai ao plural:

Voz ativa – Ela tem *estudado*. Elas têm *estudado*.

Voz passiva – Ela é *amada*. Elas são *amadas*.

3.ª) Na voz passiva não se usa o imperativo.

Conjugação de um verbo *pronominal*: *apiedar-se* – Já vimos que o verbo se diz

pronominal quando o pronome oblíquo se refere ao pronome reto:

Eu *me* visto. Nós *nos* arrependemos. Eles *se* foram.

O pronome átono pode vir antes, no meio ou depois do verbo ou verbos (se for uma conjugação composta), de acordo com certos princípios que serão futuramente estudados:

a) *próclise*: se o vocábulo átono vem antes: Ele se feriu (pronome átono proclítico);

b) mesóclise: se o vocábulo átono vem no meio (dos futuros, do presente e do pretérito): Vestir-se-á se puder. Vestir-nos-íamos se pudéssemos (pronome átono mesoclítico);

c) *ênclise*: se o vocábulo átono vem depois: Queixamo-nos ao diretor (pronome átono enclítico).

NOTA IMPORTANTE – Se o pronome for enclítico, nestes casos, só haverá uma alteração no verbo a que pertencer o pronome: perderá o *s* final da 1.ª pessoa do plural:

queixo-me
queixas-te
queixa-se
queixamo-nos
queixais-vos
queixam-se

Nas outras posições, o verbo ficará intacto:

Nós nos queixamos. Queixar-nos-emos.

Atente-se para o seguinte modelo e para as observações feitas sobre a impossibilidade da posposição em algumas formas:

Apiedar-se

MODO INDICATIVO

Presente	Pretérito imperfeito	Pretérito perfeito
apiedo-me	apiedava-me	apiedei-me
apiedas-te	apiedavas-te	apiedaste-te
apieda-se	apiedava-se	apiedou-se
apiedamo-nos	*apiedávamo-nos*	*apiedamo-nos*
apiedais-vos	apiedáveis-vos	apiedastes-vos
apiedam-se	apiedavam-se	apiedaram-se

Pretérito perfeito composto		Pretérito mais-que-perfeito
tenho-me	apiedado [1]	apiedara-me
tens-te	apiedado	apiedaras-te
tem-se	apiedado	apiedara-se
temo-nos	*apiedado*	*apiedáramo-nos*
tendes-vos	apiedado	apiedáreis-vos
têm-se	apiedado	apiedaram-se

Pretérito mais-que-perfeito composto

tinha-me	apiedado
tinhas-te	apiedado
tinha-se	apiedado
tínhamo-nos	*apiedado*
tínheis-vos	apiedado
tinham-se	apiedado

Futuro do presente

apiedar-me-ei [2]
apiedar-te-ás
apiedar-se-á
apiedar-nos-emos
apiedar-vos-eis
apiedar-se-ão

Futuro do presente composto

ter-me-ei	apiedado
ter-te-ás	apiedado
ter-se-á	apiedado
ter-nos-emos	apiedado
ter-vos-eis	apiedado
ter-se-ão	apiedado

Futuro do pretérito

apiedar-me-ia
apiedar-te-ias
apiedar-se-ia
apiedar-nos-íamos
apiedar-vos-íeis
apiedar-se-iam

Futuro do pretérito composto

ter-me-ia	apiedado
ter-se-ias	apiedado
ter-se-ia	apiedado
ter-nos-íamos	apiedado
ter-vos-íeis	apiedado
ter-se-iam	apiedado

1 Nunca se use pronome átono posposto a particípio.

2 Nunca se use pronome átono posposto aos futuros do presente e do pretérito; usar-se-á a anteposição ou a interposição, como veremos depois.

MODO SUBJUNTIVO

NOTA: Raramente aparece pronome posposto a verbo neste modo, por aparecer, em geral, em oração subordinada.

Presente	**Pretérito imperfeito**	**Pretérito perfeito**
apiede-me	apiedasse-me	Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!
apiedes-te	apiedasses-te	
apiede-se	apiedasse-se	
apiedemo-nos	*apiedássemo-nos*	
apiedeis-vos	apiedásseis-vos	
apiedem-se	apiedassem-se	

Pretérito mais-que-perfeito		**Futuro composto**
tivesse-me	apiedado	
tivesses-te	apiedado	

tivesse-se	apiedado	Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!
tivéssemo-nos	*apiedado*	
tivésseis-vos	apiedado	
tivessem-se	apiedado	

MODO IMPERATIVO

Afirmativo	**Negativo**
apieda-te tu	
apiede-se você	
apiedemo-nos nós	Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!
apiedai-vos vós	
apiedem-se vocês	

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado simples	**Infinitivo não flexionado composto**	
apiedar-me	ter-me	apiedado
apiedar-te	ter-te	apiedado
apiedar-se	ter-se	apiedado
apiedar-nos	ter-nos	apiedado
apiedar-vos	ter-vos	apiedado
apiedar-se	ter-se	apiedado
Infinito flexionado simples	**Infinito flexionado composto**	
apiedar-me	ter-me	apiedado
apiedares-te	teres-te	apiedado
apiedar-se	ter-se	apiedado
apiedarmo-nos	*termo-nos*	*apiedado*
apiedardes-vos	terdes-vos	apiedado
apiedarem-se	terem-se	apiedado
Gerúndio simples	**Gerúndio composto**	
apiedando-me	tendo-me	apiedado
apiedando-te	tendo-te	apiedado
apiedando-se	tendo-se	apiedado
apiedando-nos	tendo-nos	apiedado
apiedando-vos	tendo-vos	apiedado
apiedando-se	tendo-se	apiedado

Particípio

Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!

Conjugação de um verbo com pronome oblíquo átono (sem ser pronominal): tipo ***pô-lo*** – O verbo pode acompanhar-se de um pronome oblíquo átono que não se refira ao pronome reto, isto é, ao sujeito:

Eu *o* vi. Nós *te* admiramos. Ela *o* chama.

Quando os pronomes oblíquos átonos *o*, *a*, *os*, *as* estiverem depois do verbo ou no meio modificam-se de acordo com o final a que se acham pospostos:

a) se o verbo terminar por vogal ou semivogal oral, os pronomes aparecem inalterados: ponho-*o*, ponho-*a*, ponho-*os*, ponho-*as*;

b) se o verbo terminar por *r*, *s* ou *z*, desaparecem estas consoantes e os pronomes aparecem nas antigas formas *lo*, *la*, *los*, *las*:

pôr lo = pô-lo; pões lo = põe-lo; diz lo = di-lo; deixar lo ia = deixá-lo-ia

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Recorde-se a acentuação dos oxítonos estudada em **Regras de acentuação**.

2.ª) Se o verbo termina por *ns*, o *n* passará a *m*: *tens lo = tem-lo*.

c) se o verbo terminar por som nasal (*m* ou sílaba com til), os pronomes assumem as formas *no*, *na*, *nos, nas*:

põe + o = põe-no; viram + a = viram-na.

NOTA: Se os pronomes vêm antes do verbo, não há nenhuma alteração nos pronomes e no verbo: Ele *o põe* ali. Eu *o fiz*.

OBSERVAÇÃO: Alguns autores chamam *pronominais reflexos* aos verbos na voz reflexiva e pronominais irreflexivos (ou não reflexos) aos verbos deste parágrafo. 62

Atente-se para o seguinte modelo e para as observações feitas sobre a impossibilidade da posposição em algumas formas:

Pô-lo

(só a conjugação simples)

MODO INDICATIVO

Presente	**Pretérito imperfeito**	**Pretérito perfeito**
ponho-o	punha-o	pu-lo
põe-lo	punha-lo	puseste-o
põe-no	punha-o	pô-lo
pomo-lo	púnhamo-lo	pusemo-lo
ponde-lo	púnhei-lo	puseste-lo
põem-no	punham-no	puseram-no
Pret. Mais-que-perf.	**futuro do presente**	**Futuro do pretérito**
Pusera-o	pô-lo-ei [1]	pô-lo-ia
pusera-lo	pô-lo-ás	pô-lo-ias
pusera-o	pô-lo-á	pô-lo-ia
puséramo-lo	pô-lo-emos	pô-lo-íamos
pusérei-lo	pô-lo-eis	pô-lo-íeis
puseram-no	pô-lo-ão	pô-lo-iam

1 Note-se que nos futuros do presente e do pretérito há formas verbais com dois acentos gráficos.

MODO SUBJUNTIVO

NOTA: raramente aparece pronome posposto a verbo neste modo.

Presente	**Pretérito imperfeito**	**Futuro**
ponha-o	pusesse-o	Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!
ponha-lo	pusesse-lo	
ponha-o	pusesse-o	
ponhamo-lo	puséssemo-lo	
ponhai-lo	puséssei-lo	

ponham-no	pusessem-no

MODO IMPERATIVO

Afirmativo	**Negativo**
põe-no tu [2]	Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!
ponha-o você	
ponhamo-lo nós	
ponde-o vós [2]	
ponham-no vocês	

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo	**Gerúndio**	**Particípio**
pô-lo	pondo-o	Não se usa com pronome posposto.

2 Recorde-se que o s final do presente do indicativo desaparece no imperativo afirmativo.

Conjugação dos verbos irregulares – Na seguinte relação de verbos, apresentamos, além das formas irregulares, algumas regulares em que frequentemente se erra. As formas que aqui faltam e se empregam são todas regulares.

1.ª CONJUGAÇÃO:

Dar

Pres. ind.: dou, dás, dá, damos, dais, dão.
Pret. perf. ind.: dei, deste, deu, demos, destes, deram.
M.-que-Perf. ind.: dera, deras, dera, déramos, déreis, deram.
Pres. subj.: dê, dês, dê, demos, deis, deem.
Pret. imperf. subj.: desse, desses, desse, déssemos, désseis, dessem.
Fut. subj.: der, deres, der, dermos, derdes, derem.

Por este modelo conjuga-se *desdar; circundar* é, porém, regular.

Estar

Ver a lista dos verbos auxiliares.

Por este conjugam-se: *sobestar* e *sobrestar*. São regulares os seus derivados *constar, prestar, obstar, instar, distar, restar,* etc.

2.ª CONJUGAÇÃO

Caber

Pres. ind.: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem.

Pret. perf. ind.: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam.
M.-q.-perf. ind.: coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam.
Pres. subj.: caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam.
Pret. imp. subj.: coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem.
Fut. subj.: coube*r,* couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem.

Comprazer

Ver *prazer*.

Crer

Pres. ind.: creio, crês, crê, cremos, credes, creem.
Pret. perf. ind.: cri, creste, creu, cremos, crestes, creram.
Pres. subj.: creia, creias, creia, creiamos, creiais, creiam.
Pret. impa. subj.: cresse, cresses, cresse, crêssemos, crêsseis, cressem.
Fut. subj.: crer, creres, crer, crermos, crerdes, crerem.
Imperativo: crê, crede.
Part.: crido.

Com este conjuga-se *descrer*.

Dizer

Pres. ind.: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem.
Pret. Perf. ind.: disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram.
M.-q.-perf. ind.: dissera, disseras, dissera, disséramos, disséreis, disseram.
Fut. pres.: direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão.
Fut. pret.: diria, dirias, diria, diríamos, diríeis diriam.
Pres. subj.: diga, digas, diga, digamos, digais, digam.
Pret. imperf. subj.: dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem.
Fut. subj.: disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem,
Imperativo: dize, dizei.
Part.: dito.

Por este se conjugam *bendizer*, *condizer*, *contradizer*, *desdizer*, *maldizer*, *predizer*.

Fazer

Pres. ind.: faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem.
Pret. perf. ind.: fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram.
M.-q.-perf. ind.: fizera, fizeras, fizera, fizéramos, fizéreis, fizeram.
Fut. pres.: farei, farás, fará, faremos, fareis, farão.
Fut. pret.: faria, farias, faria, faríamos, faríeis, fariam.
Pres. subj.: faça, faças, faça, façamos, façais, façam.
Pret. imp. subj.: fizesse, fizesses, fizesse fizéssemos, fizésseis, fizessem.
Fut. subj.: fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem.
Imperativo: faz(e), fazei.
Part. : feito.

Por este se conjugam *afazer*, *contrafazer*, *desfazer*, *liquefazer*, *perfazer*, *refazer*, *rarefazer*, *satisfazer*.

Haver

Ver a conjugação dos verbos auxiliares.

Jazer

Pret. ind.: jazo, jazes, jaz, jazemos, jazeis, jazem.
Pret. Perf. ind.: jazi, jazeste, jazeu, jazemos, jazestes, jazeram.

As outras formas – pois é totalmente conjugado – são regulares.

Por este se modela *adjazer*.

Ler

Pres. ind.: leio, lês, lê, lemos, ledes, leem.

Pret. perf. ind.: li, leste, leu, lemos, lestes, leram.

M.-q.-perf. ind.: lera, leras, lera, lêramos, lêreis, leram.

Pres. subj.: leia, leias, leia, leiamos, leiais, leiam.

Pret. imp. subj.: lesse, lesses, lesse, lêssemos, lêsseis, lessem.

Fut. subj.: ler, leres, ler, lermos, lerdes, lerem.

Por este se conjugam *reler* e *tresler*.

Perder

Pres. ind.: perco (ê), perdes, perde, perdemos, perdeis, perdem.

Pres. subj.: perca (ê), percas (ê), perca (ê), percamos (ê), percais (ê), percam (ê).

Poder

Pres. ind.: posso, podes, pode, podemos, podeis, podem.

Pret. perf. ind.: pude, pudeste, pôde, pudemos, pudestes, puderam.

M.-q.-perf. ind.: pudera, puderas, pudera, pudéramos, pudéreis, puderam.

Pres. subj.: possa, possas, possa, possamos, possais, possam.

Pret. imp.: pudesse, pudesses, pudesse, pudéssemos, pudésseis, pudessem.

Fut. subj.: puder, puderes, puder, pudermos, puderdes, puderem.

Desusado modernamente no imperativo.

Prazer

(Pouco usado na 1.ª e 2.ª pessoa)

Pres. ind.: praz, prazem.

Pret. perf. ind.: prouve, prouveram.

M.-q.-perf. ind.: prouvera, prouveram.

Pret. imp. subj.: prouvesse, prouvessem.

Fut. subj.: prouver, prouverem.

Por este se conjugam *aprazer, desprazer, desaprazer,* verbos que se apresentam em todas as pessoas. *Comprazer* e *descomprazer são* verbos completos e se modelam por *prazer;* no pret. perfeito e m.-q.-perfeito do indicativo, pret. imperfeito e futuro do subjuntivo podem ainda ser conjugados regularmente.

> (...) o poeta (...) não *aprazia* a uma companhia ortodoxa [JR.2, 195].

Querer

Pres. ind.: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem.

Pret. Perf. ind.: quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram.

M.-q.-perf. ind.: quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram.

Pres. subj.: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram.

Pret. imp. subj.: quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem.

Fut. subj.: quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem.

Part.: querido (a forma quisto só se usa em *benquisto* e *malquisto).*

A moderna forma *quere*, 3.ª pessoa do singular, em lugar de *quer,* só é usada pelos portugueses. Normalmente não se usa o verbo *querer* no imperativo; há exemplos de *querei* nos *Sermões* do Pe. Antônio Vieira. Quando se usa pronome átono (*o*, *a*, *os*, *as*) posposto à 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo, emprega-se *qué-lo* ou *quere-o:* "Qué-lo o teu povo" [AH.4, 1, 79].

Desusado modernamente no imperativo; aparece no optativo que traduz um desejo de realização de um fato expresso pelo infinitivo seguinte: *Queira aceitar meus cumprimentos.*

Requerer

Pres. ind.: requeiro, requeres, requer (ou requere), requeremos, requereis, requerem.
Pret. Perf. ind.: requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram.
M.-q.-perf. ind.: requerera, requereras, requerera, requerêramos, requerêreis, requereram.
Pres. subj.: requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram.
Pret. imp. subj.: requeresse, requeresses, requeresse, requerêssemos, requerêsseis, requeressem.
Fut. subj.: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.
Imperativo: requer(e), requerei.
Part.: requerido.

A 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo *requer* é modernamente mais usada que *requere*, esta mais lusitana.

Saber

Pres. ind.: sei, sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem.
Pret. perf. ind.: soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, souberam.
M.-q.-perf. ind.: soubera, souberas, soubera, soubéramos, soubéreis, souberam.
Pres. subj.: saiba, saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam.
Pret. imp. subj.: soubesse, soubesses, soubesse, soubéssemos, soubésseis, soubessem.
Fut. subj.: souber, souberes, souber, soubermos, souberdes, souberem.

Ser

Veja a conjugação dos verbos auxiliares.

Ter

Veja a conjugação dos verbos auxiliares.

Trazer

Pres. ind.: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem.
Pret. perf. ind.: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram.
M.-q.-perf. ind.: trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram.
Futuro do pres.: trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão.
Fut. do pret.: traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam.
Pres. subj.: traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam.
Pret. imp. subj.: trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem.
Imperativo: traz(e), trazei.

Valer

Pres. ind.: valho, vales, vale (ou val), valemos, valeis, valem.
Pres. subj.: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham.

Val, por *vale*, é forma corrente entre os portugueses.

Como *valer* conjugam-se *desvaler* e *equivaler*.

Ver

Pres. ind.: vejo, vês, vê, vemos, vedes veem.
Pret. imp. ind.: via, vias, via, víamos, víeis, viam.
Pret. perf. ind.: vi, viste, viu, vimos, vistes, viram.
M.-q.-perf. ind.: vira, viras, vira, víramos, víreis, viram.
Pres. subj.: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam.
Pret. imp. subj.: visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem.
Fut. subj.: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.
Part.: visto.

Assim se conjugam *antever*, *entrever*, *prever* e *rever*. *Prover* e *desprover* modelam-se por *ver*, exceto no pretérito

perfeito do indicativo e derivados, e particípio, quando se conjugam regularmente.

Pret. Perf. ind.: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram.

M.-q.-perf. ind.: provera, proveras, provera, provéramos, provêreis, proveram.

Fut. subj.: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.

Part.: provido.

3.ª Conjugação:

Acudir

Pres. ind.: acudo, acodes, acode, acudimos, acudis, acodem.

Pret. Perf. ind.: acudi, acudiste, acudiu, acudimos, acudistes, acudirem.

Pres. subi.: acuda, acudas, acuda, acudamos, acudais, acudam.

Pret. imp. subj.: acudisse, acudisses, acudisse, acudíssemos, acudísseis, acudissem.

Imperativo: acode, acudi.

Assim se conjugam *bulir, construir, cuspir, destruir, engolir* 63, *entupir*64, *escapulir, fugir* 65, *sacudir, subir, sumir* 66.

Construir, destruir e *entupir,* como verbos abundantes, apresentam como formas menos usadas, *construis, construi, destrui, entupes, entupe.*

Os demais verbos em *udir* (*aludir*, *eludir*, *iludir*) são regulares.

Cair

Pres. ind.: caio, cais, cai, caímos, caís, caem.

Pret. imp. ind.: caía, caías, caía, caíamos, caíeis, caíam.

Pret. perf. ind.: caiu, caíste, caiu, caímos, caístes, caíram.

M.-q.-perf. ind.: caíra, caíras, caíra, caíramos, caíreis, caíram.

Fut. pres.: cairei, cairás, cairá, cairemos, caireis, cairão.

Fut. pret.: cairia, cairias, cairia, cairíamos, cairíeis, cairiam.

Pres. subj.: caia, caias, caia, caiamos, caiais, caiam.

Pret. imp. subj.: caísse, caísses, caísse, caíssemos, caísseis, caíssem.

Fut. subj.: cair, caíres, cair, cairmos, cairdes, caírem.

Por este se conjugam *atrair, contrair, distrair, esvair, retrair, sair, subtrair, trair, embair*.

Para a boa acentuação deste tipo de verbos, recorde-se o que se disse em **Regras de acentuação**.

Cobrir

Pres. ind.: cubro, cobres, cobre, cobrimos, cobris, cobrem.

Pret. Perf. ind.: cobri, cobriste, cobriu, cobrimos, cobristes, cobriram.

Pres. subj.: cubra, cubras, cubra, cubramos, cubrais, cubram.

Imperativo: cobre tu, cubra você, cubramos nós, cobri vós, cubram vocês.

Por este se conjugam *descobrir, dormir* (regular no part.: dormido), *encobrir, recobrir e tossir* (regular no part.: *tossido).*

Frigir

Pres. ind.: frijo, freges, frege, frigimos, frigis, fregem.

Pres. subj.: frija, frijas, frija, frijamos, frijais, frijam.

Imperativo: frege, frija, frijamos, frigi, frijam.

Part.: frigido e frito.

Atente-se para a troca de *g por j antes* de *a* e *o*.

Ir

Pres. ind.: vou, vais, vai, vamos (ou imos), ides, vão.

Pret. imp. ind.: ia, ias, ia, íamos, íeis, iam.
Pret. Perf.: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.
m.-q.-perf. ind.: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.
Fut. pres.: irei, irás, irá, iremos, ireis, irão.
Fut. Pret.: iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam.
Pres. subj.: vá, vás, vá, vamos, vades, vão.
Pret. imp. subj.: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.
Fut. subj.: for, fores, for, formos, fordes, forem.
Imperativo: vai, vá, vamos, ide, vão.
Gerúndio: indo.
Part.: ido.

Medir

Pres. ind.: meço, medes, mede, medimos, medis, medem.
Pres. subj.: meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam.
Assim se conjugam *desmedir e pedir*.

Mentir

Pres. ind.: minto, mentes, mente, mentimos, mentis, mentem.
Pres. subj.: minta, mintas, minta, mintamos, mintais, mintam.
Por este verbo se conjugam *consentir, desmentir, persentir* (sentir profundamente), *pressentir* (prever), *ressentir, sentir*.

Ouvir

Pres. ind.: ouço, ouves, ouve, ouvimos, ouvis, ouvem.
Pres. subj.: ouça, ouças, ouça, ouçamos, ouçais, ouçam.
Entre portugueses ocorre a variante *oiço,* ao lado de *ouço*. Também no presente do subjuntivo: *oiça, oiças, oiça, oiçamos, oiçais, oiçam.*

Pedir

Pres. ind.: peço, pedes, pede, etc.
Pres. subj.: peça, peças, peça, etc.
Pedir serve hoje de modelo para *desimpedir, despedir, expedir* e *impedir* (que não são derivados de *pedir*).

Parir

Polir (= *lustrar*, *civilizar*)

Pres. ind.: pulo, pules, pule, polimos, polis, pulem.
Pret. perf.: poli, poliste, poliu, polimos, polistes, poliram.
Pres. subj.: pula, pulas, pula, pulamos, pulais, pulam.
Imperativo: pule, pula, pulamos, poli, pulam.
Por este verbo se conjugam *despolir* e *sortir* (= abastecer, prover, misturar, combinar). *Surtir* (com *u*) é regular: *surto, surtes, surte, surtimos, surtis, surtem*[67].

> "...enquanto o progresso das ciências e das artes pule e melhora exteriormente o gênero humano, destruiria o intolerável egoísmo que destrói ou afeia o formoso edifício da moderna civilização". [AH.2, 142].

Progredir

Pres. ind.: progrido, progrides, progride, progredimos, progredis, progridem.
Pret. imp. ind.: progredia, progredias, progredia, progredíamos, progredíeis, progrediam.
Pret. perf. ind.: progredi, progrediste, progrediu, progredimos, progredistes, progrediram.
Pres. subj.: progrida, progridas, progrida, progridamos, progridais, progridam.
Por este verbo se conjugam *agredir, cerzir, denegrir, prevenir, regredir, transgredir. Remir,* hoje mais usado como defectivo (cf. **Verbos defectivos e abundantes**), seguia outrora o modelo de *progredir:* rimo, rimes, rime, remimos, remis,

rimem.

"Por 20 libras anuais a aldeia de Favaios rime todos os tributos e obtém o privilégio de nomear o seu juiz" [AH.2, 149].

Rir

Pres. ind.: rio, ris, ri, rimos, rides, riem.

Pret. imperf. ind. : ria, rias, ria, ríamos, ríeis, riam.

Pret. perf. ind.: ri, riste, riu, rimos, ristes, riram.

Part. : rido.

Segue este modelo o verbo *sorrir*.

Servir

Pres. ind.: sirvo, serves, serve, servimos, servis, servem.

Pres. subj.: sirva, sirvas, sirva, sirvamos, sirvais, sirvam.

Imperativo: serve, sirva, sirvamos, servi, sirvam.

Por este verbo se conjugam aderir, advertir, aferir, compelir, competir, concernir, conferir, conseguir, convergir, deferir, despir, digerir, divertir, expelir, impelir, inserir, perseguir, preferir, preterir, repelir, seguir, sugerir, vestir.

Submergir

Pres. ind.: submerjo (ê), submerges (é), submerge (é), submergimos, submergis, submergem (é).

Pres. subj.: submerja (ê), submerjas (ê), submerja (ê), submerjamos, submerjais, submerjam (ê).

Imperativo: submerge (é), submerja (ê), submerjamos, submergi, submerjam (ê).

Seguem este modelo *aspergir, emergir, imergir*.

Vir

Pres. ind.: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm.

Pret. imperf. ind.: vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham.

Pret. Perf. ind.: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.

Fut. pres.: virei, virás, virá, viremos, vireis virão.

Fut. pret.: viria, virias, viria, viríamos, viríeis, viriam.

Pres. subj.: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham.

Fut. subj.: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.

Imperativo: vem, venha, venhamos, vinde, venham.

Gerúndio: vindo.

Part.: vindo.

Por este modelo se conjugam advir, avir-se, convir, desavir, intervir, provir, sobrevir.

EMPREGO DO VERBO

Emprego de tempos e modos

1) **Indicativo** – É o modo que normalmente aparece nas orações independentes, e nas dependentes que encerram um fato real ou tido como tal.

Presente – Para bem entender os diversos empregos por que se desdobra o presente no sistema de oposições em que se insere, temos de considerar a lição de Coseriu, que propõe o seguinte esquema [ECs.5, 139]:

<table>
<tr><td></td><td>Presente</td><td colspan="2">Passado</td><td></td></tr>
<tr><td rowspan="2">Não futuro</td><td rowspan="2">canto</td><td>cantava</td><td>cantei</td><td>Presente</td></tr>
<tr><td colspan="2">cantara</td><td rowspan="2">Passado</td></tr>
<tr><td>Futuro</td><td>cantarei</td><td colspan="2">cantaria</td></tr>
</table>

Ainda teríamos de, no interior do passado, admitir outra vez a oposição presente/passado, isto é, uma oposição entre um "presente do passado" (*cantava – cantei*) e um "passado do passado" (*cantara*).

Isto significa que o presente, a rigor, se caracteriza pelo traço "negativo" ou "neutral" em relação ao pretérito (passado) e ao futuro, que são termos "positivos", isto é, aplicados ao ocorrido, o que lhe permite, ao presente, empregar-se, em determinados contextos, "em lugar" do passado e do futuro [ECs.1, 234]. Não ocorrendo a neutralização, tais substituições ficam impedidas: em *agora estarei muito cansado*, se entendermos "agora mesmo", e não "em seguida", depois do momento em que falo" (quando a construção será perfeitamente possível), não se empregará o futuro pelo presente.

O presente denota uma declaração:

a) que se verifica ou que se prolonga até o momento em que se fala:

"Ocorre-me uma reflexão imoral, que é ao mesmo tempo uma correção de estilo" [MA.1, 56].

b) que acontece habitualmente:

A Terra gira em torno do Sol.

c) que representa uma verdade universal (o "presente eterno"):

"O interesse adota e defende opiniões que a consciência reprova" [MM].

Emprega-se o presente:

a) pelo *pretérito*, em narrações animadas e seguidas (presente histórico), como para dar a fatos passados o sabor de novidade das coisas atuais:

"Pela manhã, *bates*-lhe à porta, chamando-o. Como ninguém responda, *procuras* entrar. Um peso imprevisto *detém* o esforço do teu braço. *Insistes*. *Entras*. E *recuas*, os olhos escancarados, o rosto transfigurado pela dor e pelo assombro, o coração parado no peito" [HC.1, 16-17]. 68

b) pelo *futuro do indicativo* para indicar com ênfase uma decisão:

Amanhã eu *vou* à cidade.

c) pelo *pretérito imperfeito* do subjuntivo:

Se *respondo* mal, ele se zangaria.

d) pelo *futuro do subjuntivo*:

Se *queres* a paz, prepara-te para a guerra.

OBSERVAÇÃO: Para exprimir ação começada emprega-se, em geral, o verbo *estar* seguido de gerúndio ou de infinitivo precedido de *a* preposição.

Estava { falando / a falar { sobre tal assunto

Pretérito imperfeito – O imperfeito, como ensina Coseriu [ECs.5, 165], é um membro não marcado, extensivo, de uma oposição que encerra três membros, dois dos quais são marcados e intensivos: o mais-que-perfeito e o chamado condicional presente, na forma simples.

Nesta oposição, o mais-que-perfeito significa um "anterior", enquanto o condicional presente (futuro do pretérito) um "depois". Daí o imperfeito não significar nem "antes" nem "depois" e, por isso, pode ocupar todo o espaço da oposição. Isto implica que não se pode, a rigor, atribuir ao imperfeito a pura e simples significação de passado, a não ser que ele seja considerado um "presente" do passado. Como um segundo "presente" pode – como ocorre com o presente próprio, que tem seu pretérito representado pelo perfeito simples, e o seu futuro representado pelo futuro simples – ter seu próprio passado (o mais-que-perfeito) e seu próprio futuro (o condicional presente). Por isso, o presente pode substituir o pretérito perfeito simples e o futuro, mas o imperfeito não.

Pode-se, neste gráfico, representar o presente e o imperfeito no sistema dos tempos em português; o imperfeito, sendo um termo neutro do plano "inatual", pode ser empregado "em lugar" do seu pretérito (passado) e de seu futuro:

Passado		Atualidade		Futuro
Perfeito simples	←	Presente	→	Futuro
Mais-que-perfeito	←	Imperfeito	→	Condicional presente (Fut. do pret.)

Daí a variedade e ambivalências destes dois tempos na atividade do discurso; geralmente uma forma verbal não está por outra ou em lugar de outra, mas sim no lugar de *outra significação* [ECs.5, 150].

Emprega-se o pret. imperfeito quando nos transportamos mentalmente a uma época passada e descrevemos o que então era presente:

"Eugênia *coxeava* um pouco, tão pouco, que eu cheguei a perguntar-lhe se machucara o pé" [MA.1, 193].

Nos pedidos e solicitações ou denota que duvidamos da realização do fato ou exprime um desejo feito com modéstia ou com o simples propósito:

"*Queria* viver para o seu filho – é como ele explicava o desejo da vida" [CBr.9, 22].

Sr. Manuel, eu *desejava* telefonar.

Pode substituir, principalmente na conversação, o futuro do pretérito, quando se quer exprimir fato categórico ou a segurança do falante:

"Se me desprezasses, morreria, *matava*-me" [CBr.9, 19].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Emprega-se o pretérito imperfeito do verbo *dever* (fazer uma coisa) em lugar do pretérito perfeito:

Ele *devia* (e não *deveu*) ser (ou *ter sido*) ontem mais atencioso para contigo [ED.1, § 207, a, obs].

2.ª) Aparece em lugar do futuro do pretérito para denotar um fato certo como consequência de outro que não se deu:

Eu, se tivesse crédito na praça, *pedia* outro empréstimo.

3.ª) Ainda na referência ao futuro, entra o imperfeito chamado "prelúdico" ou imperfeito dos jogos: *então* [neste jogo que

vamos começar a jogar] eu *era* o rei e tu *eras* a rainha [ECS.1, 207]. "Agora eu era o herói e o meu cavalo só falava inglês" (*João e Maria*, de Chico Buarque e Sivuca).

Pretérito perfeito – "O pretérito imperfeito é o tempo da ação prolongada ou repetida com limites imprecisos; ou não nos esclarece sobre a ocasião em que a ação terminaria ou nada nos informa quanto ao momento do início. O pretérito perfeito, pelo contrário, fixa e enquadra a ação dentro de um espaço de tempo determinado" [SA.5, II, 103]:

> "Marcela *teve* primeiro um silêncio indignado; depois *fez* um gesto magnífico: *tentou* atirar o colar à rua. Eu *retive*-lhe o braço; *pedi*-lhe muito que não me fizesse tal desfeita, que ficasse com a joia. *Sorriu* e *ficou*" [MA.1, 55].

Não se pode dizer, comenta Coseriu 69, que o perfeito simples e o imperfeito se contrapõem por uma simples oposição. Na essência, o imperfeito em português e no românico visualiza as ações como num pano de fundo, como se completando num nível secundário.

O pretérito composto (*tenho trabalhado*) exprime:

a) repetição ou prolongação de um fato até o momento em que se fala, ou fato habitual:

> "Não me *tens dito* nada das tuas ocupações nessa casa" [CBr.3, II, 133].

b) fato consumado:

> *Tenho dito* (no fim dos discursos).

Pretérito mais-que-perfeito (simples e composto) – Denota uma ação anterior a outra já passada:

> "No dia seguinte, antes de me recitar nada, explicou-me o capitão que só por motivos graves *abraçara* a profissão marítima..." [MA.1, 66-67].

OBSERVAÇÃO: Em certas orações temporais, aparece o pretérito perfeito onde se esperaria o mais-que-perfeito:

> "Logo que se *retirou* o inimigo, mandou D. João Mascarenhas enterrar os mortos" [ED.1, § 208].
>
> "Ao revés encontra-se em orações subordinadas o mais-que-perfeito correspondendo a um presente da oração subordinada, quando este presente tem o sentido de um pretérito, v.g. Os antiquários dizem (= deixaram escrito) que ele *vivera* neste reinado" [ED.1].

Emprega-se ainda o mais-que-perfeito simples em lugar do futuro do pretérito do indicativo e do pretérito do subjuntivo, o que serve hoje como traço estilístico de linguagem solene:

> "dizendo: Mais *servira* (= serviria), se não *fora* (= fosse) para tão longo amor tão curta a vida" [LC.2, 147].
>
> "Que *fora* (= seria) a vida, se nela não *houvera* (= houvesse) lágrimas?" [AH.1, 32].

Futuro – O futuro do presente e o do pretérito denotam uma ação que ainda se vai realizar:

> "Os homens nos *parecerão* sempre injustos enquanto o forem as pretensões do nosso amor-próprio" [MM].
>
> "Sem a crença em uma vida futura, a presente *seria* inexplicável" [MM].

O futuro do presente pode ainda exprimir:

a) em lugar do *presente*, incerteza ou ideia aproximada, simples possibilidade ou asseveração modesta:

> "O mal não *será* a especiaria do bem?" [MM].
>
> Ele *terá* seus vinte anos.

No caso de ser empregado, em linguagem polida, nas interrogações, o futuro "não obriga o interlocutor a responder, como quando se emprega o verbo no presente ou no pretérito" [SA.2, 225].

b) em lugar do *imperativo*, uma ordem ou recomendação, principalmente nas prescrições e recomendações morais:

> *Defenderás* os teus direitos.
>
> Não *furtarás*.

"Nas orações condicionais de *se*, nas temporais de *quando* e *enquanto*, nas conformativas (de *segundo* e *conforme*, etc.), nas adjetivas que denotam simples concepção", o futuro do indicativo é substituído pelo futuro conjuntivo (subjuntivo) – o qual só nestas orações se usa (ou também em certos casos pelo presente conjuntivo); assim diz-se: *se vejo*, *se vi*, mas: *se vir*; *quando vejo*, *quando vi*, mas: *quando vir*; *aquele que vê*, *aquele que viu*, mas: *aquele que vir*" [ED.1, § 209, a, obs.].

O futuro do pretérito se emprega ainda para denotar:

a) que um fato se dará, agora ou no futuro, dependendo de certa condição:

"A vida humana *seria* incomportável sem as ilusões e prestígios que a circundam" [MM].

"Se pudéssemos chegar a um certo grau de sabedoria, *morreríamos* tísicos de amor e admiração por Deus" [MM].

b) asseveração modesta em relação ao passado, admiração por um fato se ter realizado:

Eu *teria* ficado satisfeito com as tuas cartas [RV].

Nós *pretenderíamos* saber a verdade.

Seria isso verdadeiro?

c) incerteza:

Haveria na festa umas doze pessoas.

Emprega-se o auxiliar *tivera* (ou *houvera*) na oração condicional, em lugar do mais-que-perfeito, em relação a um futuro do pretérito posto na oração principal:

Estudaria (ou *teria estudado*), se *tivera* (= *tivesse*) *sabido* da prova.

2) **Subjuntivo** – O modo subjuntivo ocorre normalmente nas orações independentes optativas, nas imperativas negativas e afirmativas (nestas últimas com exceção da 2.ª pessoa do singular e plural), nas dubitativas com o advérbio *talvez* e nas subordinadas em que o fato é considerado como incerto, duvidoso ou impossível de se realizar:

Bons ventos o *levem.*

"Não *emprestes*, não *disputes*, não *maldigas* e não terás de arrepender-te" [MM].

"Não *desenganemos* os tolos se não queremos ter inumeráveis inimigos" [MM].

"*Louvemos* a quem nos louva para abonarmos o seu testemunho" [MM].

"Talvez a estas horas *desejem* dizer-te *pecavi*! Talvez *chorem* com lágrimas de sangue" [AH.5, I, 58].

"Faltam-nos memórias e documentos coevos em que *possamos* estribar-nos para relatar tais sucessos" [AH.6, I, 451].

OBSERVAÇÃO: Às vezes ocorre o indicativo com *talvez*: "Magistrado ou guerreiro de justo ou generoso se gaba: – e as turbas talvez o *aplaudem* e *celebram* seu nome" [AH.2, 180]. Parece que o indicativo deixa antever melhor a certeza de que o de que se duvida se pode bem realizar.

Nas orações subordinadas substantivas, ocorre o subjuntivo nos seguintes principais casos:

a) depois de expressões (verbos, nomes ou locuções equivalentes) que denotam ordem, vontade, consentimento, aprovação, proibição, receio, admiração, surpresa, contentamento:

"Prouvera a Deus, venerável Crimilde – tornou o quingentário – que nos *fosse* lícito desamparar estes muros" [AH.1, 146].

"Proibi-te que o *revelasses*" [AH.5, I, 294].

Espero que *estudes* e que *sejas* feliz.

b) depois de expressões (verbos ou locuções formadas por *ser*, *estar*, *ficar* + substantivo ou adjetivo) que denotam desejo, probabilidade, vulgaridade, justiça, necessidade, utilidade:

Cumpre que *venhas* cedo.

Convém que não nos *demoremos*.

É bom que *compreenda* logo o problema.

c) depois dos verbos *duvidar*, *suspeitar*, *desconfiar* e nomes cognatos (dúvida, duvidoso, suspeita, desconfiança, etc.) quando empregados afirmativamente, isto é, quando se trata de dúvida, suspeita ou desconfiança reais:

"... me vinham à mente *suspeitas* de que ela *fosse* um anjo transviado do céu..." [AH.5, II, 321].

"A luz... que *suspeitávamos procedesse* de lâmpada esquecida por sonolento moço de reposte..." [AH.5, 333].

Se o falante tem a suspeita como coisa certa, ou nela acredita, o normal é aparecer o indicativo:

"*Suspeitava*-se que era a alma da velha Brites que andava ali penada" [AH.5, 364].

Usa-se o subjuntivo nas orações adjetivas que exprimem:

a) fim:

"Ando à cata de um criado que *seja* econômico e fiel" [RB].

b) consequência (o relativo vem precedido de preposição, geralmente, *com*):

"Daqui levarás tudo tão sobejo
Com que faças (= que com isso) o fim a teu desejo" [LC.1, II, 4].

c) uma conjectura e não uma realidade:

Compare-se:

O cidadão que *ama* sua pátria engrandece-a. (realidade)

O cidadão que *ame* sua pátria engrandece-a. (conjectura)

d) depois de um predicado negativo, ou de uma interrogação de sentido negativo quando enunciam uma qualidade que determine e restrinja a ideia expressa por esse predicado ou interrogação:

"Não há homem algum que *possa* gabar-se de ser completamente feliz.
Quem há aí que *seja* completamente feliz?" [RV.1, 274-5]

Nas orações adverbiais usa-se o subjuntivo:

a) nas causais de *não porque*, *não* (ou *nem*), quando se quer dizer que a razão aludida não é verdadeira:

"Deitei-me ontem mais cedo, não porque *tivesse* sono, mas porque precisava de me levantar hoje de madrugada" [RV.1, 274].

b) nas concessivas de *ainda que*, *embora*, *conquanto*, *posto que*, *se bem que*, *por muito que*, *por pouco que* (e semelhantes), não havendo, entretanto, completo rigor a respeito:

"Ainda que *perdoemos* aos maus, a ordem moral não lhes perdoa, e castiga a nossa indulgência" [MM].

"Por mais sagaz que *seja* o nosso amor próprio, a lisonja quase sempre o engana" [MM].

Entram neste rol as alternativas de sentido concessivo (ou... ou, quer... quer) e as concessivas justapostas do tipo de *fosse ele o culpado*, *ainda assim lhe perdoaria*.

c) nas condições de *se*, *contanto que*, *sem que*, *a não ser que*, *suposto que*, *caso*, *dado que*, para exprimir hipótese, e não uma realidade. Entra ainda neste grupo a comparativa hipotética *como se*:

"Se as viagens simplesmente *instruíssem* os homens, os marinheiros seriam os mais instruídos" [MM].

"E moviam os lábios, como se *tentassem* falar" [AH.1, 26].

Se se tratar de coisa real ou tida como tal, geralmente aparece o indicativo:

"Não há momento que perder, se *queremos* salvar-nos" [AH.1, 253].

d) nas consecutivas quando se exprime uma simples concepção e não um fato real:

"Devemos regular a nossa vida de modo que *possamos* esperar e não recear depois de nossa morte" [MM].

"Não subais tão alto que a queda *seja* mortal" [MM].

e) nas finais:

"Os maus são exaltados para serem felizes, para que *caiam* do mais alto e *sejam* esmagados" [MM].

f) nas temporais de *antes que*, *assim que*, *até que*, *enquanto*, *depois que*, *logo que*, quando ocorrem nas negações ou nas indicações de simples concepção, e não uma realidade (caso em que aparece o indicativo):

"Cumprirei o que ordenas, porque jurei obedecer-te cegamente enquanto não *salvássemos* a irmã de Pelágio" [AH.1, 215].

Casos particulares:

1) A oração substantiva que completa a exclamação de surpresa *quem diria* constrói-se com indicativo ou subjuntivo:

Quem diria que ele *era* capaz disso.

Quem diria que ele *fosse* capaz disso.

2) Com os indefinidos do tipo *o que quer que* é mais comum o emprego do subjuntivo:

Saiu com o que quer que *fosse*.

Alexandre Herculano vacilou entre o emprego de *fosse* (ed. de 1876) e *era* (ed. de 1864) no seguinte passo:

"Com um olhar de simpatia e compaixão, misturada do que quer que *era* de admiração e de terror involuntário" [AH.1, 265 ed. 1864].

3) Também têm o verbo no subjuntivo as orações introduzidas por *que*, quando restringem a generalidade de um asserto:

"Não há, que eu *saiba*, expressão mais suave" [ED.1, 128].

3) **Imperativo** – Cumpre apenas acrescentar ao que disse anteriormente:

a) que o infinitivo pode substituir o imperativo nas ordens instantes:

"Todos se chegavam para o ferir, sem que a D. Álvaro se ouvissem outras palavras, senão estas: *Fartar*, rapazes" [AH.2, 98].

b) que se usa o imperativo do verbo *querer* (ao lado do subjuntivo presente) seguido de infinitivo para suavizar uma ordem:

Queira aceitar meus cumprimentos.

OBSERVAÇÃO: Os casos aqui lembrados estão longe de enquadrar a trama complexa do emprego de tempos e modos em português. São várias as situações que podem, ferindo os princípios aqui expostos, levar o falante ou escritor a buscar novos meios expressivos. São questões que fogem ao âmbito da Gramática e constituem preocupação da Estilística.

Emprego das formas nominais – A respeito das formas nominais, cumpre acrescentar ao que se disse nas páginas anteriores:

A – **Infinitivo histórico** – Entende-se por *infinitivo histórico* ou *de narração* aquele que, numa narração animada, considera a ação como já passada, e não no seu desenvolvimento:

"E os médicos a *insistirem* que saísse de Lisboa" [J. Dinis].

"Ela a *voltar* as costas, e o reitor a pôr o chapéu na cabeça" [J. Dinis].

"E ele a *rir*-se, ele a *regalar*-se" [EQ] 70

B – **Emprego do infinitivo** (flexionado e sem flexão):

1) *Infinitivo pertencente a uma locução verbal*:

Não se flexiona normalmente o infinitivo que faz parte de uma locução verbal:

"E o seu gesto era tão desgracioso, coitadinho, que todos, à exceção de Santa, *puseram*-se *a rir*" [AAz *apud* FB.1, 138].

"Pois, se *ousais levar* a cabo vosso desenho, eu ordeno que o façais" [AH *apud* FB.1, 196].

"Depois mostraram-lhe, um a um, os instrumentos das execuções, e explicaram-lhe por miúdo como *haviam de morrer* seu marido, seus filhos e o marido de sua filha" [CBr *apud* FB.1, 221].

Encontram-se exemplos que se afastam deste critério quando ocorrem os seguintes casos:

a) o verbo principal se acha afastado do auxiliar e se deseja avivar a pessoa a quem a ação se refere:

"*Possas* tu, descendente maldito
De uma tribo de nobres guerreiros,
Implorando cruéis forasteiros,
Seres presa de vis Aimorés" [GD.4, II, 31].

"... dentro dos mesmos limites atuais *podem* as cristandades *nascerem* ou *anularem*-se, *crescerem* ou *diminuírem* em certos pontos desses vastos territórios" [AH.2, 173].

b) o verbo auxiliar, expresso anteriormente, cala-se depois:

"*Queres ser* mau filho, *deixares* uma nódoa d'infância na tua linhagem" [AH.2, 174].

2) *Infinitivo dependente dos verbos causativos e sensitivos*:

Com os causativos *deixar*, *mandar*, *fazer* (e sinônimos), a norma é aparecer o infinitivo sem flexão, qualquer que seja o seu agente:

"Sancho II deu-lhe depois por válida a carta e *mandou*-lhes *erguer* de novo os marcos onde eles os haviam posto" [AH.2, 64].

"*Fazei*-os *parar*" [AH.2, 75].

"*Deixai vir* a mim as criancinhas".

Mas flexionado em:

"e *deixou fugirem*-lhe duas lágrimas pelas faces" [AH.2, 155]. 71

"Não são poucas as doenças para as quais, por desídia, vamos *deixando perderem*-se os nomes velhos que têm em português" [MBa.5, 211].

Com os sensitivos *ver*, *ouvir*, *olhar*, *sentir* (e sinônimos), o normal é empregar-se o infinitivo sem flexão, embora aqui o critério não seja tão rígido:

"Olhou para o céu, viu estrelas... escutou, *ouviu ramalhar* as árvores" [AH.2, 101].

"... o terror fazia-lhes crer que já *sentiam ranger* e *estalar* as vigas dos simples..." [AH.2, 172].

Os seguintes exemplos atestam o emprego do infinitivo flexionado:

"Em Alcoentre os ginetes e corredores do exército real vieram escaramuçar com os do infante, e ele próprio os *ouvia chamarem*-lhe traidor e hipócrita" [AH.2, 96].

"Creio que comi: *senti renovarem*-se-me as forças" [AH.2, 172].

Observações:

1.ª) Com os causativos e sensitivos pode aparecer ou não o pronome átono que pertence ao infinitivo (obs. 5.ª):

"*Deixei*-o *embrenhar* (por *embrenhar-se*) e transpus o rio após ele" [AH.2, 77].

"O faquir *deixou*-o *afastar* (por *afastar-se*)" [AH.2].

"Enconstando-se outra vez na sua dura jazida, Egas *sentiu alongar*-se a estrupiada dos cavalheiros..." [AH.3, 265-6].

"E o eremita *viu*-a, ave pernalta e branca, *bambolear*-se em voo, ir chegando, *passar*-se para cima do leito, *aconchegar*-se

ao pobre homem...” [JR.2, 327].

Por isso não cabe razão a Mário Barreto [MBa.4, 51] quando condena, nestes casos, o aparecimento do pronome átono.

2.ª) Aqui também o infinitivo pode aparecer flexionado, por se calar o auxiliar:

“*viu alvejar* os turbantes, e, depois *surgirem* rostos tostados, e, depois, *reluzirem* armas” [AH.1, 257].

3) *Infinitivo fora da locução verbal*:

Fora da locução verbal, “a escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos somente da ação ou do intuito ou necessidade de pormos em evidência o agente do verbo” [SA.2, 246].

O infinitivo sem flexão revela que a nossa atenção se volta com especial atenção para a ação verbal; o flexionamento serve de insistir na pessoa do sujeito:

Estudamos { para *vencer* na vida
para *vencermos* na vida

“As crianças são acalentadas por *dormirem*, e os homens enganados para *sossegarem*” [MM].

Ocorre o infinitivo flexionado nos seguintes casos principais:

1.º) “sempre que o infinitivo estiver acompanhado de um nominativo sujeito, nome ou pronome (quer igual ao de outro verbo, quer diferente);

2.º) sempre que se tornar necessário destacar o agente, e referir a ação especialmente a um sujeito, seja para evitar confusão, seja para tornar mais claro o pensamento. O infinitivo concordará com o sujeito que temos em mente;

3.º) quando o autor intencionalmente põe em relevo a pessoa a que o verbo se refere” [SA.1, 72]:

Estudamos para nós *vencermos* na vida.

“Beijo-vos as mãos, senhor rei, por vos *lembrardes* ainda de um velho homem de armas que para nada presta hoje” [AH *apud* FB.1, 195].

“É permitido aos versistas *poetarem* em prosa” [CBr.1, 60].

APÊNDICE

PASSAGEM DA VOZ ATIVA À PASSIVA E VICE-VERSA

Em geral, só pode ser construído na voz passiva verbo que pede objeto direto, acompanhado ou não de outro complemento. Daí a língua padrão lutar contra linguagens do tipo:

A missa foi assistida por todos,

uma vez que o verbo *assistir*, nesta acepção, só se constrói com complemento relativo:

Todos assistiram à missa.

À força do uso já se fazem concessões aos verbos:

apelar: A sentença não foi *apelada*.
aludir: Todas as faltas foram *aludidas*.
obedecer: Os regulamentos não são *obedecidos*.
pagar: As pensionistas foram *pagas* ontem.
perdoar: Os pecadores devem ser *perdoados*.

responder: Os bilhetes seriam *respondidos* hoje.

Na passagem da ativa para a passiva segue-se o esquema:

1.º) o sujeito da ativa, se houver, passa a agente da passiva;

2.º) o objeto direto da ativa, se houver, passa a sujeito da passiva;

3.º) o verbo da voz ativa passa para a voz passiva, conservando-se o mesmo tempo e modo;

4.º) não sofrem alteração os outros termos oracionais que apareçam.

Exemplo 1:

Ativa	*Passiva*
Eu li o livro	O livro foi lido por mim

Exemplo 2 (com pronome oblíquo):

Ativa	*Passiva*
Nós o ajudamos ontem	Ele, ontem, foi ajudado por nós

Exemplo 3 (com sujeito indeterminado):

Ativa	*Passiva*
Enganar-me-ão	Eu serei enganado

Exemplo 4 (com tempo composto):

Ativa	*Passiva*
Eles têm cometido erros	Erros têm sido cometidos por eles

Exemplo 5 (com sujeito indeterminado de verbo que aparecerá na passiva pronominal):

Ativa	*Passiva*
Vendem casas	Vendem-se casas
Vendem esta casa	Vende-se esta casa

7 – Advérbio

Advérbio – É a expressão modificadora que por si só denota uma circunstância (de lugar, de tempo, modo, intensidade, condição, etc.) e desempenha na oração a função de adjunto adverbial:

Aqui tudo vai *bem* (lugar e modo).

Hoje não irei *lá* (tempo, negação, lugar).

O aluno *talvez não* tenha redigido *muito bem* (dúvida, negação, intensidade, modo).

O *advérbio* é constituído por palavra de natureza nominal ou pronominal e se refere geralmente ao verbo, ou ainda, dentro de um grupo nominal unitário, a um adjetivo e a um advérbio (como intensificador), ou a uma declaração inteira:

José escreve *bem* (advérbio em referência ao verbo).

José é *muito* bom escritor (advérbio em referência ao adjetivo *bom*).

José escreve *muito* bem (advérbio em referência ao advérbio *bem*).

Felizmente José chegou (advérbio em referência a toda a declaração: José chegou; o advérbio deste tipo geralmente exprime um juízo pessoal de quem fala e constitui a cláusula comentário.

Fundamentalmente, distribuem-se os advérbios em assinalar a posição temporal (os de tempo) ou espacial do falante (os de lugar), ou ainda o modo pelo qual se visualiza o "estado de coisas" designado na oração.

Certos advérbios são assinalados em função de modificador de substantivo, principalmente

quando este é entendido não tanto enquanto substância, mas enquanto qualidade que esta substância apresenta: *Gonçalves Dias é verdadeiramente poeta* [PL *apud* por EBm.1, 8].

Pessoas ***assim*** não merecem nossa atenção.

Também certos advérbios funcionam como predicativo, à maneira dos adjetivos:

A vida é ***assim***.

Como bem diz Mattoso Câmara [MC.8, 122], perturba a descrição e a demarcação classificatória "a extrema mobilidade semântica e funcional que caracteriza os advérbios".

Combinações com advérbios – Advérbios há de *tempo* e *lugar* que marcam melhor sua função ou designação mediante o emprego de uma preposição [AL.1, §188]:

Por agora, estão encerrados os trabalhos.

Até então os telefones não funcionavam.

Desde cedo já havia compradores de ingresso.

De longe já se viam as chamas.

Por aqui se pode entrar na cidade.

As crianças *de hoje* contam com mais divertimentos.

Eles sempre se apresentam com as promessas *de sempre*.

Alguns advérbios – como as preposições que veremos ao seu tempo – precedem o transpositor ***que*** para marcar a circunstância, formando o que a gramática tradicional chama de *locuções conjuntivas* adverbiais. A rigor, trata-se de um grupo de palavras que, por hipotaxe, funciona como conjunção:

Agora que tudo serenou, podemos retornar.

Sabíamos que ele estava errado *sempre que* gaguejava.

Ainda que estude, terá de aperfeiçoar-se *depois que* se gradue.

Já que não me responde, sinto-me desobrigado de convidá-lo.

Assim que chegou, começou a trabalhar.

No capítulo de conjunção, teremos oportunidade de fazer referência a certos advérbios que, graças à sua mobilidade posicional, se colocam – quase sempre no início – de maneira tal, que têm levado alguns gramáticos a classificá-los como conjunção coordenativa explicativa (causal), conclusiva, etc. É o caso de advérbios como *pois*, *logo*, *entretanto*, *contudo*, *por conseguinte*, em construções do tipo [MMa.1, 153]:

Ela saiu cedo, *por conseguinte* encontrou facilidade de condução.

Tudo estava preparado, *logo* se poderia começar a reunião.

Advérbio e preposição – Já vimos que alguns advérbios se constituem pela união de preposição a substantivos, adjetivos ou a próprio advérbio, apresentando-se, conforme a ortografia vigente, ora escritos numa só palavra, ora separadamente. Unido o grupo a preposições, teremos um conjunto que, por hipotaxe, funciona como simples preposição a introduzir um adjunto adverbial: *apenas*, *em frente*, *em cima*, *depressa*, *debaixo*, *em baixo* (*embaixo*), *detrás*, etc.

Os livros ficam *debaixo da* mesa. (*sob* a mesa)

O carro estacionou *em frente da* casa.

A jarra repousa *em cima da* mesa. (*sobre* a mesa)

Construções como:

O vizinho escreveu *contra* o argumento,

permitem a passagem da preposição a advérbio pela redução da unidade introduzida pela preposição, construção breve, mas sem circulação frequente no idioma:

"Toda a minha vida colegial se desenha no espírito com tão vivas cores, que parecem frescas de ontem, e todavia mais de trinta anos já lhes pairaram *sobre*" [JA.4, 102].

O vizinho escreveu *contra*.

Já falei *a respeito*.

O advérbio estabelece a transição dos vocábulos variáveis para os invariáveis; a rigor não tem flexão propriamente dita, mas há uns tantos advérbios que admitem graus de qualidade como os nomes [RV.1, 71].

Locução adverbial – é o grupo geralmente constituído de preposição + substantivo (claro ou subentendido) que tem o valor e o emprego de advérbio. A preposição, funcionando como transpositor, prepara o substantivo para exercer uma função que primariamente não lhe é própria:

com efeito, *de graça*, *às vezes*, *em silêncio*, *por prazer*, *sem dúvida*, etc.

Na constituição das locuções adverbiais, o substantivo que nelas entra pode estar no masculino ou no feminino e no singular ou no plural, segundo as normas fixadas pela tradição.

Outras vezes o substantivo vem com acompanhante e pode ocorrer até a omissão do substantivo, em expressões fixas:

na verdade, *de nenhum modo*, *em breve* (subentende-se *tempo*), *à direita* (ao lado de *à mão direita*), *à francesa* (subentende-se *à moda*), etc.

Frequentemente se cala a preposição nas locuções adverbiais de tempo e modo:

Esta semana (por *nesta semana*) teremos prova.

Espingarda ao ombro (por *de espingarda ao ombro*), juntou-se ao grupo de pessoas.

Circunstâncias adverbiais – Constituindo o advérbio uma classe de palavra muito heterogênea, torna-se difícil atribuir-lhe uma classificação uniforme e coerente. Em geral, seu papel na oração se prende não apenas a um núcleo (verbo), mas se amplia na extensão em que se espraia o conteúdo manifestado no predicado. Isto lhe permite, em primeiro lugar, certa flexibilidade de posição não só no espaço em que se prolonga o predicado (com seu núcleo verbal), mas se estende aos domínios do sujeito, podendo antecedê-lo ou vir-lhe posposto. Este papel singular do advérbio lhe dá também certa autonomia fonológica, de contorno entonacional muito variado, a serviço do intuito comunicativo do falante.

Assim, há advérbios de papel semântico-sintático mais *internamente* ligados ao núcleo verbal (e estes não gozam das flexibilidades de posição e entoação atrás referidas), e há os advérbios mais externamente ligados ao núcleo verbal. Daí escapar ao analista uma classificação unitária que abarque todos os casos possíveis. É bom caminho, parece-nos, adotar a proposta de Alarcos Llorach no sentido de ater-se o analista "às relações que cada advérbio contrai dentro do enunciado, quer no seu papel primário de adjacente circunstancial,

quer por sua combinação com outras unidades no interior de um grupo nominal unitário" [AL.1, § 178].

Na classificação do advérbio, ora se pauta pelos valores léxicos (semânticos) das unidades que o constituem, ora por critérios funcionais. No primeiro caso, são os advérbios classificados como denotadores de *tempo* (*agora*, *antes*, *tarde*, etc.), de *lugar* (*aqui*, *fora*, etc.), de *quantidade* (*tanto*, *muito*, *bastante*, etc.), etc. Pelo segundo critério, teremos os *demonstrativos* (*aqui*, *então*, *agora*, *aí*, etc.), os *relativos* (*onde*, *como*, *quando*, etc.) e *interrogativos* (*quando*?, *onde*?, *como*?).

As principais circunstâncias expressas por advérbio ou locução adverbial são:

1) *assunto*: Conversar sobre música.

2) *causa*: Morrer de fome.

3) *companhia*: Sair com os amigos.

4) *concessão*: Voltaram apesar do escuro.

5) *condição*: Só entrará com autorização. Não sairá sem licença.

6) *conformidade*: Fez a casa conforme a planta.

7) *dúvida*: Talvez melhore o tempo. Acaso encontrou o livro.

8) *fim*: Preparou-se para o baile.

9) *instrumento*: Escrever com lápis.

10) *intensidade*: Andou mais depressa.

11) *lugar*: Estuda aqui. Foi lá. Passou pela cidade. Veio dali.

12) *modo*: Falou assim. Anda mal. Saiu às pressas.

13) *referência*: "O que nos sobra *em glória* de ousados e venturosos navegantes, míngua-nos *em fama* de enérgicos e previdentes colonizadores" [LCo *apud* FB.1, 218].

14) *tempo*: Visitaram-nos hoje. Então não havia recursos. Sempre nos cumprimentaram. Jamais mentiu.

15) *negação*: Não lerá sem óculos.

OBSERVAÇÃO: A Nomenclatura Gramatical Brasileira põe os denotadores de *inclusão*, *exclusão*, *situação*, *retificação*, *designação*, *realce*, etc. à parte, sem a rigor incluí-los entre os advérbios, mas constituindo uma classe ou grupo heterogêneo chamado *denotadores*, que coincide, em parte, com a proposta de José Oiticica das *palavras denotativas*, muitas das quais têm papel transfrástico e melhor atendem a fatores de função textual estranhos às relações semântico-sintáticas inerentes às orações em que se acham inseridas:

1 – *inclusão*: também, até, mesmo, etc.:

Até o professor riu-se.

Ninguém veio, *mesmo* o irmão.

2 – *exclusão*: só, somente, salvo, senão, apenas, etc.:

Só Deus é imortal.

Apenas o livro foi vendido.

3 – *situação*:

Mas que felicidade.

Então duvida que se falasse latim?

Pois não é que ele veio.

4 – *retificação*: aliás, melhor, isto é, ou antes, etc.:

Comprei cinco, *aliás*, seis livros.

Correu, *isto é*, voou até nossa casa.

5 – *designação*:

Eis o homem.

6 – *realce*:

Nós *é que* somos brasileiros.

7 – *expletivo*: lá, só, ora, que:

Eu sei *lá*!

Vejam *só* que coisa!

Oh! *Que* saudade *que* tenho!

Ora decidamos logo o negócio.

8 – *explicação*: a saber, por exemplo, isto é, etc.:

Eram três irmãos, *a saber*: Pedro, Antônio e Gilberto.

O plano "transfrástico" e os advérbios – No estudo de certas unidades torna-se de capital importância não deixar de lado as diversas camadas ou estratos de estruturação gramatical. No que toca particularmente a certos advérbios, merece atenção a camada da *antitaxe*, que diz respeito à retomada ou substituição de uma unidade de um plano gramatical qualquer, já presente ou virtualmente presente ou previsto no discurso, poder ser retomada ou antecipada por outra unidade, num ponto do discurso individual ou dialogado [ECs.2, 38]. A substituição ou retomada já vinha sendo posta em evidência pela gramática tradicional no caso dos pronomes; mas a ação da antitaxe é mais ampla e vai desembocar no papel textual de alguns advérbios, como veremos a seguir.

Assim, não são advérbios mas substitutos de oração (pro-orações ou pro-textos) *sim*, *não*, *talvez*, *também*, quando retomam, como respostas, enunciados textuais:

Você vai ao cinema? – *Sim.*

Ela fez os exercícios? – *Não*.

Tu não foste escolhido? *Também.*

Estão no mesmo caso as unidades de valor circunstancial (advérbios) que aparecem em orações do tipo seguinte, mas que retomam "estados de coisas" designados ou intuídos anteriormente, que exprimem relações ligadas ao sentido do discurso:

De fato nós saímos cedo.

Isto, *sem dúvida*, está errado.

Estes casos de antitaxe (retomada ou substituição) se combinam com outra camada de estruturação gramatical que é a *hipertaxe* ou *superordenação*, fenômeno pelo qual uma unidade de camada inferior pode funcionar sozinha em camadas superiores. É o caso de advérbios em *-mente* quando saem da camada no nível da palavra para funcionar no nível da cláusula e daí no nível da oração ou do texto, em exemplos como:

Certamente!

Naturalmente!

ambos no nível da oração e do texto, ou em:

Certamente ela não virá hoje.

Todos saíram ilesos, *felizmente*.

Naturalmente ele negará o que disse ontem.

todos no nível da cláusula comentário.

Portanto, a tais advérbios não se há de querer aplicar a série de características canônicas do advérbio que se acha exclusivamente preso às referências do núcleo verbal.

Também merecem referência especial os advérbios que estão no papel de diferençar as orações pelo seu "significado ôntico", isto é, o valor de existência que se atribui ao "estado de coisas" designado pela oração (existência certa, negada, duvidosa, desejada, etc.) 72. É o caso dos advérbios de *negação* e de *dúvida*:

Ele veio / Ele *não* veio

Ela chega / Ela *talvez* chegue

Advérbios de base nominal e pronominal – O advérbio, pela sua origem e significação, se prende a nomes ou pronomes, havendo, por isso, advérbios nominais e pronominais.

Entre os *nominais* se acham aqueles formados de adjetivos acrescidos do "sufixo" *-mente*: *rapidamente* (= de modo rápido), *pessimamente*. Na realidade, ficam a meio caminho, fonológica e morfologicamente, da derivação e da composição (locução).

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Se o nome tem forma para masculino e feminino, junta-se o sufixo ao feminino. Fazem exceção alguns adjetivos terminados em *ês* e *or*, que no português antigo só apresentavam uma forma para ambos os gêneros. Daí dizer-se *portuguesmente* (e não *portuguesamente*); *superiormente* (e não *superioramente*), *melhormente*.

2.ª) Estes advérbios em *-mente* se caracterizam por conservar o acento vocabular de cada elemento constitutivo, ainda que mais atenuado, o que lhes permite, numa série de advérbios, em geral só apresentar a forma em *-mente* no fim: Estuda *atenta* e *resolutamente*. Havendo ênfase, pode-se repetir o advérbio na forma plena:

"Depois, ainda falou *gravemente* e *longamente* sobre a promessa que fizera" [MA *apud* SS.1, § 480].

Entre os *pronominais*, temos:

a) *demonstrativos*: aqui, aí, acolá, lá, cá.

b) *relativos*: onde (em que), quando (em que), como (por que).

c) *indefinidos*: algures, alhures, muito, pouco, que.

d) *interrogativos*: onde?, quando?, como?, por que? (por quê?).

Os advérbios relativos, como os pronomes relativos, servem para referir-se a unidades que estão postas na oração anterior. Nas ideias de lugar empregamos *onde*, em vez de *em que*, *no qual* (e flexões):

A casa *onde* mora é excelente.

Precedido das preposições *a* ou *de*, grafa-se *aonde* e *donde*:

O sítio *aonde* vais é pequeno.

É bom o colégio *donde* saímos.

Ainda como os pronomes relativos, os advérbios relativos podem empregar-se de modo absoluto, isto é, sem referência a antecedente:

Moro onde mais me agrada.

Os advérbios interrogativos de base pronominal se empregam nas perguntas diretas e indiretas em referência ao lugar, tempo, modo ou causa:

Onde está estudando o primo? Ignoro onde estuda.

Quando irão os rapazes? Não sei quando irão os rapazes.

Como fizeram o trabalho? 73. Perguntei-lhes como fizeram o trabalho.

Por que chegaram tarde? Dir-me-ás por que chegaram tarde.

OBSERVAÇÃO: O *Vocabulário Oficial* preceitua que se escreva em duas palavras o advérbio interrogativo *por que*, por estar preocupado em indicar a origem pronominal do advérbio, distinguindo-o de *porque* conjunção, que, na essência, se prende também a uma combinação de *por* + *que*. Melhor seria, seguindo a tradição do idioma, grafar todo *porque* num só vocábulo. Quanto à origem, *por que* e *porque* se identificam: *porque* (e o mesmo vale para *quando* e *como*) não se enquadra apenas como conjunção; *porque*, *quando* e *como* são, em verdade, "expressões adverbiais conjuntivas, isto é, expressões que, sem perderem a sua função adverbial, têm concomitantemente função conjuntiva" [MAg.1, 197].

Adverbialização de adjetivos – Muitos adjetivos, permanecendo imóveis na sua flexão de gênero e número, podem passar a funcionar como advérbio:

Fala *claro* na hora da sua defesa.

Compraram *caro* a fazenda.

Agora estão vivendo *melhor*.

O critério formal de diferenciação das duas classes de modificador (adjetivo: modificador nominal; advérbio: modificador verbal) é a variabilidade do primeiro e a invariabilidade do segundo74:

Eles vendem muito *cara* a fruta. (adjetivo)

Eles vendem *caro* a fruta. (advérbio)

A concordância atrativa e intenções estilísticas e rítmicas podem desfazer as fronteiras acima apontadas.

Intensificação gradual dos advérbios – Há certos advérbios, principalmente os de modo, que podem manifestar uma relação intensificadora gradual, empregando-se, no comparativo e superlativo, de acordo com as regras que se aplicam aos adjetivos:

1 – COMPARATIVO DE
- a) *inferioridade*: Falou *menos* alto *que* (ou *do que*) o irmão.
- b) *igualdade*: Falou *tão* alto *quanto* (ou *como*) o irmão.
- c) *superioridade*:
  - 1) *analítico*: Falou *mais* alto *que* (ou *do que*) o irmão.
  - 2) *sintético*: Falou *melhor* (ou *pior*) *que* (ou *do que*) o irmão.

2 – SUPERLATIVO ABSOLUTO
- a) *sintético*: Falou *pessimamente*, *altíssimo*, *baixíssimo*, *dificílimo*.
- b) *analítico*: Falou *muito* ruim, *muito* alto, *extremamente* baixo, *consideravelmente* difícil, *o mais* depressa possível (indica o limite da possibilidade).

Na realidade, tais intensificações ou gradações do advérbio – como do adjetivo – se expressam por estruturas sintáticas que devem merecer atenção no estudo dos padrões frasais

do português.

3 – Diminutivo com valor de superlativo – Em linguagem familiar pode-se expressar o valor superlativo do advérbio pela sua forma diminutiva, combinada com o valor lexical das unidades que com ele concorrem:

Andar *devagarzinho* (muito devagar, um tanto devagar).

Acordava *cedinho* e só voltava à noitinha.

Saiu *agorinha*.

O diminutivo das fórmulas de recomendação não indica mais lentidão ou ligeireza da realização do fato, mas serve de expressar ou acentuar a recomendação:

Vá *depressinha* apanhar o meu chapéu.

É bom que estudes *devagarinho*.

Observação: Em lugar de *mais bem* e *mais mal* empregam-se *melhor* e *pior*:

"Ninguém conhece *melhor* os interesses do que o homem virtuoso; promovendo a felicidade dos outros assegura também a própria" [MM].

Usa-se, entretanto, de *mais bem* e *mais mal* junto a adjetivos:

"Os esquadrões *mais bem* encavalgados foram despedidos logo em seguimento dos fugitivos" [AH.1, 224].

"Com a maça jogada às mãos ambas abalava e rompia as armas *mais bem* temperadas..." [AH.1, 108].

8 – Preposição

Preposição – Chama-se preposição a uma unidade linguística desprovida de independência – isto é, não aparece sozinha no discurso, salvo por hipertaxe – e, em geral, átona, que se junta a substantivos, adjetivos, verbos e advérbios para marcar as relações gramaticais que elas desempenham no discurso, quer nos grupos unitários nominais, quer nas orações.

Não exerce nenhum outro papel que não seja ser índice da função gramatical de termo que ela introduz.

Em:

Aldenora gosta de Belo Horizonte

a preposição *de* une a forma verbal *gosta* ao seu termo complementar *Belo Horizonte* para ser o índice da função gramatical preposicionada *complemento relativo*.

Já em:

homem de coragem,

a mesma preposição *de* vai permitir que o substantivo *coragem* exerça o papel de *adjunto adnominal* do substantivo *homem* – função normalmente desempenhada por adjetivo. Daí dizer-se que, nestes casos, a preposição é um *transpositor*, isto é, elemento gramatical que habilita uma determinada unidade linguística a exercer papel gramatical diferente daquele que normalmente exerce. Ora, o substantivo normalmente não tem por missão ser palavra modificadora de outro substantivo, razão por que não é comum dizer-se *homem coragem*; para que *coragem* esteja habilitado a assumir o papel gramatical do adjetivo *corajoso* (homem corajoso), faz-se necessário o concurso do transpositor *de*: homem *de coragem*.

Neste papel, o termo anterior à preposição chama-se *antecedente* ou subordinante, e o posterior chama-se *consequente* ou subordinado. O subordinante pode ser substantivo, adjetivo, pronome, verbo, advérbio ou interjeição:

livro de história
útil a todos
alguns de vocês
necessito de ajuda
referentemente ao assunto
ai de mim!

O subordinado é constituído por substantivo, adjetivo, verbo (no infinitivo ou gerúndio) ou advérbio:

casa de *Pedro*
pulou de *contente*
gosta de *estudar*
em chegando
ficou por *aqui*

No exemplo:

De noite todos os gatos são pardos,

o grupo unitário *de noite* exerce na oração o papel de adjunto adverbial; mas o que temos como núcleo é outro substantivo, cujo significado lexical está incluído no amplo campo semântico das designações temporais das partes do dia: *noite*. Impõe-se a presença do transpositor *de* para que o substantivo fique habilitado ou constituindo uma locução adverbial temporal (*de noite*) e assim possa exercer a função de adjunto adverbial na oração acima.

No exemplo primeiro:

Aldenora gosta de Belo Horizonte,

diz-se que a preposição aparece por *servidão gramatical*, isto é, ela é mero índice de função sintática, sem correspondência com uma noção ou categoria gramatical, exigida pela noção léxica do grupo verbal e que, exterior ao falante, impõe a este o uso exclusivo de uma unidade linguística [GGh.1, 99]. É o que ocorre, por exemplo, com "a regência obrigatória de determinada preposição para os objetos que são alvo direto do processo verbal (*tratar de alguma coisa*, etc.)" [MC.4, 217].

Preposição e significado – Já vimos que tudo na língua é semântico, isto é, tudo tem um significado, que varia conforme o papel léxico ou puramente gramatical que as unidades linguísticas desempenham nos grupos nominais unitários e nas orações. As preposições não fazem exceção a isto:

Nós trabalhamos *com* ele, e não *contra* ele.

Contextos deste tipo ressaltam bem o significado de unidades como *com ele* e *contra ele*, auxiliados por diferentes preposições. Todavia, devemos lembrar aqui a noção de *significado unitário* (que não quer dizer significado *único*), exposta nas páginas de introdução.

Ora, cada preposição tem o seu significado unitário, fundamental, primário, que se desdobra em outros significados contextuais (sentido), em acepções particulares que emergem do nosso saber sobre as coisas e da nossa experiência de mundo.

Coseriu lembra, para tanto, o caso da preposição *com*, à qual as gramáticas atribuem englobadamente os significados de "companhia" (*dancei com Marlit*), "modo" (*estudei com prazer*), "instrumento" (*cortei o pão com a faca*), "causa" (*fugiu com medo do ladrão*),

“oposição” (*lutou com o ladrão*), entre outras.

A língua portuguesa só atribui a *com* o significado de “copresença”; o que, na língua, mediante o seu sistema semântico, se procura expressar com esta preposição é que, na fórmula *com* + *x*, *x* está sempre presente no “estado de coisas” designado. Os significados ou sentidos contextuais, analisados pela nossa experiência de mundo e saber sobre as coisas (inclusive as coisas da língua, que constitui a nossa competência linguística) nos permitem dar um passo a mais na interpretação e depreender uma acepção secundária.

Assim, em *cortar o pão com faca*, pelo que sabemos o que é “cortar”, “pão”, “faca”, entendemos que a *faca* não só esteve presente ao ato de “cortar o pão”, mas foi o “instrumento” utilizado para a realização desta ação.

Já em *dancei com Marlit*, emerge, depois da noção da “copresença”, o sentido de “companhia”, pois que em geral não se pratica a dança sozinho.

Em *estudei com prazer*, o *prazer* não só esteve “presente”, mas representou o “modo” de como a ação foi levada a termo.

Mas que a preposição *com* por si não significa “instrumento”, prova-o que esta interpretação não se ajusta a:

Everaldo cortou o pão *com* a Rosa,

pois que, assim como sabíamos o que significa *faca*, sabemos o que é *Rosa*: não se trata de nenhum instrumento cortante, capaz de fatiar o *pão*; teríamos, neste exemplo, uma acepção contextual (sentido) de “ajuda”, ou “companhia”, por esta ou aquela circunstância em que o *pão* se achava e que só o entorno ou situação poderia explicar o conteúdo da oração.

Assim, não se deve perder de vista que, na relação dos “significados” das preposições, há sempre um significado unitário de língua, que se desdobra em sentidos contextuais a que se chega pelo contexto e pela situação.

O sistema preposicional do português, do ponto de vista semântico, está dividido em dois campos centrais: um que se caracteriza pelo traço “dinamicidade” (física ou figurada) e outro em que os traços de noções “estáticas” e “dinâmicas” são indiferentemente marcados ambos, tanto em referência ao espaço quanto ao tempo.[75]

Ao primeiro campo pertencem: *a*, *contra*, *até*, *para*, *por*, *de* e *desde*; ao segundo: *ante*, *trás*, *sob*, *sobre*, *com*, *sem*, *em* e *entre*.

O primeiro grupo admite divisão em dois subgrupos: *a*) movimento de aproximação ao ponto de chegada (*a*, *contra*, *até*, *para*) ; *b*) movimento de afastamento (*de*, *desde*). A preposição *por* se mostra compatível com as duas noções aqui apontadas.

O primeiro subgrupo ainda se pode dividir em duas outras noções suplementares: *a*) “chegada ao limite” (*a*, *até*, *contra*, sendo que a *contra* se adiciona a noção de “limite como obstáculo” ou “confrontamento”); *b*) “mera direção” (*para*).

O segundo subgrupo também admite divisão em duas outras noções de afastamento: *a*) “origem” (*de*); *b*) “mero afastamento” (*desde*).

O segundo grupo admite divisão em dois subgrupos: *a*) situação definida e concreta (*ante*, *trás*, *sob*, *sobre*); *b*) situação mais imprecisa (*com*, *sem*, *em*, *entre*).

O primeiro subgrupo acima ainda se pode dividir em duas outras noções suplementares: *a*)

“situação horizontal” (*ante*, *trás*); *b*) “situação vertical” (*sob*, *sobre*).

O segundo subgrupo também admite divisão em duas outras noções suplementares: *a*) “copresença”, distribuída em “positiva” (*com*) e “negativa” (*sem*) ; *b*) em que a noção de “limite”, dentro da imprecisão que caracteriza o par, marca a preposição *entre*.

Veja adiante o quadro resumo do sistema preposicional do português do ponto de vista semântico.

Unidades convertidas em preposições – No sentido inverso à criação de advérbios ou locuções adverbiais mediante o emprego de preposições combinadas com substantivos (*à noite*, *de tarde*, *com prazer*, etc.), certos advérbios ou outras palavras transpostas à classe de advérbio, e certos adjetivos imobilizados no masculino podem converter-se em preposição:

Fora os alunos, ninguém mais pôde entrar no salão.

Após a chuva, vieram os prejuízos.

Os negociantes foram soltos *mediante* fiança.

Durante o jogo, a torcida cantava o hino do clube.

Também podem converter-se em preposição adjetivos como *exceto*, *salvo*, *visto*, *conforme*, *segundo*, *consoante*, *mediante* e os quantificadores indefinidos *mais* e *menos* quando estão empregados para exprimir não a quantidade, mas a soma e a subtração (***mais*** *estes reais*, ***menos*** *estes reais*; *ele* ***mais*** *o pai*).

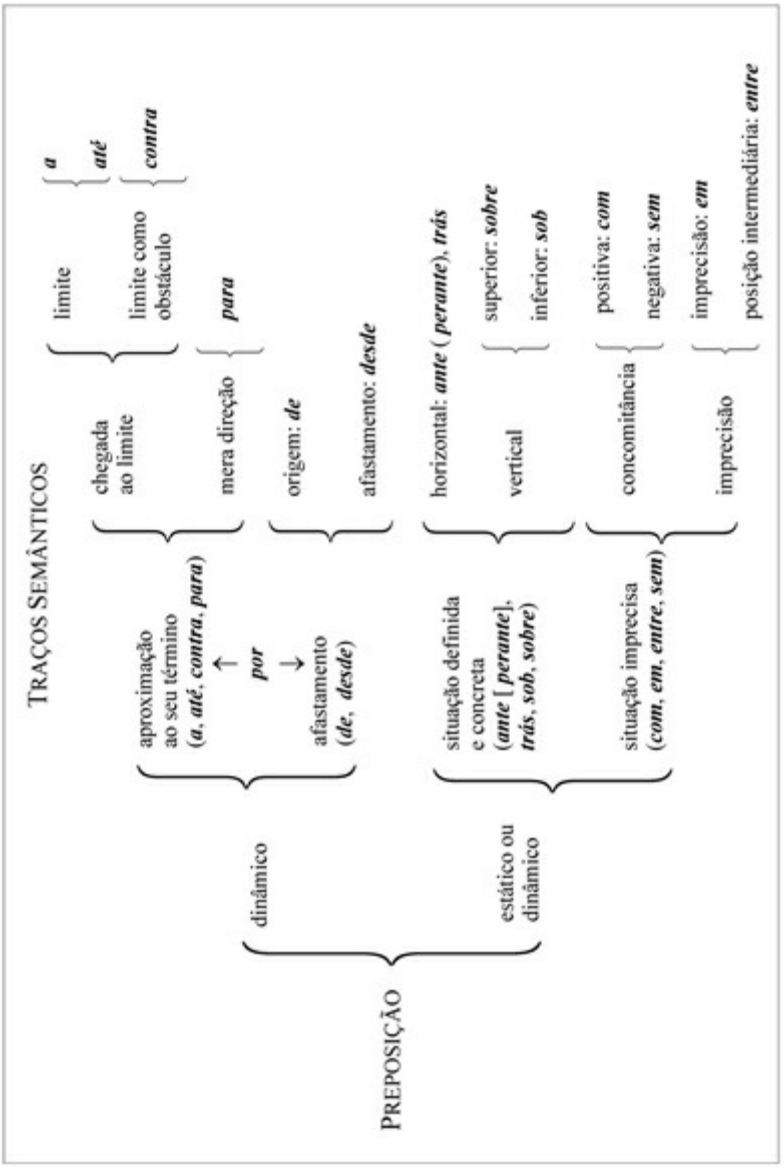

Locução prepositiva – é o grupo de palavras com valor e emprego de uma preposição. Em geral a locução prepositiva é constituída de advérbio ou locução adverbial seguida da preposição *de*, *a* ou *com*:

O garoto escondeu-se *atrás do* móvel.

Não saímos *por causa da* chuva.

O colégio ficava *em frente a* casa.

O ofício foi redigido *de acordo com* o modelo.

Às vezes a locução prepositiva se forma de duas preposições, como: *de per* (na locução *de per si*), *até a* e *para com*.

Foi *até ao* colégio.

Mostrava-se bom *para com* todos.

OBSERVAÇÃO: O substantivo que às vezes entra para formar estas locuções em geral está no singular; mas o plural também é possível: *Viver à custa do pai* (ou *às custas do pai*), *O negócio está em via de solução* (ou *em vias de solução*).

Preposições essenciais e acidentais – Há palavras que só aparecem na língua como preposições e, por isso, se dizem *preposições essenciais*: *a*, *ante*, *até*, *com*, *contra*, *de*,

desde, *em*, *entre*, *para*, *perante*, *por*, *sem*, *sob*, *sobre*, *trás*.

São ACIDENTAIS as palavras que, perdendo seu valor e emprego primitivos, passaram a funcionar como preposições: *durante*, *como*, *conforme*, *feito*, *exceto*, *salvo*, *visto*, *segundo*, *mediante*, *tirante*, *fora*, *afora*, etc.

Só as preposições *essenciais* se acompanham de formas tônicas dos pronomes oblíquos:

Sem *mim* não fariam isso.

Exceto *eu*, todos foram contemplados.

Acúmulo de preposições – Não raro duas preposições se juntam para dar maior efeito expressivo às ideias, guardando cada uma seu sentido primitivo:

Andou *por sobre* o mar.

Estes acúmulos de preposições não constituem uma locução prepositiva porque valem por duas preposições distintas. Combinam-se com mais frequência as preposições: *de*, *para* e *por* com *entre*, *sob* e *sobre*.

"De uma vez olhou *por entre* duas portadas mal fechadas para o interior de outra sala..." [CBr.1, 175].

"Os deputados oposicionistas conjuravam-no a não levantar mão *de sobre* os projetos depredadores" [CBr.1].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Pode ocorrer depois de algumas preposições acidentais (*exceto*, *salvo*, *tirante*, *inclusive*, etc. de sentido exceptivo ou inclusivo) outra preposição requerida pelo verbo, sendo que esta última preposição não é obrigatoriamente explicitada:

Gosto de todos daqui, exceto *ela* (ou *dela*).

Sem razão, alguns autores condenam, nestes casos, a explicitação da segunda preposição (*dela*, no exemplo acima).

Senhoreou-se de tudo, *exceto dos* dois sacos de prata [CBr *apud* MBa.3, 326].

2.ª) Na coordenação, não é necessário repetir as preposições, salvo quando assim o exigirem a ênfase, a clareza ou a eufonia:

Quase não falaram *com* o diretor e repórteres.

Quase não falaram *com* o diretor e *com* os repórteres.

A repetição é mais frequente antes dos pronomes pessoais tônicos e do reflexivo:

Então desde o Nilo ao Ganges / Cem povos armados vi / erguendo torvas falanges / *contra mim* e *contra ti* [Passos *apud* ED.2, § 223, a].

A norma se estende às locuções prepositivas, quando é mais comum a repetição do último elemento da locução:

Antes *do* bem e *do* mal estamos nós.

Quando a preposição se encontra combinada com artigo, deve ser repetida se repetido está o artigo:

"Opor-se *aos* projetos e *aos* desígnios d'alguns" [ED.2]

3.ª) Uma expressão preposicionada indicativa de lugar ou tempo pode ser acompanhada de uma segunda de significado local ou temporal:

Levou-o *para ao* pé da cruz.

Desde pela manhã, esperava novas notícias.

"Nós não fazemos senão andar atrás delas, *desde pela* manhã até a noite, desde a noite *até pela* manhã" [Mesquita *apud* MBa.2, 70].

Trata-se aqui de expressões petrificadas que valem por uma unidade léxica (*ao pé de*, *pela manhã*, etc.) e como tais podem depois ser precedidas de preposição.

Combinação e contração com outras palavras – Diz-se que há *combinação* quando a preposição, ligando-se a outra palavra, não sofre redução. A preposição *a* combina-se com o artigo definido masculino: *a+o = ao; a+os = aos*.

Diz-se que há *contração* quando, na ligação com outra palavra, a preposição sofre redução. As preposições que se contraem são: 76

A

1) com o artigo definido ou pronome demonstrativo feminino:

a + a = à; a + as = às (esta fusão recebe o nome de *crase*)

2) com o pronome demonstrativo:

a + aquele = àquele; a + aqueles = àqueles (crase)
a + aquela = àquela; a + aquelas = àquelas (crase)
a + aquilo = àquilo (crase)

Observações:

1.ª) Muitas vezes a ligação ou não da preposição à palavra seguinte depende da necessidade de garantir a clareza da mensagem, amparada por entoação especial:

> "Para Saussure a "ciência" dos signos era para ser um ramo da psicologia social, e a linguística uma subespécie deste ramo *apesar de a* mais importante" [JDe.1, 20].

M. Bandeira sentiu necessidade de não proceder à crase em *a aquela*, no exemplo:

> "Para tudo isso, porém, existe a adesão em massa. É o maior medo de Oswald de Andrade. De fato nada resiste *a aquela* estratégia paradoxal" [MB.2, 248].

2.ª) Não se combina o artigo quando este é parte integrante do sintagma nominal, como no seguinte exemplo:

> Há quem conheça o que se decidiu chamar *de o espírito carioca*.

É pela mesma razão de conservar a integridade que se deve evitar fazer a combinação da preposição com a palavra inicial dos títulos de livros, jornais e demais periódicos:

> *de* Os Lusíadas; *em* Os Sertões.

Também é preferível não se usar apóstrofo (*d'Os Lusíadas*), nem a repetição do artigo (*dos Os Lusíadas*).

> A prática dos escritores se mostra muito indecisa neste particular [AK.2, 55].

De

1) com o artigo definido masculino e feminino:

de + o = do; de + a = da; de + os = dos; de + as = das

2) com o artigo indefinido (menos frequente):

de + um = dum; de + uns = duns
de + uma = duma; de + umas = dumas

3) com o pronome demonstrativo:

de + aquele = daquele; de + aqueles = daqueles
de + aquela = daquela; de + aquelas = daquelas
de + aquilo = daquilo
de + esse = desse; de + esses = desses; de + este = deste; de + estes = destes
de + essa = dessa; de + essas = dessas; de + esta = desta; de + estas = destas
de + isso = disso; de + isto = disto

4) com o pronome pessoal:

de + ele = dele; de + eles = deles
de + ela = dela; de + elas = delas

5) com o pronome indefinido:

de + outro = doutro; de + outros = doutros
de + outra = doutra; de + outras = doutras

6) com advérbio:

de + aqui = daqui; de + aí = daí; de + ali = dali, etc.

Em

1) com o artigo definido, graças à ressonância da nasal:

em + o = no; em + os = nos; em + a = na; em + as = nas

2) com o artigo indefinido:

em + um = num; em + uns = nuns
em + uma = numa; em + umas = numas

3) com o pronome demonstrativo:

em + aquele = naquele; em + aqueles = naqueles
em + aquela = naquela; em + aquelas = naquelas
em + aquilo = naquilo
em + esse = nesse; em + esses = nesses; em + este = neste; em + estes = nestes
em + essa = nessa; em + essas = nessas; em + esta = nesta; em + estas = nestas
em + isso = nisso; em + isto = nisto

4) com o pronome pessoal:

em + ele = nele; em + eles = neles
em + ela = nela; em + elas = nelas

Per – com as formas antigas do artigo definido:

per + lo = pelo; per + los = pelos; per + la = pela; per + las = pelas

Para (*pra*) – com o artigo definido:

para (pra) + o = pro; para (pra) + os = pros; para (pra) + a = pra; para (pra) + as = pras

***Co*(*m*)** – com artigo definido, graças à supressão da ressonância nasal (ectlipse):

co(m) + o = co; co(m) + os = cos; co(m) + a = coa; co(m) + as = coas

A preposição e sua posição – Em vez de vir entre o termo subordinante e o subordinado, a preposição, graças à possibilidade de outra disposição das palavras, pode vir aparentemente sem o primeiro:

Por lá *todos* ***passaram***.
(subordinado) (subordinante)
Os primos ***estudaram com José***.
(subordinante) (subordinado)
Com José *os primos* ***estudaram***.
(subordinado) (subordinante)
"*Quem há de resistir*?
Resistir quem há de?" [LG]

Principais preposições e locuções prepositivas

a	de	exceto
abaixo de	de acordo com	fora de
acerca de, cerca de	debaixo de	junto a
acima de	de cima de	junto de

a fim de
à frente de
ante
antes de
ao lado de
ao longo de
ao redor de
a par com
apesar de
após
após de
a respeito de
à roda de
até
até a
atrás de
através de
com
como
conforme
consoante
contra
de conformidade com
defronte de
dentre
dentro
dentro de
dentro em
desde, dês
detrás de
diante de
durante
em
embaixo de
em cima de
em favor de
em frente de
em lugar de
em prol de
em razão de
em troco de
em vez de
entre
mediante
na conta de
não obstante
para
para com
per
por
por baixo de
por cima de
por defronte de
por dentro de
por detrás de
por diante de
por meio de
quanto a, enquanto a
segundo
sem
sem embargo de
sob
sobre
trás

Emprego da preposição

1) ***A***

Esta preposição aparece nos seguintes principais empregos:

a) Introduz complementos verbais (objetos indiretos) e nominais representados por nomes ou

pronomes oblíquos tônicos:

"Perdoamos mais vezes *aos nossos inimigos* por fraqueza, que por virtude" [MM].

"O nosso amor próprio é muitas vezes contrário *aos nossos interesses*".

"A força é hostil *a si própria*, quando a inteligência a não dirige" [MM].

b) Introduz objetos diretos:

"O mundo intelectual deleita *a poucos*, o material agrada *a todos*" [MM].

"O homem que não é indulgente com os outros, ainda se não conhece *a si próprio*" [MM].

c) Prende infinitivos a certos verbos que o uso ensinará:

"Os homens, dizendo em certos casos que vão falar com franqueza, parecem *dar a entender* que o fazem por exceção de regra" [MM].

Geralmente tais verbos indicam a causa, o início, a duração, a continuação ou o termo de movimento ou extensão da ideia contida no verbo principal. Os principais são: abalançar-se, acostumar-se, animar-se, anuir, aparelhar-se, aprender, apressar-se, arrojar-se, aspirar, atender, atrever-se, autorizar, aventurar-se, chegar, começar (também com *de* e *por*), concorrer, condenar, continuar, costumar, convidar (também com *para*), decidir-se, entrar, estimular, excitar-se, expor-se, habilitar-se, habituar-se, meter-se, obrigar, pôr-se, principiar, resolver-se, vir.

d) Prende infinitivos a certos verbos, formando locuções equivalentes e gerúndios de sentido progressivo:

"*Anda visitando* os defuntos? disse-lhe eu. Ora defuntos! respondeu Virgília com um muxoxo. E depois de me apertar as mãos: – *Ando a ver* se ponho os vadios para a rua" [MA *apud* SS.1, 309].

e) Introduz infinitivo designando condição, hipótese, concessão, exceção:

A ser verdade o que dizes, prefiro não colaborar.

"A filha estava com quatorze anos; mas era muito fraquinha, e não fazia nada, *a não ser* namorar os capadócios que lhe rondavam a rótula" [MA.1, 201].

f) Introduz ou pode introduzir o infinitivo da oração substantiva subjetiva do verbo *custar*:

"Custou-lhe muito *a aceitar* a casa" [MA.1, 194].

g) Introduz numerosas circunstâncias, tais como:

1) termo de movimento ou extensão:

"Nesse mesmo dia levei-os *ao Banco do Brasil*" [MA.1, 151].

OBSERVAÇÃO: Com os advérbios *aqui*, *lá*, *cá* e semelhantes não se emprega preposição:

"Vem *cá*, Eugênia, disse ela..." [MA.1, 96].

2) tempo em que uma coisa sucede:

"Indaguei do guarda; disse-me que efetivamente "esse sujeito" ia por ali às vezes. – *A* que horas?" [MA.1, 172].

3) fim ou destino:

"... apresentaram-se *a* falar ao imperador" [RP *apud* FB.1, 145].

Tocar *à* missa (= para assistir à missa).

Tocar o sino *a* ave-marias [EQ.5, 217].

4) meio, instrumento e modo:

matar à fome, fechar à chave, vender a dinheiro, falar aos gritos, escrever a lápis, viver a frutas, andar a cavalo.

Com os verbos *limpar*, *enxugar*, *assoar* indicamos de preferência o instrumento com *em*, e os portugueses com *a*: "limpar as lágrimas *no lenço*", "limpar as lágrimas *ao lenço*".

5) lugar, aproximação, contiguidade, exposição a um agente físico:

"Vejo-a a assomar *à porta* da alcova..." [MA.1, 14].

Estar *à janela*, ficar *à mesa*, *ao portão*, *ao sol*, falar *ao telefone*

6) semelhança, conformidade:

"Não sai *a nós*, que gostamos da paz..." [MA *apud* SS.1, 310].

"Desta vez falou *ao modo bíblico*" [MA *apud* SS.1].

Quem puxa *aos seus* não degenera.

7) distribuição proporcional, gradação:

um *a* um, mês *a* mês, pouco *a* pouco

OBSERVAÇÃO: Diz-se *pouco a pouco*, *pouco e pouco*, *a pouco e pouco*.

"*Pouco a pouco* muitas graves matronas... se tinham alongado da corte para suas honras e solares" [AH.3, 21].

8) preço:

A como estão as maçãs? *A* um real o quilo.

9) posse:

Tomou o pulso *ao* doente (= do doente).

10) forma numerosas locuções adverbiais:

à pressa, às pressas, às claras, às ocultas, às cegas, a granel, a rodo, etc.

Emprego do *à* acentuado – Emprega-se o acento grave no *a* para indicar que soa como vogal aberta nos seguintes dois casos:

1.º) quando representa a construção da preposição *a* com o artigo *a* ou o início de *aquele*(*s*), *aquela*(*s*), *aquilo*, fenômeno que em gramática se chama crase:

Fui *à* cidade.

O verbo *ir* pede a preposição *a*; o substantivo *cidade* pede o artigo feminino *a*: Fui *a a* cidade.

2.º) quando representa a *pura preposição a* que rege um substantivo feminino singular, formando uma locução adverbial que, por motivo de clareza, vem assinalada com acento diferencial:

à força, à míngua, à bala, à faca, à espada, à fome, à sede, à pressa, à noite, à tarde, etc. [SA.4, 11-23; CR.2, 233; ED.2, §§ 58 e 156; SL.1, 224].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) *Crase* é um fenômeno fonético que se estende a toda fusão de vogais iguais, e não só ao *a* acentuado.

2.ª) Não há razão para condenar-se o verbo *crasear* para significar "pôr o acento grave indicativo da crase". O que se não deve é chamar *crase* ao acento grave:

"Alencar *craseava* a preposição simples *a*" [JO.3, 27].

Ocorre a crase nos seguintes casos principais:

a) diante de palavra feminina, clara ou oculta, que não repele artigo:

Fui *à* cidade.

Dirigia-se *à* Bahia e depois *a* Paris.

Para sabermos se um substantivo feminino não repele artigo, basta construí-lo em orações em que apareçam regidos das preposições *de*, *em*, *por*. Se tivermos puras preposições, o nome dispensa artigo; se tivermos necessidade de usar, respectivamente *da*, *na*, *pela*, o artigo será obrigatório:

Fui *à* Gávea { Venho *da* Gávea / Moro *na* Gávea / Passo *pela* Gávea

Fui *a* Copacabana { Venho *de* Copacabana / Moro *em* Copacabana / Passo *por* Copacabana

Observações:

1.ª) O nome que sozinho dispensa artigo, pode tê-lo quando acompanhado de adjetivo ou locução adjetiva:

Fui *à* Copacabana de minha infância { Venho *da* Copacabana de minha infância. / Moro *na* Copacabana de minha infância. / Passo *pela* Copacabana de minha infância.

Assim se diz: Irei *à* casa paterna.

2.ª) Se for facultativo, nas condições acima, o emprego de *de* ou *da*, *em* ou *na*, *por* ou *pela*, será também facultativo o emprego do *a* acentuado:

Fui { *à* / *a* } França { Venho { *da* / *de* } França / Moro { *na* / *em* } França / Passo { *pela* / *por* } França

b) diante do artigo *a* e dos demonstrativos *aquele*, *aquela*, *aquilo*:

Referiu-se { à / *àquele* / *àquela* / *àquilo* } { que estava do seu lado

c) diante de possessivo em referência a substantivo oculto:

Dirigiu-se àquela casa e não *à* sua.

d) diante de locuções adverbiais constituídas de substantivo feminino plural:

às vezes, às claras, às ocultas, às escondidas, às três da manhã.

Não ocorre a crase nos seguintes casos principais:

a) diante de palavra de sentido indefinido:

Falou a { uma / certa / qualquer / cada / toda } pessoa

OBSERVAÇÃO: Há acento antes do numeral *uma*: Irei vê-la à uma hora.

b) diante dos pronomes relativos *que* (quando o *a* anterior for uma preposição), *quem*, *cuja*:

Está aí a pessoa *a* que fizeste alusão.
O autor *a* cuja obra a crítica se referiu é muito pouco conhecido.
Ali vai a criança *a* quem disseste a notícia.

c) diante de verbo no infinitivo:

Ficou *a* ver navios.
Livro *a* sair em breve.

d) diante de pronome pessoal e expressões de tratamento como V. Ex.ª, V.S.ª, V. M., etc.:

Não disseram *a* ela e *a* você toda a verdade.
Requeiro *a* V. Ex.ª com razão.

e) nas expressões formadas com a repetição de mesmo termo (ainda que seja um nome feminino), por se tratar de pura preposição:

frente *a* frente, cara *a* cara, face *a* face, gota *a* gota

f) diante da palavra *casa* quando desacompanhada de adjunto:

Irei *a* casa logo mais (cf. Entrei *em* casa; Saí *de* casa).

A crase é facultativa nos seguintes casos principais:

a) antes de pronome possessivo com substantivo feminino claro:

Dirigiu-se { *à* / *a* } minha casa, e não à sua

No português moderno dá-se preferência ao emprego do possessivo com artigo e, neste caso, ao *a* acentuado.

b) antes de nome próprio feminino:

As alusões eram feitas { *à* / *a* } Ângela

c) antes da palavra *casa* quando acompanhada de expressão que denota o dono ou morador, ou qualquer qualificação:

Irei { *à* / *a* } casa de meus pais

OBSERVAÇÕES:

1.ª) É preciso não identificar *crase* e *craseado* com acento e acentuado. Em tempos passados, principalmente entre os românticos, a preposição pura *a* era em geral acentuada, ainda diante de masculino, sem que isso quisesse indicar *a* craseado. Daí os falsos erros que se apontam em escritores dessa época, mormente em J. de Alencar.

2.ª) Deve-se usar *dormir a sesta*, e não *dormir à sesta*; *levá-lo a breca*, e não *levá-lo à breca*; *tudo está indo a breca*; *ele teria levado a breca*.

2) *Até*

Esta preposição indica o limite, o termo de movimento, e, acompanhando substantivo com artigo (definido ou indefinido) pode vir ou não seguida da preposição *a*:

Caminharam *até* { a / à } escola

"Ouvido isto, o desembargador comoveu-se *até às* lágrimas, e disse com mui entranhado afeto" [CBr.1, 67].

"... e prometem ser-lhe amparo *até ao* fim" [CBr.1, 77].

"Albernaz saiu fora da roda dos amigos e foi *até a* um canto da sala..." [LB *apud* SS.1, § 496].

É preciso distinguir a preposição da palavra de inclusão *até* que se usa para reforçar uma declaração com o sentido de "inclusive", "também", "mesmo", "ainda". A preposição pede pronome pessoal oblíquo tônico e a palavra de inclusão pede pronome pessoal reto:

Ele chegou *até mim* e disse toda a verdade.

Até eu recebi o castigo.

3) *Com*

Aparece nas circunstâncias de companhia, ajuntamento, simultaneidade, modo, maneira, meio, instrumento, causa, concessão (principalmente seguida de infinitivo), oposição:

"Quando os bons capitulam *com* os maus sancionam a própria ruína" [MM].

"Nunca agradecemos *com* tanto fervor como quando esperamos um novo favor" [MM].

"A economia *com* o trabalho é uma preciosa mina de ouro" [MM].

"Somos atletas na vida; lutamos *com* as paixões dos outros homens e *com* as nossas" [MM].

"Queremos governos perfeitos *com* homens imperfeitos: disparate" [MM].

"O silêncio *com* ser mudo não deixa de ser por vezes um grande impostor" [MM].

"A sociedade política nasceu da família; mas a família não acabou *com* (= temporal) a existência da sociedade" [AH.2, 144].

Inicia o complemento de muitos verbos e nomes (complemento relativo e complemento nominal):

"O lisonjeiro conta sempre *com* a abonação do nosso amor-próprio" [MM].

"O homem que não é indulgente *com* os outros, ainda se não conhece a si próprio" [MM].

4) *Contra*

Denota oposição, direção contrária, hostilidade:

Lutava *contra* tudo e *contra* todos.

Remar *contra* a maré

Votar *contra* alguém

Condenam bons mestres como galicismo o emprego desta preposição depois do verbo *apertar*, *estreitar* (e sinônimos), apesar dos exemplos de escritores corretos, uso que se vai generalizando:

"*Apertei contra* o coração o punho da espada" [AH.5, I, 37].

"E Dulce caiu nos braços do guerreiro trovador, que desta vez a *estreitou contra* o peito..." [AH.3, 144].

Também se considera como galicismo *contra* no sentido de "em troca de", bem como no sentido de "junto a", "ao lado de":

Dar a mercadoria *contra* recibo (por *mediante recibo*).

Encostar o móvel *contra* a parede (por *junto à parede*).

5) ***De***

a) Introduz complemento de verbos (complemento relativo) e nomes (complemento nominal) que o uso ensinará:

"Os sábios vivem ordinariamente solitários: receiam-se *dos velhacos*, e não podem tolerar os tolos" [MM].

"O temor *da morte* é a sentinela da vida" [MM].

b) Indica a circunstância de lugar donde, origem, ponto de partida dum movimento ou extensão (no tempo e no espaço), a pessoa ou coisa de que outra provém ou depende, em sentido próprio ou figurado e o agente da passiva (por ser o ponto de partida da ação), principalmente com os verbos que exprimem sentimento e manifestação de sentimentos:

"A maior parte dos erros em que laboramos neste mundo provém *da falsa definição*, ou *das noções falazes* que temos do bem e do mal" [MM].

"A doçura e beleza *das mulheres* parecem inculcar que são anjos e serafins que desceram *dos céus* e se humanaram na terra" [MM].

"Sancionada a virtude só pela opinião pública, ela desaparece *da* vida doméstica e *de* todos aqueles lugares não vistos *da multidão*" [AH.2, 143].

OBSERVAÇÃO: Modernamente o agente da passiva se rege mais de *por*.

c) Indica a pessoa, coisa, grupo ou série a que pertence ou de que se salienta, por qualquer razão, o nome precedido de preposição:

"A credulidade e confiança *de* muitos tolos faz o triunfo *de* poucos velhacos" [MM].

d) Indica a matéria de que uma coisa é feita:

"... ela só lhe aceitava sem relutância os mimos *de* escasso preço, como a cruz *de* ouro, que lhe deu, uma vez, de festas" [MA.1, 54].

e) Indica a razão ou a causa por que uma coisa sucede:

"O luxo, como o fogo, devora tudo e perece *de* faminto" [MM].

Cantar de alegria, morrer *de* medo.

f) Indica o assunto ou o objeto de que se trata:

"Dizer-se *de* um homem que tem juízo é o maior elogio que se lhe pode fazer" [MM].

g) Indica o meio, o instrumento ou modo, em sentido próprio ou figurado:

"O espírito vive *de* ficções, como o corpo se nutre *de* alimentos" [MM].

h) Indica a comparação, hoje principalmente na expressão *do que*:

São mais *de* três horas.

i) Indica a posição, o lugar:

"Sucede frequentes vezes admirarmos *de* longe o que *de* perto desprezamos" [MM].

j) Indica medida:

Copo *de* leite (= o leite na medida do copo), copo *d*'água, garrafa *de* vinho

OBSERVAÇÃO: Pode-se dizer também: *copo com leite*, *com água*, mas aí não se visa à medida, mas ao conteúdo.

l) Indica o fim, principalmente com infinitivo:

Dá-me *de* beber um copo d'água.

m) Indica o tempo:

De noite todos os gatos são pardos.

n) Ligando dois substantivos, imediatamente ou por intermédio de certos verbos, serve para caracterizar e definir uma pessoa ou coisa:

"O homem *de* juízo aproveita, o tolo desaproveita a experiência própria" [MM].

Rua *do* Ouvidor.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Nas denominações de ruas, escolas, teatros, monumentos, edifícios, festas religiosas e casas comerciais, e em circunstâncias que tais, se costuma omitir a preposição sem que haja regra fixa para tal critério: Avenida Rio Branco, Colégio Pedro II (mas Rua *do* Ouvidor, Praça *da* República).

2.ª) Usa-se a preposição *de* nas datas: 26 *de* fevereiro. Não é praxe da língua omiti-la nestas circunstâncias. Do mesmo modo, diz-se *o ano de 1928*, embora aqui se possa também empregar *o ano 1928*.

o) Indica o todo depois de palavras que significam parte:

A maioria *dos* homens, um terço *dos* soldados, um punhado *de* bravos; um pouco (ou uma pouca) *de* água.

OBSERVAÇÃO: Depois dos comparativos *maior*, *menor*, etc. pode ser substituído por *entre*: O maior *de* todos (= *entre* todos).

p) Indica modo de ser, semelhança, e normalmente vem precedendo predicativo:

"Muitos figuram *de* Diógenes, para se consolarem de não poderem ser Alexandres" [MM].

q) Liga adjetivo étnico ou gentílico aos substantivos *nação*, *nascimento*, *origem*:

brasileiro *de* nascimento, alemão *de* origem

r) Pode equivaler a *desde*:

Havia meio século *da* (= *desde a*) descoberta.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Note-se a fórmula *é de* com o sentido de *é próprio de*: "*É da* natureza humana que muitos homens trabalhem para manter os poucos que se ocupam em pensar para eles, instruí-los e governá-los" [MM].

2.ª) Em construção do tipo *acusar de negligente*, *presumir de formosa*, "explicam-se geralmente pela omissão de um verbo atributivo (*ser*, *estar*, etc.) ou pela fusão da construção do adjetivo com a de substantivo no mesmo lugar" [MBa.5, 297]. *Acusar de negligente* = *acusar de ser negligente*, *acusar de sua negligência*.

Não ocorre esta preposição nos seguintes principais casos:

a) em construções de tipo:

A primeira coisa que fiz foi vir a Madri (e não *foi de vir*).

b) "com os verbos e adjetivos que significam afastamento ou diferença, e com os que envolvem a ideia de aumento ou diminuição, superioridade ou inferioridade, a designação da medida que não tem preposição" [ED.1, § 125; JM.1, II, 46-47]:

Aumentar um centímetro (e não *aumentar de um*).

Este número excede aquele duas dezenas (e não *excede de duas dezenas*).

Mais novo alguns meses (e não *mais novo de alguns meses*).

c) depois do verbo *consistir*:

A prova consiste em duas páginas mimeografadas (e *não consiste de duas*).

NOTA: Os puristas, sem maiores exames, têm tachado de galicismo a expressão *de resto* (= quanto ao mais). Além de usada por grandes escritores, tem raízes no latim *de reliquo*.

6) *Em*

Denota:

a) lugar onde, situação, em sentido próprio ou figurado:

"Formam-se mais tempestades *em* nós mesmos que *no* ar, *na* terra e *nos* mares" [MM].

OBSERVAÇÃO: Com alguns verbos, para se exprimir esta circunstância, se emprega um pronome oblíquo átono em lugar da expressão introduzida por *em*:

"Pulsa-*lhe* (= nele) aquele afeto verdadeiro" [MA].

Não *me* toque. Bateu-*nos*. Mexeu-*lhe*.

b) tempo, duração, prazo:

"Os homens *em* todos os tempos, sobre o que não compreenderam, fabularam" [MM].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Precedendo um gerúndio, a preposição *em* aparece nas circunstâncias de tempo, condição ou hipótese:

"Ninguém, desde que entrou, *em* lhe *chegando* o turno, se conseguirá evadir à saída" [RB].

2.ª) Para denotar o espaço ou decurso de tempo usa-se a preposição *em* em concorrência a *dentro de* ou *daqui a*, emprego que alguns estudiosos, com exagero, veem como abuso ou imitação do francês [MBa.5, 75]:

Em cinco minutos irei atendê-lo.

c) modo, meio:

Foi *em pessoa* receber os convidados.

Pagava *em cheque* tudo o que comprava.

d) a nova natureza ou forma em que uma pessoa ou coisa se converte, disfarça, desfaz ou divide:

"O homem de juízo converte a desgraça *em* ventura, o tolo muda a fortuna *em* miséria" [MM].

Dar *em* doido.

e) preço, avaliação:

A casa foi avaliada *em* milhares de reais.

f) fim, destinação:

Vir *em* auxílio. Tomar *em* penhor. Pedir *em* casamento.

g) estado, qualidade ou matéria:

General *em* chefe. Ferro *em* brasa. Imagem *em* barro. Gravura *em* aço.

OBSERVAÇÃO: Tem-se, sem maior exame, condenado este emprego da preposição *em* como galicismo. Tem-se também querido evitar a expressão *em questão*, por se ter inspirado em modo de falar francês; mas é linguagem hoje comuníssima e corrente nas principais línguas literárias modernas.

h) causa, motivo (geralmente antes do infinitivo):

"Há povos que são felizes *em* não ter mais que um só tirano" [MM].

i) lugar para onde se dirige um movimento, sucessão, em sentido próprio ou figurado:

Saltar *em* terra. Entrar *em* casa. De grão *em* grão.

OBSERVAÇÃO: A língua padrão não agasalha este emprego com os verbos *vir*, *chegar*, preferindo a preposição *a*: Ir *à* cidade; chegar *ao* colégio.

j) forma, semelhança, significação de um gesto ou ação:

"Resoluta estendeu os braços, juntando as mãos *em* talhadeira e arrojou-se d'alto, mergulhando..." [CN *apud* SS.1, § 506, 7].

7) ***Entre***

Denota posição intermediária no espaço ou no tempo, em sentido próprio ou figurado:

"*Entre* o queijo e o café, demonstrou-me Quincas Borba que o sistema era a destruição da dor" [MA.1, 301].

Como as outras preposições, rege pronome oblíquo tônico, de modo que se diz *entre mim e ti*, *entre ele e mim*, *entre você e mim*, etc.

"Por que vens, pois, pedir-me adorações quando *entre mim e ti* está a cruz ensaguentada do Calvário...?" [AH.1, 46-47].

A língua exemplar evita exemplos como *entre eu e tu*, *entre eu e eles*, *entre eles e eu* e semelhantes. Deste último caso, em que o pronome reto não vem junto da preposição *entre* ocorrem alguns exemplos literários que a tradição do idioma evita:

"Odeio toda a gente / com tantas veras d'almas e tão profundamente /, que me ufano de ouvir que *entre eles e eu* existe / separação formal" [AC.4, 11-12].

8) ***Para***

Denota:

a) a pessoa ou coisa em proveito ou prejuízo de quem uma ação é praticada (objeto indireto, complemento relativo ou complemento nominal):

"Aborrecemos o absolutismo nos outros, porque o cobiçamos *para* nós mesmos" [MM].

"A preguiça nos maus é salutar *para* os bons" [MM].

b) a pessoa a que se atribui uma opinião (dativo livre):

"O pedir *para* quem não tem vergonha é menos penoso que trabalhar" [MM].

c) fim, destinação:

"A filha deu-me recomendações *para* Capitu e *para* minha mãe" [MA *apud* SS.1, 509, b].

d) fim:

"O ambicioso, *para* ser muito, afeta algumas vezes não valer nada" [MM].

e) termo de movimento, direção para um lugar com a ideia acessória de demora ou destino:

Foi *para* Europa.

OBSERVAÇÃO: Denota apenas "o lugar onde" em construções do tipo: Ele está agora *para* o Norte.

f) tempo a que se destina um objeto ou ação, ou para quando alguma coisa se reserva:

"Faz *para* as matanças seis anos que você justou comigo uma porca por 4 moedas..." [CBr *apud* JM.1, II, 49].

Vou aí *para* as seis horas.

9) ***Por*** (e ***per***)

Denota:

a) lugar por onde, em sentido próprio ou figurado:

"Tais eram as reflexões que eu vinha fazendo, *por* aquele Valongo fora, logo depois de ver e ajustar a casa" [MA.1,

190].

b) meio:

Puxar *pelo* paletó, rezar *pelo* livro, segurar *pelos* cabelos, levar *pela* mão, ler *pelo* rascunho, contar *pelos* dedos, enviar *pelo* correio.

c) modo:

Repetir *por* ordem, estudar *por* vontade.

"Louvamos *por* grosso, mas censuramos *por* miúdo" [MM].

d) distribuição:

Várias vezes *por* dia.

e) divisão, indicando a pessoa ou coisa que recebe o quinhão:

Distribuir *pelos* pobres, repartir *pelos* amigos, dividir *por* três a herança.

f) substituição, troca, valor igual, preço:

Comer gato *por* lebre.

"O barão dizia ontem, no seu camarote, que uma só italiana vale *por* cinco brasileiras" [MA.1, 183].

g) causa, motivo:

"O amor criou o Universo que *pelo* amor se perpetua" [MM].

"Muitos se abstêm *por* acanhados do que outros fogem *por* virtuosos" [MM].

h) nos juramentos e petições, designando a pessoa ou coisa invocada para firmar o juramento e para interceder:

jurar *pela* sua honra, pedir *pela* saúde de alguém [ED.1, § 163, b].

i) em favor de, em prol de:

Morrer *pela* pátria, lutar *pela* liberdade.

j) tempo, duração:

"Qual é aquele que, assentado, *por* noite de luar e serena sobre uma fraga marinha, não sente irem-se-lhe os olhos...?" [AH.2, 159].

l) agente da passiva:

"As mulheres são melhor dirigidas *pelo* seu coração do que os homens *pela* razão" [MM].

m) depois dos nomes que exprimem disposição ou manifestação de disposição de ânimo para com alguma coisa:

"A paixão *pelo* jogo pressupõe ordinariamente pouco amor *pelas* letras" [MM].

OBSERVAÇÃO: Não procede mais o ter-se como errônea a construção com *por*, nestes casos, porque, no português contemporâneo, o uso de *de* se especializou no sentido de genitivo objetivo. No português de outros tempos, *amor de Deus* era tanto o que consagramos a ele (genitivo objetivo) ou o que ele tem, o que nos consagra (genitivo subjetivo). Em lugar de *amor pelas letras* diz-se também corretamente *amor às letras*. Quando nos casos de genitivo objetivo pode ocorrer ambiguidade com o emprego da preposição *de*, costuma-se substituir esta preposição por *contra* (se o nome designa sentimento hostil) ou *para com* (se o sentimento é benévolo): Guerra *contra* os inimigos e respeito *para com* todos.

n) fim (em vez de *para*):

"Forcejava *por* obter-lhe a benevolência, depois a confiança" [MA.1, 194].

o) introduzindo o predicativo do objeto direto, denota qualidade, estado ou conceito em que se tem uma pessoa ou coisa:

Ter alguém *por* sábio. Enviar alguém *por* embaixador. Tenho *por* certo que ele virá.

OBSERVAÇÃO: Neste emprego pode ser substituída pela preposição *como*, apesar da crítica injusta dos puristas.77

9 – CONJUNÇÃO

Conector e transpositor – A língua possui unidades que têm por missão reunir orações num mesmo enunciado.

Estas unidades são tradicionalmente chamadas conjunções, que se repartem em dois tipos: *coordenadas* e *subordinadas*.

As conjunções coordenadas reúnem orações que pertencem ao mesmo nível sintático: dizem-se *independentes* umas das outras e, por isso mesmo, podem aparecer em enunciados separados.

Pedro fez concurso para medicina, *e* Maria se prepara para a mesma profissão.

Podíamos dizer desta maneira, em dois enunciados independentes:

Pedro fez concurso para medicina.
Maria se prepara para mesma profissão.

Daí ser a conjunção coordenativa um *conector*.

Como sua missão é reunir unidades independentes, pode também "conectar" duas unidades menores que a oração, desde que do mesmo valor funcional dentro de mesmo enunciado. Assim:

Pedro *e* Maria (dois substantivos)
Ele *e* ela (dois pronomes)
Ele *e* Maria (um pronome e um substantivo)
rico *e* inteligente (dois adjetivos)
ontem *e* hoje (dois advérbios)
saiu *e* voltou (dois verbos)
com *e* sem dinheiro (duas preposições)

Bem diferente é, entretanto, o papel da conjunção subordinada. No enunciado:

Soubemos que vai chover,

a missão da conjunção subordinada é assinalar que a oração que poderia ser sozinha um enunciado:

Vai chover

se insere num enunciado complexo em que ela (*vai chover*) perde a característica de enunciado independente, de oração, para exercer, num nível inferior da estruturação gramatical, a função de *palavra*, já que *vai chover* é agora objeto direto do núcleo verbal *soubemos*.

Assim, a conjunção subordinativa é um *transpositor* de um enunciado que passa a uma função de palavra, portanto de nível inferior dentro das camadas de estruturação gramatical. Diz-se, por isso, que *que vai chover* é uma oração "degradada" ao nível da palavra, e isto se deveu ao fenômeno de *hipotaxe* ou *subordinação*.

A oração degradada ou subordinada passa a exercer uma das funções sintáticas próprias do substantivo, do adjetivo e do advérbio, como veremos mais adiante.

Podemos aproximar o papel do transpositor *que* ao pronome relativo – que é um transpositor de oração degradada ao nível do adjetivo – e das preposições que, como vimos, transpõem uma unidade a exercer papel de outra unidade. Na oração *Ninguém é de ferro*, a preposição *de* transpõe o substantivo *ferro* à função de predicativo por ter *de ferro* passado a equivalente de adjetivo [AL.1, 229].

Conectores ou conjunções coordenativas – Os conectores ou conjunções coordenativas são de três tipos, conforme o significado com que envolvem a relação das unidades que unem: *aditivas*, *alternativas* e *adversativas*.

Conjunções aditivas – A aditiva apenas indica que as unidades que une (palavras, grupos de palavras e orações) estão marcadas por uma relação de adição. Temos dois conectores aditivos: *e* (para a adição das unidades positivas) e *nem* (para as unidades negativas). Vejam-se os exemplos extraídos do Marquês de Maricá:

O velho teme o futuro *e* se abriga no passado.

Uma velhice alegre *e* vigorosa é de ordinário a recompensa da mocidade virtuosa.

A pobreza *e* a preguiça andam sempre em companhia.

Não emprestes o vosso *nem* o alheio, não tereis cuidados *nem* receio.

Muitas vezes, graças ao significado dos lexemas envolvidos na adição, o grupo das orações coordenadas permite-nos extrair um conteúdo suplementar de "causa", "consequência", "oposição", etc. Estes sentidos contextuais, importantes na mensagem global, não interessam nem modificam a relação aditiva das unidades envolvidas: *Rico* ***e*** *inteligente* e *rico* ***e*** *desonesto*, ambas se unem por uma relação gramatical de adição, embora a oposição semântica existente entre *rico* e *desonesto* apresente um sentido suplementar, como se estivesse enunciado *rico* ***mas*** *desonesto*. O mesmo se dá se uma unidade for afirmativa e outra negativa: *rico e não honesto*.

Em lugar de *nem* usa-se *e não*, se a primeira unidade for positiva e a segunda negativa: rico *e não* honesto (compare com: ele *não* é rico *nem* honesto).

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Evite-se (embora não constitua erro) o emprego de *e nem* quando não houver necessidade de ênfase:

"Nunca vira uma boneca *e nem sequer* o nome desse brinquedo" [ML.2, 9].

"(...) mas o primo Nicolau está a dormir até tarde *e nem* à missa vai" [CBr.15].

2.ª) Algumas vezes *e* aparece depois de pausa, introduzindo grupos unitários e orações; são unidades enfáticas com função textual que extrapolam as relações internas da oração e constituem unidades textuais de situação:

"*E* repito: não é meu" [MA.1, 314].

3.ª) A expressão enfática da conjunção aditiva *e* pode ser expressa pela série *não só... mas também* e equivalentes.

Não só o estudo *mas também* a sorte são decisivos na vida.

Conjunções alternativas – Como o nome indica, enlaçam as unidades coordenadas matizando-as de um valor alternativo, quer para exprimir a incompatibilidade dos conceitos envolvidos, quer para exprimir a equivalência deles. A conjunção alternativa por excelência é *ou*, sozinha ou duplicada junto a cada unidade:

"Quando a cólera *ou* o amor nos visita, a razão se despede" [MM].

A enumeração distributiva que matiza a ideia de alternância leva a que se empreguem neste significado advérbios como *já*, *bem*, *ora* (repetidos ou não) ou formas verbais imobilizadas como *quer... quer*, *seja... seja*. Tais unidades não são conectores e, por isso, as orações enlaçadas se devem considerar justapostas.

OBSERVAÇÃO: "Cumpre lembrar que o par *seja... seja* não está de todo gramaticalizado, tanto que, em certas construções, aparece flexionado. *Sempre discordam de tudo,* ***sejam*** *as discordâncias ligeiras,* ***sejam*** *de peso*. S*empre discordavam de*

*tudo, **fossem** as discordâncias ligeiras, **fossem** as de peso*" [AK.1, 68].

Conjunções adversativas – Enlaçam unidades apontando uma oposição entre elas. As adversativas por excelência são *mas*, *porém* e *senão*.

Ao contrário das aditivas e alternativas, que podem enlaçar duas ou mais unidades, as adversativas se restringem a duas. *Mas* e *porém* acentuam a oposição; *senão* marca a incompatibilidade:

"Acabou-se o tempo das ressurreições, *mas* continua o das insurreições" [MM].

Unidades adverbiais que não são conjunções coordenativas – Levada pelo aspecto de certa proximidade de equivalência semântica, a tradição gramatical tem incluído entre as conjunções coordenativas certos advérbios que estabelecem relações interoracionais ou intertextuais. É o caso de *pois*, *logo*, *portanto*, *entretanto*, *contudo*, *todavia*, *não obstante*. Assim, além das conjunções coordenativas já assinaladas, teríamos as *explicativas* (*pois*, *porquanto*, etc.) e *conclusivas* (*pois* [posposto], *logo*, *portanto*, *então*, *assim*, *por conseguinte*, etc.), sem contar *contudo*, *entretanto*, *todavia* que se alinham junto com as adversativas. Não incluir tais palavras entre as conjunções coordenativas já era lição antiga na gramaticografia de língua portuguesa; vemo-la em Epifânio Dias [ED.1] e, entre brasileiros, em Maximino Maciel, nas últimas versões de sua *Gramática* [MMa.1]. Perceberam que tais advérbios marcam relações textuais e não desempenham o papel conector das conjunções coordenativas78, apesar de alguns manterem com elas certas aproximações ou mesmo identidades semânticas.

Que esses advérbios não são conjunções coordenativas e desempenham funções diversas prova-o o fato de poderem se compatibilizar, em exemplos como:

Não foram ao mesmo cinema *e*, *portanto*, não se poderiam encontrar.

Ele *e*, *portanto*, seu filho são responsáveis pela denúncia.

"Não queremos pensar na morte, *e por isso* nos ocupamos tanto da vida" [MM].

Cabe ao *e*, como conjunção, reunir num mesmo grupo oracional as duas orações independentes do enunciado, enquanto *portanto*, como advérbio, marca uma relação semântica com o que já foi dito. Poder-se-ia eliminar a conjunção *e* e, então, teríamos uma coordenação assindética, caso em que haveria uma pausa para marcar a fronteira das duas orações (marcada por vírgula ou ponto e vírgula):

Não foram ao mesmo cinema; *portanto* não se poderiam encontrar.

Poder-se-ia também eliminar o advérbio:

Não foram ao mesmo cinema *e* não se poderiam encontrar.

Não sendo próprio do advérbio exercer o papel de conector, ele poderia aparecer até numa oração subordinada, para marcar essa relação semântica entre os dois enunciados:

"Nunca perdemos de vista o nosso interesse, *ainda mesmo quando* nos inculcamos desinteressados" [MM].

Outra diferença entre as conjunções coordenativas e os advérbios (a que poderíamos chamar textuais ou discursivos) é que só as primeiras efetivam a coordenação entre subordinadas equifuncionais, isto é, do mesmo valor (substantiva, adjetiva ou adverbial) e com a mesma função sintática:

Espero que estudes *e* que sejas feliz.

Como advérbios, que guardam com o núcleo verbal uma relação, em geral, mais frouxa, esses advérbios podem vir em princípio em qualquer posição dentro da oração em que se inserem:

Eles não chegaram *nem todavia* deram certeza da presença.

Eles não chegaram *nem* deram, *todavia*, certeza da presença.

Eles não chegaram *nem* deram certeza da presença, *todavia*.

Também os advérbios não participam da particularidade das conjunções coordenativas de constituírem um bloco unitário de enunciados coordenados por sua vez coordenado a outro anterior [CA.1]:

Luís é vegetariano, *mas* [não come abóbora nem bebe chá].

Remetemos dois convites ao Paulo, *mas* [ou ele se mudou ou está doente].

Transpositores ou conjunções subordinativas – Já dissemos que o transpositor ou conjunção subordinativa transpõe oração degradada ou subordinada ao nível de equivalência de um substantivo capaz de exercer na *oração complexa* uma das funções sintáticas que têm por núcleo o substantivo.

Falamos em *oração complexa* e chegou o momento de diferençá-la em relação ao *grupo oracional*. Oração complexa é aquela que tem um ou mais dos seus termos sintáticos sob forma de uma oração subordinada.

Esperamos [*que todos venham ao baile*],

em que a oração transposta pelo *que* exerce uma das funções comuns ao substantivo: objeto direto do núcleo verbal *esperamos*.

Já no *grupo oracional* temos orações coordenadas, independentes, e que, por isso mesmo, podem ser usadas separadamente umas das outras:

Chegamos tarde e não assistimos a todo o filme, mas vimos o mais interessante dele.

Chegamos tarde. Não assistimos a todo o filme. Vimos o mais interessante dele.

As conjunções *e* e *mas* não modificam o valor sintático das orações reunidas; apenas indicam o tipo de relação semântica: *adição* (*e*) e *contraste* (*mas*).

Além do *que* transpositor de oração ao nível de substantivo, chamado *conjunção integrante*, e do *que* pronome relativo, que transpõe oração ao nível de adjetivo, a língua portuguesa conta com poucos outros transpositores:

a) *Se* que transpõe oração originariamente interrogativa total, isto é, desprovida de unidade interrogativa, ao nível de substantivo, conhecida, por isso mesmo, como conjunção integrante, a exemplo do *que* anterior:

Ela não sabe [*se terá sido aprovada*].

Aqui a oração interrogativa *Terá ela sido aprovada*? se transpõe, mediante o *se*, ao nível de substantivo e como tal está habilitada a exercer a função de objeto direto do núcleo verbal *não sabe*, sem o primitivo contorno melódico interrogativo.

b) *Se* que transpõe oração ao nível de advérbio, e como tal está habilitada a exercer a função de adjunto adverbial, com valor de circunstância de condição e é, por isso mesmo, chamado *conjunção condicional*.

***Que* e locuções: as chamadas locuções conjuntivas** – A oração transposta a substantivo pela conjunção *que*, de acordo com a função sintática que exerce em relação ao núcleo verbal da oração chamada "principal", pode receber um índice funcional representado por uma preposição. Se exerce função de sujeito, objeto direto, predicativo, não precisará deste índice funcional:

Parece [*que vai chover*].
Esperamos [*que cheguem cedo*].
A verdade é [*que todos se saíram bem*].

Se a função é de complemento relativo ou de objeto indireto, ou complemento nominal, a conjunção *que* vem precedida da conveniente preposição:

Estavam precisando [*de que os ajudassem*].
Ela dedicava seu cuidado [*a que o filho tivesse boa educação*].
Eram poucas as esperanças [*de que tudo acabasse bem*].

Como todo substantivo transposto, a oração subordinada substantiva pode exercer a função de adjunto adverbial; neste caso, o *que* também terá a companhia de uma preposição adequada, que marcará a relação semântica da circunstância:

Tudo sairá bem [*desde que as providências sejam tomadas a tempo*].
[*Sem que estivesse tudo acertado*], não iria viajar.
Trabalhou afincadamente [*para que tivesse uma velhice tranquila*].
Ela só dizia tudo aquilo *porque* [= *por que gostava da verdade*].

Pelo que podemos observar, tais combinações de preposição e conjunção *que* não constituem outros tipos especiais de locuções; são, na realidade, o concurso de um *que*, transpositor de oração a substantivo e de uma preposição que o acompanha como índice de sua função sintática em relação ao núcleo verbal, função, aliás, exercida pela oração inteira.

Nisto, o *que* conjunção difere do *que* pronome relativo, pois aqui a preposição é índice da função sintática que o relativo exerce na oração em que está inserido:

O homem *de que falavas* era pouco conhecido na cidade,

em que o transpositor *que*, precedido de preposição, funciona como complemento relativo do núcleo verbal *falavas*, enquanto a oração transposta a adjetivo *de que falavas* funciona como adjunto adnominal do substantivo *homem*.

Também se formam "locuções" aparentemente especiais quando temos segmentos do tipo *logo que*, *sempre que*, *ainda que*, etc., em que aparecem advérbios (que sozinhos podem funcionar como adjunto adverbial) seguidos do transpositor relativo *que*, já que esse relativo é um "repetidor" de advérbio, papel análogo ao que desempenha como "repetidor" (isto é, referente) de substantivo ou pronome. Assim, se na oração independente *Logo saiu de casa*, o advérbio *logo* funciona como adjunto adverbial; quando a oração se transpõe a subordinada:

[*Logo que saía de casa*], encontrou o amigo,

exercerá também a função de adjunto adverbial. O *que* degrada a oração *saía de casa* a subordinada e lhe confere o papel de termo adjunto do advérbio *logo*. Formalmente, esse relativo será equivalente a *quando*: ***Quando saía de casa**, encontrou o amigo* [AL.1, 236].

Este papel repetidor do relativo *que* parece estar presente em construções do tipo *há* (*faz*)

dias (*meses*, *anos*, *tempo*, etc.), em que já não temos um advérbio, mas substantivo cujo significado léxico aponta para o campo das expressões denotadoras de espaço ou percurso de tempo:

Há *dias que* não o vejo,

em que também, pelo sentido, o relativo equivale a *quando*.

Cabe lembrar, por fim, que, em algumas construções, se pode alterar o significado originário do advérbio, motivado pelos significados dos lexemas que entram na oração e por uma interpretação suplementar, contextual, do falante, calcada na sua experiência de mundo. Assim, *já*, que tem valor originário temporal, ao unir-se ao *que* na fórmula *já que*, passa a uma interpretação causal ou condicional:

Já que todos saíram, desisto do negócio.

Da mesma sorte, *ainda*, nitidamente temporal, ao unir-se ao *que* na locução *ainda que*, altera seu significado para valor concessivo, equivalente a *embora*:

Nada conseguiu da justiça, *ainda que* juntasse todas as provas em sua defesa.

Da mesma sorte que não são conjunções coordenativas os advérbios *contudo*, *entretanto*, *pois*, etc., equivalentes pelo sentido a unidades introdutoras de enunciados adversativos, explicativos e conclusivos, assim também não são conjunções subordinativas certos advérbios de significado causal, concessivo, temporal, consecutivo, etc.

Damos a seguir uma lista das principais conjunções e "locuções conjuntivas" subordinativas, relacionando-as pelo matiz semântico, reunindo, ainda, as que se formam com o concurso do transpositor *que* conjunção e do transpositor relativo *que*, examinados anteriormente, bem como das comparativas e consecutivas que têm outro tratamento. Estudo complementar delas veremos ao tratar das orações subordinadas:

1) CAUSAIS: quando iniciam oração que exprime a causa, o motivo, a razão do pensamento da oração principal: *que* (= *porque*) , *porque*, *como* (= *porque*, sempre anteposta a sua principal, no português moderno), *visto que*, *visto como*, *já que*, *uma vez que* (com verbo no indicativo), *desde que* (com o verbo no indicativo), etc.:

"A memória dos velhos é menos pronta *porque* o seu arquivo é muito extenso" [MM].

"*Como* ia de olhos fechados, não via o caminho" [MA.1, 19].

"*Desde que* se fala, indeterminadamente, e no plural, em direitos adquiridos e atos jurídicos perfeitos, razão era que no plural e indeterminadamente se aludisse a casos julgados" [RB.4, 25].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Já se condenou injustamente o emprego de *desde que* em sentido causal, só o aceitando com ideia temporal (*assim que*) ou condicional.

2.ª) Evite-se o emprego de *de vez que* por não ser locução legítima.

2) COMPARATIVAS: quando iniciam oração que exprime o outro termo da comparação. A comparação pode ser *assimilativa* ou *quantitativa*. É assimilativa "quando consiste em assimilar uma coisa, pessoa, qualidade ou fato a outra mais impressionante, ou mais conhecida" [MC.3, II, 48]. As unidades comparativas assimilativas são *como* ou *qual*, podendo estar em correlação com *assim* ou *tal* postos na oração principal, ou ainda aparecer *assim como*:

"O medo é a arma dos fracos, *como* a bravura a dos fortes" [MM].

"A ignorância, *qual* outro Faetonte, ousa muito e se precipita *como* ele" [MM].

"O jogo, *assim como* o fogo, consome em poucas horas o trabalho de muitos anos" [MM].

A comparação *quantitativa* "consiste em comparar, na sua quantidade ou intensidade, coisas, pessoas, qualidades ou fatos" [MC.3]. Há três tipos de comparação quantitativa:

a) *Igualdade* – introduzida por *como* ou *quanto* em correlação com o advérbio *tanto* ou *tão* da oração principal:

"Nenhum homem é *tão* bom *como* o seu partido o apregoa, nem *tão* mau *como* o contrário o representa" [MM].

"Nada incomoda *tanto* aos homens maus *como* a luz, a consciência e a razão" [MM].

b) *Superioridade* – introduzida por *que* ou *do que* em correlação com o advérbio *mais* da oração principal:

"O orgulho do saber é talvez *mais* odioso *que* o do poder" [MM].

"O homem bom espera *mais do que* teme, o mau receia *mais do que* espera" [MM].

c) *Inferioridade* – introduzida por *que* ou *do que* em correlação com o advérbio *menos* da oração principal:

"Tempos há em que é *menos* perigoso mentir *que* dizer verdades" [MM].

3) Concessivas: quando iniciam oração que exprime que um obstáculo – real ou suposto – não impedirá ou modificará a declaração da oração principal: *ainda que*, *embora*, *posto que*, *se bem que*, *apesar de que*, etc.:

"*Ainda que* perdoemos aos maus, a ordem moral não lhes perdoa, e castiga a nossa indulgência" [MM].

4) Condicionais (e *hipotéticas*): quando iniciam oração que em geral exprime:

a) uma condição necessária para que se realize ou se deixe de realizar o que se declara na oração principal;

b) um fato – real ou suposto – em contradição com o que se exprime na principal.

Este modo de dizer é frequente nas argumentações. As principais conjunções condicionais (e hipotéticas) são: *se*, *caso*, *sem que*, *uma vez que* (com o verbo no subjuntivo), *desde que* (com o verbo no subjuntivo), *dado que*, *contanto que*, etc:

"*Se* os homens não tivessem alguma coisa de loucos, seriam incapazes de heroísmo" [MM].

"*Se* as viagens simplesmente instruíssem os homens, os marinheiros seriam os mais instruídos" [MM].

5) Conformativas: quando iniciam oração que exprime um fato em conformidade com outro expresso na oração principal: *como*, *conforme*, *segundo*, *consoante*:

"Tranquilizei-a *como* pude" [MA.1, 174].

Fez os exercícios *conforme* o professor determinou.

6) Consecutivas: quando iniciam oração que exprime o efeito ou consequência do fato expresso na oração principal. A unidade consecutiva é *que*, que se prende a uma expressão de natureza intensiva como *tal*, *tanto*, *tão*, *tamanho*, posta na oração principal. Estes termos intensivos podem facilmente calar-se:

"Os povos exigem *tanto* dos seus validos, *que* estes em breve tempo se enfadam e os atraiçoam" [MM].

"Os vícios são *tão* feios *que*, ainda enfeitados, não podem inteiramente dissimilar a sua fealdade" [MM].

"Vive de maneira *que* ao morrer não te lastimes de haver vivido" [MM].

isto é: *vive de tal maneira que* (que em consequência...).

7) FINAIS: quando iniciam oração que exprime a intenção, o objetivo, a finalidade da declaração expressa na oração principal: *para que*, *a fim de que*, *que* (*para que*), *porque* (*para que*):

"Levamos ao Japão o nosso nome, *para que* outros mais felizes implantassem naquela terra singular os primeiros rudimentos da civilização ocidental" [LCo *apud* FB.1, 219].

8) MODAIS: quando iniciam oração que exprime o modo pelo qual se executou o fato expresso na oração principal: *sem que*:

Fez o trabalho *sem que* cometesse erros graves.

OBSERVAÇÃO: A Nomenclatura Gramatical Brasileira não agasalhou as conjunções modais e, assim, as orações modais, apesar de pôr o modo entre as circunstâncias adverbiais.

9) PROPORCIONAIS: quando iniciam oração que exprime um fato que ocorre, aumenta ou diminui na mesma proporção daquilo que se declara na oração principal: *à medida que*, *à proporção que*, *ao passo que*, (*tanto mais*)... *quanto mais*, (*tanto mais*)... *quanto menos*, (*tanto menos*)... *quanto mais*, (*tanto mais*)... *menos*, etc.:

"O anão *quanto mais* alto sobe, *mais* pequeno se afigura" [MM].

Progredia *à medida que* se dedicava aos estudos sérios.

10) TEMPORAIS: quando iniciam oração que exprime o tempo da realização do fato expresso na oração principal. As principais conjunções e "locuções temporais" são:

a) para o tempo anterior: *antes que*, *primeiro que*:

"Ninguém, senhores meus, que empreenda uma jornada extraordinária, *primeiro que* meta o pé na estrada, se esquecerá de entrar em conta com suas forças..." [RB *apud* FB.1, 126].

b) para o tempo posterior (de modo indeterminado): *depois que*, *quando*:

Quando disse isso, ninguém acreditou.

c) para o tempo posterior imediato: *logo que*, *tanto que* (hoje raro), *assim que*, *desde que*, *eis que*, (*eis*) *senão quando*, *eis senão que*:

Logo que saíram, o ambiente melhorou.

d) para o tempo frequentativo (repetido): *quando* (com o verbo no presente), *todas as vezes que*, (*de*) *cada vez que*, *sempre que*:

"Quando o povo não acredita na probidade, a imoralidade é geral" [MM].

OBSERVAÇÃO: Evite-se o erro de preceder com *em* o *que* da locução *todas as vezes que* (dizendo: *todas as vezes em que*).

e) para o tempo concomitante: *enquanto*, (*no*) *entretanto que* (hoje raro):

Dormiu *enquanto* estava no cinema.

OBSERVAÇÃO: *Entretanto* ou *no entretanto* são advérbios de tempo, com o sentido de *nesse ínterim*, *nesse tempo*, *nesse intervalo*:

"O aperto dos sitiados aumentava *entretanto* de dia para dia" [RS.2, IV, 208].

Mais modernamente *entretanto* passou a ter sentido adversativo, e, por influência do advérbio, tem sido empregado precedido da combinação *no* (*no entretanto*). Muitos puristas condenam tal acréscimo.

f) para o tempo terminal: *até que*:

Passeou *até que* se sentisse esgotado.

O relativo *que* entra em expressões de tempo: *agora que*, *hoje que*, *a primeira vez que*,

etc.

Agora, *que* tudo acabou, posso pensar mais tranquilamente.

Se o conjunto é proferido sem pausa, estabelece-se uma unidade de sentido à semelhança de *depois que*, *já que*, etc., e se passa a considerar o todo como locução conjuntiva temporal:

Agora que tudo acabou, posso pensar mais tranquilamente.

***Que* excessivo** – Sob o modelo das "locuções" conjuntivas finalizadas por *que*, desenvolveu-se o costume de acrescentar este transpositor junto a advérbio que só por si funciona como adjunto adverbial: *enquanto que*, *apenas que*, *embora que*, *mal que*, etc., construções que os puristas não têm visto com bons olhos, apesar dos exemplos de escritores corretos:

"... porque a ciência é mais lenta e a imaginação mais vaga, *enquanto que* o que eu ali via era a condensação viva de todos os tempos" [MA.1, 24].

Aparece ainda o *que* excessivo depois de expressões de sentido temporal como:

Desde aquele dia *que* o procuro.

Conjunções e expressões enfáticas – As conjunções coordenativas podem aparecer enfatizadas. Para esta ênfase o idioma se serve de vários recursos. Assim, a adição pode vir encarecida das expressões do tipo:

não só... mas (*também*)
não só... mas (*ainda*)
não só... senão (*também*)
não só... que também, etc.

Não só se aplica ao português *mas ainda* ao latim.

A alternativa pode ser enfatizada pela repetição:

Ou estudas *ou* brincas.
Já dizes sim *já* dizes não.
Ora vem aqui, *ora* vai ali.

A série *nem... nem* adquire sentido aditivo negativo.

Nem estudou *nem* tirou boas notas (não estudou e não tirou...)

Quer... quer e *ou... ou*, com o verbo no subjuntivo e tom de voz descendente, podem adquirir um sentido suplementar de concessão quando a possibilidade de ações opostas não impede a declaração contida na oração principal:

Quer estudes *quer* não, aprenderás facilmente a lição.

Nas subordinadas e principais, a correlação de uma expressão com o conectivo ou outro termo da oração a que se prende, para mostrar relação semântica em que essas orações se acham com a circunstância ou fato já expresso, é outro meio de enfatizar a interdependência oracional. Esta expressão memorativa é constituída por advérbio ou equivalente:

"Como os sábios não adulam os povos, *também* estes os não promovem" [MM].
"Quando os homens se desigualam, *então* se harmonizam" [MM].
Embora não me digam a verdade, *ainda assim* perguntarei mais vezes.
"Acabemos, *pois*, de despertar deste mortal letargo" [ED.1, 119].

"Estudemos *portanto*, e não nos deixemos dominar pela preguiça" [RV.1, 251].

10 – Interjeição

Interjeição – É a expressão com que traduzimos os nossos estados emotivos. Têm elas existência autônoma e, a rigor, constituem por si verdadeiras orações. Em certas situações, algumas podem estabelecer relações com outras unidades e com elas constituir unidades complexas. Acompanham-se de um contorno melódico exclamativo. Podem, entretanto, assumir papel de unidades interrogativo-exclamativas e de certas unidades próprias do chamamento, chamadas vocativo, e ainda por unidades verbais, como é o caso do imperativo [AL.1, 240; MC.4, 147].

As interjeições se repartem por quatro tipos:

a) certos sons vocálicos que na escrita se representam de maneira convencional: *ah!*, *oh!*, *hui!*, *hum*; o *h* no final pode marcar uma aspiração, alheia ao sistema do português;

b) palavras já correntes na língua, como *olá!*, *puxa!*, *bolas!*, *bravo!*, *homem!*, *valha!* (com contorno melódico exclamativo);

c) palavras que procuram reproduzir ruídos de animais ou de objetos, ou de outra origem, como: *clic* (*clique*), *tic-tac* (*tique-taque*), *pum!*.

d) locuções interjetivas: *ai de mim!*, *cruz credo!*, *valha-me Deus!*, *aqui d'el-rei!*.

Eis uma relação das interjeições mais comuns da língua, conforme a situação em que se apresentam:

1) de exclamação: *viva!*

2) de admiração: *ah!*, *oh!*

3) de alívio: *ah!*, *eh!*

4) de animação: *coragem!*, *eia!*, *sus!*

5) de apelo ou chamamento: *ó!*, *olá!*, *alô!*, *psit!*, *psiu!*

6) de aplauso: *bem!*, *bravo!*

7) de desejo ou ansiedade: *oh!*, *oxalá!*, *tomara!*

8) de dor física: *ai!*, *ui!*

9) de dor moral: *oh!*

10) de dúvida, suspeita, admiração: *hum!*, *hem!* (também *hein*)

11) de impaciência: *arre!*, *irra!*, *apre!*, *puxa!* (melhor será, não registrado oficialmente, *pucha*)

12) de imposição de silêncio: *caluda!*, *psiu!* (demorado)

13) de repetição: *bis!*

14) de satisfação: *upa!*, *oba!*, *opa!*

15) de zombaria: *fiau!*

Locução interjetiva – é um grupo de palavras com valor de interjeição: *ai de mim*, *ora*

bolas, com todos os diabos.

As interjeições são proferidas em tom de voz especial, ascendente ou descendente, conforme as diversas circunstâncias dos nossos estados emotivos.

Quando estão combinadas com uma frase maior exclamativa, podem-se separar da frase por meio de uma vírgula, ou por meio do ponto de exclamação, ao qual se deve seguir, entretanto, letra minúscula:

> "*Oh!* que doce harmonia traz-me a brisa" [CAv *apud* MC.3, I, 65].

B) Estrutura das unidades: análise mórfica

I – Estrutura das palavras

Palavra e morfema

Palavra e vocábulo: conceito – O termo *palavra* se nos apresenta com aplicações diferentes, que devem ser distinguidas e, portanto, classificadas de maneira diversa. Podemos ver a palavra *habilidade* sob três prismas diferentes: a) o seu aspecto *material, fônico*, como *significante* ou *expressão*; b) a sua *significação gramatical* como uma classe de palavra que se apresenta sob forma de um substantivo feminino singular; c) a sua *significação lexical*, isto é, o que significa a palavra *habilidade* em relação, por exemplo, a *caridade* ou *amabilidade*.

Como expressão material, quanto ao seu aspecto fônico, como "simples" palavra, de formas, não tem nenhum significado e só pode ser classificada pelas suas características físicas: *habilidade* pode ser classificada, por exemplo, pelo seu número de sílabas (polissílabo), ou pela posição da sílaba tônica (paroxítono). Consideradas como puras palavras, há uma só forma *"amo"* (*amo*, 'quero bem' e *amo* 'senhor') e uma só forma "casa" ("a *casa* de meu amigo" e "Maria se *casa* amanhã") [ECs.7, 54]. Nesta acepção, em vez de palavra, se pode usar o termo *vocábulo*, do latim *vox*, que significa 'a voz'.

Aqui temos de relembrar que a fronteira do vocábulo difere se se trata de língua oral ou de língua escrita. Na língua oral, na fala, predomina o ritmo acentual, o que resulta em que as sílabas átonas se agrupam em torno da sílaba tônica, de modo que são as pausas que marcam os limites ou fronteiras dos grupos fônicos, também chamadas *grupos de força*. Assim é que, na língua oral, há um só grupo fônico e, portanto, um só vocábulo, em *aluga-se*, em que a sílaba átona *se* se agrupa em torno da sílaba tônica (*lu*). Por isso, se dá, como reflexo na escrita, a grafia errônea *alugasse* (ou *alugase*). O vocábulo, portanto, nem sempre coincide com a palavra; no exemplo, temos um vocábulo e duas palavras significativas (*aluga* e *se*).

Como já vimos, as sílabas átonas que se agrupam em torno da sílaba tônica podem, segundo a posição, ser *proclíticas* | *syaluga* | – se vêm antes – ou *enclíticas* | *alugase* | – se vêm depois.

Na língua escrita, as fronteiras são demarcadas pelos espaços em branco: *se aluga* ou

aluga-se.

Quando, além da parte fônica (significante), se considera a parte significativa (significado), também há diferenças que devem ser levadas em conta. A questão se põe quando se pergunta quantas palavras existem no conhecido verso de Bilac: *Cheguei. Chegaste. Vinhas fatigada.*

Responderemos que há quatro ou três palavras conforme o conceito por que tomemos o termo *palavra*. Serão quatro se entendermos *cheguei, chegaste* como palavras de significação gramatical diferentes, já que expressam uma o pretérito perfeito do indicativo na 1.ª pessoa do singular (*eu cheguei*) e a outra o pretérito perfeito do indicativo na 2.ª pessoa do singular (*tu chegaste*). Tais significações se dizem "gramaticais" porque decorrem de classificações estabelecidas na gramática da língua portuguesa. Assim, *cheguei* e *chegaste* são contadas como duas *palavras gramaticais*.

Diremos que só há no referido verso três palavras se entendermos *cheguei, chegaste* como palavras de uma só significação lexical, já que ambas têm em comum o significado lexical 'atingir o final de movimento de ida ou vinda', um significado dado pela língua, mas que se situa fora da gramática, pois se trata de uma realidade do mundo em que vivemos. Assim, *cheguei* e *chegaste* são duas formas, duas "flexões" de uma mesma *palavra léxica*, o verbo *"chegar"*.

É neste sentido de *palavra léxica* que dizemos que *boa* é o feminino da "palavra *bom*", que *meninos* é o "substantivo *menino* no plural"[HCv.1, II, 594-595].

Repare-se que nos nossos dicionários o normal é iniciar o verbete com a *palavra léxica* básica: verbo no infinitivo, substantivo no gênero gramatical usual (*livro, vela, pente, ponte*) e adjetivo no masculino singular. Explica-se o procedimento porque o infinitivo, o masculino e o singular representam as formas não marcadas respectivamente do verbo, do substantivo e do adjetivo.

OBSERVAÇÃO: Na literatura linguística e gramatical, costumam os autores distinguir convencionalmente a maneira de indicar o vocábulo e a palavra. Coseriu, por exemplo, usa *itálico* para a palavra como signo, isto é, como expressão (significante) + conteúdo (significado): *chegar* = a palavra portuguesa *chegar* concomitantemente como expressão e conteúdo; itálico e aspas normais (duplas) para a expressão: "*chegar*" = o significante de *chegar* / xegar/; só aspas duplas para o conteúdo: "chegar" = o significado de *chegar*; só aspas simples para os traços distintivos de conteúdo: 'chegar' = traço distintivo que se encontra no conteúdo de *chegar, chegada, chegança, aconchego* e demais componentes da família.

Palavra e morfema – Do que foi exposto acima, conclui-se que em nossa língua, como se repete nas chamadas línguas flexionais, a palavra está constituída indissoluvelmente (a separação só se faz para efeito de análise e estudo) de uma base fônica e de duas formas semânticas, a gramatical e a lexical, conhecidas pelo nome técnico *morfema*.

Chama-se morfema a unidade mínima significativa ou dotada de significado que integra a palavra.

A depreensão do morfema ou dos morfemas que integram a palavra nem sempre constitui uma operação fácil e sujeita a uma única solução. Se tomarmos

falávamos
falava

facilmente depreendemos o elemento comum *falava*, e *mos* como distintivo. A unidade *-mos* indica estar a primeira forma verbal referida à 1.ª pessoa do plural (*nós*), e assim, portadora

de um conteúdo gramatical, é um morfema.

Se agora compararmos

falava
fala,

destacamos o morfema -*va*- que indica que a ação verbal se dá num passado que se prolonga (pret. imperfeito do indicativo). É, assim, outro morfema.

Se agora compararmos

falava
falara

se poderia chegar à conclusão que o elemento ou unidade distintiva das duas formas verbais fosse o -*v*- para a primeira ou o -*r*- para a segunda. A comparação com outras formas (*falava / fala; falara / falasse*, etc.) nos mostraria que as unidades a serem consideradas serão -*va*- e -*ra*-, que marcam o pret. imperf. e o mais-que-perf. do indicativo. Portanto, a depreensão de um morfema não é uma operação puramente material; há de se levar em consideração o seu conteúdo ou significado.

Também, como são unidades que se acham em concorrência com outras unidades, estão passíveis de mudanças na sua estrutura material, devidas a regras morfofonêmicas; no português, são frequentes a elisão e a crase: *porta* + *eiro* → port (*a*) *eiro* → *porteiro* (elisão); *porta* + *aria* → *portaria* (crase). Outras vezes, trata-se de alteração fônica: *fala*VA / *fala*VE*is* (por influência do *i* de *is*); outras vezes, de haplologia: *idade* + *oso* → *idoso* (por *idadoso*).

Tipos de morfema na estrutura das palavras – Na estrutura das palavras, os morfemas derivativos e flexionais se distribuem, quanto ao aspecto formal, pelos seguintes tipos, conforme ocorram por acréscimo (*aditivos*), por subtração (*subtrativos*) e por alternância (*modificativos*).

Há ainda relações gramaticais que se estabelecem no plano sintagmático, como a *concordância*, a *regência* e a "*consecutio temporum*", e também pela posição dos termos no sintagma, conhecida na gramática tradicional pelo rótulo "*ordem das palavras*". Destes tipos falaremos mais adiante.

Em nossa língua, são mais produtivos os morfemas aditivos, ao lado das formações com compostos; são raros os subtrativos, e os modificativos ocorrem com frequência nos casos de flexão nominal e verbal, conforme veremos no lugar competente.

Morfemas aditivos – Representados por:

1) *prefixos*: anteposição à base lexical: *pôr* → *repor; quieto* → *inquieto*
2) *sufixos, interfixos* e *desinências*: posposição à base lexical
3) *infixos:* intercalação no interior da estrutura da base
4) *circunfixos*: anteposição e posposição simultaneamente à base (parassintéticos)
5) *discontínuos*: fragmentação pela intercalação de outro morfema
6) *reduplicativos*: repetição da parte inicial da base

Morfemas subtrativos – Representados por:

1) *subtrativos*: subtração de fonema do radical para exprimir uma indicação gramatical

2) *supressivos*:

a) supressão de um segmento medial pertencente a qualquer das bases;

b) supressão do segmento final

c) supressão de elemento medial por cruzamento de bases

3) *abreviativos*: redução da extensão da palavra, que passa a valer pelo todo

Morfemas modificativos – Representados por:

1) *apofonia*: substituição de fonema vocálico de um radical de um mesmo paradigma flexional ou derivacional por mudança de timbre para indicação de significado gramatical

2) *metátese*: por mudança da sílaba tônica

Os morfemas podem ser classificados ainda como *livres* e *presos*, conforme apareçam independente ou dependentemente no discurso. Os morfemas apresentam: a) uma significação *externa*, referente a noções do nosso mundo (ações, estados, qualidades, ofícios, seres em geral, etc.), b) uma significação *interna* (puramente da esfera das noções gramaticais). A depreensão de um morfema depende de dois requisitos: a) a *significação* e b) a *forma fônica*. É importante observarmos que uma só forma fônica pode representar mais de um morfema: assim *-s* é marca pluralizadora em *as casas* e a 2.ª pessoa do singular em *cantas*. Por outro lado, um só morfema pode ter realizações fônicas diferentes em virtude do contexto fonético em que se acha; por exemplo, o morfema que corresponde à letra *-s* para indicar o plural em português se realiza como / x / diante de consoante surda (os cães), como / j / diante de consoante sonora (os gatos) e como / z / diante de vogal (os homens).79

Os elementos mórficos – Em português, as palavras se podem apresentar sob formas de estrutura diferentes:

a) *mar, sol, ar, é, hoje, lápis;*

b) *aluno, alunas, trabalhávamos;*

c) *casarão, livrinho, cantor, casamento, folhagem, alemão, fertilizar, chuviscar;*

d) *reter, conter, deter;*

e) *guarda-chuva, lanígero, agrícola, planalto, fidalgo.*

Em a) as palavras não se podem dividir em formas menores significativas porque só possuem um elemento mórfico chamado *radical*. *Radical* é o núcleo onde repousa a significação externa da palavra, isto é, relacionada com o mundo em que vivemos.

Já no grupo b) segue-se ao radical (de significação externa) um ou mais elementos de significação interna ou puramente gramatical. *Aluno* pode desmembrar-se em *alun-* e *-o*. O

primeiro elemento (radical) encerra a significação da palavra, cabendo ao final *-o* primeiramente atualizá-la para funcionar como palavra, integrando-a no léxico e secundariamente relacioná-la à marca de gênero, no caso de *-o* e *-a* (este de modo não geral, como acontece com *mapa*, *nauta*, masculinos). Em *alunas* o radical é *alun-*, e *as* encerra dois elementos de significação interna: 1) *-a* (indicador do significado gramatical gênero feminino) e 2) *-s* (indicador do significado gramatical número plural). Em *trabalhávamos* o radical é *trabalh-* e os elementos mórficos de significação interna são: 1) *-va* (que caracteriza o pret. imperf. do indicativo dos verbos da 1.ª conjugação) e 2) *-mos* (que caracteriza a 1.ª pessoa do plural).

Os elementos mórficos de significação interna, indicadores das flexões gramaticais, chamam-se *desinências* e se dividem em *nominais* e *verbais*.

As desinências nos nomes e em certos pronomes marcam as flexões de *gênero* e *número*; nos verbos: *número, pessoa, tempo* e *modo.*

Muitas vezes o radical não pode funcionar imediatamente como palavra; completa-o uma vogal para constituir o *tema* da palavra e por isso se chama *vogal temática* ou atualizador léxico, isto é, atualiza-o para funcionar concretamente no discurso [HCv.4, 7-26].

Tema é, portanto, o radical acrescido da *vogal temática* e que constitui a parte da palavra pronta para funcionar no discurso e para receber a desinência ou sufixo. São exemplos de temas: *livro-, trabalha-*. A vogal temática pode ocorrer num tema simples (*livr- o*) ou derivado (*livr- eir- o*).

Nos nomes as vogais temáticas estão representadas na escrita pelos grafemas *-a*, *-o* e *-e* e nos verbos por *-a*, *-e* e *-i*.

Nos nomes, a vogal temática (*a, o*) cumulativa e secundariamente funciona como a desinência de gênero. A vogal temática *o* ou *e* se acha representada, às vezes, por uma semivogal de um ditongo: *pã*O*, pã*ES. A vogal temática pode passar à variante *u* como ocorre com *afeto* → *afetuoso,* o que se dá, sem ser automático, quando se junta ao *-o* desinência ou sufixo iniciado por vogal [VK.2, 35]. Não têm vogal temática os nomes terminados em vogal tônica, e por isso se dizem *atemáticos*: *fé*. Neste caso, o tema coincide com o radical. Os nomes terminados em consoante (*mar, paz, mal*) apresentam a vogal temática *e*, latente no singular, mas patente no plural (*mares, pazes, males*). Uma característica desses atemáticos terminados em vogal tônica é que esta não é elidida quando seguida de sufixo: *café* → *cafezal, cafeeiro*.

OBSERVAÇÃO: Em geral a vogal tônica final (á, é, ó, ê, ô) resulta da crase da vogal do radical com a temática: *fé* < *fee* < *fide*(*m*). Em análise mórfica fora do plano histórico não cabe desfazer esta fusão.

Afixos: prefixos e sufixos. Interfixos – Nas palavras do grupo c) junta-se ao final da base um elemento mórfico chamado *sufixo* que não tem curso independente na língua (e por isso se chama *forma presa*) para formar uma palavra nova, emprestando-lhe uma ideia acessória e marcando-lhe a categoria (substantivo, adjetivo, etc.) a que pertence. O sufixo assume uma função morfológica, pois, em geral, altera a categoria gramatical do radical de que sai o

derivado (*real* adj. → *realidade* s., embora também possa não lhe alternar a categoria, como *feio* adj. → *feioso* adj.), e relaciona a palavra a que se agrega aos nomes aumentativos ou diminutivos, aos nomes de agente, de ação, de instrumento, aos coletivos, aos pátrios, etc.: *casarão* (aumento), *livrinho* (diminuição), *cantor, lavrador, sapateiro* (nomes de agente ou ofício), *punição, casamento, aprendizagem* (nomes de ação ou seu resultado), *folhagem, lodaçal, cardume, boiada* (nomes coletivos), *alemão, sergipano, cearense, português, minhoto, brasileiro* (nomes pátrios), *fertilizar* (ação), *chuviscar* (ação de pouca intensidade), *alvorecer* (início de ação), *mercadejar* (repetição de ação), *suavemente* (modo). Daí se distribuírem os sufixos em *nominais* (formadores de substantivos e adjetivos), *verbais* (do verbo) e o único adverbial, que é *-mente*, que se prende a adjetivos uniformes ou, quando biformes, à forma feminina: *cômoda* → *comodamente*.80

Nas palavras do grupo d) acrescenta-se ao início da base um elemento mórfico chamado *prefixo*, que empresta ao radical uma nova significação e que se relaciona semanticamente com as preposições. Os prefixos, em geral, se agregam a verbos, como nos exemplos do grupo d), ou a adjetivos: *in- feliz*, *des- leal, sub- terrâneo*. São menos frequentes os derivados em que os prefixos se agregam a substantivos; os que mais ocorrem são, na realidade, deverbais, como em *des- empate.* Ao contrário dos sufixos, que assumem valor morfológico, os prefixos têm mais força significativa, podem aparecer como formas livres (isto é, ter existência independente na língua) e não servem, como aqueles, para determinar uma nova categoria gramatical. Nem sempre existe em português a preposição que corresponde ao prefixo empregado: *intermédio* (cf. preposição *entre*), *combater* (cf. preposição *com*), *depenar* (cf. preposição *de*), *avocar* (cf. prep. *a* = ao lado, para perto de), *sobraçar* (cf. prep. *sob*), *sobrepor* (cf. prep. *sobre*), *embainhar* (cf. prep. *em* = movimento para dentro), mas *abusar* (*ab* = afastamento, privação), *progresso* (*pro* = movimento para diante, favorecimento), *refazer* (*re* = repetição).

Do ponto de vista formal, há ainda para notar que os sufixos derivativos são em geral mais longos que as desinências gramaticais, além de serem estas quase sempre átonas, enquanto aqueles são normalmente tônicos; outra distinção consiste em que os sufixos vêm imediatamente após o núcleo, e as desinências após os sufixos [cf. HCv.2, II, 530 n.35].

Prefixos e sufixos recebem o nome de *afixos*; são prefixos os afixos que se antepõem ao radical, e sufixos os que se lhe pospõem. Há ainda os *infixos* próprios, pois o que se costuma apontar como tal (representado por uma nasal) é de responsabilidade do latim (por exemplo, para distinguir o presente de alguns verbos, como *rumpo* e *findo* dos perfeitos *rupi*, *fidi* e do particípio passado *ruptus, fissus*, e, excepcionalmente, em certas formações nominais)81 e não interessa à gramática descritiva portuguesa. É preciso não confundir esta noção de *infixo* com as vogais e consoantes desprovidas de significado que, na formação de nossa palavras e das que importamos de línguas estrangeiras, principalmente quando o radical termina por vogal tônica, se intercalam para facilitar a pronúncia ou para evitar hiatos, e que, por isso, se chamam *vogais* e *consoantes de ligação*: cha-*l*-eira, pau-*l*-ada, cafe-*t*-eira, lan-*í*-gero, come-*z*-aina, pa-*z*-ada, chapeu-*z*-inho, pedre-*g*-ulho, pedre-*g*-oso.82 A rigor, há em português duas vogais de ligação: *i* e *o*. A vogal *i* na composição de elementos latinos e *o* de elementos gregos: dent*i*frício, gas*ô*metro83.

Temos ainda de considerar o caso dos *interfixos* (denominação adotada por Y. Malkiel), que são elementos átonos sem função gramatical e significativa que servem de ligação entre a base léxica e o sufixo, como ocorre em *glorificar* e *fumarada*, *fogaréu*, *solaréu*, em que os elementos *-ific*, *-ar* se interpõem entre as bases *glória* e o sufixo verbal *-ar* ou *fogo*, *sol* e o sufixo nominal *-éu*. A noção de interfixo não é ponto pacífico entre os estudiosos; muitas vezes se pode entendê-lo como integrante de um conglomerado de sufixos; nos exemplos acima, os conglomerados sufixais seriam *-ificar* e *-aréu*. Outras vezes, muito próxima desta noção, é ver o interfixo como resultado de um alongamento de sufixo, como se pode interpretá-lo na formação *ridículo* → *ridicularizar* (em vez de *ridiculizar*).

Nas palavras do grupo e) temos uma reunião de dois radicais, isto é, ao lado de um radical mais fundamental acrescenta-se outro (e até outros) para dar um significado especial ao conjunto. Dizemos então que as palavras são *compostas*. Estes radicais podem ser *livres*, isto é, usados independentemente na língua (como *guarda-chuva*) ou *presos*, isto é, não são usados isoladamente (como *agrícola* = agr + i + cola, *lanígero* = lan + i + gero).

Nas palavras compostas com radicais livres, do tipo *guarda-chuva*, persiste, como é fácil de observar, a individualidade de seus componentes. Esta individualidade se traduz: a) na escrita, pela mera justaposição de um radical a outro, normalmente separados por hífen; b) na pronúncia, pelo fato de ter cada radical seu acento tônico, sendo o último o mais forte e o que nos orienta na classificação da posição do acento nas palavras compostas (por isso que *couve-flor* é oxítono e *guarda-chuva* é paroxítono). Em tais casos dizemos que as palavras são compostas por *justaposição*.

Chamamos *aglutinação* o processo de formar palavras compostas pela fusão ou maior integração dos dois radicais: *planalto, fidalgo, lanígero, agrícola*. Esta maior integração traduz-se pela perda da delimitação vocabular decorrente: 1) da existência de um único acento tônico; 2) da troca ou perda de fonema; 3) da modificação da ordem mórfica [MC.4, 30].

"A adaptação da primeira palavra pode ser de quatro espécies: 1) mudança da parte final em relação à mesma palavra quando isolada; ex.: *lobis* – (comparar – *lobo*, em *lobisomem*); 2) redução da palavra ao seu elemento radical; ex.: *planalto*, onde *plan-* é o radical de *plano* (o composto indica um solo plano e alto numa montanha); 3) elemento radical alterado em relação à palavra quando isolada; ex.: *vinicultura* (*vin-,* mas *vinh-* em *vinha* 'árvore da uva'); 4) elemento radical que não aparece em português em palavra isolada; ex.: agricultura (a *agr* corresponde, em palavra isolada, *campo*)" [MC.2, 95].

A segunda palavra pode ocorrer com as seguintes alterações: "1) com mudança na parte final; ex.: *monocórdio* (instrumento de uma só corda); 2) com o elemento radical alterado; ex.: *vinagre* (um vinho que é acre); 3) com um elemento radical diverso do que a correspondente palavra isolada; ex.: *agrícola* (ao elemento de composição *cola* corresponde a ideia de *habitar* ou *cultivar*)"[MC.2, 95].

Na língua literária e técnica prefere-se empregar o radical de forma latina a utilizar o de forma vernácula, principalmente quando este já sofreu a evolução fonética. Emprega-se preferencialmente *silvicultura* (e não *selvicultura*), *viticultura* (e não *vidicultura*). Assim ocorre com *áureo, capilar, auricular, ocular, digital,* etc. [Cf. MBa.1, 429-430].

Diferença entre flexão e derivação – A flexão consiste fundamentalmente no morfema aditivo sufixal acrescido ao radical, enquanto a derivação consiste no acréscimo ao radical de um sufixo lexical ou derivacional: *casa + s: casas* (flexão de plural); *casa + inha*: *casinha* (derivação).

A flexão dos nomes e dos verbos apresenta muito frequentemente uma alternância complementar interna que recai na vogal tônica básica: *avô → avó, novo → nova; novo → novos; fiz → fez* (1.ª pessoa → 3.ª pessoa).

Quando falta o morfema aditivo à flexão, e só há alternância, a forma diz-se *forte: avô → avó* ou, mais restritamente se aplica, na gramática portuguesa, às 1.ª e 3.ª pessoas do singular do pret. perfeito do indicativo quando rizotônicas e atemáticas: *ter → tive, teve* (*i/e*), em oposição a *dizer → disse* (eu/ele); *poder → pude, pôde* (*u/o*), em oposição a *haver → houve* (eu/ele).

No plano sintagmático, a flexão provoca o fenômeno da concordância: *móvel novo → móveis novos* em oposição a *a casa nova → a casinha nova.*

Conceito de raiz ou radical primário – Chama-se *raiz*, em gramática descritiva, ao radical primário ou irredutível a que se chega dentro da língua portuguesa e comum a todas as palavras de uma mesma família.

Se tomarmos um vocábulo como *desregularizar* 84, facilmente podemos surpreender diversos graus de radical: o primeiro, destacando-se-lhe a vogal temática e a desinência de infinitivo, é *desregulariz-* (que aparece em *desregularização*); este radical pode ser reduzido, por destaques sucessivos, a: *regulariz* (sem o prefixo) > *regular* (sem o sufixo) > *regul* (cf. o latim *regu(la)* > *reg* (que aparece em *reger, régua*). Este último radical que constitui o elemento irredutível e comum a todas as palavras do grupo chama-se *primário* e coincide, em relação à língua atual, com a *raiz*. *Regul-* é um radical secundário (ou do 2.º grau), como *regular-* um radical terciário (ou do 3.º grau), e assim por diante.

OBSERVAÇÃO: Não interessa à gramática descritiva o conceito de raiz do ponto de vista histórico, que só é válido para a gramática histórica. Há frequentes divergências entre o estabelecimento de uma raiz dentro dos dois tipos de gramática; assim é que, enquanto para a histórica há raiz *ed-* em *comer* (do latim *comedere*, de *edere* = comer), a descritiva a esta reconhece em *com-* (cf. *com-ida, com-ilão, com-ilança*).

A raiz ou radical primário pode apresentar variante ou variantes; assim, a raiz *reg-* se altera em *regr-* (em *regra, regrar, desregrar*).

Base lexical real e base lexical teórica – Na análise mórfica (constitucional), torna-se importante acentuar, como já deixamos claro anteriormente, que nem sempre a unidade léxica que entra na constituição de uma forma derivada ou flexionada é a que se apresenta como básica. Muitas vezes, temos de nos socorrer de uma forma básica teórica, possível no sistema mas não vigente na norma. Assim é que nos plurais dos nomes terminados em consoante, socorremo-nos de uma forma teórica integrada pela vogal temática *-e-* para depois lhe acrescentar o pluralizador *-s*: *mar → *mare* → pl.: *mares.*

Palavras cognatas – Chamam-se cognatas as palavras que pertencem a uma família de raiz e significação comuns: *corpo, corporal, incorporar, corporação, corpúsculo, corpanzil; fugir* (em *foges,* temos a raiz alterada), *fugaz, refúgio, subterfúgio, trânsfuga.* Uma só família de palavras pode ter dois radicais, um de forma erudita, outro de forma popular: *digital* e *dedal, parietal* e *parede*, *capilar* e *cabelo, auricular* e *orelha, acutíssimo* e *agudíssimo*, *paupérrimo* e *pobríssimo, sacratíssimo* e *sagradíssimo*, etc.

Constituintes imediatos – Em análise mórfica, é importante ter em conta o princípio dos constituintes imediatos para que não se façam confusões no plano descritivo da classificação morfológica (vale o mesmo para as relações sintáticas) e se estabeleçam as possíveis gradações de estrutura. Assim é que diante de uma forma como *descobrimento*, não iremos enquadrá-la no grupo das palavras chamadas *parassintéticas* (considerando *des* + *cobri* + *mento*); trata-se de um derivado secundário cujos constituintes imediatos são o radical secundário *descobri-* e o sufixo *ment* (*o*). Em *arduamente* desprezaremos a desinência de feminino *-a-* (válida no vocábulo *árdua*) e analisaremos os constituintes imediatos: *ardua* + *mente*, sendo *ardua-* o radical secundário. Também em *desrespeitosamente* os constituintes imediatos são *desrespeitosa* (por destaques sucessivos > *respeitosa* > *respeit* > *speit,* este último radical primário ou raiz). Em *cantorezinhos* temos os constituintes imediatos *cantor* (*es*) e *zinho* (*s*), depois *cantor* e finalmente *cant-or*. Nessa gradação de elementos componentes de uma estrutura morfológica, nota-se que há certa ordem em sua distribuição; destacam-se primeiro, como nos constituintes imediatos, os elementos externos característicos da flexão, seguidos de elementos internos característicos do processo de transformação das palavras. Em nosso último exemplo, os externos de natureza flexional são representados pelas desinências de plural: *cantor(es),* e *zinho(s)*, enquanto os elementos internos são indicados pelos sufixos diminutivos de *cantor-zinho* (derivação sufixal) e pela desinência de nome de agente em *cant-or* (derivação sufixal).

A parassíntese ou circunfixação – Intimamente ligado à noção dos constituintes imediatos está o conceito de *parassíntese*, conceito não de todo assente entre os estudiosos. Para uns, para haver parassíntese basta a presença de prefixo e sufixo no derivado; é o caso de *descobrimento*, maneira de ver que rejeitamos, por não levar em conta a noção dos constituintes imediatos. Para outros, o processo consiste na entrada *simultânea* de prefixo e sufixo, de tal modo que não existirá na língua a forma ou só com prefixo ou só com sufixo; é o caso de *claro* para formar *aclarar*, em cujo processo entram concomitantemente o prefixo *a-* e o final *-ar*, elemento de flexão verbal que funciona, por acumulação, como sufixo. Como lembra Mattoso Câmara, pode dar-se ainda na parassíntese a adjunção de um sufixo de valor iterativo ou incoativo, o que ocorre em *entardecer* (*en* + *tard(e)* + *ec* + *er*) e *amanhecer* (*a* + *manh(ã)* + *ec* + *er*). Pode-se ainda entender que, a rigor, não existe parassíntese, se partirmos do fato de que, numa cadeia de novas formações, não poucas vezes ocorre o pulo de etapa do

processo, de modo que só virtualmente no sistema exista a forma primitiva. Assim, para se chegar a *farmacolando*, parte-se de um virtual **farmacolar* (à semelhança de *doutorar* em relação com *doutorando*), ou, para *prefeitável*, de um virtual **prefeitar* (como de *amar* para *amável*, ou de um *pagar* para *pagável*). Deste modo, em *aclarar, entardecer, amanhecer* se poderá pensar em partir dos virtuais **clarar, *tardecer, *manhecer* ou **aclaro, *entarde* e **amanhã*. Esta última explicação do fenômeno nos parece ser a melhor solução, abolindo a parassíntese como processo especial de formação de palavras, além de não contrariar o princípio geral da linearidade do signo linguístico.

As formações parassintéticas mais comuns no português ocorrem com o concurso dos prefixos *es -, a-, en-,* e os sufixos *-ear, -ejar, -ecer, -izar: esverdear, esclarecer, apodrecer, anoitecer, enraivecer, entardecer, encolerizar, aterrorizar.*

Haplologia na formação de palavras – A fim de evitar reduplicações de sílabas que pertencem à palavra primitiva e ao sufixo, é comum ocorrer *haplologia* ou *braquilogia*, como em: *caridad(e) + oso → caridoso* (por *caridadoso*) , *bondad(e) + oso → bondoso* (por *bondadoso*), *idad(e) + oso → idoso*. Estas simplificações também ocorrem em produtos por composição: *trágico + cômico → tragicômico*. Podem ocorrer também na língua as formas plenas: *caridadoso, bondadoso*.

Variantes dos elementos mórficos – É comum a variante de determinado elemento mórfico. Assim, altera-se a raiz em *reger* (reg-) e *regra* (regr-) ou *fazer* (faz-) e *fiz*; a desinência modo-temporal do pretérito imperfeito *-va-* (na 1.ª conjugação) ou *-ia-* (na 2.ª e 3.ª conjugações) passe a *-ve-* ou *-ie-*, respectivamente, na 2.ª pessoa do plural, pelo contato do *i* d e *is* da desinência pessoal (*amavas, amáveis, vendias, vendíeis, partias, partíeis*); a desinência de plural dos nomes é sempre *-s-*, mas diante de um plural como *mares*, temos, como já vimos em, de admitir uma forma teórica latente, no singular, não existente na norma, mas prevista no sistema, **mare*, que, servirá de forma básica para o plural *mares*. Ter-se-á de recorrer a essa forma teórica quando o pluralizador *-s* tiver de anexar-se a nome terminado em consoante: *sol → *sole + s > sols > soes → sóis; gás → *gase → gases,* etc. Quando temos formas variantes, aquela que ocorre isoladamente é a que se há de considerar a forma básica; assim é que temos as formas *chapéu* e *chapel* (em *chapelaria, chapeleiro*), mas a básica é *chapéu*, pois a outra só aparece nos derivados [VK.2, 20 n.2].

A forma livre *caber* (em *descaber*) apresenta, por exemplo, uma variante mórfica presa *-ceber* (em *receber, perceber*, etc.).

Tais variantes se chamam, à semelhança dos alofones, *alomorfes*. Destes alomorfes precisam ser distinguidos novos elementos mórficos oriundos de uma análise subjetiva do falante; não conhecendo a etimologia, muitas vezes o falante separa elementos que essa mesma etimologia não consigna. Por este processo, nasceram vocábulos como *sarampo* (do espanhol *sarampión*, e este do latim *sirimpionem*, por se pensar que *sarampão* fosse formado com o sufixo *-ão*), e *rosmano* (tirado de *rosmaninho*, do latim *rosmarinum*, também imaginado um

derivado com o sufixo de grau -*inho*).

Neutralização e sincretismo – A neutralização representa uma restrição no funcionamento das oposições distintivas existentes numa língua, quer no plano da fonologia, quer no plano gramatical (morfologia e sintaxe), quer no plano léxico.

Entende-se por neutralização a suspensão de uma oposição distintiva. Assim, o português estabelece oposição entre *e* aberto e *e* fechado, o que permite distinguir, por exemplo, *sede* (de um governo) e *sede* (sinto sede). Todavia, esta posição distintiva só funciona em posição tônica; se a vogal estiver em sílaba átona, só aparecerá o *e* fechado, na pronúncia normal brasileira, podendo fechar-se ainda mais a um *i*: *pedir/pidir*, sem que se altere o significado.

No plano do conteúdo gramatical, a oposição masculino/feminino fica suspensa com frequência no plural, apresentando-se apenas o masculino. Assim, *a menina e a prima estudiosas* no feminino, mas *a menina e o primo estudiosos*, em que o plural masculino se refere aos substantivos de gêneros diferentes.

Também o singular masculino pode, em certos contextos, assumir valor genérico e, assim, referir-se englobadamente a pessoas do sexo masculino e feminino: *O homem é mortal* (i.é, o homem e a mulher).

Ocorre o mesmo no léxico: *meus tios* pode fazer alusão a meus tios Benedito e Henrique, ou a meu tio Benedito e minha tia Noêmia. *Noite* e *dia* se dizem de partes distintas das "24 horas", mas *dia* pode englobar as duas partes quando empregado em contextos do tipo *Passei dois dias em Maceió*. Assim, o plural como termo marcado apresenta um traço diferencial positivo (com o valor "mais de um"), enquanto o singular, como termo não marcado apresenta dois valores: o contrário do outro (já que o singular é "unidade") e o valor genérico ("pluralidade"). Deste modo se explica por que o termo não marcado pode funcionar "em lugar" do marcado em certos contextos, não podendo haver o fenômeno contrário, isto é, o marcado aparecer "em lugar" do não marcado.

Em todos estes exemplos de neutralização, o termo que abrange toda a extensão da oposição se chamará *neutro*, *não marcado* ou *negativo*, e englobará o termo *positivo* ou *marcado*; assim, os masculinos *menino* e *dia* são termos neutros, e os femininos *menina* e *noite*, termos positivos ou marcados. Também, no sistema verbal, o presente se caracteriza pelo traço neutro, pois que, por isso, pode ser empregado "em lugar" do futuro (*Vou amanhã / Irei amanhã*) e do pretérito (*Pedro I proclama* nossa independência em 7 de setembro de 1822 / Pedro I *proclamou...*). Como ensina Coseriu, o presente, como termo neutro, pode ser empregado "em lugar" de qualquer outro tempo, e até em sentido "atemporal", ou em contextos de valor genérico ou em referência ao "presente eterno": *A terra gira em torno do sol*.

Não se há de confundir *neutralização* ou *sincretismo*. A neutralização, como vimos, é a suspensão, em determinado contexto, de uma oposição funcional que existe na língua em *um* dos seus dois planos: o da expressão ou o do conteúdo.

O sincretismo, por seu turno, é a ausência de manifestação material, numa seção de um paradigma ou em um paradigma, de uma distinção de conteúdo que, em outras seções do

mesmo paradigma ou em outros paradigmas análogos, se manifesta também materialmente. Assim, no paradigma verbal do português, a 1.ª e a 3.ª pessoas, que se distinguem em outros casos (*canto/canta; cantei/cantou*, etc.), não se distinguem, por exemplo, no imperfeito (*cantava*/*cantava*; *saía*/*saía*, etc.). Assim também haverá sincretismo, e não neutralização, em *falaram* como forma da 3.ª pessoa do plural do pret. perf. e do pret. mais-que-perfeito do indicativo, oposição recuperada na forma de 3.ª pessoa do singular (*falou/falara*) e ainda pelo contexto. Repare-se em que não se distinguem *na expressão* (na forma material, no significante), mas a diferença de conteúdo (de significado) persiste.

A diferença é que no sincretismo não há suspensão da oposição, nem há um termo de valor neutro que represente a soma "1.ª pessoa" + "3.ª pessoa". Pode haver sincretismos sintáticos, como, por exemplo, em *sábio alemão*, que admite duas interpretações exclusivas, conforme se entenda *sábio* como substantivo e *alemão* como adjetivo ou vice-versa.

Também em *amor de mãe* temos um sincretismo sintático, pois não se faz nenhuma distinção material se se trata do amor que a mãe tem ou nutre (pelos filhos, por exemplo) ou do amor que os filhos nutrem pela mãe; é o caso análogo ao genitivo "subjetivo" ou "objetivo" em latim. Mas os falantes fazem a distinção de conteúdo e não consideram a mãe como sujeito e objeto ao mesmo tempo.

O sincretismo pode ocorrer, principalmente, por *homonímia*, ou por *alomorfia* e desaparecimento do elemento mórfico, devidos a regras morfofonêmicas. Exemplos de homonímia: a) a vogal temática da 2.ª conjugação é *e*; esta vogal entretanto, passa a *i* no pret. imperf.; na 1.ª pessoa do singular do pret. perf. do indicativo e no particípio, suspendendo a oposição material distintiva com a 3.ª conjugação: vend + i + ia (com crase dos dois *ii*) → *vendia*; *vend + i + i → vendi; vend + i + do → vendido;* b) por outro lado, a vogal temática da 3.ª conjugação (*i*) passa a *e* quando átona, isto é, 2.ª e 3.ª pessoa do singular e 3.ª pessoa do plural do presente do indicativo e a 2.ª pessoa do singular do imperativo, suspendendo a oposição material entre a 2.ª e 3.ª conjugações: *vendes, partes; vende, parte; vendem, partem; vende tu, parte tu.* Também em *falaram*, a análise mórfica auxiliada pelo contexto dirá existir a 3.ª pessoa do plural do pret. perf. do indicativo (*fal-a-ra-m*) ou do pret. mais-que-perfeito (*fal-a-ra-m*).

Exemplos de desaparecimento: a) pela queda da vogal temática *i* do verbo *vir*, suspende-se a oposição, material entre o gerúndio e o particípio: *vindo* (gerúndio), *vindo* (particípio); b) pela queda da vogal temática *e* no infinitivo de *pôr*, este verbo ficou aparentemente afastado da 2.ª conjugação, chegando, durante muito tempo, a constituir razão para uma falsa 4.ª conjugação em português.

Graus de coesão de morfemas – A adição de morfemas nas constituições das palavras apresenta uma combinatória que cabe aqui ser referida. A adição aponta para uma combinatória rígida de modo que a ordem das unidades mórficas se mostra bem determinada. Assim, na estrutura do verbo em português – tomamos o verbo por exemplificação por ser, nas línguas flexivas como a nossa, aquela palavra de elementos estruturais mais rica – temos:

T (radical + vogal temática) + *D* (DMT + DNP)

am-a + re-mos

Em *recompor*, o prefixo *com* se acha mais integrado à significação do verbo *pôr* do que o prefixo *re-*. Também numa construção em que dois adjetivos modificam um mesmo substantivo, o adjetivo mais distante do substantivo é o menos coeso a ele, o que lhe permite normalmente permutar de posição: *céu azul maravilhoso / maravilhoso céu azul*, mas não *azul céu maravilhoso*. Entre prefixos isto não se dá: *recompor* (e nunca **comrepor*) [VK.2, 41].

Subtração nos elementos mórficos – Já vimos que os elementos mórficos podem ocorrer num processo de subtração, ao contrário do que ocorre com o processo por adição. A supressão de morfema é menos comum em português que o processo por adição.

Em português, um exemplo de morfema subtrativo é o que ocorre com os femininos de *anã, irmã, órfã*, obtidos pela eliminação do *-o* do masculino: 85

anão / anã
irmão / irmã
órfão / órfã

Temos ainda formação de palavras por procedimentos supressivos:

a) supressão do segmento medial pertencente a qualquer das bases: *petrodólares, apart-hotel, cineclube, credifone, tragicômico*

b) supressão do segmento final: *narcótico* → *narcotizar; prioridade* → *priorizar; maldade* → *maldoso*.

c) supressão do elemento final por cruzamento de bases: *motel* (motor + hotel), *brasiguaio* (brasileiro + uruguaio), *malular* (malufar + Lula), *sofressora* (sofrer + professora), *criança* (criança + onça), *aborrescente* (aborrecer + adolescente), *chafé* (chá + café). Este procedimento tem sido usado por bons escritores modernos (Guimarães Rosa, Mia Couto).

A subtração pode ocorrer por um processo de abreviação, em que a parte vale pelo todo: *foto* (grafia), *pneu* (mático), *metrô* (politano).

Morfema zero – Diferente do morfema subtrativo é o morfema zero (Ø). Consiste o morfema zero na ausência de uma marca de oposição gramatical em referência a outro termo marcado. Só haverá morfema zero se a noção por ele expressa for inerente à classe gramatical em que ele ocorra.

Assim, no par *alto/alta*, a oposição de gênero aparece marcada nos dois termos mediante *-o* e *-a*, já no par *alto/altos*, a noção de número plural, inerente à classe dos nomes, se acha marcada pelo pluralizador *-s*, enquanto a noção de singular está marcada pela ausência de uma marca. É esta ausência que tem o significado do valor do singular, e assim podemos considerá-la um verdadeiro morfema, a que chamaremos morfema zero (Ø).

Também em *amo, amas, ama*, as duas primeiras formas verbais apresentam marca de 1.ª e 2.ª pessoas do singular; a última (*ama*), pela falta de marca em relação às outras do mesmo

paradigma apresenta morfema zero para significado da 3.ª pessoa do singular.

OBSERVAÇÃO: Têm-se apresentado substantivos do tipo *pires, lápis, alferes*, adjetivos do tipo *simples, triste, feliz, capaz* como exemplos de morfema zero, por terem a mesma forma para o singular e o plural (nos substantivos) e para o masculino e feminino (nos adjetivos). Concordamos com a lição de Herculano de Carvalho, que não vê nestes casos morfema zero; trata-se de palavras que se mostram excepcionalmente alheias às classes gramaticais de número e gênero [HCv.2, II, 608-609]. Desta forma, *pires* não é um singular que permanece invariável no plural, pois não é em si nem singular nem plural, como *simples* não é nem masculino nem feminino.

Acumulação nos elementos mórficos – Entende-se, em geral, por *morfema cumulativo* aquele que reúne em si várias funções gramaticais. Assim, vê-se no *-o* final das formas verbais da 1.ª pessoa do presente do indicativo (*estudo, vendo, parto*) exemplo de morfema cumulativo, já que significa, simultaneamente, a pessoa (1.ª), o número (singular), o tempo (presente ou não passado) e o modo (indicativo).

Também entram na exemplificação de morfema cumulativo as desinências pessoais do pret. perfeito (*-i, -ste, -u, -stes*) porque eventualmente acumulam as funções de desinências modo-temporais que, nestas formas, é zero.

Todavia, esta descrição não é unanimemente aceita. Segundo alguns autores, entretanto, a condição para se considerar que estamos diante de um morfema cumulativo é o fato de duas ou mais significações gramaticais *nunca* serem marcadas por morfemas diferentes: é o que ocorre com as categorias de número e caso em algumas línguas indo-européias mais antigas ou conservadoras.86 Não é o caso, a rigor, do nosso *-o* final de *estud-o, vend-o, part-o*. Como ensina Matthews, tal caso não se ajusta a um modelo regular, pois a desinência costuma permanecer constante nos diferentes tempos e modos verbais. É bem verdade que o tempo e o modo estão sem morfemas aditivos, mas é um caso meramente especial de morfema sobreposto (cumulação acidental, para Sílvio Elia), como lhe chama o linguista citado, em relação com a totalidade do paradigma.

Em relação às desinências número-pessoais do pret. perf. do indicativo, lembremos que o verbo em português separa as desinências número-pessoais das modo-temporais. Assim, parece-nos que a melhor análise é considerar que no pret. perfeito do indicativo a desinência modo-temporal é zero, tal como se dá no presente do indicativo e no presente do subjuntivo. Não passa a sua função gramatical para a desinência número-pessoal.87

Muitas vezes um elemento mórfico utilizado para certa noção pode, por acumulação acidental, servir também para determinar outra noção desprovida de elemento característico (*elemento mórfico subtrativo*). As desinências de pessoa especiais para o pret. perfeito (*-i, ste, -u, -stes*), acumulam as funções de desinência modo-temporal por não existirem elas nestas formas verbais. Assim é que, embora haja elemento mórfico subtrativo, sabemos que *cantei, vendi* e *parti*, por exemplo, estão na 1ª pessoa do singular (função essencial da desinência *i*) do pret. perfeito do indicativo (função acumulativa da referida desinência), como ocorre com *-o* final de *estud-o*, *vend-o*, *part-o*, formas que estão na 1.ª pess. do sing. do pres. do indicativo.

Fusão nos elementos mórficos – Os elementos mórficos podem combinar-se por

justaposição ou por *fusão*. Em *livros* juntou-se ao radical primário a desinência pluralizadora *-s*, justaposta. No plural *canais* (*canale + s) ou *funis* (*funile + s) a integração do radical e desinência é mais íntima, não permitindo a análise dos dois elementos fundidos. No primeiro exemplo (*canais*), a fusão deu origem a um ditongo enquanto no segundo (*funis*) favoreceu uma crase (**funile + s = funi(l)es > funiis> funis*). Na 1.ª pessoa do singular do pretérito perfeito e na 2.ª pessoa do plural do pres. do indicativo da 3.ª conjugação há crase resultante da fusão da vogal temática com a desinência pessoal: *parti* (< partii), *partis* (< partiis) [Cf. VK.2, 20 n.2].

A aglutinação é um caso de fusão e, às vezes, pode ser tão íntima que o sentimento de linguagem moderno não perceba os dois elementos justapostos que a análise histórica patenteia. Dessarte, a gramática descritiva vê em *relógio* uma palavra simples, cujo radical é *relog-*; a histórica remonta aos dois radicais *hora lógio* (isto é, máquina que "diz a hora") [MC.2, 95].

O sufixo adverbial *-mente* foi primitivamente um substantivo de forma livre que se juntava aos femininos de adjetivos: *boa mente, clara mente*; depois houve maior integração dos dois elementos porque a forma livre passou a ser usada como afixo (forma presa) formador de advérbios. Foi desta aplicação de uma palavra como forma presa (afixo) que se originaram, para o português, o futuro do presente (*trabalharei*) e do pretérito (*trabalharia*), pois se uniram ao infinitivo (*trabalhar*) o presente e o pretérito imperfeito do verbo *haver* (*dar hei, dar hia* por *havia*). São casos de *hipotaxe* ou subordinação.

Passando as formas do verbo *haver* a constituir parte da desinência modo-temporal (*trabalharei* desdobra-se em *trabalh-a-re-i, trabalharia* em *trabalh-a-ria*, a gramática descritiva considera as nossas duas formas de futuro como formas simples.

Suplementação nos elementos mórficos – O ponto alto de uma irregularidade em relação ao paradigma da forma regular de determinado elemento mórfico é o processo chamado suplementação (ou *alternância supletiva*), que consiste em suprir uma forma com outra oriunda de radical diferente. O nosso verbo *ser* é anômalo porque, nas suas flexões, pede o concurso de dois verbos: *esse* e *sedēre*, também *ir* está neste caso, pois, além de suas formas próprias, possui as dos verbos *vadĕre* e *esse.*

A intensidade, a quantidade, o timbre e os elementos mórficos – Muitas vezes, em lugar de uma forma linguística, a intensidade, a quantidade e o timbre servem para ressaltar uma noção gramatical. Já vimos como o acento intensivo se mostra decisivo para distinguir o adjetivo, o verbo e o substantivo em *sábia, sabia* e *sabiá*.

A maior demora numa sílaba em regra traduz uma ênfase no significado da palavra:

> "Idiota! Trezentos e sessenta contos não se entregam nem à mão de Deus Padre! Idiota! Idioota!... Idiooooota..." [ML.1, 219].

A desinência do mais-que-perfeito do indicativo *-ra-* (variante *re-*) difere da semelhante que ocorre no futuro do presente, porque aquela é átona e esta é tônica: *cantara* (cant-a-ra) e *cantará* (cant-a-rá), *cantaras* (cant-a-ra-s) e *cantarás* (cant-a-rá-s).

A mudança de timbre (metafonia) concorre com a desinência da palavra para caracterizar o gênero, o número ou a pessoa do verbo: *caroço* (singular com *o* tônico fechado) → *caroços* (plural com *o* tônico aberto); *esse/essa, fez/fiz,* etc.

Há três grupos de alternância de timbre da vogal tônica com funções de indicações gramaticais:

a) | ê | → | é |; |ô | → | ó |

Em alguns nomes e pronomes, marca a oposição entre masculino e feminino ou singular e plural: *esse/essa; novo/nova*; *ovo/ovos.*

Em verbos da 2.ª conjugação marca, no presente do indicativo, a oposição entre a 1.ª pessoa do singular e as outras formas rizotônicas: *devo/deves, deve, devem; torço/torces, torce, torcem.*

b) | ê | → | i |; | ô | → | u |

Em pronomes, marca a oposição entre a referência de masculinos adjuntos e absolutos: *este, esse/isso; aquele/aquilo; todo/tudo.*

Em verbos fortes, marca a oposição entre 1.ª e 3.ª pessoas: *fez/fiz; pôs/pus.*

c) | i | → | ê |; | u | → | ô |; | i | → | é |; | u | → | ó |

Em verbos da 3.ª conjugação, marca, no presente do indicativo, a oposição entre a 1.ª pessoa e as outras rizotônicas: *minto/mentes, sinto/sentes*; *sumo/somes*; *firo/feres*; *durmo/dormes* [VK.2, 43-44].

Em Portugal, em geral, é o timbre aberto ou fechado da vogal tônica que distingue a 1.ª pessoa do plural do presente do indicativo e do pret. perfeito dos verbos da 1.ª e 2.ª conjugações: *lavamos* (â) (presente), *lavamos* (á) (pretérito), *devemos* (ê) (presente), *devemos* (é) (pretérito). No Brasil não fazemos em regra esta distinção, que fica, em geral, a cargo do advérbio adequado: *Hoje falamos disso. Ontem falamos disso.*88

2 – Formação de Palavras do Ponto de Vista Constitucional

Renovação do léxico: criação de palavras – As múltiplas atividades dos falantes no comércio da vida em sociedade favorecem a criação de palavras para atender às necessidades culturais, científicas e da comunicação de um modo geral. As palavras que vêm ao encontro dessas necessidades renovadoras chamam-se *neologismos*, que têm, do lado oposto ao movimento criador, os *arcaísmos*, representados por palavras e expressões que, por diversas razões, saem de uso e acabam esquecidas por uma comunidade linguística, embora permaneçam em comunidades mais conservadoras, ou lembrados em formações deles originados. De tudo isto trataremos no lugar próprio.

Os neologismos ou criações novas penetram na língua por diversos caminhos. O primeiro deles é mediante utilização da prata da casa, isto é, dos elementos (palavras, prefixos, sufixos) já existentes no idioma, quer no significado usual, quer por mudança do significado, o que já é um modo de revitalizar o léxico da língua.

Entre os procedimentos formais temos, assim, a *composição* e a *derivação* (*prefixal* e *sufixal*).

Outra fonte de revitalização lexical são os *empréstimos* e *calcos linguísticos*, isto é, palavras e elementos gramaticais (prefixos, preposições, ordem de palavras) tomados (empréstimos) ou traduzidos (calcos linguísticos) ou de outra comunidade linguística dentro da mesma língua histórica (regionalismos, nomenclaturas técnicas e gírias) ou de outras línguas estrangeiras – inclusive grego e latim –, que são incorporados ao léxico da língua comum e exemplar.

Uma fonte muito produtiva do neologismo vem da criação de certos produtos ou novidades que recebem o nome de seus inventores ou fabricantes, como *macadame, gilete*, etc. Muito próxima a esta via são os nomes criados levando em conta os sons naturais (fonossimbolismo) produzidos por seres e objetos: *Kodak, pipilar,* etc., são as onomatopéias e palavras expressivas.

De todos esses procedimentos de revitalização do léxico, merecem atenção especial para a gramática a composição e a derivação, tendo em vista a regularidade e sistematicidade com que operam na criação de novas palavras.

Conceito de composição e de lexia 89 – Já está assentada a distinção entre *composição* e *lexia*; por composição entende-se a junção de dois elementos identificáveis pelo falante numa unidade nova de significado único e constante: *papel-moeda, boquiaberto, planalto*. Há os compostos com elementos eruditos, geralmente de origem grega e latina, que só ocorrem na língua nessas novas unidades, isto é, que não aparecem independentes no discurso, e há os compostos com elementos vernáculos, de existência independente na língua (*papel-moeda*) ou com leves alterações formais (*planalto: plan*[*o*]*alto, boquiaberto: boqu*[*i*]*aberto*).

Por seu turno, a *lexia* complexa (termo cunhado pelo linguista francês Bernardo Pottier), também dita *sinapsia* (termo de outro linguista francês Emílio Benveniste – em grego ‘junção’, ‘conexão’, ‘coleção de coisas juntas’), é formada de sintagmas complexos que podem ser constituídos de mais de dois elementos: *negócio da China* (‘transação comercial vantajosa’), *pé de chinelo* (‘diz-se da pessoa de poucos recursos’), etc.

Alguns autores incluem a sinapsia no rol dos tipos de compostos, mas Benveniste – e cremos que com razão – prefere distingui-la. São características da sinapsia, segundo este autor:

a) a natureza sintática (não morfológica) da ligação dos elementos, o que muitas vezes torna difícil verificar se houve ou não lexicalização do conjunto;

b) o emprego de transpositores (preposições);

c) a ordem fixa *determinado* + *determinante*;

d) sua forma lexical plena, e a livre escolha de qualquer substantivo ou adjetivo;

e) a ausência de artigo antes do determinante, pois a presença do artigo romperia a unidade do conjunto, como se pode ver em *ar de família / ar da família; casa de pensão / casa da pensão;*

f) a possibilidade de expansão tanto do determinado quanto do determinante, *pouco ar de família / ar de boa família,* pois seu significado, apesar da expansão, é único e constante;

g) o caráter único e constante do significado.

Vê-se que algumas das características apontadas são também comuns aos compostos, o que explica, muitas vezes, a dificuldade de se traçarem limites rígidos entre os dois processos, já que, na língua, é tênue o limite entre o que é livre e o que está fixado.

A sinapsia, cujo resultado é sempre um substantivo ou adjetivo, tem grande vitalidade, especialmente na linguagem científica e técnica e, por isso mesmo, cria problemas na dicionarização dessas unidades lexicalizadas, já que dicionários e gramáticas, no seu levantamento, se guiam com maior atenção pela ortografia.

A relação sintática nas formações sinápticas é marcada normalmente mediante a preposição *de*, aparecendo ainda a preposição *em* ou *a*, esta última por influência estrangeira, em especial quando a unidade designa um artefato, em que o determinante indica o agente motor; *barco à vela, motor à explosão, fogão a gás*, ou uma característica distintiva *televisão a cores / televisão em cores.*

Há compostos em que a lexicalização se apresenta mais evidente que na sinapsia, é o caso dos compostos por *disjunção* e por *contraposição*.

Nos compostos por disjunção nem sempre os dois elementos se juntam graficamente por mais que seja evidente a lexicalização:

opinião pública guerra civil

mas

bicho-carpinteiro peixe-espada

Nestes compostos, o primeiro elemento é a denominação, enquanto o segundo é a sua especificação; assim *peixe-espada* é um *peixe* "que se assemelha a uma espada" e *opinião pública* é uma *opinião* "que é pública". A relação se diz de disjunção porque, embora o segundo seja uma especificação do primeiro, *espada* não é uma subclasse de *peixe* nem *pública* o é de *opinião*, como se os dois elementos pertencessem a classes diferentes.

Os compostos por disjunção são muito empregados nas denominações de plantas e animais, e menos frequentes na linguagem comum.

Os compostos por *contraposição* quando se constituem por dois substantivos, o segundo exerce uma função predicativa que designa a finalidade do primeiro, e há entre eles uma relação sintática de coordenação:

escola-modelo navio-escola
carro-leito carro-bomba

Em *acordo luso-brasileiro* é um acordo que envolve *portugueses* e *brasileiros*.

Nesses compostos com adjetivos étnicos, em geral são preferidas as formas reduzidas às plenas no primeiro elemento: luso-brasileiro (e não lusitano-brasileiro), aliança nipo-russa (e não japonês-russa).

A composição é uma transformação sintática em expressão nominal – Já vimos que compostos como *papel-moeda* se prendem a uma oração de base do tipo de "papel que é

moeda" o que aponta para o fato de tais unidades léxicas serem transformações de construções sintáticas simples ou complexas. Benveniste dá-nos sobre isto lição magistral:

> Os compostos "representam a transformação de certas orações típicas, simples ou complexas, em signos nominais. Não se pode, portanto, explicar a criação dos compostos pela simples junção imediata de dois signos anteriores. Se a composição nominal fosse, como é sempre apresentada, um processo de natureza morfológica, não se compreenderia por que ela parece se realizar em toda a parte, nem como puderam surgir essas classes formais em número limitado, tão parecidos entre as línguas mais diversas. É que o impulso que produziu os compostos não veio da morfologia, onde nenhuma necessidade os solicitaria; ele provém das construções sintáticas com suas variedades de predicação. É o modelo sintático que cria a possibilidade do composto morfológico e que o produz por transformação. A oração, com seus diferentes tipos, emerge assim na zona nominal. Consequentemente, é preciso reconhecer nos compostos uma situação particular. Em geral, eles são arrolados, com os derivados, na "formação dos nomes". Seria preciso, de preferência, fazê-los entrar em um capítulo novo da teoria das formas, consagrado ao fenômeno que poderia se chamar "*metamorfismo*"; entendemos por isso o processo de transformação de certas classes em outras (...). No momento em que a oração é transformada em composto e que os termos da oração se tornam membros do composto, a predicação é colocada em suspenso, e o enunciado atual torna-se virtual. É esta a consequência do processo de transformação.
>
> Assim se define então a função do composto: transferir para o virtual a relação atual de predicação enunciada pela oração de base. É justamente a essa função que correspondem também as características formais dos compostos. Tudo o que pode remeter a uma situação atual é apagado: a predicação verbal está apenas implícita; o primeiro membro, desprovido de qualquer índice de caso, de número, de gênero, é reduzido a um semantema; o segundo termo, sobre o qual repousa a relação sintagmática, toma uma forma e um final novos, índices do estatuto de adjetivo que o composto recebe (...). Ao passar assim para o quadro formal do nome, a oração livre sofre uma inevitável redução de suas latitudes de expressão. Seria seguramente impossível conter os dois termos do composto a multiplicidade de relações sintáticas a que é suscetível a oração livre. Todavia o composto é capaz de maior diversidade do que parece, e suas numerosas variedades recenseadas pelas gramáticas correspondem justamente a tipos diversos de orações (...).
>
> Mas esse relativo empobrecimento da expressão sintática transformada em expressão nominal é compensado pela variedade das combinações que o composto oferece à língua. Ele dá o poder de manejar como adjetivos ou nomes orações inteiras e de fazê-las entrar revestidas nessas novas espécies em outras orações. Assim se constitui particularmente um vasto repertório, sempre aberto, de compostos descritivos, instrumentos da classificação e da nomenclatura, aptos a se tornarem denominações científicas ou epítetos poéticos, e que, além do enriquecimento que proporcionam, mantêm essa atividade metamórfica, talvez o trabalho mais singular da língua" [EBv, 2, 163-164].

Palavras indivisíveis e divisíveis – INDIVISÍVEL é a palavra que só possui como elemento mórfico o radical: *mar, sol, ar, é, hoje, lápis, luz.*

DIVISÍVEL é a palavra que, ao lado do radical, pode desmembrar-se em outros elementos mórficos:

> mares (mar-e-s), alunas (alun-a-s), trabalhávamos (trabalh-á-va-mos).

Palavras divisíveis simples e compostas – Diz-se SIMPLES a palavra divisível que só possui um radical. Os outros elementos mórficos que a compõem ou são de significação puramente gramatical ou acrescentam ao radical a ideia subsidiária que denotam os afixos (prefixos ou sufixos).

Por causa desta nova aplicação de significado que os afixos comunicam ao radical, as palavras simples se dividem em *primitivas* e *derivadas*.

PRIMITIVA é a palavra simples que não resulta de outra dentro da língua portuguesa: *livro, belo, barco*

DERIVADA é a palavra simples que resulta de outra fundamental: *livraria, embelezar, barquinho.*

COMPOSTA é a palavra que possui mais de um radical: guarda-chuva, lanígero, planalto

Tanto as palavras simples (primitivas ou derivadas) como as compostas podem ser acrescidas de desinências que servem para exprimir uma categoria gramatical (flexão) que,

nos nomes e pronomes, traduz as noções de *gênero* e *número* e, nos verbos, *número, pessoa, tempo* e *modo*:

a) primitivas flexionadas: *livros, meninas*

b) derivadas flexionadas: *livrarias, meninadas*

c) compostas flexionadas: *couves-flores, guarda-livros, planaltos*

Quando a palavra é constituída de vários elementos mórficos, cabe, antes de mais nada, estabelecer o princípio dos constituintes imediatos. Analisando, por exemplo, *fidalgotes,* estabeleceremos que a palavra é primeiramente constituída de *fidalgote* + desinência de pluralizador *s*, através de *fidalg(o)* + diminutivo *-ote*.

Processos de formação de palavras – Dois são os principais processos de formação de palavras em português do ponto de vista da expressão ou da sua constituição material:

a) *composição*

b) *derivação*

A COMPOSIÇÃO consiste na criação de uma palavra nova de significado único e constante, sempre e somente por meio de dois radicais relacionados entre si. Isto não impede que um dos elementos do composto seja ele mesmo já um composto, contado como um termo único, pelo princípio dos constituintes imediatos.

1) Substantivo + substantivo:

a) Coordenação – quando há sequência de coordenação de elemento: 1– o determinante precede: *mãe-pátria, papel-moeda;* 2– o determinante vem depois: *peixe-espada, carro-dormitório, couve-flor*;

OBSERVAÇÃO: Os compostos com o determinado antes do determinante são os tipicamente portugueses. Nos compostos coordenativos um dos substantivos funciona como aposto do outro, em geral, o segundo: *peixe-espada* (peixe que se parece com uma espada). Compostos deste tipo em que o determinante vem antes do determinado, como em *mãe-pátria*, são mais raros. "Os realistas e os simbolistas são, porém, os que fazem mais vasto emprego artístico do substantivo por aposição, e cumpre confessar que, pela sua brevidade e viveza, têm estas formações alto poder estético: "A *nau-fantasma*, cortada a amarra, bamboleia nas ondas, prestes a largar" [G. Junqueiro *apud* MBa.2, 116-117]. Quando os elementos são constituídos por substantivos que apresentam formas para os dois gêneros, o determinante vai para o gênero do determinado, por ser este o principal: *batata-rainha*. As exceções explicam-se por analogia. Se não há distinção genérica, não se dará, naturalmente, a concordância: *a cobra-cascavel, a cobra-capelo, o pau-maçã, a fruta-pão, a cólera-morbo*. Quando fica obliterada ou esmaecida a natureza da composição, mais parecendo tratar-se de palavra simples, pode predominar o gênero do último, como ocorre com *o pontapé* [cf. MAg.3, 151-152].

b) Subordinação – quando há subordinação de um elemento, isto é, de um determinante a outro determinado: *arco-íris, estrada de ferro, pão de ló.*

OBSERVAÇÃO: Nesse tipo de subordinação, os elementos se unem por uma relação de complemento de substantivo, do adjetivo ou do verbo [cf. VK.3, 42 n. 5]. É muito natural no português a omissão da preposição *de*, como acontece com *arco-íris* (por *arco da íris, Íris* é nome mitológico). Assim, *porco-espinho* (= porco de espinho), *beira-mar* (= beira do mar), *pontapé* (= ponta do pé), etc. Observe-se que quando o gênero ou o número do 2.º elemento diverge do do 1.º, dá-se muitas vezes a concordância por influência deste: *pedra-raia* (por pedra de raio), *bolo-rei* (por bolo de Reis [Magos]), *sete-estrelo* (por sete estrelas) [cf. LV.2, 1, 441-442].

2) Substantivo + adjetivo (ou vice-versa):

aguardente, obra-prima, fogo-fátuo, belas-artes, baixa-mar, boquiaberto.

3) Adjetivo + adjetivo:

surdo-mudo, luso-brasileiro, auriverde.

4) Pronome + substantivo:

Nosso Senhor, Sua Excelência.

5) Numeral (inclusive latino) + substantivo:

onze-letras (alcoviteira), segunda-feira, bisneto, trigêmeo, sesquicentenário (sesqui = um e meio).

6) Advérbio (*bem, mal, sempre*) + substantivo, adjetivo ou verbo:

benquerença, benquisto, benquerer, malcriação (inutilmente corrigido para má-criação), malcriado, sempre-viva.

7) Verbo + substantivo:

lança-perfume, porta-voz, busca-pé, passatempo.

8) Verbo + verbo ou verbo + conjunção + verbo:

vai-vém, leva e traz, corre-corre.

9) Verbo + advérbio:

pisa-mansinho, ganha-pouco.

10) Um grupo de palavras ou uma oração inteira pode passar, pelo processo da hipotaxe ao nível de palavra:

um *Deus nos acuda*, mais vale um *toma* que dois *te darei*, os *disse me disse*.

Como já vimos, a associação dos componentes das palavras compostas se pode dar por:

a) *justaposição*: guarda-roupa, mãe-pátria, vai-vém.

b) *aglutinação*: planalto, auriverde, fidalgo.

OBSERVAÇÃO: Incluem-se no processo da aglutinação os casos, raros nas línguas românticas, de *incorporação nominal*, mediante os quais se incorpora ao verbo o seu complemento, nome ou pronome, que exerce a função semântica de paciente, locativo ou instrumental: *pesa-me - pêsame,* esp. *rabiatar* (= *atar el rabo*), etc.

"Na análise mórfica de um composto por justaposição, separam-se primeiramente as duas palavras, e, depois procede-se à separação de cada uma delas, se são divisíveis" [MC.2, 94].

Derivação – Derivação consiste em formar palavras de outra primitiva por meio de afixos. De modo geral, especialmente na língua literária e técnica, os derivados se formam dos radicais de tipo latino em vez dos de tipo português quando este sofreu a evolução própria da história da língua: *áureo* (e não *ouro*), *capilar* (e não *cabelo*), *aurícula* (e não *orelha*), etc. [MBa.1, 429-430].

Os afixos se dividem, em português, em *prefixos* (se vêm antes do radical) ou *sufixos* (se vêm depois). Daí a divisão em *derivação prefixal* e *sufixal*.

DERIVAÇÃO SUFIXAL: *livraria, livrinho, livresco.*

DERIVAÇÃO PREFIXAL: *reter, deter, conter.*

OBSERVAÇÃO: Como vimos em **Afixos: prefixos e sufixos. Interfixos**, os prefixos assumem valor semântico que empresta ao radical um novo significado, patenteando, assim, a sua natureza de elemento mórfico de significação externa subsidiária.

Baseados nisto, a gramática antiga e vários autores modernos fazem da prefixação um

processo de composição de palavras.

Sufixos – Os sufixos dificilmente aparecem com uma só aplicação; em regra, revestem-se de múltiplas acepções e empregá-los com exatidão, adequando-os às situações variadas, requer e revela completo conhecimento do idioma. Ao lado dos valores sistêmicos, associam-se aos sufixos valores ilocutórios intimamente ligados aos valores semânticos das bases a que se agregam, dos quais não se dissociam.90 A noção de aumento corre muitas vezes paralela à de coisa grotesca e se aplica às ideias pejorativas: *poetastro, mulheraça.* Os sufixos que formam nomes diminutivos traduzem ainda carinho: *mãezinha, paizinho, maninho.* Outras vezes, alguns sufixos assumem valores especiais (por exemplo *florão* não se aplica em geral a flor grande, mas a uma espécie de ornato de arquitetura), enquanto outros perdem o seu primitivo significado, como *carreta, camisola*. Por fim, cabe assinalar que temos sufixos de várias procedências, sendo os latinos e gregos os mais comuns nas formações eruditas.

Nas formações eruditas greco-latinas serão considerados nesta gramática elementos sufixais formas como - *ífic* -, - *ífer* -, - *duct* - e quejandos, em unidades como *sudorífico, frutífero, aqueduto*, assim como são elementos prefixais formas como *anfi-, extra-, inter-, mono-, multi-, poli-,* em *anfiteatro, extrafino, monovalente, multicolor, polianteia,* etc.

I – *Principais sufixos formadores de substantivos*:

1) Para a formação de nomes de agente, e ainda instrumento, lugar: 91

-tor, -dor, -sor, -or: narrador, genitor, ascensor, cantor, metralhadora, corredor (= lugar por onde se anda)

-nte, estudante, requerente, ouvinte

-ista: dentista, jornalista

-eira, -eiro: lavadeira, padeiro, vendeiro, derradeiro

-ária, -ário: bibliotecária, secretário

2) Para formação de nomes de ação ou resultado de ação, estado, qualidade, semelhança, composição, instrumento, lugar:

a) Derivados de verbo:

-ame: gravame

-ção, -são: coroação, perdição, compreensão, ascensão

OBSERVAÇÃO: Há de se atentar para a correta grafia de *-ção* e *-são*.

-mento: casamento, descobrimento

-ura, -dura, -tura: feitura, mordedura, formatura

-ança (-ancia), -ença (-encia): mudança, esperança, parecença, abundância, convalescença, (ou convalescência)

-ata: passeata

-ada: estada (estadia na norma de Portugal)

-ida (verbos da 2.ª e 3.ª conjugações): acolhida, partida

-agem: vadiagem

-ário: lapidário

b) Derivados de substantivo:

-ada: laçada, braçada, pousada

-ura: cintura

-astro: poetastro

-*estre*: silvestre, campestre
-*ato*: orfanato
-*aço, -aça*: vidraça
-*cínio*: patrocínio (não confundir com o radical -*cinio*, de *canĕre* 'cantar': galicínio 'o canto do galo')

c) Derivados de adjetivos:

-*ismo*: charlatanismo, civismo
-*tude*, -*dão:* amplitude, amplidão, solidão
-*ura*: doçura, brancura (concorrente vitorioso sobre -*or*: *verdor*, *amargor*)
-*eza, -ez*: beleza, viuvez
-*ácia*: audácia, falácia
-*dade*: dignidade
-*mônia*: acrimônia

3) Para significar lugar, meio, instrumento:

-*douro, -doura*: bebedouro, manjedoura
-*tério*: necrotério
-*tório*: dormitório
-*aria, -eria*: livraria, tesouraria, sorveteria
-*edo*: arvoredo
-*bulo*: turíbulo
-*or*: corredor
-*il*: covil (relacionado a nomes de animal, para indicar onde se recolhem)
-*anco*: barranco
-*cro*: simulacro, ambulacro

4) Para significar abundância, aglomeração, coleção:

-*aria, -ário, -eria*: cavalaria, infantaria (ou infanteria), casario
-*al:* laranjal, cipoal
-*edo*: arvoredo
-*eira*: doenceira, desgraceira
-*io*: mulherio
-*ama, -ame, -ume, -um*: mourama, velame, ervum, mulherum, homum, negrume
-*agem*: folhagem
-*ada*: boiada
-*aço*: chumaço
-*alha*: parentalha
-*ardo*: moscardo
-*ana, -aina* (por alongamento): andana, andaina

5) Para significar causa produtora, lugar onde se encontra ou se faz a coisa denotada pela palavra primitiva:

-*ário*: relicário, herbanário
-*eiro, -eira*: açucareiro, chocolateira
-*aria*: livraria, mercearia

6) Para formar nomes de naturalidade:

-*aco*: austríaco
-*ano,-ão*: pernambucano, coimbrão
-*ense, -ês*: cearense, português
-*enho*: estremenho (da Estremadura, Portugal)
-*eno*: madrileno, chileno

-*eu, -éu*: caldeu, hebreu, ilhéu (fem. *ilhoa*)

-*engo*: *flamengo*

-*ico*: brasílico

OBSERVAÇÃO: Em *algarvio* não há sufixo -*io*.

-*ista*: paulista

-*ol*: espanhol

-*oto*: minhoto (ô)

-*ato*: maiato (natural de Maia)

-*ino*: platino, bragantino

-*eiro*: brasileiro

-*eta*: lisboeta

-*aico*: hebraico, caldaico

7) Para formar nomes que indicam maneira de pensar; doutrina que alguém segue; seitas; ocupação relacionada com a coisa expressa pela palavra primitiva:

-*ismo*: cristianismo, classicismo

-*ista*: socialista, espiritista

-*ano*: maometano, anglicano

8) Para formar outros nomes técnicos usados nas ciências [AN.1, 123-124]:

-*ite* (emprega-se para as inflamações): pleurite, rinite, bronquite

-*ema* (é utilizado nos modernos estudos de linguagem com o sentido de "mínima unidade distintiva"): fonema (menor unidade de som); morfema (menor unidade significativa de forma), lexema, semema, estilema, etc.

-*oso* e -*ico* (distinguem óxidos, anídridos, ácidos e sais, reservando-se o último para os compostos que encerrem maior proporção do metaloide empregado): cloreto mercuroso, cloreto mercúrico

-*ato, -eto, -ito* (formam nomes de sais: clorato, cloreto, clorito): clorato de potássio, cloreto de sódio. Para os sais de enxofre usa-se o radical *sulf*: sulfeto, sulfito, e não *sulfur*, que é forma latina: sulfato de quinino, hipossulfito de sódio. Para os de fósforo usa-se o radical *fosf*, para os de flúor *flu*: fosfato, fluato. Para os de carbônio, o uso vulgar aceitou as formas *carbonato*, bem derivada, e *carbureto* (em vez de *carboneto*), que denota influência francesa: bicarbonato de sódio, carbureto de cálcio.

-*ênio* (caracteriza carbonetos de hidrogênio): acetilênio, etilênio, metilênio, etc.

-*ilio* (aparece em certos compostos chamados radicais químicos): amílio, metílio.

-*ina* (aparece em alcaloides e álcalis artificiais): *atropina*, alcaloide da beladona; *cafeína*, do café; *cocaína*, da coca; *codeína*, do ópio; *conicina,* da cicuta; *estricnina*, da noz-vômica; *morfina*, da papoula; *nicotina*, do fumo; *quinina*, da quina; *teína*, da árvore do chá, etc.; anilina, alizarina, etc.

-*io* (aparece em corpos simples): silício, telúrio, selênio, sódio, potássio, etc.

-*ol* (se encontra em derivados de hidrocarbonetos): fenol, naftol, etc.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) A Mineralogia e a Geologia têm também sufixos tomados em sentidos particulares:

-*ita* (para espécies minerais): pirita

-*ito* (para as rochas): granito

-*ite* (para fósseis): amonite

2.ª) Na indústria moderna os produtos novos são marcados com finais -*ax, -ex, -ix, -ox, -ux*, que passaram a ser entendidos como verdadeiros sufixos: ajax, tenax, paredex, pirex, atrix, inox, matox, rodox. Em *xerox* (ou etimológico *xérox*) não temos esse final, pois se prende a um adjetivo grego, que significa *enxuto*.

II – *Principais sufixos de nomes aumentativos e diminutivos, muitas vezes tomados pejorativa ou afetivamente*:

1) Aumentativos:

-*ão, -zão*: cadeirão, homenzão

-*anço*: falhanço, copianço

-arro, -arrão, -zarrão, arraz (arro + az): naviarra, bebarro, santarrão, coparrão, homenzarrão, pratarraz

-eirão: vozeirão

-aço, -aça: ricaço, barcaça, copaço

-astro: poetastro, politicastro, padrasto, madrasta (nos dois últimos houve dissimilação)

-alho, -alha, -alhão: politicalho, muralha, grandalhão

-ama: ourama, poeirama

-anzil: corpanzil

-ázio: copázio

-uça: dentuça

-eima: guleima, guloseima, boleima

-anca: bicanca

-asco: penhasco

-az: fatacaz, famanaz, famaraz

-ola: beiçola

-orra: cabeçorra

-eirão: chapeirão, toleirão

-ento: farturento

2) Diminutivos:

-inho, -zinho, -im, zim: livrinho, livrozinho, dormindinho, florzinha, espadim, bodim, valzim 92

Observação: Nem sempre é indiferente a opção por *-inho* ou *-zinho*. Não toleram *-inho* (e *-ito*) mas *-zinho* (e *-zito*) os nomes terminados em nasal, ditongo e vogal tônica: *cãozinho, cãozito, irmãzinha, albunzinho, raiozinho, bonezinho, urubuzinho*. Também se incluem os terminados em *-r*, embora aí haja alguns em *-inho*, facultativamente: *serzinho, cadaverzinho, caraterzinho; colher* admite *colherinha*, ao lado de *colherzinha*. Os terminados em *-s* e *-z* só toleram *-inho* (*-ito*): *tenisinho, lapisinho, rapazinho*.

-ito, -zito: copito, amorzito, passeandito

-ico: namorico, veranico

-isco: chuvisco, petisco

-eta, -ete, -eto: saleta, diabrete, livreto, saberete

-eco: livreco, padreco

-ota, -ote, -oto: ilhota, caixote, perdigoto

-ejo: lugarejo, animalejo

-acho: riacho, fogacho

-el, -ela, -elo (ora com *e* aberto ora fechado): cabedelo, magricela, donzela, donzel

-iola: arteríola

-ola: camisola (também tem sentido aumentativo quando designa a camisa longa de dormir); rapazola (cf. *-iola*)

-ucho: gorducho, pepelucho

-ebre: casebre

-ula, -ulo, -cula, -culo: nótula, glóbulo, radícula, corpúsculo

-alho, -elho, -ilho, -olho, -ulha: ramalho, rapazelho, pesadilho, ferrolho, bagulho

-aça, -aço, -iça, -iço: fumaça, caniço, nabiça

-el: cordel

III – *Principais sufixos para formar adjetivos*:

-(d)io, -(d)iço: fugidio, movediço (todos tirados do tema do particípio)

-vel, -bil: notável, crível, solúvel, flébil, ignóbil

-ento, -(l)ento: cruento, corpulento

-oso, -uoso: bondoso, primoroso, fastoso (ou fastuoso), untuoso, espirituoso

-onho: medonho, risonho

-az: mordaz, voraz

-udo: barrigudo, cabeçudo
-ício, -iço: acomodatício, enfermiço
-ário, -eiro: diário, ordinário, verdadeiro, costumeiro
-ano: humano
-asco: pardavasco
-esco, -isco: dantesco, principesco, mourisco
-ático: problemático, aromático
-eno: terreno
-áceo: rosáceo, galináceo
-acho: verdacho
-aco: demoníaco
-ado: barbado
-ardo: felizardo
-al: vital, *boçal*
-âneo, -anho: sucedâneo, estranho
-átil: portátil, volátil
-ino, -im: bailarino, paladino, paladim (a apócope de *-ino* a *-im* ocorre mais entre substantivos: *latino* [adj.], *latim* [s.])
-bundo: furibundo
-undo, -ondo: fecundo, redondo
-eo: róseo
-timo: marítimo
-urno: diurno
-iano: canoniano, virgiliano

OBSERVAÇÃO: Dos nomes próprios formam-se adjetivos em *-iano* e não *-eano*: comoniano, machadiano, saussuriano, wagneriano, como já era em latim. [cf. JMa.1, § 189, 2).

-ico: público
-engo, *-lengo*: mulherengo, avoengo, verdoengo (verdolengo)
-al, -ar: anual, escolar
-aico: prosaico
-estre: campestre
-este: celeste
-douro: vindouro, imorredouro
-tório: expiatório, satisfatório
-ivo: afirmativo, lucrativo
-ácea, -áceo (em família de plantas): liliáceas, papilonáceos
-ndo (equivalente ao particípio futuro passivo latino): graduando ('que vai ser graduado'), vitando ('que deve ser evitado'), venerando ('digno de ser venerado'), despiciendo ('digno de ser desprezado', 'desprezível'). Tem tido larga aceitação na nomenclatura de profissões universitárias, nem sempre bem visto pelos puristas: doutorando, farmacolando, engenheirando, etc.

IV – *Principais sufixos para formar verbos*:

1) Para indicar ação que deve ser praticada ou dar certa qualidade a uma coisa (verbo causativo):

-ant(*ar*): quebrantar
-it(*ar*): periclitar, debilitar
-iz(*ar*): civilizar, humanizar, realizar

2) Para indicar ação repetida (verbos frequentativos):

-aç(*ar*): espicaçar, adelgaçar

-*ej*(*ar*): mercadejar, voejar

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Nem sempre indicam repetição da ação; muitas vezes servem para exprimir a mesma noção, apenas por meio de forma entendida por mais sonora.

2.ª) Sobre -*ear* / -*ejar* [cf.MBa.5, 128].

3) Para indicar ação pouco intensa (verbos diminutivos):

-*it(ar*): saltitar, dormitar

OBSERVAÇÃO: Muitos verbos exprimem esta ideia por se formarem de nomes diminutivos: petisco + ar = petiscar; chuvisco + ar = chuviscar; cuspinho + ar = cuspinhar, namorico + ar = namoricar

4) Para indicar início de ação ou passagem para um novo estado ou qualidade (verbos incoativos):

-*ec*(*er*): alvorecer, anoitecer, apodrecer, endurecer, enfurecer

-*esc*(*er*): florescer

OBSERVAÇÃO: A grafia -*escer* é própria das palavras importadas que já chegaram à língua com -*sc-,* ou devidas à analogia.

V – *Sufixo para formar advérbio:*

-*mente* (junta-se a adjetivo na forma feminina, quando houver):

claramente, sinceramente, sossegadamente, simplesmente, horrivelmente, enormemente, primeiramente.

Por extensão, pode ainda muito expressivamente combinar-se com substantivos.

OBSERVAÇÃO: Os nomes terminados em -*ês* e alguns terminados em -*or*, porque no português antigo só tinham uma forma para os dois gêneros, não se apresentam no feminino: portuguesmente, superiormente.

Os advérbios em -*mente* podem ser distribuídos em três classes, conforme o sentido do adjetivo de que se formam [NE.1, 17-18]:

1) exprimem uma ideia de qualidade: *claramente*, *sinceramente*, *simplesmente*, *horrivelmente*;
2) exprimem uma ideia de quantidade ou medida: *copiosamente*, *imensamente*, *enormemente*;
3) exprimem uma ideia de relação de dois seres independente um do outro; entre as idéias de relação citamos as de *tempo* e *lugar*: *primeiramente*, *anteriormente*, *atualmente*.

Prefixos – Os principais prefixos que ocorrem em português são de procedência latina ou grega, sendo que muitos dos primeiros correspondem a preposições portuguesas. Ainda que os prefixos latinos tenham o mesmo significado de seus correspondentes gregos, formando assim palavras sinônimas, estas em regra não se podem substituir mutuamente, porque têm esferas semânticas diferentes.

Assim é que *transformação* e *metamorfose, circunferência* e *periferia, composição* e *síntese* são equivalentes, a rigor, mas não se aplicam indistintamente: *transformação*, por exemplo, é de emprego mais amplo que *metamorfose*.

Algumas vezes há duplicidade da noção expressa pelo prefixo e pela preposição que se segue à palavra derivada prefixalmente: *concorrer com, incorrer em, apor-se a,* etc.93 Outras vezes, o reforço se dá mediante o prefixo e o significado mesmo da palavra base; repare-se a repetição da ideia de *função, aproximidade* do prefixo *com-* e da base *vizinho* neste trecho de Euclides da Cunha: "Esta solidariedade de esforços evidencia-se melhor na vaquejada,

trabalho consistindo essencialmente no reunir, e discriminar depois, os gados de diferentes fazendas *convizinhas*...” [EC.1, 125].

Prefixos e elementos latinos

ab, abs (afastamento, separação): abstrair, abuso

ad, a (movimento para aproximação; adicionamento; passagem para outro estado; às vezes não tem significação própria): adjunto, apor

OBSERVAÇÃO: Não confundir com o *a* sem significação de certas palavras como *alevantar, assentar, atambor*.

ante (anteriormente, procedência – no tempo ou no espaço): antessala, antelóquio, antegozar, antevéspera

ambi (duplicidade): ambiguidade, ambidestro

bene, bem, ben (bem, excelência de um fato ou ação): bendizer, benfazejo

bis, bi, bin (dois, duplicidade): bisneto, biciclo, binóculo

centum, cento: centuplicar, centopeia

circum, circu (em roda de): circunferência, circulação

cis (posição aquém): cisalpino, cisatlântico, cisandino, cisplatino

OBSERVAÇÃO: Ocorre como antônimo de *trans*: transatlântico – cisatlântico.

cum, com, con-, co-, cor (companhia, sociedade, concomitância): cumplicidade, compadre, companheiro, condutor, colaborar, corroborar

contra (oposição, situação fronteira; o *a* final pode passar a *o* diante de certas derivações do verbo): contramarchar, contrapor, contramuro, controverter. Em *contradança* não ocorre o prefixo *contra*; o vocábulo nos veio do francês *contredanse*, do inglês *country-dance* (dança rústica), por etimologia popular, talvez devida ao fato de os pares se defrontarem, uns com os outros (daí o francês *contre*).

decem, deci, decu, dec (dez): decenviro, decilitro, décuplo

de- (movimento para baixo, separação, intensidade, negação): depenar, decompor. Às vezes alterna com *des-: decair — descair*.

de(s), di(s) (negação, ação contrária, cessação de um ato ou estado, ablação, intensidade): desventura, discordância, difícil (dis + fácil), desinfeliz, desfear (= fazer muito feio), desmudar (= mudar muito)

dis(s) (duplicidade, separação, diversidade de partes): dissecar (‘cortar em dois’), disjungir (‘separar duas coisas que estavam juntas’), dispor

ex-, es-, e- (movimento para fora, mudança de estado, esforço): esvaziar, evadir, expatriar, expectorar, emigrar, esforçar

OBSERVAÇÃO: Às vezes alterna-se com *des-, dis:* escampado – descampado; extenso – distenso; esguedelhar – desguedelhar; esmaiar – desmaiar; estripar e destripar; desapropriar e espropriar; desfiar e esfiar; desencarcerar e excarcerar; deserdar e exerdar [MBa.4, 211].

em-, en-, e-, in- (movimento para dentro, passagem para um estado ou forma, guarnecimento, revestimento): embeber, enterrar, enevoar, ingerir

OBSERVAÇÃO: Às vezes alterna-se a forma prefixada com o seu prefixo: *couraçar* e *encouraçar*, *cavalgar* e *encavalgar, trajar* e *entrajar, viuvar* e *enviuvar, bainhar* e *embainhar* [MBa.4, 206].

extra- (fora de, além de; superioridade; o *a* final passa, às vezes, a *o*): extradição, extralegal, extrafino, extroverter

in-, im-, i- (sentido contrário, negação, privação): impenitente, incorrigível, ilegal, ignorância

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Às vezes parece atribuir ao derivado o mesmo valor semântico da forma de base: *incruento, incrueldade*.

2.ª) Algumas vezes indica no que alguma coisa se transforma, isto é, mudança de estado: *incinerar* (‘reduzir a cinzas’), *inflamável* (‘que se transforma em chama’, ‘que se transforma em fogo’), etc.

3.ª) “Os prefixos negativos mais comuns são *in* e *des* ou *de*. São poucas as palavras verdadeiramente antigas formadas com o prefixo *in*, que só se tornam frequentes por imitação literária do latim, dos quinhentistas para cá; a derivação popular é sempre feita com o prefixo *des* ou *de*: *desfazer, descoser, desandar, desamor, desigual,* etc. Alguns tiveram a forma *in*, como *injustiça*, mas ainda em tal caso sempre (antigamente) se preferiu dizer a *sem-justiça* e dizer cousa *sem-nome* a cousa *inominada* ou quejandas expressões” [JR.5, n. 124].

infra- (abaixo): infra-assinado

inter-, entre (posição no meio, reciprocidade): entreter, interpor, intercâmbio

intro- (dentro): introduzir

intra- (posição interior, movimento para dentro; o *a* final passa, às vezes, a *o*): intramuscular, introverter, introduzir

ob-, o- (posição em frente): obstar, opor

per- (através de, coisa ou ação completa, intensidade): percorrer, perfazer, perdurar, persentir (sentir profundamente)

pluri- (muito): pluricelular

pos-, post- (posição posterior, no tempo e no espaço): postônico, pós-escrito

praeter (preter): preterir

primu (primeiro): primogênito

pre-, prae- (anteriormente, antecedência, superioridade): prefácio, prever, predomínio

pro- (movimento para frente, em lugar de, em proveito de): progredir, projeção

re- (movimento para trás, repetição, reciprocidade, intensidade): regredir, refazer, ressaudar (saudar mutuamente), ressaltar, rescaldar (escaldar muito)

retro- (para trás): retroceder, retroagir

satis (suficiente): satisfazer

semi- (metade de, quase, que faz as vezes de): semicírculo, semibárbaro, semivogal

so-, sob-, sub-, sus- (em baixo de, imediatamente abaixo num cargo ou função; inferioridade, ação pouco intensa): soterrar, sobestar, submarino, sustentar, supor

sobre- (nas formações vernáculas), *super-, supra-* (nas formações eruditas) (posição superior, saliência, parte final de um ato ou fenômeno; em seguida; excesso): sobrestar, superfície, supracitado, superlotado

soto-, sota- (posição inferior, inferioridade; logo após): soto-pôr, soto-mestre, sota-voga

trans-, tras-, tres-, tra-, tre- (além de, através de, passar de um lugar a outro, intensidade): transportar, traduzir, transladar, tresloucar, tresmalhar, tresnoitar, trespassar, tresler, tresgastar[94]

Observações:

1.ª) Não se há de confundir *três* (numeral) com *tres* (de *trans*): tresdobrar (triplicar);

2.ª) Às vezes *trans* é empregado como antônimo de *cis*: *transalpino* e *transandino*, por exemplo, opõem-se a *cisalpino* e *cisandino*;

3.ª) Também em certas palavras se podem alternar as variantes deste prefixo: transpassar, traspassar, trespassar; transmontar, tramontar

tris, tri, tres, tre (três): trissílabo, triciclo

ultra- (além de, excesso, passar além de): ultrapassar, ultrafino

un, uni (unidade): uniforme

vice-, vis- (em lugar de, imediatamente abaixo num cargo ou função): vice-presidente, visconde[95]

Prefixos e elementos gregos

a, an, este último antes de vogal (privação, negação, insuficiência, carência, contradição): afônico, anemia, anônimo, anoxia, amoral

aná (inversão, mudança, reduplicação): anabatista, anacrônico, analogia, anatomia, anáfora

anfí (duplicidade, ao redor, dos dois lados): anfíbio, anfibologia, anfiteatro

antí (oposição, ação contrária): antídoto, antártico, antípodas, antiaéreo

apó (afastamento): apologia, apocalipse

arqui, arce (superioridade hierárquica, primazia, excesso): arquiduque, arquimilionário, arcediago

catá (movimento para baixo): catacumba, catarata, católico

di (duplicidade, intensidade): dilema, dissílabo, ditongo

diá, di (através de): diálogo, diagrama

Observação: Pensando-se que *diálogo* é conversa de dois, tem-se empregado erradamente *triálogo* para conversa de três.

dis (dificuldade): dispepsia, disenteria

ec-, ex-, exo-, ecto (exterioridade, movimento para fora, separação): eczema, exegese, êxodo, exógeno, ectoderma

en-, em-, e- (interioridade): encômio, encíclica, enciclopédia, emblema, elipse

endo (movimento em direção para dentro): endocarpo, endovenosa

ento (interior): entófito (planta que vive dentro de outra)
epí (sobre, em cima de): epiderme, epitáfio
eu (excelência, perfeição, bondade): eufonia, euforia, eufemismo
hemi (metade, divisão de duas partes): hemiciclo, hemisfério
hipér (excesso): hipérbolo, hipérbato
hipó (posição inferior): hipocrisia, hipótese, hipoteca
metá (mudança, sucessão): metamorfose, metáfora, metonímia
pará (proximidade, semelhança, defeito, vício, intensidade): parábola, paradigma, paralela, paramnésia
perí (em torno de): perímetro, período, periscópio
pró (anterioridade): prólogo, prognóstico, profeta
prós (adjunção, em adição a): prosélito, prosódia
proto- (início, começo, anterioridade): protótipo, proto-história, proto-mártir
polí- (multiplicidade): polissílabo, politeísmo
sýn-, sým-, sý- (conjunto, simultaneidade): sinagoga, sinopse, simpatia, silogeu
tele- (distância, afastamento, controle feito à distância): telégrafo, telepatia, teleguiado

Correspondência entre prefixos e elementos latinos e gregos

Latinos	Gregos
des, in [1]: desleal, infeliz	*a, an*: amoral, anemia
contra: contrapor	*antí*: antipatia
ambi: ambiguidade	*anfi*: anfibologia
ab: abuso	*apó*: apogeu
bi(s): bilabial	*di*: dissílabo
trans: transparente, transformação	*diá, metá*: diáfano, metamorfose
in: ingressar	*en*: encéfalo
intra: intramuscular	*endo*: endovenoso
ex: exportar	*ec, ex:* êxodo
super, supra: superfície, supralingual, superlotar	*epí, hipér*: epiderme, hipertrofia
bene: benefício	*eu*: eufonia
semi: semicírculo	*hemi*: hemisfério
sub: subterrâneo	*hipó*: hipótese
ad: adjetivo	*pará*: paralelo
circum: circunferência	*perí*: periferia
de: depenar	*catá*: catarata
cum: composição	*sýn*: síntese

1. O prefixo *in* literário e erudito, ao contrário de *des-* popular, ganhou por isso certa cortesia e polidez, e constitui em neologismos, um recurso de eufemismos que cada vez mais se generaliza: *inverdade* (por *mentira*), *inexato, indelicado, indonto, impolido, inverídico, imerecido, inativo.*

OBSERVAÇÃO: Há também sinônimos ou equivalentes semânticos greco-latinos ou *doublets* bilíngues. Vejam-se os lembrados por [MBa.5, 103, n.18].

Latinos	Gregos
abecedário	*alfabeto*
florilégio	*antologia*
sudorífico	*diaforético*
unicórnio	*monoceronte*
rouxinol	*filomela*
península	*quersoneso*
novilúnio	*neomênio*
avareza	*filargiria*
favânio	*zéfiro*

Outros processos de formação de palavras – Além dos processos gerais típicos de formação de palavras, possui o português mais os seguintes: *formação regressiva, abreviação, reduplicação, conversão* e *combinação*.

Intimamente relacionada com a derivação temos a formação regressiva ou deverbal, que consiste em criar palavras por analogia, pela subtração de algum sufixo, dando a falsa impressão de serem vocábulos derivantes: de *atrasar* tiramos *atraso*, de *embarcar, embarque*; de *pescar, pesca*; de *gritar, grito*. Assim também os vocábulos *rosmaninho* e *sarampão* foram tomados, respectivamente como diminutivo e aumentativo, marcados, portanto, com sufixos de grau, e daí se tiraram as formas regressivas *rosmano* e *sarampo*, como falsos primitivos.

Tais derivados regressivos procedem da primeira ou da terceira pessoa do singular do presente do indicativo, o que explica sua distribuição em substantivos de tema em *-o* (se provindos da 1.ª pessoa) ou de tema em *-a* ou *-e* (se provindos da 3.ª pessoa), sem que se possa prever a opção da norma para a escolha da vogal temática. Os de tema em *-o* têm maior vitalidade no português moderno, especialmente na variedade informal: *o amasso, o agito, o chego, o sufoco, o apago* [VK.3, 23-24].

O Prof. Said Ali distribui-os em quatro grupos, levando em conta seu gênero gramatical:

"1.º) Masculino em *-o*: atraso, assento, emprego, voo, esforço, choro, degelo, remo, mergulho, suspiro, mando, confronto, rodeio, galanteio, festejo, gargarejo, etc.

2.º) Masculino em *-e*: embarque, desembarque, combate, corte, toque, etc.

3.º) Feminino em *-a*: amarra, pesca, sobra, suplica, leva, engorda, desova, renúncia, rega, esfrega, entrega, escolha, etc.

4.º) Masculinos e femininos: pago, paga, custo, custa, troco, troca, achego, achega, grito, grita, ameaço, ameaça" [SA.2, 163]

Neste processo, os substantivos tirados de verbos denotam ação, enquanto os substantivos que dão origem a verbos denotam, em geral, objeto ou substância, como *arquivo* → *arquivar, timbre* → *timbrar, apelido* → *apelidar*, e assim por diante. A vitalidade lhes garante formação de derivados: de *apago* se formou *apagão* nos blecautes, momentâneos ou demorados, das grandes cidades.

A ABREVIAÇÃO consiste no emprego de uma parte da palavra pelo todo. É comum não só no falar coloquial, mas ainda na linguagem cuidada, por brevidade de expressão: *extra* por *extraordinário* ou *extrafino*.

A forma abreviada passa realmente a constituir uma nova palavra e, nos dicionários, tem tratamento à parte, quando sofre variação de sentido ou adquire matriz especial em relação àquela donde procede. *Fotografia* e *foto* são *sinônimos* porque designam a mesma coisa, embora a sinonímia não seja absoluta. *Foto*, além de ser de emprego mais corrente, ainda serve para títulos de casas do gênero, o que não se dá com o termo *fotografia*.

Pode-se incluir como caso especial da abreviação o processo de se criarem palavras, com vitalidade no léxico, mediante a leitura (isoladas ou não) das letras que compõem siglas, como, por exemplo:

ONU (Organização das Nações Unidas)

PUC (Pontifícia Universidade Católica)

UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

USP (Universidade de São Paulo)

PT (Partido dos Trabalhadores)

Destas abreviaturas se derivam, mediante sufixos: *puquiano*, *uergiano*, *uspiano*, *petista*, etc.

A REDUPLICAÇÃO, também chamada *duplicação silábica*, consiste na repetição de vogal ou consoante, acompanhada quase sempre de alternância vocálica, para formar uma palavra imitativa:

> *tique-taque, reco-reco, pingue-pongue* (que provavelmente representa o chinês *ping-pang*, através do inglês *ping-pong*, segundo Sapir [ES.1, 82].

Este é o processo geralmente usado para formar as onomatopeias (Ú 74).

A CONVERSÃO consiste no emprego de uma palavra fora de sua classe normal:

> *Terrível palavra é um* ***não****. Não consegui descobrir o* ***porquê*** *da questão.*
>
> *Ele é o* ***benjamim*** *da família.*

Entre os casos de conversão podemos incluir a passagem, por hipertaxe, um grupo de vocábulos (geralmente o final) a palavra isolada: *Ele tem certas* ***fobias*** *(fobia* é a parte de um grupo de palavras que designam aversão a uma coisa: *fotofobia, xenofobia, hidrofobia,* etc). Estamos no século dos *ismos* e das *logias*.

OBSERVAÇÃO: Os casos de conversão recebiam o nome de *derivação imprópria*. Como a conversão não repercute na estrutura do significante de base, muitos estudiosos, com razão, não a incluem como processo especial de formaçao de palavras, como demonstra a hipertaxe.

A COMBINAÇÃO é um caso especial de composição em que a nova unidade resulta da combinação de parte de cada um dos dois termos que entram, na formação: *português + espanhol → portunhol; Bahia + Vitória → Bavi.* São comuns na linguagem jocosa: *sofrer +*

professor → sofressor; *aborrecer + adolescente → aborrecente.*

A INTENSIFICAÇÃO é um caso especial de intensificação ou expressividade semântica de uma palavra já existente mediante o alargamento de sufixos, quase sempre -*izar*, ou às vezes por modelos franceses ou ingleses: *agilizar* por *agir*, *veiculizar* por *veicular*, *obstaculizar* por *obstar*, *protocolizar* por *protocolar*, *culpabilizar* por *culpar*, *depauperizar* por *depauperar.*

Hibridismo – Chama-se hibridismo à formação de palavras com elementos de idiomas diferentes. São mais comuns os hibridismos constituídos da combinação de elemento grego com outro latino ou românico: *sociologia* (latino e grego), *autossugestão* (grego e português), *televisão* (grego e português), *burocracia* (francês *bureau* e grego), *automóvel* (grego e português), *decímetro* (latino e grego).

A nossa língua forma com facilidade hibridismos com elementos estrangeiros que se acham perfeitamente assimilados ao idioma, que passam como elementos nativos. Assim é que *fobia*, *mania, filo, tele, macro, micro, neo, pseudo, auto* e sufixos como *ismo, ista, ico* se juntam a elementos de qualquer procedência: *germanófilo, russófilo, germanofobia, russofobia, retratomania, teleguiado, micro-ônibus, neovencedor, pseudovencedor, autocrítica, autorretrato, caiporismo, governista.*[96]

Radicais gregos mais usados em português – Grande é o número de radicais gregos que encontramos no vocabulário português. Muitos deles nos chegaram através do latim e são antiquíssimos; lembremo-nos de que nos sécs. XVI a XVIII o latim era o veículo das obras de ciência e de filosofia em que abundavam os empréstimos de palavras gregas. Na adaptação dos termos gregos para o latim, geralmente se procedia da seguinte maneira: *k, ai, ei, oi, ou, u, r* (aspirado) gregos eram transliterados para latim, respectivamente em *c, ae, i, oe, u, y* e *rh*, e esta prática prevalecia para o português e demais línguas modernas. Esta norma nem sempre é hoje obedecida quando se trata de novos termos científicos. Assim é que se prefere *calidoscópio* a *caleidoscópio* (ei > i), apesar de, na linguagem técnica, dizer-se *dêictico* e não *díctico*. Aberta a porta para a introdução de palavras ou elementos de empréstimo numa língua, esta pode utilizá-los como bem lhe aprouver, criando distinções até então desconhecidas na língua de origem; assim é que, em português, distinguimos *amoral* 'que não é nem contrário nem conforme a moral' e *imoral* 'contrário a moral'.

Nessas criações com elementos eruditos, como bem diz Benveniste, o criador pensa na sua língua e escolhe o termo greco-latino, cujo significado originário nem sempre é o pretendido; o citado linguista estuda o termo *micróbio* criado por Sédillot (1804-1882) e mostra que, além da palavra não existir no grego, jamais seria criada para significar 'vida curta', pois *mikrós* não se ligaria a *bíos*, como em português não se apõe *breve* a *vista*, mas *vista curta.* Por outro lado, em regra não vamos ao grego para formar palavras novas; elas nos vêm do estrangeiro, mormente de França, e agora dos países de língua inglesa, através da nomenclatura científica

comum à maioria das nações cultas. E os erros que lá fora se cometem na formação dos neologismos não são por nós corrigidos. Aceitamos, e não há como corrigi-las, formas errôneas, como *quilômetro* (por *quiliômetro*), *hectômetro* (por *hecatômetro*).

Outras vezes não se leva em conta o significado rigoroso do termo grego. Assim se aplica *álgos* à dor física em vez da moral e se diz *cefalalgia* (dor de cabeça), *odontalgia* (dor de dente), *nevralgia* (dor de um nervo); também empregando-se *geo* para indicar *terra* como elemento, em vez de *argila* (uma vez que o primeiro só se poderia aplicar ao globo terrestre), se diz *geófago* (= comedor de terra) por *argilófago*. Ainda nos cabe dizer que muitos dos nomes técnicos, principalmente gregos, trazem na sua etimologia uma noção que o progresso científico considera errônea ou imperfeita. Destarte, *átomo*, que significa *indivisível*, *o que não se pode mais dividir*, não pode ser hoje tomado ao pé da letra; *oxigênio* quer dizer *gerador de ácidos*, como se todos os ácidos contivessem este corpo. Como são termos cuja etimologia não é inquirida, podem continuar a ser empregados sem inconveniência. Por fim, lembramos os casos de *esquecimento etimológico* em que o sentimento moderno não dá conta do significado de elemento constitutivo da palavra, dizendo, por exemplo, *ortografia correta* (orthós = correta), *caligrafia bonita* (calós = belo). Os bem falantes reagem contra muitos esquecimentos como *hemorragia de sangue, decapitar a cabeça, exultar de alegria*, estes dois últimos latinos.

Os principais radicais gregos usados em português são:

aér, aér-os (ar, vapor): aeronauta, aerostato, aéreo
ángel-os, aggel-os (enviado, mensageiro): anjo, evangelho
ág-o, agog-ós (conduzir, condutor): demagogo, pedagogo
ag-ón, ôn-os (combate, luta): agonia, antagonista
agr-ós (campo): agronomia
aithér (céu): etéreo
âthlon (certame): atleta
eti-a, aití-a (causa): etiologia
ácr-on, ákr-on (alto, extremidade): acrópole, acrobata, acróstico
álg-os (sofrimento, dor): nevralgia, nostalgia
állos (outro): alopatia
alpha (a = 1.ª letra do alfabeto): alfabeto
ánem-os (vento, sopro): anemoscópio, anêmona
ânt-os, ânth-os (flor): antologia
antrop-os, ánthrop-os (homem): filantropo, misantropo, antropófago
arc-aîos, arch-aîos (antigo): arcaico, arqueologia
arc, arkh-é (governo): anarquia, monarquia
arc, arch-ós (chefe que comanda): monarca
aritm-ós, arithm-ós (número): aritmética, logaritmo
árct-os (urso): ártico, antártico ("o nome *ártico* refere-se às constelações Grande Urso e Pequena Ursa, em uma das quais se acha a Estrela Polar", [SA.2, 167].
astér, ast(é)r-os (estrela): asteróide, astronomia
atmós (vapor): atmosfera
aut-ós (si mesmo): autógrafo, autonomia
bál-o, báll-o (projetar, lançar): balística, problema, símbolo
bor-is, bor-ýs, bár-os (pesado, grave): barítono, barômetro
bibl-íon (livro): bibliófilo, biblioteca

bí-os (vida): biografia, anfíbio
cené, skené (tenda): cenografia
cianos, *kýanos* (azul): cinanídrico
cir, *quir-ós*, *cheír*, *cheir-ós* (mão): quiróptero, cirurgia, quiromancia
cion, *kýon* (cão): cinegética
col-é, *khol-é* (bílis): melancolia
cor-os, *corea*, *chor-ós* (coro): coreía, (dança em coro), coreografia
clorós, klorós (verde): clorofila
cron-os, *chrón-os* (tempo): crônico, cronologia, isócrono, anacronismo
cópto, *kópto* (bato, corto): síncope
crom-a, *khrôm-a* (cor): cromolitografia
chíliai, *chília* (mil): quilômetro, quilograma
cris-ós – chrys-ós (ouro): crisóstomo, crisália, crisântemo
crátos, *krátos* (força): democracia
crípto, *krípto* (escondo): criptônimo, criptografia
quil-ós – chylós (suco): quilífero
dáctil-os – dáktyl-os (dedo): datilografia ou dactilografia
déca, *déka* (dez): decassílabo, decálogo
dêm-os (povo) democracia, epidemia
dérm-a (pele): epiderme, paquiderme
dís, di (dois): dissílabo, ditongo
dis, *dys* (mal, difícil): digestão
dô-ron (dom, presente): dose, antídoto, Pandora
dóx-a (opinião): ortodoxo, paradoxo
drâ-ma — atos (ação, drama): drama, dramático, melodrama
dróm-os (corrida, curso): hipódromo, pródromo
dínam-is — dýnam-*is* (força): dinâmica, dinamômetro
édr-a (base, lado): pentaedro, poliedro
id-os, *eîd-os* (forma), donde procede *óide* (que se assemelha a): elipsoide
ic-ón — eik-ón — ón-os (imagem): ícono, iconoclasta
électra — élektr-on (âmbar, eletricidade): elétrico, eletrômetro
estoma, *stóma* (boca): estômago, estomatite
érg-on (obra, trabalho), daí os sufixos — urgo, — urgia: metalurgia, dramaturgo, energia
escafe, scáphe (barco): escafandro
énter-a (entranhas, intestino): enterite, disenteria
estásis, *stásis* (ação de estar): hipóstaxe
étn-os — éthn-os (raça, nação): étnico, etnografia
étimos, *étymos* (verdadeiro): etimologia
gám-os (casamento), daí *gamo* (o que se casa): polígamo, bígamo, criptógamo
gastér, *gast(é)-ros* (ventre, estômago): gastrônomo, gastralgia
gê, *geo* (terra): geografia, geologia
génes-is (ação de gerar): gênese, hidrogênio
gén-os (gênero, espécie): homogêneo, heterogêneo
giné, *gyné* (mulher): ginecologia
giminós, *gyminós* (nu): ginástica
glôss-a ou *glôtt-a* (língua): glossário, glotologia, epiglote
gon-ía (ângulo): polígono, diagonal
gon-ós (formação, geração): cosmogonia, teogonia
gráf-o, gráph-o (escrever), e daí *graph-ía* (descrição), *gráph-o* (que escreve), *grámm-a* (o que está escrito):

geografia, telégrafo, telegrama
hágios (sagrado): hagiologia
hem-a — haêm-a — atos (sangue): anemia, hemorragia
here-o — hairé-o (tomar, escolher): heresia, herético
hélios (sol): helioscópio, heliotrópio
hemér-a (dia): efêmero, efemérides
hemí (metade): hemiciclo
héter-os (outro): heterodoxo, heterogêneo
heptá (sete): heptassílabo
héx (seis): hexágono
hier-ós (sagrado): hierarquia, hieróglifo
híp-os — hípp-os (cavalo): hipódromo, hipófago
hól-os (entregue de todo, inteiramente): ológrafo, holocausto
hom-ós, *homeo* (semelhante, o mesmo): homogêneo, homônimo, homeopatia
hór-a (hora): horóscopo
horáo (vejo), *hórama* (visão): panorama
hid-or — hýd-or (água), daí *hidro, hydro,* como elemento de composição: hidrogênio, hidrografia
ict-io — icht-ýo — ýos (peixe): ictiologia, ictiófago
ídios (próprio, particular): idioma, idiotismo
ísos (igual): isócrono, isotérmico
cac-ós — kak-ós (mau): cacofonia, cacografia
cal-ós — káll-os (belo), *kallos* (beleza): caligrafia
card-ía — kard-ía (coração): cardíaco, pericárdio
carp-ós — karp-ós (fruto): pericarpo, endocarpo
cefal-é — kephal-é (cabeça): cefalgia, encéfalo
clíno, klíno (inclino): ênclise, próclise
cósm-os — kósm-os (mundo): cosmografia, cosmopolita
coinós, *koinós* (em comum): cenobita
crát-os — krát-os (poder): democrático, aristocrático
cicl-os — kykl-os (círculo): hemicídio, bicicleta
lég-o (dizer, escolher): prolegômeno, ecletismo
lepís, *lepídeos* (escama): lepidóptero
lambán-o (tomar, daí *lêps-is* (ação de tomar), *lémma* (coisa tomada): eplepsia, lema, dilema
lítos, líthos (pedra): monólito, litografia
lóg-os (discurso, tratado, ciência): diálogo, arqueologia, bacteriologia, epílogo
máqu-e — mách-e (combate): logomaquia
macr-ós — makr-ós (comprido, longo): macróbio
man-ía (mania, loucura, gosto apaixonado por): bibliomania, monomania
manci-a — manteí-a (adivinhação, profecia): cartomancia, quiromancia
mártys — mártyros (testemunha): mártir, martirólogo
mazós (mama, seio): mastodonte
mégas, megále (grande): megalomania, megalócito
mélas, *mélan* (negro): melancolia, melanésia
mélos (música, canto): melodia, melodrama
méros (parte): pentâmero
mésos (meio): Mesopotâmia
méter, metrós (mãe): metrópole
métron (medida): barômetro, termômetro
micrós, mikrós (pequeno): micróbio, microscópio

mîmos (que imita): mimetismo, mímica
mis, mŷs, myós (músculo): miocárdio
mîsos (ódio): misantropo
mnéme (memória): amnésia, mnemotécnica
mónos (só): monólogo, monólio
morfé — morphé (forma): morfologia
mitos — mŷthos (fábula, mito): mitologia
miria — myria plural de *myrías* (dez mil): miriápode
naûs (nau): navio, náutica
necros — nekrós (morto, cadáver): necrópole, necrologia
né-os (novo): neologismo, neófito
nês-os (ilha): micronésia, melanésia
neûron (nervo): nevralgia, neurastenia
nóm-os (lei, administração, porção): astronomia, autonomia
octó (oito): octossílabo
od-é (canto): paródia
ad-os, hodós (caminho, via): êxodo, método, período
odus, odóntos (dente): odontologia
ónima, ónom-a, onyma (nome): pseudônimo, sinônimo
ófis, ofid — ophis, ophidos (serpente): ofídio
oftalmós — ophthlmós (olho, vista): oftalmia, oftalmoscópio
oîcos, oîkos (casa): economia, paróquia
óps, opós (vista): *ópsis* (ação de ver)
optikós (que se refere a visão): miopia, autópsia
hóram-a (vista): cosmorama, panorama
órnis, órnitos, órnithos (pássaro): ornitologia
óros (montanha): orografia
ortós — orthós (direito, reto): ortodoxo, ortografia, ortopedia
ostéon (osso): osteologia, periósteo, osteoporose
osmós (impulso): osmose
óxis — óxys (ácido, agudo): oxigênio, paroxismo
paideía, pedia (educação): pedagogo, enciclopédia
pente (cinco): pentágono
pes, pedos — paîs, paidós (criança, menino): pedagogia
paleos — palaiós (antigo): paleontologia, paleografia
pân, pantós (todos): panorama, panóplia, panteísmo, pantógrafo
patos — páthos (afecção, doença): patologia, simpatia
fag-o, phágo, phageîn (comer): antropófago, hipófago
fan-o, fen-o, phaíno (fazer aparecer, brilhar): diáfano, fenômeno
femi — phemí (eu digo, falo): eufemismo, profeta
fero, foros — phéro (levar, trazer):, *phor-ós* (que leva): fósforo, semáforo
filon, *phŷllon* (folha): clorofila
fílos — phílos (amigo): filarmonia, filantropo
físis, phýsis (natureza): fisionomia
fobeo, fóbos — phobe-os (temer, fazer fugir), daí *phob-os*: hidrófobo, anglófobo, russófobo
fôs, fotós — phos, photós (luz): fósforo, fotografia
frasis, phrásis (ato de dizer): perífrase
plut-os — ploût-os (riqueza): plutocracia
fon-é — phon-é (voz articulada): cacofonia

poléo (vendo): monopólio
pólis (cidade): acrópole, metrópole, necrópole
pépsis (cozimento): dispepsia
polis — polýs (muito): poligamia, polígono, policromia, polinésia, policlínica
pús, podós — poús, pod-ós (pé): antípoda, miriápode
pétalon (pétala): minopétalo
prôtos (primário, primeiro): protagonista, protocolo, protozoário, protoplasma
plésso (bato, firo): apoplexia
pseûdos (falsidade, mentira): pseudônimo
pleurá, *pleurón* (lado, flanco): pleurite
psiqué — psyché (alma): psicologia, metempsicose
pnêuma, *pnêumatos* (que respira, sopra): pneumático, dispneia
pterón (asa): quiróptero, coleóptero
ptôma (cadáver): ptomaína, ptomofagia
pir, pir-os — pŷr, pyr-ós (fogo, febre): pirotécnico, antipirina
poiéo (eu faço): onomatopeia
pénte (cinco): pentassílabo
potamós (rio): hipopótamo
pile, *pŷle* (porta): piloro
ptissis, ptýsis (escarro): hemoptise
sárx (carne): sarcoma, sarcófago
semion, *semeîon* (sinal): semiologia, semântica
sépo (apodreço): antissético, antisséptico
síderos (ferro): siderurgia, siderita, siderografia
spérma (semente): esperma, espermatozoide
stéllo (envio): epístola
sticos, *stíkhos* (verso): hemistíquio, dístico
re-o – rhé-o (correr, fluir): catarro, diarreia
sism-os – seism-ós, daí *sism* (estremecimento): sismologia, sísmico
scope-o – skopéo (examinar, daí *scópio* (que faz ver): telescópio, microscópio, osciloscópio
sofós – sophós (sábio): filósofo
estatós – statós (que se mantém): aeróstato, hidrostática
esfera, *sphaîra* (esfera): atmosfera
estilo, *stŷlos* (coluna): peristilo
estere-o – stere-o (sólido): estereótipo, estereomia
estratos, *stratós* (exército): estratégia
estref-o – stréph-o (virar, voltar): apóstrofe, catástrofe
tafos – taphos (túmulo): epitáfio, cenotáfio
témno (divido): anatomia
tautó por *tò autó* (o mesmo): tautologia
táxis (arranjo, ordem): sintaxe
taumatos, *thaumatós* (prodígio, milagre): taumaturgo
técne — téchne (arte): politécnico
téras, *tératos* (prodígio, fenômeno, monstro): teratologia
tema, *théma* (ato de colocar): anátema
têle (longe): telégrafo, telefone, telescópio
tétara, *tetra* (quatro): tetraedro
te-os — the-ós (deus): teologia, teocracia, politeísmo
termós — thermós (calor): termômetro

tésis — *thésis* (ação de por, ter): antítese, síntese
trefo, *trépho* (alimento): atrofia
tomé (cortadura, seção): tomo, átomo, estereotomia
trépo (envolto, mudo): heliotrópico
tópos (lugar): tópico, topografia, atopia
triás, *tríados*, *trees*, *tria* (três): trinômico, tríade
traûm-a – atos (ferimentos): traumático
tip-os – týp-os (tipo caráter): tipografia, arquétipo
zôi-on (animal, ser vivo): zoologia, zoófito

Famílias etimológicas de radical latino – Chama-se *família etimológica* a uma série de palavras cognatas. Cabem aqui as judiciosas observações do Prof. Said Ali: "parece cousa extremamente fácil distinguir palavras derivadas de palavras primitivas quando se trata de exemplo como *pedreiro, pedraria, pedregulho* ou *fechamento, laranjal, bananeira*, que não requerem especial cultivo da inteligência para alguém saber que se filiam respectivamente a *pedra, fechar, laranja, banana*. São entretanto numerosos os casos em que transparece menos lúcida a relação entre o termo derivado e o derivante, sendo necessário algum estudo para perceber a filiação. Outras vezes tem havido tal exclusão de forma e sentido, que surge um curioso conflito entre o sentimento geral do vulgo e o fato encarado à luz da pesquisa científica"[SA.2, II, 3].

Nesta matéria cabe distinguir cuidadosamente uma forma *livre* de uma forma *presa* (cf. **Afixos: prefixos e sufixos. Interfixos**). *Receber*, por exemplo, é considerada como derivada prefixal, embora *-ceber* não tenha curso independente na língua, porque é uma forma presa de *caber*, que aparece numa série de palavras portuguesas 97:

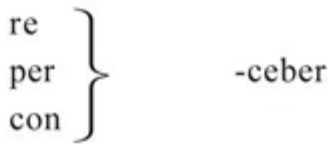

O mesmo ocorre com *resistir* e *iludir* cujas formas presas *-ludir* e *-sistir* são elemento comum a uma série:

Já o mesmo critério não se aplica a outras palavras como *esquecer* e *inteligência*, que passaram a funcionar, para o sentimento dos que falam português, como palavras primitivas.

Tenha-se presente ainda que, muitas vezes, se usam em português dois radicais oriundos de duas formas flexivas de uma mesma palavra: *câncer* e *cancro*.

Eis uma pequena lista de cognatos com radical latino:

aequus, a, um (direito, justo): adequar, equação, equidade, igual, iníquo.

ager, agri (campo): agrário, agricultor, agrícola, peregrino

ago, agis, egi, actum, agere (impelir, fazer): ágil, ator, coagir, exigir, indagar, pródigo

alter, a, um (outro): alterar, alternância, altruísmo, outro

ango, angis, anxi, ângere (apertar): angina, ângulo, angústia, ânsia, angusto

audio, audis, audivi, auditum, audire (ouvir): auditório, audiência

bellum, i (pugna, combate): belonave

bos, bovis (boi): bovino

cado, cadis, cécidi, casum, cadere (cair): acidente, cadente, incidir, ocaso

caedo, caedis, cecidi, caesum, caedere (cortar): cesariana, cesura, conciso, incisão, precisar

Há numerosos derivados em *cida, cidio*, cuja significação é "matar":

fratricida, homicida, infanticida, matricida, patricida, regicida, uxoricida, suicida, fratricídio, homicídio, suicídio, etc.

candeo, candes, candui, candere (embranquecer): cândido, candura, incandescer

cano, canis, cecini, cantum, canere (cantar): celebrar, predizer (este na língua religiosa): canoro, cântico, cantilena, acento. Há numerosos derivados em *-cínio*: vaticínio ('canto do vate', no significado de *profeta*), galicínio ('canto do galo'), tirocínio

capio, capis, cepi, captum, capere (tomar): antecipar, cativo, emancipar, incipiente, mancebo

caput, capitis (cabeça): cabeça, capitão, capital, decapitar, precipício

caveo, caves, cavi, cautum, cavere (ter cuidado): cautela, incauto, precaver-se

cedo, cedis, cessi, cessum, cedere (ceder): cessão, concessão, conceder

cerno, cernis, crevi, cretum, cernere (núcleo): discernir, cerne, concernir

clamo, clamas, clamavi, clamatum, clamare (chamar): proclamar, clamador

clarus, clara, clarum (claro): claridade, clareza

colo, colis, colui, cultum, colere (habitar, cultivar): agrícola, colônia, culto, íncola, inquilino, cultura (*agri-, avi-, hort-, pisci-, triti-, vini-,* etc.)

cor, cordis (coração): acordo, discórdia, misericórdia, recordar

dico, dicis, dixi, dictum, dicere (dizer): abdicar, bendito, dicionário, ditador, fatídico, maledicência

do, das, dedi, datum, dare (dar): data, doação, editar, perdoar, recôndito

doceo, doces, docui, doctum, docere (ensinar): docente, documento, doutor, doutrina, indócil

duo, duae, duo (dois): dobro, dual, duelo, duplicata, dúvida

duco, ducis, duxi, ductum, decere (levar, dirigir): conduto, duque, educação, dútil, produzir, tradução, viaduto

Deste radical há numerosos derivados em *duzir* (*a-, con-, de-, intro-, pro-, re-, se-, tra-,* etc.).

edo, edes, edi, esum, edere (comer): comer, comida, comestível (*cum* + *edo*)

eo, is, ivi, itum, ire (ir): comício, circuito, itinerário, transitivo, subir

facio, facis, feci, factum, facere (fazer): afeto, difícil, edificar, facínora, infecto, malefício, perfeito, suficiente

Há numerosos derivados em *ficar* (*clari-, falsi-, grati-, puri-,* etc.)...

fero, fers, tuli, latum, ferre (levar, conter): ablativo, aferir, conferência, fértil, oferecer, prelado, relação98

frango, frangis, fregi, fractum, frangere (quebrar): fração, frágil, infringir, naufrágio, refratário

fundo, fundis, fudi, fusum, fundere (derreter): fútil, funil, refutar, fundir (*con-, di-, in-, re-*), confuso, difuso, profuso

gero, geris, gessi, gestum, genere (gerar): beligerância, exagero, famigerado, gerúndio, registro

gigno, gignis, genui, genitum, gignere (produzir): genitor, genital

iaceo, iaces, iacui [part. fut. *iaciturus*], *iacere* (jazer): jazigo, jacente, adjacente, subjacente

gradior, graderis, gressus sum, gradi (avançar andando): egresso, ingressar

iacio, iacis, ieci, iactum, iacere (lançar): abjecto, jato, jeito, injeção, sujeito

lac, lactis (leite): lácteo, lactante, lactente, leiteria, laticínio

lateo, lates, latui, latum, latere (estar escondido): latente

lego, legis, legi, lectum, legere (ler): florilégio, legível, leitura, lente
loquor, loqueris, locutus sum, loqui (falar): colóquio, eloquência, locução, prolóquio
ludo, ludes, lusi, lusum, ludere (jogar): ludopédio, lúdico
misceo, misces, miscui, mistum (e *mixtum*) *miscere* (misturar): mexer, misturar, miscível
mitto, mittis, misi, missum, mittere (mandar): demitir, emissão, missionário, remeter, promessa
moneo, mones, monui, monitum, monere (advertir, fazer lembrar): admoestar, admonitor
mentior, mentiris, mentitus sum, mentiri (mentir): mentir, mentira
moveo, moves, movi, motum, movere (mover): motorista, motriz, comoção, móvel
nascor, nasceris, natus sum, nasci (nascer): natal, nativo, nascituro, renascimento
nosco, noscis, novi, notum, noscere (conhecer): incógnita, noção, notável
opus, operis (obra): obra, cooperar, operário, opereta, opúsculo
os, oris (boca): oral, oralidade
patior, pateris, passus sum, pati (sofrer): compatível, paciente, paixão, passional, passivo
pendeo, pendis, pependi, pensum, pendere (pender): suspenso
pes, pedis (pé): pedal, pé
plico, plicas, plicavi ou *plicui*, *plicatum* ou *plictum*, *plicare* (fazer pregas): dobrar, aplicar, chegar, cúmplice, explicar, implícito, réplica
pono, ponis, posui, positum, ponere (colocar): aposto, dispositivo, disponível, posição, posto
quaero, quaeris, quaesivi ou *quaesii, quaesitum, quaerere* (procurar): adquirir, inquirir, quesito, questão, questor
rapio, rapis, rapui, raptum, rapere (roubar): rapto, raptar
rego, regis, rexi, rectum, regere (dirigir): correto, reitor, regência, regime, reto
rumpo, rumpis, rupi, ruptum, rumpere (romper): corrupção, corruptela, roto, ruptura, erupção
scribo, scribes, scripsi, scriptum, scribere (escrever): escritor, escritura
seco, secas, secui, sectum, secare (cortar): bissetriz, inseto, secante, seção, segador, segmento
sedeo, sedes, sedi, sessum, sedere (estar sentado): sedestre
solvo, solvis, solvi, solutum, solvere (desunir): absolver, dissoluto, resolver, solução, solúvel
specio, specis, spexi, spectum, specere (ver): aspecto, espetáculo, perspectiva, prospecto, respeito, suspeito
sto, stas, steti, statum, stare (estar): estado, distância, estante, obstáculo, substância
sterno, sternis, stravi, stratum, sternere (estender por cima): consternar, estrada, estratificar, prostrar
sumo, sumis, sumpsi, sumptum, sumere (tomar, apoderar-se): assumir, consumir, sumidade, sumário
tango, tangis, tetige, tactum, tangere (tocar): contagioso, contingência, tato, contato, atingir
tendo, tendis, tetendi, tensum ou *tentum, tendere* (estender): atender, distenso, contente, extenso, pretensão
teneo, tenes, tenui, tentum, tenere (ter): contentar, abstinência, tenaz, sustentar, tenor, detento
trado, tradis, tradidi, traditum, tradere (trazer): tradição, extraditar
tribuo, tribuis, tribui, tributum, tribuere (repartir): atribuir, retribuir
torqueo, torques, torsi, tortum, torquere (torcer): extorsão, tortura, extorquir, tortuoso, distorção
verto, vertis, verti, versum, vertere (tornar, voltar): verter, versão
video, vides, vidi, visum, videre (ver): evidência, próvido, vidente, visionário, previdência
venio, venis, veni, ventum, venire (vir): vir, vinda
vivo, vivis, vixi, victurus, vivere (viver): vida, viver
volvo, volvis, volvi, volutum, volvere (envolver): devolver, envolto, revolução

3 – Estudo Estrutural do Léxico: A Lexemática

Entende-se por *lexemática* ou *semântica estrutural* o estudo da estrutura do conteúdo ("significado") léxico.

Para evitar confusões que perturbam tal estudo, convém distinguir as *relações de significação* das *relações de designação*. As relações de significação são relações entre significados dos signos linguísticos, enquanto as relações de designação são relações entre signos linguísticos inteiros e os "objetos", isto é, as realidades extralinguísticas por eles designados e representados no discurso. Só as relações de significação são estruturáveis. Um exemplo para clarear a distinção: a designação de dois signos pode ser a mesma sem que seus significados sejam idênticos. Coseriu exemplifica com os termos gregos *brotós* e *ánthropos*, que designam a mesma classe de objetos (os homens), mas não têm o mesmo significado, isto é, não significam "o mesmo": *brotós* significa "homem como não deus" e *ánthropos* significa "homem como não animal".

Outras disciplinas *semânticas* – É justamente o estudo da estruturação das relações de significação que separa a lexemática de outras disciplinas, todas importantes, que, chamadas ou não "estruturais", estudam a "semântica", no sentido amplo do termo. Todo problema que lide com a significação é, em certo sentido, "semântico"; todavia nem todo problema "semântico" é *lexemático*, pois este só diz respeito às relações estruturais, paradigmáticas e sintagmáticas, dos significados léxicos num mesmo sistema linguístico, isto é, numa *língua funcional*.

O objeto ideal das disciplinas lexicológicas 99 – a lexemática inclusive –, como de qualquer descrição estrutural, deve ser a língua funcional, como já vimos.

Destarte, a lexemática, entendida como estrutura do significado, tem propósito diferente da *onomasiologia* (partindo do significado, a disciplina estuda as relações entre este significado e os diferentes significantes que o expressam, como, por exemplo, as denominações do corpo humano "interidiomaticamente" estudadas, quer nas várias línguas funcionais de uma mesma "língua histórica" (o português, por exemplo) ou em "línguas históricas" diferentes (o português e o francês, por exemplo), da *semasiologia* (partindo do significante, a disciplina estuda as relações que unem este significante aos diferentes significados que pode expressar) como, por exemplo, os diferentes significados que idiomaticamente podem ser expressos pelo significante "*ponto*" (*ponto* para a geometria, para a linguagem escolar, para o teatro, para a costureira, para o funcionário, etc.) 100, dos *campos associativos* (estudam as associações de um signo com outros signos estabelecidos por similitude ou por contiguidade, tanto dos significantes quanto dos significados, associações motivadas por ideias, crenças e atitudes relativas às "coisas" (como *boi* associado não só a *vaca*, *touro*, *bezerro*, *chifre*, mas também a *trabalho*, *força*, *vigor*, *paciência*, *mansidão*). São configurações associativas, como diz Coseriu, que têm interesse para a psicolinguística, para a linguística do falar e para a do texto, mas não constituem objeto da descrição estrutural das línguas [ECs.1, 165].

A lexemática e as palavras lexemáticas – Se cabe à lexemática o estudo das relações de significação, só lhe interessam, em princípio, as palavras lexemáticas, que manifestam a configuração semântica do léxico.

Por isso estão fora da consideração da lexemática as palavras que constituem

“equivalências de orações”(interjeições, partículas de afirmação e de negação, como *sim*, *não*), as palavras morfemáticas (artigos, preposições, conjunções) e as palavras categoremáticas (dêiticos ou pronomes, como *eu*, *meu*, *agora*, *aqui*), bem como os nomes próprios e os numerais, porque não são estruturáveis, embora participem da maioria dos fenômenos léxicos (como a modificação, o desenvolvimento, a composição) [ECs.2, 88].

Estruturas paradigmáticas – As estruturas lexemáticas que podem ser identificadas no léxico ou são paradigmáticas ou sintagmáticas.

Chamam-se estruturas paradigmáticas no léxico as estruturas constituídas por unidades léxicas que se encontram em oposição no eixo da seleção. Assim, “bom-mau”, “casa – casinha”, “morrer – mortal” são oposições que manifestam estruturas paradigmáticas.

Diz-se *estrutura primária* se seus termos se implicam reciprocamente, sem que um deles seja primário em relação aos outros; “jovem” implica “velho” e “velho” implica “jovem”, mas nenhum deles é primário em relação ao outro.

Diz-se *estrutura secundária* se a implicação entre seus termos é de “direção única”. Assim “casa” - “casinha”, “morrer” - “mortal”, “trabalhar” - “trabalhador” são estruturas secundárias, porque o primeiro termo de cada par está implicado pelo segundo, mas não o inverso, pois a definição do conteúdo “casa” é independente do conteúdo “casinha”, mas a definição do conteúdo “casinha” inclui necessariamente o conteúdo “casa”.

Os dois tipos de estruturas primárias – Há dois tipos de estruturas paradigmáticas primárias: o *campo léxico* e a *classe léxica*.

Um *campo léxico* é uma estrutura paradigmática constituída por unidades léxicas que se repartem numa zona de significação comum e que se encontram em oposição imediata umas com as outras.

Por exemplo, podemos preencher a lacuna em:

Estive três _____ *em Fortaleza*;

selecionando um dos seguintes lexemas do paradigma: *segundo*, *minuto*, *hora*, *dia*, *semana*, *mês*, *ano*, etc., ficando excluídos termos como: *árvore*, *casa*, *rio*, *cadeira*, etc.

Em *O muro é verde*, *verde* exclui imediatamente *azul*, *branco*, *cinza*, etc., que pertencem ao mesmo campo léxico (o das cores), mas não termos como *muito*, *pouco*, *bastante*, *menos*, etc., que pertencem a outros campos.

Cada unidade de conteúdo léxico expresso no sistema linguístico é um *lexema*. Nos exemplos acima, *segundo*, *minuto*, *hora*, etc. são lexemas.

Uma unidade cujo conteúdo é idêntico ao conteúdo comum de duas ou mais unidades de um campo é um *arquilexema*. Os traços distintivos que caracterizam os lexemas chamam-se *semas*, como emprega o linguista B. Pottier.

Tomemos, para simples exemplo, o campo lexical de “assento”, estudado pelo citado Pottier, em que “assento” é o arquilexema desse campo, que tem como lexemas, em português, entre outros que deixaremos de lado: *cadeira*, *poltrona*, *sofá*, *canapé*, *banco* e *divã* [BP.1;

MV.1, 80-81].

Como traços distintivos dos lexemas, proporemos os seguintes *semas*:

s1: ‘objeto construído para a gente se sentar’

s2: ‘com encosto’

s3: ‘para uma pessoa’

s4: ‘com braços’

s5: ‘com pés’

s6: ‘feito de material rijo’

Levando-se em conta que a presença do sema será indicado por + e, sua ausência por – , teremos:

	s1	s2	s3	s4	s5	s6
banco	+	–	–	–	+	+
cadeira	+	+	+	–	+	+
poltrona	+	+	+	+	+	–
sofá	+	+	–	+	+	–
divã	+	–	+	–	+	–
canapé	+	+	–	+	+	+

Pelo exposto, vê-se que não basta dizer, por exemplo, que “*banco* é um objeto construído para a gente se sentar”, pois tal definição se aplicaria indistintamente a todos os lexemas incluídos no campo léxico. Com base nos semas, isto é, nos traços distintivos que separam os lexemas arrolados no exemplo, diremos que “banco é um objeto construído para a gente se sentar, com material rijo (madeira, ferro, cimento), dotado de pés”.

Se se tratasse de *cadeira*, definiríamos “objeto construído para a gente se sentar, com encosto, para uma pessoa, dotado de pés e feito de material rijo”.

Um lexema pode funcionar em vários campos; é o caso do adjetivo *fresco* que funciona no campo dos adjetivos como *novo*, *velho*, etc. (cf. *queijo fresco*, *fruta fresca*), ou no campo dos adjetivos *frio*, *quente*, *morno*, etc. (*manhã fresca*, *brisa fresca*).

Sobre *neutralizações* e *sincretismos* no léxico.

Classe léxica – Chama-se *classe léxica* a uma classe de lexemas determinados por um *classema*. *Classema* é um traço distintivo comum que define uma classe, independentemente dos campos léxicos. Assim, *jovem*, *inteligente*, *gago* pertencem a campos léxicos distintos,

mas podem estar incluídos na mesma classe pelo classema "ser humano", já que podemos dizer de uma pessoa que ela é *jovem*, ou *inteligente* ou, finalmente, *gago* [MV.1, 1979, 70 e ECs.2, 176].

Para os substantivos, podem-se estabelecer, por exemplo, classes como: "seres vivos", "coisas" e, dentro da classe "seres vivos", por exemplo, "seres humanos", "seres não humanos", etc.

Para os adjetivos, pode haver classes como "positivo", "negativo" que justificam coordenações aditivas do tipo "*bom* e *inteligente*", ou coordenações adversativas do tipo "*bom* mas *brigão*".

Para os verbos podem-se também constituir várias classes, como as já conhecidas "transitivo e intransitivo" (com possibilidades de subtipos, como "transitivos que não admitem voz passiva e transitivos que a admitem), ou ainda, com base no classema "direção" (em relação ao agente da ação), os verbos "adlativos", isto é, em direção de aproximação do agente (do tipo de *comprar*, *ganhar*, *receber*, *recolher*, etc.) e os "ablativos", isto é, em direção de afastamento do agente (do tipo de *vender*, *dar*, *entregar*, *soltar*, *devolver*, etc.).

Há lexemas que se apresentam na intersecção de duas classes quanto ao seu significante, mostrando-se insensível à diferença classemática, cujo significado em uso só se pode depreender no contexto.

É o que ocorre com substantivos como *hóspede* ("aquele que dá ou recebe hospedagem"), com verbos como *alugar* ("aquele que dá ou recebe de aluguel"), em orações do tipo: *Enildo é meu hóspede*; *Zélia alugou o apartamento*.

Entram neste rol palavras como *saudoso* ("que sente ou causa saudade"), *temeroso* ("que sente ou causa temor"), *arrendar* ("que dá ou toma de renda"), *esmolar* ("que dá ou pede esmola") [MBa.3, 290 e MBa.5, 151].

É o caso também de substantivos e adjetivos que podem ser tomados à boa e à má parte, como *sucesso*, *fortuna* (= destino), *êxito*, *ventura*, e que foram depois especializados no bom sentido; quando se empregam hoje diferentemente, requerem um adjetivo da classe "negativo": *mau sucesso*, *triste fortuna*, *mau êxito*, *pobre ventura*, etc. [MBa.3, 282].

Às vezes, a língua desfaz a duplicidade de conteúdo com o recurso a novas palavras; assim *hóspede* se especializa ou pode-se especializar em "aquele que recebe a hospedagem", e se cria a palavra *hospedeiro* para o que dá hospedagem. Outras vezes, com a especialização da classe, como ocorre com *hóspede* (especializado modernamente para aquele que recebe hospedagem), o que não ocorre, entretanto, com o verbo *hospedar* (= dar ou receber hospedagem; neste último significado, aparece como pronominal: *Eu me hospedei num hotel barato*).

Estruturas secundárias – As estruturas paradigmáticas secundárias correspondem ao domínio da formação de palavras e podem manifestar-se por estruturas de *modificação*, de *desenvolvimento* e de *composição*, que implicam sempre a transformação irreversível de um termo primário existente como lexema de conteúdo (significado) e de expressão (significante) na língua. Consumada a transformação, o termo – agora secundário – pode receber

determinações gramaticais explícitas próprias dos termos primários, como a pluralização: *casa* → *casas*; *casa* → *casinha* → *casinhas*.

Dada a extensão que merece o estudo dos três tipos de estruturas secundárias, trataremos dele na parte mais adiante em que se estudam os procedimentos de formação de palavras do ponto de vista das relações de significação.

Estruturas sintagmáticas: as solidariedades – As estruturas sintagmáticas são solidariedades, isto é, relação entre dois lexemas pertencentes a campos diferentes dos quais um está compreendido, em parte ou totalmente, no outro, como traço distintivo (sema), que limita sua combinação.

Distinguem-se três tipos de solidariedade: *afinidade*, *seleção* e *implicação*.

Na AFINIDADE, o classema do primeiro lexema funciona como traço distintivo no segundo. Assim, *pé* e *pata* têm como traços distintivos ao conteúdo 'membro de sustentação do corpo' a classe 'pessoa' (*pé*: "membro de sustentação de pessoa") e 'animal' (*pata*: "pé de animal"). O mesmo com *grávida* e *prenhe*; os traços distintivos do conteúdo "fecundação" são a classe 'pessoa' (*grávida*: "fecundada em relação a pessoas"), e 'animal' (*prenhe*: "fecundada em relação a animal") [ECs.2, 141; MV.1, 77].

Na SELEÇÃO, é o arquilexema do primeiro lexema que funciona como traço distintivo no segundo. Os lexemas *pelo* e *pena*, quanto ao conteúdo 'sistema piloso' incluem como traço distintivo o arquilexema *mamífero* e *ave*: *pelo* ("sistema piloso dito de mamíferos") e *pena* ("sistema piloso dito de aves").

Na IMPLICAÇÃO é todo o primeiro lexema que funciona como traço distintivo no segundo. Por exemplo, a cor *baio* tem como traço distintivo o lexema "cavalo", pois *baio* só se diz dos cavalos. Outro bom exemplo de implicação são as chamadas vozes dos animais, pois os lexemas *relinchar*, *mugir*, *zurrar*, *balir*, *grunhir*, *ladrar*, *miar*, *cacarejar*, *regougar* são o grito relativo, respectivamente, a "cavalo", "vaca", "burro", "cabra", "porco", "cão", "gato", "galinha", "raposa".

É preciso distinguir as solidariedades semânticas vistas aqui, propriamente linguísticas, dos "clichês léxicos", ou sintagmas estereotipados e das solidariedades frequentes, determinadas pelo nosso conhecimento das "coisas"; assim, *branco* aplicado às *gaivotas* não é exemplo de solidariedade semântica, porque a combinação não é um fato de língua, mas apenas assinala a frequência de gaivotas brancas na realidade extralinguística, sem que se despreze a possibilidade de gaivotas de outra cor. Pelo contrário, em *cavalo alazão* temos um fato de língua, porque *alazão* implica o traço distintivo "próprio do cavalo", razão por que no discurso se pode usar só de *alazão*, sem que seja necessário explicitar o lexema *cavalo*. Esta operação não se estende a *branco* em relação a *gaivota*.

4 – Formação de Palavras do Ponto de Vista do Conteúdo

Já vimos na lição de Benveniste que o problema de procedimentos de formação de

palavras ultrapassa os limites da morfologia, em que, tradicionalmente, parece enquadrada, na tradição linguística.

Por outro lado, como assinala Coseriu 101, um estudo coerente da formação das palavras que se atenha estrita e exclusivamente ao ponto de vista da expressão – como o vimos até aqui – é possível; mas para o aspecto funcional e, portanto, para a compreensão e descrição de uma língua, tal estudo é pouco proveitoso, já que os procedimentos materiais (prefixação, sufixação, etc.) e os funcionais não guardam entre si nenhum paralelismo, uma vez que procedimentos materiais diferentes podem corresponder ao mesmo tipo funcional e vice-versa. A não consideração do aspecto de significado é a causa de muita discussão e incertezas em incluir no domínio da formação de palavras as combinações casuais do tipo *um salve-se quem puder*, *bom dia*, *manu tenere* > *manter*, que não constituem propriamente *procedimentos* da formação de palavras, entre outros casos.

Ainda com apoio na lição de Coseriu, um estudo de formação de palavras do ponto de vista do conteúdo, isto é, fundado no significado, está mais ajustado a seu objeto. Partindo deste ponto de vista, a formação de palavras corresponde a uma particular *gramaticalização* do léxico "primário". Tomemos a este linguista o seguinte exemplo para mostrar que as relações, digamos assim, gramaticais, que se dão nos produtos da formação de palavras são consequências das equivalências semânticas entre esses produtos e as construções que lhes correspondem do ponto de vista do conteúdo. Em *beldade* como equivalente a "o fato de ser belo/bela", o termo "fato" não é a palavra *fato* da linguagem primária e que em seguida seria determinada por "ser belo / bela", mas sim um *nome* para a substantivação efetuada nesta formação; do mesmo modo, "ser" é nome da 'predicatividade de ser', isto é, da predicação atribuída, e "belo / bela" é nome da unidade de *belo*(s) + *bela*(s) na linguagem primária, ou seja, um *belo* sem gênero e sem número. Em outros termos, seria o mesmo que dizer, abstratamente, acerca de nossa fórmula: "*belo*(s) / *bela*(s) gramaticalizado por predicação atributiva e com posterior substantivação". Isto significa que os produtos de formação de palavras dizem sempre mais do que suas respectivas bases léxicas.

Por tudo isto, conclui Coseriu que a formação de palavras é um domínio autônomo das línguas, que abarca fatos "paragramaticais" e fatos puramente léxicos, e seu estudo é um ramo autônomo da semântica funcional, que deve começar pelas funções "paragramaticais" dos procedimentos de formação e chegar até as fixações na designação.

Dissemos "paragramaticais" porque, na realidade, a formação de palavras encerra uma "gramática do léxico", mas essa gramática não deve ser confundida com a gramática que conhecemos, já que, na formação de palavras, estamos diante de funções gramaticais distintas daquelas que ocorrem na morfossintaxe. Por isso, não falamos aqui em funções gramaticais e sim em funções paragramaticais. Uns exemplos podem esclarecer o que dizemos: a formação de "coletivos" (*arvoredo*, *laranjal*, *casario*, etc.) implica, por certo, uma pluralização, mas aqui não se trata de um simples "plural", (*árvores*), sim de uma "pluralização" que se dá e se considera como unidade.

Assim também, *chegada* implica um verbo predicativo mas não implica nem modo, nem tempo, nem número, nem pessoa; *beleza* implica um nome predicativo, mas não implica nem número nem gênero. É exatamente por isso, continua Coseriu a sua lição, que tais formações

não remontam a orações concretas como *João chega* e *Maria é bela* (ou *João é belo*), mas tão somente a uma função predicativa genérica de *chegar* e *belo*(*s*), *bela*(*s*).

Assim também em *papeleira* está implicada uma "função preposicional", mas não uma determinada preposição (p.ex. "*para*"*papéis*), e *despertador* implica um elemento pronominal genérico "alguém ou algo" que, de outro modo, não tem realização em português. 102

Os três tipos fundamentais de formação de palavras – Do ponto de vista do conteúdo podem-se distinguir três tipos (ou quatro se considerarmos a composição como dois) fundamentais de formação de palavras, consoante dois critérios que se entrecruzam e dizem respeito à determinação gramatical do termo primário:

a) a gramaticalização implícita afeta um só elemento ou os dois na base da formação;

b) a gramaticalização corresponde a uma função "inatual" (i. é, "não semelhante a uma função oracional") ou a uma função "atual" (i. é, "semelhante a uma função oracional").

Pelo primeiro critério, teremos, de um lado, a *modificação* e o *desenvolvimento* (em que a gramaticalização afeta um só termo) e do outro a *composição*.

Pelo segundo critério, a função gramatical implicada na modificação é "inatual" (do tipo do "gênero" ou do "número"), enquanto no desenvolvimento a função implicada é "atual" (do tipo das funções "sujeito", "predicado", "complemento verbal"). Na composição, a função pode ser inatual ou atual (por exemplo, em português *alvinegro* e *leitor*).

Na modificação, a categoria verbal dos produtos é sempre a mesma das respectivas bases, isto é, os substantivos produzem substantivos, os adjetivos adjetivos e assim por diante, porque a função gramatical implicada é "inatual", isto é, função que afeta os lexemas modificando-os enquanto tais (e não como membros de oração ou de sintagmas). Trata-se das formações diminutivas, dos coletivos, dos verbos formados com prefixos:

cavalo → cavalinho, forte → fortão, beijar → beijocar, ver → prever

No desenvolvimento – que sempre parte de lexemas com funções de membros de oração ou de sintagma – a categoria verbal dos produtos formados é distinta da categoria da base correspondente, vale dizer, o desenvolvimento implica sempre mudança da categoria verbal do termo primário desenvolvido, isto é, substantivo produz adjetivo, substantivo produz verbo, adjetivo produz substantivo, etc., advertindo-se, na oportunidade, que pode ainda tratar-se de base não realizada como tal na norma da língua. Em:

prefeito → [verbo] → *prefeitável*,

não existe na norma do português o verbo **prefeitar*, implicado no desenvolvimento citado.

Exemplos de desenvolvimentos são também *terra* → *terreno*, *céu* → *celeste*; *roda* → *rodar*, *voo* → *voar*; *útil* → *utilidade*; *rico* → *riqueza*.

Tais formações devem ser explicadas desta maneira: *belo* + função predicativa → *beleza* ("o fato de ser belo"); *chegar* + função predicativa → *chegada* ("o fato de chegar"); *branco* + função de epíteto → o *branco*; *em barco* + função predicativa → *embarcar*; *com o martelo* + função predicativa → *martelar*.

A composição implica sempre a presença de dois elementos básicos unidos por uma

relação gramatical, quase sempre por uma relação de recção. Pode ser de dois tipos:

a) *prolexemática*: se um dos dois elementos da base é um "prolexema", isto é, um elemento de natureza pronominal, não identificável com um lexema existente na língua,[103] como ocorre em "elemento substantivo-pronominal" [do tipo "alguém" ou "algo"] + *ler* → *leitor*; o mesmo elemento + *despertar* → *despertador*. Em lugar desse tipo genérico "alguém ou algo", pode ser um arquilexema de ordem muito geral [por exemplo, *agente* + *ler* → *leitor*] ou também um arquilexema (ou um lexema) de um campo particular [por exemplo, "árvore", "comerciante": "*árvore*" + *limão* → *limoeiro*; "comerciante" + *leite* → *leiteiro*].

b) *lexemática*: em que os dois elementos implicados são lexemas e a categoria verbal dos compostos é sempre a dos elementos "determinados" na composição; são exemplos de compostos lexemáticos: *tira-teima*, *guarda-chuva*.

O primeiro tipo corresponde ao que tradicionalmente se chama "derivação" (como podemos ver, tal denominação também abarca o processo de *modificação* e *desenvolvimento* agora expostos); o segundo tipo corresponde ao que tradicionalmente se chama composição, com exceção da prefixação verbal, a qual, nesta nova concepção de processos de formação de palavras entra como um tipo de modificação.

Combinações dos procedimentos formativos – Os procedimentos de formação de palavras podem combinar-se uma ou mais vezes, sendo decisiva a ordem das combinações para o significado do produto final, não se perdendo de vista o fato de que nessa sequência podem ocorrer combinações "prévias" cujos produtos não se realizam como fatos autônomos na norma da língua, como já aconteceu com o implicado *prefeitar* (< *prefeito*) no desenvolvimento *prefeitável*; *guarda-sol* é uma combinação de composição prolexemática e lexemática: composição prolexemática *guardar* → guarda [equivalente a *guardador*, 'o que guarda', com morfema zero] e uma composição lexemática, o composto *guarda-sol*. Deste podemos ter um novo composto prolexemático: elemento substantivo-pronominal do tipo "alguém" [ou, como também vimos, o lexema "comerciante"; "fabricante"] + *guarda-sol* → *guarda-soleiro* 'comerciante ou fabricante de guarda-sol'.

O termo *desembarcar* resulta da combinação do desenvolvimento *em* + *barco* (→ embarcar) e modificação (→ *des-embarcar*).

Um termo formado por desenvolvimento pode dar origem a nova forma desenvolvida (produto de desenvolvimento), e pode assim estender-se por uma série, perfeitamente identificáveis como constituintes imediatos, quando há paralelismo entre a expressão e o conteúdo:

rico → *enriquecer* → *enriquecimento*

nação → *nacional* → *nacionalizar* → *nacionalização*

Está neste rol de combinação dos tipos fundamentais de formação de palavras o discutidíssimo tipo de compostos como *tira-teima*, *guarda-roupa* em que entra um tema verbal puro seguido em geral de substantivo, mas não necessariamente, pois pode aparecer outra classe, como um advérbio (*ganha-pouco*, *pisa-mansinho*), um numeral (*mata-sete*). Quanto à função oracional implícita nesse segundo elemento, temos em geral um objeto direto,

mas podemos ter um predicativo (*espanta-coió*), um circunstancial (*pisa-mansinho*, *ganha-pouco*, *saltinvão*).

Há também particularidades formais na constituição desses compostos: na fase da composição lexemáticas o composto prolexemático se reduz pela supressão de possíveis sufixos, ou pelas preposições que normalmente seriam empregadas na construção de um composto prolexemático substantivo com outro substantivo; dá-se a supressão regularmente quando o segundo elemento corresponde a uma função oracional com a qual o verbo implicado na composição prolexemática se constrói sem preposição, do tipo de *girassol*, que se parafraseia aproximadamente com "algo que gira na direção do sol". Em outros casos, como vimos em *saltinvão*, mantém-se a preposição.

Entendem-se tais compostos como "alguma coisa que tira teima", "alguém ou alguma coisa que guarda roupa", isto é, paráfrases de uma composição prolexemática como *tirador* (ou *tiradora*), *guardador* (*guardadora*), a que se acrescentam o lexema *teima* ou *roupa*. Trata-se, portanto, da combinação de uma composição prolexemática com uma composição lexemática ("tirador, tiradora") + *teima* → *tira-teima*.

Em face desta análise semântica, chega-se à conclusão de que o chamado "elemento verbal" deste tipo de composição não é nem um imperativo nem nenhuma outra forma verbal conjugada; trata-se de uma derivação regressiva, que, do ponto de vista funcional, é um substantivo ou, então, semanticamente, um particípio substantivado. Este "particípio" pode ser um particípio ativo transitivo (como em *guarda-roupa*), um particípio causativo (como em *passatempo*: "qualquer coisa que faz passar o tempo").

Esta análise é confirmada pelo fato de, quando não há na língua um composto deste tipo, se utilizarem compostos prolexemáticos em construção preposicional com um segundo elemento: *medidor de gás*, *espalhador de cera*, *prendedor de gravata*, etc.

Subtipos dos procedimentos de formação de palavra – Dentro dos procedimentos vistos até aqui podem ocorrer subtipos, de acordo com os subtipos de funções "paragramaticais" implicadas.

Assim, na modificação podemos ter, entre outros:

a) uma mudança do gênero "natural" (sexo): *rei* → *rainha*; *galo* → *galinha*;

b) uma quantificação: 1) para diminutivos (*carro* → *carrinho*; *doente* → *doentinho*; *beber* → *bebericar*); com a variante "apreciação aproximativa" (*velho* → *velhusco*; 2) para aumentativos (*casa* → *casarão*; *grande* → *grandalhão*); 3) para coletivos (*casa* → *casario*); 4) para intensificação (*feio* → *feinho*);

c) repetição: *fazer* → *refazer*;

d) negação: *leal* → *desleal*; *útil* → *inútil*.

No desenvolvimento podemos ter, segundo a função oracional implícita de sua base:

a) predicação: *chegar* → *chegada*; *belo* → *beleza*;

b) atributivo: *de inverno* ("pertencente ao inverno") → *invernal*.

Generalização do significado no desenvolvimento – O desenvolvimento implica, em cada fase de produção, uma desconcentração ou generalização do significado da base. Assim, *de inverno* significa "pertencente ao inverno" (cf. *jogos de inverno*); já o termo desenvolvido *invernal* significa tanto "pertencente ao inverno" quanto "semelhante ao que pertence ao inverno" (cf. *jogos invernais*). Trata-se de um valor único de língua, que se "amplia" quando comparado com a base do desenvolvimento.

Homofonias em desenvolvimento – Desenvolvimentos formados de bases diferentes podem resultar homofonias totalmente distintas das homofonias casuais dos termos simples ou primários. Assim, em português existem duas séries homófonas *mortal-mortalidade*; a primeira desenvolvida a partir do conteúdo "morrer" ("o homem é mortal" – "a mortalidade do homem"), e a segunda a partir do conteúdo "matar" ("o golpe, o remédio foi mortal" – "a mortalidade do golpe, do remédio"). *Mortandade* é variante de *mortalidade*, e só se aplica ao conteúdo de "morrer" (= grande número de mortes por pestes, em batalha").

Cabe ainda observar que, já que o desenvolvimento implica sempre um emprego determinado do termo primário ou de base, pode haver desenvolvimentos diferentes, conforme o significado implicado nesse termo e nos elementos formativos:

terra → *terrestre*, *terreal*, *terral*, *terreiro*, *terreno*.

esperar → *espera* (de *esperar* "aguardar") e *esperança* (de *esperar* "confiar").

5 – Alterações Semânticas

A se*mântica estrutural diacrônica* é o estudo funcional das mudanças semânticas no léxico. É uma disciplina ainda muito recente, e dada a natureza desta gramática dela não nos ocuparemos aqui. Nosso intento é tão somente chamar a atenção para alterações semânticas no léxico. Como disse muito bem Pagliaro "Também as palavras são uma espécie de conchas, às quais temos de encostar o ouvido com humilde atenção, se quisermos apreender a voz que dentro delas ressoa" [APg.1, 210].

No decorrer de sua história nem sempre a palavra guarda seu significado etimológico, isto é, originário. Por motivos variadíssimos, ultrapassa os limites de sua primitiva "esfera semântica" e assume valores novos.

"A língua – disse Moritz Regula –, expressão consciente de impressões exteriores e interiores, está sujeita a uma perpétua transformação. As palavras mudam de significado ou porque as coisas se modificam ou porque a "constelação psíquica" sob cuja influência nasce o sentido do objeto, se altera graças a causas diversas" [MR.1, 26].

A significação das palavras está intimamente relacionada com o mundo das ideias e dos sentimentos; "entre as ideias, entre os pensamentos não há separação absoluta por isso que as associações se estabelecem, sem cessar, de uns para outros. Vendo uma substância ou um objeto muito achatado, muito delgado e pouco resistente, por exemplo de estanho ou de ouro finamente laminado, alguém foi levado a compará-lo a uma folha de árvore; pôde-se assim

dizer com propriedade e clareza: *uma folha de estanho*, *de ouro*, *de papel*, etc. Outra associação, posterior à precedente, deu à palavra *folha* o significado bem elástico de jornal: *uma folha diária*. É que se imprimem as notícias de cada dia em folhas de papel. A palavra *coração* serviu para exprimir tanto a parte interior de um legume ou fruta: *coração da melancia*, ou a essência de um assunto: *está no coração da questão*, como ainda os sentimentos cuja sede parece estar no fundo de nosso ser: *este homem não tem coração*, etc. Todas as associações deste gênero dão origem ao que se chama, em literatura, *imagem*; as imagens da linguagem corrente não diferem muito, pela sua natureza, das que brotam da imaginação dos poetas e dos escritores em geral" [AGr.1, 93-94 – com leves adaptações para o português].

Entre as causas que motivam a mudança de significação das palavras, as principais são:

a) Metáfora – translação de significado motivada pelo emprego em solidariedades, em que os termos implicados pertencem a classes diferentes mas pela combinação se percebem também como assimilados:

*cabelos de **neve**, **pesar** as razões, **negros** pressentimentos, **doces** sonhos, passos **religiosos*** [AR.1, 17 – nos queria ressaltar a religiosidade de sua personagem], ***boca** do estômago*, ***dentes** do garfo*, ***costas** da cadeira*, ***braços** do sofá*, ***pés** da mesa*, ***gastar rios** de dinheiro*, ***vale** de lágrimas*, *o **sol** da liberdad*e, *os dias **correm***, *a noite **caiu***.

OBSERVAÇÃO: Assim, a metáfora não resulta – como tradicionalmente se diz – de uma comparação abreviada; ao contrário, a comparação é que é uma metáfora explicitada. Importa, outrossim, distinguir a metáfora *linguística* (linguisticamente motivada pelo descompasso dos termos implicados nas solidariedades) da metáfora *motivada extralinguisticamente* pelo nosso saber sobre as coisas, como ocorre em expressões metafóricas do tipo de *não ponha a carroça diante dos bois* para expressar a inversão incorreta de uma ação ou de um juízo. As metáforas têm largo emprego na língua espontânea e na literária, e nesta teve grande difusão entre os poetas simbolistas. Cf. [ECs.1, 291], [ECs.2, 207], [ECs.3, 293 n. 22] e [HM.1, 109]: "A literatura moderna tem uma preferência para a metáfora oposta à comparação explícita. É a fusão imediata do mundo pessoal e do objetivo, do espiritual e do concreto, que levam a uma identificação direta, sem elos de ligação que intermedeiem a passagem dum plano para outro".

b) Metonímia – translação de significado pela proximidade de ideias:

1 – causa pelo efeito ou vice-versa ou o produtor pelo objeto produzido:

*um **Rafael*** (por um *quadro de Rafael), as **pálidas** doenças* (por *doenças que produzem palidez*), ***ganhar** a vida* (por *meios que permitam viver), ler **Machado de Assis*** (i.é, *um livro escrito por M. de Assis)*.

2 – o tempo ou o lugar pelos seres que se acham no tempo ou lugar:

*a **posteridade*** (i.é, *as pessoas do futuro*), *a **nação*** (i.é, *os componentes da nação*).

3 – o continente pelo conteúdo ou vice-versa:

*passe-me a **farinha*** (i.é, a farinheira), *comi **dois pratos*** (i.é, *a porção da comida que dois pratos continham*).

4 – o todo pela parte ou vice-versa:

*diz a **Escritura*** (i.é, *um versículo da Escritura*), *encontrar um **teto amigo*** (i.é, *uma casa*).

5 – a matéria pelo objeto:

*um **níquel*** (i.é, *moeda de níquel*), *uma **prata*** (i.é, *moeda de prata*)

6 – o lugar pelo produto ou características ou vice-versa:

jérsei (= *tecido da cidade Jersey*), ***gaza*** (= *tecido da cidade de Gaza*), ***havana*** (= *charutos da cidade de Havana*); ***greve*** (*as reuniões feitas na Place de la Grève*).

7 – o abstrato pelo concreto:

*A **virtude** vence o **crime*** (isto é, *as pessoas virtuosas vencem os criminosos*); *praticar a **caridade*** (= *atos de caridade*).

8 – o sinal pela coisa significada ou vice-versa:

o ***trono*** (= *o rei*), *o* ***rei*** (= *a realeza*)

c) Catacrese – translação do significado por esquecimento do significado original:

panaceia universal (*panaceia* '*remédio* para todos os males' já tem no elemento *pan-* a ideia de universalidade, generalidade), *etimologia verdadeira, abismo sem fundo, anedota inédita, correta ortografia, bela caligrafia, caldo quente, homicida do vizinho, hecatombe de almas, embarcar no trem, calçar as luvas.* [MBa.3, 311-317]

Produtos correntes da translação de significado, as catacreses são fatos normais que só devem ser evitados quando a noção primitiva ainda estiver patente para o falante.

d) Braquilogia ou abreviação – as diversas acepções de uma palavra devidas à elipse do determinante ou vice-versa:

dou-lhe a minha ***palavra*** (i.é, *palavra de honra*), *vamos à* ***cidade*** (i.é, *ao centro da cidad*e), *um* ***possesso*** (i.é, *pessoa possuída do demônio*), *aproveitar a* ***ocasião*** (= *a boa ocasião*), *a festa da* ***Ascensão*** (= da *Ascensão de Jesus Cristo*).

e) Eufemismo – translação de sentido pela suavização da ideia:

1 – para a morte:

finar-se, falecer, entregar a alma a Deus, dar o último suspiro (literários), passar desta a *melhor, ir para a cidade dos pés juntos, dizer adeus ao mundo, esticar as canelas, desocupar o beco, bater as botas, etc.* (*estes* populares).

2 – para a bebida:

abrideira, *água que gato* (*passarinho*) *não bebe*, *januária*.

O tabu linguístico pode favorecer o aparecimento de expressões eufemísticas. O medo de proferir palavras como *diabo*, *demônio*, *satanás* nos leva a usar desfigurações voluntárias como *diacho*, *diogo*, *demo*, *satã*. [MG.1, 76 e ss.]

f) Alterações semânticas por influência de um fato de civilização:

tonto (= *louco*) particípio do verbo *tondere*, por *tonso*, lembra-nos o tempo em que se rapava a cabeça aos loucos.104

pagão (= *indivíduo que não foi batizado*) se prende à época inicial do Cristianismo, pois a Igreja fez uso especial do termo que tinha curso na linguagem militar: *paganus*, o civil, em oposição ao soldado (castrensis) passou a ser o oposto a *christianus* [cf. EG.1, 134; RH.1, 132].

cor (*saber guardar*, *ter de* – = *de memória*) relembra-nos a época em que a anatomia antiga fazia do coração a sede dos sentimentos, da inteligência, da memória.

judiar (= *zombar*, *atormentar*) lembra-nos a época dos tormentos praticados ou sofridos pelos judeus. A palavra ***judas*** (= *homem mal trajado*) é uma aplicação do nome próprio *Judas* a quem o povo atribui qualidades negativas.

calabrear (= *misturar*; *confundir*; *mudar para pior*; *alterar vinhos*): documenta a má fama em que eram tidos os calabreses, acrescida pela lenda popular de que Judas era natural da Calábria, no sul da Itália. Cf. artigo de L. Spitzer, *Boletim de Filologia* (Lisboa), V, 3-4, pág. 376.

A maneira aristocrática de ver as coisas é responsável pela mudança de significado de algumas palavras:

vilão (saído do latim *villa* = quinta, aldeia), de "*camponês*" passou a designar "homem grosseiro", "perverso", "infame".

De vez em quando, surgem pessoas que querem ver expurgadas dos dicionários certas palavras depreciativas de povo ou localidade (como *judiar*, *baianada* e outros). É excesso de sentimento a que a História não se curva, nem o povo leva em conta, porque, no uso do termo,

não entra nas minúcias históricas do pesquisador, nem procura, usando a palavra, fazer juízo específico a respeito do povo ou da localidade.

g) Etimologia popular ou associativa

É a tendência que o falante – culto ou inculto – revela em aproximar uma palavra a um determinado significado, com o qual verdadeiramente não se relaciona.105

Às vezes a palavra recebe novo matiz semântico sem que altere sua forma. *Famigerado*, por exemplo, que significa "célebre", "notável",106 influenciado pela ideia e semelhança morfológica de faminto, passa, na linguagem popular, a este último significado. *Intemerato* (= sem mancha, puro), graças a *temer*, é considerado como sinônimo de *intimorato*; *inconteste* (= *s*em testemunho) passa a sinônimo de *incontestável*; *falaz* (= falso, enganador) é aproximado de *falador*.

Espécies de alteração semântica

A) Extensão do significado;

B) Enobrecimento do significado;

C) Enfraquecimento do significado.

A – ***Extensão do significado***

prédio (= propriedade rústica ou urbana inamovível) passou a designar qualquer edifício sem referência ao solo.

espraiar (= jogar algo à praia) alargou o significado como sinônimo de "estender-se por larga área".

embarcar (= entrar na barca) significa hoje "entrar em qualquer condução".

aliviar (= tornar mais leve uma carga) se diz hoje como igual a "minorar", "diminuir", "abrandar", uma culpa, um mal, o tempo (a chuva aliviou).

1 – **Restrição ou especialização do significado**

a) *fortuna* (destino bom ou mau) especializa seu sentido na direção positiva.

sucesso (acontecimento bom ou mau) passa a exprimir só o lado bom.

carta (= epístola) tinha em latim o sentido de qualquer livro, papel, escrito.

britar (significava "quebrar qualquer coisa") restringiu hoje o seu significado para "quebrar pedras".

b) *abreviação ou condensação: um havana* (= charuto de Havana); o champanha (= o vinho de Champagne); um (a) jato (= avião a jato).

2 – **Plenitude do significado**

Um milhão de reais já é uma *quantia*; José mostrou-se um *homem.*

B – ***Enobrecimento do significado***

emérito (aplicado ao funcionário que se aposentava) significa hoje *distinguido*, *ilustre*.

marechal (= criado do cavalo) passou a indicar o posto mais elevado do Exército.

pedagogo (era o escravo que conduzia as crianças à escola); significou depois o professor ou profissional em educação.

3 – **Degradação do significado (Pejorativos)**

vilão.

libertino (= escravo liberto) passou a indicar o indivíduo devasso, sem pudor.

libidinoso (= que segue seu capricho) significa hoje o dissoluto.
valetudinário (= de boa ou má saúde ou compleição) significa hoje só à má parte

C – ***Enfraquecimento do significado***

O emprego contínuo de uma palavra provoca a diminuição de sua energia semântica, mormente nas expressões afetivas. *Bajular* era "levar alguém às costas", o que enfatiza a ideia de servidão que tinha a palavra no início do seu emprego em expressões como "bajular o chefe".

Pequena nomenclatura de outros aspectos semânticos

1) **Polissemia** – É o fato de haver uma só forma (significante) com mais de um significado unitário pertencentes a campos semânticos diferentes. Ou, em outras palavras, a polissemia é um conjunto de significados, cada um unitário, relacionados com uma mesma forma. Portanto, não se pode ver a polissemia como "significados imprecisos e indeterminados", porque cada um desses significados é preciso e determinado:

pregar (um sermão) – *pregar* (= preguear uma bainha da roupa) – *pregar* (um prego)

manga (de camisa ou de candeeiro) – *manga* (fruto) – *manga* (= bando, ajuntamento) – *manga* (parede)

cabo (cabeça, extremidade, posto na hierarquia militar) – *cabo* (= parte de instrumento por onde esse se impunha ou utiliza: *cabo* da faca)

A polissemia é, portanto, um fato de língua.

É preciso não confundir a polissemia léxica ou *homofonia*107 com variação semântica ou polivalência no falar (fato de fala), que consiste na diversidade de acepções (sentidos) de um mesmo significado da língua segundo os valores contextuais, ou pela designação, isto é, graças ao conhecimento dos "estados de coisas" extralinguísticos:

pensar { um assunto / um ferimento

ponto {
- em geometria: um ponto no espaço
- em gramática: sinal de pontuação
- em teatro: auxiliar de atores
- em táxi: ponto de táxi
- em gíria escolar: o professor deu *ponto* novo ("matéria") / o aluno precisa de dois *pontos* (= grau)

Como lembra Coseriu, "antes de optar pela homofonia, dever-se-á perguntar se não se trata de variação (semântica): em todos os casos em que as homofonias ou polissemias não sejam evidentes (por exemplo, por se tratar de formas que pertencem a paradigmas diversos) (...), há de se buscar primeiro aquilo que caracteriza as línguas, isto é, invariantes de significado ou "significado unitário". E só quando se mostre absolutamente impossível "reduzir" todas as

acepções de uma forma a um valor unitário de língua, será lícito admitir homofonia (...)" [ECs.1, 206; AV.1, 101-102].

NOTA DE NOMENCLATURA: A tradição gramatical e os linguistas divergem na conceituação de *polissemia* e *homonímia*, criada ao tempo da linguística diacrônica. Por polissemia entende a tradição a "propriedade da significação linguística de abarcar toda uma gama de significações, que se definem e precisam dentro de seu contexto" [MC.4]. Exemplifica com a preposição *a* (significação gramatical) e a palavra *andar* (significação lexical): *ir a Lisboa*, *andar a* pé, *falar a Pedro*; *andar a largos passos*, *andar de automóvel*, *andar doente.*

2) **Homonímia** – Já por *homonímia* entende a tradição: "propriedade de duas ou mais formas, inteiramente distintas pela significação ou função, terem a mesma estrutura fonológica, os mesmos fonemas, dispostos na mesma ordem e subordinados ao mesmo tipo de acentuação; como exemplo: um homem *são*; *São* Jorge; *são* várias as circunstâncias (...)

Ela é possível sem prejuízo da comunicação em virtude do papel do contexto na significação de uma forma, como sucede com *são* nos exemplos dados [MC.4, s.v.].

Dentro da homonímia, alude-se, em relação à língua escrita, aos *homófonos* distinguidos por ter cada qual um grafema diferente, de acordo com o sistema ortográfico: *coser* 'costurar'; *cozer* 'cozinhar'; *expiar* 'sofrer'; *espiar* 'olhar sorrateiramente'; *sessão* 'ato de assistir'; *cessão* 'ato de ceder'; *cela* 'quarto para enclausuramento'; *sela* 'peça de arreio'[MC.4, s.v.].

O mesmo linguista aponta o artificialismo do conceito de *homógrafos*, "formas que se escrevem com as mesmas letras mas correspondendo elas a fonemas distintos, pois já não se trata evidentemente de homônimos da língua, cuja essência são as formas orais" [MC.4, s.v.].

Todos apontam a dificuldade de nem sempre se poder distinguir a polissemia da homonímia. Têm sido propostos alguns critérios para aclarar se se trata de uma mesma palavra com dois ou mais significados diferentes (polissemia) ou de duas palavras distintas com idênticos fonemas (homonímia):

a) critério histórico-etimológico – é o que fazem, em geral, os nossos dicionários;

b) a consciência linguística do falante;

c) critério das relações associativas;

d) critério dos campos léxicos.

Todos estes critérios estão sujeitos a críticas, como resenhou exaustivamente Geckeler [HG.1, 146-158].

Em erudito artigo, Coseriu chega, cremos, à correta interpretação da *polissemia*, na análise que faz do ensinamento de Aristóteles e resumo crítico desse artigo em AV.1, 92-107.

3) **Sinonímia** – É o fato de haver mais de uma palavra com semelhante significação, podendo uma estar em lugar da outra em determinado contexto, apesar dos diferentes matizes de sentido ou de carga estilística.

casa, *lar*, *morada*, *residência*, *mansão*

Um exame detido nos mostrará que a identidade dos sinônimos é muito relativa; no uso (quer literário, quer popular), eles assumem sentidos "ocasionais" que no contexto um não pode ser empregado pelo outro sem que se quebre um pouco o matiz da expressão. Uma série sinonímica apresenta-se-nos com pequenas gradações semânticas quanto a diversos domínios:

o sentido abstrato ou concreto; o valor literário ou popular (*fenecer* / *morrer*); a maior ou menor intensidade de significação (*chamar* / *clamar* / *bradar* / *berrar*); o aspecto cultural (*escutar*/*auscultar*) e tantas outras.

4) **Antonímia** – É o fato de haver palavras que entre si estabelecem uma oposição *contraditória* (*vida*; *morte*), *contrária* (*chegar*; *partir*) ou *correlativa* (*irmão*; *irmã*) [JK.1 *apud* HGe.1, 288 n.23].

Já Lyons [JLy.1 *apud* HGe.1, 291] entende que se podem distinguir três subconceitos do que se há de compreender por antonímia em sentido amplo:

a) *complementaridade* (a negação de uma implica a afirmação da outra e vice-versa: *João não está casado* implica que *João é solteiro*; *João está casado* implica que *João não é solteiro*);

b) *antonímia* (opostos por excelência: *grande* : *pequeno*);

c) *correlação* (*comprar* : *vender*; *marido* : *mulher*).

Quanto à sua manifestação constitucional, Mattoso cita os três aspectos diferentes:

a) mediante palavras de radicais diferentes: *bom* : *mau*;

b) com auxílio de um prefixo negativo em palavras do mesmo radical: *feliz* : *infeliz*; *legal* : *ilegal*; *político* : *apolítico*;

c) palavras que têm prefixos de significação contrária: *excluir* : *incluir*; *progredir* : *regredir*; *superpor* : *soto-pôr*.

Às vezes, a negação serve para atenuar a oração afirmativa: *Pedro não está bem* : *Pedro está mal*.

Às vezes ocorre a antonímia porque a palavra apresenta valor ativo e passivo:

alugar { a) dar de aluguel / b) receber de aluguel

emprestar { a) dar de empréstimo / b) receber de empréstimo

hóspede { a) quem recebe a hospedagem / b) quem dá a hospedagem (hoje hospedeiro)

esmolar { a) dar esmolas / b) receber esmolas

5) **Paronímia** – É o fato de haver palavras parecidas na forma e diferentes no significado:

Os parônimos dão margem a frequentes erros de impropriedade lexicais:

proscrever: proibir
prescrever: aconselhar

tráfego: trânsito
tráfico: comércio

ratificar: confirmar
retificar: corrigir

infringir: transgredir, violentar
infligir: aplicar pena, castigo

descrição: ato de descrever
discrição: qualidade de quem é discreto

intimorato: destemido, intrépido
intemerato: puro, imaculado

iminente: pendente, próximo para acontecer
eminente: ilustre

C) Estrutura do enunciado ou período. A oração e a frase

I – A Oração e as Funções Oracionais

Enunciado ou período – Toda a manifestação da linguagem com vistas à comunicação com nossos semelhantes se constrói com uma sequência de unidades delimitadas por um silêncio que precede o início dessa atividade e o que se lhe segue, acompanhada de contorno melódico, também chamado curva de entoação e normalmente marcada, na escrita, pelos sinais de pontuação e pelo emprego da maiúscula inicial:

O galo-da-campina ergue a poupa escarlate fora do ninho.

A esta unidade linguística que faz referência a uma experiência comunicada e que deve ser aceita e depreendida cabalmente pelo nosso interlocutor se dá o nome de *enunciado* ou *período*.

Há enunciados relativamente curtos, como o do nosso exemplo, ou ainda mais curtos, como *Sim* ou *Vou*, e há os que se dilatam por muito maior extensão:

O galo-da-campina ergue a poupa escarlate fora do ninho e seu límpido trinado anuncia a aproximação do dia.

Conforme a realidade designada, os enunciados se apresentam com formas variadas:

1. Os homens desejam a paz.
2. Ela não trabalha aos sábados.
3. Muitas crianças viram os pássaros.
4. Bebel gosta do colégio.
5. O chefe dará oportunidades aos jovens.
6. O sol é um astro luminoso.
7. Chove muito no verão.

8. Relampeja.
9. Que achou você da festa?
10. Eles ainda não chegaram?!
11. Vivam os campeões!
12. Que calor!
13. Depressa!

Apesar de tão variadas formas por que se apresentam os enunciados, há traços comuns que devem ser ressaltados [AL.1, 256]:

a) são mensagens completas e de acordo com a situação em que se acham falante e ouvinte;

b) são unidades sequenciais delimitadas por um silêncio precedente a ele e uma pausa final;

c) são proferidos com um contorno melódico particular.

Esta curva de entonação é o significante ou expressão material que evoca a modalidade de intenção comunicativa do enunciado (significado ôntico) que o falante quer transmitir ao seu interlocutor:

a) ou para lhe expor, afirmando ou negando, certos fatos (*Pedro estuda. Pedro não estuda*.);

b) ou para indagar sobre algo (*Pedro estuda*? *Pedro não estuda*? *Quem chegou*?);

c) ou para apelar-lhe, em geral, atuando sobre ele (*Dê-me o livro. Não me dê o livro. Volte cedo*.);

d) ou para chamar-lhe a atenção (*Ó Pedro.*);

e) ou para traduzir-lhe os próprios pontos de vista ou sentimentos (*Que prazer*! *Como está frio*!).

Assim, quanto à significação fundamental do enunciado, temos cinco tipos ou classes essenciais deles: *declarativo* ou *enunciativo*, *interrogativo*, *imperativo-exortativo*, *vocativo* e *exclamativo*, dos quais o primeiro corresponde à função representativa – informativa da linguagem, os três seguintes à função apelativa e o último à função expressiva [HC.1, s. v. Frase].

Entre o primeiro e o segundo tipos há maior afinidade do que entre o primeiro e os restantes. Talvez porque o primeiro encerre o aspecto ou papel fundamental da intenção comunicativa da linguagem, é considerado o enunciado típico – base do impulso inicial da especulação gramatical pela lógica grega –, do qual os outros tipos são considerados derivados ou ao qual todos os outros tipos se podem reduzir. Por isso é que a unidade linguística, dentro desta concepção original, recebe o nome de *enunciado*; na tradição gramatical brasileira, *período.*

Oração e frase – Entre os tipos de enunciados há um conhecido pelo nome de *oração* que, pela sua estrutura, representa o objeto mais propício à análise gramatical, por melhor revelar as relações que seus componentes mantêm entre si, sem apelar fundamentalmente para o entorno (situação e outros elementos extralinguísticos) em que se acha inserido. É neste tipo de enunciado chamado *oração* que se alicerça, portanto, a gramática, e será especificamente dela que trataremos a seguir.

Mas antes devemos adiantar que o enunciado também aparece sob forma de *frase*, cuja estrutura interna difere da oração porque não apresenta relação predicativa. São às vezes simples palavras, outras vezes uma reunião delas, que são transpostas à função do enunciado. Em nosso exemplário anterior, constituem *frases* os seguintes enunciados:

Depressa!
Que calor!

Mais adiante trataremos desse tipo de enunciado com mais atenção.

A oração se caracteriza por ter uma palavra fundamental que é o *verbo* (ou sintagma verbal) que reúne, na maioria das vezes, duas unidades significativas entre as quais se estabelece a *relação predicativa* – o *sujeito* e o *predicado*:

Sujeito	*Predicado*
Pedro	estuda.
Pedro	não estuda.

Comparemos agora as seguintes possibilidades:

Eu estudo português às segundas-feiras no horário da manhã.
Eu estudo português às segundas-feiras.
Eu estudo português.
Eu estudo.
Estudo.

Nas possibilidades acima, o único constituinte indispensável foi o verbo *estudo*, o que o faz *núcleo* da oração, enquanto os outros constituintes são adjacentes ao núcleo. Esta adjacência não guarda a mesma relação entre os diversos constituintes da oração, pois a relação entre o sujeito *eu* é mais estreita com o verbo *estudo* que os demais. Mas a relação predicativa pode ser *referida* a um sujeito, como em *Eu estudo*, ou *não referida*, como *Chove*. Por isso, nem mesmo o sujeito é um constituinte imprescindível da oração e, por conseguinte, da relação predicativa, embora a sua presença ao lado do verbo pessoal constitua o tipo mais frequente – diríamos até a estrutura favorita – de oração em português.

Em *Chove*, o verbo flexionado na 3.ª pessoa – marca o sujeito gramatical, isto é, assinalado apenas gramaticalmente, mas temos uma relação predicativa não referida, pois não admite sujeito explícito. Diz-se que o verbo é *impessoal* e a oração é *sem sujeito explícito*. A chamada 3.ª pessoa é a não pessoa, é a não eu nem meu interlocutor, e assim é a forma utilizada para indicar a relação predicativa não referida, isto é, as orações sem sujeito explícito.

Sujeito e predicado – O primeiro grupo natural corretamente identificado exerce uma função sintático-semântica chamada SUJEITO, e o segundo grupo exerce outra função sintático-semântica chamada PREDICADO.

Sujeito	*Predicado*
Os homens	desejam a paz.
Eu	trabalho como professor.
Muitas crianças	viram os pássaros
O bom filho	compreende o esforço dos pais
O sol	é um astro luminoso.

Conhecendo melhor o sujeito: núcleo e determinantes 108 – Chama-se sujeito à unidade ou sintagma nominal que estabelece uma relação predicativa com o núcleo verbal para constituir uma oração. É, na realidade, uma *explicitação léxica* do sujeito gramatical que o núcleo verbal da oração normalmente inclui como morfema número-pessoal. Em:

Eu estudo no colégio e eu e dois irmãos brincamos no clube,

os núcleos verbais das duas orações *estudo* e *brincamos* incluem os morfemas *–o* (*estud-o*) e *–mos* (*brinca-mos*), que indicam os sujeitos gramaticais "1.ª pessoa do singular" e "1.ª pessoa do plural", respectivamente. Estes sujeitos gramaticais, quando necessários ao melhor conhecimento da mensagem veiculada no texto, podem ser explicitados por *formas léxicas* que guardam com os sujeitos gramaticais a relação gramatical de concordância em número e pessoa. Assim é que em *Eu estudo*, *eu*, pronome de 1.ª pessoa do singular, se acomoda à indicação do morfema *–o*, indicador, nos verbos, da 1.ª pessoa do singular no presente do indicativo:

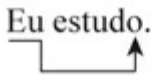

Já em *brincamos*, o sujeito gramatical "1.ª pessoa do plural" está indicado pelo morfema *–mos*. Este sujeito inclui necessariamente a pessoa que fala (eu), mas abre um amplo leque de pessoas que com ela participam do processo indicado pelo lexema *brincar*:

Eu e meu vizinho
Eu e minha colega
Eu e os primos, etc.

Por isso, sente o falante a necessidade de explicitar, de indicar claramente a que pessoas ele quer referir-se:

Eu e dois irmãos brincamos no clube.

Vê-se, então, que não se pode falar, a rigor, de elipse do sujeito, quando aparece apenas o núcleo verbal da oração (*Estudo*, *Brincamos*), já que ele aparece sempre presente na forma verbal flexionada no morfema que representa o sujeito gramatical (1.ª, 2.ª e 3.ª pessoas, do singular ou plural). Trata-se, pelo contrário, da sua expansão ou não, mediante o sujeito explícito, fato que não está mais na exigência da gramática (quando há, é claro, relação predicativa referida, mas do texto, para a transmissão efetiva e clara da mensagem).

Sujeito é uma noção gramatical, e não semântica, isto é, uma referência à realidade designada, como ocorre com as noções de *agente* e *paciente*. Assim, o sujeito não é necessariamente o agente do processo designado pelo núcleo verbal, como se patenteia em:

Machado de Assis escreveu extraordinários romances.

O sujeito pode representar o paciente desse processo:

Extraordinários romances foram escritos por Machado de Assis.

O sujeito, quando explicitado ou claro na oração, está representado – e só pode sê-lo – por uma expressão substantiva exercida por um *substantivo* (*homem*, *criança*, *sol*) ou pronome (*eu*) ou equivalente. Diz-se, portanto, que o núcleo do sujeito é um substantivo ou equivalente. Uma palavra não é substantivo porque pode exercer a função de sujeito; ao contrário, só pode ser sujeito porque é um substantivo ou equivalente.

A característica fundamental do sujeito explícito é estar em consonância com o sujeito gramatical do verbo do predicado, isto é, se adapte (isto é, *concorde*) a seu número, pessoa e gênero (neste caso quando há particípio no predicado):

Eu nasci. *Nós nascemos*. Elas não *eram nascidas*.

O reconhecimento seguinte do sujeito se faz pela sua posição normal à esquerda do predicado, bem como por responder às perguntas *quem*? (aplicado a seres animados), *que*? *o quê*? (aplicado a coisas), feitas antes do verbo.

José escreveu uma bela redação.

Quem escreveu uma bela redação? – *José*

O livro caiu.

Que caiu? – *O livro*.

Muitas vezes a expressão substantiva núcleo do sujeito – ou de qualquer função que tem por núcleo uma expressão substantiva – se faz acompanhar de determinantes que têm por papel expressivo *dizer algo acerca de algo com signos da língua*, isto é, com instrumentos verbais da língua. Assim, para ficarmos só nos limites do grupo natural representado pelo sujeito de enunciados, os determinantes dos núcleos substantivos são: *os* (homens), *muitas* (crianças), *o* e *bom* (filho), *o* (sol).

1) Determinantes, pré-determinantes e pós-determinantes

O exemplo da oração:

O bom filho compreende o esforço dos pais

nos põe diante da possibilidade de estar o núcleo substantivo que funciona como sujeito explícito acompanhado de mais de um determinante (*o* e *bom*). Nestes casos, a língua portuguesa conhece determinantes que podem figurar antes de outro determinante (os pré-determinantes) e os que podem figurar depois de outro determinante (os pós-determinantes).

Os determinantes estão, em geral, representados pelas seguintes classes de palavras: *adjetivo*, *artigo* e *pronome demonstrativo* ou equivalentes de adjetivos (estes veremos mais adiante):

Noites *claras* prenunciam bom tempo.

O livro está esgotado.

Esta manhã prometia chuva.

Na sequência de determinantes, aparecem como pré-determinantes, à esquerda do determinante, as palavras que podem receber globalmente o nome de *Quantificador* (*algum*, *certo*, *vários*, *todo*, *todos*, *qualquer*, *alguns* (*de*), *vários* (*de*), etc.:

Alguns bons momentos são inesquecíveis.

Todos os alunos saíram.

Alguns de nós não foram à festa.

Aparecem como pós-determinantes, isto é, as palavras que ocorrem à direita do determinante e do pré-determinante, o *pronome possessivo* e o *numeral*:

Os *seus* livros não estavam na estante.

Aqueles *dois* erros eram graves.

Vários de *meus* sobrinhos são engenheiros.

Aqueles *dois seus* vizinhos trabalham no comércio.

Antes de passarmos à descrição dos termos sintáticos integrantes da oração em português, precisamos falar de algumas noções que se fazem necessárias a que tal tarefa se realize o mais adequadamente possível. Estas noções dizem respeito *a termos nucleares* e *marginais* e *termos argumentais* e *não argumentais*, *termos opcionais* e *não opcionais*, e, finalmente, *termos integráveis* e *não integráveis*.

2) Termos nucleares e marginais

Numa oração como:

Graciliano falou de temas universais em seus romances,

além de *Graciliano* e *falou*, que são núcleos do sujeito e do predicado, temos os termos *de temas universais* e *em seus romances*, que se dizem *nucleares*, do ponto de vista sintático-semântico, porque estão intimamente referidos à relação predicativa, já que *de temas universais* explicita aquilo de que falam os romances de Graciliano Ramos, enquanto *em seus romances* faz alusão ao tipo de escritos nos quais o autor fala desses temas.

Já em:

Certamente, Graciliano viveu experiências amargas, durante sua vida,

muitas experiências amargas e *durante sua vida* são *nucleares*, porque também estão intimamente ligados, pelas relações sintáticas e semânticas, à função predicativa da oração, que tem por núcleo o verbo *viveu*. Tal não ocorre, porém, com o termo *certamente*, que não está referido nem somente ao sujeito nem somente ao predicado, mas a toda a oração. Esta independência sintática e semântica lhe permite deslocar-se livremente nos limites da oração:

Certamente, Graciliano viveu experiências amargas durante sua vida.
Graciliano, certamente, viveu experiências amargas, durante sua vida.
Graciliano viveu, certamente, experiências amargas durante a sua vida.
Graciliano viveu experiências amargas, certamente, durante a sua vida.
Graciliano viveu experiências amargas durante a sua vida, certamente.

Este termo *certamente*, verdadeiro comentário à parte do narrador, se considera um termo *marginal* da frase, de que nos ocuparemos mais adiante.

3) Termos argumentais e não argumentais – Se os termos nucleares se referem sintática e semanticamente à relação predicativa da oração, eles nem sempre o são no mesmo grau de coesão e de dependência ou subordinação. Assim, na oração:

Graciliano conheceu experiências amargas durante sua vida,

experiências amargas e *durante sua vida*, já o dissemos, são termos nucleares, mas o primeiro (*experiências amargas*) está mais estreitamente ligado ao conteúdo do pensamento designado pelo verbo *conhecer* do que o termo *durante sua vida*. Dizemos, então, que o termo nuclear *experiências amargas* é também um termo *argumental* ou é um *argumento*, porque aparece solicitado ou regido pelo significado lexical referido pelo verbo *conheceu*. Já o termo *durante sua vida* não está condicionado pelas relações sintáticas e semânticas do mesmo verbo; por isso pode não aparecer na referida oração, sem que esta se prejudique na sua estruturação sintático-semântica:

Graciliano conheceu experiências amargas,

o que não se daria, se eliminássemos o termo argumental *experiências amargas*:

* Graciliano conheceu durante sua vida.

Assim, *durante sua vida* é um termo *não argumental*. *Argumental* e *não argumental* distinguem as mesmas características sintáticas e semânticas que a gramática tradicional utiliza para separar os *complementos* ou termos *regidos* ou ainda *integrantes* dos *adjuntos* ou termos *acessórios*.

Além da capacidade de poder ser eliminado da oração, o termo não argumental, pela sua coesão fraca e independência sintático-semântica em relação ao predicado, goza de maior liberdade de colocação na *oração*, marcado com pausa adequada, assinalada quase sempre por sinais de pontuação:

Graciliano conheceu experiências amargas durante sua vida.
Durante sua vida, Graciliano conheceu experiências amargas.
Graciliano conheceu, durante sua vida, experiências amargas.

Esta liberdade, já o vimos, conheceu também o termo marginal *certamente*, do exemplo anterior; só que *durante sua vida* é termo nuclear, e não marginal, porque está referido ao predicado das orações acima. Esta liberdade se deve às características sintáticas e semânticas do verbo *conheceu*.

É oportuno lembrar também que um termo argumental o é por motivação das características sintáticas e semânticas da relação predicativa, e não apenas pelo conteúdo designado. Assim, uma noção de lugar como *no Brasil* pode funcionar como argumental ou complemento na oração (1), e como não argumental na oração (2):

(1) Ele mora *no Brasil.*
(2) Ele trabalha *no Brasil.*

Na oração (1), em condições normais, não se pode prescindir de *no Brasil*:

* Ele mora.

Já na oração (2), o apagamento de *no Brasil* é perfeitamente normal:

Ele trabalha.

4) Termos opcionais e não opcionais – É preciso não confundir termo argumental e não-argumental com termo não-opcional e opcional, respectivamente.

Muitas vezes um termo argumental, isto é, condicionado pelas características sintáticas e semânticas de recção ou regência do termo regente, pode ser dispensado, apagado ou eliminado da oração pelo falante ou porque já foi referido anteriormente e, por isso, é facilmente subentendido pelo ouvinte, ou porque, graças ao conhecimento que temos das coisas e do mundo, a nossa experiência também facilmente entende aquilo de que estamos falando.

Assim é que não se precisa repetir o sujeito *Antônio* junto ao segundo verbo do grupo de orações:

Antônio saiu cedo, mas não gostou da ideia,

que seria

Antônio saiu cedo, mas Antônio não gostou da ideia.

Também em razão do nosso saber sobre as coisas do mundo extralinguístico é que podemos fazer o chamado "emprego absoluto" de vários verbos, desacompanhados de seus argumentos ou complementos, implícitos na ação designada pelo verbo, mas que a nossa experiência recupera. Podemos ser entendidos e a oração "fazer sentido" com enunciados do tipo:

Hoje não *escrevi* [sabe-se que se trata de um texto qualquer]

Enchi o copo [sabe-se que se trata de um líquido, água, suco, etc.]

Não se fazem tais apagamentos se se trata de uma declaração que contrarie a nossa experiência:

Enchi o copo *de areia*.

5) Termos integráveis e não integráveis – Cabe, por fim, distinguir termos *integráveis* e termos *não integráveis*. Chamam-se integráveis aquelas funções sintáticas que podem ser substituídas por pronome pessoal adverbal átono, também chamado *clítico* (do grego *klísis* 'inclinação') pela possibilidade de integrar-se no mesmo grupo acentual da palavra a que se inclina na pronunciação, na curva melódica.

No português, são integráveis os complementos direto e indireto, como veremos ao seu tempo. Bastem-nos estes exemplos:

Li *o livro* – Li-*o*.

Viu *as crianças* – Viu-*as*.

Dei o livro *a Pedro* – Dei-*lhe* o livro.

Escreveram carta *aos primos* – Escreveram-*lhes* cartas.

Termos argumentais podem não ser integráveis: é o que acontece com o complemento relativo. Neste caso, a expressão que substitui esta função está representada por um sintagma prepositivo que repete a mesma preposição seguida dos pronomes *ele*, *ela*, *eles*, *elas* ou *isso*:

Não pensava *nos amigos* / Não pensava *neles*.

Assistimos *ao jogo* / Assistimos *a ele*.

Por outro lado, termos não argumentais podem ser integráveis, como ocorre com o chamado dativo de interesse, que estudaremos mais adiante:

Não *me* mexam nesses papéis!

Conhecendo melhor o predicado: núcleo e determinantes – Já vimos que sujeito e predicado organizam a relação predicativa, relação que constitui oração favorita e normal da língua portuguesa, organização que se traduz por marcas formais, como a concordância de número e pessoa, que estudaremos mais adiante.

O núcleo do predicado está constituído por uma classe de palavra chamada *verbo*; assim é que as orações ditas favoritas não dispensam o verbo, explícito, ou oculto pelas possibilidades da referência discursiva.

O predicado de uma oração pode ser *simples* ou *complexo*, conforme o conteúdo léxico do verbo que lhe serve de núcleo. Há verbos cujo conteúdo léxico é de grande extensão semântica; de modo que, se desejamos expressar determinada realidade, temos de delimitar essa extensão semântica mediante o auxílio de outros signos léxicos adequados à realidade concreta. Estes outros signos léxicos que nos socorrem nessa delimitação da extensão

semântica do verbo, verdadeiros delimitadores semânticos verbais, se chamam *argumentos* ou *complementos verbais*.

Os verbos que necessitam dessa delimitação semântica recebem o nome de *transitivos*:

O porteiro *viu o automóvel.*

Eles *precisam de socorro*.

Os verbos que apresentam significado lexical referente a realidades bem concretas não necessitam de outros signos léxicos, como fazem os que integram predicados complexos. Dizemos, então, que o predicado é *simples*. A tradição gramatical chama *intransitivos* a tais verbos:

Ela não *trabalha*.

José *acordou* cedo.

As crianças *cresceram* rapidamente.

Um mesmo verbo pode ser usado transitiva ou intransitivamente, principalmente quando o processo verbal tem aplicação muito vaga:

Eles *comeram* maçãs (transitivo).

Eles não *comeram* (intransitivo).

Esta particularidade só é possível quando a extensão significativa do verbo aponta para um termo geral (arquilexema) que englobe a natureza de todos os signos léxicos que naturalmente apareceriam à direita do verbo:

Eles *bebem* pouco (algo líquido: *água*, *refrigerante*, *suco*, etc.).

O aluno não *escreveu* (um texto: *bilhete*, *carta*, *oração*, etc.).

E é justamente por isso que não se podem usar intransitivamente, a não ser que os entornos venham em socorro da perfeita compreensão da mensagem, predicados do tipo:

Ele ofereceu

Nós reparamos,

já que o signo lexical do complemento não pode ser preenchido por um signo léxico abrangente, um arquilexema, como ocorreu nos exemplos anteriores.

Certos verbos normalmente transitivos, quando empregados intransitivamente, podem adquirir especial matiz semântico:

Ele não *vê* / 'não enxerga', 'é cego'

Já não *bebe* / 'abandonou o alcoolismo'

Ainda não *lê* / 'é analfabeto'

Por tudo isto, conclui-se que a oposição entre transitivo e intransitivo não é absoluta, e mais pertence ao léxico do que à gramática.

1) Os tipos de argumentos determinantes do predicado complexo

a) O complemento direto ou objeto direto – O predicado complexo acompanha-se de tipos diferentes de argumentos, conhecidos por *complementos verbais*.

O primeiro deles é o *complemento direto*, também chamado *objeto direto*, representado por um signo léxico de natureza substantiva (substantivo ou pronome) não introduzido por preposição necessária:

Os vizinhos não viram *o incêndio*.

Não encontramos *os responsáveis*.

O pai comprou *nova casa*.

Constituído, como o sujeito, por expressão substantiva não marcado por um índice funcional (a preposição, neste caso), o complemento direto se distingue do sujeito por vir à direita do verbo (o sujeito vem normalmente à esquerda) e não influir na flexão deste. Assim, a troca de posição destes dois termos na oração está circunscrita aos casos em que dela não resulte ambiguidade ou ruído de comunicação, principalmente no texto escrito. No texto oral, são as pausas e a entonação elementos decisivos para que a oração respeite a intenção comunicativa do falante, sem deixar de haver também, é evidente, a contribuição dos entornos:

José viu o irmão não é a mesma coisa que *O irmão viu José*. Mas já em *José viu os irmãos* e *Os irmãos viu José*, a flexão do verbo no singular patenteia que o sujeito, nas duas orações, só pode ser *José*.

A identificação deste tipo de complemento se faz, além da não presença de preposição necessária, mediante as seguintes estratégias:

a) a comutação do complemento direto pelos pronomes pessoais *o*, *a*, *os*, *as*, marcados formalmente com o gênero e o número do termo comutado:

Os vizinhos não viram *o incêndio* / ... não *o* viram
Não encontramos *os responsáveis* / ... não *os* encontramos
O pai comprou *nova casa* / ... *a* comprou

b) a passagem da oração na chamada voz ativa para a oração de voz passiva, mediante a qual o sujeito da ativa se transforma em agente da passiva introduzido pela preposição *por* (na combinação *per*), enquanto o complemento direto da ativa passa a sujeito da passiva:

Os vizinhos não viram *o incêndio* / *O incêndio* não foi visto *pelos vizinhos*.
Não encontramos *os responsáveis* / *Os responsáveis* não foram encontrados *por nós*.
O pai comprou *nova casa* / *Nova casa* foi comprada *pelo pai*.

c) a substituição do complemento direto pelos pronomes interrogativos *quem?* [é que] (para pessoas) e [o] *que* [é que]*?* antes da sequência sujeito + verbo, ou antes dos verbos *fazer* ou *acontecer*:

O caçador viu *o companheiro*.
Quem é que o caçador viu? – *o companheiro* (complemento direto)
O caçador viu *o lobo*.
Que é que o caçador viu? – *o lobo* (complemento direto)

d) finalmente, a transposição (topicalização) do complemento direto para a esquerda do verbo, operação que permite a presença de um pronome pessoal objetivo no local vizinho ao verbo onde deveria estar o complemento direto:

O caçador viu *o lobo* / *O lobo*, o caçador *o* viu

Nenhuma dessas estratégias por si só é operação infalível na identificação do complemento

direto; devemos, portanto, utilizar mais de uma estratégia, porque:

a) nem todo predicado complexo de oração de voz ativa admite a passagem à oração de voz passiva; ocorre o fato com certos verbos, como os seguintes [AB.1]:

*Eu quis o livro → *O livro foi querido por mim.*
*Cremos isso → *Isso é crido por nós.*
*O aluno tem o livro → *O livro é tido pelo aluno.*
*Os refugiados perderam tudo → *Tudo foi perdido pelos refugiados.*
*O atleta pesava 60 quilos → *60 quilos eram pesados pelo atleta.*

b) por outro lado, certos predicados complexos delimitados por signo léxico não constituído com complemento direto também admitem a transformação de oração de voz ativa em oração de voz passiva:

Assistimos à missa → A missa foi assistida por nós.
O proprietário pagou aos operários → Os operários foram pagos pelo proprietário.
O diretor perdoará aos alunos → Os alunos serão perdoados pelo diretor.
Os cidadãos obedecem à lei → A lei é obedecida pelos cidadãos.
Todos responderam ao anúncio → O anúncio foi respondido por todos.
Apelaram da sentença → A sentença foi apelada.
Não aludiram a essas razões → Essas razões não foram aludidas.

c) não são naturais, embora gramaticalmente possíveis, as perguntas com *quem*?, *que*? nas frases cujos predicados complexos contêm verbos que significam medida, peso, preço e tempo:

O corredor mede cinco metros.
O atleta pesa sessenta quilos.
O novo carro custou trinta mil reais.
O filme durou três horas.

d) também não são frequentes, embora gramaticalmente possíveis, as pronominalizações com os verbos da natureza semântica referida no item anterior:

O corredor mede-os.
O atleta pesa-os.
O novo carro custou-os.
O filme durou-as.

b) Objeto direto preposicionado – Não raro o objeto aparece iniciado por preposição:

Amar a Deus sobre todas as coisas.

A preposição quase sempre aparece para evidenciar o contraste entre o sujeito e o complemento, não se confundindo com o caso do posvérbio, porque este repercute na significação do verbo. Ocorre o objeto direto preposicionado nos seguintes casos principais:

a) quando se trata de pronome oblíquo tônico (uso hoje obrigatório):

"Nem ele entende *a nós*, nem nós *a ele"* [LC.1, V, 28].

b) quando, principalmente nos verbos que exprimem sentimentos ou manifestações de sentimento, se deseja encarecer a pessoa ou ser personificado a quem a ação verbal se

dirige ou favorece:

Amar *a Deus* sobre todas as coisas.

Consolou *aos amigos*.

c) quando se deseja evitar confusão de sentido, principalmente quando ocorre:

1) *inversão* (o objeto direto vem antes do sujeito):

A Abel matou Caim.

2) *comparação*:

"Isto causou estranheza e cuidados ao amorável Sarmento, que prezava Calisto como *a filho*" [CBr.1, 80].

OBSERVAÇÃO: Sem preposição poder-se-ia interpretar *filho* como sujeito: *como filho preza*; todavia, o uso da preposição neste caso não é gramaticalmente obrigatório.

d) na expressão de reciprocidade: *um ao outro*, *uns aos outros*:

Conhecem-se *uns aos outros*.

e) com o pronome relativo *quem*:

Conheci a pessoa *a quem* admiras.

f) nas construções paralelas com pronomes oblíquos (átonos ou tônicos) do tipo:

"Mas engana-se contando com os falsos que nos cercam. Conheço-os, e *aos leais*" [AH.3, 102].

g) nas construções de objeto direto pleonástico, sem que constitua norma obrigatória:

"Ao ingrato, ou não o sirvo, porque (para que) me não magoe" [RLb.2, 278].

c) A preposição como posvérbio – Muitas vezes aparece depois de certos verbos uma preposição que mais serve para lhes acrescentar um novo matiz de sentido do que reger o complemento desses mesmos verbos:

Arrancar a espada.

Arrancar da espada (acentua a ideia de uso do objeto e a retirada total da bainha ou cinta).

Cumprir o dever.

Cumprir com o dever (acentua a ideia de zelo ou boa vontade para executar algo).

Fiz que ele visse.

Fiz com que ele visse (acentua a ideia do esforço ou dedicação empregada).

A preposição que se emprega nestes casos deu-lhe o Prof. Antenor Nascentes o nome de *posvérbio* [AN.2, 17].

d) O complemento relativo – O predicado complexo também pode conter verbo cujo conteúdo léxico é de grande extensão semântica, que exige outro tipo de signo léxico que delimite e especifique a experiência comunicada, à semelhança do que vimos com o complemento direto. A diferença é que neste segundo caso o determinante do predicado complexo vem introduzido por preposição; a tal termo preposicionado chamamos *complemento relativo* [RL.1, 251]:

Todos nós *gostamos de cinema*.

O marido não *concordou com a mulher*.

Poucos *assistiram ao concerto*.

O comerciante não *confiou no empregado*.

A preposição que introduz o complemento relativo constitui uma extensão do signo léxico verbal como parece indicar o fato de que cada verbo se acompanha de sua própria preposição, por servidão gramatical.

A escolha de qual preposição deva introduzir este complemento relativo depende da norma estabelecida pela tradição, tradição que pode permitir, às vezes, o emprego variado e indiferente de mais de uma preposição:

Ela se parece *ao* pai Ela se parece *com* o pai.

Há, todavia, certos usos gramaticalmente previsíveis, como a frequente identidade do prefixo e da preposição (*depender de*, *concorrer com*, *agregar a*, por exemplo), ou a preferência relativa da preposição *de* depois de verbos pronominais (*arrepender-se de*, *queixar-se de*, *lembrar-se de*, *condoer-se de*, por exemplo), o que não deixa de ser aspectos da historicidade da norma.

A identidade, como termos funcionais argumentais do predicado complexo, entre o complemento direto e o complemento relativo justifica a quase nula frequência de coexistirem os dois termos no mesmo predicado, e nenhuma na coordenação deles:

O vizinho disse *mentiras do primo*.

O comerciante encheu *o copo de vinho*.

A jovem pôs *os livros na estante*.

Por outro lado, essa identidade funcional explica a possibilidade de, para muitos verbos, alternar a construção do complemento direto com o complemento relativo e até a norma admite indiferentemente qualquer dos dois complementos:

Ajudar a missa	*Ajudar à missa*
Atender o telefone	*Atender ao telefone*
Assistir os carentes	*Assistir aos carentes*
Chamar românicas essas línguas	*Chamar românicas a essas línguas*
Presidir a sessão	*Presidir à sessão*
Satisfazer o pedido	*Satisfazer ao pedido*

No decurso do tempo e nas variedades linguísticas (diatópicas, diastráticas e diafásicas é muito documentada essa mudança entre o complemento direto e o complemento relativo; assim, já se usaram como complemento relativo (o que hoje se fixou como complemento direto) os verbos *socorrer*, *contentar* e muitos outros.

O signo léxico que representa o complemento relativo é comutável pelos pronomes pessoais tônicos *ele*, *ela*, *eles*, *elas*, introduzidos pela respectiva preposição, marcando o gênero e o número da expressão substantiva comutada:

Todos gostam *do ator*. Todos gostam *dele*.

Os turistas assistiram *à opera*. Os turistas assistiram *a ela*.

O comerciante não confiou *nos empregados*. O negociante não confiou *neles*.

Porque delimitam a extensão semântica do signo léxico do predicado complexo, incluem-se como complemento relativo os argumentos dos verbos ditos locativos, situativos e direcionais, o que permite sua comutação com advérbios de equivalência semântica:

Seus parentes moram *no Rio*. / Seus parentes moram *aqui*.

O artista já não vive *em São Paulo*. / O artista já não vive *lá*.

Iremos *a Petrópolis*. / Iremos *aí* (*ali*).

Ela chegou *do Ceará*. / Ela chegou *de lá*.

OBSERVAÇÃO: Não há unanimidade entre os estudiosos em considerar tais argumentos do predicado complexo como complementos relativos. Levando em conta exclusivamente o aspecto semântico, muitos preferem considerar tais termos como adjuntos circunstanciais ou adverbiais, que estudaremos mais adiante. Pelas mesmas razões, também não é unânime a identificação como objeto direto argumentos do predicado complexo que têm por núcleo verbos que significam medida, peso, preço e tempo. A verdade é que significados gramaticais ["agente", "paciente", "locativo", "direção", etc.] se manifestam mediante esquemas sintáticos muito variados. Repare-se que, numa oração como *O policial acompanhou o idoso ao banco na hora do tumulto*, o termo indicativo do lugar (*ao banco*) é inerente ao predicado, e, portanto, não pode ser dispensado, como ocorre com *na hora do tumulto* [E. Paiva, 71 e ss.]

e) O complemento objeto indireto – Integrada a delimitação da amplitude semântica do predicado complexo mediante um signo léxico (*complemento direto* ou *complemento relativo*), pode aparecer um outro signo léxico, subsidiário desse conjunto da função predicativa, que denota geralmente relação a um ser animado, introduzido pela preposição *a* e que se refere à pessoa destinada ou beneficiada pela experiência comunicada no primeiro momento da intenção comunicativa do predicado complexo (verbo + argumento):

O diretor *escreveu cartas AOS PAIS*.

Os vizinhos *se queixaram* do *barulho À POLÍCIA*.

Este novo argumento do predicado complexo se chama *complemento* ou *objeto indireto* [HB.1, 261] e apresenta as seguintes características formais e semânticas: a) é introduzido apenas pela preposição *a* (raramento *para*); b) o signo léxico denota um ser animado ou concebido como tal; c) expressa o significado gramatical "beneficiário", "destinatário"; d) é comutável pelo pronome pessoal objetivo *lhe* / *lhes*, que leva a marca de número do signo léxico referido, mas não a de gênero, como ocorre no caso dos pronomes pessoais que comutam o signo léxico correspondente ao complemento direto (*o*, *a*, *os*, *as*) ou ao complemento relativo (prep. + *ele*, *ela*, *eles*, *elas*).

Enviaram o presente *à aniversariante*. / Enviaram-*lhe* o presente.

O diretor escreveu cartas *aos pais*. / O diretor escreveu-*lhes* cartas.

Acrescente-se ainda a possibilidade de poder esse pronome duplicar o complemento indireto na mesma oração, sem que este termo esteja obrigado a topicalizar-se, isto é, a aparecer antecipado na oração:

Sempre *lhe* dei *ao aluno* muita atenção.

Ao aluno sempre *lhe* dei muita atenção.

Assim, o complemento indireto é um termo que se distancia mais da delimitação semântica do predicado complexo e parece melhor um elemento adicional da intenção comunicativa que fica, no esquema sintático, a meio caminho entre os verdadeiros complementos verbais e os adjuntos circunstanciais.

Os estudiosos têm encontrado dificuldade em estabelecer um rigoroso critério de identificação do complemento indireto, preferindo servir-se concomitantemente de critérios

léxicos, formais e sintáticos.

A integração da relação predicativa se faz *imediatamente* com o complemento direto e relativo, e só *mediatamente* com o complemento indireto. Tanto é assim que em condições normais (isto é, quando não se trate de evidente elipse ou de auxílio de entorno, não se pode eliminar o complemento direto ou complemento relativo, mas é possível não anunciar o complemento indireto:

Vi o acidente	*Vi
Preciso do auxílio	*Preciso

mas:

Escrevi cartas aos pais	Escrevi cartas
Queixou-se da turma ao diretor	Queixou-se da turma

Embora o complemento ou objeto indireto integre o conjunto *verbo + complemento direto* ou *complemento relativo*, as circunstâncias do discurso (os entornos, a referência anterior ou seguinte no discurso) permitem que se omita o complemento direto ou complemento relativo, permanecendo na oração apenas o indireto, ou se pode omiti-lo, deixando apenas um daqueles complementos:

O diretor escreveu *aos pais*. O diretor escreveu *cartas*.

Os vizinhos se queixaram *à polícia*. Os vizinhos se queixaram *do barulho*.

f) Objeto indireto e adjuntos com *para* – Cabe insistir que a preposição que introduz o complemento indireto é *a*; muitas vezes, parece que, nesta função, se acha a preposição *para*, já que *a* e *para* se alternam em muitos esquemas sintáticos, mas não quando se trata do complemento indireto, o que só raramente acontece:

Alguns alunos compraram flores *para a professora*.

Se prestarmos atenção, *para a professora* do exemplo não introduz o termo que funcionaria como complemento indireto, e a prova disto está na possibilidade, na referida oração, de aparecer um complemento indireto:

Alguns alunos compraram flores *ao florista* para a professora.

Note-se que se *ao florista* e *para a professora* exercessem a mesma função de complemento indireto, deveriam aparecer coordenados mediante a conjunção *e*, como ocorre com todos os termos de igual valor gramatical. Não seria possível construir a seguinte oração:

Alguns alunos compraram flores *ao florista e para a professora*.

Diante de uma oração como a nossa

Alguns alunos compraram flores *ao florista para a professora*,

a pronominalização só pode ser comutada com o objeto indireto *ao florista*:

Alguns alunos compraram-lhe flores para a professora.

mas não:

*Alguns alunos compraram-lhe ao florista.

g) Construção especial com objeto indireto – Um pequeno número de verbos contraria o princípio geral que aqui adotamos, segundo o qual o objeto indireto integra a função predicativa exercida por *verbo* + *argumento* (objeto direto ou complemento relativo).

A notícia não agradou *ao povo*.

A notícia não *lhe* agradou.

Ocorre esta construção com verbos como *agradar*, *desagradar*, *pertencer*, *ocorrer*, *acontecer*, *saber* (= sentir sabor), *cheirar* (= sentir o cheiro), *interessar*, *aparecer*, *sorrir* (= aparecer favoravelmente).

O imóvel pertence *aos herdeiros* (pertence-*lhes*).

Esses fatos *lhe* aconteceram repentinamente.

Isto não *lhe* sabe bem.

O café *lhe* cheira bem.

Apareceram-lhe uns ruídos estranhos.

A sorte *lhe* sorriu nesta semana.

h) Os chamados "dativos livres" – Os objetos indiretos vistos nesta seção são argumentos sintático-semânticos extensivos da função predicativa do conteúdo comunicado nas respectivas orações.

Todavia, remanescentes de construções, algumas das quais da sintaxe latina, aparecem sob forma de objeto indireto, nominal ou pronominal, alguns termos que não estão direta ou indiretamente ligados à esfera do predicado: são os chamados *dativos livres*, representados pelos seguintes tipos:

a) *dativo de interesse* (*dativus commodi et incommodi*) – é aquele mediante o qual se indica de maneira secundária a quem aproveita ou prejudica a ação verbal:

Ele só trabalha *para os seus*.

Ele ligou-*me* amavelmente a luz [MV.2, 123].

Este dativo fica muito próximo da circunstância de fim ou proveito (beneficiário).

b) *dativo ético* – é uma variedade do anterior, muito comum da linguagem da conversação, e representa aquele pelo qual o falante tenta captar a benevolência do seu interlocutor na execução de um desejo:

Não *me* reprovem estas ideias!

Não *me* mexam nos papéis!

Ele sempre *te* saiu um grande mentiroso.

Não *me* enviem cartões a essas pessoas.

Repare-se que, neste último exemplo, o verbo se acompanha de complemento direto (*cartões*) e indireto (*a essas pessoas*), enquanto o pronome *me*, fora da esfera da transitividade verbal, denuncia o meu interesse de que a tais pessoas não sejam enviados cartões.

c) *dativo de posse* – exprimem o possuidor:

O médico tomou o pulso *ao* doente (tomou-*lhe* o pulso).

Doem-*me* as costas.

O vaso partiu-se-*me* [MV].

d) *dativo de opinião* – exprime a opinião de uma pessoa:

Para ele a vida deve ser intensamente vivida.

Para nós ela é a culpada.

A alguns destes dativos o velho e grande filólogo venezuelano Andres Bello chamava *dativos supérfluos*.

Isto evidencia que os pronomes adverbiais átonos, especialmente o caso do *lhe* como símbolo formal do objeto indireto, cobrem outras funções além daquela de complementação verbal.

i) O complemento predicativo – Um grupo reduzido de verbos integra o predicado complexo acompanhado de outro tipo de argumento verbal conhecido pelo nome de *complemento predicativo* ou tão somente *predicativo*. Estes verbos se caracterizam por uma referência tão vaga à realidade comunicada, que fazem do predicativo um argumento, pelo aspecto semântico, muito mais intrinsecamente relacionado com o verbo do que os demais integrantes do predicado complexo (os complementos direto, relativo e indireto) e portador de referência a traços essenciais do sujeito.

Esta pequena lista de verbos inclui *ser*, *estar*, *ficar*, *permanecer*, *parecer* e poucos outros, que aparecem matizados semanticamente pelo signo léxico que funciona como predicativo:

O trabalho *é* proveitoso.

Janete *é* minha irmã.

As alegrias *eram* passageiras.

O céu *está* azulado.

Os argumentos *permaneceram* incompletos.

A situação *parecia* resolvida.

Esses livros não *são* seus.

Se atentarmos para o aspecto formal, tirante o fenômeno da concordância do predicativo com o sujeito, verificaremos que há pontos de contato entre este predicativo e o complemento direto: a) ambos matizam a extensão semântica do verbo, funcionando como seu delimitante; b) aparecem normal e imediatamente (sem preposição) à direita do verbo; c) são comutados por pronome átono, ainda que de maneira diferente, quando o verbo é *ser*, *estar*, *ficar*, *parecer*; d) e, finalmente, porque muitas das construções oracionais com predicativo são equivalentes na designação, isto é, na referência à realidade comunicada, são equivalentes a orações com verbos que exprimem ação e processo, especialmente se o verbo está no presente: *Pedro é cantor* / *Pedro canta*; *O colega está irritado* / *O colega irrita-se.*

Tais aproximações levaram alguns estudiosos a considerar que, em orações do tipo, *Ele é meu irmão*, *meu irmão* poderia identificar-se com o *complemento direto*; outros, adotando a distinção, insistiam em juntar essas duas como variantes funcionais duma só função.

A primeira particularidade formal que distingue o predicativo dos demais argumentos verbais é a concordância (quando representada por adjetivo e alguns pronomes) em gênero e número com o sujeito da oração, conforme demonstram os exemplos acima.

A segunda particularidade é a possibilidade de comutação do predicativo pelo pronome invariável *o*, qualquer que seja o gênero e o número do núcleo do predicativo que substitui, quando o verbo é *ser*, *estar*, *ficar* e *parecer*:[109]

O trabalho é *proveitoso*. → O trabalho *o* é.

As alegrias eram *passageiras*. → As alegrias *o* eram.

Janete é *minha irmã* → Janete *o* é.

Mas:

A professora continua *doente* → * A professora *o* continua.

A terceira particularidade é a impossibilidade de ser a oração com tais verbos construída na voz passiva, como ocorre com a que tem complemento direto.

A quarta particularidade é a incompatibilidade de aparecer com o seu representante invariável *o* na mesma oração:

Filipe é *simpático*. Filipe *o* é. *Filipe *o* é *simpático*

2) Vale a pena distinguir predicado verbal e predicado nominal? – Tal esvaziamento do signo léxico representado por esses verbos, esvaziamento que se supre com o auxílio de um nome (substantivo ou adjetivo), e a particularidade de concordar o predicativo em gênero e número com o sujeito levaram a uma distinção entre predicado *verbal* (*Pedro canta*) e predicado *nominal* (*Pedro é cantor*, *Maria é professora*), o que implicava retirar de tais verbos o *status* de verbo, – pois sua missão gramatical se restringiria a "ligar" (daí os nomes de *copulativos*, *de ligação* ou *relacionais* que se lhes atribuíam) o predicativo ao sujeito. A realidade comunicada residiria no nome predicativo e o verbo seria apenas o marcador do tempo, modo e aspecto da oração. Ora, do ponto de vista funcional e formal, tais verbos apresentam todas as condições necessárias à classe dos verbos, incluindo-se aí os morfemas de gênero, número, pessoa, tempo e modo; daí acompanharmos neste livro os linguistas e gramáticos que defendem a não distinção entre o *predicado verbal* e o *predicado nominal*, incluindo também a desnecessidade de distinguir o *predicado verbo-nominal* [EBv.1, cap. 13 e 16]. Toda relação predicativa que se estabelece na oração tem por núcleo um verbo.

Como o signo linguístico que aparece na função de predicativo costuma ser um nome – substantivo ou adjetivo –, a tradição gramatical passou a designar *nominal* a esse tipo de predicado complexo, para diferi-lo dos outros chamados *verbais*. Além da sem razão dessa diferença, conforme acabamos de ver, cabe lembrar que funcionam como predicativo outras classes de palavras, inclusive advérbios.

João é meu *irmão*.
O sol está *quente*.
Os argumentos continuam os *mesmos*.
Ela mais parece uma *Maria vai com as outras*.
Os vizinhos estão *bem*.
Os jovens são *assim*.
O primo é *dos nossos*.
A mesa parece *de madeira*.
Nós somos *do Norte*.
As provas parecem *de boas fontes*.
Está *tarde*.
O compromisso está *de pé*.
Ela estava *que estava*.

Observações:

1.ª) Levada pela equivalência do conteúdo do pensamento designado com orações declarativas que têm por núcleo os verbos *ser*, *estar* ou outro adequado à intenção comunicativa, a tradição tem considerado que há elipse de um de tais verbos em

enunciados como os seguintes, comuns em provérbios, refrãos, clichês do discurso repetido, isto é, de fórmulas fossilizadas da língua ou a elas assimiladas:

Tal pai, tal filho.

Casa de ferreiro, espeto de pau.

Povo educado povo limpo.

Na realidade, trata-se de exemplos de frases de estrutura bimembre, de que falaremos mais adiante, em que não há necessidade de se apelar para elipse.

2.ª) Conforme já vimos, um mesmo verbo pode ser usado de maneira diferente, conforme a realidade comunicada; vejamos, por exemplo, o verbo *virar*:

O tempo virou (usado num predicado simples, intransitivamente).

O vento virou o barco (usado num predicado complexo, com o argumento complemento direto *o barco*).

O vizinho virou fera (usado num predicado complexo, com o argumento predicativo *fera*).

3) A posição do predicativo – A construção básica da oração apresenta o predicativo à direita do verbo: *Meu amigo é inteligente*. Mas pode apresentar uma construção derivada em que o predicativo se antecipa e aparece antes do sujeito. Se o predicativo é representado por adjetivo, não há dificuldade em identificá-lo como tal: *Inteligente é meu amigo*, em que inteligente, apesar de colocar-se antes do sujeito *meu amigo* continua a exercer a função de predicativo. Todavia, a dificuldade pode surgir, se o sujeito e o predicativo estão representados por dois substantivos ou um substantivo e um pronome:

O meu amigo é o padrinho. / O padrinho é o meu amigo.

Eu sou o padrinho. / O padrinho sou eu.

João é o padrinho. / O padrinho é João.

Pelo expediente da comutação podemos com facilidade assinalar a correta classificação, já que vimos que o predicativo é, nesses casos, comutável com o pronome invariável *o*; quando não se trata do verdadeiro predicativo, a comutação não se mostra natural:

O meu amigo é o padrinho → O meu amigo o é.

*O padrinho é o meu amigo → *O padrinho o é.*

Eu sou o padrinho → Eu o sou.

*O padrinho sou eu → *O padrinho o sou.*

João é o padrinho → João o é.

*O padrinho é João → *O padrinho o é.*

É justamente pela comutação que no exemplo *Seu orgulho eram os velhinhos* ficamos sabendo que houve apenas inversão do predicativo: Os velhinhos *o* eram / *Seu orgulho *o* era.

Tiramos, assim, duas conclusões importantes para a sintaxe:

a) *Seu orgulho eram os velhinhos* é uma construção derivada da construção básica *Os velhinhos eram seu orgulho*;

b) em *Seu orgulho eram os velhinhos* o verbo concorda com seu verdadeiro *sujeito* (*os velhinhos*), e não com o predicativo (*seu orgulho*) [VK.1, 438].

Ainda a comutação vem pôr luz a um falso problema de classificação sintática de *dez horas* na oração de função predicativa não referida (a oração não tem sujeito): *São dez horas*.

A classificação corrente é atribuir a *dez horas* a função de predicativo. Como o verbo é impessoal e está, por concordância atrativa, no plural, tem-se-lhe proposto a função de sujeito. Ora, a comutação nos mostra ser a classificação como predicativo a única possível:

*São dez horas? – São-**no**.*

Jamais o sentimento linguístico do falante aceitaria como normal:

São dez horas? – ***Elas** são*,

como seria, se o sujeito fosse *dez horas*.

4) Outro tipo de predicativo: *anexo predicativo* – Esse determinante predicativo não se restringe à referência ao sujeito, em orações com o concurso de verbos como *ser*, *estar*, *ficar*, etc. Pode aparecer em predicados simples e complexos, com o concurso de verbos outros de ação ou processo, referidos ao sujeito, ao complemento direto, ao complemento relativo e ao complemento indireto (talvez restrito ao verbo *chamar* 'dar nome'):

Ele estudou *atento*. Ela estudou *atenta* (predicativo do sujeito).

Os trens chegaram *atrasados* (predicativo do sujeito).

O auditório ouviu os conferencistas *atento* (predicativo do sujeito).

A polícia encontrou a porta *arrombada* (predicativo do complemento direto).

Definiu-se o caso como *impossível* (predicativo do sujeito) [ABo.1, 71].

Tratou-se da questão como *insolúvel*. (predicativo do complemento relativo).

Nós lhe chamávamos *doutor* (predicativo do complemento indireto).

Não é raro vir o predicativo precedido de preposição ou palavra equivalente:

Tachou-o *de louco*.

A maioria tinha o réu *por* (ou *como*) *inocente*.

"Jesus, pareces desenterrado! exclamou assustadíssima a pobre mulher, vendo-o *pálido e de olheiras* cavadas e negras" (AFg, 118).

Com o verbo *chamar* podemos dizer:

Chamaram-no *tolo* / *de tolo*.

Chamaram-lhe *tolo* / *de tolo*.

Acompanham-se de predicativo do complemento direto os verbos:

a) que significam 'chamar' e 'ter na conta de': *chamar*, *considerar*, *reputar*, *julgar*, *supor*, *declarar*, *intitular*, *crer*, *estimar*, *ter* e *haver por*, *dar* e *tomar por*, etc.;

b) *deixar*, *ver*, *ouvir*, *encontrar*, em construções do tipo:

Viu-o *vivo e forte*.

Deixei-o *de cama* e encontrei-o *sarado*.

Pode o predicativo que exprime resultado ou consequência do processo verbal, indicar a situação anterior e a que resulta da mudança:

O secretário passou José *de auxiliar a chefe*.

À semelhança do predicativo em predicado complexo com *ser*, *estar*, etc., esse argumento concorda em gênero e número com o núcleo referido, e por isso tem merecido em muitos autores a classificação de *predicativo*; todavia há entre os dois predicativos diferenças:

a) é normalmente representado por um adjetivo, enquanto o outro tipo de predicativo pode vir expresso por adjetivo, substantivo, pronome, advérbio, etc.;

b) este último determinante apresenta-se numa relação semântica intermédia, entre a realidade comunicada pelo verbo e uma qualificação ao signo lexical núcleo do sujeito ou do complemento verbal;

c) por essa maior frouxidão relacional com o verbo, pode ser suprimido sem provocar uma construção agramatical:

Ele é estudioso / **Ele é*; *Ele estudou atento* / *Ele estudou*; *O auditório ouviu os conferencistas atento* / *O auditório ouviu os conferencistas*;

d) ao contrário dos outros predicativos, esse determinante não pode ser comutado pelo pronome invariável *o*, mas por um advérbio como *assim*:

Ele estudou atento / Ele estudou *assim.* / Ela estudou *assim.*

A polícia encontrou a porta arrombada. / A polícia encontrou a porta *assim.*

e) essa relação com uma palavra de natureza adverbial (*assim*), permite a substituição do adjetivo por advérbio, resultando daí orações equivalentes na designação:

Ele estudou atento / Ele estudou atentamente; O auditório ouviu os conferencistas atento / O auditório ouviu os conferencistas atentamente.

Tais diferenças levaram alguns autores a dar outra classificação a predicativos dessa natureza; Said Ali chamou-lhes *anexo predicativo*, e cremos que, se houver necessidade de dar nomes diferentes a tais predicativos, a expressão pode ser utilizada. As propostas *predicativo atributivo* ou *atributo predicativo* também correm em bons autores [AK.1, 83; SL.1, 46-47].

Pode-se variar a construção em que entra esse segundo tipo de predicativo transpondo-o para junto do termo referido, caso em que se profere com breve pausa ou com pausa mais longa; neste último caso, usa-se vírgula na língua escrita:

Os rios corriam sonorosos.

Os rios sonorosos corriam.

Sonorosos corriam os rios.

Os rios, sonorosos, corriam.

OBSERVAÇÃO: No exemplo *Os rios sonorosos corriam* podemos ver em *sonorosos* tanto um adjunto adnominal de *rios* como um predicativo do sujeito. A intenção comunicativa do falante ou escritor, quando possível, dependerá do sentido textual que será resgatado mediante a gramática do texto ou análise gramatical. Para o responsável pelo conteúdo do pensamento designado não há essa ambiguidade, porque, como diz Coseriu, "os falantes intuem e conhecem determinadas relações entre paradigmas diversos de sua língua" [ECs.1, 254].

Dentro desta função do predicativo podemos incluir o determinante que denota o "tempo, hipótese, concessão, causa, comparação, ou debaixo de que respeito é considerada a pessoa ou cousa", na época referida pela relação predicativa [ED.2, 45,b]:

'Stamos em pleno mar... Doudo no espaço.

Brinca o luar – *dourada borboleta* [CAv.1, 92].

(isto é, "como dourada borboleta)

"*Rainha* esquece o que sofreu *vassala*" [BBo].

(isto é, "como rainha esquece o que sofreu quando vassala")

Também esses predicativos podem vir introduzidos por preposição ou advérbio, ou palavras em função equivalente:

Em rapaz dizia verdades que *quando velho* silenciou.

Audaz D. *Quixote* ele entrou na discussão.

Quando Presidente esqueceu-se das promessas *como candidato*.

Os exemplos acima podem ser reescritos sem os instrumentos verbais introdutórios, quando esses predicativos à moda latina emprestam ao enunciado certa energia e elegância. Neste caso são marcados por pausa, ainda que breve; no exemplo acima de Castro Alves, a pausa é indicada graficamente pelo travessão, enquanto no de Bocage não há sinal de pontuação, ainda que a pausa exista para que *rainha* não seja proferido com a linha melódica igual à que o marcaria como sujeito de *esquece*. O seguinte exemplo de Eça de Queirós é bom testemunho

desse tipo de predicativo marcado por pausa, para distingui-lo do adjetivo com função de adjunto adnominal; observe que a pausa, marcada por vírgula, é decisiva para tal distinção:

> Mas os meses passaram, naquela vida de uma regularidade triste de pêndulo, entre a casa e a farmácia e o grosso livro encadernado, onde ele devia copiar os *Esmaltes e Jóias*, permanecia ainda quase todo branco. Lá estavam os três poemas que o *Pensamento* acolhera: *Ofélia, A ti* – que era a Aninhas Serrana, *amada* – e *Mulher de Mármore* – que era a Aninhas Serrana, *odiada*! [EQ.1, 53-54]

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Levados pela equivalência designativa, alguns autores preferem considerar como se fossem orações abreviadas sem verbo explícito os predicativos introduzidos por *como*, *quando*, *porque*, por considerá-los, nestes casos, conjunções subordinativas:

Quando Presidente → Quando era Presidente...

2.ª)Exemplos como o já citado

Os rios, sonorosos, corriam,

aproximam formalmente este tipo de anexo predicativo.

5) O infinitivo e o gerúndio como predicativo 110 – Já tivemos oportunidade de ver que o infinitivo, como forma nominal do verbo, funciona também como substantivo: *Querer é poder*. *Escrever é um ato de cultura*.

Em *Convém prestar atenção aos conselhos*, *prestar atenção aos conselhos* (em que o infinitivo é núcleo de um predicado complexo, com objeto direto [*atenção*] e indireto [*aos conselhos*]) funciona unitariamente como sujeito explícito do núcleo *convém*.

Em *Vejo abrir a porta*, o infinitivo com seu objeto direto (*abrir a porta*) funciona unitariamente como objeto direto do núcleo *vejo*: *vejo-o*.

Mas em enunciados do tipo *Ouço soprar o vento* ou *Vejo crescer as árvores*, apesar de serem aparentemente análogos aos anteriores, temos outras construções em que entram como núcleo verbos que significam atos mentais de percepção, embora os conjuntos *soprar o vento* ou *crescer as árvores* possam ser comutados por pronomes adverbais átonos (Ouço-*o* e Vejo-*as*). Os substantivos *vento* e *árvores* não funcionam como objeto direto do infinitivo, mas sim dos núcleos *ouço* e *vejo*, razão por que são comutados por pronomes adverbais átonos: *Ouço-o* (= o vento) *soprar* e *vejo-as* (= as árvores) *crescer*, em cujo procedimento não se incluem os infinitivos *soprar* e *crescer*.

Agora, se compararmos as construções estudadas antes:

Encontrou a porta arrombada,

em que *arrombada* funciona como predicativo do objeto direto *porta* e em que, comutando este objeto direto por pronome adverbal átono, teremos:

Encontrei-a arrombada,

onde o predicativo *arrombada* não fica incluído na função de *a*.

Analogamente, nos nossos exemplos

Ouço-o soprar
Vejo-as crescer

os infinitivos funcionam como modificadores dos respectivos pronomes adverbais e funcionam como seus predicativos.

Desta maneira, não cabe falar aqui de "sujeito" de infinitivo exercido por *vento* e *árvores* nas construções:

Ouço soprar o vento / Ouço o vento soprar

Vejo crescer as árvores / Vejo as árvores crescer

A analogia se deve ao fato de *vento* e *árvores* serem, na análise do conteúdo semântico, *agente* da ação da atividade percebida, como em *O vento sopra* e *As árvores crescem*, o que não quer dizer que, naqueles exemplos, exerçam a função sintática de sujeito. Por isso, em *Ouço soprar o vento* e *Vejo crescer as árvores*, o normal é que não se precise flexionar o infinitivo, já que *vento* e *árvores* não funcionam como sujeito de *soprar* e *crescer*.

Repare-se que, ao comutar o objeto direto do núcleo *ouço* ou *vejo*, se tem de deixar à parte o infinitivo, que, como vimos, funciona como predicativo do objeto direto *vento* ou *árvores*:

Ouço o vento soprar → Ouço-o soprar.
Vejo as árvores crescer → Vejo-as crescer.

Tal como ocorreu com:

Encontrou a porta arrombada → Encontrou-a arrombada.

Se, como vimos, não se pode falar nestes casos de "sujeito" de infinitivo, também é impróprio afirmar que tais substantivos são "objeto direto" do núcleo *ouço* ou *vejo* e ao mesmo tempo "sujeito" do infinitivo.

A concordância que pode aparecer em

Ouço soprarem os ventos / Ouço os ventos soprarem.
Vejo crescerem as árvores / Vejo as árvores crescerem.

se deve à análise do conteúdo semântico da equivalência na designação, isto é, na referência à realidade percebida, com:

Ouço que os ventos sopram.
Vejo que as árvores crescem.

em que *ventos* e *árvores* são agentes e agora também sujeitos.

A diferença entre o *agente* da análise semântica e o sujeito da análise gramatical (da estrutura sintática) é comparável à que ocorre entre o *paciente* da análise semântica e o *sujeito* da construção sintática reflexiva em (só que aqui a língua padrão ainda não agasalhou o resultado do procedimento):

Alugam-se casas / Aluga-se casas.

Pelo mesmo efeito da equivalência na designação é que aparece o primeiro verbo no singular quando se combina com o pronome reflexivo se, procedimento que, na análise gramatical, passa os antigos objetos diretos (*ouço os ventos* / *vejo as árvores*) a sujeito do sentido passivo da nova construção:

Ouve-se soprar os ventos / Ouve-se os ventos soprar.
Vê-se crescer as árvores / Vê-se as árvores crescer.

Trata-se aqui de concordâncias tão irregulares à luz da análise gramatical e da tradição da língua exemplar, quanto as que ocorrem em:

Aluga-se casas.
Vende-se apartamentos.

Em lugar do infinitivo em função de predicativo, pode aparecer o *gerúndio*, quando é representado por signo léxico que denote atividade:

Ouço o vento soprando.
Vejo as árvores crescendo.
"No entanto ouvia [eu] as negras falando da morte dele com pavor" [JL.3, 37].

À semelhança da construção com infinitivo, a de gerúndio, na referência à realidade

percebida, pode ser substituída pela de relativo:

> Ouço o vento que sopra.
> Vejo as árvores que crescem.
> "Subitamente a chuva fustigou as vidraças; o primeiro bofar do vento fez ramalhar as árvores meias calvas; e *senti-o que se abismava* debaixo das arcarias de pedra" [AH.7, I, 139].

A mesma particularidade se repete com *eis*, que rigorosamente se acompanha de objeto direto:

> "... apenas os primeiros raios de sol faziam reluzir as armas,semelhantes no brilho trêmulo ao alvejar da geada, *ei-las* que pareciam rolar-se pelas encostas..." [AH.7, I, 172].

6) O complemento agente ("agente da passiva") – Um tipo de termo argumental não obrigatório é o que a gramática tradicional chama *agente da passiva*; caracteriza-se por ser um termo preposicionado marcado pela preposição *por* e, mais raramente por *de*, com verbos empregados como transitivos diretos na chamada voz ou construção passiva:

> Os exercícios foram feitos *por José*.
> O réu é condenado *pelo júri*.

Tal complemento de agente pode ser opcional, pois são construções gramaticalmente corretas:

> Os exercícios foram feitos.
> O réu é condenado.

A gramática tradicional tem posto este agente entre os complementos verbais em vista de seu relacionamento com o sujeito e com o complemento direto. Com o sujeito, porque, na transformação da estrutura passiva à estrutura ativa, o complemento agente passa a sujeito:

> Os exercícios foram feitos *por José* / *José* fez os exercícios.

Com o complemento direto, porque, enquanto este vem exigido pela característica gramatical da construção ativa, o agente o é da construção passiva.

Em geral, o complemento de agente apresenta o traço semântico *animado*, como revelam, nos exemplos acima, *José* (*por José*) e *júri* (*pelo júri*).

Quando não há o traço *animado*, pode apresentar o traço *potente*, representado lexicalmente por nome de coisa, mas capaz de praticar ou fazer desenvolver uma ação, como nos exemplos seguintes [PD.1, 46]:

> O menino foi atropelado *pelo ônibus escolar*.
> Os alpinistas foram surpreendidos *pelo vendaval*.

Dissemos que o complemento de agente pode vir introduzido pela preposição *de*, construção mais comum em outros tempos da história do português, e ainda usado literariamente; no português contemporâneo, *de* está praticamente restrito a unidades léxicas que exprimem sentimentos ou manifestações de sentimentos:

> Ela é estimada *de todos*.
> O professor não foi esquecido *dos alunos*.

Nem todo termo introduzido pela preposição *por* funciona como complemento de agente, principalmente se apresenta o traço *não animado*, referente a uma coisa, quando deve ser classificado como adjunto circunstancial de causa ou meio. Neste caso, *por* é comutável por outra preposição (p. ex., *com*) ou por locuções prepositivas do tipo *por causa de*, *por meio*

de, *em virtude de* e equivalentes:

O artista foi elogiado *pela sua técnica.*

Ficaram aborrecidos *pelas falsas promessas.*

Os ladrões foram encontrados *pela denúncia anônima.*

Em tais exemplos, a experiência comunicada em *pelas falsas promessas* e *pela denúncia anônima* pode ser expressa mediante outra construção:

Ficaram aborrecidos *com* (*por causa de*) *as falsas promessas.*

Os ladrões foram encontrados *em virtude de* (*graças a*) *denúncia anônima.*

Não é, portanto, a relação sintática, mas o contexto em que se enquadra a experiência comunicada, que irá resolver se se trata de um complemento de agente ou de adjunto circunstancial ou adverbial.

A construção dita "passiva pronominal" ou "passiva reflexa" (denominações melhores que "passiva sintética") não se acompanha, no português contemporâneo, do complemento de agente, como acontece na chamada construção passiva com auxiliar + particípio, vista até aqui.

Vendem-se casas.

O complemento de agente pode aparecer junto a substantivo ou adjetivo constituído por um signo léxico referido a um processo ou ação, como *assalto*, *vitória*, *derrota*, etc.

O assalto *pelo primeiro batalhão* foi decisivo.

O derrotado *pelo concorrente* achou justa a classificação.

7) Construção passiva e o predicativo – Partindo do fato de que a realidade comunicada nas orações *A casa está espaçosa* e *A casa está pintada* aponta ao sujeito *a casa* um atributo, muitos estudiosos não veem razão de estruturação sintática para distinguir o adjetivo *espaçosa* como predicativo do sujeito, e o signo léxico *pintada* como verbo na forma de particípio. Ora, já sabemos que um particípio verbal pode funcionar como adjetivo. A dificuldade desta distinção fica ainda mais notável, quando comparamos *A equipe é vencedora* e *A equipe é vencida*, em que, não havendo nenhuma diferença na estrutura sintática das duas orações, (um sujeito *a equipe*, um núcleo verbal e um termo que, à maneira dos predicativos, concorda em número com o núcleo da oração (o verbo) e em gênero e número com o sujeito explícito), a distinção repousa apenas no traço semântico 'ativo' do lexema *vencedora* em oposição ao traço semântico 'passivo' do lexema *vencido*.

Poder-se-ia objetar contra tal identificação dos dois termos o fato de poder levar o particípio *vencido*, ao contrário do predicativo como *vencedora*, uma expansão preposicionada "que se refere na realidade ao agente da atividade designada pelo signo léxico do particípio" [AL.1, 303], apesar do paralelismo da estrutura sintática.

Um argumento forte em favor de considerar o particípio como adjetivo e, assim, na função de predicativo, na construção dita "voz passiva", é a possibilidade de comutação do particípio pelo pronome invariável *o* – como ocorre com o signo léxico na função de predicativo:

A equipe é *vencedora.* A equipe *o* é.

A equipe é *vencida*. A equipe *o* é.
A equipe é *vencida* pelo adversário. A equipe *o* é pelo adversário.

Ocorre o mesmo se se trata de adjunto adverbial de causa ou meio, e não de complemento de agente.

A pressão é *controlada* com remédios. A pressão *o* é com remédios.
O artista foi *elogiado* pela sua técnica. O artista *o* foi pela sua técnica.

Fica, assim, ao analista optar por uma das duas maneiras, apesar dos fortes argumentos em favor da solução como predicativo. Neste livro, por motivação didática, seguimos a análise como passiva.

Os determinantes circunstanciais ou adverbiais

Se atentarmos para as frases:

A criança caiu da cama durante a noite
Os carregadores puseram o móvel na sala logo pela manhã
O marido acompanhou a esposa ao hospital na ambulância,

facilmente verificaremos que os termos *da cama* e *durante a noite* – para só ficarmos por enquanto no primeiro exemplo – denotam uma circunstância de lugar donde (*da cama*) e de tempo (*durante a noite*). Levada exclusivamente pelo aspecto semântico, a gramática tradicional igualou estes termos também sintaticamente, considerando-os ambos *adjuntos adverbiais*, isto é, como termos não argumentais, vale dizer, fora do âmbito da regência do verbo da oração, isto é, não pedidos por ele.

Ora, basta aplicarmos o *teste da redução* para verificarmos que o termo *da cama* é termo obrigatório, argumental, pois pertence à regência do verbo *cair*; assim, torna-se incompleta do ponto de vista sintático (e semântico, naturalmente) a oração sem este complemento relativo:

A criança caiu durante a noite.

Já não se dá o mesmo com a redução ou supressão do termo *durante a noite*:

A criança caiu da cama.

OBSERVAÇÃO: Para distinguir a identidade designativa de circunstância, presente em *da cama* e *durante a noite* da função sintática diferente dos dois termos, talvez fosse conveniente encontrar outra denominação para o *adjunto circunstancial* que evitasse a alusão à natureza de "circunstância".

Se *da cama* é o complemento relativo de *cair*, *durante a noite*, mero acréscimo à informação, à realidade comunicada, receberá a classificação de *adjunto circunstancial*. Os adjuntos adverbiais são semântica e sintaticamente opcionais. Respondem às clássicas perguntas *como?*, *quando?*, *onde?*, *por quê?*, enquanto o complemento relativo responde à pergunta *que? quem?*, precedidos da preposição que acompanha tradicionalmente o verbo:

Pedro fala sempre *de negócios* (fala de quê?: compl. relativo).
Pedro fala sempre *de memória* (como fala?: adjunto adverbial).

Se recorrermos ao teste de clivagem ou relevo mediante o usual instrumento *é ... que*/*quem*, verificaremos a diferença de resultado entre o complemento relativo e o adjunto adverbial:

É de negócios *de que* sempre fala o José.
É de memória *como* sempre fala o José [AL.1, 323].

Semanticamente, o papel desses adjuntos adverbiais é matizar o processo designado na relação predicativa, acrescentando à mensagem informações que o falante julga

indispensáveis ao conhecimento do seu interlocutor.

Entretanto, se o conteúdo semântico desses adjuntos adverbiais não oferece maiores problemas, seu comportamento sintático na oração é heterogêneo e requer maior atenção de quem procura descrever esse termo. Assim, a coesão dele ora é maior com o verbo ou com o sintagma verbal, ora faz referência a toda a oração, sem que com isso deixe de formar parte dela, à maneira dos termos marginais. São aspectos muitas vezes que fogem ao âmbito dos esquemas idiomáticos e entram no domínio da gramática do texto. É o caso, por exemplo, do termo *em casa* nas orações:

(1) *Em minha casa* grito eu.

(2) Eu grito *em casa*.

Enquanto na segunda, *em casa* afeta exclusivamente o verbo *grito*, na primeira *em minha casa* modifica a oração como um todo, a combinação *sujeito* + *predicado*, e esta coesão tênue com o verbo permite a possibilidade de pausa que normalmente aparece ao ser proferida a oração [PD.1, 18].

Tais variedades de coesão gramatical motivadas por objetivos pragmáticos, discursivos e entonacionais, têm levado estudiosos a enveredar por indagações de graus ou níveis de hierarquização de adjuntos adverbiais, tema que extrapola a natureza deste livro; por isso, consideraremos aqui todos estes casos uniformemente como adjuntos adverbiais.

Falam, assim, dos adjuntos adverbiais na condição de adjuntos de substantivos e adjetivos:

O inverno *em Campos do Jordão* é rigoroso.

Os conflitos *em praça pública* nem sempre são prenúncios de direitos feridos.

As brincadeiras *nas praias* são sempre ruidosas.

Retornando aos outros exemplos do início, notaremos que os termos *na sala* e *ao hospital*, apesar de semanticamente denotarem circunstâncias, funcionam como complemento relativo dos verbos *puseram* e *acompanhou*, respectivamente:

Os carregadores puseram o móvel logo pela manhã.
(sintaticamente incompleta)

Os carregadores *puseram* o móvel *na sala*.

O marido acompanhou a esposa na ambulância. (sintaticamente incompleta)

O marido *acompanhou* a esposa *ao hospital*.

Um termo preposicionado designativo da mesma circunstância (aqui "de lugar") pode exercer na oração diferentes funções sintáticas dependendo do conteúdo de pensamento designado, isto é, das circunstâncias concretas do discurso; por exemplo, *de Minas* é um complemento relativo em:

O escritor saiu jovem *de Minas*

é um complemento predicativo em:

O escritor é *de Minas*.

é um adjunto adverbial em:

O escritor telegrafou *de Minas*

é um adjunto adnominal em:

Os escritores *de Minas* gozam de muita aceitação

é um complemento nominal (de substantivo ou adjetivo):

Sua permanência *em Minas* foi breve.

Necessária na vida toda, a educação começa na infância.

Que não se trata de termos sintaticamente equivalentes mostra o fato de não poderem coordenar-se. Não é possível uma construção do tipo:

A criança caiu *da cama e durante a noite*,

como seria possível em:

As crianças caem *do balanço e do escorrega* durante o recreio.

Outra particularidade a ser observada entre as diferenças que separam o complemento relativo do adjunto adverbial é o caráter semântico bastante tênue (e às vezes até vazio) da preposição que introduz a primeira dessas funções que faz o papel de marca de função sintática, em oposição ao valor semântico da preposição que encabeça o adjunto adverbial. A preposição que marca o complemento relativo está determinada pela tradição do idioma, razão por que só muito raramente admite a substituição por outra preposição, salvo nos casos em que a mesma tradição o permite:

Preciso *do* livro.

*Preciso *ao* livro.

*Preciso *no* livro, etc.

Já a preposição que encabeça o adjunto adverbial conhece quase sempre a possibilidade dessa substituição:

Fez a horta *sob* as árvores.

Fez a horta *debaixo das* árvores.

Com frequência esses adjuntos adverbiais de conteúdo posicional ou temporal se combinam com uma ideia secundária de direção ou extensão, o que leva ao emprego concomitante de duas preposições:

Fez a horta *por debaixo das* árvores.

A janela estava aberta *desde pela* manhã.

A neve escorregou *de sobre* o telhado.

Enquanto no âmbito dos termos argumentais só pode existir no domínio da relação predicativa um só complemento direto ou indireto (salvo aqui os chamados dativos livres), predicativo ou complemento relativo – excluindo o caso de termos coordenados –, os adjuntos adverbiais não conhecem esta restrição, podendo aparecer quantos forem necessários à experiência comunicada:

De noite, o jovem trabalhava *em casa em companhia dos irmãos.*

Também ao contrário dos termos argumentais, se for elidido, o adjunto adverbial não exige preenchimento da casa vazia:

O jovem trabalhava em casa, em companhia dos irmãos.

O jovem trabalhava em companhia dos irmãos.

O jovem trabalhava.

1) Os principais tipos de adjuntos adverbiais – O adjunto adverbial constitui uma classe muito heterogênea – à semelhança do advérbio que normalmente desempenha o papel de seu núcleo – não só do ponto de vista formal como ainda do ponto de vista de valor semântico. Tal fato leva a que constantemente esteja a não delimitar com nitidez as fronteiras com outras funções sintáticas – conforme aqui mesmo já assinalamos – e com conteúdos de pensamento

designado vizinhos. Diante de tão vasta amplitude, fixar-nos-emos nos principais adjuntos adverbiais, detendo-nos aos aspectos mais interessantes à descrição gramatical e aos esquemas com que se representam tais funções nas circunstâncias concretas do discurso [PD.1, 30].

a) Adjuntos adverbiais de lugar – A característica de tais adjuntos é responder à pergunta *onde*?, precedido este advérbio ou não de preposição que marca a designação circunstancial (*donde?*, *por onde?*, *aonde, até onde*, etc.), em relação à ideia expressa pelo verbo, pelo sintagma, verbal ou ao conteúdo de uma oração dita principal.

Pedro trabalhava *em Petrópolis*. (onde?)
Pedro trabalhava *aí*. (onde?)
O professor tem parentes no *Recife*. (onde?)
Contemplamos *da janela* o cair da tarde. (donde?)
Procuraram-no *por toda a cidade*. (por onde?)
O atleta correu *até a chegada*. (até onde?)
"*Onde me espetam* fico". [M. de Assis]

Distinguimos, assim, vários matizes da ideia locativa: *lugar onde* ou *de situação*, *direção*, *origem* e *ponto de partida*, *lugar por onde*, *proximidade*, *distância*, *orientação*, *extensão*, etc., tanto numa perspectiva horizontal quanto na vertical.

Algumas expressões preposicionadas que funcionam como adjunto adverbial compartilham tanto do valor locativo quanto do temporal modal ou instrumental, como ocorre nas seguintes orações:

Ela me foi apresentada *na festa* (onde? ou quando?).
O primo não viaja *em avião* (onde? ou por que transporte?).

O advérbio núcleo do adjunto de lugar pode vir anteposto de um substantivo, e o conjunto precedido ou não de preposição, como ocorre nos exemplos:

O barco navegava *rio acima*.
O capitão anda *mundo fora*. (ou *afora*)
O sonâmbulo andava *casa dentro* (ou *pela casa dentro*).

b) Adjuntos adverbiais temporais – Respondem às perguntas *quando?*, *desde quando?*, *até quando?*, *durante quanto tempo?* e podem referir-se ao verbo, ao sintagma verbal ou a toda a oração:

A natureza *resplandece na primavera*. (referida ao verbo)
O fazendeiro *colhe frutas pela manhã*. (referido ao sintagma verbal *colhe frutas*)
De noite todos os gatos são pardos (referido a toda a oração).

Podem vir representados por advérbio, por sintagmas preposicionados ou por oração dita subordinada :

Augusto *não* trabalha *hoje*.
Estuda-se melhor *pela manhã*.
Ele saiu *quando o professor chegou*.

Também entre os adjuntos adverbiais de tempo distinguimos vários matizes temporais: o tempo propriamente dito, a duração, a quantificação temporal, a repetição, etc.:

Pedro não trabalha *hoje*.

Pedro trabalhou *das três às cinco*.

Pedro trabalhou *duas horas*.

Pedro trabalha *todos os dias*.

Os diversos tipos de adjuntos adverbiais de tempo podem vir ou não introduzidos por preposição ou locução prepositiva; estas matizam o valor temporal:

Não se trabalha *domingo* / *no domingo*.

Pedro não trabalha *hoje* / *por hoje*.

O vizinho viu televisão *até as três da madrugada*.

O baile terminou *depois das quatro*.

O aniversário será *daqui a cinco dias*.

OBSERVAÇÃO: Não se há de confundir o emprego da preposição *a* para indicar tempo vindouro com a expressão em que entra o verbo *haver* (há) para indicar tempo passado: Sairá *daqui a três horas* // Saiu *há três horas*.

Para a análise da oração em que, nestes casos, entra o verbo *haver*, veja-se o capítulo da oração complexa.

Em circunstâncias do tipo de

Pedro trabalha muitas horas,

o adjunto adverbial *muitas horas*, do ponto de vista semântico, se situa entre a ideia temporal e a quantitativa, zona limítrofe que explica como resultado, por exemplo, o uso indistinto do advérbio *já*, nitidamente temporal, e do advérbio *mais*, nitidamente quantitativo, em orações negativas do tipo:

Já não chove / Não chove *mais*.

No início, deve ter havido perfeita distinção; a ideia temporal existia em *Já não quero*, *Já não o tem*, *Já não serve*, onde o advérbio *já*, como lembra Morais (1813), se refere a "cousas que agora se acham em situação diversa da em que estavam antes" e a quantitativa em *Não quero mais*, *Não tem mais*. Sem levar em conta o trânsito semântico, alguns puristas consideram injustamente como galicismo o emprego temporal de *não mais* pelo *já não*, imitação servil, dizem, do francês *plus*. Ocorre que, nas orações citadas no início, poder-se-ia usar o *plus* francês como equivalente do *mais* (quantitativo) e do *já* (temporal): *Não quero mais* (*je n'en veux plus*), *Já não quero* (*je ne veux plus*) [PS.1, 603].

No Brasil, é mais geral o emprego de *não mais* em ambos os valores semânticos; em Portugal, como ensina Gladstone Chaves de Melo, *já não* é mais comumente usado "quando o que se focaliza é um trânsito de passado para presente", enquanto *não mais* se usa quando se quer "significar o futuro em relação ao tempo indicado pelo verbo" [GM.1, 111].

Também não têm razão os puristas na condenação da negativa enfática *já não...mais* em construções do tipo *Já não se faz mais musical como antigamente*. Ênfase nas orações negativas é fato corriqueiro nas línguas [OJ.1, 62-80; HS.1, 19-91].

Também apresentam pontos de contacto com a circunstância modal os advérbios de tempo do tipo de *rapidamente*, *de imediato*, *logo*, *num instante* e locuções equivalentes como *abrir e fechar de olhos*, *num piscar de olhos*, etc., que integram os adjuntos adverbiais de orações iguais a:

Saiu rapidamente.

Chegou de imediato.

Respondeu num piscar de olhos.

Essa ideia subsidiária de modo aproxima tais adjuntos adverbiais de outra função sintática já vista aqui, o anexo predicativo; basta que se use adjetivo (flexionado, para formalmente estabelecer a diferença de marca de função sintática):

Eles saíram rápidos.
Elas saíram rápidas.

Se se empregar *Ele saiu rápido*, *rápido* pode ser tanto considerado advérbio (=adjunto adverbial, igual a *rapidamente*), quanto adjetivo (=anexo predicativo). Já em *Ela saiu rápido*, *rápido* só pode ser classificado, graças à sua invariabilidade em gênero, como *advérbio* [HM.1, 55-56].

Como os locativos, o advérbio de tempo se deixa antepor de substantivo, conjunto que pode ou não vir introduzido por preposição:

Ela trabalhava *semana adentro*.
O fato ocorreu *dias atrás*.

c) Adjuntos adverbiais modais – Respondem à pergunta *como? de que modo ou maneira?* e se reportam ao verbo ou ao sintagma verbal da oração, para qualificar ou descrever como o processo verbal se realiza:

O aluno está escrevendo *bem*.
O fogo propagou-se *imperceptivelmente*.
Os vizinhos falaram do incêndio *com tristeza*.
Entraram no estádio *aos empurrões*.
Os ladrões fugiram *sem que fossem percebidos*.

Como vimos, podem tais adjuntos adverbiais estar integrados por advérbios, palavras ou sintagmas prepositivos com valor adverbial e orações inteiras; destas falaremos no capítulo sobre a oração complexa.

Muitas vezes a experiência que se comunica aproxima o valor modal de adjuntos adverbiais ao sentido modal ou qualitativo que se atribui ao sujeito e ao complemento direto por meio de um anexo predicativo.

Ela me cumprimentou muito educadamente / Ela me cumprimentou muito *educada*.

Esta aproximação semântica também ocorre quando a expressão encerra um sintagma preposicionado introduzido por *com* ou *sem* em construções alusivas à posse ou carência do sujeito ou de complemento direto; a melhor classificação parece ser como anexo predicativo [PD.1, 39].

O garoto chegou a casa *com a calça rasgada*.
Ele foi deitar-se *sem pijama*.

d) Adjuntos adverbiais de fim, de causa, de instrumento e de companhia – Característica comum a essas quatro circunstâncias adverbiais é que não podem ser representadas por meros advérbios, mas sim por sintagmas preposicionados ou, com exceção da de companhia, por uma oração subordinada, fato que estudaremos no capítulo da oração complexa:

Ele estudou *para médico* (fim).
Tremiam *de frio* (causa).
Fechou a porta *com a chave* (instrumento).

Saiu *com Maria* (companhia).

A realidade designada por meio desses adjuntos adverbiais pode ser equivalente àquela expressa por meio de complementos relativos:

O vizinho casou-se *com a prima*.

O garçom encheu o copo *de vinho*.

No que toca ao adjunto adverbial de fim, cabe não confundi-lo com o chamado dativo de interesse; este se refere sempre a pessoa e às vezes integrável pelo pronome *lhe*, e alude ao beneficiário ou prejudicado pelo processo verbal:

Mário trabalha *para a família*.

Comprou as flores [ao florista] *para a noiva*.

Como o complemento de agente da passiva é introduzido pelas preposições *por* e *de*, pode haver dificuldade em distingui-lo do adjunto adverbial de causa. Todavia, o agente da passiva está sempre representado por ser animado ou então capaz de praticar a ação verbal, além de, na transformação para a ativa, passar a sujeito; por seu turno, o adjunto adverbial de causa pode ter a preposição substituída pelas locuções *por causa de*, *devido a*, o que não se dá com o agente da passiva. Assim, estamos diante de agente da passiva em orações como:

A atriz foi bafejada *pela sorte* / *A sorte* bafejou a atriz.

A exposição era admirada *por todos* / *Todos* admiraram a exposição.

Já nas orações abaixo a expressão introduzida pela preposição *por* funciona como adjunto adverbial de causa:

O pintor foi admirado *pelos seus quadros*.

O jogador é expulso *pela falta desleal*.

Não é natural a transformação em ativa.

* Os quadros admiraram o pintor.

* A falta desleal expulsa o jogador.

Por outro lado, podemos substituir *por* pela locução *por causa de*:

O pintor foi admirado *por causa de seus quadros*.

O adjunto adverbial de causa, além das preposições *por*, *com* e *de*, pode vir introduzido por locuções prepositivas, como *por causa de*, *em virtude de*, *em razão de*, *devido a*, *graças a*, etc.:

Não saiu cedo *por causa da chuva*.

Houve faltas *devido à greve de ônibus*.

OBSERVAÇÃO: Não se usa neste emprego *devido* sem a preposição *a*: *Devido ao mau tempo* (e não *Devido o mau tempo*).

Em vez de um substantivo (ou pronome), pode vir um adjetivo usado neutralmente, para expressar a ideia de causa, aproximando o adjunto adverbial do anexo predicativo:

Os marginais fugiram *de medrosos*.

Por teimoso não viajou conosco.

Dentro da denominação de instrumento incluem-se circunstâncias afins, como o meio, a intermediação, a matéria, o domínio, o utensílio, e, por extensão, os contextos matemáticos do tipo de *multiplicar por*, *dividir por*:

Os amigos nunca viajaram *de avião*.

Mediu o quarto *com o metro*.

Escrever *à máquina*.

O jogador fez gol *com a proteção do juiz*.

Prenderam o ladrão *com a arma*.

O índice epidêmico foi multiplicado *por dois*.

A partida foi ganha *pela estratégia do técnico*.

Este último exemplo evidencia a possibilidade de aproximação designativa da circunstância de instrumento ao agente da passiva introduzido também pela preposição *por*. Um modo de distinguí-los, além da análise da experiência comunicada, é substituir a preposição *por* do instrumental por *com* ou *mediante*:

A partida foi ganha *com* (*mediante*) a estratégia do técnico.

Os adjuntos adverbiais de companhia repartem-se em dois grupos: os associativos, ou participativos e os que não o são. Os primeiros participam ou ajudam, ao lado do sujeito, ou, no caso de complemento verbal, são afetados pelo estado de coisas designado no predicado, como nos exemplos:

O capitão *com seus soldados* desbaratou o inimigo.

O professor *com seus colegas* dirigiu a exposição.

A diretora expulsou da sala o aluno *com os colegas de arruaça*.

Como exemplos de não participativos temos:

O colega trouxe *consigo* o livro pedido.

Minha irmã foi ao baile *com o vestido novo*.

O pai gostava dos filhos *com os avós*.

Pelos últimos exemplos, vê-se que a noção de companhia abarca o que é levado ou possuído pelo sujeito ou pelo complemento verbal.

O adjunto adverbial pode, por meio da preposição *sem*, assinalar a ausência ou a carência:

A garota já vai à escola *sem a mãe*.

Em muitos contextos, alguns desses adjuntos de companhia se aproximam dos de valor modal.

Com a presença do adjunto de companhia participativo pode o verbo da oração ir ao plural, como se se tratasse de um sujeito composto:

O capitão com seus soldados *desbaratou* o inimigo.

O capitão com seus soldados *desbarataram* o inimigo.

Em tais condições, a estrutura *sujeito + adjunto adverbial* pode alternar com a estrutura de sujeito composto:

O capitão e os seus soldados desbarataram o inimigo.

Se a estrutura gramatical permite esta alternância, do ponto de vista de estado de coisas comunicado, não é indiferente o emprego de um modo por outro; com o adjunto adverbial, a ênfase do processo verbal recai na pessoa do sujeito, enquanto na construção com sujeito composto desaparece essa ênfase especial.

e) Adjuntos adverbiais de quantidade – Tais adjuntos adverbiais respondem a perguntas do tipo *quanto?*, *até quanto?*, *em que medida?* e se repartem em intensivos ou gradativos, de medida e de preço, conforme a realidade designada:

Nesta região chove *mais* no verão.

Maria trabalha *muito* aos domingos.

Andaram *bastante* em busca de emprego.

A assistência ria *às bandeiras despregadas*.

O clube ganhou a partida *por dois a zero*.

O cavalo perdeu a corrida *por pescoço*.

Ela deixou de comprar o carro *por bom preço*.

Unidades léxicas designativas de unidades de tempo, peso, medida, preço, duração e quantidade que acompanham verbos (*durar*, *passar*, *percorrer*, *correr*, *medir*, *pesar*, etc.) empregados transitivamente, têm merecido classificações diferentes; há autores que as consideram adjuntos adverbiais:

O filme durou *uma hora*.

O atleta percorreu *dez quilômetros*.

A criança já pesa *vinte quilos*.

O viaduto mede *duzentos metros*.

Outros autores, levando em conta traços semânticos e sintáticos que caracterizam o complemento direto (além do valor de termo argumental, quase sempre estas unidades léxicas atendem aos testes da passiva, da integração, com a pergunta *que?*, etc.) preferem vê-los como verdadeiros objetos. Tome-se por exemplo, a oração:

O atleta percorreu *dez quilômetros*,

verifica-se que a expressão constitui um termo argumental, isto é, exigido pelas características semânticas do verbo, já que estaria imperfeita a construção:

*O atleta percorreu.

Por outro lado, a oração admite a transformação em passiva:

Dez quilômetros foram percorridos pelo atleta.

E também a passagem a termo integrável, por meio do pronome átono *os*, referido a *dez quilômetros*:

O atleta percorreu-*os*.

Pode-se ainda incluir neste problema classificatório o caso de unidades léxicas de significado intensivo do tipo de *muito*, *pouco*, *demasiado*, *bastante*, que não se referem diretamente a substantivos, mas à sua quantidade. Com verbos usados transitivamente assumem papel de termo argumental, isto é, necessário à integração sintático-semântica da oração, em textos do tipo:

Sabia *muito* para ser aprovado (*muito* = muitas coisas).

Vimos *pouco* por causa do nevoeiro (*pouco* = pouca coisa).

Não disse *bastante* em sua defesa.

Em favor de classificar estas unidades léxicas como termo argumental, leva-se em conta o fato de poderem vir referidas na oração adjetiva por meio de pronome relativo, como em orações do tipo:

Tenho muito *que* pedir-lhe.

Sabe pouco *que* dizer-me.

Também fala em favor desta classificação a possibilidade de virem tais unidades léxicas precedidas de artigo definido:

Você sabe *o muito* que lhe devo.

Elas não fizeram *o bastante* para vencer.

OBSERVAÇÃO: Sobre o falso erro no emprego de *o quanto* em construções do tipo: *Não soube o quanto se enganara*, veja-se o ensinamento de Epifânio Dias:

"Às orações interrogativas indiretas de *como*, *porque* e *quão* pode antepor-se o artigo definido" [ED.2, § 362]. Vale a pena a leitura da nota 138 de R. J. Cuervo à *Gramática* de A. Bello.

Tratar-se-á sem dúvida de adjunto adverbial se o verbo for usado intransitivamente ou se, transitivo, já vier acompanhado de complemento verbal:

Comprou a casa por cem mil reais.
O pedreiro mediu o aposento com linha.
Ela já sabia muito matemática.

f) Adjuntos adverbial de distribuição

Os jogadores ganham prêmio extra *por partida vencida*.

g) Adjunto adverbial de inclinação e oposição 111 – São os adjuntos que expressam a relação de "favor", "ajuda" ou "disposição favorável", muito próximo ao valor benefactivo do dativo, bem como as relações contrárias, de "oposição", "disposição desfavorável".

Trabalhou sempre *pelos amigos*.

Para a primeira relação, introduz-se o adjunto adverbial por meio da preposição *por* ou de locuções prepositivas equivalentes, do tipo de *a favor de*, *em benefício de*, *em prol de*, *em auxílio de*, etc.

Para a segunda relação, usa-se a preposição *contra* ou locuções do tipo:

Esforçava-se *por lutar contra os maus pensamentos*.

h) Adjunto adverbial de substituição, troca ou equivalência – Assim se chama o adjunto adverbial que expressa a relação de "substituição", "troca" de algo por outro no processo designado no predicado, seja pessoa, coisa, circunstância ou processo verbal. Tal adjunto vem introduzido pela preposição *por* ou pelas locuções prepositivas *em vez de*, *em lugar de*.

O guarda-costa se passou *pelo presidente*.
A colega fez a redação *pelo namorado*.
Na época de exames, trocava o dia *pela noite*.
Iremos amanhã *em vez de hoje*.
Durante o recreio jogava *em vez de alimentar-se*.
Comeu gato *por lebre*.
João trabalha *por dois*.
Ana trocou a merenda *por uma revista*.

Entra no âmbito deste adjunto adverbial a circunstância de delegação, pela qual uma pessoa representa outra na execução do processo expresso no predicado. Aparece para introduzi-lo a preposição *de* ou, então, as locuções prepositivas *da parte de*, *na representação de*:

Retribua-lhe o favor *de minha parte*.

Esta circunstância adverbial deixa estes adjuntos muito próximos do valor de "preço", em orações do tipo:

Deu vinte mil reais *pela motocicleta* (preço).
Deu a motocicleta *por vinte mil reais* (troca).

i) Adjunto adverbial de campo ou aspecto – É o adjunto adverbial que exprime o campo ou o aspecto da realidade referida:

O primo formou-se *em medicina*.
Deixaram de examinar a questão *por esse prisma*.

Nos exemplos abaixo, a circunstância se aproxima à de lugar virtual:

Cometeu-se grave erro *nesse tipo de explicação*.
A decisão do júri surpreendeu a todos *sob o ponto de vista ético*.

j) Adjunto adverbial de assunto ou matéria tratada – Introduz-se tal adjunto adverbial por meio das preposições *de*, *em* ou *sobre*, ou das locuções prepositivas *acerca de*, *a respeito de*, *em torno de* e equivalentes:

Hoje o professor falou pouco
- *de história.*
- *em moral.*
- *sobre tais fatos.*
- *acerca do caso.*
- *a respeito de crase.*

José de Alencar escreveu romances *sobre os brasileiros de várias regiões do país.*

É muito frequente aparecer o assunto ou a matéria tratada expressos como termo argumental exigido pelo significado léxico do verbo, em predicados em que entram unidades léxicos do tipo de *tratar*, *versar*, *falar* e equivalentes, como nas orações abaixo:

O orador tratou *de fatos literários.*
A dissertação versou *sobre história.*
Na aula o professor falou *de regência verbal.*

Outras vezes aparece como adjunto adnominal de substantivo:

O vizinho escreveu um livro *de histórias infantis.*

k) Adjunto adverbial de adição ou inclusão, exclusão e concessão – Os adjuntos adverbiais que expressam adição vêm introduzidos pela preposição *sobre*, por palavras de valor inclusivo (*mesmo*, *inclusive*, etc.), mais frequentemente, pelas locuções prepositivas *além de*, *a mais de*, *ademais de*:

Sobre desemprego, havia doença.
Além das notas ruins, faltava muito às aulas.
Ademais dos parentes, vinham os convidados.
Todos ficaram, *mesmo Ana*.
Os visitantes já se foram, *Daniel inclusive.*

Os que expressam exclusão vêm introduzidos por *menos*, *salvo*, *exceto*, *fora*, *exclusive*, e pelas locuções prepositivas ou não (*com*) *a exceção de*, *a não ser* e equivalentes:

Todos saíram, *menos o culpado*.
Eles foram a todos os bairros, *salvo Casa Amarela*.

Os que expressam concessão vêm introduzidos por *malgrado*, pela locução prepositiva *apesar de*:

Malgrado a chuva, fomos ao passeio.

Diva ganhou o concurso, *apesar da resistência da colega*.

Ainda uma vez os determinantes nominais

1) Adjunto adnominal – Depois de conhecidas as funções sintáticas até aqui enumeradas, estamos em condições de prosseguir no aprofundamento dos determinantes nominais, também chamados *adjuntos adnominais* que começamos a ver quando falamos da expansão do núcleo do sujeito em **Conhecendo melhor o sujeito: núcleo e determinantes**.

Toda expressão nominal, qualquer que seja a função exercida pelo seu núcleo, pode ser expandida por determinantes que têm por missão acrescer ideia acidental complementar ao significado desse substantivo nuclear. O resultado dessa expansão é um grupo unitário sintagmático nominal. Estas expansões não alteram a relação gramatical do núcleo, mas tão somente aludem a aspectos diferentes da realidade do conteúdo significativo do substantivo ou da expressão nominal a ele equivalente. Daí o resultado de a expansão exercer na oração a mesma função do núcleo despojado do(s) seu(s) determinante(s):

Sujeito	*Núcleo do Predicado*	*Objeto direto*	*Compl. relativo*	*Compl indireto*	*Adj. Adv.*
José	estuda.				
O meu primo José	estuda.				
Ela	comprou	livros.			
Ela	comprou	muitos livros de literatura.			
Nós	demos	presentes		a parentes.	
Nós	demos	muitos presentes		a todos os parentes distantes.	
Os professores	gostam		de alunos.		
Os professores	gostam		de alunos estudiosos.		
Meus pais	trabalham				em casa.
Meus pais	trabalham				em casa de campo.

O grupo sintagmático nominal pode constituir-se de vários tipos:

1– Os que podem ocorrer à esquerda ou à direita do *subtantivo* + *adjetivo*

Passei *belos dias* em *cidades agradáveis*.

Os determinantes estão, em geral, representados pelas seguintes classes de palavras: *adjetivo*, *artigo* e *pronome demonstrativo* ou equivalentes de adjetivos (estes veremos

adiante):

Noites *claras* prenunciam bom tempo.

O livro está esgotado.

Esta manhã prometia chuva.

Na sequência de determinantes, aparecem como pré-determinantes, à esquerda do determinante, as palavras que podem receber globalmente o nome de *Quantificador* (*algum*, *certo*, *vários*, *todo*, *todos*, *qualquer*, *alguns* (de), *vários* (de), etc.):

Alguns bons momentos são inesquecíveis.

Todos os alunos saíram.

Alguns de nós não foram à festa.

Aparecem como pós-determinantes, isto é, as palavras que ocorrem à direita do determinante, e do pré-determinante, o *pronome possessivo* e o *numeral*:

Os *seus* livros não estavam na estante.

Aqueles *dois* erros eram graves.

Vários de *meus* sobrinhos são engenheiros.

Aqueles *dois seus* vizinhos trabalham no comércio.

2 – Os que normalmente só ocorrem à esquerda do *substantivo* + *determinantes*, que incluem as seguintes classes de palavras:

a) artigo e os pronomes demonstrativos

Os bons filmes entrarão em cartaz *esta semana*.

b) substantivo + pré-determinantes (que incluem as seguintes classes de palavras: *pronome possessivo* e o *numeral*):

Os *seus livros* não estavam na estante.

Aqueles *dois erros* eram graves.

c) substantivo + pós-determinantes (que incluem os quantificadores, representados pelos pronomes indefinidos)

Todos os três meus bons amigos chegam hoje.

Os do tipo 1 (*substantivo* + *adjetivo*) podem ter estruturas diferentes:

a) um adjetivo:

belos dias em cidades *agradáveis*

b) um grupo preposicionado equivalente a adjetivo, que pode ou não ter um correspondente signo léxico na língua. Neste caso, quando o substantivo entra num grupo adjetivado, não concorda em gênero e número com o substantivo núcleo, e, se aparece no plural, não o faz pelo fenômeno da concordância, mas em atenção à realidade comunicada: *copo com defeito* / *copos com defeito*; mas *copo com defeito* / *copo com defeitos* (por se querer referir a mais de um defeito existente no *copo*).

homem *de coragem* (corajoso)

pão *com manteiga* (amanteigado)

copo *com defeito* (defeituoso)

casa *de Pedro*

cama *de solteiro*

c) uma oração transposta à função adjetiva:

O homem *que tem coragem* (corajoso)

A casa *que Pedro possui*

2) Complemento nominal – Uma tradição gramatical mais recente, atentando para o aspecto da realidade comunicada, e de certas relações gramaticais nela existentes, tem procurado distinguir os diversos sentidos em que se interpretam as expansões de substantivo como as seguintes, sem esgotar a exemplificação:

a resolução *do diretor*
a prisão *do criminoso pela polícia*
a remessa *dos livros*
a resposta *ao crítico*
o assalto *pelo batalhão*
a ida *a Petrópolis*

Assim é que essa tradição, partindo do conteúdo de *resolução do diretor* equivalente a *o diretor resolveu*, classifica *do diretor* como "*complemento* (e não *adjunto*) nominal subjetivo". Já em *prisão do criminoso*, equivalente a *o criminoso foi preso*, teremos um "complemento nominal subjetivo passivo". Em *a remessa dos livros*, equivalente a *alguém remeteu os livros*, *dos livros* se classificará como "complemento nominal objetivo". Como "complemento nominal objetivo indireto ou terminativo" será *ao crítico* do grupo sintagmático nominal *a resposta ao crítico*. Em *o assalto pelo batalhão*, a expressão preposicionada será classificada como "complemento de agente ou de causa eficiente". Já em *ida a Petrópolis*, teremos um "complemento nominal circunstancial" [JO.1, 223-227].

À primeira vista, em relação aos termos primários da relação predicativa (sujeito-predicado), não há razão para um tratamento sintático diferente do adjunto adnominal, tendo em vista que também com o complemento nominal a expansão do grupo sintagmático não modifica a relação gramatical do núcleo:

Sujeito	*Predicado*
A casa de Pedro	é espaçosa
A resolução do diretor	surpreendeu a todos
A prisão do criminoso pela polícia	mereceu elogio da imprensa

Assim também qualquer variação tanto no núcleo do adjunto adnominal quanto no do complemento nominal não alterará a relação com o núcleo verbal:

A casa *do vizinho* / A casa *dos vizinhos* } é espaçosa

A resolução *do diretor* / A resolução *dos diretores* } surpreendeu a todos

Poderíamos apontar outros aspectos gramaticais em que os dois termos apresentam traços comuns, como: a) a posição à direita do núcleo; b) a inexistência de pausa; c) a introdução por preposição, obrigatória no complemento nominal e muito frequente no adjunto.

Todavia, o complemento nominal está semanticamente mais coeso ao núcleo, por representar uma construção derivada mediante a nominalização, fenômeno que não ocorre no adjunto adnominal:

O diretor resolveu → A resolução do diretor

A polícia prendeu o criminoso → A prisão do criminoso pela polícia

Esta relação semântico-sintática provoca a impossibilidade – se não estiver já assinalado ou conhecido no contexto – de apagamento do complemento nominal, *sem que isto estabeleça a razão primordial para distinguir o complemento do adjunto*, uma vez que há adjuntos imprescindíveis:

**A resolução* surpreendeu a todos

**A prisão pela polícia* mereceu elogio

Estando a nominalização presente quer no complemento nominal de função primária subjetiva (*a resolução do diretor ← o diretor resolveu*), quer no de função primária objetiva (*a descoberta da imprensa ← Gutenberg descobriu a imprensa*), não cabe classificar no exemplo *a resolução do diretor*, *do diretor* como adjunto adnominal, enquanto no exemplo *a descoberta da imprensa*, *da imprensa* como complemento nominal [VK.4].

Ambos os termos participam das mesmas características próprias ao complemento nominal; além da nominalização, não admitem apagamento:

a resolução do diretor → *a resolução

a descoberta da imprensa → *a descoberta

Impõe-se, desta maneira, incluir o complemento nominal como termo argumental.

OBSERVAÇÃO: Cabe não confundir casos de impossibilidade de apagamento com outros em que o nosso saber sobre as coisas do mundo impede, por incoerentes, construções do tipo *Conheci um homem de pernas*, *João tem uma voz*, uma vez que a nossa experiência concebe todo homem com pernas, ou com voz. Todavia, anula-se a incoerência se tais substantivos vêm acompanhados de adjetivos: *Conheci um homem de pernas longuíssimas*, *João tem uma voz roufenha*, já que nem todos os homens têm pernas longuíssimas nem voz fanhosa. Portanto, nestes casos não se trata de um saber idiomático, mas de um saber elocutivo.

Há evidente paralelismo entre a estrutura interna do complemento nominal e das orações. Este tratamento especial do complemento nominal serve para explicar fatos gramaticais que ficam mais evidentes à luz desta distinção.

Por exemplo, o termo nominalizado (substantivo, adjetivo ou advérbio de base nominal) pode contrair as mesmas relações sintáticas da construção básica; se o núcleo verbal é complexo e se acompanha de complementos, a construção derivada apresenta estes termos:

A mãe ama o filho → O amor *de mãe ao filho*

A polícia prendeu o ladrão → A prisão *do ladrão pela polícia*

Jesus ama as criancinhas → o amor *de Jesus às criancinhas*

O carteiro entregou a carta de José ao Mário → A entrega *da carta de José ao Mário pelo carteiro*

A seleção da preposição que introduz o complemento nominal quase sempre está determinada pela preposição que acompanha o complemento verbal:

Foi *à cidade* → A ida *à cidade*

Penetrou *na floresta* → A penetração *na floresta*

Inclinou-se *à música* → A inclinação *à música*

De modo geral, a gramática tradicional tem apontado complementos nominais restritos a processos de nominalizações que envolvem substantivos (***desejo** de vitória ↔ desejar a vitória*), a adjetivos (***desejoso** de vitória ↔ desejar a vitória*), ou a advérbios (***referentemente** ao assunto ↔ referente* [adjetivo] *ao assunto ↔ referência* [substantivo] *ao assunto*). Mas há outros que devem sua presença a traços semânticos do núcleo nominal, independentes de nominalizações. Vejamos alguns desses tipos.

Como núcleo do sintagma nominal, teremos, de início, substantivos formalmente relacionados a verbos que assumem relações muito semelhantes às que ocorrem nas orações, conforme já vimos nos exemplos:

a saída do trem / *o trem saiu*

a entrega da carta / (alguém) *entregou a carta* ou *a carta foi entregue*

O substantivo formado de adjetivo também goza da estrutura argumental que lhe é própria:

a *cultura* do professor / o professor *culto*

Todavia, como a estrutura argumental depende do significado léxico de cada palavra, substantivos há que, não se relacionando morfológica ou materialmente a verbos e adjetivos, selecionam termos argumentais, inerentes ao conteúdo de pensamento designado. Tais termos atendem às duas condições básicas do estatuto dos argumentos: a) o núcleo os seleciona semântica e categorialmente; b) o núcleo lhes impõe uma interpretação determinada [EV.1, 32].

Estão neste caso de argumentos inerentes:

a) Os substantivos relacionais, isto é, aqueles que não fazem referência a indivíduos, mas expressam relações entre indivíduos. É o caso dos termos de parentesco, do tipo de *pai*, *mãe*, *filho*, *irmão*:

o pai *de Eduardo*

a tia *do Daniel*

o irmão *da Bebel*

Incluem-se neste rol, naturalmente, substantivos como *amigo*, *colega*, *companheiro*:

o amigo *de Cleto*

a colega *de Georgete*

Cabe lembrar que substantivos referidos à mesma entidade podem incluir-se ou não no grupo dos relacionais. Por exemplo, *pátria* e *país*; o primeiro é relacional, se significa o lugar de nascimento, porque é pátria sempre relacionado a alguém, enquanto *país* ('nação', 'região') não faz necessariamente referência a um indivíduo. O exemplo apresentado por Escandell Vidal *mascote* e *cão* é mais evidente, porque a mascote pressupõe sê-lo de alguém, o que não se dá com o substantivo *cão*.

Os nomes de partes do corpo e aqueles que aludem a partes constitutivas de uma entidade, física ou abstratamente considerada:

os *braços* da *dançarina*

o *rosto* da *criança*

a *face* do *problema*

o *galho* da *árvore*

o *cérebro* da *equipe*

o *x* da *questão*

b) Os substantivos icônicos, isto é, que designam representação, tais como *retrato*, *quadro*, *fotografia*, *filme*, *película*, quando referidos a entidades retratadas, pintadas, fotografadas, etc.

Note-se a diferença entre:

(1) *O retrato de Machado de Assis*

(2) *O retrato da galeria*

Em (1), o significado de *retrato* seleciona o termo argumental *Machado de Assis*, interpretado o sintagma nominal como 'o retrato em que aparece M. de Assis'.

Em (2), já *retrato* se acha acompanhado de um adjunto adnominal, sendo 'o retrato da galeria' interpretado como 'o retrato exposto na galeria'.

Também pode, no caso (1), o termo argumental referir-se não à entidade retratada, mas ao próprio autor do retrato ou quadro:

O quadro de Vitor Meireles

As referências à entidade retratada e ao seu autor podem concorrer no sintagma nominal mediante os dois termos argumentais:

O quadro da Proclamação da Independência de Vitor Meireles (i. é, o quadro que retrata a Proclamação da Independência de autoria de Vitor Meireles).

Pode até juntar-se a esses dois termos argumentais o adjunto adnominal:

O quadro do Grito do Ipiranga de Vitor Meireles do Museu de Belas Artes

Incluem-se entre os substantivos que designam representação os que se aplicam a produtos da atividade intelectual, como *livro*, *artigo*, etc.:

O livro de Graciliano Ramos intitula-se Vidas Secas

Assim como o adjunto adnominal pode ser representado por uma expansão mais complexa do núcleo nominal, isto é, por uma oração subordinada adjetiva:

A casa *comprada* está perto da cidade
A casa *que comprei* está perto da cidade,

assim também o complemento nominal pode ser representado por uma oração subordinada (originalmente substantiva) completiva nominal:

O desejo *de tua vitória* é constante
O desejo *de que venças* é constante

3) O aposto – Outro componente do grupo sintagmático nominal é o chamado *aposto*, cujo limite de distinção com o adjunto adnominal propriamente dito é muitas vezes difícil de traçar. Aparece em construções do tipo:

O rio *Amazonas* deságua no Atlântico.
O professor *Machado* honrou o magistério.
Sousa *cabeleireiro* me conhece bem.
Meu *primo* José morou na Itália.
"E com ele [programa] tem vindo pela vida, satisfazendo a portugueses e brasileiros, que o consideramos *uns e outros*, soldado do seu grupo." [MC.2, 206]
Clarice, *a primeira neta da família*, cursa Direito.
Sousa, nosso cabeleireiro, não trabalha hoje.
Pedro II, *imperador do Brasil*, protegia jovens talentosos.
Eu *Anibal* peço a paz [MMa].
Amanhã, *sábado*, não sairei [AK].

Chama-se *aposto* a um substantivo ou expressão equivalente que modifica um núcleo nominal (ou pronominal ou palavra de natureza substantiva como *amanhã*, *hoje*, etc.), também conhecido pela denominação *fundamental*, sem precisar de outro instrumento gramatical que marque esta função adnominal.

Há diferença de conteúdo semântico entre uma construção do tipo *O rio Amazonas* e *Pedro*

II, imperador do Brasil; na primeira, o substantivo que funciona como aposto se aplica diretamente ao nome núcleo e restringe seu conteúdo semântico de valor genérico, tal como faz um adjetivo, enquanto na segunda a sua missão é tão somente explicar o conceito do termo fundamental, razão pela qual é em geral marcado por pausa, indicada por vírgula ou por sinal equivalente (travessão e parêntese). Daí a aposição do primeiro tipo se chamar *específica* ou *especificativa* e a do segundo, *explicativa*.

O aposto explicativo pode apresentar valores secundários que merecem descrição especial, como ocorre com os seguintes:

a) Enumerativo, quando a explicação consiste em desdobrar o fundamental representado por um dos pronomes (ou locução) *tudo*, *nada*, *ninguém*, *cada um*, *um e outro*, etc., ou por substantivo:

Tudo – *alegrias, tristezas, preocupações* – ficava estampado logo no seu rosto.

Duas coisas o encorajavam, *a fé na religião e a confiança em si.*

"Duas cousas se não perdoam entre os partidos políticos: *a neutralidade e a apostasia*" [MM].

Às vezes esse tipo de aposto precede o fundamental:

A matemática, *a história*, *a língua portuguesa*, nada tinha segredos para ele.

Em todos estes exemplos, o fundamental (*tudo*, *duas coisas*, *nada*) funciona como sujeito das orações e, por isso, se estabelece a concordância entre ele e o verbo.

Este aposto pode vir precedido das locuções explicativas *isto é*, *por exemplo*, *a saber*, *verbi gratia* (abreviatura [v. g.]):

Duas coisas o incomodavam, *a saber*, *o barulho da rua e o frio intenso*.

b) *Distributivo*:

Machado de Assis e Gonçalves Dias são os meus escritores preferidos, *aquele na prosa e este na poesia*.

Um no automobilismo, *outro* no futebol, Senna e Pelé marcaram um período de ouro no esporte brasileiro.

c) *Circunstancial* (comparação, tempo, causa, etc., precedido ou não de palavra que marca esta relação a mais, já que o aposto explicativo acrescenta um dado a mais acerca do fundamental):

"As estrelas, *grandes olhos curiosos*, espreitavam através da folhagem". [EQ.2, 8 *apud* AK.1].

"*Artista* – corta o mármor de Carrara;

Poetisa – tange os hinos de Ferrara" [CAv.1, II: 142]

Este tipo de aposto pode ser introduzido por *como*, *na qualidade de*:

As estrelas, *como grandes olhos curiosos*, espreitavam através da folhagem.

A ti, *como general*, compete o comandar.

D. João de Castro, *vice-rei da Índia*, empenhou os cabelos da barba.

Este tipo de aposto pode ser introduzido por *quando*:

D. João de Castro, quando *vice-rei da Índia*, empenhou os cabelos da barba [Epifânio Dias].

Paulinho, *amigo*, tirou-o da dificuldade.

Paulinho, *porque amigo*, tirou-o da dificuldade.

4) Aposição com *de* x Adjunto adnominal – Algumas vezes, o aposto especificativo vem introduzido pela preposição *de*, especialmente se se trata de denominações de instituições, de

logradouros, de acidentes geográficos:

Colégio *de Santa Rita*
Praça *da República*
Ilha *de Marajó*
Cidade *do Recife*

Tal construção, materialmente falando, aproxima o aposto do adjunto adnominal preposicionado, que vimos antes; todavia, do ponto de vista semântico, há diferença entre *Ilha de Marajó* e *casa de Pedro*. Em *casa de Pedro*, *casa* e *Pedro* são duas realidades distintas, enquanto em *ilha* e *Marajó* se trata de uma só realidade, já que ambos querem referir-se a um só conteúdo de pensamento designado112 . Quanto ao emprego da preposição *de* nas construções deste último tipo, como bem ensina Epifânio Dias, "da arbitrariedade do uso é que depende o empregar-se em uns casos *de* definitivo, em outros a aposição. Diz-se, por exemplo: *o nome de Augusto*, mas *a palavra Augusto*; *a cidade de Lisboa*, mas *o rio Tejo*".

Às vezes podem as construções com *de* provocar casos de sincretismo sintático, com consequente efeito de ambiguidade, não diferençando o título da ideia de posse ou pertença. Por isso, para os títulos, no desejo de evitar a ambiguidade, vai-se generalizando o não emprego da preposição *de*: *Rua Santa Teresa*, *Praça Paris*, etc. Esta construção é antiga na língua e paralela ao uso latino (*Urbs Roma*, *Garumna flumen*). Mas a presença da justaposição no francês e inglês tem feito que tal prática seja condenada sem sucesso por estrangeirismo. A justaposição vai-se impondo em *bomba relógio*, *mandato tampão*, *homem bala*, *traje passeio*, em que o procedimento morfológico de formação de compostos se sobrepõe ao processo sintático. A prática, nestes casos, vacila entre o emprego ou não do hífen.

De qualquer maneira, o aposto e o adjunto adnominal são ambos expansões sintáticas do núcleo nominal.

5) As construções *uma joia de pessoa* e *o pobre do rapaz* – Em vez de *uma pessoa joia* e *o pobre rapaz*, em que o núcleo nominal (*pessoa*, *rapaz*) se acha acompanhado de um adjunto adnominal (*joia*, *pobre*), aparecem, numa forma carregada de afetividade, as expressões *uma joia de pessoa* e *o pobre do rapaz*, em que o primitivo adjunto passa formalmente a núcleo e o antigo núcleo passa a adjunto, mediante a presença da preposição *de*. Tem-se muito discutido como se formaram estas expressões derivadas, sem que tenhamos uma solução cabal; mas se pode filiá-las a frases exclamativas sem verbo do tipo de *ai de mim!*, *pobre de mim!*, etc. [FDz.1, III:131].

Ao lado da carga afetiva positiva em construções do tipo *o bom do pároco* pode ocorrer a carga negativa *o burro do cliente*, *a droga do cliente*; neste último caso cria-se uma ambiguidade entre as equivalências "o cliente é uma droga" e "o cliente tem uma droga".

Substantivo + adjetivo = Adjetivo + substantivo

Pode ocorrer sincretismo sintático em grupos nominais do tipo *sábio alemão*, em que se pode corretamente entender, de um lado, a existência de um *sábio* (substantivo) de

nacionalidade alemã (adjetivo), ou, de outro, um *alemão* (substantivo) que é *sábio* (adjetivo). Há aqui, portanto, uma coincidência material de combinação de formas linguísticas, mediante a qual substantivo + adjetivo = adjetivo + substantivo [ECs.4, 246].

A interpretação mais natural ou, pelo menos, mais imediata, é considerar o segundo termo como adjetivo, isto é, como adjunto adnominal. É a lição de M. Barreto, em grupos nominais do tipo *menino rei / rei menino*, *filósofo rei / rei filósofo* [MBa.7, 326]. Assim entendeu Machado de Assis ao definir que as *Memórias Póstumas de Brás Cubas* eram as de um *defunto autor* (= que escreve) e não de um *autor defunto* (= que morreu).

6) Graus de coesão nos grupos nominais – Às vezes, o núcleo nominal já expandido por um adjunto adnominal constituído por adjetivo vem acrescido de outro adjetivo, como

os competentes atletas mineiros,

em que ao grupo inicial *os competentes atletas* se junta o adjunto adnominal *mineiros*, que não se refere tão somente ao substantivo *atletas*, mas ao conjunto *competentes atletas*. Assim, *competentes* guarda maior grau de coesão em relação a *atletas* do que o adjetivo *mineiros*. Temos aqui um exemplo de hipotaxe estudada em, em que o grupo de palavras *competentes atletas* passa a funcionar no estrato de palavra e, assim, pode receber o adjunto adnominal *mineiros*.

Podem estar juntos os dois adjetivos, sem que se altere o grau de coesão:

a situação política atual [VK.1, 161]

O adjetivo menos coeso (*atual*) em relação ao nome (*situação*) pode mudar de posição, diferentemente do mais coeso (*política*):

a atual situação política

mas não:

**a política situação atual*

Também o menos coeso não pode intercalar-se entre o núcleo e o mais coeso:

* *a situação atual política*

7) O aposto com expressões do tipo *pôr nome* – Depois do substantivo das expressões *pôr nome*, *ter nome* e equivalentes, com o significado de "chamar(-se)", "dar nome", pode aparecer um aposto:

Quem o seu cão quer matar, *raiva* lhe põe nome [MBa.4, 64].

8) Aposto referido a uma oração – O aposto não só se refere a qualquer núcleo nominal em qualquer função da oração; pode referir-se ao conteúdo de pensamento expresso numa oração inteira:

Depois da prova, Filipe estava radiante, *sinal de seu sucesso*.

Como aposto de uma oração inteira costuma aparecer um substantivo como *coisa*, *razão*, *motivo*, *fato* e equivalente, sempre acompanhado de um adjunto adnominal, ou de uma oração subordinada adjetiva substantivada pelo artigo *o*:

O desastre provocou muitas vítimas, *coisa lastimável*.

Os convidados não foram à festa, *o que deixou o aniversariante frustrado*.

OBSERVAÇÃO: A tradição gramatical entre nós tem considerado neste último caso como pronome demonstrativo (= aquele, aquilo, isto) usado neutralmente, o *o* que precede o *que*, modificado por uma oração adjetiva, em vez de considerar essa mesma oração adjetiva substantivada pelo artigo *o*, como fizemos aqui. Discutimos o assunto mais adiante.

9) Vocativo: uma unidade à parte – Desligado da estrutura argumental da oração e desta separado por curva de entoação exclamativa, o vocativo cumpre uma função apelativa de 2.ª pessoa, pois, por seu intermédio, chamamos ou pomos em evidência a pessoa ou coisa a que nos dirigimos:

José, vem cá!

Tu, *meu irmão*, precisas estudar!

Felicidade, onde te escondes?

Algumas vezes vem precedido de *ó*, que a tradição gramatical inclui entre as interjeições, pela sua correspondência material, mas que, na realidade, pode ser considerado um morfema de vocativo, dada a característica entonacional que a diferencia das interjeições propriamente ditas [HCv.2, 197 n.47].

"*Deus*, *ó Deus*, onde estás que não respondes?" [CAv.1, 141]

Estes exemplos nos põem diante de algumas particularidades que envolvem o vocativo. Pelo desligamento da estrutura argumental da oração, constitui, por si só, a rigor, uma frase exclamativa à parte ou um fragmento de oração, à semelhança das interjeições. Por outro lado, como no caso de *Tu, meu irmão, precisas estudar!*, às vezes, se aproxima do aposto explicativo, pela razão que vai constituir a particularidade seguinte. Por fim, o vocativo, na função apelativa, está ligado ao imperativo ou conteúdo volitivo da forma verbal, já que, em se tratando de ordem ou manifestação de desejo endereçada à pessoa com quem falamos ou a quem nos dirigimos, presente quase sempre, não há necessidade de marcar gramaticalmente o sujeito. Quando surge a necessidade de explicitá-lo, por algum motivo, aludimos a esse sujeito em forma de vocativo [RLz.1, 66].

Assim é que em:

"Deixa-me! Deixa-me a vagar perdida...

Tu! - parte! volve para os lares teus". [CAv.1, 191],

tu não é o sujeito de *parte*, e sim vocativo, "espécie de aposição à ideia do sujeito, contida no imperativo" [HCv.2, 197 n.47]. Ocorre o mesmo com o substantivo *poeta* em:

Vai, *Poeta*... (*Id*., *ibid*.: 116)

Pelos exemplos aduzidos até aqui, vê-se que o vocativo pode ser representado por substantivo ou pronome, podendo admitir a presença de expansões (p. ex., de adjuntos adnominais, de orações adjetivas):

Desce do espaço imenso, *ó águia do oceano*!

"*Senhor Deus*, *que após a noite*

Mandas a luz do arrebol,

Que vestes a esfarrapada

Com o manto rico do sol". [CAv.1, 88]

Na correspondência epistolar, o vocativo vem separado do resto do enunciado por vírgula, enquanto em textos de outra natureza costuma aparecer o emprego dos dois pontos (:) ou do ponto de exclamação (!).

2 – Orações Complexas e Grupos Oracionais: a Subordinação e a Coordenação. A Justaposição

Subordinação: oração complexa – Uma oração independente do ponto de vista sintático, que sozinha, considerada como unidade material, constitui um texto, se este nela se resumir, como em

A noite chegou,

pode, pelo fenômeno de estruturação das camadas gramaticais conhecido por *hipotaxe* ou *subordinação*, passar a uma camada inferior e aí funcionar como pertença, como membro sintático de outra unidade;

O caçador percebeu que *a noite chegou*.

A primitiva oração independente *a noite chegou* transportou-se do nível sintático de independência para exercer a função de complemento ou objeto direto da relação predicativa da oração a que pertence o núcleo verbal *percebeu*: *o caçador percebeu.*

Dizemos, então, que a unidade sintática *que a noite chegou* é uma oração *subordinada*. A gramática tradicional chama à unidade *o caçador percebeu* oração principal. Gramaticalmente, a unidade oracional *O caçador percebeu que a noite chegou* é uma unidade sintática igual a *O caçador percebeu a chegada da noite*, onde *a chegada da noite* integra indissoluvelmente a relação predicativa que tem por núcleo e verbo *percebeu*, na função de complemento ou objeto direto.

Assim, levando em conta os constituintes imediatos, há um primeiro momento em que se analisa por inteiro a unidade sintática *O caçador percebeu que a noite chegou*, para depois se analisar o termo sintático que se apresenta sob forma oracional:

Sujeito: *o caçador*

Predicado: *percebeu que a noite chegou*

Objeto direto: *que a noite chegou*.

Como o objeto direto está constituído por uma oração subordinada, são passíveis de análise suas unidades sintáticas constitutivas:

Sujeito: *a noite*

Predicado: *chegou*

Oração complexa e grupos oracionais – A rigor, o conjunto complexo *que a noite chegou* não passa de um termo sintático na oração complexa *O caçador percebeu que a noite chegou*, que funciona como objeto direto do núcleo verbal *percebeu*. Estas unidades transpostas exercem função própria de meros substantivos, adjetivos e advérbios, razão por que são assim classificadas na oração complexa. Todavia, a presença de um núcleo verbal (que a noite *chegou*) leva a tradição a ver aí também uma unidade de caráter oracional, ao lado da unidade oracional (porque também tem verbo) a que se prende, embora, isoladamente, nenhuma das duas satisfaça as demais condições que caracterizam uma oração, além da presença do verbo integrando uma relação predicativa:

a) a delimitação entre duas pausas e o contorno melódico;

b) existência de um ato completo de comunicação em cada situação de fala concreta.

Assim, apesar destas considerações, esta gramática respeitará o peso da tradição e verá, num primeiro momento de análise em constituintes imediatos, uma oração complexa (a que também alguns gramáticos nossos chamavam *oração geral*, como, por exemplo, José Oiticica), para depois analisar como oração subordinada o complexo unitário correspondente a uma função sintática exercida por substantivo, adjetivo ou advérbio.

Diferente deste caso será o *grupo oracional* integrado por orações sintaticamente independentes, que, por isso, poderiam aparecer em separado:

O caçador chegou à cidade e procurou um hotel.

ou

O caçador chegou à cidade. Procurou um hotel.

Temos aqui um grupo de enunciados da mesma camada gramatical, isto é, como *orações*, o que caracteriza uma das propriedades de estruturação das camadas gramaticais conhecida por *parataxe* ou *coordenação*.

Daí só podermos, a rigor, falar em *orações compostas*, *grupos oracionais* ou *período composto* quando estivermos diante de orações coordenadas.

Não causará estranheza, se atentarmos para o princípio dos constituintes imediatos, que haja coordenação entre qualquer unidade da mesma camada gramatical: *homem e mulher,* (dois substantivos) *estudioso e inteligente* (dois adjetivos), *ontem e hoje* (dois advérbios), *leio e compreendo* (dois verbos), *com e sem* (duas preposições), um substantivo e oração substantiva (*desejo a vitória e que tenhas sucesso*), um adjetivo e oração adjetiva (*inteligente e que tem bom coração*), advérbio e oração adverbial (*agora e quando estiveres pronto*), duas orações da mesma função sintática (*desejo que venças e que sejas feliz*), etc.

Por hipertaxe ou hipotaxe, uma unidade pode passar, respectivamente, a camadas gramaticais superiores ou inferiores, e depois ocorrer a coordenação.

***Que*: marca de subordinação oracional** – No exemplo *O caçador percebeu que a noite chegou*, a marca de que a oração independente passou pelo processo da subordinação, a funcionar como membro de uma outra oração, é o *que*, conhecido tradicionalmente como "conjunção" integrante.

Na realidade esse *que* não tem por missão precípua "juntar" duas orações – como fazem as conjunções coordenativas – , mas tão somente marcar o processo por que se transpôs uma unidade de camada superior (uma oração independente) para funcionar, numa camada inferior, como membro de outra oração.

Daí não corresponder à nova realidade material da unidade sintática subordinada a denominação tradicional de *orações compostas* ou *período composto.* Temos sim orações *complexas*, isto é, orações que têm termos determinantes ou argumentais complexos, representados sob forma de outra oração. Só haverá orações ou períodos *compostos* quando houver *coordenação*. Dizemos que esse *que* é um *transpositor*.

Orações complexas de transposição substantiva – A oração transposta, inserida na oração complexa, é classificada conforme a categoria a que corresponde e pela qual pode ser substituída no desempenho da mesma função. Daí ser a oração transposta classificada como *substantiva*, *adjetiva* ou *adverbial*, segundo a tradição gramatical, pois desempenha função sintática normalmente constituída por substantivo, adjetivo ou advérbio. Assim, em nosso exemplo, *O caçador percebeu que a noite chegou*, a oração transposta inserida na oração complexa (que) *a noite chegou* será substituída pelo substantivo *a chegada da noite* (*O caçador percebeu a chegada da noite*), e a oração transposta pelo processo da subordinação funcionará também como objeto direto da relação predicativa que tem como núcleo verbal *percebeu*.

A oração subordinada transposta substantiva aparece inserida na oração complexa exercendo funções próprias do substantivo, ressaltando-se que a conjunção *que* pode vir precedida de preposição conforme exerça função que necessite desse índice funcional:

a) Sujeito: *Convém que tu estudes / Convém o teu estudo.*

b) Objeto direto: *O pai viu que a filha saíra / O pai viu a saída da filha.*

c) Complemento relativo: *Todos gostam de que sejam premiados / Todos gostam de prêmio.*

d) Predicativo: *A verdade é que todos foram aprovados / A verdade é a aprovação de todos.*

e) Objeto indireto: *Enildo dedica sua atenção a que os filhos se eduquem / Enildo dedica sua atenção à educação dos filhos.*

f) Aposto: *Uma coisa lhe posso adiantar, que as crianças são a alegria dos adultos. Uma coisa lhe posso adiantar, a alegria das crianças aos adultos.*

OBSERVAÇÃO: Para as funções de complemento nominal e agente da passiva.

5 – Orações subordinadas resultantes de substantivação: as interrogativas e exclamativas – Sem precisar do transpositor *que*, as orações interrogativas e exclamativas, desprovidas do particular contorno melódico e iniciadas por uma unidade desses valores semânticos, podem-se substantivar e exercer função própria de substantivo na oração complexa:

Ainda não sei *que vou fazer hoje* (cf. *Que vou fazer hoje?*)

Os comerciantes desconhecem *que a mercadoria terá mais saída no próximo verão*.

O professor pergunta *qual é o motivo da algazarra*.

Ainda não descobrimos *por que ele saiu cedo*.

A vizinha descobriu *quem lhe telefonou de madrugada*.

O treinador decidiu *como o time conterá o adversário*.

O calouro ainda não sabe *para que especialidade médica se dirigirá*.

Não adivinhava *quanta alegria causou em nós*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Opondo-se ao transpositor *que,* que não exerce função sintática, as unidades interrogativas e exclamativas (pronomes e advérbios) têm função sintática na oração subordinada a que pertencem.

2.ª) Na língua popular e regional – reminiscência de antigo uso –, pode aparecer o transpositor *que* antes da unidade interrogativa: Não sei *que por que só chega tarde.* Perguntavam-me *que por onde havia fugido*.

Também aparece desprovida do *que* a oração subordinada de valor semântico de incerteza ou dúvida, que primitivamente era uma interrogativa geral, passando a conjunção *se* a transpositora: Não sei *se a prima virá cedo.* Perguntavas *se o jogo seria hoje.*

Orações complexas de transposição adjetiva

1) Orações adjetivas ou de relativo

Tomemos a seguinte oração

O aluno estudioso vence na vida,

em que o adjunto adnominal representado pelo adjetivo *estudioso* pode também ser representado por uma oração que, pela equivalência semântica e sintática com *estudioso*, se chama *adjetiva*:

O aluno	que estuda	vence na vida.
O aluno	estudioso	vence na vida.

Repare que a oração independente

O aluno estuda,

mediante o transpositor *que*, representado pelo pronome relativo, transpõe a oração independente a funcionar, num nível inferior, como adjunto adnominal do substantivo *aluno,* tal qual fazia o adjetivo *estudioso* da oração básica *O aluno estudioso vence na vida.* Daí dizer-se que a oração transposta *que estuda* é *subordinada adjetiva.*

O transpositor relativo que, na oração subordinada reintroduz o antecedente a que se refere, acumula também uma função de acordo com a estrutura sintática da oração transposta.

No exemplo acima:

O aluno que estuda vence na vida,

a oração *que estuda* vale por *o aluno estuda*, já que o pronome relativo é aí o representante do antecedente *aluno.* Analisando *o aluno estuda,* o sujeito explícito é *o aluno*, o que nos leva a verificar que o pronome em *que estuda* funciona como sujeito explícito do núcleo verbal *estuda*.

2) O relativo marcado por índice preposicional

Já em

O livro de que gostas está esgotado,

o relativo *que* reintroduz também o antecedente *livro*, de modo que a oração subordinada *de que gostas* vale por *gostas do livro*, em que *do livro* é complemento relativo do núcleo verbal *gostas.* Se assim é, na oração subordinada *de que gostas* o pronome relativo funciona como complemento relativo. E como o complemento relativo é um termo argumental marcado por um índice preposicional e como o verbo *gostar* se acompanha da preposição *de*, é imprescindível que este índice esteja introduzindo o relativo *que*:

O livro *de que gostas* está esgotado.

Em

A cidade a que nos dirigimos ainda está longe,

o relativo *que* reintroduz na oração subordinada adjetiva *a que nos dirigimos* o substantivo

cidade, e vale por *nos dirigimos à cidade*, em que o núcleo verbal *dirigimos* requer um termo argumental marcado pelo índice preposicional *a*, preposição que, portanto, não deve faltar anteposta ao relativo, que funciona como complemento relativo do núcleo verbal *nos dirigimos*:

A cidade *a que* nos dirigimos ainda está longe.

Orações adjetivas explicativas e restritivas – Já vimos que o adjetivo pode antepor-se ou pospor-se ao substantivo e que, segundo sua posição o adjetivo pode variar de valor. Em geral, o adjetivo anteposto (também chamado *epíteto*) traduz, por parte da perspectiva do falante, valor *explicativo* ou *descritivo*: *a triste vida*. Aqui o adjetivo não designa nenhum tipo de *vida* que se oponha a outro que não seja *triste*; apenas se descreve como a *vida* é, e, como diz Alarcos Llorach, quase vale por "a vida com sua tristeza" [AL.1, 82]. Agora, se disséssemos, *a vida triste*, nos estaríamos restringindo a uma realidade que se opõe a outras, como *vida alegre, vida boêmia,* etc. Neste caso, o adjetivo se diz *restritivo.*

A oração adjetiva também conhece esses dois valores; a adjetiva explicativa alude a uma particularidade que não modifica a referência do antecedente e que, por ser mero apêndice, pode ser dispensada sem prejuízo total da mensagem. Na língua falada, aparece marcada por pausa em relação ao antecedente e, na escrita, é assinalada por adequado sinal de pontuação, em geral, entre vírgulas:

O homem, que vinha a cavalo, parou defronte da igreja.

Repare-se em que a oração adjetiva *que vinha a cavalo* denuncia que, na narração, só havia um homem, de modo que a declaração *que vinha a cavalo* pode ser dispensada:

O homem parou defronte da igreja

Já em

O homem que vinha a cavalo parou defronte da igreja,

a oração adjetiva, proferida sem pausa e não indicada na escrita por sinal de pontuação a separá-la do antecedente, demonstra que na narração havia mais de um homem, mas só o "que vinha a cavalo" *parou defronte* da igreja. A esta subordinada adjetiva se chama *restritiva.*

À semelhança do que se fez com a oração complexa em cuja estrutura há uma oração subordinada substantiva, num primeiro momento da análise, levando em conta o princípio dos constituintes imediatos, analisar-se-á por inteiro a unidade sintática *O aluno que estuda vence na vida*, para depois se analisar o termo sintático que se apresenta sob forma oracional:

Sujeito: *O aluno que estuda*
Predicado: *vence na vida*
Adjunto adverbial: *na vida*

Como o adjunto adnominal está constituído por uma oração subordinada adjetiva, são passíveis de análise suas unidades sintáticas constitutivas:

Sujeito: *que* (= o aluno)
Predicado: *estuda*

Adjetivação de oração originariamente substantiva – A unidade complexa *homem corajoso* pode ser substituída por *homem de coragem*, em que o substantivo *coragem* transposto por uma preposição ao papel de adjetivo funciona também como adjunto do núcleo nominal.

Esta mesma possibilidade de transposição a adjetivo modificador de um grupo nominal mediante o concurso de preposição conhece a oração originariamente substantiva. Este grupo nominal pode ter como núcleo um substantivo, um adjetivo.

Núcleo substantivo:

O desejo *de que se apurem os fatos* é a maior preocupação dos diretores.

A crença *em que a crise se espalhe* atormenta todos nós.

A desconfiança *de se devemos ir avante* é logo desfeita.

Núcleo adjetivo:

Estávamos todos desejosos *de que o concurso saísse logo*.

O negociante estava cônscio *de que sua responsabilidade era grande*.

OBSERVAÇÃO: Sendo as expressões preposicionadas de *desejo de glória*, *ânsia de liberdade*, *desejoso da glória*, *ansioso de liberdade* modificadores dos núcleos nominais (e por isso mesmo chamados *complementos nominais*) e funcionalmente partícipes da natureza dos adjetivos, manda a coerência que as orações que funcionam como complemento nominal sejam incluídas entre as adjetivas – como fizemos aqui – e não entre as substantivas, como faz a tradição entre nós. Como vimos, elas são primitivamente substantivas, mas que, num segundo momento de estruturação, para funcionarem como modificadoras de substantivos e adjetivos, são transpostas a adjetivas mediante o concurso da preposição.

Ocorre o mesmo com as orações que funcionam como agente da passiva que, primitivamente substantivas, são transpostas a adverbiais mediante a preposição *por*.

Substantivação de orações originariamente adjetivas – Em *O homem sábio é guia seguro,* o adjetivo *sábio* pode ocupar o papel da unidade complexa mediante sua substantivação: *O sábio é guia seguro,* onde se deu o apagamento do substantivo *homem* e se marcou o novo caráter substantivo de *sábio* com a anteposição do artigo *o*.

Também conhece esse expediente de substantivação a oração transposta adjetiva mediante o apagamento do antecedente dos relativos *quem* e *que* e a presença do artigo, se o antecedente, pela situação do discurso, é conhecido dos interlocutores ou se lhe quer dar certo ar de generalização:

O homem que cala e ouve não *dissipa o que sabe*, e aprende *o que ignora* [MM].

Os que mais blasonam de honra e probidade, são como os poltrões que se inculcam de valentes [MM].

Os elogios de maior crédito são *os que os nossos próprios inimigos nos tributam* [MM].

Para quem não tem juízo os maiores bens da vida se convertem em gravíssimos males [MM].

OBSERVAÇÃO: Alguns autores preferem desdobrar o *quem* em *aquele(s) que, aquela(s) que* e considerar a unidade *o, a, os , as* como pronomes demonstrativos representados na oração adjetiva pelo pronome relativo *que,* de modo que, não aceitando a substantivação nesses casos, analisam a subordinada como adjetiva: *Não conheço quem chegou = Não conheço aquele que chegou. Não conheço os que chegaram = Não conheço aqueles que chegaram.* São possíveis as duas maneiras de analisar tais construções.

Ocorre o mesmo com outros pronomes e advérbios relativos destituídos de antecedente:

quanto
por que

Não sabemos	como quando onde que qual	comprou

NOTA: A oração substantiva funciona, nestes exemplos, como objeto direto do verbo saber.

Desconheço QUE admiráveis presentes ganhaste.

Ignorava QUAIS os alunos que haviam perturbado as aulas.

QUEM *tudo quer* tudo perde (oração *subjetiva*).113

Falava a QUEM *lhe pedia conselhos* (oração *objetiva indireta*).

Fizeram QUANTO *lhes pedi* (oração *objetiva direta*).

Reconheço QUÃO *enganados nos achávamos a seu respeito* (oração *objetiva direta*).

Peço que anote QUAIS *foram os responsáveis* (oração *objetiva direta*).

A polícia descobriu QUANDO *foi o roubo* (oração *objetiva direta*).

Os jornais explicaram COMO *os ladrões conseguiram fugir* (oração *objetiva direta*).

Os garotos não descobriram ONDE *os pais tinham posto os presentes* (oração *objetiva direta*).

Os vizinhos não entenderam POR QUE *o fogo foi violento* (oração *objetiva direta*).

Ele é QUEM *os avisa* (oração *predicativa*).

Não sabia *por* QUEM *tinha sido enganado* (oração *objetiva direta*).

Assim, substituem *quem* por *a pessoa que, aquele que; quanto* por *o tanto que; quando* por *o momento em que; como* por *o modo pelo qual; onde* por *o lugar em que; por que* por *o motivo pelo qual*.

Analisam *Quem tudo quer tudo perde* desta maneira:

A pessoa | que tudo quer | tudo perde.

1.ª oração: – principal: *a pessoa tudo perde.*

2.ª oração: – subordinada adjetiva: *que tudo quer.*

A análise que adotamos tem a vantagem de encarar uma realidade da língua, e não uma substituição que a ela realmente nem sempre equivale.114

Não se transportam a substantivas as orações adjetivas introduzidas pelos relativos *cujo* e *o qual*.

Transposta a substantiva, a oração de relativo sem antecedente expresso pode exercer as funções próprias das substantivas originais. Assim, nos exemplos acima, *o que sabe* e *o que ignora* fazem o papel de objeto direto dos núcleos verbais *dissipa* e *aprende,* do primeiro. No segundo, *os que mais blasonam de honra e probidade* é o sujeito de *são*; no terceiro, *os que os nossos próprios nos tributam* é predicativo de *são*. No quarto exemplo, *a quem não tem juízo* funciona como objeto indireto da unidade verbal complexa *dar liberdade.*

Para marcar a natureza substantiva da oração transposta costuma-se anteceder de artigo a interrogativa indireta, prática às vezes injustamente condenada [ED.2, § 362]:

Não sei *o* quanto lhe devo nessa ajuda.

Mais uma construção de oração já transposta – A oração relativa sem antecedente transposta a substantiva pode ser de novo transposta a adjetiva com o concurso de preposição – geralmente *de* – e funcionar como modificador de substantivo.

Repare-se nas construções derivadas da construção básica *o homem sábio → o sábio → o trabalho do sábio,* em que, nesta última fase, o adjetivo substantivado *sábio* recebe o concurso da preposição *de* para desempenhar o papel de modificador ou adjunto do núcleo *trabalho*. Assim também em:

O maior trabalho dos que governam é tolerar os importunos [MM],

a oração relativa substantivada *os que governam*, mediante a preposição em *dos que governam*, passa a exercer função própria de adjetivo como modificador do substantivo *trabalho.*

Também a oração de relativo transposta a substantiva pode, com o curso de preposição, passar a exercer papel de advérbio e, assim, funcionar como adjunto circunstancial.

Nenhum senhorio é tão absoluto *como o que conferem os povos aos tiranos de sua escolha* [MM] (comparativa).

O tempo voa *para quem goza,* e se arrasta *para quem padece* [MM] (inclinação).

O livro foi escrito *por quem não se esperava* (agente da passiva).

Orações complexas de transposição adverbial – Refletindo a classe heterogênea dos advérbios, também as orações transpostas que exercem funções da natureza do advérbio se repartem por dois grupos:

a) as subordinadas adverbiais propriamente ditas, porque exercem função própria de advérbio ou locução adverbial e podem ser substituídas por um destes (advérbio ou locução adverbial): estão neste caso as que exprimem as noções de *tempo, lugar, modo* (substituíveis por advérbio), *causa, concessão, condição* e *fim* (substituíveis por locuções adverbiais formadas por substantivo e grupos nominais equivalentes introduzidos pelas respectivas preposições);

b) as subordinadas *comparativas* e *consecutivas.*

As subordinadas adverbiais propriamente ditas – As adverbiais do 1.º grupo exercem função própria de advérbio, que é, como vimos, um adjunto ou determinante circunstancial não argumental do núcleo verbal. Do ponto de vista constitucional, estão representados por advérbios (os de *tempo*, *lugar* e *modo*) ou pelas chamadas locuções adverbiais, constituídas por substantivos ou grupos nominais equivalentes introduzidos pelas respectivas preposições (as circunstâncias anteriores e, especialmente, as que denotam causa, concessão, condição e fim).

Daí tais orações adverbiais, do ponto de vista constitucional, se assemelharem às substantivas, já que se identificam com estas em funções adverbiais, como ocorre com o substantivo transposto ao papel de advérbio mediante o concurso de preposição:

Saiu *de noite.*

Estudamos *com prazer.*

Trabalhas *na fábrica.*

Passeamos *pela cidade.*

Destarte, quando as orações mediante o transpositor *que* se transpõem a subordinadas substantivas e passam a funcionar como adverbiais, são marcadas pela respectiva preposição, constituindo assim as impropriamente chamadas *locuções conjuntivas*: *sem que, para que, desde que, porque* (= *por* + *que*), *que*, etc. Impropriamente locuções conjuntivas, porque não se trata de uma unidade complexa, mas de dois elementos com papéis diferentes: a preposição assinala a noção circunstancial de que semanticamente se reveste a oração transposta ou subordinada; o *que* marca o novo papel da oração independente originária que passa a funcionar, num plano inferior, como termo sintático dentro da oração complexa:

Os alunos estudam muito *para que possam preparar-se para as exigências da vida.*

Os convidados saíram *sem que fossem notados.*

O advogado não o defendeu *porque o réu só mentiu no depoimento.*

Outras particularidades nos transpositores das orações adverbiais – Além do *que* precedido da conveniente preposição como vimos até aqui, devemos assinalar as seguintes outras particularidades:

a) Quando usados sem referência a antecedente, os advérbios relativos *onde, quando, como* e *quanto* (este com preposição) transpõem a oração a que pertencem, que passa a exercer papel de adjunto adverbial:

Onde me espetam fico.

Saíste *quando a festa melhorava.*

O prédio foi construído *como estava planejado.*

Só trabalhava *por quanto dinheiro ganhase para a viagem.*

b) Outros advérbios ou unidades de valor adverbial, próximos aos advérbios relativos, também transpõem orações para exercer papel adverbial, como ocorre com *se* (hipotético), *conforme, apenas, caso, enquanto:*

Se o emprego é nessas condições, ele não me interessa.

Seus sonhos se realizaram *conforme ela planejara.*

c) Também os pronomes relativos sem referência a antecedente ou precedidos de artigo transpõem oração subordinada a substantivo, podendo esta oração subordinada substantiva passar a exercer função adverbial se vem acompanhada da conveniente preposição:

Ela só saía *com quem lhe merecia confiança*

O vizinho errou quando depositou suas economias *no que era bastante precário.*

d) A oração transposta de *que* pode funcionar como determinante de um advérbio, de modo que às vezes o conjunto advérbio + *que* passa a funcionar como um transpositor unitário (*ainda que, ainda quando, já que, sempre que, logo que, assim que,* etc), em que o significado originário do advérbio fica modificado [AL.1, 355]:

Sempre que corríamos à janela, assistíamos ao espetáculo da natureza.

Logo que tudo fique resolvido, o vizinho se mudará.

OBSERVAÇÃO: Primitivamente o advérbio era um elemento da oração deslocado, que devia modificar um núcleo verbal daquela a que a rigor pertencia, e que passou a integrar outra oração.

e) Pelo fenômeno da subordinação ou hipotaxe, palavras ou grupos de palavras (advérbio ou substantivo adverbializado) passam a um estrato inferior e exercem papel próprio de

morfema, aqui de preposição, pela qual podem ser substituídos:

em virtude de doença = *por* doença
em cima da mesa = *sobre* a mesa
graças à ajuda = *com* a ajuda
debaixo da escada = *sob* a escada
dentro de pouco = *por* pouco

Neste caso, introduzindo uma oração transposta mediante *que*, esta exercerá papel adverbial:

Em virtude de que era o mais saudável, dispôs-se a trabalhar pelo grupo.

f) Alguns particípios fixos no masculino singular se unem a orações transpostas mediante *que* dando origem a transpositores complexos de orações adverbiais, do tipo de *dado que, posto que, visto que, suposto que, salvo que, exceto que, não obstante que*:

Nada resolveu o problema, *visto que não houve entendimento prévio das partes em litígio.*
Os turistas desistiram da visita *dado que chovia torrencialmente.*

OBSERVAÇÃO: Primitivamente o *que* introduzia oração que funcionava como sujeito do particípio, o que explica estar este no masculino singular, pois uma oração definida materialmente é considerada do gênero masculino e do número singular.

As subordinadas adverbiais comparativas e consecutivas – As subordinadas adverbiais do 2.º grupo, integradas pelas comparativas e consecutivas, guardam certa analogia com as adjetivas porque dependem de um antecedente, de natureza quantificadora ou de unidade quantificada (adjetivo ou advérbio) e só mantêm relação direta com o núcleo verbal da oração junto com seu antecedente. Assim é que em

Janete estuda mais que trabalha,

a oração subordinada *que trabalha* está presa ao advérbio *mais*, e o conjunto *mais que trabalha,* que manifesta uma comparação com o fato anterior, funciona como adjunto adverbial do núcleo verbal *estuda*.

O mesmo ocorre em

Janete é tão aplicada aos estudos que não lhe sobra tempo para o trabalho.

Aqui a oração subordinada *que não lhe sobra tempo para o trabalho*, que manifesta a consequência ou encarecimento do fato anterior, também está presa ao quantificador *tão* que funciona como adjunto adverbial de *aplicada*, e o conjunto *tão aplicada aos estudos que não lhe sobra tempo para o trabalho,* valendo por um adjetivo a modificar o substantivo *Janete*, funciona como predicativo do verbo *é.*

O caráter do adjunto, portanto de termo não argumental, tanto da oração subordinada comparativa quanto da consecutiva, se manifesta pelo fato de se poder eliminar, em cada caso, a oração subordinada, e continuar perfeita a oração anterior:

Janete estuda mais.
Janete é tão aplicada aos estudos.

Os diversos tipos de comparativas – Como já vimos, a comparação pode manifestar-se estabelecendo uma igualdade (*tanto... quanto*), uma superioridade (*mais...que* ou *do que*), uma inferioridade (*menos...que* ou *do que*) entre duas realidades ou conceitos.

A alternância de *que* e *do que* nasceu, em época relativamente recente, da construção primitiva em que a oração transposta que modificava *mais* ou *menos* era uma substantivada

iniciada por *o que...*, precedida de preposição *de*: *mais* (*menos*) *do que* = *mais* (*menos*) *daquilo que* [ED.2, 171; TM.1, 205].

Dos quantificadores, também já dissemos que só aparece flexionado em gênero e número o *tanto* adnominal, em conformidade com o substantivo ou pronome que modifique. *Tanto* é invariável quando se apresenta como advérbio. Vale ainda lembrar que os quantificadores *mais* e *menos* podem ser reforçados por advérbio: *muito mais, pouco mais, muito menos, pouco menos,* etc.

Outras unidades comparativas – Além dos quantificadores referidos, podem em seu lugar aparecer:

a) as formas adjetivas *maior, menor, melhor, pior:*

As qualidades devem ser *maiores que os vícios.*

b) unidades multiplicativas, indefinidas (como *outro, mesmo, igual*) e advérbios de valor seletivo (como *antes*):

A nota conseguida é o *dobro que o candidato merecia.*

Não pensava em *outra coisa que tirar proveito dos amigos.*

Tudo nele era o *mesmo que se vira antes.*

O roubo antes denigre o ladrão *que lhe aumenta os haveres.*

As orações subordinadas consecutivas – Como vimos, a oração transposta consecutiva também se aproxima da adjetiva relativa por estar o transpositor *que* relacionado com uma unidade quantificadora da oração anterior:

Janete é tão aplicada aos estudos *que não lhe sobra tempo para o trabalho.*

Pelo exemplo acima percebe-se que a oração subordinada manifesta uma consequência; mas o valor semântico primordial é assinalar que o quantificador encarece o conteúdo de pensamento designado.

No exemplo:

Ela sentia tal medo que a deixava paralisada,

se eliminarmos o encarecedor, o quantificador *tal*, a oração subordinada poderá confundir-se com a adjetiva relativa se não for proferida com o contorno melódico que em geral marca a consecutiva, o que a faz poder ser assinalada por vírgula:

Ela sentia medo que a deixava paralisada.

OBSERVAÇÃO: Esta aproximação da adverbial consecutiva desprovida de quantificador com a adjetiva relativa tem levado alguns escritores a repetir a função sintática desempenhada pelo *que* relativo mediante o pronome adverbal *o* (*a, os, as*), construção que a norma padrão desaconselha: "o homem que se destina, ou *que o* destinou seu nascimento, a uma vocação pública, não pode, sem vergonha, ignorar as belas letras e os clássicos" [AGa.4, 29].

Tal como ocorreu nas orações subordinadas comparativas, em *Ela sentia tal medo que a deixava paralisada,* constitui uma unidade complexa o conjunto *tal medo que a deixava paralisada*, que, na oração complexa, funciona como objeto direto do núcleo verbal *sentia.*

Outras unidades consecutivas – Os quantificadores a que se prendem as orações

consecutivas podem ser substituídos por outras unidades, naturalmente sem que deixem de ser marcadas pelo contorno melódico que manifesta o encarecimento do conteúdo do pensamento designado:

a) O indefinido *cada:*

Ele diz *cada* mentira *que já está desacreditado no grupo.*

b) O indefinido *um* (*uma, uns, umas*):

De repente caiu *uma ventania que afugentou do estádio todos os espectadores.*

c) As unidades *de modo, de maneira, assim*:

O mágico falava *de modo que impressionava a plateia.*

O escritor escrevia *de maneira que compunha um livro por mês.*

O atleta era *assim forte que punha nos concorrentes a certeza da derrota.*

OBSERVAÇÃO: Acerca da substituição de *de modo que, de maneira que* + verbo flexionado por *de modo a, de maneira a* + infinitivo (*de modo a fazer,* etc.) cf. link.

d) Pode faltar a unidade quantificadora, garantida pelo contorno melódico e pelo contexto:

É feio *que mete medo.*

Grupos oracionais: a coordenação – Já vimos que as orações coordenadas são orações sintaticamente independentes entre si e que se podem combinar para formar *grupos oracionais* ou *períodos compostos:*

Mário lê muitos livros e aumenta sua cultura.

Mário lê muitos livros e aprende pouco.

É fácil observar que as duas orações do primeiro exemplo são sintaticamente independentes, porque, ao analisar a primeira (*Mário lê muitos livros*), verificamos que possui todos os termos sintáticos previstos na relação predicativa, ao contrário da oração complexa, conforme vimos:

Sujeito: *Mário*

Predicado: *lê muitos livros*

Objeto direto: *muitos livros*

Entretanto, é também fácil verificarmos que a segunda oração *e aumenta sua cultura* manifesta o resultado, uma consequência do fato de Mário ler muito. Esta interpretação, aliás correta, não interfere na relação sintática que as duas orações mantêm entre si no grupo oracional. Esta interpretação adicional não resulta da relação sintática existente nas duas orações, mas sim da nossa experiência do mundo, porque sabemos que a leitura é uma das nossas fontes de cultura. E muito menos a manifestação nasce do emprego da conjunção *e* que, por ser mero conector das orações, tem por missão semântica apenas adicionar um conteúdo de pensamento a outro. Por isso, é denominada *conjunção* (= conector) *aditiva.*

Prova evidente do que estamos falando é o segundo exemplo:

Mário lê muitos livros e aprende pouco.

Do ponto de vista sintático, já vimos que aqui também estamos diante de orações independentes e que podem figurar isoladamente:

Mário lê muitos livros. Ele aprende pouco.

É partindo desse nosso saber sobre as coisas do mundo e dos significados dos lexemas utilizados que interpretamos a 2.ª oração como o contrário do que estávamos esperando pelo

fato de Mário ler muitos livros.

Como no exemplo anterior, essa interpretação adicional não tira da 2.ª oração o caráter de *coordenada aditiva* nem permite que se classifique o *e* diferentemente de uma conjunção aditiva. É o texto, com suas unidades léxicas, e não a gramática, que manifesta o sentido adversativo que claramente expressa a 2.ª oração em face do conteúdo que se enunciou na 1.ª. São, assim, unidades textuais, o que vale dizer, são unidades que manifestam funções sintagmáticas no nível do texto. Trata-se de exemplos de coordenação no nível da oração e de subordinação no nível do texto.

Cabe também assinalar que as orações conectadas por *e* não manifestam nenhum sentido textual subsidiário, além da adição; a ordem das orações é, em geral, livre, salvo quando o significado dos lexemas estabelece uma disposição natural dos conteúdos de pensamento designados. São, neste último caso, questões relativas ao nosso saber elocutivo, e não ao saber idiomático, exclusivamente:

Trabalhava de dia e estudava de noite.
Estudava de noite e trabalhava de dia.

Mas há ordem fixa em:

Ficou noivo em fevereiro e casou-se em junho.
Cursava a Faculdade de Direito e formou-se em advocacia.

Em sentido inverso, muitas orações subordinadas – especialmente as reduzidas, em vista da amplitude semântica em que podem ser envolvidas pela influência das unidades léxicas empregadas e do nosso saber e experiências do mundo – podem admitir um sentido "aditivo", como nos seguintes casos:

a) as orações reduzidas de gerúndio, quando equivalente a uma oração coordenada iniciada pela conjunção *e*:

Compreendeu bem a lição, *fazendo* depois corretamente os exercícios (= e fez depois...)

b) as reduzidas de infinitivo precedida da preposição *sobre* e da locução prepositiva *além de*:

"Além de que a fumarada do charuto, *sobre ser* purificante ou antipútrida, dava aos alvéolos solidez, e consistência aos dentes" [CBr.1, 108] (*sobre ser* = além de ser purificante... a fumarada do charuto dava...).

Apesar destas interpretações "aditivas", estas reduzidas, quanto à sua estruturação gramatical, pertencem ao quadro das orações subordinadas.

Os tipos de orações coordenadas e seus conectores – As orações coordenadas estão ligadas por conectores chamados conjunções coordenativas, que apenas marcam o tipo de relação semântica que o falante manifesta entre os conteúdos de pensamento designado em cada uma das orações sintaticamente independentes.

São três as relações semânticas marcadas pelas conjunções coordenativas ou conectores:

1) *Aditiva*: adiciona ou entrelaça duas ou mais orações, sem nenhuma ideia subsidiária.

As conjunções aditivas são *e* e *nem* (esta para os conteúdos negativos, e pode vir na 2.ª oração ou em ambas).

Pedro estuda *e* Maria trabalha.
Pedro não estuda *nem* trabalha.
Nem Pedro estuda *nem* Maria trabalha.

2) *Adversativa*: contrapõe o conteúdo de uma oração ao de outra expressa anteriormente:

João veio visitar o primo, *mas* não o encontrou.

As conjunções adversativas são *mas, porém, senão* (depois de conteúdo negativo).

Não saía senão com os primos.

3) *Alternativa*: contrapõe o conteúdo de uma oração ao de outra e manifesta exclusão de um deles, isto é, se um se realizar, o outro não se cumprirá:

Estudas *ou* brincas.

Enlaces adverbiais em grupos de orações – Certas unidades de natureza adverbial e que manifestam valores de concessão, conclusão, continuação, explicação, causa, que fazem referência anafórica ao que anteriormente se expressou, podem aparecer como aparentes conectores de orações em grupos oracionais: *logo, pois, portanto, por conseguinte, entretanto, contudo, todavia, por isso, por isto, também, daí, então, pelo contrário,* etc:

Será a primeira vez que copiará estes quadros, *pois* não há oito dias que os comprei [JA.3, 257].

O amor, como eu sonho e espero, há de ser a minha vida inteira; *portanto* parece-me que tenho o direito e até o dever de conhecê-lo antes (...) [JA.3, 379].

O que a protegia na confusão não era tanto o rápido olhar, como um sétimo sentido, que só ela possuía: uma espécie de previsão dos objetos que se aproximavam.

Contudo, eu sofria muito vendo Emília assim esquecida de mim e engolfada nos prazeres (...) [JA.3, 380].

Partindo desses valores semânticos, a gramática tradicional estabeleceu, entre os conectores coordenativos, as conjunções *conclusivas* e *causais-explicativas*. Realmente, nestes casos se trata de unidades que manifestam esses valores de dependência interna, semelhantes às orações subordinadas, mas no nível do sentido do texto. São unidades transfrásticas, já que ultrapassam os limites de fronteira das orações.

OBSERVAÇÃO: A inexistência, a rigor, das conjunções conclusivas e causais – explicativas, orientação que também é seguida em gramáticas de outras línguas, já tinha sido defendida entre nós por Maximino Maciel (1865-1923) na última revisão de sua *Gramática Descritiva*, em que as considerava advérbios, dada a facilidade com que se deslocavam nas orações, aparecendo em várias posições, o que lhes tirava o caráter de conectores.

Justaposição ou assindetismo – Ao lado da presença de transpositores e conectores vistos até aqui, as orações podem encadear-se, como ocorre com os termos sintáticos dentro da oração, sem que venham entrelaçadas por unidades especiais; basta-lhes apenas a sequência, em geral proferidas com contorno melódico descendente e com pausa demarcadora, assinalada quase sempre na escrita por vírgulas, ponto e vírgula e ainda por dois pontos:

O moço que dizia Simíles costumava zombar de mim com barulho. *Qualquer dito nem o excitava: mordia os beiços, avermelhava-se como um peru, lacrimejava, enfim não se continha, caía num riso convulso, rolava sobre o balcão, meio sufocado.* [GrR.1, 197].

Este procedimento de enlace chama-se *justaposição.*

Sob o ponto de vista sintático e semântico, tais justaposições se aproximam, pela independência sintática e estreito relacionamento semântico, da parataxe ou coordenação. Seu efeito para o discurso é variado, ora apontando para um estilo cortado com grande dose impressionista, ora para um estilo que focaliza quadros rápidos e movimentos ascendentes, especialmente se está constituído por sequência de verbos. Já a sequência de substantivos

manifesta lentidão.

Aproximam-se as orações justapostas das coordenadas, e com elas às vezes se alternam, por permitirem, no nível da camada superior do texto, um sentido subsidiário de causa-explicação, concessão, consequência, oposição, tempo, levando-se em conta o conteúdo de pensamento nelas designado:

> Uma vez por dia o grito severo me chamava à lição. Levantava-me, com um baque por dentro, dirigia-me à sala, gelado. *E emburrava: a língua fugia dos dentes, engrolava ruídos confusos* [GrR.1, 102].
>
> Não me ajeitava a esse trabalho: a mão segurava mal a caneta, ia e vinha em sacudidelas, *a pena caprichosa fugia da linha, evitava as curvas, rasgava o papel, andava à toa como uma barata* doida, semeando borrões [GrR.1, 114].

A chamada " coordenação distributiva" – Podem-se incluir nas orações justapostas aquelas que a gramática tradicional arrola sob o rótulo de coordenadas distributivas, caracterizadas por virem enlaçadas pelas unidades que manifestam uma reiteração anafórica do tipo de *ora...ora, já...já, quer...quer, um...outro, este...aquele, parte...parte, seja...seja,* e que assumem valores distributivos alternativos, e subsidiariamente concessivos, temporais, condicionais.

Do ponto de vista constitucional, essas unidades são integradas por várias classes de palavras: substantivo, pronome, advérbio e verbo, e do ponto de vista funcional não se incluem entre os conectores que congregam orações coordenadas:

> *Ora* eram eles capazes de atos de vandalismo, *ora* eram capazes de atos de ajuda ao próximo.
>
> *Já* não se mostravam como pessoas educadas, *já* se revelavam como se fossem inocentes crianças.
>
> *Uns* estavam sempre satisfeitos, *outros* só viviam reclamando da vida.

Orações intercaladas – Também se incluem nos grupos oracionais como orações justapostas as intercaladas, também caracterizadas por estarem separadas do conjunto por pausa e por contorno melódico particular. Na escrita, aparecem marcadas por vírgula, travessão ou parêntese. Do ponto de vista de conteúdo de pensamento designado, dividem-se em:115

1) *citação*: onde se acrescenta a pessoa que proferiu a oração anterior:

> Dê-me água, *me pediu o rapaz.*116
>
> Quem é ele? – *interrompeu a jovem.*

2) *advertência*: esclarece um ponto que o falante julga necessário:

> Em 1945 – *isto aconteceu no dia de meu aniversário* –, conheci um dos meus melhores amigos.

3) *opinião*: em que o falante aproveita a ocasião para opinar:

> D. Benta (*malvada é que era*) dizia que a sua doença impedia a brincadeira da garotada.
>
> "Comíamos, *é verdade*, mas era um comer virgulado de palavrinhas doces" [MA.1, 198].

4) *desejo*: em que o falante aproveita a ocasião para exprimir um desejo, bom ou mau:

> José – *Deus o conserve assim!* – conquistou o primeiro lugar da classe.
>
> "É bem feiozinho, *benza-o Deus,* o tal teu amigo!" (Aluísio Azevedo)
>
> O teu primo – *raios que o partam!* – pôs-me de cabelos brancos.

5) *escusa*: em que o falante se desculpa:

> "Pouco depois retirou-se: eu fui vê-la descer as escadas, e não sei por que fenômenos de ventriloquismo cerebral (*perdoem-me os filósofos essa frase bárbara*) murmurei comigo..." [MA.1, 325].

6) *permissão*: em que solicita algo:

"Meu espírito (*permita-me aqui uma comparação de criança*), meu espírito era naquela ocasião uma espécie de peteca" [MA.1, 282].

7) *ressalva*: em que faz uma limitação à generalidade de um enunciado:

"Daqui a um crime distava apenas um breve espaço e ela transpôs, *ao que parece*" [AH.2, 123].

Ele, *que eu saiba,* nunca veio aqui.117

"Cobiça de cátedras e borlas que, *diga-se de passagem,* Jesus Cristo repreendeu severamente aos fariseus" [CBr.2, 300].

Os livros, *pode-se bem dizer*, são o alimento do espírito.

Aparentes orações complexas – Entram, assim, neste caso as intercaladas de citação que, em estilo direto, reproduzem o que no estilo indireto funcionaria como objeto direto do núcleo verbal, claro ou subentendido: *Dê-me água, me pediu o rapaz*, equivalente no conteúdo a *O rapaz pediu que lhe desse água; Quem é ele? – interrompeu o jovem*, equivalente no conteúdo a *O jovem interrompeu* [*perguntando*] *quem é ele.*

Atendendo às equivalências do conteúdo, mas em contradição com a estrutura sintática e textual, alguns autores analisam tais orações justapostas como complexas. Só poderíamos proceder dessa maneira e considerá-las orações complexas se viessem introduzidas pelo transpositor, como ocorreu nas equivalências apontadas.

Como bem ensina A. da Gama Kury, devemos "considerar essas orações interferentes como períodos à parte, intercalados ou justapostos, que se analisarão lado a lado com aquele em que se inserem" [AK.1, 70].

3 – Discurso direto, indireto e indireto livre

O português, como outras línguas, apresenta normas textuais para nos referirmos no enunciado às palavras ou aos pensamentos de responsabilidade do nosso interlocutor, mediante os chamados *discurso direto, discurso indireto* e *discurso indireto livre.*

No DISCURSO DIRETO reproduzimos ou supomos reproduzir fiel e textualmente as nossas palavras e as do nosso interlocutor, em diálogo, conforme vimos nos exemplos das orações ou períodos intercalados de citação, com a ajuda explícita ou não de verbos como *disse, respondeu, perguntou, retrucou* ou sinônimos (os chamados verbos *dicendi*). Às vezes, usam-se outros verbos de intenção mais descritiva, como *gaguejar* (do nosso exemplo), *balbuciar, berrar,* etc. São os *sentiendi*, que exprimem reação psicológica do personagem.118 No diálogo, a sucessão da fala dos personagens é indicada por travessão (outras vezes, pelos nomes dos intervenientes):

Uma vez em que me extenuava na desgraçada tarefa percebi um murmúrio:

— *Lavou as orelhas hoje?*

— Lavei o rosto, *gaguejei* atarantado.

— Perguntei se lavou as orelhas.

— Então? Se lavei o rosto, devo ter lavado as orelhas [GrR, 114].

No DISCURSO INDIRETO os verbos *dicendi* se inserem na oração principal de uma oração complexa tendo por subordinada as porções do enunciado que reproduzem as palavras próprias ou do nosso interlocutor. Introduzem-se pelo transpositor *que,* pela dubitativa *se* e

pelos pronomes e advérbios de natureza pronominal *quem, qual, onde, como, por que, quando,* etc., já vistos antes:

Perguntei *se lavou as orelhas.*

O discurso direto em:

José Dias recusou, dizendo: *É justo levar a saúde à casa de sapé do pobre*

passa a discurso indireto, em que se transpõe o presente *é* do discurso direto para o pretérito imperfeito do indireto:

José Dias recusou, dizendo *que era justo levar a saúde à casa de sapé do pobre* [MA.4, 14].

O DISCURSO INDIRETO LIVRE consiste em, conservando os enunciados próprios do nosso interlocutor, não fazer-lhe referência direta. Como ensina Mattoso Câmara, mediante o estilo indireto livre reproduz-se a fala dos personagens – inclusive o narrador – sem "qualquer elo subordinativo com um verbo introdutor *dicendi*" [MC.4, 28]. Se tomássemos o exemplo acima d e *Dom Casmurro*, bastaria suprimir a forma verbal *dizendo* e construir dois períodos independentes com as duas partes restantes:

José Dias recusou. *Era justo levar a saúde à casa de sapé do pobre.*

Uma particularidade do estilo indireto livre é a permanência das interrogações e exclamações da forma oracional originária, ao contrário do caráter declarativo do estilo indireto. Mattoso Câmara cita um trecho de *Dom Casmurro* em que D. Glória tenta demover Pádua da ideia de suicídio por lhe ter mudado a vida financeira de repente, mediante um enunciado em estilo indireto livre a partir do segundo período:

> Minha mãe foi achá-lo à beira do poço, e intimou-lhe que vivesse. Que maluquice era aquela de parecer que ia ficar desgraçado, por causa de uma gratificação menos, e perder um emprego interino? Não, senhor, devia ser homem, pai de família, imitar a mulher e a filha... (p. 48)

Em suma, o discurso indireto livre "estabelece um elo psíquico entre o narrador e o personagem que fala (...) o narrador associa-se ao seu personagem, transpõe-se para junto dele e fala em uníssono com ele" [MC.4, 30-31].

Particularidades outras das orações transpostas substantivas – O transpositor da oração substantiva junto à oração principal se diz *conjunção integrante: que* (nas declarações de certeza) e *se* (nas declarações de incerteza):

Sei *que* virá hoje.

Não sei *se* virá hoje.

Conforme vimos, pode a conjunção integrante vir ou não precedida de preposição necessária. O quadro seguinte resumirá as orações substantivas, levando-se em conta a preposição necessária:

- Subordinadas Substantivas
  - a) sem preposição necessária
    - 1) *subjetiva*
    - 2) *objetiva direta*
    - 3) *predicativa*
    - 4) *apositiva*
  - b) com preposição necessária
    - 1) *completiva relativa* (complemento de verbo)
    - 2) *objetiva indireta* (complemento de verbo + objeto direto ou complemento relativo)

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Continuamos a insistir no termo *necessária (preposição necessária),* porque ela pode aparecer, esporadicamente, em lugares que a não exigem, como omitir-se onde seria esperada. Assim, pode-se prescindir da preposição que inicia uma oração objetiva indireta ou completiva nominal:

> "Em Coimbra recebeu o infante esta triste nova por uma carta da rainha sua filha, em que o avisava que *em conselho se decidira que o fossem cercar...*" [AH.2, 94],

isto é: em que o avisava que está por *em que o avisava* ***de que***.

2.ª) Pode ocorrer a omissão tanto da preposição quanto do transpositor:

> Quis defendê-la, mas Capitu não me deixou, continuou a chamar-lhe beata e carola, em voz tão alta que tive medo *fosse* ouvida os pais [MA *apud* MBa.3, 80],
>
> isto é: tive medo *de que* fosse ouvida.

Também se pode preceder de preposição uma oração subjetiva ou objetiva direta. Assim, por influência da construção *fazer com alguém* (= conseguir deste alguém) *que viesse* passamos a empregar *fazer com que* ao lado de *fazer que* em orações objetivas diretas do tipo:

> "...fizeram (os cortesãos) *com que se retirasse para Sintra...*" [AH.2, 93],
>
> onde *fazer* significa "diligenciar e conseguir que uma coisa aconteça".

Ou subjetiva, como:

> "Desaire real seria *de a deixar sem prêmio*" [AGa].

Registrem-se ainda as construções *dizer de sim, dizer de não,* em lugar de *dizer que sim, dizer que não:* "Eu me abalanço a lhes dizer e redizer *de não* [RB.5, 225]".

Características da oração subjetiva e predicativa – A oração substantiva subjetiva apresenta as seguintes características:

Estar o verbo da oração principal na 3.ª pessoa do singular e num destes quatro casos:

a) verbo na voz reflexiva de sentido passivo:

> Sabe-se que tudo vai bem.

b) verbo na voz passiva (*ser, estar, ficar*) seguidos de particípio:

> Ficou provado *que estava inocente.*

c) verbos *ser, estar, ficar* seguidos de substantivo ou adjetivo:

> É verdade que *sairemos cedo*.
>
> Foi bom *que fugissem.*

Está claro *que consentirei.*

Ficou certo *que me telefonariam.*

d) verbo do tipo *parece, consta, ocorre, corre, urge, importa, convém, dói, punge, acontece:*

Parece *que vai chover.*

Urge *que estudem.*

Cumpre *que façamos com cuidado todos os exercícios.*

Acontece *que todos já foram punidos.*

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Não se pautam pela tradição literária as construções em que se personaliza o verbo *pesar* significando arrependimento ou dor, do tipo de:

Pesam-me os dissabores que lhe causei.

A boa construção é dar-lhe objeto indireto de pessoa e complemento relativo de coisa introduzida pela preposição *de*, e na forma de 3.ª pessoa do singular:

Pesa-me dos dissabores que lhe causei.

2.ª) O Prof. Sousa Lima [SL.1, § 530] acha que só se poderá considerar *predicativa* a oração que contiver o verbo *parecer* concordando "com outro sujeito que não seja a proposição: *Tu pareces ser estrangeiro* ", outro exemplo, "Nunca nos esquecemos de nós, ainda quando *parecemos* que mais nos ocupamos dos outros" [MM].

A oração substantiva predicativa introduzida pela conjunção complementa, na maioria das vezes, o verbo *ser*:

A verdade *é que não ficaremos aqui.*

Omissão da conjunção integrante – Se o enunciado encerra mais de um *que,* podemos, com elegância, omitir a conjunção integrante, principalmente nas orações subjetivas e objetivas presas a núcleos verbais que exprimem vontade ou temor:

"Devia, pois, ser melancólico, além do exprimível o que aí se passou nessa grade: triste, e desgraçado direi, a julgá-lo pelas consequências *que* se vão descrever, com um certo pesar em *que esperamos tomem* os leitores o seu quinhão de pena..." [CBr.4, 223].

Esperamos tomem está por e*speramos que tomem.*

Ainda que não haja acúmulo de *quês*, constitui leveza a omissão da conjunção integrante, que ocorre principalmente no estilo administrativo:

"Frequentes vezes me *disse esperava* lhe anulassem no supremo tribunal o processo" [CBr.10, 51].

Requeiro *seja enviado o Processo a outra instância.*

Evitou-se, no primeiro exemplo, o emprego de duas conjunções integrantes: "...me disse *que esperava que* lhe anulassem o processo".

"Posto que, dizia ele, muito desejasse ver levar o negócio a cabo, *aconselhava-o não tentasse* nada de leve..."[AH.6, 262, *apud* AH.2, 149].

Aconselhava-o não tentasse está por *aconselhava-o a que não tentasse.*

Também se dá a omissão da integrante *que* depois do transpositor na comparação com *que* ou *do que*, como se observa no seguinte exemplo:

É melhor *que* lhe deem uma oportunidade *do que estejam* a retê-lo na prisão,

isto é: *é melhor que lhe deem...do que que estejam...*

Pode-se ainda fugir à repetição pondo-se o verbo no infinitivo:

do que *estar* a retê-lo na prisão.

Pleonasmos da conjunção integrante

Quando a oração substantiva não segue imediatamente o verbo de que serve de integração, pode ocorrer, mormente no falar coloquial, o pleonasmo da conjunção integrante, como o provam os seguintes exemplos:

"e disse *que*, se lhe não queríamos mais nada, *que* podíamos ir à nossa vida" [CBr, 45].

"O meu amor me disse ontem
Que eu *que* andava coradinha" [AO.1] 119

A verdade é *que* desde que anunciei ao rapaz a volta de sua mãe, *que* observei nele uma bizarra mudança de atitude [LCa.1].

Particularidades sobre as *orações transpostas adjetivas*

Funções sintáticas do relativo das orações adjetivas – As orações adjetivas iniciam-se por pronome relativo que, além de marcar a subordinação, *exerce uma função sintática da oração a que pertence.* Em:

"Há enganos *que* nos deleitam, como desenganos *que* nos afligem" [MM],

os dois *quês* exercem funções sintáticas na oração subordinada que iniciam. O primeiro é sujeito de *deleitam* (que nos deleita? – *enganos*, representado na oração subordinada pelo *que*); o segundo é sujeito de *afligem* (que nos aflige? – *desenganos*, representado na oração subordinada pelo *que*).

É importante assinalar que *a função sintática do pronome relativo nada tem a ver com a função do seu antecedente; ela é indicada pelo papel que desempenha na oração subordinada a que pertence.*

Desta maneira, no exemplo dado, *enganos* e *desenganos* são *objetos diretos* (a oração não tem sujeito, porque o verbo *haver* = *existir* é impessoal) e os *quês* são sujeitos.

a) *Que* – não precedido de preposição necessária – pode exercer as funções de *sujeito, objeto direto* ou *predicativo*:

O menino *que* estuda aprende (*sujeito*).

O livro *que* lemos é instrutivo (*objeto direto*).

Somos o *que* somos (*predicativo*).

b) *Que* – precedido de preposição necessária – pode exercer as funções de *objeto indireto, complemento relativo, adjunto adverbial* ou *agente da passiva*:

A pessoa *a que* entreguei o livro deixou-o no táxi (*objeto indireto*).

Os filmes *de que* gostamos são muitos (*complemento relativo*).

A cidade *a que* te diriges tem bom clima (*complemento relativo*).

A pena *com que* escrevo não está boa (*adjunto adverbial de meio*).

Este é o escritor *por que* foi escrito o livro (*agente da passiva*).

OBSERVAÇÃO: Constitui impropriedade o emprego do pronome relativo precedido de preposição *de* como adjunto adnominal, em lugar de *cujo*. Assim se evita dizer "o escritor *de que* todos conhecemos o livro", "as pessoas *de quem* reconheceis os privilégios". Em boa linguagem diremos "o escritor *cujo* livro todos conhecemos", "as pessoas *cujos* privilégios reconheceis". Todavia não são raros os exemplos em bons escritores: O anarquista maldiz de todos os governos *de que* não compartilha as vantagens [MM]. Para certa classe de gente, a consciência é uma gaveta fechada *de que* se perdeu a chave [AR.2, 168], isto é, *de cujas vantagens não compartilha; gaveta cuja chave se perdeu.*

c) *Quem* – sempre em referência a pessoas ou coisas personificadas – só se emprega precedido de preposição, e exerce as seguintes funções sintáticas:

Ali vai o professor *a quem* ofereci o livro (*objeto indireto*).

Apresento-te o amigo *a quem* hospedei no verão passado (*objeto direto*).

Não conheci o professor *a quem* te referes (*complemento relativo*).

As companhias *com quem* andas são péssimas (*adjunto adverbial*).

O amigo *por quem* fomos enganados desapareceu (*agente da passiva*).

d) *Cujo(s), cuja(s)* – precedidos ou não de preposição – valem sempre *do qual, da qual, dos quais, das quais* (caso em que a preposição *de* tem sentido de posse) e funcionam como *adjunto adnominal* do substantivo seguinte com o qual concordam em gênero e número. O sintagma a que *cujo* pertence exercerá a função que determinar sua relação com o núcleo verbal. Assim, *cuja casa* é objeto direto de *comprei* e *sobre cuja matéria* é complemento relativo de *discutíamos*:

O homem *cuja* casa comprei embarcou ontem (= a casa do qual).

Terminei o livro *sobre cuja* matéria tanto discutíamos (= sobre a matéria do qual).

OBSERVAÇÃO: *Erros no emprego de* CUJO.

Constitui erro empregar *cujo*:

a) como sinônimo de *o qual, a qual, os quais, as quais:*

Aqui está o livro *cujo* livro compramos (= o qual);

b) precedido ou seguido de artigo:

Este é o autor *à cuja* obra te referiste (Não há acento indicativo da crase).

Compramos os livros de *cujos os* autores nos esquecemos.

Emprego de relativos – Em lugar de *em que, de que, a que,* nas referências a lugar, empregam-se, respectivamente, *onde, donde, aonde* (que funcionam como adjunto adverbial ou complemento relativo):

O colégio *onde* estudas é excelente.

A cidade *donde* vens tem fama de ter bom clima.

A praia *aonde* te diriges parece perigosa.

Modernamente, os gramáticos têm tentado evitar o uso indiscriminado de *onde* e *aonde*, reservando o primeiro para a ideia de repouso e o segundo para a de movimento:

O lugar *onde* estudas...

O lugar *aonde* vais...

Esta lição da gramática tende a ser cada vez mais respeitada na língua escrita contemporânea, embora não sejam poucos os exemplos em contrário, entre escritores brasileiros e portugueses.

e) *O qual* – e flexões que concordam em gênero e número com o antecedente – substitui *que* e dá à expressão mais ênfase. Para maior vigor ou clareza pode-se até repetir o antecedente depois de *o qual*:

"O primeiro senhor de Ormuz de que temos notícia foi Male-Caez, *o qual*, habitando na ilha de Caez, dominava todas as ilhas daquele estreito" [AH.2, 54].

Ao livro ninguém fez referência, *o qual* livro merece a maior consideração, no meu entender.

Às vezes o antecedente se acha apenas esboçado, como no seguinte exemplo, onde se percebe claramente o termo *cidade*.

> "Logo, porém, que este prazo expirou, o rei de Leão fez uma estrada até Talavera, perto *da qual cidade* destroçou as tropas que intentaram opor-se-lhe" [AH.6, 94].

É mais comum a substituição de *que* por *o qual* depois de preposição, principalmente depois de preposição ou locução prepositiva de duas ou mais sílabas. Dizemos indiferentemente *de que*, ou *do qual*, *com que* ou *com o qual*, *a que* ou *ao qual*, *sem que* ou *sem o qual,* mas só ocorrem *apesar do qual, conforme o qual, segundo o qual, entre o qual, fora dos quais, perante os quais,* etc. A razão se deve ao movimento rítmico da oração e a uma necessidade expressiva que exigem um vocábulo tônico (como o *qual*), e não átono (como *que*).

Posição do relativo – Normalmente o *que* vem junto do seu antecedente; quando isto não se dá e o sentido da oração periga, desfaz-se a dúvida com o emprego de *o qual*, de *e este* ou se repete o antecedente, ou se põe vírgula para mostrar que o relativo não se refere ao antecedente mais próximo:

> "Mas ele tinha necessidade da sanção de alguns, que [isto é, *sanção* e não *alguns*] lhe confirmassem o aplauso dos outros" [MA.1, 138].
> "Arrastaram o saco para o paiol e o *paiol* ficou a deitar fora" [CN.1, 12].

Poderia também dizer o autor:

> Arrastaram o saco para o paiol *que* ficou a deitar fora.
> Arrastaram o saco para o paiol *o qual* ficou...
> Arrastaram o saco para o paiol *e este* ficou...

Note-se como Camilo evita o equívoco nesta passagem:

> "Eu de mim, se não estivesse amortalhada no sobretudo do meu marido, *que* vou escovar (o sobretudo), era dele, como a borboleta é da chama..." [CBr.12, 18 *apud* MBa.5, 303].

Não é impossível, entretanto, mormente nos autores mais antigos e naqueles que, embora contemporâneos, primam por escrever como os clássicos, vir o pronome relativo afastado do seu antecedente, como neste trecho de João Ribeiro, depois do verbo da oração principal [MLk.2, §637; ECs.4, 257-258]:

> "No fundo de um triste vale dos Abruzos, terra angustiada e sáfara, um pobre eremita vivia *que deixara as abominações do século pela soledade do deserto*" [JR.2, 219].

Era comum nos clássicos:

> "...àquele haveis de dar vosso voto para governar, *que* entre todos tiver mais saber" [HP, 178-9].

Por fim, cumpre assinalar que ocorre ainda a inversão de um termo da oração adjetiva para antes do relativo, como no exemplo de Vieira:

> "O padre Francisco Gonçalves, *provincial* que acabou de ser [em lugar de: *que acabou de ser provincial*] da província do Brasil..." [AV *apud* FB, 289].

Pronome relativo sem função na oração em que se encontra

Em expressões do tipo:

> Ali está o homem que eu pensei que tivesse desaparecido.
> Não faças a outrem o que não queres que te façam,

o pronome relativo *que* inicia as orações *que eu pensei*, *que não queres*, dando-lhes o caráter

de adjetivas, mas não exerce nelas função sintática; pertence, isto sim, às orações substantivas *que tivesse desaparecido* ou *que te façam*, das quais é o sujeito (na 1.ª) e objeto direto (na 2.ª). Cuidado especial há de ter-se no que toca à concordância, pois o escritor inexperiente logo opta por flexionar o verbo: ...distinção adiada *sine die* por motivos que não *vem* (e não *vêm* no plural) a pelo declarar [CL.1, 66].

Esta construção é correta e coerente, e resiste a um enquadramento nos processos normais de análise sintática.120

Pode-se evitar a repetição dos *quês* substituindo-se o verbo da oração substantiva por um infinitivo:

> Ali está o homem que eu pensei ter desaparecido.

"No português moderno, esta construção só tem lugar, em geral, quando a oração subordinada é substantiva; fora deste caso só se emprega, de ordinário, com o pronome *o qual*, e então coloca-se este pronome depois da expressão por ele determinada: *É problema, para resolver o qual são necessárias duas condições:* "O jugo da obediência, para lhes impor *o qual* muitas vezes faltava a força" [AH.6, 244]. Todavia, evita-se esta construção quanto possível, e diz por exemplo: *É problema para cuja resolução são necessárias* duas condições" [ED.2, § 367].

O QUE, A QUE, OS QUE, AS QUE

No exemplo:

> "De ordinário os que reclamam mais liberdade são os que menos a merecem" [MM],

as orações adjetivas substantivadas *das que reclamam mais liberdade* e *os que menos a merecem* não têm seus antecedentes explícitos.

Analisando a oração complexa constitutiva do enunciado, teremos uma cláusula do comentário *de ordinário* e uma comentada, assim analisada:

> Sujeito: *os que reclamam mais liberdade*
> Predicado: *são os que menos a merecem*
> Predicativo: *os que menos a merecem*

Análise do sujeito oracional:

> Sujeito: *os que*
> Predicado: *reclamam mais liberdade*
> Obj. direto: *mais liberdade*

Análise do predicativo oracional:

> Sujeito: *os que*
> Predicado: *menos a merecem*
> Obj. direto: *a*

Em

> José partiu, o que deixou a casa triste.

a oração adjetiva transposta a substantivo *o que...triste* é aposto da oração *José partiu*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Foge do plano de interpretação sintática o entender-se *o que* = *e isto*, como querem alguns gramáticos. Veja-se [CP.1, § 510].

2.ª) Em lugar de *o que* também pode ocorrer apenas *que*, construção que vai caindo em desuso: "... depois a 17 de agosto de 1710 acabou de expirar *que* (= o que) foi, como bem podemos presumir, voar do cárcere carregado com as palmas de

confessor e mártir para a pátria onde os frutos se colhem do que na terra se cultivou"[AC.8, 278 *apud* MBa.4, 139. Cf. ainda MBa.5, 234].

Com *o que, a que, os que, as que,* pode ocorrer uma preposição regendo toda a oração substantivada, o relativo ou ambos:

a) Gostei *do que disseste.*

b) O professor dissertou *sobre o de que* ontem conversávamos.

Com frequência, a preposição que deveria acompanhar o relativo emigra para o artigo que introduz a oração substantivada:

Não sei *no que* pensas (por *o em que*).

"Agora já sabe a fidalga *no que* ele estraga dinheiro" [CBr.1, 148].

Estas migrações de preposição para a unidade anterior ao relativo tornam a construção mais harmoniosa e espontânea. Os seguintes exemplos de Rui Barbosa, embora gramaticalmente corretos, trazem o selo do artificialismo:

"Assim me perdoem, também, *os a quem* tenho agravado, *os com quem* houver sido injusto, violento, intolerante..." [RB.2, 23].

"e daí, com estupenda mudança, começa a deixar ver *o a que* era destinada..." [RB.2, 36].

"Os meus serão *os a que* me julgo obrigado..." [RB.2, 61].

O DE que mais gosto é DE

É frequente ver-se a preposição que acompanha o relativo repetida junto ao termo ou oração que faz o papel de predicativo:

"do que [= de que] duvido é *de* que comecemos, se por el-rei houvermos de esperar" [AH.4, 222].

"No que [= o em que] em grande parte discordo de Schlegel é *no* severo conceito que forma do estilo de Addison" [AGa.4, 35; cf. MBa.4, 239-40].

Emprego de À em À QUE, ÀS QUE

As linguagens *a que, as que,* sendo o *a* artigo, podem vir regidas da preposição *a*, caso em que se usam as unidades complexas acentuadas *à que, às que:*

Não se referiu *à que* estava ao nosso lado (*à que* equivalente a *àquela que*).

Os prêmios foram entregues *às que* discursaram (*às que* equivalente a *àquelas que*).

É claro que se o *a* antes de *que* for apenas preposição não levará acento grave indicativo de crase, e não mais se tratará de adjetiva substantivada, mas tão somente adjetiva:

A pessoa *a que* te referes não veio hoje.

Relativo universal

Frequentes vezes a linguagem coloquial e a popular despem o relativo de qualquer função sintática, tomando-o por simples elemento transpositor oracional. A função que deveria ser exercida pelo relativo vem mais adiante expressa por substantivo ou pronome. A este relativo chamamos *universal*:

O homem QUE eu falei COM ELE

em vez de :

O homem COM QUEM (ou COM QUE) eu falei.

A amizade é coisa QUE nem sempre sabemos SEU SIGNIFICADO

em vez de:

A amizade é coisa CUJO SIGNIFICADO nem sempre sabemos.

Embora a língua padrão recomende o correto emprego dos relativos, o relativo universal se torna, no falar despreocupado, um "elemento linguístico extremamente prático" [KN.1, 330].

Observações finais:

1.ª) É frequente aparecer, na linguagem de outrora e ainda ocorre no colóquio moderno, *que* ou *quem* seguido de pronome pessoal oblíquo (*que* ou *quem... lhe*) onde o rigor gramatical exigiria aqueles pronomes precedidos de preposição:

"Agora sim, disse então aquela cotovia astuta, agora sim, irmãs, levantemos o voo e mudemos a casa, que vem *quem lhe* dói a fazenda" [MBe.1, I, 70].

Quem lhe dói a fazenda = a quem dói a fazenda.

"A Natureza, negando-lhe a ordinária ração de outros gostos, sente-o, e amua-se como menino, *que lhe tiram a merenda*" [*Vários Tratados*, II, 354 *apud* MBa.1, 254].

Tais construções não se enquadram nos processos rigorosos da análise.

2.ª) Às vezes o relativo não se refere à *forma* do seu antecedente, mas à *ideia* que ele traduz:

"Bem vês as *lusitânicas* fadigas

Que eu já de muito longe favoreço" [LC, IX, 38].

O relativo *que* se refere a *lusitanos*, ideia que, ensina-nos bem Epifânio Dias, está contida no adjetivo *lusitânicas* [LC, II, 171].121

Outras vezes o relativo se refere ao pronome pessoal que se depreende do pronome possessivo usado:

"Isto que parece absurdo ou desgracioso é perfeitamente racional e belo – belo à *nossa* maneira, *que* não andamos a ouvir na rua os rapsodos recitando os seus versos, nem os oradores os seus discursos, nem os filósofos as suas filosofias" [MA *apud* SS.5, I, 28],

que diz: "Quando leio este trecho, sinto como antecedente do *que* sublinhado a ideia de *nós*, encerrada no adjetivo *nossa.* Esse *que* não se me afigura conjunção causal". Julgo perfeitamente cabível a interpretação do mestre e constitui prática de linguagem corrente no latim: "*Vestra, qui cum summa integritate vixistis, hoc maxime interest*" [Cícero pro Sall, 28 *apud* JMa.1, § 317, a].

Outras particularidades das orações adverbiais

Tipos de oração subordinada adverbial – A oração subordinada adverbial funciona como adjunto adverbial da sua oração principal:

Toca sempre a sineta, *quando terminam as aulas*

(subordinada adverbial temporal).

As orações subordinadas adverbiais iniciam-se pelo transpositor *que*, acompanhado de preposição ou advérbios ou de outras unidades adverbiais:

1 – CAUSAIS: quando a subordinada exprime a causa, o motivo, a razão do pensamento

expresso na oração principal — *que* (= porque), *porque, como* (= porque), *visto que, visto como, já que, uma vez que* (com o verbo no indicativo), *desde que* (com o verbo no indicativo), etc.:

Saiu cedo *porque precisou ir à cidade.*

Como está chovendo, transferiremos o passeio.

Desde que assim quiseram, vão arrepender-se.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Evite-se na língua padrão o emprego de *de vez que* e *eis que* por não serem locuções legítimas.

2.ª) A língua moderna só usa *como* causal quando vier antes da principal.

2 – COMPARATIVAS: quando a subordinada exprime o ser com que se compara outro ser da oração principal. A comparação é *assimilativa*, quando "consiste em assimilar uma coisa, pessoa, qualidade ou fato a outra mais impressionante, ou mais conhecida" [MC.3, II, 48].

É introduzida a oração subordinada comparativa desta espécie por *como* ou *qual*, podendo ainda estarem em correlação com *assim* ou *tal* postos na oração principal:

"Os importunos são *como as moscas* que, enxotadas, revertem logo" [MM].

A comparação pode ainda ser *quantitativa*, quando "consiste em comparar, na sua quantidade ou intensidade, coisas, pessoas, qualidades ou fatos" [MC.3, II, 48].

Há três tipos de comparação quantitativa:

a) *igualdade,* introduzida por *como* ou *quanto* em correlação com *tanto* ou *tão* da oração principal, ou o *mesmo que:*

"Nada conserva e resguarda *tanto* a vida *como a virtude*" [MM].

Isto é o *mesmo que* nadar em ouro.

b) *superioridade*, introduzida por *que* ou *do que* em correlação com *mais* da oração principal:

"Um homem pode saber *mais do que muitos*, porém nunca tanto como todos" [MM].

c) *inferioridade,* introduzida por *que* ou *do que* em correlação com *menos* da oração principal:

"O governo dos loucos dura pouco, o dos tolos ainda *menos que o dos velhacos*" (*id.*).

As orações subordinadas comparativas, geralmente, não repetem certos termos que, já existentes na sua principal, são facilmente subentendidos:

Os importunos são como as moscas *são*...

Nada conserva e resguarda tanto a vida como a virtude *conserva e resguarda*...

Um homem pode saber mais do que muitos *sabem*...

O governo dos loucos dura pouco, o dos tolos ainda *dura menos* que *dura* o dos velhacos... (note-se que o primeiro *dura* omitido não está em oração comparativa).

Ocorre a presença do verbo em:

"Não tens inimigo mais poderoso, mais astuto, mais emperrado e mais doméstico *do que é teu* amor-próprio" [MBe.2, 213].

"O ar como que *era* cortado de relâmpagos sensuais, sentiam-se passar lufadas de tépida volúpia" [JRi.1,70].

Em lugar de *mais bom, mais grande, mais mau, mais pequeno, mais bem* e *mais mal* dizemos normalmente *melhor, maior, pior, menor* (*melhor* e *pior* se aplicam tanto para os adjetivos como para os advérbios).

"Os velhacos têm de ordinário mais talento, porém *menor* juízo do que os homens probos" [MM].

"Não há escravidão *pior* do que a dos vícios e paixões" [MM].

"Não há *maior* nem *pior* tirania que a dos maus hábitos inveterados" [MM].

"Dão-se os conselhos com *melhor* vontade do que geralmente se aceitam" [MM].

"Ninguém conhece *melhor* (advérbio) os seus interesses do que o homem virtuoso; promovendo a felicidade dos outros assegura também a própria" [MM].

Entretanto, se compararmos duas qualidades, usaremos os comparativos analíticos (*mais bom, mais grande,* etc.), em vez dos sintéticos (*melhor, maior,* etc.):

Ele é mais grande do que pequeno e não *Ele é maior do que menor.*

Para evitar confusões no sentido, usam-se as comparativas *como, que, do que* junto ao sujeito e, seguidas de preposição, *como a, que a, do que a* junto de objeto direto (o *a* é preposição).

Estimo-o *como* um pai (= como pai estima).

Estimo-o *como a* um pai (= como se estima a um pai).

Se o contexto não admitir esta dupla interpretação, pode-se dispensar o auxílio da preposição:

"Meu pai encarregou-a do governo doméstico e nós habituamo-nos a tê-la em conta de segunda mãe; também ela nos amava *como filhos*" [AH *apud* MBa.7, 172].

Para realçar-se a semelhança, a aparência, em vez de simples *como* pode-se usar *como que* quando se lhe segue o verbo:

"A luz do dia, ao desaparecer, *como que* se dobrava para afagar e beijar o desgraçado, que talvez não a tornaria a ver" [AH.3, 225]. Entenda-se: a luz do dia *parecia dobrar* para afagar...

"Entretanto, ainda no espírito me passa *como que* a visão profética do futuro concílio..." [AH.8, I, 19].

NOTA – *Como que*, neste último caso, não inicia oração subordinada comparativa.

Quando depois do termo de comparação vem um substantivo, denota-se ainda a aparência, a semelhança, por meio da expressão *um como*, caso em que *um* concorda em gênero e número com o substantivo seguinte:

Refrescou-o *um como orvalho* do céu.

Aproximou-se dele *uma como visão* fantástica.

NOTA — Também aqui não se tem oração comparativa.

Através de *como se* indicamos que o termo de comparação é hipotético:

"O velho fidalgo estremeceu *como se* acordasse sobressaltado" [RS.1, 174]. Entenda-se: ele não acordou sobressaltado, mas, se acordasse, estremeceria daquele jeito.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) A maioria dos gramáticos de língua portuguesa prefere desdobrar o *como se* em duas orações, sendo a primeira *comparativa* e a segunda *condicional*:

O velho fidalgo estremeceu como estremeceria se acordasse sobressaltado.

2.ª) Pode-se obter a mesma expressão por meio de *como a* + infinitivo:

"(...) outro ia no céu *como a decifrar* o enigma da sensação nunca experimentada" [CBr.6, 50].

3.ª) Atente-se para a concordância dos termos correlatos *tal qual*, que devem concordar com o substantivo ou pronome a que se referem:

Ele era *tal quais* os colegas.

Elas eram *tais qual* o irmão.

Nós somos *tais quais* os pais.

4.ª) Deve-se preferir *mais... (do) que* a *mais... a* + infinitivo em construções comparativas do tipo: Talvez seja *mais* interessante ao país gastar na educação *do que investir* na construção de presídios (e não: *a investir*).

Em vez de *como*, *do mesmo modo que*, *tanto como,* empregamos com frequência *que nem*:

É forte *que nem* um touro.

O verbo *preferir* sugere uma ideia implícita de comparação, à semelhança de *querer mais*, *querer antes*, mas exige complemento regido da preposição *a*:

Prefiro a praia *ao campo*.

Preferia estudar *a não fazer nada*.

A aproximação de *preferir* a *querer mais* e *querer antes* (embora não sejam perfeitamente sinônimos) tem gerado duas construções tidas como errôneas pelos nossos gramáticos:

a) a adjunção dos advérbios *mais* ou *antes* ao verbo *preferir*:

Antes prefiro... ou *Prefiro mais...*

b) iniciar o complemento do verbo *preferir* pelos transpositores comparativos *que* ou *do que*:

Prefiro a praia *do que o campo*.

Preferia estudar *do que não fazer nada*.

Preferiam *mais* mentir *do que dizer a verdade*.

Aluísio Azevedo poderia ter dado outro torneio à construção para evitar o desvio no seguinte trecho de *O Coruja:*

"E que, no caso de erro, *é preferível* sempre nos enganarmos, contra, *do que* a favor de quem quer que seja..." (cap. VI).

Note-se que a simples substituição de *do que* por *a* não seria ideal pela aproximação dos dois *aa*.

OBSERVAÇÃO: Distinga-se a construção errada de *preferir* da sequência *antes preferir* do seguinte exemplo do Marquês de Maricá, em que leve pausa aparece depois de *antes* [MM.1]:

"Ninguém quer passar por tolo, *antes prefere* parecer velhaco" [MM].

3 – CONCESSIVAS: quando a subordinada exprime que um obstáculo – real ou suposto – não impedirá ou modificará de modo algum a declaração da oração principal – *ainda que*, *embora, posto que, se bem que, conquanto,* etc.:

Embora chova, sairei.

Isto é, a chuva não será obstáculo tal, que me impedirá de sair.

"*Ainda que* perdoemos aos maus, a ordem moral não lhes perdoa, e castiga a nossa indulgência" [MM].

Ao lado destas concessivas comuns, empregam-se ainda as concessivas *intensivas* quando é nosso intuito assinalar qualidade ou modalidade qualquer, "consideradas em grau intensivo e sem limites" [SA]:

Por inteligente que seja, encontrará dificuldades em entender o problema.

Por mais que estude, ainda tem muito que aprender.

As concessivas intensivas caracterizam-se pelas expressões *por mais... que, por menos... que, por muito... que,* onde se pode dar ainda a eliminação do advérbio *mais, menos, muito.*

Em vez de *ainda que, ainda quando*, pode-se empregar simplesmente *que* e *quando* em construções que, proferidas com tom de voz descendente e com verbo no subjuntivo, exprimem a ideia concessiva:

Os obstáculos, *que fossem muitos*, não tiravam aos rapazes a certeza da vitória.

E, *quando as palavras não o digam*, aí estão os fatos, para comprovar que só enunciei verdades.

Nestes casos, empregando *que*, dá-se preferência à inversão de termos, passando a iniciar a oração concessiva a expressão que funciona como predicativo, ou complemento do verbo:

Os rapazes, *pobres que sejam,* merecem a nossa consideração.

Aqueles livros, *difíceis que fossem*, sempre nos serviram para elucidação de muitas dúvidas.

Mil desculpas que me desse, eu continuaria achando que procedeu mal comigo.

Não raro a oração principal contém uma expressão adverbial (*contudo, todavia, ainda assim, não obstante,* ou equivalente) que, no nível do texto, serve como resumo do pensamento anterior, avivando ao ouvinte a ideia concessiva da subordinada:

Ainda que todos saiam, *todavia* ficarei.

Embora não me queiram acompanhar, *ainda assim* não deixarei de ir à festa.

Conteúdos de valor concessivo podem vir, justapostos, iniciados por unidades alternativas (neste caso o verbo está no subjuntivo), quando denotam que a possibilidade de ações opostas ou diferentes não impede a declaração principal:

Quer estudes, quer não, aprenderás facilmente a lição.

Ou estudemos medicina, ou sejamos advogados, conquistaremos na sociedade um lugar de relevo.

4 – CONDICIONAIS: quando a oração subordinada exprime uma condição necessária para que se realize ou deixe de se realizar o que se declara na principal: *se, caso, sem que, uma vez que* (com o verbo no subjuntivo), *desde que* (verbo no subjuntivo), *dado que, contanto que, com a condição que*, etc.

A oração condicional exprime um fato que não se realizou ou, com toda a certeza, não se realizará:

a) falando-se do presente:

Se eu fosse aplicado, obteria o prêmio.

b) falando-se do passado:

Se eu fosse aplicado, obteria o prêmio.

ou

Se eu tivesse sido aplicado, teria obtido o prêmio.

No primeiro caso, usam-se na oração condicional o pretérito imperfeito do subjuntivo (*fosse*), e, na principal, o futuro do pretérito (*teria*).

No segundo caso, ou se repete o verbo nas formas apontadas para o caso anterior, ou usam-se na condicional o pretérito mais-que-perfeito (*tivesse sido*) e, na principal, o futuro do pretérito composto (*teria obtido*).

Pode ainda a oração condicional exprimir um fato cuja realização esperamos como provável:

Se eu estudar, obterei o prêmio.

Nestas circunstâncias, empregam-se o futuro do subjuntivo na condicional, e, na principal, o futuro do presente (*obterei*).

OBSERVAÇÃO: Cumpre notar que no caso a), estudado acima, em lugar de *Se eu fosse aplicado, obteria o prêmio,* a linguagem coloquial realça a ideia do presente usando no presente indicativo os verbos das duas orações: *Se eu sou aplicado, obtenho o prêmio.*

As orações condicionais não só exprimem condição, mas ainda podem encerrar as ideias d e *hipótese, eventualidade, concessão, tempo,* sem que muitas vezes se possam traçar demarcações entre esses vários campos do pensamento. Esta é a razão por que *sem que* admite mais de uma interpretação textual. O *que não* (= sem que) flutua entre a condição e o tempo frequentativo (repetido) em *Não lê que não cometa vários enganos;* o *quer... quer* (*ou... ou,* etc.) é um misto de concessão e condição (cf. por exemplo de [JO.1, 64-66]), e tantos outros casos que fogem à alçada de uma descrição gramatical por pertencerem ao plano textual.

5 – CONFORMATIVAS: quando a subordinada exprime um fato apresentado em conformidade com a declaração da principal: *como, conforme, segundo, consoante:*

Conseguiu fazer o trabalho *como lhe ensinaram.*

Todos procederam *conforme a ocasião* ensejava.

6 – CONSECUTIVAS: quando a subordinada exprime o efeito ou consequência do fato expresso na principal.

A oração consecutiva é introduzida pelo transpositor *que* a que se prende, na principal, uma expressão de natureza intensiva como *tal, tanto, tão, tamanho,* termos que também se podem facilmente subentender:

Alongou-se tanto no passeio, *que chegou tarde.*

Executou a obra com tal perfeição, *que foi premiada.*

É feio *que mete medo* (= *É tão* feio...).

A oração consecutiva não só exprime a consequência devida à ação ou ao estado indicado na principal, mas pode denotar que se deve a consequência ao modo pelo qual é praticada a ação da principal. Para este último caso, servimo-nos, *na oração principal,* das unidades complexas *de tal maneira, de tal sorte, de tal forma, de tal modo*:

Convenceu-se *de tal maneira* que surpreendeu a todos.122

Estando completo o conteúdo da primeira oração, empregam-se as expressões (destituídas

d e *tal*) *de maneira que, de sorte que, de forma que, de modo que,* como "locuções" conjuntivas, sem pausa entre o substantivo e o *que*, para introduzir uma consecutiva atenuada em orações justapostas:

Você estudou bem, *de modo que pôde tirar boa* colocação.

O livro estava rasgado, *de modo que muitas páginas tiveram sua leitura prejudicada.*

A independência sintática das duas orações, neste caso, pode vir indicada por uma pausa maior, isto é, por ponto e vírgula ou por ponto, valendo assim a unidade por um advérbio de oração para avivar ao ouvinte o pensamento anterior, com o sentido aproximado de *por conseguinte, consequentemente, daí:*

As alegrias da vida quase sempre são rápidas e fugidias, ainda que disto não tomemos conhecimento. *De modo que* elas devem ser aproveitadas inteligentemente.

Por tudo isto se vê que nem sempre podemos delimitar, no nível do texto, os campos dos valores consecutivo e conclusivo, acrescentando-se ainda que há vizinhanças destes valores com outros, como, por exemplo, a ideia de finalidade, o que estudaremos mais adiante.

Cumpre evitar um erro frequente com a expressão do pensamento consecutivo (e conclusivo): pôr no plural o substantivo nas locuções *de maneira que, de modo que,* etc., dizendo-se incorretamente:

Saiu rapidamente *de maneiras que* não pude vê-lo.

Estudou *de formas que* conseguiu aprender.

As unidades *de maneira que, de modo que*, etc., seguidas de verbo na forma finita, só modernamente aparecem substituídas por *de maneira a, de modo a,* etc., seguidas de infinitivo:

Estudou *de forma a conseguir* aprender (em lugar de: *de forma que conseguiu aprender*).

"(...) arredar o biombo da sua estreiteza natural, *de modo a deixar* entrar ar fresco" [AR.3, 170].

Aquilo que se apresenta na oração consecutiva como efeito ou resultado pode representar uma consequência intencional, de modo que se associa ao conteúdo consecutivo uma noção subsidiária de finalidade. Neste caso o verbo se acha normalmente no subjuntivo:

Chegou cedo ao serviço *de maneira que pudesse ser* elogiado pelo patrão.

Correu *de sorte que os inimigos não o pudessem alcançar.*

Daí resultam certos cruzamentos consecutivo-finais na construção do enunciado, cruzamentos que nem sempre são vistos com bons olhos pelos gramáticos (porque tais fatos não estão de acordo com a tradição do idioma e se repetem no francês), embora uns datem de longo tempo. Entre os tipos condenados está a construção acima referida *de modo a, de maneira a + infinitivo.* Com tais fórmulas, realmente se procura traduzir uma consecutiva intencional. Ao lado de: *Estudou de modo a poder passar*, usa-se: *Estudou de modo (a) que passasse.*

Presa ao mesmo caso parece estar a construção que emprega depois de *demais, demasiado, muito* (= *assaz, bastante, demasiado*) uma oração final de *para que* ou *para a + infinitivo,* para indicar a noção de proporção ou desproporção:

"*É demasiado esperto para que caia em tal,* equivalente a: não é tão pouco esperto que caia em tal" [ED.2, § 395].

"(...) os tempos não são mais de *bastante* fé ou desprendimento *para que* os ricos católicos façam doações (...)" [MB.1, II, 144].

"Entretanto a igrejinha tem tanto caráter (...), que ela só e mais uma meia dúzia de palmeiras bastam *a guardar* a fisionomia (...)" [MB.1, II, 149].

OBSERVAÇÃO: O ilustre sintaticista português Epifânio Dias aponta o fato como imitação do francês; cremos, entretanto, que o problema exige revisão.

7 – FINAIS: quando a oração subordinada indica a intenção, o objetivo, a finalidade do pensamento expresso na principal: *para que, a fim de, porque* (= para que),123 *que* (= para que):

Saíram *para que pudessem ver o incêndio.*

Reclamou *a fim de que o nomeassem.*

Trabalhou *porque fosse promovido.*

Falta pouco *que isto suceda.*

Abreviadamente usa-se de *não* + *subjuntivo* com o valor de *para que não, de modo que não,* quando se quer expressar a cautela, cuidado, restrição:

"Senhor, que estás nos céus, e vês as almas,
Que cuidam, que propõem, que determinam,
Alumia minha alma, *não se cegue*
No perigo, em que está" [AF.2, vv. 770-773 *apud* SS.1, § 485-a].

OBSERVAÇÃO: Os antigos, e hoje mais raramente, se serviam de *por se* em que *por* é o vestígio de uma ideia final: "Deixai-o amaldiçoar (lhes disse), *por se acaso* se compadece Deus, por essa causa, da minha aflição..." [MBe.2, III, 51 *apud* MBa.4, 227].

Por se acaso compadece = *para ver se acaso* compadece.

8 – LOCATIVAS: (iniciadas por *onde, quem, quanto* sem referência a antecedentes):

"Os meninos sobejam *onde estão* e faltam *onde não se acham"* [MM].

"Não pode haver reflexão *onde tudo é distração*" [MM].

"*Onde o luxo vence* a probidade afraca e desfalece" [MM].

9 – MODAIS:

"*De um relance* leu na fisionomia do mancebo, sem que suas pupilas estáticas se movessem nas órbitas" [JA.1, 157].

Se a oração principal estiver na negativa, usar-se-á de *que não* + subjuntivo:

Não emite um parecer *que não se aconselhe com o diretor.*

10 – PROPORCIONAIS: quando a subordinada exprime um fato que aumenta ou diminui na mesma proporção do fato que se declara na principal – *à medida que, à proporção que, ao passo que, tanto mais... quanto mais, tanto mais... quanto menos, tanto menos... quanto mais,* etc.:

À medida que a idade chega, a nossa experiência aumenta.

Aprendia *à proporção que* lia o livro.

Aumentava o seu vocabulário *ao passo que* consultava os mestres da língua.

OBSERVAÇÃO: A unidade *ao passo que* pode ser empregada sem ideia proporcional, para indicar que um fato não se deu ou não tem as características de outro já enunciado: "A surdez habitual, dada a multiplicação das obras e dos cuidados do indivíduo, tenderia a embotar os sentidos e a retardar os sexos, *ao passo que* o vestuário, negaceando a natureza, aguça e atrai as vontades, ativa-as, reprodu-las e conseguintemente faz andar a civilização" [MA.1, 260].

Ele foi ao cinema, *ao passo que* eu resolvi ir à praia.

11 – TEMPORAIS: quando a oração subordinada denota o tempo da realização do fato expresso na principal.

As principais chamadas conjunções e "locuções" conjuntivas e temporais são :

a) para o tempo anterior: *antes que, primeiro que* (raro):

Saiu *antes que* eu lhe desse o recado.

"Ninguém, senhores meus, que empreenda uma jornada extraordinária, *primeiro que* meta o pé na estrada, se esquecerá de entrar em conta com as suas forças..." [RB].

b) para o tempo posterior (de modo vago): *depois que, quando:*

Saiu *depois que* ele chegou.

c) para o tempo posterior imediato: *logo que, tanto que* (raro), *assim que, desde que, apenas, mal, eis que, (eis) senão quando, eis senão que:*

Saiu *logo que* ele chegou.

"*Eis senão quando* entra o patrão..." [AAr.1, 183].

d) para o tempo frequentativo (repetido): *quando* (estando o verbo no presente), *todas as vezes que, (de) cada vez que, sempre que:*

Todas as vezes que saio de casa, encontro-o à esquina.

Quando o vejo, lembro-me do que me pediu.

OBSERVAÇÃO: Evite-se o erro de se preceder da preposição *em* o *que*, dizendo-se: *todas as vezes em que*.

e) para o tempo concomitante: *enquanto, (no) entretanto que* (hoje raro):

Dormia *enquanto* o professor dissertava.

"... e se aposentou (S. Caetano) junto à Igreja de S. Jorge, e perto do Hospital maior, para *no entretanto* que regulava as dependências da renúncia se entreter no exercício da caridade" (Contador de Argote, *Vida de S. Caetano,* 1722, 90).

OBSERVAÇÕES:

1.ª) *Entretanto* ou *no entretanto* são advérbios de tempo, com o sentido de *neste ínterim, neste intervalo de tempo, neste meio tempo*. Mais modernamente, *entretanto* passou a valer por uma unidade de valor adversativa e, por influência do advérbio, tem sido empregado precedido da combinação *no* (*no entretanto*). Muitos puristas não aprovam esta última construção.

2.ª) A rigor, as "conjunções" proporcionais também indicam tempo concomitante; por isso, uns autores não distinguem as *temporais* das *concomitantes*, fazendo destas classes à parte das *temporais*. A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* não fala em *concomitante*.

3.ª) Evite-se o emprego *mais (menos)... mais (menos)* em lugar de *quanto mais (menos)... tanto mais (menos)* em construções do tipo: *Quanto mais* estudamos, *tanto mais* aumentam nossas possibilidades de vitória (e não: *Mais* estudamos e *mais* vencemos).

Pode-se omitir o *tanto* no segundo termo: *Quanto mai*s estudamos, *mais*...

f) para o tempo limite terminal: *até que:*

Brincou *até que fosse* repreendido.

Assume valor temporal o *que* relativo repetidor de advérbio e expressões que designam "desde que época um fato acontece": *agora que, hoje que, então que, a primeira vez que, a última vez que,* etc.:

Agora que consegui aprender a lição, passarei adiante.

Esta foi *a última vez que* o vi.

Não se fazendo pausa entre o advérbio e o transpositor (*agora que, então que,* etc.), estabelece-se uma unidade de valor semelhante ao que existe em *depois que,* etc., e se pode passar a considerar o todo como "locução conjuntiva":

Agora que tudo está certo vou embora.

Sob o modelo de tais linguagens, desenvolveu-se o costume de se acrescentar o transpositor *que* depois de expressões que denotam "desde que tempo uma coisa acontece", reduzida a simples palavra de realce temporal:

Desde aquele dia *que* o procuro.

Analisando, dispensa-se o *que*.

Depois dos verbos *haver* e *fazer* com sentido temporal (*há dias que, faz dias que*) o transpositor *que* (parece ter sido, neste caso, primitivamente integrante)124 adquiriu, por contato, a ideia de tempo, com valor aproximado de *desde que*:

Há quatro dias *que* não o vejo.

Fazia quatro meses *que* estivera doente.

Em tais orações, a análise se torna difícil pelo fato de a construção ter-se fixado apesar de alterado o sentimento linguístico. Há um visível descompasso entre a sua estrutura de superfície e a profunda. Considerar o *que* com valor temporal e, portanto, temporal a respectiva oração, é classificar como principal justamente a oração que expressa a circunstância de tempo:

1.ª oração — *principal*: Há quatro dias

2.ª oração — *subordinada adverbial temporal*: que não o vejo.125

Poder-se-á analisar como substantiva subjetiva a oração de *que*, depois de *fazer*, como fazem os autores patrícios lembrados na nota anterior.

Cremos, também, ser possível considerar que o *que* não serve de introduzir uma oração subordinada adverbial temporal, mas, *reduzido a simples palavra memorativa,* relembra, na oração principal, a partir de que fato se faz alusão ao tempo na subordinada anterior. Esta subordinada, não se ligando à principal por transpositor, será considerada justaposta:

1.ª oração — *subordinada adverbial temporal:* Há quatro dias

2.ª oração — *principal:* (que) não o vejo.126

Entretanto, não misturando o plano gramatical com o conteúdo designado, a orientação mais seguida é classificar a oração de *que* como adverbial temporal.

Tais orações temporais admitem mais de uma construção:

Há muito tempo que não o vejo.
Há muito tempo não o vejo.
Não o vejo há muito.
De há muito não o vejo.
Desde há muito não o vejo.
Até há pouco eu o vi por aqui.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Advérbios e unidades adverbializadas (*ontem, hoje, há muito*, *há pouco, há tantos anos,* etc.), precedidos da preposição *de,* são transpostos a adjetivos (adjuntos adnominais):

As notícias *de hoje*.

As lembranças *de ontem.*

Um testamento *de há cem anos.*

Modas *de há trinta anos.*

Meninos *de há pouco*. [ED.2, §423; MBa.3, 158]

2.ª) A preposição junto ao verbo *haver* em *De há muito não o vejo, desde há muito, até há pouco,* assinala melhor a ideia temporal. Adolfo Coelho considera sem razão, viciosa e linguagem *de há muito* que explica desta maneira: "Influência semelhante (fala da influência por analogia) se nota na expressão frequente, mas viciosa, *de há muito* por *há muito*. *Há muito* fixa-se como a indicação dum tempo passado; *há* não é apercebido como verbo, mas antes como preposição (*a*); daí o anterpor-se-lhe a preposição *de* por analogia de expressões como *de então* (*para cá*, *até hoje*), *de ontem, de muito"* [ACo.2, I, 82].

3.ª) Em lugar de *quando foi a vez dele* diz-se também *quando foi da vez dele* ou, abreviadamente, *quando da vez dele*. Estas duas últimas construções são modernas e Epifânio Dias as considera incorretas, devidas à má tradução do francês *lors de* [ED.2, § 182]. Júlio Moreira [JM.1, II, 68] e com ele Mário Barreto [MBa.3, 230] explicam o fenômeno por cruzamento sintático das duas expressões; *quando foi a vez dele* e *da vez dele,* de que resultou uma terceira mista: *quando foi da vez dele*. Ocorre ainda *a quando de* (*a quando da vez dele*), onde Epifânio Dias vê ainda influência do *a* do francês *alors*, "com requinte de barbarismo" (*ibid*.). Preferimos a explicação de Julio Moreira por não vermos na correspondente francesa a vitalidade suficiente para tal repercussão no português.

4.ª) Em muitos dizeres de sentido temporal, "há tendência, bem notória hoje em dia, para confundir *que* conjunção com *que* pronome relativo, e para afirmar este caráter pronominal em certos casos, hoje se prefere *em que* ao simples *que* da linguagem antiga" [SA.2, 197]. Dá-se com frequência esta alternância de *que* e *em que* quando o substantivo que se considera antecedente do pronome relativo vem precedido da preposição *em.* Prefere-se dizer *ao mesmo tempo que*, *a tempo que, ao tempo que,* mas *no tempo que* (ou *em que*), *no dia que* (ou *em que*), etc. Tem-se estendido sem razão nem tradição no idioma o emprego de *em que* em construções onde só deve figurar o *que*, como *todas as vezes em que.* Prefira-se *todas as vezes que* ou *em todas as vezes em que* (ou simplesmente *que*).

5.ª) O verbo *haver* (*HÁ*) *e a preposição A em sentido temporal.* Atente-se no emprego correto destas duas formas. *Há,* verbo, refere-se a tempo decorrido e *a,* preposição, a tempo futuro:

Há três dias não o vejo.

Já devia ter-lhe escrito *há* mais tempo.

Daqui *a* a três dias o verei.

Este produto é famoso *há* mais de meio século.

Usa-se ainda a preposição *a* nas indicações da distância de lugar:

Estamos *a* cinco quilômetros do sítio.

Cuidado especial hão de merecer também as expressões *a cerca de* e *há cerca de,* onde a locução *cerca de* (= aproximadamente, perto de, mais ou menos) vem precedida da preposição *a* ou da forma verbal *há*:

Ele falou *a cerca de* mil ouvintes (= para cerca de mil ouvintes).

Há cerca de trinta dias foi feita esta proposta.

Temos ainda a locução *acerca de* que significa *sobre, a respeito de, em relação a:*

O professor dissertou *acerca dos* progressos científicos.

Por outro lado, podem-se suprimir as palavras *atrás* ou *passado(s)* que aparecem com o verbo *haver*, uma vez que este já indica tempo decorrido:

Há três dias atrás ou *Há três dias.*

Há três dias passados ou *Há três dias.*

6.ª) Nas orações adverbiais precedidas de principal que encerra advérbio de valor temporal (*apenas, mal*), devemos empregar *quando* e não *que*:

Apenas tinha terminado a questão, *quando o professor recolheu a prova.*

Mal saía da escola, *quando se lembrou da pasta.*

Pode-se também suprimir o *quando*:

Apenas Pelágio transpôs o escuro portal da gruta, Eurico levantou-se [AH *apud* MBa.5, 20].

Análise de SEM QUE

De modo geral, tem-se enquadrado a locução *sem que* no grupo das chamadas "conjunções condicionais". A verdade é que a locução assume variados sentidos contextuais, entre os quais lembraremos:

1) *condição* (subordinada condicional):

Sem que estude, não passará.

2) nega uma *consequência* (subordinada consecutiva):

Estudou *sem que conseguisse aprovação.*

3) exprime uma *consequência* esperada (depois de negativa):

Não brinca *sem que acabe chorando* (todas as vezes que brinca acaba chorando).

4) exprime uma *concessão* (subordinada concessiva):

Ele é responsável, *sem que o saiba,* por todas essas coisas erradas.

5) nega uma *causa*, chegando quase a exprimir *concessão* (subordinada causal ou concessiva):

Estudou *sem que seus pais lho pedissem* (nega-se a causa ou uma das causas do estudo: o pedido dos pais, e vale quase por: *estudou ainda que seus pais não lho* pedissem).

6) denota simplesmente que tal ou qual circunstância não se deu, aproximando-se da ideia de *modo* (subordinada modal):

Entrou em casa *sem que tomasse nenhum alimento.*
Retirou-se *sem que chamasse seus colegas.*

A *Nomenclatura Gramatical Brasileira,* entretanto, desprezou as orações modais.

Em lugar de *sem que* pode-se usar também de *sem + infinitivo:*

Saiu *sem ser* percebido.

Estes foram os melhores teatrólogos, *sem falar* em Machado de Assis e Franklin Távora, mais ilustres no romance e no conto.

Em lugar de *sem que*, depois de uma principal de valor negativo, usa-se também *que não*, para indicar que a consequência se dá a todo o transe, se repete sempre que ocorrer o fato expresso na principal (o verbo da subordinada está no subjuntivo):

Não brinca *sem que acabe chorando.*

Não brinca *que não acabe chorando.*

"Eu não posso abrir um livro de história *que não me ria*" [AGa.5, 255].

OBSERVAÇÃO: Alguns autores dão à construção *não... que não* valor condicional. Cf. [AGo, 420] e [MBa.7, 48-9].

QUE depois de advérbio

Muitas vezes emprega-se *que* depois de advérbio onde a rigor poderia ser dispensado. São comuns as linguagens *talvez que, apenas que, felizmente que, oxalá que, quase que, enquanto que, embora que:*

"Assim, sem mais preâmbulos,
e *apenas que* te vejo,
venço o nativo pejo,
meu belo sedutor" [AC, 96 *apud* MBa.1, 176].

"Mas eu creio que Capitu olhava para dentro de si *enquanto que* eu fitava deveras o chão..." [MA.4, 130 *apud* MBa.1, 177].

Puristas têm condenado tais modos de dizer.

Orações justapostas de valor contextual adverbial

A justaposição pode, no nível do texto, apresentar as seguintes interpretações:

a) *concessivas:* tendo o verbo no subjuntivo anteposto ao sujeito ou caracterizadas por expressões do tipo *digam o que quiserem, custe o que custar, dê onde der, seja o que for, aconteça o que acontecer, venha donde vier, seja como for,* etc.:

Tivesse ele dito a verdade, ainda assim não lhe perdoaríamos.

Sairemos, *aconteça o que acontecer.*

Não é o subjuntivo que de per si denota a concessão, mas sim o contexto e a entoação descendente.

b) *condicionais*: tendo o verbo no tempo passado (mais-que-perfeito do indicativo ou imperfeito do subjuntivo) anteposto ao sujeito:

Tivesse eu dinheiro, conheceria o mundo.

Não *fora* a escuridão, veria o perigo.

"*Eu quisesse*, à força, hoje mesmo a Ritinha vinha comigo" [GR, 97].

Em tais casos, a segunda oração pode começar pela conjunção *e*:

Vencesse eu, *e não* me dariam o prêmio.

Vissem-na, *e* ninguém a reconheceria.

c) *temporais:*

Há dias não o encontro.

Chegaram àquela cidade *havia pouco.*

Não lhe escrevia *fazia meses.*

d) *finais:*

"Cala-te já, minha filha, *ninguém te oiça mais falar"* [AGa.1, II, 83].

"Mudemos, porém, de tecla, *não vá* alguém julgar-me candidato a revisor de gralhas" [CF *apud* MB.2, 321].

Composição do enunciado

O enunciado ou período pode encerrar, ao mesmo tempo, orações independentes (coordenadas e justapostas) e dependentes (subordinadas). Daremos exemplos de análise depois de serem apontadas as orações complexas e os enunciados justapostos:

a) *coordenada* e *subordinada*:

"Todos se tinham posto em pé quando el-rei erguera e esperavam ansiosos o que diria o velho" (Alexandre Herculano).

1.ª oração – *principal de 1.ª categoria:*

Todos se tinham posto em pé + subordinada temporal

2.ª oração – *subordinada adverbial temporal:*

quando el-rei se erguera,

3.ª oração – *coordenada à principal e principal de 2.ª categoria:*

e esperavam ansiosos + subordinada substantiva

4.ª oração – *subordinada substantivada (de primitiva adjetiva) objetiva direta:*

o que diria o velho.

OBSERVAÇÃO: Não é novidade o achar-se mais de uma oração principal num período. Se conceituarmos com rigor tal tipo de oração, seremos levados a esta necessidade. Com efeito, no exemplo dado, temos duas orações que apresentam um dos seus termos sob forma oracional; a subordinada *quando el-rei se erguera* denota o tempo da primeira principal, e a subordinada *o que diria o velho* funciona como objeto direto da segunda principal que, por sua vez, se acha coordenada à primeira principal. As expressões *principal de 1.ª categoria, de 2.ª categoria,* etc., já se acham nas excelentes noções elementares de análise sintática que abrem, desde 1887, a hoje tradicional *Antologia Nacional,* devidas a Fausto Barreto (o título primitivo era *Seleção Literária*, de parceria com Vicente de Sousa). Outra maneira de ver a principal, diferente desta (como, por exemplo, na excelente *Gramática* de Celso Cunha – Lindley Cintra), atenta mais para estruturação textual do que a gramatical, objeto da análise sintática.

b) *justaposição* e *subordinação:*

"Lembrai-vos", cavaleiro – disse ele – de que falais com D. João I" (Alexandre Herculano).

1.ª oração do 1.º período – *principal*:

lembrai-vos, cavaleiro + oração subordinada

2.ª oração do 1.º período – *subordinada substantiva completiva relativa:*

de que falais com D. João I.

1.ª oração do 2.º período – *justaposta de citação*:

disse ele

c) *coordenação* e *justaposição*:

"El-rei manda nos vivos e eu vou morrer! – atalhou o ancião em voz áspera, mas sumida" (Rebelo da Silva).

1.ª oração do 1.º período – *coordenada* (ou *coordenante*):

El-rei manda nos vivos

2.ª oração do 1.º período – *coordenada aditiva*:

e eu vou morrer!

1.ª oração do 2.º período – *justaposta de citação*:

atalhou o ancião em voz áspera, mas sumida.

d) *coordenação*, *justaposição* e *subordinação*:

"Agora sim, disse então aquela cotovia astuta, agora sim, irmãs, levantemos o voo e mudemos a casa, que vem quem lhe dói a fazenda" (Pe. Manuel Bernardes).

1.ª oração do 1.º período – *coordenada* (ou *coordenante*):

Agora sim, agora sim, irmãs, levantemos o voo

2.ª oração do 1.º período – *coordenada aditiva* e *principal* da 3.ª:

e mudemos a casa

3.ª oração do 1.º período – *subordinada causal* e *principal* da 4.ª:

que vem

4.ª oração do 1.º período – *subordinada substantiva subjetiva justaposta*:

quem lhe dói a fazenda.

1.ª oração do 2.º período – *justaposta de citação*:

disse então aquela cotovia astuta

OBSERVAÇÃO: Quando o período encerra mais de um tipo de oração, dá-se-lhe comumente o nome de *misto*, denominação que a *Nomenclatura Gramatical Brasileira* não agasalha. Todos os exemplos acima analisados são de períodos ou enunciados mistos.

Decorrência de subordinadas

A oração principal é aquela que tem um dos seus termos sob forma de outra oração. Ora, no período, mais de uma oração – qualquer que seja o seu valor sintático – pode acompanhar-se de oração subordinada:

Não sei se José disse que viria hoje.

A 1.ª principal pede a oração subordinada objetiva direta *se José disse*, que, por sua vez, pede a terceira *que viria hoje*. Assim sendo, a 2.ª oração se nos apresenta sob duplo aspecto sintático: subordinada em relação à 1.ª e principal em relação à 3.ª.

Não sei
se José disse
que viria hoje.

Havendo mais de uma oração principal, designá-las-emos, respectivamente, por *principal de 1.ª categoria, de 2.ª categoria, de 3.ª categoria,* etc.:

1.ª oração – *principal de 1.ª categoria:*

Não sei + subordinada

2.ª oração – *subordinada substantiva objetiva direta* (em relação à anterior) e *principal de 2.ª categoria* (em relação à seguinte):

se José disse + subordinada

3.ª oração – *subordinada substantiva objetiva direta:*

que viria hoje.

Neste ponto, precisamos assentar algumas noções importantes:

a) *no período pode haver mais de uma oração principal;*

b) *a oração ou orações principais podem ter o seu verbo no indicativo ou subjuntivo:*

Espero que vá embora (indicativo).
Espero que me *diga* se vai embora (indicativo e subjuntivo).

c) *a oração ou orações principais podem vir iniciadas por conectivos coordenativos ou transpositores:*

"Rubião passa muitas horas fora de casa, mas não o trata mal, e consente que vá acima..." [MA].

A oração coordenada aditiva *e consente* é também principal da subordinada *que vá acima*, pois esta lhe serve de objeto direto.

Concorrência de subordinadas: equipolência interoracional

Assim como uma oração pode depender de outra subordinada, assim também duas ou mais orações subordinadas podem servir à mesma principal:

Espero que estudes e que sejas feliz.

Isto é:

Espero { que estudes (*objetiva direta*)
e
que sejas feliz (*objetiva direta*) }

Como a concorrência de subordinadas só é possível se *as orações exercem a mesma função,* elas estarão coordenadas entre si, porque a *coordenação se dá com expressões do mesmo valor* e na mesma camada de estruturação gramatical.

No exemplo dado, a 3.ª oração se nos apresenta sob duplo aspecto sintático: *é coordenada* em relação à 2.ª (porque são do mesmo valor) e *subordinada* em relação à principal (*espero*), comum às duas subordinadas. Em vez desta classificação um tanto longa (*coordenada à anterior e subordinada à principal*), dizemos apenas que a 3.ª oração é *equipolente* à 2.ª oração. Infelizmente, esta denominação cômoda não encontrou agasalho na *Nomenclatura Gramatical Brasileira.*

A equipolente pode ser:

a) *substantiva:*

Espero que estudes *e que sejas feliz.*

b) *adjetiva:*

O livro que li *e que lhe devolvi* é ótimo.

c) *adverbial:*

Quando chegou *e quando me disse o ocorrido,* não acreditei.

Costuma-se, com elegância, omitir o transpositor subordinativo da oração equipolente (quando se tratar de pronome relativo, este exerce a mesma função sintática do pronome relativo anterior):

Espero que estudes *e sejas feliz.*

O livro que li *e lhe devolvi* é ótimo.

Quando chegou *e me disse o ocorrido,* não acreditei.

Venho *porque se trata de instrução e tenho embocadura para o magistério* [GrR.2, 59].

Se os pronomes relativos exercem funções diferentes, o normal é repetir cada pronome, sendo raros os exemplos como o seguinte:

"Pois vão também essas que aí deixei, e mais a figura de Tristão, *a que* cuidei dar meia dúzia de linhas e levou a maior parte delas" [MA.12, 37 *apud* MBa.2, 102. Cf. ainda ED.2, § 375 c].

Em construção do tipo "magistrado a cujo cargo estavam as obras públicas e *cuidava* do reparo dos templos da cidade de Roma" há vício de sintaxe, pois que antes de *cuidava* há de se subentender *que*, e não o anterior *a cujo*. [Cf. MBa.1, 387].

No português moderno cumpre evitar a prática de se lembrar na oração ou orações equipolentes uma unidade adverbial simples (geralmente *quando* e *como*) por meio de um simples *que:*[127]

Quando chegou e *que* me disse o ocorrido, não acreditei.

Ou se repete a unidade anterior, ou se omite: *quando* chegou e (*quando*) me disse:

Se se trata, porém, de "locução conjuntiva", é possível, na boa linguagem, repetir-se simplesmente o *que*:

Logo que chegou e me disse o ocorrido...

ou

Logo que chegou e *que* me disse o ocorrido...

Pode-se também omitir a conjunção coordenativa numa série de equipolentes:

> "Rubião passa muitas horas fora de casa, mas não o trata mal, e consente que vá acima, *que assista ao almoço ou ao jantar, que o acompanhe à sala ou ao gabinete*" [MA].

1.ª oração – *coordenada* (ou *coordenante*):

> Rubião passa muitas horas fora de casa,

2.ª oração – *coordenada adversativa:*

> mas não o trata mal,

3.ª oração – *coordenada aditiva e principal:*

> e consente + subordinada

4.ª oração – *subordinada substantiva objetiva direta:*

> que vá acima,

5.ª oração – *equipolente à 4.ª:*

> que assista ao almoço ou ao jantar,

6.ª oração – *equipolente à 5.ª:*

> que o acompanhe à sala ou ao gabinete.

Concorrência de termo + oração subordinada

Às vezes a concorrência não se dá entre duas orações da mesma função sintática, mas entre um termo da oração e outra oração:

> "conheci a violência das suas paixões e que a do ciúme devia ser terrível naquele coração" [AH.3, 119].

O verbo *conhecer* tem dois objetos diretos: o substantivo *violência* e a oração substantiva *que a do ciúme devia ser terrível naquele coração*, que se acham coordenados entre si.

No seguinte exemplo de Machado de Assis [MA.1, 242]:

> "Virgília tragou raivosa esse malogro, e disse-mo com certa cautela, não pela cousa em si, senão porque entendia com o filho"

temos dois adjuntos adverbiais de causa: a expressão *pela cousa em si* e a oração subordinada adverbial *porque entendia com o filho*, que se acham conectadas pela série *não... senão.*

3 – As chamadas Orações Reduzidas

Que é oração reduzida

Em

> *Estuda* agora, porque, quando o verão *chegar*, *entraremos* de férias.

as três orações se dizem *desenvolvidas*, porque seus verbos estão no imperativo (*estuda*), no subjuntivo (*chegar*)128 e no indicativo (*entraremos*).

Podemos, entretanto, alterar a maneira de expressar a subordinada *quando o verão chegar* sem nos utilizarmos dos três modos verbais acima apontados:

> quando o verão chegar = ao chegar o verão
>
> quando o verão chegar = chegando o verão
>
> quando o verão chegar = chegado o verão

Dizemos então que as subordinadas *ao chegar o verão, chegando o verão* e *chegado o*

verão são orações *reduzidas*, porque apresentam o seu verbo (principal ou auxiliar, este último nas locuções verbais), respectivamente, no *infinitivo, gerúndio e particípio* (reduzidas infinitivas, gerundiais e participiais).

Nota sobre o conceito de oração reduzida – Dentro e fora da gramática portuguesa tem sido muito diversificado o conceito de oração reduzida. A opinião mais generalizada, partindo da ideia de que o que caracteriza a relação predicativa é a presença de verbo na forma finita, é que a construção com verbo nas formas nominais (infinitivo, gerúndio e particípio) não constitui oração, e, neste caso, é uma subunidade da oração, um termo dela, quase sempre como um adjunto adnominal ou adverbial. Esta maneira de ver se estende até àquelas construções em que vem acompanhada a forma nominal de unidades que, se estivessem numa oração com verbo finito, funcionariam como termo argumental ou não argumental (no caso de papel de adjunto adverbial).

Outros autores, nestas últimas construções, dão estatuto de orações à parte (nem sempre usando a nomenclatura "reduzida") apenas àquelas que encerram infinitivo e gerúndio independentes, considerando as de particípio meros termos oracionais.

Em português, que possui o infinitivo flexionado, fica ainda mais difícil não aproximar *É necessário que estudes a lição* a *É necessário estudares a lição*, ainda que se trate de um idiotismo da língua.

Neste livro, optamos por dar estatuto à parte às reduzidas de qualquer forma nominal do verbo desde que apresentem autonomia sintática dentro do enunciado e possam estar estruturadas analogamente às orações com verbo de forma finita, as desenvolvidas.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Havendo locução verbal é o auxiliar que indica o tipo de reduzida. Assim são exemplos de reduzidas de gerúndio: "estando amanhecendo", "tendo de partir", "tendo partido"; são exemplos de reduzidas de infinitivo: "ter de partir", "depois de ter partido"; é exemplo de reduzida de particípio: "acabado de fazer". Se, por outro lado, o auxiliar da locução estiver na forma finita, não haverá oração reduzida: *Quanta gente havia de chorar.*

2.ª) Nem toda oração desprovida de transpositor é reduzida, uma vez que este transpositor pode estar oculto: *Espero que sejas feliz* ou *Espero sejas feliz.* Em ambos os exemplos a subordinada *que sejas feliz* ou *sejas feliz* é desenvolvida. *O que caracteriza a reduzida é a forma infinita ou nominal do verbo (principal ou auxiliar): infinitivo, gerúndio e particípio.*

3.ª) A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* desprezou a denominação *infinito* para designar as *formas nominais* do verbo, desfazendo uma incômoda sinonímia antiga entre *infinito* = *infinitivo*, que, em muitos casos, levava os leitores de gramática a confusões. *Infinita* é uma forma verbal normalmente sem flexão, enquanto *infinitivo* é uma das chamadas formas nominais do verbo; assim, se fala em emprego do *infinitivo*, e não em emprego do *infinito*.

O desdobramento das orações reduzidas

As orações reduzidas são subordinadas e quase sempre se podem desdobrar em orações desenvolvidas.129 O emprego de reduzidas por desenvolvidas e vice-versa, quando feito com arte e bom gosto, permite ao escritor variados modos de tornar o estilo conciso, não acumulado de quês e outros transpositores, enfim, elegante.130

Vejamos os seguintes exemplos:

a) Declarei *estar ocupado* = declarei *que estava ocupado.*

b) *Para estudarmos* precisamos de sossego = *para que estudemos*, precisamos de sossego.

c) *Chovendo* não sairei = *se chover*, não sairei.

d) *Acabada a festa,* retirou-se = *quando acabou a festa,* retirou-se.

Estes desdobramentos são meros artifícios de equivalências textuais, que nos ajudam a classificar as orações reduzidas, uma vez que poderemos proceder da seguinte maneira:

a) Declarei *estar ocupado* = declarei *que estava ocupado.*

que estava ocupado: *subordinada substantiva objetiva direta.*

Logo:

estar ocupado: *subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo* (ou *reduzida infinitiva*).

b) *Chovendo* não sairei = *se chover*, não sairei.

se chover: *subordinada adverbial condicional.*

Logo:

chovendo: *subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio* (ou *reduzida gerundial*).

c) *Acabada a festa,* retirou-se = *quando acabou a festa,* retirou-se.

quando acabou a festa: *subordinada adverbial temporal.*

Logo:

acabada a festa: *subordinada adverbial temporal reduzida de particípio* (ou *reduzida participal*).

Orações substantivas reduzidas

Normalmente as orações substantivas reduzidas têm o verbo, principal ou auxiliar, no infinitivo:

a) *subjetiva:*

"Agora mesmo, custava-me *responder* alguma coisa, mas enfim contei-lhe o motivo da minha ausência" [MA.1, 208].

b) *objetiva direta:*

"... como se estivesse ainda no vigor da mocidade e contasse como certo *vir a gastar frutos desta planta"* [LCo *apud* FB.1, 38].

c) *objetiva indireta:*

"Tudo, pois, aconselhava o rei de Portugal *a tentar uma expedição para aquele lado*" [AH.2, 148].

d) *completiva relativa:*

"Um povo que se embevecesse na História, que cultivasse a tradição, que amasse o passado, folgaria *de relembrar esses feitos*..." [CL.1, I, 123].

e) *predicativa* (do sujeito ou do objeto):

"O primeiro ímpeto de Luísa foi *atirar-se-lhe aos braços,* mas não se atreveu" [MLe *apud* FB.1, 31].

"... o averbara *de não possuir atributos de administrador".*

"O resultado foi eu *arrumar* uns cocotes na Germana e esfaquear João Fagundes" [GrR.2, 13].

f) *apositiva:*

"Dois meios havia em seguir esta empresa: *ou atacar com a armada por mar, ou marchar o exército por terra e sitiar aquela cidade*" [AH.2, 69].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Não é raro vir precedido de preposição o infinitivo das orações reduzidas subjetivas e objetivas:

"Desaire real seria *de a deixar sem prêmio*" [AGa.3, 122, da 5.ª ed.].

"mas não era assaz difícil *de reconhecer um cadáver coberto de feridas*..." [AH.2, 72].

"Custou-lhe muito *a aceitar a casa*" [MA.1, 194].

"Mostrou-se pesarosa de não o encontrar, e prometeu *de voltar hoje às três horas*" [CBr.1, 118].

"Senhor Luís de Melo, eu tenho por princípio *de me não intrometer*..." [AGa.6, 173 *apud* MBa.3, 212, da 2ª ed.].

2.ª) Não raro também a oração substantiva reduzida de infinitivo vem precedida de artigo (mormente se a oração funciona como sujeito ou objeto direto):

"*o haver de marchar* em um país inimigo, ocupado por gente belicosa, era considerado muito grave..." [AH.2, 69].

"Daí nasce *o trabalharem* os mais notáveis escritores da Europa por vivificarem o espírito religioso" [AH.2, 145].

"Aumentando (o rei) as fortificações da ilha, tornou impossível aos portugueses *o reconquistá-la*" [AH.2, 62].

Orações adjetivas reduzidas

As orações adjetivas reduzidas têm o verbo, principal ou auxiliar, no:

a) *infinitivo:*

"O orador ílhavo não era homem *de se dar assim por derrotado*" [AGa.5, 14 *apud* ED.2, § 308].

Está marcada a festa *a realizar-se na próxima semana*.

"mas nem um momento duvidamos de que a sua convicção íntima seja a necessidade *de restituir o antigo lustre e preço à filosofia do Evangelho*" [AH.2, 145].

Observações:

1.ª) "Ligar qualificativamente a substantivos o infinitivo precedido de *a* (*v. g.*: *livros a consultar*) em vez de uma oração relativa (*v. g.*: *livros que se hão de consultar*), ou de um infinitivo precedido de *para* (*v. g.*: *roupa para consertar*), é imitação moderna da sintaxe francesa, imitação que só por descuido se encontra nos que melhor falam a língua pátria.

"Qual é a relação a deduzir destas considerações e destes fatos?" [AH.8, IV, 177]. [ED.2, § 304]. [Cf. MBa.1, 490, 515].

2.ª) Condenam também algumas autoridades o emprego do infinitivo precedido da preposição *a* depois de adjetivos como *único, último, derradeiro,* além dos ordinais (*primeiro,* etc.). Para tais mestres o melhor é o emprego da preposição *em*, nesses casos, ou de uma oração iniciada por pronome relativo: *o primeiro em fazer* ou *o primeiro que fez*, e não *o primeiro a fazer.* Epifânio Dias, excelente conhecedor do português e francês, aceita a expressão condenada [Cf. ED.2, § 299], no que concordamos com ele.

b) *gerúndio, indicando de um substantivo ou pronome:*

1) uma atividade passageira:

"cujos brados selvagens de guerra começavam a soar ao longe como um trovão *ribombando no vale*" [AH.3, 218, ed. de 1878].

"Realmente, não sei como lhes diga que não me senti mal, ao pé da moça, *trajando* garridamente um vestido fino..." [MA.1, 260].

Em todos estes exemplos o gerúndio figura com a ideia de tempo transitório muito acentuada, servindo de atribuir um modo de ser, uma qualidade, uma atividade a um nome ou pronome, mas apenas dentro de certo período e em determinada situação. Assim, *água fervendo* é água *que naquele momento fervia* ou *fervia dentro de certo espaço de tempo.* Vale o gerúndio, nestas circunstâncias, por uma expressão formada de preposição *a* + *infinitivo: água a ferver*:

"Também algumas vezes foram dar com ela *a abraçar* a cadelinha" [MLe *apud* JR.5, 32].

2) uma atividade permanente, qualidade essencial, inerente aos seres, própria das coisas:

"O livro V, *compreendendo* as leis penais, aquele que, após os progressos efetuados na legislação e na humanidade, mais carecia de pronta reformação" [LCo.1, I, 288].

"Decreto de 14 de fevereiro de 1786, *proibindo* a entrada das meias de seda que não fossem pretas, e decreto de 2 de

agosto de 1786, *suscitando* a observância e *ampliando* o cap. II...” [LCo.1, I, 298].

“Algumas comédias havia com este nome *contendo* argumentos mais sólidos” [FF *apud* SA.2, 249].

Estes e muitíssimos outros exemplos atestam que tal emprego do gerúndio131 ocorre vitorioso na língua culta portuguesa, desde longos anos, dando-nos a impressão de se tratar de uma evolução normal, comum a mais de uma língua românica, e não de uma simples influência francesa. Entretanto, notáveis mestres condenam este uso como galicismo: Epifânio Dias, Júlio Moreira, Leite de Vasconcelos, Mário Barreto, entre outros. Defendem-no Otoniel Mota, Said Ali, Eduardo Carlos Pereira, Cláudio Brandão, entre outros.

Para os que têm a expressão como francesa, deve-se substituir o gerúndio por uma oração adjetiva iniciada por pronome relativo, ou por uma preposição conveniente:

Livro *contendo* gravuras

passaria a

Livro *que contém* gravuras

ou

Livro *com* (ou *de*) gravuras.

Aceitar o gerúndio como construção vernácula não implica adotá-lo a todo momento, acumulando-o numa série de mau gosto. Em muitos casos, como bem pondera Rodrigues Lapa [RLp.1, 227], “não há dúvida que o uso do gerúndio é preferível à oração relativa, sobretudo quando não temos o recurso acertado, expressivo das preposições. Não abusemos dele, mas não hesitemos em empregá-lo, sempre que o reconheçamos superior a outros modos de escrever”.

c) *particípio:*

“Os anais ensanguentados da humanidade estão cheios de facínoras, *empuxados* (= que foram empuxados) ao crime pela ingratidão injuriosa de mulheres muito amadas, e perversíssimas” [CBr.1, 120].

Orações adverbiais reduzidas

Têm o verbo, principal ou auxiliar, no:

A) *infinitivo:* caso em que, normalmente, se emprega o verbo regido de preposição adequada. Para o desdobramento da reduzida em desenvolvida basta substituir a preposição ou locução prepositiva por uma conjunção ou locução conjuntiva do mesmo valor e pôr o verbo na forma finita. É de toda conveniência conhecermos as principais preposições que correspondem a “conjunções” subordinativas adverbiais, porque isso melhor nos adestra na plástica da sintaxe portuguesa:

1) para as *causais* temos:

a) *com*:

“Porém, deixando o coração cativo,/ *com fazer-te* a meus rogos sempre humano,/ fugiste-me traidor...” [RD.1, c. VI].

Com fazer-te = porque te fizeste sempre humano.

b) *em*:

“Em verdade, bem louco deve ser este homem *em estar a plantar* agora esta nogueira, como se estivesse ainda no vigor da mocidade” [LCo *apud* JR.5, 38].

em estar a plantar = porque está a plantar;

c) *por*:

"... é tão desairoso falar um homem a sua língua mal, sob o pretexto de que ela é difícil, como tirar as botas num salão *por lhe doerem os calos*" [SR.1].

d) *visto*:

Visto sair de manhã bem cedo, não é muito conhecido pelos vizinhos.132

e) locuções prepositivas: *à força de, em virtude de, em vista de, por causa de, por motivo de, devido a,* etc.:

"*À força de se tornar trivial,* esta verdade eterna, que resume todo o espírito do cristianismo, deixou de ser para muitos" [AH.2, 159].

2) para as *concessivas:*

a) *com*:

Com fazer todas as obrigações corretamente, não conseguiu livrar-se da falência.

com fazer = embora fizesse;

b) *sem*, negando a causa e a consequência, pode exprimir a *concessão*:

"Este era funestamente o sistema colonial adotado pelas nações que copiavam *sem o entender* nem fecundar, como os romanos, o governo discricionário das províncias avassaladoras" [LCo *apud* FB.1, 215].

c) *malgrado*:

Estudou *malgrado ter perdido o caderno*.

d) *não obstante*:

Saíram *não obstante terem ouvido os conselhos do pai.*

e) locuções prepositivas: *apesar de, sem embargo de*:

"*Apesar, porém, da casa ser tida* como imagem dos perigos e privações da guerra, *e do duque haver adquirido* com ela grande disposição e robustez, observou-se depois que as armas o atraíam pouco" [RS.2, IV, 96].

3) para as *condicionais (e hipotéticas):*

a) *a*:

"... houve quem visse, ou fingisse ver, um notável reflexo que *a ser verdadeiro* devia nascer das muitas luzes que provavelmente estariam acesas" [AH.2, 83].133

No seguinte trecho vale por uma comparativa hipotética do tipo de *como se* ou modal:

"... depois veio a mim, que estava sentado, deu-me pancadinhas na testa, com um só dedo, *a repetir*: – Isto, isto – e eu não tive remédio senão rir também, e tudo acabou em galhofa" [MA.1, 209].134

OBSERVAÇÃO: *como* a + infinitivo

b) *sem*:

Não sairá *sem apresentar os exercícios.*

4) para a *consecutiva: de*:

É feio *de meter medo*.

5) para as *finais*:

a) *a*:

"Muitos personagens eminentes do Império e diversas famílias, ligadas por aproximação de afeto à família imperial, apresentaram-se *a falar ao imperador...*" [RP *apud* FB.1, 145].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) O infinitivo das orações finais pode aparecer sem preposição: "Diz-se que ele era um dos doze que foram a Inglaterra *pelejar* (= para pelejar) em desagravo das damas inglesas, fato assaz duvidoso..." [AH.2, 92].

Construções deste tipo, aproximando-se o infinitivo do verbo principal anterior (*foram pelejar*), permitiriam um início de locução verbal, onde o 1.º verbo passaria a ser sentido como auxiliar modal denotador de movimento para realizar um intento futuro. Este histórico importa para a explicação do emprego antigo da preposição *a*, suplantado depois, entre brasileiros principalmente, pela preposição *em*, no termo adverbial de lugar. Em *O rio Amazonas vai desaguar ao Atlântico,* temos ainda vestígio da fase em que o sentimento linguístico levava em consideração o verbo de movimento, *vai desaguar* (= para desaguar). Perdida esta noção de movimento, *vai ao Atlântico desaguar* passou a ser interpretado como um todo, prevalecendo a regência que competia ao verbo *desaguar*: *vai desaguar no Atlântico*.

Ambas as construções são corretas, tendo sido esta última, sem razão, recriminada por certos gramáticos:

"*Veio embarcar-se* (D. João) *a Aldeia Galega,* aonde o guardavam muitos fidalgos e eclesiásticos" [RS.2, IV, 171];

"Do outro lado da povoação corre o pequeno rio... que *vem desaguar no Lucus*" [AH.2, 70];

"... enquanto a frota *se ia colocar na boca do rio* a que deu nome aquela povoação" [AH.2. 70].

2.ª) Sobre a construção *questão a resolver*.

b) *de*:

Dava aos pobres algo *de comer pela manhã*.

OBSERVAÇÃO: Estas expressões alternam com as de preposição *a*: Dava aos pobres algo *a comer pela manhã*. Entretanto, parece entrever aqui uma imitação do francês: "A preposição *à* entre *donner* e infinitivo equivale a *de: donner à boire et à manger, dar de comer e beber; donner à diner à quelqu'um, dar de jantar; elle lui donna à souper, deu-lhe de cear.* Nessas construções *dar de comer, dar de almoçar, dar de mamar, pedir de beber, pedir de almoçar, ganhar de comer,* o complemento formado por *de* e um infinitivo é, na sua origem, de caráter adjetivo. *Dê-me algo, alguma coisa, qualquer coisa de comer,* é como se disséramos *algo comível* ou *comestível.* Omitido o substantivo, significa por si só as coisas sobre que se exerce a ação do infinitivo: *dê-me de comer* = dê-me coisa que comer" [MBa.3, 129]. Apesar do voto do ilustre mestre, julgamos ser irreprovável a linguagem *dar a comer*. Epifânio Dias [ED.2, § 293, a, 1] não vê galicismo na construção: *dar a alguém algo a beber.*135

c) *para*:

"Tudo isto diz o quadro a quem tiver olhos *para ver*, coração *para sentir,* entendimento *para perceber*" [AH.2, 165].

d) *por*, hoje mais rara, fixada em *por assim dizer* e semelhantes:

"Recomendava el-rei D. Manuel, por suas cartas, a Afonso de Albuquerque que trabalhasse *por haver às mãos* a cidade de Adém" [AH.2, 105].

e) *em*:

"e por isso posto que a Inglaterra não precisasse dela, para este fim, *trabalhou em possuí-la* para que os holandeses não se aproveitassem das vantagens que a sua situação oferecia" [AH.2, 102-3].

"Dois meios havia *em seguir esta empresa*" [AH.2, 69].

f) locuções prepositivas: *a fim de, com o fim de,* etc.:

"Da sua parte, os alunos não devem dar de mão à gramática elementar *a fim de se* exercitarem nos verbos e adquirirem outras noções básicas e, como tais, indispensáveis..." [SR.1].

6) para iniciar orações *locativas* reduzidas (correspondem a orações justapostas): *em*:

"Filha, *no muito possuir* não é ainda posta a felicidade, mas sim *no esperar e amar muito*" [AC *apud* JR.5, I, 37].136

7) para as ideias de *meio* e *instrumento*:

a) *com*:

"... até o (D. Afonso) induzirem a mandá-lo (D. Pedro) sair da corte, ao que D. Pedro atalhou *com retirar-se* antes que lho ordenassem" [AH.2, 91].

b) *de*:

"Eu não sou, minha Nise, pegureiro,
Que viva *de guardar alheio gado*" [TG.1, 15].

8) para as *temporais*:

a) tempo anterior: *antes de*:

"E, se ambos, morrermos *antes de estarem em idade* que se possam por si manter, terão por pai aquele que mora nos céus" [AC *apud* JR.5, 35].

b) tempo concomitante: *a* (neste caso o infinitivo pode vir ou não precedido de artigo):

"Tais eram as minhas reflexões *ao afastar-me* do pobre..." [AH.2, 190].

"E o moço, *a falar* de sua mãe, chorava..." [CBr.6, 59].

c) tempo posterior: *depois de, após*:

"A borboleta, *depois de esvoaçar* muito em torno de mim, pousou-me na testa" [MA.1, 99].137

d) tempo futuro próximo: *perto de, prestes a*:

"... e só abandona (o comandante) o posto quando voa em socorro da Parnaíba ou do Belmonte, *prestes a soçobar*" [Ouro Preto *apud* FB.l, 84].

e) duração de prazo: *até*:

"... o Sália... arrancava os penedos, aluía as raízes das árvores seculares, carreava as terras e rebramia com som medonho, *até chegar às planícies*..." [AH.1, 236].

OBSERVAÇÃO FINAL: É importante não confundirmos (e às vezes se não podem traçar limites rigorosos neste assunto (por serem razões extraídas dos elementos fornecidos pelo texto e não pela gramática) em certas expressões, o conjunto preposicional com um substantivo seguido de seu complemento nominal reduzido de infinitivo. Como bem ensina José Oiticica, "em certas locuções como *por causa de, por motivo de, em virtude de, em vista de,* etc., a oração de infinitivo não deve ser tida por *complementar*. *Exemplo:* "Em vista de lhe haverem furtado a chave, não pôde abrir o depósito". Esta oração de infinitivo seria *complementar* se o substantivo *vista* conservasse seu valor semântico; porém, na locução, desapareceu tal valor, e vigora num todo meramente prepositivo".138 E mais adiante continua: "Com locuções: *no intuito de, no propósito de, com intenção de,* etc., as orações são *complementares*, porque os substantivos mantêm seu valor (semântico) normal". Destarte, é de valor adjetiva completiva nominal reduzida grifada do seguinte período:

"Mandou então el-rei por seus arautos apregoar à roda do arraial de D. Pedro que, sob pena *de serem havidos em conta de traidores*, todos os que seguiam o Duque de Coimbra o abandonassem" [AH.2, 96}.

B) *gerúndio* e aí equivalente a:

1) uma oração *causal*:

"Vendo este os seus maltratados, mandou disparar algumas bombardas contra os espingardeiros" [AH.2, 97].

vendo = porque visse;

2) uma oração *consecutiva*:

"Isto acendeu por tal modo os ânimos dos soldados, que sem mandado, nem ordem de peleja, deram no arraial do infante, *rompendo-o por muitas partes*" [AH.2, 97].

rompendo-o = e como consequência o romperam;

3) uma oração *concessiva*:

Tendo mais do que imaginavam não socorreu os irmãos.

tendo = embora tivesse;

4) uma oração *condicional*:

Tendo livres as mãos, poderia fugir do cativeiro.

tendo *livre as mãos = tivesse livres as mãos.*

5) uma oração que denota *modo, meio, instrumento*:

"Um homem agigantado e de fera catadura saiu da choupana *murmurando sons* mal-articulados" [AH.1 *apud* ED.2, § 316, b, 1].

"E não os (destinos) podia realizar senão *ceifando cidades em lugar de farragiais, e enfeixando com mão robusta povos*" [AC.1 *apud* ED.2, 2].

6) uma oração *temporal:*

"El-rei, quando o mancebo o cumprimentou pela última vez, sorriu-se e disse *voltando-se:* Por que virá o conde quase de luto à festa?" [RS *apud* FB.5, 205].

voltando-se = enquanto se voltava;

No seguinte exemplo se acha reforçado por um advérbio de tempo:

"*Desviando* depois a mão que o suspendia baixou mais dois degraus" [RS *apud* FB.5, 209].

desviando = depois que desviou, no momento em que desviou.

Observação: O gerúndio pode aparecer precedido de preposição *em* quando indica tempo, condição ou hipótese. Neste caso, o português moderno exige que o verbo da oração principal denote acontecimento futuro ou ação que costuma acontecer:

"Ninguém, desde que entrou, *em lhe chegando* o turno, se conseguirá evadir à saída" [RB *apud* FB.1, 126].

Aqui o gerúndio indica tempo, e o verbo da principal exprime ação futura (*conseguirá*).

"Em Vieira morava o gênio: em Bernardes o amor, que, *em sendo verdadeiro,* é também gênio" [AC *apud* FB.1, 186].

Nesta passagem, o gerúndio exprime condição ou hipótese, e o verbo da oração *que é também gênio* (subordinante da condicional) denota um acontecimento que costuma ocorrer.

C) *particípio* e aí equivale a:

1) uma oração *causal*:

"*Irado* o infante com as injúrias que lhe tinham dito, mandou enforcar uns e degolar outros..." [AH.2, 96].

2) uma oração *condicional*:

Entramos em uma batalha, onde, *vencidos* os inimigos, honraremos nosso país.

vencidos = se forem vencidos.

3) uma oração *temporal*:

"E neste sentido, *mudados* os nomes, fez uma comunicação à sociedade cientista dos avicultores da imperial cidade da Mogúncia" [JR.2, 42].

Observações:

1.ª) Nestes empregos do particípio, observam-se as regras de concordância, estudadas no capítulo da Concordância, entre o verbo e o seu sujeito.

2.ª) Alguns particípios passaram a ter emprego equivalente a preposições e advérbios: *exceto, salvo, mediante, não obstante, tirante,* etc., e, como tais, normalmente devem aparecer invariáveis. Entretanto, não se perdeu totalmente a consciência de seu antigo valor, e muitos escritores de nota procedem à concordância necessária:

"Os tribunais, *salvas* exceções honrosas, reproduziam, povoados de criaturas do valido, todos os defeitos do sistema" [RS.2, IV, 67].

"A razão desta diferença é que a mulher (*salva* a hipótese do capítulo CI e outras) entrega-se por amor..." [MA.1, 327}.

Utilizar estas maneiras de dizer, devidas ao "amor excessivo da exatidão" é, como bem pondera Epifânio, expressar-se na verdade com correção gramatical, mas de modo desusado [ED.2, § 220, a].

3.ª) Elegantemente podemos empregar, para a ideia de tempo, o particípio seguido de *que* e duma forma adequada do verbo

ser:

Acabado que foi o prazo destinado à revisão, os candidatos continuaram insatisfeitos.

Há discordância entre os autores quanto à natureza deste *que* posposto ao particípio. Para Maximino Maciel (*Gramática Descritiva,* 368), é conjunção, segundo este trecho: "Também *elegantemente* se conjuncionalizam as reduzidas de particípio passado, interpondo entre o particípio e o substantivo sujeito a conjunção *que* a uma forma do verbo *ser*, adaptável ao tempo, exemplo: 'A ideia republicana e democrática se acabaria em toda a Europa, eclipsado *que* fosse o esplêndido luzeiro que até então lhe serviu de fanal'" (Latino Coelho, *República e Monarquia*).

Para Epifânio, o *que* é pronome relativo, e julgamos que com ele está a razão (cf. *Sintaxe Histórica Portuguesa,* § 91,c): "Na qualidade de nome predicativo ou aposto, pode (o pronome relativo) referir-se a adjetivos (ou particípios), servindo de realçar a qualidade ou estado: *acabada que esteja a obra*" (Cf. ainda a *Gramática Francesa,* § 282, 2, Obs. 1.ª).139

Orações reduzidas fixas

A nossa língua possui certo número de orações reduzidas que normalmente não aparecem sob forma desenvolvida. Neste grupo se acham:

a) as orações subjetivas que se seguem a certos verbos, como *caber, valer, impedir,* em construções do tipo de:

Coube-nos *ornamentar o salão* (e não: *que ornamentássemos*).

Valeu-nos *estarem perto alguns amigos* (e não: *que estivessem perto*).

Impediu-nos a viagem *ter vindo ordem* de voltarmos (e não: *que veio*).140

b) as orações objetivas diretas que se seguem a verbos como *agradecer, perdoar* e o impessoal *haver* na expressão *não há valer-lhe* (e equivalentes) em construções do tipo:

"Perdoou-lhes o *haverem-nos ofendido*" [ED.1, § 226, b].

"E lá se vão: não há mais *contê-los ou alcançá-los*" [EC, 128].

c) as de sentido aditivo enfático do tipo (verbo no infinitivo):

"Além de que a fumarada do charuto, *sobre ser purificante e antipútrida,* dava aos alvéolos solidez, e consistência aos dentes" [CBr.1, 108].

d) as que denotam pensamentos para cuja expressão não existem conjunções subordinativas, como as que indicam:

1) *exclusão* (verbo no infinitivo):

"*Em vez* (diziam) *dos nossos navios carregarem as mercadorias daqueles portos para o de Lisboa...* são embarcações estranhas as que hoje demandam as ilhas..." [RS.2, IV, 533].

Longe de desanimar com os obstáculos, reanima-se para vencê-los.

2) *exceção* (verbo no infinitivo):

"A filha estava com quatorze anos; mas era muito fraquinha, e não fazia nada, *a não ser* namorar os capadócios..." [MA.1, 201].

3) *meio* ou *instrumento* (verbo no infinitivo ou gerúndio) e *modo* (verbo no gerúndio, embora aqui haja conjunção correspondente):

"Salvou-o o senado, *segurando-lhe a pessoa* até poder sair a bordo de uma nau holandesa a 21 de maio" [RS.2, IV, 244].

Desmoralizou-o *com desmenti-lo em público*.

"Procurou este logo estorvar-lhe (a missão) por todos os ombros, *prendendo-o* ou *matando-o*." [RS.2, 244].

Enfrenta a vida *sorrindo dos perigos*.141

Quando o infinitivo não constitui oração reduzida

A presença do infinitivo não caracteriza oração reduzida nos seguintes principais casos, podendo, contudo, constituir, em alguns exemplos, oração (não reduzida):

a) quando, sem referência a nenhum sujeito, denota a ação de modo vago, à maneira de um substantivo:

Recordar é viver.

b) quando faz parte de uma oração verbal:

Tinham de chegar cedo ao trabalho.

c) quando, precedido de preposição e em referência a substantivo, o infinitivo tem sentido qualificativo, o que ocorre:

1) quando exprime a destinação:

sala de jantar, ferro de engomar, tábua de passar, criado de servir.

2) quando equivale a um adjetivo terminado em *-vel*:

É *de esperar* que todos se saiam bem (esperável).

Pareciam menos *de louvar* (louvável).

Foi caso muito *de recear* (receável).

d) quando, precedido de preposição e depois de certos adjetivos (*difícil, fácil, duro, bom,* etc.), o infinitivo tem sentido limitativo (com certa interpretação passiva ou ativa):

Osso duro *de roer* (*de ser roído* ou *de alguém roer*).

Poesia fácil *de decorar* (*de ser decorada* ou *de alguém decorar*).

e) quando, equivalente a imperativo, exprime o infinitivo ordem, recomendação:

"Todos se chegavam para a ferir, sem que a D. Álvaro se ouvissem outras palavras senão estas: *Fartar*, rapazes!" [AH.2, 98].

f) quando, nas exclamações, o infinitivo exprime estranheza pela realização de um acontecimento:

"*Pôr-me* a mim lá fora?! – bradou Teodora" [CBr.1, 175].

"Tu, Hermengarda, *recordas-te?!*" [AH.1, 47].

g) quando entra em orações interrogativas (diretas ou indiretas):

*Que fazer?*142

Não sei *que fazer.*

Nada tinha *que dizer*.

h) quando se trata de um infinitivo de narração, isto é, aquele que, numa narração animada, considera a ação como já passada, e não no seu desenvolvimento.143

"E os médicos *a insistirem que saísse* de Lisboa [Júlio Dinis]

"Ela *a voltar as costas*, e o *reitor a pôr* o chapéu na cabeça" [*id.*]

"E ele *a rir-se*, ele a *regalar-se*" [EQ]

"O senhor *a dizer-lhe* uma palavra, e eu *a provar-lhe* que..." [ED.2, §309,3].

NOTA: Não estão acordes os autores quanto à origem do infinitivo de narração: a hipótese mais cômoda, mas nem por isso

mais convincente, é a da elipse. Assim pensavam Quintiliano, para o latim, e Burguy, Littré, Kastner, Plattner, Lubker, entre outros para o francês. É a opinião que expende M. Barreto para o português: "Na frase: – *Eu falo, e eles a rir* (isto é, põem-se a rir, estão a rir-se, começam a rir) – temos o que se chama *infinitivo histórico*, que assim se diz o que na proposição tem valor de voz verbal de modo finito. A proposição que tem por predicado perifrástico, um elemento do qual está subentendido" (*Últimos Estudos*, 241). Contra esta maneira de explicar estão Diez, Schulze, Darmesteter, Strohmeyer e Brøndal. A segunda hipótese é a que o deriva do infinitivo de ordem ou infinitivo imperativo (opinião de Wackernagel, para o latim e Marcou, Spitzer e Lerch, para o francês). Para Lombard (*Op. cit.* 212) o infinitivo de narração é originariamente uma oração nominal. O problema se acha exaustivamente tratado nas páginas 186-243 do citado livro do romancista sueco.

OBSERVAÇÃO: Foge a uma análise rigorosa a série de expressões do tipo *temer, não teme,* com que, na linguagem afetiva, enunciamos réplicas e objeções. Epifânio (*Sintaxe História Portuguesa*, § 309, 3, Obs.) e Bello-Cuervo (*Gramática Castelhana*, § 926 e *Notas*, p. 63) supõem que se trata de uma construção elíptica, subentendendo-se, antes do infinitivo, a expressão *quanto a*, Meyer-Lübke crê que se trata de um *infinitivo de intensidade* e explica assim o nascimento do torneio de frase: "Nous devons prendre comme point de départ la question et la réponse prononcés sous l'empire de l'émotion. Ainsi, pour nous en tenir au premier exemple, on raconte quelque chose qui, de l'avis du conteur, pourrait provoquer de la crainte chez un des auditeurs ou chez tous. Un d'entre eux repousse cette pensée en demandant avec indignation: "Craindre?! Je ne crains pas". En conséquence, à l'origine il devait y avoir une pause entre l'infinitif et le verbe personnel. Plus tard, naturellement, la formule finit par devenir, comme expression de l'intensité d'une action, plus fixe et par conséquent plus générale" (*Grammaire*, III, § 135). Levando-se em conta que se devem algumas alterações de linguagem a esta atenção que o falante dá a um público, real ou imaginário, a hipótese do romanista é assaz sugestiva, apesar de Epifânio achar "improvável que o infinitivo, sendo rigorosamente interrogativo, viesse a deixar de o ser" (*ibid.*). Cremos que o problema estaria melhor resolvido se levássemos em conta os níveis da oração e do texto, conforme nos ensina Coseriu, já esboçado, aliás, na explicação de Meyer-Lübke. Em *temer, não teme* estamos diante de um enunciado que, no nível do texto (e não da oração), pressupõe uma declaração repetida em relação ao que proferiu nosso interlocutor e a que nos referimos agora mediante o *temer*, e que só no nível do texto deve encontrar cabal explicação.

O gerúndio e o particípio não constituem oração reduzida

a) quando fazem parte de uma locução verbal:

Estão saindo todos os alunos.

As lições *foram aprendidas* sem esforço.

b) quando aparecem como simples função qualificadora, à maneira dos adjetivos:

Livro *encadernado*.

Construções particulares com o infinitivo

São dignas de atenção certas construções em que o infinitivo precedido de verbos que exprimem percepção física (*ver, ouvir, olhar, sentir*) ou atuação e ordenação (*deixar, mandar, fazer*). Já tivemos oportunidade de nos referir ao caso, quando examinamos a função sintática do infinitivo e gerúndio que entram nestas construções.

Praticamente, estas construções de infinitivo se repartem em dois grupos:

a) um, em que o infinitivo tem o mesmo agente e sujeito do primeiro verbo (regente):

Preferimos *estudar* pela manhã.

b) outro, mais complexo, em que o infinitivo, depois dos verbos regentes acima aludidos, tem diferente agente:

Vejo *abrir* a porta.

Ouço *soprar* o vento.

Eu a vi *sair* de casa.

Ouvimos a sineta *chamar* os alunos.

No primeiro grupo, o infinitivo integra uma oração reduzida que exerce o papel de objeto direto do verbo regente *preferimos*, e por isso, pode ser comutado pelo pronome adverbal

átono *o*:

Preferimos *estudar* pela manhã → Nós *o* preferimos → Preferimo-*lo*.

O segundo grupo se subdivide em dois tipos: o infinitivo sozinho ou acompanhado de complementos:

1) o infinitivo integra uma oração subordinada objetiva direta:

Vejo *abrir* a porta.

Ouço *soprar* o vento.

em que *abrir a porta* e *soprar o vento* podem ser comutados pelo pronome adverbal átono *o*:

Vejo-*o*. Ouço-*o*.

Vês abrir a porta? Vejo-*o*.

Ouves sobrar o vento? Ouço-*o*.

2) o verbo regente exprime percepção física e o infinitivo exerce o papel de predicativo do objeto direto:

Eu *a* vi *sair* de casa.

Ouvimos *a sineta chamar* os alunos.

Aqui os verbos regentes que exprimem percepção física (*vi* e *ouvimos*) se acompanham do objeto direto (*a* e *a* sineta) que se acham modificados pelos infinitivos que exercem a função de seus predicativos (*sair* e *chamar*).

Por mais que equivalham no plano do conteúdo de pensamento designado, *Eu a vi sair de casa* a *Eu vi que ela saía de casa*, do ponto de vista gramatical as construções são diferentes. O pronome *a* (Eu *a* vi sair) e *ela* (Eu vi que *ela* saía de casa) são ambos *agentes* do processo *sair de casa*, mas *a* é *objeto direto* e *ela* é *sujeito*. Pela análise do conteúdo, a gramática tradicional tem atribuído a esse pronome *a* dupla função sintática: objeto direto do verbo regente (*vi*) e sujeito do infinitivo (*sair*).

Também os verbos que exprimem atuação ou ordenação (*deixar, mandar, fazer*) apresentam a mesma construção dos verbos de percepção física:

O policial fez calar o assaltante / O policial fê-lo calar.

O professor mandou o aluno saltar / O professor mandou-o saltar.

Até aqui o infinitivo não se acompanha de objeto direto próprio, mas ele pode aparecer, como ocorre em:

O professor mandou o aluno fazer o exercício,

quando os complementos do verbo regente *mandou* (*o aluno*) e do infinitivo *fazer* (*os exercícios*) podem ser teoricamente comutados pelos pronomes adverbais átonos *o*:

O professor mandou-o fazê-lo.

ou ainda:

O professor mandou-*o o* fazer,

o que daria uma contiguidade incômoda e artificial de dois *o... o*, onde a clareza do texto poderia ser prejudicada. Veja-se este exemplo de A. Herculano:

"(...) a tia Domingas ouviu-*o* chamá-*la* de novo mansamente" [AH.2, 76].

A tradição literária contornou o problema adotando duas normas seguintes:

a) Expressar o complemento do verbo regente sob forma de objeto direto se constituído por

substantivo:

O professor mandou *o aluno* fazê-lo.

b) Expressar o complemento do verbo regente sob forma de objeto indireto se constituído por pronome adverbal átono:

O professor mandou-*lhe* fazer os exercícios.

O professor mandou-*lhe* fazê-lo.

O professor *lhe* ouviu dizer que melhoraria seu comportamento.

A colega *lhe* deixou ver suas bonecas.144

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Pela possibilidade de poder o complemento do infinitivo se aproximar do verbo regente, pode ocorrer a junção do pronome adverbal átono *lhe* (ou outro indireto) com o pronome *o*, como no seguinte exemplo:

"... posto que Afonso I se houvesse apoderado de vários lugares... a desgraça de Badajoz *lhos* fizera perder..." [AH.2, 76], isto é: a desgraça *lhe* fizera perdê-los.

2.ª) É raro o emprego de *lhe* por *o* quando o verbo no infinitivo não se acompanha de objeto direto: "A vista só da vaca... nem *lhes* deixa pensar em soutos e pastios" [AC.9, 181].

A prática se estenderia a se empregar sob forma de objeto indireto o complemento do verbo regente, mesmo se constituído por substantivo:

O professor mandou *ao menino* fazer o exercício.

O professor ouviu *ao aluno* dizer que melhoraria o comportamento.

O namoro fez *ao jovem* perder a cabeça.

Por fim, cumpre assinalar que normalmente se usa *o*, e não *lhe*, quando o infinitivo é pronominal.

"o Sália... rebramia com som medonho, até chegar às planícies, onde o solo não comprimia e *o deixou espraiar-se* pelos pauis e juncais..." [AH.2, 76-77].

OBSERVAÇÃO: O infinitivo que se segue a *deixar, mandar e fazer* pode ser tomado em sentido passivo, e neste caso o agente da ação do infinitivo é regido pelas preposições *por* ou *de:*

"D. João de Castro, sem *deixar-se vencer do amor do filho,* nem *dos medos do tempo,* resolveu enviar o socorro" [FF *apud* ED.2, 289, a), Obs. 2.ª].

A omissão do pronome átono em EU OS VI AFASTAR DAQUI em vez de AFASTAR-SE DAQUI

Não é rara a omissão do pronome átono que devia acompanhar um infinitivo pronominal, quando este mesmo infinitivo tem por agente um pronome átono:

"*Deixei-o embrenhar* e transpus o rio após ele" [AH.2, 77].

"O faqui *deixou-o afastar*" [AH.2, 77].

Os seguintes exemplos mostram-nos que a presença do pronome também é correta:

"*Sentiu-o* para aqui um pouco e depois *encaminhar-se* ao longo do corredor" [AH.2, 76].

"E o eremita *viu-a*, ave pernalta e branca, *bambolear-se* em voo, ir chegando, *passar-se* para cima do leito, *aconchegar-se* ao pobre homem..." [JR.2, 227].145

A construção PEDIR PARA

Em

"Eu retive-a, *pedi-lhe* que ficasse, que esquecesse" [MA.1, 271]

o verbo *pedir* exige dois objetos: o indireto *lhe* e o direto oracional composto *que ficasse, que esquecesse*.

Normalmente, em tais casos, não se usa o objeto direto oracional sob forma reduzida. Evita-se dizer: *Pedi-lhe ficar, pedi-lhe esquecer.*

Em:

> "Dito isto, *peço licença para ir* um dia destes expor-lhe um trabalho..." [MA.1, 245]

o verbo *pedir* vem acompanhado apenas do objeto direto *licença*; a oração reduzida de infinitivo *para ir um dia destes expor-lhe um trabalho* é adverbial de fim.

Pode-se omitir o objeto direto e construir o verbo *pedir*, assim: *peço-lhe para ir um dia destes expor-lhe um trabalho*.

Como estão próximas as ideias de *pedir que algo aconteça* e *trabalhar para que algo aconteça*, passou-se a usar a preposição *para* no início da oração que seria objeto direto do verbo *pedir*, tendo-se em mira indicar a finalidade da coisa pedida:

> *Pediu para que* Pedro *saísse*

ou

> *Pediu para* Pedro *sair.*

Os gramáticos não aceitaram a operação mental e ainda hoje esta maneira condensada de dizer é repudiada, apesar da insistência com que penetra na linguagem das pessoas cultas. Para as autoridades de nossa língua, só está certo o emprego do verbo *pedir* quando se tem para objeto direto o substantivo *licença* (claro ou subentendido) e a oração de *para que* ou *para* + infinitivo é sentida como adverbial de fim, *com sujeito igual ao da oração principal*.146 Assim, em:

> O aluno pedia-lhe para sair,

o *aluno* pedia licença para ele mesmo sair.

A confusão dos dois empregos do verbo *pedir* traz ao enunciado incontestavelmente duplicidade de sentido, pois que em:

> *Ele pedia-lhe para sair*

ficamos em dúvida sobre a pessoa que sairá. Para o gramático só pode ser a que fez o pedido, e, na realidade, todos, ou quase todos, os exemplos abonados dos bons escritores têm o mesmo sujeito para a oração de *pedir* e para a oração iniciada pela preposição *para*.

A construção DIZER PARA

Semelhantemente ao que ocorre com o verbo *pedir*, a linguagem coloquial despreocupada constrói o verbo *dizer* (*falar* e sinônimos) seguido da preposição *para* junto ao que normalmente seria o seu objeto direto:

> *Disse para que ele fosse embora*

ou

> *Disse para ele ir embora.*

São expressões condenadas que os gramáticos recomendam se evitem no falar correto.

A construção PARA EU FAZER

Em

> O exercício é para eu fazer

a preposição *para* rege o verbo *fazer*, cujo sujeito é o pronome pessoal *eu*. Evite-se a construção errônea *o exercício é para mim fazer*, devida ao fato de se supor que a preposição se prende ao pronome, como: *este presente é para mim.*

Diz-se corretamente *o presente é para mim*, porque a preposição sempre rege pronome oblíquo tônico.

Distinga-se claramente este uso errôneo do correto, em que há antecipação do objeto indireto livre de opinião; o ritmo oracional marca a diferença:

> Para mim (pausa) fazer isso é sempre agradável.

A posição do sujeito nas orações reduzidas

No português contemporâneo, o sujeito das orações reduzidas de gerúndio e particípio vem normalmente depois do verbo (nas locuções verbais pode aparecer depois do auxiliar):

> "A guerra diplomática andava acesa em Roma, *lidando o enviado português* por contrariar com energia os meneios e dilações do Cardeal Torregiani" [LCo.1, I, 44].
>
> *Não me havendo chegado notícia das viagens de Gulliver*, penso que a minha gente liliputiana teve origem nas baratas e nas aranhas [GrR.1, 94].
>
> *Findo o susto*, considerava-me isolado, continuava nas infrações sem nenhuma vergonha [GrR.1, 180].
>
> *Acabada a festa*, foram ao cinema.

Estariam erradas as construções se colocássemos o sujeito antes do verbo: *o enviado português lidando, o susto findo, a festa acabada*.

Nas reduzidas de gerúndio é preciso distinguir cuidadosamente essas linguagens imperfeitas daquelas que, por falta de pontuação adequada, nos fazem supor que se trata de anteposições do sujeito. Nos seguintes exemplos só houve falta da vírgula para separar a principal da subordinada:

> "*O cristianismo elevando o culto* da mulher inspirou a cavalaria e a poesia cavaleiresca, nobilitando pelo amor e pelo sacrifício o sexo que era também o de Maria Santíssima" [JR.2, 51].
>
> "Então *Gonçalo Mendes fazendo* recuar o capuz que cobria a cabeça do suposto mensageiro olhou para ele alguns instantes" [AH.3, 116].147

Entre as reduzidas de gerúndio, fazem exceção ao princípio exposto aquelas que, precedidas da preposição *em*, denotam circunstâncias de tempo, hipótese ou condição, quando o sujeito pode vir antes ou depois desta forma verbal:

> "Ninguém, desde que entrou, *em lhe chegando o turno*, se conseguirá evadir à saída" [RB *apud* FB.1, 126].
>
> "A semelhança entre as filhas de Felipe da Gama reduzia-se a isto: mas era tão grande, que *em as duas conversando* a fala confundia-se, e o ouvinte mais não era capaz de distinguir" [RS.3, 2, 122 *apud* ED.2, §316,b,2,obs].

No tocante às reduzidas de particípio, podem ter o sujeito anteposto ou posposto ao verbo, quando constituído pelos pronomes *isto, isso, aquilo* e *o que*:

> *Isto posto*, resolvemos voltar

ou

> *Posto isto*, resolvemos voltar.

A construção É DA GENTE RIR

A antecipação do sujeito ao verbo, nas orações reduzidas de infinitivo preposicionado, possibilita a combinação da preposição com o sujeito ou um adjunto do sujeito:

> Já era tempo *de* saírem *os alunos* de férias.

pode passar facilmente a *Já era tempo* ***de os alunos*** *saírem de férias* e daí à combinação *Já era tempo* ***dos alunos*** *saírem de férias.*

A preposição pode-se combinar com o núcleo do sujeito. Assim, diremos:

É tempo DE ELE sair

ou

É tempo DELE sair.

Alguns gramáticos não aceitam a combinação apontada sob o pretexto de que o sujeito "não pode vir regido de preposição"; *não se trata aqui, entretanto, de regência preposicional de sujeito, mas do contato de duas palavras que, por hábito e por eufonia, costumam ser incorporadas na pronúncia.* Se tais combinações parecem contrariar a lógica da gramática, cumpre observar que não repugnam a tradição do idioma com o testemunho de seus melhores escritores, antigos e modernos. O que a lição dos fatos nos permite ensinar é que ambas as construções são corretas, segundo nos atestam as seguintes passagens que não se podem dar como errôneas ou descuidos de revisão.148 Trata-se de um problema de estilística fônica, pelo qual a não combinação encarece o papel do sujeito do infinitivo. Do ponto de vista meramente gramatical são válidas ambas construções:

"só voltou *depois do infante estar* proclamado regedor" [AH.2*,* 44].

"Os que no serviço militar perdiam o cavalo tiravam o valor deste dos despojos *antes destes* (*d'estes*, no original) se repartirem" [AH.2].

"*Apesar da sua ação ser...* superior à autoridade dos bispos..." [AH.2].

"... a unidade que resulta da síntese do ideal, *antes deste ser* revelado pela expressão material" [AH.2, 162].

"sabia-o, senhor, *antes do caso suceder*" [AH.4, I, 267].149

"... mesmo *depois dos descobrimentos dos portugueses haverem* transformado as condições do comércio geral do mundo" [RS.2*,* IV, 16].

"*Apesar*, porém, da *caça ser tida* como imagem dos perigos e privações da guerra..." [RS.2, 96].

"Notou, igualmente, a vantagem dos *confederados repartirem* de antemão os postos entre si..." [RS.2, 139].

"... e *a despeito do dia estar* chuvoso" [RS.2, 171-2].

"Nos dias pequenos o sino de recolher soava muito antes *dos mercadores terem* acabado a ceia nas hospedarias..." [RS.2, 527]

"*Depois do Garrett escrever* erradamente no seu *Camões...*" [AC, "Anotações à 6.ª edição do Dicionário de Morais", in *Arquivos Literários* de Delfim Guimarães, V *apud* P. A. Pinto, revista *Colaboração,* nº 5, p. 20].

"... se, por exemplo me concederem um monopólio do plantar couves, *apesar das couves serem* uma das muitas espécies de legumes" [RB *apud* P. A. Pinto, *ibid*.].

"Pelo fato *do verbo* restituir, numa de suas acepções, e entregar, em certos casos, *terem*, como diz o Dr. Rui, o mesmo sentido..." [CR.2 *apud* P. A. Pinto].

"... no caso do *infinitivo trazer compl. direto*" [ED.2, 226).150

Terminamos esta pequena lista com um fato que não deixa dúvidas de que os exemplos aduzidos não se explicam por descuidos. Na página 87 do vol. IV da sua excelentemente escrita *História de Portugal*, contrariando a sintaxe que lhe vem natural e frequente, Rebelo da Silva não faz a combinação:

"Nem o rei, nem o ministro apreciaram o perigo, senão *depois de ele declarado e irremediável*".

Mas, para surpresa de muitos gramáticos, no final do volume, na página destinada a erratas, declara textualmente:

"Onde se lê: *depois de ele* leia-se *depois dele* (*d'elle* no original). 151

Tem-se estendido o exagero da condenação aos casos em que a preposição precede um advérbio, quando, na realidade, o que decide a existência ou não existência da combinação é a menor ou a maior pausa no proferir as duas palavras, ou ainda a eufonia e, como vimos, o realce. No seguinte exemplo de Alexandre Herculano, a pausa maior entre a preposição e o advérbio evita a combinação:

"A afirmativa *de ali* se ajuntarem e agasalharem 20.000 pessoas é naturalmente impossível" [AH.2, 44].

É forçoso reconhecer que a facilidade da combinação da preposição *de* não se estendeu, com a mesma frequência, a outras preposições, nas circunstâncias aqui estudadas. Dá prova disto o seguinte trecho de Rebelo da Silva, tão afeito às construções combinadas:

"*No caso do reino se constituir* em república, que partido seguiria D. João, o do país, ou o dos castelhanos?" "Em qualquer acontecimento, redarguiu o duque, hei de acostar-me ao que seguir o comum do reino". "Então, continuou o secretário, está dada a resposta. Mais vale arriscar tudo para reinar, do que arriscar tudo ainda e ficar vassalo. A ocasião é chegada, e parece que Deus a trouxe. A maior dificuldade consistia *em os outros proporem* a empresa..." [RS.2, IV, 134].

Por fim, cabe-nos assinalar que, neste assunto de combinações de preposição, o português moderno desprezou certos giros que – embora também contrários à lógica da gramática – foram estimados dos antigos e ainda hoje puristas aplaudem. Interessa-nos agora aquela em que se combinava a preposição *por* (antigo *per*) com os pronomes *o, a, os, as,* em função de objeto direto:

Esforcei-me pelo convencer.

hoje desbancado por:

Esforcei-me por convencê-lo (ou *para convencê-lo*) ou *por o convencer* (mais raro entre os brasileiros).

Apesar de exemplos de autores modernos (Rui Barbosa entre eles) e do voto de Mário Barreto [MBa.1, cap. VII, 111-25], concordo com o parecer de Said Ali [SA.6, 4, 160]:

"A construção de *por* e antigo *per* com as formas pronominais *o, a, os, as,* pertence ao número das formas arcaicas, de que se encontram ainda restos, na linguagem popular de Portugal. É imprópria da linguagem culta de hoje, e se ocorre – o que é muitíssimo raro – em algum escritor moderno, deixa-nos logo a impressão de um estilo afetado. Não provam exemplos dessa espécie o uso geral, nem podem servir de norma para o falar correto".152

É elucidativo este passo de Rebelo da Silva, onde ocorrem os dois casos aqui estudados:

"... em que o tribunal proferiu a sentença, mandando entregar as fazendas a Adão Bans e sócios sob fiança *de as* restituírem *no caso dos portugueses* dentro de seis meses *pagarem a quantia*..." [RS.2, 515].

Reduzidas decorrentes e concorrentes

Como as desenvolvidas, as orações reduzidas podem ser:

a) *decorrentes:*

"O Conde de Avranches saiu a eles com quase toda a gente do arraial e *fazendo-os fugir* tomou alguns prisioneiros" [AH.2, 96].

A oração de *fazendo* é reduzida gerundial de tempo e se acompanha da oração também reduzida *fugir* (reduzida de infinitivo), modificadora do objeto direto *os*.

b) *concorrentes:*

"Irado o infante com as injúrias que lhe tinham dito, mandou *enforcar uns e degolar outros*, e o conde perseguiu o resto até Portugal" [AH.2, 96].

As orações reduzidas de infinitivo *enforcar uns* e *degolar outros* são subordinadas equipolentes; por isso se acham coordenadas entre si.

Não raro aparece, entre as orações equipolentes, uma reduzida coordenada à outra desenvolvida ou vice-versa [MBa.1, 168, nota].

> "*Para provar-lhe* que não falto à menor condição estipulada, *e para que a minha consciência fique pura de escrúpulos*, vou dar-lhe a gratificação prometida" [CBr.14, drama, ato II, cena IX].
>
> "Na província de Alentejo o recrutamento fazia-se para exclusiva defesa dela, cabendo um terço de cada comarca, *se era grande*, ou a duas unidas, *sendo pequenas*" [RS.2, 227].

4 – As Frases: Enunciados sem Núcleo Verbal

Oração e frase – Já tínhamos antecipado que a unidade sintática chamada *oração* constitui o centro da atenção da gramática por se tratar de uma unidade em que se relacionam sintaticamente seus termos constituintes e se manifestam as relações de ordem e recção que partem do núcleo verbal e das quais se ocupa a descrição gramatical.

Isto não impede a presença de enunciados destituídos desse núcleo verbal conhecidos pelo nome de *frases*:

> Bom dia!
> Saúde!
> Depressa!
> Que calor!
> Casa de ferreiro, espeto de pau.

Estas frases diferem da oração porque são proferidas, quase sempre, em situações especiais, fora as quais o enunciado não se manifesta em toda sua plenitude.

Em geral seus elementos constituintes são de natureza nominal (substantivos, adjetivos ou advérbios), e a ausência do núcleo verbal, donde dimanam as relações sintático-semânticas, impede que se identifiquem entre seus constituintes as funções que se manifestam na oração. Por outro lado, a frase aponta para asserção de uma verdade geral, já que exclui a forma verbal responsável por uma particularização da expressão [EBv.2, 181]. Entretanto, como são enunciados reais, apela-se para a interpretação mais ou menos próxima dos possíveis equivalentes expressos sob forma de oração. Assim, "entende-se" que um enunciado como *Bom dia!* equivale a *Desejo bom dia* ou *Espero que tenha bom dia!*, ou *Casa de ferreiro, espeto de pau* valeria aproximadamente a *Casa de ferreiro usa espeto de pau* ou *Quando a casa é de ferreiro, o espeto é de pau* ou, ainda, *Em casa de ferreiro não se usa espeto de ferro, mas de pau*.

A simples verificação das várias possibilidades de paráfrases mostra bem como são tênues as relações gramaticais que os termos existentes mantêm entre si dentro da frase. Por isso a descrição da frase não se fará pelos mesmos critérios empregados na oração, mas segundo sua constituição interna. Inicialmente, podemos dividir as frases em *unimembres* e *bimembres*.

Frases unimembres: interjeição – O tipo mais simples de frase é o constituído por

interjeição. Já é antiga em gramática a ideia de a interjeição não ser, a rigor, uma "palavra", mas que equivale a um enunciado independente ou a uma oração inteira:

Oh! Psiu!

Pode ainda aparecer combinada com outras unidades para constituir frases mais complexas:

Ai de mim!
Oh pátria minha!

Já vimos que outras classes de palavras e grupos nominais se podem transpor ao papel de interjeição, empregados em função apelativa, endereçada ao interlocutor, ou como manifestação da atitude do falante [AL.1, 385]:

Socorro!
Depressa!
Meu pai!
Que horror!
Viva!

Podem aparecer unidades mais longas resultantes de respostas ou comentários a diálogos reais ou imaginários com o interlocutor. São frases elípticas, quase sempre de valor nominal, resíduos de orações sintaticamente incompletas ou truncadas, que devem ser tratadas no rol dos enunciados independentes sem núcleo verbal, ao largo de qualquer restituição corretiva do ponto de vista sintático:

"— Está bem, deixe-me ficar algum tempo mais, estou na pista de
um mistério
— *Que mistério*?" [MA.1, 28].
"— Raposo, vou sair; há alguma cousa?
— *Nada, Capitão Viveiros*" [LB.3, 91].
"Fez-me sentar ao pé de si, na varanda, entre muitas exclamações
de contentamento:
— *Ora, o Brasinho*! *Um homem*! Quem diria, há anos... *Um homenzarrão*! *E bonito*! *Qual*! Você não se lembra de mim... [MA.1, 94-95]
— Qual é a sua profissão?
— *Estudante*." [LB.3, 91]

Entre essas verdadeiras *pro-orações* estão as palavras *sim*, *não*, *talvez*, *tampouco* e assemelhadas (sozinhas ou combinadas) que de primitivos advérbios passam por transposição hipertáxica ao papel de frases:

— Já deste a notícia?
— *Ainda não* [LB.3, 165].

Algumas vezes nestes casos um dos interlocutores ou o autor num monólogo faz uso de uma frase exclamativa complexa que vale, unitariamente, por transposição hipotáxica, por uma interjeição:

Eugênia sentou-se a concertar uma das tranças. *Que dissimulação graciosa*! *Que arte infinita e delicada*! *Que tartufice profunda*! [MA.1, 107]

Etiquetas e rótulos – Diferente contexto linguístico ocorre com frases que entram na indicação de etiquetas, letreiros e rótulos situados em circunstâncias tais que, com ajuda de

tais entornos, são suficientes para constituir informações precisas. Deste rol fazem parte a sinalização verbal das indicações de trânsito (*Entrada*, *Saída*, *Retorno*, etc.), de estabelecimentos bancários e comerciais (*Clientes de Conta Ouro*, *Fila Única*, *Padaria*, *Carnes*, *Laticínios*, *Limpeza*, *Estacionamento*, *Entrada proibida*, *Entrada só permitida a funcionários*, etc.)

Frases assertivas bimembres – Embora frases assertivas bimembres possam ser facilmente parafraseadas a orações de estrutura regular e com estas, muitas vezes, se alternar no discurso, não devem ser "reconstituídas" e "emendadas" com auxílio de elipses e outros recursos, para depois serem descritas como orações. A expressividade decorre da leveza e espontaneidade com que se caracterizam.

Incluem-se, portanto, no rol de frases assertivas bimembres (dotadas também de entoação ou contorno melódico assertivos) os seguintes exemplos:

Casa de ferreiro, espeto de pau

Tal pai, tal filho

A vivacidade e leveza que tais frases emprestam ao discurso explicam o seu largo emprego nas máximas e provérbios.

5 – Concordância

Considerações gerais – Em português a *concordância* consiste em se adaptar a palavra determinante ao gênero, número e pessoa da palavra determinada.

A concordância pode ser *nominal* ou *verbal* – Diz-se *concordância nominal* a que se verifica em gênero e número entre o adjetivo e o pronome (adjetivo), o artigo, o numeral ou o particípio (palavras determinantes) e o substantivo ou pronome (palavras determinadas) a que se referem:

"O capitão rosnou *alguma* cousa, deu *dous* passos, meteu *a* mão no bolso, sacou *um* pedaço de papel, muito *amarrotado*; depois *à* luz de *uma* lanterna, leu *uma* ode *horaciana* sobre *a* liberdade *da* vida *marítima*" [MA.1, 65].

Diz-se *concordância verbal* a que se verifica em número e pessoa entre o sujeito (e às vezes o *predicativo*) e o verbo da oração:

"Os outros não sabendo o que *era*, *falavam*, *olhavam*, *gesticulavam*, ao tempo que ela *olhava* só, ora fixa, ora móvel, levando a astúcia ao ponto de olhar às vezes para dentro de si, porque *deixava cair* as pálpebras" [MA.1, 183]

"Chegando à rua, *arrependi*-me de ter saído" [MA.1]

"*Eram* 2 de novembro de 1952" [AH.2, 124].

A concordância pode ser estabelecida de *palavra* para *palavra* ou de *palavra* para *sentido*. A concordância de *palavra* para *palavra* será *total* ou *parcial* (também chamada *atrativa*), conforme se leve em conta a totalidade ou o mais próximo das palavras determinadas numa série de coordenação:

"Repeli-a, porque se me *ofereciam* vida e honra a troco de perpétua infâmia" [AH.1, 147].

O verbo *ofereciam* concorda com a totalidade do sujeito composto: *vida* e *honra*.

"porque entre ele e Suintila... *está* o céu e o inferno" [AH.1, 143].

O verbo *está* concorda, atrativamente, com o sujeito mais próximo (o céu) da série coordenada o *céu* e o *inferno*.

"... *via*-se em todas as faces *pintado* o espantoso e o terror" [AH.2, 124].

O verbo *via* e o adjetivo *pintado* concordam, por atração, com o sujeito mais próximo da série *o espantoso* e *o terror*.

"Quando a educação, os livros, e o sentir daqueles que nos odeiam *apagou* em nossa alma o selo da cruz" [AH.2, 143].

O verbo *apagou* concorda, por atração, com o sujeito mais próximo (*o sentir daqueles*) do sujeito composto, ainda que este venha anteposto ao verbo.

A concordância de *palavra* para *sentido* se diz ainda *concordância* "*ad sensum*" ou *silepse*:

"A plebe *vociferava* as mais afrontosas injúrias contra D. Leonor: e se *chegassem* a entrar no paço, ela sem dúvida seria feita pedaços pelo tropel furioso" [AH.2, 41].

O verbo *vociferava* concorda com o sujeito *plebe* que, sendo um coletivo, pôde, pelo seu conteúdo semântico de pluralidade, levar ao plural o verbo *chegassem*, mais afastado dele.

"Era gente colectícia, *muitos*, acaso, sem pátria da guerra, e por isso pouco *habituados* a resignar-se com as várias e tediosas fases de um assédio" [AH.2, 51].

O termo *gente*, de valor coletivo, é o responsável pela flexão masculina de *muitos* e *habituados*, por se levar em conta a ideia de *soldados* contida na palavra *gente*.

É preciso estar atento a que a liberdade de concordância que a língua portuguesa muitas vezes oferece deve ser cuidadosamente aproveitada para não prejudicar a clareza da mensagem e a harmonia do estilo.

Na língua oral, em que o fluxo do pensamento corre mais rápido que a formulação e estruturação da oração, é muito comum enunciar primeiro o verbo – elemento fulcral da atividade comunicativa – para depois se seguirem os outros termos oracionais. Nestas circunstâncias, o falante costuma enunciar o verbo no singular, porque ainda não pensou no sujeito a quem atribuirá a função predicativa contida no verbo; se o sujeito, neste momento, for pensado como pluralidade, os casos de discordância serão aí frequentes. O mesmo ocorre com a concordância nominal, do particípio.

A língua escrita, formalmente mais elaborada, tem meios de evitar estas discordâncias.

Concordância nominal

A – Concordância de palavra para palavra

1) *Há uma só palavra determinada.*

A palavra determinante irá para o gênero e número da palavra determinada:

"Aflige-nos a glória *alheia contestada* com a *nossa* insignificância" [MM].

"*Os bons* exemplos *dos* pais são *as melhores* lições e a *melhor* herança para *os* filhos" [MM].

"Eu amo *a* noite *solitária* e *muda*" [GD.3, I, 314].

Eu estou *quite*. Nós estamos *quites*.

OBSERVAÇÃO: Os nomes femininos como *sentinela*, *guarda*, *guia* e assemelhados, quando aplicados a pessoas do sexo masculino, mantêm o gênero feminino, e levam para este gênero os determinantes a eles referidos: *a sentinela avançada*; "Depois desta digressão que acabais de fazer pelo mundo, com tão *má guia* como eu, voltemos a ouvir de novo as vossas pedras" [Agostinho de Campos *apud* MBa.2, 212].

2) *Há mais de uma palavra determinada.*

Observar-se-ão os seguintes casos:

1.º) Se as palavras determinadas forem do mesmo gênero, a palavra determinante irá para o plural e para o gênero comum, ou poderá concordar, principalmente se vier anteposta, em gênero e número com a mais próxima:

A língua e (a) literatura *portuguesas* ou A língua e (a) literatura *portuguesa*.

"Amava no estribeiro-mor as virtudes e a lealdade nunca *desmentidas*"

[RS.1, 124].

"O tom e gesto *caricioso*, com que ela dizia isto, não moveu medianamente o esposo" [CBr.1, 158].

"*e os nossos* Basílio e Durão, bem assim o Sr. Magalhães..." [OM, 72].153

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Se as palavras determinadas se referirem a uma só pessoa ou coisa, impõe-se o singular do determinante:

seu fiel amigo e servidor

2.ª) É injusta a crítica do gramático E. Carlos Pereira [CP.1, § 427, 3, nota] aos seguintes exemplos: "... a mão esquerda, entre *cujos* índice e polegar pendia o pergaminho..." [AH.5, II, 24] e "... pelas exigências cada vez maiores destas *devoradoras* e *insaciáveis* fome e sede de leitura" [AC.1, 315].

3.ª) Precedendo um substantivo (título ou prenome), ocorre o plural: Os *irmãos* Pedro e Paulo. Os *apóstolos* Barnabé e Paulo.

4.ª) Um determinante (adjetivo) no plural pode estar aposto a um sujeito do singular que venha colocado depois, quando este sujeito é algum dos pronomes *cada um*, *cada qual*, *ninguém*, *nenhum*, referidos a pessoas ou coisas já mencionadas:

sobressaltados com esta vista, procurava *cada um* pôr-se a salvo [ED].

2.º) Se as palavras determinadas forem de gêneros diferentes, a palavra determinante irá para o plural masculino ou concordará em gênero e número com a mais próxima:

"Vinha todo coberto de negro: *negros* o elmo, a couraça e o saio"

[AH.1, 107].

"como se um grande incêndio devorasse as brenhas e os carvalhais *antigos*" [AH.1, 86].

"*Calada* a natureza, a terra e os homens" [GD.3, I, 315].

com *boa* coragem e zelo, com coragem e zelo *bom* (ou *bons*), com *bons* coragem e zelo

toda sua luta e sacrifícios.

todos seus sacrifícios e luta.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Por uma questão de agrado auditivo (eufonia), prefere-se que numa série de palavras determinadas de gêneros diferentes seguida de palavra determinante no masculino plural, venha a determinada masculina em último lugar.

2.ª) Se, neste caso, se tratar de pronome possessivo posposto, a concordância deste se fará com o último substantivo:

"Este velho desterrado por *gosto* e *eleição sua*..." [RS.1, 16].

3.ª) Quando há ideia de reciprocidade, torna-se obrigatório o emprego do plural: "Ele entrou prazenteiro... e encontrou padrinho e afilhada *empenhados* em uma discussão sobre autoridade" [LBa *apud* SS.1, § 257 obs.].

3) *Há uma só palavra determinada e mais de uma determinante.*

A palavra determinada irá para o plural ou ficará no singular, sendo, neste último caso,

facultativa a repetição do artigo. Em geral, isto ocorre com adjetivos de nacionalidade: *As literaturas* brasileira e portuguesa ou *A literatura* brasileira e portuguesa (maneira de dizer menos frequente e, com exagero de lógica gramatical, considerada errônea por muitos autores) ou *A literatura* brasileira e *a* portuguesa.

"e os *cronistas tudense e toledano* fazem a luta dos dous reis depois daquele consórcio" [AH.6, III, 86].

"Li um anúncio, convidando mestra de *línguas inglesa* e *francesa* para o colégio" [CBr.1, 128].

"O pequeno reino sucessivamente perlustrou *as costas ocidental e oriental* da África..." (C. de Laet, I, 211).

as séries quarta e quinta

a quarta e quinta série (ou *séries*)

B – Concordância de palavra para sentido

A palavra determinante pode deixar de concordar em gênero e número com a *forma* da palavra determinada para levar em consideração, apenas, o *sentido* em que esta se aplica: *o* (vinho) *champanha*, *o* (rio) *Amazonas*.

Entre os diversos casos desta concordância pelo sentido aparecem os seguintes:

1) As expressões de tratamento do tipo de V. Ex.ª, V. S.ª, etc.:

V.Ex.ª é { *atencioso* (referindo-se a homem)
atenciosa (referindo-se a mulher)

OBSERVAÇÃO: Quando se junta um adjetivo a tais formas de tratamento, tal adjetivo fica no gênero da forma de tratamento:

Sua Majestade *fidelíssima* foi contrariado pelos representantes diplomáticos.

2) A expressão *a gente* aplicada a uma ou mais pessoas com inclusão da que fala:

"Pergunta a gente a si *próprio* (refere-se a pessoa do sexo masculino) quanto levaria o solicitador ao seu cliente por ter sonhado com o seu negócio" [PC *apud* MBa.2, 413]154.

3) O termo determinado é um coletivo seguido de determinante em gênero ou número (ou ambos) diferentes:

"*Acocorada* em torno, *nus*, a negralhada *miúda*, de dois a oito anos" [HC.2, 84].

Note-se que *acocorada* e *miúda* concordam com a forma gramatical de *negralhada*, enquanto *nus* o faz levando em conta o seu sentido (= grupo de negrinhos de dois a oito anos).

4) A palavra determinada aparece no singular e mais adiante o determinante no plural em virtude de se subentender aquela no plural:

"Não compres *livro* somente pelo título: ainda que pareçam bons, são muitas vezes péssimos" [JR.1, 321].

"Mas não nos constou em que *ano* começou nem *quantos* esteve com ele" [LS *apud* JR.1]155.

C – Outros casos de concordância nominal

1) ***Um e outro, nem um nem outro*** – Com *um e outro*, põe-se no singular o determinado (substantivo), e no singular ou no plural o verbo da oração, quando estas expressões aparecem

como sujeito:

"Alceu Amoroso Lima (...) teve a boa ideia de caracterizar e diferençar o ensaio e a crônica, dizendo que *um e outro* gênero se afirmam pelo estilo".

"Parou um momento e, olhando para *um e outro lado*, endireitou a carreira..." [AH.1, 107].

"Mas *uma e outra cousa duraram* apenas rápido instante" [AH.1, 218].

Com *nem um nem outro* é de rigor o singular para o substantivo e verbo:

Nem um nem outro livro merece ser lido.

Com *um ou outro* o substantivo também fica no singular e invariavelmente no singular aparece o verbo de que a expressão serve de sujeito:

"*Um ou outro* soldado, indisciplinadamente, *revidava*, disparando à toa, a arma para os ares" [EC, 2.ª ed., 428].

Se as expressões *um e outro*, *nem um nem outro* se aplicarem a nomes de gêneros diferentes, é mais comum o emprego das formas masculinas:

"Tornou a vê-la, foi visto por ela, e acabaram namorados *um do outro*" [MA.12, 1.ª ed., 39].

"Ali teve el-rei escondido algum tempo, e lá começaram os seus amores com a rainha, que tão fatais foram para *um e outro*" [AH.2, 35].

"Repousavam bem perto *um do outro* a matéria e o espírito" [AH.1, 44].

Não raro pode aparecer a concordância com o termo referido:

"... vivia o casal venturoso de um certo Izraim persa letrado e da sua esposa Proftásia que *um e outra* cultivavam para deleite do espírito a filosofia grega" [JR.2, 15].

2) ***Mesmo, próprio, só*** – Concordam com a palavra determinada em gênero e número:

Ele *mesmo* disse a verdade. Ela *mesma* disse a verdade.

Elas *próprias* foram ao local.

Nós não estamos *sós*.

"Eles *sós* se encaminham para essa parte..." [AH.1, 153].

Em língua literária ocorre o adjetivo *só* variável onde no colóquio se prefere usar do advérbio *só*, portanto invariável:

"Com *sós* 27 anos de idade... já a palidez da morte se via lutar no seu rosto com as rosas da mocidade [AC.10].

Mesmo, além de se empregar na ideia de identidade (= em pessoa), aparece ainda como sinônimo de *próprio*, *até*:

"ao *mesmo* demônio se deve fazer justiça, quando ele a tiver" [AV *apud* ED.2, § 86, a].

Este último sentido e mais o emprego adverbial junto de *aqui*, *já*, *agora* (aqui mesmo, já mesmo, agora mesmo) facilitaram o aparecimento moderno da palavra como advérbio, modo de dizer que os puristas condenam, mas que vem ganhando a simpatia geral:

"... vaidosos de seus apelidos, mas inofensivos, e virtuosos *mesmo* por vaidade de imitarem seus avoengos" [CBr.6, 219].156

3) ***Menos* e *somenos*** – É preciso atenção para não fazer a concordância de *menos* com o substantivo seguinte:

Mais amores e *menos* confiança (e não *menas*!).

Vale a mesma observação para *somenos* (= de menor valor):

"Há neles coisas boas e coisas más ou *somenos*" [MB.2, 239].

4) ***Leso*** – É adjetivo, e não forma do verbo *lesar*, em construções de tipo: crime de lesa-pátria, crime de leso-patriotismo. Por isso há de concordar com o seu determinado em gênero e número:

"Como se a substância não fosse já um crime de *leso-gosto* e *lesa-seriedade*, ainda por cima as pernas saíam sobre as botas" [CBr.1, 83].

5) ***Anexo***, ***apenso*** e ***incluso*** – *Anexo*, *apenso* e *incluso*, como adjetivo, concordam com a palavra determinada em gênero e número:

Correm *anexos* (*inclusos, apensos*) aos processos vários documentos.

Vai *anexa* (*inclusa, apensa*) a declaração solicitada.

OBSERVAÇÃO: Usa-se invariável *em anexo*, *em apenso*: Vai *em anexo* (*em apenso*) a declaração. Vão *em anexo* (*em apenso*) as declarações.

6) ***Dado*** e ***visto*** – Usados adjetivamente, concordam em gênero e número com o substantivo determinado:

Dado (*Visto*) o problema que se nos apresentou, resolvemos desistir do contrato.

Dadas (*Vistas*) as circunstâncias, foram-se embora.

7) ***Meio*** – Com o valor de "metade", usado adjetivamente, concorda em gênero e número com o termo determinado, claro ou oculto:

"Para aquilatar a importância do tropeiro, basta lembrar que o Brasil tem cerca de oito e *meio* milhões de quilômetros quadrados de superfície..." [AAr.2, 102].

Era *meio-dia e meia* (i.é: e *meia hora*).

8) ***Pseudo*** e ***todo*** – Usados em termos compostos ficam invariáveis.

A *pseudo-sabedoria* dos tolos é bem grande.

A *fé todo-poderosa* que nos guia é nossa salvação.

9) ***Tal*** e ***qual*** – *Tal*, como todo determinante, concorda em gênero e número com o determinado:

Tal opinião é absurda.

Tais razões não me movem.

Em correlação, *tal qual* também procedem à mesma concordância:

Ele não era *tal quais* seus primos.

Os filhos são *tais qual* o pai.

Os boatos são *tais quais* as notícias.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Em lugar de *tal qual*, podem aparecer: *tal e qual*, *tal ou qual*.

2.ª) Não confundir *tal qual* flexionáveis com *tal qual*, *tal qual como* invariáveis que valem "como":

"Descerra uns sorrisos discretos, sem mostrar os dentes, *tal qual como* as inglesas de primeiro sangue" [CBr *apud* CJ.1, 32].

1 0) ***Possível*** – Com *o mais possível*, *o menos possível*, *o melhor possível*, *o pior*

possível, *quanto possível*, o adjetivo *possível* fica invariável, ainda que se afaste da palavra *mais*:

Paisagens o mais *possível* belas
Paisagens o mais belas *possível*
Paisagens quanto *possível* belas

Com o plural *os mais*, *os menos*, *os piores*, *os melhores*, o adjetivo *possível* vai ao plural:

Paisagens as mais belas *possíveis*.

Estão erradas concordâncias como:

Paisagens as mais belas ***possível.***

Fora destes giros, a concordância de *possível* se processa normalmente:

"As alturas e o abismo são as fronteiras dele: no meio estão todos os universos *possíveis*" [AH.2, 160].
Sob todos os pontos de vista *possíveis*.

11) ***A olhos vistos*** – É tradicional o emprego da expressão *a olhos vistos* no sentido de *claramente*, *visivelmente*, em referência a nomes femininos ou masculinos:

"... padecia calada e definhava *a olhos vistos*" [MA.5, 13 *apud Tradições Clássicas*, 370].

Mais rara, porém correta, é a concordância de *visto* com a pessoa ou coisa que se vê:

"As minhas forças medravam *a olhos vistas* de dia para dia"
[AC *apud* CR.1, 554].
"O barão desmedrara *a olhos visto*" [CBr *apud* PDo.2, 32].

12) ***É necessário paciência*** – Com as expressões do tipo *é necessário*, *é bom*, *é preciso*, significando 'é necessário', o adjetivo pode ficar invariável, qualquer que seja o gênero e o número do termo determinado, quando se deseja fazer uma referência de modo vago ou geral. Poder-se-á também fazer normalmente a concordância:

É *necessário* paciência.
É *necessária* muita paciência.
"O fato de ter sido *precisa* a explicação (...)" [AP.1, 424 n.º 25].
"Eram *precisos* outros três homens" [AM.1 *apud* RBa.1, 33].

É possível ainda, em tais casos, aparecer no singular o próprio verbo da oração:

"É doce ao velho
Sons d'argentina voz" [GD *apud* SS.1, 254]

Como acentua Barbadinho, a flexão de *necessária*(*s*) é mais frequente que a de *precisa.*

13) **Adjetivo composto** – Nos adjetivos compostos de dois ou mais elementos referidos a nacionalidades, a concordância em gênero e número com o determinado só ocorrerá no último adjetivo do composto:

Acordo *luso-brasileiro*
Amizade *luso-brasileira*
Lideranças *luso-brasileiras*

14) ***Alguma coisa boa*** **ou** ***alguma coisa de bom*** – Em *alguma coisa boa* o adjetivo

concorda com o termo determinado:

"Quem tivesse reparado em Fr. Vasco perceberia facilmente que na sua alma se passava também *alguma cousa extraordinária*" [AH *apud* MBa.7, 144].

Em *alguma coisa de bom*, o adjetivo não concorda com *coisa*, sendo empregado neutralmente (como *algo de novo*, *nada de extraordinário*, *nada de trágico,* etc.).

Por atração pode-se fazer a concordância do adjetivo com o termo determinado que funciona como sujeito da oração:

"Que tinha pois, Ricardina, de *sedutora*!" [CBr *apud* MBa.7, 146].

"Amor próprio do vilão; que a infâmia nada tinha de *engenhosa*" [*Id*., *ibid*.].

Se os homens não tivessem alguma coisa de *loucos* seriam incapazes de heroísmo [MM].

A vida nada tem de *trágica*.

15) ***Um pouco de luz* e *uma pouca de luz*** – Ao lado da construção normal *um pouco de luz* pode ocorrer a concordância atrativa *uma pouca de luz*, por se haverem fundido numa só expressão as duas seguintes maneiras de dizer: *pouco de luz* + *pouca luz* 157:

"e aos pés deles os fiéis que obtinham para última jazida *uma pouca de terra*..." [AH.1, 154].

16) **Concordância do pronome** – O pronome, como palavra determinante, concorda em gênero e número com a palavra determinada.

Emprega-se o pronome oblíquo *os* em referência a nomes de diferentes gêneros:

"A generosidade, o esforço e o amor ensinaste-*os* tu em toda a sua sublimidade" [AH.1, 35].

17) ***Nós* por *eu*, *vós* por *tu*** – Empregando-se *vós* em referência a uma só pessoa, põe-se no singular o adjetivo:

"Sois *injusto* comigo" [AH *apud* ED.2, §14, b].

Ao se empregar, em idênticas condições, o pronome *nós*, o adjetivo pode ficar no singular ou ir ao plural:

Antes sejamos *breve* que *prolixo*.

"Entre o desejo de alimentar a curiosidade do leitor e o receio de faltar à exação histórica, hesitávamos perplexos" [AH *apud* ED.2, §14, b].

18) **Alternância entre adjetivo e advérbio** – Há casos em que a língua permite usar ora o advérbio (invariável) ora o adjetivo (variável):

"Vamos a falar *sérios*" [CBr *apud* MBa.1, 265].

Vamos a falar *sério*.

"Os momentos custam *caros* [RS *apud* MBa.1, 265].

Os momentos custam *caro*.

A vida custa tão *cara* aos velhos quanto é *barata* para os moços [MM].

"Era esta a herança dos miseráveis, que ele sabia não escassearem na quase solitária e *meia* arruinada Carteia" [AH.1, 12].

A voz sumiu-se-lhe, *toda* trêmula [EQ.3, 647].

A distinção entre adjetivos e advérbios só se dá claramente quando a palavra determinada está no feminino ou no plural, caso em que a flexão nos leva a melhor interpretar o termo

como adjetivo. Na língua padrão atual, a tendência é para nestes casos proceder dentro da estrita regra da gramática e usar tais termos sem flexão, adverbialmente.

Entram nesta possibilidade de flexão as construções de *tanto mais*, *quanto menos*, *pouco mais*, *muito mais*, em que o primeiro elemento pode concordar ou não com o substantivo:

Com *quanto* mais *razão*, *muito* mais honra.

Com *quanta* mais *razão*, *muita* mais honra.

Poucas mais *palavras* trocamos [CBr *apud* MBa.4, 21].

Notemos, por fim, que *alerta* é rigorosamente um advérbio e, assim, não aparece flexionado:

Estamos todos *alerta*.

Há uma tendência para se usar desta palavra como adjetivo, mas a língua padrão recomenda se evite tal prática. Junto de substantivo *alerta* adquire significado e função de adjetivo:

"A moça aguardava com inteligência curta, os sentidos *alertas*" [CLi *apud* RBa.2, 14].

Em sentido contrário, aparece o engano de não se flexionar o adjetivo *quite*. Deve-se dizer:

Estou *quite*.

Estamos *quites*.

19) **Particípios que passaram a preposição e advérbios** – Alguns particípios passaram a ter emprego equivalente a preposição e advérbio (por exemplo: *exceto*, *salvo*, *mediante*, *não obstante*, *tirante*, etc.) e, como tais, normalmente devem aparecer invariáveis. Entretanto, não se perdeu de todo a consciência de seu antigo valor, e muitos escritores procedem à concordância necessária:

"Os tribunais, *salvas* exceções honrosas, reproduziam... todos os defeitos do sistema" [RS.2, IV, 67].

"A razão desta diferença é que a mulher (*salva* a hipótese do cap. CI e outras) entrega-se por amor..." [MA.1, 327].

Como bem pondera Epifânio Dias, flexionar tais termos "é expressar-se na verdade com correção gramatical, mas de modo desusado" [ED.2, §220, a].

Deste modo, a língua moderna dá preferência a dizer "*salvo* exceções", "*salvo* a hipótese".

20) **A concordância com numerais** – Quando se empregam os cardinais pelos ordinais, não ocorre a flexão:

Página *um*. Figura *vinte e um*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Na linguagem jurídica diz-se: A folhas *vinte e uma*. A folhas *quarenta e duas*.

2.ª) Embora se tenha usado o substantivo no singular precedido de numeral combinado com *um*, *uma*, a preferência atual é pô-lo no plural: *vinte e um dias*, *as mil e uma noites*, etc.

3.ª) *Milhar* é masculino e portanto não admite seus adjuntos postos no feminino a concordar com o núcleo substantivo feminino: *Os milhares de pessoas* (e não *as milhares* de pessoas).

21) **A concordância com os adjetivos designativos de nomes de cores** – Surgem as incertezas quando o nome de cor é constituído de dois adjetivos. Neste caso, a prática mais comum é deixar o primeiro invariável na forma do masculino e fazer a concordância do

segundo com o substantivo determinado, embora não deixem de aparecer exemplos em bons autores em que estejam flexionados os dois adjetivos:

olhos verde-claros, *ondas verde-azuladas*.

Concordância verbal

A – Concordância de palavra para palavra

1) Há um só sujeito:

a) Se o sujeito for simples e singular, o verbo irá para o singular, ainda que seja um coletivo:

"A vida *tem* uma só entrada: a saída *é* por cem portas" [MM].

"Povo sem lealdade não *alcança* estabilidade" [MM].

b) Se o sujeito for simples e plural, o verbo irá para o plural:

"Os bons conselhos desprezados *são* com dor comemorados" [MM].

"A virtude aromatiza e purifica o ar, os vícios o *corrompem*" [MM].

2) Há mais de um sujeito:

Se o sujeito for composto, o verbo irá, normalmente, para o plural, qualquer que seja a sua posição em relação ao verbo:

"... os ódios civis, as ambições, a ousadia dos bandos e a corrupção dos costumes *haviam* feito incríveis progressos" [AH.1, 21].

"Repeti-as, porque se me *ofereciam* vida e honras a troco de perpétua infâmia" [AH.1, 144].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Pode dar-se a concordância com o núcleo mais próximo, *principalmente se o sujeito vem depois do verbo*:

"O romeiro é livre como a ave do céu: *respeitam*-no o besteiro e o homem d'armas; dá-lhe abrigo o vilão sobre o seu colmo, o abade no seu mosteiro, o nobre no seu castelo" [AH.3, 145].

2.ª) Quando o núcleo é singular e seguido de dois ou mais adjuntos, pode ocorrer o verbo no plural, como se tratasse na realidade de sujeito composto:

"ainda quando *a autoridade paterna e materna fossem delegada*s..." [AGa.2, 25].

A concordância do verbo no singular é a mais corrente na língua padrão.

3.ª) Nas obras com mais de um autor adota-se modernamente o hábito alemão de se indicar a autoria com os nomes separados por hífen, caso em que o verbo da oração vai ao plural ou ao singular (levando-se, neste caso, apenas em conta a obra em si): Meillet-Ernout *dizem* (ou *diz*) no seu *Dictionnaire Étymologique* – que a origem é duvidosa.

4.ª) Pode ocorrer o verbo no singular ainda nos casos seguintes:

a) se a sucessão dos substantivos indicar gradação de um mesmo fato:

A censura, a autoridade, o poder público, inexorável, frio, grave, calculado, lá *estava* [AH.7, VII, 113].

b) se se tratar de substantivos sinônimos ou assim considerados:

O ódio e a guerra que declaramos aos outros nos *gasta* e *consome* a nós mesmos [MM].

c) se o segundo substantivo exprimir o resultado ou a consequência do primeiro:

A doença e a morte de Filipe II (...) *foi* como a imagem (...) [RS.2, IV, 6].

d) se os substantivos formam juntos uma noção única:

O fluxo e refluxo das ondas nos *encanta*.

5.ª) Quando o verbo se põe entre os núcleos do sujeito, como acontece às vezes em poesia e no estilo solene, a concordância pode ser feita com o núcleo mais próximo ou gramaticalmente com a totalidade do sujeito [RC.1, 251].

B – Concordância de palavra para sentido

Quando o sujeito simples é constituído de nome ou pronome que se aplica a uma coleção ou grupo, pode o verbo ir ao plural. A língua moderna impõe apenas a condição estética, uma vez que soa geralmente desagradável ao ouvido construção do tipo:

O povo trabalham ou A gente vamos.

Se houver, entretanto, distância suficiente entre o sujeito e o verbo e se quiser acentuar a ideia de plural do coletivo, não repugnam à sensibilidade do escritor exemplos como os seguintes:

> "Começou então *o povo* a alborotar-se, e pegando do desgraçado cético o *arrastaram* até o meio do rossio e ali o *assassinaram*, e *queimaram*, com incrível presteza" [AH.2, 83].
>
> "Faça como eu: lamente as misérias dos homens, e viva com eles, sem participar-lhe dos defeitos; porque, meu nobre amigo, se *a gente* vai a rejeitar as relações das famílias, justa ou injustamente abocanhadas pela maledicência, a poucos passos não *temos* quem nos receba" [CBr.1, 64].

C – Outros casos de concordância verbal

1) **Sujeito constituído por pronomes pessoais**

Se o sujeito composto é constituído por diferentes pronomes pessoais em que entra *eu* ou *nós*, o verbo irá para a 1.ª pessoa do plural:

> "*Vínhamos* da missa ela, o pai e eu" [MA.1, 309].

Se na série entra *tu* ou *vós* e nenhum pronome de 1.ª pessoa, o verbo irá normalmente para a 2.ª pessoa do plural:

> "E, assim, te repito, Carlota, que Francisco Salter voltará, será teu marido, e tereis (i.é, *tu* e *ele*) larga remuneração dos sofrimentos que oferecerdes a Deus..." [CBr.4, 79].

OBSERVAÇÃO: Ou porque avulta como ideia principal o último sujeito ou porque, na língua contemporânea, vai desaparecendo o tratamento *vós*, nestes casos, a norma consagrou o verbo na 3.ª pessoa do plural:

> "quando *tu e os outros velhacos* da tua laia lhe *estorroaram* na cara lixo e terra..." [AH.5, I, 152 *apud* SA.5, II, 69].

Para a concordância com expressões de tratamento.

2) **Sujeito ligado por série aditiva enfática**

Se o sujeito composto tem os seus núcleos ligados por série aditiva enfática (não só... mas, tanto... quanto, não só... como, etc.), o verbo concorda com o mais próximo ou vai ao plural (o que é mais comum quando o verbo vem depois do sujeito):

> "Tanto o lidador como o abade *haviam* seguido para o sítio que ele parecia buscar com toda a precaução" [AH.3, 184].

3) **Sujeito ligado por *com***

Se o sujeito no singular é seguido imediatamente de outro no singular ou no plural mediante a preposição *com*, ou locução equivalente, pode o verbo ficar no singular, ou ir ao plural *para realçar a participação simultânea na ação*:

> "El-rei, com toda a corte e toda a nobreza, *estava* fora da cidade, por causa da peste em que então Lisboa ardia" [AH.2, 84].
>
> "Estas explicações não evitaram que o desembargador, com os seus velhos amigos, *prognosticassem* o derrancamento do morgado da Agra..." [CBr.1, 108].
>
> "Nesta conjuntura, um deputado dileto da rainha, por nome Antônio José da Silva Peixoto, *coadjuvado pelo foliculário José Acúrsio das Neves, levantaram-se e prorromperam* em 'vivas'..." [CBr *apud* MBa.1, 206].

4) **Sujeito ligado por *nem... nem***

O sujeito composto ligado pela série aditiva negativa *nem... nem* leva o verbo normalmente ao plural e, às vezes, ao singular:

"É a nobre dama recém-chegada, à qual *nem* o cansaço de trabalhosa jornada, *nem* o hábito dos cômodos do mundo *puderam impedir*..." [AH.1, 136].

"... *nem* Deus, *nem* o mundo lhes *dará* a mínima recompensa" [AH.2, 16].

Constituído o sujeito pela série *nem um... nem outro*, fica o verbo no singular:

Nem um nem outro *compareceu* ao exame.

5) **Sujeito ligado por *ou***

O verbo concordará com o sujeito mais próximo se a conjunção indicar:

a) *exclusão*:

"a quem a doença *ou* a idade *impossibilitou* de ganharem o sustento..." [AH.2, 16].

Se João Fernandes (*ou* Platzhoff) os *dá* como entes sem afeições (...) [CL.1, II, 304]

b) *retificação de número gramatical*:

"Cantares é o nome que o autor *ou* autores do Cancioneiro chamado do Colégio dos Nobres *dão* a cada um dos poemetos..." [AH.3, 131].

Sei que algures existe a alma ou as almas, às quais eu me dirijo [ACt.1, 23].

c) *identidade* ou *equivalência*:

O professor ou o nosso segundo pai *merece* o respeito da pátria.

Se a ideia expressa pelo predicado puder referir-se a toda a série do sujeito composto, o verbo irá para o plural mais frequentemente, porém pode ocorrer o singular:

"A nulidade *ou* a validade do contrato... *eram* assunto de direito civil"

[AH.2, 20].

"A ignorância *ou* errada compreensão da lei não *eximem* de pena (...)" [Código Civil].

"Mas aí, como se o destino *ou* o acaso, *ou* o que quer que fosse *se lembrasse* de dar algum pastos aos meus arrombos possessórios" [MA.1, 146].

6) **Sujeito representado por expressão como *a maioria dos homens***

Se o sujeito é representado por expressões do tipo de *a maioria de*, *a maior parte de*, *grande parte de*, *parte de* e um nome no plural, o verbo irá para o singular ou plural:

"a maior parte deles *recusou* segui-lo com temor do poder da regente" [AH.2, 38].

"e a maior parte dos esquadrões *seguiram-nos*" [AH.1, 111].

7) **Sujeito representado por *cada um de* + plural**

Neste caso, o verbo fica no singular:

Cada um dos concorrentes *deve* preencher corretamente as fichas de inscrição (e não *devem* preencher!).

8) **Concordância do verbo *ser***

Como se dá com a relação sintática de qualquer verbo e o sujeito da oração, o normal é que sujeito e verbo *ser* concordem em número:

José era um aluno aplicado.

Os dias de inverno são menores que os de verão.

Todavia, em alguns casos, o verbo *ser* se acomoda à flexão do predicativo, especialmente quando se acha no plural. São os seguintes os casos em que se dá esta concordância:

a) quando um dos pronomes *isto*, *isso*, *aquilo*, *tudo*, *ninguém*, *nenhum* ou expressão de

valor coletivo do tipo de *o resto*, *o mais* é sujeito do verbo *ser*:

Tudo *eram alegrias* e *cânticos* [RS.1, 5].

A concordância normal com o sujeito ocorre, apesar de mais rara:

Tudo é alegrias.

b) quando o sujeito é constituído pelos pronomes interrogativos *quem*, *que*, *o que*:

O que são comédias? [CBr.1, 40].

Quem eram os convidados?

Não sei *quem são os vencedores*.

c) quando o verbo *ser* está empregado na acepção de "ser constituído por":

A provisão *eram alguns quilos de arroz*.

d) quando o verbo *ser* é empregado impessoalmente, isto é, sem sujeito, nas designações de horas, datas, distâncias:

São dez horas? Ainda não *o são*.

Hoje *são 15* de agosto.

Da estação à fazenda *são três léguas* a cavalo [M. Said Ali].

OBSERVAÇÃO: Precedido o predicativo plural da expressão *perto de* é ainda possível vir o verbo *ser* no singular:

Era perto de duas horas quando saiu da janela [MA.3 *apud* SS].

Eram perto de oito horas [MA.3, *apud* SS].

e) quando o verbo *ser* aparece nas expressões *é muito*, *é pouco*, *é mais de*, *é tanto* e o sujeito é representado por termo no plural que denota preço, medida ou quantidade:

Sessenta mil homens *muita gente é* para casa tão pequena [RS.1, 1873, 172].

Dez reais *é pouco*.

Nas orações ditas equativas em que com *ser* se exprime a definição ou a identidade, o verbo, posto entre dois substantivos de números diferentes, concorda em geral com aquele que estiver no plural. Às vezes, um dos termos é um pronome:

A pátria não *é* ninguém: *são* todos [RB.3, 11].

Mas:

Justiça é tudo, justiça *é as virtudes todas* [AGa.2, 45].

Às vezes em vez de *ser* aparece o verbo *parecer*:

Essa imensa papelada

- - - - - - - - - - - - - - -

Parecem indiscrições [GD.3, II, 445].158

Se o sujeito está representado por pronome pessoal, o verbo *ser* concorda com o sujeito, qualquer que seja o número do termo que funciona como predicativo:

Ela *era* as preocupações do pai.

Na expressão, que introduz narrações, do tipo de *era uma princesa*, o verbo *ser* é intransitivo, com o significado de *existir*, funcionando como sujeito o substantivo seguinte, com o qual concorda:

Era uma princesa muito formosa que vivia num castelo de cristal.

Eram quatro irmãs tatibitates e a mãe delas tinha muito desgosto com esse defeito [CC.1, 292].

Com a expressão *era uma vez uma princesa*, continua o verbo *ser* como intransitivo e o substantivo seguinte como sujeito; todavia, como diz A.G. Kury, "a atração fortíssima que exerce o numeral *uma* da locução *uma vez*", leva a que o verbo fique no singular ainda quando o sujeito seja um plural:

Disse que *era uma vez* dois (...) compadres, um rico e outro pobre [CC.1, 31].

Era uma vez três moças muito bonitas e trabalhadeiras [CC.1, 120].

A verdade é que muitos idiomas, em textos de níveis distensos, apresentam essas irregularidades que se afastam do uso normal e padrão, principalmente quando o verbo é anunciado antes do sujeito, com alguma distância, como se o falante ao começar a oração pelo verbo ainda não tivesse decidido como iria apresentar formalmente a expressão do sujeito.

A moderna expressão *é que*, de valor reforçativo de qualquer termo oracional, aparece em geral com o verbo *ser* invariável em número:

*Nós é que s*omos brasileiros / Nós somos brasileiros.

Esses livros é que não compraremos agora.

Afastado do *que* e junto do termo no plural, aparece às vezes o verbo *ser* no plural:

São de homens assim *que* depende o futuro da pátria / De homens assim *é que* depende o futuro da pátria.

Foram nesses livros *que* estavam as respostas / Nesses livros *foi que* estavam as respostas.

Nas expressões que denotam operação aritmética do tipo *um e um*, *um mais um*, *um com um*, que funcionam como sujeito do verbo *ser* (*fazer*, *somar*, etc.), o verbo vai ao plural concordando normalmente com o sujeito:

— Sempre ouvi dizer que duas semanas são quinze dias.

— Eu também tenho ouvido, confessou o Dr. Magalhães. Mas é um engano. Uma semana tem sete dias. *Sete e sete não são* catorze? E então? [GR.2, 3.ª ed., 75].

9) **A concordância com *mais de um***

Depois de *mais de um* o verbo é em geral empregado no singular, sendo raro o aparecimento de verbo no plural:

"... *mais de um* poeta *tem* derramado..." [AH.2, 155].

"*Mais de um* coração de guerreiro *batia* apressado..." [AH.2, 169].

"Sei que há *mais de um* que não se *envergonham* dela" [AH.2, 169].

10) **A concordância com *que de***

Com *que de* (= que quantidade de, quanta) seguido de substantivo sujeito no plural o verbo vai ao plural:

Que de forças *existem* no coração feminino!

11) **A concordância com *quais de vós***.

Se o sujeito for constituído de um pronome plural de sentido partitivo (*quais, quantos, algumas, nenhuns, muitos, poucos,* etc.), o verbo concorda com a expressão partitiva introduzida por *de* ou *dentre*:

"*Quais dentre vós... sois* neste mundo sós e não tendes quem na morte regue com lágrima a terra que vos cobrir? *Quais de vós sois*, como eu, desterrados no meio do gênero humano?" [AH.1, 188-9].

Pode ainda ocorrer o verbo na 3.ª pessoa de plural:

"*quantos dentre vós estudam* conscienciosamente o passado?" [JA *apud* SS.1, § 456].

12) **A concordância com os pronomes relativos**

a) Se o sujeito da oração é o pronome relativo *que*, o verbo concorda com o antecedente, desde que este não funcione como predicativo de outra oração:

"Não gastava ele as horas *que* lhe *sobejavam* do exercício do seu laborioso ministério numa obra do senhor?" [AH.1, 18].

"Ó tu, *que tens* de humano o gesto e o peito" [LC.1, III, 127].

b) Se o antecedente do sujeito *que* for um pronome demonstrativo, o verbo da oração adjetiva vai para a 3.ª pessoa:

Aquele que trabalha acredita num futuro melhor.

Aqueles que trabalham acreditam num futuro melhor.

OBSERVAÇÃO:

Entra neste princípio a oração adjetiva que se substantiva mediante *o*, *a*, *os*, *as*:

Os que prometem fazer felizes os povos *são* ordinariamente os que pretendem sê-lo à custa deles. [MM].

Quando, por silepse, se quer incluir a pessoa que fala ou a que se dirige, pode-se pôr o verbo da oração adjetiva na 1.ª ou 2.ª pessoa do plural:

Por que a verdade é que somos nós *os que fabricamos* os próprios aspectos da natureza (...) [JR.2, 191].

Porque voltastes sem vo-lo eu ordenar, *vós os que tínheis* jurado obedecer-me em tudo? [AH.1, 223].

(...) *vós a que não tendes* nenhum préstamo de minhas mãos! [AH.3, 174, ed. 1878].

c) Se o antecedente do pronome relativo funciona como predicativo, o verbo da oração adjetiva pode concordar com o sujeito de sua principal ou ir para a 3.ª pessoa (se não se quer insistir na íntima relação entre o predicativo e o sujeito):

"Sou eu o primeiro que não *sei* classificar este livro" [AH.1, 311].

Fui o primeiro que *conseguiu* sair.

"Éramos dois sócios, que *entravam* no comércio da vida com diferente capital"[MA *apud* SS.1, § 461].

d) É de rigor a concordância do verbo com o sujeito de *ser* nas expressões de tipo *sou eu que*, *és tu que*, *foste tu que*, etc. (neste caso, era prática da língua até fins do séc. XVIII usar o artigo como antecedente do relativo: *sou eu o que*, etc.):

"Não fui eu que o *assassinei*" [AH *apud* SA.5, II, 75].

"Foste *tu que* me *buscaste*" [AH *apud* SA.5, II, 75].

e) Se ocorrer o pronome *quem*, o verbo da oração subordinada vai para a 3.ª pessoa do singular, qualquer que seja o antecedente do relativo, ou concorda com este antecedente:159

"Eram as paixões, os vícios, os afetos personalizados *quem fazia* o serviço dos seus poemas" [AH *apud* SA.5, 77].

"*És tu quem me dás* rumor à quieta noite,

És tu quem me dás frescor à mansa brisa,

Quem dás fulgor ao raio, asas ao vento,

Quem na voz do trovão longe *rouquejas*" [GD *apud* SA.5, 77].

f) Em linguagem do tipo *um dos... que*, o verbo da oração adjetiva pode ficar no singular

(concordando com o seletivo *um*)160 ou no plural (concordando com o termo sujeito no plural), prática, aliás, mais frequente, se o dito verbo se aplicar não só ao relativo mas ainda ao seletivo *um*:

"Este era *um dos que* mais se *doíam* do procedimento de D. Leonor"

[AH.2, 37].

"*Um dos* nossos escritores modernos *que* mais *abusou* do talento, e que mais portentos auferiu do sistema..." [AH.2, 46].

"Demais, *um dos que* hoje *deviam* estar tristes, eras tu" [CL.1, I, 190].

O singular é de regra quando o verbo da oração só se aplica ao seletivo *um*. Assim nos dizeres "foi um dos teus filhos que jantou ontem comigo", "é uma das tragédias de Racine que se representará hoje no teatro", será incorreto o emprego do número plural; o singular impõe-se imperiosamente pelo sentido do discurso" [Cr.2, 763].

13) **A concordância com os verbos impessoais**

Nas orações sem sujeito o verbo assume a forma de 3.ª pessoa do singular:

Há vários nomes aqui.

Deve haver cinco premiados.

Não o vejo *há* três meses.

Não o vejo *faz* três meses.

OBSERVAÇÃO: Os exemplos literários que se encontram de tais verbos no plural não ganharam foros de cidade: "Houveram alguns que aluminados da graça do Espírito Santo abraçaram o culto e a fé de Cristo" [FE.1, I, 20].

"*Houveram* coisas terríveis" [CBr *apud* JC, I, 98].

14) **A concordância com *dar* (e sinônimos) aplicado a horas**

Se aparece o sujeito *relógio*, com ele concorda o verbo da oração:

O *relógio deu* duas horas.

Não havendo o sujeito *relógio*, o verbo concorda com o sujeito expresso pela expressão numérica:

No *relógio deram* duas horas.

15) **A concordância com o verbo na passiva pronominal**

A língua padrão pede que o verbo concorde com o termo que a gramática aponta como sujeito:

Alugam-se casas.

Vendem-se apartamentos.

Fazem-se chaves.

Não *se perdem cinco contos*, como se perde um lenço de tabaco. *Cinco contos levam-se* com trinta mil sentidos, *apalpam-se* a miúdo, não *se* lhes *tiram* os olhos de cima, nem as mãos, nem o pensamento, e para *se perderem* assim totalmente, numa praia, é necessário que... [MA.1, 151].

OBSERVAÇÃO: Se o verbo estiver no infinitivo com sujeito explícito, o normal é usar o infinitivo flexionado como no exemplo acima de M. de Assis:

"e para *se perderem* assim..."

Todavia, aqui e ali, bons escritores deixam escapar exemplos com o infinitivo sem flexão:

Basta ver o que este bom povo é para *se avaliar* as excelências de quem assim o educou [CBr.6, 53].

16) **A concordância na locução verbal**

Havendo locução verbal cabe ao verbo auxiliar concordar com o sujeito:

"Bem sei que me *podem vir* com duas objeções que geralmente se *costumam fazer*" [AC.11 *apud* MBa.1, 215].

Se se considera *costumar fazer* como dois verbos principais sem que haja locução verbal, o *costumar* terá como sujeito a 2.ª oração que, considerada materialmente, vale como substantivo do número singular:

"Não *se costuma punir* os erros dos súditos sobre a efígie venerável dos monarcas" [RS *apud* MBa.1, 215]

Assim se poderá dizer:

As estrelas { *parecem brilhar* (loc. verbal)
parece brilharem (= parece brilharem as estrelas)

Em *as estrelas parecem brilharem* temos a contaminação sintática das duas construções, prática que deve ser evitada como norma.

Com *poder* e *dever* seguidos de infinitivo, a prática mais generalizada é considerar a presença de uma locução verbal, isto é, fazendo-se que o *poder* e *dever* concordem com o sujeito plural:

Podem-se dizer essas coisas.

Devem-se fazer esses serviços.

Todavia aparece o singular, corretamente:

Não é como a embriaguez que se *deve celebrar os sucessos* felizes (...) (M. Maricá, 3326).

São ambas construções corretas e correntes que se distinguem por apresentar diferentemente a ênfase sobre o sujeito da oração.

Quando, porém, o sentido determinar exatamente o sujeito verdadeiro, a concordância não pode ser arbitrária. Ex.: "*Quer-se inverter as leis*, e nunca *querem-se inverter as leis*. Neste caso, é evidente que o único sujeito possível é *inverter*" [JR.1, 322].

17) **A concordância com a expressão *não* (*nunca*)... *senão***

O verbo concorda com o sujeito que se interpõe na expressão exceptiva *não… senão* (ou *mais que*):

"Ao aparecer o dia, por quanto os olhos podiam alcançar, não se *viam* senão cadáveres" [AH.2, 117].

O mesmo ocorre com *não* (*nunca*)... *mais que* (*do que*):

Não se *viam* mais do que cadáveres.

Quando a exceção recai na 1.ª ou 2.ª pessoa, tem-se de dar outro torneio à oração, como, por exemplo:

Ninguém votou contra o projeto *senão nós três* [SA.2, 215].

Não haveria outro culpado *senão tu*.

OBSERVAÇÃO: Em vez de *não… mais que* pode-se usar *mais não… que*: "O som que vos fere os ouvidos *mais não é que* um rude eco da voz íntima" [*apud* MBa.4, 181]. Deve-se evitar o emprego de *que* em lugar de *senão*, por ser imitação do francês: "Isto não é *que* uma insolência" por "Isto não é *senão* uma insolência" [FF *apud* MBa.4].

Construção vernácula é o emprego de *que* por *senão* precedido de *outro*: *outro*, *outra coisa*, etc.: "Quando deu por ele, quis expeli-lo, para que entre ele e Fortunato não houvesse *outro laço que* o da amizade; mas não pôde" [MA.2 *apud* MBa.4]. "(...) sem obter *outra coisa que* a atenção cortês o acaso numa palavra sem valor" [MA.8 *apud* MBa.4].

18) **A concordância com títulos no plural**

Geralmente se usa o verbo no plural:

"Por isso, as *Cartas Persas anunciam* o Espírito das Leis" [MBa.6, XII].

Com o verbo *ser* e predicativo no singular pode ocorrer o singular:

"as *Cartas Persas é* um livro genial..." [MBa.6, XII].

Dos seus livros didáticos *é* o mais importante as *Lições de História do Brasil* professadas no antigo Colégio de Pedro II [JR.4, 76 da 15.ª ed.].

19) **A concordância no aposto**

Quando a um sujeito composto se seguem, como apostos, expressões de valor distributivo como *cada um*, *cada qual*, o verbo, posposto a tais expressões, concorda com elas:

Pai e filho *cada um seguia* por seu caminho [ED.2, 28].

Se o verbo vem anteposto a essas expressões, dá-se normalmente a concordância no plural com o sujeito composto ou no plural: "(...) não era possível que os aventureiros *tivessem cada um* o seu cubículo [JA *apud* SS.1, §465, obs.].

Eles *saíram cada um* com sua bicicleta.

20) **A concordância com *Haja vista***

A construção mais natural e frequente da expressão *haja vista*, com o valor de *veja*, é ter invariável o verbo, qualquer que seja o número do substantivo seguinte:

Haja vista os exemplos disso em Castilho [RB.1, 572].

Pode-se construir com o verbo no singular e substantivo seguinte à expressão precedido das preposições *a* ou *de*:

Haja vista às tangas [CBr.16, 61].

Haja vista dos elos que eles representam (...) [CBr *apud* CR.1, 624].

21) **A concordância do verbo com sujeito oracional**

Fica no singular o verbo que tem por sujeito uma oração, que, tomada materialmente, vale por um substantivo do número singular e do gênero masculino:

Parece que tudo vai bem.

Cá não se *usa* as noivas andarem a namoriscar à surdina [CBr *apud* MBa.1, 2.ª ed., 207].

É bom que compreendas estas razões.

Permanece no singular o verbo que tem como sujeito duas ou mais orações coordenadas entre si:

Que Sócrates nada escreveu e que Platão expôs as doutrinas de Sócrates *é sabido* [JR.1, 318].

22) **Concordância nas expressões de porcentagem**

Nas linguagens modernas em que entram expressões numéricas de porcentagem, a tendência

é fazer concordar o verbo com o termo preposicionado que especifica a referência numérica:

Trinta por cento *do Brasil assistiu* à transmissão dos jogos da Copa.

Trinta por cento *dos brasileiros assistiram* aos jogos da Copa.

Dois por cento *da assistência detestou* o filme.

Dois por cento *dos espectadores detestaram* o filme.

6 – Regência

Ao que dissemos no capítulo sobre complementos verbais e nominais e emprego de preposição, cumpre acrescentar os seguintes principais casos:

A preposição que serve a dois termos coordenados pode vir repetida ou calada junto ao segundo (e aos mais termos), conforme haja ou não desejo de enfatizar o valor semântico da preposição:

> As alegrias *de* infância e *de* juventude / As alegrias *de* infância e juventude.
>
> Precisava da ajuda *dos* pais e *dos* parentes / Precisava da ajuda *dos* pais e parentes.
>
> (...) mas as argolas do caixão foram seguras *pelos* cinco familiares e *o* Benjamim [MA *apud* MBa.4, 250].

A omissão da preposição parece ser mais natural quando não se combina com artigo, talvez porque em português (ao contrário, por exemplo, do francês e do espanhol) a presença de ambos leva-os a combinarem-se, como supõe Mário Barreto.

1) ***Isto é para eu fazer*** – Se a preposição seguida de pronome não serve de introduzir este pronome (que funciona como sujeito), mas um infinitivo, usam-se as formas retas *eu* e *tu*, e não *mim* e *ti*:

> Isto é para *mim* (a preposição rege o pronome).
>
> Isto é para *eu* fazer (a preposição rege o infinitivo: isto é, para que *eu* faça).

2) ***Pedir para*** – O verbo *pedir* pede objeto direto de coisa e indireto de pessoa a quem se pede:

> Pedi-lhe (obj. indireto) um favor (obj. direto).

Se o objeto direto é *licença* (ou equivalente), pode-se acrescentar uma oração adverbial de fim que indique o objetivo do pedido:

> Pediu-lhe *licença para sair* (ou *para que saísse*).

Este objeto direto *licença* pode calar-se, mas o sujeito de *pedir* terá de ser entendido como o mesmo do verbo da subordinada, para ter sanção tranquila na norma exemplar:

> O Antônio pediu-lhe para sair (i. é: o Antônio é quem sairá).
>
> Pediu para ajudar a vestir sua filha, mas não o obteve [CBr *apud* MBa.3, 2.ª ed. pág. 287 n.].

A linguagem coloquial aproximou as ideias de *pedir que algo aconteça* (oração objetiva direta) e *trabalhar para que algo aconteça* (oração adverbial final), passando a usar a preposição *para* a introduzir a oração que seria objeto direto do verbo *pedir*.

> *Pediu para que Antônio saísse*

em lugar de

Pediu que Antônio saísse.

Os gramáticos ainda não aceitaram a operação mental, apesar da insistência com que penetra na linguagem das pessoas cultas. O novo modo de expressão traz também uma ambiguidade, porque se fica sem saber qual é, na realidade, o sujeito da oração subordinada. Em:

Antônio pediu a José para sair,

custa-nos a dizer de pronto se quem sai é o mesmo Antônio ou José. O gramático só considera a expressão correta se o sujeito for Antônio, mas a linguagem coloquial constrói o período como se o sujeito fosse José, pois interpreta a oração subordinada como objetiva direta: *Antônio pediu que José saísse*.

Sob a alegação de que o objeto direto oracional não pode vir introduzido por preposição (argumento, aliás, fraco) é que gramáticos repudiam tal linguagem. Pode-se ver na construção o *para* como posvérbio iniciando a oração objetiva direta para denotar o interesse ou a insistência do pedido, como *cumprir o dever* ao lado de *cumprir com o dever*.

3) ***Está na hora da onça beber água*** – A possibilidade de se pôr o sujeito de infinitivo antes ou depois desta forma verbal nos permite dizer:

Está na hora de beber a onça água (posição rara)
Está na hora de a onça beber água (posição mais frequente).

Este último meio de expressão aproxima dois vocábulos (a preposição *de* e o artigo *a*) que a tradição do idioma contrai em *da*, surgindo assim um terceiro modo de dizer:

Está na hora da onça beber água,

construção normal que não tem repugnado os ouvidos dos que melhor conhecem e escrevem a língua portuguesa. Alguns gramáticos viram aí, entretanto, um solecismo, pelo fato de *se reger de preposição um sujeito*. Na realidade, não se trata de regência preposicional do sujeito, mas do contato de dois vocábulos que, por hábito e por eufonia, costumam vir incorporados na pronúncia. A lição dos bons autores nos manda aceitar ambas as construções, *de a onça beber água* e *da onça beber água*. Que a contração é possível mostram-nos os seguintes exemplos:

"... só voltou *depois do infante* estar proclamado regedor" [AH.2, 44]; "Sabia-o, senhor, *antes do caso* suceder" [AH.4, 267]; "se, por exemplo, me concederem um monopólio do plantar couves, *apesar das couves* serem uma das espécies de legumes" [RB *apud* PP]; "*Pelo fato do verbo restituir*, numa das suas acepções, e *entregar*, em certos casos, terem..." [CR.2, 579]; "*no caso do infinitivo* trazer compl. direto" [ED.2, § 289, b].

O problema que, do ponto de vista puramente gramatical, a rigor, termina nessa dupla possibilidade de emprego; já não se mostra indiferente do ponto de vista da necessidade de proferir o sujeito enunciando-o com maior ou menor realce. Deixa-se o domínio da gramática para se entrar no domínio da estilística, da expressividade. A não combinação da preposição com o sujeito garante o valor expressivo da preposição e a ênfase posta no sujeito: *É tempo de o povo querer melhores escolas*, diferente, sob o aspecto de expressividade, de *É tempo do povo querer melhores escolas*. A simples – e contrária à dupla possibilidade que a tradição literária registra – solução gramatical de rejeitar uma forma com privilégio de outra empobrece os recursos estilísticos da língua.

Pode-se evitar a combinação pondo o infinitivo entre a preposição e o sujeito, como fez Manuel Bandeira nesta passagem: E o Prefeito recordou que uma semana *antes de ser o*

grande romancista hospitalizado (...) [MB.1, II, 601].

4) **Migrações de preposição** – Com muita frequência vê-se migrar a preposição que deveria aparecer com o relativo para junto do antecedente deste pronome:

Não sei no que pensar por
Não sei o em que pensas

Ou:

Lisboa e Porto, *das quais cidades venho agora* por
Lisboa e Porto, *cidades das quais venho agora*
[LV.1, 312].

Destas migrações resultam giros mais agradáveis ao ouvido e que nos afastam de certas durezas de estilo artificial a que nos poderia levar a construção rigorosamente gramatical, como se depreende dos seguintes trechos de Rui Barbosa:

"Assim me perdoem, também, *os a quem* tenho agravado, *os com quem* houver sido injusto, violento, intolerante..." [RB.2, 23];
"e daí, com estupenda mudança, começa a deixar ver *o a que* era destinada..." [RB.2, 36].

Estas migrações correm na língua literária apadrinhadas pelos seus melhores representantes. Alexandre Herculano e Carlos de Laet nos dão testemunho do fato:

"A barra é perigosa, como dissemos; porém a enseada fechada é ancoradouro seguro, *pelo que* (= o por que) tem sido sempre couto dos corsários de Berbéria" [AH.2, 69];
"... até o induzirem a mandá-lo sair da corte, *ao que* (= o a que) D. Pedro atalhou com retirar-se antes que lhe ordenassem" [AH.2, 91].
"Eis para *o que* (= o para que) esperas utilizar o domínio dos ares" [CL in SS.3, 180].

É interessante a posição da preposição *de* a introduzir o predicativo quando se esperava antes do relativo:

"O que precisamos é *de* braços valorosos e de peitos resolutos"
[RS.2, IV, 184].

Note-se de passagem que, em construções como a do último exemplo, é possível haver o pleonasmo da preposição, a qual aparece antes do termo a que rigorosamente se prende e antes de *de braços*:

"O *de que* me não penitencio, é *do* esmero, bem ou malsucedido, que pus em dar os cuidados que dei à forma, com que nos veio da câmara o projeto" [RB.1, *apud* MBa.4, 3.ª ed., 235 e ss.].

5) **Repetição de prefixo e preposição** – Sem atentar para a tradição do idioma e de suas raízes latinas, alguns autores (p. ex., Cândido Figueiredo) condenam a concorrência de prefixo com preposição em usos como *con*correr *com*, *de*duzir *de*, *de*pender *de*, *in*cluir *em*, *a*derir *a*, *con*cordar *com*, *co*incidir *com*, etc. Daí repudiarem, por exemplo, a construção *consentâneo com*, recomendando se diga *duas coisas consentâneas* em vez de *uma coisa consentânea com outra*. Também substituem *uma coisa coincide com outra* por *uma coisa incide na outra*. São lições que, pela concorrência de prefixo e preposição, devem ser rejeitadas [VB.1].

6) **Complementos de termos de regências diferentes** – O rigor gramatical exige que não se dê complemento comum a termos de regência de natureza diferente. Assim não podemos dizer,

consoante este preceito:

Entrei e saí de casa

em lugar de

Entrei em casa e dela saí (ou equivalente),

porque *entrar* pede a preposição *em* e *sair* a preposição *de*.

Ao gênio de nossa língua, porém, não repugnam tais fórmulas abreviadas de dizer, principalmente quando vêm dar à expressão uma agradável concisão que o giro gramaticalmente correto nem sempre conhece:

"Tenho-o visto *entrar e sair do Colégio de S. Paulo*" [AH.5, I, 154];

"... que se deduz daí *a favor* ou *contra o direito* de propriedade literária?" [AH.7, II, 60].

Estendem certos autores a proibição aos dizeres em que duas ou mais preposições de sentido diferente, e até contrário, se referem a um só termo:

Com ou sem vantagens sairei

Antes e depois da luta

Para tais autores devemos dizer: *com vantagens ou sem elas*, *antes da luta e depois dela*, ou repetindo-se o substantivo como fez M. de Assis em:

"Os gritos da vítima, *antes da luta e durante a luta*, continuavam a repercutir dentro de mim" [*apud* MBa.3, 103].

Salvo as situações de ênfase e de encarecimento semântico de cada preposição, como a que se depreende do trecho acima, a língua dá preferência às construções abreviadas que a gramática insiste em condenar, sem, contudo, obter grandes vitórias.

7) **Termos preposicionados e pronomes átonos** – Tanto se pode dizer *não fujas* ***de mim*** como *não* ***me*** *fujas*:

O corajoso major tem afrontado teu irmão (...) mas Simão teme-o e *foge-lhe* com o pretexto de desafiar primeiro quem primeiro o ofendeu [CBr *apud* MBa.4, 273, de onde se colhem os exemplos abaixo].

Assim em vez de *pôs-se diante dele* se pode dizer *pôs-se-lhe diante*; em vez de *aparecer diante dele*, *aparecer-lhe diante*.

Nunca *me* tornaria a pôr a vista *em cima*.

Pretendem cair-*nos em cima*.

Tudo *lhe* girou *em volta*.

Sentaram-se-*lhe* em frente dois guardas.

Assim também em equivalência com a preposição *em*:

Deu um beijo *em* Nelina / Deu-*lhe* um beijo

Deu um abraço *em* Dolores / Deu-*lhe* um abraço

A mesma possibilidade se dá com verbos que se constroem com *de* ou *a* (*avizinhar-se*, *aproximar-se*, *acercar-se de*, entre outras) e *com* (*ralhar*, por exemplo):

Avizinhou-se *dela* / Avizinhou-se-*lhe*

Aproximar-se *dela* (ou *a ela*) / Aproximou-se-*lhe*

Ralhar *com o filho* / Ralhar-*lhe*

Vale lembrar aqui de passagem – pois não se trata de regência –, pois estamos falando de simplificações formais, que o mesmo processo se repete com alguns prefixos:

(...) o apalpá-la nas costelas *sobre* e *subjacentes* ao coração [CBr *apud* MBa.3, 113 n.].

(...) algumas faíscas de amor profano tinham entrado *ob* e *sub-repticiamente* (*Id.*, *ibid.*)

Esperemos, e oxalá não esperemos em vão, que chegue o dia longínquo em que todos os escritores *cis* e *transatlânticos* aprendam a sua língua (...) [MBa.3, 127n.].

Também nas expressões comparativas podem-se encontrar simplificações ou braquilogias, como nos seguintes exemplos muito comuns *tanto* (*tão*) *mais que*, *tanto* (*tão*) *ou menos que* (por *tanto* ou *quanto* e *mais que*, etc.):

A gota, o reumatismo, a ciática impacientavam-no *tanto ou menos que* o desmancho das coisas políticas [CBr.6, 55].

8) **Emprego de relativos precedidos de preposição** – O pronome relativo exerce função sintática na oração a que pertence:

a) *Sujeito*: O livro *que* está em cima da mesa é meu.

b) *Objeto direto*: O livro *que* eu li encerra uma bonita história.

c) *Predicativo*: Dividimos o pão como bons amigos *que* éramos.

d) *Complemento relativo*: O livro de *que* precisamos esgotou-se.

e) *Objeto indireto*: Este é o aluno *a que* dei o livro.

f) *Adjunto adverbial*: O livro *por que* aprendeste a ler é antigo. A casa *em que* moro é espaçosa.

g) *Agente da passiva*: Este é o autor *por que* a novela foi escrita.

As três primeiras funções sintáticas dispensam preposição enquanto as quatro últimas a exigem. Deve-se evitar, em língua literária, o emprego do relativo universal.

9) **Relação de regências de alguns verbos e nomes**161:

A

Abalançar-se a
aborrecer-se com
abrigado de
absolver– de
abster-se de
abundar em
abusar de
acabar– com
acautelar-se com
aceder a
acessível a
aceito a
acercar-se de
acomodar-se a
acontecer a, com
aconselhar– a
acordar com
acreditar– em
acudir a
acusar– de

adaptar– a
adequado a
aderir– a
admirar-se de, com, por
afastar– de
afável com, para com
afixar– a
agradar a
agradável a
agradecer a
agregar-se a
ajudar– a
ajuntar– a, -se com
alertar– de, sobre, contra
alhear-se de
alheio a
alimentar– com, de
almejar– por
aludir a
amante de
ameaçar– com, de
amercear-se de
amigo de
amofinar-se com
amoroso com, para com
análogo a
anelar por
ansiar– por, (trans. direto)
ansioso de, por
antecipar-se a
antepor– a
anterior a
apaixonar-se por, de
aparentado com
apartar– de
apear-se de
apegar-se a
apelar para, de
aperceber-se de
apetrechar-se com
apiedar-se de
aplicar-se a
apoderar-se de
apoiar-se em
aportar– a
aprender–
apressar-se a, em, por, para
aproveitar-se de
apto para, a

arguir– de
arrancar– de
aproximar-se a, de
arrepender-se de
arribar a
arrimar-se a
arriscar-se a
arrostar-se com
aspirar a (= desejar);
trans. direto (= inspirar)
assemelhar-se a, com
assenhorear-se de
assentir a
assinalar– com
assistir a (= presenciar)
assistir– (= ajudar)
assustar-se com
atapetar-se de, em
atemorizar-se com
atender– a
atestar contra, por
atento a, em
ater-se a
atinar com
atingir (sem *a*!)
atrair– a
atrever-se a, em
atribuir– a
aumentar
ausentar-se de
autorizar– a
avaliar– em
avaro de
averiguar– de
avesso a
avezar (-se) a
aviar-se de
ávido de
avir-se com
avisar– de
avizinhar-se de, a
avocar– a

B

bacharel em
bandear-se para
baixar– a
bastante a, para

bastar a
batalhar com
benéfico a
bater a, em
bem (fazer) em, de
blasfemar contra
blasonar de
bom para, para com
brigar com
brindar– com

C

cair em, sobre
calcar– a
capaz de, para
capitular– com
carecer de
caritativo com, para com
caro a
casar-se com
ceder– a
cego a
chamar 162
chegar (-se) a (não *em* junto
à expressão de lugar)
cheio de
cheirar a
cheiro a, de
chorar por
cingir– de, (-se) a
circunscrever-se a
circunvizinho de
clamar por
cobiçoso de
cobrar– de
cobrir– de
coetâneo de
coevo de, a
coexistir– com
coincidir– com
coligar-se com
combater– contra, por
combinar– com
começar a, por
comedir-se com, em
cometer– a
compadecer-se de
comparar– a, com

comparecer a
compatível com
compelir– a
competir com, a
compor-se de
comprazer– a, (-se) em, com
compreensível a
comprometer-se a
comprovar– com
comum a, de
comungar com
comunicar– a
comutar– em
concentrar– em
concordar com, em
conforme a, com
concorrer a, com
condenar– a
condescender com
condoer-se de
confabular com
confederar-se com
conferenciar com
confessar– a
confiar em, a
confinar com
conformar-se com, a
conforme com, a
confrontar– com
confundir-se com
congraçar-se com
congratular-se com
consagrar a
consentir em, tr. direto
considerar como
consistir em (e não *de*!)
consolar-se com
conspirar a, contra, para
constante em
constar de
constituir-se em
contagiar-se com
contaminar-se de, com
contemporizar com
contemporâneo de
contender com, de, sobre
contentar-se com, de, em
conter-se em
contíguo a

continuar em, com
contrapor a
contrário a
contribuir para, com
convalescer de
conversar– com 163
convencer-se de
converter– em, a
convidar– a, para
convir a, com, em
convocar– a, para
cooperar com, para
coroar– de, com
corresponder a, (-se) com
corrigir-se de
cotejar– com
crer– em, a
cristalizar– em
cruel com, para com
cuidadoso com
cuidar de, em (tr. direto)
culpar de
cúmplice em
cumprir com, a 164
curar-se de
curioso de
curtir-se em

D

dar a, em, com, por
dar-se (pressa) a, em
decair de
decidir sobre
declarar-se contra
declinar– de
dedicar– a
dedignar-se de
deduzir– de
deitar-se a, em, sobre
deleitar-se com, em, de
denotar– a, em
deparar– com
depender de
dependurar – de
depressivo de
derivar– de
desafiar– para
desagradar a

desagradável a
desalojar– de
desapegar-se de
desapossar– de
desapropriar– de
desatar– de, em
desatento a
desavir-se com
descansar– de
descansar com
descartar-se de
descender de
descer de, a
desconfiar de
descontar– de
descontente com
descuidar-se de
desculpar-se de, com
descurar-se de (não *por*)
desdizer-se de
desejoso de
desembaraçar-se de
desempenhar-se de
desenganar-se de
desertar– de
desesperar– de
desfavorável a
desfazer-se de
desgostar-se de, com
designar-se de
desistir de
desleal a
desobedecer a
despedir-se de
despenhar de
despojar– de
desprender– de
desquitar-se de
declinar a, para
destituir– de
deter-se em, com
determinar-se a
dever– de 165
devoto de
diferenciar– de
diferente de
difícil de
dignar-se de, a
digno de

diligente em, para
discordar de
discrepar em
disfarçar– em
dispensar– de, a
dispor– de, -se a, para
disposto a
disputar com
dissemelhante de
dissentir de
dissuadir– de
distar de
distinguir– de
distrair-se com
distribuir– a, por com, entre
ditoso com
diverso de
divertir-se com
divorciar-se de
dizer– de
doce a
dócil a, para com
doente de
doer-se de
dotado de
dotar– com, em
doutor em
duro de
duvidar de

E

eleger– por, em, como
embaraçar-se com
embeber– de, em
embelezar-se com
embevecer-se em, com
emboscar-se em
embriagar-se de, com
embutir– em
emendar-se de
empapar– de, em, com
empenhar-se por, em, com
emular com
empregar-se com
êmulo de
encarar– com
encarregar– de
encarniçar-se com, contra

encharcar-se em
encher– de
encomendar– a
encostar– a
encontrar-se com
enfadar-se com
enfastiar-se de, com
enfatuar-se com
enfeitar-se com
enfermar– de
enfurecer-se com, contra
engalanar-se com
enganar-se com, em
engenhar-se a
engolfar-se em
enlaçar-se em
enlear-se em
enraivecer-se contra
enredar-se em
ensaiar-se em, para
ensinar– a
entender de
entendido em
entregar-se a
entreter-se com, em
entristecer-se com, de
envaidar-se com, por
envelhecer– (sem *de*!)
equiparar a, com
equivalente a
equivaler– a
eriçado de
erigir (-se) em
erudito em
escapar a, de
escapulir de
escarmentado de, com
escarnecer de
escasso de
escolher– entre
escrupulizar em
escusar-se de
esforçar-se em, por, para
esmaltar– de
esmerar-se em
espantar-se com, de
especular– com, em
esperar– de, em
espraiar-se em

esquecer-se de
esquivar– de
esquivar-se a
essencial para
estabelecer-se com
estender-se em, a, por
estéril de
estimular– a, com
estranho a
estreito de, para
estribar-se em
estropiado de
exato em
exceder–, a, em, de
excetuar de
excitar– a
excluir– de
exercitar-se em
exortar– a
expor– a
extrair– de
exigir– de, a
eximir– de
exonerar– de
extorquir– a, de

F

fácil de
falar de, em, com, a, sobre
faltar com, a
falto de
fartar– com, de
farto em
fatigar-se de, com
favorável a
favorecer– com, de
fechar (-se) a
fecundo em
feder a
felicitar– por, de
fértil de, em
fiar-se em, de
fiel a
fincar-se em
firme em
florescer em
folgar de, em
formar-se em

forrar– de, com
forte de, em
fraco de, em
franco para com, de, em
franquear– de, a
frouxo de
fugir– de, a
fundar-se em
furioso com, de
furtar– a, de

G

gabar-se de
galardoar– com
ganhar– de, a
generoso com
glorificar-se de
gordo de
gostar de
gostoso a
gozar de
graduar-se em
grande de
grato a
gravar– com
gravoso a
grosso de
guardar-se de
guarnecer com
guerra a
guindar-se a

H

hábil em
habilitar– com, para
habituar-se a
habituado a
haver-se com
herdar– de
hesitar em, sobre
horror a
hostil a
humilhar-se a

I

ida a
idêntico a

idôneo para, a
imbuir-se de, em
imediato a
impaciente com
impedir– de, a
impelir– a
impenetrável a
impetrar– de, a
implicar com 166
impor– a
importar a (impessoal),
de (país), em (quantia) 167
inconsequente com
impossibilitar– para, a
impossibilidade de
impossível de
impotente contra, para
impróprio para
imputar– a
inábil para
inabilitar– para
inacessível a
incansável em
incapaz de, para
incerto de, em
incessante em
incidir em
incitar– a
inclinar– a, para
incluir– em
incompatível com
incompreensível a
inconsequente com
inconstante em
incorporar– a, em
incorrer em
incrível a, para
inculcar– em
incumbir– de
indébito a
indeciso em
indenizar– de
independente de, em
indiferente a
indignar-se com
indigno de
indispor– contra, (-se) com
indócil a
indulgente para, para com

indultar– de
induzir– a, em
inerente a
inexorável a
infatigável em
infeccionar– em
inferior a
inferior de
infestar– de
infiel a
inflamar-se de
inflexível a
influir em, para, sobre
informar– sobre, de,
(-se) de
ingerir– em
ingrato com, para com
inibir– de
iniciar– em, a
inimigo de
inimizar-se com
injuriar com
inocente de
inquietar-se de, com
insaciável de
insensível a
inseparável de
inserir– em
insinuar– em
insípido a
insistir sobre, em
instar– por, a
instruir– de, em, sobre
inteirar-se de
intercalar entre
interceder por
interessar-se por
interesse em, por
intermédio a
internar-se em
interpolar– entre, com
interpor– entre
interrogar a
intervir em
intolerante com, para com
inundar– de, em
intrometer-se em
inútil para, a
investir contra, com

irmanar– com
isentar– de

J

jactar-se de
jubilar– em
juncar– de
juntar– a, com
justificar– de, a; (-se)

L

lamentar-se de
lançar– em (-se) sobre
lastimar-se de
leal a, com, para com
lembrar-se de
lento em
levar– em, a, por
liberal com
libertar– de
lidar com
ligar– a, com
ligeiro de
limitar-se a, com
limitado de
limpar– em, a (-se), de, em
limpo de
lisonjear-se de
litigiar com, contra
livrar– de
livre de
lograr (-se) de
longe de
longínquo de
louco de, com
lutar com, contra

M

maior de, entre
maldizer– de
maliciar– de
malquistar-se com
manco de
mancomunar-se com
manso de
manter-se com
maquinar– contra

maravilhar-se com, de
matizar– de
mau com, para,
para com
mediano de, em
mediar entre
medir (-se) com, por
meditar em, sobre
medrar– em
melhorar de
menor de
merecer de
mergulhar– em
mesclar– em
meter-se– a, em juiz
mimosear– com
ministrar– a
misericordioso com, para com
moderar-se em
mofar– de, com
molestar– com
molesto a
morador em168
moroso de, em
morrer de, por
mortificar-se com
motejar– de
mudar– de; mudar-se para
murmurar– de

N

namorar 169
namorar-se de, namorar
(tr. direto), com
natural de
necessário a
necessitar de
negligente em
negar-se a
negociar– em, com
nivelar-se a, com
nobre de, em, por
nocivo a
nutrir-se de, com

O

obedecer a

obediente a
oblíquo a
obrigar– a
obrigação de
obsequioso com
obstar– a
obstinar-se em
obviar– a
ocupar-se com, em, de
ódio a, de, contra,
para com
odioso a, para
ofender– com, por
ombrear-se a, com
oneroso a
opinar sobre, de
opor (-se) a
oposto a
oprimir– com
optar por, entre
orar por
orgulhoso com, para
com, de

P

pactuar com
padecer de
pagar– a, de, em 170
pálido de
parco em, de
parecer com, a, de
parecido a, com
paralelo a
participar– de, em, a
pasmar de
passar de, com, em
passível de
peculiar a
pegar de, em
pender– de, a
pendurar– de, a
penetrado de
pensar em
perdoar– a
perfumar– com
perguntar a, por
perito em
permutar– com, por

pernicioso a
perpendicular a
persistir em
perseverar em
persuadir– de
pertencer a, pertencer
para (= ser próprio de)
pertinaz em
pesado a
pesar de (impessoal), a
piedade de
pleitear– com, contra
pobre de
poderoso para, em
porfiar em, por
pospor– a
possível de
possuído de
posterior a
povoar– de
prático em
precaver-se contra, de
preceder– em
precisar de
proeminência sobre, de
preferir– a 171
prejudicial a
preocupar-se com
preparar-se para
preponderar sobre
prescindir de
presentear– com
preservar– de
presidir– a, em
prestes a, para
presto a, para
presumir de
prevalecer– sobre
prevenir– de, para, contra
prezar-se de
primeiro de, dentre, a, em 172
privar– de, com
proceder a, com
processar– por
pródigo de, em
professar– em
proibir– a
promover– a
pronto para, em

propender para
propício a
propínquo de
próprio para, de
proporcionado a, com
prorromper em
prosseguir– em
prestar por
protestar contra
provar– de, a
proveitoso a
prever– a, de
provocar– a, contra
próximo a, de
pugnar por, contra
purgar-se de
purificar-se de
puxar– de, por

Q

quadrar– com
qualificar– de
queixar-se a, de
querelar contra
querer– a173
quebrado
querido de, por
quebrantar-se com

R

radicar-se em
ralhar com
rebaixar– de, -se a
rebelde a
rebentar de
recair em, sobre
reclamar– contra
reclinar-se sobre
recolher-se a
recomendar– a
recompensar com
reconciliar-se com
reconvir sobre
recorrer a
recostar-se sobre, em
recrear-se com
recusar– a

redundar em
reduzir– a (não *em*)
referir-se a
refletir em, sobre
refugiar-se em
regalar-se com
regar– de
regozijar-se de, com
regular-se por
reincidir em
reintegrar– em
rejubilar com
relaxar-se em
remontar– a
remover– de
renascer a
render-se a
renegar de
rente com, a, de
renunciar a
repartir entre, com, por
representar– contra
reptar para
requerer– a
resguardar-se de, contra
residir em
resignar-se a, com
resistir a
resolver-se a
respeito a, de, por
responsável por
ressentir-se de
restabelecer-se de
resultar de
retirar-se de, a
retrair-se a
retratar-se de
retroceder– a, para
revestir– de, com
rico de, em
rígido de
rijo de
rir-se de
rivalizar– com
roçar-se com
rodear-se de, com
rogar– por
romper– com

S

saber a (ter gosto), de
sábio em
sacar– de
saciar– de, a
sacrificar– a, (-se) por
sacudir– de
safar-se de
sair de, (-se) com
salpicar– de
salvar– de
sanar de
são de
sarar– de
satisfazer– a, (-se) com
seco de
sedento de, por
seguro de, em
segregar– de, a
semelhante a
semelhar– a
sensível a
sentir-se de
separar– de
serviço em
servir– a, (-se), de, para
severo com, para com, em
sindicar de
singularizar-se por
sito em174
soberbo com, de
sobrar a
sobreviver a
sobrevir a
sobrepujar– em
sobressair em, por
sobressaltar-se com
sóbrio de, em
socorrer– (-se) de, com, a
sofrido em
solicitar– de
solícito com
solto de
sonhar com
sortir de
submeter– a
subordinar– a
sub-rogar em

subsistir com
substabelecer em
substituir– por, a
subtrair– de, (-se) a
suceder a
sujar-se com
sujeitar-se a
sujo de
sumir-se em
superior a
suplicar– a
surdo a, de
surpreender-se com
suspeitar de
suspeito a, de
suspender– de
sustentar-se de, com
suster– com
suster-se de

T

tachar– de
tapar– com
tapizar de
tardar em
tardo a, em
tauxiado de
teimar em
temer de, por
temeroso de
temível a
terçar– com
terminar em, por
terno de
timbrar em, de
tingir– de
tirar– de
tiritar de
topar com
tornar a
trabalhar de, por, para, em
traduzir– em, para, de
traficar– com, em
traidor a, de
transbordar– de
transferir– a
transfigurar-se em
transformar– em

transido de
transitar por
transplantar– de, para
transportar-se de
trasladar– a, em, de
tratar– de
travar-se de
tremer de
tresandar a
trespassado de
tributar– a
triste de, com
triunfar de
trocar– por, de

U

ufanar-se de, com
último em, de, a
ultrajar– com
ungir– com
único em
uniformizar– com
unir– a, com
untar– de, com
usar– de
útil a, para
utilizar-se de

V

vacilar em
valer-se de, valer–, a
vangloriar-se de, por
variar– de, em
vazar– em
vazio de
vedar– a
velar– por, em,
versado em
verter– de, para, em
vestir-se com, de
viciar-se com ,em
vincular– a
vingar-se de, em
visar– (= pretender) a,
visar– (= dar o visto)
visível a
vizinho a, de

voltar de, a

Z

zangar-se com
zombar de
zelar por

7 – Colocação

Sintaxe de colocação* ou *de ordem – é aquela que trata da maneira de dispor os termos dentro da oração e as orações dentro do período.

A *colocação*, dentro de um idioma, obedece a tendências variadas, quer de ordem estritamente gramatical, quer de ordem rítmica, psicológica e estilística, que se coordenam e completam. O maior responsável pela ordem favorita numa língua ou grupo de línguas parece ser a entonação oracional. Entre os casos de colocação usual ou normal em português sobressaem os seguintes:

a) a colocação do adjunto preposicionado depois do seu substantivo:
a casa *de Vera*

b) a colocação do adjunto adjetivo depois do seu substantivo:
homem *rico*

c) a colocação do adjunto não representado por adjetivo (artigo, pronome adjunto, quantificadores) antes do substantivo:
o homem bom
meu tio rico
sete pecados capitais
muitos livros raros

d) a colocação do verbo depois do sujeito, não havendo passiva com o pronome *se* ou quando não se trata de interrogação parcial com pronome não sujeito ou advérbio interrogativo:
Dudu mudou de colégio.
Mas: Aluga-se *esta casa*. Por que cometeu *ele* essa falta?

e) a colocação do complemento verbal depois do verbo:
Compramos *maçãs*.
Assistiram *ao filme*.
Bebel é *estudiosa*.

f) a colocação do objeto direto antes do indireto, quando constituídos por substantivos:
Escreveram *cartas ao sócio prejudicado*.

g) a colocação do objeto indireto antes do direto, quando constituídos por pronomes (ou o direto por substantivos):
Escreveram-*lhe cartas*.
Escreveram-*lhas*. (*lhe* + *as*)
"O português pertence ao número daquelas que se caracterizam pelo ritmo ascendente, em que se anuncia o termo

menos importante e depois, com acentuação mais forte, a informação nova e de relevância para o ouvinte" [SA.2, 270].

Isto nos leva a uma ordem considerada *direta*, *usual* ou *habitual*, que consiste em enunciar, no rosto da oração, o sujeito, depois o verbo e, em seguida, os seus complementos, como vimos antes.

A ordem que saia do esquema SVC (sujeito – verbo – complemento) se diz *inversa* ou *ocasional*.

Chama-se *anástrofe* a ordem inversa que colide com a norma geral da colocação:

De teus olhos a cor vejo eu agora

Quando a colocação chega a prejudicar a clareza da mensagem, pela disposição violenta dos termos, diz-se que há um *hipérbato*:

a grita se levanta ao céu da gente por

a grita da gente se levanta ao céu [MC.4, s.v. Ambiguidade].

Diziam os retóritos que o hipérbato era a forma de expressões da paixão. Quando a deslocação cria a ambiguidade ou mais de uma interpretação do texto, alguns autores dão à forma o nome *sínquise*.

Quase sempre essa deslocação violenta dos termos oracionais, fonte de ambiguidades, exige, para o perfeito entendimento da mensagem, nosso conhecimento sobre as coisas e de ordem cultural:

Abel matou Caim

Pela lição bíblica não se há de entender que Abel praticou a ação e Caim a sofreu, mas sim ao contrário.

Sendo a ordem direta um padrão sintático, a ordem inversa, como afastamento da norma, pode adquirir valor estilístico. E realmente se lança mão da ordem inversa para enfatizar esse ou aquele termo oracional.

Posto no rosto da oração um termo sobre o qual queremos chamar a atenção do nosso ouvinte, quebra-se a norma sintática e consegue-se o efeito estilístico desejado. Por um jogo natural de oposição, a ordem direta também pode assumir valor estilístico para traduzir situações do campo da novidade. O estilo descritivo ama a ordem direta; José de Alencar tirou dela notáveis efeitos no seguinte trecho:

"A tarde ia morrendo. O sol declinava no horizonte e deitava-se sobre as grandes florestas, que iluminava com os seus últimos raios. A luz frouxa e suave do acaso, deslizando pela verde alcatifa, enrolava-se como ondas de ouro e de púrpura sobre a folhagem das árvores. Os espinheiros silvestres desatavam as flores alvas e delicadas; e o ouricuri abria as suas palmas mais novas, para receber no seu cálice o orvalho da noite. Os animais retardados procuravam a pousada; enquanto a juriti, chamando a companheira, soltava os arrulhos doces e saudosos com que se despede o dia. Um concerto de notas graves saudava o pôr do sol, e confundia o rumo da cascata, que parecia quebrar a aspereza de sua queda, e ceder à doce influência da tarde. Era Ave-Maria" [JA.2, 37].

O ritmo ascendente predominante no português, dispondo os termos de acentuação mais fraca e menos significativos antes dos termos mais fortes, estabelece as seguintes normas válidas para as situações em que não predomine a linguagem emocional, algumas delas já enunciadas anteriormente e agora completadas:

a) os artigos, os pronomes (adjuntos), os quantificadores (com exceção dos cardinais com valor de ordinais) se antepõem:

O livro, *um* livro, *este* livro, *meu* livro, *cada* livro, *três* livros;

b) a preposição vem antes de um termo nominal ou pronominal:

de noite, *a* ele;

c) o advérbio *não* precede o verbo:

não quero;

d) o verbo auxiliar precede seu verbo principal:

hei de ver, *quero* dizer, *costuma* falar

e) o adjetivo monossilábico modificador precede o nome de maior extensão fonética:

bom dia, *má* hora, etc.

f) o adjetivo que exprime forma ou cor vem depois do substantivo, especificando seu conceito e o opondo a outros da espécie:

rua larga, *blusa verde*;

g) vem antes o adjetivo empregado não para designar o seu sentido próprio, mas para atribuir uma significação figurada:

grande homem / homem grande

"... eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor" [MA.1, 1].

h) Numa sequência de dois adjetivos e um substantivo, aqueles aparecem em geral juntos: *Bons e estimados livros* ou *Livros bons e estimados*. A quebra desta disposição, pondo o substantivo no meio, é recurso comum na poesia, mas também não ausente na prosa artística: *Bons livros e estimados*. No seguinte passo João Ribeiro afastou ainda mais os dois adjetivos:

E quando foi noite, a donzela *transida* de terror e *lagrimosa* buscou o eremita [JR.2, 97].

i) Na sequência dos pronomes sujeitos *eu* e *tu*, *eu* e *ele* ou entre *eu* + pronome de tratamento ou substantivo, em geral a série começa com *eu*:

Eu e ele saímos juntos.

Todavia a inversão é possível (apesar de já ter sido apontada como francesismo), especialmente quando, por delicadeza e educação, se quer dar precedência ao interlocutor:

Estamos no Minho, o leitor e eu [CBr.12, 1].

E assim galgamos ele e eu o rochedo [JR.2, 194].

Colocação dos termos na oração e das orações no período – A norma sintática do português registra os seguintes casos:

1.º) Põe-se de ordinário o sujeito representado por substantivo depois do verbo na passiva pronominal:

Alugam-se casas.

Outra posição pode mudar a análise da oração, desde que entre um termo a que nossa tendência anímica atribua a realização da oração. Note-se a diferença contextual entre *Abriu-*

se a porta (voz passiva) e *A porta abriu-se* (voz ativa).

A norma já não é imperiosa se o sujeito está representado por um pronome:

Aquilo nunca se vira por ali [JL.1, 74].

2.º) Nas orações reduzidas de gerúndio e particípio, o sujeito vem depois do verbo:

Terminando o discurso, dirigiu-se ao hotel.

Terminado o discurso, dirigiu-se ao hotel.

3.º) O verbo vem no início das orações que indicam existência (*ser*, *existir*, *haver*, *fazer*), tempo, peso, medida:

Era uma vez um príncipe

Existiam várias razões

Houve discussão

Faz três anos que não o vejo

São várias horas de distância

Faltam dois dias para a festa

4.º) O verbo no início das subordinadas condicionais e concessivas sem transpositor:

Tivesse-me ele dito a verdade, tudo acabaria bem.

Acabasse falando comigo, mesmo assim não lhe perdoaria.

5.º) Nas orações intercaladas de citação, o sujeito vem de ordinário depois do verbo:

Suma-se – ordenou *o policial*.

6º) Nas interrogações introduzidas por pronomes e advérbios (*quem*, *que*, *o que*, *quanto*, *qual*, *como*, *quando*, *onde*, *por que*), o verbo vem em geral antes do sujeito, desde que este não seja o pronome interrogativo:

Quem veio aqui? (*quem* sujeito)

De quem falava você quando chegamos?

Como foi ele passar nessa encrenca?

Usa-se ainda, neste caso, sujeito antes do verbo ou a palavra interrogativa no fim da oração:

De quem você falava?

Ele comprou o quê?

OBSERVAÇÃO: Na pergunta retórica costuma-se pôr o sujeito antes do verbo em construção do tipo: *O médico aconselhou esta dieta, e você seguiu?*

7.º) Nas orações exclamativas, de sentido optativo ou não, é frequente o sujeito vir depois do verbo:

Como era verde o meu vale!

Viva o rei! (construção fixa)

8.º) A oração subordinada subjetiva vem normalmente depois do verbo regente:

Consta que o trem atrasou.

Ficou patente que o progresso começara.

É aconselhável que não se retirem agora.

9.º) A oração subordinada adverbial causal iniciada por *como* vem em geral no início do enunciador de sua principal:

Como o tempo melhorou, sairemos agora.

10.º) Numa sequência de pronomes átonos, vem em primeiro lugar o que funciona como objeto indireto seguido do objeto direto:

Eu vo-lo darei

Nunca *lho* dissemos

OBSERVAÇÃO: Nas ocorrências com o pronome *se* + *me*, *te*, *lhe*, *nos*, *vos*, o *se* vem sempre em primeiro lugar:

Não *se me* afiguram boas as soluções.

Pouco *se nos* dá esse tipo de solução.

11.º) Diante de negação, o pronome átono pode vir antes ou depois do advérbio *não*:

Ele *não me* disse. Ele *me não* disse (rara entre brasileiros)

12.º) Não raro se intercala uma ou mais palavras entre o pronome átono em próclise e o verbo:

Eram grandes raids, entradas, como se então dizia" [AAr.2, 128].

13.º) Nas orações em que entra verbo intransitivo parece haver preferência da posposição do sujeito, como indica esta passagem de Garrett:

"Assim passaram *meses*, assim correu *o inverno* quase todo, e já as amendoeiras se toucavam de suas alvíssimas flores de esperança, já uma depois de outras iam renascendo *as plantas*, iam abrolhando *as árvores*; logo vieram *as aves* trinando seus amores pelos ramos... insensivelmente era chegando *o mês* de abril, estávamos em plena e bela primavera" [AGa *apud* GM.1, 365].

14.º) Por elegância e ênfase de expressão, pode-se deslocar para antes do pronome relativo o predicativo da oração adjetiva:

Daniel, *professor* que foi daquela escola, nunca se dispôs a mudar de cidade.

Colocação e clareza – Levadas em conta as construções fundamentais de que a linguagem natural e espontânea não costuma afastar-se, é certo que para a estrutura oracional temos em português bastante liberdade. Esta, porém, é maior no verso, em que ocorrem certas transformações complementares estranhas não só ao falar comum, mas ainda ao discurso limado. Alguns escritores abusaram da liberdade poética, a ponto de tornarem a linguagem obscura e quase ininteligível:

"Ama a vivenda dos contrários ao fogo undosos rios" (Castilho)

"A do rei potente mimosa filha

Dos sem conto que há passado maléficos portentos" [AC *apud* SA.2, 276].

Colocação dos pronomes pessoais átonos e do demonstrativo *o* é questão de fonética sintática – Durante muito tempo viu-se o problema apenas pelo aspecto sintático, criando-se a falsa teoria da "atração" vocabular do *não*, do *quê*, de certas conjunções e tantos outros vocábulos. Graças a notáveis pesquisadores, e principalmente a Said Ali, passou-se a considerar o assunto pelo aspecto fonético-sintático. Abriram-se com isso os horizontes,

estudou-se a questão dos vocábulos átonos e tônicos, e chegou-se à conclusão de que muitas das regras estabelecidas pelos puristas ou estavam erradas, ou se aplicavam em especial atenção ao falar lusitano. A Gramática, alicerçada na tradição literária, ainda não se dispôs a fazer concessões a algumas tendências do falar de brasileiros cultos, e não leva em conta as possibilidades estilísticas que os escritores conseguem extrair da colocação de pronomes átonos. Daremos aqui apenas aquelas normas que, sem exagero, são observadas na linguagem escrita e falada das pessoas cultas. Não se infringindo os critérios expostos, o problema é questão pessoal de escolha, atendendo-se às exigências da eufonia. É urgente afastar a ideia de que a colocação brasileira é inferior à que os portugueses observam, porque:

> "*a pronúncia brasileira diversifica da lusitana; daí resulta que a colocação pronominal em nosso falar espontâneo não coincide perfeitamente com a do falar dos portugueses*" [SA.2, 279].

O pronome átono pode assumir três posições em relação ao vocábulo tônico, donde a *ênclise*, *próclise* e *mesóclise*.

Ênclise é a posposição do pronome átono (vocábulo átono) ao vocábulo tônico a que se liga:

> Deu-*me* a notícia.

Próclise é a anteposição ao vocábulo tônico:

> Não *me* deu a notícia.

Mesóclise é a interposição ao vocábulo tônico:

> Dar-*me*-ás a notícia.

Critérios para a colocação dos pronomes pessoais átonos e do demonstrativo *o*.

A – Em relação a um só verbo

1.º) Não se inicia período por pronome átono:

> "Sentei-*me*, enquanto Virgília, calada, fazia estalar as unhas" [MA.1, 125].
>
> "Não! *vos* digo eu!" [AH *apud* FB.1, 197].
>
> "Querendo parecer originais, *nos* tornamos ridículos ou extravagantes" [MM].

Observações:

1.ª) Ainda que não vitoriosa na língua exemplar, mormente na sua modalidade escrita, este princípio é, em nosso falar espontâneo, desrespeitado, e, como diz Sousa da Silveira, em alguns exemplos literários, a próclise comunica "à expressão encantadora suavidade e beleza" [SS.1, § 523, a, obs.]. Alguns modernistas, com Mário de Andrade à frente, tentaram estender essa próclise inicial de enunciado a todos os pronomes átonos, exagerando, porque isto não ocorre com *o*, *a*, *os*, *as*: *O vi.* Depois, só Mário persistiu no uso, apesar das ponderações de Manuel Bandeira.

2.ª) Preso a critério de *oração* (e não *período*, como aqui fizemos), Rui Barbosa [RB.1] tem por errônea a colocação em: "Se a simulação for absoluta, sem que tenha havido intenção de prejudicar a terceiros, ou de violar disposições de lei, e for assim provado a requerimento de algum dos contratantes, – *se julgará o ato inexistente*". Os que adotarem o critério de *oração*, só aceitam a posição inicial do pronome átono na intercalada de citação, como ocorre no exemplo de Herculano acima transcrito.

3.ª) Em expressões cristalizadas de cunho popular aparece o pronome no início do período: "*T'esconjuro*!... *sai*, *diabo!...*" [MA.1, 97].

2.º) Não se pospõe, em geral, pronome átono a verbo flexionado em oração subordinada:

"Confesso que tudo aquilo *me* pareceu obscuro " [MA.1, 79].

"Se *a* visse, iria logo pedi-la ao pai" [MA.1, 87].

"Tu que *me* lês, Virgília amada, não reparas na diferença entre a linguagem de hoje...?" [MA.1, 91].

OBSERVAÇÃO: Quando se trata de orações subordinadas coordenadas entre si, às vezes ocorre a ênclise do pronome átono na segunda oração subordinada. Também quando na subordinada se intercalam palavras ou oração, exigindo uma pausa antes do verbo, o pronome átono pode vir enclítico: "Mas a primeira parte se trocou por intervenção do tio Cosme, que, ao ver a criança, *disse-lhe* entre outros carinhos..." [MA *apud* MBa.2, 197]. Em todos estes e outros casos que se poderiam lembrar, a ação dos gramáticos se tem dirigido para a obediência ao critério exposto, considerando esporádicos e não dignos de imitação os exemplos que dele se afastam.

3.º) Não se pospõe pronome átono a verbo modificado diretamente por advérbio (isto é, sem pausa entre os dois, indicada ou não por vírgula) ou precedido de palavra de sentido negativo:

"Não *me* parece; acho os versos perfeitos" [MA.1, 69].

Sempre *me* recebiam bem.

Ninguém *lhe* disse a verdade.

Se houver pausa, o pronome pode vir antes ou depois do verbo:

"Ele esteve alguns instantes de pé, a olhar para mim; depois estendeu-*me* a mão com um gesto comovido" [MA.1, 86].

OBSERVAÇÃO: Como já foi indicado antes, o pronome átono, não inicial, pode vir antes da palavra negativa:

(...) descia eu para Nápoles a busca de sol que *o não* havia nas terras do norte [JR.2, 187].

4.º) Não se pospõe pronome átono a verbo no futuro do presente e futuro do pretérito (condicional). Se não forem contrariados os princípios anteriores, ou se coloca o pronome átono proclítico ou mesoclítico ao verbo:

"Teodomiro *recordar-se-á* ainda de qual foi o desfecho do amor de Eurico..." [AH.1, 60].

"Os infiéis... *contentar-se-ão*, talvez, com as riquezas..." [AH.1, 146].

5.º) Não se pospõe ou intercala pronome átono a verbo flexionado em oração iniciada por palavra interrogativa ou exclamativa:

"Quantos *lhe* dá?" [MA.1, 97].

"Quem *me* explicará a razão dessa diferença?" [MA.1, 158].

Como *te* perseguem!

B – EM RELAÇÃO A UMA LOCUÇÃO VERBAL

Temos de considerar dois casos:

a) Auxiliar + { infinitivo: ***quero falar*** / ou / gerúndio: ***estou falando*** }

Se os princípios já expostos não forem contrariados, o pronome átono poderá aparecer:

1) Proclítico ao auxiliar:

Eu *lhe* quero falar.

Eu *lhe* estou falando.

2) Enclítico ao auxiliar (ligado por hífen).

Eu quero-*lhe* falar.

Eu estou-*lhe* falando

(...) e a conversação de Adrião *foi-a* lentamente acostumado à sua presença [EQ.4, 56].

3) Enclítico ao verbo principal (ligado por hífen):

Eu quero falar-*lhe*

Eu estou falando-*lhe* (mais raro)

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Com mais frequência ocorre entre brasileiros, na linguagem falada ou escrita, o pronome átono proclítico ao verbo principal, sem hífen:

Eu quero *lhe* falar

Eu estou *lhe* falando

A Gramática clássica, com certo exagero, ainda não aceitou tal maneira de colocar o pronome átono, salvo se o infinitivo está precedido de preposição: *Começou a lhe falar* ou *a falar-lhe*.

2.ª) Com o infinitivo podem-se contrariar os princípios 2.º e 3.º anteriormente formulados:

Eu não quero falar-*lhe*

Espero que não queira falar-*lhe*

3.ª) Nas construções com o verbo *haver* do tipo *há-se de + infinitivo* ou *há de se + infinitivo*, esta última é mais corrente e a primeira, mais comum em Portugal, aparece apenas como reminiscência literária:

"(...) e *hão-me* ainda a face

De encobrir ervançais, para não *ver-te*" [AO *apud* SS.1, § 524, 3, obs.].

b) Auxiliar + particípio: ***tenho falado***...

Não contrariando os princípios iniciais, o pronome átono pode vir:

1) Proclítico ao auxiliar:

Eu *lhe* tenho falado.

2) Enclítico ao auxiliar (ligado por hífen):

Eu tenho-*lhe* falado

Jamais se pospõe pronome átono a particípio. Entre brasileiros também ocorre a próclise ao particípio:

Eu tenho *lhe* falado.

Posições fixas – A tradição fixou a próclise ainda nos seguintes casos:

1) com o gerúndio precedido da preposição *em*:

"Ninguém, desde que entrou, *em* lhe chegando o turno, se conseguirá evadir à saída" [RB.2, 30].

2) nas orações exclamativas e optativas, com o verbo no subjuntivo e sujeito anteposto ao verbo:

Bons ventos *o* levem!

Deus *te* ajude!

Explicação da colocação dos pronomes átonos no Brasil – Nos princípios anteriormente comentados, vimos certas tendências brasileiras que nem sempre a Gramática agasalha como dignas de imitação, presa que está a um critério de autoridade que a linguística moderna pede seja revisto.

Sobre o assunto, em lúcido resumo, comenta o Prof. Martinz de Aguiar:

"A colocação de pronomes complementos em português não se rege pela fonética, nem é o ritmo, o mesmo binário-ternário, em ambas as modalidades, brasileira e lusitana, que impõe uma colocação aqui, outra ali, não. Ela obedece a um complexo de fatores, fonético (rítmico), lógico, psicológico (estilístico), estético, histórico, que às vezes se entreajudam e às vezes se contrapõem. Numa frase como *ele vem-me ver*, geral em Portugal, literária no Brasil, o fator lógico deslocou o pronome *me* do verbo *vem*, para adjudicá-lo ao verbo *ver*, por ser ele determinante, objeto direto, do segundo, e não do primeiro. Isto é: deixou a língua falada no Brasil de dizer *vem-me ver* (fator histórico, por ser mera continuação do esquema geral português), para dizer *vem me-ver* (escrito sem hífen), que também vigia na língua, ligando-se o pronome ao verbo que o rege (fator lógico). Esta colocação de tal maneira se estabilizou, que pouco se diz *vem ver-me* e trouxe consequências imprevistas:

1.ª) Pôde-se juntar o pronome ao particípio, procliticamente:

Aqueles *haviam se-corrompido* (escrito sem hífen aqui e nos iguais exemplos).

2.ª) Pôde-se pôr o pronome depois dos futuros (do presente e do pretérito):

Poderá se-reduzir, *poderia se-reduzir*. Deixando de ligar-se aos futuros, para unir-se ao infinitivo, deixou igualmente de interpor-se-lhe aos elementos constitutivos.

3.ª) Em frases como *vamos nos-encontrar*, deixando o pronome de pospor-se à forma verbal pura, para antepor-se à nominal, deixou igualmente de determinar a dissimilação das sílabas parafônicas, podendo-se então dizer *vamo-nos encontrar*" [MAg.1, 408-409].

Pelas mesmas razões variadíssimas é que no Brasil, na linguagem coloquial, o pronome átono pode assumir posição inicial de período.

APÊNDICE

1 – Figuras de Sintaxe

Fenômenos de sintaxe mais importantes

1) **Elipse** – Chama-se *elipse* a omissão de um termo facilmente subentendido por faltar onde normalmente aparece, ou por ter sido anteriormente enunciado ou sugerido, ou ainda por ser depreendido pela situação, ou contexto. É o que ocorre quando, diante de um quadro, uma pessoa dá sua opinião:

É belo! [MC.4, s.v.].

São barulhentos, mas eu admiro *meus alunos*.

Assim, não se há de considerar elipse a omissão do sujeito léxico já que ele está indicado na desinência verbal, o sujeito gramatical. A necessidade de explicitação do sujeito gramatical mediante um sujeito explícito é ditada pelo texto; a rigor, portanto, não se trata da "elipse" do sujeito, mas do "acréscimo" de expressão que identifique ou explicite a que se refere o sujeito gramatical indicado na desinência do verbo finito ou flexionado. Em português, salvo nos casos de ênfase ou contraste, não se explicita o sujeito gramatical mediante os pronomes sujeitos de 1.ª e 2.ª pessoas do singular e do plural:

Sairei depois do almoço (desnecessário: *Eu* sairei...)

Foste contemplado na crítica (desnecessário: *Tu* foste...)

Mas:

Eu sairei, e *tu* ficarás.

Entre as elipses que ocorrem com mais frequência estão:

a) a da preposição em algumas circunstâncias adverbiais depreendidas pelo contexto:

As visitas, *pés sujos*, entraram no salão.

O tecido custava dez reais *o metro*.

Domingo irás à festa.

Conhecem-no *uma légua* em redondo.

OBSERVAÇÃO: Também ocorre a elipse de preposição em séries coordenadas:

eu disse a seu pai que a sustentação *de sua filha e marido*... [CBr.6, 104].

"Deus não dá *para ócios ou desperdícios*" [CBr.6].

Geralmente é mais rara a elipse quando a preposição vem com artigo:

Estou farto das afrontas *dos nobres e dos plebeus* [CBr.6, 110].

Ou quando há ênfase:

(...) (duas almas) recolhidas *em si e em Deus* [CBr.6].

Também é mais comum repetir-se a preposição antes dos pronomes pessoais monossilábicos e do pronome reflexivo:

Não se lembrou *de mim e de ti*.

Nas locuções prepositivas também é comum esta praxe; entretanto, só se costuma repetir o último componente da locução:

Através da história e *da* lenda, o fato chegou até nós.

Antes de mim e *de* ti há a justiça.

b) a da preposição antes do conectivo que introduz as orações de complemento relativo e completivas nominais:

Preciso (*de*) que venhas aqui.

Estou necessitado (*de*) que venhas aqui.

OBSERVAÇÃO: Pode ocorrer a elipse não só da preposição, mas também da conjunção integrantes:

Quis defendê-la, mas Capitu não me deixou, continuou a chamar-lhe beata e carola, em voz tão alta que *tive medo fosse* ouvida dos pais [MA *apud* MBa.3, 80].

c) a da conjugação integrante, mormente como transpositor das subordinadas subjetivas e objetivas diretas:

É necessário (*que*) se faça tudo rapidamente.

Espero (*que*) sejam felizes.

OBSERVAÇÃO: Às vezes dois verbos seguidos vêm desacompanhados das respectivas conjunções integrantes:

Frequentes vezes me *disse esperava* lhe arrumarem o processo [CBr.10, I, 51].

d) a do verbo *dizer* (e semelhante) nos diálogos:

E ela: — Você está zangado comigo?

e) a do objeto direto representado por pronome átono para aludir ao substantivo anteriormente expresso:

Você recebeu *o convite*? *Recebi* sim (por Recebi-*o* sim)

Cuidas que não tem cura lançar sangue? *Tem*, meu filho, *tem* [CBr. *apud* MBa.5, 172].

Alguns autores condenaram sem razão este tipo de elipse, tipo de antífrase.

f) a da preposição *de* em construções do tipo *vestido cor de rosa* por vestido *de cor de rosa*; pode-se também omitir toda a expressão *de cor de*: *vestido rosa*.

g) note-se a construção *para* + *particípio* para exprimir a ideia de "que há de ser", "digno de ser", à semelhança do particípio futuro passivo latino:

Não é *para dito* o que ali aconteceu [MBa.5, 218].

h) a elipse de rigor da conjunção integrante *que* depois de *que* ou *do que* comparativo:

A um animal atacado de raiva é melhor que o matem do que esteja a penar (por *do que que esteja a penar*).

i) a elipse do primeiro elemento (preposição ou advérbio) que integra a chamada locução conjuntiva (*posto que*, *dado que*, etc.) na oração subordinada coordenada à anterior:

Nada houve contra ela, *se bem que* uma voz rouca se levantou no tribunal e *que* (por: *se bem que*) dois ou três presentes a acompanharam com certo entusiasmo.

OBSERVAÇÃO: Evite-se a simples lembrança da conjunção subordinada da 1.ª oração por um *que* na 2.ª subordinada, coordenada à anterior:

Quando ele me viu e *que* disse isso, acreditei na sua versão do fato.

Ou se repete o *quando* (*Quando... e quando*) ou só se usa a conjunção coordenativa (*Quando... e disse*).

2) **Pleonasmo** – É a repetição de um termo já expresso ou de uma ideia já sugerida, para fins de clareza ou ênfase:

Vi-*o a ele* (pleonasmo do objeto direto).

Ao pobre não *lhe* devo (pleonasmo do objeto indireto).

(...) o conde atirava à mísera cantora alguns soldos que ainda *lhe* reforçavam *a ela* as cordas vocais [JR.2, 188] (pleonasmo do dativo de posse).

Subir para cima.

O grande juiz entre os pleonasmos de valor expressivo e os de valor negativo (por isso considerado erro de gramática) é o *uso*, e não a *lógica*. Se não dizemos, em geral, fora de situação especial de ênfase: *Subir para cima* ou *Descer para baixo*, não nos repugnam construções com *O leite está saindo por fora* ou *Palavra de rei não volta atrás*.

Eis alguns casos comuns de pleonasmo:

a) a série possessiva *seu... dele*, *sua... dela* para fugir à ambiguidade:

Mas não esmoreceu o Sr. Conde de Laet. Ninguém melhor do que ele fez então a psicologia da maior parte dos nossos movimentos revolucionários. Não só mostrou que quase sempre a *sua* causa *deles*, "é um segredo" (...) [JF *apud* CL.1, II, 333].

b) o emprego de dois termos de significado negativo para afirmar (*não indouto* = douto; *não sem razão* = *com razão*; *nada anormal* = *muito normal*; *sem desconhecer* = *conhecendo*; *indesculpável* = *culpável*) [MBa.3, 54 e MBa.4, 64].

c) a repetição da conjunção integrante em construções do tipo:

"e disse *que*, se lhe não queríamos mais nada, *que* podíamos ir à nossa vida" [CBr.1, 45].

É frequente na variedade coloquial falada acompanhando transpositores de oração subordinada:

Quero saber *como que* você fez isso.

Ainda não marcamos *quando que* iremos nos casar.

Finalmente, há de se ter presente para não usá-lo sempre que possível o pleonasmo léxico que resulta do esquecimento do verdadeiro significado de certas expressões portuguesas ou estrangeiras: *decapitar* (por *decepar*, já que *decapitar* só pode referir-se à *cabeça*) *a cabeça*, *exultar de alegria*, *panaceia universal*, *esquecimento involuntário*, *desde ab aeterno* (*ab aeterno* é expressão latina que já indica *desde a eternidade*) , *desde ab initio*, *tornar a*

repetir, *prever de antemão*, *antídoto contra* e tantos outros. Alguns, usados pelos melhores escritores, já correm com alguma despreocupação diante da crítica mais severa, como é o caso de *suicidar-se*. Já está incorporada a repetição do prefixo e preposição de mesmo significado, como: *in*corporar *em*, *co*abitar *com*, *co*incidir *com*, *con*formar-se *com*, etc.

3) **Anacoluto** – É a quebra da estruturação lógica da oração:

> "Eu que era branca e linda, *eis*-me medonha e escura"
> [MB *apud* SS.1, § 536].

"Resulta esta anomalia em geral do fato de não poder a linguagem acompanhar o pensamento em que as ideias se sucedem rápidas e tumultuárias. É a precipitação de começar a dizer alguma cousa sem calcular que pelo rumo escolhido não se chega diretamente a concluir o pensamento. Em meio do caminho dá-se pelo descuido, faz-se pausa, e, não convindo tornar atrás, procura-se saída em outra direção" [SA.4, 38].

O anacoluto, fora de certas situações especiais, é evitado pelas pessoas que timbram em falar e escrever corretamente a língua.

Coloca-se entre as construções anacolúticas o começar o enunciado por um termo não preposicionado e depois recuperá-lo na sua função própria, como que desprezando o inicial:

> *A pessoa* que não sabe viver em sociedade, *contra ela* se põe a lei.
> A construção gramatical seria: *Contra a pessoa* que... se põe a lei.

Um anacoluto muito comum é: *Eu parece-me* que tudo vai bem.

4) **Antecipação** – É a colocação de uma expressão fora do lugar que logicamente lhe compete:

> *O tempo parece que vai piorar*

por

> *Parece que o tempo vai piorar*.

As antecipações são ditadas por ênfase e muitas vezes geram anacolutos, mas destes diferem porque não quebram a estrutura gramatical do enunciado. Assim há apenas antecipação do termo *irapuru* (que deve ficar na oração de *quando*), e não anacoluto, nos conhecidos versos de Humberto Campos:

> Dizem que o irapuru quando desata
> A voz – Orfeu do seringal tranquilo –
> O passaredo, rápido a segui-lo
> Em derredor agrupa-se na mata,

isto é: dizem que, *quando o irapuru* desata a voz (...) o passaredo (...) agrupa-se na mata.

5) **Braquilogia** – É o emprego de uma expressão mais curta equivalente a outra mais ampla ou de estruturação mais complexa:

> *Estudou como estudaria se fosse passar*

por

> *Estudou como se fosse passar*

Incluem-se nos casos de braquilogia deste tipo construções como *Entrei e saí de casa*,

derivada de *Entrei em casa e daí saí* (ou *donde saí*).

É o que também ocorre naquelas em que entram graus de comparação, como: *Eles são melhores ou tão bons como nós* por *Eles são melhores do que nós ou tão bons como nós*.

Ainda há braquilogia quando se coordenam dois verbos de complementos diferentes e se simplifica a expressão dando-se a ambos o regime do verbo mais próximo: *Eu vi e gostei do filme* (por *Eu vi o filme e gostei dele*).

6) **Haplologia sintática** – É a omissão de uma palavra por estar em contato com outra (ou final de outra palavra) foneticamente igual ou parecida:

> Iracema *antes quer que* o sangue de Caubi tinja sua mão *que* a tua [JA.4, 223]. Isto é: *antes quer que... que quer que* a tua.

7) **Contaminação sintática** – "É a fusão irregular de duas construções que, em separado, são regulares" [ED.2, § 482].

Fiz com que Pedro viesse
(fusão de *Fiz com Pedro que viesse* e *Fiz que Pedro viesse*)

Caminhar por entre mares
(fusão de *caminhar por mares* e *caminhar entre mares*)

As estrelas pareciam brilharem
(fusão de *as estrelas pareciam brilhar* com *parecia que as estrelas brilhavam*).

Fazer de conta
(fusão de *fazer conta* = *imaginar*, *supor*, com expressões em que *fazer* é seguido de *de*: *fez de tolo*, *de sonso*, etc).

Estas contaminações são frequentes e ocorrem nos bons escritores quando o verbo admite uma construção com complemento direto de pessoa e preposicionado de coisa e outra com preposicionado de pessoa e direto de coisa. É o caso, entre muitos outros, de *persuadir* (*persuadir alguém a fazer* ou *persuadir a alguém que faça*), *fazer* (*fazer que alguém* e *fazer com alguém que*), que admitem fusões do tipo:

> O fato *lhe* persuadiu *a* deixar o trabalho.
> *Fizemos com que Pedro* chegasse logo.

Também resultam de contaminações sintáticas acumulações de preposições como:

> Andar *por entre* espinhos (*andar por espinhos* + *andar entre espinhos*).

8) **Expressão expletiva ou de realce** – É a que não exerce função gramatical:

> Nós *é que* sabemos viver
> Aqui *é onde a* ilusão se acaba.
> Oh! Que saudades *que* tenho!
> Quanto *que* é a conta?

É frequente o aparecimento de um *que* expletivo depois de conjunções, advérbios e expressões adverbiais:

> Eu não sei *quando que* ele vem.
> *Enquanto que* isso acontecia, não vinha nenhum socorro.
> *Desde cedo que* esperavam por elas.

Havia *muito que* não o via.

Verdadeiramente que ficamos amedrontados.

Quase que o incidente se transforma num caso de polícia.

OBSERVAÇÃO: Quando há circunstâncias de lugar, tempo, o *que* é substituído, respectivamente por *onde* e *quando*.

No Recife *é onde* fez o primário.

Durante a chuva *é quando* ocorrem mais acidentes de trânsito.

É preciso distinguir o *é que* expletivo do *é que* que indica:

a) *é* + *que* (conj. integrante):

A verdade *é que* saíram.

b) *é* (verbo vicário) + *que* (conj. integrante):

"Que quer dizer este nome? *É que* as almas..." [MBe *apud* JO.1]. (*É que* = *quer dizer que*)

c) *é* (vicário) + *que* (conj. causal):

Por que veio? *É que* teve medo (*é que* = *veio porque*)

d) *é que* = *é o que*

Este livro *é que* lemos ontem (= *é o que* lemos ontem)

e) há um *é que* que difere dos demais pela forte pausa que separa os dois termos, dando a impressão de se tratar de um resquício de oração seguido de conj. integrante que introduz seu antigo sujeito (= *é verdade*, *é certo que*):

"Ou *é que* o digesto não vale para os que o estudaram?" [AH.5, II, 35].

Modernamente se usa muito desta linguagem em *será que*:

Ou *será que* eu estou errado!

2 – Vícios e Anomalias de Linguagem

Entre os vícios de linguagem cabe menção aos seguintes:

1) **Solecismo** – É o erro de sintaxe (que abrange a concordância, a regência, a colocação e a má estruturação dos termos da oração) que a torna incompreensível ou imprecisa, ou a inadequação de se levar para uma variedade de língua a norma de outra variedade; em geral, da norma coloquial ou popular para a norma exemplar:

Eu *lhe* abracei (por *o*)

A gente *vamos* (por *vai*)

Tu *fostes* (por *foste*)

Aluga-se casas (por *alugam-se*)

Vendas *à* prazo (por *a*)

Queremos *fazermos* tudo certo (por *queremos fazer*)

Como acertadamente frisa Mattoso Câmara, "não constituem solecismos os desvios das normas sintáticas feitas com intenção estilística, em que a afetividade predomina sobre a análise intelectiva, como na silepse, na atração, no anacoluto" [MC.4, 227].

2) **Barbarismo** – É o erro no emprego de uma palavra, em oposição ao solecismo, que o é em referência à construção ou combinação de palavra. Inclui o erro de pronúncia (ortoepia), de

prosódia, de ortografia, de flexões, de significado, de palavras inexistentes na língua, de formação irregular de palavras:

contricto	por	*contrito*
gratuíto	por	*gratuito*
rúbrica	por	*rubrica*
proesa	por	*proeza*
cidadões	por	*cidadãos*
fosteis	por	*fostes*
a telefonema	por	*o telefonema*
areonáutica	por	*aeronáutica*
intemerato (= sem temor)	por	*intimorato*

Também já se empregou o termo *barbarismo* para referir-se aos erros cometidos pelos estrangeiros ao adaptar ao seu idioma palavras e expressões de outra língua.

3) **Estrangeirismo** – É o emprego de palavras, expressões e construções alheias ao idioma que a ele chegam por empréstimos tomados de outra língua. Os estrangeirismos léxicos que entram no idioma, por um processo natural de assimilação de cultura ou de contiguidade geográfica, assumem aspecto de sentimento político-patriótico que, aos olhos dos puristas extremados, trazem o selo da subserviência e da degradação do país. Esquecem-se de que a língua, como produto social, registra, em tais estrangeirismos, os contatos de povos. Este tipo de patriotismo linguístico (Leo Spitzer lhe dava pejorativamente o nome de *patriotite*) é antigo e revela reflexos de antigas dissensões históricas. Bréal lembra que os filólogos gregos que baniam os vocábulos turcos do léxico continuavam, à sua moda, a guerra da independência [MBr.1, 226]. Entre nós, o repúdio ao francesismo ou galicismo nasceu da repulsa, aliás, justa, dos portugueses aos excessos dos soldados de Junot quando Napoleão ordenou a invasão de Portugal. O que se deve combater é o excesso de importação de línguas estrangeiras, mormente aquela desnecessária por se encontrarem no vernáculo palavras e giros equivalentes. A introdução de uma palavra estrangeira para substituir uma vernácula em geral se explica pela debilidade funcional da palavra ameaçada de substituição.

Modernamente no mundo globalizado em que vivemos, onde os contactos de nações e de cultura são propiciados por mil modos, os estrangeirismos interpenetram-se com muita facilidade e rapidez. Para nós, brasileiros, os estrangeirismos de maior frequência são os *francesismos* ou *galicismos* (de língua francesa), *anglicismos* (de língua inglesa), *espanholismos* ou *castelhanismos* (de língua espanhola), *italianismos* (de língua italiana).

De modo geral, os estrangeirismos léxicos se repartem em dois grupos: os que se assimilam de tal maneira à língua que os recebe, que só são identificados como empréstimos pelas pessoas que lhes conhecem a história (*guerra*, *detalhe*, etc. – a esses os alemães chamam *Lehnwörter*, "empréstimos"); mas há os que facilmente mostram não ser prata da

casa, e se apresentam na vestimenta estrangeira (*maillot*, *ballet*, *feedback*, *footing*, etc.) ou se mascaram de vernáculos, como *maiô*, *abajur*, *tíquete*, etc. (são os, em alemão, *Fremdwörter*, "estrangeirismos"). O termo *empréstimo* abarca estas duas noções e se aplica tanto aos estrangeirismos léxicos quanto aos sintáticos e semânticos.

Os empréstimos lexicais durante muito tempo sofreram as críticas dos puristas, mas hoje vão sendo aceitos com mais facilidade, exceto aqueles comprovadamente desnecessários e sem muita repercussão em outros idiomas de cultura do mundo.

Entretanto, os de sintaxe e os de semântica continuam merecendo o reparo dos guardiães da vernaculidade, aliás de meritória atividade quando não se mostram extremados. Por isto, relacionaremos aqui um pequeno rol desses dois tipos de empréstimos. Começaremos pelos galicismos: 175

1) Certos empregos da preposição *a* em vez de *de*:

incumbido a dizer
moinho a vento
combinação a dois
equação a duas incógnitas

2) Certos empregos da preposição *contra*:

pagar contra recibo	por	*pagar com, mediante recibo*
encostar a mesa contra a parede	por	*encostar a mesa à parede*
remete-se contra reembolso	por	*remete-se a reembolso* (ou *a cobrança*)

3) Certos empregos da preposição *de*:

envelhecer de dez anos	por	*envelhecer dez anos*
aumentar de vinte reais	por	*aumentar vinte reais*
aposento largo de três metros	por	*aposento de* (ou *com*) *três metros de largura*

4) Certo empregos da preposição *em*:

barco em madeira	por	*barco de madeira*
relógio em ouro	por	*relógio de ouro*
chão em mármore	por	*chão de mármore*
capa em azul	por	*capa azul*
tingir em azul	por	*tingir de azul*

5) Expressões como:

estar ao fato de	por	*estar ciente de*
declarar a guerra	por	*declarar guerra*

pôr o acento nesse problema	por	*enfatizar esse problema*
pessoa de alguns vinte anos	por	*pessoa dos seus vinte anos*

6) Emprego do *que* nas orações negativas de exclusão:

a mãe nada viu que seu filho	por	*a mãe só viu o filho*
o egoísta não procura que o seu bem	por	*o egoísta não procura senão o seu bem*

7) Emprego, na coordenação de orações subordinadas adverbiais, do *que* para evitar a repetição da conjunção da subordinada anterior, quando não constituída pelas chamadas locuções conjuntivas:

Quando me viu e que me falou por *Quando me viu e me falou*

Mas já é vernácula a substituição pelo simples *que* em:

Logo que me viu e que me falou...

8) Anteposição do sujeito de orações com verbo no gerúndio e particípio:

O dia amanhecendo	por	*Amanhecendo o dia*
A aula terminada	por	*Terminada a aula*

9) Não flexão dos nomes e sobrenomes pluralizados pelo artigo:

Os Almeida	por	*Os Almeidas*
Os irmãos Paiva	por	*Os irmãos Paivas*
Os Pereira de Abreu	por	*Os Pereiras de Abreu*

Quanto aos *anglicismos*, vale chamar a atenção para o fato de que o inglês vai constantemente ao grego e ao latim buscar-lhes os tesouros, mas os usa com tal liberdade, que muitas vezes deturpa o emprego ou o significado original. Daí, não basta acalmar os ânimos com a alegação de que se trata não imediata, mas mediatamente, da boa cepa clássica. Alguns nos chegaram pela porta da França.

São exemplos de *anglicismos*:

1) Léxicos:

admitir (= julgar possível, dar como provável, acreditar, crer). Quando o significado vernáculo é ‘receber’, ‘deixar entrar’, ‘concordar’.

assumir por *supor*, *acreditar*

básico (inglês, francês, etc.)

contactar por *entrar em contacto com*

diferente por *melhor* (um produto diferente)

doméstico (voo) por *nacional*

leasing

marketing

politicamente correto
praticamente por *virtualmente*, *faltando pouco* (o tanque está praticamente cheio)
relax

2) Sintáticos [MC.4, s.v.]:

a) a anteposição do adjetivo ao seu substantivo, com valor meramente descritivo, como nos nomes de hotéis e estabelecimentos comerciais: *Majestoso Hotel*.

b) o emprego de um substantivo com função de adjetivo por vir anteposto: *Rio Hotel*.

c) o emprego da preposição *com* isolada do nome que deveria reger ou da preposição *contra* no fim da oração: *capa com e sem forro*; *eu sou pelo povo e tu és contra*.

São exemplos de *castelhanismos* (léxicos):
aficionado
bolero: jaqueta
charla
contestar (= responder, replicar). É vernáculo no significado de *refutar*, *negar direitos*.
ensimesmar-se
entretenimento
frente a (= ante)
muchacho (= garoto, rapazinho)
piso (= andar, pavimento)
quefazer (es) (= ocupações)
recuerdo (= lembrança)
redatar (= redigir)
resultar (tornar-se, ficar). É vernáculo *provir*, *proceder*
suelto (= artiguinho, nota crítica de jornal)

São exemplos de *italianismos* léxicos (muito frequentes em termos de arte, música)
adágio (= andamento musical vagaroso)
allegro (= movimento alegre)
andante (= andamento moderado)
aquarela
bambino
belvedere
bel-canto
cicerone
condottiere
confete (confetti, plural)

corso (= cortejo, desfile)
diletante
dueto
furbesco (= velhaco)
imbroglio (= confusão, enredo, atrapalhada)
influenza (= doença catarral, *gripe*, fr.)
intermezzo (entreato)
libreto
Madonna (= Nossa Senhora)
maestro (= regente de orquestra)
nitrido (= relincho)
nitrir (= relinchar)
piano (= com suavidade)
primadona (= cantora principal de ópera)
raconto (= conto, história)
sonata
soprano
espaguete
estúdio (= galeria de arte, sala de trabalho)
tarantela
terracota
trombone
vendeta (= vingança)
virtuose (= músico de talento)

Anomalias de Linguagem

Idiotismo ou expressão idiomática é toda a maneira de dizer que, não podendo ser analisada ou estando em choque com os princípios gerais da Gramática, é aceita no falar culto.

São idiotismos de nossa língua a expressão *é que*, o *infinitivo flexionado*, a preposição em *o bom do pároco*, etc.

Sobre o conceito de idiotismo nunca é demais relembrar a lição de Said Ali: "Não devemos definir o idiotismo, segundo alguns gramáticos, como construção particular de *uma* língua, estranha, portanto, às outras línguas, porque ninguém conhece todos os outros idiomas em todos os seus segredos e modos especiais de falar" [SA.2, 310].

Assim, o infinitivo flexionado é um idiotismo não porque só exista em português (na realidade outras línguas o conhecem, como alguns dialetos do sul da Itália, e outras o conhecem com aplicação diferente da que tem em português, como em húngaro), mas porque a

sua flexão contraria o conceito de forma infinita (i.é, não flexionada).

16 E. Coseriu [ECs.7, 136 - 138; ECs.15, 20 - 21].

17 E. Coseriu [ECs.12, 104; ECs.1, 265].

18 E. Coseriu [ECs.15, 21-22].

19 E. Coseriu [ECs.7, 59].

20 E. Coseriu [ECs.15, 20].

21 E. Coseriu [ECs.7, 60 n. 13].

22 Mattoso [MC.4, s.v.].

23 "Quanto a este ponto, a afirmação generalizada de que o substantivo tem flexão de gênero, aparentemente justificada pela existência de pares masculinos/femininos, tais como *irmão/irmã, noivo/noiva, gato/gata*, que significam, respectivamente, o macho e a fêmea de uma dada espécie de ser animado (sexuado). Com efeito, é propriedade essencial da flexão o fato de que por esse processo mórfico variem as significações gramaticais de 2.º grau (isto é, de gênero, número, tempo-aspecto, modo, pessoa, etc.) somadas, alternadamente, ao tema por meio dos morfemas próprios, sem que se altere a significação inerente da palavra semântica, que permanece a mesma em cada um dos membros do paradigma flexional. É isso que se dá com a variação de número *casa/casas* e, no adjetivo (pronome, etc.) com a de gênero: na variação *alto/alta* não se altera a significação inerente do adjetivo, presente no seu tema *alt-*. Ora, o que se passa com *lobo/loba* é precisamente o contrário, porque o termo masculino e o termo feminino manifestam significações inerentes diversas, a saber, respectivamente, a de espécie macho e a de espécie fêmea do gênero (lógico) *lupus* (significado este também pelo masculino, na sua qualidade de termo não marcado da oposição). Quer dizer que se trata aqui, não de flexão, mas antes de derivação, como a que se observa em *barco/barca*, *saco/saca*, etc." [HCv.2, 745-746].

24 "Por morfofonêmica, a sibilante da desinência é surda diante de pausa ou de consoante surda (ex.: *livros pretos /* livrus petrus) e sonora diante de vogal ou consoante sonora, sendo que diante de vogal passa a funcionar como pré-vocálica dessa vogal (ex.: *livros brancos* / livruz brankus / *livros alvos* / livruz álvus/)" [MC.4, 179].

25 *Mel* e *fel* fazem *meles* ou *méis, feles* ou *féis*, respectivamente, sendo as segundas formas mais frequentes por conformes no processo regular.

26 Mattoso assinala que, tendo em vista a pronúncia distensa da pronúncia brasileira do *-l* como | w |, passam a ser outras as regras morfofonêmicas: no caso de *carnaval*, por exemplo, temos a alternância | w | - | y |: | carnavau | - | carnavays |, e em *funil* temos a supressão do | w |: | funiu | - | funis |

27 Obs.: Continuamos a relacionar o singular como a forma básica em relação ao plural, nestes casos. A gramática histórica, entretanto, nos dá outra versão do fato linguístico.

28 Uma Lei federal (2.749 de 2 de abril de 1956) pretendeu disciplinar os gêneros dos nomes designativos das funções públicas no âmbito federal, que dispõe: "O gênero gramatical desse nome, em seu natural acolhimento ao sexo do funcionário a quem se refira, tem que obedecer aos tradicionais preceitos pertinentes ao assunto e consagrados na lexicologia do idioma. Devem, portanto, acompanhá-lo neste particular, se forem genericamente variáveis, assumindo, conforme o caso, feição masculina ou feminina, quaisquer adjetivos ou expressões pronominais sintaticamente relacionadas com o dito nome".

29 Mattoso prefere ver aqui um exemplo de morfema subtrativo, dizendo que ocorre a supressão da vogal temática sem adjunção de desinência: *irmão* → *irmã*(*o*) → *irmã*. Dada a raridade de ocorrência de morfema subtrativo em português, e, pelo contrário, a frequência da regra morfofonêmica de crase, optamos pela lição acima.

30 Embora esta seja a norma exemplar, o idioma não está fechado a feminizações expressivas, especialmente em nível coloquial e popular, com reflexos em estilizações literárias: *a carrasca*, *a verduga*, *a pássara*, etc. cf. [MBa5, 328-329].

31 Evite-se cuidadosamente o erro *diminuitivo* (com i).

32 Rio-Torto, *Sistêmica*, 203 – 227, onde tece importantes comentários contra a antiga concepção afixocêntrica da produção lexical.

33 [MBa.3, 282], preso ao critério diacrônico, vê no emprego dessas formas um neutro.

34 " O epíteto *benéfico*, assim como os antecedentes são *propríssimos* do sujeito Estrela" [DG.1, 362].

"A falsa notícia do falecimento de Gonçalves Dias teve a boa consequência de mover o Governo a aliviar-lhe a situação material, que era precaríssima" [MB.1, 778].

35 É válido o comentário de Coseriu: "(...) o artigo de per si não individua. Nos casos em que isto parece ocorrer (p. ex. "Leram *o livro*? Estou vendo *o* mapa"), a individuação está dada, na realidade, pelos contornos verbais e extraverbais" [ECs.1, 300 n.36].

36 Tem-se desprezado, nestes casos, a influência do inglês em nosso idioma.

37 “A definição da segunda pessoa como sendo a pessoa à qual a primeira se dirige convém sem dúvida ao seu emprego mais ordinário. Ordinário, porém, não quer dizer único e constante. Pode utilizar-se a segunda pessoa fora da alocução e fazê-la entrar numa variedade de “impessoal”. Por exemplo, *vous* funciona em francês como anafórico de “*on*” (ex: *on* ne peut *se* promener sans que quelqu’un *vous* aborde, port. “não *se* pode passear sem que alguém aborde *você*”) [EBv.1, 254]. Este fato, como a tradução revela, ocorre também em português, tanto na língua escrita como na falada. É um *você* ou *tu* que se referem ao próprio falante, mesmo que o ouvinte esteja presente:

“Daniel, a situação comigo está difícil. Chega um momento que *você* (= “eu”, “a gente”, impessoalizador) não sabe o que fazer”. “*Você* já vinha conhecendo que o tempo passava danadamente rápido por causa de uns indícios sutis. Por exemplo: quando um desconhecido fala a seu respeito não diz mais “aquela moça”, e sim “aquela senhora” (...) Sem falar nos que morreram, porque morrem muitos à medida que *a gente* fica mais velha” [RQ.1, 108].

Não levando em conta o jogo psicológico envolvido na situação, o giro tem sido injustamente condenado por alguns gramáticos que não atentam para o respaldo da língua escrita nem o testemunho de outras línguas. No português, nesta aplicação se usa de *você* ou *tu* (ou expressões substantivas como *a pessoa*, *o indivíduo*, *o cristão*, etc.).

38 Desde K. Brugmann (1904) foram estabelecidos quatro tipos de dêixis em relação à posição do falante: “*este*-dêixis”, “*eu*-dêixis”, “*tu*-dêixis” e “*aquele*-dêixis”. K. Buhler acrescenta uma dêixis especial: “dêixis em fantasma”, que se produz “quando um narrador transporta o ouvinte ao reino do ausente recordável ou ao reino da fantasia construtiva e lhe põe à disposição ali de todos os mesmos indicadores para que veja e ouça o que há ali para ver e ouvir (e tocar, se o desejar), e, quem sabe, cheirar e degustar” [*apud* LCr.1, s.v.]. Para o linguista são válidas as considerações de Herculano de Carvalho: “É evidente que esta espécie de mostração [em fantasma] assume real interesse para o psicólogo (que era Buhler) e para o estudioso da criação poética, mas não para o linguista, para quem ela se identifica com a mostração “ad oculos”, embora (...) ela possa estar implicada na anafórica” [HCv.3, 662].

39 [ECs.1, 301 n. 37]. Já o nosso João Ribeiro [JR.1, 88] lembrara a lição de A. Darmesteter, que considerava os pronomes, pelo seu ofício de indicar a posição da pessoa ou coisa no discurso, “gestos falados”.

40 “O simples fato de que palavras diferentes sejam muito geralmente empregadas para “eu” e “nós” (e também para “tu” e “vós”) é suficiente para excetuar os pronomes dos processos ordinários de pluralização (...). Na grande maioria das línguas, o plural pronominal não coincide com o plural nominal, pelo menos tal como se representa ordinariamente. Está claro, de fato, que a unidade e a subjetividade inerente a “eu” contradizem a possibilidade de uma pluralização. Se não pode haver vários “eus” concebidos pelo próprio “eu” que fala, é porque “nós” não é uma multiplicação de objetos idênticos, mas uma *junção* entre o “eu” e o “não eu”, seja qual for o conteúdo desse “não eu”. Essa junção forma uma totalidade nova e de um tipo totalmente particular, no qual os componentes não se equivalem: em “nós” é sempre “eu” que predomina, uma vez que só há “nós” a partir de “eu” e esse “eu” sujeita o elemento “não eu” pela sua qualidade transcendente. A presença do “eu” é constitutiva de “nós” [EBv.I, 256].

O plural de “eu” como “mera palavra” ou como substantivo para significar ‘a personalidade de quem fala’ tem normalmente o plural “eus”:

“Não poderiam mostrar, num dado instante e numa atmosfera única, todos os *eus* sucessivos que guardam dentro de si (...) [RCo.1, 164].

41 Para a discussão de considerar “o senhor”, “a senhora”, etc. formas substantivas de tratamento ou pronome de tratamento, vejam-se os estudos de HM, *Anrede*; LCi, *Formas*; EW, *Pronomes*. No fundo, trata-se de um falso problema, pela natureza categoremática do pronome.

42 Tradicionalmente a série *isto*, *isso*, *aquilo* e *o* (invariável) é dada como remanescente do neutro latino. Já o nosso primeiro gramático Fernão de Oliveira (1536) tinha desvinculado tais pronomes do neutro latino. Epifânio Dias considera-os como masculinos (*isto*, *isso*, *aquilo*), e o erudito artigo de Herculano de Carvalho sobre o gênero nos pronomes [HCv.4, 30-48] mostra que só lhes cabe o gênero masculino. É assim que os trataremos aqui, inclusive ao *o* invariável em gênero e número.

43 *Que é lá?*, aplicado a indagar sobre pessoas, talvez seja o resultado de desnasalação do *quem* por fonética sintática: “E começava a despir-se, quando ouviu passos no negro corredor, passos muito lentos, muito pesados, que se adiantavam (...) Assustado, gritou “*Que é lá*?” [EQ.3, 663].

44 Coseriu [ECs.4, 211-212].

45 No excelente livro de Barbadinho, há boa messe de exemplos. O fato sintático está a exigir investigação, pois parece ter raízes mais longínquas na família românica. A bibliografia aí já é extensa: [FDz.1, III, 56]; [MLk.1, III, § 67]; [WZ.1, § 709]; [FH.1, § 512], e o livro de G. Brandt sobre a concorrência de *soi* e *lui*, *eux*, *elle*(*s*) em francês.

46 Deve-se evitar o emprego do pronome pessoal pelo possessivo quando na oração já estiver um objeto indireto ou complemento relativo. Assim, Carneiro Ribeiro não aceitou, com razão, a emenda proposta por Rui Barbosa à redação de um artigo do Código Civil. Este rezava: “*A fortuna do pai passa* ***a seu filho***, emendada para: “A fortuna do pai passa-lhe ao filho”. Para Carneiro Ribeiro a emenda torna “o pensamento menos preciso e a frase forçada e desenxabida” [CR.2, 586].

47 Diz-se que o possessivo tem *sentido objetivo* quando designa o ser que é alvo de uma ação ou sentimento qualquer. Fora deste caso, tem *sentido subjetivo*. É muitas vezes difícil distinguirmos os dois casos.

48 Sabemos que o termo *dêictico*, se viesse no caudal das palavras hereditárias, não representaria a boa forma portuguesa de adaptação do vocabulário grego, conforme mostrou o Prof. Cândido Jucá (filho) [CJ.1, 35 e ss.]. Adotamo-lo por ser empréstimo científico disseminado, introduzido na língua técnica da gramática portuguesa por M. Said Ali.

49 A respeito do *ipse* latino faz Blatt um comentário que se pode aplicar ao nosso *mesmo*: "Pour des raisons historiques, on a l'habitude de ranger ipse... parmi les pronoms démonstratifs, bien que, si l'on tient au sens, on puisse plus légitimement le qualifier d'intensif" [FBl.1, § 186].

50 "*Algo* é obsolescente, usado praticamente só no estilo refletido, e mesmo aí não com muita frequência. O que é realmente de lamentar, visto o seu substituto *alguma coisa*, apesar do elevado grau de abstração aí alcançado pelo substantivo *coisa*, não ser facilmente separável da significação de "algo" concreto e até material" [HCv.3, 656 n. 93].

51 [SA.1, 105; SA.2, 266 – cf. Pág. 333, a]

52 É por causa de construções semelhantes que Epifânio Dias [ED.2, § 104, b] diz que a posposição de *todo* pode dar ocasião a ambiguidades, como neste exemplo em que a intenção do escritor foi usar *todo* como advérbio, e não como pronome. Poder-se-ia, é claro, não fazer a flexão, evitando a ambiguidade.

53 A tradição tem evitado o emprego de *sem quem*, substituindo-o por *sem o qual*, *sem a qual*, *sem os quais*, *sem as quais*, para evitar o eco.

54 As formas *duzentos*, *trezentos*, *quinhentos* e *seiscentos* representam diretamente numerais latinos.

55 "O quadro dos numerais ordinais é muito complexo e apresenta compostos e locuções rebarbativas, para cuja utilização o saber e a habilidade do homem do povo depressa se esgotam; daí se usarem como ordinais os próprios cardinais (...) Tal emprego dos cardinais se justifica logicamente, de um ponto de vista novo, segundo o qual o número passa a ser como que uma qualidade intrínseca daquela hora, daquela página, etc., desprendidas em nosso espírito, das horas, das páginas anteriores e assim por diante" [MC.4, 178].

56 Assim sendo, não se pode falar em voz passiva diante de linguagens do tipo *osso duro de roer*. Houve aqui, se interpretarmos *roer = de ser roído*, apenas passividade, com verbo na voz ativa. Sobre o sentido ativo ou passivo de infinitivo, veja o link.

57 Moderna e normalmente o verbo parir está incluído neste grupo: Pres. *parimos* e *paris*. Mas também, apesar de, por tabu linguístico, ser desusado na linguagem de sociedade, pode ser conjugado integralmente, com irregularidade apenas na 1.ª pess. do ind. e em todo o pres. do subj.: *pairo*, *pares*, *pare*, *parimos*, *paris*, *parem.* Pres. subj.: *paira*, *pairas*, *paira*, *pairamos*, *pairais*, *pairam.*

58 Pomos entre parênteses a variante do morfema ou alomorfe (cf. **Variantes dos elementos mórficos**).

59 Aceitamos as ponderações de Mattoso: "SMT é *-ia*, opondo-se a *-a*, do subjuntivo presente: *temia*, *partia*: *tema, parta*. Seria uma análise falsa considerar *-i* a vogal do tema e SMT a vogal *-a*, porque os dois tempos passariam a se distinguir não pelo seu SMT, mas pela presença ou ausência da vogal do tema" [MC.8, 148 n.27]. A solução com *-a* não seria de todo falsa, porque a vogal temática poderia acumular a função modo-temporal, mas a análise apresentada é mais coerente com a descrição e o papel normal da vogal temática.

60 No Brasil só por imitação literária aparece este verbo. Dele nos diz Manuel Bandeira: "Esse lusitanismo está sendo introduzido por certos revisores à revelia dos autores; já me enxertaram a antipática palavra numa tradução minha, mas eu juro que não a escrevi, nem jamais a escreverei: escreverei sempre "mobiliada" [MB.1, 441].

61 Sobre o emprego dos auxiliares *ter* e *haver* na conjugação composta veja-se **Conjugação de verbos auxiliares mais comuns**, 2.

62 Acompanhado de outro pronome que não esteja nos dois casos até aqui apontados, nenhuma alteração ocorre no verbo e no pronome posposto: *conhecemos-te*, *chamamos-lhe*, *requeremos-lhe*, etc. Evitem-se, portanto, *enviamo-lhe*, *informamo-lhe*!

63 Para seguir este modelo, melhor seria escrever *engulir* (com *u*). A forma *engolir* (com *o*) nos leva, naturalmente, à seguinte conjugação que o *Vocabulário Oficial* não registra: *engulo, engoles, engole, engolimos* (com *o*), *engolis* (com *o*), *engolem.*

64 O verbo *entupir* pode também ser conjugado sem sofrer a metafonia que ocorre no grupo: *entupo, entupes, entupe, entupimos, entupis, entupem.*

65 Leve-se em consideração a mudança de *g* para *j* antes de *o* e *a*: *fujo, foges foge,* etc.

66 Conjugam-se, porém, regularmente *assumir, presumir, reassumir, resumir.*

67 Significa *originar, produzir efeito*. Como *surtir* são também regulares *curtir* (pouco usado na 1.ª pessoa do singular e em todo o presente do subjuntivo) e *urdir*.

68 Algumas vezes os escritores, numa oração subordinada a um presente histórico, usam o pretérito imperfeito em vez do

presente, como se na oração subordinante estivesse um pretérito perfeito: "O mestre da nau em que navegava Jonas... examinou todo o navio, até o lastro, onde ia dormindo o Profeta. *Desperta*-o a gritos e *repreende*-lhe o sono em ocasião que o baixel *estava* em perigo de se ir a pique" [AV *apud* MBa.2, 117].

69 Coseriu [ECs.5, 143] que cita Togeby: "Le plus souvent les parfaits et les imparfaits alternent, en formant dans le texte, pour ainsi dire, deux plans. Les parfaits constituent le premier plan, les événements, les actions qui sont accomplies et qui font avancer le récit, tandis que les imparfaits composent le second plan, tantôt le décor, tantôt les raisons ou les conséquences, tantôt le contenu de déclarations ou de pensées".

70 [ALb.1, 8-10 e 98], donde extraímos os exemplos.

71 A flexão se apresenta geralmente quando o infinitivo vem acompanhado de um pronome pessoal oblíquo átono.

72 [EBm.1], onde se encontra o levantamento de alguns destes casos.

73 Aparece ainda em exclamações diretas e indiretas:

*Como chove! Veja como chov*e.

74 [HM.1, 55], em que as fronteiras entre o advérbio e o adjetivo são estudadas com muita erudição e acuidade estilística.

75 [AL.1, § 289], cuja proposta retocada adotamos; [MMa.1, 149]; [MPz.1], onde se faz exaustivo estudo do sistema preposicional do espanhol [VBr.1].

76 Pode-se também considerar *contração* apenas o caso de crase; nos outros, diremos que houve *combinação*. A NGB não tomou posição neste ponto. Na realidade, o termo *combinação* é muito amplo para ficar assim restringido. A nomenclatura tradicional, por exemplo, só emprega *combinação de pronomes*.

77 Que o português procedeu como as demais línguas românicas prova o trabalho de V. Väänämen, *Il est venu comme ambassadeur, il agit en soldat*, Helsinquia, 1951.

78 "(...) sem todavia influírem na ordenação das orações" [ED.1, § 195, obs.].

79 O estudo das diversas realizações fônicas de um dado morfema, como é o caso do nosso índice de plural, recebe, em linguística descritiva, o nome de *morfofonêmica* ou *morfonêmica*.

80 Parecem, à primeira vista, constituir exceção, formas como *portuguesmente, superiormente,* mas o fato se explica porque tais adjetivos em *-ês* e *-or* eram uniformes no português antigo, à época dessas derivações adverbiais.

81 Mesmo aí, integrando o indo-europeu, a aceitação desse infixo nasal é discutível. Vejam-se os comentários em Meillet-Vendryès, GC, §§ 237-238.

82 M. Barreto [MBa.1, 408-410; MBa.3, 347; MBa.5, 138] condena formações do tipo de *labiodental, labionasal, linguodental,* etc., em vez de *labidental, labinasal, linguidental,* etc., por aparecer a vogal *o* em vez de *i*, por serem latinas e não gregas. Aceita, embora as considere bárbaras, as formações *novo-latino, dento-labial, anglo-russo, hispano-americano,* etc., onde também aparece o *o* grego em lugar do *i* latino, como em *plenilúnio* (p.207)*, alvinitente, altíssono, lanígero, flamífero*. A questão é muito complexa (já o era no próprio grego e no latim), porque se trata de formações nascidas em épocas diversas e em domínios culturais diferentes, além de procedimentos que se repartem pela composição e pela justaposição, com ou sem braquilogias e reduções. O português, como as línguas românicas (algumas das quais nos serviram de modelo), sofreu o impacto dessas diferentes portas de entrada de tais neologismos eruditos, e até de reflexo popular, como *gaticídio, burricida,* etc. É um domínio que está, no português, a exigir estudos mais aprofundados. Cf. A.G. Hatcher *Modern English Word-Formation and Neo-Latin* (Baltimore, 1951), B. Migliorini *Saggi sulla lingua del novecento* (Firenze, 1963, p. 9-60) e FM, 1973, 1, 68-72.

83 A rigor, em *geografia* e *bibliófilo* não temos a vogal de ligação *o* (ge-o), porque não existe formação em que apareça o radical *ge*, ou *bibli*, como em *chá, pau, café* e *lã*. O radical grego é *ge*, mas em português é *geo*, como o é *biblio*, já que aí, como em outros casos, não se pode isolar a vogal *o*, tal qual fazemos em *gás + o + metro*. [VK.2, 37-38].

84 Cf. J. Mattoso Câmara Jr. *Dicionário de Filologia e Gramática*, 293. Para estudos mais adiantados veja-se Saussure, *Cours de Linguistique Générale*, 253 e E. Nida, *Morphology* (cap. de introdução).

85 Kehdi, *Morfologia*, 42, Rio-Torto, *FLP*, 2, 45-46; Sandmann, *Formação*, 145-152.

86 Matthews, *Morphology*, 1982, 146-147, *Inflectional Morphology,* 1972, 72.

87 Sílvio Elia, *Confluência* (2), 1991, 87.

88 Para Sten (*Particularités*, 24-25), citado por Nascentes (*Linguajar*, 96), a não diferenciação do português dialetal e do Brasil na pronúncia de *amamos* e *amámos* se deve à analogia, num processo de uniformização, com a 2.ª e 3.ª conjugações, e não à fonologia. Todavia, cumpre lembrar que a precedência de nasal é um fator de fechamento do timbre.

89 [EBv.2, 147] e [AE.1, 22 e ss.].

90 Rio-Torto, *Sistêmica,* 203 e ss.

91 É constantemente contrariada pela realidade da língua a hipótese de se estabelecer uma distribuição complementar entre tais construções agentivas calcada nos critérios 'grau prestígio social', 'formalidade' e 'grau de especialidade'. Não se podem

deixar de lado os valores semânticos dos elementos que integram os constituintes e seus reflexos não só nos produtos derivacionais mas também as motivações do contexto. A concepção afixocêntrica na produção lexical está sendo revista, para pôr em evidência o papel que desempenham as bases e os mecanismos derivacionais na criação lexical.

92 Se a palavra é masculino e termina em *-a*, este *a* reaparece quando se lhe acrescenta o sufixo *-inho*. O mesmo acontece se é feminino em *-o* ou singular em *-s*: *Jarbas* → *Jarbinhas; Carmo* (João do) → *Carminha; o Maia* → *o Mainha*. (Nota que me foi fornecida por Martinz de Aguiar). Note-se ainda que os diminutivos *-inho, -zinho* podem assumir valor patronímico, quando pais e filhos têm o mesmo nome: *Pacheco* (o pai), *Pachequinho* (o filho), *Diva* (a mãe), *Divinha* (a filha).

93 Cf. [VB.1].

94 *Tresler* é ler além do que está escrito, podendo, portanto, significar 'ler mal', 'ler sem entender': "Assim, em um artigo de seis páginas, João Fernandes diz, rediz, a si próprio se contradiz, anda para trás e para diante, e de tudo só deixa apurar que leu, releu, mas só *treslia* ao tomar da pena" [CL.1, II, 305].

95 "Do emprego de *vice* houve até abuso: *vice-deus* "grande santo", por distinguir de *semi-deuses*, que eram do paganismo. Vieira chamou a ausência de *vice-morte*. Filinto Elísio criou o verbo *vice-reinar*" [JR.5].

96 O ar vernáculo é tal, que a rigor não se poderia falar de hibridismo em muitas dessas inovações lexicais. Só aos olhos de quem conhece a história desses elementos é que fica patente sua origem estrangeira.

97 esta uma forma livre: *re(meter), re(fazer)*, etc. Este critério de negar a *receber* uma derivação prefixal colide com a aceitação de formas presas em compostos do tipo *agrimensor, aqueduto*, etc., nos quais o falante tem a mesma dificuldade em depreender o significado de um ou dos dois elementos da unidade criada. Preferimos ficar com a lição de Mattoso Câmara, que era também a de Nida: "A depreensão dos prefixos é uma técnica de análise descritiva. Para isso há a considerar três casos: 1) quando o radical a que se acrescenta constitui uma forma livre na língua (ex.: *predizer* = *pre* + *dizer*, *desconsolo* + *des* + *consolo*); 2) quando esse radical é forma livre numa estrutura variante (ex.: *permitir*, cf. *meter*); 3) quando esse radical só é forma presa, mas constitui a base de duas palavras, pelo menos, com prefixos distintos (ex.: *colisão, elisão*)" [MC.4, s.v. Prefixo]. Nossa questão se quadra neste último caso.

98 *Fero* é defectivo, apresentando forma do radical de *tollo* (tulli, latum); assim, não são cognatos *aferir* e *ablativo*. Ao primeiro se associam *conferência, fértil, oferecer*; ao segundo, *prelado* e *relaxado*. Esta observação se estende a qualquer forma latina que apresentar semelhante defectividade.

99 Para L. Weisgerber: *Lexicologia da expressão* (al. *Wortformenlehre*), *lexicologia do conteúdo* (al. *Wortinhaltslehre*), *semasiologia* (al. *Semasiologie*) e *onomasiologia* (al. *Onomasiologie*). A lexemática corresponde ao nível estrutural sistemático da *lexicologia do conteúdo*, a qual abarca também a *lexicologia semântica associativa*, e, em outros níveis estruturais, a *lexicologia semântica da norma* e a *lexicologia semântica do discurso* (compreendendo o estudo das preferências e "constâncias" semânticas dos escritores). Cf. [ECs.2, 46-50].

100 Um especial enfoque semasiológico está representado pela "semântica estrutural" dos linguistas americanos J. J. Katz e J. A. Fodor que, na realidade, trata da estrutura da interpretação, e não da estrutura do significado, pois que parte de um significante léxico para chegar à identificação do seu significado, resolvendo o problema de *desambiguização* dos signos. Cf. [ECs.2, 165-168].

101 Este fato já foi de há muito assinalado. Coseriu lembra a antecipação possivelmente no gramático romano Varrão, em nosso primeiro gramático Fernão de Oliveira (1536), em Chr. Wolff (1730) e, mais recentemente, em Gabelentz (1901).

102 Esta aplicação do termo paragramatical vai ser importante para entendermos o fato e a explicação em compostos do tipo *corta-papel*.

103 Estes dois elementos combinados pertencem normalmente a campos diferentes, um dos quais (o que está representado no significante) determina (recção) o outro (que está representado no significante por um sufixo derivacional ou por zero (este último caso é o de compostos como *tira-teima*, de que falaremos mais adiante).

104 Recente etimologia proposta pelo sueco Gunnar Tilander. Cf. nossa nota em Revista Brasileira de Filologia, vol. 6, tomo I, junho de 1961, 142-144. A etimologia não goza de aceitação unânime.

105 "A etimologia popular (...) não difere, na essência, de sua irmã erudita, a etimologia dos filólogos. Mais vivaz, mais 'operativa' que esta última, realiza instintivamente, intuitivamente e de pronto o que a outra faz intencionalmente, graças a um sem-número de alfarrábios e fichas" [J. Orr *apud* SU.1, 104].

106 A palavra *famigerado* pode aplicar-se à pessoa notável pelos seus dotes positivos ou negativos; todavia, no uso mais geral, a palavra se aplica às qualidades negativas.

107 Pode haver homofonia em um mesmo paradigma ("sincretismo"), como em *cantava*, 1.ª e 3.ª pess. do imperfeito, ou *-s* morfema pluralizador nos nomes e de 2.ª pess. sing. nos verbos.

108 Usamos aqui determinantes numa aplicação muito abrangente, que inclui as noções de adjunto e complemento, funções de que falaremos mais adiante.

109 Este emprego invariável do *o* parece dever-se à confluência de alguns fatos, entre os quais se destaca o de só haver

obrigatoriedade de concordância do predicativo com o sujeito quando é representado por adjetivo ou alguns pronomes e pela referência de dêixis e de valor neutral do pronome *o*.

110 [BC.1, §1100; AL.1, 311, AL.2, 182].

111 [PD.1, 51].

112 Esta diferença de conteúdo de pensamento designado em *Ilha de Marajó* se reflete bem no exemplo da maiúscula.

113 Estas orações de *quem* apresentam certa liberdade de colocação em relação à sua principal, e aparecem frequentemente no início do período.

114 Ensina-nos SAID ALI: "Em proposições como *quem porfia mata a caça, quem espera sempre alcança,* servimo-nos de um pronome visivelmente destituído de antecedente. Mas como o vocábulo *quem* aí sugere a noção de "homem (ou mulher) que", "alguém que", sentimo-nos propensos a ladear a questão linguística, analisando não já o pronome tal qual em tais frases se apresenta, mas sim o seu equivalente semântico. Esse método condenável, de conciliação forçada, não satisfaz todavia ao espírito quando aplicado a *quem quer que,* expressão ampliativa do mesmo pronome *quem* nestas proposições: *quem quer que o disse: não faças mal a quem quer que te ofenda.* SWEET propõe para o pronome nas condições dos dois primeiros como dos dois últimos exemplos a denominação de relativo *condensado* "por desempenhar o próprio relativo também funções de antecedente". Qualificativo cômodo, sem dúvida, mas não ditado pelo critério histórico-comparativo. Estudos mais rigorosos (DELBRÜCK e BRUGMANN) permitem presumir que o pronome em questão deve a sua origem a uma causa dupla: ao interrogativo *quem* nas interrogativas indiretas e ao indefinido *quem*" [SA.5, 114-5].

115 A que chamamos intercalada de *desejo* José Oiticica denominava de *exclamação*.

116 Professores há que preferem, havendo na intercalada um verbo transitivo direto, considerar este tipo de oração com principal. Assim, analisam:

Oração principal: *me pediu o rapaz*.

Oração subordinada, substantiva objetiva direta, justaposta: *dê-me água*.

Se a intercalada não encerra verbo transitivo direto, acham-no por elipse.

117 Com seus alunos deve apenas o professor insistir na conceituação de oração intercalada, desprezando minúcias de classificação. Nem sempre se traçam linhas rigorosas de demarcação entre o sentido de muitas dessas intercaladas.

118 Cf. [OG.1, 123], onde se encontra excelente e larga exposição sobre o emprego dos verbos *dicendi* e *sentiendi*, bem como as alterações que podem ter os tempos e modos verbais e os pronomes demonstrativos e possessivos na passagem do discurso direto a indireto, a pontuação e a colocação desses verbos. O assunto extrapola, na sua análise mais profunda, o âmbito da gramática para inserir-se na linguística do texto.

119 Para estes e outros exemplos ver [MBa.1, 181-3].

120 O fato ocorre também em francês, alemão e línguas escandinavas, conforme observa NYROP, *Grammaire Historique*, VI, §377 e *REMARQUE: Les confidences que je ne doutais pas qu'elle eût reçues de ma soeur. This man who I thought was my friend. "Ferner will ich deinem Vater sagen, was ich glaube, dass du wünschest*"(LESSING).

121 O fato se repete no latim: "Vejens bellum ortum est, *quibus* Sabini arma conjunxerant" [Tito Lívio, 2, 53 *apud* JMa.1, § 317, d) Obs. 1.ª)]. Cf. ainda [MBa.4, 25].

122 Pode ainda aqui faltar *o tal*:

Falaste *de modo* que desistiram do pedido.

Há acentuada pausa entre o substantivo e o *que*.

123 Hoje raro.

124 Cf. Lôfstedt, *Philologischer Kommentar zur Peregrinatio Aetheria*e, 56 e ss.; Norberg, *Syntaktische Forschungen auf dem Gebiete des Spätlaeins und des frühen Mittellateins*, 239; *Svennung, Untersuchngen zu Palladius und zur lateinischen Fach — und Volkssprache*, 505, nº 4. Maximino Maciel, *Lições Elementares de Língua Portuguesa*, 120: Mário Barreto, *Estudos da Língua Portuguesa*, 93 e ss. Martinz de Aguiar (em carta particular), Cândido Jucá (filho), *O Fator Psicológico na Evolução Sintática*, 91 consideram a oração de *fazer* como *subjetiva*.

125 Assim fazem os mestres Said Ali e Epifânio Dias.

126 Outros autores supõem que as orações do tipo de "há quatro dias", "faz quatro dias", sofreram um processo de *gramaticalização*, passando a ser consideradas como simples adjuntos adverbiais de tempo. Distinguindo — a meu ver sem razão — a sintaxe de *fazer* e *haver* nestas expressões, diz Maximino Maciel a respeito deste último verbo: "Procurar conferir ao verbo *haver* nestes casos a função proposicional é complicar a análise sem proveito na prática; e, além disso, nestas frases equivale praticamente à preposição *desde*" (*Lições Elementares*, 122, nº 1). Cf. *Gramática Descritiva* do autor, p. 343 e 395.

127 Este emprego do *que* é comum no francês e, por isso, se tem a construção como galicismo.

128 Deve-se distinguir cuidadosamente o infinitivo do futuro do subjuntivo: este aparece na oração não integrante. Assim as formas verbais do seguinte exemplo estão no futuro do subjuntivo, e não no infinitivo (a oração é adverbial condicional

introduzida por *se*): "Se do céu, onde estais, *abaterdes* os olhos e os *puserdes* em Amarante..." [AV.1, 7, VII, 294 *apud* FB.1]. O texto foi eliminado das edições modernas.

129 Com razão insiste Adolfo Coelho [ACo.1, 121, nota]: "Não *deve* nunca confundir-se o que é simplesmente equivalente com que é idêntico na forma, conquanto haja vantagem em fazer ver aos alunos que o mesmo pensamento se exprime de diversos modos".

130 Leia-se a respeito [MBa.1, cap. XI].

131 Cf. [CBd.1, 62; SA.5, II, 151 e ss; LSp.2]

132 Falando-se com rigor, funcionava originariamente como sujeito de um particípio absoluto o infinitivo que se junta a *não obstante*, *visto*, *posto*, etc. [Cf. ED.2, § 288 a)] e [EB.1, 35].

133 Melhor fora pontuar: *que*, a ser verdadeiro, devia...

134 Presos a um critério semântico, e não sintático, alguns professores ensinam que este *a* é conjunção condicional, lição que deve ser cuidadosamente evitada. Cf. a crítica de E. Carneiro Ribeiro [CR.1, 454], embora não seja convincente a solução que apresenta, socorrendo-se ao cômodo, mas enganador, recurso da elipse.

135 Temos dúvidas em apontar como galicismos vários empregos da preposição *a* em sentido final, pois é modo que as línguas românicas herdaram do latim. Para as condenações ver Mário Barreto [MBa.1, 515] e Epifânio Dias [ED.2, § 325, a) obs]. Para fontes de estudos remetemos o leitor a Meyer-Lübke [MLk.1, III, §§ 331 e 505] e Dag Norberg [DN.1, 211].

136 Pode-se enquadrar este tipo no caso dos infinitivos substantivados, sem formar oração à parte.

137 Carlos de Laet já condenou a Camilo o emprego pronominal do verbo *esvoaçar-se*, e o notável escritor lusitano defendeu-se com exemplo de Castilho (Cf. *Ecos Humorísticos do Minho*, n.º 2, p. 11). Rui Barbosa comenta [RB.1, 159]: "Teve-se por erro a Camilo haver pronominado o verbo *esvoaçar*. Não havia razão: várias vezes lhe dera Castilho Antônio essa categoria... e Vieira usara de *voar-se*". Cf. ainda [JC.1, 16, n.º 3]. Em [CBr.1, 56] colhemos *volitar-se*: "... a pomba que *se volita da arca*...".

138 Curso dado no INEP, 1949. Súmula 14.ª, p. 2. Vale a pena lembrar que aqui estamos diante de um exemplo do fenômeno de hipotaxe ou subordinação: são palavras (lexemas) ou grupos de palavras que experimentam o procedimento da subordinação no nível dos elementos mínimos da camada de estruturação gramatical e passaram a funcionar, na condição de unidades deste nível, como preposições.

139 F. Brunot dá o *que* também como pronome relativo em expressões francesas do tipo: *Arrivé que fut ledict conte* [cf. FBr.1, 767]. Também Meyer-Lübke [MLk.1, III, § 633] e A. Llorach [AL.1, § 208].

140 Exemplos de José Oiticica, *Curso do INEP*.

141 "Às vezes procura-se desdobrar este tipo de orações em explícitas [= desenvolvidas] temporais iniciadas por *quando* ou *enquanto*. É mero expediente, pois a noção de tempo não é equivalente à de modo ou meio de fazer alguma coisa" [SA.2, 183].

142 Baseados nesta construção, muitos romanistas explicam a construção *não sei que fazer* pelo emprego do infinitivo numa interrogação indireta por influência do infinitivo da interrogação direta *que fazer?* Estudos mais recentes nos ensinam que o infinitivo, nestes casos, se explica por contaminação sintática de uma oração de infinitivo (no latim *nihil habeo dicere*) com uma oração de relativo (no latim *nihil habeo quod dicam*). A discussão do problema se acha no artigo de Dag Norberg, *Zum Infinitiv in lat. Frage – und Relativsätzen* (na revista alemã *Glotta*, 1939, XXVII, 3-4, p. 261-70) e no livro do mesmo autor *Syntaktische Forschungen*, 259 e ss., onde se encontra extensa bibliografia.

Esta singular inexatidão de expressão (para usar as palavras de Meyer-Lübke, *Grammaire*, III, § 676), porque contraria o conceito de orações desenvolvidas e reduzidas, se explica, para Epifânio Dias (*Gramática Portuguesa Elementar*, § 244 e *Sintaxe Histórica*, §§ 274, a, Obs. 2ª e 307), por uma elipse de *poder*, *dever* ou *haver*, no presente ou pret. imperfeito: Não há um momento que (*possamos*) perder. Não sabia que (*havia de*) fazer.

Não nos foi possível fixar a opinião definitiva de Mário Barreto, pois que, através de sua extensa obra, encontramos as duas explicações. Nos *Últimos Estudos*, pp. 277-279, em artigo de 1929, pensa como Epifânio Dias e lhe cita a *Gramática Portuguesa Elementar*. Na 2ª edição dos *Novíssimos Estudos*, p. 132, nota, anterior, portanto ao artigo antes citado, contraria a Epifânio Dias, visivelmente influenciado que estava pelo § 133, b) dos excelentes *Élements de Linguistique Romane*, de E. Bourciez, embora não lhe faça referência, e nos dá uma lição digna de repetida:

"Quando se trata de interrogação indireta, feita por meio de um pronome ou de um advérbio interrogativo, o emprego do infinitivo na frase subordinada (com condição que o sujeito dela seja o mesmo que o da principal) é efeito de um cruzamento sintático. Uma frase como *nescio quid dicam*, aproximada no nosso espírito *de nescio dicere*, dá lugar a *nescio quid dicere* no latim falado. Contaminam-se duas construções: *Não sabe que diga + não sabe dizer nada = não sabe que dizer*. Idêntica combinação ou fusão de duas frases sinônimas de estrutura normal acharemos em: *Não sei como diga isso + não sei dizer isso = não sei como dizer*. — Buscou aquele lugar onde fizesse penitência + buscou aquele lugar para fazer penitência = buscou aquele lugar onde fazer penitência. — Eis aqui três exemplos da construção com infinitivo, construção que, neste caso,

o latim clássico não admitia, mas sim a do verbo finito em subjuntivo, a qual também admite o idioma português: "Dinheiro não acitavam de esmola, porque não achavam *que comprar* com ele" (Sousa, *Anais de El-rei D. João Terceiro*, publicados por A. Herculano, Lisboa, 1844, p. 44); "Não sei *que fazer* ao teu coração" (Camilo, *Memórias de Guilherme do Amaral*, 3ª ed., p. 171): "Não sabia escrever, não tinha ninguém *a quem pedir* a esmola de uma carta" (Id., *Maria Moisés*, 1ª parte, p. 40, ed. de 1876). Mas isto faz-se quando o agente da oração subordinante é o mesmo que o da proposição subordinada. Quando cada uma tem o seu nominativo, não tem cabimento usar o infinitivo. — Indaga-me tu *que* poderá ela ter. — Pergunta-lhe *que* tem. — Não sei *que* notou. Não é aceitável a explicação que do infinitivo dão alguns autores (e entre eles o ilustre filólogo Sr. Epifânio Dias na sua excelente *Gramática Portuguesa Elementar*, § 244), supondo a elipse dos verbos *poder*, *dever* no presente ou pretérito imperfeito do conjuntivo. Figure-se este exemplo: *Não lhe ocorreu que poder replicar-me*. Não é possível subentender-se o mesmo verbo num modo pessoal. O mesmo se dirá destoutro exemplo, só com diferença que em vez da frase interrogativa se trata da relativa: "Não tinha o governador baixelas, nem diamantes, *de que poder valer-se*; assim recorreu a outros penhores, a que a fidelidade deu valia, a Natureza não" (Jacinto Freire, *Vida de D. João de Castro*, liv. III, número 29). Antes de pôr fim a esta nota, lembra-nos a seguinte passagem do livro divino de Frei Luís de Sousa, na qual se emprega em orações relativas o infinitivo como equivalente do subjuntivo latino: "Estava o arcebispo só, não tinha homem *de quem se valer*; lançou os olhos pela casa, não viu coisa *que dar*, e viu-se obrigado a acudir"(*Vida de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires*, liv. I, cap. 21).

143 Cf. [ALb.1, 9-10 e 98 e ss.], donde extraímos os exemplos.

144 Cf. [SA.5, 194-196]. Para o latim [DN.1, 48].

145 Julgamos injusta a condenação de Mário Barreto [MBa.4, 51 da 3ª ed.]:

"É um dos instintos mais naturais do nosso falar: mas, em muitos textos escritos, uma preocupação pedantesca das mais descabidas põe de novo o pronome: é um indício singular de deformação artificial". Nos *Últimos Estudos* se mostra menos rigoroso: "Os verbos reflexivos no infinitivo depois dos verbos *fazer*, *deixar*, *ouvir*, *ver*, perdem em geral o seu pronome complemento" [MBa.2, 206].

146 Tem-se dito que Epifânio Dias (*Sintaxe Histórica*, § 347, 6, Obs. 1ª) admite a construção censurada pelos gramáticos (veja-se entre outros, A. C. Pires de Lima na sua resenha in *Revista Lusitana*, XXX, p. 205, nº 4): mas a redação do ilustre sintaticista não nos autoriza a pensar assim. Tratando dos verbos que pedem oração objetiva direta, diz em observação: "Alguns dos verbos de que trata este § também têm outra sintaxe. v. g.: 1) *pedir* também se constrói intransitivamente seguido de *para que*, ou *para* (com infinitivo)". E acrescenta: "Também em latim a oração de *ut* que se junta ao verbo *peto* é originariamente uma oração final". Pondo de lado a argumentação do latim, creio não encontrarmos fundamento de que a construção censurada tenha o beneplácito de Epifânio. Aquele *intransitivamente* nos leva a interpretar assim a lição (note-se que, na nomenclatura gramatical do sintaticista português, *Intransitivo* é o verbo que não pede complemento ou que pede complemento indireto): Epifânio defendia o emprego do verbo *pedir* sem o objeto direto *licença*, modo de dizer que Cândido de Figueiredo e outros tinham por errôneo, conforme se vê da defesa de Rui Barbosa, *Réplica*, 136 da 1.ª ed. nota 3 do n.º 95.

Somos de opinião que no caso do verbo *pedir* houve contágio da noção de objeto direto com a de adverbial de fim, que a expressão linguística traduz por formas condensadas, dando ocasião, muitas vezes, ao aparecimento da preposição como posvérbio (cf. o capítulo dos complementos verbais). Tais formas condensadas são frequentes: *atirar o livro* e *atirar com o livro* (condensação da noção de objeto direto com a de adverbial de instrumento), *olhar os campos* e *olhar para os campos* (do objeto direto e adjunto adverbial de direção, de lugar), *puxar a espada* e *puxar da espada* (do objeto direto e adjunto adverbial de lugar donde, origem), *pegar a pena* e *pegar na pena* (do objeto direto e do adjunto adverbial de lugar), etc., onde o pensamento não considera apenas o objeto, mas encarece uma circunstância concomitante na realização do processo indicado pelo verbo.

Entretanto, Carlos Góis, pensando que o *para* rege a oração objetiva direta, explica o fato por cruzamento sintático: "Do cruzamento da primeira forma (com o objeto direto expresso: *um soldado pediu-lhe licença para sair*) com a segunda (com o objeto direto indeterminado: *um soldado pediu-lhe para sair*) resultou uma terceira – a do verbo *pedir* seguida da preposição *para* regendo esta, não mais o adjunto adverbial de fim (note-se bem), mas o próprio objeto direto!" (*Sintaxe de Regência*, 124).

147 Por isso é injusta a crítica feita por A. Feliciano de Castilho – e a crítica foi acolhida pelo nosso ilustre gramático. E. Carlos Pereira (*Gramática Expositiva*, § 496 in Galicismos Fraseológicos) ao seguinte trecho do Padre Bernardes (e note-se que está com a respectiva vírgula!): "Nos casos chamados nas escolas absolutos ou ablativos absolutos dos romanos, antepõe (Bernardes) alguma vez o substantivo ao adjetivo, o que mais soa a francês que a português genuíno, e se deve evitar com grande escrúpulo: "Frei Domingos, vindo de Tortosa para Valença, com outros companheiros, que tinham ido tomar ordens, se lhe ajuntou ao caminho um moço mui confiado, etc." Havia de dizer: "Vindo Frei Domingos, etc."(Livraria Clássica, Padre Manuel Bernardes, II, 304-5). Pondo de lado a lição de gramática de um amador, ainda que ilustre, adiantamos que o pretenso erro não é de Bernardes, mas do crítico, uma vez que se lê o seguinte na *Nova Floresta*: "Vindo o servo de Deus de tortosa para Valença..." (III, 492).

148 Sem razão, Leite de Vasconcelos (*Lições de Filologia*, 382) condena como galicismo, a palavra *passagem*, no sentido aqui empregado, mandando substituí-la por *passo*. Os melhores escritores da língua usam *passagem* nesta acepção, e o clássico *Dicionário de Morais* (1813) a registra sem nenhuma crítica.

149 Assim escreveu Alexandre Herculano e não como aparece na edição moderna da *Antologia Nacional* de Fausto Barreto e Carlos de Laet (p. 196): *antes de o caso suceder*. Com a responsabilidade dos antigos editores da *A. Nacional* corria a combinação tida por correta. Aliás, Laet praticava a combinação: Entre as duas opiniões antinômicas e inconciliáveis do João Fernandes, esta *do cara* ser exótico (...) e aquela de ser indígena (...) (*Obras Seletas*, II, 261).

150 Para maiores exemplos, veja-se o prestimoso livro do Padre Pedro Adrião, *Tradições Clássicas da Língua Portuguesa*, § 691, p. 259).

151 Tal preceito gramatical se torna ainda mais difícil de se conciliar com a prática, quando se está diante de construções como: *O fato é devido AO* (por *a o*) *avião se ter atrasado* (ou, noutra ordem: *é devido a se ter o avião atrasado*); *PRO menino* (por *para o menino*) *ver*. Sentimos discordar da lição de Rebelo Gonçalves no seu *Tratado de Ortografia* (p. 286, Obs. 2.ª) cujos exemplos não vão em sua defesa. Cf. Diez, *Grammaire*, III, 425 e Meyer-Lübke, *Grammaire*, III, § 744).

152 Cf. ainda do mesmo autor *Dificuldades da Língua Portuguesa*, 30-1, e Solidônio Leite, *Clássicos Esquecidos*, 211 e ss. Também consideram arcaica a combinação Epifânio Dias 1933: 457, Obs. 3ª e Cláudio Brandão 1963: 354.

153 Comenta com razão Sousa da Silveira (*Trechos Seletos*, 251 da 4.a ed.): "O possesivo no plural, determinando dois substantivos do singular, e evitando assim o impreciso de "o nosso Basílio e Durão" e o pesado de "o nosso Basílio e nosso Durão. Cf.: "Os mesmos Pitt e Napoleão, apesar de precoces, não foram tudo aos vinte e um anos" (M. de Assis, *Papéis Avulsos*, 88).

154 Está correto neste caso também o emprego da concordância com a forma gramatical da palavra determinada: "Com estes leitores assim previstos, o mais acertado e modesto é *a gente ser sincera*" [CBr. *apud* MBa.2, 411].

155 Pode ocorrer a aparente discordância entre um nome e um pronome: "Luís escreveu uma *ode* admirável como sabia escrevê-*las* (João Ribeiro).

156 O mesmo Camilo reprovou a um amigo tal prática de linguagem: "Se fizeres terceira edição deves purificá-la das palavras *mesmo* como advérbio, posto que tenhas um exemplo em Camões e outros em D. Francisco Manuel de Melo" [CBr.3, II, 167].

157 Dá-se ao fenômeno o nome de contaminação ou cruzamento sintático. Cf. **Contaminação sintática**.

158 Elemento decisivo aqui é o ritmo com que se profere a oração, que determina a concordância com o sujeito ou com o predicativo. São oportunas as considerações de Rodrigues Lapa neste sentido, na sua *Estilística*.

159 Sobre esta última possibilidade comenta Said Ali: "A força de combater-se uma concordância que não é mais do que o corolário de um fenômeno de sintaxe histórica portuguesa fundada em sintaxe latina, tem desaparecido da linguagem literária o emprego de *quem* com verbo em 1.a e 2.a pessoa, vigorando todavia a antiga concordância desde que se empregue *que* em lugar de *quem*" (*op. laud.*).

160 Pode dar-se a omissão de *um*: "Foi dos últimos que *usaram* presilhas, rodaque e gravata de moda" (M. de Assis, D. Casmurro).

161 A presente lista não dispensa a consulta ao dicionário, o de regência, uma vez que o emprego do verbo como transitivo (com ou sem preposição) ou intransitivo depende de sua significação.

Quando ao verbo se segue um travessão (–), isto significa que ele pode ser também usado transitivamente. Por exemplo: *atender– a*: *atender o cliente*, *o cliente foi atendido*, *atendê-lo*, *atender ao cliente*. Umas vezes a variedade não implica mudança de significado; outras vezes sim. Daí a necessidade de consulta aos dicionários para se ter uma lição mais completa e adequada. O principal objetivo da relação é oferecer ao leitor a preposição que acompanha o verbo, quer no complemento quer no adjunto adverbial.

162 "No sentido de *mandar vir* é transitivo direto; no de *dar nome* é transitivo indireto. Já é muito corrente no Brasil a construção *chamar de* com obj. dir., contaminada de outras, como *acusar*, *arguir de*" [AN.1, 38].

163 Usa-se também transitivo em Portugal, com o sentido de "namorar", tratar intimamente.

164 Ou cumprir simplesmente.

165 Sem a preposição exprime obrigação; com *de*, probabilidade. Ex: *Você deve ter capricho*. *Ela deve de ter quinze anos*.

166 No significado de *resultar* é transitivo direto: *Isto implica erro*.

167 No significado de *produzir*, *acarretar* é transitivo direto.

168 *Morador na rua tal*, *no largo tal* (e não *à rua tal*).

169 É coloquial o uso da preposição *com*, influenciado talvez pela regência de *casar*.

170 Não pode aceitar obj. direto de pessoa: Paguei *o médico*, mas sim de coisa paga: Pagu*ei a conta* ao garção.

171 É errôneo o emprego do advérbio *antes* ou *mais* com este verbo porque a noção de preferência ou excelência já está contida no prefixo. É também errôneo o uso da conjunção comparativa *que* (ou *do que*). Deve dizer-se *prefiro isto àquilo*,

prefiro o teatro ao cinema.

172 O uso de *a* é considerado errado com exagero, por francesismo.

173 No sentido de *estimar*, *querer bem.*

174 *Sito na rua tal*, *no largo tal* e não *à rua*.

175 Seleção de fatos apresentados por F. J. Martins Sequeira em *Rol de Estrangeirismos*.

III – Pontuação

Os diversos tipos de sinais de pontuação – Com Nina Catach, entendemos por pontuação um "sistema de reforço da escrita, constituído de sinais sintáticos, destinados a organizar as relações e a proporção das partes do discurso e das pausas orais e escritas. Estes sinais também participam de todas as funções da sintaxe, gramaticais, entonacionais e semânticas" [NC.1, 7].

Os sinais de pontuação datam de época relativamente recente na história da escrita, embora se possa afirmar uma continuidade de alguns sinais desde os gregos, latinos e alta Idade Média; constituem hoje peça fundamental da comunicação e se impõem como objeto de estudo e aprendizado. Ao lado dos grafemas que "vestem" os fonemas, os morfemas e as unidades superiores, esses sinais extra-alfabéticos, como assinala Catach, são essencialmente unidades sintáticas, "sinais de orações" e "sinais de palavras", podendo comutar com tais unidades alfabéticas, substituí-las e tomar de empréstimo seu valor. Assim, um apóstrofo indica a supressão de um grafema, uma vírgula uma unidade de coordenação ou de subordinação. Na essência, os sinais de pontuação constituem um tipo especial de grafemas.

Pode-se entender a pontuação de duas maneiras: numa acepção larga e noutra restrita. A primeira abarca não só os sinais de pontuação propriamente ditos, mas de realce e valorização do texto: títulos, rubricas, margens, escolha de espaços e de caracteres e, indo mais além, a disposição dos capítulos e o modo de confecção do livro.

Segundo a concepção restrita, a pontuação é constituída por uns tantos sinais gráficos assim distribuídos: os essencialmente *separadores* (vírgula [,], ponto e vírgula [;], ponto final [.], ponto de exclamação [!], reticências [...]), e os sinais de comunicação ou "mensagem" (dois pontos [:], aspas simples [‘ ’], aspas duplas [“ ”], o travessão simples [–], o travessão duplo [—], os parênteses [( )], os colchetes ou parênteses retos [[ ]], a chave aberta [{], a chave fechada [}]. Alguns destes dois tipos de sinais admitem ainda uma subdivisão em sinais de *pausa conclusa* (fundamentalmente o ponto, e depois ponto e vírgula, o ponto de interrogação, o ponto de exclamação, as reticências, quando em função conclusa) e d e *pausa inconclusa* (fundamentalmente pela vírgula, mas também por dois pontos, parênteses, travessão, colchetes, quando em função inconclusa, i. é, quando as orações estão articuladas entre si).

A primeira palavra depois de um sinal de pausa conclusa é escrita com letra inicial maiúscula; se a oração seguinte constitui novo conjunto de ideias, ou mudança de interlocutor de diálogo, será escrito na outra linha e terá o seu final marcado pelo ponto parágrafo.

Estes sinais não se aplicam igualmente a todas as atividades linguísticas, razão por que podem ser distribuídos em três domínios de função da pontuação:

a) *a pontuação de palavras* (espaços em branco; maiúsculas iniciais; ponto abreviativo; traço de união, hífen ou traço de separação; apóstrofo; sublinhado; itálico).

b) *a pontuação sintática e comunicativa* (a pontuação propriamente dita e objeto deste capítulo).

c) *a pontuação do texto.*

Os dois primeiros, assinala ainda Catach, têm uma série de características que os distinguem do terceiro tipo: são *interiores* ao texto, aparecem de maneira linear, são comuns ao manuscrito e ao texto impresso e, em princípio, fazem parte da mensagem linguística. Apesar de poderem sofrer interferência de outra pessoa, é bem provável que pertençam à iniciativa e decisão do autor no seu desejo de levar ao texto algo mais de expressividade, de contorno melódico, rítmico e entonacional, além das palavras e construções utilizadas. Todavia, há de se levar em conta que os editores e preparadores de textos antigos (quando nem sempre se pode pensar em critérios inexistentes ou caóticos) a modernos têm muito interferido na pontuação original do autor de tal maneira, que é muito precária a certeza de que os sinais – e principalmente a falta deles – revelem as funções sintáticas, comunicativas expressivas que o escritor pretendera passar às palavras e orações empregadas no texto.

Ao contrário, no que toca ao terceiro tipo de pontuação, dela participam todos os que exercem atividade nesse âmbito, com funções específicas: calígrafos, secretários, tipógrafos, digitadores, revisores, editores.

Levando em conta tais distinções, podemos definir o conjunto dos dois primeiros tipos de pontuação que constituem essencialmente o objeto deste capítulo, como o fez Catach:

> "Conjunto de sinais visuais de organização e apresentação que acompanham o texto, *interiores* ao texto e *comuns* tanto ao manuscrito quanto ao impresso; abrange a pontuação várias classes de sinais gráficos discretos e constitutivos de um sistema, complementando ou suplementando a informação escrita".

Já o terceiro tipo é assim definido pela mesma autora:

> "Conjunto de técnicas visuais de organização e de apresentação do objeto livro, que vão do espaço entre palavras aos espaços de páginas, passando por todos os procedimentos interiores e exteriores ao texto, com vista ao seu arranjo e sua valoração".

A pontuação e o entendimento do texto – O enunciado não se constrói com um amontoado de palavras e orações. Elas se organizam segundo princípios gerais de dependência e independência sintática e semântica, recobertos por unidades melódicas e rítmicas que sedimentam estes princípios. Proferidas as palavras e orações sem tais aspectos melódicos e rítmicos, o enunciado estaria prejudicado na sua função comunicativa. Os sinais de pontuação, que já vêm sendo empregados desde muito tempo, procuram garantir no texto escrito esta solidariedade sintática e semântica. Por isso, uma pontuação errônea produz efeitos tão desastrosos à comunicação quanto o desconhecimento dessa solidariedade a que nos referimos.

Várias situações incômodas já foram criadas pelo mau emprego dos sinais de pontuação. Notem-se as diferenças entre as seguintes ordens de comando:

> Não podem atirar!
> Não, podem atirar!

Há numerosos jogos, bem mais divertidos e inocentes do que as situações de ordem anterior, cuja integridade comunicativa depende do bem emprego desses sinais.

Vejamos um exemplo:

Levar uma pedra para Europa uma andorinha não faz verão.

Ou

Um fazendeiro tinha um bezerro e a mãe do fazendeiro era também o pai do bezerro.

Para integridade da mensagem, basta colocar vírgula ou ponto e vírgula depois de *mãe*, no último exemplo. No primeiro, basta uma vírgula depois de *faz*, sendo *verão* a forma de futuro do verbo *ver*.

Ponto – O ponto simples final, que é dos sinais o que denota maior pausa, serve para encerrar períodos que terminem por qualquer tipo de oração que não seja a interrogativa direta, a exclamativa e as reticências.

É empregado ainda, sem ter relação com a pausa oracional, para acompanhar muitas palavras abreviadas: *p.*, *2.ª*, etc.

Quando o período, oração ou frase termina por abreviatura, não se coloca o ponto final adiante do ponto abreviativo, pois este, quando coincide com aquele, tem dupla serventia. Ex.: "O ponto abreviativo põe-se depois das palavras indicadas abreviadamente por suas iniciais ou por algumas das letras com que se representam, *v.g.* ; *V. S.ª* ; *Il.mo* ; *Ex.ª* ; etc." (Dr. Ernesto Carneiro Ribeiro)

Com frequência, aproxima-se das funções do ponto e vírgula e do travessão, que às vezes aparecem em seu lugar.

Ponto parágrafo – Um grupo de períodos cujas orações se prendem pelo mesmo centro de interesse é separado por ponto. Quando se passa de um para outro centro de interesse, impõe-se-nos o emprego do ponto parágrafo iniciando-se a escrever, na outra linha, com a mesma distância da margem com que começamos o escrito.

Na linguagem oficial dos artigos de lei, o parágrafo é indicado por um sinal especial (§).

Ponto de interrogação – Põe-se no fim da oração enunciada com entonação interrogativa ou de incerteza, real ou fingida, também chamada retórica.

Enquanto a interrogação conclusa de final de enunciado requer maiúscula inicial da palavra seguinte, a interrogação interna, quase sempre fictícia, não exige essa inicial maiúscula da palavra seguinte:

Pensas que eu e meus avós ganhamos o dinheiro em casas de jogos ou a vadiar pelas ruas? Pelintra! [MA.1, 72].

— Nhonhô, diga a estes senhores como é que se chama seu padrinho?

— Meu padrinho? É o Excelentíssimo Senhor coronel Paulo Vaz Lobo Cesar de Andrade e Sousa Rodrigues de Matos [MA.1, 32].

O ponto de interrogação, à semelhança dos outros sinais, não pede que a oração termine por ponto final, exceto, naturalmente, se for interna.

— "Esqueceu alguma cousa? perguntou Marcela de pé, no patamar" [MA.1, 50].

A interrogação indireta, não sendo enunciada em entonação especial, dispensa ponto de interrogação. O nosso sistema gráfico não distingue o ponto de interrogação da pergunta de sim ou não da pergunta total.

No diálogo pode aparecer sozinho ou acompanhado do de exclamação para indicar o

estado de dúvida do personagem diante do fato:

— "Esteve cá o homem da casa e disse que do próximo mês em diante são mais cinquenta...
— ? !..." [ML.1, 226].176

Ponto de exclamação – Põe-se no fim da oração enunciada com entonação exclamativa:

"Que gentil que estava a espanhola!" [MA.1, 50].
"Mas, na morte, que diferença! Que liberdade!" [MA.1, 81].

Põe-se o ponto de exclamação depois de uma interjeição:

Olé! exclamei. [MA.1, 74].
Ah! brejeiro! [MA.1, 93].

Aplicam-se ao ponto de exclamação as mesmas observações feitas ao ponto de interrogação, no que se refere ao emprego do ponto final e ao uso da maiúscula ou minúscula inicial da palavra seguinte.

Há escritores que denotam a gradação da surpresa através da narração com aumento progressivo do ponto de exclamação ou de interrogação:

"E será assim até que um senhor Darwin surja e prove a verdadeira origem do *Homo sapiens*...
— ? !
— Sim. Eles nomear-se-ão *Homo sapiens* apesar do teu sorriso, Gabriel, e ter-se-ão como feitos por mim de um barro especial e à minha imagem e semelhança.
— ? ! !" [ML.1, 204].

Reticências – Denotam interrupção ou incompletude do pensamento (ou porque se quer deixar em suspenso, ou porque os fatos se dão com breve espaço de tempo intervalar, ou porque o nosso interlocutor nos toma a palavra), ou hesitação em enunciá-lo:

"Ao proferir estas palavras havia um tremor de alegria na voz de Marcela: e no rosto como que se lhe espraiou uma onda de ventura..." [MA.1, 121].
"Não imagina o que ela é lá em casa: fala na senhora a todos os instantes, e aqui aparece uma pamonha. Ainda ontem... Digo, Maricota?" [MA.1, 120].
— "Moro na rua...
— Não quero saber onde mora, atalhou Quincas Borba" [MA.1, 169].

Postas no fim do enunciado, as reticências dispensam o ponto final, como se pode ver nos exemplos acima.

Se as reticências servem para indicar uma enumeração inconclusa, podem ser substituídas por *etc*.

Na transcrição de um diálogo, as reticências indicam a não resposta do interlocutor.

Numa citação, as reticências podem ser colocadas no início, no meio o no fim, para indicar supressão no texto transcrito, em cada uma dessas partes. Quando há supressão de um trecho de certa extensão, costuma-se usar uma linha pontilhada. Depois de um ponto de interrogação ou exclamação podem aparecer as reticências.

Vírgula – Emprega-se a vírgula:

a) para separar termos coordenados, ainda quando ligados por conjunção (no caso de haver pausa).

"Sim, eu era esse garção bonito, airoso, abastado" [MA.1, 48].
— "Ah! brejeiro! Contanto que não te deixes ficar aí inútil, obscuro, e triste" [MA.1, 93].

Observação: Na série de sujeitos seguidos imediatamente de verbo, o último sujeito da série não é separado do verbo por

vírgula:

Carlos Gomes, Vítor Meireles, Pedro Américo, José de Alencar tinham-nas começado [CL.1, I, 102].

b) para separar orações coordenadas aditivas ainda que sejam iniciadas pela conjunção e, proferidas com pausa.

"Gostava muito das nossas antigas dobras de ouro, e eu levava-lhe quanta podia obter" [CL.1, I, 53].

"No fim da meia hora, ninguém diria que ele não era o mais afortunado dos homens; conversava, chasqueava, e ria, e riam todos" [CL.1, I, 163].

c) para separar orações coordenadas alternativas (*ou*, *quer*, etc), quando proferidas com pausa:

Ele sairá daqui logo, *ou eu me desligarei do grupo*.

OBSERVAÇÃO: Vigora esta norma quando *ou* exprimir retificação:

Teve duas fases a nossa paixão, *ou* ligação, *ou* qualquer outro nome, que eu de nome não curo [MA.1, 52].

Se denota equivalência, não se separa por vírgula o *ou* posto entre dois termos: Solteiro *ou* solitário se prende ao mesmo termo latino.

d) nas aposições, exceto no especificativo:

"ora enfim de uma casa que ele meditava construir, para residência própria, casa de feitio moderno..." [MA.1, 238].

e) para separar, em geral, os pleonasmos, e as repetições (quando não têm efeito superlativamente).

"Nunca, nunca, meu amor!" [MA.1, 55].

A casa é linda, linda.

f) para separar ou intercalar vocativos; nas cartas a pontuação é vária (em geral, vírgula), e na redação oficial usam-se dois pontos.

g) para separar as orações adjetivas de valor explicativo:

"perguntava a mim mesmo por que não seria melhor deputado e melhor marquês do que o lobo Neves, – eu, *que valia mais*, muito mais do que ele, – ..." [MA.1, 137].

h) para separar, quase sempre, as orações adjetivas restritivas de certa extensão, principalmente quando os verbos de duas orações diferentes se juntam:

"No meio da confusão que produzira por toda a parte este acontecimento inesperado e cujo motivo e circunstâncias inteiramente se ignoravam, ninguém reparou nos dois cavaleiros..." [AH.1, 210].

OBSERVAÇÃO: Esta pontuação pode ocorrer ainda que separe por vírgula o sujeito expandido pela oração adjetiva:

Os que falam em matérias que não entendem, parecem fazer gala da sua própria ignorância [MM].

i) para separar as orações intercaladas:

"Não lhe posso dizer com certeza, respondi eu" [MA.1, 183].

j) para separar, em geral, adjuntos adverbiais que precedem o verbo e as orações adverbiais que vêm antes ou no meio da sua principal:

"Eu mesmo, até então, tinha-vos em má conta..." [MA.1, 185].

"mas, como as pestanas eram rótulas, o olhar continuava o seu ofício..." [MA.1, 183].

k) para separar, nas datas, o nome do lugar:

Rio de Janeiro, 8 de agosto de 1961.

l) para separar as partículas e expressões de explicação, correção, continuação, conclusão, concessão:

"e, *não obstante*, havia certa lógica, certa dedução" [MA.1, 89].

Sairá amanhã, *aliás*, depois de amanhã.

m) para separar as conjunções e advérbios adversativos (*porém*, *todavia*, *contudo*, *entretanto*), principalmente quando pospostos:

"A proposta, *porém*, desdizia tanto das minhas sensações últimas..."

[MA.1, 87].

n) para indicar, às vezes, a elipse do verbo:

Ele sai agora: eu, logo mais.

o) para assinalar a interrupção de um seguimento natural das ideias e se intercala um juízo de valor ou uma reflexão subsidiária.

p) para desfazer possível má interpretação resultante da distribuição irregular dos termos da oração, separa-se por vírgula a expressão deslocada:

De todas as revoluções, para o homem, a morte é a maior e a derradeira [MM].

Dois pontos – Usam-se dois pontos na:

1) enumeração, explicação, notícia subsidiária:177

Comprou dois presentes: um livro e uma caneta.

"que (Viegas) padecia de um reumatismo teimoso, de uma asma não menos teimosa e de uma lesão de coração: era um hospital concentrado"

[MA.1, 184].

"Queremos governos perfeitos com homens imperfeitos: disparate"

[M. de Maricá].

2) nas expressões que se seguem aos verbos *dizer*, *retrucar*, *responder* (e semelhantes) e que encerram a declaração textual, ou que assim julgamos, de outra pessoa:

"Não me quis dizer o que era: mas, como eu instasse muito:

— Creio que o Damião desconfia alguma coisa" [MA.1, 174].

Às vezes, para caracterizar textualmente o discurso do interlocutor, vem acompanhada de aspas a transcrição, e raras vezes de travessão:

"Ao cabo de alguns anos de peregrinação, atendi às suplicas de meu pai:

— Vem, dizia ele na última carta; se não vieres depressa acharás tua mãe morta!" [MA.1, 75].

3) nas expressões que, enunciadas com entonação especial, sugerem, pelo contexto, causa, explicação ou consequência:

"Explico-me: o diploma era uma carta de alforria" [MA.1, 71].

4) nas expressões que apresentam uma quebra da sequência das ideias:

Sacudiu o vestido, ainda molhado, e caminhou.

"Não! bradei eu; não hás de entrar... não quero... Ia a lançar-lhe as mãos: era tarde; ela entrara e fechara-se" [MA.1, 59].

Ponto e vírgula – Representa uma pausa mais forte que a vírgula e menos que o ponto, e é empregado:

a) num trecho longo, onde já existam vírgulas, para enunciar pausa mais forte:

"Enfim, cheguei-me a Virgília, que estava sentada, e travei-lhe da mão; D. Plácida foi à janela" [MA.1, 211].

b) separa as adversativas em que se quer ressaltar o contraste:

"Não se disse mais nada; mas de noite Lobo Neves insistiu no projeto" [MA.1, 210].

c) na redação oficial separa os diversos itens de um considerando, lei ou outro documento.

Travessão – Não confundir o travessão com o traço de união ou hífen e com o traço de divisão empregado na partição de sílabas (*ab-so-lu-ta-men-te*) e de palavras no fim de linha. O travessão pode substituir vírgulas, parênteses, colchetes, para assinalar uma expressão intercalada:

"... e eu falava-lhe de mil cousas diferentes – do último baile, da discussão das câmaras, berlindas e cavalos, de tudo, menos dos seus versos ou prosas" [MA.1, 138-9].

Usa-se simples se a intercalação termina o texto; em caso contrário, usa-se o travessão duplo:

"Duas, três vezes por semana, havia de lhe deixar na algibeira das calças – uma largas calças de enfiar –, ou na gaveta da mesa, ou ao pé do tinteiro, uma barata morta" [MA.1, 46].

OBSERVAÇÃO: Como se vê pelo exemplo, pode haver vírgula depois de travessão.

Pode denotar uma pausa mais forte:

"... e se estabelece uma cousa que poderemos chamar – solidariedade do aborrecimento humano" [MA.1, 126].

Pode indicar ainda a mudança de interlocutor, na transcrição de um diálogo, com ou sem aspas:

– Ah! respirou Lobo Neves, sentando-se preguiçosamente no sofá.
– Cansado? perguntei eu.
– Muito; aturei duas maçadas de primeira ordem (...) [MA.1, 177].

Neste caso, pode, ou não, combinar-se com as aspas.

Parênteses e colchetes – Os parênteses assinalam um isolamento sintático e semântico mais completo dentro do enunciado, além de estabelecer maior intimidade entre o autor e o seu leitor. Em geral, a inserção do parêntese é assinalada por uma entonação especial.

Quando uma pausa coincide com o início da construção parentética, o respectivo sinal de pontuação deve ficar depois dos parênteses, mas, estando a proposição ou a frase inteira encerrada pelos parênteses, dentro deles se põe a competente notação:

"Não, filhos meus (deixai-me experimentar, uma vez que seja, convosco, este suavíssimo nome); não: o coração não é tão frívolo, tão exterior, tão carnal, quanto se cuida" [RB]

"A imprensa (quem o contesta?) é o mais poderoso meio que se tem inventado para a divulgação do pensamento". (Carta inserta nos Anais da Biblioteca Nacional, vol. I) [CARLOS DE LAET]

Intimamente ligados aos parênteses pela sua função discursiva, os colchetes são utilizados quando já se acham empregados os parênteses, para introduzirem uma nova inserção.

Também se usam para preencher lacunas de textos ou ainda para introduzir, principalmente em citações, adendos ou explicações que facilitam o entendimento do texto. Nos dicionários e gramáticas, explicitam informações como a ortoépia, a prosódia etc., no que também podem

ser usados os parênteses.

Aspas – De modo geral, usamos como aspas o sinal [“ ”]; mas pode haver, para empregos diferentes as aspas simples [‘ ’], ou invertidas (simples ou duplas) [‘ ’], [“ ”]. Nos trabalhos científicos sobre línguas, as aspas simples referem-se a significados ou sentidos: *amare*, lat.‘*amar*’ port. Às vezes, usa-se nesta aplicação o sublinhado (cada vez menos frequente no texto impresso) ou o itálico. As aspas também são empregadas para dar a certa expressão sentido particular (na linguagem falada é em geral proferida com entoação especial) para ressaltar uma expressão dentro do contexto ou para apontar uma palavra como estrangeirismo ou gíria:

OBSERVAÇÃO: Escrevendo, ressaltamos a expressão também com o sublinhado, o que, nos textos impressos, corresponde ao emprego de tipo diferente:

— “Sim, mas percebo-o agora, porque só agora nos surgiu a ocasião de enriquecer. Foi uma sorte grande que Deus nos mandou.

— “Deus”...

— Deus, sim, e você o ofendeu afastando-a com o pé” [ML.1, 223].

“Você já reparou Miloca, na “ganja” da Sinhazinha? Disse uma sirigaita de “beleza” na testa” [ML.1, 102].

Quando uma pausa coincide com o final da expressão ou sentença que se acha entre aspas, coloca-se o competente sinal de pontuação depois delas, se encerram apenas uma parte da proposição; quando, porém, as aspas abrangem todo o período, sentença, frase ou expressão, a respectiva notação fica abrangida por elas:

“Aí temos a lei”, dizia o Florentino. “Mas quem as há de segurar? Ninguém.” [RB]

“Mísera, tivesse eu aquela enorme, aquela
Claridade imortal, que toda a luz resume!”

“Por que não nasce eu um simples vaga-lume?” [MA]

Alínea – Tem a mesma função do parágrafo, pois denota diversos centros de assuntos e, como este, exige mudança de linha. Geralmente vem indicada por número ou letra seguida de um traço curvo, semelhante ao que fecha parêntese para assinalar subdivisão da matéria tratada:

Os substantivos podem ser:

a) *próprios*

b) *comuns*

Chave – A chave [{ }] tem aplicação maior em obras de caráter científico, como pode exemplificar sua utilização neste livro.

Apêndice

Asterisco 178 – O asterisco (*) é colocado depois e em cima de uma palavra do trecho para se fazer uma citação ou comentário qualquer sobre o termo ou o que é tratado no trecho (neste caso o asterisco se põe no fim do período).

Nas obras sobre linguagem, o asterisco colocado antes e em cima da palavra o apresenta como forma reconstituída ou hipotética, isto é, de provável existência mas até então não documentada. Deve-se ao linguista alemão Augusto Schleicher (1821-1868) esta aplicação do sinal.

Emprega-se ainda um ou mais asteriscos depois de uma inicial para indicar uma pessoa cujo nome não se quer ou não se pode declinar: o *Dr.* *, *B.* **, *L.* ***

176 Em português, em geral se despreza o cômodo expediente do espanhol de indicar a interrogação no início da oração, com o sinal invertido: ¿O José chegou? Alguns escritores nossos fizeram uso deste expediente.

177 A imprensa moderna usa e abusa dos dois pontos para resumir, às vezes numa síntese de pensamento difícil de ser acompanhada, certas notícias. *Verão*: *cidade desprotegida das chuvas.*

178 Costuma-se ouvir este vocábulo deturpado para *asterístico*. *Asterisco* quer dizer *estrelinha*, nome devido à sua forma.

IV – Noções elementares de Estilística

Estilística – A *Estilística* é a parte dos estudos da linguagem que se preocupa com o *estilo.*

Que é estilo nesta conceituação – Entende-se por *estilo* o conjunto de processos que fazem da língua representativa um meio de exteriorização psíquica e apelo.

"O estilo, que é a solução para se fazer a língua da representação intelectiva servir às funções não intelectivas da manifestação psíquica e do apelo, é naturalmente levado a "deformar" os fatos gramaticais quando por eles aquelas funções não poderiam figurar".179

Estilística e Gramática – A compreensão deste conceito de *estilo* se fundamenta na lição de Charles Bally, segundo a qual o que caracteriza o estilo não é a oposição entre o *individual* e o *coletivo,* mas o contraste entre o *emocional* e o *intelectivo.* É neste sentido que diferem *Estilística* (que estuda a língua afetiva) e *Gramática* (que trabalha no campo da língua intelectiva). Baralhá-las, de modo que a Estilística se "dissolva" na Gramática, é pôr em perigo duas importantes disciplinas por confundir os seus objetos de estudo.

Uma não é a negação da outra, nem uma tem por missão destruir o que a outra, com orientação científica, tem podido construir. Ambas se completam no estudo dos processos do material de que o gênero humano se utiliza na exteriorização das ideias e sentimentos ou do conteúdo do pensamento designado.

Estilística e a Retórica – Tem-se apresentado a Estilística também como – a negação da antiga Retórica que predomina ainda na crítica tradicional do estilo com suas múltiplas indagações literárias, históricas, sociais, filosóficas e tantos outros domínios que na obra se espalham através do temperamento e atitude do escritor. Cabe aqui recordar as justas considerações de Amado Alonso:180 " ... a estilística não pretende petulantemente declarar caduca a crítica tradicional; reconhece seu alto valor e aprende nela; sabe que na análise de obras de arte nem tudo termina com o prazer estético e que há valores culturais, sociais, ideológicos, morais, enfim, valores históricos que não pode nem quer desprezar. E com a mesma se vê o que pretende e o seu valor: completar os estudos da crítica tradicional fazendo agora entrar um aspecto que estava menosprezado. E não apenas mais um aspecto, senão o aspecto básico e específico da obra de arte, o que dá valor a todos os outros. Por isso a estilística, sobre estudar temas novos, continua estudando com igual amor todos os velhos, apenas o faz do seu ponto de vista. Por exemplo, sempre se estudaram as fontes de um autor ou de uma obra, ou – o que vale o mesmo – a origem das ideias dominantes em um período literário. Porém realizou-se isso por interesse histórico, para fixar procedências. Este é o

ponto de chegada da crítica tradicional. Para a estilística é o ponto de partida, e a si pergunta: que fez meu autor ou minha época com estas fontes? Para usar a velha comparação: estudando o mel, a crítica tradicional estabelece em que flores e de que campos extraiu a abelha; a estilística se pergunta: como resultou este produto heterogêneo com todas as suas procedências, qual é a alquimia, que originais e triunfantes intenções lhe insuflaram vida nova? Ou voltando à comparação da estátua: a crítica tradicional estuda as canteiras donde procede o mármore; a estilística, que é que o artista fez com ele''.

Análise literária e análise estilística – Da lição de Amado Alonso se patenteia que não se há de confundir *análise literária* com *análise estilística*, pois que, trabalhando num mesmo trecho, tem preocupações diferentes e utilizam ferramentas também diversas. Em que pese à autoridade de nossos programas oficiais para ensino de Língua Portuguesa, o que deve ser, primordialmente, objeto da tarefa do professor de língua é a *análise estilística* (ainda que *elementar,* como reza a letra deste mesmo programa), e não a *análise literária,* que é da alçada do professor de Literatura. Ensinando-se a *língua* portuguesa, nada mais natural do que, num texto literário ou não, ressaltar o *sistema expressivo e sua eficácia estética* no idioma ou nas particularidades idiomáticas de um autor literário ou de um simples falante. Para a estilística, interessa tanto a depreensão dos traços estilísticos da língua oral como da escrita, do falante comum e do literato. Com razão disse Vossler que na linguagem de um mendigo vagabundo há gotinhas estilísticas da mesma natureza que todo o mundo expressional de um Shakespeare.

Traços estilísticos – O conjunto de particularidades do sistema expressivo para eficácia estética recebe o nome de *traços estilísticos.* São numerosos os traços estilísticos – e há um avultado número deles cujo valor ainda está para ser analisado – em todos os compartimentos de um idioma.

Cabe-nos agora indagar quando uma *particularidade linguística* se nos apresenta como traço estilístico. "Já sabemos – ensina-nos J. Mattoso Câmara Jr.181 – que o traço estilístico não se trata de uma maneira de dizer necessariamente pessoal; nem pelo fato de ser pessoal se tem necessariamente um traço estilístico. Esta dupla consideração é tão importante que hão de me relevar insistir um pouco mais. Para isso, peço desculpas de me citar a mim mesmo e me reportar a um pequeno artigo que publiquei há tempos na *Revista do Livro* sobre "A Coroa do Rubião": diz-nos Machado de Assis, no *Quincas Borba,* que Rubião, demente, julgando-se "imperador dos franceses" no momento da agonia, cingiu a "coroa", que não era sequer uma bacia, "onde se pudesse palpar a ilusão", "ele pegou nada, ergueu nada e cingiu nada". O emprego de *nada* depois do verbo sem se completar com um *não* antes do verbo, é uma maneira anômala de expressar a negação verbal em português. E é um traço estilístico: não porque seja exclusivamente pessoal de Machado de Assis (quem nos garante que outrem já não tinha feito isto? – nem o escritor faz isto sistematicamente), mas porque nesse dado contexto o emprego de *nada* nessas condições tem um valor "estético", fazendo-nos ver dolorosamente o gesto do pobre louco, mercê do tratamento de *nada*, não como mera partícula

negativa, mas como um substantivo negativo – o oposto de *alguma coisa*: a emoção do escritor e o seu apelo à nossa simpatia se comunicam através desse emprego de *nada*, que é, pois, um emprego estilístico. Ao contrário, quando José de Alencar acentuava a preposição simples *a,* exibia um uso *pessoal* da língua literária (que era um erro do ponto de vista de norma social vigente), mas não um traço estilístico, pois se circunscrevia ao domínio intelectivo (o escritor achava que assim devia escrever por um raciocínio gramatical em falso); seria, ao contrário, um traço estilístico se uma ou outra vez, apenas, aparecesse em seus textos como recurso para insistir na preposição, dando-lhe uma tonicidade excepcional.

Daí o erro dos que, pensando escrever bem, enxameiam suas páginas das chamadas figuras de linguagem (pleonasmos, hipérboles, anacolutos, metáforas, etc.). Essas figuras não se impõem "à outrance" às circunstâncias; estas é que favorecem o aparecimento daquelas para fins estéticos. Terá falhado na pesquisa estilística quem se contentar em dizer que há anacoluto no derradeiro terceto desta conhecida joia de Machado de Assis, que é o soneto à Carolina:

> "que eu, se tenho nos olhos malferidos
> pensamentos de vida formulados,
> são pensamentos idos e vividos".

O anacoluto ultrapassa os limites de uma simples figura, para ser um eficaz recurso estético que põe diante de nossos olhos a profunda dor do esposo que, pensando na companheira que se foi, não tem a paz interior necessária para estruturar racionalmente, intelectivamente, todo o tumulto de ideias que lhe vai n'alma.

Em suma, a Estilística é o passo mais decisivo, no estudo de uma língua, para a educação do sentimento estético e manifestação da competência expressiva.

Traço estilístico e erro gramatical – Não se há de entender que o estilo seja sempre uma deformação da norma linguística. Isto nos leva à distinção entre *traço estilístico* e *erro gramatical*.

O traço estilístico pode ser um desvio ocasional de norma gramatical vigente, mas se impõe pela sua intenção estético-expressiva.

O erro gramatical é o desvio sem intenção estética.

Campo da Estilística – O estudo da Estilística abarca, semelhante à Gramática, todos os domínios do idioma. Lembremos a lição de Bally: "Todos os fenômenos linguísticos, desde os sons até as combinações sintáticas mais complexas, podem revelar algum caráter fundamental da língua estudada. Todos os fatos linguísticos, sejam quais forem, podem manifestar alguma parcela da ida do espírito e algum movimento da sensibilidade. A estilística não é o estudo de uma parte da linguagem, mas o é da linguagem inteira, observada de um ângulo particular. Nunca pretendi (isto é para responder a umas críticas que me fizeram) que a linguagem afetiva existe independentemente da linguagem intelectual, nem que a estilística deva estudar a primeira excluindo a segunda; o que faz é estudá-las ambas em suas relações recíprocas, e examinar em que proporção se aliam para compor este ou aquele tipo de expressão".[182]

Teremos assim os seguintes campos da Estilística:

Estilística
- 1) fônica
- 2) morfológica
- 3) sintática
- 4) semântica

A Estilística Fônica procura indagar o emprego do valor expressivo dos sons: a harmonia imitativa, no amplo sentido do termo. É a *fonética expressiva* de que falamos na parte inicial deste livro.

A Estilística Morfológica sonda o uso expressivo das formas gramaticais. Entre os usos expressivos deste campo lembraremos:

1) *o plural de convite*: põe-se o verbo no plural como que se quisesse incentivar uma pessoa a praticar uma ação trabalhosa ou desagradável. É o caso da mãe que diz à filhinha que insiste em não tomar o remédio:

Olha, filhinha, *vamos* tomar o remedinho.

2) *o plural de modéstia*: o autor, falando de si mesmo, poderá dizer:

Nós, ao escrevermos este livro, tivemos em mira dar novos horizontes ao ensino do idioma.

3) *o emprego expressivo dos sufixos* (mormente os de gradação):

paizinho, mãezinha, poetastro, padreco, politicalha

4) *o emprego de tempos e modos verbais,* como, por exemplo:

a) o presente pelo futuro para indicar desejo firme, fato categórico:

Amanhã eu *vou* ao cinema.

b) o imperfeito para traduzir pedido:

Eu *queria* um quilo de queijo (em vez do categórico e, às vezes, ameaçador *quero*).

c) o presente pelo pretérito para emprestar à narração o ar de novidade e poder comover o ouvinte:

Aí César *invade* a Gália.

5) a *mudança de tratamento*, de um período para outro, para indicar mudança da situação psicológica entre falante e ouvinte, ou entre escritor e leitor. No soneto *Última Folha,* Casimiro de Abreu chama a Deus por *Meu Pai* e ora o trata por *tu,* ora por *vós*. É que em *Meu Pai* o poeta vê Deus como seu íntimo, ligado a ele tão intimamente que lhe cabe o tratamento *tu*. Mas ao poeta Deus se apresentava também como o criador de todas as coisas, o poder supremo a quem só podia caber a fórmula respeitosa e cerimoniosa assumida por *vós*.

A Estilística Sintática procura explicar o valor expressivo das construções:

1) na regência, como, por exemplo, o emprego do posvérbio;
2) na concordância, como, por exemplo, na *atração*, na *silepse*, no infinitivo flexionado para realce da pessoa sobre a ação mesma;
3) na colocação dos termos na oração, na colocação de pronomes, etc.
4) no emprego expressivo das chamadas *figuras de sintaxe.*

A Estilística Semântica pesquisa:

1) a significação ocasional e expressiva de certas palavras:
   Você é um *abacaxi.*
   Aquele aluno é um *monstro.*
   Ele tem uns *bons* sessenta anos.
2) no emprego expressivo das chamadas figuras de palavras ou *tropos* (metáfora, metonímia, etc.) e figuras de pensamento e sentimento (antítese, eufemismo, hipérbole, etc.).

Apêndice

DOIS EXEMPLOS DE ANÁLISE ESTILÍSTICA

A título de meras sugestões aos leitores ainda não familiarizados com as técnicas da análise estilística, temos a satisfação de transcrever aqui dois excertos assinados, um por excelente mestre brasileiro, J. Mattoso Câmara Jr., e outro pelo não menos distinto estudioso português, Jacinto do Prado Coelho. Outras interessantes amostras pode o leitor curioso ver nos estudos de Augusto Meyer, Othon Moacyr Garcia e uma plêiade de patrícios onde está indicada farta bibliografia especializada.

1) *Um soneto de Antônio Nobre*

O comentário de poemas será ainda, em grande parte, criação, inventiva, uma série de desdobramentos psicológicos, evocações, associações de imagens, que mostram a personalidade do leitor a colaborar com simpatia na obra do comentário. A visão de conjunto originária iluminará todo o comentário. A linguagem será encarada, segundo quer Spitzer, como floração da substância espiritual do poema. A divisão metodológica em comentário ideológico e comentário de forma não me parece justa. O poema deve ser olhado como um todo. A consideração das formas linguísticas conduzirá ao psicológico, e acompanhará o comentário da substância do princípio ao fim. O que se pretende, em primeiro lugar, é que o *eu* do leitor comungue no eu do poeta (e Berdiaeff mostrou muito bem a impossibilidade desta comunicação por meios que não sejam de natureza afetiva; pensar é objetivar, é separar). É claro que sem objetivação não há crítica. Mas no comentário de poemas a crítica aos pormenores deve incluir-se num estado de adesão que permaneça durante o comentário.

Tudo isto, eu sei, é muito difícil; nunca consegui realizá-lo satisfatoriamente. Dou, todavia, com exemplo, o comentário dum soneto que tentei fazer segundo a orientação exposta. Começo pela introdução à leitura:

"Antônio Nobre, não só pela concepção que teve da poesia, como pela estranha riqueza da

sua personalidade, é verdadeiramente um poeta moderno. Se ainda vivesse, teria setenta e cinco anos. Talvez a sua presença nos impedisse o convívio estreito com esse rapaz triste que escreveu o *Só*, o livro mais triste que há em Portugal. A sua presença física torná-lo-ia, porventura, mais distante. Assim, porque morreu aos trinta e dois anos, ficou sempre rapaz na nossa lembrança, de olhos doces, pálido, feições finas, embrulhado numa capa de estudante, absorto como é sina dos poetas.

Quando ouvimos o tom lastimoso da sua voz, quando o sentimos tão perto, os nossos braços procuram estender-se através da bruma que separa as almas, para lhe darem finalmente, com piedade fraterna, o carinho que pediu sem receber. Continua vivo a nosso lado, continua conversando, obriga-nos, pelo tom das suas palavras, a ver o mundo como ele via, sentir como ele sentia.

Mas não era assim, pela vida subjetiva, que Nobre queria viver. Nobre foi um homem de desejo. Emigrou para um país diferente, recolheu-se no sonho da infância, chegou a bem-dizer a velha, a senhora Morte, apenas pela força do seu destino.

Antônio Nobre queria viver a nossa vida, queria ser como os outros saudável e contente. Ambicionava uma purinha de cabelo negro e boca vermelha. Confessou-nos o seu "ideal de parisiense": casa defronte do mar, sardinha ao lume, economias no mealheiro, sendo possível, e mulher e filhos. Nobre fora feito para este mundo, e só a doença o afastou dele. O seu desespero dissolveu-se numa resignação de menino suave e obediente, que se entretém com brinquedos de luxo. O seu brinquedo foi a arte. Mas não somente um brinquedo: um meio de confissão, de transmissão da sua humanidade confrangida. Por isso (pensando que ele queria viver, e que morreu tão novo, tão triste, tão só) ouviremos sempre com piedade a voz do seu lamento, e choro de quem já não espera nada, nem mesmo o ópio do regresso, pela memória, aos tempos de criança:

Tombou da haste a flor da minha infância alada,
Murchou na jarra de oiro o pudico jasmim:
Voou aos altos céus a pomba enamorada
Que dantes estendia as asas sobre mim.

Julguei que fosse eterna a luz dessa alvorada,
E que era sempre dia, e nunca tinha fim
Essa visão de luar que vivia encantada
Num castelo ideal com torres de marfim!

Mas hoje as pombas de oiro, aves da minha infância,
Que me enchiam de lua o coração, outrora,
Partiram e no céu evoam-se a distância!

Debalde clamo e choro, erguendo aos céus meus ais:
Voltam na asa do vento os ais que a alma chora,
Elas, porém, Senhor! elas não voltam mais...

De leitura deste soneto fica-nos o travo da desilusão, a amargura de perder o que nunca mais se recupera. As metáforas, cuja finura e cuja riqueza nos impressionam, vêm transmitir uma visão encantada dos anos da meninice. Segundo o poeta, a infância é alada, tem asas, talvez porque o pensamento infantil voa a cada instante para o reino da fantasia, talvez porque a criança é um anjo, pela sua pureza, ainda visível da sua divisa.

Nobre escolheu uma flor, “um pudico jasmim”, para simbolizar essa candura perdida. O jasmim é branco, de perfume penetrante, mas suave. Também as crianças têm a graça, o perfume, a brancura da alma. O adjetivo “pudico” estabeleceu, no espírito do poeta, a ligação entre a flor e a criança: ambos possuem a pudicícia, a castidade, a inocência.

Vejam em tudo isto a delicadeza da arte de Antônio Nobre. Ele pôs de lado os processos declamatórios, a eloquência romântica, os meios diretos e demasiado conhecidos. Para nos dizer que terminou o sonho da sua meninice, a alegria da visão imaculada, Nobre fala-nos da flor que também tombou da haste, do jasmim que murchou num vaso de oiro, da pomba enamorada que se sumiu no azul e nunca mais voltou (lembramos aqui as lindas asas brancas de Garrett, que ele batia para voar ao céu).

Todo o soneto é construído sobre estas metáforas brilhantes, desde as pombas de oiro às torres de marfim. Somos levados a aludir ao simbolismo de Antônio Nobre, à preferência pela magia das insinuações indiretas. Na verdade o simbolismo não passou, a princípio, duma reação contra o processo parnasiano de mostrar as coisas, francamente, inteiramente, dando-as pelo nome próprio, sem rodeio nem véu. Isso tirava ao leitor o prazer de participar na criação.

“Nomear um objeto – escrevia Mallarmé em 1891 – é suprimir três quartos do gozo do poema, que consiste na delícia de adivinhar pouco a pouco; o sonho é sugerir o objeto. O uso perfeito deste mistério constitui o símbolo: evocar lentamente um objeto para mostrar um estado de alma, ou, inversamente, escolher um objeto e tirar dele um estado de alma por uma série de decifrações”. Estas palavras de Mallarmé (que foi o maior dos poetas simbolistas franceses) quadra à poesia de Antônio Nobre; notamos, porém, que, no soneto que hoje comentamos, não há imagens tão ousadas ou alucinantes que revoltem o senso comum; pelo contrário, é bem compreensível que se represente a candura da infância por uma flor branca, o mundo fantástico e hermético das crianças por um castelo de marfim.

O que parece estranho é não ser uma dor humana, dilacerante como a de Antônio Nobre, transmitida sem rodeios, no seu ímpeto de expansão, desalinhada e convulsiva. Não há dúvida de que Nobre foi sempre sincero. Desde pequeno, começou a meditar na morte, porque a esperava. Os prenúncios da tuberculose vieram pouco depois dos vinte anos. E ele, que já em criança pedia que, depois de morto, o embrulhassem num cobertor, “porque tinha medo do frio do jazigo”, depois começou a ver em todas as coisas o riso macabro da morte:

> Em tudo via a Velha, em tudo via a Morte;
> Um berço que dormia era um caixão pr‘a cova:
> Via a Foice no Céu quando era Lua Nova...

Antônio Nobre foi, portanto, um poeta espontâneo. Escreveu com o sangue das suas veias. Mas não foi apenas um homem que sofreu, porque fez dos pedaços da sua dor filigranas de beleza e harmonia. Ele próprio disse uma vez: “A dor que dura sempre produz o prazer que não dura mais que um momento”. Esse momento de que fala Nobre é, sem dúvida, o momento da criação poética, o momento da graça. O poeta depôs no altar da Arte a sua humanidade passageira, que sangrava. Contempla-se na própria imagem, acriançado e um pouco *dândi*, saboreando as palavras, procurando ritmos.

É notar como a palavra “lua” tem na sua poesia um halo especial de associações de imagens. As palavras recebem das outras mais próximas uma incidência de estímulos

psicológicos que muitas vezes transfiguram.

Por isso "lua", nos versos de Nobre ("...aves na minha infância que me enchiam de lua o coração outrora") sugere-nos o mundo saudoso e feminino do poeta, com as graças pálidas e os seus fantasmas adormecidos.

No último terceto, Nobre lança uma queixa dolorida e todavia humilde e resignada:

Debalde clamo e choro, erguendo aos céus meu ais:
Voltam na asa do vento os ais que a alma chora.
Elas, porém, Senhor! elas não voltam mais...

Nobre não renega o Senhor, embora tenha clamado antes de chorar. A rapidez saltitante do segundo verso, composto por palavras todas muito curtas, parece trazer o eco dos ais do poeta, vindos nas asas do vento. Voltam os ais que redobram a sua dor, mas não voltam as pombas de oiro da sua infância alada. O último verso, mais de que a chave racional do soneto, à maneira clássica, é uma frase sentimental: a primeira parte, ascendente, é um grito de alma ("elas, porém, Senhor!"); a segunda parte, descendente, é um suspiro de aceitação ("elas não voltam mais").

Antônio Nobre conformou-se, acabou por amar a sua cruz. Conseguiu tornar-se criança meiga e obediente, de olhos muito abertos, de sorriso tão triste. O sorriso de quem fala de ir viajar, sequinho, para o sol-posto; o sorriso de quem pede que componham com jeito o travesseiro, de modo que lhe faça bom encosto no caixão:

De modo que me faça bom encosto,
O travesseiro comporá com jeito,
E eu, tão feliz! Por não estar afeito,

Talvez este sorriso derive duma atitude premeditada, um último "coquetismo" de moribundo que compõe o lençol, manda abrir a janela e diz qualquer coisa infantil para distrair os outros da sua desgraça. Talvez seja a última defesa de quem teve de entregar-se todo, esfarrapado e sangrando, aos olhos da multidão compadecida".

Jacinto do Prado Coelho (*A Educação do Sentimento Poético*, pág. 65-71).

2) *Um soneto de Machado de Assis*:

A Carolina

...O estilo tem um cunho nitidamente quinhentista.

Sugere-o a formulação global, linguística e rítmica, e sublinham-no certos dados concretos, como, por exemplo, o qualificativo "malferidos", aconselhado por Mário Barreto justamente por se casar ao seu ideal de restauração da linguagem clássica183, a já citada locução de "pensamentos idos e vividos", e a pobreza das rimas dos tercetos em *-ados* e *-idos*, onde se alinham fácil e espontâneamente particípios da 1.ª conjugação e da 2.ª e 3.ª:

Trago-te flores, – restos arrancados
Da terra que nos viu passar unidos
E ora mortos nos deixa e separados
Que eu, se tenho nos olhos malferidos

Pensamentos de vida formulados,
São pensamentos idos e vividos.

O que, entretanto, mais aí nos deve interessar é a "forma interna", isto é, o plano formal imanente no desdobramento das frases.

Para o soneto, a forma interna, assim concebida, se processa pela concatenação de ideias, ascendentes em amplitude e intensidade, até o coroamento de uma larga e culminante expressão final. É o que naturalmente estava prefigurando no microcosmo da copla esparsa, de que vimos provavelmente ter evoluído o soneto.

Em Bocage, esta estruturação chega muitas vezes ao uso de um único período, que só na parte final apresenta as suas orações capitais. Um bom exemplo é o soneto sobre a existência de Deus184 onde vão-se anunciando os fatos da natureza comprobatórios, até se chegar à afirmação dessa existência na base desses fatos –

tudo que há a confessar me obriga

– acrescentando-se o conceito de que tal existência se impõe à Razão, e não apenas à Fé, pela evidência física e pela necessidade no plano moral, o que tinha de ser o capital argumento para o iluminismo oitocentista:

E para crer num braço autor de tudo,
Que recompensa os bons, que os maus castiga,
Não só da Fé mas da Razão me ajudo.

Esse plano formal interno pode, é verdade, oferecer a variante do chamado "soneto elisabetano" (que praticou Shakespeare)185 onde a três estrofes de quatro versos, independentes entre si quanto à rima, se adjunge um dístico final, que resume o pensamento anteriormente desenvolvido. Neste particular, Antônio Nobre nos ilustra uma forma interna de soneto elisabetano moldado na forma externa italiana, quando disjunge pela ideia os dois versos finais do último terceto, neles resumindo todo o teor da poesia, cujo pensamento se concluíra no décimo segundo verso:

Ó virgem que passais ao sol poente,
Pelas estradas ermas a cantar,
Eu quero ouvir uma canção ardente
Que me transporte ao meu perdido lar.
Cantai-me nessa voz onipotente
O sol que venha aureolando o mar,
A fartura da seara reluzente,
O vinho, a graça, a formosura, o luar.
Cantai, cantai, as límpidas cantigas
Do fundo do meu lar desaterrai
Todas aquelas ilusões antigas,
Que eu vi morrer num sonho como um ai!...
Ó suaves e frescas raparigas,
Adormecei-me nessa voz... Cantai! 186

Voltando, entretanto, a "A Carolina" de Machado de Assis, examinemos-lhe a forma interna na base das considerações acima feitas.

Não temos aí, em verdade, um desdobramento de ideias cada vez mais amplas e intensas até um clímax de versos finais.

O poeta combina pensamentos cognatos e paralelos: um nos quartetos, outro no primeiro terceto, enquanto um terceiro pensamento, que é a essência do pequeno poema, se

consubstancia finalmente no último terceto.

Recitemos a produção, comparando-a com o esquema assim depreendido:

A) Visita à sepultura com as ideias que acompanham esse gesto de saudade e carinho: a evocação da felicidade e a afirmação de uma lembrança e um afeto que não mais se apaga ou sequer desfalece:

> Querida, ao pé do leito derradeiro
> Em que descansas dessa longa vida,
> Aqui venho e virei, pobre querida,
> Trazer-te o coração de companheiro.
> Pulsa-lhe aquele afeto verdadeiro
> Que, a despeito de toda a humana lida,
> Fez a nossa existência apetecida
> E num recanto pôs o mundo inteiro.

B) Oferta de flores, como símbolo dessa saudade, que assim se concretiza num gesto ritual:

> Trago-te flores, restos arrancados
> Da terra que nos viu passar unidos
> E ora mortos nos deixa e separados.

C) Finalmente, o conceito de que o poeta está morto para o mundo, e a sua vida física se prolonga automaticamente pelo impulso adquirido de uma força vital que desapareceu:

> Que, se eu tenho nos olhos malferidos
> Pensamentos de vida formulados,
> São pensamentos idos e vividos.

Mas não é tudo. Não se resume nesta análise o plano complexo do soneto.

O poeta articulou sutilmente a parte C com a parte B, tirando-a da expressão, aparentemente secundária, de que ele está tão morto quanto a sua Carolina.

Digo "aparentemente secundária", porque o termo está colocado em meio de frase e como primeiro elemento de um conjugado copulativo, em que predomina formalmente, portanto, o segundo qualificativo *separados*.

Há a intenção de provocar a perplexidade *a posteriori* do leitor, cuja atenção desliza até *separados* e, *depois* de aceitar essa ideia *self-evident*, há de retornar, sem querer, para o paradoxal adjetivo *mortos*, que o antecede. "Mortos, por quê?" Assim concentrado num novo conceito, que obviamente tem de intrigá-lo, está ele preparado para receber o impacto de pensamento final, introduzido ao último terceto por um *que* de valor causal.

Temos, assim, – não um desdobramento que regularmente vai ascendendo para uma ideia ápice –, mas um primeiro pensamento concluso (a evocação da felicidade perdida e a lembrança perene da mulher amada), um segundo que o ilustra numa concretização simbólica, e, saindo de um elemento aí lançado quase ao acaso, um pensamento final, que transfigura o poema e lhe dá a substância definitiva.

É nesta forma interna e no seu contraste com o plano natural de um soneto, que me parece estar, estilisticamente, a significação da pequena joia poética que acabamos de rapidamente apreciar.

Joaquim Mattoso Câmara Jr. (*Revista do Livro*, no. 5, p. 71-73)

179 J. Mattoso Câmara Jr., “Noções de Estilística” in *Littera*, n.º 2, 91.
180 Matéria y Forma en Poesia, 103-104.
181 No artigo citado.
182 *Le Langage et la Vie*, 100.
183 Mário Barreto, *Novos Estudos da Língua Portuguesa*. Rio, 1921; p. 364.
184 *Obras Poéticas de Bocage*, ed. Tavares Cardoso e Irmão. Lisboa 1902, vol. I, 234.
185 Sobre o soneto na literatura inglesa, consultar Enid Hammer, *The Meters of English Poetry*, London, 1954; p. 186 ss.
186 Antônio Nobre, *Só*, 3.a. ed. (Aillaud e Bertrand)., 1913, p. 120.

V – Noções Elementares de Versificação

"La métrique est une science, mais c'est aussi un art.
Le métricien doit connaître la technique du vers, mais
il doit aussi être un homme de bon sens, avoir de la finesse
et du goût" (G. Millardet, *Romania*, 43, 1914, p. 260).

Poesia e prosa – Em sentido formal, chama-se **poesia** à forma de expressão ordenada segundo certas regras e dividida em unidades rítmicas.

Prosa é a forma de expressão continuada. Embora a prosa também possa ter ritmo, aqui ele é menos rigoroso que na poesia.

Verso é o conjunto de palavras que formam, dentro de qualquer número de sílabas, uma unidade fônica sujeita a um determinado ritmo.

Ritmo é a divisão do tempo em período uniformes mediante os apoios sucessivos da intensidade.

Metro é o verso que, além de atender ao ritmo, se apresenta dentro de uma norma regular de medida silábica.

O ritmo, comum ao verso e ao metro, não se manifesta de maneira uniforme; por isso produz efeitos diferentes conforme a disposição das cláusulas silábicas que constituem o período rítmico do verso.

Por sua vez, um mesmo metro pode apresentar-se sob várias modalidades rítmicas.

Pode-se mudar de ritmo sem alterar o metro ou o verso, como se pode mudar de metro ou verso sem alterar o ritmo.

Como ensina Navarro Tomás, o ritmo nasce da disposição acentual, o verso depende da ação do ritmo, e o metro obedece justamente ao ritmo e à medida silábica.

Além do ritmo acentual, outros recursos suplementares contribuem para dar ao verso as qualidades de sua fisionomia e de colorido; são recursos fônicos, morfológicos e semânticos. Além da rima e da estrofe, figuram, entre outros, a harmonia vocálica, a aliteração de consoantes, o paralelismo, a anáfora, a ordem das palavras ou a valorização semântica de uma palavra ou expressão.

Por melhor que seja o verso, perderá muito de seu valor se proferido por um leitor – e até mesmo pelo seu autor - que não saiba pôr em evidência as características de sua estrutura rítmica, métrica e de seus apoios fônicos.

Pausa final. Cavalgamento – Na leitura de um poema, marca-se o final de cada verso ou final de cada unidade de verso composto (*hemistíquio*) com uma pausa, a chamada *pausa métrica*. Esta pausa métrica não passa de uma pequena interrupção, que não chega a confundir com a pausa mais demorada, resultante da entoação da oração, marcada em geral por vírgula ou outro sinal de pontuação.

Não levar na devida conta a pausa métrica, além de atentar contra o ritmo, pode converter o verso em falsa prosa.

A pausa métrica é transferida para a primeira sílaba tônica do verso seguinte, quando a unidade sintática excede o limite de um verso e, para completar-se, "cavalga" ou "monta" no verso a seguir, patenteando, assim, um desacordo entre a unidade sintática e a unidade métrica. Este fenômeno é conhecido pela denominação francesa *enjambement*, que se pode traduzir, como fez Said Ali, por *cavalgamento*. Também se usa o termo *encavalgamento*:

> "Sonho profundo, ó Sonho doloroso,
> Doloroso e profundo Sentimento!
> *Vai, vai nas harpas trêmulas do vento*
> *Chorar o teu mistério tenebroso*" [CS.1, II, 63].

Versificação – é a técnica de fazer versos ou de estudar-lhes os expedientes rítmicos de que se constituem.

"Não se há de confundir *versificação* com *poesia*. A poesia é um *dom*: nasce-se poeta. A versificação é uma arte: torna-se um versejador. Grandes poetas, como Vigny, foram medíocres versejadores. Hábeis versejadores, como Teodoro de Banville, não podem jamais ser chamados poetas" [BH.1, 431].

O **ritmo poético**, que na essência não difere das outras modalidades de ritmo, se caracteriza pela repetição. O ritmo consiste na divisão perceptível do tempo e do espaço em intervalos iguais. Quando a poesia se constitui de unidades rítmicas iguais, diz-se que a versificação é *regular;* quando isto não ocorre, a versificação é *irregular* ou *livre*.

O ritmo poético utiliza recursos que nem sempre são coincidentes de idioma para idioma.

Entre nós, por exemplo, não figura a quantidade que é o alicerce da versificação latina ou grega. A rima, por outro lado, que hoje nos é tão familiar e querida, não constituía peça essencial da poesia até a Idade Média latina.

Em português o ritmo poético é assegurado pela utilização dos seguintes expedientes que se podem combinar de maneira variadíssima:

1) número fixo de sílabas;

2) distribuição das sílabas fortes (ou tônicas) e fracas (ou átonas);

3) cesura;

4) rima;

5) aliteração;

6) encadeamento;
7) paralelismo.

O número fixo de sílabas coordenado com a distribuição das sílabas fortes e fracas constitui um *metro poético* e o seu estudo recebe o nome de *métrica*.

I – Número Fixo de Sílabas

Como se contam as sílabas de um verso – Na recitação a contagem das sílabas se processa diferentemente da análise gramatical; nesta se atenta para a sua representação na escrita enquanto naquela se busca a realidade auditiva. No verso:

"É toda um hino: – esperança!" [CA.1, 97]

Há sete sílabas para o poeta (este só conta até a última tônica) e dez sílabas para o gramático; aquele não profere o *a* final de *toda*, liga a consoante *d* a *um*, omite o *o* final de *hino* e junta o *n* à sílaba inicial de *esperança*:

É / to / d(a)um / hi / n(o): – es / pe / ran / ça
1 2 3 4 5 6 7

Só se conta até a última sílaba tônica: verso agudos, graves e esdrúxulos – Uma das orientações que distinguem a contagem das sílabas entre o poeta e o gramático, é que o primeiro, de acordo com orientação revivida (foi iniciada por Couto Guerreiro, no século XVIII) 187 por Antônio Feliciano de Castilho, no século XIX, só leva em conta até a última sílaba tônica, desprezando a átona ou as átonas finais. Daí a divisão dos versos em *agudos*, *graves* ou *esdrúxulos*, conforme terminarem, respectivamente, por vocábulos oxítonos, paroxítonos, ou proparoxítonos, como nos seguintes versos, todos de dez sílabas:

"O padre não falou – mostrou-lhe o céu!" [CA.1, 137] **Agudo**
"Eu vi-a lacrimosa sobre as *pedras*." [CA.1, 106] **Grave**
"Estátua da aflição aos pés dum túmulo!" [CA.1, 106] **Esdrúxulo**

Neste livro indicaremos a sílaba métrica pelo símbolo ∪ ; quando for tônica poremos nele um acento tônico: ∪.188

Fenômenos fonéticos correntes na leitura dos versos – Na leitura dos versos, proferimos as palavras com as junções e as pausas que o falar de todos os momentos conhece; por exagero, entretanto, tais fenômenos fonéticos costumam ser explicados como "exigência da técnica versificatória".

Estes fenômenos são: 1) sinérese; 2) diérese; 3) elisão; 4) crase; 5) ectlipse; e podem ocorrer uns dentro do mesmo vocábulo (*intraverbais* ou *internos*) e outros pela junção de dois vocábulos (*interverbais* ou *externos*).

Sinérese ou ditongação é a junção de vogais contínuas numa só sílaba em virtude de uma das vogais passar a semivogal, no interior da palavra.

Na língua portuguesa moderna, especialmente no Brasil, é normal a sinérese interna: "a) nos grupos vocálicos átonos não finais, de segunda vogal, alta, correspondente em vocábulo derivado ou composto à vogal tônica do primitivo (ex.: *traidor*, de *trair*) ou à vogal inicial de uma das formas mínimas componentes (ex.: *vaidade*, rad. *va-*, suf. *-idade*), sendo que, fora dessas duas condições, se tem aí um ditongo sistemático (ex.: *lei-tu-ra*, *cau-te-la*, etc.); b) nos grupos vocálicos átonos não finais, de primeira vogal alta (ex.: *piedade*, *suavidade*); c) nos grupos vocálicos átonos finais, de primeira vogal átona (ex.: *glória*, *áscua*, *série*, *tênue*), sendo que não há primeira vogal média nesses grupos (cf. *níveo*/*níviu*/*mágoa*/*mágua*). A intenção estilística ou a métrica, no verso, criam frequentemente diérese nos dois primeiros casos" [MC.4, 221].

DIÉRESE é a dissolução de um ditongo em hiato no interior da palavra.

A diérese, que é sempre interna, é fenômeno hoje raro em poesia, geralmente usado apenas para certos fins expressivos ou como expediente para dar ao verso o número de sílabas exigidas:

"Pe / sa / -me es / ta / bri / lhan / te au / ré / o / la / de / nu / me..." [MA].

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12

O movimento lento, proferindo *auréola* (*au-ré-o-la*) como vocábulo de quatro sílabas, parece emprestar à situação o colosso do tamanho que tem o sol, em relação à simplicidade do vaga-lume.

Às vezes costuma-se indicar a diérese pondo-se trema no *i* ou *u*: *vaïdade* (*va-i-da-de*), *saudade* (*sa-u-da-de*).189

SINALEFA, é a perda de autonomia de uma vogal para tornar-se semivogal e, assim, constituir um ditongo com a vogal seguinte:

E triste e triste e fatigado eu‿vinha (lido como tritongo: /wew/).

ELISÃO é o desaparecimento de uma vogal quando pronunciada junto de outra vogal diferente:

e fatigad(o)‿eu vinha (lido: /ew/) [CCh.1, 667].

A pronúncia rápida dos portugueses leva mais frequentemente à realização de elisões do que a pronúncia mais lenta dos brasileiros. Nem sempre, como no exemplo acima, a elisão é indicada graficamente:

Mas se forçoso *t'é* deixar a pátria [CA.1, 125].

Note-se também que a elisão pode abarcar mais de duas vogais.

CRASE é a fusão de dois ou mais sons iguais num só:

"Teu pensamento, como‿o sol que morre,
Há de cismando mergulhar-se‿em mágoas" [CA.1, 125].
"Durante a noite quando‿o orvalho desce" [CA.1, 144].

ECTLIPSE é a supressão da ressonância nasal de uma vogal final de vocábulo para facilitar a sinérese ou a crase com a vogal contígua.190

Ocorre com mais frequência a ectlipse no final *-em* e na preposição *com*. Neste último caso, é comum ser indicada por apóstrofo, porque, a rigor, a ectlipse não passa de uma elisão considerada a palavra no seu sentido mais geral (o Vocabulário Oficial recomenda não usar apóstrofo: coa, coas, co, cos):

"Co'as tranças presas na fita,
Co'as flores no samburá" [CA.1, 116].

É preciso insistir, mais uma vez, que os fenômenos fonéticos aqui estudados só na mão do versejador são frios recursos de aumento ou diminuição de sílabas para atender às exigências da técnica versificatória; na mão do verdadeiro poeta constituem intencionais e vigorosos elementos do quadro que o artista deseja pôr diante de nossos olhos. O ritmo que devemos imprimir ao verso, acelerado aqui, com pausas acolá, é uma como harmonia imitativa das ideias que o poeta nos quer transmitir.

O ritmo e a pontuação do verso – Já acentuamos que nem sempre a unidade de sentido do poema coincide com os limites de sua linha, o que nos mostra o erro daqueles que leem verso fazendo longa pausa no fim de cada um deles.191 Esta longa pausa só é lícita quando a unidade sintática o exigir ou permitir:

"Meus Amigos, Adeus – Verei fulgindo
A lua em campo azul, e o sol no ocaso
Tingir de fogo a implacidez das águas;
Verei hórridas trevas lento e lento
Descerem, como um crepe funerário
Em negro esquife, onde repoisa a morte" [GD.3, I, 213].

Às vezes se podem ligar fonemas de palavras separadas por algum sinal de pontuação ou, ao contrário, pode haver uma pausa sem que seja indicada por sinal gráfico adequado, como nestes versos de dez sílabas:

"E eu, fitando-a, abençoava a vida" [CA.1, 279], lido:
E / eu / fi / tan / do-a a / ben / ço / a / va a / vi / da
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
"Ama-se a vida – a mocidade é crença" [CA.1, 144].

Expedientes mais raros na contagem das sílabas – Ao lado dos casos até aqui apontados, há outros de menos incidência, mas que merecem nossa atenção. Lembraremos os três seguintes:

a) o movimento rítmico de um verso pode estar sob a influência do verso anterior ou do seguinte, fazendo com que a vogal ou sílaba inicial de um verso fique incorporada no verso precedente; isto vem explicar a exatidão métrica de alguns versos aparentemente errados por se apresentarem mais curtos do que deviam:

"Chorar a virgem formosa
Morta na flor dos anos" [CA.1, 83], que será lido:
Cho / rar / a / vir / gem / for / mo /
1 2 3 4 5 6 7
sa / mor / ta na / flor / dos / a / nos
1 2 3 4 5 6 7

b) o silêncio ou pausa mais forte valendo como sílaba:

"Às vezes, oh, sim, / derramam tão fraco" [GD.3, I, 68].
"O céu era azul, / tão meigo e tão brando" [GD.3, I, 45].

são versos de onze sílabas aos quais a pausa intencional do poeta (indicada aqui por /) vale por uma sílaba métrica.

c) a dissolução de um encontro consonântico pela intercalação de uma vogal (/ *i* / ou / *e* /), não indicada na escrita, fazendo da primeira consoante uma sílaba à parte, o que revela uma tendência da pronúncia brasileira corrente:

"Ninguém mais *observa* o tratado" [GD.2] – *observa* deve ser lido com quatro sílabas.
"Contudo os olhos *d'ignóbil* pranto" [GD.1] – *ignóbil* deve ser lido também com quatro sílabas.

2 – Número Fixo de Sílabas e Pausas

O número fixo de sílabas e pausas é o principal dos apoios rítmicos do verso. O poeta tem a liberdade de não ficar, em todo o poema, preso ao mesmo metro. No poema de Gonçalves Dias, intitulado *Minha Vida e Meus Amores*, ocorre uma mudança de metro muito interessante. O poeta vinha versejando em decassílabos acentuados na sexta sílaba ou na quarta e oitava:

Outra vez que lá fui, que a vi, que a medo
Terna voz lhe escutei: – sonhei contigo! –
Inefável prazer banhou meu peito,
Senti delícias; mas a sós comigo
Pensei – talvez! – e já não pude crê-lo.

De súbito, nos versos 67 e 68 faz cair as pausas na quarta e sétima sílaba, aproximando o ritmo decassílabo do ritmo de onze sílabas, que vai aparecer nos versos 70 e 71:

Ela tão meiga e tão cheia de encantos,
Ela tão nova, tão pura e tão bela...
Amar-me! – Eu que sou?
Meus olhos enxergam, enquanto duvida
Minh'alma sem crença, de força exaurida,
Já farta da vida,
Que amor não doirou. [MB.1, II, 127].

Na poesia *A Tempestade*, Gonçalves Dias varia a medida de estrofe; a estrofe começando por duas sílabas até chegar a onze, quando retorna num movimento decrescente até voltar ao

de duas sílabas. Com isto o poeta quis-nos indicar mais vivamente "a aproximação gradativa da tempestade, cuja maior fúria estoura na décima estrofe, para depois afastar-se pouco a pouco" [Manuel Bandeira, editor das Obras de Gonçalves Dias, II, 235].

Os versos em português variam, em geral, de uma a doze sílabas, sendo raros os que ultrapassam este número. Para sua designação empregam-se os nomes gregos denotativos de número prefixados ao elemento -*sílabo*: *mono*- (um só), *dis*- (dois), *tri*- (três), *tetra*- (quatro), *penta*- (cinco), *hexa*- (seis), *hepta*- (sete), *octo*- (oito), *enea*- (nove), *deca*- (dez), *hendeca*- (onze), *dodeca*- (doze): *monossílabo*, *dissílabo*, *trissílabo*, *tetrassílabo* (também chamado *quadrissílabo*) , *pentassílabo* (também dito *redondilha menor*) , *hexassílabo*, *heptassílabo* (também dito *redondilha maior* ou só *redondilha*) , *octossílabo*, *eneassílabo*, *decassílabo* (também chamado *heróico*) , *hendecassílabo* (também chamado de *arte maior*) e *dodecassílabo* (ou também *alexandrino*), nome tirado das numerosas composições medievais que cantavam os feitos do guerreiro Alexandre, mormente o *Poema de Alexandre*, composto no século XII, por Alexandre de Bernay e Lambert Licor.

Cesura – Os versos longos, de ordinário a partir dos de dez sílabas, apresentam uma pausa interna, chamada *cesura*, para ressaltar o movimento rítmico, dividindo o verso em duas partes, nem sempre iguais, conhecidas pelo nome de *hemistíquios*. A *cesura* pode ser uma pausa menor (não indicada por sinal de pontuação), ou mais acentuada (indicada na escrita por sinal de pontuação).

Como assinala Navarro Tomás, "em qualquer ponto do verso pode ocorrer uma interrupção requerida pela sintaxe ou pela necessidade de destacar o significado de uma palavra. Estas paradas ocasionais não têm a função métrica da cesura ou da pausa" [NT.1, 28].

Versos de uma a doze sílabas – Os versos de uma, duas e três sílabas só têm uma sílaba forte:

a) Monossílabos (raríssimos):

"quebra
queima
reina
dança
sangue
gosma..." [MAn *apud* MB.3, 3242].

b) Dissílabos:

"Um raio
Fulgura
No espaço
Esparso
De luz" [GD.4, 229].

c) Trissílabos:

"Vem a aurora
Pressurosa,
Cor-de-rosa,

Que se cora
De carmim" [GD.4, 229].

d) Tetrassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ↺ ∪ ↺
"O sol desponta" [GD.4, 230].

2 – ∪ ∪ ∪ ↺
"Que entre verdores" [GD.4, 230].

3 – ↺ ∪ ∪ ↺
"Lá no horizonte" [GD.4, 230].

4 – ∪∪↺ ↺
"Salomé vinha" [*apud* MB.3, VI, 3242].

e) Pentassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ↺ ∪ ∪ ∪ ↺
"Gados que pasceis" [LC *apud* SA.3, 30].

2 – ∪ ↺ ∪ ∪↺
"Um ponto aparece" [GD *apud* SA.3].

3 – ∪ ∪ ↺ ∪ ↺
"Não sou eu tão tola" [JD *apud* SA.3].

f) Hexassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ↺ ∪ ↺ ∪↺
"Não solta a voz canora" [GD, *ibid.*].

2 – ∪ ↺∪ ∪ ∪↺
"Que um canto d'inspirado" [*Id.*, *ibid.*].

3 – ∪ ∪ ↺ ∪ ∪↺
"Como é fundo o sentir" [CA *apud* SA.3, 33].

4 – ↺ ∪↺ ∪ ∪ ↺
"Pois permite e consente" [LC *apud* SA.3, 32].

5 – ↺ ∪ ∪↺∪ ↺
"Tu já mataste a sede,
Mate-me a sede a mim" [JD *apud* SA.3].

6 – ∪ ∪ ∪ ↺ ∪↺
"E à luz do luar incerto" [AG *apud* MC.3, II, 149].

g) Heptassílabos – são os versos mais usados e populares em português e apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ◡ ◡ ◡ ◡ ◡◡◡
"Cresce a chuva, os rios crescem" [GD, *ibid.*].

2 – ◡´◡ ◡ ◡◡◡ ◡ ◡
"Fogem do vento que ruge" [*Id.*, *ibid.*].

3 – ◡ ◡◡ ◡ ◡◡◡ ◡
"Ardendo na usada sanha" [*Id.*, *ibid.*].

4 – ◡ ◡ ◡◡ ◡◡◡◡◡
"Como ovelhas assustadas" [*Id.*, *ibid.*].

5 – ◡ ◡ ◡◡ ◡ ◡◡ ◡ ◡
"Que da praia arreda o mar" [*Id.*, *ibid.*].

6 – ◡ ◡◡◡ ◡◡◡ ◡◡◡
"É já torrente bravia" [*Id.*, *ibid.*].

7 – ◡ ◡ ◡◡ ◡ ◡◡◡◡
"Grossos troncos a boiar"

8 – ◡ ◡◡ ◡ ◡ ◡ ◡ ◡◡
"Aqui nestas redondezas" [V. de Carvalho *apud* MC.3, 148].

h) Octossílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ◡ ◡◡ ◡ ◡◡ ◡ ◡◡ ◡ ◡◡
"Demônios mil, que, ouvindo-as, digam" [RC *apud* SA.3, 39].

2 – ◡◡ ◡◡ ◡ ◡◡◡◡ ◡◡
"Sabes tu de um poeta enorme" [MA *apud* SA.3, 40].

3 – ◡◡ ◡ ◡◡ ◡◡◡◡ ◡◡
"Roxas, brancas, rajadas, pretas" [*Id.*, *ibid.*].

4 – ◡ ◡◡ ◡ ◡ ◡◡◡◡ ◡◡◡
"Deixando a palhoça singela" [*Id.*, *ibid.*].

5 – ◡ ◡ ◡◡◡ ◡ ◡◡◡◡
"São Bom Jesus de Matozinhos" [AG *apud* MC.3, 150].

6 – ◡ ◡ ◡◡ ◡ ◡ ◡ ◡◡◡
"Querem vê-lo no seu altar" [*Id.*, *ibid.*].

7 – ◡◡◡◡ ◡◡ ◡ ◡ ◡◡
"Para ficar perto dos ninhos" [*Id.*, *ibid.*].

8 – ◡◡ ◡◡◡ ◡ ◡◡◡◡
"Alto, porém, tão alto soa" [RC *apud* SA.3, 40].

i) Eneassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ∪ ↺∪ ∪↺∪ ∪ ↺
"E no túrgido ocaso se avista" [GD, *op. laud.*]

2 – ∪∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ∪∪ ↺
"Além, nos mares tremulamente" [RC *apud* MC.3].

3 – ∪ ↺ ∪ ∪ ∪↺∪ ∪ ↺
"Da cor de uma menina sem vida" [AG *apud* MC.3, 152].

4 – ↺ ∪ ∪ ↺ ∪ ↺ ∪ ∪↺
"Pobres de pobres são pobrezinhos" [G. Junqueira *apud* SA.3, 42].

5 – ↺ ∪ ∪↺∪ ∪ ↺ ∪ ↺
"Dei-me ao relento, num mar de lua" [R. Correia *apud* SA.3].

6 – ∪ ↺ ∪↺∪ ∪ ↺ ∪ ↺
"Também outrora num mar de lua" [*Id.*, *ibid.*].

7 – ↺ ∪∪∪↺∪ ∪ ∪ ↺
"Pobre lua nova, tão pequena" [A. Guimarães *apud* MC.3].

j) Decassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ∪↺ ∪ ↺
"Um som longínquo cavernoso e ouco" [GD, *ibid.*].

2 – ∪ ∪ ∪ ∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ∪ ↺
"Eis outro inda mais perto, inda mais rouco" [*Id.*, *ibid.*].

3 – ∪↺ ∪ ↺ ∪ ↺ ∪ ∪ ∪ ↺
"Troveja, estoura, atroa; e dentro em pouco" [*Id.*, *ibid.*].

4 – ↺ ∪ ∪ ∪ ∪ ↺∪ ∪∪↺
"Rasga-se o negro bojo carregado" [*Id.*, *ibid.*].

5 – ∪ ↺ ∪ ∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ∪↺
"E enquanto a luz do raio o sol roxeia" [*Id.*, *ibid.*].

6 – ∪ ∪↺∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ∪ ↺
"Das ruínas completas o grande estrago" [*Id.*, *ibid.*].

7 – ∪∪ ∪ ∪ ↺ ∪ ↺ ∪ ∪ ↺
"O sonho passou. Traz magoado o rim" [MB.3, 3243].

8 – ∪ ∪ ∪ ∪↺ ∪ ↺ ∪ ∪↺
"Magoada a cabeça exposta à umidade" [*Id.*, *ibid.*].

9 – ∪∪ ∪ ↺∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ↺
"Doce repouso de minha lembrança" [LC *apud* MB.3].

k) Hendecassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ↺∪∪ ↺ ∪ ∪ ↺ ∪∪ ↺
"Nos últimos cimos dos montes erguidos"

2 – ↺ ∪ ∪ ∪↺ ∪ ∪ ↺ ∪∪ ↺
"Ai! há quantos anos que eu parti chorando" [GJ.1, 117].

3 – ∪∪ ∪ ∪ ↺∪ ∪∪∪∪ ↺
"Deste meu saudoso, carinhoso lar!..." (*Id.*, *ibid.*).

4 – ∪ ∪ ↺ ∪ ↺∪ ∪ ∪ ↺∪ ↺
"Foi há vinte?... há trinta?... Nem eu sei já quando!..." [*Id.*, *ibid.*].

l) Dodecassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ∪ ↺∪∪↺ / ∪∪↺∪ ∪ ↺
"Já não fala Tupã no ulular da procela" [OB *apud* SA.3, 56].

2 – ∪ ↺ ∪ ↺∪↺/ ∪ ↺∪↺∪↺
"E espalham tanto brilho as asas infinitas" [*Id.*, *ibid.*].

3 – ∪ ∪ ↺∪∪ ↺ / ∪ ↺ ∪ ↺ ∪↺
"Como a faixa de luz que o povo hebreu guiava" [*Id.*, *ibid.*].

4 – ∪ ↺ ∪ ↺ ∪ ↺ / ∪∪↺ ∪∪↺
"Teu pé também deixou um sinal neste solo" [*Id.*, *ibid.*].

5 – ↺∪ ∪↺ ∪ ↺ / ↺ ∪ ∪ ↺ ∪↺
"Ruge soturno o mar; turva-se hediondo o dia" [*Id.*, *ibid.*].

6 – ↺∪ ∪ ↺ ∪ ↺/ ∪ ↺∪ ↺∪ ↺
"Súbito a nota extrema anseia, treme, rola" [CAv.1, I, 115].

7 – ↺ ∪ ∪ ↺ ∪ ↺/ ∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ↺
"Noiva que espera o noivo e suspira em segredo" [OB *apud* SA.3].

8 – ∪ ↺ ∪ ↺∪ ↺/ ↺ ∪ ∪↺ ∪ ↺
"Em torno a cada ninho anda bailando uma asa" [*Id.*, *ibid.*].

9 – ∪ ∪ ↺∪ ∪ ↺ / ↺∪ ∪ ↺ ∪ ↺
"Vês com olhos do céu cousas que são do mundo" [MA, *ibid.*].

10 – ↺∪ ↺∪ ∪ ↺ / ↺∪ ↺ ∪ ∪↺
"Essa que ora nos céus anjos chamam Lenora" [*Id.*, *ibid.*].

11 – ↺∪ ↺∪ ∪↺ / ↺∪ ∪ ↺ ∪ ↺
"Casa, rico jardim, servas de toda a parte" (*Id.*, *ibid.*).

12 – ↺ ∪ ↺ ∪ ∪ ↺/∪ ↺ ∪ ↺ ∪↺
"Berço em que se emplumou o meu primeiro idílio" [OB, *ibid.*].

13 – ↺ ∪ ↺∪ ∪ ↺/∪∪↺ ∪ ∪ ↺
"Passa um velho judeu, avarento e mesquinho" (G. Junqueira, *ibid.*).

"A lei orgânica do alexandrino pode ser expressa em dois artigos: 1.º) quando a última palavra do primeiro verso de seis sílabas é grave (1.º hemistíquio), a primeira palavra do segundo deve começar por uma vogal ou por um *h*; 2.º) a última palavra do primeiro verso nunca pode ser esdrúxula. Claro está que, quando a última palavra do primeiro verso é aguda,

a primeira do segundo pode indiferentemente começar por qualquer letra, vogal ou consoante.

Alguns poetas modernos, desprezando essa regra essencial, têm abolido a tirania da censura. Mas o alexandrino clássico, o verdadeiro, o legítimo, é o que obedece a esses preceitos".192

3 – Rima: Perfeita e Imperfeita 193

Chama-se *rima* a igualdade ou semelhança de sons pertencentes ao fim das palavras, a partir da sua última vogal tônica.

As palavras em rima podem estar no fim (*rima final*, a mais usual) ou no interior do verso (*rima interna*), podendo, neste último caso, uma das palavras ocupar a posição final.

Interna é a rima que se faz com a última palavra de um verso e uma palavra no interior do verso seguinte. Em *Aventura Meridiana* (*Os Amores* de P. Ovídio Nasão, 63 e ss.), A. F. de Castilho, compondo quartetos de versos alternados, de 12 e 6 sílabas, rima o 1.º verso com a 2.ª sílaba do 2.º; o 2.º com o 4.º; o 3.º com a 2.ª sílaba do 4.º; finalmente variando o verso ora grave, ora agudo:

"Era na estiva quadra! Intenso meio-dia
Pedia um respirar;
No meio do meu peito
Me deito a descansar.

Janela entreaberta, esquiva ao sol fogoso,
Repouso ali mantém;
Luz como a de espessura
Escura ao quarto vem".

A rima pode ser *perfeita* (ou com *homofonia*) ou *imperfeita* (ou com *semi-homofonia*). Diz-se *perfeita* quando é completa a identidade dos fonemas finais, a partir da última vogal tônica:

"És engraçada e formosa
Como a rosa,
Como a rosa em mês d'abril;
És como a nuvem doirada
Deslizada,
Deslizada em céus d'anil" (G. Dias, *Obras*, 59).

Na rima perfeita, pode haver ainda identidade da(s) consoante(s) anterior(es) à vogal tônica. Para os versos inglês e alemão o fato constitui falta grave.

Diz-se *imperfeita* aquela em que a identidade de fonemas finais não é completa, insistindo-se apenas naqueles fonemas que se diferenciam fundamentalmente dos demais [CCh.2, 200]. Ocorre a rima imperfeita quando:

a) se rima uma vogal de timbre semiaberto com outra de timbre semifechado:

"Bailando no ar, gemia inquieto vaga-lume:
– "Quem me dera que fosse aquela loura *estrela*,
Que arde no eterno azul, como eterna *vela*!"
Mas a estrela, fitando a lua, com ciúme." (M. de Assis).

b) um dos finais tem um som que o outro não tem:

"Nessa *vertigem*
Amara a *virgem*" (C. de Abreu, *Obras*, 194).

Muitas vezes, a perfeição ou imperfeição da rima é relativa, conforme a pronúncia padrão. No Brasil, por exemplo, constituem rimas perfeitas as que se fazem entre certas vogais e ditongos (*desejos* com *beijos*; *luz* com *azuis*; *atroz* com *heróis*; *vãs* com *mães*; *espirais* com *Satanás*; *bondoso* com *repouso*). Em Portugal é perfeita a rima entre *mãe* e *também* (ou *tem*, etc.), prática que, por imitação literária, ocorre entre alguns de nossos poetas românticos.

c) se rima uma vogal oral com uma vogal nasal:

De que ele, o sol, inunda
O mar, quando se *põe*,
Imagem moribunda
De um coração que *foi* [JD *apud* CCh.1, 694].

d) se rimam vocábulos com só identidade das vogais tônicas (rima *toante* ou *assonante*).

Rimas consoantes e toantes – A rima se diz *consoante* quando é perfeita, isto é, tem os mesmos fonemas a partir da última vogal tônica do verso: *vaga-lume* / *ciúme*.

Toante (também *assonante*, de *assonância*) é a rima imperfeita, em que há apenas identidade nas vogais tônicas:

calma / *cada*; *terra* / *pedra*.

Disposição das rimas – Quanto à maneira por que se dispõem nos versos, as rimas podem ser *emparelhadas*, *alternadas* (ou *cruzadas*), *opostas* (ou *entrelaçadas* ou *enlaçadas*), *interpoladas* e *misturadas*.

Cada rima de uma estrofe é designada por uma letra maiúscula ou minúscula do alfabeto, de modo que a sucessão de letras indica a sucessão das rimas. Assim no exemplo:

"Moços, quero, entre vós, falar à nossa terra...
Somos sua esperança e o seu último amparo;
Em nosso corpo e em nosso espírito se encerra
O que ela agora tem de mais certo e mais caro" [JO.2, 159].

A distribuição das rimas é representada pelo esquema *abab* (ou ABAB) onde *a* indica a rima -*erra* (terra / encerra) e *b* a rima -*aro* (amparo / caro).

EMPARELHADAS são as que se sucedem duas a duas (o esquema é *aabbcc*, etc.):

"Numa vida anterior, fui um xeque macilento
E pobre... Eu galopava, o albornoz solto ao vento,
Na soalheira candente; e, herói de vida obscura,
Possuía tudo: o espaço, um cavalo, e a bravura" [OB.1].

ALTERNADAS (ou *cruzadas*) são as que, num grupo de quatro versos, se alteram, fazendo que o 1.º verso rime com o 3.º (e os demais ímpares) e o 2.º com o 4.º (e os demais pares).

Correspondem ao esquema *abab*:

"Ora (direis) ouvir estrelas! Certo
Perdeste o senso!" E eu vos direi, no entanto,
Que, para ouvi-las, muita vez desperto
E abro as janelas, pálido de espanto..." [OB.1].

OPOSTAS (ou *entrelaças* ou *enlaçadas*) são as que se verificam em dois versos entre os quais medeiam dois outros também rimados.

Correspondem ao esquema *abba*:

"Vai-se a primeira pomba despertada.
Vai-se outra mais... Mais outra... E enfim dezenas
De pombas vão-se dos pombais apenas
Raia, sanguínea e fresca, a madrugada" [R. Correia].

INTERPOLADAS são aquelas em que, num grupo de seis versos, o terceiro rima com o sexto, enquanto o primeiro rima com o segundo, e o quarto com o quinto. Correspondem ao esquema *aabccb*:

Eu nasci além dos mares
Os meus lares,
Meus amores ficam lá!
– Onde canta nos retiros
Seus suspiros,
Seus suspiros o sabiá! (C. de Abreu).

MISTURADAS são aquelas em que a distribuição é livre. As rimas misturadas, para lograrem êxito, requerem constância, vivacidade e sonoridade:

"É meia-noite... e rugindo
Passa triste a ventania,
Como um verbo da desgraça,
Como um grito de agonia.
E eu digo ao vento que passa
Por meus cabelos fugaz:
"Vento frio do deserto,
Onde ela está? Longe ou perto?
Mas, como um hálito incerto,
Responde-me o eco ao longe.
"Oh! Minh'amante, onde estás?..." [C. Alves].

4 – ALITERAÇÃO

Aliteração – É o apoio rítmico que consiste em repetir fonemas em palavras simetricamente dispostas. A aliteração nasce, em geral, de desejo de harmonia imitativa.

"A juruti suspira sobre as folhas secas" [C. de Abreu].
"É a perda dura dum futuro inteiro" [*Id.*].
"Vozes veladas, veludosas vozes,
Volúpias dos violões, vozes veladas,
Vagam nos velhos vórtices velozes

Dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas" [Cruz e Sousa].

5 – Encadeamento

Encadeamento – Consiste na repetição simetricamente disposta de fonemas, palavras, expressões ou um verso inteiro.

Foi recurso rítmico muitíssimo usado na poesia medieval e é frequente na poesia moderna em versos livres. Exemplos colhidos em Augusto Frederico Schmidt:

"No entanto este *motivo escolhido existe*.
Não *vejo*, esta *tristeza*, da saudade da que é *sempr*e a *Ausente*
Nem da sua graça desaparecida..." (repetição de fonema)
"*Pensei* em mortos que morreram entre indiferentes.
Pensei nas velhas mulheres..." (repetição de palavra)
"No princípio foi um balanço contínuo e vagaroso,
Depois foi descendo uma sombra indistinta,
Um grande leito surgiu e lençóis brancos como espuma
.....
No princípio foi um balanço contínuo e vagaroso" (repetição de verso).

6 – Paralelismo

Paralelismo – É a repetição de ideias mediante expressões aproximadas:

"O monstrengo que está no fim do mar
Na noite de breu ergueu-se a voar;
À roda da nau voou três vezes,
Voou três vezes a chiar,
E disse: *Quem é que ousou entrar*
Nas minhas cavernas que não desvendo,
Meus tetos negros do fim do mundo?
E o homem do leme disse, tremendo:
"El-Rei Dom João Segundo!"

"*De quem são as velas onde me roço?*
De quem as quilhas que vejo e ouço?"
Disse o monstrengo, e rodou três vezes,
Três vezes rodou imundo e grosso:
"*Quem vem poder o que eu só posso*,
Que moro onde nunca ninguém me visse
E escorro os medos do mar sem fundo?"
E o homem do leme tremeu, e disse:
"El-Rei Dom João Segundo!" (F. Pessoa).

7 – Estrofação

O poema pode conter dois ou mais versos os quais se agrupam para formar uma *estrofe*.

O costume tradicional é iniciar cada verso com letra maiúscula, qualquer que seja a sua relação sintática. Pode-se, entretanto, pôr, no início, letra minúscula, conforme a sua relação sintática com o verso precedente.

As estrofes podem ser *simples*, *compostas* e *livres*.

SIMPLES são as estrofes formadas de versos com a mesma medida.

COMPOSTAS são as que encerram versos de diferentes medidas.

LIVRES são as que admitem versos de qualquer medida.

As estrofes de dois, três, quatro, cinco, seis, oito e dez versos recebem, respectivamente, os seguintes nomes especiais: *dísticos*, *tercetos*, *quadras* (ou *quartetos*) , *quintilhas*, *sextilhas*, *oitavas* e *décimas*. As estrofes de *sete* e *nove* versos não têm nome especial.

8 – VERSO DE RITMO LIVRE

"O que chamamos impropriamente *versos livres* é uma série irregular de versos que tomados em separado são regulares" [BH.1, 427].

O verso de ritmo livre não tem número regular de sílabas, versos e estrofes, nem são uniformes e coincidentes o número e a distribuição das sílabas átonas e tônicas responsáveis pelo movimento rítmico.

O verso de ritmo livre exige do poeta uma realização tão completa quanto o verso regular. "À primeira vista, parece mais fácil de fazer do que o verso metrificado. Mas é engano. Basta dizer que no verso livre o poeta tem de criar o seu ritmo sem auxílio de fora. É como o sujeito que solto no recesso da floresta deva achar o seu caminho e sem bússola, sem vozes que de longe o orientem, sem os grãozinhos de feijão da história de João e Maria. Sem dúvida não custa nada escrever um trecho de prosa e depois distribuí-lo em linhas irregulares, obedecendo tão somente às pausas do pensamento. Mas isso nunca foi verso livre... O modernismo teve isso de catastrófico: trazendo para a nossa língua o verso livre, deu a todo o mundo a ilusão de que uma série de linhas desiguais é poema" [MB.1, II, 1282].

9 – RECITAÇÃO

"A recitação do verso, além dos requisitos exigidos para a da prosa, exige uma gesticulação adequada, sem exageros, um jogo fisionômico apropriado e que o recitalista não faça sentir demais a rima nem a cesura. No caso dos versos livres modernos é preciso descobrir o ritmo e a intenção que o poeta lhes quis dar" [AN.1, V, 108].

187 É interessante observar que Guerreiro optou pela contagem do verso até a última sílaba tônica por amor à brevidade, como declara, para evitar a "frequente repetição de *agudo*, *grave* e *esdrúxulo*, já que a última sílaba tônica basta para o verso ser

constante" (*Tratado de Versificação Portuguesa*, Lisboa, 1784, p. 6). À semelhança dos italianos e espanhóis, a contagem antiga dos versos portugueses levava sempre em conta a existência de sílaba átona depois da última tônica (a base era o verso grave).

188 O emprego antigo e ainda corrente do *mácron* (¯) para as tônicas e da *braquia* (˘) para as átonas pode confundir os conceitos de quantidade e intensidade.

189 O novo sistema ortográfico proposto não agasalha este emprego do trema.

190 "Sem isso, a sinérese, ou a crase, é anômala, porque a ressonância nasal corresponde a um travamento da sílaba e só as sílabas terminadas por vogal são propriamente *livres* e se prestam à crase ou sinérese" [MC.4, 103].

191 "(...) na leitura da poesia em que (pondo de parte o encavalgamento) o final de verso correspondente a uma cláusula (e, significativamente, a um sintagma), não é muitas vezes marcado por um silêncio, mas por algo como a combinação de uma descida de tom com um nítido prolongamento da última sílaba tônica" [HCv.2, II, 464 n. 33].

192 O. Bilac - G. Passos, Tratado de Versificação, 68-69.

193 Os versos que não rimam chamam-se *soltos* ou *brancos*.

Abreviatura de Autores e Obras Citadas

[AA] Amado Alonso

[AA.1] *Materia y Forma en Poesía*. Madrid, Gredos, 1952.

[AAr] Afonso Arinos

[AAr.1] *Pelo Sertão*. Rio de Janeiro, Garnier, 1915.

[AAr.2] *História e Paisagens*. Rio de Janeiro, Garnier, 1921.

[AAz] Aluísio Azevedo

[AB] Andreas Blinkenberg

[AB.1] *L'Ordre des Mots en Français Moderne*, 2 vols. Copenhague, Hørst, 1928.

[ABo] Amini Boainain Hauy

[ABo.1] *Da Necessidade de uma Gramática-Padrão da Língua Portuguesa*. São Paulo, Ática, 1983.

[AC] Antônio Feliciano de Castilho

[AC.1] *Tradução dos Fastos de Ovidio*, 3 vols. Lisboa, 1862.

[AC.2] *Quadros Históricos*. Lisboa, 1864.

[AC.3] *As Sabichonas – Trad. do Teatro de Molière*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1928.

[AC.4] *Misantropo – Trad. do Teatro de Molière*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1924.

[AC.5] *Tratado de Metrificação Portuguesa*, 3.ª ed. Lisboa, 1889.

[AC.6] *Sonho de uma Noite de S. João*. Porto, 1874.

[AC.7] *Rev. Lisbonense* nº 24.

[AC.8] *Livraria Clássica – Padre Manuel Bernardes*, 2 vols. Lisboa, 1865.

[AC.9] *As Geórgicas de Vergílio* , 2.ª ed. anotada por Otoniel Mota. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1938.

[AC.10] *Felicidade pela Agricultura*. Ponta Delgada, 1849.

[AC.11] *Colóquios Aldeãos*, 2.ª ed. Lisboa, 1872.

[ACo] Adolfo Coelho

[ACo.1] *Noções Elementares de Gramática Portuguesa*. Porto, Lemos Editora, 1891.

[ACo.2] *A Língua Portuguesa*, 3.ª ed. Porto, Magalhães-Moniz Editora, 1896.

[ACt] Armando Cortesão

[ACt.1] *Cartas à Mocidade.* Lisboa, 1954.

[AE] M. Alvar Ezquerra

[AE.1] *La Formación de Palabras en Español*. Madrid, Arcos Libros, 1996.

[AF] Antônio Ferreira

[AF.1] *Poemas Lusitanos*. Lisboa, Sá da Costa.

[AF.2] *A Castro*, ed. Sousa da Silveira. In *Textos Quinhentistas*.

[AFg] Antero de Figueiredo

[AFg.1] *O Último Olhar de N. Senhora*. Lisboa, Bertrand, 1944.

[AG] A. Guimarães

[AGa] Almeida Garrett

[AGa.1] *Romanceiro*. In *Obras Completas*. Ed. Teófilo Braga. 2 vols. Lisboa, 1904.

[AGa.2] *Da Educação*. In *Obras Completas*.

[AGa.3] *Camões*, 3.ª ed. Lisboa, Imprensa Nacional, 1944.

[AGa.4] *Viagens na minha Terra*, ed. Estanco Louro. Lisboa, F. Franco, 1934.

[AGa.5] *Tio Simplício* in *Obras Completas*.

[AGo] Alfredo Gomes

[AGo.1] *Gramática Portuguesa*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1930.

[AGr] Antoine Grégoire

[AGr.1] *Petit Traité de Linguistique*. Paris, Delagrave, 1923.

[AH] Alexandre Herculano

[AH.1] *Eurico*. Lisboa, 1876.

[AH.2] *Fragmentos Literários*, ed. de A. Leite. Rio de Janeiro, Sauer, 1921.

[AH.3] *O Bobo*. Lisboa, 1878

[AH.4] *Lendas e Narrativas*, 2 vols. Lisboa, 1876.

[AH.5] *O Monge de Cister*, ed. dirigida por David Lopes. Lisboa, Aillaud, s/d.

[AH.6] *História de Portugal*, ed. dirigida por David Lopes. Lisboa, Aillaud, 1914.

[AH.7] *Opúsculos*, ed. dirigida por David Lopes, 1878.

[AK] Adriano da Gama Kury

[AK.1] *Novas Lições de Análise Sintática*, 6.ª ed. São Paulo, Ática, 1993.

[AK.2] *Elaboração e Editoração de Trabalhos de Nível Universitário*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1987.

[AK.3] Normas de Editoração. Vide [AK.2].

[AL] Emilio Alarcos Llorach

[AL.1] *Gramatica de la Lengua Española*, 4.ª ed. Madrid, Espasa Calpe, 1994.

[AL.2] *Estudios de Gramática Funcional del Español*, 3.ª ed. Madrid, Gredos, 1976.

[ALb] Alf Lombard

[ALb.1] *L'Infinitif de Narration dans les Langues Romanes*. Upsala-Leipzig, 1911.

[AM] Aníbal Machado

[AM.1] *Vida Feliz*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1944.

[AN] Antenor Nascentes

[AN.1] *O Idioma Nacional*, 5 vols. Rio, 1919. 3.ª ed. S.Paulo, Ed. Nacional, 1957.

[AN.2] *O Problema da Regência*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1960.

[AN.3] *Dificuldades de Análise Sintática*. Rio de Janeiro, 1959.

[AN.4] *O Linguajar Carioca*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1963.

[ANb] Antônio Nobre

[ANb.1] *Só*, ed. Vitório Nemésio. Lisboa, Bertrand, 1947.

[AO] Alberto de Oliveira

[AO.1] *Mil Trovas*. Lisboa, Livraria Clássica Ed., 1945.

[AOl] Alberto de Oliveira

[AOl.2] *Poesias*, 4 séries. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1912.

[AP] Afonso Pena Jr.

[AP.1] *A Arte de Furtar e o seu Autor*. 2 vols. Rio de Janeiro, José Olympio Ed.,1946.

[APa] Antônio de Pádua

[APa.1] *Notas de Estilística*. Rio de Janeiro, Org. Simões, s/d.

[APg] Antonino Pagliaro

[APg.1] *A Vida do Sinal*, trad. Aníbal Pinto de Castro. Lisboa, Fund. Calouste Gulbenkian, 1965.

[AR] Aquilino Ribeiro

[AR.1] *Jardim de Tormenta*. Lisboa, Ailland (??), 1919.

[AS] Antônio Sandmann

[AS.1] *Formação de Palavras no Português Brasileiro Contemporâneo*. Curitiba, Scientia et Labor/ Ícone, 1989.

[AV] Pe. Antônio Vieira

[AV.1] *Sermões*, ed. fac-similada. São Paulo, Anchieta, 1945.

[AVi] Antonio Vilarnovo Caamaño

[AVi.1] *Lógica y Lenguaje en Eugenio Coseriu*. Madrid, Gredos, 1997.

[BBo] José M. Barbosa du Bocage

[BBo.1] *Poesias*. 5 vols., ed. Rebelo da Silva. Lisboa, A. Lopes, 1853.

[BC] Andrés Bello-Rufino J. Cuervo

[BC.1] *Gramática de la Lengua Castelhana*. Paris, Roger-Chervoviz, 1903.

[BD] Karl Brugmann-Berthold Delbruck

[BD.1] *Grundriss der vergleichenden Grammatik der indogermanischen Sprachen*. L. Aufl.

[BH] Ch. Bruneau-M. Heulluy

[BH.1] *Grammaire Pratique de la Langue Française*. Paris, Delagrave, 1937.

[BM] Bertil Malmberg

[BM.1] *La Phonétique*. Paris, PUF, 1962.

[BP] Bernard Pottier

[BP.1] *Linguística General. Teoría y Descripción*, trad. esp. Madrid, Gredos, 1977.

[CA] Casimiro de Abreu

[CA.1] *Obras de Casimiro de Abreu*, 2.ª ed. anotada por S. da Silveira. Rio de Janeiro, MEC-Casa de Rui Barbosa, 1955.

[CAl] Cesar H. Alonso

[CAl.1] *Gramática Funcional del Español*, 2.ª ed. Madrid, Gredos, 1986.

[CAv] Castro Alves

[CAv.1] *Obras Completas*, 2 vols., ed. Afrânio Peixoto. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1921.

[CAz] José Carlos Azeredo

[CAz] Revendo Análises: A descrição sintática e seu ensino In *Língua e Linguagem em Questão*. Org. Maria Teresa G. Pereira. Rio de Janeiro, EDUERJ, 1997.

[CB] Charles Bally

[CB.1] *Le Langage et la Vie*, 3.ª ed. Paris, Payot.

[CB.2] *Linguistique Générale et Linguistique Française*, 3.ª ed. Framke, Berne, 1954.

[CBd] Cláudio Brandão

[CBd.1] *O Particípio Presente e o Gerúndio em Português*. Belo Horizonte, 1933.

[CBd.2] *Sintaxe Clássica Portuguesa*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1961.

[CBr] Camilo Castelo Branco

[CBr.1] *A Queda de um Anjo*, ed. de P. A. Pinto. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1953.

[CBr.2] *Bohemia do Espírito*, 1.ª ed. Porto, Livr. Civilização, 1886.

[CBr.3] *Correspondência Epistolar*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.4] *Carlota Ângela*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.5] *A Bruxa de Monte Córdova*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.6] *O Bem e o Mal*, ed. M. Casassanta. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1955.

[CBr.7] *Cem Cartas*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa.

[CBr.8] *A Morgada de Romariz*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.9] *A Neta do Arcediago*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.10] *Memórias do Cárcere*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d

[CBr.11] *Os Brilhantes do Brasileiro*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.12] *O Senhor do Paço dos Ninhães*, ed. Júlio Nogueira. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1955.

[CBr.13] *O Vinho do Porto*, 1.ª ed. Porto, Livr. Civilização, 1844.

[CBr.14] *Justiça*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa.

[CC] Luís da Câmara Cascudo

[CC.1] *Contos Tradicionais do Brasil*. Rio de Janeiro, Americ. Edit., 1942.

[CCh] Celso Cunha - Lindley Cintra

[CCh.1] *Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa, João Sá da Costa, 1984.

[CCh.2] *Estudos de Poética Trovadoresca*. Rio de Janeiro, INL.

[CDa] Carlos Drummond de Andrade

[CDa.1] *O Poder*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1973.

[CF] Cândido de Figueiredo

[CF.1] *Combate sem Sangue*. Lisboa, 1923.

[CG] Carlos Góis

[CG.1] *Sintaxe de Regência*, 4.ª ed. Rio de Janeiro, 1924.

[CJ] Cândido Jucá (filho)

[CJ.1] *As Categorias Gramaticais*. Rio de Janeiro, 1957.

[CL] Carlos de Laet

[CL.1] *Obras Seletas*, 3 vols. Rio de Janeiro, Fund. Casa de Rui Barbosa, 1983.

[CLu] Celso Pedro Luft

[CLu.1] *Dicionário Prático de Regência Verbal*. São Paulo, Ática, 1996.

[CN] Coelho Neto

[CN.1] *Apólogos.* Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1945.

[CP] Eduardo Carlos Pereira

[CP.1] *Gramática Expositiva* (curso superior), 81.ª ed. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1951.

[CR] Ernesto Carneiro Ribeiro

[CR.1] *Serões Gramaticais*, 2.ªed. Bahia, 1902.

[CR.2] *Redação do Projeto do Código Civil* [Tréplica]. Bahia, Of. Dois Mundos,1905

[CS] Cruz e Sousa

[CS.1] *Obras Completas*, 2 vols., ed. de Nestor Vítor, R. Janeiro, Anuário do Brasil.

[CS.2] *Últimos Sonetos*, ed. e notas de A. da Gama Kury. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa.

[DG] Francisco Dias Gomes

[DG.1] *Obras Poéticas*. Lisboa, ed. da Academia. 1779.

[DN] Dag Norberg

[DN.1] *Syntaktische Forschungen auf dem Gebiete des Spätlateins und des fruhen Mittellateins*. Upsala, 1943.

[EB] Evanildo Bechara

[EB.1] *Estudos sobre os Meios de Expressão do Pensamento Concessivo em Português*. Rio de Janeiro, 1954.

[EBc] Edouard Bourciez

[EBe.1] *Éléments de Linguistique Romane*, 4.ª ed. Paris, 1946.

[EBm] Eneida Bonfim

[EBm.1] *Advérbios*. São Paulo, Ática, 1988.

[EBv] Emile Benveniste

[EBv.1] *Problemas de Linguística Geral* (trad. bras.). São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1976.

[EBv.2] *Problemas de Linguística Geral* (trad. bras.). São Paulo, Pontes, 1989.

[EC] Euclides da Cunha

[EC.1] *Os Sertões*, 2ª ed. Rio de Janeiro, Laemmert, 1903.

[ECs] Eugenio Coseriu

[ECs.1] *Teoría del Lenguaje y Linguística General*. Madrid, Gredos, 1973.

[ECs.2] *Sincronía, Diacronía e Historia* (El Problema del Cambio Linguístico). Madrid, Gredos, 1973.

[ECs.3] *Linguística Testuale*. Roma, Boringhiere, 1997.
[ECs.4] *Lecciones de Linguística General*. Madrid, Gredos, 1981.

[ECs.5] *Principes de Syntaxe Fonctionnelle*. Strabourg-Nancy, Klincksieck, 1989.

[ECs.6] *Introducción a la Linguística*. Madrid, Gredos, 1986.

[ECs.7] *Gramática, Semántica, Universales*. Madrid, Gredos, 1978.

[ECs.8] *Competencia Linguística*. Madrid, Gredos, 1992.

[ECs.9] *El Sistema Verbal Románico*. México, Siglo Veinteuno, 1996. Versão em parte reduzida de *Das romanische Verbalsystem*. Tubingen, Verlag Gunter Narr, 1976.

[ECs.10] *Tradición y Novedad en la Ciencia del Lenguaje*. Madrid, Gredos, 1977.

[ECs.11] *Estudios de Linguística Románica*. Madrid, Gredos, 1977.

[ECs.12] *Principios de Semántica Estrutural*. Madrid, Gredos, 1977.

[ECs.13] "O Meu Saussure". In *Confluência*, 14: 33-36, 1997.

[ECs.14] *El Hombre y su Lenguaje*. Madrid, Gredos, 1977.

[ECs.15] "Fundamentos e Tarefas da Sócio e Etnolinguística". In *Atas do 1º Congresso de Sócio e Etnolinguística*, João Pessoa, UFParaíba, 1990.

[ED] Epifânio Dias

[ED.1] *Gramática Portuguesa Elementar*, 12.ª ed. Lisboa, A.F. Machado Editor, 1905.

[ED.2] *Sintaxe Histórica Portuguesa*, 5.ª ed. Livraria Clássica Editora, 1970.

[EG] Ernst Gamillscheg

[EG.1] *Französische Bedeutungslehre.* Tubingen, Niemeyer, 1951.

[EM] Alfred Ernout-Antoine Meillet

[EM.1] *Dictionnaire Etymologique de la Langue Latine*, 4.ª ed. Paris.

[EN] Eugene Nida

[EN.1] *Morphology*, 2.ª ed. Baltimore, Ann Arbor, 1961.

[EQ] Eça de Queirós

[EQ.1] *A Cidade e as Serras*. Porto, Chardron, 1921.

[EQ.2] *Primo Basílio*. Porto, Chardron, 1909.

[EQ.3] *Os Maias*, 2.ª ed. Porto, Chardron, 1921.

[EQ.4] *Contos*. Porto, Chardron, 1920.

[EQ.5] *A Correspondência de Fradique Mendes*. Porto, Chardron, 1900.

[ER] Elise Richter

[ER.1] *Wie wir sprechen*. Leipzig, Teubner, 1912.

[ES] Eduard Sapir

[ES.1] *A Linguagem*, trad. J. Mattoso Câmara Jr., Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica.

[EV] Mª Victoria Escandell Vidal

[EV.1] *Los Complementos del Nombre*. Madrid, Arcos Libros, 1995.

[EVm] Érico Veríssimo

[FB] Fausto Barreto

[FB.1] *Antologia Nacional*, 7.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1915.

[FBl] Franz Blatt

[FBl.1] *Précis de Syntaxe Latine*, Paris, Ed. IAC, 1952.

[FBr] Ferdinand Brunot

[FBr.1] *La Pensée et la Langue*, 3.ª ed. Paris, Nasson, 1953.

[FC] Firmino Costa

[FC.1] *Léxico Gramatical*. São Paulo, Melhoramentos, s/d.

[FDz] Friederic Diez

[FDz.1] *Grammaire des Langues Romanes*, 3 vols., 3.ª ed. Paris, Viewew, 1874-76.

[FE] Filinto Elísio

[FE.1] *Vidas e Feitos d'El-Rei D. Manuel*, 2 vols. Porto, 1946.

[FE.2] *Obras Completas*, 11 vols., ed. Paris, Of. A. Bobée, 1817-1819.

[FF] Francisco José Freire

[FH] Frederico Hanssen

[FH.1] *Gramática Histórica de la Lengua Castelhana*. Halle, Niemeyer, 1913.

[FP] Fernando Pessoa

[FP.1] *Mensagem*, ed. Ivo Castro.

[FT] Franklin Távaro

[FT.1] *O Cabeleira*, 2.ª ed., Rio de Janeiro, Tip. Nacional, 1876.

[FV] Fagundes Varela

[GD] Gonçalves Dias

[GD.1] *Juca Pirama* in *Obras Poéticas*.

[GD.2] *Tabira* in *Obras Poéticas*.

[GD.3] *Obras Poéticas*, ed. M. Bandeira, 2 vols. São Paulo, Cia. Editora Nacional.

[GG] Samuel Gili Gaya

[GG.1] *Curso Superior de Sintáxis Española*, 2.ª ed. Barcelona, 1948.

[GGh] Georges Gougenheim

[GGh.1] *Système Gramatical de la Langue Française*. Paris, D'Artrey-D'Artrey, 1939.

[GJ] Guerra Junqueira

[GJ.1] *Os Simples*. Lisboa, 1920.

[GM] Gladstone Chaves de Melo

[GM.1] *Gramática Fundamental da Língua Portuguesa*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Livraria Padrão, 1970.

[GM.2] *Excelências Vernáculas de Gonçalves Dias*. Rio de Janeiro, Livraria Padrão, 1986.

[GR] J. Guimarães Rosa

[GR.1] *Sagarana*, 10.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1968.

[GrR] Graciliano Ramos

[GrR.1] *Infância*, 5.ª ed.. São Paulo, Martins Editora, 1961.

[GrR.2] *São Bernardo*, 3ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora.

[HB] Mª Lluísa Hernanz-José Mª Brucart

[HB.1] *La Sintáxis. Principios Teóricos. La oración simple*. Barcelona, Editora Crítica, 1987.

[HC] Humberto de Campos

[HC.1] *Sombras que Sofrem*. São Paulo, Editora Jackson, 1945.

[HC.2] *Memórias*, 2 vols. São Paulo, Editora Jackson, 1945.

[HCv] J. G. Herculano de Carvalho

[HCv.1] *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa, Editora Verbo.

[HCv.2] *Teoria da Linguagem*, 6.ª ed., I. Coimbra, Coimbra Editora, 1983.

[HCv.3] *Teoria da Linguagem*, 4.ª reimpr., II. Coimbra, Coimbra Editora, 1984.

[HCv.4] *Estudos Linguísticos*, vol. III. Coimbra, Coimbra Editora, 1984.

[HG] Heráclito Graça

[HG.1] *Factos da Linguagem*. Rio de Janeiro, Viúva Azevedo, 1904.

[HGe] Hørst Geckeler

[HGe.1] *Semántica Estrutural y Teoría del Campo Léxico*. Madrid, Gredos, 1987.

[HM] Harri Meier

[HM.1] *Ensaios de Filologia Românica*. Lisboa, Rev. de Portugal, 1948.

[HR] Horácio Rolim de Freitas

[HR.1] *Princípios de Morfologia*, 4.ª ed. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1997.

[HS] Holger Stein

[HS.1] *Les Particularités de la Langue Portugaise*. Copenhague, 1944.

[JA] José de Alencar

[JA.1] *Sertanejo*. In *Obra Completa*, 2.ª ed., 5 vols., Rio de Janeiro, Aguilar, 1965.

[JA.2] *O Guarani*. In *Obra Completa*.

[JA.3] *Iracema*. In *Obra Completa.*

[JCo] Jacinto de Prado Coelho

[JCo.1] *A Educação do Sentimento Poético*, *Coimbra*, Coimbra Edit., 1944.

[JCR] Jacinto Corte-Real

[JCR.1] *Naufrágio de Sepúlveda*. Lisboa, Tip. Rolandiana, 1842.

[JD] João de Deus

[JDe] J. Deely

[JDe.1] *Semiótica Básica*. São Paulo, Ática, 1994.

[JF] Jackson de Figueiredo

[JL] José Lins do Rego

[JL.1] *Riacho Doce*, 1.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1939.

[JL.2] *Água Mãe*, 1.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1941.

[JL.3] *Bangue*, 6.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1966.

[JLy] John Lyons

[JLy] *Introdução à Linguística Teórica*, trad. bras. de Rosa Virgínia M. e Silva e Helio Pimentel, revista por Isaac Salum. São Paulo, 1979.

[JM] Júlio Moreira

[JM.1] *Estudos da Língua Portuguesa*, 2 vols. Lisboa, 1907-1913.

[JMa] Johan Nicolau Madvig

[JMa.1] *Grammatica Latina*, trad. de A. Epifânio Dias. Porto, Tip. M. Pereira, 1872.

[JO] José Oiticica

[JO.1] *Manual de Análise Léxica e Sintática*, 6.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1942.

[JO.2] *Sonetos*, 1911.

[JO.3] in *Rev. Filológica*, n.º 29, Rio de Janeiro.

[JO.4] in *Revista Filológica*, n.º 16, Rio de Janeiro.

[JR] João Ribeiro

[JR.1] *Gramática Portuguesa*, 21.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1921.

[JR.2] *Floresta de Exemplos*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1959.

[JR.3] *Fabordão*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1964.

[JR.4] *Autores Contemporâneos*, 15.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1926.

[JR.5] *Seleta Clássica*, 4.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves.

[JR.6] *Cartas Devolvidas*. Lisboa.

[JV] Jules Vendryes

[JV.1] *Le Langage*, 2.ª ed. Paris, Albin, 1925.

[KB] Karl Brugmann

[KB.1] *Abregé de Grammaire Comparée des Langues Indo-Européennes*. Paris, 1905.

[KN] Kristofer Nyrop

[KN.1] *Grammaire Historique de la Langue Française*, V, 6 vols. Copenhague, 1935.

[LB] Lima Barreto

[LB.1] *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, 1.ª ed. Rio de Janeiro, 1915.

[LB.2] *Vida e Morte de Gonzaga de Sá*, 1.ª ed. Rio de Janeiro, 1919.

[LB.3] *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, 2.ª ed. Rio de Janeiro.

[LBl] Leonard Bloomfield

[LBl.1] *Language*, New York, Henry Holt, 1941.

[LC] Luís de Camões

[LC.1] *Os Lusíadas*, 2.ª ed. anotada por A. Epifânio Dias.

[LC.2] *Rimas*, ed. anotada por A. da Costa Pimpão.

[LCa] Lúcio Cardoso

[LCa.1] *Crônica da Casa Assassinada*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Edit. Letras e Artes, 1963.

[LCi] Luís Felipe Lindley Cintra

[LCi.1] *Formas de Tratamento na Língua Portuguesa*. Lisboa, 1972.

[LCo] Latino Coelho

[LCo.1] *História Política e Militar de Portugal*. Lisboa.

[LCo.2] *República e Monarquia*. Lisboa.

[LCr] F. Lázaro Carreter

[LCr.1] *Diccionario de Términos Filológicos*, 3.ª ed. Madrid, Gredos, 1968.

[LG] Luís Guimarães Jr.

[LM] Leonardo Mota

[LR] Léonce Roudet

[LR.1] *Éléments de Phonétique Générale*. Paris, H. Walter, 1911.

[LS] Frei Luís de Sousa

[LS.1] *A Vida de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires*, 2 vol., Lisboa, 1818.

[LSp] Leo Spitzer

[LSp.1] "Le Langage-éco". In *Boletim de Filologia*, V. Lisboa.

[LSp.2] *Attributives Gerundium* in *Zfr. Sprache und Literatur*, vol. L.

[LV] José Leite de Vasconcelos

[LV.1] *Lições de Filologia Portuguesa*, 2.ª ed. Lisboa, 1926.

[LV.2] *Opúsculos*, 7 vols. Lisboa, Imprensa da Universidade.

[MA] Machado de Assis

[MA.1] *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, 4.ª ed., Garnier, 1899.

[MA.2] *Várias Histórias*, 2.ª ed., Garnier, 1896.

[MA.3] *Quincas Borba*, Editora Garnier, 1909.

[MA.4] *D. Casmurro*, Editora Garnier, 1899.

[MA.5] *Papéis Avulsos*, Editora Garnier, 1882.

[MA.6] *Contos Fluminenses*, Editora Garnier, 1899.

[MA.7] *Memorial de Aires*, Editora Garnier, 1908.

[MA.8] *Esaú e Jacó*, Editora Garnier, 1904.

[MA.9] *Histórias sem Data*, Editora Garnier, 1884.

[MAg] Martinz de Aguiar

[MAg.1] *Notas de Português de Filinto e Odorico*. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1953.

[MAg.2] *Notas e Estudos de Português*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Fund. Getúlio Vargas.

[MAg.3] *Repasse Crítico da Gramática Portuguesa*, 2.ª ed. Fortaleza, Casa José de Alencar – Univ. do Ceará, 1996.

[MAn] Mário de Andrade

[MB] Manuel Bandeira

[MB.1] *Poesia e Prosa*, 2 vols. Rio de Janeiro, Aguilar, 1958.

[MB.2] *Andorinha, Andorinha*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1966.

[MB.3] Versificação Portuguesa. In *Enciclopédia Delta-Larousse*.
[MBa] Mário Barreto

[MBa.1] *Novos Estudos da Língua Portuguesa*, 3.ª ed., Rio de Janeiro, Presença, 1980.

[MBa.2] *Últimos Estudos da Língua Portuguesa*, 2.ª ed.. Rio de Janeiro, Presença, 1986.

[MBa.3] *Novíssimos Estudos da Língua Portuguesa*, 3.ª ed., 1980.

[MBa.4] *Através do Dicionário e da Gramática*, 3.ª ed., 1986.

[MBa.5] *De Gramática e de Linguagem*, 3.ª ed., 1982.

[MBa.6] *Cartas Persas de Montesquieu*, trad. de MBa, Editora Garnier, 1923.

[MBa.7] *Factos da Língua Portuguesa*, 3.ª ed., 1982.

[MBe] Pe. Manuel Bernardes

[MBe.1] *Nova Floresta*, ed. fac-similada da 1.ª. São Paulo, Anchieta, 1945.

[MBe.2] *Luz e Calor*, ed. fac-similada da 1.ª. São Paulo, Anchieta, 1945.

[MBr] Michel Bréal

[MBr.1] *Essai de Sémantique*, 3.ª ed. Paris, Hachette, 1903.

[MBs] Margarida Basílio

[MBs.1] *Teoria Lexical*. São Paulo, Ática, 1987.

[MC] J. Mattoso Câmara Jr.

[MC.1] *Princípios de Linguística Geral*, 4.ª ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica.

[MC.2] *Teoria da Análise Léxica*. Rio de Janeiro, Aquarone, 1956.

[MC.3] *Gramática*, 3.ª e 4.ª séries, R. Janeiro, Briguiet, 1956.

[MC.4] *Dicionário de Linguística e Gramática*. Petrópolis, Vozes, 1977.

[MC.5] *Elementos da Língua Pátria*, 2.ª ed., 4 vols. Rio de Janeiro, Briguiet, 1938.

[MC.6] Noções de Estilística. In *Littera*, Rio de Janeiro, Grifo.

[MC.7] *Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa*, 2.ª ed, R. Janeiro, Padrão, 1977.

[MC.8] *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Padrão.

[MG] R. F. Mansur Guérios

[MG.1] *Tabus Linguísticos*. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1979.

[ML] Monteiro Lobato

[ML.1] *Cidades Mortas*. São Paulo, Editora Brasileira.

[MLe] Mendes Leal

[MLk] W. Meyer Lubke

[MLk.1] *Grammaire des Langues Romanes*, 4 vols., trad. fr. de Doutrefont e Rabiet. New York, Stechert, 1923.

[MM] Marquês de Maricá

[MM.1] *Máximas do Marquês de Maricá*, ed. anotada por Sousa da Silveira. Rio de Janeiro, MEC/Casa de Rui Barbosa, 1958.

[MMa] Maximino Maciel

[MMa.1] *Gramática Descritiva*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1923.

[MMa.2] *Lições Elementares de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1923.

[MMc] Aires da Mata Machado Filho

[MMc.1] *Nos Domínios do Vocabulário*. São Paulo, Boa Leitura Ed., s/d.

[MMe] Francisco Manuel de Mello

[MMe.1] *Feira de Anexins*, ed. Inocêncio, Lisboa, 1876.

[MP] Martins Pena

[MP.1] *Teatro*, ed. Darcy Damasceno.

[MPz] Marcial Morera Perez

[MPz.1] *Semántica del Sistema Preposicional del Español Moderno y sus Campos de Uso*. Puerto del Rosário, 1988.

[MR] Moritz Regula

[MR.1] *Grammaire Française Explicative*. Berne, Francke Verlag, 1952.

[MV] Mário Vilela

[MV.1] *Estruturas Léxicas do Português*. Coimbra, Almedina, 1979.

[MV.2] *Gramática de Valências: teoria e aplicação*. Coimbra, Almedina, 1992.

[NC] Nina Catach

[NC.1] *La Pontuaction*. Paris, PUF, 1994.

[NE] Hans Nilsson-Ehle

[NE.1] *Les Adverbes en -ment Compléments d'un Verbe*. Lund-Leipzig, 1941.

[NT] T. Navarro Tomás

[NT.1] *Manual de Pronunciación Española*, 4.ª ed. Madrid, Hernando, 1933.

[NT.2] *Arte del Verso*, 5.ª ed. México, Málaga Editora, 1971.

[OB] Olavo Bilac

[OB.1] Avatar. In *Poesias*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1902.

[OG] Othon Moacir Garcia

[OG.1] *Comunicação em Prosa Moderna*. Rio de Janeiro, Fund. Getúlio Vargas, 1967.

[OJ] Otto Jespersen

[OJ.1] *Negation in English and other Languages*. Copenhague, Bianco Lunos, 1917.

[OM] Manuel Odorico Mendes

[OM.1] *Eneida Brasileira*. Paris, Tip. de Rignouse, 1854.

[PA] Manuel de Araújo Porto-Alegre

[PA.1] *Colombo*. Rio de Janeiro, 1892.

[PAd] Pedro Adrião

[PAd.1] *Tradições Clássicas da Língua Portuguesa*. Porto Alegre, 1945.

[PC] Pinheiro Chagas

[PD] Porto Dapena

[PD.1] *Complementos Argumentales del Verbo: directo, indirecto, suplemento y agente* . Madrid, Arcos Libros, 1992.

[PDo] Conde Pinheiro Domingues

[PDo.1] "Variação de Gênero em Português". In *Revista de Cultura*. Petrópolis, 1932.

[PDo.2] João Curioso [pseudônimo] *Camilo e a Caturrice dos Puristas*, I. Rio de Janeiro, 1924.

[PL] Pacheco da Silva Jr. e Lameira de Andrade

[PL] *Gramática da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, 1887.

[PJ] Pacheco da Silva Júnior

[PJ.1] *Noções de Semântica*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1903.

[PP] Pedro Augusto Pinto

[PR] Ernesto de Paiva Raposo

[PR.1] *Introdução à Gramática Generativa. Sintaxe do Português*, 2.ª ed. Lisboa, Moraes Editora, 1983.

[PS] Paulino de Sousa

[PS.1] *Grammaire Portugaise*. Paris, Garnier, 1896.

[RB] Rui Barbosa

[RB.1] *Réplica*, 1.ª ed., Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1904.

[RB.2] *Oração aos Moços*, ed. de Rocha Lima.

[RB.3] *Discurso no Colégio Anchieta*, ed. Casa de Rui Barbosa.

[RB.4] *Parecer*, I, ed. Casa de Rui Barbosa, 1990.

[RBa] Raimundo Barbadinho Neto

[RBa.1] *Em Busca da Verdade da Língua*: Dois Estudos

[RBa.2] *Sobre a Norma Literária do Modernismo*. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1977.

[RC] Raimundo Correia

[RC.1] *Poesias*. Lisboa.

[RCo] Ribeiro Couto

[RCo.1] *Conversa Inocente*. Rio de Janeiro, 1946.

[RD] Santa Rita Durão

[RD.1] *Caramuru*, ed. Academia Brasileira de Letras.

[RG] F. Rebelo Gonçalves

[RG.1] *Tratado de Ortografia da Língua Portuguesa*. Coimbra, Atlântida, 1947.

[RL] C. Henrique da Rocha Lima

[RL.1] *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, 37.ª ed., José Olympio Editora, 1992.

[RLb] Rodrigues Lobo

[RLb.1] *O Pastor Peregrino*. Lisboa, 1906.

[RLp] Manuel Rodrigues Lapa

[RLp.1] *Estilística da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica.

[RLz] Rodolfo Lenz

[RLz.1] *La Oración y sus Partes*, 3.ª ed. Madrid, Centro de Estudios Históricos, 1935.

[RP] Raul Pompéia

[RQ] Rachel de Queiroz

[RQ.1] *O Brasileiro Perplexo*. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1963.

[RS] Augusto Rebelo da Silva

[RS.1] *Contos e Lendas*. Lisboa, 1873

[RS.2] *História de Portugal*, 1.ª ed., 5 vols.

[RS.3] *A Mocidade de D. João V*, 3.ª ed., 3 vols. Lisboa.

[RT] Graça Maria Rio-Torto

[RT.1] Sistêmica e Pragmática dos Sufixos Avaliativos. In *Rev. Portuguesa de Filologia*, vol. 21. Coimbra, 1996-7, 203-228.

[RT.2] Operações e Paradigmas Genolexicais do Português. In *Filologia e Linguística* n.º 2, 39-60. São Paulo, Humanitas/USP, 1998.

[RV] A. G. Ribeiro de Vasconcelos

[RV.1] *Gramática Portuguesa*. Lisboa-Rio de Janeiro, s/d.

[SA] Manuel Said Ali

[SA.1] *Dificuldades da Língua Portuguesa*, 5.ª ed. preparada por Maximiano de Carvalho e Silva. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1957.

[SA.2] *Gramática Secundária da Língua Portuguesa*, 4.ª ed. São Paulo, Melhoramentos.

[SA.3] *Versificação Portuguesa*. Rio de Janeiro, INL, 1949.

[SA.4] *Meios de Expressão e Alterações Semânticas*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1930.

[SA.5] *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, 2.ª ed. São Paulo, Melhoramentos, s/d [1931].

[SA.6] Colocação de Pronomes. In *Revista Americana*, II.

[SL] Mário Pereira de Sousa Lima

[SL.1] *Gramática Portuguesa*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1945.

[SR] Silva Ramos

[SR.1] artigo in *Revista de Cultura* nº22.

[SS] Álvaro F. de Sousa da Silveira

[SS.1] *Lições de Português*, 6.ª ed. preparada por Maximiano de Carvalho e Silva.

[SS.2] *Fonética Sintática*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Fund. Getúlio Vargas, 1971.

[SS.3] *Trechos Seletos*, 7.ª ed. Rio de Janeiro, Briguiet, 1963.

[SS.4] *Obras de Casimiro de Abreu*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, MEC/Casa de Rui Barbosa, 1955.

[SS.5] Um Verso Obscuro dos Lusíadas. In *Revista de Philosofia e de História*, tomo II. Rio de Janeiro, 1934, 374-377.

[SS.6] Notas sobre os Pronomes Se e Ele. In *Revista de Cultura*, ano 17, jun. 1943, 265-268.

[SU] S. Ulmann

[SU.1] *Semántica*, trad. port., Lisboa, Fund. Calouste Gulbenkian, 1977.

[TG] Tomás Antônio Gonzaga

[TG.1] *Poesias*, ed. M. Rodrigues Lapa.

[TM] Theodoro Henrique Maurer

[TM.1] *Dois Problemas da Língua Portuguesa*. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1954.

[VB] Vittório E. Bergo

[VB.1] *Concorrência Pleonástica da Preposição com o Prefixo*. Tese de Concurso, 1945.

[VBr] Viggo Brøndal

[VBr.1] *Théorie des Prépositions*. Copenhague, Munksgaard, 1950.

[VC] Vicente de Carvalho

[VK] Valter Kehdi

[VK.1] *A Construção do Verbo Ser*. São Paulo, GEL, 1985.

[VK.2] *Morfemas do Português*. São Paulo, Ática, 1989.

[VK.3] *Formação de Palavras em Português*. São Paulo, Ática, 1990.

[VK.4] Complemento Nominal: Problemas de Caracterização. In *Confluência*, 5/1993, 60-65.

[VV] Verkko Väänänen

[VV.1] *Il est venu comme ambassadeur, il agit en soldat*. Helsinke, 1951.

[WZ] Walther von Wartburg-Paul Zumptor

[WZ.1] *Précis de Syntaxe du Français Contemporain*. Berne, Francke, 1973.

[YM] Yakob Malquiel

[YM.1] Los Interfijos Hispánicos. In *Miscelanea Martinet*, II, Canárias, 1958.

DO MESMO AUTOR

A nova ortografia

Evanildo Bechara

O livro que responde a todas as suas dúvidas, com comentários, histórico dos acordos, além de uma Nota Explicativa da Comissão responsável pelo Acordo Ortográfico.

O que muda com o novo Acordo Ortográfico

Evanildo Bechara

Guia prático e completo das mudanças estabelecidas pelo novo Acordo Ortográfico, elaborado de forma clara e didática pelo grande gramático e lexicógrafo da língua portuguesa. Um manual fácil de ser consultado, que vai esclarecer todas as suas dúvidas relacionadas à nova ortografia.

Gramática Escolar da Língua Portuguesa

Evanildo Bechara

Com exercícios ao final de cada capítulo. Inclui capítulo especial sobre compreensão e interpretação de textos. Índice de assuntos, para auxiliar a consulta dos leitores.

Anexo encarte com as respostas aos exercícios propostos. Indicada para o ensino médio e preparatórios para concursos.

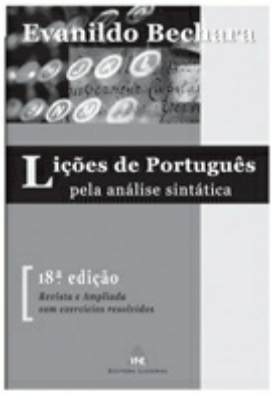

Lições de Português pela Análise Sintática

Evanildo Bechara

Inclui rica seleção de exercícios rigorosamente ordenados, partindo dos fatos idiomáticos mais simples para os mais complexos. Nesta nova edição, esses exercícios vêm resolvidos, para permitir ao leitor constante e proveitoso diálogo com o autor.

Produção editorial
Daniele Cajueiro
Shahira Mahmud
Janaína Senna

Revisão
Glória Braga Onelley
Mariana Elia

Conversão para ebook
Singular Digital | Mariana Mello e Souza

Este livro foi impresso no Rio de Janeiro, em novembro de 2009,
pela Ediouro Gráfica, para a Editora Nova Fronteira.
A fonte usada no miolo é Times New Roman, corpo 11/12.
O papel do miolo é offset 75g/m^2, e o da capa é cartão 250g/m^2.

Visite nosso site: www.novafronteira.com.br

Mini Gramática

Autor : NILC – USP/SP - pdf by: Praetoriani.da.ru

A Construção de uma Minigramática

A partir de agora você está convidado a percorrer o vasto mundo da gramática da língua portuguesa!

Trata-se de um conjunto de *normas* postuladas no decorrer da história da língua portuguesa do Brasil. Inúmeros gramáticos contribuíram, ao longo dos anos, para consagrar as formas e construções que hoje compõem as regras da norma *culta* da língua portuguesa. Os princípios estipulados em uma gramática visam, em primeiro lugar, a garantir uma boa utilização dos recursos da língua, em especial a língua escrita e, em segundo lugar, ser um material de referência para a explicação dos fenômenos lingüísticos. Portanto, para a boa construção em linguagem verbal, não basta o dicionário; é também importante o conhecimento da estrutura de cada língua, objeto da gramática.

Este material que estamos lhe apresentando denomina-se *minigramática*. Ele é "mini" por dois motivos fundamentais. O primeiro é que o conjunto de informações contido aqui ainda não cobre todos os fenômenos da nossa língua portuguesa. O segundo motivo é que tivemos como meta a apresentação de textos objetivos e sucintos.

A minigramática está em sua segunda versão. Na primeira fase, optamos pelo tratamento das inadequações gramaticais mais freqüentes, ou seja, momentos em que as normas gramaticais cultas são violadas com maior freqüência. Nessa segunda etapa de trabalho, ocupamo-nos de elaborar um material metalingüístico, isto é, uma fonte de informações definitórias de vários componentes da estrutura da língua: as classes gramaticais, as unidades menores do texto e os termos da oração.

Com a preocupação de lhe responder, em detalhes, sobre as inadequações cometidas sobre um texto escrito, criamos uma minigramática especialmente voltada ao fornecimento de explicações dos fenômenos da língua portuguesa, apresentando, inclusive e na forma de exemplos, as construções aceitáveis e inaceitáveis referentes a cada tópico gramatical. Você conhecerá, por exemplo, as especificidades do fenômeno da concordância, da crase e da regência de alguns verbos. Poderá esclarecer dúvidas sobre o emprego adequado da vírgula, do hífen e de alguns pronomes; terá acesso às particularidades do uso de várias locuções e de palavras como "*se*" e "*capaz*", por exemplo. É uma oportunidade de pesquisar sobre o porquê da expressão "*entre mim e ti*", em vez de "*entre eu e você*", do uso de "*em nível de*", em vez de "*a nível de*" e da construção "*Responda-me assim que puder*", em vez de "*Me responda assim que puder*".

Na maioria das vezes procuramos selecionar alguns tópicos relacionados ao tema de pesquisa (*Tópicos Relacionados)* que podem acrescentar informações sobre o tema que você estará acessando. A presença de vários *links* (destaque sublinhado nos textos) irá permitir que você alcance informações complementares de forma rápida e interativa. Ainda nesse sentido, procuramos evidenciar as informações mais relevantes de cada verbete através dos destaques em negrito. Isso permite que você faça a distinção dos vários usos dos recursos lingüísticos e guarde deles as suas particularidades.

Nosso esforço em fornecer a você um material alternativo, de fácil acesso e manipulação, além de sério com respeito às informações da nossa língua é um processo ainda em andamento. Em alguns momentos, contaremos com o seu conhecimento conceitual referente à gramática, tais como os tipos de orações, a noção de locução, contração, contexto, discurso, etc. Nossa perspectiva, no entanto, é atendê-lo nessas lacunas com as próximas versões da minigramática.

Da maneira como está hoje, este suporte lingüístico caminha para o abandono do seu status de "mini", dadas as informações que agora contemplam o plano conceitual da gramática e os processos que envolvem as estruturas da língua.

Mas, contrariando aqueles que advogam a favor da alta complexidade da língua portuguesa em relação às demais línguas do mundo, acreditamos ser possível assimilar com tranqüilidade a estrutura do português do Brasil e aplicá-la com habilidade. Temos plena certeza, então, que essa excursão pelo mundo da gramática será um enorme prazer para você. Sendo assim, vamos a ela...

Classes Gramaticais: tipos

As classes gramaticais da língua portuguesa são:

- substantivo
- adjetivo
- artigo
- pronome
- numeral
- verbo
- advérbio
- preposição
- conjunção
- interjeição

Substantivo

Substantivo é a palavra que designa seres em geral:

1. nomes de pessoas, coisas, lugares, gênero, espécie

Exemplos:

nomes	coisas	lugares	gênero	espécie
Maria	espelho	Sergipe	[o] visitante	jacarandá
Paulo	futebol	Canadá	[a] hóspede	homem
Castro	jóia	sapataria	[o] artista	hortaliça
Maia	lago	chácara		

2. nomes de estados ou qualidades, ações, sentimentos, noções que se destinam a denominação de seres:

Exemplos:

estado ou qualidade	ações	sentimentos	noção
juventude	nascimento	felicidade	tamanho
hipocrisia	colheita	hipocrisia	originalidade
médico	[o] pulo	medo	equilíbrio

Considera-se, ainda, substantivo qualquer palavra que ocupe a função sintática particular ao substantivo. Nessa perspectiva, a distribuição do substantivo é bastante ampla, pois pode-se estendê-la para a caracterização de vários termos e orações da nossa língua.

Dizemos que um termo *funciona* como substantivo, embora não se caracterize como tal sob outro ponto de vista. Ou seja, apesar de, em princípio, uma palavra pertencer a certa classe gramatical, essa determinação pode mudar dependendo do papel que a palavra esteja desempenhando na sentença. Dessa forma, qualquer palavra da língua é suscetível de várias categorizações, pois o que impera são suas funções vinculadas a um contexto específico.

Exemplos:

1. **O não é próprio do meu chefe**

   ...[*não* = advérbio]

   ...[*não* (nesta sentença): núcleo do sujeito = substantivo]

   ...[função do *não*: substantivo]

2. **O fazer parece ser mais importante que o pensar.**

   ...[*fazer*/*pensar* = verbo]

   ...[*fazer*/*pensar* (nesta sentença): núcleo do sujeito = substantivo]

   ...[função do *fazer*/*pensar*: substantivo]

Na esfera da classificação das orações esse mesmo critério está presente. Dizemos, por exemplo, que uma oração é substantiva, quando se comporta como um substantivo (em oposição à função de adjetivo ou advérbio).

Exemplo:

1. **"O pior é que eu não estava mentindo..."**

Adjetivo

Adjetivo é a palavra que qualifica os seres em termos de:

- expressão de uma qualidade

Exemplos:

chocolate *quente / gostoso / amargo*
...[*chocolate*: substantivo]

- expressão da aparência ou aspecto

Exemplos:

mesa *quadrada / preta / quebrada*
...[*mesa*: substantivo]

- apresentação do estado do ser

Exemplos:

ventilador *ligado / quebrado / emprestado*
...[*ventilador*: substantivo]

Na perspectiva *funcional*, considera-se *adjetivo* o termo que modifica um substantivo (ou qualquer palavra que exerça a função de substantivo) no sentido de lhe atribuir uma característica. Sob esse ponto de vista, qualquer palavra ou oração que funcione como um modificador deste tipo terá valor de adjetivo. Assim são, por exemplo, os pronomes que indicam propriedade (meu, dele, etc.) ou as orações subordinadas do tipo:

"Era ela mesma uma estrela que ofuscava a própria luz"

Há de se considerar, portanto, o contexto em que as palavras estão inseridas para se prosseguir na análise. As diversas situações da linguagem revelam que uma palavra, em princípio considerada adjetivo, pode funcionar como um substantivo. Observe:

1. **"Os <u>parentes</u> vegetarianos nunca tinham vez em casa!"**

   ...[*parentes*: substantivo]

   ...[*vegetarianos*: adjetivo]

2. **"Os <u>vegetarianos</u> nunca tinham vez em casa!"**

   ...[*vegetarianos*: substantivo]

Em termos sintáticos, os adjetivos, assim como qualquer outro termo <u>determinante</u>, devem estabelecer uma relação de <u>concordância</u> com o substantivo ao qual se referem. Desse modo, a grande maioria dos adjetivos sofre flexão em gênero (masculino ou feminino) e número (singular ou plural) de acordo com o termo ao qual está ligada.

Exemplos:

[o] teatro *reformado* **[a] encomenda *atrasada***

É importante conhecer as particularidades dos adjetivos:

- **Adjetivo x advérbio**
- **Uso dos Adjetivos diante de Particípio**
- **O grau dos advérbios e os adjetivos particípios**
- **A formação do grau e os adjetivos e advérbios anômalos**
- **Formas analíticas dos adjetivos anômalos**

Artigo

Artigo é a palavra que determina ou indetermina os seres ao qual está ligado.

Além dessa função de determinação, o *artigo* exerce outra função muito importante: a *substantivação*. A palavra ligada ao artigo, ou seja, aquela com a qual ele estabelece a concordância, torna-se um substantivo. Desse modo, podemos concluir desde já que o artigo é uma palavra extremamente dependente de outras na oração. Seu elo mais forte é com o substantivo.

Exemplos:

1. **Com um número na cabeça, o rapaz tentava encontrar um lugar de apostas: hoje seria o dia do dragão.**

2. **Nem parecia que a faxina tinha sido feita: as plantas secas, o jantar ainda posto, uma intenção de viagem no ar.**

   ...[em negrito: artigos]

   ...[palavras sublinhadas: substantivos]

Embora o artigo esteja sempre vinculado a um substantivo, a presença deste nem sempre é necessária. É o fenômeno chamado zeugma, bastante comum na nossa língua.

Exemplo:

1. **Havia dias em que eu precisava do colo dele; outros muitos era ele quem procurava o meu.**

   ...[*o meu*: zeugma = elipse do substantivo "colo"]

Os artigos são palavras variáveis, ou seja, sofrem variação em gênero (masculino ou feminino) e número (singular ou plural) em concordância com o substantivo que antecedem. Essa característica, aliás, é bastante importante em muitos casos. Por exemplo, os artigos são fundamentais para determinar o gênero de certos substantivos e, com isso, o seu significado.

Exemplos:

***a* cabeça [parte do corpo]**	***o* cabeça [chefe]**
***a* caixa [recipiente]**	***o* caixa [resposável pelo caixa]**
***a* grama [relva]**	***o* grama [unidade de peso]**
***a* moral [conjunto de regras]**	***o* moral [brio, ânimo]**

Uso de artigos e determinantes

Deve-se evitar o uso do artigo indefinido diante dos pronomes indefinidos por constituir caso de redundância.

Exemplo:

1. **Era um belo pôr-do-sol, com uma certa cor que o casal jamais havia visto. [Inadequado]**

   Era um belo pôr-do-sol, com certa cor que o casal jamais havia visto. [Adequado]

Deve-se evitar o uso do artigo definido diante de pronomes possessivos nos casos em que o possuído não puder pertencer senão ao possuidor.

Exemplo:

1. Lavei as minhas mãos. [Inadequado]

   Lavei minhas mãos. [Adequado]

   ...[Minhas mãos não podem pertencer senão a mim; o artigo torna-se, pois, redundante]

Os pronomes de tratamento não admitem o artigo. A única exceção é o pronome "senhor" e suas variações [senhores, senhora, senhoras].

Exemplos:

1. Não gosto da Vossa Excelência. [Inadequado]

   Não gosto de Vossa Excelência. [Adequado]

2. A senhora deseja alguma coisa? [Adequado]

O pronome relativo "cujo" e suas variações [cujos, cuja, cujas] não admitem o uso do artigo.

Exemplo:

1. O suor descia da cabeça, cujos os cabelos lisos e negros estavam duros. Andava pela velha vila, tão conhecida, por cujas as ruas passeiam assombrações. [Inadequado]

   O suor descia da cabeça, cujos cabelos lisos e negros estavam duros. Andava pela velha vila, tão conhecida, por cujas ruas passeiam assombrações. [Adequado]

Depois de "ambos", "ambas", "todos" e "todas", quando determinantes, é indispensável o uso do artigo definido.

Exemplos:

1. Ou fazia ambas coisas de qualquer maneira ou desistia de uma delas. [Inadequado]

   Ou fazia ambas as coisas de qualquer maneira ou desistia de uma delas. [Adequado]

2. Seu vasto coração abriga todos alunos. [Inadequado]

   Seu vasto coração abriga todos os alunos. [Adequado]

Pronome

Pronome é a palavra que se usa em lugar do nome, ou a ele se refere, ou ainda, que acompanha o nome qualificando-o de alguma forma.

Exemplos:

1. A moça era mesmo bonita. Ela morava nos meus sonhos!

   ...[substituição do nome]

2. A moça que morava nos meus sonhos era mesmo bonita!

   ...[referência ao nome]

3. Essa moça morava nos meus sonhos!

   ...[qualificação do nome]

Grande parte dos pronomes não possui significado fixo, isto é, essas palavras só adquirem significação dentro de um contexto, o qual nos permite recuperar a referência exata daquilo que está sendo colocado por meio dos pronomes no ato da comunicação. Com exceção dos pronomes interrogativos e indefinidos, os demais pronomes têm por função principal apontar para as pessoas do discurso ou a elas se relacionar, indicando-lhes sua situação no tempo ou no espaço. Em virtude dessa característica, os pronomes apresentam uma forma específica para cada pessoa do discurso.

Exemplos:

1. **Minha carteira estava vazia, quando eu fui assaltada.**

   ...[minha/eu: pronomes de 1ª pessoa = aquele que fala]

2. **Tua carteira estava vazia, quando você foi assaltada?**

   ...[tua/você: pronomes de 2ª pessoa = aquele a quem se fala]

3. **A carteira dela estava vazia, quando ela foi assaltada.**

   ...[dela/ela: pronomes de 3ª pessoa = aquele de quem se fala]

Em termos morfológicos, os pronomes são palavras variáveis em gênero (masculino ou feminino) e em número (singular ou plural). Assim, espera-se que a referência através do pronome seja coerente em termos de gênero e número (fenômeno da concordância) com o seu objeto, mesmo quando este se apresenta ausente no enunciado.

Exemplos:

1. **[Fala-se de Roberta]**

2. **Ele quer participar do desfile da nossa escola neste ano.**

   ...[*nossa*: pronome que qualifica "escola" = concordância adequada]

   ...[*neste*: pronome que determina "ano" = concordância adequada]

   ...[*ele*: pronome que faz referência à "Roberta" = concordância inadequada]

São muitos os tipos de pronomes e também diversos as suas funções e empregos. Por isso, é importante conhecer outras particularidades a seu respeito:

- **Pronome reto**
- **Pronome oblíquo**
- **Pronome reflexivo**
- **O pronome em início de sentença**
- **A crase e os pronomes pessoais**
- **A crase e os pronomes demonstrativos**
- **A crase e os pronomes indefinidos**

Além disso, alguns pronomes ocupam posições especiais na sentença. Essa característica dos pronomes é tratada como colocação pronominal.

Pronome substantivo

Pronome substantivo é aquele que substitui um substantivo na sentença. Como o pronome assume para si as características do nome ao qual substitui, ele segue, dessa forma, todas as suas características. São elas:

- ***gênero* - ex: ele**

- ***número* - ex: eles**

- **a *pessoa do discurso* - ex: ele = aquele de *quem* se fala**

- **marca de *sujeito inanimado* - ex: isso**

- **marca de *situação no espaço* - ex: aí**

Para identificar um pronome substantivo, portanto, basta substitui-lo por algum substantivo.

Exemplos:

1. **O carteiro sempre me desafiava!**

   Ele sempre me desafiava!

2. **Os homens e as mulheres da paróquia foram convocados.**

   Todos foram convocados

3. **O presente que está perto de você é bastante grande.**

   Esse presente aí é bastante grande.

Pronome reto

Pronome pessoal do caso reto é aquele que, na sentença, exerce a função de sujeito.

Sendo um *pronome* ele carrega consigo as características próprias a essa classe gramatical, ou seja, é uma palavra que pode:

- **substituir um nome;**
- **qualificar um nome;**
- **determinar a *pessoa do discurso*.**

Os pronomes retos apresentam flexão de número, gênero (apenas na 3ª pessoa) e pessoa, sendo essa última a principal flexão porque marca a pessoa do discurso. Dessa forma, o quadro dos pronomes retos é assim configurado:

- 1ª pessoa do singular (eu): *eu*

- 2ª pessoa do singular (tu): *tu*

- 3ª pessoa do singular (ele, ela): *ele, ela*

- 1ª pessoa do plural (nós): *nós*

- 2ª pessoa do plural (vós): *vós*

- 3ª pessoa do plural (eles, elas): *eles, elas*

Freqüentemente se observa a omissão do pronome reto em Língua Portuguesa. Isso se dá porque as formas verbais marcam, através de suas *desinências*, as pessoas do verbo indicadas pelo pronome reto (ex.: *Dormi cedo ontem*; *Fizemos boa viagem*).

É importante conhecer algumas outras particularidades dos pronomes retos, tais como:

- **O pronome e o verbo no infinitivo**
- **A concordância e o pronome reto como predicativo do sujeito**

Pronome oblíquo

Pronome pessoal do caso oblíquo é aquele que, na sentença, exerce a função de *complemento verbal*, ou seja, objeto direto ou objeto indireto.

Sendo um *pronome* ele carrega consigo as características próprias a essa classe gramatical, ou seja, é uma palavra que pode:

- **Substituir um nome**
- **Qualificar um nome**
- **Determinar a pessoa do discurso**

Em verdade, o pronome oblíquo é uma forma variante do pronome pessoal do caso reto. Essa variação na forma do pronome indica tão somente a função diversa que eles desempenham na oração: pronome reto marca o sujeito da oração; pronome oblíquo marca o complemento verbal da oração.

Os pronomes oblíquos sofrem variação de acordo com a acentuação tônica que possuem. Dessa forma eles podem ser:

Pronomes oblíquos átonos

Pronomes oblíquos tônicos

É importante conhecer algumas particularidades dos pronomes:

- **Formas especiais do pronome oblíquo**
- **Colocação pronominal**
- **O pronome em início de sentença**
- **O pronome e o objeto direto**

Pronome oblíquo átono

São chamados átonos os pronomes oblíquos cuja acentuação tônica é fraca.

Os pronomes oblíquos apresentam flexão de número, gênero e pessoa, sendo essa última a principal flexão porque marca a *pessoa do discurso*. Dessa forma, o quadro dos pronomes oblíquos átonos é assim configurado:

- 1ª pessoa do singular (eu):*me*

- 2ª pessoa do singular (tu):*te*

- 3ª pessoa do singular (ele, ela): *o, a, lhe*

- 1ª pessoa do plural (nós):*nos*

- 2ª pessoa do plural (vós):*vos*

- 3ª pessoa do plural (eles, elas): *os, as, lhes*

O *lhe* é o único pronome oblíquo átono que já se apresenta na forma contraída, ou seja, houve a união entre o pronome *o* ou *a* e *preposição a* ou *para*. Por acompanhar diretamente uma preposição, o pronome *lhe* exerce sempre a função de objeto indireto na oração. Os demais pronomes átonos em geral funcionam como objeto direto.

É importante conhecer algumas particularidades dos pronomes oblíquos átonos:

- **Formas especiais do pronome oblíquo**
- **Colocação pronominal**
- **O pronome em início de sentença**
- **O pronome e o objeto direto**

Pronome oblíquo tônico

São chamados tônicos os pronomes oblíquos cuja acentuação tônica é forte.

Os pronomes oblíquos apresentam flexão de número, gênero (apenas na 3ª pessoa) e pessoa, sendo essa última a principal flexão porque marca a *pessoa do discurso*. Dessa forma, o quadro dos pronomes oblíquos tônicos é assim configurado:

- 1ª pessoa do singular (eu): *mim, comigo*

- 2ª pessoa do singular (tu): *ti, contigo*

- 3ª pessoa do singular (ele, ela): *ele, ela*

- 1ª pessoa do plural (nós): *nós, conosco*

- 2ª pessoa do plural (vós): *vós, convosco*

- 3ª pessoa do plural (eles, elas): *eles, elas*

Os pronomes oblíquos tônicos sempre acompanham uma *preposição*, em geral as preposições *a*, *para*, *de* e *com*. Por esse motivo os pronomes tônicos exercem a função de objeto indireto da oração.

Observe que as únicas formas próprias do pronome tônico são a primeira pessoa (*mim*) e segunda pessoa (*ti*). As demais repetem a forma do pronome pessoal do caso reto.

A forma contraída dos pronomes tônicos (*comigo*, *contigo*, *conosco* e *convosco*) é obrigatória na construção dos pronomes de 1ª e 2ª pessoas do singular e do plural. As terceiras pessoas do singular e plural, por possuírem uma forma iniciada por vogal (*ele*, por exemplo), se apresentam separadas da preposição "com" (*com ele*, *com elas* e etc.).

Os pronomes oblíquos tônicos contraídos (*contigo*, por exemplo) freqüentemente exercem a função de *adjunto adverbial de companhia* (ex.: *Ele carregava este nome consigo*).

Pronome reflexivo

São aqueles que expressam a igualdade entre o sujeito e o objeto da ação.

Os pronomes reflexivos, embora também apontem para o sujeito da oração, exercem sempre a função de *complemento verbal* (objeto direto ou indireto). Por esse motivo são associados aos pronomes pessoais do caso oblíquo, herdando as características desses.

O quadro dos pronomes reflexivos é assim configurado:

- 1ª pessoa do singular (eu): *me*

- 2ª pessoa do singular (tu): *ti*

- 3ª pessoa do singular (ele, ela): *si, consigo*

- 1ª pessoa do plural (nós): *nos*

- 2ª pessoa do plural (vós): *vos*

- 3ª pessoa do plural (eles, elas): *si, consigo*

Com exceção das terceiras pessoas do singular e plural, as demais formas dos pronomes reflexivos repetem as formas do pronome oblíquo átono. Como os pronomes átonos são fracos quanto à acentuação, há determinadas formas (ver formas especiais do pronome oblíquo átono) e posições (ver colocação pronominal) fixas para eles na oração.

A forma contraída dos pronomes reflexivo (*consigo*) é obrigatória na construção dos pronomes de 3ª pessoas do singular e do plural. Essa forma contraída freqüentemente exerce a função de *adjunto adverbial de companhia* (ex.: *Ela veio comigo*).

É importante ainda conhecer algumas particularidades dos pronomes reflexivos:

- A concordância e os pronomes reflexivos
- Verbos com pronome "se"
- O "se" em início de sentença
- Os pronomes pessoais e algumas preposições

Numeral

Numeral é a palavra que qualifica os seres em termos numéricos, isto é, que atribui quantidade aos seres ou os situa em determinada seqüência.

Exemplos:

1. Os quatro últimos ingressos foram vendidos há pouco.

   [*quatro*: numeral = atributo numérico de "ingresso"]

2. Eu quero café duplo, e você?

   ...[*duplo*: numeral = atributo numérico de "café"]

3. A primeira pessoa da fila pode entrar, por favor!

...[*primeira*: numeral = situa o ser "pessoa" na seqüência de "fila"]

Os numerais podem ser: cardinais, ordinais, multiplicativos e fracionários.

Os numerais cardinais indicam a quantidade exata de seres: um, duas, trezentos, milhão.

Os numerais ordinais indicam a ordem dos seres numa determinada série: primeiro, quadragésima.

Os numerais multiplicativos indicam o aumento proporcional da quantidade: duplo, quádruplo.

Os numerais fracionários indicam a diminuição proporcional da quantidade: meio, quarto, dois quinze avos.

Outras palavras que também denotam quantidade, proporção ou ordenação também podem ser consideradas numerais: *década*, *dúzia*, *par*, *ambos(as)*, *novena*, etc.

Uso e Grafia de Numerais

No interior do texto, prefira escrever os números de um a dez por extenso; a partir de 11, use algarismos:

"O assassino matou quatro pessoas" deve ser preferível a "O assassino matou 4 pessoas".

Porém:

"O assassino matou 22 pessoas" deve se usado em lugar de "O assassino matou vinte e duas pessoas".

Se o número estiver determinando uma unidade de medida ou uma grandeza, prefira o algarismo:

1. São oito horas. [Inadequado]

   São 8 horas. [Adequado]

No interior do texto, procure não iniciar períodos com algarismos.

"Vinte e nove pessoas foram aprovados" é considerado mais adequado do que "29 pessoas foram aprovadas".

Não se deve usar ponto nas datas:

"15 de abril de 2002" e não "15 de abril de 2.002"

Não use o algarismo 0 antes de números inteiros a menos que possa haver alguma ambigüidade:

1. Compramos 018 livros. [Inadequado]

   Compramos 18 livros. [Adequado]

O numeral utilizado para designar papas, soberanos, séculos ou partes em que se divide uma obra, deve ser lido como ordinal até o décimo, e como cardinal de onze em diante: *Paulo VI* (sexto), *Canto VIII* (oitavo).

Na numeração de artigos, leis, decretos, portarias e outros textos legais, utilizamos o numeral ordinal até nove e o cardinal a partir de dez: Artigo 9º. (nono), Decreto 12 (doze).

Verbo

Verbo é a palavra que expressa processos, ação, estado, mudança de estado, fenômeno da natureza, conveniência, desejo e existência. Desse modo, enquanto os nomes (substantivo, adjetivo) indicam propriedades estáticas dos seres, o verbo denota os seus movimentos, por isso sua característica de *dinamicidade*.

Exemplos:

1. Um homem já escorregou neste chão molhado.

...[*escorregar*: verbo = ação que expressa a dinamicidade de "homem"]

2. Por enquanto as matas continuam indefesas.

   ...[*continuar*: verbo = estado que expressa a dinamicidade de "matas"]

3. Anoitecia rapidamente!

   ...[*anoitecer*: verbo = fenômeno dinâmico da natureza]

4. Convém aguardar mais alguns minutos.

   ...[*convir*: verbo = conveniência que expressa a dinamicidade de "aguardar..."]

5. Nossos estudantes anseiam um bom emprego.

   ...[*ansiar*: verbo = desejo que expressa a dinamicidade de "nossos estudantes"]

6. Houve tumulto no momento da votação.

   ...[*haver*: verbo = existência que expressa a dinamicidade de "tumulto..."]

Em termos sintáticos, os verbos exercem uma função fundamental: núcleo da predicação nos predicados verbais. Isto é, o verbo é o constituinte essencial do predicado verbal. Além disso, os verbos também são fundamentais para a constituição das orações. Ao contrário do sujeito, que pode estar ausente na oração, sem verbo *não há* oração. Aliás, classificam-se as orações conforme o número de núcleos verbais existentes.

Exemplos:

1. É comum, no interior do país, surpreender crianças com doenças graves.

   ...[*é*: verbo = núcleo do predicado "é comum"]

   ...[*surpreender*: verbo = núcleo do predicado "surpreender crianças..."]

2. Se você me esperar$_1$, vou até lá$_2$, procuro pelo endereço$_3$ e trago-o aqui$_4$.

   ...[número de orações: 4]

   ...[número de núcleos verbais: 4]

3. Vou entrar por esta porta$_1$ e quero encontrar tudo$_2$ como eu havia deixado$_3$.

   ...[número de orações: 3]

   ...[número de núcleos verbais: 3]

A classe gramatical dos verbos é bastante rica em flexões. Trata-se de uma classe que varia em número, pessoa, tempo, modo, aspecto e voz. Essas variações se agrupam em conjuntos flexionais chamados de conjugação. É importante, portanto, conhecer as outras particularidades do verbo:

- O subjuntivo e as orações subordinadas
- O subjuntivo e os verbos modais
- Tempo verbal e o emprego de pronomes
- Verbos com pronome "se"
- Os auxiliares e certos verbos abundantes
- A crase e os verbos
- As locuções verbais e o uso de preposições
- Uso do Particípio

Os verbos também exigem formas especiais de combinação com os outros elementos da oração. Esse mecanismo de combinação é compreendido nas chamadas:

- concordância verbal
- regência verbal

Uso do Particípio

Com os verbos auxiliares "ter" e "haver", que formam os tempos chamados compostos, da *voz ativa*, o particípio é invariável, devendo permanecer na forma do masculino singular.

Exemplo:

1. **Havíamos pensado em outra solução para aquele problema comum. [Adequado]**

2. **Elas tinham pensado sobre o assunto, mas acabaram sem opção. [Adequado]**

Com os verbos auxiliares "ser" e "estar", que formam os tempos da *voz passiva*, o particípio é variável, e deve concordar com o sujeito da oração.

Exemplo:

1. **Já foram tomadas as providências necessárias para as eleições. [Adequado]**

2. **Todas nós estávamos cercadas pelo fogo. [Adequado]**

Uso do Particípio dos Verbos Abundantes

Há verbos - chamados "abundantes" - que possuem mais de uma forma do particípio: a forma regular, terminada em -ado ou -ido, e a forma reduzida, ou irregular, que não obedece à regra geral de formação do particípio. Na maioria dos casos, os verbos auxiliares "ter" e "haver" requerem o uso da forma regular; e os auxiliares "ser" e "estar", o uso da forma irregular.

Exemplo:

1. **Meu irmão tinha pego o dinheiro, mas o perdeu. [Inadequado]**

   Meu irmão tinha pegado o dinheiro, mas o perdeu. [Adequado]

2. **O aluno foi pegado colando na prova. [Inadequado]**

   O aluno foi pego colando na prova. [Adequado]

Uso do Gerúndio

Em língua portuguesa, não é recomendado o uso do gerúndio para reforçar a idéia de progressividade no futuro. Este uso constitui *anglicismo* (interferência da língua inglesa) e vem sendo condenado pelos gramáticos contemporâneos como modismo a ser evitado.

Exemplo:

1. **Eu vou estar estudando a matéria para a prova. [Inadequado]**

   Eu vou estudar a matéria para a prova. [Adequado]

2. **Amanhã estaremos indo viajar para Salvador. [Inadequado]**

   Amanhã viajaremos para Salvador. [Adequado]

Advérbio

Advérbio é a palavra que se emprega como:

1. **modificador do adjetivo ou do próprio advérbio;**

2. **determinante do verbo**

Os *advérbios* são palavras heterogêneas, ou seja, podem exercer funções as mais diversas na oração. Por isso, a cada função exercida, alia-se um valor significativo. Como *modificador*, o advérbio expressa uma propriedade dos seres de modo a acrescentar-lhes um significado diferente, "modificado". Isso acontece em relação ao adjetivo, ao próprio advérbio, ou mesmo a uma oração inteira.

Exemplos:

1. **Ela estava tão apressada que esqueceu sua bolsa comigo.**

   ...[*apressada*: adjetivo]

   ...[*tão*: advérbio = modificador do adjetivo]

2. **Todos passam muito bem, obrigado!**

   ...[*bem*: advérbio]

   ...[*muito*: advérbio = modificador do advérbio]

3. **Felizmente não houve feridos no acidente.**

   ...[não houve feridos no acidente: oração]

   ...[*felizmente*: advérbio = modificador da oração]

4. **Ninguém manda aqui!**

   ...[mandar: verbo]

   ...[aqui: advérbio de lugar = determinante do verbo]

Os advérbios que se relacionam ao verbo são palavras que expressam circunstâncias do processo verbal, por isso considerá-los um *determinante*. Cada uma dessas circunstâncias indicadas pelos advérbios justifica os vários tipos de advérbios na nossa língua (circunstância de lugar, modo, tempo, etc.).

Outra característica dos advérbios se refere a sua organização morfológica. Os advérbios são palavras invariáveis. Isto é, essa classe gramatical não apresenta variação em gênero e número - tal como os nomes -, nem de pessoa, modo, tempo, aspecto e voz - tal como os verbos. Alguns advérbios, porém, admitem a variação em grau (ex.: *cedo* = advérbio de tempo em grau normal; *cedíssimo* = grau superlativo; *cedinho* = diminutivo com valor de grau superlativo do advérbio).

É importante, portanto, conhecer essas outras particularidades do advérbio:

- **Adjetivo x advérbio**
- **O grau dos advérbios e os adjetivos particípios**
- **A formação do grau e os adjetivos e advérbios anômalos**

Preposição

Preposição é a palavra que estabelece uma relação entre dois ou mais termos da oração. Essa relação é do tipo subordinativa, ou seja, entre os elementos ligados pela preposição não há sentido dissociado, separado, individualizado; ao contrário, o sentido da expressão é dependente da união de todos os elementos que a preposição vincula.

Exemplos:

1. **Os amigos de João estranharam o seu modo de vestir.**

   ...[*amigos de João / modo de vestir*: elementos ligados por preposição]

   ...[*de*: preposição]

2. **Ela esperou com entusiasmo aquele breve passeio.**

   ...[*esperou com entusiasmo*: elementos ligados por preposição]

   ...[*com*: preposição]

Esse tipo de relação é considerada uma *conexão*, em que os conectivos cumprem a função de ligar elementos. A preposição é um desses conectivos e se presta a ligar palavras entre si num processo de subordinação denominado regência.

Diz-se regência devido ao fato de que, na relação estabelecida pelas preposições, o primeiro elemento – chamado antecedente - é o termo que rege, que impõe um regime; o segundo elemento, por sua vez – chamado conseqüente – é o temo regido, aquele que cumpre o regime estabelecido pelo antecedente.

Exemplos:

1. **A hora das refeições é sagrada.**

   ...[*hora das refeições*: elementos ligados por preposição]

   ...[*de* + *as* = *das*: preposição]

   ...[*hora*: termo antecedente = rege a construção "das refeições"]

   ...[*refeições*: termo conseqüente = é regido pela construção "hora da"]

2. **Alguém passou por aqui.**

   ...[*passou por aqui*: elementos ligados por preposição]

   ...[*por*: preposição]

   ...[*passou*: termo antecedente = rege a construção "por aqui"]

   ...[*aqui*: termo conseqüente = é regido pela construção "passou por"]

As preposições são palavras invariáveis, pois não sofrem flexão de gênero, número ou variação em grau como os nomes, nem de pessoa, número, tempo, modo, aspecto e voz como os verbos. No entanto em diversas situações as preposições se combinam a outras palavras da língua (fenômeno da *contração*) e, assim, estabelecem uma relação de concordância em gênero e número com essas palavras às quais se liga. Mesmo assim, não se trata de uma variação própria da preposição, mas sim da palavra com a qual ela se funde (ex.: de + o = *do*; por + a = *pela*; em + um = *num*, etc.).

É importante conhecer essas outras particularidades da preposição:

- **Uso da preposicao**
- **A crase e as preposições**
- **Uso das locuções prepositivas**
- **A regência e o uso de preposições**

Uso da Preposição

Algumas particularidades no uso das preposições:

1. O sujeito das orações reduzidas de infinitivo não deve vir contraído com uma preposição.

Exemplo:

1. **A maneira dele estudar não é correta. [Inadequado]**

   A maneira de ele estudar não é correta. [Adequado]

   A maneira de nós estudarmos não é correta. [Adequado]

2. A preposição "a" não deve ser utilizada após a preposição "perante".

Exemplo:

1. **Quando o resultado das provas foi divulgado, ela chorou perante a todos. [Inadequado]**

   Quando o resultado das provas foi divulgado, ela chorou perante todos. [Adequado]

3. Do mesmo modo, não podemos utilizar a preposição "a" depois da preposição "após".

Exemplos:

1. **Todos nos reunimos após à reunião. [Inadequado]**

   Todos nos reunimos após a reunião. [Adequado]

2. O retorno dos alunos após ao intervalo é sempre tumultuado. [Inadequado]

   O retorno dos alunos após o intervalo é sempre tumultuado. [Adequado]

4. A preposição "desde" não admite em sua seqüência a preposição "de".

Exemplo:

1. Estamos esperando aqui desde das 12 h. [Inadequado]

   Estamos esperando aqui desde as 12 h. [Adequado]

5. Em vez de utilizar a preposição "após" antes de verbos no particípio, prefira a locução "depois de".

Exemplo:

1. O aluno partiu após difundida a notícia. [Inadequado]

   O aluno partiu depois de difundida a notícia. [Adequado]

Omissão das preposições

Antes de alguns advérbios de tempo, modo e lugar, a preposição pode ou não ser omitida.

Exemplos:

1. Chegarão domingo. [Adequado]

   Chegarão no domingo. [Adequado]

2. O filho, cabeça baixa, ouvia a reprimenda. [Adequado]

   O filho, de cabeça baixa, ouvia a reprimenda. [Adequado]

Conjunção

Conjunção é a palavra que estabelece uma relação:

- entre dois ou mais termos semelhantes da oração ou entre orações de mesma função gramatical.
- entre duas orações.

No primeiro caso, trata-se de uma relação de *coordenação*, em que os elementos ligados pela conjunção podem ser isolados um do outro. Esse isolamento, no entanto, não acarreta perda da unidade de sentido que cada um dos elementos possui. Já no segundo caso a relação é de *subordinação*, em que cada um dos elementos ligados pela conjunção depende da existência do outro.

Exemplos:

1. As crianças iam e vinham, demonstrando completo entusiasmo pela brincadeira.

   ...[*iam/vinham:* termos semelhantes da oração = verbo]

   ...[*e*: conjunção]

   ...[relação de coordenação]

2. As propostas pareciam um absurdo$_1$, mas eu concordava inteiramente com elas$_2$.

   ...[*segmentos 1 e 2*: orações independentes]

   ...[*mas*: conjunção]

   ...[relação de coordenação]

3. As preocupações só terminariam$_1$ quando Armando chegasse$_2$.

...[*segmentos 1 e 2*: orações dependentes]

...[*quando*: conjunção]

...[relação de subordinação]

Esse tipo de relação é considerada uma *conexão*, em que os conectivos cumprem a função de ligar elementos. A conjunção é um desses conectivos e se presta a ligar palavras ou orações entre si a fim de concatenar idéias e formar, com elas, um texto coeso. O encadeamento de idéias num texto (fenômeno da coesão) se deve em grande medida ao bom uso das conjunções, já que elas estabelecem os elos necessários entre palavras formando a oração, ou entre as orações formando o período.

Do ponto de vista morfológico, as conjunções são palavras invariáveis, pois não sofrem flexão de gênero, número ou grau como os nomes, nem de pessoa, número, tempo, modo, aspecto e voz como os verbos.

É importante conhecer, ainda, outras particularidades da conjunção:

- A crase e a conjunção "caso"
- Uso das locuções conjuncionais

Interjeição

Interjeição é a palavra que expressa emoções, sentimentos ou pensamentos súbitos.

Trata-se de um recurso da linguagem afetiva, em que não há uma idéia organizada de maneira lógica, como são as sentenças da língua, mas sim a manifestação de um suspiro, um estado da alma decorrente de uma situação particular, um momento ou um contexto específico.

Exemplos:

1. Ah, como eu queria voltar a ser criança!

   ...[*ah*: expressão de um estado emotivo = interjeição]

2. Hum! Esse cuscuz estava maravilhoso!

   ...[*hum*: expressão de um pensamento súbito = interjeição]

As sentenças da língua costumam se organizar de forma lógica: há uma sintaxe que estrutura seus elementos e os distribui em posições adequadas a cada um deles. As interjeições, por outro lado, são uma espécie de palavra-frase, ou seja, há uma idéia expressa por uma palavra (ou um conjunto de palavras - locução interjetiva) que poderia ser colocada em termos de uma sentença. Observe:

1. Bravo! Bravo! Bis!

   ...[*bravo* e *bis*: interjeição]

   ...[sentença [sugestão]: "Foi muito bom! Repitam!"]

2. Ai! Ai! Ai! Machuquei meu pé...

   ...[*ai*: interjeição]

   ...[sentença [sugestão]: "Isso está doendo!" ou "Estou com dor!"]

O significado das interjeições está vinculado à maneira como elas são proferidas. Desse modo, o tom da fala é que dita o sentido que a expressão vai adquirir em cada contexto de enunciação. Exemplos:

1. Psiu!

   ...[contexto: alguém pronunciando essa expressão na rua]

   ...[significado da interjeição [sugestão]: "Estou te chamando! Ei, espere!"]

2. Psiu!

   ...[contexto: alguém pronunciando essa expressão em um hospital]

...[significado da interjeição [sugestão]: "Por favor, faça silêncio!"]

3. Puxa! Ganhei o maior prêmio do sorteio!

   ...[*puxa*: interjeição]

   ...[tom da fala: euforia]

4. Puxa! Hoje não foi meu dia de sorte!

   ...[*puxa*: interjeição]

   ...[tom da fala: decepção]

As interjeições são palavras invariáveis, isto é, não sofrem variação em gênero, número e grau como os nomes, nem de número, pessoa, tempo, modo, aspecto e voz como os verbos. No entanto, em uso específico, algumas interjeições sofrem variação em grau. Deve-se ter claro, neste caso, que não se trata de um processo natural dessa classe de palavra, mas tão só uma variação que a linguagem afetiva permite. Exemplos: ***oizinho***, ***bravíssimo***, até ***loguinho***.

Identificando particularidades

Sobre adjetivos:

- Adjetivo x Advérbio
- Uso dos Adjetivo diante de Particípio
- A formação do grau e os adjetivos e advérbios anômalos

Sobre advérbios

- Adjetivo x Advérbio
- A formação do grau e os adjetivos e advérbios anômalos
- Locução prepositiva x Locução adverbial

Sobre determinantes

- Os determinantes e o núcleo composto
- Determinante antes do núcleo composto
- Determinantes depois do núcleo composto

Sobre preposições:

- Locução prepositiva x Locução adverbial

Sobre pronomes:

- Uso dos Pronomes
- Uso de Onde como Pronome Relativo

Sobre substantivos:

- Substantivo de gênero vascilante

Sobre verbos:

- Modo subjuntivo
- Verbos com pronome "se"

Adjetivo x Advérbio

Embora os adjetivos e advérbios constituam *classes gramaticais* bastante distintas, freqüentemente se verifica certa confusão na construção e emprego de algumas palavras que se alternam na função de adjetivo e advérbio. Trata-se do problema da flexão dessas classes gramaticais: o adjetivo varia em gênero e número e o advérbio é invariável.

A seguir indicamos a flexão e o emprego adequados de algumas palavras da Língua Portuguesa que se apresentam ora como advérbios ora como adjetivos:

I. Bastantes / bastante

Exemplos:

1. **Os aniversariantes encomendaram bastantes salgadinhos para a festa. [Adjetivo]**

2. **Os salgadinhos estavam bastante frios. [Advérbio]**

Uma regra prática para empregar corretamente as palavras *bastante/bastantes* é tentar substituir esses termos pela palavra *muito*. Se a palavra *muito* flexionar em gênero e número, emprega-se bastantes, se a palavra *muito* não flexionar, emprega-se a palavra bastante.

II. Longes / longe

Exemplos:

1. **Eles planejavam a conquista de terras longes e objetos antigos. [Adjetivo]**

2. **Eles foram longe em busca de objetos antigos. [Advérbio]**

III. Sós / só

Exemplo:

1. **Meus irmãos estavam sós naquela cidade desconhecida. [Adjetivo]**

2. **Eles só deixaram meus irmãos saírem apresentando passaporte. [Advérbio]**

Uma regra prática para empregar corretamente as palavras *sós/só* é tentar substituir esses termos pelas palavras sozinho e apenas, respectivamente. Onde couber a palavra *sozinho*, emprega-se só flexionado; onde couber a palavra *apenas*, emprega-se só (sem flexão = advérbio).

IV. Meio / meia

Exemplos:

1. **Nós pedimos apenas meia garrafa de vinho. [Adjetivo]**

2. **Ela parecia meio brava hoje. [Advérbio]**

V. Alerta

Exemplo:

1. **Os pais estavam alerta para a situação do filho doente. [Advérbio]**

Observe que a palavra *alerta* só possui uma forma não flexionada. Isso se dá porque a palavra *alerta* é sempre advérbio.

Uso dos Adjetivos diante de Particípio

Não devemos utilizar os adjetivos em suas formas comparativa e superlativa sintética ("melhor", por exemplo) diante de verbos no particípio. Os gramáticos recomendam que, nestes casos, o uso dos adjetivos nas formas comparativa e superlativa analítica ("mais bem", por exemplo).

Exemplo:

1. **A professora é melhor informada do que imaginei. [Inadequado]**

   A professora é mais bem informada do que imaginei. [Adequado]

A formação do grau e os adjetivos e advérbios anômalos

Uma das propriedades dos advérbios é a *formação do grau* a partir de *um processo de derivação* que consiste no acréscimo de *sufixos* ao *radical* da palavra (advérbio) ou, ainda, no acréscimo de um *advérbio de intensidade* (*mais*, *tão... como*, *menos*). Em geral, estão sujeitos a esse tipo de comportamento os advérbios de modo, expressando, assim, uma intensidade maior ou menor em relação a outro(s) ser(es) (*grau comparativo*) ou uma intensidade maior ou menor em relação à totalidade dos seres (*grau superlativo*).

Cada um dos graus possui as formas absoluta – quando não existe outro elemento em referência - e relativa – quando se estabelece uma comparação entre os seres. Por sua vez, cada uma das formas indicativas dos graus pode ser representada sob as formas sintética – quando o grau é expressado através de *sufixos* -, e analítica – quando ao adjetivo/advérbio é acrescentada uma palavra intensificadora.

Em geral, todos os adjetivos e advérbios se apresentam, na forma *comparativa relativa*, através da estrutura:

- **mais + ADJETIVO/ADVÉRBIO + *(do)* que (comparativo de superioridade);**
- **tão + ADJETIVO/ADVÉRBIO + como (ou quanto) (comparativo de igualdade);**
- **menos + ADJETIVO/ADVÉRBIO + *(do)* que (comparativo de inferioridade).**

Já os adjetivos e advérbios que se apresentam na forma *superlativa relativa*, o fazem segundo a seguinte estrutura:

- **mais + ADJETIVO/ADVÉRBIO + de (superlativo de superioridade);**
- **menos + ADJETIVO/ADVÉRBIO + de (superlativo de inferioridade).**

Alguns adjetivos e advérbios, porém, possuem formas especiais quando apresentados nas formas dos graus *comparativo sintético* e *superlativo sintético*. São eles: *bom/bem*, *mau/mal*, *grande* e *pequeno*, para cuja apresentação, assumem as seguintes formas:

ADJETIVO	ADVÉRBIO	COMPARATIVO/SUPERLATIVO SINTÉTICO
bom	bem	melhor
mau	mal	pior
grande		maior
pequeno		menor

Essas formas especiais do comparativo e superlativo sintético são obrigatórias, especialmente porque é assumido em uma única palavra a idéia de intensidade do adjetivo e advérbio:

Exemplos:

Adjetivo

1. **Ele é mais bom como vendedor do que como dentista. [Inadequado]**

   Ele é melhor como vendedor do que como dentista. Adequado]

Advérbio

1. **É mais bem andar do que correr. [Inadequado]**

   É melhor andar do que correr. [Adequado]

Em geral, esses advérbios na forma sintética aparecem intensificados pelo acréscimo de outro advérbio de intensidade (*muito*, *bem*, *bastante* e etc.).

Exemplos:

1. **Eu considerei bem <u>melhor</u> viajar à noite do que durante o dia.**
2. **Foi muito <u>pior</u> viajar durante o dia!**

Locução prepositiva x Locução adverbial

Não raro, confunde-se *locução prepositiva* e *locução adverbial*, devido à utilização de palavras idênticas na formação da expressão.

Uma locução prepositiva exerce a função de preposição, ao passo que uma locução adverbial exerce a função de advérbio.

Uma regra prática para determinar essa distinção em nível formal é procurar pelo último elemento da locução. Se o último termo for uma preposição, trata-se de uma locução prepositiva; se esse último termo for um advérbio, estamos diante de uma locução adverbial.

Exemplos:

1. **Ele disse que entraria em contato dentro de poucos minutos. [locução prepositiva]**

   ...[dentro: advérbio]

   ...[de: preposição]

2. **O aspecto da casa era outro por dentro. [locução adverbial]**

   ...[por: preposição]

   ...[dentro: advérbio]

Os determinantes e o núcleo composto

Os termos determinantes da oração (artigos, adjetivos, numerais e pronomes) sempre acompanham o nome, em geral, um substantivo.

Em cada expressão em que ocorra a união entre o determinante e o substantivo, é obrigatória a concordância em gênero e número entre eles. Dessa forma, se a expressão contém mais de um elemento (núcleo composto) é importante verificar a concordância.

Há duas maneiras de se realizar a concordância entre um núcleo composto e os determinantes: concordância com o substantivo mais próximo, e concordância com o gênero e número comum. Para isso é preciso observar a posição ocupada pelo determinante, ou seja,

- **determinante antes do núcleo composto**
- **determinante depois do núcleo composto**

Determinante antes do núcleo composto

A posição dos determinantes é muito importante para se determinar o gênero e o número que eles devem assumir na oração. Como os determinantes sempre acompanham um nome, em geral um substantivo, a concordância entre os dois elementos é obrigatória.

A concordância se dará de acordo com o gênero e o número do substantivo mais próximo se:

- **determinante estiver ligado a um núcleo composto (mais de um elemento)**
- **determinante estiver antes do núcleo composto**

Exemplos:

1. **Algum atletas e treinadores se retiraram da competição. [Inadequado]**

   Alguns atletas e treinadores se retiraram da competição. [Adequado]

2. **Fantásticos fogueira e balões serão premiados na festa. [Inadequado]**

   Fantástica fogueira e balões serão premiados na festa. [Adequado]

Dentre os determinantes, o artigo é a única classe gramatical que ocupa sempre posição anterior ao substantivo (ex: a *casa* ao invés de *casa* a*;* um *sofá* ao invés de *sofá* um). Entre o artigo e o substantivo pode-

se incluir outras palavras, em geral um adjetivo. Mesmo distante, a concordância entre o artigo e o substantivo deve ser realizada.

É aconselhável, ainda, a repetição do determinante para cada um dos elementos do núcleo composto quando eles forem de gênero ou número diferentes (ex.: um *caderno e* umas *canetas* ao invés de uns *caderno e canetas*).

Determinante depois do núcleo composto

A posição dos determinantes é muito importante para se determinar o gênero e o número que eles devem assumir na oração. Como os determinantes sempre acompanham um nome, em geral um substantivo, a concordância entre os dois elementos é obrigatória.

Se o determinante estiver ligado a um núcleo composto (mais de um elemento) e vier depois desse núcleo, há duas maneiras de se realizar a concordância:

1. Com o substantivo mais próximo:

Exemplos:

1. As esperanças e o carinho minhas serão dedicadas aos pobres. [Inadequado]

   As esperanças e o carinho meu serão dedicadas aos pobres. [Adequado]

2. Os pôsteres e a revista masculinas foram vendidos. [Inadequado]

   Os pôsteres e a revista masculina foram vendidos. [Adequado]

2. Com o gênero e número comum:

Exemplos:

1. As esperanças e o carinho minhas serão dedicadas aos pobres. [Inadequado]

   As esperanças e o carinho meus serão dedicadas aos pobres. [Adequado]

2. Os pôsteres e a revista masculinas foram vendidos. [Inadequado]

   Os pôsteres e a revista masculinos foram vendidos. [Adequado]

Observe, portanto, que quando a concordância se dá pelo gênero e número comum, o número será sempre plural. O gênero, por sua vez, vai ser determinado pelos substantivos que compõem o núcleo. O determinante só será feminino plural se os substantivos do núcleo composto também forem femininos; do contrário, o gênero do determinante ligado a um núcleo composto será masculino (ex.: fábrica e escritório fechados; luz e lanterna acesas).

É aconselhável a repetição do determinante para cada um dos elementos do núcleo composto quando eles forem de gênero ou número diferentes (ex.: *o velho perdido e as crianças [também] perdid*as ao invés de *o velho e as crianças perdid*os).

Uso dos Pronomes

Os pronomes pessoais do caso reto "eu" e "tu" não podem exercer a função de complemento das preposições do português. Neste caso, devem ser usadas as formas pessoais oblíquas tônicas "mim" e "ti".

Exemplo:

1. Entre eu e ti existe apenas amizade. [Inadequado]

   Entre mim e ti existe apenas amizade. [Adequado]

O pronome pessoal "eu" não deve ser empregado depois da preposição "para", exceto quando seguido de verbo no infinitivo, ou seja, quando sujeito da oração subordinada adverbial final.

Exemplo:

1. Disseram para mim escrever uma carta. [Inadequado]

   Disseram para eu escrever uma carta. [Adequado]

O pronome pessoal do caso reto não pode funcionar como sujeito da oração subordinada substantiva reduzida de infinitivo. Neste caso, são usados os pronomes átonos do caso oblíquo ("me", "te", "o", etc.).

Exemplo:

1. Deixa eu sair. [Inadequado]

   Deixa-me sair. [Adequado]

Os pronomes reflexivos e os pronomes recíprocos devem concordar com a pessoa a que se referem.

Exemplos:

1. Ele vestiu-se rapidamente, pois estava atrasado.
2. Eu me feri com uma faca.
3. Carlos e eu nos abraçamos.
4. José e Antônio não se cumprimentam.

O pronome indefinido "ambos" já contém a idéia de "dois", sendo dispensável o numeral.

Exemplo:

1. Ambos os dois partiram ontem. [Inadequado]

   Ambos partiram ontem. [Adequado]

O pronome indefinido "cada" repele a forma "um", por isso, utilize apenas os numerais correspondentes a mais de uma unidade:

Exemplo:

1. O relógio soava a cada uma hora. [Inadequado]

   O relógio soava a cada hora. [Adequado]

   O relógio soava a cada duas horas. [Adequado]

O pronome indefinido "cada" não pode ser utilizado como determinante de formas do plural, a menos que venha modificando o numeral.

Exemplo:

1. A cada férias tudo se repetia. [Inadequado]

   Em todas as férias, tudo se repetia. [Adequado]

   A cada duas férias tudo se repetia. [Adequado]

Uso de Onde como Pronome Relativo

A palavra onde, como *pronome relativo*, somente pode ser utilizada para substituir um substantivo que exprima a idéia de lugar. Para a substituição de outros substantivos, utilize as formas "em que", "na qual" ou "no qual" em vez de "onde".

Exemplos:

1. Na rua onde ele mora não há muito movimento. [Adequado]
2. Na oração onde o fiel pedia perdão a Deus não havia sinceridade. [Inadequado]

Na oração em que o fiel pedia perdão a Deus não havia sinceridade. [Adequado]

Substantivo de gênero vascilante

Na língua portuguesa, alguns substantivos são palavras variáveis. Eles podem variar em gênero (masculino ou feminino) e número (singular ou plural).

Alguns substantivos, porém, têm gênero fixo. Nesse caso, eles são reconhecidos somente por esse gênero que está fixado, isto é, não há formas especiais para a apresentação do gênero oposto. Por conseqüência, os determinantes que se relacionam com esse substantivo devem respeitar o gênero do substantivo. A fixação de um gênero e não outro para esse substantivo é apenas um capricho da língua, mas torna-se problema de linguagem o emprego inadequado de suas formas.

Exemplos:

1. Vamos pedir uma champanhe para comemorar a vitória? [Inadequado]

   Vamos pedir um champanhe para comemorar a vitória? [Adequado]

2. Elas participavam de uma clã muito fechada. [Inadequado]

   Elas participavam de um clã muito fechado. [Adequado]

A seguir, os substantivos de gênero fixo mais freqüentemente utilizados na nossa língua e os seus gêneros:

MASCULINO	FEMININO
o agravante	*a usucapião*
o soprano	*a sentinela*
o diabete(s)	*a omoplata*

Modo subjuntivo

Subjuntivo é o *modo verbal* que expressa uma ação incerta, inacabada, uma ação que está para se realizar e, ainda, um fato imaginado. Nesse sentido, o subjuntivo opõe-se completamente ao *indicativo* que é o modo da certeza, do fato real.

Outra característica desse modo verbal advém da sua extrema dependência com outro verbo. Assim, o modo subjuntivo está sempre presente nos verbos de orações subordinadas.

A utilização do modo subjuntivo está ligada ao sentido que se pretende dar à ação verbal. Em geral, verificamos a sua presença em verbos que exprimem:

- *dúvida* (ex.: Talvez você possa me esclarecer isso.)
- *hipótese/condição* (ex.: Se todos chegassem mais cedo, faríamos a reunião)
- *ordem/pedido* (ex.: Pediria a todos que se dirigissem à recepção.)
- *desejo* (ex.: Espero que confiem na minha palavra.)

É importante que se conheçam as conjugações dos verbos no modo subjuntivo, pois o emprego adequado dessas formas implica a construção correta da concordância verbal. Além disso, outras particularidades desse modo verbal podem ser verificadas:

- O subjuntivo e as orações subordinadas
- O subjuntivo e os verbos modais

Verbos com pronome "se"

Certos verbos da Língua Portuguesa expressam, na sua forma infinitiva, a idéia de ação reflexiva. Para indicar que o objeto da ação é a mesma pessoa que o sujeito que a pratica, é obrigatória a concordância em pessoa entre o pronome reflexivo e a pessoa à qual se refere.

O pronome "*se*" torna-se, portanto, parte integrante dos verbos reflexivos. São esses os verbos indicativos de sentimentos ou mudança de estado, tais como *preocupar-se*, *queixar-se*, *indignar-se*, *admirar-se*, *comportar-se*, *congelar-se*, *derreter-se* e etc.

Os pronomes reflexivos (*me*, *te*, *se*, *nos* e etc.) possuem uma forma especial para cada *pessoa verbal*, com exceção da terceira pessoa, que possui uma única forma tanto para o singular quanto para o plural: *se*, *si* e *consigo*.

Exemplos:

1. Nós se atrevemos a ler seus manuscritos. [Inadequado]

   Nós nos atrevemos a ler seus manuscritos. [Adequado]

2. Eu teimava em suicidar-se em tempo breve. [Inadequado]

   Eu teimava em suicidar-me em tempo breve. [Adequado]

Análise sintática: definição

Análise sintática é uma técnica empregada no estudo da estrutura sintática de uma língua. Ela é útil quando se pretende:

1. *descrever* as estruturas sintáticas possíveis ou aceitáveis da língua; ou

2. *decompor* o texto em unidades sintáticas a fim de compreender a maneira pela qual os elementos sintáticos são organizados na sentença.

A compreensão dos vários mecanismos inerentes em uma língua é facilitada pelo procedimento analítico, através do qual buscam-se nas unidades menores (por exemplo, a sentença) as razões para certos fenômenos detectados nas unidades maiores (por exemplo, o texto). Dessa forma, a Gramática Normativa (aquela que prescreve as normas da língua culta) sempre se ocupou em decompor algumas unidades estruturais da língua para tornar didática a compreensão de certos fenômenos. No âmbito da *fonologia*, tem-se a *análise fonológica*, em que a estrutura sonora das palavras é decomposta em unidades mínimas do som (os *fonemas*); em *morfologia*, tem-se a análise *morfológica*, da qual se depreendem das palavras as suas unidades mínimas dotadas de significado (os *morfemas*).

A análise sintática ocupa um lugar de destaque em muitas gramáticas da língua portuguesa, porque grande parte das normas do bem dizer e do bem escrever recaem sobre a estrutura sintática, isto é, sobre a organização das palavras na sentença. Para compreender o uso dos pronomes relativos, a colocação pronominal, as várias relações de concordância, por exemplo, é importante, antes, promover uma análise adequada da sintaxe apresentada pela sentença em questão. Nenhuma regra de conduta da língua culta tem sentido sem uma análise sintática da sentença que se estuda. Por isso, antes que se aplique qualquer norma gramatical é preciso compreender de que forma os elementos sintáticos estão dispostos naquela sentença especial. Isso se dá porque os elementos sintáticos também não são fixos na língua. Por exemplo: uma palavra pode funcionar como sujeito em uma sentença e, em outra, funcionar como agente da passiva. Somente a análise sintática poderá determinar esse comportamento específico das palavras no contexto da sentença.

Sendo a análise sintática uma aplicação estritamente voltada para a sentença, parte-se dessa unidade maior para alcançar os seus constituintes - os sintagmas – que, por sua vez, são rotulados através das categorias sintáticas. Como se vê, é um exercício de decomposição da sentença. Vejamos um exemplo de análise sintática:

1. Teu pai quer que você estuda antes de brincar.

   ...[há três orações]

   ...[1ª oração: *teu pai quer* = oração principal]

   ...[na 1ª oração: sintagma nominal = *teu pai*; sintagma verbal = *quer*]

   ...[sintagma verbal da 1ª oração: formado por um verbo *modal*]

   ...[2ª oração: *que você estuda* = oração subordinada objetiva direta]

   ...[na 2ª oração: sintagma nominal = *você*; sintagma verbal = *estuda*]

   ...[2ª oração: introduzida pelo pronome relativo *que*]

...[3ª oração: *antes de brincar* = oração subordinada adverbial reduzida de infinitivo]

...[sintagma adverbial: locução adverbial de tempo: *antes de*]

...[sintagma verbal: *brincar*]

Através da análise que desenvolvemos pudemos depreender as várias unidades menores do período, isto é, as três orações (ou sentenças), e, além disso, identificamos as funções dos elementos sintáticos presentes em cada oração (tipo de verbo, qualidade do pronome, tipos de sintagmas, tipo de advérbio). A partir desses resultados é possível verificar um problema de concordância verbal existente na segunda oração. Trata-se da norma gramatical que nos informa o seguinte: "se houver uma oração subordinada objetiva direta introduzida pelo pronome *que* e, se essa oração complementa um verbo modal, então o verbo dessa oração subordinada deve estar no *modo subjuntivo*". Pela análise sintática vemos que esse é o caso do nosso período. Assim, conseguimos compreender a necessidade de alteração da forma verbal, derivando a sentença abaixo.

1. Teu pai quer que você estude antes de brincar.

Para promovermos essa análise, enfim, foi exigido que conhecêssemos alguns elementos fundamentais da sintaxe:

o período

a frase

a oração

os termos das orações

A análise sintática, assim como as outras referentes à língua, é um exercício muito próximo da matemática, pois envolve um raciocínio lógico do tipo: "se você encontrar tal elemento, então admita que esse elemento é um objeto tal". Promover esse tipo de raciocínio no estudo das sentenças é desenvolver uma análise formal, porque as categorias sintáticas são formas que não dependem do conteúdo que expressam. Em outros níveis de análise - a *análise semântica*, a *análise discursiva* e *análise estilística* - esse tipo de raciocínio lógico é bastante complicado, porque envolve elementos cuja representação e estrutura não são fixas. Em todo caso, grande parte das correções gramaticais se aplica ao nível de adequação sintática do texto, por isso a chamada revisão gramatical.

Frase

Frase é a menor unidade da comunicação lingüística. Tem como características básicas:

1. a apresentação de um sentido ou significado completo
2. ser acompanhada por uma *entonação*

Durante o uso cotidiano da língua, os falantes costumam produzir seus textos articulando enunciados. Esses enunciados, quando transmitem uma idéia acabada, isto é, um sentido comunicativo completo, se constituem na chamada *frase*. Não há um padrão definido de frase; contudo, podemos identificá-la em três tipos distintos de construção:

a. quando se compõe de apenas uma palavra.

   Exemplos:

   1. Perigo!

   2. Coragem!

b. quando se compõe de mais de uma palavra, dentre as quais não se verifica a presença de verbo.

   Exemplos:

   1. Que tempestade!

   2. Quanta ingenuidade!

c. quando se compõe de mais de uma palavra, dentre as quais, um verbo ou locução verbal.

Exemplos:

1. Infelizmente, *precisamos* seguir viagem! [presença de verbo]

2. A concorrência *deve determinar* a redução dos nossos preços. [presença de locução verbal]

A identificação de uma frase na situação de comunicação também se deve ao fato de que ela é um produto da entonação, ou seja, da melodia produzida na língua oral. Dessa forma, quando um falante constrói uma frase, ela só se realiza se houver marcas melódicas de início e fim do enunciado. Em geral, na fala essas pausas são expressadas através do silêncio; já no registro escrito as marcas de início são as iniciais maiúsculas das palavras e as marcas finais, os sinais de pontuação.

Exemplos:

1. **Jonas!**
2. **Que vexame!**
3. **Acordei hoje com fortes dores de cabeça.**

Observe-se que nos exemplos (1) e (2) os segmentos não apresentam verbos. No entanto, dada a entonação frasal, podemos extrair dessas construções um sentido comunicativo completo. O contexto da comunicação e a melodia empregada pelos falantes na produção do exemplo (1) são fundamentais para distingui-lo de uma simples palavra sem função comunicativa. Basta imaginarmos para isso um contexto em que alguém está chamando por uma pessoa cujo nome é "Jonas". Nesse caso, a frase (1) poderia expressar alguma coisa como "Ei, Jonas, estou lhe chamando."

Oração

Oração é um segmento lingüístico caracterizado basicamente:

1. pela presença obrigatória do verbo (ou locução verbal), e

2. pela propriedade de se tornar, ela mesma, um objeto de análise sintática

A maioria dos gramáticos da língua portuguesa costuma atribuir à oração uma qualidade discursiva bastante particular que é a de expressar um conteúdo informativo na forma de uma construção dotada de verbo. Independentemente de essa construção expressar um sentido acabado no discurso oral ou escrito, o verbo torna-se fundamental para caracterizar a oração; por isso, a determinação de que o verbo é o núcleo de uma oração. Vejamos alguns exemplos:

1. **Gabriel toca sanfona maravilhosamente.**

   ...[toca: verbo]

   ...[enunciado em forma de oração com sentido acabado]

2. **portanto, traz felicidade.**

   ...[traz: verbo]

   ...[enunciado em forma de oração sem sentido acabado]

Nesses dois exemplos observamos ora a expressão de um conteúdo comunicativo completo ora a ausência desse enunciado significativo. No entanto, em nenhum dos casos podemos notar a falta do verbo.

As orações são, além disso, construções que, por contarem com um esquema discursivo definido, podem ser analisadas sintaticamente. Isto é, existindo oração pressupõe-se também a existência de uma organização interna entre os seus elementos constituintes – os termos da oração – que se reúnem em torno do verbo. A esse tipo de exercício chamamos análise sintática, da qual a gramática da língua costuma abstrair as diversas classificações das orações.

É importante, portanto, conhecer outras particularidades das orações:

☐ **termos da oração**

Para os fins de análise ou, mais modernamente, no uso comum dos termos, costuma-se empregar equivocadamente a palavra sentença em lugar de oração e também de frase. Trata-se de uma tradução imperfeita da noção inglesa de período: no inglês o termo *phrase* refere-se em português a sintagma ; o termo *clause*, a "oração", e *sentence*, a "período".

Período

Período é a unidade lingüística composta por uma *ou mais* orações. Tem como características básicas:

1. **a apresentação de um sentido ou significado completo**
2. **encerrar-se por meio de certos símbolos de pontuação.**

Uma das propriedades da língua é expressar *enunciados articulados*. Essa articulação é evidenciada internamente pela verificação de uma qualidade comunicativa das informações contidas no período. Isto é, um período é bem articulado quando revela informações de sentido completo, uma idéia acabada. Esse atributo pode ser exibido em termos de um período constituído por uma única oração - *período simples* – ou constituído por mais de uma oração – *período composto*.

Exemplos:

1. **Sabrina tinha medo do brinquedo.**

   ...[período simples]

2. **Sabrina tinha medo do brinquedo, apesar de levá-lo consigo todo o tempo.**

   ...[período composto]

Não há uma forma definida para a constituição de períodos, pois se trata de uma liberdade do falante de elaborar seu discurso da maneira como quiser ou como julgar ser compreendido na situação discursiva. Porém a língua falada, mais freqüentemente, organiza-se em *períodos simples*, ao passo que a língua escrita costuma apresentar maior elaboração sintática, o que faz notarmos a presença maior de *períodos compostos*. Um dos aspectos mais notáveis dessa complexidade sintática nos períodos compostos é o uso dos vários recursos de coesão. Isso pode ser visualizado no exercício de transformação de alguns períodos simples em período composto fazendo uso dos chamados conectivos (elementos lingüísticos que marcam a coesão textual).

Exemplo:

1. ***Eu tenho um gatinho muito preguiçoso. Todo dia ele procura a minha cama para dormir. Minha mãe não gosta do meu gatinho. Então, eu o escondo para a minha mãe não ver que ele está dormindo comigo.***
2. ***Eu tenho um gatinho muito preguiçoso, que todo dia procura a minha cama para dormir. Como a minha mãe não gosta dele, eu o escondo e, assim, ela não vê que o gatinho está dormindo comigo.***

Notem que no exemplo (1) temos um parágrafo formado por quatro períodos. Já no exemplo (2) o parágrafo está organizado em apenas dois períodos. Isso é possível articulando as informações por meio de alguns conectivos (*que*, *como*, *assim*) e eliminando os elementos redundantes (*o gatinho*, *minha mãe* = *ele*, ela).

Finalmente, os períodos são definidos materialmente no registro escrito por meio de uma marca da pontuação, das quais se excluem a vírgula e o ponto-e-vírgula. O recurso da pontuação é uma forma de reproduzir na escrita uma longa pausa percebida na língua falada.

Termos da oração: tipos

Os termos da oração da língua portuguesa são classificados em três grandes níveis:

Termos essencias da oração:

- **sujeito**
- **predicado**

Termos integrantes da oração:

- **complemento nominal**
- **complementos verbais:**
  - **objeto direto**
  - **objeto indireto**
  - **predicativo do objeto**
  - **agente da passiva**

Termos acessórios da oração:

- adjunto adnominal
- adjunto adverbial
- aposto
- vocativo

Sujeito

Sujeito é um dos temos essenciais da oração. Tem por características básicas:

☐ estabelecer concordância com o núcleo do sintagma verbal

☐ apresentar-se como elemento determinante em relação ao predicado

☐ constituir-se de um substantivo, ou pronome substantivo ou, ainda, qualquer palavra substantivada

O sujeito só é considerado no âmbito da análise sintática, isto é, somente na organização da sentença é que uma palavra (ou um conjunto de palavras) pode constituir aquilo que chamamos *sujeito*. Nesse sentido, é equivocado dizer que o sujeito é *aquele que pratica uma ação* ou é *aquele (ou aquilo) do qual se diz alguma coisa*. Ao fazer tal afirmação estamos considerando o aspecto semântico do sujeito (agente de uma ação) ou o seu aspecto estilístico (o tópico da sentença). Já que o sujeito é depreendido de uma análise sintática, vamos restringir a definição apenas ao seu papel sintático na sentença: aquele que estabelece concordância com o núcleo do predicado. Quando se trata de predicado verbal, o núcleo é sempre um verbo; sendo um predicado nominal, o núcleo é sempre um nome.

Exemplos:

1. **A padaria está fechada hoje.**

   ...[*está fechada hoje*: predicado nominal]

   ...[*fechada*: nome adjetivo = núcleo do predicado]

   ...[*fechada*: nome feminino singular]

   ...[*a padaria*: sujeito]

   ...[*núcleo do sujeito*: nome feminino singular]

2. **Nós mentimos sobre nossa idade para você.**

   ...[mentimos sobre nossa idade para você: predicado verbal]

   ...[*mentimos*: verbo = núcleo do predicado]

   ...[*mentimos*: primeira pessoa do plural]

   ...[*nós*: sujeito]

   ...[*sujeito*: primeira pessoa do plural]

A relação de concordância é, por excelência, uma relação de dependência, na qual dois (ou mais) elementos se harmonizam. Um desses elementos é chamado *determinado* (ou principal) e o outro, *determinante* (subordinado). No interior de uma sentença, o sujeito é o termo determinante, ao passo que o predicado é o termo determinado. Essa posição de determinante do sujeito em relação ao predicado adquire sentido com o fato de ser possível, na língua portuguesa, uma sentença sem sujeito, mas *nunca* uma sentença sem predicado.

Exemplos:

1. **As formigas invadiram minha casa.**

   ...[*as formigas*: sujeito = termo determinante]

   ...[*invadiram minha casa*: predicado = termo determinado]

2. **Há formigas na minha casa.**

...[*há formigas na minha casa*: predicado = termo determinado]

...[*sujeito*: inexistente]

O sujeito sempre se manifesta em termos de sintagma nominal , isto é, seu núcleo é sempre um nome. Quando esse nome se refere a objetos das primeira e segunda pessoas, o sujeito é representado por um pronome pessoal do caso reto (*eu*, *tu*, *ele*, etc.). Se o sujeito se refere a um objeto da terceira pessoa, sua representação pode ser feita através de um substantivo, de um pronome substantivo ou de qualquer conjunto de palavras, cujo núcleo funcione, na sentença, como um substantivo.

Exemplos:

1. Eu acompanho você até o guichê.

   ...[*eu*: sujeito = pronome pessoal de primeira pessoa]

2. Vocês disseram alguma coisa?

   ...[*vocês*: sujeito = pronome pessoal de segunda pessoa]

3. Marcos tem um fã-clube no seu bairro.

   ...[Marcos: sujeito = substantivo próprio]

4. Ninguém entra na sala agora.

   ...[ninguém: sujeito = pronome substantivo]

5. O andar deve ser uma atividade diária.

   ...[o andar: sujeito = núcleo: verbo substantivado nessa oração]

Além dessas formas, o sujeito também pode se constituir de uma oração inteira. Nesse caso, a oração recebe o nome de oração substantiva subjetiva:

1. É difícil optar por esse ou aquele doce...

   ...[*É difícil*: oração principal]

   ...[*optar por esse ou aquele doce*: oração subjetiva = sujeito oracional]

É importante conhecer outras particularidades do sujeito:

sujeito posposto

Predicado

Predicado é um dos termos essenciais da oração. Tem por características básicas:

☐ apresentar-se como elemento determinado em relação ao sujeito

☐ apontar *um atributo* ou acrescentar *nova informação* ao sujeito

Assim como o sujeito, o *predicado* é um segmento extraído da estrutura interna das orações ou das frases, sendo, por isso, fruto de uma análise sintática. Isso implica dizer que a noção de *predicado* só é importante para a caracterização das palavras em termos sintáticos. Nesse sentido, o predicado é sintaticamente o segmento lingüístico que estabelece concordância com outro termo essencial da oração – o sujeito -, sendo este o *termo determinante* (ou subordinado) e o predicado o *termo determinado* (ou principal). Não se trata, portanto, de definir o predicado como "aquilo que se diz do sujeito" como fazem certas gramáticas da língua portuguesa, mas sim estabelecer a importância do fenômeno da concordância entre esses dois termos essenciais da oração.

Exemplos:

1. Carolina conhece os índios da Amazônia.

   ...[sujeito: *Carolina* = termo determinante]

...[predicado: *conhece os índios da Amazônia* = termo determinado]

...[*Carolina*: 3ª pessoa do singular = *conhece*: 3ª pessoa do singular]

2. Todos nós fazemos parte da quadrilha de São João.

...[sujeito: todos nós = termo determinante]

...[predicado: *fazemos parte da quadrilha de São João* = termo determinado]

...[*Todos nós*: 1ª pessoa do plural = *fazemos parte*: 1ª pessoa do plural]

Nesses exemplos podemos observar que a concordância é estabelecida entre algumas poucas palavras dos dois termos essenciais. Na frase (1), entre "Carolina" e "conhece"; na frase (2), entre "nós" e "fazemos". Isso se dá porque a concordância é centrada nas palavras que são núcleos, isto é, que são responsáveis pela principal informação naquele segmento. No predicado o núcleo pode ser de dois tipos: um nome, quase sempre um atributo que se refere ao sujeito da oração, ou um verbo (ou locução verbal). No primeiro caso, temos um predicado nominal e no segundo um predicado verbal. Quando, num mesmo segmento o nome e o verbo são de igual importância, ambos constituem o núcleo do predicado e resultam no tipo de predicado verbo-nominal.

Exemplos:

1. Minha empregada é desastrada.

...[predicado: *é desastrada*]

...[núcleo do predicado: *desastrada* = atributo do sujeito]

...[tipo de predicado: *nominal*]

2. A empreiteira demoliu nosso antigo prédio.

...[predicado: *demoliu nosso antigo prédio*]

...[núcleo do predicado: *demoliu* = nova informação sobre o sujeito]

...[tipo de predicado: *verbal*]

3. Os manifestantes desciam a rua desesperados.

...[predicado: *desciam a rua desesperados*]

...[núcleos do predicado: 1. *desciam* = nova informação sobre o sujeito; 2. *desesperados* = atributo do sujeito]

...[tipo de predicado: *verbo-nominal*]

Nos predicados verbais e verbo-nominais o verbo é responsável também por definir os tipos de elementos que aparecerão no segmento. Em alguns casos o verbo sozinho basta para compor o predicado (verbo intransitivo). Em outros casos é necessário um complemento que, juntamente com o verbo, constituem a nova informação sobre o sujeito. De qualquer forma, esses complementos do verbo não interferem na tipologia do predicado. São elementos que constituem os chamados termos integrantes da oração.

Complemento Nominal

Dá-se o nome de complemento nominal ao termo que complementa o sentido de um nome ou um advérbio, conferindo-lhe uma significação completa ou, ao menos, mais específica.

Como o complemento nominal vem integrar-se ao nome em busca de uma significação extensa para nome ao qual se liga, ele compõe os chamados termos integrantes da oração.

São duas as principais características do complemento nominal:

- sempre seguem um nome, em geral abstrato;

- ligam-se ao nome por meio de preposição, sempre obrigatória.

Os complementos nominais podem ser formados por substantivo, pronome, numeral ou oração subordinada completiva nominal.

Exemplos:

1. **Meus filhos têm loucura por futebol.**

   ...*[substantivo]*

2. **O sonho dele era saltar de pára-quedas.**

   ...*[pronome]*

3. **A vitória de um é a conquista de todos.**

   ...*[numeral]*

4. **O medo de que lhe furtassem as jóias a mantinha afastada daqui.**

   ...*[oração subordinada completiva nominal]*

Em geral os nomes que exigem complementos nominais possuem formas correspondentes a verbos transitivos, pois ambos completam o sentido de outro termo. São exemplos dessa correlação:

- *obedecer* aos pais ☐ *obediência* aos pais

- *chegar* em casa ☐ *chegada* em casa

- *entregar* a revista à amiga ☐ *entrega* da revista à amiga

- *protestar* contra a opressão ☐ *protesto* contra a opressão

É importante conhecer outras particularidades do complemento nominal, tais como:

- Complemento nominal X Adjunto adnominal

- A preposição e o complemento nominal

- Saiba mais sobre a preposição e o complemento nominal

Objeto Direto

Do ponto de vista da sintaxe, objeto direto é o termo que completa o sentido de um verbo transitivo direto, por isso, é complemento verbal, na grande maioria dos casos, não preposicionado. Do ponto de vista da semântica, o objeto direto é:

- o *resultado* da ação verbal, ou

- o ser *ao qual se dirige* a ação verbal, ou

- o *conteúdo* da ação verbal.

O *objeto direto* pode ser formado por um substantivo, pronome substantivo, ou mesmo qualquer palavra substantivada. Além disso, o objeto direto pode ser constituído por uma oração inteira que complemente o verbo transitivo direto da oração dita principal. Nesse caso, a oração recebe o nome de oração subordinada substantiva objetiva direta.

Exemplos:

1. **O amor de Mariana transformava a minha vida.**

   ...[*transformava*: verbo transitivo direto]

   ...[*a minha vida*: objeto direto]

   ...[*núcleo*: vida = substantivo]

2. Conserve isto na tua memória: vou partir em breve.

   ...[*conserve*: verbo transitivo direto]

   ...[*isso*: objeto direto = pronome substantivo]

3. Não prometa mais do que possa cumprir depois.

   ...[*prometa*: verbo transitivo direto]

   ...[*mais do que possa cumprir depois*: oração subordinada substantiva objetiva direta]

Os objetos diretos são constituídos por nomes como núcleos do segmento. A noção de núcleo torna-se importante porque, num processo de substituição de um nome por um pronome deve-se procurar por um pronome de igual função gramatical do núcleo. No exemplo (1) acima verificamos um conjunto de palavras formando o objeto direto (*a minha vida*), dentre as quais apenas uma é núcleo (*vida* = substantivo). Podemos transformar esse núcleo substantivo em objeto direto formado por pronome oblíquo, que é um tipo de pronome substantivo. Além disso, nesse processo de substituição, devemos ter claro que o pronome ocupará o lugar de todo o objeto direto e não só do núcleo do objeto. Vejamos um exemplo dessa representação:

O amor de Mariana transformava a minha vida.

O amor de Mariana a transformava.

Os pronomes oblíquos átonos (*me*, *te*, *o*, *a*, *se*, etc.) funcionam sintaticamente como objetos diretos. Isso implica dizer que somente podem figurar nessa função de objeto e não na função de sujeito, por exemplo . Porém algumas vezes os pronomes pessoais retos (*eu*, *tu*, *ele*, etc.) ou pronome oblíquo tônico (*mim*, *ti*, *ele*, etc.) são chamados a constituir o núcleo dos objetos diretos. Nesse caso, o uso da preposição se torna obrigatório e, por conseqüência, tem-se um objeto direto especial: *objeto direto preposicionado*.

Exemplos:

1. Ame ele que é teu irmão. [Inadequado]

   Ame-o que é teu irmão. [Adequado]

2. Você chamou eu ao teu encontro? [Inadequado]

   Você me chamou ao teu encontro? [Adequado]

   ...[me: pronome oblíquo átono = sem preposição]

   Você chamou a mim ao teu encontro? [Adequado]

   ...[a mim: pronome oblíquo tônico = com preposição]

Objeto Indireto

Do ponto de vista da *sintaxe*, objeto indireto é o termo que completa o sentido de um *verbo transitivo indireto* e vem sempre acompanhado de preposição. Do ponto de vista da *semântica*, o objeto indireto é o ser ao qual se destina a ação verbal.

O objeto indireto pode ser formado por substantivo, ou pronome substantivo, ou numeral, ou ainda, uma *oração substantiva objetiva indireta*. Em qualquer um desses casos, o traço mais importante e característico do objeto indireto é a presença da preposição.

Exemplo:

1. A cigana pedia dinheiro a moça. [Inadequado]

   A cigana pedia dinheiro à moça. [Adequado]

   ...[pedia = verbo transitivo direto e indireto]

   ...[dinheiro = objeto direto]

   ...[à moça = destinatário da ação verbal = objeto indireto]

O objeto indireto pode ser representado por um pronome. Como o núcleo do objeto é sempre um nome, é possível substituí-lo por um pronome. Nesse caso, um pronome oblíquo, já que se trata de uma posição de *complemento verbal* e não de sujeito da oração. O único pronome que representa o objeto indireto é o pronome oblíquo átono lhe(s) – pronome de terceira pessoa. Os pronomes indicativos das demais pessoas verbais são sempre acompanhados de preposição.

Exemplos:

1. Ela contava a seu pai como fora o seu dia na escola.
2. Ela lhe contava como fora o seu dia na escola.
3. Todos dariam ao padre a palavra final.
4. Todos dar-lhe-iam a palavra final.
5. Responderam a Fátima com delicadeza.
6. Responderam a mim com delicadeza.

Não é difícil confundir objeto indireto e adjunto adverbial, pois ambos os termos são construídos com preposição. Uma regra prática para se determinar o objeto indireto e até mesmo o identificar na oração é indagar ao verbo se ele necessita de algum complemento preposicionado. Esse complemento será:

1) Adjunto adverbial, se estiver expressando um significado adicional, como lugar, tempo, companhia, modo e etc.

2) Objeto indireto, se estiver apenas completando o sentido do verbo, sem acrescentar outra idéia à oração.

Exemplos:

1. Ele sabia a lição de cor. [Adjunto adverbial "de modo"]
2. Ele se encarregou do formulário. [Objeto indireto]

Predicativo do Objeto

É o termo ou expressão que complementa o objeto direto ou o objeto indireto, conferindo-lhe um atributo.

O predicativo do objeto apresenta duas características básicas:

- acompanha o *verbo de ligação* implícito;
- pertence ao predicado verbo-nominal.

A formação do predicativo do objeto é feita através de um substantivo ou um adjetivo.

Exemplos:

1. O vilarejo finalmente elegeu Otaviano prefeito.

   ...[objeto: *Otaviano*]

   ...[predicativo: substantivo]

2. Os policiais pediam calma absoluta.

   ...[objeto: calma]

   ...[predicativo: adjetivo]

3. Todos julgavam-no culpado.

   ...[objeto: no]

   ...[predicativo: adjetivo]

Alguns gramáticos admitem o predicativo do objeto em orações com *verbos transitivos indiretos* tais como *crer*, *estimar*, *julgar*, *nomear*, *eleger*. Em geral, porém, a ocorrência do predicativo do objeto em objetos indiretos se dá somente com o verbo *chamar*, com sentido de "atribuir um nome a".

Exemplo:

1. **Chamavam-lhe falsário, sem notar-lhe suas verdades.**

Agente da Passiva

É o termo da oração que complementa o sentido de um verbo na voz passiva, indicando-lhe o *ser que praticou a ação verbal*.

A característica fundamental do *agente da passiva* é, pois, o fato de somente existir se a oração estiver na voz passiva. Há três vozes verbais na nossa língua: a voz ativa, na qual a ênfase recai na ação verbal praticada pelo sujeito; a voz passiva, cuja ênfase é a ação verbal sofrida pelo sujeito; e a voz reflexiva, em que a ação verbal é praticada e sofrida pelo sujeito. Nota-se, com isso, que o papel do sujeito em relação à ação verbal está em evidência.

Na voz ativa o sujeito exerce a função de agente da ação e o agente da passiva não existe. Para completar o sentido do verbo na voz ativa, este verbo conta com outro elemento – o objeto (direto). Na voz passiva, o sujeito exerce a função de receptor de uma ação praticada pelo *agente da passiva*. Por conseqüência, é este mesmo agente da passiva que complementa o sentido do verbo neste tipo de oração, substituindo o objeto (direto).

Exemplo:

1. **O barulho acordou toda a vizinhança. [oração na voz ativa]**

   ...[*o barulho*: sujeito]

   ...[acordou: verbo transitivo direto = pede um complemento verbal]

   ...[*toda a vizinhança*: ser para o qual se dirigiu a ação verbal = objeto direto]

2. **Toda a vizinhança foi acordada pelo barulho. [oração na voz passiva]**

   ...[*toda a vizinhança*: sujeito]

   ...[*foi*: verbo auxiliar / acordada: verbo principal no particípio]

   ...[*pelo barulho*: ser que praticou a ação = agente da passiva]

O agente da passiva é um complemento exigido somente por verbos transitivos diretos (aqueles que pedem um complemento sem preposição). Esse tipo de verbo, em geral, indica uma ação (em oposição aos verbos que exprimem estado ou processo) que, do ponto de vista do significado, é complementada pelo auxílio de outro termo que é o seu objeto (em oposição aos verbos que não pedem complemento: os verbos intransitivos). Como vimos, na voz passiva o complemento do verbo transitivo direto é o *agente da passiva*; já na voz ativa esse complemento é o *objeto direto*. Nas orações com verbos intransitivos, então, não existe agente da passiva, porque não há como construir sentenças na voz passiva com verbos intransitivos.

Observe:

1. **Karina socorreu os feridos.**

   ...[verbo transitivo direto na voz ativa]

2. **Os feridos foram socorridos por Karina**

   ...[verbo transitivo direto na voz passiva]

3. **Karina gritou.**

   ...[verbo intransitivo na voz ativa]

4. **Karina foi gritada. (sentença inaceitável na língua)**

   ...[verbo intransitivo na voz passiva]

***Os feridos*: objeto direto em (1) e sujeito em (2)**

***Karina*: sujeito em (1) e agente da passiva em (2)**

A oração na voz passiva pode ser formada através do recurso de um verbo auxiliar (*ser*, *estar*). Nas construções com verbo auxiliar, costuma-se explicitar o agente da passiva, apesar de ser este um termo de presença facultativa na oração. Em orações cujo verbo está na terceira pessoa do plural, é muito comum ocultar-se o agente da passiva. Isso se justifica pelo fato de que, nessas situações, o sujeito pode ser indeterminado na voz ativa. Porém mesmo nesses casos, a ausência do agente é fruto da liberdade do falante.

Exemplos:

1. **Os visitantes do zoológico foram atacados pelos bichos.**

   ...[*foram*: verbo auxiliar / passado do verbo "ser"]

   ...[*pelos bichos*: agente da passiva]

2. **Nossas reivindicações são simplesmente ignoradas.**

   ...[*são*: verbo auxiliar / presente do verbo "ser"]

   ...[agente da passiva: ausente]

3. **Cercaram a cidade. [voz ativa com sujeito indeterminado]**

   A cidade está cercada.

   ...[*está*: verbo auxiliar / presente do verbo "estar"]

   ...[agente da passiva: ausente]

   A cidade está cercada pelos inimigos.

   ...[*pelos inimigos*: agente da passiva]

O agente da passiva é mais comumente introduzido pela preposição por (e suas variantes: pelo, pela, pelos, pelas). É possível, no entanto, encontrar construções em que o agente da passiva é introduzido pelas preposições de ou a.

Exemplos:

1. **O hino será executado pela orquestra sinfônica.**

   ...[pela orquestra sinfônica: agente da passiva]

2. **O jantar foi regado a champanhe.**

   ...[a champanhe: agente da passiva]

3. **A sala está cheia de gente.**

   ...[de gente: agente da passiva]

Adjunto Adnominal

É a palavra ou expressão que acompanha um ou mais nomes conferindo-lhe um atributo. Trata-se, portanto, de um termo de valor adjetivo que modificará o nome a que se refere.

Os adjuntos adnominais não determinam ou especificam o nome, tal qual os determinantes. Ao invés disso, eles conferem uma nova informação ao nome e por isso são chamados de modificadores.

Além disso, os adjuntos adnominais não interferem na compreensão do enunciado. Por esse motivo, eles pertencem aos chamados termos acessórios da oração.

Os adjuntos adnominais podem ser formados por artigo, adjetivo, locução adjetiva, pronome adjetivo, numeral e oração adjetiva.

Exemplos:

1. **Nosso velho mestre sempre nos voltava à mente.**

   ...[*nosso*: pronome adjetivo]

   ...[*velho*: adjetivo]

2. **Todos querem saber a música que cantarei na apresentação.**

   ...[*a*: artigo]

   ...[que cantarei na apresentação: oração adjetiva]

É importante conhecer algumas outras particularidades dos adjuntos adnominais, tais como:

Complemento nominal X Adjunto adnominal

A concordância e os adjuntos adnominais compostos

Os adjuntos adnominais e o núcleo composto

Adjunto Adverbial

É a palavra ou expressão que acompanha um verbo, um adjetivo ou um advérbio *modificando* a natureza das informações que esses elementos transmitem. Por esse seu caráter, o *adjunto adverbial* é tido como um modificador. Pelo fato de não ser um elemento essencial ao enunciado, insere-se no rol dos termos acessórios da oração.

A modificação que os adjuntos adverbiais conferem aos elementos aos quais se liga na sentença é de duas naturezas: a primeira, de modificação circunstancial, e a segunda, de intensidade.

Exemplos:

1. **Os candidatos foram selecionados aleatoriamente.**

   ...[*aleatoriamente*: modifica o segmento verbal "foram selecionados"]

   ...[natureza do adjunto adverbial: modificador]

2. **Os preços dos remédios aumentaram demais.**

   ...[*demais*: intensifica o segmento verbal "aumentaram"]

   ...[natureza do adjunto adverbial: intensificador]

Os adjuntos adverbiais podem ser representados por meio de um advérbio, uma locução adverbial ou uma oração inteira denominada oração subordinada adverbial.

Exemplos:

1. **Os ingressos para o espetáculo de dança esgotaram-se hoje.**

   ...[hoje: advérbio = adjunto adverbial]

2. **Acompanharemos de perto todos os teus passos!**

   ...[*de perto*: locução adverbial = adjunto adverbial]

3. **Eles sabiam que me magoavam com aquela maneira de falar.**

   ...[com aquela maneira de falar: oração subordinada adverbial]

Freqüentemente observa-se certa confusão estabelecida entre o adjunto adverbial expressado por uma locução adverbial e o objeto indireto. Isso se dá porque ambas as construções são introduzidas por uma preposição. Deve-se ter claro, no entanto, que o *objeto indireto* é essencial para *complementar o sentido* de um verbo transitivo indireto, ao passo que o *adjunto adverbial* é *elemento dispensável* para a compreensão do sentido

tanto de um verbo como de qualquer outro elemento ao qual se liga. Além disso, o objeto indireto é complemento verbal; já o adjunto adverbial pode ou não estar associado a verbos.

Exemplos:

1. Essa minha nota equivale a um emprego.

   ...[*a um emprego*: complementa o sentido do verbo transitivo indireto"equivaler"]

   ...[*a um emprego*: objeto indireto]

2. Estávamos todos reunidos à mesa.

   ...[*à mesa*: modifica a informação verbal "estávamos reunidos"]

   ...[*à mesa*: adjunto adverbial (de lugar)]

É importante conhecer outras particularidades dos adjuntos adverbiais:

- adjunto adverbial de lugar

Aposto

É o termo da oração que se associa a outro termo para especificá-lo ou explicá-lo. O *aposto* tem caráter nominal, ou seja, é representado por nomes e não por verbos ou advérbios. Seu emprego é tido como acessório na oração porque o enunciado sobrevive sem a informação veiculada através do aposto.

Exemplos:

1. Meu nome estava definitivamente fora da lista dos aprovados.

   ...[oração sem aposto]

   Meu nome, Espedito, estava definitivamente fora da lista dos aprovados.

   ...[*Espedito*: aposto / substantivo próprio = nome]

   ...[idéia expressada pelo aposto: especificação (do sujeito)]

2. Nas festas de Santo Antônio as pessoas faziam promessas.

   ...[oração sem aposto]

   Nas festas de Santo Antônio, santo casamenteiro, as pessoas faziam promessas.

   ...[*santo casamenteiro*: aposto / núcleo: substantivo = nome]

   ...[idéia expressada pelo aposto: explicação (do adjunto adnominal)]

Na língua portuguesa o aposto costuma vir acompanhado de uma pausa expressada através da vírgula ou do sinal de dois pontos. No entanto, o uso da pontuação para marcar a posição do aposto na sentença não é obrigatório. Trata-se de uma elegância textual, para a qual a utilização, especialmente das vírgulas, torna o aposto mais destacado.

Exemplos:

1. Aquela rodovia de São Paulo a Campinas foi ampliada recentemente.

   ...[aposto não separado por vírgulas]

2. Tua cunhada, solteira e de muitas posses, ainda quer se casar?

   ...[aposto separado por vírgulas]

3. Ninguém sabia informar sobre a prova: data, horário e local.

...[aposto introduzido pelos dois pontos]

É comum notarmos certa confusão entre aposto e adjunto adnominal, já que o aposto pode ser introduzido por meio da preposição *de*. Deve-se ter claro, no entanto, que o aposto tem sempre o *substantivo* como seu núcleo, ao passo que o adjunto adnominal pode ser representado por um adjetivo. Uma maneira prática de identificar um ou outro termo da oração é transformar o segmento num adjetivo. Se a operação tiver sucesso, tratar-se-á de um adjunto adnominal.

Exemplos:

1. As paredes de fora estão sendo pintadas agora.

   ...[de fora > externo = adjunto adnominal]

   As paredes *externas* estão sendo pintadas agora.

2. A praça da República foi invadida pelos turistas.

   ...[*da República*: aposto]

Uma oração inteira também pode exercer a função de aposto. Nesse caso ela recebe o nome de oração subordinada substantiva apositiva:

1. *Normalmente optamos pelo futebol*, o que é típico de brasileiro.

   ...[aposto associado ao núcleo do objeto indireto "futebol"]

Vocativo

É a palavra ou conjunto de palavras, de caráter nominal, que empregamos para expressar uma invocação ou chamado.

O *vocativo* é um elemento que, embora colocado pelos gramáticos dentre os termos da oração, isola-se dela. Isto é, o vocativo não se integra sintaticamente aos termos essenciais da oração (sujeito e predicado) e pode, sozinho, constituir-se uma frase. Essa propriedade advém do fato de que o vocativo insere, na oração, o interlocutor discursivo, ou seja, aquele a quem o falante se dirige na situação comunicativa.

Exemplos:

1. Por Deus, Amélia, vamos encerrar essa discussão!

2. Posso me retirar agora, senhor?

3. Meninos!

   ...[vocativo constituindo uma frase]

A *entonação melódica* da língua falada costuma acentuar os vocativos. Essa forma de expressão é reproduzida, na língua escrita, por meio de *sinais de pontuação*. Assim, o vocativo é obrigatoriamente acompanhado de uma pausa: curta, através do recurso da vírgula; longa, através do recurso da *exclamação* ou das *reticências*. Não há posição definida para o vocativo na sentença, porém, quando se apresenta no interior da oração, deve ser colocado entre vírgulas.

Além disso, é bastante comum encontrarmos o vocativo associado a alguma forma de ênfase. Se não através da pontuação, o recurso mais popular é vê-lo associado a uma interjeição.

Exemplos:

1. Ah, mãe! Deixe-me ir ao jogo hoje!

2. Ó, céus, para quê tanto espetáculo em dias tão desastrosos?

Há de atentarmos para uma distinção entre o vocativo e frases constituídas por um único substantivo. Nestas não se verifica qualquer invocação ao interlocutor do discurso, mas, antes, se dirigem a alguém expressando um aviso, um pedido ou um conselho. No vocativo, porém, o interlocutor é chamado a integrar o discurso do falante.

Exemplos:

1. **Perigo!**

   ...[frase constituída por um substantivo]

2. **Rebeca!**

   ...[vocativo]

Identificando particularidades

Sobre sujeito:

- **Sujeito posposto**

Sobre predicativos:

- **Predicativo do sujeito**
- **Predicativo do objeto**

Sobre complementos:

- **Complemento nominal x Adjunto adnominal**
- **Objeto Indireto**

Sobre adjuntos:

- **Adjunto adverbial de lugar**
- **Saiba mais sobre o adjunto adverbial de lugar**
- **Complemento nominal x Adjunto adnominal**

Sujeito posposto

Embora a Língua Portuguesa se apresente predominantemente pela ordem direta (sujeito + verbo + predicado), é comum encontrarmos alguns termos em posições variadas na oração. É o que se entende por ordem inversa, na qual alguns termos são encontrados em combinação contrária ao esperado (ex.: verbo + sujeito = *sujeito posposto*).

Exemplos:

1. **Vivendo sozinho o ancião, sua saúde se tornara precária.**

2. **Sobre esse assunto falo eu!**

O fato de se inverter a posição dos termos na oração é movido por fatores gramaticais (ex.: colocação pronominal) ou por fatores estilísticos. A construção de sentenças em que o sujeito é colocado após o verbo (sujeito posposto) surge em decorrência da ênfase que se pretende dar à idéia expressa pelo termo que ocupa a primeira posição na sentença. Trata-se da valorização de algum termo em detrimento de outro e, portanto, de uma alteração estilística.

O sujeito posposto pode ser encontrado:

- **nas orações interrogativas;**
- **em orações com verbos na forma passiva pronominal;**
- **em orações com verbos na forma imperativa;**
- **em orações reduzidas;**
- **em orações que expressem o *discurso direto*;**
- **em orações absolutas com verbos no subjuntivo;**
- **em orações subordinadas adverbiais condicionais sem conjunção;**

- em orações com verbos unipessoais;
- em orações iniciadas pelos *complementos verbais*.

É muito importante que se localize o sujeito e o verbo na oração. Mesmo em posição que não é a sua habitual, o verbo deve sempre concordar com o sujeito.

Predicativo do sujeito

É o termo ou expressão que complementa o sujeito, conferindo-lhe ou um atributo ou uma referência.

O predicativo do sujeito apresenta duas características básicas:

- acompanha o verbo de ligação;
- pertence ao predicado nominal

A formação do predicativo do sujeito pode ser feita através de um substantivo, ou adjetivo, ou pronome, ou numeral, ou ainda uma oração substantiva predicativa.

Exemplos:

1. Paciência e respeito são virtudes ignoradas nos dias de hoje.

   ...[predicativo: substantivo]

2. As crianças pareciam envergonhadas aos olhos do viajante.

   ...[predicativo: adjetivo]

3. O meu medo sempre foi que ela me encontrasse aqui.

   ...[predicativo: oração substantiva adjetiva]

A maneira mais prática de se identificar o predicativo do sujeito é excluir o verbo da oração e verificar se continua a existir uma unidade de sentido.

Exemplo:

1. O verão foi chuvoso, o outono frio!

   ...[houve a exclusão do verbo de ligação, mantendo a unidade significativa: "o outono foi frio"]

Complemento nominal x Adjunto adnominal

É comum confundirem-se duas categorias sintáticas da língua portuguesa. Isso se verifica em relação ao *complemento nominal* e *adjunto adnominal*, já que ambas as categorias seguem um nome e podem ser acompanhadas de preposição.

É importante lembrar, então, as suas principais funções:

☐ complemento nominal: complementa o sentido do nome, conferindo-lhe uma significação extensa e específica. Ex.: *Sua rapidez* nas respostas *é admirável*.

☐ adjunto adnominal: acrescenta uma informação ao nome. Essa informação tem valor de adjetivo e, em princípio, é desnecessária para a compreensão da expressão. Ex.: *Ela se dizia carioca* da gema.

Uma regra prática para distinguir essas duas categorias sintáticas é tentar transformar o termo relacionado ao nome em adjetivo ou oração adjetiva. Se for possível o emprego de uma dessas construções adjetivas, o termo selecionado será um adjunto adnominal. Do contrário, será um complemento nominal.

Exemplos:

1. O menino tinha uma fome de leão.

...[fome leonina = adjetivo]

...[fome que parecia ser de leão = oração adjetiva]

...[de leão: adjunto adnominal]

2. A leitura de jornais é aconselhável a um bom profissional.

   ...[de jornais: complemento nominal]

Adjunto adverbial de lugar

É aquele que expressa uma circunstância de lugar ligada ao verbo.

Sendo um adjunto adverbial, essa circunstância locativa pode vir expressa por um advérbio, uma *locução adverbial* ou uma *oração adverbial*. Em qualquer uma das três possibilidades de construção da circunstância locativa, é obrigatória a presença de preposição antecedendo o adjunto adverbial de lugar.

Exemplos:

1. Os convidados foram a festa vestidos a caráter. [Inadequado]

   Os convidados foram à festa vestidos a caráter. [Adequado]

2. As atividades desportivas são realizadas à escola. [Inadequado]

   As atividades desportivas são realizadas na escola. [Adequado]

Saiba mais sobre o adjunto adverbial de lugar

Os adjuntos adverbiais de lugar expressam noções diversas relacionadas ao local da ação verbal. Essas noções sempre são apresentadas por um tipo de *preposição*, a saber:

I. Lugar aonde: emprego da preposição "a" apontando para a idéia de movimento do verbo.

Exemplos:

1. Meus filhos iam na escola pela manhã. [Inadequado]

   Meus filhos iam à escola pela manhã. [Adequado]

II. Lugar onde: emprego da preposição "em" (ou sua forma contraída) apontando para o lugar da ação verbal.

Exemplos:

1. Meus filhos estavam à escola pela manhã. [Inadequado]

   Meus filhos estavam na escola pela manhã. [Adequado]

III. Lugar donde: emprego da preposição "de" (ou sua forma contraída) apontando para o lugar de onde partiu a ação verbal.

Exemplos:

1. Meus filhos voltaram na escola pela manhã. [Inadequado]

   Meus filhos voltaram da escola pela manhã. [Adequado]

IV. Lugar para onde: emprego da preposição "para" apontando para a idéia de movimento do verbo.

Exemplos:

1. Meus filhos voltaram em casa. [Inadequado]

Meus filhos voltaram para casa. [Adequado]

V. Lugar por onde: emprego da preposição "por" (ou sua forma contraída) apontando para o lugar por onde se passa a ação verbal.

Exemplos:

1. Meus filhos andam para ruas estreitas ao voltarem da escola. [Inadequado]

   Meus filhos andam por ruas estreitas ao voltarem da escola. [Adequado]

Uma regra prática para se determinar o emprego correto das formas dos adjuntos adverbiais de lugar é formular perguntas iniciadas pelos interrogativos "*Aonde*...?" "*Para onde*...?" e etc. (ex.: *Eu estive dormindo no sofá*. Onde? No sofá./ No sofá = adj. adv. de lugar)

Determinantes

São chamados de *determinantes* os elementos que especificam outro numa expressão lingüística.

Existe um elemento determinante quando se estabelece uma relação com outro elemento. Assim, o primeiro é o elemento *determinante* e o segundo, o elemento *determinado*. Isso justifica a inclusão dessas funções em estruturas de subordinação, ou seja, nos casos onde se observa que um elemento é dependente de outro. Em casos de coordenação, nos quais se verifica uma independência entre os elementos, não se fala em elementos determinante e determinado, mas sim em elementos seqüênciais.

Em um sintagma nominal, por um lado, são determinantes os artigos, adjetivos, pronomes adjetivos, numerais. Em um sintagma superoracional, por outro lado, são determinantes as *orações subordinadas*, já que dependem da oração principal.

Nome

São chamados de *nomes* o conjunto de palavras que constitui as classes abertas da língua portuguesa, mas que se opõe a verbo.

As classes abertas são aquelas em que são possíveis as alterações do falante ao longo da história da língua (neologismos) e as variações morfológicas (flexão de gênero e número). Por oposição, as classes fechadas são aquelas cuja forma se consagrou na língua e onde as mudanças são quase inexistentes.

São as classes abertas da língua portuguesa:

substantivo adjetivo verbo

São as classes fechadas:

artigo pronome numeral
advérbio preposição conjunção
interjeição

Os elementos considerados *nomes*, na língua portuguesa, são apenas o *substantivo* e o *adjetivo*, pois são responsáveis pelas denominações dos seres. Os verbos, por sua vez, são elementos responsáveis pela expressão dos processos e dos estados. Dessa distinção derivam diversos termos da gramática do português: *sintagma nominal* x *sintagma verbal*, *complemento nominal* x *complemento verbal*, *pronome* (raiz: nome), *advérbio* (raiz: verbo).

Modificadores

São chamados de *modificadores* os elementos que estabelecem relação de modificação dentro de um sintagma.

Na língua portuguesa o modificador por excelência é o advérbio. Os elementos que exercem função de advérbio são, assim, classificados como modificadores.

É importante distinguir a noção de modificador da noção de determinante. Nesse sentido, a própria raiz das duas palavras expressa essa diferença. Vejamos um exemplo:

1. *As formigas são rápidas*.

2. *As formigas andam rapidamente*.

Na sentença (1) os determinantes "*as*" e "*rápidas*" estão especificando/determinando o nome "*formiga*": em primeiro lugar, não se trata de qualquer formiga e, em segundo lugar, essas formigas são rápidas e não lentas. Já na sentença (2) o modificador "*rapidamente*" não especifica a ação de andar, mas a modifica: não se trata de apenas andar, mas sim de "*andar rapidamente*".

Sintagma

Sintagma é um segmento lingüístico que expressa uma relação de dependência.

Nessa relação de dependência, diz-se que existe um elemento determinado e outro determinante (ou subordinado), estabelecendo um elo de subordinação entre ambos. Cada um desses elementos constitui um *sintagma*.

Na concepção original de sintagma, essa noção era utilizada para se referir a qualquer segmento lingüístico: a palavra, a sentença e o período. Mais recentemente, o temo *sintagma* é comumente empregado para se referir às partes da sentença. Dessa forma, o sintagma se caracteriza conforme o tipo gramatical dos seus elementos nucleares:

☐ sintagma nominal (SN): quando o núcleo do sintagma é um nome

☐ sintagma adjetival (SAdj): quando o núcleo do sintagma é um adjetivo

☐ sintagma verbal (SV): quando o núcleo do sintagma é um verbo

☐ sintagma preposicional (SP): quando o núcleo do sintagma é uma preposição

☐ sintagma adverbial (SAdv): quando o núcleo do sintagma é um advérbio

Numa análise sintática, a identificação dos sintagmas e seus tipos é bastante importante. Isso facilita a compreensão do papel sintático exercido pelas palavras na sentença que está em análise. Vejamos um exemplo:

1. Todos silenciosamente acompanhavam a romaria pela cidade.

   ...[*todos*: SN]

   ...[silenciosamente: SAdv]

   ...[acompanhavam: SV]

   ...[*a romaria*: SN]

   ...[pela cidade: SP]

Note que um sintagma pode ser formado por uma ou mais palavras. Por isso buscamos pelo elemento núcleo e classificamos o sintagma segundo a categoria sintática deste núcleo (ex.: *pela cidade*: núcleo: *pela* = preposição [*por* + *ela*]).

Além disso, numa sentença pode existir mais de um sintagma do mesmo tipo. Quando isso ocorre é preciso verificar qual a função sintática que os sintagmas desempenham. No nosso exemplo, o SN aparece duas vezes: uma desempenhando a função de sujeito (*todos*) e outra, a função de objeto direto (*a romaria*).

Núcleo

Dá-se o nome de núcleo à palavra que, em um conjunto, se destaca como a principal.

A noção de núcleo é bastante importante, sobretudo, para a análise sintática. Sendo um elemento destacado de um conjunto de palavras, o núcleo é responsável:

- por indicar a categoria gramatical de todo o segmento

- por apontar o elemento que estabelece relações de concordância e regência

Exemplos:

1. Todos os empréstimos foram bloqueados pelo banco.

...[todos os empréstimos: sintagma]

...[núcleo do sintagma: *empréstimos* = nome]

...[tipo do sintagma: nominal]

2. Apartamentos são, em geral, lugares muito apertados.

...[*lugares muito apertados*: predicativo do sujeito]

...[núcleo do predicativo: *lugares*]

...[*lugares* deve concordar com "apartamentos", seu sujeito]

...[*apertados* deve concordar com "lugares", seu determinante]

3. O lucro das vendas está sendo repassado aos funcionários.

...[*está sendo repassado*: sintagma verbal]

...[núcleo do sintagma verbal: *repassado*]

...[*repassado* deve reger a preposição "a" do seu objeto]

Concordância: definição

Os termos que constituem uma oração estabelecem entre si diversas relações, entre elas as relações sintáticas, quando esses termos se distribuem pela oração formando um organismo; e relações semânticas, quando esses termos se organizam na oração formando um todo significativo.

Dá-se o nome de concordância à harmonia que os termos da oração apresentam em nível sintático. Assim, algumas palavras, expressões ou mesmo orações, quando estabelecem uma relação de dependência entre si, devem demonstrar com quais elementos estão ligadas. E isso é evidenciado através das *flexões*: de número e gênero, para os nomes e de número e pessoa, para os verbos.

O fato de a concordância se expressar por meio de flexões pode nos levar a pensar numa série de repetições exigidas pela sintaxe (ex.: marcar o plural no substantivo e no adjetivo que o acompanha). Porém, é a concordância que permite a não repetição do sujeito numa certa construção verbal (ex.: sujeito oculto). De qualquer forma, a concordância é obrigatória nos casos supra-citados.

Em língua portuguesa há dois tipos de concordância:

- Concordância nominal

- Concordância verbal

Embora a concordância se revele um aspecto da sintaxe, como já dissemos, muitas vezes um tipo de construção é determinado pela influência semântica. É o caso de alguns verbos que, quando apresentam um significado específico, exigem que a relação de concordância se estabeleça de forma especial (ex.: verbo *importar*). Portanto, é importante conhecer as especificidades das relações de concordância.

Concordância nominal

É chamada de concordância nominal a relação de concordância que se estabelece entre:

- substantivos e adjetivos
- substantivos e artigos
- substantivos e pronomes
- substantivos e numerais

Os nomes se flexionam em gênero (masculino e feminino) e em número (singular e plural). São essas as características que um *termo determinante ou dependente* (artigo, adjetivo e etc.) deve manter em harmonia com as do *termo determinado ou principal* (substantivo, etc.).

Em língua portuguesa, as relações de concordância são obrigatórias nos casos supra-citados. Por isso, é importante saber de que forma os nomes e sintagmas nominais se relacionam para, assim, promover a concordância adequada.

É importante conhecer as particularidades da concordância nominal:

- A concordância e os determinantes
- A concordância e os determinantes compostos
- A concordância e os modificadores compostos
- A concordância e os substantivos genéricos
- A concordância e as contrações
- A concordância e o predicativo do sujeito
- A concordância e o predicativo do objeto
- A concordância e o predicativo "só"
- A concordância do predicativo e as orações adjetivas
- A concordância e os adjuntos adnominais compostos
- A concordância e o particípio
- A concordância e o pronome "cujo"
- A concordância e a palavra "quite"
- A concordância e a palavra "grama"

A concordância e os determinantes

Os termos determinantes da oração (artigos, adjetivos, numerais e pronomes) sempre acompanham um nome, em geral, um substantivo. Assim, os determinantes herdarão as mesmas características de gênero e número que os substantivos possuírem.

A concordância entre os determinantes e o substantivo (termo determinado) é obrigatória na nossa língua.

Exemplos:

1. **Todos sonhavam com a milagre divino. [Inadequado]**

   Todos sonhavam com o milagre divino. [Adequado]

2. **Havia apenas dois vagas para o cargo. [Inadequado]**

   Havia apenas duas vagas para o cargo. [Adequado]

3. **Quem se importava com aquele situação? [Inadequado]**

   Quem se importava com aquela situação? [Adequado]

A concordância e os determinantes compostos

Os termos determinantes da oração (artigos, adjetivos, numerais e pronomes) sempre acompanham o nome, em geral, um substantivo.

Um único substantivo pode vir acompanhado de mais de um termo determinante (determinante composto). Quando isso acontece, é obrigatória a concordância em gênero e número entre os determinantes e o substantivo a que eles se referem.

Exemplos:

1. **Um cidade iluminadas e divertido era tudo o que ele precisava. [Inadequado]**

   Uma cidade iluminada e divertida era tudo o que ele precisava. [Adequado]

Observe que não importa a posição dos adjuntos adnominais para que ocorra a concordância entre eles e o substantivo, senão vejamos:

1. **Era generoso e fantásticas o dedicação que me ofereciam. [Inadequado]**

   Era generosa e fantástica a dedicação que me ofereciam. [Adequado]

A concordância e os modificadores compostos

Os termos modificadores da oração (adjetivos, pronomes adjetivos e advérbios) acompanham um nome ou um verbo. Sempre que o modificador acompanha um nome, em geral um substantivo, ele deve concordar com este em gênero e número.

Um único substantivo pode vir acompanhado de mais de um termo modificador (modificador composto). Quando isso acontece, é obrigatória a concordância em gênero e número entre todos os modificadores e o substantivo a que eles se referem.

Exemplos:

1. **Os colecionadores velhos e astuto imaginavam-me uma fraude. [Inadequado]**

   Os colecionadores velhos e astutos imaginavam-me uma fraude. [Adequado]

2. **Esses e também aquela bonecas encantavam os olhares paternos. [Inadequado]**

   Essas e também aquelas bonecas encantavam os olhares paternos. [Adequado]

Os modificadores ligados a verbo são os advérbios, cuja principal característica é não se flexionarem em gênero e número. Dessa forma, como os advérbios não variam, não é requerida a concordância entre o modificador do verbo e o próprio verbo.

1. **Os bichos esperavam pacientementes a volta do verde perdido. [Inadequado]**

   Os bichos esperavam pacientemente a volta do verde perdido. [Adequado]

A concordância e os substantivos genéricos

O sujeito da oração é sempre formado por um nome, em geral um substantivo, ou um pronome substantivo. Quando esse sujeito é formado por um substantivo que expressa a idéia de generalidade, o predicativo do sujeito deve estar obrigatoriamente no masculino singular.

Exemplos:

1. **Cerveja é boa. [Inadequado]**

   Cerveja é bom.[Adequado]

   ...[idéia expressada: Cerveja, em geral, é bom.]

1. **Férias são gostosas quando se tem dinheiro. [Inadequado]**

   Férias é gostoso quando se tem dinheiro.[Adequado]

   ...[idéia expressada: Férias, em geral, é gostoso...]

O predicativo do sujeito, porém, será alterado conforme a *flexão* do sujeito (singular/plural; masculino/feminino) se esse sujeito vier determinado de alguma forma; ou seja, se antes do substantivo que compõe o sujeito houver algum artigo, pronome ou adjetivo determinando-o.

Exemplos:

1. **Aquela cerveja é bom. [Inadequado]**

   Aquela cerveja é boa.[Adequado]

2. **As minhas férias é gostoso quando eu tenho dinheiro. [Inadequado]**

   As minhas férias são gostosas quando eu tenho dinheiro.[Adequado]

A concordância e as contrações

Existe em Língua Portuguesa a possibilidade da união de algumas *classes gramaticais*, formando uma única palavra (*contração*). Isso se dá:

- **entre artigo e preposição:**

  Exemplos:

  ...o + em = *no*;

...a + de = *da*;

...a + a (preposição) = *à* (crase)

- entre pronome e preposição:

  Exemplos:

  ...isso + de = *disso*;

  ...aquele + em = *naquele*

As contrações, além de expressarem as idéias apontadas pelas preposições, são termos que sempre acompanham um nome, em geral um substantivo. Sendo assim, é obrigatória a concordância em gênero e número entre a contração e o substantivo ao qual se refere.

Exemplos:

1. Eles cantaram ao vivo na parque. [Inadequado]

   Eles cantaram ao vivo no parque.[Adequado]

2. A pia do cozinha está quebrada. [Inadequado]

   A pia da cozinha está quebrada.[Adequado]

A concordância e o predicativo do sujeito

O sujeito pode ser apresentado ou modificado por um atributo chamado predicativo do sujeito. Por se tratar de um termo que se refere ao sujeito, o predicativo deve sempre concordar com ele.

Tanto o sujeito quanto o predicativo do sujeito são formados por nomes. Dessa forma, os predicativos herdarão as mesmas características de gênero e número que os sujeitos possuírem.

O predicativo do sujeito somente aparecerá em sentenças em que o predicado seja formado por um verbo de ligação (*predicado nominal*).

Exemplos:

1. Os recibos de pagamento eram falso. [Inadequado]

   Os recibos de pagamento eram falsos. [Adequado]

2. Eles eram apenas duas e já causavam tanta confusão. [Inadequado]

   Eles eram apenas dois e já causavam tanta confusão. [Adequado]

A concordância e o predicativo do objeto

Tanto o objeto direto quanto o objeto indireto podem ser modificados por um *predicativo*. Por se tratar de um termo que acompanha os objetos, o predicativo deve sempre concordar com eles.

Os objetos direto e indireto são formados por nomes. Dessa forma, os predicativos que os acompanham herdarão as mesmas características de gênero e número que os objetos possuírem.

O predicativo do objeto somente aparecerá em sentenças em que o predicado é formado por um *verbo transitivo*, cujo *objeto* esteja qualificado por um atributo (*predicado verbo-nominal*).

Exemplos:

1. O penteado deixou lindo a menina. [Inadequado]

   O penteado deixou linda a menina. [Adequado]

2. A mãe sempre o chamava preguiçosa e malcriada. [Inadequado]

   A mãe sempre o chamava preguiçoso e malcriado. [Adequado]

A concordância e o predicativo "*só*"

Nas orações em que a palavra só for um predicativo do sujeito (portanto, um adjetivo), ela deve concordar em número com o sujeito ao qual se liga.

A concordância nominal, obrigatória em língua portuguesa, procura colocar em harmonia nomes que se relacionam (substantivo e adjetivo, substantivo e pronomes, etc.). Uma oração formada por *verbos de ligação* tem como predicado um predicativo do sujeito. Muitas vezes esse predicativo se compõe de adjetivos que predicam o sujeito.

A palavra só ora funciona como advérbio ora como adjetivo. No primeiro caso, é uma palavra invariável (não se flexiona); no segundo, é uma palavra que se flexiona de acordo com o termo determinado. Em posição de predicativo do sujeito, portanto, a palavra só sempre deve concordar com o seu sujeito.

Exemplos:

1. **Os convidados estão só. [Inadequado]**

   Os convidados estão sós. [Adequado]

2. **Eventualmente Marisa permanecia sós em seu quarto. [Inadequado]**

   Eventualmente Marisa permanecia só em seu quarto. [Adequado]

Apesar de a concordância nominal freqüentemente marcar flexões de número e gênero, no caso da palavra só ocorre simplesmente a flexão de número, já que não há uma forma específica para o masculino e o feminino dessa palavra na nossa língua.

A concordância do predicativo e as orações adjetivas

As *orações subordinadas adjetivas*, por qualificarem um termo da *oração principal,* possuem as características de um adjetivo; ou seja: estão ligadas a um nome, em geral um substantivo, ao qual conferem um atributo.

Dentre as características das orações subordinadas adjetivas destacamos:

- **são introduzidas pela palavra *que*;**
- **podem possuir um predicativo do sujeito.**

Independentemente da função que exerce na oração (se sujeito, objeto direto, complemento nominal, etc.) é obrigatória a concordância em gênero e número entre o predicativo do sujeito da oração subordinada adjetiva e o substantivo a que se refere representado pela palavra *que*.

Exemplos:

1. **Eles, que nem eram tão próximo, conversaram por toda a noite. [Inadequado]**

   Eles, que nem eram tão próximos, conversaram por toda a noite. [Adequado]

   ...[que se refere à palavra eles]

   ...[que = sujeito masculino plural]

2. **O mercador sabia aquela língua que foi precioso para mim. [Inadequado]**

   O mercador sabia aquela língua que foi preciosa para mim. [Adequado]

   ...[que se refere à palavra língua]

   ...[que = sujeito feminino singular]

A concordância e os adjuntos adnominais compostos

O *adjunto adnominal* (artigo, adjetivo, locução adjetiva, numeral, pronome adjetivo e oração adjetiva) sempre acompanha o nome, em geral um substantivo.

Um único substantivo pode vir acompanhado de mais de um adjunto adnominal (adjunto adnominal composto). Quando isso acontece, é obrigatória a concordância em gênero e número entre os adjuntos adnominais e o substantivo a que eles se referem.

Exemplo:

1. **Era realmente difícil se ocupar daquela criança travesso e teimosas. [Inadequado]**

   Era realmente difícil se ocupar daquela criança travessa e teimosa. [Adequado]

Observe que não importa a posição dos adjuntos adnominais para que ocorra a concordância entre eles e o substantivo, senão vejamos:

1. **Sendo travessas e teimosas aquela criança, era difícil ocupar-se dela. [Inadequado]**

   Sendo travessa e teimosa aquela criança, era difícil ocupar-se dela. [Adequado]

A concordância e o particípio

A concordância nominal, obrigatória em língua portuguesa, procura colocar em harmonia nomes e determinantes. Já a concordância verbal, também obrigatória na língua, busca a harmonia entre o verbo e o seu sujeito.

Existem algumas expressões que se formam a partir dos verbos SER, ESTAR ou FICAR + verbo no PARTICÍPIO. Nesse tipo de construção, ambos os verbos devem concordar com o núcleo do sujeito ao qual estão ligados.

Exemplos:

1. **Tuas sugestões de investimento será rejeitado. [Inadequado]**

   Tuas sugestões de investimento serão rejeitadas. [Adequado]

   ...[sujeito: *tuas sugestões de investimento*]

   ...[núcleo do sujeito: *sugestões*]

   ...[*sugestões*: palavra feminina plural]

2. **Infelizmente, aqui os juros está embutido nos preços. [Inadequado]**

   Infelizmente, aqui os juros estão embutidos nos preços. [Adequado]

   ...[sujeito: *os juros*]

   ...[núcleo do sujeito: *juros*]

   ...[*juros*: palavra masculina plural]

O *particípio* é uma forma nominal do verbo, por isso, se comporta como um adjetivo. Desse modo, os verbos no particípio flexionam-se em gênero e número. Em geral os verbos no particípio apresentam-se acompanhados de outros verbos (auxiliares), formando uma *locução verbal*. Os *verbos auxiliares* (*ser*, *estar*, *haver* e *ter*) e eventualmente o verbo "*ficar*", quando parceiros de verbos no particípio, flexionam-se em pessoa, número, tempo e modo.

Em síntese: nesse tipo de locução verbal, os verbos no particípio devem concordar com o sujeito em gênero e número, já os verbos auxiliares e o verbo "*ficar*" devem concordar com o sujeito em número e pessoa.

Isso se dá mesmo quando o sujeito aparece depois do verbo ou locução verbal (sujeito posposto).

Exemplos:

1. **Fica autorizado as visitas diurnas às praias desta região. [Inadequado]**

   Ficam autorizadas as visitas diurnas às praias desta região. [Adequado]

   ...[sujeito: *as visitas diurnas*]

...[núcleo do sujeito: *visitas*]

...[*visitas*: palavra feminina plural]

2. Foram corrigidos o valor das moedas locais. [Inadequado]

   Foi corrigido o valor das moedas locais [Adequado]

   ...[sujeito: *o valor das moedas locais*]

   ...[núcleo do sujeito: *valor*]

   ...[*valor*: palavra masculina plural]

A concordância e o pronome *"cujo"*

Os *pronomes relativos* são aqueles que estabelecem a ligação entre a oração principal e a oração subordinada, ao substituir, na oração subordinada, um termo presente na oração principal (termo antecedente). O pronome relativo cujo, que expressa a idéia posse, estabelece essa relação ligando dois elementos distintos: o *possuidor* (termo antecedente) e a *coisa possuída* (termo subseqüente).

Ao contrário de outros relativos, o pronome cujo estabelece a concordância com o termo subseqüente. Além disso, como o pronome cujo funciona também como determinante (função de especificar um elemento da oração), ele deve concordar em gênero e número com o nome ao qual está ligado (termo subseqüente).

Exemplos:

1. Trouxeram flores cujas cor me surpreendeu. [Inadequado]

   Trouxeram flores cuja cor me surpreendeu. [Adequado]

   ...[flores: termo antecedente = nome feminino plural]

   ...[cor: termo subseqüente = nome feminino singular]

   ...[cuja: pronome relativo à "cor", portanto, feminino singular]

2. O filme cujo cenas são indecentes foi censurado. [Inadequado]

   O filme cujas cenas são indecentes foi censurado. [Adequado]

   ...[filme: termo antecedente = nome masculino singular]

   ...[cenas: termo subseqüente = nome feminino plural]

   ...[cujas: pronome relativo a "cenas", portanto, feminino plural]

Para se determinar a relação de posse e, desse modo, promover a concordância nominal adequada, basta reduzir o período composto em um período simples.

Exemplo:

1. Trouxeram flores cuja cor me surpreendeu. (período composto)

2. A *cor* das *flores* me surpreendeu. (período simples)

   ...cor: coisa possuída

   ...flores: possuidor

A concordância e a palavra *"quite"*

Os adjetivos, quando são determinantes, devem concordar com o nome ao qual determinam. A palavra quite, sendo um adjetivo, torna obrigatória a concordância em gênero e número entre ela e o nome ao qual está ligada, mesmo que esse nome não esteja expresso na oração.

Exemplos:

1. Depois daquela vitória estávamos quite em competições estaduais. [Inadequado]

   Depois daquela vitória estávamos quites em competições estaduais. [Adequado]

2. Enfim eu fui declarado quites com o serviço militar. [Inadequado]

   Enfim eu fui declarado quite com o serviço militar. [Adequado]

A palavra quite é também a forma irregular do *particípio* do verbo "*quitar*". É importante lembrar, contudo, que essa forma irregular do verbo é empregada junto aos verbos *ser* e *estar*; junto ao verbo *ter*, emprega-se a forma regular: *quitado(a)*.

Exemplos:

1. Ele está quite comigo. (forma irregular)

2. Ela tinha quitado a dívida atrasada. (forma regular)

Em ambos as construções, porém, a concordância é obrigatória, já que o particípio, nesses casos, funciona como adjetivo.

A concordância e a palavra "grama"

Em língua portuguesa, alguns substantivos se flexionam em gênero e número. O gênero pode ser *masculino* ou *feminino* e, geralmente, o gênero se torna visível devido à terminação das palavras ou aos determinantes (artigo, pronome, numeral e adjetivo) que se vinculam a essas palavras. Isto é, substantivos terminados em "-o" ou que puderem ser acompanhadas por determinantes masculinos são consideradas substantivos masculinos. Aqueles substantivos que terminarem em "-a" ou puderem ser acompanhados por determinantes femininos, são considerados substantivos femininos.

Exemplos:

1. *aluno* (substantivo terminado em "-o" = substantivo masculino)
2. *escola* (substantivo terminado em "-a" = substantivo feminino)
3. *boi* (substantivo acompanhado por determinante masculino = substantivo masculino)
4. *a rede* (substantivo acompanhado por determinante feminino = substantivo feminino)

No entanto, essa forma de reconhecer o gênero dos substantivos nem sempre é produtiva. Alguns fatores implicam vincular um ou outro gênero aos substantivos. É o caso, por exemplo, dos substantivos comuns-de-dois gêneros, em que a uma única forma do substantivo vinculam-se os dois gêneros (exs.: o/a *artista*, o/a *estudante*).

Dentre os casos particulares do gênero dos substantivos, destaca-se aquele em que o gênero do substantivo varia segundo sua significação. A palavra grama é um substantivo que se encaixa nesse caso.

Quando grama tiver sentido de *gramínea cultivada em áreas como jardim*, tratar-se-á de um substantivo feminino. Quando grama tiver sentido de *unidade de medida de peso*, tratar-se-á de um substantivo masculino.

É importante guardarmos essa distinção de gênero ligada ao substantivo grama, pois dela decorre a concordância nominal. Ou seja, os determinantes que se destinam ao substantivo grama devem estar no feminino, se a palavra grama designar planta; em se tratando de unidade de medida, os determinantes de grama devem estar no masculino.

Exemplos:

1. Admirávamos atônitos o grama que implantaram naquele jardim.[Inadequado]

   Admirávamos atônitos a grama que implantaram naquele jardim. [Adequado]

2. Por favor, dê-me trezentas gramas de azeitona! [Inadequado]

   Por favor, dê-me trezentos gramas de azeitona! [Adequado]

Como o substantivo grama com sentido de medida de peso é masculino, todos os substantivos compostos que também expressem medida formados a partir dele também serão masculinos: *miligrama*, *quilograma*. A concordância entre os determinantes e os compostos segue as mesmas orientações do substantivo grama.

Exemplo:

1. **Quantas miligramas de bicarbonato existem nesse produto? [Inadequado]**

   Quantos miligramas de bicarbonato existem nesse produto? [Adequado]

A concordância e a expressão "o mais ... possível"

Dentre as formas de variação em grau que os adjetivos e os advérbios podem sofrer está o superlativo. O grau superlativo marca um aumento extremo de quantidade ou de intensidade dos adjetivos ou dos advérbios. Uma das formas de construção desse grau superlativo é através da expressão:

...o/a + mais + _____ + possível

...o/a + menos + _____ + possível

Nesses casos o aumento é relativo à intensidade e é dado por toda a expressão ao invés de conter o grau marcado na palavra-alvo (ex.: *claro* = grau normal; *claríssimo* = grau superlativo; marca de variação em grau: "-íssimo").

Quando essa expressão indicar aumento de intensidade de um *adjetivo*, alguns gramáticos costumam apontar para as seguintes possibilidades de concordância:

1. **os artigos (o/a) que iniciam a expressão, assim como a palavra *possível*, devem concordar em gênero e número com a palavra que está sendo intensificada; ou**

2. **a expressão *o mais/menos ... possível* deve se manter fixa no masculino singular independentemente do número e do gênero da palavra intensificada.**

Exemplos:

1. **Somente discutíamos os trabalhos o mais claras possíveis. [Inadequado]**

   Somente discutíamos os trabalhos os mais claros possíveis. [Adequado]

   Somente discutíamos os trabalhos o mais claro possível. [Adequado]

2. **Entreguem estas encomendas as mais rápido possíveis.[Inadequado]**

   Entreguem estas encomendas o mais rápido possível. [Adequado]

Notem que quando a palavra intensificada é um *advérbio* não há flexão em gênero ou em número. Como ela é uma palavra invariável, a expressão que indica grau superlativo permanece sempre no *masculino singular* (para os artigos) e *singular* (para a palavra "possível").

Os primeiros passos para o emprego correto da expressão de intensidade, nesse caso, são: 1) identificar a palavra intensificada como um adjetivo ou advérbio, e 2) promover a concordância correta entre o adjetivo e o substantivo, quando a palavra intensificada for um adjetivo.

Exemplos:

1. **Gostaríamos de uma resposta *o mais* objetivo *possível*. [Inadequado]**

   Gostaríamos de uma resposta *a mais* objetiva *possível* [Adequado]

   ...[*objetiva*: adjetivo = concorda em gênero com "resposta"]

   ...[*a*: artigo feminino = concorda com o adjetivo intensificado]

   ...[*possível*: palavra no singular = concorda com o artigo da expressão]

2. **Vamos sair daqui *os mais* cedo *possível*. [Inadequado]**

   Vamos sair daqui *o mais* cedo *possível*. [Adequado]

   ...[*cedo*: advérbio = palavra invariável = não há concordância]

   ...[*o ... possível*: expressão fixa]

A concordância e o aposto

O aposto é um termo que se liga a outros termos da oração com o objetivo de especificar esse elemento ao qual se refere. Trata-se de um termo de caráter nominal que se relaciona a substantivos ou pronomes substantivos para atribuir-lhes uma explicação ou um esclarecimento.

Como o aposto e o substantivo (ou outro termo com valor de substantivo) são elementos relacionados numa oração, a concordância em gênero e número é obrigatória entre eles.

Exemplos:

1. **Os investidores, barulhento e insegura, retiravam-se do mercado. [Inadequado]**

   Os investidores, barulhentos e inseguros, retiravam-se do mercado. [Adequado]

   ...[*barulhentos e inseguros*: aposto = refere-se ao substantivo "investidores"]

   ...[*investidores*: substantivo masculino plural]

2. **Ela, mais sábio e oportunistas, também inventaria uma desculpa eficaz. [Inadequado]**

   Ela, mais sábia e oportunista, também inventaria uma desculpa eficaz. [Adequado]

   ...[*mais sábia e oportunista*: aposto = refere-se ao pronome substantivo "ela"]

   ...[*ela*: pronome feminino singular]

Nos exemplos acima o aposto se apresenta na forma como mais freqüentemente é utilizado: entre vírgulas, imediatamente após o termo ao qual se refere. Há casos, porém, em que o aposto se une ao termo substantivo sem o recurso da pausa expresso pela vírgula:

"O tempo inverno quase não é lembrado no nordeste brasileiro."

Nesse exemplo, em que o aposto – "inverno" – é também um substantivo, não se exige dele a concordância em gênero e número com o substantivo ao qual se liga – "tempo". A obrigatoriedade da concordância nominal é apontada apenas quando o aposto se configura como um adjetivo, como nos exemplos (1) e (2).

Naqueles casos (1) e (2), além disso, observa-se a presença do conectivo "e" interligando os adjetivos que compõem o aposto. É importante lembrar, no entanto, que ainda que a vírgula seja dispensada da construção, a concordância nominal entre o aposto e o substantivo de referência deve ser estabelecida.

Exemplos:

1. **As antigo renovada expectativas poderiam se confirmar hoje. [Inadequado]**

   As antigas renovadas expectativas poderiam se confirmar hoje. [Adequado]

   ...[*as antigas renovadas*: adjunto adnominal de "expectativas"]

   ...[*renovadas*: adjetivo = núcleo do adjunto adnominal]

   ...[*antigas*: aposto = refere-se ao substantivo "expectativas"]

   ...[*expectativas*: substantivo feminino plural]

2. **O velha gentis mensageiro abandonava suas caminhadas diárias. [Inadequado]**

   O velho gentil mensageiro abandonava suas caminhadas diárias. [Adequado]

   ...[*o velho gentil*: adjunto adnominal de "mensageiro"]

   ...[*gentil*: adjetivo = núcleo do adjunto adnominal]

   ...[*velho*: aposto = refere-se ao substantivo "mensageiro"]

   ...[*mensageiro*: substantivo feminino plural]

A concordância nas locuções e expressões adjetivas

As locuções ou expressões adjetivas, diferentemente dos adjetivos, não concordam em gênero e número com os substantivos por elas modificados. Quando indicadoras dos elementos ("cigarro", "meia", "fósforo", etc.) de que é constituído o conjunto ("maço", "par", "caixa", etc.), acompanham a forma do plural.

Exemplos:

1. **Compramos somente um maço de cigarro. [Inadequado]**

   Compramos somente um maço de cigarros. [Adequado]

2. **Não acredito que você perdeu seu par de meia. [Inadequado]**

   Não acredito que você perdeu seu par de meias. [Adequado]

3. **Minha mãe faz economia até com uma caixa de fósforo. [Inadequado]**

   Minha mãe faz economia até com uma caixa de fósforos. [Adequado]

4. **Fomos a várias bancas de jornais até encontrarmos a revista. [Inadequado]**

   Fomos a várias bancas de jornal até encontrarmos a revista. [Adequado]

5. **Durante a liquidação compramos muitas toalhas de mesas. [Inadequado]**

   Durante a liquidação compramos muitas toalhas de mesa. [Adequado]

6. **Costumo guardar todas as páginas de jornais. [Inadequado]**

   Costumo guardar todas as páginas de jornal. [Adequado]

A concordância e o predicativo do objeto de alguns verbos

Alguns verbos da língua portuguesa exigem complementos. São os chamados verbos transitivos, cujos complementos podem vir acompanhados de preposição (objeto indireto) ou ser diretamente relacionados ao verbo (objeto direto).

Esses complementos verbais podem sofrer modificações de duas naturezas: uma que é própria ao objeto (adjunto adnominal) e outra que é imposta pelo verbo (predicativo do objeto). Isso quer dizer que, associados a um mesmo verbo, podem ocorrer dois termos da oração: um objeto e um predicativo.

O predicativo do objeto geralmente se vincula aos verbos transitivos diretos, atribuindo uma propriedade ao seu complemento verbal. No entanto, em uma mesma oração podem co-ocorrer um adjunto adnominal e um predicativo do objeto, confundindo a aplicação da concordância adequada entre esses elementos sintáticos. Trata-se de duas etapas de concordância nominal distintas: uma que relaciona o adjunto adnominal ao objeto e a segunda que associa o predicativo ao seu objeto. Vejamos sentenças com os dois termos sintáticos separados:

1. **A lua transforma a noite dos namorados.**

   ...[*transforma*: verbo transitivo direto]

   ...[*a noite*: objeto direto]

   ...[*dos namorados*: adjunto adnominal = atributo de "noite" livremente apontado]

2. **A lua torna a noite iluminada.**

   ...[*torna*: verbo transitivo direto]

   ...[*a noite*: objeto direto]

   ...[*iluminada*: predicativo do objeto = atributo de "noite" imposto pelo verbo]

O predicativo do objeto sempre concorda em gênero e número com o termo (o objeto) ao qual se liga, mesmo que junto ao seu objeto haja um adjunto adnominal associado. Exemplo:

1. **"A lua torna a noite iluminada dos namorados."**

...[*iluminada*: predicativo do objeto direto "noite"]

A posição do predicativo do objeto não é fixa na oração. Ele pode:

1. anteceder o objeto ☐ "... torna iluminada a noite dos namorados."
2. proceder imediatamente ao objeto ☐ "... *torna a noite iluminada dos namorados*."
3. vir ao final do adjunto adnominal ☐ "... *torna a noite dos namorados iluminada*."

A confusão na concordância que se observa freqüentemente acontece quando o predicativo está na posição (3) apontada acima, pois o raciocínio mais cômodo faria concordar o predicativo com a última palavra que o antecede. É importante lembrar, porém, que mesmo distante o predicativo deve *manter a concordância com o objeto* que é a sua referência na oração.

Exemplos:

1. A academia consagrou os trabalhos de biologia pioneira. [Inadequado]

   A academia consagrou os trabalhos de biologia pioneiros. [Adequado]

   ...[*os trabalhos*: objeto direto = masculino plural]

   ...[*de biologia*: adjunto adnominal]

   ...[*pioneiros*: predicativo do objeto = masculino plural]

2. A paz manteria a bandeira do Brasil vivo. [Inadequado]

   A paz manteria a bandeira do Brasil viva. [Adequado]

   ...[*a bandeira*: objeto direto = feminino singular]

   ...[*do Brasil*: adjunto adnominal]

   ...[*viva*: predicativo do objeto = feminino singular]

Note que em certas situações apenas a concordância é que deixará claro o termo que está sendo modificado, pois um adjetivo como no exemplo (2) pode se aplicar tanto ao objeto (no exemplo,"bandeira") como ao núcleo do adjunto adnominal (no exemplo, "Brasil"). É facultativo ao ouvinte/leitor, portanto, compreender a oração da forma como ele preferir se a concordância não esclarece os termos que estão relacionados na oração.

Concordância verbal

A relação de concordância, quando se dá entre o sujeito e o verbo principal de uma oração, é chamada de concordância verbal.

Os verbos flexionam-se em pessoa (primeira, segunda e terceira), em número (singular e plural), em tempo (presente, passado e futuro) e em modo (indicativo, subjuntivo e imperativo). Em geral, as características de número e pessoa são as que um *termo determinante ou dependente* (verbo) deve manter em harmonia com as do *termo determinado ou principal* (substantivo e etc.).

Em língua portuguesa, as relações de concordância são obrigatórias nos casos supra-citados. Por isso, é importante saber de que forma os verbos e sintagmas nominais se relacionam para, assim, promover a concordância adequada. Dê uma olhada nas particularidades da concordância verbal:

- A concordância e o sujeito simples
- A concordância e as desinências
- A concordância e o termo determinado
- A concordância e os pronomes indefinido e demonstrativo como sujeito
- A concordância e o pronome interrogativo como sujeito
- A concordância e o pronome reto com predicativo do sujeito
- A concordância e as orações adjetivas
- A concordância e o pronome relativo em orações adjetivas
- A concordância e os pronomes reflexivos
- A concordância e o pronome "que"
- A concordância e o pronome "quem"
- A concordância e os pronomes "o que"
- A concordância e expressões como "É necessário"
- A concordância e expressões como "É preciso"

- A concordância e os verbos indicativos de horas
- A concordância e expressões de quantidade
- A concordância e os verbos modais
- A concordância e o verbo "parecer"
- A concordância e o verbo "importar"

A concordância e o sujeito simples

Dentre os casos de concordância verbal, o que trata do sujeito e o verbo é o mais básico e geral da língua portuguesa.

Sintaticamente, o sujeito é o termo que se mantém em harmonia com o verbo. Esse sujeito ora pode estar expresso na oração através de um nome (substantivo, pronome e etc.) ou uma *oração subordinada substantiva*, ora pode estar implícito na oração, ou ainda, pode ser inexistente na oração. Mesmo que o sujeito seja um elemento não declarado na oração, a concordância de número e pessoa entre ele e o verbo é obrigatória (salvo a exceção da *concordância ideológica*).

Exemplos:

1. **Nós quer falar assim! [Inadequado]**

   Nós queremos falar assim! [Adequado]

2. **As compras chegou ontem. [Inadequado]**

   As compras chegaram ontem. [Adequado]

Quando o sujeito não está expresso na oração é preciso recuperá-lo no *contexto* e, então, promover a concordância .

Exemplo:

1. **Elas disseram que vai ao jantar.**

   ...Elas disseram que vão ao jantar

   ...[sujeito de "vão" = "que" retomando o nome "elas"]

   ...Elas disseram que ele vai ao jantar.

   ...[sujeito de "vão" = "ele"]

Há casos em que um sujeito simples representa não um único elemento, mas toda uma coletividade. Mesmo transmitindo essa idéia de pluralidade, a concordância deve respeitar o número e a pessoa representada pela palavra-sujeito.

Exemplos:

1. **A gente não fizemos a lição. [Inadequado]**

   A gente não fez a lição. [Adequado]

2. **As gentes do Brasil espelha as várias raças. [Inadequado]**

   As gentes do Brasil espelham as várias raças. [Adequado]

A concordância e as desinências

As *desinências* (*-s*, *-mos*, *-va* e etc.) são elementos essenciais para se determinar a flexão das palavras em Língua Portuguesa. Por esse motivo são, inclusive, denominadas *morfemas flexionais*.

Por indicarem, na *morfologia*, a *flexão nominal* (gênero, número) e a *flexão verbal* (pessoa, número, tempo, modo, aspecto e voz), é obrigatória a presença das desinências nas palavras. Esse fator é fundamental à construção adequada da concordância nominal e da concordância verbal

Freqüentemente se observa a ausência da desinência -s indicativa da segunda pessoa do singular. Esse comportamento, verificado particularmente na *língua falada*, acarreta problemas de concordância verbal, já que a forma vazia (sem o -s . Ex.: ama) é a forma representativa da terceira pessoa do singular.

Exemplos:

1. **Tu fala por experiência própria! [Inadequado]**

   Tu falas por experiência própria! [Adequado]

A concordância e o termo determinado

A concordância verbal, obrigatória em Língua Portuguesa, ocorre preferencialmente entre o verbo e o sujeito da oração.

Nas orações formadas por um *predicado nominal* (verbo de ligação + *predicativo do sujeito*) o verbo deve concordar não com o sujeito, mas sim com o predicativo do sujeito. Essa possibilidade de concordância ocorre, dentre outros casos, se:

- **sujeito for um nome no plural;**
- **predicativo do sujeito estiver determinado, isto é, se ele for formado por um nome + determinante (artigo, numeral e etc.).**

Exemplos:

1. **Carros roubados são uma coisa normal nesta rua. [Inadequado]**

   Carros roubados é uma coisa normal nesta rua. [Adequado]

2. **Falsas promessas foram a minha desgraça! [Inadequado]**

   Falsas promessas foi a minha desgraça! [Adequado]

A concordância e os pronomes indefinido e demonstrativo como sujeito

A concordância verbal, obrigatória em Língua Portuguesa, ocorre preferencialmente entre o verbo e o sujeito da oração.

Nas orações formadas por um *predicado nominal* (verbo de ligação + predicativo do sujeito) o verbo deve concordar não com o sujeito, mas sim com o predicativo do sujeito. Essa possibilidade de concordância ocorre, dentre outros casos, se o sujeito da oração for:

- **um *pronome indefinido* (*todo*, *tudo*, *nada* e etc.);**
- **um *pronome demonstrativo* neutro (*isto*, *isso* e *aquilo*).**

Exemplos:

1. **Nada é obstáculos para um bom vendedor. [Inadequado]**

   Nada são obstáculos para um bom vendedor. [Adequado]

2. **Tudo é flores! [Inadequado]**

   Tudo são flores! [Adequado]

3. **Para mim isso é histórias mal contadas. [Inadequado]**

   Para mim isso são histórias mal contadas. [Adequado]

4. **Aquilo é manobras sociais. [Inadequado]**

   Aquilo são manobras sociais. [Adequado]

A concordância e o pronome interrogativo como sujeito

A concordância verbal, obrigatória em Língua Portuguesa, ocorre preferencialmente entre o verbo e o sujeito da oração.

Nas orações formadas por um *predicado nominal* (verbo de ligação + predicativo do sujeito) o verbo deve concordar não com o sujeito, mas sim com o predicativo do sujeito. Essa possibilidade de concordância ocorre, dentre outros casos, se o sujeito for um *pronome interrogativo* (*qual*, *quem*, *que*, *quando* e etc.).

Exemplos:

1. **Quem é eles? [Inadequado]**

   Quem são eles? [Adequado]

2. **Quando será as provas? [Inadequado]**

   Quando serão as provas? [Adequado]

A concordância e o pronome reto como predicativo do sujeito

A concordância verbal, obrigatória em Língua Portuguesa, ocorre preferencialmente entre o verbo e o sujeito da oração.

Nas orações formadas por um *predicado nominal* (verbo de ligação + predicativo do sujeito) o verbo deve concordar não com o sujeito, mas sim com o predicativo do sujeito. Essa possibilidade de concordância ocorre, dentre outros casos, se o predicativo do sujeito for um pronome reto (*eu*, *tu*, *ele* e etc.).

Exemplos:

1. **O encarregado da obra é eu. [Inadequado]**

   O encarregado da obra sou eu. [Adequado]

2. **Neste caso continua nós... [Inadequado]**

   Neste caso continuamos nós... [Adequado]

A concordância e as orações adjetivas

As *orações subordinadas adjetivas* são aquelas que têm valor de adjetivo, ou seja, que qualificam ou determinam um nome que pertence à *oração principal*. Como elas estão ligadas a um termo da oração principal através de um pronome relativo, é obrigatório que entre o verbo da oração subordinada e o pronome haja concordância de pessoa e número.

Em geral as orações adjetivas são introduzidas por um *pronome relativo* (*que*, *qual* e etc.) que, substituindo o nome ao qual o verbo da oração subordinada está ligado, comanda a concordância verbal.

Exemplos:

1. **Os homens que mata os animais selvagens devem ser denunciados. [Inadequado]**

   Os homens que matam os animais selvagens devem ser denunciados. [Adequado]

   ...[Os homens devem ser denunciados: oração principal]

   ...[que matam os animais selvagens: oração subordinada adjetiva]

   ...[que: pronome relativo a "os homens"]

2. **As questões que era mais importante foram esquecidas. [Inadequado]**

   As questões que eram mais importantes foram esquecidas. [Adequado]

   ...[As questões foram esquecidas: oração principal]

   ...[que eram mais importantes: oração subordinada adjetiva]

   ...[que: pronome relativo a "as questões"]

Observe que no exemplo (2) não só o verbo, mas também o adjetivo da oração subordinada (*eram*, *importantes*) devem se manter em harmonia com o nome ao qual estão ligados.

Uma regra prática para identificar a oração subordinada adjetiva e, assim, promover a concordância verbal adequada, é substituir toda a oração subordinada pelo adjetivo a ela correspondente.

1. Os homens matadores de animais selvagens devem ser denunciados.

2. As questões mais importantes foram esquecidas.

A concordância e o pronome relativo em orações adjetivas

As *orações subordinadas adjetivas*, por qualificarem um termo da *oração principal*, possuem as características de um adjetivo; ou seja: estão ligadas a um nome , em geral um substantivo, ao qual conferem um atributo.

Dentre as características das orações subordinadas adjetivas destacamos o fato de serem introduzidas pelo *pronome relativo que*.

Nas orações adjetivas o *que* faz referência a algum termo da oração principal (sujeito, objeto, complemento nominal). Desse modo, o *que* carrega consigo todas as marcas de flexão (número, gênero, pessoa) do termo ao qual se refere. Assim, é obrigatória a concordância em número e pessoa entre o verbo da oração subordinada adjetiva e o substantivo a que se refere representado pela palavra *que*.

Exemplos:

1. Os trabalhadores que fez greve serão convocados para a reunião. [Inadequado]

   Os trabalhadores que fizeram greve serão convocados para a reunião. [Adequado]

2. Os lustres da sala que foram inaugurados destacava-se em delicadeza. [Inadequado]

   Os lustres da sala que foi inaugurada destacavam-se em delicadeza. [Adequado]

A concordância e os pronomes reflexivos

Os pronomes reflexivos (*me*, *te*, *se*, *nos* e etc.) possuem uma forma especial para cada *pessoa verbal*.

Para indicar que o objeto da ação é a mesma pessoa que o sujeito que a pratica, é obrigatória a concordância em pessoa entre o pronome reflexivo e a pessoa a qual se refere.

É importante lembrar, ainda, que a terceira pessoa possui uma única forma tanto para o singular quanto para o plural: *se*, *si* e *consigo*.

Exemplos:

1. Eu se machuquei. [Inadequado]

   Eu me machuquei. [Adequado]

2. Ela foi embora e levou minha juventude contigo. [Inadequado]

   Ela foi embora e levou minha juventude consigo. [Adequado]

Observe que a concordância própria aos pronomes reflexivos respeitam apenas a pessoa verbal e não o gênero da pessoa a qual se refere, senão vejamos os exemplos de sentenças corretas:

Ela está fora de si. / Ele está fora de si.

Além disso, é comum acrescentar algumas expressões reforçativas junto aos pronomes reflexivos. Dessa forma, destaca-se a idéia de igualdade entre as pessoas que estão sujeitas à ação.

Exemplos:

1. Eu me machuquei.

   Eu mesma me machuquei.

2. Eles se julgavam.

   Eles julgavam-se a si mesmos.

A concordância e o pronome *"que"*

Os *pronomes relativos* são aqueles que estabelecem a ligação entre a oração principal e a oração subordinada, ao substituir, na oração subordinada, um termo presente na oração principal (termo antecedente). Dentre os pronomes relativos, o que é o mais comum, sendo empregado em construções diversas. Diferentemente de outros relativos (*qual*, *cujo*, por exemplo), o que não se flexiona em gênero e número. Por isso, muitas vezes é difícil saber a qual elemento o que se refere. Porém, como se trata de um relativo, o pronome que sempre retoma um nome anteriormente apontado e dele herda as características de flexão.

Em geral, o que introduz uma *oração subordinada*. A concordância de número e pessoa entre o verbo da oração subordinada e o elemento ao qual o que está ligado é obrigatória. É o que ocorre quando o termo antecedente for um pronome pessoal do caso reto (*eu*, *tu*, *ele* e etc.)

Exemplos:

1. **Não fui eu que lhe vendeu fiado. [Inadequado]**

   Não fui eu que lhe vendi fiado. [Adequado]

2. **São eles que promete e não cumpre. [Inadequado]**

   São eles que prometem e não cumprem. [Adequado]

É importante lembrar que, em *análise sintática*, o pronome reto que antecede o que é sujeito da oração principal. Já o sujeito da oração subordinada é o próprio que, por isso a necessidade de manter em harmonia os elementos da oração subordinada.

1. **Fomos nós que antecipamos o resultado da pesquisa eleitoral.**

   ...[fomos nós: oração principal]

   ...[que antecipamos o resultado da pesquisa eleitoral: oração subordinada]

   ...[nós: sujeito da oração principal]

   ...[que: sujeito da oração subordinada = pronome relativo a "nós"]

A concordância e o pronome *"quem"*

O *pronome relativo* substitui um nome que pertence à *oração principal*. Para evitar a repetição desse nome, utiliza-se um pronome que se torna "relativo" àquele nome o qual substitui.

Exemplo:

1. **Esses são os anéis que eu dei a você?**

   ...[oração principal: *esses são os anéis*]

   ...[oração dependente: *que eu dei a você*]

   ...[*anéis*: predicativo do sujeito da oração principal]

   ...[*que*: pronome relativo a *anéis* / objeto direto da oração dependente]

O pronome relativo *quem*, quando introduz uma *oração dependente*, se torna sujeito dessa oração. Logo é obrigatória a concordância em pessoa e número entre o verbo e o sujeito ao qual está ligado. Uma das possibilidades de concordância entre o *quem* e o verbo da oração dependente é manter este verbo na terceira pessoa do singular.

Exemplos:

1. **Fui eu quem paguei a conta. [Inadequado]**

   Fui eu quem pagou a conta. [Adequado]

2. **São eles quem nos obrigaram a marchar. [Inadequado]**

   São eles quem nos obrigou a marchar. [Adequado]

A concordância e os pronomes *"o que"*

Há, em língua portuguesa, um tipo de construção que reúne dois pronomes - demonstrativo e relativo - formando as expressões "*o(s) que*" e "*a(s) que*". Quando o termo *que* dessa expressão introduzir uma *oração subordinada*, o verbo dessa oração deve concordar em número e pessoa com o termo *o(s)/a(s)* que o antecede.

Exemplos:

1. **Não ouvi os que falava. [Inadequado]**

   Não ouvi os que falavam. [Adequado]

2. **São dois os que contribui para o time da empresa. [Inadequado]**

   São dois os que contribuem para o time da empresa.[Adequado]

O *pronome demonstrativo* pode ser representado pelas palavras *o(s), a(s)*, geralmente empregadas como artigos. Trata-se de uma forma especial de pronome neutro que pode ser substituída por "aquele(s)", "aquela(s)". Já o *pronome relativo que* retoma um elemento anterior (termo antecedente). A análise sintática da expressão o que, portanto, deve ser compreendida da seguinte forma:

1. **Cartas? Só lia as que chegavam em meu escritório.**

   ...[Só lia as: oração principal]

   ...[que chegavam em meu escritório: oração subordinada]

   ...[as: objeto direto da oração principal = substitui "cartas"]

   ...[que: sujeito da oração subordinada = substitui "as"]

A concordância e expressões como *"É necessário"*

A concordância nominal, obrigatória em Língua Portuguesa, procura colocar em harmonia dois ou mais nomes. Já a concordância verbal, também obrigatória na língua, busca a harmonia entre o verbo e o sujeito ao qual se liga.

Existem algumas expressões que se formam a partir do verbo SER + ADJETIVO (ou verbo no *particípio* funcionando como adjetivo). São exemplos desse tipo de estrutura:

É necessário...	**É adequado...**
É claro...	**É obrigatório..**
É proibido...	**É permitido...**
É importante...	

Quando ocorre esse tipo de construção, o sujeito da oração aparece em posição final, exigindo as seguintes características para a oração:

- **a concordância em gênero e número entre o predicativo do sujeito (*necessário*, *adequado*, *claro*, *obrigatório* e etc.) e o sujeito ao qual se liga (concordância nominal);**
- **a concordância em número e pessoa entre o verbo e o sujeito (concordância verbal).**

Exemplos:

1. **É necessário a autorização para a visita. [Inadequado]**

   É necessária a autorização para a visita. [Adequado]

2. **É necessário as assinaturas nos documentos originais. [Inadequado]**

   São necessárias as assinaturas nos documentos originais. [Adequado]

Observe que o sujeito dessas orações acima estão determinados, ou seja, são formados por um nome e um determinante (no caso, um artigo).

Nas orações em que essas expressões antecederem um sujeito não determinado, não há variação da expressão. Isto é: as expressões devem sempre apresentar:

- verbo *ser* na terceira pessoa do singular;
- predicativo do sujeito no masculino singular.

Exemplos:

1. É proibida entrada de pessoas estranhas. [Inadequado]

   É proibido entrada de pessoas estranhas. [Adequado]

2. São permitidas fotos neste local. [Inadequado]

   É permitido fotos neste local. [Adequado]

A concordância e expressões como *"É preciso"*

A concordância nominal, obrigatória em Língua Portuguesa, procura colocar em harmonia dois ou mais nomes. Já a concordância verbal, também obrigatória na língua, busca a harmonia entre o verbo e o sujeito ao qual se liga.

Algumas expressões são formadas a partir do verbo SER + ADJETIVO (ou verbo no *particípio* funcionando como adjetivo) e apresentam o sujeito em posição final da oração.

Em geral esse tipo de construção estabelece a necessidade de concordância nominal e verbal entre o *sujeito* e o predicativo do sujeito e entre o sujeito e o verbo. No entanto, as expressões *É preciso...* e *É bom...* não sofrem qualquer variação conforme o sujeito que se apresente. Ou seja:

- verbo deve estar sempre na terceira pessoa do singular
- predicativo do sujeito deve estar sempre no masculino

Exemplos:

1. É precisa uma vendedora aqui. [Inadequado]

   É preciso uma vendedora aqui. [Adequado]

2. É boa uma vendedora aqui. [Inadequado]

   É bom uma vendedora aqui. [Adequado]

Esse tipo de construção ocorre porque se omitiu o verbo *ter* da oração. Assim, para se descobrir se há ou não variação de concordância na expressão, basta preencher o vazio deixado pelo verbo *ter*.

Exemplos:

1. É preciso (ter) uma vendedora aqui.
2. É bom (ter) uma vendedora aqui.

A concordância e os verbos indicativos de horas

A concordância nominal, obrigatória em língua portuguesa, procura colocar em harmonia nomes e determinantes. Já a concordância verbal, também obrigatória na língua, busca a harmonia entre o verbo e o seu sujeito.

As palavras ou expressões que indicam horas apresentam particularidades na sua construção. Geralmente esse tipo de construção é formado:

- por verbos como "SOAR", "BATER" ou "DAR"
- por uma omissão, quase sempre da palavra "*relógio*"

Nas orações em que a palavra "*relógio*" ou similares ("*sino*", por exemplo) estiver omitida, o verbo "soar", "bater" e "dar" deve concordar com o número das horas indicado na oração.

Exemplos:

1. Todos concordavam: soava duas horas da tarde. [Inadequado]

   Todos concordavam: soavam duas horas da tarde. [Adequado]

2. No meu relógio já deu quatro horas de atraso. [Inadequado]

   No meu relógio já deram quatro horas de atraso. [Adequado]

O sujeito dessas orações é a palavra "*horas*", embora a idéia do marcador de tempo (relógio, sineta, sino e etc.) esteja embutida na expressão. Por isso, no exemplo (2) não se deve confundir a palavra "*relógio*" que, nesse caso é um adjunto adverbial de lugar, com o sujeito do verbo "*dar*". Observe agora que, quando o marcador de tempo vem expresso na oração, os verbos tratados aqui devem concordar com a palavra que exprime esse marcador e não mais com a palavra "*horas*".

Exemplos:

1. Muito tempo depois meu relógio deram oito horas da manhã. [Inadequado]

   Muito tempo depois meu relógio deu oito horas da manhã. [Adequado]

2. Os sinos da igreja bateu uma hora certinha! [Inadequado]

   Os sinos da igreja bateram uma hora certinha! [Adequado]

A concordância e expressões de quantidade

A concordância verbal, obrigatória em língua portuguesa, procura colocar em harmonia sujeito e verbo. Assim, sempre que o sujeito estiver no plural, por exemplo, o verbo também deve se apresentar no plural. Porém certas construções da língua portuguesa rompem esse princípio de concordância verbal. É o caso de expressões que indicam quantidade.

A idéia de quantidade pode querer expressar cada uma das unidades ou a totalidade dos seres contados. Quando expressões de quantidade indicarem uma totalidade, o verbo deve se apresentar no singular, concordando com o conjunto dos seres.

Exemplos:

1. Creiam-me: três filhos são mais do que eu poderia imaginar! [Inadequado]

   Creiam-me: três filhos é mais do que eu poderia imaginar! [Adequado]

2. Duas semanas seriam muito pouco para o Ricardo se recuperar. [Inadequado]

   Duas semanas seria pouco para o Ricardo se recuperar. [Adequado]

Essa particularidade de concordância também pode ser determinada pelo tipo de verbo que ela possui.

O verbo "*ser*", comumente empregado na função de verbo de ligação, pode funcionar como *verbo intransitivo*. Nesse caso, esse verbo intransitivo pode se relacionar com um advérbio a ele posposto. Como os advérbios e locuções adverbiais são invariáveis (nunca se flexionam em número, gênero ou pessoa), o verbo deve se manter na terceira pessoa do singular, independentemente do número e da pessoa do sujeito da oração. Vejamos um exemplo:

1. Desculpe-me, mas três colheres de açúcar são muito. [Inadequado]

   Desculpe-me, mas três colheres de açúcar é muito. [Adequado]

   ...[sujeito: *três colheres de açúcar* = terceira pessoa do plural]

   ...[verbo intransitivo: *é* = terceira pessoa do singular]

   ...[*muito* = advérbio de intensidade]

É importante atentarmos para a formação desse predicado verbal. A concordância verbal só é fixa no singular quando o verbo "*ser*" for intransitivo associado a um advérbio. Nas orações em que esse predicado for um predicativo do sujeito acompanhado por um advérbio, a concordância verbal deve respeitar o número e a pessoa do seu sujeito. Conseqüentemente, o adjetivo que forma o predicativo do sujeito também deve ser flexionado de acordo com o sujeito. Vejamos o exemplo:

1. Sem dúvida, estas casas é bem maior! [Inadequado]

   Sem dúvida, estas casas são bem maiores! [Adequado]

...[*estas casas*: sujeito = terceira pessoa do plural]

...[*bem maiores*: predicativo do sujeito]

...[*bem*: advérbio = palavra invariável]

...[*maiores*: adjetivo plural]

A concordância e os verbos modais

Os *verbos modais* exprimem vontade, necessidade, proibição, enfim, idéias que atenuam ou enfatizam uma ação verbal. Como modais, esses verbos estão sempre associados a outros verbos formando uma *locução verbal* (verbo modal + verbo principal, nesse caso).

Numa locução verbal formada por verbos modais (*querer*, *precisar*, *poder*, *dever* e etc.) a concordância verbal ocorre obrigatoriamente entre o verbo modal e o sujeito ao qual está ligado. Nesse caso, somente o verbo modal deve concordar em número e pessoa com o seu sujeito.

Exemplo:

1. **Nós não devemos assinarmos o documento antes de o ler. [Inadequado]**

   Nós não devemos assinar o documento antes de o ler. [Adequado]

   ...[*nós*: sujeito = primeira pessoa do plural]

   ...[*devemos assinar*: locução verbal]

   ...[*devemos*: verbo modal]

   ...[*assinar*: verbo principal]

2. **Na verdade, eles querem apoiarem a nossa candidatura. [Inadequado]**

   Na verdade, eles querem apoiar a nossa candidatura. [Adequado]

   ...[*eles*: sujeito = terceira pessoa do plural]

   ...[*querem* apoiar: locução verbal]

   ...[*querer*: verbo modal]

   ...[*apoiar*: verbo principal]

Em geral, os problemas de concordância relacionados aos verbos modais numa locução verbal ocorrem quando o sujeito ou o objeto da oração se interpõe entre os dois verbos da locução. Mesmo que esse sujeito se apresente entre o verbo modal e o verbo principal, é importante lembrar que somente o *verbo modal* se flexiona em número e pessoa concordando com o sujeito. O verbo principal, por sua vez, permanece sempre na forma infinitiva.

Exemplos:

1. **Podem as pessoas reclamarem, mas eu vou cantar agora. [Inadequado]**

   Podem as pessoas reclamar, mas eu vou cantar agora. [Adequado]

   ...[*as pessoas*: sujeito = terceira pessoa do plural]

   ...[*podem reclamar*: locução verbal]

   ...[*podem*: verbo modal]

   ...[*reclamar*: verbo principal]

2. **Precisamos nos orientarmos sobre os cursos oferecidos neste ano. [Inadequado]**

   Precisamos nos orientar sobre os cursos oferecidos neste ano. [Adequado]

...["*nós*": sujeito = primeira pessoa do plural]

...[*nos*: objeto direto]

...[*precisamos orientar*: locução verbal]

...[*precisamos*: verbo modal]

...[*orientar*: verbo principal]

Em termos de concordância verbal, os verbos modais se comportam da mesma maneira que os *verbos auxiliares*. Ou seja, ambos carregam consigo a responsabilidade da flexão de acordo com o sujeito da oração, enquanto os verbos principais se mantêm fixos na forma do *infinitivo impessoal*.

A concordância e o verbo *"parecer"*

Dentre as *locuções verbais* (verbo auxiliar + verbo principal na forma nominal), aquela formada pelo verbo PARECER + INFINITIVO recebe tratamento especial quanto à concordância.

Numa locução verbal o verbo auxiliar marca a flexão verbal (pessoa, número, tempo e etc.), deixando para o verbo principal a idéia significativa da ação verbal. Exemplos: *está fazendo*; *foi feito*; *precisamos fazer* (verbos auxiliares: *estar*, *ser* e *precisar*; verbo principal: *fazer*). Nesse caso, a concordância verbal é centralizada no verbo auxiliar e somente nele.

Nas orações em que aparece a locução introduzida pelo verbo *parecer* a concordância pode ser realizada de duas maneiras:

- apenas o verbo auxiliar (*parecer*) se flexiona. O verbo principal permanece no *infinitivo impessoal*;

- o verbo auxiliar (*parecer*) mantém-se na terceira pessoa do singular. O verbo principal, como infinitivo pessoal, se flexiona em pessoa, número, tempo e modo.

Exemplos:

Os astronautas parece duvidar do que viram. [Inadequado]

1. **Os astronautas parecem duvidar do que viram. [Adequado]**

   ...[parecem duvidar: locução verbal]

   ...[parecem: verbo auxiliar flexionado]

   ...[duvidar: verbo principal no infinitivo impessoal]

2. **Os astronautas parece duvidarem do que viram. [Adequado]**

   ...[parece duvidarem: dois verbos distintos]

   ...[parece: verbo na terceira pessoa do singular]

   ...[duvidarem: verbo principal no infinitivo pessoal, portanto, flexionado]

A segunda alternativa de concordância se explica pela função que o verbo *parecer* exerce na oração. Trata-se de uma palavra que, sozinha, representa uma oração (oração principal) a qual uma outra é subordinada. Temos clara essa situação de oração do verbo *parecer* se:

- **invertermos a ordem dos termos da oração subordinada e colocarmos a oração *parece* em início de período;**
- **acrescentarmos a palavra "que" junto ao verbo *parecer*.**

Exemplos:

1. Os astronautas parece duvidarem do que viram.

   ...[parecem duvidar: locução verbal]

2. Parece duvidarem os astronautas do que viram.

   ...[parece: oração principal]

   ...[duvidarem os astronautas do que viram:- 1.oração subordinada; 2.sujeito da oração "parece"]

3. Parece que os astronautas duvidaram do que viram.

   ...[parece: oração principal]

   ...[duvidarem os astronautas do que viram:- 1.oração subordinada; 2. sujeito da oração "parece"]

A concordância e o verbo *"importar"*

Dentre as significações que o verbo importar possui, existe aquela que expressa *revelar interesse*, *ter importância*. Nesse caso, quando o verbo importar vier acompanhado de uma *oração subordinada subjetiva*, esse verbo deve se manter na 3ª pessoa do singular.

A oração subordinada subjetiva exerce a função de sujeito, ou seja, apresenta o sujeito em forma de oração. Em geral esse tipo de oração é introduzido pelo *pronome relativo* (*que*, *quem*, por exemplo) que deve estar em concordância com o termo ao qual está ligado.

Exemplos:

1. Não me importo que eles fujam. [Inadequado]

   Não me importa que eles fujam. [Adequado]

2. Quem vai ler estas cartas não importam. [Inadequado]

   Quem vai ler estas cartas não importa. [Adequado]

Veja agora como a concordância verbal é alterada quando o sujeito do verbo importar não é uma oração subjetiva, mas um sujeito simples.

1. As fugas não importam a mim.

2. A pessoa que vai ler estas cartas não importa.

Colocação pronominal: definição

Dá-se o nome de colocação pronominal ao emprego adequado dos pronomes oblíquos átonos.

O emprego desses pronomes é sempre observado em relação ao verbo. Dessa forma, os pronomes oblíquos átonos podem estar nas seguintes posições:

- Ênclise

- Próclise

- Mesóclise

Em geral, a posição mais adequada desses pronomes é a enclítica. Porém, as formas do particípio não admitem ênclise, ou seja, não é possível termos um pronome oblíquo átono após um particípio. Use, neste caso, a próclise.

Exemplo:

1. Ele tinha dado-me um presente. [Inadequado]

   Ele tinha me dado um presente. [Adequado]

Próclise

É o emprego dos pronomes oblíquos átonos antes do verbo.

O uso da próclise torna-se obrigatório:

- **junto a palavras negativas**
- **junto a palavras interrogativas**
- **em orações subordinativas**
- **junto a advérbios ou expressões adverbiais**
- **em determinados tempos verbais**
- **junto a pronomes indefinidos**

Em cada um desses casos acima relacionados observar-se-á *palavras atrativas* funcionando com condições para o correto emprego dos pronomes.

Advérbios e o uso da próclise

É obrigatório o emprego da próclise em orações que contenham advérbios ou locuções adverbiais antecedendo o verbo. Isso só se dá se não houver qualquer palavra entre o verbo e o advérbio.

São exemplos de advérbios: *aqui*, *lá*, *sempre*, *amanhã*, *assim*, *infelizmente*, *não*, *talvez*, etc. São exemplos de locuções adverbiais: *de vez em quando, com certeza, à direita*, etc.

Exemplos:

1. **Na verdade, *sempre* pediram-me o mesmo trabalho. [Inadequado]**

   Na verdade, *sempre* me pediram o mesmo trabalho. [Adequado]

2. ***De vez em quando* torturavam-nos aquelas lembranças! [Inadequado]**

   ***De vez em quando* nos torturavam aquelas lembranças! [Adequado]**

Palavras negativas e o uso da próclise

É obrigatório o emprego da próclise em orações que contenham palavras negativas (não, nada, jamais, nem, nunca, ninguém, nenhum, etc). Isso só se dá se não houver qualquer palavra entre o verbo e a palavra negativa.

Exemplos:

1. **Ninguém obrigava-o ao trabalho. [Inadequado]**

   Ninguém o obrigava ao trabalho. [Adequado]

2. **Jamais considerei-me singular. [Inadequado]**

   Jamais me considerei singular. [Adequado]

Palavras interrogativas e o uso da próclise

É obrigatório o emprego da próclise em orações que contenham *pronomes interrogativos* ou *advérbios interrogativos* em posição inicial da sentença.

Em geral, esse tipo de sentença é formada por uma locução verbal. Exs.: *posso garantir*, *foi descoberto*, *posso ser*, *quero agradecer*.

Exemplos:

COM PRONOME INTERROGATIVO

1. **Quem perturbava-nos tanto? [Inadequado]**

   Quem nos perturbava tanto? [Adequado]

2. **Em que posso lhe ser útil? [Inadequado]**

   Em que lhe posso ser útil? [Adequado]

COM ADVÉRBIO INTERROGATIVO

1. **Como poderíamos agradecer-lhe? [Inadequado]**

   Como poderíamos lhe agradecer?[Adequado]

2. **Por que ignoras-no dessa maneira? [Inadequado]]**

   Por que o ignoras dessa maneira? [Adequado]

Pronomes indefinidos e o uso da próclise

Se o sujeito da oração for um *pronome indefinido* ou a palavra "ambos", é obrigatório o uso da próclise. Isso só se dá se o sujeito vier antes do verbo.

Exemplos:

1. **Ambos tratavam-me com cortesia. [Inadequado]**

   Ambos me tratavam com cortesia. [Adequado]

2. **Tudo causava-nos cansaço. [Inadequado]**

   Tudo nos causava cansaço. [Adequado]

3. **Era fato: alguém atraía-lhe a atenção. [Inadequado]**

   Era fato: alguém lhe atraía a atenção. [Adequado]

Orações subordinadas e o uso da próclise

É obrigatório o emprego da próclise em *orações subordinadas*, apresentando ou não *conjunções subordinativas*. Em geral, essas orações são intercaladas, ou seja, aparecem no interior de outra oração. Ex.: *A menina* que você amava tanto *era minha filha.*

Exemplos:

COM CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA

1. **O edifício para onde mudei-me foi reformado. [Inadequado]**

   O edifício para onde me mudei foi reformado. [Adequado]

2. **Gostaríamos que avissasem-nos sobre a reunião. [Inadequado]**

   Gostaríamos que nos avisassem sobre a reunião. [Adequado]

3. **O envelope foi lacrado conforme informaram-lhe. [Inadequado]**

   O envelope foi lacrado conforme lhe informaram. [Adequado]

SEM CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA

1. **Ela preferia mandasse-lhe flores ao jantar. [Inadequado]**

2. **Ela preferia lhe mandasse flores ao jantar. [Adequado]**

Ênclise

- O pronome e as orações reduzidas de infinitivo

- O pronome e o objeto direto

- O pronome e o verbo no infinitivo

- O pronome em início de sentenças

- O pronome e as orações reduzidas de infinitivo

O pronome e as orações reduzidas de infinitivo

Em geral o pronome reto (*eu*, *tu*, *ele* e etc.) ocupa a posição de sujeito da oração. Essa regra, porém, não se aplica às *orações reduzidas de infinitivo*, onde o pronome oblíquo átono exerce a função de sujeito.

As orações reduzidas não possuem qualquer conectivo (pronome relativo ou conjunção) ligando-as à *oração principal*. Por esse motivo preserva-se a possibilidade do emprego do pronome reto apenas na oração principal. Conseqüentemente, o pronome oblíquo átono acumula para si duas funções na oração reduzida: função de sujeito e função de objeto.

Exemplos:

1. **Eu mandei as crianças sair.**

   Eu mandei elas sair. [Inadequado]

   Eu as mandei sair. [Adequado]

   ...[eu = sujeito da oração principal: "Eu mandei"]

   ...[as = sujeito de "sair" na oração reduzida; objeto direto de "mandei" na oração principal]

2. **Enfim deixaram Carina e José entrar.**

   Enfim deixaram eles entrar. [Inadequado]

   Enfim deixaram-nos entrar. [Adequado]

   ...[sujeito indeterminado na oração principal "Enfim deixaram"]

   ...[nos = sujeito de "entrar na oração reduzida; objeto direto de "deixaram" na oração principal]

O pronome e o objeto direto

O objeto direto é formado por um nome, em geral um substantivo. Esse nome pode vir substituído por um pronome. Quando isso ocorre, o pronome empregado deve ser o pronome oblíquo (*me*, *te*, *o*, *se* e etc.).

O pronome reto (*eu*, *tu*, *ele* e etc) ocupa sempre a posição de sujeito da oração. Cabe, portanto, ao pronome oblíquo exercer a função de objeto da oração, complementando o *verbo transitivo*.

Exemplos:

1. **Ela queria o prêmio para si.**

   Ela queria ele para si. [Inadequado]

   Ela o queria para si. [Adequado]

   ...[ela = pronome reto = sujeito da oração]

   ...[o = pronome oblíquo = objeto direto da oração]

2. **Chamaram Maria de santa.**

   Chamaram ela de santa. [Inadequado]

   Chamaram-na de santa. [Adequado]

   ...[sujeito indeterminado do verbo "chamar"]

   ...[na = pronome oblíquo = objeto direto da oração]

O pronome e o verbo no infinitivo

Nas orações formadas por verbos no *infinitivo*, o sujeito é sempre um nome, em geral um substantivo, que pode ser substituído por um pronome. Se essa oração com verbo no infinitivo não for *uma oração reduzida do infinitivo*, o pronome empregado deve ser obrigatoriamente um pronome reto (*eu*, *tu*, *ele* e etc.).

O pronome reto ocupa sempre a posição de *sujeito* da oração. Já o pronome oblíquo (*me*, *te*, *o*, *se* e etc.) exerce a função de *objeto* da oração, complementando o *verbo transitivo*.

Freqüentemente ocorre uma assimilação do emprego do pronome reto com o emprego do pronome oblíquo em orações com infinitivo. Vejamos os exemplos de duas sentenças corretas:

1. Nunca pediram para eu fazer esse tipo de comida.

2. Nunca pediram esse tipo de comida para mim.

Observe que no exemplo (1) temos duas orações, com dois verbos e, conseqüentemente, dois sujeitos. Já no exemplo (2) temos apenas uma oração e um sujeito. O sujeito do verbo "fazer" no exemplo (1) deve ser um pronome reto. O complemento do verbo "pediram" no exemplo (2) deve ser um pronome oblíquo.

Exemplo:

1. Talvez eles mandem o formulário para mim preencher. [Inadequado]

   Talvez eles mandem o formulário para eu preencher. [Adequado]

Uma regra prática para empregar corretamente o pronome reto nesse caso é observar se a oração termina com verbo (*para eu fazer*). Caso isso não ocorra, o pronome empregado deve ser oblíquo (*fazer para mim*)

O pronome em início de sentenças

O pronome reto (*eu*, *tu*, *ele* e etc.) ocupa sempre a posição de sujeito da oração. Já o pronome oblíquo (*me*, *te*, *o*, *se* e etc.) exerce a função de objeto da oração, complementando *o verbo transitivo*. Como é papel do sujeito iniciar uma sentença, o pronome oblíquo não deve ocupar essa posição inicial.

Embora seja correto o emprego do pronome oblíquo antes do verbo (próclise), se o verbo estiver iniciando sentença é aconselhável o emprego do pronome depois do verbo (ênclise).

Exemplos:

1. Te censuraram em público. [Inadequado]

   Censuraram-te em público. [Adequado]

2. Me passa o sal, por favor!. [Inadequado]

   Passa-me o sal, por favor!. [Adequado]

Crase: definição

Dá-se o nome de crase (à) à contração entre a preposição "*a*" e o *artigo definido* feminino singular "*a*".

Os artigos apresentam a propriedade de se contraírem a determinadas preposições (ex.: *de* + *o* = *do*; *em* + *uma* = *numa*). Na contração entre a preposição "*a*" e o artigo definido "*a*" a representação da forma "*aa*" é substituída pelo emprego do acento grave sobre um único "*a*". A esse fenômeno chamamos craseamento.

São condições básicas para a existência da crase:

- que o termo que exige complemento (*termo regente*) também exija a preposição "*a*";

- que a palavra seguinte à preposição "*a*" seja feminina;

- que a palavra seguinte à preposição "*a*" possa ser acompanhada de determinantes, especialmente o artigo definido feminino ("*a*").

Algumas particularidades sobre o uso da crase são tratadas de forma especial:

- A crase e os pronomes relativos
- A crase e os nomes no plural
- A crase e as palavras repetidas

- A crase e as locuções prepositivas
- A crase e as locuções adverbiais
- A crase e as locuções conjuncionais
- A crase e o objeto indireto
- A crase e os numerais
- A crase e as preposições
- A crase e os artigos
- A crase e os verbos
- A crase e os pronomes de tratamento
- A crase e os pronomes demonstrativos
- A crase e os pronomes indefinidos
- A crase e os pronomes pessoais
- A crase e a palavra terra
- A crase e a palavra casa
- A crase e a conjunção "caso"
- A crase e os nomes próprios
- A crase e as palavras masculinas
- A crase e as palavras no plural

A crase e os pronomes relativos

A crase não deve ser empregada junto aos *pronomes relativos QUE*, *QUEM* e *CUJO(A)*.

Nas orações em que aparece um *termo regido* pela preposição "*a*" acompanhado dos pronomes relativos acima apontados, não se verifica a contração da preposição e o artigo, portanto o acento grave indicativo da crase não é admitido.

Exemplos:

1. **Havia qualquer problema com a tomada à que ligaram o aparelho. [Inadequado]**

   Havia qualquer problema com a tomada a que ligaram o aparelho. [Adequado

   ...[termo regente: ligar a]

   ...[termo regido: (a) tomada]

2. **Era geniosa a funcionária à quem se reportava. [Inadequado]**

   Era geniosa a funcionária a quem se reportava. [Adequado]

   ...[termo regente: reportar-se a]

   ...[termo regido: (a) funcionária]

3. **A mulher, à cuja filiação se unira, esgotava-se em lágrimas. [Inadequado]**

   A mulher, a cuja filiação se unira, esgotava-se em lágrimas. [Adequado]

   ...[termo regente: unir-se a]

   ...[termo regido: (a) filiação]

A crase e os nomes no plural

A crase não deve ser empregada junto a nomes apresentados na forma plural.

Nas orações em que aparecem um *termo regido* pela preposição "*a*" acompanhado de nomes no plural, não se verifica a contração da preposição e o artigo, portanto o acento grave indicativo da crase não é admitido.

Exemplos:

1. **Sempre que lembrava, dava contribuições à piadas grosseiras. [Inadequado]**

   Sempre que lembrava, dava contribuições a piadas grosseiras. [Adequado]

...[termo regente: dar (contribuições) a]

...[termo regido: piadas]

2. Quem ganhasse concorria à revistas em quadrinhos. [Inadequado]

   Quem ganhasse concorria a revistas em quadrinhos. [Adequado]

   ...[termo regente: concorrer a]

   ...[termo regido: revistas]

Observe que esses nomes no plural não são determinados, porque a idéia indicada é de uma expressão genérica. Ao contrário, se os nomes no plural regidos pela preposição "*a*" são determinados (ou seja: especificados), o acento grave indicativo da crase deve ser empregado.

Exemplo:

1. A freqüência dos alunos as aulas é facultativa. [Inadequado]

   A freqüência dos alunos às aulas é facultativa. [Adequado]

   ...[termo regente: freqüência a]

   ...[termo regido: as aulas]

A crase e palavras repetidas

A crase não deve ser empregada entre palavras repetidas.

Nas orações em que aparecem palavras repetidas ligadas pelo "*a*", não se verifica a contração da preposição e o artigo, portanto o acento grave indicativo da crase não é admitido. Isso se dá porque esse "*a*" presente entre as palavras repetidas é uma preposição somente, e não uma fusão de preposição e artigo (crase).

Exemplos:

1. O manual explica passo à passo os procedimentos com a ferramenta. [Inadequado]

   O manual explica passo a passo os procedimentos com a ferramenta. [Adequado]

2. Finalmente encontrávamos frente à frente na votação. [Inadequado]

   Finalmente encontrávamos frente a frente na votação. [Adequado]

São exemplos de expressões ligadas pela preposição "*a*":

- ...passo a passo...
- ...frente a frente...
- ...gota a gota...
- ...ponto a ponto...
- ...de mais a mais...

A crase e as locuções prepositivas

A crase deve ser empregada junto a algumas *locuções prepositivas*.

As locuções prepositivas seguidas de palavra feminina e que puderem vir acompanhadas por determinantes (artigo, por exemplo), exigem o acento grave indicativo da crase.

Exemplos:

1. Requeremos o material junto a coordenadoria . [Inadequado]

   Requeremos o material junto à coordenadoria. [Adequado]

2. Não procurei por você devido a total falta de tempo. [Inadequado]

Não procurei por você devido à total falta de tempo. [Adequado]

São exemplos de locuções prepositivas formadas pela preposição "*a*":

- junto a
- devido a
- em frente a
- graças a

Existem locuções prepositivas cuja preposição "*a*" aparece no início da locução e, em geral, terminam pela preposição "de". O emprego da crase junto a essas locuções é igualmente obrigatório, mesmo se a locução não vier expressa na oração.

Exemplos:

1. Os gabinetes da empresa, diziam, estavam a beira do caos. [Inadequado]

   Os gabinetes da empresa, diziam, estavam à beira do caos. [Adequado]

2. E eu continuei a espera de uma vaga... [Inadequado]

   E eu continuei à espera de uma vaga... [Adequado]

3. Ele proclama a Carlos Gardel! [Inadequado]

   Ele proclama à Carlos Gardel! [Adequado]

   ...[locução prepositiva implícita: à maneira de Carlos Gardel]

São exemplos de locuções prepositivas formadas pela preposição "*a*":

- à beira de
- à espera de
- à maneira de
- à moda de
- à procura de
- à base de

A crase e as locuções adverbiais

A crase deve ser empregada junto a *locuções adverbiais*.

Nas orações em que aparece um *termo regido* pela preposição "*a*" acompanhado de locuções adverbiais, o acento grave indicativo da crase é obrigatório. Isso, porém, só se dá se a palavra seguinte à locução for feminina e puder vir acompanhada por determinantes (artigo, por exemplo).

Exemplos:

1. O segredo é sempre virar a direita... [Inadequado]

   O segredo é sempre virar à direita... [Adequado]

2. A tarde ela trabalha no hospital, mas a noite ela está em casa. [Inadequado]

   À tarde ela trabalha no hospital, mas à noite ela está em casa. [Adequado]

Observe que as palavras femininas que podem ser determinadas participam da locução adverbial; ou seja, são as palavras "(a) direita", "(a) tarde" e "(a) noite".

São outros exemplos de locuções adverbiais formadas pela preposição "*a*":

- à distância
- à toa
- à vontade
- às pressas
- às claras

- **à mão**
- **às vezes**

A crase e as locuções conjuncionais

A crase deve ser empregada junto a algumas *locuções conjuncionais*.

Nas orações em que aparecem um *termo regido* pela preposição "*a*" acompanhado de locuções conjuncionais, o acento grave indicativo da crase é obrigatório. Isso, porém, só se dá se a palavra seguinte à locução for feminina e puder vir acompanhada por determinantes (artigo, por exemplo).

Na Língua Portuguesa somente duas locuções conjuncionais se enquadram nesse emprego da crase. São elas: *à medida que* e *à proporção que*.

Exemplos:

1. **A dose do remédio diminuirá a medida que o problema seja reduzido . [Inadequado]**

   A dose do remédio diminuirá à medida que o problema seja reduzido. [Adequado]

2. **O medo aumentava a proporção que a noite caía. [Inadequado]**

   O medo aumentava à proporção que a noite caía. [Adequado]

Observe que as palavras femininas que podem ser determinadas participam da locução conjuncional; ou seja, são as palavras "(a) medida" e "(a) proporção".

A crase e o objeto indireto

A crase deve ser empregada junto a alguns objetos indiretos.

Nas orações em que aparecem o *termo regido* pela preposição "*a*" introduzindo um objeto indireto, o acento grave indicativo da crase é obrigatório. Isso, porém, só se dá se a palavra seguinte à preposição "*a*" for feminina e puder vir acompanhada por determinantes (artigo, por exemplo).

O objeto indireto exerce a função sintática de complemento preposicionado de um verbo transitivo indireto. A preposição "*a*", portanto, pode introduzir o objeto indireto. Porém, é importante lembrar que a crase só deve ser empregada se essa preposição introduzir uma palavra feminina (determinada ou não).

Exemplos:

1. **O poeta dedicava aquela obra a esposa e aos filhos. [Inadequado]**

   O poeta dedicava aquela obra à esposa e aos filhos. [Adequado]

   ...[dedicar (a): verbo transitivo direto e indireto]

   ...[à esposa (e aos filhos): objeto indireto / (a) esposa = palavra feminina]

2. **Os foliões dariam fôlego a *festa* do carnaval. [Inadequado]**

   Os foliões dariam fôlego à *festa* do carnaval. [Adequado]

   ...[dar (a): verbo transitivo direto e indireto]

   ...[à festa: objeto indireto / (a) festa = palavra feminina]

A crase e os numerais

A crase não deve ser empregada junto a numerais cardinais ou ordinais, exceto em casos especiais.

Nas orações em que aparece um *termo regido* pela preposição "*a*" acompanhado de numerais, o acento grave indicativo da crase é dispensado.

Exemplos:

1. Isso tudo foi explicado à três crianças desatentas. [Inadequado]

   Isso tudo foi explicado a três crianças desatentas. [Adequado]

   ..[termo regente: explicar a]

   ..[três: numeral cardinal]

   ..[crianças: palavra feminina plural]

2. Os informes chegavam à dois lugares distintos. [Inadequado]

   Os informes chegavam a dois lugares distintos. [Adequado]

   ...[termo regente: chegavam a]

   ...[dois: numeral cardinal]

   ...[lugares: palavra masculina plural]

É importante assinalar, ainda, que o emprego da crase é dispensado quando a expressão composta pelo numeral for indicativa de datas.

Exemplos:

1. De 03/04 à 20/05 estarão abertas as inscrições para o curso de extensão. [Inadequado]

   De 03/04 a 20/05 estarão abertas as inscrições para o curso de extensão. [Adequado]

Caso especial:

Indicação de horas: se a expressão composta pelo numeral indicar horas o emprego da crase torna-se obrigatório.

Exemplos:

1. O vôo partirá as 13h00. [Inadequado]

   O vôo partirá às 13h00. [Adequado]

A crase e as preposições

A crase não deve ser empregada junto a algumas preposições.

Dois casos, no entanto, devem ser observados quanto ao emprego da crase. Trata-se das preposições "a" e "até" empregadas antes de palavra feminina. Essas únicas exceções se devem ao fato de ambas indicarem, além de outras, a noção de movimento. Por isso, com relação à preposição "a" torna-se obrigatório o emprego da crase, já que haverá a fusão entre a preposição "*a*" e o artigo "*a*" (ou a simples possibilidade de emprego desse artigo). Já a preposição "até" admitirá a crase somente se a idéia expressa apontar para movimento.

Exemplos:

1. A entrada será permitida mediante à entrega da passagem. [Inadequado]

   A entrada será permitida mediante a entrega da passagem. [Adequado]

2. Desde à assembléia os operários clamavam por greve. [Inadequado]

   Desde a assembléia os operários clamavam por greve. [Adequado]

3. Os médicos eram chamados a sala de cirurgia. [Inadequado]

   Os médicos eram chamados à sala de cirurgia. [Adequado]

   ...[termo regente: chamar a / "a" = preposição indicativa de movimento]

...[termo regido: (a) sala / "a" = artigo]

...[sala: palavra feminina]

4. Os escravos eram levados vagarosamente até a senzala.

   Os escravos eram levados vagarosamente até à senzala.

   ...[termo regente: levar a / "a" = preposição indicativa de movimento]

   ...[termo regido: (a) senzala / "a" = artigo]

   ...[senzala: palavra feminina]

Observe que não foi apontado no exemplo (4) o uso inadequado e adequado das ocorrências de crase. Isso se dá porque atualmente no Brasil o emprego da crase diante da preposição "*até*" é facultativo.

A crase e os artigos

A crase não deve ser empregada junto a artigos, exceto junto ao artigo "*a*".

Os artigos (*o*, *a*, *um*, *uma* e suas flexões) são palavras que determinam um nome; por isso serem chamados de determinantes. Eles podem ser apresentados na forma de *contração*, sendo a crase uma dessas formas. Isto é, a crase é a contração, numa única palavra, entre o artigo definido feminino "*a*" e a preposição "*a*".

Antecedendo um artigo indefinido (*um*, *uma*, *uns*, *umas*) a crase não é admitida, uma vez que a palavra seguinte à preposição, mesmo que feminina, já está acompanhada de um determinante.

Exemplos:

1. A homenagem está sendo entregue a a pesquisadora neste momento. [Inadequado]

   A homenagem está sendo entregue à pesquisadora neste momento. [Adequado]

2. Você pode se dirigir à uma sala ao teu lado esquerdo. [Inadequado]

   Você pode se dirigir a uma sala ao teu lado esquerdo. [Adequado]

Quando o termo "*uma*" é associada à palavra hora, ele funciona como um numeral e, nesse caso, deve-se empregar a crase.

Exemplos:

1. Os ingressos esgotaram-se a uma hora do espetáculo. [Inadequado]

   Os ingresso esgotaram-se à uma hora do espetáculo. [Adequado]

A crase e os verbos

A crase não deve ser empregada junto a verbos.

O fenômeno da crase existe quando há uma fusão (ou *contração*) entre a preposição "*a*" e o artigo definido feminino "*a*". Logo, se a palavra seguinte à preposição "*a*" for um verbo, o acento grave indicativo da crase não é admitido.

Os verbos são palavras que não admitem determinantes (artigo, por exemplo). Como a condição básica da existência da crase é a referência (mesmo que implícita) do artigo definido feminino, diante de verbos a crase se torna absurda.

Exemplos:

1. Aquilo dava à entender que realmente havia conflitos em família. [Inadequado]

   Aquilo dava a entender que realmente havia conflitos em família. [Adequado]

2. O prefeito se propôs à estudar melhor o assunto. [Inadequado]

O prefeito se propôs a estudar melhor o assunto. [Adequado]

A crase e os pronomes de tratamento

A crase não deve ser empregada junto a *pronomes de tratamento*, exceto em alguns casos, como "*senhora*(*s*)".

Nas orações em que aparece um *termo regido* pela preposição "*a*" acompanhado de pronomes de tratamento, o acento grave indicativo da crase não é admitido.

Exemplos:

1. Eu só empresto meu livro à você se for realmente necessário. [Inadequado]

   Eu só empresto meu livro a você se for realmente necessário. [Adequado]

   ...[termo regente: emprestar (o livro) a]

   ...[termo regido: você]

2. Essas homenagens são afetuosamente dedicadas à Vossa Excelência. [Inadequado]

   Essas homenagens são afetuosamente dedicadas a Vossa Excelência. [Adequado]

   ...[termo regente: dedicar a]

   ...[termo regido: Vossa Excelência]

Os pronomes de tratamento em geral não admitem determinantes (artigo, por exemplo). Dessa forma, não é apresentada na oração a contração entre artigo e preposição, mas tão somente a preposição. Porém, alguns pronomes de tratamento, admitindo o determinante, exigem o acento grave indicativo da crase quando o termo regente pede a preposição "a". São esses pronomes: *senhora*(*s*), *senhorita*(*s*), *dona*(*s*), *madame*(*s*)

Exemplos:

1. A correspondência é endereçada a madame. [Inadequado]

   A correspondência é endereçada à madame. [Adequado]

   ...[termo regente: endereçar a]

   ...[termo regido: (a) madame]

2. Alguém explicou a senhora o funcionamento do programa? [Inadequado]

   Alguém explicou à senhora o funcionamento do programa? [Adequado]

   ...[termo regente: explicar (o funcionamento...) a]

   ...[termo regido: (a) senhora]

A crase e os pronomes demonstrativos

A crase não deve ser empregada junto a alguns *pronomes demonstrativos*.

Os pronomes demonstrativos não admitem determinantes (artigo, por exemplo). Dessa forma, não é apresentada na oração a contração entre artigo e preposição, mas tão somente a preposição.

Exemplos:

1. Os estudos apontados levaram-nos à estas conclusões. [Inadequado]

   Os estudos apontados levaram-nos a estas conclusões. [Adequado]

2. Era exatamente à isso que a gente se referia. [Inadequado]

Era exatamente a isso que a gente se referia. [Adequado]

Outros demonstrativos (*aquele* – e suas flexões –, *mesmo*, *tal* e, *próprio*) admitem a crase quando o *termo regido* pela preposição "*a*" é uma palavra feminina determinada por esses pronomes.

Exemplos:

1. Voltei, então, aquela estalagem dos sonhos de abril! [Inadequado]

   Voltei, então, àquela estalagem dos sonhos de abril! [Adequado]

   ...[termo regente: voltar a]

   ...[termo regido: (a) estalagem]

   ...[estalagem: palavra feminina]

2. As glórias dos garimpeiros vinculavam-se a tal mobilização do governo. [Inadequado]

   As glórias dos garimpeiros vinculavam-se à tal mobilização do governo. [Adequado]

   ...[termo regente: vincular-se a]

   ...[termo regido: (a) mobilização]

   ...[mobilização: palavra feminina]

A crase e os pronomes indefinidos

A crase não deve ser empregada junto a alguns *pronomes indefinidos*.

Os pronomes indefinidos são aqueles que apresentam, de um modo vago, os seres em terceira pessoa. (ex.: *alguém* falou; *qualquer* lugar; *certas* questões...). Tais quais os artigos, os pronomes indefinidos funcionam como determinantes, ou seja, apresentam, mesmo que indeterminadamente, um nome. Desta forma, eles não admitem um artigo antecedendo a palavra a qual acompanham (ex.: *a alguém* falou; *um alguém* falou).

Nas orações em que aparece o *termo regido* pela preposição "*a*" introduzindo um termo determinado por pronome indefinido, o acento grave indicativo da crase é dispensado.

Exemplos:

1. Preocupado com as crianças, dirigia-se agora à toda escola que conhecia. [Inadequado]

   Preocupado com as crianças, dirigia-se agora a toda escola que conhecia. [Adequado]

   ...[termo regente: dirigir-se a]

   ...[toda: pronome indefinido]

2. Sempre perguntava à outra enfermeira sobre qual o leito que lhe pertencia... [Inadequado]

   Sempre perguntava a outra enfermeira sobre qual o leito que lhe pertencia. [Adequado]

   ...[termo regente: perguntar a]

   ...[outra: pronome indefinido]

A crase e os pronomes pessoais

A crase não deve ser empregada junto a pronomes pessoais.

Os pronomes pessoais são aqueles que apontam para as *pessoas do discurso* ou a elas se referem. Eles podem ser pessoais do caso reto (*eu*, *tu*, *ele* e etc.) ou pessoais do caso oblíquo (*me*, *te*, *o*, *lhe*, *mim*, *ti* e etc.). Como a crase é formada por uma preposição ("*a*") que indica movimento e não pessoas do discurso, o emprego do acento grave junto aos pronomes pessoais é dispensado.

Os pronomes oblíquos exercem a função sintática de objeto indireto; ou seja, estão ligados a uma preposição e formam com ela o complemento de um verbo transitivo indireto. Mesmo assim, sempre que a preposição "*a*" acompanhar um pronome pessoal oblíquo ou reto, não deve vir craseado.

Exemplos:

1. Todos diziam à ela que os votos confirmariam a sua candidatura. [Inadequado]

   Todos diziam a ela que os votos confirmariam a sua candidatura. [Adequado]

   ...[dizer (a): verbo transitivo direto E indireto]

   ...[a ela: objeto indireto]

2. As flores, pesadas de orvalho, foram oferecidas à mim somente! [Inadequado]

   As flores, pesadas de orvalho, foram oferecidas a mim somente! [Adequado]

   ...[oferecer (a): verbo transitivo direto E indireto]

   ...[a mim: objeto indireto]

A crase e a palavra *"terra"*

A crase não deve ser empregada junto à palavra "*terra*".

Diversas construções com a palavra "*terra*" demonstram duas significações distintas para o mesmo termo. Em (1) "*Apesar dos esforços, tudo caiu por terra*", temos a palavra "*terra*" indicando o sentido de terra firme, chão. Já em (2) "*Anos luz separam a lua da Terra*", a palavra "*terra*" aponta para o sentido de planeta do sistema solar.

Quando "*terra*" encerrar o sentido de (1), não é possível empregar o artigo definido feminino ("... tudo caiu *por a (pela)* terra"). Dessa forma, o emprego da crase não é admitido.

Ao contrário, quando "*terra*" indicar o sentido apontado em (2), o emprego do artigo definido feminino é permitido ("... separam a lua *de a (da)* terra"). Nesse caso, o emprego da crase é obrigatório.

Note, porém, que a crase só é utilizada se houver um *termo regente* da preposição "*a*". Assim, se a palavra "*terra*" anteceder a preposição "*a*" e carregar consigo o sentido de (2), a crase deve ser empregada.

Exemplos:

1. Vários meteoritos desceram a terra depois de tantos anos de silêncio. [Inadequado]

   Vários meteoritos desceram à terra depois de tantos anos de silêncio. [Adequado]

   ...[termo regente: descer a / "a" preposição]

   ...[terra: sentido de planeta do sistema solar]

2. Lançaram à terra os grãos tão esperados da safra deste inverno. [Inadequado]

   Lançaram a terra os grãos tão esperados da safra deste inverno. [Adequado]

   ...[termo regente: lançar a / "a" preposição]

   ...[terra: sentido de solo, chão]

Na língua escrita costuma-se anotar a palavra "*terra*", com sentido de planeta terrestre, com a inicial maiúscula. Assim, temos:

1. Os astronautas voltam à Terra com novas conquistas científicas.

A crase e a palavra *"casa"*

A palavra casa admite diversas acepções e, por causa disso, estabelecem-se regras específicas para o uso da crase.

Quando casa for empregada no sentido de *lar*, *residência*, não se usa a crase.

Exemplos:

1. **Voltarei à casa quando a tiverem reformado. [Inadequado]**

   Voltarei a casa quando a tiverem reformado. [Adequado]

Note que nos exemplos acima a palavra casa funciona como direção do movimento expresso pelos verbos "*ir*" e "*voltar*". Como os dois verbos exigem a preposição "*a*" (quem vai, vai a algum lugar, quem volta, volta a algum lugar), e como casa é uma palavra feminina, era de esperar que acontecesse a contração da preposição "*a*" (pedida pelo verbo) com o artigo "*a*" (exigido por "*casa*"), o que levaria à ocorrência da crase. No entanto, não é o que se observa. A palavra casa, na acepção de "*lar*", é entendida como um substantivo que não admite artigo, porque se pressupõe que já esteja definida. Por esse mesmo motivo, quando casa é sinônimo de "*lar*", não se diz "Eu volto para a casa" ou "Eu cheguei na casa", mas "Eu volto para casa" e "Eu cheguei em casa".

Vejamos um exemplo em que casa assume o sentido de *construção*, *edifício*, *prédio*, admitindo o emprego da crase.

1. **Por favor, queiram se dirigir à casa ao lado!**

É importante apontar, ainda, para a associação da palavra casa aos *adjuntos adnominais*. Quando a palavra casa for especificada de algum modo (adjunto adnominal), o emprego da crase é obrigatório, mesmo com o sentido de *lar* ou *residência.*

Exemplo:

1. **A proposta é que voltemos à *casa* de Tiago.**

   ...[casa: lar, residência]

   ...[de Tiago: adjunto adnominal]

A crase e a conjunção *"caso"*

O fenômeno da crase existe quando há uma fusão (ou *contração*) entre a preposição "*a*" e o artigo definido feminino "*a*".

A crase não deve ser aplicada ao "*a*" que segue qualquer conjunção. Apesar disso, freqüentemente se observa o emprego da crase depois da conjunção caso. Provavelmente, isso se dá por analogia a outros termos da língua, como as expressões *"devido à"*..., *"relativo à"* que admitem a crase.

Exemplos:

1. **Muitos ingressos irão faltar, caso à estréia seja adiada. [Inadequado]**

   Muitos ingressos irão faltar, caso a estréia seja adiada. [Adequado]

2. **Caso às promessas sejam falsas, outras revoltas acontecerão. [Inadequado]**

   Caso as promessas sejam falsas, outras revoltas acontecerão. [Adequado]

É interessante notar, porém, que em casos de inversão dos termos de uma oração que contenha a conjunção caso, pode-se verificar o "*a*" craseado após a conjunção. Mesmo nesse caso, não se trata de a conjunção caso reger a preposição "*a*", mas sim de inversão dos termos, em que um objeto indireto, por exemplo, é antecipado na oração.

Exemplo:

1. **Caso as ordens eu não me refira, lembrem-me, por favor. [Inadequado]**

   Caso às ordens eu não me refira, lembrem-me, por favor. [Adequado]

   ...[ordem linear: "Caso eu não me refira às ordens"]

   ...[*às ordens*: objeto indireto de "*referir-se*"]

A conjunção caso pode ser substituída pela conjunção "*se*", pois ambas têm valor condicional. Por essa operação de substituição é possível ter clara a função da palavra caso e, conseqüentemente, confirmar o emprego inadequado da crase junto a essa palavra.

A crase e os nomes próprios

A crase não deve ser empregada junto a *nomes próprios*.

Os *nomes próprios* indicam um nome específico, em geral destinado a um ser em particular em oposição a um ser genérico – nome comum (ex: *cidade*: ser genérico = nome comum; *Campo Grande*: ser específico = nome próprio).

Os nomes próprios são empregados para designar, entre outros, pessoas (ex.: *Maria*), lugares (ex.: *Brasil*), instituições (*Senado*) e até nomes de santos (ex.: *São José*).

Quando houver um *termo regente* da preposição "*a*" antecedendo um nome próprio do tipo apontado acima o acento grave indicativo do fenômeno da crase não é admitido, exceto se houver alguma relação de proximidade como o mesmo.

O fato de não admitir o artigo como determinante é devido ao tipo de relação que se mantém com esses seres apontados através dos nomes próprios. O *artigo definido* estabelece uma relação de proximidade (ou intimidade) entre as *pessoas do discurso*. Dessa forma, entre um "tu" e "Maria", por exemplo, não há relação de intimidade se essa "Maria" for desconhecida daquele "tu", logo não empregamos o artigo definido ("*a* Maria veio aqui"), mas tão somente "Maria veio aqui".

Note, ainda, que a crase só deve ser empregada antes de palavras femininas. Desse modo, são os nomes próprios femininos que devem ser atentados quanto ao emprego do artigo feminino junto à preposição "*a*".

Exemplo:

1. Ele se referia à São Paulo quando falava daquela arquitetura. [Inadequado]

   Ele se referia a São Paulo quando falava daquela arquitetura. [Adequado]

   ...[termo regente: referir a / "a" preposição]

   ...[São Paulo: nome próprio]

Uma regra prática para se determinar o emprego correto da crase nesse caso é substituir o verbo utilizado na oração pelo verbo "voltar". Se o resultado da substituição for "voltar da" e não "voltar de", emprega-se a crase.

Exemplos:

1. Ele se referia a Espanha quando falava daquela arquitetura. [Inadequado]

   Ele se referia à Espanha quando falava daquela arquitetura. [Adequado]

   ...[voltar da Espanha e não de Espanha: emprego da crase]

2. As decisões eram destinadas à Presidência e não ao Congresso. [Inadequado]

   As decisões eram destinadas a Presidência e não ao Congresso. [Adequado]

   ...[termo regente: destinar a / "a" preposição]

   ...[Presidência: nome próprio feminino]

3. A carmelita rogava à Santa Bárbara um olhar mais sereno aos pobres. [Inadequado]

   A carmelita rogava a Santa Bárbara um olhar mais sereno aos pobres. [Adequado]

   ...[termo regente: rogar a / "a" preposição]

   ...[Santa Bárbara: nome próprio feminino]

A crase e as palavras masculinas

A crase não deve ser empregada junto a *palavras masculinas*.

O fenômeno da crase existe quando há uma fusão (ou *contração*) entre a preposição "*a*" e o artigo definido feminino "*a*". Logo, se a palavra seguinte à preposição "*a*" for masculina, o acento grave indicativo da crase não é admitido.

Exemplos:

1. Os alunos seriam instruídos para escreverem à lápis. [Inadequado]

   Os alunos seriam instruídos para escreverem a lápis. [Adequado]

2. As bolas lançadas à gol foram rebatidas. [Inadequado]

   As bolas lançadas a gol foram rebatidas. [Adequado]

Note que no exemplo (1) estamos diante de uma *locução adverbial*, o que faz com que apenas o acento grave referente à crase seja dispensado. Já em (2) é obrigatória a representação da contração *a + o* (*ao*: *a* = preposição; *o* = artigo definido masculino).

Uma das regras práticas para se determinar o emprego adequado da crase em Língua Portuguesa é substituir a palavra feminina seguinte à preposição "*a*" por uma palavra masculina. Se o resultado for a ocorrência da contração "*ao*" o emprego da crase é confirmado.

Exemplo:

1. Todos os problemas se restringem à obtenção de verbos.

   Todos os problemas se restringem ao tipo de recurso disponível.

   ...[(a) obtenção: palavra feminina]

   ...[o tipo: palavra masculina]

É importante lembrar ainda que a crase deve ser empregada antes de palavra feminina mesmo se essa palavra for antecedida de numeral.

Exemplo:

1. Por enquanto a atleta se dedicava a primeira etapa do percurso. [Inadequado]

   Por enquanto a atleta se dedicava à primeira etapa do percurso. [Adequado]

   ...[termo regente: dedicar a]

   ...[primeira: numeral ordinal]

   ...[etapa: palavra feminina singular]

A crase e as palavras no plural

A crase no singular não deve ser empregada junto a *palavras no plural*.

O fenômeno da crase existe quando há uma fusão (ou *contração*) entre a preposição "*a*" e o artigo definido feminino "*a*". Logo, se a palavra seguinte à preposição "*a*" for feminina, mas plural, o acento grave indicativo da crase é dispensado.

Outra opção de corretude da construção com a crase é apresentar a contração entre a preposição "*a*" e o artigo definido feminino plural "*as*" diante de palavras femininas no plural, resultando na forma "*às*".

Exemplos:

1. As mudanças propostas são pertinentes às caderneta de poupança. [Inadequado]

   As mudanças propostas são pertinentes a caderneta de poupança. [Adequado]

2. Na verdade, as histórias de bruxas pertenciam a fantasias infantis. [Inadequado]

Na verdade, as histórias de bruxas pertenciam às fantasias infantis. [Adequado]

Regência

- Regência Nominal
- Regência Verbal

Regência Nominal

Os substantivos, adjetivos e advérbios geralmente exigem que seus complementos venham precedidos por uma determinada preposição específica, prevista nos dicionários de regência. A utilização de outra preposição, não prevista, constitui erro de regência, e deve ser evitada.

À esquerda apresentamos alguns casos inadequados de regência nominal; à direita seguem as construções recomendadas:

"TV a cores"	"TV em cores"
"bacharel de direito"	"bacharel em direito"
"igual eu"	"igual a mim"
"alienado com"	"alienado de"
"curioso com"	"curioso de/por"

Regência verbal

- A regência e o verbo "assistir"
- A regência e o verbo "preferir"
- A regência e o verbo "visar"
- A regência e o verbo "aspirar"
- A regência e os verbos pronominais
- A regência e as orações subordinadas
- A regência e o uso de preposições
- A regência e o verbo "proceder"

A regência e o verbo *"assistir"*

O verbo "assistir" varia de significação conforme as relações que estabelece com as preposições. Trata-se da regência verbal, responsável, nesse caso, pela alteração de significado da expressão.

O verbo "assistir", dentre outras acepções, pode se apresentar como:

- verbo transitivo indireto: aponta para o sentido de *presenciar*, *ver*, *observar*; rege a preposição "*a*" e não admite a substituição do termo regido pelo pronome oblíquo "*lhe*", mas sim "*o*(*s*)" e "*a*(*s*)";
- verbo transitivo indireto: aponta para o sentido de *caber* (direito a alguém), *pertencer*; rege a preposição "*a*" e admite a substituição do termo regido pelo pronome oblíquo "*lhe*(*s*)";
- verbo transitivo direto: aponta para o sentido de *socorrer*, *prestar assistência* e não rege qualquer preposição.

A é determinante na construção correta de cada uma das expressões acima. Assim, quando o verbo "assistir" for empregado para indicar os sentidos apontados em (1) e (2), é obrigatória a presença da preposição regida.

Exemplos:

1. Os mais velhos insistiam em querer assistir o jogo em pé. [Inadequado]

   Os mais velhos insistiam em querer assistir ao jogo em pé. [Adequado]

   Os mais velhos insistiam em querer assisti-lo em pé. [Adequado]

   ...[termo regente: assistir a = ver, observar]

2. Assiste o médico o direito de solicitar as informações sobre seu cliente. [Inadequado]

Assiste ao médico o direito de solicitar as informações sobre seu cliente. [Adequado]

Assiste-lhe o direito de solicitar as informações sobre seu cliente. [Adequado]

...[termo regente: assistir a = caber, pertencer]

3. Tua equipe assistiu aos processos de forma brilhante e participativa. [Inadequado]

   Tua equipe assistiu os processos de forma brilhante e participativa. [Adequado]

   Tua equipe os assistiu de forma brilhante e participativa. [Adequado]

   ...[termo regente: assistir = prestar assistência, socorrer]

A regência e o verbo "preferir"

O verbo "preferir" é um *verbo transitivo direto e indireto*, portanto rege a preposição "*a*".

A regência verbal é determinante na construção correta de expressões formadas com o verbo "preferir". Embora na língua coloquial empregue-se o termo "*do que*" em lugar da preposição "*a*", quando há relação de comparação, a regência adequada da língua culta ainda exige a presença do "*a*" preposicional.

Exemplos:

1. Meus alunos preferem o brinquedo do que o livro. [Inadequado]

   Meus alunos preferem o brinquedo ao livro. [Adequado]

   ...[objeto direto: o brinquedo]

   ...[objeto indireto: ao livro]

2. O pequeno infante preferiu marchar do que esperar pelos ataques. [Inadequado]

   O pequeno infante preferiu marchar a esperar pelos ataques. [Adequado]

   ...[objeto direto: marchar]

   ...[objeto indireto: a esperar]

A razão do emprego inadequado do termo "*do que*" nesse tipo de construção se deve ao processo de assimilação de expressões comparativas do tipo:

1. Prefiro mais ler do que escrever!

A palavra "*mais*", nesse caso, caiu em desuso, porém o segundo termo da comparação ("*do que*") ainda permanece, gerando a confusão quanto à regência: o verbo preferir rege tão só a preposição "*a*" e não o termo "*do que*".

A regência e o verbo "visar"

O verbo "visar" varia de significação conforme as relações que estabelece com as preposições. Trata-se da regência verbal, responsável, nesse caso, pela alteração de significado da expressão.

O verbo "visar", dentre outras acepções, pode se apresentar como:

- verbo transitivo indireto: aponta para o sentido de *pretender*, *ter por objetivo*, *ter em vista*; rege a preposição "*a*" e não admite a substituição do termo regido pelo pronome oblíquo "*lhe*", mas sim "*o*(*s*)" e "*a*(*s*)";
- verbo transitivo direto: aponta para o sentido de *mirar*, *apontar* (arma de fogo) e não rege qualquer preposição.

A regência verbal é determinante na construção correta de cada uma das expressões acima. Assim, quando o verbo "visar" for empregado para indicar o sentido apontado em (1), é obrigatória a presença da preposição regida.

Exemplos:

1. Os estudantes visam uma melhor colocação profissional. [Inadequado]

   Os estudantes visam a uma melhor colocação profissional. [Adequado]

   Os estudantes visam-na. [Adequado]

   ...[termo regente: visar a = ter por objetivo]

2. Os combatentes visavam aos territórios ocupados recentemente. [Inadequado]

   Os combatentes visavam os territórios ocupados recentemente. [Adequado]

   Os combatentes visavam-nos. [Adequado]

   ...[termo regente: visar = mirar]

A regência e o verbo *"aspirar"*

O verbo "aspirar" varia de significação conforme as relações que estabelece com as preposições. Trata-se da regência verbal, responsável, nesse caso, pela alteração de significado da expressão.

O verbo "aspirar", dentre outras acepções, pode se apresentar como:

- verbo transitivo indireto: aponta para o sentido de *almejar*, *desejar*; rege a preposição "*a*" e não admite a substituição do termo regido pelo pronome oblíquo "*lhe*", mas sim "*o*(*s*)" e "*a*(*s*)";
- verbo transitivo direto: aponta para o sentido de *respirar, cheirar, inalar* e não rege qualquer preposição.

A regência verbal é determinante na construção correta de cada uma das expressões acima. Assim, quando o verbo "aspirar" for empregado para indicar o sentido apontado em (1) é obrigatória a presença da preposição regida.

Exemplos:

1. Os quase mil candidatos aspiravam a única vaga disponível. [Inadequado]

   Os quase mil candidatos aspiravam à única vaga disponível. [Adequado]

   Os quase mil candidatos aspiravam-na. [Adequado]

   ...[termo regente: aspirar a = desejar]

2. E eu era obrigado a aspirar ao mau cheiro dos canaviais... [Inadequado]

   E eu era obrigado a aspirar o mau cheiro dos canaviais... [Adequado]

   E eu era obrigado a aspirá-lo. [Adequado]

   ...[termo regente: aspirar = inalar]

A regência e os verbos pronominais

Os *verbos pronominais* são termos que, em geral, regem complementos preposicionados.

São considerados verbos pronominais aqueles que se apresentam sempre com um pronome oblíquo átono como parte integrante do verbo (ex.: *queixar-se*, *suicidar-se*). Alguns verbos pronominais, porém, podem requerer um complemento preposicionado. É o caso, por exemplo, do verbo "*queixar-se*" (queixar-se *de*) e não do verbo "*suicidar-se*".

Quando os verbos pronominais exigirem complemento, esse deve sempre vir acompanhado de preposição.

Exemplos:

1. Naquele momento os fiéis arrependeram-se os seus pecados. [Inadequado]

   Naquele momento os fiéis arrependeram-se dos seus pecados. [Adequado]

...[dos: de + os = dos / de = preposição]

...[dos seus pecados: objeto indireto]

2. Os biólogos do zoológico local dedicam-se as experiências genéticas. [Inadequado]

   Os biólogos do zoológico local dedicam-se às experiências genéticas. [Adequado]

   ...[às: a (preposição) + as (artigo) = às]

   ...[às experiências genéticas: objeto indireto]

Note que, no exemplo (2), o verbo "dedicar-se" não é essencialmente pronominal, mas sim acidentalmente pronominal. Isto é, esse verbo pode se apresentar sem o pronome oblíquo e, nesse caso, deixa de ser pronominal (ex.: *Ele dedicou sua vida ao pobres*). Casos como esse, porém, demonstram que, em princípio, qualquer verbo pode se tornar pronominal e, portanto, possuir um complemento preposicionado.

A regência e as orações subordinadas

Um período composto é aquele que apresenta uma *oração principal* e uma ou mais orações dependentes desta principal. As orações subordinadas são dependentes e, em geral, ligam-se à oração principal por meio de conectivos (pronomes, conjunções e etc.).

As *orações subordinadas adjetivas* e as *orações subordinadas adverbiais*, quando introduzidas por um *pronome relativo* (*que*, *qual*, *quem* e etc.), devem conservar a regência dos seus verbos.

Exemplo:

1. A vaga para o emprego o qual/que eu lhe falei continua aberta. [Inadequado]

   A vaga para o emprego do qual/de que eu lhe falei continua aberta. [Adequado]

   ...[A vaga para o emprego continua aberta: oração principal]

   ...[do qual eu lhe falei: oração subordinada]

   ...[falei de emprego a você = de que/do qual OU falei sobre o emprego a você = sobre o qual]

Notem que a preposição regida pelo verbo da oração subordinada vem antes do pronome relativo. Deve-se compreender, no entanto, que essa regência verbal é relativa ao verbo da oração subordinada (*falei de/ falei sobre*) e não ao verbo da oração principal (continua). Vejamos outro exemplo:

1. A pessoa que me casei é muito especial. [Inadequado]

   A pessoa com quem me casei é muito especial. [Adequado]

   ...[A pessoa é muito especial: oração principal]

   ...[com quem me casei: oração subordinada]

   ...[casei-me com a pessoa = com quem]

A regência e o uso de preposições

Na construção de uma unidade significativa, algumas palavras exigem o acompanhamento de outros elementos da língua. Essa relação de dependência com vistas à formação de um significado é chamada *regência*.

A regência pode ser direta, quando a relação de dependência é *imediata*, ou indireta, quando ela é *intermediada* por outros elementos da língua, como as preposições. A regência do substantivo sobre o adjetivo (como em "*a menina bonita*"), ou do *verbo transitivo direto* sobre seu complemento (ex.: "*Maria ama Pedro*") se dá de forma direta, enquanto a regência do substantivo sobre outro substantivo (como em "*a filha de Maria*") ou de um verbo transitivo indireto sobre seu complemento (ex.: "*Maria gosta de Pedro*") se faz necessariamente por meio de uma preposição.

Nos casos de regência indireta, é preciso observar que nem todas as preposições podem desempenhar o papel de ligar o regente ao regido. Além disso, o uso de uma ou outra preposição pode provocar alterações de significado bastante consideráveis (ex.: "*ir para casa*", "*ir de casa*", "*ir na casa*", etc.). Por isso, é preciso estar atento para o conjunto de preposições exigidas pelo regente, e para as implicações do seu uso.

A seguir alguns verbos da língua portuguesa que envolvem problemas freqüentes quanto à regência:

CONSTRUÇÃO INADEQUADA	CONSTRUÇÃO ADEQUADA
estar de (greve)	estar em (greve)
namorar com	namorar
arrasar com	arrasar
repetir de (ano)	repetir o (ano)

Exemplos:

1. Suzana continuava a dizer que namorava com Mário. [Inadequado]

   Suzana continuava a dizer que namorava Mário. [Adequado]

2. Meus pais não suportariam se eu repetisse de ano! [Inadequado]

   Meus pais não suportariam se eu repetisse o ano! [Adequado]

A regência e o verbo "proceder"

O verbo "proceder" é um verbo transitivo indireto, e rege a preposição "*a*".

Freqüentemente se observa na linguagem coloquial o emprego do verbo proceder sem a preposição. Essa é uma licença da língua falada que, por assimilar o sentido do verbo proceder ao sentido de outros verbos sinônimos como *realizar*, *efetuar*, etc., transfere para proceder a transitividade direta, ou seja, o não uso de preposição. No entanto, isso não deve ser aplicado na linguagem culta, que exige a presença da preposição "*a*" (ou a sua contração) junto ao verbo.

Exemplos:

1. Os apuradores procederam a contagem dos votos das escolas de samba. [Inadequado]

   Os apuradores procederam à contagem dos votos das escolas de samba. [Adequado]

   ...[objeto indireto: *à contagem*]

   ...[*à*: contração = a (artigo) + a (preposição) = crase]

2. O interrogatório que se procedeu foi decisivo. [Inadequado]

   O interrogatório a que se procedeu foi decisivo. [Adequado]

   ...[*a que se procedeu*: oração subordinada adjetiva]

No exemplo (2) temos a preposição regida pelo verbo proceder iniciando uma oração adjetiva, ou seja, uma oração que se relaciona a um termo da oração principal, indicando-lhe uma nova informação. Para ficar clara a regência do verbo, vamos inverter a ordem das orações:

1. "Procedeu-se ao interrogatório que foi decisivo."

   ...[*ao interrogatório*: objeto indireto]

   ...[*ao*: contração = a (preposição) + o (artigo)]

O verbo proceder também pode ser empregado na sua concepção de verbo intransitivo. Nesse caso ele tem sentido de *comportar-se*, *agir*. Como um verbo intransitivo, não há complemento ligado ao verbo, portanto, não há também o uso de preposição.

Exemplos:

1. De que maneira os turistas procederam?

2. Espantei-me com aquela mulher que procedeu com firmeza diante da acusação.

   ...[*procedeu*: verbo intransitivo = não exige complemento]

...[*com firmeza*: adjunto adverbial de modo]

...[*diante da acusação*: adjunto adverbial de tempo]

As funções do "se"

"se" (índice de indeterminação do sujeito) e a concordância

"se" (partícula apassivadora) e a concordância

"se" (partícula apassivadora) e o sujeito oracional

O "se" em início de sentença

"se" (índice de indeterminação do sujeito) e a concordância

A palavra "se", quando empregada junto a *verbos intransitivos ou transitivos indiretos*, não exerce qualquer função sintática na oração. A sua forma está sendo empregada tão somente para marcar um *sujeito indeterminado*.

Exemplos:

1. Morre-se de fome.

   ...[*morrer*: verbo intransitivo]

   ...[*se*: índice de indeterminação do sujeito = alguém morre]

2. Acreditava-se nas palavras do messias.

   ...[*acreditar*: verbo transitivo indireto]

   ...[*se*: índice de indeterminação do sujeito = alguém acreditava]

Nas orações em que aparece o índice de indeterminação do sujeito a concordância verbal é fixa: verbo na terceira pessoa do singular. Dessa forma, tem-se marcado o fato de não se poder identificar um sujeito exato.

1. Precisam-se de balconistas. [Inadequado]

   Precisa-se de balconistas. [Adequado]

2. Gritavam-se de dor! [Inadequado]

   Gritava-se de dor! [Adequado]

"se" (partícula apassivadora) e a concordância

A palavra "se", quando empregada junto a *verbo transitivo direto ou verbo transitivo direto e indireto*, não exerce qualquer função sintática na oração. A sua forma está sendo empregada tão somente para marcar uma *voz verbal*.

As vozes verbais são: voz ativa, voz passiva e voz reflexiva. A *voz passiva*, por sua vez, pode se apresentar ou na forma analítica (com verbo ser) ou na forma sintética (com a partícula apassivadora "se").

Exemplos:

1. Eles afiam alicates aqui. [voz ativa]

   ...[sujeito da oração: eles]

2. Alicates são afiados aqui. [voz passiva analítica]

   ...[sujeito da oração: alicates]

3. Afiam-se alicates aqui. [voz passiva sintética]

...[sujeito da oração: alicates]

Nas orações em que aparece a partícula apassivadora do verbo, o sujeito da oração está em posição posterior ao verbo. Mesmo assim, é obrigatória a concordância verbal (número e pessoa) entre o sujeito da oração e o verbo ao qual se liga.

Exemplos:

1. Embora seja inútil, pede-se as informações aos fabricantes. [Inadequado]

   Embora seja inútil, pedem-se as informações aos fabricantes. [Adequado]

2. Calculam-se o peso nessa máquina! [Inadequado]

   Calcula-se o peso nessa máquina! [Adequado]

3. Vende-se casas! [Inadequado]

   Vendem-se casas! [Adequado]

Uma regra prática para se identificar a palavra se como partícula apassivadora do verbo e, então, promover a concordância verbal adequada, é transformar a oração na voz passiva sintética em oração na voz passiva analítica.

Exemplos:

1. Embora seja inútil, pede-se as informações aos fabricantes. [voz passiva sintética]
2. Embora seja inútil, as informações são pedidas aos fabricantes. [voz passiva analítica]

"se" (partícula apassivadora) e o sujeito oracional

As *orações subordinadas* subjetivas exercem a função de sujeito do período. Trata-se de um sujeito formado por uma oração, portanto, sujeito oracional. As orações subjetivas podem ser introduzidas por algum conectivo (em geral uma conjunção, como "que", "se" e etc.) ou por um verbo no infinitivo.

Exemplos:

1. É importante que saibamos o valor da moeda comercial.

   ...[sujeito oracional: *que saibamos o valor da moeda comercial*]

   ...[conectivo: *que*]

2. Sabe-se que o valor da moeda comercial caiu.

   ...[sujeito oracional: *que o valor da moeda comercial caiu*]

   ...[conectivo: *que*]

As orações com sujeito oracional (oração subjetiva) podem se apresentar na *voz passiva sintética*. Ou seja, junto ao verbo emprega-se a palavra "se" (partícula apassivadora do verbo), como apontamos no exemplo (2).

Quando as orações subjetivas na voz passiva sintética são introduzidas por algum conectivo ou um verbo no infinitivo, o verbo da oração principal deve ser empregado sempre na terceira pessoa do singular.

Exemplos:

1. Costumam-se informar com antecedência os resultados. [Inadequado]

   Costuma-se informar com antecedência os resultados. [Adequado]

2. Cogitaram-se se os animais tentaram o ataque em sua própria defesa. [Inadequado]

   Cogitou-se se os animais tentaram o ataque em sua própria defesa. [Adequado]

3. Consideram-se que esses são os valores definitivos. [Inadequado]

Considera-se que esses são os valores definitivos. [Adequado]

O "se" em início de sentença

A palavra "se" desempenha diversas funções na língua portuguesa: partícula apassivadora, índice de indeterminação do sujeito, pronome, conjunção, palavra integrante, termo expletivo, etc.

Dentre essas várias funções do "se", a de *conjunção* é a única que permite o seu emprego em início de sentença. Enquanto conjunção, o "se" indica a idéia de *condição*, *possibilidade*; por isso, é uma *conjunção condicional*. É possível, portanto, iniciar uma sentença com uma oração condicional, ou seja, impondo-se uma condição para que um fato ocorra.

Por conseqüência dessas observações acima, é inaceitável o emprego da palavra "se" como pronome, por exemplo, em início de sentença. O pronome "se" é um pronome pessoal *reflexivo* ou *recíproco*. Dentre os *pronomes pessoais*, os únicos permitidos para figurarem em início de sentença são os pronomes pessoais do caso reto (*eu*, *tu*, *ele* e etc.). Os demais pronomes pessoais (os oblíquos: *me*, *te*, *o*, *a* e etc. e os reflexivos e recíprocos: *nos*, *se* e etc.), ocupam posição interna na sentença.

Exemplos:

1. Se ofendiam e se amavam compulsivamente. [Inadequado]

   Ofendiam-se e amavam-se compulsivamente. [Adequado]

2. Se aproximaram um do outro fingindo ignorarem-se. [Inadequado]

   Aproximaram-se um do outro fingindo ignorarem-se. [Adequado]

Como *partícula apassivadora,* o "se" mantém-se junto ao verbo, da mesma forma que o pronome. Sua ligação com o verbo é demonstrada pelo uso do hífen, que não permite que o "se" fique solto na sentença. É inadequado, portanto, o emprego do "se" - partícula apassivadora - em início de sentença.

Exemplos:

1. Se ouvem passos no corredor, aterrorizando a madrugada. [Inadequado]

   Ouvem-se passos no corredor, aterrorizando a madrugada. [Adequado]

2. Se calcula imposto de renda aqui. [Inadequado]

   Calcula-se imposto de renda aqui. [Adequado]

É interessante exemplificar, ainda, o emprego inadequado do "se" quando este exerce a função de *partícula integrante de verbos*. Nessa situação, o "se" é representado porque faz parte dos chamados *verbos pronominais* (ex.: *suicidar-se*, *arrepender-se*). Nesse caso, o "se" também é inaceitável em início de sentença, devendo se apresentar posterior ao verbo quando este verbo estiver em posição inicial.

Exemplos:

1. Se informe sobre as inscrições na secretaria da escola. [Inadequado]

   Informe-se sobre as inscrições na secretaria da escola. [Adequado]

2. Se comprometeu com a organização do baile, mas cometera um erro. [Inadequado]

   Comprometeu-se com a organização do baile, mas cometera um erro. [Adequado]

A seguir, algumas sentenças em que o "se" funciona como uma conjunção condicional e, por isso, pode se apresentar no início de sentenças:

Exemplos:

1. Se todos concordarem, faremos um novo sorteio.

2. Se você chegasse mais cedo, poderia assistir nosso show de mágica.

3. Se ele contar nosso segredo, jamais o perdoaremos.

Acentuação gráfica

Os acentos gráficos e os sinais diacríticos são utilizados para indicar, na escrita, a pronúncia correta de uma palavra. Em português, devem vir sobrepostos às vogais.

Para a colocação dos acentos gráficos, temos várias regras. Vejamos:

1. Palavras Oxítonas
2. Palavras Paroxítonas
3. Palavras Proparoxítonas
4. Ditongos Abertos
5. Hiatos
6. Monossílabos
7. Acento Diferencial
8. Grupos gu e qu
9. Acento Grave

Palavras Oxítonas

São as palavras nas quais a sílaba tônica é a última.

Devemos acentuar graficamente as palavras oxítonas terminadas em: a(s), e(s), o(s), em, ens.

Exemplos: tupã, café, propôs, alguém, parabéns.

Incluem-se nesta regra também as formas verbais seguidas dos pronomes lo(s) e la(s)

Exemplo: entregá-lo, fá-lo-á, pô-lo.

Não são acentuadas graficamente as palavras oxítonas terminadas em i(s) e u(s): parti-lo (e não partí-lo), saci (e não sací), Bauru (e não Baurú).

Palavras Paroxítonas

São as palavras nas quais a sílaba tônica é a penúltima.

Devemos acentuar graficamente as palavras paroxítonas terminadas em: l, i(s), n, us, um, uns, r, x, ã(s), ão(s), ps e ditongo oral seguido ou não de s.

Exemplo: fácil, júri, pólen, bônus, álbum, flúor, ímã, órfão, fórceps, intoleráveis.

Não são acentuadas graficamente as palavras paroxítonas terminadas em ns: hífen, mas hifens; pólen, mas polens.

Palavras Proparoxítonas

São as palavras nas quais a sílaba tônica é a antepenúltima.

Todas as palavras proparoxítonas são acentuadas.

Exemplo: óculos, psicológica.

Ditongos Abertos

Acentuam-se os ditongos tônicos abertos éi, éu e ói, seguidos ou não de s

Exemplo: papéis, céu, esferóides

Hiatos

Acentuam-se o i e o u, quando segunda vogal tônica dos hiatos, se formarem sílabas sozinhos ou acompanhados de s, e não vierem seguidos de nh na sílaba seguinte.

Exemplo: juízes, baú, egoísta, balaústre

Coloca-se acento circunflexo na primeira vogal tônica dos hiatos ôo e êe.

Exemplo: vôo, lêem

Monossílabos

Acentuam-se graficamente os monossílabos tônicos terminados em a(s), e(s), o(s).

Exemplo: pá, pé, pó

Acento Diferencial

Em algumas palavras utiliza-se o acento gráfico para diferenciar formas homógrafas:

Exemplos:

1. **pára (verbo) – para (preposição)**
2. **pêlo (cabelo) – pelo (por +o) – pélo (verbo pelar)**
3. **têm (verbo no plural) – tem (verbo no singular)**
4. **pôde (verbo pretérito – som fechado) – pode (verbo presente – som aberto)**
5. **pôr (verbo) – por (preposição)**
6. **vêm (verbo no plural) – vem (verbo no singular)**

Grupos gu e qu

Acentua-se, com acento agudo, o u tônico dos grupos gu e qu, sempre que seguido de e ou i.

Exemplo: argúi, averigúe.

Emprega-se o trema no u átono pronunciado dos grupos gu e qu, sempre que seguido de e ou i.

Exemplo: agüentar, argüição, eloqüente, tranqüilo.

Acento Grave

Utiliza-se o acento grave, indicativo da crase, para assinalar a contração da preposição a com o artigo a e com os pronomes demonstrativos aquele(s), aquela(s) e aquilo.

Exemplo: à, às, àquele(s), àquela(s), àquilo.

Uso de Siglas e Abreviaturas

As abreviaturas são formas convencionais que respeitam regras rígidas de formação, não podendo ser confundidas com a abreviação, que é somente a redução de uma palavra.

Exemplos:

- **s. (substantivo) - abreviatura**
- **foto (fotografia) - abreviação**

É importante, portanto, conhecer outras particularidades das siglas e abreviaturas:

- **Uso de Abreviaturas**
- **Uso de Siglas**

Uso de Abreviaturas

Nos textos escritos, em especial formais, evite ao máximo o uso de abreviaturas. Prefira escrever as palavras por extenso.

Lembre-se de que os acentos existentes nas palavras originais são mantidos nas abreviaturas.

Nem todos os substantivos masculinos aceitam o "o" sobrescrito em seu processo de abreviatura.

O "o" sobrescrito deve ser utilizado:

apenas para a redução dos numerais ordinais ("1º")

opcionalmente, em alguns substantivos masculinos terminados em "o", como: "engº" (engenheiro) ou "Colº" (colégio).

Substantivos masculinos terminados em consoante (professor, por exemplo) devem ser reduzidos sem referência ao gênero ("prof.").

O "a" sobrescrito, por sua vez, deve ser obrigatoriamente utilizado sempre que indicar gênero feminino, como em: "2ª" ou "prof.ª" (professora).

Uso de Abreviaturas de Logradouros, Títulos Honoríficos e Nomes Próprios:

Recomenda-se que as abreviaturas de títulos honoríficos, profissões, cargos e logradouros como:

"Dr.", "Dra.", "Sr.", "Sra.", "D.", "prof.", "eng.", "gen.", "cap.", "R.", "Av.", "Pç.", "Lgo." e "Trav."

sejam utilizadas, somente se necessário, diante dos substantivos próprios por elas modificados. Em outros casos, é indicada a escrita da palavra por extenso.

Exemplos:

1. **A Dra. nos recomendou um bom remédio. [Inadequado]**

   A Dra. Henriqueta nos deu uma ótima notícia. [Adequado]

2. **O gen. viajou ontem. [Inadequado]**

   A Pç. Coronel Sales foi destruida. [Adequado]

Uso de Abreviaturas de Tempo:

A maior parte das gramáticas do português recomenda que a abreviatura de horários seja feita por referência explícita à unidade de tempo ("h" e "min").

A forma HH:MM, consagrada pelo uso, é considerada *anglicismo*, por isso deve ser evitada.

A indicação das horas deve ser feita por meio da abreviatura invariável "h" (15 h), e a unidade dos minutos pode ser omitida (14h48) ou expressa pelas abreviaturas, também invariáveis, "m" (14h48m) ou "min" (14h48min).

A unidade das horas, sempre que não houver referência aos minutos, deve vir separada do algarismo que a precede por um espaço em branco. Caso contrário, as unidades devem vir imediatamente após os algarismos.

Exemplo:

1. **São 2h, estou atrasada. [Inadequado]**

   São 2 h, vamos! [Adequado]

2. **Faltam 5hs34m para o início da prova. [Inadequado]**

   Faltam 5h34min para o fim da viagem. [Adequado]

Uso de Abreviatura de Unidade de Medida:

As abreviaturas das unidades de volume são:

"l" (litro), "ml" (mililitro), "cl" (centilitro) e "dl" (decilitro).

As abreviaturas das unidades de massa são:

"g" (grama), "mg" (miligrama), "kg" (quilograma) e "dg" (decigrama).

Exemplo:

1. Comprou 3kgs de carne no mercado ontem. [Inadequado]

   Comprou 3 kg de carne no mercado ontem. [Adequado]

2. Um galão americano tem 3,785 ls. [Inadequado]

   Um galão americano tem 3,785 l. [Adequado]

Estas abreviaturas também são invariáveis, devem ser escritas com letras minúsculas e devem vir separadas do algarismo que as precede por um espaço em branco.

Uso de Abreviatura de Distância:

As abreviaturas das unidades de distância são invariáveis e, são escritas da seguinte forma:

"m" (metro), "cm" (centímetro), "mm" (milímetro) e "km" (quilômetro).

Exemplo:

1. O carro rodou 243kms em apenas uma hora. [Inadequado]

   O carro rodou 243 km em apenas uma hora. [Adequado]

Uso de Abreviatura de nomes de santos:

A abreviatura recomendada para Santo e Santa é "S.", e não "Sto." ou "Sta.".

Exemplos:

1. Sou muito devota de Sta. Luzia. [Inadequado]

   Sou muito devota de S. Luzia. [Adequado]

2. Sto. Antônio é considerado casamenteiro. [Inadequado]

   S. Antônio é considerado casamenteiro. [Adequado]

Uso de Siglas

As siglas são reduções de locuções compostas por substantivos próprios. São consideradas um tipo especial de *abreviatura*.

As siglas podem ser formadas:

- pelas letras iniciais maiúsculas das palavras que formam o nome como:

  FGTS = Fundo de Garantia de Tempo de Serviço.

  ONU = Organização das Nações Unidas

- pelas sílabas iniciais de cada uma das palavras que formam o nome, como:

  EMBRATEL = EMpresa BRAsileira de TELecomunicações.

Quando possuírem mais de quatro letras e forem pronunciáveis, as siglas devem trazer apenas a inicial em letra maiúscula; nos demais casos, todas as letras devem ser grafadas com caracteres maiúsculos:

Exemplos:

1. **Unicamp = Universidade de Campinas**
2. **Senac = Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial**
3. **CNBB = Conselho Nacional dos Bispos do Brasil**

As abreviaturas ("Av.", por exemplo), mas não as siglas ("FMI", por exemplo), devem ser seguidas de ponto final. Unidades de medida ("km", "MHz",etc.), elementos químicos ("K" (potássio),etc.) e pontos cardeais e colaterais ("E" (Leste), "NE" (Nordeste), etc.) também dispensam o uso do ponto final.

Exemplo:

1. **Eu moro na Av São Carlos [Inadequado]**

   Eu moro na Av. São Carlos. [Adequado]

Vírgula

Dá-se o nome de vírgula ao sinal que, na língua escrita, representa uma pausa bastante breve. Além disso, a vírgula funciona como um organizador textual, ou seja, um elemento que auxilia na coesão do texto.

Na língua falada há diversas formas de imprimir ritmos e melodias, dentre as quais se destaca a entonação. Ela é responsável ora pela ênfase que se emprega a determinado segmento da fala ora pela pausa entre um e outro desses segmentos. Já a língua escrita vale-se de alguns sinais para reproduzir, no papel, esses efeitos próprios da língua falada.

Há pausas longas e breves na língua (ponto final e vírgula, por exemplo). Essas pausas são empregadas para separar um e outro elementos da oração e até mesmo uma e outra oração no período. Assim separados, tem-se o efeito de um elemento novo sendo introduzido na oração (caso do vocativo e aposto) ou o efeito de destaque de um termo dentro da oração (por exemplo, o deslocamento dos adjuntos adverbias para o início da oração).

O emprego adequado da vírgula é importante para a compreensão do enunciado, bem como para identificar os elementos isolados ou não no período. É aconselhável, portanto, conhecer algumas particularidades sobre a vírgula:

- **Palavras e expressões entre vírgulas**
- **A vírgula e as conjunções**
- **A vírgula e as palavras partitivas**
- **A vírgula, o sujeito e o verbo**
- **A vírgula, o determinante e a palavra determinada**

Palavras e expressões entre vírgulas

Dentre os empregos da vírgula destacam-se os casos em que certas palavras ou expressões indicam, por si só, uma idéia completa e distinta dos outros termos da oração da qual participam. Para isolar essas palavras ou expressões utilizamos o recurso da vírgula, obrigatória nesse caso.

Uma das funções da vírgula é marcar, na língua escrita, a separação de termos da oração, imprimindo uma pausa no período. A vírgula, então, é aplicada uma única vez antes ou depois de alguma palavra ou expressão.

Algumas palavras ou *locuções*, por expressarem sozinhas um sentido que independe dos outros elementos da oração, devem ser apresentadas entre vírgulas. Em geral, essas palavras ou locuções encerram em si mesmas uma pausa. As duas vírgulas, então, reforçam não só a pausa, mas também o destaque de uma unidade significativa dentro da oração.

Essas palavras ou locuções expressam diversos sentidos, podendo ser compreendidas da seguinte maneira:

1. explicativas: quando retomam o que foi dito anteriormente, apresentando-o de outra maneira.

isto é	**ou seja**	**a saber**	**por exemplo**
por outra	**por assim dizer**	**na verdade**	

Exemplos:

1. **Quem quer faz quem não quer manda ou seja eu mesma vou conferir o estoque. (Inadequado)**

Quem quer faz quem não quer manda, ou seja, eu mesma vou conferir o estoque. (Adequado)

2. continuativas: quando provocam a continuação do enunciado, acrescentando-lhe nova informação.

além disso	aliás
demais	então

Exemplos:

1. O dinheiro dos empréstimos começava a aparecer aliás tarde demais. (Inadequado)

   O dinheiro dos empréstimos começava a aparecer, aliás, tarde demais. (Adequado)

3. *corretivas*: quando se prestam a alterar o que havia sido dito anteriormente.

ou melhor	ou antes
digo	minto

Exemplos:

1. Os chocolates estão chegando digo o dia da Páscoa está próximo. (Inadequado)

   Os chocolates estão chegando, digo, o dia da Páscoa está próximo. (Adequado)

4. *conclusivas*: quando apresentam a finalização [conclusão] de uma idéia.

então	a meu ver	com efeito
outrossim	portanto	enfim

Exemplos:

1. Essa questão a meu ver está encerrada. (Inadequado)

   Essa questão, a meu ver, está encerrada. (Adequado)

A vírgula e as conjunções

Dentre os empregos da vírgula destacam-se os casos em que ela é utilizada para separar orações de um período.

Poucos são os tipos de orações que, dentro de um período, unem-se a outras sem uma pausa. A vírgula, além de indicar essa pausa breve, presta-se a marcar, na língua escrita, a separação de segmentos de um período.

Alguns tipos de orações são introduzidos por conjunções que exigem a vírgula. Nesse caso, a vírgula é colocada antes da conjunção. Assim, a vírgula indica a separação, e a conjunção, a união de dois segmentos do período (as orações).

A seguir, as conjunções que devem ser antecedidas pela vírgula:

1. adversativas

mas	porém	todavia	
contudo	no entanto	entretanto	... etc

Exemplo:

1. A conversa estava agradável mas já demorava demais. [Inadequado]

   A conversa estava agradável, mas já demorava demais. [Adequado]

2. conclusivas

logo	**portanto**	
pois	**por conseguinte**	**... etc**

Exemplo:

1. **Eu estudei matemática logo posso lhe ajudar a entender os números. [Inadequado]**

   Eu estudei matemática, logo posso lhe ajudar a entender os números. [Adequado]

Com exceção da conjunção "mas", as demais conjunções, tanto adversativas como conclusivas, podem aparecer no interior da oração da qual participam. Nesse caso, as conjunções devem vir entre vírgulas.

Exemplo:

1. **Queremos ver o mar. Não será, porém nesta viagem. [Inadequado]**

   Queremos ver o mar. Não será, porém, nesta viagem. [Adequado].

Há, ainda, duas particularidades relativas às conjunções "mas" e "pois":

- ***mas*: essa conjunção sempre encabeça a oração da qual participa (*oração coordenada sindética adversativa*). Dessa forma, ela exclui a possibilidade de se apresentar entre vírgulas.**
- ***pois*: essa conjunção pode ser causal ou conclusiva. Quando ela tiver valor *conclusivo* sempre aparecerá entre vírgulas, já que nunca encabeça a oração da qual participa .**

Exemplos:

1. **Não veremos os animais e as árvores do parque, pois foram sacrificados.**

   ...[conjunção causal]

2. **Os animais e as árvores do parque foram, pois, sacrificados.**

   ...[conjunção conclusiva]

A vírgula e as palavras denotativas de realce

Uma das funções da vírgula é isolar determinados termos da oração, imprimindo uma pausa no período. A vírgula, então, é aplicada duplamente: antes e depois do termo que quer se destacar.

Algumas palavras da língua portuguesa são utilizadas para designar algumas idéias. Não se trata propriamente de um advérbio, embora em diversas situações cumpram o papel desempenhado por ele: um modificador. Assim chamadas de palavras denotativas, elas podem expressar ênfase: palavras denotativas de realce.

As palavras denotativas de realce, já que isolam um termo dentro da oração, devem se apresentar entre vírgulas.

Exemplos:

1. **As crianças principalmente devem ser vacinadas com urgência. [Inadequado]**

   As crianças, principalmente, devem ser vacinadas com urgência. [Adequado]

2. **Os peixes e mariscos especialmente compunham seu cardápio tradicional. [Inadequado]**

   Os peixes e mariscos, especialmente, compunham seu cardápio tradicional. [Adequado]

Algumas palavras denotativas, além de indicarem realce, também apontam para a idéia de partição. Elas indicam que, dentro de um conjunto de seres, alguns foram selecionados e é sobre esses que, em geral, recai a ênfase do enunciado. A vírgula, da mesma forma, deve ser empregada duplamente junto a essas palavras.

Exemplo:

1. **Aquelas festas eram sobretudo o reencontro anual da família. [Inadequado]**

Aquelas festas eram, sobretudo, o reencontro anual da família. [Adequado]

São outros exemplos de palavras denotativas de realce:

- maiormente
- mormente

A vírgula, o sujeito e o verbo

A vírgula representa uma breve pausa na língua escrita. Além disso, ela também é comumente utilizada para separar termos da oração ou orações de um período.

Há, porém, elementos da oração que estabelecem uma ligação direta entre si. É o caso do sujeito e o verbo. Entre esses dois elementos, a vírgula não deve ser empregada.

Exemplos:

1. Os pandeiros, repicavam ao sabor do carnaval. [Inadequado]

   Os pandeiros repicavam ao sabor do carnaval. [Adequado].

O fato de não se aplicar a vírgula entre o sujeito e o verbo não implica a impossibilidade de esses dois elementos manterem-se distantes. Vários elementos podem interpor-se entre o sujeito e o verbo, inclusive uma oração inteira (oração adjetiva, por exemplo).

Quando algum elemento novo for introduzido entre o sujeito e o verbo (aposto, vocativo, *oração adjetiva* e etc.), esse elemento deve vir entre vírgulas. Dessa forma, isola-se o elemento extra que se interpôs entre o sujeito e o verbo.

Exemplo:

1. A paciência, muito rara em Otávio, foi decisiva naquele momento.

   ...[*a paciência foi decisiva naquele momento*: oração principal]

   ...[*muito rara em Otávio*: oração subordinada adjetiva explicativa]

A vírgula, o determinante e a palavra determinada

A vírgula representa uma breve pausa na língua escrita. Além disso, ela também é comumente utilizada para separar termos da oração ou orações de um período.

Há, porém, elementos da oração que estabelecem uma ligação direta entre si. É o caso do determinante e a palavra determinada. Entre esses dois elementos, a vírgula não deve ser empregada.

Exemplos:

1. A caneta, vermelha estourou dentro da bolsa. [Inadequado]

   A caneta vermelha estourou dentro da bolsa. [Adequado]

2. Nossa, rua está sendo asfaltada! [Inadequado]

   Nossa rua está sendo asfaltada! [Adequado]

Essa orientação também é válida para todos os termos da oração que funcionem como determinantes (complemento nominal, por exemplo). A vírgula, nesse caso, não deve ser empregada entre o nome e o determinante ou mesmo entre a preposição e a palavra que ela rege.

Exemplos:

1. Vera nunca ocultou seu apego, às crianças abandonadas. [Inadequado]

   Vera nunca ocultou seu apego às crianças abandonadas. [Adequado]

2. A partida de, futebol de campo será interrompida. [Inadequado]

A partida de futebol de campo será interrompida. [Adequado]

O emprego inadequado da vírgula nesses casos pode gerar uma ambigüidade. Por isso, a importância de nos mantermos atentos para os elementos que estão ligados diretamente na oração.

Exemplo:

1. Um lavrador tinha um bezerro, e a mãe do lavrador era também o pai do bezerro.

2. Um lavrador tinha um bezerro e a mãe, do lavrador era também o pai do bezerro.

Observe que no exemplo (1) houve a separação de termos da oração ligados diretamente entre si. A aplicação inadequada da vírgula nessa oração provoca uma ambigüidade na palavra "mãe", entendida como *mãe do lavrador*.

Já no exemplo (2) a sentença passa a ter sentido quando a aplicação da vírgula é aplicada adequadamente. A posição que a vírgula ocupa permite compreender a palavra "mãe" sendo relativa a "bezerro" e não a "lavrador".

Hífen

Dá-se o nome de hífen ao sinal (-) utilizado na escrita em diversas situações: ora para marcar separação de elementos, ora para marcar união de palavras que, por questões fonéticas e morfológicas, devem se manter isoladas graficamente.

A presença do hífen somente é notada na escrita, ou seja, o fato de haver a sinalização com hífen não implica uma pausa fonética.

Em língua portuguesa o hífen é obrigatório na:

- *partição de palavras* quando há mudança de linha

Exemplo:

O lanche tinha sido preparado somente para colegas da *mi-nha* turma. Não havia jeito de atender outras pessoas!

- separação de sílabas

Exemplo:

mó-veis, co-ber-tor, car-ro, le-van-ta-men-to

- união de pronomes átonos a verbos

Exemplo:

impor-se, comprá-lo, revelar-te-ei, encontramo-nos

Há ainda outro emprego do hífen na nossa língua. Trata-se da utilização desse sinal gráfico para ligar os elementos de uma *palavra composta*. Nesse caso, o hífen não se apresenta como obrigatório. A utilização do hífen nas palavras compostas formadas por dois vocábulos (ex.: *banho-maria*) e nas palavras compostas formadas por prefixo + radical (ex: *supra-renal*). Portanto, é importante conhecer algumas particularidades do emprego do hífen:

- O hífen e os prefixos (I)
- O hífen e os prefixos (II)
- O hífen e os prefixos polissêmicos

O hífen e os prefixos I

O hífen (-) é um sinal que, entre outros empregos, utilizamos para unir *prefixos* às palavras. Devido aos acentos tônicos desses prefixos, quando eles se juntam a outras elementos formando uma única palavra, em alguns casos o hífen é necessário. Isso se dá porque com o hífen evita-se a ocorrência de alguns problemas fonéticos (perda do som forte do "r" quando em posição intervocálica, por exemplo, *semireta* > *semi-reta*).

Alguns prefixos da nossa língua sempre são acompanhados de hífen para a formação de uma palavra. São exemplos desses prefixos:

Exemplos:

EX	PÓS	PRÓ	VICE	PRÉ
ex-prefeito	pós-graduação	pró-análise	vice-diretor	pré-adolescente
ex-casamento	pós-meridiano	pró-socialista	vice-campeonato	pré-ajustar
ex-aluno	pós-operatório	pró-memória	vice-líder	pré-aviso

O hífen e os prefixos II

O hífen (-) é um sinal que, dentre outros empregos, utilizamos para unir *prefixos* às palavras. Em geral esses prefixos indicam uma significação própria, devendo, portanto, manter-se separados da palavra a qual se ligam (ex.: *contra*, *extra*). Porém, a união do prefixo a uma determinada palavra forma uma unidade significativa. O hífen, então, é empregado para marcar a individualidade fonética de seus elementos.

Devido à grafia de certos prefixos, é possível que o hífen seja dispensado, já que a individualidade fonética dos elementos que compõem a palavra composta é mantida sem provocar conflitos fonéticos (ex.: *autodestruição*, *antiimperialismo*).

Vejamos quais os prefixos da língua portuguesa que exigem o hífen:

1. EXTRA-INFRA-INTRA-NEO-PROTO-PSEUDO-SEMI-ULTRA

Exigem o hífen antes de palavras iniciadas com VOGAL, H, R ou S

Exemplos:

COM HÍFEN	SEM HÍFEN
extra-oficial	extraconjugal
extra-humano	extralingüístico
extra-regulamentar	extraterrestre
extra-sensorial	extracurricular
infra-estrutura	infravermelho
intra-sistema	intramuscular
neo-republicano	neopositivismo
proto-histórico	protoplasma
pseudo-álibe	pseudomolecular
semi-analfabeto	semicírculo
ultra-humano	ultravioleta

Note que a não utilização do hífen nesses casos provocaria um conflito fônico:

- duas vogais juntas
- vogal + "h": como o "h" não é pronunciado, novamente teremos duas vogais juntas;
- "r" entre vogais deve ser grafado duplamente para manter o som forte (ex.: carro) . Em oposição, temos o "r" fraco entre vogais grafado com um "r" simples (ex.: caro)
- "s" entre vogais deve ser grafado duplamente para manter o som forte (ex.: assado) . Em oposição, temos o "s" fraco entre vogais grafado com um "s" simples (ex.: asa)

2. ANTI, ANTE e ARQUI

Exigem o hífen antes de palavras iniciadas com H, R ou S

Exemplos:

COM HÍFEN	SEM HÍFEN
ante-histórico	antevéspera
ante-sala	anteontem
ante-rosto	anteprojeto
anti-horário	antioxidante
anti-revolução	anticárie

anti-social	antiséptico
arqui-hierarquia	arquimilionário
arqui-rabino	arquicélebre
arqui-sucessão	arquidiocesano

*As observações do item (1) valem para esses prefixos acima, com exceção do tratamento voltado para as vogais.

3. SUPER e INTER

Exigem o hífen antes de palavras iniciadas com H ou R

Exemplos:

COM HÍFEN	SEM HÍFEN
super-herói	supercondutor
super-resfriado	superabundância
inter-hemisférico	interligação
arqui-racial	intermunicipal

*As observações do item (1) valem para esses prefixos acima, com exceção do tratamento voltado para as vogais e para a letra "s".

4. PAN

Exige o hífen antes de palavras iniciadas com VOGAL ou H

Exemplos:

COM HÍFEN	SEM HÍFEN
pan-africano	pansexual
pan-helenismo	panteologia

*As observações do item (1) valem para esses prefixos acima, com exceção do tratamento voltado para as letras "*r*" e "s".

5. SUB

Exige o hífen antes de palavras iniciadas com B OU R

Exemplos:

COM HÍFEN	SEM HÍFEN
sub-base	subseção
sub-rogado	subterminal

Note que a não utilização do hífen nesses casos provocaria um conflito fônico:

- duas consoantes iguais juntas (bb)
- "b" + "r": este par forma um som único na língua, de onde, inclusive, tem-se o "r" vibrante (ex.: *broche*, *brasa*). Para manter o som do "r" forte neste grupo, é necessário a separação do encontro consonantal através do hífen.

O hífen e os prefixos polissêmicos

O hífen (-) é um sinal que, dentre outros empregos, utilizamos para unir *prefixos* às palavras. Em geral esses prefixos indicam uma significação própria, devendo manter-se separados da palavra a qual se ligam (ex.: *contra*, *extra*).

Certos prefixos, porém, possuem mais de um significado quando estão isolados (são os chamados prefixos polissêmicos). O emprego ou não do hífen depende da significação que o prefixo adquire em cada construção de palavra composta.

Vejamos cada um dos prefixos polissêmicos, cuja significação exige o emprego do hífen.

1. AUTO com sentido de "por si próprio", "de si próprio"

Exige o hífen antes de palavras iniciadas com VOGAL, H, R ou S

Exemplos:

COM HÍFEN	SEM HÍFEN
auto-afirmação	autobiográfico
auto-hemoterapia	autodomínio
auto-retrato	automedicar-se
auto-suficiente	autopromoção

2. SUPRA com sentido de "excesso", "aumento", "superioridade"

Exige o hífen antes de palavras iniciadas com VOGAL, H, R ou S

Exemplos:

COM HÍFEN	SEM HÍFEN
supra-excitação	supracondutividade
supra-hepático	supranacional
supra-renal	suprapartidário
supra-sumo	extracurricular

Uso de Letras Maiúsculas e Minúsculas

- Uso de Iniciais Maiúsculas
- Uso de Iniciais Minúsculas

Uso de Iniciais Maiúsculas

As letras iniciais maiúsculas devem ser utilizadas nas seguintes situações:

1. No início de períodos, versos e citações diretas: “Tudo aqui no Brasil gira em torno dele, assim como em qualquer país capitalista.”;

2. Nos *nomes próprios*, de pessoas e de lugares, inclusive o de figuras e localidades mitológicas: "Pedro", "Machado de Assis", "Rio de Janeiro", "Zeus", "Inferno".

3. Nos nomes de vias e lugares públicos: “Rua Marechal Deodoro da Fonseca”, “Praça Getúlio Vargas”;

4. Nos nomes dos pontos cardeais, quando indicam regiões: "o Nordeste", "o Sudeste", etc. No entanto, se indicarem direções ou limites geográficos, deverão ser iniciados por letra minúscula: "o nordeste de Goiás", "o sudeste da Europa", "o metrô avança no rumo sul";

5. Nos nomes de regiões: "Baixada Santista", "Região Norte", "Zona Sul", "Recôncavo Baiano", "Vale do Paraíba";

6. Nos nomes de corpos celestes: "Lua", "Júpiter", "Marte";

7. Nos *nomes próprios* de eras históricas ou épocas notáveis: "Idade Média", "Era Cristã";

8. Nos nomes de atos históricos importantes, atos solenes e grandes empreendimentos públicos: "Dia do Trabalho", "Revolução Francesa", "Guerra do Golfo";

9. Nos nomes que designam conceitos religiosos, políticos, nacionalistas ou filosóficos importantes: "Igreja", "Estado", "Império", "Nação";

10. Nos nomes que designam artes, ciências, disciplinas e ramos do conhecimento humano, quando em sua dimensão mais ampla: "Ética", "Filosofia", "Cultura". Quando não houver necessidade de relevo especial, deve ser utilizada letra minúscula: "Estuda português", "Formou-se em agronomia";

11. Nos nomes que designam altos cargos, dignidades ou postos: "Papa","Presidente da República", "Ministro da Educação", "Secretário de Estado";

12. Nos nomes de instituições, órgãos, corporações, repartições, agremiações e unidades administrativas: "Grupo de Estudos Lingüísticos", "Câmara dos Deputados", "Assembléia Legislativa";

13. Nos nomes de edifícios e estabelecimentos públicos ou particulares: "Aeroporto Santos Dummont", "Cemitério Nossa Senhora do Carmo";

14. Nos títulos de livros, jornais, revistas, produções artísticas, literárias e científicas: "Jornal do Brasil", "Memórias Póstumas de Brás Cubas", "A Evolução das Espécies", "A Última Ceia";

15. Nos nomes, adjetivos, pronomes e expressões de tratamento ou reverência e suas respectivas abreviaturas: "Vossa Majestade", "Excelentíssimo", "Sr. Cosmo";

16. Nos qualificativos, epítetos, alcunhas ou apelidos de personalidades: "Ricardo Coração de Leão", "Ivã, o Terrível";

17. Nos nomes das leis ou normas econômicas e políticas que foram consagradas por sua importância: "Lei de Segurança Nacional", "Lei de Diretrizes e Bases";

18. Nos nomes das festas religiosas: "Natal", "Páscoa";

19. Nos nomes de entidades religiosas, santos, anjos e demônios: "Deus" e seus equivalentes de qualquer religião: "Santo Antônio", "Santa Clara";

20. Nos nomes de torneios e campeonatos: "Torneio Rio-São Paulo", "Campeonato Brasileiro", "Copa do Mundo".

21. Nos nomes comuns, quando personificados ou individualizados: "a Ira", "o Amor", "a Cigarra", "a Formiga".

Palavras compostas com hífen

No caso de nomes próprios compostos, ligados por hífen, todos os elementos deverão ser iniciados por letra maiúscula, à exceção dos artigos, preposições e partículas átonas:

"Grã-Bretanha";
"Trás-os-Montes";
"Avenida do Trabalhador São-Carlense".

Palavras compostas sem hífen

No caso de palavras compostas sem hífen, apenas os substantivos, adjetivos, pronomes, numerais e verbos devem ser escritos com inicial maiúscula. Artigos, preposições, locuções prepositivas, conjunções, locuções conjuncionais, advérbios e partículas átonas que ocorrerem no meio de expressões compostas deverão ser iniciados com letra minúscula, independentemente do número de sílabas que contenham:

"Retrato do Artista quando Jovem";
"Mulheres à beira de um Ataque de Nervos";
"Tudo que Você sempre Quis Saber sobre Medicina e Tinha Medo de Perguntar ao Seu Médico".

Uso de Iniciais Minúsculas

Devem ser usadas as letras iniciais minúsculas:

1. Nos nomes das estações do ano, dos meses e dos dias da semana: "primavera", "janeiro", "domingo";

2. Nos nomes de acidentes geográficos: "baía de Guanabara", "rio Amazonas", "ilha de Marajó";

3. Nos nomes de idioma: "português", "inglês";

4. Nos nomes das profissões, funções e cargos: "princesa", "diretor", "professor", "presidente". Nos nomes de altos cargos, devem ser usadas as iniciais maiúsculas: "o Presidente da República";

5. Nos nomes das festas pagãs: "carnaval", "bacanais", "saturnais";

6. Nos compostos em que o nome próprio é parte de um substantivo comum: "pau-brasil", "banho-maria", "castanha-do-pará";

7. Nos nomes próprios tratados como nomes comuns: "Foi escolhido para cristo", "Tornou-se um mecenas", "Sempre foi um caxias";

8. Nos adjetivos pátrios e gentílicos, e nos nomes de tribos indígenas: "astecas", "incas", "bretão", "catarinense";

9. Nos nomes de personagens ou entidades do folclore: "saci", "cuca", "mula-sem-cabeça";

10. Nas formas adjetivas que designam dinastias: "gales", "avis";

Uso de porquê, porque, por que e por quê

- Uso do Por que
- Uso do Por quê
- Uso do Porque
- Uso do Porquê

Uso do por que

Usa-se o por que nas perguntas.

Exemplos:

1. Por que você demorou?
2. Por que os países vivem em guerra, mas pregam a paz?

Usa-se por que quando as palavras "razão" e "motivo" estão expressas ou subtendidas.

Exemplos:

1. Não sei por que razão ele faltou.
2. Ninguém sabe por que motivo ele deixou o emprego.
3. Eis por que (razão) o trânsito está congestionado.
4. O Governo não explicou por que (motivo) construir Brasília.

Usa-se por que quando puder ser substituído por "para que", "pelo(a) qual", "pelos(as) quais".

Exemplos:

1. Eram os nomes de solteiras por que (pelos quais) as amigas sempre as haviam chamado.
2. Este é o caminho por que (pelo qual) seguiu.

Uso do por quê

Usa-se o por quê em perguntas, quando encerrar a frase.

Exemplos:

1. As torcidas nunca aceitam o resultado. Por quê?
2. Vocês brigaram? Mas por quê?

Usa-se o por quê quando este puder ser substituído pelas palavras "razão" e "motivo", em final de frase.

Exemplos:

1. Estava triste sem saber por quê. (motivo)

2. Muitos protestaram, mas não havia por quê. (motivo)

3. O diretor nos advertiu e perguntamos por quê. (razão)

Uso do porque

Usa-se o porque quando este equivale a: "pois", "porquanto", "uma vez que", "pelo fato de que" ou "pelo motivo de que".

Exemplos:

1. Não viajei porque perdi o avião.

2. O espetáculo foi cancelado porque não havia teatro disponível.

Usa-se o porque nas respostas ou em perguntas que proponham uma resposta.

Exemplos:

1. Por que você não foi à festa ontem? Porque estava doente.

2. Vamos reduzir o número de páginas da revista porque o papel está escasso?

Uso do porquê

Usa-se o porquê quando este, como substantivo, substitui as palavras: "motivo", "causa", "razão", "pergunta" ou "indagação".

Exemplos:

1. Não sei o porquê da sua recusa.

2. É uma criança cheia de porquês.

3. O diretor não quis explicar os porquês da decisão.

Inadequação Lexical

A língua portuguesa comporta um conjunto de locuções e expressões fixas que não admitem variação. Trata-se de expressões cujo sentido deriva, não das partes de que são feitas, mas do todo. Por este motivo, não poderiam sofrer alteração.

Não é de todo raro, porém, que os falantes, seja por efeito da analogia, seja pelo desconhecimento do significado ou da classe gramatical de suas componentes, introduzam, nessas expressões, alterações que são condenadas pelas autoridades gramaticais como vícios de linguagem.

Na tabela abaixo, na coluna da esquerda, temos formas que, embora muitas vezes consagradas pelo uso, são consideradas inadequadas por autoridades gramaticais da língua portuguesa. A coluna da direita traz a forma recomendada correspondente.

FORMA CONDENADA	FORMA RECOMENDADA
a dentro	adentro
a grosso modo	grosso modo
após + particípio passado: após realizado	depois de + particípio passado: depois de realizado
raio X	raios X
antes de mais nada	antes de tudo
antes que tudo	antes de tudo
departamento pessoal	departamento de pessoal
ou sejam	ou seja
enquanto a ele	quanto a ele
a nível de	em nível de
na surdina	à surdina
a longo prazo	em longo prazo
após ao	após o
para atrás	para trás

A palavra *"capaz"*

Freqüentemente observa-se o uso inadequado de determinadas palavras. Embora alcancem a compreensão do destinatário para aquilo que se pretende dizer, a inapropriação do sentido de uma palavra configura-se um caso de inadequação lexical.

A palavra "capaz" indica "que tem capacidade de" ou "que tem capacidade para". Quando usada para indicar a idéia que a palavra "provável" transmite, a palavra "capaz" torna-se inadequada e o seu emprego, um problema de linguagem.

Exemplos:

1. **É capaz que o leitor se surpreenda com isso! [Inadequado]**

   É provável que o leitor se surpreenda com isso! [Adequado]

Esse tipo de construção utilizando-se a palavra "capaz" evidencia, ainda, uma construção sintática inaceitável. O verbo "capaz" exige certa estrutura sintática (um objeto indireto, por exemplo: *ser capaz de alguma coisa*) que não se apresenta na sentença acima.

Em contrapartida, a estrutura em que o verbo "capaz" está inserido é justamente a estrutura da expressão "é provável que" / "é possível que", daí a adequação léxica de "provável" / "possível" e não de "capaz" nesse contexto.

Observe, agora, o emprego da palavra "capaz" em contexto adequado:

Exemplos:

1. **É muito capaz, este funcionário da portaria.**

2. **Você não seria capaz de repetir o que ouviu agora...**

Pleonasmo

Dá-se o nome de pleonasmo à figura de linguagem que caracteriza a superabundância de palavras para exprimir uma só idéia (ex: *sair para fora*, *ver com os olhos*).

Em geral, o pleonasmo ocorre movido por uma necessidade de enfatizar um elemento da oração. Quando a repetição presta-se a manter a *coesão gramatical* (*objeto pleonástico*, por exemplo) ou a valorizar uma idéia, o pleonasmo é aceitável em língua portuguesa.

Exemplos:

1. **Eu caminhava com meus próprios pés em busca da salvação.**

   ...[ênfase de uma idéia]

   ...[redundância: ninguém caminha com os pés alheios]

2. **Ao combatente deram-lhe a condecoração.**

   ...[objeto pleonástico]

   ...[redundância: repetição do objeto indireto]

Na nossa língua também é comum a repetição da negação, constituindo-se um caso de pleonasmo aceitável. Aconselha-se, porém, a negação simples, ou seja, nega-se apenas uma vez, geralmente com o emprego do "*não*". Se a palavra "*não*" foi empregada, a segunda negação pode ser substituída por uma palavra positiva (*qualquer*, *alguém*, *algo*/ *alguma coisa*) em vez de negativa (*nenhum(a)*, *ninguém*, *nada*).

Exemplos:

1. **Você não tem nada para me dizer? [construção comum e aceitável]**

   Você não tem algo para me dizer? [construção alternativa]

2. **Eu não encontrei ninguém em casa. [construção comum e aceitável]**

   Eu não encontrei qualquer pessoa em casa. [construção alternativa]

Ainda outro tipo de pleonasmo é aceitável em língua portuguesa. Trata-se dos epítetos da natureza, ou seja, expressões em que se atribui um adjetivo que naturalmente se vincularia ao substantivo ao qual se liga. É, portanto, um recurso literário que serve ou para dar destaque à expressão ou para conferir outro sentido a ela. Chama-se *epíteto da natureza* porque esses adjetivos estão ligados a palavras que representam os elementos da natureza. Exs.: *mar salgado*, *neve gelada*, *céu azul*.

Exemplos:

1. **A noite escura refletia meu coração em flagelo!**

   ...[*noite escura*: recurso literário]

2. **Ela passeava pela noite escura relembrando os acontecimentos do dia.**

   ...[*noite escura*: destaque para uma característica de noite]

3. **Depois da noite escura viria o amanhecer.**

   ...[*noite escura*: pleonasmo vicioso = redundância inaceitável]

Quando a repetição de idéias se transforma em redundância desnecessária constitui-se um desvio de linguagem. É o que chamamos de pleonasmo vicioso. Nesse caso, o pleonasmo é inaceitável na língua portuguesa. Convém, portanto, conhecer as especificidades do pleonasmo vicioso:

Pleonasmo vicioso em verbos e substantivos

Pleonasmo vicioso

Determinadas construções na língua são consideradas pleonasmo quando repetem, numa mesma expressão, uma só idéia. A redundância de sentido, quando não se presta a acentuar uma idéia dando-lhe ênfase, é considerada vício de linguagem.

Em geral a repetição de sentido é marcada por um complemento (nominal ou verbal). Por isso, diz-se que a redundância está na *periferia* da expressão, cujo núcleo já indicava todo o sentido que se pretendia apontar. É importante, então, atentarmos para a construção inadequada de certas expressões.

EMPREGO INADEQUADO	EMPREGO ADEQUADO
perante a	perante
após a	após
para a frente	para frente
cujo o / cuja a	cujo / cuja
antes de que	antes que

Nesses casos acima o pleonasmo está nas expressões formadas por preposições, advérbios e pronomes. Trata-se, pois, de um tipo de pleonasmo vicioso um tanto restrito na língua; mesmo assim é ainda uma construção inaceitável. Há casos, porém, que merecem atenção especial:

Pleonasmo vicioso em verbos e substantivos

Pleonasmo vicioso em verbos substantivos

O pleonasmo vicioso se dá quando a repetição da idéia não acrescenta qualquer informação nova à expressão.

Freqüentemente verificamos esse tipo de construção em expressões formadas por substantivos e verbos. Deve-se, no entanto, observar se há realmente redundância de sentido (pleonasmo vicioso), ou se a repetição serve à ênfase de uma idéia (construção aceitável na nossa língua e que não constitui vício de linguagem).

Exemplos:

1. **Eles viram com os olhos aquela tragédia popular. [Inadequado]**

   ...[ver já expressa a idéia de ação através dos olhos]

2. **Eles viram com os olhos aquilo que nós víamos com as mãos. [Adequado]**

   ...["ver" com os olhos está em oposição a "ver" com as mãos]

Apesar de existir essa possibilidade de destacar uma idéia por meio da repetição, é preciso estar alerta para os casos de redundância desnecessária. Vejamos alguns exemplos de pleonasmo vicioso:

EM SUBSTANTIVOS

CONSTRUÇÃO INADEQUADA	CONSTRUÇÃO ADEQUADA
Hemorragia de sangue	hemorragia
Monopólio exclusivo	monopólio

EM VERBOS

CONSTRUÇÃO INADEQUADA	CONSTRUÇÃO ADEQUADA
reincidir de novo	reincidir
subir para cima	subir
descer para baixo	descer
entrar para dentro	entrar
sair para fora	sair
subir para cima	subir
repetir outra vez / de novo	repetir
encarar de frente	encarar

Identificando problemas

Sobre adjetivos | Sobre adjuntos | Sobre advérbios
Sobre conjunções | Sobre preposições | Sobre pronomes
Sobre sujeito | Sobre verbos

Sobre adjetivos:

- Formas analíticas dos adjetivos anômalos

Sobre adjuntos:

- Os adjuntos adnominais e o núcleo composto
- O adjunto adnominal antes do núcleo composto
- O adjunto adnominal depois de núcleo composto
- O adjunto adnominal e expressões como "bancas de jornal"
- O adjunto adnominal e expressões como "caixa de fósforos"

Sobre advérbios

- Onde x Aonde
- Meio x Meia
- Mau x Mal
- O grau dos advérbios e os adjetivos particípios

Sobre conjunções

- Uso das locuções conjuncionais

Sobre preposições:

- A preposição e o objeto direto
- A preposição e o objeto indireto
- A preposição e o complemento nominal
- Saiba mais sobre a preposição e o complemento nominal
- Uso das locuções prepositivas

Sobre pronomes:

- Formas especiais do pronome oblíquo
- Saiba mais sobre as formas especiais do pronome oblíquo

- Os pronomes pessoais e algumas preposições

Sobre sujeito:

- O sujeito e as contrações
- O sujeito posposto em orações com verbos unipessoais
- O sujeito posposto em orações reduzidas

Sobre verbos:

- Tempo verbal e o emprego de pronomes
- O subjuntivo e as orações subordinadas
- O subjuntivo e os verbos modais
- Os auxiliares e certos verbos abundantes
- "a" x "há": a noção de tempo
- O verbo "haver" e a flexão
- O verbo "fazer" e a flexão
- O particípio e a expressão "haja vista"
- As preposições e formas verbais como "foi"
- As locuções verbais e o uso das preposições

Formas analíticas dos adjetivos anômalos

A forma dos *adjetivos anômalos* no grau comparativo é, por excelência, a forma sintética:

grande	**maior**	**bom**	**melhor**
pequeno	**menor**	**mau**	**pior**

Porém, quando a comparação é estabelecida entre atributos de um mesmo ser, não se emprega a forma sintética, mas sim a forma analítica do *grau dos adjetivos*:

mais *grande* que	**menos *grande* que**
mais *bom* que	**menos *bom* que**
mais *pequeno* que	**menos *pequeno* que**
mais *mau* que	**menos *mau* que**

Exemplos:

1. **Em sua arte, combinavam-se linhas de proporções diferentes. Na verdade, essas proporções eram maiores do que menores. [Inadequado]**

   Em sua arte, combinavam-se linhas de proporções diferentes. Na verdade, essas proporções eram mais grandes do que mais pequenas. [Adequado]

2. **No fundo, meu avô era melhor do que ingênuo. [Inadequado]**

   No fundo, meu avô era mais bom do que ingênuo. [Adequado]

Os graus dos adjetivos são organizados em *positivo*, *comparativo* e *superlativo*. No primeiro caso, a gradação do adjetivo não envolve mais que um único elemento (ex.: *Eu sou alto.*). No segundo caso, a gradação do adjetivo expressa inferioridade, igualdade ou superioridade através de uma relação de comparação (ex.: *Eu sou mais alto do que você*.). Finalmente, no terceiro caso, a gradação do adjetivo expressa aquelas mesmas idéias de igualdade, inferioridade ou superioridade, através de uma relação de supremacia (ex. *Eu sou altíssimo*; *Eu sou o aluno mais alto da turma*.).

Quanto ao grau, os adjetivos ainda podem ser considerados segundo suas formas *analítica* ou *sintética*. Na forma sintética, o grau é expressado pelas formas especiais de cada adjetivo (ex.: *menor*, *maior*, *preocupadíssimo*). Na forma analítica, o grau é formado pelo acréscimo de um advérbio que encabeça a expressão (ex.: ... *menos preocupado que*... / *menos* = advérbio de intensidade).

É interessante notar, ainda, certas construções inadequadas envolvendo os adjetivos anômalos. Não raro, confunde-se o adjetivo anômalo com parte de *palavras compostas* com adjetivo.

1. Este é realmente um bom vinho. [bom: adjetivo]
2. Hoje ela estava com bom-humor. [bom: parte de palavra composta]

Nesses casos, é importante ficar atento para a formação adequada do grau comparativo. Quando a gradação recair sobre o adjetivo, emprega-se a forma analítica. Do mesmo modo, quando se tratar de palavras compostas formadas por um adjetivo anômalo, é a forma analítica que deve ser empregada. Isso se dá porque não há possibilidade de somente uma parte da palavra composta isolar-se para formar o grau comparativo. Além disso, numa palavra composta é o grau comparativo do substantivo que está sendo formado (*bom-gosto*, por exemplo) e não do adjetivo que o compõe (*bom*).

Exemplos:

1. Célia tem melhor bom-gosto que seu marido. [Inadequado]

   Célia tem mais bom-gosto que seu marido [Adequado]

2. Queremos pessoas com maior boa-vontade do que você! [Inadequado]

   Queremos pessoas com mais boa-vontade do que você! [Adequado]

Os adjuntos adnominais e o núcleo composto

O *adjunto adnominal* (artigo, adjetivo, locução adjetiva, numeral, pronome adjetivo e oração adjetiva) sempre acompanha um nome, em geral um substantivo.

Independentemente da sua função (se sujeito ou objeto ou etc.) é obrigatória a concordância em gênero e número entre o adjunto adnominal e o substantivo a que se refere. Dessa forma, se a expressão contém mais de um elemento (núcleo composto) é importante verificar a concordância.

Há duas maneiras de se realizar a concordância entre um núcleo composto e os adjuntos adnominais: concordância com o substantivo mais próximo, e concordância com o gênero e número comum. Para isso é preciso observar a posição ocupada pelo adjunto adnominal, ou seja,

adjunto adnominal antes do núcleo composto

adjunto adnominal depois do núcleo composto

O adjunto adnominal antes do núcleo composto

A posição dos *adjuntos adnominais* é muito importante para se determinar o gênero e o número que eles devem assumir na oração. Como os adjuntos adnominais sempre acompanham um nome, em geral um substantivo, a concordância entre os dois elementos é obrigatória.

A concordância se dará de acordo com o gênero e o número do substantivo mais próximo se:

- adjunto adnominal estiver ligado a um núcleo composto (mais de um elemento)
- adjunto adnominal estiver antes do núcleo composto

Exemplos:

1. Extremos compaixão e vigor distinguia-o dentre os sacerdotes. [Inadequado]

   Extrema compaixão e vigor distinguia-o dentre os sacerdotes. [Adequado]

2. Minhas paciência e sonhos serão armas que usarei contra a vida. [Inadequado]

   Minha paciência e sonhos serão armas que usarei contra a vida. [Adequado]

O adjunto adnominal depois de núcleo composto

A posição dos *adjuntos adnominais* é muito importante para se determinar o gênero e o número que eles devem assumir na oração. Como os adjuntos adnominais sempre acompanham um nome, em geral um substantivo, a concordância entre os dois elementos é obrigatória.

Se o adjunto adnominal estiver ligado a um núcleo composto (mais de um elemento) e vier depois desse núcleo, há duas maneiras de se realizar a concordância:

COM O SUBSTANTIVO MAIS PRÓXIMO:

Exemplos:

1. **Compaixão e *vigor* extrema distinguia-o dentre os sacerdotes. [Inadequado]**

   Compaixão e *vigor* extremo distinguia-o dentre os sacerdotes. [Adequado]

2. **Paciência e *sonhos* minhas serão armas que usarei contra a vida. [Inadequado]**

   Paciência e *sonhos* meus serão armas que usarei contra a vida. [Adequado]

COM O GÊNERO E NÚMERO COMUM:

Exemplos:

1. **Compaixão e *vigor* extrema distinguia-o dentre os sacerdotes. [Inadequado]**

   ***Compaixão e vigor* extremos distinguia-o dentre os sacerdotes. [Adequado]**

2. **Paciência e *sonhos* minhas serão armas que usarei contra a vida. [Inadequado]**

   ***Paciência e sonhos* meus serão armas que usarei contra a vida. [Adequado]**

Observe, portanto, que quando a concordância se dá pelo gênero e número comum, o número será sempre plural. O gênero, por sua vez, vai ser determinado pelos substantivos que compõem o núcleo. O adjunto adnominal só será feminino plural se os substantivos do núcleo composto também forem femininos; do contrário, o gênero do adjunto adnominal ligado a um núcleo composto será masculino (ex.: casa e quarto pequenos; mesa e cadeira pequenas).

É aconselhável a repetição do adjunto adnominal para cada um dos elementos do núcleo composto quando eles forem de gênero ou número diferentes (ex.: *quadro escuro e gravuras escur*as ao invés de *quadro e gravuras escur*os).

O adjunto adnominal e expressões como "bancas de jornal"

Os *adjuntos adnominais* são termos que acompanham um nome, conferindo-lhe nova informação. Por atribuir essas informações adicionais sobre o nome, os adjuntos adnominais se caracterizam como modificadores em oposição aos determinantes, que restringem os nomes aos quais se referem.

Algumas expressões da língua portuguesa são formadas por um *substantivo comum* e um adjunto adnominal. É fácil identificá-las, pois entre ambos existe a preposição "*de*" unindo os dois elementos. Porém, nesse tipo de construção, a flexão de número é bastante particular.

Quando uma expressão desse tipo apresentar um adjunto adnominal genérico, a forma do plural deve ser marcada apenas no primeiro elemento, ou seja, no substantivo. O emprego do plural no adjunto adnominal resultaria entender a expressão como um conjunto de elementos *específicos*, ou mesmo um conjunto *contado* dos elementos da expressão. Por exemplo: em "*banca de jornal*", a palavra *jornal* expressa uma idéia genérica (não é este ou aquele jornal, mas uma banca que vende isso que nós chamamos "jornal"); o plural dessa expressão deve ser "*bancas de jornal*", mantendo, assim, o seu sentido de generalidade. A expressão "*bancas de jornais*" indicaria 1) um conjunto de *bancas* contendo determinados tipos *jornais,* ou 2) um conjunto de *bancas* contendo muitos *jornais*.

Vejamos outros exemplos:

1. **As toalhas de mesas devem ser trocadas todos os dias. [Inadequado]**

   As toalhas de mesa devem ser trocadas todos os dias. [Adequado]

É importante considerar as expressões cujo último elemento é um adjunto adnominal no plural. Mesmo nesse caso, o plural é marcado no primeiro elemento da expressão, mas mantém-se o plural do segundo elemento, pois trata-se de duas idéias distintas: no plural do primeiro elemento, é computado o número de seres, já no plural do segundo elemento é expressada a idéia de generalidade.

Exemplo:

1. Tragam-me essas caixa de ferramentas, por favor! [Inadequado]

   Tragam-me essas caixas de ferramentas, por favor! [Adequado]

A seguir, alguns exemplos de expressões formadas por substantivo + adjunto adnominal sendo empregadas no plural:

CONSTRUÇÃO INADEQUADA	CONSTRUÇÃO ADEQUADA
indústria de automóveis	indústrias de automóvel
página de jornais	páginas de jornal
casa de aluguéis	casas de aluguel
escova de dentes	escovas de dente
relógio de pulsos	relógios de pulso
cama de casais	camas de casal
casa de máquinas	casas de máquinas
banco de reservas	bancos de reservas

O adjunto adnominal e expressões como "caixa de fósforos"

Algumas expressões da língua portuguesa são formadas por um substantivo e um *adjunto adnominal*. É fácil identificá-las, pois entre ambos existe a preposição "*de*" unindo os dois elementos. Porém a ortografia dessas expressões obedece a um princípio ditado pelo tipo de substantivo que as compõe.

Quando uma expressão desse tipo tiver um substantivo que expresse coletividade ou mesmo abrigo ou recipiente de um conjunto de seres, o segundo elemento da expressão (adjunto adnominal) deve se apresentar no plural. É uma forma de expressar a existência de uma pluralidade de seres retidos numa idéia que é passível de ser contada. Por exemplo: escreve-se "par de meias", em vez de "par de meia". Dessa forma, estamos exprimindo o fato de "meias" ser um elemento coletivo ou genérico. Apesar disso, podemos contar mais de um "par de meias".

Vejamos outro exemplo:

1. Você sabe onde está a caixa de fósforo?. [Inadequado]

   Você sabe onde está a caixa de fósforos? [Adequado]

Deve-se atentar, ainda, para a formação do plural dessas expressões. Como o adjunto adnominal, na sua forma do singular, já se apresenta pluralizado, o plural da expressão deve ser marcado no substantivo. Assim, temos: "*pares de meias*", "*caixas de fósforos*".

A seguir, alguns exemplos de expressões formadas por substantivo genérico + adjunto adnominal:

CONSTRUÇÃO INADEQUADA	CONSTRUÇÃO ADEQUADA
maço de cigarro	maço de cigarros
carteira de cigarro	carteira de cigarros
porção de bala	porção de balas

Onde x Aonde

Freqüentemente se confunde o emprego correto das palavra *onde* e *aonde*. Embora signifique um preciosismo da gramática tradicional, na língua culta é aconselhável o emprego adequado de cada uma das formas.

A palavra onde, enquanto *advérbio de lugar*, é empregada para indicar o lugar em que ocorre a ação ou o estado verbal. Isso se dá, inclusive, em sentenças interrogativas:

Exemplos:

1. Eu lhe contava onde passei minha infância.

2. Onde você passou a tua infância?

A palavra aonde, enquanto advérbio de lugar, é empregada para indicar o lugar para onde aponta a ação verbal. Desse modo, o *aonde* sempre acompanha um verbo de movimento (ir, levar, entregar e etc.). Da mesma forma que o advérbio *onde*, o *aonde* também se apresenta em sentenças interrogativas:

Exemplos:

1. **Eu vou aonde o trem me levar!**

2. **Aonde o trem pode me levar?**

As palavras *onde* e *aonde* podem exercer a função de *pronome relativo*. O emprego de ambas as palavras deve respeitar essa noção verbal indicada acima. Além disso, deve ser observado o termo da oração ao qual o pronome relativo se refere. Os pronomes *onde/aonde* sempre substituem um termo indicativo de lugar.

Exemplos:

1. **Essa é a piscina onde competi pela primeira vez.**

2. **Ela sabia o lugar aonde você iria mais tarde.**

Meio x Meia

Uma regra prática para empregar corretamente o advérbio meio ou o adjetivo meia é tentar substituir esses termos pelas palavras *mais ou menos* e *metade*, respectivamente. Onde couber a palavra *mais ou menos*, emprega-se o termo meio (advérbio); onde couber a palavra *metade*, emprega-se o termo meia (adjetivo).

Exemplos:

1. **Eles acrescentaram meia porção de frios ao pedido original. [Adjetivo]**

   ...[meia porção = metade de uma porção]

2. **Elas estavam meio preocupadas hoje. [Advérbio]**

   ...[meio preocupadas = mais ou menos preocupadas]

Freqüentemente se confunde o emprego correto da palavra *meio* em sentenças indicativas de período de tempo. Vejamos, então, os exemplos:

1. **São exatamente meio-dia e meio. [Inadequado]**

2. **São exatamente meio-dia e meia. [Adequado]**

Nesse caso a palavra *meio* é empregada como adjetivo nos dois momentos: no primeiro caso está qualificando a palavra *dia* (metade de um dia; dia = substantivo masculino); no segundo caso está qualificando a palavra *hora*, (metade de uma hora = meia hora; hora = substantivo feminino).

Mau x Mal

Freqüentemente se confunde o emprego correto das palavras *mau* e *mal*. Embora na língua escrita haja uma distinção bastante clara entre essas duas palavras, na língua falada a pronúncia delas é a mesma, quando não se consideram certos regionalismos. Assim, costuma-se projetar na língua escrita essa semelhança entre *mau* e *mal*, não se observando, porém, o fato de se tratarem de termos distintos do vocabulário da língua portuguesa.

A palavra mau é um adjetivo. Como tal, flexiona-se em gênero e número (*má*: forma feminina singular; *más*: forma feminina plural; *mau*: forma masculina singular, e *maus*: forma masculina plural). Já a palavra mal é um advérbio. Enquanto advérbio, essa palavra não se flexiona, ou seja, ela possui a mesma forma seja qual for a sua relação com outros termos da oração.

Exemplos:

1. **Eu tinha medo de estar fazendo um mal negócio. [Inadequado]**

   Eu tinha medo de estar fazendo um mau negócio. [Adequado]

2. **Sem dúvida, estávamos sendo muito mau representados! [Inadequado]**

Sem dúvida, estávamos sendo muito mal representados! [Adequado]

Uma regra prática para se empregar corretamente as palavras mau e mal é guardar a distinção dos seus opostos. Opõe-se a mau a palavra bom, e a mal, a palavra bem. Ambas as palavras *bom* e *bem* obedecem aos mesmos princípios dos quais falamos a respeito de mau e mal. Isto é, *bom* é uma palavra variável, pois se trata de um adjetivo. *Bem*, por sua vez, é uma palavra invariável, já que se trata de um advérbio.

Exemplos:

1. Aquele mal cheiro constante já se tornara uma afronta. [Inadequado]

   Aquele mau cheiro constante já se tornara uma afronta. [Adequado]

   ...[mal cheiro > bem cheiro = inaceitável]

   ...[mau cheiro > bom cheiro = aceitável]

2. Sempre que podiam, aquelas senhoras falavam mau dos vizinhos. [Inadequado]

   Sempre que podiam, aquelas senhoras falavam mal dos vizinhos. [adequado]

   ...[falavam mau > falavam bom = inaceitável]

   ...[falavam mal > falavam bem = aceitável]

O grau dos advérbios e os adjetivos particípios

Em orações com adjetivos particípios, ou seja, adjetivos formados a partir da forma do *particípio* do verbo, os advérbios bem e mal são empregados na sua forma analítica. Isso implica dizer que as formas especiais desses advérbios são formadas não pelo acréscimo de sufixos, mas sim pela forma simples do advérbio acrescido do *advérbio de intensidade*: "*mais*" + *bem/mal*.

Exemplos:

1. Aquela rua era melhor iluminada que a rua central da cidade. [Inadequado]

   Aquela rua era mais bem iluminada que a rua central da cidade. [Adequado]

2. Os aparelhos de segurança eram pior fabricados por nós do que por eles. [Inadequado]

   Os aparelhos de segurança eram mais mal fabricados por nós do que por eles. [Adequado]

Em contraste com esse emprego, é obrigatório o uso da forma sintética desses advérbios quando eles estiverem em posição posterior ao adjetivo particípio.

Exemplos:

1. Aquela rua era iluminada mais bem que a rua central da cidade. [Inadequado]

   Aquela rua era iluminada melhor que a rua central da cidade. [Adequado]

2. Os aparelhos de segurança eram fabricados mais mal por nós do que por eles. [Inadequado]

   Os aparelhos de segurança eram fabricados pior por nós do que por eles. [Adequado]

Uso das locuções conjuncionais

As *conjunções subordinativas consecutivas* são empregadas em construções que indicam conseqüência. Essas conjunções se resumem unicamente à palavra *que*. Porém, unidas a uma preposição e um certo grupo de palavras, formam uma *locução conjuncional*, de mesma função que a conjunção simples.

As locuções conjuncionais consecutivas são expressões fixas na língua portuguesa. Isto é, não se deve flexionar o interior das locuções de acordo com o termo que as antecedem.

Exemplos:

1. Eram tantos os ruídos, de maneiras que eu não consegui te ouvir. [Inadequado]

   Eram tantos os ruídos, de maneira que eu não consegui te ouvir. [Adequado]

2. Elas falavam de tais modos que nos sentimos constrangidos! [Inadequado]

   Elas falavam de tal modo que nos sentimos constrangidos! [Adequado]

Em geral, os problemas com esse tipo de construção ocorrem quando se emprega o plural das palavras que estão no interior das locuções. Como se trata de substantivos e esses podem ser pluralizados, é comum aplicar o mesmo princípio quando esses substantivos são utilizados para a construção de uma locução. Deve-se, porém, atentar para o fato de que numa locução conjuncional todos os componentes tornam-se invariáveis, independentemente do contexto em que é inserida.

A seguir, alguns exemplos de locuções conjuncionais:

- *ao passo que*
- *de modo que / de tal modo que*
- *de maneira que / da mesma maneira que*
- *de sorte que / de tal sorte que*

A preposição e o objeto direto

Dentre as características do *verbo transitivo direto* destaca-se a exigência de um complemento não preposicionado (objeto direto).

Salvo algumas exceções (objeto direto preposicionado, por exemplo), a regra geral é que a preposição não deve ser empregada junto a objetos diretos, já que o sentido da expressão (composta pelo verbo + objeto direto) é indicado sem a necessidade de um elemento intermediador - a preposição. O contrário, por exemplo, se dá com o objeto indireto.

Exemplos:

1. O pai ainda tentava encontrar à filha desaparecida. [Inadequado]

   O pai ainda tentava encontrar a filha desaparecida. [Adequado]

   ...[encontrar: verbo transitivo direto]

   ...[a filha: objeto direto]

   ...[a: determinante (artigo definido feminino)]

2. Este remédio abaixa à febre rapidamente. [Inadequado]

   Este remédio abaixa a febre rapidamente. [Adequado]

   ...[abaixar: verbo transitivo direto]

   ...[a febre: objeto direto]

   ...[a: determinante (artigo definido feminino)]

A preposição e o objeto indireto

Dentre as características do objeto indireto destaca-se a presença obrigatória da preposição.

Por ser um complemento do verbo que indica o destinatário da ação verbal, a preposição é o termo que exprime, no interior do objeto, essa relação de destino da ação verbal.

Exemplos:

1. Tu, camarada, arcas a despesa! [Inadequado]

   Tu, camarada, arcas com a despesa! [Adequado]

...[arcas = verbo transitivo indireto]

...[com a despesa = destino da ação verbal = objeto indireto]

2. A funcionária apenas obedecia as ordens do seu chefe. [Inadequado]

   A funcionária apenas obedecia às ordens do seu chefe. [Adequado]

   ...[obedecia = verbo transitivo indireto]

   ...[às ordens = destinatário da ação verbal = objeto indireto]

Em geral, os problemas relacionados ao emprego da preposição no objeto indireto dizem respeito à regência verbal, tal qual se apresenta no exemplo (2), em que se verifica o verbo *obedecer* regendo a preposição *a* (dado o substantivo feminino "ordens", emprega-se a crase).

A preposição e o complemento nominal

Dentre as características do complemento nominal destaca-se a presença obrigatória da preposição.

A preposição tem por função relacionar dois ou mais termos de uma oração. Como o complemento nominal realiza a integração com o nome ou advérbio ao qual está ligado, a preposição torna-se indispensável.

Exemplo:

1. A riqueza raciocínio é sempre presente nos teus trabalhos, Roberta. [Inadequado]

   A riqueza de raciocínio é sempre presente nos teus trabalhos, Roberta. [Adequado]

Em geral, os problemas relativos a esse tema ocorrem com a preposição *"a"*. É importante lembrar: sempre que o complemento nominal tiver como preposição a palavra "a", deve-se observar se é possível empregar a crase, obrigatória nessa posição.

Exemplos:

1. A boa notícia é: você está apto a pesquisa! [Inadequado]

   A boa notícia é: você está apto à pesquisa! [Adequado]

2. Quero lembrar que todos aqui devem obediência a administração geral. [Inadequado]

   Quero lembrar que todos aqui devem obediência à administração geral. [Adequado]

Saiba mais sobre a preposição e o complemento nominal

DEPOIS DO ADVÉRBIO

Casos há em que o advérbio necessita de informações adicionais para que o sentido da expressão seja completo. Assim, o complemento nominal une-se ao advérbio fornecendo esse tipo de informação e, nessa ligação, a presença da preposição é obrigatória.

Exemplos:

1. É dispensável a tua presença, relativamente a prestação de contas da loja. [Inadequado]

   É dispensável a tua presença, relativamente à prestação de contas da loja. [Adequado]

NA VOZ PASSIVA

Os verbos na *voz passiva* apresentam o verbo principal no *particípio*. O particípio também representa uma forma de nome, já que pode ser empregado com valor de adjetivo (ex.: *iluminado*, *autenticado*).

Sempre que o verbo, no particípio, apresentar um complemento que acrescente informações à expressão, este será um complemento nominal e deve vir acompanhado de preposição.

Exemplos:

1. **Esses meninos foram acostumados a desordem. [Inadequado]**

   Esses meninos foram acostumados à desordem. [Adequado]

Uso das locuções prepositivas

Certas construções da língua portuguesa constituem casos em que determinados termos se combinam de tal forma que não é permitida a variação seja qual for o contexto em que estão inseridas. Normalmente, trata-se de *locuções* (conjunto de palavras que formam uma unidade expressiva).

As *locuções prepositivas* são elementos que não variam em *gênero* (feminino ou masculino) e *número* (singular ou plural). São, por isso, expressões fixas na língua portuguesa. A forma fixa dessas locuções, porém, não se resume à variação de gênero e número. No decorrer da história da língua portuguesa, determinadas formas se consagraram. Muitos gramáticos postulam a adequação de uma forma e não outra para a língua escrita. Por isso, o emprego inadequado dessas construções configura-se um problema de linguagem.

Vejamos alguns exemplos freqüentes de uso inadequado de locuções prepositivas:

Exemplos:

1. **A nível de experiência, tudo é válido. [Inadequado]**

   Em nível de experiência, tudo é válido. [Adequado]

2. **Eles estavam em vias de cometer uma loucura. [Inadequado]**

   Eles estavam em via de cometer uma loucura. [Adequado]

A seguir, alguns exemplos de locuções em uso inadequado:

EMPREGO INADEQUADO	EMPREGO ADEQUADO
a nível de	em nível de
à medida em que	na medida em que
ao mesmo tempo que	ao mesmo tempo em que
apesar que	apesar de que
de modo a	de modo que
a longo prazo	em longo prazo
em vias de	em via de
ao ponto de	a ponto de
de vez que	uma vez que / portanto

Note que o uso corrente das inadequações promove substituição ou supressão das preposições que compõem a expressão.

Além disso, é importante ressaltar que, embora estejamos nos referindo apenas às locuções prepositivas, o mesmo princípio pode ser aplicado às *locuções conjuncionais* ou *locuções adverbiais*. Vejamos, por exemplo, um caso em que a inadequação recai sobre uma locução adverbial:

1. **Os amigos, na surdina, combinavam sobre tua festa. [Inadequado]**

   Os amigos, à surdina, combinavam sobre tua festa. [Adequado]

Formas especiais do pronome oblíquo

O pronome oblíquo, quando exerce a função de objeto direto, adquire formas especiais conforme a posição que ocupa na sentença. Isso, porém, só é válido para os pronomes oblíquos de terceira pessoa do singular e do plural.

Quando o pronome oblíquo estiver antes do verbo (próclise, as formas utilizadas são as padrões: *o, a, os, as*.

Quando o pronome oblíquo estiver depois do verbo (ênclise), as formas do pronome variam de acordo com o verbo que acompanham. São duas as terminações verbais que comandam a forma do pronome oblíquo enclítico:

1. verbos terminados em -r, -s ou –z acrescenta-se "-l" antes da forma do pronome (-lo, -la, -los, -las).

Exemplo:

1. **Todos podiam fazer o exercício em casa.**

   Todos podiam fazer-o em casa. [Inadequado]

   Todos podiam fazê-lo em casa. [Adequado]

2. verbos terminados em *ditongo nasal* (-am, -em, -ão e -õe) acrescenta-se "-n" antes da forma do pronome (-no, -na, -nos, -nas).

Exemplo:

1. **Eles tinham aquela criança como filha rebelde.**

   Eles tinham-a como filha rebelde. [Inadequado]

   Eles tinham-na como filha rebelde. [Adequado]

Saiba mais sobre as formas especiais do pronome oblíquo

O pronome oblíquo acrescido de "-l" é também utilizado em construções com o designativo *eis* e os pronomes *nos* e *vos*, já que essas três palavras terminam em –*s* e podem ser acompanhadas de pronome oblíquo posposto.

Exemplos:

1. **Eis o documento aqui!**

   Eis-o aqui! [Inadequado]

   Eis-lo aqui. [Adequado]

2. **O sindicato deu a vós cartilhas como presente.**

   O sindicato deu vos-as como presente. [Inadequado]

   O sindicato vo-las deu como presente. [Adequado]

As formas especiais do pronome oblíquo são fundamentais na construção adequada da *mesóclise* (pronome no interior do verbo). Nesse caso, a terminação do verbo também comandará a forma que o pronome oblíquo deve possuir.

Os pronomes pessoais e algumas preposições

Os pronomes pessoais são classificados na língua portugesa em pronome reto (*eu*, *tu*, *ele*, etc.), pronome oblíquo (*me*, *te*, *lhe*, etc.) e pronome reflexivo (me, nos, se, etc.). O emprego de cada um dos pronomes é determinado pela função que desempenham na sentença. O pronome reto, por exemplo, desempenha função de sujeito, ao passo que o pronome oblíquo exerce a função de objeto (complemento verbal).

Apesar de associarmos o emprego dos pronomes pessoais às funções que eles exercem na oração, certas construções são determinadas pela presença de preposições que antecedem os pronomes. Trata-se de uma convenção da Gramática Tradicional. Porém, o emprego inadequado desses pronomes torna-se um problema de linguagem.

A seguir apresentamos algumas preposições que exigem ora o pronome reto ora o pronome oblíquo como complemento:

1. AFORA, MENOS, EXCETO: emprega-se pronome reto

Exemplo:

1. **Todos trouxeram o almoço de casa, menos mim. [Inadequado]**

   Todos trouxeram o almoço de casa, menos eu. [Adequado]

2. ENTRE: emprega-se pronome oblíquo tônico

Exemplo:

1. **Não há vínculo algum entre eu e ela. [Inadequado]**

   Não há vínculo algum entre mim e ti. [Adequado]

É importante lembrar que as formas plurais dos pronomes oblíquos tônicos são idênticas às formas plurais do pronome reto: *nós*, *vós*, *eles/elas*. Portanto, quando empregado após a preposição "*entre*", deve-se ter claro o fato de que não se trata de uso do pronome reto, mas sim de uso do pronome oblíquo.

Exemplo:

1. **Eu gostaria que houvesse um acordo entre elas.**

3. ATÉ: emprega-se pronome oblíquo tônico, quando expressa *movimento*

Exemplos:

1. **Cláudio levou até ele os documentos que deveria assinar. [Inadequado]**

   Cláudio levou até si os documentos que deveria assinar. [Adequado]

2. **Tragam até eu aquela planilha de custo. [Inadequado]**

   Tragam até mim aquela planilha de custo. [Adequado]

Quando a palavra "*até*" indicar *inclusão*, deve-se empregar o pronome reto. É importante salientar que, nesse tipo de construção, "*até*" não mais funciona como preposição, mas sim como uma palavra denotativa.

Exemplos:

1. **Ninguém gostava daquele doce; até mim que não recusava essas coisas. [Inadequado]**

   Ninguém gostava daquele doce; até eu que não recusava essas coisas. [Adequado]

O sujeito e as contrações

Quando as *contrações* entre pronome e preposição, especialmente aquelas constituídas pelas preposições *de* e *em* seguidas dos pronomes pessoais de terceira pessoa [ele(s), ela(s)], estiverem se referindo não ao pronome em si, mas ao verbo, é obrigatório manter separado cada um dos elementos da contração. Isso se dá, no entanto, somente em *orações subordinadas reduzidas de infinitivo*.

As orações reduzidas não possuem qualquer conectivo (pronome relativo ou conjunção) ligando-as à *oração principal*. Dessa forma, como o pronome da oração reduzida exerce a função de sujeito, deve-se mantê-lo na sua forma simples. As contrações entre pronome e preposição ocupam sempre a posição de *complementos*, nunca a de sujeitos da oração.

Exemplos:

1. **O fato dele trabalhar não muda minha decisão sobre seu futuro. [Inadequado]**

   O fato de ele trabalhar não muda minha decisão sobre seu futuro. [Adequado]

2. **A maneira dele falar impressionava a todos. [Inadequado]**

   A maneira de ele falar impressionava a todos. [Adequado]

Em contraste com esse emprego, temos a contração empregada adequadamente, por exemplo, como complemento nominal:

1. **Esse era o jeito dele. [Complemento Nominal]**
2. **Esse era o jeito de ele ver o mundo. [Sujeito de oração reduzida de infinitivo]**

O sujeito posposto em orações com verbos unipessoais

Embora a Língua Portuguesa se apresente predominantemente pela ordem direta (sujeito + verbo + predicado), é comum encontrarmos alguns termos em posições variadas na oração. É o que se entende por ordem inversa, na qual alguns termos são encontrados em combinação contrária ao esperado (ex.: verbo + sujeito = sujeito posposto).

Nas orações formadas por *verbos unipessoais* geralmente se constrói a oração invertendo-se a ordem entre sujeito e verbo, de onde o verbo passa a ocupar a primeira posição enquanto o sujeito é apresentado posteriormente ao verbo. Trata-se de um recurso estilístico, pois se pretende valorizar a noção expressa pelo verbo.

Os verbos unipessoais sempre se apresentam na terceira pessoa, variando o número (singular/plural) conforme a natureza do sujeito ao qual está ligado. Se o verbo não exigir um sujeito *(oração sem sujeito)*, o verbo unipessoal sempre aparecerá na terceira pessoa do singular.

Se o verbo contar com um sujeito explícito na oração, esse sujeito pode ser posposto e deve manter a concordância com o verbo ao qual está ligado. São exemplos de verbos unipessoais: *bastar*, *faltar*, *restar*, *acontecer* e etc.

Exemplos:

ORAÇÃO COM SUJEITO EXPLÍCITO:

1. **Falta cinco dias para a Copa do Mundo! [Inadequado]**

   Faltam cinco dias para a Copa do Mundo! [Adequado]

ORAÇÃO SEM SUJEITO:

1. **Basta ao trabalho escravo!**

Observe que não foi apontado o uso inadequado da ordem do sujeito e verbo. Isso se dá porque é perfeitamente possível e aceitável a colocação desses termos na ordem direta da oração (ex.: *Cinco dias faltam para a Copa do Mundo*.).

O sujeito posposto em orações reduzidas

Embora a Língua Portuguesa se apresente predominantemente pela ordem direta (sujeito + verbo + predicado), é comum encontrarmos alguns termos em posições variadas na oração. É o que se entende por ordem inversa, na qual alguns termos são encontrados em combinação contrária ao esperado (ex.: verbo + sujeito = sujeito posposto).

Nas *orações subordinadas reduzidas* de infinitivo, particípio ou gerúndio geralmente se constrói a oração invertendo-se a ordem entre sujeito e verbo, de onde o verbo passa a ocupar a primeira posição enquanto o sujeito é apresentado posteriormente ao verbo. Trata-se de um recurso estilístico, pois se pretende valorizar a noção expressa pelo verbo.

As orações reduzidas são de três tipos: *reduzidas de infinitivo* – formadas por verbos no infinitivo pessoal ou impessoal -, *reduzidas de particípio* – formadas por verbos no particípio – e *reduzidas de gerúndio* – formadas por verbos no gerúndio.

Exemplos:

ORAÇÃO REDUZIDA DE INFINITIVO:

1. **É muito difícil acontecer isso.**

ORAÇÃO REDUZIDA DE PARTICÍPIO:

1. **Semeadas as sementes, iniciaremos novo trabalho no sítio.**

ORAÇÃO REDUZIDA DE GERÚNDIO:

1. **Faremos enfim aquela festa, sendo nós os escolhidos para a medalha.**

Observe que em nenhum dos casos foi apontado o uso inadequado da ordem dos sujeito e verbo. Isso se dá porque é perfeitamente possível e aceitável a colocação desses termos na ordem direta da oração (ex.: *É muito difícil isso acontecer*.).

Tempo verbal e o emprego de pronomes

Quando o verbo estiver no futuro do presente do indicativo ou no futuro do pretérito do indicativo, pode-se optar pelo uso da próclise ou da *mesóclise*. Nunca, porém, é permitido o uso da ênclise.

Exemplos:

Próclise

1. **E os sábios diriam-me: "ides sem volta"!. [Inadequado]**

   E os sábios me diriam: "ides sem volta"!. [Adequado]

2. **Eles darão-lhe o primeiro prêmio. [Inadequado]**

   Eles lhe darão o primeiro prêmio. [Adequado]

Mesóclise

1. **E os sábios diriam-me: "ides sem volta"! [Inadequado]**

   E os sábios dir-me-iam: "ides sem volta"! [Adequado]

2. **Eles darão-lhe o primeiro prêmio. [Inadequado]**

   Eles dar-lhe-ão o primeiro prêmio. [Adequado]

O subjuntivo e as orações subordinadas

O subjuntivo é o *modo verbal* que expressa o desejo, a hipótese, a condição, o pedido, a ordem, a proibição, o fato imaginado. Trata-se, portanto, de uma ação inacabada ou que está para se realizar. Por isso, em geral, o modo subjuntivo está presente nos verbos de *orações subordinadas*, já que na *oração principal* será apresentado o fato exato ou o fato real.

Exemplo:

1. **Quando eu voltar, trarei flores para ti.**

   ...[Quando eu voltar: oração subordinada = hipótese/condição; ação por se realizar]

   ...[trarei flores para ti: oração principal = resultado da hipótese; fato preciso]

Dentre as orações subordinadas, a *oração adverbial temporal* e a *oração adverbial condicional* são aquelas que exprimem especialmente as noções do modo subjuntivo. Assim, é obrigatório que os verbos dessas orações sejam construídos no modo subjuntivo.

Exemplos:

1. **Quando ele ver o lugar, saberá do que estou falando. [Inadequado]**

   Quando ele vir o lugar, saberá do que estou falando. [Adequado]

2. **Se eu lhe peço antes, você iria comigo à festa? [Inadequado]**

Se eu lhe pedisse antes, você iria comigo à festa? [Adequado]

O subjuntivo e os verbos modais

O subjuntivo é o *modo verbal* que expressa o desejo, a hipótese, a condição, o pedido, a ordem, a proibição, o fato imaginado. Alguns dos verbos chamados *modais*, exprimem essas noções, mas pedem um complemento para que o sentido da expressão seja completo.

As *orações subordinadas objetivas diretas* são o complemento desses verbos. Quando elas seguem os modais "*querer*", "*pedir*", "*esperar*", "*proibir*" e etc., em geral são introduzidas pelo conectivo "*que*". Nessas orações subordinadas, é obrigatória a construção dos verbos no modo subjuntivo, pois através dele reforça-se a idéia expressada pelo verbo da oração principal.

Exemplos:

1. Peço que se retiram! [Inadequado]

   Peço que se retirem! [Adequado]

   ...[peço: verbo modal/oração principal = expressão de desejo/pedido]

   ...[que se retirem: oração subordinada objetiva direta]

   ...[retirem: modo subjuntivo = expressão de desejo/pedido]

2. Tua família espera que você manda notícias. [Inadequado]

   Tua família espera que você mande notícias. [Adequado]

   ...[espera: verbo modal/oração principal = expressão de desejo]

   ...[que você mande notícias: oração subordinada objetiva direta]

   ...[mande: modo subjuntivo = expressão de desejo]

Os auxiliares e certos verbos abundantes

Os *verbos auxiliares* (ser, estar, ter e haver) são empregados em construções determinadas:

- ser: forma a *voz passiva*
- estar: forma o *aspecto verbal*
- ter e haver: formam *tempos compostos*

Os *verbos abundantes* são aqueles que se apresentam com mais de uma forma, especialmente no *particípio*. Essas duas formas são as chamadas forma regular, em que se verifica a presença dos *sufixos* característicos do particípio (-ado, -ido), e forma reduzida, em que se verifica a ausência de sufixo. Exemplos: *expressar* – *expressado* (forma regular) – *expresso* (forma reduzida).

A escolha de uma das formas do particípio é vinculada ao verbo auxiliar pretendido pelo usuário da Língua. Ou seja:

- auxiliares ser e estar: forma reduzida
- auxiliares ter e haver: forma regular

Exemplos:

1. Nossos vizinhos têm pego encomendas estranhas toda manhã. [Inadequado]

   Nossos vizinhos têm pegado encomendas estranhas toda manhã. [Adequado]

2. Nossos vizinhos foram pegados pela polícia. [Inadequado]

Nossos vizinhos foram pegos pela polícia. [Adequado]

"a" x "há": a noção de tempo

Um dos empregos do verbo *haver* é aquele que aponta para a noção de tempo decorrido. Quando expressa esse sentido, o verbo *haver* torna-se um *verbo impessoal*.

É importante anotar a grafia correta do verbo *haver* na construção de orações com as quais se pretenda expressar essa noção de tempo decorrido. Não raro, confunde-se a grafia da forma verbal *HÁ* com a preposição ou artigo *A*. Emprega-se a preposição *"a"*, em oposição a *"há"*, quando quer-se expressar a noção de tempo futuro. Dessa forma, o *"a"* anuncia um acontecimento vindouro, ao passo que *"há"* remete a um acontecimento passado.

Exemplos:

1. O mensageiro procurava por seu endereço a meses. [Inadequado]

   O mensageiro procurava por seu endereço há meses. [Adequado]

2. Posto de serviços há vinte minutos. [Inadequado]

   Posto de serviços a vinte minutos. [Adequado]

O verbo "haver" e a flexão

Os *verbos impessoais* – aqueles que apresentam *sujeito nulo* na oração – não se flexionam em número e pessoa verbal.

O verbo haver torna-se impessoal quando exprime o sentido de:

- *existir*. Exemplo: Há momentos de solidão necessária.
- *acontecer/ocorrer*. Exemplo: Há inaugurações mensais nessa galeria.
- *fazer* (indicando tempo decorrido). Exemplo: Há *anos ambiciono essa vaga*.

Sempre que o verbo *haver* for empregado com algum dos sentidos apontados acima, não ocorrerá a flexão verbal, já que não existe um sujeito gramatical na oração. Nesse caso, o verbo *haver* deve ser empregado sempre na terceira pessoa do singular.

Exemplos:

1. Haverão surpresas na festa. [Inadequado]

   Haverá surpresas na festa. [Adequado]

2. Houveram brigas durante o carnaval. [Inadequado]

   Houve reclamações junto à secretaria. [Adequado]

3. Hão dias que não te vejo! [Inadequado]

   Há dias que não te vejo! [Adequado]

O verbo "fazer" e a flexão

Os *verbos impessoais* – aqueles que apresentam *sujeito nulo* na oração – não se flexionam em número e pessoa verbal.

O verbo fazer torna-se impessoal quando exprime o sentido de tempo decorrido. Assim, sempre que o verbo *fazer* for empregado com sentido de tempo decorrido, não ocorrerá a flexão verbal, já que não existe um sujeito gramatical na oração. Nesse caso, o verbo *fazer* deve ser empregado sempre na terceira pessoa do singular.

Exemplos:

1. **Fazem dias que você não dorme... [Inadequado]**

   Faz dias que você não dorme... [Adequado]

2. **Fizeram seis meses que o colegiado se reuniu. [Inadequado]**

   Fez seis meses que o colegiado se reuniu. [Adequado]

O particípio e a expressão "haja vista"

Os verbos podem se apresentar nas chamadas *formas nominais*, que são três: *infinitivo*, *gerúndio* e *particípio*. Elas são consideradas nominais, pois, em determinados empregos, exercem a função de um nome. Algumas dessas formas nominais do verbo, tal qual o particípio, podem variar em gênero (masculino e feminino) e número (singular e plural) concordando com o nome ao qual se relaciona.

Na expressão haja vista o verbo "*ver*" está no *particípio*, portanto, na forma nominal. Assim, poderíamos supor que ele devesse variar segundo o gênero e o número do nome ao qual se liga. No entanto, a gramática da língua portuguesa consagrou a construção haja vista, independentemente dos elementos aos quais ela estaria vinculada.

Em uma *locução verbal* da qual faça parte um verbo no particípio (ex.: *tenho esperado*, *está feito*), a forma nominal é fixa: masculino singular. Por um capricho da língua portuguesa, na locução haja vista fixou-se a forma do particípio no feminino singular. Portanto, o emprego

- **do verbo "*haver*" flexionado em número, e**
- **do verbo "*ver*" flexionado em gênero ou número**

na locução haja vista constitui uma inadequação gramatical.

Exemplos:

1. **Os problemas permaneceriam, hajam vistas as dúvidas que encontramos. [Inadequado]**

   Os problemas permaneceriam, haja vista as dúvidas que encontramos. [Adequado]

2. **Hoje sairei daqui mais tarde, haja visto o trabalho que ainda tenho de terminar. [Inadequado]**

   Hoje sairei daqui mais tarde, haja vista o trabalho que ainda tenho de terminar. [Adequado]

A locução haja vista, como se observa nos exemplos acima, é usada como *conjunção subordinativa*. O seu valor equivale ao das locuções conjuncionais "*devido a*", "*por conta de*", "*por causa de*".

As preposições e formas verbais como "foi"

Na língua portuguesa algumas formas verbais são representadas da mesma maneira, embora indiquem tempos diferentes ou mesmo verbos distintos. Nesse sentido, os verbos *ir* e *ser* são freqüentemente alvo de problemas gramaticais devido ao fato de que ambos possuem a mesma forma nos tempos *pretérito perfeito* e *pretérito mais-que-perfeito* do modo *indicativo*. Observe:

Pretérito Perfeito	Pretérito Mais-que-Perfeito
VERBO "*IR*"	VERBO "*IR*"
eu fui	eu fora
tu foste	tu foras
ele foi	ele fora
nós fomos	nós fôramos
vós fostes	vós fôreis
eles foram	eles foram
Pretérito Perfeito	Pretérito Mais-que-Perfeito
VERBO "*SER*"	VERBO "*SER*"
eu fui	eu fora
tu foste	tu foras

ele foi	**ele fora**
nós fomos	**nós fôramos**
vós fostes	**vós fôreis**
eles foram	**eles foram**

Um dos problemas gerado pela forma idêntica desses dois verbos, sobretudo no tempo pretérito perfeito, se refere à regência verbal. Isto é, que tipo de preposição é exigida por cada verbo e em cada acepção que este possua.

As preposições, isoladamente, não possuem qualquer significado, mas expressam algumas noções definidas (espaço, situação, movimento, etc.). Os verbos selecionam uma e outra preposição na relação de regência verbal que estabelecem com elas. Assim, o sentido do verbo é reforçado pela noção expressada pela preposição que o acompanha.

O verbo *ir* com sentido de movimento rege a preposição "*a*" ou "*para*" que reforçam a idéia de deslocamento. Já o verbo *ser* com sentido de acontecer, ocorrer exige a preposição "*em*", expressando o momento *em que* ocorreu a ação. Quando a construção do enunciado envolver qualquer desses dois verbos no pretérito perfeito ou mais-que-perfeito, deve-se, portanto, atentar para o emprego adequado das preposições regidas por eles, respeitando o sentido do verbo que está sendo utilizado.

Exemplos:

1. **Eu não fui em baile algum! [Inadequado]**

   Eu não fui a baile algum! [Adequado]

   Eu não fui para baile algum! [Adequado]

   ...[verbo ir com sentido de *movimento*]

1. **O sorteio dos prêmios foi a 28 de setembro. [Inadequado]**

   O sorteio dos prêmios foi em 28 de setembro. [Adequado]

   ...[verbo ser com sentido de *acontecer*]

É importante lembrar, ainda, que:

- **a preposição "*em*" pode se contrair com os artigos (*a*, *as*, *o*, *os*, *um*, *uns*, *uma*, *umas*). Mesmo na forma contraída, ela só deve ser empregada junto ao verbo ir com sentido de "*ocorrer*". Exemplo:**

  Aquela tranqüilidade foi só nas férias!

- **verbo ir com sentido de movimento seguido de palavra feminina determinada exige que a preposição "*a*" seja acentuada (crase). Exemplo:**

  Sem oportunidade de escolha, todos fomos à inauguração do departamento.

As locuções verbais e o uso das preposições

***Locuções* são grupos de palavras que, unidas, formam uma unidade com um sentido próprio. Na língua portuguesa há vários tipos de locução: *locução verbal*, *locução adverbial*, *locução prepositiva*, etc.**

Uma *locução verbal* se compõe de dois ou mais verbos (ex.: *tenho estado fazendo*). Na locução verbal composta de dois verbos, o primeiro deles é considerado um *verbo auxiliar* (*ser*, *estar*, *ter* e *haver*) ou *modal* (*poder*, *querer*, *precisar*, *dever*, etc.). O segundo verbo da locução é considerado o *verbo principal*. Independentemente do tipo, porém, é sempre o primeiro verbo da locução o responsável pela flexão (de número, tempo, modo e aspecto). O segundo verbo da locução apresenta-se sempre no infinitivo, no gerúndio ou no particípio.

As preposições são exigidas pela relação de *regência* que se estabelece entre elas e o verbo. Numa locução verbal, é o segundo verbo que rege a preposição. Portanto, mesmo se o primeiro verbo da locução reger uma preposição, ela deve ser abandonada nesse tipo de construção.

Exemplos:

1. Se ela precisar de viajar, não vou me opor. [Inadequado]

   Se ela precisar viajar, não vou me opor. [Adequado]

2. Ele deve de ser inteligente. [Inadequado]

   Ele deve ser inteligente. [Adequado]

É importante, no entanto, atentar para duas particularidades:

- os *verbos transitivos indiretos* (aqueles que exigem complemento preposicionado) podem apresentar como complemento um verbo no infinitivo. Nesse caso, não se trata de uma locução verbal, já que o primeiro verbo não é um auxiliar ou modal. Portanto, o emprego da preposição é obrigatório. Exemplo:

1. Cecília gosta de trabalhar no shopping.

   ...[*gostar*: verbo transitivo indireto = rege a preposição "*de*"]

- verbo "*ter*" com sentido de "*precisar*", "*ser obrigado*", "*ser necessário*" é acompanhado pela preposição "de". Como se trata de uma restrição semântica, o emprego da preposição é obrigatório, mesmo se o complemento deste verbo for um verbo no infinitivo. Do mesmo modo que os verbos transitivos indiretos, não se trata aqui de uma locução verbal. Exemplo:

1. Ele tem de cumprir a sua promessa.

   ...[*ter*: verbo preposicionado = é acompanhado pela preposição "*de*"]

Uso de Parônimos

Parônimos são palavras de sentido diferente e forma semelhante, que provocam, com alguma freqüência, confusão. A lista das formas parônimas do português é extensa. Abaixo alguns exemplos:

1. "ovos estalados" (que sofreram estalo) -> "ovos estrelados" (em forma de estrela)
2. "afim de" (semelhante a) -> "a fim de" (para)
3. "deferir" (aprovar) -> "diferir" (adiar)
4. "descrição" (ato de descrever) -> "discrição" (qualidade de discreto)
5. "espinho" (órgão das plantas) -> "espinha" (osso de peixe)
6. "emigrar" (migrar de) -> "imigrar" (migrar para)
7. "a cerca de" (a respeito de) -> "cerca de" (aproximadamente)
8. "listada" (incluída em uma lista) -> "listrada" (com listras)
9. "germinada" (que germinou) -> "geminada" (duplicada)
10. "súbita honra" (honra repentina) -> "subida honra" (alta honra)

Vejamos a seguir alguns desses casos:

- OVOS "ESTALADOS"

O uso corrente dessa expressão costuma colocar a palavra "estalado" no lugar da palavra "estrelado". A forma adequada - ovo(s) estrelado(s) - irá surtir o efeito que se queria produzir: situação do ovo que é frito (e não mexido) em que este se assemelha a uma estrela - o centro da estrela (a gema) e a irradiação da sua luz (a clara).

Exemplos:

1. Por favor, eu quero ovos estalados para o café da manhã! [Inadequado]

   Por favor, eu quero ovos estrelados para o café da manhã! [Adequado]

- "ESPINHO" DE PEIXE

Nessa expressão, a língua falada consagrou ao peixe uma propriedade que não lhe é própria: a de ter espinhos. Diferente das flores, como a rosa, que sabidamente possui espinhos, o peixe possui espinha, proveniente da sua espinha dorsal, na qualidade de animal vertebrado que é. A expressão adequada, portanto, é espinha de peixe.

Exemplos:

1. **No prato só restaram os espinhos de peixe... [Inadequado]**

   No prato só restaram as espinhas de peixe... [Adequado]

- MAL E "PORCAMENTE"

Nessa expressão estão combinadas duas palavras de sentido negativo. É natural, portanto, que o falante, inadvertido, empregue de maneira equivocada a palavra "porcamente" para reforçar o atributo negativo já expresso por "mal". Porém a palavra adequada nessa expressão é "parcamente", um advérbio que vem do adjetivo "parca", significando "escasso", "simples", "reduzido". Vê-se que, na correta acepção da expressão, o sentido pejorativo desaparece quase que totalmente, sendo reduzido a "algo que se faz de forma errada e muito simples".

Exemplos:

1. **Mariana escreveu mal e porcamente sua redação sobre as férias. [Inadequado]**

   Mariana escreveu mal e parcamente sua redação sobre as férias. [Adequado]

Uso do Clichê

Clichês são frases que se banalizaram pela repetição excessiva, transformando-se em um tipo de estereótipo que merece ser evitado. A lista de clichês e chavões nos textos em língua portuguesa é extensa. Abaixo alguns exemplos.

1. **Fechar com chave de ouro**
2. **Ao apagar das luzes**
3. **Bater em retirada**
4. **Cair como uma luva**
5. **Chegar a um denominador comum**
6. **Colocar um ponto final na discussão**

Uso de Arcaísmos

Há, na língua portuguesa, várias expressões e construções sintáticas que, embora comuns no passado, deixaram de participar da norma atual. Essas expressões - por comprometerem a clareza e atribuírem, ao texto, um tom excessivamente precioso - devem ser evitadas, sempre que possível.A lista de expressões arcaicas é extensa. Abaixo alguns exemplos:

FORMA ARCAICA	FORMA ATUAL
Alcaide	Prefeito
Nosocômio	Hospital
Outrossim	Também
Hum	Um
Cincoenta	Cinqüenta

Uso de Estrangeirismos

A palavra estrangeira deve ser evitada sempre que já existir, em língua portuguesa, expressão equivalente.

Exemplo:

whisky -> uísque

cognac -> conhaque

karatê -> caratê

tarot -> tarô

poker -> pôquer

menu -> cardápio

gentleman -> cavalheiro

lady -> senhora

FONTE: http://www.nilc.icmc.usp.br/minigramatica/mini/usodeestrangeirismos.htm

Material Complementar

Sumário

Capítulo 1 1
Capítulo 2 5
Capítulo 3 10
Capítulo 4 17
Capítulo 6 23
Capítulo 7 27
Capítulo 8 31
Capítulo 9 36
Capítulo 10 40
Capítulo 11 42
Capítulo 12 53
Capítulo 13 65
Capítulo 14 72
Capítulo 15 75
Capítulo 16 81
Capítulo 19 82
Capítulo 20 88
Capítulo 21 93
Capítulo 22 99
Capítulo 23 103
Capítulo 24 109
Capítulo 26 113
Capítulo 27 116
Capítulo 28 126
Capítulo 29 135
Capítulo 30 143
Capítulo 31 147
Capítulo 32 151

Capítulo 33 154
Capítulo 34 157
Capítulo 35 163
Capítulo 36 171
Capítulo 37 183

Material Complementar

Capítulo 1

Gabarito

1 – A. A palavra *transoceânico* apresenta o prefixo **trans –** seguido de vogal. Segundo a regra, separamos a última consoante do prefixo que se une à vogal seguinte. Logo, a separação correta é *tran-so-ce-â-ni-co*. Lembre-se disto: toda sílaba apresenta apenas uma vogal.

2 – D. A única palavra que apresenta a letra X com som de Z, como em exame, é exequível. Esta palavra, de acordo com a nova ortografia, perdeu o trema.

3 – B. Partindo do princípio de que toda sílaba tem uma vogal, o falante intuitivamente consegue separar as sílabas de uma palavra desde que ela seja pronunciada pausadamente. No entanto, há algumas regras para a separação adequada. Na palavra *expressão*, o dígrafo SS se separa. Na palavra *língua*, o ditongo UA não se separa. Por fim, na palavra *fora*, há duas sílabas, pois há duas vogais.

4 – A. A única palavra que é paroxítona, mas não apresenta o mesmo número de sílabas é *gratuito* (trissílaba). As demais são polissílabas. Esta questão é aparentemente fácil, mas a *brincadeira* está em suscitar dúvida no candidato a respeito da pronúncia adequada, ou seja, é *GRA-TUI-TO* ou *GRA-TU-I-TO*? Se fosse a segunda opção, não haveria resposta, mas a pronúncia adequada, sem silabada (deslocamento da sílaba tônica), é *GRA-TUI-TO*, como *IN-TUI-TO*, *FOR-TUI-TO* etc. Cuidado com a palavra *silencio* (verbo), que é diferente de *silêncio* (substantivo). Esta é considerada comumente como trissílaba (*si-lên-cio*), mas aquela é polissílaba (*si-len-ci-o*).

5 – B. Olha aí! Eu não avisei? Cuidado! Na palavra *cinquentão*, o "homem da banca" diz que há dois encontros consonantais, tentando lhe dar uma *pernada*! A pegadinha é fazer você errar por pensar que há encontro consonantal em *ciNQueNTão*. Não obstante, conforme eu já havia alertado, não confunda encontro consonantal com

dígrafo vocálico. Este N não é uma consoante, mas sim uma marca de nasalização (como um ~) que nasaliza a vogal anterior, formando um dígrafo vocálico.

6 – A. Quase você marcou a letra D, não foi? O problema é que a palavra *pretenCioso* não existe! O que existe é *pretenSioso*, que vem de *pretenSão*. Bem, a opção A (*seriíssimo*) é a correta. De fato, a antepenúltima sílaba é tônica (palavra proparoxítona), apresenta um hiato (*se-rI-Ís-si-mo*) e um dígrafo (*seriíSSimo*).

7 – C. Há dígrafos consonantais e vocálicos. Ambos são constituídos de duas letras que representam apenas um fonema. Logo, isso ocorre em *baiRRo* e *maraviLHosa* (dígrafos consonantais).

8 – B. Há dígrafos consonantais em *naSCer* e *eXCeto*.

9 – C. A palavra *RorAIma* é trissílaba e apresenta um ditongo decrescente (V+SV), logo a separação correta dela é *Ro-rai-ma*.

10 – A. Em *desperdí**c**io* e *desperdi**ç**amos*, tanto a letra C como Ç têm som de SS. No entanto, em ***j**úbilo* e ***g**argalo*, a letra J e G não têm o mesmo som; a letra G só tem som de J quando seguida de E ou I. Em *produ**ç**ão* e *do**s**es*, o Ç tem som distinto de S, que neste caso tem som de Z. Em ***r**eservamos* e *bu**r**ocracia*, o primeiro R tem som de RR, o segundo R não. Em *e**xc**essos* e ***x**ampu*, o dígrafo XC tem som de SS e o X tem som de CH.

11 – B. O encontro consonantal CÇ é separável, portanto a separação de *convicção* está correta. A separação de *abstrato* está errada, pois quando há um grupo de consoantes no meio da palavra, separamos entre a última e a penúltima; isso só não ocorre nesta palavra, pois o encontro TR é perfeito, portanto inseparável; daí que separamos entre a antepenúltima e a penúltima consoante: *abs-tra-to*. Em *transparência*, o prefixo seguido de consoante não é separável: *trans-pa-rên-cia* (separação comum, como paroxítona) ou *trans-pa-rên-ci-a* (separação rara, como proparoxítona). Por fim, em *nascimento*, a separação está correta, pois separa-se o dígrafo SC.

12 – INCORRETA. A palavra *adjacentes* se separa assim: *ad-ja-cen-tes*. Isso ocorre porque o prefixo AD, seguido de consoante, não se separa, como em *ad-je-ti-vo*.

13 – C. Em *abri*, há encontro de consoantes (BR). Em *olhos*, há dígrafo consonantal (LH). Em *quantidade*, há ditongo crescente (SV+V). Em *deparei*, há ditongo decrescente (V+SV). Em *entreabri*, há hiato (V—V).

14 – D. Em *meus*, há ditongo decrescente (V+SV). Em *piavam*, há hiato (V—V). Em *pai*, há ditongo decrescente (V+SV).

15 – ERRADO. O som do X em *encaixar, engraxar* e *luxo* equivale a CH, mas em *asfixia* o X tem som de KS.

16 – CERTO. Em *testosterona*, o encontro consonantal é imperfeito, por isso se separa. Em *neurologista*, o ditongo não se separa, e o encontro consonantal imperfeito se separa. Em *pudéssemos*, o dígrafo consonantal (SS) se separa. Em *saberíamos*, as vogais que formam o hiato obviamente se separam.

17 – C. A palavra *Rosinha* tem três vogais, logo tem três sílabas: *Ro-si-nha*. Lembre-se de que o dígrafo NH é inseparável.

18 – C. Há 6 letras e 4 fonemas em *guerra*, pois há dois dígrafos (duas letras = um fonema): GU e RR.

19 – D. Olha aí o "homem da banca" querendo enganar o desavisado (que não é você, espero!). Na palavra *discussões*, o SC não é um dígrafo consonantal, pois tanto S como C são pronunciados. É diferente de *miSCigenação*, dígrafo de fato. Note que em *discussões* o S tem som de S e o C tem som de K. Cuidado, hein!

20 – D. Em *Senhor*, há um dígrafo consonantal: NH. Simples assim.

21 – C. Em *Paraíso*, há um hiato: A-Í. Dava para errar?

22 – B. Palavras proparoxítonas são aquelas que apresentam a antepenúltima sílaba tônica: *PÚblicas, pedaGÓgico, FÍsica*.

23 – A. Há apenas um encontro vocálico na palavra *Relatórios*, um ditongo crescente oral. Caso você tenha visto um hiato na palavra, não há problema, pois muitos gramáticos entendem que se pode interpretar palavras desse tipo como proparoxítonas eventuais ou acidentais, terminando em hiato: *Re-la-tó-ri-os*. No entanto, a análise comum é encarar tais palavras como paroxítonas terminadas em ditongo: *Re-la-**tó**-rios*.

24 – C. Na palavra *barriga*, as letras RR constituem um dígrafo, ou seja, duas letras escritas em sequência, representando um único som (fonema).

25 – A. Um ditongo oral crescente é a união de uma semivogal (SV) seguida de uma vogal (V) na mesma sílaba, sem o sinal gráfico til (~) ou qualquer outra marca de nasalização (**m** ou **n**). Por isso, a palavra água corresponde à informação anterior, uma vez que UA é um encontro vocálico que apresenta uma SV + V na mesma sílaba (á-g***ua***). Foi?

26 – E. Separam-se os encontros consonantais imperfeitos, principalmente no meio das palavras, por isso *plástico* deve ser separado silabicamente assim: *plás-ti-co*. Já *contribuir* é separado pela regra de separação dos hiatos (vogal separada de vogal): *con-tri-bu-ir*. A palavra *avaliar* segue a mesma regra de *contribuir*, daí o erro em sua separação.

27 – B. Na palavra *horrores*, as letras RR constituem um dígrafo, ou seja, duas letras escritas em sequência, representando um único som (fonema).

28 – E. A palavra *trás* apresenta o encontro de duas consoantes (tr); *pequeno*, um dígrafo (qu); *mulherzinha*, dois dígrafos (lh e nh). Tranquilo, não?

29 – D. A palavra *consuMISmo* é tão paroxítona quanto *TÊnis*, pois ambas apresentam a penúltima sílaba tônica.

30 – E. A palavra *Saúde* é trissílaba, pois apresenta três vogais: *SA-Ú-DE*.

31 – B. Em *enigma*, há um encontro consonantal imperfeito, por isso separável (*e-ni**g**-**m**a*). Em *prorrogar*, há um dígrafo consonantal separável (RR): *pro**r**-**r**o-gar*. Em *canário*, há um ditongo crescente (inseparável, é claro, a não ser que se queira interpretar a palavra como uma proparoxítona terminada em hiato; isso não é o comum, entretanto): *ca-ná-r**io***. Em *incontestável*, separa-se o encontro consonantal imperfeito: *in-con-te**s-t**á-vel*. Em *europeia* (sem acento de acordo com a nova reforma ortográfica), separa-se o ditongo do falso hiato: *eu-ro-p**ei-a*** (nesta palavra não há um tritongo, pois este é formado por SV+V+SV, o que não é o caso de *europeia*, que termina em V+SV+V). Em *iguais*, sim, há tritongo: *i-g**uai**s*.

32 – Primeira afirmação: **CORRETA**. Há no primeiro balãozinho hiato (*especi-**a**l*) e encontro consonantal (*e**sp**ecial*). Segunda afirmação: **INCORRETA**. Em *colé**gio*** e *obrigató**rio***, há ditongos crescentes orais (SV+V), e não decrescentes orais (V+SV).

33 – B. Todas as letras são contadas como fonemas, exceto o "n", que nasaliza o encontro vocálico anterior (= uã).

34 – B. Possui dígrafo (SS) e hiato (O-A). É uma paroxítona, pois a penúltima sílaba é tônica. É trissílaba, pois apresenta três vogais (*pes-so-a*).

35 – D. O encontro vocálico "ua", em "quatro", é ditongo oral crescente, pois apresenta SV + V.

Capítulo 2

Gabarito

1 – D. Adaptei esta questão de 2005 para que você conheça um pouco mais sobre uso do hífen consoante a nova reforma ortográfica, beleza? Vamos lá! Em *extraoficial*, o prefixo terminado em vogal (extra) diante de vogal diferente (oficial) se une sem hífen. Em *antessala, contrassenso, ultrarrealismo e contrarregra*, o prefixo terminado em vogal (ante, contra, ultra e contra) se une a uma palavra iniciada por R ou S (sala, senso, realismo, regra), de modo que o R e o S se duplicam. Levando em conta tudo isso, as palavras *extraoficial, antessala, contrassenso, ultrarrealismo, contrarregra* se encontram corretamente grafadas.

2 – E. Bastante interessante esta questão, pois são trabalhados os conhecimentos de concordância do sujeito composto deslocado e acentuação gráfica do verbo *vir*, o qual, na 3ª pessoa do plural, recebe acento circunflexo (o mesmo ocorre com o verbo *ter*). A regra de concordância do sujeito composto diz o seguinte: quando o sujeito composto vier posposto ao verbo, este pode concordar com o núcleo mais próximo do sujeito. Sendo assim, se retirássemos o acento circunflexo da forma "vêm" (na 3ª pessoa do plural, usa-se tal acento), não haveria erro, pois o verbo poderia ficar no singular concordando com o núcleo mais próximo (compreensão).

3 – CERTO. Todas as palavras recebem acento gráfico obrigatório por serem proparoxítonas.

4 – CERTO. As formas verbais *pode* (presente do indicativo) e *pôde* (pretérito perfeito do indicativo) se opõem pelo uso do acento circunflexo diferencial. Isso não mudou na nova reforma ortográfica.

5 – INCORRETA. É preciso haver esta correção ortográfica: "Nenhuma distância dilui o afeto, pelo contrário: o reconhecimento da amada longeva avizinha-a (de vizinho, vizinhança) de nós, fá-la mais próxima que nunca." Como o capítulo trata de Acentuação Gráfica, vamos a ela: o ***fá*** (de fá-la) é acentuado por se tratar de monossílaba tônica terminada em **-a**. Lembra-se de que devemos ignorar o pronome oblíquo átono (-la)?

6 – B. O Novo Acordo Ortográfico (assinado em 2009) retirou o acento agudo dos ditongos abertos **ei** e **oi** das palavras paroxítonas: espermatozoide, epopeia, apoio (não confunda com apoio,— substantivo), colmeia (existe a forma variante "colmeia" (com timbre fechado e sem acento), joia e assembleia. Vale lembrar, por exemplo, que as palavras "destróier e Méier" permanecem acentuadas por se enquadrarem na regra das paroxítonas terminadas em **-r**. Ainda: o acento agudo permanece nos ditongos abertos

das palavras oxítonas e monossílabas (mói, céu, constrói, troféu). Segundo as novas regras ortográficas, não se usa mais o acento circunflexo nos vocábulos terminados em **-oo** e **-eem** (abençoo, enjoo, eles veem, eles entreveem). Por fim, a nova reforma retirou o trema das palavras que apresentam os grupos **-gue**, **-gui**, **-que**, **-qui**, com U pronunciado (linguiça, tranquilo, aguentar, linguística, bilíngue) — entretanto, ele permanece em nomes de origem estrangeira (e derivados): Hübner, hübneriano, Müller, mülleriano. Nos acentos diferenciais, houve certas mudanças: *polo* não tem mais acento. Na regra dos hiatos I e U após ditongo decrescente (vogal + semivogal), em que eram acentuados com acento agudo, houve mudança: *feiúra* > ***feiura*** (forma atual). Por essas razões, ficamos com "epopeia – voo – tranquilo – constrói".

7 – ERRADO. O verbo *ter* deveria ficar com acento circunflexo (têm), uma vez que está na 3ª pessoa do plural. Lembrou-se da regra dos verbos *vir* e *ter* na 3ª pessoa do plural? Basta ver o núcleo do sujeito: "Todas as línguas indígenas em terras brasileiras". Logo, o trecho deveria ser reescrito para se adequar à norma culta escrita: "Todas as línguas indígenas em terras brasileiras **têm** menos de 40 mil falantes...". Tranquilinha, não?

8 – INCORRETA. O verbo derivado de ter (obter) está acentuado por ser oxítona terminada em **-em**; até aí nada de mais. Porém, meu nobre, lembra-se das regras de "vir" e "ter"? Na 3ª pessoa do plural, *vir*, *ter* e seus derivados recebem acento circunflexo, logo, deveria ser *obtêm*, concordando com o sujeito "os consumidores". Cuidado!

9 – INCORRETA. A forma verbal com o pronome oblíquo "exclui-lo" deveria ter sido acentuada, pois a vogal **i** forma um hiato com a vogal **u**, logo... regra do hiato, meu nobre. Assim deveria estar: *ex-clu-*Í*-lo*.

10 – Ambas **INCORRETAS**. Na primeira frase, o verbo deveria ser *constr*ói*-se* (regra dos ditongos abertos éi, éu, **ói**). Na segunda frase, a palavra *patrimônio* deveria ter acento, pois é uma paroxítona terminada em ditongo crescente. Moleza.

11 – Ambas **INCORRETAS**. Na primeira frase, "O espaço era exiguo (escreve-se ***exíguo*** por se tratar de uma paroxítona terminada em ditongo crescente), à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear (***granjear***, pois vem de *granja*) a simpatia do padre inflingindo-lhe (***infligindo***, pois vem de *infligir*) pratos que excitavam sua gula". Na segunda frase, o certo é ***ojeriza***, e em *ferí-lo* há um erro de acentuação, pois somente as oxítonas terminadas em -a(s), -e(s), -o(s), -em(ens) recebem acento; por isso, deveria ser tão somente ***feri-lo***.

12 – Ambas **INCORRETAS**. Na primeira frase, deveria haver esta correção ortográfica: "É o caso de se por (pôr; o verbo ainda leva acento diferencial) em discussão se

ele realmente crê na veracidade dos dados". Na segunda frase, deveria haver estas correções ortográficas: "Enquanto construimos (*constru-í-mos*; regra do hiato) esta ala, eles constroem a reservada aos aparelhos de rejuvenecimento (*rejuvenescimento*; vem de *rejuvenescer*)".

13 – A. Na letra A, as palavras são obrigatoriamente acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente. Na letra B, as duas primeiras palavras (*elétrica* e *hidráulica*) são proparoxítonas (e todas as proparoxítonas são acentuadas); já a última (*responsáveis*) é paroxítona terminada em ditongo decrescente. Na letra C, as duas primeiras (*sérios* e *potência*) são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente; já a última (*após*) é oxítona terminada em **-o(s)**. Na letra D, a primeira (*Goiás*) é acentuada por ser oxítona terminada em **-a(s)**, a segunda (já) é acentuada por ser monossílaba tônica terminada em **-a**, a terceira (*vários*) é acentuada por ser paroxítona terminada em ditongo crescente. Na letra E, as duas primeiras palavras (*solidária* e área) são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente; a última (*após*) é acentuada por ser oxítona terminada em **-o(s)**.

14 – E. Na letra A, o vocábulo *que* é tônico em fim de frase (assim como o *quê* da expressão *por quê*), portanto deveria ser acentuado (***quê***), afinal, monossílabos tônicos terminados em **-a(s), -e(s), -o(s)** são acentuados. A frase deveria estar escrita assim: "Ele se esqueceu de ***quê***?". Na letra B, *ruím* está escrito erradamente, pois é uma palavra oxítona, ou seja, apresenta a última sílaba tônica. E, segundo a regra das oxítonas, só são acentuadas as que terminam em **-a(s), -e(s), -o(s), -em(ens)**. Ainda: caso você pensasse na regra dos hiatos, ou seja, aquela regra que diz que o **i** e o **u**, seguidos ou não de **s** na mesma sílaba, são acentuados quando formam hiatos, a palavra *ruím* estaria mesmo assim errada, pois o **i** é seguido de letra diferente de **s** (*ru-**im***), logo não cabe o acento agudo de jeito nenhum. Em *distribui-lo*, a regra do hiato tinha de ser levada em conta; note a separação silábica: *dis-tri-bu-Í-lo*. Na letra C, a palavra *devessemos* deveria receber acento, pois é uma proparoxítona (antepenúltima sílaba tônica). Todas as proparoxítonas são acentuadas! Na letra D, a regra do hiato foi mal aplicada, pois *juiz* não leva acento, uma vez que após o **i** se segue a letra **z**, e não **s**. Portanto, *juiz* nunca é acentuado! Na letra E, a expressão "por que" não é acentuada, pois equivale a "por que razão/motivo". Só seria acentuada se fosse antes de pontuação ou em fim de frase: Você vai? Por ***quê***? Não queira saber por ***quê***.

15 – E. Na letra A, o verbo *ter* está na 3ª pessoa do plural, por isso recebe acento circunflexo. Na letra B, a regra do hiato se aplica: *ru-Í-nas*. Na letra C, o verbo derivado de *vir, provir*, recebe acento agudo devido à regra das oxítonas terminadas em **-em** (*provém*). Se estivesse no plural, seria *provêm*. Na letra D, a regra dos ditongos abertos se aplica: *lençóis*. Só não se usa mais esse acento em palavras paroxítonas (exceto em

Méier e *destróier*, que seguem a regra das paroxítonas terminadas em **-r**). Na letra E, paroxítona terminada em **-ens** não é acentuada! Por isso o certo é ***itens***, sem acento.

16 – D. Usa-se ***vê***, pois o verbo está na 3ª pessoa do singular, concordando com o núcleo do sujeito "chefe". Se o núcleo do sujeito estivesse no plural, aí escreveríamos (de acordo com a nova ortografia) como está na letra B: ***veem*** (sem acento agora!). Olha aí mais uma questãozinha de nova ortografia!

17 – CERTO. As palavras ***têxtil*** *(**têx**-til)* e ***pênsil*** *(**pên**-sil)* são paroxítonas terminadas em **-l**, por isso o acento é obrigatório. Se forem ao plural, continuarão sendo acentuadas obrigatoriamente, pois serão terminadas em ditongo, seguido de desinência de plural **-s**: ***têx-teis*** *e* ***pên-seis***. Talvez esta questão gerasse certa dificuldade envolvendo a forma plural de *pênsil*. Mas saiba que os substantivos oxítonos terminados em **-il** recebem um **-s** no lugar do **-l**; os substantivos paroxítonos terminados em **-il** recebem a terminação **-eis** no lugar de **-il**. Ou seja, *barril > barris; fóssil > fósseis*. Safo? As palavras *obsolescência (ob-so-les-**cên**-cia)* e *ciência (ci-**ên**-cia)* são paroxítonas terminadas em ditongo crescente. Logo, são obrigatoriamente acentuadas. Tanto em *déspotas (**dés**-po-tas)* como em *déspota*, o acento é obrigatório, pois a palavra é proparoxítona (antepenúltima sílaba tônica); independente de estar ou não no plural, nada muda quanto ao uso do acento neste caso.

18 – ERRADO. As palavras não são acentuadas pela mesma regra: *ônibus (**ô**-ni-bus)* é proparoxítona. Todas as proparoxítonas são acentuadas sempre! Já *invioláveis* é paroxítona terminada em ditongo decrescente *(in-vi-o-**lá**-veis)*. O **-s** é só uma desinência de plural.

19 – CERTO. Ambas as palavras são proparoxítonas (*a-na-**lí**-ti-ca* e *te-**rí**-a-mos*), logo são obrigatoriamente acentuadas!

20 – ERRADO. O vocábulo *países (pa-í-ses)* é acentuado pela regra do hiato. Já o vocábulo áreas *(á-reas)* é acentuado pela regra das paroxítonas terminadas em ditongo.

21 – CERTO. Ambas as palavras são obrigatoriamente acentuadas por serem proparoxítonas!

22 – ERRADO. Os primeiros vocábulos (*es-pé-cies/di-fí-ceis*) são acentuados por serem paroxítonos terminados em ditongo crescente. Já a palavra *históricas* é acentuada por ser proparoxítona.

23 – INCORRETA. As palavras *ninguém*, *pé*, *você* **não** são acentuadas pela mesma razão, porque a primeira é oxítona terminada em **-em**; a segunda é um monossílabo tônico terminado em **-e**; a terceira, uma oxítona terminada em **-e**.

24 – INCORRETA. As palavras *ponderará*, *informática* e *possuía* **não** são acentuadas pela mesma razão. A primeira é oxítona terminada em **a**, e a segunda é proparoxítona (todas são acentuadas), e a última é acentuada pela regra dos hiatos (**i** e **u**), seguidos ou não de **s**.

25 – D. Esta é uma aula de uso do hífen, segundo a nova ortografia. Em todas as afirmações, o hífen deve ser utilizado, exceto em palavras formadas por prefixo terminado em vogal quando o segundo elemento começa por **r** ou **s**, como diz a letra D. Exemplo: antirrugas, infrassom.

26 – D. As palavras *heróico, onomatopéico e platéia* tinham acento por apresentarem ditongos abertos, mas a nova reforma ortográfica aboliu o acento agudo nos ditongos abertos de palavras paroxítonas, logo o certo agora é: *heroico, onomatopeico, plateia.*

27 – CORRETA. Olha aí a questão fresquinha de paroxítona terminada em ditongo crescente, que pode ser uma proparoxítona eventual ou relativa! Ou seja, *pa-ci-ên--cia* (paroxítona terminada em ditongo crescente) ou *pa-ci-ên-ci-a* (proparoxítona eventual ou relativa).

28 – A. A palavra *substituído* é acentuada pela regra dos hiatos (*subs-ti-tu-*Í*-do*), diferentemente das demais, que são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente (polícia, jurisprudência, saqueável).

29 – E. A palavra *armazém* é acentuada por ser oxítona terminada em **-em**. A palavra órgão é acentuada por ser paroxítona terminada em ditongo decrescente **-ão(s)**. A palavra *caráter* é acentuada por ser paroxítona terminada em **-r**. Eu não queria comentar, mas meus dedos coçam... sentiu a maldade na palavra *magoa*. Ela pode ou não ser acentuada: ***má**goa* (substantivo) e *ma**go**a* (verbo).

30 – INCORRETA. Não se usa mais (segundo a nova ortografia) o acento agudo no **u** tônico das formas (tu) *arguis*, (ele) *argui*, (eles) *arguem*, do presente do indicativo do verbo *arguir*. Nunca se usou, além disso, acento agudo ou trema em *argúo*. O certo é: *eu* **arguo**, *tu* **arguis**, *ele* **argui**, *nós* **arguimos**, *vós* **arguis**, *eles* **arguem**.

31 – INCORRETA. Faltou à frase um acento agudo na forma verbal *mantém*, oxítona terminada em **-em**. Só de curiosidade: como o verbo *manter* é derivado do verbo *ter*, no plural a forma seria: *mantêm*. Ok?

32 – INCORRETA. O verbo ***vir*** está no singular e concorda com o núcleo do sujeito "uma" (uma das quais), por isso não pode vir acentuado pelo acento circunflexo. Os verbos ***vir*** e ***ter*** só recebem acento circunflexo se estiverem na 3ª pessoa do plural. Deveria ser assim: "... ***uma*** das quais... ***vem*** merecendo...".

33 – E. Se o prefixo estiver terminado em vogal seguida de palavra iniciada por **s**, o **s** duplica. Logo, antissemita é a forma correta!

34 – CERTO. São todas paroxítonas terminadas em ditongo crescente, por isso o acento.

35 – ERRADO. A primeira palavra é paroxítona terminada em ditongo decrescente nasal e a segunda é proparoxítona, logo não seguem a mesma regra de acentuação.

36 – CERTO. Todas são oxítonas terminadas em **a**, logo são obrigatoriamente acentuadas: comunicá-las, ensiná-las, comandá-las.

37 – E. Todas as palavras são acentuadas pela regra dos hiatos tônicos (**i** e **u**).

38 – A. A pronúncia correta é *misTER*, oxítona, que significa normalmente incumbência ou necessidade. As demais são paroxítonas, como a *VAro: filanTROpo, graTUIto, maquinaRIa, iBEro.*

39 – A. A palavra *por* é uma preposição e a palavra *pôr* é um verbo. Eis o papel do acento diferencial.

40 – E. De acordo com a nova regra dos ditongos abertos, *ideia* não mais tem acento.

41 – D. *Angústia* (substantivo), *angustia* (flexão do verbo angustiar); *crítica* (substantivo), *critica* (flexão do verbo criticar); *análise* (substantivo), *analise* (flexão do verbo analisar); *escritório* (substantivo). Não existe *escritorio*, do verbo *escritoriar*, porque esse verbo não existe! Questão bonitinha!

Capítulo 3

Gabarito

1 – B. Há incorreção na letra A, pois "infringir" é cometer infração e "infligir" (este, sim, está certo no contexto) significa aplicar uma pena. Na letra C, está incorreta a escrita da palavra "homogeinizar" (homogêneo + izar), deveria ser homogene**i**zar (Lembra-se do I após o 'e' em palavras terminadas em 'eo'?). Na letra D, "iminente"

é prestes a acontecer e 'eminente' (este, sim, está certo) significa superior, elevado, importante. Na letra E, 'aferir' é medir e 'auferir' (esta, sim, é a forma certa) equivale a obter (lucro).

2 – A. O vocábulo "perspassa" não existe, mas sua proximidade na forma com "perspicácia e perspectiva" faz o candidato cometer um equívoco. O certo é ***perpassa***. Esse é o único erro de grafia no texto. Em "simultaneidade", há uma derivação de "simultâneo", em que a letra **I** aparece no lugar da letra **O** antes do sufixo **-dade**. Perfeito! Sobre "espectador", você talvez tenha ficado na dúvida com o homônimo homófono "expectador", não? Segundo o Manual da PUC-RS: "Espectador – o que observa um ato" e "Expectador – o que tem expectativa". Logo está certo!

3 – D. Em A, **avareza** (avaro + eza). Em B, **aprazível** (mesmo radical que prazer). Em C, escreve-se **razão**. Em E, **cafezal** (café + z + al).

4 – B. A: catequese. C: analisar. D: deleitoso. E: catálise.

5 – B. A: manteigueira. C: meritíssimo. D: intitulado. E: beneficente.

6 – ERRADO. O verbo **viger** está conjugado errado. Houve um erro em sua grafia. No pretérito perfeito do indicativo, esse verbo é conjugado assim: eu vigi, tu vigeste, ele **vigeu**, nós vigemos, vós vigestes, eles vigeram. Portanto, o texto deveria ser reescrito com a forma *vigeu* em vez de *vigiu*.

7 – B. Escrevemos com **S** os verbos terminados em **-isar**, quando a palavra primitiva já possuir **S** no radical: ParaliSia = Parali**S**ar.

8 – CERTO. Os vocábulos *imundície, imundice* e *imundícia* são formas variantes.

9 – E. Na letra A, deveria haver estas correções ortográficas: "Intervensões (Intervenções) governamentais massiças (maciças) e até agora sem precedentes não conseguiram conter os impactos da crise financeira em diversos países.". Não confunda precedente (anteceder) com procedente (origem). Na letra B, deveria haver estas correções ortográficas: "A permanência e a gravidade dos desdobramentos da crise financeira deicham (Nossa! Essa foi forte! Preciso dizer que se escreve DEIXAM?) dúvidas e originam expeculações (especulações) em todo o mundo.". Na letra C, deveria haver estas correções ortográficas: "A ganância por lucros cada vez maiores fez com que os riscos dos investimentos crecessem (cre**sc**essem, que vem de cre**sc**er) esponencialmente (e**x**ponencialmente, que vem de e**x**ponencial) no mercado financeiro.". Na letra D, deveria haver estas correções ortográficas: "A excessiva circulação

de instrumentos financeiros imbutia (embutia) imenço (imenso) potencial de perigos redundando, como se viu, em enormes prejuízos.".

10 – D. Observe: "O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto." Se *descriminar* (daí *descriminado*) significa "considerar ou declarar inocente; tirar a culpa; absolver; inocentar", ***indescriminado*** só pode ser o oposto. Mas este sentido não cabe no contexto. O certo seria "O desmatamento indiscriminado...", ou seja, "sem controle, sem ordem, sem critério etc.; descontrolado, desordenado, desregrado etc.". A palavra *estenso* não existe, mas sim ***extenso***.

11 – E. Na letra A, deve ser ***conteve***, e não *conteu*, porque a conjugação do verbo *conter* (derivado do verbo ter) neste caso (pretérito perfeito do indicativo) é assim: eu contive, tu contiveste, ele **conteve**, nós contivemos, vós contivestes, eles contiveram. Na letra B, não é *esmoresciam*, mas ***esmoreciam***, derivado de esmorecer. Na letra C, *prEvilegiasse* é dose! É prIvilégio, prI, ***prIvilegiasse***. Safo? Uma letrinha pode acabar com a vida de uma pessoa. Na letra D, é ***titubEaram***, e não *titubiaram*, porque a palavra correta vem de ti-tu-b**e**-ar.

12 – A. Algumas pessoas pronunciam a palavra ***prazeroso*** assim: *prazeiroso*. Isso acaba influenciando sua escrita. Cuidado! Veja as formas corretas agora. Em B: abstenÇão. Em C: aviZinha. Em D: excluI. Em E: obCecados e goZosa.

13 – B. Vejamos: impreSCindíveis (vem de preSCindir), obseSSão (vem de obSED(I)AR), deserÇão (vem de deserTAR, deserTOR), baliZadores (vem de baliZa).

14 – INCORRETA. O verbo ***construir*** termina em **-uir**, logo, na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, se escreve com a letra **I**, e não com **E** (***constroe*** está errado). Portanto, o certo é: "Constrói-se o espaço...". Não se esqueça também do acento agudo, seguindo a regra dos ditongos abertos (éi, éu, ói, em palavras não paroxítonas).

15 – CERTO. As expressões "Império Romano" e "Revolução Francesa" são escritas com letra maiúscula, pois, respectivamente, referem-se a **instituições (acadêmicas ou não), períodos notáveis, acontecimentos (históricos ou não)**. Já "Cristianismo" pode ser escrito também com minúscula (cristianismo). **Nos nomes de leis, decretos, atos ou diplomas oficiais, a letra maiúscula deve ser usada, por isso está correta a escrita de** "Lei nº 8.888/1998".

16 – A. Atente para as seguintes palavras da letra A (decore-as): ***reminiscências, esdrúxulas, exorbitava***. Sobre ***iguaizinhas***, talvez você tenha ficado em dúvida. Estou

errado? Bem, a palavra está correta mesmo, porque o plural diminutivo de uma palavra é feito assim: igual > iguais > iguai + (z)inhas > iguaizinhas. *Voilà*! Na letra B, "O espaço era exíguo (escreve-se ***exíguo*** por se tratar de uma paroxítona terminada em ditongo crescente), à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear (***granjear***, pois vem de *granja*) a simpatia do padre inflingindo-lhe (***infligindo***, pois vem de *infligir*) pratos que excitavam sua gula.". Na letra C, o certo é ***descansar***, de *descanso*. Na letra D, atenção para a palavra ***presunção*** (e não presunsão) e ***lisonjeiro*** mesmo (e não *lisongeiro* como alguns, infelizmente, escrevem). Na letra E, sobre ***ojeriza*** já falamos. Cuidado com ela! Em *ferí-lo* há um erro de acentuação, pois somente as oxítonas terminadas em -a, -e, -o, -em (e seus plurais) recebem acento; por isso, deveria ser tão somente *feri-lo*.

17 – A. Na letra B, deveria haver estas correções ortográficas: "A escursão (excursão) prometida não ocorreu, pois o número de interessados foi excessivo; mas até isso colaborou para o explendor (esplendor) da viagem, pois o desconto oferecido surpreendeu.". Na letra C, deveria haver estas correções ortográficas: "Casualmente encontraram-se no saguão; ela parecia advinhar (adivinhar) o que ele tinha a lhe dizer, por isso não lhe deu oportunidade de ser posta em cheque (xeque).". Na letra D, deveria haver estas correções ortográficas: "Considerou ultrage (ultraje (Lembra a banda?)) o comentário adivindo (advindo) do seu sucessor, mas, para preservar-se, abdicou de dar-lhe resposta à altura.". Na letra E, deveria haver estas correções ortográficas: "Com a dispensa (despensa; estas palavras são parônimas) abarrotada de produtos nobres, não exitou (hesitou) um minuto ao negar um jantar aos participantes do programa de inclusão social.".

18 – D. As palavras "assacinar", "almentar", "esibido" e "alcanse" não estão de acordo com a ortografia oficial. Segundo o VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa), encontrado no *site* da ABL (Academia Brasileira de Letras), as palavras devem ser grafadas assim: "assassinar", "aumentar", "exibido" e "alcance". Consulte bons dicionários, como Houaiss, Aulete e Aurélio.

19 – E. *Beneficiente* não existe, mas sim ***beneficente***. As demais alternativas apresentam as seguintes incorreções (a forma correta vem ao lado de cada uma): *sensasão/**sensação**; despezas/**despesas**; advinhou/**adivinhou**; impecilhos/**empecilhos***.

20 – D. Na letra A, algumas formas dos verbos terminados em **air**, **oer**, **uir**: *atrai (de atrair), dói (de doer), influi (influir), **possui** (de possuir)...* mantêm a letra I na sua conjugação. Portanto, ***possue*** é um erro! Na letra B, as formas corretas são ***advento*** e ***imensa***. Memória visual. Na letra C, as formas corretas são ***escassez*** (substantivo abstrato derivado do adjetivo *escasso*) e ***o porquê*** (vou explicar essa expressão no próximo

capítulo). Na letra E, as formas corretas são ***descomunal*** e ***consolidação***. Essas duas palavras até se explicam pelas regras ortográficas: a palavra *descomunal* significa fora do comum, o que não é comum, portanto usa-se o prefixo **des**, que carrega o sentido de oposição, ausência; ok? Agora, em *consolidação*, que significa ato de consolidar, o sufixo ção é responsável por "transformar" um verbo (consolidar) em substantivo abstrato (consolidação). Moleza!

21 – E. A palavra *ascenção* não existe, mas sim ***ascensão***. Derivado do verbo ascender, que tem **-nd** no radical, a palavra se escreve com ***-s***. Já ia me esquecendo da palavra ***expressivo***; bem, o S entre vogais tem som de **Z**, portanto é preciso um outro **S** (daí o duplo **S — SS**) para que, na escrita, o som da palavra lida corresponda ao som correto (na fala).

22 – C. Talvez a única palavra que provocasse dúvidas em você seria ***estresse***, que vem do inglês *stress* (com dois *esses*) e se manteve na escrita portuguesa, com leve alteração. Tenho certeza de que você acertou essa. Bem, na letra A, as palavras corretas são ***carboidratos*** e ***nível***. Esta última se acentua porque é paroxítona terminada em **l**. Na letra B, ***concentraÇão*** vem de *concentrar*. Na letra D, há uma regra do dígrafo SS que diz que, em verbos terminados em **primir, meter, mitir, cutir, ceder, gredir**... usa-se o **SS**: ***excesso*** (ex***ceder)***, ***impressão*** (de im***primir)***, ***depressão*** (de de***primir)***... E ***nocivo*** é escrito com **C** por causa da etimologia (origem da palavra), vem desde o latim com **C**. Na letra E, a palavra ***toxinas*** **não é acentuada por se tratar de uma paroxítona terminada em -a(s)**. E há aquele famoso caso do ***mal/mau***. Segue a regra: a forma "mal" pode ser um substantivo, um advérbio (antônimo de 'bem') ou uma conjunção subordinativa temporal (equivalendo a 'logo que', 'assim que'). "Mau" pode ser um substantivo ou um adjetivo (equivalendo a 'bom'). Logo deve ser "mal".

23 – A. Talvez você ficasse em dúvida na palavra ***viajem***, pois também existe a palavra ***viagem***. São palavras homônimas homófonas, ou seja, apresentam grafia diferente, mas som igual. A palavra ***viagem*** é um substantivo (Fiz uma viagem longa.). Já a palavra ***viajem*** é um verbo na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo. Sobre ***excesso*** (de exceder) eu já falei, e você já está escaldado. Vale lembrar, porém, que ***exceção*** é com Ç. Na letra B, há duas palavras erradas: ***deslises*** e ***cheque***. As formas corretas, no contexto, são ***deslizes*** e ***xeque***. Existe a palavra *cheque*, mas não cabe neste contexto; já a palavra *xeque* é adequada, pois significa "situação que representa ameaça ou perigo; risco". Acho que vale a pena dizer, de novo, algo a respeito de *espontaneidade* e da palavra *cortês:* nas palavras terminadas em EO (espontâneo), acrescenta-se a vogal I e depois um sufixo (-dade): espontâneo > espontane**i**dade; em cortês, usa-se o *S* e não Z porque se trata de um adjetivo. Na letra C, *descançar* é escrito com S, ***descansar***, *descanso, descansado*... A palavra ***frondoza*** é escrita com S, também desde o latim. As

demais palavras estão corretas! Ah!, decore a palavra **ojeriza**, que não é hojeriza, nem hogeriza, nem hogerisa, nem ogeriza, nem ogerisa, nem ojerisa. Na letra D, não é *influe*, mas ***influi***, de verbos terminados em ***-uir***. Sobre *impecilho*, só tenho a dizer que tal palavra não existe, mas sim ***empecilho***, que é aquilo que empece, e vem de empecer, empeço etc. Na letra E, há algumas palavras interessantes e que são recorrentes em questões de ortografia em variadas provas de concurso público e militar; corrigi apenas as que estão seguidas das palavras corretas entre parênteses: "O diretor exitou (hesitou) ao aprovar a retenção (!) dessa alta quantia, mas não quiz (quis) ser taxado (cuidado com o parônimo tachado) de conivente na concessão (!) de privilégios (!) ilegítimos.". As seguidas de ! são interessantes, pois normalmente são escritas assim (para enrolar o candidato): *retensão, tachado* (esta forma está sempre em um contexto de depreciação; taxado nem sempre), *conceção* e *previlégios*.

24 – ERRADO. O erro está na forma verbal "basea-se"; deveria ser "baseia-se", com **I**. Isso ocorre porque os verbos terminados em **-ear** e **-iar** têm uma forma peculiar de grafia no momento em que são conjugados, como já vimos na teoria.

25 – ERRADO. A palavra "encalso" não existe; a grafia correta é "encalço", com ç; derivado regressivo de *encalçar*. Daí o uso do Ç.

26 – A. Os verbos terminados em **-ear** (recear, passear, nomear, sapatear e frear) recebem a letra **I** depois da letra **E** só na 1ª pessoa do singular, na 2ª pessoa do singular e na 3ª pessoa do singular e plural (no presente do indicativo e no presente do subjuntivo). Exemplo de conjugação no presente do indicativo e do subjuntivo do verbo nomear: **Eu nomeIo, Tu nomeIas, ele nomeIa, nós nomeamos, vós nomeais, eles nomeIam/Que eu nomeIe, tu nomeIes, ele nomeIe, nós nomeemos, vós nomeeis, eles nomeIem**. Como o verbo da letra A está na 3ª pessoa do plural do imperativo negativo, que é a cópia do presente do subjuntivo, recebe a letra **I** depois da letra **E**: **receiem**. Note que o verbo da B está no pretérito perfeito, por isso não recebe a letra **I**! Note que em C faltou a letra **I**, pois o verbo está na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo. Note que na D, faltou a letra **I**, pois o verbo está na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo. Por fim, faltou o **I**, pois o verbo está na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo.

27 – A. A regra é clara: nos substantivos derivados de verbo com **-mitir** no radical, usa-se -ss em sua formação. Daí que **admitir** > **admissão**. Corrigindo as demais: *distensão* (pois vem de distender, que tem **-nd** no radical); *discussão* (pois vem de discutir, que tem -cutir no radical); *exceção* (pois vem de exceto, que tem *-to* no radical); *extensão* (pois vem de estender, que tem -nd no radical).

28 – C. Veja as palavras escritas corretamente. Em A: intemperança. Em B: manusear e dispensa. Em D: disenteria. Em E: discricionário.

29 – C. Veja as palavras escritas corretamente. Em A: ***incidência*** (de incidir, incidente). Em B: ***beneficentes***. Em D: ***achincalhar*** e ***maledicência***. Em E: ***Viajem*** (verbo).

30 – E. Segundo a regra de ortografia da letra **Z**, o sufixo **izar** é usado quando não há **S** no radical das palavras. Portanto, "hospital + izar = hospitalizar", "civil + izar = civilizar" e "humano + izar = humanizar".

31 – C. **Despõem** e **Empacto?** Só pode ser brincadeira! O "homem da banca" pediu para você não errar a questão! O verbo *dIspor* se conjuga na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo, assim: "Poucos estudiosos se **dIspõem**...". Preciso explicar por que **Empacto** está errado? Até o Google me corrige: "Você quis dizer: ***impacto***".

32 – CERTO. Comentário correto e autoexplicativo.

33 – ERRADO. *Percentual* poderia ser reescrito como *porcentual*, pois é uma palavra com dupla grafia. O sentido é o mesmo. Já *percentil* significa "cada um dos cem grupos em que se dividam os resultados de observação de uma variável, ordenados por ordem crescente; o grupo mais baixo será o primeiro percentil e, assim, sucessivamente".

34 – D. A palavra *defasagem* se escreve com S, assim como *defasar*.

35 – D. Seguindo as regras de Ç, temos: em palavras com ***to*** no radical: *projeto > projeção;* em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-tar/-tor** (principalmente!): *produtor > produção, redutor> redução;* fique atento a palavras derivadas de verbos dos quais se retira a desinência **r** e coloca-se o sufixo **ção**: *desacelerar > desaceleração*. No caso dos verbos da letra d), segue-se a regra de palavras terminadas em **-tor**: *obstrutor > obstrução; interventor > intervenção; condutor > condução*. Sobre as demais: a) admissão, agressão, intuição; b) discussão, emissão, aferição; c) inquirição, impressão, perseguição; e) redução, omissão, extinção. Consulte as regras!

36 – D.Vejamos uma por uma: a) À mínima contrariedade, **exacerbava**-se de tal maneira que seus excessos verbais eram já conhecidos de todos. b) A **espontaneidade** com que se referiu ao local como "**empesteado**" fez que todo o auditório explodisse em risos. c) Quanto à infraestrutura, será necessário **reconstruí**-la (regra do hiato: re-cons-tru-Í-la) em prazo curto, mas sem que haja qualquer tipo de **displicência**. e) A obra faraônica será uma **excrescência** naquela paisagem bucólica, mas ninguém teve êxito em convencer os responsáveis da necessidade de revisão do projeto.

37 – A. Corrigindo os erros das letras B, C, D e E: bele**z**a, deslizou, **hes**itar e preten**s**ões. Cuidado com a forma "ESTRUPAR", inexistente na língua. Dói até de falar.

Capítulo 4

Gabarito

1 – E. Em A, a ideia é de finalidade e não de causa. Em B, não há um paradoxo, pois não há sequer uma ideia de oposição, ou seja, "muitos centros" não se opõe a "pouco dinheiro". Em C, a expressão sublinhada tem valor pejorativo, já a expressão em negrito não. Em D, a expressão sublinhada está ligada a uma ideia positiva; a expressão em negrito, não. (Se fosse "ao encontro de", aí sim estaria correta a substituição.) Portanto, o gabarito é a letra E, afinal, "em tese" e "como conceito" são expressões sinônimas. Outra expressão sinônima de "em tese" seria "em princípio". Cuidado para não confundir com "a princípio", que significa "inicialmente". Foi?

2 – B. ***Mandato*** significa tempo de serviço prestado em prol do povo, logo não poderia ser ***mandaDo***, que significa ordem/incumbência para cumprir determinado propósito. São palavras parecidas na pronúncia e na grafia, logo são palavras parônimas. Lembrou?

3 – O primeiro grupo está **CORRETO**. Observe que o verbo ***haver*** indicando tempo decorrido foi substituído por ***faz***. Por isso está perfeita a reescritura. O segundo grupo está **INCORRETO**. Houve um problema no uso de ***a cerca de*** (é usada para indicar distância aproximada ou tempo futuro aproximado), mas, no contexto, o certo é usar ***há cerca de***, que indica tempo passado/decorrido aproximado. A reescritura deveria ser esta, portanto: "No Brasil, a nacionalidade e a literatura formaram um 'sistema' interessantíssimo, que **HÁ cerca de** (tempo decorrido aproximado) trezentos anos desenvolve-se.".

4 – A. Mal = bem; mau = bom. Na maioria das vezes, ok? Veja: "II. Não há nenhum mau (bom?) na utilização do Caixa 2. Os recursos não contabilizados não são um mau (bom?), porque todos os políticos o utilizam./III. É mau ('bom' cabe aqui) apenas lamentar a atitude dos políticos. O povo poderá puni-los com o voto nas eleições que se aproximam. Nesse momento, como diz o ditado popular, eles estarão em mal (bem?) lençóis." Vejamos a resposta: em I: "O mau ('bom' cabe aqui) julgamento político de suas ações não preocupa os deputados corruptos. Para eles, o mal ('bem' cabe aqui) está na mídia impressa ou televisiva.".

5 – CORRETA. Quero ressaltar algumas palavras e expressões para você decorar: "Quando se considera a par do tema, ajuíza sem medo, mas, ao se compreender insipiente, pára tudo e pede aos especialistas que o catequizem no assunto para não passar por néscio". Não confunda o homônimo homófono ***insipiente*** (ignorante) com ***incipiente*** (principiante). Não confunda ***a par de*** (ciente de) com ***ao par de*** (pareado economicamente). Sobre ***pára***, retirou-se o acento na nova ortografia.

6 – INCORRETA. Esta alternativa testava seu conhecimento deste fato da língua culta: *de encontro a* **x** *ao encontro de*. A primeira expressão tem carga semântica negativa, por isso não cabe no contexto. A segunda tem carga semântica positiva, por isso cabe perfeitamente no contexto. Veja a correção plena: "É *prazerosa* a experiência de quem formula propósitos e promove ações que vão **ao encontro *deles***". Percebe que o contexto é todo positivo? Agora, só de curiosidade, na língua culta, não se usa "o mesmo(a/s)" (pronome demonstrativo) para retomar palavras anteriores. Só se usa tal expressão quando equivale a "mesma coisa". Exemplo: *Ele disse para eu ficar quieto, o mesmo serve para você.*

7 – CERTO. Levando em conta que "porque" pode ser substituído por "pois", a substituição procede perfeitamente. *Algumas pessoas têm mais dinheiro do que outras pois sabem como aumentar sua riqueza.*

8 – D. Denotação: significado básico, objetivo, literal de uma palavra. Conotação: significado secundário, subjetivo, figurado de uma palavra. Na letra A, automóvel não pode ter religião (conotação). Na letra B, o mercado não pertence a mitologia alguma (conotação). Na letra C, a região sul não recebe ninguém de braços abertos, pois não tem braços (conotação). Na letra D, não há linguagem conotativa alguma, pois as palavras têm sentido real. Na letra E, cardápio (?) ambiental não tem fome nem passa fome, ora (conotação). Esta foi fácil, não é?

9 – CORRETA. É impossível que a ANS opere numa corda bamba, li-te-ral-men-te, pois a ANS é uma instituição e não uma pessoa; logo, há conotação (sentido figurado), conferindo um tom de informalidade ao texto. Isso porque na linguagem informal, usamos muitas conotações.

10 – CORRETA. "Acusar" pode ter vários sentidos, a depender do contexto. Quando um lutador leva um golpe e sente este golpe, o que o narrador da luta diz? "Fulano acusou o golpe!" Neste mesmo sentido, "as finanças públicas estão sofrendo pressão, devido a isso elas *apontam, indicam, revelam, mostram, evidenciam* 'deficits' muito elevados".

11 – A. Levando em conta o que são parônimos e o quadro de parônimos já apresentado lá atrás, só poderíamos marcar a letra A, pois ***descrição*** e ***discrição*** são palavras próximas na pronúncia e na grafia (sentidos diferentes). Na B, as palavras são iguais na pronúncia e na grafia, logo não são parônimas. Na C, estamos diante de palavras homônimas homógrafas, ou seja, palavras diferentes na pronúncia, mas iguais na grafia (e diferentes no sentido). A palavra ***sede*** (é) significa "localização central de uma instituição, empresa, firma etc."; já ***sede*** (ê) significa "apetite, necessidade, vontade de beber". Na D, as palavras são iguais na pronúncia e na grafia, logo não são parônimas. Na E, estamos diante de homônimos perfeitos, ou seja, vocábulos iguais na pronúncia e na grafia (sentidos diferentes e, normalmente, classes gramaticais diferentes). ***Feridos*** no primeiro caso é um substantivo; no segundo, um adjetivo.

12 – D. Não deixe as palavras parônimas derrubarem você! Observe: "O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.". Se *descriminar* (daí *descriminado*) significa "considerar ou declarar inocente; tirar a culpa; absolver; inocentar", ***indescriminado*** só pode ser o oposto. Mas este sentido não cabe no contexto. O certo seria "O desmatamento indiscriminado...", ou seja, "sem controle, sem ordem, sem critério etc.; descontrolado, desordenado, desregrado etc.". A palavra *estenso* não existe, mas sim ***extenso***.

13 – B. De novo! Palavras parônimas são as que se parecem na grafia e na pronúncia, mas têm sentidos diferentes, logo cabe dizer que *tráfego* (movimentação, fluxo de carros, por exemplo) e *tráfico* (comércio ilícito) são parônimas por esse motivo.

14 – C. O primeiro ***porquê*** é junto e acentuado pois é um substantivo acompanhado de determinante (artigo, pronome, numeral ou adjetivo). O segundo deveria ser separado e sem acento, pois equivale a "pelas quais". O terceiro está certo por estar separado e acentuado, visto que finaliza o período e não vem acompanhado de determinante. O quarto está certo, pois equivale a "pela qual".

15 – CERTO. Esta questão tratava de mais um fato da língua culta. A expressão "ao invés de" é usada com formas antônimas na frase em que aparece, equivalendo a "ao contrário de/em oposição a"; já "em vez de" equivale a "no lugar de". Portanto, nesse contexto, como não há ideia de oposição, a substituição de "no lugar de" por "em vez de" está correta.

16 – ERRADO. No caso, a simples substituição já seria suficiente: "Finalmente estou bem das pernas."; se usamos **bem**, o certo é substituir por **mal**, com L. Curiosidade:

quando a palavra **mal** está ligada à ideia de doença, como **mal** de Parkinson, **mal** de Alzheimer, escreve-se com L.

17 – E. Esta questão trata de parônimos. Flagrante (exato instante) não é o mesmo que fragrante (aroma, cheiro bom). Portanto deveria ser "A fragrância do perfume...". Reveja o quadro de parônimos.

18 – A. A expressão **por que** pode ser substituída por "por qual razão/a razão pela qual". A palavra **porque**, conjunção explicativa ou causal, pode ser substituída por *pois, visto que, já que, uma vez que...* Sendo assim, com as substituições adequadas, teríamos a seguinte reescrita: *Eis a razão pela qual o espectador não se sente em casa em parte alguma, visto que o espetáculo está em toda parte.*

19 – D. Usa-se **a fim de** (separado), pois é uma locução prepositiva que indica finalidade, equivalendo semanticamente a expressões como *para que, a fim de que, com a finalidade de...* Portanto, o trecho deveria ser reescrito: "... Reforça, isso sim, a necessidade de aperfeiçoar instituições, **a fim de** (4) preservar a funcionalidade dos mercados e a concorrência...".

20 – D. Na letra A, o certo seria **iminente** (prestes a ocorrer); na letra B, o certo seria **ascender** (elevar-se); na C, **discrimina** (divide, organiza); na E, **diferir** (diferenciar). Na letra D, a palavra *espectativa* até existe (registrada no VOLP), mas é arcaica. Hoje se usa **expectativa** apenas. Questão de homônimos e parônimos. Dê uma lida nisso de novo!

21 – D. Em "O seu primeiro erro se deu quando tentou ajudar um amigo em apuros.", o verbo **dar**(-se) significa *ocorrer*; veja a reescritura: "O seu primeiro erro ocorreu quando tentou ajudar um amigo em apuros.". Questão de sinonímia.

22 – E. Em todas as demais opções, o "até" é sinônimo de "inclusive". Em E, indica direção, movimento.

23 – E. **Destacar-se** significa **diferenciar-se**, estar em relevo em relação a outros seres, portanto a substituição de *diferenciados* por *destacados* é plenamente cabível!

24 – C. **Congruência** significa "Identidade ou cor-res-pon-dên-cia entre as características de duas ou mais coisas.". Preciso dizer mais alguma coisa?

25 – B. Em "Alguns constrangimentos porque venho passando me obrigam a considerar outras opções.", o uso do "porque" está equivocado, pois no contexto, poderíamos substituí-lo por "pelos quais", o que nos leva à seguinte redação: "Alguns

constrangimentos **por que (pelos quais)** venho passando me obrigam a considerar outras opções.". Separado e sem acento, hein!

26 – D. Usa-se **senão** quando puder ser substituído por "do contrário"; sempre vem em uma oração ou contexto que não indique hipótese. Usa-se **acerca de** quando equivaler a *sobre*, indicando assunto. Por fim, usa-se **a fim de que**, locução conjuntiva, para indicar finalidade.

27 – E. **Aeronave** é todo e qualquer veículo de navegação aérea (hiperônimo; sentido abrangente) e **jatinho** é uma espécie de aeronave, logo tem o sentido mais específico (hipônimo).

28 – ERRADO. A expressão "por que" não pode ser substituída por "porque" uma vez que a primeira equivale a "pela qual", o que tão somente cabe ao contexto apresentado. Veja: "Daí a razão **pela qual**, segundo o filósofo...". Safo? Na segunda ocorrência, deve-se usar tão somente "porque" visto que equivale a "pois", tendo valor causal ou explicativo.

29 – E. Mera questão de sinonímia, ou seja, uso de palavras/expressões/frases diferentes com sentidos semelhantes. "Empenhar-se" e "dedicar-se com afinco" têm o mesmo sentido, portanto são expressões sinônimas; "na procura" e "à busca" também apresentam o mesmo sentido, logo a resposta só pode ser a letra E. Agora as incorretas. Sobre a letra A: prodigiosa = extraordinária, fenomenal, real, e não ilusória. Sobre a B: regalar = sentir grande prazer; empanturrar = encher-se. Sobre a C: singular = única, uniforme; variegado = diferente, variado. Sobre a D: indigitar = mostrar, designar.

30 – C. Em A, as palavras *iminente* e *eminente* são **parônimas**, ou seja, apresentam semelhança na escrita e na pronúncia, mas o sentido é diferente. Em B, as palavras *edifício* e *prédio* são **sinônimas**, ou seja, apresentam diferença na forma, mas semelhança no sentido. Em C, o gabarito, a palavra *manga* em ambas as frases, assim como *coral*, são **homônimas perfeitas**, ou seja, apresentam igualdade na escrita e na pronúncia, mas diferença no sentido. Em D, *figo* e *fruta* estabelecem entre si uma relação de **homonímia** e **hiperonímia**, em que *figo*, que é uma fruta, tem um sentido mais específico, enquanto *fruta* tem um sentido mais abrangente. Por fim, em E, as palavras *sala* e *escola* pertencem ao mesmo **campo semântico**, ou seja, pertencem ao mesmo grupo de palavras que partilham de um mesmo "universo" semântico, isto é, quando pensamos em *escola*, *sala* é um dos seus componentes, certo?

31 – E. Ambos os sentidos do verbo tocar (no enunciado e na opção E) são de sensibilizar, impressionar. Em A, o sentido é de tanger (fazer música, som). Em B, o sentido é de soar. Em C, o sentido é de iniciar. Em D, o sentido é de encostar.

32 – A. Usa-se **mau** quando se opõe a *bom* e usa-se **mal** quando se opõe a *bem*, normalmente. Portanto, na expressão *mau-humorado*, substitua por *bom-humorado*. Existe tal palavra? Não! Agora ***bem**-humorado* existe, não é? Sim! Logo, escreve-se ***mal**-humorado*. Em B, a forma **por que** (= pela qual) está certa. Em C, **aonde** é forma certa, pois o verbo *chegar* após *aonde* exige a preposição A, logo, A + ONDE = AONDE. Em D, **senão** (= exceto, a não ser) está certo. Em E, **acerca de** (= sobre) está certo.

33 – B. A expressão "objetivo... *Comum, vírgula*" significa que todos tinham o mesmo objetivo comum, geral; iam trabalhar, mas dessa vez seria diferente, pois o contexto permitiu que todos faturassem devido ao evento da baleia encalhada. Logo, "Geral, mas nem tanto." é uma expressão sinonímica que mantém o sentido original.

34 – D. Esta foi fácil, pois as palavras das expressões da letra D são sinônimos facilmente identificáveis: perspectivas = visões; mais sombrias = menos animadoras.

35 – B. **Replicar** tem como sinônimos estas palavras: contestar, objetar, redarguir, refutar, retorquir, retrucar, revidar, copiar, reproduzir etc. No contexto, já que se trata de fazer moléculas iguais às da natureza, ficamos com o verbo **reproduzir** (copiar).

36 – A. São **homônimos** homófonos, logo **homonímia**.

37 – E. "Para" é uma preposição que normalmente indica finalidade e pode ser substituída pela locução prepositiva "a fim de", e não "afim de". Além da semântica, esta questão trabalhava noções de preposição e ortografia.

38 – D. Note que todas as palavras mantêm sentidos semelhantes à do enunciado, exceto escassez, que é o antônimo (sentido posto) de exuberância.

39 – C. Sesta e cesta são *parecidas* na pronúncia e na grafia, por isso são parônimas. As demais palavras são homônimas homófonas, pois apresentam grafia diferente e pronúncia idêntica.

40 – E. Há intertextualidade em todas as frases, exceto na E, porque apresentam frases prontas (ditos populares), já existentes pelo nosso conhecimento de mundo. a) "Se tudo o que é bom dura pouco, eu já deveria ter morrido há muito tempo". b) "Nariz é essa parte do corpo que brilha, espirra, coça e se mete onde não é chamada".

c) "Une-te aos bons e será um deles. Ou fica aqui com a gente mesmo!" d) "Vamos fazer o feijão com arroz. Se puder botar um ovo, tudo bem.".

Capítulo 6

Gabarito

1 – A. Apenas o elemento **panto** está com seu sentido indicado equivocadamente. Ele, na verdade, significa *tudo, todo* (vem do grego *pan-*, *panto-*). *Pantofobia* (*panofobia* ou *panfobia*) é o medo infundado de tudo, de qualquer coisa.

2 – A. As palavras são formadas por derivação sufixal, pois, nas duas primeiras, o sufixo **-dade** é usado; na terceira, usa-se o sufixo **-oso**. Resumindo: *responsável* + *-dade* = *responsabilidade* (o **-vel** se torna **-bil**); *musical* + *-dade* = *musicalidade*; *defeito* + *-oso* = *defeituoso*. Foi?

3 – CERTO. A palavra *habitável* apresenta sufixo (**-vel**) e a palavra *inabitado* apresenta prefixo (**in-**) e sufixo (**-ado**). Portanto, ambas as palavras sofreram derivação.

4 – CORRETO. Para acertar uma questão de pontuação, é necessário ter conhecimento de neologismo. A palavra *financeirização* é inventada, não dicionarizada, portanto um neologismo.

5 – CERTO. Vejamos o processo: *combusto* + *-vel* > *combustível* > *bi* + *combustível* > ***bicombustível***. Note um detalhe muito importante: a maneira como o CESPE cobra a classificação da derivação é pelo último elemento constituinte da palavra. Como o prefixo **bi –** entrou por último para formar a palavra *bicombustível*, a derivação é prefixal. Outras bancas diriam que essa palavra sofreu derivação prefixal e sufixal, pois ela recebeu um sufixo e um prefixo em momentos diferentes em sua formação. Atenção ao estilo das bancas.

6 – D. Por eliminação, ficamos com a letra D, pois a recomendação é que siglas com quatro letras ou mais sejam escritas só com a primeira letra maiúscula: Ematra.

7 – C. Formação clássica de derivação parassintética (união simultânea de afixos): *en –* + *louco* + *-ecer* = *enlouquecer*.

8 – ERRADO. Em *instabilidade* (*in* + *estabilidade*) e *imperfeita* (*im* + *perfeita*), o prefixo **in(m) –** indica negação ou provação. Em *inçado*, **in –** faz parte do radical; não é prefixo. Em *impõe*, o **im –** indica movimento.

9 – ERRADO. *In**atur**ável* é aquilo que não se pode *aturar*. *Des**natur**ado* é aquilo que se *desnaturou*, que sofreu profundas alterações em sua **natureza**. Os radicais são diferentes.

10 – CERTO. Estas palavras são cognatas, pois têm o mesmo radical: **grav** (de *grave*).

11 – ERRADO. A palavra *anomalia* vem do adjetivo *anômalo* pelo acréscimo do sufixo **-ia**. Ou seja, a palavra sofreu sufixação, logo já está errada por aí. Por sufixação também, a palavra *alacridade* vem do adjetivo álacre. A palavra *arrebataram* é formada por derivação parassintética (*a* + *rebate* + *ar*).

12 – CERTO. *Lamentável* (adjetivo) + *mente* = *lamentavelmente*; *plena* (adjetivo) + *mente* = *plenamente*.

13 – D. Ocorre derivação sufixal: *descobrir* + *mento* = *descobrimento*.

14 – A. A palavra *desentristecer* (*des* + *entristecer*) vem de *entristecer* (*en* + *triste* + *ecer*) que vem de *triste*. Bonitinha a questão.

15 – D. Se o verbo virou um substantivo, houve mudança (conversão) de classificação morfológica.

16 – D. Por eliminação, temos de marcar a palavra *multiconfessionais*, pois nela há dois radicais: **multi –** e **confess-**, logo há composição por justaposição.

17 – A. Em *metropolitana*, o radical **metro** vem do radical grego **meter, metros** (mãe); em *metrologia*, o radical grego original é *métron*, que significa *medida*.

18 – C. I: cuidado com as palavras terminadas em **-inho**, pois nem sempre tal sufixo indica diminuição; *jeitinho*, por exemplo, carrega uma ideia afetiva. II: a palavra *utilitarista* sofreu derivação sufixal (*utilitário* + *ista*). III: a palavra *analfabetismo* vem de *analfabeto*, que vem de *alfabeto*; também podemos dizer que a palavra *analfabetismo* vem de *alfabetismo*, que vem de *alfabeto*; de qualquer modo, analisando todos os elementos que formaram a palavra *analfabetismo*, percebemos que os afixos entraram não simultaneamente.

19 – A. A palavra *megalópoles* tem dois radicais (**mega(lo) –** e **poles-**), mas alguns dicionaristas entendem que **mega –** é prefixo, logo podemos interpretar a palavra como derivada por prefixação; devido a isso, como **inter –** é prefixo, a palavra *internacional* é formada por derivação prefixal. As demais palavras são formadas por sufixação: *sustentável* + ***dade*** = *sustentabilidade; sanear* + ***mento*** = *saneamento; obrigatório* + ***dade*** = *obrigatoriedade; olímpia (olimpo)* + ***-ico*** = *olímpico*.

20 – C. Em *dissociação* e *discordar*, ambos os prefixos indicam negação, oposição. Os demais: *dissolver* (separação), *dispor* (distribuição, organização), *disenteria* (defeito, dificuldade), *dissimular* (aumento, intensidade).

21 – B. *Ocupar* > *ocupação* > *desocupação* ou *ocupar* > *desocupar* > *desocupação*. Os afixos entraram em momentos distintos para formar a palavra *desocupação*, logo a palavra pode ser classificada como tendo sofrido derivação prefixal e sufixal.

22 – CERTO. *Desert**or*** é aquele que deserta (pratica a deserção) e *integra**nte*** é aquele que integra. Ambos os sufixos evidenciam o sentido de agente.

23 – C. Ambas as palavras têm dois radicais que se uniram sem perda de elementos estruturais e fonéticos.

24 – ERRADO. Em *integração*, **in –** não é um prefixo, pois não existe a palavra "tegração"; em *impulsiona*, o **im –** indica movimento; em *indefectivelmente* e *imprudências*, o **in –** indica negação.

25 – ERRADO. Pelo contrário. O sufixo **-nte** carrega a ideia de *agente*: *detergente, fervente, purificante* etc.

26 – CERTO. Todos os morfemas têm o mesmo sentido, ou seja, indicam movimento para o meio, posição intermediária.

27 – B. A palavra *desfavoravelmente* foi formada pela colocação não simultânea de afixos: *favor* > *favorável* > *favoravelmente* > *desfavoravelmente* ou *favor* > *favorável* > *desfavorável* > *desfavoravelmente*. Portanto, houve derivação prefixal e sufixal, se levarmos em conta a formação da palavra desde sua origem primitiva. Poderíamos analisar também só como derivação prefixal ou como derivação sufixal, levando em conta apenas a formação pelo último elemento que entrou na palavra.

28 – E. Vejamos uma por uma: *magro + eza = magreza/excitar + cão = excitação; medir + dor = medidor/obsedar + (s)são = obsessão; firmar + mento = firmamento/perverter + são = perversão; digno + dade = dignidade/alucinar + cão = alucinação; violar + cão = violação/deslumbrar + mento = deslumbramento*. Curiosidade para aqueles que ainda acham que palavras terminadas em **-mento** podem ajudar na parassíntese: se a palavra *violação* foi encarada pela banca como formada por derivação sufixal, assim como *deslumbramento*, por associação chegamos à conclusão de que a palavra *desmatamento* (semelhante a *deslumbramento*) também sofreu derivação sufixal. Isto corrobora o que falei insistentemente na parte teórica de derivação parassintética.

29 – D. Comerciar com trastes, com coisas de pouco valor: *traste* + *ejar*. Em *transvalorada*, o prefixo significa "para além de, através de". É bom dizer que algumas vezes constrói-se em **tras** (*trasbordar* por *transbordar*), e, por corruptela, em **tres** (*tresmalhar, tresler*); e ainda em **tra** (*trapaça, tramontana*).

30 – D. Todas as palavras têm dois radicais, exceto *desvalorizada*, que apresenta um prefixo e dois sufixos ligados a um só radical.

31 – A. *Mortal* (adjetivo) + *dade*; *mesquinho* (adjetivo) + *ez*; *úmido* (adjetivo) + *dade*; *escuro* (adjetivo) + *ão*. Simples assim.

32 – A. Ibama: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. *Arara* + *inha* = ararinha.

33 – E. A palavra *rigidez* vem de *rígido*. Fique ligado! Muitos substantivos abstratos são formados pelo acréscimo do sufixo **-ez/-eza** a um adjetivo, conforme já apareceu em questão anterior. Nas demais opções, temos, respectivamente, palavra primitiva, derivação prefixal, derivação prefixal e derivação prefixal (de novo!).

34 – E. A palavra *descriminalizar* sofreu uma derivação prefixal (*criminalizar* > *descriminalizar*). O mesmo aconteceu com a palavra *reanimar* (*animar* > *reanimar*).

35 – D. Note que, na letra D, a palavra formada recebe, ao mesmo tempo, a adição do prefixo **in –** e do sufixo **-mente**. Porém, retirando um ou outro, as palavras resultantes existem (*infeliz/felizmente*). Nas letras A, B e D, temos apenas o processo de derivação sufixal: *cotidiano* > *cotidianamente*, *oportuno* > *oportunidade* e *sucata* > *sucateado*. Na letra C, temos apenas uma flexão de número: *responsável* > *responsáveis*.

36 – E. Todas as opções, exceto a correta, claro, são sufixais. "Como assim, Pest?". Vou te mostrar, meu nobre. Na letra A, temos *repercutir* + *ão* = *repercussão*. Na B, *desdobrar* + *mento* = *desdobramento*. (Tome cuidado com essa opção! O sufixo **–mento** é utilizado na formação de palavras por meio da derivação sufixal, apenas.) Na C, temos *favor* + *vel* = *favorável*. Na D, *recente* + *mente* = *recentemente*. Na E, entretanto, temos uma derivação prefixal *des* + *preocupar* = *despreocupar*.

37 – D. *Discreta* + *mente* = *discreta**mente***. Simples assim.

38 – D. *Pobre* (adjetivo) + *eza* = *pobreza* (substantivo). *Hipócrita* (adjetivo) + *ia* = *hipocrisia* (substantivo).

39 – D. *Conto* deriva de *contar*, logo sofre regressão. *Ternura* deriva de *terno*, logo sofre sufixação.

40 – C. O prefixo **ex –** significa movimento para fora: *exorcismo* é o ato de expulsar o demônio de dentro de alguém.

Capítulo 7

Gabarito

1 – E. A palavra charlatão só tem dois plurais: *charlatães* ou *charlatões*.

2 – C. Os sufixos **-eta, -az, -alha**, e **-ulo** são formadores de substantivos diminutivo, aumentativo, aumentativo e diminutivo, respectivamente.

3 – C. os substantivos *milhões* e *milhares* são masculinos plurais, portanto os artigos devem ficar no masculino plural.

4 – B. Como essa questão é de 2002, o novo acordo ortográfico ainda não estava valendo, logo a palavra *mão de obra* ainda era escrita com hífen. E hoje, como seria, meu nobre, e por quê? Sem hífen, porque apresenta dois elementos ligados por preposição (cuidado com as espécies botânicas e animais, pois o hífen permanece nelas). Bom, vamos lá: segundo as regras de plural dos substantivos compostos, quando há subst. + prep. + subst., só o primeiro varia: *mãos-de-obra*; o plural dos adjetivos compostos se faz apenas com o último elemento, *infanto-juvenis*; por fim, "*bolsa-escola*" é um substantivo composto por dois substantivos e, quando é assim, só o primeiro varia, preferencialmente: *bolsas-escola*. Foi? Maravilha!

5 – B. Olha aí a nominalização. O erro está em transformar o verbo *simplificar* (que indica ação) no substantivo *simplicidade* (que indica qualidade). Deveria ser *simplificação*: "Estão prontas para o crescimento quando assegurarmos as condições para a diminuição dos juros e para a simplificação dos tributos".

6 – C. O plural de "*salva-vidas*" é "*os salva-vidas*", pois verbo não varia quando forma um substantivo composto e "*vidas*" já está pluralizado, logo o plural é feito só pelo determinante (artigo, por exemplo).

7 – C. O plural de *meia-tigela* (numeral + substantivo) é *meias-tigelas*. E o plural de *vale-refeição* (substantivo + substantivo) é *vales-refeição/vales-refeições*.

8 – A. Sobre a locução pronominal "um(a) tal de", o Dicionário Aulete diz que "é usada antes do nome de alguém (ou de algo) que não é conhecido, ou de quem só se sabe por ouvir dizer. Por vezes, tem conotação de desdém, ou de atribuição de pouca importância à pessoa, de falta de interesse por ela. Pode também ser usada de modo irônico (sem desdém) para falar de alguém ou algo muito conhecido ou famoso". Isoladamente o pronome *tal*, na expressão da questão, é essencialmente um pronome demonstrativo (A tal (da) demanda social = Aquela demanda social). A preposição *de* é expletiva, pois pode ser retirada sem prejuízo de sentido. Entenda melhor: o artigo *A* está determinando o substantivo *demanda*. Depois do artigo, pode haver pronomes, adjetivos e numerais antes de substantivos, e eles continuarão sendo pronomes, adjetivos e numerais. Veja exemplos: "A vossa demanda social" (pronome possessivo)/"A grande demanda social" (adjetivo). "Por que não um substantivo, Pestana?" Pois *tal* só se torna substantivo em três situações: quando se nomeia o pronome (O *tal* é um pronome), quando se quer dar a entender que alguém é notável (Ele é o *tal* (= o cara) em Português!) e quando substitui uma pessoa (Encontrei o *tal* (= homem) que te procurava).

9 – A. Note que escolas-modelos (subst. + subst.) foi considerado errado pela banca. Como eu já havia alertado, quando há dois substantivos formando um composto, em que o segundo especifica o primeiro, a preferência é pela pluralização só do primeiro substantivo: escolas-modelo. Mais uma questão de concurso em que se marca a melhor resposta: guarda-chuvas (em *guarda* + substantivo, só o substantivo varia).

10 – B. Quando o substantivo composto for formado por substantivo + preposição + substantivo, só o primeiro elemento variará, logo *quedas d'água* é a forma certa. Já quando um substantivo composto é formado por um substantivo + um adjetivo, ambos variam, logo *cartões-postais*.

11 – E. Substantivos compostos formados por substantivos e adjetivos em sua formação variam normalmente, logo *micos-leões-dourados* e *ararinhas-azuis* são formas certas.

12 – C. A letra C é a única que podemos associar à afirmação do enunciado, a saber: "tanto pode receber a interpretação de substantivação do verbo quanto a interpretação de substantivo concreto", pois o artigo **o** substantiva o verbo *ser*, mas é possível interpretarmos que, devido a essa substantivação, o vocábulo *ser* assume valor de substantivo **concreto**, pois, como sabemos, substantivo concreto é aquele que não indica ação, nem estado, nem qualidade, nem sentimento. O contexto corrobora isso. O primeiro *ser* faz parte da locução substantiva *ser humano*, logo o vocábulo *ser* dessa expressão não foi substantivado.

13 – E. *Cal* é substantivo feminino. Os demais são masculinos. *Suéter* e *pijama* pode ser masculino ou feminino, indiferentemente.

14 – A. Note que os substantivos vêm normalmente acompanhados de determinantes: "*Um* **anjo** *de* **asas** *azuis, todo vestido de* **luz**, *sussurrou-lhe num* **segredo** *os* **mistérios** *de outra* **vida**."

15 – CERTO. O substantivo *duelo* refere-se à briga de dois homens por causa de uma mulher. Em outras palavras, retoma, resumidamente, toda a ideia anterior.

16 – D. Eis os substantivos acompanhados de determinantes: "... precisa da **confirmação** e do **endosso** do '**impresso**'".

17 – O substantivo *situação* retoma toda a ideia do período anterior (O efeito da supervalorização...), com objetivo resumitivo. Por sua vez, o substantivo *problema* refere-se ao substantivo *situação*. Bela questão sobre o valor discursivo dos substantivos.

18 – C. A: "Os tabeliões (*tabeliães* é o plural correto, por convenção) reúnem-se sempre às quinta-feiras." (A forma correta é *quintas-feiras* porque numeral e substantivo variam quando formam um substantivo composto). B: "Nos últimos botas-foras (verbo + advérbio não variam, logo o certo é *os bota-fora*"), houve grande confusão, pois a agência de turismo não reteu (*reteve* é a forma certa, derivada do verbo ter) os que não possuíam ingresso." D: (A FCC adora o verbo ter e derivados!): "Se não se conterem (*contiverem* é a forma certa do verbo conter, derivado do verbo ter, no futuro do subjuntivo) roubos de obras-primas, gerações futuras serão privadas de grandes realizações do espírito humano." E: "Os lusos-africanos (substantivo composto indicando origem, nacionalidade só varia o último elemento; deveria ser *luso-africanos*) ostentavam no braço fitinhas verde-amarela (*verde-amarelas* é a forma certa, pois a regra geral de adjetivo composto diz que só varia o último elemento)."

19 – C. A palavra *mal-estar* é composta de um advérbio (mal) e de um verbo na forma nominal infinitiva (estar), a qual varia sozinha: *os mal-estares*. Segundo a regra dos substantivos compostos com a palavra *guarda*, caso esta venha seguida de substantivo, só este variará: *guarda-roupas*. Portanto, ambas as palavras apresentam apenas o segundo elemento variando.

20 – C. A primeira aparição de *via* é como substantivo, pois está sendo modificado por uma locução adjetiva (sem saída). A segunda aparição de *via* é como verbo, pois é modificado pelo advérbio *bem*. Fácil assim!

21 – B. O plural da palavra *verão* pode ser escrito (arbitrariamente!) assim: *verões* e *verãos*. Esta é uma área muito escorregadia na língua. Particularmente, considero tal questão caduca e fora da realidade dos concursos, mas... fazer o quê? É aquela velha história: "Vai que..."

22 – C. O plural de *cidadão* é feito com o acréscimo de **-s** apenas; já em *pasteizinhos*, a fórmula é: *pastel* > *pastéis* > *pasteizinhos* (o **-s** cai e entra o **-(z)inho**); em *paul* (não é o McCartney, rs), lê-se PA-UL (brejo, pântano; palavra oxítona), o qual, por terminar em **-ul**, o **-l** cai e a palavra recebe **-is** no plural. Pronto.

23 – C. Já sabemos que *pé de moleque* não tem mais hífen de acordo com a nova ortografia, mas este concurso não levou isso em conta, portanto vamos aplicar as regras. Substantivo + preposição + substantivo = só o primeiro varia (*pés-de-moleque*). Substantivo + substantivo (em que o segundo especifica o primeiro) = preferencialmente só o primeiro varia (*bananas-maçã* e *canetas-tinteiro*).

24 – E. Olhando pela lógica, o plural de *corrimão* seria apenas *corrimãos*, porque esta palavra é formada de *correr* + *mão*. Mas vulgarizou-se, ou seja, tornou-se comum o plural *corrimões* por possíveis duas razões: por um lado, porque se perdeu bastante a noção de que em *corrimão* entra o elemento *mão*, cujo plural é *mãos*; por outro lado, porque há tendência para fazermos em **-ões** o plural da maioria das palavras terminadas em **-ão**. Em suma: há o plural *corrimãos* e *corrimões*. Este último é mais usual. Sobre as letras A, B, C, D, respectivamente, observe os comentários. A: quando um substantivo composto é formado por advérbio + adjetivo, só o adjetivo varia, logo é *abaixo-assinados*. B: quando um substantivo composto é formado por palavra invariável (preposição, interjeição etc.) + substantivo, o substantivo varia, logo é *contra-argumentos*. C: o plural de tabelião é *tabeliães*. D: sobre o plural composto por guarda: guarda + substantivo (só o substantivo varia); guarda + adjetivo (ambos variam); logo o certo é *guarda-costas*.

25 – D. *País* > *países* > *paíse* + *zinhos* > *paisezinhos*. *Beija-flores* (verbo, que não varia) + substantivo, que varia).

26 – E. A palavra *cartão-postal* é composta por substantivo + adjetivo, logo ambos variam: *cartões-postais*. A palavra *guarda-civil* também, logo *guardas-civis*.

27 – A. Os substantivos compostos *obra-prima, navio-petroleiro, água-marinha* são formados por substantivo + adjetivo, logo ambos os elementos variam: *obras-primas, navios-petroleiros, águas-marinhas*.

28 – ERRADO. O único plural de cidadão é *cidadãos*.

29 – D. Se pudermos substituir uma oração por um substantivo ou por um pronome de valor substantivo, como *isso*, ela terá valor de substantivo certamente. Veja: "A verdade é [minha péssima memória]"/"A verdade é [isso]".

30 – INCORRETA. Segundo o VOLP, o plural de *mal-estar* é *mal-estares*. Ponto e basta.

31 – C. O único substantivo que não varia como os demais é *bate-bola* (verbo, que não varia + substantivo, que varia): *bate-bolas*.

32 – B. *Televisão* > *televisões*. *Mão* > *mãos*. *Produção* > *produções*. Organização > organizações. *Conclusão* > *conclusões*. Dava para errar essa questão?

33 – A. Trata-se de um modo afetivo de designar uma pessoa e um objeto.

34 – C. A expressão nominal ou substantiva é "filho de um pedreiro", que faz referência ao "menino Joaquim Barbosa".

35 – B. O magma, a libido, o pernoite. Mera decoreba! a) O eclipse, a dinamite, a derme. c) O aneurisma, o fonema, o clã. d) A pane, a ênfase, o dó.

36 – D. Todos os substantivos destacados são do tipo comum de dois gêneros, exceto *a testemunha*, que é sobrecomum, em que não se sabe se se trata de um homem ou de uma mulher.

Capítulo 8

Gabarito

1 – B. O adjetivo *convenientes* apresenta um ponto de vista, uma opinião sobre o assunto (demarcações) em pauta pelo autor, por isso é modalizador.

2 – E. O adjetivo *brilhante* é subjetivo por ser modalizador, ou seja, exprimir um ponto de vista, uma opinião sobre um assunto, o futuro. Note também que ele é o único adjetivo que veio anteposto ao substantivo.

3 – A. Lembra-se dos adjetivos modalizadores? Mais uma questão! Ao dizer "triste situação", "futuro incerto e infeliz", "grave problema social", os adjetivos *triste, incerto, infeliz* e *grave* exprimem um ponto de vista sobre o assunto tratado. Simples assim!

4 – C. Seria melhor se fosse "bolo fofo" ou "macio", porque o adjetivo *mole* pode passar uma ideia de consistência pastosa ou até mesmo sem consistência, como se estivesse estragado. Há uma carga negativa nesse adjetivo.

5 – INCORRETA. A palavra *imprevisível* se conserva um adjetivo, pois continua caracterizando o substantivo *história* (em que imprevisível dormita a história = em que a história dormita imprevisível).

6 – INCORRETA. Segundo a regra geral de plural dos adjetivos compostos, só o último elemento varia, logo o plural de *político-institucional* é *político-institucionaiS*.

7 – D. A expressão *de outra forma* está ligada ao verbo *Penso*, logo é uma locução adverbial, e não adjetiva. Em A, B, C e E, as expressões destacadas se ligam a termos de valor substantivo, como bem faz um adjetivo. Estes são os termos de valor substantivo a que se ligam as expressões de valor adjetivo (na sequência): magistratura, os (= aqueles), espírito, medida. Destaco a opção E, em que uma oração adjetiva caracteriza um substantivo. Não falei que já havia questão de prova sobre isso?

8 – A. O adjetivo *canônicos* (masculino e plural) se refere apenas ao substantivo *códigos* (masculino e plural). B: há dois adjetivos (*sociais* e *políticas*). C: há dois adjetivos (*mental* e *espiritual*). D: há dois adjetivos (*diferentes* e *religiosas*). E: *desmedidas* é um adjetivo que se refere a dois substantivos (*vaidades* e *ambições*).

9 – A. *Velha* é um adjetivo que caracteriza o substantivo *poltrona* e *da sala* é uma locução adjetiva que também caracteriza o substantivo *poltrona*.

10 – INCORRETA. O adjetivo *boa* não é usado para exprimir um juízo de valor, mas sim para indicar extensão, de modo que o trecho equivalha a *Durante grande/extensa parte do século XIX*.

11 – A. Tanto *extraordinária* quanto *heroico* (agora sem acento) exprimem uma avalização, um julgamento por parte do autor sobre os substantivos *beleza* e *esforço*, respectivamente.

12 – A. Questão maldosa! A pessoa da banca que fez isso foi meio sem coração, não? Como você vai saber que "ornitologia" é o ramo da zoologia que trata das aves? Você é zoólogo? Resumindo, a banca não titubeou e lascou um adjetivo erudito da locução adjetiva "das aves". Brincadeira, não? E só de curiosidade (vai que...): *ofiológico* (estudo das serpentes), *entomológico* (estudo dos insetos), *ictiológico* (estudo dos peixes), *saurológico* (estudo dos lagartos – dinossauros). É, meu nobre... questãozinha para

fazer a triagem. Isso não cai em prova de concurso a não ser para eliminar candidato ou em prova militar. Eu tive de recorrer ao dicionário para saber tudo isso, é mole?

13 – D. Para conceituar o adjetivo, é necessário apresentar a relação que ele estabelece com o substantivo. Em muitas situações, a distinção entre essas duas classes de palavras só é possível a partir de elementos fornecidos pelo contexto. Em "direitos humanos", *direitos* é substantivo e *humanos* é o adjetivo que o caracteriza; em "humanos direitos", ocorre o contrário: *humanos* é substantivo e *direitos* passa a ser o adjetivo que o caracteriza. Este foi o gabarito oficial.

14 – D. Adjetivo pátrio é aquele que se refere a países, estados, cidades ou localidades. Quem nasce em Belém é belenense, quem nasce em São Luís é ludovicense ou são-luisense e quem nasce em Manaus é manauense ou manauara, e não "manauano". Não falei que só cai isso em questão militar? E, mesmo assim, é raro.

15 – B. Lembra-se da estrutura de grau comparativo de superioridade dos adjetivos? Então... ela está mais do que clara aqui por meio da construção "... mais **lentos** que...".

16 – A. Em condições normais de temperatura e pressão, a palavra *generosas* seria um adjetivo, mas nesse caso é impossível, pois ela está sendo determinada por um pronome (algumas). Lembra-se de que eu falei para você que a preocupação da banca é testá-lo no reconhecimento das classes gramaticais? É isso que ocorre aqui, um adjetivo se torna um substantivo. O substantivo é uma classe gramatical normalmente acompanhada de determinantes (artigo, PRONOME, numeral e/ou adjetivo). No caso em questão, o determinante é *algumas* e o substantivo é *generosas*. Mudança de classe gramatical, meu aluno: o que parecia um adjetivo era tão somente um substantivo. Safo?

17 – ERRADO. *Opinioso* significa "aquele que é inflexível em suas opiniões". Tem carga semântica negativa. Não é o caso de *judicioso*, que significa "criterioso, de bom senso". Tem carga semântica positiva.

18 – CERTO. De fato o adjetivo *necessário* modifica a oração substantiva "investir em pesquisa". Raciocine: o que é *necessário*? Resposta: *investir em pesquisa*. Sendo assim, um adjetivo não modifica só um substantivo, mas pode modificar uma oração de valor substantivo inteirinha.

19 – B. A palavra *políticos* caracteriza *direitos*. Logo, é um adjetivo. Todas as outras sublinhadas são substantivos sendo caracterizados por adjetivos. De novo, reconhecimento de classe gramatical, certo?

20 – A. Sobre a letra A, o comentário procede. A expressão que se repete no texto é o sintagma nominal: **executiva *bem-sucedida*** (substantivo feminino + expressão composta de advérbio + adjetivo).

21 – A. Note que estamos diante daquela questão de locução adjetiva *versus* preposição + substantivo. Observe o valor ativo (ou de posse; locução adjetiva) e o valor passivo (falsa locução adjetiva). Só na A existe a relação de posse, além de ser possível substituir a locução adjetiva (da nação) por um adjetivo correspondente (nacional).

22 – A. Este sufixo é próprio do grau superlativo absoluto sintético e serve para intensificar, **enfatizar** um termo. Assim como **-inho** ou **-ão** (sufixos usados em substantivos normalmente) podem intensificar um adjetivo, o sufixo **-íssimo** (sufixo próprio para intensificar um adjetivo) também pode ampliar o sentido de um advérbio. Falarei mais sobre isso em *grau estilístico dos advérbios*.

23 – E. Nesta questão se aprende muito em todas as opções. A única afirmação equivocada está na E, pois independente de *pobre* ser deslocado, sua função sintática não mudará, pois ele continuará dentro do sintagma nominal ("um *pobre* homem da cidade" ou "um homem *pobre* da cidade"), funcionando como um adjunto adnominal. Só há mudança de sentido com seu deslocamento, como se diz em A e B.

24 – A. O adjetivo *negras*, independente da posição, significa difíceis, negativas, ruins. Veja as demais: B: *pobre homem* (coitado), *homem pobre* (sem dinheiro); C: *simples pessoa* (mera, desimportante), *pessoa simples* (humilde); D: única oferta (apenas uma), *oferta única* (singular, importante); E: *grande homem* (virtuoso, importante), *homem grande* (fisicamente grande). Para fechar, *fino manto* (caro) e *manto fino* (delgado).

25 – D. *Melancolia* é uma palavra designadora de um sentimento, portanto é um substantivo abstrato, que, no contexto, ainda por cima, é caracterizado pelo vocábulo *escondida*, aí sim um adjetivo.

26 – INCORRETA. Não haveria mudança de sentido, tampouco estrutura incomum nestas inversões: *biológicos motivos* e *infalível receita*. No entanto, em *forma melhor*, há uma ideia de restrição e, em *melhor forma*, uma ideia de superlativação; em *anos setenta*, há uma mudança substancial de sentido, pois tal expressão já não se refere à idade (setenta anos), mas sim à geração.

27 – A. A locução adjetiva *de direito* pode ser substituída satisfatoriamente pelo adjetivo *jurídica*, pois o contexto o permite. Já *pendular* não se refere a um pêndulo literal, logo a locução adjetiva *do pêndulo* não cabe no contexto. Enfim, a locução adjetiva *do*

tirano pode ser plenamente substituída pelo adjetivo *tirânico*, que significa "relativo ao tirano, à tirania".

28 – B. Em *pobres famílias*, o adjetivo significa "dignas de pena". *Qualquer* é pronome indefinido, e não adjetivo, mas há mudança de sentido no deslocamento, pois, à direita do substantivo, tal vocábulo tem sentido depreciativo. O adjetivo *velhos*, anteposto ao substantivo, significa "antigo", e não "imprestável, gasto, obsoleto". Em *novo golpe*, o adjetivo *novo* pode indicar "atual", "recente" ou "mais um".

29 – C. A afirmação corretíssima da I anula a da III. O que nos importa neste capítulo é a afirmação perfeita da II. Isto foi visto por nós na parte de formas estilísticas de grau. Muito boa a questão!

30 – A. Diversas origens (muitas) – origens diversas (variadas).

31 – D. Esta era para elevar a autoestima! O adjetivo *escandaloso* caracteriza o substantivo *topete*. Ponto.

32 – B. Dava para ficar em dúvida na C, não é? Mas note que a ideia de *grande* é relativa, subjetiva, depende de uma avaliação pessoal. Por outro lado, o adjetivo *social* é meramente informativo, objetivo, denotativo. Os demais adjetivos são modalizadores desde criancinhas.

33 – D. Este grau (superlativo relativo de superioridade) tem estrutura fixa: *o mais + adjetivo + de/dentre*. Não era possível errar, se você soubesse, é claro.

34 – A. O adjetivo *inconsequente* expressa uma opinião ou juízo do autor sobre o *modo*.

35 – A. É uma oração adjetiva, pois caracteriza o substantivo *veículos*, logo tem valor de adjetivo.

36 – A. O adjetivo *marcante* é um modalizador, logo atende ao pedido do enunciado.

37 – A. A locução adjetiva *da tarde* e o adjetivo *perigosa* caracterizam o substantivo *hora*.

38 – D. *Brasileira* é o único adjetivo, pois caracteriza o substantivo bandeira. Os adjetivos *verde* e *brasileiro* sofreram derivação imprópria, tornando-se substantivos.

39 – A. O único adjetivo que sofreu substantivação foi o primeiro, uma vez que veio antecedido de determinante. Nos demais casos, as palavras são verdadeiros adjetivos, pois não nomeiam, caracterizam.

Capítulo 9

Gabarito

1 – E. Interessante questão, pois você tem de perceber que o substantivo *respeito* exige a preposição *a*, que pode ou não se combinar com o artigo masculino plural *os* (devido ao substantivo masculino *milhões*). Em A, o artigo não é obrigatório. Em B, o artigo feminino não cabe, pois se liga a um substantivo masculino plural, *milhões*. Em C, *diz* é transitivo direto, logo não exige preposição. Em D, o substantivo *respeito* (com sentido de relação, referência) exige preposição *a*.

2 – ERRADO. Crase e artigo andam lado a lado. Há três casos tradicionais em que o artigo é facultativo: antes de nomes próprios femininos, antes de pronomes possessivos que acompanham um substantivo e na locução prepositiva *até a*. Nenhum desses casos ocorre no texto. A primeira contração da preposição *a* com o artigo *a* se dá pelo verbo *permitir* – permite-se algo (o acesso) a alguém (a + ***a*** sociedade); a segunda ocorrência de crase é gerada pelo nome *acesso*, que exige a preposição *a* + *as informações* (= às informações); a terceira ocorrência é devido à exigência da preposição pelo adjetivo relativas (relativas a + **a** utilização = à utilização).

3 – D. O artigo vem antes de substantivo (*a taxa*); a preposição pode ligar verbos (*continuará a ser*); a preposição inicia grupo de vocábulos terminados em preposição, ou seja, locução prepositiva (a partir de); a preposição pode ser exigida por verbos (o verbo chegar exige a preposição *a*, que fica antes do pronome relativo *que*).

4 – CERTO. O artigo definido só se contrai com as preposições *a, de, em* e *por*.

5 – E. O primeiro *os* é complemento do verbo empurrar, logo é um pronome oblíquo átono. O segundo *o* pode ser visto como um artigo expletivo ou como parte da locução pronominal interrogativa *o que*, de modo que não pode ser analisado isoladamente. Questão maldosa! O terceiro *o* vem antes do pronome relativo *que* e pode ser substituído por um pronome demonstrativo (= aquilo), por isso é um demonstrativo. O quarto é demonstrativo também (o = aqueles). O último é um artigo, pois vem antes do substantivo *país*. Note que a FGV foi bem tradicional por não contrair o artigo com a preposição antes de sujeito de verbo no infinitivo (*de o país perder*, e não *do país perder*).

6 – CERTO. Em *dos, os* é um pronome demonstrativo, pois equivale a "aqueles" e vem antes da preposição *de*. Em *da, a*" é artigo, pois vem antes do substantivo *Idade*.

7 – E. Não há artigo antes do pronome *todo* acompanhando substantivo. O *a* é só uma preposição.

8 – E. O vocábulo *uma* pode ser artigo indefinido, numeral ou pronome indefinido. No contexto, *uma* não indica quantidade, nem vem sozinho no texto, logo só pode ser um artigo indefinido.

9 – CERTO. A preposição *em* pode se contrair com o artigo *um* sem problema algum: em + um = num.

10 – F. O artigo *um* indetermina, pois é indefinido, logo a afirmação é falsa. Não se sabe que comerciante ou que produtor é.

11 – D. Em I, com a retirada dos artigos, a ideia de generalização permanece; não há problema (correto). Em II, os dois-pontos separariam orações coordenadas assindéticas, a palavra seguinte após *saúde* vem realmente com letra minúscula (correto). Em III, nenhum vocábulo exige a presença da preposição *com* (incorreto). Em IV, a contração de *em* com *um* (num) é viável; a separação, idem (correto). Em V, se o artigo definido for retirado resta apenas a preposição *a*, sem acento grave (incorreto). Em VI, *em* + *as* = nas (correto).

12 – E. Em I, a ausência do artigo não implica erro e mantém a mesma ideia; só não há crase, pois a preposição *a* (exigida pelo substantivo *acesso*) não se contrai com artigo *a*. Em II, a ideia de generalização se mantém com a expressão no plural, daí que você percebe que a ausência do artigo (em I) ou a presença do artigo indefinido imprimem um valor generalizador, assim como a expressão no plural. Em III, o gerúndio tem valor de adjetivo. Em IV, o advérbio *muito* é dispensável por ser um termo acessório, acrescentando uma nova circunstância semântica ao contexto, mas sua ausência não interfere na estrutura sintática; se a questão falasse que o sentido não mudaria com sua ausência, aí seria falsa a afirmação, pois *muito mais* é diferente de *mais*, sozinho.

13 – D. Em A, o *a* liga verbos, logo é uma preposição. Em B, o *a* liga palavras, logo é uma preposição. Em C, o *a* inicia locução adverbial, logo é uma preposição. Em D, o *a* é um artigo, pois vem antes do substantivo *família*, com o qual concorda em gênero e número.

14 – A. O primeiro *a* liga um verbo a outro, logo é uma preposição. O segundo *a* vem antes de um substantivo, concordando em gênero e número com ele, logo é um artigo.

15 – B. O nome *críticas* exige a preposição *a*, assim como *voltei*. Logo, nos dois casos *a* é uma preposição.

16 – B. Não pode haver dois artigos numa estrutura de superlativo relativo. Logo, a frase deveria ser reescrita assim: "A ilha mais paradisíaca pede regulamentação.".

17 – E. Vejamos: "A (artigo) primeira é tecnológica: a (artigo) internet começou, há vários anos, a (preposição) erodir a (artigo) receita da (preposição + artigo) indústria cultural.".

18 – ERRADO. Segundo Domingos Paschoal Cegalla, equivalendo a "todas as pessoas, toda a gente", a expressão *todo mundo* ou *todo o mundo* é válida, mas a segunda é preferencial. Ele diz ainda que o uso do artigo é obrigatório quando *mundo* se usa no sentido de *Terra* (O jogo será transmitido para *todo* ***o*** *mundo; ou seja, para o mundo inteiro.*). Logo, o artigo não pode ser retirado.

19 – CERTO. A ausência do artigo não torna o trecho errado, pois a expressão *considerados essenciais* já determina o substantivo *medicamentos*, de modo que o artigo antes dele é dispensável. Uma maneira de perceber que o artigo pode ser dispensado é por meio desta reescritura com pronome indefinido: "... ampliar o acesso da população a *todos* os medicamentos considerados essenciais...". Percebe que a ideia é a mesma quando se coloca o pronome indefinido *todos* antes do substantivo? No entanto, veja esta outra frase: "Ele sobreviveu ao rigoroso exame na empresa." (isso significa que há um só rigoroso exame na empresa). Agora: "Ele sobreviveu a rigoroso exame na empresa." (sem o artigo, há mais de um exame rigoroso na empresa).

20 – E. Em A, *o* é artigo, pois vem antes de substantivo. Em B, *o* é artigo expletivo ou constituinte da expressão interrogativa *o que*. Em C, *o* é artigo, pois vem antes de substantivo (note que a visão do CESPE sobre a contração de preposição com artigo antes de sujeito de verbo no infinitivo foi tradicional, isto é, não há contração). Em D, *o* é artigo, pois vem antes de substantivo. Em E, *o* é pronome demonstrativo, pois vem antes do pronome relativo *que* e pode ser substituído por *aquele*, assim como no enunciado o *o* pode ser substituído por *aquilo*.

21 – B. O primeiro vem antes de substantivo, logo é artigo. O segundo vem ligando termos, logo é uma preposição. O terceiro é pronome oblíquo átono, pois completa o verbo *encontrar*.

22 – CORRETA. Não há incoerência nem incorreção na reescritura "... a colonização espanhola caracterizou-se largamente... ***pela*** aplicação...". Ambas as expressões determinam o substantivo.

23 – ERRADO. O *a* não pode ser artigo, pois artigo concorda em gênero e número com o substantivo, o que não é o caso. O *a* é uma preposição, pois liga o nome *acesso* a *revólver*. A preposição é um conector, o artigo nunca.

24 – CORRETA. O artigo é facultativo antes de pronome possessivo que acompanha substantivo.

25 – D. Em I, só *um* é artigo indefinido do substantivo *passo*. Em II, *todo o* indica inteireza, *todo* indica "qualquer"; há mudança de sentido, equivalendo a "qualquer mundo". Em III, por + a = pela; perfeito!

26 – CORRETA. De fato, há contração de *em* + *as* = *nas*.

27 – CORRETA. De fato *As* é um artigo definido, pois precede um substantivo (economias), concordando em gênero e número com ele e determinando-o.

28 – C. Não há contração da preposição com o artigo quando este faz parte do nome de uma publicação. Logo, deveria ficar assim: "Li a notícia em 'O Estado de Sergipe'".

29 – C. O artigo nunca vem antes ou depois do pronome relativo *cujo*! Nunca!

30 – Correta. Segundo já sabemos, o artigo é facultativo antes do pronome possessivo adjetivo, portanto, dizer: "Comprei meu carro ontem." e "Comprei o meu carro ontem." dá no mesmo!

31 – C. O *a* é um artigo definido, pois vem antes de um substantivo, determinando-o. O *um* é um artigo indefinido, pois vem dentro de um sintagma nominal cujo núcleo é um substantivo (engano), indeterminando-o. O vocábulo *triste* caracteriza o substantivo *engano*, logo é um adjetivo.

32 – D. O segundo *a* vem antes de um substantivo, determinando-o, logo estamos diante realmente de um artigo definido. O primeiro *a* é exigido pelo adjetivo *igual*, e, quando isso ocorre, o *a* é fatalmente um conector, uma preposição.

33 – C. Questão linda! Falei sobre isso em *Valor Discursivo*. Releia o diálogo entre os fofoqueiros e a explicação dada por mim e pelo Celso Cunha. É muito verdade que substantivos precedidos de artigos indefinidos nunca podem aparecer textualmente como termos que se referem a outros anteriores.

34 – B. Antes de pronome possessivo que acompanha um substantivo, o artigo é facultativo.

Capítulo 10

Gabarito

1 – A. O substantivo *grama* é masculino quando se trata de unidade de peso, logo o numeral cardinal precisa variar em gênero e número com ele: "duzentos gramas".

2 – B. O algarismo romano X tem como correspondente árabe 10. No caso de soberanos, papas, séculos, livros e partes de uma obra, até 10º (décimo), lê-se como ordinal, depois como cardinal.

3 – D. O algarismo romano X tem como correspondente árabe 10. No caso de soberanos, papas, séculos, livros e partes de uma obra, até 10º (décimo), lê-se como ordinal, depois como cardinal.

4 – C. Preposição a+ a (artigo) = *às*. *Sob* é preposição. *Ambos* é numeral dual, equivalendo a "um e outro" ou "os dois". *Se* é pronome pessoal oblíquo átono.

5 – D. Os vocábulos *oito, três, dez* e *5,7 milhões* são cardinais e *40%* é fracionário.

6 – C. O algarismo romano X tem como correspondente árabe 10. No caso de soberanos, papas, séculos, livros e partes de uma obra, até 10º (décimo), lê-se como ordinal, depois como cardinal.

7 – A. *Uma* é artigo indefinido. *Segunda, 2002, dez, cinco* são numerais cardinais.

8 – B. A conjunção *e* liga centenas a dezenas, dezenas a unidades.

9 – B. *Ambas as vezes* equivale a "As duas vezes".

10 – C. Segundo os gramáticos José de Nicola e Ernani Terra, em seu livro *1.001 Dúvidas de Português*, o vocábulo *a* pode ser um numeral ordinal quando equivale a "primeiro", indicando uma sequência. O dicionário Michaelis diz que é um adjetivo "com a acepção de *primeiro*: **1** Sempre posposto ao substantivo modificado: *a cadeira **a**, o livro **a**, o parágrafo **a***; **2** Posposto a um algarismo, indicando o primeiro objeto de uma série secundária ou a primeira repetição do mesmo número: *casa 21-**A**, classe cinco-**a**, página 25-**a***". Questão estranha!

11 – A. O primeiro e o último são ordinais, pois carregam uma ideia serial ou sequencial. Os demais são cardinais, pois indicam apenas quantidade.

12 – D. Após X (décimo), lê-se como cardinal, logo "Luís XVI (dezesseis)". Esta é a regra para reis, séculos, papas etc.

13 – ERRADA. Até X (décimo), lê-se como ordinal, logo século VIII (oitavo).

14 – ERRADO. A expressão *cerca de dez* indica indefinição, ideia aproximada, muito diferente da clara ideia numérica contida em *uma dezena de*.

15 – B. Mais uma questão com "ambos/ambas". Do ponto de vista do Bechara, tal questão poderia ser anulada, pois ele diz que *ambos* também pode ser considerado um pronome.

16 – A. Mero reconhecimento de tipos de numeral. Cardinal indica quantidade absoluta. Ordinal indica posição, sequência, ordem.

17 – C. Questão maldosa! *Quadringentenário* (ou quadricentenário) se refere a fato sucedido 400 anos antes. *Sesquicentenário* se refere a período de 150 anos, pois o prefixo **sesqui –** significa "um e meio", logo "um centenário e meio" é igual a "cento e cinquenta anos". Um sinônimo de *sesquicentenário* é *tricinquentenário*. *Septenário* faz menção ao período de 7 dias/anos. O sufixo **-ário** indica, dentre outras coisas, "o que ou aquele que está na casa dos anos": *centenário, ducentenário, tricentenário, quadragenário, quinquagenário, sexagenário, septuagenário, octogenário, nonagenário* etc.

18 – D. A opção certa é autoexplicativa.

19 – B. Perceba que o eu-lírico multiplica tudo por dez para indicar uma ideia bem hiperbólica (exagerada) do que ele sente: dez vezes a <u>cada dia</u> (<u>1</u> x 10 = 10), setenta a <u>cada semana</u> (<u>7</u> x 10 = 70), trezentas a <u>cada mês</u> (<u>30</u> x 10 = 300). Logo, a semana tem sete dias e o mês indicado, exatos trinta dias.

20 – A. *Brasileiro* é um adjetivo, mas foi substantivado pelo determinante artigo (**o**). O vocábulo *um* só pode ser numeral, pois indica unidade (quantidade) dentro de um grupo. O *a* é uma preposição, pois vem antes de verbo. O outro *a* é um artigo, pois vem antes do substantivo *tese*. O *o* é um artigo, pois vem antes do substantivo *mosquito*. Por fim, *epidemia* é um designador precedido de artigo, logo é um substantivo.

21 – C. Quanto ao numeral *dois*, ninguém tem dúvidas de que é um numeral cardinal. Sobre *meio*, talvez rolasse uma dúvida, pois tal vocábulo também pode ser um substantivo ou um advérbio. Nesse caso, é um numeral mesmo, pois equivale a "metade" (dois quilômetros e meio – metade de um quilômetro).

22 – E. *Sete* é numeral cardinal. *Artigo* é um nomeador, logo é um substantivo. *De* é uma preposição, pois liga termos.

23 – C. *Três* é numeral cardinal. *A* precede substantivo, logo é artigo. *Aquecimento* é precedido de artigo, logo é substantivo.

24 – B. É cardinal, pois indica quantidade absoluta.

25 – A. "Exercer papel" adjetivo não é o mesmo que "ser" adjetivo. Como já sabemos que existem **numerais adjetivos**, pelo fato de acompanharem substantivos atribuindo-lhes determinados sentidos, não temos dúvidas de que *dois* em *os dois registros* tem "valor de/papel de" adjetivo. Reitero: não é um adjetivo, mas um numeral adjetivo.

26 – B. *Meio* equivalendo a "metade" é um numeral fracionário. A: substantivo. C: advérbio. D: substantivo. E: advérbio.

27 – C. *Cinco* é um numeral cardinal substantivo, pois indica quantidade e substitui substantivos.

28 – B. A palavra *um* cerceada por *só*, *somente*, *apenas* e *sequer* é um numeral.

29 – C. *Eu* é pronome pessoal do caso reto. *Terceira* é numeral ordinal, pois indica posição, ordem. *Contente* é adjetivo, pois caracteriza o substantivo *Ana*. *Emprego* é substantivo, pois está determinado por um adjetivo (*novo*).

30 – D. *Mim* é pronome pessoal oblíquo tônico. *Dois* é numeral cardinal, pois indica quantidade absoluta. *Sonho* é substantivo, pois é um designador.

Capítulo 11

Gabarito

1 – Só a segunda está **INCORRETA**, pois a expressão *sua construção* refere-se ao antecedente *crise financeira* e não a *banco Lehman Brothers*. Na primeira, *no qual* substitui sem problemas *em que*, retomando *um longo período*; veja o contexto: "Depois de termos vivido *um longo período* em que (= no qual) prevaleceu a ilusão da racionalidade intrínseca...". Na terceira, veja que a expressão *seu funcionamento* retoma o assunto do contexto, a saber: *mercados financeiros:* Depois de termos vivido um longo período em que prevaleceu a ilusão da racionalidade intrínseca aos mercados financeiros, hoje há novamente o reconhecimento das fragilidades e dos riscos sistêmicos associados a **seu funcionamento** (ou seja, ao funcionamento dos mercados financeiros).

2 – INCORRETA. Veja o contexto: "... o indivíduo tem as condições mínimas para atingir a felicidade, a que todos os homens tendem". Lembra-se de que eu falei sobre o uso obrigatório da preposição antes do pronome relativo quando um verbo após ele exigi-la? Deveria ser: "... o indivíduo tem as condições mínimas para atingir a felicidade, à **qual** todos os homens tendem", com acento indicativo de crase.

3 – A. Na primeira afirmação, não há erro gramatical algum, nem se desrespeitam as relações entre os argumentos se substituirmos *onde* por *em que*, uma vez que ambos os pronomes relativos retomam uma palavra que indica lugar (mundo); falsa afirmação, portanto. Na quarta afirmação, há de fato erro gramatical e a relação entre os argumentos é desrespeitada, uma vez que o pronome relativo *onde* não é substituível por outro pronome relativo não iniciado por preposição; a substituição só seria possível assim: "... uma ponte ou uma estrada **na qual** se cobrava pedágio.".

4 – C. Em A, o pronome oblíquo átono **-lo** retoma o substantivo *desenvolvimento*. Em C, veja o contexto: "Acabar drasticamente e de imediato com as emissões de CO_2 e com a utilização de combustíveis fósseis não é possível. Por outro lado, adotar novas tecnologias que aumentem ou estimulem ainda mais o **seu** consumo, nem pensar.". Em D, veja o contexto: "A principal fonte de energia hoje são os combustíveis fósseis e o maior vilão dessa história é a emissão de CO_2 na atmosfera (embora não seja o único). Parece irreversível a tendência à **sua** redução pela adoção de novas e mais eficientes tecnologias e fontes de energia.". Percebeu que o pronome destacado não se refere à *industrialização*, mas sim à *emissão*?

5 – A. Os pronomes *Essas* (demonstrativo) e *elas* (pessoal reto) têm valor anafórico, retomando *energias renováveis*. O uso dos pronomes *Tais* e *essas* está adequado na letra B. O uso do pronome indefinido *Certas* está inadequado na letra C, pois dá, erradamente, uma ideia vaga. A mesma inadequação ocorre em D e em E com *Algumas/algumas* e *Diversas/certas*.

6 – CERTO. O pronome oblíquo átono é usado antes do verbo auxiliar ou após o principal quando vem uma palavra atrativa antes da locução verbal. Corretíssimo!

7 – Se retirarmos o pronome demonstrativo *o* (= aquilo) antes do pronome relativo *que*, a estrutura ficará comprometida, pois o pronome relativo deixará de retomar um termo, coisa que não existe na língua portuguesa. Veja: "Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam é de índices sobre macroeconomia, números abstratos que indicam a situação geral da economia, mas não revelam **que** se passa em seu interior." Alguns gramáticos vão dizer que este pronome negritado é um pronome indefinido, equivalendo a *que coisa*. Questionável... bem-vindo à ESAF.

8 – CERTO. No texto 1, há usos prescritos e não prescritos: "Dá-se isto...": segundo a prescrição gramatical, não se inicia período com pronome oblíquo átono; tem ele de ficar em posição enclítica (após o verbo); a ênclise está adequada, portanto. "Me mande...": segundo a prescrição gramatical, não se inicia período com pronome oblíquo átono; tem ele de ficar em posição enclítica (após o verbo); a forma adequada à norma culta, portanto, não seria a próclise (antes do verbo), mas a ênclise: "Mande-me...". No texto 2, há total respeito às regras de colocação pronominal: "E desde já **te** agradeço o reclame e os cobres, pois estou certo que foi você que **se** lembrou do meu nome". Os pronomes oblíquos átonos estão em posição proclítica (próclise), pois o advérbio **já** e o pronome relativo **que** "atraem" o pronome oblíquo, ficando antes do verbo.

9 – ERRADO. Segundo as regras de colocação pronominal, é facultativo o uso do pronome oblíquo antes de sujeito explícito (nome ou pronome), sem "palavra atrativa". Simples assim!

10 – ERRADO. Na primeira ocorrência, a colocação é facultativa, pois há sujeito explícito sem palavra atrativa. Na terceira ocorrência, a colocação é igualmente facultativa, pois segue esta regra: "infinitivo não flexionado precedido de palavras atrativas ou das preposições *para, em, por, sem, de, até, a*". Na segunda ocorrência, a palavra denotativa de exclusão **só** serve de atrativa, logo a próclise é obrigatória.

11 – CERTO. Esta questão trata da função **referencial** (anafórica) do pronome. A **elipse** é a omissão de um termo facilmente subentendido pelo contexto. E é exatamente o contexto que nos permite dizer que a afirmação da banca procede, pois na linha 6 o sujeito elíptico (implícito) é "Oscar"; por sua vez, o pronome anafórico *ele* (que retoma um termo anterior) faz referência a *Oscar*, e não a outro nome. Talvez você confundisse o referente *Oscar* com *Papai do Céu*, mas o contexto não deixa dúvida, pois logo após *ele* vem *como um verdadeiro homem*, logo não pode se referir a *Papai do Céu*, mas sim a *Oscar*.

12 – CERTO. Esta questão é chatinha; não é qualquer um que faz, não! Trata do uso do pronome demonstrativo *este* com valor catafórico (refere-se a um termo ou ideia posterior). Realmente não é possível a reescrita proposta, pois o pronome oblíquo átono *o* (... e **o** desenvolvam) tem valor anafórico e está retomando aquilo que é "este nobre fim", a saber, o que vem após os dois-pontos (*fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver*). O problema desta retomada anafórica pelo *o* é que o referente do pronome catafórico *este* só vem <u>após</u> os dois-pontos, logo não podemos <u>retomar</u> o referente do catafórico *este* pelo oblíquo átono anafórico *o*. Em outras palavras, a reescrita só seria realmente possível assim: "... que estimulem e

desenvolvam **este** nobre fim: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver, e **o** desenvolvam.".

13 – ERRADO. Note que o texto começa falando sobre o homem, centrando-se nele e em sua maneira de ver o mundo. Daí que não podemos jamais dizer que as expressões *sua sociedade* e *sua expressão* estejam se referindo a um fenômeno/conceito (etnocentrismo). Afinal, a sociedade é do homem e a maneira de se expressar (expressão) é igualmente do homem. Observe também que o pronome *sua* retoma, como anafórico que é, a palavra *homem*, presente nas linhas iniciais. Observe que se fala sobre "**sua** cultura" e "**seu** modo de vida". Cultura de quem? Modo de vida de quem? Do **homem**. Veja, então: "**É comum a crença** de que **sua** *própria sociedade* (a própria sociedade ***do homem***) é o centro da humanidade...";"*É comum a crença* de que **sua** *própria sociedade* é... a **sua** única expressão (a única expressão ***do homem***).". Ufa!

14 – CERTO. O CESPE/UnB adora esse tipo de questão. Bem... uma maneira de visualizarmos melhor os referentes é por meio da reescritura, logo o faça: "(...) Sua cultura tem base em tolerância e solidariedade. **Sua cultura** (A cultura da paz) respeita os direitos individuais...". Percebe que a reescritura mantém a coesão e a coerência? Portanto, realmente o pronome *Ela* remete a "Sua cultura", que, por sua vez, refere-se à "cultura **de paz**".

15 – C. A única alternativa que apresenta o pronome pessoal de tratamento usado de maneira correta é a C, pois, quando se usa pronome de tratamento, a regra gramatical diz que os verbos e outros pronomes que referem a ele devem estar na 3ª pessoa do discurso, o que não ocorre nas demais alternativas. Segundo os principais manuais de redação oficiais, as abreviaturas usadas pela FCC não procedem. Segundo o irrefutável Celso Pedro Luft, revisor do *Manual de Redação da Presidência da República*, a abreviatura de Vossa Excelência é V. Exa. (ou V. Exª.). Bem-vindo à FCC.

16 – B. Para que esteja correto o uso da preposição antes do relativo, você tem de perceber se o verbo ou o nome que vem após o pronome relativo está exigindo preposição. Veja a letra B: "... um vício de que *muita gente da imprensa não consegue se esquivar*". A pergunta que você vai fazer é: "Muita gente da imprensa não consegue se esquivar **de** quê?". **Do vício**, certo? Afinal, quem **se esquiva se esquiva *de*** algo/alguém. Em outras palavras, veja se após o pronome relativo há um verbo ou um nome **exigindo uma preposição**. Se houver (Brasil!), a preposição ficará antes do pronome relativo! Ok? Agora teste esse conhecimento nas demais alternativas, já corrigidas: A: "O Príncipe é um símbolo reincidente, de cujo nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento.". Quem tem **conhecimento tem conhecimento *de*** algo. O cujo está bem usado, pois ele sempre vem relacionando dois

nomes, estabelecendo uma relação de posse entre eles. Desdobrando a oração, ela ficaria assim: "Talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento do **nome** pessoal **do Príncipe**. Percebe a relação de posse entre *nome* e *Príncipe*? C: "A trama da qual o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso." Quem **participa participa *de*** algo. O pronome relativo *a qual* está retomando *a trama*, expressão feminina, logo está bem usado. D: "Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão da qual decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve.". Toda a trama **decorreria** *de* algo. E: "Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação **de que** irão depender todas as demais.". Quem **irá depender irá depender *de*** algo/alguém.

17 – E. Primeira parte: quem cultua cultua algo ou alguém, certo? Ok. Delacroix é um nome masculino singular, certo? Portanto o pronome oblíquo a ser usado é o pronome *o*. Só que o verbo termina em **-r**, certo? O *r* vai deixar de ser usado e o pronome *o* vai se tornar *lo*. Daí, temos a seguinte reescritura: "nem por isso deixa de cultuá-**lo**". Segunda parte: o pronome oblíquo átono vai substituir uma expressão substantiva de núcleo feminino e singular, e o verbo não termina em **-r**, logo a reescritura certa é: "Cézanne **a** admira" ou "Cézanne admira-**a**". A colocação do pronome neste caso é facultativa. Terceira parte: observe que a expressão substantiva sublinhada tem núcleo feminino singular, logo usaremos o pronome oblíquo átono *a*; como o advérbio *já* vem colocado antes do verbo, o pronome também ficará antes do verbo: "já **a** encontramos".

18 – A. Na letra A, veja que o *cujo* está bem usado, respeitando todos aqueles critérios de uso que a gente já viu. Sobre a preposição, ela vem antes do pronome relativo porque o verbo *acreditar* a exige: "Não deu certo o tal do método prático **em** cuja eficiência Paulo Honório chegou a **acreditar**.". Vejamos os demais erros: b) "Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada **DE** que nenhum escritor pode **abdicar**." Quem abdica, abdica algo ou **de** algo. c) "Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal que jamais **toleraria**." Quem tolera, tolera algo/alguém. d) "Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas cujo brilho ninguém **superaria**." Quem supera, supera algo/alguém. e) "A linguagem **A** que Paulo Honório de fato **aspirava** era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas." Quem aspira, aspira A algo (no sentido de almejar).

19 – C. Observe com calma: "As hipóteses aventadas, ***em que*** *se baseiam os especialistas*, devem ainda ser comprovadas por exames acurados.". Quem se baseia se baseia **em**

algo. Aí está. Simples assim. Faça esse teste nas outras alternativas e constatará que não se exige a preposição **em**.

20 – C. Sobre a letra C, o verbo *definir* é transitivo direto, exige complemento não preposicionado (objeto direto). Como já sabemos, o *lhe* substitui termos preposicionados (objeto indireto), logo a substituição está inadequada. Deveria ser "definiu-o", pois *-o, -a, -os, -as* (e variações: *-lo, -la, -los, -las, -no, -na, -nos, -nas*) exercem função de objeto direto, substituindo complementos não preposicionados.

21 – E. Na letra E, o *lhe* foi usado para substituir um complemento não preposicionado; isso é um erro, uma vez que tal pronome só substitui complemento preposicionado (**a** ele(a/s); **para** ele(a/s)). Ok? Deveria ser: "Guimarães Rosa mantém-no ou Guimarães Rosa o mantém".

22 – C. A afirmação do tópico II está equivocada, pois o verbo que vem após o pronome relativo está no plural, logo o pronome relativo 'que' pode retomar tranquilamente o núcleo do termo preposicionado anterior. Agora, por uma questão de maior clareza, o uso do pronome relativo *os quais* realmente é melhor. Isso não significa que o uso do *que* implicaria ambiguidade ou erro. Veja: "*A própria literatura consagra escritores no mercado internacional,* ***os quais/que*** *negociam seus direitos por intermédio de agentes...*".

23 – D. Questão interessante. Na letra D, numa análise mais "moderna", o adjetivo *pesado* exige um complemento preposicionado iniciado por *a* ou *para*, por isso o uso do *lhe* é aceitável. Lembra que o *lhe* pode ser substituído por "a/para ele"? É isso aí. "O jarro era por demais pesado **para ele** = o jarro **lhe** era por demais pesado". Eu disse que a questão é interessante, pois a maioria dos gramáticos dizem que o *lhe* só pode exercer função sintática de objeto indireto em detrimento de outros estudiosos da língua, como Claudio Cezar Henriques, Ulisses Infante, Faraco & Moura, Celso Pedro Luft e mais uns pingados. Estes dizem que o *lhe* pode exercer função sintática de complemento nominal, que também é um termo preposicionado. Os gramáticos tradicionais vão dizer que, mesmo com o verbo *ser* (verbo de ligação), o *lhe* tem função de objeto indireto; é mole? Fique esperto!

24 – E. a) "A obsolescência e o anacronismo, atributos **com** os quais os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar com a expressão dez de setembro." (Os americanos manifestam todo seu desprezo **com** estes atributos: obsolescência e anacronismo.) O uso do pronome relativo *os quais* está correto, pois ele retoma atributos (masculino plural). b) "O estado de psicose, **no** qual imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança cuja radicalidade muitos recriminam." Quem imerge imerge **em** algum lugar. Quem recrimina recrimina algo/

alguém. O uso dos pronomes relativos está correto, pois *o qual* retoma "estado de psicose", expressão masculina singular; quanto ao *cujo*, estabelece a relação de posse entre dois nomes adequadamente. c) "A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo o qual ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo **do qual** foram tomados tantos americanos." Quem se arrisca a pronunciar se arrisca a pronunciar algo. Quem é tomado é tomado **de** alguma coisa. Quanto ao uso de *o qual* retomando *algo* e *pasmo*, não há nada a dizer, pois está corretíssimo. d) "Não é à descrença, sentimento **por** que nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é à esperança que queremos nos apegar." Quem se sente invadido, se sente invadido **por** algo. Quem quer se apegar, quer se apegar **a** algo/alguém. Sobre o uso do pronome relativo *que*, você já sabe que ele retoma qualquer palavra. e) "Fatos como os de 11/9, com que ninguém espera se deparar, são também lições terríveis, de cujo significado não se deve esquecer." Quem espera se deparar espera se deparar **com** algo/alguém. Quem não se deve esquecer não se deve esquecer **de** algo/alguém. Os pronomes relativos *que* e *cujo* estão dentro do padrão culto.

25 – C. NUNCA o pronome oblíquo átono pode ficar após verbo no particípio! Regra clássica!

26 – C. Veja o contexto: "Um texto descuidado não chega a ser atestado de toda uma formação educacional frágil. Mas **o** é (ou seja, 'mas é atestado') da forma como damos ênfase àquilo que fazemos...". Cuidado com esse pronome demonstrativo que substitui uma ideia inteira!

27 – B. Comento só as letras A e E, pois têm a ver com este capítulo. Na letra A, de fato o pronome possessivo *sua* tem como referente "remédios europeus". Uma maneira de você perceber isso é substituindo o pronome pelo referente. Veja: "... que importavam remédios europeus e usavam produtos nativos na formulação *dos remédios europeus*". Foi? Em E, o pronome relativo *que* refere-se a boticários de fato; substitua: "... eram manipuladas por boticários, *os boticários* importavam remédios...". Foi?

28 – Totalmente **INCORRETA!** O pronome demonstrativo *tais* não é usado em linguagem informal apenas, mas também em linguagem formal para retomar termos, quando equivale aos demonstrativos *esse(a/s)*. Veja se a substituição não é perfeita: "O que **essas** pessoas talvez nunca percebam...".

29 – B. Sobre B: o artigo é facultativo antes de pronome possessivo adjetivo. Portanto, correta a reescrita. Na letra A, ocorre um erro, pois o pronome indefinido seguido de artigo tem um sentido; sem artigo, outro. Sobre a letra E, veja o contexto para saber se é possível trocar o pronome relativo *que* por *a qual*: "Portanto, correríamos o

risco de, mesmo vivendo muito, ter de suportar a dor das perdas prematuras **a qual**, em função de uma vida maior, seriam muito mais *doloridas*.". Note que o pronome relativo, na verdade, pelo contexto, está retomando "perdas prematuras", logo deveria ser *as quais* e não *a qual*. Foi? Reescrevendo corretamente: "Portanto, correríamos o risco de, mesmo vivendo muito, ter de suportar a dor das *perdas prematuras* **que/as quais**, em função de uma vida maior, seriam muito mais doloridas.".

30 – A. A forma *foram fechando-se* respeita o registro culto da língua, pois, em uma locução verbal, o pronome oblíquo átono pode ficar depois do verbo principal no gerúndio (ênclise), sem problemas.

31 – B. Cuidado com as preposições antes dos pronomes relativos! A essa altura do campeonato, você não pode mais *garotear*, hein! Veja de novo a letra B: exige-se alta *habilitação* **para** (esta preposição fica antes do pronome relativo *cujo*); o verbo *caber* exige a preposição A, que fica antes do pronome *quem* obrigatoriamente. Veja os erros das demais: a) A argumentação na qual se valeu o ministro baseava-se numa analogia em cuja pretendia confundir função técnica com função política. Quem se vale se vale **de**, então deveria ser: "A argumentação **d**a qual se valeu...". O pronome relativo *cujo* vem entre dois nomes estabelecendo uma relação de posse, o que não ocorre neste texto. Portanto, o texto deveria ser reescrito assim: "A argumentação da qual se valeu o ministro baseava-se numa analogia que pretendia confundir função técnica com função política.". c) Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto do que a promoção pelo mérito onde nem todos confiam. O adjetivo *preferível*, assim como o verbo *preferir*, exige a preposição A, isto é: "Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto à promoção...". Além disso, o pronome relativo *onde* só retoma palavra de sentido locativo, o que não é o caso. Portanto, o texto deveria ser escrito assim: "Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto à promoção pelo mérito no qual nem todos confiam.". d) A má reputação de que se imputa ao "assembleísmo" é análoga àquela em que se reveste a "meritocracia". O verbo *imputar* não exige a preposição **de**, mas sim o verbo *revestir-se*, logo o trecho deveria ser escrito assim: "A má reputação que se imputa ao 'assembleísmo' é análoga àquela de que se reveste a 'meritocracia'". e) "A convicção de cuja não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo à natureza do caso." Pela milésima vez, o *cujo* só vem entre dois nomes, o que não é o caso. A crase final não procede, pois não há contração de preposição *a* com artigo *a* para haver a crase. Logo, o trecho deveria ser escrito assim: "A convicção de que/da qual não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo a natureza do caso.".

32 – D. Uma maneira de descobrir que expressão está sendo substituída pelo pronome demonstrativo *isso* é simplesmente substituir o pronome pela expressão (ou por uma paráfrase dela), no contexto. Veja: "Sem dúvida, não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos. Análise rasa baseada em uma ótica ultrapassada, na qual projetos hidrelétricos provocam necessariamente impactos ambientais irrecuperáveis e não compensáveis, sugere que esse duplo objetivo é inatingível. Mas **a ideia de que não é possível aliar construção de hidrelétricas e preservação da Amazônia não tem de ser assim** ...".

33 – CORRETA. Reveja o trecho: "Também certos latino-americanos **(adjetivo pátrio que reporta ao processo de colonização)**, como o brasileiro **(adjetivo pátrio específico)** Caio Prado Jr., o trindadense **(adjetivo pátrio específico)** Eric Williams e o argentino **(adjetivo pátrio específico)** Sérgio Bagu, haviam chamado a atenção para a vinculação, desde a colônia, da sua região **(ou 'da região deles', a saber: Brasil, Trinidad e Tobago e Argentina)** com o capitalismo mundial.".

34 – ERRADO. Afirmação equivocada, pois o demonstrativo *Essas* (também *esse, esses, essa*) nunca é usado para se referir a termo *posterior*. No contexto, "Essas" refere-se ao termo antecedente "muitos".

35 – E. Segundo a visão da FCC, apoiada em gramáticos tradicionais, não pode haver contração de preposição com artigo/pronome antes de sujeito de verbo no infinitivo. Logo, a redação da E está equivocada, pois, segundo esta ótica, deveria ser: "o motivo de os gregos legarem-nos apenas um valor fundamental". A minha ideia, ao colocar esta questão, na verdade, foi comentar a letra C. A FCC, acertadamente, nos ensina que pode haver próclise mesmo depois de uma intercalação. Exemplo: "Os professores, muito competentes por sinal, **nos** ajudaram (ou ajudaram-**nos**) muito.". Cuidado com esse papo de que pronome oblíquo átono não pode vir logo após a vírgula, hein. Neste caso, P-O-D-E! Quem diz isso não sou eu, mas a Academia Brasileira de Letras.

36 – ERRADO. Não é sanada, pois o pronome de tratamento que se refere a juiz é Vossa Excelência. Vossa Eminência ou Vossa Eminência Reverendíssima, em comunicações aos Cardeais. Corresponde-lhe o vocativo: Vossa Excelência é usada para autoridades **do Poder Judiciário**: Ministros dos Tribunais Superiores/Membros de Tribunais/Juízes/Auditores da Justiça Militar.

37 – ERRADO. O pronome retoma *rei*, e não *o poder do rei*.

38 – C. Esta questão deveria ter sido anulada, pois o vocábulo *qualquer* é tão somente um pronome indefinido, independente de sua posição junto ao substantivo. Quem diz isso não sou eu, mas todos os gramáticos superconsagrados, e nada mais, nada menos que a Academia Brasileira de Letras. No entanto, ela não foi anulada, pois o dicionário Houaiss diz que *qualquer* pode ser um adjetivo. Não conheço outro dicionário que diga o mesmo que o Houaiss. Estranho, não?! Durma com um barulho desse!

39 – E. Quando *o, a, os, as* estão antes de pronome relativo *que* e antes de preposição *de* e podem ser substituídos por pronomes demonstrativos (*aquele(a/s), aquilo*), eles são classificados como reais pronomes demonstrativos.

40 – A. Conforme o trecho apresentado, o pronome oblíquo em destaque refere-se ao substantivo *convivência*: "... afastar a tensão na **convivência** entre os países, colaborando para manter a **convivência** em desejável harmonia" = "... afastar a tensão na **convivência** entre os países, colaborando para mantê-**la** (= convivência) em desejável harmonia.". Safo?

41 – CORRETA. Para ter certeza de que o pronome retoma determinado referente, substitua o pronome pelo referente: "A fraqueza da produção manufatureira, nos últimos meses e anos, aqueceu o debate sobre o risco de desindustrialização no Brasil. No ano passado, o crescimento **da produção manufatureira** foi de apenas 0,3%, uma ninharia em comparação com a alta de 6,7% no varejo". Simples assim!

42 – E. Vejamos um por um. A: O pronome indefinido *todos* se refere aos cidadãos finlandeses, não retoma nem sintetiza os termos da enumeração. B: As duas expressões estão em oposição, logo não pode ser uma paráfrase da outra. C: O pronome relativo *que* retoma o termo anterior: vida. D: O pronome *isso* sintetiza tão somente esta ideia: "A maioria de seus educados cidadãos são seres pouquíssimo críticos: questionam pouco a vida que levam e são fisicamente contidos". E: Reescreva o trecho, substituindo os pronomes pelo referente substantivo (cidadão): "A igualdade e a dignidade humana que uma sociedade pode produzir referem-se à possibilidade de o cidadão ter condições materiais e subjetivas à disposição **do cidadão**, para que, atendidas as necessidades básicas e diárias de bem-estar **do cidadão**, **o cidadão** ocupe **a si mesmo** (ou seja, **o cidadão**) com questões outras que a sobrevivência.".

43 – C. O autor se expressa na 1ª pessoa do plural como estratégia de polidez, de modéstia, evitando-se a possível interpretação de arrogância ou extrema pessoalidade.

44 – E. Substitua o *o* por *fato* e notará que *a escrita de próprio punho provoca, na região dedicada ao processamento das informações armazenadas na memória, uma atividade significativamente mais intensa do que a da digitação* é a ideia retomada, pois o pronome demonstrativo *o* faz referência ao papel que a escrita de próprio punho provoca no cérebro em contrapartida ao uso da digitação.

45 – D. A conjunção *e* não é atrativa, logo o pronome pode ficar enclítico ou proclítico.

46 – A. Observe com calma: "... tamanhos avanços tecnológicos provocam o distanciamento dos jovens em vez de (os avanços tecnológicos) aproximá-**los** (os jovens)...". Fácil, não?

47 – C. "O nome da cidade cuja população a respeita muito é Nadópolis.". Perfeito o uso do *cujo*.

48 – A. Segundo a regra de colocação pronominal sobre locução verbal com verbo principal no gerúndio, a reescritura de I está correta. As demais estão equivocadas: em II, o verbo *tratar-se* não varia em número, pois vem acompanhado de uma partícula de indeterminação do sujeito; em III, a próclise prevalece sobre a mesóclise; em IV, na segunda frase, a próclise não ocorre por causa da atração de um pronome indefinido, mas da de um advérbio (Já).

49 – C. O único referente feminino plural é duas loiras, logo o pronome oblíquo *las* tem valor anafórico, pois remete a *duas loiras*, substituindo-as, para evitar a repetição.

50 – C. Nas opções a), b) e e), o vocábulo *que* é uma conjunção integrante, pois inicia orações subordinadas substantivas, que equivalem a "isto/isso". Na d), o *que* é uma conjunção comparativa. Só na c), o *que* é um pronome relativo, pois retoma *eletrodomésticos* e pode ser substituído por *os quais*.

51 – C. a) O *lhe*, que não exerce função de objeto direto, não pode retomar *esta coluna*, que é um objeto direto. O adequado seria *assina-a*, pois o pronome *a*, além de concordar em gênero e número com termo substituído, exerce função de objeto direto. b) O adequado é *formamo-lo*, pois o verbo termina em **s**. c) Como o verbo termina em **r**, usa-se o pronome átono *lo* para retomar o termo substituído *o poder*. d) Mudá-lo. e) Preparando-a.

52 – C. Quem é frequentador é frequentador **de** algum lugar, logo *de que*: *O restaurante Reis, de que o poeta era assíduo frequentador, ficava no velho centro do Rio*. Poderia ser *do qual* também.

Capítulo 12

Gabarito

1 – INCORRETA. O verbo *tornar-se* é pronominal quando indica mudança de estado, logo o *se* não indica voz passiva, pois é uma parte integrante do verbo.

2 – INCORRETA. O *se* é um índice de indeterminação do sujeito. Retire o *se* e coloque o *alguém* antes do verbo, como se fosse o sujeito, e verá que o sentido é o mesmo. *Chegou-se a dizer que... = Alguém chegou a dizer que...* Não se sabe quem é o sujeito, logo o sujeito é indeterminado, e o *se* indica justamente isso, por isso é um pronome com função de indeterminar o sujeito.

3 – A **segunda afirmação está CORRETA** e é autoexplicativa. Mas para torná-la de fácil digestão, perceba que, em "Qualquer invencionice só estimularia operações especulativas no câmbio, que acabariam provocando uma valorização ainda mais indesejável da moeda nacional", as operações especulativas no câmbio seriam estimuladas por qualquer invencionice. Logo, na linha do tempo, primeiro ocorreria "qualquer invencionice" (passado) estimulando (no futuro), hipoteticamente, operações especulativas no câmbio. Já na primeira afirmação, as formas verbais estão no modo subjuntivo, logo não indicam "fatos de realização garantida", afinal, o subjuntivo exprime incerteza, dúvida, suposição etc.

4 – B. Observe que o enunciado fala sobre erro **gramatical**. Nada sobre sentido. Assim, perceba que em *vinham divulgando* o verbo auxiliar está no plural, logo o verbo *ter*, na 3ª pessoa do plural, recebe acento circunflexo, ficando assim: *têm divulgado.*

5 – CORRETA. O modo subjuntivo de fato introduz noção hipotética. A afirmação procede.

6 – INCORRETA. Não prejudica a correção, pois houve simples passagem de voz passiva sintética para voz passiva analítica.

7 – C. O verbo negociar, terminado em **-iar**, tem a seguinte conjugação no imperativo negativo (cópia do presente do subjuntivo): não negocies, não negocie, não negociemos, não negocieis, não negociem. Pelo que se vê, não há ditongação.

8 – B. A alternativa certa é autoexplicativa. O futuro do presente do indicativo indica fato futuro certo, ainda que sem data certa.

9 – B. Esta questão é de transposição de voz passiva analítica para voz passiva sintética. Elimina-se o verbo *ser* e passa-se o verbo principal para o mesmo modo, tempo e pessoa em que estava o verbo *ser*. Junta-se o pronome *se* apassivador ao verbo, observando-se as regras de colocação dos pronomes. O sujeito fica posposto ao verbo que com ele concorda. Assim: *Os estudos serão apresentados ao Ministério da Saúde* > *Apresentar-se-ão os estudos ao Ministério da Saúde*. Simples assim!

10 – D. Questão de uniformidade de tratamento bastante legal. Lembra-se desse assunto? Bem, os verbos e os pronomes precisam estar em uma mesma forma de tratamento, ou seja, se o texto começa na 2ª pessoa, os demais elementos precisam estar na 2ª pessoa. Normalmente questão desse tipo está ligada à formação do imperativo. Observe a frase original: "Levanta suas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexa em seus pertences. Passa teus documentos e considere-se preso.". Observe agora as formas de tratamento usadas (note que há mistura de tratamentos, 2ª pessoa com 3ª pessoa... uma bagunça!): "Levanta (2ª p.) suas (3ª p.) mãos para o alto. Afaste-se (3ª p.) da vítima e não mexa (3ª p.) em seus (3ª p.) pertences. Passa (2ª p.) teus (2ª p.) documentos e considere-se (3ª p.) preso.". A única alternativa que respeita a uniformidade de tratamento é a letra D: "Levanta (2ª p.) tuas (2ª p.) mãos para o alto. Afasta-te (2ª p.) da vítima e não mexas (2ª p.) em seus (3ª p.) pertences. Passa (2ª p.) teus (2ª p.) documentos e considera-te (2ª p.) preso.". Tudo na 2ª pessoa; percebeu?

11 – CORRETA. O subjuntivo indica hipótese, como de costume, e o indicativo, afirmação certa. A substituição de *sejam* por *são* ou *serão* mudaria a perspectiva de sentido, atendendo à intenção que se deseja atribuir ao contexto.

12 – INCORRETA. Por falta de correlação verbal, é impossível que o pretérito imperfeito do subjuntivo substitua o presente do subjuntivo neste contexto, pois a correlação só se estabelece através de dois verbos: 'garante' (presente do indicativo) + 'exerça' (presente do subjuntivo). Veja como a substituição fica esdrúxula: "Apesar desta missão ser, por si só, relevante, na medida em que garante os recursos financeiros para que o Poder Público bem **exercesse** seu mister...". Raciocine: se a missão garante algo para que o Poder Público passe a exercer, isso não pode estar ligado a uma ideia passada.

13 – NENHUM. Em I, o verbo **ser** é expletivo, ou seja, pode ser retirado sem prejuízo sintático ou semântico, pois o objetivo dele é meramente estilístico (realce). Em II, está certa a substituição, pois o tempo composto do pretérito mais-que-perfeito do indicativo (fizera) é feito por meio do verbo *ter/haver* no pretérito imperfeito do indicativo + particípio (havia feito).

14 – CERTO. Os gramáticos dizem que, quando se quer dar ênfase ao sujeito do verbo no infinitivo, é possível flexioná-lo. Portanto, embora devamos levar em conta as regras abaixo, a flexão do infinitivo dependerá da intenção do autor e da clareza que se quer dar ao discurso. Observe esta frase: *Convidei meus amigos para* ***almoçar/almoçarem*** lá em casa (tanto faz). Portanto, pode o infinitivo se flexionar ou não neste caso: "Ficamos a olhar o verde do jardim, *as gotas a* ***evaporar/evaporarem****, as lesmas a* ***preparar/prepararem*** *os corpos para novas caminhadas.*".

15 – CERTO. O futuro do pretérito é um tempo verbal que está diretamente ligado à ideia de hipótese, suposição, dúvida, incerteza. Portanto, uma maneira de criarmos um distanciamento no nosso discurso é por meio do uso desse tempo verbal. Perceba que, com o uso do verbo no futuro do pretérito, se coloca em xeque a veracidade da afirmação, a saber: é, *de fato*, a indispensabilidade da teoria política uma necessidade de autoconhecimento dos indivíduos?

16 – ERRADO. O uso do verbo no presente do subjuntivo *estejam* não se relaciona sintaticamente com a oração "como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas", mas sim tão somente com **pessoas**. Além disso, a escolha do presente do subjuntivo nada tem a ver com a relação sintática entre a forma verbal *estejam* e algum termo da oração. A seleção deste tempo e modo verbal para o verbo *estar* tem a ver com o contexto de possibilidade, hipótese, a saber: "**A questão da desigualdade**, finalmente, **está produzindo estudos focados em entender como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas — *estejam*** *elas no topo ou na base.*" (Percebe aqui a ideia de possibilidade?). Safo?

17 – ERRADO. O verbo auxiliar *dever*, em ambos os casos, não indica probabilidade. Não é pelo fato de eles estarem, respectivamente, no presente e futuro do presente do <u>indicativo</u>, o modo da certeza, mas sim porque exprimem um tom imperativo, de obrigatoriedade/dever/recomendação. O verbo auxiliar *dever* é bem interessante, pois seu valor semântico pode mudar consoante o contexto. Veja: *Você deve sair daqui agora!* (obrigatoriedade)/*Já que você não trabalha, deve estudar.* (necessidade)/*O João já deve ter chegado.* (possibilidade, incerteza).

18 – ERRADO. A substituição incorrerá em erro gramatical e incoerência, porque há falta de correlação verbal. Veja: "... sabia que isso não o *tornasse* menos humano e digno". Esse verbo não cabe no contexto uma vez que não há harmonia de sentido entre a forma verbal *sabia* (pretérito imperfeito do indicativo) e *tornasse* (pretérito imperfeito do subjuntivo). Raciocine: se ele sabia algo (isso indica certeza, fato), não faz sentido deixar o verbo *tornar* no subjuntivo, indicando um passado hipotético. Ficará incoerente. Ok?

19 – CERTO. Lembra-se daquele bizuzinho de conjugação verbal do subjuntivo que você aprendeu lááááá com a Tia Teteca, na escolinha? Então, ele vale ainda hoje. Veja: *(Se) eu amasse, tu amasses, ele amasse, nós amássemos...* (pretérito imperfeito do subjuntivo). Sabe por que você aprende a conjugar com essas conjunções antes do verbo no subjuntivo? Porque o verbo no subjuntivo é próprio das orações subordinadas, e tais conjunções são subordinativas, introduzindo, afinal, orações subordinadas. Logo, faz todo o sentido a afirmação da banca.

20 – ERRADO. No primeiro caso, *misturar* é verbo principal da locução verbal *voltam a se misturar*, portanto não sofre flexão — a não ser que estivesse bem afastado do auxiliar, o que não é o caso. Sobre *provocar*, note que, antes, um substantivo seguido de preposição *de* rege o verbo, logo, não se pode flexioná-lo: "... na *esperança de... provocar...*".

21 – CERTO. A forma verbal *apreenderem* é um infinitivo flexionado, pois vem antecedido de preposição. Estou falando isso, pois muita gente confunde a forma verbal de futuro do subjuntivo com a forma de infinitivo. Enquanto esta vem antecedida de preposição, aquela vem antecedida de conjunção. Veja: ***Quando*** *policiais da Delegacia Antipirataria* ***apreenderem****.../*"... **após** policiais da Delegacia Antipirataria **apreenderem**...". A forma de tempo composto do verbo 'apreender' é *ter/haver apreendido*. Colocando na 3ª pessoa do plural, temos *terem apreendido*, que tem o mesmo sentido que *apreenderem*. Logo, "... **após** policiais da Delegacia Antipirataria **terem apreendido**...". Safo?

22 – CERTO. Houve simples mudança de voz passiva analítica para sintética e vice-versa.

23 – CERTO. Interessante a questão, pois, de fato, a troca de *se* por *caso* altera o tempo verbal, mas não o modo, de modo que a frase fica assim: "Caso nos **apressemos** (presente do subjuntivo) a dizer... **poderá** (futuro do subjuntivo) apenas...".

24 – ERRADO. Como se trata de uma pergunta, os verbos no futuro do presente expressam dúvida, portanto não existe assertiva (ou certeza) quanto às supostas características da *nova sociedade*.

25 – CERTO. O tempo composto formado pelos verbos *ter/haver* no pretérito imperfeito do indicativo + particípio, formam o pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo, que equivale ao pretérito mais-que-perfeito simples do indicativo. Em outras palavras, *havia/tinha imprimido = imprimira*.

26 – ERRADO. A ideia não é sugerir que há nações que resistem a "estar nesse tempo". O futuro do subjuntivo (*quiserem*) tão somente indica o verdadeiro desejo

que as nações devem ter de fazer parte, no futuro (hipotético, pois não se sabe com certeza se nações não adotarão tal postura, o que é totalmente diferente de dizer que algumas nações resistem à era tecnológica), da era da informação (internet).

27 – CERTO. Note que a locução verbal de tempo composto (ter/haver + particípio) está na voz passiva analítica (*tenha sido... formada*). No entanto, nada impede que substituamos o verbo *ter*, no presente do subjuntivo, pelo verbo *haver*, desde que este esteja no mesmo tempo e modo verbal. Portanto, poderíamos reescrever o trecho assim: "... que ***haja*** *sido* completamente *formada* na era da Internet". Fica feio, mas é forma culta... fazer o quê? ☺

28 – A. Esta questão trata, na letra A, de emprego de tempos e modos verbais e aspecto verbal. Vejamos o contexto: "No entanto, sem escala de valor está a vida de milhares de pessoas que **faleceram** (pretérito perfeito do indicativo) e **virão a sucumbir** (futuro do presente do indicativo), vítimas das enchentes.". De fato os verbos expressam, respectivamente, uma ação concluída, observada no seu término, no seu resultado, e uma ação a ocorrer após o momento em que se enuncia o fato. Na letra B, a banca sugere que a locução verbal fique assim: "poderiam terem sido evitadas". Nooossssa-aa! Ficaria no mínimo... *feio*, como dizem as meninas! Mas a questão é que apenas o primeiro verbo da locução verbal (verbo auxiliar) pode variar em número e pessoa, os outros não! Safo? Sobre a letra E, não se pode trocar a forma participial *suspenso* por *suspendido* à la Bangu, não! Você pensa que cachaça é água? Cachaça não é água, não! Lembra-se dos verbos abundantes? Segundo Rocha Lima, **verbos abundantes** são aqueles que apresentam mais de uma forma verbal para expressar a mesma flexão. Há muitos verbos que possuem duas formas de particípio: uma terminada em **ado** ou **ido** – regular (quando vierem os verbos *ter* ou *haver* antes), portanto; e outra reduzida, irregular, sem **ado** ou **ido** (quando vierem os verbos ser ou estar antes).

29 – CORRETO. A afirmação está perfeita. Veja o contexto: "Afinal, se uma pessoa se **lembrasse** (pretérito imperfeito do subjuntivo) de tudo, em todos os pormenores, não **conseguiria** (futuro do pretérito do indicativo) pensar de forma genérica.". Se mudássemos o tempo verbal, haveria mudança na correlação verbal: "Afinal, se uma pessoa se **lembrar** (futuro do subjuntivo) de tudo, em todos os pormenores, não **conseguirá** (futuro do presente do indicativo) pensar de forma genérica.".

30 – CERTO. Questão de correlação verbal de novo: clássica! Está é mole, pois há duas combinações clássicas para que haja harmonia de sentido entre os verbos no período: pretérito imperfeito do subjuntivo (*caísse*) + futuro do pretérito (*viria*) ou futuro do subjuntivo (*cair*) + futuro do presente do indicativo (*virá*).

31 – A. Por que a letra A é o gabarito? Veja: *(A) As ponderações de Kucinski* ***seriam*** *úteis se acatadas por todos os que* ***estivessem*** *envolvidos no campo de atuação que ele analisou*. Essa dobradinha de correlação verbal é clássica! **Futuro do pretérito** + **Pretérito imperfeito do subjuntivo** (ou vice-versa).

32 – B. A correta correlação é esta e nenhuma outra: "Paulo Honório **queria** contar a própria vida, mas, julgando que não o **conseguiria**, **pediu** ao jornalista Gondim que o **fizesse**." Lembre-se de que a correlação ocorre entre dois verbos em uma estrutura de subordinação. Portanto, você precisaria perceber a correlação entre essas estruturas de subordinação (note a conjunção integrante marcando a relação de subordinação): "**julgando** que não o **conseguiria**"/"**pediu** ao jornalista Gondim que o **fizesse**". No primeiro caso, como se trata de uma narração, o verbo no gerúndio mantém a ideia de passado, é como se estivesse escrito assim: "**julgou** que não o **conseguiria**": *voilà!*; correlação adequada, pois temos aí **pretérito perfeito + futuro do pretérito**. No segundo caso, temos a adequada correlação verbal **pretérito perfeito (pediu) + pretérito imperfeito do subjuntivo** *(fizesse)*.

33 – E. Note, no enunciado, que a forma verbal *fez* está acompanhada da partícula *se*, certo? Essa partícula é apassivadora porque podemos reescrever a frase passando para a voz passiva analítica (a marca de voz passiva analítica é o verbo ***ser*** + **particípio**. Veja: *Foi assim que sempre se fez a literatura = Foi assim que sempre a literatura foi feita*. Esta reescritura prova que o *se* é partícula apassivadora e que encontra semelhança com a letra B. No entanto, o enunciado não quer que você marque a frase que esteja na voz passiva analítica, mas sim na voz ATIVA. Passando da voz passiva sintética para a ativa, basta retirar o *se* e o verbo da ativa ficará na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito, ou seja, sujeito indeterminado. Exemplo: Fez-se um grande arranjo para o casamento./Fizeram um grande arranjo para o casamento. Desse modo, meu nobre, *Foi assim que sempre se fez a literatura* (passiva sintética) = *Foi assim que sempre fizeram a literatura* (ativa).

34 – B. Mole: ... *a leitura em profundidade* (sujeito da passiva vira objeto direto na ativa) *foi substituída* (vira um simples verbo com o mesmo tempo e modo verbais do *ser* – pretérito perfeito) *pela massa de informações* (agente da passiva vira sujeito da ativa)... Logo: "A massa de informações (sujeito) **substituiu** (simples verbo no pretérito perfeito) a leitura em profundidade (objeto direto).".

35 – E. *Caso houvesse ganhos da produtividade na pecuária (hipótese), po-de-ri-am liberar terras*... vão re-al-men-te liberar? Talvez! Enfim... o futuro do pretérito indica hipótese! Olho nele!

36 – A. Os verbos no subjuntivo, normalmente, aparecem após conjunções subordinativas (que, embora...), portanto prestemos atenção nas conjunções para que conjuguemos os verbos corretamente. Outra forma de acertar é perceber as desinências: para verbos de 1ª conjugação (**ar**), a desinência que sempre vai aparecer no presente do subjuntivo é a desinência modo-temporal **e**. Para verbos de 2ª conjugação (**er**) e de 3ª conjugação, a desinência será **a**.

37 – C. Antes de qualquer coisa, perceba a noção temporal do verbo: passado, presente ou futuro? Passado, certo? Daí que eliminamos as letras A e E. Passado = pretérito. Há três pretéritos no modo indicativo: perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito. As marcas desinenciais (ou seja, as terminações formais) de verbos no pretérito perfeito são: 1ª p.: **i**/2ª p.: **ste**/3ª p.: **u** (singular)/1ª p.: **mos**/2ª p.: **stes**/3ª p.: **ram** (plural). Os verbos que se encaixam aqui são *elogia**ram*** e *realiz**ou***. Restou-nos apenas a forma verbal *enfatiza**vam*** que pertence ao mesmo tempo e modo verbal que *conheci**a***. Veja as terminações de 1ª conjugação e a conjugação, respectivamente: **va(ve)/a(e)**.

38 – E. *Viu pedrinhas ali perto.* (voz ativa) = *Pedrinhas foram vistas ali perto.* (voz passiva analítica)

39 – C. É (presente do indicativo) comum que, durante suas brincadeiras, as crianças se ***transportem*** *(presente do subjuntivo) para um universo mágico e* ***assumam*** *(presente do subjuntivo) a identidade de uma personagem admirada,* ***seja*** *(presente do subjuntivo) um super-herói ou uma figura da realeza.* Note que todos os verbos após o presente do indicativo estão no presente do subjuntivo, o que corrobora a dobradinha clássica **presente do indicativo + presente do subjuntivo**.

40 – B. Questão atípica da FCC. Uma questão parecida caiu na prova do ITA 2002-2003. Leia a afirmação I de novo. Lembra quando eu falei de emprego de tempos e modos verbais? Então, o pretérito imperfeito do indicativo é interessante, pois é usado por crianças em suas histórias e universos infantis. Com certeza, você já usou quando criança esta forma verbal ***(Agora faz de conta que eu era a mamãe e você era o papai, tá?)***. O sentido desse uso do pretérito imperfeito do indicativo se refere a um tempo que não cabe na história temporal, datada cronologicamente, real, como o do ontem ou do amanhã, mas um tempo dentro de um espaço imaginário, da fantasia. Portanto, nos versos *Agora eu era o herói* e *A gente agora já não tinha medo*, o uso do advérbio *agora* mostra-se ADEQUADO, dentro do universo infantil, do imaginário. Sobre a afirmação II, *Finja* e *dê* são verbos no imperativo afirmativo, pois indicam mando ou conselho ou pedido etc.

41 – B. Aluno, cá entre nós, para fazer uma questão de conjugação verbal, você não precisa conhecer a conjugação dos mais de 11.000 verbos. Assustou-se? Não se assuste, pois você só precisa saber a conjugação de alguns principais: *ser, ir, haver* (e o derivado *reaver*), *pôr* (e derivados), *ver* (e derivados), *vir* (e derivados), *prover, requerer, caber, valer, crer, precaver, ter* (e derivados), os terminados em **-uir**, **-iar** e **-ear**. Conjugue esses verbos em casa, até internalizá-los! Bem, respondendo à questão: A – Os verbos terminados em **-uir**, como constituir, não apresentam a letra **e** por terminação, mas sim a letra **i** (**Eu constituo, tu constituis, ele constitui**...). B – O verbo *requerer* não é conjugado como o verbo *querer*. No presente do indicativo, ele é conjugado assim: *eu requeiro, tu requeres, ele requer, nós requeremos, vós requereis, eles requerem*...; nas demais formas verbais, ele se conjuga como o verbo *vender* (veja, por exemplo, o pretérito perfeito do indicativo: *eu vendi/requeri, tu vendeste/tu requereste, ele vendeu/requereu, nós vendemos/requeremos, vós vendestes/requerestes, eles venderam/**requereram***). Foi? C: *retiveram* é a forma certa, pois o verbo *reter* é derivado do verbo *ter*, normalmente as bancas gostam de trabalhar o pretérito perfeito nas conjugações verbais, fique ligado! *Eu (re)tive, tu (re)tiveste, ele (re)teve, nós (re)tivemos, vós (re)tivestes, eles (re)tiveram.* D: *vier* é a forma correta, pois o verbo *vir* está no futuro do subjuntivo; só interessante dizer que o verbo ver no futuro do subjuntivo dá trabalho, pois é "estranho"; veja: *Quando... eu vir, tu vires, ele vir, nós virmos, vós virdes, eles virem.* Estranhinho, não? E: *Se eles puserem...* o verbo *pôr* precisa ser bem conjugado, meus nobres; aprendam! Todo ano cai essa parada!

42 – D. *Tanto as fontes quanto a própria historiografia* (sujeito) *falavam* (verbo no pretérito imperfeito do indicativo) *a linguagem do poder* (objeto direto)... Transposição para a passiva analítica: *A linguagem do poder* (sujeito) *era falada* (locução verbal ser + particípio) *tanto pelas fontes quanto pela própria historiografia* (agente da passiva).

43 – B. *Competir* e *compelir* têm conjugação semelhante. Saiba uma, saberá a outra. Presente do indicativo: Eu compito/compilo, Tu competes/compeles, Ele compete/compele, Nós competimos/compelimos, Vós competis/compelis, Eles competem/compelem. E por aí vai... Veja também o presente do subjuntivo: *Que... eu compita/compila; tu compitas/compilas; ele compita/compila; nós compitamos/compilamos; vós compitais/compilais; eles compitam/compilam.* Finalmente no pretérito imperfeito do subjuntivo (desinência modo-temporal **sse**), temos: *Se... eu competisse/compelisse; tu competisses/compelisses; ele competisse/compelisse.* É isso aí! Agora a letra A. Lembra-se do verbo *ver*, que se encontra na lista dos que devem ser conjugados por você? Então, na letra A, aparece seu derivado: *antever.* A conjugação é a mesma, só é preciso colocar o prefixo (**ante-**) antes do verbo *ver* conjugado. Assim, a forma certa seria *antevissem* (*se... eu visse, tu visses, ele visse, nós víssemos, vós vísseis, eles **(ante)vissem***). Letra C: o que

ocorre nesta letra é a possível confusão entre *sortir* e *surtir* (verbos parônimos); *sortir* significa *abastecer, prover, misturar, combinar*; *surtir* significa *provocar, acarretar, ter como consequência*; no contexto da alternativa, a conjugação está certa, mas o verbo está errado, deveria ser *sortir* (*Caso não se* ***sortisse***...). Letra D: o verbo *maldizer* vem de *dizer*, obviamente; logo a forma verbal no contexto apresentado deveria ser *(mal)diSSessem* (... *os viajantes maldissessem*...). Letra E: olha aí de novo o verbo *pôr*, ou melhor, seu derivado *(sobre)por*; a conjugação deveria ser *sobrepuseram*, pois o verbo *sobrepor* se encontra no futuro do subjuntivo.

44 – B. Mera questão de conjugação verbal. É preciso apenas conhecer a conjugação do verbo *haver* (Eu pedi para você treinar a conjugação dele naquela lista de verbos recorrentes!); quanto ao verbo *expressar*, ele é conjugado como qualquer outro verbo de 1ª conjugação, ou seja, verbos terminados em **-ar**, como *amar*. Pretérito perfeito do indicativo: *Eu houve, tu houveste, ele* ***houve****, nós houvemos, vós houvestes, eles houveram. Eu amei/expressei, tu amaste/expressaste, ele amou/expressou, nós amamos/expressamos, vós amastes/expressastes, eles amaram/****expressaram****.*

45 – A. Os verbos estão no modo subjuntivo, e, como você já sabe, esse modo é o da hipótese.

46 – B. A forma de tempo composto do pretérito mais-que-perfeito do indicativo é feita por meio do verbo *ter/haver* no pretérito imperfeito + particípio. Ou seja, *escolhera = tinha/havia escolhido.*

47 – B. A primeira forma verbal (*crê*) está na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, logo ficamos entre a letra A e B, pois a 2ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo *crer* é (tu) ***crês***. A segunda forma verbal (*Erga*) está na 3ª pessoa do singular do imperativo afirmativo, que é cópia da 3ª pessoa do singular do presente do subjuntivo (vale dizer que o imperativo é formado pelo presente do indicativo e pelo presente do subjuntivo). Passando para a 2ª pessoa do singular do imperativo, temos que copiá-la da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo (sem a terminação **-s**), a saber: ***ergue***. Pronto! Batemos o martelo já! Mas, já que estamos aqui, comentaremos os demais verbos: *agradece* vem da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo (sem o **s**) para formar o imperativo afirmativo; *cobiçaste* e *acertaste* são formas de 2ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo.

48 – C. Voz passiva pronominal (ou sintética) apresenta pronome apassivador *se*. Para que o *se* seja um pronome apassivador, ele deve estar relacionado a um verbo transitivo direto, com sujeito paciente explícito na frase. Exemplo: *Alugam-se casas.* (*Casas são alugadas*). Vejamos cada alternativa: (A) "feito *hamsters* que se alimentam

de sua própria agitação." — os *hamsters* praticam a ação de "se alimentar"; este *se* é pronome reflexivo. (B) "Recolher-se em casa," — o verbo *recolher* é intransitivo e o *se* é partícula integrante do verbo. (C) "sinal de que não se arrumou ninguém" — o verbo *arrumar* é transitivo direto e o *se* é uma partícula apassivadora; na voz passiva analítica temos: "sinal de que não foi arrumado ninguém". (D) "Mas, se a gente aprende a gostar (...)" — o *se* é uma conjunção condicional. (E) "nela a gente se refaz (...)" — "a gente" pratica a ação de "se refazer", ou seja, refazer a si mesmo; o *se* é um pronome reflexivo.

49 – E. Cuidado com alguns verbos: os terminados em **-ear** e **-iar**, *caber, valer, requerer, precaver-se, reaver, prover, viger, aderir (competir, preterir, discernir, concernir, impelir, expelir, repelir), ser, ir, vir* (e derivados), *ver* (e derivados), *pôr* (e derivados), *ter* (e derivados), *haver, sortir/surtir, construir/destruir, obstruir.* Se eu fosse você, eu conjugava todos os dias esses verbos! São sempre os mesmos que caem todo santo ano! Veja as frases já corrigidas: (A) *O coordenador* ***reviu*** *as necessidades dos grupos* (rever). Verbo *rever* (derivado do verbo *ver*) flexionado na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. (B) *A impaciência* ***deteve*** *as pessoas* (deter). Verbo *deter* (derivado do verbo *ter*) flexionado na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. (C) *Eu* ***reavejo*** *minhas convicções diariamente.* (O verbo *reaver* – derivado do verbo *haver* sem a letra **h** – não é flexionado na 1ª pessoa do singular no presente do indicativo.). (D) *Quando você se* ***opuser*** *à minha solidão, ficarei aborrecido.* Verbo *opor* (derivado do verbo pôr) flexionado na 3ª pessoa do singular do futuro do subjuntivo. (E) Nós apreciamos os bons alunos. Verbo *apreciar* flexionado na 1ª pessoa do plural do presente do indicativo.

50 – B. Respeitando-se as regras de passagem de voz ativa para passiva, temos a seguinte reescritura: *O efetivo acesso à Justiça, antes de tudo,* ***tem sido proporcionado*** *às partes pela conciliação...* Note que o tempo composto mudou apenas pela colocação do verbo *ser* (no particípio) + *proporcionado,* formando uma locução verbal de voz passiva analítica **ser + particípio**.

51 – B. **Aspecto cursivo, durativo**: o processo verbal já teve um início e continuou ou continua, sem conclusão: *Ele* ***vem ouvindo*** música desde criança. (!!!) / ***Temos exercitado*** *muito a Língua Portuguesa..*

52 – D. Para haver correlação verbal adequada, o trecho deveria ser reescrito assim: "Depois de se haver debatido por três dias na areia da praia a jubarte **acabou** sendo salva por uma traineira que **veio** socorrê-la.". *Acabara* indica uma ação passada terminada antes de outra ação passada, o que, no contexto, é inadequado, porque a baleia foi salva depois de ficar na praia 3 dias, e não antes.

53 – E. Nível Tele Tubbies! Tanto *aliaram* quanto *conheceu* estão no pretérito perfeito do indicativo, pois as terminações **-ram** e **-u** marcam não só o número e a pessoa mas também o modo e o tempo. São desinências cumulativas, que indicam o modo, o tempo, o número e a pessoa da forma verbal. Para acertar uma questão desta, é preciso treinar conjugação verbal, hein!

54 – D. Antes de tudo, dê graças a Deus de a FCC sempre colocar os mesmos verbos em questões de flexão verbal. Vejamos a reescrita de uma por uma: (A) *A revalorização e a nova proeminência de Paraty não prescindiram e não* ***requereram*** *mais do que o esquecimento e a passagem do tempo.* (B) *Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre* ***relegada*** *a um segundo plano, eis que ela* ***emerge*** *do esquecimento, em 1974.* (C) *A cada novo ciclo econômico* ***ratificava****-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855,* ***sobrevieram*** *longos anos de esquecimento.* (D) *A Casa Azul envidará todos os esforços, refreando as ações predatórias, para que a cidade não sucumba aos atropelos do turismo selvagem.* (E) *Paraty imbuiu da sorte e do destino os meios para que* ***obtivesse****, agora em definitivo, o prestígio de um polo turístico de inegável valor histórico.*

55 – B. Tanto *sejam* como *venha* estão no presente do subjuntivo. Uma forma de perceber isso é que, normalmente, tais verbos vêm antecipados de locuções conjuntivas ou conjunções subordinativas adverbiais: *para que* e *ainda que*, respectivamente. Este é um *bizu* sagaz! Mas bom mesmo é saber a terminação das conjugações verbais e treinar muita conjugação, aí fica no sangue!

56 – E. A forma verbal *teriam* constitui forma de futuro do pretérito do indicativo, e não presente. Usa-se futuro do pretérito do indicativo para atenuar uma ordem no lugar de verbo no imperativo: "Você pegaria aquela bola para mim, por favor?" em vez de "Pega aquela bola para mim, por favor?" (Esta segunda forma de dizer o mesmo é mais incisiva, percebe?).

57 – E. Vejamos uma por uma: (A) A ideia de ação em processo não é exclusiva da forma *Continuamos*, pois o verbo no gerúndio (*repeti****ndo***) indica o mesmo. (B) A locução verbal foi redigida indica fato passado concluído. (C) A expressão *a realizar-se em Salvador* diz respeito à *III Conferência de Cúpula da região.* (D) Não é um fato possível, mas meramente hipotético. (E) De fato há ideia de futuro e desejo na expressão *hão de alimentar*, como, por exemplo: "O Brasil **há de ganhar** a Copa de 2014!".

58 – E. A forma verbal *publicava* está no pretérito imperfeito, logo o verbo auxiliar da locução verbal de voz passiva analítica (*ser* + particípio) ficará no pretérito imperfeito do indicativo também. Por isso, a frase transposta para a voz passiva é esta: *Há 40 anos, seu artigo mais famoso* ***era publicado*** *pela mais célebre crítica de cinema dos Estados Unidos, Pauline Kael (1919-2001).*

59 – A. Na voz ativa, o sujeito pratica a ação. Quando isso não é claro na frase, devemos olhar se há marcas de voz passiva, caso contrário estaremos diante de voz ativa. As marcas de voz passiva (analítica e sintética) são, respectivamente: *ser* + particípio (locução verbal) ou partícula *se* apassivadora. Note que em todas as opções, exceto em A (o gabarito), há marca de voz passiva analítica: "De dez em dez anos toda a burocracia **precisa ser fuzilada** e trocada."; "O Brasil é a melhor piada que já **foi contada** por um português."; "Advogados são as únicas pessoas cuja ignorância da lei não é punida com cadeia."; "O Brasil é um país perigosamente gasoso. Os problemas **são detectados**, mas ninguém sabe resolvê-los.". Veja a letra A: "Talvez o Brasil já **tenha acabado** e a gente não **perceba** isso.". Não há marcas de voz passiva, logo voz ativa na cabeça!

60 – E. O futuro do presente do indicativo pode ter valor imperativo. Normalmente isso ocorre em "leis e termos de serviço", por exemplo! É chamado de **futuro jussivo** (um futuro com tom de imperativo): "Havendo notícia de infração penal, a Autoridade Policial, conforme a hipótese legal, **determinará** a imediata instauração do procedimento Policial competente (Inquérito Policial, Termo Circunstanciado, Procedimento de apuração de Ato Infracional)." ou "Exceto se acordado de outra forma por escrito pelo Google, o contrato do usuário com o Google **incluirá** sempre, no mínimo, os termos e condições apresentados neste documento." Nos dez mandamentos bíblicos isso também ocorre.

61 – D. O verbo *ser* é considerado irregular por alguns gramáticos e anômalo por outros. É irregular, pois seu radical e/ou terminação não apresenta(m) a mesma forma em toda a conjugação.

62 – CERTO. Quando ela diz "Morri desde pequena" significa que ela já estava morta desde pequena, e não que ela estava em processo de morte até o momento da declaração.

63 – ERRADO. A afirmação diz que todos os verbos estão no imperativo afirmativo, mas isso não é verdade. A forma *calculais* é de 2ª pessoa do plural do presente do indicativo.

64 – CERTO. As formas verbais gerundivas (**-ndo**) indicam continuidade, processo em movimento, logo o sentido de fazem e brincam é igual a fazendo e brincando. Perfeito!

65 – E. *Ter/haver (tenha)* + particípio (passado) = tempo composto.

66 – E. Havia chegado é o tempo composto de *chegara* (pretérito mais-que-perfeito do indicativo), logo indica passado concluído.

67 – E. A essa altura do campeonato, estamos todos escaldados com os mesmos verbos, não é? A: INTERPUSER. B: INTERVEIO. C: VIR. D: VIER. E: IMPUSER (futuro do subjuntivo).

68 – B. Dizer que *haver* indica ação é um absurdo! E a questão não foi anulada. Por outro lado, a afirmação de que os "fatos" ocorrem simultaneamente procede.

69 – D. *Ser* + particípio formando uma locução verbal, Brasil! Locução verbal de **voz passiva analítica** na cabeça! Mole!

70 – C. Se você já domina a formação do imperativo, não teve dúvidas, pois a 2ª pessoa do singular o imperativo deriva da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo sem o **s** (III, IV, V) e a 3ª pessoa do singular do imperativo deriva da 3ª pessoa do singular do presente do subjuntivo (II). Fique de olho no imperativo!

71 – C. A única opção que apresenta correlação verbal perfeita é a C, pois há harmonia de sentido entre a junção das formas verbais (1) *houve* (pretérito perfeito do indicativo) + *falasse* (pretérito imperfeito do subjuntivo); (2) depois de preposição, usa-se infinitivo (*perceber*); (3) *discordam* (presente do indicativo, para manter a relação de certeza com o verbo anterior – *são*); (4) *possam* (presente do subjuntivo, para manter a relação de hipótese com o verbo anterior – *supor*); (5) *prevê* (presente do indicativo, pois indica certeza); (6) *trará* (futuro do presente do indicativo; todo o contexto do período em que se encontra tal forma verbal dá ideia de futuro certo).

72 – C. O verbo no presente do indicativo expressa reiteração, frequência, repetição, hábito, tem um aspecto iterativo.

Capítulo 13

Gabarito

1 – A. O advérbio *tão* modifica os adjetivos *difícil* e *simples, tolo e natural*. Lembre-se de que, quando o advérbio modifica adjetivo ou advérbio, é sempre de intensidade, segundo os gramáticos tradicionais. Pronome de intensidade? A banca *carteou* bonito! Só rindo...

2 – B. Muita gente, de cara, marcaria "pronome demonstrativo", não é? Você marcou? Toda análise morfológica deve ser feita levando em conta o contexto. Em ***Tal*** *como*

está organizada, a sociedade gira em torno do mercado, esse *tal* indica **modo** – circunstância adverbial, equivalendo a "assim": "***Assim*** como está organizada/***Do modo*** como está organizada". É, portanto, um advérbio desde criancinha... nesse caso, é claro.

3 – C. O primeiro advérbio de negação *não* é usado como resposta a uma suposta pergunta do leitor (Ué, mas não é cedo demais? **Não**.). Percebeu isso? Já o segundo *não* apenas serve de mero advérbio de negação modificando o verbo *ser*.

4 – A. ***Subitamente*** significa "inesperadamente", "repentinamente", o que está de acordo com o contexto (Ao contornar a ilha principal em busca do Ninhal das Fragatas, nosso ponto de ancoragem, *subitamente* vimos a exuberância da fauna, uma espécie de "Galápagos" do litoral paulista.).

5 – C. Como um advérbio de intensidade, *exponencialmente*, no contexto, está ligado à ideia de "grande medida". Para ser mais preciso, note que caberia a substituição por qualquer advérbio de intensidade (muito, bastante...) no trecho "Durante esse mesmo período, a industrialização permitiu que o consumo aumentasse exponencialmente (= intensamente/demasiadamente).".

6 – C. No enunciado, a palavra *mais* está empregada como advérbio de intensidade, modificando o adjetivo *comum*. Igualmente, na opção C, o termo *mais* é advérbio de tempo, mas dessa vez modificando o verbo *acreditar*, acrescentando uma circunstância ao verbo. Interessante é dizer que o vocábulo *mais* depois de palavra de sentido negativo tem normalmente ideia de tempo. Exemplo: *Nunca* ***mais*** *olhe na minha cara!* A: Faz parte da locução adverbial. B: Pronome indefinido. D: Pronome indefinido. E: Pronome indefinido.

7 – D. ***Algo*** é normalmente um pronome indefinido, mas neste caso modifica um adjetivo (perplexos), logo vira um advérbio. Leia mais sobre isso no capítulo de pronome, em *pronome indefinido*.

8 – CORRETO. A ideia de pressuposição será abordada num dos capítulos finais desta gramática, mas podemos adiantar que tal conceito trata do uso de determinadas palavras ou construções sintáticas para imprimir uma ideia implícita à frase. Quando se diz que "aquilo que o texto nos diz **já** não constitui o objeto preferido de nossa atenção", isso significa que "anteriormente aquilo que o texto nos dizia constituía o objeto preferido de nossa atenção". Muitos advérbios servem à pressuposição. Em "O homem pisou ***de novo*** no freio do carro", por exemplo, pressupomos que ele já havia pisado.

9 – A primeira afirmação está **CORRETA**; a segunda, não. ***Só*** (= apenas, somente) pode ser, além de uma palavra denotativa de exclusão (encarada por alguns gramáticos como mero **advérbio**), um adjetivo também, quando equivale a "sozinho": *Eu estou tão **só** (= sozinho) nessa casa.* A expressão *só que* introduz ideia opositiva (= *mas, porém...*). Já o vocábulo *mesmo* indica inclusão, e não retificação, pois pode ser substituído por *inclusive.*

10 – D. Como já vimos no capítulo de pronome, não usamos tal vocábulo – mesmo(a/s) – substituindo um substantivo. A frase estaria correta assim: *O Bumba Meu Boi é manifestação folclórica diferente das demais do país; ela é mais espetacular.* As demais opções são autoexplicativas.

11 – A segunda afirmação está **INCORRETA**, pois a expressão *na realidade* tem valor opositivo ou retificativo, uma vez que serve para introduzir uma sentença que apresenta a verdade do que fora dito. O advérbio *realmente* serve apenas para indicar certeza.

A primeira afirmação está correta e é autoexplicativa (*aliás, além disso* e *outrossim* são advérbios de acréscimo, se forem sinônimos de *também*).

12 – INCORRETA. Note que *de surras* está modificando o substantivo *vítimas*, logo, *de surras* é uma locução adjetiva.

13 – C. De fato o vocábulo *mais* intensifica o verbo *falar*. A: *Carisma* é substantivo. B: *Nossas* é pronome substantivo possessivo. D: *Exerce* está no presente.

14 – ERRADO. Antes de tudo, veja que o CESPE tratou o pronome relativo *onde* como advérbio. "Está errado?" Não, pois muitos gramáticos dizem que o *onde* é um **advérbio relativo**, neste contexto. Portanto, tanto podemos dizer que o *onde* é um advérbio quanto um pronome relativo, pois ele assume esses dois papéis. O primeiro *onde* está equivocado, pois não retoma ideia temporal, mas sim locativa. A primeira frase deveria estar reescrita assim: "*...nos dias de folia carnavalesca, quando...*".

15 – CERTO. *Outrossim* e *também* dão ideia de acréscimo, logo o uso de ambos é redundante.

16 – CERTO. A afirmação da banca procede, pois quando o autor do texto diz "Realmente", fica implícito que "*De fato* os números governam o mundo.". Esse advérbio é tradicionalmente considerado de **afirmação**, indicando mais especificamente neste caso a ideia de **confirmação**.

17 – CERTO. O advérbio *ali* tem valor anafórico, pois refere-se a um termo anterior: *muralha verde*. Uma maneira de saber isso é reescrevendo: "*Quando as caravelas atracaram nas límpidas águas e areias do litoral brasileiro, que em pequena distância parecia infinito, algo impressionou ainda mais aqueles inegáveis exploradores: uma enorme* ***muralha verde*** *parecia proteger aquelas terras.* ***Densas árvores, rica fauna****... Algo jamais visto, algo jamais imaginado. Aos poucos, os portugueses perceberam que* ***naquela muralha verde*** *estava a* ***verdadeira riqueza daquela terra*** *recém-conquistada.* Ficou claro agora?

18 – CORRETA. *Mutuamente* e *reciprocamente* são sinônimos e advérbios de modo.

19 – INCORRETA. De fato *inexoravelmente* é advérbio derivado do adjetivo *inexorável*, que significa *rigoroso, severo, inflexível*, portanto a afirmação final não procede. Esta questão serve para relembrá-lo de que os advérbios terminados em **-mente** são, normalmente (risos) derivados de adjetivos femininos ou uniformes.

20 – A afirmação em I é equivocada, pois *displicentemente* significa *negligentemente, sem atenção*. Em II, a palavra *bastante* modifica o adjetivo *comum*, logo é um advérbio de intensidade. Lembre-se de que advérbio é uma palavra invariável.

21 – CORRETA. *Até umas três gerações atrás* faz referência a uma ideia temporal de passado, o que se opõe à ideia de presente contida no advérbio *hoje*.

22 – E. Este vocábulo é engraçadinho. No enunciado, ele é um advérbio de intensidade, pois modifica o adjetivo *renegado*. Como você já sabe, tal vocábulo pode mudar de classe gramatical consoante o contexto. Veja em detalhe: a) Não aguentava mais tanto barulho. (advérbio de tempo)/b) E que tudo o mais vá pro inferno! (substantivo)/c) Cinco mais dois são sete. (conjunção aditiva)/d) Sem mais nem menos, ela sumiu. (substantivo)*/e) Com a chegada do irmão, ela ficou mais nervosa. (advérbio de intensidade modificando adjetivo) * *Sem mais nem menos* é uma locução adverbial de modo; o núcleo das locuções adverbiais têm base nominal, normalmente um substantivo, portanto, vejo o *mais* e o *menos* como substantivos.

23 – Ambas estão **INCORRETAS**. Sobre a primeira, há um advérbio que não indica lugar: "E foi **aí** que o interlocutor sugeriu". Tal vocábulo tem ideia de tempo, pois equivale a "nesse momento, então". Sobre a segunda, os primeiros "nãos" realmente são advérbios de negação, pois o interlocutor nega o conteúdo das perguntas anteriores. Já a expressão "Pois não" tem valor de afirmação, consentimento ou boa disposição: "Você pode me ajudar?" "*Pois não!*".

24 – INCORRETA. A afirmação não procede, pois a norma padrão exige que o grau do advérbio seja feito com o sufixo **-íssimo**. Estilisticamente, encontramos no registro literário e coloquial, não obstante, o uso de sufixos diminutivos ou aumentativos para indicar o grau de advérbios. Exemplo: Fui à praia *de tardinha*.

25 – CORRETA e autoexplicativa.O vocábulo *ainda* é um advérbio de tempo e não poderia ser substituído por *ainda que*, locução conjuntiva concessiva (= *embora, mesmo que, posto que, se bem que* etc.).

26 – D. Uma maneira de identificar a semelhança entre o *ainda* do enunciado e o *ainda* da letra D é reescrever assim: "A entidade também relata as condições das prisões já divulgadas por meio dos mutirões do CNJ e o crescente número de prisões de pessoas acusadas de delitos menores e inocentes. **Além disso (ou *ademais*)**, é considerado grave o fato de as detenções gerarem facções criminosas.". Agora veja a reescrita da letra D: "A jovem recebeu acusações injustas e, **ainda (= *além disso*)**, foi impedida de se explicar.". Sobre a letra A, o *ainda* pode ser substituído por *até o presente momento*. Sobre a letra B, o *ainda* exprime ideia de acontecimento/momento futuro. Sobre a letra C, o *ainda* indica constância, continuidade. Sobre a letra E, o *ainda* indica concessão, equivalendo a "mesmo assim".

27 – A. Apesar de estar fora de contexto, era perfeitamente possível marcar a letra A, pois as demais expressam outras circunstâncias. B: tempo; C: lugar (virtual) ou assunto; D: tempo; E: afirmação.

28 – D. Apesar de alguns gramáticos, como Bechara, abrirem uma concessão para o uso do advérbio *todo* com variação em gênero e número, a doutrina gramatical de que "advérbio é uma palavra invariável" foi levada a sério nesta questão, de modo que *toda escancarada* é uma construção equivocada, pois o advérbio sofreu flexão de gênero.

29 – D. A locução adverbial *além disso*, assim como *além do mais* ou *ademais* exprimem acréscimo, adição, logo adiciona um argumento.

30 – E. Preciso comentar mesmo? *Talvez* é uma palavra que indica possibilidade ou dúvida, mas nunca certeza; sinônimos: *acaso; porventura; quiçá* (Usa-se geralmente com o verbo no subjuntivo e, raramente, com o verbo no indicativo.)

31 – B. A expressão *ou seja* não serve para retificar. É usada antes de se dar uma explicação, antes de manifestar com outras palavras, ou de modo mais exato, a mesma ideia antes expressa.

32 – C. Os advérbios modalizadores que traduzem uma atitude ou estado psicológico do autor diante do fato por ele enunciado são *felizmente, infelizmente, lamentavelmente, agradavelmente*, etc. A: Tempo. B: Certeza, convicção. D: Dúvida. E: Modo/focalização.

33 – INCORRETA. O vocábulo *logo* pode ser advérbio de tempo, sim: "Atenda logo o telefone!". Mas, quando equivale a "portanto" ou "então", tal vocábulo passa a ser classificado como conjunção conclusiva.

34 – CORRETA. O *mais* modifica um adjetivo (*barato*), intensificando-o, logo é um advérbio de intensidade.

35 – D. *Muito* modifica o adjetivo *grande*, logo é um advérbio de intensidade. A: Adjetivo. B: Adjetivo. C: Adjetivo.

36 – A. A dúvida está atrelada ao conceito de relativização, por isso podemos dizer que *presumivelmente*, do ponto de vista da tradição gramatical, é um advérbio de dúvida. Segundo os estudos e perspectivas atuais sobre os advérbios, *presumivelmente* seria um **modalizador epistêmico (quase asseverativo)**. *Certamente* e *absolutamente* são advérbios de afirmação, do ponto de vista tradicional, e **modalizadores epistêmicos (asseverativos)**, do ponto de vista dos estudos e perspectivas atuais sobre os advérbios. Cuidado com *absolutamente*, pois pode indicar afirmação ou negação, a depender do contexto. *Pacientemente* indica modo apenas.

37 – B. *Muitas vezes* e *não raro* (= *não raramente* = *muitas vezes*) são expressões sinônimas. Veja o segundo trecho, em que há a expressão adverbial *de fato*: segundo o dicionário Aulete, a expressão *com efeito* é o mesmo que *sem dúvida* (confirmando consequência verdadeira de fato ou ideia anterior): "Disseram que ela é eficiente. Com efeito, seu trabalho o demonstra.". Segundo o Aurélio, "significa: Efetivamente, realmente.". Portanto, *de fato* e *com efeito* são expressões sinônimas. Veja o terceiro trecho, em que há a locução conjuntiva *assim sendo* (conclusiva, como *portanto, assim, desse modo*), a qual é diferente de *de todo modo* — que apresenta, por sua vez, uma ressalva, como *de qualquer maneira, seja como for, em todo caso, não obstante* e afins. E no quarto trecho, o *mesmo* é uma palavra denotativa de **inclusão**, dessemelhante a *igualmente*, pois, convenhamos, inclusão e igualdade são conceitos distintos.

38 – A. O vocábulo *mais* modifica um substantivo, logo faz parte da categoria dos pronomes indefinidos. B: *Bastante* modifica o adjetivo tímida, logo é um advérbio de intensidade. C: *Penal* é um advérbio de modo, tradicionalmente falando; note que o sufixo **-mente** está (E pode estar!) implícito, pois o advérbio que o segue carrega tal sufixo. D: Apesar de *só* estar ligado ao advérbio *não*, formando parte da

construção de conjunções correlativas (*não só...mas também* ou *não só... como também* etc.), a banca considerou tal vocábulo isoladamente como um advérbio de exclusão (chamado por alguns gramáticos de palavra denotativa de exclusão). E: *Antes* é um advérbio de tempo. A expressão *o quanto*, de *o quanto antes* é considerada enfática e correta por Cegalla.

39 – Ambas estão **INCORRETAS**. Sobre a primeira, o vocábulo *aí* equivale a "nesse momento"; *então*, servindo como um termo sequenciador. A ideia dele não é de lugar, logo não há equivalência com *naquele lugar*. Ele dá ideia de tempo (= *a partir de então...*). Sobre a segunda, o vocábulo *só* não equivale a "somente". Isto posto, quero relembrá-lo de que a locução conjuntiva *só que* tem valor semântico adversativo, equivalendo a "mas", "porém", "contudo", "todavia", "entretanto" etc. Exemplo: Ele é muito legal, *só que* (= *mas*) sua família não presta.

40 – CORRETA. O vocábulo *disparado* significa no contexto *em primeiríssimo lugar*; trata-se de um advérbio, tanto é assim que pode ser acrescido o sufixo **-mente**: "A leitura, *disparadamente*, é a melhor forma de exercitar a memória".

41 – D. As locuções adverbiais às vezes e *em breve* exprimem ideia de tempo; já às pampas e *em excesso* exprimem ideia de intensidade. A: Tempo/lugar; B: Modo/tempo; C: Lugar/negação; E: Modo/tempo.

42 – A. O *ainda* equivale a "inclusive". Veja: "Diz **inclusive** a lenda que a imperatriz fez um fino manto de seda para o imperador.".

43 – A. I. De fato, *ontem* indica tempo passado. II. A locução *do mundo* está ligada ao substantivo *economia*, logo é locução adjetiva, e não adverbial. III. O advérbio *aqui* tem valor anafórico e refere-se a *Brasil*.

44 – B. Esta questão só nos interessa porque o vocábulo *meio* pode ser um advérbio de intensidade, quando se liga a um adjetivo ou a um advérbio: A indústria farmacêutica anda ***meio*** *apurada* com tanta demanda de remédios./As pessoas ficam ***meio*** *dependentes* dos efeitos químicos da medicação.

45 – C. Veja como a força da tradição gramatical ainda persiste em muitos concursos. A banca sustenta que *estranhamente* é um advérbio de modo, quando na realidade tal ideia é absurda, porque o sentido da frase não é que o personagem se recusava a comer de modo estranho. Não! A ideia do contexto é esta: o fato de ele se recusar a comer era estranho, do ponto de vista do enunciador do texto. Logo, *estranhamente* é um advérbio **modalizador afetivo (subjetivo)**, pois exprime um ponto de vista,

um juízo de valor ou um estado de espírito do enunciador (falante) em relação ao conteúdo do enunciado. A locução adverbial em silêncio de fato indica o modo, pois indica o modo como se contemplava a paisagem. Por fim, *vagamente* modifica o adjetivo *familiar*, intensificando-o.

Capítulo 14

Gabarito

1 – E. Não é o exílio que canta, a canção não pertence ao exílio, logo a preposição *de* na contração *do* não tem valor possessivo, como você deve ter imaginado. Em "Canção do exílio", a ideia é: de onde, de que lugar vem a canção? Resposta: do exílio. Logo a preposição *de* tem valor locativo no contexto, indicando a mesma ideia de distância que se percebe em *de longe*. A: Qualidade. B: Matéria. C: Causa. D: Tempo.

2 – A. A ideia é de causa. Veja que dá para substituir pela locução prepositiva *por causa de*: "Por causa do real...", "Por causa da chuva...". As demais ocorrências da preposição *com* indicam companhia. O último *com* não tem valor semântico, pois é uma preposição relacional, exigida pelo verbo transitivo indireto *brigar*.

3 – C. Apesar de a preposição *para* normalmente indicar finalidade e, portanto, poder ser substituída pela locução prepositiva *a fim de*, não é o caso no contexto, pois a preposição *para* em "Esta é uma receita para..." tem valor meramente relacional, exigida pelo nome *receita*. A: Assunto. B: Exclusão. D: Lugar/proximidade. E: Lugar/direção.

4 – ERRADO. Tanto *de* como *sob* indicam modo/conformidade no contexto; nada se altera.

5 – CORRETO. Indica procedência. Isso fica claro quando se substitui *de* por *a partir de*.

6 – CERTO. Apesar de alguns gramáticos, como Cegalla, ensinarem que a preposição pode ficar implícita antes de oração iniciada por conjunção integrante *que*, a visão tradicional ensina que é obrigatório explicitar a preposição nesse contexto para não incorrer em erro gramatical.

7 – CERTO. Autoexplicativo. A preposição *de*, contida em "dos Estados Unidos da América", expressa ideia de procedência ou lugar.

8 – ERRADO. Quando há um nome antes do verbo *ser* exigindo uma preposição, esta deve ficar antes da conjunção integrante que inicia uma oração subordinada substantiva predicativa.

9 – CERTO. A locução prepositiva *apesar de* indica concessão, carregando a ideia de contraposição, contraste, oposição, quebra de expectativa.

10 – CERTO. A locução prepositiva *a fim de* indica finalidade, tal como *para*, no contexto. Logo, a substituição de uma por outra está adequada.

11 – B. O substantivo *agressão* exige a preposição *contra* também, logo a substituição está adequada.

12 – C. No primeiro caso, a preposição *por* tem valor nocional de causa. No segundo caso, o verbo optar exige a preposição *por*, que tem valor relacional.

13 – ERRADO. A afirmação da banca é viagem pura de ácido com whisky e Red Bull. A expressão *a despeito de* é tão somente uma locução prepositiva de concessão. As partes que compõem a locução não são analisadas separadamente. É por isso que toda locução tem o valor de unidade.

14 – ERRADO. Além de a relação semântica ser diferente, não seria mantida a correção gramatical do texto caso se substituísse uma por outra. Veja: "**de** (início)... **a** (fim)..."/"**entre**... **e**..." (focaliza o que ocorre no meio das duas datas). Percebeu que a preposição *de* se correlaciona com a preposição *a* e que a preposição *entre* se correlaciona com a conjunção *e*? É isso!

15 – CERTO. Tanto a preposição *de* como a preposição *para* no contexto da questão apresentam a mesma ideia de início (origem) e fim (destino), como em "De: Fernando Para: Juliana".

16 – ERRADO. Na primeira ocorrência, *para* indica finalidade, tanto que pode ser substituída por *a fim de*. Na segunda, *para* não tem valor nocional algum, pois é exigida pelo adjetivo *importantes*.

17 – E. A banca "brinca" aqui com a diferença entre ***a*** (artigo definido) e ***a*** (preposição). Como *em contraposição a* é uma locução prepositiva e 99,99% das locuções prepositivas terminam em preposição, *a* só pode ser preposição, e não artigo definido, logo o elemento gramatical ***a*** não define quais são as tentações, porque é preposição.

18 – D. O substantivo *meios* exige a preposição *para*, que tem valor meramente relacional.

19 – CORRETA. A substituição de *por* por *de* não prejudica a correção gramatical nem a coerência, pois ambas as preposições indicam valor de agente e iniciam um

agente da passiva. Isso ficará mais claro quando eu falar de agente da passiva no capítulo de sintaxe.

20 – A. I: *para, dos, às*. II: *o, a, os, às (a + as)*. III: *dos (daqueles)*.

21 – D. Preposição *para* antes de verbo no infinitivo pode indicar duas circunstâncias: finalidade, quando equivale a "a fim de", ou consequência. Na letra D, o vocábulo *para* introduz ideia de finalidade. Nas demais frases, o *para* tem valor meramente relacional.

22 – E. Se for possível substituir *por* pela locução prepositiva *por causa de*, a ideia é de causa. Veja: "***Por causa de*** precaução, a maioria dos...". Pense: qual é o **motivo, a razão, a causa** de a maioria dos médicos recomendarem que se evite a combinação de bebida e remédios? Resposta: *Por precaução*.

23 – B. A preposição *de* antes do pronome relativo *que*, na primeira lacuna, é exigida pelo verbo *servir-se*. A preposição *para* antes do pronome relativo *que*, na segunda lacuna, é exigida pelo nome *obrigações*.

24 – C. Note que em "... filhos com até dois anos de idade...", há um acúmulo de preposições (*com* e *até*), cada uma conservando seu sentido original. Safo?

25 – C. Fim ou finalidade. Dá no mesmo. Lembre-se: antes de infinitivo, o *para* indicará finalidade (= *a fim de*) ou consequência (= *a ponto de*).

26 – E. A preposição *para*, antes de verbo no infinitivo, pode indicar consequência (normalmente antecedida de advérbio de intensidade) ou finalidade: *Você devia estar muito distraído para (= a ponto de) não vê-la se exibindo./O doutor continua receitando remédios para (= a fim de) resolver aquele seu problema?*

27 – INCORRETA. *Apesar de* nunca introduz argumento orientado para a conclusão do texto. *Apesar de* é locução prepositiva que sempre indica concessão (= não obstante, a despeito de).

28 – Ambas estão **CORRETAS**. Tanto *devido a* equivale a *em razão de* (ambas as locuções prepositivas são causais) como *segundo* equivale a *conforme* (ambas são preposições acidentais de conformidade).

29 – E. Cuidado com *até* (preposição) e *até* (palavra denotativa – ou advérbio – de inclusão). No caso, *até* equivale a *inclusive*.

30 – B. Vou me apegar apenas ao que interessa neste capítulo: preposição. Note que a preposição tem o papel de ligar palavras ou orações. Neste caso, a preposição *a* liga o verbo auxiliar (*começou*) ao verbo principal (*chorar*), formando a locução verbal *começou* ***a*** *chorar*.

31 – A. Na primeira lacuna, usa-se a preposição *a* antes do pronome relativo *que*, pois o verbo *referir-se* a exige. Na segunda, usa-se a preposição *de* antes do pronome relativo *que*, pois o verbo *dispor* a exige. Simples assim.

32 – A. Note que todas as locuções têm valor causal, exceto *ademais de*, que tem valor aditivo.

33 – E. A conjunção *por* indica causa no enunciado e na letra E. Demais opções: A: Agente. B: Lugar. C: Agente. D: Agente.

Capítulo 15

Gabarito

1 – E. Nos dois primeiros períodos, cria-se uma boa expectativa em relação à abundância da floresta amazônica. No entanto, não é isso o que ocorre na ideia contida no terceiro período, que se contrapõe às anteriores. Por esse motivo, a conjunção adversativa *no entanto* abre o terceiro período quebrando uma expectativa. Valor semântico das demais conjunções: A: Causa. B: Tempo. C: Concessão. D: Proporção.

2 – A. Mera decoreba! *Mal* = logo que (temporal); *ao passo que* = à medida que (proporcional); *não obstante* seguido de subjuntivo = embora (concessivo); *desde que* seguido de subjuntivo (condicional).

3 – C. Esta questão trata da relação entre as partes do texto e das conjunções como elementos coesivos, construtores de sentido dentro da lógica discursiva. Veja que as relações são, respectivamente, de adição, adversidade, conclusão e adição: *Todo mundo fala de um renascimento do cinema brasileiro E ele parece incontestável. MAS ainda falta vencer um obstáculo fundamental: o preconceito do espectador brasileiro que continua relutante em sair de casa para assistir a um filme nacional. POR ISSO os filmes têm dificuldade de conseguir muitas salas E não conseguem o sucesso que mereciam.*

4 – A. Só pela ideia de acordo, já matamos a questão. Veja em B: **já que** foi combinado em assembleia de junho/2000 (locução conjuntiva causal), em C: **apesar d**o que foi combinado em assembleia de junho/2000 (locução prepositiva concessiva) e em D: **porquanto** tenha sido combinado em assembleia de junho/2000 (conjunção causal).

Se você domina as conjunções e seus valores semânticos, não sentiu dificuldade, pois o comando de arrumação do texto é indicado pelas relações de sentido que as conjunções estabelecem. Veja: ***Conforme*** *o combinado em assembleia de junho/2000 (conjunção conformativa; acordo), solicitamos de V.Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola, em caráter de urgência,* ***para que*** *seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio (conjunção final; finalidade).* ***Embora*** *os reparos impeçam o andamento das aulas (conjunção concessiva; concessão), não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração.*

5 – D. Todos os conectivos são conjunções (ou locuções conjuntivas) subordinativas causais.

6 – D. Apesar de não ser uma questão puramente de conjunção, mas sim de orações coordenadas, queria reiterar que alguns gramáticos, como Sacconi, Cegalla e Infante, entendem que, quando a conjunção *e* tiver valor adversativo (= *mas*), a oração iniciada por ele será classificada como coordenada sindética adversativa.

7 – E. A relação entre uma frase e outra é de causa e consequência, logo, como a causa se inicia em (2), só podemos usar o *já que*, que é uma locução conjuntiva causal: "Mas talvez os shoppings, mesmo os mais sofisticados, como o Iguatemi, tenham se tornado democráticos demais para o gosto da classe alta paulista, JÁ QUE a cada pequeno entusiasmo econômico, logo a alvoroçada classe média da cidade resolve se intrometer aos bandos nas searas exclusivas dos muito ricos.". As demais: A: Locução conjuntiva concessiva. B: Locução conjuntiva consecutiva. C: Locução prepositiva *além de* indica adição, soma. D: Locução conjuntiva conclusiva.

8 – CORRETA. Note que a conjunção ***e*** liga períodos e tem, de fato, valor semântico de oposição (= *mas*).

9 – A. Perceba que entre orações já há uma relação de sentido, que fica explícita quando se usa a conjunção, portanto em 1) a relação é de oposição, que pode ser marcada por *e* ou *mas*, o que elimina B e D; já em 2) a relação é de causa, dando empate entre A e C, pois *porque* e *como*, iniciando período, podem indicar causa; por fim, a relação entre as frases de 3) é de conclusão, e a única opção que apresenta um conectivo conclusivo é a A: *por isso* (*porquanto* é causal/explicativo).

10 – D. A conjunção *mas* equivale a *mas também* e, no contexto, significa "além disso", "além do mais", adquirindo, assim, valor aditivo.

11 – D. Comentário da própria banca: "Considerando-se que o pronome relativo *que* retoma o elemento expresso na oração anterior, o sujeito do verbo canta é a expres-

são *o mar de minha saudade*. Nesse caso, o trecho em negrito recebe a classificação de oração subordinada adjetiva explicativa. Após as substituições exigidas pelo enunciado, o sujeito do verbo *canta* passa a ser o elemento *as murmurantes ondas*, devendo, portanto, todo o trecho ser classificado como oração coordenada explicativa, uma vez que o vocábulo *que* passa a atuar como conjunção explicativa.".

12 – INCORRETA. A conjunção *entretanto* é adversativa e só pode ser substituída, conservando-se seu sentido original por conjunções igualmente adversativas, como *mas, porém, contudo, todavia, no entanto, não obstante, só que* etc. É bom dizer que as conjunções concessivas (conquanto) apresentam um valor semântico semelhante ao das adversativas, mas, no contexto, não poderia haver substituição, pois a concessiva teria de levar o verbo ao subjuntivo. *Porquanto* não pode substituir conjunções adversativas, pois tal conectivo indica explicação ou causa.

13 – INCORRETA. O *mas* NUNCA indica comparação. NUNCA! Ele é uma conjunção adversativa ou aditiva.

14 – C. Em I, a ideia é de condição (*se* = *desde que*). Em II, a ideia é de condição ou tempo (*se* = *quando*). Em III, a conjunção *se* tem valor concessivo, por isso equivale a "mesmo que".

15 – A primeira está **CORRETA**; a segunda, não. O *assim* é uma conjunção conclusiva (= *portanto*). O *porque* nunca indica condição, mas sim causa, explicação ou finalidade.

16 – CORRETA. A conjunção *porquanto* indica causa/explicação, logo, nesse contexto, seria uma incoerência usá-la, pois se "a renda *per capita* da Inglaterra começou a crescer descolada da demografia" e "a evolução da renda *per capita* dependia das taxas de natalidade e mortalidade", há um contraste de ideias, e não uma relação de causa e consequência. Por isso, o conectivo adequado deveria ser adversativo: "A evolução da renda *per capita* dependia das taxas de natalidade e mortalidade, **no entanto** a renda *per capita* da Inglaterra começou a crescer descolada da demografia...".

17 – INCORRETA. O *como* não indica causa, mas sim comparação entre "flagelos assim" e "desastres de avião".

18 – D. *Logo* é a única conjunção, dentre as opções, que não indica explicação, mas conclusão.

19 – CORRETA. *Para que* é uma locução conjuntiva final desde criancinha, logo a afirmação procede.

20 – INCORRETA. *Contanto que* é uma locução conjuntiva condicional, e *consoante*, conjunção conformativa.

21 – A. *Caso* é uma conjunção condicional e exige verbo no subjuntivo ("caso o país não tenha crescido"). Mais importante que isso, porém, pelo que você notou nas outras alternativas, o vocábulo *se* estabelece relação de **concessão** (*apesar de, mesmo, embora, ainda que...*); *caso* indica apenas... condição. Nada a ver com concessão! Esta era para não zerar, hein!

22 – B. A gente banaliza o olhar (consequência) por quê? De tanto ver (causa). Ou seja, "A gente vê tanto (causa) ***que*** banaliza o olhar (consequência).".

23 – C. A conjunção *porque* é causal, explicativa ou final, depende do contexto, mas nunca é proporcional como *ao passo que*.

24 – B. A FGV se amarra em trabalhar diferença entre os "quês". Veremos muito mais sobre essa palavrinha *maledeta* no capítulo de *Que, Se e Como*. Por ora, fiquemos com a explicação da questão. *Bizu*: se pudermos substituir uma oração iniciada por ***que*** por ***isto***, estaremos diante de uma conjunção integrante (É certo *que a mudança do enfoque sobre o tema... decorrerá...* = É certo ***isto***.), pois ela sempre inicia orações subordinadas substantivas que completam ou determinam a estrutura sintática de outra oração (chamada de principal). O segundo *que* é uma preposição acidental, equivalendo a "de", pois vem entre *ter* e *verbo no infinitivo*: "... terão *que* (= de) abranger...".

25 – A. Se ***ou*** é uma conjunção AL-TER-NA-TI-VA, a ideia é de...? Questão nível *Tele Tubbies!*

26 – B. A relação entre o primeiro e o segundo período é de causa e efeito (ou fato seguido de conclusão). Por isso a única locução conjuntiva possível é *por conseguinte*, que equivale a "portanto, assim, por isso, então, dessa forma, logo..." Veja: *Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas de escrita nos faça escrever melhor,* ***por conseguinte*** *escrever, como ler, só será efetivamente um hábito qualificado se feito com prazer*. As Demais: A: Concessão; C: Proporção; D: Finalidade; E: Tempo.

27 – D. Mera decoreba! A: Tempo. B: a preposição é exigida pelo substantivo *meio*. C: Explicação. E: Adversidade.

28 – B. A frase tem sentido concessivo por causa da conjunção concessiva *Embora*. Simples assim!

29 – CORRETA. Todos os elementos enumerados em A são dignos da mesma ideia de respeito, estão no mesmo nível, por isso pode-se entender que o conectivo *ou* estabelece ideia de inclusão.

30 – A. A: Alguns gramáticos, como Maria H. de Moura Neves e alguns dicionários, como Aulete e Houaiss, dizem que o *se* pode ter valor temporal, logo a substituição de *Quando* por *Se* mantém a coerência do texto. B: Só poderíamos substituir *se* por *caso* desde que o verbo em seguida fosse colocado no subjuntivo (... caso defendam...). C: A relação é de conclusão, por isso o uso de *pois* estaria equivocado *(... se sabe que o objetivo dele é a cura da doença, LOGO sua ação é mais percebida por todos)*. D: não é uma alternativa que tenha a ver com o assunto deste capítulo (conjunção), por isso julgo relevante não comentá-la. E: Já há uma ideia de oposição no último período marcada pela conjunção *mas*; não se pode usar *embora* e *mas* no mesmo contexto.

31 – A. A relação entre o primeiro período e o início do segundo é de ressalva, restrição, logo o melhor conectivo que poderia entrar na primeira lacuna seria o adversativo: *mas, porém, entretanto...*

32 – B. Percebe-se que a relação entre as orações do trecho original é de causa e consequência/conclusão (indicada pelo *portanto*). Sendo assim, invertendo-se as orações, teremos de usar um conectivo de valor causal, a saber: *dado que*. Fica assim, então: *Não é possível importar o desenvolvimento dado que corresponde a uma matriz endógena, gerada em nossas próprias sociedades*.

33 – A. A relação entre os períodos é de explicação, logo as demais opções são descartadas. (B: Condição. C: Condição. D: Adversidade. E: Finalidade.)

34 – E. O advérbio *já* tem valor opositivo e equivale a "mas", "por outro lado", "em contrapartida" etc. E a conjunção *embora*, por ser concessiva, indica uma *ressalva que não invalida a declaração feita* (definição clássica de conjunção concessiva).

35 – E. *Uma vez que* é uma locução conjuntiva causal correspondente à conjunção causal *porque*. As demais conjunções e locução conjuntivas indicam, respectivamente: concessão, concessão, tempo e concessão.

36 – E. A relação lógico-semântica que existe entre I e II é de causa e consequência, por conseguinte devemos usar a locução conjuntiva conclusiva *por conseguinte*. As demais conjunções e locução conjuntivas indicam, respectivamente: adversidade, adversidade, causa e concessão.

37 – A. A ideia é de tempo ou proporção, logo letra A. As demais conjunções e locução conjuntivas indicam, respectivamente: concessão, condição, concessão. *Em comparação a* é uma locução prepositiva que indica comparação.

38 – E. Segundo o dicionário Houaiss, a conjunção adversativa *mas* "com variações de sentido, introduz o segmento que denota basicamente uma oposição ou restrição ao que já foi dito.".

39 – C. Há uma quebra de expectativa, um contraste, logo usa-se a conjunção adversativa *contudo*.

40 – ERRADO. *Enquanto* indica tempo; Celso Cunha diz que pode ser proporcional também.

41 – CERTO. Perfeito. Tais conectivos são adversativos, de fato.

42 – ERRADO. A conjunção *quando* de fato está relacionada ao fato expresso na oração "que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust". Agora, observe com calma: *Escrevi para ele... porque o diabo do homem só faltou me chamar de representante comercial deles*. Pelo que se vê, a causa (iniciada por *porque*) está ligada a "Escrevi para ele", e não a "que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust". Malícia total do CESPE!

43 – CERTO. Por definição, conjunção concessiva é a que introduz um conteúdo que, mesmo sendo contrário a uma proposição, não a invalida.

44 – ERRADO. NUNCA indica consequência**!** O *pois* indica causa, explicação ou conclusão.

45 – C. As duas frases mantêm uma relação de **adição** de acontecimentos, logo, para se unirem tais orações em um só período, precisaríamos usar um conectivo (normalmente conjunção) de valor **aditivo**. Por isso a reescritura correta é esta: "Não ri nem sequer sorri, ***e*** não faz uma pirueta.".

46 – CERTO. Todos esses conectivos são causais. Simples assim.

47 – A. Há uma relação de causa e consequência, pois a exclusão social causa a violência, daí que EXCLUSÃO SOCIAL E (consequente) VIOLÊNCIA. Muito boa a questão!

48 – A. A preposição *para*, antes de verbo no infinitivo, equivale à locução conjuntiva *para que* (para melhorar = para que melhore). E *segundo* é uma conjunção conformativa, como *conforme* e *consoante*.

49 – E. A construção *por (mais) que* constitui uma locução conjuntiva concessiva, por isso a única reescritura impossível é a E, pois preposição *por* + verbo no infinitivo reitera ideia de causa.

50 – D. Tanto *ainda assim* como *não obstante* são locuções conjuntivas adversativas.

51 – A. Tanto *só que* quanto *mas* são conectivos adversativos.

Capítulo 16

Gabarito

1 – INCORRETA. Normalmente a interjeição *oi* é usada como saudação (= *olá*), mas é empregada também para indicar que não se ouviu bem o que foi dito ou perguntado, e ainda como chamamento ou resposta a um chamamento. Numa música, esse *oi* serve como chamamento.

2 – E. No primeiro quadrinho, não só a interjeição exclamada por Cebolinha, *Oh!*, exprime susto, bem como seu rosto, por causa da suposta pancada que a Mônica está dando em Cascão. No segundo quadrinho, há um alívio, pois na verdade ela está penteando o Cascão.

3 – INCORRETA, porque as interjeições não são normalmente usadas em registros formais, como bem indica o contexto. Além disso, a classificação de *claro* é discutível, pois é um adjetivo modalizador.

4 – C. A interjeição *Hummmm*, com o esticamento do som nasal sinalizado pela repetição da letra **m** e das reticências, indica admiração com a veia da doadora, por isso as enfermeiras "trocam sorrisos interessados".

5 – C. Segundo o dicionário Houaiss, a interjeição *Puxa!* "traduz alegria, assombro, deslumbramento, admiração, mas também pasmo, estupefação por consternação, aborrecimento, desalento, impaciência". A locução interjetiva *Puxa vida!* indica o mesmo. O dicionário Aulete sacramenta: "Us. para exprimir admiração, surpresa, impaciência, irritação, aborrecimento etc.".

6 – D. *Ué!* exprime surpresa, espanto, admiração.

7 – D. *Putz* é uma interjeição muito coloquial que indica admiração, surpresa.

8 – E. A interjeição *Ufa!* exprime cansaço, alívio.

Capítulo 19

Gabarito

1 – CORRETA. Reveja todo o contexto: "Em dezembro do ano passado, milhares de pessoas tomaram as ruas de Seattle nos Estados Unidos, (...) Conseguiram barrar a negociação, que ficou para um futuro para lá de incerto, e, de quebra, ridicularizaram ninguém menos que o presidente americano Bill Clinton, o anfitrião do encontro". A ESAF adora complicar tua vida, não? O sujeito *milhares de pessoas*, superafastado, encontra-se oculto em relação aos verbos *conseguiram* e *ridicularizaram*.

2 – D. O termo *você* é sujeito simples e explícito do verbo *precisa*.

3 – D. Note que *te* e *te* são pronomes oblíquos átonos com função de complemento do verbo (objeto direto). No segundo caso, o verbo *fazer* é transobjetivo, ou seja, exige objeto + predicativo do objeto (faz alguém (OD) vencedor (POD)).

4 – B. O verbo *haver* (pode *haver*) no sentido de existir fica na 3ª pessoa do singular por ser um verbo impessoal. Tal verbo constitui oração sem sujeito. Simples assim.

5 – Ambas estão **INCORRETAS**. Sobre a primeira, jamais o *se* pode indeterminar o sujeito, pois o sujeito está na cara de qualquer um; veja: "... o Programa de Metas foi executado e seus resultados *manifestam-se...*". Sobre a segunda, note que a expressão formada pelo verbo ***ser* + que** é expletiva, ou seja, pode ser retirada sem prejuízo sintático-semântico; portanto não é só o verbo *ser* que é expletivo. Veja: "No entanto, (foi) graças ao controle do câmbio e ao regime de incentivos criados (que) as importações de bens de consumo duráveis foram contidas.".

6 – C. Note que o verbo *saiu* não é de ligação, pelo contrário, indica ação e vem seguido de um predicativo do sujeito (*chateada*), logo o predicado (*saiu chateada da escola*) é verbo-nominal.

7 – CERTO. Mais uma vez o verbo fazer foi usado como transobjetivo, ou seja, exige um objeto + um predicativo do objeto (*faça da criança* (OI) *um romancista introvertido* (POI)).

8 – B. O verbo *haver* (= *existir*) é um verbo impessoal sempre, ou seja, não tem sujeito.

9 – D. Os verbos *prevalecer* e *participar* são transitivos indiretos, logo exigem complemento preposicionado (objetos indiretos: "no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos" e "no rito das danças guerreiras").

10 – C. Cuidado com a inversão dos termos da oração! Isso pode derrubar você. Coloque a frase na ordem direta: "Mas outro problema surge aqui". Perceba que **outro *problema*** é sujeito em que *problema* é núcleo do sujeito. Sobre a letra C, faça a perguntinha para achar o sujeito: "O que perde as cores?" Resposta: "as fitas de vídeo" (sujeito).

11 – B. Verbo na 3ª pessoa do plural com sujeito implícito sem referente anterior sinaliza que o sujeito é indeterminado. Sabe-se que alguém disse, mas não se sabe quem.

12 – E. Direto ao *bizu* de *achamento* do sujeito: "O que não se torna realidade?" Resposta: "O sonho de Darcy.". "O que continua?" Resposta: "O debate.". Sujeitos simples, pois apresentam um núcleo. Olhe a E: "O que é de tal ordem?" Resposta: "A tragédia dos menores abandonados.". Sujeito simples também, pois apresenta apenas um núcleo.

13 – C. Colocando na ordem direta: "Tudo *anda* muito desorganizado.". Observe que o verbo *andar* não indica ação, mas sim estado, logo é um verbo de ligação, que liga o sujeito (*tudo*) ao predicativo do sujeito (*muito desorganizado*).

14 – INCORRETA. O sujeito não é inexistente, mas sim oracional. *Bizu* do *achamento* do sujeito: "O que vale a pena?" Resposta: "Deixá-los sem futuro". Logo, colocando na ordem direta, temos claramente um sujeito oracional: *Deixá-los sem futuro* (sujeito) vale a pena?

15 – B. A oração sem sujeito é aquela que apresenta um verbo impessoal. As bancas adoram trabalhar o verbo *haver* (com sentido de *existir*, *ocorrer*) em questões de sujeito inexistente.

16 – B. Tipo de questão muito frequente em todos os anos da FCC! Estude transitividade verbal! Ambos os verbos (*confirmar* e *gerar*) são VTDs, logo exigem objetos diretos (respectivamente, *a antiguidade da família nuclear entre humanos* e *mais descendentes*).

17 – E. O verbo é transitivo direto e indireto, pois exige dois complementos (um direto e outro indireto). Veja: "... saibamos ensinar o quê? (o mais elementar) a quem? (aos alunos),...".

18 – ERRADO. O sujeito implícito do predicado *for original* remete ao referente *obra de arte*: *Suponhamos que uma obra de arte profundamente original surja diante de seus olhos. Como a julga ele? Comparando-a com as obras de arte do passado.* ***Se (ela) for original,...*** ".

19 – ERRADO. Vejamos o contexto de cada verso: 19: *A cana doce de Málaga não é mar, embora em praias,* ***dá*** *sempre em pequenas poças, restos de uma onda recuada.* (intransitivo, pois não exige complemento; *em pequenas poças* é adjunto adverbial de lugar); 27: *A cana doce de Málaga dá dócil, disciplinada:* ***dá*** *em fundos de quintal e podia dar em jarras.* (intransitivo, pois não exige complemento; *em fundos de quintal* é adjunto adverbial de lugar); 2: *A cana doce de Málaga* ***dá*** *domada, em cão ou gata: deixam-na perto, sem medo, quase vai dentro das casas.* (transitivo indireto, pois exige complemento; *em cão ou gata* é objeto indireto); 26: *A cana doce de Málaga* ***dá*** dócil, disciplinada: dá em fundos de quintal e podia dar em jarras. (intransitivo, pois não exige complemento; *dócil, disciplinada* é predicativo do sujeito).

20 – Ambas estão **INCORRETAS**. Na primeira, é impossível que a partícula *se* seja indeterminadora do sujeito uma vez que o sujeito do verbo *espraiar* está explícito, determinado, "na cara"! Veja o contexto de novo: "Agora se vê que a carência de profissionais *se espraia* para vários níveis de formação...". Pergunto: "O que se espraia para vários níveis de formação?". Respondo: "A carência de profissionais"'. Na segunda, o sujeito é outro, veja: "A rede educacional do país, com suas falhas e distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade, mostra-se incapaz de oferecer ao mercado de trabalho mão de obra competente". Safo?

21 – ERRADO. Observe a primeira oração: "São tantos os espaços para a dita participação popular". Está na ordem direta? Jamais! Colocando: "Os espaços para a dita participação popular (sujeito) são (verbo) tantos (predicativo)". Ah, agora sim podemos analisar com mais tranquilidade. Percebe que o verbo *ser* tem sujeito simples? Maravilha! E quanto à próxima oração? Veja: "não há espaços de visibilidade claros". Percebe o verbo *haver* com sentido de existir? Pronto, oração sem sujeito. Sendo assim, concluímos que a questão traz uma afirmação equivocada, pois na primeira oração há sujeito simples; só na segunda há oração sem sujeito!

22 – ERRADO. Se "**os bancos** se estabeleceram", como o sujeito pode ser indeterminado? O sujeito está explícito, e é simples: *os bancos.* A partícula *se* é integrante do verbo. Nível Tele Tubbies!

23 – CERTO. Perfeita a afirmação! Coloque na ordem direta: "Moedas mexicanas e peruanas (sujeito) continuavam sendo usadas (locução verbal) no comércio no extremo norte (adjunto adverbial).".

24 – ERRADO. O sujeito de *faz* é oracional: "Viver em ambiente sem gravidade". *Bizu* do *achamento* do sujeito: "O que faz coisas curiosas com o corpo?" Resposta: "Viver em ambiente sem gravidade.". Mole!

25 – ERRADO. O erro está em afirmar que *meu nome* é sujeito e que *meu nome* está anteposto a seu predicado verbal. Na primeira oração, o sujeito vem antes do predicado, ok! Na segunda oração, *meu nome* é objeto direto do verbo gritar, ou seja, "... o carteiro chegou e (o carteiro) gritou meu nome.". Pescou?

26 – ERRADO. A ordem direta é tão somente esta: "Joaquim Silvério (sujeito) começa a redigir (verbo) sua carta (complemento verbal) com pena bem aparada no palácio da Cachoeira (adjuntos adverbiais)". Na reescritura proposta, o adjunto adverbial inicia o verso, portanto a ordem é indireta, diferente da sequência **sujeito-verbo--complemento verbal-adjunto adverbial**.

27 – CERTO. De fato, tais orações não seguem a ordem direta, que deveria ser sujeito-verbo-objeto, assim: "como a prevalência da forma pronominal (sujeito) inclina (verbo)-nos (objeto) a pensar" e "uma vez que levar em conta a noção de memória coletiva (sujeito) foi (verbo de ligação) necessário (predicativo do sujeito)". Inclusive a questão foi mal formulada, pois *necessário* é predicativo do sujeito e não objeto. Coisas da vida...

28 – CERTO. Se o sujeito não está explícito na frase, mas existe a possibilidade de encontrar seu referente pelo contexto, dizemos que ele está oculto, ou implícito, ou elíptico. É o que ocorre neste caso. "O que transporta muitos passageiros?" Resposta: "O tal veículo leve sobre o trilho, o tal meio de transporte que causa estranheza, o tal misto de metrô e ônibus, o tal tipo de transporte coletivo capaz de melhorar o trânsito nas cidades.". Resumindo: ***ele transporta***... Foi? Questão interessante.

29 – E. Os verbos impessoais são aqueles que não têm sujeito, como o verbo *fazer* (indicando tempo decorrido ou aspecto natural), *passar* (indicando tempo decorrido) e *haver* (no sentido de existir, ocorrer ou indicando tempo decorrido). Mas na letra E não é o caso, pois há um sujeito oculto para o verbo *haver*: *Embora (ele)* ***houvesse*** *acertado a hora, ele chegou atrasado*. Quando o verbo *haver* for auxiliar de uma locução verbal, como é o caso da E, ele sempre terá sujeito.

30 – D. O pronome relativo *que*, funcionando como sujeito, retoma "empresas transnacionais", as quais "operam sujeitas às normas"... Observe que *sujeitas* é uma característica de "empresas transnacionais", afinal, trata-se de um adjetivo. E, como todo adjetivo só exerce função de adjunto adnominal (quando vem ao lado do termo substantivo, sem vírgula) ou de predicativo (quando vem separado do termo substantivo, seja por vírgula ou simplesmente afastado), *sujeitas* só pode ser um predicativo do sujeito.

31 – B. Usamos o sujeito indeterminado quando não sabemos determinar quem é o sujeito (fala do garoto) ou não desejamos torná-lo conhecido. Para isso, usamos o artifício de colocar o verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito.

32 – O item III. Para a identificação do sujeito, há uma técnica bastante usada e que normalmente funciona: pergunta-se ao verbo "O que...?" ou "Quem...?"; daí acha-se o sujeito. Portanto, vamos aplicar: "Quem subjugou os hindus?" Resposta: "Os ingleses subjugaram.". Logo, o sujeito de *subjugaram* é *os ingleses*. Simples, não? "O que se cometeu contra os hindus?" Resposta: "Incontáveis violências se cometeram (foram cometidas).". Logo, o sujeito de *Cometeram-se* é *incontáveis violências*, cujo núcleo é o substantivo *violências*. Safo? Vale dizer que no segundo caso estamos diante de uma voz passiva sintética, em que o verbo vem acompanhado da partícula apassivadora *se*.

33 – C. Vamos nos ater aos termos essenciais da oração. Na letra B, a partícula *se* do enunciado não exerce a mesma função que a outra. A primeira é apassivadora; para tirar a "prova dos 9", basta passar da voz passiva sintética para a analítica (... não **se** devem esperar exames... = ... exames não devem **ser esperados**...). Lembrou-se das marcas de passiva sintética e analítica? Esta apresenta ***ser* + particípio** e aquela, *se* apassivador. Sobre a letra D, não há indeterminação do sujeito, pois o sujeito está explícito. *Bizu*: "O que não se deve esperar?" Resposta: "Exames de consciência mais profundos não se devem esperar.". Esta perguntinha ao verbo é coisa linda, não? Resolve na hora o *achamento* do sujeito.

34 – A. O verbo do enunciado (*proviriam*) exige complemento preposicionado. Veja a frase na ordem direta: "As pistas que indicariam o caminho proviriam destes". O que provém, provém **de**! Percebeu a transitividade do verbo? Ele é um transitivo indireto, ou seja, exige complemento preposicionado para ter seu sentido completo e para completar a estrutura sintática da frase. Imagina se eu falasse assim para você: "Aí, maluco, a dor muscular provém.". Você iria perguntar assim: "A dor muscular provém de quê, Pestana? Tá ficando maluco?". Enfim, eu tenho de completar a frase porque o verbo exige complemento, logo deveria dizer assim: "A dor muscular provém ***do*** *excesso de exercícios*.". "Aaaah! Sim! Agora entendi.", diria você. Beleza? Na letra A, o verbo *consistir* também é VTI, pois exige complemento preposicionado. Veja: "a principal tarefa do historiador <u>consistia</u> ***em*** *estudar possibilidades de mudança social*". Safo?

35 – D. Note que a conjunção coordenativa *e* está ligando duas orações encabeçadas por verbos transitivos diretos: "Gates **afirmou** ser importante usar outros meios para convencer o Irã a não procurar ter armas nucleares **e** (Gates) **repetiu** as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar...". Quem afirma, afirma algo; quem repete, repete algo. Ambos são VTDs.

36 – ERRADO. O sujeito da oração é *os realmente capazes*. Veja na ordem direta: "Os (=Aqueles) realmente capazes (sujeito) só passam pela estreita peneira do programa.". Este *os* equivale a "aqueles", por isso é um pronome demonstrativo, núcleo do sujeito.

37 – ERRADO. Mais uma vez: verbo *haver* no sentido existir = oração sem sujeito.

38 – ERRADO. O sujeito do verbo *perceber* é indeterminado. Veja o trecho em que este verbo se encontra: "Não era preciso ser médium... para (alguém) perceber que a leniência...". Quem percebe? Qualquer um. Percebe a ideia de generalização, vaguidão, indefinição, indeterminação? Este é o terceiro caso de indeterminação do sujeito, pouco comum.

39 – ERRADO. O verbo da oração principal está na 3ª pessoa do singular, pois seu sujeito está em forma de oração subordinada substantiva subjetiva (sujeito oracional): **É** *verdade* ***isso*** *(que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas)* = ***isso*** *(que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas)* **é** *verdade* (na ordem direta). Então, esse papo de que o verbo está no singular porque o sujeito não está explícito é conversa para boi dormir. Cuidado com as pegadinhas do CESPE.

40 – ERRADO. O sujeito do verbo *chamar* **não é simples, mas sim indeterminado**. **Note que o verbo está na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito**. *Essa criança* é o objeto direto do verbo chamar. E *de Macunaíma* é o predicativo do objeto. Veja na ordem direta, sem a expressão expletiva **é que**: "(?) Chamaram essa criança de Macunaíma.". Detalhe importante: a expressão de realce (ou expletiva) **é que**, apesar de ter um verbo em sua construção, não é contada como oração!

41 – ERRADO. O verbo *faltar* nunca é impessoal, nem quando indica tempo: "Faltam dez dias para a prova.". Na frase em questão, o sujeito do verbo *faltar* é *o diabo do homem*.

42 – E. *Sofrer* e *precisar* são verbos transitivos indiretos. Ambos exigem um complemento (objeto indireto) iniciado pela preposição *de*.

43 – B. *Interferir* e *lidar* são verbos transitivos indiretos. Ambos exigem um complemento (objeto indireto) iniciado pela preposição *de* e *com*, respectivamente.

44 – B. Esta questão trabalha o conhecimento de transitividade verbal e sujeito indeterminado. Este verbo é transitivo indireto na frase do enunciado e na letra B, pois exige um complemento indireto (objeto indireto), ou seja, um complemento preposicionado. Quanto ao sentido, percebemos uma ideia de indeterminação do sujeito. Podemos indeterminar o sujeito por meio da colocação de uma partícula de indeterminação do sujeito junto ao verbo (que pode apresentar qualquer transi-

tividade) na 3ª pessoa do singular (*Pensa-**se*** logo num palhaço.) ou por meio do uso do verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito (Pensam logo num palhaço.), normalmente.

45 – B. No enunciado, o verbo *respirar* é intransitivo e *aliviado* é um predicativo do sujeito, logo tempos um predicado verbo-nominal. Na letra B, o verbo *nomear* é transobjetivo, logo exige um objeto direto mais um predicativo do objeto, logo temos também um predicado verbo-nominal.

46 – D. Note que o verbo *ser* liga o sujeito ao **predicativo do sujeito** em ambos os casos.

47 – D. I: Certo. Quarto quadrinho. II: Certo. Segundo quadrinho. III: Certo. Respectivamente: *minhocas aquáticas, alguém, essa minhoca, essa minhoca, minha lógica.*

Capítulo 20

Gabarito

1 – CORRETA. O substantivo abstrato *acesso* exige quatro complementos nominais coordenados: "Ela antes tinha **acesso** *ao sistema financeiro habitacional, a universidades* públicas, à *expansão de empresas estatais cheias de ofertas de trabalho e à indexação*, que reajustava o dinheiro nos bancos".

2 – A. O objeto indireto pleonástico é representado pelo pronome oblíquo átono *lhe*, uma vez que já existe objeto indireto na oração, a saber: *A Rafael*. Como você sabe, um termo pleonástico pode ser retirado da frase sem alteração sintática ou semântica, logo veja a frase na ordem direta sem o *lhe*: *Chamaram (VTI) a Rafael (OI) covarde (POI).*

3 – ERRADO. O verbo *reduz* é transitivo direto e indireto, exigindo um só objeto direto e um só objeto indireto, portanto não há objeto direto composto por dois núcleos. Veja: *"... reduz (VTDI) a tenacidade do esforço humano (OD)... ao humilhante plano da causalidade ou do fatalismo (OI)"*. A expressão *em centenas e centenas de séculos* é um adjunto adverbial de tempo, não um complemento verbal.

4 – B. O termo preposicionado do enunciado completa o sentido do nome *assistência*, logo é um complemento nominal. O mesmo se dá com *a contrabando*, que é complemento nominal do substantivo *repressão*. A: Adjunto adverbial de lugar. C: Adjunto adverbial de modo. D: Adjunto adverbial de modo. E: Predicativo do objeto direto.

5 – INCORRETA. Reveja os contextos: *"... como o inimigo que haveria de ser derrotado, acabou na verdade por nos vencer."*/ *"... estaremos caindo numa sociedade do homem e da mulher*

medíocres onipresentes, governados por altas mediocridades.". Os termos preposicionados sublinhados não exercem a mesma função sintática, pois só o segundo exerce função sintática. O primeiro na verdade faz parte de uma locução verbal: *acabou por vencer*, não exercendo função sintática alguma. O segundo, sim, exerce função sintática de agente da passiva. Voz passiva analítica: "... (sendo) governados por altas mediocridades" = voz ativa: "... altas mediocridades nos governando". Esse teste de passagem de voz verbal ajuda muito a identificação do agente da passiva. Se você pensou que *por altas mediocridades* era complemento nominal, enganou-se.

6 – D. Os verbos *prevalecer* e *participar* são VTIs, exigem complemento preposicionado (objetos indiretos, respectivamente: *no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos* e *no rito das danças guerreiras*).

7 – E. Quem paga, paga algo **a alguém**. Logo, *a ele* (em "eu não pago a ele") é um objeto indireto, complemento do verbo pagar. Inclusive o verbo pagar é curioso, pois o objeto direto é sempre uma coisa e o objeto indireto é sempre uma pessoa (física ou jurídica ou ser personificado).

8 – C. Esta questão trata da diferença entre sujeito e objeto direto. Normalmente o sujeito vem antes do verbo, e o objeto direto vem depois. Mas, nessa questão, a ideia era saber se você conseguia perceber a diferença. A única opção que não apresenta um sujeito é a C, pois *o acesso* é o alvo da ação de democratizar, o objeto direto. Coloque na ordem direta os demais e verá o sujeito.

9 – CORRETA. O adjetivo *ultraconsciente* exige um complemento preposicionado pela preposição *de*, afinal, quem é (ultra)consciente, é (ultra)consciente *de* alguma coisa. Portanto, *de seu ofício* é um complemento nominal.

10 – CORRETA. Quem assegura, assegura algo (a cobertura mais completa possível) a alguém (aos (= àqueles) que buscam a proteção dos planos de saúde). Logo, a expressão não tem função de objeto direto.

11 – ERRADO. Novamente o sujeito vem depois do verbo, parecendo ser um objeto direto, mas coloque na ordem direta e verá que se trata de um sujeito: (... não sei quanto tempo *essa minha angústia* durou...). O que durou? Resposta: "essa minha angústia" (sujeito). Safo?

12 – ERRADO. O termo em itálico não é complemento do verbo chamar. O complemento deste verbo é o pronome relativo *que*. Você sabia que os pronomes relativos podem exercer função sintática? Podem sim! Basta você substituir o relativo pelo termo anterior e analisar sintaticamente a oração. Veja: "Kant inicia a exposição da

ética, **que** ele chama *metafísica dos costumes...*". Ele chama a exposição da ética *metafísica dos costumes*. Portanto, o pronome relativo exerce função de complemento verbal, uma vez que, quando o substituímos pelo antecedente, descobrimos a função sintática do termo sublinhado, a saber: complemento verbal (objeto direto). Esse termo em itálico é o predicativo do objeto direto. Lembre-se: o verbo *chamar*, no sentido de "apelidar", "cognominar", "julgar", "classificar", é chamado de transobjetivo, pois exige um objeto + um predicativo do objeto. Percebeu que a preposição *de* é facultativa ao iniciar o predicativo do objeto? Portanto, a afirmação desta questão não procede, por dois motivos: 1) *metafísica dos costumes* não é complemento verbal, mas predicativo do objeto e 2) a preposição *de* não é obrigatória antes do predicativo.

13 – CERTO. O verbo *considerar* é VTD, logo exige um objeto direto, que vem em forma de oração. Dondonim considera o quê? Resposta: "que o assistencialismo oficial prejudicou os índios" (OD).

14 – ERRADO. O pronome *lhe(s)* nunca exerce função de objeto direto. Note também que o verbo emitir é VTDI: quem emite, emite algo (os títulos respectivos) a alguém (lhes = a eles).

15 – CERTO. Perfeito! Este termo é um agente da passiva, por isso é o agente da ação verbal. A oração em que se encontra apresenta sempre verbo na voz passiva. O que é possível tornar o trecho na voz ativa, lembra? Veja: "Criminosos que andavam livremente pelas ruas com fuzis e metralhadoras **dominavam** uma área tão populosa.". O agente da passiva vira sujeito agente (é claro!) na ativa, percebeu?

16 – A. A locução verbal *havia atormentado* apresenta um verbo principal transitivo direto (quem atormenta, atormenta alguém). Logo, o *o* (pronome oblíquo átono, que normalmente exerce função de objeto direto) é de fato um objeto direto em "caso de assassinato que **o** havia atormentado". Os demais em negrito são artigos, e todos os artigos exercem função de adjunto adnominal. Sempre!

17 – A. Quando se diz que um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio) é transitivo, isso significa que ele exige complemento. O substantivo *pronunciamento* de fato exige um complemento. Quem faz um pronunciamento, faz um pronunciamento **a** alguém. Percebe que é isso que se dá no contexto da questão? "Em **pronunciamento a**o conselho diretor...". Assim como o verbo exige complemento, alguns nomes também exigem complemento. Por isso, letra A!

18 – B. Um complemento nominal oracional é um complemento nominal em forma de oração, que recebe o nome de **oração subordinada substantiva completiva no-**

minal. O substantivo *preocupações* exige um complemento iniciado pela preposição *de*. Portanto, *de que ações militares somente iriam retardar* é um complemento nominal oracional de *preocupações*.

19 – CORRETA. *Trasladar* é VTDI: *trasladam (VTDI) para o papel (OI) alguma coisa da sua frescura e novidade (OD)*.

20 – A. Esta era para não errar. O verbo pede um complemento sem preposição, logo OD na cabeça!

21 – INCORRETA, pois *o endereço e a literatura desta missiva* é o sujeito composto do verbo surpreender. Como o sujeito composto vem depois do verbo, este pode concordar com o núcleo mais próximo, ficando no singular. Sobre *vos*, saiba que é um simples objeto direto, complemento direto do verbo surpreender.

22 – CERTO. De fato, *Que Demócrito não risse* é o objeto direto oracional do verbo *provar*. O *o* é só um objeto direto pleonástico, que retoma o objeto direto que já existe, a saber *Que Demócrito não risse*.

23 – A. O verbo *confessar* é VTDI, em que *"que entendo de arquitetura* é objeto direto oracional e *vos*, objeto indireto, ou seja, complementos verbais. E *de arquitetura* é objeto indireto de *entender*. Assim, ambos os elementos sublinhados são complementos verbais.

24 – CORRETA. A voz é ativa porque o sujeito pratica a ação verbal e *umas bugigangas* é o objeto direto de *anunciar*.

25 – CERTO. O verbo está na voz passiva analítica (foi ultrapassada) seguido de um agente da passiva, ou seja, o agente da ação verbal (pelas redes transnacionais de poder). Para provar isso, passe para a voz ativa: *As redes transnacionais de poder ultrapassou sua soberania*. Lembre-se de que o agente da passiva é o sujeito da ativa.

26 – A. O verbo *dedicar*, do enunciado, é VTDI, logo exige um complemento direto (os meses de verão) e um complemento indireto (à criação musical). O verbo *ter* é VTD, logo exige um complemento direto (influência central). Assim, *influência central* e *os meses de verão* são objetos diretos.

27 – A. O substantivo *construção* exige um complemento nominal, logo *de hospitais* é um CN.

28 – E. Não só o verbo *sofrer* exige um complemento preposicionado (o objeto indireto *de imensas deficiências de nutrientes*) mas também o verbo *precisar* exige um complemento igualmente preposicionado (o objeto indireto *deles*). Portanto, ambos os verbos são VTIs seguidos de OIs.

29 – B. *Interferir* e *lidar* são verbos transitivos indiretos. Ambos exigem um complemento (objeto indireto) iniciado pela preposição *de* e *com*, respectivamente.

30 – C. Os verbos *crer* e *pensar* são transitivos indiretos e exigem, óbvio, objetos indiretos: *no mundo* e *nele*. O nome *doente* exige um complemento nominal, a saber: *dos olhos*.

31 – B. Note que a frase está na voz passiva analítica (tem sido combatida), em seguida vem o agente da passiva *pelos médicos*. Prova disso é a passagem para a voz ativa: *Os médicos têm combatido muito a ansiedade hoje em dia*. A: Objeto indireto. C: Adjunto adverbial de tempo. D: Complemento nominal.

32 – D. A expressão *de nossos sonhos* é um complemento nominal, tendo como núcleo *sonhos* e *nossos* seu adjunto adnominal.

33 – C. O verbo *guardar* é VTD e exige um objeto direto (*o telefoninho*). Nas demais opções, os termos sublinhados são sujeitos. Não se deixe enganar pelo sujeito deslocado.

34 – D. No item I, temos um verbo transitivo indireto, logo *de futebol* exerce a função sintática de objeto indireto. Esse é mole! Mas, agora, muita atenção, meu nobre! No item II, apesar de ser tentador acharmos que *de emoção* cumpre a mesma função, temos de lembrar que o verbo *chorar* é intransitivo. Assim, o termo em destaque está cumprindo a função de adjunto adverbial de causa, pois indica o motivo pelo qual *Ele* estava chorando.

35 – B. O verbo *deixar* é VTDI, logo *pra Zé Patife* é objeto indireto, e *bainha* é objeto direto.

36 – D. Parece um objeto direto, mas o verbo *nascer* é *intransitivo*, antes de mais nada. Esta é uma das questões em que a banca trabalha a sua capacidade de diferenciar sujeito de objeto direto. Note que o verbo concorda com o termo mais próximo do sujeito composto posposto, ficando no singular. Na ordem direta, seria assim: "A vida e a transformação nascem da morte do velho.".

37 – C. "Nos estudos citados <u>pelos autores</u>..." = "Nos estudos que <u>os autores</u> citaram...". Se é possível passar da voz passiva analítica para a voz ativa, é certo que se trata de um agente da passiva.

38 – D. a) O substantivo *batalha* exige um complemento iniciado pela preposição *por*, logo CN. b) O substantivo *fé* exige um complemento iniciado pela preposição *em*, logo CN. c) O substantivo *amor* exige um complemento iniciado pela preposição *por*, logo CN. e) O substantivo *falsificação* exige um complemento iniciado pela preposição *de*, logo CN. Note o valor de alvo de uma ação, o valor passivo do CN em todos esses casos. Agora, em d), o complemento preposicionado é um objeto indireto do verbo batalhar. Não confunda CN com OI.

Capítulo 21

Gabarito

1 – A. Abrindo os caminhos com a famosíssima diferença entre ADN e CN. O termo *das estradas* tem valor passivo, pois sofre a ação, logo... complemento nominal. Assim como o substantivo abstrato (manutenção) exige um complemento preposicionado, o adjetivo *fundamental* também exige (o que é fundamental é fundamental **a/para**).

2 – B. Mais uma diferença, dessa vez entre adjunto adverbial e agente da passiva. Note que só na B há a locução verbal formada por *ser* + particípio, típica da voz passiva analítica. Sendo assim, *pelo rio* é o agente da passiva. Para bater o martelo, passe para a voz ativa: "... o rio levou alguns animais...".

3 – CORRETA, pois o aposto explicativo é um termo que vem separado por pontuação (vírgula(s), travessão(ões) ou parênteses) para explicar um termo anterior, normalmente.

4 – D. Esta questão trata, mais uma vez, daquela velha e polêmica diferença entre CN e ADN. O complemento nominal vem ligado a um substantivo abstrato e o adjunto adnominal vem, normalmente, ligado a um substantivo concreto. Como **mundo** é concreto, *de tribos* é adjunto adnominal. No caso do enunciado, o adjetivo *benefícios* exige um complemento, logo *a amplos setores* é um complemento nominal. A confusão entre CN e ADN só ocorre quando o termo preposicionado está ligado a um substantivo abstrato. Se o termo preposicionado vier ligado a um adjetivo ou advérbio — NÃO RESPIRA! —, complemento nominal *nas cabeças*.

5 – B. Sempre que uma locução adjetiva estiver ligada a um substantivo concreto, não pestaneje, ela exercerá função sintática de adjunto adnominal. Sempre! Como a palavra *epidemia* é um substantivo concreto, *das doenças crônicas* exerce função sintática de adjunto adnominal, assim como o adjetivo *nacionais* ligado a um substantivo (autoridades) também exerce esta mesma função sintática.

6 – D. De acordo com alguns gramáticos, principalmente modernos, quando o *lhe* tem valor possessivo, exerce função sintática de adjunto adnominal. Ao dizer "Eugênio examinava-lhe as mudanças do rosto com comovida atenção", isso equivale a "Eugênio examinava as mudanças do **seu** rosto..." ou "Eugênio examinava as mudanças do rosto **dele**...". Daí ser classificado como adjunto adnominal tal qual *de uma criança* (valor de posse) em "Salvara a vida **de uma criança**".

7 – II. A expressão entre travessões é um aposto explicativo do termo anterior (profissionais). Lembre-se de que o aposto pode vir entre vírgulas, entre travessões ou entre parênteses.

8 – B. Trata-se de um vocativo, pois, além de indicar um chamamento, *coração* é o interlocutor.

9 – B. Trata-se de um vocativo, pois, além de indicar um chamamento, *querido* é o interlocutor. Mais interessante do que tudo é o fato de um adjetivo (*querido*) virar um substantivo no contexto.

10 – C. Apesar de não ser comum o aposto vir antes do termo a que se refere, temos aí um belo exemplo disso. Veja na ordem comum: "O ex-ministro Antonio Delfim Netto, arquiteto e engenheiro da prosperidade do "milagre econômico", está convencido (...)".

11 – A. Simples! Algo para ser visto por **onde**, por qual **lugar**? Resposta: "pela janelinha do carro" (adjunto adverbial de lugar modificando o verbo ver).

12 – E. Assim como o nome *controle* exigiu um complemento nominal (dos resíduos radioativos), o nome *danosa* também o fez (o que é *danoso,* é *danoso* **a**o meio ambiente).

13 – INCORRETA. O aposto não vem representado por um adjetivo, logo *justas* e *equilibradas* jamais poderiam ser um aposto, só para começar. Perceba que o predicado é nominal (são mais *justas, equilibradas, honestas...*), logo os termos têm função de predicativo do sujeito.

14 – INCORRETA. *Jean-Claude Trichet* está entre vírgulas por se tratar de um aposto explicativo.

15 – C. Colocando na ordem direta fica mais fácil perceber a função sintática dos termos; veja: "...e como eu ia dizendo, você andar devagar e ser assaltado por mim (agente da passiva) do que correr e ser assaltado pelo radar é muito mais econômico

(predicativo do sujeito). E eu nem somo pontos em sua habilitação (adjunto adverbial de lugar (virtual))!".

16 – A. Muito boa a questão, que trabalha a diferença entre agente da passiva e adjunto adverbial. Não podemos passar para a voz ativa, logo o termo não se trata de um agente da passiva, mas sim de um adjunto adverbial de causa: "... as oportunidades acabam definitivamente perdidas *por causa da* desistência dos potenciais empregadores.".

17 – CERTO. De fato as funções são distintas! No primeiro segmento, o termo é complemento nominal de *gosto* (quem tem gosto, tem **gosto *por***). No segundo segmento, o termo é um adjunto adverbial de meio, modificando o verbo *revelar*.

18 – D. As expressões às vezes e *Em breve* exercem função sintática de adjunto adverbial de tempo. As expressões às pampas e *em excesso* exercem função sintática de adjunto adverbial de intensidade.

19 – ERRADO. A justificativa da banca diz respeito à classificação de aposto. E "um dos pioneiros na pesquisa sobre mídia pública no Brasil" é um aposto explicativo, desde criancinha.

20 – ERRADO. Ambas as expressões têm sentido possessivo, logo são **adjuntos adnominais**, e não **complementos** nominais.

21 – CERTO. É aposto explicativo de CO_2.

22 – A. O enorme tronco dá uma descarga de água para as raízes **quando**? *Na iminência de um temporal*, ou seja, quando se aproxima uma tempestade. Percebeu que o adjunto adverbial de tempo *na iminência de um temporal* foi substituído por uma oração subordinada adverbial de tempo *Quando se aproxima uma tempestade*? Isso ocorre porque a oração subordinada adverbial exerce função de adjunto adverbial, também chamada de adjunto adverbial oracional.

23 – D. *Hugo Sarmento* especifica colégio, logo é um aposto especificativo. O termo *uma ferramenta virtual*, objeto direto, é complemento do verbo *levar*. Agora, você percebeu a diferença entre agente da passiva e complemento nominal no termo *pelo microblog*? E é isso que faz você acertar a questão. Não podemos dizer que é um complemento nominal, pois é possível passar para a voz ativa o trecho, transformando o agente da passiva em sujeito da ativa. Veja: "O limite de 140 caracteres imposto **pelo microblog Twitter**..." (voz passiva) – "O microblog Twitter impõe o limite de 140 caracteres..." (voz ativa).

24 – B. Os termos sublinhados têm valor passivo, logo são complementos nominais: *consolidação* ***da democracia*** = a democracia é consolidada/ *desenvolvimento* ***da cidadania*** = a cidadania é desenvolvida.

25 – B. Um complemento nominal oracional é um complemento nominal em forma de oração (apresenta um verbo em sua constituição). O substantivo *preocupações* exige um complemento iniciado pela preposição *de*. Portanto, *de que ações militares somente iriam retardar* é um complemento nominal de *preocupações*.

26 – A. Na letra A, observe que o primeiro verbo termina em ditongo, logo o pronome oblíquo átono poderá ser *-no, -na, -nos, -nas*. Como o núcleo do complemento verbal é feminino singular, usaremos *-na*. Não poderia *rolar* a próclise porque não há palavra atrativa alguma. Sendo assim, "legitimavam-**na"**. No segundo momento, o pronome *lhe*, como já vimos, exerce função de objeto indireto (= *a ele*(a)): "atribuindo-lhe". Quanto à colocação pronominal, ok, pois não há palavra atrativa. Quanto ao uso do *lhe*, sabemos que ele substitui complementos verbais preposicionados (objeto indireto). Para fechar o comentário, observe o contexto do terceiro momento: "... que **a** tornava...". O *que* é uma palavra atrativa, portanto, o pronome átono fica antes do verbo. O pronome é feminino singular, pois substitui expressão feminina singular.

27 – E. O *lhe* é usado pela FCC para substituir qualquer objeto indireto, seja coisa ou pessoa. Comentando só a letra E: no primeiro caso, o verbo *agregar* exige complemento preposicionado (ao nosso espírito; objeto indireto), logo usemos o *lhe*. No segundo caso, o vocábulo *que* atrai o pronome oblíquo átono, logo fica "**o** distinguirão". Lembra que, apesar de o verbo estar no futuro, a preferência é a próclise? Além disso, o pronome está no masculino singular, pois substitui uma expressão substantiva masculina singular. Por fim, no terceiro caso, usemos o *lhe* de novo substituindo *ao nosso espírito*, termo preposicionado (objeto indireto).

28 – B. Quem acompanha acompanha algo/alguém. Portanto, o verbo é transitivo direto, exige objeto direto. Os pronomes oblíquos átonos que exercem função de objeto direto são *-o, -a, -os, -as* (e variações). Como a palavra *tragédia*, núcleo da expressão substantiva, é feminina singular, o pronome a ser usado é *a*. Logo, "... o mundo acompanhou-a ou o mundo a acompanhou". A colocação é facultativa, pois antes do verbo não há palavra atrativa. O complemento do verbo *atribuir* é preposicionado, porque quem atribui atribui algo **a** algo/alguém. Como a gente já sabe que a FCC coloca *lhe* para substituir qualquer termo preposicionado por *a* ou *para*, que assim seja. O uso do *lhe* neste caso está correto, pois ele tem função de objeto indireto. Sua colocação está adequada porque o pronome indefinido *ninguém* serve de palavra

atrativa, daí a próclise. Quem toma toma algo. O verbo pede um complemento não preposicionado, logo usamos *-o, -a, -os, -as* (e variações). Como o verbo termina em **-r**, usamos *-lo, -la, -los, -las*, lembrou? Por isso, "... chegaram a tomá-la". O *-la* substitui o substantivo feminino singular *tragédia*.

29 – B. O pronome oblíquo átono *lhe* normalmente exerce função de objeto indireto, por isso aparentemente não haveria problema em usar tal pronome para substituir *ao debate*; no entanto, o *lhe* não é usado como complemento de alguns verbos, como *aludir, anuir, aceder, aspirar (almejar), assistir (ver), escarnecer, proceder, presidir, recorrer, referir (aludir), visar (almejar)*, como já vimos na teoria.

30 – A. Tenha sempre em mente também que o *se* pode ser conjunção (integrante, condicional, causal, temporal) ou pronome oblíquo átono (com aquelas funções todas). Beleza? Vamos lá! O primeiro *se* do enunciado é uma conjunção condicional, equivale a "caso" (Caso não se cuide...). O segundo *se* é um pronome reflexivo (se cuidar = cuidar de si mesmo). Na letra A, a análise é idêntica: "Tire um tempo livre *caso* queira tratar *de si*.". Veja as demais alternativas: b) "Ele se **considera sabido** se **acerta todas as questões.**" (*se considera* = considera a si mesmo: pronome reflexivo/ *se acerta* = quando acerta: conjunção temporal). c) "O consumidor virá queixar-se, se **você não devolver o produto.**" (*queixar-se* : partícula integrante do verbo/ *se você* = caso você: conjunção condicional). d) "Formaram-se **diversos grupos para debater** se **é o melhor momento.**" (*formaram-se diversos grupos* = diversos grupos foram formados: pronome apassivador/ *se é o melhor momento*: conjunção integrante). e) **"**Se **ele desconhecia** se **ia adotar uma nova política, por que tocou no assunto?"** (*se ele desconhecia* = já que ele desconhecia: conjunção causal/ *se ia adotar*: conjunção integrante). Falarei de conjunção integrante só no capítulo de conjunção.

31 – ERRADO. Só os adjuntos adverbiais do primeiro grupo indicam valor semântico de **meio**. Os demais indicam **causa**, e não **meio**. Veja esta reescritura na ordem direta: "Vós inutilmente matastes *por que razões (causas)*? *Por fictícia autoridade, por vãs razões, por falsos motivos.*".

32 – B. Diferença entre adjunto adnominal e predicativo do sujeito. O adjunto adnominal vem junto do nome, não separado por pontuação nem distante do sujeito sendo ligado por verbo de ligação... como nos demais casos.

33 – E. Esta questão mistura regência nominal com a questão da diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal. Qual é a diferença? A essa altura do campeonato, já sabemos, não é? Mas não custa relembrar a diferença mais impor-

tante: o complemento nominal tem valor passivo e o adjunto adnominal tem valor ativo (ou de posse). No enunciado, note que o adjetivo exige um complemento nominal iniciado pela preposição *a*. O que é essencial é **a** (ou **para**). A opção E é a única que não apresenta um nome exigindo um complemento, porque *de cada pessoa* indica posse em relação a *valores*, logo é um adjunto adnominal. Veja as demais: a) *a **observância** da felicidade coletiva*./b) ***acesso** aos básicos serviços públicos*./c) ***crença** na contínua evolução da sociedade*./d) *a **pretensão** legítima ao seu atendimento*. Todos os termos sublinhados são complementos nominais, pois são termos exigidos pelos nomes negritados.

34 – C. O primeiro termo estabelece uma relação de posse, logo trata-se de um adjunto adnominal. O segundo é um termo exigido pelo nome *necessidade* (quem tem necessidade tem necessidade **de**).

35 – C. O termo *por mim* é um agente da passiva, pois pode se tornar um sujeito da ativa. O termo *em Belo Horizonte* é um adjunto adverbial de lugar, pois modifica o verbo *estar*. O objeto direto oracional *que fiques triste* é um complemento do verbo transitivo direto *querer*. O termo *aos pobres* é um objeto indireto, pois complementa o verbo transitivo direto e indireto *doar*.

36 – ERRADO. Bechara e Francisco Fernandes entendem que o *se* do verbo *tratar-se* é partícula integrante do verbo. A maioria dos gramáticos (Cegalla, Kury...), porém, veem tal *se* como partícula de indeterminação do sujeito. Já o *se* ligado ao verbo *encontrar*, que é transitivo direto, é partícula apassivadora (... *o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos = o lugar em que centenas de milhares de rolos eram encontrados*). Logo a classificação do *se* é diferente.

37 – A. Trata-se de um aposto, pois explica o termo anterior.

38 – B. Note que *as* é complemento verbal do VTD *coordena*, por isso é um objeto direto. Já *a Organização das Nações Unidas (ONU)* é um aposto explicativo de *organismo máximo*. Por último, *pelos cinco países* é um agente da passiva. Passe para a voz ativa e comprove: "*Os cinco países* controlam o organismo máximo que as coordena...". Percebeu que o AGP virou sujeito? Fácil!

39 – D. O objeto, o instrumento usado para redigir foi o lápis, logo *a lápis* é um adjunto adverbial de instrumento.

Capítulo 22

Gabarito

1 – CERTO. Se aquele seu professor dissesse para você que "oração coordenada é aquela que tem sentido (!) completo", você se daria mal nessa. Desde quando "Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, só se aprende" tem s-e-n-t-i-d-o completo? Nunca! Mas a estrutura sintática está completa, pois tem sujeito e predicado: Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, (sujeito) só se aprende (predicado). Cuidado com o que ensinam por aí... Vamos à explicação completa! Há coordenação, pois as orações são sintaticamente completas, por isso independentes do ponto de vista sintático. Oração 1: "Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, só se *aprende*". Oração 2: "e se *vivencia*, de forma plena, coletivamente, em troca contínua de experiências com os outros". Ambas as orações têm estrutura sintática completa.

2 – D. Se uma oração é iniciada por uma conjunção adversativa, toda ela terá valor adversativo em relação à oração anterior, nunca indicará causa ou outro valor. A afirmação da letra D não procede. Sobre B, a afirmação procede, pois a série aditiva enfática "tanto... quanto..." estabelece a relação aditiva. Sobre E, a afirmação também procede; veja a reescritura proposta: "A tarefa é tornar o jogo verdadeiramente democrático e *não* (tornar) mera legitimação da impetuosidade arrivista de líderes mais preocupados com o sucesso pessoal que com as causas sociais.".

3 – Ambas estão **CORRETAS**. Sobre a primeira, perceba que há uma relação de causa e consequência marcada pela conjunção *e*, que tem valor semântico conclusivo/consecutivo. Veja: "essas facilidades acabaram (causa) e (consequentemente/portanto) a classe média passou a ter mais gastos". A reescritura "com o fim dessas facilidades, a classe média passou a ter mais gastos" mantém a mesma relação de sentido, pois "com o fim dessas facilidades" é um adjunto adverbial de causa, seguido de sua consequência "a classe média passou a ter mais gastos". Sobre a segunda, a reescritura abona a afirmação de que há uma relação de contraste: "É como se ela tivesse viajado sempre de executiva e (= mas) agora tivesse de andar de econômica".

4 – B. Questão nível *Teletubbie*! Qual é a única oração iniciada por uma conjunção coordenativa aditiva, que, obviamente, expressa adição? Preciso dizer? E olha que era prova de nível superior...! Em A, temos uma oração subordinada adjetiva restritiva; em C, temos uma oração coordenada sindética adversativa; em D, temos uma oração subordinada adjetiva restritiva; em E, temos uma oração subordinada adverbial temporal.

5 – C. "Joana tomou um sonífero e (= mas) não dormiu". Segundo a tradição gramatical, classifica-se a oração iniciada por um "e" adversativo como oração coordenada sindética adversativa.

6 – C. Em *Não precisaremos voltar ao médico nem fazer exames*, a oração *Não precisaremos voltar ao médico* é assindética, pois não vem introduzida por síndeto (conjunção coordenativa) e a oração *nem fazer exames* é coordenada sindética aditiva, pois vem iniciada por uma conjunção coordenativa aditiva (nem). Simples assim.

7 – CERTO. Há paralelismo, pois há estruturas sintáticas semelhantes coordenadas: 1) você e eu (termos coordenados); 2) de um e outro lado das palavras (termos coordenados); 3) Eu dou as vozes, você dá a escritura (orações coordenadas assindéticas).

8 – INCORRETA. Há três orações, mas só duas estão coordenadas entre si (as ligadas pelo primeiro *e*). Veja: *Assim, a procura de alimentos de origem animal cresceu naqueles países* ***e*** *criou um desafio para os produtores e também para os plantadores de soja e de cereais usados na fabricação de rações*. O segundo e o terceiro *e* ligam termos, num paralelismo sintático perfeito, e não orações (*para os produtores* ***e*** *também para os plantadores de soja* ***e*** *de cereais*). A última oração é reduzida de particípio (usados na fabricação de rações).

9 – D. Para haver coordenação assindética, é preciso que não haja síndeto (conjunção) ligando as orações do período composto: *O ônibus chegou (1ª oração), despedimo-nos (2ª oração).*

10 – B. A conjunção aditiva *e* liga duas orações (oração = verbo): "cuidar... **e** instalar...".

11 – C. Lembra-se da dica? Se vier um verbo imperativo antes da oração iniciada por *que, porque, pois, porquanto*... "Voa, coração, ***PORQUE ele não deve demorar***" (Or. Coord. Expl.).

12 – C. As conjunções nos dão o gabarito. Veja: "**Porém** (conjunção adversativa), não podemos festejar a situação presente, **pois** (conjunção explicativa) para o progresso futuro precisamos ser obstinadamente inconformistas.".

13 – D. Novamente a conjunção nos dá o gabarito. A única oração iniciada por uma conjunção coordenativa conclusiva é a D (... ***portanto*** desistiu...).

14 – CORRETA. Autoexplicativa.

15 – INCORRETA. Perceba que o *pois*, entre vírgulas, é de fato uma conjunção coordenativa conclusiva, equivalente a *portanto*, que estabelece uma relação de conclusão

com uma ideia anterior, não explícita no fragmento. Só que tem um detalhe: o *pois* inicia a primeira oração (*Vê-se*), e não a segunda, que é , por sua vez, iniciada por uma conjunção integrante *que* (... que o plano ético...). Sendo assim, a afirmação não procede.

16 – ERRADO. A relação não é de coordenação, mas sim de subordinação, pois a oração que pagam impostos quando consomem" serve de complemento para a 1ª oração (*sabem*).

17 – A afirmação é autoexplicativa. Corretíssima.

18 – E. Em relação à frase contida em E, a construção com "Mas ele não viveu confinado" possui lógica na articulação, pois indica que o autor, embora não tivesse feito mais nada, não viveu confinado.

19 – B. As conjunções *mas, porém* e a locução conjuntiva *não obstante* são adversativas; *posto que* é locução conjuntiva concessiva e exige verbo no subjuntivo (o que não ocorre na letra C, erradamente, pois a frase da C indica que posto que tem sentido equivalente a *visto que*, causal, mas a norma culta não abona essa visão sobre *posto que*). A única que tem valor explicativo é a conjunção *pois*, a qual inicia a segunda oração que explica a primeira.

20 – CORRETA. Vejamos o contexto novamente para saber se há ou não paralelismo: "*Não é possível* ***que ele pregue a autonomia*** (oração subordinada substantiva subjetiva), ***sem ser autônomo*** (oração subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo); ***que fale de liberdade*** (oração subordinada substantiva subjetiva), ***sem experimentar a conquista da independência*** (oração subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo), *que é o saber;* ***que ele queira que seu aluno seja feliz*** (oração subordinada substantiva subjetiva), ***sem demonstrar afeto*** (oração subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo*)". Há paralelismo sintático, pois há uma* ***repetição de mesma estrutura sintática****.*

21 – INCORRETA. Não há paralelismo sintático, pois os elementos, apesar de enumerados em uma estrutura de coordenação, não são semelhantes, pois não há paralelismo formado por termos e orações; ou se coordenam orações com orações, ou se coordenam termos com termos. Veja: *"falta o essencial* (em seguida vêm os apostos para explicar o "essencial") — *a* <u>*emoção*</u> (termo), *que é própria do homem, o* <u>*olhar*</u> (termo) *atento do professor,* <u>*ver*</u> (oração) *o professor gesticular, falar, a* <u>*interrupção*</u> *do aluno* (termo)... ". Percebe que os apostos são formados por termos e orações? Logo não há paralelismo! Fique esperto! Só haveria paralelismo se assim fosse: *"falta o es-*

sencial — a emoção, que é própria do homem, o olhar atento do professor, a visão do professor gesticulando, falando, a interrupção do aluno...". Todos os apostos (substantivos) são termos sintáticos, e não orações. Foi?

22 – D. Gabarito oficial da banca: "O período I é formado por subordinação, isto é, uma oração principal, 'A curta existência de Álvares de Azevedo, um legítimo representante do Mal do Século, não permitiu', e outra subordinada substantiva objetiva direta, 'que houvesse uma edição de sua obra em vida", que completa o verbo 'permitiu' da oração principal. No período II, há uma oração coordenada assindética, 'A maior parte das histórias de Joaquim Manuel de Macedo é ambientada no Rio de Janeiro', e outra coordenada sindética aditiva, 'e nelas os heróis e as heroínas enfrentam obstáculos para a realização amorosa'. No período III, há uma oração coordenada assindética, 'Castro Alves, a voz mais importante da terceira geração romântica, não apenas defendeu os escravos', e outra sindética, conhecida como série aditiva enfática, que costuma ser usada quando se pretende enfatizar o conteúdo da segunda oração, 'mas também escreveu versos expressivos'.".

23 – A. São, de fato, duas orações coordenadas, pois uma não depende sintaticamente da outra, uma vez que têm estrutura sintática completa: "A quadrilha estava em dois carros" (1ª oração) "e usava armas longas e fuzis" (2ª oração). Ambas têm sujeito e predicado.

24 – A assertiva I está **CORRETA**. A oração coordenada sindética aditiva é introduzida pela expressão *mas também* (*... mas também estabelece regras...*), que forma uma série aditiva enfática em relação à expressão anterior *não só* (*... trouxe... não só a possibilidade...*). A oração coordenada sindética alternativa é mais fácil de ser identificada, pois é iniciada pela conjunção alternativa *ou* que liga duas orações subordinadas: "*... que as dirigem* ou *que agem em seu nome*". Percebeu que as conjunções nos mostram o gabarito? Fique atento a elas!

25 – D. Note as conjunções e *voilà!*: *Você não estuda,* ***nem*** *me deixa estudar. Faça silêncio,* ***que*** *quero ouvir a explicação. Você quer que eu participe de suas brincadeiras durante as aulas,* ***e*** *(= mas) nenhuma influência externa vai me atrapalhar.*

26 – D. Conforme já vimos, a oração aditiva é iniciada pela parte da correlação aditiva "não só... mas também", que constitui uma oração coordenada aditiva: "*mas também observava tudo com atenção*".

27 – C. Em III, há uma oração coordenada sindética explicativa, iniciada pela conjunção coordenativa explicativa *pois*.

28 – C. Aplicação de mero conhecimento de conjunção coordenativa. O *pois* entre vírgulas tem valor conclusivo (= *portanto*). O *que* vem depois de verbo no imperativo, logo tem valor explicativo (= *porque*). *Por conseguinte* é uma locução conjuntiva coordenativa conclusiva, sempre. *Não obstante* (ou *nada obstante*) seguido de verbo no indicativo é sempre uma locução conjuntiva coordenativa adversativa.

29 – D. A conjunção *pois* pode ter valor causal a), explicativo b) ou conclusivo c) – (entre vírgulas; = *portanto*). O único período que apresenta orações que não mantêm uma relação estabelecida por *pois* é a D, pois entre elas há uma ideia de conclusão, mas o *pois* não está entre vírgulas. Só estaria certa a D se estivesse redigida assim: "A festa foi planejada durante seis meses; não haverá, **pois** (= portanto), surpresas desagradáveis".

30 – B. *Pedro não foi para a escola* ***e nem*** *para o trabalho. = Pedro não foi para a escola* ***e não foi*** *para o trabalho*. Logo, a oração é coordenada sindética aditiva.

31 – C. O período é composto por coordenação pois as orações são sintaticamente independentes entre si.

32 – A. As assindéticas não são ligadas por conjunção, logo só pode ser a letra a), *pois*, nas demais opções, as conjunções coordenativas estão presentes: b) *e*, c) *porém* e d) *ou*.

33 – B. Observe a conjunção coordenativa *mas* ligando as orações. Isso é uma marca de clara coordenação.

34 – B. As orações coordenadas assindéticas são *vai chover, esfriar, gear*, pois são sintaticamente independentes uma da outra.

Capítulo 23

Gabarito

1 – C. Se, após verbo no imperativo, vier a conjunção *porque* (*que, pois ou porquanto*), a oração será coordenada sindética explicativa. Sem pestanejar. Por exclusão, as demais são subordinadas adverbiais causais.

2 – E. A oração sublinhada carrega a ideia de consequência em relação à anterior, logo ela é coordenada sindética explicativa. Releia na teoria a diferença entre oração explicativa e causal.

3 – D. Note aí mais uma questão, além daquela da UERJ que eu lhe mostrei na teoria, que fica "em cima do muro" no sentido de asseverar se a oração iniciada pelo *porque* é causal ou explicativa. Note que a B e a C se excluem por dizerem o mesmo.

4 – B. Preferi tratar desta questão neste capítulo por causa da diferença entre causa e explicação, novamente. Sei que a questão trata de classe gramatical, mas vou "puxar a brasa para a sardinha" deste capítulo, ok? Vamos nos ater só ao *porque* da segunda e da terceira frase, respectivamente. O *porque* introduz uma ideia de causa em *porque o carro que a conduzia quebrou*, sendo a consequência *Ela não chegou*. Logo, na segunda frase, a oração *porque o carro que a conduzia quebrou* é subordinada adverbial causal. Na terceira frase, a oração *porque preciso dela aqui* não provoca, não causa diretamente o conteúdo da oração *Gostaria que ela chegasse logo*, por isso *porque preciso dela* se aproxima mais de uma oração coordenada sindética explicativa.

5 – B. Note que, para constituir uma oração, falta um verbo no trecho "Um estudo da Fundação Getúlio Vargas, intitulado 'Miséria em Queda', baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE,". Por isso, gera-se uma incoerência, um certo estranhamento na leitura do período. Melhor seria se estivesse redigido assim o período: "Um estudo da Fundação Getúlio Vargas, intitulado 'Miséria em Queda', baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE, apresentou alguns pontos positivos, confirmando que a miséria no Brasil caiu em 2004, e atingiu o nível mais baixo desde 1992.".

6 – A. Em A, faça aquela "jogada" que eu lhe ensinei na teoria: "Vivemos hoje **em um universo**" (adjunto adverbial de lugar). Nas demais, todos os pronomes relativos têm função de sujeito.

7 – A. Exemplo clássico de oração subordinada substantiva predicativa: Sujeito (*o fato*) + verbo *ser* (é) + oração predicativa (*que transparência deixou de ser...*). A oração sublinhada exerce função sintática de predicativo do sujeito do verbo da oração principal. Muito fácil!

8 – ERRADO. Veja: "como se chama o (aquilo) ***que*** sinto" (= eu sinto ***aquilo*** (objeto direto)). Agora veja: "e (uma pessoa) ***que*** não gosta mais da gente" (= ***uma pessoa*** não gosta mais da gente (sujeito)). Logo, como se viu, os pronomes relativos exercem funções sintáticas diferentes.

9 – E. O *pois* pode ser uma conjunção explicativa, conclusiva ou causal. Note que a banca foge pela tangente quanto à diferenciação entre oração explicativa e causal, por dar a entender, na letra A, que a conjunção *pois* é **subordinativa explicativa**

(?), quando a gente sabe que não existe oração subordinada adverbial explicativa mas sim causal. Na verdade, a banca poderia ter criado uma polêmica ao colocar na letra A assim: "uma conjunção subordinativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de causa". Desse modo, resta-nos a letra E, o *pois* é uma conjunção coordenativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de explicação (oração coordenada sindética explicativa).

10 – C. Mais uma questão de relação de causa e consequência entre orações. Veja: *O barulho no local era tão alto (causa) que o homem, coitado, saiu rápido (consequência).* (= *O homem saiu rápido (consequência) porque no local o barulho era muito alto (causa). Coitado.)* Nas demais alternativas, tal relação não ocorre.

11 – A. De fato *que buscam crédito de curtíssimo prazo ou financiamentos para exportação* constitui oração subordinada adjetiva restritiva, pois é iniciada por pronome relativo e não vem separada por pontuação.

12 – D. A oração *de que precisaremos curtir mais o dia a dia* é complemento nominal do substantivo *dúvida*, que faz parte da oração principal. Lê-se: Não há dúvida **disso** (de que precisaremos curtir mais o dia a dia). A oração iniciada por *mas*, que é uma conjunção coordenativa adversativa, é coordenada sindética adversativa. *Dã!*

13 – C. Via de regra, a oração subordinada adjetiva restritiva não vem separada por pontuação: "... empresas que... tenham no mínimo 20% de negros em seu quadro profissional".

14 – CERTO. Via de regra, a oração subordinada adjetiva restritiva é iniciada por pronome relativo e não vem separada por pontuação alguma, por isso a afirmação procede.

15 – NENHUMA. Ambas as orações têm suas classificações acertadas. Na primeira b), *de que seus atos repercutem* é complemento nominal de *consciência*. Na segunda e), *que nossa economia floresce* é complemento direto de *Dizem*.

16 – D. Em "uma chance ***que*** ninguém está conseguindo ver" (= ninguém está conseguindo ver ***uma chance***), o pronome relativo exerce função de objeto direto. Todos os demais pronomes relativos exercem função de sujeito.

17 – ERRADO. A oração subordinada adjetiva *que se tornariam centrais na produção intelectual e artística do século XX* **não está separada por pontuação, portanto é restritiva e não explicativa**.

18 – B. Analisemos todas: I – Eu não sei **isso** (se vem de Deus...; oração subordinada substantiva objetiva direta). II – Na ordem direta: Não sei **isso** (se desmorono...; oração subordinada substantiva objetiva direta). III – **Se** (= **Caso**) eu me chamasse Raimundo... oração subordinada adverbial condicional. IV – **Se** (= **Já que**) sabias que eu era fraco... oração subordinada adverbial causal.

19 – D. Podemos substituir a conjunção subordinativa condicional *se* por *caso*; veja: ***Caso falhemos aí* (oração subordinada adverbial condicional)**, *trairemos o compromisso com a saúde e com a vida do planeta.*

20 – A. Para acertar esta questão, bastava conhecer as locuções conjuntivas finais. Por isso, eu insisto: estude conjunções! A oração "*Para que (= A fim de que) não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas*" é subordinada adverbial final. B, C, D: "*Embora...*", "*Ainda que...*", "*Por mais que...*" são orações subordinadas adverbiais concessivas, pois são iniciadas por conectivos concessivos. E: "*Contanto que...*" indica condição, logo introduz uma oração subordinada adverbial condicional.

21 – A. Novamente resolvemos uma questão de oração subordinada adverbial pelo conectivo: *porque = uma vez que*; ambos iniciam uma oração subordinada adverbial causal.

22 – B. O substantivo *ideia* exige um complemento regido pela preposição *de*, logo a oração sublinhada (iniciada por conjunção integrante) é, de fato, substantiva completiva nominal.

23 – A. Note que a oração sublinhada tem função de sujeito da oração principal (*se comprove*, em que o *se* é uma partícula apassivadora). Leia-se: "... caso se comprove **isso**" (= ... caso **isso** seja comprovado).

24 – CORRETO. De fato *que administre bem o patrimônio público* é uma oração subordinada substantiva apositiva, pois explica o termo anterior da oração principal *um objetivo.*

25 – CORRETO. A afirmação procede. Faça o *bizu* do **isso** para substituir a oração substantiva subjetiva: Vê-se... **isso** (= **isso** é visto). Logo *que o plano ético permeia todas as ações humanas* tem função de sujeito da oração principal *Vê-se.*

26 – ERRADO. A construção sintática "mais... do que..." é típica de oração subordinada adverbial comparativa, logo o vocábulo *que* não inicia oração subordinada adjetiva restritiva, pois não é um pronome relativo, mas uma conjunção comparativa.

27 – ERRADO. A locução conjuntiva *sem que*" nunca inicia oração com valor causal. Neste caso, ela tem valor semântico de modo. Que o diga Bechara! Em sua gramática, ele coloca um exemplo semelhante, chamando a dita cuja de oração subordinada adverbial modal, o que faz todo o sentido. Raciocine: "A semana terminou **como**? De que **modo**?" Resposta: "A semana terminou *assim*: **sem *que estivesse claro***...". Beleza?

28 – C. A oração principal, como o nome sugere, vem acompanhada de outra no mesmo período (que não é a principal, lógico!). Na letra C, só há uma (1) oração, pois só há um (1) verbo. As orações principais são identificadas dentro do período composto por subordinação. Sendo assim, trata-se de uma oração absoluta "O campo visual da nossa rotina é como um vazio".

29 – CORRETO. Realmente há uma oração completiva nominal, pois *de que política é uma sujeira só e sem utilidade complementa o nome ideia.*

30 – CORRETO. A afirmação procede. Veja que a oração entre colchetes é o objeto direto exigido pelo verbo transitivo direto *propor*: "*... propõe [que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai vir em primeiro lugar]....*

31 – CERTO. É sabido **isso** (que a bactéria em questão — *Escherichia coli* — somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes — animais ou humanas)... **isso** (que a bactéria em questão — *Escherichia coli* — somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes — animais ou humanas) é sabido. A oração iniciada pela conjunção integrante é subordinada substantiva subjetiva, por isso exerce a função de sujeito da oração principal.

32 – ERRADO. Se a oração subordinada adjetiva *que pôs a Europa em estado de emergência médica* não vem separada por pontuação, não pode ela ser explicativa, senão restritiva.

33 – B. A primeira oração é completiva nominal, pois completa o nome *necessidade*. A segunda é objetiva direta, pois completa o verbo *identificar* (VTD).

34 – A. Finalmente uma questão de oração subordinada substantiva objetiva direta justaposta. Ela é justaposta pelo simples fato de não ser iniciada por uma conjunção integrante, e sim por um advérbio interrogativo de causa: *por que*. Veja "Não entendo *por que 'velho' é politicamente incorreto*" (= Não entendo **isso**). Portanto a oração "*por que 'velho' é politicamente incorreto*" completa, como um verdadeiro objeto direto, o verbo da oração principal (entender).

35 – D. A única oração substantiva iniciada por uma conjunção integrante é *que Neymar foi o primeiro jogador brasileiro*, a qual funciona como aposto de *grande notícia*.

Sendo assim, tal oração é subordinada substantiva apositiva. Note que a apositiva também pode ser separada por vírgula. Na letra A, a oração *como se formam conceitos* é subordinada substantiva subjetiva justaposta (*bizu*: Impressiona-me **isso**... **isso** me impressiona); é justaposta, pois não é iniciada por conjunção integrante, e sim por advérbio interrogativo de modo (como). Na letra B, a oração *quem* dá mais informações e estatísticas é subordinada substantiva objetiva direta justaposta, pois complementa o verbo da oração principal (*saber*); é justaposta pois não é iniciada por conjunção integrante, e sim por pronome interrogativo (*quem*). Na letra C, a oração *para assistir a tantas partidas tumultuadas no Brasil* parece subordinada adverbial final, mas não é, pois a preposição *para* é exigida pelo nome *paciência*; por isso, ela é classificada como subordinada substantiva completiva nominal.

36 – ERRADO. A primeira convicção política do narrador foi **apenas** que o município não tinha recursos. O que se fala depois não é convicção, é constatação. Portanto, a oração subordinada substantiva predicativa (que o município não tinha recursos) é que completa a oração principal (*A primeira convicção política foi*), constituindo sua única convicção. A outra oração predicativa (*que por esse motivo andava descalçado, ou devia o calçado*) não carrega a ideia de convicção política, mas sim de constatação.

37 – ERRADO. O verbo da oração principal está na 3ª pessoa do singular, pois seu sujeito está em forma de oração subordinada substantiva subjetiva: **É** verdade **isso** (que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas) = **isso** (que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas) **é** verdade (na ordem direta). Então, esse papo de que o verbo está no singular porque o sujeito não está explícito é conversa para boi dormir. Cuidado com as pegadinhas do CESPE.

38 – ERRADO. O pronome relativo não tem função sintática de sujeito. Perceba que ele retoma *dois manos*, mas não com função de sujeito, e sim com função de **objeto direto**. Vou colocar um sujeito hipotético só para você visualizar melhor. Leia de novo, com atenção: "[João] Ficava no canto da maloca, [João] trepado no jirau de paxiúba, [João] espiando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que [João] tinha.", ou seja, [João] tinha (VTD) o quê (OD)? Dois manos (OD).

39 – D. Em "... *milagres que (=os quais) salvam vidas diariamente.*", a oração destacada é subordinada adjetiva restritiva, pois é iniciada por um pronome relativo e não vem separada por pontuação.

40 – A. A oração em negrito é subordinada adverbial consecutiva. Veja a correlação: "... **tão**... **que**...". Como a gente já viu no capítulo de *conjunções subordinativas consecutivas*,

esta correlação entrega de mão beijada que há uma relação clara de consequência. Estude conjunção! (Sou muito chato, não é?)

41 – D. O pronome relativo *que* exerce função de sujeito simples do verbo *servir*. Na verdade, quando ele exerce função de sujeito, é sempre sujeito simples. Para saber que ele exerce tal função, basta substituí-lo pelo termo anterior: "... novas descobertas, por sua vez, servem de ferramenta...".

Capítulo 24

Gabarito

1 – CORRETA, pois o verbo *forçar* é VTDI. Quem força, força alguém (os organizadores do encontro) a alguma coisa (a antecipar o fim da reunião).

2 – INCORRETA. A afirmação *quase* procede. O único erro da afirmação é dizer que a oração é adjetiva restritiva. Note que a oração subordinada adjetiva reduzida de gerúndio é *explicativa*, por estar entre vírgulas: *"..., tornando suas ações conhecidas e avaliadas, ..."* (= "..., *que torna suas ações conhecidas e avaliadas, ...*"). Pegadinha da ESAF!

3 – D. Como vimos, preposição *a* + infinitivo, oração condicional na cabeça! A oração sublinhada é subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo, equivalendo a *"**Caso** venham a persistir os sintomas, deve-se consultar o médico."*. Note a conjunção condicional.

4 – E. I. *"Não vale a pena, nessa conjuntura, fragilizar o governo e sua política externa..."* (sujeito oracional do verbo *valer (vale); = **isso*** não vale a pena). II. *"... tornar (VTD) esta matéria (OD) elemento decisivo (predicativo do objeto)..."*. III. *"... como se fosse possível tornar esta matéria elemento decisivo para o jogo eleitoral para daqui a dois anos."* (sujeito oracional do verbo *ser (fosse); = como se **isso** fosse possível*).

5 – C. A oração subordinada adverbial causal reduzida de gerúndio pode ser desenvolvida com um conectivo causal; veja: *"Em julho de 1898, **uma vez que** temia por sua saúde, escreveu um testamento..."*.

6 – CERTO. O enunciado se autoexplica.

7 – A afirmação está **CORRETA**: *"de dar ao homem a possibilidade" e "de evoluir além da luta pela sobrevivência pura e simples" são duas orações subordinadas substantivas completivas nominais reduzidas de infinitivo regidas pelo substantivo mérito.*

8 – E. A oração *sabendo que seus genes serão imortais* é subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio. A reescrita da E apresenta o valor condicional correto, que poderia ter sido redigida também assim: *"Ninguém precisa ter medo da morte* ***caso saiba que seus genes serão imortais****."*.

9 – A. Lembrou-se daquela informação das preposições antes de verbos no infinitivo? Então... *ao* + verbo no infinitivo = tempo: "***Ao persistirem os sintomas****, o médico deverá ser consultado."* = "***Quando os sintomas persistirem****, o médico deverá ser consultado."*.

10 – B. Para acertar esta interessante questão, é necessário entender o que acontece primeiro e qual é a sequência de acontecimentos, para que depois se perceba a relação de causa e consequência. Note que há uma reação em cadeia: **1º:** O vapor é liberado pela transpiração das árvores. **2º:** Ele sobe na atmosfera. **3º:** Lá o vapor encontra camadas de ar frio. **4º: Por causa disso** ele se condensa e **5º:** Forma as nuvens. Logo *"Ao subir na atmosfera (2), o vapor liberado pela transpiração das árvores (1) encontra camadas de ar frio (3) e se condensa (4), formando as nuvens. (5)"*.

11 – C. Há uma clara relação de causa e consequência entre *jogar toneladas de sedimentos no rio* (causa) e *inviabilizar a navegação* (efeito). Ou seja, os milhões de toneladas de sedimentos jogados no rio causam a impossibilidade de navegação neste. Poderíamos também interpretar a oração sublinhada como aditiva, isto é: *Elas jogam milhões de toneladas de sedimentos no rio,* ***e*** *inviabilizam sua navegabilidade.*

12 – D. I: Preste atenção na quantidade de verbos e locuções verbais: *foi criado* (locução), *consistia, promover, tornando, promover.* Existem cinco orações, duas desenvolvidas e três reduzidas. II: Só existe uma ocorrência de predicativo do objeto: "*tornando (VTD) as decisões econômicas (OD)* ***mais abrangentes*** *(predicativo do objeto)*". III: A oração *em promover a integração entre governo, empresários e trabalhadores* complementa o sentido do verbo transitivo indireto *consistir* (quem consiste, consiste **em** algo). Oração subordinada substantiva objetiva **in**direta.

13 – C. *Apesar de* é uma locução prepositiva concessiva, logo ela inicia uma oração subordinada adverbial concessiva reduzida de infinitivo. Fique de olho nas locuções prepositivas!

14 – C. A oração subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio pode ser desenvolvida assim (para ficar mais fácil de perceber!): ***Caso bata de quina****, pode até matar.*/***Se bater de quina***, pode até matar.

15 – CORRETA. Por causa daquele *bizu* da preposição + infinitivo, você já está escaldado, não é? *Ao escolher um caminho* = *Quando se escolhe um caminho.*

16 – B. A frase pode ser reescrita da seguinte forma: *"Vemos incontáveis estrelas, **que emitem sua radiação eletromagnética**, perfeitamente indiferentes às atribulações humanas"*. A oração *que emitem sua radiação eletromagnética* é oração subordinada adjetiva explicativa. O fato de o pronome relativo *que* poder ser substituído por *as quais* comprova essa classificação da oração. A oração *Vemos incontáveis estrelas perfeitamente indiferentes às atribulações humanas* é então a oração principal.

17 – B. O erro da B está em dizer que a oração é **proporcional**, quando se trata na verdade de uma oração **temporal**. Basta ver que ela se inicia por uma conjunção temporal (quando).

18 – CORRETA. A afirmação procede, pois ambos os segmentos indicam **causa**.

19 – CORRETA, pois ambas as orações (reduzida e desenvolvida) são subordinadas adverbiais **finais**.

20 – ERRADO. Estamos diante de um sujeito oracional, ou seja, um sujeito em forma de oração! Veja como o núcleo do sujeito é um verbo: *"**Viver** em ambiente sem gravidade **faz** coisas curiosas com o corpo"*. Isso é um sujeito oracional, uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo. Portanto é claro que se pode determinar o sujeito de **faz**.

21 – ERRADO. A relação não é de condição, mas sim de causa-consequência. Veja: *"Diferentes pessoas, **visto que/já que/uma vez que/porque** pertencem a grupos sociais diferentes, têm não apenas histórias diferentes para contar, mas formas diferentes de contá-las..."*. Ou seja, elas têm não apenas histórias diferentes para contar, mas formas diferentes de contá-las ***porque** pertencem a grupos sociais diferentes*".

22 – CERTO. A oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de infinitivo (*a separar*) pode ser desenvolvida mediante o uso de um pronome relativo, que inicia oração subordinada adjetiva desenvolvida. Portanto A = B: *"é ideal que o fosso material **a separar** as pessoas seja menos profundo" = "é ideal que o fosso material **que separa** as pessoas seja menos profundo"*.

23 – CORRETA, pois 1) *a **conseguir** mais uma vitória no que toca à igualdade de direitos entre os sexos* é uma oração subordinada substantiva completiva nominal do adjetivo *prestes*; 2) *propõe que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai **vir** em primeiro lugar* equivale a "propõe que não seja mais obrigatório que o sobrenome do pai **venha** em primeiro lugar"; 3) "*No caso de não **haver** consenso*" equivale a "Caso não **haja** consenso".

24 – INCORRETA. Realmente o verbo frisar não pode ser desdobrado em uma oração subjetiva iniciada por uma conjunção integrante, **mas**, ainda assim, *cabe frisar* não forma uma locução verbal, pois *frisar que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural* é o sujeito de *Cabe*. Trata-se de uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo (note que dentro dela há mais quatro orações). Lindo isso!

25 – INCORRETA. Pode haver oração subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio, sem problemas, mas não é o caso, pois não podemos substituir no contexto *trazendo* por *se trouxer*, uma vez que não há tal ideia de condicionalidade, mas sim de explicação: *"A extensão do star-system não se dá sem uma forma de banalização ou mesmo de degradação – da figura pura da estrela,* ***a qual traz*** *consigo uma imagem de eternidade..."*. Percebe que o desenvolvimento da oração reduzida (trazendo) se dá por meio de um pronome relativo e do verbo conjugado (a qual traz)? Portanto, não há ideia de condicionalidade, há, sim, uma ideia de explicação. A oração subordinada adjetiva explicativa reduzida de gerúndio ***trazendo*** *consigo uma imagem de eternidade* equivale à desenvolvida "**a qual traz** consigo uma imagem de eternidade", que também é, logicamente, uma subordinada adjetiva explicativa.

26 – C. Explicitamente *quando* é uma conjunção subordinativa que indica tempo, introduzindo uma oração subordinada adverbial temporal, com verbo implícito: *"Quando (estavam) a bordo..."* **Fácil!** Agora, o que me interessa dizer é que a construção *por não poderem acender fogo* é uma subordinada adverbial causal reduzida de infinitivo. Veja que dá até para reescrever, desenvolvendo a oração: *"Os viajantes tinham de contentar-se, geralmente, com feijão frio, feito de véspera,* ***porque*** **não podiam acender fogo**. ".

27 – C. A oração sublinhada é subordinada adverbial final reduzida de infinitivo. Dá até para desenvolver com uma locução conjuntiva subordinativa final (*para que, afim de que...*); veja só: *"A principal delas é a reconstrução de cinco estações de pesquisa na Antártida,* ***para que realize*** *estudos sobre mudanças climáticas, recursos pesqueiros e navegação por satélite, entre outros.*". Foi?

28 – C. A campeã das reduzidas nas provas de concurso: oração subordinada adverbial **final** reduzida de infinitivo. **para** + **infinitivo = finalidade**.

29 – B. Mais uma vez! Oração adverbial final! *O porteiro teve que morrer* ***para que fosse notado***.

30 – D. **ao + infinitivo = tempo**. Já estamos escaldados de tanto ver essa também, não é?

31 – B. Finalmente a CESGRANRIO fez uma questão bonitinha sobre isso. Sintaticamente, temos 3 orações: (1) *"O diabo é"*, (2) *"que de tanto ver,"* (3) *"a gente banaliza o olhar". O diabo é* é uma oração principal. O restante do período (*que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar*) desempenha uma função sintática de predicativo do sujeito em relação a essa oração principal e é iniciado pela conjunção integrante *que*. Mas na relação entre as orações (2) e (3) há o fato de ver muito algo (de tanto ver) e sua consequência: o fato de a gente banalizar o olhar. Isto é: "A gente banaliza o olhar *porque vê muito*". Existe uma relação de causa e consequência entre essas orações (certo?), em que *ver muito* é a causa, e *banalizar o olhar* é consequência. Bonitinha, não é?

32 – B. Se for possível reescrever uma oração reduzida iniciada por "para..." trocando este vocábulo por "a fim de" ou "para que...", ela será subordinada adverbial final, isto é, uma oração que indica semanticamente finalidade, propósito, intenção. Alguém tem dúvidas disso ainda? Veja: *uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes a fim de garantir as ambições terrenas dos fiéis* ou *uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes para que garantam as ambições terrenas dos fiéis*. Simples assim!

33 – E. Eis um belo exemplar de **oração coordenada aditiva reduzida de gerúndio**! A oração ***dizendo*** *na hora se a pessoa está saudável ou não* estabelece uma relação de adição com a oração anterior, de modo que se pode reescrever o período assim: *Com o mChip, basta uma espetada e uma gota de sangue para o texto sair em minutos,* ***e dirá*** *na hora se a pessoa está saudável ou não*. Safo?

Capítulo 26

Gabarito

1 – A. A análise sintática correta é esta: a) *Descumprir a lei* (sujeito oracional do verbo *gera*) b) *gera o risco* (predicado relacionado ao sujeito *Descumprir a lei*) c) *da punição prevista pelo Código Penal* ou d) *de sofrer sanções civis* (complementos nominais – um deles oracional – do substantivo *risco*, coordenados entre si pela conjunção *ou*). Fácil, não? Brincadeira...

2 – A. Interessantíssima esta questão! Exigia domínio de análise sintática. O que a banca desejava do candidato era que ele fosse capaz de perceber a relação que há entre os termos do texto, trabalhando, *stricto sensu*, o conceito de sintaxe. Veja o contexto: *"Já o primeiro olhar é preconceituoso – dá informação falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada, anterior ao ato de olhar."*. Note que *o primeiro olhar* (sujeito) está ligado ao predicado *é preconceituoso*, constituindo uma oração coordenada assindética, e,

de maneira oculta, é também sujeito do predicado *dá informação falsa ou verdadeira* (outra oração coordenada assindética). Já os termos (adjuntos adnominais) da expressão *falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada* estão ligados ao núcleo do objeto direto *informação.*

3 – D. I: *"A reflexão jurídica sobre o assunto, contudo, não se tem mostrado* (oração principal) *tão farta quanto aquela encontrada* (oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de particípio) *na economia (se tem mostrado)"*. A oração comparativa, como você sabe, normalmente apresenta verbo oculto. Portanto, há três orações. II: A oração subordinada adjetiva reduzida de particípio é: *feita ao tema dos efeitos na utilização de recursos entre gerações especificamente na década de 70*, que restringe o substantivo *associação.* A oração subordinada adverbial consecutiva reduzida de gerúndio é: *angariando adeptos das mais variadas formações, em diversas partes do planeta.* III: Não há nenhuma oração coordenada no segundo período. IV: Se você achou que *quando* era uma conjunção subordinativa temporal, errou feio! A oração *quando o movimento ambientalista passou a formular um discurso jurídico mais sólido* é subordinada adjetiva explicativa que retoma *década de 70.*

4 – B. Veja a análise: ***É importante*** *(oração principal da subordinada seguinte)* ***que os contribuintes percebam*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "É importante" e principal em relação à oração seguinte)* ***que a política tributária é justa*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "os contribuintes percebam" e coordenada em relação à oração seguinte),* ***(que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "os contribuintes percebam" e coordenada em relação à oração anterior e à oração seguinte), e* ***(que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "os contribuintes percebam" e coordenada em relação à oração anterior)"*. Notou as conjunções integrantes implícitas? Logo, são quatro orações subordinadas: 1) *que os contribuintes percebam*, 2) *que a política tributária é justa*, 3) *(que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável* e 4) *(que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados.* E três orações coordenadas entre si: 1) *que a política tributária é justa,* 2) *(que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável* e 3*) (que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados.* Ufa!

5 – B. Antes de mais nada, achei esse poema meio safadinho... Mas vamos ao que interessa... Como você já percebeu, o período possui três orações e é misto, composto por subordinação e coordenação ao mesmo tempo. Entre as orações *"Conduzo tua lisa mão/Por uma escada espiral/E no alto da torre exibo-te o varal"*, existe uma relação coordenada; a segunda (sublinhada) é aditiva. As orações *"E no alto da torre exibo-te o varal/Onde balança ao léu minh'alma"* apresentam uma relação de subordinação, em que a primeira é a principal, e a segunda é sua subordinada adjetiva restritiva iniciada pelo pronome relativo *onde*, que retoma *varal.*

6 – D. I: *"Aqueles com aptidão a ajudá-los, se não (forem) estimulados por cenários competitivos, estarão fadados a não encontrar motivação para o exercício de suas funções"*. II: Há duas orações reduzidas: *ajudar* e *encontrar* (infinitivo), os outros estão flexionados no futuro do subjuntivo (... *se não (forem) estimulados...*) e no futuro do presente do indicativo (... *estarão...*). III: Qual? Só o cara da banca viu uma oração coordenada. Não há oração coordenada alguma no período.

7 – D. Por incrível que pareça, este período enorme é simples, pois só apresenta um verbo: *têm.*

8 – E. As duas orações (*que o jogo fosse refeito, que a trapaça não tivesse acontecido*) são subordinadas em relação à principal (*a empresa gostaria*), mas coordenadas entre si, pois vêm uma ao lado da outra com mesma função sintática.

9 – C. O gabarito oficial foi a letra E. Eu discordo veementemente! A banca analisou *São* como uma oração, mas não se deu conta de que esse verbo *ser* vem seguido logo depois por *que*, formando a expressão expletiva ***ser* + que**, que pode ser retirada da frase e não é contada como oração! A análise correta do período é esta (ignore *"São... que"*!): *"... **numerosas oportunidades perdidas se multiplicarão** (oração principal em relação à subordinada adverbial condicional seguinte), **se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento** (oração subordinada adverbial condicional em relação à principal anterior) – e **(se) a qualidade da educação continuar baixa** (oração subordinada adverbial condicional em relação à principal "numerosas oportunidades perdidas se multiplicarão" e coordenada à oração subordinada adverbial condicional anterior)"*. Logo, há uma oração principal (*numerosas oportunidades perdidas se multiplicarão*), duas subordinadas adverbiais (*se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento e (se) a qualidade da educação continuar baixa* (uma está coordenada à outra por meio da conjunção coordenativa *e*). Logo, o período é misto, pois é composto por coordenação e subordinação.

10 – E. I: A retirada da expressão *a de* não prejudica a correção gramatical tampouco o sentido da frase. II: *"Minha proposta é a de que o fundo partidário seja composto por uma quantia mínima para o partido manter uma estrutura básica."* III: O verbo *manter* está no infinitivo. Talvez a *brincanagem* da banca tenha sido pegar *de calça arriada* o candidato desavisado – aquele que pensou que, na locução verbal *seja composto*, o verbo principal encontrava-se no particípio, constituindo uma oração reduzida. Mas você já sabe: é o verbo auxiliar que determina se a oração é reduzida ou desenvolvida (a forma verbal *seja* está desenvolvida, conjugada no modo subjuntivo, logo não há oração reduzida). Brasil!

11 – E. I: Oração coordenada sindética aditiva (... ***mas também*** *estabelece regras...*), formando uma série aditiva enfática em relação à expressão anterior *(... trouxe, no artigo 31 bis,* ***não só*** *a possibilidade...*). Oração coordenada sindética alternativa (... ***ou*** *que agem em seu nome*). Detalhe: ela é coordenada aditiva alternativa em relação à oração subordinada adjetiva anterior e subordinada adjetiva em relação a uma principal (... *sobre atividades desempenhadas (principal) pelas pessoas físicas que as dirigem ou que agem em seu nome*). II: "... *(por delitos que sejam cometidos no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização será aferida nos casos concretos (ela será aplicável [...], em função da inoperância de controles empresariais, sobre atividades desempenhadas* ***pelas pessoas físicas****...".* O agente da passiva está explícito só na última oração. III: As orações adjetivas desenvolvidas (de olho no pronome relativo!): "... ***que*** *atende diretivas...*"; "... ***que*** *sejam cometidos...*"; "... ***que*** *as dirigem...*; "... ***que*** *agem...*". Veja agora a adjetiva reduzida: *"...atividades desempenhadas pelas pessoas físicas...*". Observe que não há pronome relativo encabeçando a oração e o verbo *desempenhar* se encontra no particípio. Cansativa, hein!

12 – A. Veja a análise: *É imprescindível...* (oração principal)/... *que a tributação seja suportável e mais bem distribuída e todos contribuam com justiça e se beneficiem dessa contribuição* = (Toda esta oração (com orações coordenadas entre si) é subordinada à principal)/... *seja suportável a) e (+) mais bem distribuída b)...* (Orações coordenadas entre si – e subordinadas à principal)/... *e (+) todos contribuam com justiça d)* (Oração coordenada à anterior e à posterior – e subordinada à principal)/... *e (+) se beneficiem dessa contribuição e)* (Oração coordenada à anterior – e subordinada à principal).

13 – B. I: Não há coordenação, só subordinação. II: Há duas orações reduzidas (*caracterizada* e *levando*), logo "há ocorrência de exemplo de oração reduzida". III: "... *se entende* ***que o que a maioria quer é "dinheiro"*** = *se entende* ***isso*** = ***isso*** *se entende.*

Capítulo 27

Gabarito

1 – A. I (explicação de sentido causal): *O Polo Norte está ameaçado* ***porque*** *o oceano gelado que o rodeia começou a derreter.* II (especificação do significado da expressão anterior a eles): *"uma subversão da geografia que se desenrolará diante de nossos olhos*" explica o *"fenômeno raro".* III (enumeração): *"... Estados Unidos, Rússia, Canadá, Groenlândia (Dinamarca) e Noruega.".*

2 – B. Vejamos uma por uma: a) A vírgula está separando o vocativo. Não pode ser retirada. b) A vírgula está separando o adjunto adverbial deslocado de curta exten-

são, logo pode ser retirada. c) A vírgula separa o aposto explicativo. Não pode ser retirada. d) A vírgula separa termos de uma enumeração, logo não pode ser retirada. e) A vírgula separa orações coordenadas assindéticas.

3 – B. a) O ponto e vírgula não pode separar uma expressão adverbial deslocada. b) O ponto e vírgula pode separar orações coordenadas: *"indagou a um grupo de estudantes quais os meios de comunicação que eles conheciam; nenhum citou cartões-postais"*. c) O ponto e vírgula não separa oração subordinada adverbial. d) O ponto e vírgula não substitui travessão para marcar a separação de uma oração de narrador. e) O ponto e vírgula não separa oração subordinada adjetiva explicativa.

4 – E. O certo é: *Estava sempre dizendo coisas de que mais tarde se arrependeria. Prometia a si própria que, da próxima vez (adjunto adverbial deslocado), tomaria cuidado com as palavras, o que, entretanto (conjunção adversativa deslocada), não acontecia.*

5 – B. a) A expressão *"da agitação e do barulho"* deve vir entre vírgulas porque se trata de um aposto explicativo. b) A vírgula separa orações coordenadas sindéticas iniciadas por *nem*, se forem de certa extensão. c) Se formos separar o adjunto adverbial de companhia (com a manada) após o verbo por vírgula, devemos fazê-lo levando em conta que, se ele estiver no meio da frase, serão necessárias duas vírgulas, ou seja: *"..., com a manada,..."*. d) No lugar dos travessões, caberiam vírgulas ou travessões, que marcariam a expressão intercalada; sem pontuação, há erro. e) Entre sujeito e verbo, não há vírgula. Básico.

6 – C. a) Não se separa a conjunção *ou* quando ela coordena termos. b) Não se separa oração subordinada adjetiva reduzida por dois-pontos. c) A vírgula separa orações coordenadas assindéticas. Perfeito! d) Objeto direto deslocado não deve ser separado por vírgula do seu verbo ponto de vista de alguns gramáticos, como Gladstone Chaves de Melo. Outros gramáticos dizem que se pode usar a vírgula. e) Nunca se separa o adjunto adnominal do nome a que ele se liga.

7 – B. Em I, como se trata de uma pergunta, faltou o ponto de interrogação. Em II, faltou uma vírgula para separar os apostos (um para você, outro para mim). Em III, não há problema, pois os dois-pontos abrem um discurso direto, as aspas marcam tal discurso e o ponto de exclamação indica uma altissonância na voz. Em IV, não se pode separar o adjunto adnominal do termo a que ele se refere: "... tudo o que..." e não "... tudo, o que...".

8 – ERRADO. Os dois-pontos servem para abrir uma explicação ou enumeração, normalmente. Só que nesse caso, eles não introduzem uma explicação do que o autor

entende por "maior felicidade", mas sim encabeçam uma oração que explica o "algo" em: "... há sempre **algo** que faz que a felicidade seja uma felicidade**:** *a faculdade de esquecer, ou melhor, em palavras mais eruditas, a faculdade de sentir as coisas, durante todo o tempo que dura a felicidade, fora de qualquer perspectiva histórica.*"

9 – CERTO. A oração *observou* poderia ser separada por travessão, pois se trata de uma oração intercalada. Encontramos esse tipo de oração frequentemente nas narrações.

10 – CERTO. Haveria alteração de sentido, porque a conjunção *pois* introduz uma ideia explicativa, o que não é o caso. Note que, após os dois-pontos, há um aposto (*a proliferação demasiada de determinados espaços acaba por apagá-los por si mesmos*), que esclarece *outro (processo) já muito conhecido pelos estudiosos da comunicação.* Mesmo que o aposto seja explicativo, nunca é iniciado por uma conjunção explicativa, como *pois.* Devido a isso, a substituição proposta não cabe.

11 – ERRADO. A regra é clara: não se separa complemento de seu verbo por vírgula.

12 – CERTO. Cuidado com questões de vírgula e oração adjetiva. Quando se diz *"... os atores que interagem..."*, entendemos que se está restringindo o ente *atores*, ou seja, está-se falando sobre um tipo de atores, os que interagem, logo deduzimos que há outros atores que não interagem. Se colocássemos as vírgulas, a oração adjetiva passaria a ser explicativa, o que alteraria o sentido. Neste caso (... *os atores, que interagem,...*), todos os atores interagem, não só alguns.

13 – CERTO. Sim, a vírgula é obrigatória, pois a oração é subordinada adverbial reduzida deslocada. A polêmica ocorre quando a oração adverbial está depois da principal. Alguns gramáticos modernos (como vimos na teoria) dizem que é facultativo o uso da vírgula quando a adverbial vem depois da principal. Fiquemos de olho!

14 – ERRADO. Quando *e sim* ou *e não* tiver valor adversativo (= *mas sim, mas não*) haverá vírgula antes de tal expressão. Simples assim. Portanto, a vírgula não pode ficar omissa.

15 – ERRADO. A vírgula serve para marcar, normalmente, a elipse verbal, que é o que está de fato acontecendo. Veja de novo o trecho, agora reescrito: *"a vida depende da vontade de outrem, a morte depende da nossa"*. Ficou claro? Não foi o vocábulo *vontade* elíptico, mas a forma verbal *depende.*

16 – A. Comentando as vírgulas: *Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela,* (predicativo do sujeito deslocado) *dependem, muitas vezes,* (adjunto adverbial deslocado) *de pequenas providências que, tomadas por figurantes apa-*

rentemente sem importância, (oração reduzida de particípio deslocada) *ditam o rumo de toda a história.* Veja os erros das demais: b) *Os personagens principais, de uma história,* (adjunto adnominal não pode ser separado de seu núcleo substantivo) *responsáveis pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes,* (adjunto adverbial deslocado deve vir entre vírgulas) *de pequenas providências que tomadas por figurantes,* (faltou uma vírgula antes da oração reduzida de particípio deslocada e a vírgula após figurantes está equivocada porque não se separa adjunto adnominal – *sem importância* – de seu núcleo substantivo) *aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.* c) *Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela* (faltou uma vírgula para marcar o deslocamento do predicativo do sujeito) *dependem muitas vezes de pequenas providências, que, tomadas por figurantes aparentemente, sem importância,* (tais vírgulas não procedem porque estão separando o adjunto adnominal de seu núcleo substantivo) *ditam o rumo de toda a história.* d) *Os personagens principais, de uma história,* (adjunto adnominal não pode ser separado de seu núcleo substantivo) *responsáveis pelo sentido maior dela, dependem, muitas vezes* (adjunto adverbial deslocado deve vir entre vírgulas) *de pequenas providências, que tomadas por figurantes aparentemente sem importância,* (faltou uma vírgula antes da oração reduzida de particípio deslocada) *ditam o rumo de toda a história.* e) *Os personagens principais de uma história, responsáveis,* (não se separa complemento nominal – *pelo sentido maior dela* – do nome, *responsáveis*) *pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes de pequenas providências, que tomadas por figurantes, aparentemente, sem importância,* (faltou uma vírgula antes da oração reduzida de particípio deslocada e *aparentemente sem importância* não pode ser separado de *figurantes* porque é seu adjunto adnominal) *ditam o rumo de toda a história.*

17 – D. Comentando as vírgulas: *Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo* (aposto explicativo*), tentar justificar suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas* (oração coordenada explicativa), *igualmente pressionados* (oração reduzida de particípio), *não costumavam abdicar dos princípios éticos.*. Veja os erros das demais: a) *Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo* (as vírgulas devem separar o aposto explicativo) *tentar justificar,* (entre o verbo e o seu complemento não há vírgula) *suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.* b) *Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho;* (recomenda-se a vírgula no lugar do ponto e vírgula) *pois os velhos jornalistas igualmente pressionados,* (oração reduzida deve vir entre vírgulas) *não costumavam abdicar dos princípios éticos.* c) *Não cabe aos jovens, ao menos,* (nenhuma locução pode ser separada por vírgula do termo ou oração que ela introduz) *os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois,* (esta conjunção introduz uma oração coordenada explicativa, logo não pode estar **entre** vírgulas) *os velhos jornalistas, igualmente pres-*

sionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos. e) *Não cabe aos jovens, ao menos,* (nenhuma locução pode ser separada por vírgula do termo ou oração que ela introduz) *os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados* (oração reduzida de particípio deve ser separada por vírgulas) *não costumavam abdicar, dos princípios éticos* (não se separa o verbo do seu complemento por vírgula).

18 – C. Comentando as vírgulas e o ponto e vírgula: *Para o gosto moderno,* (adjunto adverbial deslocado) *a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas,* (adjunto adverbial deslocado) *como prova de gosto refinado;* (ponto e vírgula separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa e com trechos já separados por vírgula) *na verdade,* (adjunto adverbial deslocado; a vírgula é facultativa, pois ele é de curta extensão) *a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.* Veja os erros das demais: a) *Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge ao contrário de outras épocas,* (adjunto adverbial deslocado vem entre vírgulas) *como prova de gosto refinado,* (aqui se deve usar o ponto e vírgula, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgula, mas, como é de curta extensão, a vírgula é facultativa) *a pompa retórica indicia, o vazio do pensamento* (não se separa verbo do seu complemento). b) *Para o gosto moderno, a grandiloquência, não surge* (não se separa sujeito do seu verbo), *ao contrário de outras épocas* (adjunto adverbial deslocado vem entre vírgulas) *como prova de gosto refinado,* (aqui se usa o ponto e vírgula, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgula, mas, como é de curta extensão, a vírgula é facultativa) *a pompa retórica indicia: o vazio do pensamento* (não se separa verbo do seu complemento). d) *Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgulas) *como prova de gosto refinado,* (aqui cabe o ponto e vírgula, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.* e) *Para o gosto, moderno,* (adjunto adnominal não pode ser separado por vírgulas) *a grandiloquência, não surge* (não se separa sujeito de seu verbo*), ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado:* (o ponto e vírgula é recomendado nesse caso, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgula, mas, como é de curta extensão, a vírgula é facultativa) *a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.*

19 – D. *O país já se encontra em um estágio no qual os saltos de produtividade não ocorrerão sem investimentos mais expressivos. Além de equipamentos,* (vírgula para enumeração*)*

automação e outras ferramentas da tecnologia, (vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado*) parte desses investimentos precisará estar voltada para os recursos humanos.* a) *Estudo recente de uma instituição americana, mostra...* (não se separa sujeito de verbo). b) *O aumento da escolaridade, foi...* (não se separa sujeito de verbo). c) *... até mesmo,* (não se separa a expressão denotativa que inicia o aposto do aposto) *da maioria dos países do continente, o Brasil, terá...* (não se separa sujeito de verbo). e) *um envolvimento... nesse esforço...* (não se separa complemento nominal do substantivo por vírgula).

20 – CORRETO. Não há erro. A vírgula após *minerais* serve para marcar o deslocamento do adjunto adverbial (...) *, particularmente no setor de veículos automotores, metalurgia e produtos minerais,* (...).

21 – A. Há incoerência textual se o ponto de interrogação for substituído por ponto e vírgula, uma vez que a ideia de interrogação sumiria para dar vez à ideia de afirmação, mudando o sentido do trecho.

22 – A. Com a vírgula, a palavra *Mesmo* deveria ser escrita minúscula. Eis o erro. Ainda que ignorássemos isso, a vírgula mudaria o sentido do trecho, pois a expressão *Mesmo com a capacitação e o preparo dos técnicos dos órgãos envolvidos com a questão urbana* passaria a modificar a oração anterior, não a posterior — como se encontra no contexto.

23 – INCORRETA. J-A-M-A-I-S!!! A vírgula após o último travessão cumpre, sim, seu papel, a saber: marcar a intercalação da oração reduzida "bem como ampliar os investimentos no modelo que realmente pode chegar a todos os cantos da cidade". Não erre mais uma questão como essa; é muito recorrente! Resumindo: a afirmação está incorreta.

24 – A afirmação está **CORRETA**. A expressão iniciada pelo travessão (*— a violência fundadora da modernidade*) é aposto explicativo de *violência que a tornou possível.*

25 – Não há erro algum na substituição, pois se trata de uma oração subordinada adjetiva explicativa, que pode ser separada por vírgulas, travessões ou parênteses.

26 – A afirmação é **INCORRETA**, pois a expressão entre travessões é um aposto explicativo; como tal, pode ser, sim, separado por vírgulas, travessões ou parênteses.

27 – CERTO. A expressão explicativa "ou seja" deve vir entre vírgulas. Regra!

28 – CERTO. A vírgula é obrigatória depois do último travessão porque antes deles há um adjunto adverbial deslocado. Ignore os travessões e ateste: "... para o entendimento de uma forma particular de comunicação, o estudioso deve reconstruir...".

29 – ERRADO. Se for colocada a expressão adverbial *de modo geral* após *personalidade*, ela passará a ser uma expressão adjetiva, o que modificará o sentido do substantivo *personalidade*, e não da oração inteira, como o faz na posição do trecho original.

30 – ERRADO. A vírgula após o *mas* não é colocada para ele, mas sim para separar a expressão adverbial deslocada *do ponto de vista gramatical*.

31 – ERRADO. Com a retirada da vírgula, parecerá que a palavra denotativa de situação *ora*, também chamada modernamente de marcador discursivo, se torna uma conjunção alternativa. De qualquer modo, a retirada da vírgula provoca, sim, mudança de sentido.

32 – ERRADO. A expressão *o que*, iniciada por um pronome demonstrativo com função apositiva não pode ser separada por ponto e vírgula, só por vírgula (ou travessão). Logo, a única reescritura possível é esta: *"... o fato de o império absorver povos diferentes faz que alguns de seus componentes desejem destacar-se do conjunto, o que explica por que os impérios perduram..."*.

33 – CERTO. Os dois-pontos servem para separar orações coordenadas que mantêm uma relação de sentido entre si, logo não há erro em reescrever o trecho assim: *"Pensar o império não significa ressuscitá-lo dos mundos passados: trata-se de considerar a multiplicidade..."*.

34 – ERRADO. Com o acréscimo de *que é*, cria-se uma oração adjetiva restritiva, que não é separada por vírgula, logo a afirmação não procede. Veja como ficaria a reescritura: *"... outras formas de soberania que respondam melhor a um mundo QUE É caracterizado ao mesmo tempo pela desigualdade e pela diversidade."*.

35 – CERTO. Levando em conta as opiniões divergentes entre os gramáticos,. quando um objeto direto ou indireto está deslocado para o início da frase, a vírgula é facultativa.

36 – C. *Em qualquer escalão do governo,* (adjunto adverbial deslocado) *costuma haver, mais cedo ou mais tarde,* (adjunto adverbial deslocado) *atritos entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso,* (oração reduzida de particípio) *e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas* (oração adjetiva explicativa). a) Adjunto adverbial deslocado de longa extensão (*Em qualquer escalão do governo*) deve vir obrigatoriamente separado por vírgula. O adjunto adverbial intercalado *mais cedo ou mais tarde* deve vir entre vírgulas, e não com vírgula no meio dele. Não se separa nome (*estabilizados*) de seu complemento (*por concurso*). Não

se separa nome (*sabor*) de seu complemento (*das conveniências políticas*). A vírgula é obrigatória logo após *confiança*, pois encabeça uma oração subordinada adjetiva explicativa. b) Não se separa nome (*escalão*) de seu adjunto (*do governo*). O adjunto adverbial intercalado *mais cedo ou mais tarde* deve vir entre vírgulas. d) Não se separa nome (*atritos*) de seu complemento (*entre o pessoal...*). A ausência da vírgula antes de *e o pessoal* prejudica a clareza. e) Adjunto adverbial deslocado de longa extensão (*Em qualquer escalão do governo*) deve vir obrigatoriamente separado por vírgula. O adjunto adverbial intercalado *mais cedo ou mais tarde* deve vir entre vírgulas, e não com vírgula no meio dele. Não se separa nome *atritos* de seu complemento *entre o pessoal....* Não se separa nome *estabilizados* de seu complemento *por concurso.* Não se separa nome *indicado* de seu complemento *para cargos de confiança.*

37 – E. Sobre "*nós ocidentais*" e "*nós, ocidentais,*", a explicação é a seguinte: sem vírgulas, *ocidentais* é adjunto adnominal; com vírgulas, é aposto explicativo.

38 – C. *Estudos deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que,* (oração reduzida deslocada) *movidos por complexos sentimentos ocultos,* (oração reduzida de particípio) *como a culpa,* (aposto explicativo) *inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações que nos afligem.* a) Entre o sujeito (*Estudos*) e seu verbo (*deixam*), não há vírgula. Faltou separar a oração reduzida de particípio por vírgula logo em seu início (*movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa*). Não se separa verbo (*movidos*) de seu agente da passiva (*por complexos sentimentos ocultos*). A última oração (*que nos afligem*) é adjetiva restritiva, logo não pode ser separada por vírgula. b) O adjunto adverbial *muitas vezes* está intercalado, logo recomenda-se que esteja entre vírgulas. A oração *movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa* deve vir entre vírgulas; além disso, faltou uma vírgula antes de *como* para separar o aposto (*como a culpa explica sentimentos ocultos*). Entre verbo (*fabricamos*) e complemento (*aquelas situações...*), não há vírgula. d) Não se separa verbo (*deixam*) de seu complemento (*que muitas vezes nos julgamos...*). O adjunto adverbial "muitas vezes" está intercalado, logo recomenda-se o uso de vírgulas separando-o. A oração *movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa* deve vir entre vírgulas. A última oração (*que nos afligem*) é adjetiva restritiva, logo não pode ser separada por vírgula. e) O adjunto adverbial *muitas vezes* está intercalado, logo recomenda-se o uso de vírgulas separando-o. Não se separa verbo (*nos apercebermos*) de seu complemento (*de que...*). A oração *movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa* deve vir entre vírgulas; além disso, faltou uma vírgula antes de *como* para separar o aposto (*como a culpa explica sentimentos ocultos*). Entre verbo (*fabricamos*) e complemento (*aquelas situações...*), não há vírgula.

39 – A. I: Para alguns gramáticos, *para si* é um dativo de interesse. Ainda outros veem como um objeto indireto. O fato é que este tipo de construção, que indica benefício próprio, pode ficar entre vírgulas ou não, como se fosse um adjunto adverbial de curta extensão, cuja virgulação é facultativa. II: Os parênteses podem substituir travessões e vice-versa. A vírgula que vem após o último parêntese também deve vir após o último travessão, caso ela seja exigida por algum termo, expressão ou oração antes dos parênteses ou travessões. Nesse caso, a oração adverbial *Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia* inicia o período, logo deve vir separada por vírgula obrigatoriamente, mesmo após travessões ou parênteses. Curiosidade: na época, o gabarito desta questão havia sido B. Recursos foram feitos e... pronto... a banca foi sensata em aceitar a verdade. Sorte nossa! III: Não se separa verbo (*surgem*) de seu complemento (*evidências*).

40 – E. *O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma;* (ponto e vírgula pode separar oração coordenada sindética adversativa) *mas ruiu, exatamente conforme as previsões de Kant* (adjunto adverbial separado por ênfase). a) Não se separa o sujeito (*O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais...*) de seu verbo *(... não foi...*). b) Não se separa verbo (*... não foi...*) de complemento predicativo *(... um mero fantasma...*). Nada justifica a vírgula após *exatamente*, pois ele modifica *"conforme..."*, e não a oração anterior. c) Nada justifica a vírgula após *exatamente*, pois ele modifica *"conforme..."*, e não a oração anterior. d) Não se separa nome (*Estados*) de seu adjunto (*nacionais*). Não se separa o sujeito (*O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais...*) de seu verbo *(... não foi...*). Ponto e vírgula não separa adjunto adverbial do verbo.

41 – B. Há duas orações coordenadas assindéticas no período da letra B: *O rapaz andava com passos rápidos/estava com pressa*. Elas sempre podem ser separadas por ponto — formando dois períodos simples —, uma vez que a estrutura sintática desse tipo de orações é completa. Veja: *O rapaz andava com passos rápidos. Estava com pressa*. a) O ponto não pode separar um aposto explicativo. c) A oração subordinada adjetiva explicativa não pode ser separada por ponto. d) O ponto não pode separar a oração subordinada adverbial. e) O ponto não pode separar termos numa enumeração.

42 – E. Somente na alternativa e) verificamos um adjunto adverbial de tempo deslocado (*no dia do Juízo Final*), posto no meio da frase e entre vírgulas. Questão de nível *teletubiano*!

43 – E. Verifique a alternativa e) e perceba que os dois pontos após o verbo *nascer* introduzem uma sequência que discrimina o tal "manual de instruções", cumprindo uma das funções precípuas do emprego dos dois pontos.

44 – A. Em A, os dois-pontos servem para abrir uma explicação; não há erro de pontuação. Em B, em D, em E, o sentido muda, pois entende-se que "qualquer uma serve", quando, na verdade, o sentido original é: "não serve qualquer uma". Além disso, em B, a vírgula antes de *serve* não é usada. Em C, não se separa verbo de complemento. Questãozinha esquisita!

45 – C. Adjunto adverbial deslocado (antes de tudo) = vírgula. Mole, mole!

46 – D. Perfeita a letra D: *Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever* – (oração iniciada por conectivo de série aditiva enfática pode vir separada por vírgulas – ou travessões), (esta vírgula separa a oração subordinada adverbial condicional que inicia o período) é porque, no sistema da corrupção, (adjunto adverbial deslocado) *o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia* – (oração subordinada adjetiva explicativa) *foi substituído pela vantagem do dinheiro*. a) Faltou a vírgula após *dever* e foi colocada após o último travessão desnecessariamente, uma vez que os últimos travessões já intercalam a expressão adverbial. b) Não se separam vocábulos de uma expressão fixa na língua: *não apenas*. O adjunto adverbial *no sistema da corrupção* deve vir entre vírgulas. E *ao sujeito* não pode vir ser separado por pontuação alguma, pois não se separa complemento do verbo. c) Nada justifica a última vírgula, pois os travessões estão separando apenas a oração adjetiva explicativa.

47 – A. Assertivas autoexplicativas.

48 – A. *O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial,* (as vírgulas separam a oração subordinada adjetiva explicativa) *primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida*. b) A vírgula após *insígnia* está errada, pois não se separa adjunto adnominal de seu nome. Faltou uma vírgula após *industrial* para fechar a oração subordinada adjetiva explicativa. c) Falta uma vírgula antes do pronome relativo, pois a oração é adjetiva explicativa. A rigor, não há vírgula antes do *e*, pois a vírgula não se encaixa em nenhum dos casos de "vírgula antes do *e*". Não se separa o predicativo do objeto do objeto em *fez dela o seu modelo de vida*. d) Falta uma vírgula antes do pronome relativo, pois a oração é adjetiva explicativa. A rigor, não há vírgula antes do *e*, pois a vírgula não se encaixa em nenhum dos casos de "vírgula antes do *e*". Nada justifica a vírgula após o *e*, uma vez que não há nenhuma intercalação após tal conjunção. e) Falta uma vírgula antes do pronome relativo e depois de *industrial*, pois a oração é adjetiva explicativa. A rigor, não há vírgula antes do *e*, pois a vírgula não se encaixa em nenhum dos casos de "vírgula antes do *e*". Nada justifica as vírgulas de *"..., inventou a máquina e depois,... "*, pois a oração não é nem está intercalada.

49 – B. Segundo alguns gramáticos (os poucos que coloquei na teoria), a vírgula é facultativa antes de oração subordinada adverbial em ordem direta, ou seja, depois da principal. Sendo assim, podemos escrever: *"Já era sexta-feira, quando ele se deu conta da passagem do tempo"* ou *"Já era sexta-feira quando ele se deu conta da passagem do tempo"*. Veja o gabarito da 50, para pirar o cabeção!

50 – B. Esta questão não foi anulada, pois a FCC ficou com a visão da maioria dos gramáticos a respeito da vírgula que separa as orações subordinadas adverbiais, independentemente de sua posição em relação à oração principal, qual seja: as orações subordinadas adverbiais são obrigatoriamente separadas por vírgula. Por isso, a afirmação I está equivocada. A FCC diz uma coisa, a VUNESP (questão 49) diz outra... e assim caminha a humanidade... A afirmação II está correta pois se trata de uma enumeração, e a afirmação III está errada pois não se separam termos enumerados por dois-pontos.

51 – INCORRETO. A afirmação está equivocada, pois *você* é núcleo do adjunto adverbial de causa *por você*. *João* e *Amor* são vocativos e deveriam ser separados por vírgula(s). Só parte da questão está certa.

Capítulo 28

Gabarito

1 – A afirmação está **INCORRETA**. Toda vez que você estiver diante de uma locução verbal, saiba que o verbo principal NUNCA varia!

2 – I. Há erro no primeiro item. A expressão *pelo qual* (*por* + *o qual*), sendo este *o qual* um pronome relativo, deve concordar com o referente, que está no masculino singular (meio). Logo, o trecho deveria estar assim: *"Tal valorização reduz as exportações e aumenta as importações,* ***meio pelo qual...***". No outro item, o verbo *passar* está no plural para concordar com *déficits*.

3 – INCORRETA. Temos a possibilidade de dupla concordância, sem mudança de sentido, uma vez que há dois antecedentes para o pronome relativo *que*. O verbo pode concordar com *conjunto* ou com *condições*. Na letra B, o verbo *atingir* pode concordar ou não com seu sujeito implícito (que tem como referente *indivíduos*) por uma questão de clareza: "... o conjunto de condições que permite aos indivíduos atingirem (ou atingir) o seu bem particular". Para corroborar isso, ninguém menos que Evanildo Bechara. Ele diz, citando seu mestre e grande inspirador Said Ali, que "fora da locução verbal, a escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos somente

da ação ou do intuito ou necessidade de pormos em evidência o agente do verbo". Ele continua dizendo que "ocorre o infinitivo flexionado sempre que se tornar necessário destacar o agente, e referir a oração especialmente a um sujeito, seja para evitar confusão, seja para tornar mais claro o pensamento. O infinitivo concordará com o sujeito que temos em mente; ou quando o autor intencionalmente põe em relevo a pessoa a que o verbo se refere". Daí, ele dá um exemplo: "É permitido aos versistas **poetarem** em prosa". Tal estrutura se assemelha a "permite aos indivíduos atingirem (ou atingir)...". Logo, é uma questão de escolha!

4 – E. Veja: *"Mais da metade dos países que **tinham** baixo crescimento e baixo CH em 1960 **permanecia** na mesma posição na década de 90."*. Isso se dá por causa daquela regra de sujeito coletivo ou partitivo, em que o verbo pode concordar com o núcleo do sujeito ou com o núcleo do adjunto. Lembra? a) O pronome *nos* se refere aos *76 países* (Dividiram-nos = Dividiram eles (= os 76 países). b) Tanto em *pode-se ter* como em *podem-se ter* há sujeito, pois a partícula *se* é apassivadora, e não indeterminadora do sujeito. Só há uma diferença na análise sintática. Enquanto o sujeito de *pode-se* é oracional (ter duas situações de equilíbrio), o sujeito de *podem-se ter* é um sujeito simples (duas situações de equilíbrio). Reveja a regra de *costumar/dever/poder + se* + infinitivo na teoria. c) A afirmação é equivocada, pois explicitamente o sujeito é simples: *"**Surgem** algumas conclusões interessantes desse estudo (sujeito)"*. d) Toda a afirmação da alternativa é equivocada, pois o núcleo do sujeito com que a forma verbal *dá* concorda é *estratégia*. Veja: *"A quarta, e mais importante, é que a estratégia de privilegiar o lado humano **dá** frutos muito melhores do que aquela que enfatiza só o lado econômico."*.

5 – Há um erro de concordância. Deveria ser: *"Os consumidores pagam juros maiores porque **obtêm** crédito com prazos maiores e prestações menores."*. Lembra-se daquela regrinha de acentuação relacionada à concordância dos verbos *vir* e *ter* na 3ª pessoa do plural? Então... os verbos *vir* e *ter* (e suas formas derivadas, como *obter, deter, reter, entreter*), na 3ª pessoa do plural, recebem acento circunflexo.

6 – Pelo contexto, percebemos que a afirmação procede. Veja: *"A experiência da modernidade é algo que só pode ser **pensado** a partir de alguns conceitos fundamentais."*. Lembrou-se da regra de retomada do pronome relativo? O verbo, inclusive no particípio, que estiver após o pronome relativo *que* concordará com o antecedente do relativo.

7 – B. A afirmação da letra B está incorreta, porque o verbo *possuir* concorda com *nossa classe A*.

8 – A. O pronome oblíquo átono *as* retoma, concordando em gênero e número, *a ordem e a cultura do capital*, expressão feminina plural. A (2) está errada, pois o ver-

bo *dominar* deve ficar no singular, concordando com *lógica*. A (3) está errada, pois a expressão deveria ser *podia ser escamoteada* uma vez que concorda com a palavra *lógica*, feminina singular. Em (4), há um erro, pois o núcleo do sujeito simples está no singular, logo o verbo *criar* deve igualmente ficar no singular. Em (5), deveria ser *somam-se*, pois este verbo tem como referente do seu sujeito implícito o termo *desempregados*.

9 – ERRADO. O vocábulo *destinado* (particípio com valor de adjetivo) concorda em gênero (masculino) e número (singular) com o substantivo *patamar*. Já *destinados* (masculino plural) de fato concorda com o numerador (8) do numeral percentual 8,76%.

10 – ERRADO. O verbo no infinitivo, *parecer*, pode ficar no plural ou no singular, pois faz parte de uma estrutura em que se permite isso. A estrutura é esta: ***mandar/deixar/fazer/ver/ouvir/sentir* + substantivo plural + verbo no infinitivo (singular ou plural)**. Neste caso (... fazendo *as tripulações parecer(em)*...), a variação do infinitivo é facultativa. Logo não acarretaria prejuízo para a correção gramatical se o verbo ficasse no singular.

11 – CERTO. Veja de novo: "*O fato... tem...*". Sendo assim, apesar de o núcleo do sujeito estar distanciado do seu verbo, percebemos que o verbo *ter* fica no singular para concordar com um núcleo do sujeito igualmente singular. Se o núcleo do sujeito estivesse no plural, o verbo *ter* receberia acento circunflexo: "*Os fatos... têm...*". Safo?

12 – CERTO. Afirmação correta e autoexplicativa.

13 – CERTO. Evanildo Bechara não se opõe a esta construção, a saber: de substantivo no singular com vários adjetivos ligados a ele. Portanto é forma culta: "*o **contexto** histórico, político, econômico, cultural e social*", ou "*os **contextos** histórico, político, econômico, cultural e social*", ou "*o **contexto** histórico, o político, o econômico, o cultural e o social*". Bechara ainda chega a dizer assim, para quem quiser ver, em sua Moderna Gramática Portuguesa: "O vocábulo determinado irá para o plural ou ficará no singular, sendo, neste último caso, facultativa a repetição do artigo: *As literaturas brasileira e portuguesa*, ou *A literatura brasileira e portuguesa*, ou *A literatura brasileira e a portuguesa*".

14 – CERTO. Todo verbo que tem como sujeito uma oração fica na 3ª pessoa do singular. Por se tratar do verbo *ser*, que pode concordar também com o predicativo, a afirmação da banca procede.

15 – CERTO. Sim! Quando o adjetivo em função de adjunto adnominal vem após dois substantivos, pode ele concordar com o núcleo mais próximo: *"está diminuindo a nossa capacidade de concentração e **contemplação profunda**"*.

16 – CERTO. O que a banca sugere é esta reescritura: *"... que aprender a ler e a escrever... **altera**... e **engrossa**..."*. De fato, as formas verbais *altera* e *engrossa* não variam, pois seu sujeito é oracional, o que faz com que os verbos fiquem na 3ª pessoa do singular, sempre.

17 – ERRADO. *Os computadores são as armas dos crimes*, e não o contrário. Portanto, o verbo *ser* concorda com *os computadores*.

18 – ERRADO. Não! Independentemente de a ideia ser plural (coletiva), é um erro pôr o verbo no plural. Isso só ocorreria se o núcleo do especificador estivesse no plural: *"A maioria dos **professores** acaba/**acabam** deixando a profissão."*. Foi?

19 – ERRADO. O "homem da banca" trabalha aqui seu conhecimento de passagem de voz passiva sintética para passiva analítica e concordância verbal e nominal ao mesmo tempo. Perceba que em *Consideram-se*, o verbo está na voz passiva sintética, pois ele é VTD e está acompanhado de uma partícula apassivadora (*se*). Passando para a voz passiva analítica, temos de transformar o verbo em locução verbal formada por *ser* + particípio; nessa passagem devemos observar a manutenção do tempo e modo verbais e a concordância verbal e nominal. Note que o sujeito do verbo *considerar* é *os grupos étnico-raciais*, portanto, na voz passiva analítica, o verbo *ser* da locução verbal vai ficar no presente do indicativo (como estava o verbo *considerar* na voz passiva sintética) e no plural; já o **particípio** vai ficar no masculino plural concordando com o núcleo *grupos*. Portanto, *Consideram-se... os grupos étnico-raciais...* = *Os grupos étnico-raciais **são considerados**....* Desse modo, não há prejuízo algum na correção gramatical na reescritura.

20 – E. O verbo concorda com *quem*, por isso fica na 3ª pessoa do singular. a) *Havia* (verbo impessoal fica na 3ª pessoa do singular). b) *O lixo... **vai**.* c) *O tratamento e a destinação corretos do lixo **evitariam** que 35% deles **fossem despejados** em aterros.* d) *Faz* (verbo impessoal fica na 3ª pessoa do singular).

21 – D. Coloque na ordem direta: *"**Argumentos** (sujeito) não **faltarão** (verbo) a nenhum dos intérpretes de um fato para considerá-lo segundo seu interesse e sua conveniência"*. Claro, não? Vejamos uma por uma (corrigidas): a) *Dentro da elite nunca **se criticaram**, diante da rotina do sistema penitenciário brasileiro, os **horrores** (núcleo do sujeito) a que os presos são submetidos (os horrores nunca foram criticados; perceba que o "se" ligado ao verbo é uma partícula apassivadora).* b) ***Reservam-se** ao pobre, tantas vezes identificado como potencialmente perigoso, as **opções** (núcleo do sujeito) da resignação ou da marginalidade social.* c) *Sem altos investimentos não **haverá** (com sentido de existir, não varia) como minimizar os horrores que vêm caracterizando as nossas penitenciárias.* e) *Ainda que não lhes **convenha** (verbo) **fazer***

altos investimentos *(sujeito oracional leva o verbo à 3ª pessoa do singular), as elites terão que calcular os custos de tanta violência.*

22 – D. Coloque na ordem direta para facilitar a "visão" para a concordância: *"Como se vê,* ***estimular a salvação das baleias*** *(sujeito oracional)* ***cabe*** *(verbo) aos bons princípios ecológicos, seja no alto-mar, seja na areia da praia".* Veja as demais (corrigidas): a) À noite, ***dava-se*** *(verbo com "se" apassivador; cuidado!!!) aos trabalhos de poucos e à diversão de muitos uma* ***trégua*** *(núcleo do sujeito) oportuna, para tudo recomeçar na manhã seguinte.* b) *Aos esforços brutais da jubarte não* ***correspondia*** *(verbo) qualquer* ***efeito*** *(núcleo do sujeito) prático, nenhum avanço obtinha o gigante encalhado na areia.* c) *Sempre* ***haverão*** *(verbo) de aparecer* ***aqueles*** *(sujeito) que, diante de um espetáculo trágico, logram explorá-lo como oportunidade de comércio.* (O verbo haver só não varia quando tem sentido de existir, seja sozinho, seja como verbo principal de uma locução verbal, o que não é o caso, pois nesta frase ele é o verbo auxiliar da locução verbal *haverão de aparecer.*) e) *Da baleia encalhada em 1966 não* ***restaram*** *(verbo), lembra-nos o autor, senão as* ***postas*** *(núcleo do sujeito) em que a cruel voracidade dos presentes retalhou o animal.*

23 – C. O verbo *haver* só é impessoal quando tem sentido de *existir.* Se ele for verbo auxiliar de uma locução verbal, como é o caso (*haverão de caber*), irá variar normalmente. *Por que* ***haverão (verbo)*** *de caber a um simples passageiro as* ***responsabilidades (núcleo do sujeito)*** *do comando de uma aeronave?*

24 – E. "É necessário *(o verbo fica no singular e o adjetivo no masculino singular por causa do sujeito oracional em seguida) que haja* <u>*medidas*</u> *que* <u>*busquem*</u> *controlar o consumo predatório dos* <u>*recursos*</u> *da natureza que, cada vez mais* <u>*escassos*</u>*,* <u>*estão sujeitos*</u> *a uma lenta reposição".* Veja os erros das demais (corrigidas): a) *Os* ***níveis*** *(núcleo do sujeito) alarmantes de poluição da água no planeta, resultante da atividade humana,* ***estão*** *(verbo) dando sinais de que ela poderá faltar em boa parte do globo terrestre, que já sofre com sua escassez.* b) *A* ***proporção*** *(núcleo do sujeito) entre número de habitantes e oferta de recursos naturais* ***está*** *(verbo) em descompasso, levando à necessária redução no consumo desses recursos que garantem a vida no planeta.* c) *Ambientalistas já alertam para os perigos à sobrevivência da humanidade, caso os* ***habitantes*** *(núcleo do sujeito) do planeta* ***continuem*** *(verbo) a consumir de modo irresponsável os recursos naturais, muitos dos quais já escassos.* d) ***Existem*** *(verbo)* ***programas*** *(núcleo do sujeito) de conscientização da população mundial que busca divulgar formas de consumo sustentável dos recursos naturais e respeito ao ritmo da natureza, para permitir que* ***ela*** *(sujeito) o* ***reponha*** *(verbo).*

25 – E. *"*<u>*Tanto*</u> *a Lei de Diretrizes e Bases da Educação* <u>*como*</u> *a regulação natural do mercado (sujeito composto)* ***sinalizam*** *para as* <u>*inconveniências*</u> *que* <u>*adviriam*</u> *da adoção do ensino religioso nas escolas públicas".* Veja os desvios das demais: a) ***Provoca*** *(verbo) muitas polêmicas, entre*

crentes e materialistas, o ***posicionamento*** *(núcleo do sujeito) de alguns religiosos e parlamentares acerca da educação religiosa nas escolas públicas.* b) *Sempre* ***deverá haver*** *(quando o verbo haver tem sentido de existir, o verbo auxiliar da locução verbal fica na 3ª pessoa do singular) bons motivos, junto àqueles que são contra a obrigatoriedade do ensino religioso, para se reservar essa prática a setores da iniciativa privada.* c) ***Um*** *(núcleo do sujeito) dos argumentos trazidos pelo autor do texto, contra os que votam a favor do ensino religioso na escola pública,* ***consiste*** *(verbo) nos altos custos econômicos que acarretarão tal medida.* d) *O* ***número*** *(núcleo do sujeito) de templos em atividade na cidade de São Paulo* ***vem*** *(verbo) gradativamente aumentando, em proporção maior do que ocorrem com o número de escolas públicas.*

26 – A. Na letra A, o verbo *atribuir*, acompanhado de *se* apassivador, concorda com o antecedente do pronome relativo *que* (os predicados mágicos), por isso deve ficar no plural. Veja: "Nem todos discriminam, numa foto, *os predicados mágicos* que a ela ***se atribuem*** nesse texto."

27 – C. Eu falei a você que a FCC se amarra em deslocar o sujeito, portanto coloque a frase na ordem direta. Veja como a frase da letra C está invertida: *"Não convém aos injustiçados reclamar por igualdade de tratamento quando esta pode levá-los a permanecer na situação de desigualdade"*. Ordem direta (o sujeito sempre vem antes do verbo): *"Reclamar por igualdade de tratamento... não convém aos injustiçados"*. Facilitou a visão, não é? Percebe que o sujeito da forma verbal *convém* é uma oração reduzida de infinitivo (*Reclamar por igualdade de tratamento*)? Quando o sujeito está em forma de oração, o verbo sempre fica no singular. Ok? Veja os erros (já corrigidos) das demais: a) *A* ***utilidade*** *dos dicionários, mormente quando se trata de palavras polissêmicas,* ***manifesta****-se nas argumentações ideológicas.* b) Não se ***nota****, entre os preconceituosos, qualquer* ***disposição*** *para discutir o sentido de um juízo e as consequências de sua difusão.* d) *Como discernimento e preconceito são duas acepções de discriminação,* ***há*** *que se esclarecer o* ***sentido*** *pretendido.* e) ***Uma*** *das maneiras mais odiosas de refutar os argumentos de alguém* ***surge*** *na utilização de preconceitos já cristalizados.* Percebeu que o sujeito veio depois do verbo em B e em D?

28 – E. "*As* ***obras*** *e seu* ***respectivo*** *valor* ***haviam*** *de ser avaliados na medida da importância do tema tratado*". Sujeito composto, verbo no plural. Simples assim. Veja os erros (já corrigidos) das demais: a) *Outra descoberta foi a de que também* ***existiam*** *na figuração de um motivo em que estivesse ausente o ser humano alguns* ***valores*** *profundos.* Colocando na ordem direta: "*Outra descoberta foi a de que alguns* ***valores*** *profundos* ***existiam****...*". Viu como facilita? Faça isso sempre que necessário for. b) *Uma* ***gama*** *de estados de espírito que não sabemos nomear, apesar de sua grande força,* ***pode*** *ser* ***suscitada*** *pelos artefatos e signos que o homem produz.* c) É numa concepção de humanidade modificada ao longo do tempo que se ***assentam noções*** *relativas a uma dimensão humana da arte.* O verbo *assentar* vem seguido de uma partícula apassivadora (bastante comum na FCC). Note como

é fácil descobrir se o *se* é ou não uma partícula apassivadora. Coloque a voz verbal na voz passiva analítica; se for possível, o *se* é apassivador. Veja (na ordem direta, é claro!): "É numa concepção... que ***noções*** *relativas a uma dimensão humana da arte* ***são assentadas***.". Normalmente o sujeito de um verbo com partícula apassivadora vem após ele. Atenção! d) *Não* ***faz*** *muitos anos que na grande arte só se podiam admitir temas heróicos, míticos ou religiosos.* O verbo *fazer*, indicando tempo decorrido é impessoal, portanto não varia.

29 – C. Note que o verbo auxiliar concorda com o núcleo do sujeito singular: "*E que a* ***produção*** *de alimentos* ***precisará*** *crescer 70% até 2050...*".

30 – D. Quando o adjetivo, com função de adjunto adnominal, vem após dois substantivos de gêneros diferentes, a concordância de gênero e número (concordância nominal) pode se dar com o substantivo mais próximo (concordância atrativa) ou com ambos, ficando no masculino plural (concordância gramatical). Portanto, tanto faz: *Compramos livro e jornal* ***velhos*** ou *Compramos livro e jornal* ***velho***.

31 – D. Com sujeito determinado, o particípio de ***ser*** **+ adjetivo/particípio** varia normalmente. Deveria ser, portanto: "*A partir de hoje,* é ***proibida*** *a adoção de crianças...*".

32 – E. Quando núcleos do sujeito composto são sinônimos, o verbo preferencialmente fica no singular. Já que *recrudescimento* e *exacerbação* são sinônimos, o verbo *provocar* fica no singular, assim como, no enunciado, o verbo *alcançar* ficou no singular, pois os núcleos do sujeito são igualmente sinônimos (*declínio* e *decadência*). Quando os núcleos são antônimos, o verbo fica no plural. Logo, as frases de A a D deveriam apresentar verbos no plural.

33 – B. Adjetivo, com função de adjunto adnominal, posposto a substantivos de gêneros diferentes concorda com ambos, no masculino plural, ou com o mais próximo. Logo, a construção *consultorias e bancos renomadas* não procede.

34 – C. Vamos combinar uma velha máxima da concordância verbal: o verbo concorda em pessoa e número com seu sujeito. Quem quer "filhos"? As **mulheres**. Até porque só elas podem engravidar...

35 – D. Perceba que o governo é quem "efetua" o controle dos nascimentos prematuros. Logo, *"O controle dos nascimentos prematuros (é)* ***efetuado*** *pelo governo...*".

36 – E. *"****Foram*** *os peixinhos do mar"*. A palavra *peixinhos* é o núcleo do sujeito da forma verbal *foi*, por isso ela deve ficar no plural (foram).

37 – C. Caso clássico do verbo *haver* significando *existir*. Esta é para elevar a autoestima!

38 – C. Na alternativa c), o verbo *integrar* pode ter como referente *(aqueles que foram) escolhidos*, indo assim para o plural – *integrarem*. Em todas as outras alternativas, existe a obrigatoriedade da forma verbal em destaque. Na alternativa a), o sujeito da oração é *Jogar "games" de computador*, sendo seu núcleo *jogar*, levando o verbo obrigatoriamente para o singular. Portanto não há opção de pluralizar o verbo. Na alternativa b), quem foi produzido foi "um" dos títulos, não "os títulos", portanto o verbo deve ficar no singular, sem opção de plural. Na alternativa d), em *o grupo de controle*, que é o sujeito, a expressão *grupo* é núcleo, obrigando o verbo a ficar no singular, até porque seu especificador *"de controle"* também está no singular. Quanto à derradeira alternativa e), *interagir* é o próprio sujeito de é preciso, logo não pode ir para o plural, porque, apesar de ser um verbo, funciona como substantivo.

39 – CERTO. Note que antes do particípio do verbo *perder* (*perdida*), há uma estrutura de indeterminação do sujeito: "*... que se vive...*". Logo, o verbo *perder*, no particípio, deveria ficar no masculino singular, que é uma forma neutra para se referir ao sujeito indeterminado, a saber: *"Mas é assim mesmo que **se vive** (alguém vive): **perdido** no tempo e no espaço.*". Isto é o que diz a norma culta. No entanto, como esse trecho foi retirado de uma obra literária, o autor tem licença poética para usar o particípio se referindo a uma personagem, por exemplo.

40 – ERRADO. O *ou* tem valor de exclusão, pois indica que um dos três atos (*puxar, afiar, assistir*) seria simples. Quando os núcleos do sujeito composto forem ligados por este *ou* exclusivo, o verbo ficará no singular, sempre!

41 – ERRADO. *Nascidas* se refere tão somente a *sepulturas*, assim como *seguras* se refere a *fortalezas* e *duro* se refere a peso. A afirmação não procede.

42 – ERRADO. O único erro desta afirmação é dizer que *século* faz parte do sujeito composto, quando na verdade se trata do núcleo do adjunto adverbial de tempo *no século XV*.

43 – ERRADO. O sujeito explícito existe, sim (!), e está em forma de oração: *"que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas"* (oração subordinada substantiva subjetiva) = **isso** [é verdade]. Não deixe o CESPE lhe dar uma pernada, hein!

44 – Retire a intercalação (*como o automobilístico*) e verá que a afirmação da banca procede: "*... decorreu da diminuição de estoques em **alguns setores** (...) **pressionados**...*". Bingo!

45 – C. "... nos países emergentes, que, no entanto, já representam mais de 50%...". O verbo concorda com o antecedente do pronome relativo. Simples assim!

46 – A. Desenvolva a oração reduzida de particípio *deflacionados* para visualizar melhor: "*... e em **valores** reais, que **foram deflacionados** pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo...*". Portanto, a afirmação procede. b) *Elevaram-se* concorda com o sujeito composto iniciado por *as receitas do Imposto de Renda Pessoa Jurídica*. c) A forma verbal *proporcionou* concorda com *desempenho*. d) O singular em *fez aumentar* é devido ao núcleo do sujeito *crescimento*. e) A forma verbal *foram* concorda com *ganhos*.

47 – INCORRETA. A afirmação está equivocada porque o verbo *haver* (= *existir*) é impessoal. Nunca varia.

48 – A. Ignore todas as intercalações entre o sujeito e o verbo, e você verá que a afirmação da opção A procede: "*... **uma sociedade igualitária**, com amplo respeito pela vida humana, excelentes índices de educação, burocracia inteligente e serviços públicos voltados (de fato) para melhorar a vida do cidadão, **soa**...*". b) *Podem* varia com *sociedades*. c) O sujeito de *referem-se* é composto (*A igualdade e a dignidade humana*), logo o plural é a concordância correta. d) O verbo principal de uma locução verbal nunca varia; a afirmação da banca é absurda. e) O verbo *levar* concorda com o sujeito composto *a igualdade, o respeito e a dignidade*, por isso fica no plural.

49 – E. Na estrutura "*Cada um dos folheteiros*", o verbo concorda com *um* obrigatoriamente, por isso não pode ficar no plural. a) O verbo concorda com o antecedente do relativo, *folheteiros*. b) O verbo concorda com o especificador do sujeito de valor partitivo, *folheteiros*. c) O verbo concorda com o sujeito composto, *"O folheteiro e sua família"*. d) O verbo concorda com o especificador do sujeito de valor coletivo, *folheteiros*.

50 – E. A construção ***ser* + adjetivo** (*Era necessário*) fica no masculino singular, pois o sujeito é oracional (*tomar medidas...*). O verbo *garantir* fica no plural, pois concorda com o antecedente do pronome relativo, a saber: *medidas*.

51 – B. O verbo *fazer* é impessoal quando indica tempo decorrido. Como faz parte de uma locução verbal, o verbo auxiliar fica obrigatoriamente no singular, pois é transmitida a impessoalidade do *fazer* a ele (*deve fazer*). O verbo *haver* (= *existir*) é impessoal também. O verbo *apaixonar-se* varia concordando com o antecedente do pronome relativo: *pessoas*.

Capítulo 29

Gabarito

1 – A. Olhe sempre para o verbo ou para o nome dentro da oração adjetiva. Se um deles exigir uma preposição, esta ficará antes do pronome relativo. O verbo *referir-se* exige a preposição *a*, por isso *a que*. O verbo *ocupar-se* exige a preposição *de*, por isso *de que*. Simples assim.

2 – D. O substantivo *oportunidade* rege a preposição *de* ou *para*, logo a letra D está perfeita. a) Só "papel *na*". b) Só *como*, por ser palavra explicativa introduzindo aposto explicativo. c) O verbo *chamar* não exige a preposição *a*, logo o *a* é só um artigo. e) idem à opção A.

3 – D. O adjetivo *inferior* exige a preposição *a* + *a* (= *aquela*) = à. Faltou isso. A forma participial *atribuída* exige a preposição *a* + *a Argentina* = à *Argentina*. Faltou isso também no texto. A ESAF *curte* trabalhar regência com crase, mais de 90% das vezes.

4 – CORRETA. A maneira como o verbo *autorizar* mantém relação com seus complementos é igual, pois em ambos os casos o verbo é VTDI (quem autoriza, autoriza alguém **a** algo).

5 – A afirmação de que a presença de preposição em ***a****o desemprego* justifica-se pela regência de *combate* está perfeita, pois este substantivo de fato rege um complemento preposicionado por *a*.

6 – Ambas estão **ERRADAS**. Na primeira, há um desvio de regência do verbo *recorrer*, pois ele rege a preposição *a*. Portanto, deveria ser: "... *e* ***a*** *eles recorriam os colegas...*". Na segunda, o verbo *impor* é VTDI, exige um objeto direto e um indireto. O objeto indireto na frase em questão é o pronome reflexivo *se*, e o objeto direto é *o desafio de falar*. A análise é esta, portanto: quem impõe, impõe alguma coisa (*o desafio de falar outro idioma fluentemente*) a alguém (*se*).

7 – CERTO. Sim! A preposição deve vir explícita antes de oração subordinada adjetiva quando um verbo ou um nome depois do pronome relativo a exigir. Exemplo: *O jornal que eu gosto é o Nacional.* (errado) /*O jornal* ***de*** *que eu* ***gosto*** *é o Nacional.* (certo). Safo?

8 – ERRADO. Nem precisaríamos de contexto para resolver esta questão se soubéssemos que *resultar de* indica causa e *resultar em* indica consequência, ou seja, "*A mais doce embriaguez é a que resulta* ***da*** *mistura dos vinhos.*" (causa) e "*Aquela discussão resultou* ***numa*** *briga feia.*" (consequência).

9 – ERRADO. Questão perigosa! Todos os termos preposicionados são complementos do substantivo *cultura*, menos *de bens materiais*, que é complemento de *acréscimo*.

10 – ERRADO. A forma verbal *remete-se* (VTI) exige a preposição *a*, logo ela não pode ser retirada antes dos objetos indiretos.

11 – C. Toda vez que cair uma questão como esta, ou seja, regência com pronome relativo, fique ligado no verbo ou no nome que vem após o pronome relativo. Digo isso porque eles é que vão ditar a regência e, consequentemente, o uso da preposição antes do pronome relativo. Vou grifar o verbo ou o nome e sua preposição antes do pronome relativo, ok? Lembre-se de que a banca quer a regência INCORRETA. a) *O processo de globalização e a mundialização* ***d****os quais as organizações têm sido* ***vítimas***. b) *O processo de globalização e a mundialização* ***sobre*** *os quais as organizações têm tido alguma* ***influência***. c) *O processo de globalização e a mundialização* ***com*** *cujos parâmetros as organizações procuram imitar*. COM cujos parâmetros? De onde vem este COM? Algum verbo ou nome exige tal preposição? Claro que não! Quem procura imitar, procura imitar alguém ou algo. Eis o erro! d) *O processo de globalização e a mundialização* ***para*** *os quais as organizações têm voltado sua* ***atenção***. e) *O processo de globalização e a mundialização* ***por*** *cujos princípios as organizações procuram* ***guiar-se***.

12 – C. Questão megapolêmica, em que se marca a "melhor resposta"! Na letra A, o verbo *assistir* (= *ajudar*) pode ser VTD ou VTI (com preposição *a*). Na letra B, há um (1) gramático (só conheço ele!) que admite o uso de *implicar* (no sentido de resultar, acarretar) com a preposição *em*: Celso P. Luft. Os demais dizem que, nesta acepção, *implicar* é VTD. Polêmicas! Na letra C, ninguém tem dúvidas de que *importunar* é VTD (quem importuna, importuna alguém e não a alguém). Na letra D, ninguém tem dúvidas da dupla regência de **influir** (*em* ou *sobre*). Na letra E, há bons gramáticos, como o próprio Luft, que aceitam a regência do verbo *visar* com a preposição *a* (VTI) ou <u>sem</u> a preposição (VTD). Fazer tal coisa com o candidato é *privilégio* da Fundação Dom Cintra? Claro que não! Todas as bancas fazem isso: ESAF, FCC, CESPE, FGV etc., etc., etc. Fique esperto!

13 – E. O verbo que não exige complemento é chamado de intransitivo. No enunciado, o verbo *custar* (exprimindo preço/valor) é sempre intransitivo, acompanhado de adjunto adverbial de preço (R$ 35). Pois bem... o verbo *caçar*, na letra E, não exige complemento algum, portanto ambos os verbos são intransitivos. Os demais verbos exigem complementos (que eu sublinhei). Na letra D, o verbo ser é de ligação. Veja: a) *"...de quem* ***procura*** *<u>a reserva</u> para comprar artesanato,"*. b) *"para* ***levar*** *<u>um casal de amigos</u>"*. c) *"Scavello* ***considera*** *positiva <u>a implantação do sistema na aldeia</u>:"*. d) *"– Não* ***somos*** *assalariados,"*.

14 – D. Vejamos uma por uma: I – O verbo *aspirar* (=*almejar*) exige a preposição *a*. II – O verbo *assistir* (=*ver*) exige a preposição *a*. III – O verbo *implicar* (=*acarretar*) não exige preposição alguma, segundo 99% dos gramáticos. IV – O verbo *chegar* exige a preposição *a*, mas diante da palavra *casa* só haverá crase se ela vier especificada, o que não é o caso.

15 – C. a) *O provedor* ***cujo plano*** *comprei demonstra eficiência.* Esta questão é sobre o uso do *cujo*! Ele nunca é substituído pelo pronome relativo *que*. O *cujo* fica entre dois nomes estabelecendo uma relação de posse entre eles. b) *As pessoas* ***as quais*** *compareceram desconheciam informática.* O verbo comparecer não exige a preposição *de*. c) *O desejo* ***de que*** *a Internet ficasse mais rápida se realizou.* Segundo o padrão CESGRANRIO, seria um erro omitir essa preposição exigida pelo substantivo *desejo* antes da conjunção integrante. Portanto, está certa. d) *O menino,* ***cujo*** *pai trabalha em informática, virá ajudar-nos.* O artigo nunca vem acompanhando o pronome relativo *cujo*. e) *A matéria* ***em que*** *me dei mal foi programação.* Quem se dá mal se dá mal *em* alguma coisa.

16 – D. a) Segundo a vasta maioria dos gramáticos, não podemos ter um complemento só para verbos de regências diferentes, logo deveria ser: *"Entrei* ***n****o escritório e saí* ***d****ele hoje correndo."*. b) O certo seria *"O relatório* ***de*** *que (ou sobre o qual) te falei está em cima da mesa."*, pois quem fala, fala **de/sobre** alguma coisa. c) Quem dá, dá algo a alguém, logo *"Esse é o colega* ***a*** *que (ou a quem ou ao qual) dei meu endereço novo."*. d) Ele aprendeu a usar a máquina por alguma coisa (pelo manual), logo está certo o uso da preposição *por* antes do pronome relativo *que*. Poderíamos reescrever assim: *"O manual* ***pelo qual*** *aprendeu a usar a máquina é ruim."*. e) O certo seria *"A ilha* ***para onde*** (*ou* ***para a qual***) *eu mudei minha residência oficial é grande."*.

17 – E. O verbo *ir* exige a preposição *a*. Além disso, o verbo *assistir* (=*ver*) exige a preposição *a*. Logo: *"Fomos Ao cinema ontem assistir* ***ao*** *filme."*. Bem fácil esta!

18 – C. O verbo *recordar* não exige complemento preposicionado, logo é um VTD. O verbo *lembrar* também é VTD, logo não pode exigir complemento preposicionado. Reescrevendo... *"Gostava de* ***recordar*** *os fatos de sua infância./Gostava de* ***lembrar*** *os fatos de sua infância."*. Vale dizer que o verbo pronominal *lembrar-se* é VTI e exige a preposição *de*. Veja: *"Gostava de* ***se lembrar d****os fatos de sua infância."*. Aí, sim, estaria certo! Beleza?

19 – ERRADO. O verbo *chamar* no sentido de "classificar", "cognominar" é um verbo transobjetivo, ou seja, exige um objeto direto seguido de um predicativo do objeto. Substituindo o pronome relativo *que* por seu antecedente, teremos a seguinte reescritura: *"Ele chama a ética (OD) de metafísica dos costumes (POD)."*. Quanto à preposição *de*, saiba que ela é facultativa sempre antes do predicativo do objeto do verbo *chamar*.

Sendo assim, o trecho em itálico não é complemento verbal nem a preposição deve ser colocada **obrigatoriamente**.

20 – ERRADO. O nome *indicação* exige a preposição *de*. Mera questão de regência. Logo, lê-se o trecho assim: *"A indicação inicial é (a = aquela) de que, sim, a rede está alterando..."*. Segundo a maioria dos gramáticos, a oração com função de complemento nominal é iniciada por preposição obrigatória (outros gramáticos dizem que ela pode ficar implícita).

21 – ERRADO. Os dois primeiros nomes – *decorrência* (***de***) e *condizente* (***com***) –, de fato, exigem complementos preposicionados, mas *irreprimível* não exige complemento preposicionado algum. Em *a voz irreprimível dos fantasmas*, a preposição *de* estabelece uma relação nocional de posse entre *voz* e *fantasmas*.

22 – E. Questão de regência nominal purinha! Em A: *"Alguns acreditam que com o advento da chamada globalização o mundo foi **reduzido a/em** uma pequena aldeia"*. Em B: *"É notável a **submissão** de certos animais **para com/a**o dono."*. Em C: *"Não se pode afirmar que não haja **legitimação para** as regras morais na sociedade contemporânea."*. Em D: *"Parece razoável propor que em todas as áreas do conhecimento há certa **dicotomia** **em**/**entre** teoria e prática."*. Em E: *"Alguns críticos acreditam que a sensibilidade é **inerente** **em**/**a**os grandes artistas."*.

23 – D. a) *"Os argumentos **em** que devemos nos agarrar devem se pautar nos limites da racionalidade e da justiça."* Quem deve se agarrar, deve se agarrar **em** algo/alguém. Quanto ao uso do pronome oblíquo átono em próclise ao verbo principal da locução verbal (... *em que devemos **nos** agarrar*), Cegalla e Azeredo dizem ser formas corretas, mesmo com palavra atrativa antes da locução; os demais dizem que não! Portanto, faço questão de reescrever de duas maneiras diferentes para atender às exigências da maioria dos gramáticos: *"... em que **nos** devemos agarrar"* ou *"... em que devemos agarrar-**nos**"*. Essas duas formas de colocação pronominal são consenso entre os gramáticos. b) *"Os casos históricos **a** que Voltaire recorre em seu texto ajudam-no a demonstrar que a pena de morte é ineficaz."* Quem recorre, recorre ***a*** algo/alguém. Este último *que* é uma conjunção integrante, pois conecta a oração anterior à posterior sem substituir/retomar nenhum termo anterior como faz o pronome relativo. A preposição antes da conjunção integrante estava errada porque "quem demonstra, demonstra algo". c) *"A pena de talião é um recurso cuja eficácia muitos defendem, ninguém se abale **de** tentar demonstrá-la."* Quem defende, defende algo. O uso da preposição antes do *cujo* é um equívoco. O verbo *abalar-se* (= *fugir*) exige a preposição *de*. d) *"Os castigos a que se submetem os criminosos devem corresponder à gravidade de que se reveste o crime."* Quem se submete, se submete ***a***. Certo. Quem se reveste, se reveste **de**. Certo. Impecável! e)

*"As ideias liberais, **a cuja** propagação Voltaire se lançou, estimulam legisladores em quem* não falte o senso de justiça." Quem se lança, se lança A algo/alguém.

24 – E. No enunciado, o verbo é VTDI. Veja: "... ***cederam** passo (objeto direto) a uma posição passiva (objeto indireto)...*". O mesmo ocorre com o verbo *pautar* na letra E: "... *deverá **pautar** sua ação (objeto direto) em código de conduta (objeto indireto)...*"

25 – B. Veja logo a letra B: "... *um vício de que **muita gente da imprensa não consegue se esquivar***". A pergunta que você vai fazer é: "Muita gente da imprensa não consegue se esquivar **de** quê?" **Do vício**, certo? Afinal, quem se esquiva, se esquiva **de** algo/alguém. Em outras palavras, veja se após o pronome relativo há um verbo ou um nome **exigindo uma preposição**. Se houver (Brasil!), a preposição ficará antes do pronome relativo! Ok? a) *"O Príncipe é um símbolo reincidente, **de** cujo nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento."* Quem tem conhecimento, tem conhecimento **de** algo. c) *"A trama **da** qual o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso."* Quem participa, participa **de** algo. O pronome relativo *a qual* está retomando *a trama*, expressão feminina, logo está bem usado. d) *"Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão **da** qual decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve"*. Toda a trama *decorreria* **de** algo. e): *"Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação **de** que irão depender todas as demais."* Todas as demais *irão depender **de**...*

26 – A. Na letra A, veja que o *cujo* está bem usado, respeitando todos os critérios de uso. Sobre a preposição, ela vem antes do pronome relativo porque o verbo *acreditar* a exige: *"Não deu certo o tal do método prático **em** cuja eficiência Paulo Honório chegou a **acreditar**."*. Vejamos os demais erros: b) *"Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada **de** que nenhum escritor pode **abdicar**."* Quem abdica, abdica algo ou **de** algo. c) *"Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal que jamais **toleraria**."* Quem tolera, tolera algo/alguém. d) *"Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas cujo brilho ninguém **superaria**."* Quem supera, supera algo/alguém. e) *"A linguagem **a** que Paulo Honório de fato **aspirava** era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas."* Quem aspira, aspira **a** algo (no sentido de almejar).

27 – C. Observe com calma: *"As hipóteses aventadas, **em que** se baseiam os especialistas, devem ainda ser comprovadas por exames acurados."*. Quem se baseia, se baseia **em** alguma coisa. Aí está. Faça este teste nas outras alternativas e constatará que não se exige a preposição **em**. a) **com** que. b) que d) A que. e) **de** que.

28 – E. Vejamos as alternativas já corrigidas: a) *"A obsolescência e o anacronismo, atributos **a/para/para com/de/por** os quais os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se*

enfeixar com a expressão dez de setembro." Os americanos manifestam todo seu desprezo ***a/para/para com/de/por*** estes atributos: obsolescência e anacronismo. O uso do pronome relativo *os quais* está correto, pois ele retoma atributos (masculino plural). b) *"O estado de psicose,* ***no*** *qual imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança cuja radicalidade muitos recriminam.*" Quem imerge, imerge **em** algum lugar... Quem recrimina, recrimina algo/alguém. O uso dos pronomes relativos está correto, pois *o qual* retoma *estado de psicose*, expressão masculina singular; quanto ao *cujo*, estabelece a relação de posse entre dois nomes adequadamente. c) *"A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo o qual ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo* ***por/do*** *qual foram tomados tantos americanos."* Quem se arrisca a pronunciar, se arrisca a pronunciar algo. Quem é tomado, é tomado **de/por** alguma coisa. Quanto ao uso de *o qual* retomando *algo* e *pasmo*, não há nada a dizer, pois está corretíssimo. d) *"Não é à descrença, sentimento* ***por*** *que nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é à esperança que queremos nos apegar."* Quem se sente invadido, se sente invadido **por** algo. Quem quer se apegar, quer se apegar A algo/alguém. Sobre o uso do pronome relativo *que*, você já sabe que ele retoma qualquer palavra. e) *"Fatos como os de 11/9, com que ninguém espera se deparar, são também lições terríveis, de cujo significado não se deve esquecer."* Quem espera se deparar, espera se deparar **com** algo/alguém. Quem não se deve esquecer, não se deve esquecer **de** algo/alguém. Os pronomes relativos *que* e *cujo* estão dentro do padrão culto.

29 – CERTO. O verbo *consistir* exige a preposição ***em***. Tanto *na reelaboração* quanto *em novas formas* são complementos indiretos (objetos indiretos) do verbo. Simples assim.

30 – A afirmação está **CORRETA**. Veja: "... *deve ser tomada em relação* ***ao*** *modelo ... e (em relação)* ***ao*** *destino...*".

31 – CERTO. Esta afirmação da banca procede, pois o adjetivo *somado* exige preposição *a + os*, que, por ser um demonstrativo, equivale a "aqueles", logo o elemento *aos* poderia ser corretamente substituído por **àqueles** (... somado ***a*** + ***a****queles* = à*queles*...).

32 – A frase está **CORRETA**. O verbo *escapar*, no sentido de "fugir", é transitivo indireto exige um complemento preposicionado. Foge-se **a/de** algo. O verbo *escapar* tem a mesma regência. Portanto, podemos reescrever o trecho "... pois a verdadeira natureza do negócio *lhe* escapara" assim: "pois a verdadeira natureza do negócio escapara *a ele (ou dele)*".

33 – B. Talvez você tenha pensado que deveria haver a preposição *com* entre *fazer* e *que* (*fazer com que*), certo? Só que essa preposição é facultativa antes de conjunção integrante. Portanto, pode-se dizer: "... fazer com que..." ou "... fazer que...". Veja os desvios das demais (corrigidas): a) *Em seu fingimento, só* ***restou*** *(este verbo não exige*

a preposição "de") que dissesse ao ex-sócio que sentia saudades dele. c) *Em* ***atenção a*** *(o nome atenção exige a preposição "a") seu talento indiscutível, pouparam-no* ***d****as devidas multas (quem poupa, poupa alguém de alguma coisa).* d) ***Passou*** *os documentos* ***a/para*** *(passa-se algo para/a alguém) a mão do técnico e não os perdeu de vista até ao final da reunião.* e) ***Inconformado com*** *(o adjetivo inconformado exige a preposição "com") que eles propalavam injúrias a seu respeito, decidiu denunciá-los.*

34 – E. a) *Só mesmo ele, com sua ousadia, podia ter-se* ***arrogado*** *a certos direitos.* (o verbo é VTDI e exige a preposição *a*). b) *Percebeu que o que fizera era uma* ***exorbitância*** *de suas funções.* (o substantivo exige a preposição *em* ou *de*, principalmente). c) *No dia* ***seguinte*** *à postagem da carta, ela já a recebia em casa.* (o adjetivo seguinte exige a preposição *a*). d) *Sua função o* ***incompatibilizou*** *com muitos colegas.* (o verbo é VTDI: incompatibiliza-se algo/alguém com algo/alguém). e) *Depois de anos,* ***resignou-se*** *definitivamente àquele modo de vida precário.* (o verbo exige a preposição *a + aquele = àquele*).

35 – B. Segundo a CESGRANRIO, a preposição não é facultativa antes de complemento em forma de oração. Ou seja, se o verbo ou o nome exigir preposição, esta ficará ex-plí-ci-ta antes do complemento oracional. A letra A está errada porque deveria ser: *"A certeza* ***de*** *que a sorte chegará para mim é grande."*. Preposição explícita! Percebeu? Por isso o gabarito é *"Preciso* ***de*** *que me arranjem um emprego."*. Veja as demais (já corrigidas): c) *Convidei* ***a*** *(artigo) Maria para vir ao escritório.* d) *A necessidade* ***de*** *que ele viesse me ajudar me fez chamá-lo.* e) Às dez horas em ponto, estarei ***em*** *sua casa.*

36 – A. Já tratamos do caso dos verbos *esquecer/lembrar* aqui, lembra-se disso? Como o verbo da alternativa a) é pronominal, exige a preposição *de*, corretamente empregada junto ao pronome demonstrativo. Corrigindo as demais: b) *Os professores avisaram* ***os*** *alunos da prova.* c) *Deve-se obedecer* ***ao*** *português padrão.* d) *Assistimos* ***a*** *uma aula brilhante.* e) *Todos aspiram* ***ao*** término do curso.

37 – E. *"... e* ***o*** *(= aquilo) de que necessita"*. Quem necessita, necessita **daquilo**. *"...o dinheiro com que pagar"*. Quem paga, paga **com** dinheiro.

38 – Há erro em (4). Quem direciona, direciona alguém/algo (OD) para alguma coisa (OI). Logo, o certo é "direcioná-los para...". A (5) está certa, pois o adjetivo *conscientes* exige a preposição *de*.

39 – B. O verbo *interessar* exige a preposição *a*, logo *interessava a ele* está adequado à norma culta. Sobre *manifestar-se*, este verbo pronominal normalmente tem como complemento termos iniciados por sobre, quanto a, acerca de, a favor de, contra. Logo, igualmente correta está a regência. Vejamos os desvios das demais: a) *"... e até*

de irresponsável". c) *"... de que todos tinham orgulho".* d) *"Sua obra é daquelas de que se pode dizer tudo..."* e) *"Aquele professor é a verdadeira razão pela qual (por que)* muitos estudantes decidiram dedicar-se à pesquisa, o que *o (exerce função de sujeito de ser (VL), logo não pode ser 'lhe')* faz ser constantemente mencionado como exemplo a ser seguido.".

40 – E. Segundo Bechara, no capítulo de adjunto adverbial, o verbo *falar (de)* é intransitivo na acepção do enunciado e *de discos* é seu adjunto adverbial de assunto (ou matéria tratada). Portanto, não haveria resposta, uma vez que temos em a) VTI, b) VTI, c) VTI, d) VTI e só em e) VI. Ou seja, todas as opções, exceto a E, seriam o gabarito. Não obstante, segundo Francisco Fernandes e Celso P. Luft, em seus dicionários de regência, *falar* é VTI, logo, na visão deles, só restaria a letra E, gabarito da banca. Valia fazer um recurso, mas...

41 – A. Tanto o verbo *comprovar* quanto o verbo *alegar* não exigem preposição, logo a opção a) deve ser assim reescrita: *Comprovou que e alegou que os documentos eram originais.* Nas demais opções, segue-se a regra aceita por alguns gramáticos, como Cegalla e Bechara, a saber: pode-se dar o mesmo complemento a termos de regências diferentes. b) *Segurou o menino* ***com*** *(a mão esquerda) e* ***pela*** mão esquerda. c) ***Por conta de*** *(saldar dívidas) e* ***para*** *saldar as dívidas, penhorou seu único imóvel.* d) *Necessitava* ***de*** *(documentos que haviam ficado retidos indevidamente) e exigia os documentos que haviam ficado retidos indevidamente.* e) *Os estados se unificaram* ***em*** *(uma sólida confederação) e* ***por*** *uma sólida confederação.*

42 – D. Dentre os sentidos de assistir, pode ele significar "caber, dizer respeito a": É forçoso reconhecer que razão cabe ao magistrado.

43 – A. I – O verbo preferir tem regência fixa: prefere-se isso A aquilo. II – *"... a cujo acesso..."*. III – O substantivo *parte* exige a preposição *de*, que fica antes do pronome relativo. IV – Quem autoriza, autoriza alguma coisa, logo este verbo não exige preposição alguma. V – O verbo *dispor* exige a preposição *de*, que fica obrigatoriamente antes do pronome relativo.

44 – B. a) *"... nada melhor* ***que*** *(ou* ***do que****)..."* (a estrutura é de comparação de superioridade). b) O verbo *dignar-se* exige a preposição *de*. Perfeito! c) O verbo *ocasionar* não exige preposição alguma *("... ocasionou um fim trágico.")*. d) *"foram atendidas* ***no*** *Hospital..."*. e) O verbo *acreditar*, tendo como complemento uma oração não exige preposição, pois é um VTD, logo *"Acredito, sinceramente, que o melhor a fazer é afastá-lo da comissão."*.

45 – D. Como o verbo entender é transitivo direto, não exige complemento preposicionado. Simples.

Capítulo 30

Gabarito

1 – A. O topônimo *Brasília* não vem antecedido de artigo, mas, por estar especificado por *dos meus sonhos* passa a vir. Sendo assim, a preposição exigida pelo verbo *ir* se funde com o artigo, formando a crase: *Vou a + a Brasília dos meus sonhos* = *Vou* à *Brasília dos meus sonhos*. b) Se fosse "da segunda à sexta", por causa da correlação, a crase seria obrigatória. c) O verbo viajar não exige a preposição *a*, logo não pode haver crase. d) Cavalo não dita moda. Logo, dizer "bife à cavalo" é o mesmo que dizer que o cavalo come bife de uma determinada maneira a ponto de lançar moda. Loucura total! e) Não há crase diante de verbo.

2 – D. Antes de mais nada, curiosa foi a ousadia da banca em expor a expressão à distância (não especificada, mas craseada). Vamos lá! O erro da D se dá porque não há crase entre palavras repetidas. a) Locução prepositiva de núcleo feminino é sempre craseada. b) Locução conjuntiva de núcleo feminino é sempre craseada. c) Locução adjetiva de núcleo feminino é sempre craseada; quando indica instrumento ou meio, há polêmica! e) Locução prepositiva de núcleo feminino é sempre craseada.

3 – D. Além de o sentido mudar, mudou a classificação sintática. "Saiu à francesa" (sentido: saiu sem ser notado; função sintática: adjunto adverbial de modo). "Saiu *a francesa*" (sentido: a francesa saiu; função sintática: sujeito).

4 – D. (1) Não há crase diante de pronome indefinido, ainda mais no masculino. (2) Não há crase depois de outra preposição, exceto "até" (caso facultativo); o *a* é só um artigo. (3) idem ao anterior. (4) O nome *atenção* exige a preposição *a + as questões* = às questões. (5) Idem ao (2).

5 – C. (1) Não há crase diante de palavra masculina. (2) O adjetivo *ligada* exige a preposição *a + as políticas* = às políticas. (3) Não há crase depois de outra preposição, exceto "até" (caso facultativo); o *a* é só um artigo. (4) A expressão *com vistas a* termina em preposição *a + a implementação* = à implementação. (5) O substantivo *ameaças* exige a preposição *a + a estabilidade* = à estabilidade.

6 – A afirmação está equivocada, pois é o substantivo *rumo* que exige a preposição *a + a modernização* = à modernização.

7 – E. O verbo *aproveitar* não exige preposição alguma, pois é um VTD (quem aproveita, aproveita alguma coisa). Logo o trecho deve ser: "*...condições de aproveitar as oportunidades...*".

8 – A afirmação, autoexplicativa por sinal, procede. No entanto, saiba que a maioria dos gramáticos veem o *a* antes da preposição *de* como um pronome demonstrativo. A ESAF, entretanto, se baseia muito no Bechara e no Luft para a formulação de suas questões; na visão desses caras, o *a* antes de *de* é um artigo seguido de substantivo implícito.

9 – CORRETA. O *a* antes de *fatores* e *garantias* é só uma preposição, pois tais substantivos pluralizados estão em sentido genérico.

10 – E. Não há crase antes de verbo.

11 – A afirmação está equivocada, pois não há crase antes de verbo, em hipótese alguma!

12 – A afirmação está perfeita. É autoexplicativa.

13 – E. Nas duas primeiras lacunas, não há crase, pois o verbo *regendo* não exige preposição, logo só cabem artigos. Na terceira e na quarta lacuna, não há crase antes de verbo. Na última lacuna, o substantivo rumo exige a preposição *a* + *a maturidade* = à maturidade.

14 – INCORRETA. Não há crase antes de palavra pluralizada em sentido genérico.

15 – ERRADO. Não há crase diante de pronome demonstrativo, exceto *aquele(a/s), aquilo.*

16 – CERTO. A afirmação da banca procede, pois o adjetivo *somado* exige preposição *a* + *os*, que equivale a "aqueles". Logo, o elemento *aos* poderia ser corretamente substituído por "**àqueles"** (... *somado* ***a*** + ***a****queles* = à*queles*...).

17 – B. *É a atividade de construção de que o artista dispõe, o seu poder de imprimir* ***a*** *um trabalho* (não há crase diante de artigo indefinido) *sentimentos e sensações, e a qualidade de pensamento que conferem humanidade à arte* (crase clássica; confere-se humanidade ***a*** **+** ***a*** *arte*)*; e essa humanidade pode ser realizada com uma série ilimitada de temas ou elementos formais. Tudo isso já foi repetido à exaustão* (caso obrigatório de crase: locução adverbial de núcleo feminino).

18 – A. O verbo *ascendeu* exige a preposição *a* + *a classe média* = à classe média. Antes de verbo (*a consumir*) e antes de artigo indefinido (*a um ritmo acelerado*), não há crase.

19 – A. O verbo *aludir* exige a preposição *a* + *a felicidade* = à felicidade.

20 – A. Tanto no enunciado como nesta opção, o substantivo *ameaça* rege um complemento iniciado pela preposição *a + a integridade* = à integridade. Simples assim. b) O verbo ameaçar é VTD, não exige preposição *a*. Não confunda verbo com substantivo. c) Não há crase diante de palavra masculina. d) Idem ao anterior. e) Idem ao B.

21 – D. Não há crase antes do pronome relativo *que*, a não ser que antes dele haja um pronome demonstrativo *a* (= *aquela*), o que não é o caso. Quem faz justiça, faz justiça *a + a complexidade* = à complexidade. Na última lacuna, não há crase diante de palavra masculina. Basicão!

22 – D. Tanto no enunciado como nesta opção, o verbo chegar exige a preposição *a + a (inevitável) conclusão = à (inevitável) conclusão*. O fato de haver um termo antes do substantivo feminino não significará que não haverá crase.

23 – A. Não há crase diante de artigo indefinido. Quem dá lugar, dá lugar *a + a escalada = à escalada*. Não há crase antes do pronome relativo *que*, a não ser que antes dele haja um pronome demonstrativo *a (= aquela)*, o que não é o caso.

24 – Questão maldosa! A afirmação está equivocada, pois o padrão culto escrito abonaria, sim, o emprego de **ao**: *No entanto, a elaboração anterior* ***ao Grupo****...*

25 – INCORRETA. Só é opcional ou facultativa a crase antes de pronome possessivo adjetivo feminino, ou seja, em *ou são ligadas à (a) sua comunidade*. Veja isso em *Casos Facultativos*.

26 – B. a) Não há crase diante de verbo. b) Há crase diante de palavra feminina em sentido específico. c) Não há crase diante da maioria dos pronomes indefinidos (exceto *outra(s), várias, demais...*). d) Idem ao C. e) Não há crase diante de pronome demonstrativo, exceto *aquele(a/s), aquilo*.

27 – CERTO. Se há preposição *(a) + artigo (os)*, o feminino disso seria preposição *(a) + artigo (a)*, o que resultaria na crase. Logo, a substituição de *aos contornos constitucionais* por **à legislação constitucional** está perfeita.

28 – C. Não ocorre crase diante de palavras pluralizadas (com sentido genérico ou indefinido). Para haver crase, é preciso **a** (preposição) + **a** (artigo). Só haveria crase em C se houvesse artigo "**as**" antes de *palavras*: *Ele sempre fazia alusão* às *(a + as) palavras de seu poeta favorito*.

29 – E. A regência verbal em *atender* exige a preposição **a** que, junto do artigo feminino *as* (necessidades), forma a crase (às necessidades). a) *Os empregados mostraram-se*

resistentes ***(a*** *ou* ***às)*** *mudanças na empresa.* Não há crase diante de palavra pluralizada em sentido genérico. b) *Muitos gostariam de ter um tempo maior* ***a*** *fim de se qualificar.* Não há crase diante de palavra masculina. c) *O mercado oferece menos chances* ***a*** *quem está afastado.* Não há crase diante desse pronome indefinido. d) *O bom profissional está atento* ***a*** *todas as transformações do mercado.* Não há crase diante desse pronome indefinido, ainda mais pluralizado.

30 – D. Acento exigido pela regência verbal (*... se deveu a + a preocupação = à preocupação*). a) Não há crase diante de artigo indefinido. b) Não há crase diante desse pronome indefinido. c) Não há crase diante de verbo. e) *Os estudos dos efeitos dos jogos eletrônicos sobre os idosos vêm sendo realizados* ***há*** vários anos (indica tempo decorrido).

31 – CERTO. Autoexplicativa: *"... adequar os serviços a + as populações = às populações..."*.

32 – CERTO. *Bizu* de crase: se for possível substituir à por *ao*, há 99% de chance de a crase estar certa. Vejamos: *"a (preposição) + o (artigo) = ao gênero humano"/a (preposição) + a (artigo) = à espécie humana.*

33 – ERRADO. A expressão às voltas com é uma locução prepositiva de núcleo feminino. Caso obrigatório de crase.

34 – ERRADO. Em *não se impõem as mesmas renúncias*, a análise sintática é esta: *não se (OI) impõem (VTDI) as mesmas renúncias (OD).* Logo, não há a mínima chance de haver crase aqui.

35 – INCORRETA. Obviamente altera! Um pouquinho de análise sintática não faz mal a ninguém para acertar esta questão: *"A tradição se tornou um arquivo atemporal, ao qual a produção poética recorre para continuar..."*. Note que *a produção poética* é o sujeito do verbo *recorrer*. Sujeito não pode vir preposicionado, logo não pode ser craseado!

36 – B. Veja que o *a* antes da preposição *de* (enunciado) é um pronome demonstrativo, equivalendo a "aquela". Como o adjetivo semelhante exige a preposição *a*, ocorre a fusão, a crase: *"... uma média semelhante* àquela *de um casal de classe média..."*. O mesmo se dá em *"Esta cena corresponde à (= àquela) que presenciei ontem."*.

37 – C. I – Não há crase diante de pronome pessoal. II – "*... chegou à conclusão (de) que..."*. Inferimos que, na VUNESP, é preciso haver preposição explícita antes de oração objetiva indireta e antes de completiva nominal. III – Não há desvio algum de regência verbal, de fato.

38 – A. Questão maldosa. Parece que o primeiro *a* é só um artigo, pois parece que *angústia de imaginar que o homem pode estar só no universo* tem função de sujeito. Mas... basta olharmos com mais calma para ver que não é bem assim, não. Veja o trecho na ordem direta: "*A curiosidade humana soma-se* ***a*** + ***a*** = *à angústia de imaginar que o homem pode estar só no universo...*". O resto é mole! Não há crase diante de *tudo* — palavra masculina não rola! E, na última lacuna, o verbo *dar* (VTDI) exige a preposição *a* + *as teses* = *às teses*. Bingo!

39 – E. Na locução prepositiva *até a*, a crase é facultativa. Gostaria de realçar a letra D. Há uma polêmica muito grande entre os gramáticos sobre colocar crase na expressão à vista, por não haver a forma masculina "ao prazo". No entanto, a expressão à vista já se consolidou e figura em provas de concursos como correta (com crase!). O gramático Cegalla é taxativo: à vista e *à vista de* são acentuadas.

40 – E. O verbo *restringir-se* exige a preposição *a* + *a presença* = *à presença*. Simples assim.

41 – B. O substantivo *chegada* exige a *preposição a* + *aquela* = *àquela*. Nível *Teletubbie*!

42 – D. O verbo *aspirar (= almejar)* é VTI e exige a *preposição a* + *a notoriedade* = *à notoriedade*.

Capítulo 31

Gabarito

1 – C. Na primeira frase, comparam-se fatos. Na segunda e na terceira, a conjunção pode ser substituída por "visto que", "uma vez que", "já que", atestando seu valor causal. Na quarta, comparam-se fatos. Na quinta, a ideia é de conformidade; pode-se substituir a conjunção por "conforme".

2 – D. Para saber a classificação da oração, é preciso reconhecer o *se*. Tanto na frase do enunciado como na letra D, a oração iniciada por *se* pode ser substituída por **isso**, o que confirma que o *se* é uma conjunção integrante: *"... não sei* ***isso*** *(= se é esta toalha)."/"... gostaria de perguntar* ***isso*** *(=se ainda me considera seu amigo)"*. Nas demais opções, o *se* é uma conjunção condicional.

3 – B. Ambos os "ses" são conjunções condicionais, pois introduzem orações de sentido hipotético. Além disso, é possível reescrever os trechos em que aparecem assim: *"Tem paciência, caso sejam obscuros. Calma, caso te provoquem."*.

4 – B. Teste do *bizu*: *"O importante é* ***isso*** *(= que todos se convençam de que é preciso lutar)"*. Logo, o *que* é uma conjunção integrante. Nas demais opções, o *que* é um pronome relativo.

5 – C. *"Espero* ***isso*** *(= que você recupere logo a saúde)."*. a) Pronome relativo. b) Conjunção coordenativa explicativa. d) Partícula expletiva (realce).

6 – B. O primeiro *que* retoma *meu marido*. Para sabermos a função sintática do pronome relativo, basta substituirmo-lo pelo antecedente e reescrever a oração adjetiva: "*... meu marido... não pode de ti ouvir"* (Quem não pode ouvir (falar) de ti? Meu marido). Portanto o primeiro pronome relativo tem função de sujeito. O segundo *que* retoma *amizade*. Fazendo o mesmo *esquema*, temos a seguinte reescritura, em que desenvolvi a oração reduzida para facilitar sua visão: "... (ele (o marido)) sabe que eu te dedico a amizade..." (Eu te dedico o quê? A amizade). Logo, esse relativo tem função de objeto direto de *dedicar* (VTDI). Questão difícil.

7 – E. Substitua o pronome relativo *que* por *o(a/s) qual(is)*. Este é um bom *bizu* para saber se o *que* é um pronome relativo. Outro *bizu*, você já sabe, substitua a oração iniciada pelo *que* por **isso**. Se der, conjunção integrante na cabeça. Veja os *bizus* em ação: *"Outro aspecto* ***o qual****... leis* ***as quais*** *lhes deem... convém recordar* ***isso****... levantamento* ***do qual*** *resultou...*". Moleza!

8 – A. O primeiro *que* retoma *a agonia do caráter neoliberal*; trata-se de um pronome relativo. Troque por *a qual* e confira. O segundo *que* é uma conjunção subordinativa comparativa (veja a estrutura de comparativo de superioridade: "... mais... que...").

9 – I e II. Em ambas as opções, há erro na classificação. I – O *como* (= *conforme*) é uma conjunção subordinativa conformativa; indica, pois, conformidade e não comparação. II – Na ordem direta: *"Imaginar* ***isso*** *(= que há inflação no Brasil) é um erro."*. Assim, o *que* é uma conjunção integrante, não tem valor semântico de nada.

10 – B. *Bizus* em ação: *"À evidência imposta, a qual presume* ***isso*** *(= que a única forma aceitável de organização de uma sociedade é a regulação pelo mercado)..."*. Simples assim!

11 – C. O vocábulo *como* na frase do enunciado e na opção c) é uma clara conjunção subordinativa comparativa. a) Conjunção subordinativa comparativa. b) Conjunção subordinativa causal. d) Advérbio interrogativo de modo (em frase interrogativa direta). e) Advérbio interrogativo de modo (em frase interrogativa indireta).

12 – A afirmação está equivocada, pois não se pode dispensar é que da frase, logo não se trata de uma expressão expletiva. Na verdade, trata-se de um verbo de ligação

+ uma conjunção integrante: *"O que é importante notar aqui é **isso** (= que a oposição entre falar e escrever...)."*.

13 – E. Substituindo o *Se* por *Caso*, a frase fica assim: *"Caso não transmitamos uma ética robusta a eles, nosso DNA terá curta duração."*. Além disso, note que a oração iniciada por *Se* tem valor hipotético, próprio da condição. a) Conjunção integrante. b) Partícula apassivadora. c) Partícula de indeterminação do sujeito. d) Parte integrante do verbo.

14 – Afirmação equivocada. O *como* é uma preposição acidental que introduz um aposto. Já o *Como* equivale a "visto que", "já que", "uma vez que" etc., ou seja, é uma conjunção causal.

15 – D. Todos os "quês" do segmento do enunciado são conjunções integrantes. A única opção que traz uma conjunção integrante é a d): *"o fato é **isso** (= que não dá para evitar a constatação)"*. Nas demais opções, o vocábulo *que* é um pronome relativo.

16 – A. I – *Comparam-se aparelhos com o bluetooth*. II – *"Visto que, já que, dado que, uma vez que..."*. III – *"conforme eu ia dizendo..."*. Não dava para errar esta, hein!

17 – A. Nas ocorrências do enunciado e na letra a), o *como* tem valor conformativo. b) Causa. c) Modo. d) Comparação. e) Comparação.

18 – C. A ideia é de condição, hipótese, por isso há equivalência semântica entre *se* e *no caso de*.

19 – Ambas as afirmações são equivocadas. O *Se* é uma conjunção condicional e pode iniciar período, sem problemas. A expressão é que não é expletiva, trata-se de um verbo vicário seguido de uma conjunção subordinativa causal. Um verbo vicário é aquele que ocupa o lugar de outro para evitar sua repetição. Lê-se assim: *"Se faziam tudo aquilo, **faziam porque** não tinham casa."*.

20 – ERRADO. Não há a mínima possibilidade de o *se* indicar um sujeito indeterminado, pois o sujeito está explícito (*Os participantes*).

21 – B. *Bizus* em ação: *"É certo **isso** (= que a mudança...)."*: conjunção integrante. Entre o verbo *ter/haver* + infinitivo, o *que* é uma preposição acidental, equivalendo a "de": *"terão **de** abranger"*.

22 – D. Tanto na frase do enunciado quanto na da letra d), o *se* é uma conjunção integrante. Mais uma vez o *bizu* resolve: *"Outra discussão chata, durante e após as partidas, é **isso** (= se um jogador teve a intenção...)."/ "Não dá para o árbitro saber **isso** (= se a*

falta foi intencional ou não).". a) Parte integrante do verbo. b) Partícula apassivadora. c) Conjunção causal.

23 – A. Tanto na frase do enunciado quanto na da letra a), o *que* é um pronome relativo. *Bizu*: *"... baseados em estatísticas as quais* têm pouca ou nenhuma importância."/"... ambiente bélico *no qual se transformou o futebol*". Nas demais opções, o *que* é uma conjunção integrante.

24 – B. A essa hora, você já deve estar escaldado de tanto ver **pronome relativo** e **conjunção integrante**, não é? *Bizus* em ação, novamente: "*... uma ferramenta virtual **a qual** muitos adolescentes já dominam."/"está permitindo **isso** (= **que** alunos do ensino fundamental exerçam sua veia literária...).".*

25 – E. Na frase do enunciado e na letra e), o *como* é uma preposição acidental, equivale a "na qualidade de". a) Conjunção subordinativa conformativa. b) Conjunção subordinativa causal. c) Conjunção subordinativa comparativa. d) Advérbio interrogativo de modo.

26 – C. Na primeira frase, compara-se o tempo a um remédio. Na segunda frase, pode-se substituir o *como* por *visto que, já que* ou qualquer outra conjunção subordinativa causal.

27 – B. Autoexplicativa. *Bizu*: substitua o *Se* por *Caso*.

28 – C. *Bizu* da conjunção integrante: *decidiram em assembleia **isso** (= que esperariam).* Nos demais casos, o *que* é um pronome relativo.

29 – A. (1) *"Verdade é **isso** (= que* a ação...).". (2) Trata-se de um *que* expletivo, fazendo parte da construção expletiva *ser + que*: "*É por meio dela que se faz o cálculo..." = "Por meio dela se faz o cálculo...".* (3) *"... fora da vantagem a qual define a regra..."* (*bizu* do pronome relativo). Com os *bizus*, a gente já acertou várias questões, percebeu?

30 – A. O primeiro *Se* tem valor condicional: *"**Caso** o cinema esteja cheio, a gente senta..."*. O segundo *Se* não poderia iniciar o período, pois é um pronome oblíquo átono com valor de parte integrante do verbo.

31 – ERRADO. O *se* é apassivador: *"volume que se mantém" = "volume que é mantido"*.

32 – ERRADO. O primeiro *se* é apassivador (*Sempre se soube **isso.** = **Isso** sempre foi sabido.*). O segundo *se* também *(o problema é muito mais grave do que se supunha (o problema) = o problema é muito mais grave do que era suposto (o problema)).*

33 – ERRADO. O primeiro *se* pode ser interpretado como uma parte integrante do verbo ou como, mais comumente, uma partícula de indeterminação do sujeito. O segundo *se* é apassivador: *"... se encontravam centenas de milhares de rolos..."* = *"... centenas de milhares de rolos eram encontrados..."*.

34 – C. *Se* (conjunção condicional) = *Caso* + verbo no subjuntivo = hipótese = condição.

35 – C. *Se* (conjunção condicional) = *Caso* + verbo no subjuntivo = hipótese = condição. Fácil!

36 – D. Equivalente a "*Caso* o réu seja culpado... *Caso* o réu seja inocente...". Simples assim.

37 – C. Trata-se de um advérbio de modo.

38 – A. Equivalente a "Depressa, *porque* o amor não pode esperar". Sempre que vier um verbo no imperativo antes do *que* (= *porque*), não pestaneje, conjunção coordenativa explicativa!

39 – A. Equivalente a "*Conforme* as organizações ambientalistas têm denunciado...".

40 – E. O *que* da letra e) retoma o pronome demonstrativo *o* (= *aquilo*): *"[...] desejamos o (= aquilo) que* não temos". Em a), b) e d), use o *bizu* do **isso**, pois são conjunções integrantes. Na c), a conjunção é comparativa, numa estrutura de superioridade (... *mais do que*...).

Capítulo 32

Gabarito

1 – CERTO. Afirmação autoexplicativa.

2 – A. *Enterrar* significa literalmente "pôr sob a terra". No contexto, a palavra foi usada, por desconhecimento, no lugar de "cravar". Quando falamos que "embarcamos" no trem, também ocorre catacrese, pois não há palavra exata para entrar no trem, logo, por analogia, usamos "embarcar".

3 – Selecionei esta questão de propósito. Não confunda "anáfora", recurso coesivo, com "anáfora", figura de linguagem. Esta diz respeito à repetição de palavras no início de uma frase. Aquela diz respeito a palavras que retomam termos anteriores visando à não repetição. A afirmação está correta, mas nada tem que ver com figura de linguagem.

4 – E. Cortiço não é um ser humano para acordar, logo houve personificação, isto é, atribuição de característica humana a ser não humano.

5 – A. (1) Ocorre assonância, pois há repetição de vogais tônicas (*di, lin, vi, vin, mi, vi*). (2) Ocorre paranomásia, pois há vocábulos semelhantes na grafia e no som (*manhas, manhãs*). (3) Ocorre aliteração, pois há repetição de fonemas consonantais (*serenos sons amenos fogem fluidas).*

6 – E. Antes de mais nada, saiba que a **alegoria** é uma espécie de metáfora (na verdade é uma sucessão de metáforas) que visa, normalmente, dar uma lição moral. Cristo as usava muito nas parábolas. Agora vamos ao gabarito: (1) Ocorre eufemismo, pois *dormindo* e *deitados* dizem respeito à condição de morte. (2) Ocorre prosopopeia, pois humaniza-se uma cômoda (observe as inicias maiúsculas: Dona Cômoda), tratando-a como "senhora rica". (3) Ocorre antítese, pois há uma ideia clara de oposição (*gentios – fiéis; idólatras – cristãos*).

7 – B. Comparam-se seres de universos distintos (*obra – auto-retrato*). Só de curiosidade: segundo a nova reforma ortográfica, escreve-se "autorretrato".

8 – C. O barbarismo é um desvio gramatical. Veja como deveria ficar cada opção para se adaptar à norma culta: a) um telefonema, espontânea. b) vierem. d) intervier. e) dispuser, afrouxe.

9 – CORRETA. A anáfora, repetição da mesma palavra ou expressão no início de diferentes frases ou versos, é recorrente, de fato. Há a repetição da palavra *quantos* no início de cada uma das cinco frases presentes nesse trecho.

10 – E. Notas musicais não dormem, logo há uma personificação (ou prosopopeia).

11 – C. Palmeira não é ser humano para confiar, logo trata-se de uma personificação.

12 – A perífrase consiste em exprimir aquilo que poderia ser expresso por menor número de palavras, logo a afirmação procede, pois *"O mais renegado dos sete pecados capitais" = "ciúme"*.

13 – D. Fácil: *"... nada... tudo..."*. Se há antônimos, há antítese.

14 – B. Parte-se do geral (*tanto no resto do mundo*) para o particular (*como aqui bem perto, em cada esquina*), logo há gradação.

15 – D. Não foi a extensão territorial chamada Inglaterra (todo) que dominou os mares, mas sim os ingleses (parte). Exemplo clássico de metonímia.

16 – D. a) Desde meninos... os pais ou as crianças? b) Quem é perigoso... o filho ou o fogo? c) Evitar a criança ou a criança evitar ficar próxima do fogo? e) Pode dar a impressão de que colocaram a criança em cima do fogo.

17 – C. a) "... nos podemos arrepender... ou ... podemos arrepender-nos...". b) "... pediu para eu não deixar...". d) "Eu o abracei... quando o vi...". e) "Por que foste dizer que a gente não ia sair?"

18 – D. A ambiguidade é a seguinte: a informação foi recebida por volta das 21 horas ou a empresa seria vendida por volta das 21 horas?

19 – C. I – A metonímia consiste na troca de um termo no lugar de outro, havendo estreita ligação ou afinidade de sentidos: Brasil (todo), brasileiros (parte). II – A hipérbole é o exagero da ideia expressa, no entanto, o que se apresenta na frase é a ocorrência de prosopopeia "*cores que enganam o cérebro*"; cores não enganam, foi, portanto, atribuída uma característica humana à cor. III – Só se usa *"Por quê"* em fim de frase ou seguido de sinais de pontuação que indicam uma pausa.

20 – A afirmação procede, pois há uma elipse de um termo já mencionado antes, o que constitui um zeugma: *Desse valor, R$ 265 milhões são oriundos do Orçamento da União e R$ 36 milhões* ***são*** *referentes à arrecadação de multas previstas na legislação eleitoral.*

21 – CERTO. O paradoxo está em ver luzes acesas através de grossas portas, afinal como se vê luz acesa através de uma porta grossa? Isso é paradoxal. A sinestesia está em sentir (tato) luzes (visão).

22 – E. Percebe-se que a palavra *doar* assume sentido conotativo de ironia, porque a atitude de doação não pode depender de uma troca de favores, mas o contexto (político) mostra o contrário.

23 – D. O trecho diz que o subconsciente tem raízes subterrâneas, logo há uma comparação entre seres de universos distintos (partes do cérebro que guardam a memória profundamente são comparadas a raízes subterrâneas, profundas). Logo, ocorre metáfora clara.

24 – B. A personificação é constituída de uma atribuição de característica humana a um ser não humano. Dizer que a memória atira algo em algum lugar é personificar,

tornar a memória uma pessoa, afinal, são pessoas que podem atirar algo em algum lugar. Personificação clara!

25 – E. Prosopopeia (ou personificação) é uma figura que consiste na atribuição de sentimentos, psicologia e comportamento humanos a seres não humanos. Quem pode atormentar ou provocar angústia são seres humanos, logo a expressão *as tempestades de verão* é personificada para provocar este efeito de sentido.

26 – A. Comparam-se uma grande quantidade de informações a um *tsunami*. Ocorre metáfora.

27 – B. Há linguagem conotativa clara na ideia de *"a derrubada do Taleban debilitar (tirar ou perder o vigor físico) um grupo terrorista"*. Há personificação clara.

28 – A. Há um exagero explícito em *"gastando mais de cinco litros de saliva"*. Hipérbole clara!

29 – CORRETA. De fato, há uma suavização da ideia contida em *indesejáveis* por causa das aspas. É usado no lugar de *proibidos*, o que tornaria a informação mais contundente.

30 – CERTO. Afirmação autoexplicativa.

31 – E. Mais uma de metáfora... para variar. Compara-se instinto, experiência, razão a participantes.

32 – E. *Tirar para fora*, como *entrar para dentro*, é uma ideia redundante, ou um pleonasmo vicioso.

33 – B. I – *"quatro bocas"* (parte) = *"quatro pessoas"* (todo). II – *branca – escura; linda – medonha*. III – É um exagero dizer que há *"um mundo de ideias"* na cabeça. Está mais para metáfora hiperbólica. IV – Compara-se o coração a um campo minado.

34 – B. Não há comparação entre seres de universos semânticos distintos, logo não há metáfora.

Capítulo 33

Gabarito

1 – CERTO. Há função referencial, pois o objetivo do autor é informar um assunto. No entanto, há metalinguagem, pois em vários momentos o autor usa palavras para

explicar palavras. Não se pode negar que haja subjetividade, devido ao uso de advérbio e adjetivo modalizador, neste trecho: *"A situação do japonês é* ***particularmente curiosa****"*. Portanto, a afirmação da banca procede.

2 – A. No primeiro, usa-se a palavra para definir, explicar uma palavra. No segundo, fala-se diretamente com o leitor.

3 – B. Autoexplicativa.

4 – E. O objetivo do texto é informar.

5 – C. O objetivo do texto é informar.

6 – E. Como o modo verbal é o imperativo, a função da linguagem possui o intuito de influir no comportamento do interlocutor, por meio de ordem, pedido ou sugestão.

7 – C. A ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto, logo o objetivo do texto é informar.

8 – CERTO. A ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto, logo o objetivo do texto é informar.

9 – CERTO. Usa-se um discurso com nomenclatura gramatical para explicar o próprio discurso, logo há metalinguagem. A parte mais evidente é esta: "*... os adjetivos passam, e os substantivos ficam...*".

10 – A afirmação está equivocada porque o autor do texto incentiva o leitor a tomar uma atitude, logo trata-se de linguagem conotativa (observe o imperativo!).

11 – A afirmação está **CORRETA**, pois o código (a língua) é usado para explicar o próprio código.

12 – E. Trata-se da função referencial da linguagem porque a mensagem é centrada em seu referente e este é exterior à linguagem e ao processo de comunicação. O objetivo é informar sobre um assunto.

13 – B. O brasão é um desenho criado especificamente para identificar determinado grupo. Por isso, o objetivo é transmitir uma informação sobre um assunto, no caso a PM/MG.

14 – C. Perceba que os verbos estão no imperativo, com o objetivo de produzir um determinado efeito no receptor.

15 – CERTO. A função emotiva é marcada pelos verbos e pronomes de 1ª pessoa do singular/plural, e isso ocorre nestas passagens*: "Poucos depoimentos eu tenho lido.../ ... que já conheci em minha vida/ Eu acredito também nisso, e quando vejo aquilo em que creio refletido num depoimento como o de Oscar Niemeyer, velho e querido amigo, como não me emocionar?"*. A função poética está centrada na maneira como o discurso é construído, principalmente recheada de recursos estilísticos *(... o artigo poderá passar por uma defesa em causa própria – o revide normal de um pai que sai de sua mansidão costumeira para ir brigar por um filho em quem querem bater./... Oscar é não só o avesso do causídico/ Oscar não acredita em Papai do Céu, nem que estará um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso*).

16 – C. O próprio enunciado sugere que a função da linguagem é emotiva (ou expressiva), uma vez que a linguagem da autora se centra no EU. Note as marcas de 1ª pessoa, isso é primordial!

17 – D. Autoexplicativa.

18 – D. A função é poética, pois é, antes de tudo, uma poesia. O poeta se valeu de uma forma criativa para falar de um assunto sério.

19 – A. A função poética da linguagem é caracterizada pelo uso de recursos linguísticos com intuito estético, com o fito de obter efeitos criativos de expressão. Encontra-se também na canção a emotividade (sempre note as marcas de 1ª pessoa – verbos e pronomes) ou expressividade da linguagem, por meio do sofrimento amoroso do eu-lírico.

20 – ERRADO. A função fática não é definida da maneira como colocou a banca, e sim a poética. A função fática é centrada no próprio canal da comunicação e tem por objetivo estabelecer, ou manter aberta, sem interrupção, a comunicação entre o locutor e o destinatário, mas sem a transmissão de nenhuma mensagem importante, o que não ocorre no trecho.

21 – CERTO. Perfeito o comentário da banca! Autoexplicativo.

22 – ERRADO. Em "*que palavra horrível!*" há uma expressão de ponto de vista, por isso a linguagem é emotiva. Em *"Há quem diga que suas epístolas deram origem à Educação a Distância, já que ele difundia o cristianismo por meio de cartas para seus discípulos"*, há ape-

nas a informação sobre algo, logo a linguagem é referencial, calcada na transmissão ou explicação de algo. A afirmação da banca é uma "viagem" total.

23 – A. Note as formas de 1ª pessoa (verbos – *sou, sei, sinto, lembro* – e pronomes – *eu, eu, me, me, me*), logo a linguagem é centrada na perspectiva do emissor. Fácil.

24 – B. A função emotiva centra-se no emissor da mensagem. O texto é centrado nas ações e sensações do narrador da crônica, o que se pode notar no título do texto e no corpo do texto. Note as formas de 1ª pessoa. a) Metalinguística, e não emotiva. c) Conativa. d) Referencial. e) Fática.

25 – A afirmação não procede, pois o tempo todo o eu-lírico fala, poeticamente, sobre o que é a felicidade. Logo, a função da linguagem é poética. Só no finzinho do texto há função conativa: *"Fale baixo por favor."*.

26 – D. A metalinguagem é percebida quando o autor cria um texto para falar sobre a própria construção textual.

27 – E. O próprio enunciado acusa a metalinguagem, quando a define: *"evidencia-se uma centralidade no código linguístico"*.

Capítulo 34

Gabarito

1 – D. Como a concessão é uma ressalva, e ressalva é sinônimo de restrição, o operador *apesar de* (concessivo por natureza) apresenta tal valor semântico.

2 – A afirmação é perfeita, pois tal expressão modalizadora traça um ponto de vista ao que será dito, permitindo ao leitor direcionar sua compreensão.

3 – C. A exemplificação (2º período) é uma ilustração, um cenário, real ou não, daquilo que se está falando (1º período). Como já disse na teoria, não confunda explicação/explicitação/exemplificação.

4 – CERTO. A antítese é clara: *morto, vida; folha escrita, vazio a preencher.*

5 – A afirmação da alternativa não procede, pois tais operadores têm o papel se somar, adicionar, incluir (e não excluir) elementos.

6 – A afirmação procede porque, se *aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção*, isso significa que antes era o contrário disso, ou seja, constituía *o objeto preferido de nossa atenção*.

7 – A. Certos operadores argumentativos de retificação, como *ou melhor, melhor dizendo, quer dizer*, servem para retomar e reformular a informação anterior, assim como *Em outras palavras*.

8 – B. O texto é expositivo-argumentativo, pois apresenta características de dissertação expositiva, em que se explica um assunto de maneira objetiva, e de dissertação argumentativa, em que se apresentam argumentos para fundamentar uma tese.

9 – C. Não se trata de uma simples conclusão. O operador *afinal* sintetiza tudo o que se disse antes, ao introduzir uma conclusão.

10 – E. Há reiteradas passagens no texto com testemunho de autoridade, o que corrobora o gabarito. Basta ver as frases entre aspas e as citações de autoridades ao longo do texto.

11 – A afirmação está **CORRETA**, pois o verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo passa ao presente do subjuntivo (*adiasse – adie*) e o pretérito imperfeito do indicativo passa ao presente do indicativo (*estava – encontra-se*). Apesar do uso de sinônimos para a formação da reescritura em discurso direto, não há erro na transposição.

12 – B. Questão interessante, pois mistura transposição de discursos com voz verbal. O verbo no imperativo (discurso direto) fica no pretérito imperfeito do subjuntivo (discurso indireto): *Restaure-se* (voz passiva sintética) = *fosse restaurada* (voz passiva analítica); *nos locupletemos* = *locupletássemos*.

13 – B. Note que o primeiro parágrafo tem o propósito de expor um assunto de maneira clara e objetiva, apenas informando. O segundo e o terceiro já usam verbos no imperativo, e o autor se dirige a seu interlocutor em tom de instrução ou comando. Respectivamente, portanto, há exposição e injunção.

14 – C. Note que o enunciado da questão pede que a alternativa correta seja confirmada no texto. Então, deixemos que o texto apoie a assertiva adequada, que segue: *"Os efeitos do neoliberalismo no sistema produtivo são observados, a partir de 1980, tanto em países ricos quanto no terceiro mundo."*. Todo o primeiro parágrafo corrobora esta afirmação ao dizer que uma nova classe de pobres é resultado do progresso tecnológico e industrial, nos países ricos e pobres; em especial os trechos iniciais e finais nos informam isso, respectivamente: *"A década de 1980 foi o marco do surgimento de um*

novo ator social ***nos países ricos****: o novo-pobre (nouveau-pauvre).”* e *“Corolário (resultado) do desmoronamento do sistema de proteção social, em um quadro agravado pela* ***revolução tecnológica****... esse novo personagem vai materializar uma inesperada e imprevisível reprodução,* ***no mundo desenvolvido****, do problema da desigualdade social, tão comum* ***no terceiro mundo****.”.*

15 – E. De novo, observe o enunciado com calma. A banca quer que você perceba o que não é um fenômeno positivo, ou seja, o que é um fenômeno prejudicial, negativo. Toda e qualquer ação predatória típica do modelo de desenvolvimento de países ricos certamente seria algo prejudicial aos países do hemisfério sul, isto é, tais ações não são bem recebidas uma vez que tudo o que advém do norte é negativo (*“Com devoção e entusiasmo, o sul do mundo copia e multiplica os piores costumes do norte. E* ***do norte não recebe as virtudes, mas o pior****...”*). Sendo assim, não é positivo que o sul receba o modelo consumista, arbitrário, manipulador, impositivo, predatório do norte.

16 – D. A resposta da questão está no seguinte trecho: *“Depois de 20 anos de marcante crescimento global... nova reviravolta pendular foi deflagrada pela crise financeira de 2008, que fez ressurgir em muitos meios a crença no ‘Estado grande’”*. Claríssima corroboração do texto! A expressão *crença no ‘Estado Grande’* refere-se à crença no intervencionismo do Estado.

17 – CERTO. Dizer *“Não acredito”* é uma forma de posicionamento modalizador, pois indica o ponto de vista do autor. Logo, a afirmação da banca procede.

18 – CERTO. A afirmação, além de autoexplicativa, procede. Coloquei esta questão aqui para ilustrar mais um caso de estratégia discursiva.

19 – CERTO. A biografia é um texto que tem caráter informativo mais próximo da narração e da descrição, na medida em que se conta a história de vida de uma pessoa eminente na sociedade de maneira objetiva.

20 – CERTO. O emissor se detém a explicar a prática físico-militar (objetivo, origem etc.) e depois começa a abordar, segundo seu ponto de vista, os efeitos disso, fazendo-o com uma linguagem clara, objetiva, direta e sem que haja duplo sentido. Isso nos leva a caracterizar o texto como um texto informativo (dissertativo-expositivo) e de linguagem denotativa.

21 – B. Podemos dizer que o primeiro trecho é **narrativo** devido aos elementos da narração (narrador-personagem, noção de espaço e tempo e verbos no passado): *“Em 1954 (tempo), numa cidadezinha universitária dos Estados Unidos (espaço), vi (narrador-personagem/verbo no passado) ‘o maior circo do mundo’, que continua a ser o sucessor do*

velho Barnum & Bailey, velho conhecido dos meus primeiros dias de estudante nos Estados Unidos. Vi (narrador-personagem/verbo no passado) então, com olhos de adolescente ainda um tanto menino, maravilhas que só para os meninos têm plenitude de encanto.". Já o segundo trecho é **dissertativo-argumentativo** devido aos elementos próprios da dissertação argumentativa (verbo no presente do indicativo, tese, estratégia argumentativa): *"O gênio de organização dos anglo-americanos é (verbo no presente do indicativo) qualquer coisa de assombrar um latino (tese). Arma e desarma (verbos no presente do indicativo) um circo gigante como se armasse ou desarmasse um brinquedo de criança (estratégia argumentativa de comparação). E o que o faz (verbo no presente do indicativo) com os circos, faz (verbo no presente do indicativo) com os edifícios, as pontes, as usinas, as fábricas: uma vez planejadas, erguem-se (verbo no presente do indicativo) em pouco tempo do solo e tomam (verbo no presente do indicativo) como por mágica relevos monumentais (estratégia argumentativa de causa-efeito).".*

22 – A. Note as regras de transposição: o pretérito perfeito do indicativo vira pretérito mais-que-perfeito do indicativo (*parei – parara*) e o pronome mais próximo da 1ª pessoa (*isso*) passa a ter um distanciamento (*aquilo*).

23 – B. O texto em questão se configura como um texto dissertativo-expositivo (informativo), cuja estrutura, geralmente, apresenta, no primeiro parágrafo, os tópicos mais importantes que serão aprofundados e explicados nos parágrafos seguintes. Nesse caso, o primeiro aponta as informações mais relevantes, as quais são pormenorizadas ao longo do texto, sobre o projeto publicado no Diário Oficial (a assinatura de um acordo de cooperação entre o MPOG e o ITI, para que fosse utilizada documentação eletrônica em todos os trâmites de processos).

24 – C. Nesse caso, não tem nada a ver relacionar a finalidade do texto, que é "informar algo", à variedade popular e informal da língua. Muito pelo contrário, grande parte dos veículos de comunicação, inclusive os de massa, utiliza a variedade culta da língua. Cabe ressaltar que alguns jornais, por exemplo, utilizam-se da variedade mais informal, com o objetivo de, em alguns casos, aproximar-se de um público específico. Entretanto, isso não é uma regra para esse tipo de texto, vai depender da estratégia de comunicação de cada veículo.

25 – E. No primeiro parágrafo do texto, é informado ao leitor o acordo feito entre as duas entidades. Já no terceiro parágrafo, os detalhes de tal acordo são apresentados. Vamos rever um trechinho: *"O acordo, que tem duração de três anos, prevê a criação de normas, implantação de projeto piloto [...] Para divulgar o PNDProc, também estão previstas no termo de cooperação* ***a capacitação de servidores públicos*** *que atuam na área de documentação[...]".* Fica explícito, no trecho reproduzido, que a capacitação de mão de obra é uma das obrigações do ITI.

26 – A. A principal característica de um texto argumentativo é a presença de uma tese (ideia principal) que é defendida, pelo autor, por meio de argumentos. Segundo o autor do texto, o consumismo infantil é um problema grave que deve ser enfrentado por todos urgentemente. Essa tese é defendida ao longo do texto, por meio de argumentos fortes, alguns corroborados por dados de pesquisa.

27 – D. O conectivo *mas também* tem valor aditivo. No caso, está somando duas razões para as crianças serem alvos da mídia: 1) influenciam a compra dos pais, e 2) tendem a ser mais fiéis às marcas.

28 – C. Os artigos acadêmicos têm como finalidade apresentar um estudo. Assim, são textos de caráter expositivo, isto é, expõem o assunto abordado de maneira direta e objetiva. Portanto, não há intenção de realizarem-se grandes descrições. Não quer dizer que elas não possam aparecer – a descrição de uma experiência científica, por exemplo – mas jamais a descrição será a característica preponderante. Aprende-se muito com as demais opções, que apresentam características do gênero **artigo acadêmico**.

29 – A. O gênero "crônica" tem como uma de suas principais características o fato de o texto apresentar uma visão subjetiva de fatos cotidianos. Assim, por vezes, o ponto de vista do autor fica evidente. Nesse caso, Ivan Angelo coloca sua opinião negativa em relação ao hábito das pessoas de classes mais baixas adquirirem bens à prestação e, com isso, pagarem mais caro por ele. Perceba, no entanto, meu nobre, que isso é uma questão de opinião. Talvez para o autor seja mais "fácil e inteligente" guardar o dinheiro e pagar à vista. Mas, pensemos, será que as pessoas de classes mais baixas conseguem guardar dinheiro? Sim? Não? Viu? Outra questão de opinião. Essa é a sua característica. Uma opinião pode ser contraposta, contestada. Ao contrário do fato que, independentemente de as pessoas gostarem ou não, como o próprio nome diz, é um fato. Fica esperto!

30 – D. A estratégia da exemplificação é muito utilizada em textos argumentativos. A crônica jornalística, por expor um ponto de vista e defender uma ideia, também tem esse caráter. Sendo assim, o autor utilizou um caso da vida real para reforçar a opinião que já vinha sendo construída sobre a atitude de as pessoas de classes mais baixas contraírem dívidas com naturalidade e otimismo. Dessa forma, ele facilita o entendimento do leitor, no tocante à descrição dessa atitude, que vem logo em seguida, revelando suas motivações e consequências.

31 – E. A gradação é uma estratégia linguística que consiste em enumerar, apresentar ideias, colocadas de maneira crescente ou decrescente. Nesse caso, temos uma gra-

dação crescente em relação à caracterização da globalização. A cada especificação, os adjuntos adnominais de globalização tornam-se mais fortes, acentuando as dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores: *do olho da rua* (demissão), *do bico* (trabalho informal) e, por fim, *do dane-se* (ausência de qualquer ajuda ou respaldo).

32 – E. O gênero **carta** tem como elemento fundamental um destinatário explícito, geralmente, logo no início do texto. Entenda-se que por explícito não quero dizer possível de identificar a identidade, podem ser utilizadas as formas como "meu caro", "minha querida" etc. Na língua portuguesa, o item gramatical que faz referência ao destinatário de uma correspondência é o vocativo. Assim...

33 – C. No tocante ao ensino de religião pelas escolas públicas, o autor se mantém pragmático (como é dito na letra C), visto que valoriza os aspectos práticos e objetivos ao empregar argumentos de ordem jurídica e econômica, e não de ordem pessoal, subjetiva.

34 – E. Vamos começar entendendo por que estão erradas as afirmações I e II. Na I, diz-se que o autor, ao se declarar um cidadão ao mesmo tempo ateu e liberal, enaltece-se. Isso não corresponde à verdade, essas considerações são um posicionamento do autor perante o assunto em debate e não uma promoção de suas qualidades pessoais. A questão ainda afirma que o autor se vale, para isso, de exemplo da própria CNBB. Esta é citada por ser entusiasta do ensino religioso na rede pública, diferente do que pensa o autor. Na assertiva II, fala-se de falta de oportunidade para se acessarem mensagens religiosas. No entanto, desde o terceiro parágrafo, o autor externa que, para ele, há muita oportunidade para esse acesso: *"A minha impressão é a de que não faltam oportunidades para conhecer as mais diversas mensagens religiosas, onipresentes em rádios, TVs e também nas ruas."*. A única afirmação correta é a III (letra E), uma vez que expõe que o autor se mostra contrário ao ensino de religião nas escolas públicas. Nos últimos parágrafos, ele argumenta essa visão com algumas causas para isso, tais como: *"Creio que aqui vale a regra econômica, segundo a qual o Estado deve ficar fora das atividades de que o setor privado já dá conta"*, *"Outro ponto importante é o dos custos."*.

35 – D. A questão fala de INFERIR. Você se lembra desse termo? O que querem de você? Desejam que você deduza por meio de raciocínio, chegue a uma conclusão depois de ter lido algo no texto. Bom, veja o que o autor diz em: *"Não me parece que faça muito sentido gastar recursos com professores de religião, quando faltam os de matemática, português etc. Ao contrário do que se dá com a religião, é difícil aprender física na esquina."*. Com essa afirmação, deduzimos que as matérias tradicionais, ensinadas na escola, assumem, para o escritor, maior importância que a religião, pois esta *"não requer instrução tão especializada como a que exigem as ciências exatas"*, conforme dito na letra D.

36 – E. Lembra que eu disse que **descrição** é o tipo de texto em que se faz um retrato por escrito de um lugar, uma pessoa, um animal, um pensamento, um sentimento, uma sensação, um objeto, um movimento etc.? Então você também se lembra de que **narração** é o tipo de texto em que se conta um fato, fictício ou não, que ocorreu num determinado tempo e lugar, envolvendo certos personagens? Isso é o suficiente para você perceber as características dos trechos e marcar a resposta certa. Fácil!

Capítulo 35

Gabarito

1 – C. Os termos *isso, afinal de contas, além disso* e *em seguida* remetem a ideias anteriormente expostas, são elementos que apresentam valor anafórico (lembra?). Já o conectivo *que*, na frase da letra C, é uma conjunção integrante, a qual não remete a algo anteriormente citado, ela introduz, apenas, o complemento do verbo *saber*: "*que nada sei*".

2 – C. Uma questão bem simples se estudados os conectivos (conjunção, principalmente, é um elemento coesivo muito usado) e seus valores semânticos. *Quando* é uma conjunção tipicamente temporal. *Após*, enquanto advérbio ou preposição, alude à ideia de "depois", ou seja, um valor também de tempo. *Então* equivale a "assim", vocábulos muito empregados na conclusão de um texto para fechamento das ideias em debate. *A partir daí* é uma locução que expressa uma continuidade do tempo a partir de certo momento. Por último, a conjunção *mas* (= *porém*) expressa uma oposição ao que foi abordado anteriormente; trata-se de uma conjunção adversativa.

3 – A. Veja: *"É impossível colocar em série exata os fatos da infância porque há aqueles que já acontecem permanentes"* O pronome *aqueles* – no masculino plural – evita repetir o elemento anteriormente citado *fatos da infância* e, com este, estabelece a devida concordância. Na letra B, *afora* não se refere ao tempo atual, *d'agora*. Na letra C, *outros* não se refere ao substantivo *cargas* – nem com este concorda –, mas sim ao substantivo *fatos*, assim, alude a um termo posterior. Na letra E, o pronome *eles* se refere *aos miúdos fatos, incolores e quase sem som* que logo viram passado remoto.

4 – D. a) Vejamos o contexto: *"Acho que foi o Hemingway quem disse que olhava cada coisa à sua volta como se a* ***visse pela última vez.".*** O pronome pessoal oblíquo átono *a* substitui o termo *cada coisa*, ou simplesmente *coisa*, apresentado anteriormente no texto. Valor anafórico. b) Vejamos o contexto: *"Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver, você não vê. Sei de um profissional que passou 32 anos a fio pelo mesmo hall do prédio*

do seu escritório. Lá ***estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro****. Dava-lhe bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer.".* A palavra *Lá* é um advérbio pronominal de valor anafórico, pois substitui *hall do prédio.* É chamado de advérbio pronominal, pois sua função é semelhante à de um pronome, ou seja, substituir um substantivo. Não são só os pronomes que têm papel coesivo dentro do texto, como pôde ver. c) Vejamos o contexto*: "Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver, você não vê. Sei de um profissional que passou 32 anos a fio pelo mesmo hall do prédio do seu escritório. Lá estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro. Dava-lhe bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer.".* O pronome oblíquo *lhe* substitui o termo *profissional* apresentado anteriormente no texto (valor anafórico): *dava ao profissional bom-dia.* Quem dava bom-dia era o mesmo porteiro que passava ao profissional um recado ou uma correspondência. Isso fica claro no parágrafo posterior, em que se diz que o profissional nunca tinha visto o porteiro nem se dado conta da existência dele até o falecimento. d) Vejamos o contexto: *"Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado, o porteiro teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por sua* ***ausência.*** *O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem. Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos.".* O pronome possessivo *sua*, na expressão *sua ausência*, faz referência ao porteiro (valor anafórico): *pode ser também que ninguém desse pela ausência do porteiro (por mais que ele fosse ou estivesse em forma de uma girafa).* Veja que o pronome *sua* não pode se referir à girafa, pois é apresentada uma possibilidade de a girafa ser colocada no lugar do porteiro, logo a ausência seria do porteiro, e não da girafa. O que ocorre é apenas uma metáfora hiperbólica (comparação entre seres de universos distintos de modo exagerado) para indicar a desimportância do porteiro para o profissional. e) Vejamos o contexto: "*Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado, o porteiro teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por sua ausência. O hábito suja os olhos* ***e*** *lhes* ***baixa a voltagem.*** *Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos.*" O pronome *lhes* substitui a palavra *olhos* apresentada anteriormente no texto (valor anafórico): *"O hábito suja os olhos e baixa a voltagem dos olhos".* Ufa!

5 – E. Note que os elementos coesivos com valor de oposição, contraste, ressalva *mas* e *embora* são classificados, respectivamente, como conjunção adversativa e conjunção concessiva. Uma pode substituir a outra numa reescritura, por isso houve manutenção de sentido (tem a ver com coerência) e correta substituição de um conectivo por outro (tem a ver com coesão).

6 – B. Questão interessante de coesão. Observe de novo: *"As drogas medicinais ou 'drogas da virtude', prescritas pelos..."*. O vocábulo *prescritas* não se refere a duas espécies de drogas, pois *drogas da virtude* é o mesmo que *drogas medicinais* e vice-versa; são expressões sinônimas. Note que o *ou* que está entre drogas medicinais e drogas da virtude é o mesmo *ou* que estaria, por exemplo, entre "O Rei Pelé ou Edson Arantes do Nascimento". O objetivo deste conectivo não é marcar a diferença, mas sim reiterar. Portanto o particípio do verbo *prescrever* (*prescritas)* se flexiona em gênero e número concordando com *drogas* (que recebem o nome de "medicinais" ou "da virtude", o que dá no mesmo).

7 – C. Bastaria saber conectivos bem (conjunção e preposição)! a) *Há felicidade coletiva // **quando** são adequadamente observados os itens que tornam mais feliz a sociedade.* (**tempo**) b) *E a sociedade será mais feliz // **se** todos tiverem acesso aos básicos serviços públicos de saúde...* (**condição**) c) *A educação, a segurança, a saúde, o lazer, a moradia e outros mais são considerados direitos fundamentais de cunho social pela Constituição // exatamente **por** serem essenciais ao bem-estar da população no seu todo.* (**consequência**/**causa**; logo, se há uma causa, há uma consequência; neste caso, a causa vem esclarecida após a apresentação da consequência, de acordo com o pedido do enunciado) d) ... ***por** dizer a Constituição serem os direitos sociais essenciais à busca da felicidade, // se vai, então, forçar os entes públicos a garantir condições mínimas de vida ...* (neste caso, veio primeiro a **causa**, depois a **consequência**) e) *O povo pode ter intensa alegria, por exemplo, ao se ganhar a Copa do Mundo de Futebol, // **mas** não há felicidade coletiva, e sim bem-estar coletivo.* (**adversidade, oposição**)

8 – A. *Porém*, na letra A, é uma conjunção adversativa; denota, assim, uma ideia de oposição ao que foi afirmado anteriormente. *Melzinho na chupeta!*

9 – E. *Isso* é um pronome demonstrativo que recupera a citação anterior, portanto, é um elemento que apresenta um valor anafórico. Basta que você, com muita disposição, volte ao texto e perceba que se refere "ao fato de que é importante deixar um planeta melhor para as próximas gerações".

10 – C. No período em análise, o enunciador (a boneca) diz saber que a sua dona sente saudades suas. Poderíamos nos perguntar: "Por que ela diz que sabe?", "Qual é a causa que a leva a ter essa certeza?". Segundo ela, a certeza vem do fato de que ela também sente saudade de sua dona. Logo, *porque também sinto saudades suas* é a causa pela qual a boneca corrobora que sua dona sente saudades dela.

11 – C. Note que o período anterior encerra-se afirmando que, em dezembro, as pessoas pensam estar com maior poder aquisitivo. Essa afirmação é reiterada no

parágrafo seguinte. Porém, a expressão *A verdade é que* reformula a primeira ideia, acrescentando que esse *pensar estar rico* não se restringe a dezembro, isso já vem ocorrendo há algum tempo. A explicação dada pelo autor para constatar esse fato é que as pessoas vêm comprando com frequência. Logo, *vêm comprando* é o que explica o fato de as pessoas estarem se sentindo ricas. Assim, o melhor conectivo seria o *porque*, com o mesmo sentido de "pois".

12 – D. No primeiro trecho sublinhado, há a presença do verbo *defender*, um verbo com valor argumentativo, que é seguido de uma opinião – nesse caso, a opinião de Delfino Natal de Souza sobre a nova gestão de documentos. Após defender o novo procedimento, Delfino explicita (segundo trecho sublinhado) a maneira como a modernização ocorrerá. Note que o verbo *permitir*, nesse caso, assume um valor semântico semelhante a "possibilitar algo". Assim, o locutor transmite a ideia de um novo "modo" de gerir a documentação pública.

13 – E. Note que a expressão *Sem competitividade* corrobora o conteúdo do período anterior *"Incapaz de acompanhar o crescimento do mercado interno, a indústria de transformação perdeu espaço no Brasil para os concorrentes"*. Observe também que a expressão *essa indústria* desempenha importante papel coesivo, retomando *indústria de transformação*. Quanto às demais, note: a) Não há correção gramatical; veja como deveria ser: *"Por isso esse protecionismo é uma forma de compensar (...)"*. b) Esta opção apresenta um erro muito frequente em questões desse tipo: a **ausência de referencial anterior**. Ou seja, ocorre a apresentação de uma referência ainda não mencionada no texto. No trecho *"Esses investidores tomam dinheiro (...)"*, não é possível identificar/relacionar a que elemento textual anterior a expressão destacada se refere. c) Entre o último período do texto e o período desta opção, não deve haver uma relação de adição, mas sim de conclusão, por isso o uso de *Além disso* está equivocado, devendo ser substituído por "Portanto", "Por isso", "Por conseguinte" etc. Outro equívoco encontrado refere-se à forma pronominal *esses*, pois, novamente, não há referencial anterior citado no texto. Os vocábulos *empresários*, *administradores* e *governantes* foram citados posteriormente. d) O texto não nos transmite a informação de que houve "bom desempenho do Brasil", mas, sim, a de que ocorreu um "fraco desempenho brasileiro".

14 – C. A letra A já é excluída logo em 1, pois não se pode usar um artigo seguido de substantivo implícito *(o (ameaça) de que)* para referir-se a palavra feminina (*ameaça*), segundo as regras de concordância e consequente coesão. A letra E também é excluída, pois o uso do pronome indefinido/interrogativo *qual* provoca incoesão e incoerência no contexto em 1. Resta-nos, portanto, as opções B (*que*; conjunção integrante), C (*a de que*; artigo feminino seguido de substantivo implícito (*ameaça*) + preposição exigida pelo substantivo implícito (*ameaça*) + conjunção integrante) e D

(*que*; conjunção integrante). Em 2, o *do* da b) provoca incoerência, pois estabelece relação de posse e não de assunto, como se exige no contexto. Resta-nos a c) e a d), pois *a respeito do* e *sobre o* introduzem um termo com ideia de assunto. A estrutura *o que o* é correta no contexto, pois equivale a *aquilo que o*, sendo o *o* (= *aquilo*) um termo de valor catafórico, pois antecipa a oração em negrito: *"... **o** (= aquilo) que o Brasil tenta agora é **obter sinal verde para**..."*; logo aqui já ficamos com a letra c). Na letra d), a estrutura *que o* está equivocada, pois este *que* está incoeso, uma vez que não tem função de conjunção integrante tampouco de pronome relativo. Do mais, *para que* (introduz ideia de finalidade), *qual* (pronome indefinido/interrogativo) e *mas* (conjunção adversativa) servem de elementos coesivos adequados ao contexto.

15 – E. Neste tipo de questão, perceba a relação entre o segmento a ser acrescido no trecho e o parágrafo seguinte e a relação entre o segmento a ser acrescido no trecho e o parágrafo anterior. Note que, no primeiro parágrafo, foi citado o segmento *uma atuação conjunta, em bloco*. Já no terceiro parágrafo do texto, há coesão referencial a uma "instituição", ou seja, é necessário que haja um referencial anterior no texto. Este é o foco! É preciso marcar a opção que diz respeito a uma "instituição", ok? Analisando as opções, percebemos que apenas a letra E apresenta os elementos de coesão necessários e menciona uma espécie de "instituição", qual seja, *banco de desenvolvimento*, sendo exemplificado com o "Bird" e o "FMI". Quanto às demais, veja os problemas: a) A China não é uma instituição, além disso, no terceiro parágrafo se diz *"A instituição permitiria aos países..."*, sendo um desses países (mencionados no primeiro parágrafo) a China, logo ela não pode ser uma instituição e um desses países ao mesmo tempo. b) Não se esclarece que "instituição" é. c) Idem à opção a). d) Não se esclarece que "instituição" é.

16 – B. Essas questões da ESAF podem ser respondidas mais rapidamente pelos erros gramaticais, por isso já se descarta a a) pelo erro de ortografia "conssessão" (o certo é *concessão*). Em d), deveria ser *respondem*, erro de concordância. Em e), há um erro de pontuação *("No entender dos analistas,..."*. Ficamos entre a b) e a c). Veja o finzinho do excerto: *"Preocupado com a falta de vigor da economia, o governo determinou que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal reduzissem as suas taxas."* A b) diz *"Essa e outras medidas"*. Essa qual? O governo ter determinado que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal <u>reduzissem as suas taxas</u>. Logo, a "redução de taxas" é (Essa) medida, que, inclusive, mantém coerência com a expressão, ainda na opção b), *aquecer de novo a economia*, isto é, reduz-se taxas = aquece-se a economia. O erro da c) está em dizer *essas medidas*, mas só há uma.

17 – B. Colocar em ordem, ou seja, na sequência certa (coesa e coerente), é fácil. Basta perceber a relação entre as partes. Esse tipo de questão se faz por eliminação

percebendo os elementos coesivos. Note que o primeiro trecho começa com *Nesse estudo*. É óbvio que não se pode iniciar o texto com um pronome demonstrativo de valor anafórico, logo já sabemos que este não é o (1). O **2º trecho** se parece com uma tese em relação às outras opções que se iniciam com elementos coesivos de retomada, a saber: **1º trecho**: *"Nesse estudo"* (retoma o estudo do trecho, que é a tese do texto, *"Pesquisadores examinaram dados de cem cidades em 33 países, em busca de pistas sobre quais metrópoles seriam as maiores poluidoras e por que, de acordo com estudo publicado na revista especializada 'Environment and Urbanization'.*); **3º trecho**: *Isso* (retoma o conteúdo de *"Nesse estudo, enquanto cidades do mundo todo foram apontadas como culpadas por cerca de 71% das emissões causadoras do efeito estufa, cidadãos urbanos que substituíram os carros por transporte público ajudaram a diminuir as emissões per capita em algumas cidades.*"); **4º trecho**: *Por fim* (valor conclusivo; retoma tudo o que se disse); **5º trecho**: *O estudo* (retoma o conteúdo de *"Isso reflete a grande dependência de combustíveis fósseis para a produção de eletricidade, uma base industrial significante em muitas cidades e uma população rural relativamente grande e pobre", informa o estudo.*"). Sendo assim, ordenando o texto, ou seja, colocando-o em uma sequência coesa e coerente, temos: *"**(1)** Pesquisadores examinaram dados de cem cidades em 33 países, em busca de pistas sobre quais metrópoles seriam as maiores poluidoras e por que, de acordo com estudo publicado na revista especializada "Environment and Urbanization". **(2)** Nesse estudo, enquanto cidades do mundo todo foram apontadas como culpadas por cerca de 71% das emissões causadoras do efeito estufa, cidadãos urbanos que substituíram os carros por transporte público ajudaram a diminuir as emissões per capita em algumas cidades. **(3)** "Isso reflete a grande dependência de combustíveis fósseis para a produção de eletricidade, uma base industrial significante em muitas cidades e uma população rural relativamente grande e pobre", informa o estudo. **(4)** O estudo também aponta outras tendências, como as cidades de climas frios terem emissões maiores, e países pobres e de renda média terem emissões per capita inferiores aos países desenvolvidos. **(5)** Por fim, quando os pesquisadores olharam as cidades asiáticas, latino-americanas e africanas, descobriram emissões menores por pessoa. A maior parte das cidades na África,* Ásia e América Latina tem emissões inferiores por pessoa. O desafio para elas é manter essas emissões baixas, apesar do crescimento de suas economias."

18 – B. Se ele permaneceu monarquista, é porque ele julgou esta opção melhor que pender para o lado republicano, logo, naquele momento, o regime republicano não era a melhor opção, o que corrobora o trecho *viria a prejudicar e não a favorecer.*

19 – B. A relação de sentido entre o fragmento da opção certa e o contexto é de condição, logo todas as opções são possíveis, exceto a que se inicia por uma locução prepositiva concessiva (*Apesar de*), daí a incoerência.

20 – A. Note que o substantivo *estímulo* no trecho da letra a) retoma por nominalização o verbo *estimular* e o conteúdo semântico do sujeito dele, mantendo, assim, adequada relação coesiva. Veja: *"A manutenção do emprego, a elevação do salário real, a rápida expansão do crédito e a redução de impostos para alguns setores estimularam o consumo, mas a produção manufatureira foi incapaz de acompanhar a demanda interna. Parte desse estímulo foi aproveitada por produtores estrangeiros bem mais preparados para disputar espaço nos mercados. O recuo da atividade industrial brasileira reflete, entre outros fatores, o aumento das importações e a deterioração do saldo comercial."* Veja os problemas das demais opções: b) Nada se fala no excerto sobre *pequena reação de maio para junho*. c) Não há presença de concorrentes, o texto não cita nada disso. d) Nada se fala sobre *esse período de 12 meses* no excerto, logo a retomada é incoerente. e) O excerto demonstra preocupação e retração, logo essa continuação proposta não procede.

21 – ERRADO. A expressão *desse trabalho* é um recurso de coesão que retoma *pesquisa*, por expansão lexical.

22 – B. O vocábulo *senão* tem valor aditivo, por isso equivale a "mas (também) sim".

23 – A. Entre a primeira frase e a terceira, há uma relação de causa e consequência bem marcada pela conjunção *pois*, que estabelece a coesão adequada, produzindo um texto coerente. A segunda frase traz apenas uma característica do invejoso. Veja as demais, já reescritas: b) Com a expectativa na qual o término da felicidade do outro lhe traz (**traga**) felicidade, o invejoso age também pelo ódio e procura destruí-la. c) Por acreditar que o término da felicidade alheia lhe trará felicidade, o invejoso procura destruí-la, agindo, também, pelo ódio. d) O invejoso, o qual age movido também pelo ódio, procura destruir a felicidade alheia, nutrindo a expectativa de que o término dela lhe traga felicidade. e) Como nutre a expectativa de que o término da felicidade alheia lhe traga felicidade, o invejoso procura destruir a felicidade alheia, agindo também pelo ódio.

24 – A. Pelo nosso conhecimento de mundo, *cartolas* é sinônimo de *dirigentes*. Simples assim!

25 – B. O contexto indica que o pronome *las* retoma *sensações*, que, segundo o próprio contexto, "são mais nossas do que a própria vida". Isto é, há sensações que são sentidas só de serem imaginadas.

26 – A afirmação procede, pois o que irritou Palas Atena foi Aglauros ter pedido dinheiro em troca de favor. O que corrobora isso é este trecho: "*Palas Atena... já detestava a jovem porque esta a espionara em outra ocasião. Não admitia que a mortal fosse*

recompensada por outro deus." Quanto ao pronome *a*, de fato retoma Palas Atena, pois é esta que fora espiada por Aglauros em outra ocasião.

27 – A afirmação procede. Substitua e veja: *quem sabe das dificuldades que Clarice enfrentou vê com alegria o reconhecimento que seu nome alcança e a irradiação de Clarice pelo mundo* OU *quem sabe das dificuldades que Clarice enfrentou vê com alegria o reconhecimento que seu nome alcança e a irradiação dele (do nome) pelo mundo.*

28 – CERTO. O canadense Harold Hackett que o diga, ou seja, O canadense Harold Hackett que diga isto: "Na era das redes sociais, algumas formas de comunicação arcaicas ainda dão resultado". A expressão *que o diga* equivale a "atestar". Isto é, o homem atestou que, mesmo na era das redes sociais, algumas formas de comunicação arcaicas ainda dão resultado.

29 – CERTO. Substitua e ateste: "O seu método é simples. Harold utiliza garrafas de suco de laranja e se certifica de que as mensagens estão com data. Antes de enviar as garrafas, checa o sentido dos ventos... (...)" OU "O seu método é simples. Harold utiliza garrafas de suco de laranja e se certifica de que as mensagens estão com data. Antes de enviar as mensagens, checa o sentido dos ventos... (...)"

30 – CERTO. O único referente no período anterior a *Elas* que está no feminino plural é *demandas*. Além disso, o próprio direcionamento argumentativo nos leva a ver como referente de *Elas*, o substantivo *demandas*. Por último, veja a substituição: "**As demandas** requerem que o Estado atente também para a qualificação de uma força de trabalho...". Agora *fechou o caixão*!

31 – C. Mero conhecimento de coesão sequencial, que depende do conhecimento de conjunção. Ambos os conectores têm valor semântico concessivo, por isso a substituição é adequada.

32 – A. O que possibilita uma vida cada vez melhor para as pessoas? Os avanços dos aparelhos eletrônicos sofisticados, que são capazes de fazer um diagnóstico apurado, passando informações importantes sobre o paciente. Logo, *nesta área* tem como referente *aparelhos eletrônicos*.

33 – A. Além da noção temporal, há um valor de causa e consequência embutido na expressão conectora *a partir daí*, por isso cabe a substituição por *em consequência*.

34 – A. O pronome *nossas* tem valor dêitico (ou díctico), isto é, refere-se a algo fora do texto, no caso o autor e seus leitores. Nas demais opções, os termos coesivos têm valor anafórico, pois substituem termos anteriormente mencionados. b) Retoma

restaurantes. c) Retoma todo o período anterior. d) Retoma programa. e) Retoma proposta.

35 – D. Pelo nosso conhecimento de mundo, a questão é resolvida facilmente, pois CPMF = imposto do cheque.

36 – E. Ambos os elementos têm valor conformativo, introduzindo um argumento opinativo.

37 – B. *Por exemplo* introduz um argumento de exemplificação; *ou seja*, de explicação.

38 – C. Por eliminação, encontramos a resposta: a) Repetição de parte do nome. b) Informações a respeito do casamento no Brasil colônia. d) Brasil colônia. e) 1815.

39 – E. Autoexplicativa. Sobre as demais: a) O pronome *lhes*, utilizado em *exige-lhes*, faz referência a *instituições governamentais*. b) O pronome *o*, em *critica-o*, faz referência a *governo*. c) A palavra *nos*, em *Zilda Arns nos deixa*, é um pronome. d) A palavra *pelo*, em *eventos convocados pelo governo*, é uma contração de preposição + artigo.

40 – A afirmação procede e é autoexplicativa.

41 – B. O contexto mostra que o personagem viu pitangas e começou a colhê-las. Em seguida, um outro personagem passa e diz "Eu sempre quis fazer isso". Logo, deduz-se que *isso* refere-se a *colher pitangas*.

42 – D. *Contra* tem valor negativo e *ao encontro de* tem valor positivo.

Capítulo 36

Gabarito

1 – B. O único caso em que o verbo *ter* é coloquial é quando tem sentido de "existir". Por isso, a norma culta sugere que se use o verbo *haver*: *"Há coisas que não se explicam: a dor do exílio é uma delas."*

2 – B. Pelo visto, a FCC considera que a preposição pode ficar implícita antes de orações subordinadas substantivas objetivas indiretas *(Ela sempre duvidou (de) que...)*. Quanto ao pronome demonstrativo *o (= isso)*, em *"ele o fez"*, *ele* tem valor anafórico e está acompanhado de um verbo vicário (*fazer*). A crase em à qual está correta por causa da regência de *devia*. A expressão *de sua trajetória artística* é um adjunto adverbial de causa. Em suma, não há erro algum na opção b), por isso é o gabarito. Veja as

demais já corrigidas: a) Na seção em que passou a trabalhar, o cenário (núcleo do sujeito) de intrigas e favorecimentos vários o incomoda e quase o enlouquece, pois lhe parece (verbo no singular; concordância) infernal. c) É o relato de um passeio que o pretenso adivinho (ortografia) fez com dois amigos, os quais (concordância), no momento em que passavam por uma ponte, o céu cobriu-se de nuvens negras. d) Não há dúvidas de que se tem (colocação pronominal e concordância) um avanço tecnológico e científico nessa área, mas os professores e alunos até chegam a temer esse mundo que os cerca (concordância). e) São muitas as entidades que militam nesse âmbito para as quais (concordância) prestei assessoria, mas não tenho a presunção de ter conquistado algum prestígio em alguma delas.

3 – E. A forma adequada à língua culta é *Em último caso*, quando equivale a "em último recurso".

4 – A. Por eliminação: b) micro-organismo; c) sintomas; d) quadros; e) prescrever.

5 – B. A locução conjuntiva comparativa *que nem* é considerada coloquial pela maior parte dos gramáticos. Outra conjunção comparativa considerada coloquial é "feito": *Ele fala feito papagaio.*

6 – E. A regência do verbo lembrar, VTD, não está de acordo com a norma culta. A frase deveria estar assim: *Mas sei do que se lembra.* O verbo *lembrar-se* é VTI e exige a preposição *de.*

7 – D. O uso da interjeição *Puxa* e do substantivo *gente* são próprios da linguagem coloquial.

8 – B. Por eliminação: a) bola rolando (jogo em andamento); c) louco (linguagem figurada), canalha (linguagem de baixo calão, chula), quebrar (linguagem figurada); d) soltar o braço (linguagem figurada). A linguagem figurada em si não é marca de coloquialismo, mas tais usos (da questão) são clichês próprios da informalidade.

9 – A. Para resolver questões desse tipo, é preciso encontrar os desvios gramaticais nas alternativas. A que não apresentar nenhum desvio estará de acordo com a norma culta, ou "redigida corretamente". Vejamos as opções corrigidas: b) O verbo **contrapor** é derivado do verbo pôr, portanto a conjugação é idêntica. No futuro do subjuntivo, então, a conjugação acertada é esta: *"... se se contrapuserem..."*. Há também problema na concordância verbal do verbo **ser**, em *"... provas convincentes, que... não é garantia..."*; deveria ser: *"... provas convincentes, que... não **são** garantia..."*. Lembra-se dessa regra? O verbo concorda com o antecedente do pronome relativo. Para fechar, o verbo

sortir não está adequado neste contexto, uma vez que significa "abastecer", "prover", "misturar" etc. O certo seria "surtir", que significa "acarretar", "provocar". c) Há um problema de conjugação verbal do verbo *convir* (derivado de *vir*). Como ele está no futuro do subjuntivo, conjuga-se igual a "vir". Portanto: *"... será aceito por meu cliente se lhe* ***convier****..."*. d) Há dois problemas de ortografia (*argúo* e *ascenção*). Tais palavras são escritas assim: ***arguo*** (1ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo arguir) e ***ascensão***. Como *arguo* é palavra paroxítona terminada em **-o**, não recebe acento gráfico. Não se usa ç em *ascensão*, pois quando há **-nd** no radical do verbo de onde se deriva o substantivo, usa-se **s** na escrita desse nome (*ascender* > *ascensão* > ascensorista...). e) O verbo incendiar faz parte daquele grupo de verbos terminados em **–iar** (lembra-se do MARIO?). *Mediar, ansiar, remediar, incendiar/intermediar, odiar.* A conjugação destes verbos segue o modelo da conjugação do verbo *odiar*. Portanto, se ele "odeia", ele "incendeia". Visando à correção gramatical, o texto deveria ter iniciado assim: *"Ele incendeia..."*. Sobre a forma verbal "freiar", saiba que ela não existe, é "frear" a correta grafia.

10 – B. Analisemos uma por uma: a) Em *"... deviam ter havido mais de dez chamadas..."*, há um desvio de concordância, uma vez que o verbo auxiliar deveria estar no singular, pois faz parte de uma locução em que o verbo *haver* tem sentido de "existir". Quando isso ocorre, a impessoalidade do verbo *haver* passa a todos os verbos da locução verbal. Portanto, todos ficam na 3ª pessoa do singular obrigatoriamente. Outro desvio claro é o uso de *aonde*. Tal expressão só é acertada quando há um verbo ou um nome exigindo a preposição *a*, que se junta ao advérbio *onde* formando a expressão *aonde*. Não é o caso no contexto; deveria ser apenas *onde*. c) Há um desvio de concordância verbal em *"... o desempenho de todos eles* ***decaírem*** *intensa e irreversivelmente."*, pois o verbo deve concordar em número com o núcleo do sujeito (desempenho). Portanto, o adequado à norma culta é: *"o desempenho de todos eles* ***decair*** *intensa e irreversivelmente."* d) Novamente há problemas de concordância (verbal e nominal) neste texto. Veja a reescrita com correção: *"... são realmente confiáveis... os números que indicam..."* e) Melhor seria usar a expressão de valor causal *Haja vista* e não o particípio isolado *Visto*, que, inclusive, não concorda em número e pessoa com o seu sujeito *a oportunidade...*; deveria ser *Vista*. Além disso, há um problema de colocação pronominal: *... os legisladores não convenceram-se da necessidade..."*. Deveria ser: *"... os legisladores não* ***se*** *convenceram da necessidade..."*, pois o advérbio de negação (não) atrai o pronome oblíquo átono (se), ficando este antes do verbo (próclise). Não satisfeito, o cara que escreveu este texto cometeu outro desvio: "... da necessidade de ver postergado, no último momento, as datas das primeiras reuniões setoriais.". Há um erro de concordância nominal, pois o adjetivo *postergado* está ligado a *as datas das primeiras reuniões setoriais*. Sendo assim, o texto deveria ser reescrito assim para que houvesse correção

gramatical: *"da necessidade de ver postergadas, no último momento, as datas das primeiras reuniões setoriais"*.

11 – C. Vejamos as que devem ser corrigidas: a) O ideal seria *Nesta época*, pois remete ao tempo presente do falante. Nada justifica o uso da conjunção *e*. Quem transforma algo... transforma algo **em**... Portanto, a reescritura deveria ser: *"Nesta época do ano, as enchentes, mais do que previsíveis, como todos o sabem, transformam a cidade* ***em*** *uma paisagem horrenda."*. b) Falta vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado *por si só*. Há falta de clareza, pois não se sabe se o sujeito do verbo *teme* é *isso* ou *a sociedade*. Se eu digo que o sujeito é *isso*, queremos dizer que *o fato de a atividade docente exercer liderança nata* (retomada pelo *isso*) teme a sociedade, isto é, causa temor na sociedade. Por outro lado, se *a sociedade* for o sujeito, queremos dizer que *a sociedade* tem medo da ideia de a atividade docente exercer liderança nata, em que *isso* passaria a ser o objeto direto. Deveria estar assim reescrita: A atividade docente, por si só, já exerce uma função de liderança nata, e é isso que às vezes a sociedade teme, pois nem todos os mestres primam por ética. d) A palavra *prevens*ão está escrita errada, deveria ser *prevenção*. O sufixo **-ção** é formador de substantivos abstratos. Prevenção é o ato de prevenir. e) Desvio de concordância. Se o sujeito é composto anteposto ao verbo, este deve ficar no plural. Veja a correção: *"Minha expressão de compromisso para com meus pares* ***e*** *o órgão a que passarei a pertencer* ***hão*** *de ser* ***demonstrados*** *a cada passo de minha atuação, pela qual sempre zelarei, como venho demonstrando por anos consecutivos."*.

12 – E. Vejamos as alternativas comentadas: a) O verbo *intervir* é derivado do verbo *vir*, logo a conjugação é igual. Uma vez que esse verbo está no pretérito imperfeito do indicativo no contexto, deveria estar escrito assim: *"A mãe sempre intervinha nas discussões..."*. b) Há um problema de ortografia: não é *recaptulava*, mas *recapitulava*, do verbo *recapitular*, derivado de *capítulo*. O outro problema polêmico está neste trecho: *"... a ponto dos colegas pedirem..."*. Alguns gramáticos dizem que não pode haver contração antes de sujeito no infinitivo, outros dizem que não há problema algum. Se olharmos de um ponto de vista ortodoxo, diríamos que há um erro, pois, se não há contração, deveria estar redigido assim o trecho: *"... a ponto de os colegas pedirem..."*. E é assim que vê a FCC, ortodoxamente. c) Falta vírgula para separar a oração subordinada adverbial deslocada. A forma verbal *obstrói* não existe, mas sim *obstrui*. A reescrita certa é esta: Nesse processo de conscientização, são importantes o reconhecimento e respeito às diferenças, e, como ele não as exercita, só obstrui o crescimento do grupo. d) O verbo *advir* é derivado do verbo *vir*, portanto a conjugação é idêntica. Deveria ser, como está no pretérito imperfeito do subjuntivo, assim: *"Se muitas perdas* ***adviessem****..."*.

13 – D. Vejamos os comentários: a) *Descriminatória* não! O certo é *discriminatória*. Muitos se confundem com essas duas palavras por serem parônimas, ou seja, palavras parecidas na pronúncia e na grafia. Só que, normalmente, se usa descriminar significando "inocentar", "absolver"; já *discriminar* significa "diferenciar", "distinguir" (no contexto tem a ver com racismo). b) A forma verbal *obtem* segue a regra das oxítonas terminadas em **-em**, logo deve ser acentuada: *obtém*. Se estivesse no plural, receberia acento circunflexo, pois é derivada do verbo *ter*: *ele obtém, eles obtêm*. Além disso, *expúrios* é forma não existente na língua, o correto é *espúrios*. c) Segundo as regras de plural dos substantivos compostos, quando um substantivo é formado por numeral + substantivo, ambos variam, logo a forma acertada é *sextas-feiras*. e) O adjetivo *institucionais* está errado, pois ele deve concordar em número com o substantivo *ordem*, ficando no singular: *"... ordem **institucional**..."*.

14 – C. Comentando... a) *A fotografia* é o sujeito do verbo *ombrear*, logo ele deve ficar no singular, concordando em número com o sujeito: *"Apesar de se ombrear com outras artes plásticas, a fotografia..."* b) A forma verbal *imagine* deveria concordar em número com o sujeito *os tempos*, ficando assim: *"... nem se imaginem os tempos..."*. Além disso, o verbo suscitar não exige preposição *a* de modo que ela tenha de aparecer antes do pronome relativo. Portanto, o trecho corrigido é este: *"... nem se imaginem os tempos que suscitarão essa imagem..."*. d) *Tal* deve ficar no plural para concordar com *as experiências físicas de uma fotografia*. Deveria também haver um hífen ligando o pronome oblíquo átono ao verbo auxiliar: *podem-se inocular*. Muitos gramáticos modernos, entretanto, já aceitam a ausência do hífen. Reescrevendo o texto, temos: As experiências físicas de uma fotografia, tais como ocorrem nos espelhos da Alice, podem-se inocular em planos temporais. e) Deveria ser *implicações* para evitar a ambiguidade de *implicâncias*.

15 – B. Há falha estrutural neste excerto: *"Embora haja quem aposte no critério único de julgamento, para se promover a igualdade, visto que desconsideram o risco do contrário."*. Já ouviu falar em **truncamento sintático**? Bem, é exatamente isso que está ocorrendo neste excerto. O truncamento sintático ocorre quando a estrutura sintática parece uma colcha de retalhos, de modo que fica difícil analisar um período, pois ele está cheio de falhas, "buracos" dentro de sua construção, como se as partes não estivessem conectadas ou como se faltasse algo. Observe que no período da letra B (o gabarito!) não há oração principal. De modo que há um corte (truncamento) na estrutura sintática, ficando ela incompleta.

16 – E. Vejamos uma por uma (já corrigidas). a) *No memorial do professor, está registrado que ingressou na universidade em idade inferior à determinada pela lei.* (Vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado; quem ingressa, ingressa em.) b) *O fato de que o acusado se recusa a dar detalhes é o que mais pesará na decisão dos jurados.* (Faltou a preposição *de*

exigida pelo nome *fato*.) c) *O movimento a que me filiei nos anos 70 foi grandemente responsável pela renovação da pintura no Brasil.* (Quem se filia, se filia a, logo a preposição fica antes do pronome relativo obrigatoriamente.) d) *Esta é, enfim, a parca remuneração com a qual arco totalmente com as despesas da casa.* (Eu arco totalmente com as despesas da casa **com** a parca remuneração.)

17 – D. Vejamos uma por uma (já corrigidas). a) *Quaisquer que sejam os motivos alegados pela comissão para justificar o atraso, devem-lhe ser repassadas as anotações acerca dos itens em que houve perda do prazo de entrega anteriormente acordado.* (Plural de *qualquer*: *quaisquer*; não se usa pronome oblíquo após pausa, a não ser que seja por causa de uma intercalação, o que não é o caso.) b) *Demos a eles a notícia de que mais almejam e passeemos nosso olhar sobre seus semblantes: o que veremos surpreenderá, pois será muito mais do que alguém possa supor.* (Preposição *de* exigida por *notícia*; *passear*, na 1ª pessoa do plural do imperativo afirmativo, vem da 1ª pessoa do plural do presente do subjuntivo, logo *passeemos*.) c) *O empreiteiro jura que reconstrói a laje danificada em poucos dias, mas existem, na avaliação do engenheiro e do arquiteto, sérias dúvidas quanto à possibilidade de isso ser possível.* (Usa-se **i** em verbos terminados em **-uir**; além disso, observe a concordância: existem...(verbo) dúvidas... (núcleo do sujeito).) e) *Registra-se em livros de história que aqueles artesãos eram bastante hábeis com as ferramentas que eles mesmos produziam, o que lhes garantiu a fama de burilar com criatividade qualquer tipo de material.* (*Registra-se* tem sujeito oracional, logo fica na 3ª pessoa do singular; *mesmo* varia normalmente quando é um pronome demonstrativo.)

18 – E. Vejamos uma por uma (já corrigidas): a) *Tudo que fizeram a fim de angariar a simpatia do diretor pela proposta não deu bons frutos, por isso não lhes restou, conforme estavam todos de acordo, outra ideia a não ser agregar valor ao projeto inicial.* (*A fim de*: finalidade; *restou* (verbo)... *outra ideia* (sujeito)...; de acordo com a nova reforma, *ideia* se escreve sem acento.) b) *Os jornalistas não creem que existam documentos espúrios em meio àqueles já examinados, e isso porque já haviam feito cuidadosa checagem, todavia, a transparência impondo, voltarão à tarefa de imediato.* (*Porque* explica, logo é junto sem acento; *voltar* exige preposição *a* + *a* (*tarefa*) = à tarefa (crase!).) c) *A questão ficou cada vez mais descaracterizada quando, logo depois da visita, o antropólogo defendeu que aquelas dificuldades não se restringiam às nações indígenas daquela região, sendo mais universal.* (*Logo depois da visita* é adjunto adverbial deslocado, logo devem-se usar vírgulas; o verbo *restringir* exige a preposição *a*.) d) *A manutenção e apoio ao grupo de escoteiros dependem de ele aceitar a contrapartida dos empresários, que não é, aliás, nada abusiva, visto que eles executam as tarefas solicitadas cotidianamente, sem desgaste exaustivo.* (Não há contração antes de verbo no infinitivo segundo a maioria dos gramáticos (de ele aceitar...); *abusiva*, concordando com *contrapartida*.)

19 – A. Vejamos uma por uma (já corrigidas): b) *Por mais que queiramos negar envolvimento dos menores no distúrbio, pode haver fatos que desconheçamos, por isso acataremos as orientações que advenham do episódio.* (*Pode haver*, no singular, pois o verbo *haver* (=*existir*) não permite que o auxiliar da locução verbal varie.) c) *Pelo que dissestes sobre a incrustação das joias, mereceis parabéns, e também pela competência, pois, sem tê-las sequer mostrado à interessada, tornou-a uma feliz compradora.* (Uniformidade de tratamento (*vós dissestes; vós mereceis*); privilegia-se a ênclise após pausa não antecedida de intercalação.) d) *A especialista à qual se devem as pesquisas educacionais diz que cada uma das escolas que se propuseram a fornecer dados declararam o motivo particular que as pôs em movimento.* (O sujeito de *dever*, acompanhado de partícula apassivadora, é *pesquisas*; *propor* no futuro do subjuntivo é *propuseram*.) e) *As terras de que essa espécie de vinho provém são as do tipo mais recomendável para a cultura da videira, motivo pelo qual são tão valorizadas e desejadas por viticultores.* (*Provém* é derivado do verbo *vir*, que, na 3ª pessoa do plural, recebe acento circunflexo, mas não é o caso, pois seu sujeito é *espécie*; *recomendável* concorda com *tipo*.)

20 – D. Vejamos uma por uma (já corrigidas): a) *Não quero e não devo contar qual foi a confusão em que me meti, nem por que idas e vindas acabei percebendo o real perigo que corria.* (Usa-se *por que*, pois equivale a "por quais".) b) *Todos estando bastante, ou excessivamente, contrariados, nesse diapasão, nada se podia fazer para acalmar o representante dos funcionários, de cujo apoio sustentaria o evento.* (O trecho *"Todos estando... diapasão"* deve ser separado por vírgula, pois se trata de uma oração reduzida deslocada; o nome *apoio* exige a preposição *de*, que fica antes do relativo *cujo* obrigatoriamente.) c) *O debate seguia acalorado entre o jornalista e o entrevistado, sendo, por essa razão, o convite feito a um mediador, pois de sua presença dependia o impasse.* (*Por essa razão* é um adjunto adverbial deslocado, por isso as vírgulas; o pronome possessivo *sua* provoca possível ambiguidade.) e) *O indivíduo contribui com a cidadania, quando se posiciona a favor dos direitos, porém corrompe a ética, se faz (algo) contra os preceitos morais.* (O verbo *corromper* rege seu complemento sem preposição; o verbo fazer precisa manter correlação verbal com corrompe.)

21 – D. Vejamos uma por uma (corrigidas): a) <u>*Houve*</u> (verbo haver com sentido de existir não varia) *muitas mudanças nas condições externas e internas da economia, que contribuíram para a estagnação da indústria brasileira. Do lado externo, os altos preços das matérias-primas exportadas pelo Brasil encorpam a entrada de divisas e* <u>*valorizam*</u> (o verbo concorda com o núcleo do sujeito – *preços*) *o real.* b) *Internamente, a renda do trabalho* <u>*ampliada por políticas salariais e previdenciárias generosas*</u> (a oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de particípio não é separada por vírgula) *estimula o consumo e o setor de serviços. O resultado seria a especialização da economia nos setores primário e terciário,* <u>*cuja*</u>

forte geração de emprego, (houve truncamento sintático, ou seja, a estrutura sintática não está completa, pois falta verbo na oração adjetiva iniciada pelo pronome relativo *cujo*) *em troca de menor competitividade industrial.* c) *A perda de mercado para importações, por sua vez, não seria* (o verbo deve concordar com o núcleo do sujeito – *perda*) *um problema, já que boa parte delas seria compras de bens de capital para investimento e modernização do parque industrial.* e) *É temerário considerar que* (não pode haver vírgula após a conjunção integrante separando a oração principal da subordinada) *um país de renda média e com baixa escolaridade, como o Brasil,* (expressão intercalada deve vir entre vírgulas no meio da frase) *possa manter tal padrão de crescimento. Serviços que geram renda, hoje, são atividades complexas como* design *industrial e* marketing*, de alto conteúdo intelectual.*

22 – E. Vejamos o(s) erro(s) corrigido(s): *O investimento externo direto mudou de patamar. Até o ano passado,* (faltou uma vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado) *eles cobriam praticamente o deficit em conta corrente, o* (nada exige a preposição *a* antes do pronome demonstrativo *o*) *que limitava o efeito, para explicação da valorização da moeda, de tsunamis monetários e capitais especulativos.*

23 – A. Vejamos uma por uma (corrigidas). b) *Mas há também os fatores que não dependem diretamente dos agentes econômicos, como o ambiente institucional para a realização de negócios, a infraestrutura de uso comum, as prioridades e a execução da política econômica, o que se reflete* (o verbo deve concordar com o antecedente do pronome relativo – *o*) *no crédito e na carga tributária.* c) *São vários os fatores que contribuem para os saltos de produtividade. Alguns relacionados ao* (o adjetivo exige a preposição *a*) *processo produtivo, como a inovação* (não há crase, pois não há exigência da preposição *a*), *a melhoria da gestão dos recursos disponíveis, a atualização tecnológica, a motivação dos que produzem, a utilização dos insumos (bens e serviços) mais adequados para se chegar* (como o *se* é uma partícula de indeterminação do sujeito, o verbo deve ficar na 3ª pessoa do singular) *ao resultado final.* d) *Com uma taxa de investimento relativamente baixa, cuja proporção do Produto Interno Bruto (PIB)* (note que houve truncamento sintático de novo, uma vez que a oração iniciada por *cuja* está sem verbo; além disso, como a pseudo-oração adjetiva é explicativa, deveria vir entre vírgulas, como eu coloquei aqui*), pouco acima dos 19%, o Brasil conseguiu avançar socialmente sem um crescimento econômico tão forte.* e) *A estabilidade monetária abriu caminhos para ganhos de produtividade que tornaram* (o verbo concorda com o antecedente do pronome relativo – *ganhos*) *factíveis tais avanços, mas é preciso definir prioridades claras nos gastos públicos.*

24 – D. Vejamos o(s) erro(s) corrigido(s): *Não se deve contemplar o Brasil como uma ilha de tranquilidade, de estabilidade, de equilíbrio, no meio da infindável crise internacional. A experiência europeia mostra os elevados custos de se adiar* (o verbo concorda com o núcleo

sujeito – *enfrentamento*) *constantemente o enfrentamento dos problemas de competitividade.* A alternativa c) está errada também, pois a sigla, com função de aposto, deveria vir entre travessões, vírgulas ou parênteses, segundo consulta aos principais manuais de redação. Apesar disso, temos visto alguns textos da ESAF com uso da sigla após o nome por extenso antecedida de apenas um travessão. Pelo visto, a ESAF considera o uso de um (1) travessão antes de sigla correto.

25 – C. Vejamos uma por uma (corrigidas): a) *Por tornar mais acentuada a perda de competitividade da indústria brasileira, a valorização do real em relação ao dólar* <u>*vem*</u> (o verbo concorda com o núcleo do sujeito (*valorização*) ficando no singular, sem acento circunflexo*) despertando reações cada vez mais ácidas de dirigentes empresariais, mas está muito longe de ser o único, ou o* <u>*principal*</u> (não há vírgula entre adjunto adnominal e seu nome*) problema que prejudica o desempenho do setor manufatureiro.* b) *Questões estruturais e modelos de gestão empresarial inadequados* <u>*têm*</u> (o verbo concorda, no plural, com os núcleos do sujeito composto – *questões e modelos*) *sobre a atividade industrial efeitos negativos muito mais profundos e duradouros e, por isso, mais nocivos do que a taxa de câmbio.* d) *Mesmo, porém, que a questão cambial venha a ser superada, a qualidade da atividade industrial continuará prejudicada por deficiências históricas, e,* <u>*por isso*</u>*,* (expressão intercalada vem entre vírgulas) *muito* <u>*conhecida*</u> (concordância nominal com o substantivo *qualidade*), *mas* <u>*tolerada*</u> (idem à anterior) *por governantes, empresários, trabalhadores e pela sociedade.* (A expressão *que tem sido* não mantém paralelismo sintático com *muito conhecida* – verbo no particípio). e) *Pesquisas e estudos recentes não deixam dúvidas quanto aos impactos do câmbio valorizado sobre a produtividade da indústria brasileira quando* <u>*comparados*</u> *com* <u>*os*</u> *de outros países.* (Ambos os termos devem concordar com *impactos*.)

26 – B. Vejamos o erro: É provável que a importância da educação como determinante do rendimento das pessoas e da sua desigualdade está superestimada nas análises econométricas, simplesmente porque não <u>*se dispõe*</u> (VTI acompanhado de partícula de indeterminação do sujeito fica na 3ª pessoa do singular) *de boas medidas para vários outros determinantes da renda, que estão positivamente correlacionados com a escolaridade.*

27 – E. Vejamos os desvios das demais opções: a) O que se dissipa é <u>*a diferença entre a demanda e a oferta globais*</u>, e não *"uma ampliação do déficit em conta corrente"*, como dá a entender esta opção. Não houve preservação da coerência do texto. b) *Daí naturalmente resulta que a* <u>*diferença*</u> *entre a demanda e a oferta globais, inexoravelmente,* <u>*se dissipa*</u> (cuidado com a concordância!) *por um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis* (os serviços) *e uma ampliação externa do déficit em conta corrente.* c) O que se dissipa, no texto original, é <u>*a diferença entre a demanda e a oferta globais*</u>, não

"o resultado natural da...". Além disso, há erro de concordância: *O resultado natural da diferença entre a demanda interna* ***e*** *a oferta global se dissipam*. d) *"a diferença entre a demanda que dissipa a oferta global dissipa"* (construção absurda!). Falta uma vírgula antes de *externamente*.

28 – E. Vejamos os problemas: a) *A valorização do real e o custo Brasil, que têm reduzido a competitividade de nossos produtos industriais no mercado internacional, ao mesmo tempo que torna o mercado interno mais vulnerável à concorrência de produtos de outros países com consequências ruins não só para a balança comercial, mas também para os níveis de emprego e de renda para a arrecadação de tributos.* (Houve truncamento sintático, pois falta uma parte da frase, o verbo da oração principal do sujeito *"A valorização do real e o custo Brasil"*.) b) *No custo Brasil,* (adjunto adverbial deslocado exige vírgula*) constam os elevados preços* (cuidado com a concordância) *da energia elétrica e do gás natural, a insuficiência e relativamente precária malha de transportes, o baixo nível de investimentos em tecnologia e uma estrutura tributária que incide sobre a produção e o consumo, e não sobre a renda e a riqueza.* (As vírgulas separam termos enumerados; a última vírgula vem antes do *e*, pois ele equivale a *mas*.) c) *O fato é que o setor industrial ficou estagnado* (erro de ortografia) *em 2011, puxando para baixo o crescimento do PIB, sendo o mais baixo entre todos os países sul-americanos. E as perspectivas são de novo crescimento do produto industrial próximo a zero – com um tímido crescimento do PIB.* d) *O elevado custo de nossa logística é outra causa que não vem* (observe a concordância!) *sendo devidamente enfrentada. O barateamento do custo da energia e dos transportes requer* (observe a concordância!) *a ampliação dos investimentos públicos, necessidade que se choca com um dos pilares da política econômica.*

29 – D. O trecho tem um erro de concordância. Segundo a ESAF, por mais que o sujeito composto esteja posposto ao verbo, tal banca não aceita a concordância atrativa. Já vimos isso no capítulo de *Concordância*. Logo, o trecho deveria ser reescrito assim*: "... foram precisamente [a elevação dos salários e a crescente formalização do trabalho (sujeito)]..."*.

30 – ERRADO. ***Necessita-se*** (verbo transitivo indireto seguido da partícula de indeterminação do sujeito deve ficar na 3ª pessoa do singular) *tanto da criação de métodos transparentes e previsíveis quanto da definição clara do que se considere violação ética, cujas alegações* ***[desse tipo]*** (expressão indicativa de posse totalmente descartável, pois o pronome *cujas* já indica posse) ***sejam submetidas*** (esta locução verbal fica no plural e, no caso do particípio, concordando em gênero e número com *alegações*) à investigação.

31 – ERRADO. *Independentemente das razões que* ***as*** *levem* (o pronome relativo exige a próclise) *a sujeitar, por exemplo, suas posses ou sua moradia ao trabalho pericial,* ***a*** *toda pessoa* (não há crase antes do pronome indefinido *toda*) *estão garantidos os direitos de: ser autor de seu destino e de optar* ***pelo*** (a contração, por bem da eufonia, deve acontecer) *caminho de sua conveniência.*

32 – ERRADO. *Mas,* (esta vírgula deve ser colocada para marcar a intercalação da oração adverbial reduzida) *apesar da grande importância da ética deontológica, ela parece que é insuficiente para se aprofundarem reflexões éticas quanto* ***a*** *condutas* (não há crase diante de palavra pluralizada com sentido genérico) *profissionais,* ***em vista de*** (a maioria dos gramáticos recomenda que não se flexione elementos de uma locução prepositiva) *se entender que ela seja atendida quando os códigos são simplesmente obedecidos.*

33 – ERRADO. O erro está na colocação pronominal, pois o pronome relativo atrai o pronome oblíquo átono: *Para um coronel que se queixava da vida em quartel.*

34 – CERTO. Se fizermos a comparação entre os textos, veremos que a paráfrase está perfeita, pois as estruturas são sinônimas. Veja: *A antropologia tem demonstrado (1) que muitas atividades (2) atribuídas (3) às mulheres (4) em uma cultura (5) podem ser atribuídas (6) aos homens em outra (7). Segundo a antropologia (1), várias atividades (2) que são atribuídas (3) ao sexo feminino (4) em dada cultura (5) podem atribuir-se (6) ao sexo masculino em outra (7).*

35 – ERRADO. *A espécie humana distingue-se entre si no que concerne* à *anatomia e* à *fisiologia* (o verbo concernir exige a preposição *a* + *a* (artigo) = à), *por meio do dimorfismo sexual, embora seja falso crer que as diferenças de comportamento* ***verificadas*** (concorda com *diferenças*) *entre as pessoas de sexo distinto* ***determinem****-se* (concorda com *diferenças*) *de forma biológica.*

36 – CERTO. Compare e veja (mero uso de sinônimos): *Carregar (1) cerca de (2) vinte litros de água (3) sobre a cabeça (4) implica (5), na verdade (6), um esforço físico considerável (7). Para que se carreguem (1) aproximadamente (2) vinte litros d'água (3) na cabeça (4), requer-se (5), na realidade (6), um imenso esforço físico (7).*

37 – CERTO. Quando o pronome oblíquo faz parte de uma locução verbal cujo verbo principal está no infinitivo e houver uma palavra atrativa antes da locução, o pronome pode ficar antes do verbo auxiliar ou depois do verbo principal. Logo, ambas as formas estão corretas.

38 – ERRADO. *Compreender, pois, o modo* ***por que*** (= *pelos quais*; usa-se separado e sem acento) *tais materialidades influenciam* ***a*** (o verbo *influenciar* é transitivo direto e não exige a preposição *em*) *elaboração do ato comunicativo é essencial para entender-se como elas chegam* ***a*** (não há crase antes de verbo) *afetar* ***a*** (o verbo afetar é transitivo direto e não exige a preposição *em*) própria organização do tecido social.

39 – CERTO. Novamente, sinônimos: *"a pequena causa (1), ou o motivo irrelevante (2), pode produzir (3) um grande efeito (4)"/"a causa pouco significativa (1), ou o pequeno motivo (2), pode provocar (3) um resultado de extensa repercussão (4)".*

40 – ERRADO. *Porém, estudando-se os impérios, antigos ou recentes, permite-se que* ***sejam acessadas*** (concorda com *raízes*) *as raízes do mundo contemporâneo, e* ***aprofundados*** (concorda com *modos*), pela nossa compreensão, os modos como está organizado o poder político.

41 – ERRADO. *Contudo, estudar os impérios, antigos ou recentes, proporciona-nos o acesso às raízes do mundo contemporâneo e leva-nos* ***a*** (não há crase antes de verbo) *aprofundar a compreensão dos modos conforme* ***os quais*** (não há preposição sendo exigida por nenhum elemento) ***se*** *organiza* (a próclise é obrigatória por causa do pronome relativo) *o poder político.*

42 – A. As expressões *"passeá" (passear), "saí" (sair), "brincá" (brincar), "di" (de), (gostava muito)... "di" (de) vôlei, "andá" (andar), "a palhaça"* ou *"fases mais gostosas"* marcam a informalidade e, portanto, o registro coloquial. As reticências, próprias da língua escrita indicam as pausas organizadoras do discurso oral, que entrecortam o fluxo contínuo da fala.

43 – A. Autoexplicativa. Ou seja, o entrevistado, apesar de ser um dos maiores críticos da gramática normativa no Brasil, é capaz de adaptar-se ao contexto comunicativo em que se insere, respeitando as regras gramaticais da língua culta.

44 – A. Só um detalhe sobre a a): *Quando falamos em prova, no direito, tem-se a idéia* (segundo a nova ortografia, esta palavra é sem acento) *de que existe algo a ser defendido ou algo que venha a ser contestado. Dentro dessa linha cognoscível, entende-se que vai existir sempre um agente acusador e um agente acusado.* Veja os desvios das demais: b) *Pois bem, a prova é o meio de resolução desse conflito existente, da qual* [é dela que (construção redundante e, portanto, dispensável)] *o juiz irá extrair aqueles meios exequíveis à resolução pendente.* c) *O juiz não tem o ônus de buscar a verdade – ele somente apresenta* <u>às</u> *partes* (o verbo apresentar é VTDI, por isso cuidado com a regência: apresenta-se algo **a** alguém*) a verdade mais justa diante do caso em questão. A parte é quem tem o ônus de buscar a verdade, daí as provas,*

serem de suma importância para a resolução do litígio. d) *Devido à atribuição de pontos a cada tipo de prova, o sistema tarifal de provas passou a facilitar as decisões dos juízes, que somente se encarregavam da somatória dos pontos que cada parte obtivera* (conjugação verbal) *mediante suas provas apresentadas e decidia o caso a favor de quem somara* (correlação verbal) *mais pontos.* e) *Para adquirir força probatória no processo judicial, os meios "moralmente legítimos" de obtenção de provas devem estar* (locução verbal apresenta verbo principal no infinitivo não flexionado) *em congruência com os aspectos lícitos do nosso ordenamento legal.*

45 – E. *Até a semana passada* (não há obrigatoriedade no uso do acento grave), *a estimativa que prevalecia* (erro de ortografia) *era de que o ciclo de redução da Selic pararia em 7,5%. Atualmente,* (a vírgula aqui é facultativa, pois o adjunto adverbial deslocado é de curta extensão) *a taxa está em 8%. Com a mudança,* (vírgula marca adjunto adverbial deslocado de certa extensão) *o mercado financeiro passa a trabalhar com a perspectiva de que o Banco Central reduza a taxa mais duas vezes.*

Capítulo 37

Gabarito

1 – CERTO. A mudança de posição dos vocábulos altera o propósito argumentativo do texto original, que tem como foco o *riso*, e não a *seriedade*, e altera a estrutura sintática. Veja que nem todos os argumentos usados no texto servem para *seriedade*: *"É, de alguma maneira,* ***o aspecto festivo do mundo inteiro****, em todos os seus níveis,…"*. Isso seria um contrassenso. Sobre a estrutura sintática, seria preciso mudanças na estrutura, quanto à sintaxe de concordância: *"ele abarca a totalidade…"* viraria *"…ela abarca a totalidade…"* etc.

2 – CERTO. Questão de sinonímia. Note também que o enunciado nem fala de sentido, mas sim de correção gramatical. De qualquer forma, a mudança de sinônimos (*seguindo = aderindo*) em nada prejudicou o trecho.

3 – A. Mero uso de expressões sinônimas, isto é, *em vez de = em lugar de, só = tão somente.* Não confunda *em vez de/em lugar de* com *ao invés de/ao contrário de*!

4 – E. Relação de causa e consequência e transformação entre orações reduzidas. Como o máximo de conhecimento é também o mínimo, nunca faltará perguntas a fazer e respostas pela metade.

5 – A. Observe que houve manutenção de sentido com a substituição de um conectivo por outro (ambos de valor causal) e substituição de verbo por advérbio: *Considerada*

ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos por conta dos crimes de grande repercussão e que parecem ser de difícil solução./Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos em virtude de crimes de grande repercussão e de solução aparentemente difícil.

6 – B. Questão de sinonímia e de nominalização. Observe: *Outro benefício decorrente de ter amigos é manter a saúde em ordem./Outro benefício resultante de ter amigos é a manutenção da saúde em ordem.*

7 – D. Em todas as opções, há possibilidades de paralelismo (repetição de preposição). A melhor resposta é a opção D. Digo "melhor resposta", pois o enunciado pede "a reescrita que não preserva a correção gramatical **e** o sentido original do texto. No entanto, só há mudança de sentido, e não incorreção na reescritura *"Repare que esses grandes artistas dificilmente se submetem às adaptações feitas diretamente de uma obra"*. A crase está adequada, pois houve determinação, com o uso de artigo definido feminino plural antes de *adaptações*. A mudança de sentido ocorre porque, na reescritura, o artigo define, torna conhecida as *adaptações*. Na primeira frase, a ausência de artigo definido implica uma ideia genérica a respeito de *adaptações*.

8 – A. Substituição de pronomes e uso de advérbio anafórico. O *cujo* estabelece relação de posse entre o termo antecedente e o consequente (*o moralismo desse país = cujo moralismo*). O verbo *representar* está no futuro do pretérito (representaria) devido à correlação com a forma de pretérito imperfeito do subjuntivo do verbo *promover* (*promovesse*). O uso do advérbio *lá* refere-se aos EUA (*lá = nesse país*).

9 – D. Trabalha-se transformação de oração desenvolvida condicional para reduzida condicional e uso de conectivo condicional. Na letra D, entretanto, a ideia de "Assaltando, não reaja" é igual a "Se for assaltar, não reaja", o que provoca mudança de sentido em relação à frase original.

10 – B. Ocorre nominalização e transformação de oração desenvolvida para reduzida. Compare: *A coordenadora exigiu que adiasse o encontro até que as infrações que o funcionário cometeu fossem solucionadas./A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até a solução das infrações cometidas pelo funcionário.*

11 – B. Na reescritura, o adjetivo *regulares* deveria vir no singular, pois tem como referente o sujeito oculto do verbo dar. Ou seja, a reescritura que não desrespeitaria a correta morfossintaxe do padrão formal escrito da língua portuguesa seria esta: *Se dá certo ou não, sendo regular ou não, é outra questão.*

12 – E. O uso de sinônimos e a inversão de termos manteve o sentido básico entre o período do enunciado e a reescrita da letra E: "*A solução foi muito simples (1): de todos os trabalhadores (2), sindicalizados ou não (3), era descontado anualmente (4), na folha de pagamento (5), o salário de um dia de trabalho (6).*"/*Foi simples a solução adotada (1) – seria descontado anualmente (4), na folha de pagamento (5) de todos os trabalhadores (2), sindicalizados ou não (3), o valor equivalente a um dia de trabalho (6).*

13 – A. O uso de sinônimos e a inversão de termos manteve o sentido básico entre as frases: *Colocava sob minha análise (1) um texto que já nascera das vozes do folclore (2), e propunha-me entender as relações (3) deste texto com suas variantes intertextuais (4).*/ *Submetia a meu escrutínio (1) um texto que, como se não bastasse haver nascido das vozes da cultura popular (2), eu desejava interpretar (3) tendo em vista as relações que mantém com suas variantes intertextuais (4).* Observe que as demais opções apresentam, além de mudança de sentido, desvios gramaticais: b) *recaptulado* > *recapitulado*. c) *implica... num...* > *implica... um...* d) *perca* > *perda*. e) *há* = *existir, e não* = *permanecer*; além disso, *pegada* (com sentido de *junto*) é coloquialismo.

14 – D. I – Para que exista poeta, é preciso que exista essa consciência. Este é o sentido do trecho *Sem essa consciência, não há poeta*. Quando se diz *"Não há essa consciência em quem não seja poeta"*, está-se querendo dizer que não existe essa consciência em quem não é poeta. Logo, na reescritura proposta, se há mudança de sentido, a paráfrase está errada. II – A expressão aditiva *"não só... como*" é bem substituída por um conectivo sinônimo, *além de*, mantendo-se o sentido. III – Por uma questão de correlação verbal, é preciso fazer a alteração no tempo e no modo verbal ante a reescritura.

15 – D. Note que houve mudança de posição dos termos da frase e uso de sinônimos. Compare: *Devemos evitar, especialmente, (1) posturas que venham a contribuir (2) – ainda que indiretamente – (3) para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos (4).*/ *Posturas que contribuam (2), mesmo que de maneira indireta, (3) para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos (4), devem ser especialmente evitadas (1).*

16 – A. Note que houve passagem de voz ativa para passiva, mudança de posição dos vocábulos e <u>diferente modo de estabelecer relação de posse</u>. Compare: *... o incontestável Grande Detetive, <u>cuja</u> brilhante inteligência dedutiva (1) é capaz de superar qualquer adversário (2)...*/*Qualquer adversário pode ser superado (2) pela brilhante inteligência dedutiva <u>do incontestável Grande Detetive</u> (1).*

17 – E. A construção de valor hipotético *caso se verifique* é sinônima da *na hipótese de ser*, e *a inocência do investigado*, da *o investigado dado por inocente*. Veja as demais: a) Na primeira frase, o advérbio de tempo *ainda* caracteriza o adjetivo *rotineiros*. Na segunda frase, *ainda*

caracteriza o verbo no gerúndio, *prevenindo*. b) *Demais de* é expressão não existente na língua; o certo é *ademais de*, sinônima de *além de*. c) Não houve concordância correta, devendo ser: *no risco de se manterem criminosos na impunidade*, pois o *se* é apassivador. d) Não há concordância: "Dirigidos imediatamente pelo MP, serão produzidas somente as provas...".

18 – ERRADO. A substituição de locução adjetiva por adjetivo gerou incoerência. Soma de indivíduos = conjunto de indivíduos; soma individual = os indivíduos somam alguma coisa.

19 – ERRADO. Apesar de não ter falado nada na teoria deste capítulo sobre transposição de vozes verbais, já passamos pelo capítulo de vozes verbais, certo? Saiba que ela é trabalhada em prova em questões de reescritura, como ocorreu aqui. O Cespe/UnB, particularmente, adora esse tipo de paráfrase. Outra coisa: note que o enunciado diz: "Prejudica-se a correção gramatical". Nada se fala sobre sentido. É claro que não há erro gramatical em substituir *são considerados* por *consideram-se*, pois há uma simples passagem de voz passiva analítica (*são considerados*) para a voz passiva sintética (*consideram-se*). Note também que se manteve o mesmo número, modo e tempo verbais na passagem. Isso é primordial. Revise vozes verbais (teoria e questões), se, a essa altura do campeonato, você ainda tiver dificuldades.

20 – CERTO. Podemos usar *nos quais* no lugar de *onde* para retomar palavra de valor locativo, como *municípios*.

21 – CERTO. Tais expressões são sinônimas. Você, pelo seu conhecimento vocabular, teria de saber que *cooptado* é o mesmo que *atraído; Cooptar é* "atrair (alguém) e fazer participar de um movimento, ideologia, partido, ideal etc.".

22 – CERTO. A forma de presente do indicativo "facilita" tem aspecto durativo, como "vem facilitando" e "tem facilitado", logo tais locuções substituem bem o verbo simples.

23 – C. Há uma relação de causa e consequência entre *"vêm se sentindo menos pobres"* e *"vêm comprando"*, logo a reescrita adequada é com *porque*, conjunção causal.

24 – C. Houve uso de sinônimos e substituição de conectivo de mesmo valor semântico. Compare: *"O simples estabelecimento do princípio da igualdade, no entanto, não logrou eliminar as diferenciações existentes."/O mero estabelecimento do princípio da igualdade, entretanto, não conseguiu abolir as discriminações existentes.* Fácil!

25 – ERRADO. O que é passiva e modelada é a periferia colonial, não as colônias. Além disso, não se trata de um centro científico, mas sim de um centro de atividade científica. Houve inversão de foco, por isso houve mudança de sentido.

26 – B. Há uma relação de causa e consequência entre os períodos, logo usa-se o conectivo *porque*.

27 – B. Transformação perfeita de oração subordinada adverbial concessiva reduzida de gerúndio (se a oração reduzida de gerúndio vier iniciada pela preposição acidental *mesmo*, será concessiva) para desenvolvida: *Mesmo não havendo.../Embora não haja...*

28 – B. Se *a conectividade é, de longe, o maior disfarce que a solidão humana encontrou*, isso significa que nenhum disfarce de nossa solidão chegou a ser mais eficaz do que o da conectividade atual. A paráfrase explica o sentido da frase original. Veja os equívocos nas demais opções: (A) A expressão *de longe* intensifica o conteúdo semântico da oração em que se encontra, já *à distância* serve apenas para marcar a noção de espaço na oração em que se encontra. (C) Além de haver mudança de sentido, pois nada se fala de preferência no texto original, há um desvio de regência do adjetivo *preferível*, que exige a preposição *a*: *Nossa dissimulada solidão é preferível, como sempre foi, à nossa ansiedade de comunicação*. (D) O texto original nada fala de necessidade de imersão na solidão. (E) Nada se fala sobre *geral e efetiva conectividade* no texto original, além disso nada se fala sobre superação da solidão.

29 – A. Só houve inversão na posição dos termos, o sentido não mudou. Veja os problemas das demais alternativas. (B) *Todo o = inteiro/ todo = qualquer*; mudança de sentido. (C) O substantivo *fato* exige a preposição *de*, que, segundo a maioria dos gramáticos e das bancas, deve vir explícita antes de oração objetiva indireta ou completiva nominal. Lembre-se deste posicionamento da Consulplan, em futuras questões. Sobre o verbo *implicar* (= *acarretar*), ele é VTD, não exige complemento preposicionado por *em*, segundo a maioria dos gramáticos e das bancas. Cuidado! (D) Precisamente falando, *por meio de* e *através de* têm sentidos diferentes. O primeiro indica o meio pelo qual uma ação se realiza; o segundo indica que algo atravessou algo. Hoje em dia, usamos indiferentemente os dois, indicando a mesma coisa, mas deve-se evitar, pois assim ensinam os grandes mestres e o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*. Além disso, há um desvio de colocação pronominal em *que faz-se*, pois o vocábulo *que* atrai o pronome oblíquo.

30 – C. O verbo *dever* indica obrigatoriedade, o que mudaria o sentido de *poder*, no contexto.

31 – D. Houve inversão de termos, mas a ideia de contraste se manteve entre o fato de a educação não ser *um processo de consumo de aulas*, mas sim (= senão) de *acúmulo de conhecimento*.

32 – E. Note os conectivos concessivos iniciando as orações desenvolvidas: *Ainda que, Conquanto, A despeito de, Posto que...* Lembrou-se da dica do *mesmo*, em um dos comentários anteriores, iniciando oração reduzida de gerúndio (sempre concessiva)? Já a oração reduzida de infinitivo iniciada por *Visto* é sempre causal. Fica a dica!

33 – E. *Pela baixa qualificação dos alunos (causa), o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado (consequência)/O aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado (causa), portanto é baixa a qualificação dos alunos (consequência).* Moleza!

34 – C. Substituição de conectivos de mesmo valor semântico e transformação de oração reduzida. A preposição acidental *Segundo* indica conformidade, assim como *Consoante*, *De acordo com* e *Em conformidade com*. Só nessa percepção já eliminamos a (A) e a (D). O erro na (B) é o uso de *conquanto*, que indica concessão, no lugar da oração adjetiva *"sendo 13.310..."*. O erro na (E) é o uso de *cujo*, que deve vir entre dois nomes estabelecendo relação de posse entre eles, o que não é o caso na opção. Por eliminação, ficamos com a (C), que se inicia, na parte final da reescritura, acertadamente com o pronome relativo *dos quais*.

35 – A. No texto original, o falante viu muita coisa não pessoalmente, e a reescrita da opção (A) apresenta o avesso disso, o que prova a alteração de sentido.

36 – B. Mera questão de sinônimos, em que *acabar completamente* é o mesmo que *aniquilar*. (A) demolir. (C) exterminar. (D) saldar. (E) apaixonar.

37 – C. Com *ou antes*, passa-se a ideia que só os *best-sellers* foram recusados, e não os clássicos e os *best-sellers*, por isso há mudança de sentido.

38 – E. Coerentemente, houve apenas mudança na posição do sujeito, *os editores*, do verbo *aprender*.

39 – C. Tanto *uma vez que* como *porquanto* são conectivos causais.

40 – A. Tanto *não obstante* quanto *apesar de* são conectivos concessivos.

41 – A. O verbo *haver*, com sentido de *ocorrer* fica na 3ª pessoa do singular, pois é um verbo impessoal. Note que, na reescritura, se manteve o mesmo modo e o mesmo tempo entre eles. Nas demais opções, houve erro de concordância (B e C) e mudança de tempo verbal (D e E).

Material Complementar

Sumário

Capítulo 1 1
Capítulo 2 5
Capítulo 3 10
Capítulo 4 17
Capítulo 6 23
Capítulo 7 27
Capítulo 8 31
Capítulo 9 36
Capítulo 10 40
Capítulo 11 42
Capítulo 12 53
Capítulo 13 65
Capítulo 14 72
Capítulo 15 75
Capítulo 16 81
Capítulo 19 82
Capítulo 20 88
Capítulo 21 93
Capítulo 22 99
Capítulo 23 103
Capítulo 24 109
Capítulo 26 113
Capítulo 27 116
Capítulo 28 126
Capítulo 29 135
Capítulo 30 143
Capítulo 31 147
Capítulo 32 151

Capítulo 33 154
Capítulo 34 157
Capítulo 35 163
Capítulo 36 171
Capítulo 37 183

Material Complementar

Capítulo 1

Gabarito

1 – A. A palavra *transoceânico* apresenta o prefixo **trans –** seguido de vogal. Segundo a regra, separamos a última consoante do prefixo que se une à vogal seguinte. Logo, a separação correta é *tran-so-ce-â-ni-co*. Lembre-se disto: toda sílaba apresenta apenas uma vogal.

2 – D. A única palavra que apresenta a letra X com som de Z, como em exame, é exequível. Esta palavra, de acordo com a nova ortografia, perdeu o trema.

3 – B. Partindo do princípio de que toda sílaba tem uma vogal, o falante intuitivamente consegue separar as sílabas de uma palavra desde que ela seja pronunciada pausadamente. No entanto, há algumas regras para a separação adequada. Na palavra *expressão*, o dígrafo SS se separa. Na palavra *língua*, o ditongo UA não se separa. Por fim, na palavra *fora*, há duas sílabas, pois há duas vogais.

4 – A. A única palavra que é paroxítona, mas não apresenta o mesmo número de sílabas é *gratuito* (trissílaba). As demais são polissílabas. Esta questão é aparentemente fácil, mas a *brincadeira* está em suscitar dúvida no candidato a respeito da pronúncia adequada, ou seja, é *GRA-TUI-TO* ou *GRA-TU-I-TO*? Se fosse a segunda opção, não haveria resposta, mas a pronúncia adequada, sem silabada (deslocamento da sílaba tônica), é *GRA-TUI-TO*, como *IN-TUI-TO*, *FOR-TUI-TO* etc. Cuidado com a palavra *silencio* (verbo), que é diferente de *silêncio* (substantivo). Esta é considerada comumente como trissílaba (*si-lên-cio*), mas aquela é polissílaba (*si-len-ci-o*).

5 – B. Olha aí! Eu não avisei? Cuidado! Na palavra *cinquentão*, o "homem da banca" diz que há dois encontros consonantais, tentando lhe dar uma *pernada*! A pegadinha é fazer você errar por pensar que há encontro consonantal em *ciNQueNTão*. Não obstante, conforme eu já havia alertado, não confunda encontro consonantal com

dígrafo vocálico. Este N não é uma consoante, mas sim uma marca de nasalização (como um ~) que nasaliza a vogal anterior, formando um dígrafo vocálico.

6 – A. Quase você marcou a letra D, não foi? O problema é que a palavra *pretenCioso* não existe! O que existe é *pretenSioso*, que vem de *pretenSão*. Bem, a opção A (*seriíssimo*) é a correta. De fato, a antepenúltima sílaba é tônica (palavra proparoxítona), apresenta um hiato (*se-rI-Ís-si-mo*) e um dígrafo (*seriíSSimo*).

7 – C. Há dígrafos consonantais e vocálicos. Ambos são constituídos de duas letras que representam apenas um fonema. Logo, isso ocorre em *baiRRo* e *maraviLHosa* (dígrafos consonantais).

8 – B. Há dígrafos consonantais em *naSCer* e *eXCeto*.

9 – C. A palavra *RorAIma* é trissílaba e apresenta um ditongo decrescente (V+SV), logo a separação correta dela é *Ro-rai-ma*.

10 – A. Em *desperdí**c**io* e *desperdi**ç**amos*, tanto a letra C como Ç têm som de SS. No entanto, em ***j**úbilo* e ***g**argalo*, a letra J e G não têm o mesmo som; a letra G só tem som de J quando seguida de E ou I. Em *produ**ç**ão* e *do**s**es*, o Ç tem som distinto de S, que neste caso tem som de Z. Em ***r**eservamos* e *bu**r**ocracia*, o primeiro R tem som de RR, o segundo R não. Em *e**xc**essos* e ***x**ampu*, o dígrafo XC tem som de SS e o X tem som de CH.

11 – B. O encontro consonantal CÇ é separável, portanto a separação de *convicção* está correta. A separação de *abstrato* está errada, pois quando há um grupo de consoantes no meio da palavra, separamos entre a última e a penúltima; isso só não ocorre nesta palavra, pois o encontro TR é perfeito, portanto inseparável; daí que separamos entre a antepenúltima e a penúltima consoante: *abs-tra-to*. Em *transparência*, o prefixo seguido de consoante não é separável: *trans-pa-rên-cia* (separação comum, como paroxítona) ou *trans-pa-rên-ci-a* (separação rara, como proparoxítona). Por fim, em *nascimento*, a separação está correta, pois separa-se o dígrafo SC.

12 – INCORRETA. A palavra *adjacentes* se separa assim: *ad-ja-cen-tes*. Isso ocorre porque o prefixo AD, seguido de consoante, não se separa, como em *ad-je-ti-vo*.

13 – C. Em *abri*, há encontro de consoantes (BR). Em *olhos*, há dígrafo consonantal (LH). Em *quantidade*, há ditongo crescente (SV+V). Em *deparei*, há ditongo decrescente (V+SV). Em *entreabri*, há hiato (V—V).

14 – D. Em *meus*, há ditongo decrescente (V+SV). Em *piavam*, há hiato (V—V). Em *pai*, há ditongo decrescente (V+SV).

15 – ERRADO. O som do X em *encaixar, engraxar* e *luxo* equivale a CH, mas em *asfixia* o X tem som de KS.

16 – CERTO. Em *testosterona*, o encontro consonantal é imperfeito, por isso se separa. Em *neurologista*, o ditongo não se separa, e o encontro consonantal imperfeito se separa. Em *pudéssemos*, o dígrafo consonantal (SS) se separa. Em *saberíamos*, as vogais que formam o hiato obviamente se separam.

17 – C. A palavra *Rosinha* tem três vogais, logo tem três sílabas: *Ro-si-nha*. Lembre-se de que o dígrafo NH é inseparável.

18 – C. Há 6 letras e 4 fonemas em *guerra*, pois há dois dígrafos (duas letras = um fonema): GU e RR.

19 – D. Olha aí o "homem da banca" querendo enganar o desavisado (que não é você, espero!). Na palavra *discussões*, o SC não é um dígrafo consonantal, pois tanto S como C são pronunciados. É diferente de *miSCigenação*, dígrafo de fato. Note que em *discussões* o S tem som de S e o C tem som de K. Cuidado, hein!

20 – D. Em *Senhor*, há um dígrafo consonantal: NH. Simples assim.

21 – C. Em *Paraíso*, há um hiato: A-Í. Dava para errar?

22 – B. Palavras proparoxítonas são aquelas que apresentam a antepenúltima sílaba tônica: *PÚblicas, pedaGÓgico, FÍsica*.

23 – A. Há apenas um encontro vocálico na palavra *Relatórios*, um ditongo crescente oral. Caso você tenha visto um hiato na palavra, não há problema, pois muitos gramáticos entendem que se pode interpretar palavras desse tipo como proparoxítonas eventuais ou acidentais, terminando em hiato: *Re-la-tó-ri-os*. No entanto, a análise comum é encarar tais palavras como paroxítonas terminadas em ditongo: *Re-la-**tó**-rios*.

24 – C. Na palavra *barriga*, as letras RR constituem um dígrafo, ou seja, duas letras escritas em sequência, representando um único som (fonema).

25 – A. Um ditongo oral crescente é a união de uma semivogal (SV) seguida de uma vogal (V) na mesma sílaba, sem o sinal gráfico til (~) ou qualquer outra marca de nasalização (**m** ou **n**). Por isso, a palavra água corresponde à informação anterior, uma vez que UA é um encontro vocálico que apresenta uma SV + V na mesma sílaba (á-g***ua***). Foi?

26 – E. Separam-se os encontros consonantais imperfeitos, principalmente no meio das palavras, por isso *plástico* deve ser separado silabicamente assim: *plás-ti-co*. Já *contribuir* é separado pela regra de separação dos hiatos (vogal separada de vogal): *con-tri-bu-ir*. A palavra *avaliar* segue a mesma regra de *contribuir*, daí o erro em sua separação.

27 – B. Na palavra *horrores*, as letras RR constituem um dígrafo, ou seja, duas letras escritas em sequência, representando um único som (fonema).

28 – E. A palavra *trás* apresenta o encontro de duas consoantes (tr); *pequeno*, um dígrafo (qu); *mulherzinha*, dois dígrafos (lh e nh). Tranquilo, não?

29 – D. A palavra *consuMISmo* é tão paroxítona quanto *TÊnis*, pois ambas apresentam a penúltima sílaba tônica.

30 – E. A palavra *Saúde* é trissílaba, pois apresenta três vogais: *SA-Ú-DE*.

31 – B. Em *enigma*, há um encontro consonantal imperfeito, por isso separável (*e-ni**g**-**m**a*). Em *prorrogar*, há um dígrafo consonantal separável (RR): *pro**r**-**r**o-gar*. Em *canário*, há um ditongo crescente (inseparável, é claro, a não ser que se queira interpretar a palavra como uma proparoxítona terminada em hiato; isso não é o comum, entretanto): *ca-ná-r**io***. Em *incontestável*, separa-se o encontro consonantal imperfeito: *in-con-te**s-t**á-vel*. Em *europeia* (sem acento de acordo com a nova reforma ortográfica), separa-se o ditongo do falso hiato: *eu-ro-p**ei-a*** (nesta palavra não há um tritongo, pois este é formado por SV+V+SV, o que não é o caso de *europeia*, que termina em V+SV+V). Em *iguais*, sim, há tritongo: *i-g**uai**s*.

32 – Primeira afirmação: **CORRETA**. Há no primeiro balãozinho hiato (*especi-**a**l*) e encontro consonantal (*e**sp**ecial*). Segunda afirmação: **INCORRETA**. Em *colé**gio*** e *obrigató**rio***, há ditongos crescentes orais (SV+V), e não decrescentes orais (V+SV).

33 – B. Todas as letras são contadas como fonemas, exceto o "n", que nasaliza o encontro vocálico anterior (= uã).

34 – B. Possui dígrafo (SS) e hiato (O-A). É uma paroxítona, pois a penúltima sílaba é tônica. É trissílaba, pois apresenta três vogais (*pes-so-a*).

35 – D. O encontro vocálico "ua", em "quatro", é ditongo oral crescente, pois apresenta SV + V.

Capítulo 2

Gabarito

1 – D. Adaptei esta questão de 2005 para que você conheça um pouco mais sobre uso do hífen consoante a nova reforma ortográfica, beleza? Vamos lá! Em *extraoficial*, o prefixo terminado em vogal (extra) diante de vogal diferente (oficial) se une sem hífen. Em *antessala, contrassenso, ultrarrealismo e contrarregra*, o prefixo terminado em vogal (ante, contra, ultra e contra) se une a uma palavra iniciada por R ou S (sala, senso, realismo, regra), de modo que o R e o S se duplicam. Levando em conta tudo isso, as palavras *extraoficial, antessala, contrassenso, ultrarrealismo, contrarregra* se encontram corretamente grafadas.

2 – E. Bastante interessante esta questão, pois são trabalhados os conhecimentos de concordância do sujeito composto deslocado e acentuação gráfica do verbo *vir*, o qual, na 3ª pessoa do plural, recebe acento circunflexo (o mesmo ocorre com o verbo *ter*). A regra de concordância do sujeito composto diz o seguinte: quando o sujeito composto vier posposto ao verbo, este pode concordar com o núcleo mais próximo do sujeito. Sendo assim, se retirássemos o acento circunflexo da forma "vêm" (na 3ª pessoa do plural, usa-se tal acento), não haveria erro, pois o verbo poderia ficar no singular concordando com o núcleo mais próximo (compreensão).

3 – CERTO. Todas as palavras recebem acento gráfico obrigatório por serem proparoxítonas.

4 – CERTO. As formas verbais *pode* (presente do indicativo) e *pôde* (pretérito perfeito do indicativo) se opõem pelo uso do acento circunflexo diferencial. Isso não mudou na nova reforma ortográfica.

5 – INCORRETA. É preciso haver esta correção ortográfica: "Nenhuma distância dilui o afeto, pelo contrário: o reconhecimento da amada longeva avizinha-a (de vizinho, vizinhança) de nós, fá-la mais próxima que nunca." Como o capítulo trata de Acentuação Gráfica, vamos a ela: o ***fá*** (de fá-la) é acentuado por se tratar de monossílaba tônica terminada em **-a**. Lembra-se de que devemos ignorar o pronome oblíquo átono (-la)?

6 – B. O Novo Acordo Ortográfico (assinado em 2009) retirou o acento agudo dos ditongos abertos **ei** e **oi** das palavras paroxítonas: espermatozoide, epopeia, apoio (não confunda com apoio,— substantivo), colmeia (existe a forma variante "colmeia" (com timbre fechado e sem acento), joia e assembleia. Vale lembrar, por exemplo, que as palavras "destróier e Méier" permanecem acentuadas por se enquadrarem na regra das paroxítonas terminadas em **-r**. Ainda: o acento agudo permanece nos ditongos abertos

das palavras oxítonas e monossílabas (mói, céu, constrói, troféu). Segundo as novas regras ortográficas, não se usa mais o acento circunflexo nos vocábulos terminados em **-oo** e **-eem** (abençoo, enjoo, eles veem, eles entreveem). Por fim, a nova reforma retirou o trema das palavras que apresentam os grupos **-gue**, **-gui**, **-que**, **-qui**, com U pronunciado (linguiça, tranquilo, aguentar, linguística, bilíngue) — entretanto, ele permanece em nomes de origem estrangeira (e derivados): Hübner, hübneriano, Müller, mülleriano. Nos acentos diferenciais, houve certas mudanças: *polo* não tem mais acento. Na regra dos hiatos I e U após ditongo decrescente (vogal + semivogal), em que eram acentuados com acento agudo, houve mudança: *feiúra* > ***feiura*** (forma atual). Por essas razões, ficamos com "epopeia – voo – tranquilo – constrói".

7 – ERRADO. O verbo *ter* deveria ficar com acento circunflexo (têm), uma vez que está na 3ª pessoa do plural. Lembrou-se da regra dos verbos *vir* e *ter* na 3ª pessoa do plural? Basta ver o núcleo do sujeito: "Todas as línguas indígenas em terras brasileiras". Logo, o trecho deveria ser reescrito para se adequar à norma culta escrita: "Todas as línguas indígenas em terras brasileiras **têm** menos de 40 mil falantes...". Tranquilinha, não?

8 – INCORRETA. O verbo derivado de ter (obter) está acentuado por ser oxítona terminada em **-em**; até aí nada de mais. Porém, meu nobre, lembra-se das regras de "vir" e "ter"? Na 3ª pessoa do plural, *vir*, *ter* e seus derivados recebem acento circunflexo, logo, deveria ser *obtêm*, concordando com o sujeito "os consumidores". Cuidado!

9 – INCORRETA. A forma verbal com o pronome oblíquo "exclui-lo" deveria ter sido acentuada, pois a vogal **i** forma um hiato com a vogal **u**, logo... regra do hiato, meu nobre. Assim deveria estar: *ex-clu-*Í*-lo*.

10 – Ambas **INCORRETAS**. Na primeira frase, o verbo deveria ser *constr*ói*-se* (regra dos ditongos abertos éi, éu, **ói**). Na segunda frase, a palavra *patrimônio* deveria ter acento, pois é uma paroxítona terminada em ditongo crescente. Moleza.

11 – Ambas **INCORRETAS**. Na primeira frase, "O espaço era exiguo (escreve-se ***exíguo*** por se tratar de uma paroxítona terminada em ditongo crescente), à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear (***granjear***, pois vem de *granja*) a simpatia do padre inflingindo-lhe (***infligindo***, pois vem de *infligir*) pratos que excitavam sua gula". Na segunda frase, o certo é ***ojeriza***, e em *ferí-lo* há um erro de acentuação, pois somente as oxítonas terminadas em -a(s), -e(s), -o(s), -em(ens) recebem acento; por isso, deveria ser tão somente ***feri-lo***.

12 – Ambas **INCORRETAS**. Na primeira frase, deveria haver esta correção ortográfica: "É o caso de se por (pôr; o verbo ainda leva acento diferencial) em discussão se

ele realmente crê na veracidade dos dados". Na segunda frase, deveria haver estas correções ortográficas: "Enquanto construimos (*constru-í-mos*; regra do hiato) esta ala, eles constroem a reservada aos aparelhos de rejuvenecimento (*rejuvenescimento*; vem de *rejuvenescer*)".

13 – A. Na letra A, as palavras são obrigatoriamente acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente. Na letra B, as duas primeiras palavras (*elétrica* e *hidráulica*) são proparoxítonas (e todas as proparoxítonas são acentuadas); já a última (*responsáveis*) é paroxítona terminada em ditongo decrescente. Na letra C, as duas primeiras (*sérios* e *potência*) são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente; já a última (*após*) é oxítona terminada em **-o(s)**. Na letra D, a primeira (*Goiás*) é acentuada por ser oxítona terminada em **-a(s)**, a segunda (já) é acentuada por ser monossílaba tônica terminada em **-a**, a terceira (*vários*) é acentuada por ser paroxítona terminada em ditongo crescente. Na letra E, as duas primeiras palavras (*solidária* e área) são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente; a última (*após*) é acentuada por ser oxítona terminada em **-o(s)**.

14 – E. Na letra A, o vocábulo *que* é tônico em fim de frase (assim como o *quê* da expressão *por quê*), portanto deveria ser acentuado (***quê***), afinal, monossílabos tônicos terminados em **-a(s), -e(s), -o(s)** são acentuados. A frase deveria estar escrita assim: "Ele se esqueceu de ***quê***?". Na letra B, *ruím* está escrito erradamente, pois é uma palavra oxítona, ou seja, apresenta a última sílaba tônica. E, segundo a regra das oxítonas, só são acentuadas as que terminam em **-a(s), -e(s), -o(s), -em(ens)**. Ainda: caso você pensasse na regra dos hiatos, ou seja, aquela regra que diz que o **i** e o **u**, seguidos ou não de **s** na mesma sílaba, são acentuados quando formam hiatos, a palavra *ruím* estaria mesmo assim errada, pois o **i** é seguido de letra diferente de **s** (*ru-**im***), logo não cabe o acento agudo de jeito nenhum. Em *distribui-lo*, a regra do hiato tinha de ser levada em conta; note a separação silábica: *dis-tri-bu-Í-lo*. Na letra C, a palavra *devessemos* deveria receber acento, pois é uma proparoxítona (antepenúltima sílaba tônica). Todas as proparoxítonas são acentuadas! Na letra D, a regra do hiato foi mal aplicada, pois *juiz* não leva acento, uma vez que após o **i** se segue a letra **z**, e não **s**. Portanto, *juiz* nunca é acentuado! Na letra E, a expressão "por que" não é acentuada, pois equivale a "por que razão/motivo". Só seria acentuada se fosse antes de pontuação ou em fim de frase: Você vai? Por ***quê***? Não queira saber por ***quê***.

15 – E. Na letra A, o verbo *ter* está na 3ª pessoa do plural, por isso recebe acento circunflexo. Na letra B, a regra do hiato se aplica: *ru-Í-nas*. Na letra C, o verbo derivado de *vir, provir*, recebe acento agudo devido à regra das oxítonas terminadas em **-em** (*provém*). Se estivesse no plural, seria *provêm*. Na letra D, a regra dos ditongos abertos se aplica: *lençóis*. Só não se usa mais esse acento em palavras paroxítonas (exceto em

Méier e *destróier*, que seguem a regra das paroxítonas terminadas em **-r**). Na letra E, paroxítona terminada em **-ens** não é acentuada! Por isso o certo é ***itens***, sem acento.

16 – D. Usa-se ***vê***, pois o verbo está na 3ª pessoa do singular, concordando com o núcleo do sujeito "chefe". Se o núcleo do sujeito estivesse no plural, aí escreveríamos (de acordo com a nova ortografia) como está na letra B: ***veem*** (sem acento agora!). Olha aí mais uma questãozinha de nova ortografia!

17 – CERTO. As palavras ***têxtil*** *(**têx**-til)* e ***pênsil*** *(**pên**-sil)* são paroxítonas terminadas em **-l**, por isso o acento é obrigatório. Se forem ao plural, continuarão sendo acentuadas obrigatoriamente, pois serão terminadas em ditongo, seguido de desinência de plural **-s**: ***têx-teis*** *e* ***pên-seis***. Talvez esta questão gerasse certa dificuldade envolvendo a forma plural de *pênsil*. Mas saiba que os substantivos oxítonos terminados em **-il** recebem um **-s** no lugar do **-l**; os substantivos paroxítonos terminados em **-il** recebem a terminação **-eis** no lugar de **-il**. Ou seja, *barril > barris; fóssil > fósseis*. Safo? As palavras *obsolescência (ob-so-les-**cên**-cia)* e *ciência (ci-**ên**-cia)* são paroxítonas terminadas em ditongo crescente. Logo, são obrigatoriamente acentuadas. Tanto em *déspotas (**dés**-po-tas)* como em *déspota*, o acento é obrigatório, pois a palavra é proparoxítona (antepenúltima sílaba tônica); independente de estar ou não no plural, nada muda quanto ao uso do acento neste caso.

18 – ERRADO. As palavras não são acentuadas pela mesma regra: *ônibus (**ô**-ni-bus)* é proparoxítona. Todas as proparoxítonas são acentuadas sempre! Já *invioláveis* é paroxítona terminada em ditongo decrescente *(in-vi-o-**lá**-veis)*. O **-s** é só uma desinência de plural.

19 – CERTO. Ambas as palavras são proparoxítonas (*a-na-**lí**-ti-ca* e *te-**rí**-a-mos*), logo são obrigatoriamente acentuadas!

20 – ERRADO. O vocábulo *países (pa-í-ses)* é acentuado pela regra do hiato. Já o vocábulo áreas *(á-reas)* é acentuado pela regra das paroxítonas terminadas em ditongo.

21 – CERTO. Ambas as palavras são obrigatoriamente acentuadas por serem proparoxítonas!

22 – ERRADO. Os primeiros vocábulos (*es-pé-cies/di-fí-ceis*) são acentuados por serem paroxítonos terminados em ditongo crescente. Já a palavra *históricas* é acentuada por ser proparoxítona.

23 – INCORRETA. As palavras *ninguém*, *pé*, *você* **não** são acentuadas pela mesma razão, porque a primeira é oxítona terminada em **-em**; a segunda é um monossílabo tônico terminado em **-e**; a terceira, uma oxítona terminada em **-e**.

24 – INCORRETA. As palavras *ponderará*, *informática* e *possuía* **não** são acentuadas pela mesma razão. A primeira é oxítona terminada em **a**, e a segunda é proparoxítona (todas são acentuadas), e a última é acentuada pela regra dos hiatos (**i** e **u**), seguidos ou não de **s**.

25 – D. Esta é uma aula de uso do hífen, segundo a nova ortografia. Em todas as afirmações, o hífen deve ser utilizado, exceto em palavras formadas por prefixo terminado em vogal quando o segundo elemento começa por **r** ou **s**, como diz a letra D. Exemplo: antirrugas, infrassom.

26 – D. As palavras *heróico, onomatopéico e platéia* tinham acento por apresentarem ditongos abertos, mas a nova reforma ortográfica aboliu o acento agudo nos ditongos abertos de palavras paroxítonas, logo o certo agora é: *heroico, onomatopeico, plateia.*

27 – CORRETA. Olha aí a questão fresquinha de paroxítona terminada em ditongo crescente, que pode ser uma proparoxítona eventual ou relativa! Ou seja, *pa-ci-ên--cia* (paroxítona terminada em ditongo crescente) ou *pa-ci-ên-ci-a* (proparoxítona eventual ou relativa).

28 – A. A palavra *substituído* é acentuada pela regra dos hiatos (*subs-ti-tu-*Í*-do*), diferentemente das demais, que são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente (polícia, jurisprudência, saqueável).

29 – E. A palavra *armazém* é acentuada por ser oxítona terminada em **-em**. A palavra órgão é acentuada por ser paroxítona terminada em ditongo decrescente **-ão(s)**. A palavra *caráter* é acentuada por ser paroxítona terminada em **-r**. Eu não queria comentar, mas meus dedos coçam... sentiu a maldade na palavra *magoa*. Ela pode ou não ser acentuada: ***má**goa* (substantivo) e *ma**go**a* (verbo).

30 – INCORRETA. Não se usa mais (segundo a nova ortografia) o acento agudo no **u** tônico das formas (tu) *arguis*, (ele) *argui*, (eles) *arguem*, do presente do indicativo do verbo *arguir*. Nunca se usou, além disso, acento agudo ou trema em *argúo*. O certo é: *eu* **arguo**, *tu* **arguis**, *ele* **argui**, *nós* **arguimos**, *vós* **arguis**, *eles* **arguem**.

31 – INCORRETA. Faltou à frase um acento agudo na forma verbal *mantém*, oxítona terminada em **-em**. Só de curiosidade: como o verbo *manter* é derivado do verbo *ter*, no plural a forma seria: *mantêm*. Ok?

32 – INCORRETA. O verbo ***vir*** está no singular e concorda com o núcleo do sujeito "uma" (uma das quais), por isso não pode vir acentuado pelo acento circunflexo. Os verbos ***vir*** e ***ter*** só recebem acento circunflexo se estiverem na 3ª pessoa do plural. Deveria ser assim: "... ***uma*** das quais... ***vem*** merecendo...".

33 – E. Se o prefixo estiver terminado em vogal seguida de palavra iniciada por **s**, o **s** duplica. Logo, antissemita é a forma correta!

34 – CERTO. São todas paroxítonas terminadas em ditongo crescente, por isso o acento.

35 – ERRADO. A primeira palavra é paroxítona terminada em ditongo decrescente nasal e a segunda é proparoxítona, logo não seguem a mesma regra de acentuação.

36 – CERTO. Todas são oxítonas terminadas em **a**, logo são obrigatoriamente acentuadas: comunicá-las, ensiná-las, comandá-las.

37 – E. Todas as palavras são acentuadas pela regra dos hiatos tônicos (**i** e **u**).

38 – A. A pronúncia correta é *misTER*, oxítona, que significa normalmente incumbência ou necessidade. As demais são paroxítonas, como a *VAro: filanTROpo, graTUIto, maquinaRIa, iBEro.*

39 – A. A palavra *por* é uma preposição e a palavra *pôr* é um verbo. Eis o papel do acento diferencial.

40 – E. De acordo com a nova regra dos ditongos abertos, *ideia* não mais tem acento.

41 – D. *Angústia* (substantivo), *angustia* (flexão do verbo angustiar); *crítica* (substantivo), *critica* (flexão do verbo criticar); *análise* (substantivo), *analise* (flexão do verbo analisar); *escritório* (substantivo). Não existe *escritorio*, do verbo *escritoriar*, porque esse verbo não existe! Questão bonitinha!

Capítulo 3

Gabarito

1 – B. Há incorreção na letra A, pois "infringir" é cometer infração e "infligir" (este, sim, está certo no contexto) significa aplicar uma pena. Na letra C, está incorreta a escrita da palavra "homogeinizar" (homogêneo + izar), deveria ser homogene**i**zar (Lembra-se do I após o 'e' em palavras terminadas em 'eo'?). Na letra D, "iminente"

é prestes a acontecer e 'eminente' (este, sim, está certo) significa superior, elevado, importante. Na letra E, 'aferir' é medir e 'auferir' (esta, sim, é a forma certa) equivale a obter (lucro).

2 – A. O vocábulo "perspassa" não existe, mas sua proximidade na forma com "perspicácia e perspectiva" faz o candidato cometer um equívoco. O certo é ***perpassa***. Esse é o único erro de grafia no texto. Em "simultaneidade", há uma derivação de "simultâneo", em que a letra **I** aparece no lugar da letra **O** antes do sufixo **-dade**. Perfeito! Sobre "espectador", você talvez tenha ficado na dúvida com o homônimo homófono "expectador", não? Segundo o Manual da PUC-RS: "Espectador – o que observa um ato" e "Expectador – o que tem expectativa". Logo está certo!

3 – D. Em A, **avareza** (avaro + eza). Em B, **aprazível** (mesmo radical que prazer). Em C, escreve-se **razão**. Em E, **cafezal** (café + z + al).

4 – B. A: catequese. C: analisar. D: deleitoso. E: catálise.

5 – B. A: manteigueira. C: meritíssimo. D: intitulado. E: beneficente.

6 – ERRADO. O verbo **viger** está conjugado errado. Houve um erro em sua grafia. No pretérito perfeito do indicativo, esse verbo é conjugado assim: eu vigi, tu vigeste, ele **vigeu**, nós vigemos, vós vigestes, eles vigeram. Portanto, o texto deveria ser reescrito com a forma *vigeu* em vez de *vigiu*.

7 – B. Escrevemos com **S** os verbos terminados em **-isar**, quando a palavra primitiva já possuir **S** no radical: ParaliSia = Parali**S**ar.

8 – CERTO. Os vocábulos *imundície, imundice* e *imundícia* são formas variantes.

9 – E. Na letra A, deveria haver estas correções ortográficas: "Intervensões (Intervenções) governamentais massiças (maciças) e até agora sem precedentes não conseguiram conter os impactos da crise financeira em diversos países.". Não confunda precedente (anteceder) com procedente (origem). Na letra B, deveria haver estas correções ortográficas: "A permanência e a gravidade dos desdobramentos da crise financeira deicham (Nossa! Essa foi forte! Preciso dizer que se escreve DEIXAM?) dúvidas e originam expeculações (especulações) em todo o mundo.". Na letra C, deveria haver estas correções ortográficas: "A ganância por lucros cada vez maiores fez com que os riscos dos investimentos crecessem (cre**sc**essem, que vem de cre**sc**er) esponencialmente (e**x**ponencialmente, que vem de e**x**ponencial) no mercado financeiro.". Na letra D, deveria haver estas correções ortográficas: "A excessiva circulação

de instrumentos financeiros imbutia (embutia) imenço (imenso) potencial de perigos redundando, como se viu, em enormes prejuízos.".

10 – D. Observe: "O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto." Se *descriminar* (daí *descriminado*) significa "considerar ou declarar inocente; tirar a culpa; absolver; inocentar", ***indescriminado*** só pode ser o oposto. Mas este sentido não cabe no contexto. O certo seria "O desmatamento indiscriminado...", ou seja, "sem controle, sem ordem, sem critério etc.; descontrolado, desordenado, desregrado etc.". A palavra *estenso* não existe, mas sim ***extenso***.

11 – E. Na letra A, deve ser ***conteve***, e não *conteu*, porque a conjugação do verbo *conter* (derivado do verbo ter) neste caso (pretérito perfeito do indicativo) é assim: eu contive, tu contiveste, ele **conteve**, nós contivemos, vós contivestes, eles contiveram. Na letra B, não é *esmoresciam*, mas ***esmoreciam***, derivado de esmorecer. Na letra C, *prEvilegiasse* é dose! É prIvilégio, prI, ***prIvilegiasse***. Safo? Uma letrinha pode acabar com a vida de uma pessoa. Na letra D, é ***titubEaram***, e não *titubiaram*, porque a palavra correta vem de ti-tu-b**e**-ar.

12 – A. Algumas pessoas pronunciam a palavra ***prazeroso*** assim: *prazeiroso*. Isso acaba influenciando sua escrita. Cuidado! Veja as formas corretas agora. Em B: abstenÇão. Em C: aviZinha. Em D: excluI. Em E: obCecados e goZosa.

13 – B. Vejamos: impreSCindíveis (vem de preSCindir), obseSSão (vem de obSED(I)AR), deserÇão (vem de deserTAR, deserTOR), baliZadores (vem de baliZa).

14 – INCORRETA. O verbo ***construir*** termina em **-uir**, logo, na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, se escreve com a letra **I**, e não com **E** (***constroe*** está errado). Portanto, o certo é: "Constrói-se o espaço...". Não se esqueça também do acento agudo, seguindo a regra dos ditongos abertos (éi, éu, ói, em palavras não paroxítonas).

15 – CERTO. As expressões "Império Romano" e "Revolução Francesa" são escritas com letra maiúscula, pois, respectivamente, referem-se a **instituições (acadêmicas ou não), períodos notáveis, acontecimentos (históricos ou não)**. Já "Cristianismo" pode ser escrito também com minúscula (cristianismo). **Nos nomes de leis, decretos, atos ou diplomas oficiais, a letra maiúscula deve ser usada, por isso está correta a escrita de** "Lei nº 8.888/1998".

16 – A. Atente para as seguintes palavras da letra A (decore-as): ***reminiscências, esdrúxulas, exorbitava***. Sobre ***iguaizinhas***, talvez você tenha ficado em dúvida. Estou

errado? Bem, a palavra está correta mesmo, porque o plural diminutivo de uma palavra é feito assim: igual > iguais > iguai + (z)inhas > iguaizinhas. *Voilà*! Na letra B, "O espaço era exíguo (escreve-se ***exíguo*** por se tratar de uma paroxítona terminada em ditongo crescente), à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear (***granjear***, pois vem de *granja*) a simpatia do padre inflingindo-lhe (***infligindo***, pois vem de *infligir*) pratos que excitavam sua gula.". Na letra C, o certo é ***descansar***, de *descanso*. Na letra D, atenção para a palavra ***presunção*** (e não presunsão) e ***lisonjeiro*** mesmo (e não *lisongeiro* como alguns, infelizmente, escrevem). Na letra E, sobre ***ojeriza*** já falamos. Cuidado com ela! Em *ferí-lo* há um erro de acentuação, pois somente as oxítonas terminadas em -a, -e, -o, -em (e seus plurais) recebem acento; por isso, deveria ser tão somente *feri-lo*.

17 – A. Na letra B, deveria haver estas correções ortográficas: "A escursão (excursão) prometida não ocorreu, pois o número de interessados foi excessivo; mas até isso colaborou para o explendor (esplendor) da viagem, pois o desconto oferecido surpreendeu.". Na letra C, deveria haver estas correções ortográficas: "Casualmente encontraram-se no saguão; ela parecia advinhar (adivinhar) o que ele tinha a lhe dizer, por isso não lhe deu oportunidade de ser posta em cheque (xeque).". Na letra D, deveria haver estas correções ortográficas: "Considerou ultrage (ultraje (Lembra a banda?)) o comentário adivindo (advindo) do seu sucessor, mas, para preservar-se, abdicou de dar-lhe resposta à altura.". Na letra E, deveria haver estas correções ortográficas: "Com a dispensa (despensa; estas palavras são parônimas) abarrotada de produtos nobres, não exitou (hesitou) um minuto ao negar um jantar aos participantes do programa de inclusão social.".

18 – D. As palavras "assacinar", "almentar", "esibido" e "alcanse" não estão de acordo com a ortografia oficial. Segundo o VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa), encontrado no *site* da ABL (Academia Brasileira de Letras), as palavras devem ser grafadas assim: "assassinar", "aumentar", "exibido" e "alcance". Consulte bons dicionários, como Houaiss, Aulete e Aurélio.

19 – E. *Beneficiente* não existe, mas sim ***beneficente***. As demais alternativas apresentam as seguintes incorreções (a forma correta vem ao lado de cada uma): *sensasão/**sensação**; despezas/**despesas**; advinhou/**adivinhou**; impecilhos/**empecilhos***.

20 – D. Na letra A, algumas formas dos verbos terminados em **air**, **oer**, **uir**: *atrai (de atrair), dói (de doer), influi (influir), **possui** (de possuir)...* mantêm a letra I na sua conjugação. Portanto, ***possue*** é um erro! Na letra B, as formas corretas são ***advento*** e ***imensa***. Memória visual. Na letra C, as formas corretas são ***escassez*** (substantivo abstrato derivado do adjetivo *escasso*) e ***o porquê*** (vou explicar essa expressão no próximo

capítulo). Na letra E, as formas corretas são ***descomunal*** e ***consolidação***. Essas duas palavras até se explicam pelas regras ortográficas: a palavra *descomunal* significa fora do comum, o que não é comum, portanto usa-se o prefixo **des**, que carrega o sentido de oposição, ausência; ok? Agora, em *consolidação*, que significa ato de consolidar, o sufixo ção é responsável por "transformar" um verbo (consolidar) em substantivo abstrato (consolidação). Moleza!

21 – E. A palavra *ascenção* não existe, mas sim ***ascensão***. Derivado do verbo ascender, que tem **-nd** no radical, a palavra se escreve com ***-s***. Já ia me esquecendo da palavra ***expressivo***; bem, o S entre vogais tem som de **Z**, portanto é preciso um outro **S** (daí o duplo **S — SS**) para que, na escrita, o som da palavra lida corresponda ao som correto (na fala).

22 – C. Talvez a única palavra que provocasse dúvidas em você seria ***estresse***, que vem do inglês *stress* (com dois *esses*) e se manteve na escrita portuguesa, com leve alteração. Tenho certeza de que você acertou essa. Bem, na letra A, as palavras corretas são ***carboidratos*** e ***nível***. Esta última se acentua porque é paroxítona terminada em **l**. Na letra B, ***concentraÇão*** vem de *concentrar*. Na letra D, há uma regra do dígrafo SS que diz que, em verbos terminados em **primir, meter, mitir, cutir, ceder, gredir**... usa-se o **SS**: ***excesso*** (ex***ceder)***, ***impressão*** (de im***primir)***, ***depressão*** (de de***primir)***... E ***nocivo*** é escrito com **C** por causa da etimologia (origem da palavra), vem desde o latim com **C**. Na letra E, a palavra ***toxinas*** **não é acentuada por se tratar de uma paroxítona terminada em -a(s)**. E há aquele famoso caso do ***mal/mau***. Segue a regra: a forma "mal" pode ser um substantivo, um advérbio (antônimo de 'bem') ou uma conjunção subordinativa temporal (equivalendo a 'logo que', 'assim que'). "Mau" pode ser um substantivo ou um adjetivo (equivalendo a 'bom'). Logo deve ser "mal".

23 – A. Talvez você ficasse em dúvida na palavra ***viajem***, pois também existe a palavra ***viagem***. São palavras homônimas homófonas, ou seja, apresentam grafia diferente, mas som igual. A palavra ***viagem*** é um substantivo (Fiz uma viagem longa.). Já a palavra ***viajem*** é um verbo na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo. Sobre ***excesso*** (de exceder) eu já falei, e você já está escaldado. Vale lembrar, porém, que ***exceção*** é com Ç. Na letra B, há duas palavras erradas: ***deslises*** e ***cheque***. As formas corretas, no contexto, são ***deslizes*** e ***xeque***. Existe a palavra *cheque*, mas não cabe neste contexto; já a palavra *xeque* é adequada, pois significa "situação que representa ameaça ou perigo; risco". Acho que vale a pena dizer, de novo, algo a respeito de *espontaneidade* e da palavra *cortês:* nas palavras terminadas em EO (espontâneo), acrescenta-se a vogal I e depois um sufixo (-dade): espontâneo > espontane**i**dade; em cortês, usa-se o *S* e não Z porque se trata de um adjetivo. Na letra C, *descançar* é escrito com S, ***descansar***, *descanso, descansado*... A palavra ***frondoza*** é escrita com S, também desde o latim. As

demais palavras estão corretas! Ah!, decore a palavra **ojeriza**, que não é hojeriza, nem hogeriza, nem hogerisa, nem ogeriza, nem ogerisa, nem ojerisa. Na letra D, não é *influe*, mas ***influi***, de verbos terminados em ***-uir***. Sobre *impecilho*, só tenho a dizer que tal palavra não existe, mas sim ***empecilho***, que é aquilo que empece, e vem de empecer, empeço etc. Na letra E, há algumas palavras interessantes e que são recorrentes em questões de ortografia em variadas provas de concurso público e militar; corrigi apenas as que estão seguidas das palavras corretas entre parênteses: "O diretor exitou (hesitou) ao aprovar a retenção (!) dessa alta quantia, mas não quiz (quis) ser taxado (cuidado com o parônimo tachado) de conivente na concessão (!) de privilégios (!) ilegítimos.". As seguidas de ! são interessantes, pois normalmente são escritas assim (para enrolar o candidato): *retensão, tachado* (esta forma está sempre em um contexto de depreciação; taxado nem sempre), *conceção* e *previlégios*.

24 – ERRADO. O erro está na forma verbal "basea-se"; deveria ser "baseia-se", com **I**. Isso ocorre porque os verbos terminados em **-ear** e **-iar** têm uma forma peculiar de grafia no momento em que são conjugados, como já vimos na teoria.

25 – ERRADO. A palavra "encalso" não existe; a grafia correta é "encalço", com ç; derivado regressivo de *encalçar*. Daí o uso do Ç.

26 – A. Os verbos terminados em **-ear** (recear, passear, nomear, sapatear e frear) recebem a letra **I** depois da letra **E** só na 1ª pessoa do singular, na 2ª pessoa do singular e na 3ª pessoa do singular e plural (no presente do indicativo e no presente do subjuntivo). Exemplo de conjugação no presente do indicativo e do subjuntivo do verbo nomear: **Eu nomeIo, Tu nomeIas, ele nomeIa, nós nomeamos, vós nomeais, eles nomeIam/Que eu nomeIe, tu nomeIes, ele nomeIe, nós nomeemos, vós nomeeis, eles nomeIem**. Como o verbo da letra A está na 3ª pessoa do plural do imperativo negativo, que é a cópia do presente do subjuntivo, recebe a letra **I** depois da letra **E**: **receiem**. Note que o verbo da B está no pretérito perfeito, por isso não recebe a letra **I**! Note que em C faltou a letra **I**, pois o verbo está na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo. Note que na D, faltou a letra **I**, pois o verbo está na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo. Por fim, faltou o **I**, pois o verbo está na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo.

27 – A. A regra é clara: nos substantivos derivados de verbo com **-mitir** no radical, usa-se -ss em sua formação. Daí que **admitir** > **admissão**. Corrigindo as demais: *distensão* (pois vem de distender, que tem **-nd** no radical); *discussão* (pois vem de discutir, que tem -cutir no radical); *exceção* (pois vem de exceto, que tem *-to* no radical); *extensão* (pois vem de estender, que tem -nd no radical).

28 – C. Veja as palavras escritas corretamente. Em A: intemperança. Em B: manusear e dispensa. Em D: disenteria. Em E: discricionário.

29 – C. Veja as palavras escritas corretamente. Em A: ***incidência*** (de incidir, incidente). Em B: ***beneficentes***. Em D: ***achincalhar*** e ***maledicência***. Em E: ***Viajem*** (verbo).

30 – E. Segundo a regra de ortografia da letra **Z**, o sufixo **izar** é usado quando não há **S** no radical das palavras. Portanto, "hospital + izar = hospitalizar", "civil + izar = civilizar" e "humano + izar = humanizar".

31 – C. **Despõem** e **Empacto?** Só pode ser brincadeira! O "homem da banca" pediu para você não errar a questão! O verbo *dIspor* se conjuga na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo, assim: "Poucos estudiosos se **dIspõem**...". Preciso explicar por que **Empacto** está errado? Até o Google me corrige: "Você quis dizer: ***impacto***".

32 – CERTO. Comentário correto e autoexplicativo.

33 – ERRADO. *Percentual* poderia ser reescrito como *porcentual*, pois é uma palavra com dupla grafia. O sentido é o mesmo. Já *percentil* significa "cada um dos cem grupos em que se dividam os resultados de observação de uma variável, ordenados por ordem crescente; o grupo mais baixo será o primeiro percentil e, assim, sucessivamente".

34 – D. A palavra *defasagem* se escreve com S, assim como *defasar*.

35 – D. Seguindo as regras de Ç, temos: em palavras com ***to*** no radical: *projeto > projeção;* em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-tar/-tor** (principalmente!): *produtor > produção, redutor> redução;* fique atento a palavras derivadas de verbos dos quais se retira a desinência **r** e coloca-se o sufixo **ção**: *desacelerar > desaceleração*. No caso dos verbos da letra d), segue-se a regra de palavras terminadas em **-tor**: *obstrutor > obstrução; interventor > intervenção; condutor > condução*. Sobre as demais: a) admissão, agressão, intuição; b) discussão, emissão, aferição; c) inquirição, impressão, perseguição; e) redução, omissão, extinção. Consulte as regras!

36 – D.Vejamos uma por uma: a) À mínima contrariedade, **exacerbava**-se de tal maneira que seus excessos verbais eram já conhecidos de todos. b) A **espontaneidade** com que se referiu ao local como "**empesteado**" fez que todo o auditório explodisse em risos. c) Quanto à infraestrutura, será necessário **reconstruí**-la (regra do hiato: re-cons-tru-Í-la) em prazo curto, mas sem que haja qualquer tipo de **displicência**. e) A obra faraônica será uma **excrescência** naquela paisagem bucólica, mas ninguém teve êxito em convencer os responsáveis da necessidade de revisão do projeto.

37 – A. Corrigindo os erros das letras B, C, D e E: bele**z**a, deslizou, **hes**itar e preten**s**ões. Cuidado com a forma "ESTRUPAR", inexistente na língua. Dói até de falar.

Capítulo 4

Gabarito

1 – E. Em A, a ideia é de finalidade e não de causa. Em B, não há um paradoxo, pois não há sequer uma ideia de oposição, ou seja, "muitos centros" não se opõe a "pouco dinheiro". Em C, a expressão sublinhada tem valor pejorativo, já a expressão em negrito não. Em D, a expressão sublinhada está ligada a uma ideia positiva; a expressão em negrito, não. (Se fosse "ao encontro de", aí sim estaria correta a substituição.) Portanto, o gabarito é a letra E, afinal, "em tese" e "como conceito" são expressões sinônimas. Outra expressão sinônima de "em tese" seria "em princípio". Cuidado para não confundir com "a princípio", que significa "inicialmente". Foi?

2 – B. ***Mandato*** significa tempo de serviço prestado em prol do povo, logo não poderia ser ***mandaDo***, que significa ordem/incumbência para cumprir determinado propósito. São palavras parecidas na pronúncia e na grafia, logo são palavras parônimas. Lembrou?

3 – O primeiro grupo está **CORRETO**. Observe que o verbo ***haver*** indicando tempo decorrido foi substituído por ***faz***. Por isso está perfeita a reescritura. O segundo grupo está **INCORRETO**. Houve um problema no uso de ***a cerca de*** (é usada para indicar distância aproximada ou tempo futuro aproximado), mas, no contexto, o certo é usar ***há cerca de***, que indica tempo passado/decorrido aproximado. A reescritura deveria ser esta, portanto: "No Brasil, a nacionalidade e a literatura formaram um 'sistema' interessantíssimo, que **HÁ cerca de** (tempo decorrido aproximado) trezentos anos desenvolve-se.".

4 – A. Mal = bem; mau = bom. Na maioria das vezes, ok? Veja: "II. Não há nenhum mau (bom?) na utilização do Caixa 2. Os recursos não contabilizados não são um mau (bom?), porque todos os políticos o utilizam./III. É mau ('bom' cabe aqui) apenas lamentar a atitude dos políticos. O povo poderá puni-los com o voto nas eleições que se aproximam. Nesse momento, como diz o ditado popular, eles estarão em mal (bem?) lençóis." Vejamos a resposta: em I: "O mau ('bom' cabe aqui) julgamento político de suas ações não preocupa os deputados corruptos. Para eles, o mal ('bem' cabe aqui) está na mídia impressa ou televisiva.".

5 – CORRETA. Quero ressaltar algumas palavras e expressões para você decorar: "Quando se considera a par do tema, ajuíza sem medo, mas, ao se compreender insipiente, pára tudo e pede aos especialistas que o catequizem no assunto para não passar por néscio". Não confunda o homônimo homófono ***insipiente*** (ignorante) com ***incipiente*** (principiante). Não confunda ***a par de*** (ciente de) com ***ao par de*** (pareado economicamente). Sobre ***pára***, retirou-se o acento na nova ortografia.

6 – INCORRETA. Esta alternativa testava seu conhecimento deste fato da língua culta: *de encontro a* **x** *ao encontro de*. A primeira expressão tem carga semântica negativa, por isso não cabe no contexto. A segunda tem carga semântica positiva, por isso cabe perfeitamente no contexto. Veja a correção plena: "É *prazerosa* a experiência de quem formula propósitos e promove ações que vão **ao encontro *deles***". Percebe que o contexto é todo positivo? Agora, só de curiosidade, na língua culta, não se usa "o mesmo(a/s)" (pronome demonstrativo) para retomar palavras anteriores. Só se usa tal expressão quando equivale a "mesma coisa". Exemplo: *Ele disse para eu ficar quieto, o mesmo serve para você.*

7 – CERTO. Levando em conta que "porque" pode ser substituído por "pois", a substituição procede perfeitamente. *Algumas pessoas têm mais dinheiro do que outras pois sabem como aumentar sua riqueza.*

8 – D. Denotação: significado básico, objetivo, literal de uma palavra. Conotação: significado secundário, subjetivo, figurado de uma palavra. Na letra A, automóvel não pode ter religião (conotação). Na letra B, o mercado não pertence a mitologia alguma (conotação). Na letra C, a região sul não recebe ninguém de braços abertos, pois não tem braços (conotação). Na letra D, não há linguagem conotativa alguma, pois as palavras têm sentido real. Na letra E, cardápio (?) ambiental não tem fome nem passa fome, ora (conotação). Esta foi fácil, não é?

9 – CORRETA. É impossível que a ANS opere numa corda bamba, li-te-ral-men-te, pois a ANS é uma instituição e não uma pessoa; logo, há conotação (sentido figurado), conferindo um tom de informalidade ao texto. Isso porque na linguagem informal, usamos muitas conotações.

10 – CORRETA. "Acusar" pode ter vários sentidos, a depender do contexto. Quando um lutador leva um golpe e sente este golpe, o que o narrador da luta diz? "Fulano acusou o golpe!" Neste mesmo sentido, "as finanças públicas estão sofrendo pressão, devido a isso elas *apontam, indicam, revelam, mostram, evidenciam* 'deficits' muito elevados".

11 – A. Levando em conta o que são parônimos e o quadro de parônimos já apresentado lá atrás, só poderíamos marcar a letra A, pois ***descrição*** e ***discrição*** são palavras próximas na pronúncia e na grafia (sentidos diferentes). Na B, as palavras são iguais na pronúncia e na grafia, logo não são parônimas. Na C, estamos diante de palavras homônimas homógrafas, ou seja, palavras diferentes na pronúncia, mas iguais na grafia (e diferentes no sentido). A palavra ***sede*** (é) significa "localização central de uma instituição, empresa, firma etc."; já ***sede*** (ê) significa "apetite, necessidade, vontade de beber". Na D, as palavras são iguais na pronúncia e na grafia, logo não são parônimas. Na E, estamos diante de homônimos perfeitos, ou seja, vocábulos iguais na pronúncia e na grafia (sentidos diferentes e, normalmente, classes gramaticais diferentes). ***Feridos*** no primeiro caso é um substantivo; no segundo, um adjetivo.

12 – D. Não deixe as palavras parônimas derrubarem você! Observe: "O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.". Se *descriminar* (daí *descriminado*) significa "considerar ou declarar inocente; tirar a culpa; absolver; inocentar", ***indescriminado*** só pode ser o oposto. Mas este sentido não cabe no contexto. O certo seria "O desmatamento indiscriminado...", ou seja, "sem controle, sem ordem, sem critério etc.; descontrolado, desordenado, desregrado etc.". A palavra *estenso* não existe, mas sim ***extenso***.

13 – B. De novo! Palavras parônimas são as que se parecem na grafia e na pronúncia, mas têm sentidos diferentes, logo cabe dizer que *tráfego* (movimentação, fluxo de carros, por exemplo) e *tráfico* (comércio ilícito) são parônimas por esse motivo.

14 – C. O primeiro ***porquê*** é junto e acentuado pois é um substantivo acompanhado de determinante (artigo, pronome, numeral ou adjetivo). O segundo deveria ser separado e sem acento, pois equivale a "pelas quais". O terceiro está certo por estar separado e acentuado, visto que finaliza o período e não vem acompanhado de determinante. O quarto está certo, pois equivale a "pela qual".

15 – CERTO. Esta questão tratava de mais um fato da língua culta. A expressão "ao invés de" é usada com formas antônimas na frase em que aparece, equivalendo a "ao contrário de/em oposição a"; já "em vez de" equivale a "no lugar de". Portanto, nesse contexto, como não há ideia de oposição, a substituição de "no lugar de" por "em vez de" está correta.

16 – ERRADO. No caso, a simples substituição já seria suficiente: "Finalmente estou bem das pernas."; se usamos **bem**, o certo é substituir por **mal**, com L. Curiosidade:

quando a palavra **mal** está ligada à ideia de doença, como **mal** de Parkinson, **mal** de Alzheimer, escreve-se com L.

17 – E. Esta questão trata de parônimos. Flagrante (exato instante) não é o mesmo que fragrante (aroma, cheiro bom). Portanto deveria ser "A fragrância do perfume...". Reveja o quadro de parônimos.

18 – A. A expressão **por que** pode ser substituída por "por qual razão/a razão pela qual". A palavra **porque**, conjunção explicativa ou causal, pode ser substituída por *pois, visto que, já que, uma vez que...* Sendo assim, com as substituições adequadas, teríamos a seguinte reescrita: *Eis a razão pela qual o espectador não se sente em casa em parte alguma, visto que o espetáculo está em toda parte.*

19 – D. Usa-se **a fim de** (separado), pois é uma locução prepositiva que indica finalidade, equivalendo semanticamente a expressões como *para que, a fim de que, com a finalidade de...* Portanto, o trecho deveria ser reescrito: "... Reforça, isso sim, a necessidade de aperfeiçoar instituições, **a fim de** (4) preservar a funcionalidade dos mercados e a concorrência...".

20 – D. Na letra A, o certo seria **iminente** (prestes a ocorrer); na letra B, o certo seria **ascender** (elevar-se); na C, **discrimina** (divide, organiza); na E, **diferir** (diferenciar). Na letra D, a palavra *espectativa* até existe (registrada no VOLP), mas é arcaica. Hoje se usa **expectativa** apenas. Questão de homônimos e parônimos. Dê uma lida nisso de novo!

21 – D. Em "O seu primeiro erro se deu quando tentou ajudar um amigo em apuros.", o verbo **dar**(-se) significa *ocorrer*; veja a reescritura: "O seu primeiro erro ocorreu quando tentou ajudar um amigo em apuros.". Questão de sinonímia.

22 – E. Em todas as demais opções, o "até" é sinônimo de "inclusive". Em E, indica direção, movimento.

23 – E. **Destacar-se** significa **diferenciar-se**, estar em relevo em relação a outros seres, portanto a substituição de *diferenciados* por *destacados* é plenamente cabível!

24 – C. **Congruência** significa "Identidade ou cor-res-pon-dên-cia entre as características de duas ou mais coisas.". Preciso dizer mais alguma coisa?

25 – B. Em "Alguns constrangimentos porque venho passando me obrigam a considerar outras opções.", o uso do "porque" está equivocado, pois no contexto, poderíamos substituí-lo por "pelos quais", o que nos leva à seguinte redação: "Alguns

constrangimentos **por que (pelos quais)** venho passando me obrigam a considerar outras opções.". Separado e sem acento, hein!

26 – D. Usa-se **senão** quando puder ser substituído por "do contrário"; sempre vem em uma oração ou contexto que não indique hipótese. Usa-se **acerca de** quando equivaler a *sobre*, indicando assunto. Por fim, usa-se **a fim de que**, locução conjuntiva, para indicar finalidade.

27 – E. **Aeronave** é todo e qualquer veículo de navegação aérea (hiperônimo; sentido abrangente) e **jatinho** é uma espécie de aeronave, logo tem o sentido mais específico (hipônimo).

28 – ERRADO. A expressão "por que" não pode ser substituída por "porque" uma vez que a primeira equivale a "pela qual", o que tão somente cabe ao contexto apresentado. Veja: "Daí a razão **pela qual**, segundo o filósofo...". Safo? Na segunda ocorrência, deve-se usar tão somente "porque" visto que equivale a "pois", tendo valor causal ou explicativo.

29 – E. Mera questão de sinonímia, ou seja, uso de palavras/expressões/frases diferentes com sentidos semelhantes. "Empenhar-se" e "dedicar-se com afinco" têm o mesmo sentido, portanto são expressões sinônimas; "na procura" e "à busca" também apresentam o mesmo sentido, logo a resposta só pode ser a letra E. Agora as incorretas. Sobre a letra A: prodigiosa = extraordinária, fenomenal, real, e não ilusória. Sobre a B: regalar = sentir grande prazer; empanturrar = encher-se. Sobre a C: singular = única, uniforme; variegado = diferente, variado. Sobre a D: indigitar = mostrar, designar.

30 – C. Em A, as palavras *iminente* e *eminente* são **parônimas**, ou seja, apresentam semelhança na escrita e na pronúncia, mas o sentido é diferente. Em B, as palavras *edifício* e *prédio* são **sinônimas**, ou seja, apresentam diferença na forma, mas semelhança no sentido. Em C, o gabarito, a palavra *manga* em ambas as frases, assim como *coral*, são **homônimas perfeitas**, ou seja, apresentam igualdade na escrita e na pronúncia, mas diferença no sentido. Em D, *figo* e *fruta* estabelecem entre si uma relação de **homonímia** e **hiperonímia**, em que *figo*, que é uma fruta, tem um sentido mais específico, enquanto *fruta* tem um sentido mais abrangente. Por fim, em E, as palavras *sala* e *escola* pertencem ao mesmo **campo semântico**, ou seja, pertencem ao mesmo grupo de palavras que partilham de um mesmo "universo" semântico, isto é, quando pensamos em *escola*, *sala* é um dos seus componentes, certo?

31 – E. Ambos os sentidos do verbo tocar (no enunciado e na opção E) são de sensibilizar, impressionar. Em A, o sentido é de tanger (fazer música, som). Em B, o sentido é de soar. Em C, o sentido é de iniciar. Em D, o sentido é de encostar.

32 – A. Usa-se **mau** quando se opõe a *bom* e usa-se **mal** quando se opõe a *bem*, normalmente. Portanto, na expressão *mau-humorado*, substitua por *bom-humorado*. Existe tal palavra? Não! Agora ***bem**-humorado* existe, não é? Sim! Logo, escreve-se ***mal**-humorado*. Em B, a forma **por que** (= pela qual) está certa. Em C, **aonde** é forma certa, pois o verbo *chegar* após *aonde* exige a preposição A, logo, A + ONDE = AONDE. Em D, **senão** (= exceto, a não ser) está certo. Em E, **acerca de** (= sobre) está certo.

33 – B. A expressão "objetivo... *Comum, vírgula*" significa que todos tinham o mesmo objetivo comum, geral; iam trabalhar, mas dessa vez seria diferente, pois o contexto permitiu que todos faturassem devido ao evento da baleia encalhada. Logo, "Geral, mas nem tanto." é uma expressão sinonímica que mantém o sentido original.

34 – D. Esta foi fácil, pois as palavras das expressões da letra D são sinônimos facilmente identificáveis: perspectivas = visões; mais sombrias = menos animadoras.

35 – B. **Replicar** tem como sinônimos estas palavras: contestar, objetar, redarguir, refutar, retorquir, retrucar, revidar, copiar, reproduzir etc. No contexto, já que se trata de fazer moléculas iguais às da natureza, ficamos com o verbo **reproduzir** (copiar).

36 – A. São **homônimos** homófonos, logo **homonímia**.

37 – E. "Para" é uma preposição que normalmente indica finalidade e pode ser substituída pela locução prepositiva "a fim de", e não "afim de". Além da semântica, esta questão trabalhava noções de preposição e ortografia.

38 – D. Note que todas as palavras mantêm sentidos semelhantes à do enunciado, exceto escassez, que é o antônimo (sentido posto) de exuberância.

39 – C. Sesta e cesta são *parecidas* na pronúncia e na grafia, por isso são parônimas. As demais palavras são homônimas homófonas, pois apresentam grafia diferente e pronúncia idêntica.

40 – E. Há intertextualidade em todas as frases, exceto na E, porque apresentam frases prontas (ditos populares), já existentes pelo nosso conhecimento de mundo. a) "Se tudo o que é bom dura pouco, eu já deveria ter morrido há muito tempo". b) "Nariz é essa parte do corpo que brilha, espirra, coça e se mete onde não é chamada".

c) "Une-te aos bons e será um deles. Ou fica aqui com a gente mesmo!" d) "Vamos fazer o feijão com arroz. Se puder botar um ovo, tudo bem.".

Capítulo 6

Gabarito

1 – A. Apenas o elemento **panto** está com seu sentido indicado equivocadamente. Ele, na verdade, significa *tudo, todo* (vem do grego *pan-*, *panto-*). *Pantofobia* (*panofobia* ou *panfobia*) é o medo infundado de tudo, de qualquer coisa.

2 – A. As palavras são formadas por derivação sufixal, pois, nas duas primeiras, o sufixo **-dade** é usado; na terceira, usa-se o sufixo **-oso**. Resumindo: *responsável* + *-dade* = *responsabilidade* (o **-vel** se torna **-bil**); *musical* + *-dade* = *musicalidade*; *defeito* + *-oso* = *defeituoso*. Foi?

3 – CERTO. A palavra *habitável* apresenta sufixo (**-vel**) e a palavra *inabitado* apresenta prefixo (**in-**) e sufixo (**-ado**). Portanto, ambas as palavras sofreram derivação.

4 – CORRETO. Para acertar uma questão de pontuação, é necessário ter conhecimento de neologismo. A palavra *financeirização* é inventada, não dicionarizada, portanto um neologismo.

5 – CERTO. Vejamos o processo: *combusto* + *-vel* > *combustível* > *bi* + *combustível* > ***bicombustível***. Note um detalhe muito importante: a maneira como o CESPE cobra a classificação da derivação é pelo último elemento constituinte da palavra. Como o prefixo **bi –** entrou por último para formar a palavra *bicombustível*, a derivação é prefixal. Outras bancas diriam que essa palavra sofreu derivação prefixal e sufixal, pois ela recebeu um sufixo e um prefixo em momentos diferentes em sua formação. Atenção ao estilo das bancas.

6 – D. Por eliminação, ficamos com a letra D, pois a recomendação é que siglas com quatro letras ou mais sejam escritas só com a primeira letra maiúscula: Ematra.

7 – C. Formação clássica de derivação parassintética (união simultânea de afixos): *en –* + *louco* + *-ecer* = *enlouquecer*.

8 – ERRADO. Em *instabilidade* (*in* + *estabilidade*) e *imperfeita* (*im* + *perfeita*), o prefixo **in(m) –** indica negação ou provação. Em *inçado*, **in –** faz parte do radical; não é prefixo. Em *impõe*, o **im –** indica movimento.

9 – ERRADO. *In**atur**ável* é aquilo que não se pode *aturar*. *Des**natur**ado* é aquilo que se *desnaturou*, que sofreu profundas alterações em sua **natureza**. Os radicais são diferentes.

10 – CERTO. Estas palavras são cognatas, pois têm o mesmo radical: **grav** (de *grave*).

11 – ERRADO. A palavra *anomalia* vem do adjetivo *anômalo* pelo acréscimo do sufixo **-ia**. Ou seja, a palavra sofreu sufixação, logo já está errada por aí. Por sufixação também, a palavra *alacridade* vem do adjetivo álacre. A palavra *arrebataram* é formada por derivação parassintética (*a* + *rebate* + *ar*).

12 – CERTO. *Lamentável* (adjetivo) + *mente* = *lamentavelmente*; *plena* (adjetivo) + *mente* = *plenamente*.

13 – D. Ocorre derivação sufixal: *descobrir* + *mento* = *descobrimento*.

14 – A. A palavra *desentristecer* (*des* + *entristecer*) vem de *entristecer* (*en* + *triste* + *ecer*) que vem de *triste*. Bonitinha a questão.

15 – D. Se o verbo virou um substantivo, houve mudança (conversão) de classificação morfológica.

16 – D. Por eliminação, temos de marcar a palavra *multiconfessionais*, pois nela há dois radicais: **multi –** e **confess-**, logo há composição por justaposição.

17 – A. Em *metropolitana*, o radical **metro** vem do radical grego **meter, metros** (mãe); em *metrologia*, o radical grego original é *métron*, que significa *medida*.

18 – C. I: cuidado com as palavras terminadas em **-inho**, pois nem sempre tal sufixo indica diminuição; *jeitinho*, por exemplo, carrega uma ideia afetiva. II: a palavra *utilitarista* sofreu derivação sufixal (*utilitário* + *ista*). III: a palavra *analfabetismo* vem de *analfabeto*, que vem de *alfabeto*; também podemos dizer que a palavra *analfabetismo* vem de *alfabetismo*, que vem de *alfabeto*; de qualquer modo, analisando todos os elementos que formaram a palavra *analfabetismo*, percebemos que os afixos entraram não simultaneamente.

19 – A. A palavra *megalópoles* tem dois radicais (**mega(lo) –** e **poles-**), mas alguns dicionaristas entendem que **mega –** é prefixo, logo podemos interpretar a palavra como derivada por prefixação; devido a isso, como **inter –** é prefixo, a palavra *internacional* é formada por derivação prefixal. As demais palavras são formadas por sufixação: *sustentável* + ***dade*** = *sustentabilidade; sanear* + ***mento*** = *saneamento; obrigatório* + ***dade*** = *obrigatoriedade; olímpia (olimpo)* + ***-ico*** = *olímpico*.

20 – C. Em *dissociação* e *discordar*, ambos os prefixos indicam negação, oposição. Os demais: *dissolver* (separação), *dispor* (distribuição, organização), *disenteria* (defeito, dificuldade), *dissimular* (aumento, intensidade).

21 – B. *Ocupar* > *ocupação* > *desocupação* ou *ocupar* > *desocupar* > *desocupação*. Os afixos entraram em momentos distintos para formar a palavra *desocupação*, logo a palavra pode ser classificada como tendo sofrido derivação prefixal e sufixal.

22 – CERTO. *Desert**or*** é aquele que deserta (pratica a deserção) e *integra**nte*** é aquele que integra. Ambos os sufixos evidenciam o sentido de agente.

23 – C. Ambas as palavras têm dois radicais que se uniram sem perda de elementos estruturais e fonéticos.

24 – ERRADO. Em *integração*, **in –** não é um prefixo, pois não existe a palavra "tegração"; em *impulsiona*, o **im –** indica movimento; em *indefectivelmente* e *imprudências*, o **in –** indica negação.

25 – ERRADO. Pelo contrário. O sufixo **-nte** carrega a ideia de *agente*: *detergente, fervente, purificante* etc.

26 – CERTO. Todos os morfemas têm o mesmo sentido, ou seja, indicam movimento para o meio, posição intermediária.

27 – B. A palavra *desfavoravelmente* foi formada pela colocação não simultânea de afixos: *favor* > *favorável* > *favoravelmente* > *desfavoravelmente* ou *favor* > *favorável* > *desfavorável* > *desfavoravelmente*. Portanto, houve derivação prefixal e sufixal, se levarmos em conta a formação da palavra desde sua origem primitiva. Poderíamos analisar também só como derivação prefixal ou como derivação sufixal, levando em conta apenas a formação pelo último elemento que entrou na palavra.

28 – E. Vejamos uma por uma: *magro + eza = magreza/excitar + cão = excitação; medir + dor = medidor/obsedar + (s)são = obsessão; firmar + mento = firmamento/perverter + são = perversão; digno + dade = dignidade/alucinar + cão = alucinação; violar + cão = violação/deslumbrar + mento = deslumbramento*. Curiosidade para aqueles que ainda acham que palavras terminadas em **-mento** podem ajudar na parassíntese: se a palavra *violação* foi encarada pela banca como formada por derivação sufixal, assim como *deslumbramento*, por associação chegamos à conclusão de que a palavra *desmatamento* (semelhante a *deslumbramento*) também sofreu derivação sufixal. Isto corrobora o que falei insistentemente na parte teórica de derivação parassintética.

29 – D. Comerciar com trastes, com coisas de pouco valor: *traste* + *ejar*. Em *transvalorada*, o prefixo significa "para além de, através de". É bom dizer que algumas vezes constrói-se em **tras** (*trasbordar* por *transbordar*), e, por corruptela, em **tres** (*tresmalhar, tresler*); e ainda em **tra** (*trapaça, tramontana*).

30 – D. Todas as palavras têm dois radicais, exceto *desvalorizada*, que apresenta um prefixo e dois sufixos ligados a um só radical.

31 – A. *Mortal* (adjetivo) + *dade*; *mesquinho* (adjetivo) + *ez*; *úmido* (adjetivo) + *dade*; *escuro* (adjetivo) + *ão*. Simples assim.

32 – A. Ibama: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. *Arara* + *inha* = ararinha.

33 – E. A palavra *rigidez* vem de *rígido*. Fique ligado! Muitos substantivos abstratos são formados pelo acréscimo do sufixo **-ez/-eza** a um adjetivo, conforme já apareceu em questão anterior. Nas demais opções, temos, respectivamente, palavra primitiva, derivação prefixal, derivação prefixal e derivação prefixal (de novo!).

34 – E. A palavra *descriminalizar* sofreu uma derivação prefixal (*criminalizar* > *descriminalizar*). O mesmo aconteceu com a palavra *reanimar* (*animar* > *reanimar*).

35 – D. Note que, na letra D, a palavra formada recebe, ao mesmo tempo, a adição do prefixo **in –** e do sufixo **-mente**. Porém, retirando um ou outro, as palavras resultantes existem (*infeliz/felizmente*). Nas letras A, B e D, temos apenas o processo de derivação sufixal: *cotidiano* > *cotidianamente*, *oportuno* > *oportunidade* e *sucata* > *sucateado*. Na letra C, temos apenas uma flexão de número: *responsável* > *responsáveis*.

36 – E. Todas as opções, exceto a correta, claro, são sufixais. "Como assim, Pest?". Vou te mostrar, meu nobre. Na letra A, temos *repercutir* + *ão* = *repercussão*. Na B, *desdobrar* + *mento* = *desdobramento*. (Tome cuidado com essa opção! O sufixo **–mento** é utilizado na formação de palavras por meio da derivação sufixal, apenas.) Na C, temos *favor* + *vel* = *favorável*. Na D, *recente* + *mente* = *recentemente*. Na E, entretanto, temos uma derivação prefixal *des* + *preocupar* = *despreocupar*.

37 – D. *Discreta* + *mente* = *discreta**mente***. Simples assim.

38 – D. *Pobre* (adjetivo) + *eza* = *pobreza* (substantivo). *Hipócrita* (adjetivo) + *ia* = *hipocrisia* (substantivo).

39 – D. *Conto* deriva de *contar*, logo sofre regressão. *Ternura* deriva de *terno*, logo sofre sufixação.

40 – C. O prefixo **ex –** significa movimento para fora: *exorcismo* é o ato de expulsar o demônio de dentro de alguém.

Capítulo 7

Gabarito

1 – E. A palavra charlatão só tem dois plurais: *charlatães* ou *charlatões*.

2 – C. Os sufixos **-eta, -az, -alha**, e **-ulo** são formadores de substantivos diminutivo, aumentativo, aumentativo e diminutivo, respectivamente.

3 – C. os substantivos *milhões* e *milhares* são masculinos plurais, portanto os artigos devem ficar no masculino plural.

4 – B. Como essa questão é de 2002, o novo acordo ortográfico ainda não estava valendo, logo a palavra *mão de obra* ainda era escrita com hífen. E hoje, como seria, meu nobre, e por quê? Sem hífen, porque apresenta dois elementos ligados por preposição (cuidado com as espécies botânicas e animais, pois o hífen permanece nelas). Bom, vamos lá: segundo as regras de plural dos substantivos compostos, quando há subst. + prep. + subst., só o primeiro varia: *mãos-de-obra*; o plural dos adjetivos compostos se faz apenas com o último elemento, *infanto-juvenis*; por fim, "*bolsa-escola*" é um substantivo composto por dois substantivos e, quando é assim, só o primeiro varia, preferencialmente: *bolsas-escola*. Foi? Maravilha!

5 – B. Olha aí a nominalização. O erro está em transformar o verbo *simplificar* (que indica ação) no substantivo *simplicidade* (que indica qualidade). Deveria ser *simplificação*: "Estão prontas para o crescimento quando assegurarmos as condições para a diminuição dos juros e para a simplificação dos tributos".

6 – C. O plural de "*salva-vidas*" é "*os salva-vidas*", pois verbo não varia quando forma um substantivo composto e "*vidas*" já está pluralizado, logo o plural é feito só pelo determinante (artigo, por exemplo).

7 – C. O plural de *meia-tigela* (numeral + substantivo) é *meias-tigelas*. E o plural de *vale-refeição* (substantivo + substantivo) é *vales-refeição/vales-refeições*.

8 – A. Sobre a locução pronominal "um(a) tal de", o Dicionário Aulete diz que "é usada antes do nome de alguém (ou de algo) que não é conhecido, ou de quem só se sabe por ouvir dizer. Por vezes, tem conotação de desdém, ou de atribuição de pouca importância à pessoa, de falta de interesse por ela. Pode também ser usada de modo irônico (sem desdém) para falar de alguém ou algo muito conhecido ou famoso". Isoladamente o pronome *tal*, na expressão da questão, é essencialmente um pronome demonstrativo (A tal (da) demanda social = Aquela demanda social). A preposição *de* é expletiva, pois pode ser retirada sem prejuízo de sentido. Entenda melhor: o artigo *A* está determinando o substantivo *demanda*. Depois do artigo, pode haver pronomes, adjetivos e numerais antes de substantivos, e eles continuarão sendo pronomes, adjetivos e numerais. Veja exemplos: "A vossa demanda social" (pronome possessivo)/"A grande demanda social" (adjetivo). "Por que não um substantivo, Pestana?" Pois *tal* só se torna substantivo em três situações: quando se nomeia o pronome (O *tal* é um pronome), quando se quer dar a entender que alguém é notável (Ele é o *tal* (= o cara) em Português!) e quando substitui uma pessoa (Encontrei o *tal* (= homem) que te procurava).

9 – A. Note que escolas-modelos (subst. + subst.) foi considerado errado pela banca. Como eu já havia alertado, quando há dois substantivos formando um composto, em que o segundo especifica o primeiro, a preferência é pela pluralização só do primeiro substantivo: escolas-modelo. Mais uma questão de concurso em que se marca a melhor resposta: guarda-chuvas (em *guarda* + substantivo, só o substantivo varia).

10 – B. Quando o substantivo composto for formado por substantivo + preposição + substantivo, só o primeiro elemento variará, logo *quedas d'água* é a forma certa. Já quando um substantivo composto é formado por um substantivo + um adjetivo, ambos variam, logo *cartões-postais*.

11 – E. Substantivos compostos formados por substantivos e adjetivos em sua formação variam normalmente, logo *micos-leões-dourados* e *ararinhas-azuis* são formas certas.

12 – C. A letra C é a única que podemos associar à afirmação do enunciado, a saber: "tanto pode receber a interpretação de substantivação do verbo quanto a interpretação de substantivo concreto", pois o artigo **o** substantiva o verbo *ser*, mas é possível interpretarmos que, devido a essa substantivação, o vocábulo *ser* assume valor de substantivo **concreto**, pois, como sabemos, substantivo concreto é aquele que não indica ação, nem estado, nem qualidade, nem sentimento. O contexto corrobora isso. O primeiro *ser* faz parte da locução substantiva *ser humano*, logo o vocábulo *ser* dessa expressão não foi substantivado.

13 – E. *Cal* é substantivo feminino. Os demais são masculinos. *Suéter* e *pijama* pode ser masculino ou feminino, indiferentemente.

14 – A. Note que os substantivos vêm normalmente acompanhados de determinantes: "*Um* **anjo** *de* **asas** *azuis, todo vestido de* **luz**, *sussurrou-lhe num* **segredo** *os* **mistérios** *de outra* **vida**."

15 – CERTO. O substantivo *duelo* refere-se à briga de dois homens por causa de uma mulher. Em outras palavras, retoma, resumidamente, toda a ideia anterior.

16 – D. Eis os substantivos acompanhados de determinantes: "... precisa da **confirmação** e do **endosso** do '**impresso**'".

17 – O substantivo *situação* retoma toda a ideia do período anterior (O efeito da supervalorização...), com objetivo resumitivo. Por sua vez, o substantivo *problema* refere-se ao substantivo *situação*. Bela questão sobre o valor discursivo dos substantivos.

18 – C. A: "Os tabeliões (*tabeliães* é o plural correto, por convenção) reúnem-se sempre às quinta-feiras." (A forma correta é *quintas-feiras* porque numeral e substantivo variam quando formam um substantivo composto). B: "Nos últimos botas-foras (verbo + advérbio não variam, logo o certo é *os bota-fora*"), houve grande confusão, pois a agência de turismo não reteu (*reteve* é a forma certa, derivada do verbo ter) os que não possuíam ingresso." D: (A FCC adora o verbo ter e derivados!): "Se não se conterem (*contiverem* é a forma certa do verbo conter, derivado do verbo ter, no futuro do subjuntivo) roubos de obras-primas, gerações futuras serão privadas de grandes realizações do espírito humano." E: "Os lusos-africanos (substantivo composto indicando origem, nacionalidade só varia o último elemento; deveria ser *luso-africanos*) ostentavam no braço fitinhas verde-amarela (*verde-amarelas* é a forma certa, pois a regra geral de adjetivo composto diz que só varia o último elemento)."

19 – C. A palavra *mal-estar* é composta de um advérbio (mal) e de um verbo na forma nominal infinitiva (estar), a qual varia sozinha: *os mal-estares*. Segundo a regra dos substantivos compostos com a palavra *guarda*, caso esta venha seguida de substantivo, só este variará: *guarda-roupas*. Portanto, ambas as palavras apresentam apenas o segundo elemento variando.

20 – C. A primeira aparição de *via* é como substantivo, pois está sendo modificado por uma locução adjetiva (sem saída). A segunda aparição de *via* é como verbo, pois é modificado pelo advérbio *bem*. Fácil assim!

21 – B. O plural da palavra *verão* pode ser escrito (arbitrariamente!) assim: *verões* e *verãos*. Esta é uma área muito escorregadia na língua. Particularmente, considero tal questão caduca e fora da realidade dos concursos, mas... fazer o quê? É aquela velha história: "Vai que..."

22 – C. O plural de *cidadão* é feito com o acréscimo de **-s** apenas; já em *pasteizinhos*, a fórmula é: *pastel* > *pastéis* > *pasteizinhos* (o **-s** cai e entra o **-(z)inho**); em *paul* (não é o McCartney, rs), lê-se PA-UL (brejo, pântano; palavra oxítona), o qual, por terminar em **-ul**, o **-l** cai e a palavra recebe **-is** no plural. Pronto.

23 – C. Já sabemos que *pé de moleque* não tem mais hífen de acordo com a nova ortografia, mas este concurso não levou isso em conta, portanto vamos aplicar as regras. Substantivo + preposição + substantivo = só o primeiro varia (*pés-de-moleque*). Substantivo + substantivo (em que o segundo especifica o primeiro) = preferencialmente só o primeiro varia (*bananas-maçã* e *canetas-tinteiro*).

24 – E. Olhando pela lógica, o plural de *corrimão* seria apenas *corrimãos*, porque esta palavra é formada de *correr* + *mão*. Mas vulgarizou-se, ou seja, tornou-se comum o plural *corrimões* por possíveis duas razões: por um lado, porque se perdeu bastante a noção de que em *corrimão* entra o elemento *mão*, cujo plural é *mãos*; por outro lado, porque há tendência para fazermos em **-ões** o plural da maioria das palavras terminadas em **-ão**. Em suma: há o plural *corrimãos* e *corrimões*. Este último é mais usual. Sobre as letras A, B, C, D, respectivamente, observe os comentários. A: quando um substantivo composto é formado por advérbio + adjetivo, só o adjetivo varia, logo é *abaixo-assinados*. B: quando um substantivo composto é formado por palavra invariável (preposição, interjeição etc.) + substantivo, o substantivo varia, logo é *contra-argumentos*. C: o plural de tabelião é *tabeliães*. D: sobre o plural composto por guarda: guarda + substantivo (só o substantivo varia); guarda + adjetivo (ambos variam); logo o certo é *guarda-costas*.

25 – D. *País* > *países* > *paíse* + *zinhos* > *paisezinhos*. *Beija-flores* (verbo, que não varia) + substantivo, que varia).

26 – E. A palavra *cartão-postal* é composta por substantivo + adjetivo, logo ambos variam: *cartões-postais*. A palavra *guarda-civil* também, logo *guardas-civis*.

27 – A. Os substantivos compostos *obra-prima, navio-petroleiro, água-marinha* são formados por substantivo + adjetivo, logo ambos os elementos variam: *obras-primas, navios-petroleiros, águas-marinhas*.

28 – ERRADO. O único plural de cidadão é *cidadãos*.

29 – D. Se pudermos substituir uma oração por um substantivo ou por um pronome de valor substantivo, como *isso*, ela terá valor de substantivo certamente. Veja: "A verdade é [minha péssima memória]"/"A verdade é [isso]".

30 – INCORRETA. Segundo o VOLP, o plural de *mal-estar* é *mal-estares*. Ponto e basta.

31 – C. O único substantivo que não varia como os demais é *bate-bola* (verbo, que não varia + substantivo, que varia): *bate-bolas*.

32 – B. *Televisão* > *televisões*. *Mão* > *mãos*. *Produção* > *produções*. Organização > organizações. *Conclusão* > *conclusões*. Dava para errar essa questão?

33 – A. Trata-se de um modo afetivo de designar uma pessoa e um objeto.

34 – C. A expressão nominal ou substantiva é "filho de um pedreiro", que faz referência ao "menino Joaquim Barbosa".

35 – B. O magma, a libido, o pernoite. Mera decoreba! a) O eclipse, a dinamite, a derme. c) O aneurisma, o fonema, o clã. d) A pane, a ênfase, o dó.

36 – D. Todos os substantivos destacados são do tipo comum de dois gêneros, exceto *a testemunha*, que é sobrecomum, em que não se sabe se se trata de um homem ou de uma mulher.

Capítulo 8

Gabarito

1 – B. O adjetivo *convenientes* apresenta um ponto de vista, uma opinião sobre o assunto (demarcações) em pauta pelo autor, por isso é modalizador.

2 – E. O adjetivo *brilhante* é subjetivo por ser modalizador, ou seja, exprimir um ponto de vista, uma opinião sobre um assunto, o futuro. Note também que ele é o único adjetivo que veio anteposto ao substantivo.

3 – A. Lembra-se dos adjetivos modalizadores? Mais uma questão! Ao dizer "triste situação", "futuro incerto e infeliz", "grave problema social", os adjetivos *triste, incerto, infeliz* e *grave* exprimem um ponto de vista sobre o assunto tratado. Simples assim!

4 – C. Seria melhor se fosse "bolo fofo" ou "macio", porque o adjetivo *mole* pode passar uma ideia de consistência pastosa ou até mesmo sem consistência, como se estivesse estragado. Há uma carga negativa nesse adjetivo.

5 – INCORRETA. A palavra *imprevisível* se conserva um adjetivo, pois continua caracterizando o substantivo *história* (em que imprevisível dormita a história = em que a história dormita imprevisível).

6 – INCORRETA. Segundo a regra geral de plural dos adjetivos compostos, só o último elemento varia, logo o plural de *político-institucional* é *político-institucionaiS*.

7 – D. A expressão *de outra forma* está ligada ao verbo *Penso*, logo é uma locução adverbial, e não adjetiva. Em A, B, C e E, as expressões destacadas se ligam a termos de valor substantivo, como bem faz um adjetivo. Estes são os termos de valor substantivo a que se ligam as expressões de valor adjetivo (na sequência): magistratura, os (= aqueles), espírito, medida. Destaco a opção E, em que uma oração adjetiva caracteriza um substantivo. Não falei que já havia questão de prova sobre isso?

8 – A. O adjetivo *canônicos* (masculino e plural) se refere apenas ao substantivo *códigos* (masculino e plural). B: há dois adjetivos (*sociais* e *políticas*). C: há dois adjetivos (*mental* e *espiritual*). D: há dois adjetivos (*diferentes* e *religiosas*). E: *desmedidas* é um adjetivo que se refere a dois substantivos (*vaidades* e *ambições*).

9 – A. *Velha* é um adjetivo que caracteriza o substantivo *poltrona* e *da sala* é uma locução adjetiva que também caracteriza o substantivo *poltrona*.

10 – INCORRETA. O adjetivo *boa* não é usado para exprimir um juízo de valor, mas sim para indicar extensão, de modo que o trecho equivalha a *Durante grande/extensa parte do século XIX*.

11 – A. Tanto *extraordinária* quanto *heroico* (agora sem acento) exprimem uma avalização, um julgamento por parte do autor sobre os substantivos *beleza* e *esforço*, respectivamente.

12 – A. Questão maldosa! A pessoa da banca que fez isso foi meio sem coração, não? Como você vai saber que "ornitologia" é o ramo da zoologia que trata das aves? Você é zoólogo? Resumindo, a banca não titubeou e lascou um adjetivo erudito da locução adjetiva "das aves". Brincadeira, não? E só de curiosidade (vai que...): *ofiológico* (estudo das serpentes), *entomológico* (estudo dos insetos), *ictiológico* (estudo dos peixes), *saurológico* (estudo dos lagartos – dinossauros). É, meu nobre... questãozinha para

fazer a triagem. Isso não cai em prova de concurso a não ser para eliminar candidato ou em prova militar. Eu tive de recorrer ao dicionário para saber tudo isso, é mole?

13 – D. Para conceituar o adjetivo, é necessário apresentar a relação que ele estabelece com o substantivo. Em muitas situações, a distinção entre essas duas classes de palavras só é possível a partir de elementos fornecidos pelo contexto. Em "direitos humanos", *direitos* é substantivo e *humanos* é o adjetivo que o caracteriza; em "humanos direitos", ocorre o contrário: *humanos* é substantivo e *direitos* passa a ser o adjetivo que o caracteriza. Este foi o gabarito oficial.

14 – D. Adjetivo pátrio é aquele que se refere a países, estados, cidades ou localidades. Quem nasce em Belém é belenense, quem nasce em São Luís é ludovicense ou são-luisense e quem nasce em Manaus é manauense ou manauara, e não "manauano". Não falei que só cai isso em questão militar? E, mesmo assim, é raro.

15 – B. Lembra-se da estrutura de grau comparativo de superioridade dos adjetivos? Então... ela está mais do que clara aqui por meio da construção "... mais **lentos** que...".

16 – A. Em condições normais de temperatura e pressão, a palavra *generosas* seria um adjetivo, mas nesse caso é impossível, pois ela está sendo determinada por um pronome (algumas). Lembra-se de que eu falei para você que a preocupação da banca é testá-lo no reconhecimento das classes gramaticais? É isso que ocorre aqui, um adjetivo se torna um substantivo. O substantivo é uma classe gramatical normalmente acompanhada de determinantes (artigo, PRONOME, numeral e/ou adjetivo). No caso em questão, o determinante é *algumas* e o substantivo é *generosas*. Mudança de classe gramatical, meu aluno: o que parecia um adjetivo era tão somente um substantivo. Safo?

17 – ERRADO. *Opinioso* significa "aquele que é inflexível em suas opiniões". Tem carga semântica negativa. Não é o caso de *judicioso*, que significa "criterioso, de bom senso". Tem carga semântica positiva.

18 – CERTO. De fato o adjetivo *necessário* modifica a oração substantiva "investir em pesquisa". Raciocine: o que é *necessário*? Resposta: *investir em pesquisa*. Sendo assim, um adjetivo não modifica só um substantivo, mas pode modificar uma oração de valor substantivo inteirinha.

19 – B. A palavra *políticos* caracteriza *direitos*. Logo, é um adjetivo. Todas as outras sublinhadas são substantivos sendo caracterizados por adjetivos. De novo, reconhecimento de classe gramatical, certo?

20 – A. Sobre a letra A, o comentário procede. A expressão que se repete no texto é o sintagma nominal: **executiva *bem-sucedida*** (substantivo feminino + expressão composta de advérbio + adjetivo).

21 – A. Note que estamos diante daquela questão de locução adjetiva *versus* preposição + substantivo. Observe o valor ativo (ou de posse; locução adjetiva) e o valor passivo (falsa locução adjetiva). Só na A existe a relação de posse, além de ser possível substituir a locução adjetiva (da nação) por um adjetivo correspondente (nacional).

22 – A. Este sufixo é próprio do grau superlativo absoluto sintético e serve para intensificar, **enfatizar** um termo. Assim como **-inho** ou **-ão** (sufixos usados em substantivos normalmente) podem intensificar um adjetivo, o sufixo **-íssimo** (sufixo próprio para intensificar um adjetivo) também pode ampliar o sentido de um advérbio. Falarei mais sobre isso em *grau estilístico dos advérbios*.

23 – E. Nesta questão se aprende muito em todas as opções. A única afirmação equivocada está na E, pois independente de *pobre* ser deslocado, sua função sintática não mudará, pois ele continuará dentro do sintagma nominal ("um *pobre* homem da cidade" ou "um homem *pobre* da cidade"), funcionando como um adjunto adnominal. Só há mudança de sentido com seu deslocamento, como se diz em A e B.

24 – A. O adjetivo *negras*, independente da posição, significa difíceis, negativas, ruins. Veja as demais: B: *pobre homem* (coitado), *homem pobre* (sem dinheiro); C: *simples pessoa* (mera, desimportante), *pessoa simples* (humilde); D: única oferta (apenas uma), *oferta única* (singular, importante); E: *grande homem* (virtuoso, importante), *homem grande* (fisicamente grande). Para fechar, *fino manto* (caro) e *manto fino* (delgado).

25 – D. *Melancolia* é uma palavra designadora de um sentimento, portanto é um substantivo abstrato, que, no contexto, ainda por cima, é caracterizado pelo vocábulo *escondida*, aí sim um adjetivo.

26 – INCORRETA. Não haveria mudança de sentido, tampouco estrutura incomum nestas inversões: *biológicos motivos* e *infalível receita*. No entanto, em *forma melhor*, há uma ideia de restrição e, em *melhor forma*, uma ideia de superlativação; em *anos setenta*, há uma mudança substancial de sentido, pois tal expressão já não se refere à idade (setenta anos), mas sim à geração.

27 – A. A locução adjetiva *de direito* pode ser substituída satisfatoriamente pelo adjetivo *jurídica*, pois o contexto o permite. Já *pendular* não se refere a um pêndulo literal, logo a locução adjetiva *do pêndulo* não cabe no contexto. Enfim, a locução adjetiva *do*

tirano pode ser plenamente substituída pelo adjetivo *tirânico*, que significa "relativo ao tirano, à tirania".

28 – B. Em *pobres famílias*, o adjetivo significa "dignas de pena". *Qualquer* é pronome indefinido, e não adjetivo, mas há mudança de sentido no deslocamento, pois, à direita do substantivo, tal vocábulo tem sentido depreciativo. O adjetivo *velhos*, anteposto ao substantivo, significa "antigo", e não "imprestável, gasto, obsoleto". Em *novo golpe*, o adjetivo *novo* pode indicar "atual", "recente" ou "mais um".

29 – C. A afirmação corretíssima da I anula a da III. O que nos importa neste capítulo é a afirmação perfeita da II. Isto foi visto por nós na parte de formas estilísticas de grau. Muito boa a questão!

30 – A. Diversas origens (muitas) – origens diversas (variadas).

31 – D. Esta era para elevar a autoestima! O adjetivo *escandaloso* caracteriza o substantivo *topete*. Ponto.

32 – B. Dava para ficar em dúvida na C, não é? Mas note que a ideia de *grande* é relativa, subjetiva, depende de uma avaliação pessoal. Por outro lado, o adjetivo *social* é meramente informativo, objetivo, denotativo. Os demais adjetivos são modalizadores desde criancinhas.

33 – D. Este grau (superlativo relativo de superioridade) tem estrutura fixa: *o mais + adjetivo + de/dentre*. Não era possível errar, se você soubesse, é claro.

34 – A. O adjetivo *inconsequente* expressa uma opinião ou juízo do autor sobre o *modo*.

35 – A. É uma oração adjetiva, pois caracteriza o substantivo *veículos*, logo tem valor de adjetivo.

36 – A. O adjetivo *marcante* é um modalizador, logo atende ao pedido do enunciado.

37 – A. A locução adjetiva *da tarde* e o adjetivo *perigosa* caracterizam o substantivo *hora*.

38 – D. *Brasileira* é o único adjetivo, pois caracteriza o substantivo bandeira. Os adjetivos *verde* e *brasileiro* sofreram derivação imprópria, tornando-se substantivos.

39 – A. O único adjetivo que sofreu substantivação foi o primeiro, uma vez que veio antecedido de determinante. Nos demais casos, as palavras são verdadeiros adjetivos, pois não nomeiam, caracterizam.

Capítulo 9

Gabarito

1 – E. Interessante questão, pois você tem de perceber que o substantivo *respeito* exige a preposição *a*, que pode ou não se combinar com o artigo masculino plural *os* (devido ao substantivo masculino *milhões*). Em A, o artigo não é obrigatório. Em B, o artigo feminino não cabe, pois se liga a um substantivo masculino plural, *milhões*. Em C, *diz* é transitivo direto, logo não exige preposição. Em D, o substantivo *respeito* (com sentido de relação, referência) exige preposição *a*.

2 – ERRADO. Crase e artigo andam lado a lado. Há três casos tradicionais em que o artigo é facultativo: antes de nomes próprios femininos, antes de pronomes possessivos que acompanham um substantivo e na locução prepositiva *até a*. Nenhum desses casos ocorre no texto. A primeira contração da preposição *a* com o artigo *a* se dá pelo verbo *permitir* – permite-se algo (o acesso) a alguém (a + ***a*** sociedade); a segunda ocorrência de crase é gerada pelo nome *acesso*, que exige a preposição *a* + *as informações* (= às informações); a terceira ocorrência é devido à exigência da preposição pelo adjetivo relativas (relativas a + **a** utilização = à utilização).

3 – D. O artigo vem antes de substantivo (*a taxa*); a preposição pode ligar verbos (*continuará a ser*); a preposição inicia grupo de vocábulos terminados em preposição, ou seja, locução prepositiva (a partir de); a preposição pode ser exigida por verbos (o verbo chegar exige a preposição *a*, que fica antes do pronome relativo *que*).

4 – CERTO. O artigo definido só se contrai com as preposições *a, de, em* e *por*.

5 – E. O primeiro *os* é complemento do verbo empurrar, logo é um pronome oblíquo átono. O segundo *o* pode ser visto como um artigo expletivo ou como parte da locução pronominal interrogativa *o que*, de modo que não pode ser analisado isoladamente. Questão maldosa! O terceiro *o* vem antes do pronome relativo *que* e pode ser substituído por um pronome demonstrativo (= aquilo), por isso é um demonstrativo. O quarto é demonstrativo também (o = aqueles). O último é um artigo, pois vem antes do substantivo *país*. Note que a FGV foi bem tradicional por não contrair o artigo com a preposição antes de sujeito de verbo no infinitivo (*de o país perder*, e não *do país perder*).

6 – CERTO. Em *dos, os* é um pronome demonstrativo, pois equivale a "aqueles" e vem antes da preposição *de*. Em *da, a*" é artigo, pois vem antes do substantivo *Idade*.

7 – E. Não há artigo antes do pronome *todo* acompanhando substantivo. O *a* é só uma preposição.

8 – E. O vocábulo *uma* pode ser artigo indefinido, numeral ou pronome indefinido. No contexto, *uma* não indica quantidade, nem vem sozinho no texto, logo só pode ser um artigo indefinido.

9 – CERTO. A preposição *em* pode se contrair com o artigo *um* sem problema algum: em + um = num.

10 – F. O artigo *um* indetermina, pois é indefinido, logo a afirmação é falsa. Não se sabe que comerciante ou que produtor é.

11 – D. Em I, com a retirada dos artigos, a ideia de generalização permanece; não há problema (correto). Em II, os dois-pontos separariam orações coordenadas assindéticas, a palavra seguinte após *saúde* vem realmente com letra minúscula (correto). Em III, nenhum vocábulo exige a presença da preposição *com* (incorreto). Em IV, a contração de *em* com *um* (num) é viável; a separação, idem (correto). Em V, se o artigo definido for retirado resta apenas a preposição *a*, sem acento grave (incorreto). Em VI, *em* + *as* = nas (correto).

12 – E. Em I, a ausência do artigo não implica erro e mantém a mesma ideia; só não há crase, pois a preposição *a* (exigida pelo substantivo *acesso*) não se contrai com artigo *a*. Em II, a ideia de generalização se mantém com a expressão no plural, daí que você percebe que a ausência do artigo (em I) ou a presença do artigo indefinido imprimem um valor generalizador, assim como a expressão no plural. Em III, o gerúndio tem valor de adjetivo. Em IV, o advérbio *muito* é dispensável por ser um termo acessório, acrescentando uma nova circunstância semântica ao contexto, mas sua ausência não interfere na estrutura sintática; se a questão falasse que o sentido não mudaria com sua ausência, aí seria falsa a afirmação, pois *muito mais* é diferente de *mais*, sozinho.

13 – D. Em A, o *a* liga verbos, logo é uma preposição. Em B, o *a* liga palavras, logo é uma preposição. Em C, o *a* inicia locução adverbial, logo é uma preposição. Em D, o *a* é um artigo, pois vem antes do substantivo *família*, com o qual concorda em gênero e número.

14 – A. O primeiro *a* liga um verbo a outro, logo é uma preposição. O segundo *a* vem antes de um substantivo, concordando em gênero e número com ele, logo é um artigo.

15 – B. O nome *críticas* exige a preposição *a*, assim como *voltei*. Logo, nos dois casos *a* é uma preposição.

16 – B. Não pode haver dois artigos numa estrutura de superlativo relativo. Logo, a frase deveria ser reescrita assim: "A ilha mais paradisíaca pede regulamentação.".

17 – E. Vejamos: "A (artigo) primeira é tecnológica: a (artigo) internet começou, há vários anos, a (preposição) erodir a (artigo) receita da (preposição + artigo) indústria cultural.".

18 – ERRADO. Segundo Domingos Paschoal Cegalla, equivalendo a "todas as pessoas, toda a gente", a expressão *todo mundo* ou *todo o mundo* é válida, mas a segunda é preferencial. Ele diz ainda que o uso do artigo é obrigatório quando *mundo* se usa no sentido de *Terra* (O jogo será transmitido para *todo* ***o*** *mundo; ou seja, para o mundo inteiro.*). Logo, o artigo não pode ser retirado.

19 – CERTO. A ausência do artigo não torna o trecho errado, pois a expressão *considerados essenciais* já determina o substantivo *medicamentos*, de modo que o artigo antes dele é dispensável. Uma maneira de perceber que o artigo pode ser dispensado é por meio desta reescritura com pronome indefinido: "... ampliar o acesso da população a *todos* os medicamentos considerados essenciais...". Percebe que a ideia é a mesma quando se coloca o pronome indefinido *todos* antes do substantivo? No entanto, veja esta outra frase: "Ele sobreviveu ao rigoroso exame na empresa." (isso significa que há um só rigoroso exame na empresa). Agora: "Ele sobreviveu a rigoroso exame na empresa." (sem o artigo, há mais de um exame rigoroso na empresa).

20 – E. Em A, *o* é artigo, pois vem antes de substantivo. Em B, *o* é artigo expletivo ou constituinte da expressão interrogativa *o que*. Em C, *o* é artigo, pois vem antes de substantivo (note que a visão do CESPE sobre a contração de preposição com artigo antes de sujeito de verbo no infinitivo foi tradicional, isto é, não há contração). Em D, *o* é artigo, pois vem antes de substantivo. Em E, *o* é pronome demonstrativo, pois vem antes do pronome relativo *que* e pode ser substituído por *aquele*, assim como no enunciado o *o* pode ser substituído por *aquilo*.

21 – B. O primeiro vem antes de substantivo, logo é artigo. O segundo vem ligando termos, logo é uma preposição. O terceiro é pronome oblíquo átono, pois completa o verbo *encontrar*.

22 – CORRETA. Não há incoerência nem incorreção na reescritura "... a colonização espanhola caracterizou-se largamente... ***pela*** aplicação...". Ambas as expressões determinam o substantivo.

23 – ERRADO. O *a* não pode ser artigo, pois artigo concorda em gênero e número com o substantivo, o que não é o caso. O *a* é uma preposição, pois liga o nome *acesso* a *revólver*. A preposição é um conector, o artigo nunca.

24 – CORRETA. O artigo é facultativo antes de pronome possessivo que acompanha substantivo.

25 – D. Em I, só *um* é artigo indefinido do substantivo *passo*. Em II, *todo o* indica inteireza, *todo* indica "qualquer"; há mudança de sentido, equivalendo a "qualquer mundo". Em III, por + a = pela; perfeito!

26 – CORRETA. De fato, há contração de *em* + *as* = *nas*.

27 – CORRETA. De fato *As* é um artigo definido, pois precede um substantivo (economias), concordando em gênero e número com ele e determinando-o.

28 – C. Não há contração da preposição com o artigo quando este faz parte do nome de uma publicação. Logo, deveria ficar assim: "Li a notícia em 'O Estado de Sergipe'".

29 – C. O artigo nunca vem antes ou depois do pronome relativo *cujo*! Nunca!

30 – Correta. Segundo já sabemos, o artigo é facultativo antes do pronome possessivo adjetivo, portanto, dizer: "Comprei meu carro ontem." e "Comprei o meu carro ontem." dá no mesmo!

31 – C. O *a* é um artigo definido, pois vem antes de um substantivo, determinando-o. O *um* é um artigo indefinido, pois vem dentro de um sintagma nominal cujo núcleo é um substantivo (engano), indeterminando-o. O vocábulo *triste* caracteriza o substantivo *engano*, logo é um adjetivo.

32 – D. O segundo *a* vem antes de um substantivo, determinando-o, logo estamos diante realmente de um artigo definido. O primeiro *a* é exigido pelo adjetivo *igual*, e, quando isso ocorre, o *a* é fatalmente um conector, uma preposição.

33 – C. Questão linda! Falei sobre isso em *Valor Discursivo*. Releia o diálogo entre os fofoqueiros e a explicação dada por mim e pelo Celso Cunha. É muito verdade que substantivos precedidos de artigos indefinidos nunca podem aparecer textualmente como termos que se referem a outros anteriores.

34 – B. Antes de pronome possessivo que acompanha um substantivo, o artigo é facultativo.

Capítulo 10

Gabarito

1 – A. O substantivo *grama* é masculino quando se trata de unidade de peso, logo o numeral cardinal precisa variar em gênero e número com ele: "duzentos gramas".

2 – B. O algarismo romano X tem como correspondente árabe 10. No caso de soberanos, papas, séculos, livros e partes de uma obra, até 10º (décimo), lê-se como ordinal, depois como cardinal.

3 – D. O algarismo romano X tem como correspondente árabe 10. No caso de soberanos, papas, séculos, livros e partes de uma obra, até 10º (décimo), lê-se como ordinal, depois como cardinal.

4 – C. Preposição a+ a (artigo) = *às*. *Sob* é preposição. *Ambos* é numeral dual, equivalendo a "um e outro" ou "os dois". *Se* é pronome pessoal oblíquo átono.

5 – D. Os vocábulos *oito, três, dez* e *5,7 milhões* são cardinais e *40%* é fracionário.

6 – C. O algarismo romano X tem como correspondente árabe 10. No caso de soberanos, papas, séculos, livros e partes de uma obra, até 10º (décimo), lê-se como ordinal, depois como cardinal.

7 – A. *Uma* é artigo indefinido. *Segunda, 2002, dez, cinco* são numerais cardinais.

8 – B. A conjunção *e* liga centenas a dezenas, dezenas a unidades.

9 – B. *Ambas as vezes* equivale a "As duas vezes".

10 – C. Segundo os gramáticos José de Nicola e Ernani Terra, em seu livro *1.001 Dúvidas de Português*, o vocábulo *a* pode ser um numeral ordinal quando equivale a "primeiro", indicando uma sequência. O dicionário Michaelis diz que é um adjetivo "com a acepção de *primeiro*: **1** Sempre posposto ao substantivo modificado: *a cadeira **a**, o livro **a**, o parágrafo **a***; **2** Posposto a um algarismo, indicando o primeiro objeto de uma série secundária ou a primeira repetição do mesmo número: *casa 21-**A**, classe cinco-**a**, página 25-**a***". Questão estranha!

11 – A. O primeiro e o último são ordinais, pois carregam uma ideia serial ou sequencial. Os demais são cardinais, pois indicam apenas quantidade.

12 – D. Após X (décimo), lê-se como cardinal, logo "Luís XVI (dezesseis)". Esta é a regra para reis, séculos, papas etc.

13 – ERRADA. Até X (décimo), lê-se como ordinal, logo século VIII (oitavo).

14 – ERRADO. A expressão *cerca de dez* indica indefinição, ideia aproximada, muito diferente da clara ideia numérica contida em *uma dezena de*.

15 – B. Mais uma questão com "ambos/ambas". Do ponto de vista do Bechara, tal questão poderia ser anulada, pois ele diz que *ambos* também pode ser considerado um pronome.

16 – A. Mero reconhecimento de tipos de numeral. Cardinal indica quantidade absoluta. Ordinal indica posição, sequência, ordem.

17 – C. Questão maldosa! *Quadringentenário* (ou quadricentenário) se refere a fato sucedido 400 anos antes. *Sesquicentenário* se refere a período de 150 anos, pois o prefixo **sesqui –** significa "um e meio", logo "um centenário e meio" é igual a "cento e cinquenta anos". Um sinônimo de *sesquicentenário* é *tricinquentenário*. *Septenário* faz menção ao período de 7 dias/anos. O sufixo **-ário** indica, dentre outras coisas, "o que ou aquele que está na casa dos anos": *centenário, ducentenário, tricentenário, quadragenário, quinquagenário, sexagenário, septuagenário, octogenário, nonagenário* etc.

18 – D. A opção certa é autoexplicativa.

19 – B. Perceba que o eu-lírico multiplica tudo por dez para indicar uma ideia bem hiperbólica (exagerada) do que ele sente: dez vezes a <u>cada dia</u> (<u>1</u> x 10 = 10), setenta a <u>cada semana</u> (<u>7</u> x 10 = 70), trezentas a <u>cada mês</u> (<u>30</u> x 10 = 300). Logo, a semana tem sete dias e o mês indicado, exatos trinta dias.

20 – A. *Brasileiro* é um adjetivo, mas foi substantivado pelo determinante artigo (**o**). O vocábulo *um* só pode ser numeral, pois indica unidade (quantidade) dentro de um grupo. O *a* é uma preposição, pois vem antes de verbo. O outro *a* é um artigo, pois vem antes do substantivo *tese*. O *o* é um artigo, pois vem antes do substantivo *mosquito*. Por fim, *epidemia* é um designador precedido de artigo, logo é um substantivo.

21 – C. Quanto ao numeral *dois*, ninguém tem dúvidas de que é um numeral cardinal. Sobre *meio*, talvez rolasse uma dúvida, pois tal vocábulo também pode ser um substantivo ou um advérbio. Nesse caso, é um numeral mesmo, pois equivale a "metade" (dois quilômetros e meio – metade de um quilômetro).

22 – E. *Sete* é numeral cardinal. *Artigo* é um nomeador, logo é um substantivo. *De* é uma preposição, pois liga termos.

23 – C. *Três* é numeral cardinal. *A* precede substantivo, logo é artigo. *Aquecimento* é precedido de artigo, logo é substantivo.

24 – B. É cardinal, pois indica quantidade absoluta.

25 – A. "Exercer papel" adjetivo não é o mesmo que "ser" adjetivo. Como já sabemos que existem **numerais adjetivos**, pelo fato de acompanharem substantivos atribuindo-lhes determinados sentidos, não temos dúvidas de que *dois* em *os dois registros* tem "valor de/papel de" adjetivo. Reitero: não é um adjetivo, mas um numeral adjetivo.

26 – B. *Meio* equivalendo a "metade" é um numeral fracionário. A: substantivo. C: advérbio. D: substantivo. E: advérbio.

27 – C. *Cinco* é um numeral cardinal substantivo, pois indica quantidade e substitui substantivos.

28 – B. A palavra *um* cerceada por *só*, *somente*, *apenas* e *sequer* é um numeral.

29 – C. *Eu* é pronome pessoal do caso reto. *Terceira* é numeral ordinal, pois indica posição, ordem. *Contente* é adjetivo, pois caracteriza o substantivo *Ana*. *Emprego* é substantivo, pois está determinado por um adjetivo (*novo*).

30 – D. *Mim* é pronome pessoal oblíquo tônico. *Dois* é numeral cardinal, pois indica quantidade absoluta. *Sonho* é substantivo, pois é um designador.

Capítulo 11

Gabarito

1 – Só a segunda está **INCORRETA**, pois a expressão *sua construção* refere-se ao antecedente *crise financeira* e não a *banco Lehman Brothers*. Na primeira, *no qual* substitui sem problemas *em que*, retomando *um longo período*; veja o contexto: "Depois de termos vivido *um longo período* em que (= no qual) prevaleceu a ilusão da racionalidade intrínseca...". Na terceira, veja que a expressão *seu funcionamento* retoma o assunto do contexto, a saber: *mercados financeiros:* Depois de termos vivido um longo período em que prevaleceu a ilusão da racionalidade intrínseca aos mercados financeiros, hoje há novamente o reconhecimento das fragilidades e dos riscos sistêmicos associados a **seu funcionamento** (ou seja, ao funcionamento dos mercados financeiros).

2 – INCORRETA. Veja o contexto: "... o indivíduo tem as condições mínimas para atingir a felicidade, a que todos os homens tendem". Lembra-se de que eu falei sobre o uso obrigatório da preposição antes do pronome relativo quando um verbo após ele exigi-la? Deveria ser: "... o indivíduo tem as condições mínimas para atingir a felicidade, à **qual** todos os homens tendem", com acento indicativo de crase.

3 – A. Na primeira afirmação, não há erro gramatical algum, nem se desrespeitam as relações entre os argumentos se substituirmos *onde* por *em que*, uma vez que ambos os pronomes relativos retomam uma palavra que indica lugar (mundo); falsa afirmação, portanto. Na quarta afirmação, há de fato erro gramatical e a relação entre os argumentos é desrespeitada, uma vez que o pronome relativo *onde* não é substituível por outro pronome relativo não iniciado por preposição; a substituição só seria possível assim: "... uma ponte ou uma estrada **na qual** se cobrava pedágio.".

4 – C. Em A, o pronome oblíquo átono **-lo** retoma o substantivo *desenvolvimento*. Em C, veja o contexto: "Acabar drasticamente e de imediato com as emissões de CO_2 e com a utilização de combustíveis fósseis não é possível. Por outro lado, adotar novas tecnologias que aumentem ou estimulem ainda mais o **seu** consumo, nem pensar.". Em D, veja o contexto: "A principal fonte de energia hoje são os combustíveis fósseis e o maior vilão dessa história é a emissão de CO_2 na atmosfera (embora não seja o único). Parece irreversível a tendência à **sua** redução pela adoção de novas e mais eficientes tecnologias e fontes de energia.". Percebeu que o pronome destacado não se refere à *industrialização*, mas sim à *emissão*?

5 – A. Os pronomes *Essas* (demonstrativo) e *elas* (pessoal reto) têm valor anafórico, retomando *energias renováveis*. O uso dos pronomes *Tais* e *essas* está adequado na letra B. O uso do pronome indefinido *Certas* está inadequado na letra C, pois dá, erradamente, uma ideia vaga. A mesma inadequação ocorre em D e em E com *Algumas/algumas* e *Diversas/certas*.

6 – CERTO. O pronome oblíquo átono é usado antes do verbo auxiliar ou após o principal quando vem uma palavra atrativa antes da locução verbal. Corretíssimo!

7 – Se retirarmos o pronome demonstrativo *o* (= aquilo) antes do pronome relativo *que*, a estrutura ficará comprometida, pois o pronome relativo deixará de retomar um termo, coisa que não existe na língua portuguesa. Veja: "Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam é de índices sobre macroeconomia, números abstratos que indicam a situação geral da economia, mas não revelam **que** se passa em seu interior." Alguns gramáticos vão dizer que este pronome negritado é um pronome indefinido, equivalendo a *que coisa*. Questionável... bem-vindo à ESAF.

8 – CERTO. No texto 1, há usos prescritos e não prescritos: "Dá-se isto...": segundo a prescrição gramatical, não se inicia período com pronome oblíquo átono; tem ele de ficar em posição enclítica (após o verbo); a ênclise está adequada, portanto. "Me mande...": segundo a prescrição gramatical, não se inicia período com pronome oblíquo átono; tem ele de ficar em posição enclítica (após o verbo); a forma adequada à norma culta, portanto, não seria a próclise (antes do verbo), mas a ênclise: "Mande-me...". No texto 2, há total respeito às regras de colocação pronominal: "E desde já **te** agradeço o reclame e os cobres, pois estou certo que foi você que **se** lembrou do meu nome". Os pronomes oblíquos átonos estão em posição proclítica (próclise), pois o advérbio **já** e o pronome relativo **que** "atraem" o pronome oblíquo, ficando antes do verbo.

9 – ERRADO. Segundo as regras de colocação pronominal, é facultativo o uso do pronome oblíquo antes de sujeito explícito (nome ou pronome), sem "palavra atrativa". Simples assim!

10 – ERRADO. Na primeira ocorrência, a colocação é facultativa, pois há sujeito explícito sem palavra atrativa. Na terceira ocorrência, a colocação é igualmente facultativa, pois segue esta regra: "infinitivo não flexionado precedido de palavras atrativas ou das preposições *para, em, por, sem, de, até, a*". Na segunda ocorrência, a palavra denotativa de exclusão **só** serve de atrativa, logo a próclise é obrigatória.

11 – CERTO. Esta questão trata da função **referencial** (anafórica) do pronome. A **elipse** é a omissão de um termo facilmente subentendido pelo contexto. E é exatamente o contexto que nos permite dizer que a afirmação da banca procede, pois na linha 6 o sujeito elíptico (implícito) é "Oscar"; por sua vez, o pronome anafórico *ele* (que retoma um termo anterior) faz referência a *Oscar*, e não a outro nome. Talvez você confundisse o referente *Oscar* com *Papai do Céu*, mas o contexto não deixa dúvida, pois logo após *ele* vem *como um verdadeiro homem*, logo não pode se referir a *Papai do Céu*, mas sim a *Oscar*.

12 – CERTO. Esta questão é chatinha; não é qualquer um que faz, não! Trata do uso do pronome demonstrativo *este* com valor catafórico (refere-se a um termo ou ideia posterior). Realmente não é possível a reescrita proposta, pois o pronome oblíquo átono *o* (... e **o** desenvolvam) tem valor anafórico e está retomando aquilo que é "este nobre fim", a saber, o que vem após os dois-pontos (*fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver*). O problema desta retomada anafórica pelo *o* é que o referente do pronome catafórico *este* só vem <u>após</u> os dois-pontos, logo não podemos <u>retomar</u> o referente do catafórico *este* pelo oblíquo átono anafórico *o*. Em outras palavras, a reescrita só seria realmente possível assim: "... que estimulem e

desenvolvam **este** nobre fim: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver, e **o** desenvolvam.".

13 – ERRADO. Note que o texto começa falando sobre o homem, centrando-se nele e em sua maneira de ver o mundo. Daí que não podemos jamais dizer que as expressões *sua sociedade* e *sua expressão* estejam se referindo a um fenômeno/conceito (etnocentrismo). Afinal, a sociedade é do homem e a maneira de se expressar (expressão) é igualmente do homem. Observe também que o pronome *sua* retoma, como anafórico que é, a palavra *homem*, presente nas linhas iniciais. Observe que se fala sobre "**sua** cultura" e "**seu** modo de vida". Cultura de quem? Modo de vida de quem? Do **homem**. Veja, então: "**É comum a crença** de que **sua** *própria sociedade* (a própria sociedade ***do homem***) é o centro da humanidade...";"*É comum a crença* de que **sua** *própria sociedade* é... a **sua** única expressão (a única expressão ***do homem***).". Ufa!

14 – CERTO. O CESPE/UnB adora esse tipo de questão. Bem... uma maneira de visualizarmos melhor os referentes é por meio da reescritura, logo o faça: "(...) Sua cultura tem base em tolerância e solidariedade. **Sua cultura** (A cultura da paz) respeita os direitos individuais...". Percebe que a reescritura mantém a coesão e a coerência? Portanto, realmente o pronome *Ela* remete a "Sua cultura", que, por sua vez, refere-se à "cultura **de paz**".

15 – C. A única alternativa que apresenta o pronome pessoal de tratamento usado de maneira correta é a C, pois, quando se usa pronome de tratamento, a regra gramatical diz que os verbos e outros pronomes que referem a ele devem estar na 3ª pessoa do discurso, o que não ocorre nas demais alternativas. Segundo os principais manuais de redação oficiais, as abreviaturas usadas pela FCC não procedem. Segundo o irrefutável Celso Pedro Luft, revisor do *Manual de Redação da Presidência da República*, a abreviatura de Vossa Excelência é V. Exa. (ou V. Exª.). Bem-vindo à FCC.

16 – B. Para que esteja correto o uso da preposição antes do relativo, você tem de perceber se o verbo ou o nome que vem após o pronome relativo está exigindo preposição. Veja a letra B: "... um vício de que *muita gente da imprensa não consegue se esquivar*". A pergunta que você vai fazer é: "Muita gente da imprensa não consegue se esquivar **de** quê?". **Do vício**, certo? Afinal, quem **se esquiva se esquiva *de*** algo/alguém. Em outras palavras, veja se após o pronome relativo há um verbo ou um nome **exigindo uma preposição**. Se houver (Brasil!), a preposição ficará antes do pronome relativo! Ok? Agora teste esse conhecimento nas demais alternativas, já corrigidas: A: "O Príncipe é um símbolo reincidente, de cujo nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento.". Quem tem **conhecimento tem conhecimento *de*** algo. O cujo está bem usado, pois ele sempre vem relacionando dois

nomes, estabelecendo uma relação de posse entre eles. Desdobrando a oração, ela ficaria assim: "Talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento do **nome** pessoal **do Príncipe**. Percebe a relação de posse entre *nome* e *Príncipe*? C: "A trama da qual o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso." Quem **participa participa *de*** algo. O pronome relativo *a qual* está retomando *a trama*, expressão feminina, logo está bem usado. D: "Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão da qual decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve.". Toda a trama **decorreria** *de* algo. E: "Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação **de que** irão depender todas as demais.". Quem **irá depender irá depender *de*** algo/alguém.

17 – E. Primeira parte: quem cultua cultua algo ou alguém, certo? Ok. Delacroix é um nome masculino singular, certo? Portanto o pronome oblíquo a ser usado é o pronome *o*. Só que o verbo termina em **-r**, certo? O *r* vai deixar de ser usado e o pronome *o* vai se tornar *lo*. Daí, temos a seguinte reescritura: "nem por isso deixa de cultuá-**lo**". Segunda parte: o pronome oblíquo átono vai substituir uma expressão substantiva de núcleo feminino e singular, e o verbo não termina em **-r**, logo a reescritura certa é: "Cézanne **a** admira" ou "Cézanne admira-**a**". A colocação do pronome neste caso é facultativa. Terceira parte: observe que a expressão substantiva sublinhada tem núcleo feminino singular, logo usaremos o pronome oblíquo átono *a*; como o advérbio *já* vem colocado antes do verbo, o pronome também ficará antes do verbo: "já **a** encontramos".

18 – A. Na letra A, veja que o *cujo* está bem usado, respeitando todos aqueles critérios de uso que a gente já viu. Sobre a preposição, ela vem antes do pronome relativo porque o verbo *acreditar* a exige: "Não deu certo o tal do método prático **em** cuja eficiência Paulo Honório chegou a **acreditar**.". Vejamos os demais erros: b) "Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada **DE** que nenhum escritor pode **abdicar**." Quem abdica, abdica algo ou **de** algo. c) "Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal que jamais **toleraria**." Quem tolera, tolera algo/alguém. d) "Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas cujo brilho ninguém **superaria**." Quem supera, supera algo/alguém. e) "A linguagem **A** que Paulo Honório de fato **aspirava** era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas." Quem aspira, aspira A algo (no sentido de almejar).

19 – C. Observe com calma: "As hipóteses aventadas, ***em que*** *se baseiam os especialistas*, devem ainda ser comprovadas por exames acurados.". Quem se baseia se baseia **em**

algo. Aí está. Simples assim. Faça esse teste nas outras alternativas e constatará que não se exige a preposição **em**.

20 – C. Sobre a letra C, o verbo *definir* é transitivo direto, exige complemento não preposicionado (objeto direto). Como já sabemos, o *lhe* substitui termos preposicionados (objeto indireto), logo a substituição está inadequada. Deveria ser "definiu-o", pois *-o, -a, -os, -as* (e variações: *-lo, -la, -los, -las, -no, -na, -nos, -nas*) exercem função de objeto direto, substituindo complementos não preposicionados.

21 – E. Na letra E, o *lhe* foi usado para substituir um complemento não preposicionado; isso é um erro, uma vez que tal pronome só substitui complemento preposicionado (**a** ele(a/s); **para** ele(a/s)). Ok? Deveria ser: "Guimarães Rosa mantém-no ou Guimarães Rosa o mantém".

22 – C. A afirmação do tópico II está equivocada, pois o verbo que vem após o pronome relativo está no plural, logo o pronome relativo 'que' pode retomar tranquilamente o núcleo do termo preposicionado anterior. Agora, por uma questão de maior clareza, o uso do pronome relativo *os quais* realmente é melhor. Isso não significa que o uso do *que* implicaria ambiguidade ou erro. Veja: "*A própria literatura consagra escritores no mercado internacional,* ***os quais/que*** *negociam seus direitos por intermédio de agentes...*".

23 – D. Questão interessante. Na letra D, numa análise mais "moderna", o adjetivo *pesado* exige um complemento preposicionado iniciado por *a* ou *para*, por isso o uso do *lhe* é aceitável. Lembra que o *lhe* pode ser substituído por "a/para ele"? É isso aí. "O jarro era por demais pesado **para ele** = o jarro **lhe** era por demais pesado". Eu disse que a questão é interessante, pois a maioria dos gramáticos dizem que o *lhe* só pode exercer função sintática de objeto indireto em detrimento de outros estudiosos da língua, como Claudio Cezar Henriques, Ulisses Infante, Faraco & Moura, Celso Pedro Luft e mais uns pingados. Estes dizem que o *lhe* pode exercer função sintática de complemento nominal, que também é um termo preposicionado. Os gramáticos tradicionais vão dizer que, mesmo com o verbo *ser* (verbo de ligação), o *lhe* tem função de objeto indireto; é mole? Fique esperto!

24 – E. a) "A obsolescência e o anacronismo, atributos **com** os quais os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar com a expressão dez de setembro." (Os americanos manifestam todo seu desprezo **com** estes atributos: obsolescência e anacronismo.) O uso do pronome relativo *os quais* está correto, pois ele retoma atributos (masculino plural). b) "O estado de psicose, **no** qual imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança cuja radicalidade muitos recriminam." Quem imerge imerge **em** algum lugar. Quem recrimina recrimina algo/

alguém. O uso dos pronomes relativos está correto, pois *o qual* retoma "estado de psicose", expressão masculina singular; quanto ao *cujo*, estabelece a relação de posse entre dois nomes adequadamente. c) "A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo o qual ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo **do qual** foram tomados tantos americanos." Quem se arrisca a pronunciar se arrisca a pronunciar algo. Quem é tomado é tomado **de** alguma coisa. Quanto ao uso de *o qual* retomando *algo* e *pasmo*, não há nada a dizer, pois está corretíssimo. d) "Não é à descrença, sentimento **por** que nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é à esperança que queremos nos apegar." Quem se sente invadido, se sente invadido **por** algo. Quem quer se apegar, quer se apegar **a** algo/alguém. Sobre o uso do pronome relativo *que*, você já sabe que ele retoma qualquer palavra. e) "Fatos como os de 11/9, com que ninguém espera se deparar, são também lições terríveis, de cujo significado não se deve esquecer." Quem espera se deparar espera se deparar **com** algo/alguém. Quem não se deve esquecer não se deve esquecer **de** algo/alguém. Os pronomes relativos *que* e *cujo* estão dentro do padrão culto.

25 – C. NUNCA o pronome oblíquo átono pode ficar após verbo no particípio! Regra clássica!

26 – C. Veja o contexto: "Um texto descuidado não chega a ser atestado de toda uma formação educacional frágil. Mas **o** é (ou seja, 'mas é atestado') da forma como damos ênfase àquilo que fazemos...". Cuidado com esse pronome demonstrativo que substitui uma ideia inteira!

27 – B. Comento só as letras A e E, pois têm a ver com este capítulo. Na letra A, de fato o pronome possessivo *sua* tem como referente "remédios europeus". Uma maneira de você perceber isso é substituindo o pronome pelo referente. Veja: "... que importavam remédios europeus e usavam produtos nativos na formulação *dos remédios europeus*". Foi? Em E, o pronome relativo *que* refere-se a boticários de fato; substitua: "... eram manipuladas por boticários, *os boticários* importavam remédios...". Foi?

28 – Totalmente **INCORRETA!** O pronome demonstrativo *tais* não é usado em linguagem informal apenas, mas também em linguagem formal para retomar termos, quando equivale aos demonstrativos *esse(a/s)*. Veja se a substituição não é perfeita: "O que **essas** pessoas talvez nunca percebam...".

29 – B. Sobre B: o artigo é facultativo antes de pronome possessivo adjetivo. Portanto, correta a reescrita. Na letra A, ocorre um erro, pois o pronome indefinido seguido de artigo tem um sentido; sem artigo, outro. Sobre a letra E, veja o contexto para saber se é possível trocar o pronome relativo *que* por *a qual*: "Portanto, correríamos o

risco de, mesmo vivendo muito, ter de suportar a dor das perdas prematuras **a qual**, em função de uma vida maior, seriam muito mais *doloridas*.". Note que o pronome relativo, na verdade, pelo contexto, está retomando "perdas prematuras", logo deveria ser *as quais* e não *a qual*. Foi? Reescrevendo corretamente: "Portanto, correríamos o risco de, mesmo vivendo muito, ter de suportar a dor das *perdas prematuras* **que/as quais**, em função de uma vida maior, seriam muito mais doloridas.".

30 – A. A forma *foram fechando-se* respeita o registro culto da língua, pois, em uma locução verbal, o pronome oblíquo átono pode ficar depois do verbo principal no gerúndio (ênclise), sem problemas.

31 – B. Cuidado com as preposições antes dos pronomes relativos! A essa altura do campeonato, você não pode mais *garotear*, hein! Veja de novo a letra B: exige-se alta *habilitação* **para** (esta preposição fica antes do pronome relativo *cujo*); o verbo *caber* exige a preposição A, que fica antes do pronome *quem* obrigatoriamente. Veja os erros das demais: a) A argumentação na qual se valeu o ministro baseava-se numa analogia em cuja pretendia confundir função técnica com função política. Quem se vale se vale **de**, então deveria ser: "A argumentação **d**a qual se valeu...". O pronome relativo *cujo* vem entre dois nomes estabelecendo uma relação de posse, o que não ocorre neste texto. Portanto, o texto deveria ser reescrito assim: "A argumentação da qual se valeu o ministro baseava-se numa analogia que pretendia confundir função técnica com função política.". c) Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto do que a promoção pelo mérito onde nem todos confiam. O adjetivo *preferível*, assim como o verbo *preferir*, exige a preposição A, isto é: "Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto à promoção...". Além disso, o pronome relativo *onde* só retoma palavra de sentido locativo, o que não é o caso. Portanto, o texto deveria ser escrito assim: "Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto à promoção pelo mérito no qual nem todos confiam.". d) A má reputação de que se imputa ao "assembleísmo" é análoga àquela em que se reveste a "meritocracia". O verbo *imputar* não exige a preposição **de**, mas sim o verbo *revestir-se*, logo o trecho deveria ser escrito assim: "A má reputação que se imputa ao 'assembleísmo' é análoga àquela de que se reveste a 'meritocracia'". e) "A convicção de cuja não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo à natureza do caso." Pela milésima vez, o *cujo* só vem entre dois nomes, o que não é o caso. A crase final não procede, pois não há contração de preposição *a* com artigo *a* para haver a crase. Logo, o trecho deveria ser escrito assim: "A convicção de que/da qual não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo a natureza do caso.".

32 – D. Uma maneira de descobrir que expressão está sendo substituída pelo pronome demonstrativo *isso* é simplesmente substituir o pronome pela expressão (ou por uma paráfrase dela), no contexto. Veja: "Sem dúvida, não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos. Análise rasa baseada em uma ótica ultrapassada, na qual projetos hidrelétricos provocam necessariamente impactos ambientais irrecuperáveis e não compensáveis, sugere que esse duplo objetivo é inatingível. Mas **a ideia de que não é possível aliar construção de hidrelétricas e preservação da Amazônia não tem de ser assim** ...".

33 – CORRETA. Reveja o trecho: "Também certos latino-americanos **(adjetivo pátrio que reporta ao processo de colonização)**, como o brasileiro **(adjetivo pátrio específico)** Caio Prado Jr., o trindadense **(adjetivo pátrio específico)** Eric Williams e o argentino **(adjetivo pátrio específico)** Sérgio Bagu, haviam chamado a atenção para a vinculação, desde a colônia, da sua região **(ou 'da região deles', a saber: Brasil, Trinidad e Tobago e Argentina)** com o capitalismo mundial.".

34 – ERRADO. Afirmação equivocada, pois o demonstrativo *Essas* (também *esse, esses, essa*) nunca é usado para se referir a termo *posterior*. No contexto, "Essas" refere-se ao termo antecedente "muitos".

35 – E. Segundo a visão da FCC, apoiada em gramáticos tradicionais, não pode haver contração de preposição com artigo/pronome antes de sujeito de verbo no infinitivo. Logo, a redação da E está equivocada, pois, segundo esta ótica, deveria ser: "o motivo de os gregos legarem-nos apenas um valor fundamental". A minha ideia, ao colocar esta questão, na verdade, foi comentar a letra C. A FCC, acertadamente, nos ensina que pode haver próclise mesmo depois de uma intercalação. Exemplo: "Os professores, muito competentes por sinal, **nos** ajudaram (ou ajudaram-**nos**) muito.". Cuidado com esse papo de que pronome oblíquo átono não pode vir logo após a vírgula, hein. Neste caso, P-O-D-E! Quem diz isso não sou eu, mas a Academia Brasileira de Letras.

36 – ERRADO. Não é sanada, pois o pronome de tratamento que se refere a juiz é Vossa Excelência. Vossa Eminência ou Vossa Eminência Reverendíssima, em comunicações aos Cardeais. Corresponde-lhe o vocativo: Vossa Excelência é usada para autoridades **do Poder Judiciário**: Ministros dos Tribunais Superiores/Membros de Tribunais/Juízes/Auditores da Justiça Militar.

37 – ERRADO. O pronome retoma *rei*, e não *o poder do rei*.

38 – C. Esta questão deveria ter sido anulada, pois o vocábulo *qualquer* é tão somente um pronome indefinido, independente de sua posição junto ao substantivo. Quem diz isso não sou eu, mas todos os gramáticos superconsagrados, e nada mais, nada menos que a Academia Brasileira de Letras. No entanto, ela não foi anulada, pois o dicionário Houaiss diz que *qualquer* pode ser um adjetivo. Não conheço outro dicionário que diga o mesmo que o Houaiss. Estranho, não?! Durma com um barulho desse!

39 – E. Quando *o, a, os, as* estão antes de pronome relativo *que* e antes de preposição *de* e podem ser substituídos por pronomes demonstrativos (*aquele(a/s), aquilo*), eles são classificados como reais pronomes demonstrativos.

40 – A. Conforme o trecho apresentado, o pronome oblíquo em destaque refere-se ao substantivo *convivência*: "... afastar a tensão na **convivência** entre os países, colaborando para manter a **convivência** em desejável harmonia" = "... afastar a tensão na **convivência** entre os países, colaborando para mantê-**la** (= convivência) em desejável harmonia.". Safo?

41 – CORRETA. Para ter certeza de que o pronome retoma determinado referente, substitua o pronome pelo referente: "A fraqueza da produção manufatureira, nos últimos meses e anos, aqueceu o debate sobre o risco de desindustrialização no Brasil. No ano passado, o crescimento **da produção manufatureira** foi de apenas 0,3%, uma ninharia em comparação com a alta de 6,7% no varejo". Simples assim!

42 – E. Vejamos um por um. A: O pronome indefinido *todos* se refere aos cidadãos finlandeses, não retoma nem sintetiza os termos da enumeração. B: As duas expressões estão em oposição, logo não pode ser uma paráfrase da outra. C: O pronome relativo *que* retoma o termo anterior: vida. D: O pronome *isso* sintetiza tão somente esta ideia: "A maioria de seus educados cidadãos são seres pouquíssimo críticos: questionam pouco a vida que levam e são fisicamente contidos". E: Reescreva o trecho, substituindo os pronomes pelo referente substantivo (cidadão): "A igualdade e a dignidade humana que uma sociedade pode produzir referem-se à possibilidade de o cidadão ter condições materiais e subjetivas à disposição **do cidadão**, para que, atendidas as necessidades básicas e diárias de bem-estar **do cidadão**, **o cidadão** ocupe **a si mesmo** (ou seja, **o cidadão**) com questões outras que a sobrevivência.".

43 – C. O autor se expressa na 1ª pessoa do plural como estratégia de polidez, de modéstia, evitando-se a possível interpretação de arrogância ou extrema pessoalidade.

44 – E. Substitua o *o* por *fato* e notará que *a escrita de próprio punho provoca, na região dedicada ao processamento das informações armazenadas na memória, uma atividade significativamente mais intensa do que a da digitação* é a ideia retomada, pois o pronome demonstrativo *o* faz referência ao papel que a escrita de próprio punho provoca no cérebro em contrapartida ao uso da digitação.

45 – D. A conjunção *e* não é atrativa, logo o pronome pode ficar enclítico ou proclítico.

46 – A. Observe com calma: "... tamanhos avanços tecnológicos provocam o distanciamento dos jovens em vez de (os avanços tecnológicos) aproximá-**los** (os jovens)...". Fácil, não?

47 – C. "O nome da cidade cuja população a respeita muito é Nadópolis.". Perfeito o uso do *cujo*.

48 – A. Segundo a regra de colocação pronominal sobre locução verbal com verbo principal no gerúndio, a reescritura de I está correta. As demais estão equivocadas: em II, o verbo *tratar-se* não varia em número, pois vem acompanhado de uma partícula de indeterminação do sujeito; em III, a próclise prevalece sobre a mesóclise; em IV, na segunda frase, a próclise não ocorre por causa da atração de um pronome indefinido, mas da de um advérbio (Já).

49 – C. O único referente feminino plural é duas loiras, logo o pronome oblíquo *las* tem valor anafórico, pois remete a *duas loiras*, substituindo-as, para evitar a repetição.

50 – C. Nas opções a), b) e e), o vocábulo *que* é uma conjunção integrante, pois inicia orações subordinadas substantivas, que equivalem a "isto/isso". Na d), o *que* é uma conjunção comparativa. Só na c), o *que* é um pronome relativo, pois retoma *eletrodomésticos* e pode ser substituído por *os quais*.

51 – C. a) O *lhe*, que não exerce função de objeto direto, não pode retomar *esta coluna*, que é um objeto direto. O adequado seria *assina-a*, pois o pronome *a*, além de concordar em gênero e número com termo substituído, exerce função de objeto direto. b) O adequado é *formamo-lo*, pois o verbo termina em **s**. c) Como o verbo termina em **r**, usa-se o pronome átono *lo* para retomar o termo substituído *o poder*. d) Mudá-lo. e) Preparando-a.

52 – C. Quem é frequentador é frequentador **de** algum lugar, logo *de que*: *O restaurante Reis, de que o poeta era assíduo frequentador, ficava no velho centro do Rio*. Poderia ser *do qual* também.

Capítulo 12

Gabarito

1 – INCORRETA. O verbo *tornar-se* é pronominal quando indica mudança de estado, logo o *se* não indica voz passiva, pois é uma parte integrante do verbo.

2 – INCORRETA. O *se* é um índice de indeterminação do sujeito. Retire o *se* e coloque o *alguém* antes do verbo, como se fosse o sujeito, e verá que o sentido é o mesmo. *Chegou-se a dizer que... = Alguém chegou a dizer que...* Não se sabe quem é o sujeito, logo o sujeito é indeterminado, e o *se* indica justamente isso, por isso é um pronome com função de indeterminar o sujeito.

3 – A **segunda afirmação está CORRETA** e é autoexplicativa. Mas para torná-la de fácil digestão, perceba que, em "Qualquer invencionice só estimularia operações especulativas no câmbio, que acabariam provocando uma valorização ainda mais indesejável da moeda nacional", as operações especulativas no câmbio seriam estimuladas por qualquer invencionice. Logo, na linha do tempo, primeiro ocorreria "qualquer invencionice" (passado) estimulando (no futuro), hipoteticamente, operações especulativas no câmbio. Já na primeira afirmação, as formas verbais estão no modo subjuntivo, logo não indicam "fatos de realização garantida", afinal, o subjuntivo exprime incerteza, dúvida, suposição etc.

4 – B. Observe que o enunciado fala sobre erro **gramatical**. Nada sobre sentido. Assim, perceba que em *vinham divulgando* o verbo auxiliar está no plural, logo o verbo *ter*, na 3ª pessoa do plural, recebe acento circunflexo, ficando assim: *têm divulgado.*

5 – CORRETA. O modo subjuntivo de fato introduz noção hipotética. A afirmação procede.

6 – INCORRETA. Não prejudica a correção, pois houve simples passagem de voz passiva sintética para voz passiva analítica.

7 – C. O verbo negociar, terminado em **-iar**, tem a seguinte conjugação no imperativo negativo (cópia do presente do subjuntivo): não negocies, não negocie, não negociemos, não negocieis, não negociem. Pelo que se vê, não há ditongação.

8 – B. A alternativa certa é autoexplicativa. O futuro do presente do indicativo indica fato futuro certo, ainda que sem data certa.

9 – B. Esta questão é de transposição de voz passiva analítica para voz passiva sintética. Elimina-se o verbo *ser* e passa-se o verbo principal para o mesmo modo, tempo e pessoa em que estava o verbo *ser*. Junta-se o pronome *se* apassivador ao verbo, observando-se as regras de colocação dos pronomes. O sujeito fica posposto ao verbo que com ele concorda. Assim: *Os estudos serão apresentados ao Ministério da Saúde* > *Apresentar-se-ão os estudos ao Ministério da Saúde*. Simples assim!

10 – D. Questão de uniformidade de tratamento bastante legal. Lembra-se desse assunto? Bem, os verbos e os pronomes precisam estar em uma mesma forma de tratamento, ou seja, se o texto começa na 2ª pessoa, os demais elementos precisam estar na 2ª pessoa. Normalmente questão desse tipo está ligada à formação do imperativo. Observe a frase original: "Levanta suas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexa em seus pertences. Passa teus documentos e considere-se preso.". Observe agora as formas de tratamento usadas (note que há mistura de tratamentos, 2ª pessoa com 3ª pessoa... uma bagunça!): "Levanta (2ª p.) suas (3ª p.) mãos para o alto. Afaste-se (3ª p.) da vítima e não mexa (3ª p.) em seus (3ª p.) pertences. Passa (2ª p.) teus (2ª p.) documentos e considere-se (3ª p.) preso.". A única alternativa que respeita a uniformidade de tratamento é a letra D: "Levanta (2ª p.) tuas (2ª p.) mãos para o alto. Afasta-te (2ª p.) da vítima e não mexas (2ª p.) em seus (3ª p.) pertences. Passa (2ª p.) teus (2ª p.) documentos e considera-te (2ª p.) preso.". Tudo na 2ª pessoa; percebeu?

11 – CORRETA. O subjuntivo indica hipótese, como de costume, e o indicativo, afirmação certa. A substituição de *sejam* por *são* ou *serão* mudaria a perspectiva de sentido, atendendo à intenção que se deseja atribuir ao contexto.

12 – INCORRETA. Por falta de correlação verbal, é impossível que o pretérito imperfeito do subjuntivo substitua o presente do subjuntivo neste contexto, pois a correlação só se estabelece através de dois verbos: 'garante' (presente do indicativo) + 'exerça' (presente do subjuntivo). Veja como a substituição fica esdrúxula: "Apesar desta missão ser, por si só, relevante, na medida em que garante os recursos financeiros para que o Poder Público bem **exercesse** seu mister...". Raciocine: se a missão garante algo para que o Poder Público passe a exercer, isso não pode estar ligado a uma ideia passada.

13 – NENHUM. Em I, o verbo **ser** é expletivo, ou seja, pode ser retirado sem prejuízo sintático ou semântico, pois o objetivo dele é meramente estilístico (realce). Em II, está certa a substituição, pois o tempo composto do pretérito mais-que-perfeito do indicativo (fizera) é feito por meio do verbo *ter/haver* no pretérito imperfeito do indicativo + particípio (havia feito).

14 – CERTO. Os gramáticos dizem que, quando se quer dar ênfase ao sujeito do verbo no infinitivo, é possível flexioná-lo. Portanto, embora devamos levar em conta as regras abaixo, a flexão do infinitivo dependerá da intenção do autor e da clareza que se quer dar ao discurso. Observe esta frase: *Convidei meus amigos para* ***almoçar/almoçarem*** lá em casa (tanto faz). Portanto, pode o infinitivo se flexionar ou não neste caso: "Ficamos a olhar o verde do jardim, *as gotas a* ***evaporar/evaporarem****, as lesmas a* ***preparar/prepararem*** *os corpos para novas caminhadas.*".

15 – CERTO. O futuro do pretérito é um tempo verbal que está diretamente ligado à ideia de hipótese, suposição, dúvida, incerteza. Portanto, uma maneira de criarmos um distanciamento no nosso discurso é por meio do uso desse tempo verbal. Perceba que, com o uso do verbo no futuro do pretérito, se coloca em xeque a veracidade da afirmação, a saber: é, *de fato*, a indispensabilidade da teoria política uma necessidade de autoconhecimento dos indivíduos?

16 – ERRADO. O uso do verbo no presente do subjuntivo *estejam* não se relaciona sintaticamente com a oração "como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas", mas sim tão somente com **pessoas**. Além disso, a escolha do presente do subjuntivo nada tem a ver com a relação sintática entre a forma verbal *estejam* e algum termo da oração. A seleção deste tempo e modo verbal para o verbo *estar* tem a ver com o contexto de possibilidade, hipótese, a saber: "**A questão da desigualdade**, finalmente, **está produzindo estudos focados em entender como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas — *estejam*** *elas no topo ou na base.*" (Percebe aqui a ideia de possibilidade?). Safo?

17 – ERRADO. O verbo auxiliar *dever*, em ambos os casos, não indica probabilidade. Não é pelo fato de eles estarem, respectivamente, no presente e futuro do presente do <u>indicativo</u>, o modo da certeza, mas sim porque exprimem um tom imperativo, de obrigatoriedade/dever/recomendação. O verbo auxiliar *dever* é bem interessante, pois seu valor semântico pode mudar consoante o contexto. Veja: *Você deve sair daqui agora!* (obrigatoriedade)/*Já que você não trabalha, deve estudar.* (necessidade)/*O João já deve ter chegado.* (possibilidade, incerteza).

18 – ERRADO. A substituição incorrerá em erro gramatical e incoerência, porque há falta de correlação verbal. Veja: "... sabia que isso não o *tornasse* menos humano e digno". Esse verbo não cabe no contexto uma vez que não há harmonia de sentido entre a forma verbal *sabia* (pretérito imperfeito do indicativo) e *tornasse* (pretérito imperfeito do subjuntivo). Raciocine: se ele sabia algo (isso indica certeza, fato), não faz sentido deixar o verbo *tornar* no subjuntivo, indicando um passado hipotético. Ficará incoerente. Ok?

19 – CERTO. Lembra-se daquele bizuzinho de conjugação verbal do subjuntivo que você aprendeu lááááá com a Tia Teteca, na escolinha? Então, ele vale ainda hoje. Veja: *(Se) eu amasse, tu amasses, ele amasse, nós amássemos...* (pretérito imperfeito do subjuntivo). Sabe por que você aprende a conjugar com essas conjunções antes do verbo no subjuntivo? Porque o verbo no subjuntivo é próprio das orações subordinadas, e tais conjunções são subordinativas, introduzindo, afinal, orações subordinadas. Logo, faz todo o sentido a afirmação da banca.

20 – ERRADO. No primeiro caso, *misturar* é verbo principal da locução verbal *voltam a se misturar*, portanto não sofre flexão — a não ser que estivesse bem afastado do auxiliar, o que não é o caso. Sobre *provocar*, note que, antes, um substantivo seguido de preposição *de* rege o verbo, logo, não se pode flexioná-lo: "... na *esperança de... provocar...*".

21 – CERTO. A forma verbal *apreenderem* é um infinitivo flexionado, pois vem antecedido de preposição. Estou falando isso, pois muita gente confunde a forma verbal de futuro do subjuntivo com a forma de infinitivo. Enquanto esta vem antecedida de preposição, aquela vem antecedida de conjunção. Veja: ***Quando*** *policiais da Delegacia Antipirataria* ***apreenderem****.../*"... **após** policiais da Delegacia Antipirataria **apreenderem**...". A forma de tempo composto do verbo 'apreender' é *ter/haver apreendido*. Colocando na 3ª pessoa do plural, temos *terem apreendido*, que tem o mesmo sentido que *apreenderem*. Logo, "... **após** policiais da Delegacia Antipirataria **terem apreendido**...". Safo?

22 – CERTO. Houve simples mudança de voz passiva analítica para sintética e vice-versa.

23 – CERTO. Interessante a questão, pois, de fato, a troca de *se* por *caso* altera o tempo verbal, mas não o modo, de modo que a frase fica assim: "Caso nos **apressemos** (presente do subjuntivo) a dizer... **poderá** (futuro do subjuntivo) apenas...".

24 – ERRADO. Como se trata de uma pergunta, os verbos no futuro do presente expressam dúvida, portanto não existe assertiva (ou certeza) quanto às supostas características da *nova sociedade*.

25 – CERTO. O tempo composto formado pelos verbos *ter/haver* no pretérito imperfeito do indicativo + particípio, formam o pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo, que equivale ao pretérito mais-que-perfeito simples do indicativo. Em outras palavras, *havia/tinha imprimido = imprimira*.

26 – ERRADO. A ideia não é sugerir que há nações que resistem a "estar nesse tempo". O futuro do subjuntivo (*quiserem*) tão somente indica o verdadeiro desejo

que as nações devem ter de fazer parte, no futuro (hipotético, pois não se sabe com certeza se nações não adotarão tal postura, o que é totalmente diferente de dizer que algumas nações resistem à era tecnológica), da era da informação (internet).

27 – CERTO. Note que a locução verbal de tempo composto (ter/haver + particípio) está na voz passiva analítica (*tenha sido... formada*). No entanto, nada impede que substituamos o verbo *ter*, no presente do subjuntivo, pelo verbo *haver*, desde que este esteja no mesmo tempo e modo verbal. Portanto, poderíamos reescrever o trecho assim: "... que ***haja*** *sido* completamente *formada* na era da Internet". Fica feio, mas é forma culta... fazer o quê? ☺

28 – A. Esta questão trata, na letra A, de emprego de tempos e modos verbais e aspecto verbal. Vejamos o contexto: "No entanto, sem escala de valor está a vida de milhares de pessoas que **faleceram** (pretérito perfeito do indicativo) e **virão a sucumbir** (futuro do presente do indicativo), vítimas das enchentes.". De fato os verbos expressam, respectivamente, uma ação concluída, observada no seu término, no seu resultado, e uma ação a ocorrer após o momento em que se enuncia o fato. Na letra B, a banca sugere que a locução verbal fique assim: "poderiam terem sido evitadas". Nooossssa-aa! Ficaria no mínimo... *feio*, como dizem as meninas! Mas a questão é que apenas o primeiro verbo da locução verbal (verbo auxiliar) pode variar em número e pessoa, os outros não! Safo? Sobre a letra E, não se pode trocar a forma participial *suspenso* por *suspendido* à la Bangu, não! Você pensa que cachaça é água? Cachaça não é água, não! Lembra-se dos verbos abundantes? Segundo Rocha Lima, **verbos abundantes** são aqueles que apresentam mais de uma forma verbal para expressar a mesma flexão. Há muitos verbos que possuem duas formas de particípio: uma terminada em **ado** ou **ido** – regular (quando vierem os verbos *ter* ou *haver* antes), portanto; e outra reduzida, irregular, sem **ado** ou **ido** (quando vierem os verbos ser ou estar antes).

29 – CORRETO. A afirmação está perfeita. Veja o contexto: "Afinal, se uma pessoa se **lembrasse** (pretérito imperfeito do subjuntivo) de tudo, em todos os pormenores, não **conseguiria** (futuro do pretérito do indicativo) pensar de forma genérica.". Se mudássemos o tempo verbal, haveria mudança na correlação verbal: "Afinal, se uma pessoa se **lembrar** (futuro do subjuntivo) de tudo, em todos os pormenores, não **conseguirá** (futuro do presente do indicativo) pensar de forma genérica.".

30 – CERTO. Questão de correlação verbal de novo: clássica! Está é mole, pois há duas combinações clássicas para que haja harmonia de sentido entre os verbos no período: pretérito imperfeito do subjuntivo (*caísse*) + futuro do pretérito (*viria*) ou futuro do subjuntivo (*cair*) + futuro do presente do indicativo (*virá*).

31 – A. Por que a letra A é o gabarito? Veja: *(A) As ponderações de Kucinski* ***seriam*** *úteis se acatadas por todos os que* ***estivessem*** *envolvidos no campo de atuação que ele analisou*. Essa dobradinha de correlação verbal é clássica! **Futuro do pretérito** + **Pretérito imperfeito do subjuntivo** (ou vice-versa).

32 – B. A correta correlação é esta e nenhuma outra: "Paulo Honório **queria** contar a própria vida, mas, julgando que não o **conseguiria**, **pediu** ao jornalista Gondim que o **fizesse**." Lembre-se de que a correlação ocorre entre dois verbos em uma estrutura de subordinação. Portanto, você precisaria perceber a correlação entre essas estruturas de subordinação (note a conjunção integrante marcando a relação de subordinação): "**julgando** que não o **conseguiria**"/"**pediu** ao jornalista Gondim que o **fizesse**". No primeiro caso, como se trata de uma narração, o verbo no gerúndio mantém a ideia de passado, é como se estivesse escrito assim: "**julgou** que não o **conseguiria**": *voilà!*; correlação adequada, pois temos aí **pretérito perfeito + futuro do pretérito**. No segundo caso, temos a adequada correlação verbal **pretérito perfeito (pediu) + pretérito imperfeito do subjuntivo** *(fizesse)*.

33 – E. Note, no enunciado, que a forma verbal *fez* está acompanhada da partícula *se*, certo? Essa partícula é apassivadora porque podemos reescrever a frase passando para a voz passiva analítica (a marca de voz passiva analítica é o verbo ***ser*** + **particípio**. Veja: *Foi assim que sempre se fez a literatura = Foi assim que sempre a literatura foi feita*. Esta reescritura prova que o *se* é partícula apassivadora e que encontra semelhança com a letra B. No entanto, o enunciado não quer que você marque a frase que esteja na voz passiva analítica, mas sim na voz ATIVA. Passando da voz passiva sintética para a ativa, basta retirar o *se* e o verbo da ativa ficará na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito, ou seja, sujeito indeterminado. Exemplo: Fez-se um grande arranjo para o casamento./Fizeram um grande arranjo para o casamento. Desse modo, meu nobre, *Foi assim que sempre se fez a literatura* (passiva sintética) = *Foi assim que sempre fizeram a literatura* (ativa).

34 – B. Mole: ... *a leitura em profundidade* (sujeito da passiva vira objeto direto na ativa) *foi substituída* (vira um simples verbo com o mesmo tempo e modo verbais do *ser* – pretérito perfeito) *pela massa de informações* (agente da passiva vira sujeito da ativa)... Logo: "A massa de informações (sujeito) **substituiu** (simples verbo no pretérito perfeito) a leitura em profundidade (objeto direto).".

35 – E. *Caso houvesse ganhos da produtividade na pecuária (hipótese), po-de-ri-am liberar terras*... vão re-al-men-te liberar? Talvez! Enfim... o futuro do pretérito indica hipótese! Olho nele!

36 – A. Os verbos no subjuntivo, normalmente, aparecem após conjunções subordinativas (que, embora...), portanto prestemos atenção nas conjunções para que conjuguemos os verbos corretamente. Outra forma de acertar é perceber as desinências: para verbos de 1ª conjugação (**ar**), a desinência que sempre vai aparecer no presente do subjuntivo é a desinência modo-temporal **e**. Para verbos de 2ª conjugação (**er**) e de 3ª conjugação, a desinência será **a**.

37 – C. Antes de qualquer coisa, perceba a noção temporal do verbo: passado, presente ou futuro? Passado, certo? Daí que eliminamos as letras A e E. Passado = pretérito. Há três pretéritos no modo indicativo: perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito. As marcas desinenciais (ou seja, as terminações formais) de verbos no pretérito perfeito são: 1ª p.: **i**/2ª p.: **ste**/3ª p.: **u** (singular)/1ª p.: **mos**/2ª p.: **stes**/3ª p.: **ram** (plural). Os verbos que se encaixam aqui são *elogia**ram*** e *realiz**ou***. Restou-nos apenas a forma verbal *enfatiza**vam*** que pertence ao mesmo tempo e modo verbal que *conheci**a***. Veja as terminações de 1ª conjugação e a conjugação, respectivamente: **va(ve)/a(e)**.

38 – E. *Viu pedrinhas ali perto.* (voz ativa) = *Pedrinhas foram vistas ali perto.* (voz passiva analítica)

39 – C. É (presente do indicativo) comum que, durante suas brincadeiras, as crianças se ***transportem*** *(presente do subjuntivo) para um universo mágico e* ***assumam*** *(presente do subjuntivo) a identidade de uma personagem admirada,* ***seja*** *(presente do subjuntivo) um super-herói ou uma figura da realeza.* Note que todos os verbos após o presente do indicativo estão no presente do subjuntivo, o que corrobora a dobradinha clássica **presente do indicativo + presente do subjuntivo**.

40 – B. Questão atípica da FCC. Uma questão parecida caiu na prova do ITA 2002-2003. Leia a afirmação I de novo. Lembra quando eu falei de emprego de tempos e modos verbais? Então, o pretérito imperfeito do indicativo é interessante, pois é usado por crianças em suas histórias e universos infantis. Com certeza, você já usou quando criança esta forma verbal ***(Agora faz de conta que eu era a mamãe e você era o papai, tá?)***. O sentido desse uso do pretérito imperfeito do indicativo se refere a um tempo que não cabe na história temporal, datada cronologicamente, real, como o do ontem ou do amanhã, mas um tempo dentro de um espaço imaginário, da fantasia. Portanto, nos versos *Agora eu era o herói* e *A gente agora já não tinha medo*, o uso do advérbio *agora* mostra-se ADEQUADO, dentro do universo infantil, do imaginário. Sobre a afirmação II, *Finja* e *dê* são verbos no imperativo afirmativo, pois indicam mando ou conselho ou pedido etc.

41 – B. Aluno, cá entre nós, para fazer uma questão de conjugação verbal, você não precisa conhecer a conjugação dos mais de 11.000 verbos. Assustou-se? Não se assuste, pois você só precisa saber a conjugação de alguns principais: *ser, ir, haver* (e o derivado *reaver*), *pôr* (e derivados), *ver* (e derivados), *vir* (e derivados), *prover, requerer, caber, valer, crer, precaver, ter* (e derivados), os terminados em **-uir**, **-iar** e **-ear**. Conjugue esses verbos em casa, até internalizá-los! Bem, respondendo à questão: A – Os verbos terminados em **-uir**, como constituir, não apresentam a letra **e** por terminação, mas sim a letra **i** (**Eu constituo, tu constituis, ele constitui**...). B – O verbo *requerer* não é conjugado como o verbo *querer*. No presente do indicativo, ele é conjugado assim: *eu requeiro, tu requeres, ele requer, nós requeremos, vós requereis, eles requerem*...; nas demais formas verbais, ele se conjuga como o verbo *vender* (veja, por exemplo, o pretérito perfeito do indicativo: *eu vendi/requeri, tu vendeste/tu requereste, ele vendeu/requereu, nós vendemos/requeremos, vós vendestes/requerestes, eles venderam/**requereram***). Foi? C: *retiveram* é a forma certa, pois o verbo *reter* é derivado do verbo *ter*, normalmente as bancas gostam de trabalhar o pretérito perfeito nas conjugações verbais, fique ligado! *Eu (re)tive, tu (re)tiveste, ele (re)teve, nós (re)tivemos, vós (re)tivestes, eles (re)tiveram.* D: *vier* é a forma correta, pois o verbo *vir* está no futuro do subjuntivo; só interessante dizer que o verbo ver no futuro do subjuntivo dá trabalho, pois é "estranho"; veja: *Quando... eu vir, tu vires, ele vir, nós virmos, vós virdes, eles virem.* Estranhinho, não? E: *Se eles puserem...* o verbo *pôr* precisa ser bem conjugado, meus nobres; aprendam! Todo ano cai essa parada!

42 – D. *Tanto as fontes quanto a própria historiografia* (sujeito) *falavam* (verbo no pretérito imperfeito do indicativo) *a linguagem do poder* (objeto direto)... Transposição para a passiva analítica: *A linguagem do poder* (sujeito) *era falada* (locução verbal ser + particípio) *tanto pelas fontes quanto pela própria historiografia* (agente da passiva).

43 – B. *Competir* e *compelir* têm conjugação semelhante. Saiba uma, saberá a outra. Presente do indicativo: Eu compito/compilo, Tu competes/compeles, Ele compete/compele, Nós competimos/compelimos, Vós competis/compelis, Eles competem/compelem. E por aí vai... Veja também o presente do subjuntivo: *Que... eu compita/compila; tu compitas/compilas; ele compita/compila; nós compitamos/compilamos; vós compitais/compilais; eles compitam/compilam.* Finalmente no pretérito imperfeito do subjuntivo (desinência modo-temporal **sse**), temos: *Se... eu competisse/compelisse; tu competisses/compelisses; ele competisse/compelisse.* É isso aí! Agora a letra A. Lembra-se do verbo *ver*, que se encontra na lista dos que devem ser conjugados por você? Então, na letra A, aparece seu derivado: *antever.* A conjugação é a mesma, só é preciso colocar o prefixo (**ante-**) antes do verbo *ver* conjugado. Assim, a forma certa seria *antevissem* (*se... eu visse, tu visses, ele visse, nós víssemos, vós vísseis, eles **(ante)vissem***). Letra C: o que

ocorre nesta letra é a possível confusão entre *sortir* e *surtir* (verbos parônimos); *sortir* significa *abastecer, prover, misturar, combinar*; *surtir* significa *provocar, acarretar, ter como consequência*; no contexto da alternativa, a conjugação está certa, mas o verbo está errado, deveria ser *sortir* (*Caso não se* ***sortisse***...). Letra D: o verbo *maldizer* vem de *dizer*, obviamente; logo a forma verbal no contexto apresentado deveria ser *(mal)diSSessem* (... *os viajantes maldissessem*...). Letra E: olha aí de novo o verbo *pôr*, ou melhor, seu derivado *(sobre)por*; a conjugação deveria ser *sobrepuseram*, pois o verbo *sobrepor* se encontra no futuro do subjuntivo.

44 – B. Mera questão de conjugação verbal. É preciso apenas conhecer a conjugação do verbo *haver* (Eu pedi para você treinar a conjugação dele naquela lista de verbos recorrentes!); quanto ao verbo *expressar*, ele é conjugado como qualquer outro verbo de 1ª conjugação, ou seja, verbos terminados em **-ar**, como *amar*. Pretérito perfeito do indicativo: *Eu houve, tu houveste, ele* ***houve****, nós houvemos, vós houvestes, eles houveram. Eu amei/expressei, tu amaste/expressaste, ele amou/expressou, nós amamos/expressamos, vós amastes/expressastes, eles amaram/****expressaram****.*

45 – A. Os verbos estão no modo subjuntivo, e, como você já sabe, esse modo é o da hipótese.

46 – B. A forma de tempo composto do pretérito mais-que-perfeito do indicativo é feita por meio do verbo *ter/haver* no pretérito imperfeito + particípio. Ou seja, *escolhera = tinha/havia escolhido.*

47 – B. A primeira forma verbal (*crê*) está na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, logo ficamos entre a letra A e B, pois a 2ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo *crer* é (tu) ***crês***. A segunda forma verbal (*Erga*) está na 3ª pessoa do singular do imperativo afirmativo, que é cópia da 3ª pessoa do singular do presente do subjuntivo (vale dizer que o imperativo é formado pelo presente do indicativo e pelo presente do subjuntivo). Passando para a 2ª pessoa do singular do imperativo, temos que copiá-la da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo (sem a terminação **-s**), a saber: ***ergue***. Pronto! Batemos o martelo já! Mas, já que estamos aqui, comentaremos os demais verbos: *agradece* vem da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo (sem o **s**) para formar o imperativo afirmativo; *cobiçaste* e *acertaste* são formas de 2ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo.

48 – C. Voz passiva pronominal (ou sintética) apresenta pronome apassivador *se*. Para que o *se* seja um pronome apassivador, ele deve estar relacionado a um verbo transitivo direto, com sujeito paciente explícito na frase. Exemplo: *Alugam-se casas.* (*Casas são alugadas*). Vejamos cada alternativa: (A) "feito *hamsters* que se alimentam

de sua própria agitação." — os *hamsters* praticam a ação de "se alimentar"; este *se* é pronome reflexivo. (B) "Recolher-se em casa," — o verbo *recolher* é intransitivo e o *se* é partícula integrante do verbo. (C) "sinal de que não se arrumou ninguém" — o verbo *arrumar* é transitivo direto e o *se* é uma partícula apassivadora; na voz passiva analítica temos: "sinal de que não foi arrumado ninguém". (D) "Mas, se a gente aprende a gostar (...)" — o *se* é uma conjunção condicional. (E) "nela a gente se refaz (...)" — "a gente" pratica a ação de "se refazer", ou seja, refazer a si mesmo; o *se* é um pronome reflexivo.

49 – E. Cuidado com alguns verbos: os terminados em **-ear** e **-iar**, *caber, valer, requerer, precaver-se, reaver, prover, viger, aderir (competir, preterir, discernir, concernir, impelir, expelir, repelir), ser, ir, vir* (e derivados), *ver* (e derivados), *pôr* (e derivados), *ter* (e derivados), *haver, sortir/surtir, construir/destruir, obstruir.* Se eu fosse você, eu conjugava todos os dias esses verbos! São sempre os mesmos que caem todo santo ano! Veja as frases já corrigidas: (A) *O coordenador* ***reviu*** *as necessidades dos grupos* (rever). Verbo *rever* (derivado do verbo *ver*) flexionado na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. (B) *A impaciência* ***deteve*** *as pessoas* (deter). Verbo *deter* (derivado do verbo *ter*) flexionado na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. (C) *Eu* ***reavejo*** *minhas convicções diariamente.* (O verbo *reaver* – derivado do verbo *haver* sem a letra **h** – não é flexionado na 1ª pessoa do singular no presente do indicativo.). (D) *Quando você se* ***opuser*** *à minha solidão, ficarei aborrecido.* Verbo *opor* (derivado do verbo pôr) flexionado na 3ª pessoa do singular do futuro do subjuntivo. (E) Nós apreciamos os bons alunos. Verbo *apreciar* flexionado na 1ª pessoa do plural do presente do indicativo.

50 – B. Respeitando-se as regras de passagem de voz ativa para passiva, temos a seguinte reescritura: *O efetivo acesso à Justiça, antes de tudo,* ***tem sido proporcionado*** *às partes pela conciliação...* Note que o tempo composto mudou apenas pela colocação do verbo *ser* (no particípio) + *proporcionado,* formando uma locução verbal de voz passiva analítica **ser + particípio**.

51 – B. **Aspecto cursivo, durativo**: o processo verbal já teve um início e continuou ou continua, sem conclusão: *Ele* ***vem ouvindo*** música desde criança. (!!!) / ***Temos exercitado*** *muito a Língua Portuguesa..*

52 – D. Para haver correlação verbal adequada, o trecho deveria ser reescrito assim: "Depois de se haver debatido por três dias na areia da praia a jubarte **acabou** sendo salva por uma traineira que **veio** socorrê-la.". *Acabara* indica uma ação passada terminada antes de outra ação passada, o que, no contexto, é inadequado, porque a baleia foi salva depois de ficar na praia 3 dias, e não antes.

53 – E. Nível Tele Tubbies! Tanto *aliaram* quanto *conheceu* estão no pretérito perfeito do indicativo, pois as terminações **-ram** e **-u** marcam não só o número e a pessoa mas também o modo e o tempo. São desinências cumulativas, que indicam o modo, o tempo, o número e a pessoa da forma verbal. Para acertar uma questão desta, é preciso treinar conjugação verbal, hein!

54 – D. Antes de tudo, dê graças a Deus de a FCC sempre colocar os mesmos verbos em questões de flexão verbal. Vejamos a reescrita de uma por uma: (A) *A revalorização e a nova proeminência de Paraty não prescindiram e não* ***requereram*** *mais do que o esquecimento e a passagem do tempo.* (B) *Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre* ***relegada*** *a um segundo plano, eis que ela* ***emerge*** *do esquecimento, em 1974.* (C) *A cada novo ciclo econômico* ***ratificava****-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855,* ***sobrevieram*** *longos anos de esquecimento.* (D) *A Casa Azul envidará todos os esforços, refreando as ações predatórias, para que a cidade não sucumba aos atropelos do turismo selvagem.* (E) *Paraty imbuiu da sorte e do destino os meios para que* ***obtivesse****, agora em definitivo, o prestígio de um polo turístico de inegável valor histórico.*

55 – B. Tanto *sejam* como *venha* estão no presente do subjuntivo. Uma forma de perceber isso é que, normalmente, tais verbos vêm antecipados de locuções conjuntivas ou conjunções subordinativas adverbiais: *para que* e *ainda que*, respectivamente. Este é um *bizu* sagaz! Mas bom mesmo é saber a terminação das conjugações verbais e treinar muita conjugação, aí fica no sangue!

56 – E. A forma verbal *teriam* constitui forma de futuro do pretérito do indicativo, e não presente. Usa-se futuro do pretérito do indicativo para atenuar uma ordem no lugar de verbo no imperativo: "Você pegaria aquela bola para mim, por favor?" em vez de "Pega aquela bola para mim, por favor?" (Esta segunda forma de dizer o mesmo é mais incisiva, percebe?).

57 – E. Vejamos uma por uma: (A) A ideia de ação em processo não é exclusiva da forma *Continuamos*, pois o verbo no gerúndio (*repeti****ndo***) indica o mesmo. (B) A locução verbal foi redigida indica fato passado concluído. (C) A expressão *a realizar-se em Salvador* diz respeito à *III Conferência de Cúpula da região.* (D) Não é um fato possível, mas meramente hipotético. (E) De fato há ideia de futuro e desejo na expressão *hão de alimentar*, como, por exemplo: "O Brasil **há de ganhar** a Copa de 2014!".

58 – E. A forma verbal *publicava* está no pretérito imperfeito, logo o verbo auxiliar da locução verbal de voz passiva analítica (*ser* + particípio) ficará no pretérito imperfeito do indicativo também. Por isso, a frase transposta para a voz passiva é esta: *Há 40 anos, seu artigo mais famoso* ***era publicado*** *pela mais célebre crítica de cinema dos Estados Unidos, Pauline Kael (1919-2001).*

59 – A. Na voz ativa, o sujeito pratica a ação. Quando isso não é claro na frase, devemos olhar se há marcas de voz passiva, caso contrário estaremos diante de voz ativa. As marcas de voz passiva (analítica e sintética) são, respectivamente: *ser* + particípio (locução verbal) ou partícula *se* apassivadora. Note que em todas as opções, exceto em A (o gabarito), há marca de voz passiva analítica: "De dez em dez anos toda a burocracia **precisa ser fuzilada** e trocada."; "O Brasil é a melhor piada que já **foi contada** por um português."; "Advogados são as únicas pessoas cuja ignorância da lei não é punida com cadeia."; "O Brasil é um país perigosamente gasoso. Os problemas **são detectados**, mas ninguém sabe resolvê-los.". Veja a letra A: "Talvez o Brasil já **tenha acabado** e a gente não **perceba** isso.". Não há marcas de voz passiva, logo voz ativa na cabeça!

60 – E. O futuro do presente do indicativo pode ter valor imperativo. Normalmente isso ocorre em "leis e termos de serviço", por exemplo! É chamado de **futuro jussivo** (um futuro com tom de imperativo): "Havendo notícia de infração penal, a Autoridade Policial, conforme a hipótese legal, **determinará** a imediata instauração do procedimento Policial competente (Inquérito Policial, Termo Circunstanciado, Procedimento de apuração de Ato Infracional)." ou "Exceto se acordado de outra forma por escrito pelo Google, o contrato do usuário com o Google **incluirá** sempre, no mínimo, os termos e condições apresentados neste documento." Nos dez mandamentos bíblicos isso também ocorre.

61 – D. O verbo *ser* é considerado irregular por alguns gramáticos e anômalo por outros. É irregular, pois seu radical e/ou terminação não apresenta(m) a mesma forma em toda a conjugação.

62 – CERTO. Quando ela diz "Morri desde pequena" significa que ela já estava morta desde pequena, e não que ela estava em processo de morte até o momento da declaração.

63 – ERRADO. A afirmação diz que todos os verbos estão no imperativo afirmativo, mas isso não é verdade. A forma *calculais* é de 2ª pessoa do plural do presente do indicativo.

64 – CERTO. As formas verbais gerundivas (**-ndo**) indicam continuidade, processo em movimento, logo o sentido de fazem e brincam é igual a fazendo e brincando. Perfeito!

65 – E. *Ter/haver (tenha)* + particípio (passado) = tempo composto.

66 – E. Havia chegado é o tempo composto de *chegara* (pretérito mais-que-perfeito do indicativo), logo indica passado concluído.

67 – E. A essa altura do campeonato, estamos todos escaldados com os mesmos verbos, não é? A: INTERPUSER. B: INTERVEIO. C: VIR. D: VIER. E: IMPUSER (futuro do subjuntivo).

68 – B. Dizer que *haver* indica ação é um absurdo! E a questão não foi anulada. Por outro lado, a afirmação de que os "fatos" ocorrem simultaneamente procede.

69 – D. *Ser* + particípio formando uma locução verbal, Brasil! Locução verbal de **voz passiva analítica** na cabeça! Mole!

70 – C. Se você já domina a formação do imperativo, não teve dúvidas, pois a 2ª pessoa do singular o imperativo deriva da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo sem o **s** (III, IV, V) e a 3ª pessoa do singular do imperativo deriva da 3ª pessoa do singular do presente do subjuntivo (II). Fique de olho no imperativo!

71 – C. A única opção que apresenta correlação verbal perfeita é a C, pois há harmonia de sentido entre a junção das formas verbais (1) *houve* (pretérito perfeito do indicativo) + *falasse* (pretérito imperfeito do subjuntivo); (2) depois de preposição, usa-se infinitivo (*perceber*); (3) *discordam* (presente do indicativo, para manter a relação de certeza com o verbo anterior – *são*); (4) *possam* (presente do subjuntivo, para manter a relação de hipótese com o verbo anterior – *supor*); (5) *prevê* (presente do indicativo, pois indica certeza); (6) *trará* (futuro do presente do indicativo; todo o contexto do período em que se encontra tal forma verbal dá ideia de futuro certo).

72 – C. O verbo no presente do indicativo expressa reiteração, frequência, repetição, hábito, tem um aspecto iterativo.

Capítulo 13

Gabarito

1 – A. O advérbio *tão* modifica os adjetivos *difícil* e *simples, tolo e natural*. Lembre-se de que, quando o advérbio modifica adjetivo ou advérbio, é sempre de intensidade, segundo os gramáticos tradicionais. Pronome de intensidade? A banca *carteou* bonito! Só rindo...

2 – B. Muita gente, de cara, marcaria "pronome demonstrativo", não é? Você marcou? Toda análise morfológica deve ser feita levando em conta o contexto. Em ***Tal*** *como*

está organizada, a sociedade gira em torno do mercado, esse *tal* indica **modo** – circunstância adverbial, equivalendo a "assim": "***Assim*** como está organizada/***Do modo*** como está organizada". É, portanto, um advérbio desde criancinha... nesse caso, é claro.

3 – C. O primeiro advérbio de negação *não* é usado como resposta a uma suposta pergunta do leitor (Ué, mas não é cedo demais? **Não**.). Percebeu isso? Já o segundo *não* apenas serve de mero advérbio de negação modificando o verbo *ser*.

4 – A. ***Subitamente*** significa "inesperadamente", "repentinamente", o que está de acordo com o contexto (Ao contornar a ilha principal em busca do Ninhal das Fragatas, nosso ponto de ancoragem, *subitamente* vimos a exuberância da fauna, uma espécie de "Galápagos" do litoral paulista.).

5 – C. Como um advérbio de intensidade, *exponencialmente*, no contexto, está ligado à ideia de "grande medida". Para ser mais preciso, note que caberia a substituição por qualquer advérbio de intensidade (muito, bastante...) no trecho "Durante esse mesmo período, a industrialização permitiu que o consumo aumentasse exponencialmente (= intensamente/demasiadamente).".

6 – C. No enunciado, a palavra *mais* está empregada como advérbio de intensidade, modificando o adjetivo *comum*. Igualmente, na opção C, o termo *mais* é advérbio de tempo, mas dessa vez modificando o verbo *acreditar*, acrescentando uma circunstância ao verbo. Interessante é dizer que o vocábulo *mais* depois de palavra de sentido negativo tem normalmente ideia de tempo. Exemplo: *Nunca* ***mais*** *olhe na minha cara!* A: Faz parte da locução adverbial. B: Pronome indefinido. D: Pronome indefinido. E: Pronome indefinido.

7 – D. ***Algo*** é normalmente um pronome indefinido, mas neste caso modifica um adjetivo (perplexos), logo vira um advérbio. Leia mais sobre isso no capítulo de pronome, em *pronome indefinido*.

8 – CORRETO. A ideia de pressuposição será abordada num dos capítulos finais desta gramática, mas podemos adiantar que tal conceito trata do uso de determinadas palavras ou construções sintáticas para imprimir uma ideia implícita à frase. Quando se diz que "aquilo que o texto nos diz **já** não constitui o objeto preferido de nossa atenção", isso significa que "anteriormente aquilo que o texto nos dizia constituía o objeto preferido de nossa atenção". Muitos advérbios servem à pressuposição. Em "O homem pisou ***de novo*** no freio do carro", por exemplo, pressupomos que ele já havia pisado.

9 – A primeira afirmação está **CORRETA**; a segunda, não. ***Só*** (= apenas, somente) pode ser, além de uma palavra denotativa de exclusão (encarada por alguns gramáticos como mero **advérbio**), um adjetivo também, quando equivale a "sozinho": *Eu estou tão **só** (= sozinho) nessa casa.* A expressão *só que* introduz ideia opositiva (= *mas, porém...*). Já o vocábulo *mesmo* indica inclusão, e não retificação, pois pode ser substituído por *inclusive.*

10 – D. Como já vimos no capítulo de pronome, não usamos tal vocábulo – mesmo(a/s) – substituindo um substantivo. A frase estaria correta assim: *O Bumba Meu Boi é manifestação folclórica diferente das demais do país; ela é mais espetacular.* As demais opções são autoexplicativas.

11 – A segunda afirmação está **INCORRETA**, pois a expressão *na realidade* tem valor opositivo ou retificativo, uma vez que serve para introduzir uma sentença que apresenta a verdade do que fora dito. O advérbio *realmente* serve apenas para indicar certeza.

A primeira afirmação está correta e é autoexplicativa (*aliás, além disso* e *outrossim* são advérbios de acréscimo, se forem sinônimos de *também*).

12 – INCORRETA. Note que *de surras* está modificando o substantivo *vítimas*, logo, *de surras* é uma locução adjetiva.

13 – C. De fato o vocábulo *mais* intensifica o verbo *falar*. A: *Carisma* é substantivo. B: *Nossas* é pronome substantivo possessivo. D: *Exerce* está no presente.

14 – ERRADO. Antes de tudo, veja que o CESPE tratou o pronome relativo *onde* como advérbio. "Está errado?" Não, pois muitos gramáticos dizem que o *onde* é um **advérbio relativo**, neste contexto. Portanto, tanto podemos dizer que o *onde* é um advérbio quanto um pronome relativo, pois ele assume esses dois papéis. O primeiro *onde* está equivocado, pois não retoma ideia temporal, mas sim locativa. A primeira frase deveria estar reescrita assim: "*...nos dias de folia carnavalesca, quando...*".

15 – CERTO. *Outrossim* e *também* dão ideia de acréscimo, logo o uso de ambos é redundante.

16 – CERTO. A afirmação da banca procede, pois quando o autor do texto diz "Realmente", fica implícito que "*De fato* os números governam o mundo.". Esse advérbio é tradicionalmente considerado de **afirmação**, indicando mais especificamente neste caso a ideia de **confirmação**.

17 – CERTO. O advérbio *ali* tem valor anafórico, pois refere-se a um termo anterior: *muralha verde*. Uma maneira de saber isso é reescrevendo: "*Quando as caravelas atracaram nas límpidas águas e areias do litoral brasileiro, que em pequena distância parecia infinito, algo impressionou ainda mais aqueles inegáveis exploradores: uma enorme* ***muralha verde*** *parecia proteger aquelas terras.* ***Densas árvores, rica fauna****... Algo jamais visto, algo jamais imaginado. Aos poucos, os portugueses perceberam que* ***naquela muralha verde*** *estava a* ***verdadeira riqueza daquela terra*** *recém-conquistada.* Ficou claro agora?

18 – CORRETA. *Mutuamente* e *reciprocamente* são sinônimos e advérbios de modo.

19 – INCORRETA. De fato *inexoravelmente* é advérbio derivado do adjetivo *inexorável*, que significa *rigoroso, severo, inflexível*, portanto a afirmação final não procede. Esta questão serve para relembrá-lo de que os advérbios terminados em **-mente** são, normalmente (risos) derivados de adjetivos femininos ou uniformes.

20 – A afirmação em I é equivocada, pois *displicentemente* significa *negligentemente, sem atenção*. Em II, a palavra *bastante* modifica o adjetivo *comum*, logo é um advérbio de intensidade. Lembre-se de que advérbio é uma palavra invariável.

21 – CORRETA. *Até umas três gerações atrás* faz referência a uma ideia temporal de passado, o que se opõe à ideia de presente contida no advérbio *hoje*.

22 – E. Este vocábulo é engraçadinho. No enunciado, ele é um advérbio de intensidade, pois modifica o adjetivo *renegado*. Como você já sabe, tal vocábulo pode mudar de classe gramatical consoante o contexto. Veja em detalhe: a) Não aguentava mais tanto barulho. (advérbio de tempo)/b) E que tudo o mais vá pro inferno! (substantivo)/c) Cinco mais dois são sete. (conjunção aditiva)/d) Sem mais nem menos, ela sumiu. (substantivo)*/e) Com a chegada do irmão, ela ficou mais nervosa. (advérbio de intensidade modificando adjetivo) * *Sem mais nem menos* é uma locução adverbial de modo; o núcleo das locuções adverbiais têm base nominal, normalmente um substantivo, portanto, vejo o *mais* e o *menos* como substantivos.

23 – Ambas estão **INCORRETAS**. Sobre a primeira, há um advérbio que não indica lugar: "E foi **aí** que o interlocutor sugeriu". Tal vocábulo tem ideia de tempo, pois equivale a "nesse momento, então". Sobre a segunda, os primeiros "nãos" realmente são advérbios de negação, pois o interlocutor nega o conteúdo das perguntas anteriores. Já a expressão "Pois não" tem valor de afirmação, consentimento ou boa disposição: "Você pode me ajudar?" "*Pois não!*".

24 – INCORRETA. A afirmação não procede, pois a norma padrão exige que o grau do advérbio seja feito com o sufixo **-íssimo**. Estilisticamente, encontramos no registro literário e coloquial, não obstante, o uso de sufixos diminutivos ou aumentativos para indicar o grau de advérbios. Exemplo: Fui à praia *de tardinha*.

25 – CORRETA e autoexplicativa.O vocábulo *ainda* é um advérbio de tempo e não poderia ser substituído por *ainda que*, locução conjuntiva concessiva (= *embora, mesmo que, posto que, se bem que* etc.).

26 – D. Uma maneira de identificar a semelhança entre o *ainda* do enunciado e o *ainda* da letra D é reescrever assim: "A entidade também relata as condições das prisões já divulgadas por meio dos mutirões do CNJ e o crescente número de prisões de pessoas acusadas de delitos menores e inocentes. **Além disso (ou *ademais*)**, é considerado grave o fato de as detenções gerarem facções criminosas.". Agora veja a reescrita da letra D: "A jovem recebeu acusações injustas e, **ainda (= *além disso*)**, foi impedida de se explicar.". Sobre a letra A, o *ainda* pode ser substituído por *até o presente momento*. Sobre a letra B, o *ainda* exprime ideia de acontecimento/momento futuro. Sobre a letra C, o *ainda* indica constância, continuidade. Sobre a letra E, o *ainda* indica concessão, equivalendo a "mesmo assim".

27 – A. Apesar de estar fora de contexto, era perfeitamente possível marcar a letra A, pois as demais expressam outras circunstâncias. B: tempo; C: lugar (virtual) ou assunto; D: tempo; E: afirmação.

28 – D. Apesar de alguns gramáticos, como Bechara, abrirem uma concessão para o uso do advérbio *todo* com variação em gênero e número, a doutrina gramatical de que "advérbio é uma palavra invariável" foi levada a sério nesta questão, de modo que *toda escancarada* é uma construção equivocada, pois o advérbio sofreu flexão de gênero.

29 – D. A locução adverbial *além disso*, assim como *além do mais* ou *ademais* exprimem acréscimo, adição, logo adiciona um argumento.

30 – E. Preciso comentar mesmo? *Talvez* é uma palavra que indica possibilidade ou dúvida, mas nunca certeza; sinônimos: *acaso; porventura; quiçá* (Usa-se geralmente com o verbo no subjuntivo e, raramente, com o verbo no indicativo.)

31 – B. A expressão *ou seja* não serve para retificar. É usada antes de se dar uma explicação, antes de manifestar com outras palavras, ou de modo mais exato, a mesma ideia antes expressa.

32 – C. Os advérbios modalizadores que traduzem uma atitude ou estado psicológico do autor diante do fato por ele enunciado são *felizmente, infelizmente, lamentavelmente, agradavelmente*, etc. A: Tempo. B: Certeza, convicção. D: Dúvida. E: Modo/focalização.

33 – INCORRETA. O vocábulo *logo* pode ser advérbio de tempo, sim: "Atenda logo o telefone!". Mas, quando equivale a "portanto" ou "então", tal vocábulo passa a ser classificado como conjunção conclusiva.

34 – CORRETA. O *mais* modifica um adjetivo (*barato*), intensificando-o, logo é um advérbio de intensidade.

35 – D. *Muito* modifica o adjetivo *grande*, logo é um advérbio de intensidade. A: Adjetivo. B: Adjetivo. C: Adjetivo.

36 – A. A dúvida está atrelada ao conceito de relativização, por isso podemos dizer que *presumivelmente*, do ponto de vista da tradição gramatical, é um advérbio de dúvida. Segundo os estudos e perspectivas atuais sobre os advérbios, *presumivelmente* seria um **modalizador epistêmico (quase asseverativo)**. *Certamente* e *absolutamente* são advérbios de afirmação, do ponto de vista tradicional, e **modalizadores epistêmicos (asseverativos)**, do ponto de vista dos estudos e perspectivas atuais sobre os advérbios. Cuidado com *absolutamente*, pois pode indicar afirmação ou negação, a depender do contexto. *Pacientemente* indica modo apenas.

37 – B. *Muitas vezes* e *não raro* (= *não raramente* = *muitas vezes*) são expressões sinônimas. Veja o segundo trecho, em que há a expressão adverbial *de fato*: segundo o dicionário Aulete, a expressão *com efeito* é o mesmo que *sem dúvida* (confirmando consequência verdadeira de fato ou ideia anterior): "Disseram que ela é eficiente. Com efeito, seu trabalho o demonstra.". Segundo o Aurélio, "significa: Efetivamente, realmente.". Portanto, *de fato* e *com efeito* são expressões sinônimas. Veja o terceiro trecho, em que há a locução conjuntiva *assim sendo* (conclusiva, como *portanto, assim, desse modo*), a qual é diferente de *de todo modo* — que apresenta, por sua vez, uma ressalva, como *de qualquer maneira, seja como for, em todo caso, não obstante* e afins. E no quarto trecho, o *mesmo* é uma palavra denotativa de **inclusão**, dessemelhante a *igualmente*, pois, convenhamos, inclusão e igualdade são conceitos distintos.

38 – A. O vocábulo *mais* modifica um substantivo, logo faz parte da categoria dos pronomes indefinidos. B: *Bastante* modifica o adjetivo tímida, logo é um advérbio de intensidade. C: *Penal* é um advérbio de modo, tradicionalmente falando; note que o sufixo **-mente** está (E pode estar!) implícito, pois o advérbio que o segue carrega tal sufixo. D: Apesar de *só* estar ligado ao advérbio *não*, formando parte da

construção de conjunções correlativas (*não só...mas também* ou *não só... como também* etc.), a banca considerou tal vocábulo isoladamente como um advérbio de exclusão (chamado por alguns gramáticos de palavra denotativa de exclusão). E: *Antes* é um advérbio de tempo. A expressão *o quanto*, de *o quanto antes* é considerada enfática e correta por Cegalla.

39 – Ambas estão **INCORRETAS**. Sobre a primeira, o vocábulo *aí* equivale a "nesse momento"; *então*, servindo como um termo sequenciador. A ideia dele não é de lugar, logo não há equivalência com *naquele lugar*. Ele dá ideia de tempo (= *a partir de então...*). Sobre a segunda, o vocábulo *só* não equivale a "somente". Isto posto, quero relembrá-lo de que a locução conjuntiva *só que* tem valor semântico adversativo, equivalendo a "mas", "porém", "contudo", "todavia", "entretanto" etc. Exemplo: Ele é muito legal, *só que* (= *mas*) sua família não presta.

40 – CORRETA. O vocábulo *disparado* significa no contexto *em primeiríssimo lugar*; trata-se de um advérbio, tanto é assim que pode ser acrescido o sufixo **-mente**: "A leitura, *disparadamente*, é a melhor forma de exercitar a memória".

41 – D. As locuções adverbiais às vezes e *em breve* exprimem ideia de tempo; já às pampas e *em excesso* exprimem ideia de intensidade. A: Tempo/lugar; B: Modo/tempo; C: Lugar/negação; E: Modo/tempo.

42 – A. O *ainda* equivale a "inclusive". Veja: "Diz **inclusive** a lenda que a imperatriz fez um fino manto de seda para o imperador.".

43 – A. I. De fato, *ontem* indica tempo passado. II. A locução *do mundo* está ligada ao substantivo *economia*, logo é locução adjetiva, e não adverbial. III. O advérbio *aqui* tem valor anafórico e refere-se a *Brasil*.

44 – B. Esta questão só nos interessa porque o vocábulo *meio* pode ser um advérbio de intensidade, quando se liga a um adjetivo ou a um advérbio: A indústria farmacêutica anda ***meio*** *apurada* com tanta demanda de remédios./As pessoas ficam ***meio*** *dependentes* dos efeitos químicos da medicação.

45 – C. Veja como a força da tradição gramatical ainda persiste em muitos concursos. A banca sustenta que *estranhamente* é um advérbio de modo, quando na realidade tal ideia é absurda, porque o sentido da frase não é que o personagem se recusava a comer de modo estranho. Não! A ideia do contexto é esta: o fato de ele se recusar a comer era estranho, do ponto de vista do enunciador do texto. Logo, *estranhamente* é um advérbio **modalizador afetivo (subjetivo)**, pois exprime um ponto de vista,

um juízo de valor ou um estado de espírito do enunciador (falante) em relação ao conteúdo do enunciado. A locução adverbial em silêncio de fato indica o modo, pois indica o modo como se contemplava a paisagem. Por fim, *vagamente* modifica o adjetivo *familiar*, intensificando-o.

Capítulo 14

Gabarito

1 – E. Não é o exílio que canta, a canção não pertence ao exílio, logo a preposição *de* na contração *do* não tem valor possessivo, como você deve ter imaginado. Em "Canção do exílio", a ideia é: de onde, de que lugar vem a canção? Resposta: do exílio. Logo a preposição *de* tem valor locativo no contexto, indicando a mesma ideia de distância que se percebe em *de longe*. A: Qualidade. B: Matéria. C: Causa. D: Tempo.

2 – A. A ideia é de causa. Veja que dá para substituir pela locução prepositiva *por causa de*: "Por causa do real...", "Por causa da chuva...". As demais ocorrências da preposição *com* indicam companhia. O último *com* não tem valor semântico, pois é uma preposição relacional, exigida pelo verbo transitivo indireto *brigar*.

3 – C. Apesar de a preposição *para* normalmente indicar finalidade e, portanto, poder ser substituída pela locução prepositiva *a fim de*, não é o caso no contexto, pois a preposição *para* em "Esta é uma receita para..." tem valor meramente relacional, exigida pelo nome *receita*. A: Assunto. B: Exclusão. D: Lugar/proximidade. E: Lugar/direção.

4 – ERRADO. Tanto *de* como *sob* indicam modo/conformidade no contexto; nada se altera.

5 – CORRETO. Indica procedência. Isso fica claro quando se substitui *de* por *a partir de*.

6 – CERTO. Apesar de alguns gramáticos, como Cegalla, ensinarem que a preposição pode ficar implícita antes de oração iniciada por conjunção integrante *que*, a visão tradicional ensina que é obrigatório explicitar a preposição nesse contexto para não incorrer em erro gramatical.

7 – CERTO. Autoexplicativo. A preposição *de*, contida em "dos Estados Unidos da América", expressa ideia de procedência ou lugar.

8 – ERRADO. Quando há um nome antes do verbo *ser* exigindo uma preposição, esta deve ficar antes da conjunção integrante que inicia uma oração subordinada substantiva predicativa.

9 – CERTO. A locução prepositiva *apesar de* indica concessão, carregando a ideia de contraposição, contraste, oposição, quebra de expectativa.

10 – CERTO. A locução prepositiva *a fim de* indica finalidade, tal como *para*, no contexto. Logo, a substituição de uma por outra está adequada.

11 – B. O substantivo *agressão* exige a preposição *contra* também, logo a substituição está adequada.

12 – C. No primeiro caso, a preposição *por* tem valor nocional de causa. No segundo caso, o verbo optar exige a preposição *por*, que tem valor relacional.

13 – ERRADO. A afirmação da banca é viagem pura de ácido com whisky e Red Bull. A expressão *a despeito de* é tão somente uma locução prepositiva de concessão. As partes que compõem a locução não são analisadas separadamente. É por isso que toda locução tem o valor de unidade.

14 – ERRADO. Além de a relação semântica ser diferente, não seria mantida a correção gramatical do texto caso se substituísse uma por outra. Veja: "**de** (início)... **a** (fim)..."/"**entre**... **e**..." (focaliza o que ocorre no meio das duas datas). Percebeu que a preposição *de* se correlaciona com a preposição *a* e que a preposição *entre* se correlaciona com a conjunção *e*? É isso!

15 – CERTO. Tanto a preposição *de* como a preposição *para* no contexto da questão apresentam a mesma ideia de início (origem) e fim (destino), como em "De: Fernando Para: Juliana".

16 – ERRADO. Na primeira ocorrência, *para* indica finalidade, tanto que pode ser substituída por *a fim de*. Na segunda, *para* não tem valor nocional algum, pois é exigida pelo adjetivo *importantes*.

17 – E. A banca "brinca" aqui com a diferença entre ***a*** (artigo definido) e ***a*** (preposição). Como *em contraposição a* é uma locução prepositiva e 99,99% das locuções prepositivas terminam em preposição, *a* só pode ser preposição, e não artigo definido, logo o elemento gramatical ***a*** não define quais são as tentações, porque é preposição.

18 – D. O substantivo *meios* exige a preposição *para*, que tem valor meramente relacional.

19 – CORRETA. A substituição de *por* por *de* não prejudica a correção gramatical nem a coerência, pois ambas as preposições indicam valor de agente e iniciam um

agente da passiva. Isso ficará mais claro quando eu falar de agente da passiva no capítulo de sintaxe.

20 – A. I: *para, dos, às*. II: *o, a, os, às (a + as)*. III: *dos (daqueles)*.

21 – D. Preposição *para* antes de verbo no infinitivo pode indicar duas circunstâncias: finalidade, quando equivale a "a fim de", ou consequência. Na letra D, o vocábulo *para* introduz ideia de finalidade. Nas demais frases, o *para* tem valor meramente relacional.

22 – E. Se for possível substituir *por* pela locução prepositiva *por causa de*, a ideia é de causa. Veja: "***Por causa de*** precaução, a maioria dos...". Pense: qual é o **motivo, a razão, a causa** de a maioria dos médicos recomendarem que se evite a combinação de bebida e remédios? Resposta: *Por precaução*.

23 – B. A preposição *de* antes do pronome relativo *que*, na primeira lacuna, é exigida pelo verbo *servir-se*. A preposição *para* antes do pronome relativo *que*, na segunda lacuna, é exigida pelo nome *obrigações*.

24 – C. Note que em "... filhos com até dois anos de idade...", há um acúmulo de preposições (*com* e *até*), cada uma conservando seu sentido original. Safo?

25 – C. Fim ou finalidade. Dá no mesmo. Lembre-se: antes de infinitivo, o *para* indicará finalidade (= *a fim de*) ou consequência (= *a ponto de*).

26 – E. A preposição *para*, antes de verbo no infinitivo, pode indicar consequência (normalmente antecedida de advérbio de intensidade) ou finalidade: *Você devia estar muito distraído para (= a ponto de) não vê-la se exibindo./O doutor continua receitando remédios para (= a fim de) resolver aquele seu problema?*

27 – INCORRETA. *Apesar de* nunca introduz argumento orientado para a conclusão do texto. *Apesar de* é locução prepositiva que sempre indica concessão (= não obstante, a despeito de).

28 – Ambas estão **CORRETAS**. Tanto *devido a* equivale a *em razão de* (ambas as locuções prepositivas são causais) como *segundo* equivale a *conforme* (ambas são preposições acidentais de conformidade).

29 – E. Cuidado com *até* (preposição) e *até* (palavra denotativa – ou advérbio – de inclusão). No caso, *até* equivale a *inclusive*.

30 – B. Vou me apegar apenas ao que interessa neste capítulo: preposição. Note que a preposição tem o papel de ligar palavras ou orações. Neste caso, a preposição *a* liga o verbo auxiliar (*começou*) ao verbo principal (*chorar*), formando a locução verbal *começou* ***a*** *chorar*.

31 – A. Na primeira lacuna, usa-se a preposição *a* antes do pronome relativo *que*, pois o verbo *referir-se* a exige. Na segunda, usa-se a preposição *de* antes do pronome relativo *que*, pois o verbo *dispor* a exige. Simples assim.

32 – A. Note que todas as locuções têm valor causal, exceto *ademais de*, que tem valor aditivo.

33 – E. A conjunção *por* indica causa no enunciado e na letra E. Demais opções: A: Agente. B: Lugar. C: Agente. D: Agente.

Capítulo 15

Gabarito

1 – E. Nos dois primeiros períodos, cria-se uma boa expectativa em relação à abundância da floresta amazônica. No entanto, não é isso o que ocorre na ideia contida no terceiro período, que se contrapõe às anteriores. Por esse motivo, a conjunção adversativa *no entanto* abre o terceiro período quebrando uma expectativa. Valor semântico das demais conjunções: A: Causa. B: Tempo. C: Concessão. D: Proporção.

2 – A. Mera decoreba! *Mal* = logo que (temporal); *ao passo que* = à medida que (proporcional); *não obstante* seguido de subjuntivo = embora (concessivo); *desde que* seguido de subjuntivo (condicional).

3 – C. Esta questão trata da relação entre as partes do texto e das conjunções como elementos coesivos, construtores de sentido dentro da lógica discursiva. Veja que as relações são, respectivamente, de adição, adversidade, conclusão e adição: *Todo mundo fala de um renascimento do cinema brasileiro E ele parece incontestável. MAS ainda falta vencer um obstáculo fundamental: o preconceito do espectador brasileiro que continua relutante em sair de casa para assistir a um filme nacional. POR ISSO os filmes têm dificuldade de conseguir muitas salas E não conseguem o sucesso que mereciam.*

4 – A. Só pela ideia de acordo, já matamos a questão. Veja em B: **já que** foi combinado em assembleia de junho/2000 (locução conjuntiva causal), em C: **apesar d**o que foi combinado em assembleia de junho/2000 (locução prepositiva concessiva) e em D: **porquanto** tenha sido combinado em assembleia de junho/2000 (conjunção causal).

Se você domina as conjunções e seus valores semânticos, não sentiu dificuldade, pois o comando de arrumação do texto é indicado pelas relações de sentido que as conjunções estabelecem. Veja: ***Conforme*** *o combinado em assembleia de junho/2000 (conjunção conformativa; acordo), solicitamos de V.Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola, em caráter de urgência,* ***para que*** *seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio (conjunção final; finalidade).* ***Embora*** *os reparos impeçam o andamento das aulas (conjunção concessiva; concessão), não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração.*

5 – D. Todos os conectivos são conjunções (ou locuções conjuntivas) subordinativas causais.

6 – D. Apesar de não ser uma questão puramente de conjunção, mas sim de orações coordenadas, queria reiterar que alguns gramáticos, como Sacconi, Cegalla e Infante, entendem que, quando a conjunção *e* tiver valor adversativo (= *mas*), a oração iniciada por ele será classificada como coordenada sindética adversativa.

7 – E. A relação entre uma frase e outra é de causa e consequência, logo, como a causa se inicia em (2), só podemos usar o *já que*, que é uma locução conjuntiva causal: "Mas talvez os shoppings, mesmo os mais sofisticados, como o Iguatemi, tenham se tornado democráticos demais para o gosto da classe alta paulista, JÁ QUE a cada pequeno entusiasmo econômico, logo a alvoroçada classe média da cidade resolve se intrometer aos bandos nas searas exclusivas dos muito ricos.". As demais: A: Locução conjuntiva concessiva. B: Locução conjuntiva consecutiva. C: Locução prepositiva *além de* indica adição, soma. D: Locução conjuntiva conclusiva.

8 – CORRETA. Note que a conjunção ***e*** liga períodos e tem, de fato, valor semântico de oposição (= *mas*).

9 – A. Perceba que entre orações já há uma relação de sentido, que fica explícita quando se usa a conjunção, portanto em 1) a relação é de oposição, que pode ser marcada por *e* ou *mas*, o que elimina B e D; já em 2) a relação é de causa, dando empate entre A e C, pois *porque* e *como*, iniciando período, podem indicar causa; por fim, a relação entre as frases de 3) é de conclusão, e a única opção que apresenta um conectivo conclusivo é a A: *por isso* (*porquanto* é causal/explicativo).

10 – D. A conjunção *mas* equivale a *mas também* e, no contexto, significa "além disso", "além do mais", adquirindo, assim, valor aditivo.

11 – D. Comentário da própria banca: "Considerando-se que o pronome relativo *que* retoma o elemento expresso na oração anterior, o sujeito do verbo canta é a expres-

são *o mar de minha saudade*. Nesse caso, o trecho em negrito recebe a classificação de oração subordinada adjetiva explicativa. Após as substituições exigidas pelo enunciado, o sujeito do verbo *canta* passa a ser o elemento *as murmurantes ondas*, devendo, portanto, todo o trecho ser classificado como oração coordenada explicativa, uma vez que o vocábulo *que* passa a atuar como conjunção explicativa.".

12 – INCORRETA. A conjunção *entretanto* é adversativa e só pode ser substituída, conservando-se seu sentido original por conjunções igualmente adversativas, como *mas, porém, contudo, todavia, no entanto, não obstante, só que* etc. É bom dizer que as conjunções concessivas (conquanto) apresentam um valor semântico semelhante ao das adversativas, mas, no contexto, não poderia haver substituição, pois a concessiva teria de levar o verbo ao subjuntivo. *Porquanto* não pode substituir conjunções adversativas, pois tal conectivo indica explicação ou causa.

13 – INCORRETA. O *mas* NUNCA indica comparação. NUNCA! Ele é uma conjunção adversativa ou aditiva.

14 – C. Em I, a ideia é de condição (*se* = *desde que*). Em II, a ideia é de condição ou tempo (*se* = *quando*). Em III, a conjunção *se* tem valor concessivo, por isso equivale a "mesmo que".

15 – A primeira está **CORRETA**; a segunda, não. O *assim* é uma conjunção conclusiva (= *portanto*). O *porque* nunca indica condição, mas sim causa, explicação ou finalidade.

16 – CORRETA. A conjunção *porquanto* indica causa/explicação, logo, nesse contexto, seria uma incoerência usá-la, pois se "a renda *per capita* da Inglaterra começou a crescer descolada da demografia" e "a evolução da renda *per capita* dependia das taxas de natalidade e mortalidade", há um contraste de ideias, e não uma relação de causa e consequência. Por isso, o conectivo adequado deveria ser adversativo: "A evolução da renda *per capita* dependia das taxas de natalidade e mortalidade, **no entanto** a renda *per capita* da Inglaterra começou a crescer descolada da demografia...".

17 – INCORRETA. O *como* não indica causa, mas sim comparação entre "flagelos assim" e "desastres de avião".

18 – D. *Logo* é a única conjunção, dentre as opções, que não indica explicação, mas conclusão.

19 – CORRETA. *Para que* é uma locução conjuntiva final desde criancinha, logo a afirmação procede.

20 – INCORRETA. *Contanto que* é uma locução conjuntiva condicional, e *consoante*, conjunção conformativa.

21 – A. *Caso* é uma conjunção condicional e exige verbo no subjuntivo ("caso o país não tenha crescido"). Mais importante que isso, porém, pelo que você notou nas outras alternativas, o vocábulo *se* estabelece relação de **concessão** (*apesar de, mesmo, embora, ainda que...*); *caso* indica apenas... condição. Nada a ver com concessão! Esta era para não zerar, hein!

22 – B. A gente banaliza o olhar (consequência) por quê? De tanto ver (causa). Ou seja, "A gente vê tanto (causa) ***que*** banaliza o olhar (consequência).".

23 – C. A conjunção *porque* é causal, explicativa ou final, depende do contexto, mas nunca é proporcional como *ao passo que*.

24 – B. A FGV se amarra em trabalhar diferença entre os "quês". Veremos muito mais sobre essa palavrinha *maledeta* no capítulo de *Que, Se e Como*. Por ora, fiquemos com a explicação da questão. *Bizu*: se pudermos substituir uma oração iniciada por ***que*** por ***isto***, estaremos diante de uma conjunção integrante (É certo *que a mudança do enfoque sobre o tema... decorrerá...* = É certo ***isto***.), pois ela sempre inicia orações subordinadas substantivas que completam ou determinam a estrutura sintática de outra oração (chamada de principal). O segundo *que* é uma preposição acidental, equivalendo a "de", pois vem entre *ter* e *verbo no infinitivo*: "... terão *que* (= de) abranger...".

25 – A. Se ***ou*** é uma conjunção AL-TER-NA-TI-VA, a ideia é de...? Questão nível *Tele Tubbies!*

26 – B. A relação entre o primeiro e o segundo período é de causa e efeito (ou fato seguido de conclusão). Por isso a única locução conjuntiva possível é *por conseguinte*, que equivale a "portanto, assim, por isso, então, dessa forma, logo..." Veja: *Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas de escrita nos faça escrever melhor,* ***por conseguinte*** *escrever, como ler, só será efetivamente um hábito qualificado se feito com prazer*. As Demais: A: Concessão; C: Proporção; D: Finalidade; E: Tempo.

27 – D. Mera decoreba! A: Tempo. B: a preposição é exigida pelo substantivo *meio*. C: Explicação. E: Adversidade.

28 – B. A frase tem sentido concessivo por causa da conjunção concessiva *Embora*. Simples assim!

29 – CORRETA. Todos os elementos enumerados em A são dignos da mesma ideia de respeito, estão no mesmo nível, por isso pode-se entender que o conectivo *ou* estabelece ideia de inclusão.

30 – A. A: Alguns gramáticos, como Maria H. de Moura Neves e alguns dicionários, como Aulete e Houaiss, dizem que o *se* pode ter valor temporal, logo a substituição de *Quando* por *Se* mantém a coerência do texto. B: Só poderíamos substituir *se* por *caso* desde que o verbo em seguida fosse colocado no subjuntivo (... caso defendam...). C: A relação é de conclusão, por isso o uso de *pois* estaria equivocado *(... se sabe que o objetivo dele é a cura da doença, LOGO sua ação é mais percebida por todos)*. D: não é uma alternativa que tenha a ver com o assunto deste capítulo (conjunção), por isso julgo relevante não comentá-la. E: Já há uma ideia de oposição no último período marcada pela conjunção *mas*; não se pode usar *embora* e *mas* no mesmo contexto.

31 – A. A relação entre o primeiro período e o início do segundo é de ressalva, restrição, logo o melhor conectivo que poderia entrar na primeira lacuna seria o adversativo: *mas, porém, entretanto...*

32 – B. Percebe-se que a relação entre as orações do trecho original é de causa e consequência/conclusão (indicada pelo *portanto*). Sendo assim, invertendo-se as orações, teremos de usar um conectivo de valor causal, a saber: *dado que*. Fica assim, então: *Não é possível importar o desenvolvimento dado que corresponde a uma matriz endógena, gerada em nossas próprias sociedades*.

33 – A. A relação entre os períodos é de explicação, logo as demais opções são descartadas. (B: Condição. C: Condição. D: Adversidade. E: Finalidade.)

34 – E. O advérbio *já* tem valor opositivo e equivale a "mas", "por outro lado", "em contrapartida" etc. E a conjunção *embora*, por ser concessiva, indica uma *ressalva que não invalida a declaração feita* (definição clássica de conjunção concessiva).

35 – E. *Uma vez que* é uma locução conjuntiva causal correspondente à conjunção causal *porque*. As demais conjunções e locução conjuntivas indicam, respectivamente: concessão, concessão, tempo e concessão.

36 – E. A relação lógico-semântica que existe entre I e II é de causa e consequência, por conseguinte devemos usar a locução conjuntiva conclusiva *por conseguinte*. As demais conjunções e locução conjuntivas indicam, respectivamente: adversidade, adversidade, causa e concessão.

37 – A. A ideia é de tempo ou proporção, logo letra A. As demais conjunções e locução conjuntivas indicam, respectivamente: concessão, condição, concessão. *Em comparação a* é uma locução prepositiva que indica comparação.

38 – E. Segundo o dicionário Houaiss, a conjunção adversativa *mas* "com variações de sentido, introduz o segmento que denota basicamente uma oposição ou restrição ao que já foi dito.".

39 – C. Há uma quebra de expectativa, um contraste, logo usa-se a conjunção adversativa *contudo*.

40 – ERRADO. *Enquanto* indica tempo; Celso Cunha diz que pode ser proporcional também.

41 – CERTO. Perfeito. Tais conectivos são adversativos, de fato.

42 – ERRADO. A conjunção *quando* de fato está relacionada ao fato expresso na oração "que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust". Agora, observe com calma: *Escrevi para ele... porque o diabo do homem só faltou me chamar de representante comercial deles*. Pelo que se vê, a causa (iniciada por *porque*) está ligada a "Escrevi para ele", e não a "que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust". Malícia total do CESPE!

43 – CERTO. Por definição, conjunção concessiva é a que introduz um conteúdo que, mesmo sendo contrário a uma proposição, não a invalida.

44 – ERRADO. NUNCA indica consequência**!** O *pois* indica causa, explicação ou conclusão.

45 – C. As duas frases mantêm uma relação de **adição** de acontecimentos, logo, para se unirem tais orações em um só período, precisaríamos usar um conectivo (normalmente conjunção) de valor **aditivo**. Por isso a reescritura correta é esta: "Não ri nem sequer sorri, ***e*** não faz uma pirueta.".

46 – CERTO. Todos esses conectivos são causais. Simples assim.

47 – A. Há uma relação de causa e consequência, pois a exclusão social causa a violência, daí que EXCLUSÃO SOCIAL E (consequente) VIOLÊNCIA. Muito boa a questão!

48 – A. A preposição *para*, antes de verbo no infinitivo, equivale à locução conjuntiva *para que* (para melhorar = para que melhore). E *segundo* é uma conjunção conformativa, como *conforme* e *consoante*.

49 – E. A construção *por (mais) que* constitui uma locução conjuntiva concessiva, por isso a única reescritura impossível é a E, pois preposição *por* + verbo no infinitivo reitera ideia de causa.

50 – D. Tanto *ainda assim* como *não obstante* são locuções conjuntivas adversativas.

51 – A. Tanto *só que* quanto *mas* são conectivos adversativos.

Capítulo 16

Gabarito

1 – INCORRETA. Normalmente a interjeição *oi* é usada como saudação (= *olá*), mas é empregada também para indicar que não se ouviu bem o que foi dito ou perguntado, e ainda como chamamento ou resposta a um chamamento. Numa música, esse *oi* serve como chamamento.

2 – E. No primeiro quadrinho, não só a interjeição exclamada por Cebolinha, *Oh!*, exprime susto, bem como seu rosto, por causa da suposta pancada que a Mônica está dando em Cascão. No segundo quadrinho, há um alívio, pois na verdade ela está penteando o Cascão.

3 – INCORRETA, porque as interjeições não são normalmente usadas em registros formais, como bem indica o contexto. Além disso, a classificação de *claro* é discutível, pois é um adjetivo modalizador.

4 – C. A interjeição *Hummmm*, com o esticamento do som nasal sinalizado pela repetição da letra **m** e das reticências, indica admiração com a veia da doadora, por isso as enfermeiras "trocam sorrisos interessados".

5 – C. Segundo o dicionário Houaiss, a interjeição *Puxa!* "traduz alegria, assombro, deslumbramento, admiração, mas também pasmo, estupefação por consternação, aborrecimento, desalento, impaciência". A locução interjetiva *Puxa vida!* indica o mesmo. O dicionário Aulete sacramenta: "Us. para exprimir admiração, surpresa, impaciência, irritação, aborrecimento etc.".

6 – D. *Ué!* exprime surpresa, espanto, admiração.

7 – D. *Putz* é uma interjeição muito coloquial que indica admiração, surpresa.

8 – E. A interjeição *Ufa!* exprime cansaço, alívio.

Capítulo 19

Gabarito

1 – CORRETA. Reveja todo o contexto: "Em dezembro do ano passado, milhares de pessoas tomaram as ruas de Seattle nos Estados Unidos, (...) Conseguiram barrar a negociação, que ficou para um futuro para lá de incerto, e, de quebra, ridicularizaram ninguém menos que o presidente americano Bill Clinton, o anfitrião do encontro". A ESAF adora complicar tua vida, não? O sujeito *milhares de pessoas*, superafastado, encontra-se oculto em relação aos verbos *conseguiram* e *ridicularizaram*.

2 – D. O termo *você* é sujeito simples e explícito do verbo *precisa*.

3 – D. Note que *te* e *te* são pronomes oblíquos átonos com função de complemento do verbo (objeto direto). No segundo caso, o verbo *fazer* é transobjetivo, ou seja, exige objeto + predicativo do objeto (faz alguém (OD) vencedor (POD)).

4 – B. O verbo *haver* (pode *haver*) no sentido de existir fica na 3ª pessoa do singular por ser um verbo impessoal. Tal verbo constitui oração sem sujeito. Simples assim.

5 – Ambas estão **INCORRETAS**. Sobre a primeira, jamais o *se* pode indeterminar o sujeito, pois o sujeito está na cara de qualquer um; veja: "... o Programa de Metas foi executado e seus resultados *manifestam-se...*". Sobre a segunda, note que a expressão formada pelo verbo ***ser* + que** é expletiva, ou seja, pode ser retirada sem prejuízo sintático-semântico; portanto não é só o verbo *ser* que é expletivo. Veja: "No entanto, (foi) graças ao controle do câmbio e ao regime de incentivos criados (que) as importações de bens de consumo duráveis foram contidas.".

6 – C. Note que o verbo *saiu* não é de ligação, pelo contrário, indica ação e vem seguido de um predicativo do sujeito (*chateada*), logo o predicado (*saiu chateada da escola*) é verbo-nominal.

7 – CERTO. Mais uma vez o verbo fazer foi usado como transobjetivo, ou seja, exige um objeto + um predicativo do objeto (*faça da criança* (OI) *um romancista introvertido* (POI)).

8 – B. O verbo *haver* (= *existir*) é um verbo impessoal sempre, ou seja, não tem sujeito.

9 – D. Os verbos *prevalecer* e *participar* são transitivos indiretos, logo exigem complemento preposicionado (objetos indiretos: "no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos" e "no rito das danças guerreiras").

10 – C. Cuidado com a inversão dos termos da oração! Isso pode derrubar você. Coloque a frase na ordem direta: "Mas outro problema surge aqui". Perceba que **outro *problema*** é sujeito em que *problema* é núcleo do sujeito. Sobre a letra C, faça a perguntinha para achar o sujeito: "O que perde as cores?" Resposta: "as fitas de vídeo" (sujeito).

11 – B. Verbo na 3ª pessoa do plural com sujeito implícito sem referente anterior sinaliza que o sujeito é indeterminado. Sabe-se que alguém disse, mas não se sabe quem.

12 – E. Direto ao *bizu* de *achamento* do sujeito: "O que não se torna realidade?" Resposta: "O sonho de Darcy.". "O que continua?" Resposta: "O debate.". Sujeitos simples, pois apresentam um núcleo. Olhe a E: "O que é de tal ordem?" Resposta: "A tragédia dos menores abandonados.". Sujeito simples também, pois apresenta apenas um núcleo.

13 – C. Colocando na ordem direta: "Tudo *anda* muito desorganizado.". Observe que o verbo *andar* não indica ação, mas sim estado, logo é um verbo de ligação, que liga o sujeito (*tudo*) ao predicativo do sujeito (*muito desorganizado*).

14 – INCORRETA. O sujeito não é inexistente, mas sim oracional. *Bizu* do *achamento* do sujeito: "O que vale a pena?" Resposta: "Deixá-los sem futuro". Logo, colocando na ordem direta, temos claramente um sujeito oracional: *Deixá-los sem futuro* (sujeito) vale a pena?

15 – B. A oração sem sujeito é aquela que apresenta um verbo impessoal. As bancas adoram trabalhar o verbo *haver* (com sentido de *existir*, *ocorrer*) em questões de sujeito inexistente.

16 – B. Tipo de questão muito frequente em todos os anos da FCC! Estude transitividade verbal! Ambos os verbos (*confirmar* e *gerar*) são VTDs, logo exigem objetos diretos (respectivamente, *a antiguidade da família nuclear entre humanos* e *mais descendentes*).

17 – E. O verbo é transitivo direto e indireto, pois exige dois complementos (um direto e outro indireto). Veja: "... saibamos ensinar o quê? (o mais elementar) a quem? (aos alunos),...".

18 – ERRADO. O sujeito implícito do predicado *for original* remete ao referente *obra de arte*: *Suponhamos que uma obra de arte profundamente original surja diante de seus olhos. Como a julga ele? Comparando-a com as obras de arte do passado.* ***Se (ela) for original,...*** ".

19 – ERRADO. Vejamos o contexto de cada verso: 19: *A cana doce de Málaga não é mar, embora em praias,* ***dá*** *sempre em pequenas poças, restos de uma onda recuada.* (intransitivo, pois não exige complemento; *em pequenas poças* é adjunto adverbial de lugar); 27: *A cana doce de Málaga dá dócil, disciplinada:* ***dá*** *em fundos de quintal e podia dar em jarras.* (intransitivo, pois não exige complemento; *em fundos de quintal* é adjunto adverbial de lugar); 2: *A cana doce de Málaga* ***dá*** *domada, em cão ou gata: deixam-na perto, sem medo, quase vai dentro das casas.* (transitivo indireto, pois exige complemento; *em cão ou gata* é objeto indireto); 26: *A cana doce de Málaga* ***dá*** dócil, disciplinada: dá em fundos de quintal e podia dar em jarras. (intransitivo, pois não exige complemento; *dócil, disciplinada* é predicativo do sujeito).

20 – Ambas estão **INCORRETAS**. Na primeira, é impossível que a partícula *se* seja indeterminadora do sujeito uma vez que o sujeito do verbo *espraiar* está explícito, determinado, "na cara"! Veja o contexto de novo: "Agora se vê que a carência de profissionais *se espraia* para vários níveis de formação...". Pergunto: "O que se espraia para vários níveis de formação?". Respondo: "A carência de profissionais"'. Na segunda, o sujeito é outro, veja: "A rede educacional do país, com suas falhas e distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade, mostra-se incapaz de oferecer ao mercado de trabalho mão de obra competente". Safo?

21 – ERRADO. Observe a primeira oração: "São tantos os espaços para a dita participação popular". Está na ordem direta? Jamais! Colocando: "Os espaços para a dita participação popular (sujeito) são (verbo) tantos (predicativo)". Ah, agora sim podemos analisar com mais tranquilidade. Percebe que o verbo *ser* tem sujeito simples? Maravilha! E quanto à próxima oração? Veja: "não há espaços de visibilidade claros". Percebe o verbo *haver* com sentido de existir? Pronto, oração sem sujeito. Sendo assim, concluímos que a questão traz uma afirmação equivocada, pois na primeira oração há sujeito simples; só na segunda há oração sem sujeito!

22 – ERRADO. Se "**os bancos** se estabeleceram", como o sujeito pode ser indeterminado? O sujeito está explícito, e é simples: *os bancos.* A partícula *se* é integrante do verbo. Nível Tele Tubbies!

23 – CERTO. Perfeita a afirmação! Coloque na ordem direta: "Moedas mexicanas e peruanas (sujeito) continuavam sendo usadas (locução verbal) no comércio no extremo norte (adjunto adverbial).".

24 – ERRADO. O sujeito de *faz* é oracional: "Viver em ambiente sem gravidade". *Bizu* do *achamento* do sujeito: "O que faz coisas curiosas com o corpo?" Resposta: "Viver em ambiente sem gravidade.". Mole!

25 – ERRADO. O erro está em afirmar que *meu nome* é sujeito e que *meu nome* está anteposto a seu predicado verbal. Na primeira oração, o sujeito vem antes do predicado, ok! Na segunda oração, *meu nome* é objeto direto do verbo gritar, ou seja, "... o carteiro chegou e (o carteiro) gritou meu nome.". Pescou?

26 – ERRADO. A ordem direta é tão somente esta: "Joaquim Silvério (sujeito) começa a redigir (verbo) sua carta (complemento verbal) com pena bem aparada no palácio da Cachoeira (adjuntos adverbiais)". Na reescritura proposta, o adjunto adverbial inicia o verso, portanto a ordem é indireta, diferente da sequência **sujeito-verbo--complemento verbal-adjunto adverbial**.

27 – CERTO. De fato, tais orações não seguem a ordem direta, que deveria ser sujeito-verbo-objeto, assim: "como a prevalência da forma pronominal (sujeito) inclina (verbo)-nos (objeto) a pensar" e "uma vez que levar em conta a noção de memória coletiva (sujeito) foi (verbo de ligação) necessário (predicativo do sujeito)". Inclusive a questão foi mal formulada, pois *necessário* é predicativo do sujeito e não objeto. Coisas da vida...

28 – CERTO. Se o sujeito não está explícito na frase, mas existe a possibilidade de encontrar seu referente pelo contexto, dizemos que ele está oculto, ou implícito, ou elíptico. É o que ocorre neste caso. "O que transporta muitos passageiros?" Resposta: "O tal veículo leve sobre o trilho, o tal meio de transporte que causa estranheza, o tal misto de metrô e ônibus, o tal tipo de transporte coletivo capaz de melhorar o trânsito nas cidades.". Resumindo: ***ele transporta***... Foi? Questão interessante.

29 – E. Os verbos impessoais são aqueles que não têm sujeito, como o verbo *fazer* (indicando tempo decorrido ou aspecto natural), *passar* (indicando tempo decorrido) e *haver* (no sentido de existir, ocorrer ou indicando tempo decorrido). Mas na letra E não é o caso, pois há um sujeito oculto para o verbo *haver*: *Embora (ele)* ***houvesse*** *acertado a hora, ele chegou atrasado*. Quando o verbo *haver* for auxiliar de uma locução verbal, como é o caso da E, ele sempre terá sujeito.

30 – D. O pronome relativo *que*, funcionando como sujeito, retoma "empresas transnacionais", as quais "operam sujeitas às normas"... Observe que *sujeitas* é uma característica de "empresas transnacionais", afinal, trata-se de um adjetivo. E, como todo adjetivo só exerce função de adjunto adnominal (quando vem ao lado do termo substantivo, sem vírgula) ou de predicativo (quando vem separado do termo substantivo, seja por vírgula ou simplesmente afastado), *sujeitas* só pode ser um predicativo do sujeito.

31 – B. Usamos o sujeito indeterminado quando não sabemos determinar quem é o sujeito (fala do garoto) ou não desejamos torná-lo conhecido. Para isso, usamos o artifício de colocar o verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito.

32 – O item III. Para a identificação do sujeito, há uma técnica bastante usada e que normalmente funciona: pergunta-se ao verbo "O que...?" ou "Quem...?"; daí acha-se o sujeito. Portanto, vamos aplicar: "Quem subjugou os hindus?" Resposta: "Os ingleses subjugaram.". Logo, o sujeito de *subjugaram* é *os ingleses*. Simples, não? "O que se cometeu contra os hindus?" Resposta: "Incontáveis violências se cometeram (foram cometidas).". Logo, o sujeito de *Cometeram-se* é *incontáveis violências*, cujo núcleo é o substantivo *violências*. Safo? Vale dizer que no segundo caso estamos diante de uma voz passiva sintética, em que o verbo vem acompanhado da partícula apassivadora *se*.

33 – C. Vamos nos ater aos termos essenciais da oração. Na letra B, a partícula *se* do enunciado não exerce a mesma função que a outra. A primeira é apassivadora; para tirar a "prova dos 9", basta passar da voz passiva sintética para a analítica (... não **se** devem esperar exames... = ... exames não devem **ser esperados**...). Lembrou-se das marcas de passiva sintética e analítica? Esta apresenta ***ser* + particípio** e aquela, *se* apassivador. Sobre a letra D, não há indeterminação do sujeito, pois o sujeito está explícito. *Bizu*: "O que não se deve esperar?" Resposta: "Exames de consciência mais profundos não se devem esperar.". Esta perguntinha ao verbo é coisa linda, não? Resolve na hora o *achamento* do sujeito.

34 – A. O verbo do enunciado (*proviriam*) exige complemento preposicionado. Veja a frase na ordem direta: "As pistas que indicariam o caminho proviriam destes". O que provém, provém **de**! Percebeu a transitividade do verbo? Ele é um transitivo indireto, ou seja, exige complemento preposicionado para ter seu sentido completo e para completar a estrutura sintática da frase. Imagina se eu falasse assim para você: "Aí, maluco, a dor muscular provém.". Você iria perguntar assim: "A dor muscular provém de quê, Pestana? Tá ficando maluco?". Enfim, eu tenho de completar a frase porque o verbo exige complemento, logo deveria dizer assim: "A dor muscular provém ***do*** *excesso de exercícios*.". "Aaaah! Sim! Agora entendi.", diria você. Beleza? Na letra A, o verbo *consistir* também é VTI, pois exige complemento preposicionado. Veja: "a principal tarefa do historiador <u>consistia</u> ***em*** *estudar possibilidades de mudança social*". Safo?

35 – D. Note que a conjunção coordenativa *e* está ligando duas orações encabeçadas por verbos transitivos diretos: "Gates **afirmou** ser importante usar outros meios para convencer o Irã a não procurar ter armas nucleares **e** (Gates) **repetiu** as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar...". Quem afirma, afirma algo; quem repete, repete algo. Ambos são VTDs.

36 – ERRADO. O sujeito da oração é *os realmente capazes*. Veja na ordem direta: "Os (=Aqueles) realmente capazes (sujeito) só passam pela estreita peneira do programa.". Este *os* equivale a "aqueles", por isso é um pronome demonstrativo, núcleo do sujeito.

37 – ERRADO. Mais uma vez: verbo *haver* no sentido existir = oração sem sujeito.

38 – ERRADO. O sujeito do verbo *perceber* é indeterminado. Veja o trecho em que este verbo se encontra: "Não era preciso ser médium... para (alguém) perceber que a leniência...". Quem percebe? Qualquer um. Percebe a ideia de generalização, vaguidão, indefinição, indeterminação? Este é o terceiro caso de indeterminação do sujeito, pouco comum.

39 – ERRADO. O verbo da oração principal está na 3ª pessoa do singular, pois seu sujeito está em forma de oração subordinada substantiva subjetiva (sujeito oracional): **É** *verdade* ***isso*** *(que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas)* = ***isso*** *(que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas)* **é** *verdade* (na ordem direta). Então, esse papo de que o verbo está no singular porque o sujeito não está explícito é conversa para boi dormir. Cuidado com as pegadinhas do CESPE.

40 – ERRADO. O sujeito do verbo *chamar* **não é simples, mas sim indeterminado**. **Note que o verbo está na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito**. *Essa criança* é o objeto direto do verbo chamar. E *de Macunaíma* é o predicativo do objeto. Veja na ordem direta, sem a expressão expletiva **é que**: "(?) Chamaram essa criança de Macunaíma.". Detalhe importante: a expressão de realce (ou expletiva) **é que**, apesar de ter um verbo em sua construção, não é contada como oração!

41 – ERRADO. O verbo *faltar* nunca é impessoal, nem quando indica tempo: "Faltam dez dias para a prova.". Na frase em questão, o sujeito do verbo *faltar* é *o diabo do homem*.

42 – E. *Sofrer* e *precisar* são verbos transitivos indiretos. Ambos exigem um complemento (objeto indireto) iniciado pela preposição *de*.

43 – B. *Interferir* e *lidar* são verbos transitivos indiretos. Ambos exigem um complemento (objeto indireto) iniciado pela preposição *de* e *com*, respectivamente.

44 – B. Esta questão trabalha o conhecimento de transitividade verbal e sujeito indeterminado. Este verbo é transitivo indireto na frase do enunciado e na letra B, pois exige um complemento indireto (objeto indireto), ou seja, um complemento preposicionado. Quanto ao sentido, percebemos uma ideia de indeterminação do sujeito. Podemos indeterminar o sujeito por meio da colocação de uma partícula de indeterminação do sujeito junto ao verbo (que pode apresentar qualquer transi-

tividade) na 3ª pessoa do singular (*Pensa-**se*** logo num palhaço.) ou por meio do uso do verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito (Pensam logo num palhaço.), normalmente.

45 – B. No enunciado, o verbo *respirar* é intransitivo e *aliviado* é um predicativo do sujeito, logo tempos um predicado verbo-nominal. Na letra B, o verbo *nomear* é transobjetivo, logo exige um objeto direto mais um predicativo do objeto, logo temos também um predicado verbo-nominal.

46 – D. Note que o verbo *ser* liga o sujeito ao **predicativo do sujeito** em ambos os casos.

47 – D. I: Certo. Quarto quadrinho. II: Certo. Segundo quadrinho. III: Certo. Respectivamente: *minhocas aquáticas, alguém, essa minhoca, essa minhoca, minha lógica.*

Capítulo 20

Gabarito

1 – CORRETA. O substantivo abstrato *acesso* exige quatro complementos nominais coordenados: "Ela antes tinha **acesso** *ao sistema financeiro habitacional, a universidades* públicas, à *expansão de empresas estatais cheias de ofertas de trabalho e à indexação*, que reajustava o dinheiro nos bancos".

2 – A. O objeto indireto pleonástico é representado pelo pronome oblíquo átono *lhe*, uma vez que já existe objeto indireto na oração, a saber: *A Rafael*. Como você sabe, um termo pleonástico pode ser retirado da frase sem alteração sintática ou semântica, logo veja a frase na ordem direta sem o *lhe*: *Chamaram (VTI) a Rafael (OI) covarde (POI).*

3 – ERRADO. O verbo *reduz* é transitivo direto e indireto, exigindo um só objeto direto e um só objeto indireto, portanto não há objeto direto composto por dois núcleos. Veja: *"... reduz (VTDI) a tenacidade do esforço humano (OD)... ao humilhante plano da causalidade ou do fatalismo (OI)"*. A expressão *em centenas e centenas de séculos* é um adjunto adverbial de tempo, não um complemento verbal.

4 – B. O termo preposicionado do enunciado completa o sentido do nome *assistência*, logo é um complemento nominal. O mesmo se dá com *a contrabando*, que é complemento nominal do substantivo *repressão*. A: Adjunto adverbial de lugar. C: Adjunto adverbial de modo. D: Adjunto adverbial de modo. E: Predicativo do objeto direto.

5 – INCORRETA. Reveja os contextos: *"... como o inimigo que haveria de ser derrotado, acabou na verdade por nos vencer."*/ *"... estaremos caindo numa sociedade do homem e da mulher*

medíocres onipresentes, governados por altas mediocridades.". Os termos preposicionados sublinhados não exercem a mesma função sintática, pois só o segundo exerce função sintática. O primeiro na verdade faz parte de uma locução verbal: *acabou por vencer*, não exercendo função sintática alguma. O segundo, sim, exerce função sintática de agente da passiva. Voz passiva analítica: "... (sendo) governados por altas mediocridades" = voz ativa: "... altas mediocridades nos governando". Esse teste de passagem de voz verbal ajuda muito a identificação do agente da passiva. Se você pensou que *por altas mediocridades* era complemento nominal, enganou-se.

6 – D. Os verbos *prevalecer* e *participar* são VTIs, exigem complemento preposicionado (objetos indiretos, respectivamente: *no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos* e *no rito das danças guerreiras*).

7 – E. Quem paga, paga algo **a alguém**. Logo, *a ele* (em "eu não pago a ele") é um objeto indireto, complemento do verbo pagar. Inclusive o verbo pagar é curioso, pois o objeto direto é sempre uma coisa e o objeto indireto é sempre uma pessoa (física ou jurídica ou ser personificado).

8 – C. Esta questão trata da diferença entre sujeito e objeto direto. Normalmente o sujeito vem antes do verbo, e o objeto direto vem depois. Mas, nessa questão, a ideia era saber se você conseguia perceber a diferença. A única opção que não apresenta um sujeito é a C, pois *o acesso* é o alvo da ação de democratizar, o objeto direto. Coloque na ordem direta os demais e verá o sujeito.

9 – CORRETA. O adjetivo *ultraconsciente* exige um complemento preposicionado pela preposição *de*, afinal, quem é (ultra)consciente, é (ultra)consciente *de* alguma coisa. Portanto, *de seu ofício* é um complemento nominal.

10 – CORRETA. Quem assegura, assegura algo (a cobertura mais completa possível) a alguém (aos (= àqueles) que buscam a proteção dos planos de saúde). Logo, a expressão não tem função de objeto direto.

11 – ERRADO. Novamente o sujeito vem depois do verbo, parecendo ser um objeto direto, mas coloque na ordem direta e verá que se trata de um sujeito: (... não sei quanto tempo *essa minha angústia* durou...). O que durou? Resposta: "essa minha angústia" (sujeito). Safo?

12 – ERRADO. O termo em itálico não é complemento do verbo chamar. O complemento deste verbo é o pronome relativo *que*. Você sabia que os pronomes relativos podem exercer função sintática? Podem sim! Basta você substituir o relativo pelo termo anterior e analisar sintaticamente a oração. Veja: "Kant inicia a exposição da

ética, **que** ele chama *metafísica dos costumes...*". Ele chama a exposição da ética *metafísica dos costumes*. Portanto, o pronome relativo exerce função de complemento verbal, uma vez que, quando o substituímos pelo antecedente, descobrimos a função sintática do termo sublinhado, a saber: complemento verbal (objeto direto). Esse termo em itálico é o predicativo do objeto direto. Lembre-se: o verbo *chamar*, no sentido de "apelidar", "cognominar", "julgar", "classificar", é chamado de transobjetivo, pois exige um objeto + um predicativo do objeto. Percebeu que a preposição *de* é facultativa ao iniciar o predicativo do objeto? Portanto, a afirmação desta questão não procede, por dois motivos: 1) *metafísica dos costumes* não é complemento verbal, mas predicativo do objeto e 2) a preposição *de* não é obrigatória antes do predicativo.

13 – CERTO. O verbo *considerar* é VTD, logo exige um objeto direto, que vem em forma de oração. Dondonim considera o quê? Resposta: "que o assistencialismo oficial prejudicou os índios" (OD).

14 – ERRADO. O pronome *lhe(s)* nunca exerce função de objeto direto. Note também que o verbo emitir é VTDI: quem emite, emite algo (os títulos respectivos) a alguém (lhes = a eles).

15 – CERTO. Perfeito! Este termo é um agente da passiva, por isso é o agente da ação verbal. A oração em que se encontra apresenta sempre verbo na voz passiva. O que é possível tornar o trecho na voz ativa, lembra? Veja: "Criminosos que andavam livremente pelas ruas com fuzis e metralhadoras **dominavam** uma área tão populosa.". O agente da passiva vira sujeito agente (é claro!) na ativa, percebeu?

16 – A. A locução verbal *havia atormentado* apresenta um verbo principal transitivo direto (quem atormenta, atormenta alguém). Logo, o *o* (pronome oblíquo átono, que normalmente exerce função de objeto direto) é de fato um objeto direto em "caso de assassinato que **o** havia atormentado". Os demais em negrito são artigos, e todos os artigos exercem função de adjunto adnominal. Sempre!

17 – A. Quando se diz que um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio) é transitivo, isso significa que ele exige complemento. O substantivo *pronunciamento* de fato exige um complemento. Quem faz um pronunciamento, faz um pronunciamento **a** alguém. Percebe que é isso que se dá no contexto da questão? "Em **pronunciamento a**o conselho diretor...". Assim como o verbo exige complemento, alguns nomes também exigem complemento. Por isso, letra A!

18 – B. Um complemento nominal oracional é um complemento nominal em forma de oração, que recebe o nome de **oração subordinada substantiva completiva no-**

minal. O substantivo *preocupações* exige um complemento iniciado pela preposição *de*. Portanto, *de que ações militares somente iriam retardar* é um complemento nominal oracional de *preocupações*.

19 – CORRETA. *Trasladar* é VTDI: *trasladam (VTDI) para o papel (OI) alguma coisa da sua frescura e novidade (OD)*.

20 – A. Esta era para não errar. O verbo pede um complemento sem preposição, logo OD na cabeça!

21 – INCORRETA, pois *o endereço e a literatura desta missiva* é o sujeito composto do verbo surpreender. Como o sujeito composto vem depois do verbo, este pode concordar com o núcleo mais próximo, ficando no singular. Sobre *vos*, saiba que é um simples objeto direto, complemento direto do verbo surpreender.

22 – CERTO. De fato, *Que Demócrito não risse* é o objeto direto oracional do verbo *provar*. O *o* é só um objeto direto pleonástico, que retoma o objeto direto que já existe, a saber *Que Demócrito não risse*.

23 – A. O verbo *confessar* é VTDI, em que *"que entendo de arquitetura* é objeto direto oracional e *vos*, objeto indireto, ou seja, complementos verbais. E *de arquitetura* é objeto indireto de *entender*. Assim, ambos os elementos sublinhados são complementos verbais.

24 – CORRETA. A voz é ativa porque o sujeito pratica a ação verbal e *umas bugigangas* é o objeto direto de *anunciar*.

25 – CERTO. O verbo está na voz passiva analítica (foi ultrapassada) seguido de um agente da passiva, ou seja, o agente da ação verbal (pelas redes transnacionais de poder). Para provar isso, passe para a voz ativa: *As redes transnacionais de poder ultrapassou sua soberania*. Lembre-se de que o agente da passiva é o sujeito da ativa.

26 – A. O verbo *dedicar*, do enunciado, é VTDI, logo exige um complemento direto (os meses de verão) e um complemento indireto (à criação musical). O verbo *ter* é VTD, logo exige um complemento direto (influência central). Assim, *influência central* e *os meses de verão* são objetos diretos.

27 – A. O substantivo *construção* exige um complemento nominal, logo *de hospitais* é um CN.

28 – E. Não só o verbo *sofrer* exige um complemento preposicionado (o objeto indireto *de imensas deficiências de nutrientes*) mas também o verbo *precisar* exige um complemento igualmente preposicionado (o objeto indireto *deles*). Portanto, ambos os verbos são VTIs seguidos de OIs.

29 – B. *Interferir* e *lidar* são verbos transitivos indiretos. Ambos exigem um complemento (objeto indireto) iniciado pela preposição *de* e *com*, respectivamente.

30 – C. Os verbos *crer* e *pensar* são transitivos indiretos e exigem, óbvio, objetos indiretos: *no mundo* e *nele*. O nome *doente* exige um complemento nominal, a saber: *dos olhos*.

31 – B. Note que a frase está na voz passiva analítica (tem sido combatida), em seguida vem o agente da passiva *pelos médicos*. Prova disso é a passagem para a voz ativa: *Os médicos têm combatido muito a ansiedade hoje em dia*. A: Objeto indireto. C: Adjunto adverbial de tempo. D: Complemento nominal.

32 – D. A expressão *de nossos sonhos* é um complemento nominal, tendo como núcleo *sonhos* e *nossos* seu adjunto adnominal.

33 – C. O verbo *guardar* é VTD e exige um objeto direto (*o telefoninho*). Nas demais opções, os termos sublinhados são sujeitos. Não se deixe enganar pelo sujeito deslocado.

34 – D. No item I, temos um verbo transitivo indireto, logo *de futebol* exerce a função sintática de objeto indireto. Esse é mole! Mas, agora, muita atenção, meu nobre! No item II, apesar de ser tentador acharmos que *de emoção* cumpre a mesma função, temos de lembrar que o verbo *chorar* é intransitivo. Assim, o termo em destaque está cumprindo a função de adjunto adverbial de causa, pois indica o motivo pelo qual *Ele* estava chorando.

35 – B. O verbo *deixar* é VTDI, logo *pra Zé Patife* é objeto indireto, e *bainha* é objeto direto.

36 – D. Parece um objeto direto, mas o verbo *nascer* é *intransitivo*, antes de mais nada. Esta é uma das questões em que a banca trabalha a sua capacidade de diferenciar sujeito de objeto direto. Note que o verbo concorda com o termo mais próximo do sujeito composto posposto, ficando no singular. Na ordem direta, seria assim: "A vida e a transformação nascem da morte do velho.".

37 – C. "Nos estudos citados <u>pelos autores</u>..." = "Nos estudos que <u>os autores</u> citaram...". Se é possível passar da voz passiva analítica para a voz ativa, é certo que se trata de um agente da passiva.

38 – D. a) O substantivo *batalha* exige um complemento iniciado pela preposição *por*, logo CN. b) O substantivo *fé* exige um complemento iniciado pela preposição *em*, logo CN. c) O substantivo *amor* exige um complemento iniciado pela preposição *por*, logo CN. e) O substantivo *falsificação* exige um complemento iniciado pela preposição *de*, logo CN. Note o valor de alvo de uma ação, o valor passivo do CN em todos esses casos. Agora, em d), o complemento preposicionado é um objeto indireto do verbo batalhar. Não confunda CN com OI.

Capítulo 21

Gabarito

1 – A. Abrindo os caminhos com a famosíssima diferença entre ADN e CN. O termo *das estradas* tem valor passivo, pois sofre a ação, logo... complemento nominal. Assim como o substantivo abstrato (manutenção) exige um complemento preposicionado, o adjetivo *fundamental* também exige (o que é fundamental é fundamental **a/para**).

2 – B. Mais uma diferença, dessa vez entre adjunto adverbial e agente da passiva. Note que só na B há a locução verbal formada por *ser* + particípio, típica da voz passiva analítica. Sendo assim, *pelo rio* é o agente da passiva. Para bater o martelo, passe para a voz ativa: "... o rio levou alguns animais...".

3 – CORRETA, pois o aposto explicativo é um termo que vem separado por pontuação (vírgula(s), travessão(ões) ou parênteses) para explicar um termo anterior, normalmente.

4 – D. Esta questão trata, mais uma vez, daquela velha e polêmica diferença entre CN e ADN. O complemento nominal vem ligado a um substantivo abstrato e o adjunto adnominal vem, normalmente, ligado a um substantivo concreto. Como **mundo** é concreto, *de tribos* é adjunto adnominal. No caso do enunciado, o adjetivo *benefícios* exige um complemento, logo *a amplos setores* é um complemento nominal. A confusão entre CN e ADN só ocorre quando o termo preposicionado está ligado a um substantivo abstrato. Se o termo preposicionado vier ligado a um adjetivo ou advérbio — NÃO RESPIRA! —, complemento nominal *nas cabeças*.

5 – B. Sempre que uma locução adjetiva estiver ligada a um substantivo concreto, não pestaneje, ela exercerá função sintática de adjunto adnominal. Sempre! Como a palavra *epidemia* é um substantivo concreto, *das doenças crônicas* exerce função sintática de adjunto adnominal, assim como o adjetivo *nacionais* ligado a um substantivo (autoridades) também exerce esta mesma função sintática.

6 – D. De acordo com alguns gramáticos, principalmente modernos, quando o *lhe* tem valor possessivo, exerce função sintática de adjunto adnominal. Ao dizer "Eugênio examinava-lhe as mudanças do rosto com comovida atenção", isso equivale a "Eugênio examinava as mudanças do **seu** rosto..." ou "Eugênio examinava as mudanças do rosto **dele**...". Daí ser classificado como adjunto adnominal tal qual *de uma criança* (valor de posse) em "Salvara a vida **de uma criança**".

7 – II. A expressão entre travessões é um aposto explicativo do termo anterior (profissionais). Lembre-se de que o aposto pode vir entre vírgulas, entre travessões ou entre parênteses.

8 – B. Trata-se de um vocativo, pois, além de indicar um chamamento, *coração* é o interlocutor.

9 – B. Trata-se de um vocativo, pois, além de indicar um chamamento, *querido* é o interlocutor. Mais interessante do que tudo é o fato de um adjetivo (*querido*) virar um substantivo no contexto.

10 – C. Apesar de não ser comum o aposto vir antes do termo a que se refere, temos aí um belo exemplo disso. Veja na ordem comum: "O ex-ministro Antonio Delfim Netto, arquiteto e engenheiro da prosperidade do "milagre econômico", está convencido (...)".

11 – A. Simples! Algo para ser visto por **onde**, por qual **lugar**? Resposta: "pela janelinha do carro" (adjunto adverbial de lugar modificando o verbo ver).

12 – E. Assim como o nome *controle* exigiu um complemento nominal (dos resíduos radioativos), o nome *danosa* também o fez (o que é *danoso,* é *danoso* **a**o meio ambiente).

13 – INCORRETA. O aposto não vem representado por um adjetivo, logo *justas* e *equilibradas* jamais poderiam ser um aposto, só para começar. Perceba que o predicado é nominal (são mais *justas, equilibradas, honestas...*), logo os termos têm função de predicativo do sujeito.

14 – INCORRETA. *Jean-Claude Trichet* está entre vírgulas por se tratar de um aposto explicativo.

15 – C. Colocando na ordem direta fica mais fácil perceber a função sintática dos termos; veja: "...e como eu ia dizendo, você andar devagar e ser assaltado por mim (agente da passiva) do que correr e ser assaltado pelo radar é muito mais econômico

(predicativo do sujeito). E eu nem somo pontos em sua habilitação (adjunto adverbial de lugar (virtual))!".

16 – A. Muito boa a questão, que trabalha a diferença entre agente da passiva e adjunto adverbial. Não podemos passar para a voz ativa, logo o termo não se trata de um agente da passiva, mas sim de um adjunto adverbial de causa: "... as oportunidades acabam definitivamente perdidas *por causa da* desistência dos potenciais empregadores.".

17 – CERTO. De fato as funções são distintas! No primeiro segmento, o termo é complemento nominal de *gosto* (quem tem gosto, tem **gosto *por***). No segundo segmento, o termo é um adjunto adverbial de meio, modificando o verbo *revelar*.

18 – D. As expressões às vezes e *Em breve* exercem função sintática de adjunto adverbial de tempo. As expressões às pampas e *em excesso* exercem função sintática de adjunto adverbial de intensidade.

19 – ERRADO. A justificativa da banca diz respeito à classificação de aposto. E "um dos pioneiros na pesquisa sobre mídia pública no Brasil" é um aposto explicativo, desde criancinha.

20 – ERRADO. Ambas as expressões têm sentido possessivo, logo são **adjuntos adnominais**, e não **complementos** nominais.

21 – CERTO. É aposto explicativo de CO_2.

22 – A. O enorme tronco dá uma descarga de água para as raízes **quando**? *Na iminência de um temporal*, ou seja, quando se aproxima uma tempestade. Percebeu que o adjunto adverbial de tempo *na iminência de um temporal* foi substituído por uma oração subordinada adverbial de tempo *Quando se aproxima uma tempestade*? Isso ocorre porque a oração subordinada adverbial exerce função de adjunto adverbial, também chamada de adjunto adverbial oracional.

23 – D. *Hugo Sarmento* especifica colégio, logo é um aposto especificativo. O termo *uma ferramenta virtual*, objeto direto, é complemento do verbo *levar*. Agora, você percebeu a diferença entre agente da passiva e complemento nominal no termo *pelo microblog*? E é isso que faz você acertar a questão. Não podemos dizer que é um complemento nominal, pois é possível passar para a voz ativa o trecho, transformando o agente da passiva em sujeito da ativa. Veja: "O limite de 140 caracteres imposto **pelo microblog Twitter**..." (voz passiva) – "O microblog Twitter impõe o limite de 140 caracteres..." (voz ativa).

24 – B. Os termos sublinhados têm valor passivo, logo são complementos nominais: *consolidação* ***da democracia*** = a democracia é consolidada/ *desenvolvimento* ***da cidadania*** = a cidadania é desenvolvida.

25 – B. Um complemento nominal oracional é um complemento nominal em forma de oração (apresenta um verbo em sua constituição). O substantivo *preocupações* exige um complemento iniciado pela preposição *de*. Portanto, *de que ações militares somente iriam retardar* é um complemento nominal de *preocupações*.

26 – A. Na letra A, observe que o primeiro verbo termina em ditongo, logo o pronome oblíquo átono poderá ser *-no, -na, -nos, -nas*. Como o núcleo do complemento verbal é feminino singular, usaremos *-na*. Não poderia *rolar* a próclise porque não há palavra atrativa alguma. Sendo assim, "legitimavam-**na"**. No segundo momento, o pronome *lhe*, como já vimos, exerce função de objeto indireto (= *a ele*(a)): "atribuindo-lhe". Quanto à colocação pronominal, ok, pois não há palavra atrativa. Quanto ao uso do *lhe*, sabemos que ele substitui complementos verbais preposicionados (objeto indireto). Para fechar o comentário, observe o contexto do terceiro momento: "... que **a** tornava...". O *que* é uma palavra atrativa, portanto, o pronome átono fica antes do verbo. O pronome é feminino singular, pois substitui expressão feminina singular.

27 – E. O *lhe* é usado pela FCC para substituir qualquer objeto indireto, seja coisa ou pessoa. Comentando só a letra E: no primeiro caso, o verbo *agregar* exige complemento preposicionado (ao nosso espírito; objeto indireto), logo usemos o *lhe*. No segundo caso, o vocábulo *que* atrai o pronome oblíquo átono, logo fica "**o** distinguirão". Lembra que, apesar de o verbo estar no futuro, a preferência é a próclise? Além disso, o pronome está no masculino singular, pois substitui uma expressão substantiva masculina singular. Por fim, no terceiro caso, usemos o *lhe* de novo substituindo *ao nosso espírito*, termo preposicionado (objeto indireto).

28 – B. Quem acompanha acompanha algo/alguém. Portanto, o verbo é transitivo direto, exige objeto direto. Os pronomes oblíquos átonos que exercem função de objeto direto são *-o, -a, -os, -as* (e variações). Como a palavra *tragédia*, núcleo da expressão substantiva, é feminina singular, o pronome a ser usado é *a*. Logo, "... o mundo acompanhou-a ou o mundo a acompanhou". A colocação é facultativa, pois antes do verbo não há palavra atrativa. O complemento do verbo *atribuir* é preposicionado, porque quem atribui atribui algo **a** algo/alguém. Como a gente já sabe que a FCC coloca *lhe* para substituir qualquer termo preposicionado por *a* ou *para*, que assim seja. O uso do *lhe* neste caso está correto, pois ele tem função de objeto indireto. Sua colocação está adequada porque o pronome indefinido *ninguém* serve de palavra

atrativa, daí a próclise. Quem toma toma algo. O verbo pede um complemento não preposicionado, logo usamos *-o, -a, -os, -as* (e variações). Como o verbo termina em **-r**, usamos *-lo, -la, -los, -las*, lembrou? Por isso, "... chegaram a tomá-la". O *-la* substitui o substantivo feminino singular *tragédia*.

29 – B. O pronome oblíquo átono *lhe* normalmente exerce função de objeto indireto, por isso aparentemente não haveria problema em usar tal pronome para substituir *ao debate*; no entanto, o *lhe* não é usado como complemento de alguns verbos, como *aludir, anuir, aceder, aspirar (almejar), assistir (ver), escarnecer, proceder, presidir, recorrer, referir (aludir), visar (almejar)*, como já vimos na teoria.

30 – A. Tenha sempre em mente também que o *se* pode ser conjunção (integrante, condicional, causal, temporal) ou pronome oblíquo átono (com aquelas funções todas). Beleza? Vamos lá! O primeiro *se* do enunciado é uma conjunção condicional, equivale a "caso" (Caso não se cuide...). O segundo *se* é um pronome reflexivo (se cuidar = cuidar de si mesmo). Na letra A, a análise é idêntica: "Tire um tempo livre *caso* queira tratar *de si*.". Veja as demais alternativas: b) "Ele se **considera sabido** se **acerta todas as questões.**" (*se considera* = considera a si mesmo: pronome reflexivo/ *se acerta* = quando acerta: conjunção temporal). c) "O consumidor virá queixar-se, se **você não devolver o produto.**" (*queixar-se* : partícula integrante do verbo/ *se você* = caso você: conjunção condicional). d) "Formaram-se **diversos grupos para debater** se **é o melhor momento.**" (*formaram-se diversos grupos* = diversos grupos foram formados: pronome apassivador/ *se é o melhor momento*: conjunção integrante). e) **"**Se **ele desconhecia** se **ia adotar uma nova política, por que tocou no assunto?"** (*se ele desconhecia* = já que ele desconhecia: conjunção causal/ *se ia adotar*: conjunção integrante). Falarei de conjunção integrante só no capítulo de conjunção.

31 – ERRADO. Só os adjuntos adverbiais do primeiro grupo indicam valor semântico de **meio**. Os demais indicam **causa**, e não **meio**. Veja esta reescritura na ordem direta: "Vós inutilmente matastes *por que razões (causas)*? *Por fictícia autoridade, por vãs razões, por falsos motivos.*".

32 – B. Diferença entre adjunto adnominal e predicativo do sujeito. O adjunto adnominal vem junto do nome, não separado por pontuação nem distante do sujeito sendo ligado por verbo de ligação... como nos demais casos.

33 – E. Esta questão mistura regência nominal com a questão da diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal. Qual é a diferença? A essa altura do campeonato, já sabemos, não é? Mas não custa relembrar a diferença mais impor-

tante: o complemento nominal tem valor passivo e o adjunto adnominal tem valor ativo (ou de posse). No enunciado, note que o adjetivo exige um complemento nominal iniciado pela preposição *a*. O que é essencial é **a** (ou **para**). A opção E é a única que não apresenta um nome exigindo um complemento, porque *de cada pessoa* indica posse em relação a *valores*, logo é um adjunto adnominal. Veja as demais: a) *a **observância** da felicidade coletiva*./b) ***acesso** aos básicos serviços públicos*./c) ***crença** na contínua evolução da sociedade*./d) *a **pretensão** legítima ao seu atendimento*. Todos os termos sublinhados são complementos nominais, pois são termos exigidos pelos nomes negritados.

34 – C. O primeiro termo estabelece uma relação de posse, logo trata-se de um adjunto adnominal. O segundo é um termo exigido pelo nome *necessidade* (quem tem necessidade tem necessidade **de**).

35 – C. O termo *por mim* é um agente da passiva, pois pode se tornar um sujeito da ativa. O termo *em Belo Horizonte* é um adjunto adverbial de lugar, pois modifica o verbo *estar*. O objeto direto oracional *que fiques triste* é um complemento do verbo transitivo direto *querer*. O termo *aos pobres* é um objeto indireto, pois complementa o verbo transitivo direto e indireto *doar*.

36 – ERRADO. Bechara e Francisco Fernandes entendem que o *se* do verbo *tratar-se* é partícula integrante do verbo. A maioria dos gramáticos (Cegalla, Kury...), porém, veem tal *se* como partícula de indeterminação do sujeito. Já o *se* ligado ao verbo *encontrar*, que é transitivo direto, é partícula apassivadora (... *o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos = o lugar em que centenas de milhares de rolos eram encontrados*). Logo a classificação do *se* é diferente.

37 – A. Trata-se de um aposto, pois explica o termo anterior.

38 – B. Note que *as* é complemento verbal do VTD *coordena*, por isso é um objeto direto. Já *a Organização das Nações Unidas (ONU)* é um aposto explicativo de *organismo máximo*. Por último, *pelos cinco países* é um agente da passiva. Passe para a voz ativa e comprove: "*Os cinco países* controlam o organismo máximo que as coordena...". Percebeu que o AGP virou sujeito? Fácil!

39 – D. O objeto, o instrumento usado para redigir foi o lápis, logo *a lápis* é um adjunto adverbial de instrumento.

Capítulo 22

Gabarito

1 – CERTO. Se aquele seu professor dissesse para você que "oração coordenada é aquela que tem sentido (!) completo", você se daria mal nessa. Desde quando "Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, só se aprende" tem s-e-n-t-i-d-o completo? Nunca! Mas a estrutura sintática está completa, pois tem sujeito e predicado: Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, (sujeito) só se aprende (predicado). Cuidado com o que ensinam por aí... Vamos à explicação completa! Há coordenação, pois as orações são sintaticamente completas, por isso independentes do ponto de vista sintático. Oração 1: "Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, só se *aprende*". Oração 2: "e se *vivencia*, de forma plena, coletivamente, em troca contínua de experiências com os outros". Ambas as orações têm estrutura sintática completa.

2 – D. Se uma oração é iniciada por uma conjunção adversativa, toda ela terá valor adversativo em relação à oração anterior, nunca indicará causa ou outro valor. A afirmação da letra D não procede. Sobre B, a afirmação procede, pois a série aditiva enfática "tanto... quanto..." estabelece a relação aditiva. Sobre E, a afirmação também procede; veja a reescritura proposta: "A tarefa é tornar o jogo verdadeiramente democrático e *não* (tornar) mera legitimação da impetuosidade arrivista de líderes mais preocupados com o sucesso pessoal que com as causas sociais.".

3 – Ambas estão **CORRETAS**. Sobre a primeira, perceba que há uma relação de causa e consequência marcada pela conjunção *e*, que tem valor semântico conclusivo/consecutivo. Veja: "essas facilidades acabaram (causa) e (consequentemente/portanto) a classe média passou a ter mais gastos". A reescritura "com o fim dessas facilidades, a classe média passou a ter mais gastos" mantém a mesma relação de sentido, pois "com o fim dessas facilidades" é um adjunto adverbial de causa, seguido de sua consequência "a classe média passou a ter mais gastos". Sobre a segunda, a reescritura abona a afirmação de que há uma relação de contraste: "É como se ela tivesse viajado sempre de executiva e (= mas) agora tivesse de andar de econômica".

4 – B. Questão nível *Teletubbie*! Qual é a única oração iniciada por uma conjunção coordenativa aditiva, que, obviamente, expressa adição? Preciso dizer? E olha que era prova de nível superior...! Em A, temos uma oração subordinada adjetiva restritiva; em C, temos uma oração coordenada sindética adversativa; em D, temos uma oração subordinada adjetiva restritiva; em E, temos uma oração subordinada adverbial temporal.

5 – C. "Joana tomou um sonífero e (= mas) não dormiu". Segundo a tradição gramatical, classifica-se a oração iniciada por um "e" adversativo como oração coordenada sindética adversativa.

6 – C. Em *Não precisaremos voltar ao médico nem fazer exames*, a oração *Não precisaremos voltar ao médico* é assindética, pois não vem introduzida por síndeto (conjunção coordenativa) e a oração *nem fazer exames* é coordenada sindética aditiva, pois vem iniciada por uma conjunção coordenativa aditiva (nem). Simples assim.

7 – CERTO. Há paralelismo, pois há estruturas sintáticas semelhantes coordenadas: 1) você e eu (termos coordenados); 2) de um e outro lado das palavras (termos coordenados); 3) Eu dou as vozes, você dá a escritura (orações coordenadas assindéticas).

8 – INCORRETA. Há três orações, mas só duas estão coordenadas entre si (as ligadas pelo primeiro *e*). Veja: *Assim, a procura de alimentos de origem animal cresceu naqueles países* ***e*** *criou um desafio para os produtores e também para os plantadores de soja e de cereais usados na fabricação de rações*. O segundo e o terceiro *e* ligam termos, num paralelismo sintático perfeito, e não orações (*para os produtores* ***e*** *também para os plantadores de soja* ***e*** *de cereais*). A última oração é reduzida de particípio (usados na fabricação de rações).

9 – D. Para haver coordenação assindética, é preciso que não haja síndeto (conjunção) ligando as orações do período composto: *O ônibus chegou (1ª oração), despedimo-nos (2ª oração).*

10 – B. A conjunção aditiva *e* liga duas orações (oração = verbo): "cuidar... **e** instalar...".

11 – C. Lembra-se da dica? Se vier um verbo imperativo antes da oração iniciada por *que, porque, pois, porquanto*... "Voa, coração, ***PORQUE ele não deve demorar***" (Or. Coord. Expl.).

12 – C. As conjunções nos dão o gabarito. Veja: "**Porém** (conjunção adversativa), não podemos festejar a situação presente, **pois** (conjunção explicativa) para o progresso futuro precisamos ser obstinadamente inconformistas.".

13 – D. Novamente a conjunção nos dá o gabarito. A única oração iniciada por uma conjunção coordenativa conclusiva é a D (... ***portanto*** desistiu...).

14 – CORRETA. Autoexplicativa.

15 – INCORRETA. Perceba que o *pois*, entre vírgulas, é de fato uma conjunção coordenativa conclusiva, equivalente a *portanto*, que estabelece uma relação de conclusão

com uma ideia anterior, não explícita no fragmento. Só que tem um detalhe: o *pois* inicia a primeira oração (*Vê-se*), e não a segunda, que é , por sua vez, iniciada por uma conjunção integrante *que* (... que o plano ético...). Sendo assim, a afirmação não procede.

16 – ERRADO. A relação não é de coordenação, mas sim de subordinação, pois a oração que pagam impostos quando consomem" serve de complemento para a 1ª oração (*sabem*).

17 – A afirmação é autoexplicativa. Corretíssima.

18 – E. Em relação à frase contida em E, a construção com "Mas ele não viveu confinado" possui lógica na articulação, pois indica que o autor, embora não tivesse feito mais nada, não viveu confinado.

19 – B. As conjunções *mas, porém* e a locução conjuntiva *não obstante* são adversativas; *posto que* é locução conjuntiva concessiva e exige verbo no subjuntivo (o que não ocorre na letra C, erradamente, pois a frase da C indica que posto que tem sentido equivalente a *visto que*, causal, mas a norma culta não abona essa visão sobre *posto que*). A única que tem valor explicativo é a conjunção *pois*, a qual inicia a segunda oração que explica a primeira.

20 – CORRETA. Vejamos o contexto novamente para saber se há ou não paralelismo: "*Não é possível* ***que ele pregue a autonomia*** (oração subordinada substantiva subjetiva), ***sem ser autônomo*** (oração subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo); ***que fale de liberdade*** (oração subordinada substantiva subjetiva), ***sem experimentar a conquista da independência*** (oração subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo), *que é o saber;* ***que ele queira que seu aluno seja feliz*** (oração subordinada substantiva subjetiva), ***sem demonstrar afeto*** (oração subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo*)". Há paralelismo sintático, pois há uma* ***repetição de mesma estrutura sintática****.*

21 – INCORRETA. Não há paralelismo sintático, pois os elementos, apesar de enumerados em uma estrutura de coordenação, não são semelhantes, pois não há paralelismo formado por termos e orações; ou se coordenam orações com orações, ou se coordenam termos com termos. Veja: *"falta o essencial* (em seguida vêm os apostos para explicar o "essencial") — *a* <u>*emoção*</u> (termo), *que é própria do homem, o* <u>*olhar*</u> (termo) *atento do professor,* <u>*ver*</u> (oração) *o professor gesticular, falar, a* <u>*interrupção*</u> *do aluno* (termo)... ". Percebe que os apostos são formados por termos e orações? Logo não há paralelismo! Fique esperto! Só haveria paralelismo se assim fosse: *"falta o es-*

sencial — a emoção, que é própria do homem, o olhar atento do professor, a visão do professor gesticulando, falando, a interrupção do aluno...". Todos os apostos (substantivos) são termos sintáticos, e não orações. Foi?

22 – D. Gabarito oficial da banca: "O período I é formado por subordinação, isto é, uma oração principal, 'A curta existência de Álvares de Azevedo, um legítimo representante do Mal do Século, não permitiu', e outra subordinada substantiva objetiva direta, 'que houvesse uma edição de sua obra em vida", que completa o verbo 'permitiu' da oração principal. No período II, há uma oração coordenada assindética, 'A maior parte das histórias de Joaquim Manuel de Macedo é ambientada no Rio de Janeiro', e outra coordenada sindética aditiva, 'e nelas os heróis e as heroínas enfrentam obstáculos para a realização amorosa'. No período III, há uma oração coordenada assindética, 'Castro Alves, a voz mais importante da terceira geração romântica, não apenas defendeu os escravos', e outra sindética, conhecida como série aditiva enfática, que costuma ser usada quando se pretende enfatizar o conteúdo da segunda oração, 'mas também escreveu versos expressivos'.".

23 – A. São, de fato, duas orações coordenadas, pois uma não depende sintaticamente da outra, uma vez que têm estrutura sintática completa: "A quadrilha estava em dois carros" (1ª oração) "e usava armas longas e fuzis" (2ª oração). Ambas têm sujeito e predicado.

24 – A assertiva I está **CORRETA**. A oração coordenada sindética aditiva é introduzida pela expressão *mas também* (*... mas também estabelece regras...*), que forma uma série aditiva enfática em relação à expressão anterior *não só* (*... trouxe... não só a possibilidade...*). A oração coordenada sindética alternativa é mais fácil de ser identificada, pois é iniciada pela conjunção alternativa *ou* que liga duas orações subordinadas: "*... que as dirigem* ou *que agem em seu nome*". Percebeu que as conjunções nos mostram o gabarito? Fique atento a elas!

25 – D. Note as conjunções e *voilà!*: *Você não estuda,* ***nem*** *me deixa estudar. Faça silêncio,* ***que*** *quero ouvir a explicação. Você quer que eu participe de suas brincadeiras durante as aulas,* ***e*** *(= mas) nenhuma influência externa vai me atrapalhar.*

26 – D. Conforme já vimos, a oração aditiva é iniciada pela parte da correlação aditiva "não só... mas também", que constitui uma oração coordenada aditiva: "*mas também observava tudo com atenção*".

27 – C. Em III, há uma oração coordenada sindética explicativa, iniciada pela conjunção coordenativa explicativa *pois*.

28 – C. Aplicação de mero conhecimento de conjunção coordenativa. O *pois* entre vírgulas tem valor conclusivo (= *portanto*). O *que* vem depois de verbo no imperativo, logo tem valor explicativo (= *porque*). *Por conseguinte* é uma locução conjuntiva coordenativa conclusiva, sempre. *Não obstante* (ou *nada obstante*) seguido de verbo no indicativo é sempre uma locução conjuntiva coordenativa adversativa.

29 – D. A conjunção *pois* pode ter valor causal a), explicativo b) ou conclusivo c) – (entre vírgulas; = *portanto*). O único período que apresenta orações que não mantêm uma relação estabelecida por *pois* é a D, pois entre elas há uma ideia de conclusão, mas o *pois* não está entre vírgulas. Só estaria certa a D se estivesse redigida assim: "A festa foi planejada durante seis meses; não haverá, **pois** (= portanto), surpresas desagradáveis".

30 – B. *Pedro não foi para a escola* ***e nem*** *para o trabalho. = Pedro não foi para a escola* ***e não foi*** *para o trabalho*. Logo, a oração é coordenada sindética aditiva.

31 – C. O período é composto por coordenação pois as orações são sintaticamente independentes entre si.

32 – A. As assindéticas não são ligadas por conjunção, logo só pode ser a letra a), *pois*, nas demais opções, as conjunções coordenativas estão presentes: b) *e*, c) *porém* e d) *ou*.

33 – B. Observe a conjunção coordenativa *mas* ligando as orações. Isso é uma marca de clara coordenação.

34 – B. As orações coordenadas assindéticas são *vai chover, esfriar, gear*, pois são sintaticamente independentes uma da outra.

Capítulo 23

Gabarito

1 – C. Se, após verbo no imperativo, vier a conjunção *porque* (*que, pois ou porquanto*), a oração será coordenada sindética explicativa. Sem pestanejar. Por exclusão, as demais são subordinadas adverbiais causais.

2 – E. A oração sublinhada carrega a ideia de consequência em relação à anterior, logo ela é coordenada sindética explicativa. Releia na teoria a diferença entre oração explicativa e causal.

3 – D. Note aí mais uma questão, além daquela da UERJ que eu lhe mostrei na teoria, que fica "em cima do muro" no sentido de asseverar se a oração iniciada pelo *porque* é causal ou explicativa. Note que a B e a C se excluem por dizerem o mesmo.

4 – B. Preferi tratar desta questão neste capítulo por causa da diferença entre causa e explicação, novamente. Sei que a questão trata de classe gramatical, mas vou "puxar a brasa para a sardinha" deste capítulo, ok? Vamos nos ater só ao *porque* da segunda e da terceira frase, respectivamente. O *porque* introduz uma ideia de causa em *porque o carro que a conduzia quebrou*, sendo a consequência *Ela não chegou*. Logo, na segunda frase, a oração *porque o carro que a conduzia quebrou* é subordinada adverbial causal. Na terceira frase, a oração *porque preciso dela aqui* não provoca, não causa diretamente o conteúdo da oração *Gostaria que ela chegasse logo*, por isso *porque preciso dela* se aproxima mais de uma oração coordenada sindética explicativa.

5 – B. Note que, para constituir uma oração, falta um verbo no trecho "Um estudo da Fundação Getúlio Vargas, intitulado 'Miséria em Queda', baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE,". Por isso, gera-se uma incoerência, um certo estranhamento na leitura do período. Melhor seria se estivesse redigido assim o período: "Um estudo da Fundação Getúlio Vargas, intitulado 'Miséria em Queda', baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE, apresentou alguns pontos positivos, confirmando que a miséria no Brasil caiu em 2004, e atingiu o nível mais baixo desde 1992.".

6 – A. Em A, faça aquela "jogada" que eu lhe ensinei na teoria: "Vivemos hoje **em um universo**" (adjunto adverbial de lugar). Nas demais, todos os pronomes relativos têm função de sujeito.

7 – A. Exemplo clássico de oração subordinada substantiva predicativa: Sujeito (*o fato*) + verbo *ser* (é) + oração predicativa (*que transparência deixou de ser...*). A oração sublinhada exerce função sintática de predicativo do sujeito do verbo da oração principal. Muito fácil!

8 – ERRADO. Veja: "como se chama o (aquilo) ***que*** sinto" (= eu sinto ***aquilo*** (objeto direto)). Agora veja: "e (uma pessoa) ***que*** não gosta mais da gente" (= ***uma pessoa*** não gosta mais da gente (sujeito)). Logo, como se viu, os pronomes relativos exercem funções sintáticas diferentes.

9 – E. O *pois* pode ser uma conjunção explicativa, conclusiva ou causal. Note que a banca foge pela tangente quanto à diferenciação entre oração explicativa e causal, por dar a entender, na letra A, que a conjunção *pois* é **subordinativa explicativa**

(?), quando a gente sabe que não existe oração subordinada adverbial explicativa mas sim causal. Na verdade, a banca poderia ter criado uma polêmica ao colocar na letra A assim: "uma conjunção subordinativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de causa". Desse modo, resta-nos a letra E, o *pois* é uma conjunção coordenativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de explicação (oração coordenada sindética explicativa).

10 – C. Mais uma questão de relação de causa e consequência entre orações. Veja: *O barulho no local era tão alto (causa) que o homem, coitado, saiu rápido (consequência).* (= *O homem saiu rápido (consequência) porque no local o barulho era muito alto (causa). Coitado.)* Nas demais alternativas, tal relação não ocorre.

11 – A. De fato *que buscam crédito de curtíssimo prazo ou financiamentos para exportação* constitui oração subordinada adjetiva restritiva, pois é iniciada por pronome relativo e não vem separada por pontuação.

12 – D. A oração *de que precisaremos curtir mais o dia a dia* é complemento nominal do substantivo *dúvida*, que faz parte da oração principal. Lê-se: Não há dúvida **disso** (de que precisaremos curtir mais o dia a dia). A oração iniciada por *mas*, que é uma conjunção coordenativa adversativa, é coordenada sindética adversativa. *Dã!*

13 – C. Via de regra, a oração subordinada adjetiva restritiva não vem separada por pontuação: "... empresas que... tenham no mínimo 20% de negros em seu quadro profissional".

14 – CERTO. Via de regra, a oração subordinada adjetiva restritiva é iniciada por pronome relativo e não vem separada por pontuação alguma, por isso a afirmação procede.

15 – NENHUMA. Ambas as orações têm suas classificações acertadas. Na primeira b), *de que seus atos repercutem* é complemento nominal de *consciência*. Na segunda e), *que nossa economia floresce* é complemento direto de *Dizem*.

16 – D. Em "uma chance ***que*** ninguém está conseguindo ver" (= ninguém está conseguindo ver ***uma chance***), o pronome relativo exerce função de objeto direto. Todos os demais pronomes relativos exercem função de sujeito.

17 – ERRADO. A oração subordinada adjetiva *que se tornariam centrais na produção intelectual e artística do século XX* **não está separada por pontuação, portanto é restritiva e não explicativa**.

18 – B. Analisemos todas: I – Eu não sei **isso** (se vem de Deus...; oração subordinada substantiva objetiva direta). II – Na ordem direta: Não sei **isso** (se desmorono...; oração subordinada substantiva objetiva direta). III – **Se** (= **Caso**) eu me chamasse Raimundo... oração subordinada adverbial condicional. IV – **Se** (= **Já que**) sabias que eu era fraco... oração subordinada adverbial causal.

19 – D. Podemos substituir a conjunção subordinativa condicional *se* por *caso*; veja: ***Caso falhemos aí* (oração subordinada adverbial condicional)**, *trairemos o compromisso com a saúde e com a vida do planeta.*

20 – A. Para acertar esta questão, bastava conhecer as locuções conjuntivas finais. Por isso, eu insisto: estude conjunções! A oração "*Para que (= A fim de que) não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas*" é subordinada adverbial final. B, C, D: "*Embora...*", "*Ainda que...*", "*Por mais que...*" são orações subordinadas adverbiais concessivas, pois são iniciadas por conectivos concessivos. E: "*Contanto que...*" indica condição, logo introduz uma oração subordinada adverbial condicional.

21 – A. Novamente resolvemos uma questão de oração subordinada adverbial pelo conectivo: *porque = uma vez que*; ambos iniciam uma oração subordinada adverbial causal.

22 – B. O substantivo *ideia* exige um complemento regido pela preposição *de*, logo a oração sublinhada (iniciada por conjunção integrante) é, de fato, substantiva completiva nominal.

23 – A. Note que a oração sublinhada tem função de sujeito da oração principal (*se comprove*, em que o *se* é uma partícula apassivadora). Leia-se: "... caso se comprove **isso**" (= ... caso **isso** seja comprovado).

24 – CORRETO. De fato *que administre bem o patrimônio público* é uma oração subordinada substantiva apositiva, pois explica o termo anterior da oração principal *um objetivo.*

25 – CORRETO. A afirmação procede. Faça o *bizu* do **isso** para substituir a oração substantiva subjetiva: Vê-se... **isso** (= **isso** é visto). Logo *que o plano ético permeia todas as ações humanas* tem função de sujeito da oração principal *Vê-se.*

26 – ERRADO. A construção sintática "mais... do que..." é típica de oração subordinada adverbial comparativa, logo o vocábulo *que* não inicia oração subordinada adjetiva restritiva, pois não é um pronome relativo, mas uma conjunção comparativa.

27 – ERRADO. A locução conjuntiva *sem que*" nunca inicia oração com valor causal. Neste caso, ela tem valor semântico de modo. Que o diga Bechara! Em sua gramática, ele coloca um exemplo semelhante, chamando a dita cuja de oração subordinada adverbial modal, o que faz todo o sentido. Raciocine: "A semana terminou **como**? De que **modo**?" Resposta: "A semana terminou *assim*: **sem *que estivesse claro***...". Beleza?

28 – C. A oração principal, como o nome sugere, vem acompanhada de outra no mesmo período (que não é a principal, lógico!). Na letra C, só há uma (1) oração, pois só há um (1) verbo. As orações principais são identificadas dentro do período composto por subordinação. Sendo assim, trata-se de uma oração absoluta "O campo visual da nossa rotina é como um vazio".

29 – CORRETO. Realmente há uma oração completiva nominal, pois *de que política é uma sujeira só e sem utilidade complementa o nome ideia.*

30 – CORRETO. A afirmação procede. Veja que a oração entre colchetes é o objeto direto exigido pelo verbo transitivo direto *propor*: "*... propõe [que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai vir em primeiro lugar]....*

31 – CERTO. É sabido **isso** (que a bactéria em questão — *Escherichia coli* — somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes — animais ou humanas)... **isso** (que a bactéria em questão — *Escherichia coli* — somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes — animais ou humanas) é sabido. A oração iniciada pela conjunção integrante é subordinada substantiva subjetiva, por isso exerce a função de sujeito da oração principal.

32 – ERRADO. Se a oração subordinada adjetiva *que pôs a Europa em estado de emergência médica* não vem separada por pontuação, não pode ela ser explicativa, senão restritiva.

33 – B. A primeira oração é completiva nominal, pois completa o nome *necessidade*. A segunda é objetiva direta, pois completa o verbo *identificar* (VTD).

34 – A. Finalmente uma questão de oração subordinada substantiva objetiva direta justaposta. Ela é justaposta pelo simples fato de não ser iniciada por uma conjunção integrante, e sim por um advérbio interrogativo de causa: *por que*. Veja "Não entendo *por que 'velho' é politicamente incorreto*" (= Não entendo **isso**). Portanto a oração "*por que 'velho' é politicamente incorreto*" completa, como um verdadeiro objeto direto, o verbo da oração principal (entender).

35 – D. A única oração substantiva iniciada por uma conjunção integrante é *que Neymar foi o primeiro jogador brasileiro*, a qual funciona como aposto de *grande notícia*.

Sendo assim, tal oração é subordinada substantiva apositiva. Note que a apositiva também pode ser separada por vírgula. Na letra A, a oração *como se formam conceitos* é subordinada substantiva subjetiva justaposta (*bizu*: Impressiona-me **isso**... **isso** me impressiona); é justaposta, pois não é iniciada por conjunção integrante, e sim por advérbio interrogativo de modo (como). Na letra B, a oração *quem* dá mais informações e estatísticas é subordinada substantiva objetiva direta justaposta, pois complementa o verbo da oração principal (*saber*); é justaposta pois não é iniciada por conjunção integrante, e sim por pronome interrogativo (*quem*). Na letra C, a oração *para assistir a tantas partidas tumultuadas no Brasil* parece subordinada adverbial final, mas não é, pois a preposição *para* é exigida pelo nome *paciência*; por isso, ela é classificada como subordinada substantiva completiva nominal.

36 – ERRADO. A primeira convicção política do narrador foi **apenas** que o município não tinha recursos. O que se fala depois não é convicção, é constatação. Portanto, a oração subordinada substantiva predicativa (que o município não tinha recursos) é que completa a oração principal (*A primeira convicção política foi*), constituindo sua única convicção. A outra oração predicativa (*que por esse motivo andava descalçado, ou devia o calçado*) não carrega a ideia de convicção política, mas sim de constatação.

37 – ERRADO. O verbo da oração principal está na 3ª pessoa do singular, pois seu sujeito está em forma de oração subordinada substantiva subjetiva: **É** verdade **isso** (que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas) = **isso** (que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas) **é** verdade (na ordem direta). Então, esse papo de que o verbo está no singular porque o sujeito não está explícito é conversa para boi dormir. Cuidado com as pegadinhas do CESPE.

38 – ERRADO. O pronome relativo não tem função sintática de sujeito. Perceba que ele retoma *dois manos*, mas não com função de sujeito, e sim com função de **objeto direto**. Vou colocar um sujeito hipotético só para você visualizar melhor. Leia de novo, com atenção: "[João] Ficava no canto da maloca, [João] trepado no jirau de paxiúba, [João] espiando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que [João] tinha.", ou seja, [João] tinha (VTD) o quê (OD)? Dois manos (OD).

39 – D. Em "... *milagres que (=os quais) salvam vidas diariamente.*", a oração destacada é subordinada adjetiva restritiva, pois é iniciada por um pronome relativo e não vem separada por pontuação.

40 – A. A oração em negrito é subordinada adverbial consecutiva. Veja a correlação: "... **tão**... **que**...". Como a gente já viu no capítulo de *conjunções subordinativas consecutivas*,

esta correlação entrega de mão beijada que há uma relação clara de consequência. Estude conjunção! (Sou muito chato, não é?)

41 – D. O pronome relativo *que* exerce função de sujeito simples do verbo *servir*. Na verdade, quando ele exerce função de sujeito, é sempre sujeito simples. Para saber que ele exerce tal função, basta substituí-lo pelo termo anterior: "... novas descobertas, por sua vez, servem de ferramenta...".

Capítulo 24

Gabarito

1 – CORRETA, pois o verbo *forçar* é VTDI. Quem força, força alguém (os organizadores do encontro) a alguma coisa (a antecipar o fim da reunião).

2 – INCORRETA. A afirmação *quase* procede. O único erro da afirmação é dizer que a oração é adjetiva restritiva. Note que a oração subordinada adjetiva reduzida de gerúndio é *explicativa*, por estar entre vírgulas: *"..., tornando suas ações conhecidas e avaliadas, ..."* (= "..., *que torna suas ações conhecidas e avaliadas, ...*"). Pegadinha da ESAF!

3 – D. Como vimos, preposição *a* + infinitivo, oração condicional na cabeça! A oração sublinhada é subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo, equivalendo a *"**Caso** venham a persistir os sintomas, deve-se consultar o médico."*. Note a conjunção condicional.

4 – E. I. *"Não vale a pena, nessa conjuntura, fragilizar o governo e sua política externa..."* (sujeito oracional do verbo *valer (vale); = **isso*** não vale a pena). II. *"... tornar (VTD) esta matéria (OD) elemento decisivo (predicativo do objeto)..."*. III. *"... como se fosse possível tornar esta matéria elemento decisivo para o jogo eleitoral para daqui a dois anos."* (sujeito oracional do verbo *ser (fosse); = como se **isso** fosse possível*).

5 – C. A oração subordinada adverbial causal reduzida de gerúndio pode ser desenvolvida com um conectivo causal; veja: *"Em julho de 1898, **uma vez que** temia por sua saúde, escreveu um testamento..."*.

6 – CERTO. O enunciado se autoexplica.

7 – A afirmação está **CORRETA**: *"de dar ao homem a possibilidade" e "de evoluir além da luta pela sobrevivência pura e simples" são duas orações subordinadas substantivas completivas nominais reduzidas de infinitivo regidas pelo substantivo mérito.*

8 – E. A oração *sabendo que seus genes serão imortais* é subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio. A reescrita da E apresenta o valor condicional correto, que poderia ter sido redigida também assim: *"Ninguém precisa ter medo da morte* ***caso saiba que seus genes serão imortais****."*.

9 – A. Lembrou-se daquela informação das preposições antes de verbos no infinitivo? Então... *ao* + verbo no infinitivo = tempo: "***Ao persistirem os sintomas****, o médico deverá ser consultado."* = "***Quando os sintomas persistirem****, o médico deverá ser consultado."*.

10 – B. Para acertar esta interessante questão, é necessário entender o que acontece primeiro e qual é a sequência de acontecimentos, para que depois se perceba a relação de causa e consequência. Note que há uma reação em cadeia: **1º:** O vapor é liberado pela transpiração das árvores. **2º:** Ele sobe na atmosfera. **3º:** Lá o vapor encontra camadas de ar frio. **4º: Por causa disso** ele se condensa e **5º:** Forma as nuvens. Logo *"Ao subir na atmosfera (2), o vapor liberado pela transpiração das árvores (1) encontra camadas de ar frio (3) e se condensa (4), formando as nuvens. (5)"*.

11 – C. Há uma clara relação de causa e consequência entre *jogar toneladas de sedimentos no rio* (causa) e *inviabilizar a navegação* (efeito). Ou seja, os milhões de toneladas de sedimentos jogados no rio causam a impossibilidade de navegação neste. Poderíamos também interpretar a oração sublinhada como aditiva, isto é: *Elas jogam milhões de toneladas de sedimentos no rio,* ***e*** *inviabilizam sua navegabilidade.*

12 – D. I: Preste atenção na quantidade de verbos e locuções verbais: *foi criado* (locução), *consistia, promover, tornando, promover.* Existem cinco orações, duas desenvolvidas e três reduzidas. II: Só existe uma ocorrência de predicativo do objeto: "*tornando (VTD) as decisões econômicas (OD)* ***mais abrangentes*** *(predicativo do objeto)*". III: A oração *em promover a integração entre governo, empresários e trabalhadores* complementa o sentido do verbo transitivo indireto *consistir* (quem consiste, consiste **em** algo). Oração subordinada substantiva objetiva **in**direta.

13 – C. *Apesar de* é uma locução prepositiva concessiva, logo ela inicia uma oração subordinada adverbial concessiva reduzida de infinitivo. Fique de olho nas locuções prepositivas!

14 – C. A oração subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio pode ser desenvolvida assim (para ficar mais fácil de perceber!): ***Caso bata de quina****, pode até matar.*/***Se bater de quina***, pode até matar.

15 – CORRETA. Por causa daquele *bizu* da preposição + infinitivo, você já está escaldado, não é? *Ao escolher um caminho* = *Quando se escolhe um caminho.*

16 – B. A frase pode ser reescrita da seguinte forma: *"Vemos incontáveis estrelas, **que emitem sua radiação eletromagnética**, perfeitamente indiferentes às atribulações humanas"*. A oração *que emitem sua radiação eletromagnética* é oração subordinada adjetiva explicativa. O fato de o pronome relativo *que* poder ser substituído por *as quais* comprova essa classificação da oração. A oração *Vemos incontáveis estrelas perfeitamente indiferentes às atribulações humanas* é então a oração principal.

17 – B. O erro da B está em dizer que a oração é **proporcional**, quando se trata na verdade de uma oração **temporal**. Basta ver que ela se inicia por uma conjunção temporal (quando).

18 – CORRETA. A afirmação procede, pois ambos os segmentos indicam **causa**.

19 – CORRETA, pois ambas as orações (reduzida e desenvolvida) são subordinadas adverbiais **finais**.

20 – ERRADO. Estamos diante de um sujeito oracional, ou seja, um sujeito em forma de oração! Veja como o núcleo do sujeito é um verbo: *"**Viver** em ambiente sem gravidade **faz** coisas curiosas com o corpo"*. Isso é um sujeito oracional, uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo. Portanto é claro que se pode determinar o sujeito de **faz**.

21 – ERRADO. A relação não é de condição, mas sim de causa-consequência. Veja: *"Diferentes pessoas, **visto que/já que/uma vez que/porque** pertencem a grupos sociais diferentes, têm não apenas histórias diferentes para contar, mas formas diferentes de contá-las..."*. Ou seja, elas têm não apenas histórias diferentes para contar, mas formas diferentes de contá-las ***porque** pertencem a grupos sociais diferentes*".

22 – CERTO. A oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de infinitivo (*a separar*) pode ser desenvolvida mediante o uso de um pronome relativo, que inicia oração subordinada adjetiva desenvolvida. Portanto A = B: *"é ideal que o fosso material **a separar** as pessoas seja menos profundo" = "é ideal que o fosso material **que separa** as pessoas seja menos profundo"*.

23 – CORRETA, pois 1) *a **conseguir** mais uma vitória no que toca à igualdade de direitos entre os sexos* é uma oração subordinada substantiva completiva nominal do adjetivo *prestes*; 2) *propõe que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai **vir** em primeiro lugar* equivale a "propõe que não seja mais obrigatório que o sobrenome do pai **venha** em primeiro lugar"; 3) "*No caso de não **haver** consenso*" equivale a "Caso não **haja** consenso".

24 – INCORRETA. Realmente o verbo frisar não pode ser desdobrado em uma oração subjetiva iniciada por uma conjunção integrante, **mas**, ainda assim, *cabe frisar* não forma uma locução verbal, pois *frisar que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural* é o sujeito de *Cabe*. Trata-se de uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo (note que dentro dela há mais quatro orações). Lindo isso!

25 – INCORRETA. Pode haver oração subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio, sem problemas, mas não é o caso, pois não podemos substituir no contexto *trazendo* por *se trouxer*, uma vez que não há tal ideia de condicionalidade, mas sim de explicação: *"A extensão do star-system não se dá sem uma forma de banalização ou mesmo de degradação – da figura pura da estrela,* ***a qual traz*** *consigo uma imagem de eternidade..."*. Percebe que o desenvolvimento da oração reduzida (trazendo) se dá por meio de um pronome relativo e do verbo conjugado (a qual traz)? Portanto, não há ideia de condicionalidade, há, sim, uma ideia de explicação. A oração subordinada adjetiva explicativa reduzida de gerúndio ***trazendo*** *consigo uma imagem de eternidade* equivale à desenvolvida "**a qual traz** consigo uma imagem de eternidade", que também é, logicamente, uma subordinada adjetiva explicativa.

26 – C. Explicitamente *quando* é uma conjunção subordinativa que indica tempo, introduzindo uma oração subordinada adverbial temporal, com verbo implícito: *"Quando (estavam) a bordo..."* **Fácil!** Agora, o que me interessa dizer é que a construção *por não poderem acender fogo* é uma subordinada adverbial causal reduzida de infinitivo. Veja que dá até para reescrever, desenvolvendo a oração: *"Os viajantes tinham de contentar-se, geralmente, com feijão frio, feito de véspera,* ***porque*** **não podiam acender fogo**. ".

27 – C. A oração sublinhada é subordinada adverbial final reduzida de infinitivo. Dá até para desenvolver com uma locução conjuntiva subordinativa final (*para que, afim de que...*); veja só: *"A principal delas é a reconstrução de cinco estações de pesquisa na Antártida,* ***para que realize*** *estudos sobre mudanças climáticas, recursos pesqueiros e navegação por satélite, entre outros.*". Foi?

28 – C. A campeã das reduzidas nas provas de concurso: oração subordinada adverbial **final** reduzida de infinitivo. **para** + **infinitivo = finalidade**.

29 – B. Mais uma vez! Oração adverbial final! *O porteiro teve que morrer* ***para que fosse notado***.

30 – D. **ao + infinitivo = tempo**. Já estamos escaldados de tanto ver essa também, não é?

31 – B. Finalmente a CESGRANRIO fez uma questão bonitinha sobre isso. Sintaticamente, temos 3 orações: (1) *"O diabo é"*, (2) *"que de tanto ver,"* (3) *"a gente banaliza o olhar". O diabo é* é uma oração principal. O restante do período (*que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar*) desempenha uma função sintática de predicativo do sujeito em relação a essa oração principal e é iniciado pela conjunção integrante *que*. Mas na relação entre as orações (2) e (3) há o fato de ver muito algo (de tanto ver) e sua consequência: o fato de a gente banalizar o olhar. Isto é: "A gente banaliza o olhar *porque vê muito*". Existe uma relação de causa e consequência entre essas orações (certo?), em que *ver muito* é a causa, e *banalizar o olhar* é consequência. Bonitinha, não é?

32 – B. Se for possível reescrever uma oração reduzida iniciada por "para..." trocando este vocábulo por "a fim de" ou "para que...", ela será subordinada adverbial final, isto é, uma oração que indica semanticamente finalidade, propósito, intenção. Alguém tem dúvidas disso ainda? Veja: *uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes a fim de garantir as ambições terrenas dos fiéis* ou *uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes para que garantam as ambições terrenas dos fiéis*. Simples assim!

33 – E. Eis um belo exemplar de **oração coordenada aditiva reduzida de gerúndio**! A oração ***dizendo*** *na hora se a pessoa está saudável ou não* estabelece uma relação de adição com a oração anterior, de modo que se pode reescrever o período assim: *Com o mChip, basta uma espetada e uma gota de sangue para o texto sair em minutos,* ***e dirá*** *na hora se a pessoa está saudável ou não*. Safo?

Capítulo 26

Gabarito

1 – A. A análise sintática correta é esta: a) *Descumprir a lei* (sujeito oracional do verbo *gera*) b) *gera o risco* (predicado relacionado ao sujeito *Descumprir a lei*) c) *da punição prevista pelo Código Penal* ou d) *de sofrer sanções civis* (complementos nominais – um deles oracional – do substantivo *risco*, coordenados entre si pela conjunção *ou*). Fácil, não? Brincadeira...

2 – A. Interessantíssima esta questão! Exigia domínio de análise sintática. O que a banca desejava do candidato era que ele fosse capaz de perceber a relação que há entre os termos do texto, trabalhando, *stricto sensu*, o conceito de sintaxe. Veja o contexto: *"Já o primeiro olhar é preconceituoso – dá informação falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada, anterior ao ato de olhar."*. Note que *o primeiro olhar* (sujeito) está ligado ao predicado *é preconceituoso*, constituindo uma oração coordenada assindética, e,

de maneira oculta, é também sujeito do predicado *dá informação falsa ou verdadeira* (outra oração coordenada assindética). Já os termos (adjuntos adnominais) da expressão *falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada* estão ligados ao núcleo do objeto direto *informação.*

3 – D. I: *"A reflexão jurídica sobre o assunto, contudo, não se tem mostrado* (oração principal) *tão farta quanto aquela encontrada* (oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de particípio) *na economia (se tem mostrado)"*. A oração comparativa, como você sabe, normalmente apresenta verbo oculto. Portanto, há três orações. II: A oração subordinada adjetiva reduzida de particípio é: *feita ao tema dos efeitos na utilização de recursos entre gerações especificamente na década de 70*, que restringe o substantivo *associação.* A oração subordinada adverbial consecutiva reduzida de gerúndio é: *angariando adeptos das mais variadas formações, em diversas partes do planeta.* III: Não há nenhuma oração coordenada no segundo período. IV: Se você achou que *quando* era uma conjunção subordinativa temporal, errou feio! A oração *quando o movimento ambientalista passou a formular um discurso jurídico mais sólido* é subordinada adjetiva explicativa que retoma *década de 70.*

4 – B. Veja a análise: ***É importante*** *(oração principal da subordinada seguinte)* ***que os contribuintes percebam*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "É importante" e principal em relação à oração seguinte)* ***que a política tributária é justa*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "os contribuintes percebam" e coordenada em relação à oração seguinte),* ***(que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "os contribuintes percebam" e coordenada em relação à oração anterior e à oração seguinte), e* ***(que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "os contribuintes percebam" e coordenada em relação à oração anterior)"*. Notou as conjunções integrantes implícitas? Logo, são quatro orações subordinadas: 1) *que os contribuintes percebam*, 2) *que a política tributária é justa*, 3) *(que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável* e 4) *(que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados.* E três orações coordenadas entre si: 1) *que a política tributária é justa,* 2) *(que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável* e 3*) (que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados.* Ufa!

5 – B. Antes de mais nada, achei esse poema meio safadinho... Mas vamos ao que interessa... Como você já percebeu, o período possui três orações e é misto, composto por subordinação e coordenação ao mesmo tempo. Entre as orações *"Conduzo tua lisa mão/Por uma escada espiral/E no alto da torre exibo-te o varal"*, existe uma relação coordenada; a segunda (sublinhada) é aditiva. As orações *"E no alto da torre exibo-te o varal/Onde balança ao léu minh'alma"* apresentam uma relação de subordinação, em que a primeira é a principal, e a segunda é sua subordinada adjetiva restritiva iniciada pelo pronome relativo *onde*, que retoma *varal.*

6 – D. I: *"Aqueles com aptidão a ajudá-los, se não (forem) estimulados por cenários competitivos, estarão fadados a não encontrar motivação para o exercício de suas funções"*. II: Há duas orações reduzidas: *ajudar* e *encontrar* (infinitivo), os outros estão flexionados no futuro do subjuntivo (... *se não (forem) estimulados...*) e no futuro do presente do indicativo (... *estarão...*). III: Qual? Só o cara da banca viu uma oração coordenada. Não há oração coordenada alguma no período.

7 – D. Por incrível que pareça, este período enorme é simples, pois só apresenta um verbo: *têm.*

8 – E. As duas orações (*que o jogo fosse refeito, que a trapaça não tivesse acontecido*) são subordinadas em relação à principal (*a empresa gostaria*), mas coordenadas entre si, pois vêm uma ao lado da outra com mesma função sintática.

9 – C. O gabarito oficial foi a letra E. Eu discordo veementemente! A banca analisou *São* como uma oração, mas não se deu conta de que esse verbo *ser* vem seguido logo depois por *que*, formando a expressão expletiva ***ser* + que**, que pode ser retirada da frase e não é contada como oração! A análise correta do período é esta (ignore *"São... que"*!): *"... **numerosas oportunidades perdidas se multiplicarão** (oração principal em relação à subordinada adverbial condicional seguinte), **se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento** (oração subordinada adverbial condicional em relação à principal anterior) – e **(se) a qualidade da educação continuar baixa** (oração subordinada adverbial condicional em relação à principal "numerosas oportunidades perdidas se multiplicarão" e coordenada à oração subordinada adverbial condicional anterior)"*. Logo, há uma oração principal (*numerosas oportunidades perdidas se multiplicarão*), duas subordinadas adverbiais (*se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento e (se) a qualidade da educação continuar baixa* (uma está coordenada à outra por meio da conjunção coordenativa *e*). Logo, o período é misto, pois é composto por coordenação e subordinação.

10 – E. I: A retirada da expressão *a de* não prejudica a correção gramatical tampouco o sentido da frase. II: *"Minha proposta é a de que o fundo partidário seja composto por uma quantia mínima para o partido manter uma estrutura básica."* III: O verbo *manter* está no infinitivo. Talvez a *brincanagem* da banca tenha sido pegar *de calça arriada* o candidato desavisado – aquele que pensou que, na locução verbal *seja composto*, o verbo principal encontrava-se no particípio, constituindo uma oração reduzida. Mas você já sabe: é o verbo auxiliar que determina se a oração é reduzida ou desenvolvida (a forma verbal *seja* está desenvolvida, conjugada no modo subjuntivo, logo não há oração reduzida). Brasil!

11 – E. I: Oração coordenada sindética aditiva (... ***mas também*** *estabelece regras...*), formando uma série aditiva enfática em relação à expressão anterior *(... trouxe, no artigo 31 bis,* ***não só*** *a possibilidade...*). Oração coordenada sindética alternativa (... ***ou*** *que agem em seu nome*). Detalhe: ela é coordenada aditiva alternativa em relação à oração subordinada adjetiva anterior e subordinada adjetiva em relação a uma principal (... *sobre atividades desempenhadas (principal) pelas pessoas físicas que as dirigem ou que agem em seu nome*). II: "... *(por delitos que sejam cometidos no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização será aferida nos casos concretos (ela será aplicável [...], em função da inoperância de controles empresariais, sobre atividades desempenhadas* ***pelas pessoas físicas****...".* O agente da passiva está explícito só na última oração. III: As orações adjetivas desenvolvidas (de olho no pronome relativo!): "... ***que*** *atende diretivas...*"; "... ***que*** *sejam cometidos...*"; "... ***que*** *as dirigem...*; "... ***que*** *agem...*". Veja agora a adjetiva reduzida: *"...atividades desempenhadas pelas pessoas físicas...*". Observe que não há pronome relativo encabeçando a oração e o verbo *desempenhar* se encontra no particípio. Cansativa, hein!

12 – A. Veja a análise: *É imprescindível...* (oração principal)/... *que a tributação seja suportável e mais bem distribuída e todos contribuam com justiça e se beneficiem dessa contribuição* = (Toda esta oração (com orações coordenadas entre si) é subordinada à principal)/... *seja suportável a) e (+) mais bem distribuída b)...* (Orações coordenadas entre si – e subordinadas à principal)/... *e (+) todos contribuam com justiça d)* (Oração coordenada à anterior e à posterior – e subordinada à principal)/... *e (+) se beneficiem dessa contribuição e)* (Oração coordenada à anterior – e subordinada à principal).

13 – B. I: Não há coordenação, só subordinação. II: Há duas orações reduzidas (*caracterizada* e *levando*), logo "há ocorrência de exemplo de oração reduzida". III: "... *se entende* ***que o que a maioria quer é "dinheiro"*** = *se entende* ***isso*** = ***isso*** *se entende.*

Capítulo 27

Gabarito

1 – A. I (explicação de sentido causal): *O Polo Norte está ameaçado* ***porque*** *o oceano gelado que o rodeia começou a derreter.* II (especificação do significado da expressão anterior a eles): *"uma subversão da geografia que se desenrolará diante de nossos olhos*" explica o *"fenômeno raro".* III (enumeração): *"... Estados Unidos, Rússia, Canadá, Groenlândia (Dinamarca) e Noruega.".*

2 – B. Vejamos uma por uma: a) A vírgula está separando o vocativo. Não pode ser retirada. b) A vírgula está separando o adjunto adverbial deslocado de curta exten-

são, logo pode ser retirada. c) A vírgula separa o aposto explicativo. Não pode ser retirada. d) A vírgula separa termos de uma enumeração, logo não pode ser retirada. e) A vírgula separa orações coordenadas assindéticas.

3 – B. a) O ponto e vírgula não pode separar uma expressão adverbial deslocada. b) O ponto e vírgula pode separar orações coordenadas: *"indagou a um grupo de estudantes quais os meios de comunicação que eles conheciam; nenhum citou cartões-postais"*. c) O ponto e vírgula não separa oração subordinada adverbial. d) O ponto e vírgula não substitui travessão para marcar a separação de uma oração de narrador. e) O ponto e vírgula não separa oração subordinada adjetiva explicativa.

4 – E. O certo é: *Estava sempre dizendo coisas de que mais tarde se arrependeria. Prometia a si própria que, da próxima vez (adjunto adverbial deslocado), tomaria cuidado com as palavras, o que, entretanto (conjunção adversativa deslocada), não acontecia.*

5 – B. a) A expressão *"da agitação e do barulho"* deve vir entre vírgulas porque se trata de um aposto explicativo. b) A vírgula separa orações coordenadas sindéticas iniciadas por *nem*, se forem de certa extensão. c) Se formos separar o adjunto adverbial de companhia (com a manada) após o verbo por vírgula, devemos fazê-lo levando em conta que, se ele estiver no meio da frase, serão necessárias duas vírgulas, ou seja: *"..., com a manada,..."*. d) No lugar dos travessões, caberiam vírgulas ou travessões, que marcariam a expressão intercalada; sem pontuação, há erro. e) Entre sujeito e verbo, não há vírgula. Básico.

6 – C. a) Não se separa a conjunção *ou* quando ela coordena termos. b) Não se separa oração subordinada adjetiva reduzida por dois-pontos. c) A vírgula separa orações coordenadas assindéticas. Perfeito! d) Objeto direto deslocado não deve ser separado por vírgula do seu verbo ponto de vista de alguns gramáticos, como Gladstone Chaves de Melo. Outros gramáticos dizem que se pode usar a vírgula. e) Nunca se separa o adjunto adnominal do nome a que ele se liga.

7 – B. Em I, como se trata de uma pergunta, faltou o ponto de interrogação. Em II, faltou uma vírgula para separar os apostos (um para você, outro para mim). Em III, não há problema, pois os dois-pontos abrem um discurso direto, as aspas marcam tal discurso e o ponto de exclamação indica uma altissonância na voz. Em IV, não se pode separar o adjunto adnominal do termo a que ele se refere: "... tudo o que..." e não "... tudo, o que...".

8 – ERRADO. Os dois-pontos servem para abrir uma explicação ou enumeração, normalmente. Só que nesse caso, eles não introduzem uma explicação do que o autor

entende por "maior felicidade", mas sim encabeçam uma oração que explica o "algo" em: "... há sempre **algo** que faz que a felicidade seja uma felicidade**:** *a faculdade de esquecer, ou melhor, em palavras mais eruditas, a faculdade de sentir as coisas, durante todo o tempo que dura a felicidade, fora de qualquer perspectiva histórica.*"

9 – CERTO. A oração *observou* poderia ser separada por travessão, pois se trata de uma oração intercalada. Encontramos esse tipo de oração frequentemente nas narrações.

10 – CERTO. Haveria alteração de sentido, porque a conjunção *pois* introduz uma ideia explicativa, o que não é o caso. Note que, após os dois-pontos, há um aposto (*a proliferação demasiada de determinados espaços acaba por apagá-los por si mesmos*), que esclarece *outro (processo) já muito conhecido pelos estudiosos da comunicação.* Mesmo que o aposto seja explicativo, nunca é iniciado por uma conjunção explicativa, como *pois.* Devido a isso, a substituição proposta não cabe.

11 – ERRADO. A regra é clara: não se separa complemento de seu verbo por vírgula.

12 – CERTO. Cuidado com questões de vírgula e oração adjetiva. Quando se diz *"... os atores que interagem..."*, entendemos que se está restringindo o ente *atores*, ou seja, está-se falando sobre um tipo de atores, os que interagem, logo deduzimos que há outros atores que não interagem. Se colocássemos as vírgulas, a oração adjetiva passaria a ser explicativa, o que alteraria o sentido. Neste caso (... *os atores, que interagem,...*), todos os atores interagem, não só alguns.

13 – CERTO. Sim, a vírgula é obrigatória, pois a oração é subordinada adverbial reduzida deslocada. A polêmica ocorre quando a oração adverbial está depois da principal. Alguns gramáticos modernos (como vimos na teoria) dizem que é facultativo o uso da vírgula quando a adverbial vem depois da principal. Fiquemos de olho!

14 – ERRADO. Quando *e sim* ou *e não* tiver valor adversativo (= *mas sim, mas não*) haverá vírgula antes de tal expressão. Simples assim. Portanto, a vírgula não pode ficar omissa.

15 – ERRADO. A vírgula serve para marcar, normalmente, a elipse verbal, que é o que está de fato acontecendo. Veja de novo o trecho, agora reescrito: *"a vida depende da vontade de outrem, a morte depende da nossa"*. Ficou claro? Não foi o vocábulo *vontade* elíptico, mas a forma verbal *depende.*

16 – A. Comentando as vírgulas: *Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela,* (predicativo do sujeito deslocado) *dependem, muitas vezes,* (adjunto adverbial deslocado) *de pequenas providências que, tomadas por figurantes apa-*

rentemente sem importância, (oração reduzida de particípio deslocada) *ditam o rumo de toda a história.* Veja os erros das demais: b) *Os personagens principais, de uma história,* (adjunto adnominal não pode ser separado de seu núcleo substantivo) *responsáveis pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes,* (adjunto adverbial deslocado deve vir entre vírgulas) *de pequenas providências que tomadas por figurantes,* (faltou uma vírgula antes da oração reduzida de particípio deslocada e a vírgula após figurantes está equivocada porque não se separa adjunto adnominal – *sem importância* – de seu núcleo substantivo) *aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.* c) *Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela* (faltou uma vírgula para marcar o deslocamento do predicativo do sujeito) *dependem muitas vezes de pequenas providências, que, tomadas por figurantes aparentemente, sem importância,* (tais vírgulas não procedem porque estão separando o adjunto adnominal de seu núcleo substantivo) *ditam o rumo de toda a história.* d) *Os personagens principais, de uma história,* (adjunto adnominal não pode ser separado de seu núcleo substantivo) *responsáveis pelo sentido maior dela, dependem, muitas vezes* (adjunto adverbial deslocado deve vir entre vírgulas) *de pequenas providências, que tomadas por figurantes aparentemente sem importância,* (faltou uma vírgula antes da oração reduzida de particípio deslocada) *ditam o rumo de toda a história.* e) *Os personagens principais de uma história, responsáveis,* (não se separa complemento nominal – *pelo sentido maior dela* – do nome, *responsáveis*) *pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes de pequenas providências, que tomadas por figurantes, aparentemente, sem importância,* (faltou uma vírgula antes da oração reduzida de particípio deslocada e *aparentemente sem importância* não pode ser separado de *figurantes* porque é seu adjunto adnominal) *ditam o rumo de toda a história.*

17 – D. Comentando as vírgulas: *Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo* (aposto explicativo*), tentar justificar suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas* (oração coordenada explicativa), *igualmente pressionados* (oração reduzida de particípio), *não costumavam abdicar dos princípios éticos.*. Veja os erros das demais: a) *Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo* (as vírgulas devem separar o aposto explicativo) *tentar justificar,* (entre o verbo e o seu complemento não há vírgula) *suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.* b) *Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho;* (recomenda-se a vírgula no lugar do ponto e vírgula) *pois os velhos jornalistas igualmente pressionados,* (oração reduzida deve vir entre vírgulas) *não costumavam abdicar dos princípios éticos.* c) *Não cabe aos jovens, ao menos,* (nenhuma locução pode ser separada por vírgula do termo ou oração que ela introduz) *os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois,* (esta conjunção introduz uma oração coordenada explicativa, logo não pode estar **entre** vírgulas) *os velhos jornalistas, igualmente pres-*

sionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos. e) *Não cabe aos jovens, ao menos,* (nenhuma locução pode ser separada por vírgula do termo ou oração que ela introduz) *os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados* (oração reduzida de particípio deve ser separada por vírgulas) *não costumavam abdicar, dos princípios éticos* (não se separa o verbo do seu complemento por vírgula).

18 – C. Comentando as vírgulas e o ponto e vírgula: *Para o gosto moderno,* (adjunto adverbial deslocado) *a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas,* (adjunto adverbial deslocado) *como prova de gosto refinado;* (ponto e vírgula separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa e com trechos já separados por vírgula) *na verdade,* (adjunto adverbial deslocado; a vírgula é facultativa, pois ele é de curta extensão) *a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.* Veja os erros das demais: a) *Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge ao contrário de outras épocas,* (adjunto adverbial deslocado vem entre vírgulas) *como prova de gosto refinado,* (aqui se deve usar o ponto e vírgula, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgula, mas, como é de curta extensão, a vírgula é facultativa) *a pompa retórica indicia, o vazio do pensamento* (não se separa verbo do seu complemento). b) *Para o gosto moderno, a grandiloquência, não surge* (não se separa sujeito do seu verbo), *ao contrário de outras épocas* (adjunto adverbial deslocado vem entre vírgulas) *como prova de gosto refinado,* (aqui se usa o ponto e vírgula, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgula, mas, como é de curta extensão, a vírgula é facultativa) *a pompa retórica indicia: o vazio do pensamento* (não se separa verbo do seu complemento). d) *Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgulas) *como prova de gosto refinado,* (aqui cabe o ponto e vírgula, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.* e) *Para o gosto, moderno,* (adjunto adnominal não pode ser separado por vírgulas) *a grandiloquência, não surge* (não se separa sujeito de seu verbo*), ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado:* (o ponto e vírgula é recomendado nesse caso, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgula, mas, como é de curta extensão, a vírgula é facultativa) *a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.*

19 – D. *O país já se encontra em um estágio no qual os saltos de produtividade não ocorrerão sem investimentos mais expressivos. Além de equipamentos,* (vírgula para enumeração*)*

automação e outras ferramentas da tecnologia, (vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado*) parte desses investimentos precisará estar voltada para os recursos humanos.* a) *Estudo recente de uma instituição americana, mostra...* (não se separa sujeito de verbo). b) *O aumento da escolaridade, foi...* (não se separa sujeito de verbo). c) *... até mesmo,* (não se separa a expressão denotativa que inicia o aposto do aposto) *da maioria dos países do continente, o Brasil, terá...* (não se separa sujeito de verbo). e) *um envolvimento... nesse esforço...* (não se separa complemento nominal do substantivo por vírgula).

20 – CORRETO. Não há erro. A vírgula após *minerais* serve para marcar o deslocamento do adjunto adverbial (...) *, particularmente no setor de veículos automotores, metalurgia e produtos minerais,* (...).

21 – A. Há incoerência textual se o ponto de interrogação for substituído por ponto e vírgula, uma vez que a ideia de interrogação sumiria para dar vez à ideia de afirmação, mudando o sentido do trecho.

22 – A. Com a vírgula, a palavra *Mesmo* deveria ser escrita minúscula. Eis o erro. Ainda que ignorássemos isso, a vírgula mudaria o sentido do trecho, pois a expressão *Mesmo com a capacitação e o preparo dos técnicos dos órgãos envolvidos com a questão urbana* passaria a modificar a oração anterior, não a posterior — como se encontra no contexto.

23 – INCORRETA. J-A-M-A-I-S!!! A vírgula após o último travessão cumpre, sim, seu papel, a saber: marcar a intercalação da oração reduzida "bem como ampliar os investimentos no modelo que realmente pode chegar a todos os cantos da cidade". Não erre mais uma questão como essa; é muito recorrente! Resumindo: a afirmação está incorreta.

24 – A afirmação está **CORRETA**. A expressão iniciada pelo travessão (*— a violência fundadora da modernidade*) é aposto explicativo de *violência que a tornou possível.*

25 – Não há erro algum na substituição, pois se trata de uma oração subordinada adjetiva explicativa, que pode ser separada por vírgulas, travessões ou parênteses.

26 – A afirmação é **INCORRETA**, pois a expressão entre travessões é um aposto explicativo; como tal, pode ser, sim, separado por vírgulas, travessões ou parênteses.

27 – CERTO. A expressão explicativa "ou seja" deve vir entre vírgulas. Regra!

28 – CERTO. A vírgula é obrigatória depois do último travessão porque antes deles há um adjunto adverbial deslocado. Ignore os travessões e ateste: "... para o entendimento de uma forma particular de comunicação, o estudioso deve reconstruir...".

29 – ERRADO. Se for colocada a expressão adverbial *de modo geral* após *personalidade*, ela passará a ser uma expressão adjetiva, o que modificará o sentido do substantivo *personalidade*, e não da oração inteira, como o faz na posição do trecho original.

30 – ERRADO. A vírgula após o *mas* não é colocada para ele, mas sim para separar a expressão adverbial deslocada *do ponto de vista gramatical*.

31 – ERRADO. Com a retirada da vírgula, parecerá que a palavra denotativa de situação *ora*, também chamada modernamente de marcador discursivo, se torna uma conjunção alternativa. De qualquer modo, a retirada da vírgula provoca, sim, mudança de sentido.

32 – ERRADO. A expressão *o que*, iniciada por um pronome demonstrativo com função apositiva não pode ser separada por ponto e vírgula, só por vírgula (ou travessão). Logo, a única reescritura possível é esta: *"... o fato de o império absorver povos diferentes faz que alguns de seus componentes desejem destacar-se do conjunto, o que explica por que os impérios perduram..."*.

33 – CERTO. Os dois-pontos servem para separar orações coordenadas que mantêm uma relação de sentido entre si, logo não há erro em reescrever o trecho assim: *"Pensar o império não significa ressuscitá-lo dos mundos passados: trata-se de considerar a multiplicidade..."*.

34 – ERRADO. Com o acréscimo de *que é*, cria-se uma oração adjetiva restritiva, que não é separada por vírgula, logo a afirmação não procede. Veja como ficaria a reescritura: *"... outras formas de soberania que respondam melhor a um mundo QUE É caracterizado ao mesmo tempo pela desigualdade e pela diversidade."*.

35 – CERTO. Levando em conta as opiniões divergentes entre os gramáticos,. quando um objeto direto ou indireto está deslocado para o início da frase, a vírgula é facultativa.

36 – C. *Em qualquer escalão do governo,* (adjunto adverbial deslocado) *costuma haver, mais cedo ou mais tarde,* (adjunto adverbial deslocado) *atritos entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso,* (oração reduzida de particípio) *e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas* (oração adjetiva explicativa). a) Adjunto adverbial deslocado de longa extensão (*Em qualquer escalão do governo*) deve vir obrigatoriamente separado por vírgula. O adjunto adverbial intercalado *mais cedo ou mais tarde* deve vir entre vírgulas, e não com vírgula no meio dele. Não se separa nome (*estabilizados*) de seu complemento (*por concurso*). Não

se separa nome (*sabor*) de seu complemento (*das conveniências políticas*). A vírgula é obrigatória logo após *confiança*, pois encabeça uma oração subordinada adjetiva explicativa. b) Não se separa nome (*escalão*) de seu adjunto (*do governo*). O adjunto adverbial intercalado *mais cedo ou mais tarde* deve vir entre vírgulas. d) Não se separa nome (*atritos*) de seu complemento (*entre o pessoal...*). A ausência da vírgula antes de *e o pessoal* prejudica a clareza. e) Adjunto adverbial deslocado de longa extensão (*Em qualquer escalão do governo*) deve vir obrigatoriamente separado por vírgula. O adjunto adverbial intercalado *mais cedo ou mais tarde* deve vir entre vírgulas, e não com vírgula no meio dele. Não se separa nome *atritos* de seu complemento *entre o pessoal....* Não se separa nome *estabilizados* de seu complemento *por concurso.* Não se separa nome *indicado* de seu complemento *para cargos de confiança.*

37 – E. Sobre "*nós ocidentais*" e "*nós, ocidentais,*", a explicação é a seguinte: sem vírgulas, *ocidentais* é adjunto adnominal; com vírgulas, é aposto explicativo.

38 – C. *Estudos deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que,* (oração reduzida deslocada) *movidos por complexos sentimentos ocultos,* (oração reduzida de particípio) *como a culpa,* (aposto explicativo) *inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações que nos afligem.* a) Entre o sujeito (*Estudos*) e seu verbo (*deixam*), não há vírgula. Faltou separar a oração reduzida de particípio por vírgula logo em seu início (*movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa*). Não se separa verbo (*movidos*) de seu agente da passiva (*por complexos sentimentos ocultos*). A última oração (*que nos afligem*) é adjetiva restritiva, logo não pode ser separada por vírgula. b) O adjunto adverbial *muitas vezes* está intercalado, logo recomenda-se que esteja entre vírgulas. A oração *movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa* deve vir entre vírgulas; além disso, faltou uma vírgula antes de *como* para separar o aposto (*como a culpa explica sentimentos ocultos*). Entre verbo (*fabricamos*) e complemento (*aquelas situações...*), não há vírgula. d) Não se separa verbo (*deixam*) de seu complemento (*que muitas vezes nos julgamos...*). O adjunto adverbial "muitas vezes" está intercalado, logo recomenda-se o uso de vírgulas separando-o. A oração *movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa* deve vir entre vírgulas. A última oração (*que nos afligem*) é adjetiva restritiva, logo não pode ser separada por vírgula. e) O adjunto adverbial *muitas vezes* está intercalado, logo recomenda-se o uso de vírgulas separando-o. Não se separa verbo (*nos apercebermos*) de seu complemento (*de que...*). A oração *movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa* deve vir entre vírgulas; além disso, faltou uma vírgula antes de *como* para separar o aposto (*como a culpa explica sentimentos ocultos*). Entre verbo (*fabricamos*) e complemento (*aquelas situações...*), não há vírgula.

39 – A. I: Para alguns gramáticos, *para si* é um dativo de interesse. Ainda outros veem como um objeto indireto. O fato é que este tipo de construção, que indica benefício próprio, pode ficar entre vírgulas ou não, como se fosse um adjunto adverbial de curta extensão, cuja virgulação é facultativa. II: Os parênteses podem substituir travessões e vice-versa. A vírgula que vem após o último parêntese também deve vir após o último travessão, caso ela seja exigida por algum termo, expressão ou oração antes dos parênteses ou travessões. Nesse caso, a oração adverbial *Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia* inicia o período, logo deve vir separada por vírgula obrigatoriamente, mesmo após travessões ou parênteses. Curiosidade: na época, o gabarito desta questão havia sido B. Recursos foram feitos e... pronto... a banca foi sensata em aceitar a verdade. Sorte nossa! III: Não se separa verbo (*surgem*) de seu complemento (*evidências*).

40 – E. *O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma;* (ponto e vírgula pode separar oração coordenada sindética adversativa) *mas ruiu, exatamente conforme as previsões de Kant* (adjunto adverbial separado por ênfase). a) Não se separa o sujeito (*O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais...*) de seu verbo *(... não foi...*). b) Não se separa verbo (*... não foi...*) de complemento predicativo *(... um mero fantasma...*). Nada justifica a vírgula após *exatamente*, pois ele modifica *"conforme..."*, e não a oração anterior. c) Nada justifica a vírgula após *exatamente*, pois ele modifica *"conforme..."*, e não a oração anterior. d) Não se separa nome (*Estados*) de seu adjunto (*nacionais*). Não se separa o sujeito (*O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais...*) de seu verbo *(... não foi...*). Ponto e vírgula não separa adjunto adverbial do verbo.

41 – B. Há duas orações coordenadas assindéticas no período da letra B: *O rapaz andava com passos rápidos/estava com pressa*. Elas sempre podem ser separadas por ponto — formando dois períodos simples —, uma vez que a estrutura sintática desse tipo de orações é completa. Veja: *O rapaz andava com passos rápidos. Estava com pressa*. a) O ponto não pode separar um aposto explicativo. c) A oração subordinada adjetiva explicativa não pode ser separada por ponto. d) O ponto não pode separar a oração subordinada adverbial. e) O ponto não pode separar termos numa enumeração.

42 – E. Somente na alternativa e) verificamos um adjunto adverbial de tempo deslocado (*no dia do Juízo Final*), posto no meio da frase e entre vírgulas. Questão de nível *teletubiano*!

43 – E. Verifique a alternativa e) e perceba que os dois pontos após o verbo *nascer* introduzem uma sequência que discrimina o tal "manual de instruções", cumprindo uma das funções precípuas do emprego dos dois pontos.

44 – A. Em A, os dois-pontos servem para abrir uma explicação; não há erro de pontuação. Em B, em D, em E, o sentido muda, pois entende-se que "qualquer uma serve", quando, na verdade, o sentido original é: "não serve qualquer uma". Além disso, em B, a vírgula antes de *serve* não é usada. Em C, não se separa verbo de complemento. Questãozinha esquisita!

45 – C. Adjunto adverbial deslocado (antes de tudo) = vírgula. Mole, mole!

46 – D. Perfeita a letra D: *Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever* – (oração iniciada por conectivo de série aditiva enfática pode vir separada por vírgulas – ou travessões), (esta vírgula separa a oração subordinada adverbial condicional que inicia o período) é porque, no sistema da corrupção, (adjunto adverbial deslocado) *o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia* – (oração subordinada adjetiva explicativa) *foi substituído pela vantagem do dinheiro*. a) Faltou a vírgula após *dever* e foi colocada após o último travessão desnecessariamente, uma vez que os últimos travessões já intercalam a expressão adverbial. b) Não se separam vocábulos de uma expressão fixa na língua: *não apenas*. O adjunto adverbial *no sistema da corrupção* deve vir entre vírgulas. E *ao sujeito* não pode vir ser separado por pontuação alguma, pois não se separa complemento do verbo. c) Nada justifica a última vírgula, pois os travessões estão separando apenas a oração adjetiva explicativa.

47 – A. Assertivas autoexplicativas.

48 – A. *O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial,* (as vírgulas separam a oração subordinada adjetiva explicativa) *primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida*. b) A vírgula após *insígnia* está errada, pois não se separa adjunto adnominal de seu nome. Faltou uma vírgula após *industrial* para fechar a oração subordinada adjetiva explicativa. c) Falta uma vírgula antes do pronome relativo, pois a oração é adjetiva explicativa. A rigor, não há vírgula antes do *e*, pois a vírgula não se encaixa em nenhum dos casos de "vírgula antes do *e*". Não se separa o predicativo do objeto do objeto em *fez dela o seu modelo de vida*. d) Falta uma vírgula antes do pronome relativo, pois a oração é adjetiva explicativa. A rigor, não há vírgula antes do *e*, pois a vírgula não se encaixa em nenhum dos casos de "vírgula antes do *e*". Nada justifica a vírgula após o *e*, uma vez que não há nenhuma intercalação após tal conjunção. e) Falta uma vírgula antes do pronome relativo e depois de *industrial*, pois a oração é adjetiva explicativa. A rigor, não há vírgula antes do *e*, pois a vírgula não se encaixa em nenhum dos casos de "vírgula antes do *e*". Nada justifica as vírgulas de *"..., inventou a máquina e depois,... "*, pois a oração não é nem está intercalada.

49 – B. Segundo alguns gramáticos (os poucos que coloquei na teoria), a vírgula é facultativa antes de oração subordinada adverbial em ordem direta, ou seja, depois da principal. Sendo assim, podemos escrever: *"Já era sexta-feira, quando ele se deu conta da passagem do tempo"* ou *"Já era sexta-feira quando ele se deu conta da passagem do tempo"*. Veja o gabarito da 50, para pirar o cabeção!

50 – B. Esta questão não foi anulada, pois a FCC ficou com a visão da maioria dos gramáticos a respeito da vírgula que separa as orações subordinadas adverbiais, independentemente de sua posição em relação à oração principal, qual seja: as orações subordinadas adverbiais são obrigatoriamente separadas por vírgula. Por isso, a afirmação I está equivocada. A FCC diz uma coisa, a VUNESP (questão 49) diz outra... e assim caminha a humanidade... A afirmação II está correta pois se trata de uma enumeração, e a afirmação III está errada pois não se separam termos enumerados por dois-pontos.

51 – INCORRETO. A afirmação está equivocada, pois *você* é núcleo do adjunto adverbial de causa *por você*. *João* e *Amor* são vocativos e deveriam ser separados por vírgula(s). Só parte da questão está certa.

Capítulo 28

Gabarito

1 – A afirmação está **INCORRETA**. Toda vez que você estiver diante de uma locução verbal, saiba que o verbo principal NUNCA varia!

2 – I. Há erro no primeiro item. A expressão *pelo qual* (*por* + *o qual*), sendo este *o qual* um pronome relativo, deve concordar com o referente, que está no masculino singular (meio). Logo, o trecho deveria estar assim: *"Tal valorização reduz as exportações e aumenta as importações,* ***meio pelo qual...***". No outro item, o verbo *passar* está no plural para concordar com *déficits*.

3 – INCORRETA. Temos a possibilidade de dupla concordância, sem mudança de sentido, uma vez que há dois antecedentes para o pronome relativo *que*. O verbo pode concordar com *conjunto* ou com *condições*. Na letra B, o verbo *atingir* pode concordar ou não com seu sujeito implícito (que tem como referente *indivíduos*) por uma questão de clareza: "... o conjunto de condições que permite aos indivíduos atingirem (ou atingir) o seu bem particular". Para corroborar isso, ninguém menos que Evanildo Bechara. Ele diz, citando seu mestre e grande inspirador Said Ali, que "fora da locução verbal, a escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos somente

da ação ou do intuito ou necessidade de pormos em evidência o agente do verbo". Ele continua dizendo que "ocorre o infinitivo flexionado sempre que se tornar necessário destacar o agente, e referir a oração especialmente a um sujeito, seja para evitar confusão, seja para tornar mais claro o pensamento. O infinitivo concordará com o sujeito que temos em mente; ou quando o autor intencionalmente põe em relevo a pessoa a que o verbo se refere". Daí, ele dá um exemplo: "É permitido aos versistas **poetarem** em prosa". Tal estrutura se assemelha a "permite aos indivíduos atingirem (ou atingir)...". Logo, é uma questão de escolha!

4 – E. Veja: *"Mais da metade dos países que **tinham** baixo crescimento e baixo CH em 1960 **permanecia** na mesma posição na década de 90."*. Isso se dá por causa daquela regra de sujeito coletivo ou partitivo, em que o verbo pode concordar com o núcleo do sujeito ou com o núcleo do adjunto. Lembra? a) O pronome *nos* se refere aos *76 países* (Dividiram-nos = Dividiram eles (= os 76 países). b) Tanto em *pode-se ter* como em *podem-se ter* há sujeito, pois a partícula *se* é apassivadora, e não indeterminadora do sujeito. Só há uma diferença na análise sintática. Enquanto o sujeito de *pode-se* é oracional (ter duas situações de equilíbrio), o sujeito de *podem-se ter* é um sujeito simples (duas situações de equilíbrio). Reveja a regra de *costumar/dever/poder + se* + infinitivo na teoria. c) A afirmação é equivocada, pois explicitamente o sujeito é simples: *"**Surgem** algumas conclusões interessantes desse estudo (sujeito)"*. d) Toda a afirmação da alternativa é equivocada, pois o núcleo do sujeito com que a forma verbal *dá* concorda é *estratégia*. Veja: *"A quarta, e mais importante, é que a estratégia de privilegiar o lado humano **dá** frutos muito melhores do que aquela que enfatiza só o lado econômico."*.

5 – Há um erro de concordância. Deveria ser: *"Os consumidores pagam juros maiores porque **obtêm** crédito com prazos maiores e prestações menores."*. Lembra-se daquela regrinha de acentuação relacionada à concordância dos verbos *vir* e *ter* na 3ª pessoa do plural? Então... os verbos *vir* e *ter* (e suas formas derivadas, como *obter, deter, reter, entreter*), na 3ª pessoa do plural, recebem acento circunflexo.

6 – Pelo contexto, percebemos que a afirmação procede. Veja: *"A experiência da modernidade é algo que só pode ser **pensado** a partir de alguns conceitos fundamentais."*. Lembrou-se da regra de retomada do pronome relativo? O verbo, inclusive no particípio, que estiver após o pronome relativo *que* concordará com o antecedente do relativo.

7 – B. A afirmação da letra B está incorreta, porque o verbo *possuir* concorda com *nossa classe A*.

8 – A. O pronome oblíquo átono *as* retoma, concordando em gênero e número, *a ordem e a cultura do capital*, expressão feminina plural. A (2) está errada, pois o ver-

bo *dominar* deve ficar no singular, concordando com *lógica*. A (3) está errada, pois a expressão deveria ser *podia ser escamoteada* uma vez que concorda com a palavra *lógica*, feminina singular. Em (4), há um erro, pois o núcleo do sujeito simples está no singular, logo o verbo *criar* deve igualmente ficar no singular. Em (5), deveria ser *somam-se*, pois este verbo tem como referente do seu sujeito implícito o termo *desempregados*.

9 – ERRADO. O vocábulo *destinado* (particípio com valor de adjetivo) concorda em gênero (masculino) e número (singular) com o substantivo *patamar*. Já *destinados* (masculino plural) de fato concorda com o numerador (8) do numeral percentual 8,76%.

10 – ERRADO. O verbo no infinitivo, *parecer*, pode ficar no plural ou no singular, pois faz parte de uma estrutura em que se permite isso. A estrutura é esta: ***mandar/deixar/fazer/ver/ouvir/sentir* + substantivo plural + verbo no infinitivo (singular ou plural)**. Neste caso (... fazendo *as tripulações parecer(em)*...), a variação do infinitivo é facultativa. Logo não acarretaria prejuízo para a correção gramatical se o verbo ficasse no singular.

11 – CERTO. Veja de novo: "*O fato... tem...*". Sendo assim, apesar de o núcleo do sujeito estar distanciado do seu verbo, percebemos que o verbo *ter* fica no singular para concordar com um núcleo do sujeito igualmente singular. Se o núcleo do sujeito estivesse no plural, o verbo *ter* receberia acento circunflexo: "*Os fatos... têm...*". Safo?

12 – CERTO. Afirmação correta e autoexplicativa.

13 – CERTO. Evanildo Bechara não se opõe a esta construção, a saber: de substantivo no singular com vários adjetivos ligados a ele. Portanto é forma culta: "*o **contexto** histórico, político, econômico, cultural e social*", ou "*os **contextos** histórico, político, econômico, cultural e social*", ou "*o **contexto** histórico, o político, o econômico, o cultural e o social*". Bechara ainda chega a dizer assim, para quem quiser ver, em sua Moderna Gramática Portuguesa: "O vocábulo determinado irá para o plural ou ficará no singular, sendo, neste último caso, facultativa a repetição do artigo: *As literaturas brasileira e portuguesa*, ou *A literatura brasileira e portuguesa*, ou *A literatura brasileira e a portuguesa*".

14 – CERTO. Todo verbo que tem como sujeito uma oração fica na 3ª pessoa do singular. Por se tratar do verbo *ser*, que pode concordar também com o predicativo, a afirmação da banca procede.

15 – CERTO. Sim! Quando o adjetivo em função de adjunto adnominal vem após dois substantivos, pode ele concordar com o núcleo mais próximo: *"está diminuindo a nossa capacidade de concentração e **contemplação profunda**"*.

16 – CERTO. O que a banca sugere é esta reescritura: *"... que aprender a ler e a escrever... **altera**... e **engrossa**..."*. De fato, as formas verbais *altera* e *engrossa* não variam, pois seu sujeito é oracional, o que faz com que os verbos fiquem na 3ª pessoa do singular, sempre.

17 – ERRADO. *Os computadores são as armas dos crimes*, e não o contrário. Portanto, o verbo *ser* concorda com *os computadores*.

18 – ERRADO. Não! Independentemente de a ideia ser plural (coletiva), é um erro pôr o verbo no plural. Isso só ocorreria se o núcleo do especificador estivesse no plural: *"A maioria dos **professores** acaba/**acabam** deixando a profissão."*. Foi?

19 – ERRADO. O "homem da banca" trabalha aqui seu conhecimento de passagem de voz passiva sintética para passiva analítica e concordância verbal e nominal ao mesmo tempo. Perceba que em *Consideram-se*, o verbo está na voz passiva sintética, pois ele é VTD e está acompanhado de uma partícula apassivadora (*se*). Passando para a voz passiva analítica, temos de transformar o verbo em locução verbal formada por *ser* + particípio; nessa passagem devemos observar a manutenção do tempo e modo verbais e a concordância verbal e nominal. Note que o sujeito do verbo *considerar* é *os grupos étnico-raciais*, portanto, na voz passiva analítica, o verbo *ser* da locução verbal vai ficar no presente do indicativo (como estava o verbo *considerar* na voz passiva sintética) e no plural; já o **particípio** vai ficar no masculino plural concordando com o núcleo *grupos*. Portanto, *Consideram-se... os grupos étnico-raciais...* = *Os grupos étnico-raciais **são considerados**....* Desse modo, não há prejuízo algum na correção gramatical na reescritura.

20 – E. O verbo concorda com *quem*, por isso fica na 3ª pessoa do singular. a) *Havia* (verbo impessoal fica na 3ª pessoa do singular). b) *O lixo... **vai**.* c) *O tratamento e a destinação corretos do lixo **evitariam** que 35% deles **fossem despejados** em aterros.* d) *Faz* (verbo impessoal fica na 3ª pessoa do singular).

21 – D. Coloque na ordem direta: *"**Argumentos** (sujeito) não **faltarão** (verbo) a nenhum dos intérpretes de um fato para considerá-lo segundo seu interesse e sua conveniência"*. Claro, não? Vejamos uma por uma (corrigidas): a) *Dentro da elite nunca **se criticaram**, diante da rotina do sistema penitenciário brasileiro, os **horrores** (núcleo do sujeito) a que os presos são submetidos (os horrores nunca foram criticados; perceba que o "se" ligado ao verbo é uma partícula apassivadora).* b) ***Reservam-se** ao pobre, tantas vezes identificado como potencialmente perigoso, as **opções** (núcleo do sujeito) da resignação ou da marginalidade social.* c) *Sem altos investimentos não **haverá** (com sentido de existir, não varia) como minimizar os horrores que vêm caracterizando as nossas penitenciárias.* e) *Ainda que não lhes **convenha** (verbo) **fazer***

altos investimentos *(sujeito oracional leva o verbo à 3ª pessoa do singular), as elites terão que calcular os custos de tanta violência.*

22 – D. Coloque na ordem direta para facilitar a "visão" para a concordância: *"Como se vê,* ***estimular a salvação das baleias*** *(sujeito oracional)* ***cabe*** *(verbo) aos bons princípios ecológicos, seja no alto-mar, seja na areia da praia".* Veja as demais (corrigidas): a) À noite, ***dava-se*** *(verbo com "se" apassivador; cuidado!!!) aos trabalhos de poucos e à diversão de muitos uma* ***trégua*** *(núcleo do sujeito) oportuna, para tudo recomeçar na manhã seguinte.* b) *Aos esforços brutais da jubarte não* ***correspondia*** *(verbo) qualquer* ***efeito*** *(núcleo do sujeito) prático, nenhum avanço obtinha o gigante encalhado na areia.* c) *Sempre* ***haverão*** *(verbo) de aparecer* ***aqueles*** *(sujeito) que, diante de um espetáculo trágico, logram explorá-lo como oportunidade de comércio.* (O verbo haver só não varia quando tem sentido de existir, seja sozinho, seja como verbo principal de uma locução verbal, o que não é o caso, pois nesta frase ele é o verbo auxiliar da locução verbal *haverão de aparecer.*) e) *Da baleia encalhada em 1966 não* ***restaram*** *(verbo), lembra-nos o autor, senão as* ***postas*** *(núcleo do sujeito) em que a cruel voracidade dos presentes retalhou o animal.*

23 – C. O verbo *haver* só é impessoal quando tem sentido de *existir.* Se ele for verbo auxiliar de uma locução verbal, como é o caso (*haverão de caber*), irá variar normalmente. *Por que* ***haverão (verbo)*** *de caber a um simples passageiro as* ***responsabilidades (núcleo do sujeito)*** *do comando de uma aeronave?*

24 – E. "É necessário *(o verbo fica no singular e o adjetivo no masculino singular por causa do sujeito oracional em seguida) que haja* <u>*medidas*</u> *que* <u>*busquem*</u> *controlar o consumo predatório dos* <u>*recursos*</u> *da natureza que, cada vez mais* <u>*escassos*</u>*,* <u>*estão sujeitos*</u> *a uma lenta reposição".* Veja os erros das demais (corrigidas): a) *Os* ***níveis*** *(núcleo do sujeito) alarmantes de poluição da água no planeta, resultante da atividade humana,* ***estão*** *(verbo) dando sinais de que ela poderá faltar em boa parte do globo terrestre, que já sofre com sua escassez.* b) *A* ***proporção*** *(núcleo do sujeito) entre número de habitantes e oferta de recursos naturais* ***está*** *(verbo) em descompasso, levando à necessária redução no consumo desses recursos que garantem a vida no planeta.* c) *Ambientalistas já alertam para os perigos à sobrevivência da humanidade, caso os* ***habitantes*** *(núcleo do sujeito) do planeta* ***continuem*** *(verbo) a consumir de modo irresponsável os recursos naturais, muitos dos quais já escassos.* d) ***Existem*** *(verbo)* ***programas*** *(núcleo do sujeito) de conscientização da população mundial que busca divulgar formas de consumo sustentável dos recursos naturais e respeito ao ritmo da natureza, para permitir que* ***ela*** *(sujeito) o* ***reponha*** *(verbo).*

25 – E. *"*<u>*Tanto*</u> *a Lei de Diretrizes e Bases da Educação* <u>*como*</u> *a regulação natural do mercado (sujeito composto)* ***sinalizam*** *para as* <u>*inconveniências*</u> *que* <u>*adviriam*</u> *da adoção do ensino religioso nas escolas públicas".* Veja os desvios das demais: a) ***Provoca*** *(verbo) muitas polêmicas, entre*

crentes e materialistas, o ***posicionamento*** *(núcleo do sujeito) de alguns religiosos e parlamentares acerca da educação religiosa nas escolas públicas.* b) *Sempre* ***deverá haver*** *(quando o verbo haver tem sentido de existir, o verbo auxiliar da locução verbal fica na 3ª pessoa do singular) bons motivos, junto àqueles que são contra a obrigatoriedade do ensino religioso, para se reservar essa prática a setores da iniciativa privada.* c) ***Um*** *(núcleo do sujeito) dos argumentos trazidos pelo autor do texto, contra os que votam a favor do ensino religioso na escola pública,* ***consiste*** *(verbo) nos altos custos econômicos que acarretarão tal medida.* d) *O* ***número*** *(núcleo do sujeito) de templos em atividade na cidade de São Paulo* ***vem*** *(verbo) gradativamente aumentando, em proporção maior do que ocorrem com o número de escolas públicas.*

26 – A. Na letra A, o verbo *atribuir*, acompanhado de *se* apassivador, concorda com o antecedente do pronome relativo *que* (os predicados mágicos), por isso deve ficar no plural. Veja: "Nem todos discriminam, numa foto, *os predicados mágicos* que a ela ***se atribuem*** nesse texto."

27 – C. Eu falei a você que a FCC se amarra em deslocar o sujeito, portanto coloque a frase na ordem direta. Veja como a frase da letra C está invertida: *"Não convém aos injustiçados reclamar por igualdade de tratamento quando esta pode levá-los a permanecer na situação de desigualdade"*. Ordem direta (o sujeito sempre vem antes do verbo): *"Reclamar por igualdade de tratamento... não convém aos injustiçados"*. Facilitou a visão, não é? Percebe que o sujeito da forma verbal *convém* é uma oração reduzida de infinitivo (*Reclamar por igualdade de tratamento*)? Quando o sujeito está em forma de oração, o verbo sempre fica no singular. Ok? Veja os erros (já corrigidos) das demais: a) *A* ***utilidade*** *dos dicionários, mormente quando se trata de palavras polissêmicas,* ***manifesta****-se nas argumentações ideológicas.* b) Não se ***nota****, entre os preconceituosos, qualquer* ***disposição*** *para discutir o sentido de um juízo e as consequências de sua difusão.* d) *Como discernimento e preconceito são duas acepções de discriminação,* ***há*** *que se esclarecer o* ***sentido*** *pretendido.* e) ***Uma*** *das maneiras mais odiosas de refutar os argumentos de alguém* ***surge*** *na utilização de preconceitos já cristalizados.* Percebeu que o sujeito veio depois do verbo em B e em D?

28 – E. "*As* ***obras*** *e seu* ***respectivo*** *valor* ***haviam*** *de ser avaliados na medida da importância do tema tratado*". Sujeito composto, verbo no plural. Simples assim. Veja os erros (já corrigidos) das demais: a) *Outra descoberta foi a de que também* ***existiam*** *na figuração de um motivo em que estivesse ausente o ser humano alguns* ***valores*** *profundos.* Colocando na ordem direta: "*Outra descoberta foi a de que alguns* ***valores*** *profundos* ***existiam****...*". Viu como facilita? Faça isso sempre que necessário for. b) *Uma* ***gama*** *de estados de espírito que não sabemos nomear, apesar de sua grande força,* ***pode*** *ser* ***suscitada*** *pelos artefatos e signos que o homem produz.* c) É numa concepção de humanidade modificada ao longo do tempo que se ***assentam noções*** *relativas a uma dimensão humana da arte.* O verbo *assentar* vem seguido de uma partícula apassivadora (bastante comum na FCC). Note como

é fácil descobrir se o *se* é ou não uma partícula apassivadora. Coloque a voz verbal na voz passiva analítica; se for possível, o *se* é apassivador. Veja (na ordem direta, é claro!): "É numa concepção... que ***noções*** *relativas a uma dimensão humana da arte* ***são assentadas***.". Normalmente o sujeito de um verbo com partícula apassivadora vem após ele. Atenção! d) *Não* ***faz*** *muitos anos que na grande arte só se podiam admitir temas heróicos, míticos ou religiosos.* O verbo *fazer*, indicando tempo decorrido é impessoal, portanto não varia.

29 – C. Note que o verbo auxiliar concorda com o núcleo do sujeito singular: "*E que a* ***produção*** *de alimentos* ***precisará*** *crescer 70% até 2050...*".

30 – D. Quando o adjetivo, com função de adjunto adnominal, vem após dois substantivos de gêneros diferentes, a concordância de gênero e número (concordância nominal) pode se dar com o substantivo mais próximo (concordância atrativa) ou com ambos, ficando no masculino plural (concordância gramatical). Portanto, tanto faz: *Compramos livro e jornal* ***velhos*** ou *Compramos livro e jornal* ***velho***.

31 – D. Com sujeito determinado, o particípio de ***ser*** **+ adjetivo/particípio** varia normalmente. Deveria ser, portanto: "*A partir de hoje,* é ***proibida*** *a adoção de crianças...*".

32 – E. Quando núcleos do sujeito composto são sinônimos, o verbo preferencialmente fica no singular. Já que *recrudescimento* e *exacerbação* são sinônimos, o verbo *provocar* fica no singular, assim como, no enunciado, o verbo *alcançar* ficou no singular, pois os núcleos do sujeito são igualmente sinônimos (*declínio* e *decadência*). Quando os núcleos são antônimos, o verbo fica no plural. Logo, as frases de A a D deveriam apresentar verbos no plural.

33 – B. Adjetivo, com função de adjunto adnominal, posposto a substantivos de gêneros diferentes concorda com ambos, no masculino plural, ou com o mais próximo. Logo, a construção *consultorias e bancos renomadas* não procede.

34 – C. Vamos combinar uma velha máxima da concordância verbal: o verbo concorda em pessoa e número com seu sujeito. Quem quer "filhos"? As **mulheres**. Até porque só elas podem engravidar...

35 – D. Perceba que o governo é quem "efetua" o controle dos nascimentos prematuros. Logo, *"O controle dos nascimentos prematuros (é)* ***efetuado*** *pelo governo...*".

36 – E. *"****Foram*** *os peixinhos do mar"*. A palavra *peixinhos* é o núcleo do sujeito da forma verbal *foi*, por isso ela deve ficar no plural (foram).

37 – C. Caso clássico do verbo *haver* significando *existir*. Esta é para elevar a autoestima!

38 – C. Na alternativa c), o verbo *integrar* pode ter como referente *(aqueles que foram) escolhidos*, indo assim para o plural – *integrarem*. Em todas as outras alternativas, existe a obrigatoriedade da forma verbal em destaque. Na alternativa a), o sujeito da oração é *Jogar "games" de computador*, sendo seu núcleo *jogar*, levando o verbo obrigatoriamente para o singular. Portanto não há opção de pluralizar o verbo. Na alternativa b), quem foi produzido foi "um" dos títulos, não "os títulos", portanto o verbo deve ficar no singular, sem opção de plural. Na alternativa d), em *o grupo de controle*, que é o sujeito, a expressão *grupo* é núcleo, obrigando o verbo a ficar no singular, até porque seu especificador *"de controle"* também está no singular. Quanto à derradeira alternativa e), *interagir* é o próprio sujeito de é preciso, logo não pode ir para o plural, porque, apesar de ser um verbo, funciona como substantivo.

39 – CERTO. Note que antes do particípio do verbo *perder* (*perdida*), há uma estrutura de indeterminação do sujeito: "*... que se vive...*". Logo, o verbo *perder*, no particípio, deveria ficar no masculino singular, que é uma forma neutra para se referir ao sujeito indeterminado, a saber: *"Mas é assim mesmo que **se vive** (alguém vive): **perdido** no tempo e no espaço.*". Isto é o que diz a norma culta. No entanto, como esse trecho foi retirado de uma obra literária, o autor tem licença poética para usar o particípio se referindo a uma personagem, por exemplo.

40 – ERRADO. O *ou* tem valor de exclusão, pois indica que um dos três atos (*puxar, afiar, assistir*) seria simples. Quando os núcleos do sujeito composto forem ligados por este *ou* exclusivo, o verbo ficará no singular, sempre!

41 – ERRADO. *Nascidas* se refere tão somente a *sepulturas*, assim como *seguras* se refere a *fortalezas* e *duro* se refere a peso. A afirmação não procede.

42 – ERRADO. O único erro desta afirmação é dizer que *século* faz parte do sujeito composto, quando na verdade se trata do núcleo do adjunto adverbial de tempo *no século XV*.

43 – ERRADO. O sujeito explícito existe, sim (!), e está em forma de oração: *"que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas"* (oração subordinada substantiva subjetiva) = **isso** [é verdade]. Não deixe o CESPE lhe dar uma pernada, hein!

44 – Retire a intercalação (*como o automobilístico*) e verá que a afirmação da banca procede: "*... decorreu da diminuição de estoques em **alguns setores** (...) **pressionados**...*". Bingo!

45 – C. "... nos países emergentes, que, no entanto, já representam mais de 50%...". O verbo concorda com o antecedente do pronome relativo. Simples assim!

46 – A. Desenvolva a oração reduzida de particípio *deflacionados* para visualizar melhor: "*... e em **valores** reais, que **foram deflacionados** pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo...*". Portanto, a afirmação procede. b) *Elevaram-se* concorda com o sujeito composto iniciado por *as receitas do Imposto de Renda Pessoa Jurídica*. c) A forma verbal *proporcionou* concorda com *desempenho*. d) O singular em *fez aumentar* é devido ao núcleo do sujeito *crescimento*. e) A forma verbal *foram* concorda com *ganhos*.

47 – INCORRETA. A afirmação está equivocada porque o verbo *haver* (= *existir*) é impessoal. Nunca varia.

48 – A. Ignore todas as intercalações entre o sujeito e o verbo, e você verá que a afirmação da opção A procede: "*... **uma sociedade igualitária**, com amplo respeito pela vida humana, excelentes índices de educação, burocracia inteligente e serviços públicos voltados (de fato) para melhorar a vida do cidadão, **soa**...*". b) *Podem* varia com *sociedades*. c) O sujeito de *referem-se* é composto (*A igualdade e a dignidade humana*), logo o plural é a concordância correta. d) O verbo principal de uma locução verbal nunca varia; a afirmação da banca é absurda. e) O verbo *levar* concorda com o sujeito composto *a igualdade, o respeito e a dignidade*, por isso fica no plural.

49 – E. Na estrutura "*Cada um dos folheteiros*", o verbo concorda com *um* obrigatoriamente, por isso não pode ficar no plural. a) O verbo concorda com o antecedente do relativo, *folheteiros*. b) O verbo concorda com o especificador do sujeito de valor partitivo, *folheteiros*. c) O verbo concorda com o sujeito composto, *"O folheteiro e sua família"*. d) O verbo concorda com o especificador do sujeito de valor coletivo, *folheteiros*.

50 – E. A construção ***ser* + adjetivo** (*Era necessário*) fica no masculino singular, pois o sujeito é oracional (*tomar medidas...*). O verbo *garantir* fica no plural, pois concorda com o antecedente do pronome relativo, a saber: *medidas*.

51 – B. O verbo *fazer* é impessoal quando indica tempo decorrido. Como faz parte de uma locução verbal, o verbo auxiliar fica obrigatoriamente no singular, pois é transmitida a impessoalidade do *fazer* a ele (*deve fazer*). O verbo *haver* (= *existir*) é impessoal também. O verbo *apaixonar-se* varia concordando com o antecedente do pronome relativo: *pessoas*.

Capítulo 29

Gabarito

1 – A. Olhe sempre para o verbo ou para o nome dentro da oração adjetiva. Se um deles exigir uma preposição, esta ficará antes do pronome relativo. O verbo *referir-se* exige a preposição *a*, por isso *a que*. O verbo *ocupar-se* exige a preposição *de*, por isso *de que*. Simples assim.

2 – D. O substantivo *oportunidade* rege a preposição *de* ou *para*, logo a letra D está perfeita. a) Só "papel *na*". b) Só *como*, por ser palavra explicativa introduzindo aposto explicativo. c) O verbo *chamar* não exige a preposição *a*, logo o *a* é só um artigo. e) idem à opção A.

3 – D. O adjetivo *inferior* exige a preposição *a* + *a* (= *aquela*) = à. Faltou isso. A forma participial *atribuída* exige a preposição *a* + *a Argentina* = à *Argentina*. Faltou isso também no texto. A ESAF *curte* trabalhar regência com crase, mais de 90% das vezes.

4 – CORRETA. A maneira como o verbo *autorizar* mantém relação com seus complementos é igual, pois em ambos os casos o verbo é VTDI (quem autoriza, autoriza alguém **a** algo).

5 – A afirmação de que a presença de preposição em ***a****o desemprego* justifica-se pela regência de *combate* está perfeita, pois este substantivo de fato rege um complemento preposicionado por *a*.

6 – Ambas estão **ERRADAS**. Na primeira, há um desvio de regência do verbo *recorrer*, pois ele rege a preposição *a*. Portanto, deveria ser: "... *e* ***a*** *eles recorriam os colegas...*". Na segunda, o verbo *impor* é VTDI, exige um objeto direto e um indireto. O objeto indireto na frase em questão é o pronome reflexivo *se*, e o objeto direto é *o desafio de falar*. A análise é esta, portanto: quem impõe, impõe alguma coisa (*o desafio de falar outro idioma fluentemente*) a alguém (*se*).

7 – CERTO. Sim! A preposição deve vir explícita antes de oração subordinada adjetiva quando um verbo ou um nome depois do pronome relativo a exigir. Exemplo: *O jornal que eu gosto é o Nacional.* (errado) /*O jornal* ***de*** *que eu* ***gosto*** *é o Nacional.* (certo). Safo?

8 – ERRADO. Nem precisaríamos de contexto para resolver esta questão se soubéssemos que *resultar de* indica causa e *resultar em* indica consequência, ou seja, "*A mais doce embriaguez é a que resulta* ***da*** *mistura dos vinhos.*" (causa) e "*Aquela discussão resultou* ***numa*** *briga feia.*" (consequência).

9 – ERRADO. Questão perigosa! Todos os termos preposicionados são complementos do substantivo *cultura*, menos *de bens materiais*, que é complemento de *acréscimo*.

10 – ERRADO. A forma verbal *remete-se* (VTI) exige a preposição *a*, logo ela não pode ser retirada antes dos objetos indiretos.

11 – C. Toda vez que cair uma questão como esta, ou seja, regência com pronome relativo, fique ligado no verbo ou no nome que vem após o pronome relativo. Digo isso porque eles é que vão ditar a regência e, consequentemente, o uso da preposição antes do pronome relativo. Vou grifar o verbo ou o nome e sua preposição antes do pronome relativo, ok? Lembre-se de que a banca quer a regência INCORRETA. a) *O processo de globalização e a mundialização* ***d****os quais as organizações têm sido* ***vítimas***. b) *O processo de globalização e a mundialização* ***sobre*** *os quais as organizações têm tido alguma* ***influência***. c) *O processo de globalização e a mundialização* ***com*** *cujos parâmetros as organizações procuram imitar*. COM cujos parâmetros? De onde vem este COM? Algum verbo ou nome exige tal preposição? Claro que não! Quem procura imitar, procura imitar alguém ou algo. Eis o erro! d) *O processo de globalização e a mundialização* ***para*** *os quais as organizações têm voltado sua* ***atenção***. e) *O processo de globalização e a mundialização* ***por*** *cujos princípios as organizações procuram* ***guiar-se***.

12 – C. Questão megapolêmica, em que se marca a "melhor resposta"! Na letra A, o verbo *assistir* (= *ajudar*) pode ser VTD ou VTI (com preposição *a*). Na letra B, há um (1) gramático (só conheço ele!) que admite o uso de *implicar* (no sentido de resultar, acarretar) com a preposição *em*: Celso P. Luft. Os demais dizem que, nesta acepção, *implicar* é VTD. Polêmicas! Na letra C, ninguém tem dúvidas de que *importunar* é VTD (quem importuna, importuna alguém e não a alguém). Na letra D, ninguém tem dúvidas da dupla regência de **influir** (*em* ou *sobre*). Na letra E, há bons gramáticos, como o próprio Luft, que aceitam a regência do verbo *visar* com a preposição *a* (VTI) ou <u>sem</u> a preposição (VTD). Fazer tal coisa com o candidato é *privilégio* da Fundação Dom Cintra? Claro que não! Todas as bancas fazem isso: ESAF, FCC, CESPE, FGV etc., etc., etc. Fique esperto!

13 – E. O verbo que não exige complemento é chamado de intransitivo. No enunciado, o verbo *custar* (exprimindo preço/valor) é sempre intransitivo, acompanhado de adjunto adverbial de preço (R$ 35). Pois bem... o verbo *caçar*, na letra E, não exige complemento algum, portanto ambos os verbos são intransitivos. Os demais verbos exigem complementos (que eu sublinhei). Na letra D, o verbo ser é de ligação. Veja: a) *"...de quem* ***procura*** *<u>a reserva</u> para comprar artesanato,"*. b) *"para* ***levar*** *<u>um casal de amigos</u>"*. c) *"Scavello* ***considera*** *positiva <u>a implantação do sistema na aldeia</u>:"*. d) *"– Não* ***somos*** *assalariados,"*.

14 – D. Vejamos uma por uma: I – O verbo *aspirar* (=*almejar*) exige a preposição *a*. II – O verbo *assistir* (=*ver*) exige a preposição *a*. III – O verbo *implicar* (=*acarretar*) não exige preposição alguma, segundo 99% dos gramáticos. IV – O verbo *chegar* exige a preposição *a*, mas diante da palavra *casa* só haverá crase se ela vier especificada, o que não é o caso.

15 – C. a) *O provedor* ***cujo plano*** *comprei demonstra eficiência.* Esta questão é sobre o uso do *cujo*! Ele nunca é substituído pelo pronome relativo *que*. O *cujo* fica entre dois nomes estabelecendo uma relação de posse entre eles. b) *As pessoas* ***as quais*** *compareceram desconheciam informática.* O verbo comparecer não exige a preposição *de*. c) *O desejo* ***de que*** *a Internet ficasse mais rápida se realizou.* Segundo o padrão CESGRANRIO, seria um erro omitir essa preposição exigida pelo substantivo *desejo* antes da conjunção integrante. Portanto, está certa. d) *O menino,* ***cujo*** *pai trabalha em informática, virá ajudar-nos.* O artigo nunca vem acompanhando o pronome relativo *cujo*. e) *A matéria* ***em que*** *me dei mal foi programação.* Quem se dá mal se dá mal *em* alguma coisa.

16 – D. a) Segundo a vasta maioria dos gramáticos, não podemos ter um complemento só para verbos de regências diferentes, logo deveria ser: *"Entrei* ***n****o escritório e saí* ***d****ele hoje correndo."*. b) O certo seria *"O relatório* ***de*** *que (ou sobre o qual) te falei está em cima da mesa."*, pois quem fala, fala **de/sobre** alguma coisa. c) Quem dá, dá algo a alguém, logo *"Esse é o colega* ***a*** *que (ou a quem ou ao qual) dei meu endereço novo."*. d) Ele aprendeu a usar a máquina por alguma coisa (pelo manual), logo está certo o uso da preposição *por* antes do pronome relativo *que*. Poderíamos reescrever assim: *"O manual* ***pelo qual*** *aprendeu a usar a máquina é ruim."*. e) O certo seria *"A ilha* ***para onde*** (*ou* ***para a qual***) *eu mudei minha residência oficial é grande."*.

17 – E. O verbo *ir* exige a preposição *a*. Além disso, o verbo *assistir* (=*ver*) exige a preposição *a*. Logo: *"Fomos Ao cinema ontem assistir* ***ao*** *filme."*. Bem fácil esta!

18 – C. O verbo *recordar* não exige complemento preposicionado, logo é um VTD. O verbo *lembrar* também é VTD, logo não pode exigir complemento preposicionado. Reescrevendo... *"Gostava de* ***recordar*** *os fatos de sua infância./Gostava de* ***lembrar*** *os fatos de sua infância."*. Vale dizer que o verbo pronominal *lembrar-se* é VTI e exige a preposição *de*. Veja: *"Gostava de* ***se lembrar d****os fatos de sua infância."*. Aí, sim, estaria certo! Beleza?

19 – ERRADO. O verbo *chamar* no sentido de "classificar", "cognominar" é um verbo transobjetivo, ou seja, exige um objeto direto seguido de um predicativo do objeto. Substituindo o pronome relativo *que* por seu antecedente, teremos a seguinte reescritura: *"Ele chama a ética (OD) de metafísica dos costumes (POD)."*. Quanto à preposição *de*, saiba que ela é facultativa sempre antes do predicativo do objeto do verbo *chamar*.

Sendo assim, o trecho em itálico não é complemento verbal nem a preposição deve ser colocada **obrigatoriamente**.

20 – ERRADO. O nome *indicação* exige a preposição *de*. Mera questão de regência. Logo, lê-se o trecho assim: *"A indicação inicial é (a = aquela) de que, sim, a rede está alterando..."*. Segundo a maioria dos gramáticos, a oração com função de complemento nominal é iniciada por preposição obrigatória (outros gramáticos dizem que ela pode ficar implícita).

21 – ERRADO. Os dois primeiros nomes – *decorrência* (***de***) e *condizente* (***com***) –, de fato, exigem complementos preposicionados, mas *irreprimível* não exige complemento preposicionado algum. Em *a voz irreprimível dos fantasmas*, a preposição *de* estabelece uma relação nocional de posse entre *voz* e *fantasmas*.

22 – E. Questão de regência nominal purinha! Em A: *"Alguns acreditam que com o advento da chamada globalização o mundo foi **reduzido a/em** uma pequena aldeia"*. Em B: *"É notável a **submissão** de certos animais **para com/a**o dono."*. Em C: *"Não se pode afirmar que não haja **legitimação para** as regras morais na sociedade contemporânea."*. Em D: *"Parece razoável propor que em todas as áreas do conhecimento há certa **dicotomia** **em**/**entre** teoria e prática."*. Em E: *"Alguns críticos acreditam que a sensibilidade é **inerente** **em**/**a**os grandes artistas."*.

23 – D. a) *"Os argumentos **em** que devemos nos agarrar devem se pautar nos limites da racionalidade e da justiça."* Quem deve se agarrar, deve se agarrar **em** algo/alguém. Quanto ao uso do pronome oblíquo átono em próclise ao verbo principal da locução verbal (... *em que devemos **nos** agarrar*), Cegalla e Azeredo dizem ser formas corretas, mesmo com palavra atrativa antes da locução; os demais dizem que não! Portanto, faço questão de reescrever de duas maneiras diferentes para atender às exigências da maioria dos gramáticos: *"... em que **nos** devemos agarrar"* ou *"... em que devemos agarrar-**nos**"*. Essas duas formas de colocação pronominal são consenso entre os gramáticos. b) *"Os casos históricos **a** que Voltaire recorre em seu texto ajudam-no a demonstrar que a pena de morte é ineficaz."* Quem recorre, recorre ***a*** algo/alguém. Este último *que* é uma conjunção integrante, pois conecta a oração anterior à posterior sem substituir/retomar nenhum termo anterior como faz o pronome relativo. A preposição antes da conjunção integrante estava errada porque "quem demonstra, demonstra algo". c) *"A pena de talião é um recurso cuja eficácia muitos defendem, ninguém se abale **de** tentar demonstrá-la."* Quem defende, defende algo. O uso da preposição antes do *cujo* é um equívoco. O verbo *abalar-se* (= *fugir*) exige a preposição *de*. d) *"Os castigos a que se submetem os criminosos devem corresponder à gravidade de que se reveste o crime."* Quem se submete, se submete ***a***. Certo. Quem se reveste, se reveste **de**. Certo. Impecável! e)

*"As ideias liberais, **a cuja** propagação Voltaire se lançou, estimulam legisladores em quem* não falte o senso de justiça." Quem se lança, se lança A algo/alguém.

24 – E. No enunciado, o verbo é VTDI. Veja: "... ***cederam** passo (objeto direto) a uma posição passiva (objeto indireto)...*". O mesmo ocorre com o verbo *pautar* na letra E: "... *deverá **pautar** sua ação (objeto direto) em código de conduta (objeto indireto)...*"

25 – B. Veja logo a letra B: "... *um vício de que **muita gente da imprensa não consegue se esquivar***". A pergunta que você vai fazer é: "Muita gente da imprensa não consegue se esquivar **de** quê?" **Do vício**, certo? Afinal, quem se esquiva, se esquiva **de** algo/alguém. Em outras palavras, veja se após o pronome relativo há um verbo ou um nome **exigindo uma preposição**. Se houver (Brasil!), a preposição ficará antes do pronome relativo! Ok? a) *"O Príncipe é um símbolo reincidente, **de** cujo nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento."* Quem tem conhecimento, tem conhecimento **de** algo. c) *"A trama **da** qual o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso."* Quem participa, participa **de** algo. O pronome relativo *a qual* está retomando *a trama*, expressão feminina, logo está bem usado. d) *"Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão **da** qual decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve"*. Toda a trama *decorreria* **de** algo. e): *"Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação **de** que irão depender todas as demais."* Todas as demais *irão depender **de**...*

26 – A. Na letra A, veja que o *cujo* está bem usado, respeitando todos os critérios de uso. Sobre a preposição, ela vem antes do pronome relativo porque o verbo *acreditar* a exige: *"Não deu certo o tal do método prático **em** cuja eficiência Paulo Honório chegou a **acreditar**."*. Vejamos os demais erros: b) *"Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada **de** que nenhum escritor pode **abdicar**."* Quem abdica, abdica algo ou **de** algo. c) *"Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal que jamais **toleraria**."* Quem tolera, tolera algo/alguém. d) *"Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas cujo brilho ninguém **superaria**."* Quem supera, supera algo/alguém. e) *"A linguagem **a** que Paulo Honório de fato **aspirava** era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas."* Quem aspira, aspira **a** algo (no sentido de almejar).

27 – C. Observe com calma: *"As hipóteses aventadas, **em que** se baseiam os especialistas, devem ainda ser comprovadas por exames acurados."*. Quem se baseia, se baseia **em** alguma coisa. Aí está. Faça este teste nas outras alternativas e constatará que não se exige a preposição **em**. a) **com** que. b) que d) A que. e) **de** que.

28 – E. Vejamos as alternativas já corrigidas: a) *"A obsolescência e o anacronismo, atributos **a/para/para com/de/por** os quais os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se*

enfeixar com a expressão dez de setembro." Os americanos manifestam todo seu desprezo ***a/para/para com/de/por*** estes atributos: obsolescência e anacronismo. O uso do pronome relativo *os quais* está correto, pois ele retoma atributos (masculino plural). b) *"O estado de psicose,* ***no*** *qual imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança cuja radicalidade muitos recriminam.*" Quem imerge, imerge **em** algum lugar... Quem recrimina, recrimina algo/alguém. O uso dos pronomes relativos está correto, pois *o qual* retoma *estado de psicose*, expressão masculina singular; quanto ao *cujo*, estabelece a relação de posse entre dois nomes adequadamente. c) *"A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo o qual ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo* ***por/do*** *qual foram tomados tantos americanos."* Quem se arrisca a pronunciar, se arrisca a pronunciar algo. Quem é tomado, é tomado **de/por** alguma coisa. Quanto ao uso de *o qual* retomando *algo* e *pasmo*, não há nada a dizer, pois está corretíssimo. d) *"Não é à descrença, sentimento* ***por*** *que nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é à esperança que queremos nos apegar."* Quem se sente invadido, se sente invadido **por** algo. Quem quer se apegar, quer se apegar A algo/alguém. Sobre o uso do pronome relativo *que*, você já sabe que ele retoma qualquer palavra. e) *"Fatos como os de 11/9, com que ninguém espera se deparar, são também lições terríveis, de cujo significado não se deve esquecer."* Quem espera se deparar, espera se deparar **com** algo/alguém. Quem não se deve esquecer, não se deve esquecer **de** algo/alguém. Os pronomes relativos *que* e *cujo* estão dentro do padrão culto.

29 – CERTO. O verbo *consistir* exige a preposição ***em***. Tanto *na reelaboração* quanto *em novas formas* são complementos indiretos (objetos indiretos) do verbo. Simples assim.

30 – A afirmação está **CORRETA**. Veja: "... *deve ser tomada em relação* ***ao*** *modelo ... e (em relação)* ***ao*** *destino...*".

31 – CERTO. Esta afirmação da banca procede, pois o adjetivo *somado* exige preposição *a + os*, que, por ser um demonstrativo, equivale a "aqueles", logo o elemento *aos* poderia ser corretamente substituído por **àqueles** (... somado ***a*** + ***a****queles* = à*queles*...).

32 – A frase está **CORRETA**. O verbo *escapar*, no sentido de "fugir", é transitivo indireto exige um complemento preposicionado. Foge-se **a/de** algo. O verbo *escapar* tem a mesma regência. Portanto, podemos reescrever o trecho "... pois a verdadeira natureza do negócio *lhe* escapara" assim: "pois a verdadeira natureza do negócio escapara *a ele (ou dele)*".

33 – B. Talvez você tenha pensado que deveria haver a preposição *com* entre *fazer* e *que* (*fazer com que*), certo? Só que essa preposição é facultativa antes de conjunção integrante. Portanto, pode-se dizer: "... fazer com que..." ou "... fazer que...". Veja os desvios das demais (corrigidas): a) *Em seu fingimento, só* ***restou*** *(este verbo não exige*

a preposição "de") que dissesse ao ex-sócio que sentia saudades dele. c) *Em* ***atenção a*** *(o nome atenção exige a preposição "a") seu talento indiscutível, pouparam-no* ***d****as devidas multas (quem poupa, poupa alguém de alguma coisa).* d) ***Passou*** *os documentos* ***a/para*** *(passa-se algo para/a alguém) a mão do técnico e não os perdeu de vista até ao final da reunião.* e) ***Inconformado com*** *(o adjetivo inconformado exige a preposição "com") que eles propalavam injúrias a seu respeito, decidiu denunciá-los.*

34 – E. a) *Só mesmo ele, com sua ousadia, podia ter-se* ***arrogado*** *a certos direitos.* (o verbo é VTDI e exige a preposição *a*). b) *Percebeu que o que fizera era uma* ***exorbitância*** *de suas funções.* (o substantivo exige a preposição *em* ou *de*, principalmente). c) *No dia* ***seguinte*** *à postagem da carta, ela já a recebia em casa.* (o adjetivo seguinte exige a preposição *a*). d) *Sua função o* ***incompatibilizou*** *com muitos colegas.* (o verbo é VTDI: incompatibiliza-se algo/alguém com algo/alguém). e) *Depois de anos,* ***resignou-se*** *definitivamente àquele modo de vida precário.* (o verbo exige a preposição *a + aquele = àquele*).

35 – B. Segundo a CESGRANRIO, a preposição não é facultativa antes de complemento em forma de oração. Ou seja, se o verbo ou o nome exigir preposição, esta ficará ex-plí-ci-ta antes do complemento oracional. A letra A está errada porque deveria ser: *"A certeza* ***de*** *que a sorte chegará para mim é grande."*. Preposição explícita! Percebeu? Por isso o gabarito é *"Preciso* ***de*** *que me arranjem um emprego."*. Veja as demais (já corrigidas): c) *Convidei* ***a*** *(artigo) Maria para vir ao escritório.* d) *A necessidade* ***de*** *que ele viesse me ajudar me fez chamá-lo.* e) Às dez horas em ponto, estarei ***em*** *sua casa.*

36 – A. Já tratamos do caso dos verbos *esquecer/lembrar* aqui, lembra-se disso? Como o verbo da alternativa a) é pronominal, exige a preposição *de*, corretamente empregada junto ao pronome demonstrativo. Corrigindo as demais: b) *Os professores avisaram* ***os*** *alunos da prova.* c) *Deve-se obedecer* ***ao*** *português padrão.* d) *Assistimos* ***a*** *uma aula brilhante.* e) *Todos aspiram* ***ao*** término do curso.

37 – E. *"... e* ***o*** *(= aquilo) de que necessita"*. Quem necessita, necessita **daquilo**. *"...o dinheiro com que pagar"*. Quem paga, paga **com** dinheiro.

38 – Há erro em (4). Quem direciona, direciona alguém/algo (OD) para alguma coisa (OI). Logo, o certo é "direcioná-los para...". A (5) está certa, pois o adjetivo *conscientes* exige a preposição *de*.

39 – B. O verbo *interessar* exige a preposição *a*, logo *interessava a ele* está adequado à norma culta. Sobre *manifestar-se*, este verbo pronominal normalmente tem como complemento termos iniciados por sobre, quanto a, acerca de, a favor de, contra. Logo, igualmente correta está a regência. Vejamos os desvios das demais: a) *"... e até*

de irresponsável". c) *"... de que todos tinham orgulho".* d) *"Sua obra é daquelas de que se pode dizer tudo..."* e) *"Aquele professor é a verdadeira razão pela qual (por que)* muitos estudantes decidiram dedicar-se à pesquisa, o que *o (exerce função de sujeito de ser (VL), logo não pode ser 'lhe')* faz ser constantemente mencionado como exemplo a ser seguido.".

40 – E. Segundo Bechara, no capítulo de adjunto adverbial, o verbo *falar (de)* é intransitivo na acepção do enunciado e *de discos* é seu adjunto adverbial de assunto (ou matéria tratada). Portanto, não haveria resposta, uma vez que temos em a) VTI, b) VTI, c) VTI, d) VTI e só em e) VI. Ou seja, todas as opções, exceto a E, seriam o gabarito. Não obstante, segundo Francisco Fernandes e Celso P. Luft, em seus dicionários de regência, *falar* é VTI, logo, na visão deles, só restaria a letra E, gabarito da banca. Valia fazer um recurso, mas...

41 – A. Tanto o verbo *comprovar* quanto o verbo *alegar* não exigem preposição, logo a opção a) deve ser assim reescrita: *Comprovou que e alegou que os documentos eram originais.* Nas demais opções, segue-se a regra aceita por alguns gramáticos, como Cegalla e Bechara, a saber: pode-se dar o mesmo complemento a termos de regências diferentes. b) *Segurou o menino* ***com*** *(a mão esquerda) e* ***pela*** mão esquerda. c) ***Por conta de*** *(saldar dívidas) e* ***para*** *saldar as dívidas, penhorou seu único imóvel.* d) *Necessitava* ***de*** *(documentos que haviam ficado retidos indevidamente) e exigia os documentos que haviam ficado retidos indevidamente.* e) *Os estados se unificaram* ***em*** *(uma sólida confederação) e* ***por*** *uma sólida confederação.*

42 – D. Dentre os sentidos de assistir, pode ele significar "caber, dizer respeito a": É forçoso reconhecer que razão cabe ao magistrado.

43 – A. I – O verbo preferir tem regência fixa: prefere-se isso A aquilo. II – *"... a cujo acesso..."*. III – O substantivo *parte* exige a preposição *de*, que fica antes do pronome relativo. IV – Quem autoriza, autoriza alguma coisa, logo este verbo não exige preposição alguma. V – O verbo *dispor* exige a preposição *de*, que fica obrigatoriamente antes do pronome relativo.

44 – B. a) *"... nada melhor* ***que*** *(ou* ***do que****)..."* (a estrutura é de comparação de superioridade). b) O verbo *dignar-se* exige a preposição *de*. Perfeito! c) O verbo *ocasionar* não exige preposição alguma *("... ocasionou um fim trágico.")*. d) *"foram atendidas* ***no*** *Hospital..."*. e) O verbo *acreditar*, tendo como complemento uma oração não exige preposição, pois é um VTD, logo *"Acredito, sinceramente, que o melhor a fazer é afastá-lo da comissão."*.

45 – D. Como o verbo entender é transitivo direto, não exige complemento preposicionado. Simples.

Capítulo 30

Gabarito

1 – A. O topônimo *Brasília* não vem antecedido de artigo, mas, por estar especificado por *dos meus sonhos* passa a vir. Sendo assim, a preposição exigida pelo verbo *ir* se funde com o artigo, formando a crase: *Vou a + a Brasília dos meus sonhos* = *Vou* à *Brasília dos meus sonhos*. b) Se fosse "da segunda à sexta", por causa da correlação, a crase seria obrigatória. c) O verbo viajar não exige a preposição *a*, logo não pode haver crase. d) Cavalo não dita moda. Logo, dizer "bife à cavalo" é o mesmo que dizer que o cavalo come bife de uma determinada maneira a ponto de lançar moda. Loucura total! e) Não há crase diante de verbo.

2 – D. Antes de mais nada, curiosa foi a ousadia da banca em expor a expressão à distância (não especificada, mas craseada). Vamos lá! O erro da D se dá porque não há crase entre palavras repetidas. a) Locução prepositiva de núcleo feminino é sempre craseada. b) Locução conjuntiva de núcleo feminino é sempre craseada. c) Locução adjetiva de núcleo feminino é sempre craseada; quando indica instrumento ou meio, há polêmica! e) Locução prepositiva de núcleo feminino é sempre craseada.

3 – D. Além de o sentido mudar, mudou a classificação sintática. "Saiu à francesa" (sentido: saiu sem ser notado; função sintática: adjunto adverbial de modo). "Saiu *a francesa*" (sentido: a francesa saiu; função sintática: sujeito).

4 – D. (1) Não há crase diante de pronome indefinido, ainda mais no masculino. (2) Não há crase depois de outra preposição, exceto "até" (caso facultativo); o *a* é só um artigo. (3) idem ao anterior. (4) O nome *atenção* exige a preposição *a + as questões* = às questões. (5) Idem ao (2).

5 – C. (1) Não há crase diante de palavra masculina. (2) O adjetivo *ligada* exige a preposição *a + as políticas* = às políticas. (3) Não há crase depois de outra preposição, exceto "até" (caso facultativo); o *a* é só um artigo. (4) A expressão *com vistas a* termina em preposição *a + a implementação* = à implementação. (5) O substantivo *ameaças* exige a preposição *a + a estabilidade* = à estabilidade.

6 – A afirmação está equivocada, pois é o substantivo *rumo* que exige a preposição *a + a modernização* = à modernização.

7 – E. O verbo *aproveitar* não exige preposição alguma, pois é um VTD (quem aproveita, aproveita alguma coisa). Logo o trecho deve ser: "*...condições de aproveitar as oportunidades...*".

8 – A afirmação, autoexplicativa por sinal, procede. No entanto, saiba que a maioria dos gramáticos veem o *a* antes da preposição *de* como um pronome demonstrativo. A ESAF, entretanto, se baseia muito no Bechara e no Luft para a formulação de suas questões; na visão desses caras, o *a* antes de *de* é um artigo seguido de substantivo implícito.

9 – CORRETA. O *a* antes de *fatores* e *garantias* é só uma preposição, pois tais substantivos pluralizados estão em sentido genérico.

10 – E. Não há crase antes de verbo.

11 – A afirmação está equivocada, pois não há crase antes de verbo, em hipótese alguma!

12 – A afirmação está perfeita. É autoexplicativa.

13 – E. Nas duas primeiras lacunas, não há crase, pois o verbo *regendo* não exige preposição, logo só cabem artigos. Na terceira e na quarta lacuna, não há crase antes de verbo. Na última lacuna, o substantivo rumo exige a preposição *a* + *a maturidade* = à maturidade.

14 – INCORRETA. Não há crase antes de palavra pluralizada em sentido genérico.

15 – ERRADO. Não há crase diante de pronome demonstrativo, exceto *aquele(a/s), aquilo.*

16 – CERTO. A afirmação da banca procede, pois o adjetivo *somado* exige preposição *a* + *os*, que equivale a "aqueles". Logo, o elemento *aos* poderia ser corretamente substituído por "**àqueles"** (... *somado* ***a*** + ***a****queles* = à*queles*...).

17 – B. *É a atividade de construção de que o artista dispõe, o seu poder de imprimir* ***a*** *um trabalho* (não há crase diante de artigo indefinido) *sentimentos e sensações, e a qualidade de pensamento que conferem humanidade à arte* (crase clássica; confere-se humanidade ***a*** **+** ***a*** *arte*)*; e essa humanidade pode ser realizada com uma série ilimitada de temas ou elementos formais. Tudo isso já foi repetido à exaustão* (caso obrigatório de crase: locução adverbial de núcleo feminino).

18 – A. O verbo *ascendeu* exige a preposição *a* + *a classe média* = à classe média. Antes de verbo (*a consumir*) e antes de artigo indefinido (*a um ritmo acelerado*), não há crase.

19 – A. O verbo *aludir* exige a preposição *a* + *a felicidade* = à felicidade.

20 – A. Tanto no enunciado como nesta opção, o substantivo *ameaça* rege um complemento iniciado pela preposição *a + a integridade* = à integridade. Simples assim. b) O verbo ameaçar é VTD, não exige preposição *a*. Não confunda verbo com substantivo. c) Não há crase diante de palavra masculina. d) Idem ao anterior. e) Idem ao B.

21 – D. Não há crase antes do pronome relativo *que*, a não ser que antes dele haja um pronome demonstrativo *a* (= *aquela*), o que não é o caso. Quem faz justiça, faz justiça *a + a complexidade* = à complexidade. Na última lacuna, não há crase diante de palavra masculina. Basicão!

22 – D. Tanto no enunciado como nesta opção, o verbo chegar exige a preposição *a + a (inevitável) conclusão = à (inevitável) conclusão*. O fato de haver um termo antes do substantivo feminino não significará que não haverá crase.

23 – A. Não há crase diante de artigo indefinido. Quem dá lugar, dá lugar *a + a escalada = à escalada*. Não há crase antes do pronome relativo *que*, a não ser que antes dele haja um pronome demonstrativo *a (= aquela)*, o que não é o caso.

24 – Questão maldosa! A afirmação está equivocada, pois o padrão culto escrito abonaria, sim, o emprego de **ao**: *No entanto, a elaboração anterior* ***ao Grupo****...*

25 – INCORRETA. Só é opcional ou facultativa a crase antes de pronome possessivo adjetivo feminino, ou seja, em *ou são ligadas à (a) sua comunidade*. Veja isso em *Casos Facultativos*.

26 – B. a) Não há crase diante de verbo. b) Há crase diante de palavra feminina em sentido específico. c) Não há crase diante da maioria dos pronomes indefinidos (exceto *outra(s), várias, demais...*). d) Idem ao C. e) Não há crase diante de pronome demonstrativo, exceto *aquele(a/s), aquilo*.

27 – CERTO. Se há preposição *(a) + artigo (os)*, o feminino disso seria preposição *(a) + artigo (a)*, o que resultaria na crase. Logo, a substituição de *aos contornos constitucionais* por **à legislação constitucional** está perfeita.

28 – C. Não ocorre crase diante de palavras pluralizadas (com sentido genérico ou indefinido). Para haver crase, é preciso **a** (preposição) + **a** (artigo). Só haveria crase em C se houvesse artigo "**as**" antes de *palavras*: *Ele sempre fazia alusão* às *(a + as) palavras de seu poeta favorito*.

29 – E. A regência verbal em *atender* exige a preposição **a** que, junto do artigo feminino *as* (necessidades), forma a crase (às necessidades). a) *Os empregados mostraram-se*

resistentes ***(a*** *ou* ***às)*** *mudanças na empresa.* Não há crase diante de palavra pluralizada em sentido genérico. b) *Muitos gostariam de ter um tempo maior* ***a*** *fim de se qualificar.* Não há crase diante de palavra masculina. c) *O mercado oferece menos chances* ***a*** *quem está afastado.* Não há crase diante desse pronome indefinido. d) *O bom profissional está atento* ***a*** *todas as transformações do mercado.* Não há crase diante desse pronome indefinido, ainda mais pluralizado.

30 – D. Acento exigido pela regência verbal (*... se deveu a + a preocupação = à preocupação*). a) Não há crase diante de artigo indefinido. b) Não há crase diante desse pronome indefinido. c) Não há crase diante de verbo. e) *Os estudos dos efeitos dos jogos eletrônicos sobre os idosos vêm sendo realizados* ***há*** vários anos (indica tempo decorrido).

31 – CERTO. Autoexplicativa: *"... adequar os serviços a + as populações = às populações..."*.

32 – CERTO. *Bizu* de crase: se for possível substituir à por *ao*, há 99% de chance de a crase estar certa. Vejamos: *"a (preposição) + o (artigo) = ao gênero humano"/a (preposição) + a (artigo) = à espécie humana.*

33 – ERRADO. A expressão às voltas com é uma locução prepositiva de núcleo feminino. Caso obrigatório de crase.

34 – ERRADO. Em *não se impõem as mesmas renúncias*, a análise sintática é esta: *não se (OI) impõem (VTDI) as mesmas renúncias (OD).* Logo, não há a mínima chance de haver crase aqui.

35 – INCORRETA. Obviamente altera! Um pouquinho de análise sintática não faz mal a ninguém para acertar esta questão: *"A tradição se tornou um arquivo atemporal, ao qual a produção poética recorre para continuar..."*. Note que *a produção poética* é o sujeito do verbo *recorrer*. Sujeito não pode vir preposicionado, logo não pode ser craseado!

36 – B. Veja que o *a* antes da preposição *de* (enunciado) é um pronome demonstrativo, equivalendo a "aquela". Como o adjetivo semelhante exige a preposição *a*, ocorre a fusão, a crase: *"... uma média semelhante* àquela *de um casal de classe média..."*. O mesmo se dá em *"Esta cena corresponde à (= àquela) que presenciei ontem."*.

37 – C. I – Não há crase diante de pronome pessoal. II – "*... chegou à conclusão (de) que..."*. Inferimos que, na VUNESP, é preciso haver preposição explícita antes de oração objetiva indireta e antes de completiva nominal. III – Não há desvio algum de regência verbal, de fato.

38 – A. Questão maldosa. Parece que o primeiro *a* é só um artigo, pois parece que *angústia de imaginar que o homem pode estar só no universo* tem função de sujeito. Mas... basta olharmos com mais calma para ver que não é bem assim, não. Veja o trecho na ordem direta: "*A curiosidade humana soma-se* ***a*** + ***a*** = *à angústia de imaginar que o homem pode estar só no universo...*". O resto é mole! Não há crase diante de *tudo* — palavra masculina não rola! E, na última lacuna, o verbo *dar* (VTDI) exige a preposição *a* + *as teses* = *às teses*. Bingo!

39 – E. Na locução prepositiva *até a*, a crase é facultativa. Gostaria de realçar a letra D. Há uma polêmica muito grande entre os gramáticos sobre colocar crase na expressão à vista, por não haver a forma masculina "ao prazo". No entanto, a expressão à vista já se consolidou e figura em provas de concursos como correta (com crase!). O gramático Cegalla é taxativo: à vista e *à vista de* são acentuadas.

40 – E. O verbo *restringir-se* exige a preposição *a* + *a presença* = *à presença*. Simples assim.

41 – B. O substantivo *chegada* exige a *preposição a* + *aquela* = *àquela*. Nível *Teletubbie*!

42 – D. O verbo *aspirar (= almejar)* é VTI e exige a *preposição a* + *a notoriedade* = *à notoriedade*.

Capítulo 31

Gabarito

1 – C. Na primeira frase, comparam-se fatos. Na segunda e na terceira, a conjunção pode ser substituída por "visto que", "uma vez que", "já que", atestando seu valor causal. Na quarta, comparam-se fatos. Na quinta, a ideia é de conformidade; pode-se substituir a conjunção por "conforme".

2 – D. Para saber a classificação da oração, é preciso reconhecer o *se*. Tanto na frase do enunciado como na letra D, a oração iniciada por *se* pode ser substituída por **isso**, o que confirma que o *se* é uma conjunção integrante: *"... não sei* ***isso*** *(= se é esta toalha)."/"... gostaria de perguntar* ***isso*** *(=se ainda me considera seu amigo)"*. Nas demais opções, o *se* é uma conjunção condicional.

3 – B. Ambos os "ses" são conjunções condicionais, pois introduzem orações de sentido hipotético. Além disso, é possível reescrever os trechos em que aparecem assim: *"Tem paciência, caso sejam obscuros. Calma, caso te provoquem."*.

4 – B. Teste do *bizu*: *"O importante é* ***isso*** *(= que todos se convençam de que é preciso lutar)"*. Logo, o *que* é uma conjunção integrante. Nas demais opções, o *que* é um pronome relativo.

5 – C. *"Espero* ***isso*** *(= que você recupere logo a saúde)."*. a) Pronome relativo. b) Conjunção coordenativa explicativa. d) Partícula expletiva (realce).

6 – B. O primeiro *que* retoma *meu marido*. Para sabermos a função sintática do pronome relativo, basta substituirmo-lo pelo antecedente e reescrever a oração adjetiva: "*... meu marido... não pode de ti ouvir"* (Quem não pode ouvir (falar) de ti? Meu marido). Portanto o primeiro pronome relativo tem função de sujeito. O segundo *que* retoma *amizade*. Fazendo o mesmo *esquema*, temos a seguinte reescritura, em que desenvolvi a oração reduzida para facilitar sua visão: "... (ele (o marido)) sabe que eu te dedico a amizade..." (Eu te dedico o quê? A amizade). Logo, esse relativo tem função de objeto direto de *dedicar* (VTDI). Questão difícil.

7 – E. Substitua o pronome relativo *que* por *o(a/s) qual(is)*. Este é um bom *bizu* para saber se o *que* é um pronome relativo. Outro *bizu*, você já sabe, substitua a oração iniciada pelo *que* por **isso**. Se der, conjunção integrante na cabeça. Veja os *bizus* em ação: *"Outro aspecto* ***o qual****... leis* ***as quais*** *lhes deem... convém recordar* ***isso****... levantamento* ***do qual*** *resultou...*". Moleza!

8 – A. O primeiro *que* retoma *a agonia do caráter neoliberal*; trata-se de um pronome relativo. Troque por *a qual* e confira. O segundo *que* é uma conjunção subordinativa comparativa (veja a estrutura de comparativo de superioridade: "... mais... que...").

9 – I e II. Em ambas as opções, há erro na classificação. I – O *como* (= *conforme*) é uma conjunção subordinativa conformativa; indica, pois, conformidade e não comparação. II – Na ordem direta: *"Imaginar* ***isso*** *(= que há inflação no Brasil) é um erro."*. Assim, o *que* é uma conjunção integrante, não tem valor semântico de nada.

10 – B. *Bizus* em ação: *"À evidência imposta, a qual presume* ***isso*** *(= que a única forma aceitável de organização de uma sociedade é a regulação pelo mercado)..."*. Simples assim!

11 – C. O vocábulo *como* na frase do enunciado e na opção c) é uma clara conjunção subordinativa comparativa. a) Conjunção subordinativa comparativa. b) Conjunção subordinativa causal. d) Advérbio interrogativo de modo (em frase interrogativa direta). e) Advérbio interrogativo de modo (em frase interrogativa indireta).

12 – A afirmação está equivocada, pois não se pode dispensar é que da frase, logo não se trata de uma expressão expletiva. Na verdade, trata-se de um verbo de ligação

+ uma conjunção integrante: *"O que é importante notar aqui é **isso** (= que a oposição entre falar e escrever...)."*.

13 – E. Substituindo o *Se* por *Caso*, a frase fica assim: *"Caso não transmitamos uma ética robusta a eles, nosso DNA terá curta duração."*. Além disso, note que a oração iniciada por *Se* tem valor hipotético, próprio da condição. a) Conjunção integrante. b) Partícula apassivadora. c) Partícula de indeterminação do sujeito. d) Parte integrante do verbo.

14 – Afirmação equivocada. O *como* é uma preposição acidental que introduz um aposto. Já o *Como* equivale a "visto que", "já que", "uma vez que" etc., ou seja, é uma conjunção causal.

15 – D. Todos os "quês" do segmento do enunciado são conjunções integrantes. A única opção que traz uma conjunção integrante é a d): *"o fato é **isso** (= que não dá para evitar a constatação)"*. Nas demais opções, o vocábulo *que* é um pronome relativo.

16 – A. I – *Comparam-se aparelhos com o bluetooth*. II – *"Visto que, já que, dado que, uma vez que..."*. III – *"conforme eu ia dizendo..."*. Não dava para errar esta, hein!

17 – A. Nas ocorrências do enunciado e na letra a), o *como* tem valor conformativo. b) Causa. c) Modo. d) Comparação. e) Comparação.

18 – C. A ideia é de condição, hipótese, por isso há equivalência semântica entre *se* e *no caso de*.

19 – Ambas as afirmações são equivocadas. O *Se* é uma conjunção condicional e pode iniciar período, sem problemas. A expressão é que não é expletiva, trata-se de um verbo vicário seguido de uma conjunção subordinativa causal. Um verbo vicário é aquele que ocupa o lugar de outro para evitar sua repetição. Lê-se assim: *"Se faziam tudo aquilo, **faziam porque** não tinham casa."*.

20 – ERRADO. Não há a mínima possibilidade de o *se* indicar um sujeito indeterminado, pois o sujeito está explícito (*Os participantes*).

21 – B. *Bizus* em ação: *"É certo **isso** (= que a mudança...)."*: conjunção integrante. Entre o verbo *ter/haver* + infinitivo, o *que* é uma preposição acidental, equivalendo a "de": *"terão **de** abranger"*.

22 – D. Tanto na frase do enunciado quanto na da letra d), o *se* é uma conjunção integrante. Mais uma vez o *bizu* resolve: *"Outra discussão chata, durante e após as partidas, é **isso** (= se um jogador teve a intenção...)."/ "Não dá para o árbitro saber **isso** (= se a*

falta foi intencional ou não).". a) Parte integrante do verbo. b) Partícula apassivadora. c) Conjunção causal.

23 – A. Tanto na frase do enunciado quanto na da letra a), o *que* é um pronome relativo. *Bizu*: *"... baseados em estatísticas as quais* têm pouca ou nenhuma importância."/"... ambiente bélico *no qual se transformou o futebol*". Nas demais opções, o *que* é uma conjunção integrante.

24 – B. A essa hora, você já deve estar escaldado de tanto ver **pronome relativo** e **conjunção integrante**, não é? *Bizus* em ação, novamente: "*... uma ferramenta virtual **a qual** muitos adolescentes já dominam."/"está permitindo **isso** (= **que** alunos do ensino fundamental exerçam sua veia literária...).".*

25 – E. Na frase do enunciado e na letra e), o *como* é uma preposição acidental, equivale a "na qualidade de". a) Conjunção subordinativa conformativa. b) Conjunção subordinativa causal. c) Conjunção subordinativa comparativa. d) Advérbio interrogativo de modo.

26 – C. Na primeira frase, compara-se o tempo a um remédio. Na segunda frase, pode-se substituir o *como* por *visto que, já que* ou qualquer outra conjunção subordinativa causal.

27 – B. Autoexplicativa. *Bizu*: substitua o *Se* por *Caso*.

28 – C. *Bizu* da conjunção integrante: *decidiram em assembleia **isso** (= que esperariam).* Nos demais casos, o *que* é um pronome relativo.

29 – A. (1) *"Verdade é **isso** (= que* a ação...).". (2) Trata-se de um *que* expletivo, fazendo parte da construção expletiva *ser + que*: "*É por meio dela que se faz o cálculo..." = "Por meio dela se faz o cálculo...".* (3) *"... fora da vantagem a qual define a regra..."* (*bizu* do pronome relativo). Com os *bizus*, a gente já acertou várias questões, percebeu?

30 – A. O primeiro *Se* tem valor condicional: *"**Caso** o cinema esteja cheio, a gente senta..."*. O segundo *Se* não poderia iniciar o período, pois é um pronome oblíquo átono com valor de parte integrante do verbo.

31 – ERRADO. O *se* é apassivador: *"volume que se mantém" = "volume que é mantido"*.

32 – ERRADO. O primeiro *se* é apassivador (*Sempre se soube **isso.** = **Isso** sempre foi sabido.*). O segundo *se* também *(o problema é muito mais grave do que se supunha (o problema) = o problema é muito mais grave do que era suposto (o problema)).*

33 – ERRADO. O primeiro *se* pode ser interpretado como uma parte integrante do verbo ou como, mais comumente, uma partícula de indeterminação do sujeito. O segundo *se* é apassivador: *"... se encontravam centenas de milhares de rolos..."* = *"... centenas de milhares de rolos eram encontrados..."*.

34 – C. *Se* (conjunção condicional) = *Caso* + verbo no subjuntivo = hipótese = condição.

35 – C. *Se* (conjunção condicional) = *Caso* + verbo no subjuntivo = hipótese = condição. Fácil!

36 – D. Equivalente a "*Caso* o réu seja culpado... *Caso* o réu seja inocente...". Simples assim.

37 – C. Trata-se de um advérbio de modo.

38 – A. Equivalente a "Depressa, *porque* o amor não pode esperar". Sempre que vier um verbo no imperativo antes do *que* (= *porque*), não pestaneje, conjunção coordenativa explicativa!

39 – A. Equivalente a "*Conforme* as organizações ambientalistas têm denunciado...".

40 – E. O *que* da letra e) retoma o pronome demonstrativo *o* (= *aquilo*): *"[...] desejamos o (= aquilo) que* não temos". Em a), b) e d), use o *bizu* do **isso**, pois são conjunções integrantes. Na c), a conjunção é comparativa, numa estrutura de superioridade (... *mais do que*...).

Capítulo 32

Gabarito

1 – CERTO. Afirmação autoexplicativa.

2 – A. *Enterrar* significa literalmente "pôr sob a terra". No contexto, a palavra foi usada, por desconhecimento, no lugar de "cravar". Quando falamos que "embarcamos" no trem, também ocorre catacrese, pois não há palavra exata para entrar no trem, logo, por analogia, usamos "embarcar".

3 – Selecionei esta questão de propósito. Não confunda "anáfora", recurso coesivo, com "anáfora", figura de linguagem. Esta diz respeito à repetição de palavras no início de uma frase. Aquela diz respeito a palavras que retomam termos anteriores visando à não repetição. A afirmação está correta, mas nada tem que ver com figura de linguagem.

4 – E. Cortiço não é um ser humano para acordar, logo houve personificação, isto é, atribuição de característica humana a ser não humano.

5 – A. (1) Ocorre assonância, pois há repetição de vogais tônicas (*di, lin, vi, vin, mi, vi*). (2) Ocorre paranomásia, pois há vocábulos semelhantes na grafia e no som (*manhas, manhãs*). (3) Ocorre aliteração, pois há repetição de fonemas consonantais (*serenos sons amenos fogem fluidas).*

6 – E. Antes de mais nada, saiba que a **alegoria** é uma espécie de metáfora (na verdade é uma sucessão de metáforas) que visa, normalmente, dar uma lição moral. Cristo as usava muito nas parábolas. Agora vamos ao gabarito: (1) Ocorre eufemismo, pois *dormindo* e *deitados* dizem respeito à condição de morte. (2) Ocorre prosopopeia, pois humaniza-se uma cômoda (observe as inicias maiúsculas: Dona Cômoda), tratando-a como "senhora rica". (3) Ocorre antítese, pois há uma ideia clara de oposição (*gentios – fiéis; idólatras – cristãos*).

7 – B. Comparam-se seres de universos distintos (*obra – auto-retrato*). Só de curiosidade: segundo a nova reforma ortográfica, escreve-se "autorretrato".

8 – C. O barbarismo é um desvio gramatical. Veja como deveria ficar cada opção para se adaptar à norma culta: a) um telefonema, espontânea. b) vierem. d) intervier. e) dispuser, afrouxe.

9 – CORRETA. A anáfora, repetição da mesma palavra ou expressão no início de diferentes frases ou versos, é recorrente, de fato. Há a repetição da palavra *quantos* no início de cada uma das cinco frases presentes nesse trecho.

10 – E. Notas musicais não dormem, logo há uma personificação (ou prosopopeia).

11 – C. Palmeira não é ser humano para confiar, logo trata-se de uma personificação.

12 – A perífrase consiste em exprimir aquilo que poderia ser expresso por menor número de palavras, logo a afirmação procede, pois *"O mais renegado dos sete pecados capitais" = "ciúme"*.

13 – D. Fácil: *"... nada... tudo..."*. Se há antônimos, há antítese.

14 – B. Parte-se do geral (*tanto no resto do mundo*) para o particular (*como aqui bem perto, em cada esquina*), logo há gradação.

15 – D. Não foi a extensão territorial chamada Inglaterra (todo) que dominou os mares, mas sim os ingleses (parte). Exemplo clássico de metonímia.

16 – D. a) Desde meninos... os pais ou as crianças? b) Quem é perigoso... o filho ou o fogo? c) Evitar a criança ou a criança evitar ficar próxima do fogo? e) Pode dar a impressão de que colocaram a criança em cima do fogo.

17 – C. a) "... nos podemos arrepender... ou ... podemos arrepender-nos...". b) "... pediu para eu não deixar...". d) "Eu o abracei... quando o vi...". e) "Por que foste dizer que a gente não ia sair?"

18 – D. A ambiguidade é a seguinte: a informação foi recebida por volta das 21 horas ou a empresa seria vendida por volta das 21 horas?

19 – C. I – A metonímia consiste na troca de um termo no lugar de outro, havendo estreita ligação ou afinidade de sentidos: Brasil (todo), brasileiros (parte). II – A hipérbole é o exagero da ideia expressa, no entanto, o que se apresenta na frase é a ocorrência de prosopopeia "*cores que enganam o cérebro*"; cores não enganam, foi, portanto, atribuída uma característica humana à cor. III – Só se usa *"Por quê"* em fim de frase ou seguido de sinais de pontuação que indicam uma pausa.

20 – A afirmação procede, pois há uma elipse de um termo já mencionado antes, o que constitui um zeugma: *Desse valor, R$ 265 milhões são oriundos do Orçamento da União e R$ 36 milhões* ***são*** *referentes à arrecadação de multas previstas na legislação eleitoral.*

21 – CERTO. O paradoxo está em ver luzes acesas através de grossas portas, afinal como se vê luz acesa através de uma porta grossa? Isso é paradoxal. A sinestesia está em sentir (tato) luzes (visão).

22 – E. Percebe-se que a palavra *doar* assume sentido conotativo de ironia, porque a atitude de doação não pode depender de uma troca de favores, mas o contexto (político) mostra o contrário.

23 – D. O trecho diz que o subconsciente tem raízes subterrâneas, logo há uma comparação entre seres de universos distintos (partes do cérebro que guardam a memória profundamente são comparadas a raízes subterrâneas, profundas). Logo, ocorre metáfora clara.

24 – B. A personificação é constituída de uma atribuição de característica humana a um ser não humano. Dizer que a memória atira algo em algum lugar é personificar,

tornar a memória uma pessoa, afinal, são pessoas que podem atirar algo em algum lugar. Personificação clara!

25 – E. Prosopopeia (ou personificação) é uma figura que consiste na atribuição de sentimentos, psicologia e comportamento humanos a seres não humanos. Quem pode atormentar ou provocar angústia são seres humanos, logo a expressão *as tempestades de verão* é personificada para provocar este efeito de sentido.

26 – A. Comparam-se uma grande quantidade de informações a um *tsunami*. Ocorre metáfora.

27 – B. Há linguagem conotativa clara na ideia de *"a derrubada do Taleban debilitar (tirar ou perder o vigor físico) um grupo terrorista"*. Há personificação clara.

28 – A. Há um exagero explícito em *"gastando mais de cinco litros de saliva"*. Hipérbole clara!

29 – CORRETA. De fato, há uma suavização da ideia contida em *indesejáveis* por causa das aspas. É usado no lugar de *proibidos*, o que tornaria a informação mais contundente.

30 – CERTO. Afirmação autoexplicativa.

31 – E. Mais uma de metáfora... para variar. Compara-se instinto, experiência, razão a participantes.

32 – E. *Tirar para fora*, como *entrar para dentro*, é uma ideia redundante, ou um pleonasmo vicioso.

33 – B. I – *"quatro bocas"* (parte) = *"quatro pessoas"* (todo). II – *branca – escura; linda – medonha*. III – É um exagero dizer que há *"um mundo de ideias"* na cabeça. Está mais para metáfora hiperbólica. IV – Compara-se o coração a um campo minado.

34 – B. Não há comparação entre seres de universos semânticos distintos, logo não há metáfora.

Capítulo 33

Gabarito

1 – CERTO. Há função referencial, pois o objetivo do autor é informar um assunto. No entanto, há metalinguagem, pois em vários momentos o autor usa palavras para

explicar palavras. Não se pode negar que haja subjetividade, devido ao uso de advérbio e adjetivo modalizador, neste trecho: *"A situação do japonês é* ***particularmente curiosa****"*. Portanto, a afirmação da banca procede.

2 – A. No primeiro, usa-se a palavra para definir, explicar uma palavra. No segundo, fala-se diretamente com o leitor.

3 – B. Autoexplicativa.

4 – E. O objetivo do texto é informar.

5 – C. O objetivo do texto é informar.

6 – E. Como o modo verbal é o imperativo, a função da linguagem possui o intuito de influir no comportamento do interlocutor, por meio de ordem, pedido ou sugestão.

7 – C. A ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto, logo o objetivo do texto é informar.

8 – CERTO. A ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto, logo o objetivo do texto é informar.

9 – CERTO. Usa-se um discurso com nomenclatura gramatical para explicar o próprio discurso, logo há metalinguagem. A parte mais evidente é esta: "*... os adjetivos passam, e os substantivos ficam...*".

10 – A afirmação está equivocada porque o autor do texto incentiva o leitor a tomar uma atitude, logo trata-se de linguagem conotativa (observe o imperativo!).

11 – A afirmação está **CORRETA**, pois o código (a língua) é usado para explicar o próprio código.

12 – E. Trata-se da função referencial da linguagem porque a mensagem é centrada em seu referente e este é exterior à linguagem e ao processo de comunicação. O objetivo é informar sobre um assunto.

13 – B. O brasão é um desenho criado especificamente para identificar determinado grupo. Por isso, o objetivo é transmitir uma informação sobre um assunto, no caso a PM/MG.

14 – C. Perceba que os verbos estão no imperativo, com o objetivo de produzir um determinado efeito no receptor.

15 – CERTO. A função emotiva é marcada pelos verbos e pronomes de 1ª pessoa do singular/plural, e isso ocorre nestas passagens*: "Poucos depoimentos eu tenho lido.../ ... que já conheci em minha vida/ Eu acredito também nisso, e quando vejo aquilo em que creio refletido num depoimento como o de Oscar Niemeyer, velho e querido amigo, como não me emocionar?"*. A função poética está centrada na maneira como o discurso é construído, principalmente recheada de recursos estilísticos *(... o artigo poderá passar por uma defesa em causa própria – o revide normal de um pai que sai de sua mansidão costumeira para ir brigar por um filho em quem querem bater./... Oscar é não só o avesso do causídico/ Oscar não acredita em Papai do Céu, nem que estará um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso*).

16 – C. O próprio enunciado sugere que a função da linguagem é emotiva (ou expressiva), uma vez que a linguagem da autora se centra no EU. Note as marcas de 1ª pessoa, isso é primordial!

17 – D. Autoexplicativa.

18 – D. A função é poética, pois é, antes de tudo, uma poesia. O poeta se valeu de uma forma criativa para falar de um assunto sério.

19 – A. A função poética da linguagem é caracterizada pelo uso de recursos linguísticos com intuito estético, com o fito de obter efeitos criativos de expressão. Encontra-se também na canção a emotividade (sempre note as marcas de 1ª pessoa – verbos e pronomes) ou expressividade da linguagem, por meio do sofrimento amoroso do eu-lírico.

20 – ERRADO. A função fática não é definida da maneira como colocou a banca, e sim a poética. A função fática é centrada no próprio canal da comunicação e tem por objetivo estabelecer, ou manter aberta, sem interrupção, a comunicação entre o locutor e o destinatário, mas sem a transmissão de nenhuma mensagem importante, o que não ocorre no trecho.

21 – CERTO. Perfeito o comentário da banca! Autoexplicativo.

22 – ERRADO. Em "*que palavra horrível!*" há uma expressão de ponto de vista, por isso a linguagem é emotiva. Em *"Há quem diga que suas epístolas deram origem à Educação a Distância, já que ele difundia o cristianismo por meio de cartas para seus discípulos"*, há ape-

nas a informação sobre algo, logo a linguagem é referencial, calcada na transmissão ou explicação de algo. A afirmação da banca é uma "viagem" total.

23 – A. Note as formas de 1ª pessoa (verbos – *sou, sei, sinto, lembro* – e pronomes – *eu, eu, me, me, me*), logo a linguagem é centrada na perspectiva do emissor. Fácil.

24 – B. A função emotiva centra-se no emissor da mensagem. O texto é centrado nas ações e sensações do narrador da crônica, o que se pode notar no título do texto e no corpo do texto. Note as formas de 1ª pessoa. a) Metalinguística, e não emotiva. c) Conativa. d) Referencial. e) Fática.

25 – A afirmação não procede, pois o tempo todo o eu-lírico fala, poeticamente, sobre o que é a felicidade. Logo, a função da linguagem é poética. Só no finzinho do texto há função conativa: *"Fale baixo por favor."*.

26 – D. A metalinguagem é percebida quando o autor cria um texto para falar sobre a própria construção textual.

27 – E. O próprio enunciado acusa a metalinguagem, quando a define: *"evidencia-se uma centralidade no código linguístico"*.

Capítulo 34

Gabarito

1 – D. Como a concessão é uma ressalva, e ressalva é sinônimo de restrição, o operador *apesar de* (concessivo por natureza) apresenta tal valor semântico.

2 – A afirmação é perfeita, pois tal expressão modalizadora traça um ponto de vista ao que será dito, permitindo ao leitor direcionar sua compreensão.

3 – C. A exemplificação (2º período) é uma ilustração, um cenário, real ou não, daquilo que se está falando (1º período). Como já disse na teoria, não confunda explicação/explicitação/exemplificação.

4 – CERTO. A antítese é clara: *morto, vida; folha escrita, vazio a preencher.*

5 – A afirmação da alternativa não procede, pois tais operadores têm o papel se somar, adicionar, incluir (e não excluir) elementos.

6 – A afirmação procede porque, se *aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção*, isso significa que antes era o contrário disso, ou seja, constituía *o objeto preferido de nossa atenção*.

7 – A. Certos operadores argumentativos de retificação, como *ou melhor, melhor dizendo, quer dizer*, servem para retomar e reformular a informação anterior, assim como *Em outras palavras*.

8 – B. O texto é expositivo-argumentativo, pois apresenta características de dissertação expositiva, em que se explica um assunto de maneira objetiva, e de dissertação argumentativa, em que se apresentam argumentos para fundamentar uma tese.

9 – C. Não se trata de uma simples conclusão. O operador *afinal* sintetiza tudo o que se disse antes, ao introduzir uma conclusão.

10 – E. Há reiteradas passagens no texto com testemunho de autoridade, o que corrobora o gabarito. Basta ver as frases entre aspas e as citações de autoridades ao longo do texto.

11 – A afirmação está **CORRETA**, pois o verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo passa ao presente do subjuntivo (*adiasse – adie*) e o pretérito imperfeito do indicativo passa ao presente do indicativo (*estava – encontra-se*). Apesar do uso de sinônimos para a formação da reescritura em discurso direto, não há erro na transposição.

12 – B. Questão interessante, pois mistura transposição de discursos com voz verbal. O verbo no imperativo (discurso direto) fica no pretérito imperfeito do subjuntivo (discurso indireto): *Restaure-se* (voz passiva sintética) = *fosse restaurada* (voz passiva analítica); *nos locupletemos* = *locupletássemos*.

13 – B. Note que o primeiro parágrafo tem o propósito de expor um assunto de maneira clara e objetiva, apenas informando. O segundo e o terceiro já usam verbos no imperativo, e o autor se dirige a seu interlocutor em tom de instrução ou comando. Respectivamente, portanto, há exposição e injunção.

14 – C. Note que o enunciado da questão pede que a alternativa correta seja confirmada no texto. Então, deixemos que o texto apoie a assertiva adequada, que segue: *"Os efeitos do neoliberalismo no sistema produtivo são observados, a partir de 1980, tanto em países ricos quanto no terceiro mundo."*. Todo o primeiro parágrafo corrobora esta afirmação ao dizer que uma nova classe de pobres é resultado do progresso tecnológico e industrial, nos países ricos e pobres; em especial os trechos iniciais e finais nos informam isso, respectivamente: *"A década de 1980 foi o marco do surgimento de um*

novo ator social ***nos países ricos****: o novo-pobre (nouveau-pauvre).”* e *“Corolário (resultado) do desmoronamento do sistema de proteção social, em um quadro agravado pela* ***revolução tecnológica****... esse novo personagem vai materializar uma inesperada e imprevisível reprodução,* ***no mundo desenvolvido****, do problema da desigualdade social, tão comum* ***no terceiro mundo****.”.*

15 – E. De novo, observe o enunciado com calma. A banca quer que você perceba o que não é um fenômeno positivo, ou seja, o que é um fenômeno prejudicial, negativo. Toda e qualquer ação predatória típica do modelo de desenvolvimento de países ricos certamente seria algo prejudicial aos países do hemisfério sul, isto é, tais ações não são bem recebidas uma vez que tudo o que advém do norte é negativo (*“Com devoção e entusiasmo, o sul do mundo copia e multiplica os piores costumes do norte. E* ***do norte não recebe as virtudes, mas o pior****...”*). Sendo assim, não é positivo que o sul receba o modelo consumista, arbitrário, manipulador, impositivo, predatório do norte.

16 – D. A resposta da questão está no seguinte trecho: *“Depois de 20 anos de marcante crescimento global... nova reviravolta pendular foi deflagrada pela crise financeira de 2008, que fez ressurgir em muitos meios a crença no ‘Estado grande’”*. Claríssima corroboração do texto! A expressão *crença no ‘Estado Grande’* refere-se à crença no intervencionismo do Estado.

17 – CERTO. Dizer *“Não acredito”* é uma forma de posicionamento modalizador, pois indica o ponto de vista do autor. Logo, a afirmação da banca procede.

18 – CERTO. A afirmação, além de autoexplicativa, procede. Coloquei esta questão aqui para ilustrar mais um caso de estratégia discursiva.

19 – CERTO. A biografia é um texto que tem caráter informativo mais próximo da narração e da descrição, na medida em que se conta a história de vida de uma pessoa eminente na sociedade de maneira objetiva.

20 – CERTO. O emissor se detém a explicar a prática físico-militar (objetivo, origem etc.) e depois começa a abordar, segundo seu ponto de vista, os efeitos disso, fazendo-o com uma linguagem clara, objetiva, direta e sem que haja duplo sentido. Isso nos leva a caracterizar o texto como um texto informativo (dissertativo-expositivo) e de linguagem denotativa.

21 – B. Podemos dizer que o primeiro trecho é **narrativo** devido aos elementos da narração (narrador-personagem, noção de espaço e tempo e verbos no passado): *“Em 1954 (tempo), numa cidadezinha universitária dos Estados Unidos (espaço), vi (narrador-personagem/verbo no passado) ‘o maior circo do mundo’, que continua a ser o sucessor do*

velho Barnum & Bailey, velho conhecido dos meus primeiros dias de estudante nos Estados Unidos. Vi (narrador-personagem/verbo no passado) então, com olhos de adolescente ainda um tanto menino, maravilhas que só para os meninos têm plenitude de encanto.". Já o segundo trecho é **dissertativo-argumentativo** devido aos elementos próprios da dissertação argumentativa (verbo no presente do indicativo, tese, estratégia argumentativa): *"O gênio de organização dos anglo-americanos é (verbo no presente do indicativo) qualquer coisa de assombrar um latino (tese). Arma e desarma (verbos no presente do indicativo) um circo gigante como se armasse ou desarmasse um brinquedo de criança (estratégia argumentativa de comparação). E o que o faz (verbo no presente do indicativo) com os circos, faz (verbo no presente do indicativo) com os edifícios, as pontes, as usinas, as fábricas: uma vez planejadas, erguem-se (verbo no presente do indicativo) em pouco tempo do solo e tomam (verbo no presente do indicativo) como por mágica relevos monumentais (estratégia argumentativa de causa-efeito).".*

22 – A. Note as regras de transposição: o pretérito perfeito do indicativo vira pretérito mais-que-perfeito do indicativo (*parei – parara*) e o pronome mais próximo da 1ª pessoa (*isso*) passa a ter um distanciamento (*aquilo*).

23 – B. O texto em questão se configura como um texto dissertativo-expositivo (informativo), cuja estrutura, geralmente, apresenta, no primeiro parágrafo, os tópicos mais importantes que serão aprofundados e explicados nos parágrafos seguintes. Nesse caso, o primeiro aponta as informações mais relevantes, as quais são pormenorizadas ao longo do texto, sobre o projeto publicado no Diário Oficial (a assinatura de um acordo de cooperação entre o MPOG e o ITI, para que fosse utilizada documentação eletrônica em todos os trâmites de processos).

24 – C. Nesse caso, não tem nada a ver relacionar a finalidade do texto, que é "informar algo", à variedade popular e informal da língua. Muito pelo contrário, grande parte dos veículos de comunicação, inclusive os de massa, utiliza a variedade culta da língua. Cabe ressaltar que alguns jornais, por exemplo, utilizam-se da variedade mais informal, com o objetivo de, em alguns casos, aproximar-se de um público específico. Entretanto, isso não é uma regra para esse tipo de texto, vai depender da estratégia de comunicação de cada veículo.

25 – E. No primeiro parágrafo do texto, é informado ao leitor o acordo feito entre as duas entidades. Já no terceiro parágrafo, os detalhes de tal acordo são apresentados. Vamos rever um trechinho: *"O acordo, que tem duração de três anos, prevê a criação de normas, implantação de projeto piloto [...] Para divulgar o PNDProc, também estão previstas no termo de cooperação* ***a capacitação de servidores públicos*** *que atuam na área de documentação[...]".* Fica explícito, no trecho reproduzido, que a capacitação de mão de obra é uma das obrigações do ITI.

26 – A. A principal característica de um texto argumentativo é a presença de uma tese (ideia principal) que é defendida, pelo autor, por meio de argumentos. Segundo o autor do texto, o consumismo infantil é um problema grave que deve ser enfrentado por todos urgentemente. Essa tese é defendida ao longo do texto, por meio de argumentos fortes, alguns corroborados por dados de pesquisa.

27 – D. O conectivo *mas também* tem valor aditivo. No caso, está somando duas razões para as crianças serem alvos da mídia: 1) influenciam a compra dos pais, e 2) tendem a ser mais fiéis às marcas.

28 – C. Os artigos acadêmicos têm como finalidade apresentar um estudo. Assim, são textos de caráter expositivo, isto é, expõem o assunto abordado de maneira direta e objetiva. Portanto, não há intenção de realizarem-se grandes descrições. Não quer dizer que elas não possam aparecer – a descrição de uma experiência científica, por exemplo – mas jamais a descrição será a característica preponderante. Aprende-se muito com as demais opções, que apresentam características do gênero **artigo acadêmico**.

29 – A. O gênero "crônica" tem como uma de suas principais características o fato de o texto apresentar uma visão subjetiva de fatos cotidianos. Assim, por vezes, o ponto de vista do autor fica evidente. Nesse caso, Ivan Angelo coloca sua opinião negativa em relação ao hábito das pessoas de classes mais baixas adquirirem bens à prestação e, com isso, pagarem mais caro por ele. Perceba, no entanto, meu nobre, que isso é uma questão de opinião. Talvez para o autor seja mais "fácil e inteligente" guardar o dinheiro e pagar à vista. Mas, pensemos, será que as pessoas de classes mais baixas conseguem guardar dinheiro? Sim? Não? Viu? Outra questão de opinião. Essa é a sua característica. Uma opinião pode ser contraposta, contestada. Ao contrário do fato que, independentemente de as pessoas gostarem ou não, como o próprio nome diz, é um fato. Fica esperto!

30 – D. A estratégia da exemplificação é muito utilizada em textos argumentativos. A crônica jornalística, por expor um ponto de vista e defender uma ideia, também tem esse caráter. Sendo assim, o autor utilizou um caso da vida real para reforçar a opinião que já vinha sendo construída sobre a atitude de as pessoas de classes mais baixas contraírem dívidas com naturalidade e otimismo. Dessa forma, ele facilita o entendimento do leitor, no tocante à descrição dessa atitude, que vem logo em seguida, revelando suas motivações e consequências.

31 – E. A gradação é uma estratégia linguística que consiste em enumerar, apresentar ideias, colocadas de maneira crescente ou decrescente. Nesse caso, temos uma gra-

dação crescente em relação à caracterização da globalização. A cada especificação, os adjuntos adnominais de globalização tornam-se mais fortes, acentuando as dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores: *do olho da rua* (demissão), *do bico* (trabalho informal) e, por fim, *do dane-se* (ausência de qualquer ajuda ou respaldo).

32 – E. O gênero **carta** tem como elemento fundamental um destinatário explícito, geralmente, logo no início do texto. Entenda-se que por explícito não quero dizer possível de identificar a identidade, podem ser utilizadas as formas como "meu caro", "minha querida" etc. Na língua portuguesa, o item gramatical que faz referência ao destinatário de uma correspondência é o vocativo. Assim...

33 – C. No tocante ao ensino de religião pelas escolas públicas, o autor se mantém pragmático (como é dito na letra C), visto que valoriza os aspectos práticos e objetivos ao empregar argumentos de ordem jurídica e econômica, e não de ordem pessoal, subjetiva.

34 – E. Vamos começar entendendo por que estão erradas as afirmações I e II. Na I, diz-se que o autor, ao se declarar um cidadão ao mesmo tempo ateu e liberal, enaltece-se. Isso não corresponde à verdade, essas considerações são um posicionamento do autor perante o assunto em debate e não uma promoção de suas qualidades pessoais. A questão ainda afirma que o autor se vale, para isso, de exemplo da própria CNBB. Esta é citada por ser entusiasta do ensino religioso na rede pública, diferente do que pensa o autor. Na assertiva II, fala-se de falta de oportunidade para se acessarem mensagens religiosas. No entanto, desde o terceiro parágrafo, o autor externa que, para ele, há muita oportunidade para esse acesso: *"A minha impressão é a de que não faltam oportunidades para conhecer as mais diversas mensagens religiosas, onipresentes em rádios, TVs e também nas ruas."*. A única afirmação correta é a III (letra E), uma vez que expõe que o autor se mostra contrário ao ensino de religião nas escolas públicas. Nos últimos parágrafos, ele argumenta essa visão com algumas causas para isso, tais como: *"Creio que aqui vale a regra econômica, segundo a qual o Estado deve ficar fora das atividades de que o setor privado já dá conta"*, *"Outro ponto importante é o dos custos."*.

35 – D. A questão fala de INFERIR. Você se lembra desse termo? O que querem de você? Desejam que você deduza por meio de raciocínio, chegue a uma conclusão depois de ter lido algo no texto. Bom, veja o que o autor diz em: *"Não me parece que faça muito sentido gastar recursos com professores de religião, quando faltam os de matemática, português etc. Ao contrário do que se dá com a religião, é difícil aprender física na esquina."*. Com essa afirmação, deduzimos que as matérias tradicionais, ensinadas na escola, assumem, para o escritor, maior importância que a religião, pois esta *"não requer instrução tão especializada como a que exigem as ciências exatas"*, conforme dito na letra D.

36 – E. Lembra que eu disse que **descrição** é o tipo de texto em que se faz um retrato por escrito de um lugar, uma pessoa, um animal, um pensamento, um sentimento, uma sensação, um objeto, um movimento etc.? Então você também se lembra de que **narração** é o tipo de texto em que se conta um fato, fictício ou não, que ocorreu num determinado tempo e lugar, envolvendo certos personagens? Isso é o suficiente para você perceber as características dos trechos e marcar a resposta certa. Fácil!

Capítulo 35

Gabarito

1 – C. Os termos *isso, afinal de contas, além disso* e *em seguida* remetem a ideias anteriormente expostas, são elementos que apresentam valor anafórico (lembra?). Já o conectivo *que*, na frase da letra C, é uma conjunção integrante, a qual não remete a algo anteriormente citado, ela introduz, apenas, o complemento do verbo *saber*: "*que nada sei*".

2 – C. Uma questão bem simples se estudados os conectivos (conjunção, principalmente, é um elemento coesivo muito usado) e seus valores semânticos. *Quando* é uma conjunção tipicamente temporal. *Após*, enquanto advérbio ou preposição, alude à ideia de "depois", ou seja, um valor também de tempo. *Então* equivale a "assim", vocábulos muito empregados na conclusão de um texto para fechamento das ideias em debate. *A partir daí* é uma locução que expressa uma continuidade do tempo a partir de certo momento. Por último, a conjunção *mas* (= *porém*) expressa uma oposição ao que foi abordado anteriormente; trata-se de uma conjunção adversativa.

3 – A. Veja: *"É impossível colocar em série exata os fatos da infância porque há aqueles que já acontecem permanentes"* O pronome *aqueles* – no masculino plural – evita repetir o elemento anteriormente citado *fatos da infância* e, com este, estabelece a devida concordância. Na letra B, *afora* não se refere ao tempo atual, *d'agora*. Na letra C, *outros* não se refere ao substantivo *cargas* – nem com este concorda –, mas sim ao substantivo *fatos*, assim, alude a um termo posterior. Na letra E, o pronome *eles* se refere *aos miúdos fatos, incolores e quase sem som* que logo viram passado remoto.

4 – D. a) Vejamos o contexto: *"Acho que foi o Hemingway quem disse que olhava cada coisa à sua volta como se a* ***visse pela última vez.".*** O pronome pessoal oblíquo átono *a* substitui o termo *cada coisa*, ou simplesmente *coisa*, apresentado anteriormente no texto. Valor anafórico. b) Vejamos o contexto: *"Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver, você não vê. Sei de um profissional que passou 32 anos a fio pelo mesmo hall do prédio*

do seu escritório. Lá ***estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro****. Dava-lhe bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer.".* A palavra *Lá* é um advérbio pronominal de valor anafórico, pois substitui *hall do prédio.* É chamado de advérbio pronominal, pois sua função é semelhante à de um pronome, ou seja, substituir um substantivo. Não são só os pronomes que têm papel coesivo dentro do texto, como pôde ver. c) Vejamos o contexto*: "Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver, você não vê. Sei de um profissional que passou 32 anos a fio pelo mesmo hall do prédio do seu escritório. Lá estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro. Dava-lhe bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer.".* O pronome oblíquo *lhe* substitui o termo *profissional* apresentado anteriormente no texto (valor anafórico): *dava ao profissional bom-dia.* Quem dava bom-dia era o mesmo porteiro que passava ao profissional um recado ou uma correspondência. Isso fica claro no parágrafo posterior, em que se diz que o profissional nunca tinha visto o porteiro nem se dado conta da existência dele até o falecimento. d) Vejamos o contexto: *"Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado, o porteiro teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por sua* ***ausência.*** *O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem. Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos.".* O pronome possessivo *sua*, na expressão *sua ausência*, faz referência ao porteiro (valor anafórico): *pode ser também que ninguém desse pela ausência do porteiro (por mais que ele fosse ou estivesse em forma de uma girafa).* Veja que o pronome *sua* não pode se referir à girafa, pois é apresentada uma possibilidade de a girafa ser colocada no lugar do porteiro, logo a ausência seria do porteiro, e não da girafa. O que ocorre é apenas uma metáfora hiperbólica (comparação entre seres de universos distintos de modo exagerado) para indicar a desimportância do porteiro para o profissional. e) Vejamos o contexto: "*Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado, o porteiro teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por sua ausência. O hábito suja os olhos* ***e*** *lhes* ***baixa a voltagem.*** *Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos.*" O pronome *lhes* substitui a palavra *olhos* apresentada anteriormente no texto (valor anafórico): *"O hábito suja os olhos e baixa a voltagem dos olhos".* Ufa!

5 – E. Note que os elementos coesivos com valor de oposição, contraste, ressalva *mas* e *embora* são classificados, respectivamente, como conjunção adversativa e conjunção concessiva. Uma pode substituir a outra numa reescritura, por isso houve manutenção de sentido (tem a ver com coerência) e correta substituição de um conectivo por outro (tem a ver com coesão).

6 – B. Questão interessante de coesão. Observe de novo: *"As drogas medicinais ou 'drogas da virtude', prescritas pelos..."*. O vocábulo *prescritas* não se refere a duas espécies de drogas, pois *drogas da virtude* é o mesmo que *drogas medicinais* e vice-versa; são expressões sinônimas. Note que o *ou* que está entre drogas medicinais e drogas da virtude é o mesmo *ou* que estaria, por exemplo, entre "O Rei Pelé ou Edson Arantes do Nascimento". O objetivo deste conectivo não é marcar a diferença, mas sim reiterar. Portanto o particípio do verbo *prescrever* (*prescritas)* se flexiona em gênero e número concordando com *drogas* (que recebem o nome de "medicinais" ou "da virtude", o que dá no mesmo).

7 – C. Bastaria saber conectivos bem (conjunção e preposição)! a) *Há felicidade coletiva // **quando** são adequadamente observados os itens que tornam mais feliz a sociedade.* (**tempo**) b) *E a sociedade será mais feliz // **se** todos tiverem acesso aos básicos serviços públicos de saúde...* (**condição**) c) *A educação, a segurança, a saúde, o lazer, a moradia e outros mais são considerados direitos fundamentais de cunho social pela Constituição // exatamente **por** serem essenciais ao bem-estar da população no seu todo.* (**consequência**/**causa**; logo, se há uma causa, há uma consequência; neste caso, a causa vem esclarecida após a apresentação da consequência, de acordo com o pedido do enunciado) d) ... ***por** dizer a Constituição serem os direitos sociais essenciais à busca da felicidade, // se vai, então, forçar os entes públicos a garantir condições mínimas de vida ...* (neste caso, veio primeiro a **causa**, depois a **consequência**) e) *O povo pode ter intensa alegria, por exemplo, ao se ganhar a Copa do Mundo de Futebol, // **mas** não há felicidade coletiva, e sim bem-estar coletivo.* (**adversidade, oposição**)

8 – A. *Porém*, na letra A, é uma conjunção adversativa; denota, assim, uma ideia de oposição ao que foi afirmado anteriormente. *Melzinho na chupeta!*

9 – E. *Isso* é um pronome demonstrativo que recupera a citação anterior, portanto, é um elemento que apresenta um valor anafórico. Basta que você, com muita disposição, volte ao texto e perceba que se refere "ao fato de que é importante deixar um planeta melhor para as próximas gerações".

10 – C. No período em análise, o enunciador (a boneca) diz saber que a sua dona sente saudades suas. Poderíamos nos perguntar: "Por que ela diz que sabe?", "Qual é a causa que a leva a ter essa certeza?". Segundo ela, a certeza vem do fato de que ela também sente saudade de sua dona. Logo, *porque também sinto saudades suas* é a causa pela qual a boneca corrobora que sua dona sente saudades dela.

11 – C. Note que o período anterior encerra-se afirmando que, em dezembro, as pessoas pensam estar com maior poder aquisitivo. Essa afirmação é reiterada no

parágrafo seguinte. Porém, a expressão *A verdade é que* reformula a primeira ideia, acrescentando que esse *pensar estar rico* não se restringe a dezembro, isso já vem ocorrendo há algum tempo. A explicação dada pelo autor para constatar esse fato é que as pessoas vêm comprando com frequência. Logo, *vêm comprando* é o que explica o fato de as pessoas estarem se sentindo ricas. Assim, o melhor conectivo seria o *porque*, com o mesmo sentido de "pois".

12 – D. No primeiro trecho sublinhado, há a presença do verbo *defender*, um verbo com valor argumentativo, que é seguido de uma opinião – nesse caso, a opinião de Delfino Natal de Souza sobre a nova gestão de documentos. Após defender o novo procedimento, Delfino explicita (segundo trecho sublinhado) a maneira como a modernização ocorrerá. Note que o verbo *permitir*, nesse caso, assume um valor semântico semelhante a "possibilitar algo". Assim, o locutor transmite a ideia de um novo "modo" de gerir a documentação pública.

13 – E. Note que a expressão *Sem competitividade* corrobora o conteúdo do período anterior *"Incapaz de acompanhar o crescimento do mercado interno, a indústria de transformação perdeu espaço no Brasil para os concorrentes"*. Observe também que a expressão *essa indústria* desempenha importante papel coesivo, retomando *indústria de transformação*. Quanto às demais, note: a) Não há correção gramatical; veja como deveria ser: *"Por isso esse protecionismo é uma forma de compensar (...)"*. b) Esta opção apresenta um erro muito frequente em questões desse tipo: a **ausência de referencial anterior**. Ou seja, ocorre a apresentação de uma referência ainda não mencionada no texto. No trecho *"Esses investidores tomam dinheiro (...)"*, não é possível identificar/relacionar a que elemento textual anterior a expressão destacada se refere. c) Entre o último período do texto e o período desta opção, não deve haver uma relação de adição, mas sim de conclusão, por isso o uso de *Além disso* está equivocado, devendo ser substituído por "Portanto", "Por isso", "Por conseguinte" etc. Outro equívoco encontrado refere-se à forma pronominal *esses*, pois, novamente, não há referencial anterior citado no texto. Os vocábulos *empresários*, *administradores* e *governantes* foram citados posteriormente. d) O texto não nos transmite a informação de que houve "bom desempenho do Brasil", mas, sim, a de que ocorreu um "fraco desempenho brasileiro".

14 – C. A letra A já é excluída logo em 1, pois não se pode usar um artigo seguido de substantivo implícito *(o (ameaça) de que)* para referir-se a palavra feminina (*ameaça*), segundo as regras de concordância e consequente coesão. A letra E também é excluída, pois o uso do pronome indefinido/interrogativo *qual* provoca incoesão e incoerência no contexto em 1. Resta-nos, portanto, as opções B (*que*; conjunção integrante), C (*a de que*; artigo feminino seguido de substantivo implícito (*ameaça*) + preposição exigida pelo substantivo implícito (*ameaça*) + conjunção integrante) e D

(*que*; conjunção integrante). Em 2, o *do* da b) provoca incoerência, pois estabelece relação de posse e não de assunto, como se exige no contexto. Resta-nos a c) e a d), pois *a respeito do* e *sobre o* introduzem um termo com ideia de assunto. A estrutura *o que o* é correta no contexto, pois equivale a *aquilo que o*, sendo o *o* (= *aquilo*) um termo de valor catafórico, pois antecipa a oração em negrito: *"... **o** (= aquilo) que o Brasil tenta agora é **obter sinal verde para**..."*; logo aqui já ficamos com a letra c). Na letra d), a estrutura *que o* está equivocada, pois este *que* está incoeso, uma vez que não tem função de conjunção integrante tampouco de pronome relativo. Do mais, *para que* (introduz ideia de finalidade), *qual* (pronome indefinido/interrogativo) e *mas* (conjunção adversativa) servem de elementos coesivos adequados ao contexto.

15 – E. Neste tipo de questão, perceba a relação entre o segmento a ser acrescido no trecho e o parágrafo seguinte e a relação entre o segmento a ser acrescido no trecho e o parágrafo anterior. Note que, no primeiro parágrafo, foi citado o segmento *uma atuação conjunta, em bloco*. Já no terceiro parágrafo do texto, há coesão referencial a uma "instituição", ou seja, é necessário que haja um referencial anterior no texto. Este é o foco! É preciso marcar a opção que diz respeito a uma "instituição", ok? Analisando as opções, percebemos que apenas a letra E apresenta os elementos de coesão necessários e menciona uma espécie de "instituição", qual seja, *banco de desenvolvimento*, sendo exemplificado com o "Bird" e o "FMI". Quanto às demais, veja os problemas: a) A China não é uma instituição, além disso, no terceiro parágrafo se diz *"A instituição permitiria aos países..."*, sendo um desses países (mencionados no primeiro parágrafo) a China, logo ela não pode ser uma instituição e um desses países ao mesmo tempo. b) Não se esclarece que "instituição" é. c) Idem à opção a). d) Não se esclarece que "instituição" é.

16 – B. Essas questões da ESAF podem ser respondidas mais rapidamente pelos erros gramaticais, por isso já se descarta a a) pelo erro de ortografia "conssessão" (o certo é *concessão*). Em d), deveria ser *respondem*, erro de concordância. Em e), há um erro de pontuação *("No entender dos analistas,..."*. Ficamos entre a b) e a c). Veja o finzinho do excerto: *"Preocupado com a falta de vigor da economia, o governo determinou que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal reduzissem as suas taxas."* A b) diz *"Essa e outras medidas"*. Essa qual? O governo ter determinado que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal <u>reduzissem as suas taxas</u>. Logo, a "redução de taxas" é (Essa) medida, que, inclusive, mantém coerência com a expressão, ainda na opção b), *aquecer de novo a economia*, isto é, reduz-se taxas = aquece-se a economia. O erro da c) está em dizer *essas medidas*, mas só há uma.

17 – B. Colocar em ordem, ou seja, na sequência certa (coesa e coerente), é fácil. Basta perceber a relação entre as partes. Esse tipo de questão se faz por eliminação

percebendo os elementos coesivos. Note que o primeiro trecho começa com *Nesse estudo*. É óbvio que não se pode iniciar o texto com um pronome demonstrativo de valor anafórico, logo já sabemos que este não é o (1). O **2º trecho** se parece com uma tese em relação às outras opções que se iniciam com elementos coesivos de retomada, a saber: **1º trecho**: *"Nesse estudo"* (retoma o estudo do trecho, que é a tese do texto, *"Pesquisadores examinaram dados de cem cidades em 33 países, em busca de pistas sobre quais metrópoles seriam as maiores poluidoras e por que, de acordo com estudo publicado na revista especializada 'Environment and Urbanization'.*); **3º trecho**: *Isso* (retoma o conteúdo de *"Nesse estudo, enquanto cidades do mundo todo foram apontadas como culpadas por cerca de 71% das emissões causadoras do efeito estufa, cidadãos urbanos que substituíram os carros por transporte público ajudaram a diminuir as emissões per capita em algumas cidades.*"); **4º trecho**: *Por fim* (valor conclusivo; retoma tudo o que se disse); **5º trecho**: *O estudo* (retoma o conteúdo de *"Isso reflete a grande dependência de combustíveis fósseis para a produção de eletricidade, uma base industrial significante em muitas cidades e uma população rural relativamente grande e pobre", informa o estudo.*"). Sendo assim, ordenando o texto, ou seja, colocando-o em uma sequência coesa e coerente, temos: *"**(1)** Pesquisadores examinaram dados de cem cidades em 33 países, em busca de pistas sobre quais metrópoles seriam as maiores poluidoras e por que, de acordo com estudo publicado na revista especializada "Environment and Urbanization". **(2)** Nesse estudo, enquanto cidades do mundo todo foram apontadas como culpadas por cerca de 71% das emissões causadoras do efeito estufa, cidadãos urbanos que substituíram os carros por transporte público ajudaram a diminuir as emissões per capita em algumas cidades. **(3)** "Isso reflete a grande dependência de combustíveis fósseis para a produção de eletricidade, uma base industrial significante em muitas cidades e uma população rural relativamente grande e pobre", informa o estudo. **(4)** O estudo também aponta outras tendências, como as cidades de climas frios terem emissões maiores, e países pobres e de renda média terem emissões per capita inferiores aos países desenvolvidos. **(5)** Por fim, quando os pesquisadores olharam as cidades asiáticas, latino-americanas e africanas, descobriram emissões menores por pessoa. A maior parte das cidades na África,* Ásia e América Latina tem emissões inferiores por pessoa. O desafio para elas é manter essas emissões baixas, apesar do crescimento de suas economias."

18 – B. Se ele permaneceu monarquista, é porque ele julgou esta opção melhor que pender para o lado republicano, logo, naquele momento, o regime republicano não era a melhor opção, o que corrobora o trecho *viria a prejudicar e não a favorecer.*

19 – B. A relação de sentido entre o fragmento da opção certa e o contexto é de condição, logo todas as opções são possíveis, exceto a que se inicia por uma locução prepositiva concessiva (*Apesar de*), daí a incoerência.

20 – A. Note que o substantivo *estímulo* no trecho da letra a) retoma por nominalização o verbo *estimular* e o conteúdo semântico do sujeito dele, mantendo, assim, adequada relação coesiva. Veja: *"A manutenção do emprego, a elevação do salário real, a rápida expansão do crédito e a redução de impostos para alguns setores estimularam o consumo, mas a produção manufatureira foi incapaz de acompanhar a demanda interna. Parte desse estímulo foi aproveitada por produtores estrangeiros bem mais preparados para disputar espaço nos mercados. O recuo da atividade industrial brasileira reflete, entre outros fatores, o aumento das importações e a deterioração do saldo comercial."* Veja os problemas das demais opções: b) Nada se fala no excerto sobre *pequena reação de maio para junho*. c) Não há presença de concorrentes, o texto não cita nada disso. d) Nada se fala sobre *esse período de 12 meses* no excerto, logo a retomada é incoerente. e) O excerto demonstra preocupação e retração, logo essa continuação proposta não procede.

21 – ERRADO. A expressão *desse trabalho* é um recurso de coesão que retoma *pesquisa*, por expansão lexical.

22 – B. O vocábulo *senão* tem valor aditivo, por isso equivale a "mas (também) sim".

23 – A. Entre a primeira frase e a terceira, há uma relação de causa e consequência bem marcada pela conjunção *pois*, que estabelece a coesão adequada, produzindo um texto coerente. A segunda frase traz apenas uma característica do invejoso. Veja as demais, já reescritas: b) Com a expectativa na qual o término da felicidade do outro lhe traz (**traga**) felicidade, o invejoso age também pelo ódio e procura destruí-la. c) Por acreditar que o término da felicidade alheia lhe trará felicidade, o invejoso procura destruí-la, agindo, também, pelo ódio. d) O invejoso, o qual age movido também pelo ódio, procura destruir a felicidade alheia, nutrindo a expectativa de que o término dela lhe traga felicidade. e) Como nutre a expectativa de que o término da felicidade alheia lhe traga felicidade, o invejoso procura destruir a felicidade alheia, agindo também pelo ódio.

24 – A. Pelo nosso conhecimento de mundo, *cartolas* é sinônimo de *dirigentes*. Simples assim!

25 – B. O contexto indica que o pronome *las* retoma *sensações*, que, segundo o próprio contexto, "são mais nossas do que a própria vida". Isto é, há sensações que são sentidas só de serem imaginadas.

26 – A afirmação procede, pois o que irritou Palas Atena foi Aglauros ter pedido dinheiro em troca de favor. O que corrobora isso é este trecho: "*Palas Atena... já detestava a jovem porque esta a espionara em outra ocasião. Não admitia que a mortal fosse*

recompensada por outro deus." Quanto ao pronome *a*, de fato retoma Palas Atena, pois é esta que fora espiada por Aglauros em outra ocasião.

27 – A afirmação procede. Substitua e veja: *quem sabe das dificuldades que Clarice enfrentou vê com alegria o reconhecimento que seu nome alcança e a irradiação de Clarice pelo mundo* OU *quem sabe das dificuldades que Clarice enfrentou vê com alegria o reconhecimento que seu nome alcança e a irradiação dele (do nome) pelo mundo.*

28 – CERTO. O canadense Harold Hackett que o diga, ou seja, O canadense Harold Hackett que diga isto: "Na era das redes sociais, algumas formas de comunicação arcaicas ainda dão resultado". A expressão *que o diga* equivale a "atestar". Isto é, o homem atestou que, mesmo na era das redes sociais, algumas formas de comunicação arcaicas ainda dão resultado.

29 – CERTO. Substitua e ateste: "O seu método é simples. Harold utiliza garrafas de suco de laranja e se certifica de que as mensagens estão com data. Antes de enviar as garrafas, checa o sentido dos ventos... (...)" OU "O seu método é simples. Harold utiliza garrafas de suco de laranja e se certifica de que as mensagens estão com data. Antes de enviar as mensagens, checa o sentido dos ventos... (...)"

30 – CERTO. O único referente no período anterior a *Elas* que está no feminino plural é *demandas*. Além disso, o próprio direcionamento argumentativo nos leva a ver como referente de *Elas*, o substantivo *demandas*. Por último, veja a substituição: "**As demandas** requerem que o Estado atente também para a qualificação de uma força de trabalho...". Agora *fechou o caixão*!

31 – C. Mero conhecimento de coesão sequencial, que depende do conhecimento de conjunção. Ambos os conectores têm valor semântico concessivo, por isso a substituição é adequada.

32 – A. O que possibilita uma vida cada vez melhor para as pessoas? Os avanços dos aparelhos eletrônicos sofisticados, que são capazes de fazer um diagnóstico apurado, passando informações importantes sobre o paciente. Logo, *nesta área* tem como referente *aparelhos eletrônicos*.

33 – A. Além da noção temporal, há um valor de causa e consequência embutido na expressão conectora *a partir daí*, por isso cabe a substituição por *em consequência*.

34 – A. O pronome *nossas* tem valor dêitico (ou díctico), isto é, refere-se a algo fora do texto, no caso o autor e seus leitores. Nas demais opções, os termos coesivos têm valor anafórico, pois substituem termos anteriormente mencionados. b) Retoma

restaurantes. c) Retoma todo o período anterior. d) Retoma programa. e) Retoma proposta.

35 – D. Pelo nosso conhecimento de mundo, a questão é resolvida facilmente, pois CPMF = imposto do cheque.

36 – E. Ambos os elementos têm valor conformativo, introduzindo um argumento opinativo.

37 – B. *Por exemplo* introduz um argumento de exemplificação; *ou seja*, de explicação.

38 – C. Por eliminação, encontramos a resposta: a) Repetição de parte do nome. b) Informações a respeito do casamento no Brasil colônia. d) Brasil colônia. e) 1815.

39 – E. Autoexplicativa. Sobre as demais: a) O pronome *lhes*, utilizado em *exige-lhes*, faz referência a *instituições governamentais*. b) O pronome *o*, em *critica-o*, faz referência a *governo*. c) A palavra *nos*, em *Zilda Arns nos deixa*, é um pronome. d) A palavra *pelo*, em *eventos convocados pelo governo*, é uma contração de preposição + artigo.

40 – A afirmação procede e é autoexplicativa.

41 – B. O contexto mostra que o personagem viu pitangas e começou a colhê-las. Em seguida, um outro personagem passa e diz "Eu sempre quis fazer isso". Logo, deduz-se que *isso* refere-se a *colher pitangas*.

42 – D. *Contra* tem valor negativo e *ao encontro de* tem valor positivo.

Capítulo 36

Gabarito

1 – B. O único caso em que o verbo *ter* é coloquial é quando tem sentido de "existir". Por isso, a norma culta sugere que se use o verbo *haver*: *"Há coisas que não se explicam: a dor do exílio é uma delas."*

2 – B. Pelo visto, a FCC considera que a preposição pode ficar implícita antes de orações subordinadas substantivas objetivas indiretas *(Ela sempre duvidou (de) que...)*. Quanto ao pronome demonstrativo *o (= isso)*, em *"ele o fez"*, *ele* tem valor anafórico e está acompanhado de um verbo vicário (*fazer*). A crase em à qual está correta por causa da regência de *devia*. A expressão *de sua trajetória artística* é um adjunto adverbial de causa. Em suma, não há erro algum na opção b), por isso é o gabarito. Veja as

demais já corrigidas: a) Na seção em que passou a trabalhar, o cenário (núcleo do sujeito) de intrigas e favorecimentos vários o incomoda e quase o enlouquece, pois lhe parece (verbo no singular; concordância) infernal. c) É o relato de um passeio que o pretenso adivinho (ortografia) fez com dois amigos, os quais (concordância), no momento em que passavam por uma ponte, o céu cobriu-se de nuvens negras. d) Não há dúvidas de que se tem (colocação pronominal e concordância) um avanço tecnológico e científico nessa área, mas os professores e alunos até chegam a temer esse mundo que os cerca (concordância). e) São muitas as entidades que militam nesse âmbito para as quais (concordância) prestei assessoria, mas não tenho a presunção de ter conquistado algum prestígio em alguma delas.

3 – E. A forma adequada à língua culta é *Em último caso*, quando equivale a "em último recurso".

4 – A. Por eliminação: b) micro-organismo; c) sintomas; d) quadros; e) prescrever.

5 – B. A locução conjuntiva comparativa *que nem* é considerada coloquial pela maior parte dos gramáticos. Outra conjunção comparativa considerada coloquial é "feito": *Ele fala feito papagaio.*

6 – E. A regência do verbo lembrar, VTD, não está de acordo com a norma culta. A frase deveria estar assim: *Mas sei do que se lembra.* O verbo *lembrar-se* é VTI e exige a preposição *de.*

7 – D. O uso da interjeição *Puxa* e do substantivo *gente* são próprios da linguagem coloquial.

8 – B. Por eliminação: a) bola rolando (jogo em andamento); c) louco (linguagem figurada), canalha (linguagem de baixo calão, chula), quebrar (linguagem figurada); d) soltar o braço (linguagem figurada). A linguagem figurada em si não é marca de coloquialismo, mas tais usos (da questão) são clichês próprios da informalidade.

9 – A. Para resolver questões desse tipo, é preciso encontrar os desvios gramaticais nas alternativas. A que não apresentar nenhum desvio estará de acordo com a norma culta, ou "redigida corretamente". Vejamos as opções corrigidas: b) O verbo **contrapor** é derivado do verbo pôr, portanto a conjugação é idêntica. No futuro do subjuntivo, então, a conjugação acertada é esta: *"... se se contrapuserem..."*. Há também problema na concordância verbal do verbo **ser**, em *"... provas convincentes, que... não é garantia..."*; deveria ser: *"... provas convincentes, que... não **são** garantia..."*. Lembra-se dessa regra? O verbo concorda com o antecedente do pronome relativo. Para fechar, o verbo

sortir não está adequado neste contexto, uma vez que significa "abastecer", "prover", "misturar" etc. O certo seria "surtir", que significa "acarretar", "provocar". c) Há um problema de conjugação verbal do verbo *convir* (derivado de *vir*). Como ele está no futuro do subjuntivo, conjuga-se igual a "vir". Portanto: *"... será aceito por meu cliente se lhe* ***convier****..."*. d) Há dois problemas de ortografia (*argúo* e *ascenção*). Tais palavras são escritas assim: ***arguo*** (1ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo arguir) e ***ascensão***. Como *arguo* é palavra paroxítona terminada em **-o**, não recebe acento gráfico. Não se usa ç em *ascensão*, pois quando há **-nd** no radical do verbo de onde se deriva o substantivo, usa-se **s** na escrita desse nome (*ascender* > *ascensão* > ascensorista...). e) O verbo incendiar faz parte daquele grupo de verbos terminados em **–iar** (lembra-se do MARIO?). *Mediar, ansiar, remediar, incendiar/intermediar, odiar.* A conjugação destes verbos segue o modelo da conjugação do verbo *odiar*. Portanto, se ele "odeia", ele "incendeia". Visando à correção gramatical, o texto deveria ter iniciado assim: *"Ele incendeia..."*. Sobre a forma verbal "freiar", saiba que ela não existe, é "frear" a correta grafia.

10 – B. Analisemos uma por uma: a) Em *"... deviam ter havido mais de dez chamadas..."*, há um desvio de concordância, uma vez que o verbo auxiliar deveria estar no singular, pois faz parte de uma locução em que o verbo *haver* tem sentido de "existir". Quando isso ocorre, a impessoalidade do verbo *haver* passa a todos os verbos da locução verbal. Portanto, todos ficam na 3ª pessoa do singular obrigatoriamente. Outro desvio claro é o uso de *aonde*. Tal expressão só é acertada quando há um verbo ou um nome exigindo a preposição *a*, que se junta ao advérbio *onde* formando a expressão *aonde*. Não é o caso no contexto; deveria ser apenas *onde*. c) Há um desvio de concordância verbal em *"... o desempenho de todos eles* ***decaírem*** *intensa e irreversivelmente."*, pois o verbo deve concordar em número com o núcleo do sujeito (desempenho). Portanto, o adequado à norma culta é: *"o desempenho de todos eles* ***decair*** *intensa e irreversivelmente."* d) Novamente há problemas de concordância (verbal e nominal) neste texto. Veja a reescrita com correção: *"... são realmente confiáveis... os números que indicam..."* e) Melhor seria usar a expressão de valor causal *Haja vista* e não o particípio isolado *Visto*, que, inclusive, não concorda em número e pessoa com o seu sujeito *a oportunidade...*; deveria ser *Vista*. Além disso, há um problema de colocação pronominal: *... os legisladores não convenceram-se da necessidade..."*. Deveria ser: *"... os legisladores não* ***se*** *convenceram da necessidade..."*, pois o advérbio de negação (não) atrai o pronome oblíquo átono (se), ficando este antes do verbo (próclise). Não satisfeito, o cara que escreveu este texto cometeu outro desvio: "... da necessidade de ver postergado, no último momento, as datas das primeiras reuniões setoriais.". Há um erro de concordância nominal, pois o adjetivo *postergado* está ligado a *as datas das primeiras reuniões setoriais*. Sendo assim, o texto deveria ser reescrito assim para que houvesse correção

gramatical: *"da necessidade de ver postergadas, no último momento, as datas das primeiras reuniões setoriais"*.

11 – C. Vejamos as que devem ser corrigidas: a) O ideal seria *Nesta época*, pois remete ao tempo presente do falante. Nada justifica o uso da conjunção *e*. Quem transforma algo... transforma algo **em**... Portanto, a reescritura deveria ser: *"Nesta época do ano, as enchentes, mais do que previsíveis, como todos o sabem, transformam a cidade* ***em*** *uma paisagem horrenda."*. b) Falta vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado *por si só*. Há falta de clareza, pois não se sabe se o sujeito do verbo *teme* é *isso* ou *a sociedade*. Se eu digo que o sujeito é *isso*, queremos dizer que *o fato de a atividade docente exercer liderança nata* (retomada pelo *isso*) teme a sociedade, isto é, causa temor na sociedade. Por outro lado, se *a sociedade* for o sujeito, queremos dizer que *a sociedade* tem medo da ideia de a atividade docente exercer liderança nata, em que *isso* passaria a ser o objeto direto. Deveria estar assim reescrita: A atividade docente, por si só, já exerce uma função de liderança nata, e é isso que às vezes a sociedade teme, pois nem todos os mestres primam por ética. d) A palavra *prevens*ão está escrita errada, deveria ser *prevenção*. O sufixo **-ção** é formador de substantivos abstratos. Prevenção é o ato de prevenir. e) Desvio de concordância. Se o sujeito é composto anteposto ao verbo, este deve ficar no plural. Veja a correção: *"Minha expressão de compromisso para com meus pares* ***e*** *o órgão a que passarei a pertencer* ***hão*** *de ser* ***demonstrados*** *a cada passo de minha atuação, pela qual sempre zelarei, como venho demonstrando por anos consecutivos."*.

12 – E. Vejamos as alternativas comentadas: a) O verbo *intervir* é derivado do verbo *vir*, logo a conjugação é igual. Uma vez que esse verbo está no pretérito imperfeito do indicativo no contexto, deveria estar escrito assim: *"A mãe sempre intervinha nas discussões..."*. b) Há um problema de ortografia: não é *recaptulava*, mas *recapitulava*, do verbo *recapitular*, derivado de *capítulo*. O outro problema polêmico está neste trecho: *"... a ponto dos colegas pedirem..."*. Alguns gramáticos dizem que não pode haver contração antes de sujeito no infinitivo, outros dizem que não há problema algum. Se olharmos de um ponto de vista ortodoxo, diríamos que há um erro, pois, se não há contração, deveria estar redigido assim o trecho: *"... a ponto de os colegas pedirem..."*. E é assim que vê a FCC, ortodoxamente. c) Falta vírgula para separar a oração subordinada adverbial deslocada. A forma verbal *obstrói* não existe, mas sim *obstrui*. A reescrita certa é esta: Nesse processo de conscientização, são importantes o reconhecimento e respeito às diferenças, e, como ele não as exercita, só obstrui o crescimento do grupo. d) O verbo *advir* é derivado do verbo *vir*, portanto a conjugação é idêntica. Deveria ser, como está no pretérito imperfeito do subjuntivo, assim: *"Se muitas perdas* ***adviessem****..."*.

13 – D. Vejamos os comentários: a) *Descriminatória* não! O certo é *discriminatória*. Muitos se confundem com essas duas palavras por serem parônimas, ou seja, palavras parecidas na pronúncia e na grafia. Só que, normalmente, se usa descriminar significando "inocentar", "absolver"; já *discriminar* significa "diferenciar", "distinguir" (no contexto tem a ver com racismo). b) A forma verbal *obtem* segue a regra das oxítonas terminadas em **-em**, logo deve ser acentuada: *obtém*. Se estivesse no plural, receberia acento circunflexo, pois é derivada do verbo *ter*: *ele obtém, eles obtêm*. Além disso, *expúrios* é forma não existente na língua, o correto é *espúrios*. c) Segundo as regras de plural dos substantivos compostos, quando um substantivo é formado por numeral + substantivo, ambos variam, logo a forma acertada é *sextas-feiras*. e) O adjetivo *institucionais* está errado, pois ele deve concordar em número com o substantivo *ordem*, ficando no singular: *"... ordem **institucional**..."*.

14 – C. Comentando... a) *A fotografia* é o sujeito do verbo *ombrear*, logo ele deve ficar no singular, concordando em número com o sujeito: *"Apesar de se ombrear com outras artes plásticas, a fotografia..."* b) A forma verbal *imagine* deveria concordar em número com o sujeito *os tempos*, ficando assim: *"... nem se imaginem os tempos..."*. Além disso, o verbo suscitar não exige preposição *a* de modo que ela tenha de aparecer antes do pronome relativo. Portanto, o trecho corrigido é este: *"... nem se imaginem os tempos que suscitarão essa imagem..."*. d) *Tal* deve ficar no plural para concordar com *as experiências físicas de uma fotografia*. Deveria também haver um hífen ligando o pronome oblíquo átono ao verbo auxiliar: *podem-se inocular*. Muitos gramáticos modernos, entretanto, já aceitam a ausência do hífen. Reescrevendo o texto, temos: As experiências físicas de uma fotografia, tais como ocorrem nos espelhos da Alice, podem-se inocular em planos temporais. e) Deveria ser *implicações* para evitar a ambiguidade de *implicâncias*.

15 – B. Há falha estrutural neste excerto: *"Embora haja quem aposte no critério único de julgamento, para se promover a igualdade, visto que desconsideram o risco do contrário."*. Já ouviu falar em **truncamento sintático**? Bem, é exatamente isso que está ocorrendo neste excerto. O truncamento sintático ocorre quando a estrutura sintática parece uma colcha de retalhos, de modo que fica difícil analisar um período, pois ele está cheio de falhas, "buracos" dentro de sua construção, como se as partes não estivessem conectadas ou como se faltasse algo. Observe que no período da letra B (o gabarito!) não há oração principal. De modo que há um corte (truncamento) na estrutura sintática, ficando ela incompleta.

16 – E. Vejamos uma por uma (já corrigidas). a) *No memorial do professor, está registrado que ingressou na universidade em idade inferior à determinada pela lei.* (Vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado; quem ingressa, ingressa em.) b) *O fato de que o acusado se recusa a dar detalhes é o que mais pesará na decisão dos jurados.* (Faltou a preposição *de*

exigida pelo nome *fato*.) c) *O movimento a que me filiei nos anos 70 foi grandemente responsável pela renovação da pintura no Brasil.* (Quem se filia, se filia a, logo a preposição fica antes do pronome relativo obrigatoriamente.) d) *Esta é, enfim, a parca remuneração com a qual arco totalmente com as despesas da casa.* (Eu arco totalmente com as despesas da casa **com** a parca remuneração.)

17 – D. Vejamos uma por uma (já corrigidas). a) *Quaisquer que sejam os motivos alegados pela comissão para justificar o atraso, devem-lhe ser repassadas as anotações acerca dos itens em que houve perda do prazo de entrega anteriormente acordado.* (Plural de *qualquer*: *quaisquer*; não se usa pronome oblíquo após pausa, a não ser que seja por causa de uma intercalação, o que não é o caso.) b) *Demos a eles a notícia de que mais almejam e passeemos nosso olhar sobre seus semblantes: o que veremos surpreenderá, pois será muito mais do que alguém possa supor.* (Preposição *de* exigida por *notícia*; *passear*, na 1ª pessoa do plural do imperativo afirmativo, vem da 1ª pessoa do plural do presente do subjuntivo, logo *passeemos*.) c) *O empreiteiro jura que reconstrói a laje danificada em poucos dias, mas existem, na avaliação do engenheiro e do arquiteto, sérias dúvidas quanto à possibilidade de isso ser possível.* (Usa-se **i** em verbos terminados em **-uir**; além disso, observe a concordância: existem...(verbo) dúvidas... (núcleo do sujeito).) e) *Registra-se em livros de história que aqueles artesãos eram bastante hábeis com as ferramentas que eles mesmos produziam, o que lhes garantiu a fama de burilar com criatividade qualquer tipo de material.* (*Registra-se* tem sujeito oracional, logo fica na 3ª pessoa do singular; *mesmo* varia normalmente quando é um pronome demonstrativo.)

18 – E. Vejamos uma por uma (já corrigidas): a) *Tudo que fizeram a fim de angariar a simpatia do diretor pela proposta não deu bons frutos, por isso não lhes restou, conforme estavam todos de acordo, outra ideia a não ser agregar valor ao projeto inicial.* (*A fim de*: finalidade; *restou* (verbo)... *outra ideia* (sujeito)...; de acordo com a nova reforma, *ideia* se escreve sem acento.) b) *Os jornalistas não creem que existam documentos espúrios em meio àqueles já examinados, e isso porque já haviam feito cuidadosa checagem, todavia, a transparência impondo, voltarão à tarefa de imediato.* (*Porque* explica, logo é junto sem acento; *voltar* exige preposição *a* + *a* (*tarefa*) = à tarefa (crase!).) c) *A questão ficou cada vez mais descaracterizada quando, logo depois da visita, o antropólogo defendeu que aquelas dificuldades não se restringiam às nações indígenas daquela região, sendo mais universal.* (*Logo depois da visita* é adjunto adverbial deslocado, logo devem-se usar vírgulas; o verbo *restringir* exige a preposição *a*.) d) *A manutenção e apoio ao grupo de escoteiros dependem de ele aceitar a contrapartida dos empresários, que não é, aliás, nada abusiva, visto que eles executam as tarefas solicitadas cotidianamente, sem desgaste exaustivo.* (Não há contração antes de verbo no infinitivo segundo a maioria dos gramáticos (de ele aceitar...); *abusiva*, concordando com *contrapartida*.)

19 – A. Vejamos uma por uma (já corrigidas): b) *Por mais que queiramos negar envolvimento dos menores no distúrbio, pode haver fatos que desconheçamos, por isso acataremos as orientações que advenham do episódio.* (*Pode haver*, no singular, pois o verbo *haver* (=*existir*) não permite que o auxiliar da locução verbal varie.) c) *Pelo que dissestes sobre a incrustação das joias, mereceis parabéns, e também pela competência, pois, sem tê-las sequer mostrado à interessada, tornou-a uma feliz compradora.* (Uniformidade de tratamento (*vós dissestes; vós mereceis*); privilegia-se a ênclise após pausa não antecedida de intercalação.) d) *A especialista à qual se devem as pesquisas educacionais diz que cada uma das escolas que se propuseram a fornecer dados declararam o motivo particular que as pôs em movimento.* (O sujeito de *dever*, acompanhado de partícula apassivadora, é *pesquisas*; *propor* no futuro do subjuntivo é *propuseram*.) e) *As terras de que essa espécie de vinho provém são as do tipo mais recomendável para a cultura da videira, motivo pelo qual são tão valorizadas e desejadas por viticultores.* (*Provém* é derivado do verbo *vir*, que, na 3ª pessoa do plural, recebe acento circunflexo, mas não é o caso, pois seu sujeito é *espécie*; *recomendável* concorda com *tipo*.)

20 – D. Vejamos uma por uma (já corrigidas): a) *Não quero e não devo contar qual foi a confusão em que me meti, nem por que idas e vindas acabei percebendo o real perigo que corria.* (Usa-se *por que*, pois equivale a "por quais".) b) *Todos estando bastante, ou excessivamente, contrariados, nesse diapasão, nada se podia fazer para acalmar o representante dos funcionários, de cujo apoio sustentaria o evento.* (O trecho *"Todos estando... diapasão"* deve ser separado por vírgula, pois se trata de uma oração reduzida deslocada; o nome *apoio* exige a preposição *de*, que fica antes do relativo *cujo* obrigatoriamente.) c) *O debate seguia acalorado entre o jornalista e o entrevistado, sendo, por essa razão, o convite feito a um mediador, pois de sua presença dependia o impasse.* (*Por essa razão* é um adjunto adverbial deslocado, por isso as vírgulas; o pronome possessivo *sua* provoca possível ambiguidade.) e) *O indivíduo contribui com a cidadania, quando se posiciona a favor dos direitos, porém corrompe a ética, se faz (algo) contra os preceitos morais.* (O verbo *corromper* rege seu complemento sem preposição; o verbo fazer precisa manter correlação verbal com corrompe.)

21 – D. Vejamos uma por uma (corrigidas): a) <u>*Houve*</u> (verbo haver com sentido de existir não varia) *muitas mudanças nas condições externas e internas da economia, que contribuíram para a estagnação da indústria brasileira. Do lado externo, os altos preços das matérias-primas exportadas pelo Brasil encorpam a entrada de divisas e* <u>*valorizam*</u> (o verbo concorda com o núcleo do sujeito – *preços*) *o real.* b) *Internamente, a renda do trabalho* <u>*ampliada por políticas salariais e previdenciárias generosas*</u> (a oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de particípio não é separada por vírgula) *estimula o consumo e o setor de serviços. O resultado seria a especialização da economia nos setores primário e terciário,* <u>*cuja*</u>

forte geração de emprego, (houve truncamento sintático, ou seja, a estrutura sintática não está completa, pois falta verbo na oração adjetiva iniciada pelo pronome relativo *cujo*) *em troca de menor competitividade industrial.* c) *A perda de mercado para importações, por sua vez, não seria* (o verbo deve concordar com o núcleo do sujeito – *perda*) *um problema, já que boa parte delas seria compras de bens de capital para investimento e modernização do parque industrial.* e) *É temerário considerar que* (não pode haver vírgula após a conjunção integrante separando a oração principal da subordinada) *um país de renda média e com baixa escolaridade, como o Brasil,* (expressão intercalada deve vir entre vírgulas no meio da frase) *possa manter tal padrão de crescimento. Serviços que geram renda, hoje, são atividades complexas como* design *industrial e* marketing*, de alto conteúdo intelectual.*

22 – E. Vejamos o(s) erro(s) corrigido(s): *O investimento externo direto mudou de patamar. Até o ano passado,* (faltou uma vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado) *eles cobriam praticamente o deficit em conta corrente, o* (nada exige a preposição *a* antes do pronome demonstrativo *o*) *que limitava o efeito, para explicação da valorização da moeda, de tsunamis monetários e capitais especulativos.*

23 – A. Vejamos uma por uma (corrigidas). b) *Mas há também os fatores que não dependem diretamente dos agentes econômicos, como o ambiente institucional para a realização de negócios, a infraestrutura de uso comum, as prioridades e a execução da política econômica, o que se reflete* (o verbo deve concordar com o antecedente do pronome relativo – *o*) *no crédito e na carga tributária.* c) *São vários os fatores que contribuem para os saltos de produtividade. Alguns relacionados ao* (o adjetivo exige a preposição *a*) *processo produtivo, como a inovação* (não há crase, pois não há exigência da preposição *a*), *a melhoria da gestão dos recursos disponíveis, a atualização tecnológica, a motivação dos que produzem, a utilização dos insumos (bens e serviços) mais adequados para se chegar* (como o *se* é uma partícula de indeterminação do sujeito, o verbo deve ficar na 3ª pessoa do singular) *ao resultado final.* d) *Com uma taxa de investimento relativamente baixa, cuja proporção do Produto Interno Bruto (PIB)* (note que houve truncamento sintático de novo, uma vez que a oração iniciada por *cuja* está sem verbo; além disso, como a pseudo-oração adjetiva é explicativa, deveria vir entre vírgulas, como eu coloquei aqui*), pouco acima dos 19%, o Brasil conseguiu avançar socialmente sem um crescimento econômico tão forte.* e) *A estabilidade monetária abriu caminhos para ganhos de produtividade que tornaram* (o verbo concorda com o antecedente do pronome relativo – *ganhos*) *factíveis tais avanços, mas é preciso definir prioridades claras nos gastos públicos.*

24 – D. Vejamos o(s) erro(s) corrigido(s): *Não se deve contemplar o Brasil como uma ilha de tranquilidade, de estabilidade, de equilíbrio, no meio da infindável crise internacional. A experiência europeia mostra os elevados custos de se adiar* (o verbo concorda com o núcleo

sujeito – *enfrentamento*) *constantemente o enfrentamento dos problemas de competitividade.* A alternativa c) está errada também, pois a sigla, com função de aposto, deveria vir entre travessões, vírgulas ou parênteses, segundo consulta aos principais manuais de redação. Apesar disso, temos visto alguns textos da ESAF com uso da sigla após o nome por extenso antecedida de apenas um travessão. Pelo visto, a ESAF considera o uso de um (1) travessão antes de sigla correto.

25 – C. Vejamos uma por uma (corrigidas): a) *Por tornar mais acentuada a perda de competitividade da indústria brasileira, a valorização do real em relação ao dólar* <u>*vem*</u> (o verbo concorda com o núcleo do sujeito (*valorização*) ficando no singular, sem acento circunflexo*) despertando reações cada vez mais ácidas de dirigentes empresariais, mas está muito longe de ser o único, ou o* <u>*principal*</u> (não há vírgula entre adjunto adnominal e seu nome*) problema que prejudica o desempenho do setor manufatureiro.* b) *Questões estruturais e modelos de gestão empresarial inadequados* <u>*têm*</u> (o verbo concorda, no plural, com os núcleos do sujeito composto – *questões e modelos*) *sobre a atividade industrial efeitos negativos muito mais profundos e duradouros e, por isso, mais nocivos do que a taxa de câmbio.* d) *Mesmo, porém, que a questão cambial venha a ser superada, a qualidade da atividade industrial continuará prejudicada por deficiências históricas, e,* <u>*por isso*</u>*,* (expressão intercalada vem entre vírgulas) *muito* <u>*conhecida*</u> (concordância nominal com o substantivo *qualidade*), *mas* <u>*tolerada*</u> (idem à anterior) *por governantes, empresários, trabalhadores e pela sociedade.* (A expressão *que tem sido* não mantém paralelismo sintático com *muito conhecida* – verbo no particípio). e) *Pesquisas e estudos recentes não deixam dúvidas quanto aos impactos do câmbio valorizado sobre a produtividade da indústria brasileira quando* <u>*comparados*</u> *com* <u>*os*</u> *de outros países.* (Ambos os termos devem concordar com *impactos*.)

26 – B. Vejamos o erro: É provável que a importância da educação como determinante do rendimento das pessoas e da sua desigualdade está superestimada nas análises econométricas, simplesmente porque não <u>*se dispõe*</u> (VTI acompanhado de partícula de indeterminação do sujeito fica na 3ª pessoa do singular) *de boas medidas para vários outros determinantes da renda, que estão positivamente correlacionados com a escolaridade.*

27 – E. Vejamos os desvios das demais opções: a) O que se dissipa é <u>*a diferença entre a demanda e a oferta globais*</u>, e não *"uma ampliação do déficit em conta corrente"*, como dá a entender esta opção. Não houve preservação da coerência do texto. b) *Daí naturalmente resulta que a* <u>*diferença*</u> *entre a demanda e a oferta globais, inexoravelmente,* <u>*se dissipa*</u> (cuidado com a concordância!) *por um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis* (os serviços) *e uma ampliação externa do déficit em conta corrente.* c) O que se dissipa, no texto original, é <u>*a diferença entre a demanda e a oferta globais*</u>, não

"o resultado natural da...". Além disso, há erro de concordância: *O resultado natural da diferença entre a demanda interna* ***e*** *a oferta global se dissipam*. d) *"a diferença entre a demanda que dissipa a oferta global dissipa"* (construção absurda!). Falta uma vírgula antes de *externamente*.

28 – E. Vejamos os problemas: a) *A valorização do real e o custo Brasil, que têm reduzido a competitividade de nossos produtos industriais no mercado internacional, ao mesmo tempo que torna o mercado interno mais vulnerável à concorrência de produtos de outros países com consequências ruins não só para a balança comercial, mas também para os níveis de emprego e de renda para a arrecadação de tributos.* (Houve truncamento sintático, pois falta uma parte da frase, o verbo da oração principal do sujeito *"A valorização do real e o custo Brasil"*.) b) *No custo Brasil,* (adjunto adverbial deslocado exige vírgula*) constam os elevados preços* (cuidado com a concordância) *da energia elétrica e do gás natural, a insuficiência e relativamente precária malha de transportes, o baixo nível de investimentos em tecnologia e uma estrutura tributária que incide sobre a produção e o consumo, e não sobre a renda e a riqueza.* (As vírgulas separam termos enumerados; a última vírgula vem antes do *e*, pois ele equivale a *mas*.) c) *O fato é que o setor industrial ficou estagnado* (erro de ortografia) *em 2011, puxando para baixo o crescimento do PIB, sendo o mais baixo entre todos os países sul-americanos. E as perspectivas são de novo crescimento do produto industrial próximo a zero – com um tímido crescimento do PIB.* d) *O elevado custo de nossa logística é outra causa que não vem* (observe a concordância!) *sendo devidamente enfrentada. O barateamento do custo da energia e dos transportes requer* (observe a concordância!) *a ampliação dos investimentos públicos, necessidade que se choca com um dos pilares da política econômica.*

29 – D. O trecho tem um erro de concordância. Segundo a ESAF, por mais que o sujeito composto esteja posposto ao verbo, tal banca não aceita a concordância atrativa. Já vimos isso no capítulo de *Concordância*. Logo, o trecho deveria ser reescrito assim*: "... foram precisamente [a elevação dos salários e a crescente formalização do trabalho (sujeito)]..."*.

30 – ERRADO. ***Necessita-se*** (verbo transitivo indireto seguido da partícula de indeterminação do sujeito deve ficar na 3ª pessoa do singular) *tanto da criação de métodos transparentes e previsíveis quanto da definição clara do que se considere violação ética, cujas alegações* ***[desse tipo]*** (expressão indicativa de posse totalmente descartável, pois o pronome *cujas* já indica posse) ***sejam submetidas*** (esta locução verbal fica no plural e, no caso do particípio, concordando em gênero e número com *alegações*) à investigação.

31 – ERRADO. *Independentemente das razões que* ***as*** *levem* (o pronome relativo exige a próclise) *a sujeitar, por exemplo, suas posses ou sua moradia ao trabalho pericial,* ***a*** *toda pessoa* (não há crase antes do pronome indefinido *toda*) *estão garantidos os direitos de: ser autor de seu destino e de optar* ***pelo*** (a contração, por bem da eufonia, deve acontecer) *caminho de sua conveniência.*

32 – ERRADO. *Mas,* (esta vírgula deve ser colocada para marcar a intercalação da oração adverbial reduzida) *apesar da grande importância da ética deontológica, ela parece que é insuficiente para se aprofundarem reflexões éticas quanto* ***a*** *condutas* (não há crase diante de palavra pluralizada com sentido genérico) *profissionais,* ***em vista de*** (a maioria dos gramáticos recomenda que não se flexione elementos de uma locução prepositiva) *se entender que ela seja atendida quando os códigos são simplesmente obedecidos.*

33 – ERRADO. O erro está na colocação pronominal, pois o pronome relativo atrai o pronome oblíquo átono: *Para um coronel que se queixava da vida em quartel.*

34 – CERTO. Se fizermos a comparação entre os textos, veremos que a paráfrase está perfeita, pois as estruturas são sinônimas. Veja: *A antropologia tem demonstrado (1) que muitas atividades (2) atribuídas (3) às mulheres (4) em uma cultura (5) podem ser atribuídas (6) aos homens em outra (7). Segundo a antropologia (1), várias atividades (2) que são atribuídas (3) ao sexo feminino (4) em dada cultura (5) podem atribuir-se (6) ao sexo masculino em outra (7).*

35 – ERRADO. *A espécie humana distingue-se entre si no que concerne* à *anatomia e* à *fisiologia* (o verbo concernir exige a preposição *a* + *a* (artigo) = à), *por meio do dimorfismo sexual, embora seja falso crer que as diferenças de comportamento* ***verificadas*** (concorda com *diferenças*) *entre as pessoas de sexo distinto* ***determinem****-se* (concorda com *diferenças*) *de forma biológica.*

36 – CERTO. Compare e veja (mero uso de sinônimos): *Carregar (1) cerca de (2) vinte litros de água (3) sobre a cabeça (4) implica (5), na verdade (6), um esforço físico considerável (7). Para que se carreguem (1) aproximadamente (2) vinte litros d'água (3) na cabeça (4), requer-se (5), na realidade (6), um imenso esforço físico (7).*

37 – CERTO. Quando o pronome oblíquo faz parte de uma locução verbal cujo verbo principal está no infinitivo e houver uma palavra atrativa antes da locução, o pronome pode ficar antes do verbo auxiliar ou depois do verbo principal. Logo, ambas as formas estão corretas.

38 – ERRADO. *Compreender, pois, o modo* ***por que*** (= *pelos quais*; usa-se separado e sem acento) *tais materialidades influenciam* ***a*** (o verbo *influenciar* é transitivo direto e não exige a preposição *em*) *elaboração do ato comunicativo é essencial para entender-se como elas chegam* ***a*** (não há crase antes de verbo) *afetar* ***a*** (o verbo afetar é transitivo direto e não exige a preposição *em*) própria organização do tecido social.

39 – CERTO. Novamente, sinônimos: *"a pequena causa (1), ou o motivo irrelevante (2), pode produzir (3) um grande efeito (4)"/"a causa pouco significativa (1), ou o pequeno motivo (2), pode provocar (3) um resultado de extensa repercussão (4)".*

40 – ERRADO. *Porém, estudando-se os impérios, antigos ou recentes, permite-se que* ***sejam acessadas*** (concorda com *raízes*) *as raízes do mundo contemporâneo, e* ***aprofundados*** (concorda com *modos*), pela nossa compreensão, os modos como está organizado o poder político.

41 – ERRADO. *Contudo, estudar os impérios, antigos ou recentes, proporciona-nos o acesso às raízes do mundo contemporâneo e leva-nos* ***a*** (não há crase antes de verbo) *aprofundar a compreensão dos modos conforme* ***os quais*** (não há preposição sendo exigida por nenhum elemento) ***se*** *organiza* (a próclise é obrigatória por causa do pronome relativo) *o poder político.*

42 – A. As expressões *"passeá" (passear), "saí" (sair), "brincá" (brincar), "di" (de), (gostava muito)... "di" (de) vôlei, "andá" (andar), "a palhaça"* ou *"fases mais gostosas"* marcam a informalidade e, portanto, o registro coloquial. As reticências, próprias da língua escrita indicam as pausas organizadoras do discurso oral, que entrecortam o fluxo contínuo da fala.

43 – A. Autoexplicativa. Ou seja, o entrevistado, apesar de ser um dos maiores críticos da gramática normativa no Brasil, é capaz de adaptar-se ao contexto comunicativo em que se insere, respeitando as regras gramaticais da língua culta.

44 – A. Só um detalhe sobre a a): *Quando falamos em prova, no direito, tem-se a idéia* (segundo a nova ortografia, esta palavra é sem acento) *de que existe algo a ser defendido ou algo que venha a ser contestado. Dentro dessa linha cognoscível, entende-se que vai existir sempre um agente acusador e um agente acusado.* Veja os desvios das demais: b) *Pois bem, a prova é o meio de resolução desse conflito existente, da qual* [é dela que (construção redundante e, portanto, dispensável)] *o juiz irá extrair aqueles meios exequíveis à resolução pendente.* c) *O juiz não tem o ônus de buscar a verdade – ele somente apresenta* <u>às</u> *partes* (o verbo apresentar é VTDI, por isso cuidado com a regência: apresenta-se algo **a** alguém*) a verdade mais justa diante do caso em questão. A parte é quem tem o ônus de buscar a verdade, daí as provas,*

serem de suma importância para a resolução do litígio. d) *Devido à atribuição de pontos a cada tipo de prova, o sistema tarifal de provas passou a facilitar as decisões dos juízes, que somente se encarregavam da somatória dos pontos que cada parte obtivera* (conjugação verbal) *mediante suas provas apresentadas e decidia o caso a favor de quem somara* (correlação verbal) *mais pontos.* e) *Para adquirir força probatória no processo judicial, os meios "moralmente legítimos" de obtenção de provas devem estar* (locução verbal apresenta verbo principal no infinitivo não flexionado) *em congruência com os aspectos lícitos do nosso ordenamento legal.*

45 – E. *Até a semana passada* (não há obrigatoriedade no uso do acento grave), *a estimativa que prevalecia* (erro de ortografia) *era de que o ciclo de redução da Selic pararia em 7,5%. Atualmente,* (a vírgula aqui é facultativa, pois o adjunto adverbial deslocado é de curta extensão) *a taxa está em 8%. Com a mudança,* (vírgula marca adjunto adverbial deslocado de certa extensão) *o mercado financeiro passa a trabalhar com a perspectiva de que o Banco Central reduza a taxa mais duas vezes.*

Capítulo 37

Gabarito

1 – CERTO. A mudança de posição dos vocábulos altera o propósito argumentativo do texto original, que tem como foco o *riso*, e não a *seriedade*, e altera a estrutura sintática. Veja que nem todos os argumentos usados no texto servem para *seriedade*: *"É, de alguma maneira,* ***o aspecto festivo do mundo inteiro****, em todos os seus níveis,…"*. Isso seria um contrassenso. Sobre a estrutura sintática, seria preciso mudanças na estrutura, quanto à sintaxe de concordância: *"ele abarca a totalidade…"* viraria *"…ela abarca a totalidade…"* etc.

2 – CERTO. Questão de sinonímia. Note também que o enunciado nem fala de sentido, mas sim de correção gramatical. De qualquer forma, a mudança de sinônimos (*seguindo = aderindo*) em nada prejudicou o trecho.

3 – A. Mero uso de expressões sinônimas, isto é, *em vez de = em lugar de, só = tão somente.* Não confunda *em vez de/em lugar de* com *ao invés de/ao contrário de*!

4 – E. Relação de causa e consequência e transformação entre orações reduzidas. Como o máximo de conhecimento é também o mínimo, nunca faltará perguntas a fazer e respostas pela metade.

5 – A. Observe que houve manutenção de sentido com a substituição de um conectivo por outro (ambos de valor causal) e substituição de verbo por advérbio: *Considerada*

ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos por conta dos crimes de grande repercussão e que parecem ser de difícil solução./Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos em virtude de crimes de grande repercussão e de solução aparentemente difícil.

6 – B. Questão de sinonímia e de nominalização. Observe: *Outro benefício decorrente de ter amigos é manter a saúde em ordem./Outro benefício resultante de ter amigos é a manutenção da saúde em ordem.*

7 – D. Em todas as opções, há possibilidades de paralelismo (repetição de preposição). A melhor resposta é a opção D. Digo "melhor resposta", pois o enunciado pede "a reescrita que não preserva a correção gramatical **e** o sentido original do texto. No entanto, só há mudança de sentido, e não incorreção na reescritura *"Repare que esses grandes artistas dificilmente se submetem às adaptações feitas diretamente de uma obra"*. A crase está adequada, pois houve determinação, com o uso de artigo definido feminino plural antes de *adaptações*. A mudança de sentido ocorre porque, na reescritura, o artigo define, torna conhecida as *adaptações*. Na primeira frase, a ausência de artigo definido implica uma ideia genérica a respeito de *adaptações*.

8 – A. Substituição de pronomes e uso de advérbio anafórico. O *cujo* estabelece relação de posse entre o termo antecedente e o consequente (*o moralismo desse país = cujo moralismo*). O verbo *representar* está no futuro do pretérito (representaria) devido à correlação com a forma de pretérito imperfeito do subjuntivo do verbo *promover* (*promovesse*). O uso do advérbio *lá* refere-se aos EUA (*lá = nesse país*).

9 – D. Trabalha-se transformação de oração desenvolvida condicional para reduzida condicional e uso de conectivo condicional. Na letra D, entretanto, a ideia de "Assaltando, não reaja" é igual a "Se for assaltar, não reaja", o que provoca mudança de sentido em relação à frase original.

10 – B. Ocorre nominalização e transformação de oração desenvolvida para reduzida. Compare: *A coordenadora exigiu que adiasse o encontro até que as infrações que o funcionário cometeu fossem solucionadas./A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até a solução das infrações cometidas pelo funcionário.*

11 – B. Na reescritura, o adjetivo *regulares* deveria vir no singular, pois tem como referente o sujeito oculto do verbo dar. Ou seja, a reescritura que não desrespeitaria a correta morfossintaxe do padrão formal escrito da língua portuguesa seria esta: *Se dá certo ou não, sendo regular ou não, é outra questão.*

12 – E. O uso de sinônimos e a inversão de termos manteve o sentido básico entre o período do enunciado e a reescrita da letra E: "*A solução foi muito simples (1): de todos os trabalhadores (2), sindicalizados ou não (3), era descontado anualmente (4), na folha de pagamento (5), o salário de um dia de trabalho (6).*"/*Foi simples a solução adotada (1) – seria descontado anualmente (4), na folha de pagamento (5) de todos os trabalhadores (2), sindicalizados ou não (3), o valor equivalente a um dia de trabalho (6).*

13 – A. O uso de sinônimos e a inversão de termos manteve o sentido básico entre as frases: *Colocava sob minha análise (1) um texto que já nascera das vozes do folclore (2), e propunha-me entender as relações (3) deste texto com suas variantes intertextuais (4).*/ *Submetia a meu escrutínio (1) um texto que, como se não bastasse haver nascido das vozes da cultura popular (2), eu desejava interpretar (3) tendo em vista as relações que mantém com suas variantes intertextuais (4).* Observe que as demais opções apresentam, além de mudança de sentido, desvios gramaticais: b) *recaptulado* > *recapitulado*. c) *implica... num...* > *implica... um...* d) *perca* > *perda*. e) *há* = *existir, e não* = *permanecer*; além disso, *pegada* (com sentido de *junto*) é coloquialismo.

14 – D. I – Para que exista poeta, é preciso que exista essa consciência. Este é o sentido do trecho *Sem essa consciência, não há poeta*. Quando se diz *"Não há essa consciência em quem não seja poeta"*, está-se querendo dizer que não existe essa consciência em quem não é poeta. Logo, na reescritura proposta, se há mudança de sentido, a paráfrase está errada. II – A expressão aditiva *"não só... como*" é bem substituída por um conectivo sinônimo, *além de*, mantendo-se o sentido. III – Por uma questão de correlação verbal, é preciso fazer a alteração no tempo e no modo verbal ante a reescritura.

15 – D. Note que houve mudança de posição dos termos da frase e uso de sinônimos. Compare: *Devemos evitar, especialmente, (1) posturas que venham a contribuir (2) – ainda que indiretamente – (3) para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos (4).*/ *Posturas que contribuam (2), mesmo que de maneira indireta, (3) para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos (4), devem ser especialmente evitadas (1).*

16 – A. Note que houve passagem de voz ativa para passiva, mudança de posição dos vocábulos e <u>diferente modo de estabelecer relação de posse</u>. Compare: *... o incontestável Grande Detetive, <u>cuja</u> brilhante inteligência dedutiva (1) é capaz de superar qualquer adversário (2)...*/*Qualquer adversário pode ser superado (2) pela brilhante inteligência dedutiva <u>do incontestável Grande Detetive</u> (1).*

17 – E. A construção de valor hipotético *caso se verifique* é sinônima da *na hipótese de ser*, e *a inocência do investigado*, da *o investigado dado por inocente*. Veja as demais: a) Na primeira frase, o advérbio de tempo *ainda* caracteriza o adjetivo *rotineiros*. Na segunda frase, *ainda*

caracteriza o verbo no gerúndio, *prevenindo*. b) *Demais de* é expressão não existente na língua; o certo é *ademais de*, sinônima de *além de*. c) Não houve concordância correta, devendo ser: *no risco de se manterem criminosos na impunidade*, pois o *se* é apassivador. d) Não há concordância: "Dirigidos imediatamente pelo MP, serão produzidas somente as provas...".

18 – ERRADO. A substituição de locução adjetiva por adjetivo gerou incoerência. Soma de indivíduos = conjunto de indivíduos; soma individual = os indivíduos somam alguma coisa.

19 – ERRADO. Apesar de não ter falado nada na teoria deste capítulo sobre transposição de vozes verbais, já passamos pelo capítulo de vozes verbais, certo? Saiba que ela é trabalhada em prova em questões de reescritura, como ocorreu aqui. O Cespe/UnB, particularmente, adora esse tipo de paráfrase. Outra coisa: note que o enunciado diz: "Prejudica-se a correção gramatical". Nada se fala sobre sentido. É claro que não há erro gramatical em substituir *são considerados* por *consideram-se*, pois há uma simples passagem de voz passiva analítica (*são considerados*) para a voz passiva sintética (*consideram-se*). Note também que se manteve o mesmo número, modo e tempo verbais na passagem. Isso é primordial. Revise vozes verbais (teoria e questões), se, a essa altura do campeonato, você ainda tiver dificuldades.

20 – CERTO. Podemos usar *nos quais* no lugar de *onde* para retomar palavra de valor locativo, como *municípios*.

21 – CERTO. Tais expressões são sinônimas. Você, pelo seu conhecimento vocabular, teria de saber que *cooptado* é o mesmo que *atraído; Cooptar é* "atrair (alguém) e fazer participar de um movimento, ideologia, partido, ideal etc.".

22 – CERTO. A forma de presente do indicativo "facilita" tem aspecto durativo, como "vem facilitando" e "tem facilitado", logo tais locuções substituem bem o verbo simples.

23 – C. Há uma relação de causa e consequência entre *"vêm se sentindo menos pobres"* e *"vêm comprando"*, logo a reescrita adequada é com *porque*, conjunção causal.

24 – C. Houve uso de sinônimos e substituição de conectivo de mesmo valor semântico. Compare: *"O simples estabelecimento do princípio da igualdade, no entanto, não logrou eliminar as diferenciações existentes."/O mero estabelecimento do princípio da igualdade, entretanto, não conseguiu abolir as discriminações existentes.* Fácil!

25 – ERRADO. O que é passiva e modelada é a periferia colonial, não as colônias. Além disso, não se trata de um centro científico, mas sim de um centro de atividade científica. Houve inversão de foco, por isso houve mudança de sentido.

26 – B. Há uma relação de causa e consequência entre os períodos, logo usa-se o conectivo *porque*.

27 – B. Transformação perfeita de oração subordinada adverbial concessiva reduzida de gerúndio (se a oração reduzida de gerúndio vier iniciada pela preposição acidental *mesmo*, será concessiva) para desenvolvida: *Mesmo não havendo.../Embora não haja...*

28 – B. Se *a conectividade é, de longe, o maior disfarce que a solidão humana encontrou*, isso significa que nenhum disfarce de nossa solidão chegou a ser mais eficaz do que o da conectividade atual. A paráfrase explica o sentido da frase original. Veja os equívocos nas demais opções: (A) A expressão *de longe* intensifica o conteúdo semântico da oração em que se encontra, já *à distância* serve apenas para marcar a noção de espaço na oração em que se encontra. (C) Além de haver mudança de sentido, pois nada se fala de preferência no texto original, há um desvio de regência do adjetivo *preferível*, que exige a preposição *a*: *Nossa dissimulada solidão é preferível, como sempre foi, à nossa ansiedade de comunicação*. (D) O texto original nada fala de necessidade de imersão na solidão. (E) Nada se fala sobre *geral e efetiva conectividade* no texto original, além disso nada se fala sobre superação da solidão.

29 – A. Só houve inversão na posição dos termos, o sentido não mudou. Veja os problemas das demais alternativas. (B) *Todo o = inteiro/ todo = qualquer*; mudança de sentido. (C) O substantivo *fato* exige a preposição *de*, que, segundo a maioria dos gramáticos e das bancas, deve vir explícita antes de oração objetiva indireta ou completiva nominal. Lembre-se deste posicionamento da Consulplan, em futuras questões. Sobre o verbo *implicar* (= *acarretar*), ele é VTD, não exige complemento preposicionado por *em*, segundo a maioria dos gramáticos e das bancas. Cuidado! (D) Precisamente falando, *por meio de* e *através de* têm sentidos diferentes. O primeiro indica o meio pelo qual uma ação se realiza; o segundo indica que algo atravessou algo. Hoje em dia, usamos indiferentemente os dois, indicando a mesma coisa, mas deve-se evitar, pois assim ensinam os grandes mestres e o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*. Além disso, há um desvio de colocação pronominal em *que faz-se*, pois o vocábulo *que* atrai o pronome oblíquo.

30 – C. O verbo *dever* indica obrigatoriedade, o que mudaria o sentido de *poder*, no contexto.

31 – D. Houve inversão de termos, mas a ideia de contraste se manteve entre o fato de a educação não ser *um processo de consumo de aulas*, mas sim (= senão) de *acúmulo de conhecimento*.

32 – E. Note os conectivos concessivos iniciando as orações desenvolvidas: *Ainda que, Conquanto, A despeito de, Posto que...* Lembrou-se da dica do *mesmo*, em um dos comentários anteriores, iniciando oração reduzida de gerúndio (sempre concessiva)? Já a oração reduzida de infinitivo iniciada por *Visto* é sempre causal. Fica a dica!

33 – E. *Pela baixa qualificação dos alunos (causa), o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado (consequência)/O aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado (causa), portanto é baixa a qualificação dos alunos (consequência).* Moleza!

34 – C. Substituição de conectivos de mesmo valor semântico e transformação de oração reduzida. A preposição acidental *Segundo* indica conformidade, assim como *Consoante*, *De acordo com* e *Em conformidade com*. Só nessa percepção já eliminamos a (A) e a (D). O erro na (B) é o uso de *conquanto*, que indica concessão, no lugar da oração adjetiva *"sendo 13.310..."*. O erro na (E) é o uso de *cujo*, que deve vir entre dois nomes estabelecendo relação de posse entre eles, o que não é o caso na opção. Por eliminação, ficamos com a (C), que se inicia, na parte final da reescritura, acertadamente com o pronome relativo *dos quais*.

35 – A. No texto original, o falante viu muita coisa não pessoalmente, e a reescrita da opção (A) apresenta o avesso disso, o que prova a alteração de sentido.

36 – B. Mera questão de sinônimos, em que *acabar completamente* é o mesmo que *aniquilar*. (A) demolir. (C) exterminar. (D) saldar. (E) apaixonar.

37 – C. Com *ou antes*, passa-se a ideia que só os *best-sellers* foram recusados, e não os clássicos e os *best-sellers*, por isso há mudança de sentido.

38 – E. Coerentemente, houve apenas mudança na posição do sujeito, *os editores*, do verbo *aprender*.

39 – C. Tanto *uma vez que* como *porquanto* são conectivos causais.

40 – A. Tanto *não obstante* quanto *apesar de* são conectivos concessivos.

41 – A. O verbo *haver*, com sentido de *ocorrer* fica na 3ª pessoa do singular, pois é um verbo impessoal. Note que, na reescritura, se manteve o mesmo modo e o mesmo tempo entre eles. Nas demais opções, houve erro de concordância (B e C) e mudança de tempo verbal (D e E).

SÉRIE PRINCÍPIOS

Mário A. Perini

PARA UMA NOVA GRAMÁTICA DO PORTUGUÊS

editora ática

DIGITAL Source

http://groups.google.com/group/digitalsource

PARA UMA NOVA GRAMÁTICA DO PORTUGUÊS

MARIO A. PERINI

SÉRIE PRINCÍPIOS

Direção
Benjamín Abdala Junlor
Samira Youssef Campedeili
Preparação de texto
Lenice Bueno da Silva
Arte
Coordenação e projeto gráfico (miolo)
Antônio do Amaral Rocha
Arte-final
René Etiene Ardanuy
Josevai Souza Fernandes
Capa
Ary Normanha

IMPRESSAO E ACABAMENTO:
NC-RÁF6
ISBN 85 08 01660 3
10a edição
6 impressão

Todos os direitos reseivados pela Editora ÁtkDa Rua Barão de Iguape, 110-
CEP 01507-900
Caixa Postal 2937— CEP 01065-970
São Paub-SP
lnteinet: ht'/www.atjcacombr
e-mali: editora@atica.com.br

Sumário

Prefácio 5

Introdução 9
Um exemplo 12
Doutrina explícita e doutrina implícita. 15
Incoerência e autoritarismo 18
Tres problemas básicos 21
O formal e o semântico 21
A noção de paradigma gramatical 27
Classes e funções 36
As bases da nova gramática 42
Problemas da descrição semântica 42

Semântica e
A descrição do significado na gramática 50
Traços discursivos na descrição gramatical 54
A elipse e os constituintes vazios 60
Classes de palavras 71
5. Os dados da análise. 85
6. Vocabulário crítico, 89
7. Bibliografia comentada 91

Prefácio

Este livro surgiu do reconhecimento da necessidade de se elaborar uma nova gramática do português. Enquanto a "crítica da gramática tradicional" vai pouco a pouco conquistando um lugar nos cursos de Letras, sente-se agudamente a falta de alternativas viáveis: se a gramática tradicional é inadequada, o que colocar em seu lugar? O lingüista, ao criticar a gramática tradicional, freqüente mente se choca com a objeção irrespondível: é indispensável continuar trabalhando com uma gramática cujas deficiências são evidentes, pois não existe outra que se possa utilizar.

Não que não haja descontentamento em todas as áreas interessadas: os professores sentem que a doutrina gramatical é ultrapassada, incoerente e muitas vezes simplista até a ingenuidade; os alunos tendem a desencantar-se de uma disciplina que só tem a oferecer-lhes um conjunto de afirmações aparentemente gratuitas e sem grande relação com fatos observáveis. Na sala de aula, às vezes o único refúgio são as atitudes autoritárias, quando ó professor não se sente em condições de liderar discussões verdadeiramente racionais sobre gramática.

Ora, não se pode esperar do professor de Português, por mais bem formado que sej a, que vá elaborando sua gramática à medida que se desenvolve o curso; ele é um profissional do ensino, e não um lingüista: não tem o treinamento (nem o tempo) para levar a efeito pesquisa tão longa e complexa. A responsabilidade deve cair, sem dúvida, sobre os pesquisadores da universidade, das áreas de Lingüística e de Língua Portuguesa: a esses cabe a obrigação de criar a nova gramática.

As falhas da gramática tradicional são, em geral, resumidas em três grandes pontos: sua inconsistência teórica e falta de coerência interna; seu caráter predominantemente normativo; e o enfoque centrado em uma variedade da língua, o dialeto padrão (escrito), com exclusão de todas as outras variantes. Todos os três pontos merecem atenção cuidadosa; só teremos uma gramática satisfatória como base para o ensino quando os três estiverem devidamente repensados. Assim, a gramática deverá, primeiro, colocar em seu devido lugar as afirmações de cunho normativo: não necessariamente suprimindo-as, mas apresentando o dialeto como uma das possíveis variedades da língua, adequada em certas circunstâncias e inadequada em outras (é tão "incorreto" escrever um tratado de Filosofia no dialeto coloquial quanto namorar utilizando o dialeto padrão). Depois, a gramática deverá descrever pelo menos as principais variantes (regionais, sociais e situacionais) do português brasileiro, abandonando a ficção, cara a alguns, de que o português do Brasil é uma entidade simples e homogênea. Finalmente, e acima de tudo, a gramática deverá ser sistemática, teoricamente consistente e livre de contradições.

Ë este último aspecto do planejamento da nova gramática que nos ocupará aqui. Como é inevitável em um livro tão pequeno, fui obrigado a

selecionar alguns assuntos, deixando outros de lado; portanto, tomei como tópicos os que me parecem ser as grandes falhas da doutrina gramatical vigente. Em cada caso, parto de uma crítica da posição tradicional; em seguida, proponho as linhas gerais de uma solução. O resultado, espero, contribuirá para dar idéia de uma proposta para uma nova gramática do português.

Para isso, foi necessário abordar certo número de questões teóricas. Com efeito, é minha opinião que, se a gramática tradicional está em tão mau estado hoje em dia, isso se deve em grande parte a uma injustificada timidez em abordar os problemas gramaticais dentro de uma perspectiva teórica, ou seja, com a preocupação de generalizar. Alguns estudiosos de gramática chegam a exprimir certa desconfiança da teoria, que consideram desvinculada das questões reais de análise gramatical. Neste livro, parto da crença de que essa atitude é equivocada, e que não há, simplesmente, esperanças de se chegar a uma prática gramatical realmente racional — e, portanto, educacionalmente valiosa — sem uma fundamentação teórica suficiente.

O presente trabalho é parte de um projeto maior, que espero levar a efeito nos próximos anos, de elaboração de uma nova descrição do português padrão (uma nova gramática portuguesa). Mas a publicação da nova gramática, em si, cairá no vazio se não se fizer acompanhar de um amplo debate sobre os fundamentos do ensino gramatical: seus objetivos e as maneiras de atingi-los. Este livro deve, pois, ser encarado como um convite à discussão dos grandes traços de uma nova gramática portuguesa, que possa servir de apoio à renovação do ensino gramatical entre nós. Mais do que a substituição de uma doutrina gramatical por outra (o que seria de utilidade questionável), creio que se deve almejar a criação de novas atitudes, caracterizadas por maior responsabilidade teórica, maior rigor de raciocínio, libertação do argumento da autoridade — em uma palavra, mais espírito crítico. Só assim poderá o ensino da gramática proporcionar um campo para o exercício da argumentação e do raciocínio, contribuindo para a formação intelectual dos estudantes.

A leitura deste livro não pressupõe treinamento específico em Lingüística. Os termos técnicos utilizados são definidos no próprio texto, ou no vocabulário crítico final. Exige-se apenas conhecimento da gramática tradicional e uma mente aberta para a discussão de seus fundamentos. Isso não significa que o texto seja sempre fácil de ler. Há complexidades inevitáveis, em especial nos pontos em que a perspectiva adotada difere mais profundamente das idéias tradicionais. Mas certamente ninguém ignora a grande complexidade da linguagem humana, nem o estado de ignorância em que nos encontramos a esse respeito. Aqui, como em toda a parte, fugir ao problema não é maneira de começar a resolvê-lo. A tarefa que nos espera é longa e difícil; mais uma razão para que não a adiemos.

Alguns amigos me ajudaram na realização deste trabalho, de diversas formas. Em especial, mencionarei Mary Kato, Jânia R do Nascimento. A eles, e aos demais, meu muito obrigado.

1 Introdução

Todos concordam que é necessário descrever a língua em novos moldes. Antes, porém, de iniciar o trabalho, será preciso chegar a um acordo sobre que moldes serão esses. Lembremo-nos de que se trata de preparar uma gramática pedagógica: isso significa que uma das tarefas a enfrentar é a de selecionar (ou, mais provavelmente, inventar) uma linguagem para transmitir os resultados da investigação lingüística das últimas décadas sem, por um lado, falsificá-los, nem, por oqtro, tornar o texto inacessível a quem não seja um lingüista profissional.

Ë evidente que alguma "falsificação" será inevitável, na forma de simplificações, na forma de soluções inseguras, apresentadas ao lado de soluções bem fundamentadas, na forma sobretudo de uma certa escassez (nunca ausência completa!) de argumentação polêmica. Creio que essa situação é não apenas suportável, mas indispensável. Certa mente é assim que procedemos autores de textos de Física, Biologia ou Sociologia: ninguém tenta colocar já no primeiro momento, ou em textos dirigidos a não-especialistas, todas as complexidades da teoria, ou toda a confusão das discussões acadêmicas. O objetivo é, antes de tudo, comunicar resultados, deixar entrever métodos e evitar dar a impressão de que a disciplina é um conjunto de princípios fixos e universalmente aceitos.

Dentro das linhas acima indicadas, o primeiro problema é a escolha do arcabouço teórico a ser adotado. Ë desejável neutralizar, tanto quanto possível, os grandes problemas não-resolvidos da teoria lingüística moderna; apresentar-se-á, assim, uma visão propositalmente superficial, que permita a tomada de um "panorama geral" aceitável para muitos lingüistas. Como um exemplo, tome mos o problema fundamental da relação entre estrutura observável (superficial) e interpretação semântica (o significado). Há no momento algumas dezenas de soluções concorrentes, todas insuficientes, para esse problema; optar por uma delas, arbitrariamente, seria pretender que todos aprendessem os detalhes de um modelo (com todo o trabalho que isso implica) sem nenhuma garantia de que seja, ou venha a ser, um modelo predominante em Lingüística (isso se deve exigir, é claro, de lingüistas profissionais; mas nunca de professores de línguas, cujo interesse em Lingüística -embora grande, é instrumental).

Creio que existe a possibilidade de uma solução de compromisso segundo as linhas seguintes: incluiremos na gramática uma dupla descrição, a saber (a) uma descrição em termos formais da estrutura sintática superficial; e (b) uma descrição de aspectos da interpretação semântica, colocada, na medida do possível, em paralelo com a descrição sintática. No caso da sintaxe e da morfologia, far-se-á um esforço no sentido de preservar, onde possível, a nomenclatura tradicional. Já no caso da semântica não vejo como isso possa ser feito, dada a inexistência pura e simples de uma terminologia semântica minimamente coerente dentro da gramática tradicional.

O grau de exaustividade desses dois componentes será necessariamente muito diferente, em vista do atual estado dos estudos

lingüísticos. Parece-me indicado fazer da descrição formal (morfossintática) a linha mestra da descrição, e apenas nesse aspecto se tentará dar uma visão razoavelmente abrangente da estrutura da língua. Quanto ao componente semântico, será preciso estabelecer metas mais modestas: ele será esboçado, procurando-se generalizações, mas sem oferecer propriamente um conjunto estruturado. A semântica terá de ser, a rigor, uma espécie de antologia de apêndices à descrição gramatical. Não vejo inconveniente nessa solução, que me parece a melhor nas atuais circunstâncias.

Já que convém, dados os objetivos pedagógicos da gramática, conservar tanto quanto possível a linguagem tradicional, faz sentido iniciar a discussão explicitando os pontos fracos da doutrina gramatical vigente. Procurarei isolar neste trabalho as grandes questões básicas que não são adequadamente tratadas dentro da gramática tradicional (de agora em diante, abreviadamente GT). Minha abordagem é teórica: preocupo-me em explicitar as crenças e princípios gerais que subjazem à prática da análise. Nisso o presente trabalho contrasta com a maioria das obras correntes; com efeito, é incomum discutir-se as bases teóricas da GT: a maior parte dos trabalhos se concentram na análise de problemas específicos (uma rara exceção é Hauy, 1983). O resultado, como tentarei mostrar, é uma gramática construída sobre um caos teórico, não sendo de admirar que ela seja também caótica.

Antes, gostaria de fazer uma advertência: nos exemplos aqui citados não é minha intenção acusar os autores das gramáticas atuais de incompetência ou de falta de honestidade intelectual. Eles são, e creio que muitos deles o reconhecem, vítimas de uma tradição que fez da tarefa do gramático pouco mais do que uma compilação estéril. Acontece que, até bem recentemente, havia pouca alter nativa fora dessa linha; faltavam trabalhos de análise da língua feitos sobre bases sólidas, e os próprios princípios da Lingüística moderna eram, por assim dizer, privilégio de uns poucos eleitos. A partir do grande desenvolvimento dos estudos lingüísticos no Brasil que presenciamos nos últimos anos tornou-se possível pensar realisticamente na elaboração de uma alternativa à gramática usual. A crítica aqui feita, portanto, é uma crítica à gramática, não aos gramáticos.

Um exemplo

Voltemos agora ao nosso tema principal. Uma definição comum de "sujeito" é a seguinte:

(1) "O sujeito é o termo sobre o qual se faz uma declaração". (CUNHA, 1975, p. 137.)

A partir dessa definição podemos tirar um exemplo da pouca consistência da GT. (1) é a única definição de sujeito dada na gramática; é de se esperar, pois, que ela reflita a noção de sujeito válida para toda a análise. Quero dizer: no momento em que apresentamos (1) como a definição de sujeito, assumimos o compromisso de mantê-la como a definição de sujeito em toda a gramática. Em outras palavras, o termo "sujeito" corresponde a uma noção unificada e consistente, à qual as regras gramaticais podem fazer referência. De outra maneira, para começar, não se compreenderia a necessidade de definir sujeito.

Ora, logo adiante na mesma gramática, encontramos a afirmação seguinte:

(2) "Algumas vezes o verbo não se refere a uma pessoa determinada, ou por se desconhecer quem executa a ação, ou por não haver interesse no seu conhecimento. Dizemos, então, que o sujeito é indeterminado". (CUNHA, 1975, p. 141.)

Já aqui se desrespeita a definição dada algumas páginas antes. Se é que existe sujeito indeterminado, ele deveria ocorrer nos casos em que se desconhece o ser sobre o qual se faz a declaração; afinal, a definição de sujeito só menciona essa característica dos sujeitos. No entanto, (2) está formulada como se o sujeito tivesse sido definido em termos de quem pratica a ação.

A gramática, nesse ponto, é inconsistente, ou pelo menos incompleta (não menciona a presumível conexão entre o sujeito e o ser que pratica a ação). E esse não é um caso isolado; é um exemplo dentre muitos, decorrências de uma atitude muito generalizada de falta de um esforço teórico constante. Ao se enunciar uma afirmação gramatical como (2), é preciso estar consciente de certas crenças que subjazem à afirmação; no caso de (2), está sub jacente a crença de que o sujeito exprime o nome do ser que pratica a ação. O esforço teórico a que me refiro consiste em tentar conciliar essas crenças subjacentes em um corpo doutrinário logicamente consistente — uma teoria gramatical. E isso falta na GT.

Se tivesse de apontar a grande falha fundamental da nossa tradição gramatical, eu escolheria justamente essa: a ausência de conscientização adequada do importe teórico das afirmações que constituem a gramática. Esse problema está na raiz do divórcio entre a doutrina gramatical, tal como explicitada em definições como (1) ou (2), e a prática da análise, tal como se observa quando um exemplo concreto é considerado (ver a seção 2). E está na raiz também da baixa qualidade de nossas descrições gramaticais. No momento em que assumimos a responsabilidade de vincular nossa análise, e toda ela, a uma teoria geral do funcionamento da língua, os defeitos ficam evidentes para qualquer um. Como disse acima, somos todos vítimas de uma tradição deformada; e sua maior deformação é precisamente o tipo de irresponsabilidade teórica que acabamos de ver.

A tarefa de fazer a nova gramática principia, por conseguinte, por uma conscientização das deformações da doutrina e da prática gramaticais. Nesse trabalho não pre- Doutrina explícita tendo restringir-me à crítica, tão freqüente e sempre fácil demais, da GT; mas vou começar pela crítica, tendo a preocupação de isolar os grandes problemas gerais. Espero que a partir daí seja possível começar a colocar novos alicerces, com o objetivo de construir algo de novo no lugar do que for eventualmente descartado.

2 doutrina explicita e doutrina implícita

Voltemos à definição de sujeito, a saber:

(1) "O sujeito é o termo sobre o qual se faz uma declaração".

Já vimos que, em outras passagens da gramática, uma outra definição de sujeito (o termo que denota o ser que pratica a ação) aparece debaixo do pano. Agora vamos examinar alguns exemplos concretos de análise. Digamos que se peça a uma pessoa gramaticalmente treinada para identificar os sujeitos das orações abaixo:

(3) Carlinhos corre como um louco

(4) Carlinhos machucou Camilo

(5) esse bolo eu não vou comer

(6) em Belo Horizonte chove um bocado

Ela dirá que o sujeito de (3) e de (4) é Carlinhos; o de (5) é eu; e (6) não tem sujeito. Essas análises estão de acordo com a prática corrente, e creio que são de aceitação universal. Mas até que ponto se harmonizam com a definição (1), também geralmente aceita? Ë surpreendente verificar como são numerosos os choques entre a definição e a análise. Em (3) pode-se dizer sem problemas que a oração veicula uma declaração sobre Carlinhos, e sobre ninguém mais. Já em (4) isso não fica assim tão evidente:

não haverá aí também uma declaração sobre Camilo? Quando chegamos a (5) a situação se torna ainda mais desconfortável: como defender a tese de que (5) é uma afirmação acerca de mim, e não acerca do bolo? Final mente, (6), que é uma oração sem sujeito, necessariamente (segundo a definição) não deveria estar declarando nada sobre coisa alguma; no entanto, (6) exprime claramente uma declaração sobre Belo Horizonte.

Isso exemplifica uma contradição bastante clara entre a definição explícita de sujeito e a prática de identificação de sujeitos tal como se encontra quando da análise de casos concretos. Tais contradições são, em geral, toleradas, e mesmo ignoradas, por aqueles que trabalham com a GT. A razão para isso é, a meu ver, a seguinte: existe na verdade uma dualidade de doutrinas gramaticais dentro do que chamamos gramática tradicional. Uma dessas doutrinas está expressa, mais ou menos, nas gramáticas usuais. Essa doutrina (a que podemos chamar "doutrina gramatical explícita", ou-DGEx é que inclui definições como (1), acima, que conceitua o sujeito como o termo sobre o qual se faz uma declaração. Sabemos, porém, que as mesmas pessoas que propõem ou aceitam tais definições não as seguem na prática. Quando enfrentam a tarefa de encontrar o sujeito de uma oração, sempre analisam orações com chover como não tendo sujeito, muito embora, como vimos, tais orações possam perfeitamente fazer declarações sobre alguma coisa.

Ê que existe aqui, subjacente a essa análise, uma outra definição de sujeito, que aplicamos quando quere mos encontrar o sujeito de uma oração. Ë importante frisar que essa definição implícita é tão bem conhecida, embora em nível não-consciente, quanto (1). Se tomarmos algumas pessoas com instrução gramatical, elas terão tanta facilidade em citar (1) quanto em encontrar o sujeito de (5) ou (6). Essas pessoas dirão que o sujeito de (5) é eu, e dirão que (6) não tem sujeito, em geral sem perceber que isso não pode ser feito com base em (1).

Tudo se passa como se a aprendizagem da gramática envolvesse duas tarefas não-relacionadas. Primeiro, é preciso aprender, entre outras coisas, a identificar o sujeito de uma oração; depois, é preciso aprender a definição de sujeito. Mas note-se: a identificação dos sujeitos não se faz com base na definição aprendida; faz-se com base em alguma outra definição, nunca exteriorizada, mas inegavel mente existente (por que senão, como explicar o alto nível de coincidência entre as diversas pessoas ao identificarem os sujeitos das orações?). Aprendemos (1), mas não a levamos a sério. Identificamos o sujeito da maneira que sentimos ser a mais adequada, muito embora isso nos coloque em choque com a DGEx., de que (1) é uma parte. Ou seja, aprendemos a identificar o sujeito apesar do nosso conhecimento da DGEx. (que aqui nos aponta um caminho que não seguimos), e não por causa dele. Para explicar esse fato, postulo a existência de uma doutrina gramatical implícita (DGImp.), que não é nunca explicitada, nem reconhecida como existente, mas que na verdade guia nossas decisões dentro da prática da análise gramatical.[1]

De acordo com essa doutrina implícita, a definição de sujeito não pode ser (1). Qual será ela, então? No momento, não disponho de uma definição realmente completa e adequada a todos os casos; mas acho que a seguinte é uma aproximação:

(7) Sujeito é o termo com o qual o verbo concorda.

A prática gramatical observada sugere que (7) seja, pelo menos, parte da definição de sujeito existente na DGImp. Com efeito, (7) nos permite não só identificar Carlinhos como sujeito de (3) e de (4), mas também, inequivocamente, eu como sujeito de (5). Já (6) não tem no sujeito porque o verbo não concorda com nenhum dos termos da oração.

Em resumo: a prática dos estudos gramaticais revela a existência de duas doutrinas, a DGEx., que é "oficial mente reconhecida" e explicitada nas gramáticas, e a DGImp., nunca explicitada, mas que realmente subjaz à análise realizada. Essa não é uma descoberta nova. Creio que Jespersen se refere a esse fenômeno quando afirma:

o gramático treinado sabe se uma palavra dada é um adjetivo ou um verbo não por se referir a tais definições, mas praticamente da mesma maneira pela qual todos nós ao vermos um animal sabemos se é uma vaca ou um gato

(JESPERSEN, 1924, p. 62.)

Incoerência e autoritarismo

A DGEx. e a DGImp. só coincidem em parte; há grandes áreas em que elas entram em choque. No entanto, as análises levadas a efeito (com base na DGImp.) são usualmente j-ustif+eadas com base na DGEx. O resultado, como não podia deixar de ser, é um discurso incoerente, que muitas vezes

[1] *Este livro foi digitalizado e distribuído GRATUITAMENTE pela equipe Digital Source com a intenção de facilitar o acesso ao conhecimento a quem não pode pagar e também proporcionar aos Deficientes Visuais a oportunidade de conhecerem novas obras.*
Se quiser outros títulos nos procure http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros, será um prazer recebê-lo em nosso grupo.

força o professor a assumir posições autoritárias ou de “dono da verdade” — por exemplo, negando a evidência, ou então dando a entender ao aluno que ele, professor, é detentor de conhecimentos mais avançados, que permitem a solução das incoerências presentes, mas que são por demais esotéricos para que o aluno a eles possa ter acesso.

Um exemplo de negação da evidência temos quando um aluno aponta (corretamente) que brilham, em:

(8) os diamantes brilham mais que os topázios exprime uma qualidade, e não uma ação, estado ou fenômeno; logo, não deveria ser considerado um “verbo”, se é que verbo é “a palavra que exprime ação, estado ou fenômeno”. O professor poderá responder que não, que em (8) os diamantes “praticam a ação de brilhar”. Ora, tais respostas acabarão nos levando a uma definição do tipo “ação é tudo aquilo que se exprime por meio de um verbo” — o que esvazia a definição de verbo como palavra que exprime ação, pois a reduz a uma tautologia.

A atitude de “dono da verdade” se observa, por exemplo, quando o professor define o sujeito como “aquele que pratica a ação”. Se o aluno objetar com um exemplo como:

(9) Marília foi perseguida por um São Bernardo onde Marília não pratica a ação, o professor poderá re trucar: “Ah, mas aí é voz passiva”. Ou seja, a definição de sujeito dada não está completa; na verdade, a definição nunca será completada, de maneira a proporcionar sempre um caminho de fuga a contra-exemplos embaraçosos. As conseqüências da exposição dos alunos a essas situações não podem ser favoráveis nem à sua formação intelectual, nem ao seu respeito pela matéria.

Aquilo que desejamos, como professores, é evidente mente uma boa gramática da língua, não uma explicitação da DGImp. — que, embora quase sempre mais correta do qu a DGEx., está longe de refletir uma análise coerente da estrutura da língua. Mas essa explicitação da DGImp. pode ter valor educativo, porque nos põe em guarda contra situações como a atual: a convivência pacífica com contradições gritantes. Uma formação gramatical intelectualmente sadia só pode ser atingida através de um exame racional e rigoroso do fenômeno da linguagem e da estrutura da língua, nunca através de princípios desconexos e, o que é pior, ministrados dentro de um esquema de autoridade. Mas isso pressupõe a existência de uma teoria gramatical que possa dirigir o esforço de análise e compreensão do funcionamento da língua. E antes de ser possível trabalhar com essa teoria, será preciso desenvolver (nos alunos e em nós mesmos) a atitude intelectual conveniente: exigi remos de nós mesmos um nível de rigor e coerência do qual os estudos gramaticais tradicionais estão muito longe; e nos colocaremos diante do objeto de estudo não como meros receptores de conhecimentos já produzidos, mas como críticos e criadores de conhecimento novo. Nenhuma mudança no conteúdo conceptual da disciplina terá utilidade sem essa mudança de atitude.

Acredito que a tentativa de explicitação das desarmonias entre DGEx. e DGImp., assim como os outros aspectos da crítica à gramática tradicional (ou à gramática não-tradicional, bem entendido!) é um caminho para a

criação de um tipo de atitude que permitirá à nossa disciplina ser realmente útil na formação intelectual dos estudantes.

3 Três problemas básicos

Vamos agora examinar com algum detalhe três tópicos que devem ser esclarecidos e explicitados antes de se empreender qualquer tentativa de renovação da gramática. Esses tópicos são: a relação entre o aspecto semântico e o aspecto formal da linguagem; a definição de "paradigma gramatical"; e a distinção entre classes e funções. Esses três pontos me parecem particularmente relevantes, razão pela qual optei por tratá-los em posição de evidência nas próximas subseções.

O formal e o semântico

Como seria uma "boa" gramática do português? Idealmente, ela deveria desempenhar a contento duas funções: (a) descrever as formas da língua (isto é, sua fonologia, sua morfologia e sua sintaxe); e (b) explicitar o relacionamento dessas formas com o significado que veiculam. Esses estão entre os objetivos de qualquer gramática, ainda que nem sempre estejam claramente formulados ou bem diferenciados. Assim, quando encontramos a afirmação de que a forma reflexiva formada de verbo seguido de pronome oblíquo de pessoa igual à que o verbo se refere" (BECRARA, 1968, p. 127.), podemos entendê-la como a descrição de parte da estruturação formal do português: o fato de que os verbos podem ser seguidos de pronome oblíquo idêntico em pessoa ao sujeito desse verbo. Por outro lado, na passagem [forma reflexiva] indica que a pessoa é, ao mesmo tempo, agente e paciente da ação verbal" (Id., ib id), o autor procura estabelecer um relacionamento entre a forma reflexiva e um significado específico. Naquilo que têm de descritivo (não-normativo), portanto, as gramáticas são tentativas de explicitar esses dois componentes da estrutura da língua: suas formas e o relacionamento dessas formas com os respectivos significados.

Com efeito, simplificando um pouco as coisas, pode-se dizer que natural consiste de um conjunto de recursos formais que servem (juntamente com o contexto extralingüístico) para transmitir um conteúdo. As relações entre a forma e o conteúdo são extremamente complexas, e em grande parte permanecem obscuras ainda hoje para os lingüistas. Qualquer doutrina gramatical que venha a ser proposta precisa levar em conta a complexidade dessa relação, sob pena de cair em inadequações sérias a cada passo. Na presente seção tentarei mostrar que a GT incorre justamente nesse erro; e procurarei sugerir caminhos para evitar esse tipo de incorreção.

Um dos muitos pressupostos não-confessados da GT é o de que a relação entre o aspecto formal e o semântico da linguagem é relativamente simples. Ë algo como acre ditar que para cada forma sintática ou morfológica existe um significado básico e só um (ou uns poucos), de maneira que a explicitação da relação forma—sentido seria na essência uma questão de

justaposição: a forma X tem o significado Y. Encontramos essa crença por trás de definições mistas (formais e semânticas) do seguinte tipo:

(10) "Verbo é (. . .) a palavra que exprime um fato (ação, estado ou fenômeno) representado no tempo. (. . .) O verbo apresenta as variações de número, de pessoa, de modo, de tempo e de voz." (CUNHA, 1975, p. 253.)

Temos aí, para a mesma noção de "verbo", duas definições: uma semântica (a palavra que exprime um fato representado no tempo), outra formal (a palavra que apresenta variações de número, pessoa, modo, tempo e voz). Por trás dessa dupla definição, naturalmente, há o pressuposto de que qualquer palavra que corresponda à primeira parte da definição também corresponderá à segunda — ou seja, de que a relação entre as propriedades semânticas e as formais do verbo é simples e direta, podendo ser expressa por uma mera justaposição de definições, como está em (10).

A verdade, entretanto, é que isso não ocorre'. É bastante fácil encontrar palavras que correspondam a uma das definições e não à outra. Por exemplo:

Aqui temos chuva, palavra que exprime um fenômeno, e este está representado no tempo (ontem); não creio, porém, que seja interessante classificá-la como verbo. E, certamente, chuva não apresenta o conjunto de variações apontado como característica (formal) dos verbos.

Uma resposta possível a essa objeção é a de que em

(11) o tempo não está expresso pela palavra chuva, através de um morfema preso, como em:

(12) choveu ontem e meu canteiro ficou estragado

Choveu seria um verbo porque o tempo está representado morfologicamente, dentro da própria palavra (choveu, chove, choverá. .). Dessa forma, "representado no tempo" teria de ser entendido como referindo-se apenas a uma marca morfológica: o elemento marcador de tempo deve estar incluído na própria palavra em questão, para que esta seja classificada como verbo. Mas esse refinamento da definição semântica (introduzindo, na verdade, um elemento formal) nos deixaria em dificuldades quando considerássemos casos como:

(13) gato come rato

A palavra come, que exprime um fato (uma ação), e que é usualmente considerada um verbo, não está "representada no tempo", pelo menos se consideramos "tempo" no seu sentido habitual. Com efeito, (13) exprime uma afirmação geral, intemporal, sobre gatos (e ratos). Essa frase se coloca na classe das afirmações universais do tipo: O homem é mortal, A água ferve a cem graus etc., das quais não me parece que se possa dizer que estejam "representadas no tempo". Segundo a definição semântica proposta, mesmo com a restrição de representação no tempo apenas à representação morfológica, acabamos sendo obrigados a considerar come em (13) como um não-verbo — decisão que certamente não agrada a ninguém.

Se continuássemos refinando a definição semântica, poderíamos chegar a uma formulação satisfatória do que significa exatamente

“representado no tempo”. Mas no momento é mais importante reconhecer precisamente o que é que estamos tentando fazer ao explicitarmos essa noção: na verdade, procuramos uma relação entre o tempo gramatical, formal, que é aquilo que opõe a forma come às formas comia, comeu etc. e uma interpretação semântica (uma referência temporal) que seja própria ao elemento formal a que chamamos “tempo”. Ora, o tempo gramatical não é simplesmente uma representação formal do tempo cronológico; aliás, o fato de que damos a ambos a mesma designação (“tempo”) não nos deve enganar quanto a suas naturezas profundamente diferentes. Já vimos que em (13) o presente do indicativo exprime um fato intemporal. Em:

(14) pode deixar que eu frito os bolinhos

o mesmo tempo verbal se interpreta como um tempo (referencial) futuro. E em:

(15) nesse momento, D. Pedro tira a espada e grita:

“1 ou M!”

o presente formal denota um passado referencial. Temos aqui um exemplo bem claro da complexidade da relação forma—significado. É, evidentemente, necessário explicitar essa relação, que existe e é a razão de ser principal da própria linguagem. Mas não se espere atingir essa explicitação sem lançar mão de uma teoria semântica muito mais rica, complexa e estruturada do que o conjunto de noções desconexas e improvisadas que passa por semântica na GT.

Resta considerar a definição formal de “verbo”. Podemos formulá-la assim:

(16) Verbo é a palavra que pertence a um paradigma cujos membros se opõem quanto a número, pessoa e tempo 2

Aqui, evidentemente, “número”, “pessoa” e “tempo” se referem a morfemas flexionais específicos, e não a categorias de significado.

Com uma definição formal como (16) será possível evitar os sérios problemas que acabamos de ver, e que são típicos de definições semânticas. Em geral as definições formais são mais fáceis de elaborar, de testar e de relacionar entre elas; isso porque, creio, existem hoje teorias sintáticas muito mais desenvolvidas e precisas do que as teorias semânticas; ou ainda, dito de outro modo, o fenômeno sintático é muito melhor compreendido do que o fenômeno semântico. Note-se que isso não quer dizer que a descrição semântica não seja importante; significa apenas que, no momento, qualquer descrição semântica de uma língua deverá ser menos completa e satisfatória do que as descrições formais (sintáticas e morfológicas) que estamos em condições de produzir.

O critério que nos permite identificar tão facilmente correu como um verbo, e corrida como um não-verbo, não é o significado de cada uma dessas palavras, mas o fato de que correu se liga a um paradigma que inclui corri, correram, corre (formas que se opõem quanto à pessoa, ao tempo e ao número), ao passo que corrida pertence a outro paradigma, que inclui, por exemplo, corridas e corridinha, que se opõem quanto ao número (mas um

tipo de “número” morfologicamente diferente do número verbal) e quanto ao grau.

(16) seria, provavelmente, a definição de “verbo” que se encontra na DGImp., e que realmente aplicamos ao classificarmos palavras como verbos ou não-verbos. É uma definição muito mais fácil de aprender e de aplicar do que a definição semântica (muito embora não deixe de lançar mão de noções subjacentes de certa complexidade; ver a subseção seguinte). Raramente se observam hesitações na aplicação dessa definição, e o grau de semelhança formal entre as palavras a que chamamos “verbos” é muito grande.

No entanto, antes de nos sentirmos autorizados a incluir definições do tipo de (16) na gramática, será preciso discutir e esclarecer a noção de “paradigma gramatical”, de que (16) faz uso de modo crucial. Essa é outra das noções básicas subjacentes à prática da análise gramatical, e que nunca são explicitamente consideradas. Nas próximas páginas, portanto, vou examinar a noção de “paradigma gramatical”.

A noção de “paradigma gramatical”

Vou inicialmente esclarecer uma questão de nomenclatura: estou tomando aqui o termo “palavra” em um sentido talvez mais restrito do que o usual. Assim, para mim, homem e homens são duas palavras distintas, ainda que membros de um mesmo paradigma, e não duas formas da mesma palavra. As razões para isso serão dadas no final da presente subseção; por ora, tenhamos em mente que quando a GT fala de “várias formas da mesma palavra” (por exemplo, um singular e seu plural), eu prefiro dizer “várias palavras pertencentes ao mesmo paradigma”.

Passemos agora ao problema da conceituação de “paradigma”. Uma das maneiras de classificar as palavras formalmente é considerar suas possibilidades de variação

morfológica; assim, um verbo varia em pessoa (isto é, pertence a um paradigma cujos membros diferem quanto à pessoa); um adjetivo varia em gênero, um pronome pessoal em caso. Esse tipo de classificação é tradicional, e provavelmente conveniente em muitos casos. Mas não é isento de problemas: na verdade, creio que se pode mostrar que em certos casos uma classificação puramente morfológica é, estritamente falando, impossível. Como conseqüência, a classificação de base sintática tem um caráter fundamental.

Tomemos o caso dos adjetivos: podemos defini-los como a classe das palavras que variam em gênero, número e “grau” (normal X superlativo). Branco é então um adjetivo porque existem branco, branca, branquíssimo, brancos etc. Brancura e branqueamos não são adjetivos, pois não variam da mesma forma. Isso parece evidente e difícil de contestar, mas só será sustentável se conseguirmos responder à seguinte pergunta: Por que consideramos branco, branca, branquíssimo e brancos como pertencentes a um paradigma (“o adjetivo branco”), branqueamos e branqueio a outro (“o verbo branquear”), e ainda brancura, brancuras a um terceiro (“o substantivo brancura”)? Não vejo possibilidade de responder a essa pergunta em termos morfológicos sem cair em circularidade. E uma resposta baseada

na semântica incorreria nas dificuldades usuais desse tipo de definição: poderíamos dizer que branco, branquíssimo etc. “exprimem qualidade”, e que por isso devem ficar juntos em um paradigma. Mas que dizer de “os topázios brilham muito”, em que brilham exprime uma qualidade? Por aqui, é fácil ver, não há saída visível.

Se quisermos salvar a caracterização morfológica dos adjetivos, então, teremos de justificar a inclusão de branca, branco, brancos e branquíssimo em um paradigma único. Obviamente, isso deve ser feito sem mencionar o relacionamento morfológico como critério: ou seja, sem chegar a uma justificativa do tipo “essas formas pertencem ao mesmo paradigma porque são variantes morfológicas da mesma palavra”, o que é tautológico. Será preciso procurar outros critérios para capturar a noção tradicional de “paradigma”. Como se trata de uma noção útil em gramática, vale a pena determo-nos um pouco tentando conceituá-la com, alguma clareza.

Para chegar a essa conceituação, partamos da condição seguinte: todos os membros de um paradigma devem ter pelo menos um morfema em comum. Acho que essa condição captura uma parte da noção tradicional; ficam assim excluídos casos como o de casa e sempre, que decididamente não podem pertencer ao mesmo paradigma.

A primeira condição estipulada, embora necessária, não é suficiente. Se nos limitarmos a ela, teremos de colocar no mesmo paradigma formas como correm e corrida, ou ainda falei e comprei, pois em ambos os casos há morfemas em comum: no primeiro caso, o radical corr-; no segundo, o sufixo de modo-tempo-pessoa -ei. Logo, necessitamos de mais alguma condição para refinar a definição de “paradigma”.

Os exemplos citados no parágrafo precedente sugerem a introdução de uma condição nos seguintes termos: todos os membros de um paradigma devem pertencer à mesma classe de palavras. Desse modo poderemos, pelo menos, separar correm de corrida em paradigmas distintos. Aqui, novamente, há o perigo da tautologia: será necessário definir as classes de palavras em termos não-morfológicos, já que qualquer definição morfológica depende da noção de “paradigma”, que estamos tentando elucidar. As classes de palavras, como veremos detalhadamente mais tarde, serão definidas segundo critérios sintáticos: pertencem a uma mesma classe palavras que ocorrem no mesmo conjunto característico de ambientes sintáticos. Por exemplo, branco, branca e branquíssima pertencem à mesma classe por ocorrerem nos mesmos ambientes sintáticos. Um desses ambientes pode ser expresso assim: ocorrência logo após uma seqüência de artigo + substantivo, formando (os três) um sintagma nominal:

(17) comprei um cachorro branco/a galinha branca/ uma camisa branquíssima

Já *brancura* ou *branqueia* não têm essa propriedade sintática, e portanto não se colocam na mesma classe de branco.

Como veremos, a condição de que os membros de um paradigma pertençam à mesma classe de palavras ainda nos poderá trazer problemas, se quisermos realmente respeitar a distribuição tradicional das palavras em

paradigmas. Por ora, vamos adotá-la e ver quais são as conseqüências imediatas.

Agora já podemos incluir em um paradigma único formas como *correm, corremos, corria, correrei* (que recebem tradicionalmente o nome coletivo de "verbo *correr*", isto é, o paradigma de *correr*); ficam excluídas desse paradigma formas corno *corrida* ou *corridinha,* que por sua vez integram um outro paradigma. A justificação é que, além de terem um morfema em comum, correm, corremos etc. pertencem à mesma classe ("verbos"); o mesmo se passa com *corrida*, *corridinha*, que são "substantivos".

No entanto, a definição ainda não se pode considerar completa, porque nada nos impede de colocar *falei* e *comprei* em um mesmo paradigma. A tradição não autorizaria dizer que *falei* e *comprei* são formas da mesma palavra; vamos aceitar como correta essa posição, pelo menos para efeitos da presente discussão. Assim, concluiremos que ainda falta alguma coisa na definição de "paradigma".

Talvez seja indicado incluir a condição de que os membros de um paradigma só possam diferir quanto a seus morfemas *flexionais*; os morfemas não-flexionais (radicais e morfemas derivacionais) são comuns a todos os membros de um paradigma. Isso nos possibilita separar *falei* e *comprei* em paradigmas distintos (pois diferem quanto ao radical); faremos o mesmo com *fazer, refazer e desfazer* (pois diferem quanto a morfemas derivacionais). Dessa maneira, para capturar as distribuições tradicionalmente feitas, definiremos "paradigma" do seguinte modo (conforme veremos, a definição ainda terá de ser melhorada):

(18) Paradigma é um conjunto de palavras que pertencem à mesma classe e que diferem apenas quanto a morfemas flexionais.

Essa definição, é claro, depende de podermos distinguir claramente morfemas flexionais de morfemas não-flexionais (em especial, de morfemas derivacionais), o que pode não ser muito fácil. Aronoff comenta que a distinção entre fenômenos derivacionais e flexionais

"é delicada, e às vezes fugidia, mas não obstante importante'. (ARONOFF, 1976, p. 2.)

Não conheço definição inteiramente satisfatória de derivação e flexão (ver proposta de NIDA, 1949, com crítica, no trecho citado de Aronoff). Mas é possível, desde já, atingir uma conceituação aproximada que poderá ser útil. Vou discutir brevemente este ponto, importante para nós, porque dele depende uma noção clara de "paradigma".

Aronoff parece considerar como uma característica básica da flexão, frente à derivação, a regularidade de ocorrência das diversas formas comparáveis. Assim, parece-me, ele chamaria de flexional uma variação como *correm, corro, corremos, correndo, correr* porque para praticamente todas as formas que terminam com o morfema *-r* 'infinitivo' existem outras formas com os morfemas (ou seqüências de morfemas, pouco importa) *-m, -o, -mos,-ndo*. Podemos acrescentar que a esse paralelismo formal corresponde um paralelismo semântico bem claro. Já no caso de *fazer* e *desfazer* não encontramos essa regularidade; existe *atar* e *desatar*, *montar* e *desmontar*,

mas não existe forma com *des-* para riscar (o antônimo é apagar), acender (usa-se novamente apagar), abrir (fechar) etc. É a regularidade básica da flexão que nos autoriza a falar de "supletivismo" nos raros casos excepcionais, como *ser, fui,* considerado paralelo a *cantar, cantei,* apesar da diferença entre as duas formas. Admitimos, *a priori*, que todo verbo precisa ter um pretérito perfeito, mas nem todo verbo precisa ter uma forma antônima em *des-*; daí não dizermos que apagar é forma supletiva do antônimo de acender (substituindo um inexistente desacender).

Esse critério de distinção entre flexão e derivação não é tão nítido quanto desejaríamos, e parece mais uma questão de grau: depende, em última análise, da quantidade de exceções em cada caso. Mas é o que temos à mão no momento, e o que vou adotar (não lançarei sobre Aronoff a responsabilidade da interpretação acima, que não está explícita em seu trabalho). O critério basta para decidir a maior parte dos casos, e vou, portanto, mantê-lo como o que melhor exprime o uso implícito dessa noção por parte dos autores.

Podemos agora retomar a definição (18), para tentar aperfeiçoá-la. Conforme nos lembramos, (18) estabelece duas condições para que duas ou mais palavras integrem um mesmo paradigma: pertencerem à mesma classe e serem idênticas no que diz respeito aos morfemas não-flexionais (mesmo radical, mesmos morfemas derivacionais). Ou seja, ficam definidas quatro possibilidades de relação entre as palavras, a saber:

A: mesma classe, identidade de morfemas não-flexionais;

B: classes diferentes, diferença de morfemas não-flexionais;

C: mesma classe, diferença de morfemas não-flexionais;

D: classes diferentes, identidade de morfemas não flexionais.

Para cada uma dessas possibilidades, examinaremos um exemplo, a fim de apurar como funciona o agrupa mento tradicional, e verificar se essas duas condições são suficientes, e se são ambas necessárias para caracterizar a noção de "paradigma", tal como utilizada implicitamente na GT.

A possibilidade *A* é exemplificada, por exemplo, pelas palavras *branco* e *branca*: ambas são adjetivos, e sua única diferença reside nos morfemas flexionais *-o/-a*. Sabemos que a GT coloca essas duas palavras no mesmo paradigma (ou, o que sabemos ser equivalente, considera-as duas formas da mesma palavra). A possibilidade *B* se verifica com o par *branco/brancura*: pertencem a classes diferentes, e além disso diferem quanto ao morfema derivacional *-ur*(a). A solução tradicional é colocar as palavras em paradigmas diferentes: *brancura* não é chamada de uma outra forma da palavra *branco*. Observamos a possibilidade *C* no par *fazer/desfazer*: pertencem ambas à classe dos verbos, mas diferem quanto ao morfema derivacional des-. A GT os separa em paradigmas distintos.

Até agora, portanto, parece que a exigência é de que duas palavras precisam satisfazer ambas as condições especificadas em (18) para que possam ser colocadas no mesmo paradigma. Mas a possibilidade *D* desmente isso. Na verdade, é difícil encontrar pares de palavras que sejam idênticas

quanto a seus morfemas não-flexionais (isto é, que só tenham diferenças flexionais) e que não pertençam à mesma classe. Mas esses casos existem, e, quando ocorrem, a GT coloca as palavras em questão *no mesmo paradigma*, ao contrário do que seria de esperar.

É o caso das formas "nominais" do verbo, como os infinitivos, por exemplo. Essas formas se relacionam de maneira regular com os verbos; para cada *corro* existe um *correr* etc. Entretanto, há muitas razões para se acreditar que os infinitivos não são, sintaticamente, da classe dos verbos. Seu comportamento gramatical é predominantemente nominal, o que é aliás geralmente reconhecido na GT. Celso Cunha, que define, como vimos, o verbo como incluindo "representação no tempo", afirma do infinitivo (e das outras formas nominais) que:

"identificam-se pelo fato de não poderem exprimir por si nem o tempo nem o modo". (CUNHA, 1975, p. 456.)

Dessa maneira, é provável que os infinitivos não devam ser colocados na classe dos "verbos", que inclui as formas não-nominais. Mas a regularidade de sua relação com essas formas faz com que a diferença deva ser considerada como de flexão, e não de derivação. Em conseqüência, temos aqui a situação descrita em *D*: *corro* e *correr* são idênticos quanto aos morfemas não-flexionais, mas pertencem a classes diferentes. E nesse caso, conforme sabemos, a GT os coloca no mesmo paradigma: *corro* e *correr* são considerados formas da mesma palavra. Esse critério, se aplicado consistentemente, significa que a explicitação do uso tradicional da noção de "paradigma" não deve conter a condição de que as palavras interessadas pertençam à mesma classe. A definição se reduz a:

(19) Paradigma é um conjunto de palavras que diferem apenas quanto a morfemas flexionais.

Sabemos que a distinção entre morfemas flexionais e não-flexionais depende da regularidade da associação dos afixos com os radicais. Temos aqui um ponto que deverá ser mais cuidadosamente investigado: Como definiremos essa regularidade? Como trataremos casos como *ser/fui*, onde a correspondência morfológica é regular, mas a representação fonológica não é? Muitas questões importantes como essa terão de ficar à espera de investigação futura.

Resta um ponto a esclarecer. A nomenclatura tradicional, como vimos, não costuma falar de paradigmas, mas de palavras; isto é, *corro, correr e corríamos* não são chamados membros de um paradigma único, mas "formas da mesma palavra". A razão por que não adoto essa nomenclatura, preferindo referir-me a corro e correr como duas palavras distintas, é que, se definirmos como "uma palavra" uma entidade como o "verbo *correr*" da GT, essa entidade será sintaticamente incoerente. Seremos obrigados a dizer que uma palavra pode ter comportamento sintático diverso (e, conseqüentemente, pertencer a mais de uma classe) segundo a sua flexão: um infinitivo não se pode classificar da mesma forma que um presente do indicativo. Isso ocorre porque a noção de "paradigma" é morfológica, e não sintática. Acho que essa posição leva a situações con fusas, e, portanto, opto

por utilizar o termo “palavra” no sentido restrito que considera corro uma palavra e correr outra palavra distinta.

Por último, pode-se perguntar qual é, exatamente, a utilidade da noção de “paradigma” na descrição gramatical. Essa noção, antes de mais nada, permite a formulação de definições morfológicas como a de que o verbo é a palavra que “varia em pessoa, tempo” etc. — ou seja, o verbo é a palavra que pertence a um paradigma cujos membros diferem quanto a essas categorias. Já mencionei acima a conveniência de tais definições. Por outro lado, os paradigmas possibilitam a apresentação compacta de grupos de palavras flexionalmente relacionadas, como por exemplo os paradigmas verbais, o que é vantajoso do ponto de vista didático. Finalmente, parece-me que os paradigmas terão importância quando da descrição da estrutura semântica da língua, pois o relacionamento semântico entre os membros de um paradigma é sistemático.

Classes e funções

Passemos agora ao terceiro dos três problemas básicos a serem discutidos, o da distinção entre “classe” e “função”.

A GT faz uso de certo número de noções, nunca explicitadas; conseqüentemente, faz muitas vezes um uso incoerente dessas noções, ou deixa de aproveitar as vantagens práticas e teóricas de sua existência. É esse o caso, acredito, das duas importantes noções de “classe” e “função”. Embora ambas façam parte da parafernália teórica da GT, a distinção entre elas é pouco satisfatória.

A noção de “classe” encontra-se reconhecida, ainda que não bem definida, nas gramáticas, mas seu uso é pouco sistemático. Admite-se sempre a necessidade de classificar as palavras, e a doutrina fornece nomes para essas classes (“verbos”, “advérbios”, “pronomes” etc.). Além dessas classes, existem outras, que não são explicitamente reconhecidas como tais, mas que também recebem nomes: termos como “oração”, “frase”, “oração subordinada” se referem na verdade a classes de formas, ou a suas sub-classes. E, como quaisquer outras classes, podem ser definidas pela sua distribuição sintática, sua estrutura interna, ou (com as limitações que conhecemos) suas propriedades semânticas.

No entanto, nem todas as classes são explicitadas. Vejamos o caso de uma classe extremamente freqüente e importante, mas que não é em geral reconhecida pela GT (salvo raras exceções): a dos sintagmas nominais. Por que seria importante incluir explicitamente essa classe na gramática?

Formas como as exemplificadas abaixo:

(20) Carminha

a Carminha

aquela moça do terceiro andar

uma funcionária da Universidade que eu conhecia

apesar de suas grandes diferenças estruturais, têm em comum traços sintáticos muito importantes: por exemplo, todas elas podem ser sujeito de

uma oração; todas podem ser objeto direto; todas podem vir precedidas de preposição, em funções tais como adjunto adnominal ou objeto indireto. Por outro lado, nenhuma dessas formas pode ser o núcleo de um predicado verbal, nem aparecer coordenada com a conjunção e mais um adjetivo. Em outras palavras, as quatro formas de (20) têm comportamento sintático semelhante. Ora, uma das funções essenciais das classes de formas (por exemplo, das classes de palavras) é justamente permitir a descrição compacta do comportamento sintático das formas. As quatro formas de (20) deveriam, pois, ser colocadas em uma classe, o que a GT não faz; não existe sequer um termo tradicional para essa classe. Aqui utilizaremos "sintagma nominal", designação consagrada em Lingüística.

A inexistência de um termo para designar comodamente o sintagma nominal (ou melhor, a inexistência de uma noção clara de sintagma nominal) obriga as gramáticas a descreverem o comportamento sintático dessa classe de maneira desnecessariamente complicada e sem unidade em outras palavras, de maneira não-sistemática. Assim, Cunha (1975) diz que um sujeito pode ter como núcleo: um pronome pessoal; um substantivo; um pronome demonstrativo; um pronome relativo; um pronome interrogativo; um pronome indefinido; um numeral; uma palavra ou expressão substantivada; uma oração substantiva; mais de um substantivo; mais de um pronome; mais de um numeral; mais de uma palavra ou expressão substantivada; mais de uma oração substantiva; ou "outras combinações" — ao todo, quinze possibilidades de sujeitos claros (Ou mais, já que algumas possibilidades estão abreviadas). Essa forma de descrever os fatos, além de seu caráter obviamente pouco compacto, apresenta dois defeitos graves: primeiro, deixa de explicitar a estrutura propriamente dita dos sujeitos, dando apenas a lista dos possíveis *núcleos* do sujeito. Assim, *Carminha*, *a Carminha* ou *aquela moça do 3.° andar* caem no mesmo caso, pois em todos os exemplos o núcleo é um substantivo.

O segundo defeito, mais grave, desse tipo de descrição é que ele nos obrigará a repetir a *mesma* lista de quinze possibilidades quando formos explicitar quais são os possíveis núcleos de um objeto direto, ou de um objeto indireto, ou de um adjunto adnominal. Como se vê, estamos deixando escapar uma generalização importante da língua; estamos tratando como simples coincidência um fato estrutural de importância, a saber, o de que a mesma classe de formas (o sintagma nominal) pode aparecer em todas essas funções sintáticas.

Estabelecendo o sintagma nominal como uma classe de formas, poderemos solucionar essas deficiências de modo bastante simples. A estrutura interna do sintagma nominal será definida uma só vez na gramática: o sintagma nominal se compõe de um substantivo, ou de artigo seguido de substantivo, ou de pronome pessoal etc. (a composição do sintagma nominal é bem complexa). A partir daí, diremos que o sujeito é sempre composto de um sintagma nominal; o mesmo afirmaremos do objeto direto; o objeto indireto se compõe de preposição mais sintagma nominal (excetuados os casos de clíticos como *lhe*, que precisarão ser tratados à parte, dado seu comportamento sintático peculiar). Trata-se, simplesmente, de estender sistematicamente às seqüências de palavras o tratamento que se

dá às palavras individuais. Não costumamos dizer que as palavras *correr, dizer, mandar, ir* e mais outras milhares variam em pessoa, mas antes que o verbo varia em pessoa; igualmente, diremos que um sintagma nominal pode ser sujeito — e não que um substantivo, uma seqüência de artigo mais substantivo, um pronome pessoal etc. podem ser sujeitos. E também com isso capturaremos na gramática o fato de que as formas que podem desempenhar a função de sujeito são as mesmas que podem desempenhar a de objeto direto.

Esse exemplo pode ser útil para deixar clara a distinção entre "função" e "classe". "Sujeito" é uma função, isto é, um dos aspectos da organização formal da oração. Uma função sintática se define através de relações sintagmáticas entre os diversos termos da oração: ordem das palavras, concordância, regência etc. Assim, a função de sujeito se caracteriza por certas posições na oração, e por estar em relação de concordância de pessoa e número com o verbo.

A partir da função de sujeito poderíamos definir uma classe de formas: pertenceriam a essa classe todas as formas que pudessem ter a função de sujeito. Mas imediatamente se apresenta outro fato importante: a classe das formas que podem ser sujeitos é idêntica à das formas que podem ser objetos diretos; precedidas de preposição, essas mesmas formas podem ser adjuntos adnominais etc. Ou seja, a classe não se identifica com a função, nem tem uma vinculação biunívoca com ela: uma classe se define pela relação paradigmática entre as diversas formas que podem desempenhar uma (ou várias) funções. Diremos, então, que existe a *classe* dos "sintagmas nominais", e que um sintagma nominal pode desempenhar várias funções sintáticas.

É necessário distinguir "classe" de "função" não apenas para possibilitar uma descrição clara do fato de que várias funções podem ser desempenhadas por uma só classe, mas também porque essas duas noções são distintas em princípio, e exprimem aspectos muito diferentes do fenômeno lingüístico. Uma classe é um conjunto (não necessariamente finito) de formas lingüísticas; uma função é um princípio organizacional da linguagem. Assim, quando digo que uma forma qualquer é um sujeito, não a estou colocando em uma classe (ainda que sua classe possa ser inferida do fato de ela ser sujeito), mas estou antes afirmando que, naquela sentença, a forma preenche um dos lugares que devem ser preenchidos para que se tenha uma sentença gramatical da língua.

Colocadas as coisas dessa maneira, verifica-se que a nomenclatura tradicional é especialmente deficiente no que diz respeito a nomes de classes; correspondentemente, muitas classes não são devidamente reconhecidas na gramática. A única preocupação consistente que encontramos na GT é a de classificar as palavras, de modo que nenhuma fique isolada (ainda que seja posta entre as "de difícil classificação"...). Mas essa preocupação não se estende às seqüências de duas ou mais palavras. Isso faz com que se percam generalizações como as que vimos acima para o caso do sintagma nominal.

Pode-se multiplicar a exemplificação de casos de classes importantes gramaticalmente, mas não reconhecidas na GT; por falta de espaço, não poderemos prosseguir no exame de tais casos, além do já visto do sintagma nominal. Mas certamente isso terá de ser feito quando da elaboração da nova gramática portuguesa. Aqui nos limitaremos a algumas considerações finais.

Ao se considerar uma dada estrutura, é necessário não apenas perguntar qual é a função de cada constituinte, mas ainda a que classe pertence cada constituinte. Não é o bastante saber, por exemplo, que as orações em português podem ter sujeito; é preciso saber também que essa função é ocupada por uma classe particular de formas (sintagmas nominais), e que essa mesma classe pode ocupar outras funções (objeto direto etc.). A classificação das palavras é apenas um caso particular da classificação das formas sintáticas, e desprezar esse fato equivale a deixar de exprimir muitas generalizações importantes sobre a estrutura da língua.

4 As bases da nova gramática

Problemas da descrição semântica

Até o momento, a ênfase da discussão tem incidido sobre uma crítica às posições tradicionais e sobre a tentativa de explicitar alguns de seus pressupostos. Vamos agora passar a considerar algumas questões (relacionadas ou não com as questões já discutidas) na perspectiva da construção da nova gramática Tentarei dar, nas seções que se seguem, em uma série de "quadros", uma proposta para uma gramática mais adequada do português. Se a imagem aqui mostrada parecer muito preliminar e fragmentária, isso significa apenas que há muito o que fazer neste campo. Uma estagnação de várias décadas não se vence em pouco tempo, nem com pouco esforço; aqui vou tentar, no máxi mo, definir alguns problemas e apontar caminhos. A seleção de temas é algo arbitrária: escolhi aqueles nos quais já me detive, e sobre os quais tenho mais a dizer. Restam grandes áreas a investigar, mesmo no que concerne aos fundamentos da nova linguagem gramatical; fica aqui, novamente, o convite à pesquisa.

Já dei anteriormente minha opinião sobre o papel da descrição semântica em uma gramática. Na ocasião, afirmei que a descrição semântica é importante e altamente interessante, mas apresenta uma série de dificuldades, oriundas em última análise da ignorância relativa em que nos encontramos dos fenômenos semânticos em geral (digo "ignorância relativa" considerando a comparação com a sintaxe, a fonologia etc.). No que se segue, entrarei em alguns pormenores, a fim de esclarecer melhor a natureza e as dimensões do problema.

Semântica e pragmática

Um dos problemas que se colocam para qualquer estudo que leve em conta o significado das formas lingüísticas é que não é claro se essas formas

realmente possuem um significado independente do contexto situacional em que são utilizadas.

Em muitos casos esse problema não é imediatamente evidente. Tomemos uma configuração formal determinada: as sentenças que se caracterizam, na escrita, pela presença de um ponto de interrogação e pela ausência de palavra interrogativa como *quem, onde, quando* etc. Chamarei a essas sentenças "interrogativas sim/não", para distingui-las das "interrogativas Q", que se iniciam por palavra interrogativa. Tenhamos em mente sempre que o termo "interrogativa" designa uma configuração formal, e não um tipo de interpretação semântica; ou seja, é um termo exclusivamente sintático.

Em muitos casos a interrogativa sim/não se interpreta inequivocamente como contendo o ingrediente semântico "solicitação de valor de verdade". Um exemplo é a frase:

(21) você sabe falar javanês?

Essa frase é (praticamente) sempre entendida como equivalente a "Diga-me se a afirmação 'você sabe falar javanês' é verdadeira ou falsa"; por isso disse eu acima que (21) contém o ingrediente "solicitação de valor de verdade" (abreviadamente, SVV) em sua interpretação semântica. Somos tentados, então, a afirmar que a configuração formal exemplificada em (21), isto é, a interrogativa sim/não, só pode ser interpretada como SVV. Essa crença se encontra em geral nas gramáticas. (Ver, por exemplo, QUIRK et al., 1972, p. 387; CUNHA, 1975, p. 178-9.)

No entanto, no caso das interrogativas sim/não, como em muitos outros, a relação entre forma e significado é complexa. Vejamos outra frase, à primeira vista idêntica a (21) no que nos interessa:

(22) você sabe onde fica a Praça 7?

Poderíamos analisar (22) de maneira semelhante a (21), e chegaríamos à conclusão de que (22) é também uma SVV: o falante pede ao interlocutor que lhe diga se sabe ou não onde é a Praça 7. Nesse caso, uma boa resposta para (22) seria *sim*, que aliás é uma boa resposta para (21). Mas isso obscurece um fato importante, aplicável a (22) mas não a (21) — ou, pelo menos, muito mais dificilmente aplicável a (21) — a sentença (22), pode ser utilizada, sem nenhuma modificação formal, para solicitar de alguém que nos diga onde é a Praça 7. Nessa acepção, que é provavelmente a mais natural para (22), a interpretação semântica não contém o ingrediente SVV; conseqüentemente, uma resposta *sim* já não bastaria. Uma boa resposta poderia ser, por exemplo: "Siga em frente mais dois quarteirões".

Parece, pois, que temos duas "camadas" de significado: o significado "literal" (segundo o qual (21) e (22) são paralelas, tendo ambas a acepção SVV), que não de pende da situação concreta em que a frase é enunciada; e o significado "final", que depende, para sua depreensão, não apenas da análise da expressão lingüística, mas ainda de se levarem em conta fatores extralingüísticos, tais como a situação de comunicação. Por exemplo, a frase (22), dita por uma pessoa que aborda um estranho na rua, dificilmente seria interpretada como SVV. Mas se fosse dita por alguém que está mandando

um empregado ir à cidade fazer um serviço qualquer, já poderia ser interpretada como SVV, e respondida de acordo.

O problema está em que não é claro se realmente há significados literais independentes do contexto. Há duas maneiras de encarar a relação entre o significado literal e o significado final de uma sentença: (a) podemos admitir que o significado literal é básico, e que o significado final é computado a partir do literal, *mais* certos traços do contexto extralingüístico. Ou então: (b) podemos negar a existência de significados literais em oposição a finais, isto é, negar que uma expressão lingüística possa ter significado próprio independentemente do contexto. Segundo esta última posição, toda e qualquer interpretação de uma sentença teria necessariamente de levar em conta o contexto extralingüístico; e, além do mais, o processo de interpretação não incluiria um estágio intermediário que consistiria em computar o significado literal a partir da expressão lingüística "pura".

Para os defensores desta segunda teoria, uma frase como (22), dita na situação em que se solicita informação sobre onde fica a Praça 7, não tem, em nível nenhum de análise, um significado literal diferente do significado final observado; em nenhum nível de análise a interpretação de (22), enunciada naquela situação, teria um ingrediente SVV. Já os defensores da teoria (a) sustentariam que, mesmo enunciada na situação descrita, (22) teria um significado básico de SVV; este seria modificado pela ação de traços do contexto, de maneira a tornar-se um pedido de informação sobre a localização da praça.

Muito embora essa seja uma questão extremamente controversa, não existindo (em minha opinião) uma solução satisfatória, teremos de nos definir por uma das posições, ainda que provisoriamente, meramente como uma hipótese de trabalho: temos uma tarefa a executar, e infelizmente não podemos ir resolvendo todos os grandes problemas teóricos que se apresentam em nosso caminho. Vou optar pela teoria (a), ou seja, admitirei a existência de significados literais, que podem diferir dos significados finais das sentenças. Isso não implica, é claro, negar a relevância do contexto para descrever a interpretação final das expressões lingüísticas; mas autoriza-nos a falar de significado (em certo nível) independentemente do contexto extralingüístico. Essa posição, creio, facilita o trabalho, considerando-se o nível de detalhamento a que precisa chegar uma gramática pedagógica. E, como veremos abaixo, existe alguma motivação adicional para essa decisão, embora seja apenas circunstancial, e não conclusiva.

O estudo do significado literal é geralmente chamado "semântica"; o estudo dos fatores que modificam esse significado literal (para aqueles que colocam assim a questão) é colocado na "pragmática". Desse modo, o dilema que vimos acima, de escolha entre a teoria (a) e a (b), é usualmente formulado em termos de existência ou não de distinção teórica entre a semântica e a pragmática.

Não existe critério universalmente aceito para distinguir pragmática de semântica; e nenhum dos critérios correntes é realmente preciso. Na necessidade de basear-me em alguma coisa, vou ater-me a uma definição que corresponde aproximadamente à idéia implícita que muitos lingüistas

têm dessa distinção (pelo menos quando não estão tentando explicitá-la). Segundo essa definição, a semântica seria o estudo do significado das formas lingüísticas "maximamente descontextualizadas", e a pragmática, o estudo do significado das formas lingüísticas "quando enunciadas em classes particulares de contextos" (citações de LYONS,1977, p. 591).

Essa definição tem seus inconvenientes, O mais sério é o fato de lançar mão da noção de forma lingüística "maximamente descontextualizada". Conforme aponta o próprio Lyons,

"não se pode passar das sentenças às proposições expressas por elas (. .) sem levar em conta certos traços contextuais". (ibid.)

Isto é, a descontextualização total não é possível,, daí sermos obrigados a falar em descontextualização máxima (o que implica graus de descontextualização).

Já vimos que há dúvidas sobre se se pode realmente ter acesso a uma forma lingüística descontextualizada; por definição, toda forma lingüística é enunciada em um contexto. Assim, é melhor encarar a descontextualização não como uma situação absoluta em que se possam encontrar as expressões, mas antes como um eixo cujas extremidades podem ser aproximadas, nunca atingidas. Para esclarecer melhor o que quero dizer, vejamos uma sentença apresentada por escrito, sem contexto lingüístico precedente:

(23) a porta está aberta

Nessa situação, a sentença será interpretada como uma asserção sobre o estado da porta. Compare-se a enunciação da mesma sentença dirigida a alguém que aparece na porta do meu gabinete, parando ali como que hesitando se deve entrar. Nesse contexto, (23) será certa mente interpretada como um convite a entrar, e não como asserção quanto ao estado da porta. Diríamos, então, que (23) está menos contextualizada no primeiro caso do que no segundo.

Podem-se formular perguntas muito embaraçosas quanto a esse método intuitivo de apurar o sentido descontextualizado (literal) das formas lingüísticas. Como sabemos que o primeiro contexto (apresentação por escrito) é verdadeiramente menos contextualizado do que o segundo? Não vejo modo de resolver satisfatoriamente esse problema; no máximo, posso dar alguma evidência (como disse, circunstancial) de que a posição adotada aqui é correta: talvez os falantes tenham algum acesso intuitivo ao significado literal das formas lingüísticas. A própria existência do termo tradicional "sentido figurado" pode ser tomada como evidência disso. Freqüentemente as pessoas concordam quanto ao *status* figurado ou não de determinada forma em determinado contexto; não devemos afastar *a priori* a possibilidade de que tenham algum meio de acesso à acepção literal dessas formas. Por outro lado, não é impossível que interfira aí a instrução gramatical escolar, o que de certo modo viciaria o argumento. Entre tanto, na falta de coisa melhor, podemos admitir que há uma possibilidade limitada de se aferir intuitivamente o grau de contextualização — e, daí, o sentido literal — das formas lingüísticas.

Outra se pensar em um tratamento separado da semântica e da pragmática é a existência de traços de significado que independem do contexto extralingüístico para sua depreensão segura. Por exemplo, as afirmações abaixo são válidas em virtude exclusivamente das formas lingüísticas mencionadas, sem consideração da situação:

(a) O objeto direto nunca se refere ao agente de uma ação.

(b) O adjetivo modifica o significado do substantivo que se constrói com ele no mesmo sintagma.

(c) Os sintagmas nominais, e só os sintagmas nomi nais, podem ser utilizados para denotar entidades específicas do mundo real.

(d) Um sintagma nominal que seja sujeito de um verbo no futuro do pretérito pode ser interpretado como não se referindo a uma entidade real, mas apenas a uma entidade hipotética cuja existência não é pressuposta. Assim, em:

(24) uma pitanga doce me surpreenderia não há pressuposição nenhuma de que pitangas doces realmente existam. Mas, se o verbo estiver no pretérito perfeito, esse tipo de interpretação torna-se impossível:

(25) uma pitanga doce me surpreendeu

Esta frase engloba necessariamente o pressuposto de que pitangas doces existem no mundo real.

Como essas, há muitas outras afirmações relativas ao significado que não dependem do contexto. Evidentemente, esse fato não é suficiente em si para autorizar uma sepa ração teórica entre semântica e pragmática. Essa separação depende de ser ou não possível distinguir um nível em que as sentenças completas possam ser interpretadas sem referência ao contexto; e nos exemplos acima só lidamos com traços isolados de significado. Mas, pelo menos, já não se pode dizer que não seja possível em absoluto atacar o problema do significado com referência exclusiva às formas lingUísticas.

A questão não fica resolvida com isso; nem há, que eu saiba, argumentos conclusivos em favor de uma das opiniões em conflito. Como já dei a entender anteriormente, a separação entre pragmática e semântica simplifica o trabalho de elaboração da gramática, pois dispensa a con sideração do contexto extralingüístico (com toda a sua complexidade, ainda não capturada em nenhuma teoria) na descrição do significado. Isso significa, claro, que parte do significado final das formas lingüísticas ficará sem ser descrita, ou só será descrita informal e incompletamente — preço que pagaremos, já que é forçoso assumir uma posição, e não há à vista alternativa mais atraente. Teremos, pelo menos, a vantagem, sobre os estudos tradicionais, de estarmos cônscios da fragilidade dos fundamentos da nossa posição.

A descrição do significado na gramática

Partindo, pois, da definição de semântica como o estudo do significado das expressões lingüísticas maximamente descontextualizadas, e da pragmática como o estudo do seu significado em contexto, a primeira

pergunta a ser feita é: Até que ponto poderemos prescindir de informação pragmática na redação da gramática?

A resposta dependerá da seleção que fizermos dos temas a serem descritos. Seria possível selecionar um conjunto de temas tal que mesmo a semântica *stricto sensu* acabasse sendo excluída da gramática. Mas isso não seria indicado, por mais de uma razão. Primeiro, seria desejável cobrir, na medida do possível, o mesmo conjunto de assuntos tradicionalmente abordado pelas gramáticas tradicionais; essa decisão é, quando nada, boa política, pois facilita a comparação entre a GT e a nova proposta. Depois, o estudo do significado é em si suficientemente importante e interessante para merecer atenção, ainda que à custa de incertezas e falta de precisão. Assim, sou de opinião que se deve incluir, de alguma forma, o estudo do significado em uma gramática pedagógica.

Antes, porém, de tratar da seleção dos tópicos a serem incluídos (o que não é objetivo do presente texto), pode ser interessante fazer um levantamento sumário dos tipos de informação referentes ao significado que aparecem usualmente nas gramáticas. Com esse inventário, apuraremos até que ponto problemas de ordem pragmática são tradicionalmente incluídos nas gramáticas.

Examinando algumas gramáticas, verifica-se que as afirmações relativas ao significado são de muitos tipos diferentes. Assim, encontramos os seguintes tipos de afirmações:

(a) *Denotação*

(Isto é, afirmações acerca do sentido ou da referência de elementos gramaticais ou léxicos.) Por exemplo:

"Substantivos nomeiam seres."

"O sujeito indeterminado não se refere a uma pessoa determinada, por se desconhecer quem executa a ação ou por não se querer nomeá-lo."

"Verbos denotam ações."

Esse tipo de afirmação, por descrever fenômenos in dependentes do contexto, é geralmente incluído na semântica.

(b*) Funções temátic*as (segundo a terminologia de Gruber, 1965, e Jackendoff, 1972).

(Trata-se de afirmações referentes às relações semânticas entre os diversos constituintes da sentença ou do sintagma.) Exemplos:

"O sujeito pode ser agente, paciente. .

"O adjetivo qualifica o substantivo."

Aqui, novamente, temos afirmações independentes do contexto, pelo que se incluem na semântica.

(c) *Dêixis*

Exemplos:

"Este indica aquele que está perto de quem fala."

"Os pronomes se referem às pessoas do discurso."

"O presente do indicativo enuncia um fato que ocorre no momento em que se fala."

Aqui já temos que considerar fenômenos pragmáticos, segundo nossa definição. Com efeito, o significado (mais precisamente, a referência) de um elemento dêitico não pode ser depreendido ou estudado independentemente do contexto em que ocorre. *Eu* se refere a Maria ou a João, segundo quem fale no momento.

(d) *Força ilocucionária*

(Ou seja, afirmações que distinguem perguntas, declarações, ordens, exclamações etc.) Exemplos:

"O vocativo serve para invocar, chamar."

"As interrogativas se usam para expressar falta de informação sobre um assunto específico, e para pedir ao ouvinte que forneça verbalmente essa informação."

Nada obstaria, em princípio, a que a força ilocucionária fosse considerada um traço semântico das formas lingüísticas, associado a essas formas sem dependência do contexto. Por exemplo, se a segunda afirmação acima fosse verdadeira, isto é, se toda e qualquer sentença interroga tiva (terminada em "?") tivesse a força ilocucionária de "pedido de informação verbal", poderíamos dizer que esse é um traço de significado inerente àquela estrutura, independentemente do contexto em que possa ocorrer. O caso da força ilocucionária é, como se vê, diferente do da dêixis, que, por sua própria natureza, não pode ser interpretada sem o contexto.

No entanto, observa-se que a força ilocucionária é mais freqüentemente depreendida a partir da forma lingüística mais o contexto do que a partir da forma lingüística pura. Em outras palavras, na maioria dos casos o papel do contexto é crucial para que se perceba a força ilocucionária de um enunciado.

Assim, uma frase como:

(26) você gosta de caramelo?

será interpretada como um pedido de informação sobre os gostos do interlocutor, ou então como uma oferta de caramelos, conforme o contexto em que apareça.

Assim, para nossos objetivos, é melhor estabelecer que, embora a força ilocucionária seja talvez um traço basicamente semântico, não é possível estudá-lo na prática sem considerações de ordem pragmática.

(e) *Tratamento*

(É o caso de formas cujo uso adequado depende do reconhecimento de relações sociais entre os interlocutores.)

Exemplo:

"*Você* é forma de intimidade; o *senhor* é forma de respeito e cortesia."

A referência desses pronomes, propriamente dita, é sem dúvida um problema de pragmática (dêixis): podemos repetir o que dissemos acima sobre o pronome *eu*: você será Maria ou João, dependendo de quem é o ouvinte. Mas que dizer do fato de que *você* seja familiar, o *senhor*, formal? Essa informação está codificada nas próprias formas lingüísticas em questão; creio que se pode considerar um tipo de denotação, a ser classificado como fenômeno semântico.[2]

(f) *Status funcional*

(Trataremos desses casos, com vagar, mais adiante; por ora, basta notar que um dos *status* funcionais é o de tópico de uma sentença, ou seja, o elemento sobre o qual se faz uma declaração.) Exemplo:

"Sujeito é o termo sobre o qual se faz uma declaração."

Creio que aqui não temos nem estritamente semântica nem estritamente pragmática. Trata-se do componente a que Chafe (1976) chamou "embalagem" (*packaging*), e os lingüistas da escola de Praga, *perspectiva funcional*.

Até onde pude verificar, essas seis categorias cobrem todas as afirmações referentes ao significado encontradas na GT. Como se vê, é um grupo bastante heterogêneo, mas as afirmações semânticas predominam. Se nos limitarmos à seleção tradicional de tópicos, poderemos restringir a consideração do contexto ao caso da dêixis (onde o papel do contexto é relativamente claro e delimitado) e ao da força ilocucionária que, ainda assim, parece admitir um tratamento parcial em bases semânticas. Quanto ao *status* funcional, creio que vale a pena incluí-lo na descrição; para maiores detalhes, ver a subseção seguinte.

Que se pode concluir dessas observações? Pelo menos alguns pontos estão razoavelmente claros. A descrição dos aspectos ligados ao significado a ser incluída na gramática poderá ser discriminada em três categorias: (a) os aspectos *semânticos stricto sensu* serão descritos em termos de propriedades semânticas de estruturas lingüísticas. (b) Os aspectos *pragmáticos* serão descritos em termos de interpretações semânticas, mais traços do contexto situacional, e se restringirão a certas áreas, notadamente a dêixis e a força ilocucionária. (c) Finalmente, os aspectos ligados ao *status* funcional serão descritos em termos de análise do discurso. O resultado final, é claro, será um tanto heterogêneo em grau de precisão, exaustividade e mesmo clareza. Não ve necessariamente um problema: uma gramática moderna não pode deixar de refletir o estado da lingüística moderna.

Traços discursivos na descrição gramatical

Vamos examinar nesta subseção o problema da inclusão de traços da análise do discurso na descrição gramatical (entendendo-se por "análise do

[2] *Este livro foi digitalizado e distribuído GRATUITAMENTE pela equipe Digital Source com a intenção de facilitar o acesso ao conhecimento a quem não pode pagar e também proporcionar aos Deficientes Visuais a oportunidade de conhecerem novas obras.*
Se quiser outros títulos nos procure http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros, será um prazer recebê-lo em nosso grupo.

discurso" qualquer estudo da organização da expressão lingüística além do nível do período).

A GT geralmente não pretende considerar fenômenos ligados à organização do discurso, estabelecendo o período como domínio máximo da análise. Essa é sem dúvida uma opção prudente, dado o estado incipiente dos estudos da organização do discurso. Embora haja trabalhos de importância nessa área, o progresso tem sido difícil porque, ao contrário do que se dá com a sintaxe, ainda não se chegou a uma teoria coerente que possa guiar a investigação em análise do discurso. Desse modo, os resultados, ainda que muitas vezes interessantes, não chegam a estruturar-se em uma visão geral do fenômeno.

Não obstante, a gramática talvez não possa escapar totalmente de levar em conta certos aspectos da análise do discurso, importantes para a descrição de alguns processos tradicionalmente considerados gramaticais, tais como: o emprego do artigo definido frente ao indefinido; as condições de uso dos pronomes anafóricos; ou a determinação do "elemento sobre o qual se faz uma declaração". Ao considerar esses pontos, a GT se afasta de sua decisão tácita de limitar-se ao período, fazendo incursões breves e informais no domínio do discurso.

Os pontos mencionados acima se relacionam com o chamado "aspecto funcional" da linguagem; começarei, portanto, por conceituar brevemente essa noção.

Assim como a gramática se ocupa (na sintaxe) dos *status* formais dos sintagmas, tais como o de sujeito ou o de objeto direto, ela também deverá ocupar-se (em outro componente, separado da sintaxe e talvez da semântica) dos *status* funcionais como o de "tópico" ou o de "foco de contraste", que dizem respeito não propriamente à forma ou ao conteúdo da mensagem, mas à maneira pela qual o conteúdo é apresentado no discurso. Por exemplo, podemos ter duas sentenças com a mesma análise sintática (no que diz respeito às funções dos termos) e a mesma interpretação semântica *stricto sensu*, mas que ainda assim apresentam diferenças que podemos levar em conta em uma gramática:

(27) chove muito em Belo Horizonte

(28) em Belo Horizonte chove muito

A função sintática e a interpretação semântica de *em Belo Horizonte* são as mesmas em (27) e em (28). Mas certamente a posição desse sintagma nas duas sentenças, além de merecer atenção por si mesma, correlaciona-se com uma diferença de forma de apresentação da informação. Dizemos que *em Belo Horizonte*, na sentença (28), tem o *status* funcional de "tópico"; o restante da sentença se denomina habitualmente "comentário" .

Que significa exatamente dizer que determinado ele mento é o tópico de uma sentença? Tradicionalmente se empregam termos como "ênfase", "relevo", "realce", que requerem, eles próprios, uma explicação. Sem ter a pre tensão de chegar já a uma conceituação satisfatória, vou deter-me um pouco no problema da definição de "tópico".

Examinamos, na seção 1, uma definição tradicional de sujeito que, como vimos, é inadequada:

(1) “O sujeito é o termo sobre o qual se faz uma declaração.”

Embora a definição (1) não seja satisfatória para caracterizar -o habitualmente considerado na prática da analise, ela capta um aspecto real da interpretação das sentenças. É fato, em muitos casos, que a sentença veicula informação primariamente sobre um de seus termos. Assim, creio que se pode dizer que a diferença entre (27) e (28) é que em (28) a informação se apresenta basicamente sob a forma de uma afirmação acerca de Belo Horizonte, ao passo que (27) é mais neutra quanto a isso. Vejam-se tambem os exemplos seguintes

(29) Carmelita beliscou o paroco

(30) o paroco, Carmelita beliscou

(31) o sapato não está debaixo da cama

(32) debaixo da cama, o sapato não esta

Tarnbém se encontram as designações tema (=“tópico”) e rema (=“comentário”)

Nesses exemplos, a maioria das pessoas concordaria que as sentenças (30) e (32) apresentam informação pri mariamente “sobre” o pároco e “sobre” debaixo da cama; por outro lado, é claro que também há informação sobre Carmelita em (30) e sobre o sapato em (32), mas isso parece ficar um pouco na sombra. Em (30), por exemplo, é como se o falante avisasse, através da colocação de o pároco no início, que pretende falar do pároco mais do que de qualquer outra personagem.

Já nos exemplos (29) e (31) não me parece que haja um elemento tão nitidamente privilegiado; assim, (29) não é tão claramente uma afirmação “sobre” Carmelita quanto (30) é uma afirmação “sobre” o pároco. Othon Garcia parece ter intuição semelhante, quando diz

“Se, pela ordem direta, o objeto direto, o objeto indireto e o predicativo se pospõem ao verbo, basta antepô-los para que eles, por ocuparem uma posição insólita, ganhem maior relevo.” (GARCIA, 1975, p. 248.)

Se chamarmos de “tópicos” os sintagmas o *pároco* em

(30) e *debaixo da cama* em (32), poderemos modificar (1) como se segue:

(33) O tópico é o termo sobre o qual se faz uma declaração.

Essa pode ser considerada uma primeira aproximação à definição de “tópico” em termos funcionais, isto é, em termos da contribuição que ele dá ao andamento do discurso.

Além da definição funcional, será preciso também procurar uma definição formal de “tópico”: uma enumeração dos recursos sintáticos de que dispõe a língua para marcar determinado termo como tópico. Vimos, pelos exemplos dados, que um desses recursos é o de colocar o termo topicalizado no início da frase; isso pode ser conseguido através de uma simples

transposição de ordem, como nos exemplos vistos, ou através de outros processos da língua, como a passivização. Por outro lado, sabemos que o tópico é mais nítido em (30) e (32) do que em (29) e (31). Assim, se quisermos caracterizar formalmente o tópico pela sua posição no início da sentença, teremos de admitir que seu valor funcional varia em força, sendo mais forte no caso do objeto direto do que no do sujeito, por exemplo. A passagem citada, de Garcia (1975), parece sugerir, antes, uma caracterização não em termos da posição sintática apenas, mas também em termos de desvio a partir de uma posição "normal", que corresponderia à chamada "ordem direta". Esses problemas são interessantes, mas não será possível abordá-los no presente texto.

Voltemos à definição funcional de "tópico". Em (33) temos, como vimos, uma primeira aproximação, ainda bastante vaga. A seguinte passagem deve contribuir para deixar a questão um pouco mais clara:

"O que os tópicos parecem fazer é limitar a aplicabilidade da predicação principal a um certo domínio restrito. (...) o tópicb'—estahelece uma moldura espacial, temporal ou individual dentro da qual a predicação principal é válida."

(CHAFE, 1976, p. 50.)

Um ingrediente que aparece com freqüência associado ao tópico é a contrastividade. Assim, em

(32) debaixo da cama, o sapato não está

entende-se, em geral, que *debaixo da cama* se opõe a outros lugares onde o sapato possa estar. No entanto, o tópico não é sempre necessariamente um foco de contraste. Por exemplo, *em Belo Horizonte*, em

(28) em Belo Horizonte chove muito

ainda que seja claramente tópico, não é contrastivo. Desse modo, os status de "tópico" e "foco de contraste" devem ser mantidos distintos.

A literatura lingüística distingue um bom número de *status* funcionais, e nem sempre oferece definições rigorosas que permitam a sua manipulação segura. Além da oposição tópico/comentário que acabamos de examinar, têm importância especial os três *status* seguintes:

(a) *foco de contraste*: o elemento mencionado dentre vários possíveis candidatos que podem estar na mente do interlocutor:

(34) foi o cachorro que sujou o tapete e não, digamos, o canário ou o gato.

(b*) Definido (versus indefinido)*: *status* atribuído aos elementos que o falante supõe que possam ser identificados sem ambigüidade pelo ouvinte. Esse *status* é um dos fatores presentes na determinação do uso do artigo definido em oposição ao indefinido.

(c*) Dado (versus novo)*: elemento que o falante presume que esteja ativado, no momento, na memória do interlocutor (e não simplesmente *conhecido* pelo interlocutor). Somente elementos *dados* poderiam ser retomados através de pronomes pessoais. Assim, uma frase como:

(35) ele acabou de me telefonar

só é compreensível se o ouvinte estiver com o referente de *ele* ativado, presente em uma espécie de "linha de frente" na sua memória; por exemplo, se (35) for dita imediatamente depois de:

(36) você se lembra do Ronaldão?

Esses diversos *status* não são mutuamente exclusivos; devem ser encarados, antes, como traços que em princípio podem superpor-se livremente, de tal maneira que um sintagma possa ser ao mesmo tempo tópico, foco de contraste, dado e definido, por exemplo. Há, é verdade, certas restrições às possibilidades de associação dos diversos *status*, mas não são suficientemente conhecidas no atual estágio da investigação.

Para uma discussão de todos esses *status* e de várias questões relacionadas, no contexto do português, recomendo a leitura de Liberato (1980); certos aspectos da dicotomia dado/novo e sua representação formal são desenvolvidos por Fulgêncio (1983). Evidentemente, há ainda muito o que fazer antes de atingirmos uma concepção toleravelmente clara dos *status* funcionais e de seu papel no andamento do discurso. É inegável, contudo, que se trata de um aspecto importante da linguagem, certamente merecedor da atenção do estudioso.

A elipse e os constituintes vazios

Deixemos agora a discussão dos fenômenos semânticos e funcionais para nos voltarmos para a questão da descrição sintática. Um dos primeiros problemas que se apresentam quando se procura planejar uma descrição coerente da sintaxe da língua é o de se se deve ou não admitir a postulação de elementos elípticos ("subentendidos") válidos para a análise gramatical.

Consideremos o período seguinte:

(37) Serafim toca flautim, e Ivone trombone

Serafim toca flautim é, evidentemente, uma oração; mas como classificar *Ivone trombone*? Qual é a função de *Ivone*? E a de *trombone*? Uma solução tradicional é a de "subentender" um verbo entre *Ivone* e *trombone*: uma cópia do verbo da primeira oração, *toca*. Desse modo, a seqüência *Ivone trombone* se analisa como uma oração, *Ivone* como sujeito e *trombone* como objeto direto. Essa posição tem vantagens e também perigos, conforme veremos a seguir.

Há vantagens evidentes em se considerar a seqüência *Ivone trombone* uma oração (ainda que "reduzida"). Vere mos essas vantagens mais adiante, mas algumas já podem ser mencionadas: (a) Essa seqüência se encontra, em (37), coordenada por meio de e a uma oração; ora, sabemos que e sempre coordena elementos (itens léxicos, sintagmas) pertencentes à mesma classe. (b) Essa seqüência recebe uma interpretação semântica típica de oração (paralela à de *Serafim toca flautim*). (c) Além disso, se não for uma oração, o que é que vai ser?

Mas para classificarmos essa seqüência como uma oração também teremos de enfrentar certos problemas. Se não quisermos introduzir um elemento subentendido, será preciso admitir que uma oração pode ser

composta de dois sintagmas nominais justapostos, o que vai complicar a gramática. Basta dizer que será preciso estabelecer em que circunstâncias uma seqüência de dois sintagmas nominais pode ser uma oração, o que não será nada fácil.

Introduzir elementos subentendidos válidos para a análise, como o verbo *toca* na segunda oração de (37), só se pode fazer tomando precauções contra certas possibilidades perigosas. É preciso evitar a introdução desenfreada de elementos, ainda que estes sejam inegavelmente subentendidos. Para tomar um caso concreto, não podemos introduzir *Zé morreu* na análise sintática da sentença:

(38) o jegue matou Zé

Não há dúvida de que (38) deixa entendido que Zé morreu. No entanto, levar em conta essa informação para uma análise *sintática* (isto é, formal) nos levará ao caos.

A saída adotada por Jackendoff (1972) e pelos gerativistas atuais é permitir essa introdução em circunstâncias cuidadosamente controladas. Vamos postular que uma seqüência como (37) apresenta uma lacuna (representada aqui por "Ø") no lugar que corresponderia ao verbo da segunda oração:

(39) Serafim toca flautim, e Ivone 0 trombone

Em algum lugar da gramática haverá uma regra (ou um princípio mais geral) estabelecendo algum tipo de identidade semântica entre a lacuna e um elemento presente no restante do período e estritamente definido pela mesma regra. No caso de (37), a relação se faz entre a lacuna e o verbo da primeira oração, *toca*. Assim, restitui-se o significado 'toca' na segunda metade de (37), ficando expresso na gramática o fato de que *Ivone trombone* se interpreta de maneira paralela à de *Serafim toca flautim*, em (37).

A questão se coloca, então, da seguinte forma: Em que circunstâncias será permitida a introdução de elementos vazios tais como o 0 de (39)?

Observe-se que a introdução de um elemento vazio não pode ser contemplada apenas a nível do significado; será preciso a presença de tais elementos a nível da sintaxe. Se só admitirmos a restituição de um significado (toca), sem a introdução de um nódulo sintático, nem todos os problemas ficarão resolvidos. Continuaremos, por exemplo, a ter a estrutura sintática composta de dois sintagmas nominais seguidos, comportando-se como uma oração. A saída é postular, a nível sintático, a presença de nódulos vazios, isto é, substantivos, verbos etc., *não*

Não será possível aqui discutir que tipo, exatamente, de identidade semântica é necessário. Não se trata de correferência pura e simples, pelo menos por causa de frases como:

mandei vir uma *Correinha* e ela também pediu uma 0 onde claramente se trata de duas *Correinhas*, não uma só; mas aí também necessitamos de uma regra que relacione a lacuna final com *Correrinha* da primeira oração.

preenchidos lexicamente. Assim, (37) acabaria sendo re presentada, ainda a nível da sintaxe, da seguinte maneira :

(40) Serafim toca flautim, e Ivone trombone

O nódulo vazio em (40) é um verbo, conforme indica o rótulo "V"; é um verbo tal como toca, com a diferença de que não está preenchido lexicamente; não tem realização fonológica, em suma. Assim, as duas metades de (40) são sintaticamente paralelas, o que explica o seu paralelismo semântico e seu comportamento sintático.

Ao adotarmos em nossa análise esse recurso, estamos, pela primeira vez, lançando mão de entidades que se po dem classificar de "abstratas". Isto é, estamos admitindo a existência de constituintes válidos para a análise, mas que não têm realização fonológica; vale dizer, que não são diretamente observáveis. Antes de passar adiante, é importante justificar o uso de tais recursos. Só utilizaremos entidades abstratas se isso nos trouxer vantagens bem claras para a descrição gramatical; e, não é demais repetir, será também necessário encontrar critérios de controle estrito da introdução de tais elementos abstratos, para evi tar situações análogas à que vimos em conexão com o exemplo (38).

Vejamos primeiro a questão de justificar o emprego de elementos vazios. Que vantagens nos traz a adoção de tais análises abstratas?

Observarei, antes, que uma análise como a ilustrada em (40) só é novidade à primeira vista. A análise tradi cional afirma que *trombone*, em (37), é um objeto direto; e que não é o objeto direto do verbo da primeira oração (isto é, *toca* da primeira oração só tem um objeto, *flautim*). Logo, deve ser objeto direto de algum outro verbo; não

O 'V', 'N' etc. subscritos são usados para indicar a classe a que pertence o nódulo.

Havendo outro verbo explícito em (37), forçosamente te mos de concluir que a análise tradicional também postula a presença de um "verbo" abstrato na segunda oração. A diferença está em que isso não é suficientemente explicitado na GT.

Agora passemos às vantagens que nos traz a análise ilustrada em (40). Algumas já foram mencionadas, e começarei por recapitulá-las:

(a) *Interpretação semântica*: a presença de um verbo (lexicamente vazio) na segunda metade de (40) pode servir de base para a operação das regras de interpretação semântica, que deverão dar à segunda metade da seqüência uma acepção paralela à da primeira metade. Como já apontei, aqui deveremos ter uma regra (ou princípio geral) que relacione o nódulo vazio com o constituinte correspondente na primeira metade da seqüência, interpretando ambos como semanticamente idênticos. Ora, essa regra ou princípio, ao introduzir o verbo vazio na segunda metade de (40), torna possível o processamento paralelo das duas metades (qu estruturalmente semelhantes). Já se não tivéssemos o verbo vazio, seria preciso formular uma regra diferente para interpretar a segunda metade, de modo que, apesar de seus resultados semanticamente semelhantes, as duas metades seriam interpretadas por mecanis mos distintos. Como se vê, a presença do elemento abstra to possibilita a formulação de um componente semântico

mais consistente e econômico (e também, parece-me, mais satisfatório intuitivamente).

(b) *Coordenação a estruturas paralelas*: a análise de (40) nos permite classificar a segunda metade da estrutura como "oração", tal como a primeira. Isso faz com que o fato de elas estarem coordenadas através de *e* deixe de ser estranho: aqui, como em geral acontece, a conjunção e está coordenando itens pertencentes à mesma classe.

(c) *Enquadramento em uma estrutura típica da língua*: com a análise de (40) já não é preciso especificar a existência de uma estrutura composta de dois sintagmas nominais seguidos e que não é, ela mesma, um sintagma nominal. Agora, *Ivone trombone* é a manifestação super ficial de uma oração, estruturada como toda e qualquer oração, com a diferença única de que contém um verbo vazio.

Como:

Além desses argumentos, podem ser aduzidos outros,

(d) *Presença de sujeitos e objetos:* acontece que uma seqüência como *Ivone trombone* em (37) funciona como uma oração de mais de uma maneira. Por exemplo, o primeiro sintagma nominal tem as características de um sujeito, e o segundo as características de um objeto. Para ver isso, tome-se a frase:

(41) Totó beijou Lassie, e Maria Pedrinho

Se substituirmos o nome *Maria* por um pronome pessoal, veremos que a forma reta (nominativa) é exigida:

(42) Totó beijou Lassie, e eu Pedrinho

Mas se fizermos o mesmo com *Pedrinho*, será preciso colocar uma forma oblíqua (objetiva):

(43) Totó beijou Lassie, e Maria a mim

Esses fatos decorrem automaticamente da teoria de que os dois sintagmas nominais são o sujeito e o objeto de uma oração cujo verbo é lexicamente vazio. Já se não postulássemos a existência desse verbo, teríamos de des crever e explicar separadamente o comportamento dos pro nomes em (42) e (43).

6 Aqui não pode ocorrer a forma me, que só aparece ao lado de um verbo explícito (por ser um clítico).

(e*) Reposição de itens elípticos*: pelo menos em certos casos, é possível recolocar no lugar do nódulo vazio uma cópia do seu antecedente, sem que se observe mudança sensível na interpretação semântica ou no compor tamento sintático da seqüência. Assim, ao lado de (37), podemos ter:

(44) Serafim toca flautim, e Ivone toca trombone

Esse fato seria misterioso se *Ivone trombone* fosse analisado corno uma estrutura independente, não-oracional; mas decorre naturalmente da análise dessa seqüência como uma oração.

É possível encontrar mais outros argumentos em favor do tipo de análise que estamos examinando; mas os cinco argumentos dados acima deverão ser suficientes para nos convencer da conveniência da introdução de nódulos vazios em certos casos.

Nos exemplos acima, os casos vistos são todos para lelos a (37), onde se suprime o verbo de uma de duas orações coordenarlas. Mas a análise deverá generalizar-se para outros casos; talvez precisemos de substantivos vazios:

(45) comprei uma vaca amarela e uma 0 malhada

(46) Juca dorme com a dentadura e Manuel dorme sem 0

(Neste último exemplo, é interessante introduzir um nome

— ou um sintagma nominal, aqui não importa muito — logo depois da preposição *sem*; isso nos ajudará a simplificar a gramática, porque evitaremos ter de admitir casos excepcionais de preposições não seguidas de nome. Pode remos dizer que preposições são sempre seguidas de sin tagma nominal, oracional ou não, sem exceção.)

É claro que as análises poderão ser muito diferentes de caso para caso, pois as lacunas estão longe de terem as mesmas propriedades. Mas terão em comum o fato de que algum tipo de nódulo vazio se faz necessário.

Esses exemplos foram dados para ilustrar como se pode utilizar a análise com nódulos vazios a fim de des crever com propriedade certos fatos da língua. Creio que a argumentação é suficiente para justificar a decisão de incluir esse tipo de recurso na descrição gramatical. Agora passemos ao problema do controle da introdução de nódu los vazios.

A necessidade de postular a presença de nódulos vazios (constituintes não-realizados fonologicamente), em favor da qual argumentei acima, coloca o problema de decidir quando é lícito recorrer a eles. Pelas razões que veremos, as condições de introdução de nódulos vazios precisam ser estritamente controladas.

Suponhamos, para começar, que não haja controle nenhum, de modo que possamos introduzir elementos irrestritamente. Nesse caso, será permitido colocar nódulos va zios de *qualquer* classe em *qualquer* posição na oração. Ora, isso tornaria impossível uma análise coerente, pois a teoria possibilitaria a construção de um número ilimitado de alternativas a qualquer análise que viesse a ser proposta. Dessa maneira nunca seria possível decidir se uma análise é melhor do que outra, já que todas estariam de acordo com a teoria, não havendo verdadeiro compromisso com os fatos da língua.

Mas, evidentemente, ninguém nunca defendeu a introdução irrestrita de nódulos vazios. Explícita ou implicitamente, sempre se colocam restrições. Por exemplo, poderíamos estipular que o material introduzido deveria obriga toriamente ter correlação com a interpretação semântica da sentença; ou seja, só introduziríamos material "subentendido", à maneira tradicional; e a única restrição seria essa. Em muitas passagens, a GT parece seguir esse princípio, que já pode ser considerado relativamente

severo, pois impõe restrições bem definidas à postulação de elementos vazios; mas ainda assim o princípio é insuficientemente severo, conforme veremos. Ele permite a introdução de um nódulo vazio, classificado como "verbo", na segunda metade de (37), de modo que temos:

(40) Serafim toca flautim, e Ivone Ø trombone

A introdução do verbo vazio se justificaria simples mente pelo fato de que a interpretação semântica da sen tença contém um segundo "toca", não representado por nenhum item explícito.

No entanto, se nos limitarmos à restrição de só introduzir material semanticamente subentendido, poderemos também introduzir Zé *morreu* como parte da estrutura de:

(38) o jegue matou Zé

Seria, então, o caso de analisar Zé como sujeito (de *morreu*), o que pode talvez fazer sentido em termos da interpretação semântica, mas certamente seria inaceitável dentro de urna sintaxe compreensível da língua. Não obstante, é inegável que 'Zé morreu' é parte da interpretação semântica de (38).

Para tomar outro exemplo (dentre uma multidão), o princípio da introdução de elementos vazios sempre que isso se justificar semanticamente impede a distinção entre predicativos e adjuntos adnominais. Isso porque um sintagma como:

(47) a mula manca

onde manca é um adjunto adnominal, poderia ser analisado como sendo:

(48) a mula que é manca

onde m*anca* é predicativo, pois (47) e (48) são semanticamente semelhantes.

A GT parece, às vezes, partir desse princípio. Isso não se encontra em todos os autores, nem sistematicamente em nenhum deles; mas está subjacente a análises como a seguinte. Muitas vezes se argumenta que o sujeito de:

(49) vende-se este pardieiro

é *este pardieiro*, porque (49) "corresponde" a:

(50) este pardieiro é vendido

onde *este pardieiro* é sujeito. Sem discutir qual é o sujeito de (49), nem a questionável sinonímia entre (49) e (50), vejamos a estrutura do argumento. Primeiro, não é muito claro o que significa dizer que uma estrutura "corresponde" a outra; mas suponhamos que se trate de uma seme lhança semântica de alguma espécie, como aquela que utilizamos acima para restringir a introdução de elementos vazios. Assim, uma estrutura "corresponde" a outra quando elas são sinônimas (em alguma medida, a ser explicitada). Nesse caso, o argumento subjacente à análise de (49) segue o seguinte raciocínio: quando uma sentença A tem uma interpretação

semântica suficientemente semelhante à de outra sentença *B*, então a análise sintática de B vale também para *A*. Logo, se (49) é semanticamente semelhante a (50), o fato de *este pardieiro* ser o sujeito de (50) é razão suficiente para se concluir que *este pardieiro* é também o sujeito de (49).

Se quisermos aplicar estritamente esse critério, acaba remos indo muito mais longe do que desejamos. Só se explica a sua presença (subjacente) na análise tradicional pela informalidade com que os recursos de análise são utilizados, sem que haja muita consciência de suas implicações. O fato é que, se minha interpretação está correta, a análise de (49) com base em (50) pressupõe princípios que nos permitem analisar este pardieiro como o sujeito de (51):

(51) estão vendendo este pardieiro

ou, conversamente, analisar este pardieiro como objeto di reto de (49) ou mesmo de (50), já que ambas "correspondem" a (51). É fácil ver que esse caminho não nos levará a uma análise coerente.

Já que a restrição (semântica) vista acima é insufi cientemente estrita, permanece o problema de delimitar os casos em que se pode permitir a introdução de nódulos vazios válidos para a análise sintática. Como chegar a uma restrição formulada de tal modo que favoreça uma análise sintática tão simples e sistemática quanto possível; que possibilite regras de interpretação semântica gerais e não *ad hoc*; e que seja, a própria restrição, simples, coerente e bem motivada? Essa é uma questão muito atual em Lingüística, o que significa que não há respostas verdadeiramente satisfatórias a ponto de serem aceitas pela maioria dos pesquisadores. Aqui não será possível chegar a uma formu1ação sequer aproximada, dessa restrição (provavelmente um princípio, ou um conjunto de princípios gerais da organização da língua). Teremos de nos conten tar, por ora, com o reconhecimento da natureza do problema; consolemo-nos com o pensamento de que localizar um problema já é um grande passo para sua solução.[3]

A explicitação detalhada das condições que devem governar a introdução de nódulos vazios tem sido objeto da atenção intensiva de muitos lingüistas. Apesar de não haver, como apontei acima, uma resposta universalmente aceita, já existem algumas propostas muito específicas. Uma das primeiras tarefas a serem empreendidas quando da elaboração da nova gramática será a seleção criteriosa de uma dessas propostas e sua adaptação às necessidades imediatas da descrição do português.

Classes de palavras

Concentremo-nos agora no problema da classificação das palavras — mas tendo em mente que a noção de classificação se estende a unidades maiores (e menores) do que a palavra.

---

[3] *Este livro foi digitalizado e distribuído GRATUITAMENTE pela equipe Digital Source com a intenção de facilitar o acesso ao conhecimento a quem não pode pagar e também proporcionar aos Deficientes Visuais a oportunidade de conhecerem novas obras.*
Se quiser outros títulos nos procure http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros, será um prazer recebê-lo em nosso grupo.

Antes de enfrentar alguns dos muitos problemas liga dos à classificação das palavras, é interessante discutir previamente a conveniência de se considerar a palavra como unidade básica da análise, inclusive porque tal conveniência tem sido contestada por alguns lingüistas.

Martinet, seguindo um uso freqüente entre os estruturalistas, não concede à palavra nenhum *status* especial na gramática, preferindo ater-se com exclusividade aos morfemas (que ele denomina *monèmes*). Diz ele:

"não se trata de limitar-se às 'palavras', isto é, aos segmen tos do enunciado facilmente isoláveis, tratando em bloco aquilo que é, formalmente, difícil de analisar. Não há ne nhuma razão válida para tratar diferentemente as relações do 'artigo definido' com o 'substantivo' e as do 'futuro' com o 'verbo', com o pretexto de que 'artigo' e 'substantivo' são separáveis (...) enquanto que 'futuro' e 'verbo' não o são" (MARTINET, 1 p. 10.)

Martinet considera a palavra uma unidade clandestina, estabelecida sobre bases arbitrárias e teoricamente injustificáveis. Neste trabalho preferirei adotar posição oposta, admitindo (juntamente com a GT) a necessidade de se distinguir a palavra como unidade de análise; com isso se estabelece também uma distinção nítida entre sintaxe e morfologia.

Como justificar essa posição? Em fonologia parece inevitável a aceitação da palavra como unidade. Lembrarei apenas fenômenos bastante bem conhecidos como o posicionamento do acento tônico, a redução e ensurdecimento das vogais e a ocorrência de vogais tônicas orais diante de consoante nasal (compare-se a pronúncia de cano torto com a de cá no Torto), todos os quais dependem dos limites de palavra para serem descritos. Assim, ainda que se pudesse prescindir da unidade "palavra" em sintaxe, ela ainda seria crucial dentro da gramática, pela necessidade de descrever tais fatos fonológicos.

No trecho citado acima, Martinet insinua que a postulação da palavra como unidade vem do fato de que a análise da distribuição dos morfemas dentro da palavra é especialmente difícil (". . . tratando em bloco aquilo que é, formalmente, difícil de analisar"). A meu ver, já existe aqui um embrião de argumento em favor da palavra como unidade de análise: não seria o caso de haver uma dife rença qualitativa entre os princípios que regem a distri buição dos elementos a nível da frase ("sintaxe") e os que regem a sua distribuição a nível de palavra ("morfologia")? E não seria justamente essa diferença a responsável pela maior dificuldade que encontramos ao analisar a palavra, frente à frase? Os morfemas de uma palavra não se con como as palavras de uma frase: há diferenças radicais no que se refere à sua liberdade de ocorrência e movimentação. Dentro de uma palavra não se encontra nada de análogo às várias posições possíveis de um advérbio, como nos exemplos:

(52) Carlos chegou hoje

(53) Carlos hoje chegou

(54) hoje Carlos chegou

Ao contrário, a posição dos morfemas dentro da pa lavra é estabelecida com grande rigidez; se podemos ter, digamos,

(55) re-constru-ções-s

nenhuma inversão é permitida entre os diversos morfemas; e essa situação é típica dentro da palavra.

Outro argumento em favor de se distinguir os dois níveis (palavra e frase) é a grande ocorrência de irregu laridades que se verifica na morfologia da palavra. Refiro-me a fenômenos como:

(a) Os verbos se dividem em classes segundo a vogal que precede os sufixos modo-temporais: *am-a-r*, *tem-e-r*, *part-i-r*. Essa divisão não se correlaciona com nada mais no comportamento gramatical dessas palavras.

(b) Vento muda o *t* do radical somente diante de

-aval: *vendaval*.

(c) *-aval*, que funciona como sufixo em *vendaval*, tem uma distribuição extremamente restrita, não podendo ser generalizado para nenhuma outra palavra; assim, não há *chuvaval*, nem *nevaval* etc.

(d) Dentre as formas que se podem incluir no para digma de ir, algumas apresentam o radical *i-*, outras *fo-*, outras *va-*, outras *v-* (a esse fenômeno se denomina "supletivismo").

Ora, nada de comparável se encontra no campo da sintaxe propriamente dita, onde as irregularidades são menores e de outra natureza. Creio que qualquer pessoa que tenha estudado a estrutura de uma língua como o português concordará comigo neste particular. Desse modo, uma tentativa de estabelecer uma "sintaxe" que vá, sem níveis intermediários, da sentença ao morfema nos forçará a lançar mão de dois conjuntos de regras muito diferentes, conforme estejamos descrevendo os fenômenos tradicionalmente chamados "sintáticos" ou os chamados "morfológicos". É melhor, sem dúvida, reconhecer logo essa dis tinção, incorporando-a à teoria.

Passemos agora a considerar a classificação formal das palavras: seu agrupamento em classes (sem levar em

A análise morfológica é a de Pontes (1973).

8 Ver uma discussão interessante do assunto em Camara, 1964,

p. 87 e segs.

conta seus traços semânticos). Sem negar a importância de uma classificação semântica, insisto na necessidade de separar os dois tipos de classificação, pelo menos como hipótese inicial de trabalho — para que não se tome como postulado algo que precisa ser investigado empiricamente, a saber, o grau de correspondência entre o aspecto formal e o semântico das expressões lingüísticas. A classificação formal das palavras (ou dos morfemas, ou dos sintagmas em geral) deve ser feita com base no seu comportamento sintático.

Antes de mais nada, para que classificar as palavras? Sabemos que o objetivo da separação das palavras em classes é permitir a descrição econômica e coerente de seu comportamento gramatical. Assim, não se coloca em uma gramática a afirmação de que a palavra *gato*, individual mente considerada, pode ser núcleo de um sintagma nominal; que a palavra *trinco* também pode ser núcleo de um sintagma nominal; e assim por diante, até enumerarmos todas as palavras que possuem essa propriedade. Em vez disso, estabelecemos, de uma vez por todas, que *gato*, *trinco* etc. são "substantivos"; e na gramática dizemos sim plesmente que os substantivos podem ser núcleos de sintagmas nominais. Agrupamos essas palavras em uma classe porque elas *têm comportamento sintático semelhante*.

Ora, daí decorre que o estabelecimento das classes de palavras deve ser feito (dentro da sintaxe) com base no estudo do comportamento sintático das palavras, e somente nele: duas palavras serão incluídas na mesma classe se e somente se tiverem comportamento sintático semelhante. Por "comportamento sintático" entende-se o conjunto das relações que a palavra pode ter com as demais formas dentro da sentença. Por exemplo, são parte do comportamento sintático da palavra *casa* as seguintes propriedades:

(a) pode ocorrer como núcleo de um sintagma nominal .

(b) Pertence a um paradigma cujos membros se opõem quanto ao número.

(c) Não concorda em gênero com o núcleo de seu sintagma.

(d) Pode ocorrer logo após um artigo, formando a seqüência um sintagma nominal.

É esse tipo de propriedade que devemos investigar ao discutirmos a que classe atribuir a palavra *casa*. Outras propriedades dessa palavra, ainda que corretamente expressas, podem ser inteiramente inúteis para nossos obje tivos. Desse modo, não interessa saber que *casa* nomeia um objeto físico, em oposição a *tristeza*, porque *casa* e *tristeza* se comportam, sintaticamente, de maneira semelhante (evidentemente, as posições se invertem se nosso objetivo for descrever a semântica da língua).

Digamos que queremos investigar se se deve colocar na mesma classe as palavras *branco, casa, ele, corremos e sem*. Começaremos por selecionar um critério formal (uma propriedade sintática ou morfológica), que servirá para iniciar o trabalho. Pode ser o seguinte:

(56) A propriedade de poder ser núcleo de um sin tagma nominal.

(Uma propriedade assim expressa pode ser chamada um *traço*.)

Agora tomemos as palavras em questão e verifiquemos se elas podem ou não ser núcleos de sintagmas nominais. Não é difícil ver que branco, casa e ele podem, corremos e sem não podem:

(57) o branco combina com qualquer cor

9 questão de como determinar o núcleo de um sintagma não é trivial. Ver a nota seguinte.

(58) esta casa está para cair

(59) ele me telegrafou domingo

Essas frases são todas perfeitamente aceitáveis. Mas não é possível encontrar frases onde *corremos* ou s*em* sejam núcleos de sintagmas nominais. Concluímos que *branco, casa e ele* são marcados positivamente quanto à propriedade (ou traço) (56). Já *corremos* e *sem* são marca dos negativamente quanto a esse mesmo traço. Isso pode ser indicado graficamente da seguinte forma:

(60) traço branco casa ele corremos sem

(56) + + +

Aí temos apenas o início da investigação da classificação dessas palavras. O início, parece-me, é bastante simples; não faltam complicações quando se começa a con siderar casos concretos em detalhe. A seguir, vou apresentar brevemente algumas dessas complicações, para ilustrar como se pode discutir, dentro de uma perspectiva formal, a classificação das palavras.

A partir do momento em que se admite que a definição das classes de palavras precisa ser feita de acordo com seu comportamento sintático, surge o problema das classificações contraditórias, isto é, das palavras que fica riam em uma classe segundo um critério, mas em outra segundo outro critério. Um exemplo é o dos adjetivos frente aos substantivos: deveremos colocar *branco* e *casa* na mesma classe, por poderem ambos ocorrer após um artigo, formando (com o artigo) um sintagma nominal? Ou deveremos separá-los em classes diferentes, já que só *branco*, e não *casa*, concorda em gênero com o núcleo do sintagma a que pertence?

Esse tipo de problema é tão generalizado, como sabem os que já se ocuparam criticamente de gramática, que talvez valha a pena rever fundamentalmente nossa idéia de classe de palavras. Vou desenvolver essa questão adiante, propondo uma solução em linhas comuns em Lingüística, ainda que desconhecidas da GT.

Peguemos como exemplos as três palavras seguintes:

casa, ele e branco. Examinaremos seu comportamento de acordo com três critérios sintáticos, suficientes, como se verá, para distingui-las umas das outras. O primeiro crité rio (ou traço) é o dado acima, em (56): a propriedade de poder ser núcleo de um sintagma nominal. Já sabemos que as três palavras em questão são marcadas positivamente quanto a esse traço: ou seja, todas as três *podem* ser núcleos de sintagmas nominais (ver os exemplos de (57) a (59)). Assim, poderemos começar a representar a classificação dessas palavras da seguinte forma:

(61) traço casa ele branco

(56) (= "poder ser núcleo de um sintagma nominal")

Por enquanto, pois, as três palavras examinadas se comportam de maneira idêntica (em oposição a *sem* ou *corremos*, que devem ser marcadas "—" para esse traço). Parece, por conseguinte, que deveremos colocá-las na mesma classe. Mas as coisas mudam, assim que acrescen tamos um segundo traço, digamos:

(62) A propriedade de ocorrer após um artigo, for mando a seqüência um sintagma nominal.

Verificaremos facilmente que *casa* e *branco* devem ser marcados positivamente quanto a (62), mas ele precisa ser marcado negativamente, pois não pode ocorrer após artigo.

À primeira vista não parece haver problema. Pode ríamos descrever esses fatos de maneira mais ou menos tradicional, assim: Há uma classe de palavras definida pela sua propriedade de poder ser núcleo de sintagmas nominais; essa classe inclui *casa, ele e branco*. Essa classe se subdivide em duas subclasses, segundo o critério de po der ou não ocorrer após artigo. *Casa* e *branco* ficam em uma subclasse, *ele* fica na outra.

Mas os fatos não são simples assim. Ao considerarmos outros traços, veremos que as classes, longe de se deixarem dividir e subdividir nitidamente e sem sobreposições, ten dem a misturar-se, de tal modo que as subclassificações se cruzam. Para ilustrar isso, passemos ao terceiro traço:

(64) A propriedade de concordar em gênero com o núcleo do sintagma a que pertence .

Casa e *ele* serão marcados negativamente (pois não concordam); *branco* será marcado positivamente.

Uma solução que ocorre é ver aí três classes, dando-se um nome a cada uma, ainda mais que tais nomes estão disponíveis na nomenclatura tradicional: "substantivo", "pronome pessoal", "adjetivo". Isso equivale a definir cada uma dessas classes de maneira complexa, através de um conjunto de vários traços, e não de um só traço. A conveniência dessa solução depende de os "cruzamentos" de traços não serem muito extensos na língua. Explico-me melhor; a questão a ser formulada é a seguinte: Pode-se dizer que muitos traços, ou os traços mais importantes, coincidem quanto ao corte que impõem ao conjunto dos itens léxicos? Em que medida diferentes traços, ao serem utilizados como base para a divisão do léxico em grupos, nos fornecem agrupamentos semelhantes de palavras? Se acontecer que haja muita coincidência entre as classificações impostas por muitos traços diferentes, então fará sentido falar em "classes" mais ou menos à maneira tradicional. Nesse caso, termos como "substantivo" ou "verbo" serão usados como abreviaturas para matrizes típicas de traços. E, conversamente, a definição de cada uma dessas classes será uma matriz de traços do tipo do exemplificado em (65), embora, certamente, mais complexa.

Se, ao contrário, encontrarmos que não há grandes linhas de coincidência entre os cortes definidos na massa dos itens léxicos pelos diferentes traços, então termos como "substantivo" etc, perderão significatividade para a análise. Por isso, é importante averiguar se os fatos da língua reve lam ou não tais coincidências entre os traços. Essa é uma das muitas direções de pesquisa suscitadas por este novo ponto de vista quanto à classificação das palavras.

Além do problema da coincidência entre os traços quanto aos cortes impostos ao conjunto das palavras, men cionarei outro, também relevante. Referi-me acima aos tra ços "mais importantes", cuja coincidência seria mais

signi ficativa para o estabelecimento das classes. Mas que crité rios temos para avaliar a importância relativa de um traço? Esse é outro problema que terá de ser atacado: o da hierarquização dos traços segundo sua importância para a análise.

A importância da hierarquização dos traços vem de que dela depende o estabelecimento adequado das classes de palavras. Assim, é possível classificar as palavras de tal modo que as classes não tenham quase utilidade ne nhuma — justamente porque os traços escolhidos como critérios de classificação são gramaticalmente pouco signi ficativos. Por exemplo, digamos que vamos fazer o primeiro grande corte no léxico do português, iniciando a divisão das palavras em classes; e digamos que escolhemos como critério o traço (56), "poder ser núcleo de um sintagma nominal". Observaremos, em primeiro lugar, que esse traço divide o léxico português em dois grandes grupos, de tamanhos comparáveis. De um lado, marcadas positivamente, estarão palavras como *casa, branco, ele,* e muitas outras. De outro, marcadas negativamente, *estarão corremos, pois, de, rapidamente* etc. O que faz dessa divisão um fato importante da língua é que o traço (56) tem cor relação com outros traços. Por exemplo, as palavras mar cadas positivamente quanto a esse traço não somente podem ser núcleos de sintagmas nominais, mas também são as únicas palavras que podem reger algum tipo de concordância: encontramos na língua casos em que um termo concorda com *casa*, ou com *branco*, ou com *ele*; mas nunca encontraremos um termo concordando com uma palavra do segundo grupo (*corremos, pois, de, rapidamente* etc.).

Comparemos agora o caso do traço (56) com o de um outro traço, assim definido:

(66) A propriedade de ocorrer obrigatoriamente precedido de artigo definido, quando dentro de um sintagma nominal ".

Esse traço divide os itens léxicos da língua em dois grupos muito desiguais em tamanho. De um lado, marca das negativamente, ou seja, *não* exigindo artigo, fica a imensa maioria das palavras da língua. Do outro lado, marcados positivamente, fica uma dúzia de nomes pró prios como *o Cairo, o Rio, o Leblon, a Barroca, a Penha*, todos nomes de lugares. É fácil ver como o traço (66) tem pouca importância no conjunto da gramática, não só por interessar a poucos itens, mas principalmente porque não há outras afirmações gramaticais que se refiram às classes que ele define: palavras como *Cairo* e *Barroca*, à parte o fato de exigirem o artigo definido, não têm nada de característico, gramaticalmente falando.

Dessas observações, podemos concluir com segurança que vale a pena considerar o traço (56) mais importante do que o traço (66); conseqüentemente, (56) deverá de sempenhar um papel de primazia na definição das classes de palavras, enquanto (66) poderá ser ignorado ou, quan do muito, relegado à descrição de simples detalhes.

Uma vez estabelecidas com certa segurança as principais classes de palavras, a grande maioria dos itens deve encaixar-se sem problemas maiores em uma ou outra classe.

Mas certamente restará um resíduo de palavras que não se colocam com facilidade em nenhuma das classes estabelecidas. Veremos que esse problema, insolúvel dentro do sistema tradicional de classificação, pode ser tratado sem dificuldade no sistema de traços, dada a maior flexibilidade (e complexidade) deste último. Neste caso, aliás, a complexidade não é um mal, pois os fatos parecem ser complexos: complexos demais para a simplicidade da abordagem tradicional.

Consideremos o caso de *alto* em oposição a *bom*. De certo ponto de vista, essas duas palavras são muito semelhantes, isto é, compartilham muitos traços. Por exemplo, ambas são marcadas positivamente para (56) (ou seja, podem ser núcleos de sintagmas nominais); positiva mente para (62) (podem ocorrer após artigo); positiva mente para (64) (concordam em gênero); negativamente para a concordância em pessoa etc. Por isso, acabaram sendo colocadas na mesma classe pela GT: são "adjetivos". É vantajoso para a análise conservar o essencial dessa intuição, certamente correta. Mas isso não significa que as duas palavras sejam sintaticamente idênticas. A palavra *alto* pode ocorrer em certos ambientes dos quais *bom* está excluído, como em

(67) ela fala muito alto

(68) ela fala muito bom (Este exemplo não é gramatical).

Esse ambiente não é exclusivo de *alto*; existe todo um grupo de palavras que ocorrem nas mesmas circuns tâncias, e que não obstante se diferenciam de *alto* por outros traços: palavras como *seriamente, cuidadosamente, bem* etc. O traço que essas palavras têm em comum com *alto* pode ser formulado assim:

(69) A propriedade de ocorrer em um sintagma com um verbo não de ligação, sem concordar com nenhum termo 12.

Alto, portanto, se classifica juntamente com *bom*, segundo a maioria dos critérios; mas, segundo um critério, se classifica junto com *seriamente*. Em termos da GT, essa é uma situação insolúvel, O máximo que se faz é introduzir afirmações do tipo "o adjetivo x funciona aqui como advérbio", afirmações que, se levadas a sério, acabarão destruindo a própria noção de classe de palavras. Sabemos que (pelo menos segundo a DGImp.) as classes se definem em função de seu comportamento gramatical; assim, um adjetivo é uma palavra que se comporta (ou "funciona") como adjetivo — como quer que isso se defina. Nesse contexto, dizer de um adjetivo que funciona como advér bio é simplesmente uma contradição em termos.

A presente proposta, por outro lado, permite enumerar independentemente os traços de cada uma das palavras, como mostra a matriz abaixo:

Não há dúvida de que a introdução de matrizes como no (70) para caracterizar plenamente as propriedades sintáticas dos itens léxicos representa uma complicação face ao sistema tradicional de classes. Entretanto, como fiz notar, isso não é objeção válida ao sistema de traços, visto que o sistema tradicional não dá conta dos fatos da língua. O sistema de classificação por traços permite o tratamento de casos que, em um

sistema de classes mutuamente exclusivas, não poderiam ser analisados convenientemente. A maior parte dos problemas estão por resolver; mas acre dito que as colocações aqui feitas contribuirão para dar uma direção à pesquisa. As grandes tarefas iniciais se resumem em (a) definir os traços classificatórios; (b) estabelecer entre eles uma hierarquia de importância gramatical; e (c) apurar o grau de coincidência dos cortes impostos ao conjunto dos itens léxicos pelos traços mais importantes (e, daí, apurar até que ponto valerá a pena continuar falando de "classes de palavras", já agora definidas como uma maneira abreviada de se referir a certas matrizes típicas de traços). A partir daí é que poderemos criar uma classificação realmente funcional das palavras do português, fazendo justiça a toda a sua complicação e riqueza.

5 Os dados da análise

Vamos ficar por aqui. A tarefa de lançar as bases da nova gramática é necessariamente longa, e ultrapassa largamente os limites do presente texto. Espero ter abordado alguns dos temas mais importantes; e se a leitura deste livro vier a incentivar pesquisas no sentido de criar uma nova linguagem para a gramática pedagógica, ele terá cumprido sua finalidade.

Antes de encerrar, vou considerar brevemente um último ponto, não diretamente ligado à doutrina gramatical propriamente dita, mas relevante por ser um pré-requisito a qualquer descrição do português padrão: o problema da seleção dos dados a serem descritos.

Trata-se, naturalmente, de descrever o português-padrão do Brasil; mas onde encontramos textos vazados nessa variedade da língua? Examinemos uma revista noticiosa semanal; um grande jornal diário; um compêndio de Física; o texto de uma lei qualquer; um romance de Guimarães Rosa; poemas de Mário de Andrade; e a partes dialogadas de um romance de Jorge Amado. Todos são exemplos do português escrito e são, por definição, amostras de português-padrão. Mas certamente há muitas diferenças gramaticais (e léxicas) entre eles. Por exemplo, em Jorge Amado encontraremos grande número de formas gramaticais típicas da variedade coloquial do português; em Mário de Andrade também, mas talvez com algumas diferenças de ordem regional; o texto jurídico, por outro lado, apresentará possivelmente construções de sabor arcaico; Guimarães Rosa inclui formas e construções *sui generis*, proposital mente criadas para obter efeitos estéticos.

Se quisermos considerar todos esses textos como exemplos da variedade-padrão da língua, poderemos ver-nos frente a dilemas difíceis de solucionar: a construção *vou lá não* deve ser acolhida como padrão? (Jorge Amado a emprega com freqüência.) Que dizer do tratamento você com o possessivo vosso? (É encontrado em Mário de Andrade.) E se decidirmos excluir essas construções, como o justificaremos? Se argumentarmos que *vou lá não* é coloquial, em que definição de "coloquial" nos apoiamos? Pois, afinal, "coloquial" é, por definição, a forma que ocorre na linguagem falada espontânea, e *vou lá não* aparece no texto de um romance. O exemplo de Mário de Andrade é ainda mais difícil de excluir. Deveríamos talvez lançar

mão de um critério estatístico, deixando de fora o uso de você com vosso por sua raridade?

Acredito que a solução está em outra parte. Deixemos de lado, por ora, os textos literários e voltemo-nos para o outro tipo de textos: a linguagem técnica e jornalística, encontrada, por exemplo, nas revistas semanais, nos jornais, nos livros didáticos e científicos. Ora, examinando esses textos, encontraremos uma grande uniformidade gramatical: não só as formas e construções encontradas nos jornais e revistas são as mesmas dos compêndios e livros científicos, mas também não se percebem variações regionais marcadas: um jornal de Recife usa sensivelmente a mesma língua de um jornal de Porto Alegre ou de Cuiabá. Isto é, existe um português-padrão altamente uniforme do País; e podemos contar encontrá-lo nos textos jornalísticos e técnicos 13.

É claro que também encontramos obras literárias escritas estritamente segundo esse padrão; mas não podemos contar com isso *a priori*: muitas obras literárias fogem a ele, utilizando variedades coloquiais ou mesmo pessoais. Sou de opinião de que os dados que fundamentarão a gramática devem ser retirados desse padrão técnico-—jornalístico.

A primeira razão é que tais textos oferecem uma uniformidade de estrutura que nos permite elaborar a descrição com maior coerência. Torna-se possível excluir construções como *vou lá não*, ou então o *meu/teu corpo-fruto* (Ronald Cláver), pois não ocorrem no corpus que selecionamos.

A segunda razão é que a própria linguagem literária pode ser (e na prática costuma ser) estudada em termos de desvio a partir de um padrão básico. O autor utiliza construções coloquiais para criar um efeito específico, ou viola intencionalmente as regras gramaticais também com objetivo estético. Ora, tudo isso pode ser estudado em relação com o padrão básico; logo, se selecionamos esse padrão como a fonte de nossos dados, estaremos ao mesmo tempo lançando uma base para o estudo gramatical dos textos literários.

Finalmente, há uma terceira razão, talvez a mais importante. Argumenta-se que uma das finalidades do en sino gramatical é conscientizar o estudante de sua língua, da língua que ele deve aprender a manejar, seja lendo, seja escrevendo. Mas certamente muito poucos estudantes

13 Não se veja aqui contradição com o que foi dito no Prefácio, que o português do Brasil não é "uma entidade simples e homogênea". A heterogeneidade se manifesta amplamente nas variedades coloquiais (regionais e sociais), assim como na linguagem literária. Auniformidade de que falo se refere a textos escritos não-literários (com exceções especiais, como a de alguns textos jurídicos).

Chegarão a produzir textos literários; digo mais: poucos chegarão a adquirir o hábito de ler textos literários. Mas é certamente necessário (embora ainda estejamos terrívelmente longe de consegui-lo) que eles cheguem a manejar a linguagem técnica e jornalística, pelo menos como leitores. Uma exigência que a civilização faz do homem moderno é que seja capaz de adquirir conhecimentos técnicos a partir de textos escritos (mesmo

que seja apenas como montar uma estante); e que seja capaz de obter informações cruciais para sua participação na vida política de sua comunidade e do País — informações que lhe chegam, principalmente, através de material escrito: jornais, revistas, comunicados, manifestos.

Não pretendo com essas considerações diminuir a importância do estudo da literatura, ou do domínio da linguagem literária. Mas acho que, em um sistema educacional que tão freqüentemente deixa de alcançar o mínimo, é importante colocar objetivos mais realistas para o ensino da língua.

Por razões como essas que gostaria de sugerir que a gramática seja (pelo menos em um primeiro momento) uma descrição do português-padrão tal como se manifesta na literatura técnica e jornalística.

6 Vocabulário crítico

Apesar da preocupação que tive de utilizar uma terminologia tanto quanto possível conhecida do eventual leitor destas páginas, não me foi possível evitar de todo o uso de termos técnicos menos familiares. Alguns destes se en contram definidos no próprio texto; quanto aos restantes, listei-os abaixo, com as respectivas definições (que se deve entender como muito sumárias, dirigidas apenas às neces sidades imediatas da compreensão deste livro). Acrescentei a lista das abreviaturas introduzidas no texto, para facilidade de referência.

Dêixis (adj. dêitico): chamam-se dêiticos os elementos lingüísticos cuja referência só se pode determinar com base no contexto extralingüístico. Por exemplo, a pala vra eu, ou a palavra isso em: isso é muito caro para mim.

DGEx.: Doutrina Gramatical Explícita.

DGImp.: Doutrina Gramatical Implícita.

Gramática: conjunto de regras que definem as combinações possíveis dos elementos léxicos de uma língua, assim como sua interpretação semântica e sua pronúncia.

GT: Gramática Tradicional.

Léxico: lista de todas as palavras (ou de todos os mor femas) de uma língua, juntamente com as características próprias, idiossincráticas, de cada uma.

Nódulo vazio: elemento abstrato correspondente a um constituinte (por exemplo, a uma palavra) e que não tem realização fonológica.

Referência: relação que existe entre uma expressão lingüística e o objeto (concreto ou abstrato) que essa ex pressão nomeia. Assim, diz-se que a referência da expressão lingüística Carlinhos é a relação entre essa palavra e a pessoa chamada “Carlinhos”; e a referência de meu pé na frase meu pé está inchado é a relação entre esse sintagma e o pé de quem enunciou a frase. Nem todas as expressões lingüísticas são referenciais; algumas apenas descrevem um possível objeto, inclusive sem compromisso quanto à sua existência. Assim, em encontrei um charuto de 16 cm, o sintagma um

charuto de 16 cm é referencial: nomeia um objeto determinado, tomado como existente. Já em eu gostaria de encontrar um charuto del6 cm, o mesmo sintagma é não-referen cial; o falante est apenas descrevendo os atributos de um objeto sem o tomar como existente.

Sintagma nominal: qualquer seqüência de elementos da língua que possa desempenhar certas funções sintáticas, como a de sujeito, a de objeto direto, a de regime de uma preposição etc.

SVV: Solicitação de Valor de Verdade.

Traço (sintático): propriedade sintática de uma palavra ou de um sintagma. Por exemplo, a propriedade de poder ser o núcleo de um sujeito; ou a de pertencer a um paradigma, cujos membros se opõem quanto à pessoa, tempo e número.

Bib1iografia comentada

ARONOFF, Mark (1976). *Word formation in generative grammar.* Cambridge, Mass., MIT Press. Princípios de morfologia, segundo a teoria gerativa.

BECHARA, Evanildo (1968). *Moderna gramática portuguesa.* S. Paulo, Nacional. Texto bem realizado, mas dentro dos limites da gramática tradicional brasileira.

CAMARA, J. Mattoso (1964). *Princípios de Lingüística geral.* Rio de Janeiro, Acadêmica. A velha obra de Mattoso Camara (a 1.a edição é de 1942) ainda merece ser consultada, especialmente os capítulos de fonética, fonologia e morfologia.

CHAFE, Wallace L. (1976). Givenness, contrastiveness, definiteness, subjects, topics, and point of view. In: Li, Charles N. ed., *Sub ject and topic.* N. York, Academic Press. Artigo básico sobre o problema dos *status* funcionais.

* As obras assinaladas são de leitura difícil, exigindo certo conhecimento prévio de teorias lingüísticas.

CUNHA, Celso (1975). *Gramática da língua portuguesa.* Rio de Janeiro, MEC-Fename. A mais conhecida, e talvez a melhor, das gramáticas portuguesas atuais.

FULGÊNCIO, Lúcia (1983). *O problema da interpretação dos elementos anafóricos.* Dissertação de Mestrado, UFMG. Discussão das condições de uso dos elementos anafóricos. Há um resumo em *Ensaios de Lingüística 9* (revista do Departamento de Lingüística e Teoria Literária da UFMG, 1983).

GARCIA, Othon M. (1975). *Comunicação em prosa moderna.* Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas. Trabalho interessante, não só por demonstrar independência frente a certos dogmas tradicionais, mas também por estudar assuntos geralmente negligenciados, como o discurso.

GRUBER, Jeffrey S. *(1965). Studies in lexical relations.* Dissertação de Doutorado, MIT. Trabalho pioneiro no campo das relações temáticas ("agente", "paciente" etc.).

HAUY, Amini B. (1983). *Da necessidade de uma gramática-padrão da língua portuguesa. S.* Paulo, Ática. Crítica lúcida e bastante severa da lógica subjacente à gramática tradicional.

* JACKENDOFF, Ray S. (1972). *Semantic interpretation in generative grammar.* Cambridge, Mass., MIT Press. Obra básica de semântica da sentença, seguindo a perspectiva gerativista.

JESPERSEN, Otto (1924). *The philosophy of grammar.* London, Allen & Unwin. Livro antigo e um pouco difuso, mas cheio de intuições interessantes sobre a gramática.

* LEMLE, Minam (1982). *Análise sintática. S.* Paulo, Ática. Trabalho importante de aplicação da teoria gerativa *à* análise do português.

LIBERATO, Yara O. (1980). *Sobre a oposição dado/novo.* Dissertação de Mestrado, UFMG. Apanhado útil do problema dos *status funcionais.* Amplia e em parte revisa Chafe (1976).

LYONS, John (1977). *Semantics,* Cambridge, England, Cambridge University Press. Boa introdução geral à semântica. Há tradução portuguesa (São Paulo, Martins Fontes, 1980).

* MARTINET, André (1979). *Grammaire fonctionnelle du français.* Crédif — Didier. Tentativa de análise do francês segundo uma teoria estruturalista (a variedade "funcionalista" defendida pelo Autor).

* NIDA, Eugene (1949). *Morphology;* the descriptive analysis of words. Ann Arbor, University of Michigan.

Obra típica da morfologia estruturalista.

* PONTES, Eunice (1973). *Estrutura do verbo no português coloquial.* Petrópolis, Vozes. Importante análise da morfologia verbal portuguesa. Também de interesse é o capítulo sobre fonologia.

QUIRK, Randolph; GREENBAUM, Sidney; LEECH, Geoffrey; SVARTVIK, Jan (1972). *A grammar of contemporary English.* London, Longman. Tentativa de atualização da gramática inglesa. Contém informações de interesse, e é de leitura mais fácil do que o trabalho de Martinet.

SAPIR, Edward (1921). *Language;* an introduction to the study of speech. N. York, Harcourt Brace Jovanovich. Um clássico. Leitura recomendada para qualquer interessado em linguagem. Há tradução portuguesa (Rio de Janeiro, Acadêmica, 1971).

"SOBRE A DIGITALIZAÇÃO DESTA OBRA

Esta obra foi digitalizada para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la ou àqueles que necessitam de meios eletrônicos para ler. Dessa forma, a venda deste e-book ou mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é totalmente condenável em qualquer circunstância. A generosidade é a marca da distribuição, portanto:
Distribua este livro livremente!
Se você tirar algum proveito desta obra, considere seriamente a possibilidade de adquirir o original.
Incentive o autor e a publicação de novas obras!"

DIGITAL Source
VICIADOS em livros
googlegroups.com

http://groups.google.com/group/digitalsource
http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros

Português

Copyright© - http://mapeandoconcursos.com/

Mapas Mentais Para Concursos

Direitos Autorais

É **permitida** a distribuição e compartilhamento desse E-book. Você está **autorizado** a distribuir, dar de presente, disponibilizar em sites de downloads, redes sociais etc.

Somente é **proibida a** edição e/ou modificação de qualquer parte do conteúdo desse material por qualquer meio ou processo, inclusive quanto às características gráficas e/ou editoriais.
A violação de direitos autorais constitui crime
(Código Penal, Art. 184 e Parágrafos; e Lei nº 6895, de 17/12/1980)
sujeitando-se a busca, apreensão e indenizações diversas (Lei n° 9.610/98).

Aviso legal

Este livro pode conter links clicáveis que direcionam para alguns sites parceiros.
Tais links tem o propósito de acrescentar e enriquecer o conteúdo visando aumentar seu conhecimento.
Todos estes sites são extremamente confiáveis e você pode acessá-los tranquilamente.

Caso você use o **Adobe Reader** pode ser que ele exiba uma janela pedindo sua permissão para acessar links contidos nesse livro.
Basta você clicar no botão **"Permitir"** ou **"Allow"** para liberar o acesso.

Bons Estudos!

Compartilhem à vontade!

Mapeando Concursos - Todos os direitos reservados

Copyright© - http://mapeandoconcursos.com/

Reduza em até 80% o tempo gasto nos Estudos
ACESSE AGORA!

Conteúdo

Crase Obrigatória 03
Crase Proibida e Facultativa. 04
Pontuação. 05
Vírgula. 06
Regência 1 07
Regência 2 08
Regência 3 09
Concordância Verbal 10
Concordância Verbal - verbos no singular 11
Concordância Verbal - verbos no singular e plural 12
Concordância verbal - Casos Especiais 13
Concordância Nominal - Regra Geral 14
Concordância Nominal 2 - Casos Especiais 15
Concordância Nominal 3 - Casos Especiais 16
Ortografia 17
Ortografia 2 18
Emprego das Palavras 19
Hífen-Aplicação 20
Hífen 2 - Não se utiliza 21
Hífen 3 - Não se utiliza prefixos terminados em vogal 22
Por que e variações 23
Plural dos Compostos 24
Verbos Introdução 25
Verbos - Modo Indicativo 26
Verbos - Classificação 27
Verbos - Modos subjuntivo e Imperativo 28
Verbos - Conjunção 29
Conjunção de Verbos - Precaver e Viger 30
Verbos - Conjugação - Haver e Reaver 31
Conjunção - Ter, Vir, Ler, Crer, Ver 32
Conjunção de Verbos - Outros 33
Verbos - Voz Passiva 34
Acentuação gráfica - Regras Gerais 35
Acentuação gráfica Alterações oriundas 36

Você pode estar Estudando Errado!

Assista ao Vídeo Abaixo e Saiba o Porquê

Você vai Aprender:

- *Memorizar rapidamente textos, códigos, idiomas, fórmulas, tarefas e agenda.*
- *Gravar matérias em memórias de longa duração e lembrar-se quando precisar.*
- *Lembrar-se facilmente o nome e rosto das pessoas e clientes que conheceu.*
- *Assistir aulas, reuniões e palestras completas sem precisar fazer anotação.*
- *E muitas outras técnicas úteis para sua vida pessoal, acadêmica e profissional.*

QUERO ASSISTIR AO VÍDEO

Reduza em até 80% o tempo gasto nos Estudos
ACESSE AGORA!

CRASE - OBRIGATÓRIA

EMPREGO OBRIGATÓRIO DE CRASE

Nas locuções conjuntivas adverbiais e prepositivas de base feminina

ATENÇÃO: A mesma regra se aplica às expressões **à moda de**, **à maneira de**, ainda que estejam implícitas.
Ex.: Farei para o almoço pizza à (moda) paulista.

Ex: À medida que o tempo passa, a paciência acaba.
Exemplos de expressões: À mercê, às cegas, às custas, às claras, à vontade, às vezes, à proporção que...

Na indicação de horas

ATENÇÃO: Caso haja outra preposição antes de "a" ou "as" não é necessário o sinal de crase.
Exemplos:
Estou aqui **desde as** 20horas.
O intervalo será feito **após as** 9 horas.
Ex: Ela chegou às duas horas.

Pronomes demonstrativos em 3ª pessoa (a+aquela/ aquele/ aquilo)

Ex: Ele foi àquela cidade.
Ir – quem vai, vai a algum lugar
Cidade – exige o artigo "a"
Ele foi a + aquela cidade = "à"

Dica

Quando a frase fizer referência a algo maior, como Deus, por exemplo, não usaremos crase. Vide exemplo: Rezo para que possa chegar a Aquele que olha por nós.

Lugares

Utiliza-se crase sempre que o lugar tiver sido qualificado.

Ex: Vou à Bahia do Pelô.

Sempre que substituirmos o verbo da frase pelos verbos **"VIR" ou "VOLTAR"**, quando houver crase, obteremos "de algum lugar".
Ex: O estudante foi à Bahia => O estudante veio **DA** Bahia.

Pronomes relativos – qual/quais/que (sempre relativos a palavras FEMININAS)

Ex: Esta é a planilha à qual me refiro.

Reduza em até 80% o tempo gasto nos Estudos
ACESSE AGORA!

CRASE – PROIBIDA E FACULTATIVA

PROBIDA

Antes de verbos.
Salário a combinar.

Antes de substantivos masculinos.
Ex: andar a pé, dinheiro a rodo.
EXCEÇÃO - quanto houve sentido de à moda de, à maneira de => Ex: Vestiu-se à Valentino.

Na utilização da expressão *a vista*, quanto tratar-se de oposto de *a prazo*.

Entre substantivos idênticos.
cara a cara, gota a gota...

Antes do artigo indefinido *uma* e dos pronomes que não admitem o artigo *a* (pronomes pessoais, indefinidos, demonstrativos relativos)
a mim, a ela, a V. Exa., a nenhuma parte, a cada uma

Referência a personalidades históricas.
Ex: Fez alusão a Coco Chanel.

Sentido indefinido.
Jamais assisti a filme tão ruim.

USO FACULTATIVO DA CRASE

Antes de nomes femininos

Ex: Entreguei as flores a Carolina. **OU** Entreguei as flores à Carolina.

Quando preceder as palavras: *África, Ásia, Europa, França, Escócia, Espanha ou Holanda.*

Depois da preposição *até*.

Ex: Fui até *a* padaria. **OU** Fui até *à* padaria.
Acompanhe-o até *a* saída. **OU** Acompanhe-o até *à* saída.
O programa vai até *as* 3 da manhã. **OU** O programa vai até *às* 3 horas da manhã.

Antes de pronomes possessivos femininos no singular

Ex: Minha avó gosta de cães **OU** A minha avó gosta de cães.

ATENÇÃO
AVISO IMPORTANTE

Tal regra não se aplica ao plural.
Ex: Escrevi *às* suas primas – OBRIGATÓRIO
Escrevi *a* suas primas – PROIBIDO, afinal, *a* é apenas preposição

Dica

Geralmente, o uso facultativo de crase se verificará quando o uso do artigo *a* também for facultativo.

Reduza em até 80% o tempo gasto nos Estudos
ACESSE AGORA!

PONTUAÇÃO

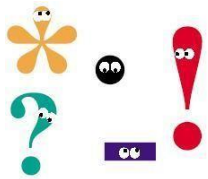

PONTUAÇÃO

VESSÃO

- Utilizado em diálogos, para iniciar as falas dos personagens, ou indicar mudança delocutor;
- Utilizado no lugar da vírgula, com função explicativa ou em expressões;
- Serve também para união de palavras.

Ex: *– Não me abandone!*
Pelé – o rei do futebol – relembra época de ouro.
Afoito, fez o trajeto Rio-São Paulo mais rápido do que nunca.

PONTO E VÍRGULA

Com a função de separar, o ponto e vírgula pode ser usado:

- Em itens de determinada enumeração (comum em leis);
- Para aparar orações coordenadas muito extensas ou que já tenham vírgula;
- Como substituição para a vírgula.

Ex: *Art. 1º A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos:*
I - a soberania;
II - a cidadania;
III - a dignidade da pessoa humana;
IV - os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa;

"Às vezes, também a gente tem o consolo de saber que alguma coisa que se disse por acaso ajudou alguém a se reconciliar consigo mesmo ou com a sua vida; sonhar um pouco, a sentir uma vontade de fazer coisa boa." (Rubem Braga).
Amanhã é dia de prova; porém não comecei a estudar ainda.

DOIS PONTOS

Os dois pontos serão utilizados como precedentes de apostos ou orações apositivas, sequência de palavras que explicam, resumem ideias anteriores e enumerações ou antes de uma citação.

Ex: *Meus companheiros são poucos: Paulo e José.*
Como dizia Vinícius de Moraes: "(...) que seja eterno enquanto dure.".

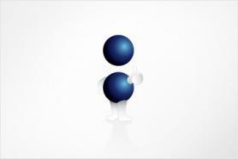

Reduza em até 80% o tempo gasto nos Estudos
ACESSE AGORA!

VÍRGULA

REGRA GERAL DE ACORDO COM A ORDEM DA ORAÇÃO

Direta – não tem vírgula.

Inversa – Tem vírgula

USAR SEMPRE!!

Para ***DESLOCAR***:

- Termos deslocados no período - Ex: Depois do jantar, tomamos vinho.
- Para intercalar qualquer termo, seja explicativo ou adverbial - Ex: Joana fofoca muito, ou melhor, de-mais/ Espero que, enquanto esteja no palco, não me cause vergonha.

Para ***SEPARAR***:

- VOCATIVO – Ex: João, faça sua lição de casa.
- SUPRESSÃO DE TERMOS – Ex: Joaquim comerá macarrão; Luís, pizza.
- ELEMENTOS DE ENUMERAÇÃO – Ex: Precisa-se de eletricista, encanador, jardineiro.
- ORAÇÕES = Coordenadas: Ex: Comprou o produto pela internet, mas não ficou satisfeito.
  Iniciadas por *e* com sujeitos diferentes: Ex: Lúcia fará a torta, Joana o suco.
  Iniciadas por *e* com valores distintos de adição: Ex: Esforçou-se para o exame da OAB, e ainda assim fora reprovada.
  Subordinadas adverbiais deslocadas: Ex: Para chamar atenção, debulhou-se em lágrimas. OBS: Caso ocorra depois da principal, é facultativo o uso da vírgula = Chorou muito [,] porque fora abandonada.
  Subordinadas adjetivas explicativas: Ex: Marcos, que é formado em letras, palestrará amanhã.

Para fazer referência a datas: Ex: São Paulo, 30 de agosto de 2014.

NÃO USAR QUANDO ESTA COLOCAÇÃO PUDER CAUSAR QUEBRA DA RELAÇÃO SINTÁTICA ENTRE TERMOS DA ORAÇÃO, COMO NOS EXEMPLOS ABAIXO:

- Nunca separar o *verbo* do *sujeito, objeto* ou *predicado*
  Ex: Lucas, comeu tudo. => Lucas comeu tudo. ✓
  Ex: Ela é, bonita. ✗ => ✗ a é bonita. ✓
- Nunca separar *nome* do *complemento* ou do *adjunto:*
  Ex: Tinha nojo, de tudo. ✗ => Tinha nojo de tudo. ✓
- Nunca separar *orações substantivas*, desde que estas não sejam apositivas, tampouco estejam em ordem inversa.
  Ex: Ele sabia que, teria problemas. ✗ => Ele sabia que teria problemas. ✓
- Nunca separar termos coordenados conectados por *e*, *ou*, ou *nem*.
  Ex: Conversaram sobre casamento, família, e, dinheiro. ✗ => Conversaram sobre casamento, família e dinheiro. ✓
  Ex: Não sei se compro um cachorro, ou um gato. ✗ => Não sei se compro um cachorro ou um gato. ✓
  Ex: Não comeram, nem beberam. ✗ => Não comeram nem beberam. ✓
  OBS: Quando houver conjunções repetidas e o intuito dar ênfase à frase, é OBRIGATÓRIO o uso de vírgula – Ex: Não fui ao chá de cozinha, nem ao casamento, nem à festa.

Reduza em até 80% o tempo gasto nos Estudos
ACESSE AGORA!

REGÊNCIA

Siglas: VTD – verbo transitivo direto/ VTI – verbo transitivo indireto/ VI – verbo intransitivo/ VL – verbo de ligação

REGÊNCIA VERBAL

Pronome oblíquo

O => VTD

LHE => VTI

Assistir

- Sentido de dar assistência – VTD ou VTI (A) => Ex: O mecânico assistiu o (ao) motorista aflito.
- Sentido de presenciar – VTI (A) => Ex: Assisti a um filme muito premiado.
- Sentido de caber – VTI => Não lhe assiste o benefício.
- Sentido de morar – VTI => Minha família assiste em Orlando.

CUSTAR

- Sentido de difícil – VTI (A) => Ex: Custou ao marido entender e aceitar a morte da esposa.
- Sentido de preço/valor – VI => Ex: O casaco custou trezentos dólares

Aspirar

- Sentido de respirar – VTD => Ex: Pessoas que vivem em cidades do interior aspiram ares mais puros.
- Sentido de desejar – VTI => Ex: O jovem executivo aspira posições cada vez mais elevadas.

AGRADAR

- Sentido de fazer agrado/carinho – VTD => Ex: O rapaz fez questão de agradar a namorada.
- Sentido de ser agradável – VTI (A) => Ex: A sugestão do exame de próstata não agradou ao homem.

CHAMAR

- Sentido de convocar – VTD => Ex: Assalto! Chamem a polícia.
- Sentido de invocar – VTI (POR) => Ex: Vendo-se sem esperanças, chamou por Deus.
- Sentido de qualificar – VTD ou VTI => Ex: Chamavam-no (de) maravilhoso.

Reduza em até 80% o tempo gasto nos Estudos
ACESSE AGORA!

REGÊNCIA - 2

Siglas: VTD – verbo transitivo direto/ VTI – verbo transitivo indireto/ VI – verbo intransitivo/ VL – verbo de ligação

REGÊNCIA VERBAL

Avisar, Informar, Prevenir, Certificar, Cientificar

VTI – Admite duas construções:
Ex: Avisei o funcionário sobre a falta grave.
OU
Avisei ao funcionário sobre a falta grave.
Observação: o não pode aparecer dois objetos indiretos!

Preste atenção

PREFERIR

1 só coisa – VTD => Ex: Prefiro chocolate.

Entre 2 coisas – VTI (A) => Ex: Prefiro chocolate a sorvete/Prefiro o chocolate ao sorvete.

PROCEDER

- Sentido de dar andamento/realizar – VTI (A) => Ex: Procedeu à busca e apreensão dos bens.
- Sentido de agir/justificar-se/vir – VI => Ex: Ela procedeu bem/ A ofensa não procede/ O navio procede de Santos.

PAGAR/ PERDOAR

VTD – coisa => Ex: A mãe pagou a conta.

Com a preposição *de* – VTD – somente => Ex: Perdoou o erro do colega. Objeto direto – o erro do colega.

VTI – pessoa => Ex: Perdoou aos inimigos.

OBEDECER

VTI (A) => Ex: A novata obedeceu às instruções passadas pelos veteranos.

RESPONDER

VTD – em relação à própria resposta dada => Ex: Responderam que estavam cansados.

VTI (A) – em relação a coisa ou pessoa que receba a resposta => Ex: Respondi à carta./ Respondeu ao chamado do cliente.

Quando houver dois objetos => Ex: Respondemos aos clientes que aceitávamos as propostas enviadas.

Reduza em até 80% o tempo gasto nos Estudos
ACESSE AGORA!

REGÊNCIA - 3

Siglas: VTD – verbo transitivo direto/ VTI – verbo transitivo indireto/ VI – verbo intransitivo/ VL – verbo de ligação

REGÊNCIA Verbal

INFORMAR

VTDI – Ex: O supervisor informa o resultado ao funcionário.

VTD – Ex: A televisão também serve de meio para informar ao público.

AJUDAR/ SATISFAZER / PRESIDIR/ PROCEDER

VTD => Ex: Satisfiz as suas vontades.

OU

VTI (A) => Ex: Satisfiz às suas vontades.

IMPLICAR

- Sentido de pressupor/ acarretar – VTD (não tem "em") => Ex: As alterações implicarão mudanças de cargos.
- Sentido de demonstrar antipatia – VTI => Ex: Sempre implicava com as moças bonitas.
- Sentido de envolver – VTDI => Ex: Implicaram o advogado no processo.

LEMBRAR/ ESQUECER

VTD – não pronominal => Ex: Esqueci o número das chaves.

VTI – pronominais (DE) => Ex: Lembrei-me da felicidade daquela época.

VTI – cair no esquecimento/ vir a lembrança => Ex: Esqueceram-me as roupas.

VISAR

VTD – pôr o visto, rubricar => Ex: O professor visou as provas.

VTI – mirar => Ex: Visava no centro do vidro.

VTI – pretender/ almejar => Ex: Visava um futuro melhor.

Reduza em até 80% o tempo gasto nos Estudos
ACESSE AGORA!

CONCORDÂNCIA VERBAL – REGRA GERAL

CONCORDÂNCIA VERBAL

REGRA GERAL

O verbo concorda com o sujeito (SIMPLES) em número e pessoa!

DAR/ BATER/ SOAR

Concorda sempre com o sujeito:
Ex: Já bateram nove horas.
No relógio já deram duas horas. (neste exemplo a concordância segue o objeto: duas horas).

Preste atenção

S E R

Tratando-se de horas ou datas, a concordância se dará de acordo com o *numeral*, com a palavra *dia* expressa ou com o *verbo no singular*.

INTERROGATIVOS

——————(??)
QUE/ QUEM – o verbo concordará com o predicado => Ex: Quem são estas crianças./ Que eram, afinal, os incômodos?

Reduza em até 80% o tempo gasto nos Estudos
ACESSE AGORA!

CONCORDÂNCIA VERBAL – VERBO NO SINGULAR

- Quando indicarem fenômenos naturais;
- HAVER – indicando tempo => Ex: Ela saiu há várias horas.
  – sentido de existir => Ex: Há muitas coisas sem esclarecimento. (EM CASO DE AUXILIAR, A VARIAÇÃO SEGUE O PRINCIPAL)
  – principal em locução verbal => Ex: Deve haver solicitações. (O AUXILIAR PERMANECE NO SINGULAR)
- Quando indicar tempo – no sentido de fazer => Ex: Faz anos que não vou à praia.
  – no sentido de ir

VERBOS IMPESSOAIS – 3ª PESSOA DO SINGULAR

Presente a ideia de exclusão:
Ex: Um ou outro levará vantagem.
Nem um nem outro irão, após a briga que tiveram.

"Um ou outro" ou "Nem um nem outro"

Quanto o sujeito for composto, mas as palavras que o compõem forem sinônimas.

Ex: Alegria e felicidade faz bem à humanidade.

Reduza em até 80% o tempo gasto nos Estudos
ACESSE AGORA!

CONCORDÂNCIA VERBAL – VERBO NO SINGULAR OU NO PLURAL

SINGULAR OU PLURAL - OPCIONAL

Sujeito composto

- Quando o sujeito composto estiver *após* o verbo, a concordância poderá ser atrativa, ou seguir a regra geral:

Ex: Estudam para os exames, Luiz e Ana. **OU** Estuda para os exames, Luiz e Ana.

- Quando houver núcleos com correlação:
  "COM" – ou com o antecedente;
  "OU" – não exclusivos.

Expressões semelhantes a *"a maioria de", "a maior parte de"* e *"grande parte de"* + Palavra no plural

Ex: A maioria dos pais compareceu.
A maioria dos pais compareceram.

Para pronomes interrogativos ou indefinidos ou interrogativos, seguidos de pronome.

Para pronomes neutros, indefinidos, como *tudo, nada, muito, algo, aquilo, tanto, isto.* OU Regidos da preposição *"de".*

Ex: Tudo eram felicidades.
Tudo era felicidades.

"Um outro e outro"

"Um dos que"

Ex: Era um dos que mais reclamava.
Era um dos que mais reclamavam.
Um e outro atleta se hidratou bem.
Um e outro atleta se hidrataram bem.

Reduza em até 80% o tempo gasto nos Estudos
ACESSE AGORA!

CONCORDÂNCIA VERBAL – CASOS ESPECIAIS

CASOS ESPECIAIS

Sujeito composto

Sinônimos – verbo no singular

Após o verbo – verbo pode estar tanto no singular quanto no plural.

QUEM - Relativo

Plural - Ex: Fui eu quem notou a falta do presidente.

OU

Singular – Ex: Fui eu quem notei a falta do presidente.

Expressão referindo-se à quantidade aproximada + o numeral

Concorda com o substantivo.

Ex: Cerca de três mil pessoas foram ao show.

Sujeito plural

- Artigo plural – Plural => Ex: Os Estados Unidos enviaram ajuda.
- Sem artigo - Singular => Ex: Minas Gerais tem muitas belezas.

Mais/menos de

1 – singular

+1 – verbo opcional – pode ser tanto no plural quanto no singular

Parecer

Se locução verbal – concorda com o sujeito => Ex: Parecem chorar as crianças.

Se duas orações = > Ex: Parece chorarem as crianças./ Parece que choram as crianças.

Pronomes indefinidos

No singular – singular => Ex: Algum de nós atingirá o objetivo do projeto.

No plural – verbo pode tanto estar no singular quanto no plural => Ex: Algum de nós atingirá o objetivo do projeto./ Algum de nós atingirão o objetivo do projeto.

"Se"

Para "se" apassivador, o verbo será transitivo direto – poderá inverter (varia) => Ex: Esperam-se melhores resultados = Melhores resultados são esperados.

Para "se" como índice de indeterminação do sujeito – não é verbo transitivo direto, então estará sempre no singular => Ex: Estuda-se pouco (VI)./ Ficou-se envergonhado (VL).

Reduza em até 80% o tempo gasto nos Estudos
ACESSE AGORA!

Concordância nominal – REGRA GERAL

Em geral, a palavra que acompanha o *substantivo*, com ele concordará.

Será variável quando houve adjetivo.

- APENSO
- ANEXO – caso seja "em anexo", será invariável
- INCLUSO
- QUITE
- CONFORME
- OBRIGADO – resposta: "por nada"

Reduza em até 80% o tempo gasto nos Estudos
ACESSE AGORA!

CONCORDÂNCIA NOMINAL – CASOS ESPECIAIS 2

CASOS ESPECIAIS

+ 1 Substantivo 1 Adjetivo

- Quando o adjetivo vem antes, a concordância pode ser: ATRATIVA (Ex: Má hora e sorte); ou caso tenha um artigo no meio, OPCIONAL (Ex: Chegaram decepcionados, o pai e o filho. OU Chegou animado o pai e o filho.).
- Quando o adjetivo vem depois, a concordância pode ser GRAMATICAL (Ex: Mulher e moça altas./ Mulher e rapaz altos.); ou ATRATIVA (Ex: Mulher e moça alta./ Mulher e rapaz alto.).

Em caso de sujeito como pronome de tratamento, a concordância se dará de acordo com o sexo das pessoas.

Substantivos

Se sinônimos, concordam com o mais próximo. Ex: Argumento e opinião exata.

Se antônimos, teremos o plural dos gêneros. Ex: Semana e mês frios. (Gênero: masculino)

Pedem substantivo no singular

"Um e outro" / "Nem um nem outro" => Ex: Um ou outro lhe desagrada naquele grupo.

Pronomes neutros indefinidos => *Nada, muito, algo, tanto, que...* e também os regidos pela preposição ***de***.

Predicativo com o sujeito => Ex: *É preciso, é bom, é necessário...* não há determinação pelo artigo.

Reduza em até 80% o tempo gasto nos Estudos
ACESSE AGORA!

CONCORDÂNCIA NOMINAL – CASOS ESPECIAIS 3

CASOS ESPECIAIS

MEIO

- Quando classificar-se como advérbio, será invariável. Ex: Estavam meio calados.
- Quando classificar-se como adjetivo, será variável. Ex: Meia maçã./ Meio limão.

"Todo" – invariável ou variável

Ex: Ela chegou toda ensanguentada. OU Ela chegou todo ensanguentada.

BASTANTE

Quando funcionar como *advérbio*, não varia. Ex: Estavam bastante tristes = Estavam muito tristes.

Caso funcione como *adjetivo*, varia. Ex: Recebeu bastantes visitas – Recebeu muitas visitas.

INVARIÁVEL

- Advérbios – *alerta, menos, monstro;*
- Cores – *ultravioleta, azul-celeste, azul-marinho* => Obs: o mesmo vale para as frases onde o termo "cor de" esteja oculto.
- *Haja vista*

Obs: Para expressões como "todo-poderoso", por exemplo, o termo todo não varia! Toda-poderosa.

Reduza em até 80% o tempo gasto nos Estudos
ACESSE AGORA!

CONCORDÂNCIA NOMINAL – CASOS ESPECIAIS 2

ORTOGRAFIA

|SAR - |ZAR

- Original com ***S*** = > |SAR = Ex: atraso > atrasar.

ATENÇÃO – regra não aplicável às palavras: batismo, hipnose, síntese e catequese.

- Original sem ***S*** => |ZAR = Ex: cicatriz > cicatrizar/ útil > utilizar

Z

EZ e EZA: ADJETIVOS > SUBSTANTIVOS

Ex: Surdo > surdez.
Gentil > gentileza

Ç

- Depois de ditongos => eleição;
- Quando a palavra deriva de outra, com "t" no radical => cantar >> canção; optar >> opção.

Verbos >> Substantivos

SS

- Ceder >> cessão = Ex: Conceder >> concessão;
- Gred >> gressão = Ex: Agredir >> agressão;
- Itir >> issão = Ex: permitir >> permissão.

ENDER >> ENSÃO

Ex: compreender >> compreensão.

S

- Termos femininos final |ESA ou |ISA => *Barão > baronesa/ profeta > profetisa*;
- Origem, naturalidade, posição social com fim |ÊS => *burguês/ javanês/ pequinês*;
- PÔR, QUERER e derivados => *nós pusemos, nós quisemos*;
- Sufixos |OSO/ |OSA/ |OSE => *grandioso, precioso, maravilhosa, fogosa, psicose, hematose*;
- Após ditongos => *coisa, maisena, Sousa, Neusa*.

Reduza em até 80% o tempo gasto nos Estudos
ACESSE AGORA!

ORTOGRAFIA – 2 – USO DE G/J E X/CH

X / CH

- Depois de ditongo => *caixa, frouxo, encaixar*. Exceto para recauchutar e derivados => CH.
- Depois do prefixo ***EN*** => *enxada, enxaqueca, enxugar*. Exceto para palavras oriundas de primitivas com –CH = *encher >> enchente; encharcar*.
- Depois do prefixo ***ME*** => *mexerica, mexilhão, mexicano*. Exceto para mecha (cabelo).

G

- Para final *"agem"* = *passagem, viagem, ferrugem*. Exceto para as palavras pajem, lambujem.
- Para final *"ege; igem; oge; ugem"* = *herege, lambugem, vertigem*.
- Para final *"(A,E,I,O,U) + gio"* = *agiota, colégio, litígio*.
- Depois da inicial *"a"* = *agente, ágil, agir*. Exceto para a palavra ajeitar, que provém de jeito.

J

- Verbos terminados em *"|JAR"* = *bocejar, sacolejar, viajar, despejar, arranjar, sujar, esbanjar*.
- Palavras que tenham primitivas com *"j"* = *sarja > sarjeta; varejo > varejista*. Exceto para anjo > angélico.
- Palavras de origem tupi-guarani, africana ou árabe ou, ainda, popular = *canjica, jiboia, jenipapo, caçanje*.

Reduza em até 80% o tempo gasto nos Estudos
ACESSE AGORA!

CONCORDÂNCIA NOMINAL – CASOS ESPECIAIS 2

EMPREGO DAS PALAVRAS

Mais ≠ menos — Ex: Quero mais exemplares desta revista.

Mas = porém — Ex: Saiu cedo, mas o ônibus demorou a passar.

Más ≠ boas — Ex: Apesar de muito jovens, as crianças eram más.

Seção: com sentido de divisão => repartição, parte. — Ex: Trabalho na seção de finanças.

Sessão: no sentido de reunião. — Ex: O filme que queremos ver terá uma sessão hoje.

Cessão: sentido de ceder. — Ex: O contrato de cessão de direitos fora assinado.

Tampouco = também — Ex: Não dança, tampouco canta.

Tão pouco = muito pouco — Ex: O salário era tão pouco que mal alimentava.

Mau ≠ bom — Ex: Tinha o mau hábito de afanar objetos.

Mal ≠ bem — Ex: Continua mal de saúde, desde o acidente.

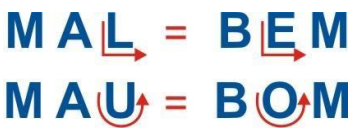

Acerca de = a respeito de — Ex: Conversaram acerca de futebol.

A cerca de = aproximadamente — Ex: Estavam a cerca de 2 metros do palco.

Há cerca de
- Sentido de existir – há aproximadamente. Ex: Há cerca de 300 pessoas na casa noturna.
- Sentido de haver – tempo corrido. Ex: Saíram há cerca de 30 minutos.

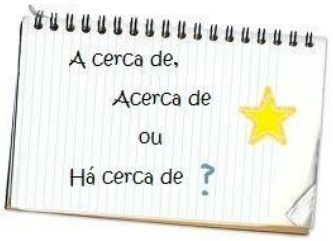

Reduza em até 80% o tempo gasto nos Estudos
ACESSE AGORA!

HÍFEN - aplicação

HÍFEN

SEMPRE usar: *aquém, além, recém, sem/ ex/ pró, pré, pós/ soto/ vice.*

Para sufixos de origem tupi-guarani => Açu, guaçu, mirim.

Ex: Mogi-Guaçu, Mogi-Mirim, amoré-guaçu, anajá-mirim.

Quando o 2º elemento iniciar-se por "H".

Ex: super-homem, anti-higiênico, sobre-humano.

Quando o 2º elemento "A-E-I-O-U", M ou N

PAN

CIRCUM

Quando o prefixo terminar com determinada vogal, que dará início à palavra seguinte: "AA", "EE", "II", "OO", "UU".

Anti-imperialista, anti-inflamatório, contra-ataque, micro-ondas, micro-ônibus, semi-internato.

AA

Quando o prefixo terminar com determinada consoante, que dará início à palavra seguinte: "RR", "SS"...

Hiper-requintado, super-resistente, super-reacionário, super-reagente, super-romântico, inter-regional,

⇨ Nos demais casos não se utiliza hífen.

Reduza em até 80% o tempo gasto nos Estudos
ACESSE AGORA!

HÍFEN – 2 – não se utiliza

Não se utilizará quando o prefixo terminar por consoante

- E começar por vogal => Ex: *hiper-ativo, interestadual, interestelar, superamigo, superaquecimento, superexigente, supereconômico, superinteressante.*
- E começar por consoante diferente => Ex: *intermunicipal, supersônico.*

Não se utilizará com palavras que perderam a noção de composição

Ex: *girassol, madressilva, mandachuva, paraquedas, paraquedista, pontapé*

Não se utilizará com substantivos/adjetivos compostos

Fim de semana, café com leite, pão de mel.

ATENÇÃO PARA AS EXCEÇÕES => *água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao-deus-dará, à-queima-roupa.*

Reduza em até 80% o tempo gasto nos Estudos
ACESSE AGORA!

HÍFEN – 3 – não se usa hífen – Prefixos terminados emvogal

PARA PREFIXO QUE TERMINA EM VOGAL, NÃO USAREMOS HÍFEN:

+ Vogal diferente

Ex: *Agroindustrial, anteontem, antiaéreo, autoescola, autoestrada, coautor, coedição, extraescolar, infraestrutura, plurianual, semiaberto.*

+ Consoante diferente de "R" ou "S".

Ex: *Anteprojeto, autopeça, coprodução, geopolítica, microcomputador, semicírculo, seminovo, ultramoderno.*

+ Consoante "R" ou "S"

Duplicam-se as consoantes finais

Antirrugas, antissocial, biorritmo, contrassenso, microssistema, minissaia, ultrassom, semirreta.

O prefixo "CO" aglutina-se com o segundo elemento, mesmo quando este inicia-se também por "o".

Coobrigar, coordenar, coobrigação, cooperar, coocupar.

Reduza em até 80% o tempo gasto nos Estudos
ACESSE AGORA!

Empregos das palavras porque/ porquê/ por que/ por quê

Por que

- Utilizaremos *"por que"* sempre que for sinônimo *"por qual razão", "por qual motivo", "pelo (a) qual";*
- Sempre que estiver no início ou no meio da frase;
- Quando for utilizado em perguntas => Ex: Por que (razão) você não foi à escola hoje?/ Pergunto-me por que você não foi à escola hoje.
- Quando a frase for afirmativa => Ex: Ela nem imagina por que isso aconteceu.

Por quê

- Utiliza-se *"por quê"* sempre que estiver no fim de uma frase;
- Antes de pontuação => Ex: Você nem imagina por quê./ Não comprou por quê?/ Claro que sei por quê!

Porquê

- *"O motivo"* – substantivo;
- Pode ir para o plural;
- Depois de:
  - Artigo definido (o, os) => Ex: Não sei o porquê da demissão.
  - Pronome adj. (meu, seu) => Ex: Ela deve ter seus porquês.
  - Numerais => Ex: Existem 3 porqu

Porque

- Quando sinônimo de *"pois", "uma vez que", "causa"*. Ex: Estude para este concurso, porque há muitos candidatos inscritos.
- Quando utilizado em respostas. Ex: Ele não foi à aula porque estava doente.

Reduza em até 80% o tempo gasto nos Estudos
ACESSE AGORA!

Plural dos compostos

PLURAL DOS COMPOSTOS

Casos especiais: *"o bem-me-quer =os bem-me-queres"; "o João-ninguém = os joões-ninguém"; "o lugar-tenente = os lugar-tenentes"; "o mapa-múndi = os mapas-múndi".*

Admitem mais de um plural:

"pai-nosso = pais nossos = pai-nossos"; "padre-nosso = padres-nossos = padre-nossos"; "terra-nova = terras-novas = terra-novas"; "salvo-conduto = salvos-condutos = salvo-condutos"; "xeque-mate = xeques-mate = xeques-mates".

Nenhum dos elementos varia

- Quando há verbo + palavra invariável => *"cola-tudo = os cola-tudo";*
- Quando há 2 verbos de sentidos opostos => *"o perde-ganha = os perde-ganha";*
- Nas frases substantivas => *"o Maria-vai-com-as-outras = os Maria-vai-com-as-out-ras";*
- Invariáveis => *"o arco-íris = os arco íris".*

Só o primeiro varia

- Quando há preposição, ainda que oculta => *"pé-de-moça = pés-de-moça;*
- Quando o 2º substantivo determine o 1º => *"banana-nanica = bananas-nanica".*

Os 2 variam

Quando formados por substantivo + adjetivo/ substantivo/ numeral/ pronome => *"amor-perfeito = amores-perfeitos"; "couve-flor = couves-flores"; "segunda-feira = segundas-feiras".*

Apenas o último elemento varia

- Quando são adjetivos => *"hispano-americano = hispano-americanos". Exceção – surdo mudo = surdos-mudos;*
- Aparecem os adjetivos GRÃO, GRÃ, BEL => *"bel-prazer = bel-prazeres";*
- Quando é formado por verbo ou qualquer elemento invariável (advérbio, interjeição, pronome) + substantivo/ adjetivo => *"arranha-céu =arranha-céus";*
- Quando os elementos são repetidos ou onomatopaicos => *"reco-reco = reco-recos", "bem-te-vi = bem-te-vis"* ou verbos repetidos (admite-se também pôr os 2 no plural) => *"pisca-pisca = pisca-piscas = piscas-piscas".*

Reduza em até 80% o tempo gasto nos Estudos
ACESSE AGORA!

VERBOS - Introdução

VERBOS

Formas nominais

- Particípio regular = *ter/haver (|ido/ |ado);*
- Particípio irregular = *ser/estar = abrir, cobrir, dizer, escrever, fazer, pôr, ver, vir;*
- *AMBOS => "pegar, pagar, ganhar e gastar".*
- Gerúndio presente => *falando;*
- Gerúndio pretérito => *tendo falado;*
- Infinitivo impessoal – sem sujeito = > *Viver é preciso;*
- Infinitivo pessoal – com sujeito => *É preciso vivermos comsabedoria.*

Locuções verbais

- Voz passiva – geralmente => *ser/estar;*
- Tempos compostos – geralmente => *ter/haver;*
- Auxiliares modais – expressam:
  - Início/fim – comecei.../acabei...
  - Continuidade – vai caminhando;
  - Obrigação – tive;
  - Possibilidade – posso;
  - Dúvida – parece;
  - tentativa – procura;

  QUEM VARIA É O AUXILIAR!

Modos

Diversas atitudes da pessoa que fala, com relação ao fato anunciado:

- Indicativo – fato = atitude que expressa certeza;
- Subjuntivo – hipótese;
- Imperativo = ordem, pedido.

Formas

As formas **rizotônicas** ou **arrizotônicas** indicam a sílaba tônica do verbo. Alguns verbos têm sua conjugação determinada por esta classificação:

⇨ RIZOTÔNICAS – acento tônico no radical;
- Presente do indicativo/subjuntivo (eu, tu, ele e eles);
- Imperativo afirmativo/negativo (tu, você, vocês) => *Falam; Comem.*

⇨ ARIZOTÔNICAS – acento tônico fora do radical, na terminação verbal => *amarás, comerão.*

QUADRO DE TEMPOS VERBAIS:

- Presente;
- Pretérito perfeito;
- Pretérito perfeito composto;
- Pretérito imperfeito;
- Pretérito mais que perfeito;
- Pretérito mais que perfeito composto;
- Futuro do presente;
- Futuro do presente composto;
- Futuro do pretérito.

Reduza em até 80% o tempo gasto nos Estudos
ACESSE AGORA!

VERBOS – Modo indicativo

MODO INDICATIVO

PRESENTE

Um fato que ocorre no momento em que se fala, uma ação habitual ou uma verdade universal => Ex: *Ele mora em Buenos Aires./ Como aveia todos os dias./ O homem é fraco.*

Deriva subjuntivo ou imperativo.

FUTURO DO PRESENTE

Ação que ocorrerá no futuro, ou ocorrência no futuro de fato iniciado no presente => Ex: *Defenderei os menos afortunados./ Terei defendido os menos afortunados.*

PRETÉRITO MAIS QUE PERFEITO

Passado do passado => Ex: *Ele comprou a chácara com o dinheiro da herança que recebera.*

PRETÉRITO PERFEITO

Fato já ocorrido ou concluído => Ex: *Trocaram carícias ao entardecer.*

Pode ser composto – como continuidade de um ato iniciado no passado => Ex: *Tenho me exercitado todas as manhãs.*

PRETÉRITO IMPERFEITO

Um fato contínuo, permanente ou habitual; um fato passado, mas de localização incerta no tempo; oi ainda, um fato presente em relação a outro passado => Ex: *Eles vendiam sempre mais barato./ Era uma vez uma menina muito bonita./ Eu via novela quando ela adentrou a sala.*

FUTURO DO PRETÉRITO

Fato futuro em relação ao passado, ironia ou pedido de cortesia => Ex: *Se eu morresse amanhã, minha esposa, de tristeza, morreria./ Daria para respeitar os mortos?*

Composto – Ex: *Se tivesse comido do bolo envenenado, teria passado mal.*

Reduza em até 80% o tempo gasto nos Estudos
ACESSE AGORA!

VERBOS - Classificação

CLASSIFICAÇÃO

REGULARES: não sofrem alterações no radical.

Na dúvida utilizar os verbos: 1ª P. FALAR/ 2ª P. BEBER/ 3ª P. PARTIR

IRREGULARES: sofrem alterações no radical

Ex: Fazer => faço, fazes, fiz, fizestes...

ANÔMALOS: sofrem grandes alterações no radical

Ex: Ser = sou, é, foi...

ABUNDANTES: duas formas de mesmo valor, em geral no particípio.

Regular – voz ativa, |ado e |ido => ter, haver;

Irregular – voz passiva => ser, estar.

Infinitivo	Particípio regular	Particípio irregular
aceitar	aceitado	aceito
acender	acendido	aceso
eleger	elegido	eleito
entregar	entregado	entregue
enxugar	enxugado	enxuto
expressar	expressado	expresso
expulsar	expulsado	expulso
extinguir	extinguido	extinto
imprimir	imprimido	impresso
inserir	inserido	inserto
isentar	isentado	isento
matar	matado	morto
omitir	omitido	omisso
prender	prendido	preso
romper	rompido	roto
salvar	salvado	salvo
soltar	soltado	solto
suspender	suspendido	suspenso
vagar	vagado	vago

DEFECTIVOS:

Não possuem conjugação completa, não têm 1ª pessoa do singular (*explodir*, *abolir*, *colorir*), são conjugados apenas em 1ª e 2ª pessoal no plural (*reaver*), só na 3ª pessoa (*urgir*), unipessoais (*doer*).

Reduza em até 80% o tempo gasto nos Estudos
ACESSE AGORA!

VERBOS – modos subjuntivo e imperativo

MODOS

INDICATIVO – vide mapa 24*

SUBJUNTIVO

Expressa incerteza, dúvida, hipótese.

- PRESENTE – Fato presente, mas duvidoso ou incerto (Ex: Talvez eles não façam tudo aquilo que pedimos); Um desejo, ou uma vontade (Ex: Espero que eles faça tudo que combinamos); baseado na 1ª pessoa do sujeito presente do indicativo (Ex: Indicativo – eu falo/ subjuntivo – fale, falas).
- PRETÉRITO PERFEITO – trata-se de uma hipótese composta. Ex: Talvez eu não tenha me comportado muito bem.
- PRETÉRITO IMPERFEITO – Ex: Se tivesses coragem, estaria lutando por justiça.
- PRETÉRITO MAIS QUE PERFEITO – Exprimem uma ação anterior que condiciona outra ação passada, é composta – Ex: Se tivesse ouvido conselhos, não sofreria.
- FUTURO – é a possibilidade a ser concluída em relação a um fato no futuro – Ex: Quando eu voltar, saberei como agir.

Tenho viajado muito, ultimamente.
Nós *havíamos feito* o convite a ela.

IMPERATIVO

Expressa uma ordem, uma vontade, um desejo.

- Pode ser afirmativo – Ex: Pensa antes de responder.
- Pode ser negativo – Ex: Não temas o destino!
- Pode derivar do presente do subjuntivo.

EXCEÇÃO – TU E VÓS: imperativo afirmativo e presente do indicativo, sem o "s".

Reduza em até 80% o tempo gasto nos Estudos
ACESSE AGORA!

VERBOS – Conjugação: PROVER e REQUERER

CONJUGAÇÕES

REQUERER = querer

2ª conjugação regular - ER

Presente do indicativo – *requeiro, requeres, requer, requeremos, requereis, requerem.*
Presente do subjuntivo – *requeira, requeiras, requeira, requeríamos, requeirais, requeiram.*
Imperativo afirmativo – *requere, requeira, requeiramos, requerei, requeiram.*
Imperativo negativo – *não requeiras, não requeira, não requeiramos, não requeirais, não requeiram.*

Pretérito perfeito do indicativo – *requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram.*
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo – *requerera, requereras, requerera, requerêramos, requerêreis, requereram.*
Futuro do subjuntivo – *requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.*
Pretérito imperfeito do subjuntivo – *requeresse, requeresses, requeresse, requerêssemos, requerêsseis, requeressem.*
Futuro do presente – *requererei, requererás, requererá, requereremos, requereréis, requererão.*
Infinitivo pessoal – *requereria, requererias, requereria, requereríamos, requereríeis, requereriam.*
Pretérito imperfeito do indicativo – *requeria, requererias, requeria, requereríamos, requereríeis, requereriam.*
Futuro do pretérito – *requereria, requererias, requereria, requereríamos, requereríeis, requereriam.*
Formas nominais – *requerer, requerendo, requerido.*

PROVER = sentido de ver

2ª conjugação regular - ER

Presente do indicativo – *provejo, provês, provê, provemos, provedes, proveem.*
Presente do subjuntivo – *proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam.*
Imperativo afirmativo – *provê, proveja, provejamos, provede, provejam.*
Imperativo negativo – *não provejas, não proveja, não provejamos, não provejais, não provejam.*

Pretérito perfeito do indicativo – *provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram.*
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo – *provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram.*
Futuro do subjuntivo – *prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.*
Pretérito imperfeito do subjuntivo – *provesse, provesses, provesse, provêssemos, provêsseis, provessem.*
Futuro do presente – *proverei, proverás, proverá, proveremos, provereis, proverão.*
Infinitivo pessoal – *prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.*
Pretérito imperfeito do indicativo – *provia, provias, provia, províamos, províeis, proviam.*
Futuro do pretérito – *proveria, proverias, proveria, proveríamos, proveríeis, proveriam.*
Formas nominais – *prover, provendo, provido.*

Reduza em até 80% o tempo gasto nos Estudos
ACESSE AGORA!

VERBOS – Conjugação: VIGER E PRECAVER-SE

Ambas seguem o termo "vender" para 2ª conjugação (regular).

PRECAVER-SE – só possui formas arrizotônicas - PRONOMINAL

CONJUGAÇÕES

VIGER

Só onde "g" é seguido de "e" ou "i"
Presente do indicativo - ///, *viges, vige, vigemos, vigeis, vigem.*
Presente do subjuntivo - ///, ///, ///, ///, ///, ///.
Imperativo afirmativo - ///, *vige*, ///, *vigei*, ///.
Imperativo negativo - ///, ///, ///, ///, ///.
Pretérito perfeito do indicativo – ///, *vigeste, vigeu, vigemos, vigestes, vigeram.*
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo – *vigia, vigias, vigia, vigíamos, vigíeis, vigiam.*
Futuro do subjuntivo – *vigera, vigeras, vigera, vigêramos, vigêreis, vigeram.*
Pretérito imperfeito do subjuntivo – *vigesse, vigesses, vigesse, vigêssemos, vigêsseis, vigessem.*
Futuro do presente – *vigerei, vigerás, vigerá, vigeremos, vigereis, vigerão.*
Infinitivo pessoal – *viger, vigeres, viger, vigermos, vigerdes, vigerem*
Pretérito imperfeito do indicativo – *vigia, vigias, vigia, vigíamos, vigíeis, vigiam.*
Futuro do pretérito – *vigeria, vigerias, vigeria, vigeríamos, vigeríeis, vigeriam.*
Formas nominais – *vigido.*

Presente do indicativo - ///, ///, ///, *precavemo-nos, precavei-vos*, ///.
Presente do subjuntivo - ///, ///, ///, ///, ///, ///.
Imperativo afirmativo - ///, ///, ///, *precavei-vos*, ///.
Imperativo negativo - ///, ///, ///, ///, ///.
Pretérito perfeito do indicativo – *precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram.*
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo – *precavera, precavera, precavera, precavêramos, precavêreis, precaveram.*
Futuro do subjuntivo – *precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.*
Pretérito imperfeito do subjuntivo – *precavesse, precavesses, precavesse, precavêssemos, precavêreis, precavessem.*
Futuro do presente – *precaverei, precaverás, precaverá, precaveremos, precavereis, precaverão.*
Infinitivo pessoal – *precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.*
Pretérito imperfeito do indicativo – *precavia, precavias, precavia, precavíamos, precavíeis, precaviam.*
Futuro do pretérito – *precaveria, precaverias, precaveria, precaveríamos, precaveríeis, precaveriam.*
Formas nominais – *precaver, precavendo, precavido.*

Reduza em até 80% o tempo gasto nos Estudos
ACESSE AGORA!

VERBOS – Conjugação: HAVER e REA ER

HAVER

CONJUGAÇÕES

REAVER

Somente quando "HAVER" for conjugado com "v"
Presente do indicativo - ///, ///, ///, *reavemos, reaveis, ///.*
Presente do subjuntivo - ///, ///, ///, ///, ///, ///.
Imperativo afirmativo - ///, ///, ///,*reavei-vós, ///.*
Imperativo negativo - ///, ///, ///, ///, ///.
Pretérito perfeito do indicativo – *reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram.*
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo – *reouvera, reouveras, reouvera, reouvéramos, reouvéreis, reouveram.*
Futuro do subjuntivo – *reouver, reouveres, reouver, reouvermos, reouverdes, reouverem.*
Pretérito imperfeito do subjuntivo – *reouvesse, reouvesses, reouvesse, reouvéssemos, reouvésseis, reouvessem.*
Futuro do presente – *reaverei, reaverás, reaverá, reaveremos, reavereis, reaverão.*
Infinitivo pessoal – *reaver, reaveres, reaver, reavermos, reaveres, reaverem.*
Pretérito imperfeito do indicativo – *reavia, reavias, reavia, reavíamos, reavíeis, reaviam.*
Futuro do pretérito – *reaveria, reaverias, reaveria, reaveríamos, reaveríeis, reaveriam.*
Formas nominais – *reaver, reavendo, reavido.*

Presente do indicativo – *hei, hás, há, havemos, haveis, hão.*
Imperativo afirmativo – *há, haja, hajamos, havei, hajam.*
Imperativo negativo – *não hajas, não haja, não hajamos, não hajais, não hajam.*
Pretérito perfeito do indicativo – *houve, houvesse, houve, houvemos, houvestes, houveram.*
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo – *houvera, houveras, houvera, houvéramos, houvéreis, houveram.*
Futuro do subjuntivo – *houver, houveres, houver, houvermos, houverdes, houverem.*
Pretérito imperfeito do subjuntivo – *houvesse, houvesses, houvesse, houvéssemos, houvésseis, houvessem.*
Futuro do presente – *haverei, haverás, haverá, haveremos, havereis, haverão.*
Infinitivo pessoal – *haver, haveres, haver, havermos, haverdes, haverem.*
Pretérito imperfeito do indicativo – *havia, havias, havia, havíamos, havíeis, haviam.*
Futuro do pretérito – *haveria, haverias, haveria, haveríamos, haveríeis, haveriam.*
Formas nominais – *haver, havendo, havido.*

Reduza em até 80% o tempo gasto nos Estudos
ACESSE AGORA!

VERBOS – Conjugação: TER, VIR, LER, CRER, VER

VERBOS

LER, CRER, VER

REVER
PREVER
ANTEVER

Obs: perdem o acento quando terminados em "eem" => veem, leem, creem

POR

COMPOR
REPOR
IMPOR
EXPOR
DEPOR

TER

Ele tem – *monossílabo átono*
Eles têm – *acento diferencial*
Deter – tu deténs, ele detém – *oxítona terminada em "em"*
Eles detêm – *acento diferencial*
O mesmo se aplica a: entreter, reter, manter, conter.

VIR

Ele vem – *monossílabo átono*
Eles vêm – *acento diferencial*
Intervir – tu intervéns, ele intervém – *oxítona terminada em "em".*
Eles intervêm – *acento diferencial*
O mesmo se aplica a: advir, provir, convir.

Reduza em até 80% o tempo gasto nos Estudos
ACESSE AGORA!

VERBOS – Conjugação: OUTROS

VERBOS TERMINADOS EM

|IAR

A maioria é regular.
Exceto: MARIO – **M**ediar, **A**nsiar, **R**emediar, **I**ncendiar, **O**diar. Como |EAR.

|EAR

Passear, recear, pentear, saborear, ladear... => apresentam o ditongo ei nas formas rizotônicas => Presente do indicativo: passeio, passeias, passeia, passeamos, passeais, passeiam.
Presente do subjuntivo: passeie, passeies, passeie, passeemos, passeeis, passeiem.

|AIR

Cair – *caio, cais, cai, caímos, cais, caem.*
Atrair
Sobressair

|OER

Moer – *moo, móis, mói, moemos, moeis, moem.*
Remoer
Soer
Doer

|UIR

Influir – *influo, influis, influi, influímos, influis, influem.*
Obstruir
Concluir
Construir
Distribuir
Incluir
Instituir

Reduza em até 80% o tempo gasto nos Estudos
ACESSE AGORA!

VERBOS – Voz Passiva

VOZ PASSIVA

É possível inverter!

Sujeito é quem sofre ação verbal

Se VTD ou VTDI, ou ainda passa a ideia de passividade = > E

Sintética ou nominal – com o pronome apassivador "se"

Ex: Derrubou-se a árvore.

O verbo é sempre transitivo direto, exceto se o objeto estiver preposicionado.

Ex: Comeu-se dos docinhos.

Analítica ou verbal

SER/ESTAR – auxiliar + verbo principal no particípio = Ex: A árvore foi derrubada pela enxurrada.

Índice de indeterminação do sujeito (SE) = *para verbos intransitivos, transitivos indiretos e de ligação – NÃO INVERTE!*

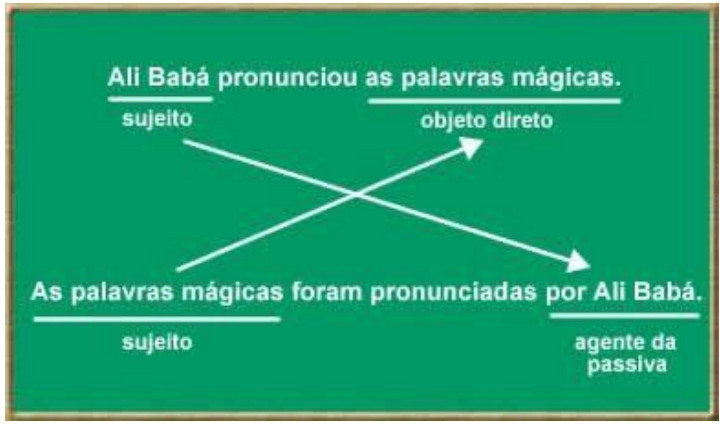

Reduza em até 80% o tempo gasto nos Estudos
ACESSE AGORA!

ACENTUAÇÃO – Regras gerais

ACENTUAÇÃO

Oxítonas terminadas em

Agudo = terminados em A|E|O (S)=>
Ex: *já, cajá, ás, ananás, fé, café, jacaré, pó, cipó, filó.*
Circunflexo = terminados em E|O(S) => Ex: *crê, dendê, freguês, avô, bordô, propôs.*
Infinitivos seguidos dos pronomes oblíquos = Lo (s), La (s) => Ex: dá-lo, vendê-lo.
Em –em e –ens = Ex: *alguém, armazém, ninguém.*

Casos especiais

Ditongos abertos em –éu => Ex: *céu, chapéu, beleléu.*

PROPAROXÍTONAS

Todas são acentuadas!

Paroxítonas terminadas em

- *I (s) Us – dândi, júri, táxi;*
- *Ã/ ãs – imã, órfã, ímãs;*
- *Ão/ aos – bênção, órfão, órgãos;*
- *L - Amável, fácil, imóvel ;*
- um, uns - *Álbum, médium, álbuns –;*
- *N – hífen, Nilton;*
- *Ps – bíceps, fórceps, tríceps;*
- *R – César, mártir, volverer;*
- *X – fênix, látex;*
- *Ditongo – falência, órfãos.*

Reduza em até 80% o tempo gasto nos Estudos
ACESSE AGORA!

ACENTUAÇÃO – Alterações oriundas da reforma ortográfica

NÃO TEM MAIS

Circunflexo em

Duplo "e" ou "o" =>
Ex: *enjoo, voo, veem.*

TREMA

Acento diferencial

- *Para (verbo) = Para (preposição)*
- *Pelo (substantivo) = pelo (preposição)*

Paroxítonas: agudo ditongo aberto "ei" ou "oi" => *ideia.*

Nos ditongos abertos de palavras oxítonas e monossílabas o acento continua => Herói, dói, anéis.

Para o ditongo aberto "eu" o acento também prevalece => céu, chapéu, véu.

Você pode estar Estudando Errado!

Assista ao Vídeo Abaixo e Saiba o Porquê

Você vai Aprender:

- *Memorizar rapidamente textos, códigos, idiomas, fórmulas, tarefas e agenda.*
- *Gravar matérias em memórias de longa duração e lembrar-se quando precisar.*
- *Lembrar-se facilmente o nome e rosto das pessoas e clientes que conheceu.*
- *Assistir aulas, reuniões e palestras completas sem precisar fazer anotação.*
- *E muitas outras técnicas úteis para sua vida pessoal, acadêmica e profissional.*

QUERO ASSISTIR AO VÍDEO

TADEU NOTINI

Ortografia

Por que

- POR QUE RAZÃO
- POR QUE MOTIVO
- pelo qual

Porque

- Ideia de resposta

Porquê

- O motivo
  - Quando SUBSTANTIVO
- A razão

Palavras que se escrevem com "ESA

- Ela é: Ela é burguesa
  Ela é francesa
  Quando puder usar Ela é tem "esa"

Palavras que se escrevem com "ÊS"

- **Ele é cortês.**
  Ele é burguês.
  Quando puder usar Ele é tem "ês"

Por quê

- Final da Frase
- Antes da pontuação
  normalmente "?"

Hospedado em http://www.mapasdodireito.com.br

TADEU NOTINI

MAL E MAU

MAL

- Substituído pelo antônimo BEM
  - SUBSTANTIVO
  - ADVÉRBIO
- SUBSTITUIR POR "LOGO QUE", "ASSIM QUE"
  - CONJUNÇÃO

MAU

- CONTRÁRIO DE BOM

Hospedado em http://www.mapasdodireito.com.br

TADEU NOTINI

Ortografia 2

- **Afim**
  - Afinidade
- **A fim**
  - Objetivo
- **há cerca de**
  - Existe aproximadamente ou aproximadamente no passado
- **Acerca de**
  - a respeito de
- **cerca de**
  - durante, aproximadamente
- **a cerca de**
  -
  - ideia de distância

Hospedado em http://www.mapasdodireito.com.br

Tipos de sujeitos 1

Sujeito

Ser de quem se diz alguma coisa

Tem por núcleo um substantivo,
um pronome ou numeral

Macete para achar o sujeito: perguntar antes do verbo "o quê?" (para coisas) ou "quem?" (para pessoas)

Simples

Um só núcleo que será sempre um substantivo, pronome ou numeral

As estrelas / brilham no firmamento. (o que brilha no firmamento?)

O sujeito é as estrelas, mas apenas [estrela = núcleo] se relaciona diretamente com o verbo [estrelas brilham]. O artigo [as] relaciona-se com estrelas, portanto, é um acessório do sujeito.

Hospedado em http://www.mapasdodireito.com.br

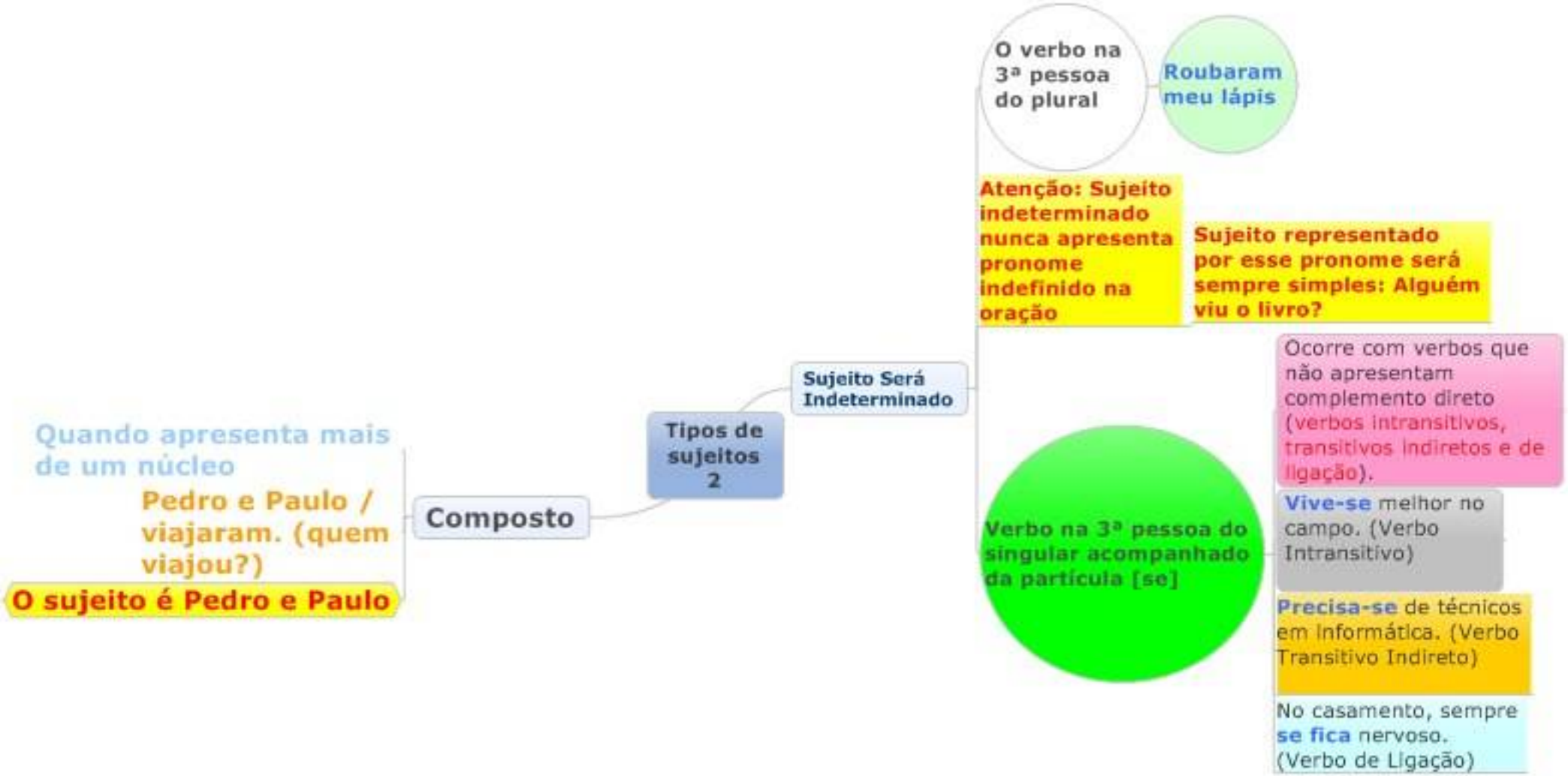

Hospedado em http://www.mapasdodireito.com.br

Hospedado em http://www.mapasdodireito.com.br

Hospedado em http://www.mapasdodireito.com.br

TADEU NOTINI

Análise sintática
OBJETO DIRETO(1)

Completa o sentido do verbo transitivo direto sem sem o auxílio de uma preposição necessária

Ele estreou a peça
Ob.Dir

Pronomes oblíquos átonos "o, a, os, as"

Verbo que os precede terminar em "-r, -s, -z",

Os pronomes assumirão as formas "lo, la, los, las

É importante comprar **o livro**.
OD

É importante comprá-**lo**
OD

Verbo terminar em ditongo nasal "-ão, -õe, -am

Os pronomes assumirão as formas "no, na, nos, nas".

Deixaram **a caneta** sobre a mesa.
OD

Deixaram-**na** sobre a mesa
OD

Hospedado em http://www.mapasdodireito.com.br

Análise sintática OBJETO INDIRETO(2)

É o termo que completa a significação de um verbo transitivo indireto com o auxílio de uma preposição obrigatória.

As ações do rapaz **incorreram** **em grave** erro judiciário.
VTI **OI**

O objeto indireto pode ser substituído pelos pronomes **"lhe(s), a ele(s), a ela(s), dele(s), dela(s), nele(s), nela(s)"**

Eles costumam **escrever** cartas **aos amigos**. (→ escrever-**lhes** cartas)
VTDI **OI** **OI**

Hospedado em http://www.mapasdodireito.com.br

Análise sintática Complemento Nominal(3)

É o termo que completa o sentido de uma palavra que não seja verbo. Assim, pode referir-se a **substantivos**, **adjetivos** ou **advérbios**, sempre por meio de **preposição**.

Cecília tem **orgulho** **da filha.**
substantivo — complemento nominal

Ricardo estava **consciente** **de tudo.**
adjetivo — complemento nominal

A professora agiu **favoravelmente** **aos alunos.**
advérbio — complemento nominal

Hospedado em http://www.mapasdodireito.com.br

TADEU NOTINI

Adjunto adnominal...

- **Definição**
  - È o termo que tem valor de adjetivo, servindo para especificar ou delimitar o significado de um substantivo em qualquer que seja a função sintática exercida por este
- **Adjetivos**
  - O dia **ensolarado** está contagiante
- **Locuções Adjetivas**
  - O passeio **de campo** nos deixou exaustas
- **Pronome adjetivo**
  - **Minha** culpa é meu segredo
  - Acompanham o substantivo
- **Artigos**
  - **Um** novo sonho ressurgiu
- **Numerais**
  - O **primeiro** candidato já se apresentou
- **Orações adjetivas**
  - Não quero saber do lirismo **que não é libertação**

Hospedado em http://www.mapasdodireito.com.br

TADEU NOTINI

Diferença entre Adjunto adnominal e complemento nominal

1.ª diferença

O adjunto adnominal só se refere a substantivos (tanto concretos como abstratos)

O complemento nominal refere-se a substantivos (só abstratos), a adjetivos e a advérbios.

2.ª diferença

O adjunto adnominal pratica a ação expressa pelo nome a que se refere

O complemento nominal recebe a ação expressa pelo nome a que se refere.

3.ª diferença

O complemento nominal nunca indica posse

O adjunto adnominal pode indicar posse

Hospedado em http://www.mapasdodireito.com.br

TADEU NOTINI

Verbos Transitividade 1

Verbo intransitivo

São aqueles verbos que possuem sentido completo

Aparecem advérbios associados ao verbo

Verbo transitivo direto

É desprovido de sentido completo, exigindo obrigatoriamente Verbo transitivo direto (VTD): um complemento – Objeto direto

Todos pegaram a bola. (Quem pega, pega alguém ou alguma coisa – VTD)

Hospedado em http://www.mapasdodireito.com.br

TADEU NOTINI

Verbos Transitividade 2

Verbo de Ligação (VL):

Ele não indica ação e faz a ligação entre o predicativo e o sujeito

Ele estava doente

Verbo transitivo indireto

É desprovido de sentido completo, exigindo obrigatoriamente um complemento com preposição - objeto indireto

Os americanos lutam contra os inimigos. (Quem luta, luta CONTRA alguém ou alguma coisa.)

Verbo transitivo direto e indireto (VTDI)

Os verbos transitivos diretos e indiretos são acompanhados de um objeto direto e um indireto

Paguei o débito ao cobrador.

Hospedado em http://www.mapasdodireito.com.br

TADEU NOTINI

Obejtos

Direto

Completa o sentido do VTD; não é iniciado por preposição, é substituível pelos pronomes oblíquos "o", "a" (s)

Indireto

Completa o sentido de um VTI sendo sempre preposicionado. Pode ser substituído por lhe, lhes. Basta substituir o pronome por "a você, a ela, a ele..." Veja.: Digo-lhe a verdade. Digo a você a verdade.

Vi até aki, 13/05/2013

Hospedado em http://www.mapasdodireito.com.br

TADEU NOTINI

Aposto

a) Explicativo:

A Ecologia, **ciência que investiga as relações dos seres vivos entre si e com o meio em que vivem**, adquiriu grande destaque no mundo atual.

b) Enumerativo:

A vida humana se compõe de muitas coisas: **amor, trabalho, ação**

c) Resumidor ou Recapitulativo:

Vida digna, cidadania plena, igualdade de oportunidades, **tudo isso** está na base de um país melhor

d) Comparativo:

Seus olhos, **indagadores holofotes**, fixaram-se por muito tempo na baía anoitecida

e) Distributivo:

Drummond e Guimarães Rosa são dois grandes escritores, **aquele na poesia e este na prosa**

f) Aposto de Oração:

Ela correu durante uma hora, **sinal de preparo físico**

Hospedado em http://www.mapasdodireito.com.br

Adjunto Adverbial e Vocativo

Vocativo

É utilizado para chamar, invocar um determinado ouvinte.
Não possui relação sintática com a oração podendo assim ser retirado da oração sem alteração de sentido. Ex.:
Amor,
vamos dormir?

Adjunto Adverbial

Tem a função de modificar ou intensificar um verbo, um predicativo ou um advérbio indicando a existência de uma circunstância. Pode ser de tempo, afirmação, causa, negação, modo, de intensidade etc.

É uma palavra q da mais qualidade a frase, mais informações, especifíca, porém esta frase sem esse adjunto adnominal já teria sentido, não seria vaga.

Hospedado em http://www.mapasdodireito.com.br

TADEU NOTINI

Orações coordenadas sindéticas

Aditivas

- Dão ideia de adição , soma,acréscimo.
- E, NEM, MAS TAMBÉM, COMO TAMBÉM, OUTROSSIM, TAMPOUCO

Adversativas

- Expõem ideia de contrariedade, adversidade
- MAS, PORÉM, CONTUDO, TODAVIA, ENTRETANTO, NO ENTANTO e NÃOOBSTANTE

Alternativas

- Relatam ideia de opção, escolha, alternância.
- OU...OU,ORA...ORA, QUER...QUER

Explicativas

- Designam valor de EXPLICAÇÃO
- QUE, PORQUE,JÁ QUE, VISTO QUE,PORQUANTO

Conclusivas

- Expressam ideia de CONCLUSÃO, DEDUÇÃO, SUPOSIÇÃO.
- ENTÃO,LOGO,PORTANTO

Hospedado em http://www.mapasdodireito.com.br

TADEU NOTINI

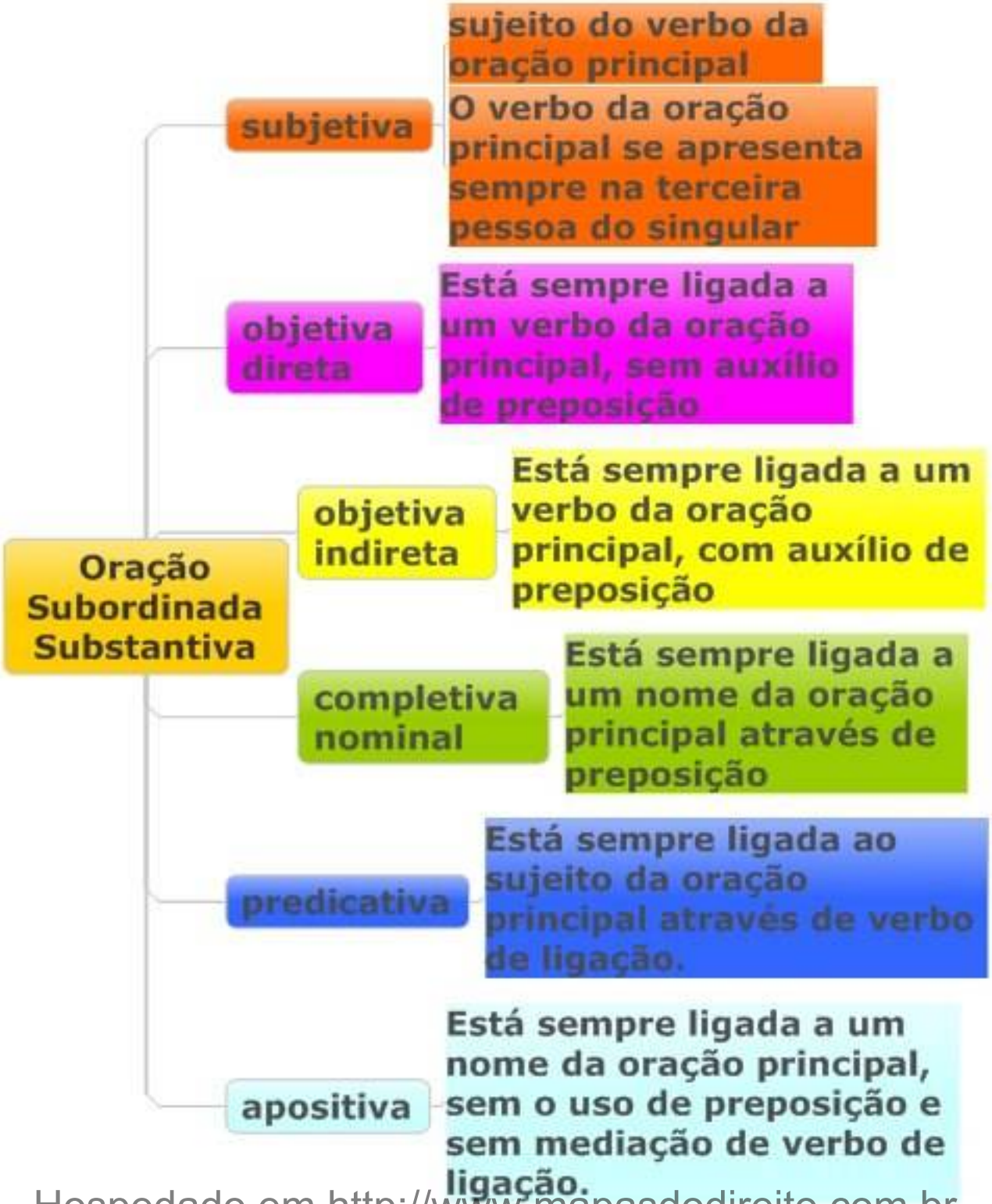

Hospedado em http://www.mapasdodireito.com.br

TADEU NOTINI

ORAÇÃO SUBORDINADA ADJETIVA

EXPLICATIVAS

- ACRESCENTAM UMA QUALIDADE ACESSÓRIA AO ANTECEDENTE E SÃO SEPARADAS DA ORAÇÃO PRINCIPAL POR VÍRGULAS.
- OS JOGADORES DE FUTEBOL, QUE SÃO INICIANTES, NÃO RECEBEM SALÁRIOS

RESTRITIVAS

- RESTRINGEM O SIGNIFICADO DO ANTECEDENTE E NÃO SÃO SEPARADAS DA ORAÇÃO PRINCIPAL POR VÍRGULAS
- OS ARTISTAS QUE DECLARARAM SEU VOTO FORAM CRITICADOS

Hospedado em http://www.mapasdodireito.com.br

TADEU NOTINI

Oração Subordinada Adverbial(1)

causais

Indicam a causa da ação expressa na oração principal

A cidade foi alagada **porque** o rio transbordou.

consecutivas

Indicam uma conseqüência do fato referido na oração principal

A casa custava **tão** cara **que** ela desistiu da compra.

condicionais

Expressam uma circunstância de condição com relação ao predicado da oração principal.

Deixe um recado **se** você não me encontrar em casa.

concessivas

Indicam um fato contrário ao referido na oração principal.

Embora tudo tenha sido cuidadosamente planejado, ocorreram vários imprevistos

Hospedado em http://www.mapasdodireito.com.br

TADEU NOTINI

Oração Subordinada Adverbial(2)

Conformativas

Indicam conformidade em relação à ação expressa pelo verbo da oração principal

Tudo ocorreu **como** estava previsto

Comparativas

São aquelas que expressam uma comparação com um dos termos da oração principal

Ele tem estudado **como** um obstinado (estuda)

Finais

Exprimem a intenção, o objetivo do que se declara na oração principal.

Sentei-me na primeira fila, **a fim** de que pudesse ouvir melhor

Temporais

Demarca em que tempo ocorreu o processo expresso pelo verbo da oração principal.

Eu me sinto **segura assim** que fecho a porta da minha casa

Proporcionais

Expressam uma idéia de proporcionalidade relativamente ao fato referido na oração principal

Quanto menos trabalho, tanto menos vontade tenho de trabalhar

Hospedado em http://www.mapasdodireito.com.br

Crase 1

- **I. Substituir a palavra feminina por uma masculina correspondente. Se aparecer ao ou aos diante de palavras masculinas, é porque ocorre a crase**
- **II. Substituir o "a" por para ou para a. Se aparecer para a, ocorre a crase**
- **III. Substituir o verbo "ir" pelo verbo pelo verbo "voltar". Se aparecer a expressão voltar da, é porque ocorre a crase**

Hospedado em http://www.mapasdodireito.com.br

TADEU NOTINI

Crase 2 Proibida

- Antes de verbo
- Antes de palavras masculinas
- Antes de pronomes de tratamento, exceção feita a senhora, senhorita e dona
  - Antes de pronomes em geral
- Em expressões formadas por palavras repetidas
- Quando o "a" vem antes de uma palavra no plural

Hospedado em http://www.mapasdodireito.com.br

Crase Facultativa

(3)

1. Antes de nome próprio feminino
2. Antes de pronome possessivo feminino
3. Depois da preposição até

Hospedado em http://www.mapasdodireito.com.br

TADEU NOTINI

Usa-se a vírgula Intercalação

- Intercalação = Entre dois elementos
- Do adjunto adverbial
  - O café, **em razão da sua abundância**, vem caindo de preço
- Da conjunção
  - Os cerrados são secos e áridos. Estão produzindo, **todavia**, altas quantidades de alimentos.
- Das expressões explicativas ou corretivas
  - As indústrias não querem abrir mão de suas vantagens, **isto é**, não querem abrir mão dos lucros altos

Hospedado em http://www.mapasdodireito.com.br

TADEU NOTINI

Usa-se a vírgula inversão

- Do adjunto adverbial (colocado no início da oração)
  - **Depois das sete horas**, todo o comércio está de portas fechadas.
- Dos objetos pleonásticos(excesso) antepostos ao verbo
  - **Aos pesquisadores**, não **lhes** destinaram verba alguma
- Do nome de lugar anteposto às datas
  - **Recife**, 15 de maio de 1982

Hospedado em http://www.mapasdodireito.com.br

TADEU NOTINI

Usa-se a vírgula Outros usos

- Usa-se vírgula para separar entre si elementos coordenados (dispostos em enumeração)
  - Era um garoto de **15 anos, alto, magro**
- Usa-se a vírgula para marcar elipse (omissão) do verbo
  - Nós queremos **comer** pizza; e vocês**,** churrasco
- Isolar aposto ou Vocativo
  - o aposto:
    São Paulo, **considerada a metrópole brasileira**, possui um trânsito caótico
  - o vocativo:
    Ora, **Thiago**, não diga bobagem

Hospedado em http://www.mapasdodireito.com.br

TADEU NOTINI

Pronome

Objeto direto

O, A, Os, As

Objeto indireto

Lhe

LHE(S) "= DELE(A)(S)" Ex.: Roubaram- lhe o livro. [Roubaram o livro dele(a).] → Adjunto Adnominal

Pronome Relativo "Que

Utilizado para retomar palavra que designa coisa ou pessoa e pode ser substituível por "a/o qual, as/os quais

Eu e Tu

Os pronomes "eu" e "tu" não podem vir precedidos de preposição e funcionam sempre como sujeito. só admitem preposição ligada a um verbo no infinitivo. Ex.: Isto é para eu fazer.

Mim e Ti

As formas oblíquas "mim" e "ti" nunca funcionam como sujeito. Ex.: Não há segredos entre mim e ti. Não é fácil para mim aguentar seu estresse. (Aguentar seu estresse não é fácil para mim.)

Hospedado em http://www.mapasdodireito.com.br

Sujeito acusativo

É um sujeito agente sob a influência de outro sujeito. Isso só é possível quando este sujeito se ligar a verbos causativos ou sensitivos.

Causativos são os verbos que exprimem uma relação de causa (fazer, mandar, deixar)

Sensitivos são os verbos que indicam a existência de um dos sentidos (ver, sentir, ouvir).

O sujeito acusativo será representado por um substantivo ou por um pronome oblíquo átono (me, te, se, o, a, nos, vos, os, as).

Hospedado em http://www.mapasdodireito.com.br

MANUAL DE REDAÇÃO DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

3ª edição, revista, atualizada e ampliada

MANUAL DE REDAÇÃO

DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

3ª edição, revista, atualizada e ampliada

Michel Temer
Presidente da República

Eliseu Padilha
Chefe da Casa Civil da Presidência da República

Gustavo do Vale Rocha
Subchefe para Assuntos Jurídicos

Jandyr Maya Faillace Neto
Subchefe Adjunto de Gestão Pública

Fernanda Rodrigues Saldanha Azevedo
Coordenadora do Centro de Estudos Jurídicos

Comissão encarregada de elaborar, sem ônus, a primeira Edição do Manual de Redação da Presidência da República (Portaria SG nº 2, de 11.1.1991, DOU de 15.1.1991): Gilmar Ferreira Mendes (Presidente), Nestor José Forster Júnior, Carlos Eduardo Cruz de Souza Lemos, Heitor Duprat de Brito Pereira, Tarcisio Carlos de Almeida Cunha, João Bosco Martinato, Rui Ribeiro de Araújo, Luis Fernando Panelli César, Roberto Furian Ardenghy.

Revisão: Professor Celso Pedro Luft.

Colaboraram com a 1ª Edição do Manual: Luiz Augusto da Paz, Professor Hermes Moreira dos Santos, Sergio Braune Solon de Pontes, Fábio Carvalho, Cibel Ribeiro Teles, Jônatas do Vale Santos, Tânia Azeredo Casagrande, Marlene Vera Mourão, Zilene Maria Wanderley Galiza, Marino Alves Magalhães Junior.

Colaboraram com a 2ª Edição: Maurício Vieira Bracks, Jandyr Maya Faillace Neto, Maria Estefania Ponte Pinheiro, Sergio Braune Solon de Pontes, Fábio Carvalho, José Levi Mello do Amaral Júnior, Paulo Fernando Ramos Serejo, Fernando Luiz Albuquerque Faria, Marisa de Souza Alonso, Cleso José da Fonseca Filho, Mônica Mazon de Castro Pinto, Eulina Gomes Rocha, Venáuria da Silva Batista.

Organizadores da 3ª Edição: Gustavo do Vale Rocha, Jandyr Maya Faillace Neto, Fernanda Rodrigues Saldanha de Azevedo, Karina Gomes Mansur Costa, Daniela de Souto Inocêncio.
Colaboraram também com a 3ª Edição: Suely Cobucci, Paula Cobucci, Daienne Amaral Machado, Mariana Figueiredo Cordeiro da Silva.

Presidência da República
Casa Civil
Subchefia para Assuntos Jurídicos

MANUAL DE REDAÇÃO

DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

3ª edição, revista, atualizada e ampliada

Brasília
Presidência da República
2018

Copyright © 1991 – Presidência da República
3ª Edição revista, atualizada e ampliada pela Subchefia para Assuntos Jurídicos da Casa Civil da Presidência da República.

Capa: Filipe do Nascimento Pires
Editoração: Matheus Moreira Torres

As sugestões para o aperfeiçoamento deste trabalho podem ser encaminhadas à Casa Civil da Presidência da República, por meio do Centro de Estudos Jurídicos da Presidência: centroestudos.saj@presidencia.gov.br.

Permitida a reprodução sem fins lucrativos, parcial ou total, por qualquer meio, se citada a fonte e o sítio da internet onde pode ser encontrado o original (www.planalto.gov.br/legislacao).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B823m Brasil. Presidência da República. Casa Civil
Manual de redação da Presidência da República / Casa Civil, Subchefia de Assuntos Jurídicos ; coordenação de Gilmar Ferreira Mendes, Nestor José Forster Júnior [et al.]. – 3. ed., rev., atual. e ampl. – Brasília: Presidência da República, 2018.
189 p.

ISBN 978-85-85142-96-4

1. Redação oficial. 2. Língua portuguesa. 3. Técnica legislativa. I. Mendes, Gilmar Ferreira. II. Forster Júnior, Nestor José. III. Título.

CDD 469.5
CDU 808.1 (044.4)

SUMÁRIO

Prefácio 12

Sinais e abreviaturas empregados 13

PARTE I _____ AS COMUNICAÇÕES OFICIAIS 14

Capítulo I_____ ASPECTOS GERAIS DA REDAÇÃO OFICIAL 15

1 Panorama da comunicação oficial 16

2 O que é redação oficial 16

3 Atributos da redação oficial 16

3.1 Clareza e precisão 17

3.2 Objetividade 17

3.3 Concisão 17

3.4 Coesão e coerência 18

3.5 Impessoalidade 19

3.6 Formalidade e padronização 19

Capítulo II _____ AS COMUNICAÇÕES OFICIAIS 22

4 Introdução 23

4.1 Pronomes de tratamento 23

4.1.1 Concordância com os pronomes de tratamento 24

4.2 Signatário 24

4.2.1 Cargos interino e substituto 24

4.2.2 Signatárias do sexo feminino 24

4.3 Grafia de cargos compostos 25

4.4 Vocativo 26

5 O padrão ofício 27

5.1 Partes do documento no padrão ofício 27

5.1.1 Cabeçalho 27

5.1.2 Identificação do expediente 28

5.1.3 Local e data do documento 28

5.1.4 Endereçamento 28

5.1.5 Assunto 29

5.1.6 Texto do documento 29

5.1.7 Fechos para comunicações 30

5.1.8 Identificação do signatário 30
5.1.9 Numeração das páginas 31
5.2 Formatação e apresentação 31
6 Tipos de documentos 36
6.1 Variações dos documentos oficiais 36
6.2 Exposição de Motivos 36
6.2.1 Definição e finalidade 36
6.2.2 Forma e estrutura 36
6.2.3 Sistema de Geração e Tramitação de Documentos Oficiais (Sidof) 40
6.3 Mensagem 40
6.3.1 Definição e finalidade 40
6.3.2 Forma e estrutura 42
6.4 Correio eletrônico (e-mail) 45
6.4.1 Definição e finalidade 45
6.4.2 Valor documental 45
6.4.3 Forma e estrutura 45
6.4.4 Anexos 46
6.4.5 Recomendações 47
Capítulo III _____ ELEMENTOS DE ORTOGRAFIA E GRAMÁTICA 48
7 Breve esclarecimento 49
8 Ortografia 49
9 Uso de sinais 50
9.1 Hífen 50
9.1.1 Hífen em compostos, locuções e encadeamentos vocabulares 50
9.1.2 Hífen nas formações por prefixação, recomposição e sufixação 52
10 Formatação 53
10.1 Aspas 53
10.1.1 Posição das aspas em frase contendo Citação 54
10.2 Itálico 55
10.3 Negrito e sublinhado 55
10.4 Parênteses 56
10.5 Travessão 56

10.6 Uso de siglas e acrônimos 56
10.6.1 Siglas e acrônimos em atos normativos 58
11 Sintaxe 58
11.1 Problemas de construção de frases 59
11.2 Sujeito preposicionado 60
11.3 Frases fragmentadas 61
11.4 Erros de paralelismo 61
11.5 Erros de comparação 64
11.6 Ambiguidade 64
11.7 Concordância 65
11.7.1 Concordância verbal 66
11.7.2 Concordância nominal 71
11.8 Regência 72
11.8.1 Regência de alguns verbos de uso frequente 73
11.9 Pontuação 77
11.9.1 Vírgula 77
11.9.2 Ponto e vírgula 79
11.9.3 Dois-pontos 79
11.9.4 Ponto de interrogação 80
11.9.5 Ponto de exclamação 80
11.10 Pronomes demonstrativos 80
11.10.1 Situação no espaço 80
11.10.2 Situação no tempo 81
11.10.3 Situação no texto 81
12 Semântica 82
12.1 Homônimos e parônimos 83
12.2 Expressões a evitar e expressões de uso recomendável 95
PARTE II _____ OS ATOS NORMATIVOS 101
Capítulo IV _____ FUNDAMENTOS DA ELABORAÇÃO NORMATIVA 102
13 Questões fundamentais da elaboração normativa 103
13.1 Considerações preliminares 103
13.2 Funções das normas jurídicas 104

13.3 O Caráter subsidiário da atividade legislativa 104
13.4 Vinculação normativa do legislador e controle de constitucionalidade 105
14 Requisitos da elaboração normativa 106
14.1 Clareza e determinação das normas 106
14.2 Princípio da reserva legal 107
14.2.1 Reserva legal qualificada 107
14.2.2 Princípio da legalidade nos âmbitos penal, tributário e administrativo 107
14.2.3 Reserva legal e princípio da proporcionalidade 108
14.2.4 Densidade da norma 108
14.2.5. A lei e o respeito ao direito adquirido, ao ato jurídico perfeito e à 108
15 Desenvolvimento de uma lei 109
15.1 Considerações preliminares 109
15.2 O processo legislativo interno 110
Capítulo V _____ TÉCNICA LEGISLATIVA E ATOS NORMATIVOS 122
16 Técnica legislativa 123
16.1 Sistemática interna da lei 123
16.2 Sistemática externa da lei 123
17 Tópicos de técnica legislativa 130
17.1 Alteração normativa 130
17.2 Retificação e republicação 131
18 Apostila 132
18.1 Definição e finalidade 132
18.2 Forma e estrutura 132
19 Atos normativos 133
19.1 Forma e estrutura 133
20 Lei ordinária 141
20.1 Definição 141
20.2 Objeto 141
21 Lei complementar 142
21.1 Definição 142
21.2 Objeto 142
22 Lei delegada 143

22.1 Definição 144
22.2 Objeto 144
23 Medida provisória 145
23.1 Definição 145
23.2 Objeto 145
24 Decreto 146
24.1 Definição 146
24.2 Decretos singulares ou de efeitos concretos 146
24.3 Decretos regulamentares 146
24.4 Decretos autônomos 146
25 Portaria 147
25.1 Definição e objeto 147
Capítulo VI _____ O PROCESSO LEGISLATIVO 151
26 Introdução 152
27 Iniciativa 152
27.1 Iniciativa comum ou concorrente 153
27.2 Iniciativa reservada 153
28 Discussão 154
29 Emenda 154
29.1 Titularidade do direito de emenda 154
29.1.2 Emendas ao projeto de lei de orçamento anual e ao de lei de diretr 154
29.1.3 Emendas a projeto de lei de conversão de medida provisória 154
29.2 Espécies de emendas 155
30 Votação 155
31 Sanção 155
31.1 Sanção expressa 156
31.2 Sanção tácita 157
31.3 Sanção e vício de iniciativa 157
32 Veto 157
32.1 Motivação e prazo do veto 158
32.2 Extensão do veto 158
32.3 Efeitos do veto 158

32.4 Irretratabilidade do veto 159
32.5 Rejeição do veto 159
32.6 Ratificação parcial do projeto vetado 160
32.7 Ratificação parcial de veto total 161
32.8 Tipologia do veto 161
33 Promulgação 161
33.1 Obrigação de promulgar 161
33.2 Casos e formas de promulgação 162
34 Publicação 163
34.1 Modalidade de publicação 163
34.2 Obrigação de publicar e prazo de publicação 163
34.3 Publicação e entrada em vigor da lei 163
34.4 Vacatio legis 163
34.4.1 A vacatio legis e as normas complementares, suplementares e regul 164
34.4.2 Vacatio legis e republicação do texto 164
34.5 Não edição do ato regulamentar reclamado e a vigência da lei 164
35 Procedimento legislativo 165
35.1 Procedimento legislativo normal 165
35.2 Procedimento legislativo abreviado 166
35.3 Procedimento legislativo sumário 166
35.4 Procedimento legislativo sumaríssimo 167
35.5 Procedimento legislativo concentrado 168
35.5.1 Leis financeiras 168
35.5.2 Leis delegadas 168
35.6 Procedimento legislativo especial 169
35.6.1 Emendas à Constituição 169
35.6.2 Códigos 169
35.7 Medidas provisórias 169
35.8 Consolidações da Legislação . 171
Bibliografia 173
Índice analítico-remissivo 185

Prefácio

É com grande entusiasmo que recebo a incumbência de prefaciar a terceira edição do Manual de Redação da Presidência da República, vinte e sete anos após presidir a Comissão encarregada da primeira edição dessa obra. A Comissão era composta por profissionais exemplares e empenhados no sucesso da tarefa assumida, a quem agradeço nominalmente: Nestor José Forster Júnior, Carlos Eduardo Cruz de Souza Lemos, Heitor Duprat de Brito Pereira, Tarcisio Carlos de Almeida Cunha, João Bosco Martinato, Rui Ribeiro de Araújo, Luís Fernando Panelli César e Roberto Furian Ardenghy.

Instaurada, na primeira oportunidade, pelo Decreto nº 100.000, de 11 de janeiro de 1991, a iniciativa possuía o condão de rever, atualizar, uniformizar e simplificar as normas de redação de atos e comunicações oficiais. Foram nove meses de trabalho e dedicação, que resultaram em um texto conciso e didático.

O Manual conferiu maior segurança no seio da administração pública, uma vez que se trata de ferramenta teórico-referencial, que permite maior clareza e padronização tanto na produção dos atos de comunicação oficial quanto em seu cumprimento. Garante-se, nesse contexto, maior acessibilidade e assertividade aos atos administrativos.

Inspirado pelo êxito do Manual¸ o próprio Congresso Nacional editou lei complementar que dispunha sobre a elaboração, redação, alteração e consolidação de leis, bem como sobre normas para a consolidação de determinados atos normativos – a Lei Complementar nº 95, de 1998. Posteriormente, o diploma passou por reforma concretizada pela Lei Complementar nº 107, de 2001, que visou à modernização do texto.

Outrossim, no interregno entre a publicação da versão original do Manual e o presente momento, essa obra já passou por uma primeira revisão. A segunda edição do Manual de Redação da Presidência da República manteve a divisão do documento em duas partes: a primeira voltada a comunicações oficiais, a sistematização de seus aspectos essenciais, a padronização de expedientes e a simplificação de fechos; enquanto a segunda versava a respeito dos atos normativos do Poder Executivo e sua conceituação.

A primeira revisão ocorreu em 2002, motivada pelas alterações tecnológicas e legislativas da época. Por motivos semelhantes, passados dezesseis anos, verificou-se a necessidade de revisitar os termos postos no Manual, a fim de manter sua pertinência com as práticas e disposições atuais.

Muitas mudanças ocorreram. O Brasil inseriu-se na era da revolução digital, razão pela qual o uso da inteligência artificial e a automatização de processos alcançaram níveis surpreendentes. Os veículos de comunicação social foram alguns dos principais afetados por esse fenômeno, o que, definitivamente, impacta os meios e atos de comunicação oficial.

As alterações de ordem legislativa também foram substanciosas. A partir de 2003, foram publicadas sessenta emendas constitucionais, sobre os mais diversos assuntos.

Além disso, os órgãos de controle passaram a atuar de forma cada vez mais energética, visando ao fiel cumprimento da lei e fiscalizando os atos executivos. Práticas anteriormente usuais já não são mais aceitas.

Nessa conjuntura, a partir de modificações fáticas e legislativas, bem como de maior fiscalização estatal, instaurou-se um novo método de se fazer administração pública no Brasil. Pretende-se, pois, que a terceira edição do Manual de Redação da Presidência República possa refletir as evoluções ocorridas nas últimas duas décadas, repetindo o legado de êxito deixado pelas edições anteriores na construção de uma cultura administrativa profissional e obediente às normas da Constituição da República.

Gilmar Ferreira Mendes

Sinais e abreviaturas empregados

*****	indica forma (em geral sintática) inaceitável ou agramatical
§	parágrafo
adj. adv.	adjunto adverbial
arc.	arcaico
art.; arts.	artigo; artigos
cf.	confronte
CN	Congresso Nacional
Cp.	compare
EM	Exposição de Motivos
f.v.	forma verbal
fem.	feminino
ind.	indicativo
ICP-Brasil	Infraestrutura de Chaves Públicas Brasileira
masc.	masculino
obj. dir.	objeto direto
obj. ind.	objeto indireto
p.	página
p. us.	pouco usado
pess.	pessoa
pl.	plural
pref.	prefixo
pres.	presente
Res.	Resolução do Congresso Nacional
RICD	Regimento Interno da Câmara dos Deputados
RISF	Regimento Interno do Senado Federal
s.	substantivo
s.f.	substantivo feminino
s.m.	substantivo masculino
SEI!	Sistema Eletrônico de Informações
sing.	singular
tb.	também
v.	ver ou verbo
v. g.	*verbi gratia*
var. pop.	variante popular

PARTE I

AS COMUNICAÇÕES OFICIAIS

Capítulo I

ASPECTOS GERAIS DA REDAÇÃO OFICIAL

1

1 Panorama da comunicação oficial

A finalidade da língua é comunicar, quer pela fala, quer pela escrita. Para que haja comunicação, são necessários:

a) alguém que comunique;
b) algo a ser comunicado;
c) alguém que receba essa comunicação.

No caso da redação oficial, quem comunica é sempre o serviço público (este/esta ou aquele/aquela Ministério, Secretaria, Departamento, Divisão, Serviço, Seção); o que se comunica é sempre algum assunto relativo às atribuições do órgão que comunica; o destinatário dessa comunicação é o público, uma instituição privada ou outro órgão ou entidade pública, do Poder Executivo ou dos outros Poderes. Além disso, devem-se considerar a intenção do emissor e a finalidade do documento, para que o texto esteja adequado à situação comunicativa.

A necessidade de empregar determinado nível de linguagem nos atos e nos expedientes oficiais decorre, de um lado, do próprio caráter público desses atos e comunicações; de outro, de sua finalidade. Os atos oficiais, aqui entendidos como atos de caráter normativo, ou estabelecem regras para a conduta dos cidadãos, ou regulam o funcionamento dos órgãos e entidades públicos, o que só é alcançado se, em sua elaboração, for empregada a linguagem adequada. O mesmo se dá com os expedientes oficiais, cuja finalidade precípua é a de informar com clareza e objetividade.

2 O que é redação oficial

Em uma frase, pode-se dizer que redação oficial é a maneira pela qual o Poder Público redige comunicações oficiais e atos normativos Neste Manual, interessa-nos tratá-la do ponto de vista da administração pública federal.

A redação oficial não é necessariamente árida e contrária à evolução da língua. É que sua finalidade básica – comunicar com objetividade e máxima clareza – impõe certos parâmetros ao uso que se faz da língua, de maneira diversa daquele da literatura, do texto jornalístico, da correspondência particular etc.

Apresentadas essas características fundamentais da redação oficial, passemos à análise pormenorizada de cada um de seus atributos.

3 Atributos da redação oficial

A redação oficial deve caracterizar-se por:

- clareza e precisão;
- objetividade;
- concisão;
- coesão e coerência;
- impessoalidade;
- formalidade e padronização; e
- uso da norma padrão.

Fundamentalmente, esses atributos decorrem da Constituição, que dispõe, no art. 37: "A administração pública direta, indireta, de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios obedecerá aos princípios de legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência (...)". Sendo a publicidade, a impessoalidade e a eficiência princípios fundamentais de toda a administração pública, devem igualmente nortear a elaboração dos atos e das comunicações oficiais.

3.1 Clareza e precisão

CLAREZA

A clareza deve ser a qualidade básica de todo texto oficial. Pode-se definir como claro aquele texto que possibilita imediata compreensão pelo leitor. Não se concebe que um documento oficial ou um ato normativo de qualquer natureza seja redigido de forma obscura, que dificulte ou impossibilite sua compreensão. A transparência é requisito do próprio Estado de Direito: é inaceitável que um texto oficial ou um ato normativo não seja entendido pelos cidadãos. O princípio constitucional da publicidade não se esgota na mera publicação do texto, estendendo-se, ainda, à necessidade de que o texto seja claro.

Para a obtenção de clareza, sugerem-se:

a) utilizar palavras e expressões simples, em seu sentido comum, salvo quando o texto versar sobre assunto técnico, hipótese em que se utilizará nomenclatura própria da área;
b) usar frases curtas, bem estruturadas; apresentar as orações na ordem direta e evitar intercalações excessivas. Em certas ocasiões, para evitar ambiguidade, sugere-se a adoção da ordem inversa da oração;
c) buscar a uniformidade do tempo verbal em todo o texto;
d) não utilizar regionalismos e neologismos;
e) pontuar adequadamente o texto;
f) explicitar o significado da sigla na primeira referência a ela; e
g) utilizar palavras e expressões em outro idioma apenas quando indispensáveis, em razão de serem designações ou expressões de uso já consagrado ou de não terem exata tradução. Nesse caso, grafe-as em itálico, conforme orientações do subitem 10.2 deste Manual.

PRECISÃO

O atributo da precisão complementa a clareza e caracteriza-se por:

a) articulação da linguagem comum ou técnica para a perfeita compreensão da ideia veiculada no texto;
b) manifestação do pensamento ou da ideia com as mesmas palavras, evitando o emprego de sinonímia com propósito meramente estilístico; e
c) escolha de expressão ou palavra que não confira duplo sentido ao texto.

É indispensável, também, a releitura de todo o texto redigido. A ocorrência, em textos oficiais, de trechos obscuros provém principalmente da falta da releitura, o que tornaria possível sua correção. Na revisão de um expediente, deve-se avaliar se ele será de fácil compreensão por seu destinatário. O que nos parece óbvio pode ser desconhecido por terceiros. O domínio que adquirimos sobre certos assuntos, em decorrência de nossa experiência profissional, muitas vezes, faz com que os tomemos como de conhecimento geral, o que nem sempre é verdade. Explicite,

desenvolva, esclareça, precise os termos técnicos, o significado das siglas e das abreviações e os conceitos específicos que não possam ser dispensados.

A revisão atenta exige tempo. A pressa com que são elaboradas certas comunicações quase sempre compromete sua clareza. “Não há assuntos urgentes, há assuntos atrasados”, diz a máxima. Evite-se, pois, o atraso, com sua indesejável repercussão no texto redigido.

A clareza e a precisão não são atributos que se atinjam por si sós: elas dependem estritamente das demais características da redação oficial, apresentadas a seguir.

3.2 Objetividade

Ser objetivo é ir diretamente ao assunto que se deseja abordar, sem voltas e sem redundâncias. Para conseguir isso, é fundamental que o redator saiba de antemão qual é a ideia principal e quais são as secundárias.

Procure perceber certa hierarquia de ideias que existe em todo texto de alguma complexidade: as fundamentais e as secundárias. Essas últimas podem esclarecer o sentido daquelas, detalhá-las, exemplificá-las; mas existem também ideias secundárias que não acrescentam informação alguma ao texto, nem têm maior relação com as fundamentais, podendo, por isso, ser dispensadas, o que também proporcionará mais objetividade ao texto.

A objetividade conduz o leitor ao contato mais direto com o assunto e com as informações, sem subterfúgios, sem excessos de palavras e de ideias. É errado supor que a objetividade suprime a delicadeza de expressão ou torna o texto rude e grosseiro.

3.3 Concisão

A concisão é antes uma qualidade do que uma característica do texto oficial. Conciso é o texto que consegue transmitir o máximo de informações com o mínimo de palavras. Não se deve de forma alguma entendê-la como economia de pensamento, isto é, não se deve eliminar passagens substanciais do texto com o único objetivo de reduzi-lo em tamanho. Trata-se, exclusivamente, de excluir palavras inúteis, redundâncias e passagens que nada acrescentem ao que já foi dito.

Detalhes irrelevantes são dispensáveis: o texto deve evitar caracterizações e comentários supérfluos, adjetivos e advérbios inúteis, subordinação excessiva. A seguir, um exemplo[1] de período mal construído, prolixo:

Exemplo:

Apurado, com impressionante agilidade e precisão, naquela tarde de 2009, o resultado da consulta à população acriana, verificou-se que a esmagadora e ampla maioria da população daquele distante estado manifestou-se pela efusiva e indubitável rejeição da alteração realizada pela Lei nº 11.662/2008. Não satisfeita, inconformada e indignada, com a nova hora Exemplo:

[1] O exemplo de período mal construído foi elaborado, para fins didáticos, a partir do exemplo de período bem construído, por sua vez, extraído da Exposição de Motivos Interministerial nº 51/MCTI/MRE/MPOG, de 21 de dezembro de 2011 (BRASIL, 2011a).

legal vinculada ao terceiro fuso, a maioria da população do Acre demonstrou que a ela seria melhor regressar ao quarto fuso, estando cinco horas a menos que em Greenwich.

Nesse texto, há vários detalhamentos desnecessários, abusou-se no emprego de adjetivos (impressionante, esmagadora, ampla, inconformada, indignada), o que lhe confere carga afetiva injustificável, sobretudo em texto oficial, que deve primar pela impessoalidade. Eliminados os excessos, o período ganha concisão, harmonia e unidade:

Exemplo:

Apurado o resultado da consulta à população do Acre, verificou-se que a maioria da população manifestou-se pela rejeição da alteração realizada pela Lei nº 11.662, de 24 de abril de 2008. Não satisfeita com a nova hora legal vinculada ao terceiro fuso, a maioria daquela população demonstrou que a ela seria melhor regressar ao quarto fuso, cinco horas a menos que em Greenwich.

3.4 Coesão e coerência

É indispensável que o texto tenha coesão e coerência. Tais atributos favorecem a conexão, a ligação, a harmonia entre os elementos de um texto. Percebe-se que o texto tem coesão e coerência quando se lê um texto e se verifica que as palavras, as frases e os parágrafos estão entrelaçados, dando continuidade uns aos outros.

Alguns mecanismos que estabelecem a coesão e a coerência de um texto são: referência, substituição, elipse e uso de conjunção.

A referência diz respeito aos termos que se relacionam a outros necessários à sua interpretação. Esse mecanismo pode dar-se por retomada de um termo, relação com o que é precedente no texto, ou por antecipação de um termo cuja interpretação dependa do que se segue.

Exemplos:

O Deputado evitou a instalação da CPI da corrupção. Ele aguardou a decisão do Plenário.
O TCU apontou estas irregularidades: falta de assinatura e de identificação no documento.

A substituição é a colocação de um item lexical no lugar de outro(s) ou no lugar de uma oração.

Exemplos:

O Presidente assinou o acordo. O Chefe do Poder Executivo federal propôs reduzir as alíquotas.
O memorando está pronto. O documento trata da exoneração do servidor.
Os governadores decidiram acatar a decisão. Em seguida, os prefeitos fizeram o mesmo.

A elipse consiste na omissão de um termo recuperável pelo contexto.

Exemplo:

O decreto regulamenta os casos gerais; a portaria, os particulares.
(Na segunda oração, houve a omissão do verbo *regulamenta*).

Outra estratégia para proporcionar coesão e coerência ao texto é utilizar conjunção para estabelecer ligação entre orações, períodos ou parágrafos.

Exemplo:

O Embaixador compareceu à reunião, pois identificou o interesse de seu Governo pelo assunto.

3.5 Impessoalidade

A impessoalidade decorre de princípio constitucional (Constituição, art. 37), cujo significado remete a dois aspectos: o primeiro, à obrigatoriedade de que a administração pública proceda de modo a não privilegiar ou prejudicar ninguém, de que o seu norte seja, sempre, o interesse público; o segundo sentido é o da abstração da pessoalidade dos atos administrativos, pois, apesar de a ação administrativa ser exercida por intermédio de seus servidores, é resultado tão-somente da vontade estatal.

A redação oficial é elaborada sempre em nome do serviço público e sempre em atendimento ao interesse geral dos cidadãos. Sendo assim, os assuntos objetos dos expedientes oficiais não devem ser tratados de outra forma que não a estritamente impessoal.

Percebe-se, assim, que o tratamento impessoal que deve ser dado aos assuntos que constam das comunicações oficiais decorre:

a) da ausência de impressões individuais de quem comunica: embora se trate, por exemplo, de um expediente assinado por Chefe de determinada Seção, a comunicação é sempre feita em nome do serviço público que é feita a comunicação. Obtém-se, assim, uma desejável padronização, que permite que as comunicações elaboradas em diferentes setores da administração pública guardem entre si certa uniformidade;
b) da impessoalidade de quem recebe a comunicação: ela pode ser dirigida a um cidadão, sempre concebido como público, ou a uma instituição privada, a outro órgão ou a outra entidade pública. Em todos os casos, temos um destinatário concebido de forma homogênea e impessoal; e
c) do caráter impessoal do próprio assunto tratado: se o universo temático das comunicações oficiais se restringe a questões que dizem respeito ao interesse público, é natural não caber qualquer tom particular ou pessoal.

Não há lugar na redação oficial para impressões pessoais, como as que, por exemplo, constam de uma carta a um amigo, ou de um artigo assinado de jornal, ou mesmo de um texto literário. A redação oficial deve ser isenta da interferência da individualidade de quem a elabora. A concisão, a clareza, a objetividade e a formalidade de que nos valemos para elaborar os expedientes oficiais contribuem, ainda, para que seja alcançada a necessária impessoalidade.

3.6 Formalidade e padronização

As comunicações administrativas devem ser sempre formais, isto é, obedecer a certas regras de forma (BRASIL, 2015a). Isso é válido tanto para as comunicações feitas em meio eletrônico (por exemplo, o *e-mail* , o documento gerado no SEI!, o documento em html etc), quanto para os eventuais documentos impressos.

É imperativa, ainda, certa formalidade de tratamento. Não se trata somente do correto emprego deste ou daquele pronome de tratamento para uma autoridade de certo nível, mais do que isso: a formalidade diz respeito à civilidade no próprio enfoque dado ao assunto do qual cuida a comunicação.

A formalidade de tratamento vincula-se, também, à necessária uniformidade das comunicações. Ora, se a administração pública federal é una, é natural que as comunicações que expeça sigam o mesmo padrão. O estabelecimento desse padrão, uma das metas deste Manual, exige que se atente para todas as características da redação oficial e que se cuide, ainda, da apresentação dos textos.

A digitação sem erros, o uso de papéis uniformes para o texto definitivo, nas exceções em que se fizer necessária a impressão, e a correta diagramação do texto são indispensáveis para a padronização. Consulte o Capítulo II, "As comunicações oficiais", a respeito de normas específicas para cada tipo de expediente.

Em razão de seu caráter público e de sua finalidade, os atos normativos e os expedientes oficiais requerem o uso do padrão culto do idioma, que acata os preceitos da gramática formal e emprega um léxico compartilhado pelo conjunto dos usuários da língua. O uso do padrão culto é, portanto, imprescindível na redação oficial por estar acima das diferenças lexicais, morfológicas ou sintáticas, regionais; dos modismos vocabulares e das particularidades linguísticas.

Recomendações:

- a língua culta é contra a pobreza de expressão e não contra a sua simplicidade;
- valer-se do padrão culto não significa empregar a língua de modo rebuscado ou utilizar figuras de linguagem próprias do estilo literário;
- o uso do dicionário e da gramática é imperativo na redação de um bom texto.

Pode-se concluir que não existe propriamente um padrão oficial de linguagem, o que há é o uso da norma padrão nos atos e nas comunicações oficiais. É claro que haverá preferência pelo uso de determinadas expressões, ou será obedecida certa tradição no emprego das formas sintáticas, mas isso não implica, necessariamente, que se consagre a utilização de uma forma de linguagem burocrática. O jargão burocrático, como todo jargão, deve ser evitado, pois terá sempre sua compreensão limitada.

Capítulo II

AS COMUNICAÇÕES OFICIAIS

2

4 Introdução

A redação das comunicações oficiais deve, antes de tudo, seguir os preceitos explicitados no Capítulo I, "Aspectos gerais da redação oficial". Além disso, há características específicas de cada tipo de expediente, que serão tratadas em detalhe neste capítulo. Antes de passarmos à sua análise, vejamos outros aspectos comuns a quase todas as modalidades de comunicação oficial.

4.1 Pronomes de tratamento

Tradicionalmente, o emprego dos pronomes de tratamento adota a segunda pessoa do plural, de maneira indireta, para referenciar atributos da pessoa à qual se dirige. Na redação oficial, é necessário atenção para o uso dos pronomes de tratamento em três momentos distintos: no endereçamento, no vocativo e no corpo do texto. No vocativo, o autor dirige-se ao destinatário no início do documento. No corpo do texto, pode-se empregar os pronomes de tratamento em sua forma abreviada ou por extenso. O endereçamento é o texto utilizado no envelope que contém a correspondência oficial.

A seguir, alguns exemplos de utilização de pronomes de tratamento no texto oficial.

Autoridade	Endereçamento	Vocativo	Tratamento no corpo do texto	Abreviatura
Presidente da República	A Sua Excelência o Senhor	Excelentíssimo Senhor Presidente da República,	Vossa Excelência	Não se usa
Presidente do Congresso Nacional	A Sua Excelência o Senhor	Excelentíssimo Senhor Presidente do Congresso Nacional,	Vossa Excelência	Não se usa
Presidente do Supremo Tribunal Federal	A Sua Excelência o Senhor	Excelentíssimo Senhor Presidente do Supremo Tribunal Federal,	Vossa Excelência	Não se usa
Vice-Presidente da República	A Sua Excelência o Senhor	Senhor Vice-Presidente da República,	Vossa Excelência	V.Exa.
Ministro de Estado	A Sua Excelência o Senhor	Senhor Ministro,	Vossa Excelência	V.Exa.
Secretário-Executivo de Ministério e demais ocupantes de cargos de natureza especial	A Sua Excelência o Senhor	Senhor Secretário-Executivo,	Vossa Excelência	V.Exa.

Autoridade	Endereçamento	Vocativo	Tratamento no corpo do texto	Abreviatura
Embaixador	A Sua Excelência o Senhor	Senhor Embaixador,	Vossa Excelência	V.Exa.
Oficial-General das Forças Armadas	A Sua Excelência o Senhor	Senhor + Posto,	Vossa Excelência	V.Exa.
Outros postos militares	Ao Senhor	Senhor + Posto,	Vossa Senhoria	V.Sa.
Senador da República	A Sua Excelência o Senhor	Senhor Senador,	Vossa Excelência	V.Exa.
Deputado Federal	A Sua Excelência o Senhor	Senhor Deputado,	Vossa Excelência	V.Exa.
Ministro do Tribunal de Contas da União	A Sua Excelência o Senhor	Senhor Ministro do Tribunal de Contas da União,	Vossa Excelência	V.Exa.
Ministro dos Tribunais Superiores	A Sua Excelência o Senhor	Senhor Ministro,	Vossa Excelência	V. Exa.

Os exemplos acima são meramente exemplificativos. A profusão de normas estabelecendo hipóteses de tratamento por meio do pronome "Vossa Excelência" para categorias especifícas tornou inviável arrolar todas as hipóteses.

4.1.1 Concordância com os pronomes de tratamento

Os pronomes de tratamento apresentam certas peculiaridades quanto às concordâncias verbal, nominal e pronominal. Embora se refiram à segunda pessoa gramatical (à pessoa com quem se fala), levam a concordância para a terceira pessoa. Os pronomes Vossa Excelência ou Vossa Senhoria são utilizados para se comunicar diretamente com o receptor.

Exemplo:

Vossa Senhoria designará o assessor.

Da mesma forma, os pronomes possessivos referidos a pronomes de tratamento são sempre os da terceira pessoa.

Exemplo:

Vossa Senhoria designará seu substituto. (E não "Vossa Senhoria designará vosso substituto")

Já quanto aos adjetivos referidos a esses pronomes, o gênero gramatical deve coincidir com o sexo da pessoa a que se refere, e não com o substantivo que compõe a locução.

Exemplos:

Se o interlocutor for homem, o correto é: Vossa Excelência está atarefado.
Se o interlocutor for mulher: Vossa Excelência está atarefada.

O pronome Sua Excelência é utilizado para se fazer referência a alguma autoridade (indiretamente).

Exemplo:

A Sua Excelência o Ministro de Estado Chefe da Casa Civil (por exemplo, no endereçamento do expediente)

4.2 Signatário

4.2.1 Cargos interino e substituto

Na identificação do signatário, depois do nome do cargo, é possível utilizar os termos interino e substituto, conforme situações a seguir: interino é aquele nomeado para ocupar transitoriamente cargo público durante a vacância; substituto é aquele designado para exercer as atribuições de cargo público vago ou no caso de afastamento e impedimentos legais ou regulamentares do titular. Esses termos devem ser utilizados depois do nome do cargo, sem hífen, sem vírgula e em minúsculo.

Exemplos:

Diretor-Geral interino
Secretário-Executivo substituto

4.2.2 Signatárias do sexo feminino

Na identificação do signatário, o cargo ocupado por pessoa do sexo feminino deve ser flexionado no gênero feminino.

Exemplos:

Ministra de Estado
Secretária-Executiva interina
Técnica Administrativa
Coordenadora Administrativa

4.3 Grafia de cargos compostos

Escrevem-se com hífen:

a) cargos formados pelo adjetivo “geral”: diretor-geral, relator-geral, ouvidor-geral;

b) postos e gradações da diplomacia: primeiro-secretário, segundo-secretário;
c) postos da hierarquia militar: tenente-coronel, capitão-tenente;

Atenção: nomes compostos com elemento de ligação preposicionado ficam sem hífen: general de exército, general de brigada, tenente-brigadeiro do ar, capitão de mar e guerra;

d) cargos que denotam hierarquia dentro de uma empresa: diretor-presidente, diretor-adjunto, editor-chefe, editor-assistente, sócio-gerente, diretor-executivo;
e) cargos formados por numerais: primeiro-ministro, primeira-dama;
f) cargos formados com os prefixos "ex" ou "vice": ex-diretor, vice-coordenador.

O novo Acordo Ortográfico tornou opcional o uso de iniciais maiúsculas em palavras usadas reverencialmente, por exemplo para cargos e títulos (exemplo: o Presidente francês ou o presidente francês). Porém, em palavras com hífen, após se optar pelo uso da maiúscula ou da minúscula, deve-se manter a escolha para a grafia de todos os elementos hifenizados: pode-se escrever "Vice-Presidente" ou "vice-presidente", mas não "Vice-presidente".

4.4 Vocativo

O vocativo é uma invocação ao destinatário. Nas comunicações oficiais, o vocativo será sempre seguido de vírgula.

Em comunicações dirigidas aos Chefes de Poder, utiliza-se a expressão Excelentíssimo Senhor ou Excelentíssima Senhora e o cargo respectivo, seguidos de vírgula.

Exemplos:

Excelentíssimo Senhor Presidente da República,
Excelentíssimo Senhor Presidente do Congresso Nacional,
Excelentíssimo Senhor Presidente do Supremo Tribunal Federal,

As demais autoridades, mesmo aquelas tratadas por Vossa Excelência, receberão o vocativo Senhor ou Senhora seguido do cargo respectivo.

Exemplos:

Senhora Senadora,
Senhor Juiz,
Senhora Ministra,

Na hipótese de comunicação com particular, pode-se utilizar o vocativo Senhor ou Senhora e a forma utilizada pela instituição para referir-se ao interlocutor: beneficiário, usuário, contribuinte, eleitor etc.

Exemplos:

Senhora Beneficiária,
Senhor Contribuinte,

Ainda, quando o destinatário for um particular, no vocativo, pode-se utilizar Senhor ou Senhora seguido do nome do particular ou pode-se utilizar o vocativo "Prezado Senhor" ou "Prezada Senhora".

Exemplos:

Senhora [Nome],
Prezado Senhor,

Em comunicações oficiais, está abolido o uso de Digníssimo (DD) e de Ilustríssimo (Ilmo.).

Evite-se o uso de "doutor" indiscriminadamente. O tratamento por meio de Senhor confere a formalidade desejada.

5 O padrão ofício

Até a segunda edição deste Manual, havia três tipos de expedientes que se diferenciavam antes pela finalidade do que pela forma: o ofício, o aviso e o memorando. Com o objetivo de uniformizá-los, deve-se adotar nomenclatura e diagramação únicas, que sigam o que chamamos de padrão ofício.

A distinção básica anterior entre os três era:

a) aviso: era expedido exclusivamente por Ministros de Estado, para autoridades de mesma hierarquia;
b) ofício: era expedido para e pelas demais autoridades; e
c) memorando: era expedido entre unidades administrativas de um mesmo órgão.

Nesta nova edição ficou abolida aquela distinção e passou-se a utilizar o termo ofício nas três hipóteses.

A seguir, será apresentada a estrutura do padrão ofício, de acordo com a ordem com que cada elemento aparece no documento oficial.

5.1 Partes do documento no padrão ofício

5.1.1 Cabeçalho

O cabeçalho é utilizado apenas na primeira página do documento, centralizado na área determinada pela formatação (ver subitem "5.2 Formatação e apresentação").

No cabeçalho deverão constar os seguintes elementos:

a) brasão de Armas da República[2]: no topo da página. Não há necessidade de ser aplicado em cores. O uso de marca da instituição deve ser evitado na correspondência oficial para não se sobrepor ao Brasão de Armas da República.

[2] O desenho oficial atualizado do Brasão de Armas da República pode ser localizado no sítio eletrônico da Presidência da República, na seção Símbolos Nacionais. Disponível em: <http://www2.planalto.gov.br/acervo/simbolos-nacionais/brasao/brasao-da-republica>. No caso de documento a ser impresso, exclusivamente quando o signatário for o Presidente da República, Ministro de Estado ou a autoridade máxima de autarquia, será utilizado timbre em relevo branco, nos termos do disposto no Decreto nº 80.739, de 14 de novembro de 1977.

b) nome do órgão principal;
c) nomes dos órgãos secundários, quando necessários, da maior para a menor hierarquia, separados por barra (/); e
d) espaçamento: entrelinhas simples (1,0).

Exemplo:

[Nome do órgão]
[Secretaria/Departamento/Setor/Entidade]

Os dados do órgão, tais como endereço, telefone, endereço de correspondência eletrônica, sítio eletrônico oficial da instituição, podem ser informados no rodapé do documento.

5.1.2 Identificação do expediente

Os documentos oficiais devem ser identificados da seguinte maneira:

a) nome do documento: tipo de expediente por extenso, com todas as letras maiúsculas;
b) indicação de numeração: abreviatura da palavra "número", padronizada como Nº;
c) informações do documento: número, ano (com quatro dígitos) e siglas usuais do setor que expede o documento, da menor para a maior hierarquia, separados por barra (/); e
d) alinhamento: à margem esquerda da página.

Exemplo:

OFÍCIO Nº 652/2018/SAA/SE/MT

5.1.3 Local e data do documento

Na grafia de datas em um documento, o conteúdo deve constar da seguinte forma:

a) composição: local e data do documento;
b) informação de local: nome da cidade onde foi expedido o documento, seguido de vírgula. Não se deve utilizar a sigla da unidade da federação depois do nome da cidade;
c) dia do mês: em numeração ordinal se for o primeiro dia do mês e em numeração cardinal para os demais dias do mês. Não se deve utilizar zero à esquerda do número que indica o dia do mês;
d) nome do mês: deve ser escrito com inicial minúscula;
e) pontuação: coloca-se ponto-final depois da data; e
f) alinhamento: o texto da data deve ser alinhado à margem direita da página.

Exemplo: Brasília, 2 de fevereiro de 2018.

5.1.4 Endereçamento

O endereçamento é a parte do documento que informa quem receberá o expediente. Nele deverão constar os seguintes elementos:

a) vocativo: na forma de tratamento adequada para quem receberá o expediente (ver subitem "4.1 Pronomes de tratamento");
b) nome: nome do destinatário do expediente;
c) cargo: cargo do destinatário do expediente;
d) endereço: endereço postal de quem receberá o expediente, dividido em duas linhas:
   primeira linha: informação de localidade/logradouro do destinatário ou, no caso de ofício ao mesmo órgão, informação do setor;
   segunda linha: CEP e cidade/unidade da federação, separados por espaço simples. Na separação entre cidade e unidade da federação pode ser substituída a barra pelo ponto ou pelo travessão. No caso de ofício ao mesmo órgão, não é obrigatória a informação do CEP, podendo ficar apenas a informação da cidade/unidade da federação; e
e) alinhamento: à margem esquerda da página.

O pronome de tratamento no endereçamento das comunicações dirigidas às autoridades tratadas por Vossa Excelência terá a seguinte forma: "A Sua Excelência o Senhor" ou "A Sua Excelência a Senhora".

Quando o tratamento destinado ao receptor for Vossa Senhoria, o endereçamento a ser empregado é "Ao Senhor" ou "À Senhora". Ressalte-se que não se utiliza a expressão "A Sua Senhoria o Senhor" ou "A Sua Senhoria a Senhora".

Exemplos:

A Sua Excelência o Senhor	À Senhora	Ao Senhor
[Nome]	[Nome]	[Nome]
Ministro de Estado da Justiça	Diretora de Gestão de Pessoas	Chefe da Seção de Compras
Esplanada dos Ministérios Bloco T	SAUS Q. 3 Lote 5/6 Ed Sede I	Diretoria de Material, Seção
70064-900 Brasília/DF	70070-030 Brasília. DF	Brasília — DF

5.1.5 Assunto

O assunto deve dar uma ideia geral do que trata o documento, de forma sucinta.
Ele deve ser grafado da seguinte maneira:

a) título: a palavra Assunto deve anteceder a frase que define o conteúdo do documento, seguida de dois-pontos;
b) descrição do assunto: a frase que descreve o conteúdo do documento deve ser escrita com inicial maiúscula, não se deve utilizar verbos e sugere-se utilizar de quatro a cinco palavras;
c) destaque: todo o texto referente ao assunto, inclusive o título, deve ser destacado em negrito;
d) pontuação: coloca-se ponto-final depois do assunto; e
e) alinhamento: à margem esquerda da página.

Exemplos:
Assunto: Encaminhamento do Relatório de Gestão julho/2018.
Assunto: Aquisição de computadores.

5.1.6 Texto do documento

O texto do documento oficial deve seguir a seguinte padronização de estrutura:

I – nos casos em que não seja usado para encaminhamento de documentos, o expediente deve conter a seguinte estrutura:

a) introdução: em que é apresentado o objetivo da comunicação. Evite o uso das formas: Tenho a honra de, Tenho o prazer de, Cumpre-me informar que. Prefira empregar a forma direta: Informo, Solicito, Comunico;
b) desenvolvimento: em que o assunto é detalhado; se o texto contiver mais de uma ideia sobre o assunto, elas devem ser tratadas em parágrafos distintos, o que confere maior clareza à exposição; e
c) conclusão: em que é afirmada a posição sobre o assunto.

II – quando forem usados para encaminhamento de documentos, a estrutura é modificada:

a) introdução: deve iniciar com referência ao expediente que solicitou o encaminhamento. Se a remessa do documento não tiver sido solicitada, deve iniciar com a informação do motivo da comunicação, que é **encaminhar**, indicando a seguir os dados completos do documento encaminhado (tipo, data, origem ou signatário e assunto de que se trata) e a razão pela qual está sendo encaminhado; e

Exemplos:

Em resposta ao Aviso nº 12, de 1º de fevereiro de 2018, encaminho cópia do Ofício nº 34, de 3 de abril de 2018, da Coordenação-Geral de Gestão de Pessoas, que trata da requisição do servidor Fulano de Tal.

Encaminho, para exame e pronunciamento, cópia do Ofício nº 12, de 1º de fevereiro de 2018, do Presidente da Confederação Nacional da Indústria, a respeito de projeto de modernização de técnicas agrícolas na região Nordeste.

b) desenvolvimento: se o autor da comunicação desejar fazer algum comentário a respeito do documento que encaminha, poderá acrescentar parágrafos de desenvolvimento. Caso contrário, não há parágrafos de desenvolvimento em expediente usado para encaminhamento de documentos.

III – tanto na estrutura I quanto na estrutura II, o texto do documento deve ser formatado da seguinte maneira:

a) alinhamento: justificado;
b) espaçamento entre linhas: simples;
c) parágrafos:
    i espaçamento entre parágrafos: de 6 pontos após cada parágrafo;
    ii recuo de parágrafo: 2,5 cm de distância da margem esquerda;
    iii numeração dos parágrafos: apenas quando o documento tiver três ou mais parágrafos, desde o primeiro parágrafo. Não se numeram o vocativo e o fecho;
d) fonte: Calibri ou Carlito;

i corpo do texto: tamanho 12 pontos;
ii citações recuadas: tamanho 11 pontos; e
iii notas de Rodapé: tamanho 10 pontos;

e) símbolos: para símbolos não existentes nas fontes indicadas, pode-se utilizar as fontes *Symbol* e *Wingdings*;

5.1.7 Fechos para comunicações

O fecho das comunicações oficiais objetiva, além da finalidade óbvia de arrematar o texto, saudar o destinatário. Os modelos para fecho anteriormente utilizados foram regulados pela Portaria nº 1, de 1937, do Ministério da Justiça, que estabelecia quinze padrões.

Com o objetivo de simplificá-los e uniformizá-los, este Manual estabelece o emprego de somente dois fechos diferentes para todas as modalidades de comunicação oficial:

a) Para autoridades de hierquia superior a do remetente, inclusive o Presidente da República:

Respeitosamente,

b) Para autoridades de mesma hierarquia, de hierarquia inferior ou demais casos:

Atenciosamente,

Ficam excluídas dessa fórmula as comunicações dirigidas a autoridades estrangeiras, que atendem a rito e tradição próprios.

O fecho da comunicação deve ser formatado da seguinte maneira:

a) alinhamento: alinhado à margem esquerda da página;
b) recuo de parágrafo: 2,5 cm de distância da margem esquerda;
c) espaçamento entre linhas: simples;
d) espaçamento entre parágrafos: de 6 pontos após cada parágrafo; e
e) não deve ser numerado.

5.1.8 Identificação do signatário

Excluídas as comunicações assinadas pelo Presidente da República, todas as demais comunicações oficiais devem informar o signatário segundo o padrão:

a) nome: nome da autoridade que as expede, grafado em letras maiúsculas, sem negrito. Não se usa linha acima do nome do signatário;
b) cargo: cargo da autoridade que expede o documento, redigido apenas com as iniciais maiúsculas. As preposições que liguem as palavras do cargo devem ser grafadas em minúsculas; e
c) alinhamento: a identificação do signatário deve ser centralizada na página.

Para evitar equívocos, recomenda-se não deixar a assinatura em página isolada do expediente. Transfira para essa página ao menos a última frase anterior ao fecho.

Exemplo:

(espaço para assinatura)
NOME
Ministro de Estado Chefe da Casa Civil da Presidência da República

(espaço para assinatura)
NOME
Coordenador-Geral de Gestão de Pessoas

5.1.9 Numeração das páginas

A numeração das páginas é obrigatória apenas a partir da segunda página da comunicação.

Ela deve ser centralizada na página e obedecer à seguinte formatação:

a) posição: no rodapé do documento, dentro da área de 2 cm da margem inferior; e
b) fonte: Calibri ou Carlito.

5.2 Formatação e apresentação

Os documentos do padrão ofício devem obedecer à seguinte formatação:

a) tamanho do papel: A4 (29,7 cm x 21,0 cm);
b) margem lateral esquerda: no mínimo, 3 cm de largura;
c) margem lateral direita: 1,5 cm;
d) margens superior e inferior: 2 cm;
e) área de cabeçalho: na primeira página, 5 cm a partir da borda superior do papel;
f) área de rodapé: nos 2 cm da margem inferior do documento;
g) impressão: na correspondência oficial, a impressão pode ocorrer em ambas as faces do papel. Nesse caso, as margens esquerda e direita terão as distâncias invertidas nas páginas pares (margem espelho);
h) cores: os textos devem ser impressos na cor preta em papel branco, reservando-se, se necessário, a impressão colorida para gráficos e ilustrações;
i) destaques: para destaques deve-se utilizar, sem abuso, o negrito. Deve-se evitar destaques com uso de itálico, sublinhado, letras maiúsculas, sombreado, sombra, relevo, bordas ou qualquer outra forma de formatação que afete a sobriedade e a padronização do documento;
j) palavras estrangeiras: palavras estrangeiras devem ser grafadas em itálico;
k) arquivamento: dentro do possível, todos os documentos elaborados devem ter o arquivo de texto preservado para consulta posterior ou aproveitamento de trechos para casos análogos. Deve ser utilizado, preferencialmente, formato de arquivo que possa ser lido e editado pela maioria dos editores de texto utilizados no serviço público, tais como DOCX, ODT ou RTF.
l) nome do arquivo: para facilitar a localização, os nomes dos arquivos devem ser formados da seguinte maneira:

tipo do documento + número do documento + ano do documento (com 4 dígitos) + palavras-chaves do conteúdo

Exemplo:
Ofício 123_2018_relatório produtividade anual

Seguem exemplos de Ofício:

2 cm

5 cm

Presidência da República
Casa Civil
Subchefia para Assuntos Jurídicos

OFÍCIO Nº 197/2018/SAJ/CC

1,5 cm

Brasília, 8 de agosto de 2018.

Ao Senhor
[Nome]
Chefe de Gabinete do Ministério dos Transportes
Esplanada dos Ministérios, Bloco R
70044-902 Brasília/DF

Assunto: Apresentação de novas funcionalidades do Sidof – Módulo I.

Senhor Chefe de Gabinete,

3 cm 2,5 cm

1 A Subchefia para Assuntos Jurídicos da Casa Civil da Presidência da República aprimorou o Sistema de Geração e Tramitação de Documentos Oficiais – Sidof, com a inserção de novas funcionalidades. Os novos recursos do sistema serão apresentados aos servidores em módulos organizados por esta Subchefia.

2 Convido os servidores do [nome do Ministério] para assistir à apresentação do primeiro módulo, a ser realizada em 10 de setembro de 2018, às 9h30, no Auditório desta Subchefia.

3 Para assegurar o credenciamento, solicito a esse órgão a indicação dos servidores que trabalham com o Sidof, até 28 de agosto de 2018, por meio do endereço eletrônico [endereço eletrônico]:

a) nome completo do servidor;

b) número de Cadastro de Pessoa Física;

c) *e-mail* institucional, unidade/órgão em que atua; e

d) *login* no Sidof (caso esteja cadastrado no Sistema).

2 cm

4 Caso o servidor ainda não seja cadastrado no Sistema, será necessário o envio de autorização da chefia imediata. O envio das informações solicitadas acima é fundamental para garantir a inscrição do servidor no evento.

Atenciosamente,

(espaço para assinatura)

[NOME DO SIGNATÁRIO]
[Cargo do Signatário]

2 cm

2 cm

1,5 cm

Ministério dos Direitos Humanos
[Secretaria/Departamento/Setor/Entidade]

OFÍCIO Nº 10.457/2018/MDH

Brasília, 3 de março de 2018.

A Sua Excelência o Senhor
[Nome]
Ministro de Estado
Esplanada dos Ministérios, Bloco X
70064-900 Brasília/DF

3 cm

Assunto: Debates sobre o Plano Nacional da Pessoa com Deficiência.

Senhor Ministro,

Convido Vossa Excelência a participar do lançamento do Ciclo de Debates sobre a Execução do Plano Nacional da Pessoa com Deficiência, a ser realizado em 15 de março de 2018, às 9 horas, no Auditório da Escola Nacional de Administração Pública (Enap), no Setor de Áreas Isoladas Sul, em Brasília.

O debate inicial faz parte de uma sequencia de cinco encontros, com o objetivo de acompanhar o desenvolvimento das diversas ações contidas no referido Plano.

Atenciosamente,

(espaço para assinatura)

[NOME DO SIGNATÁRIO]
[Ministro de Estado]

2

2 cm

2 cm

5 cm

[Nome do órgão]
[Secretaria/Departamento/Setor/Entidade]

OFÍCIO Nº 257/2018/CODOC/CC

Brasília, 3 de março de 2018.

À Sra. Diretora de Tecnologia
[Nome]
Esplanada dos Ministérios, Palácio do Planalto, DILOG
Brasília/DF

Assunto: Remanejamento de móvel.

Senhora Diretora,

3 cm 2,5 cm 1,5 cm

Solicito a criação de softwares para mensurar os índices de produtividade no âmbito desta Coordenação-Geral, de modo a disponibilizar informações gerenciais completas para todos os cadastros, tais como dados quantitativos de tempo de entrada e conclusão de tarefas, por usuário, por equipe, por tipo de ato, além de dados quantitativos e gráficos referentes às tarefas atribuídas e concluídas por usuário em determinado período de tempo e outras informações que possibilitem a produção de relatórios gerenciais, conforme especificação completa em anexo.

Respeitosamente,

(espaço para assinatura)

[NOME DO SIGNATÁRIO]
Coordenadora-Geral de Revisão de Atos Normativos

6 Tipos de documentos

6.1 Variações dos documentos oficiais

Os documentos oficiais podem ser identificados de acordo com algumas possíveis variações:

a) [NOME DO EXPEDIENTE] + CIRCULAR: Quando um órgão envia o mesmo expediente para mais de um órgão receptor. A sigla na epígrafe será apenas do órgão remetente.
b) [NOME DO EXPEDIENTE] + CONJUNTO: Quando mais de um órgão envia, conjuntamente, o mesmo expediente para um único órgão receptor. As siglas dos órgãos remetentes constarão na epígrafe.
c) [NOME DO EXPEDIENTE] + CONJUNTO CIRCULAR: Quando mais de um órgão envia, conjuntamente, o mesmo expediente para mais de um órgão receptor. As siglas dos órgãos remetentes constarão na epígrafe.

Exemplos:

OFÍCIO CIRCULAR Nº 652/2018/MEC
OFÍCIO CONJUNTO Nº 368/2018/SECEX/SAJ
OFÍCIO CONJUNTO CIRCULAR Nº 795/2018/CC/MJ/MRE

Nos expedientes circulares, por haver mais de um receptor, o órgão remetente poderá inserir no rodapé as siglas ou nomes dos órgãos que receberão o expediente.

6.2 Exposição de Motivos

6.2.1 Definição e finalidade

Exposição de motivos (EM) é o expediente dirigido ao Presidente da República ou ao Vice-Presidente para:

a) propor alguma medida;
b) submeter projeto de ato normativo à sua consideração; ou
c) informá-lo de determinado assunto.

A exposição de motivos é dirigida ao Presidente da República por um Ministro de Estado. Nos casos em que o assunto tratado envolva mais de um ministério, a exposição de motivos será assinada por todos os ministros envolvidos, sendo, por essa razão, chamada de interministerial.

Independentemente de ser uma EM com apenas um autor ou uma EM interministerial, a sequência numérica das exposições de motivos é única. A numeração começa e termina dentro de um mesmo ano civil.

6.2.2 Forma e estrutura

As exposições de motivos devem, obrigatoriamente:

a) apontar, na introdução: o problema que demanda a adoção da medida ou do ato normativo proposto; ou informar ao Presidente da República algum assunto;

b) indicar, no desenvolvimento: a razão de aquela medida ou de aquele ato normativo ser o ideal para se solucionar o problema e as eventuais alternativas existentes para equacioná-lo; ou fornecer mais detalhes sobre o assunto informado, quando for esse o caso; e

c) na conclusão: novamente, propor a medida a ser tomada ou o ato normativo a ser editado para solucionar o problema; ou apresentar as considerações finais no caso de EMs apenas informativas.

As Exposições de Motivos que encaminham proposições normativas devem seguir o prescrito no Decreto nº 9.191, de 1º de novembro de 2017. Em síntese, elas devem ser instruídas com parecer jurídico e parecer de mérito que permitam a adequada avaliação da proposta.

O atendimento dos requisitos do Decreto nº 9.191, de 2017, nas exposições de motivos que proponham a edição de ato normativo, tem como propósito :

a) permitir a adequada reflexão sobre o problema que se busca resolver;
b) ensejar avaliação das diversas causas do problema e dos efeitos que podem ter a adoção da medida ou a edição do ato, em consonância com as questões que devem ser analisadas na elaboração de proposições normativas no âmbito do Poder Executivo;
c) conferir transparência aos atos propostos;
d) resumir os principais aspectos da proposta; e
e) evitar a devolução a proposta de ato normativo para complementação ou reformulação da proposta.

Com relação ao padrão ofício de comunicação, nas exposições de motivos, o endereçamento utiliza apenas o pronome de tratamento, sem a necessidade de nome e cargo do receptor e não possui o campo Assunto.

A exposição de motivos é a principal modalidade de comunicação dirigida ao Presidente da República pelos ministros. Além disso, pode, em certos casos, ser encaminhada cópia ao Congresso Nacional ou ao Poder Judiciário.

Exemplo de exposição de motivos:

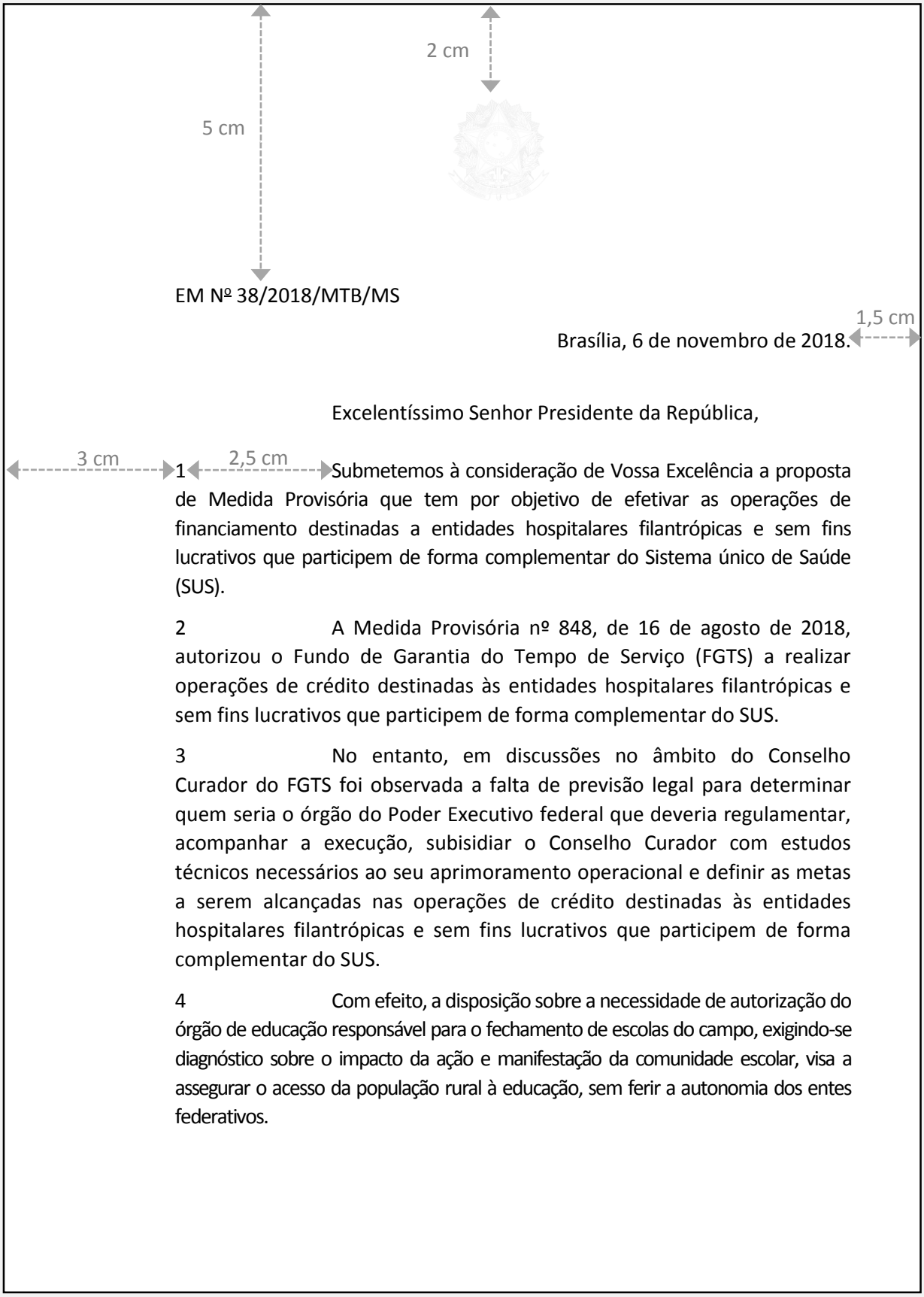

5 O presente Projeto de Lei representa medida importante para institucionalizar instrumentos de gestão voltados para a melhoria da qualidade da educação básica das populações do campo.

6 Essas, Excelentíssimo Senhor Presidente, são as razões que justificam o encaminhamento da presente proposta de ato normativo à consideração de Vossa Excelência.

Respeitosamente,

(espaço para assinatura)

[NOME DO SIGNATÁRIO]
[Ministro de Estado]

2 cm

6.2.3 Sistema de Geração e Tramitação de Documentos Oficiais (Sidof)

O Sistema de Geração e Tramitação de Documentos Oficiais (Sidof) é a ferramenta eletrônica utilizada para a elaboração, a redação, a alteração, o controle, a tramitação, a administração e a gerência das exposições de motivos com as propostas de atos a serem encaminhadas pelos Ministérios à Presidência da República.

Ao se utilizar o Sidof, a assinatura, o nome e o cargo do signatário, apresentados no exemplo do item 6.2.2, são substituídos pela assinatura eletrônica que informa o nome do ministro que assinou a exposição de motivos e do consultor jurídico que assinou o parecer jurídico da Pasta.

6.3 Mensagem

6.3.1 Definição e finalidade

A Mensagem é o instrumento de comunicação oficial entre os Chefes dos Poderes Públicos, notadamente as Mensagens enviadas pelo Chefe do Poder Executivo ao Poder Legislativo para informar sobre fato da administração pública; para expor o plano de governo por ocasião da abertura de sessão legislativa; para submeter ao Congresso Nacional matérias que dependem de deliberação de suas Casas; para apresentar veto; enfim, fazer comunicações do que seja de interesse dos Poderes Públicos e da Nação.

Minuta de mensagem pode ser encaminhada pelos ministérios à Presidência da República, a cujas assessorias caberá a redação final.

As mensagens mais usuais do Poder Executivo ao Congresso Nacional têm as seguintes finalidades:

a) Encaminhamento de proposta de emenda constitucional, de projeto de lei ordinária, de projeto de lei complementar e os que compreendem plano plurianual, diretrizes orçamentárias, orçamentos anuais e créditos adicionais:

Os projetos de lei ordinária ou complementar são enviados em regime normal (Constituição, art. 61) ou de urgência (Constituição, art. 64, §§ 1º a 4º). O projeto pode ser encaminhado sob o regime normal e, mais tarde, ser objeto de nova mensagem, com solicitação de urgência.

Em ambos os casos, a mensagem se dirige aos membros do Congresso Nacional, mas é encaminhada com aviso do Ministro de Estado Chefe da Casa Civil da Presidência da República ao Primeiro-Secretário da Câmara dos Deputados, para que tenha início sua tramitação (Constituição, art. 64, *caput*).

Quanto aos projetos de lei que compreendem plano plurianual, diretrizes orçamentárias, orçamentos anuais e créditos adicionais, as mensagens de encaminhamento dirigem-se aos membros do Congresso Nacional, e os respectivos avisos são endereçados ao Primeiro-Secretário do Senado Federal. A razão é que o art. 166 da Constituição impõe a deliberação congressual em sessão conjunta, mais precisamente, “na forma do regimento comum”. E à frente da Mesa do Congresso Nacional, está o Presidente do Senado Federal (Constituição, art. 57, § 5º), que comanda as sessões conjuntas.

b) Encaminhamento de medida provisória:

Para dar cumprimento ao disposto no art. 62 da Constituição, o Presidente da República encaminha Mensagem ao Congresso, dirigida a seus Membros, com aviso para o Primeiro-Secretário do Senado Federal, juntando cópia da medida provisória.

c) Indicação de autoridades:

As mensagens que submetem ao Senado Federal a indicação de pessoas para ocuparem determinados cargos (magistrados dos tribunais superiores, ministros do Tribunal de Contas da União, presidentes e diretores do Banco Central, Procurador-Geral da República, chefes de missão diplomática, diretores e conselheiros de agências, etc.) têm em vista que a Constituição, incisos III e IV do *caput* do art. 52, atribui àquela Casa do Congresso Nacional competência privativa para aprovar a indicação.

O *curriculum vitae* do indicado, assinado, com a informação do número de Cadastro de Pessoa Física, acompanha a mensagem.

d) Pedido de autorização para o Presidente ou o Vice-Presidente da República se ausentarem do país por mais de 15 dias:

Trata-se de exigência constitucional (Constituição, art. 49, *caput*, inciso III e art. 83), e a autorização é da competência privativa do Congresso Nacional. O Presidente da República, tradicionalmente, por cortesia, quando a ausência é por prazo inferior a 15 dias, faz uma comunicação a cada Casa do Congresso, enviando-lhes mensagens idênticas.

e) Encaminhamento de atos de concessão e de renovação de concessão de emissoras de rádio e TV:

A obrigação de submeter tais atos à apreciação do Congresso Nacional consta no inciso XII do *caput* do art. 49 da Constituição. Somente produzirão efeitos legais a outorga ou a renovação da concessão após deliberação do Congresso Nacional (Constituição, art. 223, § 3º). Descabe pedir na mensagem a urgência prevista na Constituição, art. 64, uma vez que o § 1º do art. 223 já define o prazo da tramitação. Além do ato de outorga ou renovação, acompanha a mensagem o correspondente processo administrativo.

f) Encaminhamento das contas referentes ao exercício anterior:

O Presidente da República tem o prazo de 60 dias após a abertura da sessão legislativa para enviar ao Congresso Nacional as contas referentes ao exercício anterior (Constituição, art. 84, *caput,* inciso XXIV), para exame e parecer da Comissão Mista permanente (Constituição, art. 166, § 1º), sob pena de a Câmara dos Deputados realizar a tomada de contas (Constituição, art. 51, *caput,* inciso II) em procedimento disciplinado no art. 215 do seu Regimento Interno.

g) Mensagem de abertura da sessão legislativa:

Deve conter o plano de governo, exposição sobre a situação do País e a solicitação de providências que julgar necessárias (Constituição, art. 84, inciso XI). O portador da mensagem é o Chefe da Casa Civil da Presidência da República. Esta mensagem difere das demais, porque vai encadernada e é distribuída a todos os congressistas em forma de livro.

h) Comunicação de sanção (com restituição de autógrafos):

Esta mensagem é dirigida aos Membros do Congresso Nacional, encaminhada por aviso ao Primeiro-Secretário da Casa onde se originaram os autógrafos. Nela se informa o número que tomou a lei e se restituem dois exemplares dos três autógrafos recebidos, nos quais o Presidente da República terá aposto o despacho de sanção.

i) Comunicação de veto:

Dirigida ao Presidente do Senado Federal (Constituição, art. 66, § 1º), a mensagem informa sobre a decisão de vetar, se o veto é parcial, quais as disposições vetadas, e as razões do veto. Seu texto é publicado na íntegra no Diário Oficial da União, ao contrário das demais mensagens, cuja publicação se restringe à notícia do seu envio ao Poder Legislativo.

j) Outras mensagens remetidas ao Legislativo:

- Apreciação de intervenção federal (Constituição, art. 36, § 2º).
- Encaminhamento de atos internacionais que acarretam encargos ou compromissos gravosos (Constituição, art. 49, *caput,* inciso I);
- Pedido de estabelecimento de alíquotas aplicáveis às operações e prestações interestaduais e de exportação (Constituição, art. 155, § 2º, inciso IV);
- Proposta de fixação de limites globais para o montante da dívida consolidada (Constituição, art. 52, *caput*, inciso VI);
- Pedido de autorização para operações financeiras externas (Constituição, art. 52, *caput*, inciso V);
- Convocação extraordinária do Congresso Nacional (Constituição, art. 57, § 6º);
- Pedido de autorização para exonerar o Procurador-Geral da República (Constituição, art. 52, inciso XI, e art. 128, § 2º);
- Pedido de autorização para declarar guerra e decretar mobilização nacional (Constituição, art. 84, inciso XIX);
- Pedido de autorização ou referendo para celebrar a paz (Constituição, art. 84, inciso XX);
- Justificativa para decretação do estado de defesa ou de sua prorrogação (Constituição, art. 136, § 4º);
- Pedido de autorização para decretar o estado de sítio (Constituição, art. 137);
- Relato das medidas praticadas na vigência do estado de sítio ou de defesa (Constituição, art. 141, parágrafo único);
- Proposta de modificação de projetos de leis que compreendem plano plurianual, diretrizes orçamentárias, orçamentos anuais e créditos adicionais (Constituição, art. 166, § 5º);
- Pedido de autorização para utilizar recursos que ficarem sem despesas correspondentes, em decorrência de veto, emenda ou rejeição do projeto de lei orçamentária anual (Constituição, art. 166, § 8º);
- Pedido de autorização para alienar ou conceder terras públicas com área superior a 2.500 ha (Constituição, art. 188, § 1º).

6.3.2 Forma e estrutura

As mensagens contêm:

a) brasão: timbre em relevo branco

b) identificação do expediente: MENSAGEM Nº, alinhada à margem esquerda, no início do texto;

c) vocativo: alinhado à margem esquerda, de acordo com o pronome de tratamento e o cargo do destinatário, com o recuo de parágrafo dado ao texto;

d) texto: iniciado a 2 cm do vocativo; e

e) local e data: posicionados a 2 cm do final do texto, alinhados à margem direita.

A mensagem, como os demais atos assinados pelo Presidente da República, não traz identificação de seu signatário.

Exemplo de mensagem:

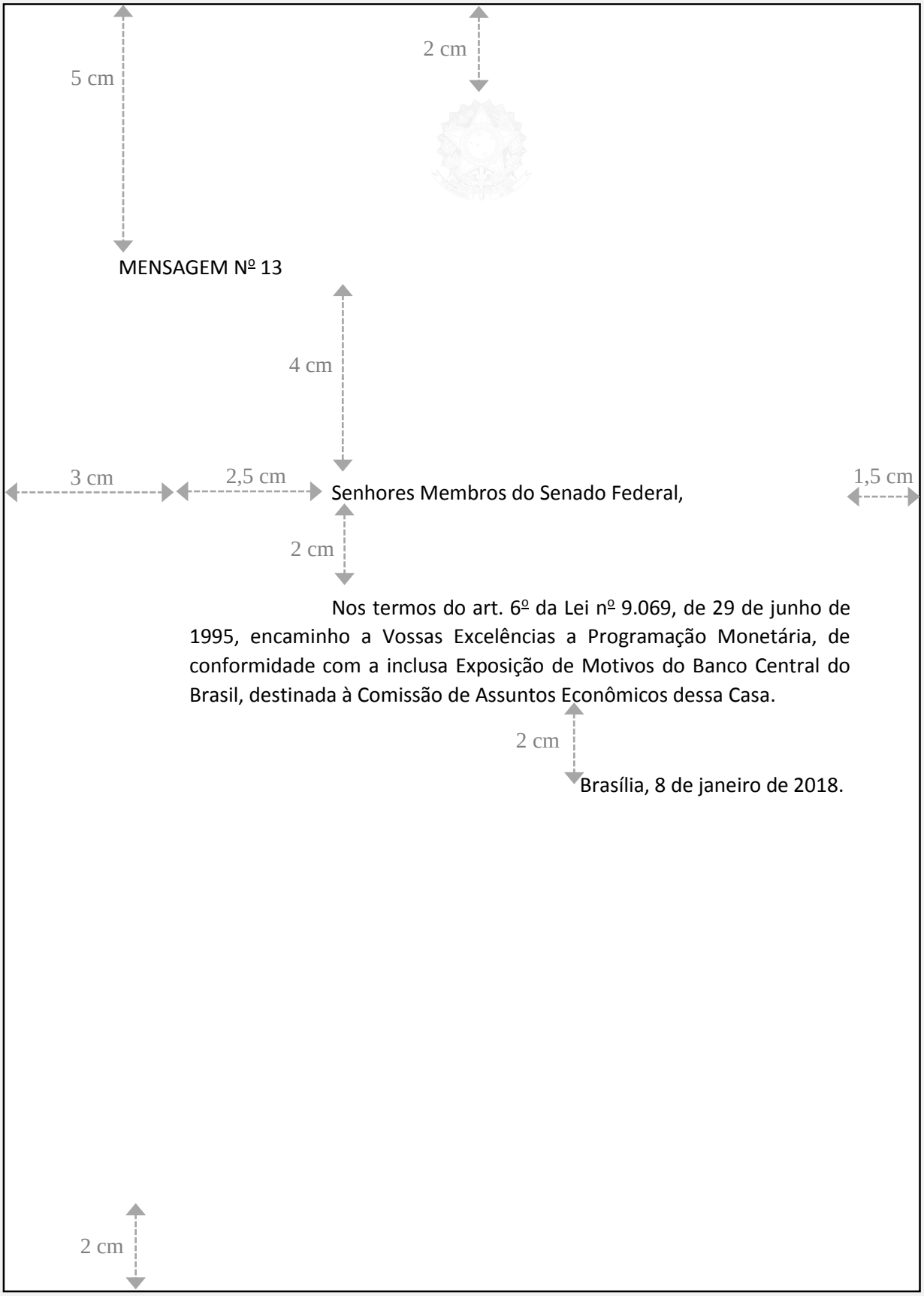

6.4 Correio eletrônico (*e-mail*)

6.4.1 Definição e finalidade

A utilização do *e-mail* para a comunicação tornou-se prática comum, não só em âmbito privado, mas também na administração pública. O termo *e-mail* pode ser empregado com três sentidos. Dependendo do contexto, pode significar gênero textual, endereço eletrônico ou sistema de transmissão de mensagem eletrônica.

Como gênero textual, o *e-mail* pode ser considerado um documento oficial, assim como o ofício e o memorando. Portanto, deve-se evitar o uso de linguagem incompatível com uma comunicação oficial.

Como endereço eletrônico utilizado pelos servidores públicos, o *e-mail* deve ser oficial, utilizando-se a extensão ".gov.br", por exemplo.

Como sistema de transmissão de mensagens eletrônicas, por seu baixo custo e celeridade, transformou-se na principal forma de envio e recebimento de documentos na administração pública.

6.4.2 Valor documental

Nos termos da Medida Provisória nº 2.200-2, de 24 de agosto de 2001, para que o e-mail tenha valor documental, isto é, para que possa ser aceito como documento original, é necessário existir certificação digital que ateste a identidade do remetente, segundo os parâmetros de integridade, autenticidade e validade jurídica da Infraestrutura de Chaves Públicas Brasileira – ICP-Brasil.

O destinatário poderá reconhecer como válido o e-mail sem certificação digital ou com certificação digital fora ICP-Brasil; contudo, caso haja questionamento, será obrigatório a repetição do ato por meio documento físico assinado ou por meio eletrônico reconhecido pela ICP-Brasil.

Salvo lei específica, não é dado ao ente público impor a aceitação de documento eletrônico que não atenda os parâmetros da ICP-Brasil.

6.4.3 Forma e estrutura

Um dos atrativos de comunicação por correio eletrônico é sua flexibilidade. Assim, não interessa definir padronização da mensagem comunicada. No entanto, devem-se observar algumas orientações quanto à sua estrutura.

6.4.3.1 Campo "Assunto"

O assunto deve ser o mais claro e específico possível, relacionado ao conteúdo global da mensagem. Assim, quem irá receber a mensagem identificará rapidamente do que se trata; quem a envia poderá, posteriormente, localizar a mensagem na caixa do correio eletrônico.

Deve-se assegurar que o assunto reflita claramente o conteúdo completo da mensagem para que não pareça, ao receptor, que se trata de mensagem não solicitada/lixo eletrônico. Em vez de "Reunião", um assunto mais preciso seria "Agendamento de reunião sobre a Reforma da Previdência".

6.4.3.2 Local e data

São desnecessários no corpo da mensagem, uma vez que o próprio sistema apresenta essa informação.

6.4.3.3 Saudação inicial/vocativo

O texto dos correios eletrônicos deve ser iniciado por uma saudação. Quando endereçado para outras instituições, para receptores desconhecidos ou para particulares, deve-se utilizar o vocativo conforme os demais documentos oficiais, ou seja, “Senhor” ou “Senhora”, seguido do cargo respectivo, ou “Prezado Senhor”, “Prezada Senhora”.

Exemplos:

Senhor Coordenador,
Prezada Senhora,

6.4.3.4 Fecho

Atenciosamente é o fecho padrão em comunicações oficiais. Com o uso do *e-mail*, popularizou-se o uso de abreviações como “Att.”, e de outros fechos, como “Abraços”, “Saudações”, que, apesar de amplamente usados, não são fechos oficiais e, portanto, não devem ser utilizados em *e-mails* profissionais.

O correio eletrônico, em algumas situações, aceita uma saudação inicial e um fecho menos formais. No entanto, a linguagem do texto dos correios eletrônicos deve ser formal, como a que se usaria em qualquer outro documento oficial.

6.4.3.5 Bloco de texto da assinatura

Sugere-se que todas as instituições da administração pública adotem um padrão de texto de assinatura. A assinatura do *e-mail* deve conter o nome completo, o cargo, a unidade, o órgão e o telefone do remetente.

Exemplo:

Maria da Silva
Assessora
Subchefia para Assuntos Jurídicos da Casa Civil
(61)XXXX-XXXX

6.4.4 Anexos

A possibilidade de anexar documentos, planilhas e imagens de diversos formatos é uma das vantagens do e-mail. A mensagem que encaminha algum arquivo deve trazer informações mínimas sobre o conteúdo do anexo.

Antes de enviar um anexo, é preciso avaliar se ele é realmente indispensável e se seria possível colocá-lo no corpo do correio eletrônico.

Deve-se evitar o tamanho excessivo e o reencaminhamento de anexos nas mensagens de resposta.

Os arquivos anexados devem estar em formatos usuais e que apresentem poucos riscos de segurança. Quando se tratar de documento ainda em discussão, os arquivos devem, necessariamente, ser enviados, em formato que possa ser editado.

6.4.5 Recomendações

- Sempre que necessário, deve-se utilizar recurso de confirmação de leitura. Caso não esteja disponível, deve constar da mensagem pedido de confirmação de recebimento;
- Apesar da imensa lista de fontes disponíveis nos computadores, mantêm-se a recomendação de tipo de fonte, tamanho e cor dos documentos oficiais: Calibri ou Carlito, tamanho 12, cor preta;
- Fundo ou papéis de parede eletrônicos não devem ser utilizados, pois não são apropriados para mensagens profissionais, além de sobrecarregar o tamanho da mensagem eletrônica;
- A mensagem do correio eletrônico deve ser revisada com o mesmo cuidado com que se revisam outros documentos oficiais;
- O texto profissional dispensa manifestações emocionais. Por isso, ícones e *emoticons* não devem ser utilizados;
- Os textos das mensagens eletrônicas não podem ser redigidos com abreviações como “vc”, “pq”, usuais das conversas na internet, ou neologismos, como “naum”, “eh”, “aki”;
- Não se deve utilizar texto em caixa alta para destaques de palavras ou trechos da mensagem pois denota agressividade de parte do emissor da comunicação.
- Evite-se o uso de imagens no corpo do e-mail, inclusive das Armas da República Federativa do Brasil e de logotipos do ente público junto ao texto da assinatura.
- Não devem ser remetidas mensagem com tamanho total que possa exceder a capacidade do servidor do destinatário.

Capítulo III

ELEMENTOS DE ORTOGRAFIA E GRAMÁTICA

3

7 Breve esclarecimento

Nesta seção, aplicam-se os princípios da ortografia e de certos capítulos da gramática à redação oficial. Em sua elaboração, levou-se em consideração amplo levantamento feito das dúvidas mais frequentes com relação à ortografia, à sintaxe e à semântica. Buscou-se, assim, dotar o manual de uma parte prática, à qual se possa recorrer sempre que houver incerteza quanto à grafia de determinada palavra, à melhor forma de estruturar uma frase, ou à adequada expressão a ser utilizada.

As noções gramaticais apresentadas neste capítulo referem-se à gramática padrão, entendida como o conjunto de regras fixado a partir das gramáticas normativas da Língua Portuguesa. Optou-se, assim, pelo emprego de certos conceitos da gramática dita tradicional (ou normativa). Sublinhemos, no entanto, que a gramática tradicional, ou mesmo toda teoria gramatical, são sempre secundárias em relação à gramática natural, ao saber intuitivo que confere competência linguística a todo falante nativo. Não há gramática que esgote o repertório de possibilidades de uma língua, e raras são as que contemplam as regularidades do idioma.

Saliente-se, por fim, que o mero conhecimento das regras gramaticais não é suficiente para que se escreva bem. No entanto, o domínio da ortografia, do vocabulário e da maneira de estruturar as frases certamente contribui para uma melhor redação. Tenha sempre presente que só se aprende ou se melhora a escrita escrevendo.

Cada uma das três seções seguintes apresenta uma breve exposição do assunto tratado, acompanhada dos exemplos correspondentes. Consulte-as sempre que tiver alguma dúvida. Se não for possível resolver sua dificuldade, recorra ao dicionário ou à obra específica.

8 Ortografia

A correção ortográfica é requisito elementar de qualquer texto, e ainda mais importante quando se trata de textos oficiais. Muitas vezes, uma simples troca de letras pode alterar não só o sentido da palavra, mas de toda uma frase. O que na correspondência particular seria apenas um lapso na digitação pode ter repercussões indesejáveis quando ocorre no texto de uma comunicação oficial ou de um ato normativo. Assim, toda revisão que se faça em determinado documento ou expediente deve sempre levar em conta também a correção ortográfica.

Sugere-se consultar o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (Volp)[3] ou outro dicionário para verificar a ortografia das palavras.

[3] Disponível em: <http://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>. Acesso em 24 out.2018.

9 Uso de sinais

9.1 Hífen

O hífen é um sinal usado para:

a) ligar os elementos de palavras compostas: vice-ministro;
b) para unir pronomes átonos a verbos: agradeceu-lhe; e
c) para, no final de uma linha, indicar a separação das sílabas de uma palavra em duas partes (a chamada translineação): com-/parar, gover-/no.

O hífen de composição vocabular ou de ênclise e mesóclise é repetido quando coincide com translineação:

Exemplo:

decreto-/-lei, exigem-/-lhe, far-/-se-á.

Analisamos, a seguir, o uso do hífen em alguns casos frequentes na redação oficial, conforme as regras do Acordo Ortográfico que entrou em vigor em 2009.

9.1.1 Hífen em compostos, locuções e encadeamentos vocabulares

Usa-se hífen em compostos, locuções e encadeamentos vocabulares, como:

a) na composição de palavras em que os elementos constitutivos mantêm sua acentuação própria, compondo, porém, novo sentido:

Exemplos:

abaixo-assinado
(abaixo assinado, sem hífen, tem o sentido de aquele que assina o documento em seu final: João Alves, abaixo assinado, requer...)
decreto-lei
matéria-prima
papel-moeda
salário-família

Observação: Certos compostos, em relação aos quais se perdeu, em certa medida, a noção de composição, grafam-se aglutinadamente:

Exemplos:

girassol	pontapé
madressilva	paraquedas
mandachuva	paraquedista

b) nos adjetivos gentílicos (que indicam nacionalidade, pátria, país, lugar ou região de procedência) quando derivados de nomes de lugar (topônimos) compostos:

Exemplos:

belo-horizontino	porto-riquenho
norte-americano	rio-grandense-do-norte

c) nas palavras compostas em que os adjetivos “geral” e “executivo” são acoplados a substantivo que indica função, lugar de trabalho ou órgão:

Exemplos:

Advocacia-Geral da União	Procurador-Geral
Diretor-Geral	Secretaria-Executiva
Secretaria-Geral	

d) nos compostos com os advérbios “bem” e “mal”, quando estes formam com a palavra seguinte uma unidade semântica e tal elemento começa por vogal ou “h”:

Exemplos:

bem-estar	mal-estar
bem-alinhado	mal-alinhado

No entanto, o advérbio “bem”, ao contrário de “mal”, pode não se aglutinar com palavras iniciadas por consoantes:

Exemplos:

bem-criado	malcriado
bem-visto	malvisto

e) nos compostos com os elementos “além”, “aquém”, “recém” e “sem”:

Exemplos:

além-Atlântico	aquém-mar	recém-casado	sem-cerimónia
além-mar	aquém-Pireneus	recém-nascido	sem-número
além-fronteiras	aquém-fronteiras	recém-operado	sem-vergonha

Não se usa hífen nas demais locuções de qualquer tipo:

Exemplos:

fim de semana	cor de vinho
capitão de mar e guerra	sala de jantar
cor de café com leite	

9.1.2 Hífen nas formações por prefixação, recomposição e sufixação

Os prefixos utilizados na Língua Portuguesa provieram do latim e do grego, línguas em que funcionavam como preposições ou advérbios, isto é, como vocábulos autônomos. Por essa razão, os prefixos têm significação precisa e exprimem, em regra, circunstâncias de lugar, modo, tempo, etc. Grande parte das palavras de nossa língua é formada a partir da utilização de um prefixo associado a outra palavra. Em muitos desses casos, é de rigor o emprego do hífen, seja para preservar a acentuação própria (tônica) do prefixo ou sua evidência semântica, seja para evitar pronúncia incorreta do vocábulo derivado. É comum o uso do hífen em:

- Formações com prefixos, como, por exemplo: ante-, anti-, circum-, co-, contra-, entre-, extra, hiper-, infra-, intra-, pós-, pré-, pró-, sobre-, sub-, super-, supra-, ultra-, etc.
- Formações por recomposição, isto é, com elementos não autônomos ou falsos prefixos, de origem grega e latina, tais como: aero-, agro-, arqui-, auto-, bio-, eletro-, geo-, hidro-, inter, macro-, maxi-, micro-, mini-, multi-, neo-, pan-, pluri-, proto-, pseudo-, retro-, semi-, tele-, etc.

A junção dos termos se dá com o uso do hífen apenas nos seguintes casos:

a) nas formações em que o segundo elemento começa por “h”:

Exemplos:

anti-higiênico extra-humano super-homem

Atenção: Não se usa o hífen em formações que contêm os prefixos “des-” e “in-” nas quais o segundo elemento perdeu o “h” inicial:

Exemplos:

desumano inábil
desumidificar inumano

b) nas formações em que o prefixo ou pseudoprefixo termina na mesma vogal com que se inicia o segundo elemento:

Exemplos:

anti-ibérico contra-almirante auto-observação

Atenção: Nas formações com o prefixo “co-”, este aglutina-se em geral com o segundo elemento mesmo quando iniciado por “o”:

Exemplos:

coobrigação coordenar
coocupante cooperar, cooperação

c) nas formações com os prefixos “circum-” e “pan-”, quando o segundo elemento começa por vogal, “m” ou “n” (além de “h”, caso já considerado):

Exemplos:

circum-escolar	pan-africano
circum-murado	pan-mágico
circum-navegação	pan-negritude

d) nas formações com os prefixos “ex-” e “vice-”:

Exemplos:

ex-almirante	vice-diretora
ex-diretor	vice-presidente
ex-hospedeira	vice-reitor
ex-presidente	
ex-primeiro-ministro	

e) nas formações com os prefixos tônicos acentuados graficamente “pós-”, “pré-” e “pró-”, quando o segundo elemento tem vida à parte (ao contrário do que acontece com as correspondentes formas átonas que se aglutinam com o elemento seguinte):

Exemplos:

pós-graduação	pré-vestibular
pós-tónico	pró-africano
pós-operatório	pró-ativo
pré-escolar	pró-europeu
pré-natal	

10 Formatação

10.1 Aspas

As aspas têm os seguintes empregos:

a) antes e depois de uma citação textual direta, quando esta tem até três linhas, sem utilizar itálico:

Exemplo:

> A Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988, no parágrafo único de seu art. 1º afirma: “Todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente”.

Se o texto original já contiver aspas, estas serão substituídas por aspas simples:

Exemplo:

> "As citações são os elementos retirados dos documentos pesquisados durante a leitura da documentação e que se revelaram 'úteis' para corroborar as ideias desenvolvidas pelo autor no decorrer do seu raciocínio" (SEVERINO, 2000, p. 110).
> O servidor informou: "O cidadão deverá assinalar 'concordo' ou 'discordo'".

Atenção: Quando a citação ocupar quatro ou mais linhas, deve-se optar pelo parágrafo recuado, sem aspas e sem itálico:

Exemplo:

> Já é tempo de zelarmos com mais assiduidade não só pelo polimento da frase, mas também, e principalmente, pela sua carga semântica, procurando dar aos jovens uma orientação capaz de levá-los a pensar com clareza e objetividade para terem o que dizer e poderem expressar-se com eficácia. (GARCIA, 1995).

b) quando necessário, para diferenciar títulos, termos técnicos, expressões fixas, definições, exemplificações e assemelhados:

Exemplo:

> O maior inteiro que divide simultaneamente cada membro de um conjunto é o "máximo divisor comum".

Não confundir o prefixo "ante", que significa "anterior", com "anti", "contra".
Para efeitos deste estudo, entenda-se por "pessoa com altas habilidades" aquela que...
Nem sempre se pode aplicar uma "normal ideal" no lugar de uma "norma real".

10.1.1 Posição das aspas em frase contendo citação

Quanto à correta posição das aspas em frase contendo citação, valem as seguintes regras:

a) quando o fim da citação, assinalado por ponto-final, ponto-de-interrogação ou ponto-de-exclamação, coincidir com o término da frase, as aspas se colocam após esses pontos e não se usa mais nenhum sinal de pontuação:

Exemplos:

> O Presidente anunciou: "Está encerrada a sessão."
> O Deputado perguntou: "Haverá sessão extraordinária amanhã?"
> O Ministro declarou, indignado: "Isto não pode acontecer!"

b) quando não fizerem parte da citação, o ponto-de-interrogação e o ponto-de-exclamação deverão vir depois das aspas:

Exemplos:
De quem é a famosa frase “Conhece-te a ti mesmo”?
É dos dominicanos ou dos beneditinos o lema “*Ora et labora*”?

c) quando a frase continuar após a citação, deve-se utilizar o ponto-de-interrogação ou de-exclamação desta, mas não o ponto-final:

Exemplos:

A máxima “Todo poder emana do povo” nunca deve ser esquecida pelos governantes.
A indagação histórica “Até tu?” ainda hoje é usada para indicar grande surpresa e indignação com alguém.

10.2 Itálico

Emprega-se itálico em:

a) títulos de publicações (livros, revistas, jornais, periódicos etc.) ou títulos de congressos, conferências, slogans, lemas sem o uso de aspas (com inicial maiúscula em todas as palavras, exceto nas de ligação):

Exemplos:

Foi publicada a nova edição da *Moderna Gramática Portuguesa*, de Evanildo Bechara.
O documento foi aprovado na *II Conferência Mundial para Pessoas com Deficiência*.

b) palavras e as expressões em latim ou em outras línguas estrangeiras não incorporadas ao uso comum na língua portuguesa ou não aportuguesadas.

Exemplos:

Détente, Mutatis mutandis,.*e-mail, show*, *check-in*, *caput*, *réveillon*, *site, status, juridificação*, *print*.

Em palavras estrangeiras ou de formação híbrida de uso comum ou aportuguesadas, não há necessidade de destaque, como, por exemplo: internet, mouse, déficit.

10.3 Negrito e sublinhado

Usa-se o negrito para realce de palavras e trechos.
Deve-se evitar o uso de sublinhado para realçar palavras e trechos em comunicações oficiais.

Atenção: Os recursos para destaque devem ser empregados com critério, pois o uso abusivo, além de poluir a página visualmente, pode retirar o efeito de destaque.

10.4 Parênteses

São empregados para intercalar, em um texto, explicações, indicações, comentários, observações, como por exemplo, indicar uma data, uma referência bibliográfica, uma sigla.

Exemplos:

Na última reunião (10 de novembro de 2018), tomou-se a decisão.
O Estado de Direito (Constituição, art. 1º) define-se pela submissão de todas as relações ao Direito.
A Presidência da República assinou o Acordo.

10.5 Travessão

O travessão, que é representado graficamente por um hífen prolongado (–), substitui parênteses, vírgulas, dois-pontos:

Exemplos:

O controle inflacionário – meta prioritária do Governo – será ainda mais rigoroso.
As restrições ao livre mercado – especialmente o de produtos tecnologicamente avançados – podem ser muito prejudiciais para a sociedade.

Não se usa hífen(-) no lugar de travessão(–).

10.6 Uso de siglas e acrônimos

Para padronizar o uso de siglas e acrônimos nos atos normativos, serão adotados os conceitos sugeridos pelo Manual de Elaboração de Textos da Consultoria Legislativa do Senado Federal (1999), em que:

a) sigla: constitui-se do resultado das somas das iniciais de um título; e

Exemplo:

Caixa Econômica Federal – CEF

b) acrônimo: constitui-se do resultado da soma de algumas sílabas ou partes dos vocábulos de um título.

Exemplo:

Agência Nacional de Vigilância Sanitária – Anvisa

Observa-se que:

- Não se deve fazer uso indiscriminado de siglas e acrônimos. Seu uso deverá restringir-se às formas já existentes e consagradas. No caso de atos normativos, recomenda-se desprezar as formas popularizadas que não estejam previstas em algum dispositivo legal.

- As siglas e os acrônimos devem ser escritos no mesmo corpo do texto, sem o uso de pontos intermediários ou finais.

- Dispensa-se o uso da expressão designada por extenso unicamente para representar nome de partidos políticos e de empresas comerciais quando a forma abreviada já se tornou sinônimo do próprio nome. Exceto quando tratar-se de empresas públicas ou estatais.

- Na primeira citação, a expressão designada deve vir escrita por extenso, de forma completa e correta, sempre antes de sua sigla ou acrônimo respectivo, que deve estar entre parênteses.

Exemplo:

Imposto Predial e Territorial Urbano – IPTU

A grafia das siglas deverá obedecer às seguintes regras:

a) siglas compostas por até três letras devem ser escritas em letras maiúsculas;

Exemplos:

Organização das Nações Unidas – ONU
Ordem dos Advogados do Brasil – OAB

b) siglas compostas por mais de três letras pronunciadas separadamente devem ser escritas em letras maiúsculas;

Exemplos:

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE
Instituto Nacional de Seguridade Social – INSS

c) siglas compostas por mais de três letras pronunciadas formando uma palavra devem ser escritas apenas com a inicial maiúscula;

Exemplo:

Agência Nacional de Aviação Civil – Anac

d) siglas em que haja leitura mista (parte é pronunciada pela letra e parte como palavra) podem ser grafadas com todas as letras maiúsculas;

Exemplos:

Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes – DNIT
Hospital Regional da Asa Norte – HRAN

Atenção: Excepcionalmente, pode haver a concorrência de letras maiúsculas e minúsculas na estrutura de sigla e acrônimo, a fim de evitar confusão com outros termos assemelhados.

Exemplo:

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

e) uso de siglas e acrônimos de órgãos estrangeiros

Devem-se empregar as siglas e os acrônimos dos órgãos estrangeiros na sua versão em português, que corresponde à expressão original traduzida. Entretanto, adota-se a forma abreviada original quando o seu uso for disseminado internacionalmente.

Exemplo:

Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep)

f) plural de siglas

Com sigla empregada no plural, admite-se o uso de s (minúsculo) de plural, sem apóstrofo:

Exemplo:

TREs (Tribunais Regionais Eleitorais), e não *TRE's*.

Esta regra não se aplica a siglas terminada com a letra *s,* caso em que o plural é definido pelo artigo.

Exemplo:

DVS (Destaques para Votação em Separado).

10.6.1 Siglas e acrônimos em atos normativos

Nos textos de atos normativos, o uso de siglas e acrônimos deve respeitar o disposto na alínea "e" do inciso II, do art. 14 do Decreto nº 9.191, de 2017:

1 não utilizar para designar órgãos da administração pública direta;
2 para entidades da administração pública indireta, utilizar apenas se previsto em lei;
3 não utilizar para designar ato normativo;
4 usar apenas se consagrado pelo uso geral e não apenas no âmbito de setor da administração pública ou de grupo social específico; e
5 na primeira menção, utilizar acompanhado da explicitação de seu significado.

Observe-se que as siglas e acrônimos utilizados para designar entidades da administração pública indireta devem ser postas segundo o previsto na lei de criação do ente.

11 Sintaxe

É a parte da Gramática que estuda a palavra, não em si, mas em relação às outras, que, com ela, se unem para exprimir o pensamento. É o capítulo mais importante da Gramática,

porque, ao disciplinar as relações entre as palavras, contribui de modo fundamental para a clareza da exposição e para a ordenação do pensamento.

É importante destacar que o conhecimento das regras gramaticais, sobretudo neste capítulo da sintaxe, é condição necessária para a boa redação, mas não constitui condição suficiente. A concisão, a clareza, a formalidade e a precisão, propriedades da redação oficial, somente serão alcançadas mediante a prática da escrita e a leitura de textos escritos em bom português.

Dominar bem o idioma, seja na forma falada, seja na forma escrita, não significa apenas conhecer exceções gramaticais: é imprescindível, isso sim, conhecer em profundidade as regularidades da língua. No entanto, como interessa aqui aplicar princípios gramaticais à redação oficial, trataremos, forçosamente, das referidas exceções e dos problemas sintáticos que com mais frequência são encontrados nos textos oficiais.

Veremos, a seguir, alguns pontos importantes da sintaxe, relativos à construção de frases, concordância, regência, pontuação e ao uso de pronomes demonstrativos.

11.1 Problemas de construção de frases

A clareza e a concisão na forma escrita são alcançadas principalmente pela construção adequada da frase, "a menor unidade autônoma da comunicação", na definição de Celso Pedro Luft (1989, p. 11).

A função essencial da frase é desempenhada pelo predicado, que, para Adriano da Gama Kury (1959, p. 153), pode ser entendido como "a enunciação pura de um fato qualquer". Sempre que a frase possuir pelo menos um verbo, recebe o nome de período, que terá tantas orações quantos forem os verbos não auxiliares que o constituem.

Outra função relevante é a do sujeito – mas não indispensável, pois há orações sem sujeito, ditas impessoais –, de quem se diz algo, cujo núcleo é sempre um substantivo. Sempre que o verbo o exigir, teremos nas orações substantivos (nomes ou pronomes) que desempenham a função de complementos (objetos direto e indireto, predicativo e complemento adverbial). Função acessória desempenham os adjuntos adverbiais, que vêm geralmente ao final da oração, mas que podem ser ou intercalados aos elementos que desempenham as outras funções, ou deslocados para o início da oração.

Temos, assim, a seguinte ordem de colocação dos elementos que compõem uma oração (os parênteses indicam os elementos que podem não ocorrer):

(sujeito) – verbo – (complementos) – (adjunto adverbial)

Podem ser identificados seis padrões[4] básicos para as orações pessoais, isto é, com sujeito, na Língua Portuguesa (a função que vem entre parênteses é facultativa e pode ocorrer em ordem diversa):

a) sujeito – verbo intransitivo – (adjunto adverbial);

Exemplo:

O Presidente – regressou – (ontem).

[4] A respeito de padrões oracionais, cf. LUFT, 2010, p. 7 ss.

b) sujeito – verbo transitivo direto – objeto direto – (adjunto adverbial);

Exemplo:

O Chefe da Divisão – assinou – o termo de posse – (na manhã de terça-feira).

c) sujeito – verbo transitivo indireto – objeto indireto – (adjunto adverbial);

Exemplo:

O Brasil – precisa – de gente honesta – (em todos os setores).

d) sujeito – verbo transitivo direto e indireto – obj. direto – obj. indireto – (adjunto adverbial);

Exemplo:

Os desempregados – entregaram – suas reivindicações – ao Deputado – (no Congresso).

e) sujeito – verbo transitivo indireto – complemento adverbial – (adjunto adverbial); e

Exemplo:

O Presidente – voltou – da Europa – (na sexta-feira).

f) sujeito – verbo de ligação – predicativo – (adjunto adverbial).

Exemplo:

O problema – será – resolvido – (prontamente).

Esses seriam os padrões básicos para as orações, ou seja, as frases que possuem apenas um verbo conjugado. Na construção de períodos, as várias funções podem ocorrer em ordem inversa às mencionadas, misturando-se e confundindo-se. Não interessa aqui a análise exaustiva de todos os padrões existentes na Língua Portuguesa. O que importa é fixar a ordem direta normal dos elementos nesses seis padrões básicos. Acrescente-se que períodos mais complexos, compostos por duas ou mais orações, em geral, podem ser reduzidos aos padrões básicos (de que derivam).

Os problemas mais frequentemente encontrados na construção de frases dizem respeito à má pontuação, à ambiguidade da ideia expressa, à elaboração de falsos paralelismos, erros de comparação etc. Decorrem, em geral, do desconhecimento da ordem das palavras na frase. Indicam-se, a seguir, alguns desses defeitos mais comuns e recorrentes na construção de frases, registrados em documentos oficiais.

11.2 Sujeito preposicionado

Como dito, o sujeito é o ser de quem se fala ou que executa a ação enunciada na oração. De acordo com a gramática normativa, o sujeito da oração não pode ser preposicionado. Ele pode ter complemento, mas não ser complemento. Devem ser evitadas, portanto, construções com sujeito preposicionado, como:

Errado: É tempo do Congresso votar a emenda.
Certo: É tempo de o Congresso votar a emenda.

Errado: Apesar das relações entre os países estarem cortadas, (...).
Certo: Apesar de as relações entre os países estarem cortadas, (...).

Errado: Não vejo mal no Governo proceder assim.
Certo: Não vejo mal em o Governo proceder assim.

Errado: Antes destes requisitos serem cumpridos, (...).
Certo: Antes de estes requisitos serem cumpridos, (...).

Errado: Apesar da Assessoria ter informado em tempo, (...).
Certo: Apesar de a Assessoria ter informado em tempo, (...).

11.3 Frases fragmentadas

A fragmentação de frases "consiste em pontuar uma oração subordinada ou uma simples locução como se fosse uma frase completa" (MORENO; GUEDES, 1988, p. 68). Decorre da pontuação errada de uma frase simples. Embora seja usada como recurso estilístico na literatura, a fragmentação de frases devem ser evitada nos textos oficiais, pois muitas vezes dificulta
a compreensão.

Errado: O Programa recebeu a aprovação do Congresso Nacional. Depois de ser longamente debatido.
Certo: O Programa recebeu a aprovação do Congresso Nacional, depois de ser longamente debatido.
Certo: Depois de ser longamente debatido, o Programa recebeu a aprovação do Congresso Nacional.

Errado: O Projeto de Convenção foi oportunamente submetido ao Presidente da República, que o aprovou. Consultadas as áreas envolvidas na elaboração do texto legal.
Certo: O Projeto de Convenção foi oportunamente submetido ao Presidente da República, que o aprovou, consultadas as áreas envolvidas na elaboração do texto legal.

11.4 Erros de paralelismo

Uma das convenções estabelecidas na linguagem escrita "consiste em apresentar ideias similares numa forma gramatical idêntica"(MORENO; GUEDES, 1988, p. 74), o que se chama de paralelismo. Assim, incorre-se em erro ao conferir forma não paralela a elementos paralelos.

Errado: Pelo aviso circular, recomendou-se aos Ministérios economizar energia e que elaborassem planos de redução de despesas.

Nessa frase, temos, nas duas orações subordinadas que completam o sentido da principal, duas estruturas diferentes para ideias equivalentes: a primeira oração (economizar energia) é

reduzida de infinitivo, enquanto a segunda (que elaborassem planos de redução de despesas) é uma oração desenvolvida introduzida pela conjunção integrante “que”.

Há mais de uma possibilidade de escrevê-la com clareza e correção; uma seria a de apresentar as duas orações subordinadas como desenvolvidas, introduzidas pela conjunção integrante “que”:

Certo: Pelo aviso circular, recomendou-se aos Ministérios que economizassem energia e (que) elaborassem planos para redução de despesas.

Outra possibilidade: as duas orações são apresentadas como reduzidas de infinitivo:

Certo: Pelo aviso circular, recomendou-se aos Ministérios economizar energia e elaborar planos para redução de despesas.

Nas duas correções, respeita-se a estrutura paralela na coordenação de orações subordinadas.

Mais um exemplo de frase inaceitável na norma padrão:

Errado: No discurso de posse, mostrou determinação, não ser inseguro, inteligência e ter ambição.

O problema aqui decorre de coordenar palavras (substantivos) com orações (reduzidas de infinitivo). Para tornar a frase clara e correta, pode-se optar ou por transformá-la em frase simples, substituindo as orações reduzidas por substantivos:

Certo: No discurso de posse, mostrou determinação, segurança, inteligência e ambição.
Ou pode-se optar por empregar a forma oracional reduzida uniformemente:
Certo: No discurso de posse, mostrou ser determinado e seguro, ter inteligência e ambição.

Atentemos, ainda, para o problema inverso, o falso paralelismo, que ocorre ao se dar forma paralela (equivalente) a ideias de hierarquia diferente ou, ainda, ao se apresentar, de forma paralela, estruturas sintáticas distintas:

Errado: O Presidente visitou Paris, Bonn, Roma e o Papa.

Nessa frase, colocou-se em um mesmo nível cidades (Paris, Bonn, Roma) e uma pessoa (o Papa). Uma possibilidade de correção é transformá-la em duas frases simples, com o cuidado de não repetir o verbo da primeira (visitar):

Certo: O Presidente visitou Paris, Bonn e Roma. Nesta última capital, encontrou-se com o Papa.
Errado: O projeto tem mais de cem páginas e muita complexidade.

Aqui repete-se a equivalência gramatical indevida: estão em coordenação, no mesmo nível sintático, o número de páginas do projeto (um dado objetivo, quantificável) e uma

avaliação sobre ele (subjetiva). Pode-se reescrever a frase de duas formas: ou faz-se nova oração com o acréscimo do verbo ser, rompendo, assim, o desajeitado paralelo:

Certo: O projeto tem mais de cem páginas e é muito complexo.

Ou se dá forma paralela harmoniosa transformando-se a primeira oração também em uma avaliação subjetiva:

Certo: O projeto é muito extenso e complexo.

O emprego de expressões correlativas como não só ...mas (como) também, tanto ... quanto (ou como), nem ... nem, ou ... ou etc. costuma apresentar problemas quando não se mantém o obrigatório paralelismo entre as estruturas apresentadas.

Nos dois exemplos abaixo, rompe-se o paralelismo pela colocação do primeiro termo da correlação fora de posição.

Errado: Ou Vossa Senhoria apresenta o projeto, ou uma alternativa.
Certo: Vossa Senhoria ou apresenta o projeto, ou propõe uma alternativa.
Errado: O interventor não só tem obrigação de apurar a fraude como também a de punir os culpados.
Certo: O interventor tem obrigação não só de apurar a fraude, como também de punir os culpados.

Mencionemos, por fim, o falso paralelismo provocado pelo uso inadequado da expressão e que num período que não contém nenhum que anterior.

Errado: O novo procurador é jurista renomado, e que tem sólida formação acadêmica.

Para corrigir a frase, ou suprimimos o pronome relativo:

Certo: O novo procurador é jurista renomado e tem sólida formação acadêmica.
Ou suprimimos a conjunção, que está a coordenar elementos díspares:
Certo: O novo procurador é jurista renomado, que tem sólida formação acadêmica.

Outro exemplo de falso paralelismo com e que:

Errado: Neste momento, não se devem adotar medidas precipitadas, e que comprometam o andamento de todo o programa.

Da mesma forma como corrigimos o exemplo anterior, aqui podemos ou suprimir a conjunção:

Certo: Neste momento, não se devem adotar medidas precipitadas, que comprometam o andamento de todo o programa.

Ou podemos estabelecer forma paralela coordenando orações adjetivas, recorrendo ao pronome relativo que e ao verbo ser:

Certo: Neste momento, não se devem adotar medidas que sejam precipitadas e que comprometam o andamento de todo o programa.

11.5 Erros de comparação

A omissão de certos termos, ao fazermos uma comparação, omissão própria da língua falada, deve ser evitada na língua escrita, pois compromete a clareza do texto: nem sempre é possível identificar, pelo contexto, o termo omitido. A ausência indevida de um termo pode impossibilitar o entendimento do sentido que se quer dar a uma frase:

Errado: O salário de um professor é mais baixo do que um médico.

A omissão de termos provocou uma comparação indevida: o salário de um professor com um médico.

Certo: O salário de um professor é mais baixo do que o salário de um médico.
Certo: O salário de um professor é mais baixo do que o de um médico.

Novamente, a não repetição dos termos comparados confunde.

Errado: O alcance do Decreto é diferente da Portaria.
Certo: O alcance do Decreto é diferente do alcance da Portaria.
Certo: O alcance do Decreto é diferente do da Portaria.

A seguir, a omissão da palavra outros (ou demais) acarretou imprecisão:

Errado: O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do que os Ministérios do Governo.
Certo: O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do que os outros Ministérios do Governo.
Certo: O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do que os demais Ministérios do Governo.

11.6 Ambiguidade

Ambígua é a frase ou oração que pode ser tomada em mais de um sentido. Como a clareza é requisito básico de todo texto oficial, deve-se atentar para as construções que possam gerar equívocos de compreensão.

A ambiguidade decorre, em geral, da dificuldade de identificar-se a que palavra se refere um pronome que possui mais de um antecedente na terceira pessoa. Pode ocorrer com:

a) Pronomes pessoais:

Ambíguo: O Ministro comunicou a seu secretariado que ele seria exonerado.
Claro: O Ministro comunicou a própria exoneração a seu secretariado.

Ou então, caso o entendimento seja outro:

Claro: O Ministro comunicou a seu secretariado a exoneração deste (o pronome deste retoma o último elemento citado, no caso, o secretariado).

b) Pronomes possessivos e pronomes oblíquos:

Ambíguo: O Deputado saudou o Presidente da República, em seu discurso, e solicitou sua intervenção no seu Estado, mas isso não o surpreendeu.

Observe-se que o excesso de ambiguidade no exemplo acima dificulta a compreensão da frase.

Claro: Em seu discurso, o Deputado saudou o Presidente da República. No pronunciamento, solicitou a intervenção federal no Estado de Minas Gerais, o que não surpreendeu o Chefe do Poder Executivo.

c) Pronome relativo:

Ambíguo: Roubaram a mesa do gabinete em que eu costumava trabalhar.

Não fica claro se o pronome relativo da segunda oração se refere à mesa ou ao gabinete. Essa ambiguidade se deve ao pronome relativo "que", sem a marca de gênero. A solução é recorrer às formas "o qual", "a qual", "os quais", "as quais", que marcam gênero e número.

Claro: Roubaram a mesa do gabinete no qual eu costumava trabalhar.

Se o entendimento é outro, então:

Claro: Roubaram a mesa do gabinete na qual eu costumava trabalhar.

Há, ainda, a ambiguidade decorrente da dúvida sobre a que se refere a oração reduzida:

Ambíguo: Sendo indisciplinado, o Chefe advertiu o funcionário.

Para evitar a ambiguidade do exemplo acima, deve-se deixar claro qual o sujeito da oração reduzida.

Claro: O Chefe advertiu o funcionário por ser este indisciplinado.
Ambíguo: Depois de examinar o paciente, uma senhora chamou o médico.
Claro: Depois que o médico examinou o paciente, foi chamado por uma senhora.

11.7 Concordância

A concordância é o processo sintático segundo o qual certas palavras se acomodam, na sua forma, às palavras de que dependem. Essa acomodação formal se chama flexão e se dá

quanto a gênero e número (nos adjetivos – nomes ou pronomes), números e pessoa (nos verbos). Daí, a divisão: concordância nominal e concordância verbal.

11.7.1 Concordância verbal

Regra geral: o verbo concorda com seu sujeito em pessoa e número.

Exemplo:

Os novos recrutas mostraram muita disposição.
(Concordância com a pessoa: eu mostrei, você (ou ele) mostrou, nós (eu e...) mostramos...)

Se o sujeito for simples, isto é, se tiver apenas um núcleo, com ele concorda o verbo em pessoa e número:

Exemplos:

O Chefe da Seção pediu maior assiduidade.
A inflação deve ser combatida por todos.
Os servidores do Ministério concordaram com a proposta.

Quando o sujeito for composto, ou seja, possuir mais de um núcleo, o verbo vai para o plural e para a pessoa que tiver primazia, na seguinte ordem: a 1ª pessoa tem prioridade sobre a 2ª e a 3ª; a 2ª sobre a 3ª; na ausência de uma e outra, o verbo vai para a 3ª pessoa.

Exemplos:

Eu e Maria queremos viajar em maio.
Eu, tu e João somos amigos.
O Presidente e os Ministros chegaram logo.

Observação: Por desuso do pronome "vós" e respectivas formas verbais no Brasil, "tu e ..." leva o verbo para a 3ª pessoa do plural:

Tu e o teu colega devem (e não deveis) ter mais calma.

A seguir, são analisadas algumas questões que costumam suscitar dúvidas quanto à correta concordância verbal.

a) oração sem sujeito:

I Verbos de fenômenos meteorológicos:

Exemplo:

Choveu (geou, ventou...) ontem.

II Verbo haver é empregado no sentido de existir ou de tempo transcorrido:

Exemplos:

Haverá descontentes no governo e na oposição.
Havia cinco anos, não ia a Brasília.
Errado: Se houverem dúvidas, favor perguntar.
Certo: Se houver dúvidas, favor perguntar.

Para certificar-se de que esse haver é impessoal, basta recorrer ao singular do indicativo: Se há (e nunca: *hão) dúvidas... Há (e jamais: *Hão) descontentes...

III Verbo fazer é empregado no sentido de tempo transcorrido:

Exemplos:

Faz dez dias que não durmo.
Semana passada fez dois meses que iniciou a apuração das irregularidades.
Errado: Fazem cinco anos que não vou a Brasília.
Certo: Faz cinco anos que não vou a Brasília.

São muito frequentes os erros de pessoalização dos verbos haver e fazer em locuções verbais (ou seja, quando acompanhados de verbo auxiliar). Nesses casos, os verbos haver e fazer transmitem sua impessoalidade ao verbo auxiliar:

Errado: Vão fazer cinco anos que ingressei no serviço público.
Certo: Vai fazer cinco anos que ingressei no serviço público.

Errado: Depois das últimas chuvas, podem haver centenas de desabrigados.
Certo: Depois das últimas chuvas, pode haver centenas de desabrigados.

Errado: Devem haver soluções urgentes para estes problemas.
Certo: Deve haver soluções urgentes para estes problemas.

b) concordância facultativa com sujeito mais próximo: quando o sujeito composto figurar após o verbo, pode este flexionar-se no plural ou concordar com o elemento mais próximo.

Exemplos:

Venceremos eu e você.
ou: Vencerei eu e você.
ou, ainda: Vencerá você e eu.

c) sujeito composto por palavras sinônimas ou similares: quando o sujeito composto for constituído de palavras sinônimas (ou quase), formando um todo indiviso, ou de elementos que simplesmente se reforçam, a concordância é facultativa, ou com o elemento mais próximo ou com a ideia plural contida nos dois ou mais elementos:

Exemplos:

A sociedade, o povo une-se para construir um país mais justo.

A sociedade, o povo unem-se para construir um país mais justo.

d) expressão "um e outro": O substantivo que se segue à expressão "um e outro" fica no singular, mas o verbo pode empregar-se no singular ou no plural:

Exemplos:

Um e outro decreto trata da mesma questão jurídica.
ou: Um e outro decreto tratam da mesma questão jurídica.

e) locuções "um ou outro" ou "nem um, nem outro", seguidas ou não de substantivo, exigem o verbo no singular:

Exemplos:

Uma ou outra opção acabará por prevalecer.
Nem uma, nem outra medida resolverá o problema.

f) locução "um dos que": admite-se dupla sintaxe, verbo no singular ou verbo no plural (prevalece este no uso atual):

Exemplos:

Um dos fatores que influenciaram (ou influenciou) a decisão foi a urgência de obter resultados concretos.
A adoção da trégua de preços foi uma das medidas que geraram (ou gerou) mais impacto na opinião pública.

g) pronome relativo "quem" como sujeito: O verbo que tiver como sujeito o pronome relativo quem tanto pode ficar na terceira pessoa do singular, como pode concordar com a pessoa gramatical do antecedente a que se refere o pronome:

Exemplos:

Fui eu quem resolveu a questão.
ou: Fui eu quem resolvi a questão.

h) verbo apassivado pelo pronome "se" deve concordar com o sujeito que, no caso, está sempre expresso e vem a ser o paciente da ação ou o objeto direto na forma ativa correspondente:

Exemplos:

Vendem-se apartamentos funcionais e residências oficiais.
Para obterem-se resultados, são necessários sacrifícios.

Compare: "apartamentos são vendidos" e "resultados são obtidos"; "vendem apartamentos" e "obtiveram resultados".

i) verbo transitivo indireto (isto é, que rege preposição) fica na terceira pessoa do singular; o "se", neste caso, não é apassivador, pois verbo transitivo indireto não é apassivável:

Exemplos:

*O prédio é carecido de reformas.
*É tratado de questões preliminares.

Assim, o correto é:

Exemplos:

Assiste-se a mudanças radicais no País. (E não *Assistem-se a...)
Precisa-se de homens corajosos para mudar o País. (E não *Precisam-se de...)
Trata-se de questões preliminares ao debate. (E não *Tratam-se de...)

j) expressões de sentido quantitativo (grande número de, grande quantidade de, parte de, grande parte de, a maioria de, a maior parte de, etc.) acompanhadas de complemento no plural admitem concordância verbal no singular ou no plural. Nesta última hipótese, temos concordância ideológica, por oposição à concordância lógica, que se faz com o núcleo sintático do sintagma (ou locução) nominal (a maioria + de...):

Exemplos:

A maioria dos condenados acabou (ou acabaram) por confessar sua culpa.
Um grande número de Estados aprovaram (ou aprovou) a Resolução da ONU.
Metade dos Deputados repudiou (ou repudiaram) as medidas.

k) verbo "ser": a concordância segue a regra geral (concordância com o sujeito em pessoa e número), mas, nos seguintes casos, é feita com o predicativo[5]:

I Quando inexiste sujeito :

Exemplos:

Hoje são dez de julho.
Agora são seis horas.
Do Planalto ao Congresso são duzentos metros.
Hoje é dia quinze.

II Quando o sujeito refere-se a coisa e está no singular e o predicativo é substantivo no plural:

Exemplos:

Minha preocupação são os despossuídos.

[5] O roteiro utilizado para os casos especiais de concordância do verbo "ser" foi baseado principalmente em KASPARY, 1985.

O principal erro foram as manifestações extemporâneas.

III Quando os pronomes demonstrativos “tudo”, “isto”, “isso”, “aquilo” ocupam a função de sujeito:

Exemplos:

Tudo são comemorações no aniversário do município.
Isto são as possibilidades concretas de solucionar o problema.
Aquilo foram gastos inúteis.

IV Quando a função de sujeito é exercida por palavra ou locução de sentido coletivo: a maioria, grande número, a maior parte, etc.

Exemplos:

A maioria eram servidores de repartições extintas.
Grande número (de candidatos) foram reprovados no exame de redação.
A maior parte são pequenos investidores.

V Quando um pronome pessoal desempenhar a função de predicativo:

Exemplos:

Naquele ano, o assessor especial fui eu.
O encarregado da supervisão és tu.
O autor do projeto somos nós.

VI Nos casos de frases em que são empregadas as expressões “é muito”, “é pouco”, “é mais de”, “é menos de” o verbo ser fica no singular:

Exemplos:

Três semanas é muito.
Duas horas é pouco.
Trezentos mil é mais do que eu preciso.

l) a concordância com expressões de tratamento. Esse tema é tratado em detalhe no subitem “4.1.1. Concordância com os pronomes de tratamento”.

m) concordância do infinitivo. Uma das peculiaridades da Língua Portuguesa é o infinitivo flexionável: esta forma verbal, apesar de nominalizada, pode flexionar-se concordando com o seu sujeito. Simplificando o assunto, controverso para os gramáticos, valeria dizer que a flexão do infinitivo só cabe quando ele tem sujeito próprio, em geral distinto do sujeito da oração principal:

Exemplos:

Chegou ao conhecimento desta Repartição estarem a salvo todos os atingidos pelas enchentes. (sujeito do infinitivo: todos os atingidos pelas enchentes)
A imprensa estrangeira noticia sermos nós os responsáveis pela preservação da Amazônia. (sujeito do infinitivo: nós)
Não admitimos sermos nós... Não admitem serem eles...
O Governo afirma não existirem tais doenças no País. (sujeito da oração principal: o governo; sujeito do infinitivo: tais doenças)
Ouvimos baterem à porta. (sujeito do infinitivo) indefinido plural, como em Batem (ou Bateram) à porta.

O infinitivo é não flexionável nas combinações com outro verbo de um só e mesmo sujeito – a esse outro verbo é que cabe a concordância:

Exemplos:

As assessoras podem (ou devem) ter dúvidas quanto à medida.
Os sorteados não conseguem conter sua alegria.
Queremos (ou precisamos, etc.) destacar alguns pormenores.

Nas combinações com verbos factitivos (fazer, deixar, mandar...) e sensitivos (sentir, ouvir, ver...) o infinitivo pode concordar com seu sujeito próprio, ou deixar de fazê-lo pelo fato de esse sujeito (lógico) passar a objeto direto (sintático) de um daqueles verbos:

Exemplos:

O Presidente fez (ou deixou, mandou) os assessores entrarem (ou entrar).
Sentimos (ou vimos, ouvimos) os colegas vacilarem (ou vacilar) nos debates.

Naturalmente, o sujeito semântico ou lógico do infinitivo que aparece na forma pronominal acusativa (o,-lo, -no e flexões) só pode ser objeto do outro verbo:

Exemplos:

O Presidente fê-los entrar (e não *entrarem)
Sentimo-los (ou Sentiram-nos, Sentiu-os, Viu-as) vacilar (e não *vacilarem).

11.7.2 Concordância nominal

Regra geral: adjetivos (nomes ou pronomes), artigos e numerais concordam em gênero e número com os substantivos de que dependem.

Exemplos:

Todos os outros duzentos processos examinados...
Todas as outras duzentas causas examinadas...

Alguns casos que suscitam dúvida:

a) anexo, incluso, leso: como adjetivos, concordam com o substantivo em gênero e número:

Exemplos:

Anexa à presente Exposição de Motivos, segue minuta de Decreto.
Vão anexos os pareceres da Consultoria Jurídica.
Remeto incluso fotocópia do Decreto.
Silenciar nesta circunstância seria crime de lesa-pátria (ou de leso-patriotismo).

b) possível: em expressões superlativas, este adjetivo ora aparece invariável, ora flexionado (embora no português moderno se prefira empregá-lo no plural):

Exemplos:

As características do solo são as mais variadas possíveis.
As características do solo são as mais variadas possível.

11.8 Regência

Regência é, em gramática, sinônimo de dependência, subordinação. Assim, a sintaxe de regência trata das relações de dependência que as palavras mantêm na frase. Dizemos que um termo rege o outro que o complementa. Numa frase, os termos regentes ou subordinantes (substantivos, adjetivos, verbos) regem os termos regidos ou subordinados (substantivos, adjetivos, preposições) que lhes completam o sentido.

Termos Regentes	**Termos Regidos**
amar, amor	a Deus
insistiu, insistência	em falar
persuadiu	o Senador a que
obediente,	votasse
obediência	à lei
cuidado,	com a revisão do
cuidadoso	texto
ouvir	música

Como se vê pelos exemplos acima, os termos regentes podem ser substantivos e adjetivos (regência nominal) ou verbos (regência verbal), e podem reger outros substantivos e adjetivos ou preposições. As dúvidas mais frequentes quanto à regência dizem respeito à necessidade de determinada palavra reger preposição, e qual deve ser essa preposição.

Considerando que, em regra, a regência dos nomes segue a dos verbos que lhes correspondem (viajar de trem: viagem de trem; anotar no caderno: anotação no caderno...), analisaremos, a seguir, alguns casos de regência verbal que costumam criar dificuldades na língua escrita.

11.8.1 Regência de alguns verbos de uso frequente

Anuir: concordar, condescender; verbo transitivo indireto com a preposição “a”:

Exemplos:

Todos anuíram àquela proposta.
O Governo anuiu de boa vontade ao pedido do sindicato.

Aproveitar: aproveitar alguma coisa ou aproveitar-se de alguma coisa.

Exemplos:

Aproveito a oportunidade para manifestar repúdio ao tratamento dado a esta matéria.
O relator aproveitou-se da oportunidade para emitir sua opinião sobre o assunto.

Aspirar: no sentido de respirar, é verbo transitivo direto:

Exemplo:

Aspiramos o ar puro da montanha. Aspirá-lo.

No sentido de desejar ardentemente, de pretender, é transitivo indireto, regendo a preposição “a”:

Exemplos:

O projeto aspira à estabilidade econômica da sociedade. Aspira a ela.
Aspirar a um cargo. Aspirar a ele.

Assistir: no sentido de auxiliar, ajudar, socorrer, pode ser transitivo direto ou indireto:

Exemplo:

Procuraremos assistir os/aos atingidos pela seca (assisti-los/assistir-lhes).

No sentido de estar presente, comparecer, ver é transitivo indireto, regendo a preposição “a”:

Exemplos:

Não assisti à reunião ontem. Não assisti a ela.
Assisti a um documentário muito interessante. Assisti a ele.
Nesta acepção, o verbo não pode ser apassivado; assim, na norma padrão, é incorreta a frase:
A reunião foi assistida por dez pessoas.

Atender:

Exemplos:

O Prefeito atendeu ao pedido (atendeu a algo) do vereador.
ou: O Prefeito atendeu o telefone (atendeu algo).

O Presidente atendeu o Ministro (atendeu-o) em sua reivindicação.
ou: O Presidente atendeu ao Ministro (atendeu a alguém) em sua reivindicação.

Avisar: avisar alguém (avisá-lo) de alguma coisa:

Exemplo:

O Tribunal Eleitoral avisou os eleitores da necessidade do recadastramento.

Comparecer: comparecer a (ou em) algum lugar ou evento:

Exemplos:

Compareci ao (ou no) local indicado nas instruções.
A maioria dos delegados compareceu à (ou na) reunião

Compartilhar: compartilhar alguma (ou de alguma) coisa:

Exemplo:

O povo brasileiro compartilha os (ou dos) ideais de preservação ambiental do Governo.

Consistir: consistir em alguma coisa (consistir de é anglicismo):

Exemplo:

O Plano consiste em promover uma trégua de preços por tempo indeterminado.

Constar: no sentido de ser composto, constituído, rege a preposição "de":

Exemplo:

O Relatório consta de dez itens.

No sentido de estar escrito, registrado, mencionado, rege a preposição "de" ou "em":

Exemplo:

O referido Projeto consta da/na Ordem do Dia.

Custar: no sentido usual de ter valor, valer:

Exemplo:

A casa custou um milhão de cruzeiros.

No sentido de ser difícil, este verbo se usa na 3ª pessoa do sing., na norma padrão:

Exemplos:

Custa-me entender esse problema. (Eu) custo a entender esse problema – é linguagem oral, escrita informal, etc.
Custou-lhe aceitar a argumentação da oposição. (Como sinônimo de demorar, tardar – Ele custou a aceitar a argumentação da oposição – também é linguagem oral, informal.)

Declinar: declinar de alguma coisa (no sentido de rejeitar):

Exemplo:

Declinou das homenagens que lhe eram devidas.

Implicar: no sentido de acarretar, produzir como consequência, é transitivo direto – implicá-lo:

Exemplos:

O Convênio implica a aceitação dos novos preços para a mercadoria.
O Convênio implica na aceitação... – é inovação sintática bastante frequente no Brasil. Mesmo assim, aconselha-se manter a sintaxe originária: implica isso, implica-o.

Incumbir: incumbir alguém (incumbi-lo) de alguma coisa:

Exemplo:

Incumbi o Secretário de providenciar a reserva das dependências.

Ou incumbir a alguém (incumbir-lhe) alguma coisa:

Exemplo:

O Presidente incumbiu ao Chefe do Cerimonial preparar a visita do dignitário estrangeiro.

Informar: informar alguém (informá-lo) de alguma coisa:

Exemplos:

Informo Vossa Senhoria de que as providências solicitadas já foram adotadas.

Ou informar a alguém (informar-lhe) alguma coisa:

Exemplo:

Muito agradeceria informar à autoridade interessada o teor da nova proposta.

Obedecer: obedecer a alguém ou a alguma coisa (obedecer-lhe):

Exemplos:

As reformas obedeceram à lógica do programa de governo.
É necessário que as autoridades constituídas obedeçam aos preceitos da Constituição.
Todos lhe obedecem.

Participar: no sentido de tomar parte, rege as preposições “de” ou “em”:

Exemplos:

Os servidores participaram da reunião.
Alguns participaram na conspiração contra a empresa.

No sentido de comunicar, é transitivo direto e indireto:

Exemplo:

Participamos a decisão a quem pudesse interessar.

No sentido de compartilhar, rege a preposição “de”:

Exemplo:

Participamos das suas decisões.

Pedir: pedir a alguém (pedir-lhe) alguma coisa:

Exemplos:

Pediu ao assessor o relatório da reunião.
Ou pedir a alguém (pedir-lhe) que faça alguma coisa:
Pediu aos interessados (pediu-lhes) que (e não *para que) procurassem a repartição do Ministério da Saúde.
(Pedir a alguém para fazer alguma coisa é linguagem oral, informal.)

Preferir: preferir uma coisa (preferi-la) a outra (evite: preferir uma coisa do que outra):

Exemplos:

Prefiro a democracia ao totalitarismo.
Vale para a forma nominal preferível: Isto é preferível àquilo (e não preferível do que...).

Propor-se: propor-se (fazer) alguma coisa ou a (fazer) alguma coisa:

Exemplo:

O decreto propõe-se disciplinar (ou a disciplinar) o regime jurídico das importações.

Referir: no sentido de relatar, é transitivo direto:

Exemplo:

Referiu as informações (referiu-as) ao encarregado.

Visar: com o sentido de ter por finalidade, a regência originária é transitiva indireta, com a preposição a. Tem-se admitido, contudo, seu emprego com o transitivo direto com essa mesma acepção:

Exemplos:

O projeto visa ao estabelecimento de uma nova ética social (visa a ele).
ou: visa o estabelecimento (visa-o).
As providências visavam ao interesse (ou o interesse) das classes desfavorecidas.

Observação: Na norma padrão, os verbos que regem determinada preposição, ao serem empregados em orações introduzidas por pronome relativo, mantêm essa regência, embora a tendência da língua falada seja aboli-la.

Exemplos:

Esses são os recursos de que o Estado dispõe (e não recursos que dispõe, próprio da linguagem oral ou escrita informal).
Apresentou os pontos em que o Governo tem insistido (e não pontos que o Governo...).

11.9 Pontuação

Os sinais de pontuação, ligados à estrutura sintática, têm as seguintes finalidades:

a) assinalar as pausas e as inflexões da voz (a entoação) na leitura;
b) separar palavras, expressões e orações que, segundo o autor, devem merecer destaque; e
c) esclarecer o sentido da frase, eliminando ambiguidades.

11.9.1 Vírgula

A vírgula serve para marcar as separações breves de sentido entre termos vizinhos, as inversões e as intercalações, quer na oração, quer no período. A seguir, indicam-se alguns casos principais de emprego da vírgula:

a) Para separar palavras ou orações paralelas justapostas, isto é, não ligadas por conjunção:

Exemplos:

Chegou a Brasília, visitou o Ministério das Relações Exteriores, levou seus documentos ao Palácio do Buriti, voltou ao Ministério e marcou a entrevista.
Simplicidade, clareza, objetividade, concisão são qualidades a serem observadas na redação oficial.

b) As intercalações, por cortarem o que está sintaticamente ligado, devem ser colocadas entre vírgulas:

Exemplos:

O processo, creio eu, deverá ir logo a julgamento.
A democracia, embora (ou mesmo) imperfeita, ainda é o melhor sistema de governo.

c) Expressões corretivas, explicativas, escusativas, tais como “isto é”, “ou melhor”, “quer dizer”, *data venia*, “ou seja”, “por exemplo”, etc., devem ser colocadas entre vírgulas:

Exemplos:

O político, a meu ver, deve sempre usar uma linguagem clara, ou seja, de fácil compreensão.
As Nações Unidas decidiram intervir no conflito, ou por outra, iniciaram as tratativas de paz.

d) Conjunções coordenativas intercaladas ou pospostas devem ser colocadas entre vírgulas:

Exemplos:

Dedicava-se ao trabalho com afinco; não obtinha, contudo, resultados.O ano foi difícil; não me queixo, porém.
Era mister, pois, levar o projeto às últimas consequências.

e) Vocativos, apostos, orações adjetivas não-restritivas (explicativas) devem ser separados por vírgula:

Exemplos:

Brasileiros, é chegada a hora de buscar o entendimento.
Aristóteles, o grande filósofo, foi o criador da Lógica.
O homem, que é um ser mortal, deve sempre pensar no amanhã.

f) A vírgula também é empregada para indicar a elipse (ocultação) de verbo ou outro termo anterior:

Exemplos:

O decreto regulamenta os casos gerais; a portaria, os particulares. (A vírgula indica a elipse do verbo regulamenta.)
Às vezes, procura assistência; outras, toma a iniciativa. (A vírgula indica a elipse da palavra vezes.)

g) Nas datas, separam-se os topônimos:

Exemplos:

São Paulo, 22 de março de 2018.
Brasília, 15 de agosto de 2018.

É importante registrar que constitui erro usar a vírgula entre termos que mantêm entre si estreita ligação sintática – por exemplo, entre sujeito e verbo, entre verbos ou nomes e seus complementos.

Errado: O Presidente da República, indicou, sua posição no assunto.
Certo: O Presidente da República indicou sua posição no assunto.

11.9.2 Ponto e vírgula

O ponto e vírgula, em princípio, separa estruturas coordenadas já portadoras de vírgulas internas. É também usado em lugar da vírgula para dar ênfase ao que se quer dizer.

Exemplos:

Sem virtude, perece a democracia; o que mantém o governo despótico é o medo.
As leis, em qualquer caso, não podem ser infringidas; mesmo em caso de dúvida, portanto, elas devem ser respeitadas.

Art. 15. É vedada a cassação de direitos políticos, cuja perda ou suspensão só se dará nos casos de:I – cancelamento da naturalização por sentença transitada em julgado;

II – incapacidade civil absoluta;
III – condenação criminal transitada em julgado, enquanto durarem seus efeitos;
IV – recusa de cumprir obrigação a todos imposta ou prestação alternativa, nos termos do art. 5º, VIII;
V – improbidade administrativa, nos termos do art. 37, § 4º.

11.9.3 Dois-pontos

Emprega-se este sinal de pontuação para introduzir citações, marcar enunciados de diálogo e indicar um esclarecimento, um resumo ou uma consequência do que se afirmou.

Exemplos:

Como afirmou o Marquês de Maricá em suas Máximas: “Todos reclamam reformas, mas ninguém se quer reformar.”
Encerrado o discurso, o Ministro perguntou:
– Foi bom o pronunciamento?
– Sem dúvida: todos parecem ter gostado.
Mais que mudanças econômicas, a busca da modernidade impõe sobretudo profundas alterações dos costumes e das tradições da sociedade; em suma: uma transformação cultural.

11.9.4 Ponto de interrogação

O ponto de interrogação, como se depreende de seu nome, é utilizado para marcar o final de uma frase interrogativa direta:

Exemplos:

Até quando aguardaremos uma solução para o caso?
Qual será o sucessor do Secretário?

Não cabe ponto de interrogação em estruturas interrogativas indiretas (em geral em títulos): O que é linguagem oficial – Por que a inflação não baixa – Como vencer a crise.

11.9.5 Ponto de exclamação

O ponto de exclamação é utilizado para indicar surpresa, espanto, admiração, súplica etc. Seu uso na redação oficial fica geralmente restrito aos discursos e às peças de retórica:

Exemplos:

Povo deste grande País!
Com nosso trabalho chegaremos lá!

11.10 Pronomes demonstrativos

O uso do pronome demonstrativo obedece às seguintes circunstâncias:

11.10.1 Situação no espaço

a) Emprega-se este(a)/isto quando o termo referente estiver próximo ao emissor, ou seja, de quem fala ou redige.

Exemplos:

Este Departamento solicita dispensa de licitação.
Este Relatório trata da sindicância realizada em julho.

b) Emprega-se esse(a)/isso quando o termo referente estiver próximo ao receptor, ou seja, a quem se fala ou para quem se redige.

Exemplos:

Solicito esclarecimentos a esse Ministério sobre irregularidades no Contrato.
Encaminhamos os documentos a essa Coordenação para que sejam tomadas as providências necessárias.

c) Emprega-se aquele(a)/aquilo quando o termo referente estiver distante tanto do emissor quanto do receptor da mensagem.

Exemplos:

O Ministério Público já apurou irregularidades ocorridas naquela Fundação.
Informamos que a documentação foi encaminhada àquele Departamento.

11.10.2 Situação no tempo

a) emprega-se este(a) para referir-se ao tempo presente;

Exemplos:

O acordo foi assinado nesta semana (na semana presente).
Os deputados serão eleitos neste ano (no ano presente).

b) emprega-se esse(a) para se referir ao tempo passado; e

Exemplos:

As provas foram aplicadas nesse fim de semana.
Estive no Senado na semana e verifiquei nessa ocasião que programas tinham sido debatidos.

c) emprega-se aquele(a)/aquilo em relação a um tempo passado mais longínquo, ou histórico.

Exemplos:

Naquela época, a inflação do País era maior.
Brasília foi construída há mais de cinquenta anos. Naquela ocasião, não havia tanto trânsito.

11.10.3 Situação no texto

a) Usa-se este(a)/isto para introduzir referência que, no texto, ainda será mencionado.

Exemplos:

O Diretor iniciou o discurso com esta informação: a partir de amanhã, o uso do crachá será obrigatório.
Para se cadastrar no Programa do Governo, os interessados deverão apresentar estes documentos: Identidade e comprovante de renda.

b) Usa-se este(a)para se referir ao próprio texto.

Exemplos:

As regras apresentadas neste manual podem ser usadas para outros documentos.
Esta ata estará disponível em nosso sítio eletrônico.

c) Emprega-se esse(a)/isso quando a informação já foi mencionada no texto.

Exemplos:

Nós já discutimos sobre as falhas na execução do Projeto. Esses fatos(as falhas no Projeto) causaram grandes prejuízos.

O memorando já está pronto. Esse documento trata da nomeação dos novos servidores.

12 Semântica

A Semântica estuda o sentido das palavras, expressões, frases e unidades maiores da comunicação verbal, os significados que lhe são atribuídos. Ao considerarmos o significado de determinada palavra, levamos em conta sua história, sua estrutura (radical, prefixos, sufixos que participam da sua forma) e, por fim, o contexto em que se apresenta.

Sendo a clareza um dos requisitos fundamentais de todo texto oficial, deve-se atentar para a tradição no emprego de determinada expressão com determinado sentido. O emprego de expressões ditas de uso consagrado confere uniformidade e transparência ao sentido do texto. Mas isso não quer dizer que os textos oficiais devam limitar-se à repetição de chavões e de clichês.

Verifique sempre o contexto em que as palavras estão sendo utilizadas. Certifique-se de que não há repetições desnecessárias ou redundâncias. Procure sinônimos ou termos mais precisos para as palavras repetidas; mas se sua substituição for comprometer o sentido do texto, tornando-o ambíguo ou menos claro, não hesite em deixar o texto como está.

É importante lembrar que o idioma está em constante mutação. A própria evolução dos costumes, das ideias, das ciências, da política, enfim da vida social em geral, impõe a criação de novas palavras e de formas de dizer. Na definição de Serafim da Silva Neto, a língua:

> [...] é um produto social, é uma atividade do espírito humano. Não é, assim, independente da vontade do homem, porque o homem não é uma folha seca ao sabor dos ventos veementes de uma fatalidade desconhecida e cega. Não está obrigada a prosseguir na sua trajetória, de acordo com leis determinadas, porque as línguas seguem o destino dos que as falam, são o que delas fazem as sociedades que as empregam. (SILVA NETO, 1986, p. 18).

A redação oficial não pode alhear-se dessas transformações, nem incorporá-las acriticamente. Quanto às novidades vocabulares, por um lado, elas devem sempre ser usadas com critério, evitando-se aquelas que podem ser substituídas por vocábulos já de uso consolidado sem prejuízo do sentido que se lhes quer dar.

De outro lado, não se concebe que, em nome de suposto purismo, a linguagem das comunicações oficiais fique imune às criações vocabulares ou a empréstimos de outras línguas. A rapidez do desenvolvimento tecnológico, por exemplo, impõe a criação de inúmeros novos conceitos e termos, ditando de certa forma a velocidade com que a língua deve incorporá-los. O importante é usar o estrangeirismo de forma consciente, buscar o equivalente português quando houver ou conformar a palavra estrangeira ao espírito da Língua Portuguesa.

O problema do abuso de estrangeirismos inúteis ou empregados em contextos em que não cabem, é em geral causado ou pelo desconhecimento da riqueza vocabular de nossa língua, ou pela incorporação acrítica do estrangeirismo.

12.1 Homônimos e parônimos

Muitas vezes, temos dúvidas no uso de vocábulos distintos provocadas pela semelhança ou mesmo pela igualdade de pronúncia ou de grafia entre eles. É o caso dos fenômenos designados como homonímia e paronímia.

A homonímia é a designação geral para os casos em que palavras de sentidos diferentes têm a mesma grafia (os homônimos homógrafos) ou a mesma pronúncia (os homônimos homófonos).

Os homógrafos podem coincidir ou não na pronúncia, como nos exemplos: quarto (aposento) e quarto (ordinal), manga (fruta) e manga (de camisa), em que temos pronúncia idêntica; e apelo (pedido) e apelo (com e aberto, 1a pess. do sing. do pres. do ind. do verbo apelar), consolo (alívio) e consolo (com o aberto, 1a pess. do sing. do pres. do ind. do verbo consolar), com pronúncia diferente.

Os homógrafos de idêntica pronúncia diferenciam-se pelo contexto em que são empregados. Não há dúvida, por exemplo, quanto ao emprego da palavra "são" nos três sentidos:

a) verbo ser, 3ª pess. do pl. do pres.;
b) saudável; e
c) santo.

Palavras de grafia diferente e de pronúncia igual (homófonos) geram dúvidas ortográficas. Caso, por exemplo, de acento/assento, coser/cozer, dos prefixos ante-/anti-, etc. Aqui o contexto não é suficiente para resolver o problema, pois sabemos o sentido, a dúvida é quanto à(s) letra(s). Sempre que houver incerteza, não hesite em consultar a lista adiante, o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (Volp)[6], algum dicionário ou manual de ortografia.

Já o termo paronímia designa o fenômeno que ocorre com palavras semelhantes (mas não idênticas) quanto à grafia ou à pronúncia. É fonte de muitas dúvidas, como entre descrição (ato de descrever) e discrição (qualidade do que é discreto), retificar (corrigir) e ratificar (confirmar).

Como não interessa aqui aprofundar a discussão teórica da matéria, restringimo-nos a uma lista de palavras que costumam suscitar dúvidas de grafia ou sentido. Procuramos incluir palavras e expressões que, com mais frequência, provocam dúvidas na elaboração de textos oficiais, com o cuidado de agregá-las em pares ou em pequenos grupos formais.

[6] Disponível em: <http://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>. Acesso em 24 out. 2018.

A: A preposição é utilizada em expressões que indicam futuro ou distâncias relativas. **Há:** O verbo haver é usado em expressões que indicam tempo transcorrido.

Exemplos:

Terminaremos daqui a duas horas.
O lançamento do satélite ocorrerá daqui a duas semanas.
O estacionamento fica a um quilômetro daqui.
Tais fatos aconteceram há dez anos.
Terminamos há duas horas.
Quando empregado para designar tempo passado, o verbo haver dispensa o uso da palavra atrás: *Há dois anos ~~atrás~~ estive em Brasília. (forma pleonástica)

Absolver: inocentar, relevar da culpa imputada.
Absorver: embeber em si, esgotar.

Exemplos:

O júri absolveu o réu.
O solo absorveu lentamente a água da chuva.

Acender: atear (fogo), inflamar.
Ascender: subir, elevar-se.

Acento: sinal gráfico; inflexão vocal.
Assento: banco, cadeira.

Exemplos:

Vocábulo sem acento.
Esse assento está vago.

Acerca de: sobre, a respeito de.
A cerca de: a uma distância aproximada de ou a um tempo aproximado de.
Há cerca de: faz aproximadamente (tanto tempo), existe aproximadamente.
Cerca de: deve ser usada para indicar números aproximados, arredondamento de valores. Não deve aparecer em números que não sejam redondos.

Exemplos:

No discurso, o Presidente falou acerca de seus planos.
O anexo fica a cerca de trinta metros do prédio principal.
Estamos a cerca de um mês das eleições.
Estamos a cerca de 30 minutos do local do evento.
Há cerca de um ano, tratamos de caso idêntico.
Há cerca de mil títulos no catálogo.
A lista possui cerca de trezentos convidados. (e não “cerca de 297 convidados”)

Acidente: acontecimento casual; desastre.
Incidente: episódio; que incide, que ocorre.

Exemplos:

A derrota foi um acidente na sua vida profissional.
O súbito temporal provocou terrível acidente no parque.
O incidente da demissão já foi superado.

Adotar: escolher, preferir; assumir; pôr em prática.
Dotar: dar em doação, beneficiar.
Afim: que apresenta afinidade, semelhança, relação (de parentesco).
A fim de: para, com a finalidade de, com o fito de.

Exemplos:

Se o assunto era afim, por que não foi tratado no mesmo parágrafo?
O projeto foi encaminhado com quinze dias de antecedência a fim de permitir a necessária reflexão sobre sua pertinência.

Alto: de grande extensão vertical; elevado, grande.
Auto: ato público, registro escrito de um ato, peça processual.

Aleatório: casual, fortuito, acidental.
Alheatório: que alheia, alienante, que desvia ou perturba.

Amoral: desprovido de moral, sem senso de moral.
Imoral: contrário à moral, aos bons costumes, devasso, indecente.

Ante (preposição): diante de, perante.
Ante- (prefixo): expressa anterioridade.
Anti- (prefixo): expressa contrariedade; contra.

Exemplos:

Ante tal situação, não teve alternativa.
Antepor, antever, anteprojeto, antediluviano.
Anti-inflacionário, antibiótico, anti-higiênico, antissocial.

Ao encontro de: para junto de; favorável a.
De encontro a: contra; em prejuízo de.

Exemplos:

Foi ao encontro dos colegas.
O projeto salarial veio ao encontro dos anseios dos trabalhadores.
O carro foi de encontro a um muro.
O governo não apoiou a medida, pois vinha de encontro aos interesses dos menores.

Ao invés de: ao contrário de.
Em vez de: em lugar de.

Exemplos:

Ao invés de demitir dez funcionários, a empresa contratou mais vinte.
(Inaceitável o cruzamento "ao em vez de".)
Em vez de demitir dez funcionários, a empresa demitiu vinte.

A par: informado, ao corrente, ciente.
Ao par: de acordo com a convenção legal.

Exemplos:

O Ministro está a par do assunto. (var.: ao par) ao lado, junto; além de.
Fez a troca de mil dólares ao par.

Aparte: interrupção, comentário à margem.
À parte: em separado, isoladamente, de lado.

Exemplos:

O deputado concedeu ao colega um aparte em seu pronunciamento.
O anexo ao projeto foi encaminhado por expediente à parte.

Aresto: acórdão, caso jurídico julgado.
Arresto: apreensão judicial, embargo.

Exemplos:

Neste caso, o aresto é irrecorrível.
Os bens do traficante preso foram todos arrestados.

Atuar: agir, pôr em ação; pressionar.
Autuar: lavrar um auto; processar.

Auferir: obter, receber.
Aferir: avaliar, cotejar, medir, conferir.

Exemplos:

Auferir lucros, vantagens.
Aferir valores, resultados.

Avocar: atribuir-se, chamar.
Evocar: lembrar, invocar.
Invocar: pedir (a ajuda de); chamar; proferir.

Exemplos:

Avocou a si competências de outrem.

Evocou no discurso o começo de sua carreira.
Ao final do discurso, invocou a ajuda de Deus.

Caçar: perseguir, procurar, apanhar (geralmente animais).
Cassar: tornar nulo ou sem efeito, suspender, invalidar.

Censo: alistamento, recenseamento, contagem.
Senso: entendimento, juízo, tino.

Cessão: ato de ceder.
Seção: setor, subdivisão de um todo, repartição, divisão.
Sessão: espaço de tempo que dura uma reunião, um congresso; reunião; espaço de tempo durante o qual se realiza uma tarefa.

Exemplos:

A cessão do local pelo município tornou possível a realização da obra.
Em qual seção do ministério ele trabalha?
A próxima sessão legislativa será iniciada em 1º de agosto.

Cível: relativo à jurisdição dos tribunais civis.
Civil: relativo ao cidadão; cortês, polido (daí civilidade); não militar nem, eclesiástico.

Colidir: trombar, chocar; contrariar.
Coligir: colecionar, reunir, juntar.

Exemplos:

A nova proposta colide frontalmente com o entendimento havido.
As leis foram coligidas pelo Ministério da Justiça.

Comprimento: medida, tamanho, extensão, altura.
Cumprimento: ato de cumprir, execução completa; saudação.

Concelho: circunscrição administrativa ou município (em Portugal).
Conselho: aviso, parecer, órgão colegiado.

Concerto: acerto, combinação, composição, harmonização (cp. concertar).
Conserto: reparo, remendo, restauração (cp. consertar).

Exemplos:

O concerto das nações. O concerto de Guarnieri.
Certos problemas crônicos aparentemente não têm conserto.

Conje(c)tura: suspeita, hipótese, opinião.
Conjuntura: acontecimento, situação, ocasião, circunstância.

Contravenção: transgressão ou infração a normas estabelecidas.
Contraversão: versão contrária, inversão.

Costear: navegar junto à costa, contornar.
Custear: pagar o custo de, prover, subsidiar.
Custar: valer, necessitar, ser penoso.

Exemplos:

A fragata costeou inúmeras praias do litoral baiano antes de partir para alto-mar.
Qual a empresa disposta a custear tal projeto?
Quanto custa o projeto? Custa-me crer que funcionará.

Deferir: consentir, atender, despachar favoravelmente, conceder.
Diferir: ser diferente, discordar; adiar, retardar, dilatar.

Degradar: deteriorar, desgastar, diminuir, rebaixar.
Degredar: impor pena de degredo, desterrar, banir.

Delatar (**delação**): denunciar, revelar crime ou delito, acusar.
Dilatar (**dilação**): alargar, estender; adiar, diferir.

Exemplos:

Os traficantes foram delatados por membro de quadrilha rival.
A dilação do prazo de entrega das declarações depende de decisão do Diretor da Receita Federal.

Derrogar: revogar parcialmente (uma lei), anular.
Derrocar: destruir, arrasar, desmoronar.

Descrição: ato de descrever, representação, definição.
Discrição: discernimento, reserva, prudência, recato.

Descriminar: absolver de crime, tirar a culpa de.
Discriminar: diferençar, separar, discernir.

Despensa: local em que se guardam mantimentos, depósito de provisões.
Dispensa: licença ou permissão para deixar de fazer algo a que se estava obrigado; demissão.

Despercebido: que não se notou, para o que não se atentou.
Desapercebido: desprevenido, desacautelado.

Exemplos:

Apesar de sua importância, o projeto passou despercebido.
Embarcou para a missão na Amazônia totalmente desapercebido dos desafios que lhe aguardavam.

Dessecar: secar bem, enxugar, tornar seco.
Dissecar: analisar minuciosamente, dividir anatomicamente.
Destratar: insultar, maltratar com palavras.
Distratar: desfazer um trato, anular.

Distensão: ato ou efeito de distender, torção dos ligamentos de uma articulação.
Distinção: elegância, nobreza, boa educação.
Dissensão: desavença, diferença de opiniões ou interesses.

Exemplos:

Todos devem portar-se com distinção.
A dissensão sobre a matéria impossibilitou o acordo.

Elidir: suprimir, eliminar.
Ilidir: contestar, refutar, desmentir.

Emenda: correção de falta ou defeito, regeneração, remendo.
Ementa: apontamento, súmula de decisão judicial ou do objeto de uma lei.

Exemplos:

Ao torná-lo mais claro e objetivo, a emenda melhorou o projeto.
Procuro uma lei cuja ementa dispõe sobre a propriedade industrial.

Emergir: vir à tona, manifestar-se.
Imergir: mergulhar, afundar (submergir), entrar.

Emigrar: deixar o país para residir em outro.
Imigrar: entrar em país estrangeiro para nele viver.

Eminente (eminência): alto, elevado, sublime.
Iminente (iminência): que está prestes a acontecer, pendente, próximo.

Emitir (emissão): produzir, expedir, publicar.
Imitir (imissão): fazer entrar, introduzir, investir.

Empoçar: reter em poço ou poça, formar poça.
Empossar: dar posse a, tomar posse, apoderar-se.

Espectador: aquele que assiste a qualquer ato ou espetáculo, testemunha.
Expectador: que tem expectativa, que espera.

Esperto: inteligente, vivo, ativo.
Experto: perito, especialista.

Espiar: espreitar, observar secretamente, olhar.

Expiar: cumprir pena, pagar, purgar.

Estada: ato de estar, permanência.
Estadia: prazo para carga e descarga de navio ancorado em porto.

Exemplos:

Nossa estada em São Paulo foi muito agradável.
O Rio de Janeiro foi autorizado a uma estadia de três dias.

Estância: lugar onde se está, morada, recinto.
Instância: solicitação, pedido, rogo; foro, jurisdição, juízo.

Estrato: cada camada das rochas estratificadas.
Extrato: coisa que se extraiu de outra; pagamento, resumo, cópia; perfume.
Flagrante: ardente, acalorado; diz-se do ato que a pessoa é surpreendida a praticar (flagrante delito).
Fragrante: que tem fragrância ou perfume; cheiroso.

Folhar: produzir folhas, ornar com folhagem, revestir lâminas.
Folhear: percorrer as folhas de um livro, compulsar, consultar.

Incerto: não certo, indeterminado, duvidoso, variável.
Inserto: introduzido, incluído, inserido.

Incipiente: iniciante, principiante.
Insipiente: ignorante, insensato.

Induzir: causar, sugerir, aconselhar, levar a.
Aduzir: expor, apresentar.

Exemplos:

O réu declarou que havia sido induzido a cometer o delito.
A defesa, então, aduziu novas provas.

Inflação: ato ou efeito de inflar; emissão exagerada de moeda, aumento persistente de preços.
Infração: ato ou efeito de infringir ou violar uma norma.

Infligir: cominar, aplicar (pena, castigo, repreensão, derrota).
Infringir: transgredir, violar, desrespeitar (lei, regulamento, etc.) (cp. infração).

Exemplos:

O juiz infligiu pesada pena ao réu.
A condenação decorreu de ter ele infringido um sem número de artigos do Código Penal.

Inquerir: apertar (a carga de animais), encilhar.
Inquirir: procurar informações sobre, indagar, investigar, interrogar.

Intercessão: ato de interceder.
Interse(c)ção: ação de se(c)cionar, cortar; ponto em que se encontram duas linhas ou superfícies.

Inter- (prefixo): entre; preposição latina usada em locuções.
Intra- (prefixo): interior, dentro de.

Exemplos:

Inter alia (entre outros), *inter pares* (entre iguais).
Intragrupo, intra-histórico

Judicial: que tem origem no Poder Judiciário ou que perante ele se realiza.
Judiciário: relativo ao direito processual ou à organização da Justiça.

Liberação: ato de liberar, quitação de dívida ou obrigação.
Libertação: ato de libertar ou libertar-se.

Lista: relação, catálogo; var. pop. de listra.
Listra: risca de cor diferente num tecido (var. pop. de lista).

Locador: que dá de aluguel, senhorio, arrendador.
Locatário: alugador, inquilino.

Exemplo:

O locador reajustou o aluguel sem a concordância do locatário.

Magistrado: juiz, desembargador, ministro.
Magistral: relativo a mestre (latim: *magister*); perfeito, completo; exemplar.

Mandado: garantia constitucional para proteger direito individual líquido e certo;
ato de mandar; ordem escrita expedida por autoridade judicial ou administrativa: um mandado de segurança, mandado de prisão.
Mandato: autorização que alguém confere a outrem para praticar atos em seu nome; procuração; delegação: o mandato de um deputado, senador, do Presidente.

Mandante: que manda; aquele que outorga um mandato.
Mandatário: aquele que recebe um mandato, executor de mandato, representante, procurador.
Mandatório: obrigatório.

Ordinal: numeral que indica ordem ou série (primeiro, segundo, milésimo, etc.).
Ordinário: comum, frequente, trivial, vulgar.

Original: com caráter próprio; inicial, primordial.
Originário: que provém de, oriundo; inicial, primitivo.

Preceder: ir ou estar adiante de, anteceder, adiantar-se.
Proceder: originar-se, derivar, provir; levar a efeito, executar.
Pós- (prefixo): posterior a, que sucede, atrás de, após.
Pré- (prefixo): anterior a, que precede, à frente de, antes de.
Pró (advérbio): em favor de, em defesa de.

Exemplos:

Pós-moderno, pós-operatório.
Pré-modernista, pré-primário.
A maioria manifestou-se contra, mas dei meu parecer pró.

Preeminente: que ocupa lugar elevado, nobre, distinto.
Proeminente: alto, saliente, que se alteia acima do que o circunda.

Preposição: ato de prepor, preferência; palavra invariável que liga constituintes da frase.
Proposição: ato de propor, proposta; máxima, sentença; afirmativa, asserção.

Prescrever: fixar limites, ordenar de modo explícito, determinar; ficar sem efeito, anular-se.
Proscrever: abolir, extinguir, proibir, terminar; desterrar.

Exemplos:

O prazo para entrada do processo prescreveu há dois meses.
O uso de várias substâncias psicotrópicas foi proscrito por recente portaria do Ministro.

Prever: ver antecipadamente, profetizar; calcular.
Prover: providenciar, dotar, abastecer, nomear para cargo.
Provir: originar-se, proceder; resultar.

Exemplos:

A assessoria previu acertadamente o desfecho do caso.
O chefe do departamento de pessoal proveu os cargos vacantes.
A dúvida provém (Os erros provêm) da falta de leitura.

Prolatar: proferir sentença, promulgar.
Protelar: adiar, prorrogar.

Ratificar: validar, confirmar, comprovar.
Retificar: corrigir, emendar, alterar:

Exemplos:

A diretoria ratificou a decisão após o texto ter sido retificado em suas passagens ambíguas.

Reincidir: tornar a incidir, recair, repetir.
Rescindir: dissolver, invalidar, romper, desfazer.

Exemplos:

Como ele reincidiu no erro, o contrato de trabalho foi rescindido.

Remição: ato de remir, resgate, quitação.
Remissão: ato de remitir, intermissão, intervalo; perdão, expiação.

Repressão: ato de reprimir, contenção, impedimento, proibição.
Repreensão: ato de repreender, enérgica admoestação, censura, advertência.

Sanção: confirmação, aprovação; pena imposta pela lei ou por contrato para punir sua infração.
Sansão: nome de personagem bíblico; certo tipo de guindaste.

Sedento: que tem sede; sequioso (var. p. us.: sedente).
Cedente: que cede, que dá.

Sobrescritar: endereçar, destinar, dirigir.
Subscritar: assinar, subscrever.

Subentender: perceber o que não estava claramente exposto; supor.
Subintender: exercer função de subintendente, dirigir.
Subtender: estender por baixo.

Sustar: interromper, suspender; parar, interromper-se (sustar-se).
Suster: sustentar, manter; fazer parar, deter.

Tacha: pequeno prego; mancha, defeito, pecha.
Taxa: espécie de tributo, tarifa.

Tachar: censurar, qualificar, acoimar.
Taxar: fixar a taxa de; regular, regrar.

Exemplos:

Tachar alguém (tachá-lo) de subversivo.
Taxar mercadorias.

Tráfego: trânsito de veículos, percurso, transporte.
Tráfico: negócio ilícito, comércio, negociação.

Trás: atrás, detrás, em seguida, após (cf. em locuções: de trás, por trás).
Traz: 3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo trazer.

Vultoso: de grande vulto, volumoso.
Vultuoso (p. us.): atacado de vultuosidade (congestão da face).

12.2 Expressões a evitar e expressões de uso recomendável

Como mencionado na introdução deste capítulo, o sentido das palavras liga-se intimamente à tradição e ao contexto de seu uso. Assim, temos vocábulos e expressões (locuções) que, por seu continuado emprego com determinado sentido, passam a ser usados sempre em tal contexto e de tal forma, tornando-se expressões de uso consagrado. Mais do que do sentido das palavras, trata-se, aqui, também da regência de determinados verbos e nomes.

O esforço de classificar expressões como de uso a ser evitado ou como de uso recomendável atende, primordialmente, aos princípios da clareza e da transparência que deve nortear a elaboração de todo texto oficial. Não se trata, pois, de mera preferência ou de gosto por determinada forma.

A linguagem dos textos oficiais deve sempre pautar-se pela norma padrão. Não é aceitável, portanto, que, nesses textos, constem coloquialismos ou expressões de uso restrito a determinados grupos, que comprometeriam sua própria compreensão pelo público. Acrescente-se que é também indesejável a repetição excessiva de uma mesma palavra quando há outra que pode substituí-la sem prejuízo ou alteração de sentido.

Quanto a determinadas expressões que devem ser evitadas, mencionem-se aquelas que formam cacófatos, ou seja, "o encontro de sílabas em que a malícia descobre um novo termo com sentido torpe ou ridículo" (SAID ALI, 1964, p. 224). Não há necessidade, no entanto, de estender a preocupação de evitar a ocorrência de cacófatos a um sem-número de locuções que produzem terceiro sentido, como "por cada", "vez passada" etc. Trata-se, sobretudo, de uma questão de estilo e da própria sensibilidade do autor do texto. Não faz sentido eliminar da língua inúmeras locuções que só causam espanto ao leitor que está à procura do duplo sentido.

À medida que: (locução proporcional) – à proporção que, ao passo que, conforme.
Na medida em que: (locução causal) – pelo fato de que, uma vez que.
Evite os cruzamentos "à medida *em* que", "na medida que".

Exemplos:

> Os preços deveriam diminuir à medida que diminui a procura.
> Na medida em que se esgotaram as possibilidades de negociação, o projeto foi integralmente vetado.

A partir de: deve ser empregado preferencialmente no sentido temporal.
Evite repeti-la com o sentido de com base em, preferindo considerando, tomando-se por base, fundando-se em, baseando-se em.

Exemplo:

> A cobrança do imposto entra em vigor a partir do início do próximo ano.

A princípio: no começo, inicialmente.
Em princípio: antes de qualquer consideração; de maneira geral; em tese.

Exemplo:

A princípio, todos esperavam que a lei seria votada pelo Congresso Nacional.
Em princípio, a democracia visa ao bem comum.

Ambos/Todos os dois: “ambos” significa os dois ou um e outro.
Evite expressões pleonásticas como “ambos dois”, “ambos os dois”, “ambos de dois”, “ambos a dois”. Quando for o caso de enfatizar a dualidade, empregue “todos os dois”.

Exemplo:

Todos os dois Ministros assinaram a Portaria.

Anexo: o adjetivo “anexo” concorda em gênero e em número com o substantivo ao qual se refere. Use também os termos junto, apenso.
Em anexo: a locução adverbial “em anexo”, como é próprio aos advérbios, é invariável. Empregue também os termos conjuntamente, juntamente com.

Exemplos:

Encaminho as minutas anexas.
Dirigimos os anexos projetos à Chefia.

Ao nível de: a locução tem o sentido de à mesma altura de.
Evite seu uso com o sentido de em nível, com relação a, no que se refere a.
Em nível (de): significa nessa instância. “A nível (de)” constitui modismo que é melhor evitar.

Exemplos:

Fortaleza localiza-se ao nível do mar.
A decisão foi tomada em nível Ministerial.
Em nível político, será difícil chegar-se ao consenso.

Assim: Use após a apresentação de alguma situação ou proposta para ligá-la à ideia seguinte. Alterne com: dessa forma, desse modo, diante do exposto, diante disso, consequentemente, portanto, por conseguinte, assim sendo, em consequência, em vista disso, em face disso.

Bem como: evite o uso, polêmico para certos autores, da locução “bem assim” como equivalente. Alterne com: e, como (também), igualmente, da mesma forma.

Cada: este pronome indefinido deve ser usado em função adjetiva.
Evite a construção coloquial “foi distribuída uma cesta básica a cada”.

Exemplo:

Quanto às famílias presentes, foi distribuída uma cesta básica a cada uma.

Causar: evite repetir. Use também: originar, motivar, provocar, produzir, gerar, levar a, criar.

Constatar: evite repetir. Alterne com: atestar, apurar, averiguar, certificar-se, comprovar, evidenciar, observar, notar, perceber, registrar, verificar.

De forma que, de modo que/de forma a, de modo a: "De forma (ou maneira, modo) que" nas orações desenvolvidas. "De forma (maneira ou modo) a" nas orações reduzidas de infinitivo.
São descabidas na língua escrita as pluralizações "de formas (maneiras ou modos) que..."

Exemplos:

Deu amplas explicações, de forma que tudo ficou claro.
Deu amplas explicações, de forma (maneira ou modo) a deixar tudo claro

Devido a: evite repetir. Utilize igualmente: em virtude de, por causa de, em razão de, graças a, provocado por.

Dirigir: quando empregado com o sentido de encaminhar, alterne com transmitir, mandar, encaminhar, remeter, enviar, endereçar.

Enquanto: conjunção proporcional equivalente a "ao passo que", "à medida que".
Evitar a construção coloquial "enquanto que".

Especialmente: use também: principalmente, notadamente, sobretudo, nomeadamente, em especial, em particular.

Face a / em face de: a expressão "em face de" é empregada para significar "diante de":

Exemplo:

Em face da ameaça, retirou-se. (não: "Face à ameaça, retirou-se")

Inclusive: advérbio que indica inclusão; opõe-se a exclusive.
Evite-se o seu abuso com o sentido de "até"; nesse caso utilize o próprio "até" ou: ainda, igualmente, mesmo, também, ademais.

Informar: alterne com: comunicar, avisar, noticiar, participar, inteirar, cientificar, instruir, confirmar, levar ao conhecimento, dar conhecimento; ou perguntar, interrogar, inquirir, indagar.

junto a: significa proximidade física.
Embora usual nos meios forenses, é impróprio o uso das expressões "junto a" e "junto o", em frases como: Declaramos junto à Receita Federal do Brasil. Use Declaramos à Receita Federal do Brasil.

Exemplo:

Ele está sentado junto à porta. (próximo à porta)

Mesmo: quando equivale a “próprio”, “idêntico” ou “igual” é variável.

Exemplos:

Ela mesma (própria) entregou o documento.
O mesmo fato (fato idêntico) ocorreu comigo.
Eles debateram os mesmos problemas. (problemas iguais, idênticos)

Como advérbio, equivalente a de fato, realmente.

Exemplos:

Eles não virão mesmo (realmente) à reunião.
Ele apresentou mesmo (de fato) o relatório.

Substantivado no singular, precedido do artigo definido, equivalente a mesma coisa.

Exemplo:

Aceitar não é o mesmo que permitir.

A expressão “o(a) mesmo(a)” , “os(as) mesmos(as)” pode gerar ambiguidade na frase.

Exemplo:

Doou em vida seu coração. Espero que o mesmo possa salvar uma pessoa. Doou em vida seu coração. Espero que o órgão/o gesto/o doador possa salvar uma pessoa.

Para evitar esse uso, prefira:

a) eliminá-lo:

Exemplo:

Os diretores se reuniram e (~~os mesmos~~) decidiram aceitar a proposta.

b) substituí-lo por uma palavra ou expressão equivalente:

Exemplo:

Eram duas metralhadoras. As (~~mesmas~~) armas foram deixadas no porta-malas.

c) substituí-lo por pronome.

Exemplos:

O réu foi até a vítima e falou (~~com a mesma~~) com ela.
Leu o relatório e tirou (~~do mesmo~~) dele várias conclusões.
O advogado ofereceu ajuda ao réu, mas (~~o mesmo~~) este não aceitou.

Não se deve empregar a expressão “o(a) mesmo(a)”, “os(as) mesmos(as)” no lugar de pronome pessoal.

Exemplo:

Chamei a secretária e a mesma não atendeu.
Prefira: Chamei a secretária e ela não atendeu.

Nem: conjunção aditiva que significa "e não", "e tampouco", dispensando, portanto, a conjunção "e". Evite a dupla negação "não nem", "nem tampouco", etc.

Exemplo:

Não foram feitos reparos à proposta inicial, nem à nova versão do projeto.
Uso equivocado: Não pode encaminhar o trabalho no prazo, nem não teve tempo para revisá-lo.
O correto é: Não pode encaminhar o trabalho no prazo, nem teve tempo para revisá-lo.

No sentido de: empregue também: com vistas a, a fim de, com o fito (objetivo, intuito, fim) de, com a finalidade de, tendo em vista ou mira, tendo por fim.

Objetivar/ter por objetivo: ter por objetivo pode ser alternado com pretender, ter por fim, ter em mira, ter como propósito, no intuito de, com o fito de. Objetivar significa antes materializar, tornar objetivo (objetivar ideias, planos, o abstrato), embora possa ser empregado também com o sentido de ter por objetivo. Evite-se o emprego abusivo alternando-o com sinônimos como os referidos.

Onde: como pronome relativo significa "em que (lugar)".
Evite construções como: "a lei onde é fixada a pena" ou "o encontro onde o assunto foi tratado". Nesses casos, substitua "onde" por em que, na qual, no qual, nas quais, nos quais.
O correto é, portanto: "a lei na qual é fixada a pena", "o encontro no qual (em que) o assunto foi tratado".

Exemplo:

A cidade onde nasceu.
O país onde viveu.

Operacionalizar: neologismo verbal de que se tem abusado. É da mesma família de agilizar, objetivar e outros cujo problema está antes no uso excessivo do que na forma, pois o acréscimo dos sufixos "-izar" e "-ar" é uma das possibilidades normais de criar novos verbos a partir de adjetivos (ágil + izar = agilizar; objetivo + ar = objetivar).
Evite, pois, a repetição, que pode sugerir indigência vocabular ou ignorância dos recursos do idioma.
Prefira: realizar, fazer, executar, levar a cabo ou a efeito, pôr em obra, praticar, cumprir, desempenhar, produzir, efetuar, construir, compor, estabelecer.

Opinião/"opinamento": como sinônimo de parecer, prefira opinião a opinamento. Alterne com: parecer, juízo, julgamento, voto, entendimento, percepção.

Opor veto (e não apor): Vetar é opor veto. Apor é acrescentar (daí aposto, que significa (o) que vem junto). O veto, a contrariedade são opostos, nunca apostos.

Pertinente: (derivado do verbo latino *pertinere*) significa pertencente ou oportuno.
Pertencer: se originou do latim *pertinescere*, derivado sufixal de *pertinere*. Esta forma não sobreviveu em português; não empregue, pois, formas inexistentes como "no que pertine ao projeto"; nesse contexto use no que diz respeito, no que respeita, no tocante, com relação.

Posição: pode ser alternado com: postura, ponto de vista, atitude, maneira, modo.
Posicionamento: significa "disposição", "arranjo", e não deve ser confundido com posição.

Posto que: é conjunção concessiva (sinônimo de embora, apesar de que, ainda que, se bem que).
O uso da locução "posto que" como causal não é registrado em Aurélio, e Houaiss registra como regionalismo brasileiro de uso informal, observando que é **rejeitado pelos gramáticos**, o que desaconselha o seu uso nesta acepção na linguagem formal.

Exemplo:

Vivia modestamente, posto que (embora) tivesse muito dinheiro .

Relativo a: empregue também: referente a, concernente a, tocante a, atinente a, pertencente a, que diz respeito a, que trata de, que respeita.
Ressaltar: varie com: destacar, sublinhar, salientar, relevar, distinguir, sobressair.

Pronome "se": evite abusar de seu emprego como indeterminador do sujeito. O simples emprego da forma infinitiva já confere a almejada impessoalidade.

Exemplo:

Para atingir esse objetivo há que evitar o uso de coloquialismo.
(e não: Para (se) atingir-se ... Há que se evitar...).

Tratar (de): empregue também: contemplar, discutir, debater, discorrer, cuidar, versar, referir-se, ocupar-se de.

Viger: significa "vigorar", "ter vigor", "funcionar". Verbo defectivo, sem forma para a primeira pessoa do singular do presente do indicativo, nem para qualquer pessoa do presente do subjuntivo, portanto.

Exemplos:

O Decreto prossegue vigendo.
A portaria vige.
A lei tributária vigente naquele ano.

PARTE II

OS ATOS NORMATIVOS

Capítulo IV

FUNDAMENTOS DA ELABORAÇÃO NORMATIVA

4

13 Questões fundamentais da elaboração normativa

13.1 Considerações preliminares

O Estado de Direito submete todas as relações ao regime da lei. Para tanto, as decisões fundamentais para a vida da sociedade devem ser tomadas pelo Poder Legislativo, instituição fundamental do regime democrático representativo. O legislador se vê confrontado constantemente com demanda por novas normas. A competência legislativa demanda responsabilidade e impõe ao legislador a obrigação de tomar providências. O legislador deve não apenas concretizar a vontade constitucional, mas também preencher as lacunas ou corrigir os defeitos na legislação. Então, o *poder de legislar* converte-se em *dever de legislar.*

De um lado, a instituição de mecanismos especiais destinados ao controle judicial da omissão legislativa – como o mandado de injunção (Constituição, art. 5º, *caput,* inciso LXXI) e a ação direta de controle da omissão (Constituição, art. 103, § 2º) – revela que o próprio sistema constitucional reconhece a existência de pretensão de edição de um ato normativo [7].

Por outro lado, as exigências da vida moderna não só impõem ao legislador o dever de agir, mas também lhe cobram resposta rápida e eficaz aos problemas (dever de agir com a possível presteza e eficácia). É exatamente a formulação apressada (e, não raras vezes, irrefletida) de atos normativos que acaba ocasionando as suas maiores deficiências: a incompletude, a incompatibilidade com a sistemática vigente, a incongruência, a inconstitucionalidade, etc.

A tarefa do legislador é delicada. A generalidade, a abstração e o efeito vinculante que caracterizam a lei revelam não só a grandeza, mas também a problemática que marcam a atividade legislativa. A despeito dos cuidados tomados na feitura da lei (os estudos minudentes, os prognósticos realizados com base em levantamentos cuidadosos, etc.), não há como deixar de caracterizar o seu afazer como uma experiência. Trata-se, porém, da mais difícil das experiências, a "experiência com o destino humano" (JAHRREIS, 1953, p. 5).

Essas peculiaridades do processo de elaboração normativa foram percebidas por Victor Nunes Leal:

---

[7] Antes, quanto à ação direta de inconstitucionalidade por omissão, o Supremo Tribunal Federal entendia que não haveria omissão inconstitucional do legislador caso desencadeado o processo legislativo (BRASIL, 2002d). No entanto, em 2007, o Supremo Tribunal Federal passou a reconhecer a mora legislativa no caso da Lei Complementar prevista no art. 18, § 4º, da Constituição, fixando o prazo de 18 meses para a disciplina legislativa (BRASIL, 2007a). Quanto ao mandado de injunção, o caso paradigmático envolvia o pleito de um oficial do Exército quanto à prestação de serviço temporário em que a postura do Supremo Tribunal Federal foi apenas a de reconhecer a inconstitucionalidade e requerer providências ao legislador (BRASIL, 1989). No entanto, a jurisprudência foi revista para estipular prazo para que fosse sanada a lacuna legislativa sob pena de pleito judicial de indenização por perdas e danos (BRASIL, 1991). Em outro caso, o Supremo Tribunal Federal reconheceu que, passados seis meses sem que o Congresso Nacional editasse a lei, o requerente passaria a gozar da imunidade (BRASIL, 1992). Houve, ainda, o reconhecimento da aplicação analógica da Lei nº 8.213, de 1991, art. 57, § 1º, para regular o disposto no § 4º do art. 40 da Constituição (BRASIL, 2010c). No entanto, a mudança paradigmática sobre o tema ocorreu de fato no julgamento do Mandado de Injunção nº 670, em que o Supremo Tribunal Federal alterou seu entendimento para uma solução normativa concreta quanto ao direito de greve dos servidores públicos (BRASIL, 2007b).

> Tal é o poder da lei que a sua elaboração reclama precauções severíssimas. Quem faz a lei é como se estivesse acondicionando materiais explosivos. As consequências da imprevisão e da imperícia não serão tão espetaculares, e quase sempre só de modo indireto atingirão o manipulador, mas podem causar danos irreparáveis. (LEAL, 1960, p. 7-8)

Os riscos envolvidos na elaboração normativa exigem cautela daqueles que se ocupam desse processo. Eles estão obrigados a colher informações variadas sobre a matéria que deve ser regulada e a realizar uma pesquisa que não pode ficar limitada a aspectos estritamente jurídicos. É necessário realizar minuciosa investigação nos âmbitos legislativo, doutrinário e jurisprudencial. A análise da repercussão econômica, social e política do ato legislativo é igualmente imprescindível. Somente a realização dessa pesquisa, que demanda a utilização de conhecimentos interdisciplinares, poderá fornecer elementos seguros para a escolha dos meios adequados para atingir os fins almejados.

A utilização de fórmulas obscuras ou criptográficas, motivadas por razões políticas ou de outra ordem, contraria princípios básicos do próprio Estado de Direito, como os da segurança jurídica e os postulados de clareza e de precisão da norma jurídica (DEGENHART, 1987, p. 102).

13.2 Funções das normas jurídicas

No Estado de Direito, as normas jurídicas cumprem a tarefa de concretizar a Constituição. Elas devem criar os fundamentos de justiça e de segurança que assegurem um desenvolvimento social harmônico em um contexto de paz e de liberdade.

Esses complexos objetivos da norma jurídica são expressos nas funções:

a) de integração: a lei cumpre função de integração ao compensar as diferenças jurídico-políticas no quadro de formação da vontade do Estado (desigualdades sociais, regionais, etc.);
b) de planificação: a lei é o instrumento básico de organização, de definição e de distribuição de competências;
c) de proteção: a lei cumpre função de proteção contra o arbítrio ao vincular os próprios órgãos do Estado;
d) de regulação: a lei cumpre função reguladora ao direcionar condutas por meio de modelos; e
e) de inovação: a lei cumpre função de inovação na ordem jurídica e no plano social (HILL, 1982, p. 22).

13.3 O Caráter subsidiário da atividade legislativa

É certo que a lei exerce um papel deveras relevante na ordem jurídica do Estado de Direito. Assinale-se, porém, que os espaços não ocupados pelo legislador não são dominados pelo caos ou pelo arbítrio.

Embora a competência para editar normas, no tocante à matéria, quase não conheça limites (*universalidade da atividade legislativa*), a atividade legislativa é, e deve continuar sendo, uma atividade subsidiária. Significa dizer que o exercício da atividade legislativa está submetido ao *princípio da necessidade*, isto é, que a promulgação de leis supérfluas ou iterativas configura abuso do poder de legislar (PESTALOZZA, 1981, p. 2082-2083). É que a *presunção de liberdade*,

que lastreia o Estado de Direito democrático, pressupõe um *regime legal mínimo*, que não reduza ou restrinja, imotivada ou desnecessariamente, a liberdade de ação no âmbito social. As leis hão de ter, pois, um *fundamento objetivo*, devendo mesmo ser reconhecida a inconstitucionalidade das normas que estabelecem restrições dispensáveis.[8]

13.4 Vinculação normativa do legislador e controle de constitucionalidade

A atividade legislativa deve ser exercida conforme as normas constitucionais (Constituição, art. 1º, parágrafo único, e art. 5º). Da mesma forma, o poder regulamentar (Cosntituição, art. 84, *caput*, inciso IV) deve ser exercido dentro dos limites estabelecidos pela lei. Isso significa que a ordem jurídica não tolera contradições entre normas jurídicas, ainda que situadas em planos diversos.

Apesar disso, os limites normativos não são sempre observados. Fatores políticos, razões econômico-financeiras ou questões de outra índole, às vezes, podem prevalecer no processo legislativo com a aprovação de leis inconstitucionais ou de regulamentos ilegais. No entanto, a aprovação da lei não garante sequer a sua aplicação, pois é muito provável que as questões controvertidas sejam submetidas ao Poder Judiciário.

A Constituição de 1988 ampliou as possibilidades de questionar a constitucionalidade das leis e dos atos normativos do Poder Púbico. O constituinte preservou o sistema de controle incidental de normas para permitir que qualquer juiz ou tribunal afastasse a aplicação da lei inconstitucional no caso concreto.

Além de manter o controle de constitucionalidade difuso, o constituinte ampliou, de forma significativa, o chamado controle abstrato de normas. Em primeiro lugar, criou a ação declaratória de constitucionalidade – ADC (Emenda Constitucional nº 3, de 17 de março de 1993). Em segundo lugar, ampliou o rol de legitimados a propositura de ações no controle concentrado de constitucionalidade (Emenda Constitucional nº 45, de 30 de dezembro de 2004). Antes, o controle abstrato de normas só poderia ser iniciado pelo Procurador-Geral da República. Com a nova redação constitucional, podem propor a Ação Direta de Inconstitucionalidade e a Ação Direta de Constitucionalidade os seguintes órgãos ou autoridades:

a) Presidente da República;
b) Mesa do Senado Federal;
c) Mesa da Câmara dos Deputados;
d) Mesa de Assembleia Legislativa ou da Câmara Legislativa do Distrito Federal;
e) Governador de Estado ou do Distrito Federal;
f) Procurador-Geral da República;
g) Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil;
h) partido político com representação no Congresso Nacional; e
i) confederação sindical ou entidade de classe de âmbito nacional.

---

[8] Sobre o assunto, cf. as decisões da Corte Constitucional Alemã (BverfGE,17,306 (313); 55, 159 (165)).

Tal como a Constituição de 1967/1969 (art. 119, *caput*, inciso I, alínea "p"), a Constituição de 1988 (art. 102, *caput*, inciso I, alínea "p") outorgou ao Supremo Tribunal Federal a competência para conceder medida cautelar nas ações diretas de inconstitucionalidade. Assim, o Supremo Tribunal Federal poderá suspender, liminarmente, a execução de ato normativo, caso considere presentes os pressupostos relativos à plausibilidade jurídica da arguição (fumaça do bom direito) e à possibilidade de que a aplicação da lei venha acarretar danos irreparáveis ou de difícil reparação (perigo da demora). Outrossim, o STF entendeu possível a concessão de liminar nas ações declaratórias de, apesar de não estar expresso na Constituição (BRASIL, 1998b).

Posteriormente, a Lei nº 9.882, de 3 de dezembro de 1999, que regulamentou o art. 102, § 1º, da Constituição, instituiu a arguição de descumprimento de preceito fundamental, cabível quando houver relevante fundamento em controvérsia constitucional, sobre lei ou ato normativo federal, estadual, distrital ou municipal, incluídos os anteriores à Constituição, e não houver qualquer outro meio eficaz para sanar a lesividade. Diz-se, por isso, tratar-se de uma ação subsidiária.

Com o advento da Emenda Constitucional nº 45, de 2004, foi criada a súmula vinculante (Constituição, art. 103-A). Após reiteradas decisões sobre a matéria constitucional, por voto de dois terços dos membros do Supremo Tribunal Fedeal, poderá ser editada súmula que, a partir de sua publicação na imprensa oficial, terá efeito vinculante em relação aos demais órgãos do Poder Judiciário e às administrações públicas direta e indireta, nas esferas federal, estadual e municipal. A delimitação e as formas de sua revisão ou cancelamento foram dadas pela Lei nº 11.417, de 19 de dezembro de 2006.

O controle de constitucionalidade recomenda a todos os partícipes do processo de elaboração de leis cautela no exame da constitucionalidade das proposições normativas. Mesmo aqueles que se orientam por parâmetros de índole marcadamente pragmática devem estar advertidos de que, já do prisma estritamente prático, eventual ofensa à Constituição não deverá trazer qualquer utilidade, pois é possível que se suspenda a eficácia do dispositivo questionado antes mesmo de sua aplicação.

14 Requisitos da elaboração normativa

Alguns princípios constitucionais balizam a formulação das disposições normativas. Algumas orientações para a elaboração normativa podem ser inferidas a partir do princípio do Estado de Direito. Nesse sentido, as normas jurídicas devem ser dotadas de alguns atributos, como precisão ou determinabilidade, clareza e densidade suficiente (CANOTILHO, 2003) para permitir a definição do objeto da proteção jurídica e o controle de legalidade da ação administrativa.

14.1 Clareza e determinação das normas

O princípio da segurança jurídica, elemento fundamental do Estado de Direito, exige que as normas sejam precisas e claras para que o destinatário das disposições possa identificar a nova situação jurídica e as consequências que dela decorrem.

As formulações obscuras, imprecisas, confusas ou contraditórias devem ser evitadas.

14.2 Princípio da reserva legal

A Constituição consagra, em seu art. 37, a ideia de que a administração pública está submetida, dentre outros princípios, ao da legalidade, que abrange postulados de supremacia da lei e o princípio da reserva legal.

A supremacia da lei expressa a vinculação da administração pública ao Direito, o postulado de que o ato administrativo que contraria norma legal é inválido. Esse princípio está sintetizado na Constituição (art. 5º, *caput*, inciso II) pela fórmula: "Ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei."

Os postulados do Estado de Direito (art. 1º) e o princípio da reserva legal (art. 5º, *caput*, inciso II) impõem que as decisões normativas fundamentais sejam tomadas diretamente pelo legislador.

14.2.1 Reserva legal qualificada

Além do princípio da legalidade, consagrado no art. 5º, *caput*, inciso II, da Constituição, o texto constitucional exige, de forma expressa, que algumas providências sejam precedidas de específica autorização legislativa, vinculada à determinada situação ou destinada a atingir determinado objetivo (reserva legal qualificada).

Assim, a Constituição estabelece, em seu art. 5º, XIII, ser "*livre o exercício de qualquer trabalho, ofício ou profissão, atendidas as qualificações profissionais que a lei estabelecer*". Pode, no entanto, o legislador infraconstitucional impor restrições ao exercício de determinadas profissões se não "atendidas as qualificações profissionais que a lei estabelecer", mas sempre com objetivo de evitar algum dano social decorrente do exercício da profissão por pessoa sem qualificação. Já decidiu o Supremo Tribunal Federal que "Essa limitação há que ser posta, entretanto sempre, com vistas ao interesse público. Nunca aos interesses de grupos profissionais"(BRASIL, 2011b).

Da mesma, forma, consagra-se no art. 5º, XXIII, que "*a propriedade atenderá a sua função social*". Eventuais restrições à liberdade de exercício profissional somente podem ser levadas a efeito no tocante às qualificações profissionais. Assim, as restrições ao direito de propriedade somente se legitimam, igualmente, se tiverem por escopo assegurar a sua função social.

14.2.2 Princípio da legalidade nos âmbitos penal, tributário e administrativo

A Constituição consagra, no art. 5º, *caput*, inciso XXXIX, exigência expressa de previsão legal para a definição de crime e a cominação de pena, e proíbe a retroatividade da lei penal (Constituição, art. 5º, *caput*, inciso XL). Exige que o crime seja previsto em lei escrita e veda a utilização de analogia em relação às normas incriminadoras, e o emprego de fórmulas vagas ou indeterminadas.

Da mesma forma, segundo a Constituição, art.150, a instituição ou a elevação de tributos somente pode ocorrer por lei formal – princípio da legalidade (COELHO, 2006, p.280-281).

Tem-se, ainda, outras hipóteses de reserva legal qualificada, entre as quais cabe destacar a reserva legal em matéria de Direito Administrativo (art. 37, *caput*), como suas derivações tais quais a reserva legal em fixação de remuneração (art. 37, inciso X), criação de

entidades (art. 37, inciso XIX), criação de cargos (art. 61, § 1º, inciso II, alínea "a") ou criação de órgãos (art. 61, § 1º, inciso II, alínea "e").

14.2.3 Reserva legal e princípio da proporcionalidade

A simples existência de lei não é suficiente para legitimar a intervenção no âmbito dos direitos e das liberdades individuais. É preciso também que as restrições sejam proporcionais, isto é, que sejam *adequadas e justificadas pelo interesse público* e atendam *ao critério de razoabilidade* (BRASIL, 1976). Em outros termos, tendo em vista a observância ao princípio da proporcionalidade, cabe analisar não só a legitimidade dos objetivos do legislador, mas também a adequação dos meios empregados, a necessidade de sua utilização, e a *razoabilidade*, isto é, a ponderação entre a restrição a ser imposta aos cidadãos e os objetivos pretendidos (MENDES, 1990, p. 48; CASTRO, 1989. p. 153).

14.2.4 Densidade da norma

O princípio da reserva legal exige não só expressa autorização legislativa para intervenção no âmbito dos direitos individuais, mas pressupõe também que a previsão legal contenha uma disciplina suficientemente concreta (densa, determinada) (CANOTILHO, 2003, p. 258). É essa *densidade suficiente* que, de um lado, há de definir as posições juridicamente protegidas e, de outro, pautar a ação do Estado.

A exigência relativa à adequada densidade da norma tem especial importância no âmbito do Direito Penal, pois eventual incriminação vaga ou imprecisa de certos fatos poderia reduzir a segurança jurídica, nulificando a garantia que se pretende alcançar com o princípio da reserva legal.

14.2.5. A lei e o respeito ao direito adquirido, ao ato jurídico perfeito e à coisa julgada

A Constituição diz, no art. 5º, *caput,* inciso XXXVI, que "a lei não prejudicará o direito adquirido, o ato jurídico perfeito e a coisa julgada". Trata-se de postulado fundamental de segurança jurídica, pedra angular do Estado de Direito. Com a consagração dessa fórmula, o constituinte impõe que o legislador não só respeite as situações jurídicas individuais consolidadas, mas que também preserve os efeitos que se prolonguem. Da mesma forma, exige que a lei respeite a coisa julgada, abrangida tanto a coisa julgada formal, que impede a discussão da questão decidida no mesmo processo, quanto à coisa julgada material, que obsta à discussão da questão decidida em outro processo (MIRANDA, 1987; BASTOS, 1990, p. 199).

14.3.3 As remissões legislativas

A remissão constitui técnica legislativa conhecida. Enquanto a remissão à norma de um mesmo texto legislativo não se afigura problemática (*remissão interna*), as remissões a outros textos legislativos (*remissão externa*) são passíveis de sofrer objeções de índole constitucional, pois podem afetar a clareza e precisão da norma jurídica (HILL, 1982. p. 115. BIELSA, 1987. p. 223). Particularmente problemáticas afiguram-se as *remissões encadeadas*, isto é, a remissão a dispositivos que, por sua vez, remetem a outras proposições.

A remissão pura e simples a disposições constantes de outra lei pode preparar dificuldades adicionais, uma vez que, em caso de revogação ou alteração do texto a que se fez

referência, subsistirá, quase inevitavelmente, a dúvida sobre o efetivo conteúdo da norma (HILL, 1982. p. 115. BIELSA, 1987. p. 223).

Recomenda-se, por isso, que, se as remissões forem inevitáveis, sejam elas formuladas de tal modo que permitam ao intérprete apreender o seu sentido sem ter de compulsar o texto referido.

Acentue-se, ademais, que a remissão a atos secundários, como regulamentos ou portarias, pode configurar afronta aos princípios da reserva legal e da independência entre os poderes.

Por fim, deve-se indicar expressamente o dispositivo objeto de remissão interna, em vez de usar as expressões *"anterior"*, *"seguinte"* ou equivalentes.

15 Desenvolvimento de uma lei

15.1 Considerações preliminares

A atividade legislativa não constitui um sistema linear e unidimensional em que os atores procedem de forma previsível ou planejada. Ao contrário, a atividade legislativa é formada por um conjunto de interesses diferenciados e de relações de força no complexo campo político (HILL, 1982, p. 53). Embora os procedimentos relacionados com a formação da lei estejam previstos de modo mais ou menos detalhado na Constituição, a metodologia empregada na elaboração das leis não observa, necessariamente, um programa previamente definido. É possível, todavia, fixar planos para a elaboração legislativa, como ocorre, normalmente, nos Planos de Governo, nos quais se estabelecem as diretrizes para a legislatura futura.

Não obstante, nem tudo pode ser planejado. Muitas iniciativas, no plano legislativo, são determinadas por circunstâncias ou eventos imprevistos ou imprevisíveis, que exigem uma pronta ação do legislador. Assim, apesar de toda a boa vontade e a organização, não é possível planejar, de forma absolutamente satisfatória, a ação legislativa. Conclui-se que a impossibilidade de um planejamento rigoroso da atividade legislativa acaba por fazer com que o desenvolvimento da lei dependa, não raras vezes, de impulsos isolados.

Os impulsos de índole jurídica devem ser diferenciados daqueles de caráter marcadamente político. Os primeiros decorrem, normalmente, de uma exigência expressamente estabelecida na Constituição, isto é, de um dever constitucional de legislar. Alguns exemplos de deveres impostos ao legislador podem ser mencionados:

a) Constituição, art. 5º, *caput*, inciso XXIX:

> [...] a lei assegurará aos autores de inventos industriais privilégio temporário para sua utilização, bem como proteção às criações industriais, à propriedade das marcas, aos nomes de empresas e a outros signos distintivos, tendo em vista o interesse social e o desenvolvimento tecnológico e econômico do País.

b) Constituição, art. 5º, *caput*, inciso XXXII:

> [...] o Estado promoverá, na forma da lei, a defesa do consumidor.

c) Constituição, art. 7º:

> São direitos dos trabalhadores urbanos e rurais, além de outros que visem à melhoria de sua condição social:
> I – relação de emprego protegida contra despedida arbitrária ou sem justa causa, nos termos de lei complementar, que preverá indenização compensatória, dentre outros direitos;
> [...]
> IV – salário mínimo, fixado em lei, nacionalmente unificado, capaz de atender a suas necessidades vitais básicas e às de sua família, com moradia, alimentação, educação, saúde, lazer, vestuário, higiene, transporte e previdência social, com reajustes periódicos que lhe preservem o poder aquisitivo, sendo vedada sua vinculação para qualquer fim;
> [...]
> XI – participação nos lucros, ou resultados, desvinculada da remuneração, e, excepcionalmente, participação na gestão da empresa, conforme definido em lei.

Às vezes, um dever constitucional de legislar pode se derivar de princípios gerais consagrados na Constituição, como os postulados da democracia, do Estado de Direito e Social e da Dignidade da Pessoa Humana. Outras vezes, esse dever torna-se manifesto em decorrência de uma decisão judicial do Supremo Tribunal Federal nos processos de mandado de injunção ou de ação direta de controle da omissão (Constituição, art. 5º, *caput*, inciso LXXI, e art. 103, § 2º).

A decisão política de deflagrar o processo legislativo decorre, muitas vezes, de iniciativas de órgãos da sociedade civil, tais como:

a) as resoluções aprovadas nas convenções partidárias;
b) as propostas formuladas por associações, órgãos de classe, sindicatos, igrejas etc.; e
c) a discussão nos órgãos de opinião pública.

15.2 O processo legislativo interno

Além do processo legislativo disciplinado na Constituição (processo legislativo externo), a doutrina identifica o chamado processo legislativo interno, que se refere à forma de fazer adotada para a tomada da decisão legislativa.

Apesar de sua relativa informalidade, o processo legislativo interno traduz um esforço de racionalização dos procedimentos de decisão, uma exigência do próprio Estado de Direito. A doutrina esforça-se por identificar o roteiro básico observado na definição de uma decisão legislativa.

15.2.1 Identificação e definição do problema

Antes de decidir sobre as providências a serem tomadas, é essencial identificar o problema a ser enfrentado. Realizada a identificação do problema em decorrência de impulsos externos (manifestações de órgãos de opinião pública, críticas de segmentos especializados) ou graças à atuação dos mecanismos próprios de controle, o problema deve ser delimitado de forma precisa. A reunião de informações exatas sobre uma situação considerada inaceitável ou problemática é imprescindível para evitar a construção de falsos problemas (HILL, 1982, p. 62) e para afastar o perigo de uma avaliação errônea (superestimação ou subestimação).

15.2.2 Análise da situação questionada e de suas causas

A complexidade do processo de elaboração de lei e as consequências que podem advir do ato legislativo exigem que a instauração do processo de elaboração normativa seja precedida de rigorosa análise dos fatos relevantes (apontamento das distorções existentes e as suas eventuais causas); do exame de todo o complexo normativo em questão (análise de julgados, pareceres, críticas doutrinárias, etc.); e de levantamento de dados sobre a questão (audiência de entidades representativas e dos atingidos ou afetados pelo problema etc.) (NOLL, 1971).

A análise da situação questionada deve contemplar as causas ou o complexo de causas que eventualmente determinaram ou contribuíram para o seu desenvolvimento. Essas causas podem ter influências diversas, tais como condutas humanas, desenvolvimentos sociais ou econômicos, influências da política nacional ou internacional, consequências de novos problemas técnicos, efeitos de leis antigas, mudanças de concepção etc. (HILL, 1982).

15.2.3 Definição dos objetivo pretendidos

Para verificar a adequação dos meios a serem utilizados, deve-se realizar uma análise dos objetivos que se esperam com a aprovação da proposta. A ação do legislador, nesse âmbito, não difere, fundamentalmente, da atuação do homem comum, que se caracteriza mais por saber exatamente o que não quer, sem precisar o que efetivamente pretende.

A avaliação emocional dos problemas, a crítica generalizada e, às vezes, irrefletida sobre o estado de coisas dominante acabam por permitir que predominem as soluções negativistas, que têm por escopo, fundamentalmente, suprimir a situação questionada sem contemplar, de forma detida e racional, as alternativas possíveis ou as causas determinantes desse estado de coisas negativo. Outras vezes, deixa-se orientar por sentimento inverso, buscando, pura e simplesmente, a preservação do *status quo*.

Essas duas posições podem levar, nos seus extremos, a uma imprecisa definição dos objetivos. A definição da decisão legislativa deve ser precedida de uma rigorosa avaliação das alternativas existentes, seus prós e contras. A existência de diversas alternativas para a solução do problema não só amplia a liberdade do legislador, como também permite a melhoria da qualidade da decisão legislativa.

15.2.4 Crítica das propostas

Antes de decidir sobre a alternativa a ser positivada, devem-se avaliar e contrapor as alternativas existentes sob dois pontos de vista:

a) De uma perspectiva puramente objetiva: verificar se a análise sobre os dados fáticos e prognósticos se mostra consistente;

b) De uma perspectiva axiológica: aferir, com a utilização de critérios de probabilidade (prognósticos), se os meios a serem empregados mostram-se adequados a produzir as consequências desejadas. Devem-se contemplar, igualmente, as suas deficiências e os eventuais efeitos colaterais negativos (NOLL, 1971; HILL, 1982).

A crítica das proposições formuladas deve questionar se as medidas a implementar são compatíveis com o princípio da proporcionalidade, o qual exige que a intervenção no âmbito do

direito individual seja não só indispensável, mas também adequada e razoável[9]. É exatamente a observância do princípio da proporcionalidade que recomenda que, no conjunto de alternativas existentes, seja eleita aquela que, embora tenha a mesma efetividade, afete de forma menos intensa a situação individual.

Na avaliação das alternativas, não se devem perder de vista aspectos relevantes da aplicação e da execução da lei (análises das repercussões econômico-financeiras, exame da relação custo-benefício, testes e experimentos relacionados com as possíveis consequências da aplicação do novo modelo legal, etc.).

Na comparação das alternativas, deve-se dar preferência àquelas que se mostrem compatíveis com todo o sistema jurídico (harmonia com o sistema jurídico).

Finalmente, compete avaliar o grau de aceitabilidade pelos cidadãos das medidas propostas e de sua factibilidade ou exequibilidade. A possibilidade de resistência séria contra a aplicação de determinada norma por parte dos eventuais atingidos e a probabilidade de que ela venha a ser objeto de impugnações judiciais fundadas devem ser levadas em conta na formulação das proposições normativas.

15.2.5 Controle de resultados

O processo de decisão normativa estará incompleto caso se entenda que a tarefa do legislador se encerre com a edição do ato normativo. Uma planificação mais rigorosa do processo de elaboração normativa exige um cuidadoso controle das diversas consequências produzidas pelo novo ato normativo.

Mencionem-se algumas formas de controle posterior dos resultados da lei:

a) afirma-se, ordinariamente, que o legislador está submetido não só ao dever de legislar, mas também a um dever geral de aferição e de adequação dos atos legislativos já em vigor. Esse dever de adequação manifesta-se, especialmente, naquelas decisões legislativas tomadas com base em prognósticos ou em juízos de probabilidade, tal como ocorre com os planos econômicos e com as leis que disciplinam realidades técnico-científicas;
b) outra forma convencional de controle são os chamados relatórios de experiências, elaborados para avaliar e sistematizar os resultados e as experiências colhidos com a aplicação da lei. No tocante à execução orçamentária, o próprio constituinte estabeleceu exigência de elaboração e de publicação de relatório circunstanciado (Constituição, art. 165, § 3º). A elaboração desses relatórios pode ser prevista, igualmente, em lei ou ser requerida por iniciativa parlamentar (Constituição, art. 58, § 2º, inciso III);
c) a análise das decisões judiciais, proferidas no âmbito do controle judicial da constitucionalidade das leis e da legitimidade dos atos administrativos, permite, igualmente, aferir os resultados obtidos na aplicação e na execução da lei;
d) outras modalidades de controle devem ser contempladas, tais como as críticas científicas, as manifestações dos cidadãos, por meio de órgãos de representação ou isoladamente, críticas de órgãos de imprensa, etc.;

[9] Sobre o assunto ver subitítulo "14.2.3 Reserva legal e princípio da proporcionalidade".

A falta de um efetivo controle de resultados pode ensejar a configuração de inconstitucionalidade por omissão, uma vez que o legislador está obrigado a realizar a atualização e a adequação permanentes das normas.

15.3 Elaboração de atos normativos no âmbito do Poder Executivo federal

Devem ser examinadas, sobretudo, as questões apresentadas no Anexo ao Decreto nº 9.191, de 2017:

QUESTÕES A SEREM ANALISADAS QUANDO DA ELABORAÇÃO DE ATOS NORMATIVOS NO ÂMBITO DO PODER EXECUTIVO FEDERAL

Diagnóstico

1 Alguma providência deve ser tomada?

1.1 Qual é o objetivo pretendido?

1.2 Quais foram as razões que determinaram a iniciativa?

1.3 Neste momento, como se apresenta a situação no plano fático e no plano jurídico?

1.4 Que falhas ou distorções foram identificadas?

1.5 Que repercussões tem o problema que se apresenta no âmbito da economia, da ciência, da técnica e da jurisprudência?

1.6 Qual é o conjunto de destinatários alcançados pelo problema e qual é o número de casos a resolver?

1.7 O que poderá acontecer se nada for feito? (Exemplo: o problema se agravará? Permanecerá estável? Poderá ser superado pela própria dinâmica social, sem a intervenção do Estado? Com que consequências?)

Alternativas

2 Quais são as alternativas disponíveis?

2.1 Qual foi o resultado da análise do problema? Onde se situam as causas do problema? Sobre quais causas pode incidir a ação que se pretende executar?

2.2 Quais são os instrumentos da ação que parecem adequados para alcançar os objetivos pretendidos, no todo ou em parte? (Exemplo: medidas destinadas à aplicação e à execução de dispositivos já existentes; trabalhos junto à opinião pública; amplo entendimento; acordos; investimentos; programas de incentivo; auxílio para que os próprios destinatários alcançados pelo problema envidem esforços que contribuam para sua resolução; instauração de processo judicial com vistas à resolução do problema.)

2.3 Quais instrumentos de ação parecem adequados, considerando-se os seguintes aspectos:

2.3.1 desgastes e encargos para os cidadãos e a economia;

2.3.2 eficácia (precisão, grau de probabilidade de consecução do objetivo pretendido);

2.3.3 custos e despesas para o orçamento público;

2.3.4 efeitos sobre o ordenamento jurídico e sobre as metas já estabelecidas;

2.3.5 efeitos colaterais e outras consequências;

2.3.6 entendimento e aceitação por parte dos interessados e dos responsáveis pela execução; e

2.3.7 possibilidade de impugnação no Poder Judiciário.

Competência legislativa

3 A União deve tomar alguma providência? A União dispõe de competência constitucional ou legal para fazê-lo?

3.1 Trata-se de competência privativa?

3.2 Trata-se de caso de competência concorrente?

3.3 Na hipótese de competência concorrente, a proposta está formulada de modo que assegure a competência substancial do Estado-membro?

3.4 A proposta não apresenta formulação extremamente detalhada que acaba por exaurir a competência estadual?

3.5 A matéria é de fato de iniciativa do Poder Executivo federal? Ou estaria ela afeta à iniciativa exclusiva do Supremo Tribunal Federal, dos Tribunais Superiores, do Procurador-Geral da República ou do Defensor-Geral da União?

Necessidade de lei

4 Deve ser proposta edição de lei?

4.1 A matéria a ser regulada está submetida ao princípio da reserva legal?

4.2 Por que a matéria deve ser submetida ao Congresso Nacional?

4.3 Se não for o caso de se propor edição de lei, a matéria deve ser disciplinada por decreto? Por que não seria suficiente portaria?

4.4 Existe fundamento legal suficiente para a edição de ato normativo secundário? Qual?

Reserva legal

5 Estão sendo utilizadas fórmulas legais excessivamente genéricas?

5.1 Configura-se violação ao princípio da legalidade?

5.2 Há conteúdo abdicatório ou demissionário na norma proposta?

5.3 Configura-se violação ao princípio da legalidade?

5.4 Está havendo indevida delegação legislativa?

Norma temporária

6 A norma deve ter prazo de vigência limitado?

6.1 Seria o caso de editar norma temporária?

Medida provisória:

7 Deve ser proposta a edição de medida provisória?

7.1 O que acontecerá se nada for feito de imediato?

7.2 A proposta pode ser submetida ao Congresso Nacional sob a forma de projeto de lei em regime de urgência (art. 64, § 1º, da Constituição)?

7.3 Trata-se de matéria que pode ser objeto de medida provisória, tendo em vista as vedações estabelecidas no § 1º do art. 62 e no art. 246 da Constituição?

7.4 Estão caracterizadas a relevância e a urgência necessárias?

7.5 Em se tratando da abertura de crédito extraordinário, está atendido o requisito da imprevisibilidade?

Oportunidade do ato normativo

8 O momento é oportuno?

8.1 Quais são as situações-problema e os outros contextos correlatos que devem ainda ser considerados e pesquisados? Por que, então, deve ser tomada alguma providência neste momento?

8.2 Por que não podem ser aguardadas outras alterações necessárias, que se possam prever, para que sejam contempladas em um mesmo ato normativo?

Densidade do ato normativo

9 A densidade que se pretende conferir ao ato normativo é a apropriada?

9.1 A proposta de ato normativo está isenta de disposições programáticas, simbólicas, discursivas ou expletivas?

9.2 É possível e conveniente que a densidade da norma (diferenciação e detalhamento) seja flexibilizada por fórmulas genéricas (tipificação e utilização de conceitos jurídicos indeterminados ou atribuição de competência discricionária)?

9.3 Os detalhes ou eventuais alterações podem ser confiados ao poder regulamentar da União ou de outros entes federativos?

9.4 A matéria já não teria sido regulada em outras disposições de hierarquia superior (regras redundantes que poderiam ser evitadas)? Por exemplo, em:

9.4.1 tratado aprovado pelo Congresso Nacional;

9.4.2 lei federal, em relação a regulamento; ou

9.4.3 regulamento, em relação a portaria.

9.5 Quais são as regras já existentes que serão afetadas pela disposição pretendida? São regras dispensáveis?

Direitos fundamentais

10 As regras propostas afetam direitos fundamentais? As regras propostas afetam garantias constitucionais?

10.1 Os direitos de liberdade podem ser afetados?

10.1.1 Direitos fundamentais especiais podem ser afetados?

10.1.2 Qual é o âmbito de proteção do direito fundamental afetado?

10.1.3 O âmbito de proteção sofre restrição?

10.1.4 A proposta preserva o núcleo essencial dos direitos fundamentais afetados?

10.1.5 Cuida-se de direito individual submetido a simples reserva legal?

10.1.6 Cuida-se de direito individual submetido a reserva legal qualificada?

10.1.7 Qual seria o outro fundamento constitucional para a aprovação da lei? (Exemplo: regulação de colisão de direitos.)

10.1.8 A proposta não abusa de formulações genéricas? (Exemplo: conceitos jurídicos indeterminados.)

10.1.9 A fórmula proposta não se afigura extremamente casuística?

10.1.10 Observou-se o princípio da proporcionalidade ou do devido processo legal substantivo?

10.1.11 Pode o cidadão prever e aferir as limitações ou os encargos que lhe poderão advir?

10.1.12 As normas previstas preservam o direito aos princípios do contraditório e da ampla defesa no processo judicial e administrativo?

10.2 Os direitos de igualdade foram afetados?

10.2.1 Observaram-se os direitos de igualdade especiais? (Exemplo: proibição absoluta de diferenciação)

10.2.2 O princípio geral de igualdade foi observado?

10.2.3 Quais são os pares de comparação?

10.2.4 Os iguais foram tratados de forma igual e os desiguais de forma desigual?

10.2.5 Existem razões que justifiquem as diferenças decorrentes ou da natureza das coisas ou de outros fundamentos de índole objetiva?

10.2.6 As diferenças existentes justificam o tratamento diferenciado? Os pontos em comum legitimam o tratamento igualitário?

10.3 A proposta pode afetar situações consolidadas? Há ameaça de ruptura ao princípio de segurança jurídica?

10.3.1 Observou-se o princípio que determina a preservação de direito adquirido?

10.3.2 A proposta pode afetar ato jurídico perfeito?

10.3.3 A proposta contém possível afronta à coisa julgada?

10.3.4 Trata-se de situação jurídica suscetível de mudança? (Exemplos: institutos jurídicos, situações estatutárias, garantias institucionais.)

10.3.5 Seria recomendável a adoção de cláusula de transição entre o regime vigente e o regime proposto?

Norma penal

11.1 Trata-se de norma de caráter penal?

11.1.1 O tipo penal está definido de forma clara e objetiva?

11.1.2 A norma penal é necessária? Não seria mais adequado e eficaz a previsão da conduta apenas como ilícito administrativo?

11.1.3 A proposta respeita a irretroatividade?

11.1.4 A pena proposta é compatível com outras figuras penais existentes no ordenamento jurídico?

11.1.5 Tem-se agravamento ou melhoria da situação do destinatário da norma?

11.1.6 Trata-se de pena mais grave?

11.1.7 Trata-se de norma que gera a despenalização da conduta?

11.1.8 Eleva-se ou reduz-se o prazo de prescrição do crime?

Norma tributária

12 Pretende-se instituir ou aumentar tributo? Qual é o fundamento constitucional?

12.1 Está sendo respeitado a estrita legalidade tributária de que trata o art. 150, *caput*, inciso I, da Constituição?

12.2 Há definição clara de todos os elementos da obrigação tributária? Qual a hipótese de incidência, a base de cálculo, o sujeito passivo e as consequências no caso de não pagamento ou de pagamento em atraso?

12.3 A lei afeta fatos geradores ocorridos antes de sua vigência (lei retroativa)?

12.4 A cobrança de tributos será realizada no mesmo exercício financeiro da publicação da lei?

12.5 O princípio da imunidade recíproca está sendo observado?

12.6 As demais imunidades tributárias foram observadas?

12.7 Há disposição que assegure o princípio da anterioridade (cobrança somente a partir do exercício financeiro seguinte ao da publicação) e o princípio da anterioridade especial (cobrança apenas após noventa dias, contados da data da publicação)?

12.8 No caso de imposto instituído ou majorado por medida provisória:, foi observado que o ato só produzirá efeitos no exercício financeiro seguinte se aprovada a medida provisória até o último dia daquele exercício em que foi editada?

12.9 O tributo que se pretende instituir tem caráter confiscatório?

12.10 No caso de taxa, cuida-se de exação a ser cobrada em razão do exercício de poder de polícia ou da prestação de serviço público específico e divisível prestados ou postos à disposição do contribuinte? Há equivalência razoável entre o custo da atividade estatal e a prestação cobrada?

Norma de regulação profissional

13 Existe necessidade social da regulação profissional?

13.1 Quais danos concretos para a vida, a saúde ou a ordem social podem advir da ausência de regulação profissional?

13.2 A limitação para o "livre exercício de qualquer trabalho, ofício ou profissão" (art. 5º, inciso XIII, da Constituição), é realmente necessária?

13.3 As exigências de qualificação profissional ou de registro em conselho profissional decorrem de necessidade da sociedade ou são tentativa de fechar o mercado?

13.4 É necessária a inscrição em conselho profissional?

13.4.1 Precisa-se criar novo conselho profissional? Não bastaria aproveitar a estrutura de conselho profissional já existente?

13.4.2 O conselho profissional exercerá efetiva fiscalização do trabalho prestado pelos inscritos ou se limitará ao controle formal do registro?

13.5 Há clareza na delimitação da área de atuação privativa da profissão regulamentada? Não se está incluindo atividades que podem ser exercidas por outras profissões regulamentadas ou por qualquer pessoa?

13.6 Com quais outras profissões, regulamentadas ou não, há possibilidade de conflito de área de atuação? Esse conflito poderá causar dano ao restante da sociedade?

Compreensão do ato normativo

14 O ato normativo corresponde às expectativas dos cidadãos e é inteligível para todos?

14.1 O ato normativo proposto será entendido e aceito pelos cidadãos?

14.2 Os destinatários da norma podem entender o vocabulário utilizado, a organização e a extensão das frases e das disposições, a sistemática, a lógica e a abstração?

Exequibilidade

15 O ato normativo é exequível?

15.1 Por que não se renuncia a novo sistema de controle por parte da administração pública federal?

15.2 As disposições podem ser aplicadas diretamente?

15.3 As disposições administrativas que estabelecem normas de conduta ou proíbem determinadas práticas podem ser aplicadas com os meios existentes?

15.4 É necessário incluir disposições sobre proteção jurídica? Por que as disposições gerais não são suficientes?

15.5 Por que não podem ser dispensadas:

15.5.1 as regras sobre competência e organização;

15.5.2 a criação de novos órgãos e comissões consultivas;

15.5.3 a intervenção da autoridade;

15.5.4 as exigências relativas à elaboração de relatórios; ou

15.5.5 outras exigências burocráticas?

15.6 Quais órgãos ou instituições devem assumir a responsabilidade pela execução das medidas?

15.7 Quais conflitos de interesse o executor da medida terá de administrar?

15.8 O executor das medidas dispõe da necessária discricionariedade?

15.9 Qual é a opinião das autoridades incumbidas de executar as medidas quanto à clareza dos objetivos pretendidos e à possibilidade de sua execução?

15.10 A regra pretendida foi submetida a testes sobre a possibilidade de sua execução com a participação das autoridades encarregadas de aplicá-la? Por que não? A que conclusão se chegou?

Análise de custos envolvidos

16 Existe relação equilibrada entre custos e benefícios? Procedeu-se a análise?

16.1 Qual o ônus a ser imposto aos destinatários da norma?

16.1.1 Que gastos diretos terão os destinatários?

16.1.2 Que gastos com procedimentos burocráticos serão acrescidos? (Exemplo: calcular, ou, ao menos, avaliar os gastos diretos e os gastos com procedimentos burocráticos, incluindo verificação do tempo despendido pelo destinatário com atendimento das exigências formais)

16.2 Os destinatários da norma, em particular as pessoas naturais, as microempresas e as empresas de pequeno porte, podem suportar esses custos adicionais?

16.3 As medidas pretendidas impõem despesas adicionais ao orçamento da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios? Quais são as possibilidades existentes para enfrentarem esses custos adicionais?

16.4 Quais são as despesas indiretas dos entes públicos com a medida? Quantos servidores públicos terão de ser alocados para atender as novas exigências e qual é o custo estimado com eles? Qual o acréscimo previsto para a despesa de custeio?

16.5 Os gastos previstos podem ser aumentados por força de controvérsias judiciais ou administrativas? Qual é o custo potencial com condenações judiciais e com a estrutura administrativa necessária para fazer face ao contencioso judicial e ao contencioso administrativo?

16.6 Há previsão orçamentária suficiente e específica para a despesa? É necessária a alteração prévia da legislação orçamentária?

16.7 Há compatibilidade entre a proposta e os limites individualizados para as despesas primárias de que trata o art. 107 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias?

Simplificação administrativa

17 O ato normativo implicará redução ou ampliação das exigências procedimentais?

17.1 Em que medida os requisitos necessários à formulação de pedidos perante autoridades podem ser simplificados?

17.2 Qual a necessidade das exigências formuladas? Qual o dano concreto no caso da dispensa?

17.3 Quais os custos que os atingidos pelo ato normativo terão com as exigências formuladas?

17.4 Qual será o tempo despendido pelos particulares com as exigências formuladas? O que pode ser feito para reduzir o tempo despendido?

17.5 As exigências formuladas são facilmente compreensíveis pelos atingidos?

17.6 Foram observadas as garantias legais de:

17.6.1 não reconhecer firma e não autenticar documentos em cartório (art. 22 da Lei nº 9.784, de 29 de janeiro de 1999)?

17.6.2 não apresentar prova de vida, residência, pobreza, dependência econômica, homonímia ou bons antecedentes (Lei nº 7.115, de 29 de agosto de 1983)?

17.6.3 não apresentar documentos já existentes no âmbito da administração pública federal ou apresentar nova prova sobre fato já comprovado perante o ente público (art. 37 da Lei nº 9.784, de 1999, e inciso XV do *caput* do art. 5º da Lei nº 13.460, de 26 de junho de 2017)?

17.7 obter decisão final a respeito do requerimento no prazo de trinta dias (art. 49 da Lei nº 9.784, de 1999)?

17.8 O interessado poderá cumprir as exigências por meio eletrônico?

17.8.1 Os sistemas eletrônicos utilizados atendem os requisitos de autenticidade, integridade, validade jurídica e interoperabilidade da ICP-Brasil?

17.8.2.Na hipótese de dificuldade no uso ou de os meios eletrônicos não atenderem os requisitos da ICP-Brasil, está garantida a possibilidade de realização das formalidades por meio físico?

Prazo de vigência e de adaptação

18 Há necessidade de *vacatio legis* ou de prazo para adaptação da administração e dos particulares?

18.1 Qual o prazo necessário para:

18.1.1 os destinatários tomarem conhecimento da norma e analisarem os seus efeitos?

18.1.2 a edição dos atos normativos complementares essenciais para a aplicação da norma?

18.1.3 a administração pública adaptar-se às medidas?

18.1.4 a adequação das estruturas econômicas de produção ou de fornecimento dos produtos ou serviços que serão atingidos?

18.1.5 a adaptação dos sistemas de informática utilizados pela administração pública ou por particulares?

18.2 Qual a redução de custos possível para a administração pública e para os particulares se os prazos de adaptação forem ampliados?

18.3 Qual é o período do mês, do ano ou da semana mais adequado para o início da aplicação das novas regras?

18.4 Para o cumprimento da nova obrigação, foi especificado tratamento diferenciado, simplificado e favorecido ou prazo especial para as microempresas e empresas de pequeno porte, observado o disposto nos § 3º ao § 6º do art. 1º da Lei Complementar nº 123, de 14 de dezembro de 2006?

Avaliação de resultados

19 Como serão avaliados os efeitos do ato normativo?

19.1 Qual a periodicidade da avaliação de resultados do ato normativo?

19.2 Como ocorrerá a reversão das medidas em caso de resultados negativos ou insuficientes?

Capítulo V

TÉCNICA LEGISLATIVA E ATOS NORMATIVOS

5

16 Técnica legislativa

É recomendável que o legislador redija as leis dentro de um espírito de sistema, tendo em vista não só a coerência e a harmonia interna de suas disposições, mas também a sua adequada inserção no sistema jurídico como um todo (LEAL, 1960, p. 7). Essa sistematização expressa uma característica da cientificidade do Direito e corresponde às exigências mínimas de segurança jurídica, à medida que impedem uma ruptura arbitrária com a sistemática adotada na aplicação do Direito.

Costuma-se distinguir a sistemática da lei em sistemática interna (compatibilidade teleológica e ausência de contradição lógica) e sistemática externa (estrutura da lei).

16.1 Sistemática interna da lei

A existência de um sistema interno deve, sempre que possível, evitar contradições lógicas, teleológicas, ou valorativas. Tem-se uma contradição lógica se, por exemplo, a conduta autorizada pela norma A é proibida pela norma B. Verifica-se uma contradição valorativa se identificam-se incongruências de conteúdo axiológico dentro do sistema. É o que resulta, por exemplo, da edição de normas discriminatórias dentro de um sistema que estabelece a igualdade como princípio basilar. Constata-se uma contradição teleológica se há uma contradição entre os objetivos de disposições diversas, de modo que a observância a um preceito importa a nulificação dos objetivos visados pela outra.

16.2 Sistemática externa da lei

O exame da estrutura básica de uma lei talvez constitua a forma mais adequada de apreender aspectos relevantes de sua sistemática externa.

Exemplo da estrutura:

Constituição da República Federativa do Brasil de 1988

PREÂMBULO
TÍTULO I
DOS PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS
TÍTULO II
DOS DIREITOS E GARANTIAS FUNDAMENTAIS
CAPÍTULO I
DOS DIREITOS E DEVERES INDIVIDUAIS E COLETIVOS
CAPÍTULO II
DOS DIREITOS SOCIAIS
CAPÍTULO III
DA NACIONALIDADE
CAPÍTULO IV
DOS DIREITOS POLÍTICOS
CAPÍTULO V
DOS PARTIDOS POLÍTICOS

TÍTULO III
DA ORGANIZAÇÃO DO ESTADO
CAPÍTULO I
DA ORGANIZAÇÃO POLÍTICO-ADMINISTRATIVA
CAPÍTULO II
DA UNIÃO
CAPÍTULO III
DOS ESTADOS FEDERADOS
CAPÍTULO IV
DOS MUNICÍPIOS
CAPÍTULO V
DO DISTRITO FEDERAL E DOS TERRITÓRIOS
Seção I
Do Distrito Federal
Seção II
Dos Territórios
CAPÍTULO VI
DA INTERVENÇÃO
CAPÍTULO VII
DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA
Seção I
Disposições Gerais
Seção II
Dos Servidores Públicos
Seção III
Dos Militares dos Estados, do Distrito Federal e dos Territórios
Seção IV
Das Regiões
(...)

A sistematização das leis mais complexas observa o seguinte esquema básico: livros, títulos, capítulos, seções, subseções e artigos.

O exemplo acima, cumpre ressaltar, não é aplicável à maioria dos atos normativos. A regra geral é a organização dos atos normativos em torno de meros artigos. Portanto, é equivocada a tendência de se pretender realizar divisão de atos normativos diminutos e de baixa complexidade em capítulos e seções, de modo a gerar anomalias como vários capítulos compostos de apenas um artigo.

16.2.1 Artigo

Artigo é a unidade básica para apresentação, divisão ou agrupamento de assuntos em um texto normativo. A Lei Complementar nº 95, de 26 de fevereiro de 1998, apresenta as regras para a numeração dos artigos, de maneira que, até o artigo nono (art. 9º), deve-se adotar a numeração ordinal. A partir do artigo dez, emprega-se a numeração cardinal correspondente, seguida de ponto-final (art. 10.). Os artigos serão designados pela abreviatura "Art.", com inicial maiúscula, sem traço antes do início do texto e, ao longo do texto, designados pela abreviatura – art. –, com inicial

minúscula. Os textos dos artigos serão iniciados com letra maiúscula e encerrados com ponto-final, exceto quando tiverem incisos, hipótese em que serão encerrados por dois-pontos.

Na elaboração dos artigos, devem ser observadas algumas regras básicas, como recomendado por Hesio Fernandes Pinheiro (1962, p. 84):

- Cada artigo deve tratar de um único assunto;
- O artigo conterá, exclusivamente, a norma geral, o princípio. As medidas complementares e as exceções deverão ser expressas por meio de parágrafos;
- Quando o assunto requerer discriminações, o enunciado comporá o *caput* do artigo, e os elementos de discriminação serão apresentados sob a forma de incisos;
- As expressões devem ser usadas em seu sentido corrente, exceto quando se tratar de assunto técnico, hipótese na qual será preferida a nomenclatura técnica, peculiar ao setor de atividades sobre o qual se pretende legislar;
- As frases devem ser concisas;
- Nos atos extensos, os primeiros artigos devem ser reservados à definição dos objetivos perseguidos pelo legislador, à limitação de seu campo de aplicação e à definição de conceitos fundamentais que auxiliem a compreensão do ato normativo.

Exemplo de artigo:

> Art. 70. O domicílio da pessoa natural é o lugar onde ela estabelece a sua residência com ânimo definitivo.
>
> (BRASIL, 2002c)

Os artigos podem desdobrar-se, por sua vez, em parágrafos e incisos; os parágrafos em incisos; estes, em alíneas; e estas, em itens.

Dispositivo	Desdobramento
Artigos	Parágrafos ou incisos
Parágrafos	Incisos
Incisos	Alíneas
Alíneas	Itens
Itens	Subitens (excepcionalmente)

16.2.2 Parágrafo (§)

O parágrafos constitui, na técnica legislativa, a imediata divisão de um artigo, ou, como anotado por Arthur Marinho, "(...) parágrafo sempre foi, numa lei, disposição secundária de um artigo em que se explica ou modifica a disposição principal" (MARINHO, 1944, p. 227-229; PINHEIRO, 1962, p. 100).

O parágrafo é representado pelo sinal gráfico *§* (*signum sectionis*, em português, sinal de seção ou sinal de corte).

Também em relação ao parágrafo, existe a prática da numeração ordinal até o nono (§ 9º) e cardinal a partir do parágrafo dez (§ 10.). Na hipótese de haver apenas um parágrafo, adota-se a grafia "Parágrafo único." (e não "§ único"), com a primeira letra em maiúsculo quando inicia o texto e minúscula quando citada ao longo do texto. Os textos dos parágrafos serão iniciados com letra maiúscula e encerrados com ponto-final.

Neste ponto, se precisa alertar para equívoco, largamente disseminado, de se organizar o ato normativo com número reduzido de artigos e elevado de parágrafos sem que se identifique a relação direta entre a matéria dos *capita* e a matéria tratada nos inúmeros parágrafos. São casos em que o parágrafo não está explicando, excepcionando ou detalhando o *caput*, mas dispondo sobre regra meramente subsequente. O equívoco parece decorrer da errada tendência de se considerar má técnica legislativa o número excessivo de *artigos* e, paradoxalmente, exemplo de esmero na elaboração normativa artigos estruturados de modo complexo, com vários parágrafos além de parágrafos divididos em incisos, alíneas, itens e, até mesmo, subitens.

Assim, cumpre ressaltar que a *regra geral* é o artigo limitar-se a frase curta compondo o *caput* e as ideias subsequentes serem expressas em outros artigos. A subdivisão dos artigos na forma aqui expressa pode ser conveniente e, dependendo da natureza da norma, exigência de boa técnica legislativa, mas não deve ser vista como regra geral ou como exigência aplicável, de modo invariável, a todos os casos.

Exemplo de parágrafo:

Art. 14 (...)
§ 1ºNão serão objeto de consolidação as medidas provisórias ainda não convertidas em lei.

(Lei complementar n° 95, de 26 de fevereiro de 1998)

Exemplo de parágrafo único:

Art. 8º Na hipótese de dissolução da sociedade conjugal por morte de um dos cônjuges, serão tributadas, em nome do sobrevivente, as importâncias que este perceber de seu trabalho próprio, das pensões de que tiver gozo privativo, de quaisquer bens que não se incluam no monte a partilhar e cinquenta por cento dos rendimentos produzidos pelos bens comuns enquanto não ultimada a partilha.

Parágrafo único. Na hipótese de separação judicial, divórcio ou anulação de casamento, cada um dos contribuintes terá o tratamento tributário previsto no art. 2º.

(Constituição de 1988)

16.2.3 Incisos, alíneas e itens

Os incisos são utilizados como elementos discriminativos de artigo ou parágrafo se o assunto nele tratado não puder ser condensado no próprio artigo ou não se mostrar adequado a constituir parágrafo. Os incisos são indicados por algarismos romanos seguidos de travessão

ou meia-risca, que é separado do algarismo e do texto por um espaço em branco: I – ; II – ; III – ; etc.

Exemplo de incisos:

> Art. 26. A margem de *dumping* será apurada com base na comparação entre:
> I - o valor normal médio ponderado e a média ponderada dos preços de todas as transações comparáveis de exportação; ou
> II - os valores normais e os preços de exportação, comparados transação a transação.
>
> (BRASIL, 2013d)

As alíneas são representadas por letras e constituem desdobramentos dos incisos e dos parágrafos. A alínea ou a letra será grafada em minúsculo, seguida de parêntese e separada do texto por um espaço em branco: a) ; b) ; c) ; etc. Quando iniciar o texto e, quando citada ao longo do texto, será grafada em minúsculo, entre aspas e sem o parêntese.

Exemplo de alíneas:

> Art. 15 (...)
> XII – o texto da alínea inicia-se com letra minúscula, salvo quando se tratar de nome próprio, e termina com:
> a) ponto e vírgula;
> b) dois-pontos, quando se desdobrar em itens; ou
> c) ponto-final, caso seja a última e anteceda artigo ou parágrafo.
>
> (BRASIL, 2017a)

Os itens são desdobramentos de alíneas e são representados por números cardinais, seguidos de ponto-final e separados do texto por um espaço em branco: 1. ; 2. ; 3. ; etc.

Exemplo de itens:

> Art. 14. As disposições normativas serão redigidas com clareza, precisão e ordem lógica, e observarão o seguinte:
> (...)
> II - para a obtenção da precisão:
> (...)
> j) empregar nas datas as seguintes formas:
> 1. “4 de março de 1998”;
> 2. “1º de maio de 1998”;
> (...)
>
> (BRASIL, 2002b)

16.2.4 Agrupamento de dispositivos

Para a organização e a sistematização externa do texto do ato normativo, pode ser adotado o agrupamento de dispositivos.

A praxe da técnica legislativa no âmbito federal indica que a denominação do assunto tratada em cada unidade de agrupamento será iniciada pela preposição “De”, combinada com o artigo definido apropriado. Essa praxe deriva do raciocínio de que cada agrupamento trata de

determinado tema. Assim, no Título II da Constituição, por exemplo, trata-se “Dos direitos e garantias fundamentais”.

Os dispositivos podem ser agrupados das seguintes formas:

a) seções:

A seção é o conjunto de artigos que versam sobre o mesmo tema. As seções são indicadas por algarismos romanos e grafadas em letras iniciais maiúsculas e as demais minúsculas em negrito. Eventualmente, as seções subdividem-se em subseções que serão indicadas da mesma forma.

Exemplo de seção:

Seção II
Da sociedade conjugal e das pensões

(Decreto nº 9.580, de 2018)

b) capítulos:

O capítulo é formado por um agrupamento de seções ou de artigos. Sua designação e seu nome são grafados em letras maiúsculas, sem o uso de negrito, e identificados por algarismos romanos.

Exemplo de capítulo:

CAPÍTULO II
DOS DIREITOS SOCIAIS

(Constituição de 1988)

c) título:

O título engloba um conjunto de capítulos. A sua designação deve ser grafada em letras maiúsculas e algarismos romanos.

Exemplo de título:

TÍTULO V
DA DEFESA DO ESTADO E DAS INSTITUIÇÕES DEMOCRÁTICAS

(Constituição de 1988)

d) livro:

Nas leis mais extensas, como os códigos, os conjuntos de títulos são reunidos em livros, podendo estes ser agrupados em parte, que pode ser classificada em parte geral e parte especial.

Exemplo de livro:

PARTE GERAL
LIVRO I

DAS PESSOAS

(Lei nº 10.406, de 2002 – Código Civil)

e) especificação temática simplificada:

Pode ser adotada a especificação temática do conteúdo de grupo de artigos ou de um artigo mediante denominação que preceda o dispositivo, grafada em letras minúsculas em negrito, alinhada à esquerda, sem numeração.

A especificação temática simplificada, ao contrário do Livro, não comporta a regra de utilização da preposição "de".

Exemplo de especificação temática simplificada:

Competência para propor

Art. 22. Incumbe aos Ministros de Estado a proposição de atos normativos, conforme as áreas de competências dos órgãos.

(Decreto nº 9.191, de 2017)

16.2.5 Critérios de sistematização

Embora o legislador disponha de margem relativamente ampla de discricionariedade para eleger os critérios de sistematização da lei, esses critérios devem guardar adequação com a matéria regulada (NOLL, 1973, p. 223). A seguir, estão previstas as regras básicas a serem observadas para a sistematização do texto do ato normativo, com o objetivo de facilitar sua estruturação:

a) matérias que guardem afinidade objetiva devem ser tratadas em um mesmo contexto ou agrupamento;
b) os procedimentos devem ser disciplinados segundo a ordem cronológica, se possível;
c) a sistemática da lei deve ser concebida de modo a permitir que ela forneça resposta à questão jurídica a ser disciplinada; e
d) institutos diversos devem ser tratados separadamente.

A natureza e as peculiaridades de cada disciplina jurídica têm influência decisiva sobre o modelo de sistematização a ser adotado, como se pode depreender de alguns exemplos:

I. Classificação segundo os bens tutelados:

Exemplo:

PARTE ESPECIAL
TÍTULO I
DOS CRIMES CONTRA A PESSOA
TÍTULO II – DOS CRIMES CONTRA O PATRIMÔNIO
TÍTULO III – DOS CRIMES CONTRA A PROPRIEDADE IMATERIAL
TÍTULO IV – DOS CRIMES CONTRA A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

TÍTULO V – DOS CRIMES CONTRA O SENTIMENTO RELIGIOSO E CONTRA O RESPEITO AOS MORTOS
TÍTULO VI – DOS CRIMES CONTRA A DIGNIDADE SEXUAL
TÍTULO VII – DOS CRIMES CONTRA A FAMÍLIA
TÍTULO VIII – DOS CRIMES CONTRA A INCOLUMIDADE PÚBLICA
TÍTULO IX – DOS CRIMES CONTRA A PAZ PÚBLICA
TÍTULO X – DOS CRIMES CONTRA A FÉ PÚBLICA
TÍTULO XI – DOS CRIMES CONTRA A ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

(Parte Especial do Decreto-Lei nº 2.848, de 1940 – Código Penal)

II. Classificação segundo os institutos jurídicos e as relações jurídicas:

Exemplo:

PARTE ESPECIAL

LIVRO I
DO DIREITO DAS OBRIGAÇÕES

TÍTULO I
Das Modalidades das Obrigações
TÍTULO II
Da Transmissão das Obrigações
TÍTULO III
Do Adimplemento e Extinção das Obrigações
TÍTULO IV
Do Inadimplemento das Obrigações
TÍTULO V
Dos Contratos em Geral
TÍTULO VI
Das Várias Espécies de Contrato
TÍTULO VII
Dos Atos Unilaterais
(...)

(BRASIL, 2002c)

III. Classificação segundo a ordem cronológica dos procedimentos:

Exemplo:

PARTE ESPECIAL
LIVRO I
DO PROCESSO DE CONHECIMENTO E DO CUMPRIMENTO DE SENTENÇA
TÍTULO I
DO PROCEDIMENTO COMUM

CAPÍTULO I
DISPOSIÇÕES GERAIS
CAPÍTULO II
DA PETIÇÃO INICIAL
CAPÍTULO III
DA IMPROCEDÊNCIA LIMINAR DO PEDIDO
CAPÍTULO V
DA AUDIÊNCIA DE CONCILIAÇÃO OU DE MEDIAÇÃO
CAPÍTULO VI
DA CONTESTAÇÃO

(BRASIL, 2015b)

17 Tópicos de técnica legislativa

A atividade de elaboração normativa faz uso de alguns instrumentos essenciais para a construção de textos normativos marcados pela precisão, pela densidade e pela clareza.

A norma jurídica, em sua acepção abstrata, se, por um lado, compreende a previsão genérica de atos e fatos da vida social, por outro, tem por missão informar ao cidadão sobre direitos e deveres por ela criados ou disciplinados, de forma clara e objetiva.

Dessa forma, são recomendados, a seguir, alguns recursos redacionais para a elaboração dos textos normativos.

17.1 Alteração normativa

17.1.1 Artigo de alteração da norma

O artigo de alteração da norma deve fazer menção expressa ao ato normativo que está sendo alterado, conforme a formulação apresentada nos exemplos a seguir:

Exemplo:

Art. 1º A Lei nº 11.350, de 5 de outubro de 2006, passa a vigorar com as seguintes alterações:

(Lei nº 13.708, de 14 de agosto de 2018)

Art. 1º O Decreto nº 3.520, de 21 de junho de 2000, passa a vigorar com as seguintes alterações: (...)

(Decreto nº 9.061, de 5 de dezembro de 2018)

É vedado dispor sobre alterações de mais de uma norma no mesmo artigo ou dividir alterações do mesmo ato normativo em diversos artigos da norma alteradora. Também não deve ser feita distinção na norma alteradora entre dispositivos *alterados* e dispositivos *acrescidos*.

O texto de cada artigo acrescido ou alterado será transcrito entre aspas, com a indicação de nova redação, representada pela expressão “(NR)”.

17.1.2 Alteração parcial de artigo

Na hipótese de alteração parcial de artigo, os dispositivos que não terão o seu texto alterado serão substituídos por linha pontilhada, cujo uso é obrigatório para indicar a manutenção e a não alteração do trecho do artigo.

O Decreto nº 9.191, de 2017, estabelece as seguintes regras para o uso de linha pontilhada:

1. no caso de manutenção do texto do *caput*, a linha pontilhada empregada será precedida da indicação do artigo a que se refere;
2. no caso de manutenção do texto do *caput* e do dispositivo subsequente, duas linhas pontilhadas serão empregadas e a primeira linha será precedida da indicação do artigo a que se refere;
3. no caso de alteração do texto de unidade inferior dentro de unidade superior do artigo, a linha pontilhada empregada será precedida da indicação do dispositivo a que se refere; e
4. a inexistência de linha pontilhada não dispensará a revogação expressa de parágrafo.

Observe-se que inexistência de linha pontilhada pode ser interpretada como revogação do dispositivo ou como manutenção; portanto, para evitar grave insegurança jurídica é essencial, em especial no caso de parágrafos, ter o cuidado de colocar a linha pontilhada deixando explícita a manutenção do dispositivo ou, se a intenção for a revogação, não colocar linha pontilhada e, simultaneamente, incluir o dispositivo na cláusula de revogação.

Exemplo de alteração de dispositivo:

Art. 2º O Decreto nº 3.035, de 27 de abril de 1999, passa a vigorar com as seguintes alterações:

"Art. 1º .....

.....

§ 1º O Ministro de Estado Chefe da Casa Civil da Presidência da República exercerá a delegação de competência prevista neste artigo quanto aos órgãos diretamente subordinados ao Presidente da República cujos titulares não sejam Ministros de Estado.

....." (NR)

(Decreto nº 9.533, de 2018)

17.2 Retificação e republicação

Os termos "retificação" e "republicação" formam utilizados sem uniformidade até a definição adotada pelo Decreto nº 9.191, de 2017 (art. 55 e art. 56).

O termo "republicação" agora é utilizado para designar apenas a hipótese de o texto publicado não corresponder ao original assinado pela autoridade. Não se pode cogitar essa hipótese por motivo de *erro* já constante do documento subscrito pela autoridade ou, muito menos, por motivo de alteração na opinião da autoridade.

Considerando que os atos normativos somente produzem efeitos após a publicação no Diário Oficial da União, mesmo no caso de *republicação*, não se poderá cogitar a existência de efeitos retroativos com a publicação do texto corrigido. Contudo, o texto publicado sem

correspondência com aquele subscrito pela autoridade poderá ser considerado inválido com efeitos retroativos.

Já a *retificação* se refere aos casos em que texto publicado corresponde ao texto subscrito pela autoridade, mas que continha lapso manifesto.

A *retificação* requer nova assinatura do pelas autoridades envolvidas e, em muitos casos, é menos conveniente do que a mera alteração da norma segundo o procedimento previsto no subitem 17.1.

18 Apostila

18.1 Definição e finalidade

A correção de erro material que não afete a substância do ato singular de caráter pessoal e as retificações ou alterações da denominação de cargos, funções ou órgãos que tenham tido a denominação modificada em decorrência de lei ou de decreto superveniente à expedição do ato pessoal a ser apostilado são realizadas por meio de *apostila*.

O *apostilamento* é de competência do setor de recurso humanos do órgão, autarquia ou fundação, e dispensa nova assinatura da autoridade que subscreveu o ato originário.

Deve-se ter especial atenção quando do uso do *apostilamento* para os atos relativos à vacância ou ao provimento decorrentes de alteração de estrutura de órgão, autarquia ou fundação pública. O apostilamento não se aplica aos casos nos quais a essência do cargo em comissão ou da função de confiança tenham sido alterados, tais como nos casos de alteração do nível hierárquico, transformação de atribuição de assessoramento em atribuição de chefia (ou vice-versa) ou transferência de cargo para unidade com outras competências. Também deve-se alertar para o fato que a praxe atual tem sido exigir que o apostilamento decorrente de alteração em estrutura regimental seja realizadas na mesma data da entrada em vigor de seu decreto.

18.2 Forma e estrutura

A apostila tem a seguinte estrutura:

a) título: o termo “APOSTILA” escrito em letra maiúscula, com alinhamento centralizado ;
b) texto: o conteúdo do texto deve apresentar a correção do erro material constante do ato original;
c) local e data: por extenso e alinhado à esquerda; e

Exemplo:

Brasília, 12 de agosto de 2018.

d) identificação do signatário: abaixo da assinatura e com alinhamento à esquerda.

Exemplo:

NOME (em maiúsculas)

Cargo (somente as iniciais em maiúsculas)

No original do ato normativo, próximo à apostila, deverá ser mencionada a data de publicação da apostila no boletim de serviço ou no boletim interno.

Exemplo de apostila:

APOSTILA

No Decreto de nomeação de FULANO DE TAL, de 29 de julho de 2018, para o cargo de Secretário-Executivo do Ministério da Educação, onde se lê: “M”, leia-se: “N”.

Brasília, 30 de julho de 2018.

NOME

Ministro de Estado da Educação

19 Atos normativos

19.1 Forma e estrutura

A estrutura dos atos normativos é composta por dois elementos básicos: a ordem legislativa e a matéria legislada. A ordem legislativa compreende a parte preliminar e o fecho da lei ou do decreto; a matéria legislada diz respeito ao texto ou ao corpo do ato.

19.1.1 Ordem legislativa

19.1.1.1 Das partes do ato normativo

O projeto de ato normativo é estruturado em três partes básicas:

a) parte preliminar, com:

1. a epígrafe
2. a ementa; e
3. o preâmbulo, com:

3.1. a autoria;

3.2. o fundamento de validade; e

3.3. quando couber, a ordem de execução, o enunciado do objeto e a indicação do âmbito de aplicação da norma;

b) parte normativa, com as normas que regulam o objeto; e

c) parte final, com:

1. disposições sobre medidas necessárias à implementação das normas constantes da parte normativa;
2. as disposições transitórias;
3. a cláusula de revogação, quando couber; e
4. a cláusula de vigência. A ementa, a autoria, a parte normativa e a cláusula de vigência são são elementos essenciais para a adequada redação de todo o ato

normativo. Os demais elementos podem ou não constar no ato, conforme a natureza e o objeto do ato normativo.

19.1.1.2 Epígrafe

A epígrafe é a parte do ato que o qualifica na ordem jurídica e o situa no tempo, por meio da denominação, da numeração e da data, devendo ser grafadas em maiúsculas e sem ponto final.

Exemplos de epígrafe:

LEI COMPLEMENTAR Nº 95, DE 26 DE FEVEREIRO DE 1998
DECRETO Nº 9.191, DE 1º DE NOVEMBRO DE 2017

19.1.1.3 Ementa

A ementa é a parte do ato que resume o conteúdo do ato normativo para permitir, de modo objetivo e claro, o conhecimento da matéria legislada.

Exemplo de ementa:

Estabelece as normas e as diretrizes para elaboração, redação, alteração, consolidação e encaminhamento de propostas de atos normativos ao Presidente da República pelos Ministros de Estado.

(Decreto nº 9.191, de 2017)

A síntese contida na ementa deve resumir o tema central ou a finalidade principal da lei. Deve-se evitar, portanto, mencionar apenas um tópico genérico da lei acompanhado da expressão "e dá outras providências", que somente em atos normativos de excepcional extensão, com multiplicidade de temas e, paralelamente, se a questão não expressa for pouco relevante e estiver relacionada com os demais temas explícitos na ementa.

19.1.1.4 Preâmbulo

O preâmbulo contém a declaração do nome da autoridade, do cargo em que se encontra investida e da atribuição constitucional em que se funda, quando for o caso, para promulgar o ato normativo e a ordem de execução ou mandado de cumprimento, a qual prescreve a força coativa do ato normativo.

Exemplo de preâmbulo de medida provisória:

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, no uso da atribuição que lhe confere o art. 62 da Constituição, adota a seguinte medida provisória, com força de lei:

Exemplo de preâmbulo de lei:

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Observe-se que o modelo mencionado aplica-se apenas para *leis sendo remetidas à publicação*. Quando a lei ainda está na fase de tramitação legislativa, a formulação do preâmbulo é a seguinte:

Exemplo de preâmbulo de decreto:

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, no uso das atribuições que lhe confere o art. 84, *caput*, incisos IV e VI, alínea "a", da Constituição, e tendo em vista o disposto na Lei Complementar nº 95, de 26 de fevereiro de 1998,

DECRETA:

É necessário ter cuidado na redação do *fundamento de validade* quando da elaboração de *decretos*.

Nos casos mais comuns, os decretos precisam ser classificados como *regulamentares* ou como *organizacionais* (autônomos).

O decreto organizacional deve estar fundamentado no art. 84, inciso VI, alínea "a". O fundamento de validade é a própria norma constitucional e não cabe mencionar ato normativo infraconstitucional como fundamento de validade.

Já o decreto regulamentar extrai seu fundamento de validade da Constituição, art. 84, inciso IV,combinado com (*e tendo em vista*) lei, em sentido estrito. Constitui-se em equívoco grave pretender que determinado decreto tenha como fundamento de validade o art. 84, inciso IV, da Constituição de modo isolado.

Convém salientar que, no preâmbulo dos decretos regulamentares devem ser citadas apenas as normas que dão *fundamento de validade para o ato*, não cabendo mencionar atos normativos meramente *relacionados com o conteúdo do ato*.

Por fim, registre-se que, exceto na hipótese de atos internacionais, não é mais admitida a colocação de *considerandos* em atos normativos. Os esclarecimentos sobre o pretendido com o ato normativo deve constar da Exposição de Motivos e dos pareceres técnicos e jurídicos.

19.1.1.5 Objeto e âmbito de aplicação

O primeiro artigo do ato normativo indicará o seu objeto e o seu âmbito de aplicação, de forma específica, em conformidade com o conhecimento técnico ou científico da área. Os primeiros artigos devem indicar, quando necessário, o objeto e o âmbito de aplicação do ato normativo.

Cumpre não confundir a indicação do âmbito de aplicação do ato normativo com a mera especificação do tema central da lei, já constante da ementa. Especificar o âmbito de aplicação significa indicar relações jurídicas para as quais a norma se destina. Toda a norma de maior complexidade necessita de especificação sobre se sua aplicação está voltada a relações de Direito público ou de Direito privado, à esfera federal ou a todos os entes da Federação, apenas ao Poder Executivo ou também aos outros Poderes, a servidores regidos pelo Regime Jurídico ou a servidores regidos pela Consolidação das Leis do Trabalho, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, a relações contratuais em geral ou apenas a relações de consumo, à administração direta ou à administração indireta, entre outras situações que necessitam ser esclarecidas, sob pena de controvérsias em sua aplicação.

Exemplo de especificação de objeto e âmbito de aplicação:

Art. 1º Esta Lei disciplina a recuperação judicial, a recuperação extrajudicial e a falência do empresário e da sociedade empresária, doravante referidos simplesmente como devedor.

Art. 2º Esta Lei não se aplica a:

I – empresa pública e sociedade de economia mista;

II – instituição financeira pública ou privada, cooperativa de crédito, consórcio, entidade de previdência complementar, sociedade operadora de plano de assistência à saúde, sociedade seguradora, sociedade de capitalização e outras entidades legalmente equiparadas às anteriores.

(Lei nº 11.101, de 2005)

19.1.1.6 Fecho de lei ou de decreto

Existe a tradição de colocar, no fecho de leis e de decretos, referência à contagem dos anos em relação a dois acontecimentos marcantes de nossa história: a Declaração da Independência e a Proclamação da República.

Exemplo:

Brasília, 1º de dezembro de 2018; 197º da Independência e 130º da República.

19.1.2 Matéria legislada: texto ou corpo da lei

O texto ou corpo do ato normativo contém a matéria legislada, isto é, as disposições que alteram a ordem jurídica. É composto por artigos, que, em ordem numérica crescente, enunciam as regras sobre a matéria legislada.

Na tradição legislativa brasileira, o artigo constitui a unidade básica para a apresentação, a divisão ou o agrupamento de assuntos de um texto normativo. Os artigos podem desdobrar-se, por sua vez, em parágrafos e incisos; os parágrafos em incisos; estes, em alíneas; e estas, em itens.

Exemplo:

Art. 487. Haverá resolução de mérito quando o juiz:

I - acolher ou rejeitar o pedido formulado na ação ou na reconvenção;

II - decidir, de ofício ou a requerimento, sobre a ocorrência de decadência ou prescrição;

III - homologar:

a) o reconhecimento da procedência do pedido formulado na ação ou na reconvenção;

b) a transação; e

c) a renúncia à pretensão formulada na ação ou na reconvenção.

Parágrafo único. Ressalvada a hipótese do § 1º do art. 332, a prescrição e a decadência não serão reconhecidas sem que antes seja dada às partes oportunidade de manifestar-se.

(BRASIL, 2015b)

19.1.2.1 Agrupamento de dispositivos

Como assinalado no subitem "16.2 Sistemática externa da lei", a dimensão de determinados textos legais exige uma sistematização adequada. No direito brasileiro, consagra-se a seguinte prática para a divisão das leis mais extensas:

a) um conjunto de artigos compõe uma seção ou subseção;
b) uma seção é composta por várias subseções;
c) um conjunto de seções constitui um capítulo;
d) um conjunto de capítulos constitui um título; e
e) um conjunto de títulos constitui um livro.

Se a estrutura do texto requerer agrupamento, adotam-se as partes, que se denominam parte geral e parte especial (PINHEIRO, 1962, p. 110).

Exemplo:

PARTE GERAL
LIVRO I
DAS PESSOAS
TÍTULO I
DAS PESSOAS NATURAIS
CAPÍTULO I
DA PERSONALIDADE E DA CAPACIDADE
CAPÍTULO II
DOS DIREITOS DA PERSONALIDADE
CAPÍTULO III
DA AUSÊNCIA
Seção I
Da Curadoria dos Bens do Ausente
Seção II
Da Sucessão Provisória
Seção III
Da Sucessão Definitiva

(BRASIL, 2002c)

19.1.2.2 Cláusula de revogação

Até a edição da Lei Complementar nº 95, de 1998, a cláusula de revogação podia ser específica ou geral. Desde então, admite-se somente a cláusula de revogação específica. Dessa maneira, atualmente é vedado o uso de cláusula revogatória assim expressa: "Revogam-se as disposições em contrário."

A revogação é específica quando precisa o ato normativo ou os dispositivos dele que ficam revogados.

O padrão atual determina que cláusula de revogação seja subdividida em incisos e, eventualmente, em alíneas, quando se tratar de revogação de mais de um ato normativo ou, até mesmo, quando se tratar de dispositivos não sucessivos de um mesmo ato normativo. A providência é relevante para facilitar a rápida e precisa dos dispositivos revogados.

Exemplos de cláusulas de revogação específicas:

Art. 4º Fica revogado o Decreto nº 7.965, de 21 de março de 2013.

(Decreto nº 8.208, de 2014)

Art. 2º Fica revogado o inciso VIII *caput* do art. 7º do Anexo I do Decreto nº 9.260, de 2017.

(Decreto nº 7.664, de 2012)

Art. 3º Ficam revogados os seguintes dispositivos do Regulamento do Serviço de Retransmissão de Televisão e do Serviço de Repetição de Televisão, ancilares ao Serviço de Radiodifusão de Sons e Imagens, aprovado pelo Decreto nº 5.371, de 2005:

I – o parágrafo único do art. 13;
II – o § 3º do art. 14;
III – o inciso II do *caput* do art. 41; e
IV – o art. 46.

(Decreto nº 9.479, de 2018)

Art. 10. Ficam revogados os seguintes dispositivos do Anexo I ao Decreto nº 9.003, de 13 de março de 2017:

I – em relação ao art. 2º:
a) a alínea "b" do inciso I do *caput*;
b) os itens 1 e 2 da alínea "e" do inciso II do *caput*;
c) o item 3 da alínea "f" do inciso II do *caput*; e
d) o item 4 da alínea "g" do inciso II do *caput*;
II – o art. 4º;
III – os incisos II e III do *caput* e o parágrafo único do art. 28;
IV – os incisos VIII, XI e XII do *caput* do art. 35;
V – os incisos VII, X e XI do *caput* do art. 36;
VI – o art. 41; e
VII – o art. 42.

(Decreto nº 9.266, de 2018)

19.1.2.3 Cláusula de vigência

Caso a lei não defina data ou prazo para entrada em vigor, aplica-se o preceito do art. 1º do Decreto-Lei nº 4.657, de 4 de setembro de 1942 – Lei de Introdução às Normas do Direito Brasileiro, segundo o qual, exceto se houver disposição em contrário, a lei começa a vigorar em todo o país 45 dias após a data de sua publicação. Contudo, não é de boa técnica legislativa deixar de prever, de modo expresso, a data de entrada em vigor do ato normativo.

No âmbito do Poder Executivo federal, a tendência atual é reduzir as hipóteses de entrada em vigor imediata de atos normativos; portanto, a cláusula padrão *"Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação"* não deve ser posta, de modo acrítico e automático, ao final de todas as normas.

É natural que os interessados na matéria queiram a rápida produção de efeitos, mas sempre convém analisar se a aplicação imediata e incondicionada de ato normativo recém-

publicado não causará danos para a organização da administração pública e para as atividades dos particulares maiores do que as pretensas vantagens dos efeitos imediatos.

O art. 23 do Decreto nº 9.191, de 2017, estabelece a adoção de *vacatio legis para* os atos normativos:

> I – de maior repercussão;
>
> II – que demandem tempo para esclarecimentos ou exijam medidas de adaptação pela população;
>
> III – que exijam medidas administrativas prévias para a aplicação de modo ordenado; ou
>
> IV – em que não convenha a produção de efeitos antes da edição de ato normativo inferior ainda não publicado.

Além de se estudar o *prazo* necessário para a *vacatio legis* convém atentar para o período do ano, do mês ou da semana no qual norma entrará em vigor. Por exemplo, caso a norma afete questões de cálculo de pagamentos deve-se evitar a entrada em vigor no meio do mês. Já caso a norma exija medidas a serem tomadas no dia da entrada em vigor convém evitar a vigência fora de dia útil.

Outa recomendação relevante é evitar utilizar a data de 1º de janeiro para início da vigência ou da produção de efeitos sem análise da conveniência de os particulares e a administração terem de tomar providência em dia que é feriado e, muitas vezes, coincide com troca de governo.

Estes são alguns exemplos de formulações que, segundo os novos padrões, podem ser adotadas na cláusula de vigência:

a) Formulação padrão para *medidas provisórias*, nas quais, considerando a urgência e relevância inerentes ao ato, a *vacatio legis* ou a postergação de efeitos somente podem ser admitidas em situações excepcionais.

Exemplo:

> Art. 7º Esta Medida Provisória entra em vigor na data de sua publicação.
>
> (Medida Provisória nº 858, de 23 de novembro de 2018)

b) Formulação própria para *decretos*, nos quais se tem administração da data exata de publicação; portanto, pode-se definir o dia exato de entrada em vigor.

Exemplo:

> Art. 60. Este Decreto entra em vigor em 1º de fevereiro de 2018.
>
> (Decreto nº 9.191, de 2017)

No caso de *decretos*, a praxe atual consiste em órgão proponente encaminhar proposta à Presidência da República contendo o tempo necessário de *vacatio legis*, e a indicação do momento mais oportuno de entrada em vigor. Com base nessas informações, a Casa Civil da Presidência da República arbitra data de entrada em vigor imediatamente antes de submeter o ato ao Presidente da República.

c) Exemplo de formulação para *leis* nas quais não se é possível antever a data de publicação.

Observe-se que, como consta do exemplo, a vigência não precisa ser a mesma para todos os dispositivos.

Exemplo:

> Art. 80. Esta Lei entra em vigor:
> I – no 1º dia do sexto mês após a data de sua publicação, quanto aos arts. 41 a. 79; e
> II – no 1º dia do mês subsequente à data de sua publicação, quanto aos demais dispositivos.
>
> (exemplo fictício)

A fixação de *vacatio legis* utilizando a fórmula *"Esta Lei [Este Decreto] entra em vigor X dias [semanas/meses/anos] após a data de sua publicação"*, como se observa dos exemplo anteriores, não é mais a fórmula preferencial.

Na contagem do prazo para entrada em vigor dos atos normativos que estabeleçam período de vacância considera-se o dia da publicação como dia zero e a data de entrada em vigor como o dia da consumação integral do prazo. A contagem não é interrompida ou suspensa em fins de semana ou feriados. Pode ocorrer, inclusive, se a entrada em vigor do ato normativo ocorrer em dia não útil.

Caso a *vacatio legis* seja estabelecida em *semanas*, *meses* ou *anos* considera-se que a entrada em vigor ocorrerá no dia de igual número do de início, ou no imediatamente posterior, se faltar exata correspondência.

19.1.3 Assinatura e referenda

Os atos normativos devem ser assinados pela autoridade competente.

Todos os atos submetidos ao Presidente da República devem ser referendads pelos Ministros de Estado que respondam pela matéria (Constituição, art. 87, parágrafo único, inciso I), que assumem, assim, a corresponsabilidade por sua execução e observância (PINHEIRO, 1962, p. 189-190).

No caso dos atos de nomeação de Ministro de Estado, a referenda será do Ministro de Estado da Justiça, ao qual também compete referendar de atos cuja matéria não seja afeta a nenhum outro Ministério.

A referenda de atos propostos por autoridades subordinadas diretamente ao Presidente da República, mas que não sejam *Ministros de Estado,* é da competência do Ministro de Estado Chefe da Casa Civil da Presidência da República.

Cumpre observar que a referenda é competência privativa de *Ministros de Estado*, não podendo ser exercida por outras autoridades (dirigentes de entidades da administração indireta, secretários especiais, secretários-executivos que não estejam no exercício da interinidade como Ministros de Estado, etc) ou delegada. Considerando que a competência é, constitucionalmente, de *Ministros de Estado*, nem mesmo autoridades equiparadas a *Ministros de Estado*, mas que, em sentido estrito, não sejam *Ministros de Estado*, podem exercer a competência.

20 Lei ordinária

20.1 Definição

A lei ordinária é ato normativo primário e contém, em regra, normas gerais e abstratas. Embora as leis sejam definidas, normalmente, pela generalidade e pela abstração (lei material), estas contêm, não raramente, normas singulares (lei formal ou ato normativo de efeitos concretos).

São exemplos de lei formal:

a) Lei Orçamentária Anual (Constituição, art. 165, § 5º);

b) leis que autorizam a criação de empresas públicas, sociedades de economia mista, autarquias e fundações (Constituição, art. 37, *caput*, inciso XIX).

Trata sobre assuntos diversos da área penal, civil, tributária, administrativa e da maior parte das normas jurídicas do país, regulando quase todas as matérias de competência da União, com sanção do Presidente da República. O projeto de lei ordinária é aprovado por maioria simples.

Pode ser proposto pelo Presidente da República, por deputados, senadores, Supremo Tribunal Federal , tribunais superiores e Procurador-Geral da República. Os cidadãos também podem propor tal projeto, desde que seja subscrito por, no mínimo, um por cento do eleitorado do País, distribuído pelo menos por cinco estados, com não menos de 0,3% dos eleitores de cada um deles.

Acentue-se, por outro lado, que existem matérias que somente podem ser disciplinadas por lei ordinária[10], sendo, aliás, vedada a delegação (Constituição, art. 68, § 1º, incisos I, II e III).

20.2 Objeto

O Estado de Direito (Constituição, art. 1º) define-se pela submissão de diversas relações da vida ao Direito. Assim, não deveria haver, em princípio, domínios vedados à lei. Essa afirmativa é, todavia, apenas parcialmente correta. Existem matérias que, por força constitucional, não serão objeto de lei ordinária. Nesse sentido, a Constituição define matérias de competência exclusiva do Congresso Nacional (art. 49), a serem disciplinadas mediante decreto legislativo. Há, ainda, por exemplo, competências privativas do Senado Federal e da Câmara dos Deputados (Constituição, arts. 51 e 52). Por fim, a Emenda Constitucional nº 32, de de 2001, permitiu a disciplina de matérias por decreto do Presidente da República (art. 84, *caput*, inciso VI, alíneas “a” e “b”).

Por outro lado, existem matérias que somente podem ser disciplinadas por lei ordinária, sendo, aliás, vedada a delegação (Constituição, art. 68, § 1º, incisos I, II, III).

21 Lei complementar

21.1 Definição

As leis complementares são um tipo de lei que não têm a rigidez dos preceitos constitucionais, e tampouco comportam a revogação por força de qualquer lei ordinária

---

[10] Na edição anterior do Manual de Redação da Presidência, havia referência ao entendimento do Supremo Tribunal Federal quanto a não sujeição dos atos normativos de efeito concreto ao controle abstrato de constitucionalidade. Ocorre que, com o julgamento da medida cautelar na Ação Direta de Inconstitucionalidade nº 4.048/DF, a Corte mudou seu posicionamento, passando a aceitar a submissão de normas orçamentárias ao controle abstrato de constitucionalidade. (BRASIL, 2008)

superveniente[11]. Com a instituição de lei complementar, o constituinte buscou resguardar determinadas matérias contra mudanças céleres ou apressadas, sem deixá-las exageradamente rígidas, o que dificultaria sua modificação.

A lei complementar deve ser aprovada pela maioria absoluta de cada uma das Casas do Congresso Nacional (Constituição, art. 69).

21.2 Objeto

Caberia indagar se a lei complementar tem matéria própria. Pode-se afirmar que, sendo toda e qualquer lei uma complementação da Constituição, a sua qualidade de lei complementar seria atribuída por um elemento de índole formal, que é a sua aprovação pela maioria absoluta de cada uma das Casas do Congresso. A qualificação de uma lei como complementar dependeria, assim, de um elemento aleatório. Essa não é a melhor interpretação. Ao estabelecer um terceiro tipo, o constituinte pretendeu assegurar certa estabilidade e um mínimo de rigidez às normas que regulam certas matérias. Dessa forma, elimina-se eventual discricionariedade do legislador, e se entende que leis complementares propriamente ditas são aquelas exigidas expressamente pelo texto constitucional (ATALIBA, 1971, p. 28; FERREIRA FILHO, 2012, p. 240-241).

Disso decorre que:

a) Pode-se identificar as matérias reservadas à lei complementar pela expressa menção no texto constitucional. Não se pode pretender estender as matérias reservadas à lei complementar com base em argumentos de maior importância da matéria ou de conveniência política;
b) A utilização de lei complementar nas hipóteses constitucionalmente prescritas é obrigação e não faculdade. Não existe a possibilidade de se dispor por meio de lei ordinária sobre a matéria *enquanto não editada a lei complementar*.
c) Não existe entre lei complementar e lei ordinária (ou medida provisória:) uma relação de hierarquia, pois seus campos de abrangência são diversos. Assim, a lei ordinária que invadir matéria de lei complementar é inconstitucional, e não ilegal[12];
d) Norma pré-constitucional de qualquer espécie que verse sobre matéria que a Constituição de 1988 reservou à lei complementar foi recepcionada pela nova ordem constitucional como lei complementar[13];

---

[11] Sobre o assunto, cf. FERREIRA FILHO, 2012, p. 239. Cabe, no entanto, uma ressalva, pois existem leis formalmente complementares, mas materialmente ordinárias. (cf. BRASIL, 2008b; BRASIL, 2006b)

[12] "3. Inexistência de relação hierárquica entre lei ordinária e lei complementar. Questão exclusivamente constitucional, relacionada à distribuição material entre as espécies legais." (BRASIL, 2008b). No mesmo sentido, cf. BRASIL, 2010d; BRASIL, 2010b; BRASIL, 2009b; BRASIL, 2009d.

[13] "A recepção de lei ordinária como lei complementar pela Constituição posterior a ela só ocorre com relação aos seus dispositivos em vigor quando da promulgação desta, não havendo que se pretender a ocorrência de efeito repristinatório, porque o nosso sistema jurídico, salvo disposição em contrário, não admite a repristinação (Lei de Introdução ao Código Civil, art. 2º, § 3º)". (BRASIL, 1999b).

e) Lei votada com o procedimento de lei complementar e denominada como tal, ainda assim, terá efeitos jurídicos de lei ordinária, podendo ser revogada por lei ordinária posterior, se versar sobre matéria não reservada constitucionalmente à lei complementar[14]; e
f) Dispositivos de uma lei complementar que não tratarem de matéria constitucionalmente reservada à lei complementar possuem efeitos jurídicos de lei ordinária. Contudo, apesar de constitucionalmente legítimo, não é tecnicamente recomendável misturar no corpo de lei complementar matéria de lei ordinária.

22 Lei delegada

22.1 Definição

Lei delegada é o ato normativo elaborado e editado pelo Presidente da República em decorrência de autorização do Poder Legislativo, expedida por meio de resolução do Congresso Nacional e dentro dos limites nela traçados (Constituição, art. 68).

Trata-se de espécie normativa em desuso no âmbito federal. Apenas duas leis delegadas foram promulgadas após a Constituição de 1988, as Leis Delegadas nº 12, de 7 de agosto de 1992, e a Lei nº 13, de 27 de agosto de 1992.

22.2 Objeto

A Constituição (art. 68, § 1º) estabelece que não podem ser objeto de delegação os atos de competência exclusiva do Congresso Nacional, os de competência privativa da Câmara dos Deputados ou do Senado Federal, a matéria reservada à lei complementar, nem a legislação sobre:

"I – organização do Poder Judiciário e do Ministério Público, a carreira e a garantia de seus membros;
II – nacionalidade, cidadania, direitos individuais, políticos e eleitorais; e
III – planos plurianuais, diretrizes orçamentárias e orçamentos."

23 Medida provisória

23.1 Definição

Medida provisória é ato normativo com força de lei que pode ser editado pelo Presidente da República em caso de relevância e urgência. Na hipótese de medida provisória destinada à abertura de crédito extraordinário (Constituição, art. 167, § 3º), também existe o requisito da *imprevisibilidade* da situação que motivou a sua edição.

---

[14] "1. A norma revogada – embora inserida formalmente em lei complementar – concedia isenção de tributo federal e, portanto, submetia-se à disposição de lei federal ordinária, que outra lei ordinária da União, validamente, poderia revogar, como efetivamente revogou. 2. Não há violação do princípio da hierarquia das leis – *rectius*, da reserva constitucional de lei complementar – cujo respeito exige seja observado o âmbito material reservado pela Constituição às leis complementares. 3. Nesse sentido, a jurisprudência sedimentada do Tribunal, na trilha da decisão da ADC 1, 1º.12.93, Moreira Alves, RTJ 156/721, e também pacificada na doutrina". (BRASIL, 2006b)

A medida provisória deve ser submetida de imediato à deliberação do Congresso Nacional.

As medidas provisórias perdem a eficácia desde a edição se não forem convertidas em lei no prazo de 60 dias, prorrogável por mais 60 dias. Nesse caso, o Congresso Nacional deverá disciplinar, por decreto legislativo, as relações jurídicas decorrentes da medida provisória. Se tal disciplina não for feita no prazo de 60 dias após a rejeição ou a perda de eficácia de medida provisória, as relações jurídicas constituídas e decorrentes de atos praticados durante a vigência da medida provisória permanecem regidas por ela.

23.2 Objeto

As medidas provisórias têm por objeto, basicamente, a mesma matéria das leis ordinárias; contudo, não podem ser objeto de medida provisória as seguintes matérias:

a) Nacionalidade, cidadania, direitos políticos, partidos políticos e direito eleitoral;
b) Direitos Penal, Processual Penal e Processual Civil;
c) Organização do Poder Judiciário e do Ministério Público, a carreira e a garantia de seus membros;
d) Planos plurianuais, diretrizes orçamentárias, orçamento e créditos adicionais e suplementares, ressalvada a abertura de crédito extraordinário, a qual é expressamente reservada à medida provisória (Constituição, art. 167, § 3º);
e) Aquelas que visem à detenção ou ao sequestro de bens, de poupança popular ou de qualquer outro ativo financeiro;
f) Aquelas reservadas à lei complementar;
g) Já disciplinada em projeto de lei aprovado pelo Congresso Nacional e pendente de sanção ou veto do Presidente da República;
h) Aprovação de Código; e
i) Regulamentação de artigo da Constituição, cuja redação tenha sido alterada por meio de emenda constitucional promulgada no período compreendido entre 1º de janeiro de 1995 até a promulgação da Emenda Constitucional nº 32, de 11 de setembro de 2001.

Além disso, o Decreto nº 9.191, de 2017, recomenda que não seja objeto de medida provisória a matéria "que possa ser aprovada sem dano para o interesse público nos prazos estabelecidos pelo procedimento legislativo de urgência previsto na Constituição" (art. 35, *caput,* inciso V).

24 Decreto[15]

24.1 Definição

Decretos são atos administrativos de competência exclusiva do Chefe do Executivo, destinados a prover as situações gerais ou individuais, abstratamente previstas, de modo

[15] Nesta versão do Manual da Presidência, optou-se por não discorrer a respeito do decreto legislativo, por se tratar de ato normativo de competência exclusiva do Congresso Nacional (Constituição, art. 49).

expresso ou implícito, na lei (MEIRELLES, 2013, p. 189-190). Essa é a definição clássica, que não se aplica aos decretos autônomos, tratados adiante.

24.2 Decretos singulares ou de efeitos concretos

Os decretos podem conter regras singulares ou concretas (por exemplo, decretos referentes à questão de pessoal, de abertura de crédito, de desapropriação, de cessão de uso de imóvel, de indulto, de perda de nacionalidade, etc.).

Os decreto singulares costumavam não ser numerados, numa prática que foi abolida com o Decreto nº 9.191, de 2017. Atualmente, apenas os decreto relativas às questões de pessoal não são numerados e também não possuem ementa.

24.3 Decretos regulamentares

Os decretos regulamentares são atos normativos subordinados ou secundários. A diferença entre a lei e o regulamento, no Direito brasileiro, não se limita à origem ou à supremacia daquela sobre este. A distinção substancial é de que a lei inova originariamente o ordenamento jurídico, enquanto o regulamento não o altera, mas fixa, tão-somente, as:

> [...] regras orgânicas e processuais destinadas a pôr em execução os princípios institucionais estabelecidos por lei, ou para desenvolver os preceitos constantes da lei, expressos ou implícitos, dentro da órbita por ela circunscrita, isto é, as diretrizes, em pormenor, por ela determinadas. (MELLO, 1969, p. 314-316).

Como observa Celso Antônio Bandeira de Mello, a generalidade e o caráter abstrato da lei permitem particularizações gradativas quando não têm como fim a especificidade de situações insuscetíveis de redução a um padrão qualquer (MELLO, 1981, p. 83). Disso resulta, não raras vezes, margem de discrição administrativa a ser exercida na aplicação da lei.

24.4 Decretos autônomos

Com a edição da Emenda Constitucional nº 32, de 2001, introduziu-se no ordenamento pátrio ato normativo conhecido doutrinariamente como decreto autônomo, decreto que decorre diretamente da Constituição, possuindo efeitos análogos ao de uma lei ordinária.

Tal espécie normativa, contudo, limita-se às hipóteses de organização e funcionamento da administração pública federal, quando não implicar aumento de despesa nem criação ou extinção de órgãos públicos, e de extinção de funções ou cargos públicos, quando vagos (Constituição, art. 84, *caput,* inciso VI).

25 Portaria

25.1 Definição e objeto

É o instrumento pelo qual Ministros ou outras autoridades expedem instruções sobre a organização e o funcionamento de serviço, sobre questões de pessoal e outros atos de sua competência.

Tal como os atos legislativos, a portaria contém parte preliminar, parte normativa e parte final, dessa forma, as considerações do subitem "19.1 Forma e estrutura" são válidas. Porém a portaria não possui fecho e, além disso, as portarias relativas às questões de pessoal não contêm ementa.

Exemplo de portaria:

PORTARIA Nº 936, DE 8 DE AGOSTO DE 2018

Delega competência para autorização de concessão de diárias e passagens no âmbito da Casa Civil da Presidência da República.

O MINISTRO DE ESTADO CHEFE DA CASA CIVIL DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, no uso da atribuição que lhe confere o art. 87, parágrafo único, incisos I e II, da Constituição, e tendo em vista o disposto no art. 12 da Lei nº 9.784, de 29 de janeiro de 1999, e no art. 6º e art. 7º do Decreto nº 7.689, de 2 de março de 2012, resolve:

Art. 1º A competência para autorizar a concessão de diárias e passagens aos servidores fica delegada aos dirigentes máximos das seguintes unidades:

I – Assessoria Especial;

II – Secretaria-Executiva;

III – Subchefia de Análise e Acompanhamento de Políticas Governamentais;

IV – Subchefia de Articulação e Monitoramento;

V – Subchefia para Assuntos Jurídicos;

VI – Secretaria do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social;

VII – Secretaria-Executiva da Comissão de Ética Pública;

VIII – Imprensa Nacional;

IX – Secretaria Especial de Agricultura Familiar e do Desenvolvimento Agrário;

X – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA;

XI – Instituto Nacional de Tecnologia da Informação – ITI; e

XII – Gabinete de Intervenção Federal no Estado do Rio de Janeiro.

§ 1º A concessão de diárias e passagens dos servidores lotados no Gabinete do Ministro será autorizada pelo Secretário-Executivo da Casa Civil.

§ 2º Os dirigentes mencionados no *caput* designarão, aos gestores setoriais do Sistema de Concessão de Diárias e Passagens (SCDP), os servidores que realizarão os procedimentos de concessão e de autorização de diárias e passagens.

Art. 2º Fica delegada ao Secretário-Executivo da Casa Civil, vedada a subdelegação, salvo nas hipóteses em que o deslocamento exigir manutenção do sigilo, observado o § 8º do art. 7º do Decreto nº 7.689, de 2012, a competência para autorizar a concessão de diárias e passagens referentes à:

I – deslocamentos de servidores ou militares por prazo superior a dez dias contínuos;

II – mais de quarenta diárias intercaladas por servidor no ano;

III – deslocamentos de mais de dez pessoas para o mesmo evento; e

IV – deslocamentos para o exterior, com ônus.

Parágrafo único. A competência para autorizar a concessão das diárias e passagens de que tratam os incisos I a III do *caput* fica delegada, nos respectivos órgãos e entidades:

I – ao Secretário Especial de Agricultura Familiar e do Desenvolvimento Agrário;

II – aos presidentes do INCRA e do ITI; e

III – ao Interventor Federal.

Art. 3º A concessão de diárias e passagens do Secretário-Executivo da Casa Civil será autorizada pelo Ministro de Estado Chefe da Casa Civil.

Art. 4º A autoridade responsável pela autorização da concessão das diárias e passagens ficará responsável pela aprovação da respectiva prestação de contas.

Art. 5º Os limites de gastos com diárias e passagens de que trata o § 3º do art. 6º do Decreto nº 7.689, de 2012, deverão ser distribuídos entre as unidades elencadas no art. 1º.

Parágrafo único. O Secretário-Executivo da Casa Civil deverá, em ato próprio a ser publicado no Boletim Interno, definir os limites de gastos com diárias e passagens anualmente.

Art. 6º Ficam convalidados os atos de autorização de concessão de diárias e passagens relativos ao Gabinete de Intervenção Federal no Estado do Rio de Janeiro até a data de entrada em vigor desta Portaria.

Art. 7º Ficam revogadas:

I – a Portaria nº 964, de 5 de outubro de 2017; e

II – a Portaria nº 1.031, de 13 de novembro de 2017.

Art. 8º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação.

ELISEU LEMOS PADILHA

Capítulo VI

O PROCESSO LEGISLATIVO

6

26 Introdução

O processo legislativo abrange não só a elaboração das leis propriamente ditas (leis ordinárias, leis complementares, leis delegadas), mas também a elaboração das emendas constitucionais, das medidas provisórias, dos decretos legislativos e das resoluções (BRASIL, 1988, art. 59).

O decreto legislativo e a resolução são utilizados pelo Congresso Nacional ou por uma de suas Casas para tratar de matéria de sua competência exclusiva. Não estão sujeitos à sanção pelo Presidente da República. Em geral, aplicam-se as regras de elaboração da lei ordinária, mas o detalhamento do procedimento compete aos regimentos internos. Por decreto legislativo, o Congresso Nacional:

a) resolve sobre tratados internacionais (BRASIL, 1988, art. 49);
b) disciplina relações ocorridas na vigência de medida provisória não convertida em lei (BRASIL, 1988, art. 62); e
c) susta atos do Poder Executivo que exorbitem do poder regulamentar (BRASIL, 1988, art. 49).

A resolução, a seu turno, é utilizada principalmente pelo Senado Federal para se desincumbir de suas competências relacionadas ao Imposto sobre Operações relativas à Circulação de Mercadorias – ICMS (BRASIL, 1988, art. 155), para dispor sobre limites de endividamento dos entes e suspender a execução de lei declarada inconstitucional pelo Supremo Tribunal Federal no controle difuso de constitucionalidade (BRASIL, 1988, art. 52).

O processo de elaboração das leis ordinárias e complementares segue o mesmo itinerário (FERREIRA FILHO, 2012, p. 217, 241), ressalvada a exigência de aprovação por maioria absoluta em cada uma das Casas do Congresso Nacional, aplicável às leis complementares (BRASIL, 1988, art. 69). O processo pode ser desdobrado nas seguintes etapas:

a) iniciativa;
b) discussão;
c) deliberação ou votação;
d) sanção ou veto;
e) promulgação; e
f) publicação.

27 Iniciativa

A iniciativa é a proposta de edição de direito novo. A discussão e a votação dos projetos de lei de iniciativa do Presidente da República, do Supremo Tribunal Federal e dos Tribunais Superiores terão início na Câmara dos Deputados (BRASIL, 1988, art. 64). Da mesma forma, a iniciativa popular será exercida pela apresentação à Câmara dos Deputados do projeto de lei (BRASIL, art. 61). A Constituição não tratou expressamente a respeito, mas, por força regimental (RICD, art. 109, § 1º, inciso VII), os projetos de lei de iniciativa do Ministério Público também começam a tramitar na Câmara dos Deputados.

A iniciativa põe em marcha o processo legislativo e determina a possibilidade de a Casa Legislativa destinatária de submeter o projeto de lei a uma deliberação definitiva[16].

27.1 Iniciativa comum ou concorrente

A iniciativa comum ou concorrente compete ao Presidente da República, a qualquer Deputado ou Senador, a qualquer comissão de qualquer das Casas do Congresso, e aos cidadãos – iniciativa popular (BRASIL, 1988, art. 61).

A iniciativa popular em matéria de lei federal está condicionada à manifestação de pelo menos "um por cento do eleitorado nacional, que deverá estar distribuído em, no mínimo, cinco Estados, exigida em cada um deles a manifestação mínima de três décimos por cento de seus eleitores" (BRASIL, 1988, art. 61).

Sob a classificação de iniciativa concorrente, tem-se também a relativa à proposta de emenda à Constituição. O processo de emenda à Constituição pode ser deflagrado (i) por um terço, no mínimo, dos membros da Câmara dos Deputados ou do Senado Federal, (ii) pelo Presidente da República, e (iii) por mais da metade das Assembleias Legislativas dos Estados-Membros, manifestando-se, cada uma delas, pela maioria relativa de seus membros (BRASIL, 1988, art. 60).

27.2 Iniciativa reservada

A Constituição confere a iniciativa da legislação sobre certas matérias, privativamente, a determinados órgãos.

27.2.1 Iniciativa reservada do Presidente da República

Está reservada ao Presidente da República a iniciativa das leis ordinárias ou complementares que (BRASIL, 1988, art. 61):

a) fixem ou modifiquem os efetivos das Forças Armadas;
b) criem cargos, funções ou empregos públicos, ou aumentem sua remuneração;
c) com relação aos Territórios, disponham sobre organização administrativa e judiciária, matéria tributária e orçamentária, serviços públicos e servidores[17];
d) disponham sobre servidores da União e Territórios: provimento de cargos, regime jurídico (estabilidade e aposentadoria);
e) disponham sobre a organização do Ministério Público e da Defensoria Pública da União;
f) disponham sobre normas gerais para a organização do Ministério Público e da Defensoria Pública dos Estados, do Distrito Federal e dos Territórios;
g) criem e extingam órgãos da administração pública;
h) disponham sobre militares das Forças Armadas, provimento de cargos, regime jurídico (promoção, estabilidade, remuneração, reforma e transferência para a reserva.

---

[16] "A iniciativa legislativa aparece, pois, como poder de estabelecer a formação do Direito objetivo e de poder de escolha dos interesses a serem tutelados pela ordem jurídica em forma de lei em sentido técnico. Por isso, torna-se um ato fundamental do processo legislativo. Sem iniciativa, os órgãos incumbidos do poder de legislar não podem exercer tal função" (SILVA, 2007, p. 136)

[17] Cf. BRASIL, 1992b; BRASIL, 2006a; BRASIL, 1988 (especialmente, o art. 61, § 1º, inciso II, alínea b, que se aplica exclusivamente aos Territórios).

27.2.2 Iniciativa reservada da Câmara dos Deputados e do Senado Federal

A remuneração dos servidores da Câmara dos Deputados e do Senado Federal – segundo a Constituição, em seus art. 51 e art.52 – é estabelecida em lei cuja iniciativa é reservada à respectiva Casa. A organização dos serviços administrativos é feita, em regra, por resolução da respectiva Casa, sem que, como na lei que fixa a remuneração, tenha de ir à sanção do Presidente da República.

27.2.3 Iniciativa reservada dos tribunais

Compete privativamente ao Supremo Tribunal Federal e aos Tribunais Superiores (BRASIL, 1988, art. 96) propor a criação ou a extinção dos tribunais inferiores, a alteração do número de membros destes, a criação e a extinção de cargos e a fixação de vencimentos de seus membros, dos juízes, inclusive dos tribunais inferiores, dos serviços auxiliares dos juízos que lhes forem vinculados, e a alteração da organização e da divisão judiciária.

Os tribunais, em geral, detêm competência privativa para propor a criação de novas varas judiciárias. Podem propor tanto a criação e a extinção de cargos e a remuneração dos serviços auxiliares e dos juízos que lhe forem vinculados, bem como a fixação do subsídio de seus membros e dos juízes. Podem, também, propor alteração da organização administrativa e da divisão judiciárias.

A iniciativa da lei complementar sobre o Estatuto da Magistratura (BRASIL, 1988, art. 93) também compete privativamente ao Supremo Tribunal Federal.

27.2.4 Iniciativa reservada do Ministério Público

A iniciativa privativa para apresentar projetos de lei sobre a criação ou a extinção de seus cargos ou de seus serviços auxiliares é assegurada ao Ministério Público (BRASIL, 1988, art. 127)[18].

27.2.5 Iniciativa vinculada

A Constituição prevê, ainda, sistema de iniciativa vinculada, na qual a apresentação do projeto é obrigatória. Nesse caso, o Chefe do Executivo Federal deve encaminhar ao Congresso Nacional os projetos referentes às leis orçamentárias (plano plurianual, lei de diretrizes orçamentárias e o orçamento anual).

---

[18] "No § 5º, do art. 128, a Lei Maior faculta ao Chefe do Ministério Público a iniciativa de lei complementar que estabeleça a organização, as atribuições e o estatuto de cada Ministério Público. Pelo art. 61, § 1º, II, d, o constituinte reserva ao Presidente da República a iniciativa de lei sobre organização do Ministério Público. O STF reconheceu a impropriedade terminológica, mas conciliou os dispositivos, entendendo que, no caso, 'essa *privatividade* [da iniciativa do Presidente da República] só pode ter um sentido, que é o de eliminar a iniciativa parlamentar' (Voto do Min. Sepúlveda Pertence na ADI 400/ES, RTJ 139/453)". (MENDES; BRANCO, 2013, p. 867.)

28 Discussão

A disciplina sobre a discussão e a instrução do projeto de lei é confiada, fundamentalmente, aos Regimentos das Casas Legislativas.

O projeto de lei aprovado por uma Casa será revisto pela outra em um só turno de discussão e votação. Não há tempo prefixado para deliberação, salvo quando o projeto for de iniciativa do Presidente da República e este formular pedido de apreciação sob regime de urgência (Constituição, art. 64, § 1º). Nesse caso, se ambas as Casas não se manifestarem cada qual, sucessivamente, em até 45 dias, o projeto deve ser incluído na Ordem do Dia, e ficam suspensas as deliberações sobre outra matéria até que seja votada a proposição do Presidente (Constituição, art. 64, §§ 1º e 2º).

29 Emenda

Segundo o Regimento Interno da Câmara dos Deputados, emenda é a proposição apresentada como acessória de outra proposição (proposta de emenda à Constituição, projetos de lei ordinária e complementar, projetos de decreto legislativo e projetos de resolução – RICD, art. 118).

29.1 Titularidade do direito de emenda

Nem todo titular de iniciativa tem poder de emenda. Essa faculdade é reservada aos parlamentares. Se, entretanto, for de iniciativa do Poder Executivo ou do Poder Judiciário, o seu titular também pode apresentar modificações, acréscimos, o que fará por meio de mensagem aditiva, dirigida ao Presidente da Câmara dos Deputados, que justifique a necessidade do acréscimo.

Ao contrário do Texto Constitucional de 1967/69, a Constituição de 1988 veda somente a apresentação de emendas que aumentem a despesa prevista nos projetos de iniciativa reservada (Constituição, art. 63, incisos I e II). A apresentação de emendas a qualquer projeto de lei oriundo de iniciativa reservada ficou autorizada, desde que não implique aumento de despesa e que tenha estrita pertinência temática.

29.1.2 Emendas ao projeto de lei de orçamento anual e ao de lei de diretrizes orçamentárias

A Constituição não impede a apresentação de emendas ao projeto de lei orçamentária. Elas devem ser, todavia, compatíveis com o plano plurianual e com a lei de diretrizes orçamentárias e devem indicar os recursos necessários, sendo admitidos apenas aqueles provenientes de anulação de despesa (Constituição, art. 166, § 3º).

A Constituição veda a propositura de emendas ao projeto de lei de diretrizes orçamentárias que não guardem compatibilidade com o plano plurianual (Constituição, art. 166, § 4º).

29.1.3 Emendas a projeto de lei de conversão de medida provisória

Na Ação Direta de Inconstitucionalidade nº 5.127/DF, julgada pelo Plenário Supremo Tribunal Federal em 15 de outubro de 2018, foi firmado o entendimento de que não poderia ser

incluído em *projeto de lei de conversão de medida provisória* matéria estranha o objeto original porque isso implicaria uso indevido de processo legislativo especial[19].

Diante do novo entendimento, a inclusão de emendas sem pertinência temática com o texto original da medida provisória no projeto de lei de conversão deixou de ser mera questão de técnica legislativa e tornou-se problema de inconstitucionalidade.

29.2 Espécies de emendas

As propostas de modificação de um projeto em tramitação no Congresso Nacional podem ter escopos diversos. Elas podem buscar a modificação, a supressão, a substituição, o acréscimo ou a redistribuição de disposições do projeto. Nos termos do Regimento Interno da Câmara dos Deputados, "as emendas são supressivas, aglutinativas, substitutivas, modificativas, ou aditivas". Pode-se, ainda, adotar a seguinte classificação das emendas (RICD, art. 118):

a) emenda supressiva: manda erradicar qualquer parte de outra proposição;
b) emenda aglutinativa: resulta da fusão de outras emendas, ou destas com o texto, por transação tendente à aproximação dos respectivos objetos;
c) emenda substitutiva: apresentada como sucedânea a parte de outra proposição;
d) emenda modificativa: altera a proposição sem a modificar substancialmente;
e) emenda aditiva: acrescenta-se a outra proposição;
f) subemenda: emenda apresentada em Comissão a outra emenda, e pode ser supressiva, substitutiva, ou aditiva; e
g) emenda de redação: emenda modificativa que visa a sanar vício de linguagem, incorreção de técnica legislativa ou lapso manifesto.

30 Votação

A votação da matéria legislativa constitui ato coletivo das Casas do Congresso. Realiza-se, normalmente, após a instrução do projeto nas comissões e dos debates no plenário. Essa decisão é tomada por:

a) Maioria simples (maioria dos membros presentes) para aprovação dos projetos de lei ordinária – desde que presente a maioria absoluta de seus membros: 257 Deputados na Câmara dos Deputados e 41 Senadores no Senado Federal (Constituição, art. 47);
b) Maioria absoluta dos membros para aprovação dos projetos de lei complementar – 257 Deputados e 41 Senadores – (Constituição, art. 69) e maioria de três quintos dos membros das Casas, para aprovação de emendas constitucionais – 308 Deputados e 49 Senadores – (Constituição, art. 60, § 2º).

31 Sanção

[19] Conforme a ementa: "1. Viola a Constituição da República, notadamente o princípio democrático e o devido processo legislativo (arts. 1º, *caput*, parágrafo a prática da inserção, mediante emenda parlamentar no processo legislativo de conversão de medida provisória em lei, de matérias de conteúdo temático estranho ao objeto originário da medida provisória."

A sanção é o ato pelo qual o Chefe do Executivo manifesta a sua anuência ao projeto de lei aprovado pelo Poder Legislativo. Verifica-se aqui a fusão da vontade do Congresso Nacional com a do Presidente, da qual resulta a formação da lei. A sanção pode ser expressa ou tácita.

31.1 Sanção expressa

A sanção será expressa quando o Presidente da República manifestar a sua concordância com o projeto de lei aprovado pelo Congresso Nacional, no prazo de 15 dias úteis.

Na contagem do prazo de 15 dias úteis, devem ser desconsiderados apenas os fins de semana e os feriados previstos em lei federal. Dias de *ponto facultativo* devem ser contados como dia útil, inclusive o Carnaval, pois, apesar de ser tradição não trabalhar no período, não existe lei federal estabelecendo ser feriado a segunda ou a terça-feira de Carnaval.

Existe tradição no sentido de contar o período não segundo os critérios tradicionais, segundo os quais *"computam-se os prazos, excluído o dia do começo, e incluído o do vencimento"*[20], mas incluindo no cômputo tanto o dia do recebimento na Presidência da República quanto o último dia do prazo e considerando este último como o prazo limite para ser despachado pelo Presidente da República. Já a publicação da decisão presidencial, *i. e.* a sanção, o veto integral ou o veto parcial, tem como prazo limite a data em que circular a próxima edição regular do Diário Oficial da União.

Exemplo de fórmula utilizada no caso de sanção expressa:

> **O PRESIDENTE DA REPÚBLICA** Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei: (...)

[20] Conforme Lei nº 10.406, de 2002 – Código Civil, em seu art. 131, *caput*, essa orientação de prazo pode ser dita de modo invertido, como no art. 8º, § 1º, da Lei Complementar nº 95, de 2002, ou seja, "com a inclusão da data da publicação e do último dia do prazo, entrando em vigor no dia subseqüente à sua consumação integral". (BRASIL, 2002c, art.131)

31.2 Sanção tácita

A Constituição confere ao silêncio do Presidente da República o significado de uma declaração de vontade de índole positiva. Assim, decorrido o prazo de 15 dias úteis sem manifestação expressa do Chefe do Poder Executivo, considera-se sancionada tacitamente a lei (Constituição, art. 66, § 3º).

31.3 Sanção e vício de iniciativa

A questão sobre o eventual caráter convalidatório da sanção de projeto resultante de usurpação de iniciativa reservada ao Chefe do Poder Executivo já ocupou tribunais e doutrinadores. Ainda que haja Súmula do STF nº 5, de 13 de dezembro de 1953, a afirmar que "a falta de iniciativa do Poder Executivo fica sanada com a sanção do projeto de lei" (BRASIL, 1953), o Tribunal afastou-se, ainda na década de 1970, dessa orientação (BRASIL, 1974), assentando que a sanção não supre vício de iniciativa, posicionamento que se mantém consolidado[21].

32 Veto

O veto é o ato pelo qual o Chefe do Poder Executivo nega sanção ao projeto – ou a parte dele – , obstando à sua conversão em lei (Constituição, art. 66, § 1º). Trata-se de ato de natureza legislativa, que integra o processo de elaboração das leis no Direito brasileiro (SILVA, 2007, p. 215).

Dois são os fundamentos para a recusa de sanção (Constituição, art. 66, § 1º)

a) inconstitucionalidade; ou
b) contrariedade ao interesse público.

Exemplo de veto por inconstitucionalidade:

Senhor Presidente do Senado Federal,

Comunico a Vossa Excelência que, nos termos do § 1º do art. 66 da Constituição, decidi vetar parcialmente, por contrariedade ao interesse público e inconstitucionalidade, o Projeto de Lei de Conversão nº 18, de 2018(MP nº 827/2018), que "Altera a Lei nº 11.350, de 5 de outubro de 2006, para modificar normas que regulam o exercício profissional dos Agentes Comunitários de Saúde e dos Agentes de Combate às Endemias".

Ouvidos, os Ministérios do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão, da Justiça, da Fazenda e da Saúde manifestaram-se pelo veto aos seguintes dispositivos:

§§ 1º, 5º e 6º do art. 9º-A da Lei nº 11.350, de 5 de outubro de 2006, alterados pelo art. 1º do projeto de lei de conversão

[21] "A sanção do projeto de lei não convalida o vício de inconstitucionalidade resultante da usurpação do poder de iniciativa. A ulterior aquiescência do chefe do Poder Executivo, mediante sanção do projeto de lei, ainda quando dele seja a prerrogativa usurpada, não tem o condão de sanar o vício radical da inconstitucionalidade. Insubsistência da Súmula 5/STF. Doutrina. Precedentes." (BRASIL, 2003). No mesmo sentido, cf. BRASIL, 2009a; BRASIL, 2009c; BRASIL, 1999c; BRASIL, 2001.

"§ 1º O piso salarial profissional nacional dos Agentes Comunitários de Saúde e dos Agentes de Combate às Endemias é fixado no valor de R$ 1.550,00 (mil quinhentos e cinquenta reais) mensais, obedecido o seguinte escalonamento:

I - R$ 1.250,00 (mil duzentos e cinquenta reais) em 1º de janeiro de 2019;

II - R$ 1.400,00 (mil e quatrocentos reais) em 1º de janeiro de 2020;

III - R$ 1.550,00 (mil quinhentos e cinquenta reais) em 1º de janeiro de 2021."

"§ 5º O piso salarial de que trata o § 1º deste artigo será reajustado, anualmente, em 1º de janeiro, a partir do ano de 2022.

§ 6º A lei de diretrizes orçamentárias fixará o valor reajustado do piso salarial profissional nacional dos Agentes Comunitários de Saúde e dos Agentes de Combate às Endemias."

Razões dos vetos

"Os dispositivos violam a iniciativa reservada do Presidente da República em matéria sobre 'criação de cargos, funções ou empregos públicos na administração direta e autárquica ou aumento de sua remuneração', a teor do art. 61, § 1º, inciso II, 'a', da Constituição, na medida em que representaria aumento remuneratório para servidores, e tendo em vista que este dispositivo constitucional alcança qualquer espécie de servidor público, não somente os federais. Além disso, há violação de matéria reservada à Lei de Diretrizes Orçamentárias (Constituição, art. 165, § 2º) pelo §6º do projeto sob sanção, pois se determina inserir na LDO matéria estranha ao objeto que lhe foi constitucionalmente atribuído. Ademais, há também violação do art. 113 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, por se criar despesa obrigatória sem nenhuma estimativa de impacto, incorrendo-se, pelo mesmo fundamento, em violação dos artigos 15, 16 e 17 da Lei de Responsabilidade Fiscal. Por fim, observa-se descumprimento do artigo 21, parágrafo único, da LRF, pois haveria 'ato de que resulte aumento de despesa com pessoal' dentro dos cento e oitenta dias anteriores ao final do mandato do titular do Poder Executivo, o que poderia, inclusive, enquadrar-se como conduta tipificada no artigo 359-G do Código Penal."

Essas, Senhor Presidente, as razões que me levaram a vetar os dispositivos acima mencionados do projeto em causa, as quais ora submeto à elevada apreciação dos Senhores Membros do Congresso Nacional.

(Mensagem nº 228, de 5 de junho de 2013)

Exemplo de veto por contrariedade ao interesse público:

Senhor Presidente do Senado Federal,

Comunico a Vossa Excelência que, nos termos do § 1º do art. 66 da Constituição, decidi vetar integralmente, por contrariedade ao interesse público, o Projeto de Lei nº 59, de 2016 (nº 7.691/14 na Câmara dos Deputados), que "Acrescenta parágrafo ao art. 1º da Lei nº 11.668, de 2 de maio de 2008".

Ouvidos, os Ministérios da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações, do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão, da Fazenda e a Advocacia-Geral da União manifestaram-se pelo veto ao projeto pelas seguintes razões:

"O projeto contempla alteração normativa que poderia resultar em substancial redução de receita da empresa que exerce, em nome da União, o monopólio postal estatal, face à ampliação do escopo dos contratos de franquia postal. Ademais, sob o prisma tributário, não alcançaria o fim projetado, podendo, ao contrário, gerar novas controvérsias, judicialização do tema e insegurança jurídica. Por fim, poderia representar redução da base de cálculo de tributos municipais e federais ora arrecadados, sem estimar o montante de tal redução potencial de receita tributária."

Essas, Senhor Presidente, as razões que me levaram a vetar o projeto em causa, as quais ora submeto à elevada apreciação dos Senhores Membros do Congresso Nacional.

(MENSAGEM Nº 179, de 2017)

32.1 Motivação e prazo do veto

O veto deve ser expresso e motivado, e oposto no prazo de 15 dias úteis, contado da data do recebimento do projeto, e comunicado ao Congresso Nacional nas 48 horas subsequentes à sua oposição (Constituição, art. 66, § 1º).

32.2 Extensão do veto

Nos termos do disposto na Constituição, o veto pode ser total ou parcial (Constituição, art. 66, § 1º). O veto total incide sobre o projeto de lei na sua integralidade. O veto parcial somente pode abranger texto integral de artigo, de parágrafo, de inciso ou de alínea (Constituição, art. 66, § 2º). Não é possível, portanto, o veto de trecho do *caput***,** de inciso, de parágrafo ou de alínea, mesmo que dentro do dispositivo, de modo atécnico, tenham sido postas várias disposições autônomas.

Não está expresso em nenhuma norma e não existe precedente jurisprudencial a respeito; contudo, já está consolidada a tradição no sentido da possibilidade de o veto abranger *item*, *subitem*, linha de tabela no anexo, coluna de tabela no anexo ou o *caput* do artigo sem extensão aos parágrafos.

Quanto aos artigos que efetuam alterações em outras leis, já existe tradição quanto à possibilidade de veto abranger apenas dispositivo específico entre os vários cuja alteração esteja sendo proposta.

32.3 Efeitos do veto

A principal consequência jurídica do exercício do poder de veto é a de suspender a transformação do projeto – ou de parte dele – em lei. Na hipótese de veto parcial, a parte do projeto que logrou obter a sanção presidencial converte-se em lei e passa a obrigar desde a sua entrada em vigor. A parte vetada depende, porém, da manifestação do Poder Legislativo. Se o veto for mantido pelo Congresso Nacional, o projeto, ou parte dele, há de ser considerado rejeitado, podendo a sua matéria ser objeto de nova proposição, na mesma sessão legislativa,

somente se for apresentada pela maioria absoluta dos membros de quaisquer das Casas do Congresso Nacional (Constituição, art. 67).

32.4 Irretratabilidade do veto

Uma das mais relevantes características do veto é a sua irretratabilidade. Tal como já acentuado pelo Supremo Tribunal Federal, manifestado o veto, o Presidente da República não pode retirá-lo ou retratar-se para sancionar o projeto vetado (BRASIL, 1960).

32.5 Rejeição do veto

O veto não impede a conversão do projeto em lei, podendo ser superado por deliberação do Congresso Nacional. Daí afirma-se, genericamente, ter sido adotado, no Direito Constitucional brasileiro, o sistema de veto relativo.

Feita a comunicação do motivo do veto, dentro do prazo de 48 horas, o Congresso Nacional poderá rejeitá-lo, em sessão conjunta, no prazo de 30 dias a contar do recebimento, em escrutínio secreto, pela manifestação da maioria absoluta dos Deputados e Senadores. Comunicado o veto ao Presidente do Senado Federal, este designará Comissão Mista que deverá relatá-lo e estabelecerá o calendário de sua tramitação no prazo de 72 horas. O prazo de que trata o artigo deverá ser contado da protocolização do veto na Presidência do Senado Federal[22]. Esgotado sem deliberação o prazo estabelecido no art. 66, § 4º, o veto será colocado na Ordem do Dia da sessão imediata, sobrestadas as demais proposições, até sua votação final (Constituição, art. 66, § 6º).

Se o veto não for mantido, o projeto será enviado, para promulgação, ao Presidente da República (Constituição, art. 66, § 5º). Se a lei não for promulgada no prazo de 48 horas pelo Presidente da República, o Presidente do Senado Federal a promulgará, e, se este não o fizer em igual prazo, caberá ao Vice-Presidente do Senado fazê-lo (Constituição, art. 66, § 7º).

32.6 Ratificação parcial do projeto vetado

Em se tratando de vetos parciais, o Congresso Nacional poderá acolher certas objeções contra partes do projeto e rejeitar outras. No caso de rejeição parcial dos vetos, verificado nos termos do disposto no art. 66, § 4º, da Constituição, compete ao Presidente da República a promulgação da lei (Constituição, art. 66, § 5º) e, se este não a fizer, caberá ao Presidente ou ao Vice-Presidente do Senado Federal fazê-lo (Constituição, art. 66, § 7º).

---

[22] Art. 104, § 1º do Regime Comum do Congresso Nacional – Resolução nº 1, de 1970, CN, com redação dada pela Resolução no 1, de 2013 – CN.

32.7 Ratificação parcial de veto total

A possibilidade de rejeição parcial de veto total é uma questão menos pacificada. Themistocles Brandão Cavalcanti, por exemplo, considera que "o veto total se possa apresentar como um conjunto de vetos parciais, tal a disparidade e a diversidade das disposições que constituem o projeto". Também o Supremo Tribunal Federal já reconheceu admissibilidade de rejeição parcial de veto total[23]. Essa parece ser a posição mais adequada. A possibilidade de veto parcial legitima a concepção de que o veto total corresponde a uma recusa singular de cada disposição do projeto.

32.8 Tipologia do veto

Pode-se afirmar, em síntese, que, no Direito brasileiro, o veto observa a seguinte tipologia:

a) quanto à extensão, o veto pode ser total ou parcial;
b) quanto à forma, o veto deverá ser expresso;
c) quanto aos fundamentos, o veto pode ser jurídico (por inconstitucionalidade) ou político (por contrariedade ao interesse público);
d) quanto ao efeito, o veto é relativo, pois apenas suspende, até à deliberação definitiva do Congresso Nacional, a conversão do projeto em lei; e
e) quanto à devolução, a atribuição para apreciar o veto é confiada, exclusivamente, ao Poder Legislativo (veto legislativo) (SILVA, 2007; MELO FILHO, 1986, p. 226).

33 Promulgação

A promulgação e a publicação constituem fases essenciais da eficácia da lei.A promulgação atesta a existência da lei, produzindo dois efeitos básicos:

a) reconhece os fatos e atos geradores da lei; e
b) indica que a lei é válida.

33.1 Obrigação de promulgar

A promulgação das leis compete ao Presidente da República (Constituição, art. 66, § 7º,). Ela deverá ocorrer dentro do prazo de 48 horas, decorrido da sanção ou da superação do veto. Nesse último caso, se o Presidente não promulgar a lei, competirá a promulgação ao Presidente do Senado Federal, que disporá, igualmente, de 48 horas para fazê-lo; se este não o fizer, deverá fazê-lo o Vice-Presidente do Senado Federal, em prazo idêntico.

---

[23] "Representação de inconstitucionalidade relativa à Lei 4.962, de 20 de dezembro de 2006, do estado de São Paulo – Lei que se adstringe a disciplina de matéria concernente ao comercio estadual, bem como contém norma de natureza administrativa. Inexistência de invasão de competência legislativa em face da resolução 7/85 do Conselho Nacional do Petróleo. Por outro lado, não há, na Constituição Federal, qualquer norma que impeça a rejeição parcial de veto total. No caso, a rejeição parcial do veto não alterou, em sua substância, o sentido da Lei Estadual em causa. Representação julgada improcedente". (BRASIL, 1987)

33.2 Casos e formas de promulgação

A complexidade do processo legislativo, também na sua fase conclusiva – sanção, veto, promulgação , faz que haja a necessidade de desenvolverem-se formas diversas de promulgação da lei.

Podem ocorrer as seguintes situações:

a) o projeto é expressamente sancionado pelo Presidente da República, verificando-se a sua conversão em lei. Nesse caso, a promulgação ocorre concomitantemente à sanção;
b) o projeto é vetado, mas o veto é rejeitado pelo Congresso Nacional, que converte o projeto em lei. Não há sanção, nesse caso, e a lei deve ser promulgada mediante ato solene (Constituição, art. 66, § 5º); e
c) o projeto é convertido em lei mediante sanção tácita. Nessa hipótese, compete ao Presidente da República – ou, no caso de sua omissão, ao Presidente ou ao Vice-Presidente do Senado Federal – proceder à promulgação solene da lei.

A seguir, alguns exemplos de atos promulgatórios de Lei.

a) sanção expressa e solene:

Exemplo:

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA: Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte lei: (...)

b) promulgação pelo Presidente da República de lei resultante de veto total rejeitado pelo Congresso Nacional:

Exemplo:

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA: Faço saber que o Congresso Nacional manteve e eu promulgo, nos termos do art. 66, § 5º, da Constituição, a seguinte Lei: (...)

c) promulgação pelo Presidente do Congresso Nacional de lei resultante de veto total rejeitado:

Exemplo:

O Presidente do SENADO FEDERAL promulga, nos termos do art. 66, § 7º, da Constituição, a seguinte Lei, resultante de Projeto vetado pelo Presidente da República e mantido pelo Congresso Nacional: (...)

d) parte vetada pelo Presidente da República e mantida pelo Congresso Nacional:

Exemplo:

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA: Faço saber que o Congresso Nacional manteve e eu promulgo, nos termos do art. 66, § 5º, da Constituição, o seguinte [ou seguintes dispositivos] da Lei nº ..., de..., de ..., de 1991: (...)

e) promulgação pelo Presidente do Senado Federal de parte vetada pelo Presidente da República e mantida pelo Congresso Nacional:

Exemplo:

O Presidente do Senado Federal: Faço saber que o CONGRESSO NACIONAL manteve, e eu, _____, Presidente do Senado Federal, nos termos do § 7º, do art. 66, da Constituição, promulgo as seguintes partes da Lei nº ____, de ____ de ____ de ___: (...)

f) promulgação pelo Presidente do Senado Federal de lei sancionada tacitamente pelo Presidente da República:

Exemplo:

Faço saber que o CONGRESSO NACIONAL aprovou, o Presidente da República, nos termos do § 3º do art. 66 da Constituição, sancionou, e eu, _____, Presidente do Senado Federal, nos termos do § 7º do mesmo artigo promulgo a seguinte Lei: (...)

g) Promulgação pelo Presidente do Senado Federal de lei resultante de medida provisória integralmente aprovada pelo Congresso Nacional:

Exemplo:

Faço saber que o Presidente da República adotou a Medida Provisória nº 293, de 1991, que o Congresso Nacional aprovou e eu, _____, Presidente do Senado Federal, para os efeitos do disposto no parágrafo único do art. 62 da Constituição, promulgo a seguinte Lei: (...)

34 Publicação

A publicação constitui a forma pela qual se dá ciência da promulgação da lei aos seus destinatários. É condição de vigência e eficácia da lei.

34.1 Modalidade de publicação

No plano federal, as leis e os demais atos normativos são publicados no Diário Oficial da União.

34.2 Obrigação de publicar e prazo de publicação

A autoridade competente para promulgar o ato tem o dever de publicá-lo. Isso não significa, porém, que o prazo de publicação esteja compreendido no de promulgação, porque, do contrário, haveria a redução do prazo assegurado para a promulgação.

Tradicionalmente, é que a publicação deve ser feita na edição regular do Diário Oficial da União do primeiro dia útil subsequente.

34.3 Publicação e entrada em vigor da lei

A entrada em vigor da lei subordina-se aos seguintes critérios:

a) o da data de sua publicação;
b) o do dia prefixado ou do prazo determinado, depois de sua publicação;
c) o do momento em que ocorrer certo acontecimento ou se efetivar dada formalidade nela previstos, após sua publicação; e
d) o da data que decorre de seu caráter.

34.4 *Vacatio legis*

O período entre a publicação da lei e a sua entrada em vigor é chamado de período de vacância ou *vacatio legis*. Na falta de disposição especial, vigora o princípio que reconhece o decurso de um lapso de tempo entre a data da publicação e o termo inicial da obrigatoriedade (45 dias). Portanto, enquanto não vencer o prazo da *vacatio legis*, considera-se em vigor a lei antiga sobre a mesma matéria.

34.4.1 A *vacatio legis* e as normas complementares, suplementares e regulamentares

A *vacatio legis* não ocorre apenas durante o prazo que a própria lei estabelece para sua entrada em vigor. Ocorre também quando, para ser executada, a lei demanda ou exige a edição de normas complementares, suplementares ou regulamentares (RÁO, 2003, p. 334-335). Nesse caso, há um intervalo de tempo entre a publicação da lei e o início de sua obrigatoriedade, que se encerra, em princípio, com a entrada em vigor dessas normas derivadas ou secundárias.

34.4.2 *Vacatio legis* e republicação do texto

Se tiver de ser republicada a lei antes de entrar em vigor, a parte republicada terá prazo de vigência contado a partir da data da nova publicação (BRASIL, 1942, art. 1º).

As emendas ou as correções à lei que já tenham entrado em vigor são consideradas lei nova (BRASIL, 1942, art. 1º). Sendo lei nova, deve obedecer aos requisitos essenciais e indispensáveis a sua existência e realidade (BRASIL, 1951).

34.5 Não edição do ato regulamentar reclamado e a vigência da lei

A tese dominante no Direito brasileiro era a de que lei, ou parte dela, cuja execução dependesse de regulamento, deveria aguardar a edição do regulamento para obrigar (BRASIL, 1890, art.4º; BEVILACQUA, 1944, p. 24). Essa concepção, que poderia parecer inquestionável em um regime que admite a delegação de poderes, revela-se problemática no atual ordenamento constitucional brasileiro, que consagra a separação dos Poderes como um dos seus princípios basilares (SILVA, 1953, p. 408; MIRANDA, 1987, p. 318).

Como proceder, então, se o titular do poder regulamentar não edita os atos secundários imprescindíveis à execução da lei no prazo estabelecido? Além de eventual responsabilidade civil da pessoa jurídica de Direito público cujo agente político ocasionou a "omissão regulamentar" (CAHALI, 2012, p. 538), significativa corrente doutrinária considera que, quando a lei fixa prazo para sua regulamentação, se não houver a publicação do decreto regulamentar, os destinatários da norma legislativa podem invocar utilmente os seus preceitos e auferir as

vantagens dela decorrentes, desde que se possa prescindir do regulamento (MELLO, 2010, p. 378; MEIRELLES, 2013, p. 138; SILVA, 1953, p. 409; MENDES, 1989, p. 125).

A não publicação em tempo razoável de regulamento exigido pela lei é situação problemática que deve ser evitada. De modo a evitar essa situação, ao redigir proposta de lei ou de medida provisória já se devem ter presentes os parâmetros gerais do futuro decreto regulamentar.

Não é aceitável que posteriormente se analise os termos da proposta de decreto regulamentar para, só então, constatar que não há o mínimo de acordo político quanto à regulamentação da lei ou, como já observado em alguns casos, que a aplicação prática da lei revela-se inviável.

35 Procedimento legislativo

O processo legislativo compreende a elaboração dos seguintes atos normativos: emendas à Constituição, leis complementares, leis ordinárias, leis delegadas, medidas provisórias, decretos legislativos e resoluções.

A matéria-prima sobre a qual trabalha o Congresso Nacional assume a forma de proposição**,** estágio embrionário da norma legal. Segundo o Regimento Interno da Câmara dos Deputados, proposição é toda matéria sujeita à sua deliberação (RICD, art. 100). Para o Senado Federal, as proposições compreendem também os requerimentos, as indicações, os pareceres e as emendas (RISF, art. 211).

Podem-se distinguir seis tipos de procedimento legislativo:

a) procedimento legislativo normal;
b) procedimento legislativo abreviado;
c) procedimento legislativo sumário;
d) procedimento legislativo sumaríssimo;
e) procedimento legislativo concentrado; e
f) procedimento legislativo especial.

35.1 Procedimento legislativo normal

Trata da elaboração das leis ordinárias (excluídas as leis financeiras e os códigos) e complementares. Tem lugar nas Comissões Permanentes e no Plenário de cada uma das Casas Legislativas. Inicia-se com a apresentação e a leitura do projeto, realizadas em Plenário; prossegue nas Comissões Permanentes, que, após estudos e amplo debate, e também possíveis alterações, emitem parecer; volta a transcorrer no plenário, depois do pronunciamento de todas as Comissões a que tenha sido distribuído o projeto, com as fases de discussão e de votação.

Excetuadas as proposições oferecidas por senador ou Comissão do Senado Federal (além das medidas provisórias e projetos de leis financeiras, como se verá adiante), todos os demais projetos de lei têm seu procedimento legislativo iniciado na Câmara dos Deputados (Constituição, art. 61, § 2º, e art. 64).

O procedimento legislativo pode findar antecipadamente se ocorrer alguma das diversas hipóteses que ensejam declaração de prejudicialidade ou de arquivamento. Considera-se prejudicada a proposição idêntica a outra aprovada ou rejeitada na mesma sessão legislativa; aquela que tiver substitutivo aprovado ou for semelhante a outra considerada inconstitucional;

aquela cujo objeto perdeu a oportunidade, dentre outras hipóteses (RICD, arts. 163 e 164). O arquivamento ocorre por sugestão da Comissão (RICD, art. 57, *caput*, inciso IV); quando todas as comissões de mérito dão parecer contrário (RICD, art. 133); ao fim da legislatura (RICD, art. 105, *caput*), dentre outras situações.

Os projetos de lei ordinária sujeitam-se, em regra, a turno único de discussão e votação; os de lei complementar, a dois turnos, exceto quando houverem passados à Casa revisora.

Quando a discussão é encerrada e todos os prazos e interstícios cabíveis são cumpridos, o projeto será votado. Na hipótese de ser projeto de lei ordinária, as deliberações serão tomadas por maioria simples de votos, presente a maioria absoluta dos membros da Casa onde esteja tramitando a proposição. O *quorum* exigido para aprovação do projeto de lei complementar é o da maioria absoluta dos votos dos membros da Casa onde esteja no momento da votação, ou seja, o número inteiro imediatamente superior à metade.

Aprovada a redação final, o projeto, em forma de autógrafo, segue para a Casa revisora. Lá se repete todo o procedimento e, se receber novas emendas, a proposição retornará à Casa de origem, que, então, se restringirá a aprovar ou a rejeitar as emendas, sem possibilidade de subemendar. Quando as emendas são rejeitadas ou aprovadas, a instância de origem envia o projeto à sanção. Se a Casa revisora não emendar a proposição, a ela caberá remeter o projeto à sanção.

35.2 Procedimento legislativo abreviado

Este procedimento dispensa a competência do Plenário, ocorrendo, por isso, a deliberação terminativa sobre o projeto de lei nas próprias Comissões Permanentes (Constituição, art. 58, § 2º, inciso I).

Do Regimento Interno da Câmara dos Deputados (art. 24, *caput*, II) e do Regimento Interno do Senado Federal (art. 91), se extrai a informação de que esse rito não se aplica a:

a) projetos de lei complementar;
b) projetos de códigos;
c) projetos de lei de iniciativa popular;
d) matéria não delegável, elencada no § 1º do art. 68 da Constituição;
e) projetos de lei de Comissões;
f) projetos de lei oriundos da outra Casa do Congresso Nacional, onde tenha ido a Plenário;
g) projeto de lei com pareceres divergentes; e
h) projetos de lei em regime de urgência.

Além desses, o Regimento Interno da Câmara dos Deputados (art. 213, § 6º) obriga a submissão ao Plenário dos projetos de lei de consolidação.

A própria Constituição diminui as oportunidades de se concluir nas Comissões o procedimento, quando, em seu art. 58, § 2º, inciso I, faculta a um décimo dos membros da Casa Legislativa recorrer da decisão das Comissões, levando o assunto para o Plenário.

35.3 Procedimento legislativo sumário

Entre as prerrogativas regimentais das Casas do Congresso Nacional, existe a de conferir urgência a certas proposições. Existe um regime de urgência estabelecido pela própria Constituição, o que se aplica aos projetos de lei de iniciativa do Presidente da República,

excluídos os códigos (Constituição, art. 64, § 1º). A solicitação de urgência por parte do Presidente da República pode vir consignada na própria mensagem de encaminhamento do projeto de lei ou, também por mensagem, depois de sua remessa (RICD, art. 204, § 1º).

Solicitada a urgência pelo Presidente da República, a Constituição estipula o prazo de 45 dias de tramitação em cada Casa e determina que, decorrido esse prazo, a proposição seja incluída na Ordem do Dia, sobrestando a deliberação sobre outros assuntos até que se ultime a votação (Constituição, art. 64, § 2º).

Uma vez concluída a votação do projeto de lei com urgência constitucional na Câmara dos Deputados, ele é remetido ao Senado Federal. Este, por sua vez, também tem 45 dias para apreciar o projeto sem que haja sobrestamento das demais matérias de sua pauta. Havendo alteração do texto no Senado Federal (Casa revisora), a Câmara dos Deputados passa a ter mais 10 dias para votação, sob pena de sobrestamento de sua pauta.

Para não prejudicar a celeridade, o Senado Federal fixou a apreciação simultânea do projeto pelas Comissões, reservando-lhes apenas 25 dos 45 dias para apresentarem parecer (RISF, art. 375, incisos II e III).O procedimento sumário serve também para o exame, pelo Congresso Nacional, dos atos de outorga ou de renovação das concessões de emissoras de rádio e TV (Constituição, art. 223, § 1º).

35.4 Procedimento legislativo sumaríssimo

Além do regime de urgência, que pode ser atribuído às proposições para seu andamento ganhar rapidez, existe nas duas Casas do Congresso Nacional mecanismo que assegura deliberação instantânea sobre matérias submetidas à sua apreciação. Trata-se do regime informalmente denominado de "urgência urgentíssima". No Regimento Interno da Câmara dos Deputados, está previsto no art. 155; no Regimento Interno do Senado Federal, no art. 353, *caput*, inciso I[24].

Com exceção das exigências estabelecidas para *quorum*, pareceres e publicações, todas as demais formalidades regimentais, dentre elas os prazos, são dispensadas com a adoção do regime de urgência urgentíssima.

Se a matéria for considerada de relevante e de inadiável interesse nacional, basta, na Câmara dos Deputados, que líderes com representação de metade mais um dos deputados, ou a maioria absoluta destes, requeiram a *urgência urgentíssima* para a proposição entrar automaticamente na Ordem do Dia, em discussão e votação imediatas – ainda que já iniciada a sessão em que for apresentada (RICD, art. 155).

Igualmente, no Senado Federal, quando se cuide de matéria que envolva perigo para a segurança nacional ou calamidade pública, ou ainda simplesmente quando se pretenda incluir a matéria na mesma sessão, tudo pode ser resolvido no mesmo dia, praticamente, sob o regime sumaríssimo.

---

[24]A tese dos 45 dias como prazo total de tramitação, defendida por alguns – embora a Constituição use o termo "sucessivamente" para esclarecer que cada Casa terá 45 dias – esbarra em mais um óbice: o Regimento Interno da Câmara dos Deputados, cujo inciso I do art. 204 dispõe: "I – findo o prazo de 45 dias de seu recebimento pela Câmara sem a manifestação definitiva do Plenário, o projeto será incluído na Ordem do Dia (...)".

35.5 Procedimento legislativo concentrado

O procedimento legislativo concentrado tipifica-se, basicamente, pela apresentação das matérias em reuniões conjuntas de deputados e senadores.

As leis financeiras e as leis delegadas seguem esse procedimento. Com mais precisão, pode-se dizer que há um procedimento concentrado para as leis financeiras e outro ainda para as leis delegadas.

35.5.1 Leis financeiras

O plano plurianual, as diretrizes orçamentárias, os orçamentos anuais e os projetos de abertura de crédito adicional subordinam-se a trâmite próprio, disciplinado no art. 166 da Constituição.

Nota-se certa provisoriedade quanto a prazos de apresentação e de elaboração das principais leis financeiras. Isso porque a Constituição – em seu art. 165 § 9º e no art. 166, § 7º – estipula que a organização, a elaboração, o encaminhamento, os prazos e a vigência dessas leis, serão disciplinados em lei complementar. Como essa lei complementar ainda não se materializou, prevalecem os prazos assinalados no § 2º do art. 35, do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, quanto à época de envio das leis financeiras ao Congresso Nacional e do prazo do processo legislativo.

A deliberação sobre os projetos de leis financeiras ocorrerá em sessão conjunta do Congresso Nacional, após a emissão de parecer por uma Comissão Mista. Os §§ 3º e 4º do art. 166, da Constituição, disciplinam a possibilidade de emendar esses projetos nessa Comissão.

Se o Presidente da República, após enviar as proposições ao Congresso Nacional, desejar modificá-las, poderá dirigir-lhe mensagem nesse sentido no caso de Comissão Mista não houver ainda votado a parte a ser alterada (Constituição, art. 166, § 5º).

35.5.2 Leis delegadas

A Constituição atual manteve as leis delegadas (art. 68) que constavam da anterior, embora não tenha reiterado a competência concorrente das comissões do Poder Legislativo para elaborá-las, assegurada na Carta substituída. Afora isso, pouco mudou quanto a essas leis.

A proposta de delegação será encaminhada ao Presidente do Senado Federal, que convocará sessão conjunta para, no prazo de 72 horas, o Congresso Nacional tomar conhecimento (Regimento Comum, art. 119). Na sessão conjunta, distribuída a matéria em avulsos, Comissão Mista será constituída para emitir parecer sobre a proposta.

O parecer concluirá pela apresentação de projeto de resolução, no qual se especificarão o conteúdo da delegação, os termos para o seu exercício e a fixação de prazo, não superior a 45 dias, para remessa do projeto de lei delegada à apreciação do Congresso Nacional (Regimento Comum, art. 119, § 2º; e Constituição, art. 68).

A discussão do parecer ocorrerá em sessão que deve ser realizada 5 dias após a distribuição dos avulsos com o seu texto. Quando a discussão se encerrar, se houver emendas, a matéria retorna à Comissão Mista. Caso contrário, vai a votação. Proferido parecer sobre as emendas, convoca-se a sessão de votação.

Depois que o projeto de resolução for aprovado, a resolução deve ser promulgada no prazo de 24 horas, comunicando-se o fato ao Presidente da República (Regimento Comum, art. 122).

Se a resolução do Congresso Nacional houver determinado a votação do projeto pelo Plenário, este, ao recebê-lo, examinará sua conformidade com o conteúdo da delegação. O Plenário votará o projeto em globo, admitido o destaque de partes que, segundo a Comissão, tenham extrapolado o ato delegatório, não podendo, no entanto, emendá-lo (Constituição, art. 68, § 3º).

Não realizada a remessa do projeto pelo Presidente da Rpública ao Congresso Nacional no prazo assinalado pelo § 2º do art. 119, do Regimento Comum, a delegação será considerada insubsistente (Regimento Comum, art. 127).

35.6 Procedimento legislativo especial

Nesse procedimento, englobam-se dois ritos distintos com características próprias: um destinado à elaboração de emendas à Constituição; outro, à de códigos. Em ambos os casos, a apreciação cabe a uma Comissão especial, que, na Câmara dos Deputados, também é designada para dar parecer sobre projetos suscetíveis de serem examinados no mérito por mais de três comissões permanentes (RICD, art. 34, *caput*, II).

35.6.1 Emendas à Constituição

A Constituição pode ser modificada a qualquer tempo, pelo voto de três quintos dos congressistas, desde que não esteja em vigor intervenção federal, estado de defesa ou de sítio, nem se pretenda abolir a federação, o voto direto, secreto, universal e periódico, a separação dos Poderes e os direitos e as garantias individuais. Além disso, é preciso que o objeto da emenda não constitua matéria rejeitada ou prejudicada na mesma sessão legislativa (Constituição, art. 60, § 1º a §5º).

A iniciativa, no caso, é concorrente, e compete aos membros da Câmara dos Deputados ou do Senado Federal (um terço dos membros), ao Presidente da República e às Assembleias Legislativas – mais da metade delas, com o voto da maioria relativa de seus membros (Constituição, art. 60, *caput*, incisos I a III).

A emenda constitucional tramitará em dois turnos em cada uma das Casas do Congresso. Se aprovada, ao contrário do projeto de lei, não irá à sanção, e será promulgada pelas Mesas da Câmara dos Deputados e Senado Federal.

No Regimento Interno da Câmara dos Deputados, o rito a ser imprimido ao procedimento de Emenda Constitucional vem descrito em seu art. 202, aplicável também quando a Emenda tenha sido originada no Senado Federal ou quando este tenha subemendado aquela iniciada na Câmara dos Deputados (RICD, art. 203).

À luz do art. 212 do Regimento Interno do Senado Federal, a tramitação de emenda constitucional só não se iniciará na Câmara dos Deputados, e, sim, no Senado Federal, quando proposta por, no mínimo, um terço dos seus membros ou se proposta por mais da metade das Assembleias Legislativas das unidades federativas.

35.6.2 Códigos

O procedimento de elaboração de códigos, dada a complexidade e a extensão da matéria de que geralmente se ocupam, segue rito bastante lento, que possibilita amplo e profundo debate. Basta dizer que os prazos na sua tramitação podem ser quadruplicados e mesmo suspensos por até 120 sessões, desde que a necessidade de aprofundamento das análises a serem efetuadas recomende.

O Regimento Interno do Senado Federal considera que esse trâmite se aplica exclusivamente "aos projetos de códigos elaborados por juristas, comissão de juristas, comissão ou subcomissão especialmente criada com esta finalidade e que tenham sido antes amplamente divulgados" (RISF, art. 374, parágrafo único).

Já o Regimento Interno da Câmara dos Deputados é taxativo: só receberá projetos de lei com o procedimento aqui tratado quando a matéria, por sua complexidade e abrangência, deva ser apreciada como código (RICD, art. 205, § 8º).

O procedimento especial de elaboração de códigos se inicia com a instalação de órgão específico para cuidar do assunto. Na Câmara dos Deputados, chama-se Comissão Especial; no Senado Federal, Comissão Temporária. Depois, há eleição do seu presidente e de três vice-presidentes (apenas um vice-presidente no Senado Federal). O presidente, por sua vez, designará um relator-geral e tantos relatores parciais quantos sejam necessários para as diversas partes do código.

Durante os trabalhos da Comissão, seus integrantes disporão de prazos bem flexíveis para debater a matéria, apresentar emendas, dar pareceres, sempre intercalados por regulares intervalos para publicação em avulsos. Na fase de Plenário, a tônica é a mesma. Geralmente, novas emendas são apresentadas, com consequente retorno do projeto à Comissão. Todo esse ritual repete-se na Casa revisora.

Em razão dessa lentidão indispensável ao tratamento de matéria relevante, mas não urgente, o Senado Federal não permite a tramitação simultânea de projetos de códigos (RISF, art. 374, *caput*, inciso XV), em contrapartida a Câmara dos Deputados admite, no máximo, dois projetos nessa situação (Constituição art. 205, § 7º).

35.7 Medidas provisórias

Inspirado no art. 77 da Constituição italiana de 1947, o Constituinte brasileiro incorporou à Constituição de 1988 a medida provisória (Constituição, art. 62), ato legislativo primário – isto é, fundado diretamente na Constituição – emanado pelo Presidente da República, com força de lei (ordinária), condicionada à sobrevida da disciplina normativa nela contida à conversão da medida em lei formal.

Com o advento da Emenda Constitucional nº 32, de 2001, o procedimento legislativo concentrado da medida provisória (vale dizer, deliberação e votação em reunião conjunta das duas Casas do Congresso Nacional) foi abandonado. O § 9º do art. 62, acrescentado pela Emenda Constitucional nº 32, de 2001, deixa a alteração bastante evidente: "(...) apreciadas, em sessão separada, pelo plenário de cada uma das Casas do Congresso Nacional."

O Congresso Nacional inicia a tramitação ao ter notícia, pelo Diário Oficial da União e mensagem presidencial concomitante, da publicação da medida provisória. Nas 48 horas seguintes à publicação, o Presidente do Congresso Nacional faz distribuir avulsos com o texto da medida provisória e designa comissão mista para estudá-la e dar parecer (Resolução nº1, de 2002, do Congresso Nacional, art. 2º).

O Supremo Tribunal Federal, no julgamento da Ação Direta de Inconstitucinalidade nº 4029 (BRASIL, 2012), considerou inconstitucionais o art. 5º, *caput* e o art. 6º, *caput* e §§ 1º e 2º da Resolução nº 1, de 2002, do Congresso Nacional. Tais dispositivos permitiam que a tramitação de uma medida provisória avançasse à Câmara dos Deputados ainda que não se tivesse constituído comissão mista ou que esta terminasse seus trabalhos. A partir de então, a obrigatoriedade de

manifestação das comissões mistas tem alterado o ritmo de tramitação das medidas provisórias no Congresso Nacional.

Na fase preliminar, os pressupostos de constitucionalidade, urgência, relevância e adequação financeira e orçamentária são examinados. Ou seja, a admissibilidade da medida provisória é analisada (Constituição, art. 62, § 5º, combinado com Resolução nº 1, de 2002, do Congresso Nacional, art. 5º).

Qualquer alteração no texto da medida provisória :implicará apresentação de projeto de lei de conversão (Resolução nº1 de 2002, do Congresso Nacional, art. 5º, § 4º).

Superada a fase preliminar em comissão, a votação da medida provisória inicia-se pela Câmara dos Deputados (Constituição, art. 62, § 8º), e segue , se aprovada, ao Senado Federal.

Caso aprovado o texto como editado pelo Presidente da República, o Presidente do Congresso Nacional o promulgará, e enviará autógrafo para publicação na Imprensa Oficial (Resolução nº1, de 2002, do Congresso Nacional, art. 12).

Por outro lado, se a medida provisória originar projeto de lei de conversão – que somente surge se acaso sugerida modificação – e se aprovado, vai à sanção presidencial (Constituição, art. 62, § 12, combinado com Resolução nº1, de 2002, do Congresso Nacional, art. 13). No período de sanção ou veto (isto é, 15 úteis, conforme disposto na Constituição, art. 66, § 1º), permanece em vigor o texto original da medida provisória (Constituição, art. 62, § 12).

Sobre o sobrestamento da pauta das Casas do Congresso Nacional pelas medidas provisórias, destaca-se o precedente do Mandado de Segurança 27.931-MC (BRASIL, 2009d), que referendou entendimento do então Presidente da Câmara dos Deputados. Segundo ele, apenas os projetos de lei ordinária que tenham por objeto matéria passível de edição de medida provisória estariam por ela sobrestados. Com isso, as medidas provisórias continuam a sobrestar as sessões deliberativas da Câmara dos Deputados, mas não a pauta das sessões extraordinárias.

Com a perda da eficácia da medida provisória, quer pela rejeição, quer pela não apreciação, a comissão mista elaborará projeto de decreto legislativo que discipline as relações jurídicas decorrentes da vigência da medida provisória (Constituição, art. 62, § 3º, combinado com Resolução nº 1, de 2002, do Congresso Nacional, art. 11). Se o decreto legislativo não for editado até 60 dias após a rejeição ou perda de eficácia da medida provisória, as relações jurídicas constituídas e decorrentes de atos praticados durante sua vigência permanecem regidas pela medida (Constituição, art. 62, § 11, combinado com Resolução nº 1 de 2002 do Congresso Nacional, art.11 § 2º). A esse respeito, cumpre ressaltar que são raros os casos práticos de edição do decreto legislativo previsto no art. 62, § 1º, da Constituição.

Por último, assinale-se que o procedimento aqui abordado vale para a abertura de crédito extraordinário (Constituição, art. 62, § 1º, inciso I, alínea “d”, combinado com o art. 167, § 3º).

35.8 Consolidações da Legislação

A Lei Complementar nº 95, de 1998, em seu Capítulo III, determinou a elaboração da Consolidação da Legislação Federal, que consiste “na integração de todas as leis pertinentes a determinada matéria num único diploma legal, revogando-se formalmente as leis incorporadas à consolidação, sem modificação do alcance nem interrupção da força normativa dos dispositivos consolidados” (BRASIL, 1998, art.13) ou “declaração de revogação de leis e dispositivos implicitamente revogados ou cuja eficácia ou validade encontre-se completamente prejudicada” (BRASIL, 1998, art. 14).

O projeto de lei de consolidação terá, assim, de manter o conteúdo normativo original dos dispositivos consolidados, e não é meio hábil para alterar opções políticas anteriormente tomadas. Isso, no entanto, não significa vedação de alteração no texto das normas. Pelo contrário, a consolidação deverá efetuar a divisão do texto legal segundo os critérios atualmente adotados, atualizar termos e denominações, retificar e homogeneizar o vernáculo, eliminar ambiguidades decorrentes do mau uso da linguagem, fundir dispositivos análogos, atualizar valores monetários, suprimir dispositivos implicitamente revogados ou cuja eficácia ou validade encontre-se completamente prejudicada e suprimir dispositivos declarados inconstitucionais pelo Plenário do Supremo Tribunal Federal (BRASIL, 1998, art. 13 e art.14).

Denomina-se matriz de consolidação a lei geral básica, à qual se integrarão os demais atos normativos de caráter extravagante que disponham sobre matérias conexas ou afins àquela disciplinada na matriz (BRASIL, 2017a, art. 48).

A Consolidação não pode abranger medidas provisórias não convertidas em lei, e nem podem ser combinadas na mesma matriz de consolidação leis ordinárias e leis complementares.

A iniciativa do projeto de consolidação pode ser tanto do Poder Executivo federal quanto do Poder Legislativo. O procedimento legislativo adotado, segundo a Lei Complementar nº 95, de 1998, será simplificado, na forma do Regimento Interno de cada uma das Casas. O Regimento Interno da Câmara dos Deputados disciplinou a matéria em seus arts. 212 e 213.

Bibliografia

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa**. Disponível em: <http://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>. Acesso em 19 dez. 2018.

ALEMANHA, República Federal da. **Bundesverfassungsgericht entscheidungen (BverfGE)**. Decisões da Corte Constitucional Alemã, v. 17, p. 306-313; v. 55, p. 159-165.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 46. ed. rev. São Paulo: Saraiva, 2009.

_____. **Dicionário de questões vernáculas**. São Paulo: Caminho Suave, 1981.

ANDRÉ, Hildebrando Afonso de. **Gramática ilustrada**. 3. ed. rev. e aum. São Paulo: Moderna, 1982.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6030**: apresentação de ofício ou carta formato A-4: procedimento. Rio de Janeiro, 1980.

ATALIBA, Geraldo. **Lei Complementar na Constituição**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1971.

BASTOS, Celso Ribeiro. **Curso de Direito Constitucional**. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 1990.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 19. ed. São Paulo: Nacional, 1974.

BECHARA, Evanildo; CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da Língua Portuguesa**. 14. ed. rev. e atual. São Paulo: Nacional, 1976.

BEVILACQUA, Clovis. **Código Civil brasileiro**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1944.

BIELSA, Rafael. **Los conceptos jurídicos y su terminología**. 3. ed. Buenos Aires: Depalma, 1993.

BRASIL. Congresso Nacional. Resolução nº 1, de 2002-CN. **Diário do Congresso Nacional.** Brasília, 8 maio 2002a. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/rescon/2002/resolucao-1-8-maio-2002-497942-normaatualizada-pl.html>. Acesso em 17 dez. 2018.

_____. Congresso Nacional. Resolução nº 1, de 1970-CN. **Diário do Congresso Nacional**. Brasília, 12 ago. 1970. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/rescon/1970-1979/resolucao-1-11-agosto-1970-497934-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em 5 nov. 2014.

_____. Congresso Nacional. Resolução nº 1, de 2013-CN. **Diário Oficial da União**. Brasília, 12 jul. 2013a. Disponível em: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=1&data=12/07/2013>. Acesso em 5 nov. 2014.

_____. Constituição da República Federativa do Brasil, de 5 de outubro de 1988. **Diário Oficial da União**. Brasília, 1988. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em 5 nov. 2014.

_____. Decreto nº 572, de 12 de julho de 1890. **Diário Oficial da União**. Rio de Janeiro, 1890. Disponível em: <http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaTextoSigen.action?norma=388318&id=14443939&idBinario=15777214&mime=application/rtf> . Acesso em 12 dez. 2018.

_____. Decreto nº 4.176, de 28 de março de 2002. **Diário Oficial da União**. Brasília, 2002b. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2002/D4176.htm>. Acesso em: 28 dez. 2018.

_____. Decreto nº 6.583, de 29 de setembro de 2008. **Diário Oficial da União**. Brasília, 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Decreto/D6583.htm>. Acesso em 12 dez. 2018.

_____. Decreto nº 8.051, de 11 de julho de 2013. **Diário Oficial da União**. Brasília, 2013b. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/decreto/D8051.htm>. Acesso em 12 dez. 2018.

_____. Decreto nº 8.058, de 26 de julho de 2013. **Diário Oficial da União**. Brasília, 2013c. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Decreto/D8058.htm>. Acesso em: 27 dez. 2018.

_____. Decreto nº 8.061, de 29 de julho de 2013. **Diário Oficial da União**. Brasília, 2013d. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Decreto/D8061.htm>. Acesso em: 12 dez. 2018.

_____. Decreto nº 8.243, de 23 de maio de 2014. **Diário Oficial da União**. Brasília, 2014. Disponível em: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=26/05/2014&jornal=1&pagina=6&totalArquivos=172>. Acesso em: 4 nov. 2014.

_____. Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015. **Diário Oficial da União**. Brasília, 2015a. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Decreto/D8539.htm>. Acesso em: 11 dez. 2018.

_____. Decreto nº 9.191, de 1º de novembro de 2017. **Diário Oficial da União**. Brasília, 2017a. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/decreto/D9191.htm>. Acesso em: 13 dez. 2018.

_____. Decreto nº 80.739, de 14 de novembro de 1977. **Diário Oficial da União**. Brasília, 1977. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D80739.htm>. Acesso em: 11 dez. 2018.

_____. Decreto-lei nº 4.657, de 4 de setembro de 1942. **Diário Oficial da União**. Rio de Janeiro, 1942. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/Del4657.htm>. Acesso em: 11 dez. 2018.

_____. Exposição de Motivos Interministerial nº 51/MCTI/MRE/MPOG, de 21 de dezembro de 2011a. **Arquivo da Presidência da República**, Brasília, DF.

_____. Lei nº 9.882, de 3 de dezembro de 1999. **Diário Oficial da União**. Brasília, 1999. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9882.htm>. Acesso em: 11 dez. 2018.

_____. Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002c. **Código Civil**. Diário Oficial da União. Brasília, 1999. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10406.htm>. Acesso em: 13 dez. 2018.

_____. Lei nº 11.101, de 9 de fevereiro de 2005. **Diário Oficial da União**. Brasília, 2005a. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11101.htm>. Acesso em: 17 dez. 2018.

_____. Lei nº 13.105, de 16 de março de 2015. **Código Proceso Civil**. Diário Oficial da União. Brasília, 2015b. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13105.htm>. Acesso em: 13 dez. 2018.

_____. Lei Complementar nº 95, de 26 de fevereiro de 1998. **Diário Oficial da União**. Brasília, 1998b. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lcp/Lcp95.htm>. Acesso em: 13 dez. 2018.

_____. Lei Complementar nº 123, de 14 de dezembro de 2006. **Diário Oficial da União**. Brasília, 2006c. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/LCP/Lcp123.htm>. Acesso em: 13 dez. 2018.

_____. Medida Provisória nº 2.200-2, de 24 de agosto de 2001. **Diário Oficial da União**. Brasília, 2001. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/MPV/Antigas_2001/2200-2.htm>. Acesso em: 11 dez. 2018.

_____. Mensagem de Veto nº 179, de 30 de maio de 2017. **Diário Oficial da União**. Brasília, 2017b. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/msg/vet/VET-179.htm>. Acesso em: 24 dez. 2018.

_____. Ministério da Justiça. **Manual de redação e correspondência oficial**. Brasília: Secretaria de Modernização Administrativa, 1982.

_____. Presidência da República. Conselho Nacional de Justiça. **Resolução nº 7**, de 18 de outubro de 2005b. Disponível em: <http://www.cnj.jus.br/atos-administrativos/atos-da-presidencia/323-resolucoes/12121-resolu-no-7-de-18-de-outubro-de-2005->. Acesso em: 4 nov. 2014.

_____. Presidência da República. Mensagem nº 13, de 8 de janeiro de 2018. **Diário Oficial da União**. Brasília, 2018. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento?dm=7353761&ts=1544036950914&disposition=inline>. Acesso em: 13 dez. 2018.

_____. **Representação nº 432**. Relator: Ministro Ari Franco, Tribunal Pleno, Brasília, DF, 22 jan. 1960a. Disponível em:

<http://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=AC&docID=263425>. Acesso em: 5 nov. 2014.

_____. **Representação nº 890**. Relator: Ministro Oswaldo Trigueiro, Tribunal Pleno, Brasília, DF, 27 mar. 1974. Disponível em: <http://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=AC&docID=263667>. Acesso em: 5 nov. 2014.

_____. **Representação nº 1385**. Relator: Ministro Moreira Alves, Tribunal Pleno, Brasília, DF, 21 maio 1987. Disponível em: <http://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=AC&docID=264101>. Acesso em: 5 nov. 2014.

_____. Senado Federal. Consultoria Legislativa. **Manual de elaboração de Textos**. Brasília: Senado Federal, Consultoria Legislativa, 1999a.

_____. Superior Tribunal de Justiça. **Recurso em Mandado de Segurança nº 29.073-AC**. Relator: Ministro Benedito Gonçalves, 1ª Turma, Brasília, DF, 25 de maio de 2010a. Disponível em: <https://ww2.stj.jus.br/processo/revista/documento/mediado/?componente=ITA&sequencial=906686&num_registro=200900478675&data=20100628&formato=PDF>. Acesso em: 31 out. 2014.

_____. Supremo Tribunal Federal. Ação Declaratoria de Constitucionalidade com Medida Cautelar nº 4. Relator: Ministro Sydney Sanches. **Diário da Justiça**, 21 de abr – 1998b. ed. Disponível em: <http://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=AC&docID=372905>. Acesso em: 14 dez. 2018.

_____. Supremo Tribunal Federal. **Ação Declaratória de Constitucionalidade nº 12**. Relator: Ministro Carlos Britto, Tribunal Pleno, Brasília, DF, 20 ago. 2008d. Disponível em: <http://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=AC&docID=606840>. Acesso em: 4 nov. 2014.

_____. Supremo Tribunal Federal. **Agravo de Instrumento nº 235.800**. Relator: Ministro Moreira Alves, Primeira Turma, Brasília, DF, 25 maio 1999b. Disponível em: <http://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=AC&docID=290554>. Acesso em: 5 nov. 2014.

_____. Supremo Tribunal Federal. **Agravo de Instrumento nº 348.800**. Relator: Ministro Celso de Mello, Tribunal Pleno, Brasília, DF, 5 out. 2009a. Disponível em: <http://www.stf.jus.br/portal/jurisprudencia/listarJurisprudencia.asp?s1=%28%28ai+348800%29%29+NAO+S%2EPRES%2E&base=baseMonocraticas>. Acesso em: 4 nov. 2014.

_____. Supremo Tribunal Federal. **Agravo de Instrumento nº 591.353**. Relatora: Ministra Ellen Gracie, Segunda Turma, Brasília, DF, 27 ago. 2009b. Disponível em: <http://www.stf.jus.br/portal/processo/verProcessoAndamento.asp>. Acesso em: 4 nov. 2014.

_____. Supremo Tribunal Federal. **Agravo de Instrumento nº 603.649**. Relator: Ministro Dias Tóffoli, Primeira Turma, Brasília, DF, 5 fev. 2010b. Disponível em:

<http://www.stf.jus.br/portal/processo/verProcessoAndamento.asp?incidente=2406095>. Acesso em: 4 nov. 2014.

_____. Supremo Tribunal Federal. **Ação Direta de Inconstitucionalidade nº 724 MC**. Relator: Ministro Celso de Mello, Tribunal Pleno, Brasília, DF, 7 maio 1992b. Disponível em: <http://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=AC&docID=346561>. Acesso em: 5 nov. 2014.

_____. Supremo Tribunal Federal. **Ação Direta de Inconstitucionalidade nº 1.070**. Relator: Ministro Sepúlveda Pertence, Tribunal Pleno, Brasília, DF, 29 mar. 2001. Disponível em: <http://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=AC&docID=266649>. Acesso em: 5 nov. 2014.

_____. Supremo Tribunal Federal. **Ação Direta de Inconstitucionalidade nº 1.963 MC**. Relator: Ministro Maurício Corrêa, Tribunal Pleno, Brasília, DF, 18 mar. 1999c. Disponível em: <http://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=AC&docID=347353>. Acesso em: 5 nov. 2014.

_____. Supremo Tribunal Federal. **Ação Direta de Inconstitucionalidade nº 2.113**. Relatora: Ministra Cármen Lúcia, Tribunal Pleno, Brasília, DF, 4 mar. 2009c. Disponível em: <http://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=AC&docID=601131>. Acesso em: 5 nov. 2014.

_____. Supremo Tribunal Federal. **Ação Direta de Inconstitucionalidade nº 2.495**. Relator: Ministro Ilmar Galvão, Tribunal Pleno, Brasília, DF, 2 maio 2002d. Disponível em: <http://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=AC&docID=375411>. Acesso em: 4 nov. 2014.

_____. Supremo Tribunal Federal. **Ação Direta de Inconstitucionalidade nº 2.867**. Relator: Ministro Celso de Mello, Tribunal Pleno, Brasília, DF, 3 dez. 2003. Disponível em: <http://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=AC&docID=404096>. Acesso em: 5 nov. 2014.

_____. Supremo Tribunal Federal. **Ação Direta de Inconstitucionalidade nº 3.682**. Relator: Ministro Gilmar Mendes, Tribunal Pleno, Brasília, DF, 9 maio 2007a. Disponível em: < http://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=AC&docID=485460>. Acesso em: 4 nov. 2014.

_____. Supremo Tribunal Federal. **Ação Direta de Inconstitucionalidade nº 3.205**. Relator: Ministro Sepúlveda Pertence, Tribunal Pleno, Brasília, DF, 29 out. 2006a. Disponível em: <http://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=AC&docID=391380>. Acesso em: 5 nov. 2014.

_____. Supremo Tribunal Federal. **Ação Direta de Inconstitucionalidade nº** 4.029. Relator: Ministro Luiz Fux, j. Brasília, DF, 8 de março de 2012.

_____. Supremo Tribunal Federal. **Mandado de Injunção nº 107**. Relator: Ministro Moreira Alves, Tribunal Pleno, Brasília, DF, 23 nov. 1989. Disponível em: <http://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=AC&docID=81908>. Acesso em: 4 nov. 2014.

_____. Supremo Tribunal Federal. **Mandado de Injunção nº 232**. Relator: Ministro Moreira Alves, Tribunal Pleno, Brasília, DF, 27 mar. 1992a. Disponível em: <http://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=AC&docID=81759>. Acesso em: 4 nov. 2014.

_____. Supremo Tribunal Federal. **Mandado de Injunção nº 283**. Relator: Ministro Sepúlveda Pertence, Tribunal Pleno, Brasília, DF, 14 nov. 1991. Disponível em: <http://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=AC&docID=81766>. Acesso em: 4 nov. 2014.

_____. Supremo Tribunal Federal. **Mandado de Injunção nº 670**. Relator para o Acórdão: Ministro Gilmar Mendes, Tribunal Pleno, Brasília, DF, 25 out. 2007b. Disponível em: <http://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=AC&docID=558549>. Acesso em: 4 nov. 2014.

_____. Supremo Tribunal Federal. **Mandado de Injunção nº 758**. Relator: Ministro Marco Aurélio, Tribunal Pleno, Brasília, DF, 8 abr. 2010c. Disponível em: <http://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=AC&docID=610996>. Acesso em: 4 nov. 2014.

_____. Supremo Tribunal Federal. **Mandado de Segurança nº 17.145**. Relator: Ministro Gonçalves de Oliveira. Brasília, DF, 28 set. 2011. Revista Trimestral de Jurisprudência, n. 50, p. 472.

_____. Supremo Tribunal Federal. **Mandado de Segurança nº 27.931-1-DF**. Relator: Ministro Celso de Mello. Brasília, DF, 27 mar. 2009d Disponível em: <http://www.stf.jus.br/arquivo/cms/noticianoticiastf/anexo/ms27_931cm.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2018.

_____. Supremo Tribunal Federal. **Medida Cautelar em Ação Direta de Inconstitucionalidade nº 4.048**. Relator: Ministro Gilmar Mendes, Tribunal Pleno, Brasília, DF, 14 maio 2008a. Disponível em: <http://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=AC&docID=542881>. Acesso em: 4 nov. 2014.

_____. Supremo Tribunal Federal. **Recurso Extraordinário nº 43.995**. Relator: Ministro Vilas Boas, Segunda Turma, Brasília, DF, 9 ago. 1960b. Disponível em: <http://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=AC&docID=143712>. Acesso em: 5 nov. 2014.

_____. Supremo Tribunal Federal. **Recurso Extraordinário nº 76.629**. Relator: Ministro Aliomar Baleeiro. Revista Trimestral de Jurisprudência, n. 71. p. 477.

_____. Supremo Tribunal Federal. **Recurso Extraordinário nº 377.457**. Relator: Ministro Gilmar Mendes, Tribunal Pleno, Brasília, DF, 17 set. 2008b. Disponível em: <http://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=AC&docID=570335>. Acesso em: 4 nov. 2014.

_____. Supremo Tribunal Federal. **Recurso Extraordinário nº 414.426**. Relatora: Ministra Ellen Gracie, j. 1º-8-2011, Plenário, DJE de 10 out. 2011b. Disponível em: <http://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=AC&docID=628395>. Acesso em: 14 dez. 2018.

_____. Supremo Tribunal Federal. **Recurso Extraordinário nº 419.629**. Relator: Ministro Sepúlveda Pertence, Tribunal Pleno, Brasília, DF, 23 maio 2006b. Disponível em: <http://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=AC&docID=368438>. Acesso em: 4 nov. 2014.

_____. Supremo Tribunal Federal. **Recurso Extraordinário nº 551.553**. Relator: Ministro Marco Aurélio, Primeira Turma, Brasília, DF, 25 jun. 2009d. Disponível em: <http://www.stf.jus.br/portal/geral/verPdfPaginado.asp?id=391382&tipo=DJ&descricao=DJE%20N%BA%20119%20-%2026/06/2009>. Acesso em: 5 nov. 2014.

_____. Supremo Tribunal Federal. **Recurso Extraordinário nº 522.719**. Relator: Ministro Ayres Britto, Segunda Turma, Brasília, DF, 23 nov. 2010e. Disponível em: <http://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=AC&docID=620103>. Acesso em: 5 nov. 2014.

_____. Supremo Tribunal Federal. **Representação nº 930**. Relator: Ministro Rodrigues Alckmin, Tribunal Pleno, Brasília, DF, 5 maio 1976. Disponível em: <http://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=AC&docID=263707>. Acesso em: 4 nov. 2014.

_____. Supremo Tribunal Federal. **Súmula da Jurisprudência STJ nº 5**. Rio de Janeiro, 13 dez. 1953. Disponível em: <http://www.stf.jus.br/portal/jurisprudencia/listarJurisprudencia.asp?s1=5.NUME.%20NAO%20S.FLSV.&base=baseSumulas>. Acesso em: 26 dez. 2018.

_____. Tribunal Federal de Recursos. Apelação Cível nº 2.012. Relator: Ministro Sampaio Costa. **Revista de Direito Administrativo**, n. 24, 1951. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rda/article/view/11991/10911>. Acesso em: 5 nov. 2014.

_____. Tribunal Regional Federal, 1ª região. **Apelação em Mandado de Segurança nº 0026995-31.2004.4.01.3400-DF**. Relatora: Selene Maria de Almeida, 5ª Turma, Basília, DF, 15 out. 2009e. Disponível em: <http://arquivo.trf1.jus.br/PesquisaMenuArquivo.asp?p1=269953120044013400&pA=200434000270617&pN=269953120044013400>. Acesso em: 31 out. 2014.

_____. Tribunal Regional Federal, 2ª região. **Apelação Cível nº 2006.51.02.004486-0-RJ**. Relator: Poul Erik Dyrlund, 8ª Turma, Rio de Janeiro, RJ, 19 jan. 2010e. Disponível em: <http://jurisprudencia.trf2.jus.br/v1/search?q=cache:k_E2QsF04rAJ:trf2nas.trf.net/iteor/TXT/RJ0108810/1/123/290824.rtf+AC+N%C2%BA+200651020044860+&client=jurisprudencia&outp

ut=xml_no_dtd&proxystylesheet=jurisprudencia&lr=lang_pt&ie=UTF-8&site=acordao&access=p&oe=UTF-8>. Acesso em: 31 out. 2014.

_____. Tribunal Regional Federal, 4ª região. **Apelação Cível nº 2007.71.03.002667-1-RS**. Relatora: Marga Inge Barth Tessler, 4ª Turma, Porto Alegre, RS, 1º dez. 2010f. Disponível em: <http://www2.trf4.gov.br/trf4/processos/visualizar_documento_gedpro.php?local=trf4&documento=3762818&hash=3a8c9f9e97ce54afc13232cbeaa0865c>. Acesso em: 31 out. 2014.

_____. Tribunal Regional Federal, 5ª região. **Apelação em Mandado de Segurança nº 0003166-83.2006.4.05.8300-PE**. Relator convocado: Élio Wanderley de Siqueira Filho, 3ª Turma, Recife, PE, 29 maio de 2008c. Disponível em: <http://www.trf5.jus.br/data/2008/07/200683000031667_20080731.pdf>. Acesso em: 31 out. 2014.

_____. Tribunal Regional do Trabalho, 2ª região. **Processo nº 02360-2003-035-02-00-0-SP**. Relator: Rafael E. Pugliese Ribeiro, 6ª Turma, São Paulo, SP, 13 dez. 2005c. Disponível em: <http://gsa2.trtsp.jus.br/search?q=cache:pQRlyU-ywywJ:trtcons.trtsp.jus.br/dwp/consultas/acordaos/consacordaos_turmas_aconet_gsa.php%3Fselacordao%3D20050843855++20050843855&client=trt2Acordao&output=xml_no_dtd&proxystylesheet=trt2Acordao&ie=UTF-8&site=acordao&access=p&oe=UTF-8&http://trtcons.trtsp.jus.br/dwp/consultas/acordaos/consacordaos_turmas_aconet_gsa.php?selacordao=20050843855>. Acesso em: 29 out. 2014.

CAHALI, Yussef Said. **Responsabilidade civil do estado**. 4. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2012.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. **Dicionário de linguística e gramática**: referente à língua portuguesa. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

_____. **Estrutura da língua portuguesa**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

_____. **História e estrutura da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

_____. **Manual de expressão oral e escrita**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

_____. **Problemas de linguística descritiva**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1978.

CANOTILHO, J. J. Gomes. **Direito Constitucional e Teoria de Constituição**. 7 ed. Coimbra: Almedina, 2003. p. 258.

CASTRO, Carlos Roberto Siqueira. **O devido processo legal e a razoabilidade das leis na nova Constituição do Brasil**. Rio de Janeiro: Forense, 1989.

CAVALCANTI, Themístocles Brandão. Parecer. RDA, v. 72. Rio de Janeiro.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 29. ed. São Paulo: Nacional, 1985.

CHOMSKY, Noam. **Aspectos da teoria da sintaxe**. 2. ed. Coimbra: Arménio Amado Editor, 1978.

_____. **Linguística cartesiana**. Petrópolis: Vozes, 1972.

_____. **Reflexões sobre a linguagem**. Lisboa: Edições 70, 1977.

_____. **Regras e representações**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

COÊLHO, Sacha Calmon Navarro. **Comentários à Constituição de 1988**: sistema tributário. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2006.

CRISAFULLI, Vezio. **Lezione di Diritto Constituzionale.** v. II. Casa Editrice Doit, 1984.

CRYSTAL, David. **Dicionário de linguística e fonética**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

CUNHA, Celso Ferreira da. **Língua, nação, alienação**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do Português contemporâneo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DEGENHART, Christoph. **Staatsrecht**. 3. ed. Heidelberg: C. F. Müller, 1987.

DUBOIS, Jean. **Dicionário de linguística**. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1988.

ESPÍNOLA, Eduardo; ESPÍNOLA FILHO, Eduardo **A introdução ao Código Civil brasileiro.** v. III. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1944.

ESPOSITO, Carlo. Decreto-Legge. In: **Enciclopedia del Diritto**. v. XI. Varese: Giuffré, 1962.

FERNANDES, Francisco. **Dicionário de sinônimos e antônimos da língua portuguesa**. 31.ed. São Paulo: Globo, 1990.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERREIRA, Luiz Pinto. Técnica legislativa como a arte de redigir leis. **Revista de Informação Legislativa**, n. 89, 1986.

FERREIRA FILHO, Manoel Gonçalves. **Curso de Direito Constitucional**. 38.ed. São Paulo: Saraiva, 2012.

FRAGOSO, Heleno. **Lições de Direito Penal**. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1985.

GARCIA, Othon Moacyr. **Comunicação em prosa moderna**. 27. ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2010.

GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. **Dicionário de etimologias da língua portuguesa**. São Paulo: Nacional, 1979.

HILL, Hermann. **Einführung in die Gesetzgebungslehre**. Heidelberg, 1982.

JAHRREISS, Hermann. **Groesse und Not der Gesetzgebung**. Bremen: Schünemann, 1953.

JUCÁ FILHO, Cândido. **Dicionário escolar das dificuldades da língua portuguesa**. 5. ed. Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Material Escolar, 1982.

KASPARY, Adalberto José. **O Português das comunicações administrativas**. 9. ed. Porto Alegre: Fundação para o Desenvolvimento de Recursos Humanos, 1985.

_____. **Redação oficial**: normas e modelos. Porto Alegre: Fundação para o Desenvolvimento de Recursos Humanos, 1976.

KURY, Adriano da Gama. **Para falar e escrever melhor o Português**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

_____. **Pequena Gramática**. 4. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1959.

_____. **Português básico**. 15. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

LACERDA, Paulo de. Da lei em geral, sua retroatividade, revogação e interpretação. In: **Manual do Código Civil Brasileiro**. V. I. Rio de Janeiro: Jacintho Ribeiro dos Santos, 1929.

LAPA, M. Rodrigues. **Estilística da língua portuguesa**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

LEAL, Victor Nunes. Técnica Legislativa. In: **Estudos de direito público**. Rio de Janeiro: Forense, 1960, p. 7-8.

_____. **Problemas de Direito Público**. Rio de Janeiro: Forense, 1960.

LIMA, Carlos Henrique da Rocha. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 22. ed. Rio de Janeiro: José Olympio,1982.

LOBATO, Lúcia Maria Pinheiro. **Sintaxe gerativa do Português**: da teoria padrão à teoria da regência e ligação. Belo Horizonte: Vigília, 1986.

LUFT, Celso Pedro. **Grande manual de ortografia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1989a.

_____. **Moderna gramática brasileira**. 9. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1989b.

_____. **Dicionário prático de regência verbal**. 9. ed. São Paulo: Ática, 2010.

_____. **Língua e liberdade**. 11. ed.. Porto Alegre: L&PM, 1985.

_____. **Novo manual de Português**. 6. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1989.

MARINHO, Arthur de Sousa. Sentença de 29 de setembro de 1944. **Revista de Direito Administrativo**. v. I, p. 227-229.

MARINONI, Luiz Guilherme; ARENHART, Sérgio Cruz. **Curso de Processo Civil v. 2**: Processo de Conhecimento. 8 ed. rev. e atual. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2010, p. 347.

MAXIMILIANO, Carlos. **Comentários à Constituição brasileira de 1946**. v. I, 5. ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1954.

MEIRELLES, Hely Lopes. **Direito Administrativo**. 39. ed. São Paulo: Malheiros, 2013.

MELLO, Celso Antonio Bandeira de. **Ato administrativo e direito dos administrados**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1981.

MELLO, Oswaldo Aranha Bandeira de. **Princípios gerais de Direito Administrativo**. v. I. Rio de Janeiro: Forense, 1969.

_____. **Princípios gerais de Direito Administrativo**. 3. ed.. São Paulo: Malheiros, 2010.

MELLO FILHO, José Celso de. **Constituição federal anotada**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 1986.

MELO, Gladstone Chaves de. **Ensaio de estilística da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

MENDES, Gilmar Ferreira. **Controle de constitucionalidade**: aspectos jurídicos e políticos. São Paulo: Saraiva, 1990.

_____. Aplicabilidade da Lei Complementar. **Revista de Direito Público**, n. 92, 1982.

MENDES, Gilmar Ferreira; BRANCO, Paulo Gustavo Gonet. **Curso de Direito Constitucional**. 8. ed. São Paulo: Saraiva, 2013.

MIRANDA, Pontes de. **Comentários à Constituição de 1967, com a emenda nº 1, de 1969**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

MORENO, Claudio; GUEDES, Paulo Coimbra. **Curso básico de redação**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1988.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário de sinônimos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

_____. **O problema da regência**. 3. ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1967.

NOLL, Peter. **Gesetzgebungslehre**. Munique: Reimbeck bei Hamburg, 1971.

PERINI, Mário Alberto. **A gramática gerativa**: introdução ao estudo da sintaxe portuguesa. 2. ed. Belo Horizonte: Vigília, 1985.

_____. **Sintaxe portuguesa**: metodologia e funções. São Paulo: Ática, 1988.

PESTALOZZA, Christian. Gesetzgebung im Rechetsstaat. **Neue Juristische Wochenschrift**. [s.l.]: 1981.

PINHEIRO, Hesio Fernandes. **Técnica legislativa**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1962.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Sítio oficial. **Símbolos nacionais**. Disponível em: <http://www2.planalto.gov.br/acervo/simbolos-nacionais/brasao/brasao-da-republica>. Acesso em: 2 set. 2014.

RÁO, Vicente. **O Direito e a vida dos direitos**. 7. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2003.

SAID ALI, Manoel. **Gramática secundária e gramática histórica da língua portuguesa**. 3. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1964.

SANDEMANN, Antônio José. **Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo**. Curitiba: Scientia et Labor/Ícone, 1988.

SILVA, Carlos Medeiros da. Funcionário Público – Concurso – Lei cuja execução depende de regulamento – Delegação legislativa. **Revista de Direito Administrativo**, v. 34, 1953.

SILVA, José Afonso da. **Princípios do processo de formação das leis no Direito Constitucional**. 2. ed. São Paulo: Malheiros, 2007. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rda/article/view/13390/12299>. Acesso em: 5 nov. 2014.

SILVA NETO, Serafim da. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil**. 5. ed. Rio de Janeiro: Presença; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1986.

_____. **História da língua portuguesa**. 5. ed. Rio de Janeiro: Presença; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1988.

Índice analítico-remissivo

A

A fim de/afim 85

À medida que/na medida em que 94

A partir de 94

Ação

Declaratória de Constitucionalidade 104

Direta de Controle da Omissão 102, 110

Direta de Inconstitucionalidade 104

Ambiguidades 16, 60, 64, 65, 77, 97

Ambos/todos os dois 95

Anexo, Incluso, Leso 72

Anexo/em anexo 95

Anuir 73

Ao nível de/em nível (de) 95

Apor 98

Apresentação

Sobriedade do documento 31

Aproveitar 73

Arquivo (de computador)

Armazenamento 31

Nome 31

Aspas 53

Aspirar 73

Assim 95

Assinatura 30, 40, 46, 47, 141

Assistir 73

Atender 73

Ato jurídico perfeito 108

Ato normativo..... 15, 36, 102, 105

Com força de lei..... 145

Controle de resultados 112

De efeitos concretos 142

Espécies constitucionalmente previstas.....165

Partes 134

Primário.....142

Publicação 163

Secundário 146

Atos internacionais.....42

Avisar 74

Aviso e Ofício 36

B

Bem como 95

C

Cacófatos.....94

Cada.....95

Câmara dos Deputados .. 41, 151, 155, 165, 166, 167, 170

Causar 96

Citação.....79

Clareza 15, 16, 82

Clareza e determinação das normas 106

Cláusula de revogação..... 132, 135, 139

Específica 139

Genérica 139

Cláusula de vigência 135, 139, 140, 164

Clichês 82

Código Civil 129, 130

Códigos 169

Coisa Julgada 108

Comparecer 74

Compartilhar 74

Comunicação de veto 42

Concisão 15, 17

Concordância

Nominal 71

Verbal 66

Verbo apassivado pelo pronome "se"..... 68

Congresso Nacional 37, 40, 41, 42, 143, 144, 145, 151, 153, 155, 156, 159, 160, 161, 162, 163, 165, 167, 168, 169

Consistir 74

Consolidação da legislação 166, 171

Constatar 96

Controle de Constitucionalidade 104

Ação Declaratória de Constitucionalidade 104

Ação Direta de Inconstitucionalidade..... 104

Concentrado 104

Difuso 104

Medida Cautelar 105

Corpo da Lei..... 137

Correio eletrônico..... 45

Custar 74

D

De forma que, de modo que/de forma a, de modo a 96

Decreto 146

Autônomos 147

Regulamentares 146

Singulares 146

Decreto nº 9.191, de 2017 .....112, 132, 145, 146

Democracia.....106, 109

Dever de legislar 102, 112

Devido a..... 96

Diário Oficial da União 42, 163

Dignidade da Pessoa Humana 110

Digníssimo *26*

Dirigir 96

E

Em face de 96

Emenda Constitucional nº 32 ..... 143, 145, 147, 170

Emendas 154, 169

Espécies de Emendas 155

Ementa 135

Enquanto 96

Entrada em Vigor da Lei 163

Epígrafe 135

Especialmente 96

Especificação temática simplifica 129

Estado de Direito 103, 105, 106, 108, 109, 142

Exposição de Motivos.....36

Expressões a evitar 94

F

Fecho da Lei.....137

Forças Armadas 152

Formatação 31

G

Governador de Estado.....104

Gramática.....49, 58

H

Hífen 24, 25, 50, 51, 52, 56

Hífen e prefixos 52

Homófonos.....83

Homógrafos.....83

Homônimos 83

I

Ilustríssimo *26*

Impessoalidade.....15

Implicar.....75

Incisos.....127

Inclusive 96
Incumbir 75
Informar.....75, 96
Iniciativa 152
Comum ou Concorrente 152
Conceito 151
Direito de emenda 154
Do Ministério Público 153
Do Presidente da República 152, 154, 157, 167
Do Supremo Tribunal Federal..... 153
Emenda constitucional..... 169
Popular 151, 152, 166
Projeto de consolidação 172
Vinculada 153
Itálico 31, 55

J

Jargão 20
Junto a 96

L

Lei Complementar 143
Lei Complementar nº 95 .....124, 139
Lei Delegada 144
Lei Formal 142
Lei ordinária 142
Lei Ordinária 144
Leis Financeiras..... 168

M

Mandado de Injunção.....102, 110
Matriz de consolidação..... 172
Medida provisória..... 114, 117, 144, 145, 163, 171
Consolidação 172
Encaminhamento ao Congresso Nacional 41
Procedimento Legislativo 170
Mensagem 40
Mesmo.....97
Ministério das Relações Exteriores.....30
Ministério Público..... 144, 145, 152, 153
Ministro de Estado da Justiça 142
Ministros de Estado 26, 141

N

Negrito.....31, 55, 128
Nem 98
No sentido de 98

O

O mesmo 97
Obedecer 75
Objetivar/ter por objetivo 98
Onde 98
Operacionalizar *98*
Opinião/"opinamento" 98
Opor veto 98
Ortografia.....49

P

Padrão Culto de Linguagem.....15
Parênteses 56
Paronímia.....83
Partido político 105
Pedir 76
Pertinente/pertencer 99
Poder Executivo.....40
Poder Judiciário 37, 144, 145
Poder Legislativo 40, 42, 102, 144, 156, 161, 168
Pontuação.....77
Dois-pontos 28, 79, 125, 127
Ponto de Exclamação 80
Ponto e vírgula 79

Ponto-de-Interrogação 80

Ponto-final..... 27, 28, 54, 125, 126, 127

Vírgula 24, 25, 77, 78, 79

Portaria 95, 147

Posição/posicionamento 99

Posto que..... 99

Preâmbulo 134, 135

Preferir..... 76

Prefixos 52

Presidente da República 25, 30, 36, 37, 41, 42, 43, 144, 145, 151, 152, 156, 157, 160, 161, 162, 163, 167, 168, 169

Princípio da Legalidade

Direito Penal,Direito Tributário e Direito Administrativo 107

Princípio da Reserva Legal 106

Procedimento legislativo 165

Processo Legislativo.....104, 110

Procurador-Geral da República 41, 42, 104, 105

Promulgação.....160, 161, 162, 163

Pronomes de Tratamento.....22, 23, 28

Propor-se 76

Publicação..... 163

R

Redação Oficial

Definição 15

Referenda 141

Referir 76

Regência 72, 73

Nominal 72

Verbal 72

Regulamento 146

Relativo a 99

Remissões Legislativas 108

Ressaltar 99

S

Se.....99

Semântica 82

Homônimos e Paranônimos 83

Senado Federal . 41, 42, 144, 155, 161, 163, 165, 167, 168, 170

Siglas 17

Sintaxe 58

Erros de comparação.....64

Frases fragmentadas 61

Problemas de construção de Frases 59

Sistemática da lei 123, 129

Artigo 124

Capítulos.....128

Incisos.....127

Livro.....129

Parágrafos 126

Seções 128

Títulos.....128

Sujeito..... 59, 60, 65, 66, 69

Supremo Tribunal Federal 105, 110, 151, 153

T

Tratar (de) 99

Travessão.....56

U

Urgência constitucional 154, 167

V

Valor documental 45

Veto 157, 159, 160, 161

Vice-Presidente da República 41

Vício de Iniciativa.....157

Vigência 141, 164

Viger 99

Visar 76

Vocativo 25

Vossa Excelência 24, 28

Vossa Senhoria 23, 28

Fundação Victor Civita
FUNDAÇÃO VICTOR CIVITA
EDIÇÃO ESPECIAL
A REVISTA DE QUEM EDUCA
NOVA escola
+ editora ática editora scipione
Abril

Manual da nova ortografia

- O que muda no jeito de escrever
- Regras de acentuação, trema, hífen...
- As adaptações nos textos e livros
- PARA GUARDAR E CONSULTAR

EDIÇÃO ESPECIAL
7 893614 051697 >
R$ 17,95

Acordo ortográfico

Apresentação 4

O que muda 8

Artigo 14

Carta ao leitor

Para consultar sem moderação

Escrever bem é cada vez mais importante, tanto nas relações de trabalho quanto nos contatos com os amigos. Quem domina corretamente as palavras tem mais chances de crescer profissionalmente e merece o reconhecimento de todos à sua volta. E, porque não é fácil dominar todas as regras, cada proposta de reforma na língua preocupa (e às vezes assusta) tanta gente. É o que vai ocorrer mais uma vez nos próximos meses, com a entrada em vigor de um acordo ortográfico fechado entre os oito países que têm no português seu idioma oficial.

Para ajudar você a entender melhor essas mudanças, NOVA ESCOLA e as editoras Ática e Scipione uniram-se na produção deste *Manual da Nova Ortografia,* o primeiro do gênero no Brasil. Aqui você encontra um breve histórico das transformações pelas quais a língua portuguesa passou, os próximos passos do tratado que muda o jeito de escrever as palavras, as principais alterações previstas pelo acordo e um artigo exclusivo sobre o impacto desses ajustes na vida de todos nós. Tenho certeza de que você vai querer guardar esta edição especial para ler e consultar sem moderação.

Boa leitura e um grande abraço,

Gabriel Pillar Grossi
Diretor de Redação

Abril · Fundação Victor Civita · GERDAU

Fundação Victor Civita
Presidente: Roberto Civita
Diretor Executivo: David Saad
Conselheiros:
Roberto Civita, Giancarlo Francesco Civita, Victor Civita, Roberta Anamaria Civita, Maria Antonia Magalhães Civita, Claudia Costin, Claudio de Moura Castro, José Augusto Pinto Moreira, Marcos Magalhães e Jorge Gerdau Johannpeter

NOVA ESCOLA

Diretor de Redação: Gabriel Pillar Grossi
Redatora-chefe: Denise Pellegrini
Diretora de Arte: Manuela Novais
Consultora Pedagógica: Regina Scarpa
Editores: Paola Gentile, Ricardo Falzetta (on-line), Rodrigo Ratier e Ronaldo Nunes (projetos especiais)
Editores-assistentes: Arthur Guimarães (on-line) e Beatriz Vichessi
Repórteres: Amanda Polato (estagiária), Ana Rita Martins, Anderson Moço, Beatriz Santomauro, Gustavo Heidrich (on-line) e Thais Gurgel (projetos especiais)
Editores de Arte: Sonia Schwartz (projetos especiais) e Vilmar Oliveira
Designers: Fernanda Vidal e Julia Browne
Desenvolvedores Web: Leonardo Lima e Thiago Barbosa de Moura
Atendimento ao Leitor: Marina Simeoni

COMERCIAL
Gerente de Publicidade: Sandra Moskovich
Publicidade: Fernanda Sant'Anna Rocha
Gerente de Publicações: Mirian Di Nizo
Gerente de Assinaturas: Rosana Berbel
Assistente de Circulação e Marketing: Elizabeth Sachetti
Pacotes de Assinaturas: Cynthia Vasconcellos
Processos Gráficos: Vanildo Carvalho
Analista de Planejamento e Controle Operacional: Kátia Gimenes

EDIÇÃO ESPECIAL
NOVA ESCOLA — A REVISTA DE QUEM EDUCA
MANUAL DA NOVA ORTOGRAFIA

Diretor de Redação: Gabriel Pillar Grossi
Diretora de Arte: Manuela Novais
Designer: Fernanda Vidal
Colaboraram nesta edição: Mariana Sgarioni (textos e edição), Miguel Sanches Neto (texto), Ana Maria Herrera, Andrea Damasco, Carlos Rosa, Helia Gonsaga, Lavínia Fávero, Miriam Aboes, Roberta Martins, Roberta Vaiano, Sueli Campopiano, Teresa Porto (equipe Abril Educação) e Rosângela Ducati (revisão)

Abril EDUCAÇÃO · editora ática · editora scipione

Diretor Geral: Mauro Calliari
Diretor de Marketing: Marcelo Luciano Martins
Diretor Editorial: Aurelio Gonçalves Filho

NOVA ESCOLA edição especial **Manual da Nova Ortografia** (EAN 789-3614-05169/7) é uma publicação da Fundação Victor Civita. Distribuída em todo o país pela Distribuidora Nacional de Publicações (Dinap S.A.), São Paulo. **NOVA ESCOLA** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400, CEP 02909-900, Freguesia do Ó, São Paulo, SP

AGOSTO, 2008

Um novo jeito de escrever

Acordo vem para unificar a ortografia oficial dos países de língua portuguesa e aproximar nações

POR MARIANA SGARIONI

"A adopção de uma única ortografia entre países de língua portuguesa pode ser óptima." Se este texto fosse escrito em Portugal, a frase anterior estaria corretíssima. Já no Brasil, a letra **p** (nas palavras **adopção** e **óptima**) está sobrando e parece um erro de digitação – apesar de todos sabermos que se trata do mesmo idioma. Do ponto de vista da ortografia, existem diferenças bastante relevantes na língua portuguesa. E não apenas entre os dois países. Nas outras seis nações que falam e escrevem o português (Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste) ocorre o mesmo.

Para acabar com essas diferenças, foi criado, em 1990, um acordo ortográfico – que deve vigorar no Brasil a partir do ano que vem *(saiba mais sobre os próximos passos da implementação do acordo no quadro da página 7)*. "A existência de duas grafias oficiais acarreta problemas na redação de documentos em tratados internacionais e na publicação de obras de interesse público", defendia o filólogo Antônio Houaiss, o principal responsável pelo processo de unificação aqui no Brasil.

Originalmente, o combinado era que todos os membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) deveriam ratificar o acordo para que ele tivesse valor. Em 2004, porém, os chefes de Estado da CPLP decidiram que bastava a aprovação de três nações para a reforma ortográfica entrar em vigor. O Brasil, no entanto, definiu que mudaria o jeito de escrever somente se Portugal também o fizesse (e o "sim" de Lisboa às novas normas só veio no ano passado). É importante ressaltar que a pronúncia, o vocabulário e a sintaxe permanecem exatamente como estão. A novidade é a unificação da grafia de algumas palavras.

Língua internacional

Daqui para a frente, a língua portuguesa (comum aos países lusófonos) tem tudo para ganhar espaço – até mesmo em fóruns internacionais –, pois o intercâmbio de informações e textos ficará mais fácil. Unificar a grafia também visa aproximar as oito nações da CPLP, reduzir custos de produção e adaptação de livros e facilitar a difusão bibliográfica de novas tecnologias, bem como simplificar algumas regras (que suscitam dúvidas até entre especialistas).

Do ponto de vista prático, ganha força o idioma falado no Brasil. Isso porque os portugueses terão de promover mais mudanças na escrita do que nós, adaptando várias palavras à grafia brasileira. Por exemplo, **acção** passa a ser **ação**. E cai também o **h** inicial de **herva** e **húmido** *(confira as alterações a partir da página 8)*.

O português é a única língua com dois cânones oficiais ortográficos, um europeu e outro brasileiro, e isso não só dificulta nossa vida lá fora como também a dos estrangeiros que querem aprendê-lo. "Inscreve-se, finalmente, a língua portuguesa no rol daquelas que conseguiram beneficiar-se há mais tempo da unificação de seu sistema de grafar, numa demonstração de consciência da política do idioma e de maturidade na defesa, na difusão e na ilustração da língua da lusofonia", afirma Cícero Sandroni, presidente da Academia Brasileira de Letras (ABL).

Além da unificação da grafia, o acordo propõe simplificar o idioma, no mesmo espírito do que ocorreu na década de 1910, quando uma reforma semelhante alterou o modo de escrever palavras como **pharmacia** e **christallino** (para **farmácia** e **cristalino**, sem o **ph**, o **ch** e o **ll**). Na época, porém, as mudanças foram encabeçadas por Portugal, que não consultou o Brasil e acabou aprofundando algumas diferenças ortográficas.

A história da língua portuguesa no Brasil

Desde que os portugueses chegaram a este lado do Atlântico, há cinco séculos, muita coisa mudou no jeito de falar

1500
OS CERCA DE 5 MILHÕES DE INDÍGENAS QUE AQUI VIVIAM, DISTRIBUÍDOS EM MAIS DE 1 500 POVOS, FALAVAM EM TORNO DE MIL LÍNGUAS DE VÁRIOS GRUPOS LINGÜÍSTICOS

1580
COMEÇA A SER REGISTRADA A LÍNGUA GERAL PAULISTA, DIFUNDIDA POR PADRES JESUÍTAS E BANDEIRANTES. "TUCURIURI" SIGNIFICAVA "GAFANHOTOS VERDES"

1700
SURGEM REGISTROS DA LÍNGUA GERAL AMAZÔNICA, DE BASE TUPINAMBÁ, E DO DIALETO DE MINAS, MISTO DE PORTUGUÊS COM O EVÉ-FON, TRAZIDO POR ESCRAVOS AFRICANOS

1759
O MARQUÊS DE POMBAL PROMULGA LEI IMPONDO O USO DA LÍNGUA PORTUGUESA, MAS AINDA COEXISTEM NO PAÍS DIVERSOS IDIOMAS INDÍGENAS E AFRICANOS

O acordo prevê simplificações (como o fim do trema), mas tem inúmeros pontos obscuros, que só serão esclarecidos com o lançamento de gramáticas atualizadas e um novo *Vocabulário Ortográfico* oficial (tarefa a cargo da Academia Brasileira de Letras). O professor Pasquale Cipro Neto é um dos que se manifestaram contra o documento. "Ele não se limita a uniformizar a grafia: estabelece outras alterações no sistema ortográfico, várias delas para pior."

Tempo de adaptação

Aqui no Brasil, a última grande reforma do idioma foi realizada em 1971, a fim de aproximar mais nosso jeito de escrever do de Portugal. Desde então foi abolido o acento diferencial em alguns vocábulos, bem como o acento grave ou circunflexo nas palavras derivadas de outras acentuadas – mais de dois terços dos acentos que causavam divergências foram suprimidos. Nessa mesma época os substantivos **acôrdo** e **govêrno** viraram **acordo** e **governo** (perderam o circunflexo que os diferenciava das formas verbais **eu acordo** e **eu governo**, que eram e continuam sendo pronunciadas de forma diferente). Outras palavras, como **somente**, **propriamente**, **rapidamente**, **cortesmente**, **sozinho**, **cafezinho** e **cafezal**, também deixaram de ser acentuadas. Naquela ocasião, muitas pessoas estranharam a alteração (sem falar que diversos materiais impressos, como livros, levaram um bom tempo até ter novas edições com o jeito certo de escrever). Até hoje, aliás, ainda há quem escreva **êle**, com o circunflexo extinto no início dos anos 1970.

Nas próximas páginas, você vai conhecer (de forma simplificada) as mudanças trazidas pelo acordo, com exemplos de grafias atuais e de como vamos passar a escrever. São regras bastante fáceis, mas que precisam ser bem compreendidas para ser usadas corretamente em textos produzidos no papel ou na tela do computador. Guarde este manual e consulte-o sempre que necessário.

O QUE MUDA DAQUI PARA A FRENTE

Dezenove anos depois de sua elaboração, tratado deve enfim sair do papel em 2009

Não é de hoje que os integrantes da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) pensam em unificar as ortografias de nosso idioma. Os trabalhos da Academia Brasileira de Letras e da Academia de Ciências de Lisboa tiveram início em 1980 e consumiram dez anos de negociações até o acordo ortográfico ficar pronto. No Brasil, o Congresso Nacional aprovou o texto em 1995, mas sua implementação ficou "na gaveta", à espera da aprovação pelos parlamentares de Portugal. Agora, basta um decreto do presidente Luiz Inácio Lula da Silva para que a nova grafia entre em vigor no país (até o fechamento desta edição não havia uma data determinada, mas a previsão é que isso ocorra em 2009).

Mesmo sem o decreto presidencial, a Comissão de Língua Portuguesa (Colip), do Ministério da Educação, já propôs que a reforma entre em vigor no próximo dia 1º de janeiro. Estima-se que o período de transição para a nova norma dure três anos.

Se a proposta do MEC for cumprida, todos os textos produzidos a partir de 2009 terão de ser impressos segundo as novas regras lingüísticas. Vestibulares, concursos e avaliações poderão aceitar as duas grafias como corretas até 31 de dezembro de 2011. Quanto aos livros didáticos, deve haver um escalonamento. A partir de 2010 os alunos de 1º a 5º ano do Ensino Fundamental receberão os livros dentro da nova norma – o que deve ocorrer com as turmas de 6º a 9º ano e de Ensino Médio, respectivamente, em 2011 e 2012.

1808
A CHEGADA DA FAMÍLIA REAL É DECISIVA PARA A DIFUSÃO DA LÍNGUA: SÃO CRIADAS BIBLIOTECAS, ESCOLAS E GRÁFICAS (E, COM ELAS, JORNAIS E REVISTAS)

1850
IMIGRANTES EUROPEUS APORTAM EM GRANDE NÚMERO NO PAÍS, INCENTIVANDO TRANSFORMAÇÕES NO IDIOMA COM A INTRODUÇÃO DE DIVERSOS ESTRANGEIRISMOS

1922
A SEMANA DE ARTE MODERNA LEVA O PORTUGUÊS INFORMAL PARA AS ARTES. A CRESCENTE URBANIZAÇÃO E O SURGIMENTO DO RÁDIO AJUDAM A MISTURAR VARIEDADES LINGÜÍSTICAS

1988
A CONSTITUIÇÃO GARANTE A PRESERVAÇÃO DOS DIALETOS DE GRUPOS INDÍGENAS E REMANESCENTES DE QUILOMBOS. HOJE HA 180 LÍNGUAS INDÍGENAS E MIL QUILOMBOLAS

1990
COM A TV PRESENTE EM MAIS DE 90% DOS LARES, NÃO SE CONSTATA ISOLAMENTO LINGÜÍSTICO. COMEÇA A NASCER A LINGUAGEM RÁPIDA USADA NA INTERNET

Acordo ortográfico – O que muda

Acentuação

1

Acento agudo

O acento agudo desaparece das palavras da língua portuguesa em três casos, como se pode ver a seguir:

• nos ditongos (encontro de duas vogais proferidas em uma só sílaba) abertos **ei** e **oi** das palavras paroxítonas (aquelas cuja sílaba pronunciada com mais intensidade é a penúltima).

COMO É HOJE	COMO VAI FICAR
assembléia	assembleia
heróico	heroico
idéia	ideia
jibóia	jiboia

NO ENTANTO, as oxítonas (palavras com acento na última sílaba) e os monossílabos tônicos terminados em **éi**, **éu** e **ói** continuam com o acento (no singular e/ou no plural). Exemplos: **herói(s)**, **ilhéu(s)**, **chapéu(s)**, **anéis**, **dói**, **céu.**

• nas palavras paroxítonas com **i** e **u** tônicos que formam hiato (seqüência de duas vogais que pertencem a sílabas diferentes) com a vogal anterior quando esta faz parte de um ditongo;

COMO É HOJE	COMO VAI FICAR
baiúca	baiuca
boiúna	boiuna
feiúra	feiura

NO ENTANTO, as letras **i** e **u** continuam a ser acentuadas se formarem hiato mas estiverem sozinhas na sílaba ou seguidas de **s**. Exemplos: **baú, baús, saída.**

No caso das palavras oxítonas, nas mesmas condições descritas no item anterior, o acento permanece. Exemplos: **tuiuiú, Piauí.**

• nas formas verbais que têm o acento tônico na raiz, com o **u** tônico precedido das letras **g** ou **q** e seguido de **e** ou **i**. Esses casos são pouco freqüentes na língua portuguesa: apenas nas formas verbais de *argüir* e *redargüir*.

COMO É HOJE	COMO VAI FICAR
argúis	arguis
argúem	arguem
redargúis	redarguis
redargúem	redarguem

2

Acento diferencial

O acento diferencial é utilizado para permitir a identificação mais fácil de palavras homófonas, ou seja, que têm a mesma pronúncia. Atualmente, usamos o acento diferencial – agudo ou circunflexo – em vocábulos como **pára** (forma verbal), a fim de não confundir com **para** (a preposição), entre vários outros exemplos.

Com a entrada em vigor do acordo, o acento diferencial não será mais usado nesse caso e também nos que estão a seguir:

• **péla** (do verbo pelar) e **pela** (a união da preposição com o artigo);
• **pólo** (o substantivo) e **polo** (a união antiga e popular de **por** e **lo**);
• **pélo** (do verbo pelar) e **pêlo** (o substantivo);
• **pêra** (o substantivo) e **péra** (o substantivo arcaico que significa **pedra**), em oposição a **pera** (a preposição arcaica que significa **para**).

NO ENTANTO, duas palavras obrigatoriamente continuarão recebendo o acento diferencial:

• **pôr** (verbo) mantém o circunflexo para que não seja confundido com a preposição **por**;
• **pôde** (o verbo conjugado no passado) também mantém o circunflexo para que não haja confusão com **pode** (o mesmo verbo conjugado no presente).

Observação: já em **fôrma/forma**, o acento é facultativo.

3 Acento circunflexo

Com o acordo ortográfico, o acento circunflexo não será mais usado nas palavras terminadas em **oo**.

COMO É HOJE	COMO VAI FICAR
enjôo	enjoo
vôo	voo
abençôo	abençoo
corôo	coroo
magôo	magoo
perdôo	perdoo

Da mesma forma, deixa de ser usado o circunflexo na conjugação da terceira pessoa do plural do presente do indicativo ou do subjuntivo dos verbos **crer**, **dar**, **ler**, **ver** e seus derivados.

COMO É HOJE	COMO VAI FICAR
crêem	creem
dêem	deem
lêem	leem
vêem	veem
descrêem	descreem
relêem	releem
revêem	reveem

NO ENTANTO, nada muda na acentuação dos verbos **ter**, **vir** e seus derivados. Eles continuam com o acento circunflexo no plural (**eles têm**, **eles vêm)** e, no caso dos derivados, com o acento agudo nas formas que possuem mais de uma sílaba no singular (**ele detém**, **ele intervém**).

Trema

4 Um sinal a menos

O trema, sinal gráfico de dois pontos usado em cima do **u** para indicar que essa letra, nos grupos **que**, **qui**, **gue** e **gui**, é pronunciada, será abolido. É simples assim: ele deixa de existir na língua portuguesa. Vale lembrar, porém, que a pronúncia continua a mesma.

COMO É HOJE	COMO VAI FICAR
agüentar	aguentar
eloqüente	eloquente
freqüente	frequente
lingüiça	linguiça
sagüi	sagui
seqüestro	sequestro
tranqüilo	tranquilo
anhangüera	anhanguera

NO ENTANTO, o acordo prevê que o trema seja mantido em nomes próprios de origem estrangeira, bem como em seus derivados. Exemplos: **Bündchen**, **Müller**, **mülleriano**.

Hífen

5 Palavras compostas

O hífen deixa de ser empregado nas seguintes situações:

- quando o prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa com as consoantes **s** ou **r**. Nesse caso, a consoante obrigatoriamente passa a ser duplicada;
- quando o prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa com uma vogal diferente.

COMO É HOJE	COMO VAI FICAR
anti-religioso	antirreligioso
anti-semita	antissemita
auto-aprendizagem	autoaprendizagem
auto-estrada	autoestrada
contra-regra	contrarregra
contra-senha	contrassenha
extra-escolar	extraescolar
extra-regulamentação	extrarregulamentação

NO ENTANTO, o hífen permanece quando o prefixo termina com **r** (**hiper, inter** e **super**) e a primeira letra do segundo elemento também é **r**. Exemplos: **hiper-requintado**, **super-resistente**.

● Alfabeto

6 Novas letras

O acordo prevê que nosso alfabeto passe a ter 26 letras – hoje são 23. Além das atuais, serão oficialmente incorporadas as letras **k**, **w** e **y**. No entanto, seu emprego fica restrito a apenas alguns casos, como já ocorre atualmente. Confira os principais exemplos:

- em nomes próprios de pessoas e seus derivados;

  Exemplos: **Franklin**, **frankliniano**, **Darwin**, **darwinismo**, **Wagner**, **wagneriano**, **Taylor**, **taylorista**, **Byron**, **byroniano**.

- em nomes próprios de lugares originários de outras línguas e seus derivados;

  Exemplos: **Kuwait**, **kuwaitiano**, **Washington**, **Yokohama**, **Kiev**.

- em símbolos, abreviaturas, siglas e palavras adotadas como unidades de medida internacionais;

  Exemplos: **km** (quilômetro), **KLM** (companhia aérea), **K** (potássio), **W** (watt), **www** (sigla de *world wide web*, expressão que é sinônimo para a rede mundial de computadores).

- em palavras estrangeiras incorporadas à língua.

  Exemplo: **sexy**, **show**, **download**, **megabyte**.

● O que muda em Portugal

7 Considerações gerais

Boa parte das mudanças previstas no novo acordo não afeta o português escrito no Brasil, mas tem relação direta com a grafia atual das palavras em Portugal.

Um exemplo é a eliminação da letra **h** no início de palavras como **herva** e **húmido** (que há muito tempo são **erva** e **úmido** por aqui e passarão a ser escritas só dessa forma em todos os países lusófonos).

Além disso, como regra geral, desaparecem o **c** e o **p** das palavras em que essas letras não são pronunciadas.

COMO É HOJE	COMO VAI FICAR
acção	ação
aflicto	aflito
colectivo	coletivo
director	diretor
exacto	exato
baptizar	batizar

NO ENTANTO, em alguns casos em que a letra **c** é pronunciada, seu uso poderá ser facultativo. Exemplos: **facto, sector**.

O acordo prevê também dupla grafia (ou seja, a forma de escrever é opcional, conforme o uso mais comum em cada local) nas palavras proparoxítonas cuja vogal tônica admita mudança de timbre. Exemplos: **acadêmico** (ou **académico**, grafia mais comum em Portugal), **cômodo** (ou **cómodo**), **ingênuo** (ou **ingénuo**), **oxigênio** (ou **oxigénio**).

As chamadas proparoxítonas aparentes também permitem dupla grafia: **gênio** (ou **génio**), **insônia** (ou **insónia**).

QUER SABER MAIS?

Portal da Língua Portuguesa
http://www.portaldalinguaportuguesa.org
O site do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior de Portugal traz o acordo oficial, assinado pela Comunidade dos Países da Língua Portuguesa, na íntegra. Contém ainda acordos anteriores, como o de 1945, e um histórico das reformas ortográficas do português.

Wikipedia
http://pt.wikipedia.org/wiki/Acordo_Ortogr%C3%A1fico_de_1990
A página da enciclopédia livre Wikipedia é bem completa. Traz detalhes das mudanças, histórico, negociações entre os governos e a situação em Portugal, além de diversos links de referências.

Jornal *Público*
http://static.publico.clix.pt/docs/cultura/acordoOrtografico.aspx
Link elaborado pelo jornal português *Público* que traz algumas das principais perguntas e respostas sobre o acordo.

Academia Brasileira de Letras
http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?tpl=home
No site da Academia Brasileira de Letras há textos sobre a aprovação do texto e um link para você enviar dúvidas sobre os pontos obscuros do acordo.

Comissão de Língua Portuguesa
http://portal.mec.gov.br/sesu/index.php?option=content&task=view&id=693&Itemid=303
Página oficial da Comissão de Língua Portuguesa (Colip), do Ministério da Educação, órgão responsável pela implantação do acordo no Brasil.

Uma questão de tempo

POR MIGUEL SANCHES NETO

Demorei para aprender ortografia. E essa aprendizagem contou com a ajuda dos editores de texto, no computador. Quando eu cometia uma infração, pequena ou grande, o programa grifava em vermelho meu deslize. Fui assim me obrigando a escrever minimamente do jeito correto.

Mas de meu tempo de escola trago uma grande descoberta, a do monstro ortográfico. O nome dele era Qüeqüi Güegüi. Sim, esse animal existiu de fato. A professora de Português nos disse que devíamos usar trema nas sílabas qüe, qüi, güe e güi quando o u é pronunciado. Fiquei com essa expressão tão sonora quanto enigmática na cabeça. Quando meditava sobre algum problema terrível – pois na pré-adolescência sempre temos problemas terríveis –, eu tentava me libertar da coisa repetindo em voz alta: "Qüeqüi Güegüi". Se numa prova de Matemática eu não conseguia me lembrar de uma fórmula, lá vinham as palavras mágicas.

Um desses problemas terríveis, uma namorada, ouvindo minha evocação, quis saber o que era esse tal de Qüeqüi Güegüi.

– Você nunca ouviu falar nele? – perguntei.

– Ainda não fomos apresentados – ela disse.

– É o abominável monstro ortográfico – fiz uma falsa voz de terror.

– E ele faz o quê?

– Atrapalha a gente na hora de escrever.

Ela riu e se desinteressou do assunto. Provavelmente não sabia usar trema nem se lembrava da regrinha.

Aos poucos, eu me habituei a colocar as letras e os sinais no lugar certo. Como essa aprendizagem foi demorada, não sei se conseguirei escrever de outra forma – agora que teremos novas regras. Por isso, peço desde já que perdoem meus futuros erros, que servirão ao menos para determinar minha idade.

– Esse aí é do tempo do trema.

Miguel Sanches Neto é escritor, crítico literário e professor de Literatura Brasileira. Nasceu em 1965 em Bela Vista do Paraíso, PR. Autor, entre outros, dos romances *Chove Sobre Minha Infância*, *Um Amor Anarquista* e *A Primeira Mulher*, lançou em 2008 a novela juvenil *Amor de Menino* (todos pela Ed. Record). Mantém o site www.miguelsanches.com.br.

LISTA DE PALAVRAS LINDAS E MARAVILHOSAS PARA USAR NA REDAÇÃO + ELEMENTOS COESIVOS (COESÕES) INTERESSANTES por @heydebee - www.youtube.com/c/heydebee (de nada)

Todos os exemplos de uso são retirados de redações minhas. **NÃO COPIE.**

NÃO REDISTRIBUA ESTE MATERIAL SEM AUTORIZAÇÃO E SEM CREDITÁ-LO DEVIDAMENTE.

*Observação: eu **não** sou professora de redação nem corretora. São dicas de aluno pra aluno.*

Incontrovertível - irrefutável, inquestionável, que não se pode contestar.

"É incontrovertível que o Brasil é um gigante miscigenado."

Indubitável - incontestável, sem dúvidas.

"É indubitável que a teoria marxiana é aplicável à engrenagem atual."

Hodierno(a) - atual; que diz respeito ao dia de hoje e/ou ao tempo presente.

"A engrenagem imediatista hodierna emperra o avanço sustentável, uma vez que este leva em conta consequências a longo prazo."

"Não obstante antiga, a ideia filosófica e sociológica de Marx se identifica no campo hodierno, haja vista a luta de classes decorrente dos meios de produção vigentes."

Fator(es) - qualquer elemento que contribua para a obtenção de um resultado; causa.

"Como indicado por Kant e Lamarck, a educação e o meio, respectivamente, são fatores determinantes na formação humana."

Configurar-se ou caracterizar-se

"É incontrovertível que a conjuntura hodierna configura-se globalizada, tecnológica e fortemente capitalista."

Tangente a… ou No que tange a…

"Assim, atos pensados no que tange à sociedade se mostram essenciais para seu desenvolvimento."

"[…] a liberdade esbarra em problemáticas tangentes à mobilidade e à acessibilidade nos meios citadinos […]"

**nestes casos, as expressões têm crase por precederem substantivos femininos.*

Caráter - modo de ser, de parecer; cunho; caractere.

"Mediante os fatos expostos, é possível extrair que, devido a seu caráter radical e perene, o terrorismo só pode ser amenizado."

Defasagem - falta de compasso; discrepância; diferença; atraso.

"Assim, de modo exposto, observa-se defasagem entre direito e garantia e são necessárias medidas para intervir no impasse."

Setor(es) ***(judiciário, educacional, midiático)***

"Com efeito, o poder deixa de emanar do povo e passa a ser usado em detrimento deste, vide lacunas morais profundas que acometem também o setor judiciário por contaminação ou não colaboração."

Ascendente - que tende a se mover para cima; que segue progredindo; que vai crescendo.

"Nesse contexto, porém, a recorrente impunidade e o caráter unidirecional da retaliação voltada ao menor infrator põem obstáculo à restauração efetiva destes - de modo que a reincidência criminal é ascendente."

Supracitado(a)(s) - mencionado anteriormente; que foi citado mais acima ou referenciado no trecho anterior.

"Também é possível somar aos aspectos supracitados o fator educacional como formador do ser humano, conforme afirma Kant […]"

Ideário - reunião das ideias principais de um autor, de uma doutrina, movimento, partido etc.

"Conforme ideário marxiano, a economia determina a sociedade."

Subsídio(s) - auxílio financeiro.

"É recomendável que peças publicitárias referentes aos direitos civis sejam veiculadas, principalmente em horários e veículos de grande audiência, com subsídio estatal."

Canarinho(a) - relativo ao Brasil.

"É evidenciada a desigualdade de gênero que permeia a população canarinha, mesmo após séculos de sistemas patriarcais propriamente ditos."

Tupiniquim - relativo ao Brasil.

"[…] é visível a ineficácia da legislação vigente, refletida na impunidade vista ano após ano, que dá força à continuação da "rocha" do estupro no cenário tupiniquim."*

*a "rocha" era uma analogia explicada no texto.

Majoritário(a) - concernente à maioria; predominante.

"[…] heranças patriarcais subjugadoras, crimes impunes e a corrupção moral hodierna culminam no vigente quadro de estupro do Brasil - majoritária sobre mulheres e menores e expositor de mazelas frequentemente camufladas."

Contingente demográfico ou totalidade demográfica *(ou variações)* - população.

"É imperioso que o contingente demográfico esteja consciente das ludibriações publicitárias e dos impactos consumistas via campanhas governamentais midiáticas."

Vetusto(a) - antigo ou que provém de um tempo antigo; velho; remoto.

"Não obstante vetusta, a ideia filosófica e sociológica de Marx se identifica no campo hodierno […]"

Âmbito - espaço; esfera; ambiente; campo.

"No âmbito econômico, o manejo do capital a fim de suprir demandas mostra a capacidade […]"

Hominídeo - espécie que faz parte dos Hominídeos (o homem é uma delas. Deve ficar claro que é a ele - essa espécie - a que se refere)

"Nesse comportamento, onde os fins justificam os meios e o poder se sobrepõe a tudo, além de lacunas morais do hominídeo, impossibilita-se a paz."

Imbróglio(s) - problema; dificuldade; confusão.

"Não obstante esse contexto, porém, imbróglios educacionais e processos de modernização adulteradora têm ameaçado […]"

Contraproducente - cujo resultado não corresponde ao esperado; que causa o resultado oposto; contraprodutivo.

"Nesse contexto, configura-se contraproducente a aprovação da PEC das funcionárias domiciliares, iniciando um processo de substituição de mão-de-obra humana pela maquinária."

Esfera(s) (econômica, educacional…) - campo; setor.

"[…] há uma transição demográfica no Brasil - a qual se mostra de impacto negativo na esfera econômica."

Lacuna(s) - falha; o que falta em alguma coisa; espaço vago no interior de um corpo.

"Nesse comportamento, onde os fins justificam os meios e o poder se sobrepõe a tudo, além de lacunas morais do hominídeo, impossibilita-se a paz."

Conjuntura(s) - situação; circunstância; conjunto de determinados acontecimentos que ocorrem num dado momento.

"Ainda sob este ângulo, a conjuntura global interligada facilita o recrutamento de jovens instruídos de todas as partes do planeta, acarretando ataques fortemente imprevisíveis."

"Estudos realizados em território brasileiro comprovam a eficácia de medidas ressocializadoras contra transgressões. Mediante o exposto, sabe-se de sua importância na conjuntura vigente […]"

Coesões interessantes

obs 1: não incluí as mais simples/óbvias
obs 2: a ordem da lista não significa nada

- **Outrossim**
- **Destarte**
- **Ademais**
- **Não obstante**
- **De maneira/modo análoga/o**
- **Consoante a isso/a esses pontos**
- **Nesse contexto**
- **Nesse sentido**
- **Sob ângulo (econômico, social, etc)**
- **Com efeito**
- **Com ênfase**
- **Conquanto**
- **Aliado(a)(s) a**
- **Atrelado(a) a**
- **Todavia**
- **Embora**
- **Em contrapartida**
- **Mediante o elencado**
- **Mediante os fatos expostos**
- **Por conseguinte**
- **É evidente que**
- **É tácito que**
- **Em causa/decorrência dos fatos mencionados**
- **Finalmente**
- **Por fim**
- **Tendo o exposto em vista**
- **Em vista dos fatos elencados**
- **Segundo**
- **Conforme**
- **Primordialmente**

Lingüística funcional
teoria e prática

Maria Angélica Furtado da Cunha
Mariangela Rios de Oliveira
Mário Eduardo Martelotta (orgs.)

FAPERJ
Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

DP&A editora

Lingüística funcional: teoria e prática

Maria Angélica Furtado da Cunha
Mariangela Rios de Oliveira
Mário Eduardo Martelotta (orgs.)

Este livro apresenta-se com quatro palavras pesadas: *lingüística*, *funcional*, *teoria* e *prática*. Os pesos são ponderados nas duas primeiras, com complicação para o intérprete habituado a lidar com as ciências humanas, pois o *funcional* da lingüística é distinto do *funcional* da antropologia. Aqui se trata de um tipo de abordagem que privilegia o contato empírico com os dados, sem comprometer-se com os pressupostos do funcionalismo clássico.

O terceiro termo, *teoria*, dissipa parte das dúvidas do profissional da linguagem e das pessoas interessadas na temática da ecologia da linguagem. A teoria abordada e elaborada neste livro origina-se de uma reação à lingüística formalista, desencadeada na Costa Oeste dos Estados Unidos nos anos 1970, tendo como figuras de proa Talmy Givón, Sandra Thompson e, mais recentemente, Joan Bybee. A teoria construiu-se e constrói-se mais em termos reativos do que proativos, pois os pesquisadores avançam num constante exercício de ensaio-e-erro, a partir dos postulados formulados por Givón em 1979, em sua monumental *On understanding grammar*. Figura/fundo, transitividade, iconicidade e gramaticalização apresentam-se como pedras de toque do movimento.

O termo *prática* é mais ambicioso e, portanto, mais problemático. Em sua primeira acepção, *prática* aponta para as análises empíricas de fenômenos sintáticos

A1b01
9113-4055

Lingüística funcional: teoria e prática

Lingüística funcional: teoria e prática
Maria Angélica Furtado da Cunha
Mariangela Rios de Oliveira
Mário Eduardo Martelotta (orgs.)

Revisão de provas
Daniel Seidl

Projeto gráfico, diagramação e capa
Carolina Falcão

Gerência de produção
Maria Gabriela Delgado

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

Lingüística funcional: teoria e prática / Maria Angélica Furtado da Cunha, Mariangela Rios de Oliveira e Mário Eduardo Martelotta (orgs.) Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

144p., 14 × 21 cm
Inclui bibliografia
ISBN 85-7490-240-3

1. Lingüística 2. Comunicação I. Título.

Maria Angélica Furtado da Cunha
Mariangela Rios de Oliveira
Mário Eduardo Martelotta (orgs.)

Lingüística funcional: teoria e prática

Eduardo Kenedy Areas
Lucia Maria Alves Ferreira
Marcos Antonio Costa
Maria Maura Cezario
Victoria Wilson Coelho

FAPERJ
Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

DP&A editora

© DP&A editora Ltda.

Proibida a reprodução, total ou parcial, por qualquer meio ou processo, seja reprográfico, fotográfico, gráfico, microfilmagem, etc. Estas proibições aplicam-se também às características gráficas e/ou editoriais. A violação dos direitos autorais é punível como crime (Código Penal art. 184 e §§; Lei 6.895/80), com busca, apreensão e indenizações diversas (Lei 9.610/98 – Lei dos Direitos Autorais – arts. 122, 123, 124 e 126).

DP&A editora
Rua Joaquim Silva, 98 – 2º andar – Lapa
CEP 20.241-110 – Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel./Fax: (21) 2232-1768
E-mail: dpa@dpa.com.br
Home page: www.dpa.com.br

Impresso no Brasil
2003

Para Sebastião Votre,
criador do grupo de estudos Discurso & Gramática,
amigo e mestre de todos nós

Sumário

Prefácio
Anthony Naro 9

Introdução 11

A visão funcionalista da linguagem no século XX
Mário Eduardo Martelotta
Eduardo Kenedy Areas 17

Pressupostos teóricos fundamentais
Maria Angélica Furtado da Cunha
Marcos Antonio Costa
Maria Maura Cezario 29

A mudança lingüística
Mário Eduardo Martelotta 57

Estabilidade e continuidade semântica e sintática
Lucia Maria Alves Ferreira 73

Lingüística funcional aplicada ao ensino de português
Mariangela Rios de Oliveira
Victoria Wilson Coelho 89

Rumos da lingüística funcional
Maria Angélica Furtado da Cunha
Mariangela Rios de Oliveira
Mário Eduardo Martelotta 123

Bibliografia comentada 129

Referências bibliográficas 131

Sobre os autores 139

Prefácio

Ao final da década de 1970 surgiu no Rio de Janeiro uma nova corrente de pesquisa lingüística orientada sobretudo para o estudo do uso da língua em situações diversas no mundo real. No início, as pesquisas concentravam-se principalmente na área de sociolingüística e variação, com um certo direcionamento para questões relacionadas aos reflexos da diacronia na sincronia. A principal fonte intelectual era a obra de William Labov. Já na década seguinte, o espectro de estudo ampliou-se com a inclusão da orientação teórica funcionalista norte-americana e, mais tarde, com um interesse especial para o fenômeno da gramaticalização.

O grupo original, comprometido com essas pesquisas, hoje é conhecido como Programa de Estudo sobre o Uso da Língua (Peul). Na década de 1990, um de seus fundadores, o professor Sebastião Josué Votre, estimulado pela professora canadense Dianne Vincent, criou outro grupo mais especificamente voltado para investigações funcionalistas sobre o relacionamento entre Discurso e Gramática (D&G), nome que adotou para o novo projeto. Esse novo grupo inspirou-se principalmente nas idéias de Sandra Thompson, Wallace Chafe e Talmy Givón.

O grupo D&G, em 1996, publicou um considerável tomo de pesquisas intitulado *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Essa obra era dirigida aos níveis de graduação e pós-graduação das universidades e apresentava uma síntese das pesquisas originais do grupo. O presente livro, por sua vez, constitui uma tentativa de diálogo com os professores de língua materna interessados nas recentes contribuições da lingüística à sua prática

pedagógica. Além disso, oferece um resumo de suas principais descobertas e conclusões sobre o funcionamento do português do Brasil em situação de comunicação. Trata-se de uma abordagem de cunho didático, com introduções teóricas a cada subárea de estudo e aplicações ao português do Brasil. Tenho certeza de que o livro possibilitará a introdução de orientações pós-gerativistas à comunidade acadêmica mais ampla.

Anthony Naro
Professor titular de Lingüística
da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Introdução

Lingüística funcional: teoria e prática, como o título informa, contempla duas faces da investigação do uso da língua: o tratamento introdutório de princípios e pressupostos do funcionalismo norte-americano, acompanhados de considerável exemplificação, e o exercício de aplicação desse aparato ao ensino-aprendizagem de língua materna no Brasil. A produção desta obra teve como ponto de partida um relatório, com o mesmo título, produzido por Sebastião Josué Votre em 1992, e que até hoje tem sido muito utilizado em pesquisas voltadas para a análise funcional.

A relevância deste livro configura-se, principalmente, devido à ausência de material correspondente ou afim em circulação no mercado editorial nacional. Via de regra, a referência bibliográfica de orientação funcionalista encontra-se em língua estrangeira, circula fundamentalmente em alguns cursos de pós-graduação *stricto sensu* e os resultados de pesquisa não são considerados em termos de sua aplicabilidade mais sistemática nas salas de aula de língua portuguesa e mesmo de lingüística. Evidencia-se, pois, a importância de uma publicação como a que ora apresentamos à comunidade acadêmica.

Lingüística funcional: teoria e prática é um empreendimento dos membros do grupo de estudos Discurso & Gramática (D&G), que congrega pesquisadores da UFRJ, UFRN, UFF, Uerj e UniRio. Trata-se do resultado da fase atual de nossos estudos, mais modalizada e reflexiva, preocupada também com as questões que cercam a realidade educacional em nosso país em seus diversos níveis. O grupo D&G, que se dedica à pesquisa funcionalista, com ênfase

nos fenômenos de continuidade, variabilidade e mudança do português, tem nas questões morfossintáticas seu foco de investigação. Nessa tarefa, privilegiam-se não só as estratégias de codificação mais sistemáticas e regulares do uso lingüístico, como também são consideradas estruturas menos convencionadas, à margem da gramática, principalmente em relação ao que é proposto pela descrição normativa.

Além da orientação teórica, é marca do grupo o tratamento de mesma fonte empírica de pesquisa – os textos constituintes do *Corpus Discurso & Gramática: a língua falada e escrita no Brasil*, que consiste em um banco de dados da comunidade estudantil de cinco cidades brasileiras: Rio de Janeiro (RJ), Natal (RN), Juiz de Fora (MG), Rio Grande (RS) e Niterói (RJ). Esses textos, coletados e organizados nos anos 1990, distribuem-se em cinco tipologias: narrativa de experiência pessoal, narrativa recontada, relato de procedimento, descrição de local e relato de opinião. Os informantes, divididos igualmente entre sexos masculino e feminino, distribuídos em todos os níveis de ensino, nas faixas etárias respectivas, foram convidados a produzir textos orais e, a partir dessa primeira etapa, redigiram o material escrito correspondente. Trata-se, portanto, de um *corpus* relevante para o tratamento da interface *fala × escrita*, área privilegiada na atual fase da pesquisa sobre o funcionamento da língua em situação de comunicação, além de perspectiva bastante contemplada nos recentes documentos legais sobre o ensino-aprendizagem de língua portuguesa no Brasil.

Nos parágrafos a seguir, apresentamos uma síntese do conteúdo de cada capítulo. Vale ressaltar que, embora sob a responsabilidade de distintos autores, todos membros do grupo D&G, os capítulos compõem um só projeto, um todo orgânico, que se inicia na clássica distinção entre os pólos formalista e funcionalista dos estudos lingüísticos, passa pela apresentação dos pressupostos teóricos do último pólo na vertente norte-americana, discute e exemplifica a mudança e seu contraponto, a continuidade, de acordo com essa fundamentação; na seqüência, estabelece a relação entre a orientação

teórica funcionalista e sua aplicação à resolução de questões atinentes ao ensino-aprendizagem de língua materna no Brasil, e, por fim, apresenta e discute os rumos dessa corrente, as próximas tarefas a serem cumpridas na investigação lingüística de caráter funcional. Esses capítulos obedecem, pois, a uma seqüência, que se orienta do menos para o mais específico, do global para o pontual, da teoria para a prática e as novas tendências.

O primeiro capítulo, sob a responsabilidade de Mário Eduardo Martelotta e Eduardo Kenedy Areas, traça uma breve história dos estudos lingüísticos na Europa e nos Estados Unidos, demonstrando que, a partir de Saussure, as pesquisas nessa área caracterizaram-se pela alternância de duas grandes tendências teóricas: uma atribuía à função comunicativa das línguas o papel predominante; a outra dava ênfase à forma lingüística, ficando suas funções em segundo plano. Esse capítulo fornece material para que se possam compreender melhor as tendências funcionalistas da atualidade e as opções teóricas e metodológicas que as distanciam dos estudos formalistas.

No segundo capítulo, elaborado por Maria Angélica Furtado da Cunha, Marcos Antonio Costa e Maria Maura Cezario, são introduzidos os princípios básicos do funcionalismo, tais como iconicidade, marcação, transitividade, planos discursivos, informatividade, gramaticalização, discursivização, ciclo funcional e unidirecionalidade. Esses princípios são apresentados, primeiramente, em sua formulação original e, em seguida, em sua versão reformulada, proposta pelo grupo D&G a partir da aplicação dos mesmos nas pesquisas desenvolvidas. Cada um dos conceitos é exemplificado com dados dos trabalhos já realizados pelos membros do grupo.

O terceiro capítulo, redigido por Mário Eduardo Martelotta, apresenta uma proposta de análise da mudança lingüística com base em princípios funcionalistas, demonstrando que, no que se refere à trajetória histórica das línguas, determinadas estruturas modificam-se, enquanto outras se mantêm intactas. O capítulo

propõe que o fenômeno da mudança lingüística não pode ser entendido segundo uma diacronia linear, já que existem tendências de natureza cognitiva e conversacional, que agem regularmente sobre os elementos lingüísticos, levando-os a ter seus valores modificados.

No quarto capítulo, Lucia Maria Alves Ferreira reúne evidências de estabilidade sintática e semântica na língua portuguesa, a partir da análise contrastiva de enunciados representativos de diferentes sincronias, e na língua latina. Nos exemplos, observa-se a natureza sistemática e estável das relações polissêmicas, dos usos e das construções em que se encontram os itens focalizados. A análise problematiza o princípio da unidirecionalidade *concreto* > *abstrato* na derivação, no curso do tempo, de novos sentidos e usos para os itens lingüísticos.

O capítulo quinto, dedicado à aplicação do funcionalismo ao ensino-aprendizagem do português, elaborado por Mariangela Rios de Oliveira e Victoria Wilson Coelho, tem como um dos objetivos precípuos fornecer aos professores de língua portuguesa e aos estudantes de graduação e pós-graduação uma releitura de alguns fenômenos e categorias lingüísticas tematizados ao longo dos capítulos anteriores. São abordados alguns objetivos do ensino de língua portuguesa de acordo com os princípios postulados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, que, ao privilegiarem uma perspectiva gramatical de natureza interativa e produtiva, vêm ao encontro da orientação funcionalista que concebe a gramática e a língua em função do uso, ou seja, numa perspectiva pragmática. Dessa forma, propõem-se algumas sugestões de atividades que envolvem o binômio *fala* × *escrita*, além daquelas que tratam dos gêneros discursivos, a fim de proporcionar ao leitor uma possibilidade de aliar a teorização lingüística à prática pedagógica em sala de aula.

Por fim, Maria Angélica Furtado da Cunha, Mariangela Rios de Oliveira e Mário Eduardo Martelotta apresentam e discutem os rumos da pesquisa lingüística de orientação funcionalista no Brasil. Após apontar para as tendências atuais da referida área de

investigação, os autores destacam os desafios a serem enfrentados neste novo milênio, fundamentalmente os relativos ao viés multi- e transdisciplinar que deverá marcar os estudos da linguagem, em termos tanto internos, como a interface com a sociolingüística e os estudos de *pidgins* e crioulos, quanto externos, por intermédio do diálogo com a filosofia, a antropologia e a educação.

A visão funcionalista da linguagem no século XX

Mário Eduardo Martelotta
Eduardo Kenedy Areas

A lingüística do século XIX, em suas pesquisas de ordem eminentemente histórico-comparativa, deixou um importante legado teórico, sobretudo por intermédio dos neogramáticos e de lingüistas como Humboldt, Noreen e Svedelius (MALMBERG, 1974). Entretanto, o surgimento da lingüística moderna é normalmente identificado com o aparecimento do *Cours de linguistique générale* de Saussure, em 1916. A partir de então, conforme propõem Dirven e Fried (1987), três noções básicas passaram a caracterizar a evolução da lingüística no século XX: *sistema, estrutura* e *função*.

A noção de sistema deve-se a Saussure. De acordo com Benveniste (1976), a novidade da doutrina saussuriana reside exatamente na visão de língua como sistema, que prevê uma prioridade do todo em relação aos elementos que o compõem. O termo *sistema* mais tarde foi substituído pelo termo *estrutura*: uma vez aceita a visão de que *a língua constitui um sistema* – um conjunto cujos elementos agrupam-se num todo organizado –, cumpre analisar-lhe a estrutura. Foi a tendência que se desenvolveu na lingüística a partir da publicação do *Cours*, tendo sua primeira expressão nos trabalhos do Círculo Lingüístico de Praga, a partir de 1928. O estruturalismo foi, então, adquirindo novos adeptos, como os que fundaram a Escola de Copenhague. Hjelmslev (ap. BENVENISTE, 1976) define novamente o domínio da lingüística estrutural:

> Compreende-se por lingüística estrutural um conjunto de pesquisas que se apóiam numa hipótese segundo a qual é cientificamente legítimo descrever a linguagem como sendo essencialmente uma entidade autônoma de dependências internas ou, numa palavra, uma estrutura.

A análise lingüística estava, então, restrita à rede de dependências internas em que se estruturam os elementos da língua.

No que se refere ao Círculo Lingüístico de Praga, Fontaine (1978) indica outras influências, além das provenientes de Saussure, que levaram os lingüistas a se dedicar ao estudo da lógica interna do sistema da língua. Essas outras influências provinham do filósofo Husserl e, principalmente, da teoria da Gestalt (KOFFKA, 1935), que se deu por meio de seu freqüente contato com o psicólogo alemão Karl Bühler.

A estreita relação com Bühler parece ter dado à lingüística de Praga uma feição diferente das outras escolas estruturalistas européias. Nas palavras de Fontaine (1978, p. 40), ele foi o "avalista filosófico do aspecto funcionalista do estruturalismo praguense", já que via a função como um elemento essencial à linguagem. Essa concepção não pode ser atribuída a Saussure, que deixou de fora dos estudos lingüísticos os aspectos relacionados à função, a partir do momento em que propôs a distinção entre *langue* e *parole*, fazendo da primeira o objeto de estudo da lingüística. Essa estratégia teórica retirou do âmbito dos estudos lingüísticos o interesse por possíveis influências sofridas pela estrutura gramatical das línguas, provenientes de aspectos pragmático-discursivos.

A noção de *função* é um pouco mais problemática, na medida em que vários autores a utilizam para caracterizar suas análises, que nem sempre apresentam características semelhantes. Segundo Nichols (1984), *função* é um termo polissêmico e não uma coleção de homônimos. Todos os sentidos do termo de certa forma se relacionam, por um lado, à dependência de um elemento estrutural com elementos de outra ordem ou domínio (estrutural ou não-estrutural) e, por outro lado, ao papel desempenhado por um

elemento estrutural no processo comunicativo, ou seja, a função comunicativa do elemento.

Os teóricos de Praga utilizaram a noção de função nesses dois sentidos. De acordo com Nichols (1984), a Escola de Praga praticou uma variante do que ela chama *função/relação*, na medida em que focalizou a relação do elemento com o sistema lingüístico como um todo. A noção de função como relação, tal como proposta por Nichols (1984), prevê a relação de um elemento estrutural com ou dentro de uma unidade estrutural maior. O *status* de função/relação opõe-se ao *status* categorial, não fazendo este último referência a uma ordem maior, mas simplesmente caracterizando a entidade como um portador de propriedades.

Não é essa, entretanto, a marca do funcionalismo dos lingüistas de Praga. O que caracterizou suas análises foi a adoção de uma noção teleológica de função. Para eles, a língua deve ser entendida como um sistema funcional, no sentido de que é utilizada para um determinado fim. Nas palavras de Fontaine (1978, p. 22), referindo-se ao Círculo Lingüístico de Praga, "a intenção do locutor apresenta-se como a explicação 'mais natural' em análise lingüística: essa intenção do locutor é que fundamenta o discurso".

Dessas informações, pode-se concluir que o estruturalismo não foi um movimento unificado, apresentando, ao contrário, aspectos distintos de acordo com diferentes autores. Dirven e Fried (1987) propõem que as várias abordagens da lingüística estrutural, herdeiras da concepção saussuriana da linguagem, variavam também de acordo com a ênfase dada à significância da *função* em seus modelos teóricos, podendo dividir-se em dois grandes pólos:

a) *pólo formalista*, no qual a análise ressalta a forma lingüística, ficando sua função num plano secundário;
b) *pólo funcionalista*, no qual a função que a forma lingüística desempenha no ato comunicativo tem papel predominante.

Essa visão bipartida das tendências da lingüística atual, embora desconsidere algumas divergências, é compartilhada por outros autores, como Schiffrin (1994) e Kato (1998).

O pólo formalista

O pólo formalista caracteriza-se, em termos gerais, pela tendência a analisar a língua como um objeto autônomo, cuja estrutura independe de seu uso em situações comunicativas reais. Segundo Dirven e Fried (1987), a tendência para o pólo formalista pode ser vista entre os lingüistas da Escola de Copenhague. A Dinamarca tem forte tradição nos estudos da linguagem, com lingüistas como Rask, Madvig, Noreen e Jespersen, mas foi com Hjelmslev, Uldall e, anteriormente, Brøndal que a lingüística tornou-se mais formal e abstrata. Nota-se nos trabalhos desses lingüistas "um marcante interesse filosófico e, em particular, lógico" (LEPSCHY, 1971, p. 61).

Hjelmslev (1975, p. 3) propõe que a língua não deve ser interpretada como o reflexo de um conjunto de fatos não-lingüísticos, mas como uma "unidade encerrada em si mesma, como uma estrutura *sui generis*". Assim considerada, a língua apresenta um caráter abstrato e estático, já que é dissociada do ato comunicativo.

O pólo formalista teve sua mais forte expressão no descritivismo americano (Bloomfield, Trager, Bloch, Harris, Fries), mas foi aplicado mais rigorosamente nos sucessivos modelos de gerativismo. Embora os estudos lingüísticos tenham sido dominados pelo gerativismo, que mantém uma forte tradição até os dias de hoje, o pólo funcionalista permaneceu vigoroso. Abordagens gerativas alternativas, como a semântica gerativa, ou a gramática dos casos podem ser vistas como um esforço, no paradigma formalista, de questionar algumas das propostas desse paradigma, por um ângulo semântico-funcionalista (DIRVEN e FRIED, 1987).

O pólo funcionalista

O pólo funcionalista caracteriza-se pela concepção da língua como um instrumento de comunicação, que, como tal, não pode ser analisada como um objeto autônomo, mas como uma estrutura maleável, sujeita a pressões oriundas das diferentes situações comunicativas, que ajudam a determinar sua estrutura gramatical.

O pólo funcionalista também pode ser visto em algumas escolas lingüísticas pós-saussurianas da Europa no século XX. Saussure influenciou mais de perto a Escola de Genebra, cujos principais representantes são Charles Bally, Albert Sechehaye e Henri Frei. Enquanto Sechehaye limitou-se basicamente a discutir as idéias de Saussure, Bally, nas palavras de Leroy (1982, p. 94),

> atacando o difícil problema da relação entre o pensamento e sua expressão lingüística, renovou a estilística, definindo-a como o estudo dos elementos afetivos da linguagem e dedicando sua atenção aos desvios que o uso individual (a fala) é levado a impor ao sistema (a língua).

Essa proposta baseia-se no fato de que não há separação intransponível entre esses dois aspectos da linguagem, posição teórica por definição funcionalista. Por sua vez, Frei notabilizou-se por sua análise referente aos desvios da gramática normativa, que, segundo sua proposta, não são fortuitos, mas constituem tendências conseqüentes da necessidade de comunicação, constituindo, portanto, uma rica fonte de estudos lingüísticos. Frei se fez o promotor da lingüística de base funcional, que associa os fatos lingüísticos a determinadas funções a eles relacionadas.

Essa influência chegou até Martinet, que, de acordo com Mounin (1973), manteve freqüente contato com os principais lingüistas de Praga, sobretudo com Trubetzkoy, por quem foi bastante influenciado. Para Lepschy (1971, p. 101), Martinet e Jakobson são "os dois herdeiros mais importantes, no pensamento lingüístico internacional, da Escola de Praga".

A herança funcionalista deixa também suas marcas nas escolas de Londres, em que, por meio de Halliday, desenvolveu-se uma tendência a estudar as línguas de um ponto de vista funcional. Mathiessen (ap. Neves, 1997, p. 58) afirma que a gramática funcional de Halliday está baseada no "funcionalismo etnográfico e [no] contextualismo desenvolvido por Malinowski nos anos 1920 [Macedo, 1998], além da lingüística firthiana da tradição etnográfica de Boas-Sapir-Whorf e do funcionalismo da Escola de Praga".

A propensão a analisar a língua de um ponto de vista funcional também está presente no grupo holandês. Reichling adotou a postura funcionalista, influenciando a gramática de Dik (NEVES, 1997), que trabalha com uma concepção teleológica de linguagem. Para Dik, o principal interesse de uma lingüística funcionalista está nos processos relacionados ao êxito dos falantes ao se comunicarem por meio de expressões lingüísticas.

O funcionalismo nos Estados Unidos

Como visto anteriormente, a lingüística norte-americana foi dominada por uma tendência formalista, que se enraizou com Leonard Bloomfield e se mantém até hoje com a lingüística gerativa. Entretanto, houve paralelamente uma inclinação para o pólo funcionalista. Franz Boas não influenciou apenas o descritivismo, principal vertente lingüística dos EUA, mas também a tradição etnolingüística de Sapir e Whorf, assim como os trabalhos de Bolinger, Kuno, Del Himes, Labov e muitos outros etno- e sociolingüistas. Certamente, os últimos passos dados por antigos gerativistas, como Langacker e Lakoff, que aderiram à gramática cognitiva,[1] devem ser vistos como uma franca caminhada em direção ao pólo funcional (DIRVEN e FRIED, 1987).

A lingüística cognitiva caracteriza-se por adotar alguns pressupostos contrários à tradição formalista. Entre esses pressupostos está, por exemplo, a idéia de que a significação não se baseia numa relação entre símbolos e dados de um mundo real de vida independente, mas no fato de que as palavras e as frases assumem seus significados no contexto, o que implica a noção de que os conceitos decorrem de padrões criados culturalmente.

[1] Salomão (1999) admite que a ênfase na acessibilidade da linguagem a seu uso aproximaria o enfoque cognitivista à tradição funcionalista, mas acrescenta que as análises funcionalistas da Costa Oeste americana e dos grupos centralizados por Halliday e Dik na Europa estão ainda influenciadas pela tradição estruturalista, apresentando as seguintes características: a) mantêm o foco no significante; b) não desenvolvem a importância do contexto, reduzindo-o a um conjunto de variáveis inorgânicas; c) propõem, de um modo geral, uma abordagem estática do significado.

Os cognitivistas propõem também que o pensamento provém da constituição corporal humana, apresentando características derivadas da estrutura e do movimento do corpo e da experiência física e social que os humanos vivenciam por meio dele. Além disso, o pensamento é imaginativo, o que significa dizer que, para compreender conceitos que não são diretamente associados à experiência física, emprega metáforas e metonímias que levam a mente humana para além do que se pode ver ou sentir. Sendo assim, a sintaxe não é autônoma, mas subordinada a mecanismos semânticos que nossa mente processa durante a produção lingüística em determinados contextos de uso.

Por outro lado, determinadas áreas de pesquisa, como a mudança lingüística e crioulística,[2] pareciam indicar as limitações teóricas da gramática gerativa. Portanto, lingüistas de formação gerativista foram buscando alternativas teóricas que abordassem melhor os fenômenos por eles estudados. É o caso de Elizabeth Closs Traugott, que, devido ao seu interesse por fenômenos relacionados à mudança lingüística, passou a adotar a teoria da gramaticalização, focalizando os aspectos semântico-pragmáticos da mudança. Segundo essa teoria, as formas lingüísticas têm seus usos estendidos por processos unidirecionais de mudança, motivados pelo uso e por fatores de ordem cognitiva.

O termo *funcionalismo* ganhou força nos Estados Unidos a partir da década de 1970, passando a servir de rótulo para o trabalho de lingüistas como Sandra Thompson, Paul Hopper e Talmy Givón, que passaram a advogar uma lingüística baseada no uso, cuja tendência principal é observar a língua do ponto de vista do contexto lingüístico e da situação extralingüística. De acordo com essa concepção, a sintaxe é uma estrutura em constante mutação em conseqüência das vicissitudes do discurso. Ou seja, a sintaxe tem a

[2] Área de investigação de crioulos, línguas que se desenvolveram historicamente de um *pidgin*. Em poucas palavras, o *pidgin* é uma forma relativamente simplificada de falar que se desenvolveu pelo contato de grupos lingüísticos heterogêneos, como o *tok pisin* (língua de Papua-Nova Guiné, ilha ao norte da Austrália).

forma que tem em razão das estratégias de organização da informação empregadas pelos falantes no momento da interação discursiva. Dessa maneira, para compreender o fenômeno sintático, seria preciso estudar a língua em uso, em seus contextos discursivos específicos, pois é nesse espaço que a gramática é constituída.

O texto considerado pioneiro no desenvolvimento das idéias da escola funcionalista norte-americana foi "The origins of syntax in discourse: a case study of Tok Pisin relatives", publicado por Gillian Sankoff e Penelope Brown em 1976. Nesse trabalho, as autoras fornecem evidências das motivações discursivas geradoras das estruturas sintáticas de relativização do *tok pisin*, língua de origem *pidgin* de Papua-Nova Guiné, ilha ao norte da Austrália.

Em 1979, Talmy Givón, influenciado pelas descobertas de Sankoff, publica "From discourse to syntax: grammar as a processing strategy", texto programático da lingüística funcional, explicitamente antigerativista, que afirma que a sintaxe existe para desempenhar uma certa função, e é esta função que determina sua maneira de ser.

Iconicidade, fala e pancronia

Uma maneira interessante de compreender o espírito da lingüística funcional norte-americana é observar a refutação, proposta por Givón (1995), em relação ao que ele caracteriza como os três *dogmas* centrais da lingüística estrutural: a *arbitrariedade* do signo lingüístico, a idealização relacionada à distinção entre *langue* e *parole*, e a rígida divisão entre *diacronia* e *sincronia*.

A doutrina da arbitrariedade separa, no signo lingüístico, o significante do seu correlato mental, o significado, deixando apenas os dois termos observáveis da equação: o signo e seu referente, o que Givón caracteriza como uma *triste caricatura* da visão positivista e behaviorista do significado como referência externa. Essa posição parece dever-se ao fato de os estruturalistas (sobretudo os norte-americanos) tenderem a não trabalhar com entidades mentais vagas e pouco acessíveis à análise empírica, chegando mesmo a negar a

existência de pensamento, ou qualquer estrutura mental organizada, preexistente à linguagem.

Por outro lado, a própria noção de arbitrariedade do signo, ao menos em sua formulação mais radical, é questionável, de acordo com Bolinger (1975), para quem as línguas são em parte arbitrárias, em parte icônicas – ou não-arbitrárias. Saussure reconheceu que havia exceções ao seu *princípio da arbitrariedade do signo lingüístico*, mas, segundo Ullmann (1977, p. 169), "desprezou-as por serem pouco importantes", assumindo uma postura diferente, nesse aspecto, de lingüistas como Schuchardt e Jespersen.

De fato, se a palavra for analisada isoladamente, ou seja, à maneira formalista de observar a língua fora de seu contexto de uso, o que inevitavelmente emerge diante da visão do analista é uma relação não-necessária – arbitrária ou não-natural – entre uma estrutura sonora e um significado (ou um objeto referente). Entretanto, quando se muda o foco de análise para uma abordagem voltada ao uso da língua, observa-se a existência de mecanismos recorrentes, que refletem um processo mais funcional de criar rótulos novos para novos referentes.

Ocorre que, para criar novos rótulos, o falante não inventa arbitrariamente seqüências novas de sons, mas tende fortemente a utilizar material já existente na língua, estendendo o sentido de palavras, no que Ullmann (1977) chama *motivação semântica* ("*pé* da mesa", "*coração* da cidade"), ou criando palavras novas, pelos processos de derivação ("apagador", "leiteiro") ou composição ("aguardente", "pára-quedas"), utilizando um mecanismo que Ullmann (1977) chama de *motivação morfológica*. A esses dois junta-se um terceiro mecanismo, chamado *motivação fonética*, caracterizado pelas onomatopéias ("cocorocó", "tilintar"), em que o som da palavra claramente imita a coisa designada.

Esses três mecanismos têm em comum o fato de serem motivados no sentido básico do termo: a palavra assume uma forma específica por um *motivo* determinado. Assim, a palavra *pé*, por exemplo, apresenta uma relação semântica com as partes da mesa, destinadas

à sua sustentação, ou o termo *apagador* deve-se ao fato de tratar-se de um instrumento utilizado para *apagar* o quadro, normalmente em uma sala de aula. Esses mecanismos são mais comuns porque funcionam bem do ponto de vista comunicativo e cognitivo, no sentido de que um processo baseado em decisões puramente arbitrárias seria mais custoso para o falante e, sobretudo, para o ouvinte. Em muitos casos, essa motivação se perde quando a mudança semântica faz a palavra afastar-se de suas origens.

No campo da sintaxe, os funcionalistas consideram mais aceitável a idéia da não-arbitrariedade. Para citar um exemplo, quando narramos seqüências de ações como "Cheguei em casa, tomei um banho e fui dormir", não ordenamos as cláusulas arbitrariamente, mas de acordo com a ordem em que elas ocorreram na realidade. A essas tendências, que se manifestam paralelamente à arbitrariedade, refletindo algum tipo de motivação, os funcionalistas chamam *iconicidade*. Também são explicados pelo princípio da iconicidade aspectos relacionados à extensão da sentença, assim como à ordenação e à proximidade dos elementos lingüísticos que a compõem, dependendo de fatores como complexidade semântica, grau de informatividade dos referentes no contexto e proximidade semântica entre conceitos.

Outro dogma estruturalista refere-se à idealização associada à distinção entre *langue* e *parole*. Com essa dicotomia, Saussure estabeleceu uma diferença entre o que é geral e o que é individual e, conseqüentemente, entre o que é essencial e o que é acidental, ou entre o que é regular e o que é fortuito. Para o trabalho do lingüista, importavam somente os fatos relativos à *langue*, sendo dispensada atenção diminuta à fala individual. Tal perspectiva difere muito pouco da lingüística gerativista no que se refere à distinção entre *competência* e *performance*. Ambas as concepções priorizam a língua em detrimento da fala, considerando esta não mais que mera manifestação das possibilidades de um sistema independente.

O posicionamento funcionalista em relação a esse aspecto consiste em dar novo relevo ao discurso individual, passando a

compreendê-lo como nível gerador do sistema lingüístico. Este, por sua vez, é definido à maneira de um corpo moldável e em constante transformação. Nesse sentido, não há como separar a *langue* da *parole*: o acidental ou casual que caracteriza o discurso passa a ser a gênese do sistema, que, por sua vez, alimenta o discurso. A proposta de Lichtenberk (1991), segundo a qual existe uma relação simbiótica entre discurso e gramática, é um ótimo exemplo dessa concepção de linguagem.

A dicotomia *sincronia* × *diacronia*, compreendida como dois eixos separados e não-intercambiáveis, é o terceiro dogma estruturalista a ser revisto pelo funcionalismo. Para Saussure, os princípios e as considerações da análise sincrônica e da análise diacrônica não se confundem e devem restringir-se a seu domínio específico de aplicação. Ou seja, o trabalho sincrônico lida com fenômenos do sistema que não têm relação necessária, sendo, por vezes, incompatível com o trabalho diacrônico.

Entretanto, pesquisas em gramaticalização têm demonstrado que, ao lado de fenômenos que mudam com o tempo, existem determinados aspectos que parecem manter-se ao longo da trajetória das línguas. Em outras palavras, há um conjunto de processos de mudança que atuam com relativa regularidade sobre os elementos lingüísticos, estendendo-lhes o sentido. De uma perspectiva histórica, esses processos podem dar a impressão de uma seqüência de mudanças ocorridas no tempo; de uma perspectiva sincrônica, o que se observa é um conjunto de polissemias coexistindo.

A tendência que se percebe do funcionalismo norte-americano a partir dos trabalhos sobre gramaticalização (HEINE, CLAUDI e HÜNNEMEYER, 1991; TRAUGOTT e HEINE, 1991; HOPPER e TRAUGOTT, 1993) é focalizar os mecanismos que geram a mudança como sendo alicerçados em fatores comunicativos e cognitivos. Nesse sentido, pode-se dizer que o funcionalismo tende a adotar uma concepção *pancrônica* de mudança (SAUSSURE, 1916/1973), observando não as relações sincrônicas entre seus elementos ou as mudanças percebidas nesses elementos e nas suas relações ao longo do tempo, mas as

forças cognitivas e comunicativas que atuam no indivíduo no momento concreto da comunicação e que se manifestam de modo universal, já que refletem os poderes e as limitações da mente humana para armazenar e transmitir informações.

Para resumir a visão funcionalista da linguagem, é interessante o grupo de premissas com que Givón (1995) caracteriza essa concepção:

- a linguagem é uma atividade sociocultural;
- a estrutura serve a funções cognitivas e comunicativas;
- a estrutura é não-arbitrária, motivada, icônica;
- mudança e variação estão sempre presentes;
- o sentido é contextualmente dependente e não-atômico;
- as categorias não são discretas;
- a estrutura é maleável e não-rígida;
- as gramáticas são emergentes;
- as regras de gramática permitem algumas exceções.

Pressupostos teóricos fundamentais

Maria Angélica Furtado da Cunha
Marcos Antonio Costa
Maria Maura Cezario

O funcionalismo lingüístico contemporâneo difere das abordagens formalistas – estruturalismo e gerativismo – primeiro por conceber a linguagem como um instrumento de interação social e segundo porque seu interesse de investigação lingüística vai além da estrutura gramatical, buscando no contexto discursivo a motivação para os fatos da língua. A abordagem funcionalista procura explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua analisando as condições discursivas em que se verifica esse uso. Os domínios da sintaxe, da semântica e da pragmática são relacionados e interdependentes. Ao lado da descrição sintática, cabe investigar as circunstâncias discursivas que envolvem as estruturas lingüísticas e seus contextos específicos de uso. Segundo a hipótese funcionalista, a estrutura gramatical depende do uso que se faz da língua, ou seja, a estrutura é motivada pela situação comunicativa. Nesse sentido, a estrutura é uma variável dependente, pois os usos da língua, ao longo do tempo, é que dão forma ao sistema. A necessidade de investigar a sintaxe nos termos da semântica e da pragmática é comum a todas as abordagens funcionalistas atuais.

Iconicidade e marcação

Em lingüística, *iconicidade* é definida como a correlação natural entre forma e função, entre o código lingüístico (expressão) e seu

designatum (conteúdo). Os lingüistas funcionais defendem a idéia de que a estrutura da língua reflete, de algum modo, a estrutura da experiência. Como a linguagem é uma faculdade humana, a suposição geral é que a estrutura lingüística revela as propriedades da conceitualização humana do mundo ou as propriedades da mente humana.

As discussões em torno da motivação entre expressão e conteúdo na língua remontam à Antigüidade clássica, com a famosa polêmica que dividiu os filósofos gregos em convencionalistas e naturalistas. Enquanto os primeiros defendiam que tudo na língua era convencional, mero resultado do costume e da tradição, os naturalistas afirmavam que as palavras eram, de fato, apropriadas por natureza às coisas que elas significavam. Essas especulações filosóficas têm seus desdobramentos no debate posterior entre anomalistas e analogistas acerca da (ir)regularidade da estrutura lingüística.

No início do século XX, essa controvérsia foi retomada por Saussure, que adotou posição favorável à concepção convencionalista, reafirmando o caráter arbitrário da língua: não existe relação natural entre a "imagem acústica" do signo lingüístico (o significante) e aquilo que ele evoca conceptualmente (o significado).[1]

O filósofo Peirce (1940) discorda parcialmente da idéia de total arbitrariedade, recuperando, em certa medida, a posição adotada pelos antigos naturalistas e conjugando-a à postura dos convencionalistas. Segundo ele, a sintaxe das línguas naturais não

---

[1] Não parece haver uma correspondência estrita entre *naturalistas* × *convencionalistas*, por um lado, e *analogistas* × *anomalistas*, por outro. Apesar de algumas afinidades, eles tinham preocupações distintas e, de certa forma, independentes. Enquanto naturalistas e convencionalistas discutiam a relação entre as "coisas do mundo" e suas designações, analogistas e anomalistas discutiam as regularidades do sistema lingüístico. Tomemos Saussure como exemplo. Em relação à conexão entre significado e significante, ele se alinha aos convencionalistas (arbitrariedade do signo lingüístico); quanto ao caráter regular e sistemático da língua, ele se posiciona junto aos analogistas (a língua é um sistema).

é totalmente arbitrária, e sim isomórfica ao seu *designatum* mental. No entanto, esse isomorfismo da sintaxe, ou correlação transparente entre forma e função, não é absoluto, e sim moderado. Na codificação sintática, princípios icônicos (cognitivamente motivados) interagem com princípios mais simbólicos (cognitivamente arbitrários), que respondem pelas regras convencionais.

Peirce estabeleceu dois tipos de iconicidade: a *imagética* e a *diagramática*. A primeira diz respeito à estreita relação entre um item e seu referente, no sentido de um espelhar a imagem do outro (p. ex., pinturas, estátuas); já a segunda refere-se a um arranjo icônico de signos, sem necessária intersemelhança. Ambos os tipos de relação icônica têm interessado a pesquisadores de orientação funcionalista.

É com Bolinger (1977) que o *isomorfismo* lingüístico revela sua face radical, quando postula que a condição natural da língua é preservar uma forma para um sentido, e vice-versa. Estudos sobre os processos de variação e mudança lingüísticas, ao constatar a existência de duas ou mais formas alternativas de dizer "a mesma coisa", levaram à reformulação dessa versão forte. Na língua que usamos diariamente, especialmente na língua escrita, existem por certo muitos casos em que não há uma relação clara, transparente, entre forma e conteúdo. Há contextos comunicativos em que a codificação morfossintática é opaca em sua função. Tomadas sincronicamente, determinadas estruturas exibem acentuado grau de opacidade em relação aos papéis que desempenham. Assim, encontramos correlação entre uma forma e várias funções, ou entre uma função e várias formas. O uso do sufixo *-inho* ilustra o primeiro caso. Essa forma, que originalmente indica tamanho diminuto, como em *criancinha*, desenvolveu-se para marcar afetividade, como em *paizinho*, pejoratividade, como em *gentinha*, ou ainda um valor de superlativo, como em *devagarzinho* (R.J. Silva, 2000). A função de impessoalização do agente da ação verbal pode ser codificada, em português, por vários recursos: verbo na terceira pessoa do plural ("Construíram uma ponte na cidade"); partícula *se* apassivadora ("Construiu-se uma ponte na cidade"); voz passiva ("Uma ponte foi construída na cidade"); pronome indefinido ("Alguém construiu uma

ponte na cidade"); pronome de terceira pessoa do plural sem referente explícito ("Eles construíram uma ponte na cidade"), entre outros.

Em sua versão mais branda, o princípio de iconicidade manifesta-se em três subprincípios, que se relacionam à quantidade de informação, ao grau de integração dos constituintes da expressão e do conteúdo e à ordenação linear dos segmentos.

Segundo o *subprincípio da quantidade*, quanto maior a quantidade de informação, maior a quantidade de forma, de tal modo que a estrutura de uma construção gramatical indica a estrutura do conceito que ela expressa. Isso significa que a complexidade de pensamento tende a refletir-se na complexidade de expressão (SLOBIN, 1980): aquilo que é mais simples e esperado expressa-se com o mecanismo morfológico e gramatical menos complexo.

O *subprincípio da integração* prevê que os conteúdos que estão mais próximos cognitivamente também estarão mais integrados no nível da codificação – o que está mentalmente junto coloca-se sintaticamente junto.

O *subprincípio da ordenação linear* diz que a informação mais importante tende a ocupar o primeiro lugar da cadeia sintática, de modo que a ordem dos elementos no enunciado revela a sua ordem de importância para o falante.

Vejamos algumas aplicações da versão branda do princípio de iconicidade. No estudo da negação (FURTADO DA CUNHA, 1996), a negativa dupla fornece evidência favorável ao princípio icônico da quantidade:

1) ...um motorista dele... nesse tempo ele... num era... *num era um motorista dele não*... era do hotel... porque ele ficou sem motorista... (*corpus* D&G/Natal, p. 244).[2]

---

[2] Na transcrição desse exemplo, e nos demais de modalidade falada, foram utilizados os seguintes critérios: a) ... – qualquer pausa; b) ( ) – incompreensão de palavra ou segmento; c) / – truncamento; d) :: – alongamento; e) (( )) – comentários descritivos do transcritor; f) [ ] – informação elucidativa complementar; g) (...) – trecho saltado; h) *eh* – fático; i) ϕ – sintagma elíptico. É importante observar que na transcrição de falas adota-se o uso de minúsculas, ao passo que na reprodução de textos escritos usam-se normalmente as maiúsculas quando necessário.

No discurso falado, a pronúncia do *não* tônico que precede o verbo freqüentemente se reduz ao *num* átono, ou mesmo a uma simples nasalização. Para reforçar a idéia de negação, o falante utiliza um segundo *não* no fim da oração, como uma estratégia para suprir o enfraquecimento fonético do *não* pré-verbal e o conseqüente esvaziamento do seu conteúdo semântico. Assim, o acréscimo do segundo *não* tem motivação icônica: quanto mais imprevisível se torna a informação, mais codificação ela recebe.

Em seu trabalho sobre os procedimentos de manifestação do sujeito, Costa (2000) utiliza o princípio icônico da proximidade para explicar a ausência de concordância verbal em orações em que sujeito e verbo encontram-se estruturalmente distanciados. A introdução de material de apoio entre o sujeito e o verbo, como o aposto do exemplo abaixo, enfraquece a integração entre sujeito e predicado no plano do conteúdo, o que resulta na falta de concordância verbal:

2) Há pouco tempo atrás, *dois bárbaros assassinatos*, o da atriz Daniela Perez e o da menina que foi queimada pelos sequestradores *ressuscitou* a polêmica da Pena de Morte (*corpus* D&G/Natal, p. 321).[3]

Em relação ao princípio da ordenação linear, o clássico exemplo citado é "Vim, vi, venci", cuja distribuição das palavras na oração corresponde à seqüência cronológica das ações descritas. Ainda outro exemplo: o trecho a seguir foi retirado de uma narrativa recontada, em que o falante reproduz o filme *Cemitério maldito*. Note-se que a apresentação dos eventos narrados obedece à ordem cronológica e lógica em que ocorreram na trama:

3) ...o pai dele tava... tava tomando banho... o gato apareceu na... na janela lá do... do... do banheiro... ele tava tomando banho na banheira... ele pulou dentro e rasgou o... o... o pai dele todinho num matou não... só fez arranhar né?... depois ele pegou um cabo de vassoura... meteu no gato e o gato foi embora... (*corpus* D&G/Natal, p. 28).

---

[3] Na exemplificação da modalidade escrita, os textos são apresentados exatamente como produzidos por seus autores.

Do que foi exposto, conclui-se que a língua não é um mapeamento arbitrário de idéias para enunciados: razões estritamente humanas de importância e complexidade refletem-se nos traços estruturais das línguas. As estruturas sintáticas não devem ser muito diferentes, na forma e na organização, das estruturas semântico-cognitivas subjacentes. Como opção teórica, o princípio da iconicidade, em sua formulação atenuada, permite uma investigação detalhada das condições que governam o uso dos recursos de codificação morfossintática da língua.

O princípio de *marcação*, herdado da lingüística estrutural desenvolvida pela Escola de Praga, estabelece três critérios principais para a distinção entre categorias marcadas e categorias não-marcadas, em um contraste gramatical binário:

a) complexidade estrutural: a estrutura marcada tende a ser mais complexa (ou maior) que a estrutura não-marcada correspondente;
b) distribuição de freqüência: a estrutura marcada tende a ser menos freqüente do que a estrutura não-marcada correspondente;
c) complexidade cognitiva: a estrutura marcada tende a ser cognitivamente mais complexa do que a estrutura não-marcada correspondente. Incluem-se, aqui, fatores como esforço mental, demanda de atenção e tempo de processamento.

Há uma tendência geral, nas línguas, para que esses três critérios de marcação coincidam. Admite-se que a correlação entre marcação estrutural, marcação cognitiva e baixa freqüência de ocorrência é o reflexo mais geral da iconicidade na gramática, dado que representa o isomorfismo entre correlatos substantivos (de natureza comunicativa e cognitiva) e correlatos formais da marcação. Assim, as categorias que são estruturalmente mais marcadas tendem também a ser substantivamente mais marcadas.

Givón (1995) admite que uma mesma estrutura pode ser marcada num contexto e não-marcada em outro, e acrescenta que, desse modo, a marcação é um fenômeno dependente do contexto, devendo, portanto, ser explicada com base em fatores comunicativos,

socioculturais, cognitivos ou biológicos. Cita, como exemplo, que a tendência para a inserção do agente como sujeito e tópico da oração transitiva, que representa o caso não-marcado, provavelmente reflete uma norma cultural de falar egocentricamente mais acerca de seres humanos volitivos do que sobre objetos inanimados.

Outra observação importante feita por Givón é que a marcação não se restringe apenas às categorias lingüísticas, mas pode estender-se a outros fenômenos, como a distinção entre o discurso formal e a conversação espontânea. Por tratar de assuntos mais abstratos e complexos, o discurso formal é mais marcado em relação à conversação informal, que é cognitivamente processada com mais rapidez e facilidade, por se referir, em geral, a assuntos comuns e fisicamente perceptíveis do cotidiano social.

A título de exemplo, o contraste entre afirmação e negação ilustra bem a atuação dos critérios de marcação. Como afirmar algo é cognitivamente mais simples e esperado, portanto mais freqüente na interação verbal, isso se reflete também na estrutura lingüística, representando a forma não-marcada. A negação, ao contrário, por ser mais complexa em termos cognitivos e menos esperada, é também menos freqüente e estruturalmente maior (tem, no mínimo, um morfema a mais que a afirmativa), constituindo o caso marcado. Entretanto, essa marcação será relativizada se considerarmos as diferentes estruturas negativas em português (FURTADO DA CUNHA, 2000), tais como:

4) ...a nova regente... ela *não tava sabendo* reger direito... a regente do coral... tava errando lá um monte de coisas... né?... (*corpus* D&G/Natal, p. 278).

5) ...e teve uma pessoa que chegou pra mim e perguntou... "Gerson... você aceita ficar no cargo e tudo" num sei que... eu disse... não... *num aceito não*... (*corpus* D&G/Natal, p. 178).

6) ...tudo eu faço... sabe? *tem isso comigo não*... (*corpus* D&G/Natal, p. 264).

Essas três estruturas negativas não se opõem binariamente, mas se distribuem num contínuo, exibindo diferentes graus de marcação quanto à freqüência de uso, à complexidade estrutural ou à

complexidade cognitiva. Considerando esses três critérios de distinção entre estruturas marcadas e não-marcadas, podemos estabelecer a seguinte hierarquia que ordena as orações negativas de acordo com o seu grau de marcação: *negativa-padrão* (ex. 4) > *negativa dupla* (ex. 5) > *negativa final* (ex. 6). Apesar de a negativa-padrão ser marcada em relação à afirmativa, está claro que, das três, ela é a menos marcada, sob todos os aspectos: a) quanto à freqüência, é a que registra maior ocorrência; b) quanto à complexidade estrutural, é a morfologicamente mais simples; c) quanto ao contexto de uso, é a menos marcada pragmaticamente, pois pode ocorrer nos contextos que favorecem tanto a negativa dupla quanto a final. Dado o caráter fluido e criativo da língua, é necessário adotar parâmetros de *gradualidade* na análise da marcação, em vez de considerar as categorias lingüísticas em termos discretos ou binários.

A necessidade de superar a dicotomia *marcado* × *não-marcado*, redefinindo o princípio de marcação, também é questionada por Oliveira (2000), em seu trabalho sobre as orações adjetivas. Exemplos como 7 e 8, em que se combinam informatividade do núcleo SN[4] (menor integração) e definição da adjetiva (maior integração), são os de maior freqüência nos *corpora* pesquisados:

7) As pessoas *que o acusam* confundem o ato de governar com disposição e honradez (carta de leitor, *Jornal do Brasil*).

8) ...meu primo estava dirigino uma camionete *que estava sem freio*... (língua escrita, quarta série, *corpus* D&G/Niterói).

Os resultados preliminares a que Oliveira chegou na pesquisa sobre a cláusula adjetiva levaram-na a um impasse, assim expresso por ela: se a freqüência é o parâmetro de maior visibilidade e saliência perceptual para a aferição da marcação, então teremos de admitir que as adjetivas restritivas, que são mais integradas, configuram-se como as não-marcadas. Por outro lado, seu maior vínculo semântico-sintático é traço caracterizador de complexidade estrutural e cognitiva, o que as classificaria como formas marcadas face às explicativas.

[4] SN = sintagma nominal.

Transitividade e planos discursivos

Para a gramática tradicional, *transitividade* refere-se à transferência de uma atividade de um agente para um paciente. É, portanto, uma propriedade dos verbos, classificados como transitivos, quando acompanhados de objeto direto ou indireto, ou intransitivos, quando não há complemento. Segundo a formulação de Hopper e Thompson (1980), a transitividade é concebida como uma noção contínua, escalar. Trata-se de um complexo de dez parâmetros sintático-semânticos independentes, que focalizam diferentes ângulos da transferência da ação em uma porção diferente da sentença. São eles:

	Transitividade alta	Transitividade baixa
1. Participantes	dois ou mais	um
2. Cinese	ação	não-ação
3. Aspecto do verbo	perfectivo	não-perfectivo
4. Punctualidade do verbo	punctual	não-punctual
5. Intencionalidade do sujeito	intencional	não-intencional
6. Polaridade da oração	afirmativa	negativa
7. Modalidade da oração	modo *realis*	modo *irrealis*
8. Agentividade do sujeito	agentivo	não-agentivo
9. Afetamento do objeto	afetado	não-afetado
10. Individuação do objeto	individuado	não-individuado

Cada um desses parâmetros contribui para a ordenação de orações numa escala de transitividade. Assim, é toda a sentença que é classificada como transitiva, e não apenas o verbo. A título de ilustração, vejamos alguns exemplos, extraídos de uma narrativa que reconta o filme *Batman*:

9a) Batman derrubou o Pingüim com um soco.

9b) A Mulher Gato não gostava do Batman.

9c) Esse rio tem uma forte correnteza.

9d) Então o Pingüim chegou na festa.

Pela classificação da gramática tradicional, as três primeiras sentenças são transitivas, pois apresentam um objeto como complemento do verbo. Segundo a formulação de Hopper e Thompson, 9a é a que ocupa lugar mais alto na escala de transitividade, uma vez que contém todos os dez traços do complexo: dois participantes (*Batman* e *Pingüim*); verbo de ação (*derrubou*); aspecto perfectivo (verbo no passado); verbo punctual (ação completa); sujeito intencional; oração afirmativa; oração *realis* (modo indicativo); sujeito agente (*Batman*); objeto afetado e individuado (*Pingüim* – referencial, humano, próprio, singular).

Ocupando o segundo lugar na escala de transitividade, temos 9d, classificada como intransitiva pela gramática tradicional. Essa oração contém sete traços: cinese; aspecto perfectivo; verbo punctual; sujeito intencional; polaridade afirmativa; modalidade *realis*; sujeito agente.

A oração 9b está mais abaixo na escala, pois apresenta quatro traços positivos: dois participantes (*Mulher Gato* e *Batman*), objeto individuado (Batman), perfectividade do verbo e modalidade *realis*. Por último, a oração com menor grau de transitividade é 9c, que só apresenta os traços modalidade (*realis*) e polaridade (afirmativa).

Hopper e Thompson associam a transitividade a uma função discursivo-comunicativa: o maior ou menor grau de transitividade de uma sentença reflete a maneira como o falante estrutura o seu discurso para atingir seus propósitos comunicativos. A universalidade do complexo de transitividade parece residir no fato de que os parâmetros que o compõem estão relacionados ao evento causal prototípico, que é definido como um evento em que um agente animado intencionalmente causa uma mudança física e perceptível de estado ou locação em um objeto. São esses os eventos que a criança percebe e codifica gramaticalmente mais cedo. Há, portanto, uma correlação entre os traços que caracterizam o evento causal prototípico e os parâmetros que identificam a oração transitiva canônica. Desse modo, por refletirem elementos cognitivamente salientes, ligados ao modo pelo qual a experiência humana é

apreendida, os parâmetros da transitividade assinalam elementos salientes no discurso.

A transitividade oracional está relacionada a uma função pragmática. O modo como o falante organiza seu texto é determinado, em parte, pelos seus objetivos comunicativos e, em parte, pela sua percepção das necessidades do seu interlocutor. Nesse sentido, o texto apresenta uma distinção entre o que é central e o que é periférico. Para que a comunicação se processe satisfatoriamente, ou seja, para que os interlocutores possam partilhar a mesma perspectiva, o emissor orienta o receptor a respeito do grau de centralidade e de perifericidade dos enunciados que constituem seu discurso. Em termos de estrutura de texto, ou de *planos discursivos*, a divisão entre central e periférico corresponde à distinção entre *figura* e *fundo*. O grau de transitividade de uma oração reflete sua função discursiva característica, de modo que orações com alta transitividade assinalam porções centrais do texto, correspondentes à figura, enquanto orações com baixa transitividade marcam as porções periféricas, correspondentes ao fundo. Há, portanto, uma correlação forte entre a marcação gramatical dos parâmetros da transitividade e a distinção entre figura e fundo.

Por *figura* entende-se aquela porção do texto narrativo que apresenta a seqüência temporal de eventos concluídos, pontuais, afirmativos, *realis*, sob a responsabilidade de um agente, que constitui a comunicação central. Já *fundo* corresponde à descrição de ações e eventos simultâneos à cadeia da figura, além da descrição de estados, da localização dos participantes da narrativa e dos comentários avaliativos. Vejamos o seguinte fragmento, extraído de uma narrativa falada de um informante do ensino médio:

10) ...aí quando vinha ali no rio Tietê... num sei se você conhece... já ouviu falar... lá de São Paulo... quando vinha lá do rio Tietê... tava chovendo muito... a pista escorregadia... né? aí o carro perdeu o controle... o motorista perdeu o controle... né?... aí quando ele viu que o carro ia cair dentro do rio... aí ele... colocou o carro num... pra cima de outro carro... que tava um casal de namorado assim... namorando... (*corpus* D&G/Natal, p. 222).

Figura	Fundo
	...aí quando vinha ali no rio Tietê... num sei se você conhece... já ouviu falar... lá de São Paulo... quando vinha lá do rio Tietê... tava chovendo muito... a pista escorregadia... né?
aí o carro perdeu o controle... o motorista perdeu o controle... né?...	
	aí quando ele viu que o carro ia cair dentro do rio...
aí ele... colocou o carro num... pra cima de outro carro...	
	que tava um casal de namorado assim... namorando...

O texto acima mostra oposição de tempo, aspecto e dinamicidade: as sentenças da coluna da figura contêm *perdeu* e *colocou*, verbos punctuais no tempo perfeito, enquanto no fundo apresentam-se orações que contextualizam o evento narrado, com comentários descritivos e avaliativos do narrador.

O fundamento cognitivo para plano discursivo, com suas dimensões originais de figura e fundo, provém da psicologia gestaltista: identificamos mais prontamente as entidades que se apresentam em primeiro plano, como figuras bem-recortadas e focalizadas, em oposição a tudo o mais, que passa a ser percebido contrastivamente como em plano de fundo.

Tipologicamente, a língua portuguesa é classificada como sendo de ordenação SVO (sujeito-verbo-objeto), ou seja, a posição típica, não-marcada, do sujeito é anterior à do verbo. As construções oracionais em que o sujeito é deslocado, ocupando posição posterior à do verbo, parecem limitar-se a certos contextos discursivos. Por exemplo, a estrutura VS corresponde, normalmente, às circunstâncias que estão fora da seqüência narrativa propriamente dita (fundo), conforme o seguinte exemplo:

11) O drama começa quando a secretária de um empresário descobre que o seu patrão quer construir uma usina nuclear, não para gerar energia, e sim para sugar energia da cidade. O patrão chega repentinamente no escritório e flagra a secretária mexendo em seus documentos. Temendo ele que a secretária resolvesse contar a todos, ele tratou de matá-la empurrando-a pela janela do escritório que ficava no andar muito alto de um edifício (*corpus* D&G/Natal, p. 317).

Figura	Fundo
	O drama começa quando
a secretária de um empresário descobre que o seu patrão quer construir uma usina nuclear,	
	não para gerar energia, e sim para sugar energia da cidade.
O *patrão chega repentinamente* no escritório e flagra a secretária mexendo em seus documentos.	
	Temendo ele que a secretária resolvesse contar a todos,
ele tratou de matá-la empurrando-a pela janela do escritório	
	que ficava no andar muito alto de um edifício.

Extrapolando o domínio da narrativa, Martelotta (1998) testa a possibilidade de aplicação dos parâmetros da transitividade a outros tipos de gênero textual, demonstrando que as noções de figura e fundo também podem ser extremamente úteis na análise de descrições, relatos de procedimento ou relatos de opinião. Mostra que um tipo de texto pode servir de fundo a outro tipo textual. Um trecho narrativo, por exemplo, em um contexto maior não-narrativo, pode servir de fundo, pois, neste caso, está em posição secundária em relação ao foco central do texto. Em situações como essas, a seqüência narrativa em segundo plano pode apresentar-se, ao mesmo tempo, como figura em relação a outra não-narrativa de nível inferior. Para ilustrar esse ponto, tomemos o seguinte fragmento de um relato de opinião falado, de um aluno da oitava série do ensino fundamental:

12) E: Emerson... qual é... a sua opinião acerca da pena de morte? você acha que é um... uma forma correta de... de... punir por um crime? você acha que se a pessoa comete um crime bárbaro... até hediondo como a gente... como a gente vem... tem ouvido falar... você acredita que a pena de morte é... é uma solução?

I: eu acho que não... há pouco tempo... há pouco tempo atrás houve dois casos que... fez com que ressuscitasse a polêmica da pena de morte no Brasil... foi o assassinato da Dan/ da atriz Daniela Perez e de uma menina que foi seqüestrada e depois queimada... as pessoas... pela emoção... achavam que deveria ser implantado a pena de morte... mas cada caso é um caso... (*corpus* D&G/Natal, p. 313).

Respondendo à pergunta do entrevistador, o informante dá sua opinião sobre a pena de morte. Nesse caso, a seqüência narrativa encontra-se num plano de fundo em relação ao foco principal do texto. Contudo, essa mesma seqüência sobressai como figura quando comparada ao trecho em que ele faz o esclarecimento quanto à opinião das pessoas acerca dos acontecimentos narrados.

Atualmente não se trabalha mais com a concepção dicotômica de figura e fundo. Algumas pesquisas (TOMLIN, 1987; SILVEIRA, 1991) mostraram a necessidade de redefinir a categoria *plano discursivo*, não mais em termos binários, e sim como um *continuum*, cujos pólos seriam a superfigura, do lado mais saliente ou relevante, e superfundo, do lado mais difuso ou vago. Observe-se nesse sentido um fragmento do *corpus* de Silveira (1991), sobre a mãe que acorda a filha para a escola:

13) Aí... ela acordou... ela tava dormindo... aí ela levantou... penteou o cabelo... aí fo/ foi lá onde tava a filha dela... aí ela acordou a filha dela... aí vestiu ela... pôs a mesa para o café... elas tomaram café...

Figura	Fundo
Aí... ela acordou... aí ela levantou... penteou o cabelo... aí fo/ foi lá	ela tava dormindo...
	onde tava a filha dela...
aí ela acordou a filha dela... aí vestiu ela... pôs a mesa para o café... elas tomaram café...	

Na coluna da figura, a cláusula *aí ela acordou a filha dela* tem um nível mais proeminente do que *aí ela acordou*. Podemos perceber também que as duas cláusulas em fundo têm graus distintos de fundidade, já que uma apenas localiza a filha, enquanto a outra dá conta de uma característica a mais, ao identificar o estado progressivo de *dormir*.

Informatividade

A *informatividade* manifesta-se em todos os níveis da codificação lingüística e diz respeito ao que os interlocutores compartilham, ou supõem que compartilham, na interação. Do ponto de vista cognitivo, uma pessoa comunica-se para informar o interlocutor sobre alguma coisa, que pode ser algo do mundo externo, do seu próprio mundo interior, ou algum tipo de manipulação que pretende exercer sobre esse interlocutor.

Tradicionalmente, a parte da cláusula que apresenta a informação velha é denominada *tema*, enquanto a parte que apresenta a informação nova é denominada *rema*. Alguns exemplos presentes em Ilari e Geraldi (1985) serão retomados aqui:

14) O que trouxe, desta vez, o carteiro?
Desta vez, o carteiro trouxe *uma encomenda*.

15) O que fez, desta vez, o carteiro?
Desta vez, o carteiro *trouxe uma encomenda*.

16) Quem trouxe a encomenda?
O carteiro trouxe a encomenda.

No exemplo 14, o tema é *o carteiro trouxe* e o rema é *uma encomenda*; no exemplo 15, o tema é o sujeito e o rema é todo o predicado; no exemplo 16 verifica-se o contrário: o tema é o predicado e o rema é o sujeito. Na língua oral, a ênfase é o recurso mais usado para delimitar o *status* informacional da cláusula. Aqui a análise foi feita mediante exemplos descontextualizados, mas, num texto real, o que se verifica com freqüência é a informação velha estar contida no sujeito (tema) e a nova no predicado ou parte do predicado (rema).

O primeiro esforço para formular um modelo de discurso em que o grau de conhecimento compartilhado desempenha um papel essencial deve-se a Prince (1981). O domínio que tem registrado mais avanço refere-se à codificação da informação nos referentes nominais. Mesmo aqui, as tipologias de *status* informacional são ainda muito incompletas, e as escalas propostas como refinamento da dicotomia clássica entre informação velha e informação nova não cobrem todos os casos e concentram-se exclusivamente nos nomes.

A partir do trabalho de Prince, muitas pesquisas foram realizadas para a descrição do *status* informacional dos nomes em várias línguas, entre as quais o português. Um dos trabalhos em que o tema é tratado com profundidade é a obra de Görski (1985), da qual é retirada a maioria dos exemplos desta seção.

A questão da informatividade é abordada na lingüística funcionalista principalmente a partir da classificação semântica e da codificação de referentes no discurso, demonstrando que a forma como um referente é apresentado no discurso é determinada por fatores de ordem semântico-pragmática. Segundo Lyons (1981), a *referência* é a relação que se estabelece entre expressões lingüísticas e o que elas representam no mundo ou no universo discursivo.

Muitos lingüistas utilizam a noção de referência. No entanto, o conceito é de difícil formulação, porque a relação entre referente e denominação envolve questões de diferentes ordens como questões de ordem psicológica e social. Quando, por exemplo, uma criança chama gato e cachorro de *au-au*, ela está tomando como parâmetro para a denominação o traço "quadrúpede"; ou, quando a criança usa um só nome para se referir a frutas como maçã e laranja, ela tem como parâmetro os traços "forma" (círculo) e "tamanho". A categorização dos objetos ou dos eventos não depende apenas da percepção, mas também da interpretação e do desenvolvimento cognitivo. O adulto, devido às suas experiências, utiliza outros traços para dar nomes a diferentes seres.

Chafe (1977) postula que, antes da produção discursiva, o falante tem em mente apenas uma idéia geral acerca do evento. À medida

que produz o discurso, esse falante organiza e detalha o conteúdo ao mesmo tempo que situa os seres no evento e assinala os papéis que eles desempenham por meio de uma categorização adequada (CHAFE, 1977; GÖRSKI, 1985). Chafe enfatiza o processo criativo da verbalização, uma vez que a estruturação da idéia dá-se no momento da enunciação. O estudo da codificação de referentes é importante para entender a estruturação discursiva.

O trecho da narrativa oral a seguir apresenta alguns recursos morfológicos para a codificação de referentes. Entre eles, destacam-se os sintagmas nominais:

17) foi uma situação difícil... né? eu não sei... eu não sei onde que engloba isso... mas eu fui a *Petrópolis* com *uma amiga que nunca tinha subido a serra*... estava dirigindo há pouco tempo (...) quando a gente está voltando... começa a chover assim... torrencialmente... e fura *o pneu do carro dela*... e a gente nunca tinha trocado pneu... nenhuma das duas... e aquela serra totalmente deserta... né? aí a gente encostou *o carro* assim do lado... *o carro* já foi puxando (...) meu coração assim disparado... a gente desesperada... (...) desatarraxando tudo (...) a gente... demorou um pouquinho... né? aí a gente entrou no carro... estava tudo molhado (...) paramos num posto... pra ver se estava tudo bem atarraxado e tal... aí *o mecânico* falou que... (ϕ) não sabia qual o homem que tinha apertado aquilo ((riso)) (*corpus* D&G/Rio de Janeiro).

A partir desses elementos destacados, algumas questões são levantadas:

a) o que levaria um informante a produzir uma anáfora zero ao invés de um SN pleno ou um pronome em *que ϕ não sabia qual o homem que tinha feito aquilo*? (o símbolo ϕ representa um sintagma elíptico);

b) por que o informante apresenta um SN longo com uma cláusula adjetiva em *uma amiga que nunca tinha subido a serra*?

c) por que a expressão *o mecânico* é apresentada como uma informação definida, se é a primeira vez que aparece no texto?

d) por que a segunda menção da expressão *o carro*, em *aí a gente encostou* o carro *assim do lado*... o carro *já foi puxando* é codificada por meio de um SN pleno mesmo quando a sua última menção está muito próxima (a informação é previsível)?

e) por que há tantos recursos gramaticais para codificar referentes?

Essas e outras questões são tratadas pelos lingüistas funcionalistas no estudo do tema *informatividade*.

Prince (1981, p. 235) classifica os referentes (ou entidades) do discurso a partir da noção de *conhecimento compartilhado*, que é assim descrito: "O falante assume que o ouvinte conhece, admite ou pode inferir algo particular (sem estar necessariamente pensando nisso)". Organiza as entidades em três grupos: novas, evocadas e inferíveis.

Um referente é *novo* quando é introduzido pela primeira vez no discurso (como no exemplo 18). Quando o referente é inteiramente novo, é chamado *novo-em-folha*. Se já está na mente do ouvinte, por ser geralmente um referente único (num dado contexto), é chamado *disponível*. São exemplos de referentes disponíveis termos como *a lua, o sol, Pelé* ou *Petrópolis* (como no exemplo 19). Os referentes novos-em-folha podem vir *ancorados* a outras entidades, como é mostrado no exemplo 20, em que o referente *um rapaz* é novo, mas apresenta uma cláusula adjetiva que "ancora" esse referente a um referente conhecido, que é a pessoa que fala (eu).

18) Comprei *um carro* semana passada.

19) ...mas eu fui a *Petrópolis*.

20) *Um rapaz com quem trabalho* foi assaltado ontem.

Um referente pode ser *evocado* ou *velho* se já tiver ocorrido no texto (referente textualmente evocado) ou se estiver disponível na situação de fala (referente situacionalmente evocado), como os próprios participantes do discurso:

21) aí o mecânico falou que... (ϕ) não sabia qual o homem que tinha apertado aquilo ((riso)) (*corpus* D&G/Rio de Janeiro).

22) *Você* poderia me dizer as horas?

Para Chafe (1976), a distinção entre novo e evocado (ou velho) é determinada pelo falante e está relacionada ao conhecimento que ele presume que o ouvinte tenha. Assim, numa frase como "Vi seu irmão ontem", o referente *seu irmão* é novo, porque o ouvinte provavelmente não estava pensando no irmão no momento.

Um referente denomina-se *inferível* quando é identificado por meio de um processo de inferência (exemplos 23 e 24) a partir de outras informações dadas. As entidades inferíveis podem estar contidas em outras que já fazem parte do modelo de discurso, como evocadas ou mesmo inferíveis, como nos exemplos 25 e 26. Os referentes inferíveis geralmente são codificados com um artigo definido:

23) O ônibus parou e *o motorista* desceu.

24) ...paramos num posto... pra ver se estava tudo bem atarraxado e tal... aí *o mecânico* falou que... não sabia qual o homem que tinha apertado aquilo ((riso)) (*corpus* D&G/Rio de Janeiro).

25) *A beirada da mesa* está suja.

26) ...e fura *o pneu do carro dela*...

O referente codificado como *o motorista* é inferível porque foi mencionado o referente *o ônibus*: há um consenso de que ônibus têm motoristas. No exemplo 24, a informante toma como consenso que num posto há mecânico e apresenta o referente como inferível. No exemplo 25, há também um conhecimento compartilhado de que mesas têm beiradas. Nesse caso, o sintagma nominal *a beirada* está contido em outra expressão referencial, *a mesa*. No exemplo 26, o referente *o pneu* (contido em outra expressão referencial) é inferível, uma vez que no discurso precedente a informante diz que *subiu a serra de Petrópolis com uma amiga que estava dirigindo há pouco tempo*.

Görski (1985) utiliza a taxonomia de Prince e propõe algumas alterações para dar conta de determinadas formas de codificação de referentes não previstas no modelo de Prince. Aqui serão destacados os seus principais resultados.

Os SNs que representam referentes novos são geralmente introduzidos por meio de SNs indefinidos, morfologicamente marcados (com artigo indefinido) ou não:

27) Quando eu vinha de Turiaçu pra cá, vinha *um caminhão*, entrou numa curva, então ele acabou de entrar na curva ele pegou um ônibus.

28) Eu tinha levado *comida*.

Os SNs novos no discurso, porém disponíveis no universo espacial ou cultural do ouvinte, são representados por SNs definidos:

29) Passei um mês *no Souza Aguiar* [hospital de pronto-socorro no Rio de Janeiro].

Os referentes evocados são codificados por anáfora zero, por pronome, por advérbio ou por SN definido, como, respectivamente, é ilustrado a seguir:

30) Eu tinha levado comida (ϕ) tinha levado frango, (ϕ) tinha feito arroz de forno.

31) Ele botou uma moça pra morar lá em casa comigo aí *eu* fui confiar nela.

32) Eu fui num baile a fantasia né (...) foi em Paquetá (...) chegamos *lá* (...)

33) Eu vi uma velha cair, coitada, segurei *a velha*.

Görski concluiu que, numa narrativa, os personagens principais geralmente são codificados por meio de pronomes ou de anáfora zero, enquanto os secundários são identificados por SN pleno, como no exemplo 34, em que o personagem principal é o amigo do marido e o personagem secundário é o médico. Os referentes humanos, na função de sujeito, são geralmente codificados por anáfora zero (exemplos 21 e 30), enquanto os referentes não-humanos são freqüentemente representados por SNs plenos, mesmo quando evocados (exemplo 35):

34) Meu marido tem *um amigo* que ϕ era campeão de natação, ϕ tinha várias medalhas, ϕ era um atleta. Um dia surgiu um caroço, ou qualquer coisa parecida, nas suas costas, *ele* foi ao médico. O caso era simples porque o caroço ainda estava pequeno, mas não existia ainda tecnologia para este tipo de cirurgia no Brasil. *O médico* estava sendo treinado por uma equipe francesa para realizar este tipo de cirurgia. *Ele* foi à França com *o médico* e o caso foi analisado pelos médicos de lá (*corpus* D&G/Rio de Janeiro).

35) aí a gente encostou *o carro* assim do lado... *o carro* já foi puxando.

Givón (1990) explica a codificação dos referentes conforme o subprincípio da quantidade (cf. seção "Iconicidade e marcação"). No que diz respeito à referência, esse princípio funciona da seguinte forma: "Quanto mais previsível/acessível for uma informação para o interlocutor, menor quantidade de forma será utilizada".

Votre (1992) exemplifica o funcionamento desse subprincípio com o seguinte trecho de uma narrativa oral:

36) quando eu tinha uns dois ou três anos... meu pai chegou em casa do trabalho à noite e falou pra mim que tinha uma surpresa... aí... ele me deu um pacote... eu abri... e era um cachorrinho de borracha, desses que a gente aperta e faz barulho.

Na cláusula *e falou pra mim*, por exemplo, o referente sujeito (*meu pai*) foi codificado por meio de anáfora zero, porque é um referente bastante previsível, uma vez que foi mencionado na cláusula anterior. Na cláusula *era um cachorrinho de borracha, desses que a gente aperta e faz barulho*, a expressão referencial destacada é codificada com muita forma (grande quantidade de massa fônica), porque o referente é imprevisível, isto é, não está acessível à mente do interlocutor, havendo necessidade de mais especificações.

Os recursos gramaticais usados para representar ou codificar referentes são apresentados de forma escalar, dos mais previsíveis aos menos previsíveis: anáfora zero, pronome, SN definido e SN indefinido. Como foi mostrado, esses recursos estão disponíveis nas línguas para codificar a informatividade de um referente nominal a partir do conhecimento compartilhado entre os interlocutores.

(4) Notar q o item "redu parte de

Gramaticalização e discursivização

Entre os lingüistas, o debate sobre a origem e o desenvolvimento das categorias gramaticais não é recente. No século XIX, por exemplo, acompanhando a orientação diacrônica e comparada do período, encontramos importantes estudos nessa área. No quadro da lingüística funcional, a *gramaticalização* e a *discursivização* são fenômenos associados aos processos de regularização do uso da

conhecim d mnd + partilhado entre

língua. Ou seja, relacionam-se à variação e à mudança lingüísticas. Esses processos manifestam o aspecto não-estático da gramática, demonstrando que as línguas estão em constante mudança em conseqüência da incessante criação de novas expressões e de novos arranjos na ordenação vocabular. A compreensão é a de que, do ponto de vista de sua evolução, a gramática está num contínuo fazer-se, o que nos permite falar de uma relativa instabilidade da estrutura lingüística. É sob esse aspecto que se deve a Hopper (1987) a noção de "gramática emergente", no sentido de que a gramática de uma língua natural nunca está completa. Do ponto de vista sincrônico, entende-se por *gramática* o conjunto de regularidades decorrentes de pressões cognitivas e, sobretudo, de pressões de uso.

O termo *discurso* está relacionado às estratégias criativas utilizadas pelo falante para organizar funcionalmente seu texto para um determinado ouvinte em uma determinada situação comunicativa. Por um lado, o discurso é tomado como o ponto de partida para a gramática; por outro, é também seu ponto de chegada. Quando algum fenômeno discursivo, em decorrência da freqüência de uso, passa a ocorrer de forma previsível e estável, sai do discurso para entrar na gramática. No mesmo sentido, quando determinado fenômeno que estava na gramática passa a ter comportamentos não-previsíveis, em termos de regras selecionais, podemos dizer que sai da gramática e retorna ao discurso.

Assim, na trajetória dos processos de regularização do uso da língua, tudo começa sem regularidade, exatamente por estar no seu começo, mas se regulariza com o uso, com a repetição, que passa a exercer uma pressão tal que faz com que o que no começo era casuístico se fixe e se converta em norma, entrando na gramática (gramaticalização). No momento de estabilização, verifica-se o nível de iconicidade maior, isto é, relação transparente entre expressão e conteúdo, o que resulta no máximo de economia comunicativa e no máximo de rentabilidade sistemática. Essa estabilidade, entretanto, é relativa e aparente. O que foi sistematizado entra em processo de desgaste, com liberdade progressiva da expressão em termos de restrição de ocorrência, e com liberdade progressiva do conteúdo

em termos de desbotamento e esvaziamento semântico. Assim, as unidades migram para um nível não-gramatical, no sentido de que elas deixam de obedecer às restrições de seleção e literalmente retornam ao discurso (discursivização).

O processo de gramaticalização privilegia:

a) a trajetória dos elementos lingüísticos do léxico à gramática (ex.: *verbo pleno* > *verbo auxiliar*);
b) a trajetória de categorias menos gramaticais para categorias mais gramaticais, como o de categorias invariáveis para categorias flexionais (ex.: *menos* > *menas*).

O termo *gramaticalização*, portanto, é tomado em dois sentidos relacionados: a gramaticalização *stricto sensu* ocupa-se da mudança que atinge as formas que migram do léxico para a gramática; a gramaticalização *lato sensu* busca explicar as mudanças que se dão no interior da própria gramática, compreendendo aí os processos sintáticos e/ou discursivos de fixação da ordem vocabular.

Como exemplo de gramaticalização *stricto sensu*, podemos citar a pesquisa de Maria Aparecida Silva (2000) sobre a trajetória de mudança de *ir*, que acumula as funções de verbo pleno e auxiliar, conforme signifique deslocamento espacial ou deslocamento temporal, como nos exemplos 37 e 38, respectivamente:

37) ...quando ele *vai* atrás ele vê apenas um gato... ele pega o gato... entra no carro e *vai* embora... (*corpus* D&G/Natal, p. 308).

38) bem, a minha opinião sobre o namoro é que está muito avançado, porque esses rapazes de hoje não pensa do amanhã que *vai* ser (*corpus* D&G/Natal, p. 363).

O estudo de Oliveira (2000) exemplifica a gramaticalização *lato sensu*. A autora investiga o deslizamento de sentido do item *onde*, cuja mudança dá-se na própria gramática. De pronome relativo, com sentido de espaço físico (ex. 39), *onde* passa a designar também espaço de tempo (ex. 40), evoluindo até a categoria de marcador discursivo, desprovido de significado lexical e utilizado como um recurso coesivo para organizar e planejar internamente o turno (ex. 41):

39) ...no banheiro nós vamos encontrar... uma prateleira... *onde* fica os utensílios pessoais... (*corpus* D&G/Natal, p. 309).

40) ...depois disso... teve a noite *onde* foi escolhido o grupo de cinco pessoas mais ou menos... (*corpus* D&G/Natal, p. 304).

41) ...eu acho que ao invés das pessoas sair na rua... pedindo para... ser implantado a pena de morte no Brasil... deveria estar lutando por outras... por outros métodos... outros objetivos... de melhores condições de vida... de melhor educação para os seus filhos... *onde* as pessoas poderiam viver num país bom... certo? (*corpus* D&G/ Natal, p. 314).

No ponto extremo do contínuo de mudança, localiza-se o processo de discursivização, que focaliza a trajetória de retorno dos elementos da gramática ao discurso. Estudando a trajetória de mudança semântica que caracteriza os usos da partícula *né?* (*não é verdade?* > *não é?* > *né?*), Martelotta e Alcântara (1996) observam que essa partícula, após perder os traços semânticos básicos de seus componentes e, concomitantemente, sofrer redução fonética, distancia-se de seu sentido original como pergunta referencial ou pergunta não-retórica e passa a desempenhar o papel de preenchedor de pausa causada pela perda da linearidade do discurso. No exemplo 42, abaixo, o informante parece perder, por um momento, a linha de raciocínio e usa o *né?* (com outros elementos: *poxa... eu sei lá... sabe?*) para preencher o vazio causado por essa perda, enquanto tenta solucionar seu problema comunicativo:

42) ...mas que adianta um casamento tão lindo... gastam tanto... pra no final eh... viv/ fica dois... três dias... depois se separam... entendeu? eu acho isso aí um absurdo... porque... poxa... eu sei lá... sabe? num... *né?* a vida::/ tudo bem... tá tudo difícil... mas a pessoa... eu acho que a pessoa tem que saber... diretamente aquilo que quer... (*corpus* D&G/Rio de Janeiro).

Costa (1995) trabalha com a hipótese de o português estar sofrendo um processo de discursivização no sentido de que a categoria sintática *sujeito* estaria retornando da gramática ao discurso, na forma de tópico. Essa hipótese fundamenta-se no pressuposto de que a categoria *sujeito* emerge a partir da categoria

tópico. Para Givón (1979b), a linguagem humana teria evoluído do modo pragmático para o sintático e, por isso mesmo, a sintaxe teria evoluído a partir do discurso. A trajetória *tópico* > *sujeito* > *tópico* remete-nos ao caráter cíclico da trajetória lingüística sugerida por Givón (1979b), que toma como marco de partida o discurso, passa pela sintaxe, pela morfologia e pela morfofonologia, até retornar ao discurso, completando o círculo.

A hipótese da trajetória *sujeito* > *tópico* tem como base a observação de que a estrutura *tópico-comentário* pode ser vista como o resultado do enfraquecimento progressivo das relações entre sujeito e verbo, em termos tanto morfossintáticos quanto semânticos, que faz com que o sujeito deixe de ter uma função intra-oracional e se desloque para fora da oração, passando a exercer o papel de tópico.

Para Costa (1995), qualquer classificação sintática tanto para o SN *esse acampamento* (ex. 43) como para o SN *a casa de minha avó* (ex. 44) parece um tanto forçada. O autor observa que esses SNs mostram-se relativamente independentes da oração-comentário que os segue, sem desempenharem nela qualquer função sintática. Antes, são tomados como ponto de partida da porção do discurso que os seguirá. O informante os seleciona como o elemento central a partir do qual a informação será transmitida. Trata-se, portanto, de SNs marcadamente discursivos que recebem o rótulo de *tópico*.

43) ...esse acampamento todos os meus amigos foram... (*corpus* D&G/Natal, p. 303).

44) ...a casa de minha avó... ela é grande, sabe? (*corpus* D&G/Natal, p. 347).

Ciclo funcional e unidirecionalidade

O desenvolvimento de novas estruturas gramaticais é motivado quer por necessidades comunicativas não satisfeitas, quer pela ausência de designações lingüísticas para determinados conteúdos cognitivos. Dessa forma, a gramaticalização é interpretada como um processo diacrônico e um contínuo sincrônico que atingem tanto as formas que vão do léxico para a gramática como as formas que mudam no interior da gramática.

O caráter cíclico da evolução lingüística é postulado por Givón (1979b), que formula o seguinte esquema processual para representar os processos diacrônicos de regularização do uso da língua, desde o ponto mais imprevisível até a fase terminal: *discurso* > *sintaxe* > *morfologia* > *morfofonologia* > *zero*. De acordo com essa trajetória unidirecional de gramaticalização, alguns itens lexicais passam a ser utilizados em contextos nos quais desempenham certa função gramatical, ainda não totalmente fixada. Progressivamente, via repetição, seu uso torna-se mais previsível e regular, resultando numa nova construção sintática com características morfológicas especiais, podendo, posteriormente, desenvolver-se para uma forma ainda mais dependente, como um clítico ou um afixo, com eventuais adaptações fonológicas. Com o aumento da freqüência de uso, essa construção tende a sofrer desgaste formal e funcional que poderá causar seu desaparecimento, dando início a um novo ciclo.

Alguns teóricos funcionalistas propõem que, semanticamente, a trajetória de gramaticalização manifesta-se na passagem do concreto para o abstrato. Entidades abstratas emergem da experiência humana com o mundo concreto. Traugott e Heine (1991), por exemplo, propõem a seguinte escala para representar o processo de *abstratização* gradativa no percurso de gramaticalização dos elementos lingüísticos: *espaço* > *(tempo)* > *texto*. Essa escala apresenta dois desdobramentos possíveis. Num dos casos, descreve a emergência de categorias gramaticais, que têm sua origem em itens lexicais de sentido concreto. Serve de exemplo, aqui, o processo de gramaticalização de *ir*, conforme ilustrado nos fragmentos 37 e 38 transcritos acima e repetidos abaixo:

37) ...quando ele *vai* atrás ele vê apenas um gato... ele pega o gato... entra no carro e *vai* embora... (*corpus* D&G/Natal, p. 308).

38) bem, a minha opinião sobre o namoro é que está muito avançado, porque esses rapazes de hoje não pensa do amanhã que *vai* ser (*corpus* D&G/Natal, p. 363).

No exemplo 37, *ir* é usado como verbo principal, com o seu sentido primário de movimento físico. Já no 38, comporta-se como

um verbo auxiliar marcador de tempo futuro, o que é enfatizado pelo uso do advérbio *amanhã*. Constata-se, portanto, que a trajetória de mudança de *ir* evolui do sentido mais concreto para o mais abstrato, representada pelo estágio *espaço* > *tempo* na escala de Traugott e Heine (1991).

O segundo desdobramento dessa escala diz respeito à abstratização progressiva de significado de um dado elemento lingüístico sem que haja, necessariamente, mudança de categoria gramatical. Para esse caso, servem de exemplo os fragmentos em 39-41, retomados abaixo:

39) ...no banheiro nós vamos encontrar... uma prateleira... *onde* fica os utensílios pessoais... (*corpus* D&G/Natal, p. 309).

40) ...depois disso... teve a noite *onde* foi escolhido o grupo de cinco pessoas mais ou menos... (*corpus* D&G/Natal, p. 304).

41) ...eu acho que ao invés das pessoas sair na rua... pedindo para... ser implantado a pena de morte no Brasil... deveria estar lutando por outras... por outros métodos... outros objetivos... de melhores condições de vida... de melhor educação para os seus filhos... *onde* as pessoas poderiam viver num país bom... certo? (*corpus* D&G/Natal, p. 314).

No exemplo 39, *onde* desempenha sua função-padrão de pronome relativo, com sentido de espaço físico, remetendo a *prateleira*. No exemplo 40, o referente de *onde* é *a noite*, que não é espaço físico, mas espaço de tempo, ou melhor, é o tempo representado como se fosse espaço. *Onde*, então, por se referir a *a noite*, funciona como uma metáfora, representando, assim, um conceito mais abstrato a partir de um mais concreto. No 41, *onde* funciona como um mero marcador de pausas, ou seja, como meio de organizar e planejar internamente o turno. Por não ter referente recuperável, apresenta-se como um conector vazio de significado, podendo, portanto, ser omitido, sem prejuízo semântico para o enunciado.

A mudança lingüística

Mário Eduardo Martelotta

Um dos aspectos relacionados às línguas humanas que mais têm intrigado os lingüistas é sua fluidez, ou seja, sua capacidade de assumir formas diferentes em indivíduos diferentes e em situações ou épocas diferentes. As línguas são sensíveis às nuanças culturais associadas ao estilo de vida dos humanos, apresentando, de um lado, *variações* de natureza individual, social, regional, sexual, entre outras, que convivem em um mesmo momento do tempo, e, de outro lado, *mudanças* que se manifestam com o passar do tempo. Embora o fenômeno da variação esteja diretamente associado ao tema em questão, este capítulo focaliza a *mudança lingüística*, apresentando algumas reflexões sobre suas motivações, sua direcionalidade, os aspectos estruturais, comunicativos e cognitivos a ela associados, os mecanismos que a veiculam, assim como a regularidade ou não da atuação desses mecanismos.

Para que se perceba de modo mais claro o aspecto da mudança lingüística que este capítulo focaliza, é importante lembrar dois dos cinco princípios de gramaticalização[1] propostos por Hopper (1991): *camadas* e *divergência*. Trata-se de dois fenômenos estreitamente associados ao processo da mudança. O princípio de *camadas* refere-se ao fato de que as línguas freqüentemente possuem mais de uma forma para desempenhar funções idênticas, sendo, nesse caso,

[1] Hopper utiliza o termo *grammaticization* (gramaticização). Conforme se vê em Campbell e Janda (2001), o termo *grammaticalization* convive, na literatura, com os termos *grammaticization* e *grammatization*, que se referem ao mesmo fenômeno, sem diferença de sentido.

importante registrar que a forma nova não implica o desaparecimento da forma já existente. No caso da *divergência*, tem-se um conjunto de formas com a mesma etimologia, desempenhando funções diferentes, e, novamente, a existência do novo uso não implica o desaparecimento do uso original.

A expressão da categoria de futuro em português fornece um bom exemplo para os dois princípios de Hopper. As formas *falarei* e *vou falar*, por serem possibilidades disponíveis para a expressão do futuro que coexistem na língua, constituem *camadas*. Entretanto, quando observamos a relação entre essas formas e as construções que as originaram, estamos focalizando um fenômeno relacionado à *divergência*. O morfema de futuro em *falarei* é proveniente da forma verbal *hei* (*falar* + *hei*), e a construção *vou falar*, em que o verbo *ir* é empregado como auxiliar indicando idéia de futuro, resulta de um processo, generalizado na língua portuguesa, que implica uma extensão do uso original, em que o verbo *ir* expressa movimento no espaço.

O foco deste capítulo não está na relação entre duas ou mais formas já prontas e submetidas à disposição do falante, que só têm em comum a expressão semântica e a convivência temporal, mas no conjunto de fenômenos que fazem com que uma mesma forma tenha seu uso ampliado para novas funções, constituindo o que Hopper (1991) chama *divergência* e outros autores chamam *polissemia*.

Funcionalismo e mudança

As pesquisas sobre mudança lingüística em funcionalismo estão estreitamente associadas à teoria da gramaticalização, conforme o exposto no primeiro capítulo deste livro. A emergência do paradigma da gramaticalização no contexto da lingüística funcionalista americana deu-se a partir dos anos 1970, quando houve um resgate do papel das transformações diacrônicas nas explicações da sintaxe. O texto motivador foi *The origins of syntax in discourse* (SANKOFF e BROWN, 1976), que teve eco no ciclo funcional proposto por Givón (1979a), *discurso* > *sintaxe* > *morfossintaxe* > *morfofonêmica* > *zero*, apoiado

em evidências oriundas da aquisição da linguagem, da passagem de *pidgins* para crioulos e dos estudos diacrônicos.[2]

Desenvolveu-se a partir de então a idéia de que o uso da língua nas situações reais de comunicação motiva as transformações que sofrem os elementos lingüísticos ao longo do tempo e que essas transformações apresentam unidirecionalidade: caminham do discurso para a gramática.[3] Os elementos, com o processo de gramaticalização, perdem a liberdade típica da criatividade contextualmente motivada do discurso e tornam-se mais fixos e mais regulares. Assim, advérbios de lugar assumem função de conjunção, e não vice-versa; vocábulos transformam-se em afixos, e não vice-versa.

A noção de unidirecionalidade, tal como proposta pela teoria da gramaticalização, leva à hipótese de que existem fatores de ordem cognitiva, sociocultural e comunicativa que norteiam a mudança. Nesse sentido, pode-se pensar, com Saussure, que existe uma pancronia, ou um conjunto de leis gerais, que se fundamenta em bases não-estruturais; pode-se também admitir, com Furtado da Cunha, Oliveira e Votre (1999), que há transformações que ocorrem

---

[2] O conceito de gramaticalização não é uma descoberta recente da lingüística. Sua origem remete às propostas gramaticais dos gregos (Harris e Campbell, 1995; Campbell e Janda, 2001) e, sobretudo, foi muito utilizada pelos comparatistas do século XIX em suas análises. Alguns lingüistas atuais revisitaram o conceito, relacionando-o aos aspectos cognitivos e conversacionais desenvolvidos nas últimas décadas. Sua motivação está na necessidade constante de criar rótulos novos para expressar as idéias em situações novas de comunicação.

[3] Se de um lado os estudos diacrônicos apresentam evidências da unidirecionalidade da mudança, também levam à constatação antagônica de que o conjunto dos usos atuais de determinados elementos lingüísticos também se encontra em estágios anteriores da língua. A segunda constatação leva-nos irremediavelmente à noção de uniformitarismo ou, em termos saussurianos, ao conceito de pancronia. A regularidade que caracteriza o conjunto de usos de alguns elementos lingüísticos em diferentes sincronias impõe que se repense o princípio da unidirecionalidade e o papel do tempo no processo de mudança lingüística. Nossa tendência, no momento, tem sido aceitar a unidirecionalidade, relacionando-a não às mudanças sucessivas que uma forma lingüística pode assumir ao longo do tempo, mas aos critérios e rumos dos processos cognitivos relacionados à produção e à transferência de informação entre diferentes domínios conceptuais que os falantes praticam no uso da língua.

em todos os tempos e lugares, já que há evidências de que o mesmo tipo de transformação pode processar-se repetidamente, enfraquecendo a visão tradicional de que a mudança está relacionada apenas à sucessão temporal. A lingüística funcional tende, portanto, a adotar, juntamente com Labov (1994), uma formulação mais refinada da hipótese neogramática de mudança, segundo a qual os mesmos tipos de mudança ocorreram em todas as fases da história das línguas e tenderão a continuar ocorrendo. O que importa saber, nesse caso, é a natureza dessas características e peculiaridades pancrônicas, que não se enquadram na oposição *sincronia* × *diacronia* do modelo estruturalista.

Mal: advérbio > prefixo

Tomando como base ocorrências do elemento lingüístico *mal* no *corpus* D&G/Rio de Janeiro (VOTRE e OLIVEIRA, 1995) e em textos representativos de estágios antigos da língua portuguesa, assim como as informações referentes à origem desse elemento, provenientes dos filólogos tradicionais, Martelotta e Silva (1997) apresentam um esquema que constitui uma possível representação da trajetória diacrônica de mudança, segundo a qual os novos usos de *mal* vão surgindo progressivamente de usos anteriores:

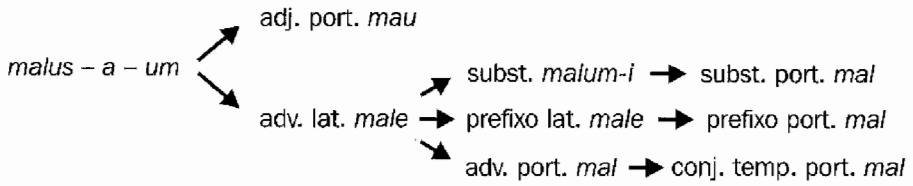

Existem evidências de que o processo de mudança desenvolve-se no tempo, de modo que usos antigos passam a assumir, de forma sucessiva, valores novos, como demonstra o esquema. O fator *tempo*, portanto, não deve ser descartado das análises referentes ao fenômeno da mudança lingüística.

Entretanto, ainda segundo Martelotta e Silva (1997), os fenômenos parecem não ocorrer exatamente do modo como o esquema propõe. Embora se possa admitir uma relação de sucessão

temporal que vai, por exemplo, do prefixo latino *male* para o prefixo português *mal*, não ocorre, na maioria dos casos, uma transformação temporal linear entre esses dois usos.

Existem usos desse elemento com valor de prefixo no português que são provenientes de usos latinos: *maledicência* e *malevolência*, por exemplo, provêm respectivamente do latim *maledicentia* e *malevolentia*, vocábulos em que *male* já funcionava como prefixo. Mas casos como os de *malcontente*, *malfadado* e *malcriado*, por exemplo, são diferentes porque representam formações portuguesas envolvendo o advérbio *mal*, e não evoluções de vocábulos latinos que já apresentavam o prefixo *male*, como ocorre nos exemplos anteriores.

Se os prefixos portugueses são, na verdade, formações recentes envolvendo itens lexicais novos, e não transformações progressivas de formações já existentes em latim, a questão já não é mais puramente diacrônica, na medida em que casos como esses não refletem a evolução de uma formação na base da proposta da trajetória unidirecional. Deve haver tendências comunicativas, cognitivas e até estruturais que incentivam essas formações, tornando esses elementos – hoje ou ontem, em português ou em latim – potencialmente perfeitos para assumir função de prefixo em contextos específicos.

É claro que, em algum ponto, pode ocorrer algo diferente ou inesperado. No caso de *mal*, conforme atesta Sequeira (1943, p. 183), o advérbio passou a desempenhar o papel de conjunção ("*Mal* saiu de casa, começou a chover"), o que não ocorria em latim. Mas, ainda nesse caso, pode-se observar uma regularidade, desde que se olhe o fenômeno por outro ângulo. O português, ao se ver privado de conjunções latinas, preencheu as lacunas com a utilização de advérbios (ou expressões adverbiais), de preposições e até de verbos, que passaram a ligar cláusulas. Nessa época, portanto, foi comum a passagem de determinados tipos de advérbio para conjunção. Além de *mal*, são exemplos de passagem de advérbios de modo para

conjunção *apenas*[4] ("*Apenas* saiu de casa, começou a chover") e *bem* (em construções do tipo *se bem que*). Além disso, foram muitos os elementos adverbiais de valor espacial que se tornaram conjunções.

Advérbio de lugar > conjunção

Como os dados acima mencionados sugerem, existem fatores que levam os elementos lingüísticos a cumprir trajetórias unidirecionais relativamente específicas, que tendem a se repetir com elementos diferentes, mas de natureza semelhante. É o que levou Heine, Claudi e Hünnemeyer (1991) a propor um processo analógico chamado *espaço > discurso*, para caracterizar um tipo de mudança muito comum nas línguas humanas, que leva elementos de valor espacial a assumir funções típicas de conjunção. Na base desse processo está o fato de que a expressão de dados espaciais é mais elementar e concreta do que a indicação das relações textuais.[5]

Essa extensão analógica serve de fundamento para a organização do universo textual em termos de referentes espaciais externos e se manifesta basicamente por meio da anáfora e da catáfora, em que elementos originalmente dêiticos espaciais são utilizados para fazer alusão a dados já mencionados ou por mencionar:

1) Eu não sei matemática. *Isso* vai me atrapalhar no exame.
2) Eu digo *isso*: não sei matemática.

Em casos como esses, a organização espaciotemporal do mundo físico é usada analogicamente para caracterizar o universo mais abstrato do texto. Esse procedimento revela-se mais produtivo quando se percebe a regularidade da utilização de elementos alusivos a pontos no espaço ou no tempo para designar pontos no

---

[4] O termo *apenas*, segundo Machado (1977), resulta da formação *a + penas*, sendo este proveniente do latim *poena* (expiação, castigo). Originalmente, *apenas* funcionava como advérbio de modo, que equivalia à atual expressão *a duras penas*.

[5] Trabalhos como os de Sankoff (1980), Greenberg (1985), Marmaridou (2000), entre outros, apontam para uma forte correlação entre dêixis espacial, temporal e discursiva. Em termos experienciais, essa relação pode ser considerada em termos de mapeamentos através de domínios.

texto: "como foi dito *anteriormente*"; "como será desenvolvido *adiante*"; "ver o exemplo *abaixo*"; entre outras possibilidades.

A partir desses usos alusivos a trechos do texto, o elemento pode desenvolver função de conjunção.[6] É o que ocorre com *isso*, que também pode ser usado como conjunção conclusiva, associado à preposição *por*:

3) Caiu, *por isso* se machucou.

Como, em muitos casos de desenvolvimento de conjunções, a polissemia do elemento envolvido no processo apresenta também um valor temporal, Heine, Claudi e Hünnemeyer (1991) propuseram uma trajetória de mudança semântica que um elemento lingüístico tenderia a cumprir até atingir o *status* de conectivo:

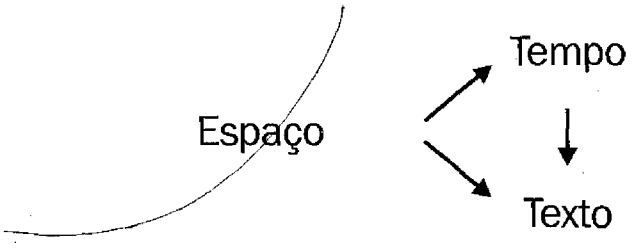

Esse esquema representa uma trajetória unidirecional de mudança, muito comum nas línguas humanas, que leva advérbios de lugar a assumir funções típicas de conjunção, tendo ou não apresentado intermediariamente valor temporal. O argumento básico é semelhante ao que está subjacente à idéia da metáfora *espaço* > *discurso*: a expressão de dados espaciais é mais básica e concreta do que a expressão de dados temporais, que, por sua vez, é mais básica e concreta do que a indicação das relações textuais. A metáfora, nesse caso, ocorre em função da extensão analógica do uso espacial do termo para valores temporais e textuais.

O termo *logo* constitui um bom exemplo de como essa trajetória dá-se em português. Atualmente, encontramos apenas os valores textual (conjunção conclusiva) e temporal, exemplificados respectivamente em 4 e 5:

---

[6] Além da construção *por isso*, conjunções portuguesas como *porém* e *portanto*, entre outras, originam-se de construções anafóricas.

4) Penso, *logo* existo.

5) Ele vai chegar *logo*.

De acordo com Machado (1977), a origem está no latim *loco*, ablativo *locu-*, que significa *no lugar, no sítio, no momento, logo*. O valor espacial do termo pode ser encontrado no português arcaico, na forma de dois usos distintos, que já não ocorrem em português:

6) Lançados som fora do mũdo e descenderõ aos jnfernos e outros se leuãtarõ ẽ seu *logo* (*Orto do esposo*).

7) A primeira natureza da poonba he que en *logo* de cantar geme (*Livro das aves*).

Esses usos, registrados em dois textos arcaicos portugueses, apresentam valor espacial. No exemplo 6, o termo assume valor de substantivo, indicando especificamente *lugar* ("leuãtarõ ẽ seu *logo*"); no exemplo 7, apresenta valor correspondente ao da expressão atual *em lugar de* (*em vez de* > *ao invés de*).

Essa visão de que os usos do elemento adquiriram, de maneira sucessiva e unidirecional, os valores espacial, temporal e textual, entretanto, deve ser analisada com cuidado. Quando se observa o verbete referente ao termo *logo* em Machado (1977), nota-se que, com exceção do valor espacial, hoje em desuso, o elemento apresentava polissemia semelhante à que caracteriza seus usos atuais, ou seja, exibia valores temporais e textuais. É o que revela também o verbete do substantivo latino *locus, -i*, apresentado em Faria (1975), que demonstra já haver, em latim, os três sentidos – espacial, temporal e textual. Isso, sem dúvida, enfraquece a visão tradicional de que os elementos mudam de valor com o tempo. Tal constatação, de que existe uma certa regularidade no conjunto de usos de um elemento em sincronias diferentes, não é incomum e pode ser encontrada em trabalhos como os de Votre (1999) e Ferreira (2000).

Votre (1999) demonstra que os verbos *achar, pensar, saber* e *ver* apresentam, nos diferentes estágios de evolução do português, configurações sintático-semânticas muito próximas às dos termos latinos correspondentes. O autor propõe, inclusive, um *princípio de*

extensão imagética instantânea, segundo o qual a faculdade da metáfora opera de modo instantâneo, disponibilizando todas as possibilidades e potencialidades na mente das pessoas que interagem na comunidade discursiva, ancoradas no contexto situacional de cada interação. Ferreira (2000) chegou a resultados semelhantes em sua análise do modal *poder*.[7]

Entretanto, estudos recentes em gramaticalização têm apresentado resultados diferentes. É o que se vê no trabalho de Silva e Silva (2001) sobre os usos do advérbio *mal*. Segundo a autora, a polissemia que caracteriza esse elemento lingüístico apresenta, de fato, uma grande regularidade: desde o latim, verificam-se seus usos como substantivo (o *mal*), como adjetivo (*mau*), como advérbio (cantar *mal*) e como prefixo (*mal*cheiroso). Entretanto, é provável que, somente a partir do século XVIII, tenham começado a surgir, no português, novos usos gramaticalizados, que até então não apareciam nos textos. O *mal* como conjunção temporal é um desses novos usos. Eis um exemplo:

8) *Mal* saí de casa, começou a chover.

Isso significa que, embora a polissemia do elemento *mal* apresente, desde o latim, uma regularidade impressionante, dados históricos demonstram que essa polissemia mudou, uma vez que surgiram usos novos. E, o que é mais importante, esses novos usos têm valor mais gramatical, o que ratifica a hipótese da unidirecionalidade.

Pode-se associar ao comentário anterior o fato de que, na polissemia de alguns elementos, desapareceram usos característicos de início de trajetória, ou seja, hipoteticamente os mais antigos. Esse fenômeno, que ocorreu com *logo*, como foi visto, e perdeu seu valor espacial, pode ser também constatado em elementos como *então*, *já*, *ainda*, *agora*, entre outros, em que a origem espacial também se perdeu (MARTELOTTA, 1994).

---

[7] Mais detalhes referentes à análise de Votre (1999) e Ferreira (2000) podem ser encontrados no próximo capítulo deste livro.

Os dados até aqui apresentados apontam para uma situação de certa forma contraditória. Por um lado, tem-se a noção de extensão imagética instantânea, segundo a qual os sentidos do elemento estão, de algum modo, previstos uns nos outros, de maneira que não apresentam uma trajetória linear. Por outro lado, tem-se a noção, associada às propostas sobre gramaticalização do início da década de 1990, de que a mudança é unidirecional e sucessiva, caracterizando-se por uma evolução linear, segundo a qual o valor novo implica sempre a existência de um valor anterior.

Decidir como lidar com essas perspectivas aparentemente contraditórias é um problema que o estudioso da mudança lingüística tem de resolver. Uma possível saída para o impasse é observar a natureza da polissemia e constatar se ela implica um conjunto de manifestações simultâneas de um único sentido ou uma relação de sentidos diferentes que evoluem uns dos outros. Tal procedimento significa focalizar os aspectos cognitivos e conversacionais que estão na base dos fenômenos da referência e da extensão de sentidos, fazendo com que o fator *tempo* deixe de constituir exclusiva perspectiva de observação.

Tomando como base, por exemplo, a mudança *espaço* > *(tempo)* > *texto*, determinados movimentos cognitivos de base metafórica, como já mencionado, parecem ter sido ativados para que a evolução semântica se efetivasse dessa maneira. E são vários os advérbios espaciais que, em diferentes fases da nossa língua, cumpriram essa trajetória.

Traugott e König (1991, p. 190) argumentam que, paralelamente a esses processos de base metafórica, pode ocorrer, em determinadas mudanças por gramaticalização, outro mecanismo, chamado *pressão de informatividade*. Trata-se de um processo em que, por convencionalização de implicaturas conversacionais, o elemento lingüístico passa a assumir um valor novo, que emerge de determinados contextos em que esse sentido novo pode ser inferido do sentido primeiro, independentemente do valor textual das sentenças envolvidas no processo. Os autores demonstram a atuação

desse mecanismo de mudança em casos de elementos indicadores de concomitância ou coocorrência entre fatos, que passam a assumir valor contrastivo (adversativo ou concessivo). Eles ilustram o processo, entre outros exemplos, com a passagem, em língua inglesa, de *while* (concomitância temporal) para *while* (concessivo).

Em língua portuguesa, algo semelhante ocorreu, por exemplo, com o termo *entretanto*, que, atualmente, na norma brasileira, é usado como conjunção adversativa. A origem desse uso está na antiga expressão *entre tanto*, que, segundo Said Ali (1971), desempenhava função de circunstanciador temporal com valor de *entrementes, enquanto isso sucede*. Mais uma vez, vislumbra-se a motivação espacial que implica a utilização da preposição *entre* e o desaparecimento do valor temporal da expressão, o que alterou, com o tempo, a configuração da polissemia que a caracterizava.

Outros exemplos de desenvolvimento de valores contrastivos a partir da concomitância temporal podem ser apontados em português. Um deles é o elemento *todavia*, que, segundo Machado (1977, vol. V, p. 311), vem do latim *tuta via*,[8] que primeiramente significou *constantemente, sempre, a cada passo*; depois, *não obstante ainda*.

A passagem a seguir também ilustra o mecanismo de pressão de informatividade. Said Ali (1971, p. 223) apresenta o contexto do qual surge o novo uso contrastivo, ao demonstrar que se pode encontrar *todavia* empregado como correlato enfático de conjunções concessivas:

9) E ainda que alguns sejam de obscura geração, *todavia* são venerados e acatados.

Nesse caso, o valor de tempo indeterminado do elemento *todavia* (=sempre) apresenta-se como simultâneo à idéia concessiva expressada pela sentença anterior. Esse é o contexto que gera, por pressão de informatividade, o uso contrastivo atual de *todavia*.

---

[8] Na expressão *tuta via*, a palavra *via*, que significa *estrada, caminho*, remete a uma origem espacial da expressão que, em português arcaico, passou a assumir valor temporal, significando, de acordo com Machado (1977), *constantemente, sempre*, passando depois a assumir função de conjunção adversativa.

É importante não perder de vista o fato de que os mecanismos referentes à metáfora e à pressão de informatividade não são incompatíveis. Ao contrário, tendem a ocorrer paralelamente no processo de mudança. Os processos metafóricos parecem ocorrer em situações que os estimulam, o que relaciona aspectos cognitivos com aspectos comunicativos.

Não se deve esquecer ainda que esses processos apresentam grande regularidade no que diz respeito ao modo como atuam e à natureza dos elementos lingüísticos sobre os quais atuam. Essa regularidade manifesta-se não apenas em línguas diferentes, mas também em momentos diferentes da evolução histórica de uma mesma língua. A atuação pancrônica regular desses processos manifesta-se não só na tendência à estabilidade que caracteriza a polissemia de alguns elementos em sincronias diferentes, mas também no fato de que trajetórias de mudança de elementos antigos espelham as mesmas trajetórias de elementos atuais. Isso pode ser observado, por exemplo, no arcaico *ende*, cujos usos refletem gramaticalização *espaço* > *(tempo)* > *texto* (MARTELOTTA, VOTRE e CEZARIO, 1996).

A natureza da mudança

Longe de constituírem casos isolados, os exemplos aqui apresentados não são processos de mudança fortuitos. Refletem tendências gerais que parecem estar constantemente na base das transformações sofridas pelos elementos lingüísticos. Os exemplos de gramaticalização *advérbio* > *conjunção* refletem a regularidade com que atuam os processos motivadores das transformações ocorridas com elementos diferentes (embora de natureza semelhante). Essa regularidade evidencia-se ainda mais quando se percebe que os mesmos processos vão caracterizar a polissemia desses elementos em estágios diferentes da trajetória das línguas.

Tais fatos levam à conclusão de que a mudança lingüística não pode ser entendida em termos de uma diacronia linear, caracterizada por transformações decorrentes da evolução temporal. Na abordagem

funcionalista, o fator *tempo*, embora ajude, em alguns casos, na avaliação objetiva da hipótese da unidirecionalidade, não é primordial para a compreensão da mudança lingüística, constituindo a análise diacrônica apenas uma das estratégias possíveis para atestar as tendências pancrônicas (SAUSSURE, 1916/1973), que parecem estar mais associadas à capacidade humana de interpretar o mundo e expressá-lo a outros indivíduos. Como afirma Lyons (1979, p. 49), que já chamava atenção para a ingenuidade da distinção sincronia/diacronia:

> A transformação da língua não é nunca uma função do tempo, nesse sentido. Há muitos fatores diferentes que, tanto interna quanto externamente, podem determinar a sua transformação de um estado sincrônico para outro; o passar do tempo apenas possibilita a interação desses vários fatores.

Lyons (1979, p. 50) menciona também o fato de que a evolução diacrônica só tem utilidade quando aplicada macroscopicamente, já que seria errôneo supor que as línguas são completamente uniformes em um determinado momento de sua evolução.

O caso já mencionado da passagem de *mal* de advérbio para prefixo parece acrescentar mais um dado a essa questão: o valor prefixal do elemento renova-se em novas utilizações, independentemente da sua existência histórica em outros contextos em que se combina com outros elementos lexicais. Isso indica a possibilidade de as tendências de mudança atuarem repetidamente no desenvolvimento de novos usos. Tal atuação, nesse sentido, independe do fator *tempo*, sublinhando a importância do contexto atualizado de uso como elemento gerador de novas significações.

Assim, a mudança lingüística deve ser entendida como um fenômeno tridimensional, ou seja, a trajetória de mudança de um elemento lingüístico é um reflexo de, pelo menos, três aspectos diferentes: *tempo* e, sobretudo, *cognição* e *uso*. Se *tempo* é fator necessário para que os processos de mudança se façam sentir, *cognição* e *uso* são de fundamental importância para uma teoria que interpreta as línguas humanas como o reflexo do comportamento, no ato

concreto da comunicação, das restrições cognitivas associadas à captação de dados da experiência, à sua compreensão e ao seu armazenamento na memória, assim como à capacidade de organização, acesso, utilização e transmissão adequada desses dados. Nesse sentido, a mudança ocorre pela necessidade diferenciada da atuação desses fatores cognitivos, que é ditada no contexto de cada distinta situação de comunicação.

Aceitar essa visão da mudança lingüística implica levar em consideração o que Salomão (1999) caracteriza como *usuário voluntarioso da língua*. A situação comunicativa real é o palco, no qual a atuação inovadora do falante cria novos significados que são ratificados no curso da interação. É também fundamental, nesse caso, compreender a significação como algo que depende bastante do contexto, o que significa admitir que os elementos lingüísticos não têm uma total autonomia semântica ou um sentido apenas dicionarizado, relacionado à sua estrutura como elemento autônomo.[9]

Deve-se, portanto, deixar de lado a proposta tradicional da semântica da referência, segundo a qual uma expressão lingüística é convencional e idiomatizada, semanticamente autônoma e capaz

---

[9] Essa posição teórica pode ser vista em Lakoff e Turner (1989). Entretanto, esses autores, embora neguem a teoria do sentido literal, defendem a existência de alguns conceitos autônomos: *cachorro*, por exemplo, é um conceito autônomo, mas a noção de *lealdade do cachorro* só pode ser compreendida por meio de uma metáfora, que relaciona o comportamento do animal com uma característica humana. Essa concepção está muito associada a uma visão sincrônica da linguagem. Pode-se argumentar que os chamados *conceitos autônomos* são, na realidade, elementos automatizados ou idiomatizados, no sentido de que sua origem perdeu-se com o tempo e que seu valor atual, livre da presença de seu uso motivador, deixa de constituir, conforme Bloomfield (ap. McMahon, 1996) um *sentido marginal* (estendido de um *sentido central* anterior), para assumir o *status* de *sentido central*, a partir dos quais passam a se desenvolver outros *sentidos marginais*. A idéia da existência de conceitos autônomos se enfraquece quando pensamos que conceitos hoje aceitos como convencionais são, na verdade, resultado de mudanças semânticas, cujas origens perderam-se com o tempo. É o caso, por exemplo, de *estar*, proveniente de *stāre*, que, segundo Machado (1977), significava "estar de pé; agüentar-se (falando de tropas)", sentido diferente do que apresenta hoje. Ou o caso de *convite*, que, de acordo com Said Ali (1970), provém do italiano *convito*, significando originariamente *banquete*.

de fazer referência à realidade objetiva. Nessa perspectiva, a realidade possui existência independente da compreensão humana, tendo como conseqüência o fato de as afirmações poderem ser objetivamente verdadeiras ou falsas. A significação, ao contrário, parece ter um caráter elástico, pois se estende, adaptando-se a diferentes contextos, em função de necessidades comunicativas localizadas. Nos termos de Marcuschi (2000), a significação é negociada pelos interlocutores em situações contextuais específicas, o que torna possível que os elementos lingüísticos se adaptem às diferentes intenções comunicativas, apresentando flutuações de sentido.

Entretanto, tais flutuações de sentido, como já visto, não se dão de modo aleatório. Estudos históricos indicam uma forte regularidade nos processos de mudança, no que diz respeito aos mecanismos que os atualizam e à natureza do elemento envolvido.

Esses comentários levam à conclusão de que as mudanças de uma língua devem ser compreendidas como movimentos que se iniciam no instante em que um indivíduo produz seu discurso para um interlocutor específico, em uma situação comunicativa determinada. Se por um lado a produção discursiva é limitada pelas restrições já consagradas na gramática da língua, por outro constitui um processo criativo no qual o falante recria formas e estende sentidos de acordo com suas limitações cognitivas e as necessidades comunicativas impostas contextualmente. Quando essas recriações são, nas palavras de Bolinger (1975, p. 389), *percebidas, apreciadas e adotadas*, elas permanecem, podendo vir a gerar situações efetivas de mudança.

Estabilidade e continuidade semântica e sintática

Lucia Maria Alves Ferreira

A comparação de enunciados representativos de diferentes sincronias do português e do latim indica que, ao lado de mudanças de ordem fonológica, morfológica, sintática e semântica, que muitas vezes podem ser diacronicamente atestadas, a língua apresenta também uma estabilidade que se manifesta em todos os níveis da sua estrutura. Diferentemente do fenômeno da mudança, no entanto, a estabilidade não tem recebido atenção por parte dos lingüistas. Conforme aponta Votre (2000, p. 86), estamos tão acostumados à tradição histórico-comparativa e neogramática, que privilegia a mudança, que "quase perdemos a capacidade de examinar o estável, o permanente, o duradouro".

Neste capítulo serão apresentadas evidências de estabilidade sintática e semântica na língua a partir da análise contrastiva de enunciados representativos de diferentes sincronias do português e do latim. As análises privilegiam uma abordagem pancrônica dos fenômenos lingüísticos, isto é, simultaneamente sincrônica e diacrônica, na medida em que nem a abordagem sincrônica, essencialmente estática, nem a diacrônica, demasiadamente comprometida com a mudança, permitiriam que se observasse com maior transparência a natureza sistemática e estável das relações polissêmicas, dos usos e das construções em que se encontram os itens focalizados.

O olhar pancrônico pressupõe a adoção explícita do princípio do uniformitarismo como hipótese de trabalho. Tomado emprestado

da geologia do século XVIII, o uniformitarismo tornou-se uma das bases do pensamento neogramático. Em formulação de Brugman (ap. LABOV, 1994, p. 22), "os fatores que produziram mudanças na fala humana cinco ou dez mil anos atrás não podem ter sido essencialmente diferentes daqueles que estão operando ou transformando as línguas vivas". No âmbito dos trabalhos aqui relatados, a estabilidade semântico-sintática dos itens examinados em diferentes sincronias está relacionada, assim como a mudança, a princípios gerais, de caráter atemporal, que refletem processos contínuos, regulares e estáveis na mente dos falantes, que os atualizam a cada enunciado, há muitos séculos.[1]

Outro ponto em comum entre as análises é a problematização do princípio da unidirecionalidade *concreto* > *abstrato* na derivação, no curso do tempo, de novos sentidos e usos para os itens lingüísticos. Na medida em que a maioria das formas e dos sentidos examinados, mesmo os mais abstratos, já estava disponível nas sincronias mais distantes do português e do latim, não foram encontradas evidências de que os sentidos mais abstratos e genéricos são derivados dos mais concretos e específicos no curso do tempo. Mesmo nos casos em que não foram identificados usos mais abstratos em uma sincronia mais distante, não se pode ter certeza de que não circulavam na língua ou, como prefere Votre (1999, 2000), "se estavam disponíveis, potenciais, e não aparecem nos dados porque não houve aí contexto que os aninhasse".

No que se segue serão abordados três trabalhos de orientação pancrônica que comparam enunciados de diferentes sincronias da língua. Nos três casos, visando à cooperação com o leitor e a uma maior inteligibilidade dos exemplos, a sincronia mais recente será examinada em primeiro lugar. Oliveira (1997) enfoca a trajetória de gramaticalização de *onde* examinando dados de língua em uso no português contemporâneo, no português do século XVI, no

---

[1] Ver o capítulo anterior deste livro sobre o princípio do uniformitarismo aplicado à mudança lingüística.

português do século XIII e no latim. Além de indícios de mudança, a autora observa instâncias de continuidade e estabilidade.

Ferreira (2000) focaliza o modal *poder* observando que, diferentemente do que aconteceu com os modais *can* e *may* do inglês, cujo processo de gramaticalização e abstratização é amplamente documentado na literatura, a maioria dos usos do verbo *poder* apresenta uma estabilidade semântico-sintática que se manifesta em enunciados representativos de três sincronias situadas em um período de 22 séculos.

Votre (2000) examina construções sintáticas complexas que contêm os verbos *achar*, *pensar*, *saber* e *ver* em que o objeto direto é uma oração, desenvolvida ou reduzida. Buscando fontes de referência sobre a semântica e a sintaxe das construções no português oral contemporâneo, no português arcaico e no teatro latino, o autor enfraquece o princípio derivacionista, que prevê caminho unidirecional do concreto para o abstrato. Em vez de falarmos em derivação de sentido, propõe o autor, devemos enfatizar as relações entre sentidos, sem garantir qual teria sido o sentido fundante.

Os usos de *onde*

Examinando a trajetória do elemento *onde*, seus diversos significados e usos, Oliveira (1997) examina o caráter multicategorial e multifuncional de *onde* não apenas nas várias sincronias do português, mas também no latim.

No português contemporâneo, *onde* tende a atualizar outros sentidos diferentes do sentido de lugar comumente usado. Assume valor anafórico-discursivo de espaço dentro do próprio texto, de tempo, chegando, em alguns contextos, a perder totalmente o sentido original de espaço físico, passando a ser utilizado como um marcador discursivo, vazio de significado, funcionando como um recurso para manter a continuidade do discurso. Nos exemplos a seguir, do *corpus* D&G/Natal (FURTADO DA CUNHA, 1998), ilustram-se alguns dos usos mais abstratos e não-canônicos de *onde* no português contemporâneo.

1) O meu forte mesmo é ampliar desenhos. *Onde* eu acho um desafio. Pois eu tenho de chegar à perfeição. O meu objetivo é fazer um desenho mais parecido e possível daquele outro (língua escrita, oitava série).

2) ...quando chegou no acampamento... ele pegou a comida que tava tudo junto e dividiu... sendo que... cada pessoa comia de cada coisa uma... ou seja... o que eu levei... eu não comi sozinho... eu tive que dividir com todos os amigos... depois disso... teve a noite *onde* foi escolhido o grupo de cinco pessoas mais ou menos... (língua falada, oitava série).

3) ...às vezes pessoas que roubam... um saco de feijão... um relógio... tá na cadeia... enquanto que outros que deu prejuízo à sociedade... milhões e milhões... bilhões até... de dinheiro que foi tirado da população e tá aí à solta... por quê? porque tem dinheiro... *onde* a justiça do Brasil só é válida para os pobres... (língua falada, oitava série).

No exemplo 1, Oliveira observa que o elemento *onde* refere-se não a um espaço físico (cf. "A casa *onde* morei"), seu sentido canônico, mas a um espaço no discurso. Retomando o enunciado precedente, *onde* funciona como um elemento anafórico equivalente a *isto*, aparecendo inclusive depois de uma grande pausa prosódica. Passa a expressar no texto um outro lugar: o discursivo, conservando assim seu conteúdo semântico original de lugar, embora, ao mesmo tempo, assuma outros sentidos diferentes de lugar físico. Já no exemplo 2, *onde* refere-se a *a noite*, que não é nem espaço físico nem discursivo, e sim espaço de tempo. No exemplo 3, por outro lado, *onde* parece exercer uma função textual, organizadora do discurso, semelhante à de um conector causal. Nesse caso, já perdeu muito de seu sentido original de espaço físico, e, mais vazio de significado, funciona como um elemento de ligação, organizador das idéias. Esses exemplos seriam evidências sincrônicas da trajetória de gramaticalização do elemento *onde*, que teria obedecido ao esquema *espaço* > *tempo* > *texto*, desenvolvido no curso do tempo.

A análise da ocorrência de diferentes sincronias do português realizada por Oliveira revela que *onde* já expressava, em outros períodos evolutivos da língua, alguns dos sentidos mais abstratos encontrados no português contemporâneo. Esse fato contraria a

expectativa de que na análise das sincronias mais distantes seriam encontradas apenas evidências dos estágios concernentes aos sentidos mais concretos. No exemplo 4, a seguir, do século XVI, *honde* não se refere a um espaço físico, mas a tudo que foi argumentado antes, funcionando, portanto, como um elemento anafórico-discursivo, com sentido de conclusão:

4) *Imprimatur* à Gramática de José de Anchieta (DÉSIRÉ, s/d)
"Licença"
Vi por mandado de Sua Alteza eftes liuros de Grammatica & Dialogos compostos pelo Padre Ioseph de Anchieta Provincial, que foy da Companhia de letra noffa Sagrada Religião, nem bos custumes, antes muytas que feruirão muyto pera melhor inftruição dos Cathecumenos & augmento da nova Chrinftãdade daquellas partes & pera com mais facilidade & fuauidade fe plantar & dilatar nellas noffa Sancta Fee. Alem da fatisfação & edificação que ha por toda aquela costa de grande virtude, religião & exemplo do Autor de que sempte darey testemunho. Por *honde* me parece que fedeuem de imprimir estas suas obras. Em Lisboa, a vinte & cinco de Septembro, de mil & quinhentos & noventa & quatro.
Augustinho Ribeyro

Oliveira oferece-nos ainda um exemplo do século XIII, em galego, encontrado na *Crestomatia Arcaica*, no capítulo II das Ordenações de D. Afonso II (NUNES, 1943). No exemplo 5, *onde* parece referir-se a tudo que foi dito antes, funcionando como um conector discursivo, com valor conclusivo, sem significado necessariamente locativo.

5) Dos Dezemos Que An A Dar Os Cristiãos A Sancta Igreia
Abraam fuy o primeyro dos proffetas e fuy muy sancto ome e tã amigo de Deus que disso por el que eno seu linnage seeriã beeytas todalas gentes e este connosçendo que era pouco aquello que dauã os que foron ante que el a Deus, segundo os bees que del rreçebiã, comezou el a dar o dezemo de mays das primiçias e das offerendas que elles dauã e dou-lo primeyramete a Melchisedec, que era sacerdote, e sennaladamete dou o que gaannou dos rreys que uencio, quando les tollio a Loth, sou sobrino, que leuauã catiuo. *Onde*, enas duas maneyras de siruiçio de primiçias e de offerendas que sõ ditas eno titulo ante deste e en esta terceyra, que é dos dezemos, husarõ os omees de siruir a Deus...

Com referência ao latim, Oliveira observa, a partir de exemplos encontrados em gramáticas históricas e latinas, que a forma *ubi*, que, juntamente com *unde*, teria sido precursora do *onde* português, além do sentido canônico de lugar, era usada também com valores temporal e conclusivo.

Oliveira conclui que, em seu percurso histórico, *onde* mantém seu sentido original e que outros sentidos surgem sem que o primeiro desapareça. Como nem sempre os mesmos valores e usos são encontrados em todas as sincronias, a autora postula que alguns sentidos seguem uma "espécie de onda cíclica, realizando um movimento de emergir e submergir". A essa interpretação dos dados acrescentamos outra: é possível que os valores e usos mais abstratos tenham estado sempre disponíveis na língua, mas que a análise das evidências históricas realizadas pela autora simplesmente não os tenha flagrado.

O modal *poder*

Grande parte das hipóteses acerca do desenvolvimento dos itens que expressam a noção de modalidade propostas na última década prevê trajetórias diacronicamente estáveis de abstratização do sentido. Bybee, Perkins e Pagliuca (1994), por exemplo, postulam que itens lingüísticos que se referem à capacidade física, uma modalidade exclusivamente orientada para o agente, podem, com o tempo, vir a expressar noções como a possibilidade epistêmica, uma modalidade mais abstrata e orientada para o falante. Esta parece ter sido a trajetória de desenvolvimento de *may*.[2]

Também Traugott (1989) postula que os modais, originalmente verbos plenos, com sentidos concretos, seguindo tendências universais de mudança semântica, tornam-se progressivamente mais abstratos e orientados pela atitude subjetiva do falante em relação à proposição.

---

[2] Segundo Bybee (1988), *may* era usado em referência a habilidade física ou poder e, gradualmente, por um processo de generalização, no final do período denominado Middle English (1125-1500), passou a indicar a possibilidade de raiz, a permissão e a possibilidade epistêmica.

Em relação aos verbos modais do português, também se baseando no princípio da unidirecionalidade *concreto* > *abstrato* na mudança semântica e na gramaticalização, Rigoni Costa (1995) identifica, no português contemporâneo, evidências de um processo diacrônico de desenvolvimento dos verbos.

As postulações de mudança lingüística acima prevêem não apenas estágios em que os sentidos fundantes e os novos convivem, mas também o desaparecimento de tais sentidos. A polissemia das formas em uma mesma sincronia revelaria os diversos estágios da trajetória *concreto* > *abstrato* de um processo de mudança diacronicamente atestável. Nas palavras de Tabor e Traugott (1998), tais postulações prevêem isomorfismo entre o desenvolvimento histórico e as relações sincrônicas entre itens polissêmicos.

Em relação ao verbo *poder*, entretanto, pode-se verificar que as noções contextualizadas por esse verbo no português contemporâneo já estavam disponíveis no verbo *posse*, que deu origem a *potere* e posteriormente a *poder*, desde a fase arcaica da língua latina (Ferreira, 2000). Isso significa dizer que o possível desenvolvimento dos sentidos mais abstratos do modal a partir dos sentidos mais concretos não poderá ser atestado diacronicamente a partir do latim, ao menos com base nos dados coletados até o momento.

Os três exemplos a seguir, do português contemporâneo,[3] do português do século XVI e do latim arcaico do século II a.C., respectivamente, ilustram o uso do modal para codificar a possibilidade epistêmica, ou seja, uma noção mais abstrata do que outras mais concretas, como a capacidade atribuída ao sujeito, ou mesmo uma possibilidade mais factual, também codificadas pelo verbo nas três sincronias.

---

[3] Na tese de doutorado de Maria Lucia Alves Ferreira (2000) são examinadas amostras representativas de três sincronias do português: a) o *corpus* D&G/Rio de Janeiro (Votre e Oliveira, 1995), para o português contemporâneo; b) os Autos da *Barca do Inferno*, *Barca do Purgatório* e *Inês Pereira*, de Gil Vicente, e o *Auto das Regateiras*, de Antonio Ribeiro Chiado, para o português do século XVI; c) o *Amphitrvo*, de Plauto, para o latim arcaico. No presente trabalho, é também analisado um enunciado da peça *Asinaria*, de Plauto, do século II a.C.

6) I: nunca... pra falar a verdade... nunca digo que eu sei fazer alguma coisa... eu sempre parto do princípio que alguém sabe fazer melhor do que eu... *posso* não conhecer, mas... alguém algum dia vai aparecer sabendo fazer melhor do que eu...
=É possível [eu não conhecer]

7) Pero: E esta de qu'anos será? [referindo-se à idade da escrava] (...)
Velha: Não queira Deos que vos menta:
houve-a no tremos da terra;
pode agora ser essa perra – *Auto das Regateiras 806*
môça d'alguns cincoenta,
salvante s'a conta erra.
= Pode ser [que ela tenha uns cinqüenta anos] É possível [que tenha...]

8) Demaenetvs: Non esse seruus peior hoc quisquam *potest* – *Asinaria 118*
Nec magis uersutus nec quo ab caueas aegrius.
Ninguém pode ser um escravo pior do que esse
Nem tão astuto nem tão difícil de quem você tenha que se precaver
= *Não é possível [que alguém seja um escravo pior...]*

A análise indica, portanto, que, no caso de *poder*, a direcionalidade *concreto* > *abstrato* na mudança lingüística não é cronologicamente verificável, na medida em que tanto a noção mais concreta (a capacidade) quanto a mais abstrata (a epistêmica, exemplificada acima) coexistem há muitos séculos.

A estabilidade dos usos de *poder/posse* manifesta-se não apenas no fato de que nas três sincronias ilustradas o modal coocorre com verbo no infinitivo e que o sentido codificado é o da possibilidade epistêmica. Observe-se que nos três exemplos as paráfrases indicam que a modalidade incide sobre toda a proposição. A possibilidade epistêmica envolve o falante em um processo inferencial no qual ele expressa seu comprometimento em relação à possibilidade de atualização da proposição e tem, portanto, toda a proposição como escopo. Em outras palavras, o modal epistêmico veicula um julgamento subjetivo do falante acerca do conteúdo proposicional, e esse fato é iconicamente representado na gramática pelo escopo mais amplo, como indicam as paráfrases nos exemplos 6, 7 e 8[4] e a

[4] Observe-se que o exemplo 8 admite também a seguinte leitura: *Ninguém é capaz de ser escravo pior do que este.* Nesse caso, a modalidade estaria incidindo sobre o sujeito, e não sobre a proposição. A identificação do escopo da modalidade é problemática em muitos casos.

incidência da negativa sobre a predicação principal, e não sobre o modal no exemplo 6.

A estabilidade dos usos mais abstratos de *poder* e *posse* em diferentes sincronias do português e do latim manifesta-se também em usos mais voltados para a interação, na ocorrência do modal em atos de fala manipulativos, isto é, atos verbais por intermédio dos quais o falante tenta levar seu interlocutor a agir (GIVÓN, 1993). Na maioria das vezes, trata-se de permissões, pedidos e ordens, atos que envolvem o falante em uma relação de maior ou menor tensão quanto a seu interlocutor e que estão associados a fatores como distanciamento social e tipo de imposição, entre outros. As ocorrências a seguir, do português do século XVI e do latim arcaico, ilustram atos de fala que podem ser indiretamente interpretados como pedidos, ou até mesmo ordens, dependendo da relação de poder entre os interlocutores:

9) Velha: E dar-vos-ei ua escrava
que trabalha como zeina: [égua]
amassa e esfrega e lava.
Pero: E essa não se *pode* ver? – *Auto das Regateiras 787*
Velha: Sim, Jesu, logo ness'hora.
Cadela, aí ca fora!
[Pero Vaz pedindo para ver a escrava, parte do dote de Beatriz]

10) Mercvrivs: *Possum* scire, quo profectus, cuius sis, aut quid ueneris? – *Amphitrvo 346*
Sosia: Huc eo, eri sum seruus.
Mercúrio: Posso saber onde vais, a quem pertences ou por que vieste?
Sósia: Vou para lá. Sou servo de meu amo.
[Mercúrio pede informação a Sósia fingindo não conhecê-lo]

11) Ivppiter: Nimis iracunda es.
Alcvmena: *Potin*[5] ut abstineas manum? – *Amphitrvo 903*
Júpiter: Estás muito irritada.
Alcmena: Podes tirar a mão de mim?
[Alcmena pede/ordena ao marido que se afaste dela]

---

[5] Segundo Ernout e Thomas (1953), a construção *potin ut...?* é formada a partir de *pote est* ("é possível").

Observe-se que a interpretação dos enunciados 9, 10 e 11 como atos de fala manipulativos é pragmaticamente motivada, na medida em que construções semelhantes com *poder* são freqüentemente associadas à noção de possibilidade. Os enunciados são, portanto, ambíguos e sua interpretação depende fundamentalmente de parâmetros externos, pragmáticos. Uma vez que não são entendidos pelos interlocutores como perguntas acerca da possibilidade de realização das ações, sua interpretação como pedidos ou ordens é acionada por um mecanismo inferencial associado a uma implicatura conversacional (GRICE, 1975; LEVINSON, 1983).

A análise desses exemplos, que encontram sua contrapartida em ocorrências do português contemporâneo, evidencia que basicamente as mesmas estratégias comunicativas e as mesmas inferências relacionadas ao uso de *poder* e *posse* vêm sendo usadas pelos falantes há mais de 22 séculos, o que significa que as pressões funcionais e comunicativas que motivam sua ocorrência e cristalização são contínuas e regulares, e, tudo indica, permanecem inalteradas.

É verdade que alguns usos de *posse* do latim desapareceram da língua,[6] mas a análise de ocorrências em sincronias tão distantes entre si aponta mais para a estabilidade dos mecanismos inferenciais que propiciam as extensões de sentido do que para a mudança. O fato de que sentidos tanto mais concretos, orientados para o agente, quanto mais subjetivos, centrados no falante, estavam disponíveis na sincronia mais distante sugere que, no caso do modal *poder*, as relações entre os sentidos mais concretos e os mais abstratos têm a ver com leis gerais, de caráter pancrônico, atemporais. Em outras palavras, o fato de que relacionamos a noção de capacidade à de possibilidade e esta à de permissão não tem caráter linear, temporal, nem reflete tendências estruturais. Ao contrário, está relacionado ao caráter imaginativo do pensamento humano e a pressões de ordem cognitiva e comunicativa

[6] Ferreira (2000) identifica na amostra latina um uso de *posse* não registrado nas duas amostras do português. Trata-se de uma ocorrência em que o verbo, na forma passiva, significa *tomar posse*.

que fazem com que estejamos continuamente atualizando nossa capacidade imagética e aplicando-a a situações que percebemos como análogas às que já vivenciamos.

Os verbos de cognição

Contrastando usos dos verbos *ver*, *achar*, *pensar* e *saber* em duas diferentes sincronias da língua portuguesa e no latim, Votre (1999) propõe uma revisão das hipóteses clássicas de unidirecionalidade na mudança semântica e sintática nos processos de gramaticalização. Segundo essas hipóteses, os sentidos tornam-se gradativamente mais genéricos e abstratos, e, no que diz respeito à mudança sintática, as construções podem tornar-se, com o tempo, sintaticamente mais integradas.

A partir de dados que indicam que os usos mais abstratos desses verbos já estavam cristalizados no latim, o autor propõe que é mais adequado falar da relação entre as noções expressadas pelos verbos do que de derivação e de processos diacrônicos de mudança. No que diz respeito à mudança semântica, as evidências indicam que cada camada de sentido disponível no português contemporâneo coexistiu com sentidos de fases precedentes, representando processos estáveis, como indicam os exemplos de usos do verbo *ver* a seguir, examinados pelo autor:

a. *Corpus* D&G/Rio de Janeiro, 1995

12) Deixa eu *ver* o que que tem mais no meu quarto... [lembrar, pensar]

13) Ele diz que *vê* você passando todos os dias aqui na rua. [ver com os olhos]

14) Com o tempo fui *vendo* que não era nada disto. [perceber, concluir]

15) Aí eu falei até com meu namorado pra *ver* se ele se mancava. [testar, verificar, julgar]

b. Gil Vicente, *Auto das Barcas* e *Inês Pereira*, século XVI

16) Fidalgo: Parece-me isso cortiço!
Diabo: Porque a *vedes* lá de fora! [ver com os olhos]

17) Diabo: Ora entrai nos negros fados, / ireis ao lago dos cães, / e *vereis* os escrivães / como estão prosperados! [perceber]

18) Anjo: *Veremos* se vem alguém / merecedor de tanto bem / que deva de entrar aqui. [verificar, checar]

19) Diabo: Tomareis um par de remos, / *veremos* como remais! [avaliar]

c. Plauto, *Amphitrvo*, latim arcaico, século II a.C.

20) Alcmena: Atque me nunc proinde appellas, quase multo post *videris?*
Como fala assim comigo, após teres me visto há pouco?
Amphitrvo: Immo equidem te nisi nunc hodie nusquam *vidi* gentium.
De fato, não vi você esta manhã, estou seguro disso! [ver, literalmente]

21) Blepharo: Vos inter vos partite: ego abeo, mihi negotium est, neque ego unquam usquam tanta mira me *vidisse*, censeo.
Vocês, dêem o fora! Estou fora disso. Até hoje, nunca vi tanta coisa fantástica, certamente. [experimentar, perceber]

22) Amphitrvo: Sequere hac igitur me; nam mihi istuc primum exquisito est opus. Sed *vide* ex navi efferantur ut quae imperes compareant.
Por favor, fiquem comigo. Primeiro, cabe resolver este mistério. Mas vejam tudo o que sair dos navios, para que venham para cá. [verificar, checar]

23) Mercurius: Hinc enim dextravox auris, ut *videtur*, verberat.
De fato, vejo que alguma coisa soa, no ouvido direito. [perceber com os ouvidos, ouvir]

As evidências oferecidas pelos enunciados com *ver* indicam, segundo Votre, a necessidade de enfraquecer a hipótese de unidirecionalidade *concreto* > *abstrato* como trajetória atestável diacronicamente. Na perspectiva proposta pelo autor, nada desaparece ou é inteiramente novo. Tudo está em processo de adaptação às novas situações, sendo reformatado, mas sem evidências de que um uso precede o outro no curso do tempo.

No que diz respeito à hipótese de que as construções tendem a tornar-se mais integradas no curso do tempo, o estudo indica que, no caso do verbo *ver*, não há evidência de movimento para maior integração no período de 22 séculos examinado.

O verbo *achar*, do latim *adflare* > *aflare*, oferece-nos outra ordem de evidências. No latim, o verbo tinha significados relacionados aos atos de soprar, inspirar, farejar, como em *Canis afflat venatum* ("O cachorro fareja a presa"), que podia ser metaforicamente interpretado como "O cachorro acha a presa". Essa extensão de

sentido é um indício da abstratização de *adflare* já no latim. A forma *achar* do português sofreu alterações fonéticas em sua evolução do latim, mas o verbo *aflar* ainda está disponível no português contemporâneo e significa soprar ("Leques aflavam de leve sobre os colos orvalhados de pedrarias" – Coelho Neto, *A tormenta*).

Em relação à integração sintática de construções com o verbo *achar*, o autor mostra-nos que no português arcaico, como no contemporâneo, o verbo *achar* podia ser seguido de sintagma nominal ou de complemento oracional com verbo finito. Contrariamente às expectativas, no entanto, uma construção com maior nível de integração sintática é encontrada no português arcaico: *x + complemento oracional infinitivo*, exemplificada a seguir:

24) E mãdou viinr cõmigo hua muy honrada dona diaconyssa, per nome chamada Romana, a qual, quando ueo, *achou* iazer aos pees do sancto bispo Nono Pelagia com gran planto e doo.

A construção 24, que não ocorre no português contemporâneo, parece expressar uma decisão e assemelha-se, em seu uso, à construção cristalizada *achar + de + infinitivo* do português contemporâneo: *achou de beber*.

O fato de a construção *achar* + infinitivo, mais integrada, ocorrer no português arcaico e ser inexistente no português contemporâneo desautoriza o princípio de unidirecionalidade na integração sintática como pressuposto absoluto da mudança lingüística.

Em relação ao verbo *pensar*, o termo que lhe deu origem, *pendo, pependi, pensum, pendere*, significava suspender, pendurar, pesar, especialmente os pratos da balança, pagar e, ainda, pesar mentalmente, ponderar, considerar, estimar, julgar. Em sua argumentação a favor da hipótese de que a faculdade metafórica da linguagem opera de modo instantâneo, ancorada no contexto de cada interação, Votre faz uma interessante observação acerca dos usos do verbo no latim. Ao mesmo tempo que servia para a idéia de pesar, atribuir valor ao trabalho por meio do peso da lã, no período romano, o verbo também era utilizado com o sentido de pesar

palavras, idéias, propostas, tal como fazemos hoje, ou seja, seu sentido não se tornou mais abstrato no curso do tempo.

Observação semelhante é feita a respeito de *saber*. No latim, a configuração semântica de *sapere*, "ter o sabor", incluía os sentidos de ter senso, discernimento, conhecer, compreender, associados ao verbo no português contemporâneo.[7] Outra vez argumentando que é mais adequado falar de uma correspondência metafórica instantânea do que de transferência metafórica, Votre (2000, p. 87) pergunta-se até que ponto o segundo saber é distinto do primeiro, ou dele derivado. Como provar que os dois sentidos não coincidem ou não se emaranham de forma inextricável? "Até que ponto temos em nós uma substância mental distinta da corporeidade?"

Concluindo sua análise de *ver*, *achar*, *pensar* e *saber*, Votre (2000) observa que suas configurações sintático-semânticas no português são intimamente relacionadas às configurações correspondentes no latim. O padrão geral que emerge da análise é, portanto, regular, contínuo, resultando em uma gramática que resistiu a mudanças culturais, políticas e históricas. A partir dessa constatação, o autor propõe um princípio de *extensão imagética instantânea*, não desenvolvido no curso do tempo, segundo o qual

> a faculdade metafórica da linguagem opera de modo instantâneo, no sentido de que todas as virtualidades e potencialidades de sentido de um termo se tornam disponíveis na mente das pessoas que interagem na comunidade discursiva, ancoradas no contexto situacional de cada interação (id., ib., p. 72).

Por uma interpretação funcionalista da estabilidade

A perspectiva pancrônica do estudo dos fatos lingüísticos, ao permitir a comparação entre várias sincronias da língua, dá maior visibilidade aos aspectos relacionados à continuidade e à estabilidade, e, conseqüentemente, os resultados das pesquisas

---

[7] Observe-se que o sentido *ter sabor* é corrente no português de Portugal. No Brasil, é freqüente no Nordeste e também na língua literária: "Não sabe a mel, são sabe a fel, é de papel" (Ferreira Gullar).

confrontam-nos com um novo elenco de questionamentos.[8] Como evidenciado nos trabalhos aqui relatados, as hipóteses de trajetórias unidirecionais de desenvolvimento semântico-sintático precisam ser enfraquecidas, na medida em que, muitas vezes, configurações semântico-sintáticas supostamente "mais jovens" (porque mais abstratas) são observadas na sincronia mais remota, coexistindo ao lado de configurações mais concretas, que, por sua vez, permanecem, desafiando todas as pressões históricas e culturais que poderiam ter levado ao seu desaparecimento ou mudança. Resta-nos, então, perguntar como e por que isso acontece.

Votre (1999) vem trabalhando com a hipótese de extensão imagética instantânea, e não desenvolvida linearmente no curso do tempo. Segundo essa hipótese de correspondência metafórica, as tendências presentes em determinado momento do passado atuam no presente e continuarão a atuar, da mesma forma, indefinidamente, sempre que o contexto situacional de cada interação assim o exigir.

A adoção desse princípio ajudar-nos-ia, por exemplo, a entender a aparente onda cíclica em que sentidos parecem emergir e submergir, observada por Oliveira acerca dos usos de *onde*. O princípio também nos permitiria entender que as inferências pragmaticamente motivadas associadas aos usos de *poder* e *posse* em atos de fala manipulativos estão relacionadas a pressões cognitivas e comunicativas que vêm atuando de forma regular e constante em situações reais de uso há pelo menos 22 séculos e que provavelmente continuarão a atuar enquanto o falante perceber os contextos situacionais de uso como análogos. Por fim, a hipótese de que a produção de extensões metafóricas ocorre simultaneamente e não de forma processual, ao longo do tempo, também nos auxilia a entender que, ao lado dos processos que mostram a maleabilidade e flexibilidade da língua, existem aqueles que apontam para a permanência da sintaxe e da semântica.

---

[8] Estudos diacrônicos também permitem a comparação entre várias sincronias. A pancronia é, no entanto, mais abrangente porque engloba as sucessividades e os estados.

Lingüística funcional aplicada ao ensino de português

Mariangela Rios de Oliveira
Victoria Wilson Coelho

Apresentados os fundamentos básicos do funcionalismo, acompanhados de sua respectiva ilustração em língua portuguesa, o presente capítulo volta-se para a demonstração da aplicabilidade do aparato teórico referido segundo o ensino da língua materna no Brasil nos níveis fundamental e médio. Nesse sentido, trata-se de uma mediação entre teorização lingüística e prática pedagógica, uma das concepções epistemológicas da lingüística aplicada.

O que pretendemos é, a partir dos pressupostos abordados anteriormente, oferecer alguns subsídios à investigação do português em sala de aula em termos de instrumental de reflexão e de ação pela linguagem. Acreditamos que a proposta funcionalista, assim como outras correntes de análise lingüística, possa trazer alguma contribuição ao estudo da relação *discurso* × *gramática*, seja na análise de textos, seja na produção de textos. Com base nessa crença, mostraremos como a abordagem funcionalista pode auxiliar nas tarefas referidas.

Evidentemente, não temos a pretensão de dar conta de forma cabal e absoluta dos pontos abordados, menos ainda a ingenuidade de imaginar que estamos elaborando algum receituário para a solução de problemas educacionais, alguns já clássicos, que vêm à tona quando se aborda essa questão em nosso país. Sabemos que há grande, necessária e prudente distância a separar os resultados de

pesquisas mais recentes da realidade das salas de aula de língua portuguesa. A tarefa de ensino, por sua própria natureza, precisa lidar com metodologias e conteúdos mais sedimentados, mais consensuais na comunidade acadêmico-escolar. Portanto, os pontos tratados neste capítulo são alguns dos que circulam com relativa unanimidade na área, tópicos basilares em torno dos quais há certa identidade interpretativa.

Para tratar da aplicação do funcionalismo ao ensino de português, partimos do texto legal, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a LDB 9.394/96, e dos documentos governamentais a partir daí elaborados – fundamentalmente os Parâmetros Curriculares Nacionais, os PCN. Com essa estratégia, buscamos registrar os objetivos gerais de língua portuguesa no ensino fundamental e médio do Brasil, correlacionando-os à perspectiva funcionalista de tratamento lingüístico. Vale ressaltar que as metas consubstanciadas nos referidos documentos são resultantes, em muitos aspectos, da consolidação e do desenvolvimento da pesquisa lingüística brasileira, do maior conhecimento acumulado nessa área científica.

No segundo momento, procedemos à análise de oito textos elaborados por membros da comunidade estudantil nacional[1] à luz da associação estabelecida anteriormente – objetivos de ensino/proposta funcionalista. Nessa análise, tanto discutimos questões relativas à produção textual (relevância, *status* da informação, transitividade, entre outras) quanto tratamos da categorização gramatical, com comentários referentes à prototipicidade, à seleção lexical, à implicação da correlação sintaxe/morfologia, por exemplo. Nosso objetivo é oferecer uma abordagem que trabalhe a gramática no discurso; em outras palavras, que dê caráter mais global e motivado ao ensino de conteúdos de língua portuguesa. Trata-se de modelos de análise que se revestem de meras sugestões que podem

[1] Quatro textos falados e seus correspondentes escritos, componentes do *Corpus Discurso & Gramática: a língua falada e escrita no Brasil*, organizado pelos membros do grupo de estudos Discurso & Gramática.

e devem ser aprimoradas, complementadas ou refinadas por aqueles que, de fato, têm a responsabilidade nesse empreendimento acadêmico – o corpo docente de língua portuguesa.

Objetivos gerais do ensino de língua portuguesa

Comparadas genericamente as propostas da antiga LDB (5.692/71) com as da atual, em termos de ensino de língua materna no Brasil, o que se destaca na nova orientação governamental são duas vertentes, em torno das quais deve fundamentar-se e inspirar-se a atividade docente nessa área: a transdisciplinaridade e o caráter social do uso lingüístico.

Na LDB/71, ainda persistia a orientação dicotomizada, que destacava, principalmente no ensino médio, conteúdos de literatura e conteúdos de língua, às vezes ainda com uma terceira segmentação – a produção textual. Verificava-se a ênfase na fixação da nomenclatura gramatical, freqüentemente dissociada de análise do uso das categorias a partir de sua ocorrência no discurso. Favorecia-se a repetição do estudo de conteúdos, via de regra não aprendidos, ao longo dos ensinos fundamental e médio, o que concorria para o aumento da sensação de fracasso escolar. Todo esse quadro contribuía para a configuração de uma situação meio paradoxal – uma comunidade de usuários com o sentimento de que não sabia falar sua própria língua, de que ela seria muito difícil, de que se perseguia um ideal quase inatingível – a norma culta escrita.

Com a LDB/96, sobretudo a partir das proposições contidas nos PCN, marca-se o início da mudança no rumo da antiga orientação pedagógica oficial. Se a realidade do ensino em nosso país, em termos gerais, ainda está longe das aspirações consubstanciadas nos PCN, é fato que essa reorientação nos objetivos da atividade docente de língua portuguesa começa já a provocar, no âmbito das secretarias estaduais e municipais de educação e da categoria do magistério em geral, a preocupação com a adoção de novos procedimentos metodológicos, no sentido do alcance dos atuais objetivos educacionais. Toda essa guinada supõe, como ponto de partida,

a alteração da perspectiva em relação ao tratamento e à abordagem das atividades com a linguagem, entre as quais se destaca o ensino de língua materna, área para a qual os pressupostos teóricos funcionalistas podem trazer alguma contribuição. Essa contribuição assume maior relevância diante da constatação da ainda pouco expressiva produção de material didático para ensino de língua materna orientada pela recente perspectiva.

Para o nível fundamental, correspondente ao antigo primeiro grau, os PCN destacam a utilização competente do português não só como instrumental de acesso e apropriação de bens culturais e participação ativa no mundo letrado, como também, e de forma acentuada, sua utilização na resolução e superação de situações e problemas do cotidiano. Em outras palavras, trata-se de uma proposta de ensino numa vertente que podemos chamar de *funcionalista*, em que o aluno trabalha as questões lingüísticas para propósitos pragmáticos e comunicativos de maior evidência, vinculados a seu ambiente histórico-social. Essa prática sintetiza-se na atividade de "análise e reflexão sobre a língua" (PCN, 2000, p. 78), por meio da qual é aprimorada a capacidade de compreensão e expressão dos alunos, em contextos de comunicação oral ou escrita.

O trabalho analítico e reflexivo sobre a língua tem como ponto básico e inicial a observação das estruturas mais regulares verificadas no desempenho discursivo. Ora, o que se está propondo é, na verdade, a investigação dos usos lingüísticos como um contínuo; é a concepção maleável e relativamente instável da gramática, tal como o faz a abordagem funcionalista aqui apresentada. Ao tomar como objeto de ensino para as séries iniciais as estruturas mais sistemáticas do português, os PCN apontam a escalaridade, a prototipicidade das categorias lingüísticas, além de confirmar serem as regularidades pontos de maior visibilidade e saliência perceptual, mais acessíveis, portanto, aos alunos iniciantes.

Para chegarem à investigação das estratégias recorrentes na expressão lingüística, devem as atividades concentrar-se na prática

de revisão textual, contexto privilegiado para a análise mais acurada desses usos. O trabalho de reescritura de textos, realizado preferencialmente em grupo, não visa apenas à detecção de problemas, de estratégias inadequadas que devem ser substituídas, mas sim à procura de alternativas, de outros recursos de organização textual articuladores de distintos efeitos discursivos. Novamente se pode fazer aqui paralelo entre tal concepção e a proposta funcionalista, no sentido de que esta se fundamenta na relação unidirecional *função > forma*, relação em que alteração de configuração implica alteração de conteúdo, em que dizer de outra maneira passa a significar de outra maneira.

A proposta de reescritura abre espaço para o lúdico, para o jogo no ensino de língua portuguesa. Ao acrescentar, retirar, deslocar ou transformar porções ou termos da seqüência textual, os alunos estão aprendendo a manipular não só a estrutura discursiva, mas também os sentidos, os conteúdos por ela veiculados, desenvolvendo individual e coletivamente sua capacidade de percepção dos artifícios ou recursos de linguagem a que todos estão submetidos numa comunidade lingüística. O conhecimento por parte dos docentes de língua portuguesa de questões relativas à informatividade, à transitividade, à relevância e à iconicidade, entre outras, poderá contribuir para a eficácia da prática de reescritura textual, instrumentalizando-os para a análise da macrossintaxe, das relações discursivas, nível de investigação situado além do foco e dos propósitos da gramática tradicional. Nessa tarefa, os compêndios escolares pouco ou nada podem contribuir, uma vez que se esgotam na análise do chamado *período composto*.

Em relação aos pontos clássicos do ensino de língua portuguesa, os PCN também apresentam inovações. Uma delas reside no tratamento da pontuação, questão vista freqüentemente como autêntico obstáculo à apropriação da norma culta escrita. Da proposta de ensino da pontuação como receituário, do tipo *x serve para y*, em que cada sinal, tomado isoladamente, descontextualizado, é visto como referência a um tipo específico de estruturação lingüística,

passa-se à observação da pontuação nas diversas produções textuais, em que se enfatiza e prioriza a discussão das alternativas, das possibilidades de uso dos sinais e dos efeitos de sentido a partir daí articulados. Ao invés de partir dos contextos que devem ser pontuados, a proposta dos PCN, inversamente a tal perspectiva, destaca a única e verdadeira regra orientadora dessa questão, aquela que trata das margens que não podem receber pontuação: entre sujeito e verbo, e entre verbo e seu complemento; tudo o mais fica no âmbito das possibilidades, das motivações. Essa reorientação no ensino de pontuação pode ser trabalhada na perspectiva do funcionalismo, a partir do tratamento da adjacência e da ordenação linear como variáveis sensíveis à articulação de sentido. Ao se pontuar, atenua-se ou quebra-se o vínculo semântico-sintático entre os constituintes textuais, a separação espacial torna-se indicativo de separação nocional; quanto mais os termos estiverem afastados na linearidade, mais seu conteúdo estará dissociado também. A *única regra* referida abre interessante espaço para a discussão da integração SV e VO, em termos de sintaxe canônica do português, e, a partir daí, para todo um trabalho em torno de usos alternativos – de intercalações, de inversões, de rupturas – em que se supera a atitude prescritiva em prol da abordagem reflexiva no ensino de português.

Os pontos gramaticais, conteúdos em que a atividade docente de língua portuguesa tem se pautado prioritariamente, passam a ser tratados nas situações de produção, revisão e reescritura de textos. As questões relativas à morfologia e à sintaxe deixam de representar um fim em si mesmas para se constituírem em pontos cuja análise será necessária ao alcance do competente e eficiente desempenho lingüístico. Trata-se da proposta da gramática no discurso, do reconhecimento dos recursos gramaticais como componentes e concorrentes da tessitura textual.

Nesse sentido, segundo a LDB/96, os aspectos da gramática trabalhados em sala de aula devem ser aqueles de relevância e pertinência para a resolução de problemas acerca da legibilidade

ou da adequação de textos, observando-se ainda a faixa etária dos alunos, em termos de maturidade para a reflexão sobre essas questões. Como a orientação funcionalista assume a prototipicidade categorial, dimensão em que as classes dos distintos níveis de análise lingüística são entendidas como feixes de traços mais ou menos presentes, o que permite o tratamento escalar das mesmas, essa perspectiva não-linear e discreta, de que passa a se revestir o tratamento dos aspectos gramaticais, pode ser abordada pela referida orientação. De acordo com a categorização prototípica, é possível interpretar a definição das classes morfológicas ou funções sintáticas na gramática tradicional como o eixo central, composto pelos traços mais recorrentes de que se costuma revestir a categoria. O que se acrescenta à visão tradicional nos PCN é a perspectiva escalar, a admissão de margens categoriais, a proposta de contínuo no tratamento dos pontos gramaticais com vistas à facilitação das tarefas de produção e de reescritura de textos. Trata-se de municiar o aluno do aparato necessário ao monitoramento progressivo da própria atividade de análise e reflexão sobre a língua. Assim, questões como o que ensinar e como ensinar, em termos de conteúdo gramatical, serão respondidas face às exigências oriundas da adequação e da pertinência desse conteúdo com vistas ao aprimoramento do desempenho lingüístico do aluno.

Para o ensino médio, a LDB/96 propõe o aprofundamento dos conhecimentos de língua portuguesa, com enfoque no desenvolvimento da capacidade cognitiva do aluno e da marca interativa da linguagem. Valoriza-se nos PCN o caráter histórico-social da expressão lingüística, com a integração dos estudos de língua e de literatura. Mantém-se o foco na atividade de produção e revisão textual, no entendimento de que o aluno, como ser histórico e espacialmente marcado, revela-se e manifesta-se pelos textos que produz, por aquilo que faz com e pela linguagem.

Está mantida e reforçada, portanto, a importância da produção textual já destacada para o ensino fundamental. Trata-se agora de aprofundar a reflexão, com atividades cujo enfoque resida em pontos

como atribuição de sentido, marcas de intertextualidade, recursos de pressuposição, efeitos de inversão de ordem, enfim, na exploração da funcionalidade dos múltiplos recursos lingüísticos à disposição dos usuários. Nos objetivos de língua portuguesa estabelecidos para o ensino médio, portanto, também é possível confirmar um paralelo com a perspectiva teórica funcionalista.

Essa correspondência pode ser encontrada em vários pontos dos PCN. Ela está na correlação estabelecida entre o domínio dos recursos lingüísticos e a eficaz e competente ação comunicativa. Reside ainda na associação entre os gêneros discursivos e sua interface com as questões sociais que permeiam a atividade lingüística. Encontra-se ainda na afirmação de que somente em situação de uso, em funcionamento, levando-se em conta a diversidade das interferências intra- e extratextuais, é possível a atividade de análise lingüística. A declaração de que a língua em uso é a representação e o reflexo da experiência humana, permeada de emoções, crenças, atitudes e necessidades, sintetiza a relação básica da orientação funcionalista, o binômio *função > forma*.

Uma proposta de aplicação

Nesta seção, trazemos sugestões para tratamento de pontos relativos à *análise e reflexão sobre a língua* em uma perspectiva funcional. No primeiro momento, apresentamos a coletânea utilizada – quatro textos orais e seus correspondentes escritos, produzidos por estudantes de quatro cidades brasileiras na década de 1990. (Vale ressaltar que o material escrito apresenta-se tal como elaborado pelos alunos.) A seguir, tratamos esses textos com base no binômio *fala × escrita*. Por fim, sugerimos alternativas de abordagem de pontos gramaticais a partir dos materiais em análise. A ausência de indicação do nível ou série a que se aplicariam esses procedimentos justifica-se pela possibilidade de maior aprofundamento ou não dos itens, o que flexibiliza a presente proposta.

Textos em análise

a) Narrativa experiencial de Elisângela, aluna da quarta série – Niterói:

Fala:

I: quando eu era pequena... eu ficava brincando com aqueles disquinho que era... aí eu amarrei... fiquei rodando... rodando... rodando... aí fiquei tonta... aí tinha um... um negocinho assim... assim no redor das paredes... na minha casa... aí eu rodei rodei... caí... bati com a testa... aí ficou/ sa/ saiu muito sangue... aí minha mãe botou guardanapo desesperada... que ela estava pintando... [minha mãe] estava pintando a casa... aí ela botou:: ele botou/ tomou banho... rapidinho... botou a roupa... botou um guardanapo aqui na minha testa porque estava muito sangue... aí ( ) ela teve que me levar pro Antônio Pedro... aí foi... correu tudo bem...

Escrita:

O que aconteceu com migo
Eu, quando era pequena, peguei um disquinho e amarrei numa corda. Rodei e fiquei tonta. Tinha um batentinho ao redor das paredes e o disquinho voou e eu bati com a testa no batentinho e saiu muito sangue. Minha mãe me levou para o hospital.

b) Relato de procedimento de Flávia, aluna da oitava série – Rio Grande

Fala:

I: bom... a gente pega uma panela... vou te falar com medida... tá? pega uma panela... meia grande assim... aí pra quatro pessoas acho que são... duas xícaras de arroz... é... duas xícaras de arroz... aí... lava o arroz... aí bota na panela duas xícaras... bota três de água... não... bota o arroz... bota o óleo... e bota um pouquinho de sal... aí bota... três xícaras d'água... aí mexe... deixa refogar... acho que é cin/ não sei... quanto tempo... dez minutos... ah::... deve ser dez minutos... aí... deixa secar... está pronto...

Escrita:

Para se fazer um arroz para 4 pessoas é necessário uma panela meia grande, 2 xícaras de arros, óleo. um pouco de sal, coloca-se 3 xícaras de àgua, mexe-se tudo depois coloca-se no fogo por uns 10 minutos e pronto.

c) Descrição de local de Andréa, aluna do ensino médio – Juiz de Fora (Podemos usar apenas uma seqüência do texto falado.)

Fala:

I: ah... teve uma casa... que eu fiquei em Búzios... que era assim... maravilhosa... ficava num condomínio assim no alto... dava pra você ver assim... a praia de Jeribá toda... entendeu? e a pra/ e a casa... era assim... toda de vidro... eh:: com... madeirinha... sabe? toda enverniza::da e tal... aí tinha um deque... na casa... aí que você chegava que dava pra ver o maior visual... né? o mar:: e tal::... aí você ficava vendo aquele pôr-do-sol::... estrelinhas ((riso)) e mais alguma coisa... né? e a casa... ela era/ tinham dois andares... era superaconchegante com aquelas poltroninhas fofinhas ((riso)) e:: a geladeira... acho que era a que que eu mais gostava ((riso)) porque... a gente comia o dia inteiro... né? comia e bebia o dia inteiro... e... estava/ nesses dias estava cho/ nos primeiros dias choveu bastante... então a gente ficou... quase o tempo todo dentro de casa mesmo... e:: eh::/

E: qual o lugar na casa que você gostava mais?

I: o quarto ((riso))

E: o quarto? como era o quarto?

I: o quarto era enorme... sabe aquelas coisas assim de filme... com as cortininhas se abrem assim... aí o ventinho vem e as cortininhas ficam assim esvoaçantes ((riso)) assim? aí tinha um tapete... assim de::/ parece aqueles tapetes assim de corda... sabe? [de praia] com... aquele piso de tábua corrida... o chão e tal... a cama... era enorme a cama... muito grande mesmo ((riso))

E: (muito alta)

I: e... tinha uma coisa até engraçada... porque tinha uma goteira ((riso)) em cima da cama... entendeu? ((riso)) que direcionava exatamente no meu pé ((riso)) e nesses dias estava meio friozinho... então era terrível... né? mas::... assim... a... a arquitetura da casa assim era moderna... né? mas ao mesmo tempo... eh:: ela/ o teto dela era/ parecia com aquelas construções de casas mais antigas... porque era bem alto... sabe? e:: e a goteirinha conseguia chegar no meu pé ((riso))

E: mas no quarto... o que que tinha mais no quarto?

I: tinha estantes... eh:: tinha um armário... eh:: com cabides lá... mas não tinha nada dentro do armário ((riso)) porque eu não tinha paciência de guardar nada... né? e::... o::/ deixa eu ver... tinha a sacadinha... né? dentro do quarto... tal... tinha uns quadros bonitos

dentro do quar... eh:: dentro do quarto assim... eh:: a maioria eram... eh:: mar/ de mar::... né? e tal... paisa::gens... e::... tinha uma cadeira... uma cadeirinha de balanço... dentro do quarto... eh:: ((riso)) mais o quê?

Escrita:

Certa vez fui com meu namorado para Búzios. Ficamos numa casa maravilhosa, com uma arquitetura moderna e ao mesmo tempo rústica, O lugar que mais me chamou atenção foi o quarto.

Ele era bastante espaçoso e aconchegante. Havia uma cama grande com lençóis brancos. Perto do armário havia uma cadeira de balanço de palha sob um tapete de cordas. Havia uma varanda que dava de vista para o mar. O vento era constante, as cortinas pareciam dançar...

d) Relato de opinião de Valéria, aluna do último período universitário – Rio de Janeiro

Fala:

I: eh... só se/ política... eu estou achando que agora está tendo uma abertura maior... né? a gente está... está vendo o que está acontecendo com o país... está/ tudo o que está acontecendo a gente está vendo... não é o que era antigamente... onde... a gente não... sabia de nada... ficava tudo escondido... achava que/ não tinha informação... né? a verdade é isso... a imprensa tem/ eu estou achando que [está num] papel fundamental... na divulgação das coisas... né? que... pô... fulano roubou... a gente está sabendo... eh:: não sei quem foi preso... a gente está sabendo... está tudo às claras... eu acho que o pessoal também está... com medo disso... aí eu acho que estão andando mais na linha... não é que antigamente não roubava... lógico que roubava... mas hoje em dia a gente está vendo que... quem rouba mesmo... e::... quando rouba a gente sabe... e antigamente não acontecia isso... não podia se falar::... não podia/ tudo... tudo proibi::do... não podia ter uma opinião de na::da... ficava todo mundo mais alienado... hoje em dia eu acho que está melhorando... um dia a gente chega lá... eu tenho esperança ((riso))

Escrita:

A respeito da situação política do País, acho que as pessoas estão se conscientizando de que cada um, é, de algum modo, responsável pela "vida" do País. Os meios de comunicação perceberam a arma que tem nas mãos e com a dita democracia ficou mais fácil deles desempenharem a função de informantes, que informam o que as

pessoas estão interessadas em ser informadas e não aquela "incheção de linguiça" que não nego ainda existi, mas que a cada dia que passa vem sendo mais criticada, acho que as pessoas estão mais acordadas, principalmente os jovens, que foram às ruas e tiveram a sensação de tirar um Presidente do governo.

Hoje, a sujeira está mais as claras, todos ficam sabendo. Antes quando tudo era mais censurado, as coisas aconteciam mas ninguém ficava sabendo.Tenho esperança de que um dia as coisas entrem nos eixos, que esta tão falada moralização, definitivamente impere e tenho certeza de que se todos fizessem sua parte seria bem mais fácil, faço a minha, mas sei que posso fazer mais. Acho que é por aí.

Interface fala × escrita

Na discussão atual acerca do ensino-aprendizagem de língua portuguesa, muito se enfatiza a interferência da variável *modalidade* nesse processo. Como forma primária e básica da comunicação humana, a fala, principalmente nas fases iniciais de escolarização, deve influenciar mais diretamente a produção escrita, o que significa que muitas ou algumas das marcas pragmáticas características da oralidade podem estar presentes nos textos escritos dos alunos do ensino fundamental, mais especificamente, e do ensino médio, atingindo, inclusive, o nível universitário.

Além da interferência referida, ao se incorporarem aos objetos de ensino de língua portuguesa, as produções orais ganham outra dimensão, passando a ser vistas como processos passíveis de investigação, de análise, tais como os produtos da clássica e consagrada modalidade escrita. Nesse sentido, as contribuições da lingüística, em suas diversas orientações teóricas, têm sido fundamentais para essa nova área em que transita a atividade pedagógica de língua portuguesa.

Essa reorientação articula de imediato algumas questões em discussão: qual o modo organizacional da oralidade? Que simetrias e assimetrias ela estabelece com a escrita? Estará o corpo docente de língua portuguesa preparado para abordar esse novo objeto em sala de aula, face à ausência de uma pedagogia do oral?

Na tentativa de contribuir para a resposta a essas questões, a presente seção aborda os textos aqui apresentados sob a ótica da

interface *fala* × *escrita*, destacando o que separa e une as duas modalidades. Os materiais utilizados favorecem a análise, na medida em que os informantes, após produzirem seus textos falados, elaboram os materiais escritos correspondentes, o que permite maior comparabilidade entre ambos.

Um rápido e genérico olhar sobre essas produções já salienta certas tendências. Uma delas diz respeito à maior compactação das produções escritas. Elas são mais *enxutas*, mais sintéticas. A questão dos planos discursivos, da relevância textual, apresentada na seção "Transitividade e planos discursivos", do capítulo "Pressupostos teóricos fundamentais", pode auxiliar na análise interpretativa desse fenômeno.

Tomemos o relato de procedimento de Flávia, aluna do segundo segmento do ensino fundamental, como exemplo. Seu texto falado é permeado por marcas que registram os passos de sua elaboração, como se verifica nos destaques:

1) *bom*... a gente pega uma panela... *vou te falar com medida... tá?* pega uma panela... meia grande assim... *aí* pra quatro pessoas *acho que são*... duas xícaras de arroz... *é*... duas xícaras de arroz... *aí*... lava o arroz... *aí* bota na panela duas xícaras... bota três de água... *não*... bota o arroz... bota o óleo... e bota um pouquinho de sal... *aí* bota... três xícaras d'água... *aí* mexe... deixa refogar... *acho que é cin/ não sei... quanto tempo... dez minutos... ah::... deve ser dez minutos... aí*... deixa secar... está pronto...

Associadas às estratégias destacadas, observam-se repetições (*pega uma panela, duas xícaras de arroz, bota*) e hesitações (*não sei... quanto tempo... dez minutos... ah::... deve ser dez minutos*), além de reparo (toda a série inicial do procedimento é substituída após a partícula *não*) e truncamento (*acho que é cin/ não sei*).

Essas marcas, reveladoras do processamento *on-line* da oralidade, resultantes, portanto, das interferências pragmático-comunicativas do modo de elaboração específico do texto falado, situam-se em plano de fundo, concorrendo para a configuração periférica do fluxo informacional. Tais fenômenos, situados fora da

cadeia tópica, do eixo central da informação, podem levar à impressão de que a aluna, ao se expressar oralmente, informa mais do que por escrito. O que ocorre é que, nessa última modalidade, *apagam-se* as pistas do processamento, já que as correções e reescrituras, próprias do canal escrito, resultam numa produção mais concisa. As informações de fundo, nesse contexto, passam a ser de outra natureza, como se verifica no trecho:

2) *Para se fazer um arroz para 4 pessoas é necessário* uma panela meia grande, 2 xícaras de arros, óleo. um pouco de sal, coloca-se 3 xícaras de àgua, mexe-se tudo depois coloca-se no fogo por uns 10 minutos *e pronto.*

No fragmento acima, os informes mais subsidiários ficam por conta da finalidade do procedimento (*para se fazer um arroz para 4 pessoas é necessário*) e do resultado da tarefa (*e pronto*). Trata-se de um novo arranjo sintático-discursivo em relação ao texto oral da mesma informante. Numa seqüência mais curta e objetiva em relação a sua produção oral, embora não menos eficiente, Flávia relata como se faz arroz. Para tanto, pouco utiliza informações de fundo, estruturando seu relato basicamente por intermédio do plano da figura.

Se o fundo se mostra muito distintamente articulado em relação ao binômio *fala* × *escrita*, o mesmo não se pode afirmar do nível de maior saliência perceptual – a figura. Nas duas produções da informante, há similaridade nesse plano, o que vale dizer que, independentemente da modalidade e de sua interferência na organização textual, o conteúdo nuclear, o eixo central em torno do qual se articula a informação, apresenta grande correspondência, seja em canal falado, seja em canal escrito.

Em termos de ensino-aprendizagem de língua portuguesa, essa observação da complexidade da relevância discursiva, da atuação dos distintos níveis ou planos informacionais, deve ser considerada na tarefa de reescritura de textos. A constatação da funcionalidade e da importância do que é periférico e do que é central, além da discussão sobre como, pelo acréscimo de informes subsidiários, consegue-se fundamentar, detalhar ou pormenorizar um acontecimento, um procedimento, uma descrição ou mesmo uma

opinião, pode constituir interessantes e eficazes estratégias para a já referida tarefa de *análise e reflexão sobre a língua*.

Essa maior elaboração em termos de trabalho com informações de fundo pode ser observada nas produções textuais de alunos de nível mais avançado de ensino. Na descrição escrita de Andréa, são utilizados eficientes recursos de articulação de plano de fundo. Para tratar do quarto em que ficou numa viagem com seu namorado, a estudante do ensino médio faz uma longa introdução desse tema. Para tanto concorre todo o primeiro parágrafo de seu texto, que funciona como um grande enquadramento do cenário a ser descrito:

3) *Certa vez* fui com meu namorado para Búzios. Ficamos numa casa maravilhosa, com uma arquitetura moderna e ao mesmo tempo rústica, O lugar que mais me chamou atenção foi o quarto.
Ele era bastante espaçoso e aconchegante. Havia uma cama grande com lençóis brancos. Perto do armário havia uma cadeira de balanço de palha sob um tapete de cordas. Havia uma varanda que dava de vista para o mar. *O vento era constante, as cortinas pareciam dançar...*

Como fechamento de sua produção escrita, Andréa volta a recorrer ao plano de fundo. O vento e cortinas dançantes dão o toque final ao espaço descrito. Trata-se de comentários avaliativos, distintos da típica estruturação descritiva, que, como conteúdos periféricos, moldam, destacam e valorizam o local escolhido como tema.

Mas é no conjunto dos alunos universitários, via de regra, que são encontrados os textos mais ricos em detalhes, em informações de plano de fundo. Dos textos escritos aqui selecionados, o de Valéria é o mais completo e complexo nesse aspecto:

4) A respeito da situação política do País, acho que *as pessoas estão se conscientizando de que cada um, é, de algum modo, responsável pela "vida" do País*. Os meios de comunicação perceberam a arma que tem nas mãos e com a dita democracia ficou mais fácil deles desempenharem a função de informantes, que informam o que as pessoas estão interessadas em ser informadas e não aquela "incheção de linguiça" que não nego ainda existi, mas que a cada dia que passa vem sendo mais criticada, acho que as pessoas estão mais acordadas, principalmente os jovens, que foram às ruas e tiveram a sensação de tirar um Presidente do governo.

> Hoje, *a sujeira está mais as claras, todos ficam sabendo*. Antes quando tudo era mais censurado, as coisas aconteciam mas ninguém ficava sabendo. *Tenho esperança de que um dia as coisas entrem nos eixos*, que esta tão falada moralização, definitivamente impere e tenho certeza de que se todos fizessem sua parte seria bem mais fácil, faço a minha, mas sei que posso fazer mais. Acho que é por aí.

Com o propósito de emitir sua opinião sobre a política nacional, a aluna, a partir de três declarações basilares, em plano de figura, destacadas no texto, articula uma série de outras, subsidiárias a essas, em que fundamenta e consubstancia seu parecer. No primeiro parágrafo, após a tese inicial, é comentada a importância e o poder dos meios de comunicação e da força dos jovens para a condução do destino político do país. No segundo parágrafo, Valéria trabalha com a questão temporal – o Brasil antes e depois da ditadura militar. Já na terceira e última seqüência, a aluna fala da esperança, do futuro e da responsabilidade de cada brasileiro nessa construção.

Além das questões concernentes à distinção dos planos discursivos, outro fenômeno que concorre para a compactação escrita é a maior vinculação semântico-sintática dos constituintes oracionais aí verificada. Esse maior nível de integração contrasta com a aparente fragmentação das unidades da fala, em geral de menor extensão e em maior número, conforme observa Chafe (1986). A aparente fragmentação dos arranjos oracionais assim organizados é superada pelos fatores contextuais específicos da oralidade, que contribuem para conferir organicidade e unidade a esse tipo de produção.

Se a oralidade é pontuada por marcadores, muitos dos quais cumpridores de trajetória rumo à discursivização, conforme se expõe na seção "Gramaticalização e discursivização", do capítulo "Pressupostos teóricos fundamentais", a escrita articula-se por conectores mais explícitos e categóricos, a funcionar como elementos de maior vinculação oracional. Mesmo na produção de usuários mais jovens, como Elisângela, aluna do primeiro segmento do ensino fundamental, observa-se esse contraste sintático. Em sua narrativa oral, a partícula *aí* concorre para a seqüenciação oracional:

5) quando eu era pequena... eu ficava brincando com aqueles disquinho que era... *aí* eu amarrei... fiquei rodando... rodando... rodando... *aí* fiquei tonta... *aí* tinha um... um negocinho assim... assim no redor das paredes... na minha casa... *aí* eu rodei rodei... caí... bati com a testa... *aí* ficou/ sa/ saiu muito sangue... *aí* minha mãe botou guardanapo desesperada... que ela estava pintando... [minha mãe] estava pintando a casa... *aí* ela botou:: ele botou/ tomou banho... rapidinho... botou a roupa... botou um guardanapo aqui na minha testa porque estava muito sangue... *aí* ( ) ela teve que me levar pro Antônio Pedro... *aí* foi... correu tudo bem...

Por intermédio da articulação de uma série de estruturas de pequena extensão, justapostas ou coordenadas, muitas pontuadas por *aí*, a aluna narra um acidente ocorrido com ela. Esse processo de redução sintagmática tem na seqüência *aí foi*... um de seus pontos máximos; em contextos como esse, o preenchimento conteudístico é feito por meio de fatores pragmático-comunicativos. Note-se que o sintagma *quando eu era pequena*, que inaugura o relato, parece ser, na verdade, um circunstanciador macrotextual, a delimitar todo o acidente, tema da narrativa.

Já o texto escrito de Elisângela organiza-se em torno de outro conector:

6) Eu, quando era pequena, peguei um disquinho *e* amarrei numa corda. Rodei *e* fiquei tonta. Tinha um batentinho ao redor das paredes *e* o disquinho voou *e* eu bati com a testa no batentinho *e* saiu muito sangue. Minha mãe me levou para o hospital.

Em vez de *aí*, a aluna utiliza *e* como elo básico de sua produção escrita. Embora ainda utilizando poucas opções para o estabelecimento de relações oracionais, ela já distingue em que canais articular *aí* e *e*. Suas unidades sintáticas são agora mais extensas; não há lugar para estruturas do tipo *aí foi*. A temporal *quando era pequena* surge intercalada, numa localização mais marcada.

Os textos de Elisângela poderiam constituir interessante material para o ensino-aprendizagem de conectores em língua portuguesa, seja pela comparação entre as duas modalidades e seus distintos usos, seja pela discussão de alternativas para a conexão

oracional da escrita. A polissemia de *aí* e sua relação com outros processos semelhantes pelos quais vêm passando outras partículas em português, como *já, cá* ou *onde*, e as partículas que poderiam substituir *e* na produção escrita, por exemplo, seriam pontos de pertinência e de interesse nessa questão.

Análise gramatical

> Toda educação verdadeiramente comprometida com o exercício da cidadania precisa criar condições para o desenvolvimento da capacidade de uso eficaz da linguagem que satisfaça necessidades pessoais – que podem estar relacionadas às ações efetivas do cotidiano, à transmissão e busca de informação, ao exercício da reflexão (PCN, 2000, p. 30).

Uma mudança de perspectiva dessa natureza para a concepção da língua/linguagem deve, certamente, afetar uma nova ou outra concepção do ensino da língua portuguesa. Se a hipótese funcionalista reside no fato de a estrutura gramatical depender do uso que se faz da língua, determinada pela situação comunicativa, pensar a língua e conseqüentemente a gramática implica compreendê-las motivadas pelas circunstâncias e pelos contextos específicos de uso.

Os avanços nos âmbitos teórico e acadêmico devem estender-se às salas de aula. Como justificar tantas dificuldades dos alunos no terreno da aprendizagem da língua materna? Por que não entender tais dificuldades como fruto da concepção prescritiva da gramática tradicional que não contempla a maleabilidade da língua? Por que não olhar a gramática tradicional como uma grande obra de referência e apoio? Afinal é sempre dela que partimos como primeiro paradigma para as reflexões a respeito da língua.

Resta, pois, ao teórico investigar, pesquisar, oferecer alternativas, apresentar propostas; ao professor cabe a tarefa de testar tais propostas, repensar as investigações, buscar soluções a partir de uma atitude dialógica, sempre. Portanto, *ousar* é uma palavra-chave. A mudança de perspectiva prevê novas possibilidades de trabalho com a língua *sem medo*.

Pesquisa realizada por Neves (1991, p. 45-48) aponta algumas conclusões com base na discussão sobre o ensino da gramática na escola, a saber:

- os professores em geral acreditam que a função do ensino de gramática é levar a escrever melhor;
- os professores foram despertados por uma crítica dos valores da gramática tradicional;
- os professores têm procurado dar aulas de gramática não-normativa;
- os professores verificam que essa gramática "não está servindo para nada";
- apesar disso, os professores mantêm as aulas sistemáticas de gramática como um ritual imprescindível à legitimação de seu papel.

Uma vez que a escola, ou melhor, os professores, apesar de reconhecerem que a gramática normativa *não serve para nada* ou é inadequada para dar conta de outra variedade da língua que não seja a variedade culta em sua modalidade escrita, ainda é a ela que os mesmos recorrem, seja para legitimarem sua função, conforme as palavras da autora, seja para se sentirem mais seguros no desempenho de seu exercício, seja inclusive pela falta de material didático apropriado e disponível, institucionalmente *legitimado*.

Apesar dos esforços de vários estudiosos em prol da reflexão, da análise e das propostas de remodelação do ensino da língua, apesar dos avanços apresentados nos PCN, o que falta para, de fato, fazermos acontecer as mudanças necessárias e esperadas?

Uma vez que os PCN orientam no sentido da necessidade de tornar o estudo da língua portuguesa mais dinâmico e adaptado às diferentes situações de comunicação, as funções pragmático-discursivas assumem papel relevante no tocante ao ensino da língua. Pretende-se, segundo o referido documento, que o aluno "não só evolua como usuário, mas que possa assumir, progressivamente, o monitoramento da própria atividade lingüística".

Em relação à interface *fala* × *escrita*, é importante destacar as peculiaridades referentes a cada uma dessas modalidades. Em termos de aplicação, o professor deve considerar a noção de *adequação* ao gênero e ao registro, reconhecendo os diferentes usos da língua, as interferências pragmáticas correlacionando à questão da norma culta, uma vez que o que está em jogo não é a correção das formas lingüísticas, mas sua adequação às condições do contexto comunicativo.

Conforme foi demonstrado na seção anterior, são evidentes as diferenças que caracterizam uma e outra modalidade. Repetições, hesitações, reparos, truncamentos, conectores do tipo *aí*, marcadores discursivos como *assim* são eliminados no registro escrito, que requer um outro tipo de arranjo sintático-discursivo. Que tipos de arranjos e associações são previstos tendo em vista o gênero discursivo e a modalidade escolhida? Que fatores externos e internos estão envolvidos nesses processos de elaboração? Como, de fato, podemos substituir as noções de correto/incorreto, restritas aos paradigmas da gramática tradicional, pelas de adequação/inadequação, consideradas pelas teorias da variação lingüística?

Vamos procurar, por meio de exemplos do *corpus*, desenvolver algumas propostas ou estratégias de trabalho com a língua que contemplem um estudo crítico de texto e gramática, numa perspectiva funcional, integrada e "produtiva" da língua.

Se a nossa orientação reside na reorientação real dos paradigmas da gramática tradicional, precisamos, até mesmo por uma questão de coerência teórica e de procedimentos, ater-nos à questão dos gêneros ou estruturas discursivas. Como dar conta das variantes de registro e modalidade sem compreendermos os tipos de eventos comunicativos que estão envolvidos? Para isso, é preciso aliar à competência lingüística a competência comunicativa, associada e/ou estimulada pelo conhecimento cultural. Segundo Paredes Silva (1996a, p. 2), níveis de estruturas discursivas "são modos de organização que representam as possibilidades da língua, as rotinas retóricas ou formas convencionais que o falante tem à sua disposição

na língua". Para cada uma dessas estruturas, haverá um conjunto de traços lingüísticos típicos, específicos.

Considerando que a primeira proposta de atividade concentra-se na *descrição de local* realizada por uma informante do ensino médio de Juiz de Fora, Minas Gerais, vale registrar as características apresentadas por Paredes Silva para as chamadas *estruturas descritivas*: verbo numa forma não-perfectiva; predicado estativo em torno de entidades (terceira pessoa), sintaticamente centradas em estruturas nominais.

A estruturação em torno de uma organização espacial e não-temporal, cujo tempo é o da simultaneidade, e a recorrência a aspectos figurativos são as características básicas da descrição, cuja funcionalidade reside na fixação de caracteres, na qualificação de personagens, de local e tempo. Os fatores reunidos, ao mesmo tempo que estruturam a descrição, são responsáveis por apresentar uma determinada visão de mundo, o ponto de vista filtrado pelo texto.

Tomando por base tais conceitos, vamos observar como a descrição é realizada em suas diferentes modalidades – fala e escrita –, verificando inclusive se tais conceitos aplicam-se igualmente em ambos os procedimentos.

De acordo com o princípio de iconicidade, verificamos, na descrição de Andréa, a ocorrência sistemática do sufixo *-inho* em sua função afetiva, dadas as características do local descrito e do modo como a informante o descreve, refletindo uma interação positiva com o meio.

Segundo Camara Jr. (1976, p. 72-73), o sistema flexional é obrigatório, sistemático e regular, imposto pela natureza da própria frase, isto é, associado aos aspectos gramaticais, ao passo que o processo derivacional estabelece um tipo de *relação aberta*, mais sujeito, então, conforme a perspectiva funcionalista, às influências e às características do discurso. Nesse sentido, o grau não pode ser considerado um processo flexional em português, "porque não é um mecanismo obrigatório e coerente e não estabelece paradigmas exaustivos e de termos exclusivos entre si". Para Mattoso, a sua

inclusão na flexão nominal decorreu da transposição pouco inteligente de um aspecto da gramática latina para a nossa gramática, sobretudo no que diz respeito aos graus comparativo e superlativo.

A gramática tradicional inclui o grau no âmbito da flexão, conforme podemos observar:

- A rigor, a flexão de grau é pertinente ao adjetivo. Admitimos, porém, a existência de três graus para o substantivo – o *normal*, o *aumentativo* e o *diminutivo* – em consonância com a Nomenclatura Gramatical Brasileira e a Nomenclatura Gramatical Portuguesa (...) (CUNHA e CINTRA, 1985, p. 193).
- Como os substantivos, os adjetivos podem flexionar-se em *número*, *gênero* e *grau* (id., ib., p. 243).
- Flexões do adjetivo: como o substantivo, o adjetivo pode variar em número, gênero e grau (BECHARA, 1987, p. 89).

No entanto, na *Gramática da língua portuguesa* (1975, p. 107), Celso Cunha apresenta no capítulo sobre derivação os sufixos nominais (aumentativos e diminutivos), tratando-os, portanto, como processos derivacionais. Exceto essa questão, vale ressaltar o aspecto não-obrigatório, típico da derivação: "É a rigor uma questão de estilo ou de preferência pessoal" (CAMARA JR., 1976, p. 72).

Portanto, trataremos, é lógico, o grau como parte do sistema de derivação do português, sujeito às *leis* do discurso, aos gêneros discursivos, às modalidades e aos diferentes contextos comunicativos.

Acrescentamos também que a própria gramática tradicional entende os sufixos diminutivos em seu aspecto afetivo e estilístico, nem sempre se referindo, no caso, à diminuição de tamanho, esta expressa, em geral, pelas formas analíticas correspondentes.

A descrição de local realizada por Andréa (cf. "Textos em análise", neste capítulo), a começar pela qualificação inicial atribuída à casa como um espaço agradável, ideal, maravilhoso – *teve uma casa... que era assim... maravilhosa* –, corresponde a um tipo de descrição cuja visão de mundo está comprometida com valores afetivos positivos, tais como alegria, satisfação, entusiasmo e aconchego.

O traço genérico que caracteriza a casa como *maravilhosa* é desdobrado sucessivamente por meio de especificações e descrições minuciosas sobre as partes da casa. Tais desdobramentos fixam e sustentam os caracteres positivos (subjetivos, afetivos) apresentados de modo que o texto aparece figurativamente estruturado com uma codificação morfossintática correspondente à realidade descrita, conforme podemos verificar:

7) teve uma casa... que era assim... maravilhosa
   7.1. ficava num condomínio *no alto*
   7.2. dava pra você ver *assim*... a praia de Jeribá
   7.3. a casa era *assim*...
      7.3.1. com *madeirinha*...
      7.3.2. toda *enverniza::da*
      7.3.3. tinha um deque... que dava pra ver o maior visual
         7.3.3.1. você ficava vendo aquele pôr-do-sol... *estrelinhas* ((riso)) e mais alguma coisa... né?
   7.4. tinham dois andares
   7.5. era superaconchegante com aquelas *poltroninhas fofinhas*...

A atmosfera envolvente, romântica, de sonho (*assim de filme*) propicia e desencadeia o uso de recursos morfossintáticos que refletem a *estrutura da experiência*, conseqüentemente a estrutura de mundo. Podemos observar como a preferência pelo sufixo *-inho* na caracterização da casa, da natureza ou do próprio ambiente contribui para reforçar o tom de afetividade presente no texto de Andréa. Termos como *estrelinhas* e *poltroninhas fofinhas* intensificam o clima romântico e aconchegante do espaço descrito.

O clima de envolvimento intensifica-se ainda mais quando a informante é solicitada pela entrevistadora a descrever o local preferido da casa, no caso, o quarto: "o quarto era enorme... sabe aquelas coisas *assim de filme*...".

A figuratividade soma-se à ou é resultante da afetividade imprimida na descrição e dá relevo à atmosfera onírica criada por meio do emprego de substantivos pertinentes ao contexto, pragmática e discursivamente motivados:

8) ...com as cortin*inhas* se abrem assim...
...aí o vent*inho* vem e as cortin*inhas* ficam assim esvoaçantes
...tinha a sacad*inha*... né?
...tinha uma cadeira... uma cadeir*inha* de balanço...

Até mesmo o incômodo de uma goteira e da temperatura do ambiente (estava frio) não recebem tratamento distante ou negativo; ao contrário, expressam-se de modo a se inserir no clima vivido pela informante:

9) e nesses dias estava meio frioz*inho*... então era terrível... né?
mas... (...) e a goteir*inha* conseguia chegar no meu pé

Portanto, de acordo com o princípio de iconicidade, o sufixo *-inho*[2] é iconicamente motivado: a) pela natureza discursiva (gênero: descrição de local); b) pela qualidade (propriedade, peculiaridade) do local descrito; c) pelo tipo de interação que a informante estabelece com o ambiente (natureza que envolve sentimentos positivos). São esses fatores responsáveis pela correspondência entre a motivação icônica e as funções pragmáticas que desencadeiam mudanças morfossintáticas produtivas na língua.

Notamos também que a descrição de Andréa assemelha-se à estrutura descritiva apresentada por Paredes Silva: predominância de predicados estativos centrados em entidades (observa-se a quantidade de predicados do tipo nominal para a descrição do ambiente e dos elementos que o compõem) e verbos não-perfectivos (preferência por *ter*, típico da oralidade, no imperfeito do indicativo).

No tocante, porém, ao procedimento escrito, observamos que há uma mudança significativa. A descrição é mais econômica quanto à extensão do texto e ao conteúdo informacional. Além disso, outros arranjos sintáticos são utilizados. O caráter sugestivo, mais do que informativo, atribuído às opiniões oferecidas pela informante, se ganha relevo na modalidade oral, é, na escrita, substituído por outro

[2] A respeito da funcionalidade desse sufixo no português do Brasil, ver seção "Iconicidade e marcação", do capítulo "Pressupostos teóricos fundamentais".

tipo de desempenho lingüístico, isto é, a competência discursiva ou pragmática ajusta-se às peculiaridades das situações comunicativas.

Como a interação face a face cede lugar, na escrita, a outro tipo de interação, exigem-se outras condições de adaptação a essa modalidade. Cabe ao professor procurar, com os alunos, levá-los a perceber e a refletir sobre as mudanças ocorridas de um registro para o outro, a começar, por exemplo, pela eliminação das formas dêiticas e indefinidas encontradas na fala; pela presença de conectores lógicos e sintáticos no lugar de marcadores conversacionais e das hesitações características da fala (*a respeito de, de algum modo, mas, antes...quando*); pelo enriquecimento do vocabulário, justamente para dar conta dos *vazios* mais facilmente preenchidos na oralidade que precisam ser *ocupados* com mais informações que visem ao maior esclarecimento do leitor; pela preocupação com o registro formal que atende às exigências da norma culta; pela formatação do texto, dividido em parágrafos em atenção às partes do texto como introdução, desenvolvimento e conclusão; pela preocupação, enfim, com a maior legibilidade, consistência, relevância e aceitabilidade do texto, tendo em vista o contexto comunicativo.

O texto escrito requer melhor elaboração quanto ao planejamento por parte do produtor, ao passo que o texto falado, salvo específicas situações de comunicação (palestras, telejornais, entrevistas, entre outras), seria, nessa perspectiva, mais espontâneo. Por outro lado, a maior densidade lexical encontrada na passagem de uma a outra modalidade no relato de Andréa também é fruto de uma necessidade pragmática e do contexto em questão.

Na descrição escrita, em geral, e na da informante, em particular, enfraquece-se o grau de subjetividade e afetividade encontrado no registro falado (por meio da utilização de mecanismos morfossintáticos como a economia de atributos e qualificações referentes à *casa* e a eliminação da presença do sufixo derivacional *-inho*, responsável pela intensificação da afetividade e pela interação

com o interlocutor). Também se observa como a informante substitui o verbo *ter*, freqüente no registro oral, pelo seu correspondente *haver*, na escrita, o que confere maior grau de formalidade, atendendo e ajustando-se às pressões normativas. Trata-se, pois, de procedimentos utilizados pela informante que representam os *modos de organização da informação e as rotinas retóricas* disponíveis na língua peculiares a cada estrutura discursiva e propósito comunicativo. Compete ao professor, em suas aulas de português, dar relevo a tais estratégias ou procedimentos e ativar a competência pragmático-discursiva em consonância com a competência gramatical para que o aluno trabalhe com a correspondência entre ambas.

Como a modalidade escrita submete-se mais às normas gramaticais, em função do propósito comunicativo, a descrição de Andréa corresponde, funcional e gramaticalmente, a essas exigências. Podemos afirmar com isso que a atitude prescritiva é motivada por razões *normativo-pragmáticas* em atenção ao tipo de evento e propósito comunicativo cuja função reguladora favorece a padronização de procedimentos relacionados à utilização de um registro que atenda às convenções estabelecidas pela norma culta da língua.

Portanto, com base na regulação e na padronização, o professor pode demonstrar como cada contexto, cada gênero e cada modalidade: a) requerem diferentes procedimentos e articulações sintáticas, semânticas, morfológicas; b) adaptam-se às situações; c) modificam-se em função das pressões de uso e pressões gramaticais.

No entanto, vale a pena chamar a atenção para os seguintes aspectos:

- Por que o aluno parece ser estimulado a "conter-se" em seu texto escrito?
- Por que somente a liberdade/autonomia em relação à linguagem e aos procedimentos gramaticais é concedida para os textos orais de cunho informal e para os literários?
- Até que ponto, por exemplo, o sufixo *-inho*, as repetições e a maior quantidade de atributos iriam comprometer a descrição escrita de Andréa?

- A par das rotinas retóricas pertinentes a cada situação comunicativa, não valeria uma tentativa – por meio de exercícios de produção de textos – de desenvolver com os alunos outras rotinas lingüísticas; testar novos procedimentos?

Trabalhar a descrição oral de Andréa, chamando a atenção para os recursos utilizados, e confrontá-los com sua interface escrita é um caminho para a reflexão sobre a língua. Sugerir outros procedimentos, propor outras elaborações dos textos estimula no aluno sua capacidade criativa, por exemplo. Conscientizá-lo das regularidades e ao mesmo tempo capacitá-lo para a exploração de novas possibilidades por meio da reflexão, da comparação de diferentes situações comunicativas e da atribuição de novos sentidos, ampliações e alterações de textos contribui para a apropriação progressiva dos diferentes registros, meta que está no bojo da análise e da reflexão propostas nos PCN.

Nesse sentido, podemos verificar como, na descrição escrita, a informante, ao optar pela parataxe, eliminando basicamente todos os conectores com exceção do *e*, conferiu ao texto uma progressão seqüencial em termos de espaço. Nesse caso, ela se aproxima mais da definição prototípica da descrição, ao passo que se afasta da mesma em sua descrição oral.

Portanto, sugerimos que o professor adote, junto aos alunos, um tipo de definição que se ajuste às características do registro em questão, demonstrando haver maior maleabilidade nos textos orais, interpretando-os e avaliando-os com base na eficácia, na adequação e na pertinência dos usos lingüísticos.

Em relação aos usos da língua, como explicar a presença de enunciados intercalados na descrição oral de Andréa? O que dizer a respeito do item *assim*, tão recorrente nessa descrição? *Assim* é classificado como advérbio de modo na gramática tradicional, mas a abordagem funcionalista admite outras funções que não se restringem a essa classificação, nem por ela estão previstas, e que são típicas da modalidade oral. Segundo Martelotta e outros (1996, p. 262), a trajetória de *assim* compreende tanto o processo de

gramaticalização quanto o de discursivização, assumindo, respectivamente, novas funções gramaticais como anafórico e catafórico, além de exercer uma função de marcador discursivo na qualidade de preenchedor de causa.

Caracteriza-se a oralidade, diferentemente da escrita, pelo uso de formas mais dêiticas que gramaticais, com referências ao espaço ou alusão a gestos, como revelam os exemplos a seguir:

10) teve uma casa... que eu fiquei em Búzios... que era *assim*...
ficava num condomínio *assim* no alto...
com as cortininhas se abrem *assim*...

Além da função dêitica, o elemento *assim* acumula, nos exemplos destacados acima, uma função adverbial modal, conforme a classificação gramatical atesta. Por outro lado, também atua: a) como catafórico ("dava pra você ver *assim*... a praia de Jeribá"), assumindo um valor de "anunciador de complemento": *assim* = praia de Jeribá; b) como predicativo: "teve uma casa... que era *assim*... maravilhosa"; "a casa era *assim*... toda de vidro, com madeirinha..., envernizada"; c) com valor comparativo: "sabe aquelas coisas *assim* de filme"; "com as cortininhas se abrem *assim*"; "e as cortininhas ficam *assim* esvoaçantes"; "aí tinha um tapete *assim* de... parece aqueles tapetes *assim* de corda" (acumulação de usos anafórico e catafórico simultaneamente, bem como a alusão a gesto).

Observando esses empregos de *assim* e estudando as propostas dos PCN, podemos analisar com o aluno a variedade de empregos possíveis desse termo, nas funções em que ele se manifesta na descrição, seja como dêitico e marcador discursivo (na manutenção da seqüência lógica do raciocínio), seja no preenchimento de funções mais gramaticais, que não correspondem, no entanto, àquela testemunhada na gramática. Ao invés de desconsiderar esses usos ou de classificá-los como *corrupção da linguagem*, a perspectiva funcionalista não invalida a gramática; ao contrário, liberta-a de definições rigidamente categóricas, que muitas vezes cerceiam as diferentes e dinâmicas manifestações lingüísticas, e propõe uma análise mais *contínua* das categorias gramaticais.

Sugerimos, a título de reflexão e proposta de aplicação, que o professor observe os diferentes usos de *assim* na descrição oral; que busque outros textos (diferentes registros e modalidades) em que o termo apareça com distintas ou idênticas ocorrências e ainda que estimule a elaboração de textos pelos alunos: a) que preencham as funções de *assim* em outra modalidade, por exemplo; b) que substituam o termo por outros, se possível, de sentido semelhante (no discurso oral); c) que reproduzam situações em que *assim* possa ser empregado na modalidade escrita, observando, em todos esses casos, a adequação às circunstâncias em que é empregado. Enfim, a etapa referente à produção pelo aluno pode ser enriquecida e ampliada se o professor contemplar as várias possibilidades aqui sugeridas, que ultrapassam os limites tão categóricos postulados pela gramática tradicional.

Quanto ao relato de opinião de Valéria, aluna do último período universitário, do Rio de Janeiro (cf. "Textos em análise", neste capítulo), são utilizadas estruturas do tipo expositivo-argumentativas. De acordo com Paredes Silva (1996a), tais estruturas repousam em unidades semânticas referentes à proposição, sintaticamente subordinadas, apresentando preferencialmente verbos não-perfectivos e construções hipotéticas e dialógicas. Estruturas expressivas, ao contrário, apresentam verbos predominantemente no presente e na primeira pessoa, com predicados de opinião, avaliativos ou subjetivos. Segundo a autora (1996b), estruturas expressivas ou avaliativas representam a reconstrução de uma experiência, por isso requerem recursos de expressividade e avaliações.

O relato de opinião de Valéria, em sua modalidade oral, conjuga aspectos pertinentes à estrutura expositiva e também à expressiva. Quanto ao primeiro tipo de estrutura, pode-se verificar a predominância de verbos não-perfectivos: "eu estou *achando*"; "a gente está *vendo* o que está *acontecendo*"; "o que *era* (...) a gente não *sabia* (...), *ficava* tudo escondido"; "*achava* que tinha informação"; "eu estou *achando*"; "a gente está *sabendo*"; "eu *acho* que estão

andando"; "não *roubava* (...) lógico que *roubava*"; "a gente está *vendo*"; "não *acontecia*"; "não *podia* se falar"; "não *podia* ter"; "*ficava* todo mundo"; "eu *acho* que está *melhorando*".

Embora os verbos exprimam a não-perfectividade, os predicados que os acompanham vêm introduzidos por sujeito em primeira pessoa ou pela expressão *a gente*, numa clara manifestação expressiva e avaliativa que corresponde ao tipo de gênero proposto (relato de opinião). A expressividade com característica de expressão de julgamento é confirmada, nesse relato, em casos de cláusulas serem introduzidas pelo verbo *achar*, considerado um verbo duplo do tipo proposicional e emotivo. Verbos *proposicionais* "são aqueles que exprimem, de uma maneira geral, julgamento de ordem intelectual sobre algum fato"; verbos *emotivos*, por sua vez, "exprimem um julgamento de ordem pessoal ou cujos sujeitos exercem (ou tentam exercer) uma manipulação sobre o sujeito da cláusula subordinada, como querer, deixar e desejar" (Cezario et al., 1996, p. 79-82).

O relato de opinião apresenta, assim, uma característica dupla, porque propicia a manifestação simultânea de um julgamento de ordem intelectual e pessoal. Esse caráter dual de natureza sugestiva mais do que informativa, conferida pela emprego do verbo *achar*, é fortalecido, na modalidade oral nesse exemplo do *corpus*, pelas hesitações e pelas indeterminações semânticas e ideológicas do ponto de vista do sujeito que enuncia (ora *eu*, ora *a gente*). Do ponto de vista gramatical, a escolha de substantivos, advérbios e pronomes de natureza indefinida e demonstrativa pressupõe um conhecimento partilhado, um interlocutor capaz de preencher as informações subjacentes às escolhas indeterminadas: "eu estou achando que *agora*"; "não é o que era *antigamente*"; "a gente não... sabia de *nada*"; "ficava *tudo* escondido"; "a verdade é *isso*"; "na divulgação das *coisas* (...) que... pô... *fulano* roubou"; "está *tudo* às claras"; "eu acho que o *pessoal* também está... com medo *disso*"; "mas *hoje em dia*"; "e *antigamente* não acontecia *isso*"; "*tudo*... *tudo* proibido; "ficava *todo mundo* mais alienado"; "*um dia* a gente chega *lá*".

Todos os termos e expressões destacados[3] distinguem-se pela escassez lexical e carência informacional que requerem do interlocutor a recuperação dessas informações, que faça inferências, utilizando seu conhecimento de mundo: a informação central do texto gira em torno da abertura política do país e do papel da imprensa para a ratificação dessa abertura e divulgação dos fatos (*coisas*).

A julgar pelo tipo de construção elaborada pela informante, o professor desavisado tenderia a classificar esse texto como desprovido de coesão e coerência textuais, além de comprometido pelas inúmeras incorreções gramaticais. No entanto, deve-se levar em conta que a *lógica da oralidade* tem seus próprios mecanismos responsáveis pela garantia da coerência e da coesão textuais.

Como não se trata de um espaço de interlocução entre o entrevistador e a informante, pois não é uma situação de conversação, fica a cargo daquele e de possíveis leitores uma interpretação mais sujeita a fatores de ordem pessoal, dada a indefinição do contexto exterior ao texto. O grau de informalidade, natural nos discursos orais em relação aos escritos, prevê, então, certos arranjos sintático-semânticos que exigem do outro uma participação mais íntima com o texto, parecendo, à primeira vista, que o texto seja prejudicado em termos de legibilidade e credibilidade das informações. Cabe ao professor, nesse momento, trabalhar com critérios definidos previamente para não incorrer em equívocos desastrosos para a interpretação de textos e a compreensão dos sistemas lingüísticos em jogo, ressaltando sempre a importância da situação comunicativa estabelecida.

Esse é o momento propício, considerando-se ainda o relato por base, para o professor promover e estabelecer a reflexão de todos os aspectos envolvidos nas diversas situações lingüísticas que se apresentam. É o momento de levar o aluno a perceber como ele pode substituir uma linguagem de caráter pessoal (em que predomine a opinião) por outras em que haja reflexão sobre o

---

[3] A respeito da informatividade, ver a seção referente ao assunto no capítulo "Pressupostos teóricos fundamentais".

assunto com defesa de idéias e pontos de vista, de acordo com os propósitos comunicativos definidos. Que tal sugerir aos alunos, *sempre que possível*, que:

- substituam os elementos genéricos por outros mais precisos, devidamente contextualizados: situar o tempo e o espaço (*agora, hoje em dia, antigamente, quando*); situar os sujeitos e suas falas (*eu, a gente, fulano, quem, todo mundo*);
- esclareçam os subentendidos (*tudo às claras, tudo proibido*);
- explicitem os complementos verbais e nominais que se inferem (*fulano roubou; não é que antigamente não roubava... lógico que roubava; hoje em dia eu acho que está melhorando... um dia a gente chega lá... eu tenho esperança*: quem roubou? o que não se roubava antigamente? como o verbo *roubar* pode ser entendido em sua transitividade nesses casos? o que está melhorando hoje em dia? esperança de quê?);
- expliquem as razões dos fatos expostos: *a gente está vendo o que está acontecendo com o país; lógico que roubava*: por que se roubava?; *antigamente não acontecia isso*: o que (não) acontecia e por que não acontece mais?

Como podemos verificar, abre-se um leque de possibilidades para a interpretação do texto. Ao mesmo tempo que o professor direciona o trabalho para os aspectos gramaticais, ele desenvolve no aluno a capacidade de inferência, compreensão e interpretação. A questão da legibilidade do texto pode tornar-se uma tarefa criativa, produtiva, crítica e também prazerosa, levando o aluno a perceber que não há uma separação entre texto e gramática; ao contrário, não há um sem o outro, e vice-versa. Esse aspecto dinâmico e funcional da língua, acreditamos, é o que pode ser extraído para o seu estudo em sala de aula.

A partir das questões apresentadas, o professor pode aproveitar a oportunidade para chamar a atenção do aluno para a funcionalidade e a produtividade dos usos indefinidos e dêiticos de pronomes e advérbios no texto oral. Por exemplo, se os termos ou expressões representados pelas classes de palavras mencionadas são anafóricos ou catafóricos (solicitando ao aluno fazer as relações no texto);

se fazem referências endofóricas ou exofóricas (explicando a pertinência dessas referências pela analogia com o texto oral); se a motivação desses empregos está adequada à obtenção dos efeitos desejados (ou seja, a comunicação faz-se eficiente/eficaz? haveria outra forma mais adequada, que pudesse substituí-la, em se tratando de texto oral?); se os referidos termos e expressões enquadram-se numa classificação formal prototípica ou ultrapassam a classificação proposta pela tradição, ocupando outras funções e assim assumindo diferentes possibilidades morfológicas na oralidade; se atendem ao requisito *consistência*, isto é, quando todos os enunciados do texto podem ser considerados verdadeiros, não-contraditórios, em um mesmo mundo ou nos mundos representados no texto.

Todos os fatores tão fartamente estudados e desenvolvidos pela lingüística textual encontram terreno fértil na abordagem funcionalista da língua, uma vez que ambas as perspectivas contemplam os diversos aspectos do funcionamento lingüístico em cada situação de comunicação.

Está, pois, apresentada uma proposta prática de trabalho com a língua de modo produtivo desprovida de certos preconceitos, procurando levar adiante os requisitos expostos nos PCN, entre os quais aquele de que é preciso livrar-se do mito que ainda predomina entre os professores, "o de que existe uma única forma 'certa' de falar – a que se parece com a escrita – e o de que a escrita é o espelho da fala – e, sendo assim, seria preciso 'consertar' a fala do aluno para evitar que ele escreva errado" (PCN, 2000, p. 31).

Essa visão preconceituosa da fala (descontínua, pouco organizada, rudimentar, sem qualquer planejamento), estabelecida com base no ideal da escrita, certamente compromete o ensino da língua, pois elimina a possibilidade de trabalhar com os diferentes registros, além de empobrecer as aulas de português. Pretendemos, portanto, demonstrar como cada modalidade apresenta uma estruturação própria, motivada pelas circunstâncias pragmático-discursivas e sociocognitivas, e como a lingüística funcional pode ser um caminho viável para a produção, interpretação, análise e reflexão de variados textos que o professor deve pôr à disposição de seus alunos.

Rumos da lingüística funcional

Maria Angélica Furtado da Cunha
Mariangela Rios de Oliveira
Mário Eduardo Martelotta

Antes de fechar este livro sobre os princípios básicos do funcionalismo norte-americano, fazemos aqui alguns comentários acerca das novas tendências que se verificam no âmbito dos estudos sobre o uso da linguagem e sua relação com o desenvolvimento de futuras pesquisas no contexto da lingüística funcional. Este capítulo, portanto, trata dos caminhos que a pesquisa em funcionalismo, tal como por nós é praticada, tende a trilhar, apontando ainda para dúvidas e preocupações futuras.

Algumas constatações

Uma consulta à produção recente dos programas de pós-graduação em estudos da linguagem no Brasil permite identificar um conjunto de tendências que apontam para a progressiva valorização dos estudos do uso da língua em situação de interação, em tempo real, em espaços geográficos delimitados e com dados coletados segundo metodologias plurais. Nesses estudos contemplam-se manifestações tanto da fala quanto da escrita, desta e de outras sincronias. A listagem preliminar destas tendências mostra:

1) a expansão da pesquisa sobre o uso da língua no Brasil, traduzida pelo aumento do número de dissertações e teses em vários programas de pós-graduação e pela proliferação de grupos voltados para essa área de investigação;

2) a ênfase na investigação de outras sincronias do português, resgatando os estudos históricos, bem como a atenção para questões da escrita, revisitando os projetos de filologia e de normativização da língua;
3) a postulação da pancronia como uma perspectiva para o estudo das novas tendências de regularização e de renovação do uso, complementando o fenômeno da variabilidade, quer em termos de variação estável, quer em termos de variação que prefigura e anuncia mudança;
4) a busca de um aprofundamento dos aspectos interacionais e cognitivos envolvidos na configuração dos fenômenos lingüísticos;
5) a abordagem da esfera discursiva na análise do uso: a ênfase nas metodologias qualitativas; a observação das condições pragmático-comunicativas: o foco na interação, na situação concreta de comunicação;
6) o caráter abrangente da frente de estudos do uso da língua, em que a pesquisa caminha por vários rumos (aquisição, aprendizagem, ensino) assumindo distintos vieses.

Esses são alguns pontos que consideramos interessantes não para o fechamento, e sim para a abertura de novas perspectivas de pesquisa dos tópicos que resultaram neste livro.

Novas tendências

A postura inicial de trabalho consiste em resgatar parte do refrão segundo o qual não há teorias superadas, assim como o princípio de que também não há teorias corretas, dado que o produzir humano é, por definição, mais ou menos adequado, representa aproximações. Não há como garantir o quão próximo se está da abordagem ideal, pois não há padrão de referência para compararmos graus de adequação. O critério de escolha passa a ser o nível de satisfação que cada proposta provoca na comunidade discursiva em que a mesma se produz.

No quadro em que se verificam os desmontes das propostas paradigmáticas fechadas, parece não fazer sentido porfiar por uma

formulação exata, estrita e restritiva de uma só abordagem teórica. Convivemos com tendências de fusão dos opostos e dos complementares, em que as disciplinas unem-se ou reúnem-se em tendências inter-, multi- e transdisciplinares.

As atividades interdisciplinares supõem a interface com a sociolingüística quantitativa correlacional, em que se destacam a postulação e a análise de categorias decomponíveis em variantes discretas, mensuráveis, normalmente avaliadas com auxílio de aplicativos probabilísticos, destinados a prever tendências, verossimilhança e possibilidade de co-atuação de fatores, bem como de discriminação do efeito relativo de cada fator na configuração de fenômenos lingüísticos. Tal parceria implica uma revisão do caráter discreto das categorias, dada a tendência dos estudos do uso a postular categorias maleáveis, contínuas, escalares ou com limites imprecisos. Embasa essa postura a idéia, defendida por autores como Labov e Sankoff, de que a mente trabalha estatisticamente. A mesma perspectiva está presente na clássica afirmação de Du Bois: "As gramáticas codificam melhor o que os falantes fazem mais". Há, portanto, uma relação, a investigar, entre cognição e estatística, pressupondo-se que o procedimento psicológico individual e localizado é a base das tendências de organização social da linguagem.

Outra interface relativamente promissora é a que se verifica com estudos de *pidgins* e crioulos, e que se pode ilustrar pela análise de feixes de traços associados aos processos de *despidginização* e *descrioulização* no português no Brasil. De fato, o nascimento da língua que se dá no *pidgin* é o contexto ideal para encontrar as motivações funcionais das formas lingüísticas, que o desgaste pelo uso faz desaparecer após sucessivos processos de gramaticalização, dos quais vão derivar as línguas já formadas.

Podem-se, também, citar os esforços em criar interface com estudos de psicologia, de orientação cognitiva, a exemplo das propostas referentes à relação entre categorização e formas de percepção, bem como entre processos de metaforização e

transferência de informações entre domínios conceptuais. Esses esforços demonstram que não faz sentido estabelecer uma barreira entre as ciências psicológicas e as ciências sociais, tal como propõem Chomsky e seus seguidores.

Nesse sentido, outra parceria produtiva verifica-se com a antropologia cultural e com a etnometodologia, que resulta, entre outros aspectos, na reposição do indivíduo como centro de interesse do estudo, pelo que ele diz e, em especial, pelas intuições que tem sobre a linguagem e sobre si mesmo, como ser de linguagem. Tal parceria também se manifesta na análise dos papéis sociais, na abordagem da linguagem como elemento operador da conceptualização socialmente localizada, segundo a qual o sujeito, em situação concreta de comunicação, produz significados como objetos do discurso, e não realidades independentes, em um processo engendrado pelos participantes da interação. Por fim, pode-se falar do crescimento de uma tendência aplicada, comprometida com a ideologia e com a pedagogia lingüística.

Questões a investigar ou em processo de investigação

Com base no que foi aqui exposto, enumeramos um conjunto de questões que refletem as preocupações dos pesquisadores em lingüística funcional e que deverão transformar-se em objetivos gerais de investigações futuras:

- É possível estudar o uso da língua focalizando aspectos estruturais, relacionados à gramaticalização dos fatos lingüísticos, sem observar aspectos semânticos mais gerais?
- Com que evidência pode-se propor uma interpretação daquilo que a teoria considera sistematização, ou gramaticalização, de fatos da linguagem?
- Até que ponto a freqüência das formas lingüísticas deve ser utilizada como um critério caracterizador da estrutura da língua?
- Até que ponto os códigos e os ritos de linguagem que utilizamos resultam, do que aprendemos com os outros, na interação?

- Como distinguir entre contribuições do indivíduo ou do grupo no processo de socialização de usos da língua que resulta em gramática?
- Como relacionar os dados empíricos que apontam para mudança nas línguas com a atuação pancrônica e regular de determinadas tendências, que se manifesta não só na estabilidade que caracteriza a polissemia de alguns elementos em sincronias diferentes, mas também no fato de que trajetórias de mudança de elementos antigos espelham as mesmas trajetórias de elementos atuais?
- Qual a importância da situação sociocognitiva na produção da linguagem? Seria possível relacionar as questões associadas à cognição e à interação aos mecanismos de desenvolvimento das línguas através do tempo? Até que ponto tal relação pode conferir validade, verificabilidade, verossimilhança e testabilidade ao que propomos?

A busca de respostas a essas questões constitui o objetivo básico e atual do grupo de estudos Discurso & Gramática.

Bibliografia comentada

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica (org.) *Procedimentos discursivos na fala de Natal. Uma abordagem funcionalista.* Natal: Ed. UFRN, 2000.

Coletânea que reúne trabalhos desenvolvidos pelo grupo de estudos Discurso & Gramática, seção UFRN, sobre a interface entre discurso, morfossintaxe e ensino-aprendizagem de língua materna, com base no português em uso na cidade de Natal (RN). Os temas investigados compreendem: estratégias de negação, manifestação do sujeito oracional, usos e funções do *onde*, processos de superlativação e expressão da subjetividade, descritos sob a perspectiva da lingüística funcional americana. A relevância dessa obra consiste ainda no valor documental que representa ao contemplar como objeto de investigação a variedade lingüística do português do Nordeste do Brasil.

GIVÓN, Talmy. *Functionalism and grammar.* Amsterdã/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

Um dos maiores méritos da obra de Givón é o de oferecer à comunidade acadêmica uma reflexão teórica mais densa e modalizada da proposta funcionalista em relação a sua fase inicial, acompanhada da revisão das propostas empíricas dessa abordagem. Partindo do pressuposto de que padrões estruturais devem e precisam ser considerados no trato da língua em uso, de que há uma parte da gramática em que a arbitrariedade e a opacidade evidenciam-se, o autor amplia e aprofunda a discussão desse paradigma: faz o histórico e a autocrítica do funcionalismo, inclui a dimensão discursiva no trato da marcação, aborda a gramática e a coerência no texto e na mente; enfim, rediscute os postulados teóricos e redefine as metas empíricas dessa ainda nova vertente dos estudos lingüísticos.

LAKOFF, George. *Women, fire and dangerous things. What categories reveal about mind.* Chicago/Londres: The University of Chicago Press, 1987.

Trata-se de um livro sobre categorização e sua relação com nossos pensamentos, nossas ações e nossa comunicação. O autor apresenta as bases cognitivas do fenômeno da categorização, estabelecendo uma oposição às tendências que as *propostas objetivas* atribuem ao fenômeno.

MARTELOTTA, Mário; VOTRE, Sebastião; CEZARIO, Maria Maura. *Gramaticalização no português do Brasil. Uma abordagem funcional.* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

Representa uma obra básica sobre o processo de gramaticalização, que aborda essencialmente o desenvolvimento de conjunções a partir de advérbios espaciais e temporais. O livro apresenta ainda análises acerca de outros fenômenos, como a negação, a repetição, a ordenação de constituintes e a integração de cláusulas, à luz da teoria da gramaticalização. A obra propõe também o processo de discursivização para dar conta do desenvolvimento dos elementos chamados *marcadores discursivos*.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional.* São Paulo: Martins Fontes, 1997.

Introdução à visão funcionalista da linguagem, focalizando os diferentes modelos de análise que se enquadram nessa linha de pesquisa, a partir da Escola de Praga, passando pelo funcionalismo europeu de M. A. K. Halliday e Simon Dik, pela corrente americana de Talmy Givón, Sandra Thompson e Paul Hopper, até a interface mais recente entre gramática funcional e cognitivismo. Aborda, ainda, os conceitos-chave desse quadro teórico, como motivação, iconicidade e gramaticalização. O último capítulo destaca a aplicação dos princípios funcionalistas nas diversas áreas de investigação lingüística.

OLIVEIRA, Mariangela Rios. *Repetição em diálogos. Análise funcional da conversação.* Niterói: Eduff, 1998.

Abordagem das estratégias de repetição lexical em diálogos entre dois informantes do *corpus* Nurc/RJ, com evidência da forte iconicidade caracterizadora desses fenômenos. A autora, fundamentando-se no aparato teórico do funcionalismo de orientação norte-americana, levando em conta as dimensões cognitiva e pragmática associadas à articulação dessas estruturas, e nas contribuições da análise da conversação, estabelece níveis hierárquicos e inter-relacionais da organização da repetição atuantes na constituição do texto conversacional como um todo. Trata-se de um estudo que focaliza a interface *discurso* × *gramática* em perspectiva funcional.

Referências bibliográficas

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 31. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral*. São Paulo: Editora Nacional/Edusp, 1976.

BOLINGER, Dwight. *Aspects of language*. Nova York: Harcourt Brace Janovich, 1975

_____. *Meaning and form*. Londres: Longmans, 1977.

BYBEE, Joan. Semantic substance vs. contrast in the development of grammatical meaning. *Berkeley Linguistics Society*, 14: 247-264, 1988.

BYBEE, Joan; PERKINS, Revere; PAGLIUCA, William. *The evolution of grammar*. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1976.

CAMPBELL, Lyle; JANDA, Richard. Introduction: conceptions of grammaticalization and their problems. *Language Sciences*, 23: 93-112, 2001.

CEZARIO, Maria Maura et al. Integração entre cláusulas e gramaticalização. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CEZARIO, Maria Maura (orgs.) *Gramaticalização no português do Brasil*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p. 77-113.

CHAFE, Wallace. Giveness, contrastiveness, definiteness, subjects and point of view. In: LI, Charles (ed.) *Suject and topic*. Nova York: Academic Press, 1976.

_____. The recall and verbalization of past experience. In: COLE, Roger (ed.) *Current issues in linguistic theory*. Bloomington: Indiana University Press, 1977.

_____. Linguistic differences produced by differences between speaking and writing. In: OLSON, David et al. (eds) *Literacy, language and learning*. Massachusetts: Cambridge University Press, 1986, p. 105-123.

COSTA, Marcos Antonio. *Procedimentos de manifestação do sujeito. Uma análise funcionalista.* Dissertação de mestrado – UFRN. Natal, 1995.

_____. Procedimentos de manifestação do sujeito. In: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica (org.) *Procedimentos discursivos na fala de Natal. Uma abordagem funcionalista.* Natal: Ed. UFRN, 2000.

CUNHA, Celso. *Gramática da língua portuguesa.* Rio de Janeiro: Fename, 1975.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DÉSIRÉ, F. T. *Gramatica historica.* Rio de Janeiro: Francisco Alves, s/d.

DIRVEN, René; FRIED, Vilém. *Functionalism in linguistics.* Amsterdã: John Benjamins, 1987.

ERNOUT, Alfred; THOMAS, François. *Syntaxe latine.* Paris: Librairie C. Lincksiek, 1953.

FARIA, Ernesto. *Dicionário escolar latino-português.* Rio de Janeiro: MEC-Fename, 1975.

FERREIRA, Lucia Maria Alves. *A estabilidade semântico-sintática do modal* poder. *Evidências em três sincronias.* Tese de doutorado – UFRJ. Rio de Janeiro, 2000.

FONTAINE, Jacqueline. *O círculo lingüístico de Praga.* São Paulo: Cultrix/ Edusp, 1978.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. Gramaticalização dos mecanismos de negação em Natal. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CEZARIO, Maria Maura (orgs.) *Gramaticalização no português do Brasil.* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

_____. (org.) *Corpus Discurso & Gramática. A língua falada e escrita na cidade do Natal.* Natal: Ed. UFRN, 1998.

_____. A negação no português: uma perspectiva pancrônica. In: *Procedimentos discursivos na fala de Natal. Uma abordagem funcionalista.* Natal: Ed. UFRN, 2000.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; VOTRE, Sebastião. A interação sincronia/diacronia no estudo da sintaxe. *Delta,* 15: 85-111, 1999.

GEENBERG, Joseph H. Some iconic relationships among place, time and discourse deixis. In: HAIMAN, John (ed.) *Iconicity in sintax.* Amsterdã/ Filadélfia: John Benjamins, 1985.

GIVÓN, Talmy. *On understanding grammar.* Nova York: Academic Press, 1979a.

_____. From discourse to syntax: grammar as a processing strategy. In: GIVÓN, Talmy (ed.) *Syntax and semantics. Discourse and syntax.* Nova York: Academic Press, vol. 12, p. 81-112, 1979b.

GIVÓN, Talmy. *Syntax. A functional-typological introduction*. Amsterdã: John Benjamins, 1990.

_____. *English grammar. A function-based introduction*. Amsterdã: John Benjamins, 1993, vol. II.

_____. *Functionalism and grammar*. Amsterdã: John Benjamins, 1995.

GÖRSKI, Edair. *Condições de entrada e de continuidade do referente em narrativas orais*. Dissertação de mestrado – UFRJ. Rio de Janeiro, 1985.

GRICE, Paul. Logic and conversation. In: COLE, Peter; MORGAN, Jerry (eds.) *Syntax and semantics. Speech acts*. Nova York: Academic Press, vol. 13, p. 41-58, 1975.

HARRIS, Alice; CAMPBELL, Lyle. *Historical syntax in cross-linguistic perspective*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike; HÜNNEMEYER, Friederike. *Grammaticalization. A conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HJELMSLEV, Louis. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

HOPPER, Paul. Emergent grammar. *Berkeley Linguistics Society*, 13: 139-157, 1987.

_____. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd (eds.) *Approaches to grammaticalization*. Amsterdã: John Benjamins, 1991, vol. 1.

HOPPER, Paul; THOMPSON, Sandra. Transitivity in grammar and discourse. *Language*, 56 (2): 251-299, 1980.

HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

ILARI, Rodolfo; GERALDI, João Wanderley. *Semântica*. São Paulo: Ática, 1985.

KATO, Mary A. As formas de funcionalismo na sintaxe. *Delta*, 14 (n. esp.): 145-168, 1998.

KOCH, Ingedore. *O texto e a construção de sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997.

KOCH, Ingedore; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A coerência textual*. São Paulo: Contexto, 1991.

KOFFKA, K. *Principles of gestalt psychology*. Nova York: Harcourt, Brace and Company, 1935.

LABOV, William. *Principles of linguistic change*. Cambridge: Blackwell, 1994, vol. 1.

LAKOFF, George; TURNER, Marc. *More than cool reason. A field guide to poetic metaphor*. Chicago: The University of Chicago Press, 1989.

LEPSCHY, Giulio. *A lingüística estrutural*. São Paulo: Perspectiva/Edusp, 1971.

LEROY, Maurice. *As grandes correntes da lingüística moderna*. São Paulo: Cultrix, 1982.

LEVINSON, Stephen. *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

LICHTENBERK, Frantisek. On the gradualness of grammaticalization. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd (eds.) *Approaches to grammaticalization*. Amsterdã: John Benjamins, 1991, vol. 1.

LYONS, John. *Introdução à lingüística teórica*. São Paulo: Editora Nacional/ Edusp, 1979.

_____. *Language, meaning and context*. Londres: Fontana/Collins, 1981.

MACEDO, Alzira Verthein Tavares de. Funcionalismo. *Veredas*, 1 (2): 71-88, 1998.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1977.

MALER, Bertil (ed.) *Orto do esposo*. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1965.

MALMBERG, Bertil. *As novas tendências da lingüística. Uma orientação à lingüística moderna*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Quando a referência é uma inferência*. Conferência apresentada no GEL-SP, 2000. (mimeogr.)

MARMARIDOU, Sophia S. *Pragmatic meaning and cognition*. Amsterdã/ Filadélfia: John Benjamins, 2000.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Os circunstanciadores temporais e sua ordenação. Uma visão funcional*. Tese de doutorado – UFRJ. Rio de Janeiro, 1994.

_____. *Figura e fundo. Uma proposta prática de análise*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998. (mimeogr.)

MARTELOTTA, Mário Eduardo; ALCÂNTARA, Fabiana. Discursivização da partícula *né?*. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CEZARIO, Maria Maura (orgs.) *Gramaticalização no português do Brasil*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p. 277-291.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; SILVA, Edna Inácio. Gramaticalização dos usos do vocábulo *mal*. *Revista da Anpoll*, 3: 165-173, 1997.

MARTELOTTA, Mário et al. Gramaticalização e discursivização de *assim*. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CEZARIO, Maria Maura (orgs.) *Gramaticalização no português do Brasil*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p. 261-276.

MATISOFF, James A. A real and universal dimension of grammatization in Lahu. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd (eds.) *Approaches to grammaticalization*. Amsterdã: John Benjamins, 1991, vol. 2.

MCMAHON, April. *Understanding language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

MOUNIN, Georges. *A lingüística do século XX*. Portugal/Brasil: Presença/ Martins Fontes, 1973.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática na escola*. São Paulo: Contexto, 1991.

_____. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

NICHOLS, Johanna. Functional theories of grammar. *Annual Review of Anthropology*, 13: 97-117, 1984.

NUNES, J. J. *Crestomatia arcaica*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1943.

OLIVEIRA, Leonor de Araújo Bezerra. *A trajetória de gramaticalização do* onde*: uma abordagem funcionalista*. Dissertação de mestrado – UFRN. Natal, 1997.

_____. A trajetória de gramaticalização do *onde*. In: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica (org.) *Procedimentos discursivos na fala de Natal. Uma abordagem funcionalista*. Natal: Ed. UFRN, 2000.

OLIVEIRA, Mariangela Rios de. Iconicidade e produtividade dos processos de repetição. *Anais do II Congresso Nacional da Abralin*, UFSC, 2000.

PAREDES SILVA, Vera Lucia. *Variações tipológicas no gênero textual carta*. Trabalho apresentado no XI Encontro Nacional da Anpoll. João Pessoa, 1996a. (mimeogr.)

_____. *Forma e função nos gêneros discursivos*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996b. (mimeogr.)

PCN – PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. *Língua portuguesa*. Secretaria de Educação Fundamental. Rio de Janeiro: MEC/DP&A, 2000.

PEIRCE, Charles Sanders. In: BUCHLER, John (ed.) *The philosophy of Peirce*. Nova York: Harcourt and Brace, 1940.

PLATÃO, Francisco; FIORIN, José Luis. *Lições de texto. Leitura e redação*. São Paulo: Ática, 1996.

PRINCE, Ellen. Toward a taxonomy of given-new information. In: COLE, Peter (ed.) *Radical pragmatics*. Nova York: Academic Press, 1981.

RIGONI COSTA, Maria Cristina. *Modalidade e gramaticalização. Estratégias discursivas na fala carioca*. Tese de doutorado – UFRJ. Rio de Janeiro, 1995.

ROSSI, Nelson et al. (eds.) *Livro das aves*. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1965.

SAID ALI, M. *Meios de expressão e alterações semânticas*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1970. Série Universidade, 2.

_____. *Gramática histórica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971. Biblioteca Brasileira de Filologia, 19.

SALOMÃO, Maria Margarida Martins. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. *Veredas*, 4: 61-79, 1999.

SANKOFF, Gillian. *The social life of language*. Pensilvânia: The University of Pennsylvania Press, 1980.

SANKOFF, Gillian; BROWN, Penelope. The origins of syntax in discourse: a case study of Tok Pisin relatives. *Language*, 52: 631-666, 1976.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 1973.

SCHIFFRIN, Deborah. *Approaches to discourse*. Oxford: Blackwell, 1994.

SEQUEIRA, F. J. Martins. *Aspectos do português arcaico*. Lisboa: União Gráfica, 1943.

SILVA, Maria Aparecida. *O processo de gramaticalização do verbo* ir. Dissertação de mestrado – UFRN. Natal, 2000.

SILVA, Romerito José. Mecanismos alternativos de superlativação. In: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica (org.) *Procedimentos discursivos na fala de Natal. Uma abordagem funcionalista*. Natal: Ed. UFRN, 2000.

SILVA E SILVA, Edna Inácio. *As tendências de ordenação do advérbio* mal. *Uma abordagem diacrônica*. Dissertação de mestrado – UFRJ. Rio de Janeiro, 2001.

SILVEIRA, Elizabeth. *Relevância em narrativas orais*. Tese de doutorado – UFRJ. Rio de Janeiro, 1991.

SLOBIN, Dan Isaac. *Psicolingüística*. São Paulo: Editora Nacional/Edusp, 1980.

TABOR, Whitney; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. Structural scope expansion and grammaticalization. In: RAMAT, Anna; HOPPER, Paul (eds.) *The limits of grammaticalization*. Amsterdã: John Benjamins, 1998, p. 229-272.

TOMLIN, Russell. Linguistics reflections of cognitive events. In: TOMLIN, Russell (ed.) *Coherence and grounding in discourse*. Amsterdã: John Benjamins, 1987, p. 455-479.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. On the rise of epistemic meaning: an example of subjectification in semantic change. *Language*, 65 (1): 31-55, 1989.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd (eds.) *Approaches to grammaticalization*. Amsterdã: John Benjamins, 1991, vol. 1.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; KÖNIG, Ekkehard. The semantics-pragmatics of grammaticalization revisited. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd (eds.) *Approaches to grammaticalization*. Amsterdã: John Benjamins, 1991, vol. 1.

ULLMANN, Stephen. *Semântica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1977.

VOTRE, Sebastião Josué. *Lingüística funcional. Teoria e prática*. Quebec: Université Lava, 1992. (versão preliminar, mimeogr.)

_____. *Cognitive verbs in Portuguese and Latin. Unidirectionality revisited*. Santa Bárbara: Universidade da Califórnia, 1999. (mimeogr.)

_____. A integração das objetivas diretas. *Cadernos do CNFL*, 2: 71-87 (A perspectiva pancrônica da integração função-forma na sintaxe do português). Rio de Janeiro: Uerj, 2000.

VOTRE, Sebastião Josué; OLIVEIRA, Mariangela Rios de (orgs.) *Corpus Discurso & Gramática. A língua falada e escrita na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995. (mimeogr.)

Sobre os autores

Eduardo Kenedy Areas, doutorando em Lingüística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Lucia Maria Alves Ferreira, doutora em Lingüística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), professora da Universidade do Rio de Janeiro (UniRio), uma das organizadoras de *Linguagem, identidade e memória social: novas fronteiras, novas articulações* (DP&A, 2002).

Marcos Antonio Costa, doutorando em Lingüística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Maria Angélica Furtado da Cunha, doutora em Lingüística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com pós-doutorado na Universidade da Califórnia (Santa Bárbara), professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), coordenadora do grupo D&G/UFRN, e organizadora de *Procedimentos discursivos na fala de Natal* e *Corpus Discurso & Gramática: a língua falada e escrita na cidade de Natal.*

Maria Maura Cezario, doutora em Lingüística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) – onde também é professora –, coordenadora do grupo D&G/UFRJ e uma das organizadoras de *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional.*

Mariangela Rios de Oliveira, doutora em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), professora da Universidade Federal Fluminense (UFF), coordenadora do grupo D&G/UFF e autora de *Repetição em diálogos: análise funcional da conversação.*

Mário Eduardo Martelotta, doutor em Lingüística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) – onde também é professor –, coordenador geral do grupo D&G e um dos organizadores de *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*.

Victoria Wilson Coelho, doutora em Lingüística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj) e uma das autoras da série *Entre textos: leitura e produção de textos no ensino da língua portuguesa*.

DP&A na internet

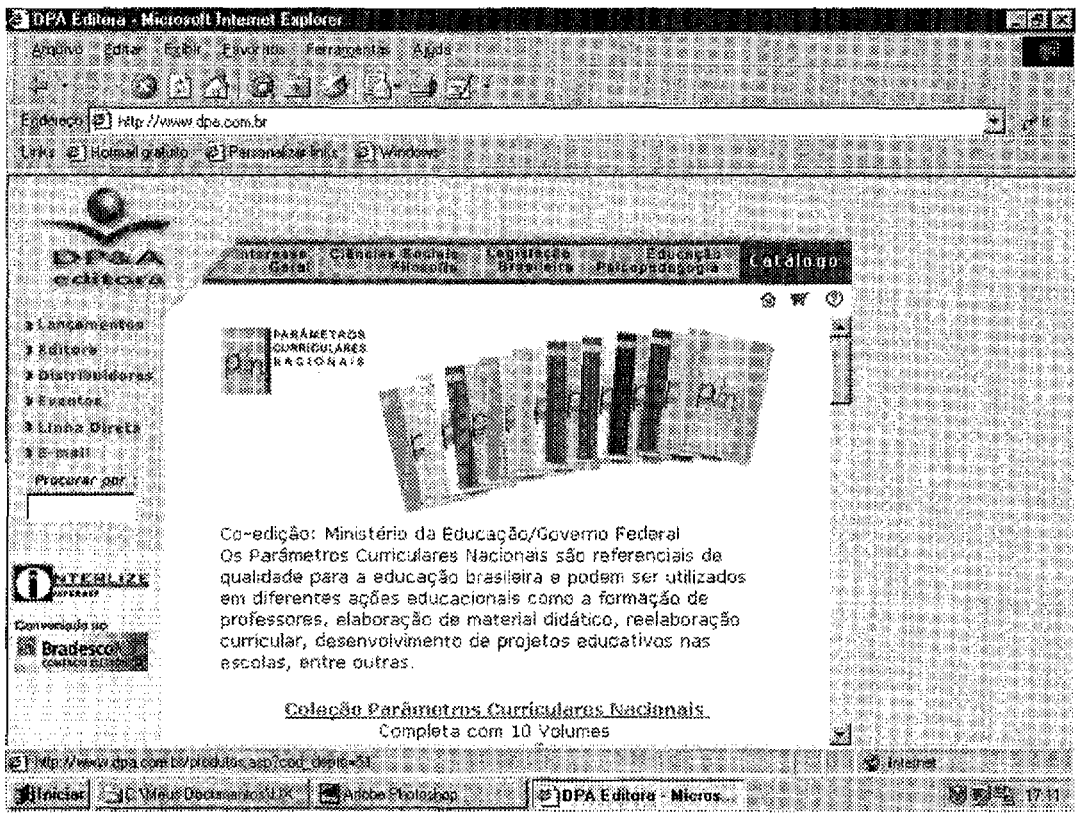

No *site* da **DP&A editora**, você tem acesso ao nosso catálogo completo e à lista de distribuidores, além de poder se cadastrar para receber informações periódicas sobre novos títulos e eventos. Você pode comprar nossos livros de três formas: cartão Visa, débito em conta e boleto bancário. Confira nossos lançamentos!

DP&A editora

Home page: **www.dpa.com.br**
e-mail: **dpa@dpa.com.br**

Impresso nas oficinas da

SERMOGRAF - ARTES GRÁFICAS E EDITORA LTDA.

Rua São Sebastião, 199 - Petrópolis - RJ

Tel.: (24) 2237-3769

e léxico-semânticos do português, desenvolvidas pelos membros do grupo de estudos Discurso & Gramática, com competência, seriedade e alto rendimento. É a acepção de diagnóstico, descrição, análise da sintaxe no discurso. Já o segundo sentido do termo *prática* transporta-nos para uma esfera menos consensual, em cuja órbita gravitam problemas de distinta natureza, porque em interface com a intervenção. Pedra de escolho no caminho dos lingüistas, formados para a pesquisa, guiados pelas perguntas e orientados para um fazer em que a verdade final não existe, a intervenção supõe a certeza da superioridade das propostas interventivas face às que vigem no mercado, a garantia de que vale a pena mudar os hábitos lingüísticos dos membros da comunidade discursiva e, sobretudo, a apresentação e discussão das estratégias para assim proceder.

A produção do conhecimento na área da linguagem convive com uma séria crise de esvaziamento na repetição de propostas de intervenção e no amálgama de alternativas de análise, provocada em parte pelo afã de mostrar resultados, a todo custo, para atender à demanda de controle acadêmico sobre o aumento de produtividade dos órgãos governamentais. A expectativa é que este livro sobreviva, sereno, às perturbações e aos conflitos na área, resultantes da exacerbação do modismo.

Sebastião Votre

Professor adjunto de Língua Portuguesa
da Universidade Federal Fluminense (UFF).

Este livro constitui uma proposta inovadora no panorama dos estudos lingüísticos no Brasil. Elaborado em linguagem acessível e clara, bem como apoiado em farta exemplificação do português em uso no Brasil, nas modalidades falada e escrita, *Lingüística funcional: teoria e prática* é dedicado aos iniciantes no estudo dos aspectos funcionais do uso da linguagem, notadamente alunos de graduação e pós-graduação do curso de Letras, além de docentes de Língua Portuguesa. Trata-se de uma obra introdutória aos princípios básicos do funcionalismo, em sua vertente norte-americana. Como o título sugere, conjugam-se a exposição e a reflexão teóricas com a demonstração da aplicabilidade dos conceitos abordados. Essa conjugação confere-lhe o bem-vindo caráter didático, tão necessário aos que dão seus primeiros passos no vasto e diversificado campo da pesquisa lingüística em nosso país.

ISBN 85-7490-240-3

9 798574 902400

FAPERJ
Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

DP&A editora

O objetivo precípuo desta obra é apresentar ao leitor brasileiro uma visão panorâmica da lingüística textual, ramo da ciência da linguagem que vem tendo grande impulso, nas últimas décadas, especialmente na Europa, e cuja divulgação em nosso país é ainda incipiente, em razão de existirem poucas obras traduzidas para o português.

Este trabalho constitui um auxiliar precioso para todos aqueles que se interessam por esse campo de pesquisa e, particularmente, para professores e alunos de cursos de graduação e pós-graduação em Letras, Comunicações e áreas afins.

O livro das professoras Leonor Lopes Fávero e Ingedore G. Villaça Koch, resultado de cuidadoso trabalho de pesquisa, em obras publicadas em diversos idiomas, visa pôr em evidência os relevantes problemas oriundos do estudo das propriedades específicas do texto e descrever alguns dos vários modelos já propostos de gramáticas textuais.

ISBN 85-249-0380-5

9 788524 903809

CORTEZ EDITORA

Leonor Lopes Fávero • Ingedore G. Villaça Koch

ística Textual: Introdução

81 42
F2 3L
6.ed.
e.4

Leonor Lopes Fávero
Ingedore G. Villaça Koch

Lingüística Textual: Introdução

6ª edição

CORTEZ EDITORA

www.scanto.pdf.co.uk

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Fávero, Leonor Lopes e.
F277L Lingüística textual : uma introdução / Leonor Lopes Fávero, Ingedore G. Villaça Koch. – 6. ed. – São Paulo. Cortez, 2002. (Série gramática portuguesa na pesquisa e no ensino ; 9)

Bibliografia
ISBN 85-249-0380-5

1. Análise do discurso 2. Lingüistas 3. Lingüística I. Koch, Ingedore Grunfeld Villaça. II. Título.

CDD - 410
- 409.2
- 415

83-0683

Índices para catálogo sistemático:

1. Análise do discurso : Lingüística 410
2. Discurso : Análise : Lingüística 410
3. Gramática textual : Lingüística 415
4. Lingüistas : Biografia e obra 409.2
5. Lingüística textual 410

Leonor Lopes Fávero
Ingedore G. Villaça Koch

Lingüística Textual:

Introdução

6ª edição

CORTEZ EDITORA

135044

produced with ScanToPDF

LINGÜÍSTICA TEXTUAL: uma introdução
Leonor Lopes Fávero
Ingedore G. Villaça Koch

Capa: Carlos Clémen

81 42
F 213 L
6 ED
E 4
ISBN 85-249-0944-4
SBD 122 ...

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou duplicada sem autorização expressa das autoras e do editor.

© 1983 by Autoras

Direitos para esta edição
CORTEZ EDITORA
Rua Bartira, 317 – Perdizes
05009-000 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3864-0111 Fax: (11) 3864-4290
E-mail: cortez@cortezeditora.com.br
www.cortezeditora.com.br

Impresso no Brasil – fevereiro de 2002

SUMÁRIO

Nota introdutória 9

Capítulo 1:

A LINGÜÍSTICA TEXTUAL 11
1.1. Origem 11
1.2. Causas do surgimento das gramáticas textuais 12
1.3. Momentos 13
1.4. Conceituação e relevância das gramáticas textuais 17
1.5. O conceito de texto 18
1.6. Texto e discurso 23

Capítulo 2:

PRECURSORES DA LINGÜÍSTICA TEXTUAL 27
2.1. Precursores *lato senu* 27
2.2. Precursores *stricto sensu* 29

Capítulo 3:

A LINGÜÍSTICA TEXTUAL NA EUROPA 37
3.1. Halliday 37
3.2. Weinrich 43
3.3. Ducrot 47
3.4. Isenberg 51
3.5. Lang 62
3.6. Dressler 71
3.7. Van Dijk 78
3.8. Petöfi 91

Bibliografia geral 106

www.scantopdf.co.uk
Produced with ScanToPDF

www.scantopdf.co.uk

Leonor Lopes Fávero é licenciada em Letras Neolatinas pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Fez seus estudos pós-graduados no Programa de Lingüística Aplicada ao Ensino de Línguas da PUC/SP, doutorando-se em Lingüística — Português. Titular de Língua Portuguesa na PUC/SP, vinculada ao Departamento de Português, é docente do Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa, onde ministra os cursos de Sintaxe da Língua Portuguesa I e III, e do Centro de Educação, onde leciona Prática de Ensino de Português, além de coordenar cursos de Especialização em Língua Portuguesa para professores de 1º e 2º graus, oferecidos anualmente pela PUC/SP.

Ingedore Grunfeld Villaça Koch é bacharel em Direito pela Universidade de São Paulo e possui licenciatura plena em Letras. Fez seus estudos pós-graduados no Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa da PUC/SP, onde obteve os títulos de mestre e de doutora em Ciências Humanas: Língua Portuguesa. É docente vinculada ao Departamento de Português da Faculdade de Comunicação e Filosofia da PUC/SP, onde ministra diversas disciplinas constantes dos currículos dos cursos de graduação em Língua e Literatura Portuguesas, Língua e Literatura Inglesas e Jornalismo, além de cursos de extensão e especialização.

Produced with ScanToPDF

www.scantopdf.co.uk

Para minha mãe,
Ovídio, Mariana e Luiz Paulo

Para minha mãe,
Luiz, Anamaria e Paulo Fernando

Scanned with ScanToPDF

NOTA INTRODUTÓRIA

O objetivo desta obra é apresentar ao leitor brasileiro uma visão panorâmica do recente ramo da ciência da linguagem que se denomina lingüística textual.

O livro compõe-se de três capítulos. No primeiro, introdutório, procura-se mostrar as causas do surgimento das chamadas gramáticas textuais, apresentar a sua conceituação e evidenciar-lhes a relevância, além de indicar as diferentes abordagens teóricas de que vêm sendo objeto; apresentam-se, também, diversas das acepções com que se vêm empregando os termos texto e discurso.

No segundo capítulo, faz-se, inicialmente, referência a disciplinas que, de uma maneira ou de outra, ocuparam-se de aspectos significativos para a melhor compreensão do discurso e do texto (a antiga retórica, a estilística, o formalismo russo); a seguir, são focalizados alguns lingüistas cujas obras podem ser consideradas precursoras, por terem se estendido além dos limites do enunciado (Harris, Pêcheux, Pike e outros).

No terceiro capítulo, procede-se a uma resenha informativa de trabalhos de alguns autores, quer da linha estruturalista, quer da gerativa, empenhados, uns, na pesquisa das propriedades específicas do texto, outros, na construção de modelos de gramáticas textuais. Entre os primeiros, selecionaram-se nomes representativos como os de Halliday, Ducrot e Weinrich; entre os últimos, Isenberg e Lang — que apresentam sugestões quanto a possíveis modelos — e Dressler, Petofi e Van Dijk — que chegam a formalizar modelos explícitos, os quais apresentam entre si pontos convergentes e divergentes. Não se incluiu nesta obra, além de diversos outros, o nome de S. J. Schmidt, pelo fato de encon-

trar-se traduzido para o português seu livro *Lingüística e Teoria de Texto*, que traz, claramente delineados, os fundamentos teóricos em que se assentam os seus trabalhos.

Este trabalho justifica-se pelo fato de fazermos parte de um núcleo de pesquisa — o Instituto de Pesquisas Lingüísticas "Sedes Sapientiae" para Estudos de Português, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo — que vem se dedicando, nestes últimos anos, à elaboração de uma Gramática Portuguesa de Texto.

A obra destina-se, precipuamente, a estudantes universitários e, de modo especial, a pós-graduandos, interessados em colocar-se a par das teorias sobre o texto surgidas, nas últimas décadas, em diversos países, especialmente da Europa.

Para facilitar-lhes o entendimento do assunto — já de si bastante complexo — optou-se por traduzir as citações dos originais, escritos quase todos em alemão, espanhol, francês, inglês e italiano.

Deseja-se ressaltar que não se trata de uma resenha crítica das obras aqui examinadas, já que o principal objetivo é o de dar aos leitores uma visão geral do que se vem fazendo nesse domínio. Isto lhes permitirá não só tomar conhecimento desses trabalhos, como, posteriormente, aprofundar o estudo daqueles autores que lhes parecerem mais interessantes, através de consulta direta às suas obras, para o que poderá servir de guia a bibliografia apresentada no final deste livro.

Espera-se ter atingido os objetivos almejados.

As Autoras

Biblioteca "Prof. José Aurélio"

www.scanto pdf.co.uk

Capítulo 1

A LINGÜÍSTICA TEXTUAL

1.1. ORIGEM

A lingüística textual constitui um novo ramo da lingüística, que começou a desenvolver-se na década de 60, na Europa, e, de modo especial, na Alemanha.

Sua hipótese de trabalho consiste em tomar como unidade básica, ou seja, como objeto particular de investigação, não mais a palavra ou a frase, mas sim o texto, por serem os textos a forma específica de manifestação da linguagem.

A origem do termo *lingüística textual* pode ser encontrada em Coseriu (1955), embora, no sentido que lhe é atualmente atribuído, tenha sido empregado pela primeira vez por Weinrich (1966, 1967).

A partir dessa década, surge uma rica bibliografia sobre o assunto, destacando-se autores como Heidolph, Hartung, Isenberg, Thümmel, Hartmann, Harweg, Petöfi, Dressler, Van Dijk, Schmidt, Kummer, Wunderlich, entre outros, cujos trabalhos se desenvolvem, sobretudo, em equipes, concentradas em núcleos importantes como os de Westfalia, Münster, Colônia, Constança, Hamburgo e Bielefeld. Várias revistas dedicam-lhe números especiais, como é o caso de *Replik*, 1 (1982), 2; *LiLi. Zeitschrift für Literaturwissenschaft und Linguistik*, 2 (1972), 5; *Poetics*, 3 (1972); *Der Deutschunterricht*, 24 (1972); *Langages*, 26 (1977). Realizam-se, sobre o tema, congressos internacionais. Dicionários e enciclopédias de lingüística documentam amplamente as novas pesquisas, podendo-se citar as obras de Lewandowski (*Linguistisches Wörterbuch*), Althaus, Henne e Wiegand (*Lexicon der Germanistischen Linguistik*) e Stammerjohann (*Handbuch der Linguistik*).

Importante é salientar que, devido à diversidade das concepções de *texto* na lingüística textual, as denominações dadas à disciplina pelos autores das diversas correntes apresentam-se bastante variadas e, por vezes, desorientadoras. Têm-se, assim, além de *análise transfrástica* e *gramática de texto*, outras denominações tais como *Textologia* (Harweg), *Teoria de Texto* (Schmidt), *Translingüística* (Barthes), *Hipersintaxe* (Palek), *Teoria da Estrutura do Texto — Estrutura do Mundo* (Petöfi) etc.

1.2. CAUSAS DO SURGIMENTO DAS GRAMÁTICAS TEXTUAIS

Entre as causas que levaram os lingüistas a desenvolverem gramáticas textuais, podem-se citar: as lacunas das gramáticas de frase no tratamento de fenômenos tais como a correferência, a pronominalização, a seleção dos artigos (definido ou indefinido), a ordem das palavras no enunciado, a relação tópico-comentário, a entoação, as relações entre sentenças não ligadas por conjunções, a concordância dos tempos verbais e vários outros que só podem ser devidamente explicados em termos de texto ou, então, com referência a um contexto situacional.

Assim, colocou-se, de imediato, um dilema: para um tratamento adequado dos fenômenos citados, bastaria fazer intervir, na gramática da frase, o *contexto*, ou seja, construir uma gramática do enunciado que levasse em conta o seu contexto? Ou seria necessário construir uma nova gramática — a gramática textual?

Dressler (1977) demonstra que, na verdade, são poucos os problemas da gramática que não têm alguma relação com uma lingüística do texto. Pondera que, nas gramáticas da frase, ficam excluídas vastas partes da morfologia, da fonologia e da lexicologia. Já a lingüística textual comporta diversas manifestações: cabe à *semântica do texto* explicitar o que se deve entender por significação de um texto e como ela se constitui. É tarefa da *pragmática do texto* dizer qual é a função de um texto no contexto (extralingüístico). A *sintaxe do texto* tem por encargo verificar como vem expressa sintaticamente a significação de um texto e como pode expressar o que está à sua volta. Estreitamente correlacionada à sintaxe do texto, está a *fonética do texto*, que, de modo análogo à fonética da frase, ocupa-se das características e dos sinais fonéticos da configuração sintática textual.

Finalmente, pode-se indagar quais as contribuições que a lingüística do texto pode dar a disciplinas afins não-lingüísticas e de que modo pode ser enriquecida por elas: está aí o papel interdisciplinar da lingüística textual.

1.3. MOMENTOS

Conte (1977) distingue três momentos fundamentais na passagem da teoria da frase à teoria de texto, frisando que não se trata de uma distinção de ordem cronológica, e sim tipológica, por não haver, entre eles, uma sucessão temporal, constituindo-se cada um deles em um tipo diferente de desenvolvimento teórico.

Apresenta, como primeiro momento, o da *análise transfrástica*, em que se procede à análise das regularidades que transcendem os limites do enunciado; o segundo é o da construção das *gramáticas textuais*; o terceiro, finalmente, é o da construção das *teorias de texto*.

1.3.1. No primeiro momento, a pesquisa circunscreve-se, ainda, a *enunciados* ou *seqüências de enunciados*, partindo-se, pois, destes em direção ao texto, definido, por exemplo, por Isenberg (1970) como "seqüência coerente de enunciados". Seu principal objetivo é o de estudar os tipos de relação que se podem estabelecer entre os diversos enunciados que compõem uma seqüência significativa.

Entre essas relações, ocupam primeiro plano as relações referenciais, em particular a correferência, que é considerada como um dos principais fatores de coesão textual.

Nesta linha, podem-se citar os trabalhos de Harweg (1968), para quem são os *pronomes* que constituem um texto em texto. Classifica como pronome toda e qualquer expressão lingüística que retoma (como *substituens*) outra expressão lingüística co-referencial (*substituendum*). Assim, define o texto como uma sucessão de unidades lingüísticas constituída mediante uma concatenação pronominal ininterrupta.

Mesmo dentro dessa linha de pesquisa, encontram-se orientações bastante heterogêneas: umas estruturalistas (H. Weinrich, R. Harweg), outras gerativistas (H. Isenberg, W. Thümmel, R. Steinitz, L. Karttunen). Embora se deva reconhecer que, nesse primeiro momento, deu-se um passo à frente, ao se superarem os limites da frase, e que se preparou, de certa forma, o terreno para uma gramática textual, não se pode dizer, porém, que se

tenha chegado a um tratamento autônomo do texto, nem que se tenha construído um modelo teórico capaz de garantir um tratamento homogêneo dos fenômenos pesquisados.

1.3.2. A gramática textual surgiu com a finalidade de refletir sobre fenômenos lingüísticos inexplicáveis por meio de uma gramática do enunciado. O que a legitima é, pois, a descontinuidade existente entre enunciado e texto, já que há entre ambos uma diferença de ordem qualitativa (e não meramente quantitativa).

Sendo o texto muito mais que uma simples seqüência de enunciados, a sua compreensão e a sua produção derivam de uma competência específica do falante — a competência textual — que se distingue da competência frasal ou lingüística em sentido estrito [como a descreve, por exemplo, Chomsky (1965)]. Todo falante de uma língua tem a capacidade de distinguir um texto coerente de um aglomerado incoerente de enunciados, e esta competência é, também, especificamente lingüística — em sentido amplo. Qualquer falante é capaz de parafrasear um texto, de resumi-lo, de perceber se está completo ou incompleto, de atribuir-lhe um título ou, ainda, de produzir um texto a partir de um título dado. São estas habilidades do usuário da língua que justificam a construção de uma gramática textual, cujas tarefas básicas são:

a) verificar o que faz com que um texto seja um texto, isto é, determinar os seus *princípios de constituição*, os fatores responsáveis pela sua *coerência*, as condições em que se manifesta a textualidade (*Texthaftigkeit*);

b) levantar critérios para a delimitação de textos, já que a *completude* é uma das características essenciais do texto;

c) diferenciar as várias espécies de textos.

Lang (1971), postulando ser o texto "o resultado de operações de integração", ressalta que a significação de um texto (ou, ainda, a informação que ele veicula) constitui um todo, diferente da soma das significações das frases que o constituem, visto possuir, com relação a esta, um "suplemento de significação", conforme se verá no terceiro capítulo deste trabalho.

Entre os vários modelos de gramáticas textuais, destaca-se o de Petöfi.

O modelo de Petöfi é uma gramática textual com uma base textual fixada de modo não-linear (*Textgrammatik mit*

micht-linear festgelegter Textbasis); isto é, a base textual consta de uma representação semântica, indeterminada com respeito às manifestações lineares das seqüências de enunciados. É a parte transformacional que determina as manifestações lineares do texto. Petöfi postula ser este modelo de gramática apto a tornar possível: *a*) a *análise de textos*, isto é, a atribuição a uma manifestação linear de todas as bases textuais possíveis; *b*) a *síntese de textos*, ou seja, a geração de todas as possíveis bases textuais; *c*) a *comparação de textos*. Neste modelo, o léxico, com suas representações semânticas intensionais, assume função relevante.

A gramática textual constitui, segundo Petöfi, apenas um dos componentes da *teoria de texto* por ele projetada.

Passa-se, assim, ao terceiro momento citado por Conte, o das teorias de texto.

1.3.3. No terceiro momento, adquire particular importância o tratamento dos textos no seu contexto pragmático: o âmbito de investigação se estende do texto ao contexto, entendido, em geral, como conjunto de condições — externas ao texto — da produção, da recepção e da interpretação do texto.

Para o surgimento das teorias de texto contribuíram, de maneira relevante, a *teoria dos atos de fala*, a *lógica das ações* e a *teoria lógico-matemática dos modelos*. Por outro lado, a incorporação da *pragmática* aos estudos lingüísticos levou a posicionamentos diversos por parte dos vários autores. Para uns, como é o caso de Dressler, a pragmática constitui apenas um componente acrescentado *a posteriori* a um modelo preexistente de gramática textual, cabendo-lhe tão-somente dar conta da situação comunicativa na qual o texto é introduzido. Outros postulam um componente pragmático integrado à descrição lingüística, como Schmidt, para quem a inserção da pragmática significa a evolução da lingüística textual em direção a uma *teoria pragmática do texto*, que tem como ponto de partida o ato de comunicação — com todos os seus pressupostos psicológicos e sociológicos — inserido numa específica situação comunicativa.

Para Schmidt, o *ato de comunicação*, como forma específica de interação social, torna-se o *explicandum* da lingüística, de modo que a competência que constitui a base empírica da teoria de texto deixa de ser a competência textual, passando a ser a

www.scantopdf.co.uk

competência comunicativa[1] (capacidade de o falante empregar adequadamente a linguagem nas diversas situações de comunicação). Com base nos *jogos verbais de* Wittgenstein (*Sprachspiele*) e na *lógica das ações* de von Wright, Schmidt projeta a teoria dos *jogos de ação comunicativa* (*kommunikative Handlungsspiele*), programa bastante ambicioso que transcende os limites da teoria lingüística *stricto sensu*.

Também Oller (1972: 43-55) postula um componente pragmático integrado à descrição lingüística. Propõe um modelo no qual considera o uso da língua como um processo que se realiza em três níveis ou dimensões indissoluvelmente integrados: a dimensão sintática, a semântica e a pragmática. Na dimensão sintática, dá-se o arranjo temporal dos elementos; na semântica, opera-se a contrastação e a seleção dos elementos em relação a outros do mesmo tipo (paradigmas); na pragmática, ocorre o relacionamento entre os diversos elementos sintático-semânticos e as informações veiculadas por meios não-verbais, bem como o conhecimento prévio disponível. Concebe o uso lingüístico em enunciados concretos sob a forma de um processo de decisão, que se realiza nas três dimensões citadas: "é a pragmática da geração de frases que determina a opção a ser feita em cada situação sintática e semântica". E continua: "... a pragmática é definida como a interação dinâmica entre o conhecimento do locutor a respeito do universo (incluindo as informações imediatamente percebidas) e as dimensões sintático-semânticas. Estas dimensões, entretanto, de nenhuma maneira são independentes".

A inserção da pragmática na teoria de texto elaborada por Petöfi apresenta-se de maneira bastante complexa, mas, também para ele, é impossível separar-se sintaxe, semântica e pragmática.

Desde 1973, Petöfi vem desenvolvendo uma teoria parcial do texto que denomina TeSWeST (*TextstrukturWeltstruktur-Theorie*) — Teoria da Estrutura de Texto-Estrutura do Mundo

1. A expressão competência comunicativa foi usada, inicialmente, por Campbell e Wales (1970), quando se referem aos fatores contextuais, de ordem verbal e não-verbal, envolvidos no processo de aquisição da competência lingüística; e por Wunderlich (1968), que considera a competência comunicativa "uma espécie de metacompetência", um componente a mais na constituição da competência lingüística, que designaria a potencialidade de modificar as regras vigentes da geração de frases, de inserir novos elementos dentro do vocabulário etc., e que explicaria o fato de que as línguas podem ser aprendidas, de que há diferenças sociológicas entre as competências dos usuários de uma língua, e, enfim, de que os sistemas lingüísticos são sistemas intercambiáveis.

— cujo objeto é a relação entre a estrutura de um texto e as interpretações extensionais (em termos de mundos possíveis) do mundo (ou do complexo de mundos) que é textualizada em um texto. O modelo de Petöfi também será exposto mais adiante.

Atualmente, nota-se que o desenvolvimento geral da lingüística textual — que se iniciou num estágio mais ou menos restrito e programático, inspirado, em grande parte, na teoria gerativa — vem ocorrendo dentro de um enfoque mais amplo, mais substancial e interdisciplinar.

1.4. CONCEITUAÇÃO E RELEVÂNCIA DAS GRAMÁTICAS TEXTUAIS

Uma gramática textual não é um tipo específico de gramática, como a estrutural, a gerativo-transformacional ou a funcional (embora fragmentos de gramáticas textuais possam, em princípio, ser formulados em termos de qualquer um destes modelos).

A gramática textual define-se em termos do tipo de *objeto* que se propõe descrever de maneira explícita — o "texto" ou "discurso".

Do mesmo modo, a lingüística textual não deve ser caracterizada em termos de certos métodos ou modelos, mas, sim, do seu escopo, ou seja, dos tipos de objetos e de problemas que constituem o seu campo de estudo. Assim sendo, diz van Dijk (1978), não teria sentido tentar provar que a gramática de texto ou a lingüística textual são "incorretas", já que elas resultam da decisão de se proceder a um estudo lingüístico (gramatical) do discurso, decisão esta que necessita de legitimação, mas não pode ser "refutada".

Desde o momento em que se reconheça também como tarefa própria da lingüística o estudo das estruturas do discurso, não será mais necessário falar em gramática e lingüística de texto: elas estariam englobadas na gramática e na lingüística.

Porém, como ainda hoje não se adota, de modo unânime, este ponto de vista, uma série de argumentos poderia ser levantada a seu favor (cf. Van Dijk, 1978):

1) às teorias lingüísticas e às gramáticas em particular cabe dar conta da estrutura lingüística de *enunciados completos*, isto é, também de enunciados constituídos de seqüências de frases.

2) existem propriedades gramaticais *além dos limites da sentença* — por ex., as relações semânticas entre sentenças.

3) o estudo do discurso permite chegar a *generalizações* sobre as propriedades de períodos compostos e de seqüências de frases.

4) certas propriedades lingüísticas fazem parte de *unidades supra-sentenciais* — por ex., fragmentos, parágrafos de um discurso, como também a noção de macroestrutura.

5) o relacionamento entre *gramática* e *pragmática* pressupõe uma descrição gramatical também de seqüências de frases e de propriedades do discurso como um todo — por ex., para dar conta das relações entre *atos de fala* e *macroatos de fala*.

6) uma gramática textual fornece uma base mais adequada para um relacionamento sistemático com outras teorias que se ocupam do estudo do discurso, como a estilística, a retórica, a poética etc.

7) uma gramática de texto oferece melhor base lingüística para a elaboração de *modelos cognitivos* do desenvolvimento, produção e compreensão da linguagem (e, portanto, do discurso).

8) uma gramática textual fornece melhor base para o estudo do discurso e da conversação em *contextos sociais interacionais e institucionais*, e para o estudo dos tipos de discurso e usos de linguagem entre *culturas*.

1.5. O CONCEITO DE TEXTO

Sobre o termo *texto*, diz Stammerjohann (1975: 490 ss.) que se trata do conceito central da Lingüística Textual e da Teoria de Texto, abrangendo tanto textos orais quanto escritos que tenham como extensão mínima dois signos lingüísticos, um dos quais, porém, pode ser suprido pela situação, no caso de textos de uma só palavra, como "Socorro!", sendo sua extensão máxima indeterminada. Assim, já se tentou conceber as enunciações de uma pessoa, limitadas por pausas mais ou menos longas (Harweg, 1970) ou mesmo todas as enunciações feitas em uma determinada língua (Hjelmslev, 1953) como um texto (descontínuo). De maneira geral, contudo, a lingüística textual trabalha com textos delimitados, cujo início e cujo final são determinados de um modo mais ou menos explícito. As demarcações mais evidentes são decorrentes de alterações na interação pragmática dos indivíduos que produzem ou recebem um texto. Um sermão,

um diálogo, um livro constituem textos devidamente delimitados. Partindo-se, pois, do pressuposto de que os limites pragmáticos podem ser estabelecidos de acordo com a situação de comunicação, os textos — *no plural* — podem ser considerados como dados primários da lingüística (Hartmann, in Stempel, 1971).

1.5.1. Como entroncamento da lingüística estrutural, a lingüística textual tentou encontrar, de início, regras para o encadeamento de sentenças, para, desse modo, poder conservar os métodos anteriores da análise frasal, ampliando-os, para chegar a uma análise de pares de frases. De acordo com este procedimento, a frase precedente constitui o contexto mínimo ao qual está ligada a estrutura gramatical da frase subseqüente (Isačenko, 1965). Todavia, as tentativas de desenvolver a lingüística textual como uma lingüística da frase ampliada ou corrigida foram sendo abandonadas, por se mostrarem pouco adequadas.

1.5.2. Outra corrente, com muitos adeptos, entende a lingüística textual como uma nova orientação da lingüística a partir da noção de texto. Inverte-se o método ascendente da frase para o texto, isto é, postula-se o método descendente, do texto para a frase e, deste, para as unidades menores. Por meio da segmentação, obtém-se, a partir da unidade mais altamente hierarquizada — o texto — as unidades menores que podem, então, ser classificadas. Porém, a segmentação e a classificação, operações fundamentais da lingüística estrutural, só podem ser efetuadas como operações da lingüística textual, se a função textual dos elementos individuais do texto não se perder, quer na segmentação, quer na classificação, já que o texto não é definível como simples seqüência de cadeias significativas. Os signos individuais que constituem uma seqüência textual são interligados por múltiplas relações de ordem semântica, sintática e fonológica. Os textos são seqüências de signos verbais sistematicamente ordenados. Como processos ordenados de complexidade relacional, eles permitem ser incluídos na noção de sistemas, no sentido da Teoria Geral dos Sistemas (Oomen, 1969, 1971). Por esta razão, também, um dado texto pode ser considerado como um signo lingüístico primário e global, de modo a atribuir-se a seus segmentos apenas *status* de signos parciais (Hartmann, 1968b). Estas posições levam à conseqüência metodológica de que a análise de elementos isolados, como frases, palavras etc., só é possível se as condições de seu isolamento do conjunto do texto forem analisadas concomitantemente.

1.5.3. É discutível, no âmbito da lingüística textual, se, dentro do texto, a unidade *frase* deve ou não ter um estatuto especial. Há concordância, porém, em admitir que muitos elementos estruturadores do texto atuam como conectores além da fronteira da frase; ou, de maneira retroativa, sobre a informação anterior do contexto já enunciado (anafóricos), ou, de maneira projetiva, sobre a informação a ser veiculada no contexto subseqüente (catafóricos). Esses conectores tanto podem ser *acréscimos* (juntores, redundâncias, dêiticos etc.), como *reduções* (pronomes, pró-formas, elipses etc.). Caracterizam-se os textos não só por aquilo que neles ocorre, como pelo que deixa de ocorrer (Brinkmann, 1971).

1.5.4. No plano do conteúdo, os significados ordenados de todos os signos do conjunto do texto podem ser designados de *sentido* (*Sinn*). À semântica textual, como parte da lingüística textual, cabe indagar-se sobre as regras válidas para a determinação recíproca dos signos verbais no texto e a sua compatibilidade dentro do contexto.

A sintaxe textual inter-relaciona-se com essa semântica ao indagar-se sobre a contribuição, no texto, das instruções dos morfemas sintáticos à redução da complexidade da significação e à formação de um sentido global. Esses morfemas e sintagmas que, de maneira particular, trazem uma contribuição à formação do texto denominam-se *elementos constitutivos*. A uma descrição completa dos elementos constitutivos de que dispõe uma dada língua para a estruturação de textos denomina-se *gramática textual*. Depende, naturalmente, da teoria de texto adotada, quais requisitos de adequação, explicitude e formalidade tal gramática deverá possuir.

1.5.5. O escopo da descrição de uma gramática textual, que toma como ponto de partida *textos* (no plural), é o *texto* (no singular). Este é uma *entidade abstrata* (van Dijk, 1972), um *texto potencial* (Hartmann, 1968a e Dressler, 1970a) ou *texto "êmico"* em oposição à multiplicidade de textos empíricos, "*éticos*" (Harweg, 1968). Cabe à gramática textual explicar o que faz com que um texto seja um texto, propriedade esta que se denomina *textualidade*. Os textos empíricos individuais podem ser considerados como realizações verbais ("textualizações") de sua textualidade. Estas noções permitem adotar a posição de que os mídia da textualização podem adquirir formas variadas, de tal modo que não só os textos verbais, mas também pictóricos, arquitetônicos, fílmicos ou quaisquer outros podem

ser concebidos como "textos", isto é, como manifestações de uma textualidade.

1.5.6. Nos desenvolvimentos que se têm feito no campo da gramática gerativa, não se cogita tanto de textualidade, mas de uma *estrutura profunda textual*, de uma macroestrutura do discurso. Partindo-se de um símbolo inicial T (= *Text*), experiências estão sendo feitas no sentido de descrever a estrutura profunda textual como um plano semântico do texto (van Dijk, 1972). Discute-se se essa estrutura profunda deve ser linear (Rieser, 1971) ou não-linear (Petöfi, 1973). De qualquer modo, considera-se a existência de um componente gerador textual que, a partir da estrutura profunda, permite gerar textos superficiais de todos os tipos.

1.5.7. Lewandowski (1975: 734 ss.) ressalta que a caracterização, delimitação e determinação do que seja o texto (para ele, sinônimo de discurso) têm sido feitas adotando-se pontos de vista bastante diversos. Em algumas definições, procura-se caracterizar a sua essência, como por exemplo: "o signo lingüístico original, a possibilidade fundamental da ocorrência da língua" (Hartmann, in Stempel, 1971: 10). Outras vezes, leva-se em conta o aspecto funcional-intencional, por exemplo, "porção suficiente de discurso capaz de exercer funções, (...) no sentido e no quadro de uma função discursiva" (Hartmann, 1971: 10) e "unidade lingüisticamente completa, conforme a intenção do emissor e/ou do receptor, construída segundo as regras da gramática" (Dressler, 1972: 1). Há aquelas que têm caráter hierarquizador, por exemplo "unidade lingüística mais alta e mais independente" (Dressler, 1970a: 64); e aquelas que recorrem a elementos externos à língua (ou transcendentes ao texto), como "uma seqüência de manifestações dos mesmos objetos de comunicação em situações diversas, à qual não corresponde necessariamente um contexto lingüístico" (Figge, in Stempel, 1971: 181). Outras há que se orientam para a teoria da comunicação ou para a teoria dos atos de fala, por exemplo: "cada porção lingüística manifesta de um ato de comunicação em um jogo de ação comunicativa, tematicamente orientada e que preenche uma função comunicativa capaz de ser reconhecida" (Schmidt, in Althaus et al., 1973: 239).

Oomen (1972) conceitua os textos como sistemas complexos que podem preencher diversas funções comunicativas. Freqüentemente os textos são definidos (conscientemente) a partir de aspectos diversos. Assim, por exemplo, Weinrich (1971: 9,

11) ressalta: a) a seqüência coerente e consistente de signos lingüísticos; b) a delimitação por interrupções significativas na comunicação; c) o *status* do texto como maior unidade lingüística. De salientar-se, também, é a mais recente integração de componentes semântico-temáticos — os constituintes textuais (cf. Greimas — níveis isotópicos independentes).

Na trilha de Hjelmslev, de Hartmann e de Weinrich, Schmidt considera o recurso ao texto como à unidade fenomenológica e analítica inicial, como "recurso à plena realidade social da língua" (in Stempel 1971: 37). A introdução do conceito de texto demonstraria que os elementos lingüísticos só podem ocorrer interligados e dotados de significação e de sentido. O complexo informacional do texto seria mais dotado de intencionalidade que a frase ou a palavra. O interesse pelo texto como fato lingüístico primário fundar-se-ia sobretudo em reflexões de ordem semântica (loc. cit. 47). Coseriu (1967/68) havia chamado a atenção para o fato de que, no texto, se encontram não só procedimentos lingüísticos, ou sistemáticos da língua, mas também todas as possibilidades de utilização da fala; por esta razão, o texto não poderia ser examinado apenas por meio de métodos estruturais. Leontév (1969: 197) previne que, do ponto de vista da atividade lingüística, constitui atitude simplista adotar o texto como elemento primeiro de pesquisa, já que este não é um fato em si, colocado à disposição do pesquisador. "O texto não existe fora de sua produção ou de sua recepção".

Poder-se-ia afirmar, de modo geral, que foram, antes de tudo, os conhecimentos resultantes da análise semântico-sintática de frases que fortaleceram a convicção geral da necessidade de ultrapassar os limites destas, passando-se, assim, a uma lingüística textual.

1.5.8. Quanto à denominação Teoria de Texto, já foi assinalado que tem sido também usada em diversas acepções, entre as quais se podem citar: *a*) sinônimo de lingüística textual, de teoria da estrutura do texto ou da construção do texto, esclarecimento do conceito de "Texto em L", explicação da habilidade de produção e compreensão de textos; *b*) sinônimo de gramática textual; *c*) aplicação da teoria dos sistemas à análise de textos; *d*) lingüística orientada para a comunicação, numa pesquisa interdisciplinar com a filosofia da linguagem, a sociologia, a psicologia, a teoria da comunicação, em favor de cujo desenvolvimento podem ser aventadas razões quer lingüísticas, quer extralingüísticas e cujo objeto de pesquisa não é o texto como construção lingüística abstrata, mas o texto-em-função

(gramática dos atos de fala). Nesta acepção, cabe-lhe examinar a produção e a recepção de manifestações lingüísticas com funções comunicativas, sendo sua meta "desenvolver uma teoria bidirecional, que possa ser utilizada tanto para a geração como para a análise de textos comunicativos" (Schmidt); *e*) teoria ou ciência da literatura lingüística-semiótica-comunicativamente orientada (Liebfried, 1970); *f*) teoria de texto de Max Bense, que, com base na semiótica, inclui elementos da teoria da informação, da estatística, da lógica formal, da teoria dos autômatos, além de elementos topológicos (Bense, 1971).

1.6. TEXTO E DISCURSO

As diferentes concepções de *texto* e de *discurso* acabaram por criar uma confusão entre os dois termos, ora empregados como sinônimos, ora usados para designar entidades diferentes.

Uma das causas da confusão é o fato de, em algumas línguas, como o alemão, o holandês etc., só existir o termo *texto*, a partir do qual se criaram as denominações "gramática de texto" e "lingüística de texto", mesmo porque o inglês, a par do termo discurso, possui também o termo *texto*, embora mais usado para referir-se ao discurso escrito. Essa ambigüidade, que ocorre em todas as línguas românicas, levou ao estabelecimento de dois termos técnicos diferentes.

Desse modo, para van Dijk, o *discurso* é a unidade passível de observação, aquela que se interpreta quando se vê ou se ouve uma enunciação, ao passo que o *texto* é a unidade teoricamente reconstruída, subjacente ao discurso. Assim sendo, a gramática só pode descrever textos, de maneira que possibilita, apenas, uma aproximação com relação às estruturas discursivas atualizadas, empíricas, efetivamente produzidas. Postula, ainda, uma diferença entre o discurso como *type* e a enunciação do discurso como *token*, constituindo apenas este último o *evento* empírico imediato em um contexto particular e único.[2] O discurso-tipo

2. Esta posição tem fundamento no trabalho dos filósofos analíticos da Escola de Oxford que, com base na distinção introduzida inicialmente por Peirce, denominam as proposições da língua *sentenças-tipo* (*sentence-types*), que representam estados de coisas e cuja verdade ou falsidade constitui objeto de estudo da semântica pura, considerando cada enunciado efetivamente produzido uma *instância de uso* ou *ocorrência* ("*token*") da sentença-tipo, cujo sentido inclui a maneira como a coisa é significada, ou seja, a sua força pragmática.

seria uma abstração, que só pode ser descrita de maneira independente e correta se uma gramática (textual), ou outra teoria do discurso, levar em consideração, tão-somente, certas estruturas regulares, sistemáticas de cada tipo de discurso. O discurso-tipo pode ser determinado, empiricamente, por diversos critérios, tais como a continuidade do enunciado, produzido pelo mesmo locutor (ou por parceiros numa conversação) e a coerência semântica e pragmática avaliável pelos usuários da língua. Em um discurso, ocorrem, normalmente, incorreções gramaticais, falsas interrupções, incoerência parcial etc. O texto, por sua vez, é mais abstrato, produto de vários componentes, não só gramaticais como estilísticos, retóricos, esquemáticos (p. ex., a narrativa), além de outras estruturas não concernentes à lingüística propriamente dita.

No entanto, a distinção entre *texto* e *discurso*, tal como é feita por van Dijk, está longe de ser pacífica. Um e outro termo têm sido utilizados em acepções bastante diversas.

Do mesmo modo, as denominações *gramática textual* e *teoria do texto* têm sido empregadas para designar tipos de pesquisa bastante diferentes.

Para van Dijk, uma gramática de texto deve ser, realmente, uma *gramática*, e não, por exemplo, uma teoria do uso da linguagem. Isto significa que ela só deve levar em conta certas propriedades lingüísticas ("gramaticais") do discurso e não outras estruturas, como as retóricas e as narrativas, que requerem uma descrição em termos de regras e categorias de outras teorias.

Desse modo, propõe a denominação de *teoria do discurso* para o campo inteiro de pesquisas sobre o discurso, incluindo a lingüística de texto, a estilística, a retórica etc. (correspondente ao termo alemão *Textwissenschaft* e ao espanhol *ciencia del texto*).

Verifica-se, pois, que, enquanto alguns autores diferenciam *discurso* e *texto*, atribuindo-lhes conceituações diferentes, outros empregam esses termos como sinônimos ou "quase-sinônimos".

Para os partidários da *análise do discurso*, o termo *discurso* parece ter significado mais amplo que *texto*, visto englobar tanto os enunciados pertencentes a uma mesma formação discursiva como as suas condições de produção. O texto seria apenas a manifestação verbal resultante.

Para os lingüistas que seguem a linha de Hjelmslev, o *texto* equivale a todo e qualquer processo discursivo. É nesta linha que se pode afirmar que uma das aptidões específicas do ser humano é a da *textualidade*, ou seja, a capacidade de criar

textos, verbais e não-verbais. Essa capacidade textual é, portanto, a-linear e, no caso do discurso, verbaliza-se linearmente.

Numa linha semelhante de raciocínio, coloca-se a posição de Harweg, acima citada, de se postular para o texto a diferenciação *êmico-ético*. *O texto* (no singular) é *êmico*, pertence à estrutura subjacente textual que preside à superficialização dos infinitos textos (*éticos*) possíveis. Cada um desses textos (no plural) corresponderia a um discurso.

É lícito concluir, portanto, que o termo *texto* pode ser tomado em duas acepções: *texto*, em sentido *lato*, designa toda e qualquer manifestação da capacidade textual do ser humano, (quer se trate de um poema, quer de uma música, uma pintura, um filme, uma escultura etc.), isto é, qualquer tipo de comunicação realizado através de um sistema de signos. Em se tratando da linguagem verbal, temos o *discurso*, atividade comunicativa de um falante, numa situação de comunicação dada, englobando o conjunto de enunciados produzidos pelo locutor (ou por este e seu interlocutor, no caso do diálogo) e o evento de sua enunciação. O discurso é manifestado, lingüisticamente, por meio de textos (em sentido *estrito*). Neste sentido, o texto consiste em qualquer passagem, falada ou escrita, que forma um todo significativo, independente de sua extensão. Trata-se, pois, de uma unidade de sentido, de um contínuo comunicativo contextual que se caracteriza por um conjunto de relações responsáveis pela *tessitura* do texto — os critérios ou padrões de textualidade, entre os quais merecem destaque especial a coesão e a coerência.

www.scanlopdf.co.uk
Produced with ScanLite

www.scantopdf.co.uk

Capítulo 2

PRECURSORES DA LINGÜÍSTICA TEXTUAL

2.1. PRECURSORES LATO SENSU

Três grandes linhas de pensamento podem ser citadas como precursoras da lingüística textual: a *retórica*, a *estilística* e o *formalismo russo*.

2.1.1. A Antiga Retórica

Roland Barthes, em seminário realizado em 1964-65, na École Pratique des Hautes Études, de Paris, atribui o aparecimento da Retórica a júris populares realizados em Siracusa, Itália, no século V a.C. Durante a colonização, a deposição de dois tiranos que haviam promovido divisão de terras e expropriações provocou litígios, para a solução dos quais foram instituídos esses júris, que consideravam vencedor o orador que defendesse a causa com maior eloqüência.

"Em seus primórdios, a Retórica é, acima de tudo, uma técnica que deve permitir, a quem a possua, atingir, dentro de uma situação discursiva, o objetivo desejado; ela tem, portanto, um caráter pragmático: convencer o interlocutor da justeza de sua causa" (Todorov, 1971: 81).

Os primeiros professores de Retórica de que se tem notícia foram: Empédocles, de Agrigento, e Córax e Tísias, de Siracusa, colônias gregas da Sicília. Em meados do séc. V a.C., a Retórica já estava incorporada à cultura ateniense em virtude de disputas jurídicas de comerciantes de Siracusa e Atenas, porém foi no séc. IV a.C. que o assunto ocupou a atenção de Aristóteles, que também considerava a Retórica como "... a faculdade de

descobrir especulativamente o que, em cada caso, pode ser apropriado à persuasão" (apud Osakabe, 1979: 140).

Na antigüidade clássica, a *techne rhetorike* compreendia cinco partes: a *inventio* (achar o que dizer), a *dispositio* (pôr em ordem o que se encontrou), a *elocutio* (acrescentar o ornamento das palavras, das figuras), a *actio* (tratar o discurso como um ator: gestos, dicção) e a *memória* (recorrer à memória). Destas, as três primeiras são as mais importantes, sustentando, cada uma, uma rede ampla e sutil de noções.

Essa concepção de Retórica viria a sofrer modificação, com o correr do tempo, afastando-se da posição de Aristóteles. A preocupação inicial — "descobrir especulativamente o que, em cada caso, pode ser apropriado à persuasão" — foi cedendo lugar ao estudo das figuras. Das cinco partes da Retórica, restou apenas a *elocutio*. A partir da Idade Média, e cada vez mais, passou a ocupar-se do "colorido" do discurso, ficando relegada, com a revolução cultural, no século XVII, sobretudo com o cartesianismo e o empirismo, a uma posição marginal. Começou a ressurgir no começo de nosso século e vem recebendo, finalmente, grandes atenções nestes últimos anos, a partir do trabalho do filósofo belga C. Perelman: *Traité de l'argumentation — La nouvelle Rhétorique* (1958).

Isso não significa que todo o complexo de disciplinas com as quais ela estava originariamente ligada tenha rearado os laços. A gramática, a poética e a retórica estiveram estreitamente ligadas. A primeira originou-se da descrição dos textos sagrados e poéticos: normas foram estabelecidas a partir do uso da língua nos autores "canonizados". A gramática antiga relacionava-se com a arte de "bem falar" e limitava-se à descrição dos textos[3], não estudando os mecanismos e as estruturas desse mesmo texto — função da retórica.

Das cinco partes da antiga retórica, duas têm interferência, pelo menos parcial, no campo do que hoje constitui a lingüística do texto: a *dispositio* (ordenação do pensamento) e a *elocutio* (sua formulação lingüística). Assim, pode-se afirmar que a importância da retórica se torna, atualmente, visível em dois aspectos:

— na definição precisa de operações lingüísticas subjacentes à produção do texto (microestrutura);

— na localização do texto no processo global de comunicação (macroestrutura).

3. O termo texto era desconhecido na Antigüidade e somente o conceito de "palavra" era usado.

2.1.2. A Estilística

A estilística, alimentada pela retórica, pela gramática e pela filosofia, surge como um segundo precursor. Até pouco tempo atrás, a frase era considerada a unidade lingüística mais alta e, assim, todas as relações acima do nível da frase deviam constituir objeto da estilística, isto é, o plano do texto ficava-lhe, pelo menos teoricamente, reservado.

Hoje, porém, a lingüística deve fornecer à estilística os fundamentos necessários tanto no plano da frase, como no do texto, para saber-se em que medida o uso de um elemento surge da liberdade do autor ou é exigido pela gramática do texto.

Porém, diversamente da retórica e da estilística, a lingüística textual não limita seu campo de atuação à análise de textos políticos, jurídicos ou literários. Seu objetivo é caracterizar as propriedades inerentes à estrutura dos textos em geral.

2.1.3. Os Formalistas Russos

Em nosso século, o primeiro passo para o estudo do discurso foi dado, na década de 20, pelo grupo de lingüistas pertencentes ao Círculo Lingüístico de Moscou, conhecidos como *formalistas russos*. Dentre eles, podem-se citar V. Propp (que se dedicou à análise estrutural do conto popular russo, especialmente na poesia e no mito), V. Sklovsky e R. Jakobson, os quais, rompendo com os padrões tradicionais de análise de texto então vigentes, colocam no centro de seus estudos o princípio da imanência; isto é, procuram estudar a estrutura do texto em si e por si mesmo, rejeitando toda e qualquer consideração exterior a ele, em busca da *literariedade* ("*literaturnost*").

2.1.4. Caberia citar, ainda, como prefigurações ou antecipações da lingüística textual, os trabalhos do estruturalista e etnólogo francês C. Lévi-Strauss e os do filósofo e lingüista russo M. Bakhtin.

2.2. PRECURSORES STRICTO SENSU

Entre os representantes da lingüística estrutural podem-se mencionar diversas reflexões voltadas para o texto, entre elas análises funcionais das frases e germes de análises do discurso. Lingüistas como Hjelmslev, Harris, Pike, Jakobson, Benveniste

e Pêcheux, além de outros, podem ser considerados precursores *stricto sensu* da lingüística do texto.

2.2.1. *Hjelmslev* foi, talvez, o primeiro a esboçar uma definição de texto. Texto, para ele, significa toda e qualquer manifestação da língua, curta ou longa, escrita ou falada, correspondendo, de certo modo, à *parole* de Saussure. Sendo todo e qualquer ato de linguagem um texto, qualquer língua é ela própria um texto, um texto ilimitado. Não se trata, assim, de uma unidade lingüística, mas de mera forma de existência da língua. Toda língua natural é, ao mesmo tempo, texto e sistema. O texto é uma estrutura sintagmática, ao passo que a língua é uma estrutura paradigmática.

Sobre o conceito de texto formulado por Hjelmslev não é possível fundar-se uma lingüística textual. Seu objetivo não era, propriamente, explicitar o que seja um texto, mas sim descrever o *sistema* lingüístico subjacente a ele: a todo processo (texto) subjaz um sistema que por meio dele se manifesta. Através do texto, passível de observação imediata, pode-se chegar à descoberta do sistema, para formular uma teoria da *langue*.

2.2.2. *Jakobson*, já como membro do Círculo Lingüístico de Praga, contribui eficazmente para conduzir a Lingüística ao estudo do discurso, ao redifinir e ampliar o estudo das funções da linguagem. Às três funções até então reconhecidas — referencial, expressiva e conativa — acrescenta três outras — fática, metalingüística e poética — relacionadas, respectivamente, ao contato (físico ou psíquico), ao código e à mensagem, no processo da comunicação:

"A linguagem deve ser estudada em toda a variedade de suas funções (. . .). Embora distingamos seis aspectos básicos da linguagem, dificilmente lograríamos, contudo, encontrar mensagens verbais que preenchessem uma única função. A diversidade reside não no monopólio de algumas dessas diversas funções, mas numa diferente ordem hierárquica de funções. A estrutura verbal de uma mensagem depende basicamente da função predominante. Mas, conquanto um pendor para o referente, uma orientação para o contexto — em suma, a chamada função referencial, denotativa, cognitiva — seja a tarefa dominante de inúmeras mensagens, a participação adicional de outra função em tais mensagens deve ser levada em conta pelo lingüista atento" (Jakobson, 1969: 122-3).

2.2.3. *E. Benveniste* pode ser considerado um dos pioneiros nos estudos sobre o discurso, ao pôr em realce a intersubjetividade que caracteriza o uso da linguagem, ressaltando a necessidade de se incorporar aos estudos lingüísticos os fatos envolvidos no evento de produção dos enunciados.

Procura mostrar, através do estudo da natureza dos pronomes e da célebre distinção que estabelece entre *discurso* e *história*, que os aspectos discursivos da linguagem dizem respeito às relações que *na* e *pela* linguagem se estabelecem entre os interlocutores e lhes permitem fazer dela um uso referencial. Salienta que somente no quadro do discurso, isto é, da língua assumida pelo homem, e sob a condição da intersubjetividade, é que se torna possível a comunicação lingüística.

Assinala que a língua combina dois modos de significação distintos: o *semiótico* e o *semântico*. Enquanto o *semiótico* designa o modo de significação própria do *signo* lingüístico, constituindo-o como unidade, o *semântico* é o modo específico de significação engendrada pelo discurso. Ao definir a enunciação — apropriação da língua pelo indivíduo, colocação em funcionamento da língua por um ato individual de utilização —, ressalta a diferença entre o *emprego das formas* e o *emprego da língua*, mostrando que as condições diferem em cada caso. O emprego da língua consiste em "um mecanismo total e constante que, de uma maneira ou de outra, afeta a língua inteira". Desse modo, torna-se necessário considerar a condição específica da enunciação: "é o ato mesmo de produzir um enunciado e não o texto do enunciado que é o nosso objeto". E este ato constitui a atividade do locutor que mobiliza a língua por sua conta, determinando os caracteres lingüísticos da enunciação (Benveniste, 1970: 12-13).

Visto que a enunciação supõe "a conversão individual da língua em discurso", processa-se uma atualização sobre o plano semântico, ou seja, a "semantização da língua". A partir da manifestação individual que a atualiza, é possível detectar, no interior da língua, os caracteres formais da enunciação, isto é, definir a enunciação no quadro formal de sua realização.

2.2.4. Outro precursor direto dos atuais estudos sobre o discurso é *M. Pêcheux*, cuja obra *Analyse Automatique du Discours* tem servido de ponto de partida para o trabalho de numerosos lingüistas que se dedicam hoje à *análise do discurso*. É o caso, entre nós, de Hakira Osakabe e Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi, da UNICAMP.

Orlandi (1979), discutindo a posição de Pêcheux, assinala que este, considerando a língua como *condição de possibilidade* do discurso, apresenta um quadro epistemológico, para a análise do discurso, em que se articulam três regiões do conhecimento científico:

a) ideológico-cultural — o materialismo histórico como teoria das formações sociais e suas transformações, compreendendo, pois, a teoria da ideologia;

b) lingüística — a lingüística como teoria, ao mesmo tempo, dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação;

c) discursiva — a teoria do discurso como teoria da determinação histórica dos processos semânticos.

Essas três regiões são atravessadas, segundo Pêcheux, por uma teoria da subjetividade, de natureza psicanalítica, que estaria ainda por ser explicitada e que teria como uma das questões centrais a da *leitura*, do efeito-leitor, como constitutivo da subjetividade.

Enquanto, na teoria da enunciação, o que se tem em vista é a determinação existente entre o *funcional* (enunciação) e o *formal* (enunciado), na análise do discurso procura-se estabelecer essa relação de forma mais imanente, já que se consideram as *condições de produção* (exterioridade, processo histórico-social) como constitutivas do discurso.

O conceito de *condições de produção* é fundamental na análise do discurso. Se, para Benveniste, o falante se apropria da língua, num movimento individual, para a análise do discurso, devido à consideração que se faz das condições de produção, o que existe é uma forma social de apropriação da linguagem, na qual se encontra refletida a ilusão do sujeito, isto é, a sua interpretação feita pela ideologia.

Pêcheux fundamenta-se em Althusser ao postular que o discurso sofre injunções histórico-sociais:

"(...) Dada uma formação social num determinado momento de sua história, ela se caracteriza, através do modo de produção que a domina, por um determinado estado da relação entre as classes que a compõem; (...) a essas relações correspondem posições políticas e ideológicas, que não são obra de indivíduos, mas que se organizam em formações que mantêm entre si relações de antagonismo, de aliança ou de domínio.

(...) As formações ideológicas assim definidas comportam, necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias formações discursivas, interligadas, que determinam o que pode e deve ser dito (...), a partir de uma dada posição, numa dada conjuntura: o ponto essencial aqui é que não se trata somente da natureza dos termos empregados, mas também (e sobretudo) das construções nas quais essas palavras se combinam, à medida que determinam o sentido que essas palavras tomam: como indicávamos no começo, as palavras mudam de sentido segundo as posições assumidas por aqueles que as empregam; pode-se precisar agora: as palavras 'mudam de sentido' ao passarem de uma formação discursiva para outra" (Pêcheux, 1971: 102).

É esta inter-relação entre *discurso*, *formação social* e *ideologia* que tem servido de base aos estudos sobre análise do discurso, tal como vem sendo feita atualmente.

2.2.5: *Zellig Harris* foi o primeiro lingüista moderno a considerar o discurso como objeto legítimo da lingüística e a realizar uma análise sistemática de textos. Quebrou definitivamente a tradição bloomfieldiana, segundo a qual somente uma expressão lingüística independente (*independent linguistic expression*) era relevante, enquanto o discurso era simplesmente um aspecto indefinido da linguagem. Segundo ele, a lingüística descritiva deve estender-se para além dos limites do enunciado e a oração não pode ser destacada da estrutura na qual está inserida e à qual chamou de *connected discourse*: "A linguagem não ocorre por palavras ou frases isoladas, mas em 'alocuções conectadas' — desde um enunciado de uma só palavra até uma obra de dez volumes, desde um monólogo a uma peroração na Union Square" (1952: 3).

Porém, seguindo Bloomfield, que influenciou consideravelmente os distribucionalistas, descreveu unicamente a estrutura fono-morfo-sintática do texto: "... pode-se descrever cada língua por uma estrutura distribucional, isto é, pela ocorrência das partes (e, em última análise, dos sons) relativamente umas às outras; e, por outro lado, esta descrição não exige que se faça apelo a outras características, tais como a história ou o sentido". E, mais adiante: "A distribuição de um elemento será definida como a soma de todos os contextos deste elemento. O contexto de um elemento A é a disposição efetiva de seus co-ocorrentes, cada um numa posição determinada, junto aos quais A aparece para produzir um enunciado. Os co-ocorrentes de A, numa posição determinada, são denominados seleção de A para esta posição (1970: 14).

Harris não nos oferece uma teoria do discurso, mas apresenta-nos um modelo de análise: *Discourse analysis* é por ele definido

como um "método de pesquisas, em qualquer material linear conectado discretamente, seja uma língua, seja algo semelhante a uma língua, que contenha mais de uma sentença elementar, alguma estrutura global que caracterize o discurso todo (o material linear) ou uma larga parte dele" (1963: 17).

O método da *discourse analysis* consiste em segmentar o texto em seqüências de proposições, e, com base em semelhanças semânticas ou formais, estabelecer equivalências entre elas, para a seguir, por meio de transformações parafrásticas, ordenar as frases do texto em *classes de equivalência*.

O mais importante na definição da análise de discurso acima citada é a expressão "estrutura global que caracteriza o discurso inteiro", que será fundamental em análises de texto, como, por exemplo, nas de van Dijk. Ela expressa, porém, posições que limitam a análise de Harris:

1) o discurso é concebido como uma estrutura linear na qual, aparentemente, não podem ser descobertas relações hierárquicas;

2) parece excluir um grande número de textos, freqüentes na linguagem coloquial, formados de uma só oração.

Além disso, a possível coincidência entre texto e período será motivo para se tomar, mais tarde, a gramática de frase como modelo para o desenvolvimento de uma gramática de texto, já que parte do pressuposto de que texto e enunciado estão na mesma relação que sintagma e morfema, ou morfema e fonema, o que não é verdadeiro. A diferença entre enunciado e texto não é apenas uma diferença de nível — quantitativa — mas, sim, qualitativa, visto que se trata de unidades heterogêneas.

2.2.6. A tagmêmica, fundada por *Kenneth Pike*, na década de 50, foi a primeira "escola" lingüística a dar maior atenção à análise do discurso.

No dizer de van Dijk: (...) "em um estágio bastante precoce, esta escola adotou sempre um ponto de vista 'integral' no estudo da linguagem: não somente sentenças, ou mesmo enunciados ou discursos foram considerados objeto de uma teoria lingüística, mas o evento total de comunicação em que tais enunciados desempenham um papel" (1978: 2, 3).

A unidade mais alta é o behaviorema composto verbal-não verbal (*composite verbal-nonverbal behavioreme*), isto é, a unidade de comportamento por meio da qual se entende a relação

pragmática de uma situação (ex.: sala de jantar, café da manhã, férias escolares).

Opõe-se ao método de análise do discurso de Harris, considerando o texto não como um conjunto de orações, mas como uma estrutura *sui generis*. Assim como as palavras ocupam uma posição no sintagma, os sintagmas, nas orações e as orações, nos períodos, as orações ocupam uma posição nos parágrafos e estes, nos textos.

Rejeita, assim, também a tradição americana que restringe a gramática ao estudo formal das estruturas oracionais.

Afirma, diferentemente de Harris, que a análise das estruturas acima do nível da oração constitui objeto da estilística e da análise literária e que ao lingüista cabe fornecer a base para tais descrições, de modo que a tagmêmica de estruturas menores, como parágrafos e sentenças, pode preencher uma lacuna (1967: 484).

A tagmêmica serviu de fundamento a inúmeros trabalhos em várias línguas (cf. Longacre, 1970) como, por exemplo, análises de narrativas populares.

2.2.7. Não se pode deixar de assinalar que, na Europa, a lingüística do texto teve seu impulso inicial, de maneira explícita ou implícita, com os trabalhos desenvolvidos pelos membros da Escola Funcionalista de Praga, entre os quais Jakobson, a quem já se fez referência, e Daneš (1970). Procedendo à análise funcional dos enunciados, os lingüistas desta escola ressaltaram a importância da distinção entre *tema* (ou tópico) e *rema* (ou comentário[4]), que só se torna admissível levando-se em conta um contexto mais extenso que o da frase. Muitas de suas idéias foram posteriormente adotadas por outros estudiosos como Halliday, além de gerativistas como Sgall (1967), Isačenko (1965), Palek (1970) e outros.

Os gerativistas americanos, por sua vez, que a princípio haviam excluído o texto do âmbito da gramática (Chomsky, Katz, Fodor etc.), passaram, mais tarde, a preocupar-se com fenômenos como os da *correferência* e da *pressuposição*, que ultrapassam, também, os limites do enunciado.

Cabe, aqui, uma referência especial a C. J. Fillmore (1968, 1971), cuja Gramática dos Casos tem sido utilizada por vários adeptos da lingüística textual que empregam o modelo gerativo

4. A distinção tópico/comentário já se encontra em Bally (1944).

para a formalização da estrutura profunda do texto. Também autores da linha estrutural, como Pottier e Greimas adotam um esquema casual ou actancial semelhante em parte ao de Fillmore. Slakta (1971) propõe uma descrição do discurso em que recorre a três gramáticas casuais (Gramática dos Casos I, II e III), em diferentes níveis de análise. Fillmore foi, também, um dos primeiros a dedicar-se ao estudo dos dêiticos e dos fenômenos pressuposicionais, de modo que, na América do Norte, seus trabalhos podem ser considerados pioneiros na transição de uma lingüística do enunciado para uma lingüística do texto.

www.scantopdf.co.uk

Capítulo 3

A LINGÜÍSTICA TEXTUAL NA EUROPA

Este capítulo tem por objetivo examinar os trabalhos que vêm sendo realizados por vários lingüistas no campo da gramática textual, surgida na Europa, onde vem tendo grande impulso nas últimas décadas, em diversos países, especialmente na Alemanha.

Filiam-se alguns destes autores à linha estruturalista, empenhando-se na descrição das propriedades específicas do discurso e/ou do texto, enquanto outros buscam, nos quadros da gramática gerativa, construir modelos de gramáticas textuais, através da pesquisa de macroestruturas semânticas subjacentes aos diversos tipos de textos.

Nestas pesquisas, há, conforme já se disse, os que partem das propriedades do enunciado para chegar à descrição do texto e os que fazem o percurso inverso, tomando o texto como unidade lingüística fundamental.

Focalizar-se-ão, portanto, daqui por diante, as obras de alguns destes autores.

3.1. HALLIDAY

Seguindo a linha funcionalista introduzida na Inglaterra por J. Firth, M.A.K. Halliday (1970), em seu artigo "Language structure and language function", postula a existência de três *macrofunções*: a *ideacional*, a *interpessoal* e a *textual*. A primeira corresponde ao que se costuma chamar de função *cognitiva* ou *referencial* da linguagem; a segunda, ligada à posição que o locutor assume perante o ouvinte, no processo da enunciação,

Produced with ScanToPDF

diz respeito às diferenças de "modo" ou "modalidade", por exemplo, às diferenças entre asserções, perguntas, ordens, etc.; a terceira, finalmente, é aquela que permite a estruturação de textos de modo pertinente ao contexto, já que toda língua possui elementos capazes de justificar e explicar essa adequação.

Há duas estruturas na língua que intervêm na construção do texto: a *temática* — em que desempenham papel principal o *tópico* (ou *tema*) e o *comentário* (ou *rema*) — e a *informacional* — na qual se distingue o *dado* do *novo* —, sendo ambas de natureza claramente discursiva.

Essa função textual vai ser objeto de um estudo detalhado por parte de Halliday e Hasan (1973), que definem o texto como uma "realização verbal entendida como uma organização de sentido, que tem o valor de uma mensagem completa e válida num contexto dado". Assim, "o texto é unidade de língua em uso, unidade semântica (. . .) não de forma e sim de significado". Ele não consiste numa simples soma de períodos ou orações, mas é realizado por seu intermédio. A textualidade — aquilo que faz com que um texto seja um texto — depende, em grande parte, de certos fatores responsáveis pela *coesão textual*, conceito semântico que se refere às relações de sentido que se estabelecem entre os enunciados que compõem o texto, fazendo com que a interpretação de um elemento qualquer seja dependente da de outro(s). O que possibilita o estabelecimento das relações coesivas, como também de outras relações semânticas, é a organização do sistema lingüístico em três níveis: o semântico (significado), o léxico-gramatical (formal) e fonológico-ortográfico (expressões); os significados são codificados como formas, e estas são realizadas como expressões. Desse modo, a coesão é obtida parcialmente através da gramática e parcialmente através do léxico. Os principais fatores de coesão textual são: a *referência*, a *substituição*, a *elipse*, a *conjunção* (conexão) e a *coesão lexical*.

3.1.1. A Referência

Os elementos de *referência* são os itens da língua que, em vez de serem interpretados semanticamente pelo seu sentido próprio, relacionam-se a outros elementos necessários à sua interpretação. A referência pode ser *situacional* (extratextual) ou *textual*:

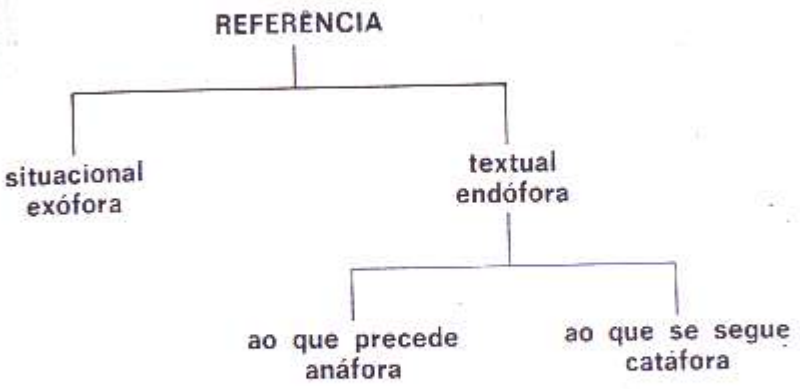

Existe a referência *pessoal*, feita por meio da categoria de pessoa do discurso, representada pelos pronomes pessoais e possessivos; a referência *demonstrativa*, efetuada através da situação, numa escala de proximidade, pelo uso dos pronomes demonstrativos e advérbios indicativos de lugar, e a referência *comparativa*, que se faz por via indireta, através de identidades ou similaridades.

3.1.1.1. Por meio da *anáfora* estabelece-se uma relação coesiva de referência que permite a interpretação de um item pela relação em que se encontra com algo que o precede no texto, como, por exemplo:

(1) *Paulo* é um amigo fiel. ELE sempre me deu provas disto.

(2) Viajarei amanhã para a *Europa*. Ficarei por LÁ durante uns três meses.

(3) Existe a *hipótese* de que os primitivos habitantes da América sejam originários da Ásia. ESSA hipótese parece bastante provável.

(4) *Jorge* e *Luís* são bons profissionais. ESTE é médico. AQUELE é engenheiro. AMBOS estudaram em São Paulo.

Um elemento anafórico pode fazer referência a todo o enunciado anterior:

(5) Pedro foi preso como estelionatário. ISTO não é de admirar.

(6) A crise econômica aumentará no próximo ano. ASSIM dizem os especialistas no assunto.

3.1.1.2. Um elemento de referência é catafórico, quando a sua interpretação depende de algo que se segue no texto:

(7) Estas foram suas últimas recomendações: *que não renunciemos nunca ao nosso ideal.*

(8) Só desejo *isto: que nunca te esqueças de mim.*

A referência quer anafórica, quer catafórica, quando estabelecida de maneira inadequada, pode dar margem à ambigüidade e prejudicar a legibilidade do texto.

3.1.2. A Substituição

A substituição consiste na colocação de um item no lugar de outro(s) ou até de uma oração inteira. Pode ser *nominal* (feita por meio de pronomes, numerais, indefinidos) ou de nomes genéricos (hiperônimos) como *coisa, gente, pessoa, criatura.* Funcionam também como substitutos, palavras como *respectivamente, o mesmo, também, sim, não*; o verbo *fazer* é substituto dos causativos e *ser* é substituto existencial. São casos de substituição:

(9) A jovem a *quem* o poeta dedicou seus versos é muito bonita.

(10) Paulo, Jorge e João compraram um Chevette, um Fiat e um Corcel, *respectivamente.*

(11) Quando o professor se retirou do recinto, os alunos *fizeram o mesmo.*

(12) Aquela *coisa* não está no seu devido lugar.

3.1.3. A Elipse

A elipse consiste na omissão de um item lexical recuperável pelo contexto, ou seja, a substituição por zero (Ø). Pode ocorrer a elipse de elementos nominais, verbais e, mesmo, de orações, como demonstram os exemplos:

(13) Esta decisão foi a Ø (decisão) mais acertada que se poderia tomar.

(14) Meu irmão gosta de esportes, e eu, Ø de leituras.

(15) Você estava terminando o trabalho? — Estava (Ø).

(16) Aceita um bombom? — Sim (Ø).

A referência, a substituição e a elipse assemelham-se sob certos aspectos. Poder-se-ia dizer que a substituição é um tipo particular de referência e a elipse, um tipo especial de substituição. A distinção entre substituição e referência é que aquela é uma relação mais gramatical (nível da palavra), enquanto a referência é mais semântica (nível do significado). Já no caso da elipse, deixa-se de dizer alguma coisa que fica, portanto, subentendida. Esses três fatores, até então estudados no nível intrafrasal, passam a ser examinados por Halliday (como também por outros lingüistas) no nível interfrástico.

3.1.4. A Conjunção

A conjunção apresenta natureza diferente das relações coesivas acima descritas, por não se tratar simplesmente de uma relação anafórica. Os elementos conjuntivos são coesivos não por si mesmos, mas indiretamente, em virtude das relações significativas específicas que se estabelecem entre as orações dentro do período, entre os períodos dentro de um parágrafo, entre os parágrafos no interior do texto. Essas relações possuem sempre uma série de equivalentes estruturais, como se verifica nos exemplos:

(17) Um trovão seguiu-se à ventania.

(18) Após a ventania, ouviu-se um trovão.

(19) Depois de ventar muito, trovejou.

(20) Ventou muito. Depois trovejou.

(21) Trovejou, depois de ter ventado muito.

Os principais tipos de elementos conjuntivos são: advérbios e locuções adverbiais; conjunções coordenativas e subordinativas; locuções conjuntivas; preposições e locuções prepositivas; itens continuativos como *daí, então, a seguir etc.*

Para se obter a coesão textual, ressalta a importância do emprego de elementos adequados para expressar as diversas relações semânticas. É preciso lembrar, também, que um mesmo

elemento de ligação pode expressar relações semânticas diferentes, conforme a estrutura e o contexto em que vier inserido. A omissão destes elementos, embora perfeitamente admissível — o que depende, inclusive, da função da linguagem e do tipo de uso (jornalístico, estilístico, publicitário etc.) — só deve ocorrer quando a relação semântica estiver bem clara, para evitar a ambigüidade (a não ser que esta seja intencional).

3.1.5. A Coesão Lexical

A coesão lexical é obtida através da reiteração de itens lexicais idênticos ou que possuam o mesmo referente, isto é, de termos sinônimos ou palavras afins, que pertençam a um mesmo campo lexical. Inclui-se, também, na reiteração, o uso dos *nomes gerais*, cuja função coesiva se situa no limite entre a coesão lexical e a gramatical, visto estarem estes nomes a meio caminho do item lexical, membro de um conjunto aberto, e do item gramatical, membro de um conjunto fechado. Gramaticalmente, os sintagmas formados de *determinante + nome genérico*, como *a gente, a pessoa, a coisa, o negócio*, funcionam como itens de referência anafórica; lexicalmente, são membros superordenados (hiperônimos) de conjuntos lexicais, agindo como sinônimos dos itens a eles subordinados (hipônimos). Todavia, deve-se dar preferência ao hipônimo, para que o enunciado não fique excessivamente vago.

3.1.6. Outro fator de coesão lexical é a *colocação*, resultante da associação de itens lexicais que regularmente co-ocorrem. Embora virtualmente não existam colocações impossíveis, há algumas melhores que outras, tendendo para o padrão. No caso de padrões muito fortes, têm-se os *clichês*. A colocação, quando feita de maneira indevida, dá lugar aos erros de seleção lexical, como ocorre em:

(22) Quando o avião *estacionou*, todos correram para a pista.

Dentro de uma gramática textual, a coesão lexical assume particular importância, a partir, inclusive, do próprio título do texto que fornece as palavras-chave para a redação de resumos e a confecção de esquemas.

Os trabalhos de Halliday têm servido de base para inúmeras pesquisas no campo da gramática de texto, especialmente

por parte daquelas que se orientam *do enunciado para o texto*, no dizer de Lang (1972).

3.2. WEINRICH

Embora não apresente propriamente um modelo de gramática textual, H. Weinrich é considerado um autor cuja obra, nesse campo, merece destaque especial.

Postula Weinrich a necessidade daquilo a que se poderia chamar "macrossintaxe do discurso", com base em diversos aspectos discursivos que examina em suas obras, tais como a *sintaxe dos tempos verbais*, a do *artigo*, a questão da *subordinação* e da *coordenação*, entre outros.

Quanto às informações trazidas pelas formas verbais utilizadas no discurso, ressalta, por exemplo: (...) "Não se pode deixar de ter presente que a situação comunicativa é a medida de todo o sintático. E, assim, a sintaxe pode ser definida como a parte da ciência da linguagem que estuda o enlace (direto ou indireto) da significação com a situação comunicativa" (Weinrich, 1964: 363).

3.2.1. Weinrich divide as formas verbais plenas em dois grandes grupos independentes, com limites bem definidos: as do "mundo comentado" e as do "mundo narrado". Essa divisão explicaria fenômenos sintáticos como a *consecutio temporum* e as mudanças que ocorrem na passagem do estilo direto (mundo comentado) ao indireto (mundo narrado). O emprego de um tempo verbal fora do grupo a que pertence explicar-se-ia como *metáfora temporal*: o uso de um tempo do relato dentro do comentário exprime um matiz de validez limitada, isto é, falta de compromisso, de engajamento por parte do locutor; por outro lado, o emprego de um tempo do comentário dentro de relato traz a este maior tensão, compromisso e seriedade, características do comentário, ampliando a validade do relato ou insistindo sobre ela. Exemplo do primeiro caso é o emprego do *futuro do pretérito* (condicional), muito comum no estilo jornalístico; e do segundo, o *presente narrativo ou histórico*.

Considera desnecessárias as noções de *modo* e de *aspecto verbal*, que se incluiriam dentro das *três dimensões do sistema temporal*, ligadas à situação comunicativa:

a) atitude comunicativa < narrativa / comentadora

b) perspectiva comunicativa < tempos de *grau zero*, sem perspectiva / tempos com perspectiva < retrospectiva / prospectiva

c) relevo < 1.º plano / 2.º plano > só aparecendo em alguns setores do sistema temporal. Por exemplo, o perfeito simples do indicativo indicaria o 1.º plano, ao passo que o imperfeito marcaria o 2.º plano.

A fórmula estrutural do verbo completo (tempo pleno) seria, pois:

L-*Pn A Pe R*

onde:

L designa a informação semântica propriamente dita, ou seja, o *lexema*, por isso separada da informação "sintática" por um hifen, visto ser esta de outra espécie, já que sedimenta a significação do verbo na situação comunicativa;

Pn representa a informação sobre a pessoa;

A indica a informação sobre a atitude comunicativa;

Pe representa a informação sobre a perspectiva; e

R, a informação sobre o relevo.

As formas a que falta uma ou algumas dessas informações denomina *semitempos* (incluindo-se, entre eles, os tempos do subjuntivo, o gerúndio, o particípio e o infinitivo), que se encontram em dependência de outras fontes ligadas ao contexto lingüístico para completar a sua informação[5].

3.2.2. Questionando as noções tradicionais de subordinação e coordenação sintáticas, como também a de oração principal, no capítulo "O Relevo na Oração", Weinrich afirma:

"(...) Um texto é, sem dúvida, uma totalidade em que tudo está relacionado. As orações seguem-se umas às outras numa ordem lógica, de forma que cada oração entendida ajuda a compreensão orgânica da seguinte. De outra parte, a oração seguinte, quando entendida, influi sobre a compreensão da precedente, de forma que esta se entende melhor quando se volta a pensar nela. É assim que alcançamos a compreensão de um texto. Por isso, toda oração está subordinada a outra na medida em que não só se não compreende por si mesma, mas também contribui para a compreensão de todas as outras. Isso demonstra que não só a oração isolada, como também o texto inteiro, é um andaime de determinações cujas partes são interdependentes."

3.2.3. Quanto aos *artigos*, afirma Weinrich (1976) que a sua distribuição em um texto é um aspecto importante de sua estrutura sígnica e textual, já que também eles são sinais que guiam o leitor/ouvinte a compreender os demais signos do texto e a sua interdependência. Emprega o conceito de *articulado* (*artikulat*) para denominar um monema ou um grupo de monemas em relação com o artigo que os precede. O articulado exige uma determinação no texto, visto que, como qualquer outro signo da cadeia textual, não é o único portador do seu próprio significado, por estar relacionado com todos os demais signos antecedentes ou subseqüentes que o determinam e modificam. Para este fim, o artigo definido guia o leitor/ouvinte para a informação precedente, levando-o a procurar nesta os determinantes adequados para o articulado; ao passo que o artigo indefinido remete à informação posterior, exigindo maior atenção do decodificador, já que, para compreender perfeitamente o articulado por ele introduzido, este não pode fiar-se na informação

5. Para uma aplicação ao português, consulte-se KOCH (1982). "Os tempos verbais do discurso". Revista *Ângulo*, n.º 13/14. Faculdades Integradas Teresa D'Ávila, de Lorena, p. 14-17.

www.scantopdf.co.uk
Picsofsoft Scan to PDF

fornecida no texto antecedente, mas deve esperar novos determinantes no texto subseqüente. É por esta razão, por exemplo, que, nos textos, o artigo indefinido surge normalmente nos pontos decisivos em que a informação toma uma direção nova e inesperada. Todas estas considerações são estritamente lingüísticas, no sentido de uma sintaxe textual ou macrossintaxe.

3.2.4. Assim, para Weinrich, o texto é uma seqüência linear de lexemas e morfemas que se condicionam recíprocamente, e que, de modo recíproco, constituem o contexto: o texto é uma estrutura *determinativa* (*Determinationsgefüge*). Cabe à sintaxe textual (ou macrossintaxe) guiar o leitor/ouvinte dentro desta rede de relações, dando-lhe pistas quanto à decodificação por meio de instruções, ou seja, sinais particulares que o orientem, facilitando-lhe a compreensão global do texto. Entre estes sinais encontram-se os artigos, certos advérbios e as formas verbais.

Desse modo, um texto é "uma seqüência ordenada de signos lingüísticos, entre duas interrupções bem marcadas da comunicação", que tem por limite inferior a união de dois morfemas, enquanto seu limite superior é aberto. É pelo fato de todo signo lingüístico possuir um significado que os signos lingüísticos combinados fornecem o contexto um ao outro, vindo o seu valor semântico, de texto a texto, constantemente modificado mediante tais determinações recíprocas, que formam um tecido extremamente complexo. Para que o decodificador seja capaz de orientar-se no interior deste é que a linguagem fornece, na própria tessitura do texto, instruções que, metaforicamente, podem ser comparadas a sinais de trânsito para permitir-lhe o percurso adequado através do mesmo.

A lingüística de Weinrich se caracteriza, pois, por três atributos: ser *comunicativa*, *instrucional* e *textual*. Por esta razão, ele designa sua teoria como *CIT-Linguistik*, a qual tem por objeto atos de comunicação concretos, que se realizam em textos (*in Texten*), transmitindo ao destinatário instruções destinadas a orientá-lo quanto à maneira de se comportar para acompanhar adequadamente o processo de comunicação. Os textos — "textos em situação" — são os dados primários, que podem segmentar-se em unidades cada vez menores, todas elas interdependentes.

3.3. DUCROT

3.3.1. Entre o posicionamento de Weinrich e o de Oswald Ducrot[6], há vários pontos de contato, embora, evidentemente, existam também pontos de vista divergentes. Ambos empenham-se no estudo dos *elementos constitutivos* do texto, isto é, dos morfemas e sintagmas que, de maneira particular, trazem uma contribuição à formação do texto, por meio de instruções que levam à redução da complexidade da significação e à formação de um sentido discursivo global (cf. capítulo 1, item 1.5.4.).

Do mesmo modo que Weinrich, Ducrot adota uma linha estruturalista na abordagem do discurso. Diz ele: "Ser estruturalista, no estudo de um domínio qualquer, é definir os objetos desse domínio uns em relação aos outros, ignorando voluntariamente aquilo que, na sua natureza individual, se define apenas em relação a objetos de outros domínios. Admite-se, assim, que algumas de suas relações mútuas não são uma conseqüência da sua natureza, mas que elas a constituem".

3.3.2. Ducrot e também Carlos Vogt[7], seu amigo e colaborador, introdutor da semântica argumentativa no Brasil, sustentam a necessidade de se partir para um *estruturalismo do discurso*, o que implica admitir que a noção de sentido de um enunciado deve ser entendida, por um lado, como função de suas combinações possíveis com outros enunciados da língua capazes de lhe darem continuidade no discurso, isto é, como função de sua orientação discursiva, do futuro discursivo que se abre no momento de sua enunciação; e, por outro lado, como função das relações que o enunciado estabelece com outros pertencentes ao mesmo paradigma argumentativo, ou seja, que apontam para o mesmo tipo de conclusão: em suma, de um lado, as relações sintagmáticas, de outro, as relações paradigmáticas. Esse estruturalismo do discurso abre a perspectiva para um estudo macrossintático ou semântico-argumentativo da língua. Portanto, o que caracteriza a obra de ambos é o fato de consi-

6. Ducrot vem desenvolvendo sua teoria em uma série de obras, muitas delas com a colaboração de Anscombre, entre as quais se podem citar as de 1970, 1972, 1973, 1976, 1977, 1978, 1980 e 1981, citadas na bibliografia deste livro.

7. Entre os principais trabalhos de Vogt destacam-se *O Intervalo Semântico* e *Linguagem, Pragmática, Ideologia*.

derarem o *ato de argumentar* como o ato lingüístico fundamental, isto é, postularem que a argumentatividade se acha inscrita sistematicamente no interior da própria língua.

3.3.3. Como também o faz Weinrich, colocam-se no ponto de vista do alocutário, atribuindo às *frases* — entidades construídas para dar conta dos *enunciados* — ou, pelo menos, à maioria delas, uma orientação argumentativa, calculável de acordo com regras explícitas, de tal modo que essas orientações permitam prever o valor argumentativo contido nos enunciados pelos quais se realizam. A versão mais recente de sua teoria postula que a significação das frases, bem como dos morfemas que as compõem, contém instruções sobre a maneira como os enunciados que as atualizam devem ser interpretados com referência a tal ou qual situação discursiva, por meio da utilização de uma ou de outra maneira de reconstruir o sentido objetivado pelo locutor, já que a compreensão do enunciado implica a descoberta dessa conclusão precisa visada pelo locutor. Pelo fato de possuírem valor argumentativo, as frases têm por característica obrigar o intérprete a determinar a conclusão "x" para a qual apontam. É por esta razão que o valor semântico de uma frase argumentativa contém, entre outros elementos, o conjunto de instruções concernentes às estratégias a serem seguidas para a decodificação de seus enunciados.

Essas instruções, freqüentemente, são veiculadas através de certos morfemas do tipo *ainda, aliás, também, mesmo, até* etc., pelo fato mesmo de as relações argumentativas entre enunciados não serem dedutíveis apenas de seu conteúdo informativo. O segundo tipo de instruções é dado por meio de conectivos como *mas, embora, já que, logo, porque* etc., cujo papel habitual é o de estabelecer relações entre entidades semânticas (P mas Q, P embora Q etc.). O problema, no uso normal da língua, é justamente o de determinar quais são essas entidades, que nem sempre consistem em segmentos materiais do texto: um conector tanto pode ligar duas proposições, estabelecendo entre elas relações de inferência ou dedução, como relacionar um enunciado com a sua enunciação; pode ligar segmentos sucessivos, mas também segmentos mais ou menos afastados dentro do período, ou até mesmo um parágrafo a outro do texto. Ora, a instrução que a frase dá ao intérprete é a de que ele deverá procurar duas entidades semânticas P e Q, ligadas mais ou menos diretamente a duas proposições gramaticais sucessivas X e Y, segundo as modalidades a serem definidas para cada conector e entre as quais seja possível existir a relação que o conector implica.

Deve, ainda, estabelecer as condições específicas a cada um, indicando o que podem e o que não podem ligar.

A frase, portanto, diz unicamente aquilo que se deve fazer para descobrir o sentido dos enunciados que a podem atualizar. Desse modo, a significação da frase *não deve* ser confundida com o que se costuma chamar de *sentido literal* — espécie de elemento semântico mínimo que estaria contido em todos os enunciados de uma mesma frase, como se se tratasse de um ingrediente comum, ao qual cada um acrescentaria algo de particular, de conformidade com as condições de emprego. O sentido seria, nesse caso, a significação mais alguma outra coisa.

3.3.4. Esse é um dos pontos em relação aos quais Ducrot reformula os seus modelos anteriores, especialmente o de 1972, em que apresentava como componentes da descrição semântica o *componente lingüístico* (*C.L.*) *e o componente retórico* (*C.R.*), o primeiro responsável pelo cálculo do sentido literal do enunciado (que denominava *significação*) e o segundo, operando sobre esse sentido literal já calculado pelo primeiro, relativamente a determinada situação, por meio da aplicação *de leis do discurso*, como o da *exaustividade, a da litotes* etc. (correspondentes, de certo modo, às máximas conversacionais de Grice). Assim, todos os usos "não sérios" da linguagem, todos os usos "desviantes", deveriam ser explicados pelo componente retórico.

A partir do momento, porém, em que passa a atribuir uma significação à própria frase, significação que consiste em instruções concernentes às estratégias a serem usadas na decodificação de seus enunciados possíveis, nega a existência de um sentido literal — já que todas as interpretações que podem ser implicadas de maneira "pública" pelos enunciados, estarão previstas, de certa forma, na significação da frase.

Isso não significa, contudo, que as instruções devam ser necessariamente recuperadas pelo discurso, pelo fato de não terem caráter obrigatório. Há um nível semiológico de instruções de funcionamento e há um mecanismo de interpretação daquilo que, no discurso, é concernido pelo próprio discurso, de modo que é este que vai construir a sua própria pertinência.

Assim sendo, postula a existência de uma dinâmica entre a língua e as utilizações que ela permite, cuja explicitação deve ser buscada, na medida do possível, nos textos, já que, em certos momentos, os mecanismos de descrição são modificados pelos mecanismos de interpretação. É por esta razão que não se deve falar em *desvios*, mas em *utilizações* diversas, umas mais crista-

lizadas que outras. Desse modo, no caso de o discurso não vir a obedecer às instruções, não se tratará de usos desviantes, mas sim de interpretações construídas no interior do próprio discurso: isto é, o discurso — objeto a ser explicado — pode fornecer, por sua vez, explicações para a própria utilização da frase.

A natureza das instruções contidas nas frases é que elas dizem respeito ao sentido do enunciado, às combinações possíveis entre um enunciado e outros que podem continuá-lo de modo a virem a constituir um discurso: trata-se de um código de comportamentos discursivos. Sob esse aspecto, a significação da frase comporta não só a indicação de vazios a serem preenchidos, como também a indicação de todo um leque de possibilidades quanto à maneira de preenchê-los, o que permite chegar, nos textos, a uma multiplicidade de sentidos possíveis.

Renunciando à noção de sentido literal e concebendo as significações das frases como instruções para a decodificação de seus enunciados, por meio da exploração das indicações fornecidas pela situação do discurso, a semântica lingüística poderá desempenhar o papel de verdadeiro *guia de leitura*. Entendendo-se a significação como um conjunto de diretrizes sobre a maneira como a situação deve ser levada em conta, é todo o sentido do enunciado que se vê influenciado pela estrutura semântica da frase; ou, pelo menos, há um grande número de aspectos semânticos ligados à situação cuja integração ao sentido é imposta pela significação atribuída à frase.

3.3.5. Considerando, por outro lado, como constitutivo de um enunciado, o fato de se apresentar como orientando a seqüência do discurso, é preciso admitir também que existem enunciados cujo traço constitutivo é o de serem empregados com a pretensão de orientar o interlocutor para certos tipos de conclusões, com exclusão de outras. Ao descrevê-los, faz-se necessário dizer qual a orientação discursiva para a qual apontam, ou seja, a favor da qual eles podem servir de argumento (embora haja conclusões que se podem tirar deles não deduzíveis diretamente de seu valor argumentativo).

Argumentar, para Ducrot, significa *apresentar A em favor da conclusão C, apresentar A como devendo levar o destinatário a concluir C*. Daí decorre a necessidade de incluir, na descrição semântica das frases, as indicações relativas à sua orientação argumentativa (Anscombre e Ducrot, 1976: 13; e 1978).

Essa descrição, feita pelo componente lingüístico, divide-se em três cálculos. O primeiro atribui a cada frase uma significação, sob forma de um conjunto de conteúdos, cada um dos

Biblioteca "Dr. E. Luz Brandão"

quais afetado por um marcador de ato ilocucionário. Dentre estes conteúdos, há alguns puramente informativos e cuja interpretação fornecerá a base para os fenômenos inferenciais; mas há também aqueles que se apresentam como relações entre outros conteúdos, como a *de ser argumento para (—3)*, que farão intervir operações particulares — operações argumentativas — e cuja interpretação servirá de fundamento aos fatos discursivos. É nesse sentido (restrito) que se pode afirmar a existência de frases não-argumentativas, cuja significação consiste apenas em instruções para um uso puramente descritivo (embora, evidentemente, este uso descritivo possa ocultar intenções argumentativas veladas). O segundo cálculo destina-se a deduzir novos conteúdos a partir daqueles que constituem a significação das frases, por meio de certos axiomas — as leis do discurso —, tais como a Lei da Negação, a Lei da Inversão e a Lei do Abaixamento. O terceiro, finalmente, utilizando-se dos resultados dos dois primeiros, determinará a orientação argumentativa das frases, combinando os conteúdos, levando em conta os atos que lhes estão afetos e dando estatutos diferentes ao que é posto e ao que é pressuposto.

Ao descrever dessa forma o funcionamento do componente lingüístico, este passa, portanto, a incorporar o que, anteriormente, Ducrot considerava o componente retórico, introduzindo, pois, dentro de uma pragmática integrada à descrição lingüística, uma retórica também integrada, e evidenciando, como já se disse, a existência, na língua, de uma série de operadores (operadores argumentativos ou discursivos) responsáveis pelas relações argumentativas.

Uma parte significativa da obra de Ducrot — como também da de Vogt — tem sido dedicada ao estudo desses operadores[8].

3.4. ISENBERG

Horst Isenberg pertence à Arbeitsstelle Strukturelle Grammatik da Academia de Ciências de Berlim-Oriental, um dos mais importantes centros de gramática gerativa da Europa, onde trabalham também Bierwisch, Hartung, Heidolph, Steinitz, Lang, além de outros.

8. Para uma visão mais aprofundada das obras desses autores, consulte-se KOCH (1981). *Aspectos da Argumentação em Língua Portuguesa*, tese de doutorado, PUC/SP.

Dois de seus principais trabalhos são: *Überlegungen zur Texttheorie* (1968b) e *Der Begriff Text in der Sprachtheorie* (1970).

Seu objetivo primordial é construir, ainda que parcialmente, um mecanismo apto a engendrar textos — isto é, uma gramática de texto, que deve ser um modelo da competência lingüística do falante (no sentido chomskyano) e não dos processos postos em ação na construção de um enunciado em situações concretas de discurso. Assume, também, para chegar à explicação da estrutura textual, que, enquanto a sintaxe é gerativa, a semântica é interpretativa, operando sobre as estruturas profundas sintáticas, de modo a eliminar os enunciados que contenham propriedades textuais incorretas, pelo recurso a informações semânticas já dadas na estrutura profunda.

Define a gramática textual como um mecanismo finito capaz de gerar um conjunto potencialmente infinito de textos, com suas propriedades formais e semânticas. Portanto, as propriedades reconhecidas para textos possuem implicações ligadas ao domínio da competência, tais como reconhecer se um texto é "completo" ou "incompleto". Parte dos postulados de que: *a*) existe uma série potencialmente infinita de textos; *b*) não há textos infinitos; *c*) um texto de uma língua dada pode ser percebido como desviante ou não-desviante; *d*) há "graus de desvio" dos textos; *e*) existem textos agramaticais.

Percebe-se, assim, que Isenberg procura fundamentar sua gramática de texto na teoria padrão gerativa, postulando, porém, como unidade básica de estudo, o texto e não o enunciado. Segundo o autor, esta postura deverá permitir uma melhor compreensão da estrutura interna do próprio enunciado e fornecer a base para a solução de muitos problemas até agora explicados de maneira bastante insatisfatória.

3.4.1. Em seu artigo "Überlegungen zur Texttheorie" (1968b), apresenta treze motivações empíricas para se estender ao texto o domínio da gramática — ou seja, fenômenos somente explicáveis no âmbito da estrutura textual: *1*) a anáfora; *2*) a seleção do artigo; *3*) a ordem dos sintagmas no enunciado (permutações); *4*) a pronominalização e os elementos pró-adverbiais; *5*) a posição do acento do enunciado; *6*) a entonação; *7*) a ênfase e o contraste; *8*) as relações entre enunciados sucessivos, não ligados por conjunção; *9*) a assimilação da aplicação de regras entre enunciados de um texto; *10*) as restrições contextuais com relação a morfemas ou unidades lexicais singulares, não limitadas ao domínio do enunciado; *11*) a "marca de objeto" (*objekt-Marker*) para o complemento direto (*direktes Objekt*) em albanês, além de caracterizações morfológicas do objeto direto em espanhol (e provavelmente em persa moderno, em bengalês e em outras línguas); *12*) a propriedade referencial dos nomes; *13*) a sucessão dos tempos.

3.4.1.1. Isenberg volta sua atenção para alguns destes itens, como, por exemplo, o problema da interpretação de seqüências de enunciados, só explicável por uma teoria lingüística do texto. Distingue, entre outros, os seguintes tipos de textualização (*Vertextung*), ou seja, relações entre enunciados assindeticamente conjugados:

1. *Tematização de objetos não novos*

(1) *In der Garage stand ein Auto. Der Wagen war frisch gelackt.*
(Na garage havia um carro. O veículo estava pintado de novo.)

"Veículo" refere-se ao mesmo objeto que "carro". Este objeto que, no segundo enunciado, não é novo, constitui justamente o seu tema.

2. *Conexão causal*

(2) *Die Lampe brennt nicht. Die Stromleitung ist unterbrochen.*
(A lâmpada não funciona. A corrente elétrica está interrompida.)

O segundo enunciado descreve um estado de coisas que é interpretado como causa daquele descrito no primeiro.

3. *Conexão de motivos*

(3) *Hans ist in den Keller gegangen. Er will Kohlen holen.*
(João foi à adega. Ele foi buscar carvão.)

(4) *Komm her. Hier liegt ein Brief für dich.*
(Venha cá. Aqui está uma carta para você.)

Em (4), o segundo enunciado encerraria apenas uma *parte* do motivo, visto que a pessoa a que se destina é solicitada a fazer alguma coisa com a carta.

4. *Interpretação diagnóstica*

(5) *Es hat Frost gegeben. Die Heizungsröhren sind gesprungen.*
(Geou. Os canos de aquecimento racharam.)

Neste exemplo, haveria entre os enunciados uma relação do tipo: "isto se pode verificar pelo fato de...".

5. *Especificação*

(6) *Gestern ist ein Unglück geschehen. Peter hat sich den Arm gebrochen.* (Ontem houve um acidente. Pedro quebrou o braço.)

O segundo enunciado especifica "o acidente de ontem": "este consistiu no fato de...".

6. *Agrupamento metalingüístico* ("metatematização")

(7) *Mein Bruder hat sich ein Anzug gekauft. Peter ist die Treppe heruntergefallen. Meine Tante hat sich den Arm gebrochen. Dies alles erfuhr ich gestern morgen.*
(Meu irmão comprou um terno. Pedro caiu da escada. Minha tia quebrou o braço. Fiquei sabendo de tudo isso ontem pela manhã.)

Os vários enunciados que precedem o último ligam-se apenas metalingüisticamente. É somente este que fornece o ponto de referência comum, e sem ele não se teria um texto bem formado[9].

7. *Conexão temporal*

(8) *Der Mittelstürmer läuft nach vorn. Ein gegnerischer Verteidiger nimmt ihm den Ball ab ...*
(O centro-avante avança. Um defensor contrário tira-lhe a bola ...)

(9) *Peter verliess um 3 Uhr das Haus. Dann klingelte es und ein Man kam herein.*
(Pedro saiu de casa às 3 horas. A seguir, a campainha soou e entrou um homem.)

8. *Conexão de pressupostos*

(10) *Der Junge ist ins Kino gegangen. Irgendjemand hat ihm Geld gegeben.*
(O menino foi ao cinema. Alguém lhe deu o dinheiro.)

Do ponto de vista semântico, trata-se aqui de uma relação do tipo "isto foi possível porque...".

9. Cf. o que Lang (1971) (mais adiante) chama de "indicação de um denominador comum".

9. *Contraste adversativo*

(11) *Peter ist ein netter Mensch. Sein Bruder dagegen ist ein Lügner.*
(Pedro é uma pessoa simpática. Seu irmão, pelo contrário, é um mentiroso.)

10. *Correspondência questão-resposta*

(12) *Was hast Du gestern abend gemacht? — Ich bin ins Kino gegagnen.*
(Que fez você ontem à noite? — Eu fui ao cinema.)

11. *Confronto*

(13) *Peter hat einen langen Mantel. Einen etwas längeren Mantel besitzt sein Bruder.*
(Pedro tem um casaco comprido. Seu irmão possui um um pouco mais comprido.)

O meio principal de textualização, no caso, é o confronto do comprimento dos casacos.

12. *Correção de asserções precedentes*

(14) *Hans hat Maria gesehen. Nein. Peter hat Maria gesehen.*
(João viu Maria. Não, foi Pedro que viu Maria).

A listagem, segundo Isenberg, não é exaustiva, embora o número de esquemas previsíveis seja limitado. Além de se tratar de um rol bastante heteróclito de relações, pode-se afirmar, com Duhen e Bourdin (1972), que alguns desses esquemas são aparentemente conversos uns dos outros, como, por exemplo, especificação e agrupamento metalingüístico. Conte (1977), chama a atenção para a ausência, nessa enumeração, da textualização de tipo comentário (*kommentierung*), como:

(15) Estamos novamente sem governo. É um escândalo.

3.4.1.2. Ao tratar da questão da referência, Isenberg faz distinção, primeiramente, entre referência explícita e implícita.

Partindo de:

(16) *Gestern fand eine Hochzeit statt. Die Braut trug dabei ein langes weisses Kleid.*
(Ontem houve um casamento. A noiva usava um longo vestido branco.)

www.esperantopdf.co.uk
Hugo Lubos Mihr Esperanto

(17) *Peter hat mich nassgespritzt. Die Flüssigkeit lief mir vom Körper herab.*
(Pedro me molhou todo. O líquido corria-me pelo corpo abaixo.)

mostra que, em (16), "casamento" contém uma referência implícita a "noiva" (a existência de uma noiva vem pressuposta), ao passo que o nome "noiva" contém uma referência explícita a um indivíduo, que é uma noiva; do mesmo modo, em (17), "molhou" contém referência implícita a um "líquido" (que vem pressuposto no processo) e o termo "líquido" refere-se explicitamente ao líquido correspondente.

No texto (16), portanto, "noiva" retoma uma referência contida implicitamente em "casamento" e "líquido", uma referência contida implicitamente em "molhou". Contudo, uma referência implícita não pode ser retomada por um demonstrativo ou por um pronome pessoal:

(18)* *Gestern fand eine Hochzeit statt.* DIESE *Braut trug dabei ein langes weisses Kleid.*
(Ontem houve um casamento. ESTA noiva ...)

(19)* *Peter hat mich nassgespritzt.* SIE *lief mir vom Körper herab.*
(Pedro me molhou todo. ELE me escorria...)

3.4.1.3. Passando à análise da referência explícita, Isenberg estabelece *traços específicos de referência*, isto é, *marcadores referenciais* que vão contribuir a *autorizar ou interditar certos tipos de textualização*, além de intervir no tratamento de questões como: os anafóricos, a seleção dos artigos, as permutações de membros de frases e o uso de pronomes e pró-adverbiais. Entre esses marcadores, podem-se citar:

(+ n) "objeto novo": faz-se referência, pela primeira vez, no texto, ao objeto designado pelo membro da frase que contém esse marcador;

(+ id) "idêntico": o objeto é idêntico a outro a que já se fez referência;

(+ k) "conhecido": o falante pressupõe ser o objeto conhecido do interlocutor, isto é, que pode ser identificado por ele;

(+ i) "identificável": o falante pode identificar o objeto ao qual se refere explicitamente;

(+ g) "genérico": a referência é mediata, indireta, pois o nome não se refere diretamente a indivíduos determinados;

(+ c) "contrastivo": [por ex., o texto (13) citado anteriormente];

(+ d) "diretamente identificável": que se encontra dentro do campo visual dos interlocutores.

A partir desses marcadores, passa ao exame de elementos de referência anafórica, como, por ex., o pronome *ele*, que pressupõe a possibilidade de identificação direta. Daí ser desviante o texto (20):

(20)* *Gestern haben mich Hans und Peter besucht. Er war sehr freundlich zu mir.*
(Ontem João e Pedro me visitaram. Ele foi muito gentil comigo.)

e não o texto (21):

(21) *Gestern haben mich Peter und Maria besucht. Er war sehr freundlich zu mir.*
(Ontem Pedro e Maria me visitaram. Ele foi muito gentil comigo.)

É, portanto, a presença ou ausência de determinados traços que vai permitir ou impedir o emprego dos elementos anafóricos. Para um aprofundamento maior do assunto, remetemos o leitor ao artigo de Isenberg (1968) (embora este, de acordo com Conte, não possa ainda ser considerado uma gramática de texto, e sim uma contribuição à análise transfrástica).

3.4.1.4. A hipótese apresentada nesse trabalho é, pois, que a gramática gera textos. Possui regras de base, entre elas, as *regras textuais*, parte das quais constituem *regras de eliminação de enunciados*. Existem, também, regras de transformação — as "G-regras" — que não recorrem a contextos que não façam parte de indicadores sintagmáticos generalizados.

As regras textuais empregam informação semântica e sintática; juntamente com os demais componentes da gramática, elas tornam explícito o conceito de "texto bem formado de uma língua L".

3.4.2. No trabalho "*Der Begriff 'Text' in der Sprachtheorie*" (1970), Isenberg reconhece as limitações do trabalho anterior, quando escreve: "A correferência de constituintes superficiais ... em verdade não reflete, no sentido exato, propriedades estruturais primárias de textos e, em razão de existirem também

seqüências coerentes de enunciados sem constituintes de superfície correferenciais, não contribui nem mesmo para a caracterização de um aspecto de coerência de *todos* os textos".

O autor passa, agora, a indagar-se não mais a respeito das relações sintáticas e semânticas entre enunciados, mas sim da *função comunicativa global de um texto*, examinando a estruturação global dos textos a partir de um ponto de vista pragmático. Trata-se, pois, de um estudo pré-teórico da pragmática, em que Isenberg chega, de maneira autônoma, a alguns pontos da teoria dos atos de fala, introduzida na filosofia da linguagem por J. Austin (1962).

Isenberg apresenta, assim, uma tentativa de pesquisar a estruturação do texto a partir de *funções*, procurando formalizar dados já obtidos em outras pesquisas desenvolvidas nesse sentido e estabelecendo, também, uma ponte entre a lingüística gerativa e os trabalhos de teóricos da literatura e de lingüistas da linha funcionalista.

Em sua opinião, a competência do falante nativo de uma língua permite-lhe distinguir textos completos de textos incompletos. Isso possibilita uma cisão do domínio textual em duas partes: *a*) textos (completos) de uma só frase; *b*) textos de várias frases.

3.4.2.1. Textos de Uma Só Frase

São os textos "elementares", nos quais é possível distinguir as "funções da comunicação". Destas, que, segundo ele, constituem um conjunto limitado, limita-se a enumerar cinco (aliás, bastante heterogêneas), sem explicitar o que possuem em comum: *ordem*, *mensagem*, *dêixis*, *expressão* e *participação*. São exemplos de cada uma:

(1) a. Fora!
b. Você quer me trazer o casaco, por favor?

(2) a. Amanhã haverá salada de pepino no cardápio.
b. Terminado!

(3) a. Lá!
b. Ao ponto!

(4) a. Estou com dor de cabeça.
b. Este homem é louco!

(5) Deixe, isto já não importa mais agora.

Isenberg ressalta que (1b), embora formalmente idêntica a qualquer outra frase interrogativa (não iniciada por partícula de interrogação), é, funcionalmente, uma ordem. Por esta razão, torna-se necessário um mecanismo capaz de explicar o fato de que a estrutura interna de uma frase não define, de maneira autônoma, a utilização que o locutor pode fazer dela[10]. Propõe, assim, uma "árvore" com três níveis:

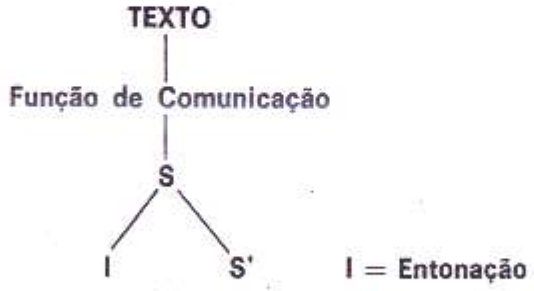

O autor afirma: "Todo texto de uma frase T possui uma função de comunicação e uma frase (S') que contém, por sua vez, o nódulo semântico propriamente dito (...)". Toda função de comunicação consiste, por seu turno, em duas partes: um *pressuposto* e um *nódulo funcional*, o que pode ser representado do seguinte modo:

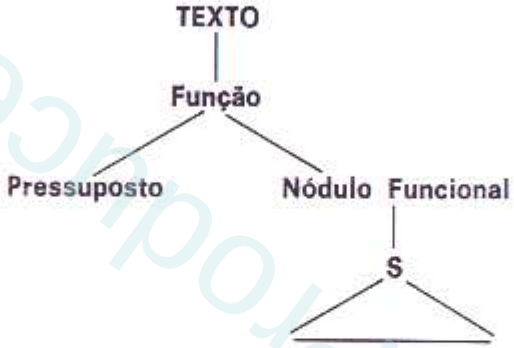

10. É, justamente, o caso dos atos de fala indiretos ou derivados, dos filósofos analíticos de Oxford.

www.scanlopdf.co.uk
Produced with ScanLib

Por exemplo, a função "Mensagem" pressupõe que o(s) interlocutor(es) tenha(m) um interesse suficiente na comunicação contida na mensagem.

Isenberg formula os conceitos de *boa formação* e de *utilização* adequada, que implicam o de *situação de discurso*. "Compreendemos por 'situação de discurso' a situação que é dada no momento do ato de fala, no lugar em que se encontram o locutor e/ou o ouvinte. Os elementos da situação de discurso são dados espácio-temporais que podem ser observados, como também dados psíquicos do locutor e do ouvinte (. . .)"

Um texto de uma só frase T é *bem formado* quando:

(i) a função comunicativa de T não pressupõe a presença de outras funções comunicativas no mesmo texto;

(ii) a estrutura dominada pelo nódulo funcional:
   a) é, em si mesma, bem formada;
   b) não contém pressupostos em relação a contextos textuais realizados;
   c) possui um liame semântico possível com a função comunicativa dominante.

Um texto de uma só frase T é *utilizado de maneira adequada* quando:

(i) T é bem formado;

(ii) a situação de discurso preenche todas as condições de pressuposição da função comunicativa.

3.4.2.2. Os Textos de Várias Frases

Com base no trabalho de Labov-Waletzky (1967), Isenberg destaca cinco elementos estruturais "que se assemelham muito às funções comunicativas que descrevemos nos textos de uma só frase. Nos dois casos, trata-se de elementos da comunicação que não fazem parte diretamente da estrutura propriamente semântica das frases de superfície, mas que aparecem como nódulos que as dominam". Esses elementos (que, segundo Labov-Waletzky, entram na constituição das narrativas orais) são: *Orientação*, *Complicação*, *Avaliação*, *Resolução* e *Moral*. Em textos complexos, essas funções comunicativas organizam a sua estrutura global.

Dentro desse esquema, Isenberg apresenta uma "redação escolar":

(6) *Orientação*
   a) Há três anos, fui passear com meu irmão.
   b) Perambulávamos pelas ruas de Leipzig, sem prestar muita atenção ao trânsito.

Complicação
   c) De repente, meu irmão me puxou violentamente para o lado.

Avaliação
   d) Num cruzamento, nós íamos atravessar sem prestar atenção.
   e) O sinal estava verde.

Resolução
   f) Meu irmão e eu mal conseguimos chegar a tempo do outro lado da rua.

Moral
   g) Desde esse dia, eu não atravesso mais a rua quando o sinal está verde.

O texto narrativo (6) teria uma estrutura global como:

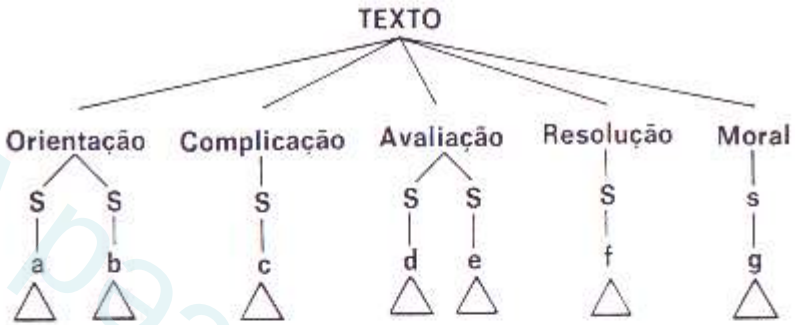

Pode-se perceber, por meio dessa estrutura, que existe manifestamente um sistema de restrições contextuais das funções de comunicação. A partir desse fato, Isenberg estabelece a distinção entre textos de uma só frase e textos de diversas frases: "existe uma classe de funções comunicativas sem restrições contextuais que define automaticamente os textos de uma só frase possíveis. As funções comunicativas que possuem restrições contextuais definem os textos de várias frases" (p. 12-5).

www.scanto pdf.co.uk

O autor procura, em seguida, aprofundar o estudo das restrições contextuais, deixando entrever uma sintaxe das funções de comunicação, que seria também a sintaxe dos textos e que teria relações com a sintaxe das frases, embora estas ainda não estejam totalmente explicadas.

3.4.2.3. Lang (1971), cujo trabalho será examinado a seguir, critica Isenberg pelo fato de serem as funções acima enunciadas de naturezas bastante diversas. Assim, funções como "Mensagem", "Expressão", estão ligadas ao próprio ato de comunicação, ao passo que aquelas emprestadas a Labov-Waletzky possuem estatuto bem diverso, isto é, são funções parciais de uma estrutura textual que servem para especificar os gêneros, não sendo, pois, lingüísticas propriamente ditas. Prova disso é que podem dominar as outras ou vice-versa.

A opinião de Lang é compartilhada por Bourdin e Duhen, segundo os quais Isenberg emprega ambiguamente o termo "função", ora no sentido das "funções da linguagem" (tal como descritas por Bühler, Jakobson e outros), ora referindo-se às unidades funcionais, dentro das estruturas narrativas (como as descreve, por ex., Bremmond).

A importância deste trabalho de Isenberg é que ele tematiza enunciações textuais com função comunicativa, isto é, preocupa-se com o *texto-em-funções*. Já não se trata, como no artigo de 1968, de uma simples expansão do domínio da gramática para além dos limites da frase, ou seja, de uma extensão meramente quantitativa; o que se tem, agora, é uma mudança qualitativa — a modificação do próprio objeto da lingüística — o que permite afirmar que se trata de uma obra preparatória para uma teoria pragmática do texto.

3.5. LANG

Ewald Lang, no artigo "Quand une 'grammaire de Texte' est-elle plus adequate qu'une 'grammaire de phrase'?" (1972: 75-80), examina a tendência muito difundida na época (Isenberg, Stempel, Petöfi etc.) de se postular a necessidade de estender ao texto o campo da lingüística porque "há fatos lingüísticos cuja explicação exige que se recorra a um contexto exterior às fronteiras da frase" (p. 75).

Pergunta inicialmente quais são os fatos que não podem ser descritos por uma gramática de frase e o que significa estender ao texto o campo da gramática. Para responder a essas questões, apresenta as acepções mais comuns do termo *texto*, afirmando que cada uma contém pelo menos um aspecto interessante, embora nenhuma delas possa servir de base a uma teoria.

a) Texto: forma lingüística de certa complexidade, sendo a frase a medida desta complexidade.

b) Texto: material verbal distinto do não-verbal, num sentido lógico e não apenas lingüístico.

c) Texto: forma de existência dos elementos lingüísticos no ato de comunicação.

A maior parte das tentativas de estender ao texto o campo da gramática parte da concepção de texto (a), porque se pretende dar conta de fenômenos que implicam mais do que a frase (referentes textuais, tema/rema, acentos ligados ao contexto transfrástico etc.) e que derivam da competência. Porém, objeta Lang, é necessário distinguir entre a descrição da estrutura superficial de frases (podemos examinar as relações entre as frases sem denominar texto à entidade superior da qual estas relações seriam elementos constitutivos) e a colocação das frases numa estrutura complexa (este ponto relaciona-se com a coerência e é, indubitavelmente, textual).

"Verificar que a estrutura superficial das frases depende de elementos contextuais e produzir textos são coisas diferentes que não se implicam necessariamente" (p. 77).

Para ele, o significado de um texto (ou a informação que ele traz) é um todo que é mais do que a soma (ou a lista) dos significados das frases que o constituem e tem propriedades que justificam que se estenda ao texto o campo da gramática. Essas propriedades são:

a) o texto é o quadro no interior do qual as frases se desambigüizam;

b) o texto contém outros pressupostos e implicações além daqueles das frases que o constituem;

c) o texto apresenta possibilidades de parafrase diferentes da frase (por exemplo, a possibilidade de redução até o resumo mínimo).

A construção do significado de um texto obtém-se pelas operações lógicas abaixo citadas (segundo a *Natural Logic* de Lakoff):

a) integração numa superestrutura semântica das interpretações semânticas das frases que o constituem;

b) estabelecimento das condições de compatibilidade entre seus pressupostos e postos e os pressupostos e postos das frases isoladas;

c) estabelecimento de relações de equivalência (entre outras) entre fragmentos de extensão variável até a compreensão da coerência do texto (compreensão — capacidade de condensar).

Nos exemplos:

(1) *Peter apprend le français, Suzanne ne fume que des Gitanes, et Rudi veut absolument épouser BB. Toute la famille est francophile.*
(Pedro estuda francês, Suzanne só fuma Gitanes, e Rudi quer de qualquer maneira desposar BB. Toda a família é francófila.)

(2) *Peter apprend le français, Rudi veut épouser BB. C'est ainsi que nous passons la soirée.*
(Pedro estuda francês, Rudi quer desposar BB. Assim passamos a noite.)

observa-se que em (1) podemos extrair, das três primeiras frases, os elementos semânticos que possibilitam a coerência confirmada pela última frase, porém as operações não se fazem somente sobre o material semântico; há um conjunto de conhecimentos necessários — Gitanes são um produto francês, BB é francesa — o que não ocorre em (2), em que não podemos destacar nenhum ponto em comum.

Conclui afirmando não haver até então uma definição precisa de *texto* e que uma gramática de texto não poderá estabelecer-se senão progressivamente, pela integração sucessiva de todos esses aspectos; ela não substituirá a gramática de frase, porém originará um setor particular da lingüística onde se operará a junção com outras ciências (p. 80).

3.5.1. No ensaio "Über einige Schwierigkeiten beim Postulieren einer Textgrammatik", publicado em 1971[11], Lang retoma e aprofunda os argumentos apresentados anteriormente, reafirmando:

"Falta ainda uma determinação precisa do objeto; os limites e os laços com a chamada gramática do enunciado são incertos, a argumentação é baseada em heterogeneidades particulares ou em ambiciosos esquemas globais" (p. 86).

11. As citações serão feitas a partir da tradução italiana (1977).

E mais adiante:

"Estamos ainda muito longe, na minha opinião, de um conceito de texto que reconstrua, de maneira satisfatória, ao menos alguns dos numerosos juízos intuitivos sobre aquilo que faz de uma conformação lingüística um texto" (p. 88).

Distingue dois enfoques parciais (*Teiltheorien*) da lingüística textual que individuam e isolam dois diferentes conceitos de texto:

1.ª) Teoria 1: do enunciado ao texto.

2.ª) Teoria 2: do texto ao enunciado, considerando-o sob dois aspectos: *a*) do texto ao enunciado do ponto de vista pragmático; *b*) do texto ao enunciado do ponto de vista tipológico.

3.5.1.1. Do Enunciado ao Texto

Parte-se do enunciado e o texto é "uma sucessão de enunciados" (1977: 91). O texto vem comumente definido, desde Harris (*Discourse Analysis*), como "tudo o que vai da sucessão de dois enunciados ao romance, ao tratado, ao código e assim por diante".

A legitimidade de uma gramática de texto estaria na descoberta de fatos inexplicáveis numa gramática do enunciado e somente seria possível postular essa gramática, partindo, do ponto de vista metodológico, de três pressupostos:

1) há diferença entre texto e enunciado;

2) o texto é a unidade lingüística com propriedades estruturais que ultrapassam os limites do enunciado;

3) o conceito de texto é preordenado ao conceito de enunciado, isto é, uma descrição e uma explicação satisfatórias do conceito de enunciado podem ocorrer somente em termos de texto.

Assim sendo, uma "gramática do enunciado" e uma "gramática do texto" teriam de ser modelos de descrição qualitativamente diferentes.

Por esta razão, Lang refuta Isenberg, examinando as propostas deste autor sobre a distribuição da preposição *a* em espanhol e objeta que os fatos apresentados são explicáveis também em termos de gramática do enunciado e não legitimam uma gramática de texto; levanta fatos que podem, a seu ver, constituir realmente objeto de uma gramática de texto e dizem respeito à coerência semântica e que não são relações entre constituintes do enunciado (como a correferência apontada por Isenberg), mas relações entre os enunciados cujos significados se integram na unidade maior: o texto.

E aqui está o primeiro argumento de Lang a favor de uma gramática de texto:

"O texto é o resultado da integração dos significados do enunciado que cria uma unidade semântica".

"Os significados do enunciado", continua Lang, "representam estados de coisas: sua manifestação lingüística está sujeita (pelo menos parcialmente) às regras de cada idioma."

"(...) As operações que se devem aqui exprimir com regras são em geral de natureza cognitiva, portanto universais" (p. 106-7).

Apresenta, à guisa de exemplificação, o mecanismo de integração na interpretação de enunciados coordenados, atribuindo às conjunções o estatuto de operadores do enunciado, governando as "relações" com os significados, ligados mediante operações como: descoberta de estruturas paralelas, dedução dos componentes dos significados do enunciado, indicação de pressuposições, e que constituem o que ele chama de superestrutura semântica que pode (não necessariamente) aparecer num enunciado — contexto no qual esteja verbalizado o nexo. O texto será, assim, o *resultado da integração das significações do enunciado*.

Assim, nos exemplos abaixo (os enunciados-contexto vêm separados por uma barra transversal):

(3) *Peter lernt Französisch, Susi verehrt Balzac und Rudi ist Romanist./ Die ganze Familie ist FRANCOPHIL.*
(Pedro estuda francês, Susi adora Balzac e Rudi é filólogo romântico./ Toda a família é FRANCÓFILA).

(4) *Peter lernt Französisch, Susi wischt ab und Rudi sitzt vorm Fernseher./ Die Kinder sind IM MOMENT BESCHÄFTIGT.*
(Pedro estuda francês, Susi lava a louça e Rudi está sentado diante da televisão./ Os jovens estão ocupados neste momento.)

o 1.º enunciado de (3) é idêntico ao 1.º de (4) se considerarmos estes enunciados como absolutos. Mas não são idênticos se considerados em seus respectivos textos (textos nos quais o enunciado final funciona como denominador comum dos três enunciados precedentes).

No texto (3), diz Lang, o 1.º enunciado — Paulo estuda francês — tem o caráter habitual, enquanto no texto (4) tem o caráter atual e o enunciado vem "desambigüizado" contextualmente."[12]

12. Segundo Conte (1977: 38) não se trata de desambigüização (que pressupõe uma ambigüidade que na realidade não existe), mas de "determinação no (e da parte do) texto"; o texto é, afirma ela, retomando Weinrich, uma estrutura determinativa, "uma estrutura de determinação (*Determinationsgefüge*)".

O segundo argumento de Lang em favor de uma gramática de texto é que, em alguns casos, a interpretação de um texto somente é possível, considerando-se a existência de um elo, não explícito no texto, mas explicitável a partir dele.

Partindo dos exemplos:

(5) *Es hat Frost gegeben und die Blumen sind erfroren.*
(Geou e as flores estão congeladas.)

(6) *Die Blumen sind erfroren, denn es hat Frost gegeben.*
(As flores estão congeladas, pois geou.)

(7) *Es hat Frost gegeben, denn die Blumen sind erfroren.*
(Geou, pois as flores estão congeladas.)

afirma que os enunciados depois de *denn* têm a pressuposição *factivo* (no sentido que deram a esse termo Paul e Carol Kiparsky[13]), mas em (7), em que o primeiro enunciado contém uma inferência indutiva ("interpretação diagnóstica"), a forma lingüística explícita para a interpretação se obtém, inserindo um *elo: concluo que*, que é um hiperenunciado performativo (*performativer Hypersatz*).

A forma lingüística explícita seria:

As flores estão congeladas. Concluo que deve ter geado.

Em outro exemplo de Lang:

(8) *Verschwinde jetzt, denn ich bin müde!*
(Suma daqui, que estou cansado.)

o enunciado causal não dá a razão da ordem; ele modifica não o imperativo, mas um hiperenunciado performativo implícito: ordeno-te.

A forma explícita seria:

Porque estou cansado, ordeno-te que sumas daqui.

E conclui Lang:

"O objetivo geral da descrição (...) é a representação de tais complexos de enunciados que deve dar-lhes uma interpretação como relação entre estados de coisas, como integração de significados do enunciado" (p. 110).

13. Para uma aplicação dessa proposta dos Kiparsky ao português veja-se FÁVERO (1974). "Complementação de Predicado em Português". Tese de Doutorado, PUC/SP; e FÁVERO (1982). "Considerações em torno da Problemática do modo Verbal na Oração em Língua Portuguesa". *Revista Brasileira de Lingüística*, vol. 6, n.º 1, Ano 5, 5-16.

3.5.1.2. Do Texto ao Enunciado do Ponto de Vista Pragmático

Nesta perspectiva, que ele diz não ser nem inversa nem oposta à primeira, o texto é considerado não mais em termos de enunciado (*Satz*), mas em termos de enunciação (*Äusserung*) que desenvolve uma função comunicativa.

Parte da hipótese de que o texto é o modo de ser próprio de todas as formas de enunciação da comunicação lingüística, isto é, o texto é o denominador comum para a enunciação.

As enunciações, no que diz respeito à sua estrutura gramatical, são conformações comunicativas em cuja base estão enunciados (relação *type-token*).

As enunciações vêm, todavia, caracterizadas também por outros fatores de comunicação, como o objetivo da comunicação, as relações entre os participantes de comunicação, o motivo ou objeto de comunicação (tema ou tópico). Assim se podem constituir diferentes tipos de enunciação (notícia, apelo, manifestação) que caracterizam todos os gestos comunicativos e as atitudes comunicativas fundamentais são distinguíveis. As enunciações formam, correspondentemente, um texto de notícia, de apelo, de manifestação e assim por diante.

Texto entra como termo indefinido no vocabulário auxiliar da teoria, porque é somente um constituinte de formação de conceitos que devem ser precisamente explicitados, como um texto de notícia etc.

3.5.1.3. Do Texto ao Enunciado do Ponto de Vista Tipológico

O texto, sob este enfoque, não é mais considerado em termos de enunciado ou em termos de funções comunicativas da enunciação; é uma sucessão de funções no interior de um texto [refere-se ao esquema de Labov Waletzky (1967), retomado por Isenberg (1968b) para textos de mais de um enunciado, de tipo narrativo oral].

O objetivo da análise é o esquema de composição de um tipo de texto e não a função global de uma enunciação. Este tipo de esquema é apresentado por Labov e Waletzky como oposto a outros tipos de esquemas de composição como, por exemplo, a fábula, a anedota.

3.5.2. Perspectiva para uma Teoria de Texto

Lang delineia uma perspectiva para uma teoria de texto que procura integrar os três enfoques, afirmando que esta interpretação se torna possível na medida em que se podem "instituir conexões entre os fatos apreendidos das teorias parciais" (1977: 116). Esta perspectiva é a seguinte:

1. Sejam A e B fatos, ou domínios de fatos, representados adequadamente sob forma de enunciados declarativos, no nosso conjunto de conhecimentos. A e B estão em uma conexão teoricamente explicitável desde que haja uma teoria $\mathcal{U}$ sobre A e $\mathcal{B}$ sobre B, em relação tal que valha o que se segue:

1.1. Partindo-se de A chega-se, em termos de $\mathcal{U}$, a um enunciado declarativo P sobre A no conjunto $P_1, \ldots, P_n$ de $\mathcal{U}$.

1.2. Partindo-se de B chega-se, em termos de $\mathcal{B}$, a um enunciado declarativo Q_j no conjunto $Q_1, \ldots, Q_n$ de $\mathcal{U}$.

1.3. P_i relativamente a A torna-se verdadeiro em $\mathcal{U}$ se, e somente se, Q_j tornar-se verdadeiro sobre $\mathcal{B}$ em B.

Exemplifica:

Suponha-se que A seja o fenômeno das marés e B, a manifestação do movimento da Lua em volta da Terra, e suponha-se que a teoria das marés contenha o enunciado declarativo P_i:

(i) no momento t_k, na área com as coordenadas geográficas (L, B), produz-se maré alta

e que a teoria sobre o movimento da Lua contenha o enunciado declarativo Q_j:

(ii) no momento t_l a Lua está no ângulo de incidência alfa em relação à área (L, B)

Ora, diz Lang, se (i) é verdadeiro se, e somente se, (ii) também é verdadeiro, com esta equivalência se estabelece a base para uma teoria que tenha determinado teoricamente uma relação entre as marés e o movimento da Lua e pode ser estendida a uma teoria explicativa desta conexão.

Procurando justificar em termos de uma teoria integrativa de texto, supondo que o fenômeno geral de "transmissão de notícias" apareça uma vez como A (como objeto de uma teoria do texto ao enunciado sob o aspecto tipológico) e uma vez como B (como objeto de uma teoria I — "texto como resultado de integração") e sendo P um enunciado declarativo sobre transmissão de notícias em termos de teoria do texto ao enunciado sob o aspecto tipológico, temos o seguinte esquema de composição:

(iii) ORIENTAÇÃO (anúncio do início da comunicação) — COMUNICAÇÃO 1 — . . . COMUNICAÇÃO n — FIM (anúncio do fim da comunicação). ORIENTAÇÃO, COMUNICAÇÃO, FIM são conceitos que compõem os papéis já discutidos acima.

A especificidade deste esquema, diferente, por exemplo, dos esquemas do conto, consiste no fato de que uma parte central (COMUNICAÇÃO 1 — . . . — COMUNICAÇÃO n) vem delimitada por anúncios "token-reflexivos" do início e do fim.

A ordenação da sucessão de comunicações numa transmissão de notícias com base numa outra dimensão — por exemplo, a "importância propagandística" — é um aspecto que está nos limites entre a teoria pragmática e a teoria da conotação.

Sendo agora Q_i um enunciado declarativo sobre a transmissão de notícias, em termos da teoria 1 ("texto como resultado de uma integração"):

(iv) Um enunciado inicial ou final como RÁDIO-JORNAL (*Sie hören Nachrichten*) ou ACABAMOS DE TRANSMITIR O RÁDIO-JORNAL (*Das waren die Nachrichten*) representa a redução a um denominador comum, pela integração dos enunciados sucessivos (ou precedentes), alinhados assindeticamente num texto coerente do tipo "transmissão de notícias".

A textualização do conjunto de enunciados de uma transmissão de notícias (compreendendo comunicações sem relações de ordem linear e sem dependência semântica), em que as partes vêm coordenadas assindeticamente, faz-se pela redução ao denominador comum: "notícias".

Quanto ao fenômeno "transmissão de notícias" como objeto da teoria de texto, justifica-se o enunciado declarativo (iii) na teoria do texto ao enunciado sob o aspecto tipológico, somente se (iv) é justificado na teoria 1. "Esta relação entre (iii) e (iv) é a base, diz Lang, para uma teorização da conexão dos aspectos [analisados em (iii) e (iv)] do fenômeno 'transmissão de notícias'".

Graças às coordenações entre as unidades de análise de (iii) — orientação — e de (iv) — notícias —, em uma *teoria geral*, opera-se a integração da perspectiva "do enunciado ao texto" [representada por (iv)] e da perspectiva "do texto ao enunciado [representado por (iii)]; essas coordenações, conclui, permitem estabelecer uma função de transporte que torna possível interpretar enunciados declarativos da teoria do texto ao enunciado sob o aspecto tipológico, na teoria 1" (1977: 119).

3.6. DRESSLER

Wolfgang Dressler, em 1970 (*Towards a Semantic Deep Structure of Discourse Grammar*), afirma que os fenômenos mais freqüentemente apresentados para justificar uma gramática de texto provêm do domínio do sistema de determinações ou, de uma forma mais geral, do domínio das relações de referência. Os efeitos de tais relações sobre a interpretação semântica dos enunciados e sobre a organização de sua estrutura superficial não são completamente analisáveis em uma gramática do enunciado — esse o motivo para se postular uma extensão do domínio.

Dressler tem por principal objetivo construir um mecanismo apto a engendrar textos, isto é, uma gramática de texto que deve ser um modelo da competência lingüística do falante. Percebe-se que, à semelhança de van Dijk, procura fundamentar sua teoria de texto na teoria gerativa, tomando como ponto de partida o significado, mas propondo, como unidade básica de estudo, o texto e não o enunciado.

3.6.1. Na obra *Einführung in die Textlinguistik* (1972), define texto como uma enunciação lingüística formada segundo as regras gramaticais de uma língua particular, que as intenções dos interlocutores retêm como lingüisticamente completa (*eine abgeschlossene sprachliche Äusserung*).

O texto é o signo lingüístico primário, a unidade fundamental da língua, e o homem fala ou escreve não por meio de frases, mas de textos. E ainda: "Um texto 'êmico' ("textema") deverá servir, sobretudo, como ponto de partida indefinido do processo lingüístico, isto é, como um símbolo T de uma representação gerativa, da qual deriva um componente semântico completo de base que, por sua vez, constitui a entrada do conjunto de regras da sintaxe do texto e da frase" (1974: 25).

Considera, também, arbitrário estabelecer limites precisos entre sintaxe e semântica, afirmando, porém, que o significado deve ser o ponto de partida: cabe à semântica do texto "a representação da estrutura do significado de um texto ou de um segmento deste, e, particularmente, das relações semânticas que vão além da estrutura do significado de cada frase". É este o problema fundamental da coerência semântica do texto, que permite distinguir os textos dos pseudotextos, como vocabulários,

coletâneas de citações, manuais de conversação, ou mesmo frases alinhadas sem nenhum nexo semântico ("pseudotextos a-semânticos").

Ressalta que entende por "significado" um conteúdo abstrato, sem levar em conta a pragmática de seu uso, visto que, por motivos de exposição, não considera a pragmática como parte da gramática textual. A pragmática aparece, assim, como um componente adicional, acrescentado a um modelo preexistente. O objetivo do componente pragmático é dar conta da situação comunicativa na qual o texto está inserido.

Para explicar seu modelo de geração de textos, estuda, primeira e primordialmente, o tema do texto.

O emissor, diz ele, tem, antes da efetiva geração do texto, um programa semântico, pelo menos rudimentar: ele sabe do que quer falar e aproximadamente como vai começar. Mas não precisa saber necessariamente como vai terminar, podendo, no curso da produção, haver mudanças no programa semântico. Assim, se, no ato da primeira formulação de um texto, o emissor não tem diante de si toda a base semântica (isto é, todo o conteúdo semântico do texto a produzir), sabe ao menos o tema ou os temas sobre os quais quer expressar-se. Assume, desse modo, que o tema é o núcleo da base semântica de um texto ou de um segmento de texto.

Um tema pode ser representado, da melhor forma, por meio de uma frase-base simples ou complexa. Por exemplo, o tema de seu livro seria:

"Os principais problemas da lingüística do texto são a semântica do texto, a sintaxe do texto, a pragmática do texto, e, além disso, as suas conexões com outras ciências."

Para derivar o texto, a partir do tema, podem-se considerar como elementos da frase-base também os temas parciais do texto — por exemplo, os temas dos vários capítulos — de maneira a se obter uma espécie de índice do conteúdo. Inserindo-se tais frases de base também para cada um dos temas parciais, pode-se chegar, com relativa facilidade, do tema do texto considerado como um todo aos temas de cada frase, através dos temas dos capítulos, dos parágrafos, dos períodos complexos.

É possível, também, derivar o texto do tema por meio do princípio da paráfrase, que Dressler considera um dos problemas centrais da semântica e da lingüística textuais.

"O tema do texto está em relação com o significado global do texto (base T-semântica) mediante um desenvolvimento temático e mediante uma coesão semântica (no sentido estrito)" (p. 34).

Dressler passa a examinar, então, os meios de coesão semântica: recorrência e paráfrase, correferência, anáfora, inclusão lógica e implicação, contigüidade semântica e outros. Como elementos da base temática e semântica do texto, aponta:

a) elementos do campo nominal: os papéis (*roles*) e os personagens da ação (*dramatis personae*), salientando que, para se obter uma estrutura de base bem formada, faz-se necessária uma listagem completa e universal dos papéis dos participantes da ação, cuja relação deve ser bem motivada e cujo conteúdo semântico precisa ser bem delimitado. Considera adequados para esse fim os casos profundos da estrutura da frase (ou argumentos de proposição), apresentando um elenco desses casos segundo a formulação de Fillmore (1970);

b) elementos do campo verbal: modo, tempo e aspecto, que permitem esclarecer, além de outras coisas, o ponto de vista e a atitude comunicativa assumida pelo autor de um texto com relação ao seu conteúdo, o seu comportamento lingüístico e a forma que elege para representá-lo.

Retoma a distinção feita por Weinrich (cf. item 3.1) entre "mundo comentado" e "mundo narrado", para estudar, além da atitude comunicativa do autor do texto, as questões da perspectiva e do relevo. Conclui que, na estrutura semântica do texto, podem-se distinguir as categorias de determinação temporal, comportamento lingüístico para efeito pragmático (a atitude comunicativa de Weinrich) e o aspecto verbal.

Tomando como exemplo o título de uma reportagem futebolística:

A Itália venceu a copa da Europa

propõe o seguinte tema do texto (apontando que o título poderia consistir também numa outra redução do tema, por exemplo: "Itália-Inglaterra: 2 a 0"):

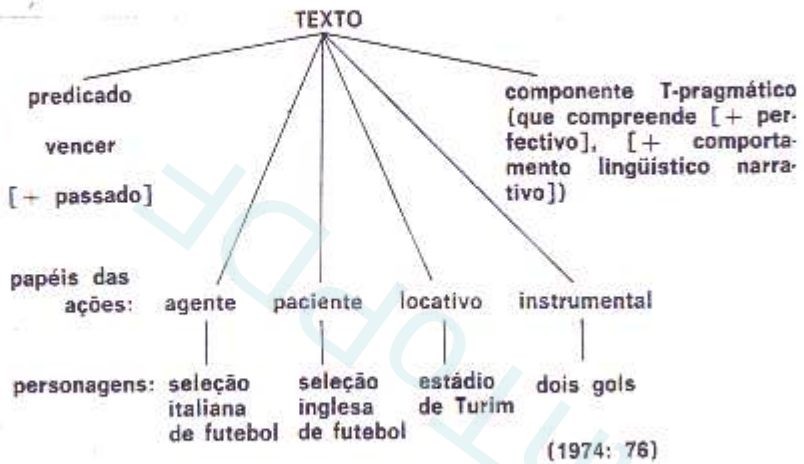

Por meio de reprodução e desenvolvimento semântico, dá-se a derivação, a distribuição e o relacionamento de: cada um dos jogadores com relação aos personagens; cada uma das ações (atacar, defender, marcar, passar, tirar etc.), com relação ao predicado *vencer*.

Cada um dos predicados recebe um tempo efetivo; a sucessão deles produz a linha da ação, que é mais importante que a linha de cada um dos papéis singulares (por exemplo, seqüência dos agentes) e de sua identificação com os personagens.

Dressler ressalta a importância de se verificar como ocorre o desenvolvimento da base temática para a base semântica de um texto. Para tanto, passa a examinar os aspectos seguintes:

1) o início e a conclusão do texto (o horizonte de espera do receptor é particularmente importante para se estabelecerem os limites externos do texto, sendo a expectativa dos interlocutores um conceito de extrema relevância para toda a gramática textual);

2) o desenvolvimento semântico e a delimitação (em confronto com o tema, um texto deve conter também algo de novo, isto é, é preciso ampliar o material semântico; por outro lado, o desenvolvimento semântico é, ao mesmo tempo, um meio de delimitação);

3) a ligação (nexo) entre frases;

4) a hipotaxe e a parataxe;

5) na estrutura superficial, a ordem e a sucessão das palavras.

3.6.2. A Pragmática do Texto

No capítulo introdutório, Dressler afirma que "um texto não pode ser suficientemente definido nem sintática nem foneticamente, mas sim semântica ou comunicativamente (pragmaticamente)" (p. 26). Logo a seguir, ressalta que a classificação dos tipos de texto está na estrita dependência da situação pragmática, sociológica e histórico-cultural (p. 27). Conclui mostrando que o desenvolvimento da lingüística do texto vem assumindo duas direções: 1) da frase em direção a unidades cada vez maiores, até se chegar ao texto; 2) da sintaxe à semântica e, atualmente, desta à pragmática. Tendo em vista, porém, que muitos lingüistas do texto ainda não levam em consideração a pragmática e que, por esta razão, "uma verdadeira pragmática do texto ainda não se encontra constituída" (p. 28), decide postergar o seu estudo para os capítulos finais do livro, como se se tratasse de um componente adicional, a ser acrescentado aos demais, embora, no decorrer de todo o trabalho, se veja obrigado a fazer-lhe referência e a reconhecer que só a pragmática pode apresentar soluções para uma série de problemas. Inclusive, no esquema da base temática de um texto (cf. p. 74 deste capítulo), inclui um componente T-pragmático, que compreende, no caso, os traços [+ perfectivo] e [+ comportamento lingüístico narrativo] (p. 76). Também quando trata do conceito de pressuposição, reconhece que já se encontra no domínio da pragmática (p. 122). Finalmente, no capítulo terceiro, após haver examinado todos os demais componentes textuais, Dressler passa a cuidar especificamente da pragmática do texto, afirmando que ela "trata das relações de um elemento lingüístico com os seus produtores, usuários e receptores na situação comunicativa" (p. 131). Assim, no caso de um livro, interessa à pragmática aquilo de que o autor pretende tratar, a quem se dirige, com qual intenção, em que situação o faz, quais os pressupostos implícitos assumidos, qual o canal selecionado etc. Estes elementos estariam contidos

numa hiperfrase executiva do texto, que, de modo simplificado, seria assim representada:

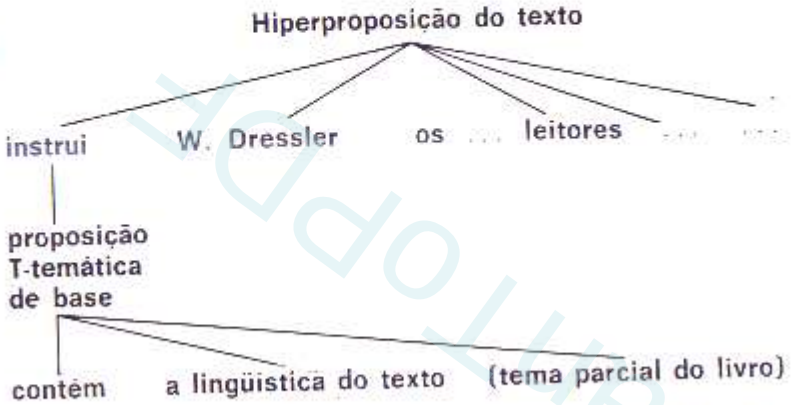

(1974: 131)

Este esquema permitiria analisar também textos orais e diálogos e essa representação seria complementada à medida que, na hiperfrase executiva ulterior, fossem inseridos casos profundos, ou papéis da ação, como o escopo (*goal*, *purpose*) e o instrumental (canal e ação de acompanhamento não-verbal), a par de outros personagens.

Lembra, porém, que, segundo Wunderlich (1971: 177 ss.), a situação comunicativa contém um número muito maior de elementos: emissor, receptor, momento da emissão, lugar e âmbito de percepção do emissor, o enunciado na sua forma sintático-fonológica, o conteúdo cognitivo, pressuposições sobre o conhecimento e a capacidade do emissor, sobre a sua opinião com respeito à opinião do receptor e ao lugar e espaço de percepção deste, as relações sociais entre os interlocutores e, ainda, as intenções do emissor e o relacionamento que se estabelece entre emissor e receptor. Dressler conclui que, a se adotar tal posição, ter-se-á de admitir: *a*) que a pragmática contém em si a semântica; esta, por sua vez, a sintaxe, e a sintaxe contém a fonologia; *b*) que tem lugar aqui a classificação dos predicados comunicativos (executivos): o emissor informará o receptor através do texto (função representativa), obrigando-o a uma avaliação ou a um comportamento (função provocativa) ou a

uma avaliação espontânea de alguma coisa (função avaliativa), ou, ainda, a exprimir seus sentimentos (função expressiva); destes predicados comunicativos é que derivam as modalidades.

Contestando a afirmação de Wunderlich de que a compreensão dos enunciados precedentes faz parte das pressuposições dos enunciados subseqüentes — o que levaria a considerar o texto como a soma de suas frases — ressalta que um texto está, em seu conjunto, em relação com o seu autor e o seu receptor, possuindo um determinado escopo (a força ilocucionária de Austin), sendo a sua codificação e produção uma ação destinada a um fim intencional e comunicativo.

A adequação T-pragmática consiste em uma concordância do texto como um todo, quanto ao tipo e à forma efetiva, com as restrições pragmáticas gerais e específicas. Assim, uma situação "fixa", com restrições pragmáticas e sociais, é válida para uma conversação inteira entre os mesmos interlocutores. O *status* social relativo dos interlocutores, por exemplo, interfere nas fórmulas de cortesia. Também o emprego das modalidades que derivam de hiperfrases performativas diferentes em cada caso está na dependência da situação. As modalidades transformam as frases em fragmentos de texto.

As intenções comunicativas do emissor e do receptor são, na maioria das vezes, coincidentes. A intenção unificadora do autor leva-o a decidir quais as frases que se podem combinar de modo adequado em um texto: embora, por vezes, as frases singulares não estejam suficientemente bem relacionadas ou pareçam até contradizer-se, uma só frase final da cadeia pode deixar claro o tema do conjunto. É neste ponto que entram as intenções do receptor, já que este espera que as frases que lhe são oferecidas em um texto estejam conectadas de algum modo. Cabe ao autor apresentar-lhe o conjunto do texto de modo a satisfazer tal expectativa.

O início do texto constitui parte especialmente importante nas relações emissor-receptor, fazendo surgir, no segundo, expectativas específicas e traçando os seus contornos pragmáticos.

"Já na primeira frase do texto, o ouvinte cria certas expectativas sobre a prossecução do mesmo, que o falante poderá satisfazer ou frustrar" (p. 83).

"Um texto que não permite um progresso na informação é na realidade inaceitável, mas são possíveis, certamente, textos que preenchem plenamente as expectativas semânticas que o ouvinte criou no fim da primeira frase.

"O outro extremo é dado por textos nos quais cada frase desmente as expectativas semânticas que a frase ou as frases precedentes haviam feito surgir" (p. 84).

Também desempenham papel extremamente importante as pressuposições, já que existem aquelas que valem para o texto todo, constituindo, portanto, um fator de coerência.

Enfim, cabe à pragmática do texto inseri-lo na sua situação comunicativa. Para tanto, segundo Dressler, torna-se necessário o recurso a outras ciências, como, por exemplo, a teoria da comunicação, a sociologia, a psicologia, visto que existe uma série de problemas que, por enquanto, ainda não vêm encontrando soluções satisfatórias, exigindo, portanto, uma abordagem interdisciplinar.

3.7. VAN DIJK

Teun Adrianus van Dijk, holandês, professor de teoria da literatura em Amsterdã, pesquisa há vários anos a possibilidade de construir uma gramática gerativa de texto e, baseada nesta, uma gramática gerativa do texto poético.

3.7.1. Em obras escritas entre 1971 e 1973, procura demonstrar que a análise de um texto não é redutível a uma análise frasal, pois o falante de uma língua conhece as regras subjacentes às relações interfrásticas (anáforas, pronomes, tempos verbais, definitivização, tópico, comentário, foco, ênfase, pressuposição, implicação etc.), sem as quais não poderia produzir enunciados coerentes: "Já que o falante pode produzir/interpretar um número infinito de discursos diferentes, sua competência é necessariamente textual" (1977: 208). É praticamente impossível que a produção e a percepção de enunciados textuais se operem por uma concatenação não regrada de frases isoladas e existem seqüências frasais não redutíveis a frases compostas, o que mostra que "a diferença entre seqüência (ou texto) e frase (longa) não é simplesmente uma diferença de realização estilística" (1977: 206); essa redutibilidade pressupõe relações de paráfrase em que o sentido permanece idêntico. Em grande número de frases compostas, as diferenças são de fato apenas estilísticas, porém textos dialogados, por exemplo, não podem reduzir-se a uma única frase, como em:

(1) "Que horas são? São cinco horas."

(2) "Faz frio aqui. Podes ligar o aquecimento?"
(1977: 206)

E ainda:

"... é mesmo improvável que um texto seja simplesmente uma seqüência de frases (ou de pares, triplos, n-tuplos de frases) ou que uma frase seja ela própria uma simples seqüência linear de palavras" (1977: 204).

O objeto de uma gramática de frase não constitui o "domínio natural da teoria lingüística"; e "já que a frase é uma parte do texto e que o texto é objeto legítimo da lingüística, toda descrição de frases deve ser integrada numa descrição de textos. Tanto mais que se verifica que numerosas propriedades de uma frase são funções das relações interfrásticas de um texto. É, pois, o conjunto infinito dos textos coerentes que constitui o domínio natural de uma gramática adequada" (1977: 205).

3.7.2. Estrutura Profunda do Texto: Macroestruturas

Van Dijk esclarece que a maior parte dos trabalhos no âmbito da gramática textual trata dos diferentes aspectos interfrásticos, porém deixa claro que esta é apenas uma parte da gramática de texto e que é improvável que a coerência textual seja determinada somente nesse nível.

Seu modelo de gramática textual apresenta três características principais:

a) insere-se no quadro teórico gerativo;
b) usa instrumentos conceituais e operativos da lógica;
c) integra a gramática do enunciado na gramática textual.

Assinala, também, que: ..."uma gramática estendida de frase (*extended S-grammar*) não é equivalente a uma gramática de texto, apesar de grande parte das propostas recentes de gramáticas textuais limitarem-se a estruturas superficiais tais como seqüências (de enunciados). Postulamos, pois, que estes tipos de gramáticas textuais, isto é, gramáticas que não especificam estruturas profundas ou macroestruturas textuais, são descritivamente inadequadas" (1972: 19).

É aqui que se coloca a hipótese central do autor: ao texto subjazem estruturas peculiares — as macroestruturas textuais. Mas o que entende van Dijk por macroestrutura textual?

A macroestrutura do texto (ou estrutura profunda textual) é aquela que explicita a coerência do texto, a estrutura temático-

-semântica global. É distinta quer da estrutura profunda dos enunciados simples que constam dos textos, quer da estrutura superficial dos textos singulares:

"A macroestrutura é considerada como a estrutura subjacente abstrata ou 'forma lógica' de um texto e pode ser identificada com a *estrutura profunda do texto*. Consiste na representação semântica global que define a significação do texto 'como um todo'.

"Correspondentemente, a microestrutura é considerada a *estrutura superficial do texto*, que consiste em um n-tuplo ordenado de sentenças subseqüentes. A estrutura de superfície textual não é idêntica à estrutura superficial morfológico/sintática de suas sentenças. Estas possuem os seus próprios níveis de estrutura profunda e superficial, que, por questões de clareza, serão denominadas, respectivamente, estrutura profunda e estrutura de superfície sentenciais (*sentential deep and surface structure*)" (1972: 17).

Tem-se, assim, que uma gramática textual gerativa é um algoritmo que gera infinitas estruturas textuais profundas.

3.7.3. Um Modelo de Macroderivação

Para a representação formal da macroestrutura dos textos, van Dijk recorre à mesma formalização lógica usada para a representação da estrutura profunda dos enunciados; isto é, para ele, a macroestrutura do texto pode ser considerada isomorfa à estrutura semântica dos enunciados, embora, naturalmente, a diferença no nível de abstração exija certos ajustamentos formais. Utiliza-se da lógica dos predicados, à maneira de Gruber e, especialmente, de Fillmore. As categorias são predicados, argumentos, conectivos, quantificadores, além dos modais e performativos.

Propõe as seguintes regras para formalizar a macroestrutura textual:

(1) $T \rightarrow$ Tql Prop., sendo que $T \rightarrow T \ (\& \ T)^n$ em que $n \geqslant 0$
e $\& \longrightarrow \left\{ \begin{array}{l} \wedge \text{(conjunção)} \\ \vee \text{(disjunção)} \\ \supset \text{(implicação)} \\ \equiv \text{(equivalência)} \end{array} \right\}$

(2) Tql $\longrightarrow$ Perf. Mod.

(3) Perf. $\rightarrow \left\{ \begin{array}{l} \text{Af.} \\ \text{Quest.} \\ \text{Imp.} \end{array} \right\}$

(4) Mod. $\rightarrow$ M (Qu)

(5) M $\rightarrow \left\{ \begin{array}{l} \text{Neg.} \\ \text{Fact.} \\ \text{Prob.} \\ \text{Poss.} \end{array} \right\}$

(6) Qu $\rightarrow \left\{ \begin{array}{l} \forall \\ \text{E} \\ \text{W} \\ \exists \\ ? \\ \eta \\ \lambda \\ \varepsilon \end{array} \right\}$

(7) Prop. $\rightarrow$ Pred. Arg.

(8) Pred. $\rightarrow \left\{ \begin{array}{l} \text{St (atus)} \\ \text{Proc (ess)} \\ \text{Obj (ect)} \\ \text{Instr. (ument)} \\ \text{Source} \\ \text{Goal} \end{array} \right\}$

Tql — *Text-qualifier*, categoria que domina a dos performativos e a dos operadores modais (modalidades e quantificadores), separando-as do conjunto de categorias que compõem a proposição nuclear, em analogia com a de *sentence-qualifier* usada por Seuren (1969).

Prop — proposição.

Perf — performativos (*sentential attitudes*, atitude do locutor com relação ao enunciado que produz).

Mod — operadores modais.

M — *modalidades* que afetam os predicados ou a proposição nuclear como um todo. Entre as modalidades aléticas (*possibilidade* e *probabilidade*), inclui a *negação*, afirmando que, embora não se trate propriamente de uma categoria modal, considera-a como um modificador proposicional e não apenas como uma das constantes lógicas do mesmo nível dos demais conectivos sentenciais. A nega-

www.scanto pdf.co.uk

ção, precedendo outros operadores, vai dar origem a operadores complexos como "improbabilidade", "impossibilidade", "não-factualidade". Usa *Fact* (factual ou atual) como um operador "neutro", que indica o caráter "factual" ou "atual" do estado de coisas designado pela sentença. Todos esses operadores podem combinar-se uns com os outros.

Qu — quantificadores (semelhantes aos da lógica)

$\forall$ — todos (universal)

$\exists$ — existencial (existe um x tal que . . .)

$\mathcal{W}$ — a maioria

$\exists$ — poucos

ι — predicação sobre indivíduos únicos

η — descrição de indivíduos não-especificados, descrições indefinidas

λ — "sub-ramificação terminal" semântica abstrata

$\mathcal{E}$ — relação de tipo lógico

Pred — predicado

Arg — argumentos

A propósito do termo *argumento*, propõe ainda que, seguindo a terminologia proposta por Tesnière (1959), substitua-se a noção tradicional de argumento pela noção funcional de actante (1972: 147).

O uso de uma vírgula sobre um conector lógico destina-se a indicar que não se trata de proposições lógicas, mas de sentenças (por exemplo, $\acute{\supset}$, $\acute{\vee}$, $\acute{\equiv}$).

Para uma oração como

(3) *John probably will not give all books to Peter* (1972: 155)
(João provavelmente não dará todos os livros a Pedro)

propõe a seguinte estrutura profunda:

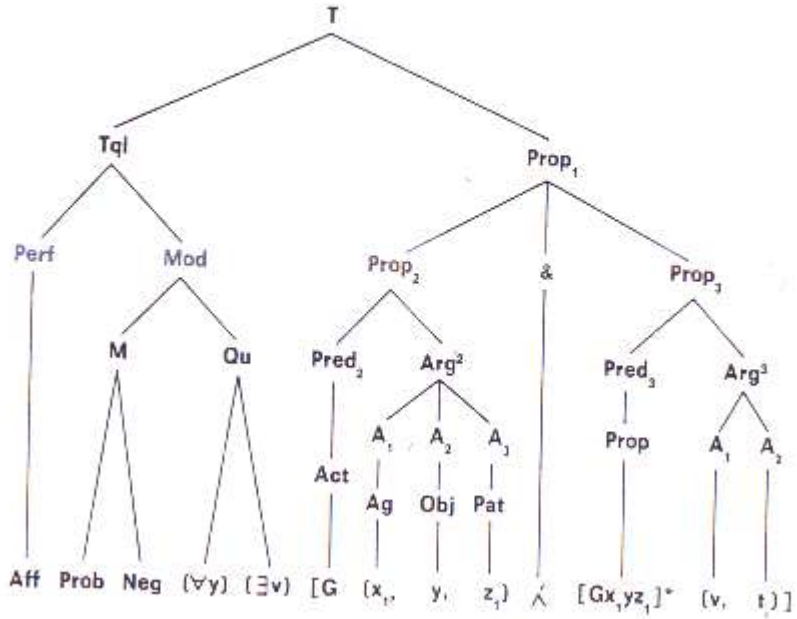

onde $t_i \geqslant t_0$ (t_0 representando o tempo zero da ocorrência).

3.7.4. Exemplo de descrição

Apresenta, também, de acordo com as regras acima, uma derivação das macroestruturas de um texto do livro *Mythologies* de Barthes, que transcrevemos a seguir, indicando, ainda, possíveis relações de suas macroestruturas com a estrutura superficial (1972: 157-9):

Critique muette et aveugle

Les critiques (littéraires ou dramatiques) usent souvent de deux arguments assez singuliers. Le premier consiste à décréter brusquement l'objet de la critique ineffable et par conséquent la critique inutile. L'autre argument, qui reparaît lui aussi

www.scantopdf.co.uk
Produced with ScanToPDF

périodiquement, consiste à s'avouer trop bête, trop béotien pour comprendre un ouvrage réputé philosophique: une pièce d'Henri Lefebvre sur Kierkegaard a ainsi provoqué chez nos meilleurs critiques (et je ne parle pas de ceux qui font ouvertement profession de bêtise) une feinte panique d'imbécillité (dont le but était évidemment de discréditer Lefebvre en le reléguant dans le ridicule de la cérébralité pure).

Pourquoi donc la critique proclame-t-elle périodiquement son impuissance ou son incompréhension? Ce n'est certainement pas par modestie: rien de plus à l'aise qu'un tel confessant qu'il ne comprend rien à l'existentialisme, rien de plus ironique et donc de plus assuré qu'un autre avouant tout penaud qu'il n'a pas la chance d'être initié à la philosophie de l'Extraordinaire; et rien de plus militaire qu'un troisième plaidant pour l'ineffable poétique.

Tout cela signifie en fait que l'on se croit d'une intelligence assez sûre pour que l'aveu d'une incompréhension mette en cause la clarté de l'auteur, et non celle de son propre cerveau: on mime la niaiserie, c'est pour mieux faire le public se récrier, et l'entraîner ainsi avantageusement d'une complicité d'impuissance à une complicité d'intelligence. C'est une opération bien connue des salons Verdurin: "Moi dont c'est le métier d'être intelligent, je n'y comprends rien; or vous non plus vous n'y comprendriez rien; donc, c'est que vous êtes aussi intelligents que moi."

Le vrai visage de ces professions saisonnières d'inculture, c'est ce vieux mythe obscurantiste selon lequel l'idée est nocive, si elle n'est contrôlée par le "bon sens" et le "sentiment": le Savoir, c'est le Mal, tous deux ont possé sur le même arbre: la culture est permise à condition de proclamer périodiquement la vanité de ses fins et les limites de sa puissance (voir aussi à ce sujet les idées de M. Graham Greene sur les psychologues et les psychiatres); la culture idéale ne devrait être qu'une douce effusion rhétorique, l'art des mots pour témoigner d'un mouillement passager de l'âme. Ce vieux couple romantique du coeur et de la tête n'a pourtant de réalité que dans une imagerie d'origine vaguement gnostique, dans ces philosophies opiacées qui ont toujours formé finalement l'appoint des régimes forts, où l'on se débarrasse des intellectuels en les envoyant s'occuper un peu de l'émotion et de l'ineffable. En fait, toute réserve sur la culture est une position terroriste. Faire métier de critique et proclamer que l'on ne comprend rien à l'existentialisme ou au marxisme (car par un fait exprès ce sont surtout ces philosophies-là que l'on avoue ne pas comprendre), c'est ériger sa cécité ou son mutisme en régle universelle de perception, c'est rejeter du monde le marxisme et l'existentialisme: "Je ne comprends pas, donc vous êtes idiots."

Mais si l'on redoute ou si l'on méprise tellement dans une oeuvre ses fondements philosophiques, et si l'on réclame si fort le droit de n'y rien comprendre et de n'en pas parler, pourquoi

se faire critique? Comprendre, éclairer, c'est pourtant votre métier. Vous pouvez évidemment juger la philosophie au nom du bon sens; l'ennui, c'est que si le "bon sens" et le "sentiment" ne comprennent rien à la philosophie, la philosophie, elle, les comprend fort bien. Vous n'expliquez pas les philosophes, mais eux vous expliquent. Vous ne voulez pas comprendre la pièce du marxiste Lefebvre, mais soyez sûrs que le marxiste Lefebvre comprend parfaitement bien votre incompréhension, et surtout (car je vous crois plus retors qu'incultes) l'aveu délicieusement "inoffensif" que vous en faites.

O texto é uma combinação de três proposições textuais:

Proposição n.º 1: *The critics say that if they don't understand a difficult philosophical work, this work is bad.* (Os críticos dizem que, se eles não entendem um trabalho filosófico difícil, este trabalho é ruim.)

Proposição n.º 2: *This argument is based on a general 'terrorist myth' for masking one's own ignorance.* (Este argumento é baseado num 'mito terrorista' geral para mascarar a própria ignorância.)

Proposição n.º 3: *But the philosophers understand the ignorance of the critics.* (Mas os filósofos entendem a ignorância dos críticos.)

O texto como um todo, diz van Dijk, pode ser considerado, como muitos ensaios deste tipo, um argumento completo, tendo uma estrutura silogística, e a representação de sua estrutura semântica profunda pode ser formalizada de acordo com as relações lógico-semânticas entre suas proposições.

Prop 1 Se X (críticos) dizem: Prop 1'

Prop 1' Se (X neg (entendem Y (filosofia))) então (Y é mau)

Prop 2 Então (Prop 1' significa ((X é ignorante) e (X é terrorista)))

Prop 3 E eles (Y entendem (Prop 1'))

E a estrutura textual pode finalmente ser representada num marcador de frase:

www.scanlopur.co.uk
Produção Wilhan Silva

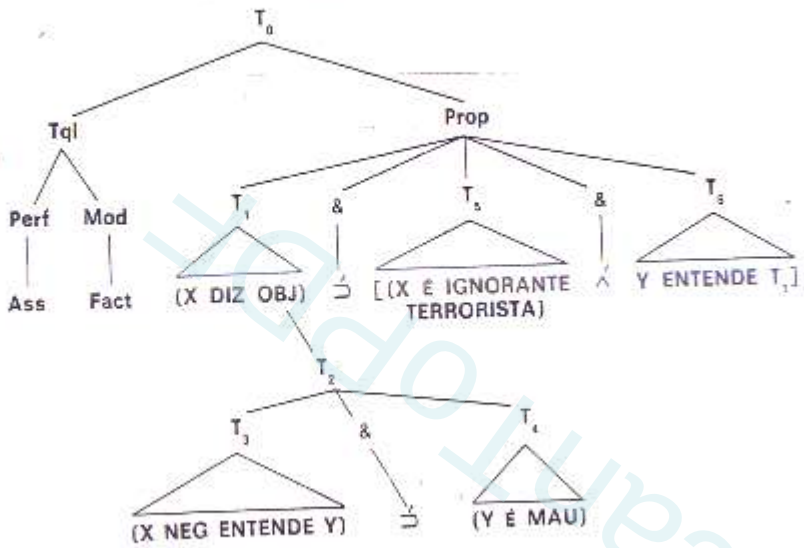

Esta derivação global pode ser reduzida à estrutura: SE (X NEG (ENTENDE Y)) ENTÃO (Y ENTENDE X).

Pergunta van Dijk, como pode esta estrutura relacionar-se com a superfície do texto? Observa que as três proposições básicas representadas por T_1, T_5 e T_6 coincidem com três parágrafos do texto, estando o primeiro subdividido em dois parágrafos, que correspondem a T_3 e T_4.

Dever-se-ão, então, reescrever as categorias terminais macro-lexicais CRITICAR, DIZER etc., como séries de possíveis lexemas, ou seja, lexicalizações diversas que podem ser usadas nas respectivas orações do texto.

CRITICAM ⟶ [os críticos, a crítica . . .]

DIZEM ⟶ [argumentar, decretar, criticar, confessar-se, professar, proclamar, confessar . . .]

NEG (ENTENDEM) ⟶ [inefável, inútil, muito estúpido, não compreender, estupidez, imbecilidade, impotência, incompreensão . . .]

Ainda nesta obra, afirma que as macroestruturas lingüísticas têm uma realidade psicológica em forma de planos (*plans*). No artigo "A Note on Linguistic Macro-Structures" (1973), apresenta argumentos empíricos oriundos da psicolingüística e da psicologia cognitiva para sustentar sua hipótese sobre a prioridade gerativa da macroestrutura:

"(. . .) as razões principais que deram a certeza de que a gramática deveria conter um macrocomponente, provêm da psicolingüística e da psicologia cognitiva. Na verdade, há um certo número de capacidades lingüísticas que não podem propriamente ser explicadas com base nas gramáticas de seqüência linear de enunciados. O principal argumento em favor desta hipótese é de tipo cognitivo: a organização do comportamento complexo (mais alto) e, *a fortiori*, de todos os tipos de comportamento verbal, não tem caráter linear ou transicional (*transitional*), mas é essencialmente baseado em estratégias globais, governadas por regras ou programas. Isto é verdade quer para processos de produção, quer para processos de percepção (1977: 189).

3.7.5. Macroestruturas e Superestruturas

Em trabalhos mais recentes (p. ex., 1978), van Dijk fala de macro e de superestruturas. As macroestruturas semânticas "são a reconstrução teórica de noções como tema ou tópico do discurso" e a microestrutura, "a estrutura local de um texto, isto é, a estrutura das orações e sua relação mútua de conexão e coerência" (p. 39).

Apresenta, também (p. 44), as macro-regras (*macro-rules*) que têm por função transformar a informação semântica e que são:

1) *Apagamento* (*Deletion*) — dada uma seqüência de proposições, eliminar todas as proposições que não constituam pressuposição para as proposições subseqüentes.

2) *Generalização* (*Generalization*) — dada uma seqüência de proposições, constituir uma proposição que contenha conceitos transmitidos na seqüência de proposições e substituir, pela proposição assim constituída, a seqüência original.

3) *Construção* (*Construction*) — dada uma seqüência de proposições, construir uma proposição que denote o mesmo fato denotado pela união das proposições e substituir, pela nova proposição, a seqüência original.

www.scanto.co.uk
Digitized by Michigan Scanning Project

Embora as macro-regras tenham caráter geral, definindo princípios gerais de informação semântica, nem todos os usuários aplicam as regras do mesmo modo. Falante e ouvinte podem, intuitivamente, achar relevantes aspectos diferentes do mesmo texto, dependendo dos interesses, desejos, conhecimentos, valores, definindo juntos o jogo cognitivo contextual.

A aplicação das macro-regras depende também do tipo de texto. Uma mesma informação pode ser mais importante num texto do que em outro.

Uma história, além de várias estruturas textuais, como uma série de seqüências com uma estrutura profunda de proposições coerente, uma macroestrutura etc., "tem também um outro tipo de estrutura, por exemplo, uma estrutura esquemática que chamamos de superestrutura. Uma superestrutura pode ser caracterizada como a forma global de um texto, definindo a organização global do texto e as relações (hierárquicas) de seus respectivos fragmentos. Assim, uma superestrutura, mais do que a 'forma' sintática de uma oração, é descrita em termos de *categorias* e de *regras de formação*" (p. 49).

Cita, como exemplo de categorias de uma história: a orientação, a complicação, a resolução, a avaliação e a moral[14].

As regras definem em que ordem estas categorias ocorrem, porém a ordem natural é a mencionada acima e a estrutura assim obtida chama-se esquema narrativo ou superestrutura narrativa, que é mais ou menos abstrata, porque não diz nada ainda sobre o conteúdo e expressa-se, também, numa linguagem mais ou menos independente, porque o mesmo esquema pode ser aplicado a uma seqüência de cenas (*pictures*).

3.7.6. A Pragmática do Discurso

Para van Dijk, a teoria do desempenho verbal ou da comunicação precisa incluir um componente pragmático, isto é, precisa incluir uma gramática gerativa, necessariamente de texto, com uma série de regras pragmáticas e categorias; somente então ela poderá fornecer uma base sólida para teorias psico e sociolingüísticas do desempenho verbal e também poderá ser construída uma sólida teoria literária.

14. Essas categorias se encontram também em Isenberg (cf. p. 60 deste capítulo) e são baseadas em Labov e Waletsky, já citados.

Na obra *Some Aspects of Text Grammar* afirma que a teoria do desempenho não pode ser considerada "como uma série de fatores não teorizáveis e a grande lata de lixo da descrição gramatical. Qualquer teoria do USO de um sistema lingüístico e seus enunciados, ou melhor, ocorrências no processo de comunicação, pressupõe uma gramática. Porém, muitos aspectos formais desses enunciados só podem ser descritos e explicados quando são levados em conta aspectos da situação comunicativa" (1972: 314).

Da mesma maneira como é necessário estabelecer as estruturas semânticas globais de um texto, torna-se preciso determinar as estruturas globais do ato para um ato de fala ou seqüência.

Assim é que propõe a macroestrutura textual para todas as espécies do complexo processo de informação e a macroestrutura pragmática, cuja unidade será o macroato de fala, para um ato de fala ou seqüência.

Um macroato de fala é um ato de fala concretizado pela realização de uma seqüência de atos de fala linearmente conectados, isto é, coerentes e satisfazendo a condições seqüenciais (apresentar-se-ão exemplos destas condições no decorrer desta exposição).

Ao escrever-se uma petição, ela conterá asserções e outros atos de fala, mas será, no todo, uma petição. A importância da noção de macroato de fala para uma gramática de texto e para uma teoria mais geral do discurso reside no fato de que ele torna possível falar das funções globais de um discurso ou de uma conversação; isto é, paralelamente à noção semântica de tema ou tópico, tem-se um meio de tornar explícita a questão pragmática do discurso.

O interlocutor deve ter condições de avaliar as funções pragmáticas e estratégicas dos atos de fala individuais de uma seqüência. Ele deve saber o que o falante está insinuando, o que afinal ele quer com seu enunciado. O macroato de fala tem também as funções cognitivas de informação, redução e organização: o interlocutor não precisa se lembrar de todos os atos de fala individuais, mas pode simplesmente selecionar alguns deles que serão os mais relevantes para a posterior (inter)ação.

Assim, os macroatos provêem a necessária contraparte pragmática das macroestruturas semânticas: sem eles não haveria uma função contextual e, inversamente, eles também motivam a existência das macroestruturas semânticas, porque cada um deles necessita de uma base semântica (proposicional), o seu *conteúdo*.

Deste modo, os mesmos princípios básicos são encontrados nos vários níveis de descrição, e unidades ou categorias de um

nível são sistematicamente relacionadas com unidades semelhantes de outros níveis.

Como ilustração, citem-se os seguintes exemplos de van Dijk:

(1) *What do you want to drink? You want some red wine? Or don't you want alcohol right now?*
(O que você quer beber? Quer vinho tinto? Ou você não quer nada de álcool agora?)

(2) *Shut up, will you. I have to finish this paper.*
(Fique quieto, por favor. Preciso terminar este trabalho.)

(3) *O. K., let's go. I'm tired.*
(Vamos. Estou cansado.)

(4) *Yes, I see you need some money. I'll send you some tomorrow.*
(Sim, vejo que você precisa de dinheiro; mando-lhe algum amanhã.)

Nos exemplos (1), (2) e (4), um ato de fala constitui preparação, condição, motivação ou explicação para o ato de fala seguinte, significando que tais atos funcionam como *atos auxiliares*. Eles tornam o ato seguinte possível ou possivelmente mais efetivo. Tem-se a intuição de que o ato de fala seguinte é o mais importante. É o principal da seqüência. Há uma distinção entre atos de fala super e sub-ordenados, isto é, há uma estrutura hierárquica. Se se aplicar um tipo de macro-regra como a *construção*, pode-se substituir uma série de atos por um ato global que seria:

— em (2) — solicitação
— em (3) — exortação
— em (4) — promessa

Nestes casos, os microatos de fala são também realizados na seqüência, por exemplo, como o ato principal da fala (no micro-nível).

Tanto no micro como no macronível podemos ter o chamado *ato indireto* de fala que é o ato realizado através de outro. Pode-se dizer: — Estou cansado — que é uma asserção, para fazer um pedido (por exemplo: deixe-me só).

Assim as condições normais para um pedido podem ser realizadas indiretamente e uma das mais importantes funções estratégicas de tais atos é a aparente possibilidade deixada ao interlocutor de tomar o ato literalmente, isto é, como um ato direto e não precisar assim reagir ao pedido, recusando-se, por exemplo, a aceder.

O mesmo acontece no macronível: é possível, numa seqüência assertiva global de atos da fala, falar a alguém de nossas dificuldades financeiras, funcionando indiretamente como um pedido global. O exemplo de van Dijk:

(5) *Hi John. I have had some troubles repairing my house and I baaly need a new car. But they won't let me have that personal loan at the bank. So, I wonder if you could help me (...).*
(Ih, John! Tive problemas na reforma de minha casa e necessito de um carro novo. Mas no banco não me querem dar um empréstimo. Gostaria que você me ajudasse (...),

apresentado na forma de uma conversação, pode dar idéia de como uma seqüência de enunciados, sendo cada um uma asserção, pode globalmente transmitir o macroato de fala de um pedido. Os atos de fala individuais constituem uma introdução à conversação e uma asserção sobre a situação atual do interlocutor, funcionando como uma preparação para o pedido de ajuda.

Os macroatos têm, para van Dijk, funções conversacionais, intencionais e cognitivas. Em primeiro lugar, organizam e reduzem os atos individuais do texto; em segundo, permitem ao falante fazer um plano pragmático global de seu discurso, isto é, que espécie de ato global de fala ele quer realizar, ato que ele pode mudar se o interlocutor mostrar que as condições para o pedido global não estão preenchidas; em terceiro lugar, o interlocutor percebe, pelas manobras preparatórias do falante, qual ato global de fala está sendo realizado.

E conclui van Dijk:

"O modelo para a análise gramatical e pragmática do discurso parece ter a vantagem de não somente apreender sistematicamente as respectivas propriedades das estruturas e funções do discurso, mas também de prover as bases para um sério modelo para o estudo do discurso, da cognição, da comunicação e da interação social" (1978: 75).

3.8. PETÖFI

János Sándor Petöfi dedica-se, há cerca de dez anos, à elaboração de uma teoria do texto. Tendo iniciado seu trabalho em Budapeste, na Hungria, transferiu-se, a seguir, para Göteborg, na Suécia, vindo a estabelecer-se, posteriormente, na Alemanha, a princípio em Constanza e, depois, em Bielefeld, onde se encontra atualmente.

www.scanlopdf.co.uk
Kindle Books with Bookmarks

O objetivo constante de suas pesquisas tem sido o de construir uma teoria semiótica dos textos verbais, capaz de explicar simultaneamente os aspectos *co-textuais*, isto é, intratextuais (internos ao texto) e os aspectos *con-textuais*, ou seja, extratextuais (externos ao texto), compreendendo estes não apenas as condições externas de produção e recepção de textos, como também o componente semântico-extensional — a interpretação, no sentido lógico do termo.

O modelo de Petöfi — que vem recebendo há algum tempo a contribuição de Rieser, pode ser assim esquematizado:

- Teoria de Texto
  - *Componente co-textual* (*Ko-text*: regularidades internas ao texto.)
    - *subcomponente gramatical — Gramática Textual*
    - *subcomponente não-gramatical* — metro, rima, eufonia etc.
  - *Componente con-textual* (*Kon-text*: conjunto de condições, externas ao texto, de produção, recepção e interpretação textual)
    - *subcomponente semântico co-extensional — interpretação semântica extensional* (mundos possíveis, modelos)
    - *subcomponente pragmático — relativo às questões de produção e recepção do texto* (contexto pragmático de ocorrência)

Em sua obra, distinguem-se dois grandes momentos: o primeiro em que se dedica à elaboração de uma *gramática de texto*, elemento fundamental do componente co-textual; o segundo, em que tem por escopo elaborar uma *teoria parcial do texto*, que denomina TeSWeST (*Textstruktur-Weltstruktur-Theorie*, Teoria da Estrutura do Texto-Estrutura do Mundo), cujo objeto é o

relacionamento entre a estrutura de um texto e a interpretação extensional (em termos de mundos possíveis) do mundo (ou do complexo de mundos) que é textualizado em um texto. Trata-se de uma teoria lógica do texto, ou melhor, segundo suas próprias palavras, "logicamente-orientada" (*logic-oriented*).

3.8.1. No primeiro momento, a gramática textual postulada por Petöfi integra, de certa forma, as duas principais concepções da gramática do enunciado: a *teoria gerativa padrão* (Chomsky, Fodor, Katz), que considera a sintaxe como gerativa e a semântica como interpretativa, e a *teoria da semântica gerativa* (Postal, McCawley, G. Lakoff), que gera diretamente representações semânticas. O autor procura combinar as principais características de ambas, com o intuito de criar uma gramática apta a dar conta tanto da síntese como da análise de textos. Sua gramática tem como propriedade essencial a de ter uma base textual fixada não-linearmente (*Text-grammatik mit nicht-linear festgelegter Textbasis*), o que significa que a base textual consta de uma representação semântica indeterminada com respeito à manifestação linear das seqüências de enunciados, sendo a manifestação linear do texto determinada pela parte transformacional. Cabe a essa gramática tornar possível a análise de textos, isto é, a atribuição de todas as bases textuais possíveis a uma manifestação linear; a síntese de textos, ou seja, a geração de todas as possíveis bases textuais; e, finalmente, a comparação de textos. A propriedade de ter uma base não-linearmente fixada permite-lhe apreender a estrutura hierárquica do texto, bem como explicar as possíveis paráfrases e resumos (*abstracts*) de textos.

Definindo-o como "uma unidade constituída de mais de um enunciado", Petöfi considera o texto a unidade de base da gramática, à qual cabe estudar e descrever todos os aspectos das relações que podem existir entre os enunciados de um texto, o que exige, necessariamente, que se ultrapassem os limites do enunciado. Além disso, do ponto de vista da comunicação, a troca e o registro de informações ocorrem quase sempre por meio de unidades compostas de mais de um enunciado, isto é, por meio de textos. Assim, em resposta às objeções que têm sido feitas à necessidade de se postular uma gramática textual e que têm como ponto comum a asserção de que o "texto" não representa uma categoria diversa do enunciado, podendo, pois, ser reduzido a enunciados complexos, o autor tenta mostrar que uma análise aprofundada das conexões entre enunciados, em diversos textos ou tipos de textos, evidencia a insustentabilidade de tais objeções,

já que o único dispositivo teórico adequado a esse fim é a gramática textual.

3.8.2. No artigo *Semantics, Pragmatics, Text Theory*, Petöfi discute como se deve interpretar o termo gramática e o que se deve entender por *aspectos gramaticais* da língua. Em primeiro lugar, aponta quatro grandes classes em que se podem dividir as unidades pertencentes ao domínio da lingüística:

1) aspectos que podem ser descritos usando-se apenas categorias *internas à lingüística*, como, por exemplo, a distribuição de elementos verbais de diversos graus de complexidade;

2) aspectos que só podem ser descritos por meio de categorias interdisciplinares: aspectos lógicos, aspectos inerentes à teoria da comunicação e à teoria da informação, aspectos psicológicos e tecnológicos dos elementos lingüísticos ou das relações entre estes;

3) aspectos da *mutação histórica* dos elementos lingüísticos ou das relações entre eles;

4) aspectos da *aplicação* do conhecimento das relações entre elementos lingüísticos.

Diz Petöfi que, interpretando-se o termo *gramática* em sentido suficientemente amplo, pode-se dizer que os *aspectos gramaticais* desempenham um papel fundamental em todas as classes: a primeira contém somente aspectos gramaticais; a segunda comporta os aspectos gramaticais e todas as interpretações lógicas, sociológicas etc.) que se lhes possam atribuir; à terceira pertence a mutação histórica dos elementos e das relações gramaticais; a quarta comporta a aplicação do conhecimento que se tem destes. É por esta razão que a pesquisa sobre aspectos gramaticais é fundamental.

Ressalta, ainda, que o aspecto da aplicabilidade é de extrema relevância. Se é verdade que a lingüística pura — isto é, o conhecimento e a descrição de um sistema verbal, que não leva em conta os aspectos da aplicação extralingüística — encontra justificativas indiscutíveis, é muito importante, por outro lado, analisar e descrever esses aspectos, visto que os elementos verbais têm uma função essencial em todos os tipos de registro e elaboração da informação. Assim, postula o desenvolvimento de uma única gramática capaz de dar conta, simultaneamente, de todos

esses aspectos — e, posteriormente, de uma teoria geral que contenha essa gramática — e aponta o quadro semiótico como o mais abrangente para a sua análise.

Dentro desse quadro, o autor discute a questão das relações entre *sintaxe*, *semântica* e *pragmática*, que, para ele, estão necessariamente interligadas, não podendo ser separadas uma da outra. É o que procura demonstrar a partir do texto de Montague (1968) em que este retoma a divisão da semiótica proposta por Morris:

"O estudo da linguagem (ou semiose ou semiótica) foi dividido por Morris em três ramos — sintaxe, semântica, pragmática — que podem ser assim caracterizados: a sintaxe concerne unicamente às relações entre expressões lingüísticas; a semântica concerne às relações entre as expressões e os objetos aos quais estas se referem; a pragmática concerne às relações entre as expressões, os objetos a que estas se referem e os usuários ou os contextos de uso das expressões".

Começa por analisar a asserção de que "a sintaxe concerne unicamente às relações entre expressões lingüísticas", cuja interpretação depende do sentido que se atribui aos termos "expressões lingüísticas" e "relações". Interpretando-se o termo "expressões lingüísticas" como unidades elementares, ou complexos de unidades elementares, elas abrangeriam: *a*) morfemas/palavras/formas lexicais; *b*) categorias semânticas; *c*) traços semânticos. O termo "relações", por sua vez, poderia ser interpretado: *a*) como elementos de uma combinatória interna a cada uma das unidades anteriores, isto é, elementos de um nível superior, recuperáveis a partir de elementos do nível inferior; *b*) como combinatórias entre os elementos que constituem cada uma das unidades citadas, podendo ocorrer entre unidades elementares, entre combinações de unidades elementares, ou entre unidades elementares e combinações de unidades elementares.

Assim sendo, os limites da sintaxe não se encontram bem delineados, nem na direção da fonologia, nem na direção da semântica. Isto porque, considerando-se os morfemas como unidades elementares, em uma parte da combinatória dos morfemas — quando se formam palavras ou formas lexicais — os limites da combinatória são traçados com base em critérios fonológicos operando com traços, de modo que não há uma linha de demarcação definida entre sintaxe e fonologia. Por outro lado, a limitação da combinatória de morfemas/palavras/formas lexicais — se é que tem relevância empírica — efetua-se não somente através de regras concernentes às categorias sintáticas, mas tam-

bém com base em critérios semânticos (operando com traços). Portanto, sintaxe e semântica não se separam nitidamente uma da outra. Conclui, assim, que a única sintaxe autônoma bem definível é a das categorias sintáticas, enquanto sintaxe formal, e que a lingüística das línguas naturais, sendo uma ciência empírica, deve estabelecer conexão entre essa sintaxe puramente formal e os elementos verbais, enquanto elementos que representam objetos de realidade extralingüística.

Quanto à asserção "a semântica concerne às relações entre as expressões e os objetos aos quais estas se referem", salienta que a interpretação do termo "objeto" tem dado origem a inúmeras controvérsias. Petöfi, utilizando a terminologia de Frege e de Carnap, e partindo do triângulo semântico proposto por Lyons, constrói a figura seguinte:

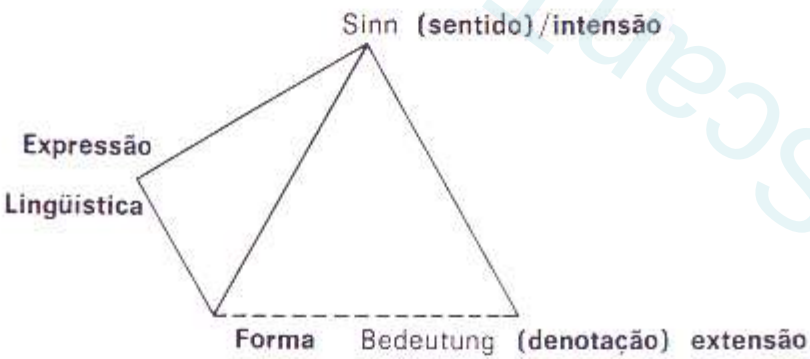

Postula, de acordo com Carnap, a existência de dois tipos de "objetos" ("intensão" e "extensão") e dois tipos de "relações" (a relação "forma"-"intensão" e a relação "forma"-("intensão")-"extensão"), havendo, portanto, dois modos de constituir uma semântica (semântica intensional e semântica extensional). Formula, a partir daí, a questão basilar da semântica, qual seja: como se pode definir a intensão de uma expressão lingüística (atômica ou complexa)? E como é possível, conhecendo a intensão, determinar a extensão de uma expressão lingüística?

Finalmente, a asserção "a pragmática concerne às relações entre as expressões, os objetos a que estas se referem e os usuários ou os contextos de uso das expressões" sugere uma seqüência na seguinte ordem: sintaxe—semântica—pragmática, em que cada elemento compreenderia a totalidade do elemento precedente. Petöfi aceita essa interpretação no caso da semântica e da sintaxe, pois não se pode realmente obter nenhuma expressão lingüística sem sintaxe e, muito menos, imaginar, sem sintaxe, uma semântica superior ao nível de palavra. Aliás, segundo Carnap, isto não é possível nem mesmo ao nível da palavra, já que a representação da intensão de uma palavra é sempre um texto. No que diz respeito, porém, à semântica e à pragmática, Petöfi ressalta a necessidade de examinar, primeiramente, as interpretações possíveis do termo "contexto":

a) no sentido mais amplo de contexto extralingüístico de uma língua natural, ou seja, o ambiente socio-físico no qual ela é usada. Nesta acepção, é claro que a representação das "relações entre as expressões, os objetos aos quais estas se referem e os usuários ou o contexto de uso das expressões" deve fazer parte da semântica, ao passo que a pragmática se torna equivalente à teoria da construção dos léxicos (quer da linguagem comum, quer da linguagem técnica);

b) no sentido de contexto (comunicativo) extralingüístico de uma expressão verbal. Neste caso, as relações pragmáticas apresentam uma dupla conexão com as relações semânticas: a intensão de uma expressão verbal complexa decorrente de determinada comunicação não é necessariamente idêntica à combinação das intensões de seus elementos armazenados no léxico, que podem ser modificadas implicitamente pelo contexto extralingüístico;

c) no sentido mais restrito, de contexto verbal de uma expressão verbal. Neste caso, uma parte das relações pragmáticas (por exemplo, as relações déiticas decodificáveis num texto de modo interno ao próprio texto) podem ser parcialmente reduzidas simplesmente a relações sintáticas.

Já no caso da interpretação (b), que contém implicitamente (c), as relações pragmáticas são estreitamente conexas, em parte, com as relações sintáticas e, em parte, com as semânticas. Conclui, portanto, que não se pode falar de relações "de inclusão" entre pragmática e semântica, nem traçar uma delimitação nítida entre ambas. Numa gramática do texto, como em toda e qualquer teoria lingüística de uma língua natural, os aspectos

sintáticos, semânticos e pragmáticos estão necessariamente interligados.

3.8.3. Petöfi ressalta, também, que, na maior parte das pesquisas voltadas para a construção de gramáticas, o enunciado (*sentence*) aparece como a unidade lingüística mais alta. Duas tendências principais podem ser caracterizadas nessas pesquisas: a da *gramática gerativa transformacional*, associada ao nome de Chomsky (e, ainda, de Fodor, Katz e Postal), como também dos chamados semanticistas que tentaram corrigir alguns de seus defeitos (Lakoff, McCawley, Postal); e as pesquisas que se desenvolveram a partir da obra de Montague (que elaborou uma gramática categorial sem transformações) e Lewis (autor de um esquema de gramática categorial com transformações).

Petöfi considera mais adequadas as pesquisas de gramáticas categoriais do tipo de Montague e de Lewis, além de outras pesquisas lógicas orientadas para a linguagem natural. Na segunda fase de seu trabalho — a da elaboração de uma teoria parcial de texto — Petöfi praticamente abandona a semântica gerativa e integra em seu modelo a semântica extensional postulada por Montague e Lewis. Por esta razão, no seu modelo de gramática textual, o léxico, com suas representações semânticas intensionais, exerce função de relevância.

Salienta que, em todas as gramáticas baseadas no enunciado, a tônica recai sempre sobre a sintaxe (as regras da sintaxe, as regras-sintáticas - da semântica e seu homoformismo), tendo sido o léxico, de modo geral, relegado a segundo plano. Recebe-se, assim, uma imagem de certo modo deformada da construção da gramática e pode-se presumir que a estrutura das operações gramaticais será totalmente modificada no momento em que a intensão das palavras singulares vier a ser fornecida explicitamente pelo léxico e não mais apenas indicada por meio de símbolos auxiliares. Para Petöfi, a operação com intensões explicitamente apresentadas mudará totalmente a forma da gramática, que se tornará, necessariamente, uma gramática do texto. Afirma que, também nas pesquisas lógicas, a sintaxe tem predominado, visto terem por escopo, de modo geral, tornar a sintaxe mais articulada, incorporando-lhe informações semânticas-extensionais, como especificações *selecionadas* (*sortal specifications*). Desta maneira, os elementos lexicais que desempenham um papel nas lógicas não-clássicas, são examinados, em primeiro lugar, do ponto de vista sintático.

Levinsky, também, uma série de críticas a uma parte dos trabalhos que tem sido elaborados no campo da gramática textual, semelhantes em parte às que se podem fazer às gramáticas centradas nos enunciados: 1) a gramática de texto, na maior parte dos trabalhos, tem sido interpretada como uma gramática do enunciado integrada de um modo ou de outro. Isto significa que, nestas pesquisas, não se fala de uma representação canônica *sui generis* do texto: sua representação é entendida como uma seqüência logicamente ordenada de representações canônicas de enunciados, o que leva a graves limitações de caráter operacional, excluindo, por exemplo, qualquer possibilidade de paráfrase textual na qual a ordem linear dos enunciados se desvie da ordem originariamente representada; 2) em qualquer destas tentativas de elaboração de gramáticas textuais, a construção do léxico tem sido descurada, por mais que se insista sobre a sua necessidade.

O escopo desta pesquisa lógica tem sido, de um lado, tornar as representações lógicas — formas canônicas — mais diferenciadas e, de outro, desenvolver os cálculos lógicos não-clássicos existentes, além de criar outros novos.

3.8.4. Petöfi postula que, nas pesquisas lingüísticas empíricas, distinga-se entre o estudo das unidades idealizadas (*I*) da língua-objeto, isto é, das unidades verbais teóricas fora do seu contexto comunicativo, e o estudo das unidades reais da língua-objeto (*O*), ou seja, das unidades verbais dentro de seu contexto comunicativo. No primeiro caso, os aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos são inter-relacionados, tendo a pesquisa por escopo global descrever o maior número possível desses aspectos por intermédio de uma teoria formal. Para tanto, Montague propõe usar o instrumental de uma língua pragmática e Lewis o de uma "semântica geral", consistindo o problema do estudo empírico das unidades em saber se é possível descrever a totalidade de uma língua natural por meio de um instrumental meramente formal, já que todo instrumental se constitui de um sistema de regras e de um léxico dificilmente separáveis. O problema da construção do léxico, por sua vez, já está intimamente ligado aos problemas da pesquisa acerca das unidades *O*, sendo o próprio problema fundamental, nesse caso, saber em que medida a descrição explícita das intensões das palavras deve ser particularizada. A semântica dos traços, tanto quanto a lógica, está à procura de limites econômicos, permanecendo no interior da sintaxe. É na filosofia da linguagem ordinária e nas pesquisas dela oriundas que se encontram verdadeiras análises de semân-

tica intensional, particularmente no que diz respeito aos elementos performativos.

Outro aspecto extremamente complexo relativo às unidades O é o da determinação das intensões que não se podem derivar daquelas armazenadas no léxico e que dependem das intenções comunicativas do momento, cuja análise sistemática se encontra ainda em um estágio inicial.

A interpretação das "extensões" cabe ao componente semântico extensional, não podendo, também, fundar-se em cálculos estritamente lógicos. Sendo o texto a unidade de base de qualquer teoria adequada, e sendo a extensão de um texto uma configuração admissível dos enunciados avaliáveis do texto, uma semântica extensional constitui uma combinatória bastante complexa (que se torna ainda mais complexa quando se tenta englobar textos pertencentes à comunicação metafórica).

3.8.5. De todo o exposto, Petöfi resume as principais características de uma teoria do texto:

a) o objeto fundamental da pesquisa lingüística deve ser o texto;

b) uma teoria que tenha como unidade de base o texto deve ser empiricamente motivada, inclusive no sentido de poder ser aplicada também a fins extralingüísticos;

c) visto que somente as recentes pesquisas baseadas na lógica tentam analisar e descrever também o aspecto semântico-intensional, uma teoria centrada no texto deve levar em conta os métodos e os resultados dessas pesquisas e integrar seus resultados.

Na elaboração dessa teoria, deve-se estar atento às seguintes considerações: *a)* sua tarefa principal deve ser a de descrever o conhecimento concernente à estrutura textual, de modo a permitir a aplicação desse conhecimento à produção e recepção de textos; *b)* embora seja importante examinar e descrever todas as funções da linguagem, deve-se dar prioridade à função referencial; *c)* convém, no início, limitar o exame e a descrição a textos escritos. É a uma teoria construída com base nessas considerações que o autor considera uma "teoria parcial do texto" empiricamente motivada e logicamente orientada — a sua TeSWeST ("Teoria da Estrutura do Texto-Estrutura do Mundo"), que tem por objetivo precípuo analisar, sintetizar e comparar textos. Para atingir tal objetivo, ela deve ser específica com relação a um *corpus (corpus specific)*, o termo *corpus* significando um *corpus* infinito de textos possuidores de características estruturais particulares. Por esta razão, quando se descreve um texto dado por meio da teoria textual, não se torna possível pretender tratar apenas daqueles elementos para cuja descrição já dispomos de uma teoria lógica totalmente desenvolvida. Deste modo, a TeSWeST ocupa uma posição intermediária entre as diversas teorias filosóficas e estruturalistas que se preocupam com a descrição dos textos, e as teorias centradas no enunciado fundadas na lógica. Se, em confronto com as primeiras, ela pode parecer "pouco técnica", em confronto com as segundas, ela não é "suficientemente exata". A TeSWeST surgiu da convicção de que se deve buscar, dentro da ótica do texto, uma reconciliação entre as metodologias atuais da lingüística e da lógica, "que, evidentemente, exigirá uma modificação parcial destes métodos". Por exemplo, poder-se-á chegar a um novo tipo de lógica — uma "quase-lógica"?

Biblioteca "Prof. [illegible]"

3.8.6. A teoria de Petöfi compõe-se, como já se disse, de um componente gramatical e de um componente semântico-extensional. O primeiro constitui um componente co-textual, ou seja, opera dentro de um sistema fechado, composto do léxico, do sistema de regras gramaticais e do texto a ser analisado (ou da parte do texto que já foi gerada). Sendo este componente uma gramática textual, é possível fornecer, no interior desta gramática, uma descrição inteiramente contextual dos índices ou elementos dêiticos (tarefa que costuma, em outras concepções teóricas, ser atribuída à pragmática), descrição que poderá levar em consideração todos os aspectos do uso anafórico e do uso catafórico de todos esses elementos, mesmo porque trabalha com os elementos da semântica intensional.

O componente semântico-extensional, por sua vez, é contextual, operando nos quadros de um sistema aberto, e parte de suas regras são, na verdade, meta-regras. A este componente cabe dar conta de aspectos pragmáticos, como os índices con-textuais (exofóricos); parâmetros dependentes do contexto (definições abertas, em que o *definiens* contém parâmetros não definíveis no léxico, já que dependem do ponto de vista adotado — caso de adjetivos, como *bom*, por exemplo); elipses con-textuais (que só podem ser recuperadas pelo recurso a informações con-textuais), intensões específicas ao contexto não deriváveis das intensões fixadas no léxico (como o uso metafórico/meronímico dos elementos verbais), entre outros.

Uma teoria do tipo postulado por Petöfi — teoria semiótica integrada — tem, pois, por escopo, a reconstrução racional (formulação explícita em forma de regras) de todas as convenções sintáticas, semânticas e pragmáticas presentes numa comunidade lingüística — ainda que nem todas essas convenções possam ser consideradas lingüísticas, na acepção comum do termo. É por esta razão que a TeSWeST é uma teoria empiricamente motivada e logicamente orientada, destinada a fornecer a descrição gramatical (semântico-intensional) dos textos e a atribuir as possíveis interpretações semântico-extensionais às estruturas do texto descritas da maneira semântico-intensional. Essas descrições e essas interpretações permitem também a descrição do aspecto pragmático. No artigo *Some Remarks on the Grammatical Component of an Integrated Semiotic Theory of Texts*, Petöfi amplia para três o número de componentes principais de sua teoria: além do componente gramatical e do semântico-extensional, aparece o léxico, antes incluído no primeiro.

O componente gramatical possui dois subcomponentes:

a) o que contém as regras de formação que geram as representações canônicas (não-linearmente fixadas);

b) o que compreende as regras de correspondência (*mapping-rules*) que coordenam, de modo não ambíguo, os textos da língua objeto (ou as manifestações lineares aceitáveis como textos desta) e as representações canônicas. O componente semântico-extensional é, no caso da análise textual, um sistema de regras interpretativas que, com base na representação fornecida pela descrição semântico-intensional, atribui, no texto a ser analisado, um complexo de mundos (*world-complex*) como interpretação semântica. O léxico é um conjunto de informações sintáticas e semânticas, sendo estas últimas representadas sob a forma de um sistema de definições que estrutura tanto o saber ordinário quanto o científico. As regras de formação e de informação semântica armazenadas no léxico visam a reconstruir o que de "universal" existe nas línguas naturais, ao passo que as regras de correspondência e a informação sintática armazenada no léxico dizem respeito ao que é "específico a cada língua". É o componente semântico-extensional que desempenha o papel mais importante, determinando, direta ou indiretamente, a estrutura de todos os demais componentes.

3.8.7. Petöfi propõe que a interpretação se faça em termos da teoria dos modelos e utiliza para a descrição das línguas

naturais uma metalinguagem baseada em Partee (1975). Assim, o autor tenta inserir na TeSWeST a gramática de Montague, incorporando um fragmento de semântica-extensional elaborado por Partee, com base naquela. A principal indagação de Petöfi diz respeito às condições que a parte gramatical da teoria deve satisfazer para ser interpretável pela semântica extensional. Por esta razão, considera tarefa básica do componente sintático de TeSWeST construir uma linguagem formal: *a*) que permita fornecer uma representação não ambígua dos textos em língua natural; *b*) que permita traduzir as representações textuais por ela fornecidas em fórmulas de uma futura sintaxe de tipo lógico; *c*) que contenha todos os elementos necessários para a interpretação semântica dos textos. Para tanto, é preciso determinar: *a*) as expressões de base dessa linguagem; *b*) as regras de formação por meio das quais se podem construir expressões complexas a partir das expressões de base; *c*) o que, nesta linguagem, pode ser considerado universal, é o que é peculiar a cada língua.

Petöfi postula como estruturas elementares dessa linguagem sintática *esquemas de função predicativa* [estruturas functor-argumento(s)], nas quais elementos semelhantes aos da *gramática dos casos* indicam o papel que as variáveis individuais/constantes individuais desempenham no esquema de função predicativa dado. Por exemplo:

AMAR (a:x, e:y) / = x ama y/ em que *a* — agente, *e* — experienciador
CONHECER (a:x, o:y) / = x conhece y/ em que *a* — agente, *o* — objeto

As *expressões de base* dessa linguagem são:

a) *expressões individuais*
(aa) nomes (constantes individuais)
(ab) descrições individuais
(aba) descrições individuais definidas
(abb) descrições individuais indefinidas

b) *esquemas de função predicativa*
c) *esquemas de função de modificador*

d) *esquemas de função conectiva* (uma das mais importantes tarefas da gramática textual é, justamente, a de caracterizar a maneira de preencher os "postos" dos esquemas de função conectiva).

Todo texto atômico possui uma estrutura hierárquica que pode ser representada, de modo simplificado, da maneira seguin-

www.scanteopdf.co.uk

te: superordenadas ao núcleo proposicional, têm-se uma proposição constitutiva de mundos, uma proposição performativa modal e uma proposição metacomunicativa:

(1) proposição metacomunicativa:	No lugar D_1^c, ao tempo D_t^c *A comunica a B.*
(2) proposição performativa modal:	(Que) no lugar D_1^p, ao tempo D_t^p Eu (=A) *pergunto* a você (=B), se
(3) proposição constitutiva de um mundo:	no lugar D_e^w, ao tempo D_t^w tu (=B) *sabes* que
(4) proposição estratificada:	Carla decide que
proposição:	no lugar D_e, ao tempo D_t ela (=Carla) se ocupa seriamente de semântica lógica.

"Carla se ocupa seriamente de semântica lógica."

A representação de um texto atômico deve conter todas as informações necessárias para a derivação não ambígua de uma manifestação linear do texto derivável da representação dada (e necessárias para a interpretação semântica), incluindo a topicalização e a especificação não ambígua do escopo (*scope*) da negação.

A interpretação semântica dos textos em língua natural é muito mais complexa que a de enunciados, pois, ao se interpretarem textos, ocorre não só que à descrição sintática completa de um texto se podem atribuir diversos tipos de modelos, como também — na maioria dos casos — acontece que a interpretação das diversas partes do texto abrange modelos diversos.

Os elementos constitutivos do mundo, ou melhor, indicativos de mundos destinam-se a indicar/nomear os diversos modelos (mundos) requeridos, visto que os objetos e/ou situações derivadas de *conhecer, crer, sonhar, imaginar, desejar,* ou, ainda, *ser possível, necessário* etc., constituem cada um, um mundo diferente. Estes mundos são ulteriormente especificados por diferentes tipos de circunstâncias espaciais e temporais. A descrição sintática completa de um texto exige a representação de todo esse complexo de mundos.

Os elementos performativos modais, por seu turno, operam com estes mundos e com o conjunto das proposições, indicando a que mundo a proposição (conteúdo proposicional), asseverada, ordenada, prometida pertence ou deverá pertencer.

As condições de verdade relativas a cada mundo são funções dos elementos performativos e dos elementos constitutivos de mundos (e também das circunstâncias espacio-temporais). Estas condições de verdade vão especificar também as regras de inferência semântica válidas no interior de cada mundo. Cada um dos mundos que podemos atribuir a um texto como interpretação semântica é determinado pelo conjunto das proposições que são verdadeiras nesse mundo, e pelas inferências que delas se podem derivar.

Os trabalhos de Petöfi atingem elevada complexidade, visto que têm por objeto não apenas os fenômenos textuais, mas a própria lingüística textual, cujos fundamentos o autor vem pesquisando e questionando continuamente e para a qual vem tentando forjar um instrumental adequado.

Produced with scanTopbook

BIBLIOGRAFIA GERAL

ALTHAUS, H. P. et al. (1973). *Lexicon de Germanistischen Linguistik*. Niemeyr, Tübingen.

ANSCOMBRE, J. C. e DUCROT, O. (1976). "L'Argumentation dans la langue". *Langages* 42, Didier-Larousse, Paris, 5-27.

————. (1978). *Échelles Argumentatives, Échelles Implicatives et Lois du Discours*. Mimeografado.

AUSTIN, J. (1962). *How to do Things with Words*. Oxford University Press. Londres.

BALAU, V. L. (1981). *Texto Didático: Reflexões sobre Análise de Conteúdo e Análise do Discurso*. Diss. de Mestrado, PUC/SP.

BALLY, Ch. (1944). *Linguistique Générale et Linguistique Française*. A Franke, Berna, 4.ª ed., 1965.

BARTHES, R. (1957). *Mythologies*. Seuil, Paris.

———— (1966). "Introduction à L'Analyse Structurale des Récits" *Communications* 8, Paris, 1-27.

————. (1975). "A Retórica Antiga". In: COHEN, J. et al. *Pesquisas de Retórica*. Trad. bras. Vozes, Petrópolis, Rio de Janeiro.

BELLERT, I. (1970). "On a Condition of the Coherence of Texts". *Semiotica* 2, 335-363.

BENSE, M. (1962). *Theorie der Texte*. Kiepenhauer & Witsch, Colônia.

————. (1971). *Einführung in die informationstheoretische Asthetik*.

BENVENISTE, E. (1966). *Problèmes de Linguistique Générale I*. Trad. bras. Nacional. São Paulo.

————. (1970). "L'Appareil Formel de l'Enonciaiton". *Langages* 17, Didier-Larousse, Paris, 12-18.

————. (1974). *Problèmes de Linguistique Générale II*. Gallimard, Paris.

BRINKMANN, H. (1962). *Die Deutsche Sprache. Gestalt und Leistung*. Düsseldorf, 2. ed., 1971.

————. (1965). "Die Konstituierung der Rede". *Wirkendes Wort* 15 157-172.

CAMPBELL, R. e WALES, R. (1970). "The Study of Language Acquisition". In: LYONS, J. (ed.). *New Horizons in Linguistics*, Harmondsworth, 242-260.

CHOMSKY, N. (1965). *Aspects of the Theory of Syntax*. Trad. port. Ed. Almedina, Coimbra, 1978.

CONTE, M. E. (1977). *La Linguistica Testuale*. Feltrinelli Economica, Milão.

COSERIU, E. (1955). "Determinación y Entorno. De los problemas de una lingüística del hablar". *Romanistisches Jahrbuch*, 7, 29-54.

————. (1968). "Les Structures Lexématiques". In: *Zeitschrift für französische Sprache und Literatur, Cad.* 1, 3-16.

DANES, F. (1970). "Zur Linguistischen Analyse der Textstruktur". *Folia Linguistica*, 4, 64-71.

DIJK, T. A. van (1971). "Models for Text Grammars". In: BOGDAN et al. (org.) *Logic, Language and Probability*. Reidel, Dordrecht, 1973.

————. (1972). *Some Aspects of Text Grammars*. Mouton, The Hague, Paris.

————. (1973). "A Note on Linguistic Macro-Structures". Trad. ital. in CONTE (1977). *La Linguistica Tettuale*. Feltrinelli Economica. Milão.

————. (1977). "Gramáticas Textuais e Estruturas Narrativas". In: CHABROL, C. et al. *Semiótica Narrativa e Textual*. Trad. bras. Cultrix, São Paulo.

————. (1978). *The Porto Rico Lectures on the Structures and Functions of Discourse*. Amsterdã. Mimeografado.

DRESSLER, W. (1970a). "Modelle und Methoden der Textsyntax". *Folia Linguistica* 4, 64-71.

————. (1970b). "Towards a Semantic Deep Structure of Discourse Grammar". *Papers from the Sixth Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society*, 202-209.

————. (1972). *Einführung in die Textlinguistik*. Neimeyer, Tübingen. Trad. ital. *Introduzione alla Linguistica del Testo*. Officina Ed., Roma, 1974.

————. (1977). *Textlinguistik*. Wissenschaftliche Buchgesellschaft Darmstad.

DUCROT, O. (1968). "Le Structuralisme en Linguistique". In: DUCROT et al. (1968). *Qu'est que le Structuralisme*. Paris, 14-96.

————. (1972). *Dire et ne pas Dire*. Trad. bras. Cultrix, São Paulo, 1977.

————. (1973). *La Preuve et le Dire*. Repères, Mame, Paris.

————. (1976). "L'Argumentation dans la Langue". *Langages* 42, Didier-Larousse, Paris, 5-27.

————. (1977). "Illocutoire et Performatif". *Linguistique et Sémiologie* 4, Lyon, 17-53.

————. (1978). "Structuralisme, Enonciation et Sémantique". *Poétique* 33, Seuil, Paris, 5-27.

www.scanto pdf.co.uk
Produced with ScanToPDF

———. (1980). *Les Mots du Discours*. Minuit, Paris.

DUHEM, P. e BOURDIN, J-F. (1972). "La Grammaire de Texte en Pays de Langue Allemande". *Langages* 26, Didier-Larousse, Paris, 59-74.

FÁVERO, L. L. (1974). *Complementação de Predicado em Português*. Tese de doutorado. PUC/SP.

———. (1982). "Considerações em torno da Problemática do Modo Verbal em Língua Portuguesa". *Revista Brasileira de Lingüística*, vol 6, n.º 1, Ano 5, 1982, p. 5-16.

FILLMORE, Ch. J. (1968). "The Case for Case". In: BACH & HARMS (eds.). *Universals in Linguistic Theory*. Holt, Rinehart and Winston, 1-88.

———. (1970). "Subjects, Speakers and Roles". *Synthese* 21. 251-274.

———. (1971). "Some Problems for Case Grammars". Monograph Series on Language and Linguistics, 24. Trad. franc. in *Langages* 38, Didier-Larousse, Paris, junho de 1975.

GREIMAS, A. J. (1966). *Sémantique Structurale*. Larousse, Paris.

———. (1970). *Du Sens*. Seuil, Paris.

GRUBER, J. S. (1965). *Studies in Lexical Relations*. MIT. Tese de doutorado.

HALLIDAY, M. A. K. (1970a). "Functional Diversity in Language". In: *Foundations of Language* 6. 322-361.

———. (1970b). "Language Structure and Language Function". In: LYONS, J. (org.). *New Horizons in Linguistics*. Trad. bras. Cultrix, São Paulo, 1976.

HALLIDAY, M. A. K. e HASAN, R. (1973). *Cohesion in Spoken and Written English*. Longman, Londres.

HARRIS, Z. S. (1952). "Discourse Analysis". Trad Fr. *Langages*, 28. Didier-Larousse, Paris. 1-30.

———. (1954). "Distributional Structure". *World* 10, 1963, 597-616. Trad. fr. "La Structure Distributionnelle". *Langages* 20, Didier-Larousse, Paris, 1970.

———. (1963). "Discourse Analysis Reprints". *Papers in Formal Linguistics* 2, Haia, Mouton.

HARTMANN, P. (1964). "Text, Texte, Klassen von Texten". *Bogaurus. Zeitschrift für Literatur, Kunst, Philosophie* 2, 15-25.

———. (1968a). "Zum Begriff des Sprachlichen Zeichens". *Zeitschrift für Phonetic, Sprachwissenschaft und Kommunikationsforschung* 21, fasc. 3/4, 205-222.

———. (1968b). "Textlinguistik als neue Linguistische Teildisziplin". *Replik*, ano 1, fasc. 2; 2-7.

———. (1971). "Text als Linguistisches Object". In: STEMPEL, W. D. (ed.). *Beiträge zur Textlinguistik*. Fink, Munique, 2-29.

HARWEG, R. (1968). *Pronomina und Textkonstituition*. Fink, Munique.

———. (1970). "Phrasale *Und*-Koordination in der Generativen Grammatik". *Zeitschrift für Phonetik* 23, 192-214.

HJELMSLEV, L. (1953). *Prolegomena to a Theory of Language*. Trad. bras. Perspectiva, São Paulo.

ISACENKO, A. V. (1965). "Kontextbedingte Ellipse und Pronominalisierung im Deutschen". *Beiträge zur Sprachwissenschaft, Volkskunde und Literaturforschung*. Fr. Steinitz, Berlin, 163-174.

ISENBERG, H. (1968a). "Das Direkte Objekt im Spanischen". *Studia Grammatica* 9, Akademie Verlag, Berlin.

———. (1968b). "Uberlegungen zur Texttheory". In: IHWE, *Literaturwissenschaft und Linguistik. Ergebnisse und Perspektiven*. Athenäum Verlag, Frankfurt am Main, 1971, 155-172. Trad. it. in CONTE, *La Linguistica Testuale*, Feltrinelli Economica, Milão, 1977.

———. (1970). *Der Begriff "Text" in der Sprachtheorie*. Deutsche Akademie der Wissenschaften, Berlin, Arbeitsstelle Strukturelle Grammatik, ASG-Bericht 8, 1-21.

JAKOBSON, R. (1963). *Essaies de Linguistique Générale*. Trad. bras. parcial *Lingüística e Comunicação*, Cultrix, São Paulo, 1969.

KALLMEYER, W. et al. (1974). *Lektürekalleg zur Textlinguistik*, 2 vol. Frankfurt.

KARTUNNEN, L. (1968). *Discourse referents*. Trad. ital. in CONTE 1977, *La Linguistica Testuale*, Feltrinelli Economica, Milão.

KOCH, I. G. V. (1981). *Aspectos da Argumentação em Língua Portuguesa*. Tese de Doutorado, PUC/SP.

———. (1982). "Os Tempos Verbais do Discurso". *Revista Ângulo*, nº 13/14, Faculdades Integradas Teresa D'Ávila, Lorena, 14-17.

KOCH, W. A. (1966). "Einige Probleme der Textanalyse". *Lingua* 16.

——— (Org.). (1972). *Strukturelle Textanalyse*. Hildesheim, New York.

LABOV, W. e WALETSKY, J. (1967). "Narrative Analysis: Oral Versions of Personal Experience". In: June Helm (ed.). *Essays on the Verbal and Visual Arts*, Seattle and Condon, 12-44.

LANG, E. (1971). "Über Einige Schwierigkeiten beim Postulieren einer 'Textgrammatik'". In: CONTE (1977). *La Linguistica Testuale*, Feltrinelli Economica, Milão, 86-120.

———. (1972). "Quand une 'Grammaire de Texte' est-elle plus adequate qu'une Grammaire de Phrase?" *Langages* 7, 75-80.

LEONT'EV, A. A. (1969). *Sprache-Sprechen-Sprechtätigkeit*. Trad. alemã Kholhammer, Stuttgart, 1971.

LEWANDOWSKI, Th. (1975). *Linguistisches Wörterbuch*. U. T. B., Quelle & Meyer, Heidelberg.

LEWIS, D. (1972). "General Semantics". In: DAVIDSON & HARMAN ed.). *Semantics of Natural Language*. Dordrecht: 169-218.

LIEBFRIED, E. (1970). *Kritische Wissenschaft von Text*.

LONGACRE, R. E. (1970). *Discourse, Paragraph and Sentence Structure in Selected Philippine Languages*. Summer Institut of Linguistics, Santa Ana, Califórnia.

MONTAGUE, R. (1968). "Pragmatics". In: Klibansky (ed.). *Contemporary Philosophy*, Florença, La Nuova Italia.

———. (1970). "Pragmatics and Intensional Logic". *Synthese* 22, nº 1/2, 68-94.

NEIS, I. A. (1981). "Por uma Gramática Textual". *Letras de Hoje*, 44 PUC/RS, Pós-Graduação em Lingüística e Letras, junho 1981.

OLLER, J. W. (1972). "On the Relation between Syntax, Semantics, and Pragmatics". *Linguistics* 83, 43-55.

OOMEN, U. (1969). "Systemtheorie der Texte". *Folia Linguistica* 5, 1/2, 12-34. 1972.

———. (1971). "New Models and Methods in Text Analysis". *Monograph Series on Languages and Linguistics*, nº 24, Georgetown Univ., 211-222.

ORLANDI, E. de L. P. (1978). "Protagonistas do/no Discurso". *Foco e Pressuposição*. Rev. das Faculdades Integradas de Uberaba, Série Estudos-4, Uberaba, 30-41.

———. (1979). "A Sociolingüística, a Teoria da Enunciação e Análise do Discurso". *Sobre o Discurso*. Rev. das Faculdades Integradas de Uberaba, Série Estudos-6, 36-49.

OSAKABE, H. (1979). *Argumentação e Discurso Político*. *Kairós*, São Paulo.

PALEK, B. (1970). *Cross-reference: A Study from Hyper-Syntax*. Universita Karlova, Praga.

PARTEE, B. H. (1975). "Deletion and Variable Binding". In: KEENAN (1975). (org.), *Formal Semantics of Natural Language*. Cambridge University Press, Londres, 16:34.

PÊCHEUX, M. (1969). *Analyse Automatique du Discours*. Dunot, Paris.

———. (1971). "La Sémantique et la Coupure Saussurienne; Langue, Langage, Discours". *Langages*, 24, Didier Larousse, Paris.

PERELMAN, Ch. e OLBRECHTS-TYTECA, L. (1970). *Traité de l'Argumentation - La Nouvelle Rhétorique*. Univ. de Bruxelles, 6. ed. 1976.

PETÖFI, J. (1972). "Zu einer Grammatischen Theorie Sprachlicher Texte". *LiLi*, ano 2, fasc. 5, 31-58.

———. (1973). "Towards and Empirically Motivated Grammatical Theory of Verbal Texts". In: PETÖFI, Rieser (org.) (1973), 205-275.

———. (1974). "Semantics, Pragmatics, Text Theory". Università di Urbino, Centro Internazionale di Semiotica e di Linguistica, Working Papers, série A, nº 36.

———. (1976). "Some Remarks on the Grammatical Component of an Integrated Semiotic Theory of Text". In: CONTE. (1977). *La Linguistica testuale*. Feltrinelli Economica, Milão, 224-247.

PIKE, K. (1967). *Language in Relation to a Unified Theory of the Structure of Human Behavior*. The Hague. Mouton.

PROPP, W. (1928) *Morfologija Skazki*. Trad fr. Seuil, Paris, 1969.

RIESER, H. (1971). "Algemeine Textlinguistische Ansätze zur Erklärung Performativer Strukturen". *Poetics* 2, 91-118.

———. (1972). "Probleme der Textgrammatik II: Zum Aufbau einer Textgrammatik (TEG)". *Folia Linguistica* 6, 28-46.

SCHMIDT, S. J. (1969). *Bedeutung und Begriff. Zur Fundierung einer sprachphilosophischen Semantik*. Vieweg, Braunschweig.

———. (1972). "Text als Forschungsobjekt der Texttheorie". *Der Deutschunterricht* 24: 4.

———. (1973). *Texttheorie. Probleme einer Linguistik sprachlichen Kommunikation*. Trad. bras., *Lingüística e Teoria de Texto*, Pioneira 1978.

———. (1974) (org.) *Pragmatik I: Interdisziplinäre Beiträge zur Erforschung der Sprachlichen Kommunication*. Fink, Munique.

SEUREN, P. (1969). *Operators and Nucleus*. Cambridge Univ. Press.

SGALL, P. (1967). "Functional Sentence Perspective in Generative Description". *Prague Studies in Mathematical Linguistics* 2, 203-225.

SLAKTA, D. (1971). "Esquisse d'une Théorie Léxico-semantique: pour une Analyse du Texte Politique (Cahiers de Doléances)". *Langages* 23, Didier-Larousse, Paris.

STAMMERJOHANN, H. (1975) (org.). *Handbuch der Linguistik*. Nymphenburger Verlagshandlung, Munique.

STEINITZ, R. (1969). "Adverbial-syntax". *Studia Grammatica* 10.

STEMPEL, W. D. (1971) (ed.) *Beiträge zur Textlinguistik*. Fink, Munique.

TESNIÈRE, L. (1959). *Eléments de Syntaxe Structurale*. Klincksieck, Paris.

THÜMMEL, W. (1968). "Subordination und Koordination von Sätzen". *III Linguistisches Kolloquium Über Generative Grammatik*, Univ. Stuttgart, Lehrstuhl für Linguistik. Papier 8. 113-149.

TODOROV, T. (1971). *Poétique de la Prose*. Seuil. Paris.

VOGT, C. (1977). *O Intervalo Semântico*. Ática, São Paulo.

———. (1980). *Linguagem, Pragmática, Ideologia*. Ed. Hucitec, São Paulo.

WEINRICH (1964). *Tempus. Besprochene und Erzählte Welt*. Stuttgart. 2a. ed., 1971.

———. (1966). *Linguistik der Lüge*. Verlag Lambert Schneider, Heidelberg.

WEIRINCH, H. et. al. (1967). "Syntax als Dialektik" (Bochumer Diskussion). In: *Poetica* 1: 109-126.

WEINRICH, H. (1976a). "Textsyntax des Französischen Artikles". In: CONTE (1977). *La Linguistica Testuale*. Feltrinelli Economica, Milão, 53-65.

———. (1976b). *Sprache in Texten*. Klett, Stuttgart.

———. (1976c). "Zur Einführung: Kommunikation, Instruktion, Text". In: (1976a), 11-20.

WUNDERLICH, D. (1968). "Pragmatik, Sprechsituation, Deixis". *Linguistik* 9, Univ. Stuttgart.

———. (1970). "Die Rolle der Pragmatik in der Linguistik". In: *Der Deutschunterricht* 22, fasc. 4, 5-41.

———. (1971). "Pragmatik-Sprechsituation-Deixis". *LiLi*, ano 1, fasc. 1, 2, 153-190. Trad. franc. *Langages* 26, Didier Larousse, Paris, 1972, 34-74.

OBRAS SOBRE GRAMÁTICA DE TEXTO PUBLICADAS PELO I. P. (INSTITUTO DE PESQUISAS LINGÜÍSTICAS "SEDES SAPIENTIAE" PARA ESTUDOS DE PORTUGUÊS DA PUC/SP)

LEITE, C. C. P. & SILVEIRA, R. C. P. da (org.) (1979). *A Gramática na Pesquisa e no Ensino*, São Paulo, Cortez Editora (Série "A Gramática na Pesquisa e no Ensino" n.º 1).

SILVEIRA, R. C. P. da. (1980). *Ensino de Gramática a Partir do Texto*. São Paulo, Cortez Editora (Série "A Gramática na Pesquisa e no Ensino" nº 2).

FAVERO, L. L. & BARIAN, E. M. (1980). *A Frase no Texto/Contexto*. São Paulo, Cortez Editora (Série "A Gramática na Pesquisa e no Ensino" nº 3).

LEITE, C. C. P. & SILVEIRA, R. C. P. da. (1981). *Princípios de uma Gramática de Texto*. São Paulo, Cortez Editora. (Série "A Gramática na Pesquisa e no Ensino" nº 4)

LEITE, C. C. P. & SILVEIRA, R. C. P. da. (1982). *Gramática de Texto: as relações/valores*. São Paulo, Cortez Editora. (Série "A Gramática na Pesquisa e no Ensino" nº 5).

LEITE, C. C. P., FAVERO, L. L. & SILVEIRA, R. C. P. da. (1982). *Linguagem e Pensamento: Reflexões Interdisciplinares*. São Paulo, Cortez Editora (Série "A Gramática na Pesquisa e no Ensino" nº 7).

LEITE, C. C. P. & SILVEIRA, R. C. P. da. (1983). *Análise dos Signos Lingüísticos — Relações/Valores*. São Paulo, edição experimental. (Série Gramática na Pesquisa e no Ensino" nº 8).

LIVROS DE LETRAS
DIGITALIZADO POR
PAMELA NIERO
http://linguisticagerai.wordpress.com

Impresso nas oficinas da

Produced with LibreOffice

ENCCEJA

ENSINO FUNDAMENTAL
LIVRO DO ESTUDANTE

LÍNGUA PORTUGUESA, LÍNGUA ESTRANGEIRA,
EDUCAÇÃO ARTÍSTICA E EDUCAÇÃO FÍSICA

LÍNGUA PORTUGUESA, LÍNGUA ESTRANGEIRA, EDUCAÇÃO ARTÍSTICA E EDUCAÇÃO FÍSICA

EXAME NACIONAL PARA CERTIFICAÇÃO
DE COMPETÊNCIA DE JOVENS E ADULTOS

encceja

EXAME NACIONAL PARA CERTIFICAÇÃO
DE COMPETÊNCIA DE JOVENS E ADULTOS

INEP Ministério da Educação

INEP Ministério da Educação

ENSINO FUNDAMENTAL
LIVRO DO ESTUDANTE

- República Federativa do Brasil
- Ministério da Educação
- Secretaria Executiva
- Instituto Nacional de Estudos
  e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
- Diretoria de Avaliação para Certificação de Competências

Língua Portuguesa, Língua Estrangeira, Educação Artística e Educação Física

Livro do Estudante

Ensino Fundamental

Língua Portuguesa, Língua Estrangeira, Educação Artística e Educação Física

Livro do Estudante

Ensino Fundamental

Brasília

MEC/INEP

2006

© O MEC/INEP cede os direitos de reprodução deste material às Secretarias de Educação, que poderão reproduzi-lo respeitando a integridade da obra.

Coordenação Geral do Projeto
Maria Inês Fini

Coordenação de Articulação de Textos do Ensino Fundamental
Maria Cecília Guedes Condeixa

Coordenação de Texto de Área
Ensino Fundamental
Língua Portuguesa, Língua Estrangeira, Educação Artística e Educação Física
Alfredina Nery

Leitores Críticos

Área de Psicologia do Desenvolvimento
Márcia Zampieri Torres
Maria da Graça Bompastor Borges Dias
Leny Rodrigues Martins Teixeira
Lino de Macedo

Área de Língua Portuguesa, Língua Estrangeira, Educação Artística e Educação Física
Área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias
Lygia Correa Dias de Moraes
Reginaldo Pinto de Carvalho
Zilda Gaspar de Oliveira Aquino

Diretoria de Avaliação para Certificação de Competências (DACC)
Equipe Técnica
Ataíde Alves – Diretor
Alessandra Regina Ferreira Abadio
Célia Maria Rey de Carvalho
Ciro Haydn de Barros
Clediston Rodrigo Freire
Daniel Verçosa Amorim
David de Lima Simões
Dorivan Ferreira Gomes
Érika Márcia Baptista Caramori
Fátima Deyse Sacramento Porcidonio
Gilberto Edinaldo Moura
Gislene Silva Lima
Helvécio Dourado Pacheco
Hugo Leonardo de Siqueira Cardoso
Jane Hudson Abranches
Kelly Cristina Naves Paixão
Lúcia Helena P. Medeiros
Maria Cândida Muniz Trigo
Maria Vilma Valente de Aguiar
Pedro Henrique de Moura Araújo
Sheyla Carvalho Lira
Suely Alves Wanderley
Taíse Pereira Liocádio
Teresa Maria Abath Pereira
Weldson dos Santos Batista

Capa
Marcos Hartwich

Ilustrações
Raphael Caron Freitas

Coordenação Editorial
Zuleika de Felice Murrie

L755 Língua portuguesa, língua estrangeira, educação artística e educação física : livro do estudante : ensino fundamental / Coordenação : Zuleika de Felice Murrie. – 2. ed. – Brasília : MEC : INEP, 2006.
170p. ; 28cm.

1. Língua portuguesa (Ensino fundamental). 2. Artes (Ensino fundamental). 3. Educação física (Ensino fundamental). I. Murrie, Zuleika de Felice.

CDD 372.6

Sumário

Introdução 8

Capítulo I
Interligando as linguagens 11
Cleuza Pelá

Capítulo II
Compreendendo as línguas estrangeiras 29
Márcia Lygia Ribeiro de Souza Casarin

Capítulo III
Corpo e sociedade 47
Isabel A. Marques

Capítulo IV
Arte: olhos para a vida 65
Marta Arantes

Capítulo V
Ler e viver o texto literário 83
Claudio Bazzoni

Capítulo VI
Gêneros de texto: temas, formas, recursos e suportes 99
Alfredina Nery e Maria José Nóbrega

Capítulo VII
Você sabe com quem está falando? 121
Yêda Maria da Costa Lima Varlotta

Capítulo VIII
Os tons e mil tons do português do Brasil 137
Maria José Nóbrega

Capítulo IX
Na boca do povo 159
Suely Amaral

Introdução

Este material foi desenvolvido pelo Ministério da Educação com a finalidade de ajudá-lo a preparar-se para a avaliação necessária à obtenção do certificado de conclusão do **Ensino Fundamental** denominada ENCCEJA – Exame Nacional de Certificação de Competências de Jovens e Adultos.

A avaliação proposta pelo Ministério da Educação para certificação do **Ensino Fundamental** é composta de 4 provas:

1. Língua Portuguesa, Língua Estrangeira, Educação Artística e Educação Física
2. Matemática
3. História e Geografia
4. Ciências

Este exemplar contém as orientações necessárias para apoiar sua preparação para a prova de **Língua Portuguesa, Língua Estrangeira, Educação Artística e Educação Física.**

A prova é composta de 45 questões objetivas de múltipla escolha, valendo 45 pontos, e de uma redação valendo 55 pontos.

Este exame é diferente dos exames tradicionais, pois buscará verificar se você é capaz de usar os conhecimentos em situações reais da sua vida em sociedade.

As competências e habilidades fundamentais desta área de conhecimento estão contidas em:

I. Reconhecer as linguagens como elementos integradores dos sistemas de comunicação e construir uma consciência crítica sobre os usos que se fazem delas.

II. Construir um conhecimento sobre a organização do texto em LEM e aplicá-lo em diferentes situações de comunicação, tendo por base os conhecimentos de língua materna.

III. Compreender a arte e a cultura corporal como fato histórico contextualizado nas diversas culturas, conhecendo e respeitando o patrimônio cultural, com base na identificação de padrões estéticos e cinestésicos de diferentes grupos socioculturais.

IV. Compreender as relações entre arte e a leitura da realidade, por meio da reflexão e investigação do processo artístico e do reconhecimento dos materiais e procedimentos usados no contexto cultural de produção da arte.

V. Compreender as relações entre o texto literário e o contexto histórico, social, político e cultural, valorizando a literatura como patrimônio nacional.

VI. Utilizar a língua materna para estruturar a experiência e explicar a realidade.

VII. Analisar criticamente os diferentes discursos, inclusive o próprio, desenvolvendo a capacidade de avaliação de textos.

VIII. Reconhecer e valorizar a linguagem de seu grupo social e as diferentes variedades do português, procurando combater o preconceito lingüístico.

IX. Usar os conhecimentos adquiridos por meio da análise lingüística para expandir sua capacidade de uso da linguagem, ampliando a capacidade de análise crítica.

Os textos que se seguem pretendem ajudá-lo a compreender melhor cada uma dessas nove competências. Cada capítulo é composto por um texto básico que discute os conhecimentos referentes à competência tema do capítulo. Esse texto básico está organizado em duas colunas. Durante a leitura do texto básico, você encontrará dois tipos de boxes: um boxe denominado de ***desenvolvendo competências*** e outro, de ***texto explicativo***.

O boxe ***desenvolvendo competências*** apresenta atividades para que você possa ampliar seu conhecimento. As respostas podem ser encontradas no fim do capítulo. O boxe de ***texto explicativo*** indica possibilidades de leitura e reflexão sobre o tema do capítulo.

O texto básico está construído de forma que você possa refletir sobre várias situações-problema de seu cotidiano, aplicando o conhecimento técnico-científico construído historicamente, organizado e transmitido pelos livros e pela escola.

Você poderá, ainda, complementar seus estudos com outros materiais didáticos, freqüentando cursos ou estudando sozinho. Para obter êxito na prova de **Língua Portuguesa, Língua Estrangeira, Educação Artística e Educação Física** do ENCCEJA, esse material será fundamental em seus estudos.

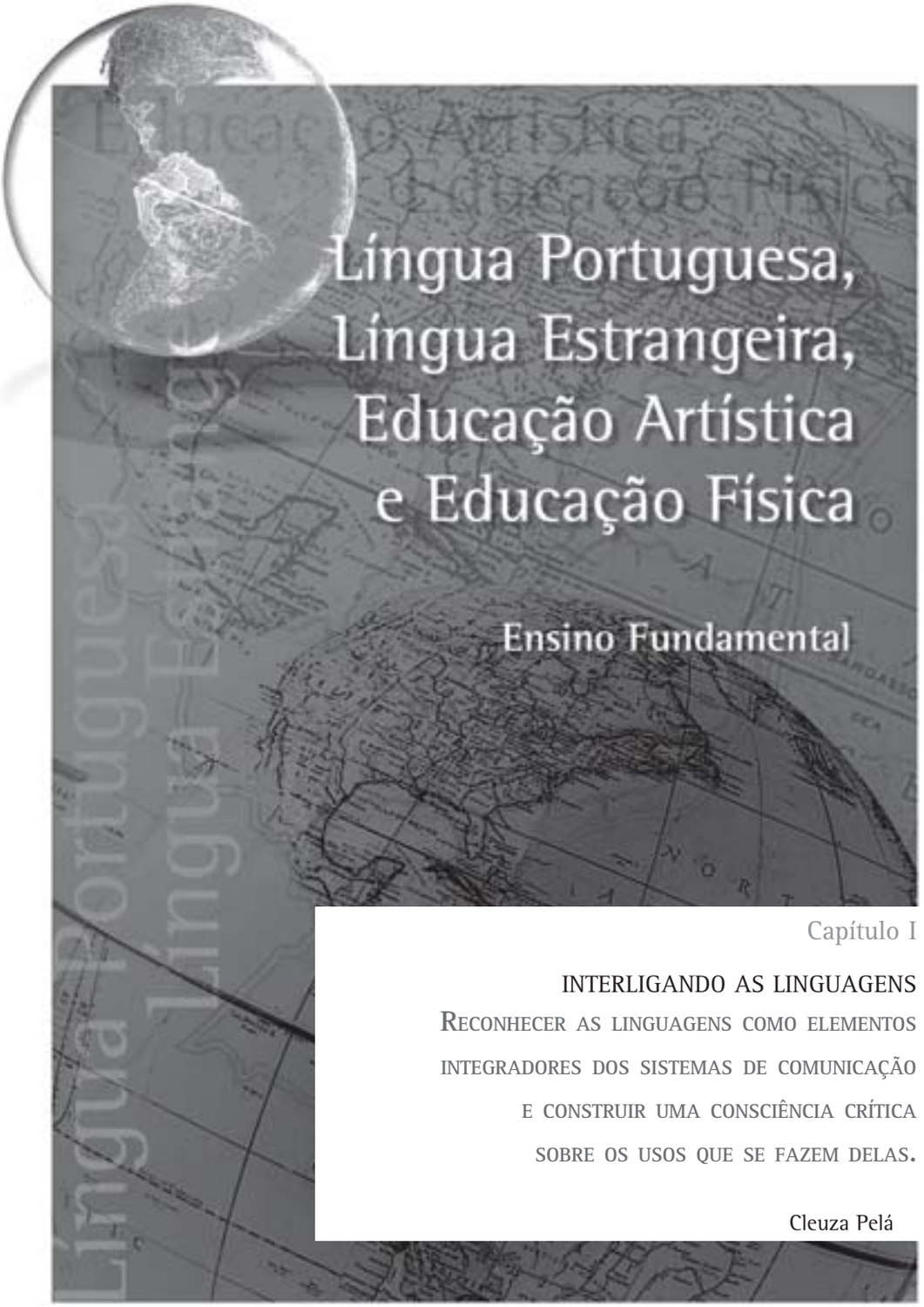

Capítulo I

INTERLIGANDO AS LINGUAGENS

RECONHECER AS LINGUAGENS COMO ELEMENTOS INTEGRADORES DOS SISTEMAS DE COMUNICAÇÃO E CONSTRUIR UMA CONSCIÊNCIA CRÍTICA SOBRE OS USOS QUE SE FAZEM DELAS.

Cleuza Pelá

Capítulo I

Interligando as linguagens

APRESENTAÇÃO

A leitura da história em quadrinhos abaixo nos mostra uma situação de comunicação.

Dois homens conversam sobre o fato de que alguém enviou uma mensagem escrita bastante longa, visto o número de pombos-correio que chegam até o local onde os dois estão.

Pensando sobre essa situação, podemos dizer que as pessoas podem se comunicar de diversos modos, usando a fala, a escrita, as imagens (pinturas, desenhos, fotografias), os gestos ou o corpo. Isso ocorre porque todos nós, normalmente, temos o que dizer sobre nós mesmos, nosso próximo, bem como sobre as coisas do mundo, da natureza e da sociedade em que vivemos. Nesse sentido, muitas vezes, usamos a linguagem para informar, divertir ou convencer alguém a mudar de idéia.

Como a linguagem faz parte do ser humano e das suas relações com o outro, tendo estreitas ligações com o poder, é preciso conhecer suas formas de expressão, por meio da fala e da escrita. É importante aprender a utilizar cada uma delas em uma sociedade de "letras", "sons", "imagens" e "gestos".

Esse conhecimento nos ajuda a conviver com nossos familiares, nossos colegas de trabalho e as demais pessoas que seguem conosco, mesmo estando longe no tempo e no espaço!

Neste capítulo, você poderá reconhecer as linguagens (verbal, visual, audiovisual, gestual, corporal, matemática ou combinada) e verificar como elas se relacionam em situações de interação comunicativa, bem como distinguir seu uso, a fim de poder se posicionar criticamente diante delas.

Nosso contato, nas próximas páginas, estará se desenvolvendo por meio de leitura, produção e análise de textos. Assim, prepare os sentidos, lápis, caneta e papel! Nosso processo de interação comunicativa já começou!

Figura 1
© Mauro Britto. 2002.

A LINGUAGEM VERBAL: ORAL E ESCRITA

Já aconteceu a você ou a uma pessoa conhecida pegar o jornal e olhar o caderno de classificados de emprego?
Deu para ver como anda o mercado de trabalho?

Há mais vagas em determinadas profissões?
Quais são as exigências dos empregadores?
Como podemos fazer para nos candidatarmos a uma vaga de emprego que parece interessante?

PENSANDO SOBRE UMA SITUAÇÃO...

Vamos considerar uma situação na qual uma pessoa tenta se colocar no mercado de trabalho. Em pequenas cidades ou vilas, ela pode conversar com vizinhos ou bater de porta em porta, perguntando se há vaga. Já nas grandes cidades, ela pode conseguir uma vaga, respondendo a anúncios publicados em jornais, pedindo para alguém indicá-la em uma firma ou, então, procurando uma agência de empregos.

VEJAMOS ALGUNS ANÚNCIOS CLASSIFICADOS

Figura 2 - *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, abr. 2002. Caderno Empregos.

É possível que, ao ler cada um dos anúncios, a tal pessoa tenha notado que são exigidas algumas formas diferentes de resposta:

- *Um pede para enviar o C.V. para um endereço específico ou uma caixa postal, portanto, pelo correio.*
- *Outro dá o número do telefone, esperando uma ligação.*
- *Outro dá o endereço eletrônico, indicando que a mensagem pode ser enviada pela Internet.*
- *Outro solicita o comparecimento para entrevista, em um tal local, dia, hora, ou seja, pessoalmente.*

Assim, considerando esses tipos de "respostas", leia o quadro a seguir:

Maneiras de responder ao anúncio.	*Qual é a modalidade de linguagem usada na produção da resposta?*	*Qual é a via utilizada para enviar a resposta?*
Enviar o currículo para uma caixa postal.	( ) Oral. ( ) Escrita. ( ) Combinada: oral e escrita.	( ) Correios. ( ) Telefone. ( ) Internet.
Ligar para o empregador.	( ) Oral. ( ) Escrita. ( ) Combinada: oral e escrita.	( ) Correios. ( ) Telefone. ( ) Internet.
Enviar o currículo por correio eletrônico.	( ) Oral. ( ) Escrita. ( ) Combinada: oral e escrita.	( ) Correios. ( ) Telefone. ( ) Internet.

C.V. = Curriculum Vitae

É uma expressão que vem do latim. Seu significado é 'curso da vida'. Nesse texto, devem aparecer alguns dados pessoais (nome/endereço/ telefone para contato/ escolaridade) e o histórico profissional (empresas em que trabalhou, experiências adquiridas).

Internet

É um conjunto de redes de computadores interligados que permite acessar, pesquisar e receber informações; enviar e receber mensagens e muitas outras coisas.

Bem, independente da forma de resposta escolhida, as três maneiras de responder a um anúncio de emprego merecem um planejamento. É preciso pensar como organizar as informações a serem oferecidas ao futuro patrão, usando a língua escrita ou oral (fala). Como fazer isso?

Se a resposta fosse para a vaga de "cortador", a pessoa teria duas opções: enviar o currículo pelo correio ou então por e-mail. A questão é: há uma vaga de cortador. Pode ser que muitos estejam procurando tal oportunidade. Assim, em que a tecnologia poderia ajudá-lo?

CORTADORES
E Aux. de Produção, precisamos, C/exp. em Bolsas e Cintos em couro. Enviar C.V. p/ Rua Antonio Agú, 512 sala 14 Osasco - Centro Cep: 06093-003/SP ou e-mail: rh@rmansur.com.br

Figura 3

A História do Brasil tem um exemplo bem interessante. Em 1500, a carta que Pero Vaz de Caminha escreveu sobre as belezas da nossa terra, dos nativos, dentre outras coisas, levou alguns meses para chegar ao rei de Portugal. Hoje, com o avanço da tecnologia, levamos segundos para enviar uma mensagem aos quatro cantos do mundo, via Internet!

Desse modo, qual a finalidade da indicação de um endereço eletrônico em determinados anúncios? O que tal atitude poderia nos mostrar?

Como sabemos, a linguagem verbal é uma característica da espécie humana. Ela é composta por um conjunto de palavras (elementos verbais; signos verbais) por meio do qual falamos, ouvimos, lemos e escrevemos. No nosso caso do anúncio de emprego, esses modos de expressão se dão pela língua portuguesa, e cabe a nós a análise do contexto de produção dessas modalidades, das possíveis intenções do empregador. Devemos decidir qual caminho seguir. Afinal, a linguagem verbal e suas modalidades (escrita ou oral) estão presentes em nosso dia-a-dia, em nosso trabalho, e podem ser usadas para informar, conhecer, expressar desejos e sentimentos, conseguir o que pretendemos e muito mais!

Enfim, cada situação de comunicação envolve pessoas (um "eu" e um "tu"), com seus modos de entender a vida, seus interesses, suas necessidades, suas intenções. Por isso, ao lermos, ao escrevermos, ao falarmos, ao ouvirmos, demonstramos intenções e (re)construímos os sentidos das coisas do mundo.

LINGUAGENS E FORMAS DE EXPRESSÃO

Já sabemos que o ser humano usa diferentes linguagens e formas de expressão para mostrar o que sente, como vê o mundo ou para registrar o dia-a-dia. Essas linguagens e formas de expressão muitas vezes são combinadas para facilitar nossa compreensão.

E-mail

É o mesmo que correio eletrônico, ou seja, é um sistema de comunicação usado para troca de mensagens via Internet. Para ter acesso a tal sistema, é preciso um endereço eletrônico.

Desenvolvendo competências

1 *Lendo e escrevendo textos.*

Observe as ilustrações a seguir e a legenda que acompanha cada uma delas. Depois, escreva a resposta adequada às duas perguntas abaixo.

- *Qual(is) linguagem(ns) foi(foram) usada(s) – a verbal, a visual, a audiovisual, a sonora, a gestual, a corporal, a matemática ou a combinada?*
- *Qual(is) a(s) forma(s) de expressão utilizada(s) – a falada, a escrita, a fotográfica, a televisiva, a musical, a onomatopaica, os sinais manuais, a corporal, a geométrica, a numérica ou a combinada?*

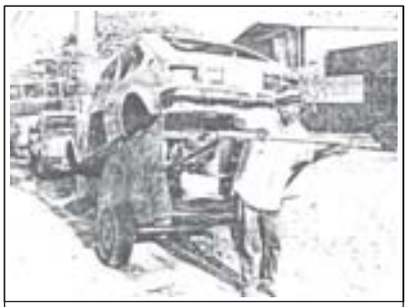

Figura 4 - Do Fiat sobrou só a carcaça, que é levada pelo carroceiro para o ferro-velho

O Estado de S. Paulo, São Paulo, 13 abr. 2002. Cad. Cidades, p.C.2.

Figura 5 - Homem moderno. Um ambiente de trabalho.

Época. São Paulo, v. 2, n. 54, p. 119, maio 1999.

Figura 6 - Radiografia dos Acidentes
Centro de Pesquisas em Educação e Prevenção
da Rede Sarah
Instituto de Ortopedia e Traumatologia da USP.

Época. São Paulo, v. 1, n. 41, p. 67, mar. 1999.

Figura 7 - Balé da Cidade estréia Shogun (ao meu avô), de Ivonice Satie.

Agenda Cultural-SP, v. 8, n. 92, p.6, ago. 2000.

Legenda

É um texto curto que indica ou esclarece um aspecto importante de uma ilustração ou foto.

REFLETINDO...

Já sabemos que há pontos importantes que ajudam a organizar uma conversa ou um texto escrito. Mas o ser humano vive só de linguagem verbal?

Não dá para esquecer a relação entre a linguagem verbal e as outras linguagens. Essa relação é encontrada em diferentes formas de expressão!

Em que lugar entra o desenho, a pintura, a história em quadrinhos, a fotografia, os filmes e os vídeos, a telenovela, a dança, a mímica, as peças de teatro...?

Muitas são as linguagens inventadas pelo ser humano para se expressar, comunicar-se, interagir, atingir o outro, seu parceiro na situação de comunicação, de interação e de vida.

Além dos exemplos expostos na atividade anterior, pense em outros... Converse com seus amigos sobre a combinação de linguagens utilizada nas artes que tanto nos fascinam!

DISTINGÜINDO OS RECURSOS DAS LINGUAGENS

O homem age pela linguagem em diversas situações. Por exemplo: na feira, gritando as mercadorias aos fregueses – "Olha a abobrinha, dona Aninha!!!!"; no trabalho, escrevendo relatórios para seu chefe.

Vamos, então, ler juntos alguns tipos de textos e verificar a finalidade deles, ou seja, para que foram usados e que recursos foram empregados na composição, a fim de podermos distinguir cada um deles em qualquer situação de comunicação.

PARA EXPLICAR, É SÓ COMEÇAR!

SITUAÇÃO DO DIA-A-DIA

Numa conversa entre dois amigos, um diz para o outro:
– Não entendi! O que você quis dizer com essa fala? Ah! Explique melhor o que você acabou de dizer, vai!!!

Você já deve ter vivido essa situação em algum momento de sua vida. Sabia que, ao fazê-lo, você estava pedindo para seu interlocutor usar a linguagem para explicar a própria linguagem?

Vejamos outros exemplos. Você já ouviu falar dos textos curtos, postos em forma de colunas, no dicionário, e que se chamam verbetes? O texto A, a seguir, é um exemplo dessa espécie de texto.

AUÊ – s.m. Situação dominada por grande alvoroço; confusão, tumulto, rebelião < armou um auê pelo serviço malfeito > ver sinônimo de confusão; ver antônimo de confusão.

Texto A

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. Verbete adaptado.

É isso mesmo. Você acertou se disse que a finalidade é definir uma palavra da Língua Portuguesa, no caso, "auê", usando para isso outras palavras de nossa língua.

E que recursos de nossa língua confirmam tal finalidade?

Esse verbete de dicionário apresenta, logo no início, as abreviaturas "s.m.", que querem dizer substantivo masculino; em seguida, apresentam-se alguns significados da expressão "auê" e um exemplo de seu uso, além da indicação para ver o sinônimo e o antônimo da palavra "confusão". A linguagem utilizada é bem resumida e objetiva, com frases curtas e sem adjetivos. O autor busca oferecer somente informações precisas ao longo do texto.

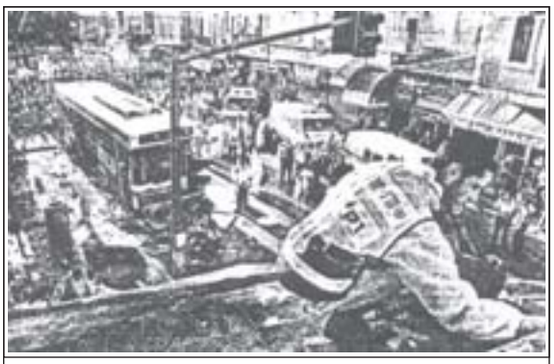

Texto B - **Destruição**. *A explosão, na movimentada Rua Jaffa, foi assumida pelo grupo Brigadas dos Mártires de Al-Agsa.*

O Estado de S. Paulo, São Paulo, 13 abr. 2002.

• Qual a finalidade da legenda posta abaixo da imagem fotográfica? Ela pode ajudar a esclarecer onde ocorreu o fato ou a explicar o que aconteceu em determinado lugar e quem se responsabilizou pela situação. De qualquer modo, *a linguagem verbal escrita* da legenda e *a linguagem visual da foto* juntas compõem um texto pleno de significação.

• Que recursos de linguagem foram usados? Temos a combinação da linguagem visual com a verbal, no caso, fotografia e legenda. Na legenda, costuma aparecer, em negrito, uma palavra que resume a situação apresentada; por exemplo: **Destruição**. Esta palavra é seguida de um texto também resumido, escrito em um tipo de letra chamado itálico: "*A explosão, na movimentada Rua Jaffa, foi assumida pelo grupo Brigadas dos Mártires de Al-Agsa".*

Desenvolvendo competências

2

Lendo e escrevendo textos.

Quando você estuda, por exemplo, História, Geografia e lê jornais ou livros, você define ou explica o que entendeu? Qual a importância dessa prática na sua vida?

Que tal folhear algumas revistas ou jornais e localizar fotos com legendas? Procure observar a relação entre a imagem e os dizeres da legenda. Os textos se completam?

Você acha que olhar a combinação da imagem com a legenda pode proporcionar aos leitores uma compreensão melhor dos fatos?

PARA EXPRIMIR SENTIMENTOS É SÓ SONHAR

Vamos ler o texto A a seguir. Observe o destaque que os autores deram para algumas letras no título e para os dois versos escritos inteiramente com letras maiúsculas. Que idéia pretendiam nos oferecer?

DESCULPE O AUÊ

(Rita Lee/Roberto de Carvalho)

Desculpe o auê
EU NÃO QUERIA MAGOAR VOCÊ
Foi ciúme, (...)
Fiz greve de fome, (...)
Perdi a cabeça, esqueça!
Da próxima vez eu me mando
QUE SE DANE MEU JEITO INSEGURO
Nosso amor (...)

Texto A

LEE, Rita. Rita Lee acústico MTV. São Paulo: Polygram do Brasil Ltda, p.1998. 1 CD, f. 13

Ao analisarmos a música "Desculpe o auê", de Rita Lee, grande intérprete da música brasileira, verificamos que os autores tinham por finalidade **exprimir os sentimentos e as emoções** de uma pessoa em relação a um fato determinado: uma briga por motivo de ciúme. Possivelmente, deve ter sido por isso que usaram letras, em tamanhos diferentes, no título e em dois versos, como que destacando essas idéias.

E os recursos de linguagem? Na música, combinamos várias linguagens e formas de expressão: verbal escrita (letra do texto), verbal oral cantada (quando a Rita canta a música e a banda acompanha) e a sonora/musical (arranjos melódicos). Tanto é assim, que, na canção, temos uma combinação da forma e do conteúdo, do sentido e do ritmo das palavras, formando, com o uso de versos curtos, o tom bastante pessoal do auê "cantado".

Repare como a pessoa que canta ao longo do texto exprime o que sente, mostrando emoção! Olhe o emprego dos pronomes de primeira pessoa "eu", "me", "meu", "nosso"; o emprego dos verbos também na primeira pessoa "queria", "fiz", "perdi", "mando", e o emprego da pontuação (vírgula e ponto de exclamação). Esses são recursos que, usados adequadamente, enriquecem e fortalecem a expressão do eu.

ESCREVENDO TEXTOS

Você já escreveu uma carta ou um bilhete de amor? Que tal usar os recursos de linguagem que comentamos e escrever um texto bem "caloroso" para alguém que desperta em você "fortes emoções"?

PARA EXPOR IDÉIAS, É SÓ EXPERIMENTAR!

Profissionalmente ou como estudantes, as pessoas escrevem relatórios de vários tipos: administrativo, de estágio, de experimentos em Ciências etc. Leia os trechos do relatório a seguir e observe o sentido das expressões grifadas; elas indicam as ações, os sentimentos e as expectativas de seu autor diante do assunto apresentado, porém, de modo muito diferente da carta ou do bilhete que você escreveu.

Verso

É cada uma das linhas que compõem a canção.

RELATÓRIO DE EXPERIMENTO
EM CIÊNCIAS

*Na aula de Ciências, **eu** e **meu** grupo **levamos** uma garrafa com água, dois **potinhos** de tintas de cores diferentes, três cravos, uma tesoura e quatro copos. **Nós colocamos** um **pouquinho** de tinta de cor diferente em cada um dos copos. (...) Depois, **juntamos** um pouco de água (...). Em seguida, **cortamos** ao meio o talo de uma flor. Ela ficou com duas **perninhas**. As outras duas ficaram do mesmo jeito. **Pegamos** a flor de talo cortado e **colocamos** metade do talo em um copo com água de uma cor e a outra metade no outro copo com a outra cor. As flores que estavam com o talo inteiro, sem cortes, **nós pusemos** uma em cada um dos outros copos. **Deixamos** os copos na escola e **fomos** para casa.*
*No dia seguinte, **observamos** que a cor das pétalas das flores tinham ficado da mesma cor da água do copo no qual estavam. A flor que teve seu talo dividido em dois copos, com água colorida em cores diferentes, ficaram com duas cores. As flores que não tiveram os talos cortados ficaram de uma cor só. É porque as flores têm veias que levam a água desde o talo até cada **pedacinho** das pétalas.*
*Foi **bem** interessante essa experiência. (...) Esse é o **meu** relatório da experiência de Ciências.*

Belém, 3 de junho de 2002. Rodrigo da Silva Luzia
(6ª série A, nº 28.) - (Texto autêntico)

REALIDADE, PALAVRAS, IMAGEM E AÇÃO

Olha só a linguagem dando forma e movimento à imaginação...

UUUHHHH! – Os ventos balançam as árvores e os homens pré-históricos tentam imitar cada um dos sons ouvidos. Conta-se que eles viam, por exemplo, sua família e animais correndo pelo campo e tinham a idéia de pintar 'suas visões', com seiva de plantas. Dizem que as primeiras imagens de animais, objetos e acontecimentos datam de 20.000 a.C.

OOHHHH! – Um pessoa com um livro aberto sobre o colo começa a ler: "Era uma vez, em um castelo distante, um rei e uma rainha..." . Todos que estão ao redor dela ouvem fascinados, com olhos brilhantes, e se põem a imaginar a história contada.

CLIC! – Com uma caixa preta e um jogo de luzes, o homem "prende" a imagem no papel. O mundo, de boca aberta, vê surgir a fotografia em preto e branco e, depois, a colorida.

ZUUMMM! – De foto em foto, postas seqüencialmente, a imagem "presa" no papel ganha movimento. Surge o cinema mudo. Depois, com a introdução do som e das vozes, o cinema falado nos hipnotiza.

CLIC...ZUM! – E, por fim, surge a caixa com imagens em movimento, com falas e tudo mais. Na tela, aparece a vila, a cidade, o país, o mundo. A televisão invade os lares de quase todos os povos.

Refletindo sobre essa seqüência, podemos pensar como o homem, a partir de determinados objetivos, necessidades e interesses, foi usando a imaginação para criar linguagens ou formas de comunicação, de expressão e de interação. Graças a algumas invenções, a nossa relação com as pessoas e com o meio ambiente foi se transformando e afetando muitos aspectos de nossas vidas. Vamos refletir um pouco.

Você já parou para pensar quantas horas por dia as pessoas vêem TV?

Pesquisas feitas indicam que as pessoas vêem TV por mais de três horas. Assim, ao refletirmos sobre a influência da TV na vida das pessoas, acabamos por pensar sobre a qualidade da programação (novelas, telejornais, desenhos animados, documentários, espetáculos sensacionalistas, programas de auditório, filmes etc.) que é veiculada por esse meio de comunicação.

Como há alguns programas bons e outros muito ruins, quer dizer que poderíamos pedir para que mudassem a programação ou melhorassem sua qualidade?

Considerando que, para alguns de nós, a TV é um meio de diversão, de entretenimento, um "lugar" onde conseguimos saber as últimas notícias e quase todas as novidades do Brasil e do mundo, é preciso saber avaliar os textos que nos chegam! Essa atitude pode nos transformar em espectadores-cidadãos e não em simples consumidores.

Por isso, precisamos aprender a "ler a imagem que é passada pela televisão" e não apenas assistir a ela, passivamente. Daí ser necessário relembrarmos os pontos principais do contexto de produção e os recursos da linguagem utilizados para atingir uma finalidade, bem como experimentarmos análises e reflexões sobre a programação da TV.

REFLEXÃO - PARTICIPANDO DE LONGE, MAS TÃO PERTO!

Dentre as muitas formas de participação na programação da TV que já vêm ocorrendo, temos a do controle remoto. Por exemplo, uma pessoa chega cansada em casa, liga a TV para saber das últimas notícias. Põe na Rede Brasil, na Globo. Depois pula para o SBT, a TV Senado; vai para a Record, a MTV, a Rede Vida; passa para...

Ao assistir à TV, é comum a pessoa ir trocando de emissora até achar aquela que mais lhe agrada. Tal comportamento mostra que, de uma certa forma, ela está escolhendo a programação! Claro que é uma programação determinada pelas emissoras, mas...

Essa nossa escolha de programa na TV aberta, comercial, via controle remoto, mexe com a audiência, com os números do IBOPE! São esses números que indicam para as emissoras e seus anunciantes se estão agradando ou não? Pois é! Se não estiverem satisfazendo o público, mudam a programação, porque precisam do telespectador que tem o poder de comprar bens materiais, certos tipos de serviços.

Uma das relações que temos com a TV envolve economia, consumo! Se a programação está dando IBOPE, os anunciantes vendem seus produtos, seus serviços! Diante disso, é preciso saber avaliar criticamente as propagandas ou os anúncios que são veiculados entre um e outro capítulo da novela, nos intervalos dos telejornais, enfim, durante a programação.
Você pergunta como?

Em um anúncio temos a imagem, o som, as palavras e muitos outros elementos. Embora não dê para pormos neste fascículo as imagens em movimento com boa parte desses elementos, dá para lembrarmos de alguma propaganda na telinha. Ao pensarmos sobre o tipo de consumidor que o anunciante quer atingir, devemos refletir sobre quais suas reais intenções e que tipo de necessidade ele quer criar na gente.

Figura 8

Desenho animado

Filme composto de uma sequência de desenhos, cada qual ligeiramente diferente do seguinte, de tal forma que, ao serem projetados sobre a tela, são vistos como se estivessem em movimento .

Espetáculos sensacionalistas ou *reality shows*

São uma espécie de programa que busca transmitir ao vivo, sem edição, cenas do cotidiano, de desastres, de fatos sensacionalistas e situações semelhantes.

IBOPE

Instituto Brasileiro de Opinião e Pesquisas Estatísticas – é um órgão que verifica a audiência das programações. A pesquisa é feita a partir das informações coletadas, durante um tempo (horas, dias, semanas...), em algumas regiões, cidades, vilas, por um aparelho, chamado peoplemeter*, que fica no televisor que está na casa das pessoas. Com essas informações, dá para imaginar o sexo, a idade, a escolaridade, o gosto e os desejos de quem assiste a determinada programação! A quem interessam esses dados? Nós já sabemos a resposta: às emissoras, aos anunciantes!*

IMAGINANDO E ANALISANDO TEXTO

Vá imaginando...

Cena 1 – Uma família: pai, mãe, filha e filho entram sorridentes em uma cozinha, com uma mesa posta para café da manhã com pães e bolos. A janela está aberta e é possível ver o sol brilhando lá fora. De fundo, ouvimos uma canção suave.

Cena 2 – A câmera focaliza o fogão e mostra uma chaleira 'assobiando', indicando que a água já está quentinha para a mãe fazer o café.

Cena 3 – O pai vai até o armário, pega um pote dourado e leva-o para mesa. Nisso, algumas abelhinhas amarelo-ouro sobrevoam o pote e os pães que estão em uma cestinha, em cima da mesa. Por fim, elas saem pela janela em direção ao sol.

Cena 4 – A mãe põe o bule de café ao lado da caneca de leite. Os filhos olham com carinhas de gulosos para o pote dourado e os pães. O pai abre o pote, pega uma faca e, lentamente, a câmera focaliza o creme amarelo-ouro, deslizante.

Cena 5 – As abelhinhas retornam (sol - pote) e formam o nome do produto: "MANTEIGA MEL DE OURO". Ao fundo, um voz feminina, suave e gostosa diz: "A sua família merece uma manteiga saborosa e saudável!".

Pelo resumo das cenas, você conseguiu imaginar a seqüência de imagens, de cores, de assobios, de zumbidos e de gestos que desfilaram ao som da trilha musical suave?

A linguagem desse comercial é uma combinação de várias linguagens que cria em nós a sensação de pureza, de união familiar e de segurança, levando-nos a desejar "aquela" vida saudável misturada com a natureza (sol, abelhas...).

Fica fácil para você dizer a quem se destina esse anúncio publicitário de manteiga? Qual teria sido a real intenção do autor dessa propaganda veiculada pela TV?

Possivelmente, esse anúncio está endereçado às pessoas que respondem por uma família, que se preocupam com o bem estar de seus filhos. Quanto à intenção, que tal comprar um pote de manteiga Mel de Ouro? Será que ela é mesmo menos prejudicial à saúde que uma margarina vegetal?

É complicado identificar as linguagens na TV, (re)construir os sentidos adequados à situação e às intenções do autor? Calma! Aos poucos, você vai vendo o modo como as linguagens são usadas, vai ampliando o olhar e lendo criticamente toda a programação!

A propaganda em TV usa uma combinação de linguagens: a visual, a sonora e, às vezes, de modo econômico, a verbal-escrita e falada.

REALIZANDO O ESPETÁCULO

Você já deve ter visto a programação da TV apresentada pelos jornais e revistas impressos ou pelos programas de rádio. A que as pessoas têm assistido? Às novelas, aos filmes, aos telejornais, aos jogos de futebol, aos debates, aos programas de auditório ou aos reality shows? Pode ser que sua resposta seja: ao futebol, às novelas ou, então, aos programas de auditório, à Casa dos Artistas ou ao Big Brother Brasil!

Além de querer estar na "telinha", nos programas de auditório, parece que o Brasil e o mundo têm uma nova mania – "espiar" a vida alheia, via televisão!

Os programas Casa dos Artistas e Big Brother Brasil são chamados de *reality shows*. Neles, são transmitidos, ao vivo, sem edição, os acontecimentos do dia-a-dia de um grupo de pessoas preso em uma casa. Já imaginou você numa situação parecida com a desse pessoal, sendo vigiado por câmeras por todos os lados?

Apesar desse tipo de programa ser um modismo, pense sobre a situação.

• Quem é o autor desses programas? A quem eles são destinados? O que tem por detrás das cenas oferecidas diariamente? Será que os programas de auditório seguem o mesmo 'jeitão'?

LENDO E ESCREVENDO TEXTOS

Reflita sobre as afirmações do professor de Ética, Eugênio Bucci e dê sua opinião a respeito do tema tratado por ele.

> *Os* reality shows*, com sua mensagem de que fama justifica toda sorte de humilhação, são o pior tipo de moral que poderíamos ter.*
> *(...) esses programas ensinam que privacidade e liberdade são valores que se trocam por meia dúzia de holofotes, que ser alguém na vida é ir para a Casa dos Artistas, que o circo televisivo tem o direito de seqüestrar qualquer um que a isso se submeta, que esse tipo de seqüestro é a sorte grande.*
>
> BUCCI, Eugênio. Quanto vale a sua privacidade? *Revista Nova Escola*, São Paulo, v. 17, 151, p. 14, abr. 2002.

PRÓXIMA ATRAÇÃO – A NOVELA

A novela do rádio e da TV é uma espécie de texto que busca tanto retratar quanto criticar a realidade. Assim, conhecer como se dá sua organização é um primeiro passo para podermos avaliá-la, refletindo sobre sua possível influência no comportamento das pessoas.

Pegue lápis, papel e vá assistir a uma novela.

Procure registrar informações sobre o capítulo que você estiver vendo. Observe os tipos de pessoas que compõem alguns grupos familiares ou de amigos, relacionando-os com os lugares onde normalmente eles aparecem. Olhe o cenário e o figurino! Os detalhes poderão ajudá-lo a identificar a classe social, a profissão, as preferências do pessoal.

Repare no modo como a história é contada, como os acontecimentos vão ocorrendo e como as personagens reagem às situações; observe se há diferenças entre os grupos apresentados; se o modo de falar é igual nos diferentes grupos ou se há variações; se os cenários são indicativos das classes sociais diferentes.

Edição
É a montagem de um programa final. Para isso, é preciso selecionar imagens e organizá-las em uma seqüência determinada por um roteiro.

Ética
É um conjunto de normas, valores e atitudes que ajuda a organizar o comportamento de uma pessoa, um grupo ou uma sociedade.

Desenvolvendo competências

3

Lendo e escrevendo.

Considerando sua reflexão no trecho anterior, vamos pensar com cuidado sobre a linguagem usada pelas personagens de novelas.

Escreva algumas "falas" das personagens dos diferentes grupos. Lembre-se de registrar também o cenário. Se não, a fala ficará solta, sem contexto! Depois, compare-as e verifique se:

- *o assunto da conversa está adequado à cena.*
- *a fala da personagem está de acordo com a situação e com seus interlocutores. Caso contrário, como tal situação poderia ser resolvida?*

Sobre o modo de falar, é interessante conhecer o ponto de vista do crítico de TV Eugênio Bucci.

Ele diz que:
"quem faz papel de nordestino [na TV] é quase sempre um carioca. (...) No horário nobre, o "nordestinês" falsificado, cheio de facilitações (...) substituiu os sotaques nordestinos autênticos e, no mesmo movimento, cassou aos nordestinos o direito de aparecer na TV. (...) Como cassou o direito à voz dos caipiras. Se há um som que é banido do entretenimento chique no nosso país, esse som é o "erre" dos caipiras. (...) A fala do interiorzão de São Paulo, de parte de Minas, do Paraná, essa fala é emudecida pela TV, é uma minoria política, é perseguida como se fosse a própria mula-sem-cabeça. (...) Correntemente, a TV quer eliminar o fatídico "erre" do rude e doloroso idioma. Quer mantê-lo apenas como curiosidade remota, como a moda de viola, o bicho-de-pé, o fumo-de-rolo, os bailes de Ituverava. Você nunca viu um apresentador de telejornal do meio-dia que, em vez de emitir seu "boa tahrhde" aspiradamente acariocado, espremesse dos lábios um "tarrrdê" acaipirado. Dificilmente verá. Assim como dificilmente verá um nordestino curtido e seco, genuíno, cerrando os olhos no papel de galã. Você os verá como os vê, nos programas humorísticos, passando por bobalhões que não percebem a malícia dos inimigos que lhes cobiçam as mulheres, você os verá em funções subalternas, melancólicas, você os verá como vê os animais em extinção. (...) Na TV, o banimento dos sotaques corresponde ao banimento das diferenças no ideal de Brasil integrado. O Brasil que idolatramos é um Brasil de mentira."

BUCCI, Eugênio. Sotaques desterrados. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 2 jun. 2002. TVFolha, p.2.

ESCREVENDO TEXTOS

A linguagem diz muito e revela várias características de um grupo de pessoas, seus valores, suas crenças, suas manias. Por isso, que tal escrever uma carta para a produção da novela que você observou ou para alguma revista pedindo um espaço para discussão? Discuta o modo de falar das personagens e comente como é importante a variação da linguagem em situações reais de interação comunicativa.

A RÁDIO EJA ESTÁ NO AAARRRRRRR!

Às vezes, sentimo-nos sozinhos em casa, no trem, no ônibus, no carro e aí ligamos o rádio! A voz do apresentador que nos fala torna-se nossa companhia. Entramos de corpo e alma na programação radiofônica e, sem ao menos esperarmos, começamos a cantarolar, batucar levemente e sorrir!

As emissoras de rádio usam e abusam da linguagem oral, não é mesmo?

Você sabia que freqüentemente o texto que ouvimos durante a programação do rádio é escrito antecipadamente e até as engasgadas do nosso apresentador preferido são previstas para o discurso dele?

Vamos confirmar!

Desenvolvendo competências

4 *Ouvindo e escrevendo textos.*

Combine com um colega a audição de trechos de programas de duas emissoras. Procure reparar se a linguagem flui normalmente ou se é quebrada, pausada. Observe se as expressões usadas pelo(s) apresentador(es) dos programas fazem parte do seu dia-a-dia ou se são mais trabalhadas.

Depois, pense sobre quem organizou a programação e procure compreender como tal profissional deve ter imaginado o público ouvinte dos programas de modo geral. Procure imaginar a idade das pessoas que compõem esse público, até que ano elas estudaram e outras características que você achar importantes.

Como garantir a qualidade da programação de uma emissora de rádio? Escreva para a emissora dando sua opinião sobre a programação, considerando o trabalho que você fez com seu colega ou então telefone para o apresentador de seu programa favorito e sugira assuntos que possam ser de interesse das pessoas de sua idade.

Você deve ouvir as notícias do dia, não é? As informações oferecidas têm qualidade, são dadas totalmente ou você nota que alguém, talvez o jornalista, deve ter selecionado alguns aspectos da matéria antes de levá-la ao ar?

Não haveria aí uma atitude premeditada? Pense sobre isso e discuta com algum colega.

NAVEGAR OU DAR UMA OLHADA

Imagine a seguinte situação:

Uma pessoa diz que, na prova final de um curso que você está fazendo, cairá uma questão sobre textos de livros, jornais ou revistas impressos e textos que aparecem na tela de computador!
O que você faz?

Se você pensou em *selecionar* livros, jornais e revistas para *examinar* que tipos de textos eles trazem, já é parte de um caminho. Depois, que tal dar uma olhada nos hipertextos de uma página da Internet como a do exemplo ao lado? Há semelhanças entre todos os textos que você analisou?

Após tal exame, você deve ter concluído que alguns textos são impressos em livros, jornais e revistas; outros são apresentados em meio eletrônico, como na tela de um computador. Que tal identificar as características de cada um deles no teste a seguir e tirar mais conclusões?

É hora de teste!

Livro	*Jornal*	*Revista*	*Computador*	*Algumas características e funções*
				Apresenta título, subtítulo.
				Possui índice ou sumário.
				É dividido por seções ou capítulos ou cadernos ou colunas ou *links.*
				Tem numeração de páginas.
				Traz várias espécies de textos.
				Contém propaganda.
				Verificam-se jogos de interesses entre quem escreve e quem lê.
				Pode ser lido linha por linha (leitura linear).
				Pode ser lido por blocos de informação (leitura seletiva).
				Toca música ou dá para conversar em voz alta com outra pessoa.

O que você achou do exame rápido das características e funcões dos suportes de textos indicados? Sabia que, ao fazer isso, você estava "frente a frente" com a linguagem verbal, audiovisual?

Hipertexto

É um conjunto de textos verbais e visuais ligados por conexões que você mesmo faz, de acordo com seu interesse.

Links

Links são textos curtíssimos que estão ligados a outros textos que mantêm conexão com outros textos e assim sucessivamente. Com um toque no mouse, *você vai entrando em contato com cada um deles e formando o seu próprio texto de leitura.*

ENCERRANDO NOSSO CONTATO

Você sabe que a utilização da linguagem é uma das características do ser humano. Por meio dela, é possível representar, interpretar as coisas do mundo, os fatos, os acontecimentos, os sentimentos, as ações e as reações dos seres vivos. Você também sabe que, quando se combinam sons, cores, imagens e gestos, expressão corporal, a linguagem adquire vários aspectos: verbal, visual, gestual, corporal.

Você já sabe também que a linguagem faz parte de um processo de interação comunicativa entre duas ou mais pessoas (interlocutores) e que elas podem usá-la ora para expressar o mundo, suas emoções, ora para mostrar ou ocultar suas reais intenções, ora para envolver, modificar e/ou formar a opinião do outro.

Você sabe que as novas tecnologias estão aí e as formas de interação comunicativa, os conhecimentos acumulados e todas as outras formas de expressão humanas estão em transformação. Como conseqüência disso, as coisas ao nosso redor, o pessoal de nosso grupo de convivência, nós mais toda a sociedade estamos nos transformando! Assim, as novas tecnologias pedem novas formas de comunicação, de interação, de conhecer o mundo e os outros.

Diante de tudo isso, esperamos que você seja capaz de reconhecer e saber usar tanto as linguagens quanto as tecnologias; de verificar como se integram e de distingüir seu uso em situações de interação comunicativa, tendo em vista um objetivo: o de que você possa intervir, solidariamente, na realidade, respeitando a si mesmo, ao próximo, ao meio ambiente e tornando, dessa forma, a vida em sociedade mais humana e feliz.

Conferindo seu conhecimento

1

Figura 4 *(L – Linguagem usada): combinada – visual e verbal;*
(E – forma de expressão utilizada): imagem fotográfica e escrita
Figura 5 *(L): combinada – audiovisual, verbal; (E) combinada – oral/falada + televisiva e escrita*
Figura 6 *(L): combinada – verbal, matemática; (E): combinada – escrita, geométrica e numérica*
Figura 7 *(L): combinada – corporal e sonora; (E) combinada – dança e musical*

Orientação final

Para saber se você compreendeu bem o que está apresentado neste capítulo, verifique se está apto a demonstrar que é capaz de:

- Reconhecer as linguagens como elementos integradores dos sistemas de comunicação.
- Distingüir os diferentes recursos das linguagens, utilizados em diferentes sistemas de comunicação e informação.
- Recorrer aos conhecimentos sobre as linguagens dos sistemas de comunicação e informação para resolver problemas sociais e do mundo do trabalho.
- Relacionar informações sobre os sistemas de comunicação e informação, considerando sua função social.
- Posicionar-se criticamente sobre os usos sociais que se fazem das linguagens e dos sistemas de comunicação e informação.

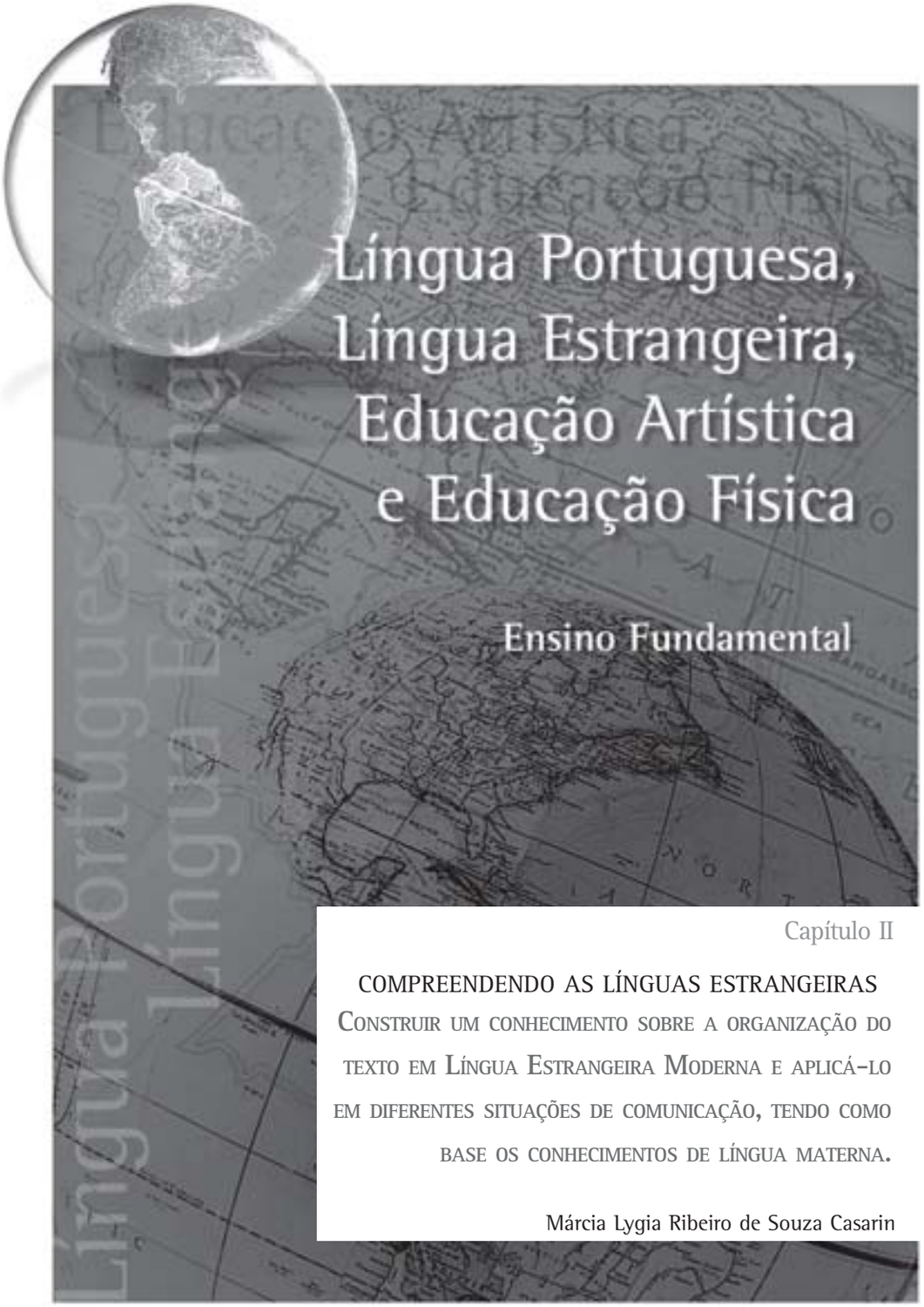

Capítulo II

COMPREENDENDO AS LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

Construir um conhecimento sobre a organização do texto em Língua Estrangeira Moderna e aplicá-lo em diferentes situações de comunicação, tendo como base os conhecimentos de língua materna.

Márcia Lygia Ribeiro de Souza Casarin

Capítulo II

Compreendendo as línguas estrangeiras

APRESENTAÇÃO

Querido estudiante! Dear student!
Cher étudiant! Caro studente!

Caro estudante, todas estas palavras significam a mesma coisa, apenas estão escritas em línguas diferentes. Qualquer língua que não seja a que aprendemos desde que nascemos é chamada estrangeira. Português, a língua que falamos em nosso país, é chamada língua materna.

Neste capítulo, você aprenderá a trabalhar com textos em língua estrangeira, usando o que você já sabe sobre textos em português. Somos capazes de entender algumas mensagens em outras línguas, se levarmos em conta o assunto, o lugar onde foi escrito, as ilustrações etc. Aprendemos sobre várias coisas do mundo, durante nossa vida, e usamos tudo o que sabemos quando vamos produzir ou aprender alguma coisa nova, seja em nossa língua materna, seja em uma língua estrangeira.

Para ensiná-lo sobre textos em língua estrangeira, apresentaremos uma série de atividades, explicando-as e indicando o que fazer. Para que você aprenda com maior facilidade, cada proposta estará acompanhada por um roteiro de leitura orientada. Você está convidado a percorrer os caminhos apresentados pelo capítulo, empenhando-se em realizar as atividades com responsabilidade e otimismo!

PALAVRAS E EXPRESSÕES EM OUTRAS LÍNGUAS

Palavras e expressões em outras línguas estão presentes na nossa vida cotidiana. Observe o que está escrito nas camisetas que os jovens vestem. Algumas sugestões para que você inicie uma lista:

- *Difensore* = palavra em italiano, significa "defensor" em português.
- *Dalle risa* = expressão em italiano, significa "rachar de rir".
- *Sin fronteras* = palavra em espanhol, significa "sem limites" em português.
- *Gajes del oficio* = expressão em espanhol, significa "ossos do ofício".
- *Papillon* = palavra em francês, significa "borboleta" em português.
- *Allons y aux provisions* = expressão em francês, significa "vamos às compras".
- *Teens* = palavra em inglês, significa "adolescentes".
- *Fighting Bull* = expressão em inglês, significa "touro lutador".

Alguns comandos de aparelhos eletrônicos também podem estar escritos em uma língua estrangeira. Observe os comandos de um rádio/gravador, escritos em inglês:

- *pause* = significa "pausa" em português.
- *stop* = significa "parar".
- *eject* = significa "expulsar".
- *play* = significa "tocar".
- *record* = significa "gravar".

Também os comandos de um teclado de computador estão escritos com palavras estrangeiras. Procure descobrir o que elas querem dizer.

PALAVRAS "EMPRESTADAS" DE OUTROS IDIOMAS

Várias palavras que não têm origem na língua portuguesa são usadas no nosso dia-a-dia. Essas palavras foram "emprestadas" de outro idioma. No início, eram escritas em sua forma original. Após certo tempo de uso, tiveram sua maneira de escrever modificada e foram incluídas em nosso vocabulário. Algumas palavras ainda são usadas na sua forma original. Vamos descobrir palavras que foram "emprestadas" do inglês, incorporadas ao vocabulário de futebol:

- *football* = originou "futebol".
- *penalty* = originou "pênalti".
- *corner* = originou "corner".
- *back* = originou "beque".
- *goal* = originou "gol".
- *dribling* = originou "drible".

Agora vamos ver algumas palavras que aparecem no vocabulário das diversões:

- *blues* / *country* / *jazz* / *rock* / *show*.

Observe que estas palavras são usadas como em sua origem.

Vamos focalizar o vocabulário da culinária. Será que essas palavras estão modificadas? Vamos descobrir o que querem dizer?

- Filé à parmegiana
  filet = fio delgado / lombo de vaca.
  parmigiano = queijo parmesão.
- Filé *mignon* ao molho de vinho e *champignon*
  mignon = pequeno.
  champignon = cogumelo.
- *Champagne* = vinho fabricado em Champagne, região da França.
- *Hot dog* = cachorro quente.
- Filé *surprise*
  filet = fio delgado / lombo de vaca.
  surprise = surpresa.
- Sobre coxas *light*
  light = leve.

Também no vocabulário da televisão, jornais e revistas, encontramos palavras "emprestadas" de outros idiomas. Pesquise e descubra algumas dessas palavras.

FALANTES DE OUTRAS LÍNGUAS

Certamente, se existem palavras de origens diversas, também existem falantes vindos dos mais variados lugares. Você conhece uma pessoa estrangeira?

Pergunte a essa pessoa quais palavras de sua língua ainda são usadas em conversas com familiares. Descubra há quantas gerações a família está no Brasil. Será que o seu amigo sabe das aventuras do primeiro parente que chegou? Descubra mais pessoas estrangeiras e tente descobrir suas histórias.

RECURSOS VERBAIS E RECURSOS NÃO-VERBAIS

Ler não significa apenas compreender as palavras escritas em um texto. Para ler, consideramos tudo o que o texto traz: seu formato, símbolos e ilustrações. As palavras escritas são chamadas de **recursos verbais** e os desenhos, símbolos e ilustrações são chamados de **recursos não-verbais**.

Tudo o que já sabemos sobre as coisas do mundo é muito importante quando aprendemos alguma coisa nova. Se você está aprendendo a trabalhar com textos em português, certamente será capaz de ler textos em outras línguas.

Nesta atividade, trabalharemos com os **recursos verbais** e **não-verbais** presentes na organização de um texto em língua estrangeira.

Observe o folheto. Preste atenção ao formato do texto e aos detalhes das imagens. Descubra qual a finalidade deste folheto.

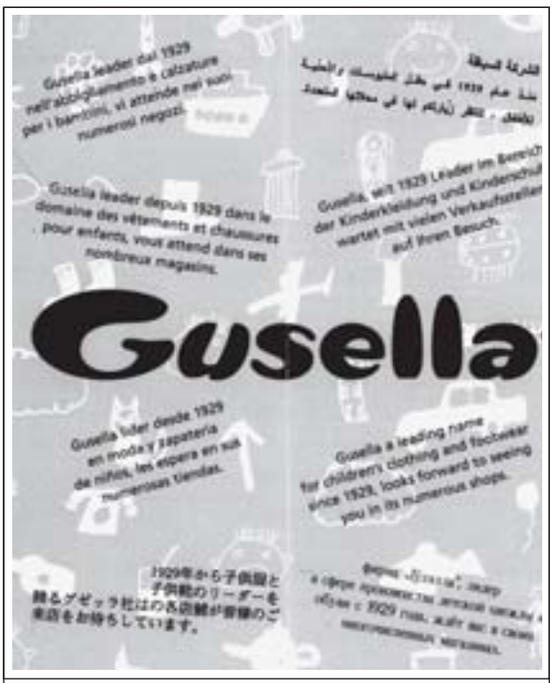

Figura 1 - Folheto

Disponível em: www.gusella.it

Desenvolvendo competências

1

1. Primeiramente vamos identificar quais são os recursos verbais e os não-verbais presentes no folheto. Observe as silhuetas de fundo: os desenhos já estão nos sinalizando algo. A palavra "Gusella", no centro, nos dá outro sinal. O que o folheto quer nos dizer a respeito de "Gusella"?

2. Vamos agora observar os oito blocos escritos.O que há de comum entre eles?

3. Agora olhe para os cinco blocos que utilizam o alfabeto que você bem conhece. As letras usadas são as mesmas, mas com combinações diferentes das do português. Mesmo assim, todos estes blocos possuem uma palavra em comum e você já refletiu sobre ela. Qual é esta palavra?

4. Leia novamente os blocos e descubra palavras estrangeiras parecidas com as do português. Relacione os significados destas palavras com suas descobertas anteriores.

5. A que conclusão você chegou quanto à finalidade do texto "Gusella"?

6. Assinale a alternativa que completa corretamente a afirmativa a seguir:

Um dos elementos que nos possibilitam concluir que o folheto "Gusella" faz propaganda de artigos infantis é:

a) o uso de diferentes línguas. ( )
b) a ilustração de fundo. ( )
c) a leitura de palavras estrangeiras. ( )
d) a palavra "Gusella". ( )

O TEXTO E SEUS ELEMENTOS DE ORGANIZAÇÃO

Podemos descobrir a finalidade de um texto baseados na sua organização, mesmo que não esteja escrito em português. Porém, devemos estar atentos! Ilustrações podem nos dar pistas falsas!

Olhe rapidamente o texto a seguir e aponte os elementos que mais chamam sua atenção à primeira vista.

Os desenhos são os elementos que mais nos chamam a atenção neste texto. O uso de uma camionete, uma bomba de gasolina e um carro antigo nos leva a pensar que estamos diante de um anúncio falando de carros ou de combustível.

Mas será que esta pista é verdadeira?

Figura 2

Desenvolvendo competências

2

1. Leia rapidamente o texto e verifique se realmente estamos diante de um anúncio de carros ou postos de gasolina. Se a pista que você seguiu foi falsa, por que será que teriam colocado carros e bomba de gasolina na mensagem?

2. Vamos agora pensar sobre a organização do texto. Esse texto pode ser uma carta ou uma notícia de jornal?

3. Você sabe o que é um título? E subtítulos?

4. Qual é o título desse texto? E os subtítulos? Nesse texto temos quatro subtítulos e apenas um título.

5. Até agora já observamos a presença de desenhos, de um título e de subtítulos, cada qual especificando uma certa lista. Que outro elemento podemos notar? O que ele nos sinaliza?

6. Associe todas as informações obtidas até agora e tente descobrir a finalidade desse texto. Qual delas contribuiu especialmente para que você descobrisse para que esse texto serve?

7. Retire as palavras estrangeiras do texto e procure saber seus significados, a partir das semelhanças com as palavras em português.

8. A que conclusão você chegou sobre o texto e sua finalidade?

9. Assinale a alternativa que completa corretamente a afirmativa a seguir.

O texto "Turk's Pizza" tem a finalidade de informar a respeito:

a) da localização de um posto de gasolina ( )

b) da tabela de uma gráfica ( )

c) das comidas oferecidas por uma lanchonete ( )

d) dos preços de combustível ( )

O TEXTO E SEUS SENTIDOS

Você aprendeu a identificar os **recursos verbais** e os **recursos não-verbais** de um texto em língua estrangeira. Você também aprendeu a identificar a finalidade de um texto a partir dos elementos presentes. O próximo passo será aprender a descobrir o sentido de um texto em língua estrangeira; somente pelo formato, podemos descobrir como os textos nos ajudam em nossa vida social e de trabalho.

Observe atentamente os três textos que apresentamos a seguir:

Consígalo GRATIS

Ahora puede conseguir este simpático llavero, completamente GRATIS. Y de la manera más sencilla. Sólo tiene que completar este cupón y enviármoslo por correo a: 3M España. Dpto. Productos de Farmacia. Ref. Llavero ColdHot™ Apdo. 25. 28080 Madrid. Sólo se aceptarán cupones originales.

Texto 1

Texto 2
Adaptado de: www.clubsirius.com.uk

Texto 3

Desenvolvendo competências

3 *Descubra a relação entre as seguintes situações e os textos apresentados, numerando-as de acordo com eles.*

a) A pessoa amada "caiu fora" sem aviso prévio – folheando uma revista, você encontra um anúncio interessante. ( )

b) Você fica sabendo de uma promoção que certamente irá auxiliá-lo em seus trabalhos escolares. ( )

c) Você quer ganhar um brinde. ( )

Talvez uma leitura rápida não seja suficiente para levá-lo a uma solução adequada, mas um trabalho mais detalhado vai ajudar. Pratique o que você está aprendendo com este capítulo.

Desenvolvendo competências

4

Texto 1 / Espanhol

1. Identifique os recursos não-verbais. Lembre-se de que o não-verbal pode ser qualquer linguagem sem a palavra escrita ou oral.

2. Quais os elementos, verbais ou não-verbais, que se destacam?

3. Procure no texto o nome de um país e descubra a língua usada. Nomeie mais três países em que a língua materna também seja essa.

4. Compreender essa mensagem implica executar uma ação além de escrever? Que ação é essa?

5. Identifique as palavras que são exatamente as mesmas em português e as palavras que são parecidas.

Texto 2 / Inglês

1. Identifique os recursos não-verbais.

2. Relacione as fotos com situações sociais presentes no seu dia-a-dia.

3. Qual é o título do anúncio? Quem está anunciando? A palavra que conduz sua resposta é quase igual a que usamos em português e está relacionada a diversões.

4. Quantas formas de contato são oferecidas? Quais são elas?

5. Busque palavras no texto em língua estrangeira que sejam semelhantes a palavras do português.

Texto 3 / Francês

1. Identifique os recursos não-verbais. Encontre as palavras que se parecem com outras do português, facilitando sua leitura.

2. Descubra mais detalhes sobre o texto, seguindo a mesma pista dada na atividade do cardápio e identificando as palavras iguais ou muito semelhantes às usadas em português.

3. Qual é o título do anúncio? O que está sendo anunciado?

4. Qual é a forma de contato oferecida?

5. O que você deve fazer se realmente estiver interessado no que está sendo anunciado? Quais as ações que deverão ser executadas?

Sem dúvida, as situações propostas são muito diferentes, porém em todas usamos procedimentos de leitura semelhantes. Compare os três textos escritos em três línguas diferentes e descubra o que eles têm em comum. Para resolver essa questão, relacione os três textos trabalhados com o que você sabe sobre as coisas do mundo. Identifique o que todos nós devemos fazer para tirar documentos, matricular-nos em cursos, tentar novos empregos, associar-nos a agremiações e candidatar-nos a exames. Reparou que qualquer uma destas situações pode ser resolvida por meio do preenchimento de um formulário?

Formulários têm características bastante específicas em qualquer língua. Os espaços a serem completados podem estar indicados de maneiras diferentes, mas todos assinalam claramente onde você deve escrever e o tipo de informação que se pede. No texto 1, foram usadas linhas; no texto 2, *boxes* sem divisões e no texto 3 *boxes* com divisões para cada letra. As instruções quanto aos itens de preenchimento podem variar um pouco; porém, qualquer formulário pede sua identificação e localização logo de início. Portanto, o seu nome deverá ser a primeira informação. Algumas vezes, você deve

começar pelo sobrenome; outras vezes, pelo primeiro nome, seguido do sobrenome.

As outras informações pedidas por um formulário dependem da situação em questão.

Para que você está preenchendo o formulário?
Para candidatar-se a um emprego?
Inscrever-se em um exame?
Concorrer a um prêmio?
Encomendar algo via correio?

Examine novamente os três formulários, relacionando-os a situações sociais e de trabalho presentes no seu dia-a-dia. Prepare-se para fornecer corretamente dados pessoais, pois a qualquer momento você pode ter que preencher uma ficha. Fichas são formulários que solicitam informações além daquelas que identificam uma pessoa.

Desenvolvendo competências

5 *Assinale a alternativa que completa corretamente a afirmativa a seguir:*

Ao nos candidatarmos a uma vaga de emprego, recebemos um formulário. Entendemos que estamos:

a) diante de um folheto de propaganda. ( )
b) sendo informados a respeito das regras da empresa. ( )
c) sendo solicitados a fornecer informações pessoais. ( )
d) concorrendo a um prêmio. ( )

O USO DE OUTRAS LÍNGUAS PARA TENTAR CONVENCER ALGUÉM

Seu conhecimento sobre textos em língua estrangeira já lhe permite trabalhar com diferentes situações de comunicação, tendo como base o português. Agora você aprenderá como o uso de determinados termos e expressões de outras línguas no Brasil pode convencer mais certas pessoas. Elas acreditam que se disserem palavras ou termos estrangeiros, o que elas disserem vai parecer mais interessante. Você concorda com essa idéia?

Vamos fazer um teste. Imagine-se em cada uma das situações e escolha uma alternativa. Depois some os pontos feitos e verifique os resultados.

	Pontos
Você come... *hot dog* (3) / cachorro quente (0) panquecas (1) / *crepes* (3) sorvetão (0) / *Sundae* (3)	
Você vai à / ao ... *discothèque* (3) / salão de dança (0) centro comercial (0) / *shopping center* (3) *happy hour* (3) / bar da esquina (0)	
Você trabalha no... serviço de entregas (0) / serviço de *delivery* (3) mundo *fashion* (3) / setor da moda (0) serviço de vendas pelo telefone (0) / *telemarketing* (3)	

Descubra como você é ...	
0 a 9 pontos	Você é uma pessoa bastante tradicional; não acredita que modismos possam mudar o que se diz.
10 a 18 pontos	Você é uma pessoa maleável; sabe como parecer moderno ou tradicional, dependendo de quem quer convencer.
19 a 27 pontos	Coisas da moda são com você mesmo! Usar palavras e expressões estrangeiras é um *must* para você!

Algumas pessoas preferem usar expressões estrangeiras apesar da riqueza de nosso vocabulário. Usar palavras de outras línguas pode impressionar mais, dependendo de quem queremos convencer. Repare como uma mesma mensagem pode ser dita de maneiras diferentes:

– Minha namorada simplesmente me *deletou* de sua vida. Tenho um *feeling* que foi por causa de outro! Não importa! Saio todas as noites, vou dançar na *discothèque* ou cantar no *karaokê*!

– Minha namorada brigou comigo. Acho que foi por causa de outro! Não importa! Saio todas as noites, vou dançar no salão ou cantar no clube de calouros!

Estamos diante de uma mesma idéia, expressa por duas maneiras diferentes. Observe as palavras e expressões estrangeiras usadas no primeiro caso. Identifique a presença de palavras e expressões em outras línguas usadas com a finalidade de convencer.

Desenvolvendo competências

6 *Assinale a alternativa que completa corretamente a afirmativa a seguir:*

- Está certo, my boy, vou encontrar com a gang na happy hour! Tenho um feeling que a star vai aparecer!

Quem disse esta frase:

a) fala correntemente uma língua estrangeira. ( )

b) é professor de línguas estrangeiras. ( )

c) sabe se comunicar com pessoas estrangeiras. ( )

d) usou palavras e expressões estrangeiras para tentar convencer alguém. ( )

INSTRUÇÕES EM LÍNGUA ESTRANGEIRA

No mundo do trabalho, freqüentemente temos que compreender instruções escritas em língua estrangeira. Isso não é difícil, os profissionais entendem daquilo que fazem e os códigos principais não dependem de uma língua específica. Se combinarmos nossas habilidades profissionais com as instruções apropriadas, mesmo que não estejam escritas em português, certamente teremos um resultado melhor.

Nesta atividade, você vai trabalhar com uma situação prática. Se você for um eletricista, poderá começar a aplicar o que aprendeu ainda hoje!

O nosso assunto será a crise de energia e o lançamento no mercado de um produto que anuncia que o consumidor fará economia com ele. Deixaremos aos eletricistas a instalação do produto. Nosso objetivo será compreender algumas informações fornecidas em inglês, sobre as células temporizadas.

Veja as vantagens que este novo produto oferece!

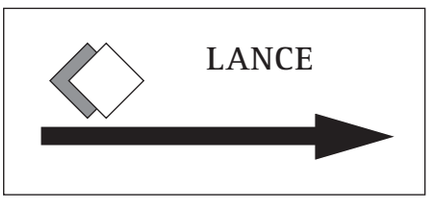

Temporized Photocells

Number of lamps switched off	Average number of hour/day lamps are off	Savings of power in KWh	Savings of cost in US$ per day Estimated with USD 50.08/KWh	Savings of cost in US$ per year	Savings of energy in KWh per year
1.000	6	2.640	$211.20	$76.032.00	950.400 KWh
obs: Ballast loss estimate is 40W					

Desenvolvendo competências

7

1. Qual é o nome da indústria que está lançando um novo produto no mercado que facilitará a economia de energia? Qual é o nome deste produto?

*2. A tabela apresenta informações técnicas sobre as **TEMPORIZED PHOTOCELLS**. Qual a intenção do fabricante ao fornecer esta tabela?*

3. Selecione palavras no texto semelhantes às que você conhece na sua língua materna .

4. Selecione no texto símbolos conhecidos no mundo inteiro.

5. Qual o significado da palavra incluída no texto que está presente em muitos aparelhos eletrônicos que fazem parte do dia-a-dia das pessoas? Exemplifique.

6. O que os números fornecidos pela tabela nos sugerem?

7. Assinale a alternativa que completa corretamente a afirmativa a seguir.

*A Indústria Lance está tentando nos convencer de que seu novo lançamento, as **TEMPORIZED PHOTOCELLS** podem:*

a) ajudá-lo a economizar energia elétrica. ( )

b) substituir todas as lâmpadas de uma rua. ( )

c) fornecer energia elétrica para aparelhos domésticos. ( )

d) substituir o seu aparelho de som. ( )

TRADIÇÕES DISTINTAS

Os povos possuem tradições diferentes uns dos outros, mas todas devem ser consideradas e respeitadas para que possamos nos entender melhor. Considerar a diversidade sociocultural nos leva a compreender as pessoas que nos cercam e nos ajuda a elaborar planos que visam ao bem comum. Afinal não importa a língua que falamos nem os hábitos característicos do nosso lugar de origem. O que importa é que fazemos parte de um destino comum como humanidade.

Leia o texto a seguir, associando-o a uma certa situação social, comum entre casais que decidem ficar juntos.

Mr. and Mrs. Richard Lawrence Taylor
request the pleasure of the company of

Mr. And Mrs. José Ribeiro
at the marriage of their daughter

Stella Louise
with
Mr. Robert Smith

at Denys'Church, Evington,
on Saturday, 16th March, 2002 at 12 noon
and at the Reception at the Church Hall.

50, Barton Road
Evington,
Leicester.
LES 6PP *R.S.V.P.*

Figura 3

Desenvolvendo competências

8

1. Qual é o tipo de texto focalizado?

2. Concentre-se nas iniciais que vêm antes dos nomes das pessoas. O que estão indicando?

3. Selecione os itens indicados por numerais. Quais informações eles estão nos dando?

4. Concentre-se na parte inferior do texto.

a) O que nos informam os itens localizados à esquerda?

b) E os itens localizados à direita? Percebeu que se trata de abreviações?

5. Compare os valores culturais representados no texto com os nossos.

VAMOS PESQUISAR?

Como atividade final, sugerimos que você pesquise termos e expressões de outras línguas, relacionando-os com sua língua materna. Sugerimos que sua pesquisa seja organizada da seguinte maneira:

Português	Francês	Espanhol	Italiano	Inglês
Boa sorte				
Feliz Natal				

Bem, acabamos nosso trabalho! Neste capítulo você aprendeu sobre a organização de textos em língua estrangeira e como aplicar este novo conhecimento a diferentes situações de comunicação, tendo como base os conhecimentos de língua materna. Os objetivos das atividades propostas foram ensiná-lo a:

- identificar recursos verbais e não-verbais (*Gusella*);
- trabalhar com o texto e seus elementos de organização (*Turk's Pizza*);
- trabalhar com o texto e seus sentidos (Formulários);
- identificar o uso de outras línguas para tentar convencer alguém ou facilitar instruções *(Temporized Photocells);*
- reconhecer as tradições representadas em outras línguas e suas relações com a língua materna (Convite de casamento).

Conferindo seu conhecimento

1

1. As silhuetas ao fundo do folheto são de desenhos infantis e nos conduzem à idéia de crianças. A palavra "Gusella" é importante no texto e está relacionada ao mundo infantil.

2. Três blocos estão em línguas que usam símbolos diferentes dos nossos: chinês, árabe e russo. Mas, mesmo assim, eles possuem alguma coisa em comum com todos os outros: os números 1, 9, 2, 9 aparecem em todos os blocos! Numerais podem ser representados da mesma forma, em todas as línguas. Podemos imaginar que a seqüência 1,9,2,9 refere-se a uma data importante para "Gusella".

3. A palavra "Gusella" inicia todos os blocos que utilizam o mesmo alfabeto que o português. Sem dúvida, "Gusella" é o tema principal desta mensagem.

4. Veja quais são as palavras:

calzature (italiano) / zapateria (espanhol) / calçados – sapatos (português)

numerosi (italiano) / numerosas (espanhol) / numerous (inglês) / numerosas (português)

negozi (italiano) / magazins (francês) / negócio, magazine (português)

moda (espanhol) / moda (português)

5. Tendo como base o trabalho realizado, podemos concluir o seguinte quanto à palavra "Gusella" e à finalidade do folheto: "Gusella" refere-se à moda e sapatos infantis e negocia estes produtos por meio de uma rede de lojas.

Os recursos verbais e não-verbais usados na organização desse texto nos indicam um folheto de propaganda distribuído por uma empresa chamada "Gusella". Suas várias lojas vendem roupas e calçados infantis.

Você examinou um folheto com mensagens em italiano, francês, espanhol, chinês, árabe, alemão, inglês e russo e identificou os recursos verbais e os recursos não-verbais utilizados, a partir do que conhece na sua própria língua: o português.

6. Resposta (b).

2

1. Se relacionarmos as figuras e as outras coisas que podemos observar no texto, descobriremos que não se trata de um texto sobre carros ou postos de gasolina. A bomba de gasolina e os carros usados na ilustração sugerem que uma lanchonete e um posto de gasolina dividem o mesmo espaço.

2. Certamente não é uma notícia de jornal, porque não está informando sobre nenhum fato. Uma carta também não é, porque não há elementos da mesma, como um destinatário, um remetente, o corpo da carta com o assunto etc.

3. Título é o nome principal que cada texto recebe e que pode expressar sua idéia central. Aparece destacado, antes do início do texto propriamente dito. Um título pode estar diretamente relacionado com a mensagem ou pode estar apenas sinalizando alguma parte dela. Os outros nomes, são os subtítulos.

4. Título: Turk's Pizza

Subtítulos: Salads / Sandwiches / Pastas / Turk's Specialities

5. O outro elemento presente é a lista de preços. Isso significa que estamos diante de um texto que "vende" algo. Como muitas das palavras usadas querem dizer a mesma coisa em português, podemos descobrir que o texto anuncia comida.

6. Os textos que "vendem" comidas mais presentes na nossa vida cotidiana são os menus ou, se você preferir, pode chamá-los de cardápios. Os elementos observados podem ser

classificados de acordo com as informações que nos fornecem:

- *Figuras relacionadas com carros e postos de gasolina.*
- *Título, subtítulos e itens relacionados com comidas.*
- *Lista de preços associada aos outros elementos, certamente nos tira qualquer dúvida quanto à finalidade do texto.*

7. Contribuiremos com algumas palavras, citando os países dos quais elas se originaram:

salads = saladas (Inglaterra, Estados Unidos); sandwiches = sanduíches (Inglaterra, Estados Unidos); chef = chefe (de cozinha) (França); gasoline = gasolina (Bélgica); spaghetti = espaguete (Itália); lasagna = lasanha (Itália); fettucini = tipo de massa (Itália); pizza = pizza (Itália)

(As duas últimas são usadas assim mesmo: pizza aparece no dicionário escrita desta maneira e fettucini não aparece.)

8. Relacionando os elementos observados no texto, verificamos que se trata de um cardápio. Os títulos, subtítulos e outros itens nomeiam comidas, cada qual com o seu preço indicado. Podemos concluir que o texto é um exemplo de cardápio disponível em lanchonetes, ou seja, locais especializados em refeições rápidas. A finalidade do texto é informar os nomes dos pratos disponíveis na lanchonete, sua composição e preço.

9. Resposta (c).

3

- *A pessoa amada "caiu fora" sem aviso prévio – folheando uma revista, você encontra um anúncio interessante.* (2)
- *Você fica sabendo de uma promoção que certamente irá auxiliá-lo em seus trabalhos escolares.* (3)
- *Você quer ganhar um brinde.* (1)

4

Texto 1 / Espanhol

1. *Se pensou no ursinho com corrente e espaços a serem completados, delimitados por linhas, acertou.*
2. *Se você considerou como elemento verbal as palavras "Consígalo gratis" e como elemento não-verbal o ursinho com corrente, acertou também.*
3. *Apresentamos nossa contribuição – País: Espanha / língua: espanhol*

   Outros países cuja língua materna é o espanhol: México, Argentina, Chile.
4. *"Ir ao correio para enviar a correspondência" é a resposta certa.*
5. *Se listou algumas palavras escritas iguais ao português, como "grátis / conseguir / este / simpático / completamente / que / completar / por / farmácia / se", acertou.*

   Se listou algumas palavras parecidas, como "manera (maneira) / cupón (cupom) / correo (correio) / productos (produtos) / cupones (cupões) / originales (originais)", acertou também!

Texto 2 / Inglês

1. *Você deve ter identificado como recursos não-verbais as duas fotografias que mostram casais felizes e espaços para serem completados, delimitados por boxes ("caixas" para texto). Acertou!*

2. As fotos parecem mostrar momentos felizes de um casal.

3. Você identificou que o título é "Single" e que o anunciante é o "Club Sirius"? Está certo!

4. Verifique que são anunciadas três formas de contacto:

- *telefone*
- *e-mail (serviço de correio disponível na Internet)*
- *caixa postal (serviço oferecido pelos correios)*

5. information (informação) / service (serviço) / obligation (obrigação) / decision (decisão) / club (clube) / optional (opcional)/ important (importante) / professionals (profissionais)

Texto 3 / Francês

1. Como recursos não-verbais, temos a divisão do texto em partes distintas, cada uma identificada por um tipo de impressão, a palavra OUI (sim) em destaque, colocada em um box (caixa para texto) e espaços para serem completados (separando cada letra).

Veja as palavras semelhantes ao português:

envellope / livre / France / chèque
postal / numéro / informatique

2. Seguindo a pista dada, encontramos a indicação de preço (franco francês). As palavras "livre / 2 volumes / chèque" são iguais ou muito semelhantes às usadas em português para dizer a mesma coisa.

3. O título é "Bon de commande" e anuncia a venda de dois volumes de um livro.

4. O contato é via correio.

5. Se estiver realmente interessado em comprar os dois volumes do livro , deverá preencher o cupom, anexar um cheque, colocar tudo em um envelope e enviar via correio.

5 *Resposta (c).*

6 *Resposta (d).*

7 *1. Se você identificou a palavra Lance como o nome da indústria, está correto! Lance é o nome do fabricante do produto* ***TEMPORIZED PHOTOCELLS****.*

2. Interessado no produto? Saiba que a intenção do fabricante é exatamente essa: convencer as pessoas quanto à eficiência das ***TEMPORIZED PHOTOCELLS****.*

3. Palavras parecidas com as que você já conhece podem auxiliá-lo na leitura. Podemos entender algumas palavras da tabela, mesmo estando escritas em inglês:

number (número) / lamps (lâmpada); energy (energia) / estimated (estimado)

4. Mesmo que nossa profissão não seja a de eletricista, sabemos que a abreviação ***KWh*** *é uma medida de energia. No caso das* ***TEMPORIZED PHOTOCELLS****, trata-se de uma medida de energia elétrica. Também sabemos que o símbolo* ***$*** *refere-se a dinheiro.*

5. A palavra off *está presente nos comandos de gravadores, de máquinas de fax e de aparelhos domésticos em geral. Quer dizer "desligado", "fora".*

6. Os números estão demonstrando, concretamente, a eficiência das ***TEMPORIZED PHOTOCELLS****, apresentando quantidades adequadas para a economia de energia elétrica.*

7. Resposta (a).

8

1. Estamos trabalhando com o convite de casamento de um casal inglês que, como no Brasil, terá prazer em ter seus amigos presentes.

2. As iniciais Mr. *para homens e* Mrs. *para mulheres são formas de tratamento que correspondem a Senhor e Senhora em português.*

3. Os numerais estão nos informando a data e a hora da cerimônia: dia 16 de março de 2002, às 12 horas.

4. a) Verifique que, à esquerda, temos um endereço.

b) Estas abreviações fazem parte de determinados tipos de texto, independentemente da língua que estejam escritos. R.S.V.P. são as iniciais de uma expressão em francês, também presente em nosso contexto social. Aparece na parte inferior de convites formais. Solicita confirmação de presença. Répondez S'il Vous Plaît *(Responda por favor)*

5. Os casais ingleses também valorizam as cerimônias religiosas e a comemoração festiva de seu casamento. Os convites são distribuídos apenas para as pessoas mais íntimas. Os nomes dos convidados escritos à mão na linha pontilhada reflete a praticidade dos ingleses.

Observamos, à esquerda, apenas um endereço. De quem seria? O dos noivos! Em alguns países estrangeiros é prática os casais morarem juntos alguns anos antes de se casarem. Geralmente resolvem casar por desejarem ter filhos ou pela necessidade de documentação oficializada (exemplo: vão morar em um país estrangeiro).

Você percebeu que o convite de casamento é muito parecido com aqueles que usamos em nosso país, com algumas diferenças próprias da cultura inglesa? É assim que, lendo textos em língua estrangeira, aprendemos mais sobre os valores e hábitos de outros povos.

Orientação final

Para saber se você compreendeu bem o que está apresentado neste capítulo, verifique se está apto a demonstrar que é capaz de:

- Inferir a função de um texto em Língua Estrangeira Moderna pela interpretação de elementos da sua organização.
- Identificar recursos verbais e não-verbais na organização de um texto em Língua Estrangeira Moderna.
- Atribuir um sentido previsível a um texto em Língua Estrangeira Moderna presente em situação da vida social e do mundo do trabalho.
- Identificar a função argumentativa do uso de determinados termos e expressões de outras línguas no Brasil.
- Reconhecer os valores culturais representados em outras línguas e suas relações com a língua materna.

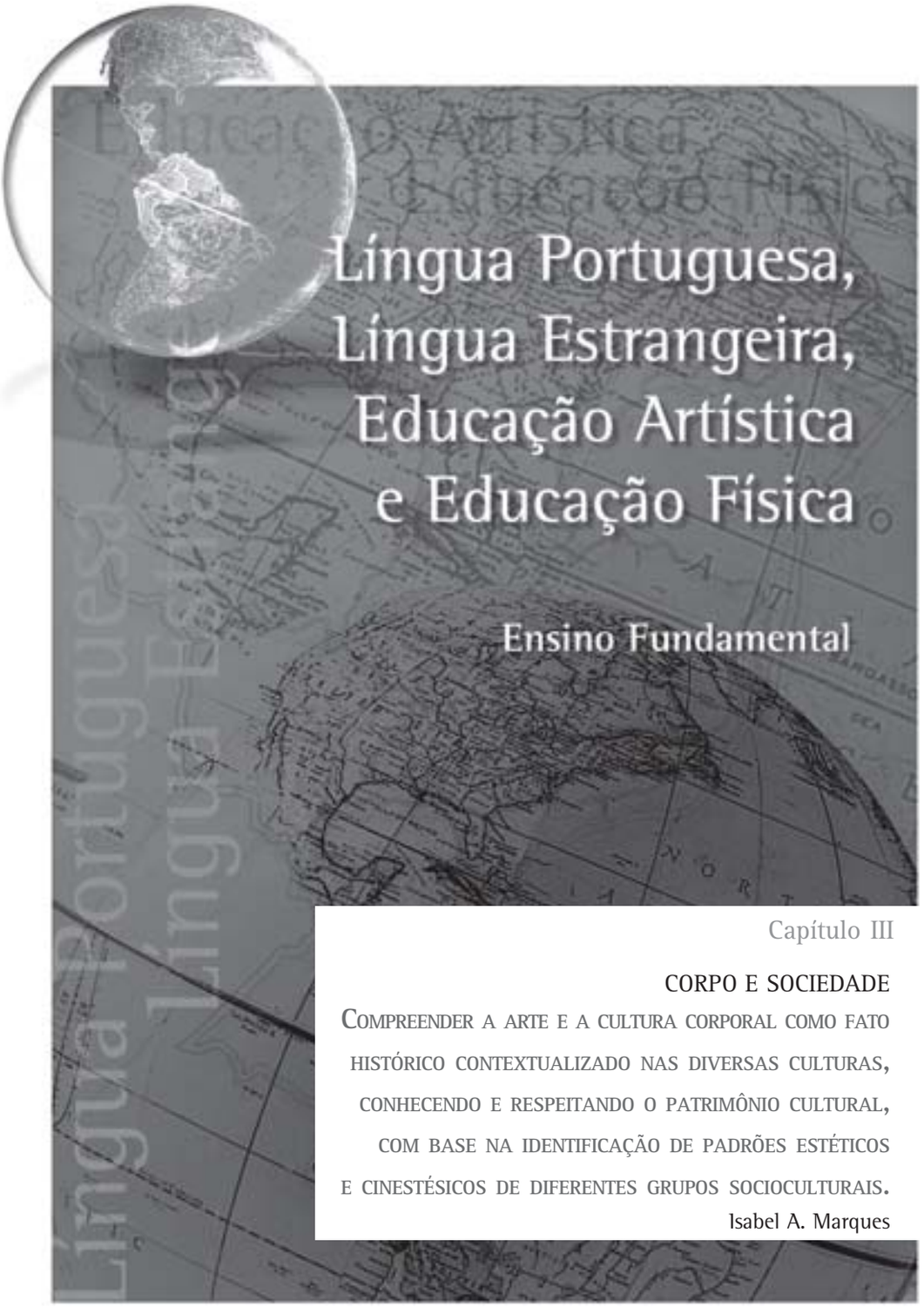

Capítulo III

CORPO E SOCIEDADE

COMPREENDER A ARTE E A CULTURA CORPORAL COMO FATO HISTÓRICO CONTEXTUALIZADO NAS DIVERSAS CULTURAS, CONHECENDO E RESPEITANDO O PATRIMÔNIO CULTURAL, COM BASE NA IDENTIFICAÇÃO DE PADRÕES ESTÉTICOS E CINESTÉSICOS DE DIFERENTES GRUPOS SOCIOCULTURAIS.

Isabel A. Marques

Capítulo III

Corpo e sociedade

APRESENTAÇÃO

Nesse capítulo vamos refletir sobre o corpo e a sociedade, sobre as manifestações corporais e suas relações com o cotidiano e com a arte. Esperamos, assim, que ao final você seja capaz de:

1 - conhecer e reconhecer as funções e possibilidades do corpo no dia-a-dia;

2 - ler, criar e transformar (expressar) suas idéias, vontades e identidade por meio do corpo pessoal e coletivo;

3 - compreender o corpo em movimento e refletir sobre suas possibilidades de comunicação individual e coletiva.

É muito comum hoje em dia ouvirmos dizer que "somos diferentes", "temos de respeitar a diversidade", "o Brasil é um país multicultural".

Você já pensou que essa diferença entre as pessoas, antes de tudo, está presente no *corpo* delas? Mesmo irmãos gêmeos idênticos têm características individuais que nos permitem diferenciá-los pelo corpo.

Olhe ao redor em sua sala. Como são os corpos de seus colegas? Agora, pare um pouco e observe os pedestres na rua. Como são as pessoas? Como se movimentam?

A estatura, a cor dos cabelos e da pele, o volume do corpo e a espessura dos lábios e nariz das pessoas são diferentes. Cada pessoa tem também um jeito de andar, de falar, de correr, de abraçar etc. Nossas diferenças estão tanto no corpo físico em si quanto no modo como nos comportamos, pensamos e agimos por meio dele.

AS EMOÇÕES, GOSTOS E IDÉIAS SE MANIFESTAM PELO CORPO

O que acontece com o seu corpo quando você está com raiva? Seu corpo reage da mesma forma de que quando você está com medo? Pense na sua musculatura. Lembre-se da "cor" e da temperatura de seu rosto. Pense nos movimentos que você faz. Tente conversar com alguém sobre isso.

É muito comum ouvirmos as expressões "ficou vermelho de raiva", "ficou branco de susto", "ficou duro de medo". Em todos esses casos, nosso corpo está manifestando emoções, sentimentos e sensações pessoais por meio do corpo.

Às vezes, nossas emoções e sentimentos pessoais são expressos pelo corpo de forma visível (choro, vermelhão, suor frio, pele arrepiada, tensão muscular); outras vezes, de forma não percebida aos olhos (ficamos com úlcera de tão nervosos, o coração dispara de alegria, a respiração fica fraquinha de medo).

Imagine uma pessoa saltando com os braços levantados. O que é mais provável, que ela esteja triste ou alegre? Pense em outros movimentos que seu corpo faz para expressar suas emoções e sentimentos. Veja se seus amigos fazem os mesmos movimentos, movimentos semelhantes ou muito diferentes. Por que será?

Aprendemos com a nossa família e amigos formas diferentes de expressar nossas emoções e sentimentos para que possamos ser entendidos e, assim, conseguirmos nos relacionar com as pessoas. Em geral, pessoas de um mesmo grupo social, de um mesmo país, de uma mesma religião têm formas parecidas de expressar as emoções e os sentimentos por meio do corpo.

Lembre-se das diversas formas que existem de dizer com o corpo que gostamos de alguém.

Você pode ter pensado em abraço, beijo, carinho. Podemos ainda dizer que gostamos pelo jeito de olhar, de falar, de nos aproximarmos. No entanto, essa não é uma regra universal, cada cultura tem um jeito diferente de manifestar os afetos por meio do corpo.

O corpo também expressa nossos gostos e idéias. A forma como nos vestimos, como cortamos o cabelo, como dançamos, tocamos um instrumento e andamos na rua comunica aos outros quem somos, o que queremos e os objetivos que temos na vida.

O corpo, assim, pode ser visto como uma forma pessoal e única de nos expressarmos e de nos comunicarmos no mundo e com o mundo. Nossa identidade pessoal está marcada no corpo e nos movimentos que aprendemos e escolhemos ao longo da vida.

NOSSA HISTÓRIA, NOSSO CORPO

Que "marcas" você percebe no seu corpo, ou no jeito de você se movimentar que lembram a sua família? Seus amigos? Seus professores? Pense também nas pessoas da cidade em que você foi criado, nos lugares que você freqüentava ou ainda freqüenta (igreja, clubes, praças). Como essas pessoas se comunicam por meio do corpo e do movimento? Tem a ver com você? Como?

A forma como fomos carregados no colo e acariciados na infância, aquilo que comemos, nosso trabalho, as oportunidades de praticar ou não atividades físicas e de ter contato com a arte vão construindo nosso corpo e nosso movimento no decorrer da vida. Ou seja, pelo convívio social, aprendemos com nossos pais, parentes, amigos, professores e com a mídia (televisão, rádio, jornal etc.) a linguagem corporal de nossa cultura, sociedade, país.

Nosso corpo é um "combinado" único da etnia, da nacionalidade, da idade, da religião que professamos. Nosso corpo pessoal é profundamente marcado por nossa história de vida.

NOSSO TEMPO, NOSSO CORPO

Imagine essa situação: *a avó, já bem idosa, observava a neta e o neto adolescentes que se preparavam para sair. A neta tinha tatuagens ao longo da cintura, um brinco pregado no umbigo, os cabelos pintados de vermelho fogo e lentes de contato verdes. O neto resolveu colocar sua calça jeans preta cheia de correntes costuradas nas barras, seu brinco em uma das orelhas e dois braceletes de metal. A menina saiu movendo os quadris e o menino arrastando os pés.* O que terá pensado a avó? Por quê? Que comentários ela pode ter feito aos netos a respeito de como enfeitaram seus corpos? Discuta com seus colegas.

A época em que vivemos também determina a construção do nosso corpo e a forma como nos movemos: os padrões de beleza são um exemplo disso. Podemos pensar que não é todo mundo que se veste ou anda como os adolescentes da situação acima, mas, mesmo assim, a avó deve ter ficado horrorizada, indignada, ou ao menos assustada com a forma como seus netos "embelezaram" seus corpos.

Anos atrás, o corpo belo era bem diferente, as roupas e os adereços que usamos hoje nem existiam, não se pensava em homens usando brincos, nem em mulheres mostrando a barriga e pintando os cabelos de vermelho fogo. A avó deve ter reparado também na forma como seus netos andam, tão diferente dela quando adolescente. Rebolar e arrastar os pés não era sinal de beleza ou de charme, mas de desleixo ou de falta de pudor.

A situação acima mostra *uma* das maneiras dos adolescentes se enfeitarem e se movimentarem hoje em dia. Não podemos nos esquecer de que adolescentes de cidades diferentes se vestem e se enfeitam de formas diferentes também, mas em sintonia com seu tempo.

Mas não é só no campo da beleza que os padrões de corpo mudaram e que novas formas de estar no mundo foram inventadas. Cinqüenta anos atrás ninguém pensava ser possível fazer cirurgias plásticas e mudar o corpo, não se sonhava com a possibilidade de operar os olhos e consertar problemas de visão como a miopia. As inovações tecnológicas também chegaram ao campo da saúde, modificando nossos corpos e suas possibilidades de vida.

O corpo humano vem se modificando através dos tempos e, com isso, modificando nossa forma de ser, de nos expressarmos e de nos comunicarmos no mundo.

MOVIMENTOS COTIDIANOS OU DE ROTINA

Maria resolveu comemorar seu aniversário recebendo os amigos em casa para uma festa à noite. Durante a tarde, encerou o chão da sala, lavou os vidros das janelas, tirou o pó dos enfeites da mesa, lavou a louça e preparou um bolo. Quando os convidados chegaram, estava tão cansada que mal conseguiu se divertir.

Que tipo de movimentos Maria fez durante a tarde? Por quê?

Maria quis comemorar seu aniversário e, por meio de movimentos que já conhecia, preparou a festa. Maria não inventou nenhum movimento novo, mas executou, por meio do corpo, movimentos já estabelecidos para que sua casa ficasse limpa e o bolo, pronto. Os movimentos de que precisou foram movimentos repetitivos e rotineiros (encerar o chão, bater o bolo, lavar a louça etc.) mas necessários para a realização daquilo que queria e desejava – a festa.

Há momentos em que nosso corpo não está expressando emoções nem sentimentos, mas sim fazendo coisas, cumprindo as tarefas que queremos e precisamos no nosso dia-a-dia. Ou seja, os movimentos de preparo da festa de Maria não foram movimentos expressivos, mas movimentos chamados *funcionais*.

Lembre-se de quando você era criança. Você fazia com seu corpo coisas que hoje não faz? Pense nos dias em que estava machucado ou doente e teve de contar com a ajuda de alguém para comer, tomar banho, andar. O que aconteceu? Como você se sentiu?

Executar as tarefas do dia-a-dia com o corpo depende muito de como nosso corpo é ou está, pois são as características do corpo de um indivíduo que determinam suas possibilidades e funções no cotidiano.

O tipo físico, a idade e a doença podem, às vezes, trazer algumas dificuldades para fazermos com o corpo o que necessitamos no dia-a-dia. Por exemplo, pessoas muito baixas têm dificuldade de alcançar objetos em prateleiras altas, e seria difícil para elas trabalharem no setor de organização das prateleiras em um supermercado. Pessoas muito magras não teriam força para dirigir um caminhão. Os mais idosos provavelmente teriam problemas em passar o dia todo debaixo do sol fazendo esforço. Não queremos dizer que ser baixo, magro ou idoso seja ruim, mas sim que o "jeitão" de nosso corpo determina funções e possibilidades em nosso cotidiano ou trabalho.

Do mesmo modo, se estamos machucados ou doentes, muitos dos movimentos corriqueiros não podem ser feitos da mesma maneira. Nos casos de enfermidade, temos de adaptar nossas funções, solicitar recursos externos (muletas, rampas para cadeira de rodas) e modificar nossa rotina.

Os portadores de deficiência física também têm de adaptar seus movimentos cotidianos e o ambiente em que vivem para que possam continuar trabalhando com o corpo, expressando e comunicando aquilo que desejam e querem.

É preciso que as pessoas, o meio ambiente e as oportunidades de trabalho e lazer levem em consideração os diversos corpos que vivem em sociedade, pois, quando o corpo não "funciona", nossa expressão e comunicação também ficam comprometidas.

ELEMENTOS DO MOVIMENTO HUMANO

Para podermos executar melhor nossas rotinas corporais e expressarmos com mais clareza aquilo que queremos, é necessário que conheçamos nosso corpo físico e, principalmente, as estruturas e possibilidades do movimento humano. A compreensão corporal e intelectual do movimento humano faz com que nossas ações – expressivas ou funcionais – sejam conscientes, escolhidas, e, portanto, transformadoras.

Pense sobre a seguinte situação que envolve o movimento humano:

Rivaldo é carteiro, sua esposa Judite é manicure. Um dia, saindo para o trabalho, Judite disse a Rivaldo:

– Estou cansada de fazer as unhas das clientes todos os dias, naquele salão fechado, escuro, cheio de gente. Bem que você poderia ir no meu lugar...

– Bem, só se você for entregar minhas encomendas. Está preparada para andar 10 quilômetros?

O que diferencia o trabalho de Rivaldo e o de Judite quanto ao movimento? Você acha que um poderia fazer o trabalho do outro sem um preparo anterior? Por quê?

O QUE SE MOVE: AS PARTES DO CORPO

A primeira coisa que podemos discutir nessa situação são as *partes do corpo* envolvidas na realização de cada profissão.

Rivaldo usa predominantemente as pernas para se locomover entre as distâncias em sua cidade. Usa também as mãos, mas só para "pegar" e "entregar". Judite, ao contrário de Rivaldo, fica o dia inteiro praticamente sentada, não tendo de se locomover para realizar seu trabalho. Os movimentos mais freqüentes na profissão de Judite são os gestos, movimentos específicos, detalhados e bem refinados com as mãos – só assim consegue usar o alicate, a lixa e o esmalte sem machucar suas clientes.

Há profissões que usam o corpo todo e não somente os gestos, como vimos no trabalho da manicure. Você poderia pensar em algumas? Discuta com seus colegas.

Desenvolvendo competências

1 *Assinale a questão correta em relação ao uso das partes do corpo.*

a) O caixa do banco move sempre o corpo todo em seu trabalho.

b) A dançarina usa somente as mãos (gestos) para trabalhar.

c) O pipoqueiro em seu trabalho move braços e mãos.

d) A faxineira praticamente não se move.

As partes do corpo definem o tipo de movimento que fazemos e diferenciam escolhas, propósitos e objetivos. A definição das partes do corpo fala sobre *o que* se move na realização de nossas atividades.

ONDE SE DÁ O MOVIMENTO?

Outra diferença básica entre as profissões de Judite e Rivaldo é o lugar *onde* eles trabalham.

Rivaldo trabalha ao ar livre, andando pela cidade, sofrendo as mudanças climáticas do dia-a-dia. Chova, faça frio, calor ou vento, ele precisa adaptar suas roupas para que seu corpo não sofra tanto em seu dia de trabalho.

Já Judite está sempre confinada em uma sala fechada, cheia de gente. Ao mesmo tempo em que está protegida das mudanças climáticas, não recebe luz natural e pode até se atrapalhar com os horários.

Cada tipo de trabalho determina os movimentos que fazemos em função de *onde* trabalhamos.

Você trabalha? Faça um movimento que você costuma fazer em seu trabalho. Agora pense como seria fazer esse movimento em outros lugares. Seria permitido? O que aconteceria com seu corpo? Como as pessoas reagiriam? Converse com alguém.

Outra coisa interessante a respeito do movimento humano é que, dependendo do lugar onde nos movemos, os movimentos adquirem outro significado, ou seja, querem dizer outras coisas.

O espaço também define o tipo de movimento que fazemos e diferencia escolhas, propósitos e objetivos. A definição do espaço fala sobre o lugar onde nos movemos na realização de nossas atividades.

COMO SE DÁ O MOVIMENTO?

Rivaldo talvez não conseguisse trabalhar no lugar de Judite sem aprendizado anterior, por não saber **como** pegar no alicate, lixar as unhas de outras pessoas, passar o esmalte. O trabalho de Judite exige um tipo especial de movimento: deve ser lento, leve e delicado, bem concentrado e direcionado. Não é qualquer pessoa que conseguiria fazer isso.

Para substituir o marido em seu trabalho, Judite teria de preparar seu corpo para caminhar muito mais do que está acostumada. O corpo de Judite não tem condicionamento físico necessário para andar muitos quilômetros.

Se você trabalha, pense em como são os movimentos que você executa trabalhando. Seus movimentos são rápidos, lentos, fortes, fracos, direcionados ou não? Você repete muitas vezes o mesmo movimento? O que acontece com seu corpo depois de muitas horas? Converse com alguém que tenha uma profissão diferente da sua e pense se seria possível mudar esses movimentos.

Repare que algumas formas de trabalho envolvem o corpo em movimentos mais repetitivos e até mecânicos. Lembre-se dos movimentos do porteiro do prédio, do colhedor de café, do ordenhador (tirador de leite), do caixa do banco e de como podem se tornar cansativos.

Outras profissões, ao contrário, já permitem que o corpo não repita tanto os mesmos movimentos, ou seja, os movimentos podem ser inventados e criados o tempo todo. Vamos ver alguns exemplos? O jogador de futebol (cada jogada exige um movimento), a dançarina (cada dança precisa de diferentes tipos de movimento),

o boiadeiro depende do movimento dos animais. Você se lembra de outros?

Nosso trabalho condiciona o corpo, permitindo ou não que expressemos nossas identidades e sejamos capazes de transformar nossa situação social.

QUEM FAZ O MOVIMENTO?

Gilberta adora dançar, sai todas as sextas-feiras para ir ao forró perto de sua casa. No forró aproveita para saber das novidades da semana, pôr o papo em dia. Os dias em que seu amigo Pedro também aparece, ela dança muito mais, pois ele é um bailarino e tanto - dizem que Pedro dança "melhor" que Gilberta. Com Pedro, Gilberta percebe que inventa movimentos, fica mais leve e mais solta na pista de dança. Um dia, ela levou um xale para o forró e os dois criaram uma dança usando o xale. Nos dias em que Pedro não está, ela acaba dançando com pessoas que conhece pouco, com as próprias amigas, e não vê tanta graça no que faz.

Por que será que dizem que Pedro dança "melhor" que Gilberta? Eles não estão dançando a mesma coisa (forró)?

Na verdade, não há "melhor" ou "pior", isso depende do gosto e do olhar de cada um. Mas Pedro, por ser homem, tem uma movimentação *diferente* da de Gilberta. Podemos começar pensando no corpo de Pedro, talvez mais flexível, mas decidido, o que faz com que tenha um "molejo" pessoal. Pode ser que Pedro dance há mais tempo, tenha mais experiência no salão.

Quando duas pessoas com corpos diferentes fazem o mesmo movimento, os movimentos ganham uma "cara" especial, pois cada pessoa tem uma história de vida, um parentesco, uma idade, uma vivência corporal.

Mesmo fazendo os mesmos movimentos, *quem* o faz pode tornar a cena totalmente diferente.

COM QUEM OU COM QUE O MOVIMENTO SE FAZ?

Por que será que Gilberta dança mais quando está com Pedro? Que função teve o xale de Gilberta na dança com seu parceiro?

Nossos movimentos se modificam conforme as pessoas com quem estamos convivendo e nos relacionando. Na dança, por exemplo, os parceiros, o grupo de pessoas, o tipo de público também fazem nossos movimentos se transformarem.

Gilberta dança melhor com Pedro, pois ele "dança bem" e inventa movimentos que a divertem. Outra possibilidade é que Gilberta dance melhor com Pedro porque gosta dele e, assim, a dança fica mais leve e mais gostosa. Quando ela dança com as amigas, não vê muita graça, talvez porque o forró seja mais gostoso dançado "homem-mulher", ou seja, por um casal.

Nossa dança também se modifica, fica mais ou menos gostosa, divertida e criativa dependendo dos objetos com que nos relacionamos. Gilberta escolheu dançar com o xale e descobriu que podia fazer outros movimentos. O xale, assim, aproximou Gilberta de Pedro, ajudou-os a criar movimentos, a expressar e comunicar outras coisas. O xale, na dança de Gilberta e Pedro, permitiu que saíssem dos passos convencionais do forró e criassem sua própria dança.

Vamos fazer um resumo dos elementos que compõem o movimento humano:

Fonte: adaptação de Valerie Preston-Dunlop, 1989.

Podemos dizer que estes elementos do movimento acima estão presentes em qualquer ser humano, ou seja, fazem parte de nossa espécie.

CONVENÇÕES E CÓDIGOS DE COMUNICAÇÃO PELO MOVIMENTO

Você já reparou como algumas pessoas gesticulam para falar? Ou melhor, que, às vezes, não precisamos nem falar, porque o movimento já "diz"?

Imagine a seguinte situação:

Carlos estava no ponto de ônibus com um amigo, conversando. De longe, víamos Carlos abaixando e levantando a cabeça enquanto ouvia o amigo. De repente, Carlos balançou a mão, o ônibus parou, ele subiu. De dentro do ônibus, acenou de novo. O amigo, na calçada, respondeu com o mesmo gesto e foi embora.

O que queriam dizer os movimentos gestuais de Carlos? Por que será que abaixava e levantava a cabeça? Você conseguiria imaginar a conversa? Como ele conseguiu que o ônibus parasse? Por que será que o amigo foi embora?

Podemos, com essa descrição dos gestos de Carlos, imaginar que, qualquer que fosse a conversa, Carlos concordava com o amigo, pois abaixava e levantava a cabeça. Se não estivesse concordando, mexeria a cabeça de um lado para o outro. No Brasil, é assim que nos entendemos, é uma convenção.

Acenar com as mãos também é uma convenção, um "combinado" entre os brasileiros para parar o ônibus. Ou seja, é um movimento que todos os motoristas de ônibus em nosso país entendem. Imagine você pulando no ponto de ônibus sem mexer as mãos. O motorista entenderia que você quer subir e fazer uma corrida? Provavelmente ele pensaria uma porção de coisas, menos que você queria pegar o ônibus.

Desenvolvendo competências

2 *Qual movimento cotidiano abaixo é também uma "convenção", um "combinado" entre os brasileiros?*

a) Abaixar e levantar a cabeça, para dizer "sim".

b) Mexer os quadris, para dizer "tenho fome".

c) Chacoalhar os ombros, para dizer "eu quero".

d) Abrir os braços, para dizer "eu detesto".

Mas... e o segundo aceno de Carlos para o amigo? Queria também dizer "pare o ônibus"? O segundo aceno de Carlos, já dentro do ônibus, foi compreendido pelo amigo como um gesto de "adeus", de despedida. Às vezes utilizamos o mesmo gesto para dizer coisas diferentes, o que muda é a situação, o contexto em que os gestos aparecem.

Procure se lembrar, observar e fazer movimentos convencionais e não convencionais para os brasileiros. Mostre-os para alguém e veja como vocês se entendem. Esses movimentos que você inventou dizem a mesma coisa para todo mundo?

Se, pelo mesmo movimento, as pessoas entenderem coisas diferentes, pode haver discórdias, desentendimentos e brigas. Por outro lado, as formas diferentes de compreender os movimentos trazem riqueza e variedade de comunicação e expressão ao movimento humano.

MOVIMENTO E ATIVIDADES DE LAZER

Quando saímos de casa para nos divertir, participamos de atividades de lazer que trazem novas possibilidades de movimentação para o nosso cotidiano e que modificam nossos corpos e nossas experiências.

ATIVIDADES ESPORTIVAS

Vamos pensar no jogo de futebol?
Diz o locutor:

Atenção, telespectadores, Julinho cruza pela direita, mira César Batista que está perto do gol, o goleiro percebe a jogada, se encolhe, grita para seu time, dá um grande salto, mas não adianta... se joga no chão. É goooooooollll! Que felicidade... a torcida do Paranapiacaba está saltando de alegria, erguendo os braços, iniciando uma grande "ola". Os movimentos agitam a galera. A torcida do Rio Azul se encolhe, bate os pés de desespero, não tem mais jeito.

Pense nos movimentos do goleiro: movimentos rápidos, amplos, determinados e fortes, como saltar, se espichar, arremessar e chutar. Os movimentos da torcida também são em geral grandes, amplos, expansivos, coletivos.

Se você não for um atleta profissional, os movimentos do esporte não fazem parte do seu cotidiano, mas podem fazer parte de suas atividades de lazer. Quando você joga ou torce por um time de futebol, seu corpo está envolvido de outra forma com você, com as pessoas e com o meio ambiente.

Pense em outras atividades esportivas que não seja o futebol. Você pratica alguma delas? Que movimentos você faz? Esses movimentos estão presentes no seu trabalho? Poderiam estar? Por quê?

Com a prática de atividades físicas, como o futebol, nosso corpo aprende outras formas de movimento e de expressão que podem ou não ser incluídas no nosso cotidiano; depende do que precisamos, queremos e somos.

JOGOS E BRINCADEIRAS

Jogar com o vizinho, ler, sair para dançar, ir a museus, a espetáculos, caminhar, ir à praia, nadar no lago, ir à feira de domingo são outras formas de nos divertirmos que envolvem movimentos, aprendizados e manifestações coletivas diferentes.

Compare estes dois diálogos entre pai e filho:

– Pai, vamos jogar cartas?

– Vamos sim, filho, você já pegou o baralho?

– Baralho para quê, pai?

– Mas você não queria jogar cartas?

– Pai, as cartas estão na tela do computador...

– Filho, vamos empinar papagaio?

– Pai, o senhor não tem dó do bichinho?

Nas duas situações temos diálogos entre pai e filho que revelam diferenças entre gerações. Pai e filho não conseguem se entender, pois os pais brincavam de modo bem diferente do que seus filhos brincam hoje.

Muitas vezes, como na primeira situação, as brincadeiras antigas como jogar baralho foram adaptadas para os dias de hoje. Podemos jogar e brincar das mesmas coisas que nossos pais usando a televisão, o computador, materiais que não quebram. A segunda situação, ao contrário, mostra uma conversa em que o filho não reconhece a brincadeira sugerida pelo pai. Existem muitas brincadeiras que foram desaparecendo ou mudando bastante.

Você jogou bolinha de gude na infância? Andou de bicicleta? Jogou futebol na rua? Brincou de cabra-cega (uma pessoa fica de olhos vendados tentando pegar as outras)? Empinou pipa (ou papagaio)? Jogou saquinho? Pulou elástico, amarelinha? Você conhece essas brincadeiras? Como elas são chamadas na sua região?

As formas de lazer nem sempre foram iguais, foram mudando no decorrer da história. Assim, os movimentos das pessoas também foram mudando de acordo com suas atividades de lazer. Seus pais também fizeram coisas bem diferentes das que você fez na infância, nas horas vagas, e seus filhos se divertem (ou se divertirão) de outras maneiras.

Faça uma lista de como seus amigos se divertiam na infância. Ao lado, uma lista de como os pais deles se divertiam quando tinham a mesma idade. Compare as duas listas em relação ao uso do corpo e o tipo de movimento que faziam. Discuta com eles: O que mudou? Por quê?

As formas de lazer muito comuns hoje, como assistir à televisão, ouvir rádio, jogar no computador, envolvem movimentos mínimos, ou quase nenhum movimento. Já as formas de lazer "do passado" em geral exigiam corpos mais ágeis, mais dispostos, mais "em forma", pois necessitavam de movimentos mais completos, que trabalhavam o corpo todo.

Jogos e brincadeiras "de outros tempos" são em geral atividades de lazer mais coletivas, ou seja, posso assistir televisão sozinho, mas não tem graça jogar bolinha de gude sem companhia.

Desenvolvendo competências

3 *Em qual resposta TODAS as atividades de lazer são atividades coletivas?*

a) Ler, jogar futebol, jogar xadrez.

b) Jogar videogame, ler, andar de bicicleta.

c) Jogar queimada, jogar dominó, jogar futebol.

d) Ler, jogar baralho, sair para dançar.

Empinar papagaio

A brincadeira "empinar papagaio", como é chamada no sudeste, é também chamada de pipa, pandorga, arraia, quadrado em outras regiões do Brasil.

Por que será que as coisas mudaram tanto? Se você mora em uma cidade grande, deve ter pensado na crescente violência, no medo das pessoas de ficar nas ruas brincando ou se divertindo. O desenvolvimento das novas tecnologias também nos possibilitou outras formas de lazer diferentes. Por exemplo, muita gente prefere assistir à televisão, ouvir rádio em casa a sair para passear, estar com amigos.

DANÇAR

Vamos agora pensar nas atividades de lazer ligadas à dança? O que você gosta de dançar quando sai à noite, nas festas, nos bailes? Essa dança envolve que partes do corpo? Que espaço pessoal? Que maneira de dançar? Você já pensou que cada tipo de dança vem de um lugar, tem uma história e por isso é que os movimentos são tão diferentes?

Analise dois tipos de dança: o forró e o frevo. Ambas são danças de origem nordestina, que se espalharam pelo Brasil todo. Você as conhece? O forró, que se espalhou pelo Brasil na década de 50, é uma dança "de salão", isto é, para ser dançada a dois e em espaços fechados. Já o frevo é uma dança coletiva, que surgiu no Recife, no final do século XIX e início do XX. O frevo vem de desfiles militares de rua, é uma manifestação coletiva que pode alcançar milhares de pessoas.

Que outras danças de salão ou coletivas você conhece? Você conhece o bolero, a valsa, o *twist*? Já ouviu falar do maracatu, do caboclinho, do coco? Pergunte para amigos, leia nos livros e tente descobrir de onde essas danças vêm, de que época são e como são dançadas (em dupla ou em grupo). Faça uma lista das danças de salão dançadas no Brasil hoje e das manifestações coletivas de dança de várias regiões do país. Tente aprendê-las no seu corpo.

Desenvolvendo competências

4 *Quais dessas danças são "de salão", ou seja, para serem dançadas somente por duas pessoas?*

a) Maracatu, frevo, caboclinho.

b) Bolero, valsa, forró.

c) Bolero, valsa, maracatu.

d) Forró, bolero, caboclinho.

CORPO E MOVIMENTO NA EXPRESSÃO ARTÍSTICA

E as manifestações artísticas que trabalham com o corpo? Você participa de alguma? Você dança em desfiles de carnaval? Canta no coro da igreja? Faz parte de alguma banda ou conjunto de música? Faz teatro na escola ou na comunidade? Como você se envolve corporalmente em cada uma dessas atividades?

Os espetáculos de dança, os shows de música, as apresentações de teatro, ou mesmo as artes visuais (escultura, pintura, vídeo) são atividades artísticas que usam o corpo como expressão e comunicação individual ou coletiva. Essas manifestações artísticas são tanto atividades de lazer (para quem assiste) quanto atividades profissionais (para quem faz).

Os artistas, para criar ou para apresentar sua arte, se movimentam muito, antes, durante ou depois de finalizado o trabalho. Cada linguagem artística (a música, o teatro, a dança e as artes visuais) envolve um tipo diferente de movimento.

Figura 1 - o balé clássico

A DANÇA

Pense na figura de uma dançarina. Em quem você pensou? Na bailarina clássica, na dançarina de axé, na dançarina do ventre? Outra qualquer? Você saberia dizer qual a diferença entre os movimentos de uma bailarina clássica e os de uma dançarina de dança do ventre?

Os dançarinos, dependendo daquilo que dançam, ou seja, do estilo, do lugar e da época a que suas danças pertencem, têm uma movimentação diferenciada.

Por exemplo, a bailarina clássica não move os quadris e move pouquíssimo o tronco com movimentos sinuosos (ondulados). Para a dançarina do ventre, ao contrário, o quadril e o tronco são partes do corpo essenciais para a dança. Sabe-se que o balé clássico veio da Europa, de uma sociedade nobre do século XVI. O balé surgiu para divertir reis, rainhas, condes e duques. A dança do ventre, por sua vez, é uma dança tradicional dos povos árabes, tem milhares de anos e não é somente um espetáculo de diversão, mas de sedução entre casais, de manifestação do feminino.

Figura 2 - a dança do ventre

IDEAL DE CORPO NA DANÇA

Claudinéia um dia viu pela TV um programa de dança. Era uma dança totalmente diferente daquela que conhecia: as mulheres ficavam nas pontas dos pés, eram carregadas por príncipes, tinham umas roupas rodadas leves e parecia que estavam voando. Foi perguntar para sua professora o que era aquilo e descobriu que era uma apresentação de balé clássico. Entusiasmada, Claudinéia disse para a professora: – Ah! Que bom, agora eu descobri o que quero: que minha filha seja uma bailarina clássica... A professora, no entanto, não foi muito animadora. Olhando para Claudinéia, não hesitou em dizer: – Com aquele corpo? Nunca! Pode tirar seu cavalo da chuva...

Você consegue imaginar como é o corpo da filha de Claudinéia? Por que será que ele, na opinião da professora, não "serve" para o balé clássico?

Cada tipo de dança, dependendo de onde vem e da época em que surgiu, apresenta um padrão de corpo para dançar.

O balé clássico, dada sua origem européia, sempre exigiu bailarinas muito magras, altas, sem quadril largo. A filha de Claudinéia provavelmente era baixa e atarracadinha. A professora, acreditando no padrão estabelecido, então desaconselhou Claudinéia. Estamos falando de um estereótipo e de um preconceito que muitas pessoas ainda reforçam e que deve ser questionado nos dias atuais. A dança contemporânea, por exemplo, aceita praticamente todos os tipos de corpos e não um corpo padrão para todos.

Pense também nos corpos ideais para dançar na ala das baianas nas escolas de samba: a desenvoltura e a beleza dessas mulheres negras, mais velhas, com corpo mais gordo, são um consenso nacional. É a idade e o tipo de corpo que trazem para as baianas a essência e a beleza de suas danças. Não faria sentido, dentro da proposta das escolas de samba, uma ala das baianas com mocinhas brancas e magrinhas.

Cada dança "pede" um corpo, porque cada dança, em razão de sua origem histórica ou de região do país, precisa de movimentos específicos para expressar, comunicar e transmitir valores culturais e sociais. Isto não quer dizer que se não temos o "corpo ideal", não podemos dançar, só que vamos dançar de outro jeito.

Os portadores de deficiências físicas, por exemplo, têm seu jeito próprio de dançar e de se expressar com o corpo. Já existem no Brasil e no exterior muitas companhias profissionais de dança cujos dançarinos são portadores de deficiência (visual, auditiva, física).

Os diferentes corpos e os diferentes movimentos são a expressão de diferentes grupos sociais e culturais. Quando aprendemos diferentes danças, aprendemos também diferentes culturas, histórias e formas de organização social. Seria muito ingênuo pensarmos que isso é sempre bom ("conhecer outras culturas"), pois existem valores e costumes embutidos em algumas danças que aprendemos que podem não fazer parte do que acreditamos, queremos ou sonhamos. Por exemplo, há danças que "ensinam" o machismo, pois excluem totalmente as mulheres ou as colocam em posições (movimentos) obedientes ao homem. Precisamos, sim, é ter uma postura crítica em relação às danças que aprendemos.

Conhecer as diferentes danças de nosso país ou origem cultural e étnica, no entanto, é fundamental para que possamos *escolher*.

Que danças você gosta de dançar?

O que aprende com elas sobre ser homem ou mulher; jovem ou idoso; negro, branco, mestiço; nordestino ou sulista?

Que escolhas você tem feito?Por quê?

DANÇA PARA HOMENS E MULHERES

Porque será que sempre pensamos nas mulheres quando falamos de dança? Lembre-se de danças de que os homens também participam.

Achar que dança é coisa de mulher é um preconceito que ainda existe nos dias de hoje, é um pensamento que associa a dança ao homossexualismo e o homossexualismo a algo ruim, degenerado. Essa é, na verdade, uma idéia bem distorcida e preconceituosa da dança, pois não existe um só tipo de dança, existem vários estilos.

Você já deve ter assistido à capoeira, às danças do grupo Olodum da Bahia, às danças de alguns orixás, ou mesmo à danças gaúchas. Tente se lembrar dos homens e dos movimentos masculinos dessas danças. Nenhuma dessas danças "compromete" a sexualidade de ninguém, muito pelo contrário, são danças altamente viris.

Você conhece alguma outra dança em que os homens participam? Veja se seu colega conhece essa ou sabe de outra.

MÚSICA

Você já reparou como alguns músicos movem seus corpos para tocar instrumentos? O que aconteceria se tirássemos os instrumentos e o movimento continuasse? Façam essa experiência: tirem o instrumento e continuem se movimentando como se estivessem tocando. Que movimentos vocês fazem?

Alguns instrumentos musicais "chamam" o movimento, ou seja, não podemos tocá-los sem que nos movamos muito. É o caso dos atabaques, da bateria, da harpa e até mesmo do piano. Se tirássemos os instrumentos dos músicos e eles continuassem se movimentando, teríamos uma espécie de "dança"! Alguns músicos fazem aula de dança e exercícios corporais para preparar o corpo para tocar instrumentos. A participação do corpo todo no ato de tocar faz com que o corpo também se torne meio de comunicação e expressão da música.

Você já reparou que alguns cantores dançam em cena, enquanto cantam? Na maioria das vezes, os movimentos acompanham o ritmo e os instrumentos. Outra forma de ter movimento durante as apresentações musicais é encontrar movimentos para as músicas, principalmente se as músicas têm letra. Estas danças em geral apresentam movimentos repetidos, fazem mímica e ilustram as letras. Atualmente a dança está muito presente nos grupos de música somente como pano de fundo, ou complemento do conjunto, ou seja, está perdendo sua autonomia como arte.

Tente se lembrar de grupos de música em que os cantores ou os músicos dançam durante as apresentações. Como são essas danças? São ilustrações repetitivas das letras ou não?
Tente inventar movimentos diferentes dos que você costuma ver nos cantores e veja o que pode acontecer.

Desenvolvendo competências

5 *Com qual desses instrumentos o músico mais movimenta o corpo?*

a) Violão.

b) Bateria.

c) Flauta doce.

d) Gaita.

TEATRO

Vamos agora pensar no teatro. Você já foi ao teatro? Como os corpos dos atores se movimentam? É parecido com os corpos dos músicos ou dos dançarinos?

Há espetáculos de teatro que envolvem tanto a música quanto a dança – são os musicais. Nesses espetáculos, os atores, além de atuar, aprendem a dançar e a cantar para contar suas histórias e dialogar com o público.

O mais comum, no entanto, é não haver dança nem música nas peças de teatro. Os atores aprendem e criam movimentos específicos não para dançar, mas para dizer onde estão, o que estão fazendo, quem são e o que querem. Ou seja, os atores, com auxílio do texto teatral e do diretor de cena, decidem que movimentos precisam e querem para se expressarem.

Como você representaria uma personagem velha e doente em cena? Seriam os mesmos movimentos de uma criança que acabou de saber que ganhou um lindo presente de Natal pelo correio? Qual a diferença básica dos movimentos das duas personagens? Por quê? Discuta com um colega.

Provavelmente, os movimentos que você escolheu para a personagem velha e doente seriam movimentos encolhidos, andar lento e pesado, de cabeça mais baixa. Seria muito esquisito se, para essa personagem, os movimentos fossem rápidos, saltitantes, pois tem mais idade, está doente. Já a representação da personagem "criança feliz" poderia ser de peito aberto, correndo e saltando de um lado para o outro, cabeça para cima, muito leve e muito rápido, concorda?

A escolha dos movimentos das personagens depende do tipo físico delas, de suas emoções, do lugar onde estão, da época encenada (atual ou do passado?), daquilo que está contando ou dizendo (o texto).

Escolha junto com seus colegas outras personagens – ou tire de um livro de histórias – e tentem "colocar movimento" nelas. Pode ser, por exemplo, um rei elegante, um mendigo triste, uma mocinha. Como cada um de vocês caracterizou as personagens pelos movimentos?

O PÚBLICO NAS MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS

Em geral, quando vamos a espetáculos, a festas e a shows de música, dança, teatro, há mais movimento por parte de quem se apresenta do que da parte de quem assiste. É comum que a platéia permaneça sentada, quieta, e não participe corporalmente das apresentações. Assistir a espetáculos, ir a museus, eventos e *shows* também é uma forma muito rica de aprender sobre arte.

Você já foi a algum *show*, espetáculo ou apresentação de dança ou de música em que você podia dançar, cantar, se mover junto com os artistas? O que você aprendeu no seu corpo? Pergunte a seus colegas se eles se movem durante os *shows* e espetáculos de arte. Como são esses movimentos?

Em espetáculos de dança, música e de teatro em auditórios e casas de espetáculo fechados, o público normalmente não é chamado para dançar ou cantar, ou seja, a participar corporalmente da arte.

Nos desfiles de carnaval e nas festas populares, ao contrário. Mesmo com a presença dos artistas, há permissão, e o público é chamado a entrar na cena. Mas você deve saber como entrar, pois as danças das festas e eventos populares apresentam padrões, caminhos e moldes a serem seguidos pelo público. Não teria sentido, por exemplo, você entrar sambando numa festa junina em que a dança "chefe" é a quadrilha.

Já existem artistas contemporâneos (dos dias de hoje) que pensam os espetáculos de dança com a participação crítica e criativa do público – o público entra na dança para criar e não para imitar ou interpretar danças já prontas.

Desenvolvendo competências

6 *Em qual das manifestações artísticas abaixo, o corpo do público está ou poderia estar em movimento?*

a) Espetáculo de dança no palco de um teatro.

b) Espetáculo de teatro em auditório fechado.

c) Show de rock em espaço aberto.

d) Concerto de orquestra em teatro.

CORPO NA TV, NAS REVISTAS E NOS JORNAIS

Preste atenção nas imagens a seguir. Qual você diria que tem mais a ver com o padrão de beleza de hoje? Por quê?

Figura 3 - atleta saltando

Figura 4 - Lutador de sumô

Atualmente, o padrão do "bom corpo" tem sido ditado em grande parte pela televisão, pelas revistas e pelos jornais. Na imagem 3 ao lado, vemos um corpo magro, musculoso, jovem, "malhado". Este é, hoje em dia, um corpo valorizado, "bonito".

Você já parou para pensar que hoje, por trás desses corpos "bonitos", há pessoas querendo vender produtos, roupas, adereços e mais um milhão de coisas para que você possa chegar perto do modelo ideal? E se você não tiver dinheiro para comprar todos esses produtos? Em função de um padrão único de beleza, nossos corpos viraram mercadorias e pouco se considera pela história, origem, afetos e necessidades de cada um.

PARA FINALIZAR...

Pudemos observar neste capítulo o movimento humano em suas diversas atividades: em casa, na rua, no trabalho, nas atividades de lazer e nas diversas manifestações artísticas. Aprendemos que o envolvimento do corpo e o movimento nessas atividades nos ensinam muito a respeito de quem somos, de onde viemos e o que queremos e podemos no futuro.

Vimos que aquilo que queremos e fazemos com o nosso corpo nos permite melhor expressarmos e nos comunicarmos com o mundo de que somos parte e também cumprirmos melhor nossas tarefas cotidianas.

Se por um lado nosso corpo indica nossa origem social e cultural, imprime modelos e até mesmo preconceitos, por outro lado o corpo é elemento chave de transformação: podemos mudar nosso corpo e nosso movimento ao escolher diferentes ambientes, atividades físicas e artísticas, relacionamentos e, assim, mudar também nosso comportamento e nossa vida.

Por isso, não digamos que temos, mas que *somos* o nosso corpo.

Conferindo seu conhecimento

1 *Resposta (c).*

2 *Resposta (a).*

3 *Resposta (c).*

4 *Resposta (b).*

5 *Resposta (b).*

6 *Resposta (c).*

Orientação final

Para saber se você compreendeu bem o que está apresentado neste capítulo, verifique se está apto a demonstrar que é capaz de:

- Identificar em manifestações culturais elementos históricos e sociais.
- Identificar as mudanças/permanências de padrões estéticos e/ou cinestésicos em diferentes contextos históricos e sociais.
- Comparar manifestações estéticas e/ou cinestésicas em diferentes contextos.
- Analisar, nas diferentes manifestações culturais, os fatores de construção de identidade e de estabelecimento de diferenças sociais e históricas.
- Posicionar-se criticamente sobre os valores sociais expressos nas manifestações culturais: padrões de beleza, caracterizações estereotipadas e preconceitos.

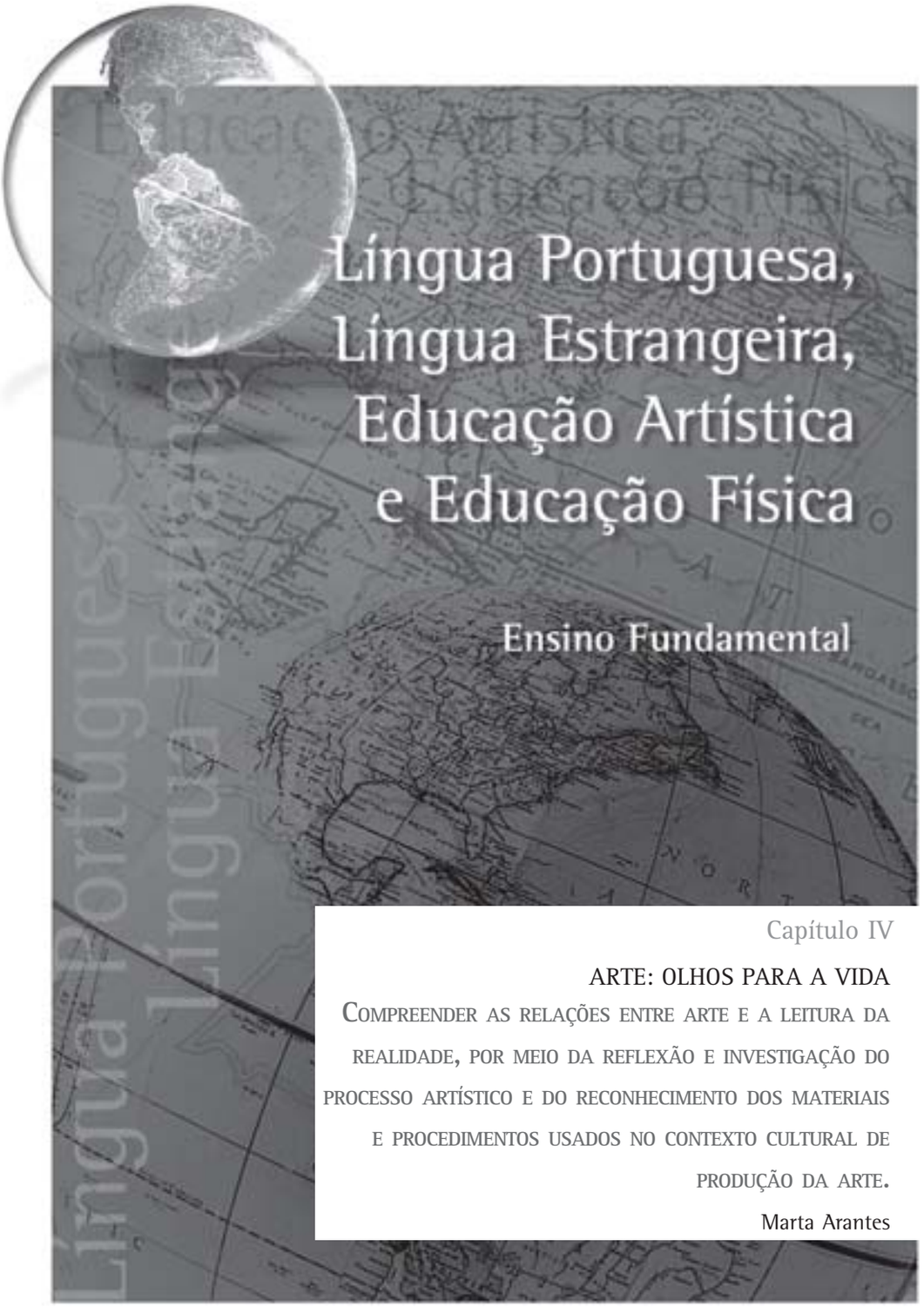

Capítulo IV

ARTE: OLHOS PARA A VIDA

COMPREENDER AS RELAÇÕES ENTRE ARTE E A LEITURA DA REALIDADE, POR MEIO DA REFLEXÃO E INVESTIGAÇÃO DO PROCESSO ARTÍSTICO E DO RECONHECIMENTO DOS MATERIAIS E PROCEDIMENTOS USADOS NO CONTEXTO CULTURAL DE PRODUÇÃO DA ARTE.

Marta Arantes

Capítulo IV

Arte: olhos para a vida

APRESENTAÇÃO

A arte, como outros campos do conhecimento (a filosofia, a religião, a física, a antropologia etc), procura compreender os sentidos de nossa existência. Assim, a arte representa a realidade, recriando-a. As relações entre a arte e a leitura da realidade são caminhos de ampliação da própria vida.

Neste capítulo, vamos estudar as linguagens artísticas, como as artes visuais, a música, a dança e o teatro.

ARTES VISUAIS

Por serem percebidas pela visão e se revelarem pelas imagens, algumas manifestações artísticas são conhecidas como artes visuais. A pintura, a fotografia, a escultura, o desenho, o cinema, as imagens por computador, os vídeos, a arquitetura são exemplos de artes visuais.

Vamos, agora, trabalhar com uma forma significativa de representar aspectos da vida: o desenho.

Desenvolvendo competências

1

Escolha um objeto simples (pode ser uma garrafa, uma xícara etc.) e desenhe-o.

Depois, peça para mais duas pessoas desenharem esse objeto também.

(Cada um dos desenhos deve estar em uma folha separada)

Compare os desenhos:

1. *observe como cada um representou seu objeto.*
2. *os três desenhos ficaram do mesmo tamanho?*
3. *todos usaram a folha na mesma posição? Os desenhos foram coloridos? Foram em branco e preto?*
4. *o que há de diferente em cada um dos desenhos?*

Com certeza na hora de comparar os desenhos, você encontrou diferenças. Três pessoas diferentes, três formas de olhar diferentes. Três expressões diferentes.

Vamos supor que você tenha desenhado uma garrafa. Qual a diferença entre uma garrafa e o desenho dela? Qual a semelhança? O desenho pode ser muito parecido com a garrafa, mas não é o mesmo que ela. A garrafa serve para armazenar líquidos, correto? Mas não é possível armazenar líquidos no desenho da garrafa. Só é possível representá-los visualmente.

Portanto, o desenho não é o objeto. É apenas uma representação do objeto.

O desenho é uma forma de expressão visual, utilizado na arte ou na comunicação por meio de imagens.

Podemos exemplificar com o fato de que algumas pessoas usam o desenho como profissionais; por exemplo, os que trabalham na criação de móveis ou roupas, usam desenhos para expressar suas idéias. Na vida cotidiana, um outro exemplo é a elaboração de um mapa, indicando a um amigo como chegar em nossa casa.

Desenhar a garrafa foi uma forma de você expressar seu jeito de olhar, de compreender esse objeto e de poder representá-lo.

A mesma garrafa poderia ser representada de outros modos. Por exemplo, uma colagem usando vários materiais, uma modelagem em argila ou talvez uma expressão sonora procurando imitar o som que ouvimos ao abrirmos uma garrafa de refrigerante, associando-o à mímica. Seria possível representar a garrafa usando sons e gestos?

Para continuar nossa reflexão sobre as relações entre a arte e a leitura da realidade, propomos o estudo de diferentes imagens de artes visuais sobre um tema conhecido de norte a sul no Brasil: o carnaval.

Desenvolvendo competências

2 *Observe e compare as duas imagens:*

Figura 1 - DEBRET, Jean Baptiste. *Cena de Carnaval*. 1823. Aquarela sobre papel, 18x23 cm, Museu Castro Maia, Rio de Janeiro.

Figura 2 - Trio elétrico, carnaval de Salvador.
Foto de Frederico A. Carvalho Krücken. 2002.

*A seguir você tem um **roteiro de análise** que vai auxiliá-lo na reflexão sobre as imagens. Sempre que necessário, volte a observá-las atentamente e vá anotando suas idéias em uma folha, para posteriormente comparar suas anotações com as análises contidas neste capítulo.*

*Verifique que o **roteiro de análise** procura fazer com que você não apenas olhe as imagens, mas faça uma leitura delas, pois podemos ler imagens e não apenas textos escritos. O mundo está repleto delas, com muitas informações que percebemos pela visão, e isso ajuda a entender mais e melhor a própria vida.*

Roteiro de Análise

Observe:

a) sentimentos e sensações que as imagens 1 e 2 despertam em você.

b) tema ou assunto das imagens.

c) uso das linhas, formas e figuras no espaço de cada imagem (se o capítulo fosse em cores, sem dúvida, a análise desse elemento seria fundamental).

d) os gestos representados.

e) as pessoas representadas.

f) a época das imagens (observe as construções, objetos e roupas das cenas reproduzidas).

A análise que você fez das imagens 1 e 2 colocou lado a lado seus conhecimentos de mundo, intuição, imaginação. Nosso roteiro usou determinados elementos fundamentais na leitura de imagens: linhas, formas e figuras, representação de movimentos que figuram em um tema e a visão que o autor tem dele.

Além da obra e do autor, um outro aspecto é a existência de um leitor, um apreciador da obra de arte, que completa o círculo da produção: autor / obra / apreciador (que foi seu papel na análise das imagens).

O CARNAVAL

No Brasil, o Carnaval foi introduzido pelos portugueses no século XVII, sendo naquela época chamado de entrudo: uma brincadeira na qual as pessoas atiravam umas nas outras bexigas com água e farinha, fuligem, ovos podres, polvilho, usando também bacias ou bisnagas.

No século XIX o carnaval de alguns países da Europa, como a França e a Itália influenciaram o entrudo, que sofreu mudanças. Assim, personagens e fantasias, como Rei Momo, Colombina, Pierrô, entraram no carnaval brasileiro.

ARTE, UM OLHAR SOBRE A REALIDADE

ANÁLISE DA FIGURA 1

O artista francês Debret registra nessa obra uma cena de carnaval (entrudo), que era comum no tempo do Império no Brasil. Em 1823, período em que a obra foi produzida, o Brasil sofria fortes influências européias nos usos e costumes, bem como na arte, copiando modelo de países como Portugal, França, Espanha e Itália. Os casarões que vemos mostram a influência européia na arquitetura da época. Essa influência pode ser vista ainda hoje em algumas cidades do Brasil, que procuram preservar essas construções da época do período colonial.

O que vemos nessa obra é uma cena do carnaval da época, com pessoas negras divertindo-se nas ruas. Estão descalças e algumas sem camisa. Não têm o requinte da moda trazida da Europa, pois usam roupas feitas de algodão – pano de fabricação grosseira que os colonizadores usavam para vestir os escravos.

Note que o artista destaca no espaço central da composição uma mulher que traz uma cesta de frutas na cabeça e tem o rosto branqueado pela farinha que um outro participante dessa brincadeira atirou. Nela, à esquerda, vemos um pequeno comércio da época e outras pessoas também presentes na cena. Uma delas está pegando ovos em uma bandeja: será que para atirar em alguém? A composição continua ao fundo com outras formas e figuras representadas em menor proporção. Quando olhamos, temos a impressão de que podemos entrar no quadro e descer a rua – este "truque" resulta da **perspectiva**, que é um recurso utilizado para representar em profundidade o espaço de um quadro, como se ele tivesse três dimensões (altura, largura e profundidade) e não duas (largura e altura).

Verifique como Debret cria a impressão de movimento: algumas figuras foram desenhadas com linhas inclinadas sugerindo essa idéia. As linhas curvas também sugerem movimento, só que de forma mais suave. Já as linhas usadas para representar as construções são na maioria retas, dando a impressão de firmeza, rigidez e dureza.

Agora, imagine-se dentro desse quadro, passeando pelo cenário reproduzido por Debret; solte-se, use a imaginação... Entre no comércio que aparece na obra, desça a rua...

Que sons você está ouvindo nesse seu passeio? Pense na "paisagem sonora", nos sons que deveriam existir naquela época, naquele lugar. Deixe sua imaginação livre para procurar; permita se surpreender.

Quando você foi convidado a passear pelo quadro, estava descobrindo, inventando, sentindo, divertindo-se. Descobrindo e construindo outras formas de ver... apreciando a obra do seu ponto de vista.

SAIBA UM POUCO MAIS
SOBRE JEAN BAPTISTE DEBRET

Nasceu na França e chegou ao Brasil em 1816, aos 48 anos, com a Missão Francesa que veio a convite de Dom João VI. Seu trabalho artístico teve uma grande importância, pois registrou em suas pinturas e desenhos cenas do Brasil Colonial. Nossa paisagem, a relação entre senhores e escravos, festas religiosas, festas indígenas, usos e costumes da época são temas de sua obra. Foi o pintor oficial da corte portuguesa no Brasil e acompanhou nossa história, registrando algumas cenas desse processo histórico. Quando voltou a Paris em 1831, reuniu seus desenhos e pinturas em um álbum, que chamou de "Viagem pitoresca e histórica ao Brasil". Faleceu em Paris, em 1848, aos 80 anos.

Na época em que Debret produziu sua pintura, a máquina fotográfica não existia. Para retratar pessoas, cenas históricas ou cenas cotidianas, era comum o uso do desenho ou da pintura. Hoje vivemos cercados de imagens variadas, e entre elas há muitas fotografias nos anúncios publicitários, nos jornais e nas revistas. Assim, tanto no passado como nos dias de hoje, podemos dizer que a fotografia é uma forma de registrar uma época.

A fotografia é também uma das manifestações das artes visuais. A fotografia registra o universo pessoal do seu autor em contato com o mundo em que ele vive, como é o caso, por exemplo, do fotógrafo brasileiro, muito premiado pelo mundo afora, Sebastião Salgado.

ANÁLISE DA FIGURA 2

Aqui vemos pessoas batendo palmas, pulando, agitando os braços para cima, para os lados, brincando carnaval atrás do trio elétrico, em Salvador. Imagens como essa são bem conhecidas e aparecem em vários programas quando ligamos a televisão na época do carnaval. Na foto podemos observar prédios altos e postes de iluminação elétrica, ao fundo. Vemos também no canto direito inferior uma lata de cerveja na mão de um dos foliões. Podemos ver ainda nessa imagem novos avanços tecnológicos, como, por exemplo, os trios elétricos, cujos caminhões têm uma aparelhagem de som tão potente que arrasta multidões de foliões atrás deles pelas ruas, quando fazem shows nas cidades. As latas de alumínio, metal muito utilizado no século XX, também registram a época, pois antigamente não havia tecnologia apropriada para fabricar esse artefato.

SINTETIZANDO

As Figuras 1 e 2 analisadas representam a visão de carnaval de duas épocas históricas diferentes. Assim, podemos afirmar que a imagem é também uma fonte histórica importante para registrar as manifestações culturais da humanidade através dos tempos.

É importante dizer ainda que não é exclusivamente por meio da imagem (pintura ou fotografia) que chegamos a perceber os pensamentos e sentimentos de diferentes pessoas e povos em países e épocas diversas. Podemos também lembrar outras linguagens artísticas, como a música, o teatro, a poesia, a dança, o cinema etc.

UM OLHAR BRASILEIRO NA ARTE

O Brasil, como outros países, tem em algumas obras artísticas marcas da sua busca de identidade social. Nosso país teve diversos movimentos de libertação política e cultural.

No que se refere à arte, nos anos 20 e 30 do século XX passa a ganhar força, no Brasil, uma nova maneira de fazer arte, explorando temas brasileiros.

A SEMANA DE ARTE MODERNA DE 1922

Foi um movimento artístico que se fez em São Paulo, reunindo artistas inovadores que apresentaram um conjunto de obras voltado para aspectos culturais brasileiros. Destacaram-se as obras de artes visuais e a literatura. A arte brasileira vinha de um período em que as tradições, as regras provenientes de séculos anteriores ainda vigoravam com seus princípios acadêmicos. No início do século XX, a transformação do mundo, com as novas tecnologias, a rapidez dos transportes, os novos ideais políticos e sociais, originou a busca, a criação de um novo olhar para a arte brasileira, marcando o início de um movimento que foi chamado ***Movimento Modernista****. Entre os seus principais participantes, podemos destacar, na literatura, Mario de Andrade, e nas artes visuais, Victor Brecheret, Anita Malfatti, Tarsila do Amaral, Lasar Segall, Di Cavalcanti, entre outros. Esse movimento foi um marco na história da arte brasileira, abrindo novos caminhos para a criação artística.*

Procurando dirigir seu olhar para uma leitura do Brasil, a partir do ideal do Modernismo, analise as imagens a seguir:

Figura 3 - DI CAVALCANTI. *Figuras com fantasias carnavalescas*. 1925. Grafite e aquarela sobre papel, 28,7 x 28,8 cm, Museu de Arte Contemporânea/USP.

DI CAVALCANTI

Emiliano Augusto Cavalcanti de Albuquerque Melo nasceu no Rio de Janeiro, em 1897. Foi pintor, desenhista, caricaturista, jornalista e escritor. Numa exposição de 1921, em São Paulo, expôs pela primeira vez suas pinturas. Foi um dos organizadores da Semana de Arte Moderna em 1922. Morou também em Paris. De volta ao Brasil, sua arte revelava cores vivas e valorização das formas na composição. Entre seus trabalhos há uma forte presença da mulata, do negro e do homem humilde, demonstrando seu interesse por temas sociais do Brasil. Apresentou, assim, uma perspectiva crítica, ao abordar assuntos como o Mangue, o Morro ou o Carnaval. Morreu em 1976, deixando no conjunto de sua obra uma significativa contribuição para a Arte Brasileira.

Figura 4 - PORTINARI, Candido. *Bloco carnavalesco.* 1933-1934. *Crayon* sobre papel, 35 x 73 cm, Coleção particular/ Projeto Portinari.

PORTINARI

Cândido Torquato Portinari nasceu em dezembro de1903, numa fazenda de café, no estado de São Paulo. Estudou arte na Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro e também em Paris, França. Retratou, no conjunto de sua obra, retirantes nordestinos, cangaceiros, sua infância em Brodoswki, enfim, cenas do Brasil. Um de seus trabalhos mais famosos foi uma tela de grandes proporções em que retratou a colheita de café. Seu titulo é "Café" (1935). Representou também temas históricos, em painéis tais como "Tiradentes" e "A Chegada da Família Real ao Brasil". Morreu em 1962, deixando obras em importantes museus da Europa e da América.

Desenvolvendo competências

3 *Faça uma leitura atenta das reproduções das obras (Figuras 3 e 4), atentando para:*

a) as cenas representadas.

b) as características de cada uma.

c) as pessoas que aparecem nas imagens.

d) os temas.

e) a forma como os autores utilizam o espaço na composição.

f) as linhas, formas e figuras.

g) a representação do movimento.

Ao analisar essas duas obras, você, como apreciador das obras, interpretou-as de acordo com o que você é: seus valores e modos de sentir, de pensar. Assim, nesse tipo de análise não há o certo ou o errado: cada um é produtor de sua interpretação, que leva em conta, é lógico, as pistas usadas pelos autores, ou seja, a forma como eles usavam os elementos artísticos que tinham à disposição.

Na **Figura 3**, veja que são três homens fantasiados de mulher para brincarem o carnaval na rua. Esse hábito é muito comum no carnaval brasileiro até hoje: fantasiar-se de mulher faz parte dos costumes, das brincadeiras dos blocos de foliões. São homens que, aproveitando a descontração e a alegria do carnaval, usam a imaginação e uma dose de gozação para "mudarem de pele" e se vestirem de sexo oposto. Repare que os homens estão calçados de formas diferentes: um usa botinas masculinas, o que torna sua fantasia mais engraçada; outro calça sapatos de mulher e um terceiro está descalço.

Note que as linhas empregadas na reprodução são, em sua maioria, linhas curvas, mas desenhadas na posição vertical, o que reduz a sensação de movimento das figuras. Entre os objetos, podemos ver um folião com um chocalho na mão, roupas, chapéus. As figuras que aparecem na obra são pessoas do povo brincando o carnaval; portanto, o quadro traz uma cena bem brasileira.

Na Figura 4, Portinari retrata uma cena em que o povo brasileiro se diverte no Carnaval, por volta de 1920. Verifique que as pessoas representadas são fortes, as mulheres têm pernas grossas, os corpos sugerem volume. Nesta obra começa a aparecer uma característica marcante de Portinari: figuras humanas com pés e mãos enormes, como que registrando a força do trabalho. Há, ainda, um toque sensual presente nas figuras femininas. Veja também como o artista consegue representar a alegria e captar o movimento da dança desse bloco carnavalesco, utilizando linhas inclinadas e curvas muito sinuosas. O jeito como desenha as linhas e as formas para representar essas figuras são características muito próprias de sua pintura.

Note que as duas imagens refletem cenas cotidianas, ou seja, o povo se divertindo na rua, para brincar o carnaval. Podemos dizer que os dois artistas realizaram suas composições buscando um olhar brasileiro na arte. Essas obras têm características próprias do movimento modernista brasileiro.

Desenvolvendo competências

4 *Produção de uma colagem.*

Você gostou das pinturas? Que sentimentos despertaram em você? Se tivesse que pintá-las, como o faria? Mudaria alguma coisa?

Quando produzimos uma imagem, trazemos nossa forma de ver o mundo, representando-o por meio de linhas, formas, cores e movimentos. Nas obras analisadas, o suporte utilizado para fazer as obras foi a tela e a técnica foi a pintura.

Agora, faça um desenho sobre cenas cotidianas da região onde você mora: pessoas trabalhando ou divertindo-se ou outras imagens que você escolher. Para isso, você vai produzir uma COLAGEM com materiais que estiverem ao seu alcance, por exemplo, revistas, papelão, pedaços de papéis, panos, plásticos, sobras de tinta. Conforme o lugar onde mora, você pode utilizar também areia, folhas, terra e outros materiais. Escolha um suporte para realizar seu trabalho: pode ser um pedaço de madeira, um plástico, um papelão, uma tela etc. Ao realizar essa atividade, você está expressando seus sentimentos, seus pensamentos, seu olhar sobre a cena que escolheu.

Quando terminar, compartilhe com outras pessoas o resultado de sua produção. Pergunte o que elas acham das suas idéias, se sabem o que você tentou representar. Compartilhe com elas como foi seu processo de produção. Você fez um planejamento, pensou no que queria representar e como iria fazê-lo ou as idéias foram surgindo no decorrer da proposta? Você modificou algo que havia planejado? Por quê?

Ao observarmos uma pintura, uma colagem, uma escultura etc, por muitas vezes, não nos damos conta de que, para ficarem tal qual nossos olhos observam, houve um processo de criação e produção. Cada artista tem sua maneira pessoal de expressão na produção de uma obra. Você pôde agora perceber com mais clareza o que é um processo de criação, pois, ao desenvolver o trabalho de colagem, vivenciou isso.

ARTE: UM OLHAR SOBRE O HOMEM E SUA HISTÓRIA

O pintor holandês Eckoult chegou ao Brasil em 1637, com a missão holandesa comandada por Maurício de Nassau. Encontrou aqui um povo festivo e uma de suas pinturas mostra a dança dos Tarairius, uma tribo dos Tapuias. Observe o movimento corporal dos índios na reprodução a seguir. Eles são ágeis, dinâmicos e vigorosos.

Figura 5 - ECKOULT, Albert. *Dança dos Tapuias*. [sem data]. Óleo sobre madeira, 168 x 294cm, Museu Nacional da Dinamarca.

Desde a antiguidade, o homem expressa suas emoções dançando e cantando. Mesmo antes de saber escrever, na pré-história, o homem expressava e interpretava o mundo usando as linguagens da arte. Esculturas, pequenos objetos, desenhos nas paredes das cavernas foram encontrados nas regiões da França e Espanha e datam, provavelmente, de 30.000 anos. Aqui no Brasil também foram encontrados desenhos, pinturas e gravações feitas pelo homem primitivo em cavernas do Piauí, Bahia e Goiás. Essas marcas são registros da história do homem e são chamadas "arte rupestre".

Na cultura brasileira, os índios, os portugueses e os negros trouxeram muitas contribuições para a formação do povo brasileiro. Sua influência está na linguagem, na religião, na culinária, nas festas, e na arte de todo o país.

As linguagens artísticas podem ser estáticas, como uma pintura ou um desenho, mas também podem estar em movimento, como a dança e o cinema.

MÚSICA E DANÇA: LINGUAGENS DOS SONS E DOS MOVIMENTOS

A MÚSICA

A música faz parte de vários momentos importantes da vida humana. Você pode, com uma música, lembrar-se de um caso de amor, de momentos tristes ou alegres. Ela também embala os sonhos, anima, emociona, faz chorar, movimenta o corpo, faz rir, eterniza algo, ajuda a compreender uma determinada situação, lembra alguém, inspira, mexe com o coração, dá saudade... Como seria a vida sem música? Pois é, a música é feita com som e silêncio...

A música é uma linguagem artística que está presente em todas as culturas, em diferentes situações, como festas, comemorações, rituais religiosos, momentos pessoais etc.

Desenvolvendo competências

5

Procure lembrar-se de músicas que marcaram sua vida.
Escolha uma, pense nela cantarolando mentalmente. Se você puder ouvi-la agora, melhor.

Qual o significado dessa música para você? Você gosta dela? Por quê?

Como você vê os compositores atuais da música popular?
E seus intérpretes/cantores e instrumentistas?

O que você leva em consideração para dizer se uma música tem ou não qualidade?

Converse com seus pais, amigos, avós, filhos... para saber de que tipo de música eles gostam e por quê.

Veja que a música tem uma linguagem própria, que está relacionada com o povo, o lugar, o tempo histórico em que foi composta. Você sabe que o gosto musical das pessoas é variado, conforme a idade e suas referências culturais. Uns gostam de samba e axé; outros, de *rock* e *rap*; há ainda os que gostam de música clássica, de valsa, de forró, de sertaneja, de samba-canção etc.

No decorrer da história do mundo, as pessoas têm cantado, tocado instrumentos e feito sua própria música. A música é expressão de sentimentos e é também comunicação. Podemos pensar, por exemplo, nas ocasiões em que cantamos para comemorar um aniversário, na apresentação de um conjunto musical, em uma cerimônia religiosa, em uma festa popular. Podemos, ainda, ouvir música ou cantar apenas para nosso prazer.

O rádio, a TV, o jornal, a revista são importantes meios de divulgação das músicas e até mesmo de formação do gosto musical das pessoas, demonstrando a influência da mídia. Quantas vezes não cantarolamos baixinho uma música e sem querer, de tanto ouvi-la, não nos damos conta de que já a incorporamos, mesmo sem perceber?

Outro aspecto da música é a sua relação com a poesia, especialmente no Brasil, onde temos grandes compositores que são também grandes poetas. Veja a seguir um exemplo desse caso, em que o conjunto "Titãs" fala das necessidades humanas que vão além da sobrevivência pura e simples.

COMIDA
(Arnaldo Antunes/Marcelo Fromer/Sérgio Brito)

Bebida é água.
Comida é pasto.
Você tem sede de quê?
Você tem fome de quê?
A gente não quer só comida,
A gente quer comida, diversão e arte.
(...)
A gente quer bebida, diversão, balé...
(...)
A gente quer dinheiro e felicidade
A gente não quer só dinheiro
A gente quer inteiro e não pela metade.

TITÃS, *Jesus não tem dentes no País dos Banguelas*, WEA, 1987.

Ao selecionar e combinar sons, o músico cria uma composição musical, faz escolhas, identifica suas preferências, investiga, reflete e... compõe.

Os compositores criam suas músicas a partir de uma combinação de sons e silêncios, fazendo experiências com a voz e com instrumentos variados. Após a criação de uma obra musical, faz-se necessário grafá-la, registrá-la num papel, utilizando uma série de símbolos que a identifiquem, surgindo, então, uma partitura musical. Ela permite que músicos e cantores interpretem uma obra musical em qualquer época, independentemente do tempo em que foi composta.

A DANÇA

Com a dança o nosso corpo comunica emoções, fala. Ela é diversão, lazer, experimentação, expressão da individualidade; permite-nos um modo diferente de aprender sobre nós mesmos, nosso corpo e o mundo. As danças estão nas ruas, nos bares, nas festas, nos festivais. Às vezes são danças urbanas, outras vezes são danças clássicas, como o balé, que existe há séculos.

As danças populares, por exemplo, estão sempre se renovando. Na segunda metade do século XIX, surgiu o maxixe, uma dança de salão em que os casais dançavam muito próximos, girando o corpo em movimentos circulares. Essa dança foi considerada na época uma dança escandalosa, proibida para as moças de família, dada a sua movimentação, considerada muito sensual para a época.

A dança sempre criou moda e grupos de adeptos a elas. Atualmente no Rio de Janeiro há os bailes *funks*, que arrastam muitas pessoas para os salões. Elas dançam com muita vitalidade e energia, pulando, criando coreografias próprias e muito sensuais. As danças acompanham as paradas de sucessos musicais, as coreografias da moda, os padrões sociais de relacionamentos.

A DANÇA E AS FESTAS POPULARES

Na história da dança no Brasil, houve contribuições de diversas culturas. As danças indígenas mais as contribuições das culturas africana, portuguesa e os diversos povos que imigraram para o nosso país deram origem aos nossos bailados e festas populares.

Desenvolvendo competências

6

Pense na realidade cultural do lugar em que você vive. Lembre-se das manifestações de música e dança: quais festas populares acontecem na cidade ou região em que você mora? Você participa dessas festas? Quais danças acompanham essas festas? Você sabe dançá-las? Como o povo participa de tudo isso? Qual a importância delas para a cultura local e nacional?

Por todos os cantos do país ocorre a união das comunidades em festas populares, músicas e danças. Dentre várias delas, podemos citar "O Boi de Parintins" (Boi Bumbá), o carnaval, as festas juninas. Muitas danças acompanham as festas, como o frevo, o samba, o baião, a catira, o forró, a quadrilha...

---

*Os **folguedos** são manifestações que acontecem nas festas populares e reúnem dança, música e atividade teatral. O mais conhecido é o folguedo do boi, uma dança teatral popular que conta as aventuras de um boi que morre e é ressuscitado.*

Quando dançamos, podemos sentir nosso corpo, sua temperatura, os batimentos do coração, as sensações corporais e emocionais. Podemos experimentar possibilidades novas de aprender com as variações dos movimentos corporais. Dançando, estamos expressando gestos importantes para nossa vida, nosso corpo e nossa história.

TEATRO, UM ESPELHO DO COTIDIANO

Em nosso cotidiano, vivemos vários papéis, somos personagens também na vida real. Em determinadas circunstâncias, alternamos nossos papéis, podemos brincar de ser outra pessoa, inventando situações, mudando nossas vestes, nosso jeito de falar, de andar, nosso comportamento.

Desenvolvendo competências

7

Imitar e improvisar.

Aproveite uma ocasião em que estiver reunido com um grupo de pessoas da família, do trabalho, da igreja etc.

Procure imitar alguma pessoa desse grupo apenas com movimentos corporais e faciais, sem usar palavras. Para isso, prepare-se, com antecedência, fazendo exercícios de concentração. Uma "dica" é pensar que gestos e movimentos são muito característicos da pessoa que você escolheu. Agora, saia do ambiente em que você se encontra e entre novamente, imitando a pessoa que você escolheu. O grupo deverá observar atentamente e adivinhar quem você está imitando. Essa brincadeira pode continuar com outras pessoas do grupo.

Você se saiu bem na imitação? Descobriram logo quem você estava representando? Sua atuação foi convincente?

Você foi um ator quando estava representando outra pessoa, usando seu corpo, gestos e expressões, e sua platéia eram as pessoas que estavam participando da brincadeira. Você foi também o autor do texto, porque escolheu "o que" e "o como" representar.

Os atores podem interpretar vários papéis. Emprestam seu corpo para se transformarem em personagens e representarem ações e gestos de outras pessoas, animais e até objetos.

Para fazer uma representação com amigos, não precisamos de um teatro real, com palco, cenário, camarins etc. Quando brincamos de imitar outra pessoa, como na atividade proposta anteriormente, as interpretações se fazem de forma improvisada, talvez em uma sala, um quintal ou mesmo na rua, não importa.

Todas as pessoas são capazes de interpretar personagens e comunicar suas idéias por meio da encenação. Nesta atividade, quando você interpretou outra pessoa, usou sua expressão facial e corporal e não fez uso da palavra, como foi orientado. No teatro, quando os atores se expressam sem o uso de palavras, dizemos que ele está representando por meio da mímica. Os gestos de um mímico devem ser muito precisos, pois devem nos dar a impressão de que estamos vendo os objetos e as pessoas imaginárias que fazem parte da encenação.

UM POUCO DE HISTÓRIA

Provavelmente, o homem começou a representar para expressar suas alegrias, tristezas e dúvidas, comunicando-se com outros homens ou com os deuses, em rituais. Nesses momentos era comum o homem imitar fenômenos da natureza, como sons de trovão, representar animais e seus movimentos, ou lembrar seus antepassados. As palavras, gestos ou movimentos corporais das representações eram aprendidos e memorizados.

A origem do nosso teatro está na Grécia antiga, cinco séculos antes de Cristo. Eram organizadas festas para celebrar a fertilidade da terra, em que os participantes se vestiam com peles de animais e entoavam cânticos. Na Grécia surgiu o teatro como conhecemos hoje: representações de histórias nas quais os atores interpretam diferentes papéis para um público.

Todos os anos faziam-se festivais em dias fixos e a população prestigiava esse evento. Os autores dos melhores textos eram premiados e se tornavam famosos. As peças tratavam dos sentimentos mais profundos do homem, como o ódio, o amor, o ciúme e a inveja. Esses sentimentos estão intensamente ligados ao homem e sua história, por isso o teatro antigo e o atual tratam deles.

Os gregos e latinos na antiguidade tinham teatros ao ar livre. Os gregos aproveitavam as encostas das montanhas para garantir acústicas perfeitas. Esses teatros tinham forma semi-circular ou circular e um conjunto de degraus destinados à platéia, muito semelhantes às arquibancadas dos nossos estádios de futebol. Eles resistiram ao tempo e podem ser vistos em vários lugares como Atenas, Florença, entre outras. Você pode saber mais pesquisando sobre estes povos e estas cidades.

Ao longo da vida em sociedade, vivemos episódios tristes, alegres, dramáticos, de amor, de solidão, de solidariedade etc. Essas histórias de pessoas, lugares ou fatos podem ser contadas por meio das linguagens da arte. Quando assistimos a um filme ou acompanhamos uma novela na televisão, estamos sentindo,vivendo, sofrendo, vibrando, torcendo, junto com as personagens da história. No teatro também é assim, só que a grande mágica é que os atores que as encarnam estão tão próximos do público que podem ver e sentir suas reações ao vivo.

O pintor precisa de telas, pincéis, tintas para expressar o que vê, sente ou imagina; o escultor trabalha com argila, metal, madeira, pedra e ferramentas diversas, para criar formas e figuras em suas esculturas; o músico precisa de sua voz ou de seu instrumento; e os atores expressam seus personagens por meio de seu corpo, em geral, com figurinos e maquiagem. A peça de teatro é uma história inventada para ser encenada diante de um público e os personagens de uma peça em sua maioria são inspirados em pessoas reais ou pessoas criadas, inventadas pelo autor. Dramaturgo é a pessoa que escreve textos para o teatro. Ele pode inspirar-se nos momentos históricos de diversas culturas e povos, ou pode inventar histórias das cenas do cotidiano das pessoas.

Desenvolvendo competências

8 *O texto de teatro.*

Uma peça teatral pode ser inventada, criada por qualquer pessoa ou grupo? O que é necessário para que uma peça de teatro seja encenada? O teatro utiliza outras linguagens da arte? Quais?

Imagine esta cena. Dentro de um ônibus, num determinado momento entra uma mulher e seus filhos... ela briga com o cobrador pelo troco errado que lhe foi dado. Uma cena como essa acontece na vida real, com personagens reais, mas também pode ser uma cena de teatro. Quando escreve sua peça, um dramaturgo utiliza-se do diálogo das personagens para ir construindo, contando a história.

A mulher e o cobrador são as personagens principais da cena, os protagonistas.
O autor pode também imaginar e criar outras personagens para completar o enredo da história: os filhos da mulher, os passageiros, o motorista no nosso caso imaginado...
O destino da história é determinado pelo autor à medida que vai criando os caminhos para que ela aconteça.

Nós também podemos nos inspirar em cenas cotidianas para brincar com improvisações. Podemos escolher pessoas para cada uma das personagens do ônibus e representar a cena escolhendo os caminhos que ela deve seguir, discutindo seus resultados, as idéias... Assim, estamos interpretando, discutindo e repensando nosso ponto de vista sobre uma determinada situação.

Em uma peça teatral, os atores são pessoas preparadas que estudaram muito para poderem interpretar. Na atuação combinam movimentos, expressões corporais e faciais com a voz, emprestam seus corpos às personagens que estão interpretando; enfim, estudam cuidadosamente o papel que vão interpretar. Para encenar um texto teatral, além disso tudo, existe um conjunto de preparação e execução de atividades, bem como várias pessoas envolvidas na produção.

A ENCENAÇÃO

Para fazer uma peça em um espaço —que pode ser um teatro ou não—, precisamos de uma equipe de trabalho: o diretor teatral, para orientar os atores em suas representações, dirigir os ensaios da peça e alguém para comandar a equipe toda. Alguém que desenhe, projete e confeccione o cenário da época ou do lugar onde se desenvolve a história. Esse profissional no teatro é chamado cenógrafo. Alguém que cuide das roupas que os atores vão usar: o figurinista. Outras pessoas para cuidar da iluminação e da sonoplastia, que são os sons e músicas que podem aparecer na produção. Há ainda maquiadores, camareiras que ajudam os atores a se vestirem. É muito comum e, às vezes, indispensável haver ainda os patrocinadores, que contribuem financeiramente para a produção da peça.

Para fazer teatro, precisamos de toda essa equipe? No teatro profissional, sim. O diretor monta um plano de ação, organizando as tarefas das várias equipes envolvidas. Mas podemos pensar em uma apresentação mais simples, nas escolas e centros comunitários, pois se faz teatro usando a imaginação, inventando e substituindo o que pode encarecer a produção.

E fazer teatro para quê? No teatro, podemos ver e viver o passado, o presente, e inventar o futuro. Podemos fazer teatro por gosto, por diversão, utilizando a linguagem do teatro para repensar nossa realidade. Enfim, ele é um espelho da sociedade, pois, com suas histórias e personagens, reflete a existência humana.

COMENTÁRIOS FINAIS

Quais são os materiais para produzir arte? Podemos articular a história do homem com os conhecimentos artísticos? Por meio da arte podemos entender melhor o mundo em que vivemos? A arte com suas linguagens valoriza as experiências humanas? O que é arte, afinal?

A arte é uma das mais expressivas produções do homem, pois acompanha o homem e sua história. Faz rir e faz chorar, faz pensar e faz sonhar.

Leia o que Luís Camargo diz sobre arte:

> *Arte é um fazer em que se utiliza uma gama muito variada de materiais, como a pedra, o corpo, a voz, na criação de obras relativamente duradouras, como as catedrais, ou breves, como os movimentos de uma dança, dando forma à multiplicidade de experiências e valores humanos, ampliando nossa consciência de nós mesmos, do outro e do mundo.*
>
> CAMARGO, Luis. *Arte-Educação da Pré-escola à Universidade*. [s.d.].: Nobel, São Paulo, p.11.

O objetivo deste capítulo foi fazer você perceber que a arte está presente na história humana, e no cotidiano do homem. Ela representa a sociedade em que vivemos e muda o nosso olhar sobre ele.

Esperamos que você tenha aprendido que a arte

- possui linguagens específicas e neste capítulo tratamos das artes visuais, a dança, a música e o teatro;
- tem estreitas relações com a leitura da realidade;
- abrange processos culturais e históricos.

Esperamos, por fim, que tenha compreendido que a arte inventa e reinventa o mundo.

Conferindo seu conhecimento

Todas as respostas poderão ser desenvolvidas de uma forma subjetiva.

Orientação final

Para saber se você compreendeu bem o que está apresentado neste capítulo, verifique se está apto a demonstrar que é capaz de:

- Identificar produtos e procedimentos artísticos expressos em várias linguagens.
- Reconhecer diferentes padrões artísticos, associando-os ao seu contexto de produção.
- Utilizar os conhecimentos sobre a relação entre arte e realidade, para atribuir um sentido para uma obra artística.
- Relacionar os sentidos de uma obra artística a possíveis leituras dessa obra, em diferentes épocas.
- Reconhecer a obra de arte como fator de promoção dos direitos e valores humanos.

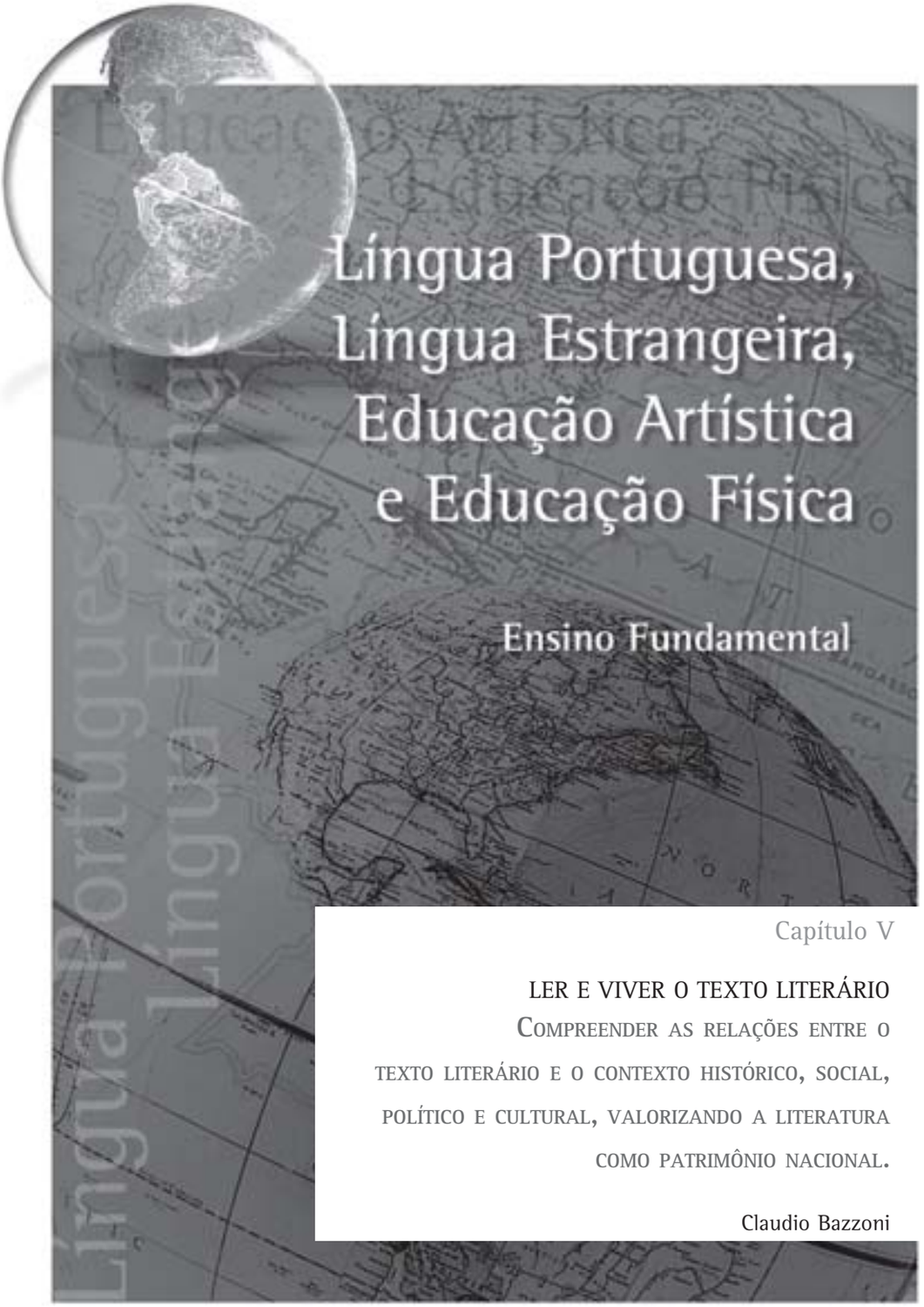

Capítulo V

LER E VIVER O TEXTO LITERÁRIO

COMPREENDER AS RELAÇÕES ENTRE O TEXTO LITERÁRIO E O CONTEXTO HISTÓRICO, SOCIAL, POLÍTICO E CULTURAL, VALORIZANDO A LITERATURA COMO PATRIMÔNIO NACIONAL.

Claudio Bazzoni

Capítulo V

Ler e viver o texto literário

APRESENTAÇÃO

Você alguma vez já pensou que, quando observamos as coisas que estão à nossa volta, estamos fazendo uma leitura do mundo?

Todo ser humano é um leitor! Na verdade, estamos lendo o tempo todo e nem sempre nos damos conta disso. Quando, em alguns momentos, queremos entender o que está errado com a gente, *lemos* a nós mesmos e o mundo a nossa volta, buscando alguma resposta. *Lemos* a alegria ou a tristeza de alguém na expressão do rosto. Podemos *ler* os gestos, os tons de voz, as cores, as paisagens, os sentimentos provocados por uma música, os cheiros... Vivemos de um jeito que, mesmo se quiséssemos, não poderíamos deixar de ler. Um povo pode existir sem escrever (e existem muitos, de fato), mas nenhum pode existir sem ler, nesse sentido amplo. Ler é quase como respirar... *Ler* significa traduzir a vida.

E as palavras? Também estão à nossa volta para serem lidas e nos ajudarem a compreender e admirar a realidade que nos cerca. Os textos escritos e os textos falados nos oferecem muitas possibilidades de reflexão. Eles podem nos informar sobre fatos da realidade, podem alimentar nossos desejos e sonhos do que ainda parece impossível; podem nos colocar em contato com experiências humanas que jamais viveremos; podem oferecer a possibilidade de encontro com pessoas que vieram antes de nós e com as que vivem no nosso tempo. As palavras nos textos escritos ou falados são organizadas sempre para expressar *sentidos*, para nós, leitores.

Dos vários tipos de textos escritos, nós vamos estudar aqui mais detalhadamente o texto literário. A palavra ***literário*** está indicando que nós vamos estudar textos referentes à Literatura. A explicação ajudou em alguma coisa? Talvez, não. Vamos por partes... Em primeiro lugar, vamos saber por que alguns textos são chamados ***literários*** e outros não. Depois vamos tratar da Literatura.

Desenvolvendo competências

1 *Compare os três textos sobre a lua. Identifique os textos que têm um "toque poético".*

a) A Lua é o satélite natural que gasta cerca de 28 dias para completar seu ciclo em torno da Terra.

b) A lua é a senhora de minha solidão.

c) Lua de São Jorge, lua soberana, nobre porcelana, sobre a seda azul. (Caetano Veloso)

Desenvolvendo competências

2 *Leia o texto de Arnaldo Antunes.*

> *As pedras são muito mais lentas do que os animais. As plantas exalam mais cheiro quando a chuva cai. As andorinhas quando chega o inverno voam até o verão. (...) Os peixes quando nadam juntos formam um cardume. As larvas viram borboletas dentro dos casulos. Os dedos dos pés evitam que se caia. Os sábios ficam em silêncio quando os outros falam. As máquinas de fazer nada não estão quebradas. Os rabos dos macacos servem como braços. Os rabos dos cachorros servem como risos. As vacas comem duas vezes a mesma comida. As páginas foram escritas para serem lidas. (...) As baleias vivem na água mas não são peixes. Os dentes quando a gente escova ficam brancos. Cabelos quando ficam velhos ficam brancos. (...) Crianças gostam de fazer perguntas sobre tudo. Nem todas as respostas cabem num adulto.*
>
> ANTUNES, Arnaldo. *Tudos*. São Paulo: Iluminuras, 1990.

E aí? Gostou do texto? Você percebeu que Arnaldo Antunes criou um texto com pedras, animais, aves, peixes, plantas, homens, palavras, misturando idéias objetivas e impressões subjetivas? Quando escreve, por exemplo, "As baleias vivem na água mas não são peixes", a idéia é objetiva, pois nos dá uma informação. Já na primeira frase do texto, "As pedras são mais lentas do que os animais", há aí um jeito subjetivo (pessoal) de ver a "lentidão" das pedras. Aliás, sabemos que, normalmente, as pedras costumam ficar paradas...

Leia o texto mais uma vez, se possível em voz alta. Tente saborear cada frase...Sinta como o autor, em algumas delas, dá um toque poético ao mundo que nos cerca.

Vamos agora fazer o seguinte: as seis frases que estão no quadro abaixo foram retiradas do texto de Arnaldo Antunes. Algumas delas expressam o jeito subjetivo (pessoal) de o autor ver o mundo, outras expressam uma informação objetiva. Marque um X, na primeira coluna, se a frase expressar um jeito subjetivo de ver o mundo; marque a segunda coluna, se a frase expressar objetividade.

Frases do texto	Subjetividade	Objetividade
1) As máquinas de fazer nada não estão quebradas.		
2) Os peixes quando nadam juntos formam um cardume.		
3) Os sábios ficam em silêncio quando os outros falam.		
4) Os rabos dos cachorros servem como risos.		
5) As páginas foram escritas para serem lidas.		
6) Nem todas as respostas cabem num adulto.		

Se você marcou o X na primeira coluna para as frases 1, 3, 4 e 6, você observou que elas apresentam uma maneira pessoal de ver as coisas. Na frase 1, temos primeiro que imaginar como seria uma "máquina de fazer nada"... Talvez, uma máquina de fazer nada nunca quebre, não é mesmo? A frase 3 expressa subjetividade, pois, para o autor, sábio é quem sabe escutar. Na frase 4, o autor vê o rabo do cachorro como "riso". A frase 6 expressa uma idéia pessoal, pois, já que as respostas não cabem em um adulto, o mistério do mundo é maior do que tudo o que podemos compreender.

Já as frases 2 e 5 expressam objetividade. Elas nos dão duas informações: uma informa o que é um cardume; outra para que servem as páginas escritas.

As frases do texto que expressam subjetividade (a maneira pessoal de ver as coisas) têm um toque poético que as frases objetivas geralmente não têm. Esse toque poético está muito presente no tipo de texto que estudaremos a seguir.

O TEXTO LITERÁRIO

Costumamos dizer que textos literários são artísticos, "obras de arte", porque são criações de "toque poético" que podem produzir emoção estética. Agora complicou... O que é estética?

Estética é uma palavra vinda da língua grega que quer dizer, no seu sentido original, sensação. É muito bom ler um texto e ser dominado por uma sensação. Isso já aconteceu com você alguma vez? Você já ouviu uma música ou uma história, viu um quadro ou uma foto, e sentiu seu coração bater mais forte? Sentiu um nó no peito, os olhos cheios d'água, uma vontade maluca de rir? Emoções assim tanto podem ser geradas pelas obras de arte como pelo texto literário.

O autor de um texto literário faz uma leitura pessoal do mundo que o cerca e o representa por meio de uma seleção e combinação de palavras. É essa combinação de palavras que é artística. Por isso, diante de um texto literário, temos de observar o que o autor "diz" (o conteúdo do texto) e "como ele diz" (a maneira como o texto está escrito), pois estamos diante de um uso especial das palavras. Observe que geralmente o texto não literário (por exemplo, o texto histórico ou científico) tem como principal característica apresentar de forma bem objetiva a realidade que existe. Um cientista, por exemplo, busca entender a natureza como ela é e escreve os textos científicos a partir do que observou. Claro que ele pode fantasiar um pouco, imaginar teorias e escolher palavras belas para seu texto, mas sua intenção primeira não é inventar. Ele quer, com objetividade, explicar as coisas do mundo. No texto literário, o autor inventa um mundo novo que pode ser totalmente diferente do nosso, ou re-inventa o nosso mundo real na imaginação dele. Por isso, dizemos que esse tipo de texto é uma ficção. Ficção quer dizer "invenção", "simulação", "imaginação".

Mais duas coisas sobre o texto literário:

1. Ele pode ter muitas interpretações! Um texto que é pensado artisticamente para produzir emoção pode ser lido de muitas maneiras. Os sentidos nascem da conversa que mantemos com o texto. Numa boa conversa, ouvimos e falamos.
2. Os textos literários podem ser escritos em versos ou em prosa.

Verso é cada linha de um poema.
O texto em verso é dividido em blocos que chamamos estrofes.

O texto em prosa é dividido em blocos que chamamos parágrafos.

Desenvolvendo competências

3 *Leia os dois textos e marque a alternativa certa!*

TEXTO 1

Eu já escrevi um conto azul, vários até. Mas este é um conto de todas as cores. Porque era uma vez um menino azul, uma menina verde, um negrinho dourado e o cachorro com todos os tons e entretons do arco-íris.

Até que apareceu uma comissão de Doutores - os quais, por mais que esfregassem os nossos quatro amigos, viram que não adiantava. E perguntaram se aquilo era de nascença ou se...

– Mas nós não nascemos - interrompeu o cachorro. – Nós fomos inventados.

Mário Quintana, Lili inventa o mundo. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983, p.8.

TEXTO 2

"Mais de 23 milhões de pessoas passam fome no Brasil. E todos os dias jogamos fora comida suficiente para alimentar 19 milhões delas."

Revista Superinteressante, nº 174, março de 2002, p.47.

a) O texto 1 e o texto 2 são textos literários.

b) O texto 2 é literário, porque o autor do texto está inventando que mais de 23 milhões de pessoas passam fome.

c) O texto 1 é literário, porque é uma ficção e mostra que o mundo pode ser re-inventado.

d) O texto 1 é literário, porque cachorros não falam.

COMO ABORDAR OS TEXTOS LITERÁRIOS?

Já sabemos que o texto literário é um tipo de texto artístico (de toque poético e ficcional), criado por um autor, que pode inventar ou re-inventar o mundo que nos cerca. Nosso próximo passo é verificar como podemos compreendê-lo e interpretá-lo.

Os textos são criados para os leitores e estes devem perceber não só o que está muito claro no texto, mas também o que não está.
O segredo, para ler os textos literários, é descobrir as "pistas" que os autores deixam e construir os sentidos.

- Quando aparecerem palavras diferentes, cujo sentido você não sabe, você pode procurar entendê-las a partir do contexto, ou seja, o conjunto do que está sendo dito, ou pode usar um dicionário. Lembre-se que uma palavra pode ter mais de um sentido, e você terá de escolher o mais apropriado para o texto.
- Uma leitura atenta, muitas vezes, não é suficiente para entender o que está "por trás" do texto. O melhor é ler o texto muitas vezes, além de procurar relacionar as várias idéias que ele traz. Outra coisa: se você conhecer o assunto, o autor e em que lugar foi escrito o texto, é possível compreendê-lo melhor.

SOLAR

Minha mãe cozinhava exatamente:
arroz, feijão-roxinho, molho de batatinhas.
Mas cantava.

PRADO, Adélia. *Poesia Reunida*. São Paulo: Siciliano, 1996, p. 151.

Se lermos esse texto sem nos preocuparmos em explorar os vários sentidos que ele apresenta, vamos lê-lo como se fosse apenas um simples relato, sem nada de artístico, que descreve o dia-a-dia de uma mãe que faz sempre a mesma coisa. Mas esse fato comum está descrito em versos que nos oferecem "pistas" para buscar outros sentidos.

"PISTAS" DOS TEXTOS EM VERSO

- A posição e o sentido das palavras

Repare que a palavra *exatamente*, no final do primeiro verso, reforça bastante a idéia de que a mãe sempre fazia a mesma coisa. Só quando repetimos muitas vezes qualquer tarefa, sabemos *exatamente* como fazê-la. Cozinhar *exatamente* "arroz", "feijão-roxinho" e "molho de batatinhas" nos faz pensar que o dia-a-dia da mãe é sem graça e repetido. O último verso do poema, no entanto, muda tudo. Você arriscaria dizer por quê?

Porque há um "*mas*"...

Todos os dias usamos essa palavra, e nem sempre nos damos conta de que há um sentido por trás dela. Dizemos: "Queria trabalhar, *mas* não consigo um emprego". "Minha voz é boa para cantar, *mas* sou um pouco tímido". "Tudo tem um *mas*..." Repare que, na maioria das vezes, usamos "**mas**" para expressar algo que muda o rumo das coisas. No poema, o "**mas**" vai mudar o quê?

A mãe fazia *exatamente* suas tarefas, *mas* cantava... o "**mas**" está mudando a mesmice, a rotina do dia-a-dia. "**Mas cantava**", o último verso do texto, transforma completamente a idéia de que tudo era igual. O "**mas**" altera a vida cotidiana da mãe.

> *Nos poemas, descobrimos sentidos, refletindo sobre as palavras (a intenção do autor e suas escolhas gramaticais) e observando* ***como*** *os autores organizam os versos.*

Vamos ver, agora, como podemos descobrir "pistas" de textos em prosa.
Você já se perguntou de onde nascem as histórias que os autores inventam? Como será que um autor cria as suas histórias? No texto a seguir, o autor Ignácio de Loyola Brandão conta como surgiu uma de suas histórias, que você lerá em seguida.

Primeiro, leia o depoimento do autor contando como fez a história:

O título é um duplo sentido com alguém que "entra pelo cano". Isto é, a gíria, que significa ter se dado mal com alguma coisa. Tudo começou no dia em que fui escovar os dentes de manhã e comecei a ouvir barulhos que vinham pelo cano da pia. Ruídos provocados pelo ar, pela água, mas que, na minha imaginação, pareceram vozes. E por que não? Por que não alguém não poderia, de repente, ter resolvido mergulhar no cano e ir em frente? (...)

Veja, agora, como ficou a história.

> O HOMEM QUE ENTROU NO CANO
>
> *"Abriu a torneira e entrou pelo cano. A princípio incomodava-o a estreiteza do tubo. Depois se acostumou. E, com a água, foi seguindo. Andou quilômetros. Aqui e ali ouvia barulhos familiares. Vez ou outra um desvio, era uma seção que terminava em torneira.*
>
> *Vários dias foi rodando, até que tudo se tornou monótono. O cano por dentro não era interessante.*
>
> *No primeiro desvio, entrou. Vozes de mulher. Uma criança brincava. Ficou na torneira, à espera que abrissem. Então percebeu que as engrenagens giravam e caiu numa pia. À sua volta era um branco imenso, uma água límpida. E a cara da menina aparecia redonda e grande, a olhá-lo interessada. Ela gritou: "Mamãe, tem um homem dentro da pia."*
>
> *Não obteve resposta. Esperou, tudo quieto. A menina se cansou, abriu o tampão e ele desceu pelo esgoto."*
>
> BRANDÃO, Ignácio de Loyola. *Cadeiras Proibidas*. São Paulo: Global, 1988. p. 89.

Quais foram as sensações que esta história provocou em você? Você não achou tudo estranho? Como interpretar um texto tão estranho?

"PISTAS" DOS TEXTOS NARRATIVOS EM PROSA

• Buscar o sentido que está por trás da história.

Em primeiro lugar, repare que o texto está contando uma história, que envolve um homem que... "entrou pelo cano". O narrador afirma que no começo, ele ficou incomodado, mas depois se "acostumou"! Que estranho! É tão estranho que pode ser uma "pista". Sabemos que nenhum ser humano conseguiria se acostumar a viver dentro de um cano... mas, se pensarmos um pouco, a gente se acostuma com cada coisa... a gente se acostuma a não *ler* as coisas que estão ao nosso redor, se acostuma a receber sempre menos do que precisamos, a contar o número de mortos em uma guerra, a ver gente pobre nas ruas, a ver a natureza ser destruída dia a dia etc.

O que, depois, acontece na história? O homem vai ficando no cano até tudo ficar novamente monótono, sem graça e, para "agitar um pouco a

vida", resolve sair por uma torneira! Sai e está diante de uma criança que tem interesse em olhá-lo, mas só por alguns instantes. Nesse momento, esperamos que alguma coisa aconteça. A criança chama a mãe. Mas a mãe não manifesta nenhum interesse pelo que estava acontecendo. A menina, então, se cansou, abriu o tampão e ele desceu para o esgoto, isto é, de novo "entrou pelo cano". Você reparou que os fatos são estranhos, mas as pessoas da história (as personagens) agem como se os fatos fossem normais? O que será que o texto quer nos dizer?

Todos parecem estar anestesiados, insensíveis. Parece que perderam o interesse pelas coisas que acontecem no mundo. Será que nós estamos nos comportando como os personagens, aceitando tudo como normal, inclusive as coisas mais extraordinárias? Será esse apenas o sentido que está por trás dessa história? Que outro você apontaria?

Para compreender e interpretar textos em versos ou em prosa, é importante descobrir os sentidos que estão por trás do texto.

COMPARANDO TEXTOS

Deu para ter uma idéia de como podemos pensar os sentidos dos textos literários?
Se resolvêssemos comparar o texto da Adélia Prado com o texto de Ignácio de Loyola Brandão, poderíamos descobrir outras coisas. Você percebeu que cada texto apresentou uma mãe? Reparou também que a mãe do texto "*Solar*" é diferente da do texto "*O homem que entrou pelo cano*"? A primeira, pelo canto, transformava a mesmice do dia-a-dia em uma coisa maravilhosa; a outra não demonstrou interesse por uma coisa que parecia ser extraordinária. Será que poderíamos também concluir alguma coisa a respeito disso?
Sim, se, mais uma vez, buscássemos o sentido que há por trás delas. A mãe que canta tem uma atitude que revela capacidade de mudar as coisas, de tornar tudo belo. Já a mãe indiferente poderia revelar nossa acomodação, insensibilidade frente às coisas do mundo. Veja que agora estamos pensando coisas profundas, vendo as duas "mães" de um modo diferente. Esse é bem o papel da arte, da literatura. Buscar os sentidos dos textos literários nos faz pensar coisas que vão além das pistas que os autores nos oferecem.

Desenvolvendo competências

4 *Nós vamos ler uma fábula. Esse tipo de texto é curto e tem sempre animais que se comportam como gente e que nos ensinam alguma coisa.*

A RAPOSA E AS UVAS

Morta de fome, uma raposa foi até o vinhedo sabendo que ia encontrar muita uva. A safra havia sido excelente. Ao ver a parreira carregada de cachos enormes, a raposa lambeu os beiços. Só que sua alegria durou pouco: por mais que tentasse, não conseguia alcançar as uvas. Por fim, cansada de tantos esforços inúteis, resolveu ir embora, dizendo:

– Por mim, quem quiser essas uvas pode levar. Estão verdes, estão azedas, não me servem. Se alguém me desse essas uvas, eu não comeria.

Moral: Desprezar o que não se consegue conquistar é fácil.

ASH, R.; HIGTON, B. (Comp.) *Fábulas de Esopo*. São Paulo: Cia. das Letrinhas, 2001. p. 68.

a) Reescreva a fábula.

b) Que sentido podemos buscar por trás da história da "Raposa e as uvas"?

Desenvolvendo competências

5 *Vamos criar uma nova história a partir da fábula. Vamos trocar a raposa por alguém (um homem ou uma mulher) e as uvas por um desejo desse alguém. Veja como o texto ficou preparado. Tente completá-lo.*

Mort____ de _____, um(uma) _____ foi até _____ sabendo que ia encontrar _____. Ao ver _____, o (a) _____ lambeu os beiços. Só que sua alegria durou pouco: por mais que tentasse, não conseguia _____. Por fim, cansado (a) de tantos esforços inúteis, resolveu ir embora dizendo:

– Por mim, _____. São _____, são _____, não me servem. Se _____

Leia como alguns estudantes completaram.

Morto de solidão, um rapaz foi até um forró sabendo que ia encontrar muitas mulheres bonitas. Ao ver o pagode carregado de mulheres lindas, o rapaz lambeu os beiços. Só que sua alegria durou pouco: por mais que tentasse, não conseguia namorar ninguém. Por fim, cansado de tantos esforços inúteis, resolveu ir embora dizendo:
– Por mim quem quiser essas mulheres pode levar. São feias, são horríveis, não me servem.
Se alguma dessas mulheres olhasse para mim, eu saía correndo.

Texto coletivo dos alunos do Colégio Santa Cruz, em São Paulo, 2000.

Desenvolvendo competências

6 *Leia um trecho da canção "Telha nua" de Waltinho e Roberto Andrade e assinale a alternativa que melhor o interpreta:*

TELHA NUA
Lá em cima do telhado
Meu sonho encantado
Era pertinho do céu
E, se todos lá embaixo
Pensassem assim tão alto
Vinham brincar aqui
Comigo no telhado

a) É no telhado que guardamos as coisas com que queremos sonhar.

b) O sonho não passa de uma brincadeira e não vale a pena sonhar.

c) O sonho encantado é o que é pensado alto.

d) Se as pessoas pensassem mais seriamente no sonho, elas passariam a sonhar mais.

DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO

Leia abaixo as explicações que o escritor Ricardo Azevedo dá a algumas frases feitas.

"Dar uma colher de chá":
Dar uma colher de chá é perdoar, é dar uma chance, dar uma oportunidade para alguém tentar de novo, corrigir um erro que cometeu, recomeçar, fazer mais uma tentativa.

"Conversa mole para boi dormir":

Conversa mole para boi dormir é aquela conversa chata que não acaba mais, que dá sono e ninguém agüenta escutar. Ou então, quando uma pessoa está mentindo, querendo enganar, enrolar a gente, dizendo coisas que a gente sabe serem só embromação.

Desenvolvendo competências

7

Agora é sua vez. Tente explicar as frases feitas abaixo.

a) "Ter minhoca na cabeça".

b) "Ficar em cima do muro".

Terminou sua explicação? Você percebeu que explicou o sentido figurado da frase-feita, escrevendo um texto objetivo. Poderíamos ler essas frases de dois modos: 1) no sentido literal e 2) no sentido figurado. Se a frase b, por exemplo, fosse lida no sentido literal, poderíamos pensar que alguém ou um animal estivesse posicionado em cima do muro. No sentido figurado, a frase tem outros sentidos.

Confira se o sentido que você pensou para cada frase é mais ou menos esse: quando ficamos com "minhoca na cabeça", estamos desconfiados, suspeitamos que alguma coisa ruim vai acontecer, ficamos inseguros, achando que alguém está contra a gente. Já "ficar em cima do muro" significa não querer se comprometer, não dizer a opinião, não saber o que se quer, nem saber o que se vai fazer.

O sentido literal também é chamado denotativo.
O sentido figurado também é chamado conotativo.

O sentido conotativo exige sempre interpretação.
Podemos, por isso, explorar ao máximo os sentidos das palavras.

A linguagem do texto literário é, freqüentemente, conotativa.

Desenvolvendo competências

8 *Há uma canção muito bonita de Vinícius de Moraes, chamada Minha namorada. Leia alguns versos.*

Os seus olhos têm de ser só de meus olhos
E os seus braços o meu ninho
No silêncio de depois
E você tem que ser a estrela derradeira
Minha amiga e companheira
No infinito de nós dois

MORAES, Vinícius de, LYRA, Carlos. *Série grandes compositores: história da MPB.* São Paulo: Abril, 1983.

a) A palavra "olhos", no primeiro verso, está no sentido conotativo. Você saberia explicar por quê?
b) Qual é o sentido da palavra "ninho", no segundo verso?
c) "Estrela derradeira" está no sentido denotativo ou conotativo?

O TEMA DE UM TEXTO

Para ler e interpretar textos, precisamos também estar atentos ao *tema*. É muito importante perceber quando o autor apresenta o tema, ou quando ele o esconde, deixando-o por trás das coisas concretas do mundo, como as pessoas, os animais, os objetos etc.

Lembra-se da fábula "A raposa e as uvas"? Vimos que o texto contava a história de uma raposa faminta que estava louca para comer uvas, mas, como não conseguiu apanhá-las, passou a desprezá-las. Graças ao que acontece com o animal "raposa" e a fruta "uvas", coisas concretas do nosso mundo real, pudemos pensar em um **tema**. Quando você explicou, na atividade 3, o sentido do texto por trás da história, você mostrou o tema. Um bom leitor é aquele que reconhece os temas dos textos, bem como percebe como são tratados, a partir das escolhas do autor.

Leia o texto.

BALADA PARA NÃO DORMIR

Eu não sou criança.
Eu sou de menor.
Criança tem família.
Eu sou de menor,
luto só pela sobrevivência.
Criança tem livro colorido,
aparece e pede em anúncio
o brinquedo preferido.
Criança tem disco do Balão Mágico,
tem disco do Carequinha.
Eu sou notícia no Afanázio.
Tenho o código, puxo o gatilho.
Às vezes, me escalam para ser criança.
É tarde demais.
Eu sou de menor.
Já morreu o sol da aurora da vida...
Eu sou de menor.
Sou vidraça quebrada
pela pedra do adulto.
Sou dois olhos mordendo a luz da vitrina,
sou trapo descartado,
sou promessa para depois...
O cara suspeito em cada caminho.
Sou o discurso jamais realizado.
Sou a face clara da fortuna escondida.
Sou a garrafa vazia jogada no mar
que volta coberta de restos da morte.
Eu sou a resposta que não espera
perguntas.
Aqui estou. Nada mais sinto.
Apenas digo: Cuidado!
Não sou criança. Meu nome é: de menor

DIAFÉRIA, Lourenço. Balada para não dormir. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 9 out. 1985. p. 2, coluna 3. Adaptação de Roseli Novak

Desenvolvendo competências

9 *Procure localizar no texto o tema apresentado.*

Exemplo: O tema "ameaça" está apresentado em qual verso?
Em "Tenho o código, puxo o gatilho".

1. *Verso mais adequado para expressar que o "de menor" não tem esperança.*
2. *Verso que indica que o "de menor" leva a culpa, mesmo sem tê-la.*
3. *Verso que indica que o "de menor" é vítima da distribuição injusta da riqueza do país.*
4. *Verso que indica que o "de menor" deseja ter as coisas atraentes que o comércio oferece.*
5. *Verso que sugere que o "de menor" não consegue mais viver uma infância comum. Propor-lhe isso é uma falsidade.*
6. *Verso que indica que o "de menor" é um cansado da vida, um desiludido.*

CONVERSA ENTRE TEXTOS

Os autores de textos literários são também leitores e gostam de, às vezes, usar trechos de obras já escritas. Lourenço Diaféria faz isso. O verso "Já morreu a aurora da vida" é tirado do texto "Meus oito anos", de Casimiro de Abreu. Observe que interessante: o texto de Casimiro de Abreu foi escrito em 1857 e canta a saudade que um adulto pode ter da infância. Por isso, é tão chocante esse verso no texto de Lourenço Diaféria. No mundo moderno, muitas crianças "de menores" simplesmente não têm infância.

Leia alguns versos do texto de Casimiro de Abreu.

Oh! Que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!

> *Chamamos intertextualidade a "conversa" de um texto com outro.*

LITERATURA: MEMÓRIA DA HUMANIDADE

Os textos de nossa época e de épocas diferentes revelam os sentimentos, os pensamentos, as paixões da alma humana. Lendo-os, entendemos um pouco melhor o mundo e a nós mesmos.

> *Estudar literatura é ampliar a nossa experiência e visão do mundo.*

Desenvolvendo competências

10 *Leia os dois poemas abaixo e responda às questões.*

SE SE MORRE DE AMOR

(...)

Amor é vida; é ter constantemente
Alma, sentidos, coração – abertos
Ao grande, ao belo; é ser capaz d'extremos,
D'altas virtudes, até capaz de crimes!
Compreender o infinito, a imensidade,
E a natureza e Deus; gostar dos campos,
Das aves, flores, murmúrios solitários;
Buscar tristeza, a soledade, o ermo,
E ter o coração em riso e festa;
E à branda festa, ao riso de nossa alma
Fontes de pranto intercalar sem custo;
Conhecer o prazer e a desventura
No mesmo tempo, e ser no mesmo ponto
O ditoso, o misérrimo dos entes:
Isso é amor, e deste amor se morre!
(...)

Gonçalves Dias. In: RAMOS, F. J. S. (Org.). *Grandes poetas românticos do Brasil.* São Paulo: LEP, 1954. p. 90.

Esse texto que você leu é de Gonçalves Dias. Esse autor nasceu em 1823, no Maranhão. Morreu em 1864.

Leia outro poema. Este escrito por Luís de Camões, autor português que nasceu em 1524 ou 1525 e morreu em 1580.

Amor é fogo que arde sem se ver
É ferida que dói e não se sente;
É um contentamento descontente;
É dor que desatina sem doer.

É um não querer mais que bem querer
É solitário andar por entre a gente;
É nunca contentar-se de contente;
É cuidar que se ganha em se perder;
É querer estar preso por vontade;
É servir a quem vence, o vencedor;
É ter com quem nos mata lealdade.

Mas como causar pode seu favor
Nos corações humanos amizade,
Se tão contrário a si é o mesmo Amor?

CAMÕES, Luís de. *Lírica.* São Paulo: Cultrix, 1995. p. 123.

1. Os dois poemas foram escritos em épocas diferentes, mas ambos tratam do mesmo tema. Qual é o tema?

2. O poema de Gonçalves Dias é antigo e define o amor como um sentimento que nos traz alegria e tristeza ao mesmo tempo. Encontre no texto alguns versos que comprovem essa afirmação.

3. Para Gonçalves Dias, o amor é, entre outras coisas, "compreender o infinito, a imensidade". Para Camões, o "amor é fogo que arde sem se ver". Na sua opinião, qual dos dois poetas conseguiu definir melhor o amor? Justifique sua resposta.

Desenvolvendo competências

11 *Leia os dois textos a seguir e responda às questões.*

O texto 1 é de Machado de Assis. Este autor nasceu no Rio de Janeiro, em 1839, e morreu em 1908. Leremos trechos de dois capítulos do livro Memórias Póstumas de Brás Cubas, publicado em 1881. Brás Cubas, narrador-personagem, conta sua história depois que morre. Lembre que o livro foi publicado em 1881 e, possivelmente, você estranhará algumas palavras.

Capítulo XVI

Ocorre-me uma reflexão imoral, que é ao mesmo tempo uma correção de estilo. Cuido haver dito, no capítulo XIV, que Marcela morria de amores pelo Xavier. Não morria, vivia. Viver não é a mesma coisa que morrer; assim o afirmam todos os joalheiros desse mundo, gente muito vista na gramática. (...) O que eu quero dizer é que a mais bela testa do mundo não fica menos bela, se a cingir um diadema de pedras finas; nem menos bela, nem menos amada. Marcela, por exemplo, que era bem bonita, Marcela amou-me...

Capítulo XVII

...Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis; nada menos. Meu pai, logo que teve aragem dos onze contos, sobressaltou-se deveras; achou que o caso excedia as raias de um capricho juvenil. (...)

ASSIS, Machado de J. *Memória póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre: W. M. Jackson, 1953. vol.5, p. 73–74.

O texto 2 é de Marina Colasanti, autora de nossa época.
O conto foi retirado do livro Contos de amor rasgados, publicado em 1986.

PROVA DE AMOR

"Meu bem, deixa crescer a barba para me agradar", pediu ele.
E ela, num supremo esforço de amor, começou a fiar dentro de si e a laboriosamente expelir aqueles novos pêlos, que na pele fechada feriam caminho.
Mas quando, afinal, doce barba cobriu-lhe o rosto, e com orgulho expectante entregou sua estranheza àquele homem: "Você não é mais a mesma", disse ele.
E se foi.

COLASANTI, Marina. *Contos de amor rasgados*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986. p. 165.

1) No texto de Machado de Assis, é possível deduzir que o amor de Marcela era um amor interesseiro. Retire do texto uma frase que pode confirmar essa afirmação.

2) Conte com suas palavras o enredo do texto "Prova de amor".

3) Compare os dois textos. Em qual deles a mulher parece ser mais submissa? Por quê?

Desenvolvendo competências

12 *Leia um trecho do "Soneto da fidelidade" de Vinícius de Moraes, poeta que nasceu em 1913, no Rio de Janeiro, e morreu em 1980. Assinale a alternativa correta.*

(...)
E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.

a) Esse trecho expressa a alegria que o sentimento amoroso pode proporcionar.

b) O poeta, nesse trecho, apresenta uma visão pessimista do amor, comprovada pelo verso "Quem sabe a solidão, fim de quem ama".

c) O trecho apresenta uma definição de amor em uma linguagem não literária.

d) Para Vinícius, o amor tem duração eterna.

O conjunto de textos literários de um país forma a sua literatura. Quando estudamos a literatura, tomamos contato com a vida e as verdades comuns a todos os homens. Lendo, nunca estamos sozinhos.

A literatura brasileira sempre foi rica e diversa. Conta com excelentes autores, que, infelizmente, por falta de espaço, não pudemos apresentar aqui. No entanto, Castro Alves, Euclides da Cunha, Manuel Bandeira, Graciliano Ramos, Jorge Amado, Érico Veríssimo, João Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, João Cabral de Melo Neto, Manoel de Barros e tantos outros autores brasileiros aguardam, ansiosos, os olhos atentos de um leitor, que leia e interprete suas obras e se encante com os sentidos que serão descobertos.

Como diria Guimarães Rosa, um texto deve também valer pelo que nele não deveu caber...

Conferindo seu conhecimento

1 *Você reparou que os textos **b** e **c** expressam um jeito bem diferente de ver a lua? Como a lua pode ser "senhora" da solidão? Normalmente, usamos a palavra "senhora" como forma de tratamento, mas aqui significa "dona". No texto de Caetano Veloso, a lua é "nobre porcelana". O que a lua e a porcelana têm em comum? O "toque poético", portanto, pode ser observado nos textos **b** e **c**.*

3 *Você reparou que o escritor Mario Quintana quis deixar bem evidente a diferença entre um texto literário e não literário? O autor de um texto literário inventa, faz uma ficção. O texto literário é ficcional. Assim, a resposta certa do teste é a alternativa **c**.*

4 *Na letra **a**, você pode ter recontado a história dessa maneira: Uma raposa que estava com muita fome foi até um vinhedo carregado de cachos de uva. Depois de muito tentar e não conseguir comer nenhuma uva, decidiu que não queria mais uva, nem se lhe dessem, porque estavam verdes. Na letra **b**, você deve ter observado a moral do texto. A moral, no caso das fábulas, é o sentido que está por trás da história, é o ensinamento que ela traz. O que está por trás da raposa e das uvas é a mesma idéia de um dito popular, que talvez você conheça: "Quem desdenha quer comprar".*

6 *Repare que a palavra "telhado" aparece no primeiro e último verso. É o lugar onde acontece o "sonho encantado". Se todos, embaixo do telhado, pensassem "tão alto" (no sonho, lá no telhado), sonhariam mais. Esse é o sentido de "vir brincar aqui...". Portanto, a alternativa correta é **d**.*

8 *"Olhos", na letra a, está no sentido figurado. Para os amantes, eles não se limitam a ser os órgãos da visão. Os "olhos", "janelas da alma", confirmam o pacto amoroso. Na letra b, dá para dizer que "ninho" é o abrigo que as aves preparam para pôr os ovos e criar seus filhotes? Claro que não! "Ninho" está significando "aconchego", "proteção", "proximidade", "união", "amparo". "Ninho" está no sentido conotativo. Na letra c, "derradeira" significa última. O poeta quer que a amada seja a última estrela. Se a amada é estrela, o poeta a vê como se fosse um céu, um infinito, como lemos no último verso. O sentido também é figurado ou conotativo.*

9 *Você deve ter localizado os seguintes versos: 1) "Já morreu o sol da aurora da vida"; 2) "O cara suspeito em cada caminho"; 3) "Sou a face clara da fortuna escondida"; 4) "Sou dois olhos mordendo a luz da vitrina"; 5) "Às vezes, me escalam para ser criança"; 6) "Nada mais sinto".*

10 *O tema dos dois textos, você percebeu, é o amor. Na questão 2, o verso "é ter o coração em riso e festa" expressa a alegria de sentir o amor. Já os versos "buscar tristeza, a soledade, o ermo" e "fontes de pranto intercalar sem custo" expressam tristeza. A questão três é pessoal, ou seja, você vai escrever sua opinião, a partir do que você pensa do amor. Você preferirá a definição de amor que é mais próxima da sua.*

11 *A frase "Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis" responde à questão 1. A questão 2: O narrador do texto "Prova de Amor" conta a história de uma mulher que deixa a barba crescer para agradar ao marido. Depois que a barba nasce, o homem acha que ela não é mais a mesma e se vai. A questão 3 propõe que se compare o comportamento das duas personagens. Marcela não se comporta como a maioria das mulheres da sociedade de sua época (século retrasado), pois era mais que tudo apaixonada pelo lucro; a mulher, personagem do texto de Marina Colasanti, por sua vez, comporta-se de forma submissa, também fugindo aos padrões de sua época (padrões modernos), se pensarmos no espaço cada vez maior que as mulheres vêm conquistando na participação da vida social e política. Há aí uma curiosa inversão que nos faz pensar: a literatura pode ser a "voz" de uma época; contudo, é uma "voz" que não se subordina ao tempo.*

12 *Vinícius de Moraes, como Gonçalves Dias e Camões, trata do amor apresentando sentimentos opostos. Contudo, no "Soneto da Fidelidade", há uma visão pessimista de amor, pois além de o fim de quem ama ser a solidão, o amor será eterno só enquanto durar. Resposta **b**.*

Orientação final

Para saber se você compreendeu bem o que está apresentado neste capítulo, verifique se está apto a demonstrar que é capaz de:

- Identificar categorias pertinentes para a análise e interpretação do texto literário.
- Reconhecer os procedimentos de construção do texto literário.
- Utilizar os conhecimentos sobre a construção do texto literário para atribuir-lhe um sentido.
- Identificar em um texto literário as relações entre tema, estilo e contexto histórico de produção.
- Reconhecer a importância do patrimônio literário para a preservação da memória e da identidade nacional.

Língua Portuguesa, Língua Estrangeira, Educação Artística e Educação Física

Ensino Fundamental

Capítulo VI

GÊNEROS DE TEXTO: TEMAS, FORMAS, RECURSOS E SUPORTES

UTILIZAR A LÍNGUA MATERNA PARA ESTRUTURAR A EXPERIÊNCIA E EXPLICAR A REALIDADE.

Alfredina Nery e
Maria José Nóbrega

Capítulo VI

Gêneros de texto: temas, formas, recursos e suportes

APRESENTAÇÃO

Avisos, anúncios, cartas, notícias, poemas, diários, provérbios, piadas... quantos textos estão presentes na nossa vida. Neste capítulo você vai conhecer mais um pouco sobre os gêneros de texto, analisando as situações em que são utilizados, suas características, seus formatos, temas e suportes.

Vamos, então, para nossa primeira pergunta.

O QUE É GÊNERO DE TEXTO?

Leia os textos abaixo:

Quem não tem cão caça com gato.
Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come.
Cada cabeça, uma sentença.

É muito provável que você já tenha escutado ou dito algum dos provérbios acima. Quando foi? Provavelmente, no meio de uma conversa, mais ou menos séria, a frase vem e se encaixa feito uma luva. Passados de geração em geração, cada um de nós vai colecionando vários deles ao longo da vida.

O que os provérbios têm em comum?

Os **provérbios** ou **ditados** são frases curtas e ricas em imagens que expressam crenças, valores, às vezes até preconceitos, que descrevem, enfim, o modo de pensar de um determinado grupo social, de uma determinada época.

Em geral, constam de duas partes que se contrastam, apresentando ritmo e rima, o que facilita a memorização e sua transmissão oral.

JUNTANDO "LÉ COM LÉ E CRÉ COM CRÉ"

Meteram a mão na cumbuca, ou melhor, nos provérbios, e misturaram a parte de um com a parte do outro. Tente reorganizá-los:

- Quem quer, vai; quem tem juízo, obedece.
- Quem diz o que quer, não mama.
- Quem tudo quer, todo sapato serve.
- Quem pode, manda; quem não quer, manda.
- Quem não chora, ouve o que não quer.
- Em pé de pobre, nada tem.

ESCREVENDO TEXTOS

Nem sempre em um provérbio cão late e gato mia.

"Quem não tem cão caça com gato", por exemplo, quer dizer que quando não se tem o instrumento adequado (o cão) para realizar uma atividade qualquer (caçar), deve-se improvisar com outro instrumento (o gato).

Escolha um dos provérbios a seguir e procure explicar o que eles querem dizer sem usar linguagem figurada, como fizemos com o exemplo "Quem não tem cão caça com gato".

Aproveite para verificar se você reuniu as metades certas de cada provérbio.

- Quem quer, vai; quem não quer, manda.
- Quem pode, manda; quem tem juízo, obedece.
- Quem diz o que quer, ouve o que não quer.
- Quem não chora, não mama.
- Quem tudo quer, nada tem.
- Em pé de pobre, todo sapato serve.

Desenvolvendo competências

1

FREIRE, Marcelino Juvêncio. Quem Ri Por Último. era0dito.

1. Marcelino Juvêncio Freire brinca de dizer o que os provérbios não dizem.

A palavra do provérbio que está faltando é:

a) pior.

b) menos.

c) mais.

d) melhor.

2. Encaixando a palavra formada pelas letras destacadas graficamente por Marcelino Juvêncio Freire, o provérbio ficaria:

a) "Quem ri por último, ri melhor".

b) "Quem ri por último, ri pior".

c) "Quem ri por último, ri menos".

d) "Quem ri por último, ri mais".

Agora leia o texto "O galo que logrou a raposa", de La Fontaine, na versão de Monteiro Lobato.

O GALO QUE LOGROU A RAPOSA

Um velho galo matreiro, percebendo a aproximação da raposa, empoleirou-se numa árvore. A raposa, desapontada, murmurou consigo: "Deixa estar, seu malandro, que já te curo!..." E, em voz alta:

— Amigo, venho contar uma grande novidade: acabou-se a guerra entre os animais. Lobo e cordeiro, gavião e pinto, onça e veado, raposa e galinhas, todos os bichos andam agora aos beijos, como namorados. Desça desse poleiro e venha receber o meu abraço de paz e amor.

— Muito bem! — exclamou o galo. — Não imagina como tal notícia me alegra! Que beleza vai ficar o mundo, limpo de guerras, crueldades e traições! Vou já descer para abraçar a amiga raposa, mas... como lá vêm vindo três cachorros, acho bom esperá-los, para que também eles tomem parte da confraternização.

Ao ouvir falar em cachorro, Dona Raposa não quis saber de histórias, e tratou de pôr-se ao fresco, dizendo:

– Infelizmente, amigo Có-ri-có-có, tenho pressa e não posso esperar pelos amigos cães. Fica para outra vez a festa, sim? Até logo.

E raspou-se.

Contra esperteza, esperteza e meia.

LOBATO, Monteiro. *Fábulas.* Ilustrações de Manoel Victor Filho. 25. ed. São Paulo: Brasiliense, 1972. p. 28.

Se alguém lhe perguntasse se esse texto é um provérbio, é claro que você iria responder que não, embora termine com "Contra esperteza, esperteza e meia", que é um provérbio, quando usado isoladamente.

Este texto é uma fábula, isto é, uma pequena história que tem como finalidade ilustrar um comportamento que observamos nas pessoas. Não nos iludamos, esta não é uma história sobre o mundo dos animais, embora as personagens sejam a raposa e o galo. A raposa aqui representa aquele tipo de pessoa que tenta levar os outros na conversa para conseguir vantagens próprias. O galo representa aquelas pessoas que já aprenderam o bastante na vida para fazer o tiro sair pela culatra, isto é, usar a arma do inimigo para se defender.

A fábula tem, assim, duas características fundamentais: o enredo, em que animais agem, sentem e pensam de modo parecido com os seres humanos com a finalidade de nos convencer de uma idéia; e a moral da história — no caso, de que precisamos ser espertos para não sermos enganados.

ESCREVENDO TEXTOS

No país em que ficou famosa a idéia de que "é melhor levar vantagem em tudo", não deve ser difícil lembrar um caso em que alguém, como o galo, conseguiu, ao usar a esperteza, levar a melhor, passando a perna em um espertinho. Conte um caso destes.

ESCREVENDO TEXTOS

Costumamos atribuir determinadas características a alguns animais, em função do que podem representar para nós. Falamos, por exemplo, da

- fidelidade do cachorro;
- esperteza da raposa;
- malandragem do macaco.

Continue a lista, lembrando-se de outros animais.

AGORA, LEIA O TEXTO ABAIXO

Folha de S. Paulo, São Paulo, 3 jul. 2001.

É um provérbio? É uma fábula?

Não, ainda que a personagem "ratinho" empregue vários provérbios para tentar convencer o cão nada amigável a compartilhar com ele sua refeição. O que é então?

> *É uma tira, uma história em quadrinhos curta, contendo de três a quatro quadrinhos. Apresenta uma narrativa como a fábula, não com a finalidade de ilustrar uma moral, mas de fazer humor. Além disso, caracteriza-se por misturar dois tipos de linguagem: a verbal, nos balões que reproduzem o que as personagens falam; e a visual, nos desenhos das personagens e do cenário.*

SINTETIZANDO

Cada um de nós, durante a vida, vai construindo um repertório de textos. Ao falar ou escutar, ao ler ou escrever, vamos aprendendo a agrupar esses textos, usando diferentes critérios. Reconhecemos o volante da loteria esportiva pelo seu formato visual; aprendemos a buscar notícias e classificados nos jornais; "provocamos" o vizinho com a derrota do time dele; aprendemos a localizar informações que nos interessam nos extratos de contas de luz, água, telefone; lemos revistas para saber o que vai acontecer nos próximos capítulos da novela; escrevemos ou telefonamos para nossos parentes ou amigos etc.

Cada um desses tipos de texto pertence a uma espécie de família em que os membros compartilham características comuns: tipo de suporte em que circulam, tamanho, aparência, assunto de que tratam, palavras que empregam etc.

Cada um desses tipos de texto provoca no leitor diferentes reações: irritação com o técnico que não escala o Romário; indignação com o valor absurdo que apareceu na conta de luz e que só pode ser erro e você já fica irritado, imaginando o trabalhão que esse negócio vai dar; saudade de sua família ao ler aquela carta tão carinhosa; e boas gargalhadas com aquela piada de papagaio que acabaram de contar para você.

Cada um de nós, durante a vida, vai aprendendo a usar e reconhecer e, até, a chamar pelo nome vários desses tipos de textos, como provérbios, fábulas, histórias em quadrinhos, notícias, divulgação científica, experimento, bilhetes, cartas, diários, e tantos outros.

Essas famílias de texto ou esses modelos para organizar o que temos a dizer, ou para orientar na escolha de procedimentos para compreender o que nos dizem nas mais diferentes situações comunicativas, são os **gêneros de texto**.

Os gêneros são caracterizados por três elementos:

- o assunto: o que é ou pode ser dito através daquele tipo de texto;
- o formato: a estrutura particular como os textos são apresentados;
- o estilo: palavras ou expressões selecionadas e os modos de construir as frases.

QUE TEXTO ESCOLHER? GÊNEROS E SUPORTES

No final de 2001, um famoso publicitário de São Paulo, Washington Olivetto, foi seqüestrado. Ao longo dos 53 dias em que esteve em cativeiro, conseguiu que seus seqüestradores lhe dessem caneta, blocos de anotações e um caderno de 100 folhas com os quais escreveu muito: um diário sobre seus dias de seqüestrado, bilhetes e cartas para seus seqüestradores, cartas para a mulher e o filho. Além disto, rabiscou o nome do filho e escreveu declarações de amor para a mulher nas paredes do local em que esteve preso.

O publicitário procurou com suas escritas não só se comunicar com os seqüestradores e familiares como também lidar com seus sentimentos naquela situação e superar o drama. Assim, o que Olivetto viveu pode ser, para nós, uma boa reflexão sobre a relação das pessoas com a linguagem e os vários gêneros de texto que podemos escrever em função das circunstâncias que viemos.

Leia abaixo o bilhete que Olivetto escreveu para os seqüestradores:

> *Aos senhores chefes:*
>
> *Ontem tive a certeza de que se continuar nessa situação vou ter um enfarto e morrer. Por isso resolvi tomar a atitude explicada na carta em anexo que resolve tudo. Por favor leiam já. Aguardo comunicação.*
>
> *Acho que a carta não deixa dúvidas, mas estou à disposição.*

Para tentar resolver seu seqüestro, Olivetto escreveu aos seqüestradores um bilhete com a função de enviar uma carta.

ESCREVENDO TEXTOS

1 Escreva um bilhete para um amigo, desmarcando sua ida à uma festa porque você tem que estudar para o exame.

2 Imagine a carta que Olivetto poderia ter escrito a seus seqüestradores ou a seu filho. Lembre-se de usar os **elementos deste tipo de texto: o local, a data, o nome do destinatário, o corpo da carta, a despedida e a assinatura do autor**. Veja que, dependendo de para quem você decidir escrever – filho ou seqüestradores –, o tom da carta será diferente.

Dependendo da finalidade, do que temos para dizer e para quem dizer e das características da situação comunicativa, escolhemos um determinado gênero de texto. Enfim, quando falamos / ouvimos, lemos / escrevemos, em geral, não inventamos moda, usamos certos modelos de textos que fomos aprendendo em nossas experiências, com o uso da linguagem.

Escrever o diário de sua experiência no cativeiro foi a forma que Olivetto encontrou para se organizar internamente e conseguir agüentar a angústia, a solidão e o medo. Ele mesmo declarou aos jornais:

"Escrevia sem parar para me manter conectado. Há muito tempo já não estava acostumado a escrever à mão. Por isso estou repleto de calos nos dedos."

Depoimento publicado na *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 6 fev. 2002.

Desenvolvendo competências

2 **Patrícia, meu amor, te adoro.**

As declarações de amor que Olivetto escreveu para a mulher foram gravadas na parede do cubículo com objeto pontiagudo.

Usar a parede para comunicar algo é uma forma de expressão que vem de longa data. É só nos lembrarmos, por exemplo, dos desenhos nas cavernas feitos pelos homens primitivos e dos grafites – desenhos e textos escritos em muros da cidade por meio dos quais seus autores dão recados artísticos ou críticos.

A parede, neste caso, é o que chamamos de suporte textual, isto é, o meio pelo qual o texto é veiculado do autor para seus leitores. São suportes também o jornal, o livro, a revista, formulários impressos, cartazes, outdoors etc. Todo texto circula em um suporte e alguns gêneros de texto estão mais ligados a alguns suportes do que a outros.

O diário é um tipo de texto em que o autor relata experiências vividas e reflete sobre elas. Seu leitor, em geral, é o próprio autor, ainda que tenhamos exemplos famosos na história de diários que foram publicados, como "Diário de Anne Frank", em que uma adolescente judia conta os sofrimentos que ela, sua família e alguns amigos passaram na época do nazismo de Hitler.

Procure pensar no que tem acontecido em sua vida ultimamente e escreva uma página de diário. Você pode escrever sobre uma experiência significativa ou apenas desabafar.

SINTETIZANDO

A partir da experiência vivida pelo publicitário Washington Olivetto, pudemos pensar sobre as relações entre gênero de texto, autor, interlocutor e suporte. Os bilhetes, as cartas, a declaração de amor e o diário que ele escreveu para interlocutores diferentes, com finalidades diferentes, em vários suportes textuais, podem servir de exemplo de como as características dos textos são afetadas pelo uso e pelas circunstâncias sócio-históricas.

COMO DESCOBRIMOS A QUE GÊNERO PERTENCE UM TEXTO?

Leia os dois textos a seguir:

MULHERES QUEREM O MUNDO EM PAZ

Mensagens de paz e fraternidade se encaixam na cadência de ritmos musicais variados e nas vozes de 23 mulheres das mais diversas nacionalidades. Com este espetáculo, elas viajam pelo mundo em busca de unidade, de integração entre as pessoas e de diálogo entre as diferentes culturas. Elas formam o Gen Verde, manifestação artística do Movimento dos Fuocolares, com sede na Itália. (...)

Uma das integrantes do grupo é a pernambucana Ana Maria Figuerôa, que trabalha com o Gen Verde há quase 20 anos. "Sou formada em Fisioterapia, mas agora me dedico ao movimento", conta. Segundo ela, a atividade é intensa, já que as 23 mulheres são responsáveis por toda a estrutura do espetáculo, desde a montagem, iluminação e atuação cênica, passando pela criação das composições e coreografias e execução dos instrumentos da banda. (...)

Ela explica que o Movimento dos Fuocolares foi criado espontaneamente por algumas jovens italianas durante a Segunda Guerra Mundial. "Com tanta desgraça, a vida delas mudou radicalmente, mas resolveram ajudar os outros e descobriram o poder do amor", diz Ana Maria. O espetáculo que será visto em Porto Alegre se chama Primeiras Páginas e resgata toda esta história no formato de um teatro musical. "Três personagens fazem comentários e ajudam o público a entender a encenação. E as músicas e os textos são adaptados para a língua do país onde nos apresentamos, o que também é uma forma de demonstrar nosso amor pelos povos", acrescenta Ana Maria.

Texto 1 - *Jornal do Comércio*, Porto Alegre, 31 maio 2002. Caderno Viver.

Lídia, passei por aqui, mas você não estava. Que tal irmos assistir ao espetáculo do Gen Verde, hoje à noite? Mais tarde eu volto, tá? Beijão
Sofia

31/05/02

Texto 2

Qual dos dois é uma notícia? O primeiro ou o segundo?

Se você respondeu o primeiro, acertou. Mas como será que você descobriu qual era o gênero de texto? Muito provavelmente porque você lê jornais, senão diariamente, ao menos quando dá, ou acompanha o que se passa no Brasil e no mundo, escutando as notícias pelo rádio ou assistindo aos noticiários de TV. De tanto ler notícias, escutar notícias ou assistir aos telejornais, você acaba aprendendo a identificar uma notícia. Mas você vai ver que é muito mais fácil reconhecer uma notícia—até porque estamos acostumados a participar de uma série de situações comunicativas em que elas estão envolvidas— do que explicar o que é uma notícia.

Mas vamos tentar.

Características	*Notícia*
Título	O título, que é a manchete, apresenta claramente para o leitor o fato mais importante da matéria.
Modo de exposição das informações	Os fatos são apresentados pela ordem de importância, isto é, apresenta-se primeiro aquilo que o jornalista pensa que é mais relevante para seu leitor.
Informações presentes nos parágrafos iniciais	Em geral, as informações contidas nos parágrafos iniciais respondem às questões: Quem? O quê? Quando? Onde? Como? Por quê? Para quê? (Não é obrigatório que os dados sejam apresentados nesta ordem nem que todos estejam presentes).
Tratamento dado às informações apresentadas	Para que o leitor acredite que os fatos realmente aconteceram, os jornalistas empregam alguns recursos: • apresentar nome e sobrenome das pessoas envolvidas; • dizer exatamente o local; • definir o momento em que ocorreram os fatos a partir da data de circulação; • apresentar o que as pessoas envolvidas disseram; • apresentar os fatos de forma objetiva.
Suporte	No caso da notícia impressa, jornais e revistas semanais.
Permanência em circulação	Em geral, o prazo é curto, determinado pela periodicidade da publicação em que a notícia foi veiculada.
Modo de ler	Normalmente, o leitor lê apenas as partes da notícia suficientes para mantê-lo informado.

Complete a tabela a seguir, levando em conta os dados presentes na notícia (Texto 1) que foi publicada no Jornal do Comércio.

Notícia	
Manchete	
Informação destacada	
Modo de exposição das informações	Quem?
	O quê?
	Quando?
	Onde?
	Como?
Suporte	

Desenvolvendo competências

3 *A partir das informações que apresentamos na tabela a seguir, elabore uma notícia curta. Não se esqueça de criar uma manchete.*

Quem?	*pesquisadores italianos.*
O quê?	*clonar animais.*
Quando?	*abril de 2002.*
Onde?	*na Itália e outras partes do mundo .*
Como?	*a partir de células de bichos adultos.*
Por quê?	*por motivos financeiros: ajudar a pecuária.* *Por motivos científicos: recuperar espécies em extinção.*

GÊNEROS DE TEXTO: MODOS DE LER

Quando você consulta uma lista telefônica para descobrir um número de que precisa, não lê a lista página por página, linha por linha. Orientando-se pela ordem alfabética, vai direto às páginas em que espera encontrar a informação que deseja.

Se você quer preparar uma receita diferente, irá ler os ingredientes, deixá-los todos à mão e, depois, vai lendo e executando cada etapa para fazer tudo certo e o prato ficar gostoso.

Assim como há uma enorme diversidade de textos, há, também, uma grande diversidade de modos de ler. Dependendo das características do gênero de texto e dos objetivos que temos com a leitura, vamos ler de um modo ou de outro.

Desenvolvendo competências

4 *Leia o texto a seguir:*

Desde os tempos antigos nas regiões da Europa e da África, o alecrim (Rosmarinus officinalis) é utilizado tanto na culinária (como tempero) como em tratamentos medicinais. Na Grécia antiga, a planta era utilizada no tratamento de problemas estomacais e como desinfetante.

O alecrim deve ser cultivado em clima temperado, tanto em terrenos secos, como em solos arenosos e ricos em matéria orgânica, com pouca irrigação.

Deve ser plantado na primavera ou verão por meio de mudas ou sementes. Sua altura varia de 0,50 m a 2 m.

Seis meses após o plantio, as folhas podem ser colhidas e a planta também dá flores azuis, brancas ou rosadas.

Folha de S.Paulo, São Paulo, 5 fev. 2002. Caderno Agrofolha, p. F 2.

Resumindo o texto

Procure reler o texto e escreva onde está cada idéia central:

1º parágrafo

· o nome científico do alecrim;

· a história de sua utilização;

2º parágrafo

· clima e tipo de solo adequado ao cultivo do alecrim;

3º parágrafo

· época de plantio e características da planta;

4º parágrafo

· época da colheita e outras características da planta.

Muitos gêneros de textos, como verbetes de enciclopédia, artigos de divulgação científica e textos didáticos tratam de assuntos ligados às ciências em geral. Quem lê esses textos geralmente quer ampliar seus conhecimentos a respeito de um determinado assunto, ou precisa estudar algo para a sua formação escolar ou profissional. Tais gêneros usam conceitos específicos das diferentes áreas do conhecimento, empregam muitos termos técnicos, apresentam dados, exemplos, explicações e argumentos. O leitor, para compreender esse tipo de texto, precisa aprender a sintetizar as informações e, para isso, precisa aprender a selecionar as informações principais e compreender as relações entre informações mais importantes e menos importantes.

No texto que lemos, você deve ter percebido como fomos ampliando nosso conhecimento a respeito do alecrim: desde seu nome científico e seu uso, até como cultivá-lo.

Textos de divulgação científica são em geral produzidos por especialistas ou adaptados por professores ou jornalistas para traduzir a um público não especializado assuntos de natureza técnica ou científica.

Desenvolvendo competências

5 *Com o que já discutimos acima e sabendo que retiramos, de propósito, o título do texto da página 109, assinale qual poderia ser ele.*

a) A planta milagrosa.

b) Alecrim.

c) A planta que dá flores.

d) Rosmarinus officinalis.

ELABORANDO ESQUEMA

Sabendo que o esquema é uma forma de resumir as idéias de um texto e que ele é elaborado por meio do uso de palavra-chave (idéia central) ou de frases que sintetizam cada informação, veja como poderíamos esquematizar o texto "Alecrim":

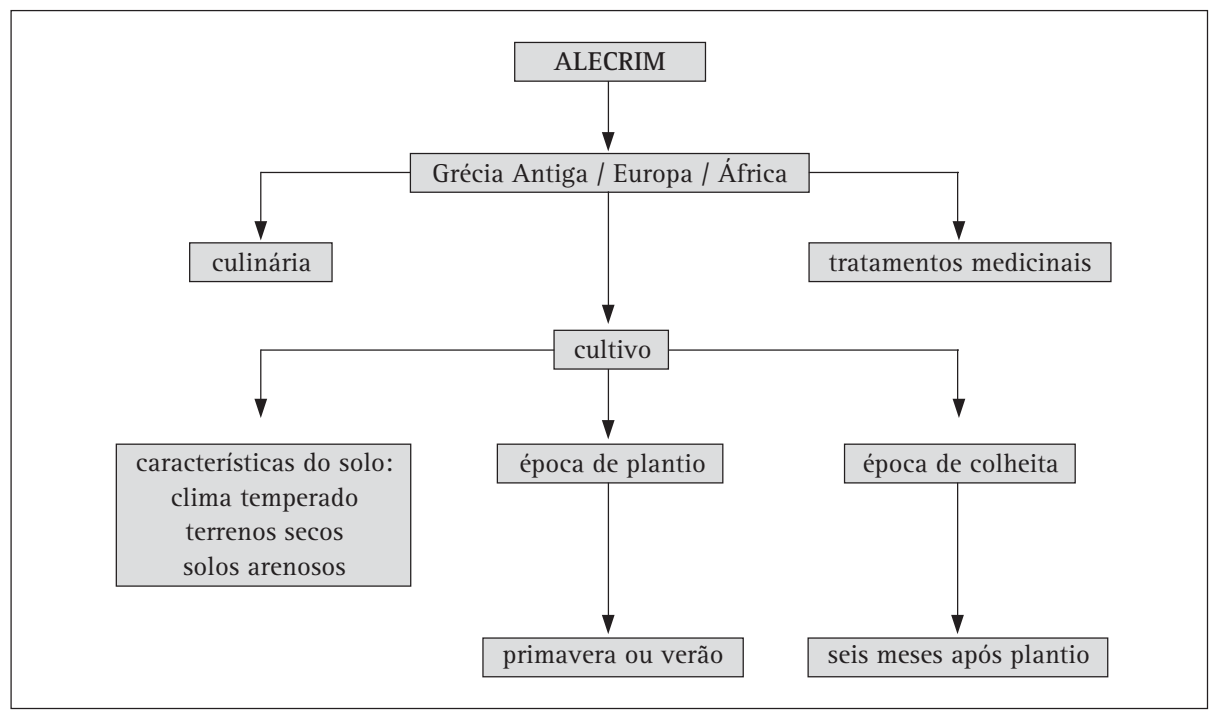

Desenvolvendo competências

6 *Leia um trecho de outro texto de divulgação científica.*

As plantas e a água pura

Todos os seres vivos passaram, durante milênios, por um processo provocado pela seleção natural: o meio ambiente, ao mesmo tempo em que fornece as condições necessárias à sobrevivência, elimina os indivíduos incapazes de superar as adversidades.

Alterar o meio ambiente significa alterar as condições de vida das diferentes espécies que habitam nosso planeta. A intervenção "artificial" sobre o meio, hoje em dia muito veloz e violenta, altera de tal modo as condições de vida das espécies que elas passam a não resistir, fragilizando-se, ou mesmo desaparecendo.

Um exemplo fácil de se observar é a modificação da qualidade da água dos rios que banham as grandes cidades. A poluição dos rios interfere não apenas na vida dos peixes, mas torna difícil a vida das plantas que entram em contato com a água impura.

CIÊNCIA HOJE NA ESCOLA. *Meio-ambiente*: águas. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, 1999.

Assinale o conjunto de palavras que se relaciona ao tema do texto.

a) Ambiente; espécies; plantas.

b) Poluição; peixes; dinossauros.

c) Plantas; alecrim; seleção artificial.

d) Rios; mar; peixes.

Escrevendo textos

1. Você vai localizar a idéia central de cada parágrafo, para poder sintetizar o texto da página anterior. Você pode usar um lápis para anotá-la à margem no próprio texto, ou simplesmente grifar as partes que considere principais.

2. Feito isso, você vai colocar essas idéias num esquema, ou seja, vai mostrar graficamente as relações entre essas partes selecionadas. Para isso, separe a palavra ou frase que expressa a idéia mais importante. Trace uma seta ou linha, a partir dela, em direção às outras palavras ou frases que estejam subordinadas à idéia central. Veja, como exemplo, o esquema do texto "Alecrim". (na página anterior)

Se puder, compare com outros colegas os esquemas feitos por eles e verificará que cada um pode ter feito de uma forma visual diferente. As formas gráficas podem ser bem diversas, mas todos os esquemas devem garantir que as idéias estejam relacionadas de forma hierárquica, isto é, da mais importante para as secundárias, e estejam articuladas entre si.

Leia o experimento a seguir e saiba de que modo a poluição age sobre as plantas.

Colocar no fundo do vidro 1 um pouco de algodão embebido em água filtrada (cuidado para não encharcar o algodão).

Colocar no fundo do vidro 2 um pouco de algodão, também sem encharcá-lo, com a seguinte solução: ˚ copo de água filtrada, 2 colheres de sopa de detergente de cozinha e 2 colheres de sopa de óleo queimado (óleo de automóvel, obtido em qualquer posto de gasolina).

Em cada um dos vidros distribuímos cinco sementes de milho e colocamos a tampa. Depois de sete dias, já podemos observar o que aconteceu. Anote o que aconteceu.

Adaptado de: CIÊNCIA HOJE NA ESCOLA. *Meio-ambiente*: águas. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, 1999.

O experimento é um gênero de texto do qual constam duas partes: a lista de materiais e o modo de fazer. A lista relaciona o que usar e as quantidades necessárias. O modo de fazer descreve, passo a passo, o que deve ser feito para realizar o experimento.

Há muitos outros textos que se organizam assim, como por exemplo: as instruções para preenchimento de formulários, as receitas culinárias, as instruções presentes em bulas para se tomar um remédio, os manuais para se montar um aparelho etc. Nestes gêneros, se você fez bem feito, leu direito. Mas é claro que vão estar em jogo outras habilidades. Pense, por exemplo, que uma mesma receita pode variar muito, dependendo do talento do(a) cozinheiro(a).

Desenvolvendo competências

7 *Assinale o conjunto de verbos usados no experimento.*

a) *Colocar; ser; embeber.*

b) *Parecer; embeber; observar*

c) *Distribuir; anotar;estar.*

d) *Colocar;observar; anotar.*

ESCREVENDO TEXTOS

Pense em uma coisa que você sabe fazer bem e que poderia ensinar para alguém. Não se esqueça de apresentar a lista de materiais e de explicar bem, tintim por tintim, como fazer.

TEXTOS LITERÁRIOS

Leia o miniconto abaixo e aprecie como a autora aborda o tema das transformações humanas:

> UM CERTO LUCRO...
>
> *Quando adolescente, com loucura e entre suspiros, colecionava retratos de seu ator preferido formando completíssimo álbum reunindo, além das fotografias, muitos desejos jamais confessados.*
>
> *Anos mais tarde vendido o álbum a estudioso do assunto rendeu-lhe relativo lucro, concluindo que, algumas vezes, podem-se tirar dos sonhos resultados práticos ligeiramente satisfatórios.*
>
> SIMÕES, Maria Lúcia. *Contos contidos*. Rio de Janeiro: RHJ, 1996.

No miniconto, "Um certo lucro", há apenas dois parágrafos que tratam de dois momentos da vida da personagem: a adolescência na qual colecionava retratos de seu ator predileto e a vida adulta na qual vende o álbum e obtém "um certo lucro...", como diz o título. Constate, na tabela a seguir, como a escolha das palavras no conto é importante para criar as diferenças fundamentais entre as duas fases da vida: uma mais sonhadora, quando se é jovem, e a outra mais prática, quando se é adulto. Observe como de modo indireto a autora lamenta abrir mão dos sonhos.

Uso das palavras no texto	
Adolescência	**Maturidade**
loucura	venda
suspiros	renda
desejos	lucro
sonhos	resultados práticos

Podemos dizer que houve alteração na vida da personagem da adolescência para a maturidade. Mas o lucro não é total: é um "certo" tipo de lucro que tem o gosto amargo das reticências, do adeus às ilusões, dos sonhos perdidos, da falta dos desejos ou, como diz a canção, "da loucura que não deixa o juízo apodrecer".

Desenvolvendo competências

8 *Pense em duas fases na vida de uma pessoa:*
criança / adolescente
solteiro / casado
ou outra qualquer e elabore o seu miniconto.
Faça como a autora e use apenas dois parágrafos.

Leia o poema a seguir e aprecie como o autor faz de sua poesia uma denúncia.

Poema brasileiro

No Piauí de cada 100 crianças que nascem
78 morrem antes de completar 8 anos de idade
No Piauí
de cada 100 crianças que nascem
78 morrem antes de completar 8 anos de idade
No Piauí
de cada 100 crianças
que nascem
78 morrem
antes
de completar
8 anos de idade
antes de completar 8 anos de idade
antes de completar 8 anos de idade
antes de completar 8 anos de idade
antes de completar 8 anos de idade

GULLAR, Ferreira. *Toda poesia*: 1950-1980. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981, p.14 (Coleção Vera Cruz. Literatura Brasileira, v. 300).

No texto, a idéia “No Piauí de cada 100 crianças que nascem 78 morrem antes de completar 8 anos de idade” é usada de formas diferentes, em vários versos, e é exatamente a repetição e a organização de cada verso, dando destaque a uma palavra ou conjunto de palavras a cada vez, que vão construindo a reflexão a respeito da mortalidade infantil no Piauí, símbolo de outras regiões do Brasil.

Desenvolvendo competências

9 *O autor, ao usar o verso "antes de completar 8 anos de idade", repetido quatro vezes, no final do poema, quer*

a) que o poema fique cansativo.

b) responsabilizar o governo.

c) reforçar a denúncia.

d) que o poema fique bonito.

Nos dois textos literário que lemos, fomos levados a pensar na vida, nos nossos sentimentos, lembranças, desejos, sonhos; mas também em nossas indignações, medos, preocupações. Verifique ainda que, em ambos os textos, não é só o tema de cada texto que é importante, mas o jeito como cada autor usou as palavras para se expressar toca nosso coração e o faz bater diferente. É assim que no texto literário " o que" se diz é tão importante quanto " o como" se diz.

Desenvolvendo competências

10 *Hoje em dia, sabemos que a mortalidade juvenil nas grandes cidades está aumentando assustadoramente. A taxa de homicídio por 100 mil pessoas foi de 27% em 2000, enquanto que, entre jovens de 15 a 24 anos, foi de 52,10%, segundo dados da* Folha de S.Paulo, *de 4 de maio de 2002, página C 3.*

Elabore um poema com a mesma estrutura do "Poema brasileiro", fazendo as devidas substituições e organizando os versos de formas diferentes, para poder chamar a atenção do leitor de diferentes maneiras.

Poema de F.Gullar	*Poema do estudante*
No Piauí	
de cada 100 crianças que nascem	
78 morrem	
antes de completar 8 anos de idade	

TEXTO PUBLICITÁRIO

Leia o folheto a seguir e aprecie como a imagem e as palavras se relacionam.

ABRINQ

pelos direitos da criança e do adolescente
"Crianças acreditam nos adultos
Não porque os adultos são sinceros
Mas porque toda criança é ingênua
Crianças se sentem protegidas pelos adultos
Não porque todos os adultos são protetores
Mas porque toda criança é carente
Algumas muito mais carentes que as outras."

Boleto de Banco para fazer doação para Abrinq.
Foto de Ricardo de Vicq

A quem você acredita que a propaganda seja dirigida? A uma criança ou a um adulto?

É claro que é a um adulto. Mas podemos dizer que aqui são referidos dois tipos de adultos: um que ameaça a criança e um outro que não quer se identificar com quem não protege a infância. A idéia central é, então, dirigir-se a um adulto que não pode se omitir, pois isto é uma forma de ameaçar. É assim que a propaganda procura "pegar" o adulto pela emoção, afirmando fortemente seu papel de protetor da infância.

O que mais chama a atenção neste folheto é sem dúvida a foto: mãos de criança e de adulto entrelaçadas– a velha e forte idéia do "dar a mão"... Verifique o contraste entre a criança e o adulto: a primeira representada por uma pequena mão contida pela mão adulta– forte e protetora.

Desenvolvendo competências

11 *Os elementos da foto que indicam que a mão adulta é masculina são:*

a) o tamanho e a delicadeza.

b) a força e a proteção.

c) a cor e as unhas.

d) os pêlos e o formato.

Confirmamos com os dados do teste que o uso de elementos visuais, numa propaganda, faz parte da construção dos sentidos do texto. Assim, a mão adulta reforça a idéia de proteção. O contraste visual entre adulto e criança é confirmado no texto escrito.

Criança	*Adulto*	*Criança*
Crianças acreditam em adultos	Não porque os adultos são sinceros	Mas porque toda criança é ingênua
Crianças se sentem protegidas pelos adultos	Não porque todos os adultos são protetores	Mas porque toda criança é carente

Observe que a referência ao adulto sempre começa com um "não" e a referência à criança com um "mas". Novamente, estamos no campo da oposição entre criança e adulto.

Quais as características da criança, de acordo com o texto? São ingênuas, carentes, acreditam nos adultos, sentem-se protegidas por eles. E os adultos? Eles "não são sinceros" e "não são protetores", porque, se o fossem, talvez não houvesse infância necessitada. O uso de tantos "não" pode ter a finalidade de que se torne um sim, "vou doar", por exemplo. Portanto, estas idéias têm a intenção de fazer o doador mudar de atitude, não se omitindo e provando que é sincero e protetor, por isso fará a doação.

Outro aspecto: falar que toda criança é ingênua e carente torna a criança que necessita de doação igual às outras, ou seja, aquela que o adulto tem em casa – filho, irmão, sobrinho etc. – o que representa um grande apelo afetivo para o possível doador.

Note ainda que o uso da expressão "toda criança" acaba por dar força, ao final, à criança que precisa da doação. Ela faz parte da idéia "toda criança", com uma grande diferença: ela precisa muito mais que as outras.

A propaganda é um gênero textual que usa uma linguagem específica que relaciona elementos verbais ou texto escrito e elementos visuais, como desenhos, fotos, imagens, símbolos etc, procurando convencer o consumidor a comprar o produto da publicidade, seja ele um objeto, uma imagem, um serviço, uma idéia etc. É assim que a publicidade, como uma das sustentações da sociedade de consumo, acaba por ensinar uma visão de mundo e por ditar comportamentos e valores.

Desenvolvendo competências

12

1. *Você viu que o "slogan" da ABRINQ é "pelos direitos da criança e do adolescente". Imagine que a Fundação Abrinq queira mudar esse "slogan". Contribua, criando um outro. Se puder, leia o que outros colegas escreveram e conversem a respeito.*
2. *Faça uma lista dos "slogans de propaganda" que você conhece. Se puder, veja quais seus colegas conhecem também.*

SINTETIZANDO

Pelas análises que fizemos, vimos que diferentes objetivos de leitura determinam modos de ler e usos de gêneros também diferentes. Ler para estudar, ler para fazer coisas, ler para recriar a realidade, ler para decidir o que comprar são algumas finalidades que exigem de nós, leitores, a escolha de um gênero textual entre outros.

PARA FINALIZAR...

Falar, ouvir, ler e escrever são ações humanas relacionadas à linguagem. São elas que ajudam a explicar a realidade e a estruturar nossa experiência de vida. No que se refere ao exercício da cidadania, é a língua materna que ajuda a preservar a memória e a identidade nacional. Conhecer e saber usar os vários gêneros de textos contribui para ampliar nosso repertório textual e nossas possibilidades de interferir na realidade.

Conferindo seu conhecimento

1 *1) Resposta (d). 2) Resposta (b).*

5 *O título de um texto de divulgação científica tem relação com seu tema ou assunto e deve indicar claramente para o leitor do que vai tratar. Se considerarmos que o texto estudado foi retirado de um caderno de jornal chamado Agrofolha, fica claro que o leitor desse tipo de texto é, no mínimo, um interessado em agricultura e que o título "Alecrim" deve atrair sua leitura, caso queira informar-se a respeito.*

6 *Resposta (a).*

7 *Resposta (d).*

9 *Resposta (c).*

11 *Resposta (d).*

Orientação final

Para saber se você compreendeu bem o que está apresentado neste capítulo, verifique se está apto a demonstrar que é capaz de:

- Reconhecer temas, gêneros, suportes textuais, formas e recursos expressivos.
- Identificar os elementos organizacionais e estruturais de textos de diferentes gêneros.
- Identificar a função predominante (informativa, persuasiva etc.) dos textos em situações específicas de interlocução.
- Relacionar textos a um dado contexto (histórico, social, político, cultural etc.).
- Reconhecer a importância do patrimônio lingüístico para a preservação da memória e da identidade nacional.

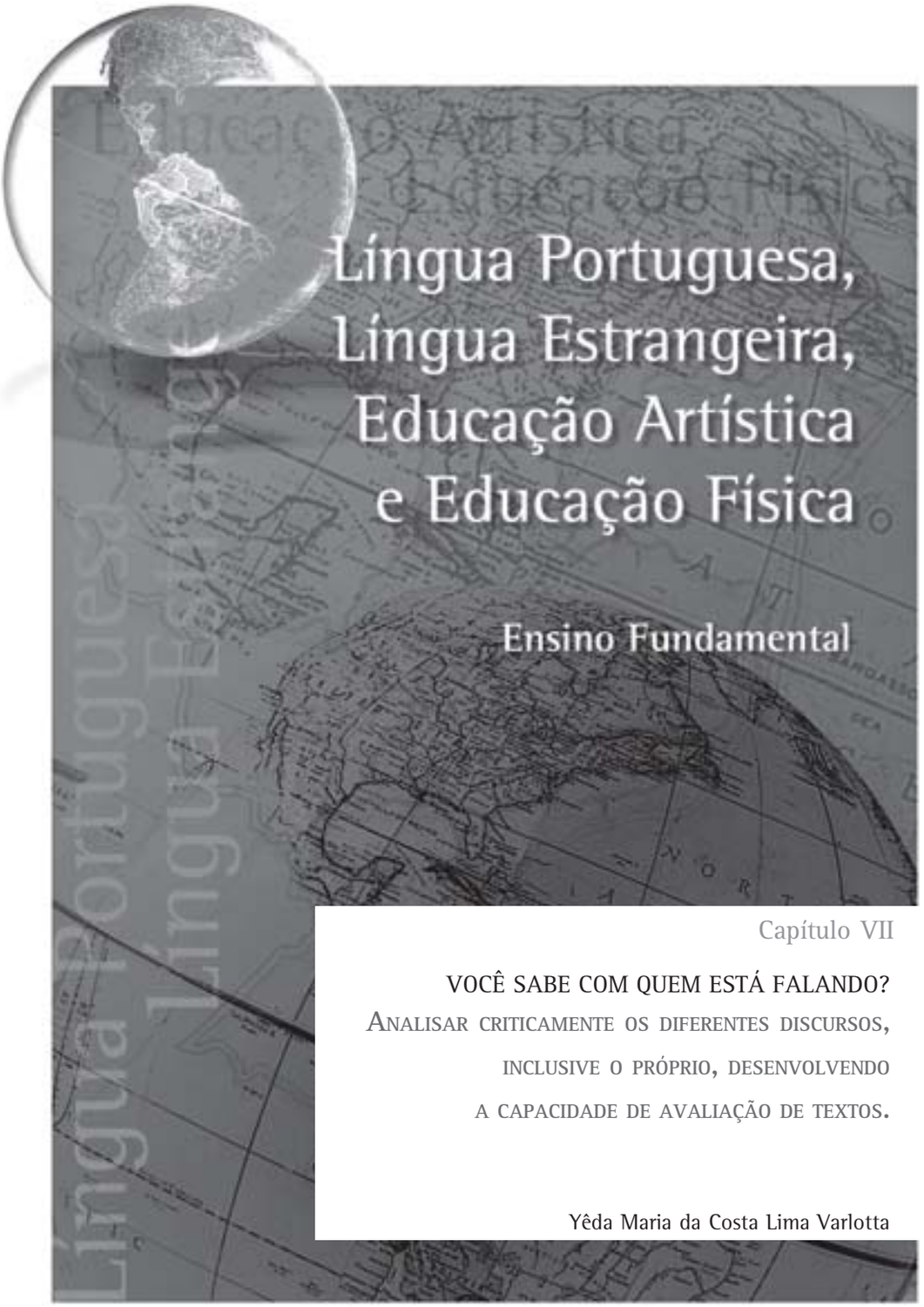

Língua Portuguesa, Língua Estrangeira, Educação Artística e Educação Física

Ensino Fundamental

Capítulo VII

VOCÊ SABE COM QUEM ESTÁ FALANDO?

ANALISAR CRITICAMENTE OS DIFERENTES DISCURSOS, INCLUSIVE O PRÓPRIO, DESENVOLVENDO A CAPACIDADE DE AVALIAÇÃO DE TEXTOS.

Yêda Maria da Costa Lima Varlotta

Capítulo VII

Você sabe com quem está falando?

Neste capítulo você vai refletir sobre diferentes maneiras de usar a língua portuguesa para falar sobre trabalho e trabalhadores. Você vai ler e produzir diferentes tipos de textos e vai descobrir um dos muitos caminhos para analisar o que diferentes autores, inclusive você, dizem sobre esse tema.

Vamos falar sobre o diálogo de autores e leitores através dos textos. Vamos observar como os textos "conversam" entre si, seja porque falam do mesmo assunto, seja porque apresentam algumas semelhanças na maneira como são escritos.

Ao final, esperamos que você seja capaz de usar a língua portuguesa para:

1. produzir textos que mostrem sua visão de mundo, suas intenções e interesses;
2. ler para interpretar de maneira crítica os interesses e intenções do autor do texto;
3. respeitar os diferentes pontos de vista dos autores sobre o trabalho e
4. ser solidário com os trabalhadores.

Bom trabalho!

VOCÊ PRODUTOR DE TEXTOS: FALAR E ESCREVER COM INTENÇÃO DE REFLETIR SOBRE O MUNDO E DE INTERAGIR COM OUTROS HOMENS.

De manhã, você levanta e toma uma xícara de café. Em que pensa? O que sente quando toma seu café? Ou, de tanta pressa, nem chega a pensar ou sentir alguma coisa? É. A vida, às vezes, é tão corrida e difícil que a gente faz as coisas de todo o dia como se fosse um autômato, uma máquina. Não pensa sobre elas; às vezes, nem as percebe. Quase nunca (ou nunca mesmo!) fala ou escreve sobre elas.

Para falar ou escrever é preciso que você tenha:

coisas para dizer
razões para dizer
pessoas a quem dizer

De acordo com a situação, você decide se vai falar ou se vai escrever. Suas decisões dependem de algumas coisas:

O que quer contar? Por que quer contar o que aconteceu? Para quem pretende contar?

Parece uma coisa complicada. Mas observe que, toda vez que você usa a língua para falar ou escrever a respeito de alguma coisa, você está levando em conta essas perguntas e organizando sua maneira de falar de acordo com as respostas que você mesmo dá a elas. Nós usamos a língua para falar sobre alguma coisa, para alguém, com uma intenção. Por isso escolhemos, dentre as diferentes maneiras possíveis de usar a língua, aquela que parece mais adequada.

Vamos imaginar algumas situações que exijam que você fale ou escreva.

De manhã, você derruba todo o café que estava pronto. Nem todas as pessoas que moram em sua casa tomaram café e você fica preocupado com elas. A pessoa que faz o café todos os dias encontra-se na casa.

Situação 1

Nessa situação, você teria:

a) **razões ou motivos para falar:** ficou preocupado;
b) **o que falar:** pedir para fazer mais café;
c) **com quem falar:** a pessoa que faz café em sua casa.

A escolha de com quem falar – **o interlocutor** – depende do que temos para falar e das intenções ou da razão que temos para falar. Na situação proposta, você falaria com a pessoa encarregada de fazer o café porque ela poderia resolver seu problema. Você se dirige a seu interlocutor, esperando que ele faça uma determinada ação.

Quando falamos, esperamos que nosso interlocutor tenha determinadas atitudes ou faça algumas ações.

E de que modo você falaria com a pessoa que pode fazer outro café? Isso vai depender do que pensa de seu interlocutor, de sua relação com ele. Você poderia dizer de diferentes maneiras. Vamos ver algumas:

1. Derrubei o café. Por favor, faça outro.
2. Faça outro café. Derrubei o que estava pronto.
3. Olha, derrubei todo o café. Dá pra fazer outro?
4. Acho que vai precisar fazer mais café. Derrubei o outro todinho.
5. Melhor fazer outro café. Derrubei tudo.

Observe que em todos esses modos de dizer, o que se pretende é que a pessoa faça café. Mas fala-se de maneiras diferentes. Às vezes, pedindo, às vezes, mandando, outras sugerindo... São diversos os jeitos de levar o interlocutor a fazer o que se pretende dele. Esses diferentes modos de dizer dependem de nossos conhecimentos sobre a língua, do que somos, da relação que temos com nosso interlocutor e do que pretendemos dele.

Escolhemos a maneira de falar ou escrever de acordo com a situação.

Vamos imaginar outras situações, para perceber como, mudando a situação, mudam as razões para dizer, os interlocutores e os modos de dizer o que se pretende.

> *De manhã, você derruba todo o café que estava pronto. Suja toda a roupa, tem de trocá-la, demora muito para se vestir, perde tempo e a condução que o levaria para o trabalho. Chega atrasado em seu emprego e precisa justificar-se com seu chefe ou patrão.*
>
> Situação 2

Observe que, nessa situação que estamos imaginando, você tem:

a) **o que falar** – seu atraso;

b) **razões para falar** – precisa justificar seu atraso;

c) **com quem falar** – seu chefe ou patrão.

Agora, você precisa escolher como vai falar. Lembre-se de que sua maneira de falar vai influir na atitude de seu interlocutor, que é seu superior e tem o poder de desculpar ou de punir você pelo atraso.

Escreva como falaria com seu chefe ou patrão.

Leia em voz alta o que escreveu e responda: ele desculparia seu atraso?

> *De manhã, enquanto você tomava seu café, de repente começou a pensar nas pessoas que trabalharam para que você pudesse alimentar-se. Pensou na pessoa que, em sua casa, levantou mais cedo para preparar seu café e já saiu para trabalhar. Percebeu que nunca agradeceu a ela pelo que faz todo dia. E resolveu fazê-lo por escrito.*
>
> Situação 3

Pensando numa situação real, para quem escreveria? Faria uma carta, um bilhete, uma poesia? Que palavras usaria? Não se esqueça de que sua intenção é agradecer e que você pretende que seu interlocutor sinta-se comovido e feliz ao ler o texto que você produziu.

Como estamos propondo que você escreva realmente para a pessoa que faz seu café, esperamos que capriche na escolha do papel e na letra.

O QUE ESTÁ EM JOGO QUANDO FALAMOS E ESCREVEMOS

Falamos e escrevemos sobre as coisas que estão no mundo, sobre fatos que presenciamos ou sobre coisas que vivemos, pensamos, queremos, desejamos. Falar e escrever é uma forma de transformar o que vivemos, de tornar importantes as coisas que fazemos, de dialogar com outras pessoas, de comunicar o que pensamos, sentimos e queremos. Falamos e escrevemos porque temos alguma coisa a dizer para alguém a respeito de alguma coisa. E escolhemos as palavras e maneiras de dizer de acordo com nossa intenção em relação ao assunto e à pessoa com quem falamos ou para quem escrevemos.

Quando falamos ou escrevemos, somos **locutores** ou **autores**. A pessoa com quem falamos ou para quem escrevemos são nossos **interlocutores** ou **leitores**. As palavras que usamos constituem um **texto**. Um texto tem vários sentidos. Os sentidos do texto escrito ou falado não estão apenas nas palavras, mas também no **contexto** e na **situação** criada entre os interlocutores. Ao escrever, o autor vai deixando pistas de sua intenção no texto que escreve. O leitor, diante do texto escrito, vai perseguindo essas pistas para captar os sentidos e as possíveis intenções do autor. Quanto mais o leitor é capaz de descobrir essas pistas, mais perto ele chega das intenções que levaram o autor a produzir o texto. Como são muitos os sentidos e as intenções, saber interpretar bem as pistas deixadas pelo autor no texto faz o leitor seguir a direção apontada pelo autor.

Você é autor de seus próprios textos, quando fala ou escreve.

QUANDO VOCÊ FOR ESCREVER, LEMBRE-SE:

- ***dos motivos que tem para escrever:*** *contar algum fato, narrar um acontecimento, fazer um pedido, extravasar um sentimento, falar sobre o que sabe, atender a uma solicitação e muitos mais;*
- ***de quem será seu leitor:*** *conhecido, desconhecido, imaginado, próximo, distante, criança, adulto, que é seu superior, igual a você, seu subordinado, de quem você gosta, etc.;*
- ***do que pretende do leitor:*** *informá-lo, convencê-lo de alguma coisa, emocioná-lo, fazê-lo concordar com você, etc.*
- ***de escrever dando pistas para o leitor do que pretende dizer:*** *escolhendo palavras, expressões, maneiras de dizer, tipo de texto.*

Quando for escrever, não se esqueça de que seu texto mostra a sua maneira de interpretar as coisas. Uma maneira própria. Mas como você é uma pessoa que vive num determinado tempo e lugar, que pensa coisas de acordo com o grupo de pessoas com quem vive e convive, seu texto expressa também valores e interesses desse grupo ao qual você pertence.

VOCÊ LEITOR DE TEXTOS: LER PARA REFLETIR SOBRE O MUNDO E INTERAGIR COM OUTRAS PESSOAS

Lembra-se das situações 1, 2 e 3, todas tendo como ponto de partida coisas que aconteceram no café da manhã? A partir delas propusemos que você escrevesse, que você assumisse a posição de autor de textos. Agora, você vai mudar de lugar. Você vai passar a leitor de textos de pessoas que escreveram sobre coisas presentes em sua mesa de café.

Veja o que o poeta brasileiro Ferreira Gullar escreveu recriando o que pensou, ao tomar o café da manhã.

O AÇÚCAR

O branco açúcar que adoçará meu café
nesta manhã de Ipanema
não foi produzido por mim
nem surgiu dentro do açucareiro por
milagre.

Vejo-o puro
e afável ao paladar
como beijo de moça, água
na pele, flor
que se dissolve na boca. Mas este açúcar
não foi feito por mim.

Este açúcar veio
da mercearia da esquina e tampouco o fez o
Oliveira,
dono da mercearia.
Este açúcar veio
de uma usina de açúcar em Pernambuco
ou no Estado do Rio
e tampouco o fez o dono da usina.

Este açúcar era cana
e veio dos canaviais extensos
que não nascem por acaso
no regaço do vale.

Em lugares distantes, onde não há hospital
nem escola,
homens que não sabem ler e morrem
aos vinte e sete anos
plantaram e colheram a cana
que viraria açúcar.

Em usinas escuras,
homens de vida amarga
e dura
produziram este açúcar
branco e puro
com que adoço meu café esta manhã em
Ipanema.

GULLAR, Ferreira. *Toda poesia*: 1950-1999. 11. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2001. p. 165.

Você gostou do poema? Esperamos que sim. O que sentiu quando terminou de lê-lo? Se você pensou na situação injusta em que vivem os trabalhadores que produzem o açúcar, você estabeleceu um diálogo com o autor, seguiu as pistas que ele deixou no texto e fez uma leitura próxima da que ele pretendia que você fizesse.

Poemas são escritos para despertar nos leitores sentimentos, emoções, pensamentos. Os poemas chamam a atenção para a realidade humana. Ajudam a pensar o mundo e a vida de uma maneira diferente. Eles mostram para o leitor uma nova maneira de ver. Eles criam, com palavras, uma nova realidade.

VAMOS LER JUNTOS O POEMA

DE FERREIRA GULLAR

Quando você lê um texto, se quiser dialogar com o autor, se quiser entender alguns de seus sentidos, é importante seguir as pistas do autor. Vejamos uma maneira de fazer isso no texto de Ferreira Gullar.

Quem é o autor e de que lugar ele fala?

Ferreira Gullar é um poeta, que nasceu no Maranhão, em 1930, e que vive no Rio de Janeiro. Trata-se, portanto, de um nordestino que, como muitos outros, migrou para outras regiões do país.

Conhecer o autor é importante para compreender o texto. Observe que, em seu poema, Ferreira Gullar refere-se às plantações de cana de regiões em que nasceu e viveu: Nordeste (Pernambuco) e Sudeste (Rio). O autor escreve a respeito de assuntos que viveu, sabe e conhece. Lembre-se disso: a gente fala ou escreve a respeito do que sabe ou quer entender melhor, mesmo quando é ficção, imaginação ou recriação. Nossas experiências de vida e o conhecimento que temos do assunto sobre o qual vamos falar ou escrever são importantes. Mas para conhecer não é preciso viver diretamente; podemos conhecer também através da leitura. Por isso, é importante ler a respeito de vários assuntos.

No poema, o autor dá uma pista a respeito do lugar de onde ele está falando: Ipanema. Se você mora no Rio de Janeiro ou sabe que este é um bairro desta cidade, de cara localiza o espaço onde está a pessoa que fala no poema. Se você não sabe onde fica Ipanema, vai ter que procurar informações com outras pessoas ou em mapas. O dicionário, neste caso, não pode ajudar você diretamente.

Para quem fala o autor?

Como o autor fala sobre um assunto conhecido e utiliza palavras simples, podemos dizer que ele se dirige a um grande número de pessoas. Se pensarmos apenas no texto escrito, podemos dizer que se dirige a um leitor alfabetizado, que goste de poesia. Mas, se pensarmos que o poema pode ser lido em voz alta para outras pessoas, podemos dizer que ele pode ser entendido até por pessoas que não são alfabetizadas.

Sobre o que fala o autor? Qual o assunto?

No poema, o autor fala sobre os homens que trabalham na produção do açúcar. Recupera o caminho do açúcar, das plantações à mesa do café. Observe que o título do poema – **O açúcar** – não resume o assunto, é só o objeto que provoca a reflexão do autor. Ele não vai falar do açúcar que está no açucareiro; ele fala dos trabalhadores que o produziram. Pode parecer estranho, mas na poesia acontece muito isso. É diferente de um texto de livro didático ou de um título de reportagem, que oferecem informações mais precisas e objetivas sobre o que vai ser dito.

Qual a posição do autor diante do assunto?

Ao se referir à falta de escolas, de hospitais e à morte precoce dos que trabalham nas plantações de cana, o autor mostra que está do lado desses trabalhadores, que ganham pouco e não têm respeitados seus direitos de freqüentar a escola, de ter acesso à saúde. Ele se coloca do lado dos mais pobres e, de certa forma, participa de sua vida.

Com que intenção o autor fala?

Sua intenção é denunciar as condições de trabalho das pessoas que plantam e colhem a cana-de-açúcar.

O que o autor espera do leitor?

Ele espera que seu leitor reflita sobre o trabalho que está por trás dos produtos que ele consome. Pretende, ainda, que ele se comova com as condições injustas e adversas enfrentadas pelos trabalhadores das lavouras canavieiras.

Como escreve o seu texto?

Observe que o autor escreve um poema. Esse tipo de texto, embora tenha como ponto de partida a realidade, é uma criação do autor, uma **ficção**. Como o autor pretende que o leitor reflita, ele utiliza como estratégia ir refazendo o caminho percorrido pelo açúcar, do presente para o passado. Observe que ele vai seguindo um raciocínio; não apresenta logo de início o que pretende defender. Ele vai argumentando e levando seu leitor a raciocinar. No poema, ele parece estar respondendo a uma pergunta que não está escrita no texto: quem produziu o açúcar? E, nas primeiras estrofes, vai negando possíveis respostas que o leitor poderia dar – ele não foi produzido pelo dono da mercearia nem pelo dono da usina. Nas estrofes finais, fala dos verdadeiros produtores. Ferreira Gullar escolheu ir construindo seu texto a partir da negação, deixando para o final do poema o que pretendia afirmar. Esta é uma forma de escrever que ajuda a convencer, leva o leitor a acompanhar o autor e ir descobrindo aos poucos onde ele pretende chegar. O leitor vai, assim, seguindo o raciocínio do autor, fica o tempo todo de seu lado e acaba concordando com ele.

Mas o autor também pretende comover o leitor e levá-lo a se indignar com a situação dos trabalhadores. Para comover o leitor, descreve sua situação de vida - sem escola, sem hospitais, morrendo jovens. Para levar o leitor a ficar indignado, mostra a contradição entre o açúcar (produto) e a vida de seus produtores: o açúcar é branco, as usinas são escuras; o açúcar é doce e derrete na boca, a vida nas plantações é dura e amarga.

Você deve ter observado, nessa leitura que fizemos do texto, que:

Ler é mais do que entender as palavras.

Através do texto, autor e leitor conversam, dialogam. Assim, um texto é muito mais do que um conjunto de palavras ou frases a respeito de um assunto. Por trás das palavras, existem pessoas, intenções, interesses e situações. Ao escrever um texto, o autor pensa ou imagina um leitor para quem escreve com a intenção de trazê-lo para seu lado. Pode-se dizer que o autor procura trazer a "sardinha para sua brasa". Ele pretende convencer o leitor a ver as coisas de seu ponto de vista. O autor tem intenções e interesses. Essas intenções e interesses nem sempre estão claros no texto. Mas pode-se chegar a eles lendo as "pistas" que o autor vai deixando no texto. Isso exige que o leitor leia com bastante atenção e analise a maneira como o autor escreveu.

Ler é dialogar com o autor através do texto.

O diálogo entre aquele que escreve e aquele que lê chama-se interlocução. E esse diálogo se faz em torno de um determinado assunto e acontece num determinado tempo e espaço. Aquele que fala (autor) tem alguma intenção em relação àquele com quem fala (interlocutor). Aquele que lê (leitor) precisa entender o que é dito e também o que fica subentendido, as intenções daquele que diz. Ele precisa avaliar o que o outro fala, para não se deixar enganar, ou até para mudar as próprias opiniões a respeito do assunto.

QUANDO VOCÊ FOR LER, LEMBRE-SE DE QUE:

- *autores e leitores dialogam através do texto;*
- *o autor que vive num determinado lugar e tempo pensa o mundo de uma determinada maneira e defende alguns valores e interesses;*
- *o autor pretende que o leitor realize determinadas ações. Para que isso aconteça, ele precisa trazer o leitor para seu lado e convencê-lo do que está dizendo. As intenções do autor podem ser percebidas pelo leitor pela maneira como ele escreve o texto;*
- *no texto, o fato ou assunto é interpretado de uma determinada maneira pelo autor. Autores diferentes podem ter interpretações diferentes. A maneira como o autor interpreta os fatos depende de suas experiências e da maneira como ele vê o mundo;*
- *o texto pode ter muitos sentidos, mas o leitor pode aproximar-se do sentido proposto pelo autor, lendo as pistas que ele vai deixando no texto;*
- *o leitor tem informações sobre o assunto, o gênero, o autor e vai ler com determinadas intenções: para informar-se, para estudar o texto, para divertir-se, para conhecer o autor, para responder a uma pergunta, para poder realizar uma tarefa, para conferir uma informação etc;*
- *para interpretar o texto, o leitor deve perceber as possíveis intenções do autor e, também, os procedimentos que ele utiliza para convencê-lo;*
- *o leitor tem liberdade e pode não concordar com o autor ou não fazer o que o autor do texto deseja.*

Desenvolvendo competências

1 *De novo, você vai ocupar o lugar de autor.*

Depois de ler o poema de Ferreira Gullar, você não passou a ver diferente seu café e as pessoas que trabalharam para que pudesse tomá-lo doce e quentinho? Quantas pessoas trabalhadoras contribuem para que possamos também trabalhar, não é mesmo?

Quando lemos, aprendemos sobre o assunto e também com o jeito como o autor escreve. De tanto ler um determinado tipo de texto, acabamos escrevendo de maneira parecida.

Então, vamos trocar de papéis. De leitor de poema, você vai se transformar em autor. Para facilitar, vamos escrever a partir do texto de Ferreira Gullar. Vamos trocar o açúcar pelo pão.

Para ajudá-lo a pensar seu texto, vamos propor algumas perguntas:

- *Para quem vai escrever?*
- *O que pretende de seu leitor?*
- *De que é feito o pão?*
- *Onde é feito o pão?*
- *Quais trabalhadores contribuem para que o pão possa ser feito?*

Desenvolvendo competências

2 *Aproveitando as palavras e a maneira de escrever de Ferreira Gullar, reescreva na coluna da direita os versos, substituindo as palavras grifadas por outras referentes a pão.*

*O **branco açúcar** que **adoçará** meu café* *nesta manhã de **Ipanema*** *não foi produzido por mim* *nem surgiu **dentro do açucareiro** por milagre.*	
*Este **açúcar** veio* *da **mercearia** da esquina e tampouco o fez o **Oliveira*** *dono da **mercearia.***	
*Este **açúcar** era **cana*** *e veio dos **canaviais** extensos* *que não nascem por acaso* *no **regaço do vale.***	
*Em **usinas escuras**,* *homens de vida **amarga** e dura* *produziram **este açúcar*** ***branco** e **puro*** *com que **adoço meu café esta** manhã **em Ipanema.***	

Feito o trabalho, veja como ficou. Se tiver oportunidade, mostre seu texto para outras pessoas. Pergunte a elas o que sentiram e pensaram depois de ler o seu texto.

VAMOS LER MAIS SOBRE O ASSUNTO

Veja agora como um outro poeta escreveu sobre o pão.

PÃO-PAZ

O Pão chega pela manhã em nossa casa.
Traz um resto de madrugada.
Cheiro de forno aquecido, de levedo e de lenha queimada.
Traz as mãos rudes do trabalhador e a Paz dos campos cheios.
Vem numa veste pobre de papel. Por que não o receber
numa toalha de linho puro e com as mãos juntas
em prece de gratidão.
Para fazê-lo assim tão fácil e de fácil entrega,
homens laboriosos de países distantes
e de fala diferente trabalharam a terra, reviraram,
sulcaram, gradearam, revolveram, oxigenaram
e lançaram a semente.

CORALINA, Cora. *Meu livro de cordel.* 6. ed. São Paulo: Global, 1994. p. 60.

Você deve ter observado que os textos de Cora Coralina e Ferreira Gullar apresentam pontos comuns. Eles falam de trabalhadores que produzem alimentos e são escritos em versos. Podemos dizer que estes textos conversam entre si. Existe um diálogo entre eles.

Muitos textos conversam entre si.

A foto é diferente do poema. Mas também é um texto. Um texto que é feito de imagem e não de palavras. É um texto visual. Apresenta uma determinada situação, tem um autor (o fotógrafo – Antonio Gaudério), tem um leitor (aquele que vê a foto). Ela tem vários sentidos. Ao fotografar e publicar sua fotografia, o autor tem uma intenção. Ele pretende alguma coisa de seu leitor.

Figura 1 - "O cortador de cana-de-açúcar José Damião da Silva, aos 12 anos, em foto realizada em Alagoas, em 1991."

Fotografia de Antonio Gaudério.

Desenvolvendo competências

3 *Você diria que o autor da foto tem principalmente a intenção de:*

a) *denunciar a dureza do trabalho infantil.*

b) *informar sobre a vida do garoto.*

c) *mostrar o que acontecia em Alagoas, em 1991.*

d) *documentar o que ele viu.*

Observe que todas as alternativas podem ser consideradas corretas. O autor mostra uma situação, informa sobre a vida do garoto, documenta e denuncia. Mas a intenção mais forte é fazer uma denúncia. Ele pretende denunciar a dureza do trabalho realizado por uma criança.

E como é que percebemos que esta é a intenção mais forte? Observe com atenção alguns elementos: a cabeça baixa do garoto, o tamanho da foice, o lenço para cobrir a cabeça, as mãos sujas e calejadas, o sol, a roupa rasgada.

Esta foto "conversa" com o poema de Ferreira Gullar. Tanto é assim que ela poderia ilustrar alguns de seus versos.

Desenvolvendo competências

4 *Escolha dentre os versos abaixo, aqueles que poderiam servir de legenda para a foto:*

a) *Este açúcar era cana / e veio dos canaviais extensos.*

b) *Homens de vida amarga / e dura / produziram este açúcar.*

c) *Este açúcar veio / de uma usina de açúcar em Pernambuco.*

d) *Homens que não sabem ler e morrem / aos vinte e sete anos.*

Mas existem diferenças entre o poema de Ferreira Gullar e a foto de Antonio Gaudério. Uma diferença é o tipo de texto. O poema é um texto escrito e a foto é um texto visual. Outra diferença é que o poeta fala de uma realidade imaginada – seu texto é uma ficção. Na foto, o garoto existe realmente, como comprova a legenda: ele se chama José Damião da Silva, tinha 12 anos em 1991, e vivia em Alagoas.

Os autores de poemas, novelas, romances, contos, fábulas, lendas, letras de música baseiam-se na realidade, mas o que escrevem e as personagens que criam existem apenas nos textos. Eles criam um mundo imaginário. O que eles escrevem não precisa ser confirmado. Expressam sua maneira particular de ver o mundo e de transformá-lo. Já os fotógrafos geralmente pretendem mostrar a realidade.

E como é que sabemos se um texto fala da realidade ou é ficção? Como sabemos o que esperar de um poema e de uma foto? Lendo muitos textos em livros, jornais, revistas, cartazes e folhetos. À medida que vamos lendo, vamos aprendendo que os textos são escritos de modos diferentes e são encontrados em determinadas situações e lugares. Vamos percebendo os pontos comuns entre esses textos e aprendendo o que esperar deles.

Ler muitos textos ajuda o leitor a escolher a maneira como vai ler, o que esperar do texto lido, a interpretar as intenções do autor. Ajuda a não confundir textos de ficção com textos não ficcionais.

Os textos conversam entre si porque falam de um mesmo assunto ou porque são escritos de uma maneira parecida.

Às vezes, percebemos, só de olhar, os pontos comuns existentes entre os textos. Por exemplo, os poemas que são escritos em versos, as propagandas, os anúncios, as fotografias. Outras vezes, a linguagem utilizada para iniciar o texto faz com que a gente perceba qual o tipo de texto que vamos ler: as narrativas de ficção podem começar com "Era uma vez", "Certo dia", "Um dia". Outras vezes, são as personagens que dão a "dica" do tipo de texto: numa fábula, por exemplo, os animais falam. Numa reportagem de jornal ou revista, as pessoas são reais e têm nome, sobrenome...

Neste capítulo, os textos conversam entre si, porque falam de um mesmo tema ou assunto: trabalho e trabalhadores. Mas eles também conversam com outros textos que aqui não estão escritos.

Veja o texto a seguir:

"Não vou à escola porque não tenho força. Cortar de três a cinco toneladas de cana por dia já é muito para o meu tamanho", declarava o menino Arivaldo, de 11 anos. O trabalho desse alagoaninho, que só possuía roupas rasgadas e dentes cariados pela falta de cuidado e pela ação da cana – seu principal alimento – , marcava a cadeia produtiva dos combustíveis. As usinas vendiam o produto diretamente à Petrobras, que o repassava às multinacionais Shell, Esso e Texaco, à BR Distribuidora e à Ipiranga. Da cana também se extrai o açúcar, que adoça o cafezinho dos brasileiros, europeus, russos e norte-americanos.

CIPOLA, Ari. *O trabalho infantil.* São Paulo: Publifolha, 2001, p. 37-38.

Esse é um texto que fala da realidade. Sabemos disso porque ele se refere a coisas ou pessoas que existem realmente: Ariovaldo é um menino de 11 anos que trabalha nas plantações de cana de Alagoas. Shell, Esso, Texaco, BR Distribuidora e Ipiranga são nomes de distribuidoras de gasolina, álcool e óleo, que servem de combustível para os carros.

Desenvolvendo competências

5 *Agora, assinale as frases que apontam os pontos comuns entre a foto e o texto de Ari Cipola.*

a) Os dois textos são visuais.
b) Os dois textos são ficção.
c) Os dois textos falam da realidade.
d) Os dois textos falam de trabalho infantil nos canaviais do Nordeste.
e) Os autores dos dois textos fazem uma denúncia.
f) Os autores mostram a situação, colocando-se do lado dos trabalhadores.
g) Os autores mostram a situação, colocando-se do lado dos patrões.
h) Os autores desejam que o leitor se coloque contra o trabalho infantil.

Se você assinalou as alternativas **c**, **d**, **e**, **f**, e **h**, foi capaz de perceber os pontos comuns entre a foto e o texto. Observe que a alternativa **a** refere-se apenas à foto e as alternativas **b** e **g** não estão corretas em relação a nenhum dos dois textos.

Observe o texto a seguir. Ele é um gráfico. Os dados nele contidos são de uma pesquisa realizada pelo Datafolha com 2.578 pessoas, entre 19 e 21 de novembro de 2000, em 126 municípios de todos os Estados do país, publicada no dia 24 de março de 2002.

Gráfico 1

Caderno Especial sobre Trabalho, Folha de São Paulo, 24/03/2002, p. 3, cedido pela Agência Folha.

Observando o gráfico, você diria que é maior a porcentagem dos entrevistados que começou a trabalhar quando tinha:

a) entre 10 e 15 anos.
b) mais de 15 anos.
c) menos de 9 anos.
d) 16 anos ou mais.

A intenção do autor do gráfico em relação à idade com que os entrevistados começaram a trabalhar é:

a) informar.
b) denunciar.
c) imaginar.
d) fazer propaganda.

Após ler o texto, você pode concluir que, no Brasil:

a) muitas crianças e adolescentes trabalham.
b) só os adultos trabalham.
c) crianças e adolescentes não trabalham.
d) só os adolescentes trabalham.

Se você optou pela alternativa (a), nas três questões, respondeu corretamente. Os textos lidos devem ter ajudado você a responder, não é mesmo?

Se tantas pessoas trabalham desde pequenas é porque esse trabalho está legalizado, certo? Errado! Há leis que proíbem crianças de trabalhar. Uma dessas leis é o Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Você já teve oportunidade de ler uma lei? Leis são textos muito importantes. Estabelecem regras que devem ser seguidas por todos. Com elas aprendemos sobre nossos direitos e deveres.

Vejamos alguns artigos do Estatuto da Criança e do Adolescente:

Art. 2º	*Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade.*
Art. 60	*É proibido qualquer trabalho a menores de quatorze anos de idade, salvo na condição de aprendiz.*
Art. 67	*Ao adolescente empregado, aprendiz, em regime familiar de trabalho, aluno de escola técnica, assistido em entidade governamental ou não-governamental, é vedado trabalho:* *I - noturno, realizado entre as vinte e duas horas de um dia e as cinco horas do dia seguinte;* *II - perigoso, insalubre ou penoso;* *III - realizado em locais prejudiciais à sua formação e ao seu desenvolvimento físico, psíquico, moral e social;* *IV - realizado em horários e locais que não permitam a freqüência à escola.*
Art. 54	*É dever do Estado assegurar à criança e ao adolescente:* *I - ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria;* *VI - oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do adolescente trabalhador;* *§ 2º O não oferecimento do ensino obrigatório pelo poder público ou sua oferta irregular importa responsabilidade da autoridade competente.*
Art. 55	*Os pais ou o responsável têm a obrigação de matricular seus filhos ou pupilos na rede regular de ensino.*

De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente , Arivaldo, o garoto de 11 anos do texto de Ari Cipola, deveria estar:

a) trabalhando.
b) estudando.
c) trabalhando e estudando.
d) empregado como aprendiz.

*Você escolheu a alternativa **b**? Está correto. De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente, Arivaldo é uma criança, pois tem menos de 12 anos, e deveria estar estudando durante o dia.*

Ainda de acordo com a lei, o trabalho de crianças e adolescentes em canaviais deveria ser proibido porque:

a) é perigoso.
b) é penoso.
c) impede de ir à escola.
d) prejudica seu desenvolvimento.

Você respondeu corretamente se marcou todas as alternativas. Cortar cana é um trabalho perigoso, cansativo, impede a criança de frequentar a escola e prejudica seu desenvolvimento.

Depois de ler estes trechos do Estatuto da Criança e do Adolescente, dá pra perceber por que Ari Cipola e Antonio Gaudério usam seus textos para fazer uma denúncia? Denunciamos o que é injusto e ilegal...

DEPOIS DE LER, VAMOS ESCREVER

A partir de todos os textos lidos e estudados, você vai produzir um texto em que discuta as condições de trabalho no país. Você pode fazê-lo de muitas maneiras. Você tem muito o que dizer. Vamos dar-lhe razões para escrever: o que você pensa sobre a questão do trabalho e do trabalhador é uma interpretação única. Ninguém mais pode fazê-lo da maneira como você pode. Isso já seria uma boa razão. Uma segunda razão é que o que você tem a dizer pode mudar a maneira de outras pessoas pensarem e agirem. Você, como autor, pode mudar o mundo.

Como seu leitor não saberá o que pretende dizer, a não ser lendo seu texto, capriche na escrita. Caprichar é mais do que escrever palavras difíceis ou corretas. É levar em conta aquelas perguntas que fizemos no início e que vamos repetir para ajudá-lo:

1. O que vai dizer?
2. Para quem pretende dizer? Quem é ele? Onde ele se encontra? Qual sua relação com ele?
3. Por que razões vai escrever?
4. O que pretende de seu leitor? O que quer que ele pense, sinta, faça?
5. Que tipo de texto pretende escrever?
6. Que palavras vai usar? Como vai começar?

Para escrever de maneira adequada, não se esqueça de que, como autor, você:

- Usa a linguagem para persuadir seu leitor.
- Traz para seu texto o que leu em outros textos.
- Deixa em seu texto pistas de suas intenções para ajudar o leitor a entender e fazer o que você pretende.
- Mostra sua interpretação de um fato ou assunto.
- Expressa interesses e valores políticos, ideológicos e econômicos de seu tempo e grupo social.
- Imagina seu leitor e conversa com ele, sabendo que ele pode concordar ou discordar de você.
- Planeja seu texto (o que, para quem, por que, para que, como e onde escrever), o que exige várias versões até que o texto fique pronto.

PARA TERMINAR...

Este capítulo também é um texto.

Tem um autor.

Dirige-se a um determinado leitor.

Fala sobre um determinado assunto.

O autor tem uma intenção e, por isso, organizou o texto de uma determinada maneira.

Você se propôs a lê-lo com uma determinada finalidade.

Você o leu de uma certa maneira.

Orientação final

Para saber se você compreendeu bem o que está apresentado neste capítulo, verifique se está apto a demonstrar que é capaz de:

- Reconhecer em textos os procedimentos de persuasão utilizados pelo autor.
- Identificar referências intertextuais.
- Inferir as possíveis intenções do autor marcadas no texto.
- Contrapor interpretações de um mesmo fato em diferentes textos.
- Identificar em textos as marcas de valores e intenções que expressam interesses políticos, ideológicos e econômicos.

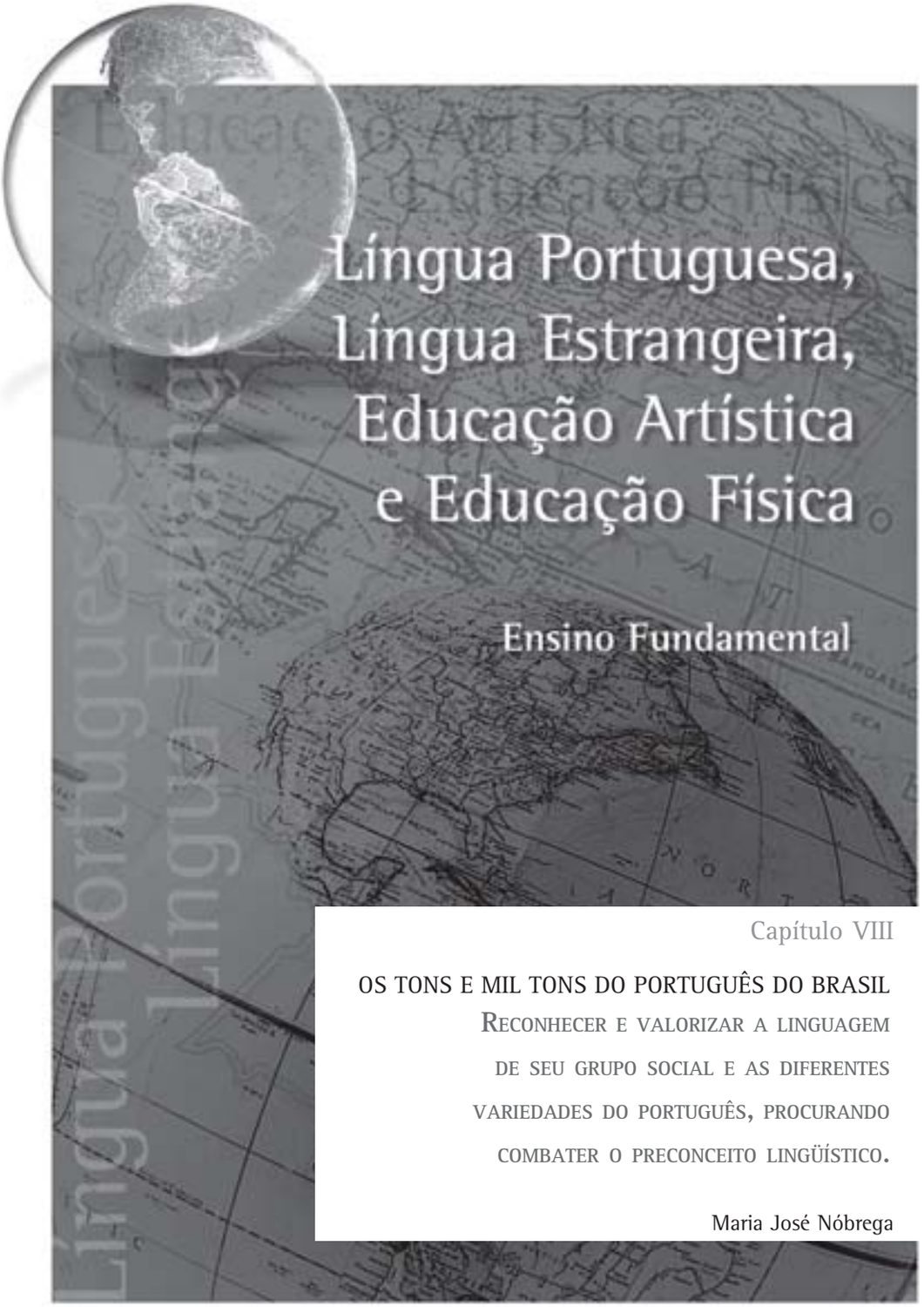

Capítulo VIII

OS TONS E MIL TONS DO PORTUGUÊS DO BRASIL

RECONHECER E VALORIZAR A LINGUAGEM DE SEU GRUPO SOCIAL E AS DIFERENTES VARIEDADES DO PORTUGUÊS, PROCURANDO COMBATER O PRECONCEITO LINGÜÍSTICO.

Maria José Nóbrega

Capítulo VIII

Os tons e mil tons do português do Brasil

APRESENTAÇÃO

Neste capítulo, você vai refletir sobre o mito de que aqui, no Brasil, se fala uma única língua. Vai discutir, também, sobre dois outros mitos: o de que há uma única maneira certa de falar e de escrever, e o de que o brasileiro não sabe falar sua língua materna.

Refletir sobre essa questão é muito importante para combater um certo tipo de preconceito que acaba impedindo muitos brasileiros de exporem suas idéias.

Vamos estudar como as línguas variam e por que essa variação não é nenhum defeito.

Durante o trabalho, você vai ler e produzir textos de diferentes tipos, vai descobrir caminhos para, aos poucos, dominar mais ferramentas, que ajudem a ajustar seu texto às exigências da situação comunicativa, também em relação ao domínio da norma de prestígio.

Esperamos que você realize um bom trabalho!

AS MUITAS LÍNGUAS DO BRASIL

O trecho que você vai ler a seguir pertence a uma canção chamada "Samba do *Approach*", de Zeca Baleiro, compositor e cantor maranhense. Se você puder escutá-la é bom, mas, se souber cantar junto, tamborilando com os dedos numa mesa, melhor ainda...

> *Venha provar meu brunch*
> *Saiba que eu tenho approach*
> *Na hora do lunch*
> *Eu ando de ferryboat*
>
> BALEIRO, Zeca. Samba do Approach. In: *Vô imbolá*. [S.n.]1 CD

Esse samba está em português ou em inglês?

Em português, é claro!

Baleiro brinca com a presença de palavras estrangeiras que usamos junto com outras da língua portuguesa e, misturando "chiclete com banana", faz a gente pensar sobre as palavras importadas e os valores que as pessoas dão a elas.

Como a gíria, algumas delas têm vida curta; outras, de tanto usarmos, quase ninguém mais sabe que sua origem é estrangeira.

Agora leia este texto:

Cae de una torre,
Y no se lastima;
Entra en el rio
Y se vuelve harina.

CASCUDO, L. Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro.* Rio de Janeiro: Ediouro, [1993]. (Terra brasilis).

Mas... isso não é português?!

Não é mesmo, é uma adivinha escrita em espanhol, mas encare o desafio.

Para você não reclamar, aí vai uma dica: é uma adivinha, um tipo de brincadeira oral, que envolve uma charada como as que começam por "o que é o que é"...

Que palavras você conhece, porque têm uma ortografia parecida com a da língua portuguesa? (*cae*, *torre*, *lastima*, *entra*, *rio*)

Se dissermos que a resposta é "papel", melhora um pouco?

Agora fica bem mais fácil!
Se uma folha de papel cair de uma torre, nada vai acontecer a ela. Mas se ela cair em um rio, vai se desmanchar toda e virar farinha.

Agora, leia mais este trecho que pertence a uma canção tradicional da tribo Karitiana de Rondônia:

Uy poma	*Vamos brincar*
Uy poma	*Vamos brincar*
I ay ta ka'ay un mi'ay	*Vou pegar, vou pegar*
I ay ta ka'ay un mi'ay	*Vou pegar, vou pegar*
Buh uy	*Vamos longe*
Buh uy	*Vamos longe*
I ay ta ka'ay un mi'ay	*Vou pegar, vou pegar*
I ay ta ka'ay un mi'ay	*Vou pegar, vou pegar*

Tso Ere Poma. In: PERES, Sandra; TATIT, Paulo. *Canções do Brasil.* (Coleção Palavra Cantada).

A não ser que você pertença à tribo ou conheça a língua falada por esse povo indígena, ficou difícil. Mas, se tiver acompanhado a tradução de Marlui Miranda ao lado, compreendeu tudo.

A essa altura você deve estar se perguntando: que conversa é essa? Vamos direto ao ponto.

Você já deve ter escutado muitas pessoas dizerem que o Brasil é um país muito grande, mas que nele se fala apenas uma língua: o português.

Certo?

Errado.

Há em torno de 180 línguas indígenas faladas no Brasil hoje e, em muitas regiões do país, há concentrações de estrangeiros que continuam falando sua língua materna; há, ainda, regiões de fronteira em que diversos brasileiros convivem com a língua espanhola e, com certeza, terão conseguido decifrar as palavras da adivinha.

COMO AS LÍNGUAS VARIAM?

Os trechos que você vai ler são muito diferentes, não só pelas informações que contêm, mas também pelo modo como foram escritos, as palavras escolhidas e o modo como as frases foram organizadas. Leia-os com atenção e depois procure responder às questões.

AJUSTANDO O VOLUME DA CAMPAINHA

No modo de Espera, você pode rapidamente ajustar o volume da campainha pressionando a tecla de volume ao lado do telefone. Há oito níveis e um zero ou um nível de Campainha Desligada. Você verá uma indicação gráfica à medida que você ajusta o volume.
A tecla superior aumenta o volume e a tecla inferior diminui-o.
Pressione-a e mantenha-a pressionada para aumentar ou diminuir continuamente.
Diminuí-lo até o fim é uma forma rápida de silenciar a campainha.
Quando fizer, "Camp. Desligada" será mostrado no modo de Espera.
Você também pode configurar o volume da campainha usando o Menu Principal (veja "Opções de Campainha" na página 45).

Texto 1 - Manual de telefone celular

CAMINHÃO DE LENHA ATROPELA E MATA CINCO

Cinco pessoas morreram ontem à tarde, entre elas duas crianças, depois de terem sido atropeladas por um caminhão carregado com 26t de lenha em Piracicaba (162 Km de São Paulo). Outras três pessoas, incluindo o motorista da carreta, foram internadas em estado grave.

Texto 2 - *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 6 abr. 2002. Caderno Cotidiano, p. 11.

COMPOSIÇÃO

Cada comprimido contém 500 mg de dipirona sódica, 5 mg de prometazina e 10 mg de adifenina, cloridratos.

Texto 3 - Bula de remédio

PERGUNTAS RÁPIDAS

- Qual o texto mais fácil e o mais difícil para você compreender?
- Os trechos pertencem a que tipo de texto?
- Para que cada um foi escrito?
- Para quem cada um deles foi escrito?
- Eles foram publicados em um mesmo lugar?

Por essa pequena amostra, você pôde perceber que, para além dos conteúdos, os textos que lemos são muito diferentes: são de diferentes tipos, serão lidos por diferentes pessoas, foram escritos com diferentes propósitos e em diferentes situações comunicativas.

A maneira de usar as palavras varia muito em cada um deles e isso não é um defeito. É uma tremenda qualidade. **Para que a comunicação funcione de maneira feliz, é preciso que se regule a língua para ela se ajustar às exigências de cada situação; a língua precisa dançar conforme a música.**

AS LÍNGUAS MUDAM
DE UM TEMPO PARA OUTRO

Mui gran temp'a, par Deus, que eu non
vi quen de beldade vence toda ren
e se xe m'ela queixasse poren,
gran dereit'é, ca eu o mereci,
e ben me pode chamar desleal
de querer eu, nen por ben nen por mal,
viver com'ora sen ela vivi.

D. Tristan, o namorado. Cancioneiro de Colocci-Brancuti. In: SPINA, Segismundo. *A lírica trovadoresca.* São Paulo: Edusp, 1996. (Texto & Arte; 1).

Pelo modo como as palavras estão distribuídas na página, você deve ter percebido que o trecho pertence a um poema. Mas deve ter estranhado algumas palavras ou expressões.
É que este é um poema muito antigo, dos primeiros escritos em português. Para as pessoas que viviam em Portugal na Idade Média, não havia nada de estranho, mas como hoje não nos vestimos, não moramos, não andamos por aí como naqueles tempos, também não falamos mais como antigamente.

Mas, como a língua escrita é muito mais resistente às mudanças do que a língua falada, não podemos ter certeza se as pessoas que viviam naquele tempo falavam mesmo assim, só podemos ter uma idéia a partir dos textos escritos da época, até porque os equipamentos para gravar o que as pessoas falam só foram inventados no século XX.

Você deve estar bastante curioso para saber o que diz o poema. Vamos lá:

Há muito tempo, meu Deus, não vejo
aquela que triunfa sobre todas as [coisas pela beleza;
se ela tem queixas de mim,
é um direito que lhe assiste, pois bem o [mereço.
E até pode considerar-me desleal
por viver, sem mais nem menos,
longe dela como tenho vivido.

Tradução do trecho acima conforme SPINA, Segismundo. *A lírica trovadoresca.* São Paulo: Edusp, 1996.

Desenvolvendo competências

1 *Mas não é preciso penetrar no túnel do tempo para perceber isso! Há muitas palavras e expressões que entram e saem de moda com a maior facilidade. Algumas personagens de novelas ou de outros programas de televisão repetem à exaustão certas expressões que caem na boca do povo.*

Veja se você consegue lembrar de uma que está na moda e de outra que ninguém (ou quase ninguém) mais fala.

AS LÍNGUAS VARIAM
DE UM LUGAR PARA OUTRO

Pra cantá caninha verde primero canta
[o violero
depois que o violero canta canta otros
[companhero
chora morena primero canta o violero
depois que o violero canta otros
[companheiro

CHIQUITO, Pedro, SERRA, Nhô. *Cana Verde*.
CD Música popular do centro-oeste/sudeste, v. 4.

Para quem não conhece, este é o refrão que a dupla de violeiros canta entre uma quadrinha e outra no desafio, que é uma espécie de competição musical em que vence aquele que tem a língua mais afiada.

O modo como o texto foi escrito procura reproduzir um pouco do jeito com que falam brasileiros das regiões rurais do centro-oeste do Brasil. Conforme nos deslocamos de um estado para outro, de uma cidade para outra, nos damos conta de que a maneira de falar das pessoas muda.

Mas não é só isso que muda. Mudam as paisagens, as tradições, os sabores, o que é uma riqueza que precisa ser apreciada e preservada.

Desenvolvendo competências

2

Ia ser muito chato se todo mundo falasse igual, você não acha? Mas, infelizmente, existe muito preconceito.

Você conhece alguma personagem de programa humorístico que é ridicularizada pelo seu modo de falar? O que você acha disso?

Mesmo as pessoas que vivem em um mesmo lugar não falam a língua do mesmo jeito.

Leia o bilhete que a Biba, uma adolescente da cidade de São Paulo, passou para sua amiga Tatá, durante a aula:

Diz aí, Tatá, Beleza?
Tenho umas news fortes pra você! Ontem eu colei lá na balada da Sô, mano! Cê num faz uma noção de como a parada tava bombando! Apareceu uma galera meio barra que tomo mó goró e ficou gorfando. Puts, uma bosta! Eu fiquei a pampa curtindo uma technera. Véio, cê num sabe de uma 1000 graus! Manja o Pirula? Ele deu uma bota na Cecéu, meu, ela ficô na pior! E ainda surge aquela Pi e fica jogando mó xaveco furado no cara. Mó trampo pra gente num deixá a Cecéu percebê, senão ela ia ficar mais bode ainda.
Beijocas, Biba

Bilhete escrito por uma adolescente a sua amiga.

Dependendo de sua idade, você deve "estar mais por fora que cachorro quando cai de caminhão de mudança". Vamos aliviar com um glossário, "mano", para você "sacar o que rolou na parada".

Expressões usadas pela Biba	Tradução
Diz aí, beleza?	*Oi, tudo bom?*
Ter news fortes	*ter grandes novidades*
Colar	*ir*
Balada	*festa, agitação, encontro*
Fazer uma noção	*saber*
Parada	*a coisa, o lugar*
Tar bombando	*estar lotado, no auge da animação*
Galera meio barra	*turma meio violenta*
Mó	*um monte, muito*
Goró	*bebida alcoólica*
Gorfar	*vomitar*
Ficar a pampa	*ficar sossegado*
Technera	*local com música eletrônica*
1000 graus	*notícia importante*
Dar bota	*não querer ou deixar de se envolver com alguém*
Jogar xaveco furado	*tentar abordar alguém para uma aventura amorosa de modo inadequado*

Se você conseguiu compreender o texto sem a ajuda do glossário, sabemos que você é um jovem estudante, mas se precisou consultar o glossário... Calma, ninguém quer saber quantos anos você tem!

Desenvolvendo competências

3

Como ficaria um bilhete sobre o mesmo assunto, mas que tivesse sido escrito por alguém mais velho, que tivesse entre trinta e quarenta anos, ou mais de sessenta?

Dependendo da situação, uma pessoa varia seu modo de falar

Dependendo da maior ou menor intimidade que tenhamos com a pessoa com que falamos, do tipo de assunto que estivermos tratando, da própria situação em que estivermos falando, nosso jeito de falar ou de escrever muda.

Desenvolvendo competências

4

Você está com sede, mas com uma preguiça danada de levantar e pegar um copo de água. Resolve, então, pedir para alguém. Como você faria esse pedido para:

- *um amigo ou amiga muito íntimo;*
- *sua mãe;*
- *seu chefe ou outro superior.*

Desenvolvendo competências

5

Imagine que você pediu um sanduíche em uma lanchonete e, quando recebeu o prato com seu pedido, achou que havia algo estranho. Resolve então falar com o garçom. Qual desses comentários teria, provavelmente, deixado o garçom mais nervoso?

a) *Cara, olha isso!*

b) *Por favor, o aspecto do sanduíche não está agradável.*

c) *Dá pra trocar o sanduíche que não está bom...*

d) *Cê tá pensando que sou porco pra comê lixo...*

CONTRA-INDICAÇÕES
Hipersensibilidade a qualquer um dos componentes da formulação.
Lesões renais ou hepáticas graves.
Discrasias sangüíneas. Púrpura trombocitopênica.

(Bula de remédio)

Desenvolvendo competências

6

Cada ciência, cada profissão tem o seu jeito próprio de falar.

Nesse trecho há uma série de palavras que um químico, um médico ou um farmacêutico, provavelmente, podem entender, mas que outras pessoas, assim, gente como eu e você, compreendem bem pouco. Quais são essas palavras?

Desenvolvendo competências

7

Talvez você tenha lido nos jornais, escutado no rádio ou assistido na televisão que estão discutindo uma proposta para que os laboratórios elaborem dois tipos de bula: uma para os especialistas e outra para o consumidor comum. O que você acha disso?

Desenvolvendo competências

8 *Leia o texto para responder o teste abaixo.*

FÓRMULA DO SORRISO

Mais importante que o sabor do creme dental é seu agente terapêutico, a fórmula química que serve para controlar as bactérias que provocam as cáries. Segundo a professora Lenise Velmovitsky, da Universidade Federal Fluminense, que analisou 25 tipos de pasta de dentes em sua tese de doutorado, a substância mais eficaz na escovação é o triclosan, um antimicrobiano presente nas pastas de ação total ou global. O flúor recalcifica os dentes e também combate as cáries. O bicarbonato de sódio é um abrasivo que remove manchas, mas em excesso desgasta os dentes. A dentista recomenda o uso de escovas macias e uma quantidade de pasta equivalente ao tamanho de uma ervilha, pelo menos três vezes por dia. Além do fio dental.

Veja, São Paulo, 10 abr. 2002, p. 92.

Escolha qual das palavras ou expressões, muito provavelmente, só seria usada por dentistas:

a) *pasta de dentes.*

b) *escovas de dentes.*

c) *bicarbonato.*

d) *triclosan.*

AS PESSOAS NÃO ESCREVEM DO JEITO COMO FALAM: A ORTOGRAFIA

Leia a crônica abaixo e veja como Jô Soares trata desse assunto de um modo divertido:

Português é fácil de aprender porque é uma língua que se escreve exatamente como se fala
Pois é. U purtuguêis é muinto fáciu di aprender, purqui é uma língua qui a genti iscrevi ixatamenti cumu si fala. Num é cumu inglêis qui dá até vontadi di ri quandu a genti discobri cumu é qui si iscrevi algumas palavras. Im purtuguêis não. É só prestátenção. U alemão pur exemplu. Qué coisa mais doida? Num bate nada cum nada. Até nu espanhol qui é parecidu, si iscrevi muinto diferenti. Qui bom qui a minha língua é u purtuguêis. Quem soubé falá sabi iscrevê.
Agora, falando sério, a nossa língua até que pode ser das mais incongruentes. Basta observar.

Veja, São Paulo, 28 nov. 1990.

A língua, como estamos vendo, varia muito. Portanto, uma escrita espelho da fala é um sonho impossível, porque, como há muitos modos de falar, qual escolher? É por isso que devemos estar atentos a possíveis deslizes, para não acabar transcrevendo a fala. É o que acontece com a personagem criada por Jô, que se dá conta da esquisitice das outras línguas, sem olhar as diferenças entre o modo de falar e o de escrever a sua própria.

Há vários modos de falar uma determinada palavra, mas só um jeito de escrevê-la: aquele estabelecido pela ortografia e que está registrado nos dicionários. Lembre-se de que a escrita não corresponde à fala de ninguém.

Tipos de interferências da fala	Exemplos da crônica do Jô	Selecione outros exemplos
Acrescentar "**i**" em palavras terminadas pelo som /s/ escrito com a letra "s" ou "z".	purtugu**ê**is, inglê**i**s	
Omitir o "**r**" em final de palavra. Nos exemplos, trata-se da terminação dos verbos –**r**.	falá, iscrevê	
Substituir por "**i**"o "**e**" que não faz parte da sílaba tônica.	gent**i**, iscrev**i**, vontad**i**, d**i**, diferent**i**, qu**i**	
Substituir por "**u**" o "**o**" que não faz parte da sílaba tônica.	cum**u**, quand**u**, exempl**u**	

Desenvolvendo competências

9 *Se você reler a crônica do Jô, vai descobrir que ele deixou de prestar atenção e acabou escrevendo "certo" algumas palavras que deveriam aparecer como a maioria dos brasileiros falam.*

São elas:

a) *quem, bom, uma.*

b) *aprender, bate, espanhol.*

c) *pois, ri, alemão.*

d) *coisa, mais, doida.*

AS PESSOAS NÃO ESCREVEM DO JEITO COMO FALAM: A ORGANIZAÇÃO DO TEXTO

O texto a seguir faz parte de uma entrevista gravada que transcrevemos tintim por tintim. Se achar estranho, leia-o em voz alta, imaginando a garota falando.

COMO VOCÊ SE INTERESSOU PELO CIRCO?

na verdade eu sempre meio... que... fiquei meio fascinada com circo... uma vez quando eu era criança eu assisti... é... principalmente o trapézio foi uma coisa que me chamou muita atenção... eu achei muito bonito... na verdade eu nunca... cheguei a imaginar... como que alguém poderia fazer circo eu não imaginava quando era pequena que tinha uma escola... de circo... aí é... sempre que eu tive meio que uma uma curiosidade e uma vontade... de fazer parte disso... e... até que que um dia quando eu estava mais velha... eu tinha... uns quatorze... anos eu vi na... um espetáculo de um circo na televisão que é o "Cirque du Soleil"... e... e voltou tudo muito mais forte porque é um espetáculo muito bonito e eu queria fazer parte de tudo aquilo e aí como eu sabia onde tinha uma escola resolvi ir atrás desse sonho... e poder fazer parte disso

Depoimento de Carolina, jovem aluna de uma escola de circo.

Transcrever textos falados e transformá-los em textos escritos ajuda a perceber as diferenças entre a língua falada e a língua escrita. Além disso, é um bom exercício para vencer o medo de escrever e enfrentar o desafio de pôr no papel aquilo que se pensa sobre os assuntos discutidos na sociedade.

Basta sair por aí com um gravador, como fazem os jornalistas, e gravar o que as pessoas têm a dizer. Foi o que fizemos. Gravamos o que disse Carolina, quando perguntamos a ela como teve a idéia de se tornar aluna de uma escola de circo.

Primeiro passo

Cortar passagens repetitivas ou palavras e expressões que funcionam bem na hora de falar, mas que, em geral, são desnecessárias na escrita.

~~na verdade~~ eu sempre ~~meio~~...
~~que~~... fiquei meio fascinada com circo...
uma vez quando ~~eu~~ era criança ~~eu~~ assisti... ~~é~~...principalmente o trapézio foi uma coisa que me chamou muita atenção... ~~eu achei muito bonito~~...
~~na verdade~~ ~~eu~~ nunca ...cheguei a imaginar... como que alguém poderia fazer circo ~~eu~~ não imaginava quando era pequena que tinha uma escola... ~~de circo~~... ~~aí~~ é... sempre ~~que~~ ~~eu~~ tive ~~meio~~ ~~que~~ ~~uma~~ uma curiosidade e uma vontade... de fazer parte disso... ~~e~~...
até que ~~que~~ um dia quando ~~eu~~ estava mais velha... ~~eu~~ tinha... uns quatorze... anos ~~eu~~ vi ~~na~~... um espetáculo de um circo na televisão que é o "Cirque du Soleil"... ~~e~~... e voltou tudo muito
mais forte porque é um espetáculo muito bonito e ~~eu~~ queria fazer parte de tudo aquilo e ~~aí~~ como eu sabia onde tinha uma escola resolvi ir atrás desse sonho... e poder fazer parte disso

Segundo passo

a) Acrescentar informações que não tenham sido faladas, por serem facilmente subentendidas, mas que precisam aparecer na escrita.
b) Substituir termos muito vagos por palavras ou expressões mais específicas.
c) Inverter expressões ou partes do texto para deixar mais claras, para quem lê, as idéias apresentadas.

eu sempre... ~~fiquei~~ fui ~~meio~~ muito fascinada ~~com~~ pelo circo... uma vez quando era criança assisti a um espetáculo...e principalmente o trapézio ~~foi uma coisa que~~ me chamou ~~muita~~ muito a atenção... nessa época nunca ...cheguei a imaginar... como ~~que~~ alguém ~~poderia~~ aprendia a fazer circo ~~não imaginava quando era pequena~~ nem sabia que tinha ~~uma~~ escola ~~sempre tive~~ mas tinha uma curiosidade e uma vontade... de fazer parte ~~disso~~ daquele mundo... até que um dia quando estava ~~mais velha~~... ~~eu tinha~~... com uns quatorze... anos vi... um espetáculo ***muito bonito*** *de o* ***"Cirque du Soleil"*** *~~um circo~~ na televisão ~~que é~~... e o desejo de* ***fazer parte de tudo aquilo*** *voltou ~~tudo~~ muito mais forte ~~porque é um espetáculo e queria~~ e como sabia onde tinha uma escola resolvi ir atrás desse sonho~~... e poder fazer parte disso~~*

Terceiro passo

Dividir o texto em parágrafos e frases, empregando a pontuação adequada e usando as letras maiúsculas de modo correto.

Eu sempre fui muito fascinada pelo circo. Uma vez, quando era criança, assisti a um espetáculo e, principalmente, o trapézio me chamou muito a atenção. Naquela época nunca cheguei a imaginar como alguém aprendia a fazer circo, nem sabia que tinha escola, mas tinha uma curiosidade e uma vontade de fazer parte daquele mundo.

Até que um dia, quando estava com uns quatorze anos, vi um espetáculo muito bonito do "Cirque du Soleil" na televisão e o desejo de fazer parte de tudo aquilo voltou muito mais forte. Como sabia onde tinha uma escola, resolvi ir atrás desse sonho.

Desenvolvendo competências

10 *Transcrevemos mais um trecho da entrevista com a Carolina em que ela responde se atrapalha começar mais velha no circo. Seguindo os três passos sugeridos, faça você a edição do texto, como se fosse prepará-lo para publicar em um jornal ou revista:*

ACHA QUE ATRAPALHA TER COMEÇADO MAIS TARDE A FAZER CIRCO?

Eu acho que dá... eu acho que quem... quem fez de pequeno tem uma... mais facilidade logicamente... porque está sempre .... envolvido... mas... e também certas técnicas que que são da família e que vão ficando... mas acho que não... acho que se você tem a vontade... é só você ir atrás... que você vai adquirindo você pode pegar... dependendo da de sua capacidade... num num tempo pequeno e por mais que você demore... bastante tempo cê acaba... acho que acaba acontecendo... por exemplo minha professora de... de contorcionismo... ela começou aos dezoito

é... é fazia arame ... que é a corda bamba... muito bem... maravilhosamente bem ela foi na época dela... é... a uma das três únicas mulheres do mundo... que abriam spaccati na corda bamba sem proteção*

* *spaccati é uma grande abertura de pernas*

(Depoimento de Carolina, jovem aluna de uma escola de circo)

DE OLHO NAS PISTAS DA VARIAÇÃO

A maneira como as pessoas pronunciam certos sons, as palavras que escolhem para falar e até o jeito como organizam os elementos na frase acabam revelando muito sobre quem fala e, principalmente, sobre a variedade lingüística empregada. Vamos examinar isso um pouco mais de perto.

pra cantá caninha verde primero canta o violero
depois que o violero canta canta otros companhero
chora morena primero canta o violero
depois que o violero canta otros companhero

CHIQUITO, Pedro; SERRA, Nhô. *Cana Verde*.
CD Música popular do centro-oeste/sudeste, v. 4.

Você já deve ter dirigido a alguém a pergunta: "De onde você é?" O sotaque, a maneira de pronunciar as palavras são os sinais mais claros para identificar as marcas da variação. Como não estamos escutando a dupla Pedro Chiquito e Nhô Serra, temos que imaginar e examinar algumas marcas deixadas na transcrição da letra da canção. Além dos aspectos examinados quando analisamos a crônica do Jô Soares, aqui há dois outros que merecem destaque:

Descrição do que acontece na fala	Exemplos da canção	Selecione outros exemplos
Redução "ou" > "o"	otro	
Redução "ei" > "e" antes de sílabas iniciadas pelas consoantes "r", "x" ou "j".	primero, violero, companhero	

Desenvolvendo competências

11 *Transcrevemos abaixo um trecho da canção "Lavadeira do rio" de Lenine e Bráulio Tavares, do CD "Falange Canibal", procurando reproduzir o modo como o intérprete a canta. Sua tarefa é revisar o texto que deverá sair no encarte do CD.*

Ah! Lavadera do rio
Muito lençol pra lavá
Fica faltando uma saia
quando o sabão se acabá
Mas corra pra bera da praia
Veja a espuma brilhá
Oça o barulho bravio
Das ondas que batem
Na bera do mar

Desenvolvendo competências

12 *Muitas vezes falamos "o", mas precisamos escrever "ou".*
Descubra em que palavras da canção deve ser acrescentada mais uma letra "u".

Ê, ô, o vento soprô
Ê, ô, a folha caiu
Ê, ô, cadê meu amor
Que a noite chegô trazendo frio

LENINE; TAVARES, Bráulio. Lavadeira do rio. In: *Falange canibal*. 1 CD

a) *Soprô e chegô.*
b) *Vento, folha.*
c) *Ô e amor.*
d) *Noite, frio.*

Desenvolvendo competências

13 *Durante uma pescaria, Chico Bento acaba adormecendo, mas acorda contrariado com o puxão de um peixe. Tem então um idéia! Pendura, no anzol, um aviso com o seguinte texto:*

Procure otro anzor, tô drumindo.

Como se fala de um jeito, mas se escreve de outro, Chico cometeu alguns erros ortográficos. Assinale a versão correta do aviso:

a) *procure outro anzol, estou dormindo.*

b) *procure outro anzou, estou dormindo.*

c) *procure otro anzol, tou dormindo.*

d) *procure outro anzól, tou dormindo.*

OS DIFERENTES EMPREGOS DAS PALAVRAS

Durante os jogos preparatórios para a Copa do Mundo de 2002, o Brasil enfrentou, no dia 17 de abril de 2002, a seleção de Portugal. No dia do amistoso, o jornal *Folha de São Paulo* publicou o seguinte artigo:

FUTEBOLÊS LUSO FUNDE CABEÇA
DE BRASILEIROS

"Domina o esférico Emerson. O trinco brasileiro, vestindo neste particular a camisola de sua equipa pela 44ª vez, passa ao avançado-centro Ronaldo, de volta aos relvados após lesão e sedento de golos. Prepara Ronaldo, ele vê Rivaldo fora de jogo e decide pontapear, com sua bota dourada, em direção à baliza portuguesa... Espalma o guarda-redes, e é canto para o Brasil. Pateadas explodem na bancada do Alvalade."
Ininteligível para um brasileiro, até o mais fanático por futebol, o tipo de narração acima é o que se ouve nas rádios portuguesas em dias de jogo.
Já bem grande na comunicação cotidiana, o oceano que separa os dois países parece crescer ainda mais quando o assunto é futebol - entrevistas de jogadores brasileiros em jornais ou emissoras de TV portuguesas precisam até de "tradução.
Mas o espanto dos "brazucas" com as variações da língua-mãe transcende os relvados. Após dar um autógrafo anteontem numa academia lisboeta, Ronaldo ficou cabreiro com a reação do fã. "Obrigado. Meu puto vai ficar muito contente", agradeceu o torcedor. A ficha do atacante só caiu instantes depois, quando lhe explicaram que, em Portugal, "puto" é garoto.

Folha de São Paulo, São Paulo, 17 abr. 2002.

Desenvolvendo competências

14

Com a ajuda do glossário, fornecido aos leitores em coluna estrategicamente colocada ao lado da matéria, "traduza" para o futebolês brasileiro o primeiro parágrafo do artigo.

Desenvolvendo competências

15

Como há, no glossário, mais palavras do que as empregadas pela reportagem, selecione algumas delas e escreva um parágrafo sobre seu time em futebolês de Portugal.

GLOSSÁRIO
assobio ou pateada: vaia
avançado-centro: centroavante
bancada: arquibancada
bota: chuteira
camisola: camisa
equipamento: uniforme
esférico: bola
golo: gol
guarda-redes: goleiro
livre: falta
massa associativa ou falange de apoio: torcida
particular ou amigável: jogo amistoso
pitões: travas de chuteira
pontapé de baliza: cobrança de tiro de meta
pontapear: chutar
relvado: gramado
trinco: volante, cabeça-de-área
vedação: alambrado

Desenvolvendo competências

16 *O artigo da* Folha de São Paulo *discute as dificuldades que jogadores, jornalistas e torcedores enfrentam para acompanhar as narrações esportivas em Portugal por causa das "variações da língua-mãe".*

Mas diferenças desse tipo também podem ser verificadas no próprio português do Brasil.

Marque, entre as duas palavras, a que você usa em sua região:

a) *(___) abóbora ou (___) jerimum*

b) *(___) encanador ou (___) bombeiro*

c) *(___) semáforo ou (___) farol ou (___) sinal*

d) *(___) macaxeira ou (___) mandioca ou (___) aipim*

e) *(___) tangerina ou (___) mexerica ou (___) bergamota ou (___) mimosa*

Desenvolvendo competências

17 *Tente descobrir mais exemplos de palavras diferentes para se referir às mesmas coisas de uma região para outra.*

AS DIFERENTES MANEIRAS
DE ORGANIZAR AS PALAVRAS NA FRASE

Corre a menina à beira do mar
corre, corre, pela praia fora
que belo dia que está não está
e o primeiro a chegar não perde

Andam as ondas a rebentar
e o relógio a marcar horas
a sombra é quente, e quase não há
e o sol a brilhar já ferve

MAGALHÃES, Pedro Ayres; PEIXOTO, José. *A praia do mar*. In: _____. *Madredeus*: o paraíso. Lisboa: Delabel, [199?].

O trecho que você leu faz parte de uma canção de um grupo de artistas de Portugal chamado Madredeus. Conseguimos compreender, sem problemas, o que está escrito. Sabemos que uma menina brinca de correr em uma praia num dia muito quente.

Mas, se tivéssemos que falar ou escrever, algumas frases seriam organizadas de um modo diferente. Por exemplo, a frase "Andam as ondas a rebentar" provavelmente seria elaborada assim: "As ondas andam rebentando".

Desenvolvendo competências

18 *Agora é com você. Como ficariam estas outras frases?*

- *"e o relógio a marcar horas"*
- *"e o sol a brilhar já ferve"*

AS DIFERENTES LÓGICAS DA CONCORDÂNCIA

__As mariposa__ quando chega o frio
__Fica__ dando vorta em vorta da lâmpida
Pra se esquentá
__Elas roda__, roda, roda,
Dispois __se senta__
Em cima __dos prato__ da lâmpida
Pra discansá

BARBOSA, Adoniran. As mariposa. In: Roda Pião. *Dois a dois*. [199-?] 1 CD

Não vamos comentar agora os aspectos relacionados ao modo de pronunciar as palavras que pode ser percebido na transcrição da letra da música. Vamos examinar a concordância, isto é, a maneira como as palavras combinam entre si para marcar o plural ou o singular.

Observe as frases abaixo.
Elas estão certas ou erradas?

- ***As*** mariposa fica dando volta
- ***Elas*** roda depois se senta
- Em cima ***dos*** prato da lâmpada

Se formos consultar um livro de gramática, a resposta será que "estão erradas", porque o "certo" deveria ser:

- A***s*** mariposa***s*** fica***m*** dando volta.
- Ela***s*** roda***m*** depois se senta***m***.
- Em cima d***os*** prato***s*** da lâmpada.

Mas, se deixarmos os preconceitos de lado e voltarmos a examinar os trechos da letra, dá para descobrir que existe uma lógica. Repare como é a primeira palavra da seqüência que informa se é plural ou não.

As mariposa fica dando volta	"AS" já informa de cara que é mais de uma mariposa que fica dando volta, porque, se fosse só uma, seria "A", é claro.
Elas roda Depois senta	"ELAS" já informa que é mais de uma mariposa que roda e depois se senta, porque, se fosse só uma, seria "ELA"; não é econômico?
Em cima **dos** prato da lâmpada	"DOS" já informa que não é um prato apenas.

A regra que está no livro de gramática é diferente. Diz que não só a primeira, mas todas as palavras relacionadas ao nome ou ao verbo precisam ir para o plural.

Repare que há regras nos dois casos, só que são regras diferentes. Quando usar uma ou outra, vai depender, como estamos vendo, de cada situação de comunicação: quem são as pessoas que estão falando ou escrevendo, com que finalidade, qual o tipo de texto que estão produzindo etc.

Desenvolvendo competências

19

Aplicamos, no texto a seguir, a regra que muitos de nós usamos ao falar em situações informais: apenas a primeira palavra da seqüência indica o plural.

Como se trata de uma notícia escrita, o jornalista deve, provavelmente, ter obedecido às regras de concordância exigidas pelos livros de gramática.

Sua tarefa é revisar o texto para ajustá-lo aos padrões de concordância usados nesse tipo de texto.

UMA FORÇA PARA O VERDE NO OUTONO

No outono, as planta doméstica precisa de cuidados especial. A bióloga Eliana Rivas, do Instituto Biológico de São Paulo, faz as seguinte recomendação para quem quer vê-las chegar viçosa à próxima primavera:

• como os dia é mais curto, procure os local mais claro da casa para os vaso. Cactos precisa receber luz direta do sol. Violetas, apenas claridade;
• a terra deve ser mantida apenas levemente úmida. Regue as planta menos vez. Espécies como violetas e crisântemos não precisa ser molhada diariamente;
• nas região mais quente, como Norte e Nordeste, uma vez que a luminosidade se mantém intensa, deve-se dar mais atenção à adubação. A planta mantém quase a mesma velocidade de desenvolvimento apresentada no verão.

Texto adaptado da *Veja*, São Paulo, 10 abr. 2002. p. 92.

Desenvolvendo competências

20

Em palestra realizada na Universidade do Vale do Paraíba (SP), durante a campanha presidencial de 2002, quando Luiz Inácio Lula da Silva afirmou que o governo federal não interveio com boas medidas na economia, ele provocou a platéia de universitários, dizendo:

"Vocês gostaram do interveio, não é? Pensavam que eu iria falar interviu, não?"

O comentário de Lula faz referência:

a) *À preferência que os jovens universitários têm pelas formas corretas da língua.*

b) *Às regras gramaticais para usar corretamente o verbo "intervir".*

c) *Ao preconceito lingüístico de que foi alvo desde a primeira campanha presidencial em 1998.*

d) *Às dificuldades que os estudantes têm para usar o verbo "intervir".*

É PRECISO APRENDER A VARIEDADE DE PRESTÍGIO?

Não há um único jeito certo de falar e de escrever, considerando todos os demais errados. A língua portuguesa, como vimos, é uma mescla de variedades, isto é, em um mesmo espaço social convivem diferentes variedades lingüísticas.

Então você deve estar se perguntando: se é assim, por que aprender a norma de prestígio?

Boa pergunta!

Primeiro vamos ver que negócio é esse de norma de prestígio.

Aquilo que se chama norma de prestígio são as formas consideradas como "o que se deve e o que não se deve falar e escrever", normalmente descritas nos livros de gramática e inventariadas nos dicionários. A tendência é tomar as regras estabelecidas para a escrita como padrões de correção de todas as formas lingüísticas.

Essa norma não se impõe por acaso.

A língua sempre foi instrumento de poder e desqualificar a maneira como a população fala, em favor de uns poucos, sempre foi um meio de assegurar privilégios. Ter acesso aos bens produzidos pela ciência e pela cultura, que são expressos na variedade de prestígio, permite que o sujeito desenvolva as ferramentas necessárias para dominar os padrões próprios da escrita e os de uma certa maneira de falar que se aproxima da linguagem escrita, como ocorre em palestras, debates, entrevistas etc.

Não pense que se aprende a norma de prestígio decorando meia dúzia de regras ou lendo uma página de dicionário por dia. Aprende-se a norma de prestígio participando de situações comunicativas em que ela é utilizada e refletindo a respeito desses usos. Ler, produzir textos de diferentes tipos ajuda muito, até porque a norma de prestígio também não é tão uniforme assim.

E para pôr um ponto final, nada melhor do que nos lembrarmos do Sítio do Pica-Pau Amarelo e do que Dona Benta diz sobre o assunto ao ser pilhada pela neta Narizinho cometendo um "erro" de gramática:

— Pilhei a senhora num erro! — gritou Narizinho. — A senhora disse: "Deixe estar que já te curo!" Começou com o Você e acabou com o Tu, coisa que os gramáticos não admitem. O "te" é do "Tu", não é do "Você"...
— E como queria que eu dissesse, minha filha?
— Para estar bem com a gramática, a senhora devia dizer: "Deixa estar que já te curo."
— Muito bem. Gramaticalmente é assim, mas na prática não é. Quando falamos naturalmente, o que nos sai da boca é ora o você, ora o tu — e as frases ficam muito mais jeitosinhas quando há essa combinação do você e do tu. Não acha?
— Acho, sim, vovó, e é como falo. Mas a gramática...
— A gramática, minha filha, é uma criada da língua e não uma dona. O dono da língua somos nós, o povo — e a gramática o que tem a fazer é, humildemente, ir registrando o nosso modo de falar. Quem manda é o uso geral e não a gramática. Se todos nós começarmos a usar o tu e o você misturados, a gramática só tem uma coisa a fazer...
— Eu sei o que é que ela tem a fazer, vovó! — gritou Pedrinho. — É pôr o rabo entre as pernas e murchar as orelhas...
Dona Benta aprovou.

LOBATO, Monteiro. *Fábulas*. 47. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 29.

Conferindo seu conhecimento

5	*Resposta (d).*
6	*Hipersensibilidade, discrasias, trombocitopênica.*
8	*Resposta (d).*
9	*Resposta (b).*
11	*Lavadera - lavadeira / lavá - lavar; acabá - acabar / bera - beira / brilhá - brilhar; oça - ouça.*
12	*Resposta (a).*
13	*Resposta (a).*
20	*Resposta (c).*

Orientação final

Para saber se você compreendeu bem o que está apresentado neste capítulo, verifique se está apto a demonstrar que é capaz de:

- Identificar, em textos de diferentes gêneros, as variedades lingüísticas sociais, regionais e de registro (situações de formalidade e coloquialidade).
- Identificar, em textos de diferentes gêneros, as marcas lingüísticas (fonéticas, morfológicas, sintáticas e semânticas) que singularizam as diferentes variedades sociais, regionais e de registro.
- Reconhecer no texto a variedade lingüística adequada ao contexto de interlocução.
- Comparar diferentes variedades lingüísticas, verificando sua adequação em diferentes situações de interlocução.
- Identificar a relação entre preconceitos sociais e usos lingüísticos.

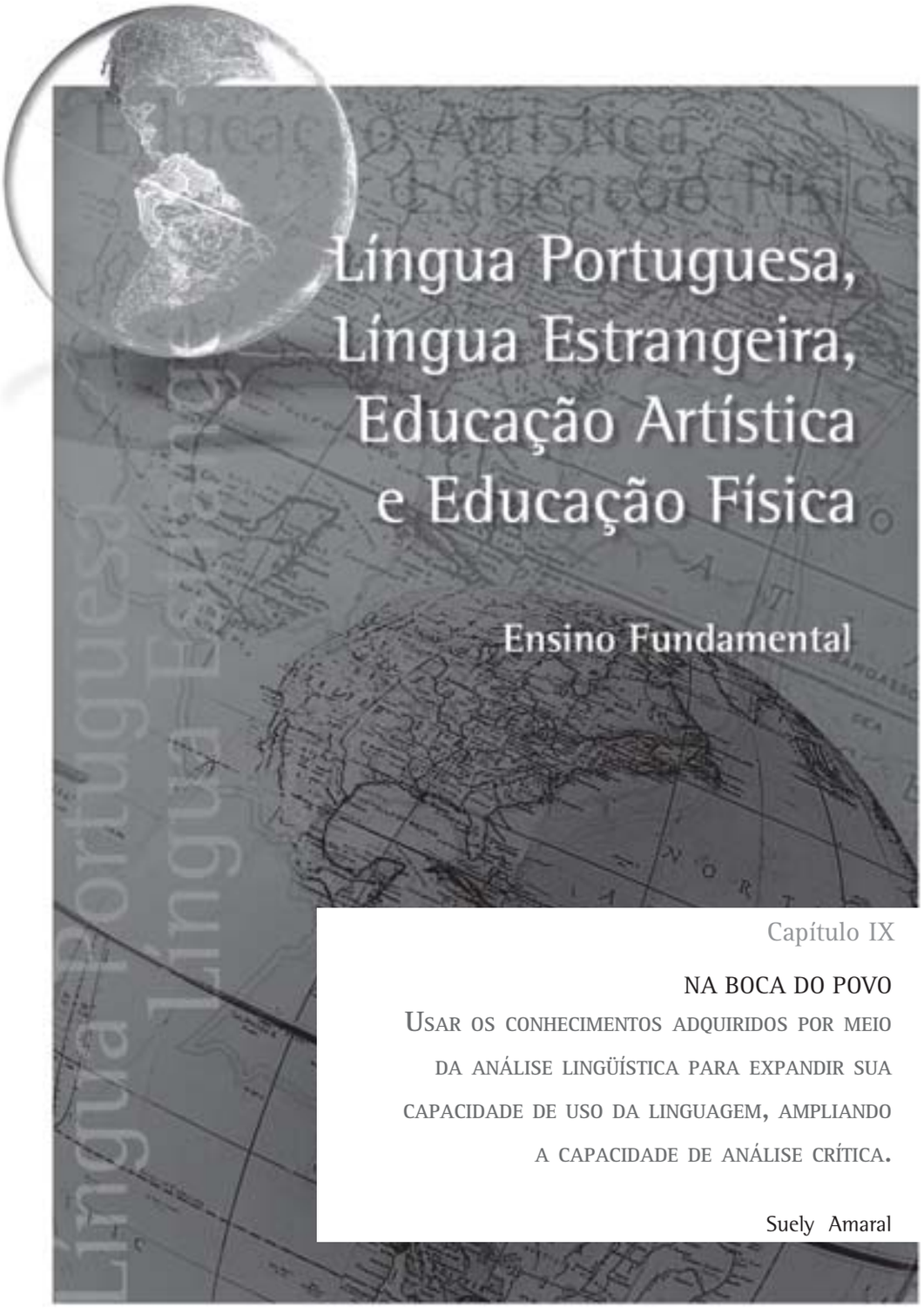

Capítulo IX

NA BOCA DO POVO

Usar os conhecimentos adquiridos por meio da análise lingüística para expandir sua capacidade de uso da linguagem, ampliando a capacidade de análise crítica.

Suely Amaral

Capítulo IX

Na boca do povo

DESCOBRINDO AS PALAVRAS

Quase todo dia aprendemos palavras novas, nas conversas que temos com outras pessoas ou nas leituras que fazemos, e, na maioria das vezes, não prestamos atenção a isso. Como aprendemos palavras novas? Procurando descobrir quais os sentidos ou os significados que elas têm nas situações em que aparecem. Veja:

Laranj*eira*: árvore que dá laranja
laranj*al*: plantação, conjunto de pés de laranja
laranj*inha*: laranja pequena
laranj*ona*, laranja grande
laranj*as*, mais de uma laranja

De "**laranj**", podemos depreender uma série de outras palavras. Um número grande de palavras é formado por unidades menores que aparecem em diversos outros grupos de palavras, como:

laranj + al, **milh + aral**, **café+ zal**, em que a unidade *al*, acrescentada ao final da palavra indica *conjunto, plantação.*

Assim, se alguém usar a palavra **chuchu***zal*, podemos entender que se trata de uma *plantação de chuchu*, como **laranjal** se refere à *plantação de laranja*. Já a palavra **chuchu***zeiro* será entendida como a *planta que produz chuchu*, pela aproximação com **laranjeira, goiabeira**, **mamoeiro** etc. Conhecendo a palavra **menino**, entendemos também **menina**, **meninos**, **menininha**, **meninão**.

Muitas palavras novas vão sendo criadas, enquanto outras vão deixando de ser usadas, de acordo com as nossas necessidades na vida diária. Além de acréscimos em final de palavras, há acréscimos em início de palavra, como em *des***armado**, *des***governado**, *des***respeito**, *des***animado**, em que a unidade acrescentada, "des-" , indica *ação contrária, separação, negação.*

EXPRESSÕES INTEIRAS

Em outros casos, precisamos compreender o significado de expressões maiores do que a palavra, como ocorre nas expressões idiomáticas, que exigem a compreensão do significado do bloco inteiro, como em *maria-sem-vergonha* (planta) ou *maria-vai-com-as-outras* (pessoa que segue a opinião dos outros) ou, ainda, *partir dessa para melhor*, *comer capim pela raiz*, *bater as botas* (morrer).

SINÔNIMOS E ANTÔNIMOS

Para compreender o significado de uma palavra, podemos, também, aproximá-la de outras, que mantêm com ela uma relação de sentido: de semelhança ou de oposição, como os sinônimos e os antônimos.

Sinônimos são palavras que podem ser usadas em diferentes situações para falar das mesmas coisas, como *menino/guri/garoto/moleque*. A escolha de uma ou outra dessas palavras (menino, guri, garoto ou moleque) vai depender da região onde se mora ou do sentido que a pessoa quer destacar, pois qualquer uma delas cabe, quando se quer falar em indivíduo, não adulto, do sexo masculino.

Leia, como exemplo, o trecho abaixo:

> *– (...) Cabeça de gado não pense que é só cabeça de boi não! É cabeça e corpo e tudo! Quando a gente lá no sertão diz cabeça de gado quer dizer uma rês. E rês também quer dizer um boi, uma vaca, e não tem nada com rei não. Tanto faz dizer cabeça de gado, como uma rês, um boi, uma vaca.*
>
> JARDIM, Luís. *O boi Aruá*. 14. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1982. p. 9.

Podemos dizer que são sinônimos as palavras e expressões: cabeça de gado, cabeça de boi, rês, boi, vaca.

Antônimos são palavras que podem ser colocadas em oposição, como *velho/novo, grande/pequeno*. Em ele *afundou* na água e ele *boiou* na água, as palavras **afundar** e **boiar** têm significados opostos, mas apresentam um traço comum: ambas as palavras referem-se a **estar na água**, embaixo (afundar) ou em cima da água (boiar).

Você já deve ter observado, em vários produtos, a ocorrência de textos como o seguinte:

Figura 1 - Rótulo de Soda Cáustica.

> *Guarde longe de crianças e de animais domésticos. Se ....., (a) não provoque vômito. Não aplique sobre alimentos e nem sobre ..... (b) de cozinha. Em caso de intoxicação, procure um médico, levando a embalagem do produto.*

Você percebeu que, mesmo não tendo conhecimento exato de quais palavras podem preencher os espaços, é possível saber que, tratando-se de um líquido, em (a) a palavra ausente significa **beber, tomar**; e em (b) podemos ler ou escrever **vasilhas**, **objetos** ou **pisos**.

Podemos entender, assim, que o significado de uma palavra pode ser esclarecido, observando-se o conjunto de informações com que a palavra está relacionada, como o

- grupo de palavras que aparecem juntas, o contexto lingüístico. No exemplo, a expressão *não provoque vômitos* remete a **beber** e *não aplique sobre alimentos e nem sobre... cozinha* aponta para **vasilhas, objetos ou pisos**;
- lugar onde ela aparece dita (conversa íntima, conversa formal) ou escrita (livro, revista, jornal, propaganda).

No exemplo anterior, sendo um rótulo de produto de limpeza, temos um diálogo entre quem está

vendendo o produto (o responsável pelo texto) e quem está comprando o produto (no caso, o leitor do rótulo). O objetivo do texto é orientar o uso do produto, com a finalidade de evitar acidentes; daí, o modo como o vendedor se dirige ao leitor: *guarde, não provoque, não aplique, procure um médico...*

Às vezes, a compreensão do contexto em que a palavra aparece não é suficiente para entender a informação e se faz necessário conhecer o significado de uma determinada palavra para a compreensão do texto.

Leia o texto a seguir:

> ***Pirão de peixe***
>
> *Sobras de peixe (cabeça, rabo).*
> *Cebola, alho, tomate, salsa, alfavaca, coentro, sal, óleo.*
> *Farinha de mandioca crua.*
>
> *Refogue os temperos em óleo. Coloque um pouco de água e o peixe. Deixe ferver por 20 minutos. Quando abrir fervura, vá colocando aos pouquinhos a farinha de mandioca. Deixe cozinhar um pouco para ficar na consistência de um mingau.*

Pela leitura do texto acima, ficamos sabendo que:

a) se trata de uma receita e, portanto, está relacionada ao sentido de comida;

b) é a receita de uma comida salgada e que os ingredientes são peixe, temperos e farinha de mandioca.

Pode-se saber, pelo texto, que *alfavaca* é um tipo de tempero. Mas, de que tipo? Como o tomate, como o alho ou a cebola? O que fazer para saber? Um recurso possível é consultarmos o dicionário.

O USO DO DICIONÁRIO

Os dicionários registram em verbetes o conjunto de significados de uma palavra. As palavras beij*ão*, amor*eco*, bonit*ona* fazem parte dos verbetes "beijo", "amor" e "bonito", respectivamente. Os dicionários explicam os significados, usando a definição. "Definir" quer dizer esclarecer, explicar o significado da palavra.

Veja:

> *Beijo [Do lat. Basiu.] S.m. 1. Ato de tocar com os lábios em alguém ou alguma coisa, fazendo leve sucção; ósculo. 2. Contato suave: Sentia, ao andar, o beijo da aragem vespertina. 3. Pessoa notável pela doçura e/ou beleza: "Carlota é um beijo. Faz-me todas as vontades."*
>
> *Novo Dicionário de Língua Portuguesa.*

Nessa definição, encontramos um sinônimo para a palavra "beijo" (ósculo) e significados diferentes, ficando a critério do leitor a escolha de cada um, na interpretação de um texto ou do uso em situações diferentes.

Observe ainda os exemplos a seguir:

1. Não faça graça, menino!
2. Qual sua graça, por favor?
   – Meu nome é Maria Antônia.
3. Nossa amiga Graça está doente.

Como podemos ver, a palavra "graça" aparece em todas as frases, porém com sentidos diferentes. Na frase 1, o sentido é de *gracejo*, em 2, é *nome* e em 3, a palavra refere-se a *nome de batismo*.

Os diferentes tipos de textos em que as palavras aparecem orientam para um ou alguns sentidos possíveis. A mesma palavra deverá ser lida com sentidos diferentes em textos diferentes: sabe-se, por exemplo, que a palavra "doce", em um livro de receitas, diz respeito à comida; já em um poema a mesma palavra estará provavelmente relacionada a doçura, afeto, afetividade....

Entendemos, com esses exemplos, que as palavras podem mudar de sentido. Assim, para compreender bem um texto, é importante levar em conta os vários significados que a palavra comporta, a escolha das palavras de acordo com o contexto, e os interlocutores envolvidos na comunicação oral ou escrita.

Alfavaca

S.f. planta cultivada em jardins pelo seu aroma e beleza das folhas, e utilizada como condimento.

Desenvolvendo competências

1

Que palavra corresponde à definição: " _____ S. m. 1. Beijar amiúde e com ruídos; dar beijos amorosos em..."?

a) beijar c) *beijocar*
b) beijinhos *d) beija*

Para a resposta, considere as definições: ***Beija****: ato ou cerimônia de beijar;* ***Beijar****: dar beijo; oscular;* ***Beijinho****: beijo leve, terno;* ***Beijoca****: dar beijo em que os lábios se abrem, fazendo estalido. Descobriu?*

2. Leia o texto a seguir:

De repente você _____ com aquele mau humor, uma irritação que não é possível saber de onde _____. Menino ou menina, não importa , isso ____ com todo mundo. Quando _____ na puberdade, a ação dos hormônios que mudam o nosso corpo, como a testosterona e a progesterona, deixa-nos mais sensíveis.

Descubra que palavras completam as lacunas. Depois compare a sua resposta com a resposta que está no final do capítulo.

a) *fica, veio, ocorre, entramos;* c) *ficou, vem, ocorrerá, entrou;*
b) *ficar, vir, ocorrer, entrar;* d) *ficará, virá, ocorrerá, entrará.*

DESCOBRINDO NOVOS SENTIDOS

Comunicar algo é também uma forma de ação no mundo, ou seja, é participar de uma relação, que se estabelece entre quem fala ou escreve e quem ouve ou lê. Trata-se de um diálogo que pode ocorrer entre duas ou mais pessoas, face a face, na comunicação oral; ou entre alguém que escreve e seus leitores à distância, na comunicação escrita. Sendo assim, para compreender o que se diz, devemos observar, em determinada situação, quem fala, o que fala, para quem e como fala.

No exemplo: "Eu vos declaro marido e mulher", a expressão vai além de uma simples afirmação, estabelece um contrato em que as partes, noivo e noiva, saberão, a partir daquele momento, qual será o seu papel social. Sabemos que essa declaração é, normalmente, produzida no contexto de uma cerimônia de casamento. Já a expressão "Prometo devolver o dinheiro assim que puder" estabelece um compromisso da parte do falante para com seu interlocutor, que pode ser cumprido ou não. Em que contexto essa expressão é geralmente produzida?

Se você respondeu "em uma situação de empréstimo, de um favor", então você acertou!

Vejamos outros exemplos. Diga em quais situações as frases abaixo adquirem sentidos.

1) – Pare!

2) – Vamos tomar um sorvete?

3) – Me dá um copo d'água.

A posição social de cada participante no diálogo, os interesses que cada um defende, em uma determinada situação, também estão em jogo, nas reações que ele ou ela quer produzir no interlocutor. Assim, por exemplo, "Me dá um copo d'água" vai ter sentidos diferentes, dependendo de quem está solicitando: se for o patrão, evidencia-se uma ordem; se for a criança, um pedido.

As ações realizadas lingüisticamente produzem uma reação no ouvinte ou leitor, que pode ser a reação esperada ou não. Quando alguém diz "Saia!", as reações do interlocutor podem ser as mais diversas: reclamar, discordar, chorar, sair em silêncio, sair furiosamente ou recusar-se a sair, por exemplo.

Quando alguém afirma "Amanhã eu pago o que devo pra você!", a expressão:

- tem um conteúdo, que é o significado desse conjunto de palavras. Todos nós, falantes do Português, entendemos o significado particular que cada uma dessas palavras tem e o significado desse conjunto nessa frase.
- constitui-se em uma ação. Numa situação de comunicação, afirmamos coisas, prometemos, juramos, recusamos, ordenamos, desejamos. Ao dizer a frase acima, firmamos um compromisso com o ouvinte, fazemos uma promessa. Podemos cumprir ou não a promessa feita, mas o compromisso já foi firmado pela frase que foi dita.
- produz uma reação no ouvinte ou leitor, que pode ser aquela que o produtor da fala esperava ou não. Toda comunicação produz um efeito. O efeito vai depender de quem fala, de como fala, da situação em que se encontram os falantes e a quem essa fala é dirigida.

Veja quantos efeitos de sentido pode suscitar a mesma frase de acordo com diferentes situações ou diferentes interlocutores:

— *Amanhã eu pago o que devo a você.*
a. *Situação: a dívida já venceu desde o mês passado.*
— *Amanhã eu pago o que devo a você.*
b. *Situação: a dívida ainda vai vencer no mês que vem.*
— *Amanhã eu pago o que devo a você.*
c. *Situação: a pessoa a quem devo é meu amigo, que não está precisando do dinheiro.*
— *Amanhã eu pago o que devo a você.*
d. *Situação: a pessoa a quem devo é um comerciante.*

Em cada uma dessas situações poderemos observar um efeito diferente.

Desenvolvendo competências

2 *Relacione as situações da caixa acima às alternativas abaixo, fazendo corresponder cada situação à possível reação que a expressão destacada poderá suscitar no ouvinte:*

1. *atitude tranquilizadora.*
2. *atitude compreensiva.*
3. *atitude mais distante, comercial.*
4. *alívio.*

Toda situação de comunicação produz efeitos que dependem das intenções de quem fala, de como fala e de quem recebe a comunicação. Além disso, a noção de contexto é mais ampla do que a situação imediata em que os participantes estão envolvidos, pois a sociedade orienta as regras de comportamentos, de valores, de crenças e dos conceitos de certo/errado, legítimo/ilegítimo, bonito/feio, moral/imoral.

Toda comunicação acontece entre dois ou mais indivíduos, numa situação determinada. De acordo com a situação, de quem são os participantes e da finalidade da comunicação, temos efeitos diferentes. Escolhemos as palavras ou frases mais adequadas aos sentidos que queremos dar à comunicação, seja para conseguir um trabalho, para aconselhar uma criança, acalmar uma pessoa nervosa, responder a um cumprimento, felicitar um aniversariante.

Finalmente, a escolha de determinadas palavras, determinadas frases ou determinados tipos de textos, e não de outros, funciona como pistas que apontam para a interpretação de um determinado efeito.

Leia o texto a seguir:

O LOBO E O CORDEIRINHO

(Recontada por Monteiro Lobato)

Estava o cordeiro a beber num córrego, quando apareceu um lobo esfaimado, de horrendo aspecto.

— Que desaforo é esse de turvar a água que venho beber? — disse o monstro arreganhando os dentes. — Espere, que eu vou castigar tamanha má-criação!...

O cordeirinho, trêmulo de medo, respondeu com inocência:

— Como posso turvar a água que o senhor vai beber se ela corre do senhor para mim?

Era verdade aquilo e o lobo atrapalhou-se com a resposta. Mas não deu o rabo a torcer.

— Além disso — inventou ele — sei que você andou falando mal de mim o ano passado.

— Como poderia falar mal do senhor o ano passado, se nasci este ano?

Novamente confundido pela voz da inocência, o lobo insistiu:

— Se não foi você, foi seu irmão mais velho, o que dá no mesmo.

— Como poderia ser meu irmão mais velho, se sou filho único?

O lobo, furioso, vendo que com razões claras não vencia o pobrezinho, veio com uma razão de lobo faminto:

— Pois se não foi seu irmão, foi seu pai ou seu avô!

E — nhoque! *— sangrou-o no pescoço.*

Contra a força não há argumentos.

Lobato, Monteiro. *Obra infantil completa.* São Paulo: Brasiliense, [19--]. p.536-538.

No texto, observamos que

- as falas só têm sentido dentro de um contexto, em uma situação;
- as falas sempre estão dirigidas a alguém, a um interlocutor.

Com sua fala, o lobo quer produzir efeitos: amedrontar o cordeiro. O cordeiro, por sua vez, apresenta argumentos chamando o lobo à razão.

Podemos observar também, pelas palavras escolhidas, alguns efeitos que o autor do texto, no caso Monteiro Lobato, pretende provocar ou reforçar no leitor. Ao referir-se ao cordeiro, temos palavras de sentido positivo, como "cordeirinho, respondeu com inocência, pobrezinho", enquanto o lobo aparece relacionado a palavras negativas, como "monstro, arreganhando os dentes, furioso, faminto". Para reforçar a rapidez da ação do lobo, o autor grafa com letra diferente – *nhoque*! E, para indicar a conclusão moral que deve ser tirada da leitura da fábula, a última frase aparece em destaque, em **negrito**.

Na escrita, os efeitos decorrem também do uso dos recursos gráficos (tipo ou tamanho das letras, repetição de letras, sílabas ou palavras, por exemplo).

- Observe o uso desses recursos na manchete de jornal, um dia após um importante campeonato de futebol.

E FOI GOOOOOOOLLLLLL!
BAHIA CAMPEÃO DE NOVO!!

- Observe no texto a seguir como o poeta utiliza o tamanho das letras ao desenhar as palavras, chamando a atenção do leitor para o sentido de grande/pequeno.

Sem saber porque, de uma hora para outra como que de repente e sem mais aquela, o seu olho direito começou a enxergar grande e o seu olho esquerdo a enxergar pequeno.

Numa mesma rua ou numa paisagem, o maior virava menor e o menor virava maior.

Daí, então, um avião enorme, tipo jumbo, passou a não passar de um inseto de pegar com a pinça (para o seu olho esquerdo), enquanto que uma joaninha crescia, crescia, até ficar parecendo com um bruto monstro de outro mundo (para seu olho direito).

PIGNATARI, Décio. *Bicho novo.* Folha de S. Paulo, São Paulo, 13 mar. 1983. Caderno Folhinha n. 1019.

SINTETIZANDO

Fazem parte dos sentidos do que está sendo dito entre os interlocutores:

A situação em que a comunicação ocorre (situação social dos interlocutores, hierarquia, interesses de cada um, valores da sociedade em que vivem);

A intenção de quem fala ou escreve em provocar determinadas reações no interlocutor;

Os elementos lingüísticos (palavras) que os falantes escolhem e os efeitos de sentido que os recursos escolhidos causam.

LENDO NAS ENTRELINHAS

Como vimos, os interlocutores, em um contexto de comunicação, produzem idéias, cujo sentido pode ser veiculado de forma explícita ou implícita, de acordo com a situação, a intenção e as escolhas de elementos lingüísticos.

Explícita quando o significado do que foi dito aparece claramente. Veja:

– Não vou trabalhar hoje!

– Prefiro fechar a janela!

Implícita quando o significado não aparece claramente, mas está subentendido.

– Estou muito cansado hoje! Acho que estou doente.

– Não está frio aqui?

> *Subentender: [De sub + entender] Entender ou perceber o que não estava exposto ou bem explicado; admitir mentalmente; supor.*

É importante prestar atenção ao significado implícito, porque é assim que se organiza boa parte da nossa comunicação cotidiana. Exemplos:

Diga claramente o que está subentendido quando alguém diz:

a) – Está abafado! (Num lugar em que portas e janelas estão fechadas)

b) – Não almocei até agora.
(São três horas da tarde).

c) – Fiquei desempregado há dois meses.
(Referindo-se a uma dívida atrasada)

Pode ser a) "Abra a janela!, "Vou abrir a janela", "É necessário abrir a janela"; b) "Estou com fome", "Quero almoçar"; c) "Não vou pagar agora", "Não tenho dinheiro". Comparando as duas possibilidades – dizer as coisas de modo explícito ou implícito – você acha que os significados permanecem exatamente os mesmos? Em qual situação é interessante falar de maneira explícita? Em qual situação é melhor deixar subentendido o que se quer dizer?

Veja a situação a seguir:

Em frente a uma casa com cano de água vazando na rua, temos a seguinte fala de um homem para a dona de casa que atende ao portão:

– Eu estava passando por aqui e vi o estrago. Meu filho é encanador... ele já trabalhou em muitas casas por aqui, consertou muito encanamento. Ele não cobra caro... faz serviço rápido...

Pode-se dizer a mesma coisa de maneira explícita:

– Meu filho é um bom encanador. A senhora quer que ele conserte o encanamento?

Comparando as duas possibilidades de dizer, o que você acha? O efeito permanece o mesmo? Qual das duas formas você escolheria, se estivesse na mesma situação?

Muitas informações estão implícitas em um texto de propaganda. Observe a propaganda de um curso, distribuída em cartazes, fixados em ônibus que circulam na periferia de uma cidade.

> *Destaque-se da multidão! Saia do anonimato!*
> *Inscreva-se para o processo seletivo da Faculdade Lua Nova!*
> *Garanta automaticamente seu futuro.*
> *Cursos de especialização: Gestão Estratégica, Marketing, Auditoria de Sistemas.*
> *Em apenas dois anos.*

O texto é dirigido a um tipo de leitor: o que anda de ônibus e que mora em bairros distantes do centro. Que informações estão implícitas? Veja o que está subentendido nas expressões abaixo:

a) "Destaque-se da multidão!" e "Saia do anonimato!"
b) "Garanta automaticamente seu futuro".
c) "Em apenas dois anos."

No item (a), está subentendido um leitor que é ou sente-se anônimo, "pessoa qualquer", "igual a todo mundo". Com a expressão "destaque-se", o texto aponta para a resolução desse problema, quer dizer "torne-se alguém importante na vida", "seja diferente por meio do sucesso financeiro"; no item (b), está subentendido que o leitor não tem futuro garantido, isto é, não tem renda suficiente para, no futuro, ser importante. Para evitar que o leitor se interesse por outros cursos, o texto promete uma vantagem em relação aos demais, ou seja, a conclusão do curso "em apenas dois anos". De modo que, considerando-se o subentendido, o curso promete: sucesso pessoal; bom ganho financeiro no futuro; resultado em curto espaço de tempo.

Você acha que tudo o que está subentendido condiz com a realidade em que vivemos?

- Apenas se matriculando neste curso, alguém conseguiria tudo isso?
- Se o anúncio fosse publicado em uma revista para executivos, vendida em bancas de jornais, o texto seria o mesmo?
- Uma boa maneira de se refletir sobre os efeitos da propaganda é indagar: de que maneira quem escreveu o texto quer que eu reaja?
- Que efeitos quer produzir?

Quantas informações deixamos escapar porque nem sempre estamos atentos ao que está implícito em tudo o que ouvimos ou lemos!

Algumas mensagens subentendidas nas comunicações não são faladas explicitamente, por uma questão de costumes sobre o uso da linguagem. Quando alguém diz "Como vai?", ninguém espera que o outro esclareça exatamente como está passando, mas apenas que responda ao cumprimento.

Da mesma forma na expressão "Você tem uma caneta?" está implícito o pedido "Me dá um caneta?" e não que a pessoa simplesmente informe se tem ou não o objeto mencionado.

Em muitas palavras há um significado que está *pressuposto*, ou seja, algumas idéias não precisam ser ditas claramente, porque já fazem parte dos significados das palavras. Quando se diz "Paulo é solteirão", não precisamos dizer que ele não se casou. Uma expressão como "Ele casou-se com a própria viúva" fica, no mínimo, esquisita, porque está pressuposto na palavra viúva "mulher, a quem morreu o marido e que não voltou a casar-se". Outro exemplo de expressão estranha é "Entreabriu a porta violentamente", porque a palavra "entreabrir" tem como pressuposto "abrir de leve, abrir de manso".

A noção de pressuposto indica uma idéia que se mantém, independentemente de negar ou afirmar algo.

a) Na afirmação, *O carro de Pedro já foi consertado*, pressupõem-se duas informações, que não precisam ser ditas:

   Pedro é dono de um carro.

   O carro de Pedro estava quebrado.

b) Da mesma forma, quando se nega a frase acima, em O carro de *Pedro ainda não foi consertado*, as duas informações anteriores se mantêm, válidas:

   Pedro é dono de um carro.

   O carro de Pedro estava quebrado.

Afirmando ou negando a frase inicial, permanecem: a idéia de que "Pedro tem um carro" e a de que "O carro de Pedro quebrou". Essas são informações que estão pressupostas, isto é, não foram mencionadas nem no exemplo (a), nem no exemplo (b), mas estão lá.

Na frase "Avançou rapidamente para frente", há informações pressupostas. Em "avançar", o sentido de *ir para a frente* permanece, tanto na afirmação "ele ou ela avançou", quanto na negação "ele ou ela não avançou"; daí ser desnecessário o trecho "para frente". Pode-se dizer simplesmente "Avançou rapidamente".

Dependendo do efeito que se quer produzir no interlocutor, a informação pode ser dada de forma explícita ou implícita. Pode-se também, no caso dos pressupostos, orientar o sentido para determinada direção.
Tomando um dado, por exemplo, "Está chovendo" como verdadeiro, a informação a seguir tem que estar de acordo com esta. Assim, a rua só pode estar molhada.

MODIFICANDO PONTOS DE VISTA

Na vida cotidiana, apresentamos e defendemos idéias diante dos outros em diferentes situações: na negociação do preço de um produto, de um serviço oferecido, de um trabalho a ser feito. São muitas as situações no dia-a-dia em que precisamos convencer o outro de que temos razão. Veja os exemplos abaixo.

Um comerciante, que quer convencer o cliente de que financiar uma moto é a solução para os seus problemas, apresenta as desvantagens de se usar transporte coletivo, em razão da distância entre a casa do cliente e o trabalho, como a lentidão do trânsito, a demora na espera do ônibus, o cansaço por viajar em ônibus lotado, o gasto com a condução.

Um homem, para convencer a esposa de que devem se mudar para cidade pequena, destaca as desvantagens de morar em cidade grande e apresenta argumentos como a dificuldade de ir de casa para o trabalho, os gastos com transporte, o preço alto dos aluguéis, a falta de segurança.

Uma criança, para convencer os adultos de que deve faltar à aula, aponta as dificuldades para caminhar em um dia de chuva e apresenta argumentos como a lama e o risco de pegar um resfriado.

A atividade de quem argumenta consiste em tentar mudar o ponto de vista do interlocutor, convencendo-o a abandonar algo que já sabia, a mudar o que pensava e a adotar o raciocínio apresentado.

A argumentação é forma de ação sobre o outro, com intenções de produzir determinados efeitos no interlocutor e conseguir aceitabilidade para uma determinada **conclusão**. Quem apresenta um argumento, usa **evidências** para fundamentar sua conclusão. O ouvinte ou leitor deve aceitar a conclusão, se levar em consideração as evidências.

Veja:

Santo Antônio dos Ausentes, 20 de agosto de 2002

Senhor Prefeito

A ponte que liga o bairro Santo Antônio dos Ausentes à cidade precisa ser reparada urgentemente. Há duas semanas o bairro ficou isolado, por causa da enchente. Como o senhor sabe, do outro lado do rio fica o comércio, a escola, a farmácia, o posto médico, o hospital. Aliás, até o cemitério fica daquele lado. Estamos aqui sem condução, sem escolas, sem socorro.

Maria Rosa de Sousa

Conclusão: *é necessário fazer reparos na ponte*;
Evidências:

a) o bairro está isolado;
b) o comércio fica do outro lado *(logo, não se pode fazer compras)*;
c) a escola está do outro lado *(logo, os alunos estão perdendo aulas)*;
d) o posto médico, o hospital estão do outro lado *(portanto, não se podem tratar os doentes*);
e) o cemitério fica do outro lado *(não se podem enterrar os mortos)*.

Toda argumentação é resposta a um problema. Para descobrir o problema de que se está falando, é preciso perguntar:
Que solução o texto está apresentando?
Quais são as evidências?
A quem é dirigido o argumento?

Leia a propaganda abaixo:

APOSTANDO NO FUTURO

Auto moto escola Rei da Estrada
Tire a carta de carro e ganhe a de moto. Quite em 3 vezes sem juros. Ganhe uma aula grátis. Aulas de reforço em estradas. Aproveite para tirar carta para ônibus e carreta. Menor preço. Promoção para estudantes.

Fone: 222-0000 Travessa dos Patos, 3100

Problema: necessidade de aprender a dirigir, tirar carta de motorista.

Solução: matricular-se na Auto moto escola Rei da Estrada

Por que, segundo o texto, você, leitor, deve matricular-se nesta auto-escola e não em outra? Observe as evidências apresentadas. Você vai:

a) ganhar uma carta de moto;

b) poder pagar a prestações;

c) poder aprender a dirigir em estradas.

Muita coisa não é dita claramente e permanece implícita na argumentação.

Na propaganda acima, por exemplo, está implícito que o leitor:

a) é jovem. (Pela expressão *apostando no futuro.)*

b) tem pouco dinheiro. (*Quite em 3 vezes sem juros.)*

c) precisa trabalhar. *(Aproveite para tirar carta para ônibus e carreta.)*

Quem argumenta leva em conta os interesses do conjunto de pessoas que quer convencer. Argumentos bem apresentados podem iludir um freguês, levando a pessoa a comprar coisas de que não tem necessidade, ganhar uma causa na justiça, obter vantagens; da mesma forma, a dificuldade de posicionar-se contra um argumento pode levar a perder uma causa e ter outros prejuízos.

Há palavras, na língua, que apontam o argumento para determinado sentido.

Compare os diálogos em que uma pessoa diz a outra:

a) – Sônia não pagou a dívida.

b) – Sônia *ainda* não pagou a dívida.

Qual a diferença entre a frase (a) e a frase (b)?

Na primeira (a), temos a declaração de um fato.

Na segunda (b), a declaração parece a opinião, da pessoa que fala, a respeito da situação da moça.

A palavra *ainda* modifica a expressão porque acrescenta um conjunto de informações não explícitas: "a dívida é antiga", "a dívida já deveria ter sido paga", "Ela não pagou, mas vai pagar".

Geralmente usamos mais de uma evidência para que o ouvinte ou leitor chegue a uma conclusão, escolhendo determinadas palavras que apontam o argumento em uma dada direção.

Há palavras que assinalam o argumento mais forte no sentido de uma conclusão.

Quando alguém diz:

– Sônia procura emprego há tempos: procurou no seu bairro, procurou no centro da cidade, procurou *até* fora da cidade.

Ficamos sabendo que Sônia:

- procurou emprego no seu bairro: perto de sua casa;
- procurou no centro da cidade: um pouco mais longe;
- procurou *até* fora da cidade: a inclusão da palavra "até" indica que *fora da cidade*, nesse caso, é mais **distante dos** outros dois lugares citados, o que indica também um esforço maior; por essa razão é argumento mais forte que os outros dois mencionados anteriormente.

São inúmeras as palavras que podemos usar para direcionar de maneira mais adequada um argumento. Veja dois exemplos.

- Há palavras que somam argumentos para fortalecer uma conclusão:

  – Ela não falta no trabalho, sabe fazer o seu serviço *e também* sabe exercer outras funções, se for preciso.

  Ela não falta no trabalho + sabe fazer o seu serviço + sabe exercer outras funções, se for preciso.
- Há palavras que apresentam uma conclusão em relação a outro argumento já apresentado:

  – Sônia tem todas essas qualificações; *portanto*, já deveria ter encontrado um bom emprego.

Se Sônia tem todas essas qualificações, a conclusão a ser tirada é que já deveria ter encontrado um bom emprego.

ÚLTIMAS PALAVRAS

Como vimos, as palavras não existem soltas no mundo, nem têm um único sentido, válido em todas as situações. Como falantes do Português, podemos compreender significados de palavras desconhecidas, buscando apoio nos significados dos elementos que já conhecemos, como as terminações ou as unidades acrescentadas no início das palavras, bem como o contexto em que são usadas. Quando isso não é possível, podemos recorrer aos dicionários e escolher o mais adequado para a situação, dentre os vários significados que os dicionários apresentam em cada verbete.

Observando as possibilidades de formar palavras novas na língua, percebemos que as palavras, em geral, não são inventadas do nada. Elas trazem significados que já estão dados pela sociedade e surgem de acordo com a necessidade que temos de comunicar nosso modo de vida, nossas idéias sobre o mundo que nos cerca e de estabelecer relações com os outros, ouvindo, lendo, trocando informações, expressando sentimentos, enfim, interagindo com o mundo. Em razão dessa necessidade é que escolhemos as palavras adequadas a cada situação.

Em cada situação, os interlocutores fazem opção por determinadas palavras, expressões, frases, enfim, por seqüências lingüísticas, das quais decorrem determinados sentidos que regulam a direção da comunicação, porque orientam a interpretação que fazemos do que foi dito; dão pistas de como devem ser interpretadas as palavras, expressões ou frases. Assim, podemos ter as mesmas palavras com sentidos diferentes em situações diferentes e palavras diferentes com o mesmo sentido. Por essa razão, para usar bem a língua não é suficiente decorar listas e mais listas de palavras novas, mas aprender a prestar atenção nos diferentes sentidos que elas têm, em diferentes situações.

Boa parte da comunicação no cotidiano está baseada em informações implícitas ou pressupostas, que podem passar despercebidas. Para compreender bem uma conversa ou um texto escrito é preciso prestar atenção no que está dito claramente e no que não foi dito, no que foi omitido de propósito.

Para esclarecer uma informação, é interessante pedir que o interlocutor diga claramente o que quer dizer, indagando "O que você está querendo dizer com isso?". Da mesma forma, é interessante, sempre que necessário, precisar o sentido de uma palavra ou expressão, fazendo uso de outras palavras ou expressões que querem dizer as mesmas coisas.

Prestando atenção no conjunto de elementos que compõem uma situação de comunicação, podemos ampliar o entendimento de um texto, ampliar o conhecimento do vocabulário, a fim de usar as palavras adequadas às várias situações de comunicação. Como falantes, temos a liberdade de ir da palavra para o texto, do texto para a palavra, de entender palavras novas, de criar palavras novas, de perceber os sentidos que nosso interlocutor quer provocar com suas escolhas e também de provocar sentidos novos, de convencer nossos interlocutores, escolhendo para isso os elementos adequados.

Conferindo seu conhecimento

1 *1.c; 2.Fica, veio, ocorre, entramos.*

2 *1. b Não precisa se apressar; 2. c Pague quando puder, não precisa se apertar; 3. d Pois não; 4 a Até que enfim.*

Orientação final

Para saber se você compreendeu bem o que está apresentado neste capítulo, verifique se está apto a demonstrar que é capaz de:

- Reconhecer as categorias explicativas básicas dos processos lingüísticos, demonstrando domínio do léxico da língua.
- Identificar os efeitos de sentido que resultam da utilização de determinados recursos lingüísticos.
- Reconhecer pressuposições e subentendidos em um texto.
- Identificar em um texto os mecanismos lingüísticos na construção da argumentação.
- Reconhecer a importância da análise lingüística na construção de uma visão crítica do texto.

Platão & Fiorin

LIÇÕES DE TEXTO

leitura e redação

ÁTICA UNIVERSIDADE

editora ática

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.org*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

© Francisco Platão Savioli e José Luiz Fiorin

Versão impressa

Editor-chefe
Carlos S. Mendes Rosa
Editores assistentes
Frank de Oliveira e Tatiana Corrêa Pimenta
Coordenadora de revisão
Ivany Picasso Batista
Revisor
Maurício Katayama
Estagiária
Monise Martinez
Editor de arte
Vinicius Rossignol Felipe
Diagramadora
Leslie Morais
Editoração eletrônica
Vinicius Rossignol Felipe

Versão ePUB 2.0.1

Tecnologia de Educação e Formação de Educadores
Ana Teresa Ralston
Gerência de Pesquisa e Desenvolvimento
Roberta Campanini
Coordenação geral
Antonia Brandao Teixeira e Rachel Zaroni
Coordenação do projeto
Eduardo Araujo Ribeiro
Estagiária
Olivia Do Rego Monteiro Ferragutti
Revisão
Marina Lazaretti

Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção e comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.

CIP - BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.
F553L | 1.ed. Savioli, Francisco Platão & Fiorin, José Luiz Lições de texto : leitura e redação / Francisco Platão Savioli, José Luiz Fiorin. - 1.ed. - São Paulo : Ática, 2011.
Inclui bibliografia: 1. Língua portuguesa (Ensino médio). 2. Língua portuguesa - Composição e exercícios. 3. Língua portuguesa - Explicação textual. I. Savioli, Francisco Platão, 1944-. II. Título.
06-2424. | CDD 469.8 | CDU 811.134.3'27| 015217
1ª Edição - Arquivo criado em 10/08/2011
e-ISBN 9788508149353

Platão & Fiorin

LIÇÕES DE TEXTO
leitura e redação

José Luiz Fiorin
Doutor em Letras e
Professor Livre-Docente do
Depto. de Linguística da USP

Francisco Platão Savioli
Professor-Assistente Doutor do
Depto. de Comunicações e
Artes da ECA — USP

Professor e Coordenador do
Curso de Gramática e Interpretação de
Texto do Anglo Vestibulares — São Paulo

editora ática

Fontes das imagens

p. 15 — WESCHER, H. *La historia del collage*. Barcelona, Gustavo Gili, 1977. *p. 17 — Uffizi — Florença*. São Paulo, Melhoramentos, s.d. (col. Enciclopédia dos Museus). *p. 18* — McSHINE, K. *Andy Warhol — A Retrospective*. Nova York, The Museum of Modern Art, 1989. *p. 19 — 16º Anuário de criação*. São Paulo, Clube de Criação de São Paulo, 1991. *p. 21* — BOSI, Alfredo e outros. *Machado de Assis*. São Paulo, Ática, 1982 (col. Escritores Brasileiros). *p. 26* — BECKETT, S. W. *The Story of Painting*. Londres, Dorling Kindersley, 1994. *p. 27 — 4º Centenário da 1ª edição de Os lusíadas*. Lisboa, Secretaria de Estado da Informação e Turismo, 1972. *p. 28 — Lisboa e a expansão marítima — Séculos XV e XVI*. Lisboa, Ministério da Educação, 1990. *p. 30 — 19º Anuário de criação*. São Paulo, Clube de Criação de São Paulo, 1994. *p. 31* — DEBRET, J. B. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/Edusp, 1989 (col. Reconquista do Brasil). *p. 40* — Revista *Striptiras*. São Paulo, Circo, s.d., n. 9. *p. 41* — HECK, J. G. *The Complete Encyclopedia of Illustration*. Nova York, Crown, 1979. *p. 43 — Coleção Pirelli de Fotografias de 1995*. São Paulo, Museu de Arte de São Paulo, 1995 (v. 5). *p. 51 — O Museu de Valores do Banco Central do Brasil*. São Paulo, Banco Safra, 1988. *p. 53 — a) Noel Rosa*. São Paulo, Abril, 1970 (col. Música Popular Brasileira); *b)* ANDREATO, Elifas. *Impressões*. Curitiba, Bamerindus, 1993. *p. 58* — HENDRICKSON, J. *Roy Lichtenstein*. Colônia, Taschen, 1988. *p. 59* — RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1947. *p. 62 — a) Dictionnaire Encyclopédique de la Peinture*. Paris, Bookking International, 1994; *b)* CLAY, J. *De L'Impressionisme a L'Art Moderne*. Paris, Hachette, 1975. *p. 68* — JAGUAR. *Átila, você é bárbaro*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968. *p. 69 — Pássaros*. Rio de Janeiro, JB, 1986. *p. 71 — Brasilien — Entdeckung und Selbstentdeckung*. Zurique, Benteli, 1992. *p. 74 — Klee*. Tóquio, Shueisha, 1971 (col. L'Art Moderne du Monde). *p. 75* — TITÃS. *Jesus não tem dentes no país dos banguelas*. São Paulo, BMG Ariola, s.d. *p. 78 — Renoir — Joie de Vivre — 1996 Calendar*. Paris, Graphique de France, 1995. *p. 79* — idem p. 62a. *p. 83* — FINKELSTEIN, Lucien. *Naïfs brasileiros de hoje*. São Paulo, Câmara Brasileira do Livro, 1994 (col. Brasiliana de Frankfurt). *p. 86 — Ernst/Miró*. Tóquio, Shueisha, 1972 (col. L'Art Moderne du Monde). *p. 87* — idem p. 41. *p. 89* — TERRY, W. & RENNERT, J. *100 Years of Dance Posters*. Nova York, Darien House, 1975. *p. 90* — DEICHER, S. *Piet Mondrian*. Colônia, Taschen, 1975. *p. 96* — WREDE, S. *The Modern Poster*. Nova York, The Museum of Modern Art, 1988. *p. 97 — a)* DRUET, R. & GRÉGOIRE, H. *La Civilization de L'Écriture*. Paris, Fayard et Dessain et Tolra, 1976; *b)* SCHWANDNER, J. G. *Calligraphy*. Nova York, Dover, 1958. *p. 99 — Bienal Brasil século XX*. São Paulo, Fundação Bienal de São Paulo, 1994. *p. 103* — VAN DE BEUQUE, Jacques. *Arte popular brasileira*. São Paulo, Câmara Brasileira do Livro, 1994 (col. Brasiliana de Frankfurt). *p. 108 — Reclames da Bayer — 1911-1942*. São Paulo, Bayer do Brasil, 1986. *p. 109* — ALCÂNTARA MACHADO, António. *Novelas paulistanas*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1971. *p. 110* — QUINO. *Hombres de bol-sillo*. Barcelona, Lumen, 1977. *p. 112* — LOPES NETO, Simões. *Contos gauchescos*.Porto Alegre, Globo, 1983. *p. 113* — ANGELI. *FHC — Biografia não autorizada* . São Paulo, Ensaio/Circo, 1995. *p. 117* — PONTUAL, Roberto. *Entre dois séculos — Arte brasileira do século XX na coleção Gilberto Chateaubriand*. Rio de Janeiro, JB, 1987. p. 124 — *18º Anuário de criação*. São Paulo, Clube de Criação de São Paulo, 1993. *p. 125 — Fábulas de La Fontaine*. São Paulo, Edigraf, s.d. *p. 127* — DUNCAN, D. D. *O mundo privado de Pablo Picasso*. Nova York, The Ridge Press, 1958. *p. 129 — a)* GEANDRÉ. *A ovelha negra de Geandré*. São Paulo, Global, 1975; *b)* idem p. 124. *p.130 — O Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo*. São Paulo,

Banco Safra, 1990. *p. 132 — Gustave Doré: La Bible*. Liubliana, Prosveta-Beograd, 1989. *p. 139* — idem p. 51. *p. 141* — Revista *Photo-Italia*. Milão, Publimedia, 1989 (ano XIV, n. 169). *p. 143 — Illustrators 31*. Nova York, The Society of Illustrators, 1990. *p. 144 — a)* SCHULZ, C. M. *Segurança é um polegar e um cobertor*. São Paulo, Hemus, s.d.; *b)* DAVIS, J. *The Garfield Gallery 3*. Londres, Hodder and Stoughton, 1987. *p. 146 — a) Coleção Pirelli de Fotografias de 1993*. São Paulo, Museu de Arte de São Paulo, 1993 (v. 3); *b) Zélio Alves Pinto*. São Paulo, Museu de Arte de São Paulo, 1977. *p. 147 — 17º Anuário de criação*. São Paulo, Clube de Criação de São Paulo, 1992. *p. 148* — idem p. 71. *p. 154 — Bienal fotojornalismo brasileiro — 1990-1995*. São Paulo, Fundação Bienal de São Paulo, 1995. *p. 155* — Revista *Popular Photography*. Nova York, Ziff-Davis, 1980. v. 87, n. 5. *p. 158 — Gilberto Gil*. São Paulo, Abril, 1977 (col. Música Popular Brasileira). *p. 160 — a)* YASABURO, K. *Trademarks & Symbols of the World — Pictogram & Sign Design*. Tóquio, Kashiwashobo, 1989 (pictogramas de esportes); *b)* STIEBNER, E. D. & URBAN, D. *Signs + Emblems*. Munique, Bruckmann, 1987 (pictogramas de terminais de transporte). *p. 172* — idem p. 26. *p. 173* — HARTER, J. *Transportation — A Pictorial Archive from Nineteenth-Century Sources*. Nova York, Dover, 1984. *p. 174* — Revista *Action Comics n. 1* (fac-símile). São Paulo, Abril Jovem, s.d. *p. 182* — idem p. 30. *p. 185 — Fábulas de Esopo*. São Paulo, Companhia das Letrinhas, 1994. *p. 190* — idem p. 154. *p. 191* — ALENCAR, José de. *Iracema*. São Paulo, Martins, 1941. *p. 193 — J. Carlos — 100 Anos*. Rio de Janeiro, Funarte, 1984. *p. 197* — BANDEIRA, Manuel. *Pasárgada*. Rio de Janeiro, Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, 1960. *p. 198 — a) Coleção Pirelli de Fotografias de 1992*. São Paulo, Museu de Arte de São Paulo, 1992 (v. 2); *b)* idem p. 146a. *p. 199 e 202* — idem p. 71. *p. 203* — DANON, D. D. & TOLEDO, B. L. *São Paulo: "Belle Époque"*. São Paulo, Nacional/Edusp, 1974. *p. 206 — Belo Horizonte, a cidade revelada*. Belo Horizonte, Fundação Emílio Odebrecht, 1989. *p. 208* — Foto de Homem de Melo & Troia Design. *p. 209* — PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1986. *p. 210* — idem p. 147. *p. 218 — Arte moderna brasileira — Uma seleção da coleção Roberto Marinho*. São Paulo, Museu de Arte de São Paulo, 1994. *p. 224* — KOIKE, K. & KOJIMA, G. *Lobo Solitário*. São Paulo, Nova Sampa, 1991 (n. 4). *p. 225* — idem p. 41. *p. 231* — BLACHON. *Sport*. Paris, Seghers, 1988. *p. 234* — idem p. 83. *p. 239* — QUINN, G. *The Clip Art Book*. Nova York, Crescent Books, 1990. *p. 241* — Jornal *Folha de S. Paulo*. São Paulo, Folha da Manhã, 1973. *p. 243* — idem p. 41. *p. 248 — a) Arte arteira: brinquedos, brinquedeiros, brincadeiras*. São Paulo, MD Comunicações, 1992; *b)* Revista *Radio Race Car International*. Worcestershire (Inglaterra), Traplet, 1996 (n. 148). *p. 251* — idem p. 160a. *p. 254 e 255* — JARRASSÉ, D. *Rodin — A Passion for Movement*. Paris, Terrail, 1992. *p. 257 — Museus Castro Maya*. Rio de Janeiro, Agir, 1994. *p. 266* — WATTERSON, B. *O progresso científico deu "tilt"*. São Paulo, Best, 1991 (v. 1). *p. 267 — Cerrado — Vastos espaços*. Rio de Janeiro, Alumbramento, 1992/3. *p. 271* — RENNER, R. G. *Edward Hopper*. Colônia, Taschen, 1992. *p. 276* — idem p. 109. *p. 280* — Revista *Life*. Nova York, Time, 1988 (n. especial: 150 Years of Photography). *p. 287* — Revista *Fotoptica*. São Paulo, Bela Vista, 1985 (n. 124). *p. 292* — idem p. 30. *p. 304 — Imagem e violência*. São Paulo, Senac, 1994. *p. 305* — idem p. 113. *p. 306 — 20.. Anuário de criação*. São Paulo, Clube de Criação de São Paulo, 1995. *p. 310* — QUINO. *Gente*. Lisboa, Dom Quixote, 1985. *p. 311* — FERNANDES, Millôr. *Desenhos*. São Paulo, Raízes, 1981. *p. 312/3* — idem p. 19 (anúncio cria-do pela agência W/Brasil). *p. 320* — GLAUCO. *Abobrinhas da Brasilônia*. São Paulo, Circo, 1985. *p. 326* — idem p. 124. *p. 327 — Claes Oldenburg: An Anthology*. Nova York, Guggenhein Museum, 1995. *p. 328* — CARVALHO, José Cândido de. *O coronel e o lobisomem*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1985. *p. 336* — idem p. 224 (n. 3). *p. 337* — Folheto *Trem de Prata*. São Paulo, Trem de Prata, 1996. *p. 340 — A Pinacoteca do Estado*. São Paulo, Banco Safra, 1994. *p. 342* — SPARKE, P. *Design in Context*. Secaucus (EUA), Chartwell Books, 1987. *p. 343* —

idem p. 99. *p. 347 — João Câmara — 27 Fotografer*. Copenhagem, Charlottenborg, 1994. *p. 350* — LIVINGSTONE, M. *Pop Art*. Londres, Royal Academy of Arts, 1991. *p. 356 — Artistas da escultura brasileira*. São Paulo, Volkswagen do Brasil, 1986. *p. 357* — JOHNSON, J. *French Fashion Plates of the Romantic Era*. Nova York, Dover, 1991. *p. 359 — a) Animais e filhotes*. Tóquio, Aplauso, 1981; *b)* KLINTOWITZ, Jacob. *Aldemir Martins — Natureza a traços e cores*. São Paulo, Valoart, 1989. *p. 368* — Catálogo *The Worldwide Exhibit System Design*. Stuttgart, Burkhardt Leitner, s.d. *p. 375* — Gráfico de Homem de Melo & Troia Design. *p. 377 — a)* Folheto *Belo Horizonte*. Belo Horizonte, BeloTur, 1996; *b)* idem p. 41. *p. 380* — Revista *Elle*. São Paulo, Abril, 1992 (ano 5, n. 8). *p. 394* — ZERBST, R. *Antoni Gaudí*. Colônia, Taschen, 1993. *p. 395* — ANDRADE, Oswald de. *Cadernos de poesia do aluno Oswald (Poesia reunida)*. São Paulo, Círculo do Livro, s.d. *p. 399 — a, b, c, d) O Metrô de São Paulo — 1987-1991*. São Paulo, Companhia do Metropolitano de São Paulo, 1991; *e)* idem p. 208 (totem de identificação da estação).

PREFÁCIO

É consensual o reconhecimento de que a escola brasileira não tem cumprido satisfatoriamente o compromisso de ensinar o aluno a compreender e produzir textos com proficiência. Ao final do ensino fundamental e do ensino médio, o estudante não tem se mostrado capaz de extrair do texto os sentidos que ele transporta nem de redigir textos que produzam o resultado planejado.

Submetidos a provas de avaliação junto com alunos de outros países, os nossos têm sido classificados nos últimos lugares. Esse resultado não seria tão preocupante se afetasse apenas o orgulho nacional e não comprometesse os três objetivos centrais perseguidos pelo ensino escolar em qualquer país: a preparação para o mundo do trabalho, para o exercício da cidadania e para a autonomia do aprendizado. Essa última meta da educação formal, da qual dependem em grande parte as duas primeiras, tem estreita relação com o aprendizado da compreensão e da produção de textos.

A capacidade de compreender textos com autonomia é indispensável para acompanhar os constantes e rápidos avanços do conhecimento, sem o que não há possibilidade de exercício competente da profissão; a de produzir textos é condição necessária para quem deseja ter participação ativa nas diversas esferas de atividade da vida em sociedade.

A força de tais evidências nos obriga a aceitar que compete à escola, em qualquer estágio do percurso do aprendizado, empenhar-se para melhorar cada vez mais o desempenho do aluno na compreensão e na produção de textos. A respeito desse objetivo existe unanimidade. As divergências surgem principalmente quando se discutem as competências consideradas necessárias para atingi-lo.

Há quem julgue vão o esforço de oferecer resposta para isso, pois as competências exigidas são tantas que a tentativa de enumerá-las não escaparia ao reducionismo que fatalmente obrigaria o texto a comprimir-se para caber em moldes.

Por outro lado, há aqueles que rejeitam a hipótese de uma leitura única, definitiva ou correta, mas não descartam a possibilidade de leituras cada vez mais ricas e abrangentes; que não acreditam na redação do texto perfeito, mas incentivam o esforço de aperfeiçoá-lo indefinidamente. É entre estes que se colocam os autores deste livro, que foi escrito para confirmar – e não para negar – a crença de que a compreensão do texto é um processo gradual e ininterrupto e de que a sua redação é sempre passível de melhora.

É preciso ressalvar, no entanto, que o reconhecimento dessa evolução gradual e contínua não implica a aceitação de que essa competência seja mero resultado da ação espontânea do tempo e da conjugação de motivações aleatórias, refratárias a qualquer esforço de sistematização.

Modernos estudos de análise do discurso e do texto descreveram inúmeros procedimentos de construção textual que se repetem com regularidade em qualquer texto. Conhecê-los pode aumentar consideravelmente a possibilidade de explorá-los com mais versatilidade, de aumentar o grau de controle sobre eles. Isso tanto para a compreensão quanto para a produção do texto.

Desse modo, se não é possível definir um conjunto limitado de fórmulas que, aplicadas, produzem automaticamente uma leitura definitiva, ao menos é possível sugerir procedimentos gerais, capazes de evitar desvios ou distorções no trabalho com o texto.

Sabe-se que nunca é possível atingir a leitura ou a construção perfeita de um texto, mas é sempre possível controlar interpretações que não encontram sustentação no texto ou redirecionar redações que se desviam do resultado desejado pelo enunciador. É esse o propósito destas *Lições de texto*.

Os autores

SUMÁRIO

LIÇÃO 1

CONSIDERAÇÕES SOBRE A NOÇÃO DE TEXTO

Tira *As cobras*,
Luís Fernando Veríssimo

TEXTO COMENTADO:
Anúncio publicitário

EXERCÍCIOS

PROPOSTAS DE REDAÇÃO

LIÇÃO 2

VOZES PRESENTES NO TEXTO

Os lusíadas, Camões

TEXTO COMENTADO:
Sermões, Pe. Antônio Vieira

EXERCÍCIOS

PROPOSTAS DE REDAÇÃO

LIÇÃO 3

VOZES MOSTRADAS E DEMARCADAS NO TEXTO

Satélite, Manuel Bandeira

TEXTO COMENTADO:
Quincas Borba, Machado de Assis

EXERCÍCIOS

PROPOSTA DE REDAÇÃO

LIÇÃO 4

Vozes Mostradas e Não Demarcadas no Texto

Vidas secas, Graciliano Ramos

Texto Comentado:

Macunaíma: o herói sem nenhum caráter,
Mário de Andrade

Exercícios

Proposta de Redação

Lição 5

Organização Fundamental

Comida, Arnaldo Antunes,
Marcelo Fromer, Sérgio Brito

Texto Comentado:

A cidade e as serras, Eça de Queirós

Exercícios

Proposta de Redação

Lição 6

Textos Temáticos e Textos Figurativos

O escorpião e o sapo , fábula/
Texto dos autores

Texto Comentado:

Odes de Ricardo Reis,
Fernando Pessoa

Exercícios

Propostas de Redação

Lição 7

O Encadeamento de Figuras ou de Temas

Profissão de fé, Olavo Bilac

TEXTO COMENTADO:

Triste fim de Policarpo Quaresma,
Lima Barreto

EXERCÍCIOS

PROPOSTA DE REDAÇÃO

LIÇÃO 8

FIGURATIVIDADE E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Novelas paulistanas ,
António de Alcântara Machado

TEXTO COMENTADO:

Grande sertão: veredas,
Guimarães Rosa

EXERCÍCIOS

PROPOSTAS DE REDAÇÃO

LIÇÃO 9

AS VÁRIAS POSSIBILIDADES DE LEITURA DE UM TEXTO

O lobo e o cordeiro, La Fontaine

TEXTO COMENTADO:

A noite dissolve os homens,
Carlos Drummond de Andrade

EXERCÍCIOS

PROPOSTAS DE REDAÇÃO

LIÇÃO 10

MODOS DE COMBINAR FIGURAS E TEMAS

Memórias póstumas de Brás Cubas,

Machado de Assis

TEXTO COMENTADO:

Sermões, Pe. Antônio Vieira

EXERCÍCIOS

PROPOSTAS DE REDAÇÃO

LIÇÃO 11

ALTERAÇÃO DO SENTIDO DAS PALAVRAS

É a vaidade, Fábio...,
Gregório de Matos

TEXTOS COMENTADOS:

Língua portuguesa, Olavo Bilac

Língua, Caetano Veloso

EXERCÍCIOS

PROPOSTA DE REDAÇÃO

LIÇÃO 12

PRESENÇA DO NARRADOR NO TEXTO

Dom Casmurro, Machado de Assis

TEXTO COMENTADO:

Memórias póstumas de Brás Cubas,
Machado de Assis

EXERCÍCIOS

PROPOSTAS DE REDAÇÃO

LIÇÃO 13

PERSONAGENS E ESPAÇO

Iracema, José de Alencar

TEXTO COMENTADO:

O guarani, José de Alencar

EXERCÍCIOS

PROPOSTAS DE REDAÇÃO

LIÇÃO 14

TEMPO

Pobre velha música!, Fernando Pessoa

TEXTO COMENTADO:

Profundamente, Manuel Bandeira

EXERCÍCIOS

PROPOSTA DE REDAÇÃO

LIÇÃO 15

NARRAÇÃO

O senhor embaixador, Érico Veríssimo

TEXTO COMENTADO:

Memórias de um sargento de milícias,
Manoel Antônio de Almeida

EXERCÍCIOS

PROPOSTAS DE REDAÇÃO

LIÇÃO 16

DESCRIÇÃO

A escrava Isaura,

Bernardo Guimarães

TEXTO COMENTADO:

O cortiço, Aluísio Azevedo

EXERCÍCIOS

PROPOSTAS DE REDAÇÃO

LIÇÃO 17

DISSERTAÇÃO

Viagens de Gulliver, Jonathan Swift

TEXTO COMENTADO:

Raízes do Brasil,
Sérgio Buarque de Holanda

EXERCÍCIOS

PROPOSTAS DE REDAÇÃO

LIÇÃO 18

OS ESTADOS DE ALMA DAS PERSONAGENS

Leito de folhas verdes, Gonçalves Dias

TEXTO COMENTADO:

Noite de almirante,
Machado de Assis

EXERCÍCIOS

PROPOSTAS DE REDAÇÃO

LIÇÃO 19

ARGUMENTAÇÃO

Texto de vídeo educativo

TEXTO COMENTADO:

Sermões, Pe. Antônio Vieira

EXERCÍCIOS

PROPOSTAS DE REDAÇÃO

LIÇÃO 20

INFORMAÇÕES IMPLÍCITAS

Reportagem de Liliana Pinheiro

TEXTO COMENTADO:

Anúncio publicitário

EXERCÍCIOS

PROPOSTA DE REDAÇÃO

LIÇÃO 21

DIZER UMA COISA PARA SIGNIFICAR OUTRA

Anúncios classificados

TEXTO COMENTADO:

O coronel e o lobisomem,
José Cândido de Carvalho

EXERCÍCIOS

PROPOSTA DE REDAÇÃO

LIÇÃO 22

O PLANO SONORO E A DISPOSIÇÃO DAS PALAVRAS NO TEXTO

Trilha nostálgica, reportagem

Cana caiana, Ascenso Ferreira

TEXTO COMENTADO:

Debussy, Manuel Bandeira

EXERCÍCIOS

PROPOSTA DE REDAÇÃO

LIÇÃO 23

TEXTO LITERÁRIO E TEXTO NÃO LITERÁRIO

Efeito Cinderela, matéria jornalística

A valsa, Casimiro de Abreu

TEXTO COMENTADO:

Poema tirado de uma notícia de jornal,

Manuel Bandeira

EXERCÍCIOS

PROPOSTA DE REDAÇÃO

LIÇÃO 24

COESÃO TEXTUAL

Bolo de arroz, receita culinária

TEXTO COMENTADO:

Texto de Eça de Queirós

EXERCÍCIOS

PROPOSTAS DE REDAÇÃO

LIÇÃO 25

COERÊNCIA E PROGRESSÃO TEXTUAL

Trechos escolhidos,
Oswald de Andrade

TEXTOS COMENTADOS:

Poemas de José Paulo Paes

EXERCÍCIOS

PROPOSTAS DE REDAÇÃO

BIBLIOGRAFIA

RESPOSTAS DOS EXERCÍCIOS

LIÇÃO 1

Não é amontoando os ingredientes que se prepara uma receita; assim também não é superpondo frases que se constrói um texto.

O significado de uma imagem isolada pode ser completamente diverso daquele que ela assume encaixada num contexto. Esta foto documenta um ato público em favor da anistia realizado em 1979. Combinada com a multidão ao fundo, a imagem da pomba deixa de ser a simples foto de uma ave, como na página anterior, e passa a ser interpretada como um símbolo da paz; a imagem da manifestação, associada à pomba em primeiro plano, deixa de ser um mero registro do fato, e passa a ser interpretada como um clamor coletivo pelo perdão e pela concórdia.

Ato público pela anistia, foto de Maurício Simonetti(Agência F4), 15 de agosto de 1979(fragmento).

LIÇÃO 1

CONSIDERAÇÕES SOBRE A NOÇÃO DE TEXTO

Leia o texto abaixo, uma tira de *As cobras*, de Luís Fernando Veríssimo:

Zero Hora. Segundo Caderno, 13 fev. 1995.

A leitura do primeiro quadrinho, isolado do segundo, deixaria o presidente Fernando Henrique e sua equipe muito gratificados, já que sua administração recebe nota máxima (dez) na avaliação de um dos interlocutores do diálogo aí transcrito.

Confrontado com o segundo, no entanto, o significado do quadrinho um se altera consideravelmente e provoca decepção. *Dez* passa a ser lido como um indicador de velocidade e não como a nota máxima de uma escala convencional. Com a quebra de expectativa criada pelo quadrinho um, produz-se um efeito de humor, e o texto, no seu todo, passa a ser uma sátira à lentidão com que se tomam as decisões do governo.

Essa tirinha é exemplar para demonstrar dois dados importantíssimos na leitura de um texto:

a) num texto, o significado de uma parte não é autônomo, mas depende das outras com que se relaciona. Tanto é verdade que, no caso da tirinha acima, fomos obrigados a reinterpretar o sentido do quadrinho um, quando o confrontamos com o dois.

b) o significado global de um texto não é o resultado de mera soma de suas partes, mas de uma certa combinação geradora de sentidos. Não fosse esse dado, o pequeno texto humorístico admitiria a seguinte leitura: que o governo de FHC merece nota dez e que anda a dez quilômetros por hora. Qualquer leitor médio de texto diria que interpretá-lo dessa forma significa não tê-lo entendido.

Em síntese, num texto o sentido de cada parte é definido pela relação que mantém com as demais constituintes do todo; o sentido do todo não é mera soma das partes, mas é dado pelas múltiplas relações

que se estabelecem entre elas.

Ao explicar o sentido da tira aqui reproduzida, usamos diversas vezes a palavra *texto*. Mas o que é um texto? Essa palavra é bastante usada na escola e mesmo fora dela. É muito frequente ouvirmos frases como *seu texto ficou muito bom*; *o texto sobre o qual versaram as questões da prova de Português era muito longo e complexo*; *os atores de novela devem decorar textos enormes todos os dias*; *o texto constitucional desceu a detalhes que deveriam estar em leis ordinárias*. Apesar do uso corrente da palavra, o conceito de texto não é tão simples: mesmo para aquelas pessoas habituadas a empregar esse termo com frequência.

Comecemos por definir quais são as propriedades de um texto:

1

A primeira é que ele tem coerência de sentido. Isso quer dizer que ele não é um amontoado de frases, ou seja, nele, as frases não estão pura e simplesmente dispostas umas após as outras, mas estão relacionadas entre si. É por isso que, nele, o sentido de uma frase depende do sentido das demais com que se relaciona. O exemplo do texto com que iniciamos esta lição mostra de maneira simples e clara que o sentido de qualquer passagem de um texto é dado pelo todo. Se não levarmos em conta as relações de uma frase com as outras que compõem o texto, corremos o risco de atribuir a ela um sentido oposto àquele que ela efetivamente tem.

Uma mesma frase pode ter sentidos distintos dependendo do contexto dentro do qual está inserida. Precisemos um pouco melhor o conceito de contexto. É a unidade maior em que uma unidade menor está inserida. Assim, a frase (unidade maior) serve de contexto para a palavra; o texto, para a frase, etc. O contexto pode ser explícito, quando é expresso com palavras, ou implícito, quando está embutido na situação em que o texto é produzido. Quando Lula disse a Collor no primeiro debate do segundo turno das eleições presidenciais de 1989 *Eu sabia que você era collorido por fora, mas caiado por dentro*, todos os brasileiros entenderam que essa frase não queria dizer *Você tem cores por fora, mas é revestido de cal por dentro*, mas *Você apresenta um discurso moderno, de centro-esquerda, mas é reacionário*. Como foi possível entender a frase dessa maneira? Porque ela foi colocada dentro do contexto dos discursos da campanha presidencial. Nele, o adjetivo *collorido* significava “rela-tivo a Collor”, “adepto de Collor”; Collor apresentava-se como um renovador, como alguém que pretendia modernizar o país, melhorar a distribuição de renda, combater os privilégios dos mais favorecidos; Ronaldo Caiado era o candidato mais à direita, defendia a manutenção do *statu quo*, etc. As frases ganham sentido, porque estão correlacionadas umas às outras.

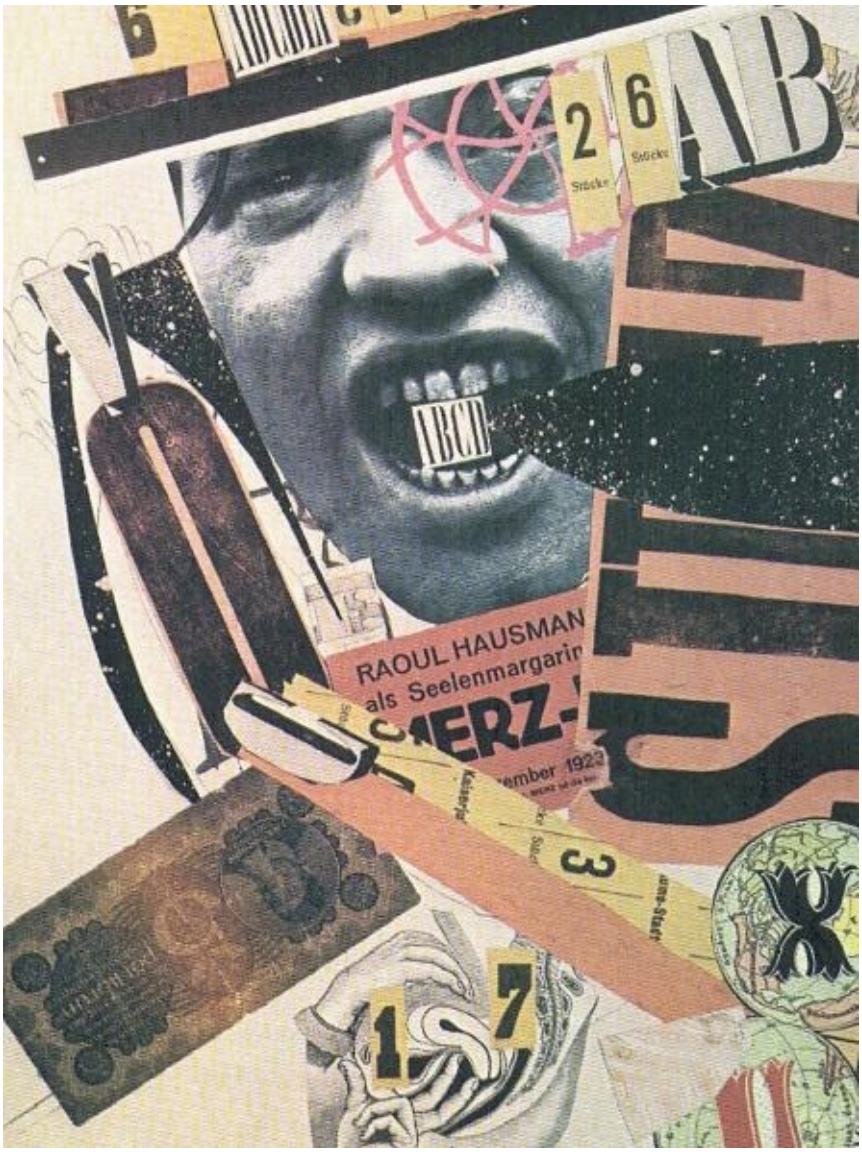

ABCD, colagem de Raoul Hausmann, de 1923.

O princípio da coerência de sentido pode ser observado mesmo em quadros construídos a partir de fragmentos aparentemente desconexos. Nesta colagem do início do século, a profusão de elementos traduz o atordoamento do homem da época diante do massacre, por vezes indiscriminado, de informações.

Um texto é, pois, um todo organizado de sentido. Dizer que ele é um todo organizado de sentido implica afirmar que o texto é um conjunto formado de partes solidárias, ou seja, que o sentido de uma depende das outras.

Que é que faz que um conjunto de frases forme um texto e não um amontoado desorganizado? São vários os fatores. Citemos por enquanto dois. O primeiro é a coerência, isto é, a harmonia de sentido de modo que não haja nada ilógico, nada contraditório, nada desconexo, que nenhuma parte não se solidarize com as demais. A base da coerência é a continuidade de sentido, ou seja, a ausência de discrepâncias. Em princípio, seria incoerente um texto que dissesse *Pedro está muito doente. O quadrado da hipotenusa é igual à soma do quadrado dos catetos*. Essa incoerência seria dada pelo fato de que não se percebe a relação de sentido entre as duas frases que compõem o texto. Um outro fator é a ligação das frases por certos elementos que recuperam passagens já ditas ou garantem a concatenação entre as partes. Assim, em *Não chove há vários meses. Os pastos não poderiam, portanto, estar verdes*, o termo *portanto* estabelece uma relação de decorrência lógica entre uma e outra frase. Esse segundo fator é menos importante que o primeiro, pois, mesmo sem esses elementos de conexão, um conjunto de frases pode ser coerente e, por conseguinte, um todo organizado de sentido. Observe o texto abaixo, de Carlos

Drummond de Andrade:

O QUE SE DIZ

Que frio! Que vento! Que calor! Que caro! Que absurdo! Que bacana! Que tristeza! Que tarde! Que amor! Que besteira! Que esperança! Que modos! Que noite! Que graça! Que horror! Que doçura! Que novidade! Que susto! Que pão! Que vexame! Que mentira! Que confusão! Que vida! Que talento! Que alívio! Que nada...

Assim, em plena floresta de exclamações, vai-se tocando pra frente.

Carlos Drummond de Andrade. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1983. p. 1 379.

Faltam elementos de ligação entre as partes no primeiro parágrafo, mas a última frase, *Assim, em plena floresta de exclamações, vai-se tocando pra frente*, produz a unidade de sentido. O texto deixa de ser um amontoado aleatório de exclamações, adquirindo coerência e, dessa forma, mostrando o caráter estereotipado de nossa linguagem cotidiana.

2

A segunda característica de um texto é que ele é delimitado por dois brancos. Se o texto é um todo organizado de sentido, ele pode ser verbal (um conto, por exemplo), visual (um quadro), verbal e visual (um filme) etc. Mas, em todos esses casos, será delimitado por dois espaços de não sentido, dois brancos, um antes de começar o texto e outro depois. É o espaço em branco no papel antes do início e depois do fim do texto; é o tempo de espera para que o filme comece e o que está depois da palavra *Fim*; é o momento antes que o maestro levante a batuta e o momento depois que ele a abaixa, etc.

Sagrada Família, pintura de Michelangelo, de 1504.

Durante séculos, a moldura dos quadros cumpriu a função de isolá-los do entorno, visando a estabelecer com nitidez um campo para o olhar, ou seja, um espaço de significação, da mesma forma que os brancos antes e depois de um texto verbal.

3

O texto é produzido por um sujeito num dado tempo e num determinado espaço. Esse sujeito, por pertencer a um grupo social num tempo e num espaço, expõe em seus textos as ideias, os anseios, os temores, as expectativas de seu tempo e de seu grupo social. Todo texto tem um caráter histórico, não no sentido de que narra fatos históricos, mas no de que revela os ideais e as concepções de um grupo social numa determinada época. Cada período histórico coloca para os homens certos problemas e os textos

pronunciam-se sobre eles. Por exemplo, em nossa época, em que os recursos naturais do planeta correm o risco de esgotar-se, aparece o discurso ecologista que mostra a necessidade de preservar a natureza com vistas à manutenção da espécie humana.

Cem latas, pintura de Andy Warhol, de 1962.

O próprio fato de escolher um produto de consumo diário — no caso, uma lata de sopa — para com ele construir uma pintura é uma forma de representar certo estágio de desenvolvimento atingido por uma sociedade.

Não há texto que não mostre o seu tempo. Cabe lembrar, no entanto, que uma sociedade não produz uma única forma de ver a realidade, um único modo de analisar os problemas colocados num dado momento. Como ela é dividida em grupos sociais, que têm interesses muitas vezes antagônicos, produz ideias divergentes entre si. A mesma sociedade que gera a ideia de que é preciso pôr abaixo a floresta amazônica para explorar suas riquezas, produz a ideia de que preservar a floresta é mais rentável. Cabe lembrar, no entanto, que algumas ideias, em certas épocas, exercem domínio sobre outras, ganhando o estatuto de concepção quase geral na sociedade.

É necessário entender as concepções existentes na época e na sociedade em que o texto foi produzido para não correr o risco de compreendê-lo de maneira distorcida.

Como as ideias só podem ser expressas por meio de textos, analisar a relação do texto com sua época é estudar as relações de um texto com outros.

Poderíamos dizer que um texto é, pois, um todo organizado de sentido, delimitado por dois brancos e produzido por um sujeito num dado espaço e num dado tempo.

Duas conclusões podemos tirar dessa noção:

a) uma leitura não pode basear-se em fragmentos isolados do texto, já que o significado das partes é determinado pelo todo em que estão encaixadas;

b) uma leitura, de um lado, não pode levar em conta o que não está no interior do texto e, de outro,

deve levar em consideração a relação, assinalada, de uma forma ou de outra, por marcas textuais, que um texto estabelece com outros.

TEXTO COMENTADO

Anúncio criado pela agência Young & Rubican, de 1990.

O texto que segue é um anúncio publicitário publicado pela revista *Veja*.

O produto anunciado são os carros russos Lada, que acabavam de entrar no mercado brasileiro.

APROVEITE QUE OS RUSSOS
NÃO ENTENDEM NADA SOBRE LUCRO.
ELES AINDA FAZEM CARROS
QUE DURAM PELO MENOS 20 ANOS.

Se existe alguma coisa que os russos não sabem fazer direito é ganhar dinheiro. Eles ainda pensam que é um bom negócio fazer um carro moderno, confortável, resistente, com chapa de aço belga, um motor simples, em que qualquer mecânico mexe e que ainda por cima não dá manutenção. É que os russos que fabricam os Lada estão acostumados a consumidores que ficam de 10 a 15 anos com o mesmo carro, que vendem para outros consumidores que também ficam um tempão com o mesmo carro, que vendem para outros. Na Rússia, o carro que não resistir a tantos consumidores não é bom. E olhe que não deve ser fácil fazer um carro que funcione perfeitamente por tantos anos em um país onde só 15% das estradas são pavimentadas. Mas você não mora na Rússia e, com certeza, não tem um carro russo. Então, você deve estar pensando em trocar de carro daqui a pouco. Espere só até novembro e compre os primeiros Lada que vão chegar ao Brasil. Porque, do jeito que os russos aprendem rápido, logo, logo eles podem aprender a ganhar dinheiro.

Veja, 7 nov. 1990.

Para demonstrar que, num texto, o significado de uma parte depende de suas relações com as outras, vamos interpretar, isoladamente, o significado das duas primeiras linhas do texto acima. Quando se diz *"Aproveite que os russos não entendem nada sobre lucro"*, a frase remete para o fato de que a Rússia

era o país líder do bloco socialista e de que lá, portanto, não havia necessidade de buscar o lucro, como nos países capitalistas. Como esse texto é de 1990, quando eram notórias as dificuldades econômicas por que passava a então União Soviética, pode-se pensar que a concepção sobre a qual o texto vai trabalhar é a da superioridade da economia capitalista sobre a socialista, ou seja, pode-se imaginar que o texto considerará negativo o fato de os russos não entenderem nada sobre lucro.

As duas linhas seguintes começam a mostrar que essa hipótese interpretativa não é verdadeira. Seus carros não estão submetidos à obsolescência crescente planejada pela indústria capitalista para que o consumo seja sempre maior: eles duram pelo menos vinte anos.

O texto em letras menores confirma essa última hipótese de leitura: os russos não sabem ganhar dinheiro, porque pensam que bom negócio é fabricar um carro moderno, confortável, resistente (com chapa de aço belga, que dura muito tempo e passa de um dono a outro, que suporta estradas não pavimentadas), com motor simples (em que qualquer mecânico mexe), que não dá manutenção.

Agora o sentido se apresenta em toda a plenitude e é contrário ao que as duas primeiras linhas, isoladas do contexto, davam a entender. Bom negócio, para o industrial capitalista, é fabricar um carro que não dure muito tempo e, por conseguinte, precise ser trocado. Daí decorre que o lucro, segundo o texto, é algo que se obtém à custa do consumidor, é fruto da ganância. O lucro é a mola do capitalismo. Já os russos, por não serem capitalistas, não visam ao lucro e fabricam, por isso, produtos de grande durabilidade. O lucro e, por extensão, o sistema que o produz são negativos para o consumidor, enquanto não entender de lucro é positivo para ele, pois não o submete à obsolescência planejada.

O texto é uma publicidade dos carros russos Lada, veiculada na época em que começaram a ser vendidos no Brasil. A estratégia de persuasão do texto é transformar o que sempre se considerou um ponto negativo da economia socialista em ponto positivo para o consumidor. A última frase conclama o comprador potencial a efetuar o negócio rapidamente, acenando com o perigo das transformações por que passa a Rússia. Transformando-se em economia submetida às chamadas leis do mercado, os russos aprenderão a ganhar dinheiro e, por conseguinte, o consumidor estará submetido à obsolescência planejada, não tendo mais bens bastante duráveis.

LIÇÃO 1 EXERCÍCIOS

O texto que segue é o capítulo LXVIII do livro *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis.

O VERGALHO

Tais eram as reflexões que eu vinha fazendo, por aquele Valongo fora, logo depois de ver e ajustar a casa. Interrompeu-mas um ajuntamento; era um preto que vergalhava outro na praça. O outro não se atrevia a fugir; gemia somente estas únicas palavras:

— “Não, perdão, meu senhor; meu senhor, perdão!” Mas o primeiro não fazia caso, e, a cada súplica, respondia com uma vergalhada nova.

— Toma, diabo! dizia ele; toma mais perdão, bêbado!

— Meu senhor! gemia o outro.

— Cala a boca, besta! replicava o vergalho.

Parei, olhei... Justos céus! Quem havia de ser o do vergalho? Nada menos que o meu moleque Prudêncio, — o que meu pai libertara alguns anos antes. Cheguei-me; ele deteve-se logo e pediu-me a

bênção; perguntei-lhe se aquele preto era escravo dele.

— É, sim, nhonhô.

— Fez-te alguma coisa?

— É um vadio e um bêbado muito grande. Ainda hoje deixei ele na quitanda, enquanto eu ia lá embaixo na cidade, e ele deixou a quitanda para ir na venda beber.

— Está bom, perdoa-lhe, disse eu.

— Pois não, nhonhô. Nhonhô manda, não pede. Entra para casa, bêbado!

Saí do grupo, que me olhava espantado e cochichava as suas conjeturas. Segui caminho, a desfiar uma infinidade de reflexões, que sinto haver inteiramente perdido; aliás, seria matéria para um bom capítulo, e talvez alegre. Eu gosto dos capítulos alegres; é o meu fraco. Exteriormente, era torvo o episódio do Valongo; mas só exteriormente. Logo que meti mais dentro a faca do raciocínio achei-lhe um miolo gaiato, fino, e até profundo. Era um modo que o Prudêncio tinha de se desfazer das pancadas recebidas, — transmitindo-as a outro. Eu, em criança, montava-o, punha-lhe um freio na boca, e desancava-o sem compaixão; ele gemia e sofria. Agora, porém, que era livre, dispunha de si mesmo, dos braços, das pernas, podia trabalhar, folgar, dormir, desagrilhoado da antiga condição, agora é que ele se desbancava: comprou um escravo, e ia-lhe pagando, com alto juro, as quantias que de mim recebera. Vejam as sutilezas do maroto!

Machado de Assis. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo, Ática, 1995. p. 100-1.

Ilustração de Portinari para o conto *O vergalho*.

QUESTÃO 1

Os dois personagens centrais dessa narrativa vêm indicados por duas designações iniciais: *um preto ... outro* (*"era um preto que vergalhava outro na praça"*). Como no interior de um texto, uma passagem explica outra, cada um desses personagens vem designado por outras palavras assim distribuídas ao longo do texto:

UM PRETO	OUTRO
meu senhor; meu senhor (linha 7)	**o outro (linha 5)**
o primeiro (linha 8)	**diabo (linha 11)**
ele (linha 11)	**bêbado (linha 12)**
meu senhor (linha 13)	**o outro (linha 13)**
o vergalho (linhas 14-5)	**besta (linha 14)**
o do vergalho (linha 17)	**aquele preto, escravo (linha 21)**
o meu moleque Prudêncio (linhas 17-8)	**vadio, bêbado (linha 24)**

o que meu pai libertara (linhas 18-9)	**ele (linha 25)**
ele (linha 19)	**ele (linha 26)**
lhe (linha 21)	**lhe (linha 28)**
dele (linha 21)	**bêbado (linha 30)**
te (linha 23)	**a outro (linha 43)**
o Prudêncio (linhas 41-2)	**um escravo (linha 50)**
o, lhe (linha 44)	**lhe (linha 51)**
o, ele (linha 45)	
de si mesmo (linha 47)	
ele, se (linha 50)	
do maroto (linhas 52-3)	

Como se pode notar, esses dois grupos de palavras servem para costurar entre si várias passagens do texto e também para o narrador ir construindo o perfil de cada uma das personagens. Na coluna 1, além dos pronomes (*ele*, *lhe*, *dele*, *te* etc.), que servem para evitar repetições enfadonhas e para indicar correlações entre passagens do texto, ocorrem palavras e expressões com que o narrador dá informações sobre Prudêncio e traduz o modo como este trata o outro preto.

a) Que informações importantes o narrador nos dá sobre Prudêncio?

b) Como define o modo de Prudêncio tratar o escravo que adquirira depois de libertado?

QUESTÃO 2

Na coluna 2, ao lado dos pronomes que se referem ao escravo que era açoitado, existem palavras que, de um lado, servem para confirmar o autoritarismo e a crueldade de Prudêncio, de outro, servem para indicar a imagem que Prudêncio fazia de seu escravo.

a) Cite algumas dessas palavras.

b) Qual é a imagem que criam do escravo segundo Prudêncio?

QUESTÃO 3

As palavras ou frases exclamativas servem para exprimir sentimentos de variados tipos: horror, espanto, desespero, raiva, medo etc.

No interior do texto (linha 16) ocorre a seguinte exclamação: *"Justos céus!"*

a) De que personagem procede esse grito?

b) Que tipo de sentimento exprime?

c) Que tipo de ocorrência provocou tal sentimento no narrador?

QUESTÃO 4

a) Quais são as palavras que o homem chicoteado usa para tratar o seu atual senhor?

b) Quais as que Prudêncio usa para se dirigir ao narrador? Qual o seu significado?

c) Considerando o grau de formalidade próprio de cada uma dessas expressões, quem é que demonstra menos intimidade no trato com o seu superior hierárquico?

QUESTÃO 5

Na sua opinião, o capítulo em questão mostra um narrador preocupado com a instituição escravagista ou apenas preocupado em revelar formas do comportamento humano?

QUESTÃO 6

O narrador diz que gosta dos capítulos alegres.

a) O capítulo em questão é alegre?

b) Fundamente sua resposta.

QUESTÃO 7

No diálogo entre Nhonhô e Prudêncio, a linguagem do ex-escravo é marcada por desvios da norma culta da língua, em contraste com a do seu ex-senhor, absolutamente ajustada às prescrições gramaticais: a colocação pronominal e a coerência no uso das pessoas do pronome e do verbo são índices disso (“*Fez-te*”; “*perdoa-lhe*”).

a) Cite, na fala de Prudêncio, alguns desvios da língua culta escrita.

b) Considerando que, num texto, todas as ocorrências contribuem com o sentido global, tente interpretar a função desses desvios da língua culta para a caracterização da personagem Prudêncio.

QUESTÃO 8

Levando em conta o texto na sua totalidade, podemos dizer que nele:

a) o narrador ironiza, com certo amargor, o procedimento do seu ex-escravo.

b) Prudêncio, a julgar por esse espetáculo, é tão severo com o seu escravo quanto com o seu ex-senhor.

c) o narrador apresenta plenas justificativas para o mau comportamento do seu ex-escravo.

d) o narrador tenta explicar os motivos que levam um homem a odiar outro.

e) o narrador se mostra surpreso com a reação do homem chicoteado perante as vergalhadas de seu senhor.

QUESTÃO 9 (VUNESP)

A maior injustiça que eu ainda vi desenfreada e às soltas na face da terra foi a que prendeu os senhores Almeida e Manuel Caetano, a propósito de uma tentativa de roubo ao senhor Lobo da Reboleira.

Vinham aqueles inofensivos cidadãos pelo seu caminho, mansos e quietos, e desprendidos de cobiça. Passaram à porta do capitalista no momento em que o senhor Lobo escorregava nas escadas íngremes e oleosas de sua casa, gritando que andavam ratoneiros lá dentro. O senhor Almeida, quando tal ouviu, receou que o tomassem por um dos salteadores, e estugou o passo. O senhor Manuel Caetano, menos amedrontado das suspeitas, mas temeroso de ser chamado como testemunha, fugiu também. Os vizinhos do senhor Lobo, vendo fugirem dois homens, e ouvindo os gritos da criada do milionário, correram atrás deles, e, auxiliados pela guarda do Banco, apanharam-nos. São o queixoso e sua criada, convidados a reconhecer os ladrões, e não os conhecem. São chamados os vizinhos, que os perseguiram, e asseveram a

identidade das pessoas.

Aqui está a história contada pelos presos, únicos, a meu ver, que a podem contar como ela foi. Mas haverá de oito meses que estão esperando que os julguem. Tomou cargo de defesa Marcelino de Matos.

Se o júri provar a inocência destes dois homens, qual é o artigo da lei que impõe no ministério público o sacratíssimo dever de os indenizar?

Camilo Castelo Branco. *Memórias do cárcere*. Lisboa, A. M. Pereira, 1966. v. 2, p. 120-1.

No excerto que lhe apresentamos, há pelo menos duas palavras que não são comuns no português coloquial brasileiro: *ratoneiro* e *estugar*. O contexto, no entanto, permite entender o que significam.

Releia o texto de Camilo, e a seguir indique:

a) o sentido das duas palavras;

b) os elementos contextuais que permitem entender tal sentido.

QUESTÃO 10 (FUVEST)

Aquela senhora tem um piano

Que é agradável mas não é o correr dos rios

Nem o murmúrio que as árvores fazem...

Por que é preciso ter um piano?

O melhor é ter ouvidos

E amar a natureza.

Alberto Caeiro (heterônimo de Fernando Pessoa).

Que simboliza o piano no poema?

PROPOSTAS DE REDAÇÃO

1) No capítulo XI de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, o narrador, falando de sua infância, confessa-se um "*menino diabo*", teimoso e birrento. Entre algumas de suas crueldades faz alusão a esta, que diz respeito ao modo como tratava o seu então escravo Prudêncio:

(...) Prudêncio, um moleque de casa, era o meu cavalo de todos os dias; punha as mãos no chão, recebia um cordel nos queixos, à guisa de freio, eu trepava-lhe ao dorso, com uma varinha na mão, fustigava-o, dava mil voltas a um e outro lado, e ele obedecia, — algumas vezes gemendo — mas obedecia sem dizer palavra, ou, quando muito, um — "ai, nhonhô!" — ao que eu retorquia: — "Cala a boca, besta!"

Machado de Assis, op. cit., p. 32-3.

No capítulo LXVIII, o mesmo narrador observa que, ao deixar o grupo, este o olhava espantado e cochichava as suas conjeturas, isto é, fazia suposições sobre a cena que acabava de presenciar.

Suponha que, entre as pessoas que cochichavam, havia uma que soubesse do passado de Prudêncio. Ela ouviu calada as suposições e comentários do grupo e, depois de um certo tempo, resolveu contar o que sabia.

Conforme se viu, num texto, o significado de uma passagem depende de informações contidas em passagens anteriores.

Redija um texto, expondo os comentários que os integrantes do grupo faziam:

a) antes de terem informações sobre o passado de Prudêncio;

b) depois de saberem que ele repetia ali, com seu atual escravo, as mesmas crueldades que seu ex-senhor fazia com ele.

2)

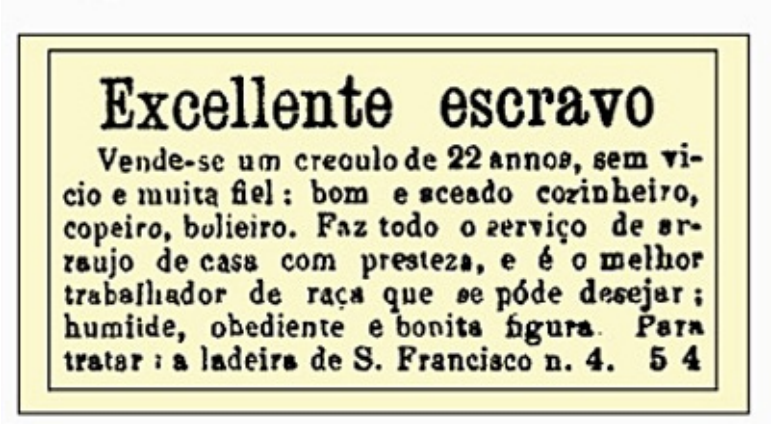

Excellente escravo

Vende-se um creoulo de 22 annos, sem vicio e muita fiel: bom e aceado cozinheiro, copeiro, bolieiro. Faz todo o serviço de arranjo de casa com presteza, e é o melhor trabalhador de raça que se póde desejar; humilde, obediente e bonita figura. Para tratar: a ladeira de S. Francisco n. 4. 5 4

EXCELLENTE ESCRAVO

Vende-se um creoulo de 22 annos, sem vicio e muita fiel: bom e aceado cozinheiro, copeiro, bolieiro. Faz todo o serviço de arranjo de casa com presteza, e é o melhor trabalhador de raça que se póde desejar; humilde, obediente e bonita figura. Para tratar na ladeira de S. Francisco n. 4. 54

100 anos de Propaganda. São Paulo, Abril Cultural, 1980. p. 5.

Este anúncio é verídico e foi transcrito do jornal *A Província de São Paulo* — antigo nome do atual *O Estado de S. Paulo* — do dia 21 de dezembro de 1878. *Memórias póstumas de Brás Cubas* veio à luz no ano de 1881, data bem próxima à da publicação do anúncio. Essa coincidência serve para revelar que todo texto, mesmo o de ficção, reflete temas do contexto histórico em que é produzido.

Imagine-se no tempo em que o texto de Machado de Assis e o anúncio do jornal foram escritos. Levando em conta os dados sugeridos por eles, escreva uma narração supondo a seguinte situação:

O *"Excellente escravo"* do anúncio foi comprado por uma viúva com cinco herdeiros ambiciosos, dona de muitos bens e cheia de particularidades a esconder.

LIÇÃO 2

Todo texto é produto de uma criação coletiva: a voz do seu produtor se manifesta ao lado de um coro de outras vozes que já trataram do mesmo tema e com as quais se põe em acordo ou desacordo.

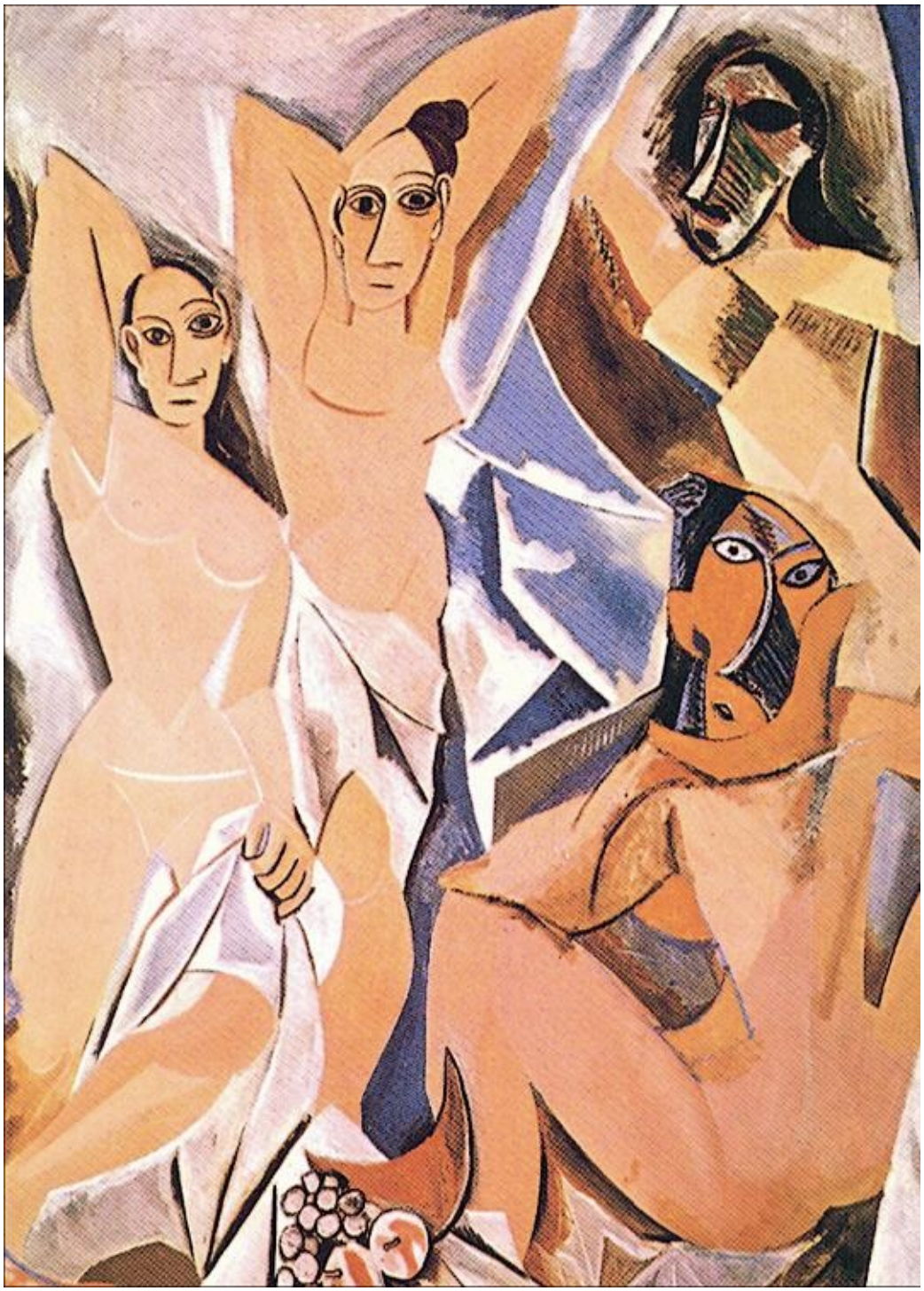

Neste, que é considerado o quadro mais representativo da pintura moderna, pode ser observada a convivência de diversas “vozes”. Nas duas moças à esquerda, quem fala ainda é a pintura de herança renascentista, na qual se observa uma certa harmonia de traços. Já nas duas moças à direita, está evidente a influência das máscaras africanas, que Picasso havia conhecido pouco tempo antes, e que viriam a influenciar decisivamente sua maneira de pintar.

Les Demoiselles d’Avignon, pintura de Pablo Picasso, de 1907(fragmento).

LIÇÃO 2

VOZES PRESENTES NO TEXTO

Leia o texto abaixo, a estrofe 94 do canto IV de *Os lusíadas*, de Camões:

Oh glória de mandar! Oh vã cobiça
Desta vaidade, a quem chamamos fama!
Oh fraudulento gosto, que se atiça
Com uma aura popular, que honra se chama!
Que castigo tamanho, e que justiça
Fazes no peito vão que muito te ama!
Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldades neles experimentas!

Camões. *Os lusíadas*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1931. IV, 94.

Camões retratado por Gustave Doré, em gravura do século XVIII.

estrofe acima pertence ao canto IV de *Os lusíadas* e faz parte do célebre episódio intitulado “O velho do

A Restelo". Nele, narra-se que, estando a armada portuguesa para partir em busca do caminho das Índias, num clima de festa, com os soldados vestidos de várias cores, com os estandartes tremulando ao vento, toma a palavra um velho de aspecto venerando, que estava na praia, entre as pessoas que assistiam à partida. Esse velho, descontente com o empreendimento português de *buscar do mundo novas partes*, põe-se contra ele, destruindo ponto por ponto os ideais que levaram à epopeia das grandes navegações. Começa por desmistificar o ideal da fama, dizendo que ela nada mais é que vontade de poder, que é uma fraude com que os poderosos atiçam as massas para fazê-las apoiar sua política expansionista. *Chamam-te Fama e Glória soberana, / Nomes com que se o povo néscio engana* (id., ibid., IV, 96). Esse desejo de mandar só produz danos. O velho vai, então, mostrar que o projeto ultramarino será um desastre para a sociedade portuguesa, ocasionando o despovoamento e o enfraquecimento do país, já que os homens válidos estarão mortos ou em outras terras e, em Portugal, estarão os velhos, as mulheres, os órfãos. Para ele, a empresa navegadora produzirá somente pobreza, adultério, desamparo. Execra ainda os chamados heróis civilizadores, aqueles que fizeram progredir a sociedade humana: por exemplo, Prometeu, que roubou o fogo do céu e o deu aos homens, Dédalo, grande arquiteto que fabricou para seu filho Ícaro umas asas, presas com cera aos ombros, com cujo auxílio pretendeu voar. Considera todo progresso material e todo avanço técnico intrinsecamente maus, porque ocasionam a ruína de seus empreendedores.

O discurso do velho do Restelo está em oposição a certas concepções dominantes na sociedade portuguesa da época dos grandes descobrimentos, expressas pelo discurso de exaltação da empresa navegadora posta em marcha pela Coroa lusitana. Neste, celebra-se a glória da epopeia portuguesa das grandes navegações, o esplendor de Portugal, a fama dos heróis lusitanos. Nele, justifica-se esse empreendimento como um meio de propagar a fé cristã entre os infiéis e de aumentar o Império, isto é, o território português. É esse o discurso que aparece nas três primeiras estrofes do canto I de *Os lusíadas*:

Vista do porto de Lisboa em pintura do século XVIII.

As armas e os barões assinalados,
Que da ocidental praia Lusitana,
Por mares nunca dantes navegados,
Passaram ainda além da Taprobana:
Em perigos e guerras esforçados,
Mais do que prometia a força humana;

Entre gente remota edificaram
Novo reino, que tanto sublimaram:
E também as memórias gloriosas
Daqueles Reis, que foram dilatando
A Fé, o Império; e as terras viciosas
De África, e de Ásia andaram devastando;
E aqueles que por obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando;
Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e a arte.
Cessem do sábio Grego, e do Troiano
As navegações grandes que fizeram,
Cale-se de Alexandre e de Trajano
A fama das vitórias que tiveram:
Que eu canto o peito ilustre Lusitano,
A quem Netuno e Marte obedeceram:
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta.

Camões, op. cit., I, 1-3.

O discurso do velho do Restelo constitui-se em oposição a esse ponto de vista que exalta a expansão colonial portuguesa. Procura desmascarar esse discurso que fala de altos ideais, mostrando que tudo não passa de desejo de mando, que trará consequências funestas e não coisas boas para Portugal. Ao ler o que diz o velho, vê-se que havia diferentes perspectivas na sociedade sobre a aventura ultramarina portuguesa e que elas estavam em relação polêmica umas com as outras.

Esse exemplo mostra uma propriedade fundamental da linguagem: a heterogeneidade constitutiva. Os textos têm a propriedade intrínseca de se constituir a partir de outros textos. Por isso, todos eles são atravessados, ocupados, habitados pelo discurso do outro. Por conseguinte, a linguagem é fundamentalmente, constitutivamente heterogênea. Um texto remete a duas concepções diferentes: aquela que ele defende e aquela em oposição à qual ele se constrói. Nele, ressoam duas vozes, dois pontos de vista. Sob as palavras de um discurso, há outras palavras, outro discurso, outro ponto de vista social. Para constituir sua concepção sobre um dado tema, o falante leva sempre em conta a de outro, que, de certa forma, está, pois, também presente no discurso construído.

Essa heterogeneidade, isto é, esses dois pontos de vista, não está marcada no fio do discurso, as duas perspectivas em oposição não estão mostradas no interior do texto. Na passagem que contém o ponto de vista do velho do Restelo sobre a expansão colonial portuguesa, por exemplo, ele não diz que está em desacordo com o discurso de sua exaltação. No entanto, nossa memória discursiva leva-nos a perceber que ele se constrói nessa relação polêmica. Lemos, no início de *Os lusíadas*, o discurso de glorificação dos grandes descobrimentos e, quando chegamos ao trecho que considera as descobertas um empreendimento funesto, verificamos que um se opõe ao outro. Quando lemos um texto a favor da

abolição da escravatura, percebemos que ele só pode ter surgido numa formação social em que há discursos a favor da escravatura; um discurso antirracista só pode constituir-se numa sociedade em que existe um discurso racista; um discurso feminista só pode ser gerado num tempo em que existe um discurso machista.

Esses pontos de vista são sociais, são as posições divergentes que se es-tabelecem numa dada sociedade sobre uma determinada questão. Como uma sociedade é sempre dividida em grupos sociais com interesses divergentes, não há uma perspectiva única sobre uma dada questão. Os indivíduos, em seus textos, defendem uma ou outra posição gerada no interior da sociedade em que vivem. O discurso é sempre a arena em que lutam esses pontos de vista em oposição. Um deles pode ser dominante, isto é, pode contar com a adesão de um número maior de pessoas. Isso, no entanto, não elimina o fato de que concepções contrárias se articulam sobre o mesmo assunto. Um discurso é sempre, pois, a materialização de uma maneira social de considerar uma questão.

Ao longo da história de uma sociedade, estabelecem-se esses pontos de vista contraditórios. Por isso, os discursos estão em relação polêmica uns com os outros. Nesse sentido, todo discurso é histórico. Num texto, está o outro em oposição ao qual, num dado momento, ele se constituiu. A historicidade de um texto é estudada analisando-se essa relação polêmica em que ele se construiu.

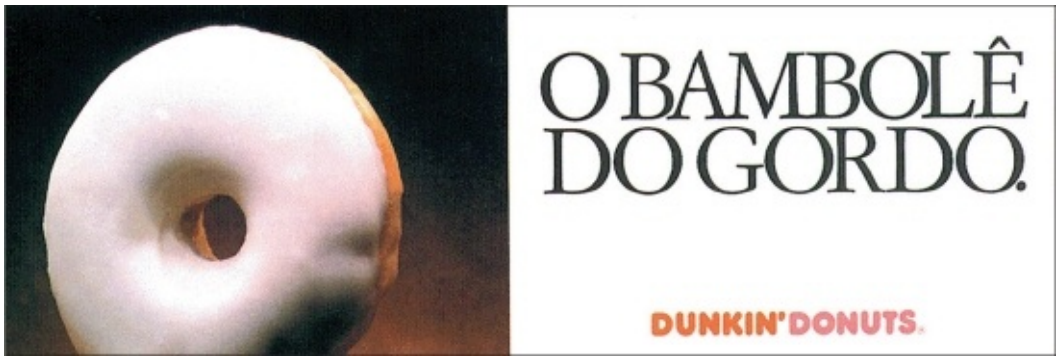

Anúncio criado pela agência DM9, em 1993.

Este anúncio de um fabricante de doces só pode ser compreendido a partir de sua oposição ao discurso da preservação da boa forma física por meio de exercícios constantes e hábitos alimentares saudáveis. Satirizando esse tipo de concepção, o anúncio convida o público a entregar-se ao prazer de uma guloseima.

TEXTO COMENTADO

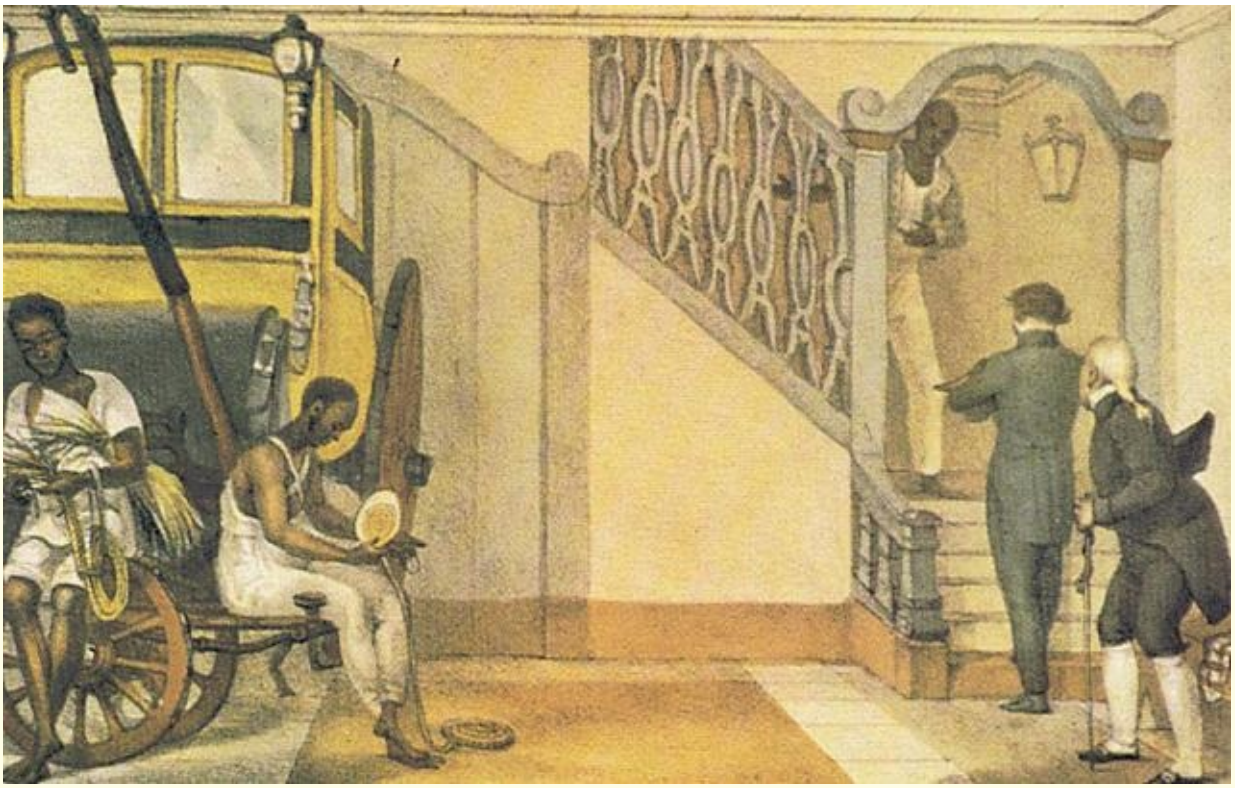

Aquarela de Debret, do século XIX, representandoo interior de uma casa abastada brasileira. *Acervo dos Museus Castro Maya, Rio de Janeiro*.

O texto que segue é um fragmento do sermão do quinto domingo da Quaresma, de Vieira.

Como estamos na corte, onde das casas dos pequenos não se faz caso, nem têm nome de casas, busquemos esta fé em alguma casa grande e dos grandes. Deus me guie.

O escudo desta portada em um quartel tem as quinas, em outro as lises, em outro as águias, leões e castelos; sem dúvida este deve ser o palácio em que mora a fé cristã, católica e cristianíssima. Entremos e vamos examinando o que virmos, parte por parte. Primeiro que tudo vejo cavalos, liteiras e coches; vejo criados de diversos calibres, uns com libré, outros sem ela; vejo galas, vejo joias, vejo baixelas; as paredes vejo-as cobertas de ricos tapizes; das janelas vejo ao perto jardins, e ao longe quintas; enfim, vejo todo o palácio e também o oratório; mas não vejo a fé. E por que não aparece a fé nesta casa? Eu o direi ao dono dela. Se os vossos cavalos comem à custa do lavrador, e os freios que mastigam, as ferraduras que pisam e as rodas e o coche que arrastam são dos pobres oficiais, que andam arrastados sem poder cobrar um real, como se há de ver a fé na vossa cavalariça? Se o que vestem os lacaios e os pajens, e os socorros do outro exército doméstico masculino e feminino depende do mercador que vos assiste, e no princípio do ano lhe pagais com esperanças e no fim com desesperações, a risco de quebrar, como se há de ver a fé na vossa família? Se as galas, as joias e as baixelas, ou no Reino, ou fora dele, foram adquiridas com tanta injustiça ou crueldade, que o ouro e a prata derretidos, e as sedas se se espremeram, haviam de verter sangue, como se há de ver a fé nessa falsa riqueza? Se as vossas paredes estão vestidas de preciosas tapeçarias, e os miseráveis a quem despistes para as vestir a elas, estão nus ou morrendo de frio, como se há de ver a fé, nem pintada nas vossas paredes? Se a Primavera está rindo nos jardins e nas quintas, e as fontes estão nos olhos da triste viúva e órfãos, a quem nem por obrigação, nem por esmola satisfazeis, ou agradeceis o que seus pais vos serviram, como se há de ver a fé nessas flores e alamedas? Se as pedras da mesma casa em que viveis, desde os telhados até os alicerces estão chovendo os suores dos jornaleiros, a quem não fazíeis a féria, e, se queriam ir buscar a vida a outra parte, os prendíeis e obrigáveis por força, como se há de ver a fé, nem sombra dela na vossa casa?

Antônio Vieira. *Sermões*. Porto, Lello, 1959. v. 2, t. 4, p. 203-4.

Antes de começar o comentário, vejamos algumas informações sobre certos termos de heráldica[1] que aparecem no texto:

quartel: cada uma das quatro partes em que se divide um escudo;

escudo: brasão de nobreza;

águia: figura estilizada dessa ave presente num brasão;

castelo: figura, em escudo, que representa uma fortaleza;

lis/lises: figura, em escudo, do lírio.

quina: cada um dos cinco pequenos escudos que figuram nas armas de Portugal e cuja origem está na primeira bandeira portuguesa, a das quinas, adotada por Dom Afonso Henriques, primeiro rei de Portugal; essa bandeira era branca com cinco escudetos, que, segundo a lenda, simbolizavam os cinco reis mouros destroçados por Dom Afonso Henriques na batalha de Ourique, em 1139, que marca, de acordo com a tradição, a fundação do reino de Portugal, pois Dom Afonso Henriques teria sido aclamado rei no próprio campo de batalha; pode-se dizer que, posteriormente, as quinas presentes nas armas portuguesas passaram a representar a fundação de Portugal.

Nesse texto, Vieira está falando do que é a fé e resolve mostrá-la no palácio (*alguma casa grande*) de um nobre (*dos grandes*). Simula ele estar entrando, juntamente com os ouvintes por ele convidados, em um palácio de fidalgos muito ricos cujo escudo no alto da grande porta de entrada (*portada*) mostra os signos heráldicos (quinas, lises, águias, leões e castelos) da *fé cristã, católica e cristianíssima* da família. Vai, então, mostrando, de um lado, as riquezas da casa, os objetos de luxo, os cavalos e coches, a multidão de criados, as belezas dos jardins e das quintas etc.; de outro, os seres humanos explorados para que essa riqueza possa existir: os pequenos proprietários de terra, a quem não se paga o que os cavalos comem; os artesãos, a quem não se pagam os objetos (freios, ferraduras, rodas e coches) que fizeram; os mercadores, a quem não se pagam as mercadorias que forneceram; os criados, a quem não se pagam os salários; os diaristas (*jornaleiros*), a quem não se paga *a féria* (a diária); as viúvas e os órfãos de criados, a quem se deixa no abandono.

Vieira mostra, então, que não pode haver fé sem que se leve uma vida em conformidade com ela, ou seja, deixa claro que não há fé sem as obras correspondentes. Ora, a fé cristã, segundo o pregador, implica a justiça com os que trabalham, implica que o trabalho seja remunerado, que a riqueza não se construa sobre a exploração do outro. O sermão de Vieira constitui-se em oposição ao discurso feudal, que defendia os privilégios da nobreza e as relações servis de trabalho, em que os servos tinham obrigação de prestar serviços ao senhor e não podiam mudar de trabalho, mas estavam presos a uma propriedade (... *se queriam ir buscar a vida a outra parte, os prendíeis e obrigáveis por força*). Em oposição ao discurso que defendia os privilégios da nobreza, dados por seu nascimento, Vieira tem o ponto de vista da sociedade mercantil, que valoriza o trabalho dos operários e dos burgueses (mercadores etc.), que condena as relações servis de trabalho e defende o assalariamento, em que o operário tem a liberdade de fazer contrato de trabalho com quem quiser, que preconiza que o valor de cada homem não é dado por seu nascimento, mas por sua ação no mundo. Condena vivamente os que dizem ter fé mas não praticam as obras correspondentes. Para ele, a fé sem as obras não existe. O sermão de Vieira faz parte do discurso jesuítico, que pregava que o ser humano se define por sua ação no mundo. Opõe-se ao discurso jansenista, segundo o qual a fé basta para salvar o homem, mesmo que desacompanhada das obras. O discurso religioso de Vieira manifesta uma voz ativista e pragmática, que

se constitui numa relação polêmica com o que foi chamado quietismo, que sustenta que a perfeição consiste na anulação da vontade, na indiferença total em relação aos acontecimentos e na união contemplativa com Deus. Num outro sermão, o do terceiro domingo do Advento, Vieira explicita ainda mais esse ponto de vista pragmático:

> Cada um é suas ações, e não é outra cousa. Oh que grande doutrina esta para o lugar em que estamos! Quando vos perguntarem quem sois, não vades revolver o nobiliário de vossos avós, ide ver a matrícula de vossas ações. O que fazeis, isso sois, nada mais. Quando ao Batista lhe perguntaram quem era não disse que se chamava João, nem que era filho de Zacarias; não se definiu pelos pais, nem pelo apelido. Só de suas ações formou a sua definição: *Ego vox clamantis* (Eu sou a voz que clama).
>
> A. Vieira, op. cit., v. 1, t. 1, p. 212.

LIÇÃO 2 EXERCÍCIOS

O texto que vem a seguir é uma montagem feita pelos autores, a partir de fragmentos de uma reportagem de Wagner Carelli, publicada pela revista *Carta Capital* (*15* :12-25, out. 1995).

Sob o título "Pequeno Tratado do Malcriado Brasileiro", o jornalista expõe e comenta o comportamento social de um tipo de brasileiro pertencente à elite econômica do país. Foi sobre essa forma de comportamento que o pesquisador americano Michel Lind elaborou uma tese acadêmica, editada em livro sob o título de *The Next American Nation* (traduzindo literalmente, "A próxima nação americana"). Nessa obra, o autor cria o neologismo *"brasilianização"* para designar um fenômeno social que se originou e se implantou no Brasil, e que constitui, segundo ele, a maior ameaça para a sociedade norte-americana do século XXI.

Para destacar com nitidez os diferentes fragmentos extraídos da reportagem, cada um deles vem precedido de um número romano que não consta no texto original.

I. Marcos G., publicitário bem-sucedido, rico, 38 anos, deu uma *mountain bike* importada — preço por volta de seus R$500,00 — para o filho Bruno G., 9 anos. Era um presente de aniversário. Marcos e família moram em Alphaville, um condomínio da alta classe média da região periférica de São Paulo, concebido dentro dos padrões dos melhores subúrbios americanos; aí, as bicicletas das crianças costumam corresponder em estilo, origem e preço aos carros dos pais. Passada uma semana do aniversário, Marcos notou que o filho brincava a pé. Perguntou pelo presente, e o menino desconversou. Confessou depois muito embaraçado que a bicicleta fora, ahn, expropriada por Pedro A. C., 10 anos, filho do bem-sucedido empresário da construção civil Carlos Alberto C., rico, por volta dos 40, 42 anos, morador daquela casa enorme na quadra de cima. Marcos bateu à casa de Carlos Alberto. O próprio Carlos Alberto atendeu. "Vim buscar a bicicleta do Bruno, que o Pedro tomou emprestada", disse Marcos. Carlos Alberto não gostou: "Me diz o preço dessa m... aí que eu pago". Marcos disse que a bicicleta não estava à venda, entrou para pegá-la, e voltou para casa.

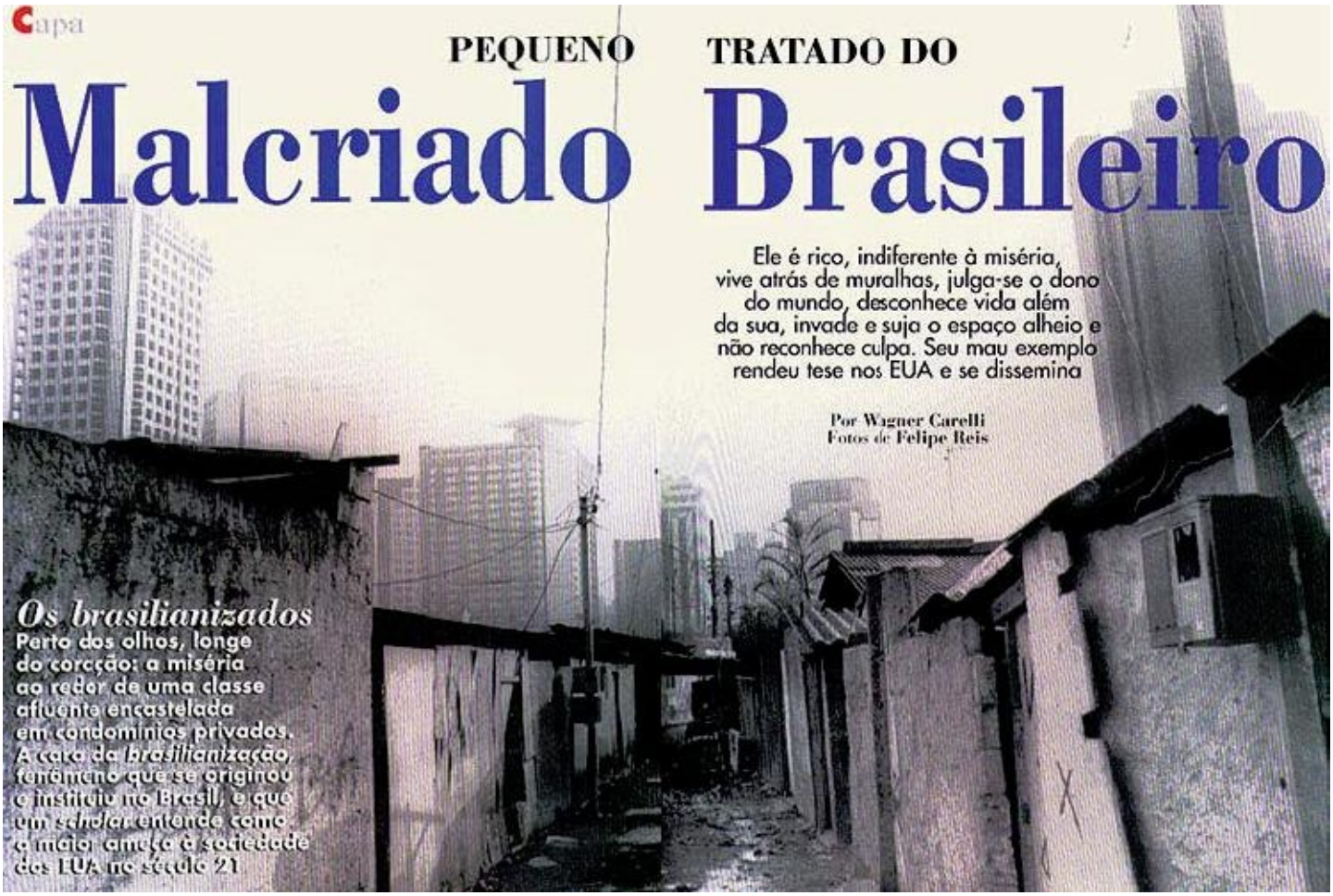

II. Alphaville é apenas um dos enclaves sociais de elite que se disseminam pelas grandes cidades brasileiras, espécies de guetos às avessas, que variam nas características e concordam no propósito. No gueto chique do Morumbi, na Zona Sul de São Paulo, por exemplo, o afastamento é determinado por lombadas e cancelas — uma das formações defensivas mais comuns aos bairros nobres das capitais do país. Com um acintoso agravante: aí o espaço de defesa é tomado à cidade. Em dezenas de ruas públicas e centrais do bairro, lombadas a cada cem metros e cancelas às extremidades, operadas por guardas armados, lembram ao caminhante eventual — caso lhe deem passagem — que trafega em propriedade alheia. As ruas foram *expropriadas* à comunidade, como a bicicleta do menino em Alphaville, para o erguimento da paliçada. O chamado fosso social nunca foi tão explícito.

III. O fenômeno chegou a ser observado além-fronteiras e nos Estados Unidos mereceu a tese de um *scholar*, Michael Lind, editor de influente publicação americana, o *The New Republic*. Aí ganhou caráter de perigosa tendência social e um nome: em seu livro *The Next American Nation*, ainda sem edição brasileira, Lind chama o processo de entrincheiramento das elites de *brasilianização*. Ele cunhou o termo para explicar "a crescente retirada das classes superiores para trás das barricadas de uma própria nação dentro da nação, um mundo de bairros privados, escolas privadas, polícia privada, saúde privada e até mesmo ruas privadas, muradas contra a miséria ao redor".

Lind refere-se às evidências ainda escassas — que considera ameaçadoras — da tendência nos Estados Unidos, mas reconhece no Brasil sua origem e sua forma instituída.

IV. Sob a rubrica desse egoísmo terminal — que não apenas usa o outro, mas o elimina — é possível sistematizar e catalogar um rol de atitudes típicas, até então aparentemente desconectadas. O caso do lixo, por exemplo: na cabine do sempre limpíssimo carro — importado, nacional, velho ou novo, o carro é alma da célula *brasilianizada* — o lixo não fica; fora, pode ficar, já que o lado de fora, viu-se, é um lugar que não existe. Abre-se a porta do elevador e o malcriado, único desenvolvido no país, não espera

que as pessoas saiam lá de dentro: ele caminha diretamente rumo ao fundo do elevador, como se entre almas. O sinal fecha, o motorista mais malcriado em todo o mundo interrompe o cruzamento do tráfego transversal; fora da sua própria cabine em movimento não há tráfego: esse indivíduo que não acredita em vida além da sua produz 50 mil mortes, anualmente, quase a metade em atropelamentos.

QUESTÃO 1

No trecho I, há uma passagem que ilustra exemplarmente a expressão "Malcriado Brasileiro", que consta do título da reportagem.

a) Transcreva essa passagem.

b) Que indicadores de má-criação estão presentes nessa passagem?

c) Opondo-se a esse discurso do "brasileiro malcriado", circula, dentro da nossa cultura, um outro discurso que serve para demonstrar que, por trás do ponto de vista defendido por um, existe um ponto de vista contrário, mesmo que não venha explícito.

Qual é o discurso que afirma um ponto de vista oposto ao que vem explícito no trecho I?

QUESTÃO 2

Há uma concepção segundo a qual a riqueza é fruto da injustiça e, por isso, não deve ser motivo de exibicionismo mas de culpa por parte de quem a possui. É o que diz este pensamento de Montesquieu: *"As riquezas são uma injustiça que se deve reparar, e poder-se-ia dizer: 'Desculpem-me, se sou rico'"*.

Meus pensamentos. Apud RÓNAI, Paulo. *Dicionário universal Nova Fronteira de citações*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985. p. 852.

a) Ainda no trecho I, há uma passagem que se opõe frontalmente a esse ponto de vista. Transcreva-a.

b) Explique a sua resposta.

QUESTÃO 3

O trecho que vem a seguir, retirado da revista *Veja*, é exemplar para demonstrar a heterogeneidade de vozes (pontos de vista) presentes no discurso:

Patrões de um lado, empregados de outro. Os primeiros sobem e descem pelo elevador social. No de serviço, com sacos de lixo e carrinhos de compras, vão as empregadas domésticas, os motoristas e os entregadores de pizza. Essa divisão já é considerada contravenção em São Paulo. É o que garante o projeto de lei elaborado pela vereadora Aldaíza Sposati (PT) e sancionado pelo prefeito Paulo Maluf. A partir de agora, quem impedir a empregada de usar o elevador social ou obrigar a manicure a subir pelo de serviço poderá pagar uma multa de 1185 reais.

Revista *Veja*, :39, 24 jan. 1996.

Como se vê, numa sociedade complexa, uma questão posta em debate gera opiniões divergentes, variando de grupo para grupo.

No texto de *Veja*, estão explícitos dois pontos de vista opostos sobre uma única questão:

a) Quais são esses pontos de vista?

b) Qual desses pontos de vista corresponde ao do "brasileiro malcriado"? Explique por quê.

c) No trecho II, o autor da reportagem da revista *Carta* faz um relato sobre "O gueto chique do Morumbi". O que vem relatado aí opõe-se a qual dos pontos de vista explícitos no trecho da revista *Veja*? Explique sua resposta e transcreva uma passagem que sirva para ilustrá-la.

QUESTÃO 4

Observe a citação que segue, um fragmento do livro *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda:

[...] daremos ao mundo o "homem cordial". A lhaneza no trato, a hospitalidade, a generosidade [...] representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro...

Sérgio Buarque de Holanda. *Raízes do Brasil*. 5. ed., rev. Rio de Janeiro, José Olympio,1969. p. 106.

No trecho III, o termo *brasilianização* confirma ou nega o conteúdo da citação acima? Por quê?

QUESTÃO 5

No discurso do homem que se chama de civilizado, a palavra *urbanidade* designa a qualidade própria da pessoa bem-educada, polida, que age com decência. O termo *rústico*, por oposição, indica qualidade de quem é grosseiro, rude, malcriado. Trata-se de palavras carregadas de preconceito social, já que, segundo a origem latina, *urbanidade* é a qualidade de quem vive na cidade (*urbs* em latim = cidade); *rústico* é próprio de quem vive no campo (*rus* em latim = campo, região agrária, espaço rural).

a) Levando em conta esses dados, os relatos contidos no trecho IV se opõem ou se ajustam ao conceito de urbanidade do discurso do homem que se diz civilizado?

b) Dentro do discurso do homem urbanizado, a boa educação se caracteriza por certas atitudes como: polidez (= delicadeza, cortesia); altruísmo (o oposto do egoísmo, consideração e respeito pelo outro); a compaixão (= sentimento humanitário, preocupação com o bem-estar do próximo, aflição com a dor alheia).

Transcreva, do trecho IV, atitudes que contrariam: a polidez; o altruísmo; a compaixão.

QUESTÃO 6

Da leitura dos quatro trechos, pode-se concluir que:

a) o autor da reportagem dá mostras claras de que se opõe ao ponto de vista daqueles que defendem o discurso favorável ao fenômeno da "brasilianização".

b) o autor da reportagem se opõe ao ponto de vista de Michael Lind sobre o discurso da "brasilianização", considerando que não se trata de um fenômeno exclusivo do Brasil e, por isso, o autor americano é injusto para com os brasileiros.

c) entre o ponto de vista do autor da reporta-gem e o do intelectual americano Michael Lind não há nenhuma oposição já que ambos consideram a "brasilianização" como uma ameaça futura para o Brasil e para os Estados Unidos.

d) o autor da reportagem faz questão de repetir muitas vezes o fato de que, ao lado do brasileiro malcriado, existe um outro tipo de brasileiro cordial, afável e generoso.

e) o texto todo da reportagem adverte que nos Estados Unidos o fenômeno da "brasilianização" é mais disseminado do que no Brasil e, por isso, não há razão para designar tal conduta social com um nome que

ofende o nosso sentimento de nacionalidade.

PROPOSTAS DE REDAÇÃO

1) O discurso publicitário procura adaptar-se integralmente ao ponto de vista (à visão de mundo) do consumidor que ele pretende seduzir para comprar determinado produto.

Na propaganda abaixo, por exemplo, o texto diz que o carro Peugeot 106 é perfeitamente ajustado a um tipo de consumidor cujo ideal de felicidade vem expresso num discurso em que a sensação de prazer é produzida por satisfações de natureza exclusivamente individual.

Revista *Veja*, *34* :24-5, 23 ago. 1995.

Não há, nesse discurso, nenhuma preocupação com os problemas do homem, da sociedade e do mundo. Para usar uma expressão da gíria popular, o Peugeot 106 é para um consumidor “cuca fresca”.

Como todo tipo de discurso, esse também se opõe a um outro tipo que defende pontos de vista diferentes. É o caso do que diz o filósofo Bertrand Russell no Prólogo de sua autobiografia: Três paixões, simples, mas irresistivelmente fortes, governaram-me a vida: o anseio do amor, a busca do conhecimento e a dolorosa piedade pelo sofrimento da humanidade.

Autobiografia de Bertrand Russell, 1872-1914. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1967. v. 1, p. 1.

Procure redigir um pequeno texto semelhante ao da publicidade acima, revelando outro tipo de discurso, que seja, como o de Bertrand Russell, oposto ao que vem nela exposto.

2) Os exames vestibulares, nas provas de redação, têm explorado largamente a característica da diversidade de vozes presentes no discurso, sugerindo para discussão textos que se opõem entre si. É o caso da proposta de redação que vem a seguir, extraída de um vestibular da Fuvest.

• Leia atentamente os textos dados, procurando identificar a questão neles tratada.

• ESCREVA UMA DISSERTAÇÃO EM PROSA, relacionando os dois textos e expondo argumentos que sustentam seu próprio ponto de vista.

TEXTO 1

Entre os Maoris, um povo polinésio, existe uma dança destinada a proteger as sementeiras de batatas, que quando novas são muito vulneráveis aos ventos do leste: as mulheres executam a dança, entre os batatais, simulando com o movimento dos corpos o vento, a chuva, o desenvolvimento e o florescimento do batatal, sendo esta dança acompanhada de uma canção que é um apelo para que o batatal siga o exemplo do bailado. As mulheres interpretam em fantasia a realização prática de um desejo. É nisto que consiste a magia: uma técnica ilusória destinada a suplementar a técnica real. Mas essa técnica ilusória não é vã. A dança não pode exercer qualquer efeito direto sobre as batatas, mas pode ter (como de fato tem) um efeito apreciável sobre as mulheres. Inspiradas pela convicção de que a dança protege a colheita, entregam-se ao trabalho com mais confiança e mais energia. E, deste modo, a dança acaba, afinal, por ter um efeito sobre a colheita.

George Thomson

TEXTO 2

A ciência livra-nos do medo, combatendo com respostas objetivas esse veneno subjetivo. Com um bom para-raios, quem em casa teme as tempestades? Todo ritual mítico está condenado a desaparecer; a função dos mitos se estreita a cada invenção, e todo vazio em que o pensamento má-gico imperava está sendo preenchido pelo efeito de uma operação racional. Quanto à arte, continuará a fazer o que pode: entreter o homem nas pausas do seu trabalho, desembaraçada agora de qualquer outra missão, que não mais é preciso lhes atribuir.

Hercule Granville

1 heráldica: estudo dos brasões de nobreza ou escudos.

LIÇÃO 3

Há diferentes formas de mostrar a presença das múltiplas vozes num texto: deixá-las implícitas, por conta da memória do leitor, ou trazê-las para a cena, demarcando explicitamente seu lugar e seu limite.

As histórias em quadrinhos usam com frequência o discurso direto. Nessa linguagem, a fala de cada personagem é associada diretamente à sua imagem. Isso permite ao leitor apreender com facilidade as vozes mostradas no texto.

Os vizinhos, quadrinho de Laerte (fragmento).

LIÇÃO 3

VOZES MOSTRADAS E DEMARCADAS NO TEXTO

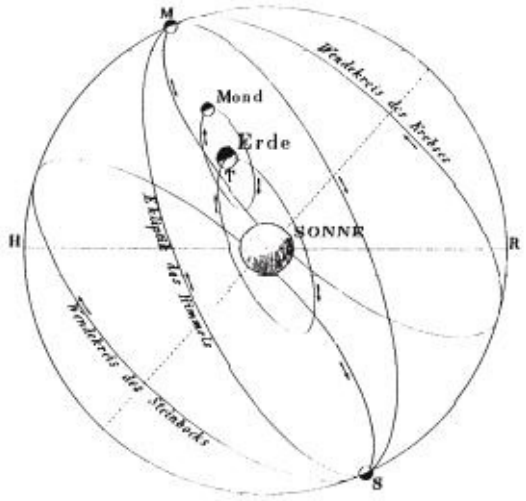

Leia este poema de Manuel Bandeira:

SATÉLITE

Fim de tarde.
No céu plúmbeo
A Lua baça
Paira
Muito cosmograficamente
Satélite.

Desmetaforizada,
Desmitificada,
Despojada do velho segredo de melancolia,
Não é agora o golfão de cismas,
O astro dos loucos e enamorados,
Mas tão somente
Satélite.

Ah Lua deste fim de tarde,
Demissionária de atribuições românticas,
Sem show para as disponibilidades sentimentais!

Fatigado de mais-valia,
Gosto de ti assim:
Coisa em si,
— Satélite.

Manuel Bandeira. *Estrela da vida inteira*. 4. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1973. p. 232.

Nos versos de 1 a 6, o poeta constrói uma figura da lua, situando-a num *fim de tarde*, num *céu plúmbeo* (cor de chumbo), atribuindo-lhe a qualidade de *baça*, isto é, "fosca", "embaçada", e dizendo que ela *paira muito cosmograficamente*. Como cosmografia é a astronomia descritiva, principalmente referente ao sistema solar, o que o poeta quer dizer com *paira muito cosmograficamente* é que a lua está no alto pura e simplesmente como um astro. O poeta sintetiza essa imagem numa palavra: *Satélite*. Com essa figura, o poeta pretende enfatizar o conceito "puro" de lua, despojado de qualquer tipo de associação paralela, sem as impressões sentimentais que evoca.

O uso reiterado do prefixo *des*, que indica ação contrária (*desmetaforizada*, *desmitificada*, *despojada*), e a afirmação de que a lua *não é agora o astro dos loucos e dos enamorados* pressupõem que, no passado, ela foi metaforizada, mitificada, considerada como o depósito do *velho segredo de melancolia*, como um *golfão de cismas*, como o *astro dos loucos e enamorados*. A negação, tanto a indicada pelo prefixo *des*, quanto a feita pelo advérbio *não*, implica a presença de duas vozes, dois pontos de vista a respeito da lua: um que a vê como uma fonte e um repositório de sentimentos, de mitos e de metáforas; outro que a vê em sua realidade nua indicada pela palavra *satélite*.

Uma negação implica duas perspectivas distintas sobre uma dada questão, pois ela se opõe a uma afirmação anterior, refuta a posição afirmativa correspondente. Em nosso texto, quando se diz, por exemplo, que a lua agora não é o golfão de cismas, o astro dos loucos e enamorados, o poeta nega um ponto de vista anterior, de que a lua é o golfão de cismas, o astro dos loucos e enamorados. Diferentemente do caso estudado na lição anterior em que não havia marcas linguísticas a delimitar as duas concepções implicadas no texto, mas elas eram percebidas apenas pelo nosso conhecimento a respeito das diferentes opiniões que circulavam numa determinada sociedade sobre uma dada questão, nesse texto de Manuel Bandeira, os operadores linguísticos da negação (o prefixo *des* e o advérbio *não*) demarcam os dois pontos de vista, as duas vozes mostradas no texto.

Apesar de essas duas perspectivas estarem delimitadas pela negação, precisamos ainda nos valer de nossa memória discursiva, de nosso conhecimento dos textos literários, para entender bem o que o poeta está refutando. As expressões "golfão de cismas" e "astros dos loucos e enamorados" remetem-nos a uma estrofe do poema "Plenilúnio", de Raimundo Correia:

Há tantos anos olhos nela arroubados,
No magnetismo do seu fulgor!
Lua dos tristes e enamorados,
Golfão de cismas fascinador.

Raimundo Correia. *Poesia*. 4. ed. Rio de Janeiro, Agir, 1976. p. 65.

Ao opor-se a uma concepção a respeito da lua, atribuída a um literato do passado, podemos concluir não que o poeta esteja lamentando o fim dos bons tempos românticos e criticando a frieza do mundo moderno, mas que é avesso aos exageros sentimentais de uma certa literatura em torno da lua. Quando ele diz *sem show para as disponibilidades sentimentais*, quer dizer que a lua à qual dirige seus versos não

está mais a exibir-se para pessoas predispostas a vê-la de maneira sentimental. Se levarmos em conta que a *mais-valia* se define como a diferença entre o custo da força de trabalho e o valor do produto produzido pelo trabalhador, ao dizer *fatigado de mais-valia*, o poeta manifesta sua aversão aos exageros próprios de literatos de épocas passadas, que consistem em explorar a lua, roubando dela significados que ela não comporta. O poeta manifesta sua predileção pela concepção moderna (*Gosto de ti assim: / Coisa em si, / — Satélite*).

Por meio das negações, e da negação de um texto poético, o poeta circunscreve no texto dois pontos de vista a respeito da poesia. Contesta uma poesia que idealiza a realidade, assume como sua uma concepção de poética como busca da essência da realidade.

•

Há diversos mecanismos linguísticos que servem para mostrar diferentes vozes no interior de um texto, demarcando nitidamente esses distintos pontos de vista. Estudemos alguns deles.

O primeiro desses mecanismos é a **negação**, pois, como se disse, nela estão implicadas duas vozes: uma que afirma e outra que refuta a afirmação anterior. Assim, quando Brás Cubas diz, no final de suas *Memórias póstumas*, *Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria*, temos dois tipos de negação: a primeira (*Não tive filhos*), chamada negação descritiva, é aquela que aparentemente nega um dado da realidade, mas na verdade rejeita o que poderia ser a visão de alguém sobre ela (no caso, *teve filhos*); a segunda é denominada negação polêmica, pois expressa claramente uma oposição a um dado ponto de vista presente na sociedade (no caso, *ter filhos é transmitir a uma criatura tudo o que existe de bom*), afirmando uma concepção contrária (no texto, a de que *ter filhos é transmitir a alguma criatura o legado da miséria da humanidade*).

Acervo da Coleção MASP/Pirelli de Fotografia, São Paulo.

Rio de Janeiro, 1985, fotografia de Walter Firmo.

Na linguagem fotográfica também podem ser demarcados diferentes discursos no interior da imagem. Nesta foto, o contraste é explicitado visualmente: de um lado, a afirmação de luxo e ostentação na fantasia carnavalesca; de outro, o discurso de pobreza e precariedade da moradia que abriga a personagem.

Outro expediente linguístico para mostrar diferentes vozes bem demarcadas no texto são o **discurso direto** e o **indireto**. Num texto, as personagens falam, conversam entre si, expõem suas ideias. Quando o narrador conta o que elas disseram, insere na narrativa uma fala que não é de sua autoria, cita o discurso alheio. O discurso direto e o indireto são procedimentos de reprodução do discurso das personagens.

Observe o texto que segue, extraído do romance *Ana em Veneza*, de João Silvério Trevisan:

Estavam agora diante de uma bandeja de queijos variados.

— Ah, o Brasil, essa imensa ilha... — dizia o conde Basuccello, entretido em cortar um pedaço de *sbrinz* dos Alpes.

— De fato — aparteou Nepomuceno — estamos muito isolados na América. A língua mas também...

— Oh, não. Não me refiro a isso, que não deixa de ser verdadeiro — retrucou o conde, acabando de mastigar. — Falo de uma dessas ilhas utópicas cuja lenda se perde na noite dos tempos. Os senhores talvez não saibam, mas o nome Brasil em geografia já existe desde o período medieval.

— Mas o Brasil só foi descoberto bem depois... Não é mesmo, Herr Nepo? — admirou-se Júlia, entretida com um delicioso queijo *stracchino* lombardo.

— Sim, mas antes do atual Brasil já existia na Idade Média uma ilha chamada Brasil — asseverou Basuccello. — Bem existiam muitas ilhas míticas imaginadas pelos povos de então. Todas representavam o paraíso terrestre, onde não haveria discórdia nem velhice nem doenças ou morte. Eram tão perfeitas que seus habitantes não precisavam sequer trabalhar para comer. Numa dessas ilhas, imaginem, as frutas caíam do pé pontualmente às nove horas, para poupar os homens do trabalho de colhê-las.

João Silvério Trevisan. *Ana em Veneza*. 2. ed. São Paulo, Best Seller, (1994). p. 465-6.

Nesse texto, o narrador indica a fala das personagens, dizendo *dizia o conde Basuccello, entretido em cortar um pedaço de* sbrinz *dos Alpes; aparteou Nepomuceno; retrucou o conde, acabando de mastigar; admirou-se Júlia, entretida com um delicioso queijo* stracchino *lombardo; asseverou Basuccello*, e como que passa a palavra a elas, o conde Basuccello, Nepomuceno e Júlia, e deixa-as falar. O **discurso direto** é o modo de citação do discurso alheio em que o narrador indica o discurso do outro e, depois, reproduz literalmente a fala dele.

As marcas do discurso direto são:

a) a fala das personagens é anunciada por um verbo (no nosso exemplo, *dizia, aparteou, retrucou, admirou-se, asseverou*) denominado **verbo de dizer** (outros exemplos são *responder, retorquir, replicar, acrescentar, obtemperar* etc.), que pode vir antes, no meio ou depois da fala da personagem (no nosso caso, veio depois ou no meio) ou ainda estar subentendido (depois da fala de uma personagem, o simples fato de aparecer outro travessão indica que outra personagem tomou a palavra);

b) a fala das personagens aparece nitidamente separada da fala do narrador por aspas ou por dois-pontos e travessão;

c) os pronomes pessoais e possessivos, os tempos verbais e as palavras que indicam tempo e espaço,

como, por exemplo, pronomes demonstrativos e advérbios de lugar e de tempo, são usados tendo como referência tanto o narrador como as personagens: assim tanto o narrador como as personagens dizem *eu*, denominam a pessoa com quem falam *tu*, chamam o espaço em que cada um está *aqui* e em função dele organizam os demais espaços (*aí*, *lá*), marcam o tempo em que cada um fala como *agora* e a partir dele ordenam os outros tempos.

Observe agora o fragmento do conto "O inimigo", de Rubem Fonseca, que aparece abaixo:

É segunda-feira; estou triste pois no domingo cheguei para Aspásia e recitei para ela em espanhol, "La casada infiel"; depois de ouvir sorridente o que deveria (achava eu) comovê-la até as lágrimas, ela encerrou o assunto dizendo que o meu espanhol era nojento.

Rubem Fonseca. *Contos reunidos*. São Paulo, Companhia das Letras, 1994. p. 58.

Nesse caso, o narrador, para citar o que Aspásia lhe disse, usa outro procedimento: não dá a palavra à personagem, mas comunica, com suas palavras, o que ela disse. A fala de Aspásia não chega diretamente ao leitor, mas por via indireta, isto é, por meio das palavras do narrador. Por essa razão, esse expediente chama-se **discurso indireto**.

As principais marcas do discurso indireto são:

a) o que a personagem disse vem também introduzido por um verbo de dizer;

b) o que a personagem disse constitui uma oração subordinada substantiva objetiva direta do verbo de dizer e, portanto, é separada da fala do narrador por uma partícula introdutória, que pode ser uma conjunção como o *que* ou o *se* (Ele disse que não sabe), um advérbio (Não disse onde estará) ou um pronome interrogativo (Pergunto por que ele não veio);

c) como apenas o narrador toma a palavra, apenas ele diz *eu*; somente a pessoa com quem ele fala é designada por *tu*; só o lugar onde ele está é chamado *aqui* e, a partir dele, os demais espaços são organizados; apenas o tempo em que ele fala é marcado como *agora* e em função dele são ordenados os outros tempos.

Façamos um confronto entre a citação da mesma fala alheia em discurso direto e em discurso indireto:

Pedro disse:

— Eu estarei aqui amanhã.

No discurso direto, a personagem Pedro toma a palavra, depois da introdução feita pelo narrador, dizendo *eu; aqui* é o lugar em que ela está; *amanhã* é o dia seguinte ao dia em que ela fala.

Se passarmos essa frase para o discurso indireto ficará assim:

Pedro disse que estaria lá no dia seguinte.

No discurso indireto, *eu* passa a *ele*, porque indica não mais quem fala, mas alguém a respeito de quem o narrador diz alguma coisa; *estaria* é futuro do pretérito, que é um tempo que indica posterioridade em relação a um momento pretérito, indicado por *disse*, e não posterioridade ao momento presente em que a personagem está falando, como o faz *estarei*; *lá* é o espaço em que está a personagem — distinto do *aqui* em que se acha o narrador; *no dia seguinte* é o dia posterior ao momento pretérito em que se deu a fala da personagem.

Na passagem do discurso direto para o indireto, deve-se observar o seguinte:

a) as frases que, no discurso direto, têm a forma interrogativa, exclamativa ou imperativa convertem-se, no discurso indireto, em orações declarativas:

Ela me perguntou:

— Quem está aí?

Ela me perguntou *quem estava lá*.

b) as interjeições e os vocativos do discurso direto desaparecem no discurso indireto ou seu valor semântico é explicitado, isto é, traduz-se o significado que eles expressam:

O papagaio disse:

— Oh! Lá vem a raposa.

O papagaio disse admirado [explicitação do valor semântico da interjeição *oh*] que ao longe vinha a raposa.

c) se o discurso citado (fala da personagem) comporta um *eu* ou um *tu* que não se encontram entre as pessoas do discurso citante (fala do narrador), eles são convertidos num *ele*; se os pronomes demonstrativos (*este, esse, aquele*) e os advérbios de espaço (*aqui, aí, lá*) do discurso citado não corresponderem aos do discurso citante devem ajustar-se a estes:

Pedro me disse lá em Paris:

— Aqui eu estou sentindo-me bem, pois nesta cidade tudo é bonito.

Pedro me disse em Paris que lá ele estava se sentindo bem, pois naquela cidade tudo era bonito.

Eu converte-se em *ele*, porque Pedro, a personagem que disse *eu* em discurso direto, não é a pessoa que fala no discurso citante, mas é a pessoa de quem se fala. *Aqui* e *nesta* transformam-se, respectivamente, em *lá* e *naquela*, porque no discurso citado indicam o lugar em que estava Pedro, quando falou, mas, como agora o narrador está falando de outro lugar, Paris é indicado por *lá*, e o advérbio de espaço e o pronome demonstrativo têm de se ajustar a esse lugar.

d) se as pessoas do discurso citado, isto é, da fala da personagem, têm um correspondente no discurso citante, seu estatuto é o mesmo neste último:

Maria declarou-me:

— Eu te amo.

Maria declarou-me que me amava.

O *te* do discurso citado corresponde ao *me* do citante. Por isso, o *te* converte-se em *me*.

e) no que se refere aos tempos, só há alteração quando o tempo do discurso citante estiver no pretérito e os tempos do discurso citado forem o presente, o pretérito perfeito e o futuro do pretérito; em outros casos, não há qual-quer mudança. Se o verbo de dizer estiver no pretérito perfeito, as conversões são as seguintes:

discurso direto		discurso indireto
presente	→	pretérito imperfeito
pretérito perfeito	→	pretérito mais-que-perfeito
futuro do presente	→	futuro do pretérito

Exemplos:

1) Joaquim *disse*:

— *Compro* tudo isso.

Joaquim disse que *comprava* tudo aquilo.

2) Joaquim *disse*:

— *Comprei* tudo isso.

Joaquim disse que *comprara* tudo aquilo.

3) Joaquim *disse*:

— *Comprarei* tudo isso.

Joaquim disse que *compraria* tudo aquilo.

O **discurso direto** é uma espécie de teatralização da fala dos outros. Por isso, produz um efeito de sentido de verdade. O leitor ou o ouvinte tem a impressão de que quem cita preservou a integridade do discurso citado e de que, portanto, é autêntico o que ele reproduziu. É como se ouvisse a pessoa citada falar com suas próprias palavras e com a mesma carga de subjetividade.

Como há dois tipos de discurso indireto (o que analisa o conteúdo e o que analisa a expressão), esse procedimento de citação do discurso alheio pode criar diferentes espécies de efeitos de sentido. Dado que o primeiro tipo elimina os elementos emocionais ou afetivos presentes no discurso direto (por exemplo, as interrogações, as exclamações, as formas imperativas, as interjeições), produz um efeito de sentido de **objetividade analítica**. Nele o narrador revela somente o conteúdo do discurso da personagem e não o modo como ela o disse. Com isso, o narrador estabelece uma distância entre sua posição e a da personagem, abrindo caminho para a réplica e o comentário. Esse tipo de discurso indireto despersonaliza o discurso citado em nome da objetividade. Cria, assim, a impressão de que o

narrador analisa o discurso citado de maneira racional e isenta de envolvimento emocional. O discurso indireto, nesse caso, não se interessa pela individualidade do falante revelada no modo como ele diz as coisas. Por isso, é a forma preferida nos textos de natureza filosófica, científica e política com a finalidade de criticar, rejeitar ou acolher as posições expressas pelos outros.

O segundo tipo de discurso indireto serve para analisar as palavras, o **modo de dizer** dos outros e não o conteúdo do que dizem. Nesse caso, as palavras ou expressões ressaltadas aparecem entre aspas. Veja-se este exemplo, extraído de Eça de Queirós:

... descobrira de repente, uma manhã, que não devia trair Amaro, "porque era papá do seu Carlinhos". E disse-o ao abade; fez corar os sessenta e quatro anos do bom velho...

Eça de Queirós. *O crime do padre Amaro*. São Paulo, Á tica, 1993. p. 326.

Nesse caso, Amélia disse que não devia trair Amaro, "porque era papá do seu Carlinhos". O que está entre aspas é a expressão usada pela personagem.

Ao usar o discurso indireto para analisar o modo de falar de uma personagem, o narrador o faz para dar relevo a uma típica expressão dela e, assim, manifestar uma particularidade dela. Nesse caso, o discurso indireto revela peculiaridades por meio de formas de falar. Além disso, mostra a posição do narrador em relação a elas (ironia, condescendência, desagrado, desdém etc.).

Outro recurso linguístico para demarcar a voz alheia no texto é o **uso das aspas**. Nesse caso, o produtor do texto coloca entre aspas palavras ou expressões que ele não quer assumir como suas, que ele não julga muito apropriadas ao seu texto, que ele considera apenas aproximativas em relação ao que pretende dizer, que não pertencem à língua em que o texto está sendo escrito nem ao nível de linguagem que se está utilizando (por exemplo, uso de um termo chulo num discurso elaborado em outro nível de linguagem). Pôr aspas significa manter certas palavras ou expressões a distância. Veja o exemplo abaixo:

Hoje, quando o desemprego aumenta, muitos operários teriam o máximo prazer em submeter-se à "exploração capitalista".

O que o produtor do texto está querendo dizer com as aspas é que a expressão *exploração capitalista* não pertence a seu discurso, mas ao dos comunistas, que consideram toda relação de trabalho no modo de produção capitalista uma exploração. Ao dizer que os operários, numa época de desemprego, gostariam de submeter-se ao que o discurso comunista considera exploração, ele está ridicularizando esse discurso.

O uso ou não de aspas em certas expressões cria uma imagem do locutor. Suponhamos a seguinte frase *"Acessou" as informações no computador, mas aí ele se atrapalhou e "deletou" tudo o que estava arquivado*. Se o locutor usa *acessou* e *deletou* entre aspas cria a imagem de alguém que conhece bem o português, que sabe que essas palavras são neologismos criados pela Informática e que ainda não são acolhidos pela norma culta. Se não as usa entre aspas pode criar a imagem de alguém que está sempre pronto a acolher todas as novidades que aparecem.

O último recurso de demarcação da voz do outro são as **glosas do locutor**, ou seja, comentários e explicações sobre o seu dizer. Elas são usadas para marcar uma inadequação dos termos (por exemplo, *se se pode dizer, digo metaforicamente*), para se autocorrigir (por exemplo, *ou antes, deveria ter dito*), para confirmar (por exemplo, *é exatamente o que estou querendo dizer*), para pedir permissão para empregar certos termos (por exemplo, *se me permitem dizer*), para corrigir antecipadamente um possível erro de interpretação (por exemplo, *isso nos dois sentidos da palavra, no sentido próprio, no sentido figurado*), para marcar palavras e expressões que pertencem a outro discurso (por exemplo, *como diz o outro*), para assinalar hesitações na busca do termo exato (por exemplo, *como eu diria?, creio que é melhor dizer, não acho a palavra, essa é a palavra exata*). O falante usa as glosas seja para prevenir a manifestação de um ponto de vista distinto da pessoa com quem fala (por exemplo, quando se usa *se me permite dizer*), seja para evitar que ela compreenda diferentemente uma dada posição (por exemplo, quando se utiliza *você notou a palavra, entende o que eu quero dizer*), seja para mostrar que certas palavras e expressões não pertencem ao discurso que está sendo produzido ou não são adequadas a ele. Cada glosa é um debate com as palavras, mostrando que elas podem dar margem a duas interpretações, manifestar dois pontos de vista, revelar duas vozes.

Muitas vezes, combinam-se as aspas e as glosas. Por exemplo:

Todo mundo “de uma certa idade”, como se diz, sabe que nada é melhor para trazer de volta os velhos bons tempos do que uma memória fraca.

Veja, 1360 :138, 5 out. 1994.

TEXTO COMENTADO

O texto que segue é o fragmento inicial do romance *Quincas Borba*, de Machado de Assis:

Rubião fitava a enseada, — eram oito horas da manhã. Quem o visse, com os polegares metidos no cordão do chambre, à janela de uma grande casa de Botafogo, cuidaria que ele admirava aquele pedaço de água quieta; mas, em verdade, vos digo que pensava em outra cousa. Cotejava o passado com o presente. Que era há um ano? Professor. Que é agora! Capitalista. Olha para si, para as chinelas (umas chinelas de Túnis, que lhe deu recente amigo, Cristiano Palha), para a casa, para o jardim, para a enseada, para os morros e para o céu; e tudo, desde as chinelas até o céu, tudo entra na mesma sensação de propriedade.

Vista do ancoradouro do porto do Rio de Janeiro estampada no verso da cédula de quinhentos mil réis, do final do século XIX.

— Vejam como Deus escreve direito por linhas tortas, pensa ele. Se mana Piedade tem casado com Quincas Borba, apenas me daria uma esperança colateral. Não casou; ambos morreram, e aqui está tudo comigo; de modo que o que parecia uma desgraça...

Que abismo que há entre o espírito e o coração! O espírito do ex-professor, vexado daquele pensamento, arrepiou caminho, buscou outro assunto, uma canoa que ia passando; o coração, porém, deixou-se estar a bater de alegria. Que lhe importa a canoa nem o canoeiro, que os olhos de Rubião acompanham, arregalados? Ele, coração, vai dizendo que, uma vez que a mana Piedade tinha de morrer, foi bom que não casasse; podia vir um filho ou uma filha... — Bonita canoa! — Antes assim! — Como obedece bem aos remos do homem! — O certo é que eles estão no céu.

Machado de Assis. *Quincas Borba*. São Paulo, Ática, 1992. p. 13.

Analisemos os efeitos de sentido produzidos pelo uso do discurso direto e do discurso indireto nesse texto. Depois de mostrar Rubião, às oito horas da manhã, à janela de sua casa em Botafogo, com os polegares metidos no cordão do chambre, o narrador diz que ele estava pensando na transformação que acontecera em sua vida. Rubião tornara-se capitalista por ter herdado a fortuna de Quincas Borba. Dessa forma, o narrador afasta o ponto de vista de alguém que poderia pensar que Rubião estava admirando o mar. Em seguida, descreve o olhar de Rubião, que vai do mais próximo ao mais longínquo, de baixo para o alto, examinando a si mesmo, as chinelas que trazia nos pés, a casa, o jardim, a enseada, os morros e o céu, e diz que tudo entra na mesma sensação de propriedade. Esse texto foi escrito no período do capitalismo nascente no Brasil. Com a figura do olhar de Rubião, que engloba tudo na sensação de propriedade, o narrador define o capitalista como aquele que vê o mundo pela ótica da propriedade.

Em seguida, o narrador dá a palavra a Rubião, que, em discurso direto, parece estar pensando diante de nós. O recurso do discurso direto faz que acompanhemos o desenrolar de seus pensamentos. Como,

certa vez, Quincas Borba quis casar com sua irmã Piedade, o que Rubião está pensando é que foi bom eles não terem casado, porque poderiam ter um filho, que seria então o herdeiro da fortuna que ele recebeu. As reticências indicam a suspensão do pensamento mais importante: que foi bom eles terem morrido, pois assim ele pôde herdar tudo. O que parecia uma desgraça foi, na verdade, ótimo, do ponto de vista de Rubião. Com o relato dos pensamentos da personagem em discurso direto o narrador cria um efeito de sentido de verdade e, assim, acrescenta mais uma característica na imagem que está construindo do capitalista: é aquele que avalia todos os fatos do ponto de vista do lucro e não dos valores e dos sentimentos. Com o discurso direto, o narrador está dizendo-nos que isso não é um ponto de vista dele, foi a personagem quem o revelou.

Mas aí o narrador vai mostrar que há um abismo entre o espírito e o coração, entre a consciência, onde estão os valores morais aprendidos, e os sentimentos. Rubião envergonha-se, quando se dá conta de que estava a achar que a morte de sua irmã e de seu melhor amigo fora uma coisa boa, e procura, por isso, pensar em outra coisa, distrair-se observando uma canoa que vai passando. No entanto, se repugna à consciência esse pensamento, não pode deixar de sentir alegria pelo fato de eles terem morrido. Depois de relatar, em discurso indireto, o que o coração vai repetindo, criando um efeito de sentido de objetividade, o narrador cria um pequeno diálogo, em discurso direto, entre a consciência e o sentimento. Espírito e coração são as duas personagens que falam. Aquele quer afastar esse pensamento que ele repudia, falando a respeito da canoa e do canoeiro; este continua a afirmar que foi melhor assim e conclui que estão no céu, o que justificaria que a morte deles foi ótima.

Esse diálogo entre o espírito e o coração termina de desenhar a imagem do capitalista. Ele é um ser cindido em dois pontos de vista distintos. Não é que ele apenas raciocina a partir dos interesses, ele sente a partir do lucro. Mesmo que à consciência repugnem certos sentimentos, porque são incompatíveis com os valores morais, ele os têm, porque vê, pensa e sente os acontecimentos sob a ótica do lucro. Sem o diálogo entre o espírito e o coração, a imagem do ser dividido entre valores morais e o valor do lucro, em que este valor suplanta aqueles, não teria a força que tem.

LIÇÃO 3 EXERCÍCIOS

Observação: Os dois textos que seguem foram transcritos do vestibular da Unesp-1994. As questões foram reelaboradas pelos autores, exceto a sétima, mantida literalmente como constava na prova.

PRA QUE MENTIR?
Vadico e Noel Rosa

Pra que mentir
Se tu ainda não tens
Esse dom de saber iludir
Pra quê? Pra que mentir,
Se não há necessidade

De me trair?

Pra que mentir
Se tu ainda não tens
A malícia de toda mulher?
Pra que mentir, se eu sei
Que gostas de outro
Que te diz que não te quer?

Pra que mentir tanto assim
Se tu sabes que eu sei
Que tu não gostas de mim?
Se tu sabes que eu te quero
Apesar de ser traído
Pelo teu ódio sincero
Ou por teu amor fingido?

Noel — Songbook (produzido por Almir Chediak),
CD Lumiar Discos, 1991.

DOM DE ILUDIR
Caetano Veloso

Não me venha falar da malícia
de toda mulher,
Cada um sabe a dor e a delícia
de ser o que é.
Não me olhe como se a polícia
andasse atrás de mim.
Cale a boca, e não cale na boca
notícia ruim.

Você sabe explicar
Você sabe entender, tudo bem.
Você está, você é, você faz,
Você quer, você tem.
Você diz a verdade, e a verdade
é seu dom de iludir.
Como pode querer que a mulher
vá viver sem mentir.

Meu nome é Gal. CD 836 84-2, PolyGram, 1988.

Pelo conhecimento que se tem da vida de Noel Rosa, sabe-se que a composição “Pra que mentir?” foi motivada por uma de suas relações amorosas, talvez a mais marcante de toda a sua agitada vida passional. Ceci, que Noel conheceu no cabaré Apollo, Rio de Janeiro, numa festa de São João, e de quem nunca mais se desligou, é a fonte de inspiração dessa canção de parceria com Vadico.

Na ocasião em que Noel compôs a música, Ceci dividia seu coração com ele e Mário Lago, o famoso compositor de “Saudades da Amélia”. Apesar de Ceci não confessar para Noel o novo romance, ele já sabia de tudo, pois a conhecia pelo olhar, pelo tom de voz e lhe dizia com frequência: “Você ainda não aprendeu a mentir...”.

QUESTÃO 1

No texto de Noel está presente uma outra voz com que ele dialoga e que afirma pontos de vista opostos ao dele.

a) Há, disseminados pelo texto, pronomes que indicam o interlocutor ao qual se destina a canção “Pra que mentir?”. Transcreva-os.

b) Além disso, há indicadores de que esse interlocutor é uma personagem feminina. Transcreva dois desses indicadores.

QUESTÃO 2

a) Em “Dom de iludir”, há também pronomes que indicam o interlocutor a quem o texto se dirige em resposta. Transcreva-os.

b) Transcreva indicadores de que esse interlocutor é uma personagem masculina.

QUESTÃO 3

a) “Pra que mentir?” é uma interrogação que contém em si uma negação, que pode ser introduzida assim: Tu não deves mentir, já que não tens motivo para isso.

Essa interrogação de caráter negativo pressupõe que a personagem feminina, de fato, procede contrariamente ao ponto de vista da personagem masculina. Em que consiste, pois, o ponto de vista da mulher amada?

b) Na primeira estrofe há duas negações:

I — *“... tu ainda não tens*
Esse dom de saber iludir”
II — *“... não há necessidade*
De me trair? ”

Na segunda estrofe, há as explicações correlatas a cada uma dessas duas negações. Transcreva as passagens que servem de argumento para essas negações.

QUESTÃO 4

Ao dizer: *"tu ainda não tens / A malícia de toda mulher"*, a personagem masculina deixa implícitos dois pontos de vista, um sugerido pelo advérbio *ainda*, outro pela negação.

a) Quais são esses dois pressupostos?

b) No texto de Caetano Veloso ("Dom de iludir"), a personagem feminina reage energicamente contra a afirmação da "*malícia de toda mulher*".

Cite, da primeira estrofe, a frase que contém a reação mais vigorosa contra essa afirmação e procure explicar o motivo dessa irritação feminina.

QUESTÃO 5

A personagem feminina admite que, no território da relação amorosa, a mentira faz parte do comportamento feminino. Mas não exclui o homem desse jogo, ainda que ele o faça de forma dissimulada.

a) Transcreva a frase do texto de Caetano que contém tal acusação.

b) Como se pode traduzir de maneira mais clara essa contradição?

QUESTÃO 6

Todo texto, além de dialogar com diferentes vozes inscritas no seu interior por meio de vários mecanismos linguísticos, dialoga também com a sociedade, na medida em que o leitor, ao depreender os sentidos contidos no texto, julga-os em função das crenças e dos valores assumidos como verdadeiros dentro da cultura em que o texto foi produzido.

Nos versos de Noel, a personagem masculina declara seu amor pela mulher, apesar de reconhecer-se traído: " ... *tu sabes que eu te quero / Apesar de ser traído*".

Levando em conta as crenças e valores de nossa cultura a propósito da infidelidade no amor, a tolerância do homem para com a traição da mulher pode ser interpretada de acordo com múltiplos pontos de vista, já que uma sociedade abriga agrupamentos humanos muito diversificados ideologicamente.

a) Como seria interpretada essa tolerância por um representante médio da mentalidade masculina típica do nosso meio cultural?

b) Há, na linguagem chula, palavras ou expressões que traduzem, com crueldade e deboche, o pensamento daqueles que acham inconcebível essa tolerância. Transcreva alguns exemplos.

c) Como interpretaria a mesma atitude um representante do sexo masculino preocupado em libertar-se de preconceitos generalizadores e disposto a considerar cada caso em particular (como foi, aliás, o de Noel Rosa com Ceci)?

d) Como essa atitude foi interpretada pela personagem feminina que fala na canção “Dom de iludir”?

QUESTÃO 7 (VUNESP)

Se considerarmos a designação “machismo” como atitude ou comportamento de quem se vê como superior, e não aceita a igualdade potencial e de direitos para o homem e a mulher, discuta, a partir de elementos textuais, o componente machista da personagem masculina

a) tal como se revela, apesar de certa dissimulação, em “Pra que mentir?”;

b) tal como é visto em “Dom de iludir”.

QUESTÃO 8

O confronto dos dois textos permite-nos afirmar que:

a) a mulher desqualifica e contesta o que lhe diz o homem em “Pra que mentir?”.

b) segundo a personagem masculina, a mulher não teria necessidade de mentir se de fato soubesse o que é amar.

c) em “Dom de iludir”, a mulher responde ao homem que ele também mente sem necessidade de ocultar a infidelidade.

d) não há verdade nem mentira quando se ama.

e) em “Dom de iludir” a mulher não reconhece que ela também se ilude.

QUESTÃO 9

Certo: O JORNAL é informação precisa, captada por gente dinâmica e de mentalidade jovem. Certo: O IBOPE e o IVC comprovam que O JORNAL se tornou o terceiro matutino da Guanabara, dobrando sua circulação. Que é agora de 40.000 exemplares (aos domingos: 73.000).
Certo: segundo o IBOPE, o Suplemento Feminino fez o O JORNAL preferido pela dona de casa. Tudo ótimo. Já somos o 3º matutino da Guanabara, e o que mais cresce. Só que tem uma coisa, cá entre nós que ninguém nos ouça: no duro, no duro, nós estamos mesmo é de olho no 2º lugar.

100 anos de propaganda. São Paulo, Abril Cultural, 1980. p. 147.

Num curioso jogo argumentativo, esse texto contém duas vozes: uma, explícita pela expressão “*todo mundo*”, é a voz dos possíveis leitores do jornal; outra, expressa pelo pronome *nós*, é a voz dos proprietários e editores do mesmo jornal. Trata-se, pois, de duas vozes coletivas.

a) De início, o texto em letras grandes manifesta uma relação de oposição entre essas duas vozes, marcada sobretudo pela palavra *menos* na expressão “*Todo mundo, menos nós* ”. De que oposição se

trata?

b) No texto em letras menores, há uma simulação de diálogo em que uma das vozes (*nós*) manifesta os itens em que concorda com a outra voz (*todo mundo*). Há dois adjetivos que manifestam essa concordância. Quais são?

c) No último parágrafo do texto transcrito embaixo e à direita em letras menores, após a expressão "*só que*", a voz coletiva representada pelo *nós* expõe a razão da discordância com a outra voz ("*todo mundo*"). Qual é essa razão?

d) Evidentemente esse jogo com a linguagem é uma simulação em que a mesma voz (a dos proprietários e editores do jornal) se reparte em duas, mascarando um diálogo. Por meio desse jogo, no entanto, o texto publicitário consegue fazer propaganda do produto de maneira bastante simpática e eficiente.

Em que consiste esse jogo?

PROPOSTA DE REDAÇÃO

A leitura competente de um texto prevê que se localizem as diferentes vozes com que ele dialoga e os diferentes pontos de vista que elas manifestam.

Quando se escreve, é preciso também levar em conta o fato de que escrever não é um ato de isolamento mas de participação.

O texto escrito contém o ponto de vista de alguém sobre uma questão posta em debate. Trata-se, portanto, de uma voz que se manifesta ao lado de outras vozes participantes de um amplo diálogo estabelecido dentro do contexto em que o texto é produzido.

E o que define o valor de um texto escrito não é a opinião que ele dá, nem o ponto de vista que defende. As questões postas em debate são polêmicas, isto é, não existe sobre elas apenas uma opinião aceitável. Em vista disso, é perfeitamente possível que dois textos de igual valor defendam opiniões radicalmente opostas. Isso não deve causar estranheza: questões polêmicas são complexas e essa complexidade permite abordá-las a partir de ângulos diferentes e até opostos. Os textos literários espelham bem as diferentes possibilidades de interpretar um mesmo fenômeno.

O poema-canção de Vadico e Noel Rosa foi escrito em 1934 e contém uma versão da relação amorosa entre homem e mulher; o de Caetano, em 1982, e manifesta outra versão do mesmo tema.

Já se passaram cinco décadas desde a composição de Vadico e Noel; mais de uma década desde o poema-canção de Caetano.

Agora é a sua vez de entrar nesse debate.

Escreva um texto em resposta ao texto de Noel e Vadico ou ao de Caetano ou ainda aos dois. Procure fazer uso da negação, das aspas, do discurso direto, do discurso indireto ou de outros expedientes marcadores de opinião ou ponto de vista alheio.

LIÇÃO 4

As diferentes vozes que se fazem presentes no percurso de certos textos misturam-se de tal modo com a do produtor que não se percebem com nitidez os seus limites.

Vicky, pintura de Roy Lichtenstein, de 1964(fragmento).

Nesta obra, temos um diálogo da pintura com outra linguagem, que não está demarcada, a das histórias em quadrinhos. O desenho feito de traços pretos e bem definidos e os pontos usados para colorir a face da personagem são característicos do sistema de impressão das revistas da época. O artista desloca essas características para a pintura e transforma uma imagem de dimensões reduzidas num gigantesco retrato.

LIÇÃO 4

VOZES MOSTRADAS E NÃO DEMARCADAS NO TEXTO

Ilustração de Santa Rosa para capa do romance *Vidas secas*.

Leia o texto abaixo, um fragmento do romance *Vidas secas*, de Graciliano Ramos:

O soldado magrinho, enfezadinho, tremia. E Fabiano tinha vontade de levantar o facão de novo. Tinha vontade, mas os músculos afrouxavam. Realmente não quisera matar um cristão: procedera como quando, a montar bravo, evitava galhos e espinhos. Ignorava os movimentos que fazia na sela. Alguma coisa o empurrava para a direita ou para a esquerda. Era essa coisa que ia partindo a cabeça do amarelo. Se ele tivesse demorado um minuto, Fabiano seria um cabra valente. Não demorara. A certeza do perigo surgira — e ele estava indeciso, de olho arregalado, respirando com dificuldade, um espanto verdadeiro no rosto barbudo coberto de suor, o cabo do facão mal seguro entre os dois dedos úmidos.

Tinha medo e repetia que estava em perigo, mas isto lhe pareceu tão absurdo que se pôs a rir. Medo daquilo? Nunca vira uma pessoa tremer assim. Cachorro. Ele não era dunga na cidade? não pisava os pés dos matutos, na feira? não botava gente na cadeia? Sem-vergonha, mofino.

Graciliano Ramos. *Vidas secas*. 29. ed. São Paulo, Martins, 1971. p. 144-5.

Esse texto foi retirado do capítulo do romance *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, intitulado “O soldado amarelo”. Nele, narra-se o encontro de Fabiano com o soldado amarelo, que, um ano antes, o levara para a cadeia, onde ele fora surrado e passara a noite. O primeiro impulso foi de matá-lo. Em seguida, tomou consciência de que o soldado era uma autoridade. Aí começou a hesitar entre assassiná-lo ou não.

Nesse trecho, são relatados os pensamentos de Fabiano. Há, então, duas vozes no texto: a do narrador,

que conta o encontro de Fabiano com o soldado, e a de Fabiano, por meio da qual ficamos sabendo seus pensamentos. A técnica usada pelo narrador para mostrar o que a personagem estava pensando é a do chamado **discurso indireto livre**. Nessa forma de citação do discurso alheio, misturam-se duas vozes. Não há indicadores, como, por exemplo, os dois-pontos e o travessão no discurso direto ou a conjunção integrante *que* no discurso indireto, para demarcar nitidamente onde começa a fala do narrador e onde inicia a da personagem.

Percebe-se, por exemplo, que um trecho como *mas isto lhe pareceu tão absurdo que se pôs a rir* é claramente uma fala do narrador, que está a contar a atitude de Fabiano diante do pensamento de que estava com medo. Já certas passagens como *Medo daquilo?* ou *Cachorro* ou *Sem-vergonha, mofino* são, nitidamente, interrogações e exclamações feitas por Fabiano. São dois tons diferentes que permitem perceber duas vozes distintas: o tom sereno da narração a simplesmente relatar o que acontecia e o tom irritado de Fabiano, que estava enfurecido com o modo como o soldado procedia na cidade.

Há frases, no entanto, que poderiam ser dos dois. O período *E Fabiano tinha vontade de levantar o facão de novo* poderia ser atribuído na forma em que está ao narrador; na forma *Eu tenho vontade de levantar o facão de novo*, a Fabiano.

Há procedimentos linguísticos que servem para mostrar diferentes vozes no texto, mas que não demarcam com precisão os limites entre elas. Um deles é o **discurso indireto livre**. Em *Vidas secas*, o uso desse recurso destina-se a dar verossimilhança ao texto, a criar uma impressão de verdade. Os pensamentos da personagem não poderiam aparecer em discurso direto, porque ela não os estava verbalizando; não poderiam ser relatados em discurso indireto, porque o narrador não poderia saber o que a personagem estava pensando. O discurso indireto livre, ao misturar os procedimentos do discurso direto e do indireto, faz com que a voz da personagem se mescle à do narrador e seus pensamentos vão surgindo nem relatados pelo narrador, nem falados pela personagem.

Para perceber melhor o que é o discurso indireto livre, confrontemos uma frase do texto com a correspondente em discurso direto e indireto:

Discurso direto
Fabiano pensou:
— Eu estou indeciso.

Discurso indireto
Fabiano pensou que estava indeciso.

Discurso indireto livre
Ele estava indeciso.
As características do discurso indireto livre são:

a) as falas das personagens não são introduzidas por verbo de dizer (observe que não há, antes das falas que podem ser atribuídas à personagem, expressões como *Fabiano disse, Fabiano respondeu, Fabiano perguntou* etc.);

b) elas não são separadas da fala do narrador por conjunções como *que* ou *se*, como no discurso indireto, ou por sinais de pontuação, como no direto;

c) contém, como no discurso direto, orações interrogativas, imperativas e exclamativas (observe no texto acima a interrogação *Medo daquilo?* ou a exclamação *Cachorro*), bem como interjeições ou outros

elementos expressivos;

d) os pronomes pessoais, as palavras indicativas de tempo e espaço são usados da mesma forma que no discurso indireto (*eu* aparece como *ele*, o presente do indicativo é mudado para o pretérito imperfeito e assim por diante).

O discurso indireto livre fica a meio caminho da subjetividade e da objetividade. Tem muitas funções. No exemplo citado, como já dissemos, dá verossimilhança a um texto que pretende manifestar pensamentos, desejos, enfim a vida interior de uma personagem.

Outro procedimento em que se mostram duas vozes não nitidamente demarcadas no texto é a **imitação**. Pode-se imitar um texto determinado ou dado estilo. Por outro lado, quando a imitação procura desqualificar o texto ou o estilo imitado, ridicularizá-lo, negá-lo, temos uma **imitação por subversão** (também chamada por certos autores **paródia**); quando se imita sem o desejo de desqualificar o texto ou estilo imitados, temos uma **imitação por captação** (também denominada **estilização**). Na **subversão**, imita-se para acentuar as diferenças entre o texto que imita e o imitado; na **captação**, para mostrar semelhanças.

Para perceber qual o texto ou o estilo imitados, precisamos valer-nos de nossa memória textual, isto é, de nossos conhecimentos a respeito de textos já produzidos ou de maneiras de escrever.

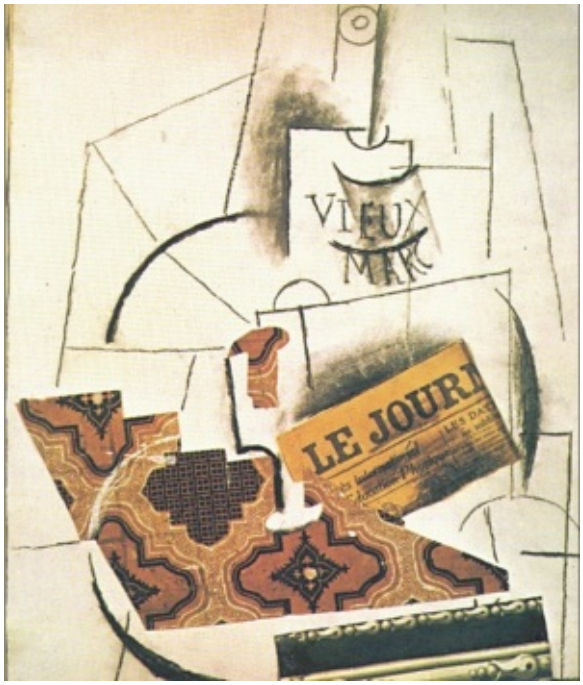

Acima, *Garrafa de vinho*, colagem de Pablo Picasso, de 1912. Abaixo, *Natureza morta sobre a mesa*, colagem de Georges Braque, de 1913.

Durante um certo período, a convivência de Braque e Picasso foi tão íntima, suas visões de pintura foram tão semelhantes, que se torna difícil estabelecer uma distinção entre a obra de um e de outro. Neste caso, não se trata exatamente de imitação, mas de uma profunda identidade estética entre dois artistas.

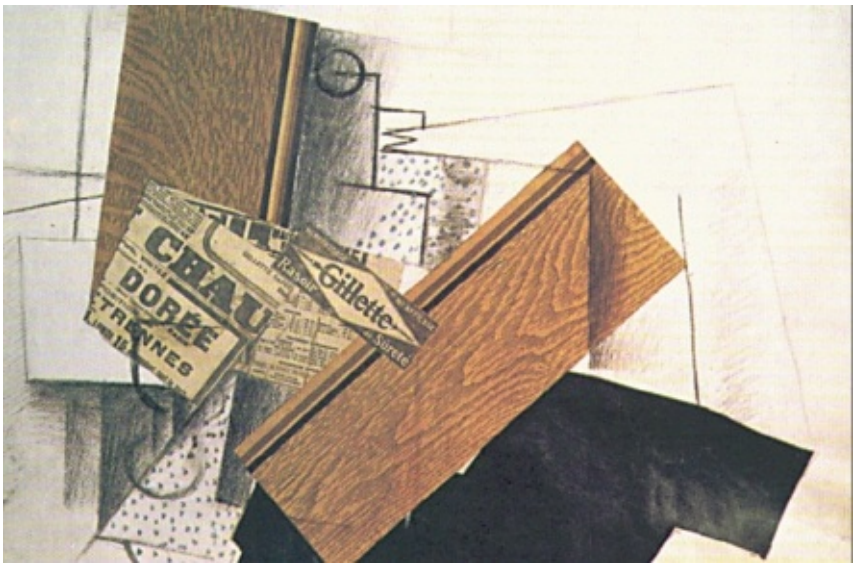

Leia os dois textos que seguem: o primeiro é de Joaquim Manuel de Macedo, escritor romântico; o segundo, de Manuel Bandeira, poeta contemporâneo:

Mulher, Irmã, escuta-me: não ames,
Quando a teus pés um homem terno e curvo
Jurar amor, chorar pranto de sangue,
Não creias não, mulher: ele te engana!
As lágrimas são galas da mentira
E o juramento manto da perfídia.

Joaquim Manuel de Macedo. Apud BANDEIRA, Manuel. *Itinerário de Pasárgada*. 4. ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira/INL, 1984. p. 94.

Teresa, se algum sujeito bancar o sentimental em cima de você
E te jurar uma paixão do tamanho de um bonde
Se ele chorar
Se ele se ajoelhar
Se ele se rasgar todo
Não acredita não, Teresa
É lágrima de cinema
É tapeação
Mentira
CAI FORA

Manuel Bandeira, op. cit., p. 94.

Para entender a imitação de estilo, é preciso verificar o que é estilo. Essa palavra tem uma utilização bastante ampla. Usa-se esse termo para falar de um escritor (o estilo de Vieira, de Camões, de Alencar, de Machado de Assis), de uma "escola" literária ou artística (o estilo barroco, o estilo romântico, o estilo dos impressionistas), de um criador qualquer (o estilo de Chanel, o estilo de Portinari), de uma época (o estilo dos anos 60), de um tipo de linguagem (o estilo jurídico, o estilo diplomático), de uma atividade humana qualquer (o estilo de governar do presidente Fernando Henrique). Qual é o sentido de base dessa palavra, que propicia esses diferentes usos?

Estilo é o conjunto de traços particulares que define desde as coisas mais banais até as mais altas criações artísticas. É o conjunto de características que determina a singularidade de alguma coisa; ou, em termos mais exatos, é o conjunto de traços recorrentes do plano do conteúdo ou da expressão por meio dos quais se caracteriza um autor, uma época etc. O termo *estilo* alude, então, a um fato diferencial:

diferença de um autor em relação a outro, de um pintor relativamente a outro, de uma época em relação a outra etc.

Exemplifiquemos o que são esses traços recorrentes. São características do plano do conteúdo, por exemplo, a reiteração de certos temas (os temas da transitoriedade da vida e da inevitabilidade da morte repetem-se na poesia barroca; a ideia de aproveitar o presente é uma recorrência na poesia de Ricardo Reis, um dos heterônimos de Fernando Pessoa). São características do plano da expressão, por exemplo, as formas de organizar as palavras no texto ou determinadas construções. Assim, vemos que a antítese é uma constante nos sermões de Vieira; o uso intenso de aliterações é uma característica da poesia simbolista. Lembre-se bem de que o que determina um estilo é o conjunto de traços reiterados e não uma particularidade isolada.

Os imitadores, os que parodiam, os falsificadores em pintura, os *covers* etc. "copiam" exatamente esse conjunto de traços, o estilo daquele que é imitado, falsificado etc. Por outro lado, é esse conjunto de características que permite dizer, quando lemos um texto ou vemos um quadro cujo autor não conhecemos: *parece Vieira, soa a Machado, é um Toulouse-Lautrec*.

Manuel Bandeira escreveu uma série de poemas denominados *À maneira de...*, em que imita o estilo de certos poetas, não para desqualificá-los, mas como um exercício de escrita. Trata-se, pois, de casos de imitação de estilo por captação ou de estilização. Leia o poema intitulado "À maneira de Alberto de Oliveira":

Esse que em moço ao Velho Continente
Entrou de rosto erguido e descoberto,
E ascendeu em balão e, mão tenente,
Foi quem primeiro o sol viu mais de perto;

Águia da Torre Eiffel, da Itu contente
Rebento mais ilustre e mais diserto,
É o florão que nos falta (e não no tente
Glória maior), Santos Dumont Alberto!

Ah que antes de morrer, como soldado
Que mal-ferido da refrega a poeira
Beija do chão natal, me fora dado

Vê-lo (tal Febo esplende e é luz e é dia)
Na que chamais de Letras Brasileira,
Ou melhor nome tenha, Academia.

Manuel Bandeira. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1983. p. 434.

Alberto de Oliveira é um dos mais célebres poetas do parnasianismo brasileiro. Quais as características de sua poesia captadas por Manuel Bandeira? A forma poética preferida de Alberto de Oliveira é o soneto. Além disso, frequentemente, traça um quadro, uma cena, em que procura fixar a sensação de um detalhe ou a memória do fragmento de um determinado acontecimento. Observe que Manuel Bandeira, num soneto, busca compor a cena do brasileiro que, chegado à Europa, voa, pela

primeira vez, com um instrumento mais pesado do que o ar, ao redor da Torre Eiffel. Esse tema é tratado, como sempre faz Alberto de Oliveira, com objetividade. O fato é simplesmente narrado. Além disso, faz-se no soneto uma referência à mitologia clássica: usa-se a expressão *tal Febo esplende* para significar "o sol brilha" (*Febo* é uma palavra que vem do grego *fóibos*, que quer dizer "brilhante"; era a alcunha dada a Apolo, o mais belo dos deuses, deus do dia e do sol). Na poesia dos parnasianos em geral, utilizam-se muitas imagens ou expressões extraídas da mitologia clássica para descrever coisas e acontecimentos do mundo cotidiano. A métrica usada é o decassílabo heroico, acentuado fundamentalmente na sexta e na décima sílabas, mas com possibilidade de ter acentuações secundárias na oitava e numa das quatro primeiras sílabas. As rimas são todas graves, ou seja, rimam palavras paroxítonas. Ademais, são sempre ricas, ou seja, são feitas com palavras de classe gramatical diferente ou de finais pouco frequentes. Contraem-se sistematicamente as vogais, fazendo com que duas ou mais sílabas gramaticais se transformem numa única sílaba poética (por exemplo, no primeiro verso, temos *essi quiem moço*, em que *que* e *em* formam um ditongo). No domínio da sintaxe, usa-se abundantemente a inversão da ordem habitual das palavras (por exemplo, o objeto direto precede o verbo em *a poeira beija, o sol viu mais de perto*; anteposição do determinante ao determinado *de Letras Brasileira (...) Academia*). O léxico é preciosista (por exemplo, *diserto* = que se exprime com facilidade, simplicidade e elegância; *florão* = ornato de ouro ou de pedras preciosas, à feição de uma flor). Todos esses traços dos níveis fônico (métrica, rima etc.), léxico e sintático são recorrentes na poesia de Alberto de Oliveira. Cabe lembrar ainda que uma imagem semelhante a *ver o sol mais de perto*, para quem se eleva às alturas, foi usada por Alberto de Oliveira no poema "Aspiração":

> Ser palmeira! existir num píncaro azulado,
>
> Vendo as nuvens mais perto e as estrelas em bando.

Como se vê, Bandeira não imitou um texto específico de Alberto de Oliveira, mas seu estilo.

TEXTO COMENTADO

O texto que segue é um fragmento do livro *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*, de Mário de Andrade:

Senhoras:

Não pouco vos surpreenderá, por certo, o endereço e a literatura desta missiva. Cumpre-nos, entretanto, iniciar estas linhas de saùdade e muito amor com desagradável nova. É bem verdade que na boa cidade de São Paulo — a maior do universo no dizer de seus prolixos habitantes — não sois conhecidas por "icamiabas", voz espúria, sinão que pelo apelativo de Amazonas; e de vós se afirma cavalgardes belígeros ginetes e virdes da Hélade clássica; e assim sois chamadas. Muito nos pesou a nós, Imperator vosso, tais dislates de erudição, porém heis de convir conosco que, assim, ficais mais heroicas e mais conspícuas, tocadas por essa pátina respeitável da tradição e da pureza antiga.

Mas não devemos esperdiçarmos vosso tempo fero, e muito menos conturbarmos vosso entendimento, com notícias de mau calibre; passemos, pois, imediato, ao relato de nossos feitos por cá.

Nem cinco sóis eram passados que de vós nos partíramos, quando a mais temerosa desdita pesou sobre nós. Por uma bela noite dos idos de maio do ano translato, perdíamos a muiraquitã; que outrém grafara muraquitã, e, alguns doutos, ciosos de etimologias esdrúxulas, ortografam muyrakitam e até mesmo muraquéitã, não sorriais! Haveis de saber que este vocábulo, tão familiar a vossas trompas de Eustáquio,

é quasi desconhecido por aqui. Por estas paragens mui civis, os guerreiros chamam-se polícias, grilos, guardas-cívicas, boxistas, legalistas, mazorqueiros etc.; sendo que alguns desses termos são neologismos absurdos — bagaço nefando com que os desleixados e petimetres conspurcam o bom falar lusitano. Mas não nos sobra já vagar para discretearmos "sub tegmine fagi", sobre a língua portuguesa, também chamada lusitana. O que vos interessará, por sem dúvida, é saberdes que os guerreiros de cá não buscam mavórticas damas para o enlace epitalámico, mas antes as preferem dóceis e facilmente trocáveis por voláteis folhas de papel a que o vulgo chamará dinheiro, o "curriculum vitae" da civilização a que hoje fazemos ponto de honra em pertencermos.

Mário de Andrade. *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos; São Paulo, Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1978. p. 71-2.

O trecho faz parte do capítulo "Carta pras icamiabas". O remetente dessa carta é Macunaíma, o próprio herói do romance; o lugar em que está é a cidade de São Paulo; o destinatário são as icamiabas, ou seja, as amazonas, mulheres guerreiras, que, segundo a lenda, viviam na região hoje denominada Amazônia. Deve-se lembrar que o termo *icamiabas* é de origem indígena, enquanto a palavra *amazonas* provém do grego.

Esse texto, logo à primeira vista, parece ter sido escrito num período anterior ao modernismo, em que se cultivava uma forma "clássica" de escrever. Os traços que permitem afirmar isso são:

a) uso da segunda pessoa do plural para tratamento;

b) emprego sistemático do plural majestático (*nós* em lugar de *eu*);

c) utilização do objeto indireto pleonástico, em *Muito nos pesou a nós* (com a finalidade de realçar o objeto indireto, pode-se repetir a forma pronominal tônica pela átona correspondente);

d) uso de um léxico preciosista (vocábulos de emprego muito raro) e até de sabor arcaizante (*voz* por "palavra", *missivas* por "cartas", *Hélade* por "Grécia", *belígeros ginetes* por "cavalos de guerra", *dislates* por "asneiras", *conspícuas* por "ilustres", "respeitáveis", *pátina* por "envelhecimento", *fero* por "feroz", *idos* por "dia 15"[1], *translato* por "passado", *petimetre* por "homem que se veste com apuro exagerado", *discretear* por "discorrer calmamente", *enlace epitalámico* por "casamento", *vulgo* por "povo", *mavórticas* [2] por "guerreiras");

e) utilização de perífrases que chegam ao ridículo, para falar de coisas bastante banais (*trompas de Eustáquio* por "ouvidos");

f) emprego de formas da sintaxe clássica, como, por exemplo, oração reduzida de infinitivo em casos em que no português moderno se utiliza uma oração desenvolvida (por exemplo, *de vós se afirma* **cavalgardes** *belígeros ginetes* e **virdes** *da Hélade clássica*);

g) uso do infinitivo flexionado em locuções verbais ou junto de auxiliares causativos (por exemplo, *não devemos esperdiçarmos; fazemos ponto de honra pertencermos*);

h) emprego das normas portuguesas antigas de acentuação (por exemplo, *saùdade* em lugar de *saudade*, *epitalámico* em vez de *epitalâmico*);

i) citação de dois versos de *Os lusíadas*, com que se inicia o célebre episódio do Gigante Adamastor:

Porém já cinco sóis eram passados

Que dali nos partíramos cortando (V, 37, 1-2).

j) citação de um pedaço do primeiro verso das *Bucólicas*, de Virgílio: *sub tegmine fagi*, que significa “debaixo de copada faia”.

O texto surpreende no contexto do romance, porque o narrador rompe com a modalidade espontânea de linguagem que vinha utilizando até então e adota um registro marcadamente formal. Ao optar por um léxico e uma sintaxe já desusados, muito a gosto dos parnasianos (Rui Barbosa, Coelho Neto, Bilac), o narrador imita o estilo desses autores, para ridicularizar a literatura brasileira do período anterior ao modernismo e, por conseguinte, toda a cultura brasileira dessa época, já que esse estilo correspondia ao gosto da moda. Ao satirizar o caráter anacrônico e formal da linguagem da época, escarnece do caráter ultrapassado e solene de nossa cultura urbana em geral. Ironiza as discussões etimológicas, ou seja, sobre a origem das palavras, muito apreciadas então. Ao dizer que as palavras da gíria ou da linguagem familiar são *neologismos absurdos*, *bagaço nefando*, com que se conspurca a língua portuguesa, satiriza os puristas, que queriam preservar a pureza do português. Ridiculariza uma certa norma do português, o que era tido por “português castiço” no período. Ironiza uma forma de escrever, em que, sem o menor propósito, se cita a literatura clássica. É um caso de imitação de estilo por subversão (chamada também paródia), pois o narrador desqualifica o estilo imitado no próprio movimento de imitação.

As colagens cubistas características de uma determinada fase de Braque e de Picasso são o tema da paródia realizada pelo cartum de Jaguar.

Mamãe! Papai ficou preso na colagem outra vez!

LIÇÃO 4 EXERCÍCIOS

Os poemas que seguem são três canções do exílio: a primeira é de Gonçalves Dias; a segunda, de Murilo Mendes; a terceira, de Carlos Drummond de Andrade:

TEXTO 1

CANÇÃO DO EXÍLIO

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar — sozinho, à noite —
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu´inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Gonçalves Dias. *Gonçalves Dias: poesia*. Por Manuel Bandeira.
Rio de Janeiro, Agir, 1975. p. 11-2. (Nossos clássicos, 18).

TEXTO 2

CANÇÃO DO EXÍLIO

Minha terra tem macieiras da Califórnia
onde cantam gaturamos de Veneza.
Os poetas da minha terra
são pretos que vivem em torres de
[ametista,
os sargentos do exército são monistas,
[cubistas,
os filósofos são polacos vendendo a
[prestações.
A gente não pode dormir

com os oradores e os pernilongos.
Os sururus em família têm por
[testemunha a Gioconda.

Eu morro sufocado
em terra estrangeira.
Nossas flores são mais bonitas
nossas frutas mais gostosas
mas custam cem mil réis a dúzia.
Ai quem me dera chupar uma
[carambola de verdade
e ouvir um sabiá com certidão
[de idade!

Murilo Mendes. *Poesias (1925-1955)*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1959. p. 5.

TEXTO 3

NOVA CANÇÃO DO EXÍLIO

Um sabiá
na palmeira, longe.
Estas aves cantam
um outro canto.

O céu cintila
sobre flores úmidas.
Vozes na mata
e o maior amor.

Só, na noite,
seria feliz:
um sabiá,
na palmeira, longe.

Onde é tudo belo
e fantástico,
só, na noite,
seria feliz.
(Um sabiá,
na palmeira, longe.)

Ainda um grito de vida e
voltar
para onde tudo é belo

e fantástico:
a palmeira, o sabiá,
o longe.

Carlos Drummond de Andrade. *Reunião: 10 livros de poesia*. 6. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1974. p. 94-5.

O texto 1 é um poema escrito em 1843, quando Gonçalves Dias estudava em Coimbra, Portugal, e contava 20 anos de idade.

O título, "Canção do exílio", associado ao tema da saudade da pátria serviu de sugestão para outros poetas, como Murilo Mendes e Carlos Drummond de Andrade, que também escreveram a sua canção do exílio.

QUESTÃO 1

No texto 1, o eu-lírico opõe dois espaços, marcados cada um pelos advérbios *aqui* e *lá*.

Qual dos dois espaços é mais valorizado sob o ponto de vista do eu-lírico?

QUESTÃO 2

No texto 2, de Murilo Mendes, há um paradoxo, ou seja, o espaço da terra natal (o *aqui*) coexiste com o da terra estrangeira (o *lá*). Cite dois trechos que confirmem esta afirmação.

QUESTÃO 3

Há passagens do poema de Murilo Mendes que lembram outras do poema de Gonçalves Dias.

Comprove esta afirmação transcrevendo do texto de Murilo trechos similares aos de Gonçalves Dias.

QUESTÃO 4

No poema de Gonçalves Dias, ao lado da glorificação da pátria, existe também o reconhecimento de aspectos desfavoráveis dentro dela? No poema de Murilo Mendes ocorre o mesmo procedimento?

QUESTÃO 5

Pode-se dizer que o poema de Gonçalves Dias é nacionalista ao passo que o de Murilo Mendes é antinacionalista?

QUESTÃO 6

No poema de Gonçalves Dias a exaltação da pátria é baseada sobretudo em aspectos da natureza ou da cultura?

QUESTÃO 7

No poema de Murilo Mendes há também exaltação da pátria como no poema de Gonçalves Dias?

QUESTÃO 8

Ambos os poemas terminam com uma manifestação solene do desejo de cada um dos enunciadores.

a) Qual é esse desejo no poema de Gonçalves Dias?

b) Qual é esse desejo em Murilo Mendes?

QUESTÃO 9

A "Nova canção do exílio" (texto 3), de Drummond, contém, como a de Gonçalves Dias, cinco estrofes. É possível afirmar que ambas são semelhantes sob o ponto de vista da metrificação?

QUESTÃO 10

Os dois versos de Gonçalves Dias "*Minha terra tem palmeiras / Onde canta o Sabiá*" vêm retomados por dois versos da "Nova canção do exílio", os quais se repetem várias vezes no percurso do poema. De que versos se trata?

QUESTÃO 11

Os dois versos referidos na questão anterior contêm três noções que se repetem durante o poema. De que noções se trata? Procure descrever o que significam no poema.

QUESTÃO 12

Os dois versos finais da primeira estrofe de Drummond dizem: "*Estas aves cantam / um outro canto.*"

O pronome *estas* indica algo próximo da pessoa que fala (tanto no espaço quanto no tempo). Referido

a *aves*, indica as que estão próximas do eu-lírico.

O pronome *outro* pressupõe a existência de ao menos um diferente dele.

a) Ao dizer que *estas* aves cantam um *outro* canto, o enunciador pode estar querendo dizer que há uma oposição entre as aves a que se refere o poema de Gonçalves Dias e aquelas a que se refere esta "nova canção do exílio"?

b) Pode-se dar a esse possível confronto uma conotação política e interpretá-lo como manifestação de que a realidade idílica descrita por Gonçalves Dias está longe de ser verdadeira para o momento em que a "nova canção do exílio" foi escrita?

QUESTÃO 13

Os dois versos: *"Em cismar, sozinho, à noite / Mais prazer encontro eu lá"* são recuperados por estes dois: *"Só, na noite, / seria feliz"*.

Nos dois versos de Drummond há uma ambiguidade que parece intencional.

a) Quais são os dois sentidos que podem ser atribuídos aos dois versos?

b) Ambos os significados se encaixam com coerência no texto de Drummond?

QUESTÃO 14

Na quinta estrofe, o desejo manifestado pelo eu-lírico no poema de Drummond é similar ao de Gonçalves Dias?

QUESTÃO 15

Comenta-se que um dos traços mais marcantes do poema de Gonçalves Dias é a concisão, a densidade de sentido em poucas palavras.

Pode-se dizer o mesmo do texto de Drummond?

QUESTÃO 16

A "Canção do exílio", de Gonçalves Dias, enaltece o solo pátrio sob o ponto de vista de seus encantos naturais; a de Murilo Mendes é uma paródia e satiriza a descaracterização da pátria sob o ponto de vista cultural.

a) A "Nova canção do exílio", de Drummond, aproxima-se mais do poema de Gonçalves Dias ou da paródia de Murilo Mendes?

b) Pode-se dizer que o poema de Drummond tem também intenção de subverter o sentido do poema de

Gonçalves Dias?

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Leia com atenção o trecho que vem a seguir, um fragmento da *História da América portuguesa*, de Rocha Pita (1660-1738):

Em nenhuma outra região se mostrou o céu mais sereno, nem madruga mais bela a aurora; o sol em nenhum outro hemisfério tem os raios tão dourados, nem os reflexos noturnos tão brilhantes; as estrelas são as mais benignas, e se mostram sempre alegres; os horizontes, ou nasça o sol ou se sepulte, estão sempre claros; as águas, ou se tomem nas fontes pelos campos, ou dentro das povoações nos aquedutos, são as mais puras; é enfim o Brasil terrenal Paraíso descoberto, onde têm nascimento e curso os maiores rios, domina salutífero clima, influem benignos astros e respiram auras novíssimas, que o fazem fértil e povoado de inúmeros habitadores.

Rocha Pita (1660-1738), *História da América portuguesa*.

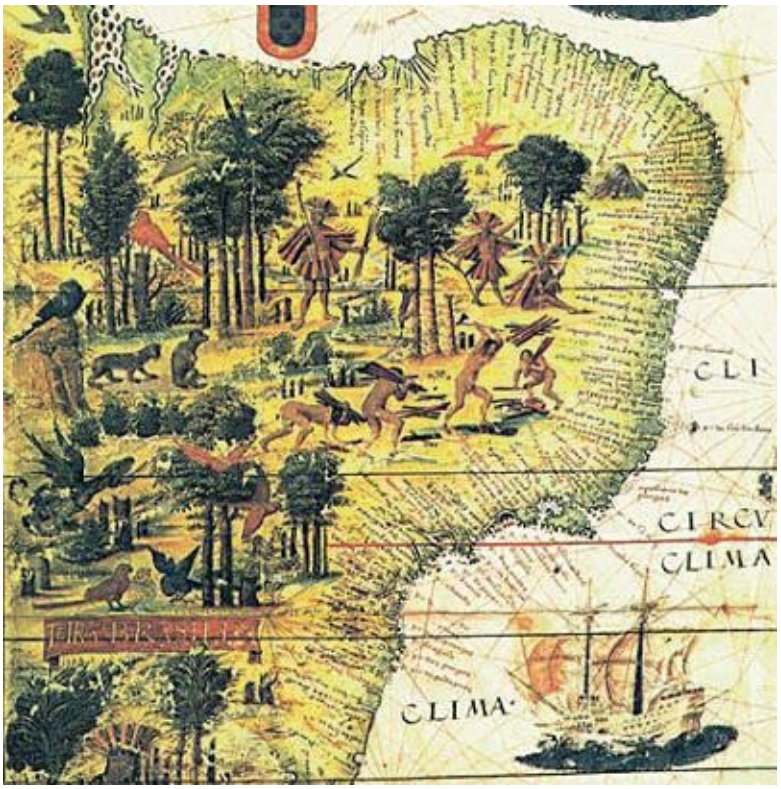

Esse texto de Rocha Pita alinha-se ao lado de muitos outros textos da nossa cultura que tomam o Brasil como “Paraíso terrestre”.

Levando em consideração o que você conhece do Brasil atual, você vai tomar por base o fragmento de Rocha Pita e construir um texto que se relacione com ele por imitação ou por subversão.

Como subsídio para a sua reflexão, compare o que diz Rocha Pita com o que diz Gilberto Amado no texto que segue:

Em todas as nações devemos ver e procurar antes de tudo aquilo em que elas nos possam ser úteis e defendermo-nos, é claro, contra o que nos possa prejudicar e nos ameaçar, olhar a marcha dos eventos de olhos abertos e não escurecidos pelas lentes de deformação fornecidas por uma ótica intencional, qualquer que seja a procedência. O patriotismo deve preservar sua pureza e não degenerar em patacoadas de aparência, (...). Sobre este ponto vou ainda citar-me numa frase que versava esse tema,

condenando o que chamei o nosso patriotismo de palavras que doura tudo “que é nosso e recorta na deformação sentimental do entusiasmo tudo que possuímos” (...), ao qual opunha eu “o patriotismo que observa com rigor para levantar sobre o que é mau a perspectiva do que é bom, para tirar do que é bom a possibilidade do melhor”. Esse patriotismo (...), feito de inquietação e de zelo, deve ser sobretudo o dos diplomatas, que são a placa sensível do país exposta às impressões do exterior, suas antenas em contato com as correntes elétricas do mundo.

Discurso de paraninfo proferido em 1955, por ocasião da formatura dos novos diplomados do Instituto Rio Branco.

1 No antigo calendário romano, os idos eram o dia 15 dos meses de março, maio, julho e outubro e o dia 13 dos outros meses.
2 Adjetivo derivado de *Mavorte*, forma epentética (= resultante de epêntese, ou seja, do acréscimo de sons no meio de uma palavra) de *Marte*.

LIÇÃO 5

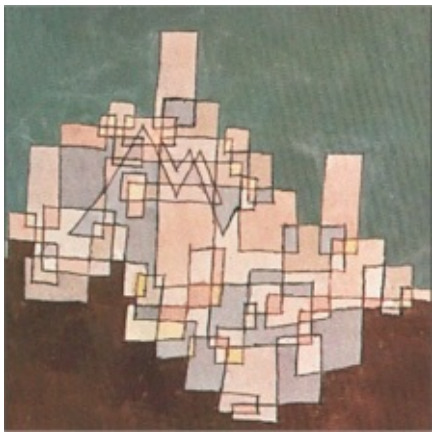

Na superfície do texto, em geral, flutuam significados tão diversos que se tem a impressão de desordem.Tal sensação, no entanto, desaparece quando se percebe que, por trás da aparente dispersão, existem significados mais abstratos que dão unidade aos da superfície.

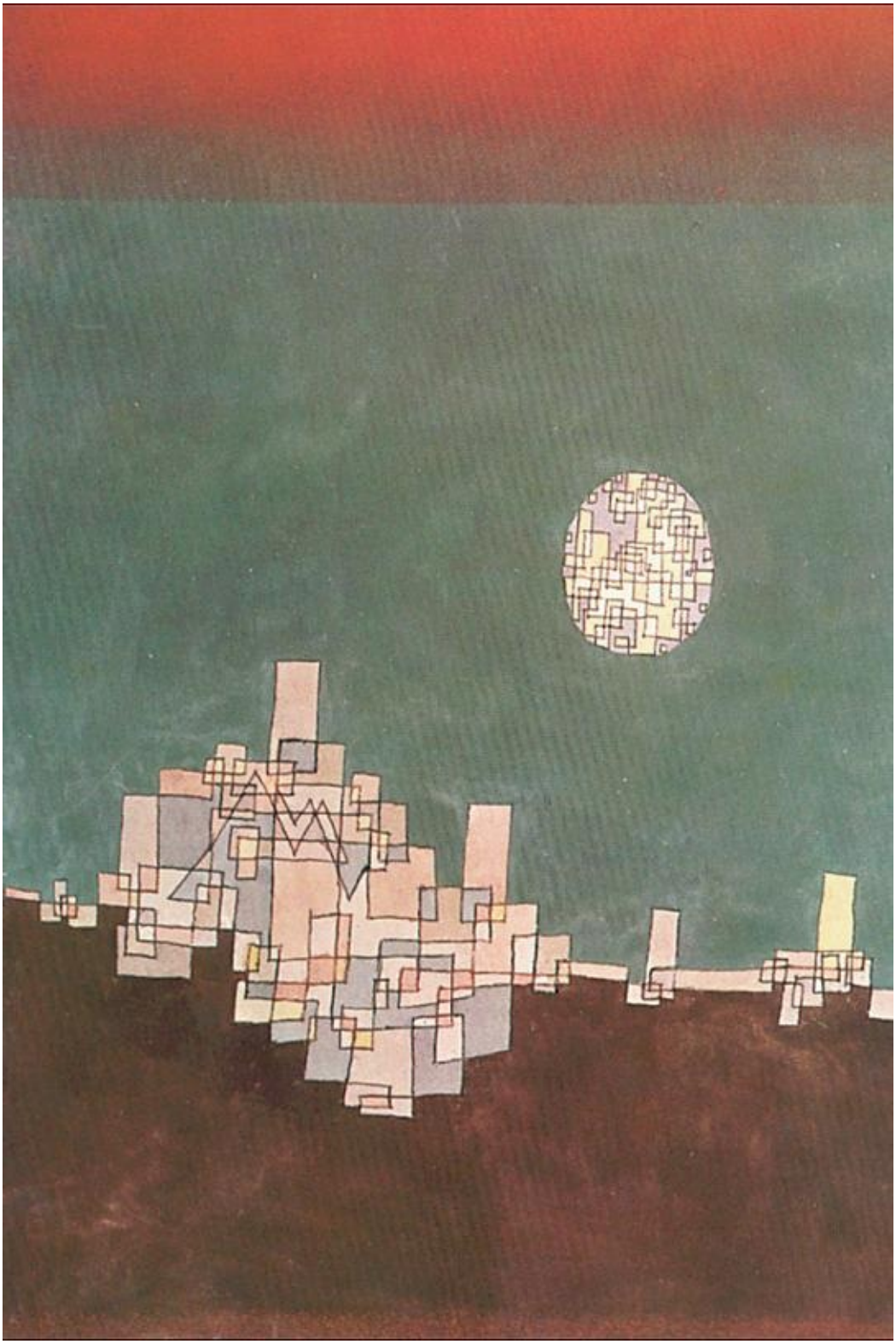

Nesta pintura, os dois elementos principais da imagem opõem-se de diversas maneiras: pela forma — um é uma figura geométrica, o outro é irregular; pelos limites — um tem contornos definidos, o outro, irregulares; e pela inserção no espaço — um flutua no ar, o outro está assentado no solo. Com o objetivo de criar um efeito de unidade visual e permitir a comparação entre eles, o artista criou a trama ortogonal que dá estrutura a ambos.

Auserwählte Stätte, pintura de Paul Klee, de 1927.

LIÇÃO 5

ORGANIZAÇÃO FUNDAMENTAL

Capa de Sérgio Brito.

Leia o texto abaixo, letra de uma das músicas dos Titãs:

COMIDA

bebida é água.
comida é pasto.
você tem sede de quê?
você tem fome de quê?
a gente não quer só comida,
a gente quer comida, diversão e arte.
a gente não quer só comida,
a gente quer saída para qualquer parte.
a gente não quer só comida,
a gente quer bebida, diversão, balé.
a gente não quer só comida,
a gente quer a vida como a vida quer.

bebida é água.
comida é pasto.
você tem sede de quê?
você tem fome de quê?
a gente não quer só comer,
a gente quer comer e quer fazer amor.
a gente não quer só comer,
a gente quer prazer pra aliviar a dor.
a gente não quer só dinheiro,
a gente quer dinheiro e felicidade.
a gente não quer só dinheiro,
a gente quer inteiro e não pela metade.

Arnaldo Antunes; Marcelo Fromer; Sérgio Brito. *Jesus não tem dentes no país dos banguelas*, Titãs, 1987.

Observamos que esse texto se constrói sobre uma oposição entre *aquilo que se quer mas não é o bastante* e *aquilo que se deseja e é suficiente*. São aparentados os termos *comida, comer, dinheiro* e *metade*, pois apresentam um traço comum de significado: "o que se quer, mas não basta para saciar o ser humano"; de outro lado, agrupam-se, com base num traço idêntico de significado, "o que sacia o ser humano", os termos: *comida, diversão, arte, saída para qualquer parte, bebida, diversão, balé, a vida como a vida quer, comer, fazer amor, prazer pra aliviar a dor, dinheiro e felicidade, inteiro*. Poderíamos reduzir esse traço comum a cada grupo a uma oposição semântica, expressa por duas palavras: parcialidade X totalidade. O texto mostra, de um lado, aquilo que é necessário, mas não suficiente (por isso, *parte, metade*), para que alguém viva como ser humano, dado que, como lembram os dois primeiros versos com as palavras *água* e *pasto*, as necessidades que são satisfeitas com esses elementos são comuns aos homens e aos animais; de outro, aquilo que é necessário e suficiente (por isso, *todo, inteiro*), para que a vida humana tenha plenitude (comida, bebida, dinheiro, mas também lazer, arte, prazer, felicidade). Nesse texto, a oposição parcialidade X totalidade regula e ordena os diferentes elementos que aparecem no texto. Por isso, é considerada sua organização fundamental.

Um texto organiza-se em torno de oposições de sentido do tipo liberdade X submissão, unicidade X multiplicidade, vida X morte, natureza X civilização. O objetivo final da análise de um texto não é encontrar apenas a oposição que constitui sua organização fundamental, pois isso seria reduzir a quase nada a riqueza de suas significações. No entanto, é importante apreendê-la, já que ela dá unidade aos elementos de superfície, que, à primeira vista, parecem caóticos e dispersos. Para detectar a oposição ou oposições de base de um texto, devemos listar os elementos que, nele, estão em oposição (no texto com que iniciamos esta lição verificamos que, de um lado, estava o que não era bastante e, de outro, o que era suficiente) e, depois, encontrar um denominador semântico comum para eles. Esse denominador comum para os elementos que se acham em oposição no texto é o que se chama nível fundamental, organização fundamental, oposição de base.

Um dos polos dessa oposição semântica aparece sempre investido de uma apreciação positiva, enquanto o outro é valorizado negativamente. No nosso exemplo, o polo da *parcialidade* tem um valor negativo, como se depreende de sua associação com aquilo que pode satisfazer o gado, *água, pasto*, enquanto o da *totalidade* é considerado positivo. Observe que a valorização é dada pelo texto e não pelo leitor.

Observe mais uma coisa no texto com que principiamos esta lição: ele nega a *parcialidade* (*a gente não quer só*) e afirma a *totalidade* (*a gente quer*). A negação pressupõe uma afirmação anterior. Só se

pode negar uma coisa quando ela foi, implícita ou explicitamente, afirmada. Por exemplo, só se diz que não está chovendo, se antes houver uma afirmação explícita ou implícita de que está chovendo. Assim também só se pode dizer que não se quer alguma coisa depois de, implícita ou explicitamente, ter sido afirmado que ela é desejada. No texto temos o seguinte esquema de encadeamento dos conteúdos: afirmação da *parcialidade*, negação da *parcialidade*, afirmação da *totalidade*. Assim se encadeiam os termos da organização fundamental: afirma-se um dos termos, nega-se o que fora afirmado antes e afirma-se o outro.

Assim como a oposição de base ordena os diferentes sentidos que estão presentes na superfície textual, esse esquema básico de afirmação de 1, negação de 1 e afirmação de 2 explicita o movimento do texto, ou seja, mostra a organização fundamental do encadeamento dos significados.

TEXTO COMENTADO

O texto que segue é um fragmento do romance *A cidade e as serras*, de Eça de Queirós:

Nem este meu supercivilizado amigo compreendia que longe de armazéns servidos por três mil caixeiros; e de mercados onde se despejam os vergéis[1] e lezírias[2] de trinta províncias; e de bancos em que retine o ouro universal; e de fábricas fumegando com ânsias, inventando com ânsia; e de bibliotecas abarrotadas, a estalar, com a papelada de séculos; e de fundas milhas de ruas, cortadas, por baixo e por cima, de fios de telégrafos, de fios de telefones, de canos de gases, de canos de fezes; e da fila atroante dos ônibus, tramas[3], carroças, velocípedes, calhambeques, parelhas de luxo; e de dois milhões duma vaga humanidade, fervilhando, a ofegar, através da Polícia, na busca dura do pão ou sob a ilusão do gozo — o homem do século XX pudesse saborear, plenamente, a delícia de viver!

Quando Jacinto, no seu quarto do 202, com as varandas abertas sobre os lilases, me desenrolava estas imagens, todo ele crescia, iluminado. Que criação augusta, a da cidade! Só por ela, Zé Fernandes, só por ela, pode o homem soberbamente afirmar sua alma!... (...) Aí tens tu, o fonógrafo!... Só o fonógrafo, Zé Fernandes, me faz verdadeiramente sentir a minha superioridade de ser pensante e me separa do bicho. Acredita, não há senão a cidade, Zé Fernandes, não há senão a cidade.

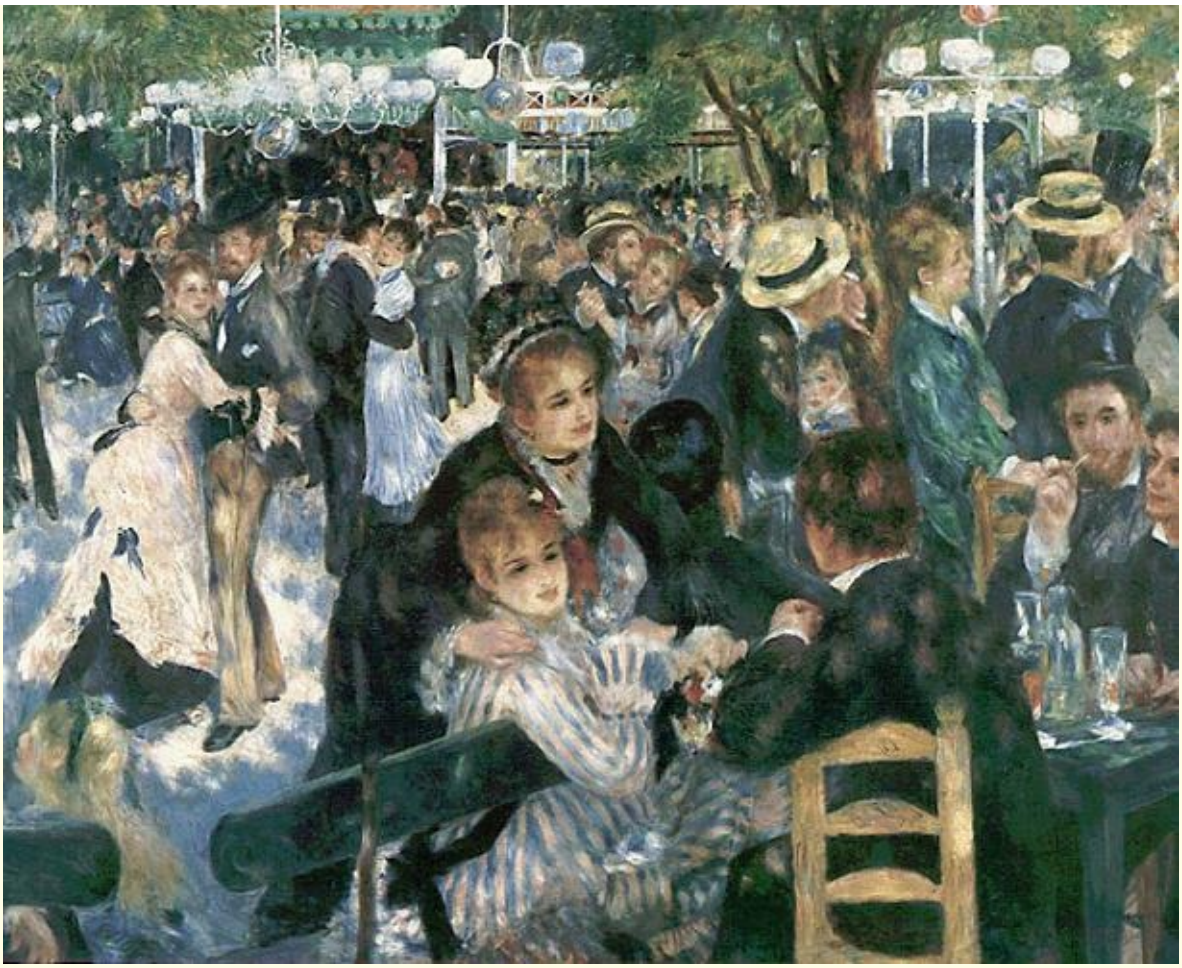

Acima, *O Moinho da Galette* , pintura de Renoir, de 1876.
Ao lado, *A conversa*, pintura de Paul Gauguin, de 1891.

A mesma oposição civilização-natureza presente no texto de Eça de Queirós pode ser observada na pintura da época. De um lado, a Paris de Renoir, na qual as pessoas se reúnem numa atmosfera de vibração e movimento. De outro, o Taiti de Gauguin, no qual o encontro de pessoas transcorre numa atmosfera de calma e tranquilidade.

E depois (acrescentava) só a cidade lhe dava a sensação, tão necessária à vida como o calor, da solidariedade humana. (...)

Ao contrário no campo, entre a inconsciência e a impassibilidade da natureza, ele tremia com o terror de sua fragilidade e da sua solidão. Estava aí como perdido num mundo que lhe não fosse fraternal; nenhum silvado encolheria os espinhos para que ele passasse; se gemesse com fome nenhuma árvore, por mais carregada, lhe estenderia o seu fruto na ponta compassiva dum ramo. Depois, em meio da natureza, ele assistia à súbita e humilhante inutilização de todas as suas faculdades superiores. De que servia, entre plantas e bichos — ser um gênio ou ser um santo? As searas não compreendiam as *Geórgicas*[4]; e fora necessário o socorro ansioso de Deus, e a inversão de todas as leis naturais, e um violento milagre para que o lobo de Agúbio[5] não devorasse São Francisco de Assis, que lhe sorria e lhe estendia os braços e lhe chamava “meu irmão lobo!” Toda a intelectualidade nos campos se esteriliza, e só resta a bestialidade. Nesses reinos crassos do vegetal e do animal duas únicas funções se mantêm vivas, a nutritiva e a procriadora. Isolada, sem ocupação, entre focinhos e raízes que não cessam de sugar e de pastar, sufocando no cálido bafo da universal fecundação, a sua pobre alma toda se engelhava[6], se reduzia a uma migalha de alma, uma fagulhazinha espiritual a tremeluzir, como morta, sobre um saco de matéria; e nessa matéria dois instintos surdiam, imperiosos e pungentes, o de devorar e o de gerar. Ao cabo de uma semana rural, de todo o seu ser tão nobremente composto só restava um estômago e por baixo um falo! A alma? Sumida sob a besta. E necessitava correr, reentrar na cidade, mergulhar nas ondas

lustrais[7] da civilização, para largar nelas a crosta vegetativa, e ressurgir reumanizado, de novo espiritual e jacíntico!

E estas requintadas metáforas do meu amigo exprimiam sentimentos reais — que eu testemunhei, que muito me divertiram, no único passeio que fizemos ao campo, à bem amável e bem sociável floresta de Montmorency. Oh delícias de entremez[8], Jacinto entre a natureza! Logo que se afastava dos pavimentos de madeira, do macadame, qualquer chão que os seus pés calcassem o enchia de desconfiança e de terror. Toda a relva, por mais crestada, lhe parecia ressumar uma umidade mortal. De sob cada torrão, da sombra de cada pedra, receava o assalto de lacraus[9], de víboras, de formas rastejantes e viscosas. No silêncio do bosque sentia um lúgubre despovoamento do universo. Não tolerava a familiaridade dos galhos que lhe roçassem a manga ou a face. Saltar uma sebe era para ele um ato degradante que o retrogradava ao macaco inicial. Todas as flores que não tivesse já encontrado em jardins, domesticadas por longos séculos de servidão ornamental, o inquietavam como venenosas. E considerava duma melancolia funambulesca[10] certos modos e formas do ser inanimado, a pressa esperta e vã dos regatinhos, a careca dos rochedos, todas as contorções do arvoredo e o seu resmungar solene e tonto.

Depois duma hora, naquele honesto bosque de Montmorency, o meu pobre amigo abafava, apavorado, experimentando já esse lento minguar e sumir de alma que o tornava como um bicho entre bichos. Só desanuviou quando penetramos no lajedo e no gás de Paris — e a nossa vitória quase se despedaçou contra um ônibus retumbante, atulhado de cidadãos. Mandou descer pelos *boulevards*, para dissipar, na sua grossa sociabilidade, aquela materialização em que sentia a cabeça pesada e vaga como a dum boi. E reclamou que eu o acompanhasse ao teatro das Variedades para sacudir, com os estribilhos da *Femme à Papa*, o rumor importuno que lhe ficara dos melros cantando.

Eça de Queirós. *A cidade e as serras*. Porto, Lello, 1966. p. 378-80.

O romance *A cidade e as serras*, de onde foi retirado esse texto, é a história de Jacinto, português radicado em Paris, contada por seu amigo José Fernandes. Na primeira parte, cuja ação transcorre em Paris, traça-se um perfil de Jacinto e mostra-se a vida que levava na capital francesa. Nesse texto, observamos que o narrador vai historiar as concepções e os sentimentos da personagem a respeito da cidade e do campo. Uma leitura, ainda que superficial, revela-nos que no texto o que se refere à cidade está em oposição ao que diz respeito ao campo. Registremos os elementos em oposição para chegar à organização fundamental do texto.

O primeiro parágrafo mostra que a possibilidade de aproveitar a vida (*saborear, plenamente, a delícia de viver*) está relacionada a *armazéns servidos por três mil caixeiros, mercados onde se despejam os vergéis e lezírias de trinta províncias, bancos, fábricas fumegando, bibliotecas abarrotadas, fundas milhas de ruas, fios de telégrafos, fios de telefones, canos de gases, canos de* esgotos, *fila atroante* de *ônibus, tramas, carroças, velocípedes, calhambeques, parelhas de luxo, dois milhões de pessoas*. Isso significa que só se pode viver plenamente na cidade e que no campo não se saboreia a alegria de viver.

No parágrafo seguinte, Jacinto associa à cidade e ao fonógrafo, ou seja, artefatos construídos pelo engenho humano, a afirmação da alma e o sentimento de superioridade e de diferença em relação aos bichos. No que vem a seguir, a solidariedade humana é ligada à cidade.

No quarto parágrafo, vê-se que, na concepção de Jacinto, a falta de solidariedade (*mundo não fraternal*) tem relação com o campo, pois as plantas são incapazes dos menores gestos de solidariedade que os humanos podem realizar (*nenhum silvado encolheria os espinhos para que ele passasse*; *se gemesse com fome nenhuma árvore, por mais carregada, lhe estenderia o seu fruto na ponta compassiva de um ramo*). Por outro lado, têm ligação com a cidade as faculdades superiores (genialidade, inteligência, santidade: *as searas não compreendem as* Geórgicas; *o lobo de Agúbio só não devorou São Francisco por milagre*; *toda a intelectualidade nos campos se esteriliza*). No campo prevalecem as funções do corpo, devorar, sugar, pastar e gerar. Nele, a alma reduz-se a uma *migalha*, a uma *fagulhazinha a tremeluzir como morta*, enquanto avulta o papel do estômago e do falo; a alma some sob o corpo. A cidade está relacionada à civilização, às faculdades da inteligência, do espírito, enquanto o campo está ligado a tudo o que é instintivo, às funções do corpo.

No parágrafo seguinte, expõem-se os sentimentos de Jacinto em relação à natureza: desconfiança, terror (*relva, por mais crestada, lhe parecia ressumar umidade*; *receava o assalto de lacraus, de víboras, de formas rastejantes e viscosas*; julgava as plantas venenosas, etc.). Na cidade, sentia confiança e alegria, pois só tinha desconfiança e terror quando se afastava dos *pavimentos de madeira e do macadame*, e serenava quando penetrava na cidade (*no lajedo e no gás de Paris*). Gostava de flores, mas de jardins, ou seja, *domesticadas por longos séculos de servidão ornamental*, apreciava o que era cultivado pelo homem. O campo fazia sua alma sumir, minguar, tornava-o um bicho entre os bichos, a cidade fazia sua alma agigantar-se, fazia dele um ser humano. A música do teatro de Variedades é o símbolo de tudo o que é feito pelo homem, enquanto o canto dos melros nos choupos altos simboliza tudo o que está na natureza. O que é próprio da natureza produz uma turvação da inteligência (*rumor importuno*), que é varrida com o que é feito pelo homem (*sacudir*).

Poderíamos resumir desse modo o longo conjunto de oposições do texto:

Cidade	**Campo**
aproveitar a vida	gastar a vida inutilmente
afirmação das faculdades do espírito (inteligência, genialidade) e dos sentimentos elevados (santidade, solidariedade)	afirmação das funções do corpo (alimentar-se e copular) e dos sentimentos mais baixos (individualismo, bestialidade)
humanização	animalização

Podemos sintetizar os traços comuns aos elementos em oposição presentes no texto. De um lado, temos o que é produzido pelo homem, criado pelo homem, próprio do homem; de outro, o que é instintivo, o que não é fruto da ação humana, aquilo que o homem tem em comum com os outros animais. Resumindo essa oposição em duas palavras, poderíamos dizer que o texto confronta *cultura* X *natureza*, pois aquela

significa tanto o “desenvolvimento de certas faculdades do espírito” quanto o conjunto de “formas adquiridas de comportamento nas sociedades humanas”, enquanto esta quer dizer seja “o que no universo se produz espontaneamente, sem a intervenção do homem”, seja “o conjunto dos caracteres inatos próprios de uma espécie”. *Cultura* associa-se a tudo o que é positivo; *natureza*, a tudo o que tem valor negativo. Por isso, aquela é valorizada positivamente, e esta, negativamente.

Há no texto dois encadeamentos da categoria *cultura* X *natureza*:

a) afirmação da cultura: 1º a 3º parágrafo, em que se associa a cidade a uma série de valores positivos;

b) negação da cultura: essa operação de negação é dada pela expressão *ao contrário no campo*;

c) afirmação da natureza: todo o trecho em que se liga o campo a uma série de valores negativos.

Depois de o narrador ter exposto as concepções de Jacinto, conta, nos dois últimos parágrafos, um caso acontecido com os dois (uma visita à floresta de Montmorency), para mostrar que o amigo não dizia essas coisas da boca para fora, mas acreditava profundamente nelas. Nesse episódio, organiza-se assim o componente fundamental:

a) afirmação da natureza com seus valores materializadores, quando se afastam da cidade e chegam ao campo;

b) negação da natureza, quando entram de volta na cidade (*desanuviou quando penetramos no lajedo e no gás de Paris*);

c) afirmação da cultura, com seus valores humanizadores, quando estão na cidade.

É interessante notar que as concepções de Jacinto sobre a natureza e a cultura vão mudar radicalmente ao longo da obra. Vai ele passar a valorizar positivamente a natureza e negativamente a cultura. Esse teria que ser realmente o desenvolvimento da organização fundamental do romance, já que o livro *A cidade e as serras* está inserido no universo ideológico que afirmava que o homem é bom e a sociedade é que o corrompe, ou seja, que a natureza é fonte do que é elevado, e a sociedade, daquilo que é baixo.

LIÇÃO 5 EXERCÍCIOS

Saída da procissão de Santa Bárbara, pintura do artista popular Joaquim Pedroso.

O texto que vem a seguir é um fragmento da peça *Auto da compadecida*, de Ariano Suassuna:

CHICÓ — Mas, padre, não vejo nada de mau em se benzer o bicho.

JOÃO GRILO — No dia em que chegou o motor novo do major Antônio Morais o senhor não benzeu?

PADRE — Motor é diferente, é uma coisa que todo mundo benze. Cachorro é que eu nunca ouvi falar.

CHICÓ — Eu acho cachorro uma coisa muito melhor do que motor.

PADRE — É, mas quem vai ficar engraçado sou eu, benzendo o cachorro. Benzer motor é fácil, todo mundo faz isso, mas benzer cachorro?

JOÃO GRILO — É, Chicó, o padre tem razão. Quem vai ficar engraçado é ele e uma coisa é benzer motor do major Antônio Morais e outra benzer o cachorro do major Antônio Morais.

PADRE — (mão em concha no ouvido) Como?

JOÃO GRILO — Eu disse que uma coisa era o motor e outra o cachorro do major Antônio Morais.

PADRE — E o dono do cachorro de quem vocês estão falando é Antônio Morais?

JOÃO GRILO — É. Eu não queria vir, com medo de que o senhor se zangasse, mas o major é rico e poderoso e eu trabalho na mina dele. Com medo de perder meu emprego, fui forçado a obedecer, mas disse a Chicó: o padre vai se zangar.

PADRE — (desfazendo-se em sorrisos) Zangar nada, João! Quem é um ministro de Deus para ter direito de se zangar? Falei por falar, mas também vocês não tinham dito de quem era o cachorro!

JOÃO GRILO — (cortante) Quer dizer que benze, não é?

PADRE — (a Chicó) Você o que é que acha?

JOÃO GRILO — (a Chicó) Você o que é que acha?

CHICÓ — Eu não acho nada de mais.

PADRE — Nem eu. Não vejo mal nenhum em se abençoar as criaturas de Deus.

Ariano Suassuna. *Teatro moderno; Auto da compadecida*. 8. ed. Rio de Janeiro, Agir/INL, 1971. p. 32-4.

QUESTÃO 1

No início do texto, há uma discussão entre Chicó, João Grilo e o padre sobre a legitimidade de benzer um cachorro.

Quem dos três debatedores é a autoridade mais credenciada para decidir sobre a questão posta em debate? Explique por quê.

QUESTÃO 2

Levando em conta as opiniões que circulam durante a discussão:

a) qual é o parecer do padre sobre a validade de benzer o cachorro?

b) qual é o parecer de Chicó e de João Grilo?

c) qual é o argumento usado pelo padre para apoiar sua opinião?

d) e o argumento de Chicó e João Grilo a favor de benzer o cachorro?

QUESTÃO 3

Neste início de conversa, João Grilo apela para uma relação de equivalência como argumento para persuadir o padre a benzer o cachorro.

a) Como se poderia traduzir esse argumento de João Grilo?

b) Como o padre se defende desse argumento para recusar-se a benzer o cachorro?

c) Pode-se dizer que, insidiosamente, João Grilo já antecipa o argumento de autoridade que vai ser usado posteriormente para desmascarar a segurança do padre ao dialogar com ele.

Em que consiste esse argumento?

QUESTÃO 4

Até esta altura do debate, o padre demonstra autonomia ou submissão ao expor seus pontos de vista?

QUESTÃO 5

Numa outra intervenção, João Grilo apela nesta altura de maneira explícita para um argumento de autoridade.

a) Qual é esse argumento?

b) O padre como reage diante do argumento?

QUESTÃO 6

Ao proceder assim, o padre reafirma ou nega a sua postura inicial de autonomia?

QUESTÃO 7

Na penúltima fala de João Grilo, ele revela que não queria vir mas veio por pura submissão ao major, pois sabia que o padre ia zangar-se.

a) O padre se zangou, conforme previa João Grilo?

b) Neste momento o padre afirma sua autonomia ou sua submissão?

c) *"Não vejo mal nenhum em se abençoar as criaturas de Deus."* Ao proferir estas palavras, o padre confirma ou nega sua submissão ao major?

QUESTÃO 8

Como se vê, o texto, na sua estrutura fundamental, operou com dois conceitos opostos: autonomia X submissão.

Qual dos dois polos é avaliado como negativo no texto?

QUESTÃO 9

Como se sabe, Ariano Suassuna é um escritor católico. Sobre sua religiosidade assim se manifesta o crítico Sábato Magaldi: *"(sua religiosidade) pode espantar aos cultores de um catolicismo*

acomodatício, mas responde às exigências daqueles que se conduzem por uma fé verdadeira”.

Confrontando essa passagem do crítico com o texto lido, podemos afirmar que:

a) o comportamento do padre é apresentado como exemplo daqueles que se conduzem por uma fé verdadeira.

b) os padres que se conduzem por uma fé verdadeira não procederiam como procedeu o padre neste fragmento de Ariano Suassuna.

c) na verdade, o procedimento do padre neste fragmento é apresentado para ilustrar como os padres são vítimas da falta de autenticidade dos seus paroquianos.

d) João Grilo e Chicó representam aqueles católicos que, por não procederem de acordo com a fé verdadeira, tentam envolver o padre em uma cilada.

e) neste fragmento não está implícita nenhuma crítica aos padres mas à figura do coronel nordestino, às suas artimanhas.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Você vai alterar o roteiro desse texto, transformando o padre em herói.

Para isso, você deverá construir um texto narrativo que tenha, na estrutura fundamental, a seguinte organização:

a) afirmação da submissão do padre;
b) negação da submissão do padre;
c) afirmação da autonomia do padre.

Os fatos e episódios apropriados para cada uma dessas instâncias deverão ser escolhidos por você, levando em conta que, no percurso da narrativa, deve ocorrer um motivo suficientemente forte para que o padre deixe de ser uma personagem marcada pela submissão e passe a agir com autonomia, isto é, de acordo com princípios em que crê de fato e não de acordo com as determinações do major Antônio Morais ou quaisquer outras imposições alheias às suas convicções de sacerdote.

1 vergéis: pomares.
2 lezírias: terra plana e alagadiça, nas margens de um rio.
3 tramas: bondes.
4 *Geórgicas*: obra do poeta latino Virgílio, que se destinava a incentivar a volta à agricultura.
5 Agúbio: cidade italiana da região da Umbria, que atualmente se chama Gubbio.
6 engelhar: criar gelhas (os cereais); enrugar-se; murchar.
7 lustral: (água) que se usa para purificar.
8 entremez: pequena farsa, que termina geralmente com um número musical cantado, cujas origens remontam ao século XII.
9 lacrau: escorpião.
10 funambulesco: extravagante, excêntrico.

LIÇÃO 6

A ignorância é sempre tolerante com a ignorância.
ou
Um asno esfrega o outro.
(provérbio latino)

Trata-se de duas maneiras de se traduzir o mesmo significado.

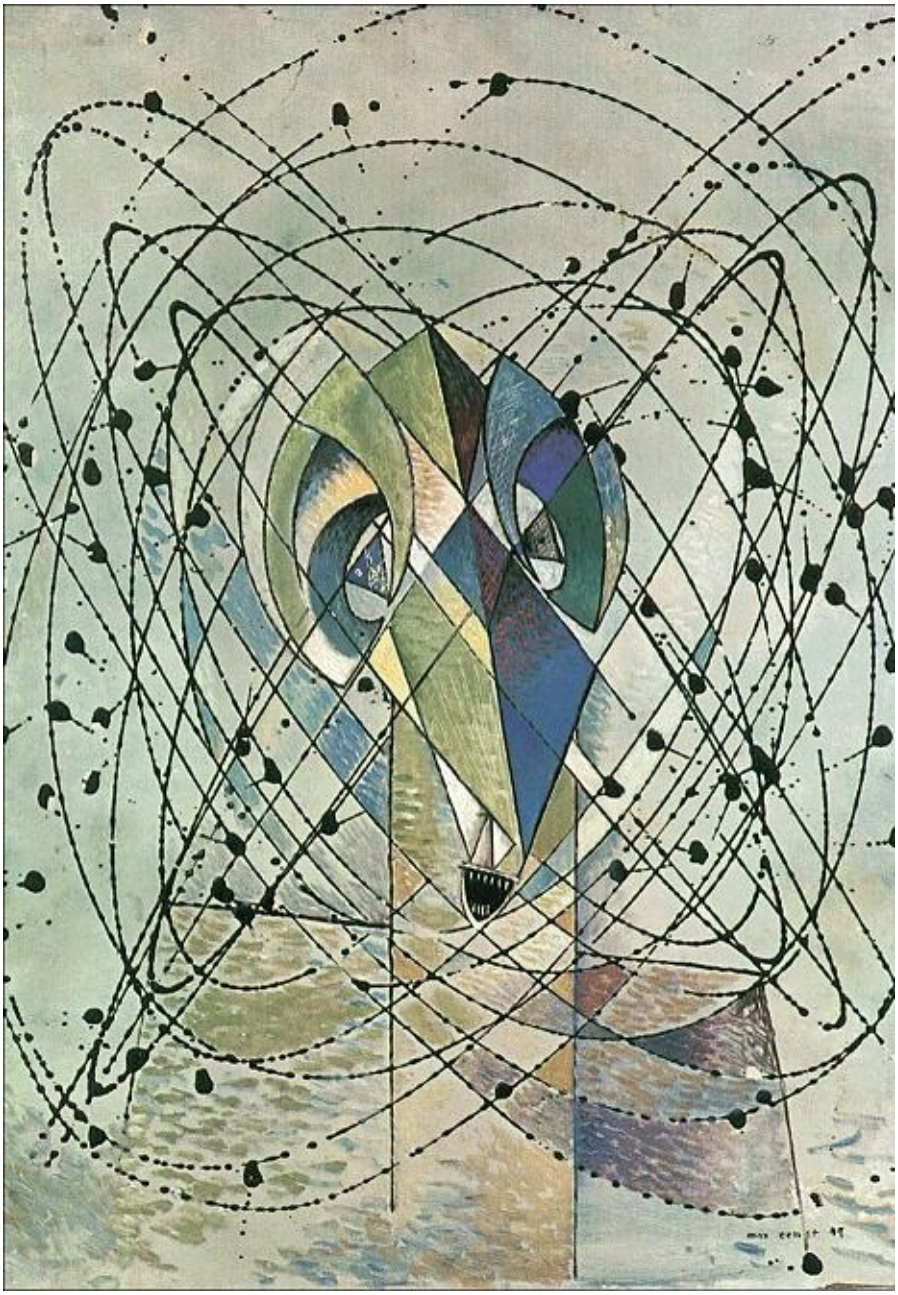

Nesta pintura de Max Ernst, temos um meio caminho entre a figuração e a abstração. Por um lado, reconhecemos uma cabeça no centro do quadro, meio humana, meio animal; por outro, percebemos também que alguma coisa se move ao redor dela, e esse conceito de movimento incessante é transmitido pelas linhas e pontos negros.

Jovem intrigado pelo voo de uma mosca não euclidiana, pintura de Max Ernst, de 1947.

LIÇÃO 6

TEXTOS TEMÁTICOS E TEXTOS FIGURATIVOS

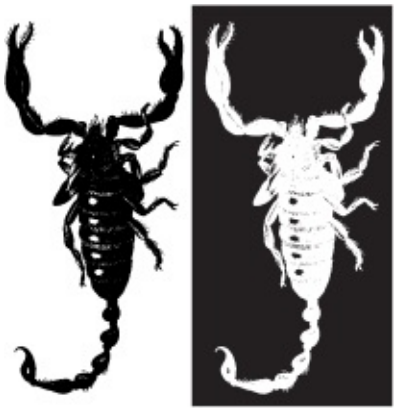

Vêm a seguir dois textos: o primeiro é um conto popular; o segundo foi criado pelos autores deste livro. Leia-os atentamente:

Era uma vez um escorpião que estava na beira de um rio, quando a vegetação da margem começou a queimar. Ele ficou desesperado, pois, se pulasse na água, morreria afogado e, se permanecesse onde estava, morreria queimado. Nisso, viu um sapo que estava preparando-se para saltar no rio e, assim, livrar-se do fogo. Pediu-lhe, então, que o transportasse nas costas para o outro lado. O sapo respondeu-lhe que não faria de jeito nenhum o que ele estava solicitando, porque ele poderia dar-lhe uma ferroada, levando-o à morte por envenenamento. O escorpião retrucou que o sapo precisaria guiar-se pela lógica; ele não poderia dar-lhe uma ferroada, pois, se o sapo morresse, ele também morreria, porque se afogaria. O sapo disse que o escorpião estava certo e concordou em levá-lo até a outra margem. No meio do rio, o escorpião pica o sapo. Este, sentindo a ação do veneno, vira-se para aquele e diz que só gostaria de entender os motivos que fizeram que ele o picasse, já que o ato era prejudicial também ao escorpião. Este, então, responde que simplesmente não podia negar a sua natureza.

•

Cada ser humano tem uma índole, uma propensão natural, e ela não muda, manifesta-se em todas as circunstâncias da vida, até mesmo quando essa manifestação contraria o bom senso.

Os dois textos dizem basicamente a mesma coisa. Falam da imutabilidade do caráter do homem, mostram que o homem age de acordo com sua índole, quaisquer que sejam as circunstâncias. Apesar disso, os dois textos são muito distintos um do outro. Onde reside essa diferença?

O primeiro é construído predominantemente com **termos concretos**: *escorpião*, *sapo*, *margem*, *rio*, *fogo*, *água* etc. O segundo é composto basicamente de **termos abstratos**: *índole*, *propensão natural*, *circunstância* etc.

Antes de continuar, vamos refletir um pouco sobre a questão das palavras concretas e abstratas. Desde os primeiros anos de escola, aprendemos que os substantivos classificam-se em concretos e abstratos. Duas ideias ficaram dessa lição: só os substantivos têm essa característica; as palavras isoladas (fora do contexto) é que têm a propriedade de ser concretas e abstratas. Comecemos por definir esses termos:

concreto é todo termo que remete a algo presente no mundo natural;

abstrato é toda palavra que não indica algo presente no mundo natural, mas uma categoria que ordena o que está nele manifesto.

A primeira advertência a fazer no tocante a essa definição é que concreto e abstrato não são categorias da realidade, mas da linguagem. Por conseguinte, a expressão *mundo natural* não é somente a realidade exterior, visível, sensível, mas as realidades criadas pelo discurso. Assim, não há o menor propósito em perguntar se *Deus*, *fada* ou *saci* são concretos ou não e em responder que isso depende da crença que se tenha neles. Eles são concretos, porque *Deus* é um ser efetivamente presente no universo criado pelo discurso religioso, *fada* tem existência na realidade criada pelo conto maravilhoso, *saci* ganha o estatuto de ser nas narrativas folclóricas.

A consequência de nossa definição de termo concreto e abstrato é que não só os substantivos se dividem de acordo com essa categoria, mas todas as palavras lexicais. Assim, temos substantivos, adjetivos e verbos concretos e abstratos: *sol* remete a algo efetivamente existente num dos mundos naturais, enquanto *raiva* não (com efeito, o que é concreto e, por conseguinte, ordenado por esse substantivo abstrato é, por exemplo, gritar, ficar vermelho, dar murro na mesa etc.; esses atos concretos são englobados na categoria *raiva*); *branco* é um adjetivo concreto, pois expressa uma qualidade imediatamente perceptível do mundo natural, enquanto *inteligente* é abstrato, pois é o termo que designa uma série de elementos concretos (aprender rapidamente, compreender tudo o que é explicado etc.); *plantar* é um verbo concreto, enquanto *envergonhar-se* é abstrato, pois o que é concreto são as manifestações da vergonha, como, por exemplo, corar. Na verdade, em lugar de pensar que concreto e abstrato são dois polos, deveríamos conceber a relação entre concreto e abstrato como um contínuo que vai do mais abstrato ao mais concreto, passando pelo mais ou menos abstrato, um pouco mais concreto, e assim por diante.

Por que as línguas têm essa categoria? Porque há duas formas básicas de discurso: os predominantemente concretos e os preponderantemente abstratos. Os primeiros são chamados **figurativos**, e os segundos, **temáticos**. Aqueles são construídos com *figuras*, ou seja, termos concretos; estes, com *temas*, isto é, palavras abstratas. Quando dizemos que um texto é temático ou figurativo não queremos dizer que ele é construído só com temas ou apenas com figuras, mas que é composto *dominantemente* com temas ou figuras. Como se vê, a categoria concreto/abstrato tem um papel muito importante, porque é ela que permite elaborar esses dois tipos de texto. Cabe agora uma pergunta: por que há duas formas básicas de construção de textos?

Cada um dos tipos tem uma função distinta. Os textos figurativos produzem um efeito de realidade e, por isso, representam o mundo, criam uma imagem do mundo, com seus seres, seus acontecimentos etc.; os temáticos explicam as coisas do mundo, ordenam-nas, classificam-nas, interpretam-nas, estabelecem relações e dependências entre elas, fazem comentários sobre suas propriedades. Os primeiros criam um efeito de realidade, porque trabalham com o concreto; os segundos explicam, porque operam com aquilo que é apenas conceito. Os primeiros têm uma função representativa; os segundos, uma função interpretativa. Nos textos que iniciam esta lição, isso fica evidente: enquanto, no primeiro, a imutabilidade da índole do ser humano é representada por um escorpião que ferroa um sapo que o salvava da morte, no segundo, temos a explicação de que cada ser humano tem uma índole e de que ele sempre procederá, independentemente das circunstâncias, de acordo com ela, mas não se mostra como

concretamente isso ocorre.

Nestes dois cartazes de dança, temos exemplos do uso de recursos figurativos e temáticos na linguagem visual. No cartaz de cima, uma construção figurativa realizada por meio da imagem da silhueta de uma dançarina. No de baixo, o que está representado não é o movimento em si, mas a ideia de movimento.

A árvore cinzenta, e *Árvores em flor*, de 1912, ambas de Mondrian.

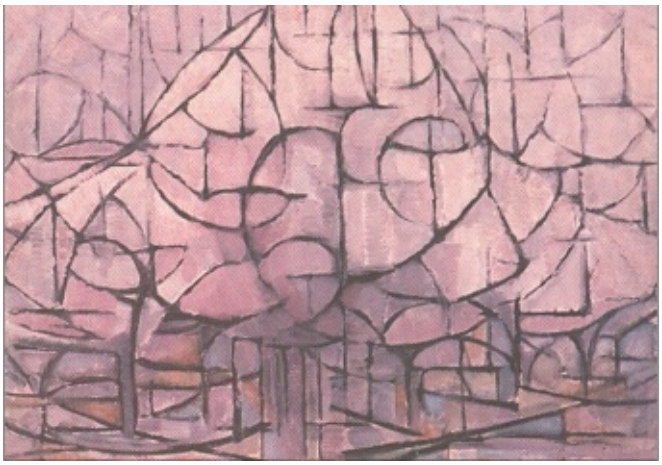

Quadro III, de 1914, e *Composição com vermelho, amarelo, azul e preto*, de 1921, ambas de Mondrian.

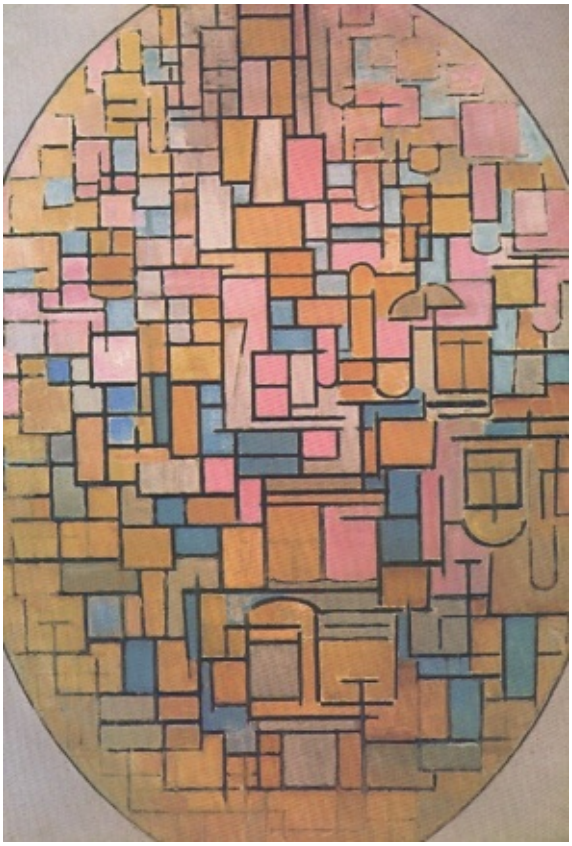

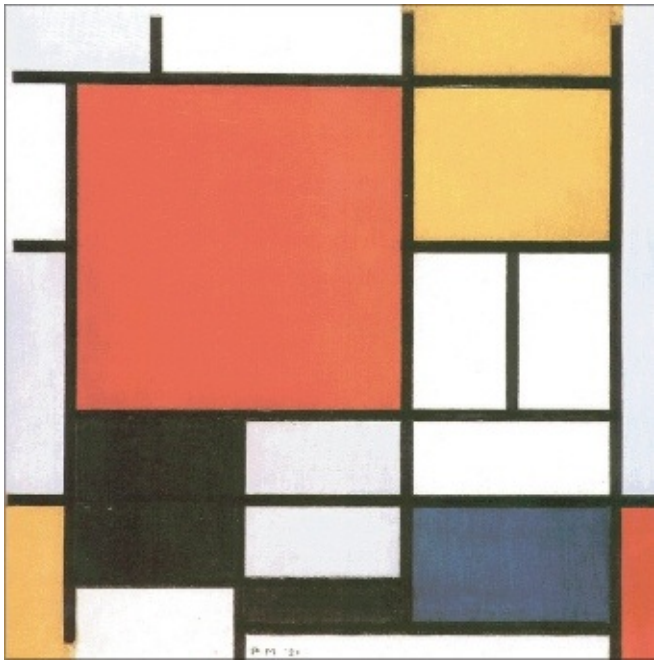

Ao longo de dez anos de trabalho incessante, o artista plástico Mondrian percorreu um caminho que partiu do figurativo e chegou até as obras abstratas que o celebrizaram. Desde a representação da árvore, de 1912, é possível identificar a busca dos elementos essenciais que a estruturam. Na obra Composição com vermelho, amarelo, azul e preto, de 1921, o artista já abandonou qualquer referência figurativa e explora os conceitos de assimetria, de equilíbrio dinâmico e de autonomia das cores em relação ao desenho.

Tematização e figurativização são dois níveis de concretização do sentido. Isso significa que o texto temático não tem a cobertura figurativa, mas o figurativo tem um nível temático subjacente. Um publicitário, por exemplo, parte de um tema e procura uma cobertura figurativa para ele. Suponhamos que ele vá associar uma dada bebida ao tema da saúde. Deve apresentá-la, então, com as figuras de jovens, jogando tênis, num dia ensolarado, numa quadra colocada no meio de muito verde etc. Já o leitor de um texto figurativo, seja uma publicidade, seja um texto literário etc., precisa apreender o tema subjacente. O leitor ingênuo permanece no nível figurativo e não é capaz, como faz o leitor mais avisado, de perceber os significados mais abstratos que estão sob os termos concretos. Se pegasse o primeiro texto desta lição e não entendesse seu tema — *a imutabilidade da índole do ser humano* —, acharia uma bobagem essa história do sapo e do escorpião.

Nos textos temáticos, um grande tema abarca os temas parciais, disseminados ao longo do texto, e dá coerência a eles.

TEXTO COMENTADO

O texto que segue é um poema de Ricardo Reis, um dos heterônimos de Fernando Pessoa:

Quando, Lídia, vier o nosso Outono
Com o Inverno que há nele, reservemos
Um pensamento, não para a futura
Primavera, que é de outrem,
Nem para o Estio[1], de quem somos mortos,
Senão para o que fica do que passa,
O amarelo atual que as folhas vivem
E as torna diferentes.

Fernando Pessoa. *Odes de Ricardo Reis*. Lisboa, Ática, 1959. p. 108.

Ricardo Reis foi criado por Fernando Pessoa como um poeta de formação clássica. Por isso, sua obra trabalha temas da poesia greco-latina.

O texto é figurativo, pois se constrói fundamentalmente com termos concretos ou figuras: *outono*, *inverno*, *estio*, *primavera*, *folha*, *amarelo* etc. O conjunto das figuras refere-se às estações do ano. *Outono* aparece ligado ao possessivo *nosso*. Quando se fala em *nosso outono*, vemos que os termos *primavera*, *outono*, *inverno* e *estio* não indicam mais as estações do ano, mas as fases da existência. O poeta dirige-se, então, a Lídia não para falar das estações do ano, mas da existência humana. A expressão *quando vier* mostra que ambos não estão ainda no outono da vida, na idade madura, mas que ele virá inexoravelmente. Temos então os primeiros temas subjacentes a esse texto: a fugacidade do tempo e a efemeridade da juventude.

Ao comparar a existência humana às estações do ano, poderíamos pensar que o poeta quer mostrar que

as fases da existência humana são circulares como as épocas do ano, que se sucedem indefinidamente. No entanto, as figuras *que é de outrem*, *de quem somos mortos*, *para o que fica do que passa* manifestam o tema da irreversibilidade das fases da vida humana. Uma fase vivida por um indivíduo não volta mais para ele. O termo *futura*, referindo-se a *primavera*, mostra que a circularidade na humanidade é diferente da que ocorre na natureza. O que se sucede na humanidade são as gerações. Por isso, diz o poeta que a futura primavera é de outrem.

Poderíamos pensar, então, que se trata de um lamento pela inevitabilidade da madureza e da velhice (observe-se que o inverno já está contido no outono: *com o inverno que há nele*) e pela inexorabilidade da morte. No entanto, a articulação das figuras do texto não permite depreender esse tema. Com efeito, o poeta diz a Lídia que, quando o outono vier, não se deve pensar na primavera ou no estio, ou seja, na juventude e na idade em que se está em pleno vigor, já que os jovens são outros (*primavera, que é de outrem*) e a idade de plena força já passou (*estio, de quem somos mortos*), mas naquilo que o tempo deixa quando passa. O que o tempo deixa é representado pela figura *o amarelo das folhas*. Lembremo-nos de que, principalmente nos países onde as estações são bem marcadas, as folhas amarelecem no outono, antes de cair. O amarelo não é pior nem melhor que o verde que elas exibem na primavera e no verão, é diferente. O que o poeta quer mostrar, pois, ao comparar as fases da vida com as estações é que, na vida, perde-se também o viço da juventude e adquire-se o tom amarelo da proximidade da morte. Essa fase, no entanto, não é melhor nem pior que as outras quadras da existência, é diferente.

O poema não é, portanto, um lamento. É um convite para aproveitar cada uma das fases da vida no que elas têm de específico, de singular, de diferente. O tema central do poema é o *carpe diem* (aproveita o momento), tema frequente na poesia de Horácio, autor latino que é um dos modelos de Ricardo Reis. Ao mostrar a irreversibilidade das fases da existência humana em oposição à reversibilidade das estações da natureza, o poeta quer assinalar que o homem precisa fruir, gozar cada um dos instantes da vida.

LIÇÃO 6 EXERCÍCIOS

O texto que vem a seguir é de Jorge de Lima:

O CURURU

Tudo quieto, o primeiro cururu surgiu na margem, molhado, reluzente na semi-escuridão. Engoliu um mosquito; baixou a cabeçorra; tragou um cascudinho; mergulhou de novo, e bum-bum! Soou uma nota soturna do concerto interrompido. Em poucos instantes, o barreiro ficou sonoro, como um convento de frades. Vozes roucas, foi não foi, tãs-tãs, bum-buns, choros, esgoelamentos finos de rãs, acompanhamentos profundos de sapos, respondiam-se.

Os bichos apareciam, mergulhavam, arrastavam-se nas margens, abriam grandes círculos na flor d'água. (...) Daí a pouco, da bruta escuridão, surgiram dois olhos luminosos, fosforescentes, como dois vaga-lumes. Um sapo cururu grelou-os[2] e ficou deslumbrado, com os olhos esbugalhados, presos naquela boniteza luminosa. Os dois olhos fosforescentes se aproximavam mais e mais, como dois pequenos holofotes na cabeça triangular da serpente. O sapo não se movia, fascinado. Sem dúvida queria fugir; previa o perigo, porque emudecera; mas já não podia andar, imobilizado; os olhos feiíssimos, agarrados aos olhos luminosos e bonitos como um pecado. Num bote a cabeça triangular abocanhou a boca imunda do batráquio. Ele não podia fugir àquele beijo. A boca fina do réptil arreganhou-se desmesuradamente; envolveu o sapo até os olhos. Ele se baixava dócil entregando-se à morte tentadora, apenas agitando docemente as patas sem provocar nenhuma reação ao sacrifício. A barriga disforme e negra desapareceu

na goela dilatada da cobra. E, num minuto, as perninhas do cururu lá se foram, ainda vivas, para as entranhas famélicas. O coro imenso continuava sem dar fé do que acontecia a um dos seus cantores.

Jorge de Lima. *Calunga; O anjo*. 3. ed. Rio de Janeiro, Agir, 1959. p. 160-1.

QUESTÃO 1

Numa primeira leitura percebemos que o texto trata de animais: o cururu (certo tipo de sapo), o cascudinho, o mosquito e a serpente.

Mas, num segundo momento, sabe-se que tais animais são representações de seres humanos. Quais são os indicadores que, no texto, nos permitem interpretar esses bichos como seres humanos?

QUESTÃO 2

Entre os personagens do texto, há relações de dominação.

a) Quem é o dominador? Quem é o dominado?

b) Cite passagens do texto em que ocorram figuras concretas que simbolizam o tema da dominação.

QUESTÃO 3

O texto fala de diferentes formas de dominação: um tipo de dominação exercida unilateralmente, isto é, o dominador não conta com o consentimento do dominado; há outro tipo, bilateral, isto é, o dominador exerce o seu domínio com a aceitação do dominado.

a) Qual é a forma de dominação unilateral?

b) Qual é a forma de dominação bilateral?

c) Qual é a estratégia usada pelo dominador para incutir no outro o desejo de ser dominado?

QUESTÃO 4

Como se pode interpretar, dentro do contexto, o significado da passagem: *"O coro imenso continuava sem dar fé do que acontecia a um dos seus cantores"* ?

QUESTÃO 5

No texto, a noção de pecado vem associada a estados afetivos contraditórios, que levam a reações e impulsos contraditórios. Cite algumas dessas contradições.

QUESTÃO 6

Como se sabe, depreende-se o significado das figuras pelo contexto em que elas aparecem, pelas correlações estabelecidas entre as diferentes figuras espalhadas pelo texto. Levando em conta esse dado, assinale a alternativa em que é adequada a relação entre as figuras transcritas e o tema a que estão associadas.

a) *"Tudo quieto, o primeiro cururu surgiu na margem, molhado, reluzente na semiescuridão."* O trecho pode ser considerado como a figurativização do tema da sedução.

b) *"Engoliu um mosquito; baixou a cabeçorra; tragou um cascudinho; mergulhou de novo, e bum-*

bum!" Trata-se da figurativização do tema da dominação primária, sem nenhuma estratégia de sedução.

c) *"Em poucos instantes, o barreiro ficou sonoro, como um convento de frades."* É a figurativização do tema da alegria, do canto, da confraternização.

d) *"Os bichos apareciam, mergulhavam, arrastavam-se nas margens, abriam grandes círculos na flor d'água."* Pode-se interpretar como a figurativização do tema da tentação pela ameaça.

e) *"Daí a pouco, da bruta escuridão, surgiram dois olhos luminosos, fosforescentes, como dois vaga-lumes."* É a figurativização do tema da transparência, da verdade plena.

PROPOSTAS DE REDAÇÃO

1) O texto temático (ou dissertativo) é muito usado para fazer comentários sobre dados da realidade, manifestar e defender determina-dos pontos de vista a respeito de acontecimentos variados.

O texto figurativo por seu lado é muito usado para criar uma representação da realidade.

Nas colunas de nossos jornais é comum o texto temático ser usado em companhia de texto figurativo, cada um cumprindo o seu papel. Leia, por exemplo, o texto que segue, extraído da *Folha de S. Paulo*.

AMORES, ÓDIOS

Luiz Caversan

RIO DE JANEIRO — O caso de Daniella Perez[3] e o da senhora que matou seu analista "por amor" predominam no noticiário e dão bem a medida da deterioração das relações humanas neste fim de século e milênio. Os limites entre o amor e o ódio talvez nunca estiveram tão tênues. E na linha tortuosa dos referenciais perdidos surge a violência, sempre ela.

Daniella Perez e o psiquiatra Bernardo Blay Neto[4] têm um espaço na mídia correspondente à sua projeção pessoal, claro. Mas a tragédia passional não é privilégio de ricos e famosos e está aí, na rua, no cotidiano dos mais simples. Eis alguns exemplos:

Na última quinta-feira, Terezinha da Silva Goni, 48, se entregou à polícia. Uma semana antes ela matara o marido, Sérgio, de 52 anos. Sua história: em busca de carinho, teria ouvido do marido que era "magra e não servia para nada". Afirmou à polícia que ele chegou a rasgar sua camisola no extremo da rejeição. Transtornada, pegou o revólver e matou o homem, pondo fim a uma vida de humilhações. A empregada da casa disse na polícia que presenciara os maus-tratos.

Solange Valéria de Souza, 30, está desaparecida. Também na quinta-feira ela se desentendeu com o marido, José, 37. Acabou com seu drama a machadadas.

O último caso chega a ser patético. Desempregado, Francelino da Silva tentou matar Aparecida, sua mulher. Provavelmente achando que tinha chegado às vias de fato, não suportou o peso da desgraça e se suicidou. Aparecida está internada em estado grave e se quer sabe que agora é viúva.

Folha de S. Paulo, 23 jan. 1993, p. 1-2.

Levando em conta os comentários e os dados contidos no texto acima, elabore um texto temático, com base na seguinte sugestão:

Que estranha forma de amor é essa que chega ao extremo de aniquilar a pessoa amada?

2) O texto que segue é de Mário Quintana:

DAS ALIANÇAS DESIGUAIS

Gato do Mato e Leão, conforme o combinado,
Juntos caçavam corças pelo mato.
As corças escaparam... Resultado:
Não escapou o Gato.

Mário Quintana. *Prosa e verso*. 2. ed. Porto Alegre, Globo, 1980. p. 41.

Há textos figurativos muito sintéticos, como o que foi transcrito acima.

Traduzindo-o num texto temático, poderíamos assim exprimi-lo: alianças entre forças desiguais prejudicam sempre a mais fraca.

Redija agora um texto narrativo, procurando expandi-lo num percurso figurativo maior, tendo como base o mesmo tema acima exposto. Imagine o diálogo em que o leão e o gato fazem a aliança; descreva o cenário em que se deu a caça; relate a perseguição das corças; o desapontamento do leão com o insucesso da caça; o possível diálogo final entre ele e o gato etc.

1 estio: verão.
2 grelar: fitar profundamente os olhos em; espiar, observar.
3 Daniella Perez era uma atriz muito jovem, que foi assassinada no Rio de Janeiro em 1992. O ator Guilherme de Pádua, que, na época do assassinato, contracenava com ela na novela *De corpo e alma*, confessou o crime.
4 Bernardo Blay Neto, famoso psiquiatra de São Paulo, foi assassinado por uma de suas pacientes, uma viúva de 70 anos de idade, que se confessava apaixonada por ele.

LIÇÃO 7

Um chapéu sobre a cabeça de um camponês é um simples utilitário de proteção contra o sol; sobre a cabeça de uma dama numa cerimônia, é um adorno; na fronte de um cardeal, é um símbolo de poder; na mão estendida de um mendigo, quer dizer um pedido de auxílio.Em síntese: o significado é definido por relação.

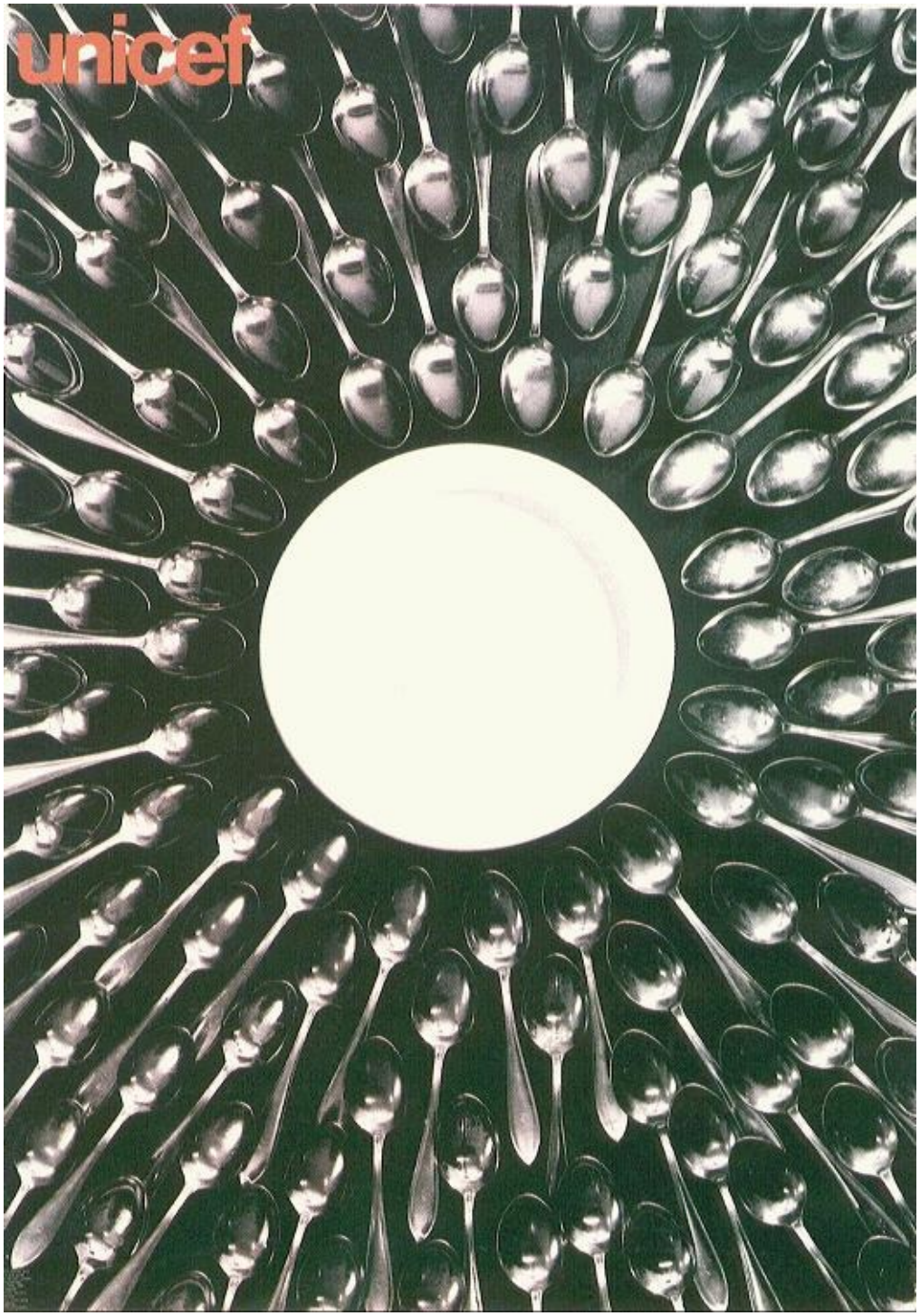

Este cartaz do Unicef contra a fome está baseado na articulação de duas figuras muito simples: a colher e o prato. A maneira de encadeá-las dá força e impacto à mensagem: todas as colheres estão convergindo para o mesmo ponto, o centro, no qual está o prato — vazio.

Cartaz de Jukka Veistola, de 1969.

LIÇÃO 7

O ENCADEAMENTO DE FIGURAS OU DE TEMAS

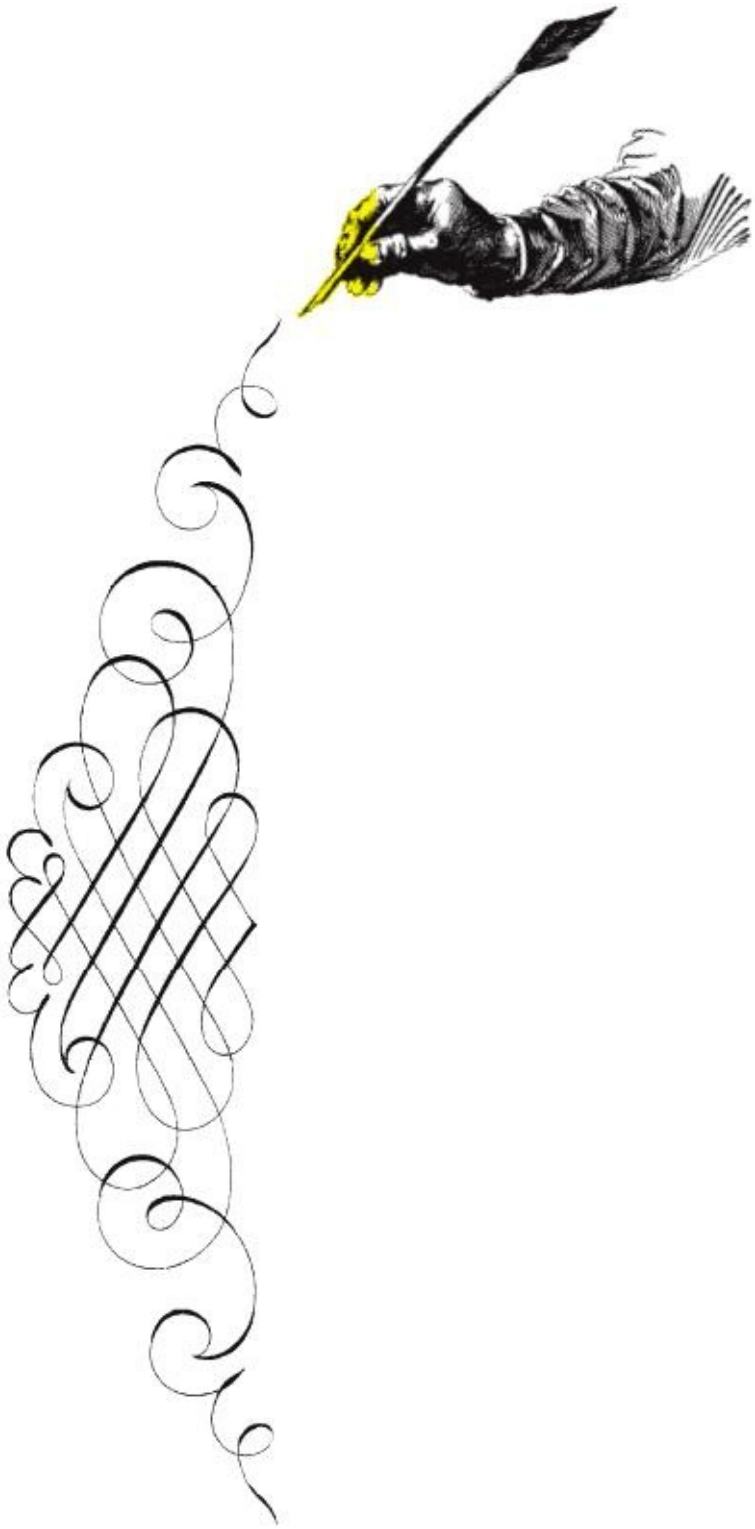

Vinheta caligráfica do século XVIII.

Leia o texto abaixo, poema de Olavo Bilac:

PROFISSÃO DE FÉ

Não quero o Zeus Capitolino,
Hercúleo e belo,

Talhar no mármore divino
Com o camartelo[1].

Que outro — não eu! — a pedra corte Para, brutal,

Erguer de Athene o altivo porte
Descomunal.

Mais do que esse vulto extraordinário,
Que assombra a vista,

Seduz-me um leve relicário[2]
De fino artista.

Invejo o ourives quando escrevo:
Imito o amor

Com que ele, em ouro, o alto-relevo
Faz de uma flor.

Imito-o. E, pois, nem de Carrara
A pedra firo:

O alvo cristal, a pedra rara,
O ônix[3] prefiro.

Por isso, corre, por servir-me,
Sobre o papel

A pena, como em prata firme
Corre o cinzel[4].

Corre; desenha, enfeita a imagem,
A ideia veste:

Cinge[5]-lhe ao corpo a ampla roupagem
Azul-celeste.

Torce, aprimora, alteia[6], lima[7]
A frase; e, enfim,

No verso de ouro engasta[8] a rima,
Como um rubim[9].

Quero que a estrofe cristalina,
Dobrada ao jeito

Do ourives, saia da oficina
Sem um defeito:

E que o lavor[10] do verso, acaso,
Por tão sutil,

Possa o lavor lembrar de um vaso
De Becerril[11].

Olavo Bilac. *Poesias*. 19. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1942. p. 5-7.

O texto acima é figurativo. Observe que as figuras têm uma organização. Há um grupo delas que se refere à escultura: *talhar no mármore*, *Zeus Capitolino* (estátua de Júpiter), *camartelo* (ferramenta com que o escultor desbasta a pedra), *cortar a pedra*, *descomunal*, *vulto extraordinário* (referência ao tamanho das esculturas), *ferir a pedra de Carrara* (alusão à cidade italiana famosa pela qualidade e beleza de seu mármore); outro que diz respeito à ourivesaria: *leve relicário*, *fino artista*, *ourives*, *fazer o alto-relevo de uma flor em ouro*, *preferir o alvo cristal*, *a pedra rara*, *o ônix*, *correr o cinzel em prata firme*, *limar*, *engastar*, *rubim*, *jeito do ourives*, *oficina*, *lavor*, *vaso de Becerril*; um terceiro que concerne ao fazer poético: *escrever*, *correr a pena sobre o papel*, *imagem*, *frase*, *verso*, *rima*, *estrofe*. O poeta diz que o fazer poético não se assemelha ao trabalho do escultor, mas ao do ourives. Por isso ele tem que burilar a forma como o ourives quando faz uma joia; prefere as pedras raras ao mármore (pedras raras aqui são as palavras nobres); realça o verso de ouro (o último verso era chamado *chave de ouro*, no parnasianismo) com uma grande imagem e com uma rima preciosa, ou seja, aquela que é difícil de encontrar; não publica verso defeituoso (*saia da oficina sem um defeito*), busca a delicadeza na composição do verso (veja a última estrofe). O poeta identifica as figuras referentes ao fazer poético com as figuras relacionadas à ourivesaria, para manifestar o tema do *culto à forma*, fundamento da poética parnasiana. Cultivava ela as formas fixas, a métrica perfeita, a rima rara, o preciosismo na seleção lexical. Por isso, o trabalho do poeta é comparado ao do ourives. Tudo isso era a negação da poesia romântica, com seus versos livres e brancos, ou seja, não metrificados e não rimados.

Observe que as figuras não são jogadas de qualquer maneira num texto, mas são organizadas em grupos, encadeadas umas às outras. Essa rede de figuras chama-se **percurso figurativo**. São os percursos figurativos que manifestam os temas subjacentes aos textos.

Para encontrar o(s) tema(s) que está(estão) por baixo das figuras de um texto, é preciso ver como estas estão organizadas. Uma figura isolada não tem um significado em si mesma. Cada uma delas implica ideias muito variadas, pode estar virtualmente relacionada a temas diferentes. Assim, por exemplo, o *sol* pode ser usado tanto como figura da vida quanto da morte. É o seu encadeamento com outras figuras disseminadas pelo texto que vai definir com que tema ela está associada concretamente num contexto dado. Em outras palavras, como num texto tudo é relação, as figuras organizam-se numa rede. Perceber o sentido de um conjunto articulado de figuras é apreender o tema subjacente a ele. As figuras ganham unidade exatamente por serem a manifestação de um tema. Assim, o *sol* expressa o tema da *vida*, quando estiver em oposição a figuras como *tempestades terríveis e continuadas*, *nuvens negras no céu*, *inundações*, *destruição de casas*, *águas furiosas* etc.; exprime *morte*, quando estiver ligado a *ausência de chuvas*, *plantas crestadas*, *gado morto*, *grama seca*, *calor intenso* etc.

Acima, *Mamoeiro*, de 1925; abaixo, *São Paulo*, de 1924, ambos de Tarsila do Amaral.

Acervo da Pinacoteca do Estado, São Paulo.

Para caracterizar as diferenças entre as paisagens rural e urbana do Brasil da época, a artista Tarsila do Amaral construiu percursos figurativos distintos. Na paisagem rural, árvores frutíferas e casas espalhadas pelos morros, crianças passeando, roupas estendidas no varal. Na cidade, árvores e edifícios, altos e rigidamente ordenados, bonde, bombas de gasolina — e nenhuma pessoa.

Encontrar o tema de um texto figurativo, então, pressupõe apreender redes coerentes formadas pelas figuras. Um mesmo tema pode ser figurativizado de diferentes maneiras. Quando uma mensagem publicitária associa a um produto o tema da *aventura*, pode figurativizá-lo, por exemplo, com o percurso de uma caçada de animais selvagens, ou o de viagens a lugares exóticos, ou ainda o da prática de esportes radicais. No entanto, não se pode pôr no meio do percurso da prática de esportes radicais a figura de dois jovens jogando xadrez, pois isso quebraria a coerência do percurso.

A quebra da coerência interna de um percurso figurativo cria um texto inverossímil. Um texto não terá verossimilhança se, para um tema como *condições de vida na Antártida*, se articularem figuras como *sol brilhante*, *mulheres de biquíni na praia* etc. No entanto, é preciso ficar bem atento para o fato de que se pode quebrar a coerência de um percurso, para criar novos sentidos. Por exemplo, tome-se o seguinte encadeamento de figuras: *floresta*, *pássaros cantando*, *animais correndo em liberdade*, *rios de águas muito límpidas*, *o farfalhar das folhas* etc. Poder-se-ia pensar que o tema desse conjunto seja a *paz da natureza*. Se se introduzirem aí as figuras *ruído das motosserras*, *árvores caindo*, *garimpo*, altera-se o tema inicial, e o texto passa a tratar da *agressão do homem à natureza*. Cabe lembrar, no entanto, que, como uma figura isolada não tem sentido, a quebra da coerência figurativa com a introdução de uma única figura não pertencente ao percurso que está sendo desenvolvido não cria novos sentidos: dá apenas a impressão de que quem produziu o texto não é capaz de escrever coerentemente. Para criar novos sentidos, é preciso introduzir no texto um novo percurso figurativo.

Vejamos agora como se encadeiam os temas. Observe o texto que vem a seguir, retirado do discurso de *O grande ditador*, de Charles Chaplin:

Criamos a época da velocidade, mas nos sentimos enclausurados dentro dela. A máquina, que produz abundância, tem-nos deixado na penúria. Nossos conhecimentos fizeram-nos céticos; nossa inteligência, empedernidos e cruéis. Pensamos em demasia e sentimos bem pouco. Mais do que de máquinas, precisamos de humanidade. Mais do que de inteligência, precisamos de afeição e doçura. Sem essas virtudes a vida será de violência e tudo estará perdido.

Discurso de *O grande ditador*, de Charles Chaplin.

Esse texto é temático, pois é composto basicamente de termos abstratos, como *velocidade*, *sentimos*, *céticos*, *conhecimentos* etc. Mesmo um termo como *máquina* está usado em sentido abstrato significando "capacidade produtiva da máquina".

Como vimos, quando se está diante de um texto figurativo, é necessário compreender o encadeamento das figuras com vistas ao entendimento do tema subjacente. Nele, o tema está num patamar mais profundo. Num texto não figurativo, o tema apresenta-se à superfície. Para entendê-lo é preciso englobar num tema mais geral todos os temas (termos abstratos) disseminados ao longo do texto.

No trecho acima, temos os seguintes temas: a paralisação do homem, apesar da velocidade; sua penúria, não obstante a abundância criada pelas máquinas; seu ceticismo, a despeito de seus conhecimentos; sua dureza e crueldade, apesar de sua inteligência; pensamento em excesso e sentimento em falta; necessidade maior de humanidade, de afeição e de doçura do que de máquinas ou de inteligência; violência produzida pela ausência de sentimentos. Todos esses temas parciais apresentam um elemento comum: há uma oposição entre sentimento e inteligência, e o primeiro termo da oposição é visto como positivo e o segundo, como negativo. Observando o que é comum aos subtemas, chega-se ao tema geral do texto: o excesso de racionalidade sufoca o sentimento e conduz à perdição da humanidade.

Assim como as figuras, os temas também se encadeiam em percursos, isto é, em conjuntos organizados. São os **percursos temáticos**. Para apreender o tema geral, é preciso perceber esse encadeamento dos temas e depreender a unidade subjacente à diversidade. Os encadeamentos temáticos também devem manter uma coerência interna. Quebrá-la significa construir um texto incoerente ou alterar o tema geral.

Suponhamos que estejamos discorrendo, por exemplo, sobre a função que tem o Estado moderno de proteger as pessoas mais indefesas. O tema geral seria, pois, a proteção do Estado aos indefesos. Poderíamos enunciar, então, subtemas relativos à educação das crianças, aos cuidados com sua saúde, aos investimentos em habitação para a população de baixa renda. No entanto, se, num dado ponto do texto, disséssemos que um sistema de aposentadoria seria dispensável, pois o Estado não precisaria ocupar-se dos velhos pobres, o texto seria incoerente, uma vez que a lógica do percurso temático fora violada.

Se estivéssemos falando da excelência do serviço público e introduzíssemos o tema da necessidade de dar gorjeta aos funcionários, estaríamos alterando o tema geral, que então seria: o serviço público é bom para quem pode pagar propina.

TEXTO COMENTADO

O texto que segue é um fragmento do romance *Triste fim de Poli-carpo Quaresma*, de Lima Barreto:

[...] Dona Adelaide, a irmã de Quaresma, entrou e convidou-os a irem jantar. A sopa já esfriava na mesa, que fossem!

— O Senhor Ricardo há de nos desculpar, disse a velha senhora, a pobreza do nosso jantar. Eu lhe quis fazer um frango com *petit-pois*, mas Policarpo não deixou. Disse-me que esse tal *petit-pois* é estrangeiro e que eu o substituísse por guando. Onde é que se viu frango com guando?

Coração dos Outros (= designação de Ricardo) aventou que talvez fosse bom, seria uma novidade e não fazia mal experimentar.

— É uma mania de seu amigo, Senhor Ricardo, esta de só querer coisas nacionais, e a gente tem que ingerir cada droga, chi!

— Qual, Adelaide, você tem certas ojerizas! A nossa terra, que tem todos os climas do mundo, é capaz

de produzir tudo que é necessário para o estômago mais exigente. Você é que deu para implicar.

— Exemplo: a manteiga que fica logo rançosa.

— É porque é de leite, se fosse como essas estrangeiras aí, fabricadas com gordura de esgotos, talvez não se estragasse... É isto, Ricardo! Não querem nada da nossa terra...

— Em geral é assim, disse Ricardo.

— Mas é um erro... Não protegem as indústrias nacionais...

Comigo não há disso: de tudo que há nacional, eu não uso estrangeiro. Visto-me com pano nacional, calço botas nacionais e assim por diante.

Sentaram-se à mesa. Quaresma agarrou uma pequena garrafa de cristal e serviu dois cálices de parati.

— É do programa nacional, fez a irmã, sorrindo.

— Decerto, e é um magnífico aperitivo. Esses vermutes por aí, drogas; isto é álcool puro, bom, de cana, não é de batatas ou milho...

Ricardo agarrou o cálice com delicadeza e respeito, levou-o aos lábios e foi como se todo ele bebesse o licor nacional.

— Está bom, hein? indagou o major.

— Magnífico, fez Ricardo, estalando os lábios.

— É de Angra. Agora tu vais ver que magnífico vinho do Rio Grande temos... Qual Borgonha! Qual Bordeaux! Temos no Sul muito melhores...

E o jantar correu assim, nesse tom. Quaresma exaltando os produtos nacionais: a banha, o toucinho e o arroz; a irmã fazia pequenas objeções e Ricardo dizia: "É, é, não há dúvida" — rolando nas órbitas os olhos pequenos, franzindo a testa diminuta que se sumia no cabelo áspero, forçando muito a sua fisionomia miúda e dura a adquirir uma expressão sincera de delicadeza e satisfação.

Acabado o jantar foram ver o jardim. Era uma maravilha; não tinha nem uma flor. Certamente não se podia tomar por tal míseros beijos-de-frade, palmas-de-santa-rita, quaresmas lutulentas, manacás melancólicos e outros belos exemplares dos nossos campos e prados. Como em tudo o mais, o major era em jardinagem essencialmente nacional. Nada de rosas, de crisântemos, de magnólias — flores exóticas; as nossas terras tinham outras mais belas, mais expressivas, mais olentes, como aquelas que ele tinha ali.

Lima Barreto. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. 11. ed. São Paulo, Ática, 1993. p. 26-7.

Brincadeira, peça em cerâmica do artista popular Antônio de Oliveira, de Minas Gerais.

Percebemos nitidamente dois percursos figurativos no texto. O primeiro é o das coisas nacionais

(comida, bebida e flores) e o outro o das estrangeiras.

PERCURSOS FIGURATIVOS

Coisas nacionais	Coisas estrangeiras
a) comida:	a) comida:
frango com guando (= tipo de bago semelhante ao feijão);	frango com petit-pois;
manteiga de leite;	manteiga de gordura de esgotos;
banha, toucinho, arroz;	
b) bebidas:	b) bebidas:
parati (álcool puro, bom, de cana); vinho do Rio Grande;	vermutes (álcool de batatas ou milho); vinho de Borgonha, de Bordeaux;
c) flores:	c) flores:
beijos-de-frade, palmas-de-santa-rita, quaresmas, manacás, outros exemplares de nossos campos e prados.	rosas, crisântemos, magnólias.

O Major Quaresma tem um julgamento definitivo sobre as coisas nacionais e estrangeiras: aquelas são melhores que estas — *temos no Sul muito melhores* (vinhos), *exaltando os produtos nacionais, as nossas terras tinham outras* (flores) *mais belas, mais expressivas, mais olentes*. Mesmo os defeitos se devem a qualidades: a manteiga fica logo rançosa porque é feita de leite puro. Assim, colocando o percurso das coisas nacionais junto com as figuras que as exaltam e com a figura da ação de só usar coisas nacionais (comida nacional, bebida nacional, tecido nacional, calçados nacionais, flores nacionais), temos o tema do *patriotismo exacerbado*. No capítulo I, de onde retiramos esse trecho, há outras figuras que reiteram os percursos mencionados. Quaresma valoriza a modinha e o violão, só lê poetas e ficcionistas nacionais, estuda a fundo história do Brasil, vibra com as belezas de cada canto da pátria, estuda tupi, quer viajar apenas pelo Brasil, considera uma ingratidão visitar outras terras, quando se tem uma *terra tão bela, tão rica*, tem amplos conhecimentos acerca das riquezas naturais, da história, da geografia, da literatura, da política brasileiras, diz que o Amazonas é o maior rio do mundo e, para comprová-lo, vai *até o crime de amputar alguns quilômetros do Nilo* e é *com este rival do "seu" rio que ele mais* implica.

O tema é, então, o nacionalismo ufanista e xenófobo. Em *Triste fim de Policarpo Quaresma*, o narrador ridiculariza o absurdo nacionalismo do Major Quaresma, que tem algo de quixotesco. Mostra a idealização do Brasil por um patriotismo patético; os desencontros dessa visão ideal com a realidade; os perigos do nacionalismo, quando manipulado por homens que o utilizam para justificar projetos autoritários de governo.

LIÇÃO 7 EXERCÍCIOS

As questões que vêm a seguir foram elaboradas com base nos dois textos abaixo transcritos. O primeiro é um fragmento extraído do romance *Diva*, de José de Alencar; o segundo, um trecho do romance *Casa de pensão*, de Aluísio Azevedo. Duas dessas questões foram extraídas de um dos vestibulares da Unesp; as demais foram elaboradas por nós.

TEXTO 1

Não é possível idear nada mais puro e harmonioso do que o perfil dessa estátua de moça.

Era alta e esbelta. Tinha um desses talhes flexíveis e lançados, que são hastes de lírio para o rosto gentil; porém na mesma delicadeza do porte esculpiam-se os contornos mais graciosos com firme nitidez das linhas e uma deliciosa suavidade nos relevos.

Não era alva, também não era morena. Tinha sua tez a cor das pétalas da magnólia, quando vão desfalecendo ao beijo do sol. Mimosa cor de mulher, se a aveluda a pubescência juvenil, e a luz coa pelo fino tecido, e um sangue puro a escumilha de róseo matiz. A dela era assim.

Uma altivez de rainha cingia-lhe a fronte, como diadema cintilando na cabeça de um anjo. Havia em toda a sua pessoa um quer que fosse de sublime e excelso que a abstraía da terra. Contemplando-a naquele instante de enlevo, dir-se-ia que ela se preparava para a sua celeste ascensão.

José de Alencar. *Diva*. 5. ed. São Paulo, Ática, 1993. p. 18.

TEXTO 2

Era muito bem feita de quadris e de ombros. Espartilhada, como estava naquele momento, a volta enérgica da cintura e a suave protuberância dos seios produziam nos sentidos de quem a contemplava de perto uma deliciosa impressão artística.

Sentia-se-lhe dentro das mangas do vestido a trêmula carnadura dos braços; e os pulsos apareciam nus, muito brancos, chamalotados de veiazinhas sutis, que se prolongavam serpeando. Tinha as mãos finas e bem tratadas, os dedos longos e roliços, a palma cor-de-rosa e as unhas curvas como o bico de um papagaio.

Sem ser verdadeiramente bonita de rosto, era muito simpática e graciosa. Tez macia, de uma palidez fresca de camélia; olhos escuros, um pouco preguiçosos, bem guarnecidos e penetrantes; nariz curto, um nadinha arrebitado, beiços polpudos e viçosos, à maneira de uma fruta que provoca o apetite e dá vontade de morder. Usava o cabelo cofiado em franjas sobre a testa, e, quando queria ver ao longe, tinha de costume apertar as pálpebras e abrir ligeiramente a boca.

Aluísio Azevedo. *Casa de pensão*. 7. ed. São Paulo, Ática, 1992.
p. 78.

QUESTÃO 1

Como se nota, os dois trechos possuem semelhanças e diferenças. Sob o ponto de vista da construção, trata-se de textos figurativos ou temáticos? Explique sua resposta.

QUESTÃO 2

Ambos os textos são também semelhantes sob o ponto de vista da imagem que constroem: ambos criam a imagem de mulher. Mas cada texto constrói um modelo diferente de feminilidade.

a) No texto 1, o percurso figurativo construído pelo narrador apresenta a mulher, vista sobretudo sob o ponto de vista de suas qualidades psíquicas. O corpo vem retratado como um todo: as partes anatômicas não são desenhadas em detalhe.

Cite duas passagens que servem para confirmar o que acaba de ser dito.

b) No texto 2, o percurso figurativo descreve o corpo da mulher sob o ponto de vista de suas qualidades físicas. Partes da anatomia feminina são expostas com detalhes.

Cite algumas passagens que servem para confirmar o que acaba de ser dito.

QUESTÃO 3

Ambas as figuras femininas são descritas como atraentes. Há, no entanto, uma diferença temática subjacente aos percursos figurativos organizados em cada texto. Essa diferença diz respeito ao que provoca atração em cada mulher descrita.

a) No texto 1, que tema é ressaltado na figura da mulher?

b) No texto 2, que tema é enfatizado?

QUESTÃO 4

No texto 2, ao falar do nariz, o narrador diz: *"... nariz curto, um nadinha arrebitado..."*

Que efeito de sentido provoca o diminutivo *nadinha*?

QUESTÃO 5

O confronto entre os dois textos permite-nos concluir que:

a) o texto 1 focaliza a mulher como algo mais para ser admirado do que tocado.

b) a personagem feminina delineada no texto 2 excita mais os sentimentos da alma do que os apetites do corpo.

c) em ambos os textos a feminilidade vem figurativizada com objetividade e equidistância.

d) ambos os textos focalizam a mulher sob o ponto de vista de um olhar feminino.

e) em nenhum dos dois textos a mulher é focalizada como objeto de cobiça que excita os sentimentos carnais do homem.

QUESTÃO 6 (VUNESP)

Os dois trechos citados, que pertencem a romances de José de Alencar (1829-1877) e Aluísio Azevedo (1857-1913), têm em comum o fato de descreverem personagens femininas. Um confronto entre as duas descrições permite detectar diferenças não somente nos planos físico e psicológico das duas mulheres, mas também no modo como cada uma é concebida pelo respectivo narrador, segundo os princípios estéticos do romantismo e do naturalismo. O resultado final, em termos de leitura, é o surgimento de duas personagens completamente distintas, vale dizer, duas mulheres que causam impressões inconfundíveis no leitor. Levando em conta estas informações, procure relacionar a diferença essencial entre as duas personagens com os princípios estéticos do romantismo e do naturalismo.

QUESTÃO 7 (VUNESP)

Ao descrever a pele de sua personagem, diz Alencar: *"Tinha sua tez a cor das pétalas da magnólia, quando vão desfalecendo ao beijo do sol"*. Esta frase, como um todo, focaliza a pele da personagem sob o aspecto visual e representa uma tentativa de definição de cor. Aluísio Azevedo, em seu texto, também parte da imagem de uma flor para tentar definir a pele da personagem. Localize a passagem em que isso acontece e, a seguir, defina os aspectos sensoriais de que se utiliza o autor para caracterizar a pele da

personagem.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Quando se trata da elaboração de textos figurativos, é obrigatório levar em consideração as figuras prescritas na proposta. Não é possível, por exemplo, colocar a mulher figurativizada no texto 1 como uma traficante de drogas; do mesmo modo, a mulher descrita no texto 2 não é apropriada para desempenhar o papel de uma freira que dedica toda a sua vida a cuidar de crianças num orfanato.

Tanto para a interpretação quanto para a produção de textos figurativos, é necessário levar em conta que as figuras não possuem significado isoladamente: elas devem articular-se com coerência dentro de um mesmo percurso figurativo.

A proposta de redação que vem a seguir, extraída de vestibular da Unicamp, propõe a elaboração de uma narração (texto figurativo) a partir de algumas figuras exigidas como ponto de partida.

Leia a proposta e procure desenvolvê-la.

Instruções gerais:

As três personagens abaixo devem fazer parte da história.

Dorisgleison Silva: ex-investigador de polícia, com um morto em seu passado e nenhuma perspectiva de futuro.

Fátima Zoraide: dona de banca de jornal, viciada em bombons e vidente nas horas vagas.

P. P. Júnior: menino prodígio que, aos 12 anos, vale cada centavo do meio milhão de dólares exigido como resgate.

Sua narrativa deverá ser em 1ª pessoa. O narrador deverá ser, obrigatoriamente, uma das três personagens descritas.

Se achar necessário, você poderá criar outras personagens.

1 camartelo: martelo que se emprega para desbastar pedras.
2 relicário: caixa de relíquias.
3 ônix: tipo de pedra semipreciosa.
4 cinzel: instrumento cortante para gravar ou esculpir.
5 cingir: pôr à cintura; unir; cercar, rodear.
6 altear: tornar mais alto.
7 limar: polir com lima; aperfeiçoar.
8 engastar: encravar em ouro ou prata (a pedra preciosa).
9 rubim: o mesmo que *rubi*; pedra preciosa vermelha.
10 lavor: trabalho, especialmente manual, artesanal.
11 Becerril: Alonzo Becerril, escultor espanhol do final do século XVI, muito apreciado por seus trabalhos em prata, principalmente vasos sagrados, como cálices, ostensórios etc., que se caracterizavam pela extrema delicadeza.

LIÇÃO 8

“Nas palavras, como nas modas, observa a mesma regra: / Sendo novas ou antigas demais, são igualmente grotescas. / Não sejas o primeiro a experimentar as novas, / Nem tampouco o último a encostar as antigas.”

Pope (1688-1744). Apud Paulo Rónai,
Dicionário universal Nova Fronteira de citações.

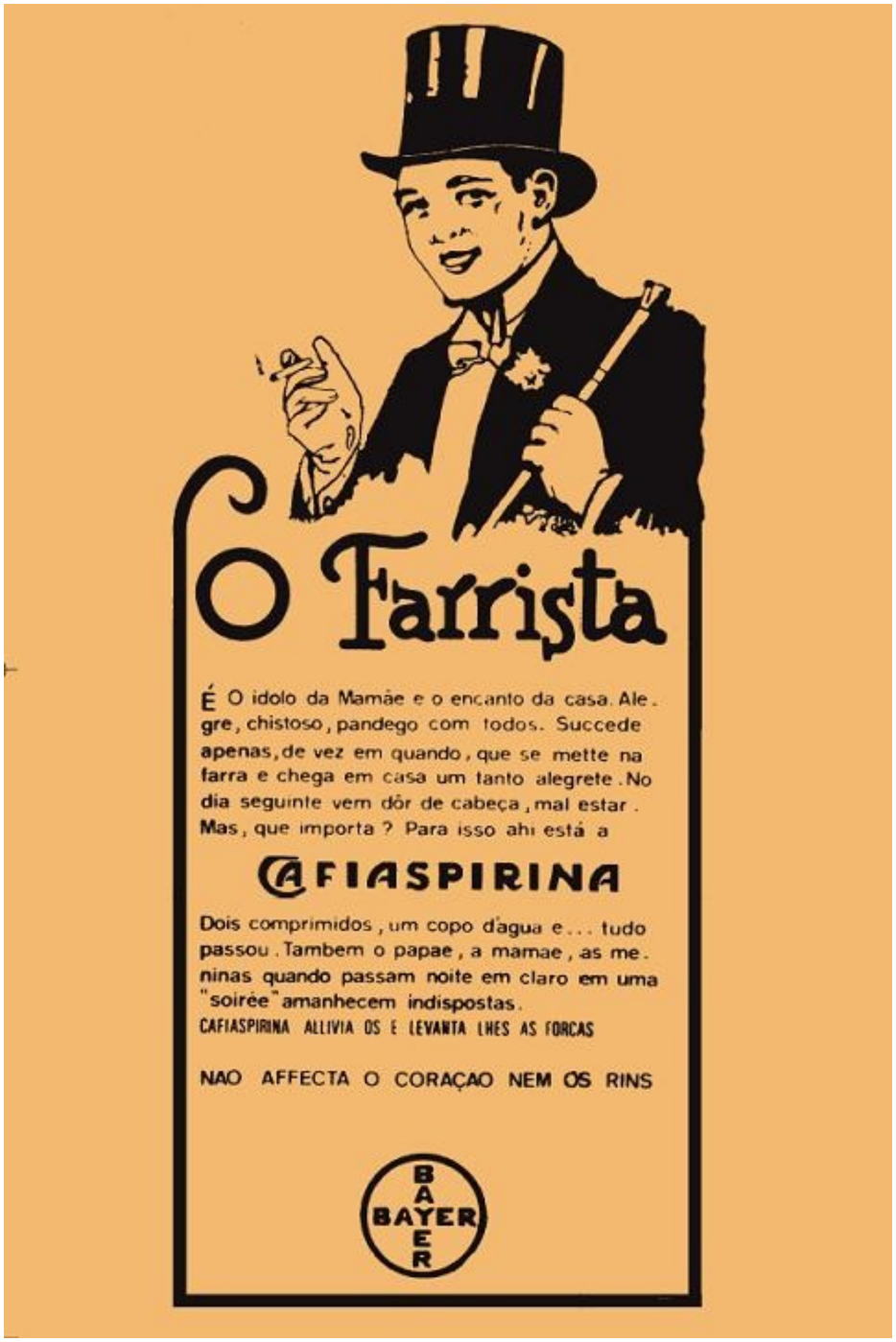

Este anúncio da década de 20 usa uma variante da língua muito diferente da atual.Mas, antes mesmo de lermos o texto, a linguagem gráfica já nos leva à mesma conclusão, tanto pela imagem do "jovem irreverente" — não tão irreverente assim para nossos padrões atuais — quanto pelos adornos e pelos tipos de letra adotados.

LIÇÃO 8

FIGURATIVIDADE E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Leia o texto abaixo, fragmento do livro *Novelas paulistanas*, de António de Alcântara Machado:

O capital levantou-se. Deu dois passos. Parou. Meio embaraçado. Apontou para um quadro.

— Bonita pintura.

Pensou que fosse obra de italiano. Mas era de francês.

— *Francese*? Não é feio *non*. Serve.

Embatucou. Tinha qualquer cousa. Tirou o charuto da boca, ficou olhando para a ponta acesa. Deu um balanço no corpo. Decidiu-se.

— Ia *dimenticando* de dizer. O meu filho fará o gerente da sociedade... Sob a minha direção, *si capisce*.

— Sei, sei... O seu filho?

— *Si*. O Adriano. O doutor... *mi pare*... *mi pare* que conhece ele?

António de Alcântara Machado. *Novelas paulistanas*.
3. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1973. p. 27.

Ilustração de Poty para *Novelas paulistanas*.

Temos, nesse trecho do conto “A sociedade”, um diálogo entre um paulistano quatrocentão e um ítalo-brasileiro enriquecido na indústria têxtil (designado por *o capital*). Alcântara Machado, em sua obra,

retrata a integração social dos imigrantes italianos. A linguagem dessas personagens é uma mistura de italiano e português. No trecho acima, usam-se palavras italianas no meio de falas em português: *francese*, *non*, *dimenticando* (esquecendo), *si capisce* (se entende), *mi pare* (parece-me). Na fala do imigrante italiano, ora se aportuguesa o italiano, ora se italianiza o português (observe o uso do verbo *fazer* na frase *O meu filho fará o gerente da sociedade*; nesse caso, em português, usar-se-ia o verbo *ser*). Pela sua linguagem, o escritor paulista figurativiza a identidade de suas personagens.

Uma característica de todas as línguas do mundo é que elas não são unas, não são uniformes, mas apresentam variedades, ou seja, não são faladas da mesma maneira por todos os seus usuários. Muitas pessoas dizem que isso ocorre na nossa língua, porque "os brasileiros não sabem direito o português". Não é verdade, todas as línguas apresentam variações: o inglês, o francês, o italiano etc. Também as línguas antigas tinham variações. O português e as outras línguas românicas (o francês, o italiano, o espanhol, o romeno, o sardo, o rético, o provençal, o catalão, o franco-provençal e o dalmático) provêm de uma variedade do latim, o chamado latim vulgar (popular), muito diferente do latim culto. A variação linguística é inerente ao fenômeno linguístico.

As línguas têm formas variáveis porque as sociedades são divididas em grupos: há os mais jovens e os mais velhos, os que habitam uma região ou outra, os que têm esta ou aquela profissão, os que são de uma ou outra classe social e assim por diante. O uso de determinada variedade linguística serve para marcar a inclusão em um desses grupos, dá uma identidade para seus membros. Aprendemos a distinguir as falas variáveis, a imitá-las e a julgá-las. Quando alguém começa a falar, sabemos se é do interior de São Paulo, gaúcho, carioca ou mesmo português. Sabemos que certas expressões pertencem à fala dos mais jovens, que determinadas formas se usam em situação informal, mas não em ocasiões formais. As variedades são consideradas elegantes ou feias, certas ou erradas. Há, pois, um julgamento social sobre elas.

A variação linguística é o tema deste cartum de Quino. O efeito humorístico é obtido pela representação visual da linguagem utilizada pelo mecânico para declarar seu amor à moça.

Os dois aspectos mais facilmente perceptíveis da variação linguística são a pronúncia e o vocabulário. No entanto, a variação ocorre em todos os níveis da língua. Vamos dar alguns exemplos em cada um deles:

a) no nível dos sons: o *l* final de sílaba é pronunciado como consoante pelos gaúchos, enquanto em quase todo o restante do Brasil é vocalizado (pronunciado como um *u*); o *r* final de sílaba é pronunciado de maneira bem distinta por um carioca e por uma pessoa do interior de São Paulo; em certos segmentos sociais, troca-se o *l* pelo *r* (diz-se *arto* e não *alto*);

b) no nível da morfologia: conjugam-se muitas vezes, por analogia, os verbos irregulares como regulares (*ansio* em lugar de *anseio*, *se eu repor* em lugar de *se eu repuser*, *manteu* por *manteve*); às vezes se usa a forma do presente do subjuntivo em vez do equivalente do presente do indicativo (*nós fiquemos* em vez de *nós ficamos*);

c) no nível da sintaxe: em certos segmentos sociais e em certas situações não se realiza a concordância verbal ou a nominal (*eles bebeu* muito naquela noite; *os home*); em algumas regiões do país, usam-se formas próprias da sintaxe do italiano (*somos em seis*, *passo da sua casa*); muitas vezes, o pronome relativo, principalmente *cujo*, é substituído por um *que*, sem valor pronominal, e a função sintática que deveria ser expressa por ele é manifestada por outro termo (diz-se "A moça *que* os olhos *dela* são verdes veio aqui ontem" em lugar de "A moça *cujos* olhos são verdes veio aqui ontem);

d) no nível do léxico: *diáfano* é empregado em situações de uso de uma linguagem muito culta; *cassaco* é um termo utilizado no Nordeste para trabalhador de estrada ou de engenho; em Portugal, diz-se *comboio* em lugar de *trem*, e *miúdo* em vez de *criança*.

As línguas variam de região para região, de grupo social para grupo social, de situação para situação. O cruzamento desses fatores torna ainda mais complexo o fenômeno da variação. Assim, temos, por exemplo, um falar gaúcho e um paulista. No falar gaúcho, podemos identificar uma variante popular e uma culta. Dentro da variedade popular gaúcha, temos um falar formal e um informal.

As variações de uma região para outra são chamadas variantes **diatópicas**. Leia o trecho a seguir, escrito pelo regionalista gaúcho Simões Lopes Neto:

Vancê pare um bocadinho; componha os seus arreios, que a cincha está muito pra virilha. E vá pitando um cigarro enquanto eu dou dois dedos de prosa àquele andante... que me parece que estou conhecendo... e conheço mesmo!... É o índio Reduzo, que foi posteiro dos Costas, na estância do Ibicuí. (...)

— Vancê desculpe a demora: mas quando se encontra um conhecido do outro tempo — e então do tope deste! — a gente até sente uma frescura na alma!... Coitado, está meio acalcanhado, mas bonzão ainda.

Pois aquele cuerudo que vancê está vendo, teve grito d'armas!... Vou contar-lhe uma alarifagem em que ele andou metido, e que só depois se soube, pelo miúdo, e isso mesmo porque a própria gente do caso é que contava.

Simões Lopes Neto. *Contos e lendas*. Rio de Janeiro, Agir, 1957. p. 78-9.

O índio Reduzo, em ilustração de Nelson Boeira Faedrich.

Usa-se no conto uma variante popular gaúcha. Se observarmos apenas o nível lexical, vamos notar, por exemplo, *cincha* (peça do arreio para apertar o lombilho), *posteiro* (empregado de uma estância, ou propriedade rural destinada principalmente à criação de gado), *tope* (qualidade), *cuerudo* (portador de *cueras*, isto é, marcas ou cicatrizes no lombo, provocadas pelos arreios), *alarifagem* (esperteza).

As variações de um grupo social para outro são chamadas variantes **diastráticas**. Essas variações são muito numerosas: as gírias, os jargões etc. No texto abaixo, escrito pelo maestro Júlio Medaglia, na gíria dos jovens roqueiros, procura-se transmitir um recado não só à prefeita de São Paulo, mas também a jovens roqueiros, de que é preciso valorizar a música erudita.

Pô, Erundina, massa! Agora que o maneiro Cazuza virou nome num pedaço aqui na Sampa, quem sabe tu te anima e acha aí un point pra botá o nome de Madalena Tagliaferro, Cláudio Santoro, Jaques Klein, Edoardo de Guarnieri, Guiomar Novaes, João de Souza Lima, Armando Belardi e Radamés Gnatalli. Esses caras não foi cruner de banda a la "Trogloditas do Sucesso", mas se a tua moçada não manjar quem eles foi, dá um look aí na Enciclopédia Britânica ou no Groves International e tu vai sacá que o astral do século 20 musical deve muito a eles.

Júlio Medaglia, di-jei do Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

Painel do Leitor. *Folha de S. Paulo*, 4 out. 1990. Apud ABAURRE, Maria Bernadete Marques & POSSENTI, Sírio. *Vestibular Unicamp; língua portuguesa*. São Paulo, Globo, 1993. p. 32.

As variações de uma situação de comunicação para outra são denominadas variantes **diafásicas**. Todos sabemos que há situações que permitem uma linguagem bem informal (uma conversa com os amigos num bar) e outras que exigem um nível mais formal de linguagem (um jantar de cerimônia). Cada uma dessas situações tem construções e termos apropriados. Observe no texto a seguir, retirado do romance *Agosto*, de Rubem Fonseca, o uso de expressões e construções da linguagem coloquial:

Um homem magro, de bigodinho e cabelo glostorado, apareceu:

"Ah, comissário Pádua... Que prazer! Que alegria!"

"Não quero papo-furado, Almeidinha. Quero falar com dona Laura."

"Ela no momento está muito ocupada. Não pode ser comigo?"

"Não, não pode ser com você. Dá o fora e chama logo a Laura."

"Vou mandar servir um uisquinho."

"Não queremos nenhum uisquinho. Chama a dona."

Rubem Fonseca. *Agosto*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990. p. 64.

Neste cartum de Angeli, o efeito humorístico resulta da passagem brusca de uma linguagem formal e respeitosa para uma informal e agressiva. Simultânea ao efeito de humor, há uma denúncia do caráter postiço e falso da linguagem cerimoniosa que o deputado queria simular.

Ainda dentro do fenômeno da variação linguística, é preciso considerar que as línguas não são estáticas, mas mudam ao longo do tempo. Basta comparar um romance escrito no século XIX com um produzido agora, para percebermos que a língua se altera. Alguns dizem que a língua está em decadência. Cabe observar, porém, que línguas não decaem, mudam. As variações de uma época para outra são chamadas variantes **diacrônicas**. Os termos e construções que estão em desuso são chamados arcaísmos; os criados muito recentemente são denominados neologismos. Leia um texto em português arcaico, um trecho de uma cantiga composta por d. Dinis, para ver a diferença entre a língua portuguesa medieval e a atual.

— Ai flores, ai flores do verde pino, se sabedes novas do meu amigo?
Ai, Deus, e u é?

Ai flores, ai flores do verde ramo, se sabedes novas do meu amado?
Ai, Deus, e u é?

Se sabedes novas do meu amigo, aquel que mentiu do que pôs comigo?
Ai, Deus, e u é?

Se sabedes novas do meu amado, aquel que mentiu do que m’á jurado?
Ai, Deus, e u é?

Apud MOISÉS, Massaud. *A literatura portuguesa através dos textos*. São Paulo, Cultrix, s.d. p. 23.

Observamos nesse trecho diversas variantes diacrônicas: *pino* (pinheiro), *sabedes* (2ª pessoa do plural do presente do indicativo do verbo *saber*, atualmente *sabeis*), *u* (onde), *é* (está), *aquel* (aquele), *pôs* (combinou), *á jurado* (= há jurado = jurou).

Cada uma das variedades linguísticas pode apresentar-se na modalidade escrita ou na falada. Pode-se pensar que a escrita seja a transcrição da fala. Não, a relação entre elas é mais complexa. São duas modalidades distintas de linguagem. No processo de comunicação, produz-se uma mensagem, para que ela seja recebida (lida ou ouvida) por alguém. Na fala, o texto é recebido pelo outro, enquanto vai sendo produzido; na escrita, a recepção ocorre depois da produção. Naquela, o interlocutor vai ouvindo o texto, à medida que ele é composto. Nesta, o texto é lido depois que está pronto. Daí decorrem as seguintes distinções na organização dos textos falados e escritos:

a) A fala se dá dentro de uma dada situação de interlocução; a escrita ocorre fora dela. Um ato de comunicação ocorre entre dois participantes, num dado lugar e num determinado tempo. Isso é chamado cena enunciativa. Na fala, quando se diz *eu*, *aqui*, *agora*, por exemplo, o ouvinte sabe quem está falando, que lugar é *aqui* ou quando é *agora*. Além disso, entende as frases que se referem à situação. Se alguém está jantando e diz que a cozinheira está sem paladar, seu interlocutor compreende que ele quer dizer que falta tempero ou que há tempero em excesso na comida. Na escrita, é preciso recriar a cena enunciativa e a situação de interlocução, para que o leitor saiba, por exemplo, quem está falando, que dia é, quando alguém diz *hoje*, e para que compreenda os sentidos relacionados à situação (assim, no caso da frase acima é preciso explicar que os interlocutores estavam jantando e que um, quando pôs uma colher de sopa na boca, disse que a cozinheira estava sem paladar).

b) Na fala, o planejamento e a execução do texto são simultâneos. Por isso, o texto falado é cheio de pausas, frases truncadas, repetições, correções, períodos começados e abandonados para começar um outro, desvios e voltas, acelerações. O texto escrito não contém marcas de planejamento e de execução. Elas são retiradas dele. Apresenta-se o produto pronto e não em elaboração como na fala.

c) Na fala, alternam-se os papéis do falante e do ouvinte. Por isso, o ouvinte pode interromper o falante e tomar a palavra, o falante pode usar estratégias para segurar a palavra, precisa buscar a anuência do ouvinte (dizendo, por exemplo, *né?*, *certo?*, *cê não acha?*), solicitar sua colaboração (dizendo, por exemplo, *como é mesmo que se diz?*). Na escrita, não há essa possibilidade de alternância, pois, mesmo que se crie um diálogo, ele será uma simulação de conversa e não um diálogo real, com interrupções, tentativas de não deixar o outro tomar a palavra etc.

d) Na fala, os períodos são mais curtos e simples. Na escrita, mais longos e complexos. Usam-se mais orações subordinadas. O texto escrito divide-se em parágrafos, capítulos etc., que contêm unidades de sentido. O texto falado é recortado em turnos, isto é, cada intervenção de cada interlocutor, e em tópicos, ou seja, assuntos de que se fala.

e) Na modalidade falada, há um envolvimento maior de um interlocutor no texto do outro. Eles colaboram, envolvem-se no processo de elaboração do texto, dizem que compreenderam, concordam com a continuação da fala etc. Usamos certos marcadores conversacionais para isso (por exemplo, *hum, hum*; *certo*; *é claro*; *ah*, *sim*). O falante, por sua vez, monitora nosso acompanhamento (por exemplo, *você tá me entendendo?*). Se numa conversa telefônica ficamos só ouvindo, sem manifestar nenhum acordo, o

outro logo nos pergunta: *Você está ouvindo?* Faz isso, porque é da natureza da fala a participação, o envolvimento. Na escrita, isso não ocorre.

O JORNAL DO TRABALHADOR
NOTÍCIAS populares
São Paulo, terça-feira, 19 de março de 1996 Nº 11.643
Um ano depois do terrível acidente de carro, o pai da matéria pinta como garoto-propaganda de uma lâmina de barbear. PÁG. 11
60 CENTAVOS
Osmar: cada dia melhor em sua recuperação milagrosa
NOTÍCIAS populares DENÚNCIA
INSS TÁ ATRASANDO APOSENTADORIAS
Veja o que tá emperrando o cumprimento da lei
PÁG. 2

Em jornais sensacionalistas, o uso de termos da linguagem oral é um dos recursos utilizados para aproximar o jornal de seu público, normalmente constituído de pessoas menos habituadas ao padrão da escrita.

Muitas pessoas poderiam dizer que, na escrita, pode-se tolerar o uso de certas variações léxicas, mas que a utilização de certas variantes fônicas, mórficas e sintáticas constitui erro e que, portanto, elas devem ser banidas do texto escrito. A questão não é bem assim. Precisa ser mais bem pensada.

Em primeiro lugar, é preciso substituir o conceito de *erro* pelo de *adequação*. Na escrita, usam-se as variedades não aleatoriamente, mas no processo de criação das personagens. Assim, são elas meios de *figurativizar a identidade do narrador ou das personagens*: um surfista, um homem do povo, um malandro, um pedante etc. Por isso, a variante linguística utilizada tem que ser adequada à identidade da personagem e à situação de comunicação. Como cada variante cria um dado efeito de sentido, cada uma delas é adequada a um lugar, um tempo, uma situação de interlocução e um grupo social. É tão inadequado dizer a um amigo, antes de um jogo de futebol, *A propósito de seu advento a este prélio, apreciaria que me dirimisse uma incerteza sobre a verdade de um fato*, quanto dizer numa ocasião mais formal *Aí nóis pegô e deu uns amasso na mina*.

Não se escrevem da mesma maneira os artigos do *Folhateen*, suplemento para jovens do jornal *Folha de S. Paulo*, e os editoriais desse jornal; uma bula de remédio e um conto; as falas de cada personagem; a primeira página do jornal *Notícias Populares* e a primeira página do *Estadão*. No texto científico, técnico, informativo etc. a única norma admitida é a chamada norma culta. Em outros tipos de texto, as variantes, como se disse, são usadas para figurativizar a identidade do narrador ou das personagens.

Deve-se estar atento, quando se usam variantes linguísticas, para o fato de que elas devem ser adequadas à identidade de quem as utiliza (não se pode fazer um fluminense de Campos falar como um gaúcho) e de que seu uso deve ser coerente (uma personagem não pode usar uma variante e, na mesma situação, utilizar outra muito diferente; por exemplo, ora fala na variante baiana, ora na gaúcha). A mistura de variantes pode ser feita, mas é trabalho muito complicado, que exige um conhecimento muito grande da língua, para saber como combiná-las.

TEXTO COMENTADO

O texto que segue é um fragmento do romance *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa:

Detalhe da gravura *A luta dos homens*, de Gilvan Samico, mostrando a figura do diabo.

A gente viemos do inferno — nós todos — compadre meu Quelemém instrui. Duns lugares inferiores, tão monstro-medonhos, que Cristo mesmo lá só conseguiu aprofundar por um relance a graça de sua sustância alumiável, em as trevas de véspera para o Terceiro Dia. Senhor quer crer? Que lá o prazer trivial de cada um é judiar dos outros, bom atormentar; e o calor e o frio mais perseguem; e, para digerir o que se come, é preciso de esforçar no meio, com fortes dores; e até respirar custa dor; e nenhum sossego não se tem. Se creio? Acho proseável. Repenso no acampo da Macaúba da Jaíba, soante que mesmo vi e assaz me contaram; e outros — as ruindades de regra que executavam em tantos pobrezinhos arraiais: baleando, esfaqueando, estripando, furando os olhos, cortando línguas e orelhas, não economizando as crianças pequenas, atirando na inocência do gado, queimando pessoas ainda meio vivas, na beira de estrago de sangues... Esses não vieram do inferno? Saudações. Se vê que subiram de lá antes dos prazos, figuro que por empreitada de punir os outros, exemplação de nunca se esquecer do que está reinando por debaixo. Em tanto, que muitos retombam para lá, constante que morrem... Viver é muito perigoso.

Guimarães Rosa. *Grande sertão: veredas*. 20. ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986. p. 45-6.

Observemos alguns fatos linguísticos do texto que nos chamam a atenção:

a) verbo na 1ª pessoa do plural concordando com *a gente*;

b) verbo *instruir* com valor de *ensinar* e com a regência deste último: *compadre meu Quelemém instrui* [*que*] *a gente viemos do inferno*;

c) posposição do possessivo ao termo *compadre* que acompanha um nome próprio;

d) palavra composta *monstro-medonho*, com o sentido de “monstruoso”;

e) *sustância* por *substância* (síncope [queda de um som no meio da palavra] da consoante *b*);

f) *alumiável* pela forma mais frequente *iluminável*;

g) *em as trevas* em vez de *nas trevas*;

h) *de véspera para o Terceiro Dia* por *na véspera do Terceiro Dia*;

i) forma verbal *é preciso* regendo infinitivo com *de*;

j) *acampo* com o sentido de “acampamento”, “arraial”;

l) *soante* em lugar de *consoante* (= conforme);

m) *economizar* com o sentido de “poupar”;

n) *por empreitada de* no sentido de “com a finalidade de”;

o) *exemplação* com o sentido de “ato de fazer servir de exemplo”;

p) *retombar* no sentido de “cair novamente”;

q) *constante que* em lugar de *assim que*.

O livro *Grande sertão: veredas* é um monólogo, em que um velho jagunço, Riobaldo, narra sua vida a um interlocutor que nunca toma a palavra. Sabemos que se trata de uma narrativa a um interlocutor por certas características muito comuns na modalidade oral: a introdução da voz do interlocutor na fala do narrador pela retomada do que ele disse (*Se creio?*) ou por perguntas dirigidas a ele (*Senhor quer crer? Esses não vieram do inferno?*).

Riobaldo, nesse trecho, tem a preocupação, como, aliás, em muitas passagens da obra, de saber se o diabo existe ou não existe. Começa o texto afirmando que todos viemos do inferno, lugar tão terrível, onde o prazer de um é judiar dos outros, onde o calor e o frio perseguem as pessoas, onde comer produz fortes dores e respirar causa sofrimento, onde o próprio Cristo foi só uma vez (aqui há uma referência ao texto do *Credo*, que diz que Cristo, quando morto, desceu aos infernos e ressuscitou no terceiro dia). Em seguida, a voz do interlocutor entra numa retomada, perguntando-lhe se crê. O velho jagunço responde que acha *proseável*, ou seja, é um assunto sobre o qual dá para conversar, que se admite. Fatos que ele presenciara e outros tantos que lhe contaram (*soante que mesmo vi e assaz me contaram*) lhe indicam que há pessoas tão más que só podem ter vindo do inferno. Elenca as maldades que fazem e diz que elas vieram de lá antes do tempo, para que, punindo os vivos, estes não se esquecessem do inferno. Muitos voltam para lá tão logo morrem. Por isso viver é muito perigoso. Nesse trecho, dá-se uma explicação para um tema importante do romance: por que o mal existe?

As frases exclamativas, as interrogações, a presença do outro a monitorar a fala do narrador, as interjeições, as frases truncadas, os desvios e retomadas indicam que se trata da modalidade falada. No entanto, trata-se não de uma fala real, mas de sua recriação na escrita. Por outro lado, essa fala construída por escrito expressa-se na variante linguística que é o falar sertanejo. No entanto, Guimarães Rosa não reproduz pura e simplesmente essa variedade do português, mas combina regionalismos com arcaísmos (isso é legítimo, porque a língua brasileira do sertão conserva fortes traços arcaicos do português), com palavras criadas por ele, seja a partir de termos emprestados de línguas estrangeiras, seja pela alteração das regras de formação de palavras da língua. A linguagem de Riobaldo é assim, de um lado, sertaneja, de outro, erudita. Essa mistura determina a identidade do narrador-personagem. Riobaldo não é só um velho jagunço, mas é um letrado, que se indaga a respeito de questões que atormentaram o ser humano ao longo dos séculos. Assim, o romance, como se vê, a partir da linguagem, está radicado no sertão, mas, ao mesmo tempo, está inserido no mundo, para mostrar a experiência universal do ser humano com as questões debatidas por Riobaldo.

LIÇÃO 8 EXERCÍCIOS

O texto que vem a seguir é a letra de uma das músicas de Adoniran Barbosa, o mesmo compositor de *Saudosa Maloca*, *O samba do Arnesto* e *Trem das onze*.

Domingo nós fumus
Num samba no Bexiga

Na rua Major
Na casa do Nicola
A “mezza notte o’clock”
Saiu uma baita duma briga
Era só pizza que avoava
Junto coas brajola

Nóis era estranho no lugar
E não quisemo se meter
Não fumo lá pra brigá
Nóis fumo lá pra comê
Na hora h se infiemo debaixo da mesa
Fiquemo ali de beleza
Vendo o Nicola brigá
Dali a pouco escuitemo a patrulha chegar
E o sargento Oliveira parlar
Num tem portância
Vô chamando as ambulância.

Aí ele disse assim:
Carma, pessoar,
A situação aqui tá
Muito cínica:
Os mais pior vai pras Crínica.

Extraído de *Elis Regina no fino da bossa*. v. 3, faixa 7, 11.V030. V3.CD.

QUESTÃO 1

Como se sabe, é comum Adoniran usar em suas letras uma variante do português que mistura certos traços da linguagem caipira com a fala dos imigrantes italianos do Bexiga (conhecido bairro de São Paulo) para figurativizar personagens.

a) Além de mesclar o italiano com a fala caipira, há no texto uma outra mistura linguística curiosa: transcreva a passagem em que o autor embaralha italiano com inglês.

b) Que efeito de sentido produz essa mistura?

QUESTÃO 2

a) Transcreva um trecho em que se usa uma forma verbal do italiano conjugada como um verbo português.

b) Transcreva um exemplo em que, à maneira caipira, não se faz a concordância do verbo com o sujeito e um exemplo em que o substantivo não está concordando com o artigo.

QUESTÃO 3

Ao lado de *nóis fumo* (*Nóis fumo lá pra comê*), ouve-se na gravação *nós fumus* (*Domingo nós fumus*) com todos os *ss*. Tente elaborar uma hipótese para explicar essa incoerência, que pode ter sido intencional.

QUESTÃO 4

Saiu uma baita duma briga
Era só pizza que avoava
Junto coas brajola.

a) O efeito de espontaneidade dessa passagem depende em grande parte da escolha de duas palavras da fala coloquial popular. Transcreva-as, substituindo-as pelas formas da língua culta escrita.

b) No mesmo trecho há duas palavras próprias do léxico de um falante ítalo-brasileiro. Quais são elas?

QUESTÃO 5

Nóis era estranho no lugar
E não quisemo se meter.

Além da discordância entre o verbo (*era*) e o sujeito, há nesse trecho um "erro" de concordância que é próprio da língua oral espontânea. Identifique-o.

QUESTÃO 6

Quem fala, no texto, é um sujeito coletivo representado por um *nós* (ou *nóis*) que está presente em todo o percurso do texto.

Ao dizer que não quis se meter na briga (*não quisemo se meter*) esse sujeito coletivo (nós) apresenta dois argumentos para explicar essa recusa.

a) Quais são os dois argumentos?

b) O segundo argumento é para ser levado a sério ou para produzir efeito de humor?

QUESTÃO 7

O sargento Oliveira é citado em discurso direto nesta passagem:

Carma, pessoar,
A situação aqui tá
Muito cínica:
Os mais pior vai pras Crínica.

a) Essa intervenção do sargento Oliveira faz parte do clima de humor que permeia o texto?

b) Cite duas razões para justificar sua resposta.

QUESTÃO 8

A leitura global do texto permite afirmar que:

a) a variante linguística usada no texto é inapropriada, pois se trata de um dialeto rural.

b) o dialeto usado é urbano, sem nenhuma mistura com outro linguajar.

c) o dialeto usado é formado de palavras estrangeiras misturadas com o dialeto urbano de São Paulo.

d) o dialeto usado contém traços típicos da linguagem dos imigrantes italianos e do dialeto caipira de São Paulo.

e) a linguagem usada no texto contém palavras e expressões típicas de um dialeto urbano misturado com palavras e expressões da língua culta escrita.

QUESTÃO 9

A variante linguística concorre, entre outros recursos, para criar a imagem social do seu usuário, sendo, por isso, considerada como um expediente de figurativização da personagem.

Esta questão, extraída do vestibular da Unicamp, aborda esse tema.

No diálogo transcrito a seguir, um dos interlocutores é falante de uma variedade de português que apresenta uma série de diferenças com relação ao português culto. Identifique, na fala desse interlocutor, as marcas formais dessas diferenças e transcreva-as. Faça, a seguir, uma hipótese sobre quem poderia ser essa pessoa (sua classe social e grau de escolaridade).

INTERLOCUTOR 1: Por que o senhor acha que o pessoal não está mais querendo tocar?

INTERLOCUTOR 2: É... a rapaziada nova agora não são mais como era quando nós ia, não senhora. Quando nós saía com o Congo[1] nós levava aquele respeito com o mestre que saía com nós, né? Então nós ficava ali, se fosse tomar arguma bebida só tomava na hora que nós vinhesse embora.

QUESTÃO 10 (UNICAMP)

O trecho seguinte foi extraído do debate que se seguiu à palestra do poeta Paulo Leminski, *Poesia: a paixão da linguagem*, proferida durante o curso Os Sentidos da Paixão (Funarte, 1986).

Observe que neste trecho é possível identificar palavras e construções características da linguagem coloquial oral. Reescreva-o de forma a adequá-lo à modalidade escrita culta.

Estudei durante seis anos muito a vida de um paulista e fiz um filme sobre ele, que é o Mário de Andrade, um puta poeta muito pouco falado pelas ditas vanguardas modernistas (...) Hoje em dia, felizmente, já existem vários trabalhos, há muita gente reavaliando a poética do Mário, que ela é muito mais importante e profunda do que aparentemente pareceu nestes últimos anos. Estudando o Mário, eu descobri que o Mário foi um exemplo do cara que morreu de amor, mas de amor pelo seu povo, pelo seu país, pela sua cultura (...) Um outro cara que eu também fiz um filme é o Câmara Cascudo. Um cara como o Câmara Cascudo morre, os jornais dão uma notinha desse tamanhinho, escondidinho, um cara que deveria ter estátua em praça pública, devia ser lido, recitado.

Os sentidos da paixão, p. 301.

QUESTÃO 11 (UNIVERSIDADE DE VIÇOSA)

(...) Suponha um aluno, dirigindo-se ao colega de classe nestes termos: “Venho respeitosamente solicitar-lhe se digne emprestar-me o livro”. A atitude desse aluno se assemelha à atitude do indivíduo que:

a) comparece ao baile de gala trajando *smoking*.

b) vai à audiência com uma autoridade de *short* e camiseta.

c) vai à praia de terno e gravata.

d) põe terno e gravata para ir falar na Câmara dos Deputados.

e) vai ao Maracanã de chinelo e bermuda.

QUESTÃO 12

Há certas transgressões gramaticais que, embora não prejudiquem a clareza do enunciado, afetam a imagem do enunciador e sua credibilidade. Trata-se de "erros" que prejudicam consideravelmente o poder argumentativo do texto.

Não são raros os casos em que se faz uso das transgressões linguísticas para desqualificar o discurso alheio. No trecho que segue, um articulista da *Folha de S. Paulo*, no interior do seu artigo, ridiculariza o então presidente da República (Fernando Collor) pelo fato de enviar bilhetinhos ao seu porta-voz. Ressalta que se tratava de um hábito do ex-presidente Jânio Quadros, sem, entretanto, demonstrar a mesma competência.

Eis uma passagem do artigo:

Se [Collor], ao menos, fosse original, ainda vá lá. Pelo menos, não seria uma caricatura de Jânio Quadros, que, aliás, terminou como terminou.

Nem cometeria o erro de concordância praticado no novo bilhetinho ao porta-voz, agora definitivamente transformado em porta-recados.

Clóvis Rossi. *Folha de S. Paulo*, 9 nov. 1991. p. 1-2.

O referido bilhetinho, alvo da crítica do articulista, foi publicado na íntegra pelo mesmo jornal, no mesmo dia, à p. 1-6:

"Chama-me a atenção os desdobramentos do resultado da votação pelo Senado, da antecipação do plebiscito".

a) Transcreva a passagem onde ocorre o erro denunciado pelo jornalista.

b) Efetue a correção.

c) Tente explicar o motivo por que o ex-presidente cometeu o deslize.

QUESTÃO 13

O trecho que segue foi extraído da revista *Imprensa* (ano III, n. 34) e faz parte de uma extensa matéria sobre erros de português cometidos inclusive por jornalistas.

De fato, de 30 anos para cá, o ensino da língua portuguesa nas escolas primárias e secundárias teve sua qualidade perigosamente comprometida pelo descaso governamental, pela incúria dos educadores e — pior — pela garantia, na mídia, das condições de reprodução dos equívocos sintáticos e derrapadas linguísticas. De tão repetidos, assumem foros de norma estabelecida. "Vem pra Caixa você também", propõe, por exemplo, o anúncio de um banco oficial. "No meu governo", indigna-se Luís Edgar de Andrade, 57 anos e 35 de profissão, diretor de redação da Rede Manchete, "o presidente da Caixa Econômica Federal seria condenado ao degredo perpétuo, para aprender como se conjuga o verbo vir no imperativo."

a) Segundo o diretor de redação da Rede Manchete, o anúncio de um banco oficial contém um erro grave. De que erro se trata?

b) Qual seria a forma do mesmo anúncio se o transcrevêssemos de acordo com as normas da língua culta escrita?

c) Redigido de acordo com a norma culta, o anúncio produziria o mesmo efeito de sentido?

PROPOSTAS DE REDAÇÃO

1) Leia o texto que segue, publicado na revista *Veja São Paulo* e utilizado num vestibular da Universidade Federal de Goiás. As propostas de redação são dos autores.

É MASSA, BROTHER.

Brother, dentro dessa nova edição do *Vestibular 500 testes* tem tudo para que o próximo vestiba role na maior.

Só de português são 80 questões, sendo 50 testes e 30 escritas.

Fora as questões de física, química, biologia, história, geografia, matemática e inglês.

Ah, tem uma lista de livros e uma série de dicas que você precisa ficar por dentro antes de encarar os exames.

Vestibular 500 testes, especial do *Guia do estudante*.

Desencana, brother.

Vestibular agora é manha.

Veja São Paulo, *13*, 3 out. 1991.

O texto que você acabou de ler é de um anúncio publicitário. Observe que a linguagem se organiza em torno de um determinado objetivo, ou seja, o seu uso é deliberado e revela intenções. O leitor é tratado com intimidade; o coloquialismo tenta envolvê-lo.

a) Levando em conta esses dados, elabore um texto narrativo em que ao menos uma personagem seja um falante típico da variante linguística em questão.

b) Tente reescrever o texto publicitário da revista *Veja*, adequando-o às normas da língua culta escrita.

2)

Angeli. Lovestórias. *Folha de S. Paulo*, 8 abr. 1995. p. 5-1.

Na tirinha acima reproduzida, dois tipos de figura (*vestir-se mal* e *falar comendo os esses*) são usados para caracterizar diferenças entre a namorada e seu namorado. O tipo de vestimenta e a variante linguística típicos do namorado são diferenciados socialmente, tanto que a namorada os vê como obstáculo para que ela o apresente em público.

Como se vê, as variantes linguísticas têm algo em comum com a moda e a etiqueta social, funcionando como forma de manifestação da imagem social das pessoas.

Levando em conta esses dados, elabore um texto figurativo (uma narração) em que as personagens centrais sejam os dois namorados de que fala a tirinha “Chiclete com Banana”, focalizando os problemas

de adaptação que enfrentam em função das diferenças sugeridas nos quadrinhos e imaginando outras mais, correlatas às duas citadas. Procure usar o discurso direto, reproduzindo a variante linguística de cada personagem.

1 congo: dança de origem africana, que se realiza de preferência pelo Natal, pela festa de Nossa Senhora do Rosário e pela de São Benedito.

LIÇÃO 9

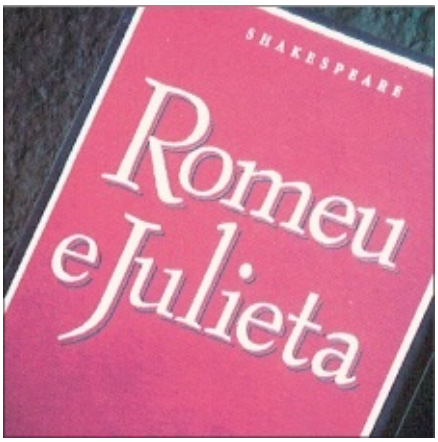

O duplo sentido pode ser explorado com malícia e humor, como se vê no trecho a seguir:

"Foi a primeira vez que o governo manifestou alguma preocupação genuína com a agricultura. O ministro José Serra mandou um jornalista plantar batatas".

Declaração do deputado Delfim Neto.
Revista Veja, *3 jan. 1996.*

Estes dois anúncios de um jornal popular exploram as possibilidades de diversas leituras de um mesmo texto, para tentar demonstrar que a versão sensacionalista dos fatos é inteiramente defensável.

Anúncios criados pela agência DM9, em 1992.

LIÇÃO 9

AS VÁRIAS POSSIBILIDADES DE LEITURA DE UM TEXTO

Ilustração de Gustave Doré para a fábula *O lobo e o cordeiro*.

Leia o texto abaixo, uma das fábulas de La Fontaine:

O LOBO E O CORDEIRO

Vamos mostrar que a razão do mais forte é sempre a melhor.

Um cordeiro matava a sede numa corrente de água pura, quando chega um lobo cuja fome o levava a buscar caça.

— Que atrevimento é esse de sujar a água que estou bebendo? — diz enfurecido o lobo. — Você será castigado por essa temeridade.

— Senhor — responde o cordeiro —, que Vossa Majestade não se encolerize e leve em conta que estou bebendo vinte passos mais abaixo que o Senhor. Não posso, pois, sujar a água que está bebendo.

— Você a suja — diz o cruel animal. — Sei que você falou mal de mim no ano passado.

— Como eu poderia tê-lo feito, se não havia sequer nascido? — responde o cordeiro. — Eu ainda mamo.

— Se não foi você, foi seu irmão.

— Eu não tenho irmãos.

— Então, foi alguém dos seus, porque todos vocês, inclusive pastores e cães, não me poupam.

Disseram-me isso e, portanto, preciso vingar-me.

Sem fazer nenhuma outra forma de julgamento, o lobo pegou o cordeiro, estraçalhou-o e devorou-o.

La Fontaine. *Fables*. Tours, Alfred Mame et Fils, 1918. v. 1, p. 10.

A primeira questão que se pode propor quando se lê uma fábula é a seguinte: ela é uma história de bichos ou de gente? O leitor poderia responder precipitadamente: de gente, é claro. Se lhe perguntássemos como é que ele sabe disso, certamente responderia que lhe ensinaram na escola que as fábulas contam histórias de seres humanos representados por animais, plantas etc. Caberia então a pergunta: como é que os estudiosos chegaram a essa conclusão? Inferiram-na do fato de que há nos textos uma reiteração de traços semânticos, isto é, de elementos que compõem o significado das palavras, que obriga a ler o texto de uma dada maneira.

Vejamos o que ocorre em nossa fábula. Inicialmente, temos dois animais: o lobo e o cordeiro. Poderíamos, então, pensar que se trata de uma história de bichos. No entanto, atribuem-se a eles procedimentos próprios dos seres humanos (*dizer*, *castigar*, *responder*, *encolerizar-se*, *falar mal*, *não poupar*, *vingar-se*), qualidades e estados exclusivos dos homens (*enfurecido*, *temeridade*, *ter irmãos*), formas de tratamento utilizadas nas relações sociais estabelecidas entre os humanos (*Senhor*, *Vossa Majestade*, *você*). Essa repetição, essa recorrência, essa reiteração do traço semântico *humano* desencadeia um novo plano de leitura. O primeiro plano de leitura é história de animais. À medida, porém, que elementos com o traço *humano* se repetem, não se pode mais ler a fábula como uma história de bichos. Esses traços desencadeiam outro plano de leitura: o de uma história de homens. Nesse novo plano, o lobo é o homem forte que oprime o mais fraco, representado pelo cordeiro.

A recorrência de traços semânticos é que estabelece que leituras devem ou podem ser feitas de um texto. Uma leitura não tem origem na intenção do leitor de interpretar o texto de uma dada maneira, mas está inscrita no texto como virtualidade, como possibilidade.

Lido de modo fragmentário, o texto pode parecer um aglomerado desconexo de frases a que o leitor dá o sentido que quiser e bem entender. Não é assim: há leituras que não estão de acordo com o texto e, por isso, não podem ser feitas. Mas talvez alguém perguntasse: um texto não pode aceitar múltiplas leituras? É verdade, pode admitir várias interpretações, mas não todas. São inaceitáveis as leituras que não estiverem de acordo com os traços de significado reiterados, repetidos, recorrentes ao longo do texto.

Há textos que possibilitam mais de uma leitura. Neles, as mesmas figuras têm mais de uma interpretação, segundo o plano de leitura em que forem analisadas. Para explicar isso, tomemos como exemplo um trecho do poema “Alguns toureiros”, de João Cabral de Melo Neto.

Mas eu vi Manuel Rodriguez,
Manolete, o mais deserto,
o toureiro mais agudo,
mais mineral e desperto,
o de nervos de madeira,
de punhos secos de fibra,
o de figura de lenha,
lenha seca da caatinga,

o que melhor calculava
o fluido aceiro da vida,
o que com mais precisão
roçava a morte em sua fímbria,

o que à tragédia deu número,
à vertigem, geometria,
decimais à emoção
e ao susto, peso e medida,

sim, eu vi Manuel Rodriguez,
Manolete, o mais asceta,
não só cultivar sua flor
mas demonstrar aos poetas:

como domar a explosão
com mão serena e contida,
sem deixar que se derrame
a flor que traz escondida,

e como, então, trabalhá-la
com mão certa, pouca e extrema:
sem perfumar sua flor,
sem poetizar seu poema.

João Cabral de Melo Neto. *Antologia poética*. 7. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1989. p. 156.

Gravura de Picasso.

O poeta fala, no texto, sobre alguns toureiros que conheceu. O último de que fala é Manolete. Na primeira estrofe do trecho que transcrevemos, ele recebe qualificações de uma forma ou outra relativas a mineral; na segunda, ganha qualificações concernentes a vegetal. Seus predicados são a secura, a contenção, a agudeza. Ele é *lenha, madeira, fibra* (vegetal seco) e não *planta*; é *deserto* (figura que lembra a secura, a contenção); é *mineral* (também evoca o que é seco e agudo). Esses predicados estão presentes no interior (*nervos*) e no exterior (*figura*) do toureiro.

Seus atos são figurativizados pelo percurso da matemática. A vida apresenta uma enorme fragilidade.

Nela, a todo momento, roça-se a fímbria da morte. O poeta fala em *fluido aceiro da vida* (*aceiro* é um trecho da vegetação que se desbasta para que o fogo não salte para lugares indevidos). O ascetismo, a contenção, a secura de Manolete derivam da consciência dessa fragilidade, da certeza de que qualquer gesto menos preciso pode significar a morte. Por isso, à tragédia, à emoção, à vertigem e ao susto, que poderiam levar à ruptura com a realidade, ele contrapõe o *cálculo*, a *precisão*, o *número*, a *geometria*, os *decimais*, *peso* e *medida*. Os versos seguintes dizem que Manolete cultivava sua flor asceticamente, secamente. A flor é a emoção. É preciso conter a emotividade, domar sua explosão e, depois, trabalhá-la, não permitindo que se derrame. A emoção deve ser pouca. Não se deve nunca *perfumar a flor*, deixar que uma emotividade descontrolada se espalhe.

Essas estrofes estão referindo-se ao toureiro, cujo trabalho lhe impõe condições tais que a presença da morte é uma constante e a vida existe apesar das circunstâncias adversas.

Deixamos três versos de lado em nossa leitura: *mas demonstrar aos poetas, sem poetizar seu poema* e *lenha seca da caatinga*. Os dois primeiros versos não se integram ao plano de leitura proposto, o da vida de um toureiro. Como a atitude de Manolete é um ensinamento para os poetas? Esses versos determinam a criação de um outro plano de leitura: o do ato de poetar. Todas as figuras devem ser lidas agora também nesse plano. O poeta deve ser seco, contido, agudo, domar as emoções. Sua poética deve ser contida, para que, com um gesto menos calculado, não rompa ele com a realidade em que deve trabalhar.

O último dos três versos leva a um plano de leitura social. Não se trata mais do toureiro espanhol, mas do nordestino (*lenha seca da caatinga*), que, vivendo em condições tão extremas, roça a todo instante a fímbria da morte, devendo, pois, com precisão, calcular o fluido aceiro da vida. É seco, contido, doma suas emoções, pois qualquer gesto menos preciso pode significar a ruptura definitiva.

Esse texto admite, pelo menos, três leituras: a do tourear, a do poetar e a do viver no Nordeste.

As anedotas, as frases maliciosas, de duplo sentido, os textos humorísticos jogam com dois planos de leitura. Neles, lê-se o que pertence a um plano em outro. Veja, por exemplo:

— Então, o senhor sofre de reumatismo?

— É claro. O que o senhor queria? Que eu usufruísse do reumatismo, que eu desfrutasse do reumatismo, que eu fruísse do reumatismo, que eu gozasse o reumatismo?

Observe que, nessa anedota, o verbo *sofrer* está usado em dois sentidos diferentes: *sofrer + de + nome designativo de doença* significa “ter”; *sofrer + de + nome abstrato* significa “padecer”. A questão foi formulada com o primeiro sentido, que determina um plano de leitura: o das doenças que se têm. Foi, no entanto, lida pelo interlocutor no segundo sentido, que gera outro plano de leitura: o dos sofrimentos da vida.

Para que haja uma anedota, ou duplo sentido, é preciso que haja duas leituras em algum nível linguístico. Na anedota abaixo, por exemplo, enuncia-se a frase com uma entonação e ela é lida com outra.

A professora passou a lição de casa: fazer uma redação com o tema “Mãe só tem uma”.

No dia seguinte, cada aluno leu sua redação. Todas dizendo mais ou menos as mesmas coisas: a mãe nos amamenta, é carinhosa conosco, é a rosa mais linda de nosso jardim etc. etc. etc. Portanto, mãe só tem uma...

Aí chegou a vez de o Juquinha ler sua redação:

“Domingo foi visita lá em casa. As visitas ficaram na sala. Elas ficaram com sede e minha mãe pediu para mim ir buscar coca-cola na cozinha. Eu abri a geladeira e só tinha uma coca-cola. Aí eu gritei para minha mãe: ‘Mãe, só tem uma!’”.

Viaje Bem, revista de bordo da Vasp, :4, 1989. Apud ABAURRE, Maria Bernadete Marques & POSSENTI, Sírio. *Vestibular Unicamp; língua portuguesa*. São Paulo, Globo, 1993. p. 91.

Um texto pode ter várias leituras, bem como pode jogar com leituras distintas para criar efeitos humorísticos. Entretanto, o leitor não pode atribuir-lhe o sentido que bem entender. Ele contém marcas de possibilidade de mais de um plano de significação. A primeira são as palavras com mais de um significado. Elas são chamadas **relacionadores de leituras**, pois apontam para mais de um plano de sentido. É o caso do verbo *sofrer* ou da frase *Mãe só tem uma* tomados em dois sentidos nas piadas acima. A outra são palavras ou expressões que não se integram no plano de leitura proposto e, por isso, desencadeiam outro plano de sentido. São denominadas **desencadeadores de leituras**. No poema de Cabral analisado acima, são desencadeadores as palavras *poeta*, *poetizar*, *poema* e a expressão *lenha seca da caatinga*.

O leitor cauteloso abandona interpretações que não estejam apoiadas no texto e em suas recorrências.

Agência Talent

Dois exemplos de utilização das diversas possibilidades de leitura de um texto. No cartum de Geandré, o efeito humorístico é obtido por meio da leitura desautomatizada de uma frase cotidiana. No anúncio do jornal, a duplicidade de leitura é usada para opor um repertório erudito ao repertório popular das revistas em quadrinhos e desenhos animados.

TEXTO COMENTADO

O texto abaixo é um poema de Carlos Drummond de Andrade:

A NOITE DISSOLVE OS HOMENS

A noite desceu. Que noite!
Já não enxergo meus irmãos.
E nem tampouco os rumores
que outrora me perturbavam.
A noite desceu. Nas casas,
nas ruas onde se combate,
nos campos desfalecidos,
a noite espalhou o medo
e a total incompreensão.
A noite caiu. Tremenda,

sem esperança... Os suspiros
acusam a presença negra
que paralisa os guerreiros.
E o amor não abre caminho
na noite. A noite é mortal,
completa, sem reticências,
a noite dissolve os homens,
diz que é inútil sofrer,
a noite dissolve as pátrias,
apagou os almirantes
cintilantes! nas suas fardas.
A noite anoiteceu tudo...
O mundo não tem remédio.
Os suicidas tinham razão.

Aurora,
entretanto eu te diviso, ainda tímida,
inexperiente das luzes que vais acender
e dos bens que repartirás com todos os homens.
Sob o úmido véu de raivas, queixas e humilhações,
adivinho-te que sobes, vapor róseo, expulsando a treva noturna.
O triste mundo fascista se decompõe ao contato de teus dedos,
teus dedos frios, que ainda se não modelaram
mas que avançam na escuridão como um sinal verde e peremptório.
Minha fadiga encontrará em ti o seu termo,
minha carne estremece na certeza de tua vinda.
O suor é um óleo suave, as mãos dos sobreviventes se enlaçam,
os corpos hirtos adquirem uma fluidez,
uma inocência, um perdão simples e macio...
Havemos de amanhecer. O mundo
se tinge com as tintas da antemanhã
e o sangue que escorre é doce, de tão necessário
para colorir tuas pálidas faces, aurora.

Carlos Drummond de Andrade. *Reunião: 10 livros de poesia*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1969. p. 57-8.

Gravura de Käthe Kollwitz. *Acervo do Museu de Arte Contemporânea da USP, São Paulo*.

O poema constitui-se em torno de três imagens: duas explícitas (*noite* e *aurora*) e uma implícita (*manhã*).

A primeira é a *noite*. Vai-se mostrando a chegada da noite numa gradação: *desceu*, *caiu*, *anoiteceu*. O último verbo indica que nada escapa à escuridão. A noite implica a dissolução de tudo: não se pode ver e não se pode ouvir. Ela espalha o medo e a incompreensão. A segunda imagem é a *aurora*, que é o momento da transformação das trevas em luz. É certo que a luz virá, mas a aurora é ainda indecisa. A terceira é a *manhã*, o momento de luminosidade plena. O texto é construído sobre a oposição *escuridão* X *luminosidade*.

O primeiro plano de leitura está estabelecido: a descida da noite com a escuridão e, depois, o aparecimento da aurora, que prenuncia a manhã. Trata-se de um nível de sentido cosmográfico.

Há, no entanto, uma série de passagens que não se encaixam no plano de leitura proposto. O que são *as ruas onde se combate*, *os campos desfalecidos*, *os guerreiros*? Por que a aurora sobe *sob o úmido véu de raivas, queixas e humilhações*? É preciso estabelecer um outro plano de leitura para explicar tudo isso. O verso *O triste mundo fascista se decompõe ao contato de teus dedos* desencadeia um plano de leitura política do poema e ele ilumina-se. A *noite* é o período do domínio do nazifascismo no mundo. Foi uma noite mortal, porque produziu uma guerra mundial, espalhou o medo, as perseguições e as intolerâncias, bloqueou o caminho para os bons sentimentos, que pareciam não ter mais lugar no mundo. Ela dissolveu as pátrias, porque os fascistas tomaram muitos países. Foi uma noite sem esperança, uma vez que parecia que esse domínio duraria mil anos. Diante dessa desesperança, parece que as únicas atitudes a tomar são a indiferença (*é inútil sofrer*), a resignação (*o mundo não tem remédio*) ou o desespero (*os suicidas tinham razão*).

A *manhã* é o mundo democrático. A *aurora* é o momento de transição do mundo fascista para o democrático. Os aliados começam a ganhar a guerra e a fazer recuar os nazifascistas (*treva*). O sangue dos mortos na guerra é necessário para a vitória da democracia (*colorir tuas pálidas faces, aurora*). Ela começa a mostrar os primeiros sinais. A democracia expelirá o medo, abrirá caminho para o amor (*as mãos dos sobreviventes se enlaçam*), acabará com a fadiga da opressão. Depois da dureza da ditadura, haverá a flexibilidade da democracia. O mundo democrático ainda não está completamente configurado (*inexperiente das luzes que vais acender e dos bens que repartirás com todos os homens; ainda se não*

modelaram), mas o poeta canta a certeza de sua vinda (*avançam na escuridão como um sinal verde e peremptório*; *certeza de tua vinda*; *havemos de amanhecer*; *o mundo se tinge com as tintas da antemanhã*).

O segundo plano de leitura trabalha com o par de contrários *fascismo* X *democracia*, homólogo à oposição *morte* X *vida*. O fascismo é morte, porque dissolve, porque é a rigidez, a democracia é vida, porque é fluidez.

LIÇÃO 9 EXERCÍCIOS

A múltipla possibilidade de leitura do texto pode ser usada intencionalmente pelo enunciador para que o seu texto atinja o resultado que ele tem em mente. É o caso da passagem bíblica que segue, extraída do capítulo 12 do segundo livro de Samuel. Para situá-la, convém recuperar resumidamente o que diz o capítulo anterior, que, sob o título "Pecados de Davi", relata um episódio pouco edificante para o grande rei de Israel.

Segundo o relato, certo dia, ao entardecer, Davi avistou, do terraço do palácio real, uma mulher que tomava banho e se encantou por ela. Era Betsabeia, mulher de Urias, um dos trinta soldados mais valorosos de Davi. Estando Urias ausente de Jerusalém, Davi dormiu com Betsabeia, engravidando-a. Não tendo conseguido empurrar a paternidade da criança para Urias, Davi ordenou que Joab, seu sobrinho e comandante das tropas em guerra, colocasse Urias bem na frente de batalha, na região de maior violência e risco, para que ele morresse. Executada a ordem do soberano, Urias morreu e Davi tomou Betsabeia como esposa.

Segue então o texto que será objeto de análise.

NATÃ ACUSA DAVI, QUE SE ARREPENDE

Por isso o Senhor mandou o profeta Natã a Davi. Natã foi ter com Davi e lhe disse:

"Numa cidade havia dois homens, um rico e outro pobre. O rico tinha ovelhas e bois em quantidade. O pobre só possuía mesmo uma ovelhinha pequena que tinha comprado e criado. Ela cresceu com ele e junto com os filhos, comendo do seu bocado e bebendo da sua taça, dormindo no seu regaço, em uma palavra: tinha-a na conta de filha.

Chegou ao homem rico uma visita. Ele teve pena de tomar uma rês das suas ovelhas ou bois, a fim de preparar para a visita. Tomou a ovelhinha do homem pobre e a preparou para o visitante".

Davi ficou furioso com este homem e disse a Natã: "Pela vida do senhor! O homem que fez isto merece a morte. Ele pagará quatro vezes a ovelha por ter feito uma coisa destas, sem ter pena".

Então Natã replicou a Davi: "Este homem és tu...!"

Bíblia sagrada. 13. ed. Petrópolis, Vozes, 1990. p. 345.

Cena de batalha do exército de Davi, em gravura de Gustave Doré.

QUESTÃO 1

Numa primeira leitura, a narração do profeta Natã nos fala de dois homens, um rico e um pobre. Como o narrador caracteriza:

a) a pobreza de um?

b) a riqueza do outro?

QUESTÃO 2

Ainda numa primeira leitura, as ovelhas e bois de que fala o narrador podem ser interpretados no seu sentido literal, isto é, como animais propriamente ditos, como bens materiais de seus donos. Pelo relato do narrador depreende-se, no entanto, que há uma diferença entre o significado que a ovelhinha tem para o homem pobre e o que as ovelhas e os bois têm para o homem rico.

a) Tente definir o que a ovelhinha tem de especial para o homem pobre.

b) As ovelhas eram tão especiais para o homem rico quanto a ovelha para o pobre?

QUESTÃO 3

Essa diferença com que o narrador descreve a relação entre os dois homens e seus animais interfere decisivamente na direção argumentativa que ele quer dar ao seu texto. Pode-se dizer que, graças a tal diferença, o roubo e o sacrifício da ovelhinha pelo homem rico provoca mais antipatia e revolta? Explique sua resposta.

QUESTÃO 4

O homem rico é definido inicialmente como uma pessoa desconhecida do interlocutor: o narrador o trata por *ele* e a única outra indicação é que morava numa cidade.

Por meio dessa estratégia narrativa, Natã consegue obter de Davi toda a atenção sobre os episódios narrados e uma veemente e furiosa condenação do crime desse "estranho".

a) Qual é o julgamento que Davi faz desse homem?

b) Qual é a penalidade que o soberano decretou para o crime cometido?

QUESTÃO 5

Tendo arrancado de Davi a condenação do procedimento do homem rico e provocado sua ira contra a perversidade cometida, Natã, num lance surpreendente e fulminante, diz que o homem rico é Davi: deixa de ser designado por *ele* e passa a ser designado por *tu*. A troca de *ele* por *tu* no final da narração remete o texto a um outro plano de significado, provocando outra versão para os acontecimentos.

Levando em conta o fato que levou Natã a procurar Davi para censurá-lo, que sentido passam a adquirir no texto:

a) o homem pobre?

b) a ovelhinha do homem pobre?

c) o ato de tomar a ovelhinha do homem pobre?

d) a condenação do homem rico?

QUESTÃO 6

Não se constrói um texto com duplo sentido sem um propósito, mas com a intenção de obter um determinado resultado.

a) Qual a intenção de Natã ao construir essa narração?

b) Esse propósito de Natã foi atingido?

c) Se o profeta não adotasse a estratégia do duplo sentido para o texto, teria conseguido o mesmo efeito?

QUESTÃO 7

Os textos de humor fazem largo uso da dupla possibilidade de leitura.

É o que acontece nesta piadinha rápida:

DIÁLOGO DESENCONTRADO

Um garoto pergunta para o outro:

– Você nasceu em Pelotas[1]?

– Não, eu nasci inteiro.

a) Qual o duplo sentido desse texto?

b) Qual é o dado linguístico que explica o duplo sentido?

QUESTÃO 8

DIÁLOGO DESCONTRAÍDO

Duas turistas em Paris trocam ideias sobre generalidades da viagem:

— Você acredita que estou há três dias em Paris e ainda não consegui ir ao Louvre?

— Pois eu também. Deve ser a comida.

a) Como a segunda interlocutora entendeu a fala da primeira?

b) Qual a palavra que permitiu essa interpretação?

QUESTÃO 9

No anúncio acima, o efeito de sentido produzido é criado sobretudo pela dupla possibilidade de leitura.

a) Qual é a dupla interpretação possível para esse texto?

b) Qual é a palavra cujo duplo sentido desencadeia essa dupla interpretação?

QUESTÃO 10

A questão que segue, extraída de vestibular da Unicamp, explora a dupla possibilidade de leitura como recurso humorístico:

Para entender a tira abaixo, é necessário dar-se conta de que a pergunta de Helga pode ter duas interpretações.

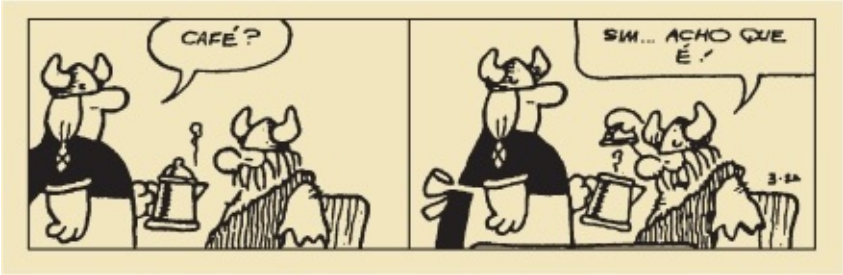

a) No contexto, como deve ser interpretada a fala de Helga?

b) Como Hagar interpretou a fala de Helga?

c) Explique por que o comportamento linguístico de Hagar não corresponde ao de um falante comum.

QUESTÃO 11

Muitas vezes, a dupla possibilidade de leitura de um texto não é o resultado de um programa ou de uma estratégia intencional do autor, mas de um descuido, um cochilo que, se fosse percebido, seria corrigido. Nesses casos, diferentemente dos anteriores, não se trata de um recurso de construção textual, mas de defeito a ser evitado pelo seu caráter perturbador. Observe o texto que segue, publicado na *Folha Sudeste*, de 6 de junho de 1992, e utilizado num vestibular da Unicamp.

As videolocadoras de São Carlos estão escondendo suas fitas de sexo explícito. A decisão atende a uma portaria de dezembro de 91, do Juizado de Menores, que proíbe que as casas de vídeo aluguem, exponham e vendam fitas pornográficas a menores de 18 anos. A portaria proíbe ainda os menores de 18 anos de irem a motéis e rodeios sem a companhia ou autorização dos pais.

Folha Sudeste, 6 jun. 1992.

a) Transcreva a passagem que produz efeito de humor.

b) Qual a situação engraçada que essa passagem permite imaginar?

c) Reescreva o trecho de forma a impedir tal interpretação.

PROPOSTAS DE REDAÇÃO

1) Leia o trecho que segue:

Certa vez uma família inglesa foi passar férias na Alemanha. No decorrer de um passeio, as pessoas da família viram uma casa de campo que lhes pareceu boa para as férias de verão. Foram falar com o proprietário da casa, um pastor alemão, e combinaram alugá-la no verão seguinte.

De volta à Inglaterra discutiram muito acerca da planta da casa. De repente a senhora lembrou-se de não ter visto o W.C. Conforme o sentido prático dos ingleses, escreveu imediatamente para confirmar tal detalhe. A carta foi escrita assim:

Gentil Pastor,

Sou membro da família inglesa que o visitou há pouco com a finalidade de alugar sua propriedade no próximo verão. Como esquecemos um detalhe muito importante, agradeceria se nos informasse onde se encontra o W.C.

O pastor alemão, não compreendendo o significado da abreviatura W.C. e julgando tratar-se da religião inglesa White Chapel, respondeu nos seguintes termos:

Gentil Senhora,

Tenho o prazer de comunicar-lhe que o local de seu interesse fica a 12km da casa. É muito cômodo, sobretudo se se tem o hábito de ir lá frequentemente; nesse caso, é preferível levar comida para passar lá o dia inteiro. Alguns vão a pé, outros de bicicleta.

Continue, dando ao texto uma progressão coerente com o fragmento transcrito.

2) **“O jornal serve para informar e para embrulhar.”**

Nesse trecho, o verbo *embrulhar* pode ser interpretado com dois significados diferentes. Um desses sentidos produz efeito de humor e contém uma crítica a um poder que o jornal tem sobre os seus leitores.

3) Há situações em que a falta de compreensão de uma frase produz transtornos.

No dia 8 de março de 1993, a CMTC (Companhia Municipal de Transportes Coletivos), comemorando o dia internacional da mulher, quis homenageá-la e mandou afixar no interior de seus ônibus um cartaz com esta frase de Simone de Beauvoir[2]:

“Ninguém nasce mulher, torna-se”.

Houve usuários que, por um mal-entendido, consideraram a frase como provocação.

O motorista Antônio Pereira da Silva, 37 anos, assim se pronunciou: “Só se for aqui em São Paulo, porque lá no estado da Bahia, quem nasce mulher morre mulher mesmo e quem nasce homem é cabra macho para o resto da vida”. Ele diz que muitos de seus colegas também não gostaram do cartaz, colocado logo atrás do banco do motorista. “No lugar que está, o pessoal pode ficar pensando coisas: pega mal para a gente”, reclamou.

A *Folha de S. Paulo*, no dia 9 de março do mesmo ano, fez uma reportagem enfocando os diferentes significados que os usuários de ônibus deram à frase: “Dos dez usuários entrevistados pela *Folha* ontem, só um disse ter entendido claramente a frase do cartaz.

A balconista Diana Quadros, 16, disse que a condição de mulher ‘se conquista, conforme a gente vai ficando mais forte’. Já o encanador Miguel Ezequiel da Silva, 47 anos, achou explicação mais simples: ‘A frase é meio boba, mas eu concordo: ninguém nasce mulher, nasce criança. Depois de certo tempo é que vira mulher’ ”.

“Cada um faz o que quer, né?”

(Marialva da Silva Teixeira, 34, faxineira)

“Se você nasce mulher, vai ser sempre mulher. Não entendi nada.”

(Cristina dos Santos, 17, empregada doméstica)

“Só pode ser para provocar a gente.”

(Antônio Pereira da Silva, 37, motorista da linha Largo de Pinheiros-Jardim Sampaio)

“Eu não concordo. Acho que é uma sem-vergonhice essa frase.”

(Cícero Rodrigues Barros, 23, repositor de produtos de super-mercado)

Levando esses dados em conta, coloque-se na condição de motorista de ônibus e redija um texto sobre os acontecimentos ocorridos durante o dia de trabalho.

1 Pelotas é uma importante cidade do Rio Grande do Sul.
2 Escritora francesa (Paris, 1908 - id., 1986), companheira do filósofo Jean-Paul Sartre, dedicou grande parte de sua vida ao estudo da condição da mulher.

LIÇÃO 10

“*Feliz ano-novo e pás na terra aos homens de boa vontade.*”

Sugestão de leitor para a Campanha de Combate à Miséria. Apud Joelmir Beting, O Estado de S. Paulo, *30 dez. 1994.*

O trocadilho entre pás *e* paz *não é casual, nem um fato isolado, mas a aplicação de um mecanismo de construção de sentido, comum na língua.*

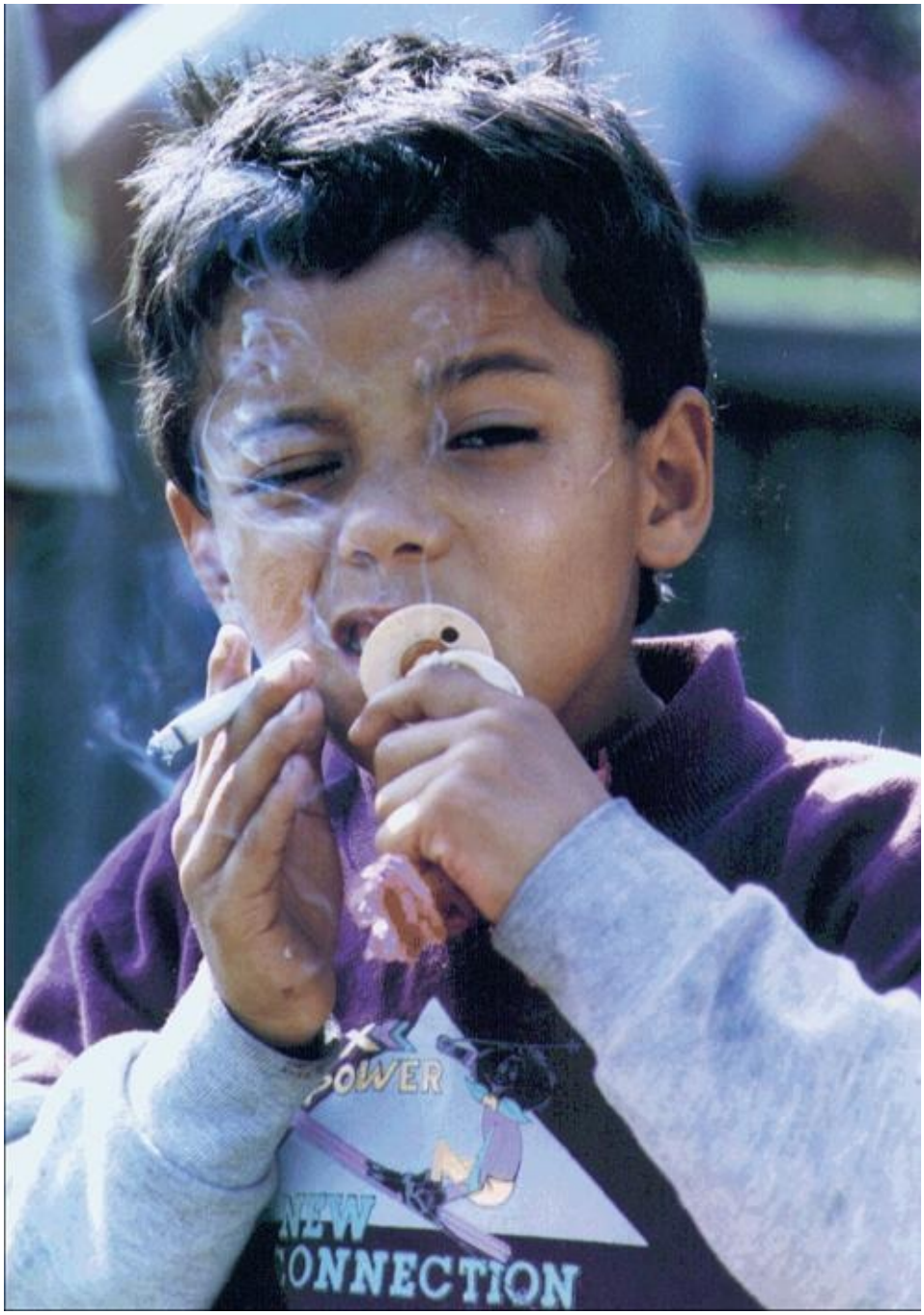

Foto de Maurilo Clareto(Agência Estado).

O impacto desta foto é obtido por meio da combinação da chupeta com o cigarro na boca do menino de rua. A simultaneidade do uso dos dois objetos tão díspares transmite a ideia da convivência, na mesma personagem, da criança indefesa — representada pela chupeta — e do jovem transgressor — representado pelo cigarro.

LIÇÃO 10

MODOS DE COMBINAR FIGURAS E TEMAS

Leia, com atenção, o texto abaixo, fragmento do romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis:

...Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis; nada menos. Meu pai, logo que teve aragem dos onze contos, sobressaltou-se deveras; achou que o caso excedia as raias de um capricho juvenil.

— Desta vez, disse ele, vais para a Europa, vais cursar uma Universidade, provavelmente Coimbra; quero-te para homem sério e não para arruador ou gatuno. E como eu fizesse um gesto de espanto: — Gatuno, sim senhor, não é outra coisa um filho que me faz isto...

Sacou da algibeira os meus títulos de dívida, já resgatados por ele e sacudiu-mos na cara. — Vês, peralta? É assim que um moço deve zelar o nome dos seus? Pensas que eu e meus avós ganhamos o dinheiro em casas de jogo ou a vadiar pelas ruas? Pelintra! Desta vez ou tomas juízo, ou ficas sem coisa nenhuma.

Estava furioso, mas de um furor temperado e curto. Eu ouvi-o calado, e nada opus à ordem da viagem, como de outras vezes fizera; ruminava a ideia de levar Marcela comigo. Fui ter com ela; expus-lhe a crise e fiz-lhe a proposta. Marcela ouviu-me com os olhos no ar, sem responder logo; como insistisse, disse-me que ficava, que não podia ir para a Europa.

Machado de Assis. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. 18. ed. São Paulo, Ática, 1992. p. 44. cap. 17.

Nesse texto, o narrador conta a reação de seu pai quando descobre que ele andava pedindo dinheiro emprestado na praça, para dar presentes caros a Marcela, sua amante. O pai resolve mandá-lo para a

Europa, a fim de cursar uma universidade, separando-o, assim, de Marcela e pondo fim ao gasto excessivo de dinheiro. Ele, porém, como tem planos de levá-la consigo, não opõe objeções às determinações paternas. Quando vai falar com ela, por quem se julgava amado, ela nega-se a ir com ele para a Europa. Na verdade, ela percebera que a fonte de dinheiro secara. Marcela estava interessada em seu dinheiro. Em nenhum momento, o narrador diz que ela era interesseira. No entanto, na primeira frase do texto, diz que ela o amou *durante quinze meses e onze contos de réis*. Trata-se de uma combinação insólita de figuras. Normalmente, combinam-se com **e** figuras do mesmo tipo. Assim, nesse caso, deveriam combinar-se, já que são introduzidas pela palavra *durante*, figuras indicativas de tempo. Ao combinar uma figura referente à duração (*quinze meses*) e uma relativa a montante de gasto (*onze contos de réis*), o narrador está dizendo que ela era interesseira, pois o amou enquanto ele tinha muito dinheiro.

Já vimos que **figuras** são palavras que remetem a algo presente no mundo natural. São figuras vocábulos ou expressões como *títulos de dívida, calado, casa de jogo, vadiar pelas ruas*. Os **temas** são termos que explicam algo presente no mundo natural. Por exemplo, *interesseira, interesse, amor*. Os textos construídos predominantemente com figuras são chamados figurativos; os elaborados preponderantemente com temas são denominados temáticos. Os primeiros representam o mundo; os segundos explicam-no. As figuras organizam-se em percursos, para manifestar um dado tema.

A combinação de figuras de percursos figurativos diferentes, como no exemplo acima, em que se reúnem uma figura do percurso da temporalidade e uma do percurso monetário, destina-se a manifestar um novo tema, que resulta exatamente da junção de palavras de percursos distintos. O narrador chama a atenção do leitor para esse novo tema graças exatamente à estranheza da combinação figurativa. Machado de Assis empregou bastante esse recurso. Vejamos dois outros exemplos extraídos de sua obra:

E o homem empurrado, apenas sentiu o empurrão. Caminhava absorto, mas contente, espraiando a alma, desabafado de cuidados e fastios. Era o diretor de banco, o que acabava de fazer a visita de pêsames ao Palha. Sentiu o empurrão, e não se zangou; *consertou o sobretudo e a alma*, e lá foi andando tranquilamente.

Machado de Assis. *Quincas Borba*. 12. ed. São Paulo, Ática, 1993. p. 112.

Aqui se mostra a ausência de caráter do diretor de banco, que arranja a alma, isto é, muda de sentimentos, da mesma forma como endireita o casaco.

Não te irrites se te pagarem mal um benefício: *antes cair das nuvens que de um terceiro andar* (p. 146).

Machado de Assis. *Memórias póstumas de Brás Cubas*, p. 146.

Nesse trecho, mostra-se que as dores morais se superam, enquanto o que atinge o físico pode ser irreversível.

Em *O Estado de S. Paulo*, de 31/3/1994, apareceu a seguinte frase:

Palmeiras perde *o jogo e a cabeça* na Argentina.

Há diferentes maneiras de combinar temas e figuras. Associam-se eles de modos distintos a fim de chamar a atenção do leitor para um dado aspecto da realidade. Cada uma dessas maneiras de juntar temas e figuras cria um efeito de sentido diverso. Vamos estudar quatro desses modos: a antítese, o oxímoro, a prosopopeia e a sinestesia.

ANTÍTESE

Uganda, foto de M. Wells, de 1980.

Exemplo de antítese na linguagem visual. As duas mãos se opõem sob diversos aspectos: pelo tamanho, pela cor, pela aparência. Colocadas juntas, transformam-se num manifesto contra a fome e a desnutrição infantil no continente africano.

Leia o texto abaixo, retirado do romance *Esaú e Jacó*, de Machado de Assis. Nessa obra, apresenta-se a história de dois gêmeos, de temperamento completamente antagônico, que amam a mesma jovem. A partir disso, o Conselheiro Aires, diplomata aposentado, expõe suas reflexões sobre, por exemplo, o destino que rege a existência humana.

Paulo era mais agressivo, Pedro mais dissimulado, e, como ambos acabavam por comer a fruta das árvores, era um moleque que a ia buscar acima, fosse a cascudo de um ou com promessa de outro. A promessa não se cumpria nunca; o cascudo, por ser antecipado, cumpria-se sempre, e às vezes com repetição depois do serviço.

Machado de Assis. *Esaú e Jacó*. 4. ed. São Paulo, Ática, 1993. p. 44.

Nesse texto, o narrador estabelece um confronto entre Pedro e Paulo, os gêmeos, mostrando aspectos opostos do caráter de cada um. Um preferia agir pela força, pela ameaça; o outro, pela dissimulação, pela tentação. O texto é elaborado com oposições de palavras ou expressões cujos sentidos são contrários (por exemplo, *não se cumpria nunca* X *cumpria-se sempre*), com vistas a melhor ressaltar o contraste entre os irmãos.

A **antítese** é o expediente que consiste em estabelecer ao longo do texto oposições entre temas e figuras.

Observe o poema abaixo, de Gregório de Matos:

Achando-se um braço perdido do Menino Jesus de N. S. das Maravilhas, que desacataram os infiéis na Sé da Bahia.

O todo sem a parte não é todo,
A parte sem o todo não é parte;
Mas se a parte o faz todo, sendo parte,
Não se diga que é parte, sendo o todo.
Em todo o Sacramento está Deus todo,
E todo assiste inteiro em qualquer parte,
E feito em partes todo em qualquer parte,
Em qualquer parte sempre fica todo.
O braço de Jesus não seja parte,
Pois que feito Jesus em partes todo,
Assiste cada parte em sua parte.

Não se sabendo parte deste todo,
Um braço que lhe acharam sendo parte,
Nos diz as partes todas deste todo.

Apud RAMOS, Péricles Eugênio da Silva, org. *Poesia barroca*. São Paulo, Melhoramentos, 1966. p. 35.

Esse soneto estrutura-se sobre uma antítese (*parte* X *todo*), que, ao longo do poema, desfaz-se, já que nele se afirma que a parte é o todo. Nesse poema, expõe-se uma interessante concepção medieval acerca das relações entre a parte e o todo, presente na doutrina católica sobre a Eucaristia. A parte não é fração de um conjunto, mas símbolo dele, ou ainda, mais precisamente, é equivalente ao todo, representa-o. Assim, quando se divide a hóstia, nela não está presente um pedaço do corpo de Cristo, mas está o corpo inteiro. O que se parte é apenas a expressão (a hóstia) de um conteúdo incomensurável e indivisível (o corpo de Cristo). O poema mostra que a antítese existe no nível da expressão, enquanto, no do conteúdo (corpo de Cristo), a parte contém o todo, é o todo. Por outro lado, essa concepção da relação entre parte e todo conduzia a outra interessante noção. Nessa época, não existia o conceito de individualidade. A pessoa, enquanto tal, não tinha nenhum valor particular, nem direitos individuais. O que lhe dava valor, direitos e privilégios era o grupo social a que pertencia. Quanto mais alto o valor do grupo, maior o da pessoa. Por outro lado, o homem representava todo o grupo a que pertencia. Se cometia um erro, se praticava um crime, maculava, desonrava toda a corporação.

OXÍMORO OU PARADOXO

Ilustração de Teresa Fasolino para a empresa Procter & Gamble.

A imagem do cordeiro refletida na água revela o oxímoro visual: sob a aparência frágil e plácida convive um outro cordeiro, mais forte e destemido, representado pelo leão.

Observe o texto abaixo, extraído de um dos sermões de Vieira:

Agravado e satisfeito; queixoso e agradecido; ofendido e obrigado considera o meu sentimento neste dia e neste lugar a vossa encoberta Majestade, Todo-Poderoso Senhor. Agravado e satisfeito: mas como satisfeito, se agravado? Queixoso e agradecido: mas como agradecido, se queixoso? Ofendido e obrigado: mas como obrigado, se ofendido? No mesmo dia, no mesmo mistério, na mesma Pessoa de

Cristo, como podem caber juntas obrigação e ofensa; agradecimento e queixa; satisfação e agravo?

Antônio Vieira. *Os sermões*. São Paulo, Difel, 1969. p. 287.

Nesse texto, aparecem elementos contrários entre si, mas, diferentemente do que ocorre na antítese, eles são simultâneos, coexistem um ao lado do outro, estão associados numa mesma expressão. Nesse trecho do "Sermão do Santíssimo Sacramento", Vieira diz que Cristo possuía, ao mesmo tempo, estados opostos: obrigação (= estado da pessoa que se sente obrigada em relação a outra, isto é, grata a outra) e ofensa (= estado da pessoa que se sente magoada ou ressentida com outra), agradecimento e queixa, satisfação e agravo.

O **oxímoro** ou **paradoxo** é um procedimento de construção textual que consiste em agrupar figuras ou temas de significados contrários ou contraditórios numa mesma unidade de sentido. No poema acima, de Gregório de Matos, a antítese desfaz-se num oxímoro. A contraposição parte/todo dissolve-se na afirmação de que a parte é o todo.

A distinção entre oxímoro e antítese reside, respectivamente, na simultaneidade ou na não simultaneidade com que se apresentam os termos opostos. Por isso, a antítese serve para salientar diferenças, enquanto o oxímoro se presta para ressaltar a convivência de contrários no interior de uma realidade complexa.

Isso é o que se observa nos seguintes versos de Fernando Pessoa: Ele era um camponês / que andava *preso em liberdade* pela cidade (*Poemas de Alberto Caeiro*. 3. ed. Lisboa, Ática, 1958. p. 23.).

São oxímoros expressões como *um silêncio eloquente*, *um amargo prazer*, *um doce martírio*, *um escuro clarão*, *um luto jubiloso*.

PROSOPOPEIA

O cachorro *Snoopy*, personagem de Schulz.

O gato *Garfield*, personagem de Jim Davis.

A prosopopeia é o modo por excelência de a literatura infantil, as histórias em quadrinhos e os desenhos animados combinarem figuras. Com muita frequência, as personagens são animais ou objetos que agem como seres humanos. Mesmo personagens de histórias destinadas a um público mais adulto, como Snoopy e Garfield, também lançam mão desse recurso.

Leia este trecho da obra *A cidade e as serras*, de Eça de Queirós:

Espertos regatinhos fugiam, rindo com os seixos, de entre as patas da égua e do burro; grossos ribeiros açodados saltavam com fragor de pedra em pedra; fios direitos e luzidios como cordas de prata vibravam e faiscavam das alturas dos barrancos; e muita fonte, posta à beira de veredas, jorrava por uma bica, beneficamente, à espera dos homens e dos gados...

Eça de Queirós. *Obras*; A cidade e as serras. Porto, Lello, s.d. v. 1, p. 460.

Às águas são atribuídas qualificações próprias do ser humano (os regatinhos são espertos, os ribeiros são açodados, apressados); elas são consideradas agentes de ações que são realizadas apenas por seres humanos (os regatinhos riam) ou, ao menos, por seres animados (os regatinhos fugiam); são sujeitos de estado peculiar aos humanos (a fonte está à espera dos homens e dos gados). Ao fazer essa combinação de qualificações e de ações humanas com seres que não são humanos, parece que eles se humanizam: as águas são como que crianças a correr, a rir, a esperar.

A **prosopopeia** é um modo de elaborar textos que consiste em atribuir qualidades ou acontecimentos próprios dos seres humanos a personagens não humanas (animais, plantas e coisas). Esse modo de combinar figuras destina-se a humanizar os não humanos, transferindo-lhes traços humanos.

Veja como se humaniza tudo, neste poema de Alphonsus de Guimaraens:

Por entre lírios e lilases desce
A tarde esquiva: amargurada prece
Põe-se a lua a rezar.
A catedral ebúrnea do meu sonho
Aparece, na paz do céu tristonho,
Toda branca de luar.
E o sino chora em lúgubres responsos:
“Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!”

Alphonsus de Guimaraens. *Poesia*. 3. ed. Rio de Janeiro, Agir, 1976. p. 83.

Se com a prosopopeia humanizamos os seres não humanos, podemos também animalizar os humanos ou reificar os animados. Por isso, poderíamos dizer que temos um procedimento de animalização e um de reificação. Quando combinamos qualidades, ações e estados próprios de animais com personagens humanas, temos a **animalização**. Nesse caso, procuramos mostrar o caráter animal de uma dada pessoa.

Acervo da Coleção MASP/Pirelli de Fotografia, São Paulo.

Bumba meu boi de Pindaré, MA, foto de Rosa Gauditano, de 1988.

Muitas das festas populares são animadas por personagens-bichos, como por exemplo o bumba meu boi do Maranhão, demonstrando a potencialidade lúdica da animalização.

Observe-se como Aluísio Azevedo apresenta as personagens que habitavam o cortiço: suas vozes não se distinguem, não têm significado, são apenas um zum-zum, um ruído como os de insetos; sua movimentação é como uma fermentação de vermes; têm a gula viçosa de plantas rasteiras; toda a sua vida consiste em atos animais (respirar, simplesmente existir):

O rumor crescia, condensando-se; o zum-zum de todos os dias acentuava-se; já se não destacavam vozes dispersas, mas um só ruído compacto que enchia todo o cortiço. Começavam a fazer compras na venda; ensarilhavam-se discussões e resingas; ouviam-se gargalhadas e pragas; já se não falava, gritava-se. Sentia-se naquela fermentação sanguínea, naquela gula viçosa de plantas rasteiras que mergulham os pés vigorosos na lama preta e nutriente da vida, o prazer animal de existir, a triunfante satisfação de respirar sobre a terra.

Aluísio Azevedo. *O cortiço*. 25. ed. São Paulo, Ática, 1992. p. 36.

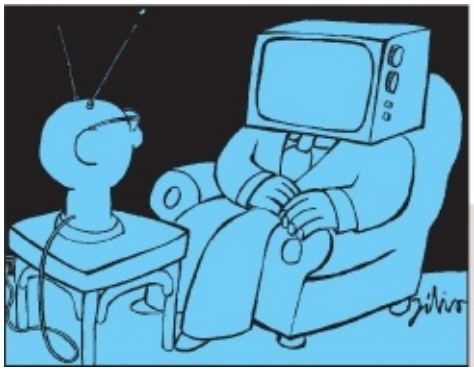

Neste cartum de Zélio sobre a influência da televisão, temos um exemplo de humor gerado a partir do recurso da reificação: a cabeça do homem transforma-se no próprio aparelho de TV.

Quando se atribuem qualificações e eventos peculiares dos inanimados a seres animados (homens ou animais) ocorre uma **reificação**, usada para tornar como que inanimados os animados.

É o que ocorre nesta estrofe de Cesário Verde:

Milady, é perigoso contemplá-la,
Quando passa aromática e normal,
Com seu tipo tão nobre e tão de sala,
Com seus gestos de neve e de metal.

Cesário Verde. *Poesia*. 3. ed. Rio de Janeiro, Agir, 1975. p. 33.

SINESTESIA

Anúncio criado pela agência DM9, em 1991.

Anúncios de alimentos e bebidas procuram resgatar, na linguagem visual, sensações derivadas de outros sentidos. É o caso, por exemplo, do uso de gotículas nas garrafas de refrigerante, ou de fumaça saindo de xícaras de café, com a intenção de transmitir visualmente as sensações de temperatura das bebidas.

Observe esta estrofe de um poema de Alphonsus de Guimaraens:

Nasce a manhã, a luz tem cheiro... Ei-la que assoma
Pelo ar sutil... Tem cheiro a luz, a manhã nasce...
Oh sonora audição colorida do aroma!

Alphonsus de Guimaraens. Apud: CANDIDO, Antonio & CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da literatura brasileira*. 4. ed. São Paulo, Difel, 1972. v. 2, p. 307.

Nesse terceto, as sensações não estão separadas por esferas sensoriais, mas misturadas. A sensação visual (*luz*) também é olfativa (*tem cheiro*). A olfativa (*aroma*) é auditiva (*sonora audição*) e visual (*colorida*). Nesse caso, temos uma sinestesia.

Sinestesia é um mecanismo de construção textual que consiste em associar numa só unidade figuras designativas de sensações relativas a diferentes órgãos dos sentidos. O termo significa "percepção simultânea". Na língua corrente, usamos várias sinestesias: *cheiro-verde*, *cor berrante*, *luz fria*. A funcionalidade desse modo de combinação de figuras consiste em provocar um efeito de totalidade pela associação de sons, cores, cheiros, gostos, texturas etc.

TEXTO COMENTADO

O trecho que vem a seguir faz parte de um sermão de Quarta-Feira de Cinzas pregado por Vieira em

Roma, na igreja de Santo Antônio dos Portugueses, no ano de 1672:

Ex-voto nordestino, de 1968(coleção Van de Beuque).

Ora suposto que já somos pó, e não pode deixar de ser, pois Deus o disse; perguntar-me-eis, e com muita razão, em que nos distinguimos logo os vivos dos mortos? Os mortos são pó, nós também somos pó; em que nos distinguimos uns dos outros? Distinguimo-nos os vivos dos mortos, assim como se distingue o pó do pó. Os vivos são pó levantado, os mortos são pó caído; os vivos são pó que anda, os mortos são pó que jaz: *Hic jacet*[1]. Estão essas praças no verão cobertas de pó: dá um pé de vento, levanta-se o pó no ar e que faz? O que fazem os vivos, e muito vivos. Não aquieta o pó, nem pode estar quedo; anda, corre, voa; entra por esta rua, sai por aquela; já vai adiante, já torna atrás, tudo enche, tudo cobre, tudo envolve, tudo perturba, tudo toma, tudo cega, tudo penetra; em tudo e por tudo se mete, sem aquietar nem sossegar um momento, enquanto o vento dura. Acalmou o vento: cai o pó, e onde o vento parou, ali fica; ou dentro de casa, ou na rua, ou em cima de um telhado, ou no mar, ou no rio, ou no monte, ou na campanha. Não é assim? Assim é. E que pó, e que vento é este? O pó somos nós: *Quia pulvis es*[2]; o vento é nossa vida: *Quia ventus est vita mea*[3]. Deu o vento, levantou-se o pó; parou o vento, caiu. Deu o vento, eis o pó levantado; estes são os vivos. Parou o vento, eis o pó caído; estes são os mortos. Os vivos pó, os mortos pó; os vivos pó levantado; os mortos pó caído; os vivos pó com vento, e por isso vãos; os mortos pó sem vento, e por isso sem vaidade. Esta é a distinção e não há outra.

Antônio Vieira. *Os sermões*. São Paulo, Difel, 1968. p. 198-9.

O sermão gira em torno da frase que o sacerdote pronuncia ao impor as cinzas na cabeça dos fiéis: *Memento, homo, quia pulvis es, et in pulverem reverteris* (= Lembra-te, ó homem, que és pó e em pó te hás de tornar).

O sermão é um brilhante jogo para explicar que o homem já é pó no presente e que se há de tornar pó no futuro. Esse aparente paradoxo (tornar-se o que já é) é o que a Igreja lembra aos fiéis na Quarta-Feira

de Cinzas e é o que o pregador pretende elucidar.

Vieira constrói uma antítese opondo o presente (és pó) ao futuro (em pó te hás de tornar). Essa oposição corresponde à que existe entre vivos e mortos e, por conseguinte, à que se estabelece entre levantados (de pé) e caídos (deitados), dinamicidade e estaticidade, mobilidade e imobilidade. O pó vivo movimenta-se; o morto está quieto.

Uma antítese é o estabelecimento de diferenças entre dois termos (no nosso caso, entre *vivos* e *mortos*). Perceber diferenças significa apreender dois termos como simultaneamente presentes, bem como a relação que se estabelece entre eles. Para que dois termos possam ser opostos, é preciso que tenham algo em comum (no texto, vivos e mortos *são pó*); e, ao mesmo tempo, é necessário que sejam diferentes, sem o que a antítese não se realiza (no caso, eles opõem-se porque os primeiros são dinâmicos, e os segundos, estáticos).

A vida é vista como um sopro. O vento está relacionado à respiração. Quando fala dos vivos, Vieira dispõe as palavras de forma a chamar a atenção do leitor. Elabora gradações ([o pó] *anda, corre, voa*; *tudo enche, tudo cobre, tudo envolve, tudo perturba, tudo toma, tudo cega, tudo penetra*), antíteses entre palavras (*entra por esta rua, sai por aquela; já vai adiante, já torna atrás*). Vivos e mortos são pó, mas levantado e caído. Há ainda uma outra diferença entre eles: os vivos têm vaidade, e os mortos não. Para o pregador, a vaidade é inerente à vida (*os vivos pó com vento, e por isso vãos*). Os mortos despiram-se dela.

O texto é construído sob a forma antitética, explicando por que o homem é pó e em pó se há de tornar. O paradoxo aclara-se, uma vez que o primeiro *pó* é distinto do segundo.

LIÇÃO 10 EXERCÍCIOS

O texto que segue é um fragmento do poema "Vozes d'África", de Castro Alves:

VOZES D'ÁFRICA

Deus! ó Deus! onde estás que não
[respondes?
Em que mundo, em qu'estrela tu
[t'escondes
Embuçado[4] nos céus?
Há dois mil anos te mandei meu grito, Que embalde desde então corre o
[infinito...
Onde estás, Senhor Deus?...

Qual Prometeu[5] tu me amarraste
[um dia
Do deserto na rubra penedia[6]
— Infinito: galé[7]!...
Por abutre — me deste o sol candente,
E a terra de Suez[8] — foi a corrente
Que me ligaste ao pé...

O cavalo estafado do Beduíno[9]
Sob a vergasta[10] tomba ressupino[11]
  E morre no areal.
Minha garupa sangra, a dor poreja,
Quando o chicote do *simoun*[12] dardeja[13]
O teu braço eternal.

Minhas irmãs são belas, são ditosas...
Dorme a Ásia nas sombras voluptuosas
  Dos *haréns* do Sultão,
Ou no dorso dos brancos elefantes,
Embala-se coberta de brilhantes, Nas plagas do Hindustão[14].
Por tenda tem os cimos do Himalaia[15]…
O Ganges[16] amoroso beija a praia
  Coberta de corais...
A brisa de Misora[17] o céu inflama;
E ela dorme nos templos do Deus
      [Brama[18],
  — Pagodes[19] colossais...

A Europa é sempre Europa,
      [a gloriosa!...
A mulher deslumbrante e caprichosa,
  Rainha e cortesã.
Artista — corta o mármor de Carrara[20];
Poetisa — tange os hinos de Ferrara[21],
  No glorioso afã!...

Sempre a láurea[22] lhe cabe no litígio...
Ora uma *c'roa*, ora o *barrete-frígio*
  Enflora[23]-lhe a cerviz[24].
O Universo após ela — doudo amante
Segue cativo o passo delirante
  Da grande meretriz.

.....

Castro Alves. *Castro Alves — Poesia*. Rio de Janeiro, Agir, 1972. p. 87-9.

QUESTÃO 1

No conhecido poema “Vozes d’África”, o continente africano, dirigindo-se a Deus, lamenta a sua má fortuna.

Há várias passagens indicadoras de que aquele que fala, no poema, é a África. Cite algumas delas.

QUESTÃO 2

Disseminadas pelo poema, existem várias passagens em que a África é tratada como uma pessoa ou com traços próprios de ser humano.

Como se chama o recurso retórico que usa esse artifício?

QUESTÃO 3

Cite algumas passagens em que ocorre prosopopeia e explique por que se trata dessa figura.

QUESTÃO 4

No caso deste fragmento de Castro Alves, qual o efeito de sentido que a prosopopeia produz?

QUESTÃO 5

O lamento da África, no poema, tem duas dimensões: de um lado, o castigo de que se considera vítima; de outro, a carência de privilégios que couberam aos dois outros continentes.

a) Qual é o castigo a que o texto se refere?

b) Qual o privilégio de que se considera privada?

QUESTÃO 6

Na estrofe 6, há belos exemplos de prosopopeia. Comente um.

QUESTÃO 7

Na estrofe 7, há duas metonímias: *c’roa* (ou *coroa*) e *barrete frígio*. *Barrete frígio* é um tipo de gorro usado na França quando se aboliu a monarquia e semelhante ao que usavam os frígios. São símbolos de duas formas de governo. Quais são essas formas?

QUESTÃO 8

Que sentido adquire, no contexto, a passagem “*Sempre a láurea lhe cabe no litígio...*” (estrofe 7)?

QUESTÃO 9

A leitura global do texto nos leva a concluir que:

a) o poema fala das mágoas e dos ressentimentos da África contra os que habitavam suas terras.

b) há, no poema, um lamento contra a incapacidade dos africanos na luta pela soberania e uma acusação aos europeus que os subjugavam.

c) no poema, ecoam lamentos contra a má fortuna do continente africano em confronto com a ventura dos outros continentes do planeta.

d) o texto fala de mitos e heróis do mundo greco-romano, comparando-os aos do mundo africano para menosprezar estes e glorificar aqueles.

e) trata-se de um poema épico, isto é, canta as glórias de um povo.

QUESTÃO 10

O texto publicitário ao lado contém uma combinação de figuras que funde simultaneamente significados opostos.

a) Quais são os significados que se opõem simultaneamente?

b) Como se chama essa combinação?

c) Como explicar que um mesmo ser (uma criança) possa ao mesmo tempo admitir qualificações opostas?

TEXTO PARA AS QUESTÕES 11 E 12.

O texto reproduz o diálogo entre dois números: o Um e o Zero.

(FAAP) Tema A

NÚMEROS

Eu valho muito pouco, sou sincero,
dizia o Um ao Zero,
no entanto, quanto vales tu? Na prática
és tão vazio e inconcludente
quanto na matemática.
Ao passo que eu, se me coloco à frente
de cinco zeros bem iguais
a ti, sabes acaso quanto fico?

Cem mil, meu caro, nem um tico
a menos, nem um tico a mais.
Questão de números. Aliás é aquilo
que sucede com todo ditador
que cresce em importância e valor
quanto mais são os zeros a segui-lo.

Trilussa (poeta italiano que viveu no tempo de Mussolini).

QUESTÃO 11

a) Aponte, no texto, marcas de que tais números são tomados como pessoas.

b) Como se chama a figura que consiste em atribuir traços humanos a seres inanimados?

c) O enunciador do texto usa, com malícia, um dado matemático válido para as relações entre o Um e o Zero com a intenção de caracterizar a relação entre o ditador e seus submissos.

Qual é essa relação?

QUESTÃO 12

Pode-se dizer que a relação entre o poder de um ditador e o poder dos cidadãos que o cercam, segundo o texto, caracteriza uma antítese. Que efeito de sentido produz o uso dessa combinação de figuras?

PROPOSTAS DE REDAÇÃO

1) Aproveitando-se de princípios matemáticos conhecidos, tente redigir um texto narrativo, fazendo uso da prosopopeia para demonstrar como funcionaria uma sociedade em que o tirano fosse o Um e os cidadãos, Zero. Digamos que um dia, sob a ameaça de uma invasão externa por exemplo, o Um precisasse multiplicar-se por zero, somar com zero ou dividir seu poder por zero. Que ocorreria?

2) É comum, até na literatura popular oralmente transmitida, o uso da antítese para traduzir as contradições a que estão sujeitos os homens e a sociedade em que vivem.

Eis um exemplo:

O mundo está de tal forma
Que ninguém pode entender:
Uns devem, porém não pagam,
Outros pagam sem dever.

Leonardo Mota. *Adagiário brasileiro*. Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/Edusp, 1987. p. 384.

Redija um texto que sirva para ilustrar a antítese contida na quadrinha popular acima transcrita.

3) Elabore um texto narrativo em que os dois “atores” da foto participem como personagens, tentando esclarecer os desejos que se escondem no coração de um doce tigre e onde se esconde o poder de sedução de um frágil pintinho.

1 *Hic jacet*: Aqui jaz.
2 *Quia pulvis es*: Que és pó.
3 *Quia ventus est vita mea*: Que minha vida é vento.
4 embuçado: encoberto.
5 Prometeu: semideus da mitologia grega. Segundo a lenda, Prometeu roubou o fogo dos deuses e o deu aos homens. Por essa razão foi punido por Zeus, que lhe acorrentou numa rocha. Um abutre lhe devorava constantemente o fígado, que crescia durante a noite.
6 penedia: rocha, rochedo.
7 galé: indivíduo sentenciado a trabalhos forçados.
8 Suez: cidade do Egito junto ao mar Vermelho, lugar em que a África se prende ao continente asiático.
9 beduíno: árabe do deserto.
10 vergasta: chicote.
11 ressupino: deitado de costas.
12 *simoun*: vento desértico, quente e seco, que sopra sobre o Saara, acompanhado de turbilhões de areia.
13 dardejar: lançar dardos.
14 Hindustão: palavra persa que significa “terra dos indianos”.
15 Himalaia: a mais alta cadeia de montanhas do mundo, situada na Ásia entre a China e a Índia.
16 Ganges: rio da Índia formado por torrentes que provêm do Himalaia.
17 Misora (ou Misore): região da Índia.
18 Brama: Deus criador.
19 pagode: templo que alguns povos asiáticos destinam ao culto de seus deuses.
20 Carrara: cidade da Toscana, Itália, famosa, desde a Antiguidade, pelos seus mármores brancos e coloridos.
21 Ferrara: cidade da Itália, um dos centros mais brilhantes do Renascimento.
22 láurea: coroa de louros; prêmio; distinção.
23 enflorar: ornar de flores, engrinaldar.
24 cerviz: parte posterior do pescoço; por extensão, cabeça.

LIÇÃO 11

“De repente, na altura, a manhã gargalhou: um bando de maitacas passava, tinindo guizos, partindo vidros, estralejando de rir.”

Guimarães Rosa, “A hora e a vez de Augusto Matraga”, Sagarana.

A originalidade do trecho acima, embora inegável, é resultado do uso de mecanismos de alteração de sentido comuns na língua.

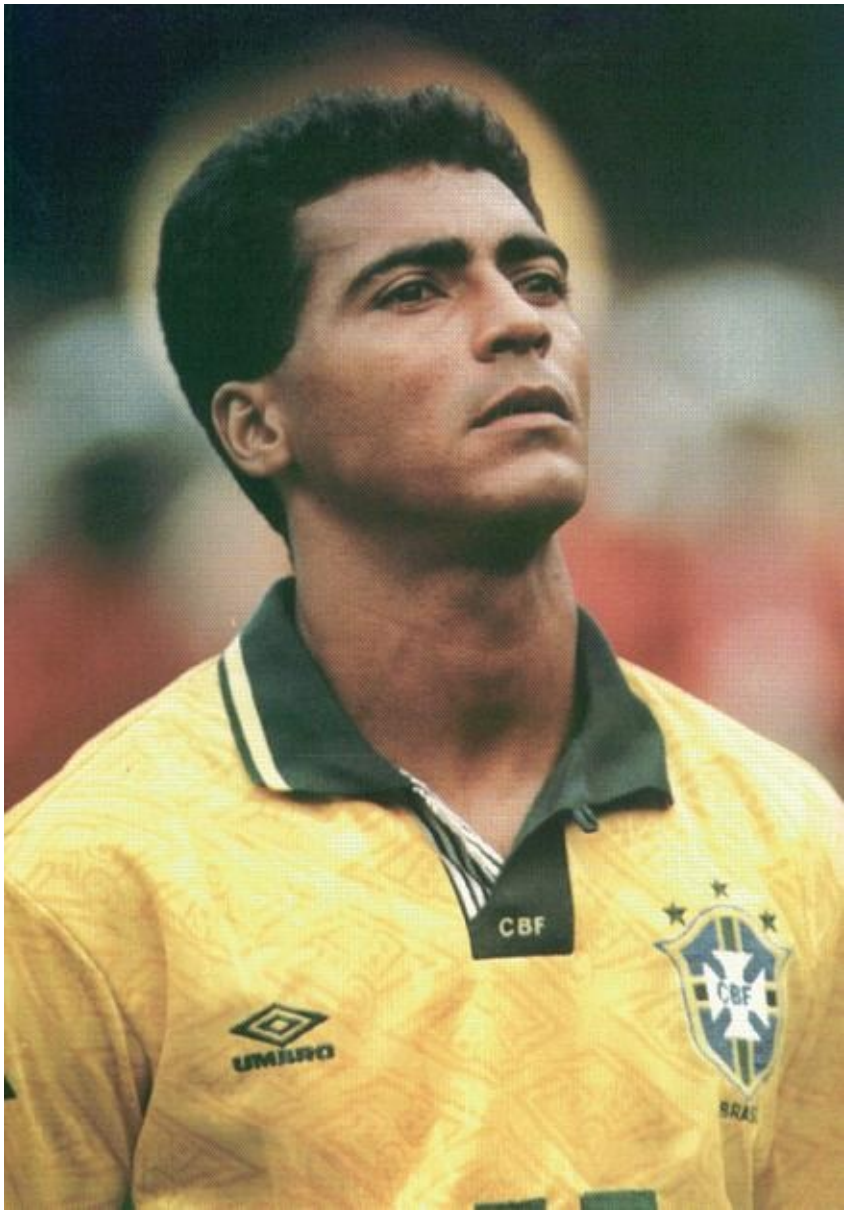

Nesta imagem de Romário, produzida na época em que o jogador participou da Copa de 1994, o alinhamento entre a câmara fotográfica, sua cabeça e um refletor do estádio produziu uma auréola em torno de sua cabeça, dando um novo sentido para a imagem: Romário transformou-se no anjo que deu ao Brasil o título de tetracampeão.

Foto de Antonio Gaudério(Folha de S. Paulo), de 1994.

LIÇÃO 11

ALTERAÇÃO DO SENTIDO DAS PALAVRAS

Leia o texto abaixo, soneto composto por Gregório de Matos:

É a vaidade, Fábio, nesta vida, Rosa, que da manhã lisonjeada, Púrpuras mil, com ambição
[dourada,

Airosa[1] rompe, arrasta presumida.

É planta, que de abril favorecida, Por mares de soberba[2] desatada, Florida galeota[3] empavesada[4], Sulca ufana[5], navega destemida.

É nau enfim, que em breve
[ligeireza,

Com presunção de Fênix generosa, Galhardias[6] apresta[7], alentos[8] preza:

Mas ser planta, ser rosa, nau
[vistosa,

De que importa, se aguarda
[sem defesa

Penha[9] a nau, ferro a planta,
[tarde a rosa?

Gregório de Matos. Apud CANDIDO, Antonio & CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da literatura brasileira*. São Paulo, Difel, 1973. v. 1, p. 73-4.

Foto de Alan Porter, de 1980.

Nesse texto, o poeta vai explicar a Fábio o que é a vaidade. No primeiro quarteto, afirma que ela é *rosa*; no segundo, que é *planta*; no primeiro terceto, que é *nau*. Essas três palavras significam, no soneto, "vaidade". Para que o leitor entenda por que *rosa*, *planta* e *nau* têm esse sentido no texto, o poeta vai explicar a relação que estabelece entre o significado de cada um desses termos e o do vocábulo *vaidade*.

No primeiro quarteto, diz que a vaidade é rosa, mas não qualquer uma. É aquela lisonjeada pela manhã, ou seja, a rosa recém-aberta e que, portanto, está em todo seu esplendor. O que o poeta quer dizer, então, é que a vaidade é a beleza aparente, que se exibe, brilha e seduz (*Púrpuras mil, com ambição dourada / Airosa rompe, arrasta presumida*). No segundo quarteto, o poeta afirma que a vaidade é planta, mas em pleno esplendor da primavera, já que é *de abril favorecida* (abril é o mês em que, no hemisfério norte, a primavera está em seu apogeu). A vaidade é, então, esplendor (*planta de abril favorecida*) e ornamentos (*florida galeota empavesada*) que se exibem pela vida (*por mares de soberba desatada*) com orgulho (*sulca ufana*) e arrojo (*navega destemida*). No primeiro terceto, ao dizer que a vaidade é *nau*, o poeta mostra que o ser humano vaidoso é aquele que, apesar de ter a presunção da perpetuidade (*Fênix* é a ave que renascia das próprias cinzas), valoriza os brilhos exteriores (*galhardias apresta*) e momentâneos (*alentos preza*). Podem-se perceber, agora, traços comuns de sentido entre as palavras *rosa*, *planta*, *nau* e o termo *vaidade*. Existe uma relação de intersecção entre seus significados: o homem vaidoso exibe suas belezas, como a rosa recém-aberta; mostra apenas seus esplendores, como a planta na primavera; valoriza o que é exterior e passageiro, como a nau, embora tenha a presunção de perpetuidade.

No último terceto, o termo *penha* significa o naufrágio do navio. Como *penha* pode ter esse sentido? O penhasco é a causa do naufrágio, que é seu efeito. Dá-se à causa o significado do efeito. Entre esses dois sentidos há uma relação de contiguidade (de união, proximidade, adjacência, vizinhança e, por conseguinte, de coexistência, de interdependência, de implicação), isto é, um efeito aparece unido, relacionado a uma causa. O vocábulo *ferro* significa o corte da planta. Aqui a alteração do significado se faz em duas etapas. *Ferro* é o material de que é feito o machado; *ferro* quer, pois, dizer "machado". No caso, o material de que um objeto é feito está designando o próprio objeto. Entre os dois significados há uma relação de contiguidade. Em seguida, *machado* passa a significar "corte". Utiliza-se, portanto, o instrumento com que uma ação é feita para designar a ação. Entre a ação e o instrumento, há também uma relação de contiguidade, pois o segundo está proximamente relacionado à primeira. A palavra *tarde* significa o fenecer, o murchar da rosa. Usa-se, pois, o momento pelo evento que nele ocorre. Entre os dois significados, há uma relação de contiguidade, pois o evento está intrinsecamente unido a um dado momento. No entanto, como *nau*, *planta* e *rosa* não estão no soneto usadas no seu sentido próprio, mas significam o "homem vaidoso", os significados "naufrágio", "corte" e "fenecimento", contaminados pelo valor semântico das três palavras contíguas, ficam acrescidos do significado "morte". Entre os significados "naufrágio", "corte" e "fenecimento", de um lado, e "morte", de outro, há uma relação de semelhança, ou de intersecção, já que todos contêm o traço semântico /acabamento/, /fim/. O que o poeta pergunta, pois, no segundo terceto, é: de que vale ser vaidoso, se a morte é inexorável (*se aguarda sem defesa / Penha a nau, ferro a planta, tarde a rosa*)? O soneto trata, então, de temas muito caros ao barroco: o caráter passageiro da vida e a inevitabilidade da morte.

O **signo linguístico** é uma unidade constituída pela união de um conteúdo com uma expressão (os sons) que o veicula. A essa expressão chama-se **significante**; ao conteúdo, **significado**. As palavras *rosa*, *planta* e *nau*, que são signos linguísticos, têm dois significados: um, o sentido próprio, habitual (respectivamente, "flor da roseira, de um odor suave, ornamental, cujo tipo primitivo é de um vermelho

bem claro", "vegetal em geral", "construção flutuante, de forma alongada, destinada ao transporte por mar"), e outro, o sentido que ganham no texto ("vaidade"). A mesma coisa acontece com *penha*, *ferro* e *tarde*, que habitualmente significam "rochedo", "metal branco acinzentado" e "parte do dia mais próxima da noite" e que, no texto, primeiro, passam a significar "naufrágio", "corte" e "fenecimento" e, depois, "morte". O segundo sentido acrescenta-se ao primeiro. Quando se une um significante a um significado, temos um **signo denotado**; quando ao primeiro significado ajunta-se um segundo, temos um **signo conotado**. Pode-se perguntar, então, por que não se pode falar simplesmente em troca de um significado por outro, mas se deve dizer que se acrescenta um segundo significado ao primeiro. Nesse caso, o que se está indagando é: que é que permite alterar os sentidos das palavras, dando a elas um valor conotado?

Em primeiro lugar, é preciso ter bem claro que se fala em acréscimo de significado, porque uma palavra não pode ter qualquer significado; é preciso que o segundo significado tenha alguma relação com o primeiro. Assim, a alteração de sentido pelo acréscimo de um novo significado deriva de uma relação que o produtor do texto vê entre o significado usual e o novo. Essa relação pode ser de **semelhança** (ou de **intersecção**) ou de **contiguidade**. Por exemplo, entre *rosa* e *vaidade*, como já explicamos acima, existe uma relação de semelhança, pois ambas possuem o traço semântico "beleza que se exibe"; já entre *penha* e *naufrágio*, a relação é de contiguidade, pois se usa a causa pelo efeito e esses conceitos estão intimamente implicados. São esses dois tipos de relação que permitem a alteração de sentido. Há, pois, dois tipos básicos de mudança de sentido: a que se elabora por uma relação de semelhança entre o significado de base e o acrescentado, ou **metáfora**, e a que se faz por uma relação de contiguidade entre eles, ou **metonímia**. Vamos estudá-las mais detidamente. Antes, porém, é necessário fazer duas observações.

Para que se alteram os sentidos das palavras? No caso da metáfora, para apresentar uma nova maneira, mais viva, de ver as coisas do mundo, privilegiando certos traços semânticos usualmente deixados de lado; no caso da metonímia, para mostrar a essência das coisas, ou seja, aquilo que é percebido como fundamental num objeto, num evento etc. Veja, por exemplo, o que diz Gilberto Gil, numa música intitulada *Metáfora*, a respeito da função desse mecanismo de mudança de sentido:

Gilberto Gil em ilustração de Elifas Andreato.

Uma lata existe para conter algo,
Mas quando o poeta diz lata
Pode estar querendo dizer o incontível

Uma meta existe para ser um alvo,
Mas quando o poeta diz meta
Pode estar querendo dizer o inatingível

Por isso não se meta a exigir do poeta
Que determine o conteúdo em sua lata
Na lata do poeta tudo-nada cabe,
Pois ao poeta cabe fazer
Com que na lata venha a caber
O incabível

Deixe a meta do poeta, não discuta,
Deixe a sua meta fora da disputa
Meta dentro e fora, lata absoluta
Deixe-a simplesmente metáfora

Como, neste livro, chamamos *figura* a todos os termos que remetem a algo presente no mundo natural (mesa, livro, sorvete, árvore, flor, branco, andar), denominaremos a metáfora e a metonímia de **recursos retóricos** e não figuras de palavras, como são habitualmente chamadas.

METÁFORA

Observe este trecho de um poema de Cecília Meireles:

Treva da noite,
lanosa capa
nos ombros curvos
dos altos montes
aglomerados...

Cecília Meireles. *Obra poética.* Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1985. p. 547.

Nesse texto, que pertence ao último poema do *Romanceiro da Inconfidência*, *capa*, *lanosa* e *ombros* não significam, respectivamente, “vestimenta sem manga, que se usa sobre as roupas, para cobrir o corpo e os braços”, “que é de lã ou tem a aparência de lã” e “parte superior do braço, no lugar onde ele se liga ao tronco”, mas querem dizer “noite”, “espessa” e “cume”. Percebe-se facilmente o porquê dos segundos significados: entre os significados de base e os acrescentados há uma relação de semelhança, de intersecção de certos traços semânticos. Com efeito, a noite cobre os cumes dos montes com sua treva espessa, assim como uma capa de lã cobre bem os ombros; os cimos dos montes são semelhantes aos ombros, porque ambos apresentam uma curvatura.

Metáfora é, pois, a alteração do sentido de uma palavra, pelo acréscimo de um significado segundo, quando entre o sentido de base e o acrescentado há uma relação de semelhança, de intersecção, isto é,

quando eles apresentam traços semânticos comuns.

Nos símbolos destas duas empresas, que atuam em ramos diferentes — uma rede de lojas de artigos esportivos e uma indústria de pneus —, é usada a mesma imagem: o pé dotado de asas, como metáfora de velocidade.

METONÍMIA

O texto a seguir, extraído do romance *Esaú e Jacó*, de Machado de Assis, relata que Flora não tinha interesse por qualquer rapaz que não fossem os gêmeos Pedro e Paulo.

A prova disto é que no Estado em que viveu alguns meses de 1891, com o pai e a mãe, para o fim que direi adiante, ninguém alcançou o menor dos seus olhares amigos ou sequer complacentes. Mais de um rapaz consumiu o tempo em se fazer visto e atraído dela. Mais de uma gravata, mais de uma bengala, mais de uma luneta levaram-lhe as cores, os gestos e os vidros, sem obter outra coisa que a atenção cortês e acaso uma palavra sem valor.

Flora só se lembrava dos gêmeos.

Machado de Assis. *Esaú e Jacó*. 4. ed. São Paulo, Ática, 1993. p. 126.

Nesse trecho, os rapazes que se apresentavam a Flora, tentando conquistar-lhe o coração, são mostrados pelo narrador por um traço particular: gravata, bengala, luneta, cores, gestos, vidros. Assim, esses termos significam “moços”. Gravata, bengala, luneta, com suas cores, gestos e vidros são partes da indumentária masculina. Como a parte implica o todo, coexiste no todo, a parte aqui significa o todo, isto é, um rapaz. Essas mudanças de significado que se dão em virtude de uma relação de contiguidade, de interdependência, de implicação são relações metonímicas.

Metonímia é, pois, a alteração do sentido de uma palavra ou de uma expressão pelo acréscimo de um significado segundo a um significado primeiro, quando entre ambos existe uma relação de contiguidade, de inclusão, de implicação, de interdependência, de coexistência. A **sinédoque** é um tipo de metonímia: ocorre quando se usa a parte para designar o todo ou vice-versa. No exemplo acima, *gravata*, *bengala* e *luneta* são sinédoques, ou seja, um tipo de metonímia: uma parte (*luneta*, por exemplo) significa o todo, “rapaz”.

A metonímia é um dos recursos mais utilizados na criação de sistemas de pictogramas. Para representar os esportes são utilizados detalhes dos equipamentos de cada um deles. Nos sinais para orientação de usuários em terminais de transporte, são usados os talheres para representar o restaurante, a taça para representar o bar, e assim sucessivamente.

Quando se percebe que um termo é metafórico ou metonímico? Quando o significado de base é inadequado ao contexto, o sentido deve ser outro, conotado. No texto que inicia esta lição, diz-se, por exemplo, que a vaidade é rosa. Como vaidade significa "defeito de uma pessoa, que tem uma imagem muito positiva de si mesma e que ostenta essa imagem", não pode ser "flor da roseira". Logo, *rosa* tem sentido figurado.

As metáforas e as metonímias, uma vez construídas, criam, respectivamente, um plano de leitura metafórico ou metonímico para o texto e, assim, outros termos vão ganhando também um sentido metafórico e metonímico. Uma metáfora ou uma metonímia permitem ler metafórica ou metonimicamente um texto inteiro. Veja o trecho abaixo, extraído da obra *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis:

(...) Não digo que a Universidade me não tivesse ensinado alguma; mas eu decorei-lhe só as fórmulas, o vocabulário, o esqueleto. Tratei-a como tratei o latim: embolsei três versos de Virgílio, dois de Horácio, uma dúzia de locuções morais e políticas, para as despesas da conversação. Tratei-os como tratei a história e a jurisprudência. Colhi de todas as coisas a fraseologia, a casca, a ornamentação...

Machado de Assis. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. 18. ed. São Paulo, Ática, 1992. p. 55.

Verifica-se que o sentido de base é inadequado ao contexto logo neste caso: *decorei-lhe* (...) *o esqueleto*. A última palavra não significa "conjunto de ossos do corpo humano", mas "as grandes linhas de uma disciplina", pois aparece como objeto direto do verbo *decorar*. Há entre o sentido de base e o figurado uma intersecção, pois, nos dois sentidos, *esqueleto* é a estrutura que sustenta alguma coisa. A partir daí, outros termos, mesmo que não se perceba claramente sua inadequação ao contexto, podem ser lidos metaforicamente: *embolsei* = guardei na memória; *casca* = aparência; *ornamentação* = o que permite fazer boa figura; *despesas* = que se usa. De tudo, o narrador aprendeu apenas as grandes linhas, o que era necessário para impressionar, para fazer boa figura. O narrador aprendeu tudo superficialmente.

Há metáforas e metonímias, que, desgastadas pelo uso, viram clichê. Devem ser utilizadas com parcimônia e cuidado, pois, como dizia Voltaire, o primeiro homem a comparar a mulher com uma flor era um gênio, o segundo, um imbecil.

Voltemos agora para o texto com que iniciamos esta lição, para dar os nomes técnicos aos procedimentos utilizados. Quando o poeta diz que a vaidade é rosa, planta e nau, constrói três metáforas. No entanto, como é muito difícil perceber qual é o traço de significado comum entre *rosa*, *planta* e *nau*, de um lado, e *vaidade*, de outro, ele mostra, nos dois quartetos e no primeiro terceto, qual é a semelhança que permite a construção dessas três metáforas. No segundo terceto, constrói três metonímias (*penha*, *ferro* e *tarde*). Entre o significado primeiro dessas três palavras e o significado segundo ("naufrágio", "corte" e "fenecimento"), há uma relação de interdependência, de implicação, de inclusão, de contiguidade. Como essas três metonímias estão ligadas às três metáforas *rosa*, *planta* e *nau*, que significam o "homem vaidoso", elas metaforizam-se, deixando de significar o naufrágio do navio, o corte da planta e o fenecimento da rosa, para ganhar o sentido de morte. Então, o contato das metonímias com as metáforas fez que um sentido terceiro se acrescentasse ao sentido segundo, metaforizando as metonímias.

TEXTOS COMENTADOS

Os dois poemas que seguem versam sobre a língua portuguesa. O primeiro foi composto por Olavo Bilac; o segundo, por Caetano Veloso.

LÍNGUA PORTUGUESA

Última flor do Lácio, inculta e bela,
És, a um tempo, esplendor e sepultura:
Ouro nativo, que na ganga[10] impura
A bruta mina entre os cascalhos vela...

Amo-te assim, desconhecida e obscura,
Tuba[11] de alto clangor[12], lira[13] singela,
Que tens o trom[14] e o silvo da procela[15]
E o arrolo[16] da saudade e da ternura!

Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,

Em que da voz materna ouvi: "meu filho!"
E em que Camões chorou, no exílio amargo,
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!

Olavo Bilac. *Poesia*. Rio de Janeiro, Agir, 1976. p. 86.

LÍNGUA

Gosto de sentir a minha língua roçar
A língua de Luís de Camões.

Gosto de ser e de estar
E quero me dedicar
A criar confusões de prosódia
E uma profusão de paródias
Que encurtem dores
E furtem cores como camaleões.
Gosto do Pessoa na pessoa
Da rosa no Rosa,
E sei que a poesia está para a prosa
Assim como o amor está para a amizade.
E quem há de negar que esta lhe é superior?
E deixa os portugais morrerem à míngua,
"Minha pátria é minha língua"
— Fala, Mangueira!

Flor do Lácio Sambódromo
Lusamérica latim em pó
O que quer
O que pode
Esta língua?

Caetano Veloso. *Velô*, 1984.

Os dois poemas acima tratam da língua portuguesa. O poema de Bilac é basicamente metafórico: o português é chamado *última flor do Lácio*, porque é uma língua que brotou nos confins do Império Romano. A região em que se falam línguas provindas do latim é chamada Lácio, porque esse é o nome da região que circunda Roma. Esse nome está na origem do termo *latim*. Portugal, por sua vez, ficava no extremo ocidental do Império.

O poema mostra que essa língua possui, ao mesmo tempo, qualidades contrárias entre si: é ainda grosseira, primitiva, bárbara (*inculta*), pois ainda não teve tempo de se refinar, mas é também *bela*; é vida plena (*esplendor*), mas é também morte de autores, porque é desconhecida e não permite que eles sejam lidos. Já vimos que essa atribuição de qualidades contrárias entre si ao mesmo ser é chamada oxímoro ou paradoxo e serve para chamar a atenção para a complexidade do objeto.

A língua portuguesa é preciosa (*ouro*), não misturada com outras (chama-se *nativo* ao metal que se encontra naturalmente não combinado com outro), mas contém resíduos (*ganga impura*), ou seja, elementos linguísticos de que deve libertar-se para surgir brilhante; é uma jazida inexplorada que esconde um metal precioso (*A bruta mina entre os cascalhos vela*). Observe como o poema é basicamente metafórico. Na primeira estrofe, diz-se do português: *última flor do Lácio*, *sepultura*, *ouro nativo*, *ganga impura*, *bruta mina*, *cascalhos*. Esse procedimento composicional vai continuar a ser utilizado ao longo do poema.

As três estrofes seguintes são uma declaração de amor à língua portuguesa, essa *desconhecida* e *obscura*, que exprime tanto o que é altissonante e grandioso (*tuba de alto clangor, tens o tom e o silvo da procela*), como o que é suave e singelo (*lira singela, arrolo da saudade e da ternura*). Como se verifica, continuam os paradoxos. O português está próximo da natureza, tem o *viço agreste* e o *aroma das florestas virgens* do Brasil e do *oceano largo*, por onde os portugueses conquistaram o mundo. Assim, o poeta mostra que a língua está impregnada do ambiente natural (geográfico) e social (histórico) em que é falada.

Ele ainda ama sua língua, pois foi nela que ouviu as palavras ternas da mãe e a poesia lírica de Camões, considerado por muitos o maior poeta do português. Ela é o meio de expressão dos sentimentos de todos, dos mais comuns aos mais geniais.

A tessitura sonora do poema recria o conteúdo: por exemplo, à languidez do /l/ do primeiro verso sucede-se a dureza do /t/, /p/ e /d/ do segundo. É como se um oxímoro sonoro se criasse para manifestar o oxímoro significativo que aparece nesses versos.

O poema bilaquiano mostra a admiração do poeta pelas riquezas e potencialidades do idioma. O texto de Caetano é também um hino de amor à língua. Os dois poetas, entretanto, têm uma concepção muito distinta da língua e do amor a ela.

Os dois primeiros versos do poema de Caetano têm uma grande carga de sensualidade. Sua beleza reside no fato de que o termo *língua* é usado em dois sentidos diferentes. Significa, no primeiro verso, "órgão da cavidade bucal, que auxilia na produção dos sons" e, no segundo, quer dizer "idioma". *Roçar* significa, então, "tocar, resvalar". Nesse caso, o poeta diz que gosta de produzir os sons do português, sente um gosto físico ao pronunciá-los. No entanto, pode-se pensar também que as duas ocorrências da palavra *língua* têm o mesmo significado, "idioma". Nessa hipótese, *roçar* significa tanto "ceifar, pôr abaixo, derrubar", quanto "aproximar-se". Os dois primeiros versos poderiam, então, significar tanto "gosto de fazer minha língua — o português falado no Brasil — sobrepor-se ao português de Camões, isto é, o de Portugal", quanto "gosto de fazer o português do Brasil aproximar-se do de Portugal".

O poeta gosta da transitoriedade e da perenidade das formas linguísticas (*ser* é o verbo que indica estados permanentes; *estar*, estados transitórios). Exprime seu desejo em relação ao trabalho com o idioma: incorporar os diferentes falares (*confusão de prosódias*) e retomar os textos dos outros de forma invertida (*profusão de paródias*). Lembramos que *paródia*, como já foi explicado, é a subversão de um texto ou do estilo de outrem. Nela, retoma-se um texto ou um estilo, para dar-lhe um sentido contrário (para ridicularizá-lo, por exemplo). *Prosódia* é o conjunto de características de uma língua no que diz respeito ao acento, à entoação e à duração dos sons. Esse trabalho de levar em conta as variedades de falares, de textos e de estilos vai diminuir dores, por ser alegre (*que encurtem dores*), ao mesmo tempo vai deixar o texto produzido pelo poeta com muitos significados (*e furtem cores como camaleões*).

O poeta toma dois nomes de grandes escritores (Fernando Pessoa, poeta português, e Guimarães Rosa, romancista e contista brasileiro) e faz um jogo com os nomes comuns correspondentes, dizendo que gosta do artista (Pessoa) em cada pessoa e da beleza (rosa) na obra de Rosa. Afirma que a prosa é superior à poesia, assim como a amizade o é ao amor.

Pluraliza o termo *Portugal*, tirando-lhe o valor de substantivo próprio. Com o verso *E deixa os portugais morrerem à míngua*, indica seu desejo de que a imposição do legado cultural e da variante linguística de Portugal no Brasil deixe de ser feita. Usa entre aspas um verso de Fernando Pessoa: *Minha pátria é minha língua*. Pátria são lembranças, experiências, anseios, expectativas comuns e tudo isso é expresso pela língua. Por isso, se pode dizer *minha pátria é minha língua*. Depois de desejar que a

atitude lusitanista morra à míngua e de afirmar que a pátria é a língua, o verso *Fala, Mangueira!* refere-se à Estação Primeira de Mangueira e ao grito com que ela inicia o carnaval, mostrando que o português de que fala Caetano é a variante brasileira, aquele que é falado no Brasil. É esse que ele ama, ele é sua pátria. Ele é lusitano, mas modificado pelo contato com os falares indígenas e africanos. Pulveriza-se (*latim em pó*), pois é português e americano (*Lusamérica*). Por isso, é *flor do Lácio*, como dizia Bilac, em seu poema solene e respeitoso, e *Sambódromo*, carnaval e samba. O demonstrativo *esta* indica algo do espaço de quem fala: no caso, já que a pátria é identificada à língua, o espaço do poeta é a variante brasileira do português, que carnavalizou o idioma lusitano. Não se sabe o que essa variante quer e pode. Resta a indagação.

O poema de Caetano também faz largo uso de metáforas (por exemplo, *roçar, flor do Lácio, Sambódromo, latim em pó*) ou de metonímias (por exemplo, *portugais*, o jogo com *rosa* e *Rosa*, *pessoa* e *Pessoa*), embora sua composição seja fundamentalmente metonímica, já que ela vai mostrando a implicação, a interdependência de traços definidores da variante brasileira do português.

A tessitura sonora mostra a languidez da língua com os /l/; o leve ruído do roçar com os /s/; com os /r/ depois de /p/ e /k/, o ruído das prosódias e a profusão de paródias.

O poema bilaquiano apresenta o tema da latinidade da América; o de Caetano revela o tema da sincretização cultural que aqui se instalou e que se reflete na língua. A América, bem como o português que é nela falado, é lusitana, mas é também africana e indígena.

LIÇÃO 11 EXERCÍCIOS

O texto que segue foi escrito por Machado de Assis:

UM APÓLOGO

Era uma vez uma agulha, que disse a um novelo de linha:

— Por que está você com esse ar, toda cheia de si, toda enrolada, para fingir que vale alguma cousa neste mundo?

— Deixe-me, senhora.

— Que a deixe? Que a deixe, por quê? Porque lhe digo que está com um ar insuportável? Repito que sim, e falarei sempre que me der na cabeça.

— Que cabeça, senhora? A senhora não é alfinete, é agulha. Agulha não tem cabeça. Que lhe importa o meu ar? Cada qual tem o ar que Deus lhe deu. Importe-se com a sua vida e deixe a dos outros.

— Mas você é orgulhosa.

— Decerto que sou.

— Mas por quê?

— É boa! Porque coso. Então os vestidos e enfeites de nossa ama, quem é que os cose, senão eu?

— Você? Esta agora é melhor. Você é que os cose? Você ignora que quem os cose sou eu, e muito eu?

— Você fura o pano, nada mais; eu é que coso, prendo um pedaço ao outro, dou feição aos babados...

— Sim, mas que vale isso? Eu é que furo o pano, vou adiante, puxando por você, que vem atrás obedecendo ao que eu faço e mando...

— Também os batedores vão adiante do imperador.

— Você é imperador?

— Não digo isso. Mas a verdade é que você faz um papel subalterno, indo adiante; vai só mostrando o caminho, vai fazendo o trabalho obscuro e ínfimo. Eu é que prendo, ligo, ajunto...

Estavam nisto, quando a costureira chegou à casa da baronesa. Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baronesa, que tinha a modista ao pé de si, para não andar atrás dela. Chegou a costureira, pegou do pano, pegou da agulha, pegou da linha, enfiou a linha na agulha, e entrou a coser. Uma e outra iam andando orgulhosas, pelo pano adiante, que era a melhor das sedas, entre os dedos da costureira, ágeis como os galgos de Diana — para dar a isto uma cor poética. E dizia a agulha:

— Então, senhora linha, ainda teima no que dizia há pouco? Não repara que esta distinta costureira só se importa comigo; eu é que vou aqui entre os dedos dela, unidinha a eles, furando abaixo e acima...

A linha não respondia nada; ia andando. Buraco aberto pela agulha era logo enchido por ela, silenciosa e ativa, como quem sabe o que faz, e não está para ouvir palavras loucas. A agulha, vendo que ela não lhe dava resposta, calou-se também, e foi andando. E era tudo silêncio na saleta de costura; não se ouvia mais que o *plic-plic-plic-plic* da agulha no pano. Caindo o sol, a costureira dobrou a costura, para o dia seguinte; continuou ainda nesse e no outro, até que no quarto acabou a obra, e ficou esperando o baile.

Veio a noite do baile, e a baronesa vestiu-se. A costureira, que a ajudou a vestir-se, levava a agulha espetada no corpinho, para dar algum ponto necessário. E enquanto compunha o vestido da bela dama, e puxava a um lado ou outro, arregaçava daqui ou dali, alisando, abotoando, acolchetando, a linha, para mofar da agulha, perguntou-lhe:

— Ora, agora, diga-me, quem é que vai ao baile, no corpo da baronesa, fazendo parte do vestido e da elegância? Quem é que vai dançar com ministros e diplomatas, enquanto você volta para a caixinha da costureira, antes de ir para o balaio das mucamas? Vamos, diga- lá.

Parece que a agulha não disse nada; mas um alfinete, de cabeça grande e não menor experiência, murmurou à pobre agulha: — Anda, aprende, tola. Cansas-te em abrir caminho para ela e ela é que vai gozar da vida, enquanto aí ficas na caixinha de costura. Faze como eu, que não abro caminho para ninguém. Onde me espetam, fico.

Contei esta história a um professor de melancolia, que me disse, abanando a cabeça: — Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária!

Machado de Assis. *Contos*. 18. ed. São Paulo, Ática, 1994. p. 89.

QUESTÃO 1

Nos apólogos e fábulas, como em todo processo metafórico, estabelece-se uma relação entre dois planos de significado: o significado de base ou usual e o significado acrescentado ou figurado.

a) Qual é o significado usual de agulha e linha?

b) Cite algumas pistas do diálogo inicial que nos obrigam a conceber a agulha e a linha como seres humanos.

c) Assim como há pistas que nos levam a conceber a linha e a agulha como seres humanos, há também outras que nos levam a concebê-las no seu sentido próprio.

É esse argumento de dois planos de sentido que confere ao texto o seu caráter metafórico e nos faz classificá-lo como um apólogo ou fábula. Transcreva algumas passagens em que agulha e linha ocorrem no seu sentido próprio.

QUESTÃO 2

No caso do texto acima, a agulha e a linha são tratadas como seres humanos mas conservam também a dimensão de significado própria de agulha e linha.

Se, em vez de agulha e linha, o narrador usasse dois personagens humanos, o texto não teria a mesma expressividade.

Qual é então a expressividade que se obtém usando agulha e linha em sentido metafórico?

QUESTÃO 3

No último parágrafo, ocorre a seguinte passagem: *Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária*.

a) A quem essa frase é atribuída?

b) Que traços comuns existem entre a agulha e o professor de melancolia?

c) Nessa mesma citação, a linha é uma metáfora que remete a que tipo de pessoa?

QUESTÃO 4

As relações entre a agulha e a linha, no contexto, são apropriadas também à costureira e à baronesa. Nessa relação quais são os dois pares correlatos?

QUESTÃO 5

A relação que se estabelece entre os batedores e o imperador é do mesmo tipo que a que se estabelece entre a agulha e a linha; entre a costureira e a baronesa. Explique por quê.

QUESTÃO 6

No texto, há uma passagem que diz: *Uma e outra iam andando orgulhosas (...) entre os dedos da costureira, ágeis como os galgos de Diana — para dar a isto uma cor poética*.

Considerando que *galgo* é uma raça de cães, famosos pela rapidez e velocidade, e que *Diana* é uma deusa entre os antigos romanos, procure responder:

a) que traços o narrador associa aos dedos da costureira ao compará-los com os galgos de Diana?

b) esse recurso envolve o mecanismo próprio da metáfora?

c) do ponto de vista da construção formal, trata-se de uma metáfora propriamente dita?

QUESTÃO 7

A leitura global do texto permite afirmar que:

a) o narrador, no percurso do texto, trata com mais simpatia a linha do que a agulha.

b) segundo o texto, é falsa a rivalidade entre a linha e a agulha.

c) linha e agulha, segundo o texto, desempenham funções igualmente importantes.

d) a linha e a agulha são figuras que representam o mesmo tipo de pessoas: aquelas que não gostam do que fazem.

e) o apólogo figurativiza o tema da falta de equidade na distribuição das recompensas.

QUESTÃO 8

O *Jornal da Tarde* de São Paulo, no dia 9 de dezembro de 1994, por ocasião da morte de Tom Jobim saiu com a seguinte manchete na primeira página:

BRASIL PERDE O TOM

Quais os dois sentidos que se podem atribuir a essa frase?

QUESTÃO 9 (FUVEST — ADAPTADA)

Sentaram-se todos em redor da merenda, metendo a mão no cesto, à vez, sem outro resguardar de conveniências que não atropelar os dedos dos outros, agora o cego que é a mão de Baltazar, cascosa como um tronco de oliveira, depois a mão eclesiástica e macia do padre Bartolomeu Lourenço, a mão exata de Scarlatti, enfim Blimunda, mão discreta e maltratada, com as unhas sujas de quem veio da horta e andou a sachar antes de apanhar as cerejas.

José Saramago, *Memorial do Convento*.

Qual é a figura de linguagem que o narrador utiliza para marcar as diferenças de nível e grupo social das personagens?

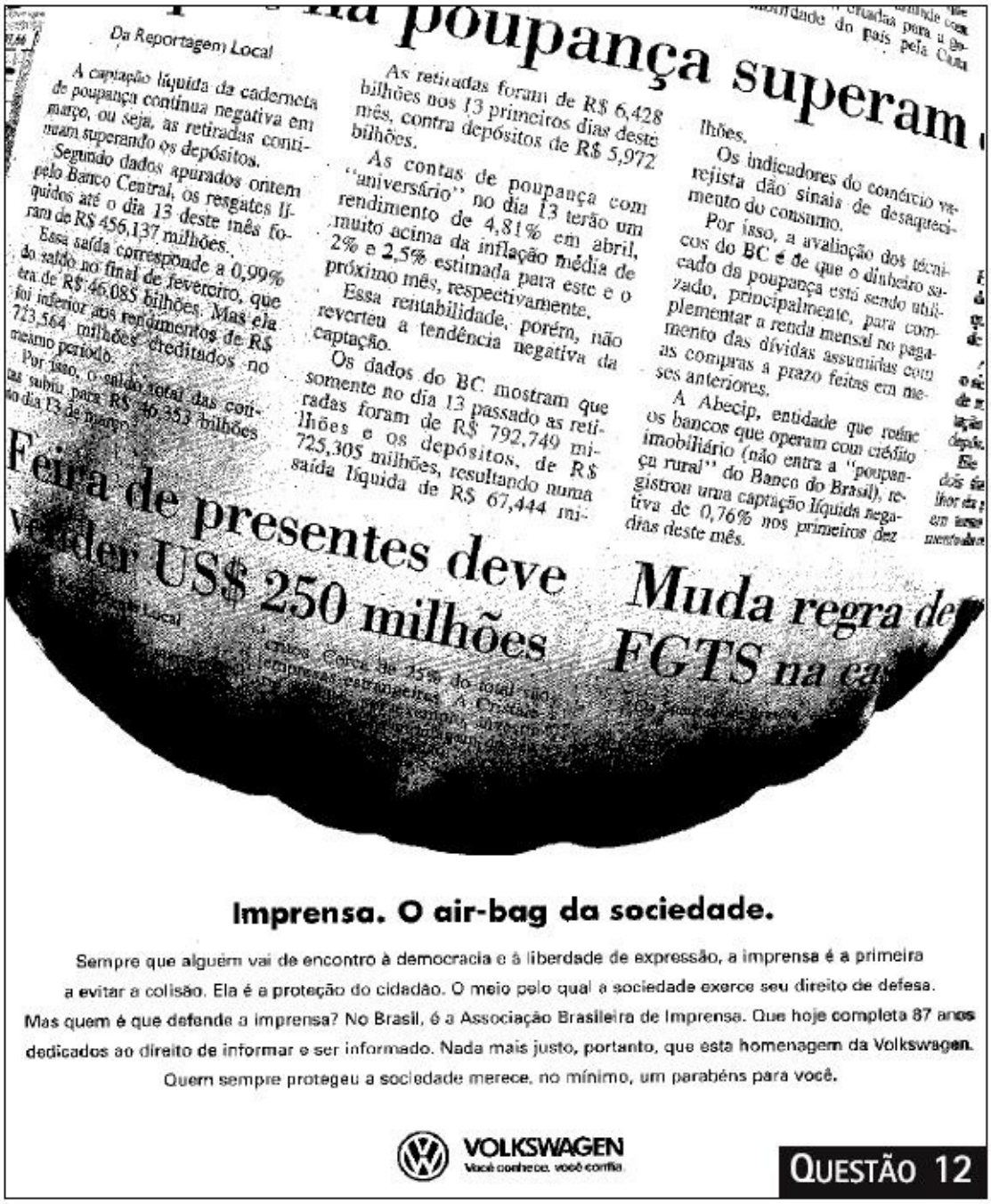

poupança superam

Da Reportagem Local

A captação líquida da caderneta de poupança continua negativa em março, ou seja, as retiradas continuam superando os depósitos.

Segundo dados apurados ontem pelo Banco Central, os resgates líquidos até o dia 13 deste mês foram de R$ 456,137 milhões.

Essa saída corresponde a 0,99% do saldo no final de fevereiro, que era de R$ 46,085 bilhões. Mas ela foi inferior aos rendimentos de R$ 723,564 milhões creditados no mesmo período.

Por isso, o saldo total das contas subiu para R$ 46,353 bilhões no dia 13 de março.

As retiradas foram de R$ 6,428 bilhões nos 13 primeiros dias deste mês, contra depósitos de R$ 5,972 bilhões.

As contas de poupança com "aniversário" no dia 13 terão um rendimento de 4,81% em abril, muito acima da inflação média de 2% e 2,5% estimada para este e o próximo mês, respectivamente.

Essa rentabilidade, porém, não reverteu a tendência negativa da captação.

Os dados do BC mostram que somente no dia 13 passado as retiradas foram de R$ 792,749 milhões e os depósitos, de R$ 725,305 milhões, resultando numa saída líquida de R$ 67,444 milhões.

lhões.

Os indicadores do comércio varejista dão sinais de desaquecimento do consumo.

Por isso, a avaliação dos técnicos do BC é de que o dinheiro aplicado da poupança está sendo utilizado, principalmente, para complementar a renda mensal no pagamento das dívidas assumidas com as compras a prazo feitas em meses anteriores.

A Abecip, entidade que reúne os bancos que operam com crédito imobiliário (não entra a "poupança rural" do Banco do Brasil), registrou uma captação líquida negativa de 0,76% nos primeiros dez dias deste mês.

Feira de presentes deve vender US$ 250 milhões

Muda regra de FGTS na ca

Imprensa. O air-bag da sociedade.

Sempre que alguém vai de encontro à democracia e à liberdade de expressão, a imprensa é a primeira a evitar a colisão. Ela é a proteção do cidadão. O meio pelo qual a sociedade exerce seu direito de defesa. Mas quem é que defende a imprensa? No Brasil, é a Associação Brasileira de Imprensa. Que hoje completa 87 anos dedicados ao direito de informar e ser informado. Nada mais justo, portanto, que esta homenagem da Volkswagen. Quem sempre protegeu a sociedade merece, no mínimo, um parabéns para você.

VOLKSWAGEN
Você conhece, você confia

QUESTÃO 12

Revista Imprensa, *96*: 21, set. 1995.

TEXTO PARA AS QUESTÕES 10 E 11

O texto que segue, extraído de *Cadernos de João*, de Aníbal Machado, e utilizado num Vestibular da Fuvest, contém um belo exemplo de alteração do sentido da palavra.

Na última laje de cimento armado, os trabalhadores cantavam a nostalgia da terra ressecada.

De um lado era a cidade grande: de outro, o mar sem jangadas.

O mensageiro subiu e gritou:

– Verdejou, pessoal!

Num átimo, os trabalhadores largaram-se das redes, desceram em debandada, acertaram as contas e partiram.

Parada a obra.

Ao dia seguinte, o vigia solitário recolocou a tabuleta: “Precisa-se de operários”, enquanto o construtor, de braços cruzados, amaldiçoava a chuva que devia estar caindo no Nordeste.

Aníbal Machado, *Cadernos de João*.

QUESTÃO 10

a) Qual é o sentido usual de *verdejou*?

b) Dentro do contexto dessa narrativa, que fala de trabalhadores da construção civil numa cidade grande, saudosos da terra natal, que tiveram de abandonar por falta de chuva (*terra ressecada)*, que sentido assume a palavra *verdejou*?

c) Qual a relação de sentido entre *verdejou*, no seu sentido usual, e no sentido em que está usado no texto? Esse tipo de relação caracteriza que tipo de figura?

QUESTÃO 11

A notícia de que *verdejou* provoca uma mudança imediata no percurso da narrativa.

a) Qual é essa mudança?

b) Essa atitude diante da notícia indica o tipo de trabalho que esses trabalhadores desenvolviam no Nordeste. Que trabalho é esse?

QUESTÃO 12

Tanto a metáfora quanto a metonímia são recursos largamente usados na linguagem do cotidiano, como, por exemplo, na publicidade e no jornalismo. É o que pode ser ilustrado nos textos publicitários que seguem (questões 12, 13 e 14).

O texto ao lado comemora o dia da Imprensa (10 de setembro).

Ao designar a imprensa como o *“air-bag”* [17] da sociedade, o texto transfere para a imprensa o traço de sentido dominante desse termo da linguagem automobilística.

a) Como se chama esse tipo de mudança de significado?

b) O texto verbal esclarece a semelhança entre um *air-bag* e a imprensa. Qual é essa semelhança?

TEXTO PARA AS QUESTÕES 13 E 14

Revista Imprensa, *94* :5, jul. 1995.

A foto acima mostra um espaço ajardinado, construído pela mão do homem. Na legenda, em letras grandes, faz-se referência à preocupação de uma instituição financeira em investir na natureza humana. O texto publicitário joga com mais de um mecanismo de alteração do sentido das palavras.

QUESTÃO 13

Em primeiro lugar, identifica-se, no alto da foto, o paisagista Burle Marx como autor do projeto que vem fotografado embaixo. A seguir, na legenda abaixo da foto fala-se em investir na *natureza humana*.

a) Que tipo de associação nos permite designar um indivíduo (Burle Marx) por uma coletividade toda (natureza humana)?

b) Como se chama a figura que se constrói com base nesse tipo de associação?

QUESTÃO 14

Em segundo lugar, na verdade o texto mostra o investimento do banco na construção de uma paisagem, e fala em investimento na natureza humana, isto é, no homem que a constrói.

a) Que tipo de associação permite dizer que o investimento na construção de uma paisagem é um investimento na natureza humana?

b) Como se chama a figura que se constrói na base de uma relação desse tipo?

c) Como se sabe, faz parte da natureza do texto publicitário uma intenção de supervalorizar o objeto da propaganda. No caso desse texto, considerado no seu todo, pode-se dizer que esse jogo de associações de sentido entre palavras tem um exagero. Investir num *paisagista famoso*, a rigor, permite afirmar que se investe na *natureza humana*?

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Leia o texto que segue, extraído da revista *Veja*:

A SAGA DOS HOMENS-CUPIM

Ao observar os tratores que rasgavam a Transamazônica na década de 70, os índios inventaram um apelido mais que adequado para aqueles cidadãos sombrios, de motosserra em punho, que abriam longas feridas na floresta. Chamaram-nos de homens-cupim. Nos últimos 100 anos, os cupins humanos devoraram florestas com eficiência de assustar seus parentes invertebrados. A marcha dos madeireiros começou no Sul do Brasil, alimentando-se das araucárias do Paraná e de Santa Catarina. Depois, atacou as reservas de jacarandá do Espírito Santo e da Bahia e, na década de 70, chegou ao Norte para roer o mogno. Agora eles avançam sobre a última terra prometida, o Amazonas, aonde o governo tenta atrair madeireiros paraenses com promessas de isenção fiscal, vastas concessões de terrenos e até sociedade com o Estado em empresas exportadoras de madeira.

Veja, :94, 8 nov. 1994.

O efeito de sentido da metáfora consiste em projetar o traço de sentido dominante de uma palavra mais marcada conotativamente para uma palavra menos marcada. No caso, a palavra *cupim*, na nossa cultura, é mais marcada pelos traços de animal nocivo, corrosivo em relação à madeira, devastador. Todos esses traços, por metáfora, são transportados para os *madeireiros*, que passam a ser vistos como *cupins*. Note-se que outras metáforas se disseminam pelo texto acima, usando para o homem termos relativos aos cupins: *"devoram florestas"*, *"parentes invertebrados"*, *"marcha dos madeireiros"*, *"alimentam-se"*, *"atacou"*, *"roer o mogno"*.

Com base nesses dados, procure construir um texto do gênero reportagem jornalística, aproveitando-se da metáfora sugerida pelos nossos índios, em que madeireiros, como um enxame de cupins, desembarcam num local da Amazônia e a devastam (ou devoram) sem critério e sem controle.

1 airoso: esbelto, gracioso.
2 soberba: orgulho, altivez.
3 galeota: pequena embarcação a remo, usada para o transporte do rei.
4 empavesado: enfeitado, adornado, guarnecido de paveses (= proteção nas embarcações.
5 ufano: que se orgulha de algo; vaidoso.
6 galhardia: garbo, elegância.
7 aprestar: preparar com prontidão.
8 alento: sopro, bafejo.
9 penha: penhasco, rochedo.
10 ganga: resíduo inaproveitável de um minério.
11 tuba: instrumento musical de sopro, semelhante à trombeta.
12 clangor: som forte, como o da trombeta.
13 lira: instrumento musical de cordas.
14 trom: som de trovão ou de canhão.
15 procela: tempestade marítima.
16 arrolo: canto para adormecer criança; arrulho.

17 *Air-bag* (literalmente traduzido = saco de ar) é um balão que se enche de ar em casos de colisão de veículos, protegendo o passageiro contra o impacto.

LIÇÃO 12

“[...] *a narrativa revelará sempre a marca do narrador, assim como a mão do artista é percebida, por exemplo, na obra de cerâmica.*”

Walter Benjamin

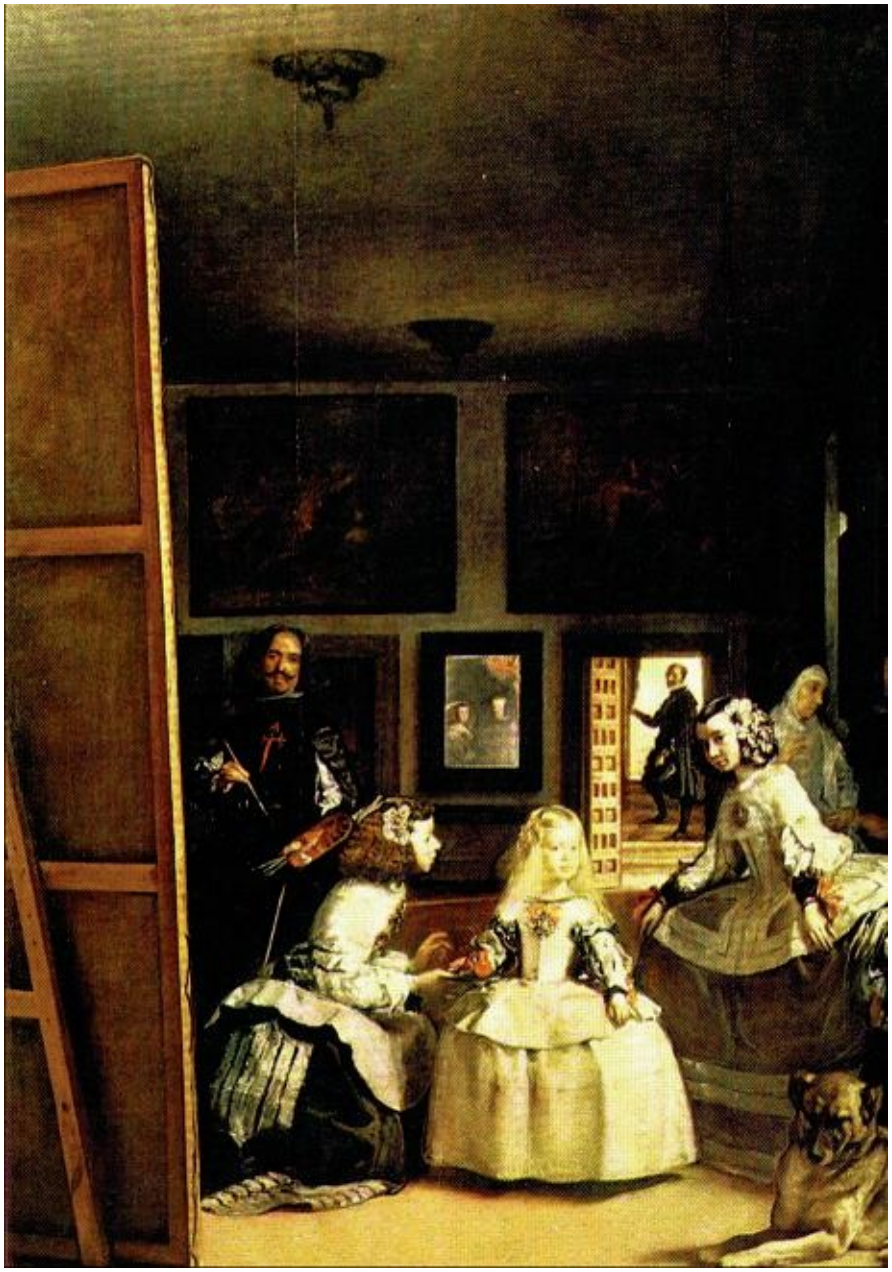

As meninas, pintura de Velásquez, de 1656.

Velásquez, nesta, que é uma das mais importantes obras da história da arte, inclui a si próprio na cena retratada. Ao invés de mostrar o que está na frente da tela, o artista inverte a lógica que dominava a pintura até então e mostra o que está atrás da cena que normalmente seria o assunto principal. O narrador da cena — no caso, o artista que a pinta — ganha existência concreta e passa a ser um dos assuntos que fazem parte do universo da pintura.

LIÇÃO 12

PRESENÇA DO NARRADOR NO TEXTO

Leia o texto abaixo, fragmento do romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis:

Uma noite dessas, vindo da cidade para o Engenho Novo, encontrei no trem da Central um rapaz aqui do bairro, que eu conheço de vista e de chapéu. Cumprimentou-me, sentou-se ao pé de mim, falou da lua e dos ministros, e acabou recitando-me versos. A viagem era curta, e os versos pode ser que não fossem inteiramente maus. Sucedeu, porém, que, como eu estava cansado, fechei os olhos três ou quatro vezes; tanto bastou para que ele interrompesse a leitura e metesse os versos no bolso.

(...) No dia seguinte entrou a dizer de mim nomes feios, e acabou alcunhando-me *Dom Casmurro*. Os vizinhos, que não gostam dos meus hábitos reclusos e calados, deram curso à alcunha, que afinal pegou.

(...) Não consultes dicionários. *Casmurro* não está aqui no sentido que eles lhe dão, mas no que lhe pôs o vulgo de homem calado e metido consigo. *Dom* veio por ironia, para atribuir-me fumos de fidalgo. Tudo por estar cochilando! Também não achei melhor título para a minha narração; se não tiver outro daqui até ao fim do livro, vai este mesmo.

Machado de Assis. *Dom Casmurro*. 26. ed. São Paulo, Ática, 1992. p. 13.

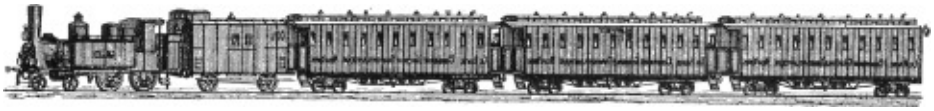

Nesse texto, que pertence ao primeiro capítulo de *Dom Casmurro*, quem conta a história relata como recebeu a alcunha (o apelido) que dá nome ao livro e narra um episódio que aconteceu consigo mesmo: um dia, no trem, quando voltava para casa, por estar muito cansado, cochilou, enquanto uma pessoa, com quem nunca tinha conversado, mas a quem apenas cumprimentava (*conhecia de vista e de chapéu*), mostrava-lhe uns poemas que tinha escrito; o poeta, furioso, atribuiu o cochilo a um certo desdém para com os outros e deu-lhe o apelido de *Dom Casmurro*; os vizinhos, que não gostavam de seus modos calados, começaram a chamá-lo assim, e o apelido pegou.

CARREGANDO LOIS EM SEUS BRAÇOS, SUPERHOMEM RUMA EM DIREÇÃO À CIDADE…

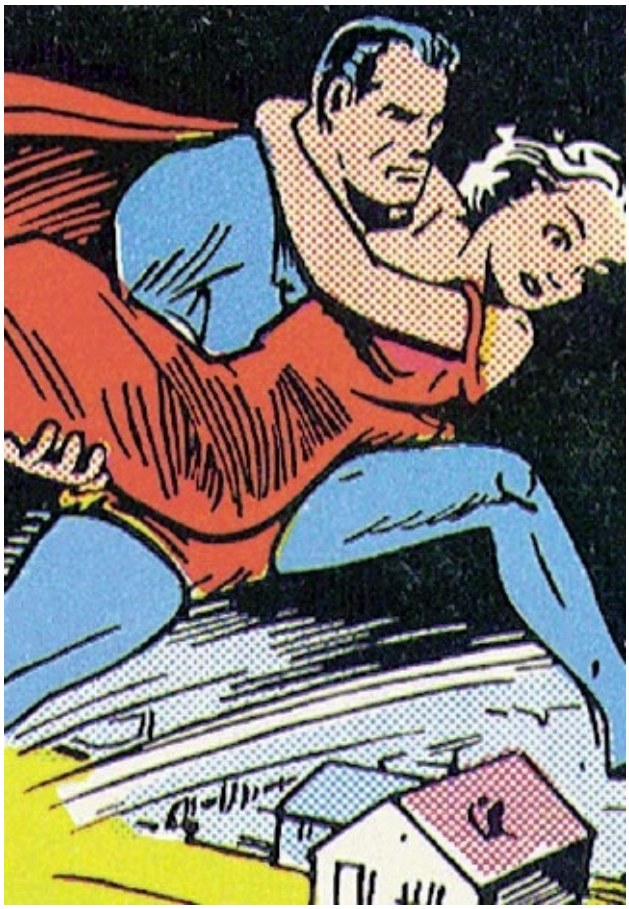

Quadrinho do primeiro número da revista *Superhomem*, de 1938.

Nas histórias em quadrinhos são frequentes as intervenções de um narrador que não é personagem, apenas uma voz que ajuda a conduzir a narrativa.

Quando lemos um texto, ele está pronto e acabado. Todavia ele só existe porque foi produzido por alguém. O produto tem existência porque existe um produtor, alguém que escreve o texto, um autor. No entanto, os textos têm um responsável interno por sua organização, aquele que conta a história, que fala, que opina, que descreve, que argumenta. Por que responsável interno? Porque ele pode colocar-se no interior do texto, dizendo *eu*. Quem conta a história, quem é responsável pela organização do texto é chamado **narrador**. Não se pode confundir narrador com autor. Aquele é a voz com que este constrói o texto. A prova de que os dois não se misturam é o fato de que o narrador pode ser uma personagem da história. No caso do texto com que iniciamos esta lição, o autor é Machado de Assis. O narrador é quem diz *eu*, ou seja, Dom Casmurro, que fala e age como personagem da história.

Mesmo que o narrador não apareça explicitamente como um eu que fala, está implicitamente presente no texto como parte integrante da narrativa. O romance *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, traz o seguinte texto:

> Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, abrindo, não os olhos, mas a sua infinidade de portas e janelas alinhadas.
>
> Um acordar alegre e farto de quem dormiu de uma assentada sete horas de chumbo. Como que se sentiam ainda na indolência da neblina as derradeiras notas da última guitarra da noite antecedente, dissolvendo-se à luz loura e tenra da aurora, que nem um suspiro de saudade perdido em terra alheia.
>
> Aluísio Azevedo. *O cortiço*. 25. ed. São Paulo, Ática, 1992. p. 35.

Não aparece, nesse trecho, ninguém dizendo *eu*, o que significa que o narrador está implícito, pressuposto pelo texto. Se há texto, há um responsável por sua organização.

Também o narrador implícito é diferente do autor. Não é Aluísio Azevedo o narrador do trecho acima. O autor é uma pessoa de carne e osso; o narrador é um ser de papel, isto é, faz parte do texto, é criado nele e por ele, e relata os fatos a partir de um determinado ponto de vista. Por isso, não se pode atribuir ao autor as ideias, as preferências e os pontos de vista do narrador. Autor e narrador podem ter ideologias e visões de mundo diferentes. Por exemplo, Paulo Honório, narrador de *São Bernardo*, tem a visão de mundo de um capitalista, enquanto Graciliano Ramos, o autor do romance, era socialista.

Há dois tipos básicos de narrador: aquele que participa da história como personagem e aquele que não toma parte nos acontecimentos. No primeiro caso, como em *Dom Casmurro*, quem conta a história participa dela. Temos, então, uma narrativa em primeira pessoa. No segundo caso, como em *O cortiço*, quem narra não é personagem. Temos, então, uma narrativa em terceira pessoa. Note bem que, quando se diz que uma narrativa é em primeira ou terceira pessoa, o que se está dizendo é se o narrador toma ou não parte nos acontecimentos, porque temos narradores "intrusos", que, mesmo não sendo personagem da história, fazem comentários em primeira pessoa. Observe o texto abaixo, fragmento do romance *Quincas Borba*, de Machado de Assis:

> Aqui é que eu quisera ter dado a este livro o método de tantos outros, — velhos todos, — em que a matéria do capítulo era posta no sumário: "De como aconteceu isto assim, e mais assim". Aí está Bernardim Ribeiro; aí estão outros livros gloriosos.
>
> Machado de Assis. *Quincas Borba*. 12. ed. São Paulo, Ática, 1993. p. 131.

Nesse trecho, extraído do romance *Quincas Borba*, o narrador não é personagem da história, mas toma a palavra para comentar a composição do livro. O narrador é aquele que conta a história. Pode participar dos acontecimentos relatados como personagem principal ou personagem secundária (narração em primeira pessoa) ou não tomar parte nos eventos narrados (narração em terceira pessoa). Neste caso, pode ser intruso, quando toma a palavra para comentar os fatos ou a composição da história, como no texto acima, ou neutro, quando está totalmente ausente do texto, deixando que os fatos se narrem como que por si mesmos, como no exemplo tirado de *O cortiço*.

O narrador tem diversas funções. A primeira é, conforme já explicamos, a de relatar a história. Uma outra é a função de direção, ou seja, a de marcar as articulações, as conexões, as interrelações da história, a de organizar o texto. Em *O guarani*, de Alencar, diz o narrador:

> É tempo de continuar essa narração interrompida pela necessidade de contar alguns fatos anteriores.
>
> José de Alencar. *O guarani*. 17. ed. São Paulo, Ática, 1992. p. 109.

O narrador indica, assim, que a interrupção feita na narrativa, para relatar acontecimentos ocorridos anteriormente aos fatos que estão sendo narrados e que explicam o comportamento das personagens, está terminada e a narrativa vai continuar.

Outra função do narrador é a de atestar a veracidade dos fatos relatados, o grau de precisão de suas lembranças ou os sentimentos que nele desperta um episódio. No texto abaixo, fragmento do romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, o narrador, depois de relatar seu nascimento, conta como ficou sabendo os fatos que está narrando e explica por que não pode contar certos acontecimentos:

> Digo essas coisas por alto, segundo as ouvi narrar anos depois; ignoro a mor parte dos pormenores daquele famoso dia. Sei que a vizinhança veio ou mandou cumprimentar o recém-nascido, e que durante as primeiras semanas muitas foram as visitas em nossa casa. Não houve cadeirinha que não trabalhasse; aventou-se muita casaca e muito calção. Se não conto os mimos, os beijos, as admirações, as bênçãos, é

porque, se os contasse, não acabaria mais o capítulo, e é preciso acabá-lo.

Item[1], não posso dizer nada do meu batizado, porque nada me referiram a tal respeito, a não ser que foi uma das mais galhardas festas do ano seguinte (...).

Machado de Assis. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo, Ática, 1992. p. 31.

Uma outra função do narrador é a ideológica, aquela em que o narrador comenta a ação, avalia-a do ponto de vista de uma visão de mundo. Neste retrato de Aristarco, o diretor do colégio, o narrador de *O Ateneu* (romance de Raul Pompeia), Sérgio, deixa entrever seu desprezo por um homem que fazia do ofício de educar um comércio:

Nas ocasiões de aparato é que se podia tomar o pulso ao homem. Não só as condecorações gritavam-lhe do peito como uma couraça de grilos: Ateneu! Ateneu! Aristarco todo era um anúncio.

Raul Pompeia. *O Ateneu*. São Paulo, Ática, 1991. p. 13.

O PONTO DE VISTA NARRATIVO

O narrador relata a partir de um dado ponto de vista, focaliza o que está sendo narrado de uma dada maneira. O ponto de vista é, pois, a maneira como são vistos os acontecimentos que estão sendo contados, a compreensão que se tem deles numa determinada altura da narração, o que se sabe ou se conhece dos fatos que ocorrem num determinado momento. É o que se costuma chamar **foco narrativo**. Temos três formas básicas de focalização.

1) Focalização parcial interna — Os fatos são compreendidos a partir do ponto de vista de uma personagem. Nesse caso, o narrador sabe mais que a personagem, mas conta apenas aquilo que a personagem conhece. Em *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, o narrador é Riobaldo. Ele, quando faz o seu relato, já sabe como tudo acaba. No entanto, ele conta a história do ponto de vista do Riobaldo personagem, que, enquanto os fatos aconteciam, não conhecia seu desfecho, não tinha conhecimento de certos dados. Quando Riobaldo se apaixona por Diadorim, seu companheiro de bando, vai-se acompanhando esse acontecimento como um amor homossexual, com a angústia que isso provoca na personagem.

(...) Eu gostava de Diadorim corretamente; gostava aumentado, por demais, separado dos meus sobejos. (...) Ao por tanto, que se ia, conjuntamente, Diadorim e eu, nós dois, como já disse. Homem com homem, de mãos dadas, só se a valentia deles for enorme. Aparecia que nós dois já estávamos cavalhando lado a lado, par a par, a vai-a-vida inteira. Que: coragem — é o que o coração bate; se não, bate falso. Travessia — do sertão — a toda travessia.

Guimarães Rosa. *Grande sertão: veredas*. 22. ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986. p. 469.

A personagem Riobaldo não sabe quem é de fato Diadorim e o que se passa no seu íntimo. Quem sabe todas as coisas é o narrador Riobaldo.

Diadorim persistiu calado, guardou o fino de sua pessoa. Se escondeu; e eu não soubesse. Não sabia que nós dois estávamos desencontrados, por meu castigo. Hoje, eu sei; isto é: padeci. O que era uma estúrdia queixa, e que fosse sobrosso eu pensei. Assim ele acudia por me avisar de tudo, e eu, em quentes me regendo, não dei tino. Homem, sei? A vida é muito discordada. Tem partes. Tem artes. Tem as neblinas de Siruiz. Tem as caras todas do Cão, e as vertentes do viver. (p. 471)

Só no final, a personagem Riobaldo descobre que Diadorim é mulher. O narrador comenta com seu interlocutor, nesse momento da narração, que não disse nada antes, para que ele soubesse “somente no

átimo” em que a personagem soubera, ou seja, ele afirma que respeitou a focalização.

E disse. Eu conheci! Como em todo o tempo antes eu não contei ao senhor — e mercê peço: — mas para o senhor divulgar comigo, a par, justo o travo de tanto segredo, sabendo somente no átimo em que eu também só soube... Que Diadorim era o corpo de uma mulher, moça perfeita... Estarreci. A dor não pode mais do que a surpresa. A coice d’arma, da coronha... (...) Uivei. Diadorim! Diadorim era uma mulher. (p. 560)

No caso da focalização parcial interna, a ação pode ser contada de um ponto de vista de uma só personagem, como em *Grande sertão: veredas*, ou pode variar ao longo da narrativa, quando o mesmo fato é visto do ponto de vista de várias personagens ou quando fatos diferentes são narrados pela ótica das diversas personagens, como em *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, em que, pelo recurso do discurso indireto livre, o ponto de vista varia de Fabiano para Sinha Vitória, para a cachorra Baleia etc. Leia os dois pequenos trechos a seguir:

A) Sinha Vitória desejava possuir uma cama igual à de Seu Tomás da bolandeira. Doidice. Não dizia nada para não contrariá-la, mas sabia que era doidice. Cambembes podiam ter luxo? E estavam ali de passagem. Qualquer dia o patrão os botaria fora, e eles ganhariam o mundo sem rumo, nem teriam meio de conduzir os cacarecos. Viviam de trouxa arrumada, dormiriam bem debaixo de um pau.

Graciliano Ramos. *Vidas secas*. 29. ed. São Paulo, Martins, 1971. p. 59.

B) Baleia respirava depressa, a boca aberta, os queixos desgovernados, a língua pendente e insensível. Não sabia o que tinha sucedido. O estrondo, a pancada que recebera no quarto e a viagem difícil do barreiro ao fim do pátio desvaneciam-se no seu espírito.

Provavelmente estava na cozinha, entre as pedras que serviam de trempe. Antes de se deitar, Sinha Vitória retirava dali os carvões e a cinza, varria com um molho de vassourinha o chão queimado, e aquilo ficava um bom lugar para cachorro descansar. O calor afugentava as pulgas, a terra se amaciava. E, findos os cochilos, numerosos preás corriam e saltavam, um formigueiro de preás invadia a cozinha.

Ibid., p. 133.

Nos dois trechos, o narrador vale-se do discurso indireto livre. No primeiro, temos o ponto de vista de Fabiano a respeito do desejo de Sinha Vitória de ter uma cama como a de Seu Tomás da bolandeira. É ele quem diz que essa vontade era uma doidice, é ele quem pergunta se cambembes podiam ter luxo etc. O episódio é narrado a partir de sua ótica. No segundo, Baleia está agonizando, porque, como estava doente, Fabiano resolvera matá-la com um tiro. Vemos, então, a cena a partir de seu ponto de vista. É ela quem não sabe se está na cozinha, é ela quem vê preás correndo e saltando pela cozinha etc.

2) Focalização parcial externa — Nesse caso, vemos apenas as ações das personagens, mas não sabemos quais são seus pensamentos e sentimentos. Focaliza-se a exterioridade da cena e não se vê a partir do íntimo de uma personagem, o que produz um efeito de sentido de neutralidade e de objetividade.

O exemplo clássico de narração com esse ponto de vista é *O falcão maltês*, de Dashiell Hammett.

O despertador estanhado marcava três e quarenta quando Spade acendeu de novo a luz do lustre. Deixou cair o chapéu e o sobretudo sobre o leito e dirigiu-se à cozinha, voltando ao quarto com um copo e uma garrafa alta de Bacardi. Despejou um trago, e bebeu-o de pé. Pôs a garrafa e o copo sobre a mesa, sentou-se na beirada da cama de frente para eles, e enrolou um cigarro. Tinha bebido o terceiro copo de Bacardi e estava acendendo o quinto cigarro, quando a campainha da porta tocou. Spade suspirou, levantou-se e dirigiu-se ao aparelho telefônico, junto à porta do banheiro, onde apertou o botão que soltava o fecho da porta da rua. Então resmungou: — Diabos a levem — e conservou-se carrancudo, junto à caixa preta do telefone, com a respiração desigual, enquanto uma vermelhidão opaca lhe subia às faces.

Dashiell Hammett. *O falcão maltês*. São Paulo, Nova Cultural, 1988. p. 16-7.

3) Focalização total — Nesse caso, não se veem os acontecimentos nem a partir do exterior nem a partir do íntimo de uma personagem. Quem vê a cena narrada é onisciente (sabe tudo), sabe mais que as personagens, conhece os sentimentos e os pensamentos de cada uma delas. É como se pairasse acima dos acontecimentos, tudo visse e tudo mostrasse ao leitor. A focalização total só pode ocorrer com narrador em terceira pessoa, porque, se uma personagem for o narrador, relatará os acontecimentos a partir de um ponto de vista parcial. Observe este texto de *O guarani*, de Alencar, em que o narrador analisa os sentimentos das três personagens, Loredano, Álvaro e Peri, que amam Cecília.

As cortinas da janela cerraram-se; Cecília tinha-se deitado.

Junto da inocente menina adormecida na isenção de sua alma pura de virgem, velavam três sentimentos profundos, palpitavam três corações bem diferentes.

Em Loredano, o aventureiro de baixa extração, esse sentimento era um desejo ardente, uma sede de gozo, uma febre que lhe requeimava o sangue; o instinto brutal dessa natureza vigorosa era ainda aumentado pela impossibilidade moral que a sua condição criava, pela barreira que se elevava entre ele, pobre colono, e a filha de D. Antônio de Mariz, rico fidalgo de solar e brasão.

(...)

Em Álvaro, cavalheiro delicado e cortês, o sentimento era uma afeição nobre e pura, cheia da graciosa timidez que perfuma as primeiras flores do coração, e de entusiasmo cavalheiresco que tanta poesia dava aos amores daquele tempo de crença e de lealdade.

(...)

Em Peri, o sentimento era um culto, espécie de idolatria fanática, na qual não entrava um só pensamento de egoísmo; amava Cecília não para sentir um prazer ou ter uma satisfação, mas para dedicar-se inteiramente a ela, para cumprir o menor dos seus desejos, para evitar que a moça tivesse um pensamento que não fosse imediatamente uma realidade.

(...)

Assim, o amor se transformava tão completamente nessas organizações, que apresentava três sentimentos bem distintos; um era uma loucura, o outro uma paixão, o último uma religião.

Loredano desejava; Álvaro amava; Peri adorava. O aventureiro daria a vida para gozar; o cavalheiro

arrostaria a morte para merecer um olhar; o selvagem se mataria, se preciso fosse, só para fazer Cecília sorrir.

José de Alencar. *O guarani*. 17. ed. São Paulo, Ática, 1992. p. 51-2.

O mesmo fato — a campanha pelas eleições diretas para presidente da República, em 1984 — visto pela fotografia a partir de três pontos de vista diferentes. Ao lado, uma visão em plano geral, distanciada, onisciente, característica da focalização total e da narração em terceira pessoa. Embaixo, uma visão em plano médio, na qual podemos perceber as ações das personagens envolvidas, narradas com um tom de objetividade característico da focalização parcial externa. Mais abaixo, a visão de quem está dentro dos acontecimentos, de quem participa da ação ou pode sofrer suas consequências diretas, característica da focalização parcial interna e da narração em primeira pessoa.

Fotos de Cristina Villares(Agência Angular), 1984.

A IMAGEM DO LEITOR

Todas as vezes que falamos ou escrevemos, construímos, em nosso texto, de maneira explícita ou implícita, uma imagem de nosso interlocutor ou de nosso leitor. Por exemplo, quando nos dirigimos a alguém, dando explicações sobre fatos muito triviais com um tom condescendente, estamos deixando claro que a imagem que temos de nosso interlocutor é de alguém não muito perspicaz, a quem é preciso explicar com paciência as coisas que todos deveriam saber. Nesse caso, a imagem que criamos é implícita. Será explícita, se dissermos claramente o que pensamos dele.

Num texto escrito, o narrador pode instalar explicitamente um leitor no texto. Ele, muitas vezes, dialoga com esse leitor, que, evidentemente, não se confunde com um leitor de carne e osso. Assim como o narrador é um ser de papel, também esse leitor é um ser de ficção. O narrador cria também uma imagem

desse leitor, quando se dirige a ele. Assim como o narrador pode estar ausente do texto, deixando que os fatos se narrem como que por si mesmos, também esse leitor de papel pode não estar explicitado no texto. Mesmo assim haverá uma imagem de um leitor criado no interior dele.

Observe este texto, extraído de *Esaú e Jacó*, de Machado de Assis, em que o narrador instaura um leitor no texto e fala com ele. Esse ser ficcional é uma mulher jovem ou que, pelo menos, tem um espírito jovem. O narrador diz-lhe que a velhice é um estado de espírito e deve ela negar-se a abandonar a juventude.

(...) Não é que ainda dançasse, mas sabia-lhe bem ver dançar os outros, e tinha agora a opinião de que a dança é um prazer dos olhos. Esta opinião é um dos efeitos daquele mau costume de envelhecer. Não pegues tal costume, leitora. Há outros, também ruins, nenhum pior, este é o péssimo. Deixa lá dizerem filósofos que a velhice é um estado útil pela experiência e outras vantagens. Não envelheças, amiga minha, por mais que os anos te convidem a deixar a primavera; quando muito, aceita o estio. O estio é bom, cálido, as noites são breves, é certo, mas as madrugadas não trazem neblina, e o céu aparece logo azul. Assim dançarás sempre.

Machado de Assis. *Esaú e Jacó*. 4. ed. São Paulo, Ática, 1993. p. 87.

A preocupação em falar a mesma linguagem que o leitor é uma constante na publicidade. Tanto o assunto quanto os termos usados no texto do anúncio ao lado revelam a quem se destina a mensagem.

Anúncio criado pela agência Talent, em 1993.

TEXTO COMENTADO

Os trechos que seguem são fragmentos do romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis:

CAPÍTULO XV

(…) Assim foi que um dia, como eu lhe não pudesse dar certo colar, que ela vira num joalheiro, retorquiu-me que era um simples gracejo, que o nosso amor não precisava de tão vulgar estímulo.

— Não lhe perdoo, se você fizer de mim essa triste ideia, concluiu ameaçando-me com o dedo.

E logo, súbita como um passarinho, espalmou as mãos, cingiu-me com elas o rosto, puxou-me para si e fez um trejeito gracioso, um momo de criança. Depois, reclinada na marquesa, continuou a falar daquilo, com simplicidade e franqueza. Jamais consentiria que lhe comprassem os afetos. (...)

No dia seguinte levei-lhe o colar que havia recusado.

— Para te lembrares de mim, quando nos separarmos, disse eu.

Marcela teve primeiro um silêncio indignado; depois fez um gesto magnífico: tentou atirar o colar à rua. Eu retive-lhe o braço; pedi-lhe muito que não me fizesse tal desfeita, que ficasse com a joia. Sorriu e ficou.

Machado de Assis. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. 18. ed. São Paulo, Ática, 1992. p. 43.

CAPÍTULO XXXVIII

(...) Lembra-vos ainda a minha teoria das edições humanas? Pois sabei que, naquele tempo, estava eu na quarta edição, revista e emendada, mas ainda inçada de descuidos e barbarismos; defeito que, aliás, achava alguma compensação no tipo, que era elegante, e na encadernação, que era luxuosa. Dadas as voltas, ao passar pela rua dos Ourives, consulto o relógio e cai-me o vidro na calçada. Entro na primeira loja que tinha à mão; era um cubículo, — pouco mais, — empoeirado e escuro.

Ao fundo, por trás do balcão, estava sentada uma mulher, cujo rosto amarelo e bexiguento não se destacava logo, à primeira vista; mas logo que se destacava era um espetáculo curioso. Não podia ter sido feia; ao contrário, via-se que fora bonita, e não pouco bonita; mas a doença e uma velhice precoce destruíam-lhe a flor das graças. (...) Crê-lo-eis, pósteros? essa mulher era Marcela. (...)

Marcela lançou os olhos para a rua, com a atonia de quem reflete ou relembra; eu deixei-me ir então ao passado, e, no meio das recordações e saudades, perguntei a mim mesmo por que motivo fizera tanto desatino. Não era esta certamente a Marcela de 1822; mas a beleza de outro tempo valia uma terça parte dos meus sacrifícios? Era o que eu buscava saber, interrogando o rosto de Marcela. O rosto dizia-me que não; ao mesmo tempo os olhos me contavam que, já outrora, como hoje, ardia neles a flama da cobiça. Os meus é que não souberam ver-lha; eram olhos da primeira edição.

Id., ibid., p. 70.

Nessa obra de Machado, a narrativa é em primeira pessoa. O narrador toma a palavra e conta fatos que aconteceram com ele: sua paixão por Marcela e seu encontro com ela, depois de alguns anos. Quando jovem, tornou-se amante de Marcela e começou a endividarse para dar-lhe presentes caros. No momento em que seu pai ficou sabendo de tudo, pagou as dívidas e mandou-o estudar na Europa.

A focalização é parcial interna. Vejamos. A história é contada por Brás Cubas, mas do ponto de vista do Brás Cubas personagem. Assim, na ocasião em que ele se apaixona por Marcela não percebe que ela quer apenas seu dinheiro e não o ama. Ao contrário, para ele, Marcela não queria presentes caros, zangava-se se ele lhe dava algum. No entanto, ela acabava por recebê-los, segundo ele, para agradar-lhe. O jovem Brás Cubas não percebe que essa aparência não corresponde à realidade.

No segundo texto, em que se relata o encontro do narrador com Marcela, temos a perspectiva do homem maduro sobre o que acontecera. Explicita, então, essa diferença de perspectiva, dizendo que nos olhos dela ardia, como sempre ardeu, a flama da cobiça, mas que ele não a soubera ver, como via agora.

Mostra essa diferença de perspectiva com a bela metáfora da teoria das edições. Diz que o ser humano é como um livro, com muitas edições, que vai sendo corrigido, emendado, melhorado a cada uma delas. Na primeira, tem muitos defeitos, não consegue compreender bem as coisas que se passam. À medida que a experiência aumenta, vai tendo outra visão das coisas, vai percebendo aquilo que não percebera antes. A diferença de ponto de vista que o homem tem, ao longo de sua vida, resulta do amadurecimento.

O narrador sabe mais que a personagem, pois, quando conta sua paixão por Marcela, já sabe o que aconteceu depois. No entanto, respeita a focalização: a personagem no momento em que vivia sua paixão por Marcela não sabia que ela era interesseira, não conhecia o desfecho do que ela julgava ser uma grande paixão. A focalização parcial interna restringe a apresentação dos fatos ao nível do conhecimento da personagem. Essa visão do que se passara se amplia mais tarde numa demonstração da teoria das edições humanas e o narrador coteja os dois pontos de vista sobre os acontecimentos.

LIÇÃO 12 EXERCÍCIOS

Como vimos, o narrador deixa, espalhados pelo texto narrado, indícios de sua presença (implícitos ou explícitos).

O texto que segue é uma crônica curiosa de Carlos Drummond de Andrade. Nela há dois narradores: um (João Alves) que redigiu um anúncio para o jornal do seu povoado à procura de uma besta (uma mula) desaparecida alguns dias antes da publicação do anúncio; outro (Drummond) que se põe a comentar, admirado, as notáveis qualidades do texto do narrador João Alves.

ANÚNCIO DE JOÃO ALVES

Figura o anúncio em um jornal que o amigo me mandou, e está assim redigido:

À procura de uma besta. — A partir de 6 de outubro do ano cadente, sumiu-me uma besta vermelho-escura com os seguintes característicos: calçada e ferrada de todos os membros locomotores, um pequeno quisto na base da orelha direita e crina dividida em duas seções em consequência de um golpe, cuja extensão pode alcançar de 4 a 6 centímetros, produzido por jumento.

Essa besta, muito domiciliada nas cercanias deste comércio, é muito mansa e boa de sela, e tudo me induz ao cálculo de que foi roubada, assim que hão sido falhas todas as indagações.

Quem, pois, apreendê-la em qualquer parte e a fizer entregue aqui ou pelo menos notícia exata ministrar, será razoavelmente remunerado.

Itambé do Mato Dentro, 19 de novembro de 1899. (a) *João Alves Júnior*.

55 anos depois, prezado João Alves Júnior, tua besta vermelho-escura, mesmo que tenha aparecido, já é pó no pó. E tu mesmo, se não estou enganado, repousas suavemente no pequeno cemitério de Itambé. Mas teu anúncio continua um modelo no gênero, se não para ser imitado, ao menos como objeto de admiração literária.

Reparo antes de tudo na limpeza de tua linguagem. Não escreveste apressada e toscamente, como seria de esperar de tua condição rural. Pressa, não a tiveste, pois o animal desapareceu a 6 de outubro, e só a 19 de novembro recorreste à *Cidade de Itabira*. Antes, procedeste a indagações. Falharam. Formulaste depois um raciocínio: houve roubo. Só então pegaste da pena, e traçaste um belo e nítido retrato da besta.

Não disseste que todos os seus cascos estavam ferrados; preferiste dizê-lo “de todos os seus membros locomotores”. Nem esqueceste esse pequeno quisto na orelha e essa divisão da crina em duas seções, que teu zelo naturalista e histórico atribui com segurança a um jumento.

Por ser “muito domiciliada nas cercanias deste comércio”, isto é, do povoado e sua feirinha semanal, inferiste que não teria fugido, mas antes foi roubada. Contudo, não o afirmas em tom peremptório: “tudo me induz a esse cálculo”. Revelas aí a prudência mineira, que não avança (ou não avançava) aquilo que não seja a evidência mesma. É cálculo, raciocínio, operação mental e desapaixonada como qualquer outra, e não denúncia formal.

Finalmente — deixando de lado outras excelências de tua prosa útil — a declaração final: quem a apreender ou pelo menos “notícia exata ministrar”, será “razoavelmente remunerado”. Não prometes recompensa tentadora; não fazes praças de generosidade ou largueza; acenas com o razoável, com a justa medida das coisas, que deve prevalecer mesmo no caso de bestas perdidas e entregues.

Já é muito tarde para sairmos à procura de tua besta, meu caro João Alves do Itambé; entretanto essa criação volta a existir, porque soubeste descrevê-la com decoro e propriedade, num dia remoto, e o

jornal a guardou e alguém hoje a descobre, e muitos outros são informados da ocorrência. Se lesses os anúncios de objetos e animais perdidos, na imprensa de hoje, ficarias triste. Já não há essa precisão de termos e essa graça no dizer, nem essa moderação nem essa atitude crítica. Não há, sobretudo, esse amor à tarefa bem feita, que se pode manifestar até mesmo num anúncio de besta sumida.

Para Gostar de Ler: Crônicas. São Paulo, Ática, 1980, v. 5, p. 21.

QUESTÃO 1

O texto de João Alves, transcrito no início da crônica, é apropriado para ilustrar a diferença entre autor (João Alves em pessoa) e narrador (aquele que se mostra a partir do fato que narra). Levando isso em conta, procure responder:

a) Qual era a intenção do cidadão João Alves, o obscuro morador de Itambé do Mato Dentro, ao redigir o anúncio para o jornal do povoado?

b) Não se sabe se o cidadão João Alves recuperou ou não sua mula perdida, mas o narrador João Alves saiu da obscuridade e sua fama transpôs os limites do seu povoado porque ele, enquanto narrador, produziu, com seu texto, um resultado provavelmente não planejado, mas de fato executado. Que resultado foi esse?

QUESTÃO 2

a) O cronista não conhece o cidadão João Alves e talvez nunca irá conhecê-lo. Qual é a passagem do texto que permite fazer essa afirmação?

b) Apesar de não conhecê-lo como pessoa, o cronista dialoga com João Alves durante toda a crônica, chamando-o de *tu* (pronome que indica a pessoa com quem se fala). Sob que ponto de vista João Alves está vivo a ponto de ser o interlocutor do cronista?

QUESTÃO 3

Após a transcrição do texto encontrado no jornal de Itambé, o cronista se põe a comentar, uma por uma, as diferentes manipulações de linguagem que marcam a presença do narrador na construção do texto narrado.

Logo no início do comentário, o cronista faz três observações: uma sobre a besta; outra sobre o proprietário da besta; outra sobre o próprio anúncio.

Em que consiste cada observação?

QUESTÃO 4

O narrador, ao comentar o anúncio de João Alves, deixa transparecer um ar de simpatia e de carinho por ele. Transcreva duas passagens em que estão implícitos tais sentimentos.

QUESTÃO 5

O narrador, ao comentar a linguagem usada no anúncio, mostra-se surpreso.

a) Qual a razão da surpresa?

b) Transcreva a passagem que fala dessa surpresa.

QUESTÃO 6

"Reparo antes de tudo na limpeza de tua linguagem."

Que sentido se pode atribuir a *limpeza* neste contexto?

QUESTÃO 7

Uma das qualidades apontadas no texto de João Alves é a ausência de pressa.

Qual é o dado que funciona como indício dessa ausência?

QUESTÃO 8

Ao dizer *"... traçaste um belo e nítido retrato da besta"*, o narrador-comentarista faz elogios a João Alves pela sua competência de descrever o animal.

Logo a seguir põe em relevo qualidades dessa descrição. Cite ao menos uma delas.

QUESTÃO 9

"Nem esqueceste esse pequeno quisto na orelha e essa divisão da crina em duas seções, que teu zelo naturalista e histórico atribui com segurança a um jumento."

O que quer dizer o comentarista com

a) zelo naturalista?

b) zelo histórico?

QUESTÃO 10

Uma das qualidades do raciocínio de João Alves é a *"prudência mineira"*, que *"não avança (ou não avançava) aquilo que não seja a evidência mesma"*.

a) O que o comentarista quer dizer com *"não avança"*?

b) Por que a hesitação entre *avança* (no presente) e *avançava* (no passado)?

QUESTÃO 11

O narrador-comentarista elogia João Alves pelo fato de não fazer afirmações em tom peremptório, isto é, em caráter definitivo e irrevogável. Além disso, destaca certas propriedades da sua conduta mental: *"É cálculo, raciocínio, operação mental e desapaixonada como qualquer outra, e não denúncia formal"*.

Levando esses dados em conta, tente responder:

a) Qual é o procedimento mental valorizado como positivo?

b) Qual é o procedimento considerado como negativo?

QUESTÃO 12

Entre as hipóteses de fuga ou roubo, o narrador concorda com João Alves que a possibilidade de roubo é mais aceitável.

Por quê?

QUESTÃO 13

Para compreender o significado de certas palavras ou expressões não basta consultar o dicionário. É preciso, além disso, levar em conta o contexto em que ocorrem. Considerando esse dado, qual é o significado que se pode atribuir à expressão *"fazer praça de generosidade ou largueza"* na seguinte passagem: *"Não prometes recompensa tentadora; não fazes praças de generosidade ou largueza..."* ?

QUESTÃO 14

No final, entre as várias qualidades do texto de João Alves, o narrador põe em destaque uma.

a) Qual é essa qualidade?

b) Qual é a palavra que dá a essa qualidade maior importância que às demais?

QUESTÃO 15

Levando em conta o significado global do texto, pode-se afirmar que:

a) segundo o comentário do narrador, o texto de João Alves vale mais pela escolha das palavras do que pela veracidade das suas afirmações.

b) o texto de João Alves destaca-se mais pelo modo de dizer do que pelo que diz.

c) o que mais impressiona no texto de João Alves é o cuidado com seu animal de estimação.

d) embora originário da zona rural, a cultura de João Alves era superior à das pessoas da cidade.

e) a prosa de João Alves não deve ser imitada mas sim admirada.

PROPOSTAS DE REDAÇÃO

1) Sabe-se que o narrador, ao construir o seu relato, deixa nele marcas do seu ponto de vista acerca do fato relatado.

Em outras palavras, a forma de narrar interfere na significação do episódio relatado.

Na proposta de redação que vem a seguir, extraída do vestibular da Unicamp, estão expostas várias formas distintas de narrar o mesmo fato. Procure optar por uma delas, levando em conta suas particularidades.

TEMA

Escolha um dos fragmentos do texto constantes na coletânea abaixo, e redija uma *narração*, isto é, um texto em que você contará uma história, na qual se encaixe o fragmento escolhido. Elabore a sua redação de acordo com a significação representada pelo fragmento que escolheu.

COLETÂNEA

Fragmento 1: "A vizinha sai de casa todos os dias às 5 horas da tarde".

Fragmento 2: "Dizem que a vizinha sai de casa todos os dias às 5 da tarde".

Fragmento 3: "A vizinha? Sai de casa todos os dias às 5 horas da tarde..."

Fragmento 4: "A vizinha sai de casa todos os dias às 5 horas da tarde?"

Fragmento 5: "A vizinha sai de casa todos os dias às 5 horas da tarde!"

2) O narrador, ao construir o seu texto, relata os acontecimentos a partir de sua visão de mundo, de suas concepções e de seus condicionamentos.

É o que vem ilustrado nesta passagem de Fernando Pessoa:

O Tejo é mais belo que o rio que corre
[pela minha aldeia,
Mas o Tejo não é mais belo que o rio
[que corre pela minha aldeia
Porque o Tejo não é o rio que corre pela
[minha aldeia...

Fernando Pessoa. *Poemas de Alberto Caeiro*. Lisboa, Ática, 1958. p. 44.

Confronte agora o texto de Fernando Pessoa com o texto que vem a seguir:

Revista da Folha, 1.. abr. 1993.

Elabore um texto narrativo, de acordo com as seguintes instruções:

a) O narrador do primeiro texto deve ser personagem do texto narrado (foco em 1ª pessoa) com a mesma ideologia expressa aí.

b) Outra personagem deve ser um cidadão que, dentro de sua pátria, prefere usar *keds* em vez de quédis.

c) O conflito entre as duas formas de ver o mundo deve ficar claro no percurso do texto.

1 item: da mesma forma.

LIÇÃO 13

Fumar cachimbo na poltrona do escritório indica circunspecção e tranquilidade; no volante de um veículo, extravagância; no interior de um quarto de hospital, desrespeito e insensibilidade. No mundo mágico da ficção, o lugar interfere no significado das ações da personagem.

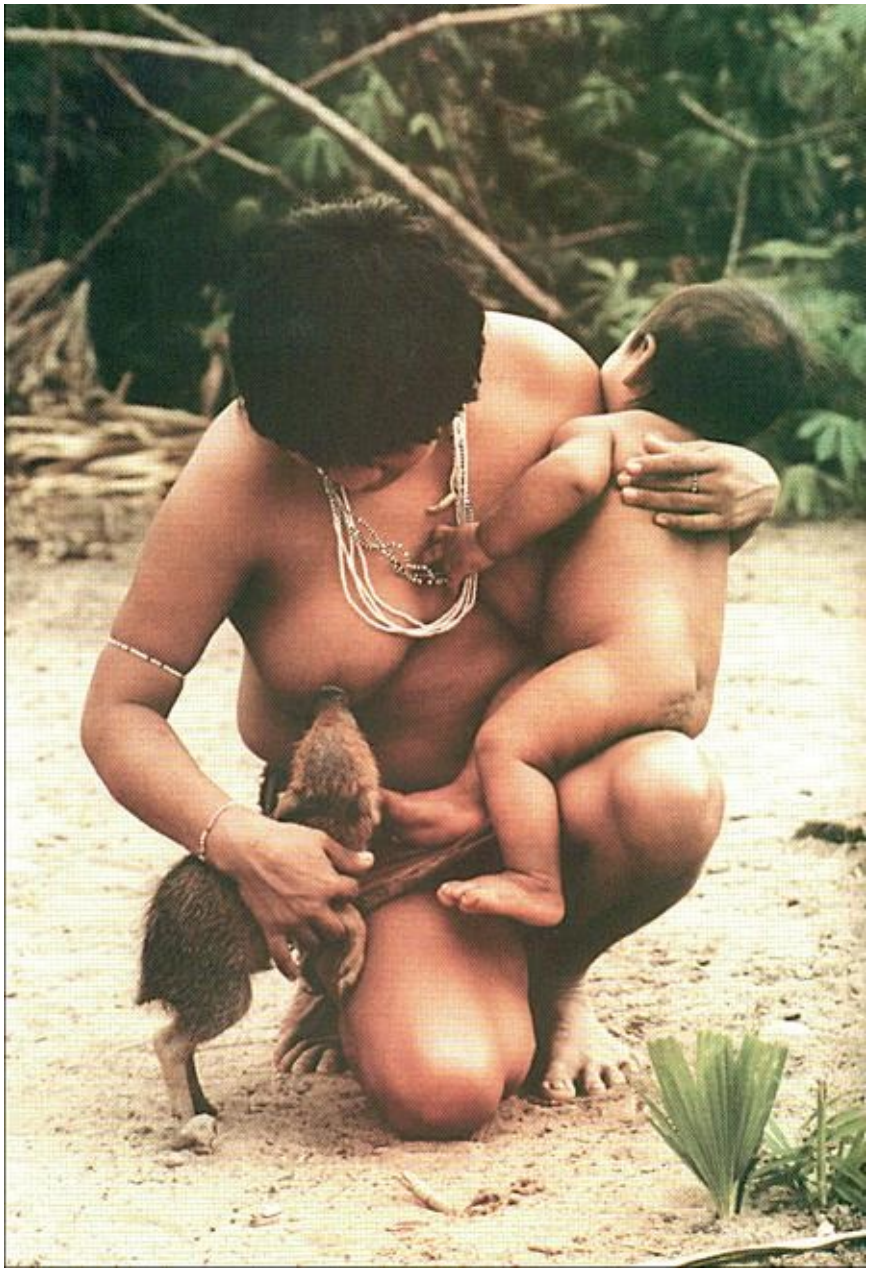

A harmonia entre a jovem mãe índia e seu ambiente é tal que ela chega a alimentar um animal silvestre com o leite de seu próprio seio. Nesta foto, a relação entre personagem e espaço atinge um grau quase mágico de identidade.
Foto de Pisco del Gaiso(*Folha de S. Paulo*), de 1992.

LIÇÃO 13

PERSONAGENS E ESPAÇO

Ilustração de Anita Malfatti para o romance *Iracema*.

Leia o texto abaixo, passagem do romance *Iracema*, de José de Alencar:

Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira.

O favo da jati[1] não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.

Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.

Um dia, ao pino do sol, ela repousava em um claro da floresta. Banhava-lhe o corpo a sombra da oiticica, mais fresca que o orvalho da noite. Os ramos da acácia silvestre esparziam flores sobre os úmidos cabelos. Escondidos na folhagem, os pássaros ameigavam o canto.

Iracema saiu do banho; o aljôfar [2] d'água ainda a roreja[3], como à doce mangaba que corou em manhã de chuva. Enquanto repousa, empluma das penas do gará[4] as flechas de seu arco, e concerta com o sabiá da mata, pousado no galho próximo, o canto agreste.

A graciosa ará[5], sua companheira e amiga, brinca junto dela. Às vezes sobe aos ramos da árvore e de lá chama a virgem pelo nome; outras, remexe o uru[6] de palha matizada, onde traz a selvagem seus perfumes, os alvos fios do crautá[7], as agulhas da juçara com que tece a renda, e as tintas de que matiza o algodão.

José de Alencar. *Iracema*. 26. ed. São Paulo, Ática, 1992. p. 16-7.

AS PERSONAGENS

Nesse texto, o narrador apresenta ao leitor a personagem Iracema. Como ele a constrói? Começa por dar-lhe um nome próprio, Iracema, que significa "lábios de mel" (do tupi *ira* = mel, e *tembe*, que na composição passa a *ceme* = lábios), e por dizer onde nasceu, num lugar longínquo e um tanto quanto indeterminado. Em seguida, descreve-a, atribuindo-lhe uma série de traços qualificacionais. Compara-os com elementos da natureza, para mostrar que, na personagem, eles eram, em geral, mais intensos que no mundo que a cercava: seus cabelos eram mais negros que a asa da graúna, seu talhe era como o de uma palmeira, seu sorriso era mais doce do que o favo da jati (= uma pequena abelha), seu hálito era mais perfumado do que a baunilha, ela era mais veloz que a ema selvagem, mal tocava a relva quando corria, seu pé era gracioso. Nos três últimos parágrafos, mostra que a personagem vivia em perfeita harmonia com a natureza: a sombra da oiticica, mais fresca que o orvalho da noite, cobria-lhe o corpo; as acácias silvestres espalhavam flores sobre seus cabelos; os pássaros tornavam seu canto mais doce, ela canta juntamente com o sabiá da mata; uma ará (= periquito) fazia-lhe companhia, não tendo nenhum temor dela. O narrador atribui todos esses traços à personagem para mostrar que ela é um elemento da natureza americana. Isso tem importância central no livro, pois Iracema vai ter um filho, Moacir, com o português Martim. Dessa forma, cria-se uma fábula do surgimento da raça brasileira: a natureza americana penetrada pelo colonizador português faz surgir uma raça mestiça.

Uma das funções do narrador é povoar o texto de personagens. Para começar a entender o que é uma personagem, é preciso distingui-la de pessoa. Pessoa é um ser vivo, de carne e osso; personagem é um ser ficcional, um ser de papel. Aquela habita o mundo; esta, o texto. É preciso não confundir essas duas instâncias. Certos atores de telenovelas que interpretam personagens más contam que, muitas vezes, são xingados e mesmo agredidos nas ruas por alguns telespectadores, que misturam ficção e vida real, personagem e pessoa:

A reação do público não foi tão amena assim quando Marcos Paulo interpretou um dos maiores papéis de sua carreira — o protagonista da minissérie "Primo Basílio", que destrói o casamento e a vida da prima.

"Uma velhinha me parou na rua e, com ódio nos olhos, disse 'eu te odeio'", lembra o ator.

Ele também sofreu quando viveu o malvado advogado Sérgio Santarém na novela global "Despedida de Solteiro".

O ator conta que, quando foi comprar uma bicicleta para sua filha, uma cliente disse para a balconista: "Quando esse homem sair daqui, eu volto".

TV Folha. *Folha de S. Paulo*, :6, 25 dez. 1995.

A personagem do texto linguístico não existe fora das palavras, é uma construção do narrador. Mas existe alguma relação entre as personagens e as pessoas reais? Sim, de certa forma, elas simulam pessoas, representam as paixões, as ações, as manipulações presentes no universo humano. No entanto, é preciso entender bem o que significa dizer que as personagens são simulacros de pessoas. Elas não são a imitação de um determinado ser efetivamente existente, com CIC e RG, mas são a representação de alguém que poderia perfeitamente existir no mundo real. O narrador vai construindo, diante dos olhos do leitor, de acordo com as exigências particulares do texto, a personagem.

Se a personagem é uma construção de palavras e não uma cópia da realidade, não precisa ser verídica, mas verossímil. Um dos conceitos de verdade é o de adequação à realidade. Ora, se a personagem precisasse ser verídica, deveria ser a cópia de uma pessoa. No entanto, ela precisa ser verossímil, ou seja, ser adequada ao conjunto de relações que se constituem na obra. O narrador não reproduz o que existe, mas compõe possibilidades. Nos romances de aventura, como os de James Bond, o agente 007 vive aventuras incríveis, como, por exemplo, equilibrar-se em cima de um avião voando. Esses acontecimentos não são verdadeiros, mas são verossímeis dentro do romance de aventura, pois a lógica desse gênero exige que o herói vença seus inimigos em lutas acima das possibilidades do ser humano normal. Uma personagem não é, pois, uma cópia de pessoas efetivamente existentes. Por outro lado, ela não é também a representação do universo psicológico ou social do autor. Por exemplo, uma personagem revoltada com sua condição social não indica que seu criador seja inconformado com sua posição social. Uma personagem é um simulacro feito de palavras, que contém as possibilidades das ações e paixões do ser humano.

A melindrosa, personagem criada pelo cartunista J. Carlos, representando a moça dos anos 20.

Um texto é, como já dissemos, um tecido, o que quer dizer que é um universo organizado, coerente, lógico. Nele, portanto, todos os elementos devem estar interligados. Assim, as personagens estão ligadas aos demais elementos do texto, como, por exemplo, tempo, espaço, ações. É isso que confere a elas verossimilhança. Por exemplo, num romance como *Iracema*, que pretende falar do surgimento da raça brasileira, não se pode pensar que as personagens que dão origem a ela sejam um casal de portugueses; é preciso que o filho desse casal seja mestiço e, portanto, Iracema deve ser uma índia. Sendo uma índia e não uma europeia, deve ser retratada como um elemento da natureza e não como produto de uma longa tradição cultural. Daí, as comparações com a natureza para traçar seu perfil.

As personagens podem ser tipos ou não. As personagens que não são tipos são multifacetadas, expressam toda a contradição presente no ser humano, unem contrários, evoluem ao longo da trama,

representam a totalidade social ou individual que é sempre cheia de contradições. São fortes e fracas, capazes de grandes gestos e de baixezas e mesquinharias, têm virtudes e defeitos. Heitor, o herói troiano da *Ilíada*, é extremamente corajoso, mas tem medo de morrer. Aquiles lamenta ter aceitado morrer jovem e heroico em vez de velho e medíocre. As personagens-tipo são aquelas que não apresentam contradições, são compostas em torno de uma só característica ou ideia. São aquelas que são só más, só boazinhas, só corajosas, só medrosas etc. Embora quem abuse dos tipos seja a literatura de massa (histórias em quadrinhos, telenovelas, fotonovelas etc.), que, em geral, não constrói nenhuma personagem mais complexa, os grandes escritores também construíram tipos, que, servindo de contraponto a personagens complexas, mostravam algum aspecto de uma sociedade ou uma característica específica de um conjunto de seres humanos. Em *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, o narrador constrói personagens de uma extrema complexidade (por exemplo, Bentinho, Capitu, Escobar, personagens centrais da trama, em quem, real ou supostamente, convivem, respectivamente, confiança e desconfiança, amor e infidelidade, amizade e traição) e, ao lado delas, compõe a personagem-tipo José Dias, o agregado, que vive de favores e que passa a vida a agradar os que o sustentam. Em *O primo Basílio*, de Eça de Queirós, encontramos o Conselheiro Acácio, tipo de espírito medíocre, pomposo, meticuloso, sentencioso, solene. O tipo ficou tão famoso que o adjetivo *acaciano*, em português, tem o valor semântico de "pomposidade vazia", de "lugar-comum dito com solenidade", de "constatação óbvia". Quando se exagera na caracterização do tipo, geralmente com intenções satíricas, temos a caricatura. A personagem Sinhozinho Malta, representada por Lima Duarte na novela *Roque Santeiro*, é a caricatura dos chamados coronéis nordestinos.

Como se compõe uma personagem? Em primeiro lugar, cabe dizer que o narrador coloca no texto um *eu*, quando quem narra é também personagem, já que *eu* se refere à pessoa que fala, e vários *ele*, pessoas de quem o narrador fala, cuja história nos conta. Assim, as personagens são o narrador e "pessoas" de quem ele fala ou, quando ele não é também personagem, só "pessoas" de quem ele fala. Iracema é um *ele*, "pessoa" de quem fala o narrador. Ponciano de Azeredo Furtado (*O coronel e o lobisomem*, de José Cândido de Carvalho) é uma personagem *eu*, porque é o narrador a contar sua vida. Observe o trecho com que ele inicia sua história:

> A bem dizer, sou Ponciano de Azeredo Furtado, coronel de patente, do que tenho honra e faço alarde. Herdei do meu avô Simeão terra de muitas medidas, gado do mais gordo, pasto do mais fino. Leio no corrente da vista e até uns latins arranhei em tempos verdes da infância, com uns padres-mestres a dez tostões por mês. Digo, modéstia de lado, que já discuti e joguei no assoalho do Foro mais de um doutor formado. Mas disso não faço glória, pois sou sujeito lavado de vaidade, mimoso no trato, de palavra educada.
>
> José Cândido de Carvalho. *O coronel e o lobisomem*. 8. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1971. p. 3.

Uma personagem exerce, na narrativa, vários papéis, que podem ser resumidos por substantivos como, por exemplo, *pai*, *mãe*, *filho*, *amante*, *pescador*, *aluno* etc. Esses papéis vão sendo compostos ao longo do texto. Ademais, o narrador cria uma figura da personagem: dá-lhe um nome próprio (às vezes, a personagem não tem nome para mostrar que ela vale apenas enquanto papel social — a criada, por exemplo —, ou para mostrar que ela não é um ser humano pleno: em *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, os filhos de Fabiano e de Sinha Vitória são chamados apenas *menino mais velho* e *menino mais novo*, o que está bem adequado ao tema da degradação do ser humano retratado no romance); pode descrever seus traços físicos ou morais, suas roupas, sua linguagem, seus gestos etc. Em síntese, uma personagem é criada traço a traço ao longo da obra, por meio de traços qualificacionais (dados na descrição de gestos, características físicas ou morais etc.) ou funcionais (representados pelos papéis e depreendidos do relato

das ações e das falas das personagens). É no jogo da linguagem, portanto, que a personagem se materializa, ganha vida.

Sobre os nomes das personagens, é preciso ainda dizer que, muitas vezes, eles fazem parte da própria composição da personagem, tendo quase que um valor de nome comum. Por exemplo, *Iracema* significa "lábios de mel", como já dissemos. O nome faz parte dessa personagem integrada à natureza, que se caracteriza pela comparação com elementos do mundo natural. Em *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, opõem-se as personagens que habitam o cortiço às que vivem no sobrado. Os nomes destas indicam sempre o que está no alto: Miranda (do latim *miranda*, gerundivo do verbo *miror* = o que deve ser admirado), Estela (do latim *stella* = estrela), Zulmira (= a excelsa), Henriquinho (do radical *rik* = poderoso, rico, príncipe).

OS ESPAÇOS

Leia os dois textos abaixo. O primeiro é um fragmento de um poema de Casimiro de Abreu, o segundo, uma passagem de um conto de Eça de Queirós.

a) Eu nasci além dos mares:
Os meus lares,
Meus amores ficam lá!
— Onde canta nos retiros
Seus suspiros,
Suspiros o sabiá!

Casimiro de Abreu. *Poesia*. 4. ed. Rio de Janeiro, Agir, 1974. p. 11.

b) Na clareira, em frente à mouta que encobria o tesouro (e que os três tinham desbastado a cutiladas), um fio d'água, brotando entre as rochas, caía sobre uma vasta laje escavada, onde fazia como um tanque claro e quieto, antes de se escoar para as relvas altas. E ao lado, na sombra de uma faia, jazia um velho pilar de granito, tombado e musgoso.

Eça de Queirós. *Obras*; O tesouro. Porto, Lello, 1966. v. 1, p. 763.

No primeiro texto, o poeta fala de um *lá* distinto do *aqui*, implícito, em que ele se encontra (lembramos que *aqui* é o lugar em que se acha aquele que fala). O espaço de um texto pode, então, organizar-se a partir do ponto em que fala o narrador, em *aqui* e *lá*. No segundo texto, o espaço é organizado a partir de pontos instalados no texto: a clareira estava em frente à moita em que estava o tesouro; o velho pilar de granito estava ao lado do tanque.

O narrador cria os espaços onde se movem as personagens. São organizados em função do lugar em que fala o narrador ou de um ponto instalado no interior do texto. Os espaços podem ser coincidentes ou não com esses marcos espaciais. Por exemplo, um *lá* não coincide com o espaço em que se encontra o falante, é um lugar diverso daquele em que o falante se acha.

Esses espaços são figurativizados. Eles são altos ou baixos (por exemplo, montanhas ou vales), interiores ou exteriores (por exemplo, casas e jardins), luxuosos ou rústicos, cidades ou campos etc. No poema "Vou-me embora pra Pasárgada", de Manuel Bandeira, o *lá* é figurativizado como Pasárgada, cidade lendária da antiga Pérsia, lugar onde o poeta é amigo do rei, tem a mulher que quiser na cama que escolher, pode andar de bicicleta, subir no pau de sebo etc.

Essas figuras estão correlacionadas aos temas do prazer, da inconsequência, da liberdade presentes na

infância. Pasárgada é, pois, o espaço de evasão da realidade cotidiana triste e rotineira. Leia um trecho do poema:

Vou-me embora pra Pasárgada
Lá sou amigo do rei
Lá tenho a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada

Vou-me embora pra Pasárgada
Aqui eu não sou feliz
Lá a existência é uma aventura
De tal modo inconsequente
Que Joana a Louca de Espanha
Rainha e falsa demente
Vem a ser contraparente
Da nora que nunca tive

E como farei ginástica
Andarei de bicicleta
Montarei em burro brabo
Subirei no pau de sebo
Tomarei banhos de mar!

E quando estiver cansado
Deito na beira do rio

Mando chamar a mãe-d'água
Pra me contar as histórias
Que no tempo de eu menino
Rosa vinha me contar
Vou-me embora pra Pasárgada

Ilustração de Aldemir Martins para edição especial de *Pasárgada*.
Manuel Bandeira. Poesia completa e prosa. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1983. p 222.

Os espaços, numa narrativa, não precisam ter veracidade geográfica. Assim como as personagens, eles não são cópias do real. No filme *Morte sobre o Nilo*, cujo roteiro foi extraído do livro de mesmo nome, escrito por Agatha Christie, as personagens estão hospedadas num hotel que se situa em Assuã e pegam uma charrete para fazer uma excursão de um dia nas ruínas de Luxor. Ocorre que um lugar dista mais de 200 quilômetros do outro e são apresentados como se estivessem a poucos quilômetros um do outro. Isso não tem nenhuma importância, dado que na composição do espaço não se busca a veracidade. O que o narrador procura construir, em geral, é uma correlação entre espaço e comportamento das personagens, entre figurativização do espaço e certos temas. Por exemplo, num texto poder-se-ia opor o porão ao telhado. Àquele poderiam correlacionar-se a irracionalidade, o medo, o mistério, o lado oculto e sinistro das personagens; a este, a liberdade e a racionalidade.

Em certos textos, o espaço pode ter uma importância menor; em outros, tem um papel determinante. Há casos em que as personagens são submetidas à tirania do meio. Por exemplo, em *O cortiço*, o português trabalhador e metódico torna-se, quando vem para os trópicos, indolente e indisciplinado. Isso está de acordo com o postulado naturalista de que um dos fatores que determinam o comportamento humano é o meio.

Acima, *Tajás*, foto de Luiz Braga, de 1988. Abaixo, *Poloneses no Paraná, Colônia Santana*, foto de João Urban, de 1987.

As duas fotos pertencem ao acervo da Coleção MASP/Pirelli de Fotografia, São Paulo.

Dois exemplos de fotos que revelam uma relação de identidade entre a personagem e o ambiente. Ao lado, a imagem de uma moradora do Pará, em sua casa pintada de cores vivas e cercada por uma vegetação exuberante. Abaixo, o interior da casa de uma colônia de poloneses no Paraná, num ambiente caracterizado pela profusão de pequenos objetos cuidadosamente arranjados nas paredes.

TEXTO COMENTADO

Pintura de Albert Eckhout, do século XVII.

O texto abaixo é um fragmento do romance *O guarani*, de José de Alencar:

CENÁRIO

De um dos cabeços da *Serra dos Órgãos* desliza um fio de água que se dirige para o norte, e engrossado com os mananciais, que recebe no seu curso de dez léguas, torna-se rio caudal.

É o *Paquequer*: saltando de cascata em cascata, enroscando-se como uma serpente, vai depois se espreguiçar na várzea e embeber no Paraíba, que rola majestosamente em seu vasto leito.

Dir-se-ia que, vassalo e tributário desse rei das águas, o pequeno rio, altivo e sobranceiro contra os rochedos, curva-se humildemente aos pés do suserano. Perde então a beleza selvática; suas ondas são

calmas e serenas como as de um lago, e não se revoltam contra os barcos e as canoas que resvalam sobre elas: escravo submisso, sofre o látego[8] do senhor.

Não é neste lugar que ele deve ser visto; sim três ou quatro léguas acima de sua foz, onde é livre ainda, como o filho indômito desta pátria da liberdade.

Aí, o *Paquequer* lança-se rápido sobre o seu leito, e atravessa as florestas como o tapir, espumando, deixando o pelo esparso pelas pontas do rochedo, e enchendo a solidão com o estampido de sua carreira. De repente, falta-lhe o espaço, foge-lhe a terra; o soberbo rio recua um momento para concentrar as suas forças, e precipita-se de um só arremesso, como o tigre sobre a presa.

Depois, fatigado do esforço supremo, se estende sobre a terra, e adormece numa linda bacia que a natureza formou, e onde o recebe como em um leito de noiva, sob as cortinas de trepadeiras e flores agrestes.

A vegetação nestas paragens ostentava outrora todo o seu luxo e vigor; florestas virgens se estendiam ao longo das margens do rio, que corria no meio das arcarias de verdura e dos capitéis formados pelos leques das palmeiras.

Tudo era grande e pomposo no cenário que a natureza, sublime artista, tinha decorado para os dramas majestosos dos elementos, em que o homem é apenas um simples comparsa.

No ano da graça de 1604, o lugar que acabamos de descrever estava deserto e inculto; a cidade do Rio de Janeiro tinha-se fundado havia menos de meio século, e a civilização não tivera tempo de penetrar o interior.

Entretanto, via-se à margem direita do rio uma casa larga e espaçosa, construída sobre uma eminência, e protegida de todos os lados por uma muralha de rocha cortada a pique.

A esplanada, sobre que estava assentado o edifício, formava um semicírculo irregular que teria quando muito cinquenta braças quadradas; do lado do norte havia uma espécie de escada de lajedo feita metade pela natureza e metade pela arte.

Descendo dois ou três dos largos degraus de pedra da escada, encontrava-se uma ponte de madeira solidamente construída sobre uma fenda larga e profunda que se abria na rocha. Continuando a descer, chegava-se à beira do rio, que se curvava em seio gracioso, sombreado pelas grandes gameleiras[9] e angelins[10] que cresciam ao longo das margens.

Aí, ainda a indústria do homem tinha aproveitado habilmente a natureza para criar meios de segurança e defesa.

De um e outro lado da escada seguiam dois renques de árvores, que, alargando gradualmente, iam fechar como dois braços o seio do rio; entre o tronco dessas árvores, uma alta cerca de espinheiros tornava aquele vale impenetrável.

José de Alencar. *O guarani.* 17. ed. São Paulo, Ática, 1992. p. 15-6.

O texto é uma descrição do cenário onde está situada a casa de d. Antônio de Mariz, fidalgo português, que fora um dos fundadores da cidade do Rio de Janeiro, e onde se passarão os acontecimentos relatados no romance *O guarani*. Esse espaço não está organizado a partir de um *aqui*, mas de um marco espacial inscrito no texto, três ou quatro léguas acima da foz do Paquequer.

A figurativização desse espaço é feita com figuras recorrentes na tradição literária, para criar o que foi denominado *locus amoenus* (lugar ameno): beleza e exuberância da natureza, abundância de sombras,

águas, flores, presença de árvores protetoras. Não é preciso elencar todas as figuras do percurso figurativo do lugar ameno. Basta que citemos algumas: *linda bacia, cortinas de trepadeiras, flores agrestes, florestas virgens se estendiam ao longo das margens do rio, corria no meio das arcarias de verdura e dos capitéis formados pelos leques das palmeiras*. A segunda característica que chama a atenção na figurativização do lugar é que a natureza é vista como um ser vivo. Os movimentos do Paquequer são comparados aos de animais: *enroscando-se como uma serpente*; *se espreguiçar*; *atravessa as florestas como o tapir, espumando* e *deixando o pelo esparso pelas pontas do rochedo, e enchendo a solidão com o estampido de sua carreira*; *recua um momento para concentrar as suas forças, e precipita-se de um só arremesso, como o tigre sobre sua presa*; *fatigado*; *adormece*. Além disso, os elementos da natureza são antropomorfizados, isto é, vistos como se fossem seres humanos. Observe-se que ao Paquequer são atribuídos adjetivos que se aplicam aos humanos (*livre, soberbo, altivo, sobranceiro*), ele é comparado a seres humanos (*como o filho indômito desta pátria da liberdade*; *escravo submisso, sofre o látego do senhor*). A natureza é denominada de *sublime artista*. A relação do Paquequer com o Paraíba é considerada como a de um vassa-lo com seu suserano, com seu rei. A vassalagem é uma relação de subordinação existente entre o vassalo e seu suserano no sistema feudal. Este era o senhor que concedia um feudo (domínio dado ao vassalo por um senhor) em troca de certas obrigações da parte daquele. Uma outra característica que se observa na figurativização do espaço é que elementos da natureza são comparados a artefatos feitos pelo homem: a bacia onde o Paquequer adormece é vista como um *leito de noiva*; as trepadeiras e flores agrestes, como *cortinas*; os galhos das árvores, como *arcos*; os leques das palmeiras, como *capitéis*.

No meio dessa natureza antropomorfizada, animizada, culturalizada (não nos esqueçamos de que cultura é tudo aquilo que é feito pelo homem, tudo aquilo que não é instintivo: os objetos, as instituições sociais, a produção literária, as religiões, as formas de pensar o mundo etc.), aparece claramente um elemento humano: a casa de d. Antônio de Mariz. Observando as figuras que constroem a imagem dessa casa, vê-se que ela aparece como um castelo medieval: no alto, protegida de todos os lados por uma muralha cortada a pique.

O narrador mostra que, no cenário que está compondo, intervêm a natureza e a cultura, isto é, o ser humano. Diz, por exemplo, que a escada de lajedo fora *feita metade pela natureza e metade pela arte*; que *a indústria do homem tinha aproveitado habilmente a natureza para criar meios de segurança e de defesa*.

A figurativização permite-nos dizer que o cenário criado pelo narrador manifesta o tema da integração da natureza e da cultura, a harmonia entre a natureza e a cultura. Ademais, *O guarani* tem um componente das novelas medievais de cavalaria, já que, no romantismo, havia um culto à Idade Média, pois, em oposição ao neoclassicismo, que exaltava a humanidade, sua racionalidade, e, portanto, os modelos greco-latinos, os românticos dinamizam o mito das nacionalidades e vão, pois, buscar no período medieval as matrizes culturais e ideológicas das nações que estavam surgindo. No romance alencariano, as personagens pautam sua conduta por normas cavalheirescas. D. Antônio é um senhor feudal: habita um castelo, que abriga vassalos em torno do suserano. O código de honra desses homens fundamenta-se na lealdade ao senhor. O espaço, em que a relação dos dois rios é apresentada com uma relação de vassalagem, está, assim, perfeitamente integrado ao substrato romanesco que orienta as ações das personagens.

A harmonia do cenário, em que se integram natureza e cultura, representa o paraíso terrestre, o éden, onde o homem vivia em perfeita integração com a natureza. Nele, porém, surge a serpente e produz-se a queda, com a expulsão do homem do espaço edênico. Também em *O guarani* haverá uma serpente:

Loredano, que acaba produzindo conflitos, que levam à destruição da casa de d. Antônio e à morte de quase todas as personagens. Como se observa, há uma perfeita integração entre espaço e ação romanesca. Note que as descrições que aparecem nos romances têm uma funcionalidade, e só um leitor primário, que se interessa apenas pela história e não pela construção romanesca, pode pular esses trechos como se fossem desnecessários para entender a obra.

Pintura de Albert Eckhout, do século XVII.

As naturezas-mortas pintadas pelos primeiros viajantes estrangeiros que visitaram o Brasil revelam a tentativa de conciliar natureza e cultura. Por um lado, temos a afirmação da exuberância dos frutos tropicais; por outro, notamos o cuidadoso arranjo desses frutos realizado pela mão do homem, na tentativa de enquadrá-los dentro do padrão ditado pela herança cultural europeia.

LIÇÃO 13 EXERCÍCIOS

O trecho que segue foi extraído de *Amar, verbo intransitivo*, romance de Mário de Andrade cujo enredo gira em torno dos seguintes episódios. Um pai de família, o sr. Sousa Costa, contrata uma governanta, Fräulein, para ensinar ao filho Carlos a arte do amor. Para Fräulein, sua missão era encarada com seriedade e envolvia relações mais complexas do que a simples relação sexual; não se tratava de um pacto clandestino mas de um contrato feito às claras, que Sousa Costa prometera não ocultar de Laura, sua esposa, promessa não cumprida. O trecho que segue relata o episódio em que d. Laura, temendo o envolvimento de Carlos com Fräulein, vai ter com ela para despedi-la do emprego.

Desenho de Diana Dorothèa Danon

Pancadas na porta de Fräulein. Virou assustada, resguardando o peito. Abotoava a blusa:

— Quem é?

— Sou eu, Fräulein. Queria lhe falar.

Abriu a porta e dona Laura entrou.

— Queria lhe falar. Um pouco...

— Estou às suas ordens, minha senhora.

Esperou. Dona Laura mal respirava muito nervosa, não sabendo principiar.

— É por causa do Carlos...

— Ah... Sente-se.

— Não vê que eu vinha lhe pedir, Fräulein, pra deixar a nossa casa. Acredite: isto me custa muito porque já estava muito acostumada com você e não faço má ideia de si, não pense! mas... Creio que já percebeu o jeito de Carlos... ele é tão criança!... Pelo seu lado, Fräulein, fico inteiramente descansada... Porém esses rapazes... Carlos...

— Já vejo que o senhor seu marido não lhe disse o que vim fazer aqui.

Dona Laura teve uma tontona, escancarou os olhos parados:

— Não!

— É lamentável, minha senhora, o procedimento do senhor seu marido, evitaria esta explicação desagradável. Pra mim. Creio que pra senhora também. Mas é melhor chamar o seu marido. Ou quer que desçamos pro hol?

Foram encontrar Sousa Costa na biblioteca. Ele tirou os olhos da carta, ergueu a caneta, vendo elas entrarem.

— O senhor me prometeu contar a sua esposa a razão da minha presença aqui. Lamento profundamente que o não tenha feito, senhor Sousa Costa.

Sousa Costa encafifou, desacochado por se ver colhido em falta. Riscou uma desculpa sem inteligência:

— Queira desculpar, Fräulein. Vivo tão atribulado com os meus negócios! Demais: isso é uma coisa de tão pouca importância!... Laura, Fräulein tem o meu consentimento. Você sabe: hoje esses mocinhos... é tão perigoso! Podem cair nas mãos de alguma exploradora! A cidade... é uma invasão de aventureiras agora! Como nunca teve! COMO NUNCA TEVE, Laura... Depois isso de principiar... é tão perigoso! Você compreende: uma pessoa especial evita muitas coisas. E viciadas! não é só bebida não! Hoje não tem mulher da vida que não seja eterômana, usam morfina... E os moços imitam! Depois as doenças!...Você vive na sua casa, não sabe... é um horror! Em pouco tempo Carlos estava sifilítico e outras coisas horríveis, um perdido! É o que eu te digo, Laura, um perdido! Você compreende... meu dever é salvar o nosso filho... Por isso! Fräulein prepara o rapaz. E evitamos quem sabe? até um desastre!... UM DESASTRE!

Repetia o “o desastre” satisfeito por ter chegado ao fim da explicação. Passeava de canto a canto. Assim se fingem as cóleras, e os machos se impõem, enganando a própria vergonha. Dona Laura sentara numa poltrona, maravilhada. Compreendia! Porém não juro que compreendesse tudo não. Aliás isso nem convinha pra que pudesse ceder logo. Fräulein é que estava indignada. Que diabo! atos da vida não é arte expressionista, que pode ser nebulosa ou sintética. Não percebera bem a claridade latina daquela explicação. O método germanicamente dela e didática habilidade no agir não admitiam tal fumarada de palavras desconexas. Aquelas frases sem dicionário nem gramática irritaram-na inda mais. Queria, exigia sujeito verbo e complemento. Só uma coisa julgara perceber naquele ingranzéu, e, engraçado! justamente o que Sousa Costa pensava, mas não tivera a intenção de falar: pagavam só pra que ela se sujeitasse às

primeiras fomes amorosas do rapaz.

Mário de Andrade. *Amar, verbo intransitivo*. 19. ed. Belo Horizonte/ Rio de Janeiro, Villa Rica Editores Reunidos, 1993. p. 75-7.

QUESTÃO 1

Quando se constrói uma personagem, faz parte dessa construção a escolha do nome dado a ela. Fräulein, que em alemão significa "senhorita", é a forma como a empregada Elza é tratada. Trata-se de uma escolha adequada para designar esta personagem e seu papel no romance? Explique sua resposta.

QUESTÃO 2

Sousa Costa não é nome, mas sobrenome: Felisberto Sousa Costa.

a) Em nossa cultura é cabível chamar o chefe de família pelo sobrenome da família?

b) D. Laura, esposa de Sousa Costa, tem o mesmo sobrenome do marido. Seria tão natural chamá-la pelo sobrenome como o é para o marido?

QUESTÃO 3

Como se sabe, o vocativo serve, entre outros papéis, para indicar o tipo de relação que o falante quer estabelecer com o interlocutor. No caso desse texto, a personagem Fräulein usa o vocativo "minha senhora" para tratar com a patroa (d. Laura).

Levando em conta outros dados contidos no texto, o uso desse vocativo pode ser interpretado como uma forma de ironia ou como manifestação de formalidade e respeito?

QUESTÃO 4

Esse trecho do livro reproduz uma conversa a três: d. Laura, Fräulein e Sousa Costa. O assunto da conversa é delicado. Levando em conta o contexto global do livro:

a) Qual é o motivo real que leva d. Laura a despedir Fräulein?

b) No desenrolar da conversa, percebe-se que os dois patrões se sentem mais constrangidos do que a empregada com o tema posto em discussão. Como explicar essa diferença de comportamento?

c) Qual é o recurso, próprio da linguagem escrita, utilizado pelo narrador para indicar a interrupção das frases provocada pelo constrangimento e pela hesitação de d. Laura e seu marido?

QUESTÃO 5

A segurança e a desinibição de Fräulein em confronto com a insegurança e a inibição dos patrões não constituem um exemplo de incoerência narrativa?

QUESTÃO 6

Pelo papel que assume no romance, a personagem interpretada por Fräulein é complexa, original e sujeita a contradições.

a) Seu papel de amante paga para dar lições de amor é, dentro de nossa cultura, compatível com o espaço doméstico (do lar)?

b) Sousa Costa precisou de um forte argumento para trazer Fräulein para dentro do espaço doméstico. Qual foi esse argumento?

QUESTÃO 7

Fräulein se movimenta com grande liberdade e desenvoltura dentro do espaço em que reside com outras personagens: abriu seu quarto sem problemas para conversar com d. Laura; encarou com igual naturalidade chamar Sousa Costa para dentro do seu quarto ou descer até o "hol"; acabou indo conversar com Sousa Costa na biblioteca. Essa liberdade de locomover-se e de circular por vários espaços pode ser interpretada como índice de um traço da personalidade da personagem. De que traço se trata?

QUESTÃO 8

O narrador intervém mais de uma vez para comentar e avaliar atitudes das personagens.

a) Que avaliação faz das explicações que Sousa Costa dá para d. Laura para justificar a presença de Fräulein em sua casa?

b) Que comentário faz sobre d. Laura diante das explicações dadas pelo marido?

QUESTÃO 9 (UNICAMP)

Em *Amar, verbo intransitivo*, depois do encontro explicativo entre Fräulein, Sousa Costa e d. Laura, o narrador observa:

É certo que Fräulein tinha esclarecido muito o que veio fazer na casa deles, porém dona Laura, que tinha percebido tudo com a explicação de Felisberto, agora não compreendia mais nada. Afinal: o que era mesmo que Fräulein estava fazendo na casa dela!

a) Segundo Sousa Costa, com que finalidade tinha sido contratada Fräulein?

b) Segundo Fräulein, qual era seu papel junto a Carlos?

c) Relacione o mal-entendido mencionado acima com as características de cada uma das três personagens.

QUESTÃO 10

Levando em conta a compreensão global do texto, podemos afirmar que, segundo o narrador:

a) as explicações de Sousa Costa foram perfeitamente claras e compreensíveis.

b) Fräulein não compreendeu nada das explicações dadas por Sousa Costa.

c) de tudo o que Sousa Costa disse, Fräulein compreendeu com mais clareza aquilo que ele não queria revelar.

d) apesar da "claridade latina" da fala de Sousa Costa, Fräulein só compreendeu uma coisa:

que toda aquela explicação servia apenas para provocar a indignação de d. Laura.

e) Sousa Costa não possuía a didática e a clareza de Fräulein e por isso foi mal-sucedido na tentativa de convencer d. Laura a não despedir Fräulein.

PROPOSTAS DE REDAÇÃO

1) Observe os dois espaços retratados na página seguinte:

Pela diferença entre os dois locais, é possível presumir a diferença entre os seus respectivos moradores.

Redija dois pequenos textos, relatando um episódio (um acontecimento, uma notícia) que tenha causado grande alegria em cada conjunto de moradores.

2) Construa um texto narrativo, obedecendo ao seguinte roteiro:

a) Dê um nome à índia da foto.

b) Descreva alguns traços característicos da sua personalidade e de seu físico, compatíveis com o papel que ela vai interpretar na narrativa.

c) Caracterize o espaço em que vive e como ela age dentro dele.

d) Suponha que, dada a repercussão que teve a publicação de sua foto nos jornais e revistas, ela seja convidada a vir para um grande centro urbano (do Brasil ou do exterior) a fim de participar de uma campanha publicitária promovida por uma grande organização ecologista mundial.

Ela fica hospedada num hotel de luxo.

e) Mostre como ela se sente e como age dentro do novo espaço.

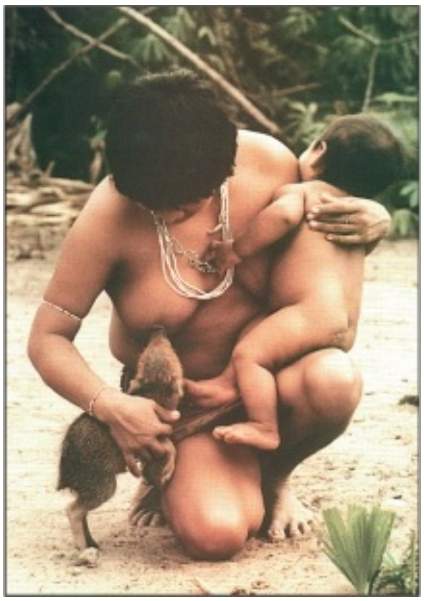

Folha de S. Paulo, 20 dez. 1992. p. 1-1.

1 jati: pequena abelha.
2 aljôfar: gota d´água.
3 rorejar: molhar com pequenas gotas, borrifar.
4 gará: espécie de ave.
5 ará: periquito.
6 uru: cesto com alça.
7 crautá: planta cujas fibras são próprias para tecer.
8 látego: chicote.
9 gameleira: árvore leitosa, figueira-brava.
10 angelim: árvore leguminosa, de madeira muito rija.

LIÇÃO 14

O tempo em que se situam os episódios narrados faz parte integrante da construção do significado de um texto narrativo.

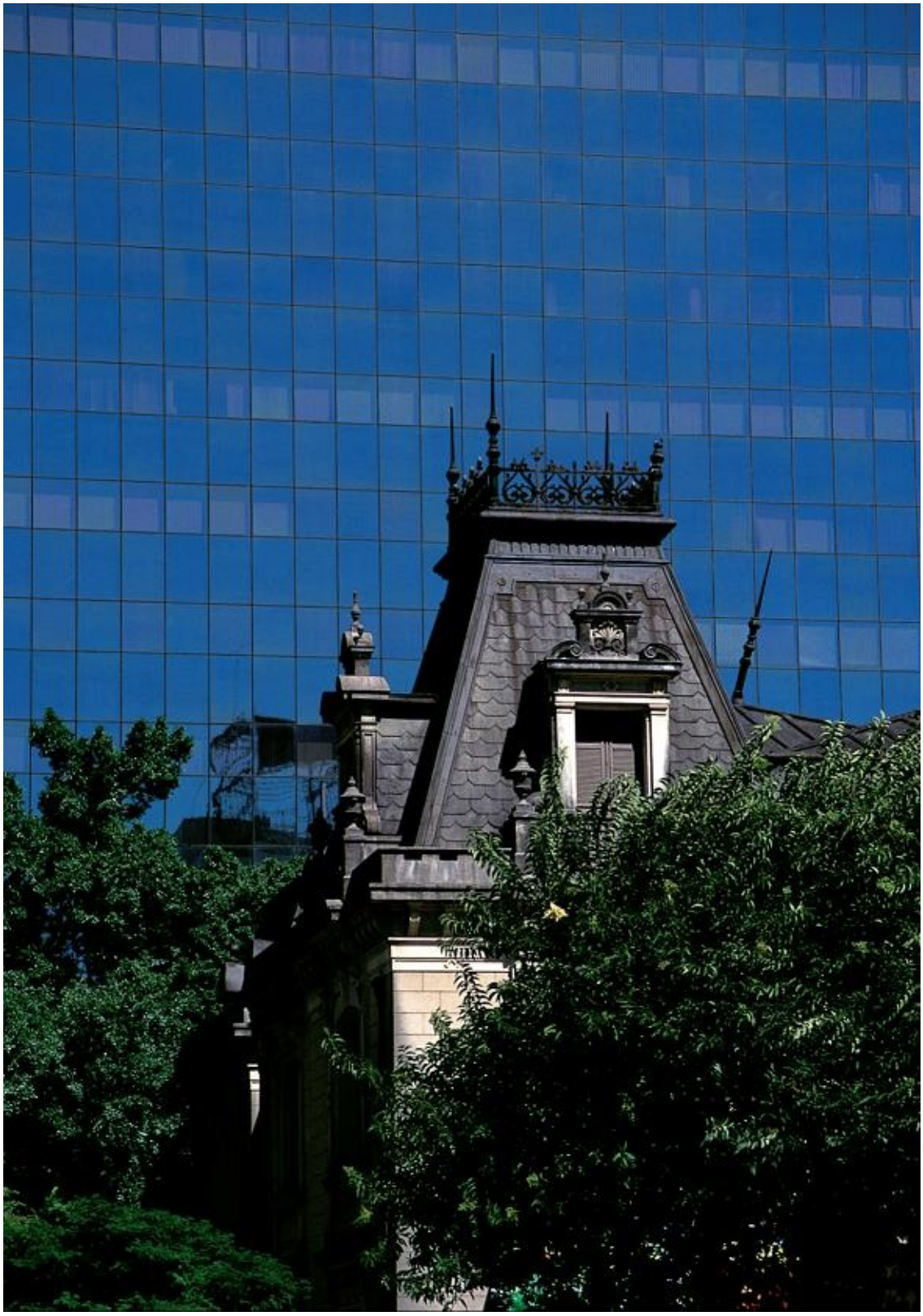

Na paisagem da cidade, vários tempos convivem simultaneamente. Fruto da ação do homem ao longo dos anos, a arquitetura das cidades reflete a cultura das épocas em que seus edifícios foram concebidos e construídos.
A vivência cotidiana de seus habitantes transforma-se, dessa maneira, numa convivência de diversos tempos culturais simultâneos.

LIÇÃO 14

TEMPO

Fernando Pessoa em desenho de Almada Negreiros

Leia o poema de Fernando Pessoa que segue:

Pobre velha música!
Não sei por que agrado,
Enche-se de lágrimas
Meu olhar parado.

Recordo ouvir-te.
Não sei se te ouvi
Nessa minha infância
Que me lembra em ti.

Com que ânsia tão raiva
Quero aquele outrora!
E eu era feliz? Não sei;
Fui-o outrora agora.

Fernando Pessoa. *Obra poética*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1976. p. 140-1.

No texto, a presença da música faz as vezes de interlocutor do poeta, para que ele construa o poema, onde o tempo cronológico cede lugar a um tempo interior, em que passado e presente se fundem. Assim, o poeta resgata seu passado distante. O último verso é um paradoxo, já que nele se unem os advérbios *outrora*, relativo ao passado, e *agora*, referente ao presente. No verso anterior, o poeta diz que não sabe se foi feliz no passado. Com o oxímoro, no entanto, ele mostra que no presente (*agora*), ao reviver um passado (*outrora*) presentificado pela memória, sentiu-se feliz. A sensação de felicidade não foi dada por algo do presente. Se o fosse, ele diria *Sou feliz agora*. Ao se utilizar do pretérito perfeito e do advérbio *outrora* revela que a felicidade surge da presentificação do passado.

Como se observa, os tempos linguísticos não são imitações do tempo cronológico, medido por dias, meses e anos, mas são construções do falante que possibilitam expressar uma gama muito vasta de experiências temporais: presentificar o passado ou o futuro, tornar passado o presente etc. A ordenação dos tempos num texto é um complexo jogo, para criar determinados efeitos de sentido.

O tempo é expresso na língua principalmente pelos tempos verbais e pelos advérbios de tempo. A temporalidade situa os acontecimentos em relação ao momento da fala, que é sempre um *agora*, dado que *agora* significa "o momento em que se fala", ou em relação a marcos temporais inscritos no texto. Esses marcos podem ser pretéritos ou futuros em relação ao momento da fala. Assim, quando alguém diz *Ontem a chuva provocou grandes estragos*, está situando o acontecimento como anterior em relação ao momento em que está falando. Quando afirma *No dia 2 de janeiro de 1989, choveu dezesseis horas seguidas*, instalou no texto o marco temporal *2 de janeiro de 1989*, pretérito em relação ao momento em que está falando, e situa o acontecimento *chuva* como algo concomitante ao marco temporal. Se dissesse *No ano 2000, terei terminado a faculdade*, teria estabelecido no texto um marco temporal futuro (*no ano 2000*) e situado o acontecimento *terminar a faculdade* como algo anterior ao marco temporal.

Os tempos são, pois, indicações de que os acontecimentos são anteriores, posteriores ou concomitantes ao momento da fala ou a um marco temporal pretérito ou futuro instalado no texto. Há, portanto, dois modos básicos de ordenar os tempos num texto: 1) em relação ao momento da fala; 2) em relação a um marco temporal instaurado no texto.

TEMPOS VERBAIS

Anúncio criado pela agência DM9, em 1991.

Neste texto publicitário, o tempo verbal, associado aos advérbios agora e depois, manifesta a oposição entre simultaneidade e posterioridade. Com isso, acentua uma importante característica desse veículo de comunicação, que é a velocidade com que a informação chega ao ouvinte.

ORDENAÇÃO EM RELAÇÃO AO MOMENTO DA FALA

1) Quando o acontecimento for concomitante ao momento da fala, temos o **presente**:

Como você vê, agora jogo xadrez.

O presente serve para exprimir:

a) aquilo que se dá no momento da fala;

Agora estou muito ocupado.

b) aquilo que tem uma duração muito grande no tempo — note que nesse caso só se usa o presente se a duração do acontecimento abranger o momento da fala;

Neste século a humanidade progride muito.

c) o que é considerado eterno.

O quadrado da hipotenusa é igual à soma do quadrado dos catetos.

O português usa uma perífrase verbal, formada do presente do indicativo do verbo *estar* mais o gerúndio do verbo que se está conjugando, para expressar a concomitância em relação ao momento da fala, e a forma do presente, para expressar o que se repete no tempo ou o que tem uma duração muito grande. Assim, pode-se fazer uma oposição entre dois presentes:

O Edmundo joga bem, mas hoje não está jogando nada.

2) Quando o acontecimento é anterior ao momento da fala, temos o **pretérito perfeito**:

Ontem fui ao cinema.

3) Quando o fato é posterior ao momento da fala, temos o **futuro do presente**:

Daqui a pouco terminarei meu trabalho.

ORDENAÇÃO EM RELAÇÃO A UM MARCO TEMPORAL

1) Quando o marco temporal estiver no **passado**, os fatos podem ser concomitantes, anteriores ou posteriores a ele.

A) Se os fatos forem concomitantes ao marco temporal passado, podemos usar dois tempos verbais:

a) o **pretérito perfeito**, quando estabelecemos limites na duração do fato. Por exemplo, *No dia 7 de setembro de 1822, d. Pedro proclamou a independência*. Nesse caso, o acontecimento *proclamação da independência* é concomitante ao marco temporal pretérito *no dia 7 de setembro de 1822*, mas é considerado como algo acabado dentro de um limite temporal;

b) o **pretérito imperfeito**, quando consideramos o acontecimento em sua duração, portanto, quando o vemos como não limitado no tempo. Por exemplo, *Naquele dia, chovia muito*. Nesse caso, a chuva é concomitante ao marco temporal pretérito *naquele dia*, mas é vista em sua duração em relação a ele.

B) Quando o fato é anterior ao marco temporal pretérito, temos o **pretérito mais-que-perfeito**:

Quando chegou às margens do riacho do Ipiranga, no dia 7 de setembro de 1822, d. Pedro I tinha visitado Santos.

A visita a Santos é anterior ao marco temporal pretérito *chegada às margens do Ipiranga no dia 7 de*

setembro de 1822.

C) Quando o fato é posterior ao marco temporal pretérito, temos o **futuro do pretérito**:

No dia 7 de setembro de 1822, d. Pedro vinha com sua comitiva de Santos. Nesse mesmo dia, receberia os emissários da Corte e proclamaria a independência.

Receber os emissários da Corte e proclamar a independência são acontecimentos posteriores em relação ao acontecimento concomitante ao marco temporal pretérito, *a vinda de Santos para São Paulo*.

2) Quando o marco temporal inscrito no texto for **futuro**, os acontecimentos podem ser também concomitantes, anteriores ou posteriores a ele.

A) No primeiro caso, temos o que poderíamos chamar um **presente do futuro**, constituído em geral do verbo *estar* no futuro do presente mais o gerúndio do verbo que está sendo conjugado.

Quando você chegar, estarei ainda vendo tevê.

O marco temporal futuro é *quando você chegar*, e ver tevê é concomitante a ele.

B) Quando o acontecimento for anterior a um marco temporal futuro, temos o chamado **futuro anterior**, que na Nomenclatura Gramatical Brasileira é chamado futuro do presente composto (verbo *ter* no futuro do presente mais o particípio do verbo que está sendo conjugado):

Quando você chegar, já terei ido dormir.

O ir dormir é anterior ao marco temporal futuro *quando você chegar*.

C) Quando o fato for posterior a um marco temporal futuro, temos o que poderíamos denominar **futuro do futuro**. Em geral, para expressá-lo, usamos a palavra *depois* junto ao marco temporal e o futuro do presente.

Depois que chegar do trabalho, tomarei um banho e um uisquinho para relaxar.

Tomar um banho e um uisquinho é posterior ao marco temporal futuro *o momento da chegada a casa*, o que é indicado pela locução conjuntiva *depois que*.

ADVÉRBIOS E EXPRESSÕES ADVERBIAIS DE TEMPO

Os dois modos de organizar o tempo — em relação ao momento da fala e a marcos temporais pretéritos ou futuros inscritos no texto — estão presentes também nos advérbios de tempo. Por exemplo, diz-se *Nos próximos dois meses estarei em férias*, para referir-se aos dois meses posteriores em relação ao momento da fala, mas emprega-se *seguintes*, para fazer referência ao que sucedeu num tempo posterior em relação a um marco inscrito no enunciado (por exemplo, *No mês de julho deste ano começou uma seca que durou os quatro meses seguintes*).

1) Advérbios e expressões de valor adverbial que situam os acontecimentos **em relação ao momento da fala**:

Anterior	Concomitante	Posterior

há pouco	agora	daqui a pouco/logo
ontem	hoje	amanhã
há um(a)/ dois(duas) etc. semana(s)/mês(es)/ ano(s) etc.	neste momento/ nesta altura	dentro de/em um(a)/dois(duas) etc. semana(s)/mês(es)/ ano(s) etc.
no mês/ano etc. passado	no próximo dia 20, 21 etc./mês/ano etc.	no último mês/ dia 5, 6 etc.

2) Advérbios e expressões de valor adverbial que situam os acontecimentos **em relação a um marco temporal pretérito ou futuro** inscrito no texto:

Anterior	**Concomitante**	**Posterior**
na véspera na antevéspera no dia/mês/ano etc. anterior	então no mesmo dia/ mês/ano etc.	no dia/mês/ano etc. seguinte
um(a) semana/ mês/ano etc. antes		uma(a) dia/semana/ mês/ano etc. depois
		daí/dali um(a)(s) hora(s)/dia(s) etc.

USO DE UM TEMPO POR OUTRO

Num texto, em princípio, não se podem misturar advérbios que se relacionam ao momento da fala e advérbios que se referem a um marco temporal. Assim, não se pode dizer

No dia 2 de janeiro de 1985 quebrei a perna. Ontem tinha saído de viagem.

No momento em que se inscreve no texto o dia 2 de janeiro de 1985 como marco temporal, é ele quem comanda o uso dos advérbios e expressões temporais. Por isso, não se emprega *ontem*, mas *na véspera* ou *no dia anterior*.

Pode-se, para criar determinados efeitos de sentido, usar um tempo no lugar de outro. As possibilidades que a língua oferece são muitas. Vamos dar alguns exemplos.

a) A praia *ficará* a uns 4 quilômetros daqui.

Para não se engajar incondicionalmente na verdade daquilo que diz, o falante pode usar um futuro do presente em lugar de um presente.

b) É assim que gosto de fazer as coisas. Prometi que *fazia* e fiz.

O pretérito imperfeito *fazia* está no lugar do futuro do pretérito *faria*, pois o ato de fazer é posterior à promessa que marca um momento do pretérito.Usa-se o imperfeito pelo futuro do pretérito para mostrar uma consequência, tida pelo falante como inevitável, de um fato pretérito.

c) *Começa* a servir outros sete anos, Dizendo: — Mais *servira* se não fora Para tão longo amor tão curta a vida.

Esse texto é a última estrofe do célebre soneto de Camões, “Sete anos de pastor”, em que se narra que

Jacó serviu Labão, pai de Raquel e de Lia, durante sete anos, para se casar com a primeira. Ao final de sete anos de serviço, Labão recusou-lhe a mão de Raquel e quis que ele se casasse com Lia. Para poder casar-se com Raquel, Jacó começa a trabalhar mais sete anos para Labão. Observe que o fato é passado. Depois da recusa de Labão, marco temporal no pretérito, usa-se, para expressar o reinício dos outros sete anos de trabalho, que é concomitante à recusa, não o pretérito perfeito, mas o presente. Com isso, aproxima-se a narrativa do momento presente. Em relação ao dizer de Jacó, que é também pretérito, a totalidade do tempo de serviço é posterior. Essa posterioridade é manifestada não pelo futuro do pretérito (*serviria*), mas pelo pretérito mais-que-perfeito (*servira*), para criar um efeito de inevitabilidade da ação futura, já que o que será ainda realizado é visto como algo acabado.

d) Até aqui, o deputado João Alves vem indicando que pode cair, mas, segundo suas próprias palavras, *abriria* o bico. *Folha de S. Paulo*, 26 out. 1993, 1-2.

Vem indicando é concomitante em relação ao momento da fala. O *abrir o bico* é, então, posterior ao momento presente. É expresso, no entanto, pelo futuro do pretérito e não pelo futuro do presente, para indicar que o falante tem dúvida sobre a veracidade do fato. Usa-se o futuro do pretérito no lugar do futuro do presente para transmitir informações não confirmadas, conjecturas ou fatos imaginários.

e) Já aos meus 20 aninhos (na minha cabeça) *começam* os problemas de dinheiro. Antes, com mais ou menos 19 anos já *fiz* sexo (no fim do ano) e acho que com 20 já *tive* filhos (Maíra Gonçalves, 12 anos, Escola Senador Correia, Rio de Janeiro). *Veja*, *1271*, :48, 20 jan. 1993.

Esse texto é uma redação de uma aluna de 12 anos. *Aos 20 aninhos* é, então, um marco temporal futuro. O narrador dessa história projeta-se no tempo e conta tudo como se já estivesse com vinte anos. Por isso, usa o presente *começam* e não o presente do futuro *começarão*, pois está supondo (diz *na minha cabeça*) que o marco temporal é o momento da fala e não um tempo futuro. O fazer sexo e o ter filhos são anteriores a esse marco. Como este é visto como o momento da fala e não como um tempo futuro, expressa-se a anterioridade pelo pretérito perfeito e não pelo futuro anterior. Ao fazer isso, cria-se um efeito de realidade, que não existe quando se narra no futuro, pois esse tempo indica apenas um desejo do falante.

É mais raro usar um advérbio com o valor de outro. No entanto, é muito frequente usar *agora*, que indica concomitância em relação ao momento da fala, no lugar de *há pouco tempo* e *dentro de alguns momentos*, respectivamente, anterioridade e posterioridade ao momento da fala, para marcar um passado recente ou um futuro iminente. Usa-se mesmo *agorinha*, para intensificar o caráter recente do passado ou iminente do futuro:

Cheguei agora.

Vou sair agorinha mesmo.

Os tempos passado, presente e futuro podem ser figurativizados. Por exemplo, pode-se marcar o passado como um tempo feliz em oposição a um presente de sofrimento, um futuro de riqueza em relação a um presente de penúria etc.

O texto abaixo é um poema de Casimiro de Abreu:

MEUS OITO ANOS

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!

Como são belos os dias
Do despontar da existência!
— Respira a alma inocência
Como perfumes a flor,
O mar é — lago sereno,
O céu — um manto azulado,
O mundo — um sonho dourado,
A vida — um hino de amor!

Que auroras, que sol, que vida,
Que noites de melodia
Naquela doce alegria,
Naquele ingênuo folgar!
O céu bordado de estrelas,
A terra de aromas cheia;
As ondas beijando a areia
E a lua beijando o mar!

Oh! dias da minha infância!
Oh! meu céu de primavera!
Que doce a vida não era
Nessa risonha manhã!
Em vez das mágoas de agora,
Eu tinha nessas delícias
De minha mãe as carícias
E beijos de minha irmã!
Livre filho das montanhas,
Eu ia bem satisfeito,
Da camisa aberta ao peito,
— Pés descalços, braços nus —

Correndo pelas campinas
À roda das cachoeiras
Atrás das asas ligeiras
Das borboletas azuis!

Naqueles tempos ditosos
Ia colher as pitangas,
Trepava a tirar as mangas,
Brincava à beira do mar;
Rezava as Ave-Marias,
Achava o céu sempre lindo,
Adormecia sorrindo
E despertava a cantar!
.....……..

Casimiro de Abreu. *Poesia*. 3. ed. Rio de Janeiro, Agir, 1967. p. 29-31.

Nesse texto, o poeta compara o tempo de agora (o presente) com um tempo do passado, o da infância. O presente, idade adulta, é um tempo de sofrimento, de mágoas. A infância aparece como um tempo de felicidade, em que o poeta se achava em harmonia com a natureza, com os outros e consigo mesmo. Observe que todas as figuras referentes à natureza ressaltam a harmonia dos elementos naturais e a perfeita integração do homem com eles: *tardes fagueiras, à sombra das bananeiras, debaixo dos laranjais*; *mar = lago sereno*; *céu = manto azulado*; *noites de melodia*, *céu bordado de estrelas*, *terra de aromas cheia*, *ondas beijando a areia*, *lua beijando o mar* etc. Dos outros (no caso, a mãe e a irmã) recebia beijos e carícias. O percurso figurativo de suas atividades mostra que o poeta estava em paz consigo mesmo: *satisfeito*, *camisa aberta ao peito*, *pés descalços*, *braços nus*, *correndo pelas campinas*, *à roda das cachoeiras*, *adormecia sorrindo*, *despertava a cantar* etc. O passado é, pois, figurativizado como tempo de beleza, alegria, felicidade, enquanto o presente, apontado pelo poeta como tempo de mágoas, poderia receber a cobertura figurativa oposta.

TEXTO COMENTADO

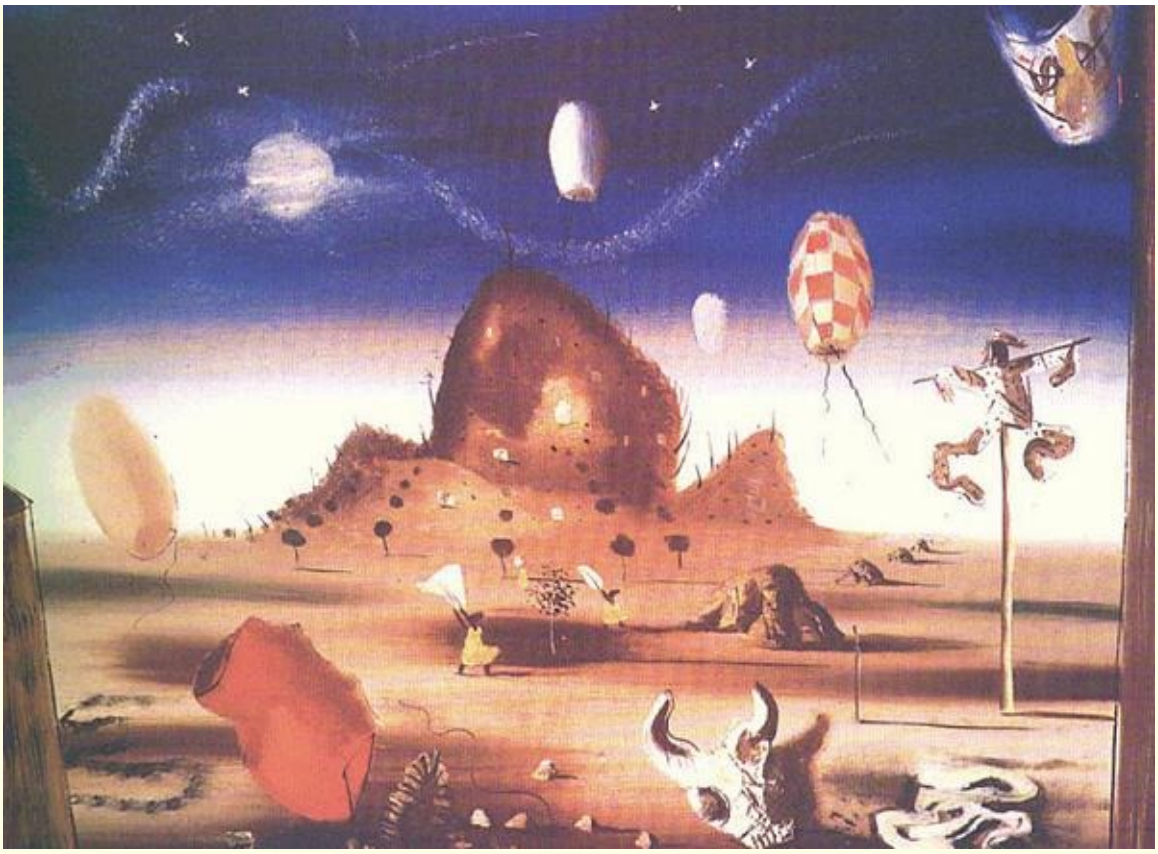

Espantalho, pintura de Portinari, de 1940. *Acervo da* Coleção *Roberto Marinho*.

O poema abaixo foi escrito por Manuel Bandeira:

PROFUNDAMENTE

Quando ontem adormeci
Na noite de São João
Havia alegria e rumor
Estrondos de bombas luzes de Bengala
Vozes cantigas e risos
Ao pé das fogueiras acesas.

No meio da noite despertei
Não ouvi mais vozes nem risos
Apenas balões
Passavam errantes
Silenciosamente
Apenas de vez em quando
O ruído de um bonde
Cortava o silêncio
Como um túnel.
Onde estavam os que há pouco

Dançavam
Cantavam
E riam
Ao pé das fogueiras acesas?

— Estavam todos dormindo
Estavam todos deitados
Dormindo
Profundamente
Quando eu tinha seis anos
Não pude ver o fim da festa de São João
Porque adormeci

Hoje não ouço mais as vozes daquele tempo
Minha avó
Meu avô
Totônio Rodrigues
Tomásia
Rosa
Onde estão todos eles?
— Estão todos dormindo
Estão todos deitados
Dormindo
Profundamente.

Manuel Bandeira. *Estrela da vida inteira*. 4. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1973. p. 111-2.

O poema é dividido em dois blocos, com um número desigual de versos. Ocorrem neles cenas semelhantes que se passam em tempos diferentes.

O primeiro bloco tem três estrofes. Na primeira, o poeta mostra a festa de São João. Vai enumerando detalhes visuais e auditivos para tornar vívida a descrição da euforia reinante. Na estrofe, não há nenhum sinal de pontuação, exceto o ponto-final no último verso. Observe-se principalmente a falta de vírgulas. Isso indica a simultaneidade com que as coisas ocorriam: bombas explodiam, enquanto luzes de Bengala coloriam o céu. A tessitura sonora também mostra o ruído que havia: ao estrondo do /t/ e /d/ dos dois primeiros versos seguem o agudo /i/ de *havia alegria* e os graves /u/ e /o/ de *rumor*. A repetição de sons explosivos (/t/, /d/ e /b/) combinada com os /on/ sugere o barulho das bombas a estourar. Em *luzes de Bengala*, o /u/, vogal fechada, é seguido de /a/, vogal aberta. Essa abertura mudando o /u/ em /a/ sugere a explosão de luzes a colorir o céu escuro. Continua o som agudo dos risos e cantigas, evocado pelo /i/. O ritmo rápido indica o movimento frenético da festa.

A segunda estrofe inicia-se, como a primeira, com uma marca temporal (*no meio da noite* X *quando ontem*). A oposição temporal, que poderíamos traduzir como *mais cedo* X *tarde*, está correlacionada a uma outra oposição, *adormeci* X *despertei*. O poeta começa a mostrar a ausência que se instalara: não

havia mais ruídos. Duas vezes ocorre a palavra *apenas*, para dizer que só havia os balões errantes e o ruído dos bondes. O ritmo pausado e lento sugere que a trepidação se foi. Os balões que passavam já se tinham desgarrado, não pertenciam mais à festa (*errantes*). A repetição do som /s/ recria o sibilo dos balões. O ruído do bonde (*de vez em quando*) era a única coisa a cortar o silêncio. Como o verbo *cortar* só pode ter como objeto nomes concretos, pode-se concluir que o termo *silêncio* está concretizado. O silêncio é tão denso que pode ser cortado. Ele é comparado a um túnel, o lugar oco embaixo da terra por onde se passa, porque era tão grande que envolvia tudo.

Aparece então a pergunta que marca a ausência do ser humano. A resposta mostra o sono como causa dessa ausência. O ritmo realça essa resposta. A repetição do /t/ nos dois primeiros versos da terceira estrofe acompanhada da ressonância das vogais nasais cria um som pesado que sugere a profundidade desse sono.

Nesse bloco, relata-se que o menino dorme no tempo de estar desperto (o do ruído, o da festa) e fica acordado no tempo de dormir (o do silêncio). À ausência do menino corresponde a presença dos outros. O tempo passa e, quando o menino está presente, os outros estão ausentes.

Tudo o que ocorreu no primeiro bloco é relatado como tendo ocorrido num momento anterior (*ontem*) ao momento da fala.

O último verso do primeiro bloco não tem ponto, o que deve ser explicado mais tarde.

Na primeira estrofe do segundo bloco, muda a perspectiva temporal. O poeta mostra que o *ontem* do primeiro bloco é de fato *a véspera do dia de São João do ano em que tinha seis anos*. Por que então ele usou *ontem* e não *na véspera*? Porque ele faz uma evocação da festa, lembra-se dela. O lembrar é um presentificar. O poeta traz à lembrança, transfere para o presente o episódio narrado e analisa os eventos que dele fazem parte como anteriores ou concomitantes em relação ao momento da fala. Por ter presentificado o que estava no passado, usa *ontem* em lugar de *na véspera*.

Quando diz, porém, *quando eu tinha seis anos*, o poeta põe o passado no seu lugar. Instala no texto um marco temporal pretérito e o que estava presentificado se torna pretérito. O presente ocupa o lugar das recordações. Volta a pergunta *Onde estão?* Essa pergunta não está no pretérito imperfeito, como ocorre no primeiro bloco, em que se quer indicar a concomitância durativa entre o fato de estarem ausentes e o marco temporal *no meio da noite*. A questão agora é posta no presente. O poeta quer saber onde estão, no momento da fala, as pessoas que lhe eram próximas.

Na resposta, os termos *deitados* e *dormindo* adquirem um valor conotativo e significam “mortos”. A tessitura sonora pesada repete-se.

O último verso tem ponto, pois, ao contrário do verso correspondente do primeiro bloco, este é o *profundamente* definitivo. O primeiro *profundamente* é o do sono, parente da morte, porém reversível; o segundo é o da morte, portanto irreversível.

O poeta outra vez está presente quando os outros não estão. A primeira presença correspondia a uma ausência passageira; a segunda, à ausência final. Presentificando o passado, num notável jogo com os tempos e os advérbios temporais, o poeta estabelece uma relação de identidade entre as ausências e identifica-se com os que se foram. Mostra, assim, que a experiência da morte é a da ausência, que ele já tivera em criança.

LIÇÃO 14 EXERCÍCIOS

O texto que vem a seguir é a letra de uma música de Chico Buarque de Holanda:

JOÃO E MARIA

Agora eu era o herói
E o meu cavalo só falava inglês
A noiva do cowboy
Era você, além das outras três
Eu enfrentava os batalhões
Os alemães e seus canhões
Guardava o meu bodoque
E ensaiava um rock para as matinês

Agora eu era o rei
Era o bedel e era também juiz
E pela minha lei
A gente era obrigado a ser feliz
E você era a princesa que eu fiz coroar
E era tão linda de se admirar
E andava nua pelo meu país

Não, não fuja não
Finja que agora eu era o seu brinquedo
Eu era o seu pião
O seu bicho preferido
Vem, me dê a mão
A gente agora já não tinha medo
No tempo da maldade
Acho que a gente nem tinha nascido

Agora era fatal
Que o faz de conta terminasse assim
Pra lá deste quintal era uma noite que
[não tem mais fim
Pois você sumiu no mundo sem
[me avisar
E agora eu era um louco a perguntar
O que é que a vida vai fazer de mim.

Sivuca & Chico Buarque. *Chico Buarque de Holanda*. São Paulo, Abril Educação, 1980. (Literatura Comentada).

QUESTÃO 1

O tempo desta narrativa é marcado por um *agora*, que indica uma ocorrência concomitante com o momento da fala. Mas o tempo verbal, em vez do esperado presente (agora eu sou), é o imperfeito (*agora eu era*).

a) O uso de *era* em vez de *sou* cria um efeito de verdade ou uma impressão de fantasia?

b) As histórias do universo do faz de conta iniciam- se em geral pela fórmula *era uma vez*... O que há de

comum entre essa fórmula e a fórmula usada nesta narrativa *"agora eu era o herói"* ?

QUESTÃO 2

Como já vimos, o narrador pode fazer parte do relato ou não.

a) Nesta narrativa, qual é o tipo de participação do narrador no relato?

b) Desde as primeiras estrofes, há indicadores de que o narrador participa dos acontecimentos.

Cite, nas duas primeiras estrofes, duas passagens que confirmem essa interferência.

QUESTÃO 3

Na segunda estrofe, ao lado de várias formas verbais no imperfeito (*era*, *andava*), ocorre uma forma no perfeito do indicativo (*fiz*).

a) Conjugue a forma *fiz* no imperfeito do indicativo e reescreva o verso em que ela ocorre.

b) Substituindo *fiz* pela forma do imperfeito, qual é a diferença de sentido produzida?

c) Explique por que a forma *fiz* é mais adequada a este contexto.

QUESTÃO 4

Na terceira estrofe, a postura de segurança e de controle sobre a situação é alterada, o narrador assume a condição de alguém que solicita a participação da amada no jogo construído por ele.

a) Quais são as formas verbais que traduzem esse pedido?

b) Que tipo de participação é solicitado da amada?

c) A conjugação dessas formas verbais não está de acordo com a prescrição gramatical, que exige a correlação correta das pessoas. Qual o efeito de sentido produzido por essa transgressão?

QUESTÃO 5

Ainda na terceira estrofe, ocorre uma forma verbal no presente (*acho*) e uma no mais-que-perfeito (*tinha nascido*).

a) A forma *acho* indica uma ocorrência concomitante com que referencial de tempo?

b) A forma *tinha nascido*, que está no mais-que-perfeito composto do indicativo, deve estar indicando uma ocorrência passada anterior a outra passada. Em relação a que ocorrência *tinha nascido* indica um evento passado?

QUESTÃO 6

Na quarta estrofe, o clima de euforia das duas primeiras é radicalmente alterado. Segundo o narrador, era inevitável que a brincadeira (*faz de conta*) terminasse como acabou (*assim*).

a) *Assim*, que no caso é um advérbio de modo, está indicando o modo como a história terminou. Trata-se de um final feliz ou trágico?

b) No terceiro verso da quarta estrofe se lê: *"Pra lá deste quintal era uma noite que não tem mais fim"*.

Como se nota, a forma *era* (imperfeito) indica um evento concomitante com a forma *tem* (presente). Sob o ponto de vista do plano da realidade e do plano da ficção, como se pode interpretar essa aparente contradição?

c) Há, nessa estrofe, um verbo cujo significado indica uma ocorrência que fugiu do controle do narrador. De que ocorrência se trata?

d) Tendo perdido o controle da situação e dos acontecimentos, o narrador entra em estado de loucura. Uma forma verbal que indica tempo futuro contém uma interrogação. Trata-se de uma suspeita otimista ou pessimista? Por quê?

QUESTÃO 7

A compreensão global do texto autoriza-nos a afirmar que:

a) o mundo da ficção é mais favorável do que o da realidade, já que um não interfere no outro.

b) entre a realidade e a ficção é preferível a realidade, já que sobre ela nós temos controle.

c) entre a realidade e a ficção não existem fronteiras tão definidas, já que dados de um plano podem reproduzir-se no outro.

d) o medo da realidade nos impede de desfrutá-la.

e) nada existe fora do domínio da fantasia.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

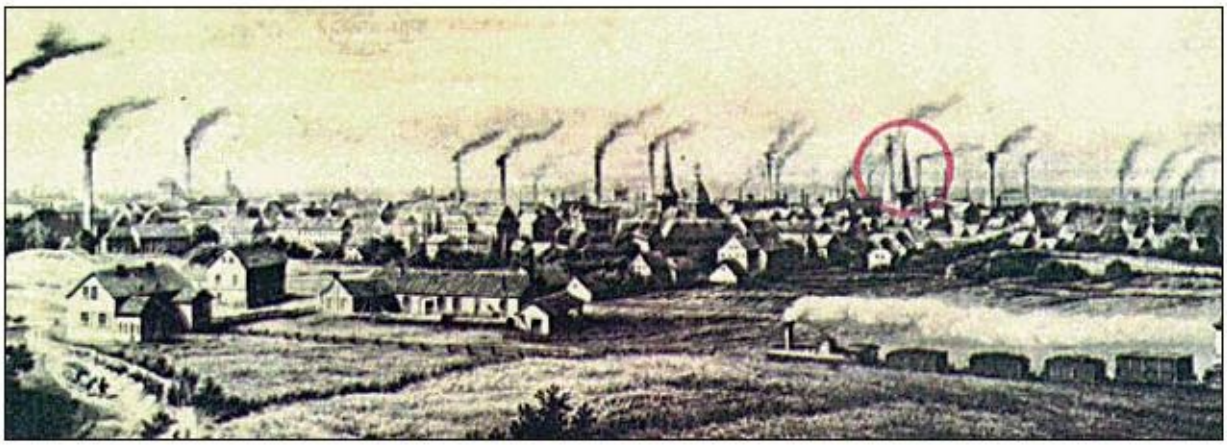

As três imagens ao lado mostram a cidade de Essen, na Alemanha, em três momentos: 1829, 1867 e atualmente.

A partir dessa sequência, elabore um texto narrativo, mostrando que as mudanças de tempo acarretam mudanças no espaço e nas personagens que o povoam.

Na condição de um repórter da história, transponha-se para o ano de 1867 (imagem 2).

O presente da narrativa situa-se, pois, em algum momento do ano de 1867. A imagem 1 (1829) situa-se no passado e a imagem 3 (os dias de hoje) situa-se no futuro.

Sob a forma de reportagem, usando os tempos verbais apropriados, registre um movimento de moradores de Essen (1867) que se manifestam contrários a certas obras da administração local. O objetivo delas é resolver um problema que não existia em 1829 (no passado) e vai provocar graves problemas no futuro (nos dias de hoje).

Terra Geographie 1. Stuttgart, Klett, 1991.

LIÇÃO 15

Ao tratar de um certo tipo de conto, Henry James fala de propriedades que, por extensão, valem para qualquer texto narrativo:"[...] sente-se de imediato que os fatos em si carecem de importância, que tudo está nas forças que os desencadearam, na malha sutil que os precedeu e os acompanha".

Nas histórias em quadrinhos, encontramos com frequência exemplos de narrativas exclusivamente visuais, construídas por meio de imagens sucessivas de uma ação das personagens.

Lobo Solitário, quadrinhos de Kazuo Koike e Goseki Kojima.

LIÇÃO 15

NARRAÇÃO

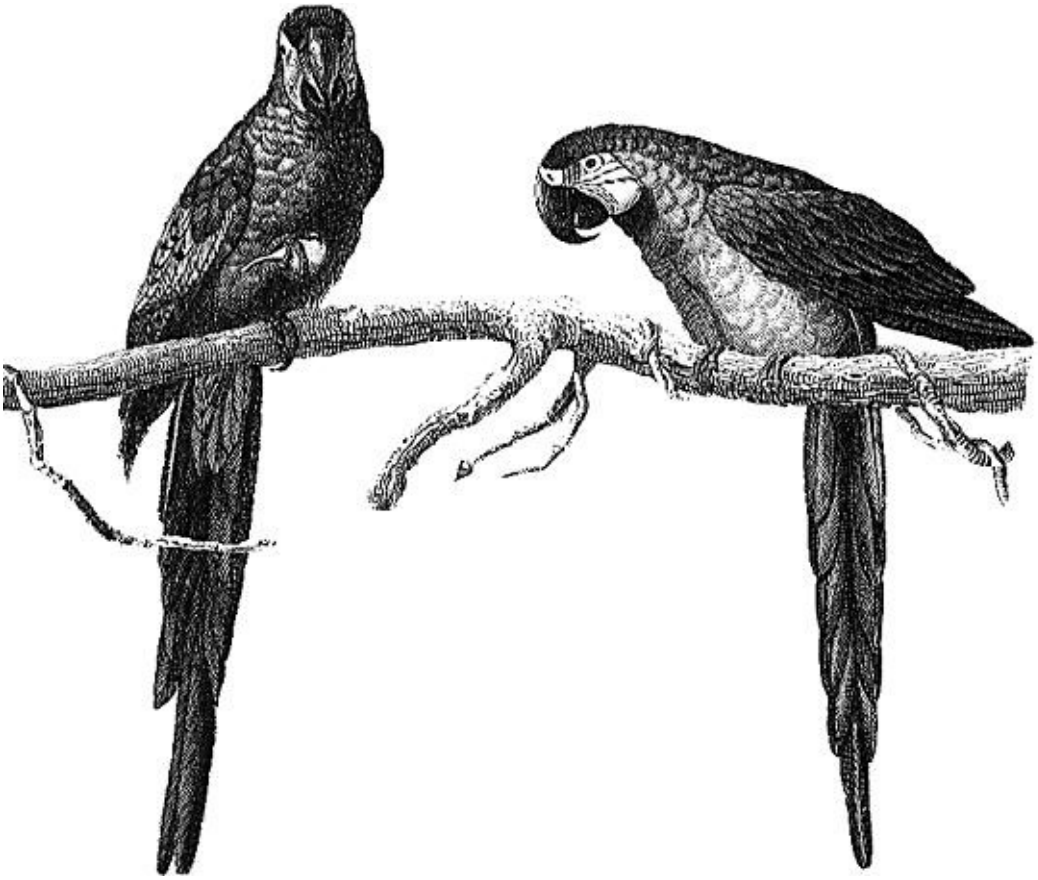

Leia o texto abaixo, passagem do livro *O senhor embaixador*, de Érico Veríssimo:

Foi na terceira semana de abril que o Embaixador de Sacramento tomou posse de sua cadeira no Conselho da Organização dos Estados Americanos. Ao entrar no edifício da União Pan-Americana foi logo atraído por vozes estrídulas que despertaram o menino que dormia dentro dele. Afastou-se dos assessores que o acompanhavam e precipitou-se para o Pátio Tropical, onde duas araras de cores tão rútilas que pareciam recender ainda a tinta — escarlate, verde, azul, amarelo — gingavam e gritavam, assanhadas, nos seus poleiros. Gabriel Heliodoro aproximou-se de uma delas, tentou pegar-lhe o bico, o que excitou ainda mais a colorida criatura, e ficou depois a dizer-lhe coisas numa língua que Titito Villalba jamais ouvira em sua vida. Em vão o secretário tentava mostrar a seu chefe as outras curiosidades do pátio. Sem dar-lhe atenção, o Embaixador aproximou-se da outra arara e repetiu a brincadeira.

Érico Veríssimo. *O senhor embaixador*. 2. ed. Porto Alegre, Globo, 1967. p. 157.

Esse texto é retirado de um romance de Érico Veríssimo, cuja história se inicia na manhã em que o embaixador da República de Sacramento, país fictício da América Central, que figurativiza qualquer país latino-americano das décadas de 60 e 70, entrega suas credenciais ao presidente dos Estados Unidos. Ao longo do livro, vamos conhecendo a história de Sacramento, que era governado despoticamente por um ditador militar corrupto, apoiado por uma oligarquia rural e por companhias norte-americanas, que

desejavam apenas manter seus privilégios. Nessa obra, o narrador vai tematizar a necessidade da democracia, para que as massas miseráveis dos países latino-americanos possam melhorar suas condições de vida. Uma multiplicidade enorme de temas da realidade da América Latina é abordada: o uso da ameaça comunista como pretexto para manter as ditaduras; o papel crítico que os intelectuais devem manter, como consciência da sociedade, em relação a qualquer governo; a proeminência dos militares nos assuntos civis etc. Veja dois trechos que mostram a discussão desses temas:

Bom, seja como for, a intervenção desse cavalheiro me traz à lembrança um diálogo que mantive com um professor inglês da Universidade de Oxford. Conversávamos sobre ideologias quando, em certo trecho do diálogo, ele me disse as seguintes palavras que me surpreenderam pela sua verdade e ao mesmo tempo pela sua desarmadora simplicidade: "A antítese comunismo-democracia é falsa". Explicou que o contrário do comunismo não é a democracia, mas o capitalismo, e a antítese da democracia não é o comunismo, mas a ditadura. O que ocorre é que, quando queremos dizer que somos capitalistas, achamos mais simpático afirmar que somos democratas! (p. 220-1)

Estou farto de tolerar a empáfia de alguns desses oficiais que pensam que farda é adjetivo qualificativo e não substantivo comum. (p. 43)

Analisemos, no entanto, do ponto de vista de sua construção, o texto com que começamos esta lição. Sua primeira característica é que se trata de um texto figurativo. Com efeito, constrói-se ele preponderantemente com termos concretos: *Embaixador do Sacramento*, *tomou posse*, *cadeira*, *edifício*, *vozes estrídulas*, *menino*, *dormia*, *araras*, *cores*, *rútilas*, *escarlate*, *verde* etc. O texto fala de uma personagem bem determinada, que, num tempo e num espaço bem demarcados, realiza uma série de ações.

A segunda característica é que o texto comporta uma série de mudanças de situação, de transformações de estado: tomar posse da cadeira no Conselho da União Pan-Americana é passar da situação de não pertencer ao Conselho à de fazer parte dele; despertar o menino que dormia dentro dele é passar da situação de agir como adulto à de portar-se como criança; aproximar-se da outra arara é mudar da situação de distância em relação a ela para a de proximidade. Essas mudanças de estado são ações realizadas por um dado sujeito.

A terceira característica é que as mudanças relatadas estão organizadas de maneira tal que entre elas existe sempre uma relação de anterioridade, posterioridade ou concomitância. Com efeito, entrar no edifício é anterior a ser atraído pelas vozes das aves, afastar-se dos assessores é posterior a ser atraído pelas suas vozes; tentar mostrar ao embaixador as outras curiosidades do pátio é concomitante a sua conversa com a arara, e assim por diante.

A quarta característica é que só aparecem no texto os tempos verbais do subsistema do passado: o pretérito perfeito (*foi*, *tomou*, *despertaram*, *afastou-se* etc.), o pretérito mais-que-perfeito (*ouvira*) e o pretérito imperfeito (*acompanhavam*, *gingavam*, *gritavam* etc.). Não ocorre no texto nenhum caso de uso do futuro do pretérito, que pertence também ao subsistema do passado. Observe-se, além disso, que os imperfeitos, que indicam uma duratividade, estão sempre correlacionados a perfeitos, que mostram uma ação acabada.

Ao longo de nossa vida, tomamos contacto com os mais variados tipos de texto: literários e

jornalísticos, em verso ou em prosa, políticos, religiosos e muitos outros. Há uma classificação que, por revelar-se útil tanto para a produção quanto para a leitura, enraizou-se na tradição escolar. Trata-se do agrupamento dos textos em narrativos, descritivos e dissertativos.

Antes de mais nada, é preciso deixar claro que frequentemente esses tipos não são encontrados em estado puro. Narração, descrição e dissertação podem alternar-se num mesmo texto. Isso não impede que, por razões didáticas, estudemos cada uma dessas classes separadamente.

A NARRAÇÃO

É preciso em primeiro lugar distinguir narrativa e narração. O que define o componente narrativo do texto é a mudança de situação, a transformação. Narrativa é, pois, uma mudança de estado operada pela ação de uma personagem. Mesmo que essa personagem não apareça no texto, está logicamente implícita. Por exemplo, quando se diz que o embaixador foi nomeado para representar seu país na União Pan-Americana, alguém o nomeou, fazendo-o passar do estado em que não era embaixador junto a esse organismo para o estado em que representa seu país junto a ele.

Há dois tipos de mudança. O primeiro é aquele em que alguém passa a ter alguma coisa que não tinha (lembre-se de que estamos falando não só de objetos materiais, mas de cargos, posições, estados de alma, como o ciúme, o amor etc.): tomar posse da cadeira de embaixador junto à OEA é passar a ter a posição de embaixador. O segundo tipo é aquele em que alguém deixa de ter alguma coisa que tinha: quando uma pessoa fica pobre deixa de ter riqueza. Assim, temos dois tipos básicos de narrativa: **de aquisição** (por exemplo, as que relatam casos em que alguém enriquece, adquire um conhecimento, se apaixona, se torna ressentido, ganha uma eleição etc.) e **de perda** (por exemplo, as que narram eventos de término de um amor, de demissão de um posto, de enlouquecimento etc.).

Quem realiza a transformação pode ser ou não a mesma personagem que adquire ou perde o objeto. Por exemplo, quando se conta a história de alguém que herdou uma enorme fortuna, quem realiza a transformação é a personagem que legou a fortuna e quem adquire essa riqueza é o beneficiário da herança. Quando se narra que alguém roubou setenta e dois lingotes de ouro de uma seguradora, quem realiza a ação e quem passa a ter a riqueza são a mesma personagem.

Um texto narrativo não tem uma mudança apenas. São várias transformações. A narrativa típica apresenta, implícita ou explicitamente, quatro mudanças **de situação**, sejam elas mudanças de aquisição ou de perda:

a) uma em que uma personagem passa a ter um querer ou um dever, um desejo ou uma necessidade de fazer algo: quando alguém diz *me deu uma vontade enorme de tomar uma cerveja*, temos a primeira transformação, pois passou de um não querer a um querer;

b) uma em que ela adquire um saber e um poder, isto é, a competência necessária para fazer algo: se quem passou a ter vontade de tomar uma cerveja vai pegar dinheiro para comprá-la, passou de um estado de não poder tomar a cerveja para o de poder tomá-la;

c) uma que é a mudança principal da narrativa, a realização daquilo que se quer ou se deve fazer: quando quem quer tomar a cerveja a compra e a bebe, passamos da situação de não ter o prazer gustativo proporcionado pela bebida para a situação de tê-lo;

d) uma em que se constata que a transformação principal ocorreu e em que se podem atribuir prêmios ou castigos às personagens: suponhamos que a personagem que tomou a cerveja seja uma criança e que o pai, tendo constatado que ela bebeu uma bebida alcoólica, ou seja, tendo passado da situação de não saber para a de saber, aplique um castigo a ela; teremos uma transformação do estado de não castigado para o de castigado. Geralmente, os prêmios são para os bons, e os castigos, para os maus, mas há narrativas em que o bem é castigado, e o mal, premiado.

Toda narrativa tem essas quatro mudanças, mesmo que elas não sejam explicitamente mencionadas, pois elas se pressupõem logicamente. Com efeito, quando se constata a realização de uma mudança principal é porque ela se verificou e ela se efetua porque quem a realiza sabe e pode, quer ou deve fazê-la. Tomemos, por exemplo, o ato de compra de um apartamento: quando se assina a escritura realiza-se o ato de compra. Mesmo que não se narre, é necessário poder (ter dinheiro) e querer ou dever comprar (por exemplo, respectivamente, querer deixar de pagar aluguel ou ter necessidade de mudar, por ter sido despejado). Algumas mudanças são, então, necessárias, para que outras ocorram. Assim, para apanhar uma fruta é preciso, por exemplo, pegar um bambu para derrubá-la. Para ter um carro, é necessário antes conseguir dinheiro para comprá-lo.

Os exemplos que estão sendo dados são sobre tomar cerveja, comprar um apartamento, adquirir um carro, apanhar uma fruta. Alguém poderia, então, dizer: isso não são narrativas, mas ações que todos realizam. Exatamente, uma narrativa é um simulacro das ações do homem no mundo, e um estudo da narrativa é uma teoria da ação realizada em relação às coisas ou aos seres humanos.

Uma narrativa longa não tem uma única sequência das quatro transformações descritas acima. Tem várias: essas sequências coordenam-se umas às outras (numa novela, por exemplo, é comum haver casos de desencontro amoroso: entre duas personagens ricas e entre duas pobres, ou entre uma rica e uma pobre; essas narrativas não se entrelaçam, mas correm paralelas: uma está coordenada à outra); implicam umas às outras (por exemplo, uma narrativa de vingança está implicada pelo relato do mal que se fez a quem se vinga, uma vez que só há vingança se houver ofensa anterior); subordinam-se umas às outras (por exemplo, quando um homem narra seu casamento e conta o que fez para conquistar sua esposa, a segunda narrativa está subordinada à primeira, pois a conquista amorosa é meio para chegar ao casamento.).

Até agora, estamos falando em narrativa, embora a lição seja sobre narração. Existe alguma diferença entre as duas? Sim. A narratividade é um componente que pode existir em textos que não são narrações. A narratividade é a transformação de situações. Por exemplo, quando se diz

> A abertura da economia brasileira é necessária, pois só a concorrência pode tornar as empresas competitivas,

temos um texto tipicamente dissertativo, que, no entanto, apresenta um componente narrativo, pois contém duas mudanças de situação: passagem do fechamento à abertura e da não competitividade para a competitividade.

Se a narratividade está presente, de uma forma ou de outra, em todos os tipos de texto, que é uma narração?

É um tipo de narrativa. Tem ela quatro características básicas:

1) é um conjunto de transformação de situações referentes a personagens determinadas, mesmo que sejam coletivas (por exemplo, o povo brasileiro), ou a coisas particulares, num tempo preciso e num espaço bem configurado (no texto com que abrimos essa lição as situações relatadas referem-se a uma personagem determinada, o Embaixador de Sacramento, no dia em que toma posse de sua cadeira na

União Pan-Americana, no pátio do prédio desse organismo);

2) como a narração opera com personagens, situações, tempos e espaços bem determinados, trabalha predominantemente com termos concretos, sendo, portanto, um texto figurativo;

3) no interior do texto narrativo, há sempre uma progressão temporal entre os acontecimentos relatados, isto é, conta ele eventos concomitantes, anteriores ou posteriores uns aos outros (observe, no entanto, que o narrador pode dispor os acontecimentos no texto na ordem em que quiser, desde que deixe claro qual é o anterior, o concomitante e o posterior; pode começar a contar uma história e, depois de dizer, por exemplo, *antes disso*, narrar eventos que sucederam antes. Em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, começa-se a narração pelo óbito do narrador e, depois, vêm seu nascimento, sua infância, a vida adulta etc.);

4) já que o ato de narrar ocorre, por definição, no presente, dado que, como vimos, o presente indica uma concomitância em relação ao momento da fala (no caso, fala do narrador), ele é posterior à história contada, que, por conseguinte, é anterior a ele; por isso, o subsistema do pretérito (pretérito perfeito, pretérito imperfeito, pretérito mais-que-perfeito e futuro do pretérito) é o conjunto de tempos por excelência da narração (veja que isso ocorre no texto de Érico Veríssimo).

No entanto, o narrador pode criar uma narração em que haja uma concomitância entre o tempo da narração e o dos acontecimentos narrados, para simular que eles estão acontecendo no mesmo momento em que estão sendo contados. É o que acontece quando se irradia um jogo de futebol: *Evair vai levando a bola, passa por um, passa por dois, lança para Edmundo, que ajeita e chuta para gol*. No entanto, isso é uma simulação, dado que o narrador narra depois de o lance ter acontecido, quando já é passado, embora muito recente. Nesse caso, usam-se os tempos do sistema do presente (presente, pretérito perfeito e futuro do presente).

Existe também, embora muito rara, a chamada narrativa profética, em que os acontecimentos narrados são vistos como posteriores à narração. É o que pode acontecer em horóscopos, previsões meteorológicas e profecias. Nesse caso, usa-se o subsistema do futuro (presente do futuro, futuro anterior e futuro do futuro). Cabe lembrar que, mesmo nesses textos chamados proféticos, muitas vezes usa-se o sistema do presente com valor de futuro ou, então, imagina-se o acontecimento futuro como algo já passado e faz-se uso do subsistema do passado. No livro do profeta Isaías, 30, 20-23, encontramos um exemplo de narrativa no futuro:

Quando o Senhor vos tiver dado o pão da angústia e a água da aflição, aquele que te ensina não se esconderá mais e teus olhos verão aquele que te instrui. (...) Tu acharás impuros os revestimentos de prata de teus ídolos e de ouro de tuas estátuas. Tu os rejeitarás como um objeto imundo e dir-lhes-ás: “Fora daqui”. Ele dar-te-á a chuva para a semente que tiveres semeado na terra, e o pão que proporcionará a terra será suculento e nutritivo. Teu gado pastará, nesse dia, em vastas pastagens.

Na narração, as quatro características explicadas acima (transformação de situações concretas, figuratividade, relações de posterioridade, concomitância e anterioridade entre os episódios relatados e utilização preferencial do subsistema temporal do passado) devem estar conjuntamente presentes. Um texto que tenha só uma dessas características ou duas delas não é uma narração.

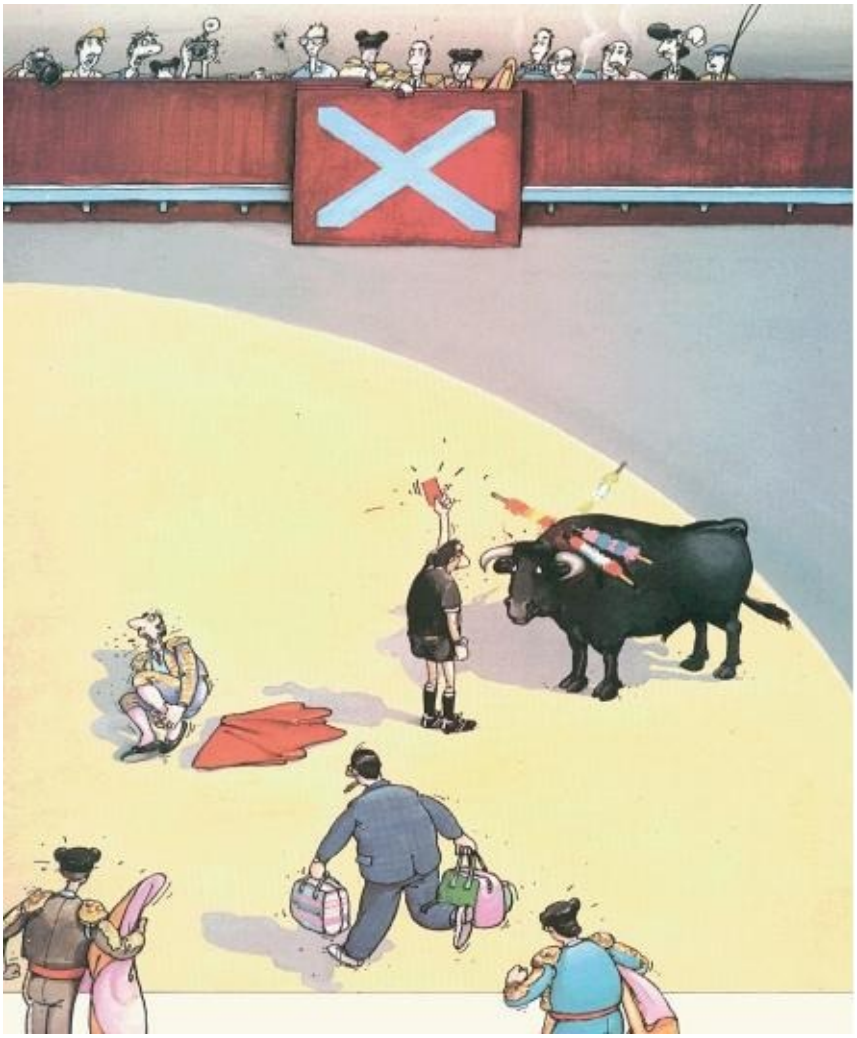

Cartum de Roger Blachon.

Este cartum é um exemplo de uma sequência narrativa concentrada numa só imagem. A partir da cena retratada, podemos perceber, com base em relações de implicação, a anterioridade, a posterioridade e a concomitância das ações ocorridas: o toureiro enfrentando o touro, o touro chifrando-o na perna, o toureiro caindo, a entrada do homem para socorrer o toureiro e do juiz para repreender o touro.

TEXTO COMENTADO

O texto que segue é uma passagem do romance *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida:

Sua história tem pouca coisa de notável. Fora Leonardo algibebe[1] em Lisboa, sua pátria. Aborrecera-se porém do negócio, e viera ao Brasil. Aqui chegando não se sabe por proteção de quem, alcançou o emprego de que o vemos empossado, e que exercia, como dissemos, desde tempos remotos. Mas viera com ele no mesmo navio não sei fazer o que, uma certa Maria da hortaliça, quitandeira das praças de Lisboa, saloia[2] rechonchuda e bonitota. O Leonardo, fazendo-se-lhe justiça, não era nesse tempo de sua mocidade mal apessoado, e sobretudo era maganão[3]. Ao sair do Tejo, estando Maria encostada à borda do navio, o Leonardo fingiu que passava distraído por junto dela, e com o ferrado sapatão assentou-lhe uma valente pisadela no pé direito. A Maria, como se já esperasse por aquilo, sorriu-se como envergonhada do gracejo, e deu-lhe também em ar de disfarce um tremendo beliscão nas costas da mão esquerda. Era isto uma declaração em forma, segundo os usos da terra: levaram o resto do dia de namoro cerrado; ao anoitecer passou-se a mesma cena de pisadela e beliscão, com a diferença de serem desta vez um pouco mais fortes; e no dia seguinte estavam os dois amantes tão extremosos e familiares que pareciam sê-lo de muitos anos.

Quando saltaram em terra começou Maria a sentir certos enjoos: foram os dois morar juntos: e daí um mês manifestaram-se claramente os efeitos da pisadela e do beliscão; sete meses depois teve a Maria um filho, formidável menino de quase três palmos de comprido, gordo e vermelho, cabeludo, esperneador e chorão; o qual, logo depois que nasceu, mamou duas horas seguidas sem largar o peito. E este nascimento é certamente de tudo o que temos dito o que mais nos interessa, porque o menino de quem falamos é o herói desta história.

Manuel Antônio de Almeida. *Memórias de um sargento de milícias*. 22. ed. São Paulo, Ática, 1994. p. 12-3.

O texto é figurativo. Trabalha predominantemente com termos concretos: *Lisboa*, *Leonardo*, *vir*, *Brasil*, *emprego*, *ferrado*, *sapatão*, *maganão*, *saloia*, *algibebe*, *rechonchuda*, *bonitota* etc.

A segunda característica do texto é a mudança de situações referentes a personagens determinadas, num espaço preciso e num tempo demarcado: mudança de Leonardo e Maria, de Portugal para o Brasil; os dois tornam-se amantes no navio que os trazia do reino para o Brasil; Maria fica grávida e, quando chegam ao Rio de Janeiro do "tempo do rei", ambos, que não tinham filhos, têm um.

A terceira particularidade do texto é que os episódios se articulam numa relação de anterioridade e posterioridade. Vejamos alguns exemplos da sequência dos acontecimentos: aborrecimento de Leonardo com os negócios que tinha em Lisboa, embarque para o Brasil, encontro com Maria no navio, pisadela, beliscão, namoro, nova pisadela, novo beliscão, tornarem-se amantes, chegada ao Brasil, confirmação da gravidez, nascimento do filho, mamada de duas horas.

Os fatos são narrados com os tempos do subsistema do pretérito: pretérito perfeito (*alcançou*, *fingiu*, *assentou*, *sorriu*, *levaram*, *passou-se* etc.), pretérito imperfeito (*exercia*, *passava*, *era*, *estavam* etc.), pretérito mais-que-perfeito (*fora*, *aborrecera-se*, *viera* etc.). Só se usa o presente quando o narrador interfere, para comentar o que está sendo contado. Não nos esqueçamos de que o tempo do ato de narrar é o presente (*tem*, *vemos*, *é*, *falamos*).

Como o texto é figurativo, mostra mudanças de situação referentes a personagens determinadas, num tempo e num espaço demarcados, estabelece uma relação de anterioridade e de posterioridade entre os episódios, usa o sub-sistema de tempos do passado, é uma narração.

As quatro fases da narrativa típica estão presentes no texto. Primeira sequência: desejo de vir para o Brasil (*aborrecera-se porém do negócio*), saber e poder implícitos, transformação principal (a vinda propriamente dita), reconhecimento de que a transformação se deu (*quando saltaram em terra*); segunda sequência — desejo de manter um relacionamento sexual (pisadelas e beliscões), saber e poder implícitos, transformação principal (*no dia seguinte estavam os dois amantes tão extremosos e familiares, que pareciam sê-lo de muitos anos*), reconhecimento de que a transformação principal se deu (gravidez de Maria e nascimento do filho).

Memórias de um sargento de milícias é um romance que retrata a gente do povo e não a burguesia urbana, como faziam os romances cuja ação se passava nas cidades. A personagem principal desse livro é Leonardo, filho de Leonardo e Maria. No texto, as origens de Leonardinho são narradas. Seus pais, Leonardo e Maria, são apresentados pelo ofício (*Fora Leonardo algibebe em Lisboa*; *Maria da hortaliça, quitandeira das praças de Lisboa*), por caracteres físicos (*rechonchuda e bonitota*; *não era nesse tempo mal apessoado*) e morais (*maganão*). O menino é "filho de uma pisadela e de um beliscão", como conta com muita graça o narrador. Ainda pequeno, é abandonado pelos pais. Passa a viver com o padrinho. Sua vida é uma sequência de pequenos golpes até o final feliz, em que, nomeado sargento de milícias, casa-se com Luisinha.

Leonardo é um anti-herói, quando comparado aos heróis românticos. Muitos críticos consideram que ele é o que se poderia chamar um pícaro, protagonista de novelas picarescas, gênero literário de origem espanhola. O pícaro é um pobre, que vê as mazelas de uma sociedade com humor, malícia, ironia, cinismo; está de certa forma à margem da sociedade; seu ponto de vista é dos que estão em baixo; é astuto e mostra que os grandes senhores e as instituições mais respeitáveis têm baixezas muito grandes; vive de expedientes para poder sobreviver.

Sobre o romance afirma Alfredo Bosi em sua *História concisa da literatura brasileira*: "O seu valor reside principalmente em ter captado, pelo *fluxo narrativo*, uma das marcas da vida na pobreza, que é a perpétua sujeição à necessidade, sentida de modo fatalista no destino de cada um. Esse contínuo esforço de driblar o acaso das condições adversas e a avidez de gozar os intervalos de boa sorte impelem os figurantes das *Memórias*, e, em primeiro lugar, o anti-herói Leonardo [...] para a roda-viva de pequenos engodos e demandas de emprego, entremeadas com ciganagens e patuscadas que dão motivo ao romancista para fazer entrar em cena tipos e costumes do velho Rio". (São Paulo, Cultrix, 1975. p. 147.)

LIÇÃO 15 EXERCÍCIOS

O trecho que vem abaixo é de autoria de Chico Buarque de Holanda:

VALSINHA

Um dia ele chegou tão diferente
Do seu jeito de sempre chegar.
Olhou-a de um jeito muito mais quente
Do que sempre costumava olhar
E não maldisse a vida tanto
Quanto era seu jeito de sempre falar.
E nem deixou-a só num canto
Pra seu grande espanto
Convidou-a pra rodar.
Então ela se fez bonita
Como há muito tempo não queria ousar
Com seu vestido decotado
Cheirando a guardado
De tanto esperar.
Depois os dois deram-se os braços
Como há muito tempo
Não se usava dar
E cheios de ternura e graça
Foram para a praça
E começaram a se abraçar.
E ali dançaram tanta dança
Que a vizinhança toda despertou
E foi tanta felicidade
Que toda a cidade se iluminou
E foram tantos beijos loucos
Tantos gritos roucos
Como não se ouviam mais

Que o mundo compreendeu
E o dia amanheceu em paz.

Vinícius de Moraes & Chico Buarque de Holanda. *Chico Buarque de Holanda*. São Paulo, Abril Educação, 1980. p. 30-1. (Literatura Comentada).

Grande valsa, pintura da artista popular Octacília Josefa de Melo, de 1986(fragmento).

QUESTÃO 1

Como se sabe, todo texto narrativo relata transformações que vão ocorrendo através do tempo.

Leia os dois versos iniciais:
"Um dia ele chegou tão diferente
Do seu jeito de sempre chegar".

Os dois versos relatam uma transformação: ele chegava habitualmente de um jeito e passou a chegar de outro. Levando em conta os dados fornecidos pelo texto, como ele costumava chegar habitualmente?

QUESTÃO 2

Naquele dia diferente, uma das atitudes dele, de modo especial, causou surpresa a ela. Qual foi essa atitude?

QUESTÃO 3

Essa transformação que se deu com a personagem masculina (*ele*) desencadeou outra transformação na personagem feminina (*ela*).

Em que níveis de comportamento se alterou a conduta dela?

QUESTÃO 4

A disponibilidade de ambos deu origem à dança, que também pode ser interpretada como movimento do jogo amoroso.

Fazem parte desse jogo tanto o afeto, a emoção delicada, quanto a sensualidade calorosa, a paixão febril.

Encontre passagens no texto que falem:

a) da emoção delicada;

b) da sensualidade calorosa.

QUESTÃO 5

O gesto amoroso da dança saiu do interior da casa para a praça, da praça para a cidade, da cidade para o mundo.

a) Como se pode interpretar essa ampliação do espaço?

b) Qual é o efeito final desse gesto no comportamento dos homens?

QUESTÃO 6

Pode-se dizer que o texto estabelece uma relação de semelhança entre a valsa, o jogo amoroso e as relações humanas em termos mais amplos? Em caso afirmativo, explique onde reside essa semelhança.

QUESTÃO 7

Todo texto narrativo é figurativo. Isso quer dizer que por trás das figuras existe um tema implícito. Numa carta endereçada a Vinícius de Moraes, Chico Buarque discute com o seu parceiro a inconveniência de colocar o título de "Valsa hippie" (em vez de "Valsinha"), como queria o velho poeta.

Eis o trecho da carta:

"Valsa hippie" é um título forte. É bonito, mas pode parecer forçação de barra, com tudo o que há de hippie à venda por aí. "Valsa hippie", ligado à filosofia hippie como você o ligou, é um título perfeito. Mas hippie, para o grande público, já deixou de ser a filosofia da moda pra frente, de se usar roupa e cabelo. Aí já não tem nada a ver.

Chico Buarque de Holanda. Cartas a Vinícius. *O Estado de S.Paulo*, 19 mar. 1995. p. D-16.

Qual é o tema que torna a letra de "Valsinha" compatível com a autêntica filosofia hippie?

QUESTÃO 8

Levando em conta o sentido global do texto, pode-se afirmar que:

a) a dança, que inclui o envolvimento amoroso e o prazer, expande seus efeitos para além das pessoas que se amam.

b) o jogo amoroso, diferentemente da dança e da valsa, só é possível com o consentimento explícito dos pares que se amam.

c) para que a dança e o amor sejam bem-sucedidos, é preciso que, de início, exista apenas ternura de ambas as partes e só depois esse sentimento evolua para o prazer.

d) a concepção de amor que está implícita por trás desse texto narrativo não inclui o prazer físico.

e) só a ternura e o amor desinteressado são capazes de irradiar sua influência para além do espaço doméstico.

PROPOSTAS DE REDAÇÃO

1) Extraída do vestibular da Unicamp:

Umberto Eco faz a seguinte reflexão acerca do ato de narrar:

Entendo que para contar é necessário primeiramente construir um mundo, o mais mobiliado possível, até os últimos pormenores. Constrói-se um rio, duas margens, e na margem esquerda coloca-se um pescador, e se esse pescador possui um temperamento agressivo e uma folha penal pouco limpa, pronto: pode-se começar a escrever, traduzindo em palavras o que não pode deixar de acontecer.

Pós-Escrito a O nome da rosa.

Escreva uma narrativa utilizando os dados iniciais fornecidos por Umberto Eco.

2) O trecho que segue foi extraído de uma crônica de Rubem Braga. Transcreveu-se apenas o seu início. A tarefa proposta é que se elabore um texto narrativo coerente com os elementos contidos na introdução.

FRITZ MÜLLER, alemão, divorciado, de 42 anos presumíveis, importador, domiciliado à Rua Cinco de Julho, 422, ap. 801, Copacabana, foi encontrado morto na cozinha de seu apartamento, com a cabeça esmagada por um instrumento contundente. A vítima, que trajava apenas calção de banho, foi encontrada em decúbito dorsal, com a cara voltada para a porta exterior da cozinha. O encontro foi feito pela doméstica Severina de Araújo, de 27 anos, solteira, às 8h10m da manhã de hoje, quando chegava ao apartamento para dar início aos seus afazeres.

Rubem Braga. *Ai de ti, Copacabana*. 5. ed. Rio de Janeiro, 1960. p. 95.

3) Extraída do vestibular da Unicamp:

Na coletânea abaixo, há elementos para a construção de **um texto narrativo em que se tematiza o relacionamento entre duas pessoas, o cruzamento de duas vidas.** Sua tarefa será desenvolver essa narrativa, segundo as Instruções Gerais.

A tragédia deste mundo é que ninguém é feliz, não importa se preso a uma época de sofrimento ou de felicidade. A tragédia deste mundo é que todos estão sozinhos. Pois uma vida no passado não pode ser partilhada com o presente.

Alan Lightman. *Sonhos de Einstein*. 1993.

CENA A[4]: UM HOMEM, UMA MULHER.

Uma mulher deitada no sofá, cabelos molhados, segurando a mão de um homem que nunca voltará a ver.

Luz do sol, em ângulos abertos, rompendo uma janela no fim da tarde. (...) Uma imensa árvore caída, raízes esparramadas no ar, casca e ramos ainda verdes.

O cabelo ruivo de uma amante, selvagem, traiçoeiro, promissor.

Um rosto estranho no espelho, grisalho nas têmporas.

As sombras azuis das árvores numa noite de lua cheia. O topo de uma montanha com um vento forte constante.

CENA B: UM PAI, UM FILHO.

Uma criança à beira do mar, enfeitiçada pela primeira visão que tem do oceano.

Um barco na água à noite, suas luzes tênues na distância, como uma pequena luz vermelha no céu negro.

Um livro surrado sobre uma mesa ao lado de um abajur de luz branda.

Uma chuva leve em um dia de primavera, em um passeio que será o último passeio que um jovem fará no lugar que ele ama.

Um pai e um filho sozinhos em um restaurante. Um trem com vagões vermelhos, sobre uma grande ponte de pedra, de arcos delicados, o rio que sob ela corre, minúsculos pontos que são casas a distância.

Instruções Gerais

Escolha os elementos de **apenas uma** das cenas apresentadas (**A** ou **B**), para construir: as **duas** personagens, o cenário, o enredo e o tempo de sua narrativa.

O foco narrativo deverá ser em 3ª pessoa.

O desenvolvimento do enredo, a partir da cena escolhida por você, **deverá levar em consideração** o trecho de Alan Lightman, que introduz a coletânea.

1 algibebe: aquele que fabrica e vende roupa de fazenda ordinária.
2 saloia: camponesa das cercanias de Lisboa.
3 maganão: brincalhão, atrevido.
4 Os fragmentos das cenas **A** e **B** também foram extraídos de A. Lightman.

LIÇÃO 16

“Toda descrição reduz-se à enumeração das partes e dos aspectos de uma coisa vista, e esse inventário pode ser elaborado numa ordem qualquer, o que introduz na execução uma espécie”

Paul-Valéry

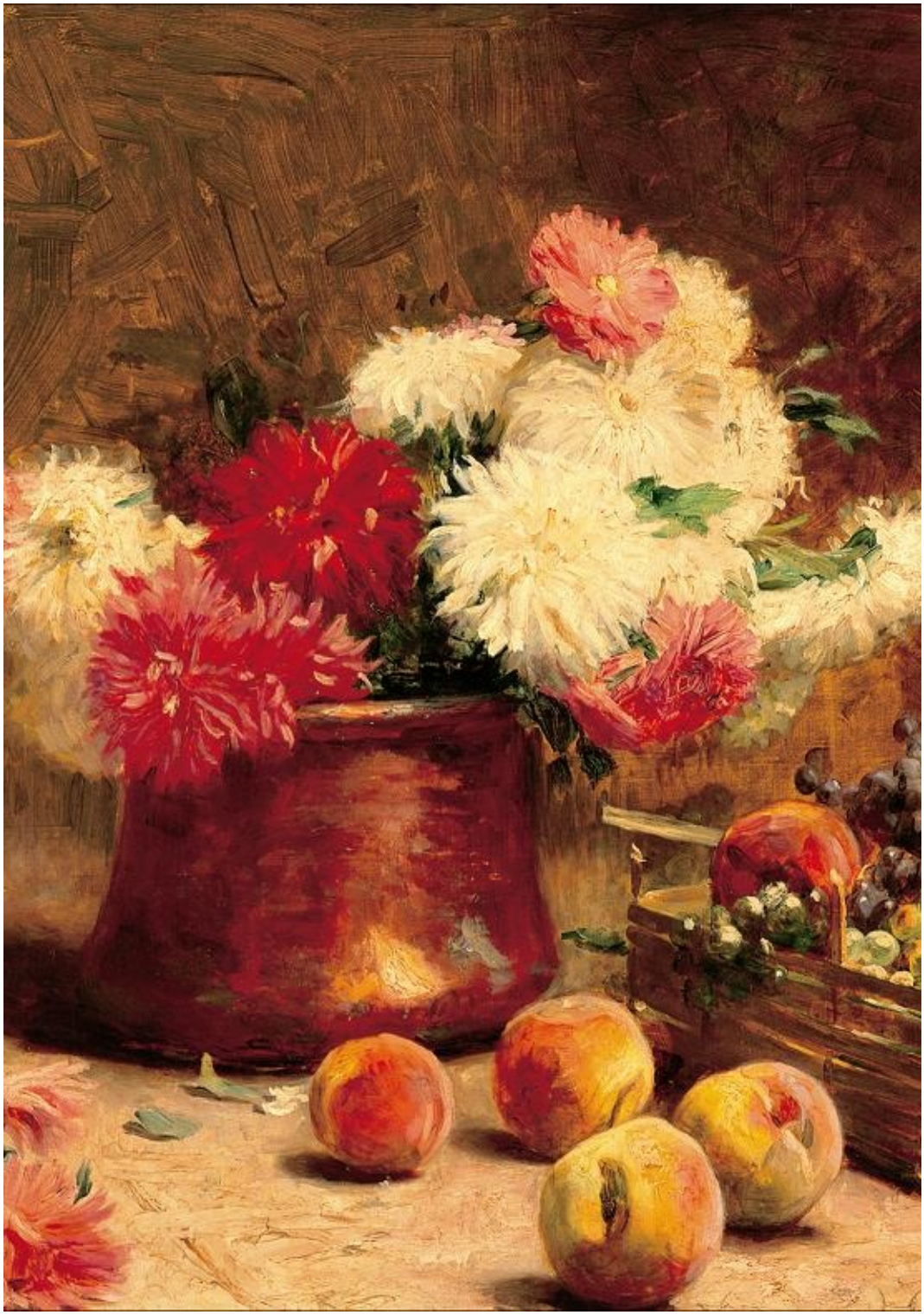

Naturezas-mortas e retratos são temas recorrentes nas artes plásticas. São obras que têm caráter essencialmente descritivo, o que não significa que deixem de representar a maneira particular de o artista ver o mundo.

Frutase flores, pintura de Pedro Alexandrino Borges(fragmento), pertencente ao acervo da Pinacoteca do Estado, São Paulo.

LIÇÃO 16

DESCRIÇÃO

O trecho que vem a seguir foi retirado do romance *A escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães:

(...) Acha-se ali sozinha e sentada ao piano uma bela e nobre figura de moça. As linhas do perfil desenham-se distintamente entre o ébano da caixa do piano, e as bastas madeixas ainda mais negras do que ele. São tão puras e suaves essas linhas, que fascinam os olhos, enlevam a mente, e paralisam toda análise. A tez é como o marfim do teclado, alva que não deslumbra, embaçada por uma nuança delicada, que não sabereis dizer se é leve palidez ou cor-de-rosa desmaiada. O colo donoso e do mais puro lavor sustenta com graça inefável o busto maravilhoso. Os cabelos soltos e fortemente ondulados se despenham caracolando pelos ombros em espessos e luzidios rolos, e como franjas negras escondiam quase completamente o dorso da cadeira, a que se achava recostada. Na fronte calma e lisa como mármore polido, a luz do ocaso esbatia um róseo e suave reflexo; di-la-íeis misteriosa lâmpada de alabastro guardando no seio diáfano o fogo celeste da inspiração. Tinha a face voltada para as janelas, e o olhar vago pairava-lhe pelo espaço.

Os encantos da gentil cantora eram ainda realçados pela singeleza, e diremos quase pobreza do modesto trajar. Um vestido de chita ordinária azul-clara desenhava-lhe perfeitamente com encantadora simplicidade o porte esbelto e a cintura delicada, e desdobrando-se-lhe em roda em amplas ondulações parecia uma nuvem, do seio da qual se erguia a cantora como Vênus nascendo da espuma do mar, ou como um anjo surgindo dentre brumas vaporosas. Uma pequena cruz de azeviche presa ao pescoço por uma fita preta constituía o seu único ornamento.

Bernardo Guimarães. *A escrava Isaura*. 19. ed. São Paulo, Ática, 1993. p. 13-4.

Esse texto mostra-nos Isaura, a personagem principal do romance. Sua primeira característica é que é um **texto figurativo**. Constrói-se predominantemente com termos concretos: *piano*, *moça*, *perfil*, *ébano*, *madeixas*, *negras*, *tez*, *marfim*, *teclado*, *despenham-se*, *caracolar* etc. Retrata ele, pois, uma personagem concreta.

A segunda característica é que todas as frases expõem **ocorrências simultâneas** (ao mesmo tempo que está sozinha e sentada ao piano, seu perfil desenha-se entre o ébano da caixa do piano e os cabelos mais negros do que ele, tem a face voltada para as janelas, o olhar vago paira pelo espaço, traja um vestido de chita, traz uma cruz de azeviche ao pescoço). Ademais, as características da moça ocorrem todas concomitantemente: tez alva, busto maravilhoso, fronte calma e lisa como o mármore polido. Por isso, não existe uma ocorrência que possa ser considerada cronologicamente anterior à outra do ponto de vista do relato. Evidentemente, no nível dos acontecimentos, pode-se dizer que sentar-se ao piano é cronologicamente anterior a voltar a face para a janela. No nível do relato, no entanto, a ordem dessas duas ocorrências é indiferente: o narrador quer retratar uma personagem e não traçar a cronologia de suas ações. Poderia, perfeitamente, dizer primeiro *tinha as faces voltadas para as janelas* e depois *acha-se ali sozinha e sentada ao piano*, sem que isso alterasse o sentido básico do texto. Se invertêssemos a sequência dos enunciados não correríamos o risco de alterar nenhuma relação cronológica.

A terceira característica é que no texto aparecem basicamente **verbos de estado** (por exemplo, *acha-se*, *são*, *é*, *sustenta*, *tinha*). Quando aparecem verbos que poderiam ser considerados de ação (por exemplo, *despenhar-se*, *esbater*, *desenhar*), estão, como aliás também os verbos de estado, no presente ou no pretérito imperfeito, os dois tempos verbais básicos da descrição. Esses são os tempos fundamentais para construir um texto descritivo porque indicam uma concomitância: o presente em relação ao momento da fala; o pretérito imperfeito em relação a um marco temporal pretérito instalado no texto. No exemplo dado acima, o narrador oscila entre usar o presente, para simular que estamos como

que em presença da moça, que está sendo retratada, no próprio momento em que se acha sentada ao piano, e o pretérito imperfeito, para mostrar que, de fato, essa cena ocorreu no marco temporal pretérito instalado no texto, *nos primeiros anos do reinado do Sr. D. Pedro II (...) numa linda e calmosa tarde de outubro*. Esses dois tempos, por indicarem concomitância, não denotam transformação de estado. A transformação narrativa está então implícita. Se a personagem está sentada ao piano é porque se sentou, isto é, passou do estado de estar de pé para o de estar sentada; se ela está trajando um vestido de chita é porque o vestiu, ou seja, passou da situação de não estar trajada com aquela roupa para a de estar etc.

O mapa constitui um exemplo privilegiado de descrição da linguagem visual. Ao fazer um mapa, o cartógrafo tem por objetivo produzir a descrição mais fiel e precisa possível de uma determinada porção de território, seja ele uma rua, uma cidade, um país ou o globo terrestre.

Mapa de São Paulo, de 1973(fragmento).

Outra característica é que primeiro se descreve o corpo (cabelos, tez, colo etc.) para depois se retratar o que o envolve (traje, adorno). O texto **organiza-se**, então, **espacialmente**. Mostra-se a moça do conteúdo para o continente, do corpo para aquilo que o envolve.

O texto com que iniciamos esta lição é descritivo.

Descrição é o tipo de texto em que se expõem características de seres concretos (pessoas, objetos, situações etc.) consideradas fora da relação de anterioridade e de posterioridade.

Vejamos as características do texto descritivo:

a) como o texto narrativo, é figurativo;

b) ao contrário do texto narrativo, não relata propriamente mudanças de situação, mas propriedades e aspectos simultâneos dos elementos descritos, considerados, pois, numa única situação;

c) como o que se descreve é visto como simultâneo, não existe relação de anterioridade e posterioridade entre seus enunciados;

d) como a simultaneidade é a característica central da descrição, os tempos verbais básicos nela utilizados são o presente ou o pretérito imperfeito (às vezes, ambos), pois o primeiro expressa concomitância em relação ao momento da fala, e o segundo, em relação a um marco temporal pretérito instalado no enunciado;

e) como não se organiza o texto numa progressão temporal, como na narrativa, com muita frequência, sua organização é espacial, descreve-se de cima para baixo, da esquerda para a direita, de dentro para fora, do conteúdo para o continente, etc.

Insistimos no fato de que a característica fundamental de um texto descritivo é a inexistência de progressão temporal. Tudo o que é descrito é considerado como simultâneo, não podendo, portanto, um enunciado ser considerado anterior ou posterior a outro. Pode-se apresentar numa descrição até mesmo ações ou movimentos, desde que eles sejam sempre simultâneos, não indicando uma progressão de uma situação anterior para uma posterior. Para transformar uma descrição numa narração, bastaria introduzir um enunciado que indicasse a passagem de um estado anterior para um posterior. No caso do nosso exemplo, poderíamos dizer: A moça sentou-se ao piano e começou a tocar. A simples mudança do presente para o perfeito indica que não se está considerando a ação em sua continuidade, mas como algo acabado e, por conseguinte, o que se está levando em conta é a mudança de estado. Pelo fato de a descrição apresentar um estado, que sofrerá mudanças, é muito comum que os textos comecem com uma descrição e, depois, convertam-se numa narração. A descrição serve para apresentar personagens, lugares, estados, que, no curso da ação, sofrerão transformações. Por isso, o texto descritivo não relata mudanças de situação; nele, ações e qualidades são vistas como um estado único.

TEXTO COMENTADO

O fragmento que segue foi extraído do romance *O cortiço*, de Aluísio Azevedo:

Daí à pedreira restavam apenas uns cinquenta passos e o chão era já todo coberto por uma farinha de pedra moída que sujava como a cal.

Aqui, ali, por toda a parte, encontravam-se trabalhadores, uns ao sol, outros debaixo de pequenas barracas feitas de lona ou de folha de palmeira. De um lado cunhavam pedra cantando; de outro a quebravam a picareta; de outro afeiçoavam[1] lajedos a ponta de picão[2]; mais adiante faziam paralelepípedos a escopro[3] e macete[4]. E todo aquele retintim de ferramentas, e o martelar da forja, e o coro dos que lá em cima brocavam a rocha para lançar-lhe fogo, e a surda zoada ao longe, que vinha do cortiço, como de uma aldeia alarmada; tudo dava a ideia de uma atividade feroz, de uma luta de vingança e de ódio. Aqueles homens gotejantes de suor, bêbedos de calor, desvairados de insolação, a quebrarem, a espicaçarem, a torturarem a pedra, pareciam um punhado de demônios revoltados na sua impotência contra o impassível gigante que os contemplava com desprezo, imperturbável a todos os golpes e a todos os tiros que lhe desfechavam no dorso, deixando sem um gemido que lhe abrissem as entranhas de granito. O membrudo cavouqueiro havia chegado à fralda do orgulhoso monstro de pedra; tinha-o cara a cara, mediu-o de alto a baixo, arrogante, num desafio surdo.

A pedreira mostrava nesse ponto de vista o seu lado mais imponente. Descomposta, com o escalavrado flanco exposto ao sol, erguia-se altaneira e desassombrada, afrontando o céu, muito íngreme, lisa, escaldante e cheia de cordas que mesquinhamente lhe escorriam pela ciclópica nudez com um efeito de teias de aranha. Em certos lugares, muito alto do chão, lhe haviam espetado alfinetes de ferro, amparando, sobre um precipício, miseráveis tábuas que, vistas cá de baixo, pareciam palitos, mas em cima das quais uns atrevidos pigmeus de forma humana equilibravam-se, desfechando golpes de picareta contra o gigante.

Aluísio Azevedo. *O cortiço*. 25. ed. São Paulo, Ática, 1992. p. 48-9.

A primeira característica desse texto é que é figurativo. É construído fundamentalmente com termos concretos: *pedreira*, *chão*, *farinha*, *pedra*, *sujava*, *cal*, *trabalhadores*, *lona*, *folhas de palmeira*, *cunhavam*, *cantando*, *gotejantes de suor*, *bêbedos de calor* etc. Retrata ele uma pedreira determinada, o conjunto de trabalhadores específicos que nela trabalham, suas ações em relação a ela.

A segunda característica é que ações e qualificações são vistas como simultâneas, não havendo entre elas relação de anterioridade e de posterioridade. Ao mesmo tempo que uns cunhavam pedra cantando, outros a quebravam a picareta, outros afeiçoavam lajedos a ponta de picão, outros faziam paralelepípedos a escopro e macete. A pedreira era, ao mesmo tempo, íngreme, lisa e escaldante. Os homens estavam, simultaneamente, gotejantes de suor, bêbedos de calor e desvairados de insolação.

No entanto, cabe notar que há dois pequenos trechos narrativos no meio dessa descrição. São narrativos justamente por relatarem uma transformação de estado.

O membrudo cavouqueiro havia chegado à fralda do orgulhoso monstro de pedra; tinha-o cara a cara; mediu-o de alto a baixo, arrogante, num desafio surdo.

Em certos lugares, muito alto do chão, lhe haviam espetado alfinetes de ferro…

No primeiro caso, temos a passagem do não estar na fralda da pedreira para o estar; a transformação

do não examinar o monstro de pedra para o examiná-lo. No segundo, temos a mudança do não ter alfinetes de ferro espetado para o ter. Isso confirma o que dissemos antes: que um texto descritivo, narrativo ou dissertativo puro ocorre muito raramente. No entanto, a dominância de elementos descritivos leva-nos a classificar esse texto como uma descrição.

A terceira característica é que, como os enunciados indicam propriedades ou ações simultâneas, não existe relação de posterioridade e de anterioridade entre eles. Com efeito, poderíamos inverter os enunciados sem que isso produzisse qualquer alteração do ponto de vista cronológico, mesmo porque a cronologia está ausente do texto. Poder-se-ia dizer tanto *de um lado cunhavam a pedra cantando; de outro a quebravam a picareta* quanto *de um lado quebravam a pedra a picareta; de outro a cunhavam cantando*.

A quarta é que, com exceção dos dois trechinhos considerados narrativos, em que aparecem dois pretéritos mais-que-perfeitos (*havia chegado*, *haviam espetado*) e um pretérito perfeito (*mediu*), os verbos do texto estão no pretérito imperfeito para indicar concomitância em relação a um marco temporal pretérito instalado no texto: o dia em que a personagem Jerônimo vai procurar serviço na pedreira.

A quinta é que a ordenação do texto é feita espacialmente. Observe que os elementos são dispostos com os termos espaciais *aqui*, *ali*, *de um lado*, *de outro*, *mais adiante* etc. O texto é, pois, descritivo.

Temos, nesse texto, uma descrição de uma pedreira e do trabalho que nela executam os operários. Os termos com que o autor descreve a pedreira são tipicamente humanos: *gigante*, *contemplava com desprezo*, *imperturbável*, *dorso*, *deixando sem um gemido que lhe abrissem as entranhas*, *monstro*, *altaneira*, *desassombrada*, *afrontando o céu*. São metáforas, que, em seu conjunto, constroem uma prosopopeia, que tem a função de mostrar a pedreira não como algo inanimado que os homens poderiam dominar sem dificuldade, mas como um ser humano, dotado das características de grande força (*gigante*, *monstro*), de impassibilidade (*contemplava com desprezo*, *deixando sem um gemido que lhe abrissem as entranhas*), de coragem (*desassombrada*) etc. Ela é vista como alguém que tem todas as qualidades, mas elevadas ao mais alto grau, que têm aqueles que querem dominá-la. Isso já mostra a dificuldade do trabalho na pedreira. Por outro lado, as metáforas que servem para descrever os homens e seus instrumentos são *pigmeus*, *palitos*, *alfinetes*, *teias de aranha*. O que há de comum entre o sentido primeiro desses termos e o sentido segundo, ou seja, “trabalhadores da pedreira” e “instrumentos de trabalho” é o traço semântico “pequenez”. De um lado, a pedreira é apresentada com adjetivos (por exemplo, *imponente*) e metáforas que contêm o traço semântico “grandeza”; de outro, o ser humano é apresentado por termos que possuem o traço “pequenez”.

Daí decorre que, na visão do descritor, há uma oposição entre homem e natureza, em que o primeiro se acha em situação de inferioridade em relação à segunda. O trabalho é visto como *atividade feroz*, como *luta de vingança e de ódio*. No entanto, é uma luta desigual, os operários são *revoltados em sua impotência contra o impassível gigante que os contemplava com desprezo*. O trabalho é, como diz Alfredo Bosi, em sua *História concisa da literatura brasileira*, “o exercício de uma atividade cega, instintiva” (São Paulo, Cultrix, 1975. p. 212).

O homem aparece como alguém inferior à natureza, que o domina. Observe-se, por exemplo, que o sol deixa-os *gotejantes de suor*, *bêbedos de calor*, *desvairados de insolação*. Os homens são impotentes diante dela.

É importante ressaltar que uma descrição não é algo supérfluo ou ornamental num texto, mas tem uma funcionalidade, pois fixa caracteres, dá qualificações para personagens, espaços, tempos. Esses elementos presentes na descrição terão um papel no desenvolvimento da trama narrativa. Uma descrição

não é algo neutro, pois, a partir dos elementos selecionados e da forma como são apresentados, revela uma visão de mundo.

LIÇÃO 16 EXERCÍCIOS

O texto que vem a seguir é letra de uma música de Caetano Veloso:

LUA DE SÃO JORGE

lua de são jorge
lua deslumbrante
azul verdejante
cauda de pavão

lua de são jorge
cheia branca inteira
oh minha bandeira
solta na amplidão

lua de são jorge
lua brasileira
lua do meu coração
lua de são jorge

lua maravilha
mãe irmã e filha
de todo esplendor
lua de são jorge

brilha nos altares
brilha nos lugares
onde estou e vou

lua de são jorge
brilha sobre os mares
brilha sobre o meu amor

lua de são jorge
lua soberana
nobre porcelana
sobre a seda azul

lua de são jorge
lua da alegria

não se vê um dia
claro como tu

lua de são jorge
serás minha guia
no brasil de norte a sul

Caetano Veloso. *Caetano Veloso*. Sel. de textos, notas, est. biogr., hist. e crít. e exerc. por Paulo Franchetti e Alcir Pécora. São Paulo, Abril Educação, 1981. p. 84. (Literatura Comentada).

QUESTÃO 1

Toda descrição retrata um objeto particularizado, neste caso, a lua de São Jorge, que vem repetida no início de todas as estrofes do texto.

No espaço cultural brasileiro, que crenças dão margem ao uso da expressão *lua de São Jorge*?

QUESTÃO 2

O texto descreve muitas facetas da lua de São Jorge.

a) Os adjetivos *deslumbrante*, *azul verdejante* bem como a metáfora *cauda de pavão* fazem referência basicamente a que aspectos da lua?

b) Há passagens no texto que associam lua e religiosidade. Cite dois versos em que isso se dá.

QUESTÃO 3

Ao mesmo tempo que a lua é tratada como um objeto situado na imensidão do cosmo, ela é tratada também como um objeto próximo, caseiro.

a) Cite algumas passagens em que o poeta trata a lua como objeto próximo.

b) Cite passagens em que a lua é tratada como objeto longínquo.

QUESTÃO 4

Ao tratá-la como objeto distante e remoto ao mesmo tempo que como um objeto próximo e familiar, o poeta sugere duas formas diferentes de o homem relacionar-se com o mesmo objeto. Quais são as duas formas?

QUESTÃO 5

A descrição constrói certa imagem do objeto descrito. No caso do presente texto a imagem criada é positiva ou negativa?

QUESTÃO 6

A lua é descrita como um objeto de múltiplas faces. Pode-se dizer que, neste poema, ela é tratada inclusive como pessoa? Explique sua resposta.

QUESTÃO 7

A leitura do texto permite afirmar que:

a) a lua possui múltiplas faces, umas belas e graciosas, outras disformes e grotescas.

b) a lua de São Jorge só é bela na aparência.

c) a lua é ambígua: na exterioridade é uma, na interioridade é outra.

d) por mais bela que seja, a lua de São Jorge é motivo de espanto e temor para quem a contempla a distância.

e) as múltiplas faces da lua de São Jorge são todas dignas de apreço e admiração.

PROPOSTAS DE REDAÇÃO

1) Leia com atenção o texto que segue, conto de Dalton Trevisan:

APELO

Amanhã faz um mês que a Senhora está longe de casa. Primeiros dias, para dizer a verdade, não senti falta, bom chegar tarde, esquecido na conversa da esquina. Não foi ausência por uma semana: o batom ainda no lenço, o prato na mesa por engano, a imagem de relance no espelho.

Com os dias, Senhora, o leite primeira vez coalhou. A notícia de sua perda veio aos poucos: a pilha de jornais ali no chão, ninguém os guardou debaixo da escada. Toda a casa era um corredor deserto, e até o canário ficou mudo. Para não dar parte de fraco, ah, Senhora, fui beber com os amigos. Uma hora da noite eles se iam e eu ficava só, sem o perdão de sua presença a todas as aflições do dia, como a última luz na varanda.

E comecei a sentir falta das pequenas brigas por causa do tempero da salada — meu jeito de querer bem. Acaso é saudade, Senhora? Às suas violetas, na janela, não lhes poupei água e elas murcham. Não tenho botão na camisa, calço a meia furada. Que fim levou o saca-rolhas? Nenhum de nós sabe, sem a Senhora, conversar com os outros: bocas raivosas mastigando. Venha para casa, Senhora, por favor.

Dalton Trevisan. Apelo. In: BOSI, Alfredo, org. *O conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo, Cultrix/Edusp, 1975. p. 190.

Como se vê, trata-se de um texto narrativo em que a personagem masculina relata, em primeira pessoa, dois momentos distintos após a separação da mulher: os primeiros dias, em que a ausência dela não chegava a causar grandes desconfortos; um mês após, quando a ausência provocava dor e solidão.

Levando esses dados em conta, redija dois parágrafos, descrevendo o espaço interno da casa e seus acessórios:

a) na primeira semana;

b) um mês após.

2) Usando sua competência de criar pela linguagem, coloque essas duas “ilustres personagens” conversando e destaque o momento da conversa em que uma descreve para a outra o ambiente em que “vive”.

1 afeiçoar: dar forma ou figura a.
2 picão: ferramenta para lavrar a pedra.
3 escopro: instrumento para lavrar pedra, madeira etc.; cinzel.
4 macete: espécie de martelo usado por escultores.

LIÇÃO 17

Os textos narrativos e descritivos produzem uma representação do mundo; os dissertativos analisam, interpretam, explicam e avaliam dados da realidade.

Os logotipos de revistas procuram, por meio do desenho de suas letras, traduzir as propriedades

abstratas que definem o caráter da publicação e, ao mesmo tempo, criar uma relação de identidade com o público a que se destinam. Trata-se, portanto, de um discurso visual de caráter dissertativo. No caso de Veja e Isto É, revistas de conteúdo jornalístico, os logotipos procuram transmitir objetividade e seriedade. Já em Elle e Vogue, dirigidas ao público feminino, a forma das letras cria um efeito de delicadeza e sofisticação. Em Trip e Skatin', endereçadas ao público adolescente, os logotipos sugerem descontração e irreverência, enquanto em Zé Carioca e Mônica, destinadas ao público infantil, a atmosfera é de brincadeira e agitação. As escolhas dos títulos também se casam com as intenções dos esquemas visuais. Nas duas revistas femininas, os nomes em francês (Elle = ela; Vogue = aquilo que está na moda) exploram o prestígio da cultura francesa no domínio da moda sofisticada. Os títulos em inglês das duas revistas para adolescentes (Trip = viagem curta e descomprometida; Skating = patinação, movimento sobre um "skate") exploram o interesse dessa faixa etária por manifestações culturais expressas nessa língua. Nas revistas com título em português, as duas que se destinam a um público adulto (Veja e Isto É) apelam para a necessidade de ter os olhos abertos para a realidade e a competência para interpretá-la. As duas revistas infantis usam um apelo mais imediato e concreto: os nomes das personagens principais de cada uma das publicações (Zé Carioca e Mônica).

LIÇÃO 17

DISSERTAÇÃO

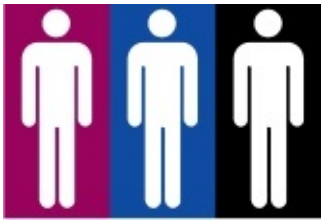

Observe o texto que segue, extraído da obra *Viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift:

Há três métodos pelos quais pode um homem chegar a ser primeiro-ministro. O primeiro é saber, com prudência, como servir-se de uma pessoa, de uma filha ou de uma irmã; o segundo, como trair ou solapar os predecessores; e o terceiro, como clamar, com zelo furioso, contra a corrupção na corte. Mas um príncipe discreto prefere nomear os que se valem do último desses métodos, pois os tais fanáticos sempre se revelam os mais obsequiosos e subservientes à vontade e às paixões do amo. Tendo à disposição todos os cargos, conservam-se no poder esses ministros subordinando a maioria do senado, ou grande conselho, e, afinal, por via de um expediente chamado anistia (cuja natureza lhe expliquei), garantem-se contra futuras prestações de conta e retiram-se da vida pública carregados com os despojos da nação.

Jonathan Swift. *Viagens de Gulliver*. São Paulo, Abril Cultural, 1979. p. 234-5.

Esse texto explica os três métodos pelos quais um homem chega a ser primeiro-ministro, aconselha o príncipe discreto a escolhê-lo entre os que clamam contra a corrupção na corte e justifica seu conselho.

A primeira característica desse texto é que ele é temático, pois analisa e interpreta a realidade com termos abstratos (*método*, *prudência*, *corrupção*, *discreto*, *vontade*, *paixões* etc.). Quando se vale de termos concretos (*homem*, *primeiro-ministro*), toma-os em seu valor genérico. Não fala de um homem particular e do que faz para chegar a ser primeiro-ministro, como seria em uma narração, mas do homem em geral e dos métodos que qualquer homem utiliza para chegar ao poder.

A segunda característica é que existe transformação de situação no texto (por exemplo, a mudança de atitude dos que clamam contra a corrupção da corte, que, quando chegam ao poder, tornam-se corruptos).

A progressão dos enunciados obedece a uma relação lógica e não cronológica. Um enunciado é anterior a outro não por causa de uma progressão temporal, mas por causa de uma concatenação lógica. Assim, o enunciado que diz que o príncipe discreto escolhe o primeiro-ministro entre os que clamam contra a corrupção na corte é anterior ao que diz que os que clamam contra a corrupção são mais obsequiosos e subservientes às vontades e às paixões do amo, porque o segundo é uma explicação para a afirmação contida no primeiro.

Como o texto pretende falar de algo que ele apresenta como uma verdade válida para todos os homens, em todos os tempos e lugares, constrói-se com o presente em seu valor atemporal. Todos os verbos do texto estão nesse tempo.

Esse texto é dissertativo. **Dissertação** é o tipo de texto que analisa, interpreta, explica e avalia os dados da realidade.

As características do texto dissertativo são:

a) ao contrário do texto narrativo e do descritivo, ele é **temático**, ou seja, não trata de episódios ou seres concretos e particularizados, mas de análises e interpretações genéricas válidas para muitos casos concretos e particulares; opera predominantemente com termos abstratos;

b) como o texto narrativo, mostra ele **mudanças de situação**;

c) ao contrário do texto narrativo, cuja ordenação é cronológica, ele tem uma **ordenação que obedece às relações lógicas**: analogia, pertinência, causalidade, coexistência, correspondência, implicação etc.;

d) já que a dissertação pretende expor verdades gerais válidas para muitos fatos particulares, o tempo por excelência da dissertação é o **presente no seu valor atemporal**; admite-se nela ainda o uso de outros tempos do sistema do presente, a saber, o presente com valor temporal, o pretérito perfeito e o futuro do presente.

Cabe agora perguntar por que existem estes três tipos básicos de texto, a narração, a descrição e a dissertação. Cada um deles tem uma função distinta. Os textos narrativos e descritivos são figurativos. Eles representam o mundo, simulam-no.

A narração mostra mudanças de situação de um ser particular, com os enunciados dispostos numa progressão temporal, numa relação de anterioridade e de posterioridade. A narração capta o mundo em sua mudança, no dinamismo de suas transformações.

A descrição expõe propriedades e aspectos de um ser particular (por exemplo, o céu estrelado numa determinada noite, um rosto sofrido, a hora do *rush*, um pôr do sol, uma personagem qualquer) numa relação de simultaneidade; nela não há mudanças. Ela apresenta, então, um ser tal como é visto num dado momento, fora do dinamismo da mudança.

O texto dissertativo é temático. Explica, analisa, classifica, avalia os seres concretos. Por isso, sua referência ao mundo faz-se por conceitos amplos, modelos genéricos, muitas vezes abstraídos do tempo e do espaço. Por isso, embora apareçam nele mudanças de situação, não têm maior importância as relações de posterioridade e de anterioridade entre os enunciados, mas as relações lógicas entre eles. O texto dissertativo é mais abstrato que os outros dois, ele explica os dados concretos da realidade. Por isso, numa dissertação, as referências a casos concretos e particulares, ou seja, narrações ou descrições que aparecem em seu interior, ocorrem apenas para ilustrar afirmações gerais ou para argumentar a favor delas ou contra elas. A dissertação fala também de mudanças de estado, mas aborda essas transformações de maneira diferente da narração. Enquanto a finalidade central desta é relatar mudanças, a daquela é explicar e interpretar as transformações relatadas. O discurso dissertativo típico é o da ciência, o da filosofia, o dos editoriais dos jornais etc.

Geralmente se pensa que é só na dissertação que o produtor do texto expressa seu ponto de vista sobre o objeto posto em discussão. Isso não é verdade. Também na narração e na descrição estão presentes os pontos de vista de quem elabora o texto. O que é diferente em cada tipo de texto é o modo como o produtor apresenta seus pontos de vista. Como a dissertação é um texto temático, os pontos de vista, nela, são explícitos. Na descrição, o ponto de vista é manifestado, entre outros, pelos aspectos selecionados para serem descritos e pelos termos escolhidos. Nela, o produtor do texto transmite, por exemplo, uma visão positiva ou negativa do que está sendo descrito. Vimos na lição anterior, na descrição da pedreira, que, pela seleção das palavras referentes à pedreira e aos seres humanos, o descritor mostra que o

homem está inferiorizado em relação à natureza. Na narração, um dos meios mais eficientes de manifestar um ponto de vista é o encadeamento de figuras, a contraposição de percursos figurativos. A *Veja SP*, de 19 de outubro de 1994, publicou uma reportagem sobre Celso Russomano, repórter do *Aqui e agora* e candidato a deputado federal mais votado nas eleições de 1994. Depois de narrar episódios que mostram sua atuação como defensor dos consumidores, conta o seguinte:

Os burgueses de Calais, escultura de Rodin, de 1895.

Retrato de Georges Clemenceau, escultura de Rodin, de 1911.

O pensador, escultura de Rodin, de 1889.

Três esculturas criadas pelo mesmo artista, cada uma delas caracterizada por diferentes ênfases na escolha do tema e no tratamento dado a ele. A primeira peça, no alto à esquerda, representa uma célebre cena da Guerra dos Cem Anos, no século XIV, na qual um grupo de burgueses de Calais é obrigado a entregar as chaves da cidade ao vitorioso rei inglês. O caráter dessa obra é eminentemente narrativo. A segunda peça, à esquerda, é um busto do estadista francês Georges Clemenceau. Do mesmo modo que os retratos na pintura, bustos são eminentemente descritivos. A terceira peça, reproduzida acima, intitulada O pensador, é uma das mais conhecidas obras da história da arte. Ao contrário de representar um determinado homem pensando, procura qualificar a atitude de pensar como o traço definidor do ser humano, ou seja, procura transmitir uma mensagem de caráter abstrato e generalizante, característica da dissertação.

A casa em que mora, na rua Adalívia de Toledo, perto do Palácio dos Bandeirantes, no Morumbi, é um espinho na sua biografia de bom moço. Construída no estilo dos anos 60, com abundância de vitrais e de vãos, a casa tem piscina e dois andares. Pela cotação de mercado, vale 400 000 dólares. Em dezembro do ano passado, Russomano fechou o negócio por 300 000 dólares, com a facilidade de que a proprietária da casa é mãe do segundo marido de sua sogra, Márcia Torres. O contrato foi assinado por Berenice Ribeiro, cunhada de Márcia e procuradora da mãe. A dívida deveria ter sido quitada até junho em cinco parcelas. Nesse período, ele pagou apenas 10 000 dólares e se recusava a discutir o restante até Berenice ameaçar levar o caso à imprensa.

Russomano deu mais 34 000 dólares e teria ameaçado matar outro irmão de Berenice, José Carlos, se

o caso se tornasse público (p. 18).

Ao contrapor o percurso figurativo do defensor dos consumidores ao do mau pagador e do homem que faz toda sorte de violência para manter uma imagem pública, o narrador está manifestando um ponto de vista sobre a personagem.

Não podemos esquecer-nos de que narrações e descrições são textos figurativos e de que por trás das figuras existe um tema implícito.

TEXTO COMENTADO

O texto que segue foi retirado da obra *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda:

Nas formas de vida coletiva podem assinalar-se dois princípios que se combatem e regulam diversamente as atividades dos homens. Esses dois princípios encarnam-se nos tipos do aventureiro e do trabalhador. Já nas sociedades rudimentares manifestam-se eles, segundo sua predominância, na distinção fundamental entre os povos caçadores ou coletores e os povos lavradores. Para uns, o objeto final, a mira de todo esforço, o ponto de chegada, assume relevância tão capital que chega a dispensar, por secundários, por supérfluos, todos os processos intermediários. Seu ideal será colher o fruto sem plantar a árvore.

Esse tipo humano ignora as fronteiras. No mundo tudo se apresenta a ele em generosa amplitude e onde quer que se erija um obstáculo a seus propósitos ambiciosos, sabe transformar esse obstáculo em trampolim. Vive dos espaços ilimitados, dos projetos vastos, dos horizontes distantes.

O trabalhador, ao contrário, é aquele que enxerga primeiro a dificuldade a vencer, não o triunfo a alcançar. O esforço lento, pouco compensador e persistente, que, no entanto, mede todas as possibilidades de desperdício e sabe tirar o máximo proveito do insignificante, tem sentido nítido para ele. Seu campo visual é naturalmente restrito. A parte, maior do que o todo.

Existe uma ética do trabalho, como existe uma ética da aventura. Assim, o indivíduo do tipo trabalhador só atribuirá valor moral positivo às ações que sente ânimo de praticar e, inversamente, terá por imorais e detestáveis as qualidades próprias do aventureiro — audácia, imprevidência, irresponsabilidade, instabilidade, vagabundagem — tudo, enfim, quanto se relacione com a concepção *espaçosa* do mundo, característica desse tipo.

Por outro lado, as energias e esforços que se dirigem a uma recompensa imediata são enaltecidos pelos aventureiros; as energias que visam à estabilidade, à paz, à segurança pessoal e os esforços sem perspectiva de rápido proveito material passam, ao contrário, por viciosos e desprezíveis para eles. Nada lhes parece mais estúpido e mesquinho do que o ideal do trabalhador.

Sérgio Buarque de Holanda. *Raízes do Brasil*. 8. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1975. p. 13.

Tropeiros, gravura de Frederico Briggs, do século XIX. *Acervo dos Museus Castro Maya, Rio de Janeiro*.

O texto de Sérgio Buarque de Holanda é temático, pois é construído basicamente com termos abstratos: *princípio*, *tipo*, *sociedades*, *predominância*, *ética*, *proveito*, *insignificante* etc. Fala ele de algo genérico, válido para todos os tempos e lugares: dos princípios que regulam as atividades dos homens na vida coletiva, ou seja, da existência de uma ética do trabalho e de uma ética da aventura.

O texto aborda uma transformação: a passagem do não realizado ao realizado, operado de duas maneiras distintas. Na primeira, a do trabalhador, as realizações são produto de um trabalho lento, metódico, persistente; na segunda, a do aventureiro, elas são fruto da audácia etc. A ordenação do texto é feita com base nas relações de comparação: compara-se o modo de ser do trabalhador com o do aventureiro. O tempo verbal básico utilizado no texto é o presente com valor atemporal (por exemplo, quando se diz *Esse tipo humano ignora as fronteiras*, não se está dizendo que, nesse momento, ele faz isso, mas que faz, fez e fará sempre isso). Se o texto é temático, mostra mudanças de situação, constrói sua progressão com base nas relações lógicas entre seus enunciados e usa basicamente o presente com valor atemporal, é uma dissertação.

Nele, a questão posta em debate é da existência de dois tipos humanos bem definidos: o trabalhador, aquele que prefere o esforço persistente, o trabalho paciente, e o aventureiro, aquele que valoriza mais o resultado do que os meios de alcançá-lo, que despreza a monotonia do cotidiano, que tem necessidade de projetos grandiosos. O primeiro realiza um trabalho sem buscar recompensa imediata; o segundo, ao contrário, deseja resultados instantâneos.

Sérgio Buarque de Holanda pretende mostrar, a partir do estabelecimento desses dois tipos humanos e das duas éticas que regulam suas ações, que o trabalhador teve um papel muito reduzido na obra de conquista e colonização da América, pois ela foi um trabalho realizado por aventureiros, que tinham pouca disposição para o trabalho metódico, sem compensação próxima, mas queriam prosperar a qualquer custo, obter posições e riquezas fáceis. É isso que explica, para o autor, algumas das características do caráter nacional brasileiro. O gosto pela aventura é responsável por certos “defeitos” dos brasileiros (o desejo de se “arranjar”, de ganhar a vida sem muito trabalho etc.), mas também por

certas de suas qualidades (a audácia para enfrentar desafios etc.).

Com muita frequência, ouvimos que o brasileiro tem certas características que o distinguem dos outros povos: é alegre, um tanto quanto irresponsável, consegue "bagunçar" todas as coisas etc. Essa concepção parte da ideia de que certas características psicológicas dos brasileiros determinam um certo tipo de desenvolvimento histórico e social. No entanto, a questão deveria ser pensada de maneira diferente. As condições de vida é que determinam certas características psicológicas de grupos e classes no interior da sociedade. Mudadas essas condições, essas características alteram-se. Além disso, nos diferentes grupos humanos, características opostas existem. Guimarães Rosa, usando a figura da mandioca, discute essas questões no texto que segue, expressa suas dúvidas sobre elas:

> ... Melhor se arrepare: pois, num chão, e com igual formato de ramos e folhas, não dá a mandioca mansa, que se come comum, e a mandioca-brava, que mata? Agora, o senhor já viu uma estranhez? A mandioca-doce pode de repente virar azangada — motivos não sei; às vezes se diz que é por replantada no terreno sempre, com mudas seguidas, de manaíbas — vai em amargando, de tanto em tanto, de si mesma toma peçonhas. E, ora veja: a outra, a mandioca-brava, também é que às vezes pode ficar mansa, a esmo, de se comer sem nenhum mal. E que isso é?
>
> *Grande sertão: veredas*. 20. ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986. p. 10.

LIÇÃO 17 EXERCÍCIOS

QUESTÃO 1

A esta altura das lições, tendo já tratado dos textos narrativo, descritivo e dissertativo, vamos confrontá-los e observar suas marcas típicas.

Os três textos que seguem são exemplos de cada um dos três tipos de textos referidos nesta lição e nas duas anteriores. Leia-os com atenção, classifique-os segundo esses três tipos e explique a classificação dada. O primeiro texto foi montado com passagens e dados extraídos da *Folha de S. Paulo* (20 nov. 1991).

TEXTO 1

Aos 100 anos, a Avenida Paulista permanece uma janela aberta para a modernidade.

Seus 2,6km de extensão (ou 3 818 passos) são percorridos diariamente por 1 milhão de pessoas, em sua maioria mulheres, como revela pesquisa da companhia que mantém o metrô correndo sob seu asfalto. A Paulista fala 12 línguas, em 18 consulados ali instalados. Ao lado de poucos casarões do passado, ela abriga edifícios "inteligentes" e torres de rádio e TV iluminadas como um marco futurista.

Veja agora o texto que segue, também montado com passagens e dados da *Folha de S. Paulo* (20 nov. 1991).

TEXTO 2

No início do século, a Paulista era a avenida mais espaçosa da cidade, com três pistas separadas para bondes, carruagens e cavaleiros. Era a mais bela, com quatro fileiras de magnólias e plátanos. Era um fim de mundo, no final da Ladeira da Consolação. Lá residiam os imigrantes recém-enriquecidos: Martinelli, Crespi, Matarazzo, Riskallah, Von Bullow. Após isso, aí pelos anos 50 e 60, o acelerado

processo de urbanização da cidade varreu dali os 24 casarões, como o que ocupava o n° 46 da avenida. No seu lugar, surgiram prédios, alguns deles enquadrados entre os mais modernos do mundo, como o Citibank e o Banco Sudameris.

Já completamente ladeada de prédios de porte, foi a recente inauguração do metrô que lhe conferiu novo charme.

Com todos esses antecedentes, ela é hoje, apesar das contradições, a avenida mais moderna, mais dinâmica, mais nervosa da cidade, eleita pelos próprios moradores como o mais fiel retrato de São Paulo.

Por fim, leia agora o texto 3, que contém interpretações e análises inspiradas no livro *A casa e a rua*, do antropólogo Roberto da Mata.

TEXTO 3

No âmbito da cultura brasileira, a Rua e a Casa ocupam lugares nitidamente distintos, que, por sua vez, condicionam comportamentos francamente diferenciados: o que se faz na Rua não se faz em Casa e vice-versa.

Se a Casa é o espaço do aconchego e da proteção, a Rua é o do desamparo e do abandono. “Sentir-se em casa” é uma expressão da nossa língua que significa “estar à vontade”, “sentir-se abrigado, protegido”; ao contrário, “ir para o olho da rua” denota “desamparo social, exposição ao risco, solidão”.

A Rua é o espaço da transgressão, onde vivem os malandros e marginais; é o território do salve-se quem puder, onde prevalece a lei do cada um por si. Domínio do anonimato e da despersonalização, é na Rua que um cidadão de bem pode ser molestado por autoridades de segurança pública e tratado como um criminoso.

QUESTÃO 2 (FUVEST)

FILOSOFIA DOS EPITÁFIOS

Saí, afastando-me dos grupos, e fingindo ler os epitáfios. E, aliás, gosto dos epitáfios; eles são, entre a gente civilizada, uma expressão daquele pio e secreto egoísmo que induz o homem a arrancar à morte um farrapo ao menos da sombra que passou. Daí vem, talvez, a tristeza inconsolável dos que sabem os seus mortos na vala comum; parece-lhes que a podridão anônima os alcança a eles mesmos.

Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

Do ponto de vista da composição, é correto afirmar que o capítulo “Filosofia dos epitáfios”

a) é predominantemente dissertativo, servindo os dados do enredo e dos ambientes como fundo para a digressão.

b) é predominantemente descritivo, com a suspensão do curso da história dando lugar à construção do cenário.

c) equilibra em harmonia narração e descrição, à medida que faz avançar a história e cria o cenário de sua ambientação.

d) é predominantemente narrativo, visto que o narrador evoca os acontecimentos que marcaram a sua saída.

e) equilibra narração e dissertação, com o uso do discurso indireto para registrar as impressões que o ambiente provoca no narrador.

TEXTO PARA AS QUESTÕES DE 3 A 10

O texto que segue é o trecho de um artigo de Ricardo B. de Araújo:

A torcida possui a propriedade de reunir, “na mesma massa”, pessoas situadas em posições sociais diversas, homogeneizando, em torno de clubes, as suas diferenças. Nesse processo, um mecanismo extremamente importante é o uniforme de cada clube: ao mesmo tempo que separa e distingue cada uma das torcidas, ele “despe” cada torcedor da sua identidade civil, e o integra em um novo contexto, profundamente indiferenciado.

Nesse contexto de massa que é a torcida, inexistem desigualdades, pelo menos em princípio. Todos estão ali reunidos pela paixão, para torcer por um dos clubes e, portanto, cada torcedor tem, nesse momento, os mesmos direitos que qualquer outro.

Este último ponto é de grande importância, pois nos leva, de certa forma, da igualdade à liberdade. Com efeito, se todos os torcedores são considerados moralmente iguais, abre-se, então, a possibilidade para que cada um deles possa, com toda a legitimidade, ter uma visão inteiramente pessoal do andamento da partida, da escalação dos times, enfim, de qualquer aspecto relacionado ao mundo do futebol.

Qualquer torcedor pode, inclusive, discordar das “autoridades” em futebol, os técnicos, dirigentes ou comentaristas, sem que sua interpretação seja considerada insolente ou descabida. Este é um contexto em que, de alguma forma, todo mundo tem opinião, e todos têm o direito de exprimi-la, ou seja, são livres para explicitá-la sem sofrer qualquer constrangimento. É exatamente por isso que as discussões sobre o futebol são consideradas “intermináveis”. Na verdade, esta impressão é causada pela própria dificuldade de se chegar a algum consenso num ambiente tão pluralista e democrático.

Existe, portanto, no futebol, uma área de decisão privada, na qual cada torcedor tem liberdade para julgar e escolher segundo suas próprias inclinações, sem ter que sofrer qualquer interferência. Lembremo-nos de que a própria opção por se torcer por determinado clube, de trocá-lo por outro, ou mesmo de se desinteressar do futebol, são resoluções de “foro íntimo”, que não interessam a ninguém, e que devem, assim, ser tomadas com toda a independência.

Ricardo B. de Araújo. Força estranha. *Ciência Hoje*, ano I, *1*, jul./ago. 1982.

QUESTÃO 3

O texto acima transcrito, de caráter jornalístico, está abordando um tema associado à sociologia do futebol.

a) O articulista está tratando do comportamento específico da torcida de um clube num jogo em particular ou do comportamento genérico de qualquer torcida em qualquer jogo?

b) Esse dado pode ser considerado como uma característica de textos dissertativos?

QUESTÃO 4

O redator, ao expor seus pontos de vista, usa conceitos abstratos, apresentando suas opiniões e comentários de maneira explícita, o que é próprio dos textos de caráter temático.

Cite algumas passagens que contenham conceitos desse tipo.

QUESTÃO 5

Os verbos do texto estão no presente.

a) Qual é o significado do tempo presente no percurso de todo o texto?

b) Esse uso do presente é típico do texto dissertativo? Explique por quê.

QUESTÃO 6

No nível de sua estrutura fundamental, esse texto contém as seguintes instâncias:

• afirmação da diversidade;

• negação da diversidade;

• afirmação da igualdade.

Cite ao menos uma passagem que sirva para ilustrar que nas torcidas

a) existe a diversidade.

b) nega-se a diversidade.

c) afirma-se a igualdade.

QUESTÃO 7

No texto dissertativo, a relação de anterioridade e posterioridade entre os enunciados é determinada por relações de natureza lógica e não de natureza cronológica. Observe, por exemplo, a seguinte passagem: *"pois nos leva, de certa forma, da igualdade à liberdade"*.

Qual é o evento logicamente anterior que serve de fundamento para dizer que da igualdade passamos a adquirir liberdade? Explique sua resposta.

QUESTÃO 8

Num texto dissertativo, podem ocorrer passagens figurativas, isto é, formadas por palavras de sentido concreto. Em geral, essas passagens são inseridas para funcionar como argumentos destinados a comprovar opiniões gerais expressas sob a forma de conceitos abstratos (temas).

No quarto parágrafo, há uma passagem figurativa para ilustrar a afirmação de que nas torcidas o torcedor tem direito a agir livremente e de maneira pessoal. Cite essa passagem.

QUESTÃO 9

O conector *portanto* serve para introduzir uma conclusão relativa ao que se disse anteriormente. Como se sabe, uma conclusão só é legítima quando coloca explicitamente dados ou eventos já contidos implicitamente em passagens anteriores.

Que dados anteriores servem de suporte para se afirmar: *"Existe, portanto, no futebol, uma área de*

decisão privada, na qual cada torcedor tem liberdade para julgar e escolher segundo suas próprias inclinações, sem ter que sofrer qualquer interferência"?

QUESTÃO 10

A leitura global do texto permite-nos concluir que:

a) a torcida de futebol é um exemplo de organização social, pois entre os torcedores não existe diferença de classes.

b) se toda a sociedade seguisse o exemplo de uma torcida de futebol, não se chegaria nunca a decisão nenhuma, pois toda discussão seria interminável.

c) do ponto de vista desse texto, a torcida é um mecanismo social de participação e não de alienação.

d) numa organização democrática, como é uma torcida de futebol, tudo se iguala, o que induz a comportamentos padronizados, sem nenhum traço de originalidade.

e) as decisões pessoais dentro de uma organização semelhante à de uma torcida de futebol são sempre desencontradas, pois não respeitam nenhuma hierarquia.

PROPOSTAS DE REDAÇÃO

1) **(Unicamp)**

Coletânea de textos:

• Os textos foram tirados de fontes diversas e apresentam fatos, dados, opiniões e argumentos relacionados com o tema. Eles não representam a opinião da banca examinadora: são textos como aqueles a que você está exposto na sua vida diária de leitor de jornais, revistas ou livros, e que você deve saber ler e comentar. Consulte a coletânea e utilize-a segundo as instruções específicas dadas para o tema. Não a copie.

• Ao elaborar sua redação, você poderá utilizar-se também de outras informações que julgar relevantes para o desenvolvimento do tema escolhido.

Atenção: SE VOCÊ NÃO SEGUIR AS INSTRUÇÕES RELATIVAS AO TEMA, SUA REDAÇÃO SERÁ **ANULADA**.

Em momentos de crise, o homem procura desesperadamente encontrar saída. Cientistas sociais, filósofos, políticos afirmam que é preciso alterar as condições econômicas, sociais, educacionais, para que os indivíduos possam resolver seus problemas; místicos, esotéricos e defensores de várias formas de autoajuda prometem saídas pessoais, por vezes rápidas e eficazes. Na coletânea abaixo você encontra elementos relevantes para a análise dessa questão. Com base nos fragmentos dessa coletânea[1], redija um **texto dissertativo** sobre o seguinte tema:

"Saídas milagrosas para a crise: solução ou ilusão?"

1. A autoajuda contém uma filosofia do senso comum, uma espécie de refinamento do que se vê nos para-choques de caminhão. "Sorria para a vida e ela sorrirá para você", por exemplo. Ou então: "Toda jornada começa com um passo". É possível discordar disso?

2.

OS MAIS VENDIDOS	
FICÇÃO	**NÃO FICÇÃO**
1 - O alquimista, Paulo Coelho (8-212*) **2 - Escrito nas Estrelas,** Sidney Sheldon (1-4) **3 - Memorial de Maria Moura, Rachel de Queiroz** (3-31*) **4 - O Dossiê Pelicano,** John Girisham (4-10*) **5 - Recomeço, Danielle** Steel (5-3) **6 - A Firma, John Grisham** **7 - O Parque dos Dinossauros, Michael** Crichton (4-9) **8 - Bala na Agulha,** Marcelo Rubens Paiva (8-39*) **9 - As Valkírias, Paulo** Coelho (2-53) **10 - Noite sobre as Águas, Ken Follet (10-55*)**	**1 - Emagreça comendo,** Lair Ribeiro (1-6) **2 - O Sucesso Não Ocorre por Acaso, Lair Ribeiro (2-56)** **3 - Prosperidade, Lair** Ribeiro (3-37*) **4 - Comunicação Global,** Lair Ribeiro (5-50) **5 - À Sombra das Chuteiras Imortais, Nelson** Rodrigues (6-5) **6 - Pequeno Manual de Instrução da Vida, Jackson** Brown (7-18) **7 - Minutos de Sabedoria,** Torres Pastorino (8-8*) **8 - Arte & Manhas da Sedução, Marion Vianna** Penteado (9-12) **9 - Na Sala com Danuza,** Danuza Leão (4-48*) **10 - Manual do Orgasmo,** Marilene Cristina Vargas (7-5*)

Os números entre parênteses indicam: a) cotação do livro na semana anterior; b) há quantas semanas o livro aparece na lista; (*) semanas não consecutivas. Esta lista não inclui os livros vendidos em bancas.

Fonte da tabela: Veja, *25 ago. 1993.*

3. O arcebispo de São Paulo, dom Paulo Evaristo Arns, acredita que os livros de Paulo Coelho sejam uma espécie de ponto de apoio dos desacreditados na religião. “Eles oferecem um mundo espiritualizado para o vazio deixado pelo materialismo da máquina e ensinam a felicidade que cada um busca”, diz dom Paulo.

A conversão do mago, *Isto É*, 3 ago. 1994.

4. Para quem ainda não sabe, a grande tábua de salvação chama-se programação neurolinguística, PNL, tem menos de vinte anos de vida e é um sucesso planetário, sozinha ou somada a outras técnicas. Nada que é humano, de crises de claustrofobia a paixões por doces, lhe é estranho. Tudo é importante, tudo tem remédio. Ensina que o negócio não é ver para crer, mas crer para ver. (...) Andam dizendo que introduziu nos trópicos o conceito de felicidade portátil, do faça você mesmo agora (...).

Imagine-se, vendo para crer, uma plateia de cinquenta pessoas reunidas num hotel (...) para ouvir o doutor Lair Ribeiro: “O cérebro é uma máquina sofisticadíssima que vem sem um manual de instruções.

(...) Ele foi programado para te dar o que você quer e para ele você quer tudo o que pensa. (...) Repita: dinheiro cresce como árvore. Dinheiro é limpo. Contribui para a felicidade. Pessoas ricas são abençoadas. O ser humano nasceu para ser próspero.

5. Há também quem veja utilidade em tudo isso, como o psicanalista carioca Luiz Alberto Py. Ele acha que a autoajuda é um caso de *down-trading*, uma característica do mercado de cigarros em que muitas vezes uma marca barata supera a venda das campeãs porque o preço delas subiu demais. "A psicanálise é cara. Comprar um livro de autoajuda é mais barato e pode funcionar", diz.

6. VEJA — É possível recuperar a autoestima brasileira, perdida na década de 80?

S. KANITZ (ECONOMISTA) — Os brasileiros foram cobaias de experimentos econômicos por quase dez anos, o que baixa a autoestima de qualquer um. O Lair Ribeiro é resultado disso. Se as pessoas não estivessem de astral tão baixo, ele não venderia tantos livros. A autoestima começa a melhorar quando você tem controle sobre sua vida econômica.

A crise já era, *Veja*, 12 out. 1994.

7. As modernas listas de *best-sellers* ilustram a imensa necessidade que temos desses livros de iniciação, verdadeiros manuais de sobrevivência para a travessia da vida. Mas a arte de viver adulta, envergonhada, costuma se apoiar em dois álibis: ou na psicologia, e então temos as lições positivas de Lair Ribeiro, ou na religião, e temos aqui as fábulas esotéricas de Paulo Coelho. Não ousamos ainda nos apegar a uma arte de viver sem muletas, moldada diretamente pela própria vida.

José Castello. *O Estado de S. Paulo*, 8 nov. 1994. Caderno 2.

8. A crise criou discursos que se digladiam pelos louros do acerto. No discurso clamor à nação, o orador pede a uma Razão secreta que desperte, tipo "Deus, onde estás que não respondes?". Tende para o religioso, para o sagrado horror, já que não há nenhuma Central da Razão que tome providência. (...) A crise é boa para aumentar o contato com o absurdo, logo, com o mistério da vida. Nesse sentido, a crise é filosófica.

Arnaldo Jabor. A crise é a salvação de muitos brasileiros. *Os canibais estão na sala de jantar*. Adaptado.

9. Os homens fazem a sua própria história, mas não a fazem arbitrariamente, em circunstâncias escolhidas por eles mesmos, e sim em circunstâncias diretamente dadas e herdadas do passado.

Karl Marx, *O 18 brumário de Luís Bonaparte.*

10. Vivi puxando difícil de difícel, peixe vivo no moquem: quem mói no asp'ro, não fantasêia. (...) Viver é muito perigoso...

Palavras de Riobaldo, personagem de *Grande sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa.

2) **(Unicamp)**

VEJA — Um de seus ensaios termina com uma frase provocativa de Darwin: "Se a miséria de nossos pobres for causada não pelas leis da natureza mas por nossas instituições, grande é o nosso pecado". Mais de 100 anos depois já se pode determinar sobre que ombros colocar o grande pecado da miséria humana?

Stephen J. Gould — Darwin já sabia a resposta. Ela está implícita no enunciado da frase (...) Ele

sabia que as instituições humanas podem produzir miséria. De maneira mais geral, a lição que permanece até hoje é que as instituições não são imutáveis. Sermos cruéis uns com os outros não é uma determinação natural. É uma invenção das instituições que pode ser mudada (...)

VEJA — A permanência da miséria no mundo moderno pode ser tomada como demonstração de sua tese de que o simples passar dos anos não traz progresso?

Gould — Quando digo que não existe progresso, estou me referindo apenas à evolução dos seres vivos ao longo das eras. Digo que não há progresso, no sentido de que as espécies, incluindo a humana, não sofrem variações com o objetivo de ser cada vez melhores. Elas variam ao acaso. Na natureza não há progresso como o experimentado pelas culturas e pelo conhecimento humano, que são cumulativos. Ou seja, o que se aprende em uma geração é transmitido a outra, que trabalha sobre a herança recebida e passa adiante algo potencialmente melhor. Na natureza não há esse trabalho. As variações ocorrem ao acaso e, se o ambiente as favorecer, os portadores e seus descendentes terão mais chance de sobreviver.

Veja, 22 set. 1993.

Na entrevista acima, o biólogo Stephen J. Gould defende a ideia de que as variações que sofrem as espécies não visam a torná-las "melhores". Segundo ele, as variações ocorrem ao acaso.

Abaixo você encontra duas opiniões relativas à possibilidade de aprimoramento da espécie humana.

TEXTO 1

VEJA — (...) Você é nazista?

Victor Fasano — Algumas ideias nazistas são excelentes. Por exemplo: quando desenvolvo uma espécie no meu criadouro de animais, procuro no acasalamento não misturar o sangue de um macho todo ferradinho com o de uma fêmea maravilhosa. O burro, o incompetente, o que foi comido pelo leão não vai passar o gene para frente. Nisso, Hitler tinha razão.

VEJA — Dentro desse ponto de vista, a escolha de Maitê Proença — loura, linda e de olhos claros — para mãe de seu filho é perfeita?

Victor Fasano — (...) Quero ter uma cria para ensiná-la a praticar esportes e a amar a natureza. Morro de medo de que ela se ligue em computadores. Por isso gostaria que meu filho nascesse de uma mãe que pensasse como eu. Acho que Maitê é essa pessoa.

Veja, 11 out. 1995.

TEXTO 2

Hitler, antes de se matar no famoso "bunker" em que se refugiava na Chancelaria do Reich, escreveu o mais sinistro dos capítulos da história. Não há, (...) em nenhum outro texto trágico da saga da humanidade, nada que se compare ao que fizeram Hitler, Goebbels, Himmler e o sinistro Mengele em termos de ódio puro ao homem que não cabia nos conceitos "raciais do arianismo". (...)

Caso Hitler houvesse ganho a guerra que perdeu em 1945, nosso mundo seria hoje inteiramente diverso do que é.

A gente se irrita com a miséria que grassa no Brasil, com a guerra da Europa Central, (...) mas nada disso nos dá uma ideia, pálida que seja, do mundo em que estaríamos vivendo caso a guerra tivesse sido ganha por Adolf Hitler. (...)

Garanto a Victor Fasano que mal valeria a pena estar vivo em tal mundo. Nem com Maitê Proença

embalando um berço com uma bonita criança dentro.

Antonio Callado, *Folha de S. Paulo*, 28 out. 1995.

Tomando por base uma leitura cuidadosa dos textos 1 e 2, e considerando a entrevista do biólogo Stephen J. Gould, reflita sobre os aspectos considerados na questão da evolução da espécie humana, e:

• caso você discorde das ideias defendidas pelo sr. Victor Fasano, escreva-lhe uma carta procurando convencê-lo de que não se pode tratar a questão do aprimoramento da espécie humana apenas do ponto de vista biológico.

• caso você concorde com as ideias do sr. Victor Fasano, escreva uma carta ao sr. Antonio Callado procurando convencê-lo de que o aprimoramento biológico é um fator importante no processo evolutivo da espécie humana.

1 Os fragmentos 1, 4 e 5 foram extraídos de: A felicidade portátil, *Veja*, 24 nov. 1993.

LIÇÃO 18

Os estados de alma (as paixões) das personagens, paralelos às transformações que vão se sucedendo ao longo do texto narrativo, também vão se alterando:agravam-se, atenuam-se, negam-se, deslocam-se...

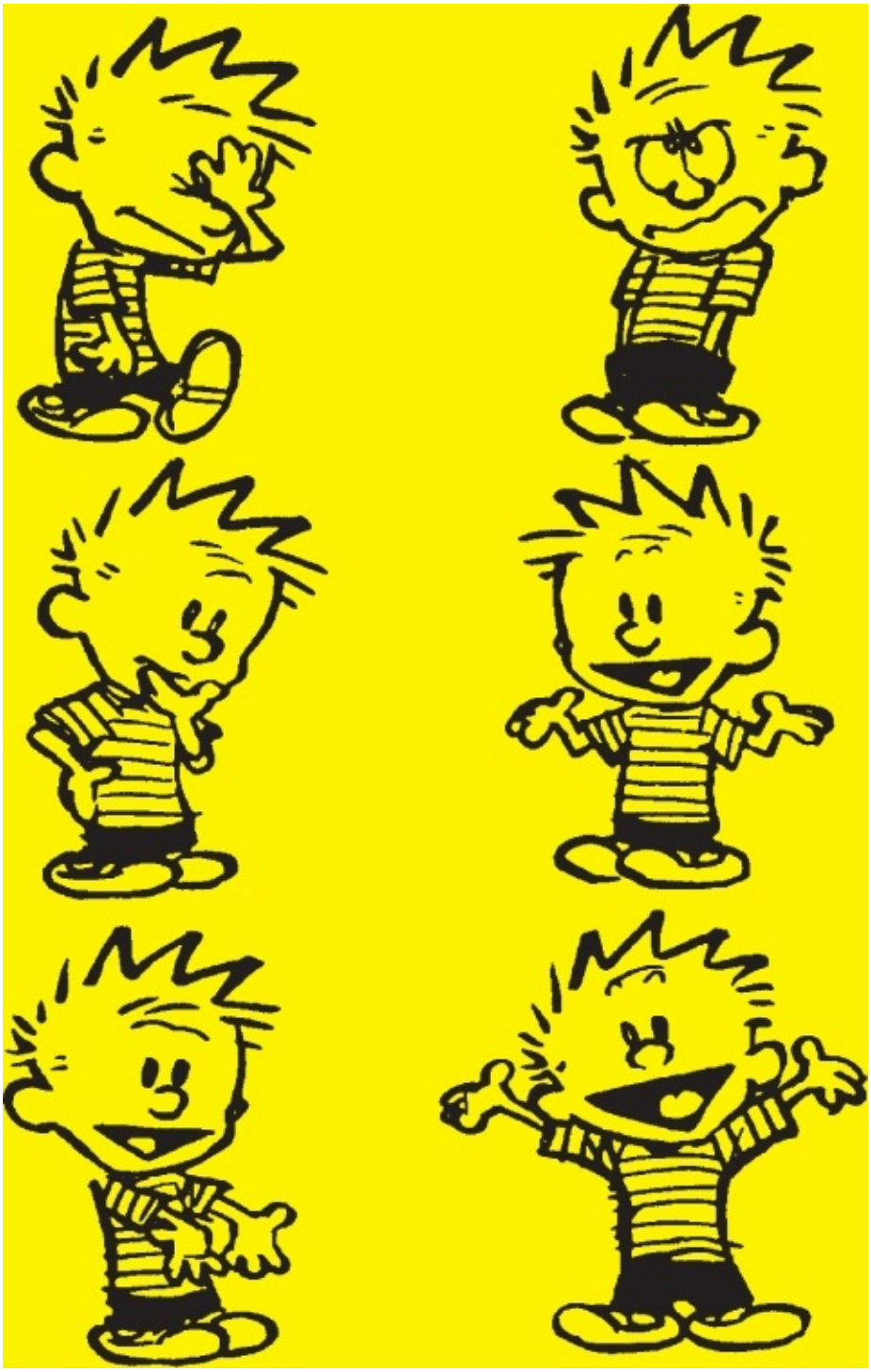

Nas histórias em quadrinhos os desenhistas são capazes de, com poucos traços, caracterizar o estado de alma de uma personagem: alegria, raiva, satisfação, desânimo…

Calvin, personagem criado por Bill Watterson.

LIÇÃO 18

OS ESTADOS DE ALMA DAS PERSONAGENS

Foto de Claus Meyer.

O poema que segue é de Gonçalves Dias. Leia-o com atenção:

LEITO DE FOLHAS VERDES

Por que tardas, Jatir, que tanto a custo
À voz do meu amor moves teus passos?
Da noite a viração, movendo as folhas,
Já nos cimos do bosque rumoreja.

Eu sob a capa da mangueira altiva
Nosso leito gentil cobri zelosa
Com mimoso tapiz de folhas brandas
Onde o frouxo luar brinca entre as flores.

Do tamarindo a flor abriu-se, há pouco,
Já solta o bogari mais doce aroma!
Como prece de amor, como estas preces,

No silêncio da noite o bosque exala.

Brilha a lua no céu, brilham estrelas,
Correm perfumes no correr da brisa,
A cujo influxo mágico respira-se
Um quebranto de amor, melhor que a vida!

A flor que desabrocha ao romper d'alva
Um só giro do sol, não mais, vegeta:
Eu sou aquela flor que espero ainda
Doce raio do sol que me dê vida.

Sejam vales ou montes, lago ou terra,
Onde quer que tu vás, ou dia ou noite,
Vai seguindo após ti meu pensamento;
Outro amor nunca tive: és meu, sou tua!

Meus olhos outros olhos nunca viram,
Não sentiram meus lábios outros lábios,
Nem outras mãos, Jatir, que não as tuas
A arazoia na cinta me apertaram.

Do tamarindo a flor jaz entreaberta,
Já solta o bogari mais doce aroma;
Também meu coração, como estas flores,
Melhor perfume ao pé da noite exala!

Não me escutas, Jatir! nem tardo acodes
À voz do meu amor, que em vão te chama!
Tupã! lá rompe o sol! do leito inútil
A brisa da manhã sacuda as folhas.

Antônio Gonçalves Dias. *Poesia*. 4. ed. Rio de Janeiro, Agir, 1967. p. 52-3. (Nossos Clássicos).

Esse poema fala da espera do amado, que não vem. A mulher prepara um leito de folhas verdes (estrofe 2), que se revela inútil (estrofe 9). Diz ela que, como *a flor que desabrocha ao romper d'alva*, só tem vida no amor de Jatir, o sol que lhe dá vida (estrofe 5). É um amor que implica a posse total de um amante pelo outro (estrofe 6) e a fidelidade total da mulher a Jatir (estrofe 7). À noite, a expectativa de receber o amante faz que seu coração exale o melhor perfume (estrofe 8). O dia nasce, Jatir não veio, o leito foi inútil. Ela deseja que a brisa dissipe a expectativa amorosa frustrada, ao sacudir o leito de folhas verdes. O poema relaciona o percurso do tempo à mudança dos sentimentos da mulher. A passagem da noite para a manhã é homóloga à mudança do estado de esperança para o de frustração. A natureza expressa os mesmos sentimentos que a personagem: à noite, com seus sensuais perfumes, a natureza conota o desejo e o pendor amoroso da mulher; a manhã indica que a predisposição para o amor foi varrida com a noite.

Nesse breve comentário do poema, falamos em sentimentos da mulher. Sentimento é um estado afetivo complexo, que pode ser chamado estado de alma ou paixão. Na linguagem cotidiana, paixão é quase sempre sinônimo de amor ardente. No entanto, a palavra tem outros significados, pois significa também qualquer estado de alma, qualquer estado afetivo: o amor, mas também a curiosidade, o entusiasmo, a cólera, a indignação, a decepção. Durante muitos séculos, o homem refletiu sobre os diferentes estados passionais. A discussão filosófica esmiuçou a natureza e a influência desses estados na conduta humana. Os artistas nunca deixaram de analisá-los, de pô-los em cena em suas obras: o ciúme de Otelo, a avareza de Gobseck, a inveja de Caim, e tantos outros estados de alma de célebres personagens da literatura mundial.

Já estudamos que a característica básica da narratividade é uma mudança de situação, uma alteração de estado. Já vimos também que, para alguém fazer alguma coisa, ou seja, para realizar uma mudança de estado, precisa querer e/ou dever fazer essa coisa e também saber e poder fazê-la. Assim, por exemplo, um sujeito deseja comprar uma casa, passar de um estado de não ter uma casa para o de ter. Para realizar essa ação, precisa primeiro querer (não desejar mais pagar aluguel) ou dever comprar (ter sido despejado e não achar casa para alugar); depois, necessita saber (por exemplo, deve ter conhecimento sobre que casas estão à venda, quanto custam) e poder fazê-lo (ter dinheiro). Um sujeito, para quem a mudança se realiza, pode querê-la ou não, pode ser forçado a ela por uma necessidade ou não, pode ter conhecimento ou não sobre sua realização, pode acreditar que a mudança se dará ou não. Uma mudança pode ser possível ou não, necessária ou não. A combinatória de desejos, necessidades, possibilidades, conhecimentos ou crenças em relação às mudanças produz um efeito de sentido chamado estado de alma ou paixão. Cada estado afetivo ou de alma recebe um nome na língua: raiva, tristeza, alegria etc. O sentido de cada uma dessas palavras é constituído da combinação dos elementos expostos acima.

As paixões podem ser classificadas em simples e complexas. As primeiras são aquelas em que um sujeito simplesmente deseja ou não uma mudança de estado (por exemplo, a *cobiça* é um desejo de ter alguma coisa; a *avareza* é um desejo de não se separar do dinheiro; o *medo* é um não querer que alguma coisa se realize). Nelas, não entram combinações de crenças, conhecimento, possibilidades etc. O que está em jogo é unicamente um querer. As segundas são aquelas em que um encadeamento de situações conduz a um determinado estado de alma. Vejamos como isso se dá. Um sujeito quer que uma alteração de estado se dê. Não faz nada para conseguir isso, mas acredita poder contar com um outro sujeito para realizar a mudança desejada. Mantém com o outro uma relação baseada na confiança. Têm eles uma espécie de contrato, seja ele real ou imaginário. Por ele, o primeiro espera que o segundo cumpra os deveres estabelecidos por essa espécie de acordo, realize a mudança pretendida. Quando isso acontece, ele sente satisfação e sua confiança é renovada. Ao saber que será impossível realizar seu desejo e que, portanto, é infundada a crença depositada no outro de que ele operaria a transformação, sente insatisfação e decepção. A insatisfação decorre do conhecimento de que um dado desejo não se realizará; uma decepção deriva do conhecimento de que a crença em alguém não tem razão de ser. Como se vê, uma paixão complexa é um arranjo de desejos, necessidades, conhecimentos, crenças e possibilidades. Por exemplo, para que haja uma insatisfação é preciso que se combine a certeza de que algo não ocorrerá, isto é, de que é impossível, com o desejo de que ocorra. Não se pode ter insatisfação com a não realização de algo que não se deseja. Vê-se, por conseguinte, que há compatibilidades e incompatibilidades entre os estados de alma. Assim, decepção está relacionada a confiança em alguém. Se não se espera nada de uma pessoa, não se pode ter decepção em relação a ela.

Continuemos a analisar o percurso passional, o encadeamento de paixões. Os estados de alma da insatisfação e da decepção podem conduzir a uma volta da situação inicial de confiança e de crença na

mudança (por alguma coisa que acontece, o sujeito começa de novo a confiar e a crer) ou desdobrar-se em novos estados afetivos: pode-se aceitar o que aconteceu, porque se percebe que não há possibilidade de alterar a situação (não poder mudar) e, então, temos as paixões da resignação, do conformismo; pode-se não aceitar o que ocorreu e desejar o mal a quem se julga responsável pela frustração e pela decepção e, então, temos estados de alma como o ódio, a aversão, a animosidade etc. Se, além de querer causar mal a alguém, pode-se fazê-lo e põe-se em prática a ação malévola, temos a vingança.

Um estado de satisfação e confiança pode prolongar-se no desejo de fazer o bem a quem é visto como o responsável pelo estado de alma positivo do sujeito. Nesse caso, temos paixões como a amizade, o afeto, a estima etc.

Observamos que diferentes estados afetivos são definidos pela mesma combinatória de desejo ou não querer, de possibilidade ou impossibilidade, de crença ou descrença etc. Nesse caso, como se distinguem os estados de alma resultantes de um mesmo arranjo de elementos de sentido básicos? Diferenciam-se, por exemplo, por:

a) intensidade do desejo: por exemplo, tanto *antipatia* quanto *aversão* definem-se por um não ter desejo de fazer nenhum bem a alguém, mas a aversão é mais forte do que a antipatia;

b) tipo de objeto que se deseja: por exemplo, a *curiosidade* e a *ambição* são determinadas por um querer, mas, na primeira, deseja-se ter um saber, enquanto, na segunda, um bem material ou o poder;

c) tensão ou relaxamento que provocam: por exemplo, a *aflição* é resultado de uma espera tensa de algo que se quer; a *tranquilidade* é fruto de uma espera relaxada do que se deseja;

d) orientação para o passado ou para o futuro: por exemplo, o *remorso* ocorre por alguma coisa que se fez, enquanto o *temor*, por algo que poderá acontecer.

Voltemos ao texto “Leito de folhas verdes”. Temos dois estados de alma da personagem: o primeiro é o amor; o segundo, a frustração e a decepção. Jatir provoca na personagem feminina do poema um estado de satisfação e de confiança, que se desdobra num desejo de estar unida a ele e de fazer-lhe o bem (amor) e numa reiteração de um estado de satisfação e de confiança (crença de que o outro continuará a dar a ela esse estado de satisfação). Jatir não corresponde a essa expectativa da mulher que o espera, pois não vem. Esse desejo do encontro amoroso e o saber que ele não se realizará produz a insatisfação; por outro lado, o saber que Jatir não cumpriu o que se espera dele desencadeia a frustração.

Os estados de alma formam, como vimos, um percurso ao longo da narrativa. Eles encadeiam-se, modificam-se, influenciam-se, determinam-se ao longo da história. É preciso estar atento para essa “lógica” dos estados de alma.

Anonimato, pintura de Edward Hopper, de 1927.

Os ambientes nos quais as personagens são colocadas podem ser elementos definidores de seu estado de alma. O pintor norte-americano Hopper celebrizou-se pelos cenários cuja desolação contamina as personagens que neles se situam.

TEXTO COMENTADO

O trecho que segue é um fragmento do conto “Noite de almirante”, de Machado de Assis:

Deolindo Venta-Grande (era uma alcunha de bordo) saiu do Arsenal de Marinha e enfiou pela Rua de Bragança. Batiam três horas da tarde. Era a fina flor dos marujos e, demais, levava um grande ar de felicidade nos olhos. A corveta dele voltou de uma longa viagem de instrução, e Deolindo veio à terra tão depressa alcançou licença. Os companheiros disseram-lhe rindo:

— Ah! Venta-Grande! Que noite de almirante vai você passar! ceia, viola e os braços de Genoveva. Colozinho de Genoveva...

Deolindo sorriu. Era assim mesmo, uma noite de almirante, como eles dizem, uma dessas grandes noites de almirante que o esperava em terra. Começara a paixão três meses antes de sair a corveta. Chamava-se Genoveva, caboclinha de vinte anos, esperta, olho negro e atrevido. Encontraram-se em casa de terceiro e ficaram morrendo um pelo outro, a tal ponto que estiveram prestes a dar uma cabeçada, ele deixaria o serviço e ela o acompanharia para a vila mais recôndita do interior.

A velha Inácia, que morava com ela, dissuadiu-os disso; Deolindo não teve remédio senão seguir em viagem de instrução. Eram oito ou dez meses de ausência. Como fiança recíproca, entenderam dever fazer um juramento de fidelidade. (...)

Lá vai ele agora, pela Rua de Bragança, Prainha, Saúde, até ao princípio da Gamboa, onde mora Genoveva. (...) Ao mesmo tempo lembra as mulheres que viu por esse mundo de Cristo, italianas, marselhesas ou turcas, muitas delas bonitas, ou que lhe pareciam tais. Concorda que nem todas seriam para os beiços dele, mas algumas eram, e nem por isso fez caso de nenhuma. Só pensava em Genoveva. (...) Nisto chegou à Gamboa, passou o cemitério e deu com a casa fechada. Bateu, falou-lhe uma voz

conhecida, a da velha Inácia, que veio abrir-lhe a porta com grandes exclamações de prazer. Deolindo, impaciente, perguntou por Genoveva. (...)

— Está com um mascate, José Diogo. Conheceu José Diogo, mascate de fazendas? Está com ele. Não imagina a paixão que eles têm um pelo outro. (...)

— Onde mora ela?

— Na Praia Formosa, antes de chegar à pedreira, uma rótula pintada de novo.

Deolindo não quis ouvir mais nada. (...) Deixo de notar o que pensou em todo o caminho; não pensou nada. As ideias marinhavam-lhe no cérebro, como em hora de temporal, no meio de uma confusão de ventos e apitos. Entre elas rutilou a faca de bordo, ensanguentada e vingadora. Tinha passado a Gamboa, o Saco do Alferes, entrara na Praia Formosa. Não sabia o número da casa, mas era perto da pedreira, pintada de novo, e com o auxílio da vizinhança poderia achá-la. Não contou com o acaso que pegou de Genoveva e fê-la sentar à janela, cosendo, no momento em que Deolindo ia passando. Ele conheceu-a e parou; ela, vendo o vulto de um homem, levantou os olhos e deu com o marujo.

— Que é isso? exclamou espantada. Quando chegou? Entre, seu Deolindo.

E, levantando-se, abriu a rótula e fê-lo entrar. Qualquer outro homem ficaria alvoroçado de esperanças, tão francas eram as maneiras da rapariga; podia ser que a velha se enganasse ou mentisse; podia ser mesmo que a cantiga do mascate estivesse acabada. Tudo isso lhe passou pela cabeça, sem a forma precisa do raciocínio ou da reflexão, mas em tumulto e rápido. Genoveva deixou a porta aberta, fê-lo sentar-se, pediu-lhe notícias da viagem e achou-o mais gordo; nenhuma comoção nem intimidade. Deolindo perdeu a última esperança. Em falta de faca, bastavam-lhe as mãos para estrangular Genoveva, que era um pedacinho de gente, e durante os primeiros minutos não pensou em outra cousa.

— Sei tudo, disse ele.

— Quem lhe contou?

Deolindo levantou os ombros.

— Fosse quem fosse, disseram-lhe que eu gostava muito de um moço?

— Disseram.

— Disseram a verdade.

Deolindo chegou a ter um ímpeto; ela fê-lo parar só com a ação dos olhos. Em seguida disse-lhe que, se lhe abrira a porta, é porque contava que era homem de juízo. Contou-lhe então tudo, as saudades que curtira, as propostas do mascate, as suas recusas, até que um dia, sem saber como, amanhecera gostando dele. (...)

Deolindo seguiu, praia fora, cabisbaixo e lento, não já o rapaz impetuoso da tarde, mas com um ar velho e triste, ou, para usar outra metáfora de marujo, como um homem “que vai do meio caminho para a terra”. Genoveva entrou logo depois, alegre e barulhenta. Contou à outra a anedota dos seus amores marítimos, gabou muito o gênio do Deolindo e os seus bonitos modos; a amiga declarou achá-lo grandemente simpático.

— Muito bom rapaz, insistiu Genoveva. Sabe o que ele me disse agora?

— Que foi?

— Que vai matar-se.

— Jesus!

— Qual o quê! Não se mata, não. Deolindo é assim mesmo; diz as cousas, mas não faz. Você verá que não se mata. (...)

A verdade é que o marinheiro não se matou. No dia seguinte, alguns dos companheiros bateram-lhe no ombro, cumprimentando-o pela noite de almirante e pediram-lhe notícias de Genoveva, se estava mais bonita, se chorara muito na ausência etc. Ele respondia a tudo com um sorriso satisfeito e discreto, um sorriso de pessoa que viveu uma grande noite. Parece que teve vergonha da realidade e preferiu mentir.

Machado de Assis. *Obra completa*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1979. v. 2, p. 446-51.

Vamos analisar os percursos passionais mais importantes presentes no conto “Noite de almirante”. O conto é bastante complexo do ponto de vista dos estados de alma nele desenvolvidos. Fizemos um recorte para mostrar apenas alguns deles.

O marinheiro Deolindo, ao voltar de uma longa viagem de instrução, *levava um grande ar de felicidade nos olhos*, porque uma *noite de almirante* (= uma grande noite, uma noite muito especial) o esperava em terra. Três meses antes de começar a viagem, conhecera Genoveva, ambos apaixonaram-se perdidamente e ele partira em viagem depois de um juramento de fidelidade. Temos aqui uma situação de espera: Deolindo crê que Genoveva lhe é fiel e que, logo, ele poderá usufruir do amor que ela lhe dedica. A espera não é tensa, pois Deolindo não apresenta o estado de alma da aflição. Ao contrário, é relaxada, pois o marujo está feliz. A felicidade é um efeito de satisfação produzido pela crença na possibilidade de que Genoveva cumpriria o contrato e de que o amor de ambos se realizaria.

Quando Deolindo chega à casa em que morava Genoveva, a velha Inácia diz-lhe que ela estava com outro, morando na Praia Formosa. Altera-se, então, o estado de alma do marinheiro. Agora, sabe que Genoveva não cumpriu o contrato, que não o ama mais. De sujeito crédulo e confiante passa a insatisfeito e decepcionado. Esse sentimento evolui para a raiva. Passa a querer fazer mal a quem lhe infligiu o sofrimento que sente. Começa a maquinar uma vingança: *As ideias marinhavam-lhe no cérebro, como em hora de temporal, no meio da confusão de ventos e apitos. Entre elas rutilou a faca de bordo, ensanguentada e vingadora.*

Quando o marujo chega à Praia Formosa, Genoveva recebe-o com maneiras francas. Diante disso, Deolindo volta a ter esperança, reassume a confiança, pois podia não ser verdade o que ficara sabendo ou poderia não mais estar com o outro. Genoveva, no entanto, não manifesta *nenhuma comoção nem intimidade*, ou seja, mantém-se indiferente e distante. Diante desse estado de alma, Deolindo deixa de crer na possibilidade de ter o amor de Genoveva, perde a esperança. Com isso, ressurge o desejo de vingar-se: *Em falta de faca, bastavam-lhe as mãos para estrangular Genoveva*. Contém seu desejo e diz-lhe que sabe de tudo. Ela não mente. Deolindo tem um ímpeto, a cólera, e com ela o desejo de vingança aflora novamente. Genoveva para-o com os olhos, diz-lhe que, *se lhe abrira a porta, é porque contava que era homem de juízo*, isto é, que não se deixava levar por paixões momentâneas e violentas. Em seguida, conta-lhe do amor que sentira por ele, mas diz que seu coração mudara. Alterara-se o objeto de seu querer.

Sai cabisbaixo e lento, sem o ímpeto anterior. Seu estado de alma é de infelicidade, gerada por saber que alguma coisa que deseja é impossível. Mas, nesse momento, que é impossível? A resposta virá em

seguida. Genoveva entrou em casa alegre e barulhenta. Tinha a satisfação pelo fato de saber que Deolindo a amava e lhe fora fiel. Conta à amiga que ele dissera que iria suicidar-se. De certa forma, suicidar-se era realizar a vingança desejada, pois infligiria a Genoveva a dor do remorso, reequilibrando, assim, a situação passional: faria sofrer aquela que é responsável pelo seu sofrimento. A vingança é, então, o desejo de infligir dor equivalente à sentida. Diante do espanto da amiga, Genoveva mostra que sabe que ele não é capaz de fazer o que prometera, pois ele não é dotado das paixões fortes que levam um sujeito a vingar-se. Ao contrário, é dotado apenas das paixões fracas da malevolência, em que um sujeito quer fazer o mal, mas não passa à ação. *Qual o quê! Não se mata, não. Deolindo é assim mesmo; diz as cousas, mas não faz. Você verá que não se mata.*

No dia seguinte, diante de seus colegas, Deolindo manifesta o estado de alma da satisfação, derivado do saber que o que ele desejava se realizou. Nota, no entanto, o narrador que se trata de uma mentira: Deolindo parece satisfeito, mas não está, a aparência não corresponde à realidade. Por que mentiu? Porque parece que teve vergonha da realidade. Vergonha é "um sentimento penoso de inferioridade, de indignidade ou de humilhação diante de outrem, de rebaixamento na opinião dos outros". Deriva da reprovação própria ou alheia, quando alguém, que aceita plenamente as normas do grupo social, não age de acordo com elas ou quando não possui as qualidades exigidas para um papel que deveria exercer. A vergonha é uma paixão da ordem do saber: um sujeito sabe que agiu em desacordo com as normas do grupo social ou não possui certas qualidades que deveria ter. É importante que o sujeito aceite, como um ideal a ser seguido, essas normas sociais ou o perfil que se exige dele, pois, se não dá nenhuma importância a eles, não será atingido pelo sentimento de vergonha. Se um sujeito viola ostensivamente comportamentos sociais, pois não lhes dá nenhuma importância, podemos ter a insolência, o atrevimento, não a vergonha.

Voltemos a Deolindo. Diz o narrador: *A verdade é que o marinheiro não se matou. No dia seguinte, alguns dos companheiros bateram-lhe no ombro, cumprimentando-o pela noite de almirante, e pediram-lhe notícias de Genoveva, se estava mais bonita, se chorara muito na ausência etc. Ele respondia a tudo com um sorriso satisfeito e discreto, um sorriso de pessoa que viveu uma grande noite. Parece que teve vergonha da realidade e preferiu mentir.* A vergonha opera sob o signo do segredo. Ele não parece infeliz, mas está. Avalia negativamente o fato de não ter conseguido realizar sua vingança. Por que não o fez? Porque não foi capaz, não tem as qualidades necessárias para passar do desejo de vingança à ação. No entanto, nas normas sociais que, naquele tempo, regiam as relações homem/mulher, um homem deveria matar a mulher que o traíra. Deolindo é dotado, porém, apenas das paixões fracas do querer. Não age, portanto, de acordo com as expectativas do grupo social. Para não permitir que sua vergonha seja exposta, opta pela mentira, por aparentar o que não é. Na aparência, mostra a satisfação; no íntimo, sente insatisfação e decepção. A decepção, no entanto, não é com Genoveva, mas consigo mesmo, pois não fora capaz de responder à traição conforme a expectativa de seu grupo.

LIÇÃO 18 EXERCÍCIOS

O trecho que segue foi extraído da obra *Novelas paulistanas*, de António de Alcântara Machado:

Ilustração de Poty paraa obra *Novelas paulistanas*.

LISETTA

Quando Lisetta subiu no bonde (o condutor ajudou) viu o urso. Felpudo, felpudo. E amarelo. Tão engraçadinho.

Dona Mariana sentou-se, colocou a filha em pé diante dela.

Lisetta começou a namorar o bicho. Pôs o pirulito de abacaxi na boca. Pôs mas não chupou. Olhava o urso. O urso não ligava.

Seus olhinhos de vidro não diziam absolutamente nada. No colo da menina de pulseira de ouro e meias de seda parecia um urso importante e feliz.

— Olhe o ursinho que lindo, mamãe!

— Stai zitta![1]

A menina rica viu o enlevo e a inveja da Lisetta. E deu de brincar com o urso. Mexeu-lhe com o toquinho do rabo: e a cabeça do bicho virou para a esquerda, depois para a direita, olhou para cima, depois para baixo. Lisetta acompanhava cada manobra. Sorrindo fascinada. E com um ardor nos olhos! O pirulito perdeu definitivamente toda a importância.

Agora são as pernas que sobem e descem, cumprimentam, se cruzam, batem umas nas outras.

— As patas também mexem, mamãe. Olha lá!

— Stai ferma![2]

Lisetta sentia um desejo louco de tocar no ursinho. Jeitosamente procurou alcançá-lo. A menina rica percebeu, encarou a coitada com raiva, fez uma careta horrível e apertou contra o peito o bichinho que custara cinquenta mil-réis na Casa São Nicolau.

— Deixa pegar um pouquinho, um pouquinho só nele, deixa?

— Ah!

— Scusi[3], senhora. Desculpe por favor. A senhora sabe, essas crianças são muito levadas. Scusi. Desculpe.

A mãe da menina rica não respondeu. Ajeitou o chapeuzinho da filha, sorriu para o bicho, fez uma carícia na cabeça dele, abriu a bolsa e olhou o espelho.

Dona Mariana, escarlate de vergonha, murmurou no ouvido da filha:

— In casa me lo pagherai![4]

E pespegou por conta um beliscão no bracinho magro. Um beliscão daqueles.

Lisetta então perdeu toda a compostura de uma vez. Chorou. Soluçou. Chorou. Soluçou. Falando sempre.

— Hã! Hã! Hã! Hã Eu que...ro o ur...so! O ur...so! Ai, mamãe! Ai, mamãe! Eu que...ro o...o...o...Hã! Hã!

— Stai ferma o ti amazzo, parola d'onore! [5]

— Um pou...qui...nho só! Hã! E...hã! E...hã! Um pou...qui...

— Senti, Lisetta. Non ti porterò più in città! Mai più![6]

Um escândalo. E logo no banco da frente. O bonde inteiro testemunhou o feio que Lisetta fez. O urso recomeçou a mexer com a cabeça. Da esquerda para a direita, para cima e para baixo.

— Non piangere più adesso![7]

Impossível.

O urso lá se fora nos braços da dona. E a dona só de má, antes de entrar no palacete estilo empreiteiro português, voltou-se e agitou no ar o bichinho. Para Lisetta ver. E Lisetta viu!

Dem-dem! O bonde deu um solavanco, sacudiu os passageiros, deslizou, rolou, seguiu. Dem-dem!

— Olha à direita!

Lisetta como compensação quis sentar-se no banco. Dona Mariana (havia pago uma passagem só) opôs-se com energia e outro beliscão.

A entrada de Lisetta em casa marcou época na história dramática da família Garbone.

Logo na porta um safanão. Depois um tabefe. Outro no corredor. Intervalo de dois minutos. Foi então a vez das chineladas. Para remate. Que não acabava mais.

O resto da gurizada (narizes escorrendo, pernas arranhadas, suspensórios de barbante) reunido na sala de jantar sapeava de longe.

Mas o Ugo chegou da oficina.

— Você assim machuca a menina, mamãe! Coitadinha dela!

Também Lisetta não aguentava mais.

— Toma pra você. Mas não escache.

Lisetta deu um pulo de contente. Pequerrucho. Pequerrucho e de lata. Do tamanho de um passarinho. Mas urso.

Os irmãos chegaram-se para admirar. O Pasqualino quis logo pegar no bichinho. Quis mesmo tomá-lo à força. Lisetta berrou como uma desesperada:

— Ele é meu! O Ugo que me deu!

— Correu para o quarto. Fechou-se por dentro.

António de Alcântara Machado. *Novelas paulistanas: Brás, Bexiga e Barra Funda*. 1. ed. Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/Edusp, 1988. p.100-2.

QUESTÃO 1

Lisetta, logo que viu o urso, enamorou-se dele, ficou fascinada e passou a querer tocá-lo, querer desfrutar do brinquedo da menina rica.

a) Pode-se dizer que Lisetta estava movida pelo estado de alma característico do anseio?

b) Ela contava com a colaboração da menina rica, acreditava que a proprietária do urso ia permitir que ela o tocasse. Essa crença gera que tipo de estado de alma em Lisetta?

QUESTÃO 2

Levando em consideração as reações da menina rica em face do desejo de Lisetta:

a) elas corresponderam à expectativa de Lisetta?

b) Lisetta conformou-se ou insistiu em pegar o urso?

QUESTÃO 3

Diz o narrador que dona Mariana pediu desculpas à mãe da menina do ursinho e, cheia de vergonha, ameaça castigar a filha em casa.

a) O que é que provocou em dona Mariana o sentimento de vergonha?

b) Em que consiste o sentimento de vergonha?

QUESTÃO 4

Inconformada com a insistência de Lisetta, a mãe pregou-lhe um beliscão.

a) Qual o sentimento que levou dona Mariana a tomar essa atitude?

b) Em que consiste esse sentimento ou estado de alma?

QUESTÃO 5

Quando levou o beliscão de dona Mariana em represália à sua tentativa de brincar com o animalzinho, Lisetta perdeu a compostura de uma vez e, segundo o narrador, chorou e soluçou copiosamente.

a) Após essa choradeira, a dona do urso comoveu-se com a atitude de Lisetta?

b) A partir daí, pode-se dizer que Lisetta resignou-se diante da impossibilidade de brincar com o ursinho?

c) Em que consiste o sentimento de resignação?

QUESTÃO 6

Movida mais uma vez pelo sentimento de raiva, a mãe espancou dramaticamente a filha.

a) O irmão Ugo, ao entrar, concorda com a severidade da mãe?

b) Que sentimento a surra de Lisetta despertou em Ugo?

c) Em que consiste esse estado de alma?

QUESTÃO 7

a) Ao receber o presente de Ugo, qual o sentimento que acometeu Lisetta?

b) Como se pode descrever esse estado de alma?

c) Diante da investida do irmão Pasqualino, Lisetta berrou como uma desesperada e trancou-se no quarto. Que estado de alma provocou essa reação?

QUESTÃO 8

A leitura do conto permite-nos afirmar que:

a) o conto relata um drama que envolve a ostentação de quem pode realizar o seu desejo *versus* a frustração de quem não pode fazê-lo.

b) o texto relata a vergonha daqueles que não são capazes de controlar-se e o orgulho dos que o são.

c) o grande desejo de Lisetta consistia em privar sua antagonista do prazer de brincar com o ursinho.

d) Lisetta, ao contrário de sua mãe, foi capaz de compreender rapidamente as verdadeiras intenções da sua antagonista.

e) o conflito inicial, que envolvia estados de alma opostos entre si, resolveu-se pacificamente no final do conto.

PROPOSTAS DE REDAÇÃO

1) Você vai elaborar um texto narrativo, jogando com dois estados de alma: o amor e o medo.

Imagine uma personagem masculina, vítima do medo; uma personagem feminina afetada pelo amor.

Suponha o seu texto constituído de três momentos distintos:

1° momento: em que prevalece o medo;

2° momento: em que o medo é negado e superado;

3° momento: em que prevalece o amor.

2) Redija um texto narrativo em que estejam presentes ao menos duas personagens: uma, movida por um sentimento de verdadeira obstinação pela posse de um determinado objeto de desejo: uma pessoa (paixão amorosa), um evento (uma viagem, uma certa carreira profissional) ou uma coisa (uma joia, um carro); outra personagem que se opõe à realização desse desejo teimosamente. Procure explicitar o duelo de paixões envolvidas nesse conflito.

1 Stai zitta!: Cala-te!
2 Stai ferma!: Fica quieta!, Sossega!
3 Scusi: Desculpa-me.
4 In casa me lo pagherai!: Em casa, tu me pagarás!
5 Stai ferma o ti amazzo, parola d'onore!: Fica quieta ou te estrangulo, palavra de honra!
6 Senti, Lisetta. Non ti porterò più in città! Mai più!: Presta atenção, Lisetta. Não te trarei mais à cidade! Nunca mais!
7 Non piangere più adesso!: Não chores mais agora!

LIÇÃO 19

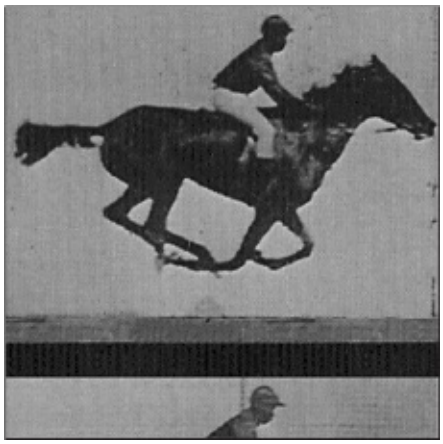

Um argumento não é necessariamente uma prova de verdade. Trata-se, acima de tudo, de um recurso de natureza linguística destinado a levar o interlocutor a aceitar os pontos de vista daquele que fala.

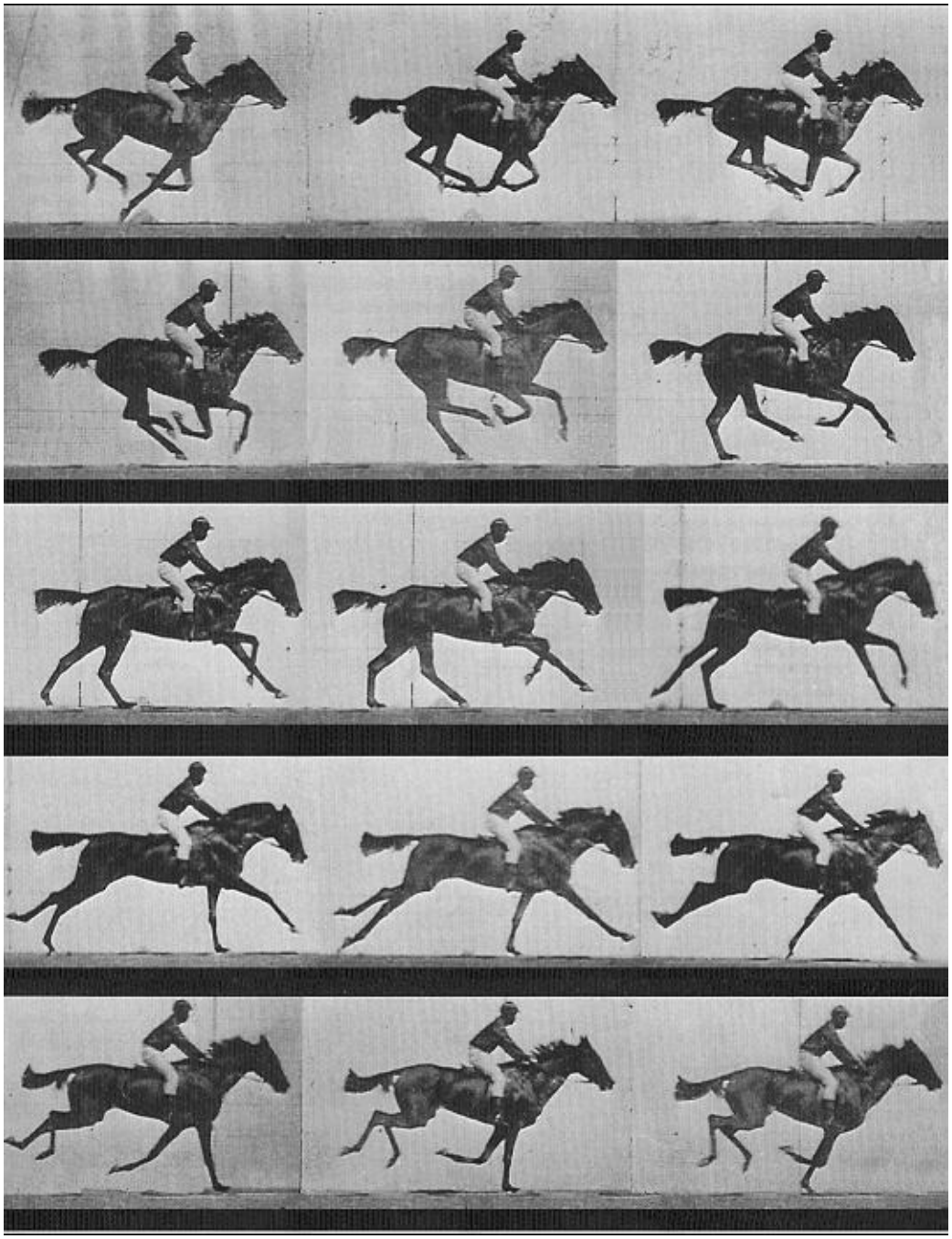

Os movimentos do cavalo durante o galope foram motivo de polêmica no século XIX. Acreditava-se que as patas dianteiras e traseiras se moviam sempre em sentidos opostos e que, durante todo o movimento, pelo menos uma das patas mantivesse contato com o solo. O aperfeiçoamento da tecnologia fotográfica permitiu que, em 1870, fossem produzidas fotos sucessivas em intervalos de tempo muito pequenos. Elas forneceram o argumento definitivo para sepultar ambas as crenças.

Sequência de fotos de Eadweard Muybridge, de 1872.

LIÇÃO 19

ARGUMENTAÇÃO

O ator Plínio Marcos em cena do vídeo.

Leia o texto abaixo, fragmento extraído de um vídeo exibido na Casa de Detenção de São Paulo, para ensinar aos detentos formas de prevenção contra a aids:

Aqui é bandido: Plínio Marcos. Atenção, malandrage! Eu num vô pedir nada, vô te dá um alô! Te liga aí: aids é uma praga que rói até os mais fortes, e rói devagarinho. Deixa o corpo sem defesa contra a doença. Quem pegá essa praga está ralado de verde e amarelo, de primeiro ao quinto, e sem vaselina. Num tem dotô que dê jeito, nem reza brava, nem choro, nem vela, nem ai, Jesus. Pegou aids, foi pro brejo! Agora sente o aroma da perpétua: aids pega pelo esperma e pelo sangue, entendeu?, pelo esperma e pelo sangue! (Pausa)

Eu num tô te dando esse alô pra te assombrá, então se toca! Não é porque tu tá na tranca que virou anjo. Muito pelo contrário, cana dura deixa o cara ruim! Mas é preciso que cada um se cuide, ninguém pode valê pra ninguém nesse negócio de aids. Então, já viu: transá, só de acordo com o parceiro, e de camisinha! (Pausa)

Agora, tu aí que é metido a esculachá os outros, metido a ganhá o companheiro na força bruta, na congesta! Para com isso, tu vai acabá empesteado! Aids num toma conhecimento de macheza, pega pra lá, pega pra cá, pega em home, pega em bicha, pega em mulhé, pega em roçadeira! Pra essa peste num tem bom! Quem bobeia fica premiado. E fica um tempão sem sabê. Daí, o mais malandro, no dia da visita, recebe mamão com açúcar da família e manda pra casa o aids! E num é isto que tu qué, né, vago mestre? Então te cuida. Sexo, só com camisinha. (Pausa)

Quem descobre que pegô a doença se sente no prejuízo e quer ir à forra, passando pros outros. (Pausa)

Sexo, só com camisinha! Num tem escolha, transá, só com camisinha.

Quanto a tu, mais chegado ao pico, eu tô sabendo que ninguém corta o vício só por ordem da chefia. Mas escuta bem, vago mestre, a seringa é o canal pra aids. No desespero, tu não se toca, num vê, num qué nem sabê que, às vezes, a seringa vem até com um pingo de sangue, e tu mete ela direto em ti. Às vezes, ela parece que vem limpona, e vem com a praga. E tu, na afobação, mete ela direto na veia. Aí tu dança. Tu, que se diz mais tu, mas que diz que num pode aguentá a tranca sem pico, se cuida. Quem gosta de tu é tu mesmo. (Pausa) E a farinha que tu cheira, e a erva que tu barrufa enfraquece o corpo e deixa tu chué da cabeça e dos peitos. E aí tu fica moleza pro aids! Mas o pico é o canal direto pra essa praga que está aí. Então, malandro, se cobre. Quem gosta de tu é tu mesmo. A saúde é como a liberdade. A gente dá valor pra ela quando já era!

Vídeo exibido na Casa de Detenção de São Paulo. Agência: Adag; Realização: TV Cultura, 1988.

Esse texto, falado por Plínio Marcos, trata o problema da aids de maneira realista, sem qualquer idealização. Pretende ele levar os presos a usar camisinha em todas as relações sexuais, a não ter relações sem consentimento do parceiro e a não usar droga injetável. Para isso, compara a saúde à liberdade. Faz isso porque a liberdade é o bem mais prezado por aqueles que dela estão privados. Equiparando a saúde à liberdade, quer alertar para a necessidade de preservar aquela que, ao contrário desta, ainda não está perdida. O texto dá uma informação básica: que a transmissão do vírus da aids se faz por meio do esperma e do sangue. No entanto, o que importa no texto é persuadir os presidiários a adotar meios de prevenção. Quais são os recursos de que se vale o enunciador para realizar a persuasão? Procura identificar-se com seus destinatários, para que sua mensagem se torne confiável para eles. Como faz isso? Em primeiro lugar, apresentando-se como um deles, como um bandido. Em seguida, tratando-os com os vocativos que os marginais empregam entre si: *malandrage*, *malandro*, *vago mestre*. Em terceiro, usando a linguagem com que estão habituados: variante não culta, em sua modalidade oral (observe, por exemplo, a omissão do *r* nas formas verbais: *ganhá*, *valê*, *qué*, *transá* etc.); substituição da expressão *não é* por *né*; uso de formas populares de pronúncia (*num*, em vez de *não*, *dotô*, *mulhé*, *vô*, *tá*); inadequação no uso das formas pronominais (ora o interlocutor é tratado por *tu*, ora por *você*) e da concordância verbal (sujeito de segunda pessoa e verbo na terceira: *tu não se toca*, *tu cheira* etc.); utilização das formas pronominais retas em função de complemento (*gosta de tu*); uso do termo *aids* como masculino (*o aids*); e gíria da marginalidade (*congesta*, *pico*, *tranca*, *ganhá na força bruta*, *barrufa* etc.).

A partir desse texto, podemos pensar o que é realmente argumentação. Normalmente, pensa-se que comunicar é simplesmente transmitir informações. A teoria da comunicação diz que, para haver um ato comunicativo, é preciso que seis fatores intervenham: o emissor (aquele que produz a mensagem), o receptor (aquele a quem a mensagem é transmitida), a mensagem (elemento material, por exemplo, um conjunto de sons, que veicula um conjunto de informações), o código (sistema linguístico, por exemplo, uma língua, ou seja, conjunto de regras que permite produzir uma mensagem), o canal (conjunto de meios sensoriais ou materiais pelos quais a mensagem é transmitida, por exemplo, o canal auditivo, o telefone) e o referente (situação a que a mensagem remete). No entanto, simplifica ela excessivamente o ato de comunicação, pois concebe o emissor e o receptor pura e simplesmente como polos neutros que devem produzir, receber e compreender a mensagem.

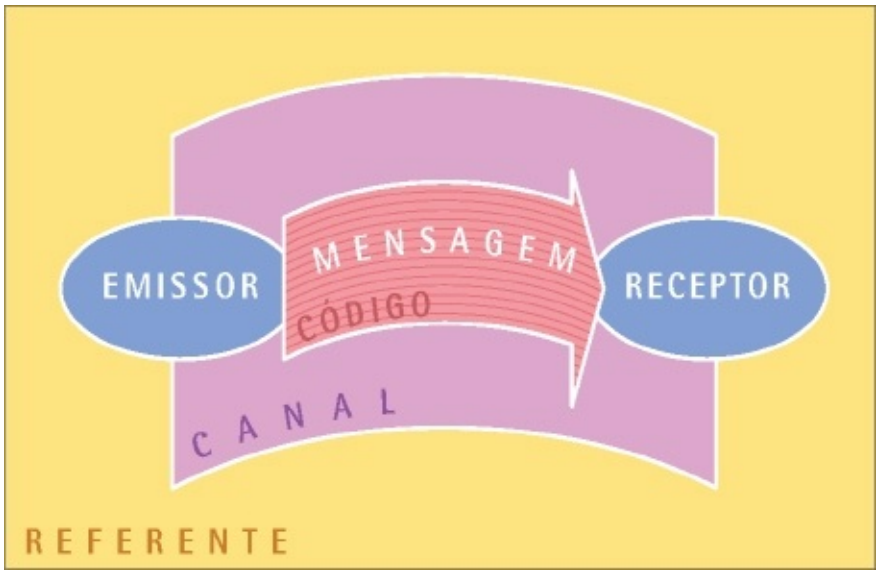

As coisas são mais complicadas no ato comunicativo. Há uma diferença bem marcada entre comunicação recebida e comunicação assumida. Como comunicar é agir sobre o outro, quando se comunica não se visa somente a que o receptor receba e compreenda a mensagem, mas também a que a aceite, ou seja, a que creia nela e a que faça o que nela se propõe. Comunicar não é, pois, somente um fazer saber, mas também um fazer crer e um fazer fazer. A aceitação depende de uma série de fatores: emoções, sentimentos, valores, ideologia, visão de mundo, convicções políticas etc. A persuasão é então o ato de levar o outro a aceitar o que está sendo dito, pois só quando ele o fizer a comunicação será eficaz.

Em geral, pensa-se que argumentar é extrair conclusões lógicas de premissas colocadas anteriormente, como no silogismo, forma de raciocínio em que de duas proposições iniciais se extrai uma conclusão necessária:

Todo homem é mortal.
Pedro é homem.
Logo, Pedro é mortal.

No entanto, podemos convencer uma pessoa de alguma coisa com raciocínios que não são logicamente demonstráveis, mas que são plausíveis. Quando a publicidade do Banco do Brasil diz que ele serve o cliente há mais de cem anos, o raciocínio implícito é que, se ele é tão antigo, deve prestar bons serviços. Essa conclusão a que a publicidade encaminha não é necessariamente verdadeira, mas possivelmente correta. Por isso, argumenta-se não só com aquilo que é necessariamente certo, mas também com o que é possível, provável, plausível.

Argumento aqui será então usado em sentido lato. Observemos a origem do termo: vem do latim *argumentum*, que tem tema *argu*, cujo sentido primeiro é “fazer brilhar”, “iluminar”. É o mesmo tema que aparece nas palavras *argênteo, argúcia, arguto* etc. Pela sua origem, podemos dizer que argumento é tudo aquilo que faz brilhar, cintilar uma ideia. Assim, chamamos argumento a todo procedimento linguístico que visa a persuadir, a fazer o receptor aceitar o que lhe foi comunicado, a levá-lo a crer no que foi dito e a fazer o que foi proposto.

Nesse sentido, todo texto é argumentativo, porque todos são, de certa maneira, persuasivos. Alguns se apresentam explicitamente como discursos persuasivos, como a publicidade, outros se colocam como discursos de busca e comunicação do conhecimento, como o científico. Aqueles usam mais a argumentação em sentido lato; estes estão mais comprometidos com raciocínios lógicos em sentido estrito. Seja a argumentação considerada em sentido mais amplo ou mais restrito, o que é certo é que,

quando bem feita, dá consistência ao texto, produzindo sensação de realidade ou impressão de verdade. Achamos que o texto está falando de coisas reais ou verdadeiras. Acreditamos nele.

São inúmeros os recursos linguísticos usados com a finalidade de convencer. Trataremos de alguns tipos de argumento.

1. Argumento de autoridade

É a citação de autores renomados, autoridades num certo domínio do saber, numa área da atividade humana, para corroborar uma tese, um ponto de vista. O uso de citações, de um lado, cria a imagem de que o falante conhece bem o assunto que está discutindo, porque já leu o que sobre ele pensaram outros autores; de outro, torna os autores citados fiadores da veracidade de um dado ponto de vista. Observe a introdução de um texto de Ulisses Guimarães, em que invoca a autoridade da Bíblia, do padre Antônio Vieira, de provérbios e de Camões, para reprovar a falta de palavra do presidente Collor, que lhe prometera manter-se neutro na votação de emenda constitucional que estabelecia o sistema parlamentarista e, na surdina, trabalhou pela sua rejeição:

O fio do bigode

Para nossos avós, o fio do bigode garantia a palavra empenhada. Não precisava de tabelião, firma reconhecida e testemunhas.

Depilou, negócio fechado.

Os bigodes rarearam, a palavra não.

A Terra é filha da palavra, reza o Gênesis. O Evangelho segundo São João recorda: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus”.

Padre Vieira tem na agulha bala certeira: “Palavras sem obras são tiro sem bala: atroam mas não ferem. A funda de Davi derrubou o gigante, mas não o derrubou com o estalo, senão com a pedra”.

Para os súditos confiantes “palavra de rei não volta atrás”. O adágio prevalece para os presidentes da República, que são os reis de plantão durante os respectivos mandatos. O fraco rei faz fraca a forte gente. Secularmente adverte Camões. [...]

Presidente Collor: esse negócio de palavra é fogo. Com fogo não se brinca, principalmente chefe de governo.

Folha de S. Paulo, 18 nov. 1991, p. 1-3.

Se é verdade que o argumento de autoridade tem força, é preciso levar em conta que tem efeito contrário a utilização de citações descosturadas, sem relação com o tema, erradas, feitas pela metade, mal compreendidas.

2. Argumento baseado no consenso

As matemáticas trabalham com axiomas, que são proposições evidentes por si mesmas e, portanto,

indemonstráveis: o todo é maior do que a parte; duas quantidades iguais a uma terceira são iguais entre si, etc. Outras ciências trabalham também com máximas e proposições aceitas como verdadeiras, numa certa época, e que, portanto, prescindem de demonstração, a menos que o objetivo de um texto seja demonstrá-las. Podem-se usar, pois, essas proposições evidentes por si ou universalmente aceitas, para efeitos de argumentação. Por exemplo:

A educação é a base do desenvolvimento.

Os investimentos em pesquisa são indispensáveis, para que um país supere sua condição de dependência.

Não se deve, no entanto, confundir argumento baseado no consenso com lugares-comuns carentes de base científica, de validade discutível. É preciso muito cuidado para distinguir o que é uma ideia que não mais necessita de demonstração e a enunciação de preconceitos do tipo: o brasileiro é indolente, a aids é um castigo de Deus, só o amor constrói.

3. ARGUMENTOS BASEADOS EM PROVAS CONCRETAS

As opiniões pessoais expressam apreciações, pontos de vista, julgamentos, que exprimem aprovação ou desaprovação. No entanto, elas terão pouco valor se não vierem apoiadas em fatos. É muito frequente em campanhas políticas fazerem-se acusações genéricas contra candidatos: incompetente, corrupto, ladrão etc. O argumento terá muito mais peso se a opinião estiver embasada em fatos comprobatórios. Se dissermos *A administração Fleury foi ruinosa para o Estado de São Paulo*, um partidário do ex-governador poderá responder simplesmente que não foi. No entanto, se dissermos *A administração Fleury foi ruinosa para o Estado de São Paulo, porque deixou dívidas, junto ao Banespa, de 8,5 bilhões de dólares, porque deixou de pagar os fornecedores, porque acumulou dívidas de bilhões de dólares, porque inchou a folha de pagamento do Estado com nomeações de afilhados políticos, porque desestruturou a administração pública* etc., o partidário do ex-governador, para argumentar, terá que responder a todos esses fatos.

Os dados apresentados devem ser pertinentes, suficientes, adequados, fidedignos. Por exemplo, se alguém disser que um determinado candidato não é competente administrativamente porque não sabe português, estará fazendo um raciocínio falacioso, porque o fato de saber português não é pertinente para a conclusão de que alguém seja competente para administrar, uma vez que não há implicação necessária entre o conhecimento linguístico de alguém e a qualidade de bom administrador. Por outro lado, se alguém diz que todo político é ladrão, porque a imprensa divulgou que dezenas de deputados fizeram emendas ao orçamento para tirar proveito pessoal, os dados são insuficientes para fazer a generalização, pois do fato de alguns (ou muitos) terem sido apontados como desonestos não decorre necessariamente que todos o sejam. Aliás, é preciso tomar muito cuidado com esses argumentos que fazem apelo a uma totalidade indeterminada, pois basta um único caso em contrário, para derrubá-los. Se alguém diz *Nenhum europeu toma banho todos os dias*, basta que se cite um que o faça, para que o argumento deixe de ter validade. No geral, essas generalizações feitas com base em dados insuficientes revelam apenas nossos tabus e preconceitos. Se um determinado candidato diz que seu adversário é racista, porque, quando era diretor de uma certa companhia, não permitia que se contratassem funcionários negros, essa afirmação, a menos que venha acompanhada de provas, será considerada não fidedigna, pois quem a veicula tem interesse em desmoralizar a pessoa que está sendo acusada. Se o prefeito de São Paulo diz que é preciso investir em pontes, viadutos, túneis e alargamento de ruas e avenidas, para melhorar o

transporte coletivo, uma vez que, se o fluxo do tráfego aumentar, crescerá também a velocidade dos ônibus, seu argumento é fraco. Veja que se pode rebatê-lo, dizendo que nele não se relacionam dados adequados, visto que a melhoria da velocidade do transporte coletivo se faria, na verdade, com um custo mais baixo, implantando-se corredores exclusivos de ônibus e restringindo-se a circulação do transporte individual.

Foto de Gervásio Batista (Manchete), de 1985.

Por constituir um recurso quase irrespondível numa argumentação, a fotografia pode ser usada também para forjar supostas provas concretas. Um dos episódios mais marcantes da doença de Tancredo Neves foi a tentativa de, por meio de uma foto, convencer a população da melhora de seu estado de saúde. Quem olha a imagem não percebe que, atrás do sofá, esconde-se uma enfermeira responsável por segurar um frasco de soro, medicamento que não podia deixar de ser ministrado, dada a gravidade do estado de saúde do presidente eleito. A farsa não pôde ser sustentada, e Tancredo faleceu um mês depois.

Não se podem fazer generalizações sem apoio em dados consistentes, fidedignos, suficientes, adequados, pertinentes. As provas concretas podem ser cifras e estatísticas, dados históricos, fatos da experiência cotidiana etc. Esse tipo de argumento, quando bem feito, cria a sensação de que o texto trata de coisas verdadeiras e não apresenta opiniões gratuitas. Veja este texto, em que se acusa a Central Brasileira de Medicamentos de realizar compras com preços superfaturados e se comprova o superfaturamento com publicações do *Diário Oficial* e com notas de empenho assinadas pelo presidente do órgão:

É o que acaba de fazer, com dinheiro da Central de Medicamentos, Antônio Carlos dos Santos, presidente dessa estatal apanhado em flagrante de compras irregulares com custo bilionário.

O leitor que me desculpe, mas se trata, ainda, da compra de 1.600 litros de inseticida por Cr$ 2.169.115.200,00, ao preço, portanto, de Cr$ 1.355.697,00 por litro. Notícia cuja veracidade está comprovada no *Diário Oficial* de 19 de abril e na “nota de empenho” com que o presidente da Ceme liberou a verba.

Jânio de Freitas. *Folha de S. Paulo*, 14 maio 1991. p. 1-5.

Afirmações generalizantes exigem dados ou fatos que lhes sirvam de suporte. Por outro lado, não se podem fazer generalizações indevidas. Um tipo de generalização indevida é tomar o que é acidental, ou seja, acessório, ocasional, como se fosse essencial, isto é, inerente, necessário. Mostrar um erro médico (ou vários) e concluir que todos os médicos são charlatães é generalizar indevidamente, porque o erro por descuido, negligência ou imperícia não é inerente à profissão médica. Também não o é a corrupção à

atividade política etc. A maioria das sentenças judiciosas do senso comum são generalizações indevidas. Usar argumentos desse tipo (por exemplo, político não presta, brasileiro não sabe votar, pobre não gosta de trabalhar, engenheiro é bitolado, artista vive num outro mundo, jornal só conta mentira, funcionário público não trabalha, roqueiros são todos drogados) revela um autor acrítico, preso a lugares-comuns, imerso num universo conceitual muito pobre.

No caso de argumentos por provas concretas, podem-se muitas vezes usar casos singulares para comprovar verdades gerais. Tem-se a argumentação por ilustração, quando se enuncia um fato geral e, em seguida, narra-se um caso concreto para comprová-la; na argumentação pelo exemplo, parte-se de um exemplo concreto e daí se extrai uma conclusão geral. Temos o primeiro caso, quando se diz que, no Brasil, há políticos que se valem de fraude para eleger-se e, em seguida, conta-se o caso de um esquema montado por um candidato a deputado para alterar os mapas eleitorais durante as apurações. Nesse caso, o que não se pode é dar à afirmação geral um alcance que a ilustração não permite. Por exemplo, se tivéssemos dito que todos os deputados se valem de fraude para eleger-se, a ilustração com um único caso não serviria para comprovar o alcance da proposição geral.

Temos argumentação pelo exemplo, quando partimos de casos de fraude contra a previdência social, para chegar à afirmação de que o sistema previdenciário brasileiro está sujeito a esse tipo de ilícito e, por isso, precisa passar por profundas reformulações saneadoras. Nesse tipo de argumentação, é preciso cuidado para não chegar a generalizações indevidas, a conclusões que nada têm a ver com os fatos relatados, a conclusões que são contrárias aos fatos relatados. Vamos dar apenas um exemplo. Um narrador conta que foi a uma festa, onde não conseguiu conversar com ninguém, não se divertiu, ficou sozinho e, em seguida, diz que é muito bom ir a festas, pois novos relacionamentos sempre nos enriquecem.

4. ARGUMENTOS COM BASE NO RACIOCÍNIO LÓGICO

Embora no item anterior já tenhamos tratado disso, ao dizer que não se podem tirar conclusões incompatíveis com os dados apresentados, ilustrar afirmações gerais com dados inadequados etc., o que chamamos aqui argumentos com base em raciocínio lógico diz respeito às próprias relações entre proposições e não à adequação entre proposições e provas. Vejamos um exemplo. Num artigo intitulado “Todo poder aos professores”, Otávio Frias Filho discute a filosofia pedagógica de estímulo à criatividade, que se implantou em nossas escolas a partir da década de 60. Depois de analisar o lado positivo dessa proposta, desvela o seu lado perverso. Num certo ponto do artigo, mostra a comodidade de organizar um curso com base em seminários, a dificuldade de reverter esse processo, a necessidade de rever grande parte das mudanças do ensino nestes trinta anos. Dá depois de cada uma dessas proposições as razões que motivam sua afirmação. A argumentação baseia-se nas relações de causa e consequência.

Além de ser mais chique, do ponto de vista ideológico, o seminário é mais cômodo para ambos os lados: nem o professor prepara a aula, nem o aluno estuda, e ambos entram com sua cota de “participação crítica”.

O mais grave é que onde esse processo se instalou não há como revertê-lo, pois as facilidades se transformam em direito adquirido. (...)

Já que o mundo passa por uma histeria de volta ao passado, ao menos em relação ao que parecia "futuro" nos anos 60, talvez fizéssemos bem em rever grande parte das mudanças do ensino nestes 30 anos.

Porque os resultados, mesmo nas boas escolas, não parecem encorajadores. A ideologia do ensino crítico está produzindo gerações de tontos. A lassidão, o vale-tudo, a falta de autoridade professoral desestimula a própria rebeldia do estudante.

Folha de S. Paulo, 17 nov. 1994, p. 1-2.

Um dos defeitos na argumentação com base no raciocínio lógico é fugir do tema. Esse expediente é muito usado por políticos, para evitar questões embaraçosas, ou advogados, quando não têm como refutar as acusações imputadas a seu cliente. Um prefeito da capital paulista a quem perguntaram por que, em seu governo, uma determinada obra pública estava custando tão caro, respondeu que ela seria muito importante para a cidade, porque eliminaria as enchentes numa dada região. Um homem matou sua mulher por ciúmes, como ficara comprovado. Seu advogado, para comover os jurados, começa a dizer que o acusado era um homem trabalhador, um cidadão exemplar, um pai dedicado, uma pessoa sempre disposta a ajudar os amigos. Cabe lembrar enfaticamente que esse procedimento é um defeito de argumentação apenas do ponto de vista lógico. Da perspectiva da persuasão em sentido amplo, pode ser eficaz, pois pode convencer os ouvintes, levando-os a relacionar aquilo que não tem relação necessária.

Outro problema é a tautologia (erro lógico que consiste em aparentemente demonstrar uma tese, repetindo-a com palavras diferentes), que ocorre quando se dá, como causa de um fato, o próprio fato exposto em outras palavras. Apresenta-se, nesse caso, a própria afirmação como causa dela mesma, toma-se como demonstrado o que é preciso demonstrar. Por exemplo: o fumo faz mal à saúde porque prejudica o organismo (prejudicar o organismo é exatamente fazer mal à saúde); essa criança é mal-educada porque os pais não lhe deram educação.

Outro problema é tomar como causa, explicação, razão de ser de um fato o que, na verdade, não é causa dele. Uma causa é alguma coisa que ocasiona outra. Por isso, é preciso que haja uma relação necessária entre ela e seu efeito. Frequentemente, usa-se como causa de um fato algo que veio antes. Ora, o que vem depois não é necessariamente efeito do que aconteceu antes. Quando se passa debaixo de uma escada e, depois, se cai e se quebra uma perna, não se pode concluir que passar debaixo da escada é causa do acidente. As superstições baseiam-se nessa falsa causalidade.

Nada é pior para convencer do que um texto sem coerência lógica, que diz e desdiz-se, que apresenta afirmações que não se implicam umas às outras, que está eivado de contradições.

5. ARGUMENTO DA COMPETÊNCIA LINGUÍSTICA

Em muitas situações de comunicação (discurso político, religioso, pedagógico etc.) deve-se usar a variante culta da língua. O modo de dizer dá confiabilidade ao que se diz. Utilizar também um vocabulário adequado à situação de interlocução dá credibilidade às informações veiculadas. Se um médico não se vale de termos científicos ao fazer uma exposição sobre suas experiências, desconfiamos da validade delas. Se um professor não é capaz de usar a norma culta, achamos que ele não conhece sua

disciplina. Além disso, contribui para persuadir a utilização de diferentes mecanismos linguísticos (alguns deles serão estudados nas próximas duas lições).

Hélio Schwartsman, num artigo intitulado “FHC, o filme”, publicado na *Folha de S. Paulo* de 10/1/1995, p. 1-2, quer convencer o leitor de que foi um equívoco do presidente Fernando Henrique Cardoso ter sancionado a lei de biossegurança, porque ela “consegue, a um só tempo, proibir no Brasil a principal aplicação da terapia genética (...), dificultar a vida dos casais que desejam um bebê de proveta (...) e não criar nenhum mecanismo efetivo contra abusos no campo da engenharia genética”. Observe, no trecho que vem a seguir, o valor argumentativo do uso, em latim, de uma expressão vulgar em português:

Não sou biólogo e tenho que puxar pela memória dos tempos de colegial para recordar a diferença entre uma mitocôndria e uma espermatogônia. Ainda lembro bastante para qualificar a canetada de FHC de “defecatio maxima” (este espaço é nobre demais para que nele se escrevam palavras de baixo calão, como em latim tudo é elevado...).

ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS

Como vimos no início desta lição, seis fatores intervêm no processo de comunicação (emissor, receptor, mensagem, código, canal e referente). Temos diferentes estratégias persuasivas, que se assentam sobre um ou mais de um desses fatores.

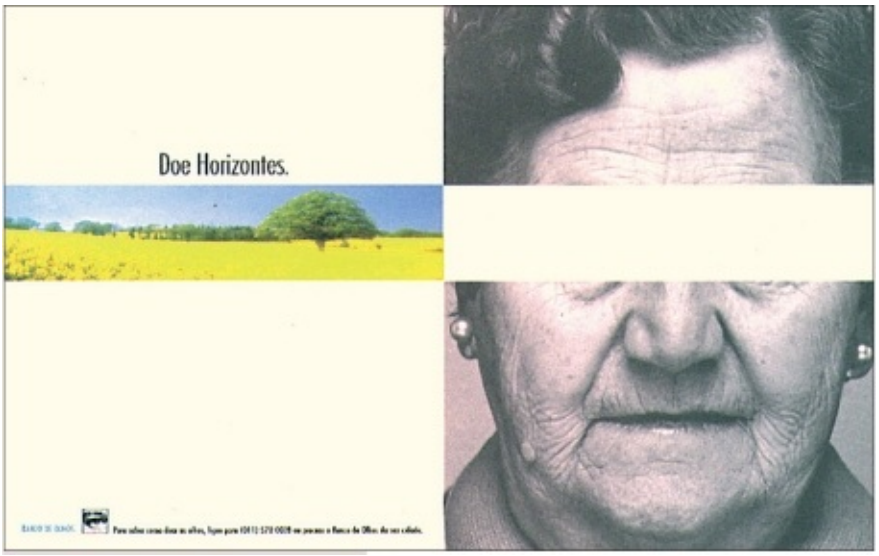

Anúncio criado pela agência DM9, em 1993.

Exemplo de estratégia argumentativa baseada na mensagem visual. O anúncio mostra uma imagem sedutora de paisagem, reproduzida em cores, e um rosto sem a faixa onde ficam os olhos, reproduzido em preto e branco. Procura com isso convencer as pessoas da gravidade da privação representada pela deficiência visual. O fato de a faixa de paisagem encaixar-se perfeitamente na faixa branca sobre o rosto cria o sentido de que, com a doação de olhos, objetivo da campanha, essa deficiência seria sanada.

Uma estratégia persuasiva baseada no emissor é aquela que o credencia para um dado tipo de comunicação. No texto com que começamos esta lição, vimos que o emissor se qualificava junto aos receptores dizendo que era um bandido. No discurso eleitoral, os emissores apresentam-se como dotados de experiência administrativa ou parlamentar. Nessa estratégia discursiva, citam-se realizações, cria-se uma imagem favorável. Dizer, por exemplo, num debate, *esse é um assunto que conheço bem, que já estudei profundamente* é identificar-se como voz autorizada a falar. No discurso suplicatório, quando se pede uma esmola, por exemplo, alguém se apresenta como digno da ajuda, contando fatos da vida

pessoal, desgraças, dificuldades. Com isso, não está exibindo defeitos, mas colocando-se como vítima do destino.

A estratégia baseada no receptor é aquela que cria imagens favoráveis daquele a quem se deseja persuadir. O Banespa criou há alguns anos uma publicidade do cheque especial, em que mostrava pessoas cometendo toda sorte de grosserias e, depois, o apresentador comentava que elas não tinham cheque especial Banespa. Com isso, o que se queria era criar uma imagem favorável do usuário do cheque especial: você é bem-educado, fino etc. O discurso publicitário faz largo uso dessa estratégia.

A estratégia baseada no referente é aquela que cita provas concretas, dados da situação, estatísticas, experimentos, dados da realidade, conhecimento do mundo. É a estratégia básica, por exemplo, dos editoriais de jornais. No entanto, mesmo alguns discursos publicitários se valem dela. A Vila Romana publicou em 1992 um anúncio que dizia: *25 de Dezembro com Preço da 25 de Março*. Para entender essa publicidade, é preciso conhecer um dado do comércio de São Paulo: a 25 de Março é uma rua onde está um comércio popular, de baixos preços.

A estratégia baseada na mensagem é aquela que procura convencer com base na construção rigorosamente concatenada do texto ou na articulação textual bem feita. Um enunciado bem construído fala por si mesmo. Por exemplo: *Motoqueiro, o capacete é sua segurança. Ponha isso na sua cabeça* (*outdoor* da campanha de segurança no trânsito).

A estratégia baseada no código é aquela que busca explorar as oposições linguísticas, os significados antigos das palavras, as virtualidades da língua. Veja este anúncio publicitário: *Finalmente uma revista semanal que trata a mulher como dona da casa, não de casa. Dia 26 nas bancas* (*Folha de S. Paulo*, 17 abr. 1992). Toda força argumentativa desse anúncio está na oposição entre *dona de casa* e *dona da casa*, que se baseia, por sua vez, na ausência e presença do artigo definido. *Dona de casa* significa "mulher que dirige o lar", *dona da casa* é "proprietária da casa". A presença/ausência de artigo definido para distinguir significados é um mecanismo do português. Aparece, por exemplo, em *Rua de ouro* e *Rua do Ouro*.

A estratégia baseada no canal é aquela que valoriza o veículo transmissor. É frequente no discurso do senso comum dar como prova da veracidade de um fato o seguinte argumento: *Deu na televisão...* Observe como no texto abaixo a estratégia argumentativa se baseia na autoridade de meios de comunicação e personalidades de prestígio:

> Mas Tom Jobim era também uma unanimidade universal, digno da reverência de músicos norte-americanos, ingleses, franceses, italianos, de jornais como o *N. Y. Times*, o *Corriere della Sera*, da Itália, ou de especialistas em jazz nos EUA e Europa.
>
> *Jornal da Tarde*, 9 dez. 1994, p. 8-A.

Certas estratégias argumentativas baseiam-se em mais de um fator. Um deles, no entanto, é dominante.

Para tornar o texto convincente, pouco adiantam manifestações de sinceridade do autor ou declarações de certeza expressas por construções como *tenho certeza*, *estou seguro*, *creio sinceramente*, *afirmo com toda convicção*, *é claro*, *é óbvio*, *é evidente*. Num texto, não se prometem sinceridade e convicção. Constrói-se o texto de forma que ele pareça sincero e verdadeiro. A argumentação é exatamente a exploração de recursos com vistas a fazer o texto parecer verdadeiro, para levar o leitor a crer.

TEXTO COMENTADO

O texto que vem a seguir faz parte do célebre *Sermão da Sexagésima*, em que Vieira, a partir da parábola do semeador (Mateus, XIII, 4-23), em que Cristo compara a pregação à semeadura, elabora uma

teoria do ato de pregar:

O sermão há de ter um só assunto e uma só matéria. Por isso Cristo disse que o lavrador do Evangelho não semeara muitos gêneros de sementes, senão uma só: *Exiit, qui seminat, seminare semen*[1]. Semeou uma só semente, e não muitas, porque o sermão há de ter uma só matéria, e não muitas matérias. Se o lavrador semeara primeiro trigo, e sobre o trigo semeara centeio, e sobre o centeio semeara milho grosso e miúdo, e sobre o milho semeara cevada, que havia de nascer? Uma mata brava, uma confusão verde. Eis aqui o que acontece aos sermões deste gênero. Como semeiam tanta variedade, não podem colher cousa certa. Quem semeia misturas, mal pode colher trigo. Se uma nau fizesse um bordo para o norte, outro para o sul, outro para leste, outro para oeste, como poderia ser a viagem? Por isso nos púlpitos se trabalha tanto, e se navega tão pouco. Um assunto vai para um vento, outro assunto vai para outro vento, que se há de colher senão vento? O Batista convertia muitos em Judeia, mas quantas matérias tomava? Uma só matéria: *Parate viam Domini*[2]; a preparação para o reino de Cristo. Jonas converteu os Ninivitas, mas quantos assuntos tomou? Um só assunto: *Adhuc quadraginta dies, ei Ninive subvertetur* [3]: a subversão da cidade. De maneira que Jonas em quarenta dias pregou um só assunto, e nós queremos pregar quarenta assuntos em uma hora? Por isso não pregamos nenhum. O sermão há de ser de uma só cor, há de ter um só objeto, um só assunto, uma só matéria.

Há de tomar o pregador uma só matéria, há de defini-la para que se conheça, há de dividi-la para que se distinga, há de prová-la com a Escritura, há de declará-la com a razão, há de confirmá-la com o exemplo, há de amplificá-la com as causas, com os efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências que se hão de seguir, com os inconvenientes que se devem evitar, há de responder às dúvidas, há de satisfazer às dificuldades, há de impugnar e refutar com toda a força da eloquência os argumentos contrários, e depois disto há de colher, há de apertar, há de concluir, há de persuadir, há de acabar. Isto é sermão, isto é pregar, e o que não é isto, é falar de mais alto. Não nego nem quero dizer que o sermão não haja de ter variedade de discursos, mas esses hão de nascer todos da mesma matéria, e continuar e acabar nela. Quereis ver tudo isto com os olhos?

Ora vede. Uma árvore tem raízes, tem troncos, tem ramos, tem folhas, tem varas, tem flores, tem frutos. Assim, há de ser o sermão: há de ter raízes fortes e sólidas, porque há de ser fundado no Evangelho; há de ter um tronco, porque há de ter um só assunto e tratar uma só matéria. Deste tronco hão de nascer diversos ramos, que são diversos discursos, mas nascidos da mesma matéria, e continuados nela. Estes ramos não hão de ser secos, senão cobertos de folhas, porque os discursos hão de ser vestidos e ornados de palavras. Há de ter esta árvore varas, que são a repreensão dos vícios, há de ter flores, que são as sentenças, e por remate de tudo há de ter frutos, que é o fruto e o fim a que se há de or-denar o sermão. De maneira que há de haver frutos, há de haver flores, há de haver varas, há de haver folhas, há de haver ramos, mas tudo nascido e fundado em um só tronco, que é uma só matéria. Se tudo são troncos, não é sermão, é madeira. Se tudo são ramos, não é sermão, são maravalhas. Se tudo são folhas, não é sermão, são verças. Se tudo são varas, não é sermão, é feixe. Se tudo são flores, não é sermão, é ramalhete. Serem tudo frutos não pode ser; porque não há frutos sem árvores. Assim que nesta árvore, a que podemos chamar árvore da vida, há de haver o proveitoso do fruto, o formoso das flores, o rigoroso das varas, o vestido das folhas, o estendido dos ramos, mas tudo isto nascido e formado de um só tronco, e esse não levantado no ar, senão fundado nas raízes do Evangelho: *Seminare semen*.

Antônio Vieira. *Sermões*. Porto, Lello, 1959. v. 1, p. 20-3.

Nesse sermão, Vieira pretende ensinar como fazer que uma prédica seja eficiente, ou seja, que atinja o objetivo pretendido, que é persuadir os homens, levá-los a crer na palavra de Deus e a fazer uma

mudança em suas vidas. Nele está, pois, desenvolvida uma teoria da persuasão a serviço da eloquência sagrada. Vieira analisa as causas de ineficiência dos sermões e mostra como se deve fazer uma boa pregação. Segundo ele, as razões do sucesso ou do insucesso de uma prédica podem estar ligadas a cinco circunstâncias: a pessoa do pregador, sua ciência, a matéria de que trata, o estilo que segue, a voz com que fala. O trecho que escolhemos é o que trata da matéria.

A proposição de Vieira é que, para que um sermão obtenha êxito, é preciso que trate de um só assunto, caso contrário, os ouvintes não poderão entendê-lo dada a confusão que se cria. Vejamos como procura Vieira persuadir o leitor a acreditar em sua tese.

Depois de declará-la, apresenta um primeiro argumento, que é de autoridade. No discurso religioso, nada é mais forte como argumento de autoridade que a palavra de Deus, expressa no livro sagrado. Toma um trecho do Evangelho, *Exiit, qui seminat, seminare semen*, e mostra que o próprio Cristo disse que o semeador semeou um só tipo de semente, o que significa que deve ter o sermão uma só matéria. Em seguida, amplia o raciocínio por contraste, mostrando que, se alguém semeasse trigo, centeio, milho e cevada no mesmo campo, não teria uma cultura, mas uma mata confusa, e que a mesma coisa acontece nas pregações que tratam de tudo. A seguir, estabelece uma outra analogia, entre a prédica que trata de todas as matérias e o navio que vai para todas as direções, para mostrar que esse tipo de sermão é como uma nau sem rumo e, portanto, não pode fazer nenhuma viagem. Em seguida, aduz duas ilustrações de pregação eficiente, para comprovar a afirmação feita: tanto João Batista quanto Jonas pregaram um só assunto. O primeiro falava sobre a preparação para a vinda de Cristo (*Parate viam Domini*); o segundo, sobre a destruição de Nínive por causa de seus pecados (*Adhuc quadraginta dies, ei Ninive subvertetur*). Observe que essas duas ilustrações são também argumentos de autoridade, porque são casos particulares retirados das Escrituras. Depois dessa série de recursos argumentativos, Vieira conclui como começara, dizendo que a prédica há de ter um só assunto, um só objeto, uma só matéria.

No segundo parágrafo, Vieira explica como montar um sermão. Na introdução, o pregador enuncia o assunto, define-o e expõe as partes que o compõem. No desenvolvimento, deve usar os seguintes recursos argumentativos: o argumento de autoridade (*há de prová-la com a Escritura*), o raciocínio baseado em relações lógicas (*há de declará-la com a razão*; *há de amplificá-la com as causas, com os efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências que se hão de seguir, com os inconvenientes que se devem evitar*), o exemplo e a ilustração (*há de confirmá-la com o exemplo*). Além disso, em sua argumentação, deve o pregador antecipar as dúvidas e respondê-las, apontar e discutir as dificuldades para comprovar uma tese e não escamoteá-las, imaginar os argumentos contrários e refutá-los. Na conclusão, há de retomar o que foi dito (*há de colher*), resumir (*há de apertar*) e, enfim, concluir. Discute em seguida a questão da variedade, mostrando que o que é variado, num sermão, são as diversas abordagens do mesmo assunto (*variedade de discursos*) e não os assuntos.

No terceiro parágrafo, para comprovar essa ideia, argumenta por analogia, comparando a prédica a uma árvore. Só existe árvore se houver raiz, tronco, ramos, folhas, varas, flores e frutos. Também só existe sermão se partir de um texto dos Evangelhos (raiz), se tratar de uma só matéria (tronco), se abordar as diferentes maneiras como essa matéria pode ser analisada (ramos), se esses modos de abordagem forem veiculados por palavras (folhas), se servir para vergastar os vícios (varas), se for ornado de uma boa organização discursiva (flores), se conseguir atingir uma finalidade (fruto). Se não tiver tudo isso, não é sermão, assim como se uma árvore não tiver todos os componentes enunciados não é árvore. O que comanda todos os elementos da prédica é a unidade do assunto, fundado nos Evangelhos, assim como o que sustenta os componentes da árvore é o tronco, assentado nas raízes. Em seguida, Vieira vai enfatizar essa analogia entre o sermão e a árvore, com um paralelismo sintático, que associa uma à

outra: oração condicional referente a um conjunto de partes da árvore + oração negativa que afirma que esse conjunto não é sermão + oração positiva que diz o que é esse conjunto:

Se tudo são	não é	é (são)
troncos *ramos*		*madeira* *maravalhas (= lascas, gravetos)*
folhas	sermão	*verças (= amontoado de folhas preparadas para a mesa)*
varas		*feixe*
flores		*ramalhete*

Mostra ainda que frutos não podem existir sem árvores. Conclui essa analogia mostrando as qualidades que deve ter a prédica: o proveito do fruto, a beleza das flores, o rigor das varas, o revestimento das folhas, a extensão dos ramos, mas tudo nascido de um só tronco e este fundado nas raízes do Evangelho. Termina com uma citação da parábola do semeador, que serve, no *Sermão da Sexagésima*, para usar a metáfora de Vieira, de raiz para o tronco (como se faz uma boa pregação): *Seminare semen* (= semear a semente).

LIÇÃO 19 EXERCÍCIOS

O texto que segue é um fragmento de um artigo do endocrinologista Geraldo Medeiros, publicado na revista *Veja*:

UM ARRISCADO ESPORTE NACIONAL

Os leigos sempre se medicaram por conta própria, já que de médico e louco todos temos um pouco, mas esse problema jamais adquiriu contornos tão preocupantes no Brasil como atualmente. Qualquer farmácia conta hoje com um arsenal de armas de guerra para combater doenças de fazer inveja à própria indústria de material bélico nacional. Cerca de 40% das vendas realizadas pelas farmácias nas metrópoles brasileiras destinam-se a pessoas que se automedicam. A indústria farmacêutica de menor porte e importância retira 80% de seu faturamento da venda “livre” de seus produtos, isto é, das vendas realizadas sem receita médica.

Diante desse quadro, o médico tem o dever de alertar a população para os perigos ocultos em cada remédio, sem que, necessariamente, faça junto com essas advertências uma sugestão para que os entusiastas da automedicação passem a gastar mais em consultas médicas. Acredito que a maioria das pessoas se automedica por sugestão de amigos, leitura, fascinação pelo mundo maravilhoso das drogas “novas” ou simplesmente para tentar manter a juventude. Qualquer que seja a causa, os resultados podem ser danosos.

É comum, por exemplo, que um simples resfriado ou uma gripe banal leve um brasileiro a ingerir doses insuficientes ou inadequadas de antibióticos fortíssimos, reservados para infecções graves e com indicação precisa. Quem age assim está ensinando bactérias a se tornarem resistentes a antibióticos. Um dia, quando realmente precisar de remédio, este não funcionará. E quem não conhece aquele tipo de gripado que chega a uma farmácia e pede ao rapaz do balcão que lhe aplique uma “bomba” na veia, para cortar a gripe pela raiz? Com isso, poderá receber na corrente sanguínea soluções de glicose, cálcio, vitamina C, produtos aromáticos — tudo isso sem saber dos riscos que corre pela entrada súbita destes produtos na sua circulação.

Dr. Geraldo Medeiros. *Veja*, 18 dez. 1985.

QUESTÃO 1

Um título apropriado é sempre um bom começo. Ele deve ser a expressão sintética do tema a ser discutido e deve, se possível, ser sugestivo, atraente.

O título escolhido pelo autor tem essas propriedades? Explique sua resposta.

QUESTÃO 2

A dissertação, como qualquer texto, contém um ponto de vista do autor frente à questão posta em debate.

a) Qual é a questão que o autor discute no texto?

b) Qual é o ponto de vista que ele assume frente a essa questão?

QUESTÃO 3

Uma afirmação ganha mais peso quando vem acompanhada de bom argumento.

a) Que argumento o autor usa para confirmar que a automedicação *"jamais adquiriu contornos tão preocupantes no Brasil como atualmente"* ?

b) Trata-se de dados expressivos para provar o que se pretende? Explique sua resposta.

c) Que efeito produz esse tipo de argumento no leitor?

QUESTÃO 4

Ao enunciar as causas pelas quais as pessoas se automedicam (linhas 22 a 26) o autor introduz o enunciado com o verbo *acredito*.

a) Em termos de força argumentativa, essa passagem é mais convincente que os dados estatísticos apresentados nas linhas de 9 a 15? Tente explicar sua resposta.

b) O uso desse tipo de argumento desqualifica o resto da dissertação?

QUESTÃO 5

As ressalvas e concessões introduzidas no interior do texto dissertativo têm uma função argumentativa importante: servem como uma forma de defesa do autor contra possíveis contra-argumentos do seu interlocutor.

No segundo parágrafo, após dizer que *"o médico tem o dever de alertar a população para os perigos ocultos em cada remédio"*, o autor faz a seguinte ressalva: *"sem que, necessariamente, faça junto com essas advertências uma sugestão para que os entusiastas da automedicação passem a gastar mais em consultas médicas"*.

Ao fazer essa ressalva, contra que objeção o autor está tentando prevenir-se? (Observe, ao responder a questão, que o autor é conhecido médico de São Paulo e se assina com o título de doutor.)

QUESTÃO 6

Muitas vezes, a forma de linguagem escolhida interfere positiva ou negativamente no peso

argumentativo, isto é, o modo de dizer confere maior ou menor confiabilidade àquilo que se diz. A respeito disso, observe as duas passagens que seguem:

a) *"Com isso poderá receber na corrente sanguínea soluções de glicose, cálcio, vitamina C, produtos aromáticos — tudo isso sem saber dos riscos que corre pela entrada súbita destes produtos na circulação"*.

b) Com isso poderá passar para o sangue um monte de drogas, sem noção do prejuízo que isso dá.

Qual das duas passagens confere mais autoridade à pessoa que a produziu? Explique sua resposta.

QUESTÃO 7

(Unicamp - adaptada: excluiu-se a parte c)

Defender a língua é, de modo geral, uma tarefa ambígua e até certo ponto inútil. Mas também é quase inútil e ambíguo dar conselhos aos jovens de uma perspectiva adulta e no entanto todo adulto cumpre o que julga seu dever (...) Ora, no que se refere à língua, o choque ou oposição situam-se normalmente na linha divisória do novo e do antigo. Mas fixar no antigo a norma para o atual obrigaria este antigo a recorrer a um mais antigo, até o limite das origens da língua. A própria língua, como ser vivo que é, decidirá o que lhe importa assimilar ou recusar. A língua mastiga e joga fora inúmeros arranjos de frase e vocábulos. Outros, ela absorve e integra a seu modo de ser.

Vergílio Ferreira. Em defesa da língua. *Estão a assassinar o português!* - Trecho adaptado.

a) Transcreva a **tese** de Vergílio Ferreira, isto é, a **afirmação básica** que o autor aceita como verdadeira e defende nesse trecho.

b) Transcreva o **argumento** no qual o autor se baseia para defender sua tese.

QUESTÃO 8 (UNICAMP)

Leia com atenção o trecho abaixo extraído de artigo publicado no jornal *O Estado de S.Paulo*:

Direitos humanos, liberdade, dignidade da pessoa humana, defesa do meio ambiente e tantas outras aspirações nacionais não passarão de letra morta nos discursos e na própria Constituição federal, se não forem alcançados os limites inferiores da sobrevivência condigna, infelizmente tão distantes ainda de significativa parcela da população brasileira. Basta lembrar que a cidade de São Paulo tem 56% de sua população vivendo em favelas, cortiços, habitações precárias e até mesmo sob viadutos e nos cemitérios, para que nos convençamos de que a oitava economia do mundo é um grande desastre social.

Adriano Murgel Branco. Desenvolver o país é preciso, 16 dez. 1989.

Responda:

a) Qual é, segundo o texto, a condição para que se cumpram as aspirações nacionais citadas?

b) Qual é o argumento utilizado para reforçar a afirmação de que o Brasil ainda é um grande desastre social?

QUESTÃO 9

(Unicamp - adaptada: excluíram-se os itens 2 e 3)

Identifique no texto abaixo o argumento utilizado pelo ministro do Trabalho a favor da manutenção da legislação salarial que prevê reajustes indexados e automáticos:

Não há (...) como se cogitar do abandono do sistema de reajustes indexados e automáticos. (...) Em suas linhas gerais a legislação salarial deve ser mantida, por ser tecnicamente melhor do que as suas antecessoras. Impõe-se, entretanto, um tratamento adequado ao piso salarial nacional e sua completa e definitiva desvinculação de outros salários. Exige-se, ainda, o estreitamento do amplo arco de salários. Não é justo que, enquanto muitos são pagos à razão de meio, um, dois ou três salários mínimos, outros consigam ganhar cinquenta, cem, duzentas ou trezentas vezes mais. É fundamental, finalmente, que as negociações sindicais ou com as empresas sejam livres e responsáveis, tomando como parâmetro os dados objetivos da realidade.

Almir Pazzianoto. *Folha de S. Paulo*, 30 nov. 1987.

QUESTÃO 10

Certos erros de português, sobretudo aqueles que indiciam desconhecimento da língua escrita, embora não cheguem a prejudicar a compreensão da mensagem, são arrasadores para a imagem do enunciador do texto, prejudicando totalmente o seu peso argumentativo.

Leia o trecho que vem a seguir, extraído da revista *Veja* de 22/1/86:

Quando era ministro da Educação, Passarinho recebeu correspondência de um reitor de uma universidade, solicitando verbas ao “iminente ministro”, que não pestanejou. Colocou-a de volta no correio, dizendo ao solicitante que já havia sido nomeado...

Com base no que você acaba de ler, procure responder:

a) Qual o motivo pelo qual Passarinho (Jarbas Passarinho), ministro da Educação em 1986, devolveu a carta ao reitor?

b) Além da devolução da carta, que outro prejuízo afetou a figura do reitor?

c) Por que o erro linguístico, sobretudo certo tipo como esse, funciona como contra-argumento?

QUESTÃO 11

Por lei, em todo maço de cigarro e em toda publicidade desse produto deve vir afixada uma advertência como a que segue:

1. O Ministério da Saúde adverte:

Fumar é prejudicial à saúde.

Há outras variantes dessa advertência como as duas que seguem:

2. O Ministério da Saúde adverte:

Fumar provoca diversos

males à saúde.

3. O Ministério da Saúde adverte:

Fumar durante a gravidez

pode prejudicar o bebê.

Numa matéria sobre tabagismo, a revista *Veja* (10/3/93, p. 66) apresenta os seguintes dados:

4. O fumo está associado a...

120 000 mortes no Brasil

30% das doenças cardíacas

80% das mortes por câncer no pulmão

84% dos casos de câncer na laringe

75% das bronquites crônicas

Confrontando entre si esses quatro itens, procure responder:

a) Entre eles há uma progressão do mais abstrato para o mais concreto ou do concreto para o abstrato?

b) Bom argumento é aquele que tem maior probabilidade de ser aceito como verdade pelo interlocutor e, por força disso, de levá-lo a proceder de acordo com o conteúdo aceito como verdade. Levando em conta esse dado, pode-se dizer que cada um desses itens é mais argumentativo que o seu antecedente? Tente explicar sua resposta.

c) O item 4 poderia ser usado como um argumento para dar mais aparência de verdade aos itens 1 e 2. Que tipo de argumento seria esse?

QUESTÃO 12

No livro intitulado *A abolição do homem*, o escritor americano C. S. Lewis aborda o problema da responsabilidade do adulto na educação dos jovens. Segundo seu ponto de vista, cabe à educação, portanto à atuação do adulto, a tarefa de criar nos educandos a competência de discernir aquilo que é bom daquilo que é mau; o que merece nosso apreço do que merece nossa rejeição.

Para confirmar seu ponto de vista, cita Santo Agostinho, para quem a virtude consiste na capacidade de apreciar cada objeto com o grau de afeição que lhe é apropriado; lembra que Aristóteles considera como meta da educação o desafio de fazer com que o educando saiba distinguir aquilo de que deve gostar daquilo que deve desprezar; menciona Platão, segundo o qual o jovem bem educado deve ser capaz de "ver mais claramente o que esteja defeituoso nos trabalhos malfeitos do homem ou nos frutos malformados da natureza, e com justo desgosto iria culpar e odiar o feio já nos seus primeiros anos de vida, e com justo deleite reverenciar a beleza, recebendo-a em sua alma e nutrindo-se dela, para tornar-se um homem de coração nobre".

William J. Bennett. *O livro das virtudes*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1995. p. 176.

As três citações feitas por Lewis, quanto à informação, não contêm novidades importantes em relação ao seu ponto de vista afirmado inicialmente.

a) Sob o ponto de vista argumentativo são, entretanto, importantes. Por quê?

b) Que tipo de argumento o autor usou para confirmar o seu ponto de vista? Qual o poder desse tipo de argumento?

PROPOSTAS DE REDAÇÃO

1) Jogar com argumentos é uma habilidade útil para qualquer pessoa que pretenda convencer o seu interlocutor de alguma coisa.

É uma forma, tida como "civilizada", de interferir na opinião alheia, de induzir o interlocutor a agir de

acordo com nossa maneira de pensar, ou mesmo, de acordo com nossos interesses. Na vida prática, há situações em que precisamos acionar nossa competência argumentativa para fazer valer nossa opinião.

No vestibular da Unicamp, por exemplo, uma das propostas da prova de redação consiste em solicitar que o candidato escreva uma carta a um certo interlocutor, argumentando a favor ou contra determinada questão.

Leia com atenção o que vem a seguir e procure desenvolver a proposta dada, levando em conta todos os itens e exigências contidas nas instruções.

Obs.: A proposta foi extraída do vestibular da Unicamp-91. Procure, pois, fazer as adaptações das datas e dos acontecimentos situados no tempo, levando em consideração que o vestibular foi realizado em fins de 1990 e início de 1991.

Tomando como base as informações e opiniões contidas na coletânea abaixo, escreva uma **carta a um congressista**, argumentando contra a manutenção da obrigatoriedade do voto ou a favor dela e solicitando que ele, na condição de representante do povo, defenda essa posição em plenário.

1. O alistamento eleitoral e o voto são:

I - obrigatórios para os maiores de dezoito anos;

II - facultativos para:

a) os analfabetos;

b) os maiores de setenta anos;

c) os maiores de dezesseis e menores de dezoito anos.

Constituição da República Federativa do Brasil, art. 14, Parágrafo 1°.

2. O voto em branco é uma manifestação mais que perfeita do eleitor que foi votar apenas para cumprir a obrigação e evitar as penalidades que a lei impõe. Já nos casos dos nulos, seria preciso distinguir quem realmente não sabe votar e quem quis, por expressões e rabiscos, se rebelar contra esse processo eleitoral. (...) Mas continuo defendendo o voto obrigatório até como fator de educação cívica. O número de eleitores seria muito pequeno se o voto fosse facultativo.

Aristides Junqueira, procurador-geral da República, em entrevista publicada no jornal *O Estado de S. Paulo*, 21 out. 1990.

3. O deputado reeleito Roberto Cardoso Alves (PTB-SP) criticou o também reeleito Maurílio Ferreira Lima (PMDB-PE) pela proposta da emenda constitucional que torna o voto facultativo: — Só irão votar os eleitores de esquerda, porque os nossos, só pagando.

O Estado de S. Paulo, Coluna 3, 18 out. 1990.

4. O resultado das eleições demonstrou que a não obrigatoriedade do voto deve transformar-se na próxima conquista da liberdade democrática, inclusive como fato revelador da importância da própria função política. Assim, seria melhor dizer que todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos pelo voto consciente, livre e facultativo, sem qualquer coação.

J. I. Souza, em carta publicada no Painel do Leitor, *Folha de S.Paulo*, 23 out. 1990.

5. O número mais novo da cantora Madonna, 32 anos, é um anúncio de TV em que ela aparece enrolada na bandeira dos Estados Unidos. Não se trata de algum escândalo envolvendo símbolos nacionais. Madonna é a nova arma do governo americano para reduzir a abstenção nas eleições do país, onde o voto não é obrigatório e a metade dos eleitores ignora as urnas. “Votar é tão importante quanto ter relações sexuais. Sem ambas as coisas, não existe futuro”, diz ela.

Veja, ano 23, :43, 31 out. 1990.

2) Como se sabe, **o que existe**, sobretudo aquilo que está arraigado a uma cultura, é mais persuasivo do que o seu contrário. Por isso, é difícil produzir argumentos que convençam os indivíduos acostumados com o existente a agir contra ele.

O trecho que segue é o início de uma publicidade institucional financiada pela Unicef e pela Fundação Odebrecht.

Leia-o com atenção:

Você acha normal
que uma criança carente
fracasse na escola?
Nós não.

Os altos índices de repetência escolar só não são mais perversos que o conformismo da nossa sociedade com esse absurdo. Um absurdo que está presente de modo significativo entre as classes sociais mais ricas e de modo esmagador entre as classes mais pobres.

A verdade é que o fracasso na escola passou a ser encarado de forma tão natural quanto a chuva, o sol, o calor e o frio. Tão natural que passou a fazer parte da nossa cultura.

Veja, :52, 17 ago. 1994.

Após esses dois parágrafos iniciais, o texto procura apresentar argumentos para persuadir a população a tomar providências contra esse estado de coisas.

Redija você um pequeno texto com essa mesma orientação argumentativa.

1 Saiu quem semeia a semear a semente.
2 Preparai o caminho do Senhor.
3 Daqui a quarenta dias, Nínive será destruída.

LIÇÃO 20

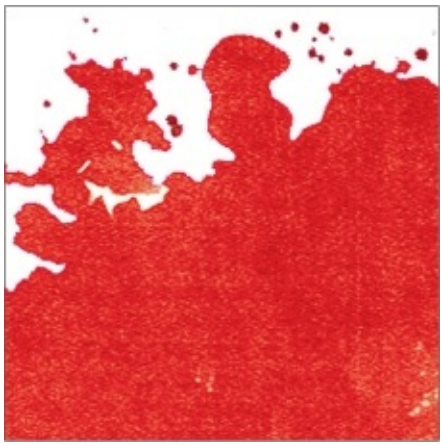

“Com a reforma fiscal, até empresário vai pagar imposto.”

Nessa frase, o significado implícito é mais expressivo do que o que vem explícito.

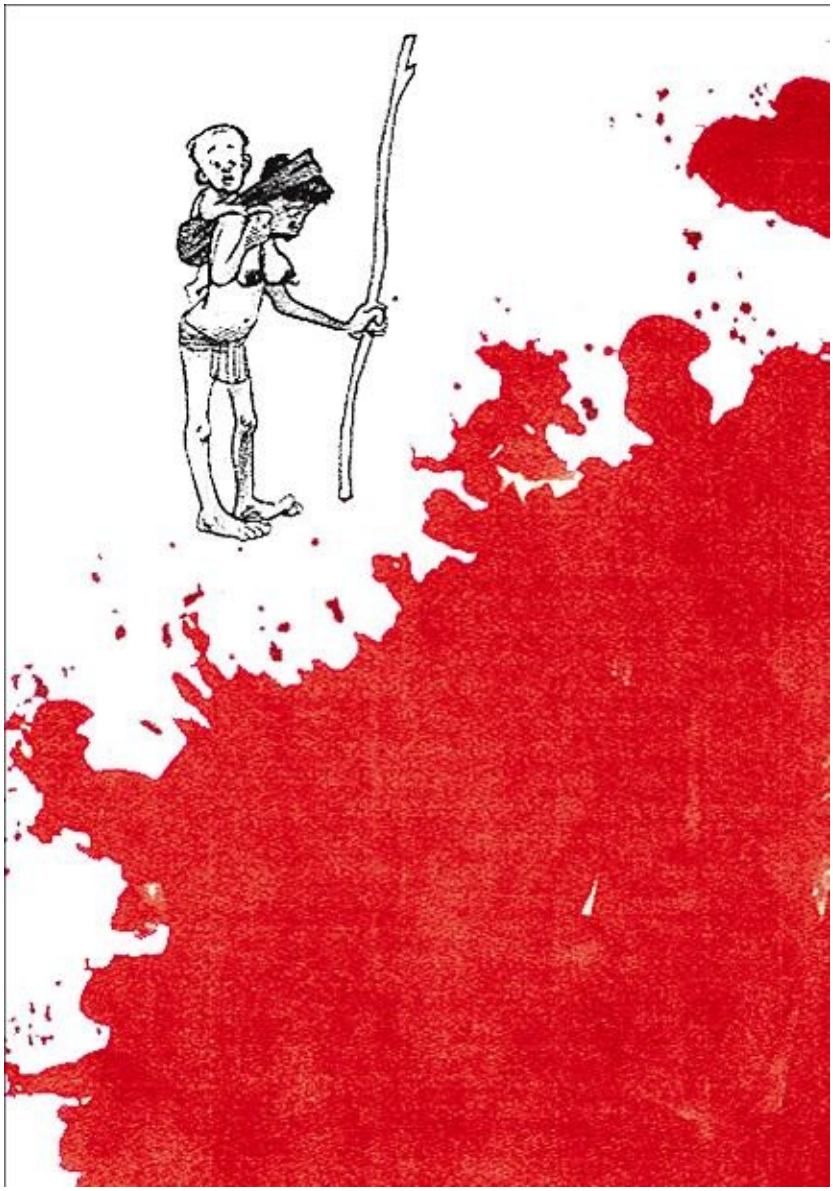

O efeito de humor deste cartum é obtido por meio de um juízo emitido pela personagem, que fica subentendido para o leitor. Normalmente, à ideia de civilização correspondem as noções de harmonia e entendimento entre as pessoas. O fato de que a índia, ao ver o mar de sangue, supõe estar próxima da civilização deixa subentendido para o leitor que, à ideia de civilização, passam a corresponder as noções de confronto e violência. Superando o efeito de humor, o cartum passa a ter um caráter de denúncia.

Cartum de Paulo Caruso, inspirado em ideia de Millôr Fernandes.

LIÇÃO 20

INFORMAÇÕES IMPLÍCITAS

O mesmo sentido da declaração de Mário Amato citada no texto abaixo foi tematizado neste cartum de Angeli. Na suposta reunião ministerial do governo Itamar Franco, da qual Yeda Crusius participava na condição de ministra, a solicitação do café é dirigida diretamente a ela, como se coubesse à mulher, naturalmente, essa tarefa.

Leia o texto abaixo, fragmento de uma reportagem de Liliana Pinheiro, publicada em *O Estado de S. Paulo*:

F estejada por ter sido a segunda mulher a ser nomeada ministra no Brasil, em 1989, Dorothéa Werneck voltará ao cargo, aos 45 anos, no Ministério da Indústria e do Comércio. Ela abriu caminho para cinco sucessoras — na área econômica, por exemplo, ninguém mais se chocou quando Zélia Cardoso de Mello ou Yeda Crusius foram escolhidas. Zélia dividiu opiniões. Yeda foi logo esquecida. Dorothéa manteve-se presente no noticiário, mesmo nos curtos períodos em que ficou sem cargo no governo e partiu para a iniciativa privada. (...)

Mesmo com cuidado e seriedade no trato com a ministra, empresários e sindicalistas — dos quais ela se aproximou em busca de um pacto anti-inflacionário — nunca esqueceram que ela era uma mulher. Seu sexo foi lembrado sempre, como defeito ou qualidade. Mário Amato, então presidente da Fiesp, tentou traduzir esse sentimento e foi muito infeliz. Declarou, na frente de jornalistas: “Ela é muito inteligente apesar de ser mulher”. O empresário, com isso, ganhou a antipatia da população feminina e de um Brasil que se rendia ao carisma de Doró.

Liliana Pinheiro. *O Estado de S. Paulo*, 25 dez. 1994, p. B-1.

Esse texto é parte de uma reportagem sobre o anúncio do nome de Dorothéa Werneck para o cargo de ministra da Indústria e do Comércio. Nele, o que nos interessa é analisar a declaração de Mário Amato sobre a ministra e por que ela é considerada infeliz pela articulista, bem como por que o empresário, com ela, ganhou a antipatia da população feminina e de um Brasil que se rendia ao carisma de Doró. A

afirmação de Amato é: *"Ela é muito inteligente apesar de ser mulher"*.

Essa frase diz explicitamente que:
a) a ministra é inteligente;
b) a ministra é mulher.

Ao mesmo tempo, diz implicitamente que as mulheres não são inteligentes. Essa informação implícita decorre do uso do conector *apesar de* antes do conteúdo explícito *ser mulher*. As conjunções concessivas introduzem um argumento que vai na direção contrária ao que foi dito na oração principal. Assim, as mulheres não são inteligentes, logo a ministra deveria ser burra. No entanto, é inteligente.

Em todos os textos, certas informações são transmitidas explicitamente, enquanto outras o são implicitamente, estão pressupostas ou subentendidas. Um texto diz coisas que parece não estar dizendo, porque não as diz explicitamente. Uma leitura eficiente precisa captar tanto as informações explícitas quanto as implícitas. Um leitor perspicaz é aquele capaz de ler nas entrelinhas. Se não tiver essa habilidade, passará por cima de significados importantes ou — o que é bem pior — concordará com ideias ou pontos de vista que rejeitaria se percebesse.

Dissemos que um texto pode ter dois tipos de informações implícitas: os pressupostos e os subentendidos. Estudemos cada um deles.

Anúncio criado pela agência Talent, em 1994.

A publicidade explora com frequência os significados subentendidos. Neste anúncio, a resposta que se espera à pergunta formulada é a de que o autor da frase é uma pessoa desinformada, o que não aconteceria se ela fosse leitora do jornal anunciado. Note que, para depreciar ainda mais o autor da pergunta, a frase está grafada em tipos característicos de modelos antigos de máquina de escrever, com falhas de impressão em várias letras.

PRESSUPOSTOS

Pressupostos são ideias não expressas de maneira explícita, que decorrem logicamente do sentido de certas palavras ou expressões contidas na frase. Observe as frases abaixo:

André tornou-se um antitabagista convicto.

A informação explícita é que hoje André é um antitabagista convicto. Do sentido do verbo *tornar-se*, que significa "vir a ser", decorre, no entanto, logicamente a informação implícita de que anteriormente André não era um antitabagista convicto. Se André fosse antes um antitabagista convicto, não se poderia usar o verbo *tornar-se*.

Pedro é o último convidado a chegar à festa.

A informação explícita é que Pedro chegou depois de todos os outros convidados. Se ele foi o último a chegar, está logicamente implícito que todos chegaram antes dele.

As informações explícitas podem ser questionadas pelo ouvinte, que pode ou não concordar com elas. Assim, pode-se, por exemplo, discutir o grau da convicção antitabagista de André. Os pressupostos, porém, devem ser verdadeiros ou, pelo menos, admitidos como verdadeiros, porque é a partir deles que se constroem as afirmações explícitas. Isso significa que, se o pressuposto é falso, a informação explícita não tem cabimento. Assim, por exemplo, se Maria participa de todas as festas, não tem o menor sentido dizer

Todos vieram; até Maria.

Até, no caso, contém o pressuposto de que é inesperada ou inusitada a presença de Maria na festa.

Na leitura, é muito importante detectar os pressupostos, pois eles são um recurso argumentativo que visa a levar o leitor ou ouvinte a aceitar certas ideias. Como assim? Ao introduzir um conteúdo sob a forma de pressuposto, o falante transforma o ouvinte em cúmplice, pois a ideia implícita não é posta em discussão, é apresentada como se fosse aceita por todos, e os argumentos explícitos só contribuem para confirmá-la. O pressuposto aprisiona o ouvinte ao sistema de pensamento montado pelo falante.

A demonstração desse fato pode ser feita com as tais “verdades incontestáveis”, que estão na base de muitos discursos políticos:

Para que o Brasil se torne um país do primeiro mundo será preciso privatizar as empresas estatais, abrir a economia ao ingresso de produtos estrangeiros e terminar com os direitos trabalhistas que oneram a folha de pagamento e a Previdência Social.

O conteúdo explícito dessa frase é:

a) o ingresso do Brasil no primeiro mundo exigirá a privatização das empresas estatais;

b) o ingresso do Brasil no primeiro mundo exigirá a abertura da economia aos produtos estrangeiros;

c) o ingresso do Brasil no primeiro mundo exigirá o término dos direitos trabalhistas.

Os conteúdos implícitos são:

a) o Brasil vai ingressar no grupo de países do primeiro mundo, se preencher essas condições;

b) no Brasil as empresas e o Estado são onerados pelos direitos trabalhistas.

Estaremos confirmando os pressupostos, se arrolarmos os seguintes argumentos contra o que está dito explicitamente:

a) existem países do primeiro mundo que se desenvolveram com base num setor estatal muito forte, que ainda é mantido;

b) há países do primeiro mundo, como o Japão, que mantêm uma economia muito protegida da

concorrência externa;

c) na maioria dos países do primeiro mundo, os trabalhadores têm mais direitos que no Brasil, e as empresas e o Estado, mais encargos com os trabalhadores.

No entanto, estaremos destruindo as ideias dadas como verdadeiras, se dissermos:

a) o Brasil não ingressará no primeiro mundo, mesmo que privatize o setor estatal, abra a economia e acabe com os direitos trabalhistas, porque isso depende de outros fatores;

b) encargos trabalhistas não são ônus, mas meio de manter a mão de obra viva.

A aceitação do pressuposto estabelecido pelo falante permite levar adiante o debate; sua negação compromete o diálogo, uma vez que se destrói a base sobre a qual se constroem os argumentos e daí nenhuma proposição tem mais importância ou razão de ser. Com pressupostos distintos, o diálogo não é possível ou não tem sentido. No exemplo acima, toda a argumentação de que é preciso privatizar, abrir a economia e terminar com os direitos trabalhistas se baseia no pressuposto de que o Brasil vai tornar-se um país do primeiro mundo. Se negarmos isso, o resto deixa de ter sentido.

Quais são os termos que, em geral, servem de marcadores de pressupostos?

1) Adjetivos (ou palavras similares):

Julinha foi minha *primeira* filha.

Primeira pressupõe:
a) que tenho outras filhas;
b) que não tenho filhos;
c) que as outras filhas nasceram depois de Julinha.

2) Verbos que indicam mudança ou permanência de estado (por exemplo, *permanecer*, *continuar*, *tornar-se*, *vir a ser*, *ficar*, *passar [a]*, *deixar [de]*, *começar [a]*, *principiar [a]*, *converter-se*, *transformar-se*, *ganhar*, *perder*):

Renato *continua* doente.

O verbo *continuar* indica que Renato já estava doente no momento anterior ao presente.

3) Verbos que indicam um ponto de vista sobre o fato expresso pelo seu complemento (por exemplo, *pretender*, *supor*, *alegar*, *presumir*, *imaginar*):

Hussein *pretende* que o Kuweit faça parte do território iraquiano.

O verbo *pretender* pressupõe que seu objeto direto é verdadeiro para o sujeito (no caso, Hussein) e falso para o produtor do texto.

4) Certos advérbios:

A produção agropecuária brasileira está *totalmente* nas mãos dos brasileiros.

O advérbio *totalmente* pressupõe que não há no Brasil nenhum estrangeiro produtor agrícola.

5) Orações adjetivas:

Os brasileiros, *que não se importam com a coletividade*, só se preocupam com o seu bem-estar e, por isso, jogam lixo na rua, fecham os cruzamentos etc.

O pressuposto é que todos os brasileiros não se importam com a coletividade. O mesmo período poderia, no entanto, ser redigido assim, com a oração adjetiva não separada da principal por vírgulas:

Os brasileiros *que não se importam com a coletividade* só se preocupam com seu bem-estar e, por isso, jogam lixo na rua, fecham os cruzamentos etc.

Nesse caso, o pressuposto é que alguns brasileiros não se importam com a coletividade e só esses é que fazem os atos de incivilidade arrolados.

No primeiro caso, a oração é explicativa; no segundo, é restritiva. As explicativas pressupõem que o que elas expressam se refere à totalidade dos elementos do conjunto designado pelo antecedente do pronome relativo (no caso, *os brasileiros*); as restritivas, que o que elas dizem concerne apenas a parte dos elementos do conjunto expresso pelo antecedente do pronome relativo. O produtor do texto escreverá uma restritiva ou uma explicativa segundo o pressuposto que quiser comunicar.

6) Certas conjunções:

Frequentei a universidade, *mas* aprendi bastante.

O pressuposto é que na universidade não se aprende nada.

SUBENTENDIDOS

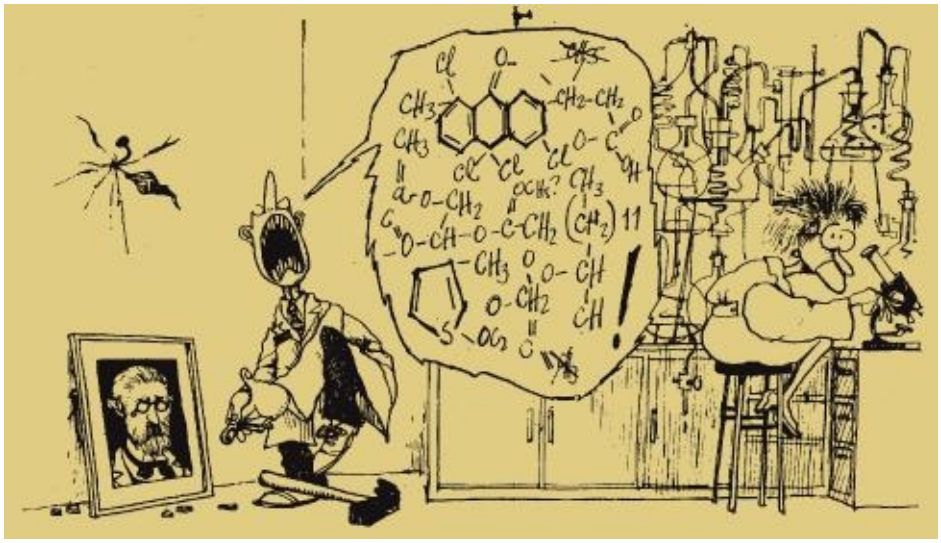

Cartum de Quino.

O efeito de humor deste cartum explora um duplo subentendido. O primeiro é o fato de a personagem masculina ser um cientista. O segundo é o fato de que, até xingando, ele usa o jargão científico.

Que são os subentendidos? São insinuações, não marcadas linguisticamente, contidas numa frase ou num conjunto de frases. Suponhamos que uma pessoa estivesse em visita à casa de outra num dia de frio glacial e que uma janela, por onde entravam rajadas de vento, estivesse aberta. Se o visitante dissesse *Que frio terrível!*, poderia estar insinuando *Feche a janela*.

Há uma diferença capital entre pressupostos e subentendidos. O primeiro é uma informação estabelecida como indiscutível tanto para o falante quanto para o ouvinte, uma vez que decorre necessariamente de algum elemento linguístico colocado na frase. Ele pode ser negado, mas o falante coloca-o de maneira implícita para que não o seja. Já o subentendido é de responsabilidade do ouvinte. O falante pode esconder-se atrás do sentido literal das palavras e negar que tenha dito o que o ouvinte depreendeu de suas palavras. Assim, no exemplo dado acima, se o dono da casa disser que é uma coisa muito pouco higiênica fechar todas as janelas, o visitante pode dizer que também acha e que apenas constatou que o frio era muito intenso.

O subentendido serve, muitas vezes, para o falante proteger-se. Com ele, transmite a informação que deseja dar a conhecer sem se comprometer. Por exemplo, uma pessoa foi promovida no lugar de outra que esperava muito ocupar o posto. Num dia, a pessoa que foi preterida diz à promovida que, naquela empresa, o mérito e a dedicação não são levados em conta, apenas a bajulação o é. Se o outro perguntar se está sendo acusado de não ter mérito nem dedicação e de ser bajulador, o preterido poderá responder que não está falando dele, mas que está falando em tese, que o caso dele é uma exceção. Na ver-dade, o que fez a afirmação não disse explicitamente que o outro não tinha méritos para a função, mas deu a entender, deixou subentendido para não se comprometer. O subentendido diz sem dizer, sugere, mas não diz.

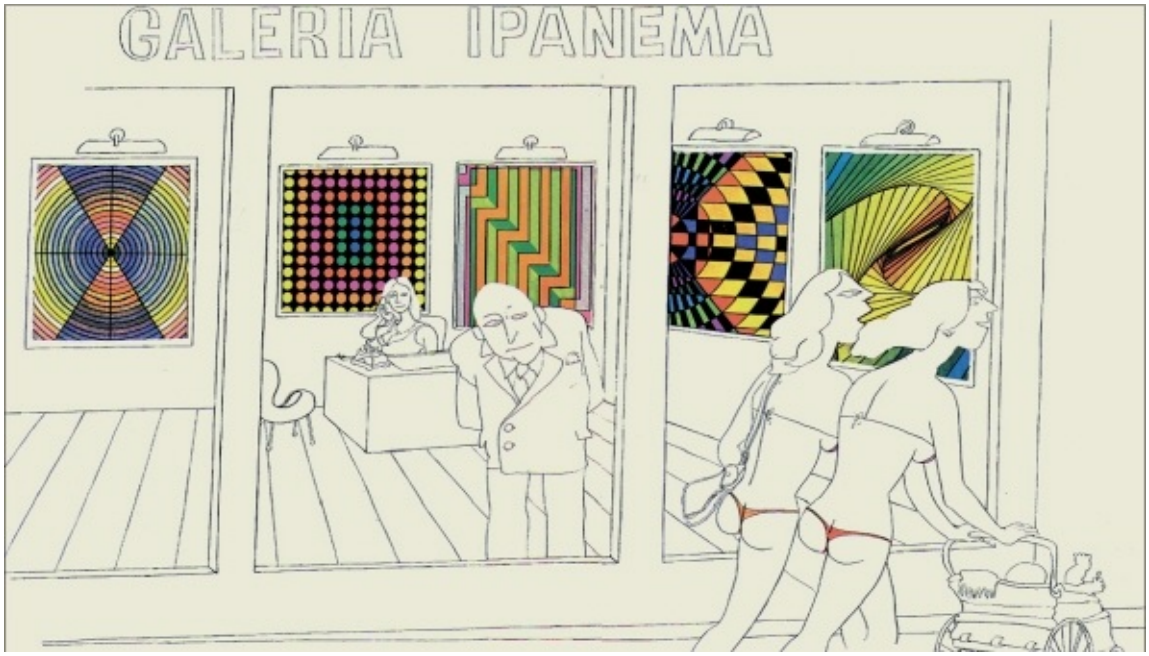

Cartum de Millôr Fernandes.

Neste cartum, o humorista Millôr Fernandes cria duas mensagens subentendidas, uma mais evidente, outra mais camuflada. A mais evidente é que a personagem masculina tem maior interesse pela mulher de biquíni do que pela arte. A mensagem camuflada é a depreciação do abstracionismo geométrico, pois todos os quadros expostos na galeria pertencem a essa tendência artística.

TEXTO COMENTADO

Abaixo, a reprodução de uma publicidade do Grupo Amazonas, anunciando o lançamento de uma nova cola de sapateiro.

Este anúncio foi originariamente publicado em duas páginas inteiras de revista. Na página da esquerda concentra-se o texto verbal. Ele é complementado pelo texto visual da página da direita, composto pela foto do grupo de garotos que, pelo próprio fato de serem menores, são retratados com tarjas diante dos olhos. Tudo contribui para sugerir tratar-se de um grupo de menores que cheira cola.

Essa publicidade é sobre cola de sapateiro. Ao dizer que *tem gente que usa cola de sapateiro, mas nunca sentiu o gosto de prego de ponta fina na boca, jamais bateu meia-sola num pé de ferro, nunca remendou couro com agulha grossa e linha de cifra*, o texto pressupõe que há outras pessoas que usam cola de sapateiro, mas já sentiram o gosto de prego de ponta fina na boca, já bateram meia-sola num pé de ferro, já remendaram couro com agulha grossa e linha de cifra. A figura *sentir o gosto de prego de ponta fina na boca* revela o ofício do sapateiro, que, enquanto faz seu trabalho, mantém seguros na boca os pregos que vai usar. Reiteram esse ofício as figuras *bater meia-sola em pé de ferro* e *remendar couro com agulha grossa e linha de cifra*.

A AMAZONAS ESTÁ

Tem gente que usa cola de sapateiro, mas nunca sentiu o gosto de prego de ponta fina na boca, jamais bateu meia-sola num pé de ferro, nunca remendou couro com agulha grossa e linha de cifra. Infelizmente, tem gente que usa cola de

LANÇANDO UMA COLA

sapateiro não para ganhar a vida, mas para perdê-la. Felizmente, isto agora vai mudar. O Grupo Amazonas está lançando a primeira cola de sapateiro que não dá barato: Adesivo Amazonas, sem um pingo de Tolueno. A nova cola

DE SAPATEIRO QUE

feita pela Quimicam, do Grupo Amazonas, é uma cola tão avançada que nem nos Estados Unidos nem na Europa se faz igual. Ela significa menos drogas no meio da rua e mais gente saudável dentro das sapatarias, das indústrias de calçados e

VAI FAZER ELA PERDER

de artefatos de couro. O Grupo Amazonas se orgulha de ter feito uma cola que vai ajudar as empresas e a sociedade a darem um importante passo. Não adianta nós fabricarmos o melhor solado do Brasil se o país não andar bem das pernas.

MUITOS FREGUESES.

NOVA COLA AMAZONAS. AUSÊNCIA TOTAL DE TOLUENO.

Veja, :64-5, 7 nov. 1990.

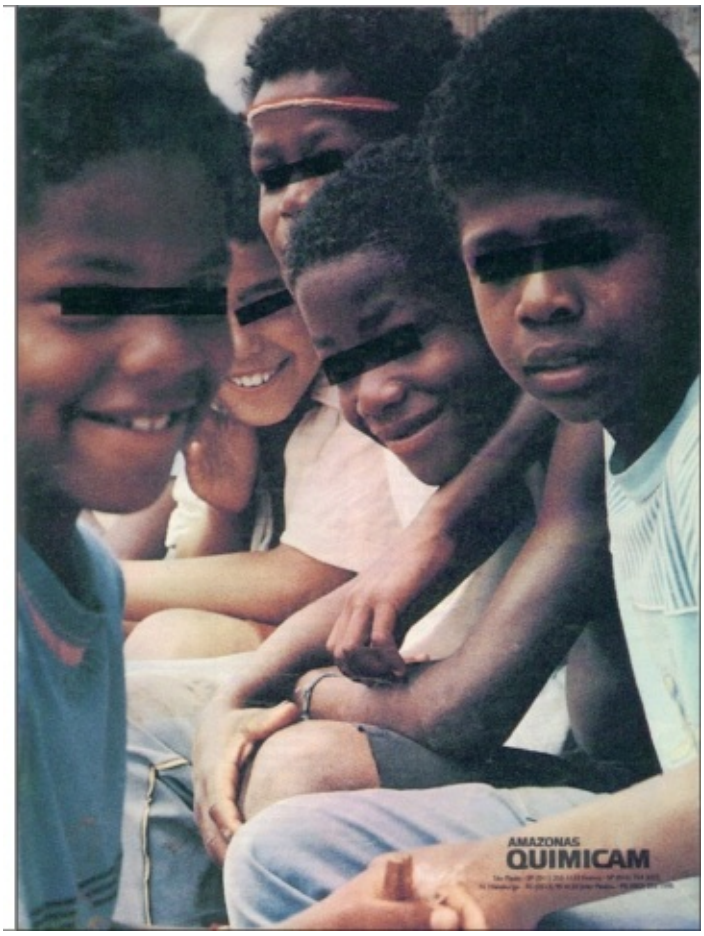

Quando se diz que *infelizmente, tem gente que usa cola de sapateiro não para ganhar a vida, mas para perdê-la*, pressupõe-se que existem pessoas que usam a cola para ganhar a vida, para obter dinheiro a fim de comprar aquilo que é necessário para a sobrevivência.

Estabelece-se uma oposição entre o que é revelado pelo conteúdo explícito e o que o é pelo conteúdo implícito. O segundo diz que há pessoas que usam a cola no trabalho e, portanto, para a vida; o primeiro afirma que há pessoas que a utilizam fora do trabalho, para a morte. Pelo percurso figurativo desenvolvido, fica claro que os que usam a cola no trabalho são os sapateiros. Fica, por outro lado, subentendido que os que a utilizam para a morte são os meninos que cheiram cola. Observe que eles nunca são explicitamente mencionados no texto verbal. No entanto, esse subentendido é reforçado pelo texto visual e por dois elementos do texto verbal: *a primeira cola de sapateiro que não dá barato*; *menos drogas no meio da rua*.

A Amazonas está lançando, de acordo com o texto, a primeira cola de sapateiro que não dá barato, sem um pingo de tolueno. O ordinal *primeira* pressupõe que todas as outras colas dão barato, pois têm tolueno. Todas as outras podem ser usadas tanto pelos sapateiros quanto pelos que a cheiram. Como a da Amazonas não tem tolueno, só pode ser utilizada por sapateiros. Por isso, o texto em letras maiores, em cujo interior está intercalado o texto em letras menores, diz: *A Amazonas está lançando uma cola de sapateiro que vai fazer ela perder muitos fregueses*.

Em seguida, usa-se um argumento de autoridade para mostrar a modernidade da cola. Como os Estados Unidos e a Europa são considerados os lugares mais avançados do mundo, dizer que *é uma cola tão avançada que nem nos Estados Unidos nem na Europa se faz igual* significa atestar seu grau de avanço.

Por que ela é a mais avançada? Porque ajuda a resolver um problema social. Como não dá barato, haverá mais gente saudável, o que pressupõe menos drogados, que são considerados doentes. Pessoa saudável é igual a trabalhador, como se depreende de *dentro das fábricas, das indústrias de calçados e*

de artefatos de couro.

O Grupo Amazonas orgulha-se da cola que inventou porque ela ajuda a sociedade a dar um importante passo. Termina dizendo: *Não adianta fabricarmos o melhor solado do Brasil se o país não andar bem das pernas*.

A Amazonas é conhecida pelo fabrico de solas e saltos. Ao mesmo tempo, está ajudando a resolver um problema social. Por isso, as expressões *dar um importante passo* e *não andar bem das pernas* podem ser lidas tanto no âmbito do léxico referente aos movimentos dos membros inferiores ("fazer passar o apoio do corpo de um pé a outro na caminhada" e "ter dificuldade de andar") quanto no domínio das palavras que indicam execução de um objetivo ("cumprir uma importante etapa" e "funcionar bem").

A frase *Não adianta nós fabricarmos o melhor solado do Brasil* subentende que a Amazonas é quem fabrica o melhor solado do Brasil, mas que não se preocupa apenas em vender e sim com os problemas sociais do país. Quer melhorar o Brasil fazendo que a cola de sapateiro sirva apenas para o trabalho e, assim, haja mais gente trabalhando.

O texto, no seu conjunto, valoriza a cola Amazonas sob três aspectos:

a) é lucrativa, porque é de boa qualidade (não é uma *droga* no sentido de produto de baixa qualidade);

b) é higiênica, pois não contém *droga* (no sentido de entorpecente) e, portanto, não faz mal à saúde dos que trabalham com ela;

c) é benéfica socialmente, pois não se presta para uso daqueles que buscam nas drogas refúgio para seus problemas.

LIÇÃO 20 EXERCÍCIOS

QUESTÃO 1 (FUVEST)

Reduit é leite puro e saboroso.

Reduit é saudável, pois nele quase toda a gordura é retirada, permanecendo todas as outras qualidades nutricionais. *Reduit* é bom para os jovens, adultos e dietas de baixas calorias.

Texto em uma embalagem de leite em pó.

a) No texto acima, a gordura pode ser entendida também como uma qualidade nutricional? Justifique sua resposta, transcrevendo do texto a expressão mais pertinente.

b) As qualidades nutricionais de um produto, segundo o texto, sempre fazem bem à saúde? Justifique sua resposta.

TEXTO PARA AS QUESTÕES DE 2 A 4

O Ministério da Fazenda descobriu uma nova esperteza no Instituto de Resseguros do Brasil. O Instituto alardeou um lucro no primeiro semestre de 3,1 bilhões de cruzeiros, que esconde na verdade um prejuízo de dois bi. Brasil, Cuba e Costa Rica são os três únicos países cujas empresas de resseguros são estatais.

Veja, :31, 1 set. 1993.

QUESTÃO 2

O adjetivo *nova* instaura no texto um pressuposto.

a) De que pressuposto se trata?

b) A instauração de tal pressuposto concorre para prestigiar ou para desmoralizar o Instituto de Resseguros do Brasil?

QUESTÃO 3

Ao dizer que o Instituto *alardeou* um lucro de 3,1 bilhões de cruzeiros, a escolha do verbo (*alardeou*) cria mais um pressuposto.

a) Qual é esse pressuposto?

b) Esse segundo pressuposto também é desmoralizante para o Instituto?

QUESTÃO 4

Ao colocar o Brasil ao lado de Cuba e da Costa Rica, o texto deixa no ar um subentendido.

a) Qual é ele?

b) Pelo que se conhece da imagem de Cuba e Costa Rica, a comparação feita enaltece ou deprecia o Brasil?

QUESTÃO 5 (UNICAMP)

Na tira abaixo, a lesma Flecha manifesta duas opiniões contraditórias, uma explícita e uma implícita (isto é, subentendida).

Luís Fernando Veríssimo. As cobras. *O Estado de S. Paulo.*

a) Explicite a opinião que Flecha deixa implícita.

b) Segundo este texto, em qual das duas opiniões Flecha realmente acredita?

c) Qual é a passagem da tira que permitiu que você chegasse a essa conclusão? Justifique.

QUESTÃO 6 (UNICAMP)

L. F. Veríssimo certamente ficaria satisfeito se você, mesmo nesta situação um pouco tensa, achasse graça na tira abaixo:

Luís Fernando Veríssimo. As cobras. *O Estado de S. Paulo*.

Para achar graça, você precisa perceber que a tira traz implícitas duas opiniões relativas a uma prática institucional de nossa sociedade.

a) Quais as duas opiniões contidas na tira?

b) Qual dessas opiniões pode ser considerada um argumento favorável à manutenção dessa prática institucional?

QUESTÃO 7

Leia com atenção os dois segmentos que vêm a seguir:

a) Os latifúndios que são improdutivos estarão sujeitos à desapropriação.

b) Os latifúndios, que são improdutivos, estarão sujeitos à desapropriação.

Os dois trechos acima não possuem o mesmo significado, pois contêm pressupostos diferentes.

Supondo que existam apenas essas duas opções para incluir num projeto de reforma agrária,

a) qual delas contaria com o apoio dos latifundiários?

b) qual seria apoiada pelos sem-terra?

Explique sua resposta.

QUESTÃO 8

Leia com atenção os dois segmentos que vêm a seguir:

a) A versão apresentada à imprensa não é evidentemente falsa.

b) Evidentemente, a versão apresentada à imprensa não é falsa.

Em ambos os enunciados o advérbio *evidentemente* estabelece o mesmo pressuposto? Explique sua resposta.

QUESTÃO 9 (FUVEST)

[...] Por que quatro ou cinco? Rigorosamente eram quatro os que falavam; mas, além deles, havia na sala um quinto personagem, calado, pensando, cochilando, cuja espórtula no debate não passava de um ou outro resmungo de aprovação. Esse homem tinha a mesma idade dos companheiros, entre quarenta e cinquenta anos, era provinciano, capitalista, inteligente, não sem instrução, e, ao que parece, astuto e cáustico. Não discutia nunca; e defendia-se da abstenção com um paradoxo, dizendo que a discussão é a forma polida do instinto batalhador, que jaz no homem, como uma herança bestial; e acrescentava que os serafins e os querubins não controvertiam nada, e, aliás, eram a perfeição espiritual e eterna. Como desse esta mesma resposta naquela noite, contestou-lha um dos presentes, e desafiou-o a demonstrar o que dizia, se era capaz. Jacobina (assim se chamava ele) refletiu um instante, e respondeu:

— Pensando bem, talvez o senhor tenha razão. [...]

Machado de Assis. O espelho.

No trecho: *"... e acrescentava que os serafins e os querubins não controvertiam nada, e, aliás, eram a perfeição espiritual e eterna"*, o termo *aliás* introduz:

a) um esclarecimento, retificando a ideia defendida.

b) uma oposição entre as ideias defendidas.

c) uma contradição, negando a ideia defendida.

d) uma progressão semântica, alterando a ideia apresentada.

e) um argumento decisivo, reforçando a ideia apresentada.

QUESTÃO 10

Leia a passagem a seguir e descreva alguns pressupostos nela contidos.

É preciso que os sindicatos encaminhem as negociações com responsabilidade, com senso de patriotismo, sem induzir os trabalhadores a radicalismos inaceitáveis.

QUESTÃO 11

Observe o noticiário que segue:

Foi posto em liberdade, hoje, o maníaco do estilete, que tem espalhado pânico nas ruas de Pinheiros.

Por causa da greve do poder judiciário, prescreveu, hoje, o prazo de reclusão de criminosos detidos há mais de trinta dias.

As duas notícias, postas lado a lado, induzem a um subentendido. De que subentendido se trata?

QUESTÃO 12

a) A igreja do bairro foi destruída para dar lugar a uma avenida.

b) Uma igreja do bairro foi destruída para dar lugar a uma avenida.

A escolha do artigo definido (*a* igreja) ou do indefinido (*uma* igreja) estabelecem pressupostos diferentes para cada enunciado.

Quais são esses pressupostos?

QUESTÃO 13

Quando entrarmos em contacto com seres inteligentes de outros planetas, os presumíveis mistérios acerca de sua existência serão esclarecidos.

Descreva os pressupostos estabelecidos pela conjunção *quando* e pelo adjetivo *presumíveis*.

QUESTÃO 14

Os acidentados foram socorridos num pronto-socorro do INSS, mas saíram de lá sãos e salvos.

O efeito de humor e o tom satírico desse enunciado é produzido pelo uso inusitado da conjunção *mas*. Explique esse uso.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

(PUC-MG)

Motivado(a) pela campanha publicitária da página seguinte, produza um texto dissertativo sobre a situação da infância brasileira.

Obs.: Dê um título a sua redação.

Isto É Minas, *97*, 29 set. 1993.

Nota:

Como se vê, no texto publicitário proposto como motivação para a elaboração de um texto dissertativo há um subentendido carregado de um forte conteúdo irônico que enfatiza o caráter de alerta da propaganda.

LIÇÃO 21

“A linguagem serve para comunicar. Mas comunicar, para os humanos, não é somente transmitir informações.Frequentemente, fala-se para não dizer nada, ou diz-se o contrário do que se quer realmente dizer, ou ainda o que o interlocutor já sabe.”

Marina Yaguello
(linguista francesa)

Nas histórias em quadrinhos e nos desenhos animados, estamos tão habituados ao recurso de dizer uma coisa para significar outra, que muitas vezes nem sequer nos damos conta disso. Este detalhe de um cartum de Glauco, interpretado no contexto em que ocorre, quer dizer que o policial entrou numa sala com violência e rapidez e não que ele seja um prodígio de força física, capaz de, num só golpe, fazer uma porta em pedaços.

Cartum de Glauco(fragmento).

LIÇÃO 21

DIZER UMA COISA PARA SIGNIFICAR OUTRA

Leia os dois anúncios que seguem:

ÚNICO
Empreendimento de lazer no litoral sul
Totalmente pronto a 50 metros da praia
Praia do Arpoador
Condomínio fechado — Peruíbe
2 dormitórios — 3° opcional — (1 suíte)
Terraço com churrasqueira — 2 garagens e depósito privativo
no subsolo — área útil: 118 m² — área total: 230 m²
— Ampla sala-living — Suíte com terraço
— Espaçoso terraço com
No térreo:
churrasqueira
— Ampla área de repouso e lazer

O Estado de S. Paulo, 6 jan. 1995, p. B-4.

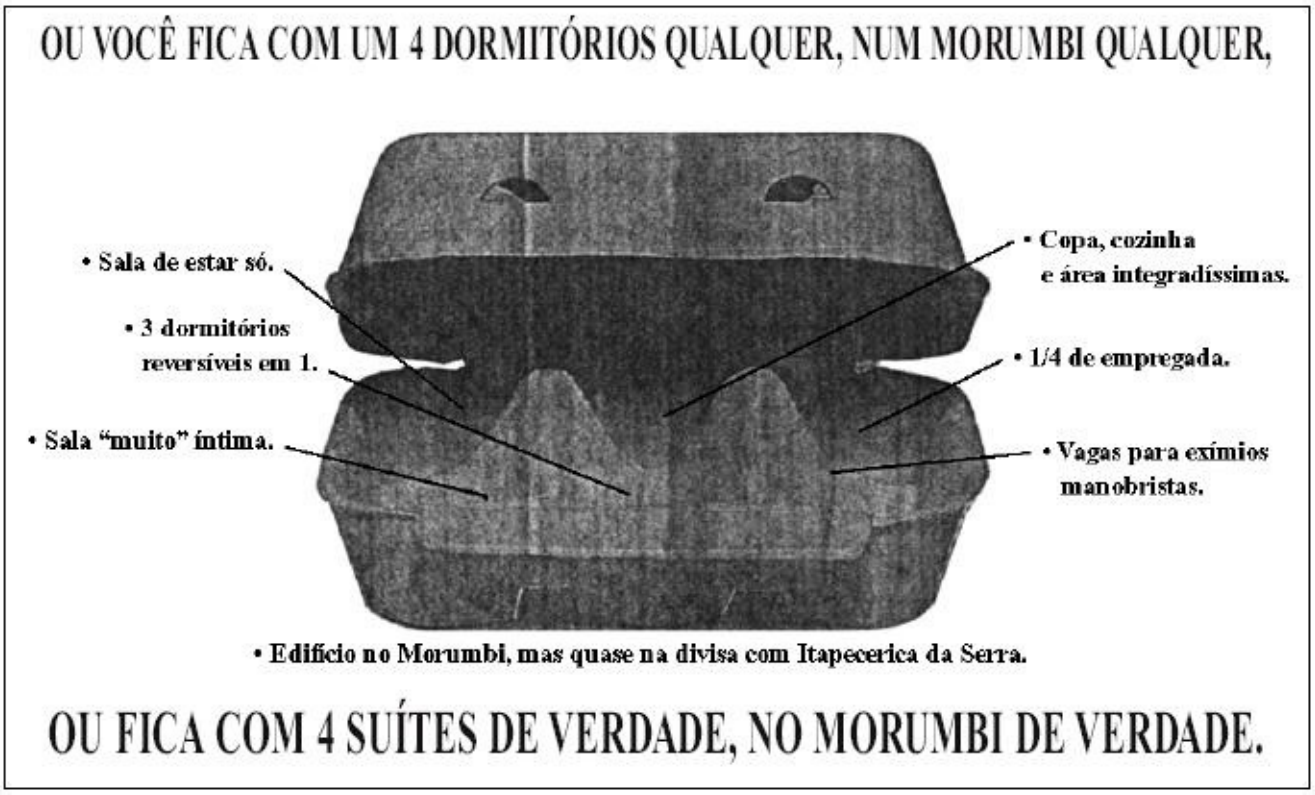

Em geral, um anúncio publicitário informa as características do imóvel: sua localização, suas peculiaridades, número de peças. Procura-se exaltar a excelência tanto do tamanho e das características

dos cômodos, quanto do lugar em que o imóvel foi construído (elegância, proximidade de certos lugares valorizados da cidade etc.).

É isso o que ocorre no primeiro texto. Nele, são dadas informações sobre o número de aposentos e suas características. Elogia-se a localização do imóvel e, embora o tamanho das peças não seja especificado, os adjetivos *ampla* e *espaçoso* qualificam-nas. O publicitário transmite esses dados e deseja que o leitor os compreenda da maneira como escreveu.

No segundo texto, o publicitário vai jogar com as duas características básicas dos anúncios de apartamentos: o tamanho e a localização. Ao começar a publicidade com um *ou*, introduz a ideia de alternativa. O primeiro imóvel, no que tange ao tamanho, é representado pela imagem de uma embalagem pequena de ovos e descrito da seguinte maneira: sala de estar só (todo apartamento tem uma sala de estar, mas, ao colocar o termo *só* ao lado da expressão *sala de estar*, o que se quer ressaltar é sua diminuta dimensão); 3 dormitórios reversíveis em 1 (a reversibilidade dos cômodos, ou seja, o fato de que um aposento possa, mediante adaptações, ser usado para outra finalidade é, nos anúncios publicitários, apresentado como uma vantagem; aqui, no entanto, ao dizer que 3 dormitórios se tornam um, o que se quer é dizer que eles são minúsculos); sala "muito" íntima (o fato de o apartamento ter uma sala íntima, onde a família possa estar, é sempre apresentado como uma qualidade; no entanto, ao colocar o advérbio *muito* entre aspas junto ao adjetivo *íntima*, o que se quer é dizer que a sala é tão pequena, nela cabem tão poucas pessoas que elas ficam lá sozinhas); copa, cozinha e área integradíssimas (não se trata de um elogio à funcionalidade, mas o que se quer mostrar é que elas são tão pequenas que não se pode fazer distinção entre elas); 1/4 de empregada (ao indicar o quarto da empregada por um numeral fracionário, está-se dizendo que ele é tão pequeno que não chega a ser um inteiro); vagas para exímios manobristas (ao afirmar que as vagas são para manobristas exímios, mostra-se que o tamanho da garagem é diminuto). No que se refere à localização, diz-se que ele é no Morumbi, bairro extremamente valorizado de São Paulo. No entanto, a conjunção adverssativa *mas* mostra que essa localização é tomada em sentido muito amplo, pois o apartamento fica lá pelos lados do Morumbi, mas de fato quase na divisa de Itapecerica da Serra, ou seja, num local desvalorizado. A segunda alternativa apresenta um apartamento com *4 suítes de verdade*, no *Morumbi de verdade*. A expressão *"de verdade"* mostra que este último é realmente um apartamento de bom tamanho e de ótima localização e deixa subentendido que existem outros "de mentira".

Esse anúncio também mostra que devemos ler nas publicidades de imóveis o contrário daquilo que se diz. Se lêssemos esse anúncio como um elogio do imóvel descrito e não como uma ironia aos anúncios publicitários, não teríamos entendido o texto. O que é que permite concluir que se trata de um texto irônico? Marcas linguísticas disseminadas pelo texto: a oposição entre *um 4 dormitórios qualquer* e *4 suítes de verdade*, entre *num* (o artigo indefinido indica que há muitos Morumbis quaisquer) *Morumbi qualquer* e *no* (o artigo definido mostra que há um único Morumbi) *Morumbi de verdade*, a adjunção de adjetivos e advérbios para qualificar os cômodos (*só*, *"muito"*), uso do numeral fracionário para denominar o quarto da empregada, especificação de que as vagas só podem ser operadas por exímios manobristas etc.

Normalmente, quando se produz um texto, deseja-se que os que vão lê-lo entendam tudo exatamente da maneira como foi dito. Nesse caso, ocorre uma adequação entre o que se disse e o que se quer dizer. É o caso de nosso primeiro texto.

Nem sempre, porém, acontece essa correspondência. Muitas vezes, diz-se uma coisa, mas se quer que o ouvinte entenda outra, ou seja, diz-se uma coisa para significar outra. É o que se dá com o segundo

texto. Simula-se um anúncio de imóvel e se quer que o leitor entenda o contrário daquilo que ele diz, com a finalidade, é claro, de exaltar as qualidades do apartamento que se quer vender.

Existem vários mecanismos linguísticos em que se estabelece intencionalmente um conflito entre o que se disse e o que se quer dizer. Vamos estudar alguns.

A) Leia o texto que segue, fragmento de um artigo de Jânio de Freitas:

De óculos escuros, sem óculos escuros, de bermuda, de short, Zélia e Éris estão à beira-mar, e nós estamos no pleno gozo desse acontecimento tão estupendo. Graças, é de justiça registrar, ao alto desenvolvimento tecnológico dos nossos meios de comunicação, cuja utilidade e eficiência mais uma vez se provam, em sua constante labuta para elevar o país ao merecido nível do Primeiro Mundo. Consoante, aliás, a obstinação com que o presidente Collor persegue sua promessa de acrescentar o nosso país, nos seus cinco anos de mandato, às oito potências do planeta (não nos afobemos, só por sermos ainda a octogésima primeira a caminho do centésimo lugar: o presidente já mostrou sua habilidade em ultrapassagens).

Jânio de Freitas. *Folha de S. Paulo*, 4 jan. 1991. p. A-5.

O articulista fala da cobertura das férias da ex-ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, e do ex-presidente do Banco Central, Ibrahim Éris, que, em meio a sobressaltos decorrentes de intervenções do governo na economia, passavam o final do ano na praia. Mostra que cada passo das autoridades era relatado aos leitores e conclui que as férias das duas personalidades eram um acontecimento estupendo. Acrescenta ainda que a imprensa, por essa cobertura, revela-se útil e eficiente; que, assim, trabalha para elevar o país ao merecido nível do Primeiro Mundo etc. É isso que o jornalista quer que compreendamos? Não, ele quer que percebamos que está ironizando e que, portanto, temos que entender o que disse ao contrário. Por exemplo, as férias dos dois são um acontecimento banal, a imprensa está fazendo um trabalho provinciano etc.

Quando se afirma uma coisa que, na verdade, se quer negar (no caso, por exemplo, ao dizer que as férias são um acontecimento estupendo, o que se quer é dizer que elas não são um acontecimento maravilhoso), temos uma **antífrase** ou **ironia**. No caso do uso desse mecanismo linguístico, o sentido que se deve entender é o contrário do que está dito. Como sabemos que alguém está sendo irônico? Percebemos a ironia por oposições criadas no interior do texto. No nosso caso, pelo fato de o jornalista dizer que o presidente Collor prometeu levar o Brasil, nos seus cinco anos de mandato, a ocupar um lugar entre os oito países mais importantes do mundo e aduzir que não precisamos afobar-nos só por ele estar, em termos de desenvolvimento global, na octogésima primeira posição, a caminho da centésima. O sentido oposto e mutuamente excludente das duas afirmações deixa patente a ironia.

B) Quando se afirma *André não é exatamente um leão de coragem*, o que se quer dizer é que ele é covarde. Quando se nega alguma coisa de sentido positivo (no caso, corajoso), para afirmar o seu contrário, com sentido negativo, temos uma **lítotes**. Quando se nega o contrário do que se quer afirmar, diz-se menos para entender mais. É mais atenuado dizer *Renato não é bem-educado* do que *Renato é grosso*. Nesse mecanismo, diz-se de forma atenuada para que o leitor entenda de maneira enfática.

C) Neste período *Quero poupar a vocês o dissabor de saber que seus parentes são contraventores, que eles não procedem de acordo com a lei, que não agem como pessoas de bem*, diz-se uma coisa e nega-se explicitamente que se pretenda dizê-la. Informa-se que os parentes não são pessoas de bem e nega-se o desejo de fazê-lo (*quero poupar a vocês o dissabor*). Trata-se, nesse caso, do mecanismo da **preterição**. Nele, nega-se claramente que se queira dizer o que se disse, simula-se não querer dizer o que, no entanto, se disse claramente.

D) No conto D. Benedita, de Machado de Assis, aparece o seguinte trecho:

— D. Benedita naturalmente tem medo de embarcar...

— Creio que não. Já foi uma vez à Europa. Se bem me lembro, ela ficou para arranjar alguns negócios da família; mas foi ficando, ficando, e agora...

Machado de Assis. *Obra completa*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1979. v. 2, p. 309.

Esse trechinho aparece no meio de uma conversa em que se discute o fato de o marido de d. Benedita ter sido nomeado desembargador no Pará, ter ido para lá há dois anos e meio e a família ter permanecido no Rio de Janeiro. Cada um dos interlocutores suspende o que está sendo dito e deixa subentendido o que se queria dizer. O primeiro diz que d. Benedita tem medo de navio e deixa subentendido que é por isso que ela não vai para o Pará; o segundo nega que essa seja a razão, explica que, no início, ficara no Rio para cuidar de alguns negócios da família e, aí, deixa subentendido o motivo pelo qual ela não vai agora juntar-se ao marido. Na verdade, o que está subentendido, como se depreende do contexto, é que o desembargador Proença arrumara outra mulher. Por tratar de um assunto delicado, a conversa é toda cheia de suspensões, de dizer sem dizer. Trata-se de um caso de **reticência**. Nesse mecanismo linguístico, interrompe-se a frase, deixando, porém, patente o que se pretende dizer.

Há ainda dois mecanismos linguísticos, em que não há propriamente um conflito entre o que se diz e o que se deseja dizer, mas uma oposição entre o que se diz e os fatos narrados.

1) No poema abaixo, de Manuel Bandeira, fala-se de morte, sem nomeá-la claramente. Ela é designada por meio de expressões atenuadas: *"a indesejada das gentes"*, *"iniludível"* (aquele a quem não se pode iludir), *"a noite"*:

CONSOADA

Quando a indesejada das gentes chegar
(Não sei se dura ou caroável),
Talvez eu tenha medo.
Talvez sorria, ou diga:
— Alô, iniludível!
O meu dia foi bom, pode a noite descer.
(A noite com seus sortilégios.)
Encontrará lavrado o campo, a casa limpa, A mesa posta, Com cada coisa em seu lugar.

Manuel Bandeira. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1983. p. 307.

A atenuação do que teria intensidade maior é o **eufemismo**. Com ele, suaviza-se o que seria grosseiro ou chocante.

Sobre uma das funções do eufemismo, a de ocultar a realidade, leia este trechinho de um artigo de Mário Sérgio Conti, publicado em *Veja*, n. 981:

O poeta e ensaísta mexicano Octavio Paz, ao analisar o seu país, detectou um fenômeno semelhante ao que acontece no Brasil de hoje, o da deterioração do idioma, que faz com que as ideias se transformem em fórmulas e as fórmulas em máscaras. "Quando uma sociedade se corrompe, a primeira coisa que gangrena é a linguagem", escreveu Paz. No Brasil, a gangrena linguística, a recusa a chamar as coisas pelo nome verdadeiro sempre coincidiu com a corrupção do pensamento e dos valores. D. Pedro II preferia falar em "trabalho servil" e "importação de africanos" a dizer *escravidão* e *tráfico de escravos*. O golpe de 1964 foi batizado de "revolução". E a ditadura preferia usar a cândida expressão "maus-tratos" à feia mas verídica palavra *tortura*.

Esta capa da revista Veja combina a linguagem verbal com a visual para noticiar, por meio de um eufemismo, a morte de Ulysses Guimarães em um acidente aéreo. A linguagem verbal resgata um verso do poeta inglês John Donne (1573-1631) e usa o toque do sino para fazer referência ao falecimento do político. A imagem reproduz apenas o contorno da cabeça, que, pela iluminação, sugere um corpo desmaterializado.

2) No canto II de *Os lusíadas*, estrofe 66, narram-se a tentativa dos mouros de destruir a esquadra portuguesa, a vigilância dos lusíadas e a fuga veloz dos inimigos:

Mas com vista de linces vigiavam
Os Portugueses, sempre apercebidos.
Eles, como acordados os sentiram,
Voando e não remando *fugiram*.

Dizer que *fugiram voando* é um exagero de expressão. Diz-se que voaram para acentuar a velocidade da fuga. Quando se exagera o que é mais atenuado, temos uma **hipérbole**. Nela — ao contrário do eufemismo — intensifica-se a expressão. Na língua de todos os dias, temos muitas hipérboles: *faz um século que o estou esperando, já lhe disse mil vezes, estou morrendo de sede, volto num segundo*.

Todos esses mecanismos linguísticos só são percebidos porque há marcas no texto que indicam que se deve entender de maneira diferente o que foi dito. Muitas vezes, em situação de comunicação oral, esses

elementos que assinalam no texto o conflito entre o que se diz e o que se quer dizer ficam implícitos, pois a situação de comunicação permite não explicitá-los. Por exemplo, se depois de uma partida de futebol, em que o goleiro de um dos times "engoliu três frangos", alguém chega para ele e diz *Que bela atuação!*, o que possibilita compreender *bela* com valor de *péssima* é o fato de serem mutuamente excludentes a frase *Que bela atuação!* e a frase implícita *Você engoliu três frangos*. O que está implícito não precisa ser dito, porque a situação de comunicação permite depreendê-lo.

Colher de pedreiroI, escultura de Claes Oldenburg, de 1976.

Diversas esculturas do artista norte-americano Claes Oldenburg colocadas em espaços públicos são exemplos de hipérboles visuais. A partir da ampliação do tamanho de objetos de uso cotidiano, como é o caso desta colher de pedreiro, o artista altera completamente a percepção habitual que temos deles.

Para que se usam esses mecanismos linguísticos em que há uma oposição entre o que se diz e o que se pretende dizer?

Quando alguém diz a outrem alguma coisa, quer, em última instância, fazer aceitar o que está sendo

dito. Para isso, vale-se de uma série de mecanismos. Os procedimentos em que se diz uma coisa para significar outra servem para chamar a atenção com vistas a fazer estar de acordo. Dizer sem ter dito, dizer menos para que se entenda mais, dizer e afirmar não ter dito, deixar subentendidamente claro o que não se disse, simular moderação para dizer enfaticamente, fingir exagero para dizer atenuadamente são meios de o produtor do texto revelar significados encobrindo-os. Com esses mecanismos, o leitor é levado a atentar melhor para o que foi dito e, assim, aceitar mais facilmente o que foi comunicado. Com eles, o produtor do texto vela significados para desvelá-los, revela sentidos para escondê-los. Para que o leitor entenda bem os textos em que isso ocorre, precisa perceber o conflito que se estabelece entre o que se diz e o que se quer dizer. Essa não correspondência é que constrói o sentido.

TEXTO COMENTADO

O texto que segue é um fragmento do romance *O coronel e o lobisomem*, de José Cândido de Carvalho:

Pois foi Ponciano arrotar vantagem e aparecer, na boca de um taquaral, aquele pedação de onça que em medida de olho nu ganhava de um garrote em tamanho e peso. João Ramalho, braços no alto, gritou pelo santo nome de Nossa Senhora do Parto e sumiu na macega. Quando dei balancete na situação, vi que estava desprevenido de gente, sem atinar como um sujeito de porte, talqualmente Saturnino Barba de Gato, achou abrigo em mato tão ralinho, quase de não esconder nem preá. Nunca fui desajuizado de enfrentar, em campo aberto, sem maiores instruções e preparo de armas, tanto peso de onça. Sem outra espingarda que não a minha, desguarnecido de costas, piquei a navegação, um cavalinho de lombo educado e boca macia. O bichinho, atingido na curva da virilha, relinchou, ficou nas patas do coice, deu meia volta e levou Ponciano a sítio seguro — um pantaneiro de água choca, onde ninguém nem perto passava por ser covil de vermina e miasma. Se não sou expedito de sela, e não sei domar uma rédea, o tremedal dava cabo dos meus dias, pois lama sugadora nunca conheci outra de tamanha ganância. Cheguei ao Sobradinho mais água podre do que gente, numa dianteira de uma hora sobre os assustados da onça. Feita a mudança de roupa e lavagem da barba, a primeira deliberação que tomei foi sustar o cabrito:

— Sem-vergonha não come na minha mesa.

Em língua de urtiga recebi os medrosos. Vieram de rabo encolhido, vela murcha, sem vento e sem fala. Larguei de lado os veludos dos frades, as boas educações do Foro e foi um arrazoado de vazar a sala, entrar no corredor e sair na cozinha. Recriminei o covardismo deles todos até gerações passadas e por passar. Cada torcida da barba vinha acapangada de um vitupério:

— Gente desbriada! Se não sou homem de patente, com preparo de guerra, a onça fazia uma desgraça.

José Cândido de Carvalho. *O coronel e o lobisomem*. 8. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1971. p. 46-7.

O texto narra o encontro do coronel Ponciano de Azeredo Furtado com uma onça. O narrador é o próprio coronel, que, falando de si mesmo, ora diz *eu*, ora *Ponciano* (ao usar a terceira pessoa em lugar da primeira ressalta não sua pessoa, mas a personagem que encarna, o coronel valente). Por meio de uma escolha lexical bem planejada, o narrador exagera o tamanho da onça que teria de enfrentar. Expressões como *pedação de onça* e *em medida de olho nu ganhava de um garrote em tamanho e peso* enfatizam a dimensão do animal e, por conseguinte, seu perigo.

Segundo o coronel, quem fugiu foram os outros. Para relatar a fuga deles, novamente o narrador vale-se de hipérboles: João Ramalho sumiu na macega, *braços no alto*, depois de gritar *pelo santo nome de Nossa Senhora do Parto* (observe-se que até a escolha da denominação de Nossa Senhora se destina a hiperbolizar a fuga de João Ramalho, pois ele invoca a Virgem exatamente na sua denominação de auxiliar das mulheres, o que configura que não agiu ele como homem); todos os outros esconderam-se e sumiram sem que o coronel soubesse como, uma vez que até um sujeito do tamanho de Saturnino Barba de Gato *achou abrigo em mato tão ralinho, quase de não esconder nem preá* (novamente, usa-se uma expressão hiperbólica, pois mato que não esconde nem preá não é mato de abrigar um homem).

O coronel trata diferentemente sua reação. Usa um conjunto de eufemismos, para falar de sua atitude em relação à onça. Ele fugiu como os outros, que ele considera covardes. No entanto, ao lado de cada enunciado que denota sua covardia ou imperícia, o narrador coloca outro que o suaviza, o disfarça.

Covardia e imperícia	**Dissimulação**
... piquei a navegação, um cavalinho de lombo educado e boca macia.	Nunca fui um desajuizado de enfrentar, em campo aberto, sem maiores instruções e preparo de armas, tanto peso de onça. Sem outra espingarda que não a minha, desguarnecido de costas...
O bichinho (...) levou Ponciano a (...) pantaneiro de água choca, onde ninguém nem perto passava por ser covil de vermina e miasma.	... levou Ponciano a sítio seguro...
Cheguei ao Sobradinho mais água podre do que gente...	Se não sou expedito de sela, e não sei domar uma rédea, o tremedal (= pântano) dava cabo dos meus dias...

O coronel trata de mostrar sua fuga como uma estratégia, e o pântano para onde foi levado, sem ver para onde ia, ao esporear o cavalo, é descrito como um lugar seguro. Além disso, para exaltar sua destreza de cavaleiro, usa uma hipérbole para falar do pântano: *lama sugadora nunca conheci outra de tamanha ganância*. Diz que é bom cavaleiro, mas foi parar na água podre.

Esse jogo de hipérboles e de eufemismos, que serve para dissimular a covardia e a imperícia do coronel, continua quando ele enfatiza a consciência que os outros tinham de sua falta de coragem (*Vieram de rabo encolhido, vela murcha, sem vento e sem fala*) e, ao mesmo tempo, atenua seus atos (*Se não sou homem de patente, com preparo de guerra, a onça fazia uma desgraça*). Ao lado disso, o coronel exagera a reprimenda que dera em seus homens (*foi um arrazoado de vazar a sala, entrar no corredor e*

sair na cozinha). Suspendeu o cabrito que estava sendo preparado para eles, recebeu-os com palavras ácidas (*em língua de urtiga*) e, deixando de lado, segundo ele, a educação que recebera no colégio de padres e no foro (*Larguei de lado os veludos dos frades, as boas educações do Foro*), vituperou-os, recriminou sua covardia.

Todo o perfeito jogo de hipérboles e eufemismos acaba por revelar que há um descompasso entre os fatos acontecidos e os fatos relatados e, assim, termina por mostrar o que Ponciano deseja ocultar.

LIÇÃO 21 EXERCÍCIOS

O texto abaixo é um fragmento do conto "Cantiga de esponsais", de Machado de Assis:

CANTIGA DE ESPONSAIS

Imagine a leitora que está em 1813, na igreja do Carmo, ouvindo uma daquelas boas festas antigas, que eram todo o recreio público e toda a arte musical. Sabem o que é uma missa cantada; podem imaginar o que seria uma missa cantada daqueles anos remotos. Não lhes chamo a atenção para os padres e os sacristães, nem para o sermão, nem para os olhos das moças cariocas, que já eram bonitos nesse tempo, nem para as mantilhas das senhoras graves, os calções, as cabeleiras, as sanefas, as luzes, os incensos, nada. Não falo sequer da orquestra, que é excelente; limito-me a mostrar-lhes uma cabeça branca, a cabeça desse velho que rege a orquestra, com alma e devoção.

Chama-se Romão Pires; terá sessenta anos, não menos, nasceu no Valongo, ou por esses lados. É bom músico e bom homem; todos os músicos gostam dele. Mestre Romão é nome familiar; e dizer familiar e público era a mesma cousa em tal matéria e naquele tempo. "Quem rege a missa é mestre Romão", — equivalia a esta outra forma de anúncio, anos depois: "Entra em cena o ator João Caetano"; — ou então: "O ator Martinho cantará uma de suas melhores árias". Era o tempo certo, o chamariz delicado e popular. Mestre Romão rege a festa! Quem não conhecia mestre Romão, com o seu ar circunspecto, olhos no chão, riso triste, e passo demorado? Tudo isso desaparecia à frente da orquestra; então a vida derramava-se por todo o corpo e todos os gestos do mestre; o olhar acendia-se, o riso iluminava-se: era outro. Não que a missa fosse dele; esta, por exemplo, que ele rege agora no Carmo é de José Maurício; mas ele rege-a com o mesmo amor que empregaria, se a missa fosse sua.

Acabou a festa; é como se acabasse um clarão intenso, e deixasse o rosto apenas alumiado da luz ordinária. Ei-lo que desce o coro, apoiado na bengala; vai à sacristia beijar a mão aos padres e aceita um lugar à mesa do jantar. Tudo isso indiferente e calado. Jantou, saiu, caminhou para a Rua da Mãe dos Homens, onde reside, com um preto velho, pai José, que é a sua verdadeira mãe, e que neste momento conversa com uma vizinha.

— Mestre Romão lá vem, pai José, disse a vizinha.

— Eh! eh! adeus, sinhá, até logo.

Machado de Assis. *Contos*. 3. ed. São Paulo, Ática, 1974. p. 39-40. (Série Bom Livro).

Esse fragmento coincide com o início do conto "Cantiga de esponsais", que relata a experiência dolorosa da dificuldade de expressão: mestre Romão, embora maestro e músico de renome, não consegue criar nenhuma obra musical, não sendo capaz nem mesmo de concluir uma cantiga de esponsais que havia iniciado antes da morte da esposa.

QUESTÃO 1

O narrador inicia o conto prometendo não chamar a atenção para certos aspectos de uma festa religiosa ocorrida na igreja do Carmo.

a) De que aspectos se trata?

b) Como se denomina esse expediente, que consiste em ir dizendo aquilo que se está prometendo não dizer?

QUESTÃO 2

Dentro do cenário da grandiosa cerimônia, para quem o narrador dirige o olhar do leitor?

QUESTÃO 3

O narrador diz que chama a atenção apenas para o velho da orquestra, mas vai nomeando detalhadamente as pessoas e as circunstâncias que as envolvem. Ao proceder assim:

a) a intenção do narrador é deixar na sombra ou ofuscar aquilo para o qual está prometendo não chamar a atenção?

b) pode-se dizer que o narrador está estabelecendo uma hierarquia entre os dois planos postos em contraste? No caso, qual dos dois planos ganha mais destaque nesse confronto?

QUESTÃO 4

Nas linhas 14 a 16, o narrador insiste em dizer: *"... limito-me a mostrar-lhes uma cabeça branca, a cabeça desse velho que rege a orquestra..."*

a) De fato, é apenas a cabeça desse velho que está em foco?

b) Ao concentrar o foco na *cabeça branca* para qual característica do regente o narrador está dando destaque?

QUESTÃO 5

Observe a passagem que segue: *"Mestre Romão é nome familiar; e dizer familiar e público era a mesma cousa em tal matéria e naquele tempo"*.

a) O que quer dizer o narrador com "*em tal matéria*"?

b) No contexto em que está inserido, que significado se pode atribuir à afirmação de que *"dizer familiar e público era a mesma cousa..."*?

QUESTÃO 6

O fato de Mestre Romão não ter nome público diferente do familiar, segundo o texto, diminui-lhe a importância? Explique sua resposta.

QUESTÃO 7

O narrador faz referência a um contraste importante nas atitudes de Mestre Romão. Qual é esse contraste?

QUESTÃO 8

Coerentemente com o que o narrador anuncia logo no início do conto, Mestre Romão continua sendo o foco das atenções em todo o percurso do texto?

QUESTÃO 9

A leitura do texto permite afirmar que:

a) naquela época havia muitas formas de diversão pública na cidade do Rio de Janeiro.

b) o Rio daquela época era palco de muitos espetáculos de companhias variadas.

c) José Maurício era parceiro de João Romão em certas composições musicais.

d) a missa sob a regência de João Romão era espetáculo garantido.

e) quando se apagavam as luzes da igreja, o rosto de João Romão ficava ensombrecido.

QUESTÃO 10

Logo no início do romance *Quincas Borba*, o narrador começa a relatar a condição ambígua de Rubião, ex-professor que, pela herança recebida, passa a ser capitalista.

Na passagem que segue, o narrador reproduz em discurso direto a satisfação de Rubião pela sorte de ter herdado a fortuna de Quincas Borba.

— Vejam como Deus escreve direito por linhas tortas, pensa ele. Se mana Piedade tem casado com Quincas Borba, apenas me daria uma esperança colateral. Não casou; ambos morreram, e aqui está tudo comigo; de modo que o que parecia uma desgraça...

Logo a seguir, o narrador comenta:

Que abismo que há entre o espírito e o coração! O espírito do ex-professor, vexado daquele pensamento, arrepiou caminho, buscou outro assunto, uma canoa que ia passando; o coração, porém, deixou-se estar a bater de alegria.

Machado de Assis. *Quincas Borba*. 12 ed. São Paulo, Ática, 1993. p. 13.

As reticências, no final no discurso direto, indicam ruptura da continuidade do pensamento de Rubião.

a) Levando em conta dados do contexto, essa ruptura foi provocada por um ato de censura. Quem é o censor, quem é o censurado?

b) Qual seria a continuidade do discurso, caso não houvesse o corte da censura?

c) Se em vez do uso das reticências, o narrador completasse o discurso de Rubião, produziria o mesmo efeito de sentido?

QUESTÃO 11

O texto que vem a seguir foi publicado no “Painel” da *Folha de S. Paulo*:

SEM COMENTÁRIOS

Do delegado regional do Ministério da Educação no Rio, Antônio Carlos Reboredo, ao ler ontem um discurso de agradecimento ao seu chefe, o ministro Eraldo Tinoco: “Os convênios assinados traduz (sic)[1]

os esforços...”

Painel, *Folha de S. Paulo*, 12 set. 1992.

O título da nota acima, “Sem comentários”, é, na verdade, um comentário que expressa o ponto de vista do jornal, motivado por um problema gramatical no discurso lido por A. C. Reboredo.

a) Que problema gramatical provocou o comentário do jornal?

b) Explicite o comentário que está sugerido, neste caso específico, pela expressão “sem comentários”.

QUESTÃO 12 (UNICAMP)

A coluna “Painel” do jornal *Folha de S.Paulo* publicou a seguinte nota:

LITERALMENTE

Desde a divulgação da pesquisa Data-Folha mostrando que 79% não sabem que Fernando Henrique é o novo ministro da Fazenda, seus adversários no Congresso criaram um novo apelido para ele: “Ilustre desconhecido”.

Folha de S. Paulo, 31 maio 1993.

a) Quais os sentidos da expressão “ilustre desconhecido” quando usada habitualmente em relação a alguém, e como apelido de Fernando Henrique Cardoso?

b) Uma dessas duas interpretações de “ilustre desconhecido” resulta num paradoxo[2]. Diga qual é essa interpretação e justifique.

c) O título “Literalmente” é adequado à nota? Por quê?

QUESTÃO 13

Leia o trecho que segue, extraído da seção “Frases” da *Folha de S. Paulo*, onde se registram as frases que, por algum motivo, mereceram destaque no dia anterior:

EUFEMISMO

Pode haver uma redução da oferta de postos de trabalho, em função das medidas que tiveram que ser tomadas para que o Real prosseguisse seu rumo.

Marco Maciel, vice-presidente da República.

a) Qual é a expressão usada pelo vice-presidente com a intenção de atenuar uma palavra socialmente destoante?

b) Qual é a palavra que o vice-presidente quis evitar?

c) Qual a possível intenção do jornal ao selecionar esse trecho como uma frase de destaque?

QUESTÃO 14

O texto que segue é um fragmento extraído de um inflamado discurso antiescravagista de um negro norte-americano, Frederick Douglas, pronunciado em 1852 por ocasião da comemoração do Dia da Independência. Aproveitou-se da ocasião para, com o “ferro em brasa” das suas palavras, repreender e despertar a consciência nacional comprometida com a prática da escravidão.

Ora, deveria eu argumentar que é errado seviciar os homens, privá-los da liberdade, forçá-los a trabalhar sem pagamento, mantê-los ignorantes de suas relações com seus iguais, golpeá-los com pedaços de pau, açoitá-los com o chicote, algemar-lhes braços e pernas, persegui-los com cães de caça, vendê-los em leilões públicos, despedaçar suas famílias, arrancar-lhes os dentes à força bruta, queimar-lhes a pele, submetê-los à inanição da obediência e subserviência ao feitor? Deveria eu argumentar que um sistema assim manchado a sangue, e maculado pelo aviltamento, está errado? Não! Não farei isso. Tenho melhor emprego para meu tempo e minhas forças do que fariam supor argumentos desse tipo.

(...) Numa época como esta, é necessário o ferro em brasa, não o argumento convincente. Ah, se eu tivesse a habilidade, e pudesse chegar aos ouvidos da nação, iria hoje verter uma abrasadora torrente de escárnio mordaz e reproches ensurdecedores, de intimidante sarcasmo e vigorosa represália. Pois não é a luz que se faz necessária, mas o fogo; não é a chuva delicada, mas o trovão.

William Bennett. *O livro das virtudes*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1995. p. 168.

a) Ao dizer que não vai usar argumentos contra os abusos da escravidão, ele de fato cita vários deles. Que nome se dá a esse tipo de recurso?

b) No final do primeiro parágrafo, o orador diz que tem melhor emprego para as suas forças do que usar os argumentos acima citados. O que, segundo ele, é mais produtivo que os argumentos convincentes?

c) Após enumerar todas as atrocidades que se fazem com os escravos, o orador diz que esses argumentos não são necessários, apesar de os citar. Que efeito de sentido produz esse recurso?

d) Ao falar daquilo que é necessário usar para convencer o povo a envergonhar-se da escravidão, o orador usa uma sequência de expressões exageradas: *"ferro em brasa"*, *"abrasadora torrente de escárnio"*, *"reproches ensurdecedores"*, *"fogo"*, *"trovão"*.

Que nome se dá à figura que faz uso desses exageros? Que efeito de sentido produz no texto?

PROPOSTA DE REDAÇÃO

QUEM SÃO OS HERÓIS DE NOSSA GENTE?

O que não falta na História do Brasil são heróis: Cabral, o que descobriu; Martim Afonso, o que colonizou; Anchieta, o que catequizou; Paes Leme, o que desbravou; Calabar, o que traiu; Tiradentes, o que antecipou; d. Pedro I, o que gritou; d. Pedro II, o que dançou; princesa Isabel, a que redentou; Caxias, o que espadou; Deodoro, o que proclamou; Oswaldo Cruz, o que saneou; Santos Dumont, o que voou; Bilac, o que obrigou; Getúlio, o que se matou; Pelé, o que marcou; e Roberta Close, a que mudou...

Para cada herói uma marca: os passos de nosso atraso.

Nas escolas ainda se ensina que o Brasil se tornou independente pelo grito de d. Pedro I. Aliás, tentaram de tudo para fazer de d. Pedro um herói, jogaram até um famoso ator de televisão em cima dele. Não deu certo. Suas cinzas, que estavam em Portugal (ele morreu como d. Pedro IV, rei de Portugal), foram trocadas por um volume dos *Lusíadas*, de Camões, de uma rara edição do século XVI. Os portugueses levaram a poesia. Nós, os inteligentes, ficamos com as cinzas de um herói desacreditado.

Nessa história de d. Pedro se "*esquece*", por exemplo, que ele mandou fuzilar um verdadeiro líder

popular e revolucionário: Frei Caneca, que liderou a Confederação do Equador, em 1824, em Pernambuco. Também se esquecem os seus compromissos estrangeiros (principalmente com a Inglaterra) e com a classe dominante local.

Um certo exemplo que poderia ser visto é o mito do herói bandeirante. Como sabemos, as entradas e bandeiras do século XVI tinham como objetivo penetrar no território brasileiro, a partir de São Paulo, para a obtenção de metais preciosos e escravos. A ação dos bandeirantes era puramente predatória, para não dizer criminosa. Porém, no século XIX, quando se consolida em São Paulo uma aristocracia, fundamentada na exploração do café, se cria também um mito. Na verdade, ideologia: a de que essa classe tinha como antepassados figuras heroicas e desbravadoras. O que era restrito a um grupo passou a permear o todo da sociedade.

Porém, a dinâmica da sociedade paulista, num ritmo de transformações aceleradas, fez com que os próprios filhos dessa aristocracia questionassem seus mitos. E hoje os bandeirantes são vistos mais próximos do que na verdade foram.

A crítica aos heróis, por outro lado, nem sempre tem sido tranquila. Dois exemplos: em 1978, um cronista do jornal *Folha de S. Paulo* foi preso, enquadrado na Lei de Segurança Nacional, porque "ousou" comparar um simples soldado que morreu salvando uma criança num zoológico com o patrono do Exército Nacional: duque de Caxias. Acusação: ofensa aos "heróis da Pátria". Em 1983, um jovem escritor e historiador do Rio Grande do Sul, chegou a ser ameaçado de morte por publicar um pequeno livro onde documenta que o maior "herói" rio-grandense, Bento Gonçalves, era contrabandista de cavalos e aliado das classes dominantes, dos estancieiros e latifundiários.

Martin Cezar Feijó. *O que é herói*. São Paulo, Brasiliense, 1984. p. 45-7.

Dadas essas reflexões acerca das possíveis motivações do surgimento e da consagração da figura do herói, é fácil imaginar que, no interior de vários textos, ele tenha sido alvo de sátiras e de desconcertantes ironias.

Levando em conta o seu conhecimento de mundo, escolha um herói de nossa cultura que, segundo o seu modo de ver as coisas, mereça ser alvo de ironia e construa um texto com o propósito de ironizá-lo.

1 sic: palavra latina que significa "assim"; no caso, é usada pelo jornal com o sentido de "exatamente desta forma".
2 paradoxo: contrassenso, contradição.

LIÇÃO 22

No final do conto "O burrinho pedrês",de Guimarães Rosa, o narrador descreve a fúria de uma enchente com as seguintes palavras, que imitam o próprio som das águas revoltas: "E, no bramido daquele mar, os muitos sons se dissociavam — grugulejos de remoinhos, sussurros de remansos, chupões de panelas, chapes de encontros de ondas, marulhar de raseiras, o tremendo assobio dos vórtices de caldeirões, circulares, e o choro apressado dos rabos-de-corredeira borborinhantes".

Guimarães Rosa, Sagarana.

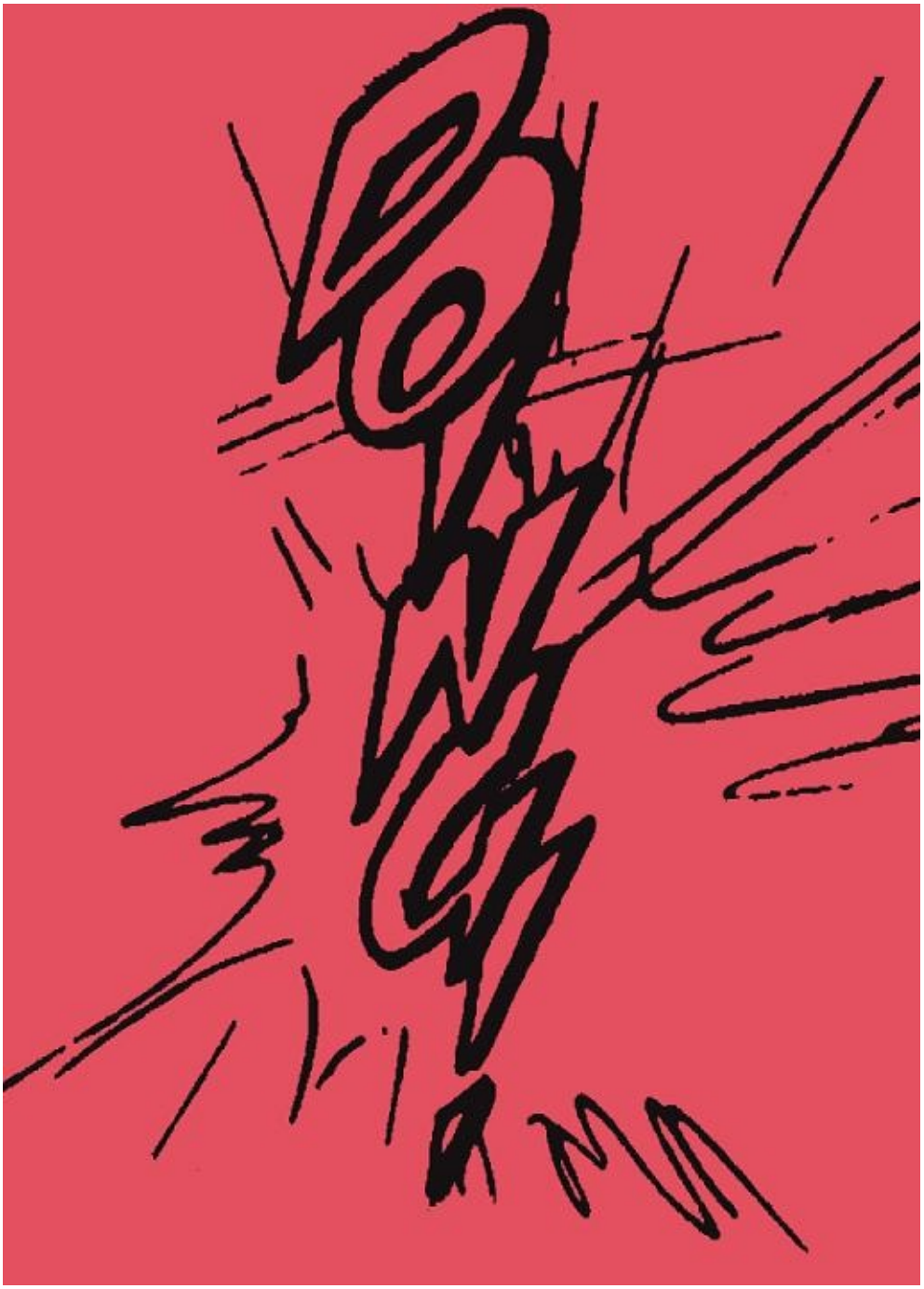

A criação de onomatopeias — palavras que procuram imitar a sonoridade produzida por um objeto ou por uma ação — é um recurso frequente nas histórias em quadrinhos. O efeito pretendido é o de recriar a sensação sonora que o leitor teria se estivesse participando diretamente da ação narrada. O desenho das letras e sua disposição na página contribuem para atingir o objetivo pretendido.

Lobo Solitário, quadrinhos de Kazuo Koike e Goseki Kojima.

LIÇÃO 22

O Plano Sonoro e a Disposição das Palavras no Texto

Leia os textos que seguem: o primeiro é um fragmento de uma reportagem, publicada na revista *Veja*, sobre o Trem de Prata; o segundo, um poema de Ascenso Ferreira.

A) **Trilha nostálgica**

Diz a revista de apresentação do Trem de Prata: "O percurso de 440 quilômetros entre Rio e São Paulo é percorrido em nove horas, com o trem atingindo a velocidade média de 75 quilômetros por hora. Aqui vale lembrar que o trem terá pontualidade britânica". Britanicamente, o trem deixou a estação Barão de Mauá, no Rio de Janeiro, com quarenta minutos de atraso. Atracou em São Paulo, na estação Barra Funda, às 7h05 da sexta-feira passada. Era esperado para as 6. Dez horas antes, quando a sirene da antiga estação Leopoldina soou e a máquina prateada começou a ranger no dormente, José Henrique Viana, superintendente do percurso, suspirou aliviado: "Trem é assim: quando começa a andar, acabam os problemas". (...) A viagem inaugural do Trem de Prata, quase quatro anos depois da desativação do antigo Expresso Santa Cruz, começava ali. Casas verdes e rosa, favelas e bares com mesas na calçada o veriam passar entre as duas maiores cidades do país numa madrugada quente de dezembro.

Veja, :100, 14 dez. 1994.

B) O sino bate,
O condutor apita o apito,
solta o trem de ferro um grito,
põe-se logo a caminhar...
— Vou danado pra Catende,
vou danado pra Catende,

vou danado pra Catende
com vontade de chegar...

Mergulham mocambos
nos mangues molhados,
moleques, mulatos,
vêm vê-los passar...

Ascenso Ferreira. *Cana caiana*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1939. p. 65.

A linguagem estrutura-se em dois planos: o do **conteúdo**, que compreende os sentidos que se transmitem, e o da **expressão**, que é constituído pelo veículo dos sentidos. Na linguagem verbal, são os sons que veiculam os significados, que fazem chegar ao ouvinte os conteúdos que o falante quer transmitir. Constituem eles, pois, o plano da expressão.

No primeiro texto, que narra a viagem inaugural do Trem de Prata, um comboio de luxo que liga as cidades de São Paulo e Rio, o leitor não se importa com a cadeia sonora. Passa por cima do plano da expressão, para se concentrar no conteúdo. O que interessa é *o que o texto diz*. Apreendendo-se o significado, podem ser esquecidas as palavras que o veiculam, e o conteúdo pode ser apresentado com outros termos.

No segundo texto, a relação do leitor com o plano da expressão põe-se de maneira diferente. O material sonoro organiza-se de tal modo que manifesta conteúdos. Recriam-se, no plano da expressão, elementos do conteúdo. O poema está estruturado em três grupos de quatro versos. No primeiro grupo, o primeiro verso tem acento na 2ª e na 4ª sílabas; o segundo, na 4ª, na 6ª e na 8ª; o terceiro, na 1ª, na 3ª e na 5ª; o quarto, na 1ª, na 3ª e na 7ª . O segundo grupo é constituído de redondilhas maiores (versos de 7 sílabas), com acento na 3ª e na 7ª sílaba. O terceiro é composto de redondilhas menores (versos de 5 sílabas), com acento na 2ª e na 5ª sílaba. O primeiro grupo de versos não tem os acentos distribuídos de maneira uniforme. O segundo e o terceiro sim. Esse arranjo dos acentos, auxiliado pelo fato de os versos terem o mesmo número de sílabas, cria um ritmo. O acento é um fato do plano da expressão e em si não tem nenhum significado. No entanto, ao produzir um ritmo, passa a ter um papel na construção do sentido do texto.

A ausência de ritmo do primeiro grupo de versos indica as ações não ritmadas que se executam na partida do trem. O ritmo do segundo grupo e os versos de sete sílabas mostram o movimento cadenciado, mas não excessivamente rápido, do trem. Os acentos regulares e metro menor (5 sílabas) dos versos do terceiro grupo produzem um ritmo rápido, homólogo ao das coisas que passam pela janela do trem.

Como se vê, o texto, como aliás o fazem, em geral, os textos poéticos, recria no plano da expressão o plano do conteúdo. O plano do conteúdo fala do movimento do trem e das coisas que se veem de suas janelas, e o da expressão mostra o ritmo do trem e a rapidez com que as coisas passam por ele. O material sonoro contribui para produzir significação, o plano da expressão é colocado em função do conteúdo. Em outras palavras, no texto poético, os elementos da cadeia sonora recriam, de algum modo, o significado presente no plano do conteúdo.

Vamos estudar os recursos de expressão mais comumente explorados na construção de textos.

1. VALOR EXPRESSIVO DOS SONS

RITMO

Diz-se que o coração tem ritmo, porque ele pulsa, alternando batidas e pausas. O ritmo está, então, ligado ao caráter regular de uma marcação (no caso do coração, a batida, também chamada diástole). É a distribuição de uma duração numa sequência regular de intervalos. No poema, o ritmo deve-se à alternância regular de sílabas fortes (tônicas) e fracas (átonas).

Observe a última estrofe do poema *A tempestade*, de Gonçalves Dias:

Nos últimos cimos dos montes erguidos
Já silva, já ruge do vento o pegão,
Estorcem-se os leques dos verdes palmares,
Volteiam, rebramam, doudejam nos ares,
Até que lascados baqueiam no chão.

Essa estrofe é formada de cinco versos endecassílabos (de 11 sílabas), com acento na 2ª, na 5ª, na 8ª e na 11ª sílabas. A tempestade está agora no seu clímax. O verso longo mostra que ela a tudo abarca. O ritmo martelado indica sua fúria. É preciso ainda levar em conta que o acúmulo de consoantes sibilantes (s/z), bem como de laterais (l) e vibrantes (r) revela o silvar furioso do vento, ao passo que o das oclusivas (t/b/d/c/q) simula a queda das árvores.

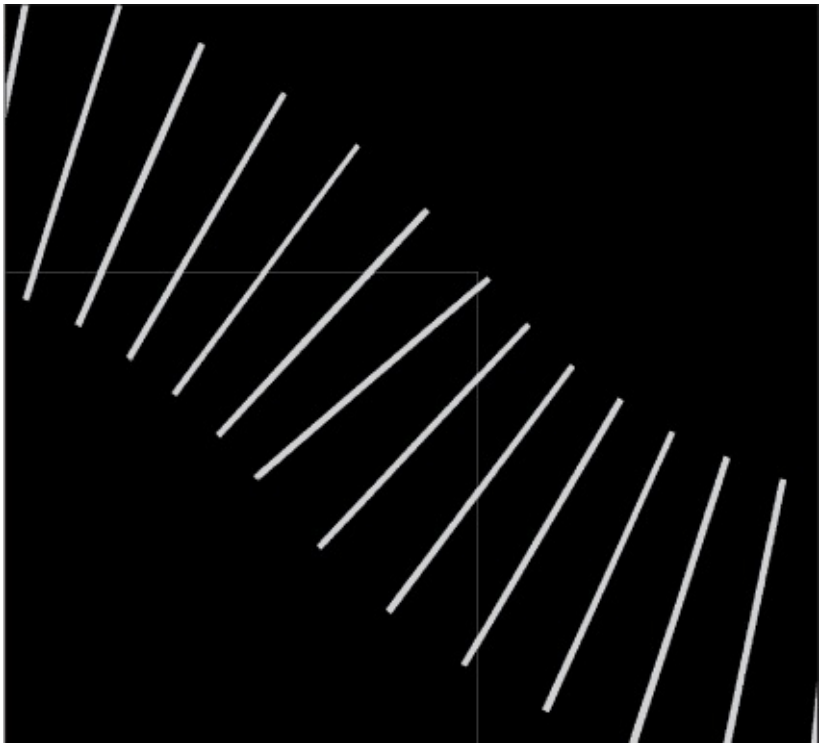

Vibração ondular, pintura de Luís Sacilotto, de 1953, pertencente ao acervo da Pinacoteca do Estado, São Paulo.

A sugestão de ritmo está presente em diversas manifestações da linguagem visual, em particular na pintura abstrata. Nesta obra, tal sugestão é dada pela sucessão de elementos lineares idênticos, repetidos em intervalos regulares e ordenados no campo do quadro, simulando o movimento de uma onda.

A regularidade da posição do acento, que permite alternância de sílabas fortes e fracas, cria o ritmo do poema. Outro elemento criador de ritmo é a repetição de sons e palavras, como veremos mais adiante. A métrica (medida dos versos, ou seja, seu número de sílabas) também se destina a produzir ritmo. Os versos regulares do português têm de 1 a 12 sílabas.

Outro elemento que serve para construir o ritmo é o refrão (conjunto de versos que se repete ao longo do poema). Ele serve também para acentuar determinados elementos significativos do texto. Observe que,

nos poemas abaixo, de Cassiano Ricardo, é exatamente o refrão que permite dar a eles o nome de "Ladainha", pois ele representa a fórmula breve, recitada ou cantada pelos que assistem à reza, depois de cada invocação que compõe essa prece. Evidentemente, no primeiro poema o nome "Ladainha" vem do refrão bem ritmado; no segundo, o refrão assemelha-se não só formalmente, mas também pelo conteúdo com a fórmula litúrgica repetida depois de cada invocação da ladainha (*Rogai por nós*).

LADAINHA	LADAINHA II
Por se tratar de uma ilha [deram-lhe o nome de ilha de Vera Cruz. Ilha cheia de graça Ilha cheia de pássaros Ilha cheia de luz.	Por que o raciocínio, os músculos, os ossos? A automação, ócio dourado. O cérebro eletrônico, o músculo mecânico mais fáceis que um sorriso.
Ilha verde onde havia mulheres morenas e nuas anhangás a sonhar com [histórias de luas e cantos bárbaros de pajés em [poracés batendo os pés.	Por que o coração? O de metal não tornará o homem mais cordial, dando-lhe um ritmo extracorporal?
Depois mudaram-lhe o nome pra terra de Santa Cruz. Terra cheia de graça Terra cheia de pássaros Terra cheia de luz. A grande Terra girassol onde [havia guerreiros de [tanga e onças ruivas [deitadas à sombra das [árvores mosqueadas de sol.	Por que levantar o braço para colher o fruto? A máquina o fará por nós. Por que labutar no campo, na [cidade? A máquina o fará por nós. Por que pensar, imaginar? A máquina o fará por nós. Por que fazer um poema? A máquina o fará por nós. Por que subir a escada de Jacó? A máquina o fará por nós.
Mas como houvesse, em [abundância, certa madeira cor de sangue [cor de brasa e como o fogo da manhã [selvagem fosse um brasido no carvão [noturno da paisagem,	Ó máquina, orai por nós. Cassiano Ricardo. *Jeremias sem-chorar*. 2. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1968. p. 20.
e como a Terra fosse de [árvores vermelhas e se houvesse mostrado assaz [gentil, deram-lhe o nome de Brasil. Brasil cheio de graça Brasil cheio de pássaros Brasil cheio de luz. Cassiano Ricardo. *Martim Cerere*. São Paulo, Nacional, 1947. p. 53-4.	

RIMA

Rima é a coincidência de sons no final de versos diferentes, ou também no interior do mesmo verso.

Tem ela várias funções: assinalar ritmicamente o final dos versos; estruturar os versos em estrofes e estas em poemas; realçar a ideia contida nos termos rimados; aproximar e opor significados.

Observe o poema abaixo, de Oswald de Andrade:

RELICÁRIO

No baile da Corte
Foi o Conde d'Eu quem disse
Pra Dona Benvinda
Que farinha de Suruí
Pinga de Parati
Fumo de Baependi
É comê bebê pitá e caí

Oswald de Andrade. *Pau-Brasil.* São Paulo, Globo/Secretaria de Estado da Cultura, 1990. p. 88.

Os termos rimados referem-se a coisas que produzem o mesmo efeito: *caí*. A rima acentua esse efeito.

Projeto de Inkeri Leivo, de 1965, para empresa finlandesa.

Nesta família de objetos existem grandes diferenças na conformação geral das peças — pratos são muito diferentes de xícaras ou bules. Apesar disso, elas formam um conjunto harmônico. De maneira análoga à rima na linguagem verbal, a repetição de certos detalhes do desenho das peças é a responsável por estabelecer esse sentido de unidade e harmonia do conjunto.

ALITERAÇÃO

Aliteração é a repetição insistente da mesma consoante ou de consoantes com propriedades fônicas similares. Nos versos abaixo, de *Os lusíadas*, a repetição de consoantes oclusivas, especialmente do /t/, mostra a explosão que a tempestade produzia:

Em tempo de tormenta e vento esquivo,
De tempestade escura e triste pranto

V, 18, 3-4.

Neste poema de Cecília Meireles, temos a sugestão do crescer e explodir da bolha com a aliteração do /lh/:

Relevo 124, obra de Sérgio Camargo, de 1966.

De maneira análoga ao recurso da aliteração na linguagem verbal, esta obra explora a repetição regular de um mesmo elemento. Neste caso, o objetivo é produzir um efeito de vibração sobre uma superfície.

BOLHAS

Olha a bolha d'água
no galho!
Olha o orvalho!

Olha a bolha de vinho
na rolha!
Olha a bolha!

Olha a bolha na mão
que trabalha!

Olha a bolha de sabão
na ponta da palha:
brilha, espelha
e se espalha.
Olha a bolha!

Olha a bolha

que molha
a mão do menino:

A bolha da chuva da calha!

Cecília Meireles. *Obra poética*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1985. p. 726.

Nesta estrofe do poema "Violões que choram", de Cruz e Sousa, a aliteração da constritiva lábio-dental /v/ sugere o choro do violão:

Vozes veladas, veludosas vozes,
Volúpias dos violões, vozes veladas,
Vagam nos velhos vórtices velozes
Dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas.

Poesias completas. Rio de Janeiro, Ediouro, 1965. p. 99.

Outros exemplos de aliteração:

A brisa do Brasil beija e balança.

Castro Alves, *O navio negreiro*.

Como eu bato batucada Beto bate bola.

Sérgio Ricardo, *Beto bom de bola*.

ASSONÂNCIA

A assonância é a repetição reiterada das mesmas vogais ou de vogais com a mesmas propriedades fônicas. O soneto "A cavalgada", de Raimundo Correia, principia com o verso

A lua banha a solitária estrada...

e termina com

A lua a estrada solitária banha.

Neles, a assonância do /a/, vogal muito aberta, parece indicar a claridade da lua.

Neste outro poema, de Cecília Meireles, a assonância do /i/ sugere que o frio era penetrante; a do /om, on/ indica o reboar do som do rio:

RIO NA SOMBRA

Som
frio.

Rio
sombrio.

O longo som
do rio
frio.

O frio
bom
do longo rio.

Tão longe,
tão bom,
tão frio
o claro som
do rio
sombrio!

Cecília Meireles, op. cit., p. 727.

ONOMATOPEIA

A onomatopeia ocorre quando o plano de expressão de uma palavra ou de um conjunto de palavras, isto é, os sons que os compõem, imita o som do objeto representado. São onomatopeias, por exemplo, *zás*, *pimba*, *dlindlão*, *plim-plim*, *tique-taque*. Leia este texto de Monteiro Lobato:

... a menina não fazia outra coisa senão chupar jabuticaba... Escolhia as mais bonitas, punha-as entre os dentes e tloque. E depois do tloque, uma engolidinha de caldo e plufe! caroço fora. E tloque, tloque, plufe, tloque, plufe, lá passava o dia inteiro na árvore.

Monteiro Lobato. *Reinações de Narizinho*. 2. ed. São Paulo, Brasiliense, 1950. p. 34.

Como se vê, há palavras cujos sons simulam o estouro das jabuticabas (*tloque*) ou o barulho da expulsão do caroço (*plufe*).

Veja um outro exemplo, fragmento de um poema de Manuel Bandeira:

VOZES NA NOITE

Cloc cloc cloc...
Saparia no brejo?
Não, são os quatro cãezinhos policiais bebendo água.

Manuel Bandeira. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1983. p. 300.

2. DISPOSIÇÃO DAS PALAVRAS

A disposição das palavras no texto pode servir para realçar algum elemento do plano do conteúdo. As formas mais comuns de dispor as palavras e, assim, obter algum efeito de sentido são:

Gradação

É a disposição de uma série de elementos, em progressão crescente, do menos para o mais intenso, ou decrescente, do mais para o menos forte. A gradação destina-se a dar destaque ao último elemento, nele concentrando a força semântica maior:

Este mundo não é pátria nossa, é desterro; não é morada, é estalagem; não é porto, é mar por onde navegamos (Bernardes).

Uma palavra, um gesto, um olhar bastava, para que os filhos obedecessem.

O texto abaixo, retirado do *Sermão histórico e panegírico nos anos da rainha d. Maria Francisca Isabel de Saboia*, de Vieira, é constituído de uma série de gradações. Para ficar apenas numa delas, observe-se que o orador diz que a guerra é um *monstro que se sustenta das fazendas, do sangue, das vidas*. A gradação mostra a ordem crescente dos prejuízos que a guerra causa: acaba com os bens materiais, deixa pessoas feridas e mutiladas, tira vidas.

Começando pela desconsolação da guerra, e guerra de tantos anos, tão universal, tão interior, tão contínua: oh que temerosa desconsolação! É a guerra aquele monstro que se sustenta das fazendas, do sangue, das vidas, e quanto mais come e consome, tanto menos se farta. É a guerra aquela tempestade terrestre, que leva os campos, as casas, as vilas, os castelos, as cidades, e talvez em um momento sorve os reinos e monarquias inteiras. É a guerra aquela calamidade composta de todas as calamidades, em que não há mal algum, que, ou se não padeça, ou se não tema; nem bem que seja próprio ou seguro. O pai não tem seguro o filho, o rico não tem segura a fazenda, o pobre não tem seguro seu suor, o nobre não tem segura a honra, o eclesiástico não tem segura a imunidade, o religioso não tem segura sua cela; e até Deus nos templos e sacrários não está seguro.

Antônio Vieira. *Sermões*. Porto, Lello, 1959. v. 14, p. 361.

Inversões

As alterações da ordem “normal”, habitual das palavras têm na retórica os nomes de hipérbato, anástrofe, sínquise e prolepse. No entanto, como a fronteira entre cada um desses tipos de inversão nem sempre é muito nítida, ficaremos com o termo geral *inversão*. Inverte-se a ordem chamada direta, que é a ordem sentida como mais frequente, para dar realce a um termo. Por exemplo, o predicativo vem habitualmente depois do verbo de ligação; o objeto direto vem posposto ao verbo; o adjetivo, ao substantivo; o predicado, ao sujeito. Neste exemplo de Gonçalves Dias, no entanto, eles aparecem antepostos a eles:

Em *fundos* vasos *d’alvacenta* argila
    Ferve o cauim;
Enchem-se as copas, o prazer começa,
    Reina o festim.
O prisioneiro, cuja morte anseiam,

Sentado está,
O prisioneiro, que *outro sol no ocaso*
Jamais verá!
A *dura* corda, que lhe enlaça o colo,
Mostra-lhe o fim
Da vida escura, que será mais breve
Do que o festim!
Contudo os olhos *d'ignóbil* pranto
Secos estão;
Mudos os lábios não descerram queixas
Do coração.

Gonçalves Dias. *Poesia*. 4. ed. Rio de Janeiro, Agir, 1967. p. 29.

Cenas da vida brasileira — 1930, gravura de João Câmara, de 1974.

Nesta obra, o artista representa um corpo nu, com a cabeça deslocada de seu lugar natural, um recurso análogo ao da inversão na linguagem verbal. O efeito obtido é o de acentuar a atmosfera de pesadelo e brutalidade na qual a cena está mergulhada.

PARALELISMO SINTÁTICO

Nesse caso, repete-se ao longo do texto a mesma construção sintática e não as mesmas palavras. O paralelismo ou simetria destina-se a evidenciar que à construção similar correspondem conteúdos similares. Em geral, os elementos coordenados entre si devem apresentar uma simetria sintática. Não é boa construção a seguinte frase: Fiquei furioso com sua indiferença e quando me disse que não o esperasse. Tome-se o seguinte exemplo, extraído de um dos sermões de Vieira:

Diz Salomão que três cousas, ou três vias, lhe são muito dificultosas de entender: a via da serpente na pedra, a via da nau no mar, a via da águia no ar (...) E que dificuldade têm essas três vias, para que a sabedoria do mesmo Salomão as não entenda? A dificuldade é uma só, e a mesma em todas três; porque todas são vias sem rasto, nem vestígio. A via da serpente na pedra é via sem rasto, nem vestígio; porque a pedra o não admite, por ser dura e sólida; a via da nau no mar é sem rasto, nem vestígio; porque o mar o não conserva, por ser inquieto e confuso; e a via da águia no ar é via sem rasto, nem vestígio; porque o ar não o demonstra, por ser diáfano e invisível.

Antônio Vieira, op. cit., v. 12, p. 408.

Trata-se de um paralelismo sintático, repete-se a construção: oração principal formada pelo sujeito *a via* + adjunto adnominal (*da* + substantivo) + adjunto adverbial (*em* + artigo + substantivo) + predicado nominal (*é via sem rasto, nem vestígio*) + oração subordinada adverbial causal formada da conjunção *porque* + sujeito (artigo + substantivo) + objeto direto pronominal (*o*) + advérbio de negação (*não*) + núcleo do predicado verbal + oração subordinada causal reduzida de infinitivo composta de *por* + verbo *ser* + predicativo do sujeito constituído de dois adjetivos coordenados entre si.

A função do paralelismo é mostrar que os significados transmitidos pelas construções paralelas são simétricos.

ENUMERAÇÃO CAÓTICA

Observe a seguinte estrofe de Whitman:

Sexo contém tudo, corpos, almas, Significações, provas, purezas, delicadezas, resultados, promulgações, Canção, ordens, saúde, orgulho, o mistério maternal e o leite seminal.

A woman waits for me. In: *Leaves of Grass and Selected Prose by Walt Whitman*. New York, Random House, 1950. p. 85.

A enumeração caótica é um conjunto de termos díspares colocados, sem qualquer princípio classificatório aparente, em uma enumeração extensa. No caso do nosso texto, esses termos aparecem como elementos equivalentes, pois são atribuídos ao sujeito *sexo*. A junção dessas palavras cria uma unidade significativa, afastada do mundo analítico habitual, para explicar a complexidade e a importância do sexo.

A Ticket Restaurante publicou na *Veja* de 21/12/1994, um anúncio de várias páginas, em que mostrava sua presença no mundo, onde tem, segundo a publicidade, 543 mil estabelecimentos filiados, atende 147 mil empresas clientes e beneficia 8 milhões de trabalhadores todos os dias. Para mostrar essa presença no mundo, consagrou páginas duplas à França, à Itália, à Espanha, ao México, à Argentina e ao Brasil. Para cada um desses países, havia um texto verbal constituído de uma enumeração caótica daquilo que é relevante para caracterizá-lo. Vejamos os textos referentes à Itália e ao Brasil:

Itália de Bernini,
de Paganini, de Fetuccine,
de Rigoletto, de Via Veneto,
do Amaretto, de Puccini, de Caruso,
de Toscanini, da Cantina, de Verdi, da Sistina,
das Piazzas, de Pisa, de Pizza, da Fontana,
da Parmeggiana, da Mamma, da Nonna,
da Madonna, da Azurra, do Triplo Burro,
de Pirandello, do Coliseo, do Carabinieri, do Capuccino,
do Bambino, do Tramezzino, de Caracalla,

do Gorgonzola, da Bracciola, de Dante, do Chianti.
Itália do Ticket Restaurante.

Brasil do Guimarães, de Machado, de Amado,
de Samba, de Bamba, de Mané, de Feijão,
de João, de Zé, de Praia, de Mangueira,
da Capoeira, de Cachaça, de Cartola,
de Bola, de Carambola, de Noel,
de Tucupi, de Chorinho, da Cuíca,
do Chico, da Zica, da Paulista,
da Aquarela, do Trilegal,
do Orra meu, do Forró, do Axé,
do Redentor, do Calor, do Pandeiro,
do Mulato Inzoneiro, do Torresmo,
do Virado, dos Mil tons.
Brasil do Ticket Restaurante.

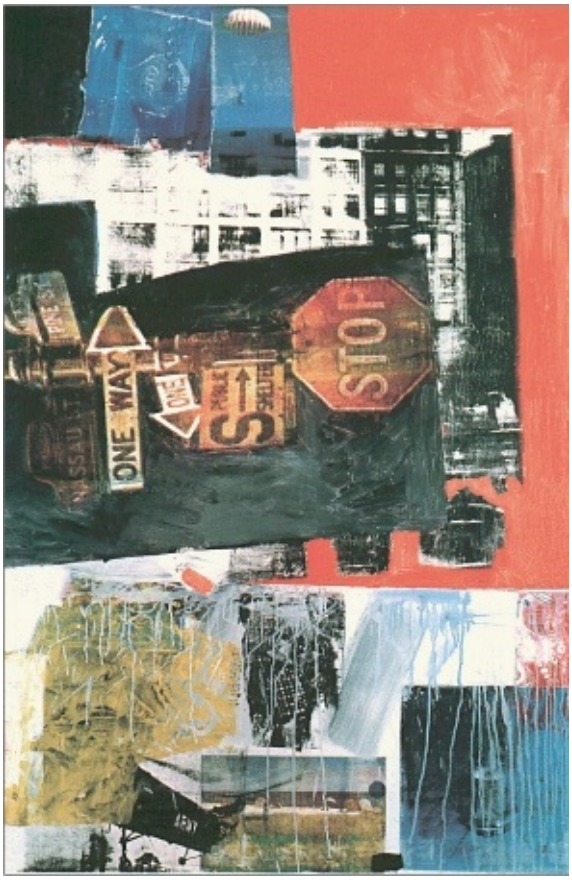

Lugar, obra de Robert Rauschenberg, de 1963.

Nesta obra, o artista norte-americano Robert Rauschenberg faz uso de um recurso análogo ao da enumeração caótica para representar a atmosfera de uma metrópole contemporânea, com sua paisagem marcada pela profusão de elementos justapostos aleatoriamente.

QUIASMO

O nome provém da letra *khi* do alfabeto grego, que se escreve em maiúscula. Consiste na colocação de palavras ou expressões em posição invertida.

Melhor é merecê-los sem os ter,

que possuí-los sem os merecer.
Camões, *Os lusíadas*, IX, 93, 7-8.

Os verbos *merecer* e *ter* (*possuir*) estão colocados em posição entrecruzada na oração.

Outros exemplos:

E zumbia, e voava, e voava, e zumbia

Machado de Assis. A mosca azul. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1979.

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
Carlos Drummond de Andrade. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1983. p. 80.

TEXTO COMENTADO

O trecho que segue é um poema de Manuel Bandeira:

DEBUSSY
Para cá, para lá...
Para cá, para lá...
Um novelozinho de linha...
Para cá, para lá...
Para cá, para lá...
Oscila no ar pela mão de uma criança
(Vem e vai...)
Que delicadamente e quase a adormecer o balança
— Psio... —
Para cá, para lá...
Para cá e...
— O novelozinho caiu.
Manuel Bandeira. *Estrela da vida inteira*. 4. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1973. p. 64.

O poeta vai acompanhando o movimento pendular de alguma coisa. Os versos, como um metrônomo, têm um ritmo que acompanha o movimento: *para cá, para lá*…

Esse ritmo é interrompido e explica-se o que estava oscilando: um novelozinho de linha. Deve-se notar, no entanto, que, depois de anunciar o objeto, as reticências interrompem a comunicação. É como se o poeta estivesse a contemplar a criança que estava para adormecer e parasse o que ia dizer para contemplar novamente o novelozinho na mão da criança: *para cá, para lá...*

Diz que o novelozinho *oscila no ar pela mão de uma criança*/ (...) *que delicadamente e quase a adormecer o balança*. Entre os dois versos da fala do poeta, há um verso, que aparece entre parênteses, a indicar que, enquanto o poeta fala, o movimento do novelo continua. Ele mostra que seu vaivém prossegue sempre igual: primeiro para cá (*vem*) e depois para lá (*vai*). As reticências revelam que o movimento é contínuo.

Depois de ter-nos informado que esse *para cá, para lá* (contínuo como mostram as reticências) é o movimento de um novelozinho de linha que oscila no ar pela mão de uma criança que delicadamente e quase a adormecer o balança, o poeta impede nossa manifestação com um *psio*, para não acordarmos a criança quase adormecida.

O ritmo do verso continua a recriar o ritmo do balanço. A interrupção do verso seguinte, que mostra o

movimento apenas numa direção, significa que a criança dormiu e, portanto, derrubou o novelo. O último verso reitera esse significado para nós.

O título do poema é o nome do compositor francês Debussy, que, ligado aos movimentos simbolista e impressionista, abriu um universo sonoro inteiramente novo, em que a sugestão ocupou o lugar de uma construção temática bem definida. Uma das obras de Debussy é *Children´s corner* (Recanto das crianças), coletânea de peças infantis que ele dedicou à filha. A peça mais conhecida dessa obra é "A menina de cabelos de linho", composta por movimentos descendentes (*vem*) e ascendentes (*vai*). A cadência harmônica final tem um movimento melódico descendente (*caiu*).

LIÇÃO 22 EXERCÍCIOS

O poema que vem a seguir foi composto por Manuel Bandeira:

TREM DE FERRO
Café com pão
Café com pão
Café com pão

Virge Maria que foi isto maquinista?

Agora sim
Café com pão
Agora sim
Voa, fumaça
Corre, cerca
Ai seu foguista
Bota fogo
Na fornalha
Que eu preciso
Muita força
Muita força
Muita força

Oô...
Foge, bicho
Foge, povo
Passa ponte
Passa poste
Passa pasto
Passa boi
Passa boiada
Passa galho
De ingazeira
Debruçada
No riacho
Que vontade

De cantar!

Oô...
Quando me prendero
No canaviá
Cada pé de cana
Era um oficiá
Oô...
Menina bonita
Do vestido verde
Me dá tua boca
Pra matá minha sede
Oô...
Vou mimbora vou mimbora
Não gosto daqui
Nasci no sertão
Sou de Ouricuri
Oô...

Vou depressa
Vou correndo
Vou na toda
Que só levo
Pouca gente
Pouca gente
Pouca gente...

Manuel Bandeira. *Estrela da vida inteira*. 4. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1973. p.145-6.

QUESTÃO 1

Uma olhada panorâmica nos dá conta de que o poema contém 53 versos distribuídos em 6 estrofes de tamanhos irregulares, formadas de versos que oscilam entre 1 e 12 sílabas. Essa distribuição não é feita ao acaso, mas guarda uma relação estreita com o significado contido nos versos e nas estrofes.

A primeira estrofe contém 3 versos de 4 sílabas e é logo seguida por uma estrofe de 12 sílabas.

a) O mais importante nesses três versos é o significado ou o efeito sonoro?

b) As palavras que constituem tais versos e o ritmo deles reproduzem aproximadamente o som do quê?

c) Qual é o nome que se dá a esse recurso imitativo de sons?

QUESTÃO 2

A segunda estrofe contém um só verso de 12 sílabas, extensão consideravelmente maior que a de todos os demais versos do poema.

a) Como interpretar essa significativa desproporção?

b) No plano do significado, a interjeição “Virge Maria” serve para exprimir uma reação emocional. De que emoção se trata?

c) Que ocorrência pode ter provocado essa emoção?

QUESTÃO 3

O primeiro verso da terceira estrofe assinala uma mudança em relação ao verso anterior.

a) Que palavra denota essa mudança?

b) Essa alteração veio interferir em benefício ou em prejuízo do movimento esperado? Explique sua resposta.

QUESTÃO 4

Na estrofe 3, mostra-se que o trem reassume o movimento normal. Os versos, inicialmente de 4 sílabas, passam, a partir de um certo ponto, a ter 3, com acento na 1ª e na 3ª .

a) Do ponto de vista da velocidade, essa alteração indica maior ou menor rapidez. Por quê?

b) No plano do sentido, os versos começam a descrever mudança de paisagem. Cite o verso que denota isso.

c) Ainda no plano do sentido, há versos que indicam aumento de potência da máquina. Cite-os.

QUESTÃO 5

Na estrofe 4 ocorre um verso de 2 sílabas, um de 4 e os demais de 3.

a) O que indica o verso de 2 sílabas?

b) Quanto ao sentido, do que falam esses versos?

c) Do ponto de vista da sonoridade, as vogais (*ó*, *a*) das sílabas fortes desses versos são dominantemente abertas e momentâneas; as consoantes se alternam: são momentâneas (p/b/ t/d) e não momentâneas (f/g/ch/v). Quanto ao ritmo, domina o verso de 3 sílabas, com acento na 1ª e na 3ª Que tipo de sensação criam esses recursos sonoros?

QUESTÃO 6

Na estrofe 5, há uma mudança de tema e de enunciador: não é mais a voz simulada do trem que “fala” e o tema não são mais os ruídos das engrenagens nem os objetos da paisagem.

a) Qual é o som que se ouve agora nessa altura do percurso?

b) Do que falam essas vozes?

c) Nos versos iniciais e em outros dois versos da quinta estrofe, nota-se a preocupação de escrever as palavras com uma ortografia mais aproximada da oralidade (*“Quando me prendero”*, *“Pra matá minha sede”*, *“Vou mimbora vou mimbora”*). Que efeito de sentido produz esse procedimento?

QUESTÃO 7

Na última estrofe, de 7 versos, voltam os versos de 3 sílabas com acentos na 1ª e na 3ª .

a) No plano do sentido, do que falam esses versos?

b) De que voz provém essa fala?

c) A sonoridade, nesta estrofe, é mais expressiva que o sentido das palavras?

QUESTÃO 8

Esse poema serve para exemplificar o fato de que em linguagem poética:

a) a sonoridade das palavras é tão ou, por vezes, mais importante do que o seu sentido.

b) o que se diz é sempre mais relevante do que o modo como se diz.

c) o plano do conteúdo entra em conflito com o plano de expressão, resultando daí o sentido global da obra.

d) entre o que se diz e o que se pretende dizer não há convergência.

e) o sentido das palavras, como em qualquer forma de linguagem, é sempre mais determinante.

QUESTÃO 9

O parlamentar é um "trabalhador" privilegiado. Costuma pegar no pesado apenas às quartas e quintas. É o único a dispor de final de semana de cinco dias. E estão pedindo aumento. Justo. Muito justo. Justíssimo.

Josias de Souza. *Folha de S. Paulo*, 14 nov. 1995. p. 1-2.

a) O adjetivo *justíssimo*, apesar de ser uma forma de grau superlativo, tanto quanto a expressão *muito justo*, possui uma conotação mais forte do que a expressão que vem antes? Pode-se dizer que há aí uma gradação?

b) Que efeito de sentido produz essa combinação irônica de palavras?

c) No discurso à nação que Getúlio Vargas deixou escrito, explicando os motivos de seu suicídio, encontra-se a seguinte passagem:

Tenho lutado mês a mês, dia a dia, hora a hora, resistindo a uma pressão constante.

A gradação que está presente nesse trecho é, em tudo, igual à anterior? O efeito de sentido é o mesmo?

QUESTÃO 10

A frase que segue, de autoria incerta, costuma ser citada como uma máxima com que os africanos traduzem mordazmente a exploração dos povos que os colonizaram:

Quando os colonizadores aqui chegaram, eles tinham a Bíblia e nós, a terra; quando partiram, nós ficamos com a Bíblia e eles, com a terra.

a) Como se chama essa combinação?

b) Que efeito de sentido produz?

PROPOSTA DE REDAÇÃO

A linguagem publicitária, como expediente de persuasão e de sedução do leitor, faz largo uso de variados recursos de sonoridade. É o caso de slogans famosos, como os que seguem:

DEU DURO, TOME UM DREHER.
KNORR É MELHOR.
ABUSE, USE C&A.
TOMOU DORIL, A DOR SUMIU.
FOGOS CARAMURU, OS ÚNICOS QUE NÃO
DÃO CHABU.
DURA LEX, SED LEX[1], NO CABELO SÓ GUMEX.
SE É BAYER, É BOM.
SE A MARCA É CICA, BONS PRODUTOS INDICA.
LAFONTE, A FECHADURA QUE FECHA E DURA.
PIRELLI É MAIS PNEU.

Suponha que você precise anexar um aviso em algum lugar e, com isso, chamar a atenção do leitor com uma frase de efeito.

Usando recursos ligados à sonoridade, elabore uma frase curta que chame a atenção e, a seguir, num texto mais ampliado, exponha mais detalhes sobre as informações que você quer transmitir.

Por exemplo:

Um comunicado para ninguém esquecer de levar a carteira de identidade numa excursão ou num concurso público.

Um aviso sobre cuidados que um usuário deve tomar antes de pôr em funcionamento uma máquina...

1 *Dura lex, sed lex* é uma expressão latina que significa: A lei é severa, mas é a lei.

LIÇÃO 23

A propósito da diferença entre texto não literário e texto literário, o poeta e ensaísta Paul Valéry diz que, num texto não literário, quando se resume, apreende-se o essencial; no literário, quando se resume, perde-se o essencial.

Nesta escultura, o artista não pretendeu transmitir nenhuma informação de caráter utilitário, mas apenas recriar esteticamente uma cabeça humana. Para isso, não obedeceu a formas, proporções ou cores habituais, mas produziu a obra segundo critérios de composição que dizem respeito à própria peça e aos materiais nela empregados.

Escultura de Mário Cravo Júnior, de 1986.

LIÇÃO 23

TEXTO LITERÁRIO E TEXTO NÃO LITERÁRIO

Leia os textos que seguem: o primeiro é um fragmento de uma reportagem, publicada pela revista *Veja*, sobre o ressurgimento de bailes de debutantes; o segundo, uma passagem do poema *A valsa*, de Casimiro de Abreu:´
´

A) **EFEITO CINDERELA**

Passa da meia-noite, nos salões do Buffet França, o mais luxuoso de São Paulo. Enfiado num smoking impecável, o locutor modula a voz ao anunciar: "E agora, com vocês, aquela que nos está proporcionando todas as emoções desta noite". Tonitruantes acordes da música *Carruagens de Fogo* sacodem o ambiente. Do fundo do corredor, um vulto de princesa avança sobre nuvens de gelo-seco. Trêmula. Lacrimosa. Fernanda ultrapassa a bruma artificial e caminha em direção ao pai, o empresário Eduardo Nersessian, sócio de uma construtora paulista. Os dois se encontram ao final de um túnel de raios laser. Eduardo tira do bolso um brilhante incrustado em platina e desliza o anel no dedo da filha — é a terceira joia que lhe dá naquela noite especial. Em seguida, valsam diante dos convivas enfatiotados a rigor.

A cena aconteceu no último sábado em São Paulo e marca o renascimento de um ritual que parecia enterrado na esteira da revolução dos costumes. Consideradas cafonas pelos teenagers da década de 80, as festas de 15 anos, que no passado eram chamadas de bailes de debutantes, ressuscitam com toda a força no panteão de sonhos de adolescentes.

Veja, :88, 9 nov. 1994.

B) A VALSA

Tu, ontem,
Na dança
Que cansa,
Voavas
Co'as faces
Em rosas
Formosas
De vivo,
Lascivo
Carmim;

Na valsa
Tão falsa,
Corrias,
Fugias,
Ardente,
Contente,
Tranquila,
Serena,
Sem pena
De mim!

Casimiro de Abreu. Poesia. 4. ed. Rio de Janeiro, Agir, 1974. p. 49-50.

O primeiro texto começa narrando o momento da valsa da aniversariante com o pai, numa luxuosa festa de quinze anos, para mostrar que essas festas, consideradas cafonas na década de 80, voltaram à moda. Nele, não importa o plano da expressão; o leitor atravessa-o e vai direto ao conteúdo para entendê-lo. O plano da expressão é ouvido e esquecido, pois o importante é apenas reter o conteúdo.

No segundo texto, todos os versos são dissílabos, com acento na segunda sílaba. Isso dá ao poema um ritmo ternário e, assim, recria, no plano da expressão, o conteúdo, isto é, o ritmo da valsa de que fala o poeta. Por isso, o plano da expressão não pode ser desprezado.

Ouvimos muito falar em literatura. Cabe, então, perguntar que é que distingue o texto literário do não literário. Esse assunto já foi objeto de muita discussão e, apesar disso, não há respostas definitivas para ele. Podemos, no entanto, apresentar os critérios mais usados atualmente para caracterizar o texto literário.

Antes de mais nada, é preciso descartar qualquer critério que se fundamente no tema abordado pelo texto. Não há conteúdos exclusivos da literatura nem avessos a seu domínio. Nesse aspecto, a única coisa que se pode afirmar é que, em certas épocas, os textos literários privilegiam certos temas e uma determinada maneira de figurativizá-los. Por exemplo, no barroco, aparece muito nítido o tema da transitoriedade da vida e da inevitabilidade da morte; no simbolismo, não aparecem paisagens com luz chapada, ensolaradas, mas lugares enluarados, com figuras imateriais e etéreas. Se o conteúdo é questão de preferência de época, não serve de critério para estabelecer a diferença entre texto literário e não literário.

Alguns autores dizem que essa distinção se faz com base no caráter ficcional ou não ficcional dos textos. O literário é ficção; o não literário apresenta a realidade efetivamente existente. Esses autores, ao fazerem essa afirmação, não estão pensando que o texto literário não interprete aspectos da realidade, mas que o faz de maneira indireta, recriando o real num plano imaginário. Por exemplo, Graciliano Ramos, em *São Bernardo*, inventou um certo Paulo Honório e uma certa Madalena para revelar como são tantos paulos honórios e tantas madalenas, respectivamente, o burguês empreendedor, enérgico, que pretende possuir e dirigir o mundo, e o ser que se orienta por um humanismo piegas. Eça de Queirós

imaginou um certo Conselheiro Acácio que mostra como são tantos conselheiros acácios, ridiculamente sentenciosos, que falam gravemente de coisas vazias e convencionais.

Esse critério põe em evidência aspectos importantes da obra literária, mas esbarra num problema de difícil solução: como diferençar o real do fictício em certas situações concretas? Por exemplo, a história de uma aparição da Virgem Maria ou da intervenção de um espírito provocam sorriso num cético, mas são ouvidas com respeito por um crente. Este crê, aquele não; este julga reais, aquele, fictícias estas histórias.

Em função de tudo o que se disse, a demarcação deve ser buscada em outro lugar. Modernamente, diz-se que a diferença está no fato de que o texto literário tem uma **função estética**, enquanto o texto não literário tem uma **função utilitária** (informar, convencer, explicar, responder, ordenar etc.).

Com base na oposição que estabelecemos entre os dois textos apresentados no início desta lição, podemos enunciar a primeira característica do texto literário: a relevância do plano da expressão, que, nele, serve não apenas para veicular conteúdos, mas para recriá-los em sua organização.

Gato lilás, gravura de Aldemir Martins, de 1987.

Nestas duas representações de gatos, a primeira se define pelo caráter utilitário e a segunda, pela função estética. Na primeira, quanto maior a semelhança com o animal retratado, e quanto mais neutra a linguagem utilizada para representá-lo, melhor. Na segunda, o artista se permite alterar formas, proporções e cores do animal com o propósito de tornar evidente sua maneira particular de representar o mundo.

Observe o seguinte texto, extraído de um poema de Eugênio de Castro:

UM SONHO

Na messe, que enlourece, estremece a quermesse...
O Sol, o celestial girassol, esmorece...
E as cantilenas de serenos sons amenos

Fogem fluidas, fluindo à fina flor dos fenos...
As estrelas em seus halos
Brilham com brilhos sinistros...
Cornamusas e crótalos,
Cítolas, cítaras, sistros,
Soam suaves, sonolentos,
Sonolentos e suaves
Em suaves,
Suaves lentos lamentos
De acentos
Graves,
Suaves...

Eugênio de Castro. Apud: AMORA, A. Soares. *Presença da literatura portuguesa*. 4. ed. São Paulo, Difel, 1974. p. 38-9.

Esse poema tem uma tessitura sonora bastante rica. Vamos mostrar alguns exemplos em que o plano da expressão se articula com o do conteúdo para criar a significação global do texto:

a) a sequência de palavras terminadas em -*ece* (-*esse*) e em -*enos* (-*enas*) faz pensar nos sons da festa, da música, que se repetiam;

b) a aliteração do /l/ no 4.. verso insinua o movimento do feno ao sopro da brisa;

c) a aliteração do /l/ e /lh/ dá ideia do cintilar das estrelas;

d) a assonância do /i/ no 6° e 8° versos evoca, respectivamente, cintilações e sons agudos;

e) a aliteração do /s/ (grafado *c* ou *s*) subentende o som repetido de instrumentos, que se prolonga, como o indicam as nasais;

f) palavras repetidas criam um ritmo langoroso, cuja languidez se manifesta nos /l/ de *lentos lamentos*.

Haveria ainda outros fatos do plano de expressão desse poema a comentar, mas esses bastam para comprovar que fruir um texto literário é perceber essas recriações do conteúdo na expressão e não só compreender os significados.

Quem escreve um texto literário não quer apenas dizer o mundo, mas recriá-lo nas palavras, de forma que, nele, importa não só o que se diz, mas também o modo como se diz.

A mensagem literária é autocentrada, isto é, o autor procura recriar certos conteúdos na organização da expressão. Múltiplos recursos são usados para isso: ritmos, sonoridades, distribuição de sequências por oposições e simetrias, repetição de palavras ou de sons (rimas) etc.

Outra característica do texto literário é sua intangibilidade, isto é, sua intocabilidade. O poeta francês Valéry, falando do texto literário, diz que o que o distingue do não literário é que, quando se resume este, apanha-se o essencial; quando se resume aquele, perde-se o essencial. De fato, por causa da relevância do plano da expressão, quando se resume um poema ou um romance, perdem eles todo o encanto. No texto literário, não se pode mudar palavras de lugar, suprimir ou acrescentar termos, mudar vocábulos por sinônimos. Dizer que a mulher amada morreu e que ela deve repousar no céu, enquanto o amado deve viver triste na terra é sem dúvida bem diferente daquilo que está dito nos seguintes versos de Camões:

Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida, descontente,
Repousa lá no Céu eternamente
E viva eu cá na terra sempre triste.

Sonetos. Lisboa, Europa-América, 1975. p. 120.

Outra característica é que o texto literário é conotativo, isto é, cria novos significados. Enquanto o texto não literário aspira à denotação, o texto com função estética busca a conotação. Por isso, usa largamente os mecanismos da metáfora e da metonímia. Observe, por exemplo, esta estrofe de João Cabral, onde as nuvens são tratadas metaforicamente:

são estátuas em voo
à beira de um mar;
a flora e a fauna leves
de países de vento;

As nuvens. In: *Duas águas*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956. p. 109.

Leia ainda este trecho do conto "Um erradio", de Machado de Assis, em que a personagem Elisário, ao dar o botão de coral ao narrador, dizendo-lhe que fosse calçar-se com ele, está, na verdade, dizendo metonimicamente que o venda e com o dinheiro obtido compre sapatos:

Tendo ouvido que me faltava dinheiro para comprar sapatos, Elisário sacou o botão de coral e disse que me fosse calçar com ele.

Obras completas. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1979. v. 2, p. 591.

Outra característica é que, no uso estético da linguagem, procura-se desautomatizá-la, criarconclui afirmando novas relações entre as palavras, estabelecer associações inesperadas e insólitas entre elas, para tornar singular sua combinatória e, assim, revelar novas maneiras de ver o mundo. Quando o narrador de *Esaú e Jacó*, de Machado de Assis, diz que *"a dança é antes um prazer dos olhos que dos pés"*, conclui afirmando que *"a razão* [de tal julgamento] *não é só dos anos* **longos e grisalhos***"* (Ibid., v. 1, p. 1 006). Essa combinatória mostra que ele já não é jovem: *grisalho* intensifica a quantidade de anos.

O texto com função utilitária busca ter um único significado, enquanto a linguagem em função estética é plurissignificativa. Quando alguém diz *Você deve levar um guarda-chuva porque está ameaçando chuva*, em geral, quer que se entenda somente aquilo que disse. O poema abaixo, de João Cabral de Melo Neto, no entanto, fundado na oposição *abertura/fechamento*, cuja articulação caminha no sentido da afirmação do segundo termo, apresenta, pelo menos, dois planos de leitura: o da construção do objeto artístico e o da construção do ser humano.

FÁBULA DE UM ARQUITETO

A arquitetura como construir portas,

de abrir; ou como construir o aberto;
construir, não como ilhar e prender,
nem construir como fechar secretos;
construir portas abertas, em portas;
casas exclusivamente portas e teto.
O arquiteto: o que abre para o homem
(tudo se sanearia desde casas abertas)
portas por-onde, jamais portas-contra;
por onde, livres: ar luz razão certa.

2

Até que, tantos livres o amedrontando,
renegou dar a viver no claro e aberto.
Onde vãos de abrir, ele foi amurando
opacos de fechar; onde vidro, concreto;
até refechar o homem: na capela útero,
com confortos de matriz, outra vez feto.

João Cabral de Melo Neto. *Obra completa*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1994. p. 345-6.

A linguagem em função estética, que caracteriza o texto literário, apresenta, em síntese, os seguintes traços: relevância do plano da expressão, intangibilidade da organização linguística, criação de conotações, desautomatização, plurissignificação. No texto literário, o modo de dizer é tão (ou mais) importante do que o que se diz.

Não é só na literatura que se usa a linguagem em função estética. Ela é apenas o lugar privilegiado de sua utilização. Mas na publicidade, nos trocadilhos, nos jogos de palavras, nas brincadeiras infantis, o homem encanta-se com ritmos e sons:

Olha o sapo
Dentro do saco
O saco com o sapo dentro
O sapo fazendo papo
O papo fazendo vento.

Além disso, cabe destacar que a poesia é o lugar em que a função estética se manifesta no mais alto grau. Por isso, nesta lição, a quase totalidade dos exemplos é constituída de textos poéticos.

TEXTO COMENTADO

O poema que segue foi escrito por Manuel Bandeira:

POEMA TIRADO DE UMA NOTÍCIA DE JORNAL

João Gostoso era carregador de feira-livre e morava no
[morro da Babilônia num barracão sem número
Uma noite ele chegou no bar Vinte de Novembro

Bebeu
Cantou
Dançou
Depois se atirou na Lagoa Rodrigo de Freitas e morreu afogado.

Manuel Bandeira. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1983. p. 214.

Esse poema relata o suicídio de um homem humilde, depois de exceder-se na bebida. Contada assim, essa notícia não é literária. No jornal, ela também não seria. Entretanto, o poeta desentranhou a poesia nela existente. Transformou a tragédia de João Gostoso em texto literário. Vejamos por quê.

O nome da personagem é bastante comum, indicando tratar-se de um homem qualquer do povo, um joão-ninguém. Seu sobrenome tem uma conotação sexual, o que aponta para o universo da malandragem carioca. Seu trabalho diz respeito à utilização da força física. Além disso, como é um subemprego, ajuda a reforçar a ideia de que se trata de um qualquer. O local de moradia é uma favela e seu barracão não tem nem mesmo número, o que mostra alguém totalmente à margem da assistência do poder público, da organização administrativa. A favela chama-se Babilônia, o que evoca o substantivo comum *babilônia*, que sugere o caos, a confusão, a indeterminação. A caracterização da personagem mostra um ser indiferenciado da massa humilde que povoa as grandes cidades brasileiras, um ser anônimo. No plano da expressão, essa caracterização é feita por meio de um único verso: enorme, que não cabe numa linha e, por isso, difuso, indiferenciado como um João Gostoso. Os indicadores de espaço aparecem como um todo indistinto (não há nome de rua, nem número da casa).

O segundo verso é bem menor do que o primeiro, mas ainda longo. O adjunto adverbial *uma noite* é uma fórmula introdutória de narrativa como *era uma vez*. Marca o início da narração, depois da descrição caracterizadora do primeiro verso. O bar é bem caracterizado, é o Vinte de Novembro. Não se trata do espaço indiferenciado do barracão sem número. O artigo definido que precede o termo *bar* se contrapõe ao indefinido que antecede a palavra *barracão*. João Gostoso sai do espaço indiferenciado e entra num espaço diferenciado: espaço de prazer, homólogo a seu sobrenome.

Aparece em seguida uma sequência de três versos que se distinguem dos dois primeiros e do último. São versos bem curtos, pois têm duas sílabas. São constituídos por formas de 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo e, portanto, são oxítonas. Têm um ritmo rápido próprio para indicar o instante de gozo e felicidade de João. Constituem uma gradação, a indicar a intensidade desse instante de alegria. A ordem alfabética das palavras (*b, c, d*) reitera a intensificação progressiva do conteúdo na expressão. Esse bloco de três versos é visualmente vertical em oposição à horizontalidade dos outros versos. Essa aparência mostra já o descer do morro (o alto) à Lagoa (o baixo).

A Lagoa Rodrigo de Freitas é um lugar de riqueza, em que as pessoas são distintas umas das outras. João Gostoso desce do meio indiferenciado e entra no meio social diferenciado. Ao mesmo tempo, dissolve-se no líquido da lagoa e, portanto, na natureza. A horizontalidade do verso sugere isso. Depois da indiferenciação social do início, temos, na morte, o instante de consagração de João Gostoso, que foi parar nas páginas do jornal. Para os joões-ninguém, a vida, do ponto de vista social, está relacionada ao anonimato, à indiferenciação, enquanto a morte está ligada à consagração. Do ponto de vista natural, no entanto, a vida é a distinção e a morte, a dissolução na natureza.

O poema, na expressão e no conteúdo, mostra essa contradição inerente à vida de tantos brasileiros: só se diferenciam na dissolução, na indiferenciação da morte. O poeta, com um texto construído como uma narração em 3ª pessoa, põe a nu essa tragédia brasileira.

LIÇÃO 23 EXERCÍCIOS

O soneto abaixo é de Jorge de Lima:

Essa pavana é para uma defunta
infanta, bem-amada, ungida e santa,
e que foi encerrada num profundo
sepulcro recoberto pelos ramos

de salgueiros silvestres para nunca
ser retirada desse leito estranho
em que repousa ouvindo essa pavana
recomeçada sempre sem descanso,

sem consolo, através dos desenganos,
dos reveses e obstáculos da vida,
das ventanias que se insurgem contra

a chama inapagada, a eterna chama
que anima esta defunta infanta ungida
e bem-amada e para sempre santa.

Jorge de Lima. *Obra poética*. Ed. compl., org. por Otto Maria Carpeaux. Rio de Janeiro, Getúlio Costa, 1950. p. 609.

Esse poema faz parte do *Livro de sonetos*, que contém 78 sonetos, dispostos em sequência ininterrupta, não separados por títulos, como se integrassem um único poema.

QUESTÃO 1

A pavana é uma dança da corte, do começo do século XVI, provavelmente de origem italiana. Acompanhada de música em compasso binário ou quaternário, tem andamento lento e majestoso. Depois de 1600, designava a composição instrumental que acompanhava essa dança.

A primeira observação a ser registrada é o fato de que, segundo o poeta, o poema não trata de uma pavana qualquer, mas de uma pavana particularizada (*"essa pavana"*), dedicada a uma personagem particularizada.

a) Quem é essa personagem?

b) Quais são os adjetivos que, logo na primeira estrofe, caracterizam essa personagem?

c) As qualidades expressas por esses adjetivos contribuem para depreciar ou para enaltecer a personagem? Dê o significado de cada um deles.

QUESTÃO 2

No fim da 1ª estrofe e começo da 2ª, há referência ao lugar (espaço) que a personagem passou a ocupar.

a) Qual é esse espaço?

b) Trata-se de lugares caracterizados por traços de euforia ou de depressão?

QUESTÃO 3

No sétimo verso, o poema faz uma segunda referência a *"essa pavana"*.

Sob o ponto de vista de sua duração no tempo, qual é a característica dessa música, tal qual vem definida nessa segunda ocorrência?

QUESTÃO 4

A pavana, ao mesmo tempo que uma dança e uma música, pode ser entendida como o fluxo do tempo que marca, na sua duração, a existência da personagem.

a) No texto, há marcadores de tempo que lembram o lado finito e transitório da vida. Cite, do texto, palavras ou expressões que se referem a esse aspecto do tempo.

b) Cite passagens que fazem alusão ao caráter eterno do tempo.

QUESTÃO 5

É possível afirmar que a existência da personagem também é marcada pelo caráter infinito e transitório, paradoxo que caracteriza a durabilidade do tempo? Explique sua resposta.

QUESTÃO 6

Já se falou da importância do plano de expressão no texto literário: não se trata apenas de um veículo para transportar o plano do conteúdo, mas serve para recriá-lo, isto é, representá-lo por meio das formas significantes.

a) O poema é constituído de um só período, entrecortado de pausas. Que relação pode ter isso com o significado do poema?

b) Todo o grande período que compõe o soneto é constituído de orações subordinadas que, exceto a quarta, se encaixam numa progressão tal que cada uma delas se subordina à anterior. Pode-se dizer que há similaridade entre esse processo de concatenação e a ideia de perpétuo recomeço?

QUESTÃO 7

A propósito dos sons que o constituem, o soneto contém alta frequência de vogais nasais ou nasalizadas, que são pronunciadas com maior duração da voz (pa-**va**-na, **u**-ma, de-**fun**ta, **in**-**fan**-ta, **bem**-**a**-ma-da); mas estão presentes também vogais orais e abertas que são produzidas com mais rapidez (**é**, bem-a-**ma**-da, en-cer-**ra**-da, re-co-**ber**-to, sil-**ves**-tres).

Que relação se pode fazer entre esses dados e o significado global do poema?

QUESTÃO 8

No texto, há também uma alta frequência de consoantes não momentâneas (produzidas com mais demora) — e**ss**a pa**v**ana, u**m**a, de**f**unta, in**f**anta, bem-a**m**ada, un**g**ida e **s**anta —, ao lado de consoantes momentâneas (**p**avana, **p**ara, defun**t**a, infan**t**a, bem-ama**d**a, ungi**d**a e san**t**a).

Pode-se dizer que essa distribuição produz efeito similar ao das vogais orais e nasais?

QUESTÃO 9

Observe:

I) *Essa pavana é para uma defunta infanta, bem-amada, ungida e santa...*

II) *Essa pavana é para uma morta infanta, predileta, santa e ungida...*

Como se vê, são poucas as alterações entre I e II.

a) Pode-se dizer que o sentido de ambas seja praticamente o mesmo?

b) O encanto e a beleza do plano sonoro continuam os mesmos?

c) Essa alteração serve para demonstrar um traço importante do texto literário. Qual é ele?

QUESTÃO 10

No conto "A terceira margem do rio", de Guimarães Rosa, um certo dia o pai da família, movido por um impulso misterioso, decidiu dar adeus para os familiares e ir viver no rio, sobre a canoa que encomendara. Na despedida, assim diz o conto:

Nossa mãe, a gente achou que ela ia esbravejar, mas persistiu somente alva de pálida, mascou o beiço e bramou: — Cê vai, ocê fique, você nunca volte!

Ficção completa. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1994. v. 2, p. 409.

A fala da mãe na despedida do pai é particularmente ilustrativa de alguns traços típicos da linguagem literária.

A) Há nessa fala três formas de tratamento com que a mãe se refere ao marido: *cê*, *ocê*, *você*. Se quanto ao sentido são equivalentes, quanto ao efeito de sentido não o são.

Qual a diferença?

B) Sob o ponto de vista da sonoridade, há uma progressão entre as três formas. Em que consiste essa progressão?

C) Se fôssemos contar o número de sílabas de cada uma das três orações como se fossem versos, qual seria o resultado dessa contagem?

D) Analisando o conteúdo semântico de cada um dos três versos, qual deles sugere separação:

a) com menor duração?

b) com duração mais longa?

c) com duração definitiva?

E) Levando em conta todos esses termos dispostos na progressão em que foram descritos nas letras A, B, C, D, chega-se à conclusão de que uma constante está presente em todos os casos. Qual é essa

constante e como interpretá-la?

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Embora delicados ou constrangedores, certos assuntos não podem deixar de ser tratados. A escolha de certas formas de linguagem pode, dada a sua graça e sutileza, contornar esses inconvenientes. É o que se dá com este cartaz, que admoesta os banhistas a não fazerem xixi na piscina:

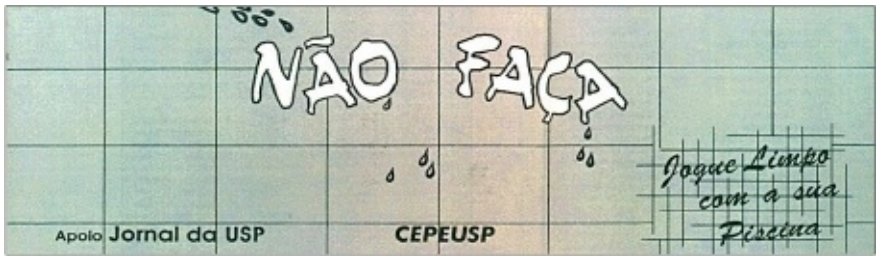

Jornal da USP, :12, 12-8 abr. 1993.

Cepeusp: Centro de Práticas Esportivas da USP.

Suponha agora que você precise escrever um folheto solicitando aos frequentadores de um local turístico (uma praia, uma montanha, um camping) que não joguem lixo e detritos fora das lixeiras.

Imagine uma solução.

LIÇÃO 24

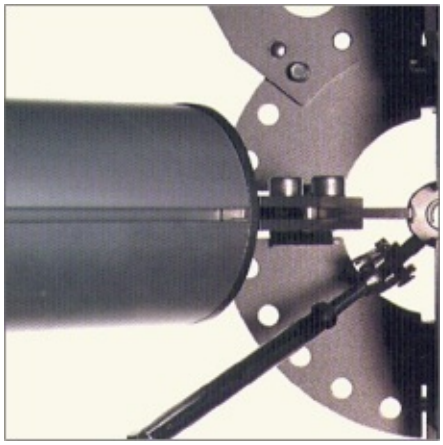

Num texto, certos elementos comparam-se aos fios que costuram entre si as partes de uma vestimenta. Cortados esses fios, o que sobra são simples pedaços de pano.

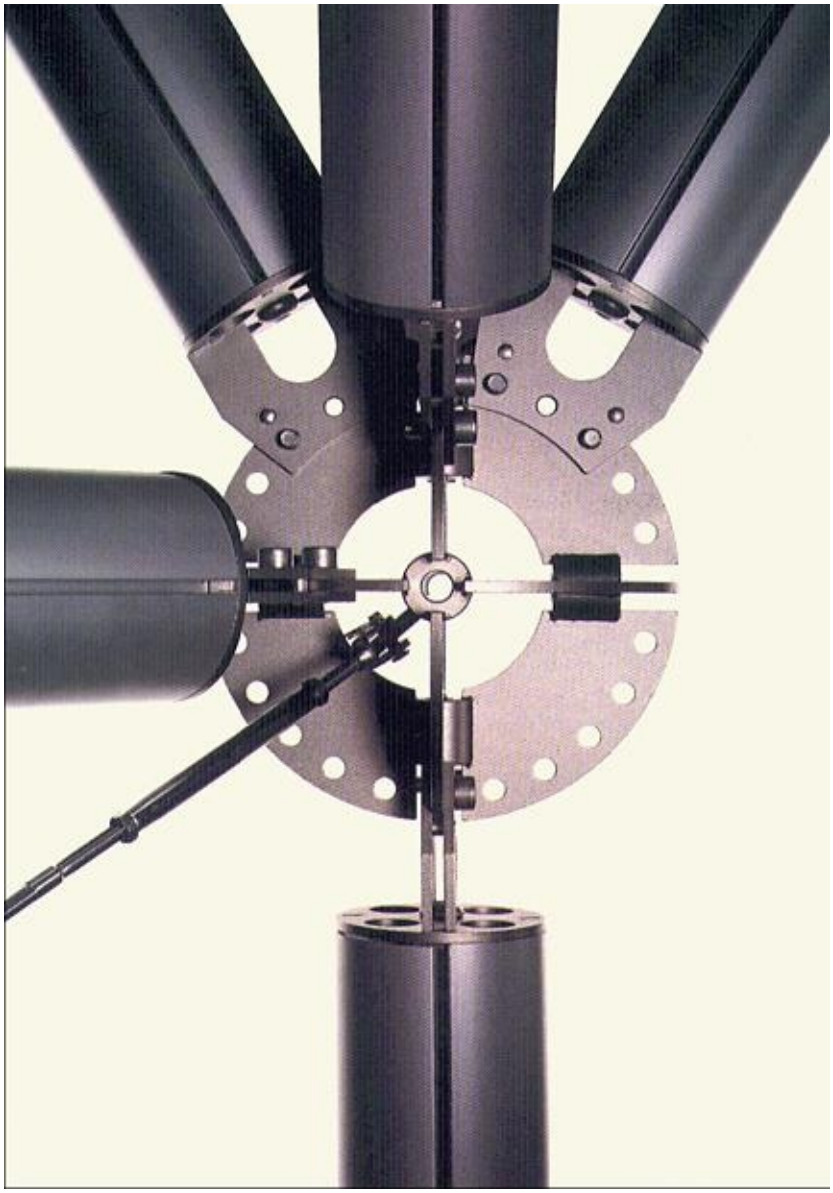

A presença de elementos destinados a garantir a coesão do discurso é comum a diversas linguagens. Nesta foto de um detalhe de uma estrutura metálica, podemos notar que a função da peça central é exatamente a de estabelecer a união entre as diversas barras que convergem para ela.

LIÇÃO 24

COESÃO TEXTUAL

Leia a receita que segue:

BOLO DE ARROZ

3 xícaras de arroz
1 colher (sopa) de manteiga
1 gema
1 frango
1 cebola picada
1 colher (sopa) de molho inglês
1 colher (sopa) de farinha de trigo

1 xícara de creme de leite

Salsa picadinha

Prepare o arroz branco, bem solto. Ao mesmo tempo, faça o frango ao molho, bem temperado e saboroso. Quando pronto, retire os pedaços, desosse e desfie. Reserve.

Quando o arroz estiver pronto, junte a gema, a manteiga e a salsa, coloque numa forma de buraco e leve ao forno.

No caldo que sobrou do frango, junte a cebola, o molho inglês, a farinha de trigo e leve ao fogo para engrossar. Retire do fogo e junte o creme de leite.

Vire o arroz, já assado, num prato. Coloque o frango no meio e despeje por cima o molho. Sirva quente.

Terezinha Terra. *Todo dia uma delícia*. São Paulo, Ática, 1993. p. 39.

Uma receita divide-se em duas partes: na primeira, apresenta-se ao leitor a série de ingredientes necessários para preparar o prato; na segunda, explica-se como ele é feito. Naquela, introduzem-se no texto entidades novas (*novos*, do ponto de vista da comunicação, são os termos, ou informações, que ainda não apareceram no texto, que estão sendo introduzidos pela primeira vez). Na segunda parte, retomam-se os termos que já foram introduzidos. Para deixar claro que se trata do arroz, da manteiga, da gema, do frango, da cebola, do molho inglês, da farinha de trigo, do creme de leite e da salsa já referidos, usa-se o artigo definido diante desses substantivos, pois tem ele a função, entre outras, de denotar que o termo que ele precede indica o mesmo ser que outro termo idêntico presente no texto já mencionara. Assim, quando se diz *o frango*, o que se está indicando é que é aquele mesmo frango já mencionado na lista de ingredientes. Observe então que as palavras e frases de um texto estão relacionadas entre si. Essa é uma das propriedades que distingue um texto de um amontoado de palavras ou frases.

A ligação, a relação, a conexão entre as palavras, expressões ou frases do texto chama-se **coesão textual**. Ela é manifestada por elementos formais, que assinalam o vínculo entre os componentes do texto. Assim, no período que começa o romance *Iracema*, de José de Alencar:

> Verdes mares bravios de minha terra natal, onde canta a jandaia na fronde da carnaúba,

o termo *onde* faz a conexão entre *verdes mares bravios de minha terra natal* e *canta a jandaia na fronde da carnaúba* e, ao fazê-lo, retoma o primeiro segmento. *Onde* é um elemento coesivo, e a conexão entre as duas partes é um fenômeno de coesão.

Há dois tipos principais de mecanismos de coesão: 1) a retomada de termos, expressões ou frases já ditos ou sua antecipação; 2) o encadeamento de segmentos do texto.

1. Coesão por retomada ou por antecipação

A) Retomada ou antecipação por uma palavra gramatical (pronomes, verbos, numerais, advérbios)

Observe o trecho que segue, extraído de uma obra de Almeida Garret:

> Eu darei sempre o primeiro lugar à modéstia entre todas as belas qualidades. Ainda sobre a inocência?

Ainda, sim. A inocência basta uma falta para a perder; da modéstia só culpas graves, só crimes verdadeiros podem privar. Um acidente, um acaso podem destruir aquela, a esta só uma ação própria, determinada e voluntária.

Almeida Garret. *Viagens na minha terra*. Rio de Janeiro, Ediouro, 1969. p. 58.

A palavra *aquela* retoma o substantivo *inocência*; o vocábulo *esta* recupera a palavra *modéstia*. Todos os termos que servem para retomar outros são chamados **anafóricos**. Quando esses termos antecipam, anunciam outros (por exemplo, na frase *Meu pai disse isto: vá deitar cedo*, *isto* antecipa *vá deitar cedo*), são denominados **catafóricos**.

São anafóricos e/ou catafóricos os pronomes demonstrativos (*este*, *esse*, *aquele*), os pronomes relativos (*que*, *o qual*, *cujo*, *onde*), certos advérbios e locuções adverbiais (*nesse momento*, *então*, *lá* etc.) e os verbos *ser* e *fazer*, o artigo definido, o pronome pessoal de 3ª pessoa (*ele/ela*; *o/a*; *lhe*). Vejamos alguns exemplos:

Qualquer que tivesse sido seu trabalho anterior, ele o abandonara, mudara de profissão e passara pesadamente a ensinar no curso primário: era tudo o que sabíamos dele.

O professor era grande, gordo e silencioso, de ombros contraídos.

Clarice Lispector. *A legião estrangeira*. São Paulo, Ática, 1977. p. 11.

O possessivo *seu* e o pronome pessoal reto de 3ª pessoa *ele* antecipam a expressão *o professor*. São, pois, catafóricos. O pronome pessoal oblíquo *o* retoma a expressão *seu trabalho anterior*. É um anafórico.

André e Pedro são fanáticos torcedores de futebol. Apesar disso, são diferentes. Este não briga com quem torce para outro time; aquele o faz.

O termo *isso* retoma o predicado *são fanáticos torcedores de futebol*; *este* recupera a palavra *Pedro*; *aquele*, o termo *André*; *o faz*, o predicado *briga com quem torce para o outro time*. São, portanto, anafóricos.

Façamos algumas observações sobre o uso dos anafóricos.

1) Embora em geral um anafórico só possa ser utilizado se o termo que ele retomar estiver explicitamente mencionado (por exemplo, falta coesão ao texto *Ele é meu cunhado. Casou-se com ela há pouco tempo*, porque *ela* não retoma nada explicitamente dito), admite-se, em casos em que o termo substituído for claramente inferido pelo contexto, que se faça uso de um anafórico: *Beth está namorando. Ele parece ser um cara legal*. Nesse caso, *ele* retoma *namorado*, que se infere do verbo *namorar*.

2) Em geral, o artigo indefinido serve para marcar a introdução de informações novas, que, uma vez introduzidas, passam a ser acompanhadas pelo artigo definido, quando retomadas. Não se pode usar pela primeira vez, por exemplo, o termo *amigo* em um texto, dizendo *Encontrei o amigo*. Começa-se dizendo *Encontrei um amigo*. Quando for feita uma outra referência a ele, diz-se *O amigo, então, disse-me que...*

3) Em função anafórica, o verbo *fazer* substitui verbos de ação, e o *ser*, verbos de estado:

Pedro, Ana e Carolina trabalham muito, André quase não o faz. (= trabalha)

De fato, ele ficou muito constrangido com a situação; mas não foi (= ficou) tanto quanto se poderia esperar.

Quando um elemento anafórico está empregado num contexto tal que pode referir-se a dois termos antecedentes distintos, isso rompe a coesão e, por conseguinte, provoca ambiguidade. É preciso que o leitor ou ouvinte perceba bem que palavra é retomada com o anafórico.

Na frase *O famoso jornalista desentendeu-se com o jornal por causa de sua campanha a favor do presidente*, o termo *sua* pode referir-se tanto a *famoso jornalista* quanto a *jornal*.

Para evitar ambiguidade, redige-se a frase de outro modo. Por exemplo:

A campanha do famoso jornalista em favor do presidente levou-o ao desentendimento com o jornal. / A campanha que fazia em favor do presidente levou o famoso jornalista a desentender-se com o jornal.

Vamos mostrar um outro exemplo de ambiguidade, desta vez com pronome relativo:

Jorge criticou severamente a prima de sua amiga, que frequentava o mesmo clube que ele.

Nesse caso, o pronome *que* pode estar referindo-se a *amiga* ou a *prima*.

Como já dissemos, um anafórico caracteriza-se por retomar um termo já mencionado. Se não o fizer, o enunciado fica desconexo, embora, em alguns casos, como no exemplo abaixo, fragmento de uma crônica de Armando Nogueira, a desconexão sirva para criar um efeito humorístico:

Sinceramente, não tenho palavras pra definir este momento do futebol brasileiro. Ou, por outra, tenho sim. Vou buscá-las noutro campo. Um velho amigo, ilustre psicanalista, certa vez fez um concurso entre os pacientes de um asilo de loucos, no subúrbio do Rio. A prova era simples: ganharia um presente de fim de ano aquele que desse, numa frase, a melhor definição de vida. A pergunta era singela: "Como você define a vida?"

Venceu o concurso a frase lapidar: *"A vida não é senão aquela cuja nós vivemos o qual..."*

Armando Nogueira. *O Estado de S. Paulo*, 16 nov. 1994, E2.

B) Retomada por palavra lexical (substantivos, verbos, adjetivos)

Nesse caso, pode-se retomar um termo, repetindo-o ou substituindo-o por um sinônimo, por um hiperônimo ou hipônimo ou por uma antonomásia.

Comecemos o estudo desse mecanismo de coesão, explicando o que são hiperônimo, hipônimo e antonomásia. **Hiperônimo** é um termo que mantém com outro uma relação do tipo contém/está contido; **hipônimo** é uma palavra que tem com outra uma relação do tipo está contido/contém: *flor* é hiperônimo de *rosa*, que é seu hipônimo. O significado de *rosa* está contido no de *flor*, porque toda rosa é uma flor, mas nem toda flor é uma rosa. O máximo da hiperonimia são palavras que podem substituir praticamente todas as outras da mesma classe: *coisa*, *coisar*, *negócio*, *elemento*. **Antonomásia** é a substituição de um nome próprio por um comum ou de um comum por um próprio. Há antonomásia, principalmente, quando se indica uma pessoa célebre não por seu nome, mas por uma característica muito conhecida: *o ex-titã* em vez de *Arnaldo Antunes*; *ele é um joaquim silvério dos reis* em lugar de *ele é um traidor*.

Voltemos agora à questão da coesão por retomada com uma palavra lexical. No exemplo, *Lia muito*,

toda espécie de livro. Policiais, então, nem se fala, devorava, o termo *livro* é retomado por um hipônimo, *policiais*.

É preciso manejar com muito cuidado a repetição de termos lexicais, pois, se ela não estiver a serviço da criação de um efeito de sentido de intensificação, por exemplo, é considerada uma falha de estilo. À repetição de palavras, prefere-se sempre sua retomada por sinônimos, hiperônimos e hipônimos. Muitas vezes, a repetição produz belos efeitos de sentido, como nesta estrofe de um poema de Luís de Camões:

> Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
> Muda-se o ser, muda-se a confiança;
> Todo o Mundo é composto de mudança,
> Tomando sempre novas qualidades.
>
> Luís de Camões. *Obra completa*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1988. p. 284.

A **elipse**, ou apagamento de um termo da frase, que puder ser recuperado pelo contexto, é também um expediente de coesão. Na elipse, temos a retomada de um termo que seria repetido, mas que é apagado, por ser facilmente depreendido do contexto. É o que ocorre neste fragmento de *Veja* sobre a despedida do ex-presidente Itamar Franco:

> Itamar Franco era um homem feliz ao passar a faixa presidencial para Fernando Henrique Cardoso, mas estava tristonho ao acordar no dia seguinte. Já não era presidente da República desde l° de janeiro e precisava deixar o Palácio do Jaburu (...) Calado, foi ao banheiro e embalou alguns objetos.
>
> *Veja*, :24, 11 jan. 1995.

O sujeito do primeiro *era* é explicitamente mencionado, *Itamar Franco*. Os outros verbos do texto têm o mesmo sujeito. No entanto, ele vem elíptico, isto é, oculto, por ser facilmente depreendido do contexto. No interior do texto, qualquer termo pode vir elíptico. Por exemplo, em *A alguns, a vida oferece muito; a outros, pouco*, há elipse da forma verbal *oferece*. Pode haver também elipse por antecipação, isto é, de termos que vão ocorrer em seguida: *Era muito orgulhoso.Ofendia-se, irritava-se com qualquer brincadeira*. O complemento de *ofendia-se* (*com qualquer brincadeira*) vem elíptico por antecipação. Não se admite esse tipo de elipse, quando os dois verbos têm regência diferente. Por exemplo, *Os industriais estão apoiando e vão votar no outro candidato.* Deve-se, nesse caso, colocar o complemento no primeiro verbo e retomá-lo por um anafórico pronominal, pois a elipse apaga o complemento inteiro e, se eles são introduzidos por preposições diferentes ou se um é introduzido por preposição e outro não, fazendo-se a elipse, retoma-se a preposição indevida ou inexistente ou não se recupera a preposição. No exemplo acima, a elipse retomaria o complemento *no outro candidato* e aí teríamos uma frase assim: *Os industriais estão apoiando no outro candidato e vão votar no outro candidato.* Para evitar esse problema, deve-se dizer *Os industriais estão apoiando o outro candidato e vão votar nele*.

2. Coesão por encadeamento de segmentos textuais

A) Conexão

É feito por conectores ou operadores discursivos, que são palavras ou expressões responsáveis pela concatenação, pela criação de relações entre os segmentos do texto. São exemplos de operadores: *então, portanto, já que, com efeito, porque, ora, mas, assim, daí, dessa forma, isto é*.

É preciso levar em conta que cada um desses conectores, além de ligar as partes do texto, estabelece

uma certa relação semântica (causa, finalidade, conclusão, contradição, condição etc.), que possui uma dada função argumentativa no texto. Quando se escreve, é preciso usar o conector adequado ao tipo de relação que se quer exprimir, com vistas à elaboração da argumentação:

Este ano a chuva não foi abundante, mas as colheitas foram boas.

Mas é o conector adequado a esse período, porque contrapõe elementos com orientação argumentativa contrária. Para que a colheita seja boa, é preciso que a chuva seja abundante. Ora, como a chuva foi escassa, esperava-se uma colheita ruim. O fato de a colheita ter sido boa está em oposição às condições climáticas. Seria descabido trocar o *mas* por *portanto* ou *porque*, que indicam, respectivamente, conclusão ou causa, porque, com esses conectores, os elementos relacionados devem apresentar, do ponto de vista argumentativo, a mesma orientação.

Os operadores não são elementos vazios que possam ser permutados um pelo outro, a bel-prazer de quem escreve. O uso inadequado dos conectores cria paradoxos semânticos. Vejamos os principais tipos de operadores:

1) os que marcam uma gradação numa série de argumentos orientada no sentido de uma determinada conclusão. Alguns indicam o argumento mais forte: *até*, *mesmo*, *até mesmo*, *inclusive*; outros introduzem um argumento, deixando subentendida a existência de uma escala com outros argumentos mais fortes: *ao menos*, *pelo menos*, *no mínimo*, *no máximo*, *quando muito*.

Algoritmo de Euclides
Matemático grego do século III a.C.

Algoritmo para cálculo do
máximo divisor comum entre **m** e **n**,
sendo **m** e **n** números inteiros e positivos
e sendo **m** maior que **n**

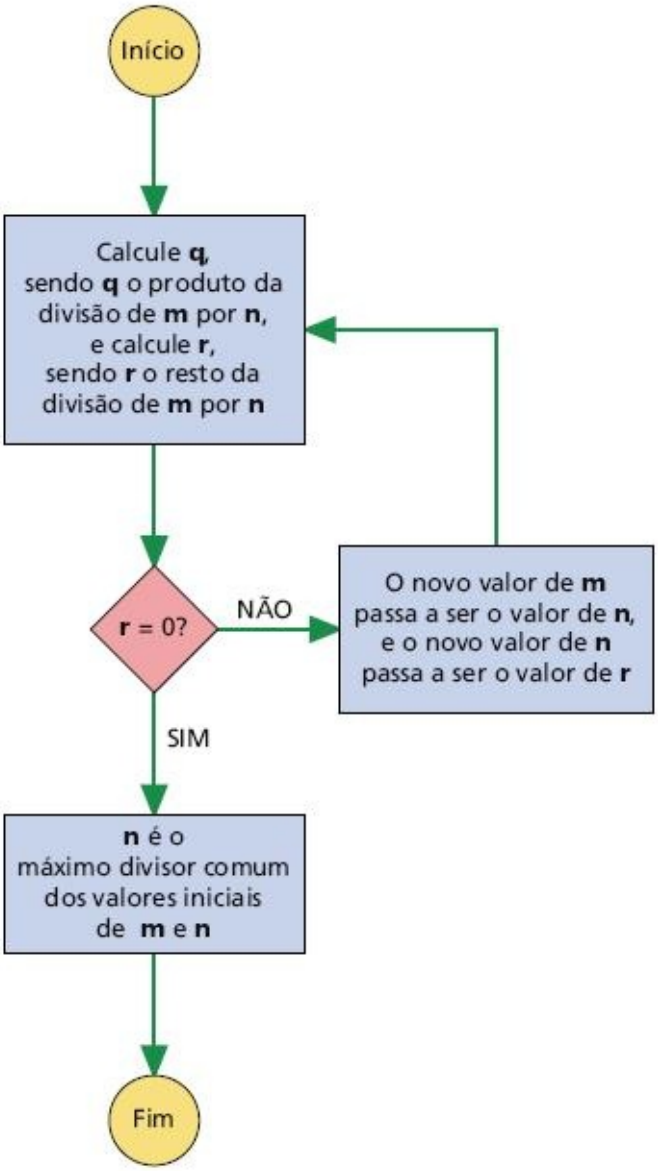

Nesta representação do Algoritmo de Euclides por meio de um fluxograma, as setas desempenham a função de conectores, estabelecendo a relação entre as diversas operações indicadas.

Ela tem todas as qualidades necessárias para vencer na vida: é bonita, inteligente, charmosa e até rica (nesse caso, apresentam-se os argumentos orientados no sentido da conclusão *qualidades necessárias para vencer na vida* e considera-se a riqueza o argumento mais forte dessa escala).

Ele é um político hábil. Chegará pelo menos a ser prefeito (*pelo menos* introduz um argumento na mesma direção de *ser um político hábil*, deixa pressuposta uma escala com outros argumentos mais fortes — ser governador, ser presidente etc. —, indica que se usou o argumento menos forte; esse tipo de operador só se combina com argumentos de valor positivo).

Ele não é muito inteligente. Nunca será um cientista. No máximo será um bom técnico (*no máximo*, assim como *quando muito*, introduz um argumento na mesma direção de *não ser muito inteligente*, deixa subentendida uma escala com outros argumentos mais fortes — ser um trabalhador braçal etc. —, indica que se usou o argumento menos forte; esses operadores só se combinam com argumentos de valor depreciativo).

2) os que marcam uma relação de conjunção argumentativa, isto é, que ligam argumentos em favor de uma mesma conclusão: *e*, *também*, *ainda*, *nem*, *não só … mas também*, *tanto … como*, *além de*, *além disso*, *a par de*.

A curto prazo, o Brasil não estará entre os países mais desenvolvidos do mundo, pois seus indicadores sociais o situam entre os mais atrasados. Convém ainda lembrar que o fluxo de capitais em direção à América Latina praticamente cessou (*ainda* inclui mais um argumento no conjunto argumentativo que pretende comprovar que o Brasil não estará, a curto prazo, entre os países mais desenvolvidos do mundo).

Esses operadores indicam o desenvolvimento do discurso e não a repetição do que foi dito antes. Devem ser usados apenas quando a sequência introduzida por eles indicar uma progressão discursiva, quando acrescentar um dado novo ao conjunto argumentativo:

Olhou-a com desconfiança *e* recusou-se a falar.

Não teria o menor sentido fazer uma frase em que a sequência introduzida por esse tipo de operador reiterasse o que foi dito antes:

Recusou-se a falar e ficou de boca fechada.

3) os que indicam uma relação de disjunção argumentativa, isto é, que introduzem argumentos que levam a conclusões opostas, que têm orientação argumentativa diferente: *ou, ou então, quer … quer, seja … seja, caso contrário.*

É preciso manter, a todo custo, o plano de estabilização econômica. Ou, então, será inevitável a volta da inflação. (O primeiro período está orientado no sentido de que a inflação não volta; o segundo vai na direção oposta.)

Mapa da região central de Belo Horizonte, produzido pela Belotur(fragmento).

Podemos identificar no desenho da cidade a presença de elementos destinados a garantir a coesão do tecido urbano. O plano urbanístico de Belo Horizonte previu na região central uma grande praça rotatória, que funciona como elemento conector entre as principais avenidas da cidade. De maneira análoga, as engrenagens deste guindaste do século XIX funcionam como elementos de transmissão dos esforços de uma extremidade a outra da máquina.

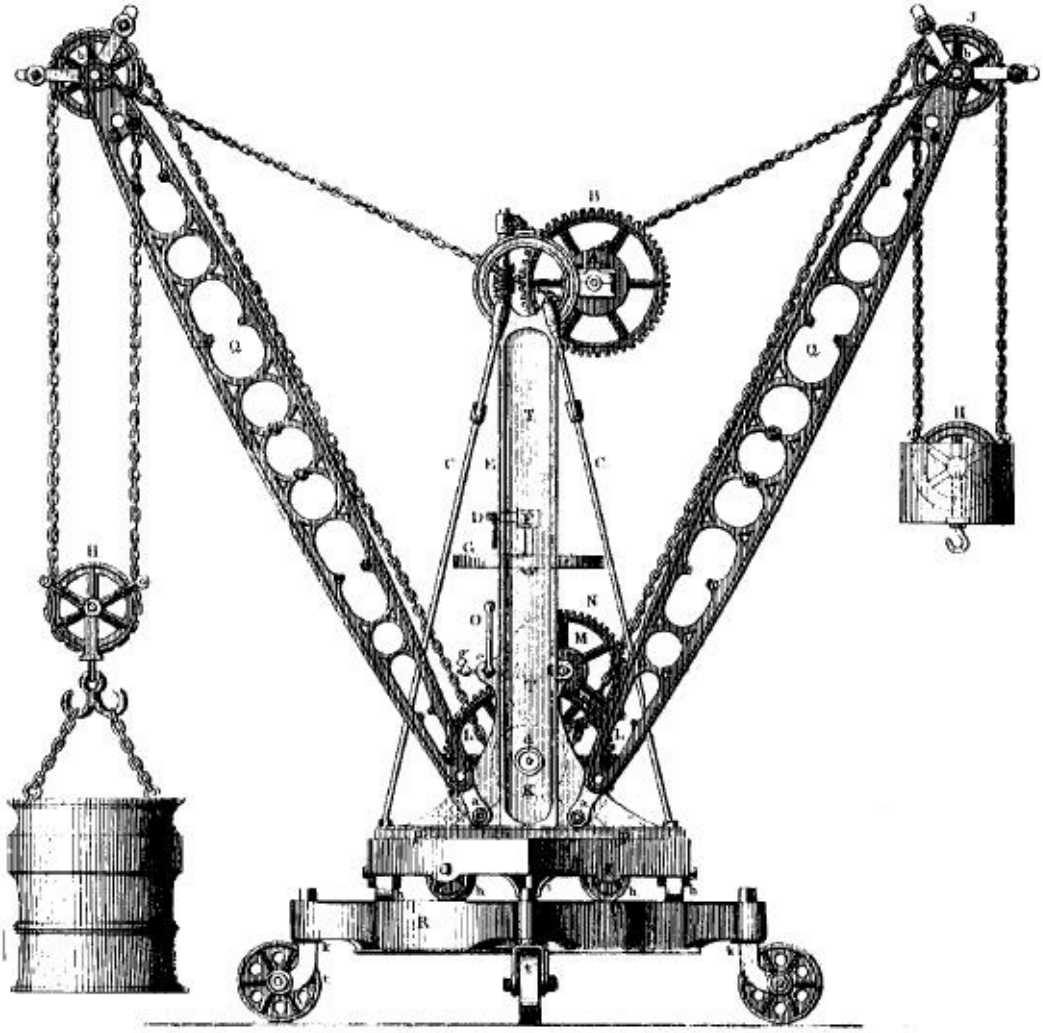

4) os que marcam uma relação de conclusão, isto é, que introduzem uma conclusão em relação a dois (ou mais) enunciados anteriores (geralmente, um deles permanece implícito porque ele é considerado verdade universalmente aceita, voz geral): *portanto*, *logo*, *por conseguinte*, *pois* (*pois* indica conclusão, quando não for a palavra que introduz a oração).

O Palmeiras foi o melhor time do campeonato. Teria, pois, que ser o campeão (*pois* introduz uma conclusão a duas afirmações anteriores, uma delas implícita: O melhor time do campeonato é sempre o campeão. O Palmeiras foi o melhor time do campeonato. Teria, pois, que ser o campeão).

5) os que estabelecem uma comparação de superioridade, de inferioridade ou de igualdade entre dois elementos sempre com vistas a uma conclusão a favor ou contra: *tanto ... quanto*, *tão ... quanto*, *mais ...* (*do*) *que*, *menos ...* (*do*) *que*.

— Acho que devemos contratar um novo professor de português.

— Não sei, os que temos são tão bons quanto qualquer outro.

Nesse caso, o comparativo de igualdade direciona-se argumentativamente contra a conclusão: já que os nossos professores são tão bons quanto qualquer outro, não é preciso fazer um novo contrato. Deve-se notar que a comparação sempre tem um valor argumentativo, sempre é usada com vistas a chegar a uma conclusão a favor ou contra. Por isso, os elementos de um comparativo de igualdade são permutáveis

sintaticamente, mas não argumentativamente. Nele, não há igualdade argumentativa. Se, no exemplo dado acima, se permutassem os elementos, a orientação argumentativa seria outra. Se se dissesse *Qualquer outro é tão bom quanto os que temos*, a orientação argumentativa seria no sentido de contratar, já que qualquer professor teria ao menos o nível dos atuais contratados.

6) os que introduzem uma explicação ou justificativa ao que foi dito no enunciado anterior: *porque*, *já que*, *que*, *pois*.

A alegria da posse de Fernando Henrique já acabou, porque os problemas já começaram (*porque* serve de justificativa para a afirmação de que a alegria da posse do presidente já acabou).

7) os que marcam uma relação de contrajunção, ou seja, contrapõem enunciados de orientação argumentativa contrária: conjunções adversativas (*mas*, *porém*, *contudo*, *todavia*, *no entanto*, *entretanto*), conjunções concessivas (*embora*, *ainda que*, *mesmo que*, *apesar de que*).

A Sabesp está tratando a água da represa de Guarapiranga, mas o gosto da água das regiões Sul e Sudeste da cidade não melhorou (a parte anterior ao *mas* conduz à conclusão de que o gosto da água melhorou; o *mas* introduz um enunciado de orientação argumentativa contrária à conclusão anterior implícita: o gosto não melhorou).

Embora o prefeito Paulo Maluf tenha prometido durante a campanha eleitoral não aumentar os impostos, o IPTU aumentou muito neste ano (*embora* introduz um enunciado que conduz à conclusão de que os impostos não seriam aumentados; a oração principal apresenta um enunciado oposto a essa orientação argumentativa: o imposto predial aumentou).

Se conjunções adversativas e concessivas ligam enunciados de orientação argumentativa oposta, qual é a diferença entre elas? Nas adversativas, prevalece a orientação argumentativa do segmento introduzido por *mas*. Observe a diferença entre *Romário é um bom jogador, mas é indisciplinado* e *Romário é indisciplinado, mas é um bom jogador*. No primeiro caso, a conclusão é no sentido de que é um profissional que causa mais mal do que bem à equipe em que estiver jogando; no segundo, a conclusão vai no sentido contrário. O primeiro segmento dá um argumento possível para uma dada conclusão; o segmento introduzido por *mas* dá o argumento decisivo para uma conclusão contrária. Temos, então, a seguinte estratégia argumentativa: primeiro, tornar presente uma conclusão, para introduzir o argumento que irá anulá-la. Nas concessivas, prevalece a orientação argumentativa do segmento não introduzido pela conjunção. Observe-se a diferença entre: *Romário é um bom jogador, mas é indisciplinado* (o segmento introduzido pela conjunção é o argumento decisivo) e *Embora seja um bom jogador, Romário é indisciplinado* (o segmento não introduzido pela conjunção é que é o decisivo). Temos a estratégia de anunciar que o argumento introduzido pela concessiva, embora verdadeiro, será anulado por outro mais forte, que conduz a uma conclusão contrária. Em outras palavras, à direita da adversativa vem um argumento suficientemente forte para desautorizar o anterior; à direita da concessiva vem um argumento contrário, mas não suficientemente forte, para desmentir o outro.

8) os que introduzem um argumento decisivo, apresentado como um acréscimo, como se fosse desnecessário, justamente para dar o golpe final no argumento contrário: *aliás*, *além do mais*, *além de tudo*, *além disso*, *ademais*.

Este governo está mesmo ajudando os descamisados: permitiu a elevação abusiva dos preços,

diminuiu os investimentos na área social. Além do mais, achatou os salários (*além do mais* introduz o argumento mais forte — o achatamento salarial — no sentido de mostrar que o governo não está ajudando os descamisados; os outros são a permissão para a elevação abusiva dos preços e a diminuição dos investimentos na área social).

No vestuário, além de sua função utilitária, os cintos são usados também para estabelecer a conexão visual entre a peça que está acima da cintura — camisa ou blusa — e a que está abaixo dela — calça ou saia.

9) os que indicam uma generalização ou uma amplificação do que foi dito anteriormente: *de fato, realmente, aliás, também, é verdade que*.

Pedro já chegou. Aliás, ele sempre chega antes da hora (*aliás* introduz um enunciado que generaliza o que foi dito anteriormente: não foi só hoje que ele chegou antes da hora, chega sempre).

Gostei muito de sua casa. Realmente, adorei (*realmente* introduz um enunciado que amplifica, intensifica o que foi dito anteriormente).

10) os que especificam ou exemplificam o que foi dito anteriormente: *por exemplo, como*.

Houve ganho real de salário com o plano de estabilização econômica. O consumo de alimentos, por exemplo, cresceu 20% (o enunciado que fala sobre o crescimento do consumo dos alimentos especifica a afirmação de ordem mais geral de que houve aumento de salário real).

Mesmo os estados tidos como mais desenvolvidos, como São Paulo, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Minas Gerais, estão falidos (*como* introduz a especificação de quais são os estados mais desenvolvidos).

11) os que marcam uma relação de retificação, de correção, isto é, os que introduzem uma correção, um esclarecimento, um desenvolvimento ou uma redefinição do conteúdo do primeiro enunciado, atenuam ou reforçam o conteúdo de verdade do enunciado: *ou melhor, de fato, pelo contrário, ao contrário, isto é, quer dizer, ou seja, em outras palavras*.

Este governo está contradizendo o programa apresentado na campanha eleitoral, isto é, não está cumprindo as promessas de campanha (*isto é* introduz um segmento que retifica o que se disse anteriormente: não se trata de contradição em relação ao programa, mas de descumprimento das promessas de campanha).

Vou passar de ano. Ou melhor, vou tentar (*ou melhor* introduz uma atenuação em relação à afirmação contida no primeiro enunciado).

12) os que servem para introduzir uma explicitação, uma confirmação ou uma ilustração do que foi dito antes: *assim, desse modo, dessa maneira*.

A política econômica do governo tem produzido uma forte recessão. Assim, o número de postos de trabalho no setor industrial é menor no final de 1994 do que no começo (*assim* introduz um fato — o número de postos de trabalho no setor industrial — que confirma o que foi dito antes: que a política econômica do governo é recessionista).

B) Justaposição

Nesse caso, a coesão se faz pelo estabelecimento da sequência do texto, que é organizada com ou sem sequenciadores. Quando o texto se organiza sem sequenciadores, cabe ao leitor reconstruir, com base na sequência, os operadores discursivos que não estão presentes na superfície textual. O lugar do conector é marcado por sinais de pontuação (vírgula, ponto, dois-pontos, ponto e vírgula).

Preciso sair imediatamente. Tenho um compromisso (no lugar do ponto-final, teríamos um *porque*, pois a segunda oração indica a causa da necessidade de sair imediatamente).

Os operadores de sequenciação podem ser do seguinte tipo:

1) os que marcam a sequência temporal: *dois meses depois, uma semana antes, um pouco mais cedo* etc. (ocorrem principalmente nas narrações).

João Alfredo teve uma profunda decepção amorosa. Alguns anos antes, ele já vivera uma situação semelhante (*alguns anos antes* indica que o fato de ter vivido uma outra decepção amorosa é anterior a essa de que se está falando).

2) os que marcam a ordenação espacial: *à esquerda, atrás, na frente* etc.

(ocorrem principalmente nas descrições).

À esquerda, via-se uma porta, que abria para um jardim todo florido.

3) os que servem para especificar a ordem dos assuntos no texto: *primeiramente*, *em seguida*, *a seguir*, *finalmente*.

Em minha exposição sobre o tempo, primeiramente explicarei como se organiza o sistema temporal no português, a seguir falarei sobre o uso de um tempo com valor de outro, finalmente discutirei a organização temporal do romance.

4) os que, na conversação, servem para introduzir um dado tema ou para mudar de assunto: *a propósito*, *por falar nisso*, *mas voltando ao assunto*, *fazendo um parêntese*.

Parece-me que o estado de São Paulo está falido. A propósito, que está fazendo o ex-governador Fleury?

A quantidade de conectores e sequenciadores é bastante grande. Não enumeramos todos os que existem. Arrolamos apenas os principais e explicamos sua função coesiva, para que se fique atento aos mecanismos de coesão e às suas marcas linguísticas.

Cabe ainda lembrar que, se faltam partes indispensáveis da oração e do período, o texto não terá coesão. Tomemos o seguinte período:

O homem que procurava exibir as roupas que ganhara no último Natal na ceia que ocorrera na casa de Celinha.

Temos aí:

1) o homem;

2) que procurava exibir as roupas (oração subordinada adjetiva restritiva);

3) que ganhara no último Natal na ceia (oração subordinada adjetiva restritiva);

4) que ocorrera na casa de Celinha (oração subordinada adjetiva restritiva).

A segunda oração está subordinada àquela que seria a primeira, referindo-se ao termo *homem*; a terceira é subordinada à segunda; a quarta, à terceira. A primeira oração está incompleta. Falta-lhe o predicado. Quem fez o período escreveu o termo a que se refere a segunda oração, começou uma série de orações adjetivas e “esqueceu-se” de desenvolver a primeira oração.

A escrita não exige que os períodos sejam longos, mas que sejam completos e que as partes estejam absolutamente conectadas entre si. Se faltam partes na sequência, não pode haver coesão.

Para que haja um texto, não basta a existência de coesão, pois podemos ter coesão sem que alcancemos a unidade de sentido necessária para que o texto seja um texto. Observe o exemplo que segue:

Um amigo meu veio para o Brasil, para aqui abrir um negócio.

O país foi descoberto por Pedro Álvares Cabral.

Ele apresenta uma enorme desigualdade social.

Também o Peru apresenta desigualdades geográficas.

Nesse caso, temos uma relativa coesão, já que *o país* é um hiperônimo que retoma o termo *Brasil*; *ele* é um anafórico que recupera o termo *Brasil*; *também* acrescenta um dado a favor de um determinado argumento. No entanto, como não há coerência de sentido, ou seja, unidade de sentido, o conjunto não é um texto, mas um amontoado de frases. A coesão é condição necessária, porém não suficiente, para construir um texto.

TEXTO COMENTADO

O trecho que segue é um fragmento de uma crônica de Eça de Queirós.

Há em Portugal quatro partidos: o Partido *Histórico*, o *Regenerador*, o *Reformista* e o *Constituinte*. Há ainda outros, mas anônimos, conhecidos apenas de algumas famílias. Os quatro partidos oficiais, com jornal e porta para a rua, vivem num perpétuo antagonismo, irreconciliáveis, latindo ardentemente uns contra os outros de dentro de seus artigos de fundo. Tem-se tentado uma pacificação, uma união. Impossível! Eles só possuem de comum a lama do Chiado que todos pisam e a Arcada que a todos cobre. Quais são as irritadas divergências e princípios que os separam? — Vejamos:

O Partido *Regenerador* é constitucional, monárquico, intimamente monárquico, e lembra nos seus jornais a necessidade da economia.

O Partido *Histórico* é constitucional, imensamente monárquico, e prova irrefutavelmente a urgência da economia.

O Partido *Constituinte* é constitucional, monárquico, e dá subida atenção à economia.

O Partido *Reformista* é monárquico, é constitucional, e doidinho pela economia!

Todos os quatro são católicos.

Todos os quatro são centralizadores.

Todos os quatro têm o mesmo afeto à ordem.

Todos os quatro querem o progresso, e citam a Bélgica.

Todos os quatro estimam a liberdade.

Quais são então as desinteligências? — Profundas! Assim, por exemplo, a ideia de liberdade entendem-na de diversos modos.

O Partido Histórico diz gravemente que é necessário respeitar as *liberdades públicas*. O Partido Regenerador nega, nega numa divergência absoluta, provando com abundância de argumentos que o que se deve respeitar são — as *públicas liberdades*.

A conflagração é manifesta!

Eça de Queirós. *Obras de Eça de Queirós*. Porto, Lello, 1966. v. 3, p. 974-5.

Nesse texto, Eça de Queirós satiriza os partidos políticos portugueses de seu tempo, mostrando que suas divergências não são programáticas, mas dizem respeito ao mero jogo do poder. O texto é construído ironicamente. As expressões *perpétuo antagonismo*, *irreconciliáveis*, *irritadas divergências*, *princípios que os separam*, *desinteligências profundas* etc. devem ser entendidas ao contrário: não possuem eles antagonismos, nem divergências de princípios, nem desinteligências profundas, nem são irreconciliáveis. O que permite entender que, de fato, o que se afirma é negado e que, quando o narrador vai explicitar as diferenças de posição entre os partidos, o que faz é mostrar identidades programáticas: os quatro são constitucionais, monárquicos, católicos, centralizadores, dão ênfase à economia, e assim por diante. A ironia mais fina é construída quando, depois de dizer que eles concebem de diversos modos a ideia de liberdade, o cronista mostra que a divergência entre o Partido Histórico e o Regenerador no que tange às liberdades públicas está na posição do adjetivo. Aquele prega o respeito às liberdades públicas, e este, às públicas liberdades.

O mecanismo básico de construção da coesão textual é a retomada, principalmente por palavras de valor anafórico, de termos anteriormente colocados no texto. Depois de afirmar que em Portugal há quatro partidos, retoma-se, com artigo definido, o termo *partido* quatro vezes, especificando-se quais são eles. Em seguida, eles são retomados pela expressão *quatro partidos*, precedida de artigo definido, para afirmar-se que vivem em perpétuo antagonismo. Mais adiante, para mostrar as únicas coisas que possuem em comum (*a lama do Chiado que todos pisam e a Arcada que a todos cobre*), recupera-se a expressão *os quatro partidos* com o anafórico *eles*. O pronome *os* retoma a expressão *os quatro partidos*, quando se pergunta em que se baseia o desacordo entre eles.

Os quatro parágrafos seguintes começam com a repetição do nome de um dos partidos na posição de sujeito. Seu predicado fala dos princípios programáticos de cada um deles, que são absolutamente idênticos, com exceção da ênfase neles posta (*monárquico* X *intimamente monárquico* X *imensamente monárquico*), da ordem em que aparecem no programa (*constitucional*, *monárquico* X *monárquico, constitucional*) e do vocabulário usado para expô-los (*lembra a necessidade da economia* X *prova irrefutavelmente a urgência da economia* X *dá subida atenção à economia* X *doidinho pela economia*).

Os cinco parágrafos seguintes recuperam, com o pronome indefinido *todos* e o numeral cardinal *quatro*, a expressão *quatro partidos*, mostrando convergências entre eles. No parágrafo seguinte, retoma-se, com o sinônimo *desinteligências*, o termo *divergências*. *Assim* introduz um segmento que vai confirmar a existência de desinteligências profundas; *por exemplo* serve para indicar que se vai especificar um processo que é bem amplo. Para exemplificá-las, recupera-se o nome de dois dos partidos, para dizer que a diferença entre eles está no lugar do adjetivo. A palavra *conflagração* recupera o termo *antagonismo*.

Com esse procedimento de retomada por anafóricos ou por palavras lexicais, constrói-se um texto bastante coeso, o que permite que a ironia seja imediatamente captada pelo leitor.

LIÇÃO 24 EXERCÍCIOS

TEXTO PARA AS QUESTÕES 1 E 2 (FUVEST)

A chuva salvou o GP Brasil. Vinte minutos de toró, mais uma brilhante corrida de Ayrton Senna, transformaram um passeio de Alain Prost num pesadelo molhado. O francês da Williams foi derrotado pela água. (...)

Para ganhar a corrida de Interlagos, Senna contou com sorte, perícia técnica bem traçada e, sobretudo,

uma burrada sem tamanho de Alain Prost. O nanico, que largou na pole, fazia uma prova sem sustos, liderava com tranquilidade e só perderia se um raio caísse em sua cabeça. Aconteceu quase isso. Na 30ª. passagem, debaixo de um belo aguaceiro, não parou para colocar pneus "biscoito" e no fim da Reta dos Boxes perdeu o controle de seu carro, batendo no Minardi de Cristian Fittipaldi.

Folha de S. Paulo, 29 mar. 1993, 5-1.

QUESTÃO 1

Há no texto várias palavras e expressões ligadas a *chuva*, como *toró*, *água*, (pesadelo) *molhado*, *aguaceiro*. Ao empregá-las, o autor procurou:

a) relatar um acontecimento previsível, verificado durante o GP Brasil.

b) apresentar a chuva inesperada como único fator da derrota de Prost.

c) apresentar dois pontos de vista com relação ao fenômeno da chuva: um, ligado ao vencido, outro, ao vencedor.

d) conseguir efeitos estilísticos que tornassem o texto mais preciso e elegante.

e) demonstrar que, às vezes, a providência divina faz sua própria justiça.

QUESTÃO 2

Em todo o texto, os nomes de Alain Prost e Ayrton Senna nunca são retomados expressamente pelo pronome *ele*. O autor,

a) não repetindo pronomes, caracteriza, com precisão, a personalidade de cada um dos pilotos.

b) preferindo os recursos utilizados, deprecia Prost e evita possíveis ambiguidades.

c) empregando a expressão *"o francês da Williams"*, subestima um possível motivo da superioridade de Prost.

d) utilizando esse expediente, dá o máximo de informações sobre os dois pilotos rivais.

e) optando por outras expressões, torna o texto propositadamente prolixo e confuso.

TEXTO PARA AS QUESTÕES 3 E 4 (FUVEST)

Talvez o esporte haja nascido de uma sublimação da guerra. Tanto melhor para os homens de boa vontade. A guerra só se faz com morte. E o esporte exige o máximo de vida. Guerra só traz euforia nacional ou tragédia. Esporte traz riqueza de emoções.

Se bem que ele já não seja mais tão santo, dada a violência, como também não seja mais puro, dado o poder do dinheiro. Isso explica por que, em condições normais, nenhuma seleção de basquete vença a seleção americana. Os americanos têm sob o basquete um império feito para funcionar. Mas no futebol não adiantam os impérios. Hungria, Holanda e Camarões não tinham grande tradição, e assombraram o mundo. Nada impede que um time da África venha a ser o furor da copa. A vocação futebolística é a que menos depende de estruturas e investimentos. Ela nasce casualmente. O dinheiro compra o craque, mas não faz o craque. O que faz o craque é o azar, o destino. É raro vermos uma encestada casual no basquete. No futebol, metade dos gols é acidente. Essa poética do acaso no futebol é que faz a chance dos pobres. Em qualquer subúrbio pode nascer um Dêner.

A. M. Rodrigues, *O Estado de S. Paulo*, 14 maio 1994, 0-2.

QUESTÃO 3

"Hungria, Holanda e Camarões não tinham grande tradição, e assombraram o mundo."

Essa frase **não** terá seu sentido alterado se se substituir o **e** sublinhado por:

a) assim como.

b) ao passo que.

c) caso em que.

d) porquanto.

e) no entanto.

QUESTÃO 4

Entre o 1º e o 2º parágrafos a locução **se bem que** estabelece uma relação de:

a) condição.

b) concessão.

c) comparação.

d) conformidade.

e) causalidade.

QUESTÃO 5 (FUVEST)

— Haveis de entender, começou ele, que a virtude e o saber têm duas existências paralelas, uma no sujeito que as possui, outra no espírito dos que o ouvem ou contemplam. Se puserdes as mais sublimes virtudes e os mais profundos conhecimentos em um sujeito solitário, remoto de todo contato com outros homens, é como se eles não existissem. Os frutos de uma laranjeira, se ninguém os gostar, valem tanto como as urzes e plantas bravias, e, se ninguém os vir, não valem nada; ou, por outras palavras mais enérgicas, não há espetáculo sem espectador. Um dia, estando a cuidar nestas cousas, considerei que, para o fim de alumiar um pouco o entendimento, tinha consumido os meus longos anos, e, aliás, nada chegaria a valer sem a existência de outros homens que me vissem e honrassem; então cogitei se não haveria um modo de obter o mesmo efeito, poupando tais trabalhos, e esse dia posso agora dizer que foi o da regeneração dos homens, pois me deu a doutrina salvadora.

Machado de Assis, *O segredo do bonzo*.

Nos segmentos do texto *"o ouvem ou contemplam"*, *"se eles não existissem"* e *"se ninguém os vir"*, os pronomes **o**, **eles** e **os** referem-se, respectivamente, a:

a) espírito, outros homens, frutos de uma laranjeira.

b) sujeito, profundos conhecimentos, outros homens.

c) saber, frutos de uma laranjeira, virtudes e conhecimentos.

d) sujeito, virtudes e conhecimentos, frutos de uma laranjeira.

e) espírito, virtudes e conhecimentos, outros homens.

QUESTÃO 6 (FUVEST)

O melhor momento do futebol para um tático é o minuto de silêncio. É quando os times ficam perfilados, cada jogador com as mãos nas costas e mais ou menos no lugar que lhes foi designado no esquema — e parados. Então o tático pode olhar o campo como se fosse um quadro-negro e pensar no futebol como uma coisa lógica e diagramável. Mas aí começa o jogo e tudo desanda. Os jogadores se movimentam e o futebol passa a ser regido pelo imponderável, esse inimigo mortal de qualquer estrategista.

L. F. Veríssimo, *O Estado de S. Paulo*, 23 out. 1993.

As expressões que retomam, no texto, o segmento *"o melhor momento do futebol"* são:

a) os times ficam perfilados — aí.

b) é quando — então.

c) aí — os jogadores se movimentam.

d) o tático pode olhar o campo — aí.

e) é quando — começa o jogo.

QUESTÃO 7 (UNICAMP)

A poesia, ao contrário da filosofia, não é um conhecimento teórico da natureza humana, mas imita, narrativa ou dramaticamente, ações e sentimentos, feitos e virtudes, situações e vícios dos seres humanos. No entanto, a poesia é diferente da história, embora esta também seja uma narrativa de feitos humanos e de situações, das virtudes e dos vícios dos humanos narrados. A diferença está no fato de que AQUELA visa, por meio de uma pessoa ou de um fato, a falar dos humanos em geral (cada pessoa [...] não é ela em sua individualidade, mas é ela como exemplo universal, positivo ou negativo, de um tipo humano) e a falar de situações em geral (por meio, por exemplo, do relato dramático de uma guerra, fala sobre a guerra), enquanto ESTA se refere à individualidade concreta de cada pessoa e de cada situação. A poesia trágica não fala de Édipo ou de Eletra, mas de um destino humano; a epopeia não fala de Helena, Ulisses ou Agamenon, mas de tipos humanos. A história, ao contrário, fala de pessoas singulares e situações particulares. Por isso, diz Aristóteles, a poesia está mais próxima da filosofia do que da história, já que esta nunca se dirige ao universal.

Marilena Chauí. *Introdução à história da filosofia*. p. 336-7.

As palavras que estão em maiúsculas foram introduzidas no trecho acima em substituição a duas palavras-chave para a exposição que faz M. Chauí das ideias de Aristóteles referentes a distintas formas de conhecimento. Um leitor atento será capaz de identificar as palavras que estavam no texto original, a partir da leitura do trecho aqui apresentado.

a) Substitua as palavras em maiúsculas pelas palavras que estavam no texto original.

b) De acordo com o texto, como podem ser caracterizadas as formas de conhecimento referidas por essas palavras?

c) Com base neste texto, a que se dirige a filosofia, segundo Aristóteles?

QUESTÃO 8 (UNICAMP)

Leia com atenção o diálogo abaixo e responda:

a) a que elemento(s) do texto fazem referência os termos sublinhados?

b) que termo você utilizaria para relacionar as duas últimas orações, de forma a manter o mesmo sentido decorrente da justaposição?

VEJA — Como o senhor avalia a situação atual do Plano Cruzado?

SARNEY — Neste momento estamos passando de um estágio emocional para um estágio racional. Em fevereiro, a inflação — mais a correção monetária — estava nos conduzindo para uma situação na qual o Brasil seria um país absolutamente ingovernável. Naquela ocasião, fizemos o que achamos que deveria ter sido feito, sem levar em consideração os custos políticos das nossas decisões, e sim o bem do povo. Convém lembrar que o ambiente político, na época, não era dos melhores. Falava-se em resistências, descontentamentos, até em greve geral. Uma vez anunciada a reforma econômica, porém, o que se viu foi uma extraordinária adesão popular. Não podíamos antever que a reação seria tão favorável. O povo tomou consciência da cidadania. Agora, oito meses depois, não estamos mais na fase dos "fiscais do Sarney" — os "fiscais do Sarney", que na realidade eram fiscais de seus direitos, nasceram de um momento de emoção, e esse momento passou. Hoje o momento é de racionalidade e é assim que temos de vivê-lo. Fiscalizar, participar, defender seus direitos são prerrogativas do cidadão. Mas o "fiscal do Sarney" foi importante. Ele fez nascer uma consciência nova da cidadania.

Veja, *949*, 12 nov. 1986.

QUESTÃO 9 (UNICAMP - ADAPTADA)

Leia com atenção o trecho a seguir:

Desinformar, ensina o dicionário, "é informar mal; fornecer informações inverídicas". Empregada como arma de guerra, a desinformação significa trabalhar a opinião pública de modo que esta, chamada a decidir sobre ideia, pessoa ou evento, ajuíze conforme o querer do desinformado.

Não se trata de novidade. É recurso tão antigo quanto os conflitos. Porém, no Brasil, raramente foi tão hábil e eficientemente engendrada e utilizada como em 1932 em favor do Governo Provisório. Contribuiu para circunscrever o âmbito da Revolução Constitucionalista, inamistá-la em várias áreas do país e para favorecer a mobilização destinada a enfrentá-la.

Gente simples, recrutada ao Norte e ao Sul, entrou na luta acreditando combater estrangeiros que tendo se apoderado do controle econômico de São Paulo buscavam empalmar o mando político. Isso fariam ajudados por alguns paulistas antigos, egoístas, rancorosos, vingativos, intencionando fazer do estado um país independente, hostil às áreas e às classes empobrecidas do Brasil. Os intrusos e os separatistas **disfarçariam** seus propósitos com o reclamar convocação de assembleia constituinte. Uns e outros deveriam ser combatidos sem piedade.

Hernâni Donato. Desinformação, arma de guerra em 1932. *Leitura*, *11*(33), jun. 1993.

a) Quem são, segundo o Governo Provisório, os dois inimigos a serem combatidos?

b) O que significa, e a quem se refere, no contexto, a expressão *isso fariam*?

TEXTO PARA AS QUESTÕES 10 E 11

(FUVEST - ADAPTADAS)

SENSAÇÕES ALHEIAS

Não alcancei mais nada, e para o fim arrependi-me do pedido: devia ter seguido o conselho de Capitu. Então, como eu quisesse ir para dentro, prima Justina reteve-me alguns minutos, falando do calor e da próxima festa da Conceição, dos meus velhos oratórios, e finalmente de Capitu. Não disse mal dela; ao contrário, insinuou-me que podia vir a ser uma moça bonita. Eu, que já a achava lindíssima, bradaria que era a mais bela criatura do mundo, se o receio me não fizesse discreto. Entretanto, como prima Justina se metesse a elogiar-lhe os modos, a gravidade, os costumes, o trabalhar para os seus, o amor que tinha a minha mãe, tudo isto me acendeu a ponto de elogiá-la também. Quando não era com palavras, era com o gesto de aprovação que dava a cada uma das asserções da outra, e certamente com a felicidade que devia iluminar-me a cara. Não adverti que assim confirmava a denúncia de José Dias, ouvida por ela, à tarde, na sala de visitas, se é que também ela não desconfiava já.

Machado de Assis. *Dom Casmurro*. Livraria Garnier, Rio de Janeiro, 1988.

QUESTÃO 10

O verbo *ser*, que por duas vezes aparece no texto, *"Quando não era com palavras, era com o gesto de aprovação que dava a cada uma das asserções da outra"*, está empregado em substituição de verbo anteriormente expresso, ao qual se refere e cujo sentido passa a ter. No trecho ele está substituindo

a) insinuava.

b) acendia.

c) bradava.

d) elogiava.

e) achava.

QUESTÃO 11

No trecho *"Não adverti que assim confirmava a denúncia de José Dias"*, aparece a palavra *assim*, que faz parte do grupo de instrumentos linguísticos que ligam as partes do discurso e promovem a coesão do texto. Ela remete a algo que já foi dito, isto é, ao contexto anterior. No presente, refere-se

a) aos elogios feitos por prima Justina.

b) ao pedido de ajuda feito à prima Justina para não ser mandado ao seminário.

c) à maneira como Bentinho reagira diante dos elogios de Justina a Capitu.

d) ao fato de Bentinho não ter seguido o conselho dado por Capitu.

e) ao receio e à discrição afetados por Bentinho.

QUESTÃO 12 (FUVEST)

A triste verdade é que passei as férias no calçadão do Leblon, nos intervalos do novo livro que venho penosamente perpetrando. Estou ficando cobra em calçadão, embora deva confessar que o meu momento calçadônico mais alegre é quando, já no caminho de volta, vislumbro o letreiro do hotel que marca a esquina da rua onde finalmente terminarei o programa-saúde do dia. Sou, digamos, um caminhante resignado. Depois dos 50, a gente fica igual a carro usado, todo o dia tem uma coisa dando errado, é a suspensão, é a embreagem, é o contrafarto do mesocárdio epidítico, a falta de serotorpina folimolecular, é o que os mecânicos e médicos disseram. Aí, para conseguir ir segurando a barra, vou acatando os conselhos. Andar é bom para mim, digo sem muita convicção a meus entediados botões, é bom para

todos.

João Ubaldo Ribeiro. *O Estado de S. Paulo*, 6 ago. 1995.

Na frase *"Aí, para conseguir ir segurando a barra, vou acatando os conselhos"*, *aí* será corretamente substituído, de acordo com seu sentido no texto, por:

a) Nesse lugar.

b) Nesse instante.

c) Contudo.

d) Em consequência.

e) Ao contrário.

QUESTÃO 13

Leia com atenção o texto que segue:

Se o seu relacionamento com a balança anda um pouco pesado,
conheça Slim Shake. Um alimento balanceado que substitui uma refeição.
Slim Shake faz você emagrecer da maneira mais inteligente que existe: bem alimentado.
Porque Slim Shake tem 50% das suas calorias provenientes
de proteínas, que são essenciais para um emagrecimento correto:
perder gordura e nunca músculos — tecidos magros. Isso significa
perder peso e não saúde. Manter a forma, mantendo o bom humor.
Além das proteínas, Slim Shake contém fibras, vitaminas e
sais minerais. Enquanto uma refeição normal traz em média 1200 calorias,
um copo de 250 ml de Slim Shake contém 133,21 calorias (diluído em água) ou
233,46 calorias (misturado com leite desnatado).
Um plano de emagrecimento de 3 semanas acompanha a embalagem do produto.
Slim Shake é produzido pela Slim, fabricante do Zero-Cal. E está de acordo com
o Codex Alimentarius International, da Organização Mundial de Saúde.
Se você não pode comer, beba.
Slim Shake. Chocolate, morango, baunilha ou cappuccino.
(Atendimento ao consumidor: 011-548-4766.)

O advérbio *bem*, que ocorre na chamada final do texto, pode estar modificando *emagreça* ou *alimentado*.

a) Supondo que se refira a *emagreça*, dê o significado do advérbio e transcreva passagens do texto que estão em coesão com essa relação e esse significado.

b) Supondo que se refira a *alimentado*, proceda da mesma forma que no item a.

QUESTÃO 14

Os dois trechos que seguem foram extraídos da letra da música "Último desejo", de Noel Rosa.

I) Perto de você me calo
Tudo penso e nada falo
Tenho medo de chorar.
Nunca mais quero o seu beijo
Mas meu último desejo
Você não pode negar
.....

II) Às pessoas que eu detesto
Diga sempre que eu não presto
Que meu lar é o botequim...

Na biografia de Noel Rosa, consta que a cantora Aracy de Almeida andou alterando a letra do ilustre compositor.

O amigo de Noel, Armênio Mesquita Veiga, deu-lhe a notícia nestes termos: "... em vez de '**Mas** meu último desejo', ela canta '**Pois** meu último desejo' e em lugar de 'Que meu lar é **o** botequim' ela diz 'que meu lar é **um** botequim'.

Diante da informação do amigo, Noel reagiu: "Juro que nunca mais dou música minha pra ela gravar".

João Máximo & Carlos Didier. *Noel Rosa, uma biografia*. Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1990. p. 446-52.

Tem razão o compositor Noel Rosa de ficar irritado com as alterações que a cantora Aracy de Almeida introduziu na letra de sua canção.

a) Por que a conjunção *pois* é inadequada para exprimir a relação que vem expressa pela conjunção *mas*?

b) Sob o ponto de vista do significado, que diferença faz trocar o artigo *o* por *um* em "*meu lar é o botequim*"?

QUESTÃO 15

O mau uso dos mecanismos de coesão pode produzir efeitos perturbadores para a compreensão do texto. É o que ocorre no caso que segue.

Engulo o uísque e vou caminhando. Tenho um encontro com um empresário e um americano antropólogo que está com ele. Cinema, grana, outros papos. O burguês amigo meu fala sem parar nas tragédias da lucratividade nacional. Meu amigo fala muito "deles... deles... deles". Todo o mal do Brasil

é culpa deles. O mundo e o país estão sendo destruídos por eles. Até que o americano não aguenta mais de curiosidade e pergunta: “Who are they?” (Quem são eles?) Meu amigo para, travado. Quem são eles? Aí descubro o óbvio triunfal. Eles são os outros. São as forças ocultas que desculpam nossa omissão. Grande categoria descobri: eles. Todos nós falamos da desgraça nacional como se fosse feita por outros, seres impalpáveis que são responsáveis por tudo. Eles podem ser o governo, o operariado, os americanos, os jornalistas, até os judeus talvez... Todos, menos nós.

Arnaldo Jabor. *Os canibais estão na sala de jantar*. 5. ed. São Paulo, Siciliano, 1993. p. 19.

a) Qual é o motivo de tamanha curiosidade do americano ao perguntar: “Quem são eles?”.

b) Sob o ponto de vista argumentativo, o uso do pronome *eles/deles* seguidas vezes produziu um efeito de sentido favorável ou desfavorável para o falante? Explique sua resposta.

QUESTÃO 16

O uso descuidado dos anafóricos pode produzir ambiguidades que nos impedem de saber qual foi a intenção do redator ao escrever seu texto. É o que se dá com a passagem que vem a seguir:

Perante o tribunal, o menino identificou como seu agressor o colega do primo que frequenta a mesma escola que ele.

a) A quem se refere o pronome relativo *que*?

b) A quem se refere o pronome pessoal *ele*?

c) Imagine que o pronome relativo esteja se referindo a *colega*. Reescreva o trecho, usando um pronome demonstrativo para indicar que o *colega* frequenta a mesma escola do *primo*.

d) Imagine que o pronome relativo esteja se referindo a *primo*. Reescreva o trecho, usando um sinônimo de *colega* para indicar que o *primo* frequenta a mesma escola do *colega*.

PROPOSTAS DE REDAÇÃO

O trecho que segue faz parte de *O crime do padre Amaro*, romance de Eça de Queirós:

1) A Marquesa de Alegros ficara viúva aos quarenta e três anos, e passava a maior parte do ano retirada na sua quinta de Carcavelos. [...] As suas duas filhas, educadas no receio do céu e nas preocupações da mora, eram beatas e faziam o chique falando com igual fervor da humildade cristã e do último figurino de Bruxelas. Um jornalista de então dissera delas: — Pensam todos os dias na “toilette com que hão de entrar no Paraíso”.

Eça de Queirós. *Obras completas de Eça de Queirós;* O crime do padre Amaro. Porto, Lello, s/d. v. 1, p. 22.

Como se nota, as filhas da Marquesa de Alegros vêm caracterizadas satiricamente por meio de um jogo de coesão marcado pela seleção de dois conjuntos de palavras e expressões que pertencem a dois campos de significado opostos entre si: de um lado, ocorrem termos que se incluem no universo conceitual da espiritualidade; de outro, termos que se incluem no universo da materialidade.

Representando esquematicamente, temos:

UNIVERSO DA ESPIRITUALIDADE	UNIVERSO DA MATERIALIDADE
• receio do céu	preocupações com a moda
• beatas	faziam o chique

• humildade cristã	último figurino

Nesses pares, o segundo termo desmente o primeiro, expondo a contradição entre eles, a qual vem ridicularizada no período final.

Procure, usando um esquema similar, satirizar a atitude de uma personagem que, devido à sua posição na sociedade ou ao cargo que exerce, tem um discurso moralista. Na vida privada, porém, contradiz de maneira chocante aquilo que prega.

2) Procure completar o trecho que segue, dando continuidade à orientação argumentativa indicada pelo conector sublinhado:

Como em qualquer outra profissão, os jornalistas não estão livres da corrupção. Há a pequena corrupção, na qual repórteres e editores aceitam presentes caros ou trocam favores com empresários e políticos. Há também, entre outras variantes, a grande corrupção, que envolve grandes somas de dinheiro ou o equivalente em espécie. Apesar disso...

Revista Imprensa, *78* :4, mar. 1994.

3) Tinha razão o camponês que declarou no VIII Congresso dos Sovietes: tudo vai bem. Mas, se a terra é para nós, o pão é para vocês, isto é, para os comissários; a água é para nós, mas o peixe para vocês; as florestas são para nós, mas a madeira para vocês.

Izvestia de Kronstadt, 25 mar. 1921. Apud ARVON, Henri. *A Revolta de Kronstadt*. (Fuvest-94)

O trecho acima cria um efeito irônico por meio de um jogo argumentativo com o conector *mas*, que, como se viu, estabelece uma relação de contradição, ligando enunciados com direção argumentativa oposta. Após dizer que tudo vai bem, o camponês contrapõe a essa afirmação três sequências em que se opõem os bens de produção (terra, água, florestas) aos bens de consumo (pão, peixe, madeira). Como é próprio do *mas*, o que vem à sua direita tem um peso argumentativo maior do que o que vem à esquerda. Com isso, *reforça* a ironia, dizendo que o que pertence ao *nós* é menos vantajoso do que o que pertence ao *vocês* (os comissários).

Suponha que o texto comece assim:

Tem razão o prefeito da cidade quando diz: cumprimos todas as nossas promessas.

Seguindo um esquema argumentativo semelhante ao do trecho proposto para comentário no vestibular de História, construa um pequeno texto tomando como início o período acima transcrito. Dê continuação a ele com a conjunção *mas*.

LIÇÃO 25

A *palavra* coerência, *da mesma família de* aderência *e* aderente, *provém do latim* cohaerentia *(formada do prefixo* co = junto com + *o verbo* haerere = estar preso*). Significa, pois, conexão, união estreita entre várias partes, relação entre ideias que se harmonizam, ausência de contradição.*

É a coerência que distingue um texto de um aglomerado de frases.

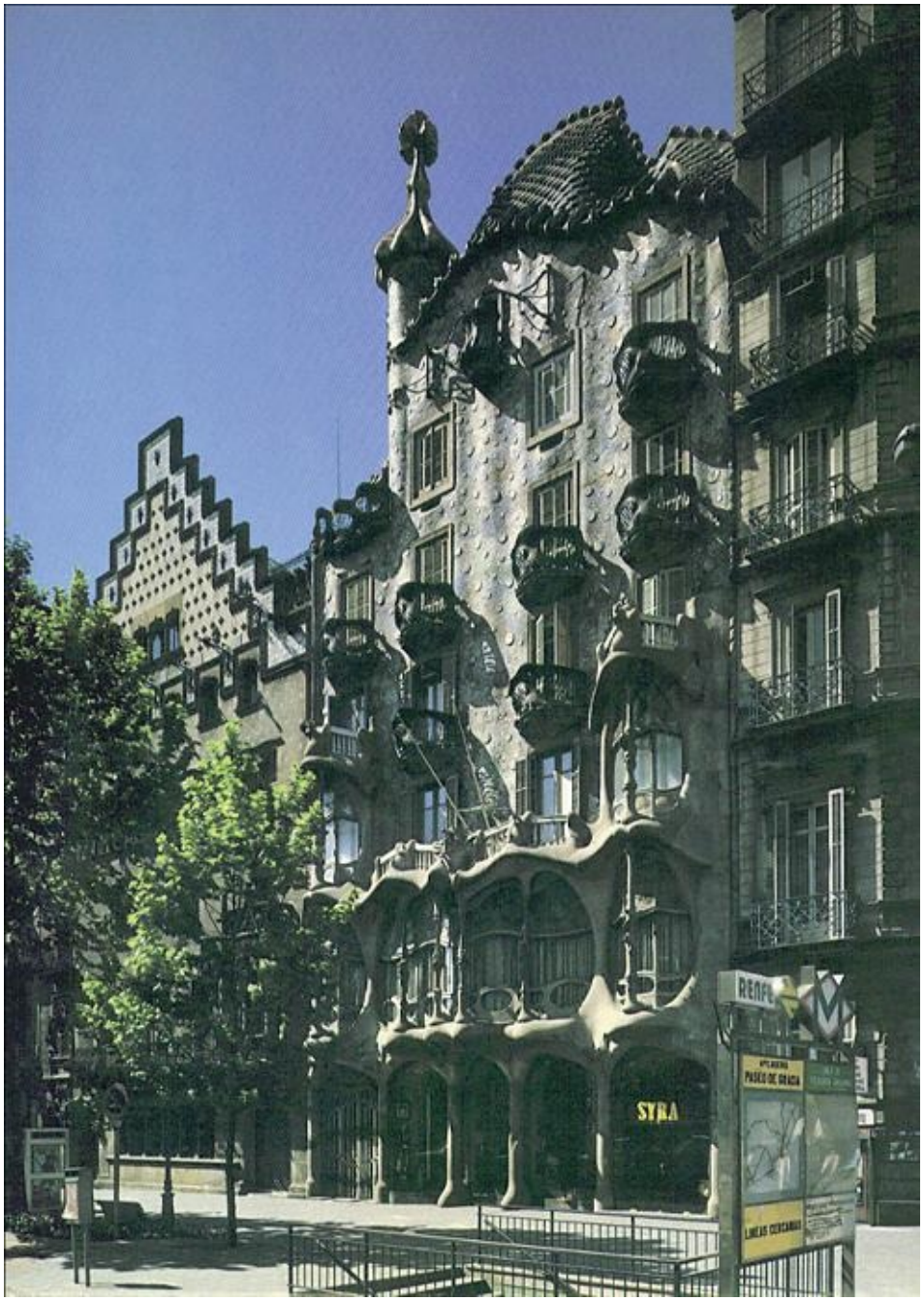

Neste edifício do arquiteto catalão Gaudi, situado em Barcelona, há uma coerência que percorre toda a obra, partindo da fachada, passando pelo tratamento dado às superfícies e chegando até os detalhes das portas e janelas. Essa coerência é obtida por meio das estruturas sintáticas adotadas pelo arquiteto, ou seja, pelo padrão de desenho comum aos diversos elementos do edifício, caracterizado fundamentalmente pela assimetria e sinuosidade das formas.

Casa Milà, projeto do arquiteto Gaudi, de 1890.

LIÇÃO 25

COERÊNCIA E PROGRESSÃO TEXTUAL

Leia o texto de Oswald de Andrade que vem a seguir:

INFÂNCIA

O camisolão
O jarro
O passarinho
O oceano
A visita na casa que a gente sentava no sofá

ADOLESCÊNCIA

Aquele amor
Nem me fale

MATURIDADE

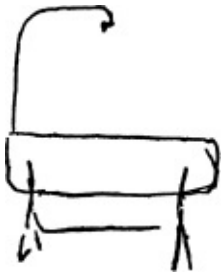

O Sr. e Srª Amadeu
Participam a V. Exª
O feliz nascimento
De sua filha
Gilberta

Oswald de Andrade. *Trechos escolhidos*. Rio de Janeiro, Agir, 1967. p. 31-2.
Os desenhos são do próprio autor.

O que chama a atenção nesse texto é que não há elementos coesivos a retomar o que foi dito antes ou a encadear os segmentos. Apesar disso, é possível atribuir um significado unitário a ele? Sem dúvida. Ao lê-lo, logo percebemos que um dos sentidos possíveis é que se trata de *flashes* de cada uma das três grandes fases da vida: a infância, a adolescência e a maturidade. A primeira é caracterizada pela descoberta do mundo (*o oceano*), por brincadeiras e travessuras (*o jarro*, que certamente o menino quebrara; *o passarinho*, que caçara) e por lembranças que deixaram marcas (*a visita* a casas em que

recebiam numa sala destinada a esse fim; *o camisolão*, que se usava para dormir); a segunda é marcada pelo início das experiências amorosas, por amores perdidos, de que se lembra com carinho; a terceira é assinalada pela formalidade e pelas responsabilidades, indicadas pela participação oficial do nascimento da filha. Se a primeira parte é uma sucessão de palavras, se a segunda é uma frase em que falta um nexo sintático e se a terceira é uma participação de nascimento da filha, por que entendemos o texto? Porque é coerente.

Frequentemente ouvimos dizer: *seu texto não está coerente; isso não é um texto, é o samba do crioulo doido; suas ideias são confusas, sem coerência*. Nunca sabemos bem o que seja coerência. Que é afinal esse requisito indispensável à existência de um texto? Coerência é a relação que se estabelece entre as partes do texto, criando uma unidade de sentido.

No poema de Oswald de Andrade acima transcrito, que é que estabelece essa unidade de sentido? Os títulos Infância, Adolescência e Maturidade. A partir deles, vemos que o que o poeta faz é apresentar *flashes* que caracterizam cada uma das três grandes fases da vida.

A coesão auxilia no estabelecimento da coerência, mas não é algo necessário para que ela se dê. Temos, como vimos, conjuntos linguísticos que são texto porque são coerentes, embora não tenham coesão.

Esta diz respeito ao encadeamento linear das unidades linguísticas presentes no texto, enquanto aquela concerne às relações de sentido. Assim, quando se fala em coerência, pensase na não contradição de sentidos entre passagens do texto, na existência de uma continuidade semântica. Ela é um fator de interpretabilidade do texto, pois é ela que possibilita a atribuição de um sentido unitário ao texto. Está relacionada, portanto, a sua organização subjacente. Num texto, uma ideia ajuda a compreender outra, para criar um sentido global. Cada uma das partes do texto deve estar relacionada a essa unidade semântica. A incoerência seria, pois, a violação das articulações de conteúdo de cada um dos níveis de organização do texto. Temos, por conseguinte, diferentes níveis de coerência:

a) **Coerência narrativa** é a que ocorre quando se respeitam as implicações lógicas existentes entre as partes da narrativa. Assim, por exemplo, para que uma personagem realize uma ação, é preciso que ela tenha capacidade, ou seja, saiba e possa fazê-la. Isso quer dizer que a realização de uma ação implica, pressupõe um poder e um saber. Na narrativa, o que é posterior depende do que é anterior. Constitui, portanto, incoerência narrativa relatar uma ação realizada por um sujeito que não tem condições de executá-la. Veja-se, por exemplo, esse texto de uma redação de vestibular:

Lá dentro havia uma fumaça espessa que não deixava que víssemos ninguém.

Meu colega foi à cozinha, deixando-me sozinho. Fiquei encostado na parede da sala, observando as pessoas que lá estavam. Na festa, havia pessoas de todos os tipos: ruivas, brancas, pretas, amarelas, altas, baixas etc. (Nesse caso, há uma incoerência, pois a personagem não podia ver e viu.)

Dizer, por exemplo, que uma personagem foi a uma partida de futebol, sem nenhum entusiasmo, pois esperava ver um mau jogo e, posteriormente, saiu decepcionada com o péssimo futebol apresentado é incoerente, pois quem não espera nada não se decepciona. A decepção pressupõe o desejo de que alguma coisa aconteça, a expectativa de que, de fato, ela ocorrerá e, depois, a constatação de que não se dará.

b) A **coerência argumentativa** diz respeito às relações de implicação ou de adequação que se estabelecem entre certos pressupostos ou afirmações explícitas colocadas no texto e as conclusões que se tira deles, as consequências que se fazem deles decorrer. Se, por exemplo, o texto disser que o

descontrole orçamentário é a causa da inflação e que esta é o problema mais grave do país, será contraditório se concluir que o governo deve aumentar os gastos públicos para reaquecer a economia. Se alguém fizer o seguinte raciocínio *Todo cão come carne. Ora, o cão é uma constelação. Logo, uma constelação come carne*, haverá incoerência, pois a conclusão não é adequada às afirmações feitas anteriormente, dado que nelas se tomou o termo *cão* em dois sentidos diferentes ("animal da espécie dos canídeos" e "grupo aparente de estrelas que apresenta o aspecto de um cão e, por isso, recebe esse nome") e a conclusão faz de conta que se trata do mesmo sentido. Será também incoerente por falta de adequação o seguinte raciocínio: *Toda cidade tem pobres. São Paulo tem pobres. Logo, São Paulo é uma cidade*. Nele, existe uma inadequação entre as afirmações anteriores e a conclusão, pois pode haver pobres em lugares que não são cidades, bem como existir cidade onde não haja pobres. Há também inadequação quando um segmento do texto não tem nenhuma relação com o que vem anteriormente: *O senhor é contra ou a favor da legalização do jogo no Brasil? O Brasil tem muitos problemas sociais que é preciso resolver. Nosso empenho é dar melhores condições de vida ao povo brasileiro.*

c) **Coerência figurativa** diz respeito à combinatória de figuras para manifestar um dado tema ou à compatibilidade de figuras entre si. Sabemos que as figuras se encadeiam num percurso, para manifestar um determinado tema e, para isso, têm que ser compatíveis umas com as outras, senão o leitor não percebe o tema que se deseja veicular. Por outro lado, há figuras que são claramente incompatíveis entre si. Num dos vestibulares da Fuvest, um aluno, ao narrar uma festa, disse que ela constava de um chá, servido numa biblioteca, onde havia estantes de mogno, livros encadernados em couro, tapetes persas, quadros de pintores famosos; que os homens estavam de terno e gravata e as mulheres de *tailleur*, blusa de seda e colar de pérolas; que o chá foi servido por um mordomo uniformizado; que o serviço de chá era de prata e de porcelana de Sèvres e que, ao fundo, tocava uma música do Agnaldo Timóteo. Qualquer pessoa pertencente a nossa cultura percebe que a figura *música do Agnaldo Timóteo* não é compatível com as demais figuras, que formam um percurso que manifesta o tema do requinte. Ela encadear-se-ia bem com figuras como sanduíche de pernil, festa no fundo do quintal, cerveja gelando no tanque etc. Na frase *Os peixes durante a gravidez ficam agressivos*, há uma incompatibilidade flagrante entre as figuras *peixe* e *gravidez*, pois sabemos que peixes não engravidam. Quando se diz *Eu não viso o trabalho ao lucro* (frase ouvida numa entrevista de rádio), há uma incompatibilidade clara entre os termos, pois *visar* não pode combinar com dois objetos inanimados. No sentido de "almejar" tem apenas um objeto inanimado introduzido por *a*. Aqui certamente a pessoa teria querido dizer *Não associo o trabalho ao lucro*. Será incoerente também combinar figuras logicamente incompatíveis como *ser casado* e *não ter esposa*.

d) **Coerência temporal** é aquela que respeita as leis da sucessividade dos eventos ou apresenta uma compatibilidade entre os enunciados do texto, do ponto de vista da localização no tempo. O período *Maria pôs o arroz no fogo, depois escolheu-o* é incoerente, pois subverte a sucessividade dos eventos do processo de preparo do arroz: primeiro, escolher; depois, pôr no fogo. No trecho *Quando o professor entrou, ele já tinha posto o sapo na bolsa da colega e estava sentado tranquilamente no seu lugar. O mestre pegou-o em flagrante, quando estava pondo o sapo na bolsa da colega*, há incoerência pois os enunciados são incompatíveis do ponto de vista da temporalização, já que o mesmo evento (pôr o sapo na bolsa da colega) é considerado, ao mesmo tempo, anterior (*tinha posto*) e concomitante (*estava pondo*) ao momento da entrada do professor.

Grandes empresas públicas ou privadas emitem uma enorme variedade de mensagens para seus usuários.Para sistematizá-las e dar a elas um princípio de coerência visual, costumam ser estabelecidas normas e padrões aos quais elas devem obedecer. No caso do Metrô de São Paulo, o princípio de coerência visual parte da logomarca da empresa, passa pela sinalização das estações e chega até o bilhete que o usuário carrega na mão. O resultado é uma empresa com uma identidade claramente definida, que pode dar uma solução rápida para novos problemas de comunicação que surjam, uma vez que já existem padrões definidos para responder a eles.

METRÔ

e) **Coerência espacial** diz respeito à compatibilidade entre os enunciados do ponto de vista da localização no espaço. Seria incoerente dizer *Embaixo do único lustre, colocado bem no meio do teto, um grupo de pessoas conversava animadamente. Quando ela entrou, todos pararam de falar e olharam para ela. Ela não se importou e foi também postar-se embaixo do lustre num dos cantos do salão,* pois, se o único lustre era no meio do salão, não poderia ser num dos cantos.

f) **Coerência no nível de linguagem** usado é a compatibilidade, do ponto de vista da variante linguística escolhida, no nível do léxico e das estruturas sintáticas utilizados no texto. Assim, é incoerente colocar expressões chulas ou da linguagem informal num texto caracterizado pela norma culta formal. Tanto sabemos que isso não é permitido que, quando vamos violar a coerência no nível de linguagem, fazemos uma ressalva, dizendo *com perdão da palavra, se me permitem o uso da palavra* etc. Veja no exemplo abaixo esse tipo de incoerência:

Magnífico Reitor da Universidade de São Paulo

Tendo tomado conhecimento pelos periódicos da capital paulista de que o Prefeito da Cidade Universitária, onde está situada a Universidade que Vossa Magnificência, com alto descortino, dirige, resolveu interditar o acesso da população ao campus nos finais de semana, ouso vir à presença de Vossa Magnificência para manifestar-lhe meu repúdio ao fato de uma instituição pública querer subtrair da população de uma cidade desumana um espaço de lazer. Francamente, achei a maior sujeira da parte da USP, sacanagem, nada a ver.

Alguém poderia perguntar qual é a instância que determina o que é ou não coerente, já que parece óbvio que, quando se cometem contradições como localizar um objeto em tal lugar do espaço e mais adiante localizá-lo noutro, a incoerência é indiscutível, mas que, em outros casos, como, por exemplo, dizer que a figura *música do Agnaldo Timóteo* não se combina com outras figuras do percurso que manifesta o tema do requinte, mas se encadeia com as que mostram o tema da breguice, pode-se pensar que o analista é que está sendo preconceituoso.

A questão da coerência está relacionada aos dois conceitos de verdade com que se trabalha. O primeiro é a adequação do que foi dito à realidade: por exemplo, se um rapaz diz à namorada que foi dormir cedo e saiu para ir a uma boate, considera-se que ele contou uma mentira, porque o que disse não está de acordo com a realidade. O segundo é a pressuposição entre os enunciados do texto, pois um não pode contradizer o outro: por exemplo, se alguém diz que os seres humanos devem ser tratados com

respeito, não podendo sofrer nenhum castigo físico e que, portanto, os pais devem bater nos filhos, violou a lógica dos enunciados, dado que uma criança é um ser humano e, por conseguinte, a primeira ideia não permitiria a conclusão de que os pais devem bater nos filhos.

Neste texto de Marcelo Paiva, publicado na *Folha de S. Paulo*, de 28 de junho de 1993, o articulista nota duas contradições do prefeito Paulo Maluf numa entrevista concedida a Jô Soares: a primeira diz respeito a uma contradição entre os enunciados da entrevista; a segunda, a uma inadequação entre o discurso e a realidade:

Paulo Maluf, em campanha para a Presidência, no Jô da última quarta-feira: "O Lula não tem experiência. Antes de se candidatar à presidência, deveria começar como prefeito de São Bernardo". Se contradisse, logo em seguida, ao comentar sua obstinação pelo posto máximo em que pode chegar um "homem público":

"Lincoln perdeu sua eleição para prefeito, deputado, governador, mas não só ganhou para a presidência, como fez um trabalho memorável". "Então Lula segue os caminhos de Lincoln?", deveria ter perguntado Jô.

Segunda contradição: "O brasileiro tem que cobrar as promessas de campanha de seus candidatos". Maluf prometera, na campanha para prefeito, não se candidatar à presidência, mais que isso, acusou o seu oponente, Eduardo Suplicy, de carreirista e de candidato potencial a outros cargos. (6-2)

Apresentamos já diferentes níveis do texto em que precisa haver coerência: narrativo, figurativo, temporal etc. A partir dos dois conceitos de verdade que acabamos de definir, podemos dizer que há, em cada um desses níveis, dois tipos de coerência:

1) **coerência intratextual**, que é aquela que diz respeito à relação de compatibilidade, de adequação, de não contradição entre os enunciados do texto, como ocorre, por exemplo, quando respondemos o que nos foi perguntado, quando não desdizemos o que acabamos de dizer etc.

2) **coerência extratextual**, que concerne à adequação do texto a algo que lhe é exterior. Essa exterioridade pode ser:

a) o conhecimento de mundo: são aqueles dados referentes ao mundo físico, à cultura de um povo, ao conteúdo das ciências etc., que constituem o repertório a partir do qual produzimos e entendemos textos. Sabemos, em virtude de nosso conhecimento de mundo físico, que a frase *Virgem dá à luz trigêmeos* é incoerente, dado que são incompatíveis virgindade e maternidade. A figura *música do Agnaldo Timóteo* não cabe no percurso figurativo do requinte, porque, em nossa cultura, ele é considerado um compositor brega, que não faz composições requintadas. Assim, há uma inadequação do texto a um dado cultural. Se disséssemos *Portugal, jardim plantado à beira do Pacífico*, haveria uma incoerência entre as figuras *Portugal* e *Pacífico*, porque o conhecimento geográfico nos ensina que Portugal é banhado pelo Atlântico e não pelo Pacífico.

b) os mecanismos gramaticais e semânticos da língua. Observe o texto abaixo, um trecho de uma redação de vestibular, retirado do livro *A coerência textual*, de Ingedore Villaça Koch e Luiz Carlos Travaglia (São Paulo, Contexto, 1990, p. 36):

Felicidade é um viver como aprendiz. É retirar de cada fase da vida uma experiência significativa para o alcance de nossos ideais.

É basear-se na simplicidade do caráter ao executar problemas complexos; ser catarse permanente de doação sincera e espontânea.

Nesse texto, usa-se *executar* no lugar de *resolver*; utiliza-se *catarse*, que significa "reação de liberação ou liquidação de afetos por muito tempo recalcados no subconsciente e responsáveis por um trauma", indevidamente, pois se dá a essa palavra o complemento *de doação sincera e espontânea*. Não se pode atribuir um sentido unitário a esse texto, porque ele não está adequado aos mecanismos que, na língua, regem o encadeamento dos significados.

Passemos agora a uma outra questão. Às vezes, temos aparentes incoerências. Nesses casos, o texto em que ocorrem ganha uma unidade de sentido devido a uma série de fatores, que devem ser levados em conta na atribuição do significado:

1) o contexto (unidade linguística maior, responsável pela atribuição de sentido a uma unidade menor que está inserida nela: assim, a frase constitui o contexto da palavra, o texto, o da frase, etc.). Quando lemos a manchete *Canadá em São Paulo* (*Jornal da Tarde*, 1.. jul. 1992), achamos que ela é incoerente, pois nosso conhecimento de mundo nos diz que o Canadá não se localiza em São Paulo. A leitura do texto que vem abaixo do título desfaz essa aparente incoerência:

CANADÁ EM SÃO PAULO

Parque canadense será inaugurado hoje

São Paulo ganha hoje um parque que reúne duas grandes "paixões" do paulistano: o verde e a água. O verde está na farta arborização do novo local de lazer: 2100 árvores, de 120 espécies diferentes. E a água está no lago que recobre 70% dos 110 mil metros quadrados de área do parque Cidade de Toronto.

A vegetação procura fazer jus ao nome do novo local de lazer. Batizado com este nome graças ao Programa Municipal de Intercâmbio Profissional firmado entre São Paulo e Toronto — que doou parte das verbas necessárias à sua construção —, o parque, situado na zona Oeste, presta uma homenagem à cidade canadense através da vegetação típica de clima temperado, como o pinheiro e o plátano, introduzida junto às plantas nativas.

Os outros dados contidos no texto ajudam a compreender que não há nenhuma incoerência no título, pois, nele, a palavra *Canadá* não está sendo usada como nome de país, mas metonimicamente, isto é, o todo em lugar da parte (parque construído na cidade de São Paulo, com recursos provindos de uma cidade canadense e que tem em sua vegetação plantas típicas de clima temperado).

Veja um outro conjunto linguístico:

1 – Um chopps
2 – E dois pastel (...)
5 – O polpettone do Jardim de Napoli (...)
30 – Cruzar a Ipiranga com a Av. São João (...)
43 – O "Parmera" (...)
45 – O "Curíntia" (...)

59 – Todo mundo estar usando cinto de segurança

O Estado de S. Paulo, 25 jan. 1995, A10-1.

Esse conjunto poderia não fazer sentido nenhum. No entanto, colocado num contexto como o seguinte, *100 motivos para gostar de São Paulo*, ganha o estatuto de um texto coerente.

2) a situação de comunicação. Muitas vezes, um texto parece absurdo, quando não se conhece a situação em que foi produzido. Ela permite que se deixem implícitos certos segmentos do texto, que, fora dela, precisariam ser especificados, para que um texto tivesse coerência. Por exemplo,

— O vendedor.
— Estou ocupado demais.
— Pode deixar que dou um jeito.

Na verdade, explicitando os implícitos devidos à situação de comunicação, o texto seria o seguinte:

— O vendedor, que você estava esperando, chegou.

— Estou ocupado demais para atendê-lo agora. Veja se outra pessoa pode fazê-lo.

— Pode deixar que dou um jeito, para que ele seja atendido.

3) as regras do gênero a que o texto pertence. Quando se fala em adequação a um dado conhecimento de mundo, muitas pessoas pensam que esse conhecimento se refere somente ao mundo efetivamente existente, que se pode ver, tocar etc. No entanto, sabemos que uma das propriedades da linguagem é a capacidade de criar mundos. Há gêneros de textos (por exemplo, a ficção científica, os contos de fada, os mitos, o discurso religioso etc.) cuja regra básica é criar outros mundos possíveis, onde a lógica do mundo apreendido pela experiência imediata não tem valor. O conhecimento de mundo acerca da concepção humana mostra que um texto que combine figuras referentes à virgindade e à maternidade é incoerente. No entanto, no universo criado pelo discurso religioso consideramos absolutamente coerente o seguinte texto: *Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, cujo nome será Emanuel, que significa: Deus conosco* (Mateus, 1, 23), pois uma regra basilar do universo religioso é a conciliação de contrários.

4) o intertexto. Quando um texto retoma outro, constrói-se com base em outro, como vimos na lição 4, ganha coerência, ao percebermos a relação que se estabelece entre eles. Intertextualidade é exatamente a relação entre dois textos. Veja o exemplo abaixo, poema de José Paulo Paes:

KIPLING REVISITADO

se etc
se etc
se etc
se etc
se etc
se etc
se etc
serás um teorema
meu filho

José Paulo Paes. *Um por todos*. São Paulo, Brasiliense, 1986. p. 97.

Para que esse texto ganhe sentido, precisamos conhecer o célebre poema "*Se*...", do poeta inglês Kipling. Nele, cada verso começa com *se* (por exemplo, Se sonhas, mas não és por sonhos dominado; / se

pensas, mas não fazes do pensamento teu alvo...). O poema termina da seguinte forma: se, de cada minuto, enches cada segundo / com um passo para frente em luminoso trilho, / então eu te direi que dominas o Mundo / e direi muito mais: que és um homem, meu filho! Sabemos que o texto de José Paulo Paes constrói-se com base no poema de Kipling pelo título, pelo fato de os sete primeiros versos serem formados de um *se* seguido de *etc*. e pela construção dos dois últimos versos. O poema de José Paulo Paes tem um claro sentido irônico, o que ele quer dizer é que, se alguém pautar sua vida pelo que Kipling considera valores, será não um homem, mas um teorema, ou seja, uma demonstração da visão de mundo de Kipling.

Além desses casos de aparente incoerência, é preciso verificar que há outros textos em que a quebra da coerência visa à criação de certos efeitos de sentido, ou seja, há textos em que propositadamente se constroem incoerências, para criar um dado sentido, ou que fazem da não coerência o princípio de geração do sentido. Isso significa então que, em hipótese nenhuma, há textos incoerentes? Há textos incoerentes. Para saber se a incoerência foi proposital ou derivou de inabilidade ou ignorância de quem escreve, é preciso ver se o produtor do texto espalhou nele pistas para que o leitor possa perceber que a incoerência foi criada deliberadamente com vistas a produzir um dado sentido. Por exemplo, no texto em que aparece a *música de Agnaldo Timóteo*, o produtor do texto poderia, com essa incoerência, estar ridicularizando um novo-rico, que pode ter tudo aquilo que o dinheiro consegue comprar, mas que não tem gosto, não tem refinamento. No entanto, para isso, seria preciso deixar pistas no texto, indicando que os donos da casa eram novos-ricos, sem qualquer verniz cultural. Da forma como o texto foi redigido, ele ficou simplesmente incoerente.

Um livro como *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carrol, pretende discutir os paradoxos do sentido, subverter o princípio da realidade, mostrar as dificuldades de raciocínio que parecem sem saída, confrontar a lógica de nosso mundo e das línguas com outras lógicas. Ele tem, por isso, a inversão como seu princípio constitutivo, faz da incoerência seu fator de coerência. Tomemos dois pequenos trechos:

— Que os jurados deliberem o veredito — disse o Rei, mais ou menos pela vigésima vez naquele dia.

— Não, não! — gritou a Rainha. — Primeiro a sentença, o veredito depois.

— Mas que bobagem! — disse Alice em voz alta. — Quem já viu sentença antes do veredito?

Lewis Carrol. *Alice no País das Maravilhas*. São Paulo, Summus, 1980. p. 129.

Na fala da Rainha, temos uma incoerência temporal, pois a sucessividade dos atos do julgamento não obedece à ordem deles no mundo real, em que o veredito (declaração do júri sobre a culpabilidade ou inocência do acusado) precede a sentença (penalidade imposta pelo juiz). Alice imediatamente, num confronto entre duas lógicas, considera bobagem o que disse a Rainha.

— Veja, agora a senhora está bem melhor! Mas, francamente, acho que a senhora devia ter uma dama de companhia!

— Aceito-a com todo prazer! — disse a Rainha. — Dois pence por semana e doce todos os outros dias.

Alice não pôde deixar de rir, enquanto respondia: — Não estou me candidatando... e não gosto tanto assim de doces.

— É doce de muito boa qualidade — afirmou a Rainha.

— Bem, *hoje*, pelo menos, não estou querendo.

— Hoje você *não* poderia ter, nem pelo menos nem pelo mais — disse a Rainha. A regra é: doce

amanhã e doce ontem — e nunca doce hoje.

— Algumas vezes *tem* de ser “doce hoje” — objetou Alice.

— Não, não pode — disse a Rainha. Tem de ser sempre doce todos os *outros* dias; ora, o dia de hoje não é *outro* dia qualquer, como você sabe. (p. 182)

A Rainha não leva em conta o valor linguístico dos termos *hoje*, *ontem*, *amanhã*, isto é, “dia em que transcorre o ato de fala”, “dia anterior ao dia em que transcorre o ato de fala”, “dia posterior ao dia que transcorre o ato de fala”, que faz com que esses termos tenham um valor relacionado a cada ato de fala e que, portanto, os dias não possam ser classificados como hoje, ontem e amanhã de uma vez por todas. A objeção de Alice, que acredita no valor linguístico desses termos, é que todos os dias podem ser ontem, hoje ou amanhã, dependendo de sua relação com um dado ato de fala. O que a Rainha diz é inadequado em relação ao sistema linguístico.

PROGRESSÃO TEXTUAL

Observe o texto abaixo, um fragmento de redação de vestibular, retirado do livro *Crise na linguagem: redação no vestibular*, de Maria Thereza Fraga Rocco (São Paulo, Mestre Jou, 1981):

Estou começando a me sentir vazia, pálida, desesperançosa e oca. O vazio me invade e sinto um tremendo vazio dentro de mim.

Esse texto é circular, ou seja, repete várias vezes a mesma ideia. Fala, em duas linhas, quatro vezes em vazio interior. Em outros termos, não tem progressão.

Dissemos já que para um conjunto de enunciados linguísticos ser um texto é preciso que tenha coerência. O que garante a unidade de sentido é a relação harmoniosa das partes. Unidade, porém, não quer dizer repetição de ideias, de segmentos com o mesmo significado. Um bom texto deve ter progressão, isto é, cada segmento que se sucede precisa ir acrescentando informações novas aos enunciados anteriores. Num texto, é proibido repetir-se, a menos que essa repetição tenha uma função no texto e, nesse caso, já não é mais pura repetição. Por exemplo, o refrão, num poema, acentua uma ideia central e tem um papel na organização rítmica. O que é interessante notar é que, como há versos que se intercalam entre uma e outra enunciação do refrão, ele não é uma simples repetição, mas vai ganhando intensidade cada vez que é pronunciado (veja o poema “Ladainha”, na lição 22).

Em síntese, num texto, cada segmento que ocorre deve acrescentar um dado novo ao anterior. A própria repetição, quando funcional, faz isso e, portanto, justifica-se. Já as repetições sem função desqualificam o texto.

TEXTOS COMENTADOS

Tomaremos uma série de textos de José Paulo Paes, em que faltam os nexos coesivos, para mostrar as aparentes incoerências e o que é que dá uma unidade de sentido a eles. Todos os poemas foram retirados do livro *Um por todos*.

31 de março/1° de abril
DÚVIDA REVOLUCIONÁRIA

ontem foi hoje?
ou hoje é que foi ontem? (p. 31)

À primeira vista, o poema não tem sentido, pois aparentemente lhe falta coerência temporal. Que significa ontem foi hoje ou hoje foi ontem? No entanto, as duas datas colocadas no início do poema e o título remetem a um episódio da história do Brasil, que faz parte de nosso conhecimento de mundo, o golpe militar de 1964, chamado Revolução de 1964. Sabemos, em virtude de nosso conhecimento histórico, que esse fato ocorreu no dia 1° de abril, mas sua comemoração foi mudada para 31 de março, para evitar relações entre o evento e o dia da mentira. Os elementos contextuais tornam o texto coerente.

1° de maio
ETIMOLOGIA

no suor do rosto
o gosto
do nosso pão diário

sal: salário (p. 33)

Nesse texto, é preciso explicar por que o poema se chama "Etimologia" e qual é seu sentido global. A data colocada no início indica, segundo nosso conhecimento de mundo, o dia do trabalho. Os três primeiros versos remetem à maldição bíblica de que o homem comeria o pão com o suor do rosto. O último verso aciona um conhecimento linguístico referente à origem da palavra *salário*. Salário era a ração de sal dada a cada soldado como compensação pelo seu trabalho. Daí, passou a significar "remuneração de um trabalho". O termo *etimologia*, por sua vez, significa "ciência da origem e filiação das palavras". O texto, a partir desses dados do conhecimento de mundo, do conhecimento do texto bíblico e do conhecimento linguístico referente à palavra *sal*, ganha sentido: a origem do dia do trabalho está na maldição bíblica que condenou o homem a trabalhar (ganhar o pão com o suor do rosto). O trabalho está ligado a salário tanto no sentido atual de "remuneração", quanto no sentido primitivo de "ração de sal", dado que o suor, metonímia do trabalho (efeito pela causa), é salgado.

12 de junho, dia dos namorados
A VERDADEIRA FESTA

mas pra que fogueira
rojão
quentão?

basta fogo nas veias
e a escuridão
coração (p. 35)

A data colocada no início do poema e os três primeiros versos acionam um dado conhecimento de

mundo: dia 12 de junho, véspera do dia de Santo Antônio, o santo casamenteiro, é, por essa razão, o dia dos namorados; no Brasil, a comemoração de Santo Antônio começa na noite do dia 12 e tem como elementos típicos fogueira, rojão, quentão. Ao se perguntar para que isso, o poeta mostra que a verdadeira festa dos namorados só precisa de desejo (*fogo nas veias*), amor (*coração*) e isolamento (*escuridão*), ou seja, que ela é a relação dos que se amam.

MINICANTIGA DE AMIGO
coyta

coyto (p. 70)

O título aciona um conhecimento de mundo. Cantiga de amigo é um tipo de poesia trovadoresca, ou seja, é um gênero que pertence às primeiras manifestações literárias em língua portuguesa. Nele, o poeta coloca-se no lugar da amada e fala como se ela narrasse o amor que dedica ao amigo (o homem que ela ama). Pode-se dizer que a cantiga de amigo é composta de dísticos (unidades formadas de dois versos), e sua unidade rítmica é um par de dísticos, os quais dizem basicamente a mesma coisa. *Coyta* é uma palavra fundamental na lírica trovadoresca, significa "sofrimento de quem ama". Esse termo está ligado à palavra moderna *coitado*, que quer dizer "desgraçado, mísero, infeliz". *Coito*, grafado *coyto*, numa imitação da ortografia antiga, significa "cópula, união sexual". Na verdade, essas duas palavras não têm na origem nenhum parentesco, têm apenas uma semelhança fonética. A partir desses conhecimentos de mundo e da linguagem, podemos atribuir um sentido global ao poema: uma cantiga de amigo constrói-se com os seguintes elementos mínimos (*minicantiga*): no plano do conteúdo, uma mulher e um homem (uma palavra é feminina e outra é masculina; são em tudo semelhantes, exceto no *a/o* finais, marcas do feminino e do masculino), o sofrimento do amor (*coyta*) e a união sexual dos amantes (*coyto*); no plano da expressão, o dístico.

O poema pretende, pois, ensinar o que é o mínimo indispensável para uma cantiga de amigo.

PAVLOVIANA
a comida
    a sineta
        a saliva
a sineta
    a saliva
        a saliva
a saliva
    a saliva
        a saliva

o mistério
    o rito
        a igreja
o rito
    a igreja
        a igreja
a igreja
    a igreja
        a igreja

a revolta
a doutrina
o partido
a doutrina
o partido
o partido

o partido
o partido
o partido
a emoção
a ideia
a palavra
a ideia
a palavra
a palavra
a palavra
a palavra
A PALAVRA (p. 92-3)

José Paulo Paes. *Um por todos*. São Paulo, Brasiliense, 1986.

O título do poema e os três primeiros versos, formados das palavras *sineta*, *saliva* e *comida*, precedidas do artigo *a*, e colocados não exatamente um embaixo do outro, acionam um dado conhecimento de mundo: a experiência que celebrizou Pavlov, médico russo que elaborou a noção de reflexo condicionado. Pavlov constatou que um cão salivava diante de um prato de comida. Associou, então, a comida a um outro estímulo, o toque de uma campainha. Toda vez que se apresentava uma comida ao cão, ouvia-se o som de uma campainha. Ao fim de um certo número de repetições, o novo estímulo (o som) bastava para desencadear a secreção salivar. Tinha-se, pois, substituído o excitante natural do reflexo salivar (o alimento) por um excitante artificial "condicionante".

Na primeira estrofe, os versos contêm os três elementos básicos da experiência de Pavlov: a comida, a sineta e a saliva. Os versos não aparecem embaixo uns dos outros para mostrar que esses elementos não são simultâneos, mas sucessivos. A primeira estrofe tem três partes: na primeira, aparecem os três elementos da experiência pavloviana; na segunda, indica-se a segunda fase da experiência: só a sineta era suficiente para provocar a secreção salivar; na terceira, mostra-se que nem a sineta é mais necessária, pois salivação produz salivação. As outras três estrofes mostram que um fenômeno semelhante ocorre no âmbito da experiência religiosa, da experiência política e da experiência estética. A organização religiosa deriva da experiência do homem com o mistério. Ao mistério associa-se o rito, e este, depois de um certo tempo, passa sozinho a sustentar a organização religiosa. Em seguida, deixam-se de lado o mistério e o rito, e a própria organização passa a ser um fim em si. No âmbito da política, pode-se dizer que a revolta com uma situação de injustiças gera uma doutrina, que, por sua vez, sustenta um partido. Depois, abandona-se a revolta. Por fim, deixa-se de lado a doutrina, e a manutenção da organização partidária passa a ser um objetivo em si mesmo. No domínio da estética, segundo o poeta, a emoção gera ideias, que se convertem em palavras. Quando as emoções são abandonadas, temos o cerebralismo experimental. Por fim, quando palavras puxam palavras, temos o maneirismo, que são as repetições de fórmulas.

LIÇÃO 25 EXERCÍCIOS

QUESTÃO 1

Sabe-se que se trata de incoerência argumentativa fazer uma asserção e comprová-la com dados que a contradizem. Muitas vezes, jornalistas, por incompetência ou má-fé, cometem esse tipo de incoerência.

A questão que segue, extraída do vestibular da Unicamp, põe em foco esse tipo de problema.

O jornal *Folha de S. Paulo* introduz com o seguinte comentário uma entrevista recente (8/12/88) com o professor Paulo Freire:

"A gente cheguemos" não será uma construção gramatical errada na gestão do Partido dos Trabalhadores em São Paulo.

Os trechos da entrevista nos quais a *Folha* se baseou para fazer tal comentário foram os seguintes:

— A criança terá uma escola na qual a sua linguagem seja respeitada [...]. Uma escola em que a criança aprenda a sintaxe, mas sem desprezo pela sua.

— Esses oito milhões de meninos vêm da periferia do Brasil [...]. Precisamos respeitar a [sua] sintaxe mostrando que sua linguagem é bonita e gostosa, às vezes é mais bonita que a minha. E, mostrando tudo isso, dizer a ele: "Mas para tua própria vida tu precisas dizer 'a gente chegou' [em vez de "a gente cheguemos"]. Isso é diferente, [a abordagem] é diferente. É assim que queremos trabalhar, com abertura, mas dizendo a verdade.

Responda de forma sucinta:

a) qual é a posição defendida pelo professor Paulo Freire com relação à correção de erros gramaticais na escola?

b) o comentário do jornal faz justiça ao pensamento do educador? Justifique a sua resposta.

QUESTÃO 2 (UNICAMP)

A história transcrita a seguir contrasta dois mundos, dois estados de coisas: o dia a dia cansativo do carregador e a situação imaginária em que ele se torna presidente da República:

Dois carregadores estão conversando e um diz: "Se eu fosse presidente da República, eu só acordava lá pelo meio-dia, depois ia almoçar lá pelas três, quatro horas. Só então é que eu ia fazer o primeiro carreto".

O carregador não consegue passar para o mundo imaginário, e acaba misturando-o de maneira surpreendente com o mundo real.

a) Qual é a construção gramatical usada nessa história para dar acesso ao mundo das fantasias do

carregador?

b) Que situação do mundo real ele transfere para o mundo de suas fantasias?

c) Por que isso é engraçado?

QUESTÃO 3 (UNICAMP)

O trecho seguinte dá a entender algo diferente do que seu autor certamente quis dizer:

Malcolm Browne, também da Associated Press, deveria ter impedido que o monge budista em Saigon não se imolasse, sentado e ereto, impedindo o mundo de ver o protesto em cuja foto encontrou seu maior impacto?

Caio Túlio Costa, *Folha de S. Paulo*, 17 mar. 1991.

a) Se tomado ao pé da letra, o que significa exatamente o trecho: *"... deveria ter impedido que o monge ... não se imolasse"* ?

b) Se não foi isso que o autor quis dizer, que sentido pretendeu dar a esse trecho?

QUESTÃO 4 (UNICAMP)

Às vezes, quando um texto é ambíguo, é o conhecimento que o leitor tem dos fatos que lhe permite fazer uma interpretação adequada do que lê. Um bom exemplo é o trecho que segue, no qual há duas ambiguidades, uma decorrente da **ordem das palavras**, e a outra, de uma **elipse de sujeito**.

O presidente americano (...) produziu um espetáculo cinematográfico em novembro passado na Arábia Saudita, onde comeu peru fantasiado de marine no mesmo bandejão em que era servido aos soldados americanos.

Veja, 9 jan. 1991.

a) Quais as interpretações possíveis das construções ambíguas?

b) Reescreva o trecho de modo a impedir interpretações inadequadas.

c) Que tipo de informação o leitor leva em conta para interpretar adequadamente esse trecho?

QUESTÃO 5 (UNICAMP)

No vestibular Unicamp/91, havia uma questão baseada no engano do jornalista Gilberto Dimenstein, da *Folha de S. Paulo*, que, ao tentar explicitar "um círculo vicioso", confundia-se. Em sua coluna do dia 19/06/91, ele voltou a cometer exatamente o mesmo equívoco:

Dúvida procedente: até que ponto Collor também é "República de Alagoas"? Ou é seu refém? Não é sem motivo que apelidaram o porta-voz Cláudio Humberto Rosa e Silva de "biscoito Tostines". Não se sabe se ele continua porta-voz porque sabe demais. Ou se porque sabe demais é porta-voz.

Compare o trecho da publicidade do biscoito (*"Vende mais porque é fresquinho ou é fresquinho porque vende mais?"*) com o de Gilberto Dimenstein e responda:

a) qual o trecho que, segundo o jornalista, justifica o apelido de Cláudio Humberto?

b) como deveria ter sido escrito esse trecho, para que o apelido de Cláudio Humberto fizesse sentido?

c) se Gilberto Dimenstein fosse coerente com sua maneira de construir círculos viciosos, como

escreveria a propaganda do biscoito Tostines?

QUESTÃO 6 (UNICAMP)

A maneira como certos textos são escritos pode produzir efeitos de incoerência, como no exemplo: "Zélia Cardoso de Mello **decidiu amanhã** oficializar sua união com Chico Anysio" (*A Tarde*, Salvador, 16 set. 1994). É o que ocorre no trecho a seguir:*

As Forças Armadas brasileiras já estão treinando 3 mil soldados para atuar no Haiti depois da retirada das tropas americanas. A Organização das Nações Unidas (ONU) solicitou o envio de tropas ao Brasil e a mais quatro países, disse ontem o presidente da Guatemala, Ramiro de León.

O Estado de S. Paulo, 24 set. 1994.

a) Qual o efeito de incoerência presente nesse texto?

b) Do ponto de vista sintático, o que provoca esse feito?

c) Reescreva o trecho, introduzindo apenas as modificações necessárias para resolver o problema.

TEXTOS PARA AS QUESTÕES 7 E 8 (FUVEST)

Leia os textos de propaganda adiante, dos quais o primeiro foi publicado em uma página e o outro na seguinte:

I	II
Como limpar o pátio de uma concessionária usando um jornal	A Brasilwagen está prevendo vender 5 000 carros novos e 2 000 usados este ano anunciando no Estadão

QUESTÃO 7

Confrontando-os, dê dois sentidos em que o texto I pode ser entendido.

QUESTÃO 8

Ainda em relação aos mesmos textos, explique:

a) com que segmento do segundo texto você pode relacionar a palavra *como* do primeiro texto?

b) com que segmento do primeiro texto você pode relacionar a sequência *"vender 5 000 carros novos e 2 000 usados"* ?

QUESTÃO 9

A exploração da incoerência pode fazer parte de um programa intencionalmente arquitetado pelo

construtor do texto para obter efeitos de sentido diversificados. Observe, por exemplo, o texto publicitário que vem a seguir:

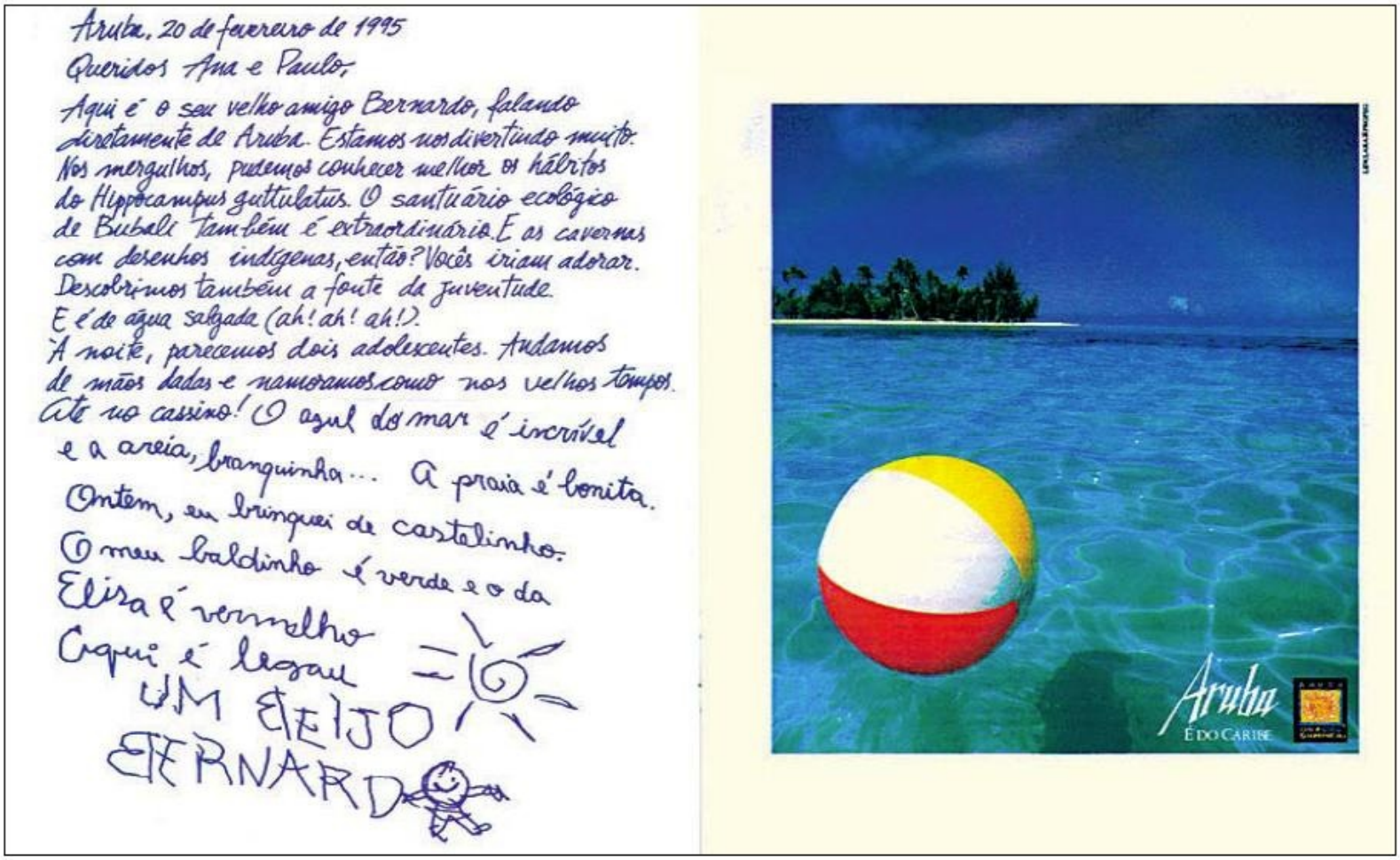

Revista Imprensa, *92* :32-3, maio 1995.

a) A parte final do texto (sobretudo após a frase "Até no cassino!"), interpretada no seu sentido literal, contém uma incoerência gritante. Explique por quê.

b) Interpretando a mesma passagem no seu sentido não literal, descobrimos nela um criativo efeito de sentido. Qual é esse efeito?

QUESTÃO 10

Na publicidade abaixo, aparentemente há uma gritante incoerência entre o trecho inscrito no quadro e a frase final.

A passagem intermediária, no entanto, desfaz a incoerência e torna o texto perfeitamente compreensível.

Traduza de maneira mais explícita o sentido dessa passagem intermediária, tentando explicar sua função para criar o sentido global do anúncio.

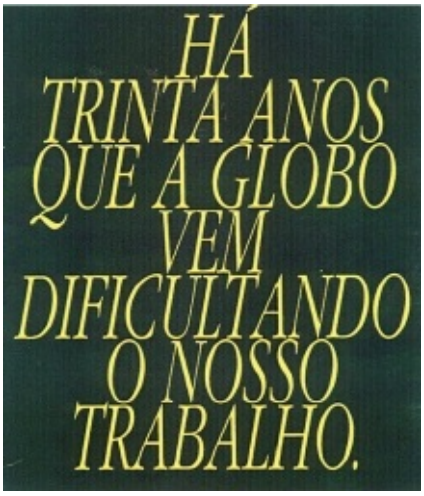

Revista Imprensa, *92* :75, maio 1995.

O padrão de qualidade da TV Globo merece os melhores intervalos comerciais. Afinal, a gente não pode baixar o nível.

QUESTÃO 11

O pior tipo de defeito que um texto pode ter é significar o oposto do que o redator pretendia.

A propósito disso, leia o trecho que segue:

Crime racial - O olho da manchete de página do Diário Catarinense dizia: "Maurício José Lemos Freire, titular do primeiro órgão do mundo a tratar especificamente de casos de racismo, deu palestra em escola de Joinville". Aí o título botou tudo a perder: DELEGACIA DEFENDE CRIME RACIAL.

Meu secretário ficou indignadíssimo:

"Considerado, que diabo de delegacia é essa que defende o crime racial? Quer dizer que se um monstro qualquer espancar um doce crioulinho como aquele Kennedy da falecida novela *Pátria minha*, é só correr para a delegacia que estará a salvo???"

Parece que é. Fascistas de todo o mundo, acorrei!

Revista Imprensa, *92* :31, maio 1995.

Essa incoerência foi provocada por um problema de estruturação sintática da frase. Qual é ele? Qual seria a versão adequada desse título?

QUESTÃO 12

O trecho que segue faz parte de uma longa entrevista que o diretor de telejornalismo da *Revista Globo*, Alberico de Souza Cruz, concedeu à *Revista Imprensa* do mês de maio de 1995, p. 44:

IMPRENSA — Você está se referindo a uma pesquisa recente, publicada na *Folha de S. Paulo*, mostrando que a Globo continua na liderança, mas perdendo audiência continuamente?

Alberico — Veja bem, aqueles números não são do meu conhecimento. Eu perdi um pouco o interesse de ler a matéria quando eles fizeram, na primeira página, uma conta que me surpreendeu. Disseram o seguinte: que o *Jornal Nacional* caiu de 60% para 45% e, portanto, havia perdido nesses anos 25 pontos. Ora, de 60% para 45% dá 25 pontos? Então passei a desacreditar dos números restantes. Não discuto

aqueles números e a conta que a *Folha* fez. A Globo hoje tem o mesmo porcentual de telespectadores que tinha antes; portanto, não está perdendo audiência. Talvez o número de aparelhos ligados hoje seja menor, porque você tem outras opções que não havia antes. Mas se você considera o número de aparelhos ligados, a Globo continua com 60% a 70%. Não sou um especialista nisso, houve talvez um processo de diminuição no número de aparelhos ligados, mas a participação da Globo tende até a aumentar.

Faz parte do jogo de coerência textual a compatibilidade entre os dados e opiniões expostos e os procedimentos argumentativos subsequentes.

Nesse trecho não se dá esse tipo de compatibilidade em mais de um momento.

Exponha e comente as incoerências presentes nesse trecho da entrevista.

QUESTÃO 13 (FGV-CEAG)

Reescreva o texto abaixo restabelecendo a ordem lógica dos períodos, sabendo que o primeiro e o último deles (em itálico) foram mantidos em suas posições corretas.

A década de 80 deixou saudade na Continental 2001, líder do mercado brasileiro de fogões: nunca a empresa, fundada há 67 anos, cresceu tanto.

O programa de qualidade e produtividade, até então restrito à produção, chegou às áreas administrativas.

Muitos serviços foram terceirizados, entre os quais os de ferramentaria, restaurante e dos trinta postos próprios de assistência técnica.

Seu pedaço de mercado chegou a 30%, e ela deixou para trás concorrentes como a Brastemp e a Dako.

Os lucros se sucediam no balanço.

Diante da luz vermelha, decidiu-se que era hora de reestruturar.

Só que, como não há bem que nunca se acabe, os tempos de fartura terminaram em 1991, quando a empresa colheu prejuízo de 5,6 milhões de dólares.

Só com esta medida, a empresa economizou 2 milhões de dólares.

Fonte: Revista *Exame*, 28 abr. 1993.

PROPOSTAS DE REDAÇÃO

1) A incoerência produz resultados desconcertantes, sobretudo quando se faz presente no discurso de pessoas de responsabilidade dentro do cenário político e administrativo da nação, que falam não em nome pessoal mas como representantes do poder constituído. É o que ocorreu com a declaração que segue, do ministro da Educação na época (maio de 1991). Ao se referir à precária situação do ensino no Brasil, assim se expressou:

O aluno finge que estuda, o professor finge que ensina e nós fingimos que o (sic[1]) pagamos.

Você, tomando-se por um estudante que leva a sério a sua profissão, vai escrever uma carta ao autor dessa declaração, censurando-o pela incoerência de um ministro da Educação expor publicamente esse depoimento. Alerte-o ainda para os prejuízos que poderão ser causados à educação caso todos os professores e alunos venham a agir coerentemente com a fala do ex-ministro.

Se quiser, pode ainda lamentar o erro de português cometido pela mais alta autoridade da educação nacional, que escreveu *o pagamos* em vez do correto *lhe pagamos*.

2) No romance *Diva*, o narrador assim se manifesta a respeito de uma das personagens:

Geraldo pertencia à classe de homens a quem lateja a moleira toda a vida, e velhos já, são ainda meninos de cabelos brancos.

Não lhe admire portanto a leviandade desse moço.

José de Alencar. *Diva*. 5. ed. São Paulo, Ática, 1993. p. 13.

Desprezando o contexto da obra de que foi extraído, mas, preservando os princípios da coerência narrativa, suponha que Geraldo tenha engravidado a namorada. Reproduza o diálogo em que ela lhe comunicou o fato e as atitudes dele a partir daí.

1 *Sic* — em latim, *assim* — usa-se para dizer que no texto original estava escrito desse jeito.

* a não ser que, da canção de Caetano e Gil, se conclua que o Haiti é mesmo aqui...

BIBLIOGRAFIA

ABAURRE, Maria Bernadete Marques; POSSENTI, Sírio. *Vestibular da Unicamp. Língua Portuguesa*. São Paulo: Globo, 1993.

AUTHIER, J. "Hétérogénéité montrée et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours". *DRLAV, 26* :91-151, 1982.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. São Paulo: Atual, 1988.

_____. "Paixões e apaixonados: exame semiótico de alguns percursos". *Cruzeiro semiótico*. Porto: Associação Portuguesa de Semiótica, *11-12* :60-73, 1989/90.

_____. *Teoria semiótica do texto*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1999.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 35. ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

BRAIT, Beth. *A personagem*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2006.

CANDIDO, Antonio et alii. *A personagem de ficção*. 11. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

CHARAUDEAU, Patrick. *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris: Hachette, 1992.

DIMAS, Antonio. *Espaço e romance*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1987.

DUCROT, Oswald. *Dizer e não dizer; princípios de semântica linguística*. São Paulo: Cultrix, 1977.

ECO, Umberto. *Os limites da interpretação*. Trad. Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2004.

FÁVERO, Leonor Lopes. *Coesão e coerência textuais*. 11. ed. São Paulo: Ática, 2006.

_____; KOCH, Ingedore Villaça. *Linguística textual*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

FIORIN, José Luiz. "As figuras de pensamento: estratégia do enunciador para persuadir o enunciatário". *Alfa*. São Paulo: *32* :53-67, 1988.

_____. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1999.

_____; SAVIOLI, Francisco Platão. *Para entender o texto: leitura e redação*. 17. ed. São Paulo: Ática, 2007.

FORSTER, E. M. *Aspectos do romance*. 4. ed. São Paulo: Globo, 2005.

GREIMAS, A. J. *Sobre o sentido: ensaios semióticos*. Petrópolis: Vozes, 1975.

_____. *Maupassant — la sémiotique du texte: exercices pratiques*. Paris: Seuil, 1976.

_____. *Du sens II*. Paris: Seuil, 1983.

_____; COURTES, J. *Sémiotique: dictionnaire raisonné de la théorie du langage*. Paris: Hachette, 1979.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Cohesion in English*. Londres: Longman, 1976.

HJELMSLEV, L. *Prolégomènes à une théorie du langage*. Paris: Éditions de Minuit, 2000.

JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*. 18. ed. São Paulo: Cultrix, 2001.

KOCH, Ingedore Villaça. *Argumentação e linguagem*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. *A inter-ação pela linguagem*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1995.

_____. *A coesão textual*. 17. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

_____; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Texto e coerência*. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

_____. *A coerência textual*. 16. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

LAUSBERG, H. *Elementos de retórica literária*. Lisboa: Gulbenkian, 1966.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *O foco narrativo*. 11. ed. São Paulo: Ática, 2007.

MAINGUENEAU, Dominique. *Nouvelles tendances en analyse du discours*. Paris: Hachette Littérature, 1997.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. *Introdução à estilística: a expressividade na língua portuguesa*. 4. ed. São Paulo: T. A. Queiroz/Edusp, 2008.

OSAKABE, Haquira. *Argumentação e discurso político*. São Paulo: Kairós, 1979.

PERELMAN, Chaïm. *Le champ de l'argumentation*. Bruxelas: PUB, 1970.

_____; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Traité de l'argumentation: la nouvelle réthorique*. 6. ed. Bruxelas: Univ. de Bruxelas, 2008.

RIFFATERRE, Michael. *Essais de stylistique structurale*. Paris: Flammarion, 1992.

ROCCO, Maria Thereza Fraga. *Crise na linguagem; redação no vestibular*. São Paulo: Mestre Jou, 1981.

RESPOSTAS EXERCÍCIOS

LIÇÃO 1

1.

a) Que ele tinha sido escravo de sua casa e tinha sido libertado alguns anos antes; que Prudêncio era dono do escravo que estava sendo vergalhado por ele (*"meu senhor, meu senhor"*).

b) O narrador dá a entender que Prudêncio tratava o seu escravo com prepotência (*"mas o primeiro não fazia caso, e, a cada súplica, respondia com uma vergalhada nova"*), e impiedade (tanto é verdade que o próprio narrador intercede para que o "vergalho" deixe de açoitar o pobre do bêbado).

2.

a) *diabo, bêbado, besta, vadio.*

b) Criam a imagem de maldito, maligno (*"diabo"*); viciado (*"bêbado"*); um homem degradado e aviltado (*"besta"*); indolente, preguiçoso, vagabundo (*"vadio"*).

3.

a) Do narrador.

b) Espanto, assombro, surpresa, estranheza.

c) O fato de presenciar seu ex-escravo Prudêncio vergalhando, na condição de senhor, um preto que então lhe servia de escravo e no qual batia com tanta fúria e desprezo.

4.

a) *"Meu senhor; meu senhor"*.

b) *Nhonhô* (*"Pois não, nhonhô"*), que é a forma reduzida e familiar de *senhor.*

c) O tratamento do atual escravo é mais formal com Prudêncio do que o de Prudêncio com seu ex-senhor.

5.

A preocupação dominante do narrador é claramente relativa ao comportamento humano, mas isso não quer dizer que o problema da escravidão seja estranho ao texto. O narrador, ao desvelar a lógica perversa do comportamento do ex-escravo, não deixa de a situar no âmbito da mais perversa das instituições do Brasil de então. Que o interesse central do narrador se refira a formas do comportamento humano torna-se evidente nas reflexões que faz em seguida ao episódio, inteiramente voltadas para a compreensão do sentido da conduta de Prudêncio.

6.

a) Considerá-lo alegre depende, em boa medida, de reação subjetiva do leitor. Fundamentalmente, contudo, o capítulo não é alegre, mas irônico e humorístico — de ironia e humor amargos.

b) Uma enorme demonstração de perversidade humana, relatada com tantos requintes de linguagem, dificilmente poderia ser tomada como alegre. Isso não impede, contudo, que o texto tenha um forte componente de humor — o narrador fala de *"um miolo gaiato"*; esta comicidade, no entanto, não é das que provocam o riso alegre, mas sim o sorriso reflexivo.

7.

a) Na fala de Prudêncio, há vários desvios da norma culta escrita: o uso da expressão de tratamento *nhonhô*, forma popular de *senhor*; o uso do pronome pessoal do caso reto *ele* como objeto direto

(*“deixei ele na quitanda”* em vez de *deixei-o*); o uso do verbo *ir* regendo a preposição *em* no lugar de *a* (*“eu ia lá embaixo na cidade”* em vez de *à cidade*; *“para ir na venda”* em vez de *para ir à venda*).

b) Trata-se de mais um dos expedientes usados pelo narrador para demonstrar que, apesar de ter-se tornado senhor de um escravo, a condição social de Prudêncio não sofreu alterações significativas: a mesma grosseria que ele tem ao tratar o seu escravo, ele a manifesta na linguagem.

8. Resposta: a.

9.

a) *Ratoneiro* (da família de *rato*) significa ladrão, gatuno, larápio, salteador. *Estugar* significa apressar, acelerar, andar mais rápido, apertar o passo.

b) O contexto fornece vários dados para depreender o sentido de *ratoneiro*:

• O narrador afirma que, por enorme injustiça, os senhores Almeida e Manuel Caetano foram presos por causa de uma tentativa de roubo;

• Passando pela porta do sr. Lobo, um capitalista, ele gritava que havia *ratoneiros* lá dentro de sua casa;

• Temendo ser tomado como um dos salteadores, o sr. Almeida fugiu, numa prova evidente de que entendeu que *ratoneiro* é sinônimo de salteador.

Quanto a *estugar*, seu significado pode ser depreendido pelo fato de ocorrer no interior de uma progressão semântica constituída pelos verbos *vir*, *estugar* (o passo), *fugir* e *correr*. Essa progressão evolui de uma ação de menos velocidade para uma ação de mais velocidade, de onde se depreende que *estugar* significa um movimento mais veloz que *vir* e menos veloz que *fugir* (no nosso léxico, *apressar* traduz bem esse sentido).

10.

O piano, dentro do contexto em que se insere, simboliza um bem cultural, o que se percebe pela oposição que o texto estabelece entre o som do piano (bem cultural) e o correr dos rios e o murmúrio das árvores (bens naturais). Além disso, o poema descarta a necessidade do piano pela preferência que dá a saber apreciar os sons da natureza, o que exclui o piano como bem natural.

LIÇÃO 2

1.

a) *“Me diz o preço dessa m... aí que eu pago.”*

b) Um primeiro indicador está no uso de palavra de baixo calão, grosseira e prepotente; em segundo, o desdém pelo objeto de valor (a bicicleta) que pertence a outro; em terceiro, a insensibilidade em não perceber que a preocupação do pai do garoto “expropriado” não era recuperar o valor do bem, mas o próprio bem; por último, o fato de não ter dado a menor importância à conduta repreensível do filho.

c) É o discurso ainda disseminado entre nós, segundo o qual o brasileiro se define como um ser pacífico, bondoso, sem preconceito de raça, de religião ou de cor, fácil de conviver, capaz de absorver as diferenças sociais.

2.

a)*”... um condomínio [...] concebido dentro dos padrões dos melhores subúrbios americanos; aí, as bicicletas das crianças costumam corresponder em estilo, origem e preço aos carros dos pais.”*

b) Num país de terceiro mundo, soa como exibicionismo e ostentação um condomínio comparável aos dos melhores subúrbios americanos. O contraste com a pobreza da maioria é gritante. Os bens de

consumo (carros e bicicletas) são usados como índices de bom gosto, alto poder aquisitivo e distinção dos seus proprietários.

3.

a) Um ponto de vista é o que defende a discriminação entre os cidadãos para uso dos elevadores; outro é o que se opõe ao primeiro, condenando e punindo essa discriminação. Em termos mais gerais, o primeiro impede certas pessoas de frequentarem o mesmo espaço que outras; o segundo não admite esse tipo de segregação.

b) Sem dúvida é o primeiro, porque o "brasileiro malcriado" é aquele que se encastela em condomínios e bairros a que só têm acesso os cidadãos que seus seguranças permitem. Em síntese: é o que pratica a discriminação social.

c) O relato sobre o "gueto chique do Morumbi" opõe-se ao ponto de vista que condena a discriminação entre cidadãos, que proíbe a interdição de espaços de uso comum para certos indivíduos. O que ocorre no Morumbi é exatamente isto: o espaço público é transformado em lugar alheio ao cidadão comum que por lá circula. É o que vem explícito, por exemplo, na seguinte passagem: *"lombadas a cada cem metros e cancelas às extremidades, operadas por guardas armados, lembram ao caminhante eventual — caso lhe deem passagem — que trafega em propriedade alheia"*.

4.

O termo *brasilianização* nega frontalmente a citação de Sérgio Buarque de Holanda, pois se trata de uma palavra que define um fenômeno social francamente negativo, característico de um certo tipo de brasileiro, que consiste no isolamento das elites dentro de uma "nação dentro da nação". O homem cordial é portador de várias qualidades positivas: afabilidade (lhaneza), hospitalidade, generosidade; o homem definido pelo termo *brasilianização* é, ao contrário, grosseiro, hostil, mesquinho. A "brasilianização" é considerada negativa, na medida em que é vista como uma "perigosa tendência social" e uma ameaça para os Estados Unidos.

5.

a) Todos os fatos relatados no trecho IV se opõem ao conceito de urbanidade tal qual o define o discurso do homem que se diz civilizado.

b)

• polidez: *"Abre-se a porta do elevador e o malcriado, único desenvolvido no país, não espera que as pessoas saiam lá de dentro..."* ou *"O sinal fecha, o motorista mais malcriado em todo o mundo interrompe o cruzamento do tráfego transversal"*;

• altruísmo: *"... na cabine do sempre limpíssimo carro [...] o lixo não fica; fora, pode ficar, já que o lado de fora, viu-se, é um lugar que não existe"*;

• compaixão: *"... esse indivíduo [...] produz 50 mil mortes, anualmente, quase a metade em atropelamentos"*.

6. Resposta: a.

LIÇÃO 3

1.

a) *tu, te*.

b) *"Tu ainda não tens / A malícia de toda mulher."*; *"... gostas de outro / Que te diz que não te quer."*

2.

a) *Você, seu*.

b) *"[Você] Não me venha falar da malícia de toda mulher."*;

"Como [você] pode querer que a mulher vá viver sem mentir."

3.

a) Consiste em achar que ela deve mentir, pois há razões para tal procedimento.

b) I - *"... tu ainda não tens / A malícia de toda mulher."*; II -*"... eu sei / Que gostas de outro..."*

4.

a) O uso do advérbio *ainda* leva a pressupor a possibilidade de que um dia sua amada irá ter a malícia de toda mulher. A negação pressupõe que a amada pensa que já tem a malícia de toda mulher.

b) *"Cale a boca"*. O motivo dessa reação pode ser interpretado como indignação por ouvir mais uma vez a repetição de um lugar-comum com que os homens costumam caracterizar preconceituosamente as atitudes da mulher no jogo amoroso, o que implica colocá-las sempre sob a suspeita de estarem agindo de má-fé (*"... como se a polícia / andasse atrás de mim")*.

5.

a) *"Você diz a verdade, a verdade / é seu dom de iludir."*

b) Uma possibilidade de interpretação é a de que a sinceridade exibida pelo personagem masculino faz parte de um jogo forçado de conquista. Em outras palavras, o homem diz a verdade não pela verdade: sua intenção dissimulada é, com esse expediente, seduzir a mulher. Além disso, quem pode garantir que está dizendo a verdade?

6.

a) Seguramente como uma atitude de excessiva condescendência, comprometedora submissão aos caprichos da mulher, fraqueza de caráter etc.

b) Corno, corno manso, chifrudo, cabrão, cornélio, faz de conta, galhudo.

c) Um homem com esse tipo de mentalidade pode ver sentido na tolerância com a infidelidade e encará-la como expressão de máximo desprendimento e de respeito absoluto pela condição de que a relação amorosa não implica compromisso de exclusividade e não está livre de outras formas de envolvimento. Sendo assim, é melhor aceitar a realidade tal como ela se impõe do que ocultá-la por meio de expedientes de dissimulação.

d) Como uma forma dissimulada de censura (*"Não me venha falar da malícia de toda mulher"*), como um modo de negar à mulher o direito à sua própria identidade (*"Cada um sabe a dor e a delícia / de ser o que é"*), como uma afirmação de superioridade por julgar-se conhecedor de todos os segredos da mulher (*"Você sabe explicar / Você sabe entender, tudo bem. / Você está, você é, você faz"*).

7.

a) Em "Pra que mentir?", o "machismo", apesar de certa dissimulação, manifesta-se claro em várias passagens do texto:

• na afirmação de um preconceito, generalizando a conduta da mulher na relação amorosa, o que revela discriminação (*"A malícia de toda mulher"*);

• no tom de acusação implícito na afirmação de que a personagem feminina mente sem razão para tanto (*"... Pra que mentir, / Se não há necessidade / De me trair."*);

• na afirmação da ingenuidade da personagem feminina, que *ainda* não adquiriu a competência de dissimular (*"... tu ainda não tens / A malícia..."*);

• na postura de superioridade manifestada pela declaração de pleno controle sobre os segredos da mulher amada (*"... eu sei / Que gostas de outro / Que te diz que não te quer"*).

b) Em "Dom de iludir", a personagem feminina desmascara o componente machista da personagem masculina de várias maneiras:

• explicitando e recusando o caráter de discriminação e preconceito presente na afirmação da malícia de toda mulher (*"Não me venha falar na malícia / de toda mulher"*);

• manifestando o tom de acusação contido na suposição (*"Não me olhe como se a polícia / andasse atrás de mim"*);

• revelando e desmerecendo a presumível superioridade do homem que imagina saber de tudo (*"Você sabe explicar / Você sabe entender..."*), e possuir pleno controle do seu meio, de si mesmo e de suas ações (*"Você está, você é, você faz…"*).

8. Resposta: a.

9.

a) Consiste na oposição entre o sentimento de satisfação diante do sucesso de *O Jornal* (Todo mundo) e o sentimento de insatisfação diante do mesmo fato (nós).

b) São os adjetivos *certo* e *ótimo*.

c) É a aspiração pelo 2° lugar.

d) Consiste na possibilidade (criada pela simulação de duas vozes) de falar bem, elogiar o sucesso do próprio jornal, colocando o elogio na voz do outro, já que elogio em boca própria é antipático.

LIÇÃO 4

1.

O espaço mais valorizado é o *lá*, onde se situa a pátria-mãe (*"Minha terra"*).

2.

"Minha terra tem macieiras da Califórnia / onde cantam gaturamos de Veneza."

"Eu morro sufocado / em terra estrangeira."

3.

"Minha terra tem macieiras da Califórnia / onde cantam gaturamos de Veneza."

"Nossas flores são mais bonitas / nossas frutas mais gostosas".

4.

Em Gonçalves Dias não há senão glorificação e exaltação grandiloquente do solo pátrio, de suas maravilhas e encantos. No poema de Murilo, entretanto, o procedimento é diverso: ao lado da glorificação (*"Nossas flores são mais bonitas / nossas frutas mais gostosas"*) há denúncias severas (*"mas custam cem mil réis a dúzia"*).

5.

Não. O que se pode dizer é que cada um dos poemas é nacionalista a seu modo: o de Gonçalves Dias é um nacionalismo idealizado, sem admitir nenhum traço negativo; o de Murilo Mendes é um nacionalismo

crítico; lamenta exatamente o fato de que o Brasil tenha perdido (ou nunca tenha encontrado) a própria identidade, isto é, não se reconhece como Brasil (*"Ai quem me dera chupar uma carambola de verdade"*). A afirmação do desejo de recuperar o lado autêntico da pátria e de sua cultura genuína é nacionalismo também.

6.

A exaltação da pátria no poema de Gonçalves Dias é baseada principalmente em dados da natureza, que, segundo o poema, foi generosa para com seu solo pátrio: o universo animal, o vegetal, o espaço cósmico (*"Nosso céu tem mais estrelas"*), tudo é do pleno agrado do eu-lírico; tudo é pura harmonia: a palmeira, o sabiá, o cosmo. E o homem, exilado dessa ordem paradisíaca, não admite a hipótese de morrer sem retornar a ela.

7.

Em Murilo Mendes a terra pátria é também exaltada, mas sob aspecto diferente: o enunciador confessa o sofrimento que lhe causa o fato de ver nossa cultura suplantada por outra ("*Eu morro sufocado / em terra estrangeira*"). Isso é uma forma de exaltação da sua pátria, na medida em que as denúncias de submissão a formas de cultura alheias à nossa índole culminam com a manifestação do desejo, quase utópico, de ver um dia ressurgir formas verdadeiras e autênticas da cultura nacional.

8.

a) É o de não morrer sem desfrutar os prazeres que a pátria lhe dá.

b) O grande desejo é praticamente a manifestação de uma utopia (*"Ai quem me dera..."*): que seja possível desfrutar os autênticos valores da pátria (*"chupar uma carambola de verdade / e ouvir um sabiá com certidão de idade!"*), isto é, uma expressão de cultura autenticamente nacional. Trata-se também de uma ironia ao fato de termos perdido nossa identidade (*"Os sururus em família têm por testemunha a Gioconda"*).

9.

Excetuado o mesmo número de estrofes, não há semelhança entre os dois poemas sob o ponto de vista da metrificação.

10.

"Um sabiá / na palmeira, longe."

11.

Os dois versos fazem alusão, de um lado, a dois emblemas típicos da nossa cultura (o *sabiá* e a *palmeira*), duas noções que se transformaram, sobretudo depois da "Canção do exílio" de Gonçalves Dias, em símbolos quase sagrados de brasilidade. De outro lado, o *longe* é alusivo ao espaço utópico, o lugar paradisíaco, o abrigo dos desejos impossíveis.

12.

a) Sem dúvida: essa leitura faz sentido se interpretarmos que *estas* aves (próximas do enunciador no tempo e no espaço) se opõem *àquelas* de que falava Gonçalves Dias.

b) Há indicadores no poema de que esta interpretação é verdadeira: o mais contundente deles é o tom de nostalgia, motivado pelo forte desejo de recuperar o espaço *"Onde tudo é belo / e fantástico"*.

13.

a) Um dos sentidos é: Somente na noite, / seria feliz.

Outro é: Sozinho, na noite, / seria feliz.

b) Sim. Na verdade esses dois versos, que se repetem nas estrofes 3 e 4, admitem várias interpretações, duas das quais podem ser assim descritas:

• seria prazeroso devanear sozinho dentro daquela noite mágica, estrelada e tranquila de que fala Gonçalves Dias no seu poema; a forma verbal *seria*, porém, sugere que esta noite do presente momento não dá o prazer daquela.

• outra versão seria: somente naquele tipo de noite seria possível desfrutar, com prazer, dos seus encantos e serenidade, que, infelizmente, no entanto, estão longe. Bom seria habitar esse lugar onde tudo é belo e fantástico.

14.

Sim. Em Gonçalves Dias, o desejo manifestado é o de não morrer sem desfrutar da graça e da beleza (*primores*) que não encontra no exílio. Em Drummond, o desejo é semelhante: enquanto houver um grito de vida, existe o desejo de voltar para o lugar onde tudo é belo e fantástico, isto é, o espaço mágico do sabiá e da palmeira, tal qual o descreveu Gonçalves Dias e que, infelizmente, está tão longe do agora e do aqui.

15.

Sem nenhuma dúvida. Um dos traços mais nítidos do poema de Drummond consiste exatamente no esforço (bem-sucedido) de recuperar os traços essenciais do poema de Gonçalves Dias para contrastá-lo com o universo da realidade típica do momento em que escreveu a "Nova canção do exílio".

16.

a) Há, na verdade, uma fusão dos dois poemas dentro da "Nova canção do exílio" de Drummond: retoma a famosa composição de Gonçalves Dias, reduz o poema a seus traços de conteúdo essenciais, mas acrescenta-lhe uma dimensão política, na medida em que o toma como antítese do que se passa no Brasil no momento histórico em que foi escrito. Essa perspectiva crítica, embora não da mesma natureza que a de Murilo Mendes, aproxima os dois poetas modernistas.

b) Francamente não. Nota-se a preocupação de traduzir o poema de Gonçalves Dias no que ele tem de substantivo, de nuclear, na sua beleza estética. Não se trata, porém, de mera imitação, já que lhe acrescenta um forte tom de pessimismo e de melancolia.

LIÇÃO 5

1.

A voz mais credenciada no presente debate é a do padre, já que, como sacerdote, cabe-lhe por ofício intermediar as relações entre os homens, suas criaturas e Deus.

2.

a) É contrária a benzer.

b) É favorável a benzer.

c) É o argumento baseado na estranheza do fato: *"Cachorro é que eu nunca ouvi falar"*.

d) É o argumento contrário ao do padre, isto é, a afirmação de que não é estranho benzer cachorro tanto quanto não é estranho benzer motor.

3.

a) Benzer motor é equivalente a benzer cachorro.

b) O padre apela para o contra-argumento de que não há equivalência entre motor e cachorro.

c) Consiste na alusão à autoridade do major Antônio de Morais, que, logo a seguir, será anunciado como dono também do cachorro.

4.

Até o momento, todas as pistas do debate indiciam um padre que dá mostras de estar emitindo opiniões baseadas em sua convicção, o que nos leva a depreender sua autonomia em relação às suas ideias.

5.

a) O argumento apela, agora de maneira explícita e atrevida, para a autoridade do major Antônio de Morais.

b) Reage com embaraço e pede que João Grilo confirme o que acabou de dizer, fazendo duas perguntas seguidas para comprovar o que acabou de ouvir: *"— Como?"; "— E o dono do cachorro de quem vocês estão falando é Antônio Morais?"*

6.

De maneira evidente o padre nega a sua autonomia, na medida em que passou a preocupar-se com o fato de o cachorro pertencer ao major Antônio de Morais.

7.

a) Nesta altura não. Ao contrário, desfez-se em sorrisos.

b) Afirma sua total submissão ao major, sobretudo quando nega sua opinião ao dizer: *"Falei por falar, mas também vocês não tinham dito de quem era o cachorro"*.

c) Confirma plenamente sua submissão ao major, embora tente disfarçá-la, ao dizer que o cachorro é criatura de Deus.

8.

Sem dúvida a submissão, que é apresentada no texto como uma opção sem fundamento racional e contrária à lógica do debate estabelecido entre as personagens.

9. Resposta: b.

LIÇÃO 6

1.

Em várias passagens do texto, traços humanos são atribuídos aos bichos, o que nos permite interpretá-los como representantes do gênero humano: *"Um sapo cururu... ficou deslumbrado", "O sapo não se movia, fascinado", "previa o perigo","Ele não podia fugir àquele beijo", "Ele se baixava dócil entregando-se à morte tentadora...", "O coro imenso continuava sem dar fé do que acontecia a um dos seus cantores."*

2.

a) O cururu é dominador em relação ao mosquito e ao cascudinho; mas é dominado em relação à serpente.

b) *"Engoliu um mosquito", "tragou um cascudinho"* (dominação exercida pelo cururu); *"Num bote a cabeça triangular abocanhou a boca imunda do batráquio"* (dominação exercida pela serpente); *"mas já não podia andar, imobilizado"*; *"entregando-se à morte tentadora"*.

3.

a) A do cururu em relação ao cascudinho e ao mosquito.

b) A da serpente em relação ao cururu.

c) A estratégia usada pela serpente foi a da dissimulação, da mentira, que consistiu em esconder o seu ser por trás do parecer. Em outros termos, ela conseguiu mostrar-se para o sapo com uma aparência oposta ao que de fato era: bicho das trevas, mostrou-se como luz.

4.

De um lado, essa passagem pode ser interpretada como a figurativização do tema da alienação dos sapos, da falta de solidariedade entre eles, da cegueira diante daquilo que está ao seu redor. De outro lado, pode ser interpretada como forma de representar o tema da astúcia da serpente e da sua competência persuasiva (sua sedução atingia não só um indivíduo, mas a coletividade inteira dos sapos).

5.

A força de atração da beleza (*"boniteza luminosa", "olhos luminosos e bonitos"*) e do prazer (*"Ele não podia fugir àquele beijo", "entregando-se à morte tentadora"*).

A força de repulsão do perigo, do risco (*"previa o perigo","queria fugir", "porque emudecera"*).

6. Resposta: b.

LIÇÃO 7

1.

Trata-se de dois textos figurativos, já que ambos são constituídos de palavras concretas, isto é, palavras que encontram correspondentes no universo natural; em *Diva*, ocorrem palavras como: *estátua de moça*, *talhes flexíveis*, *rosto gentil*, *pétalas da magnólia*, *a luz*, *pelo fino tecido*; em *Casa de Pensão*: *quadris e ombros*, *a cintura*, *os seios*, *mangas do vestido*, *os braços*, *os pulsos*, *veiazinhas sutis*; *mãos finas e bem tratadas*, *dedos longos*, *a palma cor-de-rosa*, *as unhas curvas*.

2.

a) *"Não é possível idear nada mais puro e harmonioso do que o perfil dessa estátua de moça." "Na mesma delicadeza do porte esculpiam-se os contornos mais graves com firme nitidez das linhas e uma deliciosa suavidade nos relevos."*

b) *"Era muito bem feita de quadris e ombros..." "A volta enérgica da cintura e a suave protuberância dos seios produziam nos sentidos (...) uma deliciosa impressão artística." "Tinha as mãos finas e bem tratadas, os dedos longos e roliços..."*

3.

a) No texto 1, é o tema do angelismo e da sublimidade.

b) No texto 2, é o tema da sensualidade.

4.

Esse diminutivo confere à descrição da personagem um tom coloquial e cria com ela uma relação de intimidade e afeição.

5. Resposta: a.

6.

Enquanto a estética do romantismo baseava-se na visão idealizada da realidade, a do naturalismo

orientava-se pela observação da realidade, no intuito de reproduzir-lhe os traços, segundo uma visão materialista. Essa diferença essencial — o contraste de idealismo e materialismo — entre as duas estéticas em questão pode ser nitidamente observada na caracterização das personagens apresentadas nos dois textos. No fragmento de *Diva*, a descrição é marcada por uma seleção e combinação de palavras que acabam por caracterizar o perfil romântico da mulher-anjo: *"não é possível idear nada mais puro..."*; *"Uma altivez de rainha cingia-lhe a fronte, como diadema cintilando na cabeça de um anjo"*. No fragmento de *Casa de pensão*, a descrição se utiliza de linguagem direta, centrada nos aspectos físicos e nos traços carnais da mulher, orientando a caracterização para um efeito de forte apelo sensual: *"Era muito bem feita de quadris e ombros"*; *"... suave protuberância dos seios..."*; *"beiços polpudos e viçosos, à maneira de uma fruta que provoca o apetite e dá vontade de morder"*.

7.

A passagem em que Aluísio Azevedo procura definir a pele de sua personagem, usando a imagem de uma flor, é a seguinte:

"Tez macia, de uma palidez fresca de camélia; (...)"

Como é patente, os sentidos utilizados pelo autor para caracterizar a pele da personagem são o do tato (*macia*; *fresca*) e o da visão (*palidez*; *camélia*). Não se deve atribuir à imagem da camélia a sugestão do sentido olfativo, a menos que seja por negação, pois essa flor é desprovida de perfume.

É interessante notar que a camélia é flor emblemática de uma das mais famosas personagens românticas (Marguerite Gauthier, *A dama das Camélias*, de Alexandre Dumas, filho). Aluísio Azevedo utiliza-se da mesma flor para caracterizar naturalisticamente sua personagem, desfazendo a idealização romântica que a impregnava.

LIÇÃO 8

1.

a) A *mezza notte o'clock* (= à meia-noite).

b) Um efeito de humor: a finalidade da inesperada combinação é provocar o riso.

2.

a) *E o sargento Oliveira parlar*.

b) Ausência de concordância do verbo com o sujeito: *nóis era*; *os mais pior vai*...

Ausência de concordância entre substantivo e artigo: *coas brajola*; *as ambulância*; *pras Crínica*.

3.

Uma hipótese é a de que, para produzir efeito cômico, o cantor quis "caprichar" na pronúncia, como se estivesse querendo usar um português mais sofisticado.

4.

a) *baita*: grande, enorme.; *avoava*: voava.

b) *Pizza*, *brajola* (= almôndega: bolinho de carne moída com ovos e temperos).

5.

Trata-se da discordância entre o pronome *se* (3ª pessoa do singular) e o sujeito de *quisemo* (nós).

6.

a) Um dos argumentos é *Nóis era estranho no lugar*, o outro é *Nóis fumo lá pra comê*.

b) É para produzir efeito de humor, e um dos motivos para isso é a confissão de que foram ao samba para comer (*nóis fumo lá pra comê*) e o que acontecesse fora isso, apesar da gravidade do fato, não lhes merecia a atenção, não era do seu interesse.

7.

a) Sim.

b) Uma das razões é o fato de que a linguagem do próprio sargento é idêntica à do sujeito coletivo — a troca do *l* pelo *r*: *carma, pessoar, Crínica* (o hospital das Clínicas, cujo pronto-socorro atende os casos mais graves de acidentes); a ausência de concordância (verbal e nominal): *Os mais pior vai pras Crínica*. Além disso, é grotesca e caricata a intensificação do adjetivo *pior* por meio do advérbio *mais*.

Outra razão é a total falta de propriedade no uso do adjetivo *cínica*, que rima com *Crínica* mas não tem compatibilidade do ponto de vista do plano do significado.

8. Resposta: d.

9.

Eis as marcas formais da diferença entre a variante do interlocutor 2 e o português culto.

a) Discordância entre o verbo e o sujeito: *a rapaziada... não são... / nós ia / nós saía / nós levava / nós ficava / se (nós) fosse / (nós) só tomava / nós vinhesse*.

b) Uso do pronome *aquele* como intensificador de um substantivo (respeito) e não como anafórico: *nós levava <u>aquele</u> respeito*.

c) Uso do verbo *levar* no sentido de "ter" alguma coisa (respeito) por alguém: *nós <u>levava</u> aquele respeito com o mestre*.

d) Uso da preposição *com* separada do pronome *nós*: *o mestre que saía <u>com nós</u>*.

e) Uso da forma *né* como redução da expressão *não é*.

f) Troca do *l* pelo *r*: *arguma*.

g) Uso da forma *vinhesse* por *viesse* (talvez por associação com *vinha*).

Trata-se possivelmente de um habitante da zona rural do estado de São Paulo ou Minas Gerais, adulto, praticamente desprovido de escolaridade e de uma classe desprestigiada.

10.

Em questões desse tipo, é praticamente impossível definir com precisão os limites entre a linguagem coloquial oral e a modalidade escrita culta. Há sempre palavras e expressões que coexistem nas duas modalidades sem nenhuma preferência; há formas que existem em ambas mas são preferenciais de uma; há, por fim, formas exclusivas.

É arriscado, por exemplo, dizer que a posição do advérbio *muito*, na primeira frase, seja contrária ao português escrito culto. No entanto, é mais costumeira a sua posição logo após o verbo. Assim, em vez de *"Estudei durante seis anos muito"*, seria mais recomendável *"Estudei muito durante seis anos"*. Feita essa ressalva, uma das hipóteses de transcrição seria a que segue:

> Estudei muito, durante seis anos, a vida de um paulista sobre o qual fiz um filme: trata-se de Mário de Andrade, um grande poeta muito pouco citado (mencionado) pelas chamadas vanguardas modernistas (...) Hoje, felizmente, já existem vários trabalhos reavaliando sua poética, que é mais importante e profunda do que pareceu nestes últimos anos. Estudando Mário de Andrade, descobri que foi um exemplo de homem que morreu de amor, mas de amor por seu povo, por seu país, por sua cultura (...).

Uma outra personalidade sobre a qual fiz um filme é Câmara Cascudo. Uma celebridade como ele morre, os jornais dão numa pequena nota, pouco visível, quando ele merecia ter estátua em praça pública, deveria ser lido, recitado.

11. Resposta: c.

12.

a) *Chama-me a atenção os desdobramentos...*

b) Chamam-me a atenção os desdobramentos...

c) É que a colocação do sujeito após o verbo induz o falante a não reconhecê-lo como tal e, consequentemente, a não fazer a devida concordância do verbo.

13.

a) O "erro" consiste na equivocada conjugação do verbo *vir* no imperativo.

b) *Venha para a Caixa você também* ou *Vem para a Caixa tu também.*

c) Evidentemente não: perderia o caráter de espontaneidade, decorrente da popularidade da expressão. As marcas da linguagem coloquial, típicas da oralidade, desapareceriam e tirariam o efeito de intimidade criado pela expressão popular.

LIÇÃO 9

1.

a) A pobreza é caracterizada, basicamente, pelo fato de um deles possuir apenas uma ovelha.

b) A riqueza do outro é caracterizada pela posse de ovelhas e bois em grande quantidade.

2.

a) Em primeiro lugar, ela é especial por ser única; em segundo, por compartilhar do convívio estreito da família (*"cresceu com ele e junto com os filhos, comendo do seu bocado e bebendo da sua taça"*); em terceiro, pela relação afetiva que os unia (*"tinha-a na conta de filha"*).

b) Evidentemente não. Primeiro porque existiam em grande número; segundo porque os laços afetivos não eram da mesma natureza: o homem rico parecia ter por seus animais um interesse mais utilitário que afetivo (*"Ele teve pena de tomar uma rês das suas ovelhas ou bois, a fim de preparar para a visita"*).

3.

Sem dúvida. Privar alguém do seu próprio bem já é por si reprovável; quando esse ato é praticado por um homem que possui esses bens em grande quantidade contra outro que possui apenas um (que ele ama com grande afeto), provoca revolta e ganha caráter de perversidade.

4.

a) Davi julga que ele merece a morte.

b) Que o homem rico pagaria quatro vezes a ovelhinha furtada.

5.

a) É Urias, soldado de Davi.

b) Betsabeia, a única mulher de Urias.

c) O ato de Davi ter deitado com Betsabeia e tê-la engravidado.

d) A própria condenação do ato praticado por Davi.

6.

a) A intenção era a de levar Davi a tomar consciência da gravidade do seu pecado e a de aceitar a penalidade decorrente do seu crime.

b) Foi plenamente, já que o profeta tirou da boca de Davi a sua própria condenação.

c) Muito provavelmente não, pois o julgamento dos atos alheios costuma ser feito com muito mais severidade do que o dos próprios. Além disso, a simulação do profeta permitiu-lhe carregar nas cores ao relatar a perversidade cometida por Davi, que acompanhou todo o relato sem se sentir censurado e sem mobilizar-se em defesa de si mesmo.

7.

a) • O garoto que pergunta quer saber em que cidade o outro nasceu.

• O que responde entendeu que a pergunta se referia ao modo como ele nasceu (em pelotas, em pedaços?).

b) É o fato de a palavra *pelotas* admitir dois sentidos: como nome próprio, designa uma cidade; como nome comum, designa um objeto em forma de uma pequena bola.

8.

a) Como a manifestação de sua dificuldade de ir ao banheiro.

b) A palavra *Louvre*, por ignorância, foi interpretada como possível sinônimo de *banheiro*, sobretudo pelo fato de vir precedida da expressão *"não consegui ir"*.

9.

a) Um sentido possível é que a mulher, com o calçado certo, ganha um porte superior, uma estatura elevada, irresistível; outro é que, com dois pequenos goles de vinho, a mulher fica afetada pelo poder inebriante do vinho e da sua magia sedutora.

b) É o adjetivo *alta*, que, no contexto, pode assumir dois sentidos: um, relacionado ao poder inebriante do vinho; outro, à estatura do corpo. No primeiro caso, *alta* significa "inebriada";

no segundo, "elevada", "de grande porte".

10.

a) A pergunta de Helga, no contexto, deve ser interpretada como: "Você quer tomar café?"

b) Hagar interpretou a pergunta de Helga como: "Isto é café?"

c) Um falante comum, diferentemente de Hagar, saberia reconhecer que, em contextos desse tipo, a pergunta dirigida ao interlocutor incide sobre sua aceitação ou recusa do que está contido no recipiente (no caso, café) e não sobre sua opinião a respeito da natureza desse conteúdo.

11.

a) *"... proíbe ainda os menores de 18 anos de irem a motéis e rodeios sem a companhia ou autorização dos pais."*

b) Permite imaginar a cena de garotos menores de 18 anos frequentando motéis em companhia dos pais.

c) A portaria proíbe ainda os menores de 18 anos de irem a motéis, bem como de frequentarem rodeios sem a companhia ou autorização dos pais.

LIÇÃO 10

1.

"Por abutre — me deste o sol candente,
E a terra de Suez — foi a corrente Que me ligaste ao pé..."

(A terra de Suez é o local em que se situa o canal de Suez, e se localiza o istmo que liga o continente africano ao asiático.)

"Minhas irmãs são belas, são ditosas...

Dorme a Ásia nas sombras voluptuosas
Dos haréns do Sultão."

(Ao chamar de *"minhas irmãs"* a Ásia e a Europa, dois continentes, a África se estabelece como um dos três continentes irmãos.)

O título "Vozes d´África" é mais um indicador de que é o continente africano quem está falando.

2. Prosopopeia ou personificação.

3.

a) *"Deus! ó Deus! onde estás que não respondes?"*

(Ao interpelar Deus, a África assume um papel de pessoa, de um ser humano.)

b) *"Minhas irmãs são belas, são ditosas."*

(Ao chamar de *irmãs* a Ásia e a Europa, a África se estabelece como pessoa, com relação de parentesco própria de ser humano.)

Na verdade, qualquer passagem que contenha a África dirigindo a palavra a Deus ou falando de um assunto qualquer, serve para exemplificar o uso da prosopopeia: falar é um traço humano, no caso, atribuído a um não humano.

4.

Por meio do uso da prosopopeia, o texto consegue falar do drama do povo africano. O que se diz do continente, no plano geográfico, transfere-se para o povo que nele habita. Assim, o grito de protesto contra as más condições do clima e das injustiças de natureza social é o grito de protesto do povo que habita o espaço geográfico.

5.

a) O castigo compara-se ao de Prometeu, figura da mitologia grega que, acorrentado a um rochedo, era vítima de um abutre que vinha todo dia comer-lhe o fígado durante o dia, que crescia durante a noite.

b) Considera-se privada da beleza, da fortuna, do prazer e da riqueza da Ásia (estrofe 4); da glória, do luxo, do refinamento da Europa (estrofes 6 e 7).

6.

Em primeiro lugar a Europa é tratada como uma mulher deslumbrante e caprichosa; além disso, ao atribuir-lhe os epítetos de *artista* e *poetisa* também lhe confere atividades próprias de ser humano.

7. A coroa simboliza a monarquia; o barrete-frígio, a república.

8.

A expressão quer dizer que os prêmios (as vitórias) nas disputas territoriais (litígios) sempre cabem à Europa, numa alusão às injustiças perpetradas pelos europeus contra os povos do continente africano.

9. Resposta: c.

10.

a) *feia, careca, desdentada* X *linda*.

b) Paradoxo.

c) É o ponto de vista com que se considera o objeto que permite atribuir-lhe qualidades simultaneamente opostas: a criança, por exemplo, sob o ponto de vista da aparência física, é feia, careca e desdentada; sob o ponto de vista psicológico, da esfera das emoções que provoca, é linda.

11.

a) O uso dos pronomes *eu* (que indica a pessoa que fala) e *tu* (pessoa com quem se fala) referindo-se aos dois números é o indicador mais marcante de que eles são concebidos como pessoas. Além disso, o próprio ato de dialogar entre si, de construir raciocínios é um traço próprio de ser humano.

b) Prosopopeia.

c) É uma relação de analogia: o Um vale tanto mais quanto for o número de zeros a segui-lo; o ditador tem mais poder quanto mais forem os cidadãos de ação política nula.

12.

Produz um contundente efeito sarcástico, que, do ponto de vista argumentativo, desqualifica o ditador cujo poder só existe porque convive com nulidades e desqualifica arrasadoramente os cidadãos que se reduzem a zero para não abalar o poder do ditador.

LIÇÃO 11

1.

a) *Agulha* significa "hastezinha fina, de aço, aguçada numa das extremidades e com um orifício na outra por onde se enfia linha, fio, lã, cadarço ou barbante para coser, bordar ou tecer". *Linha* significa "fio de fibras torcidas de linho, algodão, seda ou sintética, usado para coser, bordar, fazer renda etc."

b) *" ... uma agulha, que disse a um novelo de linha..."* (o ato de dizer, atribuído à agulha, confere a ela um traço humano); *"Por que está você com esse ar...?"* (*você* é tratamento exclusivo de pessoas);

"... para fingir que vale alguma coisa..." (o ato de fingir, atribuído à linha, confere-lhe traço humano);

"Deixe-me, senhora" (*senhora*, referindo-se à agulha, também a enquadra entre os humanos).

Como essas, há muitas outras pistas em que se atribuem ações ou propriedades de seres humanos à agulha e à linha.

c) *"É boa! Por que coso* (costuro)*?"* Coser é uma ação da agulha enquanto agulha e não enquanto pessoa.

"Você fura o pano, nada mais." Furar é atividade da agulha enquanto objeto e não enquanto ser humano.

"Eu é que prendo, ligo, ajunto": prender, ligar e ajuntar são atos da linha enquanto objeto.

"Chegou a costureira, pegou do pano, pegou da agulha, pegou da linha...": funcionar como objeto manipulado pela mão da costureira é próprio da linha e da agulha enquanto objeto, da mesma natureza que pano.

2.

A expressividade da metáfora está exatamente na possibilidade de um plano de significado se acrescentar a outro.

Quando se diz que há pessoas que fazem papel de agulha e outras de linha, consegue-se aproveitar os traços mais típicos desses significados e projetá-los nas pessoas.

3.

a) A um professor de melancolia.

b) Pelos antecedentes presentes no texto, pode-se depreender que entre a agulha e o professor de melancolia há os seguintes traços em comum:

• ambos furam o pano, isto é, abrem espaço para outros;

• ambos vão adiante, puxando e carregando o que vem atrás;

• ambos fazem trabalho árduo;

• ambos têm papel subalterno;

• ambos não desfrutam do prazer e do prestígio do seu trabalho.

c) A todas aquelas que, como ela, desfrutam do esforço realizado por aqueles que lhe abriram oportunidades.

4.

A costureira está para a agulha assim como a baronesa está para a linha, isto é, os segundos desfrutam do trabalho dos primeiros.

5.

Os batedores, a agulha e a costureira são semelhantes entre si e opostos a imperador, a linha e a baronesa. Os primeiros situam-se entre aqueles que se esforçam para garantir a passagem dos segundos.

6.

a) Essa comparação acrescenta a *"dedos da costureira"* traços de rapidez, extrema agilidade, que são propriedades dos *"galgos de Diana"*.

b) Sim, já que, em vista de uma relação de similaridade, faz o confronto entre dois planos de significado.

c) Não, porque, na metáfora, os dois planos de significado não são apresentados formalmente como duas entidades distintas.

7. Resposta: e.

8.

O sentido de que o povo brasileiro perdeu Tom Jobim, o famoso compositor, autor de "Garota de Ipanema".

Outro sentido é que o Brasil (o povo brasileiro) desafinou, saiu fora da altura musical apropriada. É uma forma de dizer que, com a morte de seu maior compositor, o povo brasileiro perdeu a competência de cantar, de entoar música.

9.

O narrador faz uso da metonímia, já que toma a parte (as mãos) para caracterizar as diferenças entre as personagens: o caráter rústico de Baltazar, a delicadeza confortável do padre Bartolomeu, a precisão de Scarlatti, os traços rudes de Blimunda.

As mãos refletem a condição social e o ofício de cada um dos personagens: separam Baltazar e Blimunda de um lado; Scarlatti e Bartolomeu Lourenço de outro.

10.

a) *Verdejou*, no seu sentido usual, significa: “ficou verde”, “tornou-se verde”.

b) Choveu no Nordeste, caiu chuva na nossa terra.

c) Entre *chover* e *verdejar* há uma relação de causa e efeito, o que caracteriza uma metonímia.

11.

a) A mudança consiste no fato de que os trabalhadores imediatamente tomaram atitudes de abandono do trabalho na construção civil (*“largaram das redes”* onde dormiam, foram acertar as contas e partiram).

b) A imediata partida para a terra natal diante da notícia de que lá havia verdejado denota que lá viviam do cultivo da terra, numa economia agrária. Essa relação é que dá pleno sentido ao uso metonímico do verbo *verdejar*, em vez de *chover*.

12.

a) Metáfora.

b) É a semelhança de função: o *air bag* protege o passageiro quando o veículo vai de encontro a um obstáculo qualquer; a imprensa protege a sociedade quando se vai de encontro à democracia e à liberdade de expressão.

13.

a) Trata-se de uma associação entre a parte (o indivíduo) e o todo (a natureza humana).

b) Metonímia.

14.

a) É uma associação de efeito e causa: a paisagem (o jardim construído) é o efeito produzido pela mão do homem (Burle Marx, no caso, representado pela expressão *“natureza humana”*).

b) Metonímia.

c) A rigor não. Esse jogo de palavras metonímico, na verdade, consiste no uso de uma das possibilidades que a linguagem oferece para construir significados que são muito expressivos sob o ponto de vista do efeito de sentido que produzem, mas não necessariamente sob o ponto de vista da exatidão dos fatos que traduzem.

LIÇÃO 12

1.

a) A intenção do cidadão João Alves era obter um resultado puramente prático: recuperar a mula que lhe fugira.

b) João Alves, enquanto narrador, produziu um texto de alta qualidade literária, que acabou caindo em mãos do cronista, por meio de um amigo deste, e se tornou objeto de uma crônica lida por um número de pessoas muito maior que o dos leitores do jornal de Itambé do Mato Dentro.

2.

a) *“E tu mesmo, se não estou enganado, repousas suavemente no pequeno cemitério de Itambé.”*

b) João Alves está vivo enquanto narrador de um texto e, sob esse ponto de vista, talvez nunca mais desapareça a não ser que o seu texto também vire pó.

3.

a) Sobre a besta: após 55 anos a besta já morreu — *“já é pó no pó”*.

b) Sobre o proprietário: é muito provável que o dono da besta também já tenha falecido — *"E tu mesmo, se não estou enganado, repousas suavemente no pequeno cemitério de Itambé"*.

c) Sobre o anúncio: este sobreviveu ao tempo e, passados 55 anos, continua como *"modelo no gênero"* — *"Mas teu anúncio continua como modelo no gênero"*.

4.

"55 anos depois, :prezado João Alves Júnior..."

"... repousas suavemente no pequeno cemitério de Itambé"

"... ao menos como objeto de admiração literária"

"... e traçaste um belo e nítido retrato da besta."

"... teu zelo naturalista e histórico atribui com segurança a um jumento."

5.

a) É o fato de um homem de origem rural escrever tão caprichosamente. b) *"Não escreveste apressada e toscamente, como seria de esperar de tua condição rural."*

6.

Limpeza, no caso, pode ser entendida como ausência de "sujeira", ausência de tudo aquilo que prejudique a boa linguagem; pode ser entendida como sinônimo de clareza, precisão.

7.

É o intervalo compreendido entre o dia do extravio da besta (6 de outubro) e o dia da publicação do jornal (19 de novembro).

8.

Dentre as qualidades destacadas está a escolha cuidadosa das palavras (*"Não disseste que todos os seus cascos estavam ferrados; preferiste dizê-lo 'de todos os seus membros locomotores'"*). Além dessa, põe em destaque a valorização de detalhes pertinentes: *"Nem esqueceste esse pequeno quisto na orelha e essa divisão da crina em duas seções..."*

9.

a) Quer dizer a capacidade de observação minuciosa de um cientista da natureza.

b) Diz respeito à competência de acompanhar e documentar os acontecimentos ao longo da vida do animal.

10.

a) Quer dizer que a prudência não se antecipa aos dados da evidência, aos fatos realmente ocorridos.

b) A hesitação significa que o narrador não tem certeza se a prudência continua sendo ainda hoje uma qualidade dos mineiros.

11.

a) É o procedimento escorado na razão, no raciocínio, isento de paixão ou reação emocional.

b) É o procedimento sem base racional, motivado por paixão e movido pelo desejo de acusação.

12.

Porque, segundo informes do próprio dono, a besta era mansa e acostumada ao lugar (*"muito domiciliada nas cercanias deste comércio"*). Não havia motivo para justificar a fuga de um lugar a que

estava habituada.

13.

“Fazer praça de generosidade ou largueza” significa exagerar na promessa de recompensa, garantir com grande quantidade de dinheiro em paga de favor prestado.

14.

a) Trata-se de *“esse amor à tarefa bem feita...”*

b) Trata-se da palavra *sobretudo*, que, como o nome sugere, põe algo acima de todos os possíveis dados, ou ocorrências colocados em confronto.

15. Resposta: b.

LIÇÃO 13

1.

Trata-se de uma escolha perfeitamente adequada: primeiro porque se trata de uma governanta alemã, segundo porque “senhorita” é um significado compatível com o estranho papel que lhe deu Sousa Costa: ensinar a Carlos a arte de amar.

2.

a) Sim. Trata-se de uma possibilidade perfeitamente aceitável.

b) Não. O mais comum é usar o sobrenome para designar o marido, que em nossa cultura, é tido como o chefe de família.

3.

Não há no texto pistas indicadoras de ironia. *Minha senhora* é, pois, uma forma de indicar formalidade e respeito.

4.

a) Trata-se do medo de que Carlos viesse a ter um caso com Fräulein.

b) A grande diferença reside no fato de que, para os padrões éticos dos patrões, esse tipo de tema não pode ser discutido às claras como estava sendo.

Outro tipo de constrangimento está no fato de que Sousa Costa não havia explicado a d. Laura a verdadeira razão por que Fräulein foi contratada.

c) O uso das reticências.

5.

De modo algum. Deixando de lado o que se conhece da relação entre patrões e empregados, e levando em conta o programa narrativo definido pelo narrador ao longo do texto, d. Laura e Sousa Costa são muito mais submissos aos padrões morais impostos pela sociedade do que Fräulein.

6.

a) Não. Nossa cultura não vê como compatível o exercício dessa profissão dentro do espaço doméstico. As amantes são mais adequadas às ruas e ao espaço de bordéis, motéis e cassinos.

b) Foi o grande risco que correria o filho caso não contratasse os serviços de Fräulein.

7.

Trata-se da autoconfiança, traço de personalidade que põe Fräulein como dona de si tanto no seu

território (dentro do próprio quarto) quanto em território alheio (a biblioteca, por exemplo).

8.

a) Em primeiro lugar deprecia Sousa Costa pela falta de inteligência: *"Riscou uma desculpa sem inteligência"*. A seguir, após a longa explicação de Sousa Costa, denuncia a satisfação deste por ter chegado ao fim da explicação e põe às claras a encenação feita para esconder fraquezas: *"Assim se fingem as cóleras, e os machos se impõem, enganando a própria vergonha"*.

b) Que d. Laura compreendia apenas parcialmente, o que era melhor, para que ela concordasse com as explicações de Sousa Costa.

9.

a) Sousa Costa justifica a contratação de Elza com o argumento de que a juventude àquele momento se expunha aos maiores perigos, em sua ânsia das primeiras experiências sexuais. Para evitá-los é que ele teria contratado as seguras lições de Elza, que levariam Carlos a um bom termo em sua iniciação.

b) A presença de Fräulein junto a Carlos — segundo ela mesma expôs — não tinha a finalidade de levar o menino às primeiras experiências do sexo, mas fazê-lo compreender progressivamente o sentido elevado do amor.

c) Sousa Costa, dado seu praticismo e seu moralismo de conveniências, esconde o acordo que tivera com Elza para evitar a reação de d. Laura. Esta, por sua vez, só poderia captar na ocorrência a sugestão indecorosa, de ofensa ao lar. Sua limitação paulistana, pequeno-burguesa a impedia de entender as razões de Elza, mulher muito mais culta e livre. Elza se desespera, porque entende como os outros a veem, mas se vê a si mesma como honesta e bem-intencionada. Lutavam também dentro dela o "homem do sonho" e o "homem da vida".

10. Resposta: c.

LIÇÃO 14

1.

a) Cria uma impressão de fantasia: *agora eu era* significa "faz de conta que *agora* eu era herói".

b) O ponto em comum é o uso do verbo no imperfeito do indicativo (*era*), o que inscreve o relato no universo da fábula, da ficção.

2.

a) O narrador é personagem: vem representado por um *eu*, que está presente em todo o percurso da narrativa.

b) *"Eu enfrentava os batalhões / Os alemães e seus canhões"*; *"E pela minha lei / A gente era obrigado a ser feliz."*

3.

a) Você era a princesa que eu fazia coroar.

b) *Fazia* indica um evento em seu curso (em sua duração) considerado como algo não limitado no tempo e cria a impressão de uma ocorrência habitual, costumeira; *fiz* indica uma ocorrência considerada como algo acabado, dentro de um limite temporal e cria a impressão de uma ocorrência de duração momentânea.

c) *Fiz* é mais adequado ao significado pontual da expressão em que ocorre (*fazer coroar* é um ato momentâneo e limitado no tempo e não algo que se estende ao longo do tempo).

4.

a) *Não fuja, finja, vem, dê*.

b) Basicamente o que o amante pede é que a amada dê sua adesão ao jogo de ficção e o escolha como objeto de desejo e o ame com ternura e prioridade (*o seu bicho preferido*).

c) Tal transgressão é muito comum na linguagem oral, que, no imperativo, mistura a 3ª (*não fuja / finja / dê*) com a 2ª pessoa (*vem*). O narrador, com essa mistura, cria um efeito de coloquialidade, de informalidade adequada à intimidade e à espontaneidade do diálogo amoroso.

5.

a) *Acho* indica uma ocorrência concomitante com o momento da fala (no momento em que estou falando, eu acho).

b) A gente não *tinha nascido* é uma ocorrência anterior ao "tempo da maldade" (que é um tempo anterior ao da narrativa).

6.

a) Trata-se de um final trágico, já que a realidade — fora do espaço e do tempo da ficção — *"era uma noite que não tem mais fim"*.

b) O tempo imperfeito *era* (imperfeito) indica um evento presente mas no plano da ficção; o tempo presente (*tem*) indica um evento presente no plano da realidade. Há nisso uma alusão clara ao fato de que o limite entre ficção e realidade não é tão definido quanto se supõe.

c) Trata-se do fato de a amada ter desaparecido (*"sumiu"*) sem deixar aviso (*"você sumiu no mundo sem me avisar"*).

d) Trata-se de uma suspeita pessimista pois prenuncia algo sobre o qual o narrador não tem controle (*"que é que a vida vai fazer de mim"*).

7. Resposta: c.

LIÇÃO 15

1.

Olhando-a de um jeito muito mais frio; maldizendo a vida, deixando-a só, num canto.

2.

Foi a de tê-la convidado para dançar: *"Pra seu grande espanto / Convidou-a pra rodar"*.

3.

No nível da aparência física: *"ela se fez bonita"*; no nível da sensualidade, do desejo: *"com seu vestido decotado"*.

4.

a) *"Depois os dois deram-se os braços..."*; *"E cheios de ternura e graça..."*; *"E foi tanta felicidade..."*

b) *"E foram tantos beijos loucos / Tantos gritos roucos / Como não se ouviam mais."*

5.

a) Como uma forma de figurativizar a propagação desse gesto contagiante e simbolizar sua influência benéfica sobre o comportamento das pessoas.

b) É a instauração da paz entre os seres humanos: *"E o dia amanheceu em paz"*.

6.

Sem dúvida, há muita semelhança entre a valsa (a dança), o jogo amoroso e o jogo das relações humanas: os três fazem alusão ao congraçamento através do amor, da ternura, do prazer e do dinamismo do movimento.

7.

Trata-se do tema da concepção do amor (tanto na sua manifestação de forte ligação carnal quanto na de delicada fusão de afeto) como um fator de congraçamento humano, capaz de gerar a paz.

8. Resposta: a.

LIÇÃO 16

1.

Segundo a crença popular, a imagem de São Jorge matando o dragão com sua espada vem refletida na lua cheia, o que tem servido de motivo para muitas representações na pintura e na escultura religiosa.

2.

a) Ao aspecto da beleza visual do nosso satélite, à mistura deslumbrante de cores.

b) *"brilha nos altares"*; *"serás minha guia"*; *"lua de são jorge"*.

3.

a) *"lua brasileira"*; *"lua do meu coração"*; *"brilha sobre o meu amor"*.

b) *"oh minha bandeira / solta na amplidão"*; *"brilha sobre os mares"*; *"lua soberana"*.

4.

Uma das formas consiste numa atitude de deslumbramento, de assombro frente à grandiosidade do espetáculo produzido pela lua; outra consiste numa atitude de intimidade, de familiaridade que anula a distância entre o sublime e o corriqueiro: no mundo do mito os dois extremos se compatibilizam.

5.

A imagem de lua criada pelo poema é francamente positiva, cheia de esplendor, deslumbrante, digna de admiração.

6.

Sim, já que o eu-lírico a chama de *tu* e fala com ela.

7. Resposta: e.

LIÇÃO 17

1.

Texto 1

Classificação: Trata-se de um texto dominantemente descritivo.

Justificativas:

• Trata-se da reprodução das características de um lugar particularizado, uma das muitas ruas da cidade de São Paulo, mais especificamente, a avenida Paulista.

• Todos os dados e acontecimentos reproduzidos são simultâneos, não havendo um anterior ao outro do ponto de vista de quem os relata. Tudo se situa num instante estático: a avenida Paulista no seu

centenário. O tempo verbal usado é o presente, que, ao lado do imperfeito, é típico de textos descritivos.

• Como não há nenhuma ocorrência anterior a outra, a ordem dos enunciados pode ser alterada sem interferência no sentido básico do texto. Esse texto teria basicamente o mesmo significado se fosse lido assim:

> A Paulista fala 12 línguas, em 18 consulados ali instalados. Ao lado de poucos casarões do passado, ela abriga edifícios "inteligentes" e torres de rádio e TV, iluminadas como um marco futurista.
>
> Seus 2,6 km de extensão (ou 3 818 passos) são percorridos diariamente por um milhão de pessoas, em sua maioria mulheres, como revela pesquisa da companhia que mantém o metrô correndo sob seu asfalto.
>
> Aos 100 anos, a avenida Paulista permanece uma janela para a modernidade.

Texto 2

Classificação:

O texto 2 começa com uma descrição (da linha 1 à 9, é um texto com as mesmas características do texto 1). Todos os dados e ocorrências aí relatados são simultâneos, revelando como era a avenida Paulista no início do século. Mas na linha 9 o texto dá um salto no tempo, relatando uma transformação que ocorreu com a avenida Paulista na altura dos anos 50 e 60. Nesse instante, o texto deixa de ser descritivo e passa a ser narrativo, já que relatar mudanças de estado constitui a característica essencial do texto narrativo.

Assim, o texto 2, apesar de conter passagens descritivas, deve ser classificado como dominantemente narrativo.

Justificativas:

• É um texto que relata mudanças de estado pelas quais passou um lugar particularizado (no caso, a avenida Paulista). O texto fala de várias mudanças: do início do século para os anos 50 e 60; dos anos 50 e 60 para os dias de hoje. Com o tempo as características da avenida foram sofrendo alterações pela ação de um agente transformador.

• Os episódios e ocorrências relatados não são simultâneos, havendo uns anteriores a outros; a construção dos prédios é posterior à destruição dos casarões; o metrô é posterior à construção dos prédios.

• Como as ocorrências não são simultâneas, não é possível — como o foi no texto 1 — alterar a ordem dos enunciados sem afetar o sentido básico do texto ou até mesmo desfigurá-lo. Não é possível, por exemplo, ler o texto 2 de trás para a frente, mantendo o mesmo sentido.

• Nesse texto, por fim, os tempos verbais pertencem ao sistema do pretérito (imperfeito e perfeito). Excetua-se apenas o verbo do último parágrafo, que está no presente.

Texto 3

Classificação: Trata-se de um texto de natureza dissertativa.

Justificativas:

Este último texto é dissertativo:

• Diferentemente dos textos 1 e 2, não trata de fatos ou de episódios concretos e particularizados, mas de análises e interpretações genéricas, válidas para vários casos concretos e particulares. O texto 3 contém generalidades sobre a Rua (onde o artigo a nos faz pensar em toda espécie de Rua no âmbito da cultura brasileira); os textos 1 e 2 contêm referências a uma rua particular (a avenida Paulista).

• As opiniões e interpretações sobre a Rua e a Casa são dadas de maneira explícita, através de conceitos

abstratos (“a casa é o espaço do aconchego”; “a rua é o espaço da transgressão”;

“a rua é o domínio do anonimato”).

• As relações entre os enunciados, na dissertação, obedecem a uma progressão lógica e não cronológica. Em outras palavras, um enunciado é anterior a outro não do ponto de vista da progressão temporal, mas do ponto de vista da sua concatenação lógica.

• O tempo verbal dominante é o presente atemporal, válido para qualquer momento.

2. Resposta: a.

3.

a) O texto não faz referência à torcida de um clube em particular num jogo determinado. O que há são comentários genéricos sobre qualquer torcida de qualquer clube em qualquer jogo.

b) Pode, sem dúvida, já que é próprio do texto dissertativo discutir uma questão sob o ponto de vista de suas características universais, isto é, válidas para todas as questões da mesma natureza.

4.

Há inúmeras passagens em que o redator manifesta suas opiniões e faz interpretações, usando conceitos abstratos (de natureza temática). Entre tantos casos, podemos citar: *“homogeneizando, em torno dos clubes, as suas diferenças”*; *“ele ´despe´ cada torcedor da sua identidade civil, e o integra em novo contexto, profundamente indiferenciado”*; *“Nesse contexto de massa que é a torcida, inexistem desigualdades, pelo menos em princípio”*; *“Este último ponto é de grande importância, pois nos leva, de certa forma, da igualdade à liberdade”*.

5.

a) Em todo o percurso do texto, o presente não indica eventos ou processos que estão ocorrendo no momento em que o redator escreve, mas ocorrências de extensão universal, válidas para todos os momentos. Trata-se do presente com significado total, atemporal.

b) O presente total é o tempo verbal típico dos textos dissertativos, já que esses textos discutem os traços permanentes do tema posto em questão, as características próprias da natureza dos acontecimentos tratados e não propriedades circunstanciais e restritas a um momento em particular.

6.

a) *“pessoas situadas em posições sociais extremamente diversas”*.

b) Há mais de uma passagem, entre as quais podem ser citadas: *“ele* [o uniforme] *´despe´ cada torcedor de sua identidade civil”*; *“homogeneizando, em torno dos clubes, as suas diferenças”*; *“Nesse contexto de massa que é a torcida, inexistem desigualdades”*...

c) Há também várias passagens que afirmam a igualdade: *“e o integra em um novo contexto, profundamente indiferenciado”*; *“cada torcedor tem, neste momento, os mesmos direitos que qualquer outro”*; *“todo mundo tem opinião, e todos têm o direito de exprimi-la”*.

7.

O evento anterior é: *“cada torcedor tem, neste momento, os mesmos direitos que qualquer outro”*. A posse de iguais direitos, que por sua vez decorre do fato de não existirem desigualdades, é o dado responsável pela afirmação de que a igualdade gera a liberdade. Se todos têm os mesmos direitos, têm também a liberdade de agir sem interferência de restrições impostas por quem se julga com mais direitos que outros.

8.

“Qualquer torcedor pode, inclusive, discordar das ‘autoridades’ em futebol, os técnicos, dirigentes ou comentaristas.”

9.

Os fundamentos dessa afirmação já aparecem em passagens anteriores: na torcida, todos se igualam, o que implica o estabelecimento de igualdade de direitos, que, por sua vez, leva à liberdade de cada um agir conforme sua opinião, sem subordinar-se a uma hierarquia. Toda essa cadeia de implicações fornece fundamento para a conclusão introduzida pelo conector *portanto*, já que a existência de *“uma área de decisão privada”* é a explicitação de tudo o que já vinha sendo dito antes.

10. Resposta: c.

LIÇÃO 18

1.

a) Sim, já que o anseio caracteriza-se pelo desejo de possuir alguma coisa.

b) Gera a confiança, ou seja, a crença de que o seu desejo se realizará.

2.

a) Não, ao contrário, opôs-se à tentativa de Lisetta alcançar o urso, fazendo uma careta horrível e apertando-o contra o peito.

b) Insistiu em pegá-lo: pediu à dona do ursinho que deixasse pegá-lo um pouquinho.

3.

a) Foi a atitude de descaso da mãe da menina rica ao não dar resposta ao pedido de desculpas.

b) Consiste num sentimento penoso de inferioridade, de indignidade ou de humilhação diante de outrem, sensação de rebaixamento diante da opinião dos outros.

4.

a) O sentimento de raiva.

b) Consiste em desejar o mal àquele que causa um mal. No caso, a atitude da menina provocou na mãe um sentimento de vergonha e esta a castiga, afligindo-a com dor física.

5.

a) Não, ao contrário, ainda afrontou-a antes de entrar no seu palacete, agitando o bichinho no ar.

b) Não. Como compensação, quis sentar-se no banco, o que não foi também permitido, pois a mãe havia pagado uma passagem só.

c) Consiste em aceitar a impossibilidade de realizar um desejo.

6.

a) Não, já que a reprova pela surra.

b) O sentimento de compaixão, de piedade.

c) Consiste no desejo de aliviar o sofrimento do outro.

7.

a) O sentimento de satisfação.

b) Como a consciência de poder realizar o desejo.

c) O apego, que consiste no desejo de não se separar da posse adquirida.

8. Resposta: a.

LIÇÃO 19

1.

Trata-se de um título bem escolhido:

• a palavra *"arriscado"* chama a atenção para o tema central da dissertação: o perigo da automedicação;

• a expressão *"esporte nacional"* para designar a automedicação é uma metáfora feliz: sugere que a automedicação no Brasil é praticada como um esporte, isto é, algo que se faz por prazer, de maneira lúdica, uma distração sem a devida carga de responsabilidade.

Além disso, chamar a automedicação de esporte acrescenta um certo toque de humor, presente em algumas passagens do texto.

2.

a) É a prática da automedicação, muito comum entre os brasileiros.

b) É francamente contrário à automedicação, considerando-a um problema preocupante (linhas 3 e 4).

3.

a) O autor usa o argumento da apresentação de provas concretas, citando dados estatísticos: *"Cerca de 40% das vendas realizadas pelas farmácias nas metrópoles brasileiras destinam-se a pessoas que se automedicam. A indústria farmacêutica de menor porte e importância retira 80% de seu faturamento da venda ´livre´ de seus produtos..."*

b) Sem dúvida: primeiro, porque se trata de dados diretamente relacionados ao que se quer provar; segundo, pelo caráter de exatidão próprio dos numerais: a precisão é mais argumentativa que a imprecisão.

c) Produz o chamado "efeito de verdade", isto é, cria a impressão de que o autor conhece a realidade da qual está tratando.

4.

a) Trata-se de um argumento mais fraco, pois é baseado em impressão subjetiva, numa suposição: é menos convincente do que os argumentos baseados em dados objetivos.

b) Não. Apesar de um argumento fraco, percebe-se que não se trata da questão central posta em discussão.

Saber formular hipóteses viáveis é também demonstração de perspicácia. Além disso, o autor se assina como doutor, o que lhe confere certa autoridade para fazer as conjeturas sobre possíveis causas da automedicação.

5.

A ressalva tem a evidente intenção de se proteger contra a possível acusação de estar defendendo interesses da classe médica. Em outras palavras, alertar a população contra os perigos da automedicação pode ser encarado como uma forma de pressão para aumentar o número de consultas médicas.

6.

Sem dúvida, a primeira: a terminologia usada é mais apropriada (*corrente sanguínea, soluções de*

glicose, produtos aromáticos, circulação). Além disso, na primeira, o autor discrimina cada um dos ingredientes injetados na circulação sanguínea: *soluções de glicose, cálcio, vitamina C, produtos aromáticos*. Tudo isso foi reduzido a uma expressão vaga e genérica na segunda passagem: *"monte de drogas"*.

Como se sabe, expressões vagas e indefinidas são mais próprias de pessoas que desconhecem o assunto de que estão falando.

7.

a) *"Defender a língua é, de modo geral, uma tarefa ambígua e até certo ponto inútil."*

b) *"A própria língua, como ser vivo que é, decidirá o que lhe importa assimilar ou recusar."*

8.

a) Para que as aspirações nacionais sejam cumpridas, é necessário *"alcançar os limites inferiores da sobrevivência condigna"*.

b) Usa-se o argumento de prova concreta, com um dado estatístico: 56% da população da cidade de São Paulo vive em favelas, cortiços, habitações precárias e até mesmo sob viadutos e nos cemitérios.

9.

"... por ser tecnicamente melhor do que as suas antecessoras."

10.

a) A devolução da carta foi provocada basicamente por um motivo: repreensão do erro de grafia cometido pelo reitor (ou por seu secretário), que escreveu *iminente* (= que está por acontecer, prestes a ocorrer) em vez de *eminente* (= ilustre, destacado, notável).

b) O erro contribuiu também para a depreciação da própria imagem do reitor. Dada a importância do cargo, não é admissível que ele cometa um erro desse tipo numa correspondência oficial ao ministro.

c) Porque afeta a credibilidade do enunciador, já que funciona como denúncia de que, por trás do texto, está um mau conhecedor da variante culta da língua ou, quando menos, uma pessoa desmazelada, descuidada.

11.

a) De 1 a 4, a progressão vai do mais abstrato para o mais concreto.

b) Sem dúvida, já que, nessa progressão, cada item contém dados mais concretos e palpáveis que o seu antecedente: o item 1 contém apenas uma advertência genérica; o 2 já é mais específico (*"provoca diversos males"*); o 3 traz um dado mais concreto que o 2 (*"pode prejudicar o bebê"*); o item 4 discrimina com a precisão dos dados estatísticos alguns dos males apenas citados na advertência feita no item 2.

c) O item 4 acrescenta aos itens 1 e 2 dados concretos, mais precisos e mais verificáveis. Por isso seria bom argumento para a advertência aí contida: o dado específico e preciso é aceito como verdade, como mais provável que o genérico e impreciso. Esse argumento é do tipo baseado em provas concretas ou, se quiserem, em dados da realidade.

12.

a) Porque contribuem para dar peso e credibilidade ao que o autor afirma sobre o papel da educação.

b) O autor usou o argumento de autoridade, cujo poder está no fato de acrescentar ao seu ponto de vista o peso da autoridade de três pensadores reconhecidos universalmente como altas expressões do

pensamento humano.

LIÇÃO 20

1.

a) Sim. Segundo o texto, *"nele* (no leite Reduit) *quase toda a gordura é retirada, permanecendo todas as* outras *qualidades nutricionais"*. O pronome *outras* pressupõe que a gordura está incluída entre as demais qualidades nutricionais, estas não retiradas do produto (Reduit).

b) Não. O trecho *"Reduit é saudável, pois nele quase toda gordura é retirada..."* instaura o pressuposto de que nem todas as qualidades nutricionais fazem bem à saúde, como, por exemplo, a gordura.

• Em **a**, já se demonstrou que a gordura é uma qualidade nutricional.

• A retirada da gordura é um procedimento que faz Reduit ficar saudável. Se sua ausência é saudável, sua presença é prejudicial.

Note-se que a conjunção *pois* estabelece o pressuposto de que o enunciado que vem à sua direita é um argumento favorável ao que vem à sua esquerda. É isso que nos leva a compreender que "retirar gordura" é um argumento favorável a "ser saudável".

2.

a) Trata-se da pressuposição de que, além desta, o Instituto de Resseguros do Brasil praticou pelo menos mais uma esperteza.

b) A pressuposição instaurada é evidentemente desmoralizante, na medida em que induz a crer que não é casual nem episódico o equívoco praticado pela referida instituição.

3.

a) O de que os dados numéricos não merecem crédito, são presumivelmente falsos.

b) Sim: *alardear* tem sempre um traço negativo da falsidade, da suspeita.

4.

a) O subentendido é que o Brasil se equipara em importância aos dois países citados.

b) Cuba e Costa Rica não possuem uma imagem de destaque no concerto das nações, sobretudo no que diz respeito a fatos ligados à ordem econômica. Por isso, a comparação é depreciativa para o Brasil.

5.

a) Flecha deixa implícita a opinião de que existe diferença entre os sexos: o adjetivo *típica* instaura o pressuposto de que a pergunta de Shirlei é exclusiva de mulher, isto é, só uma mulher poderia fazê-la.

b) A crença real (de fato) de Flecha é a que ele deixa transparecer sem dizer, isto é, a crença de que existe diferença entre sexos.

c) A passagem é: *"Aliás, típica"* (Aliás, pergunta típica de mulher). A palavra *aliás*, neste contexto, introduz uma retificação. O adjetivo *típica*, como se viu, indica uma característica marcada, portanto distintiva, exclusiva de mulher, o que contraria a opinião anterior.

6.

a) Uma opinião implícita: o casamento traz a felicidade; outra opinião implícita: o casamento não traz felicidade.

Essas opiniões são depreendidas a partir do seguinte programa de leitura:

• Num primeiro momento, o interlocutor de Felipe manifesta-lhe dois desejos simultâneos: que se case/que seja feliz. Como ambos os desejos se articulam aditivamente, instauram o pressuposto de que o casamento é positivo: casar e ser feliz são coisas que se implicam.

• Num segundo momento, ao dizer *"uma das duas coisas"*, estabelece uma relação de exclusão entre elas, instaurando o pressuposto de que o casamento não pode ter valor positivo, já que sua presença implica a ausência da felicidade.

b) O argumento favorável à continuidade dessa prática está, evidentemente, na vinculação entre casamento e felicidade.

7.

a) A alternativa **a**.

b) A alternativa **b**.

Em **a**, está implícito o pressuposto de que nem todos os latifúndios são improdutivos, portanto a desapropriação atingirá apenas aqueles que o são. O pressuposto é favorável aos latifundiários.

Em **b**, o pressuposto é outro: que todos os latifúndios são improdutivos, portanto a desapropriação não poupará nenhum. O pressuposto é favorável aos sem-terra.

8.

Não. Em **a**, o advérbio refere-se exclusivamente ao adjetivo *falsa*; em **b**, refere-se à oração inteira.

Em **a**, instaura-se o pressuposto de que a versão pode até ser falsa mas essa falsidade não é evidente; em **b**, instaura-se o pressuposto de que a versão não é falsa e essa opinião do enunciador é consensual, claramente aceita por todos.

9. Resposta: e.

Comentário: O termo *aliás* (parafraseado = *além disso*) amplia a ideia *"de que discussão não vale a pena"* e introduz um argumento decisivo: os anjos, que são a perfeição espiritual e eterna, não controvertiam nada.

10.

Ao colocar a necessidade de que se proceda de um modo, instaura-se o pressuposto de que se está procedendo de modo diverso, isto é, as negociações estão sendo encaminhadas sem responsabilidade, sem patriotismo. Além disso, pressupõe-se que os sindicatos estão induzindo os trabalhadores a radicalismos.

11.

O subentendido a que se é induzido consiste na dedução de que os funcionários do poder judiciário, com sua greve, colocam em risco a população, expondo-a aos criminosos.

12.

Em **a**, a escolha do artigo definido (*a*) instaura o pressuposto de que no bairro existe apenas uma igreja.

Em **b**, o indefinido (*uma*) leva a pressupor que, além da citada, existe pelo menos uma outra igreja no bairro.

13.

Quando induz a duas pressuposições: que existem seres inteligentes em outros planetas e que um dia serão contactados; *presumíveis* leva a pressupor que os mistérios sobre a existência de seres inteligentes em outros planetas só são mistério para outras pessoas, entre as quais não está incluído o enunciador do

texto.

14.

O uso da conjunção *mas* instaura o pressuposto de que os prontos-socorros do INSS não são tidos como eficientes para a cura e a preservação da vida, ao contrário, chegam a ser vistos como locais onde as pessoas correm risco de vida.

LIÇÃO 21

1.

a) Promete não chamar a atenção para as pessoas participantes da cerimônia (*padres*, *sacristães*), nem para o sermão, nem para detalhes dos presentes (*os olhos das moças*, *as mantilhas das senhoras*, *os calções*, *as cabeleiras*), nem para objetos do ambiente (*as safenas ou corinas*, *as luzes*, *os incensos*) e nem para a orquestra, que era ótima.

b) Preterição.

2.

Para o regente da orquestra, um velho que desempenha o seu ofício com alma e devoção.

3.

a) Evidentemente não. Caso contrário não colocaria em foco, com tantos detalhes, cada uma das pessoas e dos eventos citados.

b) Sem dúvida, o narrador estabelece uma hierarquia entre os dois planos e, no caso, o destaque maior é dado ao maestro da orquestra, sem deixar na sombra os demais fatos citados.

4.

a) Não, como já se viu, o narrador coloca em foco vários outros componentes do cenário.

b) Para a característica da velhice daquele ancião.

5.

a) Quer dizer "em tal assunto", isto é, "em matéria *daquelas boas festas antigas*". O pronome (*tal*), no caso, funciona como um elemento anafórico, isto é, retoma palavras ou expressões já citadas anteriormente.

b) Trata-se de uma forma de dizer que, naquele particular e naquele tempo, o espaço doméstico e o espaço social mais amplo se identificavam, não havia fronteiras entre eles.

6.

O texto não fornece nenhuma pista para confirmar essa conclusão, ao contrário: dizer que Mestre Romão regia a missa equivalia a dizer, anos depois, que João Caetano entrava em cena.

7.

Trata-se da contradição gritante entre a timidez e o recato habitual de Mestre Romão e sua eloquência e brilho ao reger a orquestra (*"então a vida derramava-se por todo o corpo e todos os gestos do mestre"*).

8.

Sim. Usando a preterição como recurso de expressão, o narrador dirige o foco das atenções para Mestre Romão, que não deixa de ocupar a figura central de todo o texto.

9. Resposta: d.

10.

a) O censor é o espírito do ex-professor; o censurado é o coração.

b) *De modo que o que parecia uma desgraça acabou se tornando para mim uma grande aventura.*

c) Não, já que, desse modo, não ficaria evidente o ato de censura do espírito e o consequente efeito de constrangimento.

11.

a) Um erro de concordância verbal. Na frase de Antônio Carlos Reboredo, o sujeito de *"traduz"* é *"os convênios assinados"*. O verbo, portanto, deveria concordar com ele, flexionando-se no plural: *Os convênios assinados traduzem os esforços...*

b) Em situações formais, e considerado o cargo que o enunciador ocupa — delegado regional do Ministério da Educação —, um erro de concordância como esse é imperdoável. Por extensão, a ironia atinge o Ministério da Educação: o que esperar da educação neste país, em que até um delegado do ministério comete erros primários desse tipo?

12.

a) A expressão *"ilustre desconhecido"*, usada habitualmente em relação a alguém, designa uma pessoa sem notoriedade, tida como completamente desconhecida. Em relação a Fernando Henrique Cardoso, a mesma expressão significa que, apesar de ele ser (na época) um ministro de Estado, uma personalidade eminente (*ilustre*), a maioria do povo não o conhecia (*desconhecido*).

b) O paradoxo existe na expressão *"ilustre desconhecido"* usada na segunda acepção acima comentada: *ilustre* contém traços de *notável*, *famoso*, *afamado*, *célebre*, todos eles opostos a *desconhecido* (uma pessoa *famosa* e *desconhecida* é um contrassenso).

c) O título "Literalmente" é adequado à nota pois chama a atenção para o fato de que, as duas palavras estão indicando que realmente Fernando Henrique Cardoso é ilustre (uma personalidade célebre), mas é desconhecido pelo povo. Essa é a tradução literal do apelido dado a FHC.

13.

a) *"uma redução da oferta de postos de trabalho"*.

b) *desemprego*.

c) Sem dúvida houve a intenção do jornal de satirizar o pronunciamento do vice-presidente, desmascarando sua tentativa de dissimular um dos graves efeitos do Plano Real.

14.

a) Preterição.

b) O uso do "*ferro em brasa*", isto é, o uso da palavra para ferir (como o ferro em brasa) a consciência moral de um povo que pratica a escravidão e todos os seus excessos.

c) Produz o efeito de dizer que a consciência moral do povo norte-americano está acostumada com essas atrocidades, está habituada com a perversão por conviver com ela. Por isso, em vez de argumentos, é necessário o "*ferro em brasa*".

d) A figura se chama hipérbole e tem a intenção de produzir o efeito de choque, de comoção. Apenas essas elevações espetaculares da voz e esses apelos grandiloquentes são capazes de abalar as consciências calejadas e os corações endurecidos pela convivência com a crueldade.

LIÇÃO 22

1.

a) É evidentemente o efeito sonoro: 4 sílabas com acento na 2ª e na 4ª. O significado, entretanto, não é desprezível: sua configuração formal lembra composições poéticas típicas das diversões infantis conhecidas como parlendas. O caráter lúdico, aliás, está presente em outras passagens do poema.

b) Do barulho cadenciado do trem em movimento ainda lento ou do som das engrenagens e das rodas de ferro nos trilhos. A alternância da vogal tônica (*é*) com a tônica nasal (*ã*) concorre dominantemente para criar esse efeito.

c) Onomatopeia.

2.

a) Trata-se de uma quebra brusca do ritmo e do andamento sonoro do poema provocada por algo súbito.

b) Trata-se de um susto, um espanto.

c) Alguma alteração brusca do movimento, um tranco repentino do trem de ferro.

3.

a) A palavra *agora*, que pressupõe a ocorrência de algo novo, algo que não estava ocorrendo anteriormente.

b) A alteração se deu em benefício da expectativa relativa ao movimento do trem. O *sim*, posto imediatamente após o *agora*, serve para dizer que a nova situação coincide com a expectativa do enunciador.

4.

a) Denota maior rapidez. Há uma correspondência entre a aceleração do movimento e o ritmo mais rápido, similar ao de um galope.

b) O verso é *"corre, cerca"*.

c) *"Bota fogo / Na fornalha / Muita força / Muita força / Muita força"*

5.

a) O barulho aproximado do apito do trem: outra onomatopeia.

b) Falam das mudanças rápidas da paisagem e da sucessão continuada de imagens.

c) Criam sensações variadas:

• de rapidez: são os versos mais curtos do poema (3 sílabas);

• do barulho dos ferros das engrenagens: as consoantes momentâneas e as vogais fortes abertas;

• do barulho do vapor que escapa e da velocidade: consoantes não momentâneas;

• do balanço do trem: a alternância de sílabas fortes e fracas.

6.

a) O som das vozes dos homens que estão envolvidos na viagem ou como passageiros ou como expectadores, os cantos e versos que exprimem as experiências desses homens. Ouve-se ainda o apito do trem (*Oô*) entrecortando esses cantos.

b) Das lendas do povo, das suas cantigas, dos folguedos (*"Quando me prendero"*), do amor (*"Menina bonita"*), da saudade do solo natal (*"Não gosto daqui"*, *"Sou de Ouricuri"*).

c) Produz o efeito de autenticidade, impressão de verdade, isto é, de simulação da linguagem viva, tal e qual é usada pelo povo que a utiliza.

7.

a) Da pressa e da gente que vai no trem (pouca).

b) Da voz do trem: é o trem que volta a falar.

c) A sonoridade é claramente mais expressiva do que o significado das palavras: é o ritmo que simula o movimento do trem; é a cadência dos acentos que lembra movimento e balanço; é o caráter onomatopaico das palavras que lembra o barulho do trem. Volta-se praticamente para a quarta estrofe, em que os sons retratam o trem em plena carreira. Mas também aqui o significado não é desprezível: é a afirmação da função da máquina (do trem) a serviço do homem (a gente).

8. Resposta: a.

9.

a) *Justíssimo*, dado o caráter exclusivo do sufixo *íssimo* como marcador de superlativo, conota intensidade maior do que muito justo. Há, pois, nessa sequência, uma gradação.

b) A ironia, no caso, ridiculariza a opinião dos parlamentares de que sua reivindicação de aumento é justa.

A gradação repete, cada vez com mais intensidade, o caráter despudorado daqueles que, segundo comentários do autor, têm o descaramento de chamar de justo um pedido de aumento desprovido de mínimos fundamentos.

c) Não. No texto anterior a gradação progride do menos intenso para o mais intenso: é ascendente; no trecho de Getúlio Vargas é descendente.

O efeito de sentido é o mesmo, isto é, a ênfase maior se concentra no último termo da gradação.

10.

a) Quiasmo.

b) Além do efeito sarcástico resultante do cruzamento entre os termos *Bíblia* e *terra*, o quiasmo produz uma estrutura fácil de memorizar, dada a simetria entre esses elementos.

LIÇÃO 23

1.

a) Uma defunta.

b) *Infanta, bem-amada, ungida, santa.*

c) Os quatro adjetivos concorrem para enaltecer a personagem:

infanta: é o nome que se dá à filha dos reis de Portugal ou da Espanha, mas que não é a herdeira da coroa. Feminino de *infante*, igualmente filho dos reis de Portugal ou Espanha, que não é herdeiro da coroa; *bem-amada:* que é alvo de afeto ou amor particular, a predileta, a querida; *ungida:* que foi untada com óleo, que foi marcada com óleo, que passou pelo ritual da sagração, que recebeu a extrema-unção, um dos sete sacramentos da Igreja; *santa:* bem-aventurada, que obteve o céu como recompensa de suas virtudes, sem pecado.

2.

a) Um *"profundo sepulcro"*, *"um leito estranho"*.

b) São lugares marcados pela depressão, pela tristeza: o adjetivo *profundo* enfatiza essa noção em *sepulcro*; *estranho* produz o mesmo efeito em relação a *leito*.

3.

Trata-se de uma música de duração ininterrupta, sempre recomeçada, nunca terminada (*"sem descanso"*).

4.

a) *"Defunta"*; *"que foi encerrada num profundo sepulcro"*; *"desse leito estranho"*.

b) *"recomeçada sempre sem descanso"*; *"a chama inapagada"*; *"a eterna chama, que anima"*; *"para sempre santa"*.

5.

A existência da personagem também contém a dualidade que marca a duração do tempo, isto é, de um lado está sujeita aos efeitos deletérios da morte (*"defunta"*, *"foi encerrada num profundo sepulcro"*, *"para nunca ser retirada desse leito estranho"*, *"sem consolo"*, *"através dos desenganos"*, *"dos reveses e obstáculos da vida"*); de outro lado, possui as características daquilo que é eterno, que vive eternamente (*"infanta"*, *"santa"*, *"bem-amada"*, *"e para sempre santa"*).

6.

a) O caráter único do período representa o fluxo ininterrupto do tempo; as pausas internas, o caráter transitório.

b) Sem dúvida: cada oração que termina vem seguida de outra que lhe dá continuidade e essa semelhança tem evidente relação com a ideia de recomeço.

7.

Mais uma vez trata-se de uma forma de reiterar o caráter contínuo e descontínuo do tempo: a sucessão de vogais nasais cria a impressão de sons que se entrelaçam indefinidamente; as vogais tônicas abertas, como são mais momentâneas, simulam o caráter descontínuo, quebrado do tempo.

8.

Evidentemente: as consoantes momentâneas simulam o caráter descontínuo do tempo; as não momentâneas, o caráter contínuo.

9.

a) Sim, já que as palavras trocadas são sinônimas.

b) Não. Nesse particular, as diferenças são grandes: *morta* no lugar de *defunta* perde as vogais nasais e, com isso, a expressividade própria desses sons não momentâneos; o número de sílabas métricas se altera; o efeito de sentido dos sons é outro.

c) É o traço da intocabilidade do texto literário. Mesmo que as alterações não afetem o sentido, altera-se o efeito de sentido.

10.

A) A diferença está no grau de formalidade: a forma subsequente é mais formal que sua antecedente.

B) A progressão consiste num aumento da extensão de cada forma no sentido da esquerda para a direita.

C) A primeira tem 2 sílabas métricas; a segunda, 3; a terceira, 5.

D)

a) *vai*.

b) *fique*.

c) (*nunca*) *volte*.

E) O que há em todos os casos descritos nas letras A, B, C, D é que sempre há uma progressão ascendente da esquerda para a direita: as formas de tratamento progridem do informal para o formal; a extensão dessas formas vai do tamanho menor para o maior; o tamanho das orações igualmente; o significado dos verbos progride no sentido de cada um denotar uma separação cada vez mais longa. Trata-se, pois, de uma forma de organizar as palavras essencialmente poética. Tudo poderia ser dito de outra forma menos elaborada, tal como: A mãe disse cada vez com mais distanciamento que o marido fosse embora de uma vez por todas.

Isso foi dito escolhendo palavras e arranjando-as de tal modo que quanto mais a mulher sentia a distância do marido, mais as formas linguísticas sugeriam distanciamento, quer no plano da expressão, quer no plano do conteúdo.

LIÇÃO 24

1. Resposta: c.

2. Resposta: b.

3. Resposta: e.

4. Resposta: b.

5. Resposta: d.

6. Resposta: b.

7.

a) O termo *aquela* substitui "a poesia", enquanto *esta* substitui "a história".

b) A poesia é uma forma de conhecimento que, por meio do singular, fala do homem em geral; a história é uma forma de conhecimento que trata do particular sob o ponto de vista do particular.

c) A filosofia se dirige ao universal, isto é, aos eventos, situações, qualidades genéricas, próprios da natureza humana e não de um grupo particular de indivíduos circunscritos a um espaço ou a um tempo determinados.

8.

a) *"Neste momento"*: o locutor refere-se, evidentemente, ao momento em que ele fala e, portanto, a passagem *"neste momento"* faz referência a *"agora, oito meses depois"* ("este" indica o momento da enunciação). O contexto impõe a continuação implícita: *"Agora, oito meses depois"* (de fevereiro); portanto, outubro (de 86).

As demais expressões sublinhadas, *"naquela ocasião"*, *"na época"*, *"um momento de emoção"* e *"esse momento"*, fazem referência a *"Em fevereiro"*. O demonstrativo *aquela* indica um tempo anterior ao momento da enunciação. O artigo definido *a* (*"na época"*) indica que se trata da mesma época que acabou de ser citada (*em fevereiro — naquela ocasião*).

"Um momento de emoção" vem recuperado pelo anafórico *esse*, em *"esse momento"* e ambos situam-se no tempo que já *passou*, oposto ao *hoje*.

b) Para se manter o mesmo sentido decorrente da justaposição, deve-se usar o conectivo *porque*: Mas o

“fiscal do Sarney” foi importante porque ele fez nascer uma consciência nova da cidadania.

9.

a) Os dois inimigos a serem combatidos são:

• *estrangeiros* que, com o controle econômico de São Paulo, pretendiam o mando político;

• *paulistas antigos* que, ajudando aqueles estrangeiros, queriam a independência do estado de São Paulo.

b) A expressão *isso fariam* significa *“empalmariam o poder político”* (depois de se terem apoderado do controle econômico de São Paulo) e refere-se aos estrangeiros citados no período anterior.

10. Resposta: d.

11. Resposta: c.

12. Resposta: d.

13.

a) Associado a *emagreça*, o advérbio *bem* pode assumir vários significados: bastante, corretamente, de maneira saudável, sem prejuízos à saúde, com bom humor.

Nessa relação e com esse sentido, o advérbio entra em coesão com passagens como estas: *“Se o seu relacionamento com a balança anda um pouco pesado, conheça Slim Shake”*; *“faz você emagrecer da maneira mais inteligente que existe”*; *“emagrecimento correto: perder gordura e nunca músculos”*; *“perder peso e não saúde”*; *“manter a forma, mantendo o bom humor”*.

b) Associado a *alimentado*, *bem* pode significar: satisfatoriamente, suficientemente, corretamente, de modo saudável.
Nesses casos entra em coesão com as seguintes passagens: *“Um alimento balanceado que substitui uma refeição”*; *“tem 50% das suas calorias provenientes de proteínas”*; *“contém fibras, vitaminas e sais minerais”*; *“chocolate, morango, baunilha ou cappuccino”*.

14.

a) Entre a oração *“Nunca mais quero o seu beijo”* e *“meu último desejo / Você não pode negar”* há uma contradição. A conjunção *mas* é apropriada para exprimir essa relação, já que contrapõe termos com orientação argumentativa contrária. A conjunção *pois*, diferentemente do *mas*, serve para introduzir um argumento favorável ao que se diz no enunciado anterior, o que não faz sentido nesse contexto.

b) Em *“o botequim”* a presença do artigo *o* faz pressupor que o lar do eu-lírico é o botequim, isto é, que ele vive mais lá do que em casa; a presença do artigo *um* faz pressupor que sua própria casa se transformou num botequim, isto é, ele fez do seu lar um lugar semelhante a um botequim.

15.

a) A curiosidade se deve ao fato de o amigo do narrador ter usado repetidamente um pronome (*eles/deles*) que não faz referência a nenhum termo explicitamente presente no interior do texto e que também não vem implícito no contexto externo. Daí o fato de o americano não conseguir identificar de quem estava falando o seu interlocutor.

b) O uso desse pronome produziu um péssimo resultado argumentativo, já que tudo o que se atribuía a essa palavra de sentido indefinível (*eles*) ficou esvaziado e sem credibilidade.

16.

a) O pronome relativo *que* pode estar-se referindo a *colega* ou a *primo*.

b) Pode estar-se referindo a *menino*, *colega* ou *primo*.

c) Perante o tribunal, o menino identificou como seu agressor o colega do primo que frequenta a mesma escola que este.

d) Perante o tribunal, o menino identificou como seu agressor o colega do primo que frequenta a mesma escola do réu, do indiciado, do incriminado, do denunciado.

LIÇÃO 25

1.

a) O professor Paulo Freire defende uma posição criteriosa com relação à correção de erros gramaticais na escola. Mostra respeito e apreço pela variante linguística que os meninos trazem de casa, sem deixar de ressaltar a importância do conhecimento da norma culta.

b) Não, pois utiliza exatamente o mesmo exemplo citado na entrevista, sem relativizar o seu uso, como faz o ilustre educador. Após dizer que a linguagem dos meninos é bonita, faz logo uma ressalva: *"tu precisas dizer 'a gente chegou' [em vez de 'a gente chegamos']"*.

2.

a) A construção gramatical utilizada para dar acesso ao mundo das fantasias do carregador é: *"Se eu fosse..."* (ou seja, uma oração subordinada adverbial condicional).

b) A situação do mundo real transferida para o mundo irreal de suas fantasias é a prosaica obrigação ligada à sua profissão: *"Só então é que eu ia fazer o primeiro carreto"*.

c) O efeito engraçado foi provocado por uma incoerência: o carregador, imaginando-se presidente da República, deixou-se trair, atribuindo a um presidente uma ocupação incompatível com a condição do mais alto mandatário da República.

3.

a) Tomado ao pé da letra, o texto significa que deveria ter forçado o monge a se imolar (ou deveria ter exigido que o monge... se imolasse).

b) O sentido pretendido era: deveria ter impedido que o monge se imolasse.

4.

a) **"fantasiado de marine":** 1) o peru estava fantasiado de marine; 2) o presidente estava fantasiado de marine.

"no mesmo bandejão em que era servido": 1) (O peru) era servido; 2) (O presidente) era servido.

b) O presidente americano (...) produziu um espetáculo cinematográfico em novembro passado na Arábia Saudita, onde, fantasiado de marine, comeu peru no mesmo bandejão em que este era servido ou a ave era servida aos soldados americanos.

c) Para interpretar adequadamente esse trecho, o leitor leva em conta basicamente dois tipos de informação do seu conhecimento do mundo: 1) que a expressão *"fantasiado de marine"* contém traços semânticos (de significado) habitualmente compatíveis com um ser humano (no caso, mantém laços de compatibilidade com "presidente americano" e incompatibilidade com "peru"), e 2) que *ser servido num bandejão aos soldados* contém traços compatíveis com um ser não humano (no caso, mantém compatibilidade com "peru" e incompatibilidade com "presidente americano").

Deve-se ainda acrescentar que a circunstância em que o texto é enunciado (notícia da revista *Veja*) descarta a possibilidade de qualquer intenção humorística extraída do jogo de ambiguidades.

5.

a) *“Não se sabe se ele continua porta-voz porque sabe demais.*

Ou se porque sabe demais é porta-voz.”

b) Não se sabe se ele continua porta-voz porque sabe demais.

Ou se sabe demais porque é porta-voz.

c) Vende mais porque é fresquinho ou, porque é fresquinho, vende mais.

Comentário: Para que configurasse um círculo vicioso, seria necessário que houvesse a inversão de causa e consequência:

consequência	**causa**
a) “ele continua porta-voz”	b) “porque sabe demais”
a) “sabe demais”	b) “porque é porta-voz”

6.

a) No primeiro período se diz que o Brasil enviará 3 mil soldados para o Haiti; no segundo, que a ONU enviará tropas ao Brasil. Não é coerente supor que o Brasil está treinando soldados para enviar ao seu próprio território.

b) A ordem em que os termos se distribuem na frase permite concluir que os termos *“ao Brasil e a mais quatro países”* estejam ligados a *“envio”*, do qual estão mais próximos, e não a *“solicitou”*, como pretendeu o autor do texto.

c) A Organização das Nações Unidas (ONU) solicitou ao Brasil e a mais quatro países o envio de tropas...

7.

• Como fazer limpeza no pátio de uma concessionária usando um jornal.

• Como esvaziar o pátio de uma concessionária usando um jornal.

8.

a) A palavra *como* do primeiro texto se relaciona com a frase *anunciando no Estadão* (a ideia de <u>modo</u> é comum às duas passagens).

b) A sequência *“vender 5 000 carros novos e 2 000 usados”* relaciona-se com o segmento *“limpar o pátio de uma concessionária”*.

9.

a) Se interpretamos a parte final do texto (a partir da frase *“O azul do mar é incrível e a areia, branquinha”*) dando às palavras o seu sentido literal, surpreendemo-nos com uma incoerência que chega perto do absurdo. A ruptura com a forma de linguagem anterior é tal que temos a impressão de que essa parte final foi completada por uma criança em fase inicial de alfabetização. Corroboram essa hipótese não só o tema, que é pueril, mas também a forma gráfica das letras e o tipo de erro ortográfico (*legau*).

b) Se tentarmos interpretar essa mesma passagem percebendo o seu sentido não literal, ela ganha coerência e contribui de maneira original e pitoresca com o significado que o redator quer criar. Uma boa pista para o cálculo desse sentido não literal é a passagem *“Descobrimos também a fonte da juventude”*. A partir daí, a linguagem do texto vai-se alterando progressivamente, criando a impressão de regressão de idade.

10.

Ao ler a passagem intermediária, percebe-se que o sentido de “dificultando” não é negativo e sim positivo. Em vez de “criar dificuldades”, “opor obstáculos”, *dificultar* ganha o sentido de alta exigência de padrão de qualidade, já que, para ser veiculado pela TV Globo, um comercial precisa corresponder ao mesmo nível de qualidade dos programas da emissora, o que é difícil.

11.

O redator projetou o termo “crime racial” como objeto do verbo *defender*. Com isso, o “crime racial” passou a indicar o paciente a ser afetado pela defesa. Em outros termos, a delegacia assume a defesa daqueles que cometem crime racial. Ora, a intenção do redator era o oposto disso, o que se percebe pelo contexto em que foi dada a notícia.

A versão adequada seria: *Delegacia defende contra crime racial*.

12.

Em primeiro lugar, o entrevistado deixa subentendida a intenção de não comentar os dados numéricos exibidos pelo jornal (*Folha*): *“aqueles números não são do meu conhecimento”*. Em seguida, passa a fazer comentários até muito sutis sobre os mesmos dados que ele afirma desconhecer. Por exemplo, dizer que de 60% para 45% há uma diferença de 25 unidades, que, entretanto, não significam diferença de 25 pontos é um raciocínio sutil, próprio de quem refletiu sobre o significado dos números publicados pelo jornal. Após todo esse comentário, diz que não discute os dados e a conta que o jornal fez.

Outra incoerência está no fato de admitir que talvez o número de aparelhos ligados hoje seja menor (o que funciona como possível explicação de perda de audiência) e em seguida dizer que a Globo não está perdendo audiência sem especificar se essa conclusão é baseada em critérios relativos ou absolutos.

13.

1-5-4-7-6-3-2-8.

Conselho Editorial
Ataliba Teixeira de Castilho
Felipe Pena
Jorge Grespan
José Luiz Fiorin
Magda Soares
Pedro Paulo Funari
Rosângela Doin de Almeida

Proibida a reprodução total ou parcial em qualquer mídia
sem a autorização escrita da editora.
Os infratores estão sujeitos às penas da lei.

A Editora não é responsável pelo conteúdo da Obra,
com o qual não necessariamente concorda. As Autoras conhecem os fatos narrados,
pelos quais são responsáveis, assim como se responsabilizam pelos juízos emitidos.

Consulte nosso catálogo completo e últimos lançamentos em **www.editoracontexto.com.br**

Ingedore Villaça Koch
Vanda Maria Elias

LER E ESCREVER

estratégias de produção textual

editoracontexto

Copyright © 2009 das Autoras

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Contexto (Editora Pinsky Ltda.)

Imagem da capa
Waldomiro Sant'Anna, *Garota escrevendo*, 2008 (óleo sobre tela),
produzido pelo artista especialmente para ilustrar a capa deste livro.

Montagem de capa e diagramação
Gustavo S. Vilas Boas

Preparação de textos
Lilian Aquino

Revisão
Daniela Marini Iwamoto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Koch, Ingedore Villaça
Ler e escrever : estratégias de produção
textual / Ingedore Villaça Koch, Vanda Maria
Elias. – São Paulo : Contexto, 2009.

ISBN 978-85-7244-423-1

1. Escrita 2. Leitura 3. Textos I. Elias, Vanda
Maria. II. Título.

08-11790 CDD-370.14

Índice para catálogo sistemático:
1. Leitura e escrita : Educação 370.14

2009

EDITORA CONTEXTO
Diretor editorial: *Jaime Pinsky*

Rua Dr. José Elias, 520 – Alto da Lapa
05083-030 – São Paulo – SP
PABX: (11) 3832 5838
contexto@editoracontexto.com.br
www.editoracontexto.com.br

1
Fala e escrita

Fala e escrita: duas modalidades em um *continuum*

O texto é um evento sociocomunicativo, que ganha existência dentro de um processo interacional. Todo texto é resultado de uma coprodução entre interlocutores: o que distingue o texto escrito do falado é a forma como tal coprodução se realiza.

No **texto escrito**, a coprodução se resume à consideração daquele para quem se escreve, não havendo participação direta e ativa deste na elaboração linguística do texto, em função do distanciamento entre escritor e leitor. Nele, a dialogicidade constitui-se numa relação 'ideal', em que o escritor leva em conta a perspectiva do leitor, ou seja, dialoga com determinado (tipo de) leitor, cujas respostas e reações ele prevê.

Dessa forma, no caso do texto escrito, ao contrário do que acontece com o texto falado, contexto de produção e contexto de recepção, de maneira geral, não coincidem nem em termos de tempo, nem de espaço, já que escritor e leitor normalmente não se encontram copresentes. Por isso, o produtor do texto tem mais tempo para o planejamento, a execução mais cuidadosa do texto e a revisão, a 'copidescagem', sempre que for o caso.

O **texto falado**, por sua vez, emerge no próprio momento da interação. Como se costuma dizer, ele é o seu próprio rascunho. Por estarem os interlocutores copresentes, ocorre uma interlocução ativa, que implica um processo de coautoria, refletido na materialidade linguística por marcas da produção verbal conjunta. Por isso, a linguagem falada difere em muitos pontos da escrita: a) pelo próprio fato de ser falada; b) devido às contingências de sua formulação.

Fala e escrita são, portanto, duas modalidades da língua. Assim, embora se utilizem do mesmo sistema linguístico, cada uma delas possui características próprias. Ou seja, a escrita não constitui mera transcrição da fala, como muitas vezes se pensa.

O turno de fala é a contribuição de um locutor dada em certo momento da conversação; essa noção equivale, então, àquilo que, no teatro, se denomina de réplicas.
Os turnos de fala de diferentes locutores se encadeiam segundo um sistema de alternância. Em análise conversacional, o turno de fala constitui a unidade essencial da organização das produções orais dialogadas.
CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. Dicionário de análise do discurso. São Paulo: Contexto, 2004.

Cabe levar em conta, porém, que na situação face a face também podem ocorrer textos nos quais as interações apresentam um grau de coprodução bem menor. É o que ocorre, por exemplo, quando, num contato que envolve dois interlocutores, um deles domina ou monopoliza totalmente o **turno**, discorrendo sobre um tema para o qual ambos voltam a sua atenção.

É preciso, portanto, salientar diferenças de grau de manifestação da coprodução discursiva: em textos mais informais, como a conversação face a face, a coprodução se manifesta em grau máximo, ao contrário do que acontece em situações formais, como palestras, conferências, discursos públicos.

Isso não significa, porém, que fala e escrita devam ser vistas de forma dicotômica, estanque, como era comum até há algum tempo e, por vezes, como acontece ainda hoje. Vem-se postulando que os diversos tipos de práticas sociais de produção textual situam-se ao longo de um contínuo tipológico, em cujas extremidades estariam, de um lado, a escrita formal e, de outro, a conversação espontânea, coloquial. Escreve MARCUSCHI (1995: 13): "As diferenças entre fala e escrita se dão dentro do *continuum tipológico* das práticas sociais e não na relação dicotômica de dois polos opostos."

Para situar as diversas produções textuais ao longo desse contínuo, pode-se levar em conta, além do critério do meio, oral ou escrito, o critério da proximidade/distância (física, social, etc.), bem como o envolvimento maior ou menor dos interlocutores.

Assim, num dos polos estaria situada a conversação face a face, no outro, a escrita formal, como os textos acadêmicos, por exemplo. O que se verifica, porém, é que existem textos escritos que se situam, no contínuo, mais próximos ao polo da fala conversacional como, por exemplo, bilhetes, cartas familiares, textos publicitários e textos de humor como o apresentado a seguir:

BUEMBA! BUEMBA! Macaco Simão Urgente! O esculhambador-geral da República! Direto do País da Piada Pronta! Vocês viram o prefixo do avião que derrapou em Congonhas? PT-PAC! O PAC não decolou. Pior, o PAC derrapou, ficou pendurado e bateu no logo da Infraero! Era o Lula pilotando! Agora PAC quer dizer "Pra Avoar em Congonhas"! O PAC fez POC! E um amigo meu acabou de chegar de Lisboa e sabe como é restaurante a quilo em Portugal? Eles pesam o cliente na entrada e na saída! [...]
E corre na internet como é o capitalismo em diversos países. Capitalismo americano: você tem duas vacas, invade a fazenda do vizinho, toma as vacas dele e alega que o vizinho era terrorista e planejava explodir as vacas. Vaca bomba! Capitalismo holandês: você tem duas vacas, elas se amam, e você não tem preconceito nenhum com isso! Vacas sapas! Capitalismo chinês: você tem duas vacas, mas na verdade são dois dálmatas falsificados. E o capitalismo argentino: você tem duas vacas, a sua .... e a sua ....! Desculpe, essa foi sem querer. Sem querer, querendo. Estranha compulsão. E o capitalismo brasileiro: você tem duas vacas, o governo cria o IPV, Imposto sobre Propriedade de Vaca, você não tem grana pra pagar, aí aparece o fiscal, você dá as vacas como suborno e fica tudo por isso mesmo. Capitalismo avacalhado! É mole? É mole, mas sobe! Ou, como diz o outro: é mole, mas trisca pra ver o que acontece!

Fonte: SIMÃO, José. *Folha de S.Paulo*, 5 set. 2008.

Da mesma forma que muitos textos escritos se situam próximos ao polo da fala, também existem muitos textos falados que mais se aproximam do polo da escrita formal (conferências, entrevistas profissionais para altos cargos administrativos e outros), havendo, ainda, tipos mistos, além de muitos outros **intermediários**.

Um tratamento mais aprofundado da questão encontra-se na obra *Da fala para a escrita: atividades de retextualização* (MARCUSCHI, 2001).

Características da linguagem falada e da linguagem escrita

Com base na visão dicotômica citada anteriormente, estabeleceram-se, durante muito tempo, diferenças entre fala e escrita, entre as quais as mais frequentemente mencionadas são as seguintes:

FALA	ESCRITA
contextualizada	descontextualizada
implícita	explícita
redundante	condensada
não planejada	planejada
predominância do *modus pragmático*	predominância do *modus sintático*
fragmentada	não fragmentada
incompleta	completa
pouco elaborada	elaborada
pouca densidade informacional	densidade informacional
predominância de frases curtas, simples ou coordenadas	predominância de frases complexas, com subordinação abundante
pequena frequência de passivas	emprego frequente de passivas
poucas nominalizações	abundância de nominalizações
menor densidade lexical	maior densidade lexical

Na realidade, porém, o que ocorre é que:

- nem todas essas características são exclusivas de uma ou outra das duas modalidades;
- tais características foram sempre estabelecidas tendo por parâmetro o ideal da escrita (isto é, costumava-se olhar a língua falada através das lentes de uma gramática projetada para a escrita), o que levou a uma visão preconceituosa da fala (descontínua, pouco organizada, rudimentar, sem qualquer planejamento), que chegou a ser comparada à linguagem rústica das sociedades primitivas ou à das crianças em fase de aquisição de linguagem.

É evidente, contudo, que a fala possui características próprias, entre as quais as que apresentamos a seguir:

- é relativamente não-planejável de antemão, o que decorre de sua natureza altamente interacional; isto é, ela necessita ser *localmente planejada*, ou seja, planejada e replanejada a cada novo lance do jogo da linguagem;
- o texto falado apresenta-se *em se fazendo*, isto é, em sua própria gênese, tendendo, pois, a pôr a nu o próprio processo da sua construção. Em outras palavras, ao contrário do que acontece com o texto escrito, em cuja elaboração o produtor tem maior tempo de planejamento, podendo fazer rascunhos, proceder a revisões e correções, modificar o plano previamente traçado, no texto falado planejamento e verbalização ocorrem simultaneamente, porque ele emerge no próprio momento da interação.
- o fluxo discursivo apresenta descontinuidades frequentes, determinadas por uma série de fatores de ordem cognitivo-interacional, as quais têm, portanto, justificativas pragmáticas de relevância;
- o texto falado apresenta uma sintaxe característica, sem, contudo, deixar de ter como pano de fundo a sintaxe geral da língua;
- a escrita é o resultado de um processo, portanto estática, ao passo que a fala **é** processo, portanto, dinâmica. Halliday (1985: 74) capta bem essa diferença, utilizando a metáfora do quadro e do filme. Para o leitor, o texto se apresenta de forma sinóptica: ele existe, estampado numa página – por trás dele vê-se um quadro. Já no caso do ouvinte, o texto o atinge de forma dinâmica, coreográfica: ele *acontece*, viajando através do ar – por trás dele é como se existisse não um quadro, mas um filme.

Além disso, conforme já frisamos, em situações de interação face a face, o locutor que, em dado momento, detém a palavra, não é o único responsável pela produção do seu discurso. Em se tratando de uma atividade de coprodução discursiva, os interlocutores estão juntamente empenhados na produção do texto: eles não só procuram ser cooperativos, como também conegociam, coargumentam (Marcuschi, 1986), a tal ponto que não teria sentido analisar separadamente as produções de cada interlocutor.

Por fim, como é a interação (imediata) que importa, ocorrem pressões de ordem pragmática que se sobrepõem, muitas vezes, às exigências da sintaxe. São elas que, em muitos casos, obrigam o locutor a sacrificar a sintaxe em prol das necessidades da interação, fato que se traduz pela presença, no texto falado, não só de **falsos começos**, **truncamentos**,

correções, **hesitações**, mas também de **inserções**, **repetições** e **paráfrases**, que não devem ser vistas como 'defeitos', já que têm, frequentemente, funções cognitivo-interacionais de grande relevância:

- ganhar tempo para o planejamento ou para a compreensão por parte do interlocutor (pausas, hesitações, repetições);
- apresentar esclarecimentos, exemplificações, atenuações do que foi dito, reforçá-lo, etc. (inserções, repetições, parafraseamentos), entre outras.

Assim sendo, o texto falado não é absolutamente caótico, desestruturado, rudimentar. Ao contrário, ele tem uma estruturação que lhe é própria, ditada pelas circunstâncias sociocognitivas de sua produção e é à luz desta que deve ser descrito e avaliado.

Marcas de oralidade na escrita

Ora, a criança, quando chega à escola, já domina a língua falada. Ao entrar em contato com a escrita, precisa adequar-se às exigências desta, o que não é tarefa fácil. É por essa razão que seus textos se apresentam eivados de marcas da oralidade, que, aos poucos, deverão ser eliminadas.

Na fase inicial de aquisição da escrita, a criança transpõe para o texto escrito os procedimentos que está habituada a usar em sua fala. Isto é, continua a empregar em suas produções os recursos próprios da língua falada. Somente com o tempo e com a intervenção contínua e paciente do professor é que vai construir seu modelo de texto escrito.

Cabe, pois, ao professor conscientizar o aluno das peculiaridades da situação de produção escrita e das exigências e recursos que lhe são próprios. Isto é, quando da aquisição da escrita, a criança necessita ir, aos poucos, conscientizando-se dos recursos que são prototípicos da oralidade e perceber que, por vezes, não são adequados ao texto escrito. É claro que isso não acontece de um momento para outro, levando, por vezes, anos a fio.

Passemos a examinar algumas das **principais marcas de oralidade que a criança imprime ao texto escrito**, não apenas na fase de aquisição, mas, por vezes, ainda por um tempo relativamente longo, já que continua usando as mesmas estratégias de construção e os mesmos recursos de linguagem que utiliza na interação face a face.

Questão da referência

Na oralidade, é comum serem os referentes recuperáveis na própria situação discursiva: basta, assim, apontar para eles, dirigir o olhar ou fazer um gesto qualquer em sua direção. Os interlocutores compartilham, em geral, não só uma vasta gama de conhecimentos relativos à situação comunicativa, como também acerca do estado de coisas de que estão falando. Uma excelente exemplificação do que acabamos de dizer é o texto a seguir:

A vaguidão específica

"As mulheres têm uma maneira de falar que eu chamo de vago-específica."
-Richard Gehman-

– Maria, ponha isso lá fora em qualquer parte.
– Junto com as outras?
– Não ponha junto com as outras, não. Senão pode vir alguém e querer fazer coisa com elas. Ponha no lugar do outro dia.
– Sim senhora. Olha, o homem está aí.
– Aquele de quando choveu?
– Não, o que a senhora foi lá e falou com ele no domingo.
– Que é que você disse a ele?
– Eu disse pra ele continuar.
– Ele já começou?
– Acho que já. Eu disse que podia principiar por onde quisesse.
– É bom?
– Mais ou menos. O outro parece mais capaz.
– Você trouxe tudo pra cima?
– Não senhora, só trouxe as coisas. O resto não trouxe porque a senhora recomendou para deixar até a véspera.
– Mas traga, traga. Na ocasião nós descemos tudo de novo. É melhor, senão atravanca a entrada e ele reclama como na outra noite.
– Está bem, vou ver como.

Fonte: Fernandes, Millôr. A vaguidão específica. Revista *O Cruzeiro*, 1956.

Com o propósito de "demonstrar" que as mulheres têm uma forma de falar vago-específica, Millôr Fernandes "simula" uma conversa de duas pessoas marcada pela não-explicitação de muitos referentes.

Só para ilustrar, o primeiro enunciado

Maria, ponha isso lá fora em qualquer parte.

faz com que nos perguntemos: **isso** o quê? **lá fora** onde?

Em uma outra situação que não a "encenada" pelo autor em face do seu projeto de dizer, é muito comum em conversas cotidianas produzirmos enunciados semelhantes. Isso se justifica, em parte, porque na fala podemos simplesmente apontar para aquilo a que nos referimos se o referente se encontra perto de nós ou pode facilmente ser identificado, considerando quem diz, para quem se diz, quando e onde se diz; em parte, porque os interlocutores em questão possuem um histórico interacional que torna desnecessária a explicitação de informações compartilhadas.

É o que observamos no texto do Millôr em enunciados como:

Junto com as outras?

Ponha no lugar do outro dia.

– Sim senhora. Olha, o homem está aí.

– Mas traga, traga. Na ocasião nós descemos tudo de novo. É melhor, senão atravanca a entrada e ele reclama como na outra noite.

Em relação à importância da contextualização para o entendimento do que está sendo dito, Gumperz (2002) afirma que há pistas linguísticas e extralinguísticas e que estas se encontram no cenário e no conhecimento que os participantes têm sobre o que aconteceu antes da interação. Daí o uso de formas referenciais cujos referentes são depreendidos da situação comunicativa ou do conhecimento partilhado com o interlocutor.

Por isso, no texto escrito daqueles que estão se iniciando na prática da escrita, quando do emprego de elementos anafóricos (aqueles que remetem a outros elementos do texto) e dêiticos (os que apontam para elementos do contexto), é comum a ausência de referente textual, bem como o uso ambíguo de formas anafóricas como *ele, ela*. No texto a seguir, destacamos o uso ambíguo do pronome *ele*, cujo referente na história pode ser "o rato" ou "o dono da casa" onde o rato estabeleceu morada.

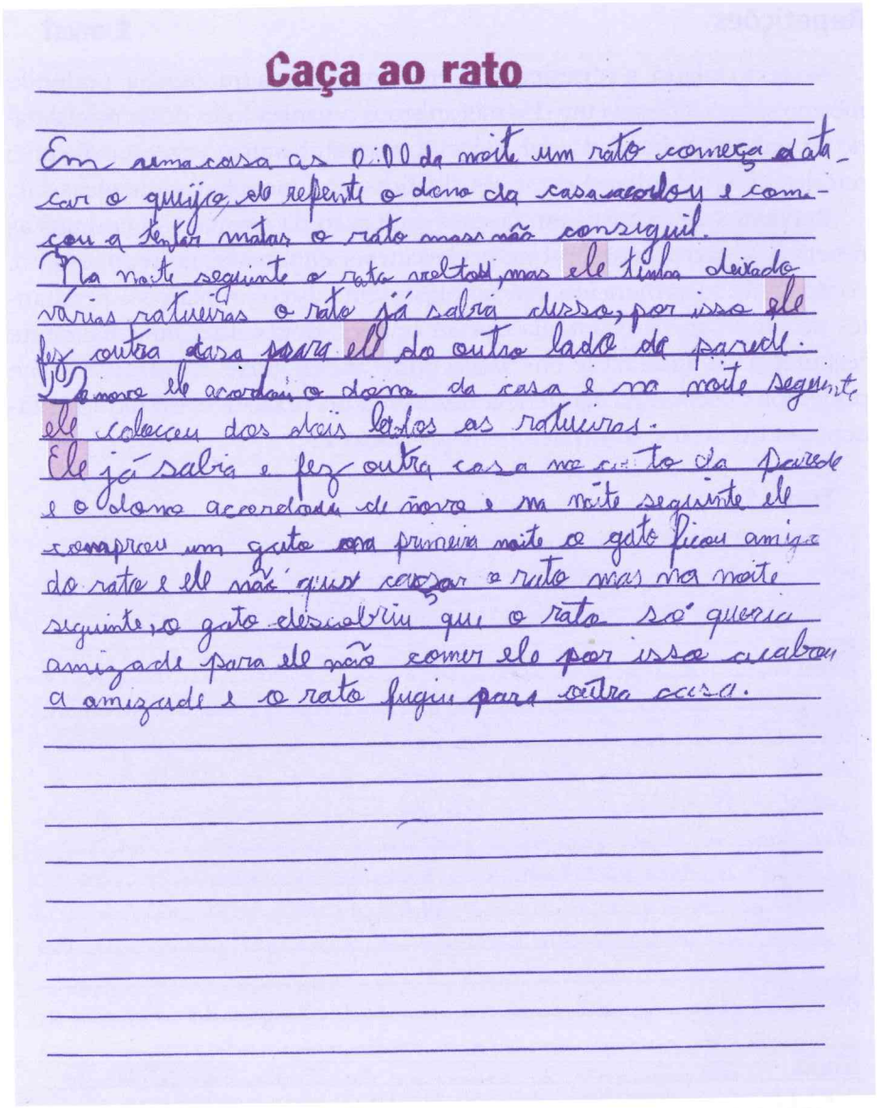

Caça ao rato

Em uma casa as 0:00 da noite um rato começa a atacar o queijo, ele referente o dono da casa acordou e começou a tentar matar o rato mas não conseguiu.
Na noite seguinte o rato voltou, mas ele tinha deixado várias ratoeiras o rato já sabia disso, por isso ele fez outra casa para ele do outro lado da parede.
Mais uma vez ele acordou o dono da casa e na noite seguinte ele colocou dos dois lados as ratoeiras.
Ele já sabia e fez outra casa no canto da parede e o dono acordou de novo e na noite seguinte ele comprou um gato na primeira noite o gato ficou amigo do rato e ele não quis caçar o rato mas na noite seguinte, o gato descobriu que o rato só queria amizade para ele não comer ele por isso acabou a amizade e o rato fugiu para outra casa.

Fonte: Lígia Bortolato Elias, 2ª série, Escola Ativa.

Repetições

No texto falado, **a repetição** ocorre com extrema frequência, podendo mesmo ser considerada um dos mecanismos organizadores dessa modalidade textual; em ambas as modalidades, ela constitui, muitas vezes, um recurso retórico, desempenhando funções didáticas, argumentativas, enfáticas, etc.

Em textos de crianças em fase de aquisição da escrita, são comuns as repetições, não só aquelas que poderiam ser eliminadas no texto escrito, como também as mencionadas anteriormente, isto é, repetições resultantes do emprego da estratégia que se poderia denominar informalmente "estratégia da água mole em pedra dura" (Koch, 1992, 1997), conforme podemos observar na sequência destacada do **texto 1** e, de modo enfático, em quase todas as passagens do **texto 2**.

Texto 1

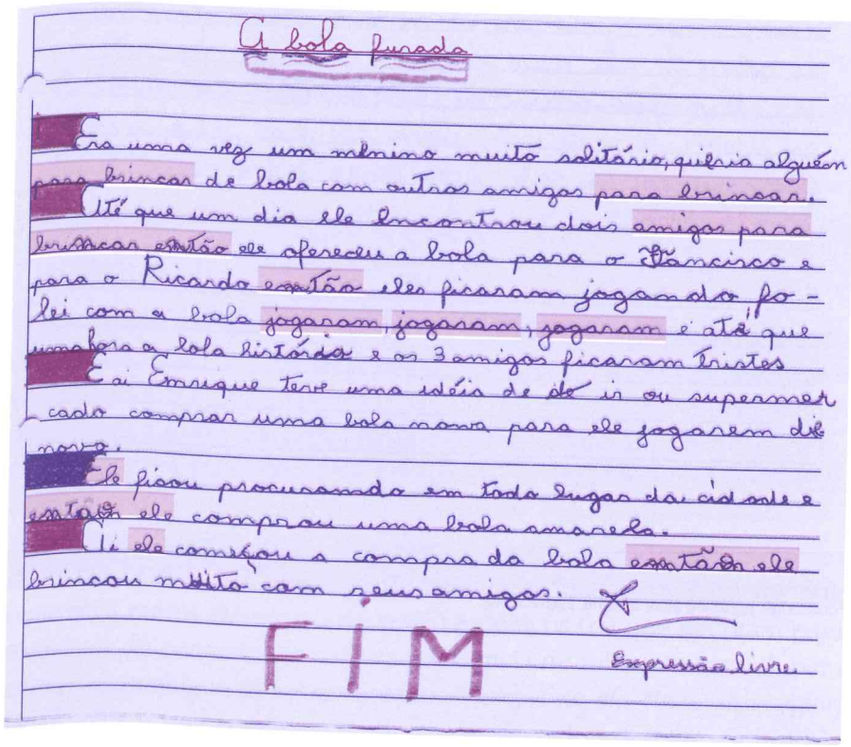
A bola furada

Era uma vez um menino muito solitário, queria alguém para brincar de bola com outros amigos para brincar.
Até que um dia ele encontrou dois amigos para brincar então ele ofereceu a bola para o Francisco e para o Ricardo então eles ficaram jogando fo-lei com a bola jogaram, jogaram, jogaram e até que uma hora a bola furou e os 3 amigos ficaram tristes
E aí Enrique teve uma idéia de ir ao supermercado comprar uma bola nova para ele jogarem de novo.
Ele ficou procurando em todo lugar da cidade e então ele comprou uma bola amarela.
Lá ele começou a compra da bola então ele brincou muito com seus amigos.

FIM

Expressão livre

Fonte: Teodoro Bava Moreira, 2ª série, Colégio Madre Alix.

Texto 2

A história do *Era uma vez*

O *Era uma vez* já contou muitas, muitas, muitas histórias. O coitado já trabalhou em todos os Contos de Fada existentes no mundo. É *Era uma vez* para lá, *Era uma vez* para cá, nestes contos só se ouve *Era uma vez, Era uma vez, Era uma vez* e ele só se cansa, se cansa, se cansa...

O pior de tudo isso é que ninguém, ninguém mesmo, nunca se deu o trabalho de contar a história de quem tantas delas já contou. Quando eu digo tantas, são tantas, tantas, tantas MESMO. Por esse motivo aí, é que eu resolvi homenagear o *Era uma vez* e vou contar sua história:

O *Era uma vez* nasceu há muito, muito, muito tempo atrás, nos Contos de Fada.

Desde lá já trabalhou em contos muito famosos, como *CINDERELA, PETER PAN, BELA ADORMECIDA, RAPUNZEL* e tantos outros que se eu fosse contar levaria horas, horas e horas. Ele é casado com a *Viveram felizes para sempre* e tem um filho, o *Numa tarde chuvosa*. Ele vive muito bem com a família na cidade de Palavreado no país da Fantasia.

Para fechar o texto, achei ótima ideia entrevistar o *Era uma vez:*

– *Era uma vez*, você poderia contar o que você acha da sua vida?

– É claro que eu conto!

– *Era uma vez*, o *Era uma vez*, eu vivo minha vida dizendo muitos *Era uma vez* por muitas histórias e gosto muito, muito, muito disto.

E o era uma vez e sua família, assim tão diferentes e tão iguais, *Viveram felizes para sempre*. Viveram não. Vivem.

Fonte: João Marcelo da Silva Elias, 4ª série, Colégio Madre Alix.

Uso de organizadores textuais continuadores típicos da fala: *e, aí, daí, então, (d)aí então*, etc.

Os textos escritos por crianças ou para crianças são ricos em organizadores textuais típicos da oralidade, como ***e***, ***aí***, ***daí***, ***aí então***, etc., conforme nos revelam os exemplos que apresentamos a seguir.

TEXTO 1

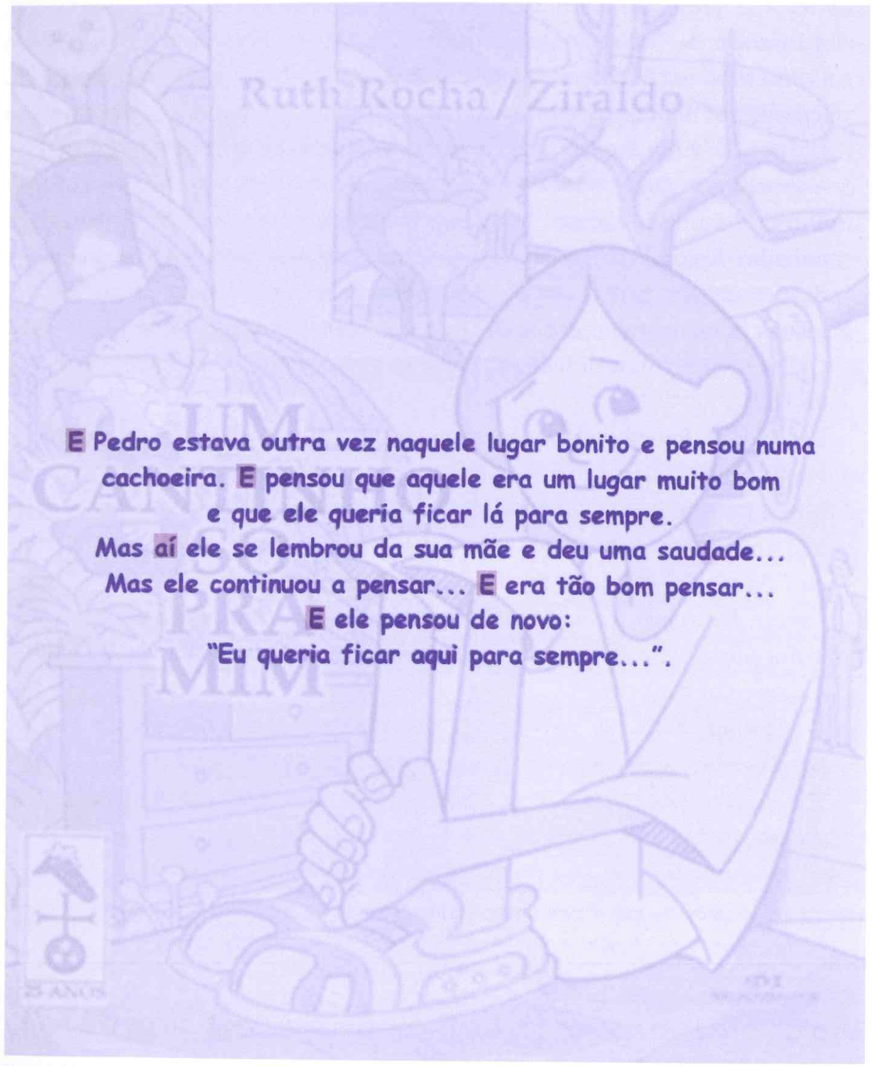

Fonte: ROCHA, Ruth. *Um cantinho só para mim.* Ilustrações de Ziraldo. São Paulo: Melhoramentos, 2005, p. 26.

TEXTO 2

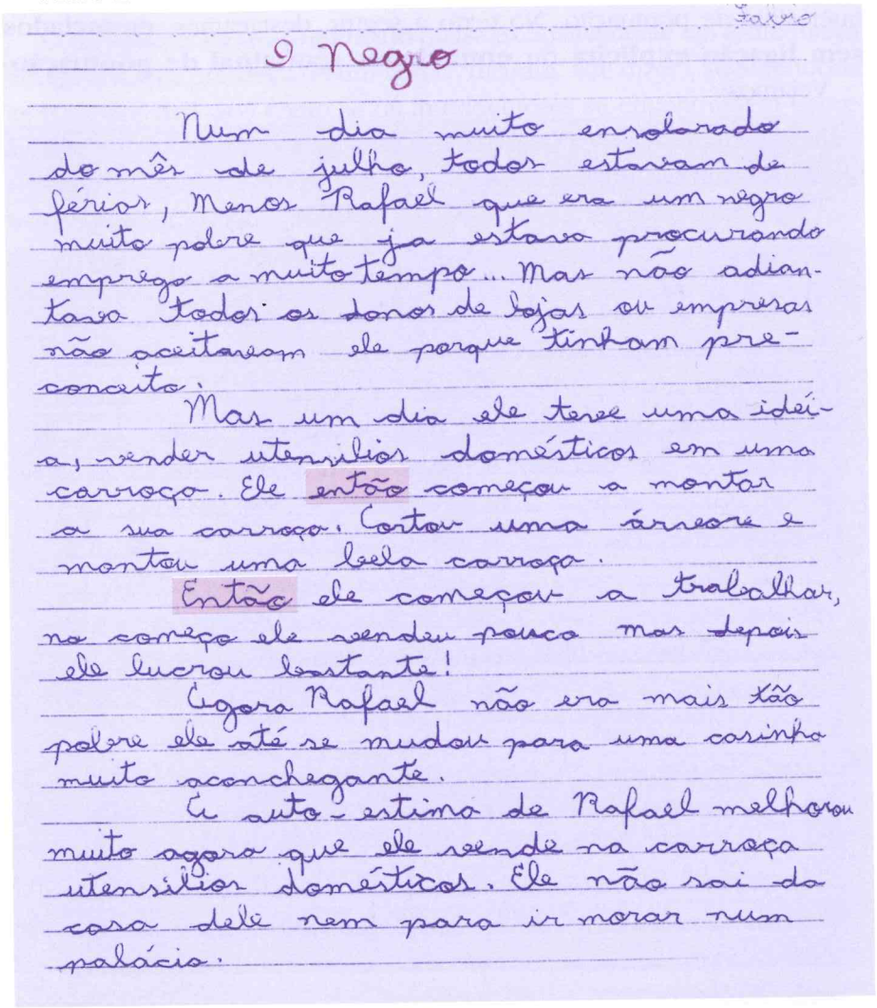

O Negro

Num dia muito ensolarado do mês de julho, todos estavam de férias, menos Rafael que era um negro muito pobre que ja estava procurando emprego a muito tempo... Mas não adiantava todos os donos de lojas ou empresas não aceitavam ele porque tinham preconceito.

Mas um dia ele teve uma idéia, vender utensilios domésticos em uma carroça. Ele então começou a montar a sua carroça. Cortou uma árvore e montou uma bela carroça.

Então ele começou a trabalhar, no começo ele vendeu pouco mas depois ele lucrou bastante!

Agora Rafael não era mais tão pobre ele até se mudou para uma casinha muito aconchegante.

A auto-estima de Rafael melhorou muito agora que ele vende na carroça utensilios domésticos. Ele não sai da casa dele nem para ir morar num palácio.

Fonte: Fábio Moscatelli Gallotti, 4ª série, Colégio Madre Alix.

Justaposição de enunciados, sem qualquer marca de conexão explícita

É bastante comum em textos de crianças a produção de enunciados justapostos, sem marcas de conexão explícita, sem elementos de

ligação ou de transição entre as ideias e, frequentemente, sem qualquer sinal de pontuação. No texto a seguir, destacamos, **enunciados sem ligação explícita** ou **enunciados sem sinal de pontuação**.

Vejamos:

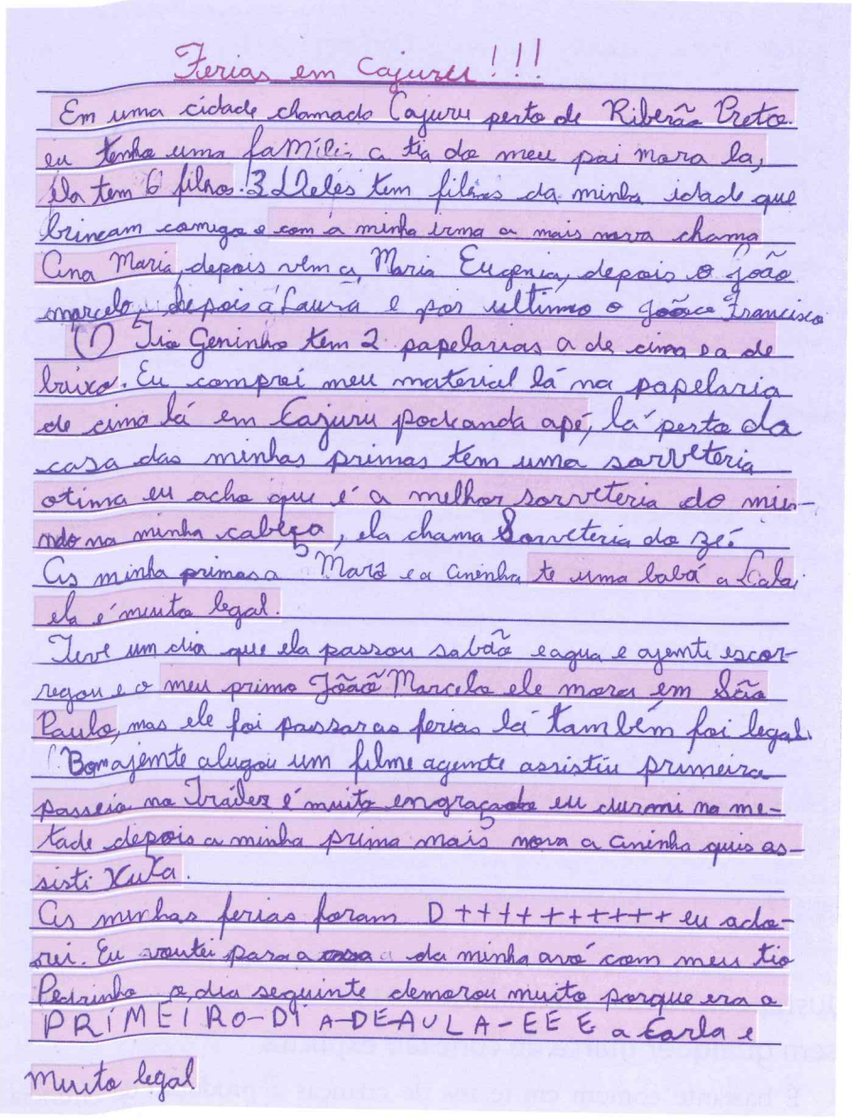

Ferias em Cajuru!!!

Em uma cidade chamado Cajuru perto de Ribeirão Preto. eu tenho uma familia a tia do meu pai mora la, ela tem 6 filhos. 3 deles tem filhos da minha idade que brincam comigo e com a minha irma a mais nova chama Ana Maria, depois vem a Maria Eugenia, depois o João marcelo, depois a Laura e por ultimo o João Francisco

O Tio Geninho tem 2 papelarias a de cima e a de baixo. Eu comprei meu material lá na papelaria de cima lá em Cajuru pocando apé, lá perto da casa das minhas primas tem uma sorveteria otima eu acho que é a melhor sorveteria do mundo na minha cabeça, ela chama Sorveteria do zé.

As minha primas a Maria e a Aninha te uma bebê a Cala, ela é muito legal.

Teve um dia que ela passou sabão e agua e agente escorregou e o meu primo João Marcelo ele mora em São Paulo, mas ele foi passar as ferias lá tambem foi legal.

Bom agente alugou um filme agente assistiu primeira passeio na Trader é muito engraçado eu durmi na metade depois a minha prima mais nova a Aninha quis assisti Xuxa.

As minhas ferias foram D+++++++++++ eu adorei. Eu voltei para a casa da minha avó com meu tio Pedrinho o dia seguinte demorou muito porque era a PRIMEIRO-DIA-DE-AULA-EEE a Carla e muito legal

Fonte: Lígia Bortoloto Elias, 4ª série, Escola Ativa.

Discurso direto

O discurso citado é apresentado quase exclusivamente em estilo direto, em geral sem a presença de um verbo "dicendi" (de dizer), sucedendo-se as falas dos diálogos como se os interlocutores se encontrassem copresentes. A fim de exemplificar esse procedimento muito comum em textos de crianças, selecionamos o texto a seguir, destacando o discurso direto incorporado à escrita sem os traços que lhe são caracterizadores.

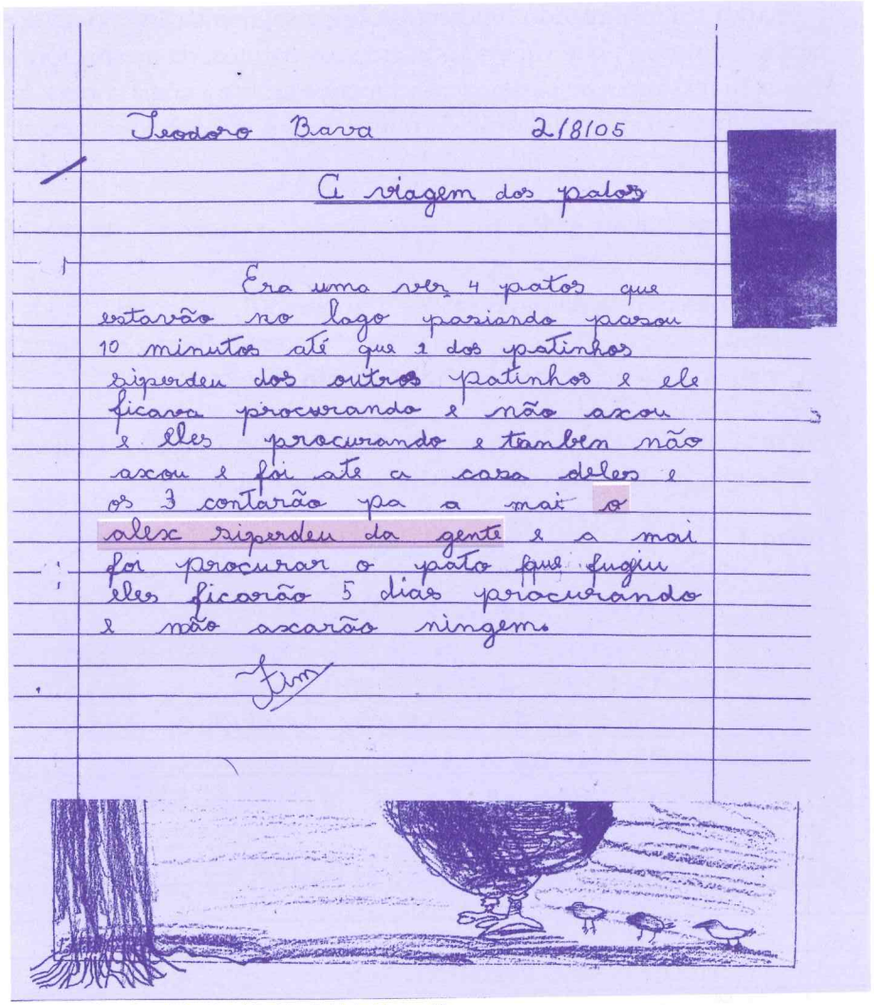

Teodoro Bava 2/8/05

A viagem dos patos

Era uma vez 4 patos que estavão no lago passando passou 10 minutos até que 1 dos patinhos siperdeu dos outros patinhos e ele ficava procurando e não axou e eles procurando e tambem não axou e foi até a casa deles e os 3 contarão pa a mãi o alex siperdeu da gente e a mãi foi procurar o pato que fugiu eles ficarão 5 dias procurando e não axarão ningem.

Fim

Fonte: Teodoro Bava Moreira, 1 ª série, Colégio Madre Alix.

Segmentação gráfica

A segmentação gráfica em textos de crianças é feita com base nos vocábulos fonológicos ou aquilo que a criança apreende como tal. O que se nota é que a criança, ao tentar efetuar a segmentação gráfica adequada, acaba, por vezes, caindo no extremo oposto, isto é, "picando" demais a palavra ou, pelo contrário, emendando vocábulos, conforme a maneira como são pronunciados.

A criança vai formulando hipóteses sobre a segmentação correta dos vocábulos, hipóteses que vai testando em seus escritos, da mesma forma que testa, muitas vezes no mesmo texto, hipóteses sobre a grafia correta das palavras. Uma rica exemplificação do que dissemos são os textos a seguir. Podemos observar que a escrita revela hipóteses que a criança elabora sobre:

- a **segmentação gráfica**: "desas trado" e "umaves" (**texto 1**); Portociguro" (**texto 2**);
- a **grafia correta da palavra**: "qe", "sobrevou", "pasarãos", "imda", "istava", "vuando", "ne" , "pasageros", "morerão" (**texto 1**); "Siuva", "viagen", "cuantas", "vezes","miu" (**texto 2**).

Em uma complexa atividade que se situa para além do reconhecimento e da reprodução dos símbolos alfabéticos. Vamos aos textos:

Texto 1

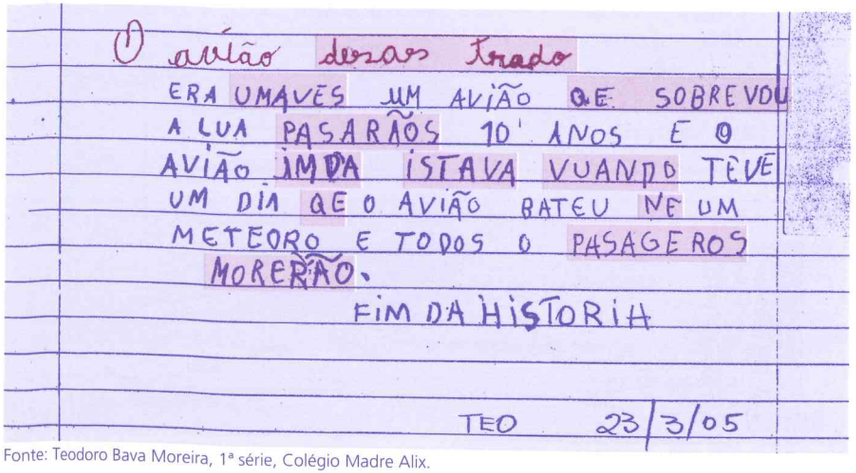
O avião desas trado
ERA UMAVES UM AVIÃO QE SOBREVOU
A LUA PASARÃOS 10' ANOS E O
AVIÃO IMDA ISTAVA VUANDO TEVE
UM DIA QE O AVIÃO BATEU NE UM
METEORO E TODOS O PASAGEROS
MORERÃO.
FIM DA HISTORIA
TEO 23/3/05

Fonte: Teodoro Bava Moreira, 1ª série, Colégio Madre Alix.

Texto 2

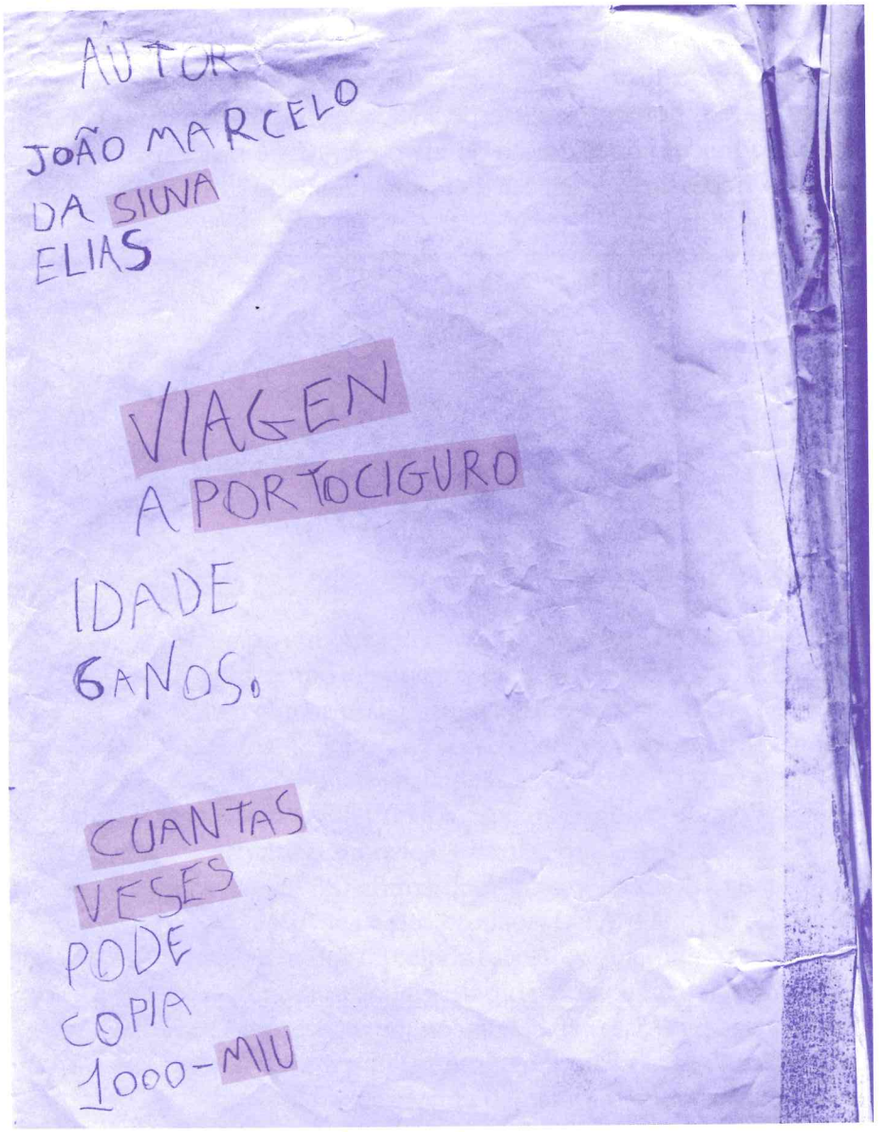
AUTOR
JOÃO MARCELO
DA SIUVA
ELIAS
VIAGEN
A PORTOCIGURO
IDADE
6 ANOS.
CUANTAS
VESES
PODE
COPIA
1000-MIU

Fonte: João Marcelo da Silva Elias, 1ª série, Colégio Madre Alix.

Os fatos aqui apresentados constituem uma pequena amostra da ampla gama de interferências da oralidade na escrita inicial da criança e

poderiam servir de base para a intervenção do professor, durante a fase de aquisição da escrita.

Trabalhando cada um deles separadamente e levando o aluno a perceber que o texto escrito difere daquele que usa na interação face a face, tendo, portanto, suas especificidades, ele acabará por construir um outro modelo de texto – o do texto escrito – e será capaz de – **se e quando necessário** – utilizar de forma adequada os recursos próprios desta modalidade.

2
Escrita e interação

O que é escrita?

Se houve um tempo em que era comum a existência de comunidades ágrafas, se houve um tempo em que a escrita era de difícil acesso ou uma atividade destinada a alguns poucos privilegiados, na atualidade, a escrita faz parte da nossa vida, seja porque somos constantemente solicitados a produzir textos escritos (bilhete, e-mail, listas de compras, etc., etc.), seja porque somos solicitados a ler textos escritos em diversas situações do dia-a-dia (placas, letreiros, anúncios, embalagens, e-mail, etc., etc.).

Barré-de-Miniac (2006: 38) afirma que "hoje, a escrita não é mais domínio exclusivo dos escrivães e dos eruditos. [...] A prática da escrita de fato se generalizou: além dos trabalhos escolares ou eruditos, é utilizada para o trabalho, a comunicação, a gestão da vida pessoal e doméstica".

Que a escrita é onipresente em nossa vida, já o sabemos. Mas, afinal, "o que é escrita?". Responder a essa questão é uma tarefa difícil porque a atividade de escrita envolve aspectos de natureza variada (linguística, cognitiva, pragmática, sócio-histórica e cultural).

Como é de nosso conhecimento, há muitos estudos sobre a escrita, sob diversas perspectivas, que nos propiciam diferentes modos de responder a questão em foco. Basta pensarmos, por exemplo, nas investigações

existentes segundo as quais a escrita ao longo do tempo foi e vem se constituindo como um produto sócio-histórico-cultural, em diferentes suportes e demandando diferentes modos de leitura (CHARTIER, 2003, 2002, 2001, 1998; EISENSTEIN, 1998); o modo pelo qual ocorre o processo de aquisição da escrita por parte da criança (FERREIRO & TEBEROSKY, 1999; LANDSMANN, 2006); o modo pelo qual a escrita é concebida como uma atividade cuja realização demanda a ativação de conhecimentos e o uso de várias estratégias no curso mesmo da produção do texto (TORRANCE & GALBRAIT, 1999).

Apesar da complexidade que envolve a questão, não é raro, quer em sala de aula, quer em outras situações do dia-a-dia, nos depararmos com definições de escrita, tais como: "escrita é inspiração"; "escrita é uma atividade para alguns poucos privilegiados (aqueles que nascem com esse dom e se transformam em escritores renomados)"; "escrita é expressão do pensamento" no papel ou em outro suporte; "escrita é domínio de regras da língua"; "escrita é trabalho" que requer a utilização de diversas estratégias da parte do produtor.

Essa pluralidade de respostas nos faz pensar que o modo pelo qual concebemos a escrita não se encontra dissociado do modo pelo qual entendemos a linguagem, o texto e o sujeito que escreve. Em outras palavras, subjaz uma concepção de linguagem, de texto e de sujeito escritor ao modo pelo qual entendemos, praticamos e ensinamos a escrita, ainda que não tenhamos consciência disso.

Escrita: foco na língua

Se, em uma sala de aula, perguntarmos aos alunos o que pensam sobre a escrita, certamente, ouviremos que, para escrever – e fazê-lo bem –, é preciso conhecer as regras gramaticais da língua e ter um bom vocabulário e que são esses os critérios utilizados na avaliação da produção textual.

Não é, pois, por acaso, que nós, professores e avaliadores de redações em tarefas escolares, ou simples leitores dos textos produzidos por alunos, encontramos nessas produções palavras rebuscadas, muitas vezes usadas inadequadamente.

Quanto às regras da gramática, bem, houve um tempo em que era comum recomendar aos alunos baterias e baterias de exercícios sobre uso de sinais de pontuação, concordância, regência, colocação pronominal, dentre

outros tópicos, esperando que o aluno exercitasse em frases as regras gramaticais e depois transferisse esse conhecimento para a produção do texto.

Ah! Poderia haver, sim, alguns desvios em relação ao uso das regras, mas isso era visto com bons olhos apenas em escritas de autores já consagrados. Dito de outro modo, só aqueles que conheciam bem as regras da língua poderiam alterá-las. Aos demais, cabia apenas seguir o que era preconizado nas gramáticas, seguir modelos.

Subjacente a essa visão de escrita, encontra-se uma concepção de linguagem como um sistema pronto, acabado, devendo o escritor se apropriar desse sistema e de suas regras. O princípio explicativo de todo e qualquer fenômeno e de todo e qualquer comportamento individual repousa sobre a consideração do sistema, quer linguístico, quer social.

Nessa concepção de **sujeito como (pré)determinado pelo sistema**, o **texto** é visto como simples produto de uma codificação realizada pelo escritor a ser decodificado pelo leitor, bastando a ambos, para tanto, o conhecimento do código utilizado. Nessa concepção de texto, não há espaço para implicitudes, uma vez que o uso do código é determinado pelo princípio da transparência: tudo está dito no dito ou, em outras palavras, o que está escrito é o que deve ser entendido em uma visão situada não além nem aquém da linearidade, mas centrada na linearidade.

Escrita: foco no escritor

Há quem entenda a escrita como representação do pensamento, "escrever é expressar o pensamento no papel", por conseguinte, tributária de um **sujeito psicológico, individual, dono e controlador de sua vontade e de suas ações**. Trata-se de um sujeito visto como um *ego* que constrói uma representação mental, "transpõe" essa representação para o papel e deseja que esta seja "captada" pelo leitor da maneira como foi mentalizada.

Nessa concepção de língua como representação do pensamento e de sujeito como senhor absoluto de suas ações e de seu dizer, o **texto** é visto como um produto – lógico – do pensamento (representação mental) do escritor. A **escrita**, assim, é entendida como uma atividade por meio da qual aquele que escreve expressa seu pensamento, suas intenções, sem levar em conta as experiências e os conhecimentos do leitor ou a interação que envolve esse processo.

Escrita: foco na interação

Existe, porém, uma concepção segundo a qual a escrita é vista como produção textual, cuja realização exige do produtor a ativação de conhecimentos e a mobilização de várias estratégias. Isso significa dizer que o produtor, de forma não linear, "pensa" no que vai escrever e em seu leitor, depois escreve, lê o que escreveu, revê ou reescreve o que julga necessário em um movimento constante e on-line guiado pelo princípio interacional.

Essa é a diferença em relação às concepções anteriormente descritas, visto que a escrita não é compreendida em relação apenas à apropriação das regras da língua, nem tampouco ao pensamento e intenções do escritor, mas, sim, em relação à interação escritor-leitor, levando em conta, é verdade, as intenções daquele que faz uso da língua para atingir o seu intento sem, contudo, ignorar que o leitor com seus conhecimentos é parte constitutiva desse processo.

Nessa concepção **interacional (dialógica) da língua**, tanto aquele que escreve como aquele para quem se escreve são vistos como **atores/construtores sociais, sujeitos ativos que – dialogicamente – se constroem e são construídos no texto**, este considerado um evento comunicativo para o qual concorrem aspectos linguísticos, cognitivos, sociais e interacionais (Beaugrande, 1997). Desse modo, há lugar, no texto, para toda uma gama de implícitos, dos mais variados tipos, somente detectáveis quando se tem, como pano de fundo, o contexto sociocognitivo (ver **capítulo 4**) dos participantes da interação.

Nessa perspectiva, a escrita é uma atividade que demanda da parte de quem escreve a utilização de muitas estratégias, como:

- ativação de conhecimentos sobre os componentes da situação comunicativa (interlocutores, tópico a ser desenvolvido e configuração textual adequada à interação em foco);
- seleção, organização e desenvolvimento das ideias, de modo a garantir a continuidade do tema e sua progressão;
- "balanceamento" entre informações explícitas e implícitas; entre informações "novas" e "dadas", levando em conta o compartilhamento de informações com o leitor e o objetivo da escrita;
- revisão da escrita ao longo de todo o processo guiada pelo objetivo da produção e pela interação que o escritor pretende estabelecer com o leitor.

O sentido da escrita, portanto, é produto dessa interação, não resultado apenas do uso do código, nem tão-somente das intenções do escritor. Numa concepção de escrita assentada na interação, o sentido é um *constructo*, não podendo, por conseguinte, ser determinado *a priori*.

Entendemos, pois, a escrita como a atividade de produção textual (Torrance & Galbraith, 1999) que se realiza, evidentemente, com base nos elementos linguísticos e na sua forma de organização, mas requer, no interior do evento comunicativo, a mobilização de um vasto conjunto de conhecimentos do escritor, o que inclui também o que esse pressupõe ser do conhecimento do leitor ou do que é compartilhado por ambos.

Mas o que significa na prática pensar a escrita como trabalho que resulta de uma conjugação de fatores? Leiamos o texto a seguir:

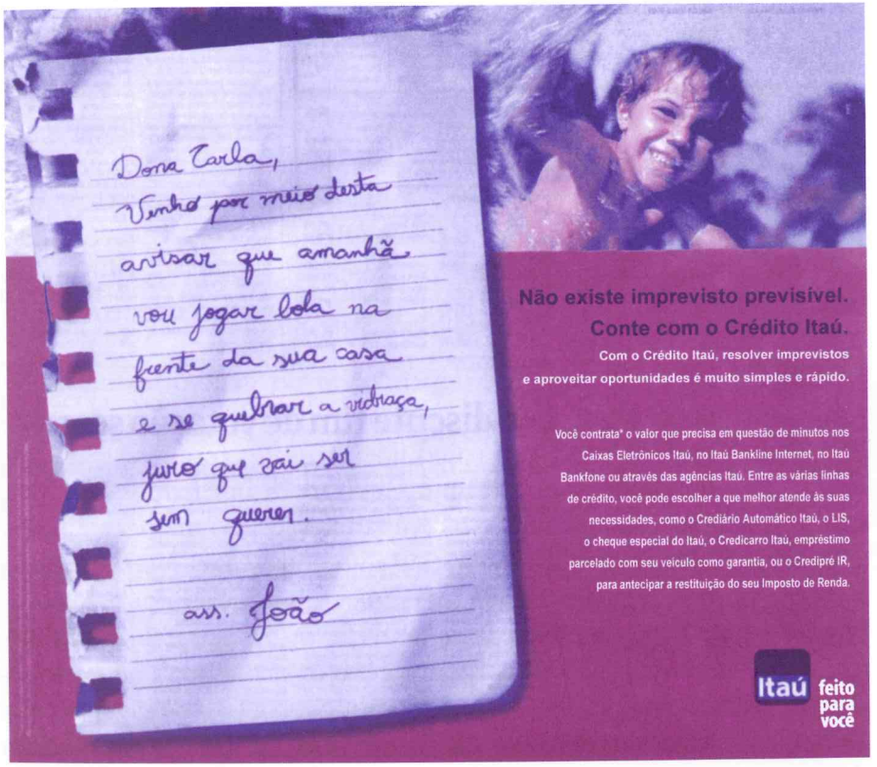

Fonte: *Folha de S.Paulo*, 14 mar. 2006.

Quem produziu esse texto teve como propósito anunciar um serviço oferecido pelo Banco Itaú. A fim de chamar a atenção do leitor, o produtor recorreu à estratégia de inserir no anúncio um bilhete cuja produção atribuímos a uma criança, ainda que não haja nenhuma indicação da idade de quem assina o bilhete.

No entanto, isso não invalida a nossa hipótese, uma vez que nosso "modelo" referente ao modo pelo qual geralmente crianças produzem textos é ativado com base em algumas pistas construídas intencionalmente pelo autor, visando guiar o leitor: tipo de letra, conteúdo desenvolvido, abreviação "ass.". Com acentuado grau de sofisticação, o produtor do texto insere o bilhete com destaque no anúncio e o faz na perspectiva de uma criança, objetivando chamar a atenção para o fato de que "não existe imprevisto previsível" como ilustrado no bilhete, por isso a saída é contar com o Itaú, um banco com crédito disponível para cobrir os imprevistos.

Vemos, portanto, que a escrita é um trabalho no qual o sujeito tem algo a dizer e o faz sempre em relação a um outro (o seu interlocutor/leitor) com um certo propósito. Em razão do objetivo pretendido (para que escrever?), do interlocutor/leitor (para quem escrever?), do quadro espacio-temporal (onde? quando?) e do suporte de veiculação, o produtor elabora um projeto de dizer e desenvolve esse projeto, recorrendo a estratégias linguísticas, textuais, pragmáticas, cognitivas, discursivas e interacionais, vendo e revendo, no próprio percurso da atividade, a sua produção.

Assim é que, por exemplo, dependendo do gênero textual a ser produzido, do assunto a ser tratado, de quem seja o interlocutor, dos lugares em que se situam como interlocutores (escrever para um chefe, para um professor, para um amigo, para um namorado), dos conhecimentos pressupostamente compartilhados, do maior ou menor grau de intimidade, familiaridade existente entre esses interlocutores, a escrita pode se constituir mais formalmente ou mais informalmente. O *como* dizer o que se quer dizer é revelador de que a escrita é um processo que envolve escolha de um gênero textual em consonância com as práticas sociais, seleção, organização e revisão das ideias para os ajustes/reajustes necessários, tendo em vista a eficiência e a eficácia da comunicação.

Escrita e ativação de conhecimentos

Já dissemos que, em sua atividade, o escritor recorre a conhecimentos armazenados na memória relacionados à língua, ao saber enciclopédico, a práticas interacionais. Esses conhecimentos, resultado de inúmeras atividades em que nos envolvemos ao longo de nossa vida, deixam entrever a intrínseca relação entre linguagem/mundo/práticas sociais.

A seguir, abordaremos brevemente **os tipos de conhecimentos** ativados no processo de escrita – foco de nossa atenção –, esclarecendo, contudo, que o tratamento dado a esses conhecimentos em separado atende apenas a um critério didático. Também enfatizamos que, uma vez armazenados na memória, os conhecimentos sofrem alterações, modificações em razão da atualização de nossas práticas sociais. Assim sendo, segundo Koch (2002: 40):

> a memória deixa de ser vista como um auxiliar do conhecimento, passando a ser considerada parte integrante dele, ou mesmo como a forma do todo o conhecimento: o conhecimento nada mais é que estruturas estabilizadas na memória de longo prazo, que são utilizadas para o reconhecimento, a compreensão de situações – e de textos –, a ação e a interação social.

Conhecimento linguístico

Escrever é uma atividade que exige do escritor **conhecimento da ortografia**, **da gramática e do léxico de sua língua**, adquirido ao longo da vida nas inúmeras práticas comunicativas de que participamos como sujeitos eminentemente sociais que somos e, de forma sistematizada, na escola.

Conhecer como as palavras devem ser grafadas corretamente segundo convenção da escrita é um aspecto importante para a produção textual e a obtenção do objetivo almejado. Sob uma perspectiva interacional, obedecer às normas ortográficas é um recurso que contribui para a construção de uma imagem positiva daquele que escreve, porque, dentre outros motivos, demonstra: i) atitude colaborativa do escritor no sentido de evitar problemas no plano da comunicação; ii) atenção e consideração dispensadas ao leitor.

Obviamente, já sabemos disso e, em nossas produções textuais, prestamos atenção à ortografia, quando, por exemplo, recorremos a um dicionário ou gramática para dirimir dúvidas quanto à grafia de uma palavra. Nos

exemplos a seguir reforçamos a importância da ortografia na produção escrita. O **texto 1** chama a nossa atenção para o fato de que escrever uma palavra de um jeito ou de outro ("comuntadores"/"computadores") pode dificultar a obtenção do objetivo pretendido. Por sua vez, o **texto 2** provoca o efeito de humor ao pôr em evidência, além do conceito, a forma de grafar corretamente a palavra "ócio".

Texto 1

Fonte: *O Estado de S.Paulo*, 14 fev. 2006.

Texto 2

Fonte: *Folha de S.Paulo*, 12 abr. 2007.

Ainda no conjunto dos conhecimentos sobre ortografia, merece destaque a acentuação gráfica. O uso das regras de acentuação gráfica no plano da escrita é um recurso que funciona como um sinalizador a mais a ser considerado na produção de sentido, tal como podemos verificar no exemplo a seguir:

Fonte: *O Estado de S.Paulo*, 21 jan. 2006.

Em se tratando dos conhecimentos gramaticais, um dos tópicos que merece atenção é a pontuação, entendida não apenas com a função de marcar contornos entonacionais e deslocamentos sintáticos, mas, sim, em uma visão textual-discursiva. Nessa perspectiva, os sinais de pontuação são vistos como "marcas do ritmo da escrita", por meio das quais "o escrevente sinaliza para o leitor as relações entre as partes da oração, bem como uma forma preferencial de leitura" (Chacon, 1998: 133). O texto a seguir é uma exemplificação do que acabamos de dizer. Vejamos:

Fonte: Revista *Veja*, 9 abr. 2008.

Além de aspectos ortográficos e gramaticais, os conhecimentos linguísticos dizem respeito ao **léxico**, ou seja, ao inventário total de palavras disponíveis para os falantes, embora isso não signifique que devamos entender o léxico apenas como uma longa lista de palavras, mas, sim, como um conjunto de recursos lexicais que incluem os processos disponíveis na língua para a construção de palavras.

No exemplo a seguir,

Fonte: *O Estado de S.Paulo*, 6 fev. 2006.

chama-nos a atenção o uso da palavra "confiscar" e uma avaliação "positiva" desse uso na situação descrita, o que significa dizer que, assim como "a roupa (a moda) carrega consigo elementos de maior ou menor prestígio social, valorizando ou desvalorizando o usuário, da mesma forma a linguagem atribui prestígio ou desprestígio a quem fala ou escreve" (Preti, 2003: 51-52).

No texto anterior, vimos que o produtor destacou a questão do prestígio/desprestígio social que carregam certas palavras em um dado contexto de uso e as implicações disso no plano interacional.

Conhecimento enciclopédico

Em nossa atividade de escrita, recorremos constantemente a conhecimentos sobre coisas do mundo que se encontram armazenadas em nossa memória, como se tivéssemos uma enciclopédia em nossa mente, constituída de forma personalizada, com base em conhecimentos de que ouvimos falar ou que lemos, ou adquirimos em vivências e experiências variadas.

Vejamos nos textos a seguir como o escritor ativou conhecimentos enciclopédicos para produzir as tiras e o quanto pressupõe que esses conhecimentos façam parte também da memória do leitor.

No **TEXTO 1,**

Fonte: *O Estado de S.Paulo*, 31 out. 2007.

o escritor constitui o efeito de humor da tira ao fazer uso do conhecimento culturalmente constituído sobre **o dia 1º de abril** – o Dia da Mentira. Esse dia é assim conhecido, porque, segundo nos contam, em 1564, o rei da França Carlos IX transferiu a comemoração do Ano Novo, antes comemorado entre 25 de março e 1º de abril, início da primavera, para 1º de janeiro. No entanto, algumas pessoas resistentes à mudança do calendário continuaram a comemorar o início no dia 1º de abril e, por essa razão, passaram a ser alvo de diversas brincadeiras, fato que tornou esse dia conhecido como o Dia da Mentira em muitos lugares do mundo.

No **texto 2**,

Fonte: *O Estado de S.Paulo*, 23 maio. 2007.

o escritor revela, em sua produção, conhecimento que possui sobre a prática do grafite, por um lado, e a prática do *spam*, por outro lado.

Sabemos, com base em nosso conhecimento enciclopédico, que grafite significa "marca ou inscrição feita em um muro" e constitui uma prática de escrever ou desenhar nos muros com estilo e finalidade diversificados (políticos, artísticos), cuja origem remete aos tempos do

Império Romano. Por sua vez, *spam* é o termo pelo qual é comumente conhecido o envio, a uma grande quantidade de pessoas de uma vez, de mensagens eletrônicas, geralmente com propósito publicitário. Na produção das tirinhas, os autores recorreram a esses conhecimentos das coisas do mundo e deram-lhes destaque na escrita, pressupondo que também fazem parte do repertório do leitor.

Conhecimento de textos

Para a atividade de escrita, o produtor precisa ativar "modelos" que possui sobre práticas comunicativas (ver **capítulo 3**) configuradas em textos, levando em conta elementos que entram em sua composição (modo de organização), além de aspectos do conteúdo, estilo, função e suporte de veiculação. É o que podemos notar na produção a seguir:

Fonte: *O Estado de S.Paulo*, 23 jan. 2006.

Nessa tirinha, o produtor recorre a conhecimentos que possui sobre como compor o gênero tirinha de modo a provocar o efeito de humor tão esforçado nesse tipo de produção. A pergunta se o currículo pode conter informação sobre a autoestima de quem o elabora provoca o efeito de humor, porque o nosso modelo atual de currículo nos diz que informações, geralmente, devem compor esse gênero textual. É verdade que esses "modelos" são flexíveis e sofrem alterações ao longo do tempo, fato esse acentuado no princípio de "estabilidade relativa" constitutivo dos gêneros textuais, postulado por Bakhtin (1992).

Além disso, é importante ressaltar que o conhecimento textual também está relacionado à presença de um texto ou mais de um texto em outro. Nesse sentido, falar de conhecimento de textos significa também falar de

intertextualidade (ver **capítulo 5**), um princípio que entra na constituição de todo e qualquer texto, visto que este é produzido em resposta a outro texto, sempre. A escrita, portanto, é uma atividade que exige a retomada de outros textos, explícita ou implicitamente, dependendo do propósito da comunicação. É o que revela o texto a seguir, que retoma o discurso bíblico sobre o pecado original para provocar o efeito de humor, traço característico do gênero textual em tela. Vejamos:

Fonte: *O Estado de S.Paulo*, 15 out. 2007.

Conhecimentos interacionais

Além dos conhecimentos anteriormente descritos, a escrita, como já dissemos anteriormente, demanda ativação de modelos cognitivos que o produtor possui sobre práticas interacionais diversas, histórica e culturalmente constituídas. É, portanto, baseado em conhecimentos interacionais, que o produtor:

- **configura na escrita a sua intenção, possibilitando ao leitor reconhecer o objetivo ou propósito pretendido no quadro interacional desenhado.**

No texto a seguir, o produtor sinaliza no trecho em destaque que a produção é uma homenagem a uma avó muito querida e espera que os leitores apreciem-na.

VÓ DOCA
(MINHA AVÓ)

VÓ É COISA PRA SEMPRE...
FIZ ESSA POESIA EM HOMENAGEM A UMA DAS MINHAS AVÓS, QUE JÁ SE FOI... ESPERO QUE GOSTEM:

MINHA VÓ,
COM BELEZA E VONTADE,
RECEBIA VISITAS,
TINHA MUITAS AMIZADES!

ELA E A TIA ELZA
FICAVAM HORAS CONVERSANDO
ESQUECIAM DE TUDO, MENOS DA NOVELA
"HOJE A CLARICE VAI FALAR COM A DONA CARMELA"

ENTÃO ASSISTIAM, MUITO ATENCIOSAS
MAS BASTAVA TERMINAR, PARA ELZA EXCLAMAR:
"DOCA, TENHO QUE IR DESCANSAR"

DE MANHÃ, NÃO MUITO CEDO, EU ACORDAVA,
E A VOVÓ FALAVA:
"BOM DIA, NETINHO, VAI TOMAR LEITE, VAI!"
SEM DISCUTIR, EU IA PARA A MESA
BEBIA LEITE E COMIA PÃO, QUEIJO E MELÃO!

DEPOIS BRINCÁVAMOS, EU E MEUS PRIMOS,
DE REPENTE, ELA CHAMAVA:
"VENHAM ALMOÇAR, MEUS NETINHOS"

APÓS O ALMOÇO, IA AJUDAR MINHA VÓ A FAZER PALAVRAS CRUZADAS...
LÁ ESTAVA ELA, SENTADA, EM SUA CADEIRA, ESCREVENDO, NÃO POR MUITO TEMPO:
"AGORA CHEGA, ESTOU MUITO CANSADA!"

MAS UM DIA O TEMPO DE MINHA VÓ TERMINA,
E DEUS A LEVA EMBORA,
A GENTE CHORA,
PORÉM, LÁ DO CÉU, AINDA SE OUVE:
"NÃO CHOREM, EU ESTOU AQUI... MINHA ALMA ESTÁ AÍ, COM VOCÊS!" E ESTÁ.

A PRESENÇA DELA É FÁCIL DE PERCEBER
PRINCIPALMENTE NESSA FRASE QUE MOISÉS CHEGOU A ESCREVER:
"A ETERNA MORADA DA DOCA, ONDE CABEM AMIGOS DEMAIS... AQUI BATEM PESSOAS
QUAISQUER E ENTRAM CONVIDADOS ESPECIAIS..."

JAMILE LOURDES ELIAS (DOCA) 1920/2007

Fonte: João Marcelo da Silva Elias, 03 jan. 2008.

- **determina a quantidade de informação necessária, numa situação comunicativa concreta, para que o leitor seja capaz de reconstruir o objetivo da produção do texto.**

Esse "balanceamento", o produtor define com base na situação comunicativa e no gênero textual requisitado na situação vivenciada, considerando, é claro, o traço da plasticidade constitutivo das práticas configuradas em texto.

É o conhecimento interacional que nos diz que placas, no caso do nosso exemplo a seguir, as placas de trânsito, devem conter informações breves, rápidas, considerando que os leitores interessados (leia-se "os motoristas"), por estarem dirigindo, não disporão de muito tempo para leitura.

Fonte: *Folha de S.Paulo*, 11 mar. 2007.

- **seleciona a variante linguística adequada à situação de interação.**

O texto a seguir, por se tratar de um informe publicitário veiculado em jornal de grande circulação com o propósito de prestar esclarecimento aos consumidores dos produtos em questão nos termos determinados pela legislação, é produzido com alto grau de formalidade. Caso contrário, não obteria o efeito desejado. Vamos ao texto:

Nos termos do Compromisso de Ajustamento de Conduta nº 51.161.323/08 assinado com o Ministério Público de SP, a Nivea vem a público prestar o seguinte esclarecimento: a estrutura da pele é formada pelas papilas dérmicas, que com o tempo perdem a intensidade. Nivea Visage Age Reverse regenera e devolve às papilas a densidade de uma pele mais jovem, segundo pesquisa do Instituto alemão DermaConsult. Ao contrário do afirmado em publicidade anterior, não pode determinar o rejuvenescimento da pele em número de anos, uma vez que diversos fatores contribuem para variação deste resultado.

NIVEA

Fonte: *O Estado de S. Paulo*, 7 ago. 2008.

- **faz a adequação do gênero textual à situação comunicativa**, como nos revela o trecho a seguir destacado do livro *O mundo de Sofia*, em que a personagem Sofia decide escrever uma carta para um leitor "sem rosto" e o faz de modo solene.

Essa história de livre-arbítrio levou Sofia a um outro pensamento, completamente diferente. Por que ela tinha de engolir essa brincadeira de gato e rato com o filósofo misterioso? Por que ela não podia escrever uma carta para ele? Ele ou ela viria na certa na manhã seguinte para colocar outra carta na sua caixa de correio. E por isso ela também deixaria uma carta para seu professor de filosofia.
Sofia pôs mãos à obra. Ela achou muito difícil escrever para uma pessoa que jamais tinha visto. Não sabia nem mesmo se estava escrevendo para um homem ou para uma mulher. Também não sabia se esta pessoa era jovem ou velha. Além disso, esta pessoa poderia ser alguém que Sofia conhecesse.
Em meio a todas essas perguntas, Sofia conseguiu redigir a seguinte carta:

Prezado senhor filósofo!

Todos aqui em casa estão gostando muito de seu generoso curso de filosofia por correspondência. O que nos incomoda, porém, é que não sabemos quem o senhor é. Pedimos-lhe, então, que se identifique com seu nome completo. Como recompensa, o senhor está convidado a vir tomar uma xícara de café aqui em casa, de preferência quando mamãe não estiver. Ela trabalha de segunda a sexta das 7h30 às 17h. Eu mesma vou à escola durante este período, mas chego em casa às duas e quinze. Além disso, sei fazer café muito bem. Desde já lhe agradeço.

Cordiais saudações,

De sua dedicada aluna, Sofia Amundsen, catorze anos.

Bem embaixo da página, escreveu: "Peço-lhe que responda assim que possível".
Sofia acabou sua carta muito solene. Mas não era fácil escolher as palavras para escrever a alguém sem rosto.
Colocou a carta em um envelope cor-de-rosa e o fechou. No envelope escreveu: "Ao senhor filósofo".
O problema era saber como deixar para ele na caixa de correio sem que a mãe a encontrasse. Ela tinha que esperar a mãe entrar em casa para depois colocar a carta na caixa de correio. Ao mesmo tempo, não podia deixar de olhar a carta na manhã seguinte, bem cedo, antes de o jornal chegar. Se durante a noite não chegasse nenhuma carta para ela, teria de recolher o envelope cor-de-rosa.
Por que tudo tinha que ser tão complicado?

Fonte: GAARDER, Jostein. *O mundo de Sofia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, pp . 62-63.

- **assegura a compreensão da escrita para conseguir a aceitação do leitor quanto ao objetivo desejado, utilizando-se de vários tipos de ações linguísticas configuradas no texto, por meio da introdução de sinais de articulação ou apoios textuais, atividades de formulação ou construção textual**, como o que se encontra destacado no texto a seguir e nos comentários feitos entre parênteses.

COMO TRANSFORMAR UM VEGETAL **INSÍPIDO**, SEM PERSONALIDADE, **COADJUVANTE** DA CANJA E DA SALADA (E QUE, ALÉM DISSO, AINDA TEM COR DE COMIDA DE HOSPITAL) EM **20 RECEITAS** TÃO SABOROSAS E TÃO DELICIOSAS, QUE NEM PARECEM FEITAS COM UM INGREDIENTE **SEM GRAÇA**, POUCO APETITOSO E QUASE **IRRELEVANTE** (CUJO NOME NÃO TIVEMOS CORAGEM DE ESCREVER NA CAPA DO CADERNO)

Fonte: *O Estado de S. Paulo*, 7 ago. 2008.

Neste capítulo, defendemos uma concepção de escrita como atividade que tem como base a interação, uma vez que se escreve sempre para alguém, ainda que esse alguém sejamos nós mesmos, em que se revê o que se escreve uma, duas ou quantas vezes forem necessárias, sempre pensando em "ajustar" o texto à intenção do seu produtor e à compreensão do leitor. Ilustrativamente, podemos verificar isso nas três versões do texto "A vida no mundo" produzidas por João Marcelo da Silva Elias, aluno da 4ª série, Colégio Madre Alix/São Paulo.

Versão 1

A VIDA NO MUNDO

A VIDA NO MUNDO, VOCÊ PODE ENTENDER?
O HOMEM, SUJAR O RIO TIETÊ!

A VIDA MUNDO, VOCÊ PODE ENTENDER?
ÁRVORES TÃO LINDAS LEVADAS A PERDER!

A VIDA NO UNIVERSO, VOCÊ PODE ENTENDER?
DEUS TÃO CRIATIVO FAZENDO VOCÊ CRESCER!

Versão 2

A VIDA NO MUNDO

A VIDA NO MUNDO, VOCÊ PODE ENTENDER?
O HOMEM, SUJAR OS RIOS SEM TEMER!

A VIDA MUNDO, VOCÊ PODE ENTENDER?
ÁRVORES TÃO LINDAS LEVADAS A PERDER!

A VIDA NO MUNDO VOCÊ PODE ENTENDER?
VIOLÊNCIA ONDE QUER QUE VOCÊ POSSA VER!

A BOA VIDA NO MUNDO, HÁ DE ACONTECER?
SÓ SEM POLUIÇÃO E COM PAZ PARA SE DAR E VENDER!

Versão 3

A VIDA NO MUNDO

A VIDA NO MUNDO, VOCÊ PODE ENTENDER?
O HOMEM, DESTRUIR A NATUREZA SEM TEMER!

A VIDA MUNDO, VOCÊ PODE ENTENDER?
ÁRVORES TÃO LINDAS LEVADAS A PERDER!

A VIDA NO MUNDO VOCÊ PODE ENTENDER?
VIOLÊNCIA ONDE QUER QUE VOCÊ POSSA VER!

A BOA VIDA NO MUNDO, HÁ DE ACONTECER?
SÓ SEM POLUIÇÃO E COM PAZ PARA SE DAR E VENDER!

Nas versões do texto, ou em sua reescrita, como podemos perceber, o pequeno autor recorreu a estratégias de:

- **reformulação** de trechos

O HOMEM, SUJAR O RIO TIETÊ! **(versão 1)**
O HOMEM, SUJAR OS RIOS SEM TEMER! **(versão 2)**
O HOMEM, DESTRUIR A NATUREZA SEM TEMER! **(versão 3)**

- **supressão** do trecho

A VIDA NO UNIVERSO, VOCÊ PODE ENTENDER?
DEUS TÃO CRIATIVO FAZENDO VOCÊ CRESCER!

Conforme verificamos nas **versões 2 e 3**.

- **acréscimo** dos trechos:

A VIDA NO MUNDO VOCÊ PODE ENTENDER?
VIOLÊNCIA ONDE QUER QUE VOCÊ POSSA VER!

A BOA VIDA NO MUNDO, HÁ DE ACONTECER?
SÓ SEM POLUIÇÃO E COM PAZ PARA SE DAR E VENDER!

Como observado nas **versões 2 e 3**.

Dizendo de outro modo: a escrita pressupõe sempre o leitor e, na base disso, encontra-se o princípio da interação, que privilegia a negociação entre os sujeitos, a intersubjetividade, os conhecimentos

sociocognitivamente constituídos e significados, a língua situadamente em uso, o dizer e o redizer. Nas palavras de Graciliano Ramos:

> Deve-se escrever da mesma maneira como as lavadeiras lá de Alagoas fazem seu ofício. Elas começam com uma primeira lavada, molham a roupa suja na beira da lagoa ou do riacho, torcem o pano, molham-no novamente, voltam a torcer. Colocam o anil, ensaboam e torcem uma, duas vezes. Depois enxáguam, dão mais uma molhada, agora jogando a água com a mão. Batem o pano na laje ou na pedra limpa, e dão mais uma torcida e mais outra, torcem até não pingar do pano uma só gota. Somente depois de feito tudo isso é que elas dependuram a roupa lavada na corda ou no varal, para secar. Pois quem se mete a escrever devia fazer a mesma coisa. A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso: a palavra foi feita para dizer." (Ramos, Graciliano, 2008).

Eis um assunto antigo, mas que muito interessa a todo usuário de computador atualmente. O Site Dicas para Pais e Educadores, consciente que a prevenção ainda é o melhor remédio, oferece este GUIA com o objetivo de informar mais sobre este problema.

Dicas de Saúde - L.E.R.

L.E.R.

Lesões por Esforços Repetitivos

L.E.R. - Lesão por Esforço Repetitivo é um nome dado a problemas de saúde ocasionados nos músculos e/ou nos tendões, cuja origem se deve ao contínuo e repetitivo trabalho realizado com as mãos ou qualquer segmento do corpo. Pode atingir qualquer indivíduo que se submeta a tarefas repetitivas, sem postura ergonômica ou com hábitos danosos à estrutura corporal. Um indivíduo com alto potencial de ter uma LER é o super-usuário de sistemas, pessoal que por motivos profissionais ou pessoais, se submete ao trabalho de teclar na frente de um computador, muitas vezes com postura errada, tanto do ponto de vista muscular quanto ótico.

Como LER traz conseqüências que podem chegar a inutilizar uma pessoa para o trabalho, e geralmente acarreta dores fortes, vale a pena seguir algumas orientações básicas para tentar evita-lo. A CTO listou alguns conselhos úteis para se evitar a LER, mas lembra que se você suspeita que já sofre alguma conseqüência da má postura e uso do computador, deve procurar seu ortopedista o mais breve possível, pois algumas das conseqüências da LER são definitivas.

Vale salientar que não estamos falando de um problema que se faz presente apenas na sua forma mais drástica, a LER faz-se sentir nos casos em que usuários de computadores sentem fadiga motora nas mãos, seja por excessivo manuseio do mouse ou do teclado, seja pelo longo tempo em que passa sentado na frente de um monitor. Trata-se de pequenas lesões que geralmente não têm maiores conseqüências, porém a atitude preventiva em relação a este tipo de problema sempre é bem vinda.

Como medidas preventivas no sentido de evitar as lesões por esforços repetitivos e outros problemas co-relacionados, siga as recomendações ilustradas a seguir:

1 Procure conhecer os recursos de ajuste de sua cadeira de trabalho

2 Ajuste a altura do suporte da cadeira em suas costas, com apoio e sem forcar a coluna

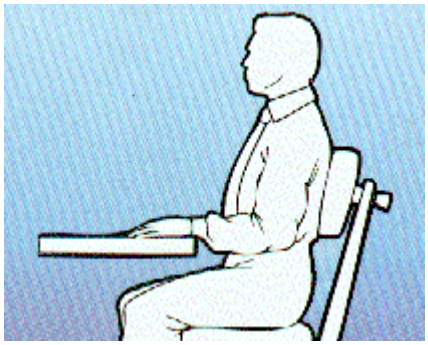

3 Seus cotovelos devem ficar na altura do tampo da mesa

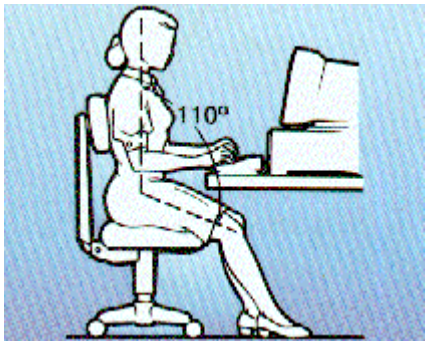

4 Quando estiver digitando, ajuste a cadeira de modo que seu tronco forme 110 graus com suas coxas

5 Quando estiver escrevendo, sente-se mais para a extremidade anterior da cadeira

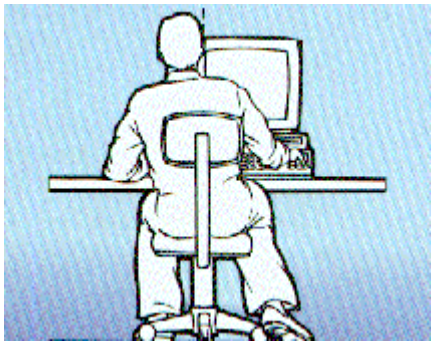

6 Procure sentar-se sempre alinhado com o eixo da cadeira, evite se sentar torto

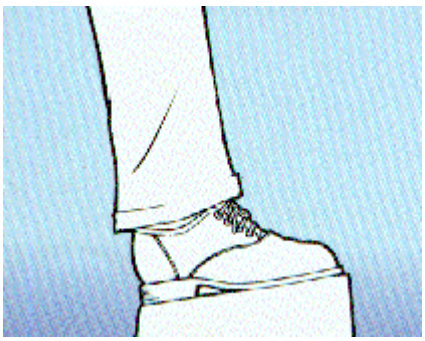

7 Caso os seus pés não estejam bem apoioados, procure pôr um apoio

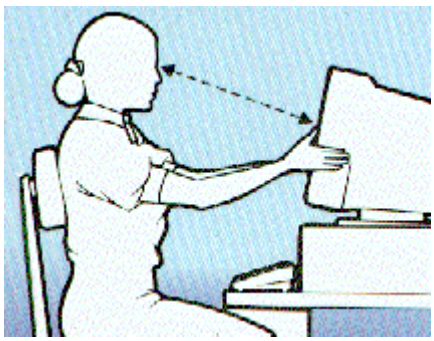

8 Ao trabalhar no microcomputador, ajuste a distância dos seus olhos ao vídeo

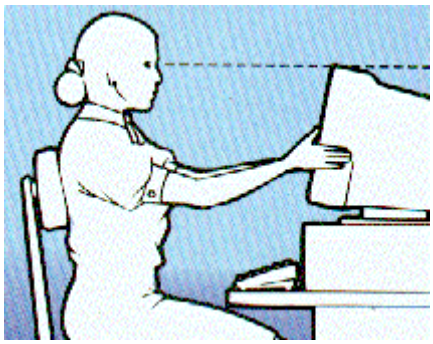

9 Ajuste a altura do monitor de vídeo de modo que a linha superior do monitor fique no máximo na altura dos seus olhos

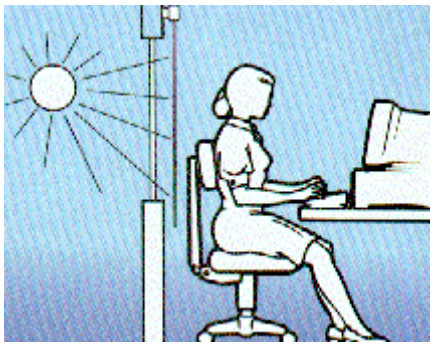

10 Coloque o monitor de lado para as janelas; ou feche as persianas se isto não for possível

11 Posicione o mouse junto do teclado

12 Procure utilizar um suporte de papéis, com o texto a ser lido à sua frente, evitando forçar o pescoço para os lados

13 Se o seu trabalho é de interação com o microcomputador, não use o teclado longe do corpo ou torcido

14 Puxe o teclado para junto de você, isto evita a tendinite

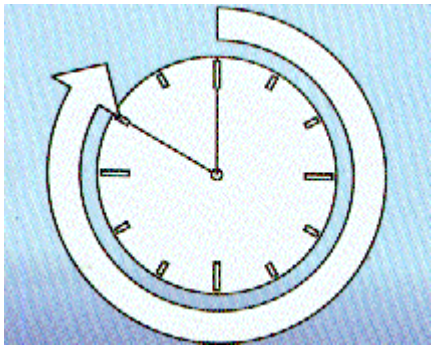

15 No Trabalho constante com o microcomputador, cumpra uma pausa a cada hora trabalhada

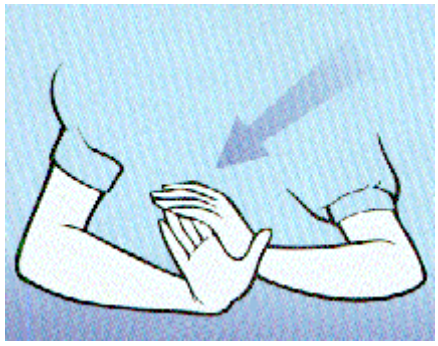

16 De preferência, faça alguma ginástica de distensionamento

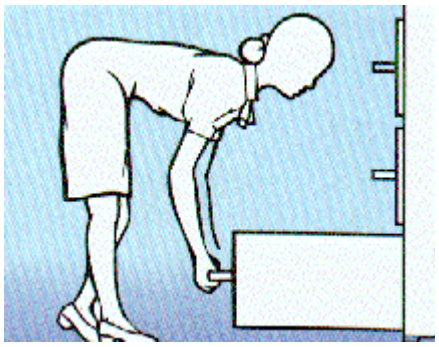

17 Evite colocar objetos pesados em lugar baixo

18 Procure colocar todos os objetos de uso constante o mais próximo posssível de seu corpo

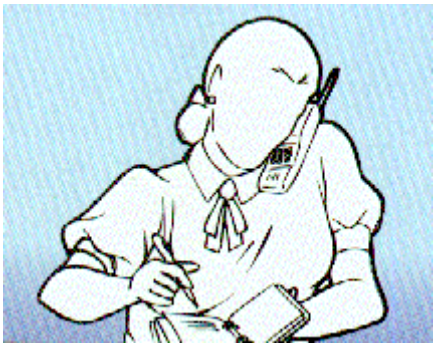

19 Evite torção de tronco ao ter que atender telefonemas

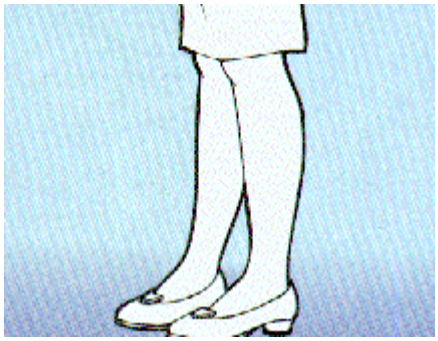

20 Procure trabalhar com sapato de 1 a 2 centímetro de altura

21 Salto alto ocasiona dificuldades de posicionamento e dores lombares

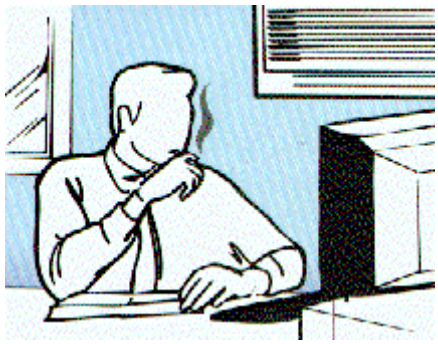

22 Evite fumar em ambientes fechados ou que tenham ar-condicionado

23 Dedique pelo menos alguns mitutos, 3 vezes pro semana, à prática de exercícios

24 Procure orientação médica sobre que atividade praticar, de preferência alguma que goste

25 Sempre que possível, faça movimentos de distensionamento, contrários aos que você faz no trabalho

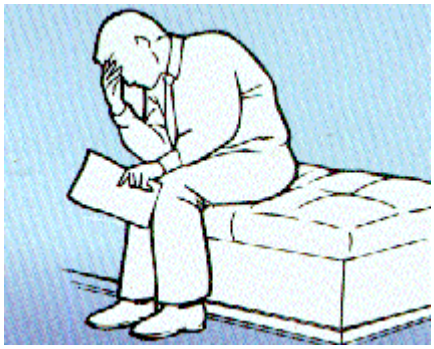

26 Combata o estresse, ele também colabora com muitas doenças

© Copyright 2000 www.sitededicas.com.br

ELSEVIER

15ª edição,
revista, ampliada e atualizada.

Inclui novo capítulo de
Memorização Aplicada.

Inclui CD interativo

Ricardo Soares & William Douglas

Leitura Dinâmica e Memorização Aplicada

Como multiplicar a Velocidade, a Compreensão e a Memorização de Informações

Mais de **40.000** exemplares vendidos

CAMPUS
CONCURSOS

Página deixada intencionalmente em branco

“Mais poder tem o sábio do que o forte,
e o homem de conhecimento mais do que o robusto.”

Provérbios 24:5

Cadastre-se em **www.elsevier.com.br**
para conhecer nosso catálogo completo,
ter acesso a serviços exclusivos no site
e receber informações sobre nossos
lançamentos e promoções.

Leitura Dinâmica

e Memorização Aplicada

Como multiplicar a Velocidade, a Compreensão
e a Memorização de Informações

Ricardo Soares &
William Douglas

15ª Edição,
edição revista e ampliada

ELSEVIER

CAMPUS
CONCURSOS

© 2012, Elsevier Editora Ltda.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Revisão: Carla das Neves
Ilustrações da atualização: Rodrigo Sirqueira
Editoração Eletrônica: SBNIGRI Artes e Textos Ltda.

Elsevier Editora Ltda.
Conhecimento sem Fronteiras
Rua Sete de Setembro, 111 – 16º andar
20050-006 – Centro – Rio de Janeiro – RJ – Brasil

Rua Quintana, 753 – 8º andar
04569-011 – Brooklin – São Paulo – SP – Brasil

Serviço de Atendimento ao Cliente
0800-0265340
sac@elsevier.com.br

ISBN 978-85-352-4831-9 (recurso eletrônico)

CÓPIA NÃO AUTORIZADA É CRIME
ABDR
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DIREITOS REPROGRÁFICOS
RESPEITE O DIREITO AUTORAL

Nota: Muito zelo e técnica foram empregados na edição desta obra. No entanto, podem ocorrer erros de digitação, impressão ou dúvida conceitual. Em qualquer das hipóteses, solicitamos a comunicação ao nosso Serviço de Atendimento ao Cliente, para que possamos esclarecer ou encaminhar a questão.

Nem a editora nem o autor assumem qualquer responsabilidade por eventuais danos ou perdas a pessoas ou bens, originados do uso desta publicação.

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

S656l

Soares, Ricardo Antonio Bueno
Leitura dinâmica e memorização [recurso eletrônico] / Ricardo Antonio Bueno Soares & William Douglas Resinente dos Santos. - Rio de Janeiro : Elsevier, 2011.
recurso digital (Ferramentas do desempenho)

Formato: PDF
Requisitos do sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-352-4831-9 (recurso eletrônico)

1. Leitura dinâmica. 2. Serviço público - Brasil - Concursos. 3. Livros eletrônicos. I. Santos, William Douglas Resinente dos, 1967-. II. Título. III. Série.

11-5162. CDD: 469.8432
CDU: 811.134.3-028.1

DEDICATÓRIA DO 1º AUTOR

Dedico este livro a minha família, que me apoiou em todas as decisões que tomei na vida; a minha mulher, Márlie, e a meus filhos, Renan e Rodrigo, cujos sorrisos têm sido a minha maior fonte de inspiração para encontrar no conhecimento o caminho da felicidade.

Ricardo Soares

DEDICATÓRIA DO 2º AUTOR

Dedico este livro a minha mãe, que me alfabetizou; a ela e a meu pai, que me ajudaram a descobrir que o conhecimento abre novos horizontes para quem estuda; a qualquer amigo, que comigo leia as novidades que cada dia traz.

Dedico, em especial, a Luísa, minha filha, querendo poder ler em seus olhos alegria.

William Douglas

AGRADECIMENTOS DO 1º AUTOR

A todos que, por terem sido meus alunos, presentearam-me com um pouco do seu saber.

Ao Dr. William Douglas, pelo privilégio de poder partilhar com ele os conhecimentos que tornaram possível a realização desta obra.

À RM Consultoria, pelo brilhante trabalho que vem realizando em treinamento e educação profissional.

À Sociedade Foto-Vivência, pelos projetos desenvolvidos para a melhoria do homem nas suas relações com a sociedade, o trabalho e o meio ambiente.

À Petrobras, pelos anos de parceria; e a todos os amigos e coordenadores, pelo profissionalismo com que conduziram os trabalhos.

Às Faculdades Integradas de Jacarepaguá e à Universidade Antônio de Nebrija, que fazem da relação Brasil/Espanha um *case* de sucesso.

Às Faculdades Integradas Simonsen, pelo apoio emprestado ao desenvolvimento da leitura dinâmica e a esta obra.

À Escola Superior de Polícia Militar, que, pela visão da vanguarda, prepara com excelência os profissionais de segurança pública.

Aos amigos e colaboradores: Rosa Maria L. Ramos, Paulo Bochetti, Raimundo Costa, Gisele C. Pires, Jorge Martinez, Mariudes Swollwo, Carlos Seabra, Jorge Fernandes e todos aqueles que fazem do trabalho sério e consciente uma realização de grande prazer.

AGRADECIMENTOS DO 2º AUTOR

A Deus, que nos concede a cada dia novas chances de sermos melhores.

Ao Professor Ricardo Soares, por dividir comigo a tarefa de ajudar quem quer ler melhor e mais rápido.

À UNIVERSO – Universidade Salgado de Oliveira e à FOLHA DIRIGIDA, pelo trabalho que desenvolvem em prol da Educação.

À CONSULEX e aos parceiros que tornam mais fácil aperfeiçoar e divulgar boas ideias.

Aos amigos Osmar, Osmar Filho e Luiz Carlos.

1º AUTOR

Ricardo Antônio Bueno Soares

Estando convicto da abrangência e da imperiosidade do uso das técnicas de Leitura Dinâmica e Memorização Aplicada nas mais diversas áreas de atividade e, também, tendo a certeza de estar contribuindo para o aprimoramento de aptidões humanas, o Professor Ricardo Soares vem proferindo palestras, ministrando cursos e desenvolvendo seminários usando a metodologia de cunho prático, embasada na *experiência de sujeito*, que envolve os treinandos em desafios que simulam situações em que as técnicas são aplicadas.

O autor, desde 1987, desenvolve cursos nas áreas Gerencial, Administrativa e Técnica. Mestre em Ciências Empresariais, Pós-Graduado em Docência do Ensino Superior, especialista em Gestão Estratégica; graduado em Administração de Empresas; atua como Consultor Empresarial e Prof. em Programas de graduação e pós-graduação. Conferencista e facilitador em cursos sobre Mudança, Carreira e Trabalho. Consultor Empresarial em Planejamento Estratégico, Gestão e Produtividade.

Autor do Livro Leitura Dinâmica pela Editora Campus e membro do conselho editorial da Editora Impetus, foi o responsável pela introdução e a implementação do treinamento de Leitura Dinâmica e Memorização Aplicada na Petrobras, tendo atuado ainda como consultor de Treinamento e Desenvolvimento em empresas, entre as quais, citam-se as seguintes: GSK- GlaxoSmithKline, Café Pimpinela, APSA, Fiocruz, SHELL do Brasil, Alied Domec, DFL, Queiroz Galvão, Transmagno, Unimed, Lamsa, Leroy Merlyn entre outras.

- Professor Universitário
- Coordenador de Curso de Graduação e Pós-graduação em Administração
- Consultor e Palestrante Empresarial
- Administrador de Empresas
- Mestre em Ciências Jurídicas e Empresariais
- Pós-graduado em Docência do Ensino Superior
- Especialista em Leitura Dinâmica e Memorização Aplicada
- Diretor Executivo da DDG Educação e Consultoria

PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS COMO CONGRESSISTA / PALESTRANTE

- Palestra Ética & Comprometimento. CETEM – Centro de Tecnologia Mineral – 2011.
- Palestra Inclusão de PCDs – Pessoas com Deficiência. APSA – 2011.
- Palestra Gestão com pessoas: Um desafio possível. Feira da Asserj – Riocentro – 2011.
- Palestrante IBEF Gestão de Mudanças – 2010.
- Palestrante sobre Ética & Relacionamento Queiroz Galvão – 2010.
- Consultor em gestão do atendimento & relacionamento com os clientes LAMSA – 2010.
- Consultor de ciclos de desenvolvimento Leroy Merlin – 2010.
- Palestrante na convenção GlaxoSmithKline / SNC – 2010.
- Consultor responsável pelo Programa de Atendimento & Relacionamento APSA – 2009.
- Coordenador técnico e palestrante na Conferência de Interação CRECI – 2009.
- Palestrante no encontro UNIVERSEG – Universidade Corporativa Bradesco Seguros – 2009.
- Palestrante no encontro de Recursos Humanos da Petrobras – E&P-SERV/RH/DRH – 2009.
- Seminário Instituto Brasileiro de executivos de finanças. A arte de gerenciar – 2009.
- Palestrante no congresso de vendas do Grupo Solução – Vendedor de Elite – 2008.
- Palestrante no IST-RIO – XI Semana Tecnológica e Cultural. Mudanças no Mundo do Trabalho – 2008.
- Congressista no X Fórum de Qualificação Profissional Estação Conhecimento: múltiplas dimensões do saber. O tom da Educação – 2007.
- Palestrante no programa de ambientação da Petrobras – E&P SERV / UNBC / T.I. – 2000-2005.
- Estruturação e coordenação de evento de Integração Petrobras – T.I. PEC – 2005.
- Palestra “Como Aumentar o seu Desempenho no Trabalho” teatro Abel – 2004.
- Consultoria em desenvolvimento de Equipes – DINACO – 2005.
- Palestrante no evento comemorativo ao Dia do Trabalho – UFRJ/ DRH/SR-4 , “Mudanças no Mundo do Trabalho” – 2002.
- Congressista no IV Fórum FAFIC de educação, Tema: “Criatividade: descubra o gênio que existe em você” – 2002.

2º AUTOR

William Douglas Resinente dos Santos

- Juiz Federal, Titular da 4ª Vara Federal de Niterói – Rio de Janeiro.
- Professor Universitário.
- Mestre em Direito, pela Universidade Gama Filho – UGF.
- Pós-graduado em Políticas Públicas e Governo – EPPG/UFRJ.
- Bacharel em Direito, pela Universidade Federal Fluminense – UFF.
- Conferencista da Escola da Magistratura do Estado do Rio de Janeiro – EMERJ.
- Doutor *Honoris Causa* da ESA – Escola Superior de Advocacia – OAB/RJ.
- Professor da Escola de Pós-Graduação em Economia da Fundação Getúlio Vargas – EPGE/FGV.
- Membro das Bancas Examinadoras de Direito Penal dos V, VI, VII e VIII Concursos Públicos para Delegado de Polícia/RJ, sendo Presidente em algumas delas.
- Conferencista em simpósios, seminários, empresas, universidades e cursos preparatórios.
- Autor de artigos publicados na imprensa e em revistas especializadas, além de consultorias (Jornais: *O Globo, Jornal do Brasil, O Estado de SP, Folha de SP, Zero Hora, O Dia*, *Jornal do Commercio*, *O Fluminense, Folha Dirigida, JC Concursos, Tribuna da Imprensa*, *Correio Braziliense, A Gazeta, entre outros*; Revistas: *Veja, Você S.A., Revista dos Tribunais*, *Doutrina*/ID, *Revista de Direito Tributário*/Malheiros, *In Verbis*/IMB, *Consulex*, *ADCOAS*, *ADV-COAD, Justilex* e das Revistas de Direito do IEJ, Defensoria Pública, AJUFE, TRF da 1ª Região, Justiça Federal/RJ, entre outras).
- Colunista do jornal O Fluminense, dos *sites Correioweb*, UOL e CPADNews da revista Geração JC e do *site* Prazer da Palavra.
- Apontado como o maior especialista em aprovação em provas e concursos pelo Jô Soares, Veja, Exame, Você S.A., Piauí, Programa Fantástico, jornal Valor Econômico etc.
- Já exerceu as atividades de Advogado, Delegado de Polícia, Defensor Público, Professor de Direito Processual, na Universidade Federal Fluminense – UFF e Professor em vários cursos preparatórios.
- Atuou como Juiz da 2ª Turma Recursal dos Juizados Especiais Federais – SJ/RJ (2001/2002).
- Organizador de seminários e cursos sobre Direito Constitucional, Direito Administrativo, Técnicas de Otimização de Estudo e Mudanças no Mundo do Trabalho.
- Autor de vários estudos na área jurídica, como a Proposta de Criação dos Juizados Especiais Federais (1994) e a Tese da Legítima Defesa Antecipada, já referida por Juarez Tavares, Rogério Greco e Julio Fabbrini Mirabete.

- Membro da Diretoria da Associação dos Juízes Federais do Brasil – AJUFE – (Conselho Fiscal e Diretor Adjunto da Revista Direito Federal), nos biênios 2000/2002 e 2002/2004.
- Atua eventualmente como consultor *ad hoc* do Centro de Estudos Judiciários, do Conselho da Justiça Federal (STJ), emitindo pareceres sobre artigos enviados para publicação.
- Membro da Academia Evangélica de Letras do Brasil – AELB, ocupando a Cadeira nº 22.
- Membro da União Brasileira de Escritores – UBE.
- Membro do Conselho Editorial das Editoras Impetus, Thomas Nelson Brasil/Ediouro e da Revista Cristianismo Hoje.
- Consultor do Grupo Editorial Campus/Elsevier.
- Presidente da Comissão de Direitos Humanos da Escola da Magistratura Regional Federal da 2ª Região – 2008/2009.
- Membro do Conselho Consultivo da Direção do Foro da SJ/RJ – 2009/2010.
- Agraciado com as medalhas militares: "Correa Lima" (1986) e "Soldado da Paz" (2007).
- Agraciado com as medalhas civis: Medalha "Dr. José Clemente Pereira", a mais alta condecoração concedida pelo Município de Niterói/RJ (2002); "Orlando Marinho Gurgel" – pela OAB/Niterói (2008); "Medalha Mérito Cultural da Magistratura" – IMB (2009); Recebeu o prêmio Melhores Práticas de Gestão – Conselho Nacional de Justiça, citado no Planejamento Estratégico do Poder Judiciário/CN; Prêmios nas 6ª e 9ª Mostras Nacionais de Qualidade do Poder Judiciário.
- Membro fundador do INJUR (Instituto Cultural para a Difusão do Conhecimento Jurídico).

Possui larga experiência na realização de provas e concursos públicos:

- 1º colocado no Concurso Público para Juiz de Direito/RJ.
- 1º colocado no Concurso Público para Defensor Público/RJ.
- 1º colocado no Concurso Público para Delegado de Polícia/RJ.
- 4º colocado no Concurso Público para Professor de Direito, na Universidade Federal Fluminense – UFF.
- 5º colocado no Concurso Público para Analista Judiciário/TRF da 2ª Região.
- 8º colocado no Concurso Público para Juiz Federal/TRF da 2ª Região.
- 1º colocado no CPOR/RJ (Arma de Infantaria).
- 1º colocado no Vestibular para Direito/UFF.
- 3º colocado em concurso nacional de monografias sobre a Justiça Federal.

OBRAS PUBLICADAS:

- *Como passar em provas e concursos*, 26ª ed., Niterói: Impetus, 2010.
- *A Última Carta do Tenente*. 5ª ed., Niterói: Impetus, 2011.
- *Manual de Português e Redação Jurídica*. Niterói: Ed. Impetus, 2010 em coautoria com Renato Aquino.
- *Justiça Federal: Uma proposta para o futuro*. CEJ/STJ, 1995, em coautoria com Leandro Paulsen e Paulo Fernando Silveira.

- *Comentários sobre a Lei contra o Crime Organizado*. Lei nº 9.034/95. 2ª ed., Niterói: Impetus, 2001, em coautoria com Abel Fernandes Gomes e Geraldo Prado.
- *A Maratona da Vida: um manual de superação pessoal* – 4ª ed., Niterói: Impetus, 2010.
- *A arte da guerra para provas e concursos*. 5ª ed., Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2011.
- *Guia de aprovação em provas e concursos*. 9ª ed., Niterói: Impetus, 2010.
- *Como usar o cérebro para passar em provas e concursos.* 5ª ed., Niterói: Impetus, 2011, em coautoria com Carmem Zara.
- *Carta aos concursandos*. Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 3ª ed. 2010, em coautoria com Francisco Dirceu Barros.
- *Direito Constitucional – Teoria, Jurisprudência e 1.000 Questões*. Niterói: Ed. Impetus, 1995.
- *Princípios básicos da argumentação jurídica*. Niterói: Ed. Impetus, 2006.
- *Estudos Críticos sobre Direito Penal e Direito Processual Penal*. Rio de Janeiro: Ed. Lumen Juris, 1995, em coautoria com Geraldo Prado e Guaraci de Campos Vianna.
- *Manual do Conciliador e do Juiz Leigo nos Juizados Especiais Cíveis*. Ed. Impetus, 2006.
- *Medicina Legal – à Luz do Direito Penal e do Direito Processual Penal*. 8ª ed., Niterói, 2009, em coautoria com Abouch Valenty Krymchantowsky, Lélio Braga Calhau, Roger Ancillotti e Rogério Greco.
- *Gestão de Serviço com Qualidade e Produtividade*. 2ª ed., Niterói: Ed. 9/9 (Ed. Universitária da UNIVERSO), 1997, em coautoria com Gildásio Mendes.
- *Ajude seu Filho a Ser Um Vencedor*. Niterói: Impetus, 2004, em coautoria com Renato Araujo e Ruth Pauls.
- *A receita de Jesus para uma vida mais feliz*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2009 em coautoria com Davidson Freitas, Elcemar Almeida, Frei David, Guilhermino Cunha, Jorge Linhares, Jr. Vargas, Lucas Ribeiro e Noélio Duarte.
- *Os 10 mandamentos para uma vida melhor.* Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2008.
- *Criando Campeões*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2008 em coautoria com Renato Araujo.
- *Como falar bem em público*. 2ª ed., Niterói: Impetus, 2010, em coautoria com Rogério Sanches Cunha e Ana Lúcia Spina.
- *Poesia sobre a vida, amor, família, o mundo e o tempo.* Rio de Janeiro: Impetus, 2001.

Audiobook e DVD's:

- Audiobook *Como passar em provas e concursos* – Rio de Janeiro: Plugme, 2009.
- DVD *Sucesso profissional à luz da Biblia* – BV Films, 2008.
- DVD *Dinheiro, riqueza e prosperidade à luz da Bíblia* – BV Films, 2008.
- DVD *Como estudar, como aprender* – IESDE, 2009.

"Quando queremos fazer algo de verdade,
utilizamos a nossa vontade para ampliar as nossas
possibilidades, superando assim as nossas limitações."

Ricardo Soares e William Douglas

Convidamos os leitores a visitarem a página **www.williamdouglas.com.br**, onde o professor Ricardo Soares também é colaborador, para ter acesso a material extra sobre estudo. Também convidamos a conhecer o site do professor Ricardo Soares **www.pitagorasdobrasil.com.br**

ÍNDICE

INTRODUÇÃO

- Pré-teste 2

Leitura Dinâmica – Uma proposta qualiquantitativa

- A efetividade na leitura 3
- Otimizando a relação tempo x aprendizado 4
- As etapas do desenvolvimento 4

PRIMEIRA ETAPA 7

Estabelecendo seus referenciais para ler melhor 8

- Teste de autoavaliação 9
- Passo a passo nos degraus da ação 13

Identificando problemas para aperfeiçoar processos 15

- A relação causa x consequência 15
- Mantendo o foco nas causas 17
- O caminho das pedras para a solução de problemas 17

Conhecendo mais sobre você e a leitura 18

- Revendo seus paradigmas 18
- Reconhecendo a força do hábito 20
- Reconhecendo os seus hábitos 20
- Será que existem problemas e vícios no meu processo de leitura? 21

Preparando o cenário para as mudanças 22

- Minimizando as resistências 22
- As relações entre o "querer" e o "poder" 25
- Conhecimento, habilidade e atitude 26
- Analisando a velocidade de leitura e as características do processo 27

SEGUNDA ETAPA 31
Identificando e superando os problemas e vícios para ler melhor 32
Introdução 32
- Aumentando a capacidade de concentração 32
  - A escolha do ambiente 36
  - Superando a falta de motivação 37
  - Despertando o interesse 39
  - Criando um foco 41
  - A velocidade na leitura 42
  - Aprendendo a lidar com o estresse 44
- Controlando o apontar 51
- Otimizando o uso do grifo 52
- Controlando a movimentação da cabeça 55
- Minimizando as regressões 57
- Eliminando a vocalização 59
- Reconhecendo e superando a subvocalização 60
- Visualizando os problemas, por meio do diagrama de causa e efeito 61

TERCEIRA ETAPA 63
Alterando a relação estímulo-resposta 64
- O cérebro e os estímulos 64
- Exercícios propostos 67

Aumentando sua velocidade mecânica e treinando a musculatura ocular 68
- A pista de provas 68
- Acelerando para mudar 77

Aumentando o seu campo visual 88
- Ampliando sua percepção periférica 88
- Exercitando a sua habilidade visomotora 92

Viajando com a pré-leitura (O helicóptero) 102
- Aprendendo a fazer a pré-leitura 104
- Usando a pré-leitura 107
  - Como fazer a pré-leitura de jornais 107
  - Como fazer a pré-leitura de revistas 108
  - Como fazer a pré-leitura de cartas comerciais 109
  - Como fazer a pré-leitura de relatórios 110
  - Como fazer a pré-leitura de livros 110
  - Como fazer a pré-leitura de capítulos de livros 111

A pós-leitura 112
  - Exercício de velocidade 113

QUARTA ETAPA 117
Ajustando o ritmo aos diversos tipos de leitura 118
▪ Leitura informativa 118
▪ Leitura de lazer 119
▪ Leitura voltada para o estudo e o trabalho 120

Compreendendo textos 120
▪ Compreendendo a compreensão 120
A compreensão literal 120
A compreensão ativa 121

▪ Não entendi.... E agora? O que fazer? 121
Para compreender melhor 122

▪ Conhecendo os fatores influentes e atuando sobre eles 124
Exercício de velocidade 127

Interpretando melhor 128
▪ Otimizando a interpretação de textos 131
▪ Como evitar o pingue-pongue 131
Ampliando a utilização da técnica 132
Interpretação 135

Técnicas de retenção de texto 137
- Repetir a leitura mecanicamente 137
- Recitação 138
- Memória visual 139
- Copiar partes do texto e reler somente as anotações 140
- Sinais gráficos 140
- Sistemas de memorização 141

Técnicas para síntese de texto 143
- O resumo 143
- O *recall* 143
- O sintegrama analítico 149
- O fichamento 155

Dicas práticas para você estudar melhor 160
- Exercício de velocidade 166

QUINTA ETAPA 169
Memorização Aplicada 170
▪ Introdução 170
▪ O Cérebro 171
▪ A Memória 171
▪ A Memorização 171
Sistema elo de ligação 181
Sistema de arquivamento mental 184
Sistema fonético 184
▪ Pós-teste 193
▪ Gabarito comentado do Pré-teste e do Pós-teste 194

Coletânea de textos 197

Bibliografia 209

Introdução

Neste livro, estaremos esclarecendo e trabalhando questões como:

PARA QUEM ESTE LIVRO FOI PRODUZIDO?

Para todo aquele que sente a necessidade de fazer da leitura uma ferramenta intelectual que os ajude a vencer os desafios no trabalho, no estudo e na vida.

COMO A LEITURA DINÂMICA PODERÁ AJUDÁ-LO?

- PROFISSIONALMENTE

  Aperfeiçoando e ampliando a sua capacidade de leitura para a otimização da relação TEMPO X TAREFAS.

- NA SUA VIDA PESSOAL

  Tornando a sua leitura mais proveitosa, incentivando uma busca contínua de novas informações e conhecimentos.

- NOS SEUS ESTUDOS

  Aumentando o seu rendimento na leitura, retenção e síntese dos assuntos estudados, com o mínimo consumo de tempo e energia.

O QUE VOCÊ PRECISARÁ FAZER PARA LER DINAMICAMENTE?

1º) Reconhecer e eliminar os problemas e as dificuldades atuais na leitura.

2º) Aperfeiçoar e acelerar o processo, mediante a realização de exercícios e a aplicação de técnicas.

QUAL É O INVESTIMENTO QUE VOCÊ TERÁ QUE FAZER?

O principal investimento que você terá que fazer será o de dedicar, pelo menos, quinze minutos diários para o treinamento específico proposto.

O QUE ESTE LIVRO TEM DE DIFERENTE?

Neste livro, as questões relativas à leitura são abordadas de maneira prática e objetiva, de forma a orientá-lo com relação ao que deve ser feito e de que maneira, para que você melhore de forma significativa o seu processo de leitura.

Pré-teste[1]

Caro leitor:

Quais são os conhecimentos que você já possui sobre leitura dinâmica?

De acordo com os seus conhecimentos, assinale **V** para verdadeiro ou **F** para falso:

1. ( ) Leitura Dinâmica é igual a leitura rápida.
2. ( ) Quanto mais lentamente leio, mais compreendo.
3. ( ) Quando leio e não compreendo, o melhor a fazer é ler de novo.
4. ( ) A solução para a desconcentração é a escolha de um ambiente adequado para a leitura.
5. ( ) Ler dinamicamente significa ler rápido, compreender e reter as informações.
6. ( ) Para ler dinamicamente, terei que abrir mão dos detalhes.
7. ( ) A leitura dinâmica pode ser aplicada a romances.
8. ( ) A velocidade de leitura ajuda na concentração.
9. ( ) Grifar durante a leitura me ajuda a destacar as partes mais importantes.
10. ( ) Encontrando uma palavra desconhecida, devo imediatamente consultar o dicionário.
11. ( ) Lendo em voz alta, aumento o meu rendimento na leitura.
12. ( ) Dinamicamente, pode-se ler, compreender e reter as informações em uma única operação.
13. ( ) Para interpretar melhor, devo, primeiro, ler integralmente o texto e, depois, responder às perguntas.
14. ( ) Fazer anotações de partes do texto durante a leitura facilita o entendimento do mesmo.
15. ( ) Os resultados do estudo com o fichamento não compensam o trabalho e o tempo dispensados para a elaboração das fichas.
16. ( ) A ideia principal do texto sempre vem no primeiro parágrafo.
17. ( ) Estudar com música dificulta a concentração.
18. ( ) Para consolidar a melhoria do meu desempenho, devo refazer os exercícios.
19. ( ) Para poder treinar leitura dinâmica, devo ter sempre um livro à disposição.
20. ( ) O principal responsável pelo meu sucesso sou eu mesmo.

Leitura dinâmica: uma proposta *qualiquantitativa*

As pessoas, em geral, acham que na leitura só pode haver uma das duas alternativas:

a) **Quantidade** – ler muito, ler rápido;

b) **Qualidade** – fixar e aprender o que foi lido.

[1] Ao longo do livro, você verá as respostas para cada uma dessas perguntas.

Quase todos pensam assim porque isto é o que normalmente acontece.

E acontece porque as pessoas (e talvez você) leem com vícios que prejudicam o desempenho.

Contudo, as coisas não precisam ser assim. Com um pouco de técnica e treino, você pode ter quantidade e qualidade na leitura.

Esta é a nossa proposta para você: proporcionar-lhe uma visão qualiquantitativa da leitura.

A visão ***qualiquantitativa*** pressupõe maior efetividade da leitura, compreendendo ***quantidade*** mais rápida e ***qualidade*** superior à da leitura tradicional.

A efetividade na leitura

Para que a Leitura Dinâmica funcione como um processo de leitura plenamente capaz de satisfazê-lo, faz-se necessária a análise do processo e dos resultados pela ótica da qualidade.

As técnicas de leitura dinâmica são estruturadas para favorecer o melhor aproveitamento da relação **tempo x tarefas.**

Vejamos!

EFICIÊNCIA

Fazer de forma ótima, ou seja, da melhor forma possível, com a máxima utilização dos recursos.

(processo)

EFICÁCIA

Produzir o efeito desejado, atingir o objetivo.

(resultado)

EFICIÊNCIA + EFICÁCIA = EFETIVIDADE

(processo OK) + (resultado OK) = satisfação plena

LEITURA DINÂMICA = EFETIVIDADE NA LEITURA

Otimizando a relação tempo x aprendizado

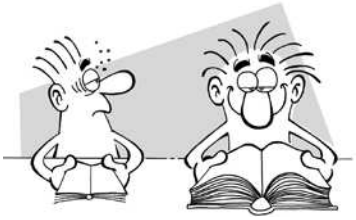

O que conseguirei como resultado da Leitura Dinâmica nos meus estudos e trabalho?

A quantidade de informações com as quais precisamos lidar para nos mantermos atualizados e que precisamos absorver para obtermos aprovação no trabalho e em provas e concursos exige uma melhoria considerável da relação "tempo x aprendizado".

O treinamento sugerido em **Leitura Dinâmica** visa promover a re-estruturação do processo de leitura de cada um, de forma a multiplicar em pelo menos três vezes a sua capacidade de absorção e domínio da informação.

Assim, esperamos que o amigo experimente aplicar as técnicas deste livro, a fim de se dar a chance de melhorar enquanto pessoa, de aperfeiçoar sua produtividade e de alcançar mais rápido seus objetivos.

Para isto, são necessários alguns passos:

1º – Vontade de aprender, sabendo que terá maior benefício por isto.

2º – Ler este livro com atenção (e você já está fazendo isto!)

3º – Aplicar as técnicas e fazer os exercícios, a fim de aumentar seu desempenho.

Acredite que é possível melhorar. Esta é uma verdade inquestionável.

Avalie seu desempenho, procurando melhorar cada vez mais.

Descubra o universo de oportunidades e possibilidades que estão a sua espera nas próximas páginas e na sua vida, a cada dia que nasce.

> "Se algo pode ser melhorado, quanto mais cedo melhor!"
> "Se é necessário corrigir alguma coisa, vamos pôr mãos à obra hoje mesmo."
> "Se algo vai ter que ser feito, por que não agora?"
> Management Memorandum – The Economic Press

As etapas do desenvolvimento

1

Na primeira etapa, você se conhecerá melhor, de modo a preparar-se para as mudanças. Promove-se a **identificação da situação atual**, de forma clara e objetiva, para avaliar o seu processo atual de leitura.

2

Na segunda etapa, realiza-se a **identificação e eliminação das causas da ineficiência na leitura**, ou seja, dos vícios de leitura.

3

Na terceira etapa, dedica-se ao **condicionamento**, à **velocidade**, à **ampliação do campo visual** e à **pré-leitura**. Trabalho duro, malhação mesmo! Nesta fase, será desenvolvida uma série de exercícios e testes, para que você possa aferir seu desempenho.

4

Na quarta etapa, será possível fazer a **aplicação das técnicas de Leitura Dinâmica** às situações cotidianas de lazer, estudo e trabalho.

Trabalharemos também a **retenção e a síntese das informações**, assim como fornecemos as **dicas práticas para estudar melhor**.

É nesta etapa que é feita a consolidação do processo.

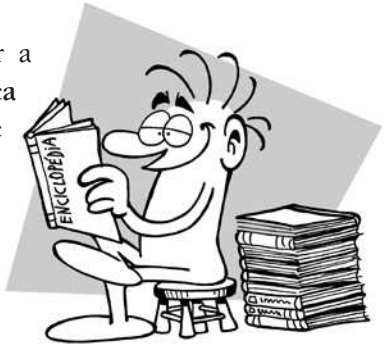

Uma visão global das técnicas de leitura dinâmica

1 - Pré-leitura

2 - Leitura integral e otimizada

3 - Técnicas de retenção

4 - Pós-leitura

Página deixada intencionalmente em branco

1

PRIMEIRA ETAPA

Nesta etapa estaremos nos situando no processo de leitura e nos preparando para as mudanças

Capítulo

1

Estabelecendo seus referenciais para ler melhor

Se alguém lhe telefonar solicitando informações sobre como chegar ao local onde você está, qual será o primeiro passo a ser dado?

A resposta certamente seria: Preciso saber primeiro onde esta pessoa está.

De acordo com a localização dela, a orientação poderá ser simples – "Vá em frente e dobre na terceira rua à esquerda." – ou complexa, exigindo uma descrição detalhada de todo um itinerário.

Da mesma forma, para que se possa direcionar as ações na leitura e fazer com que os objetivos de crescimento sejam atingidos, será necessário avaliar a situação atual do seu processo.

Estabelecer um referencial é fator fundamental para que se possa, posteriormente, fazer uma avaliação dos progressos obtidos.

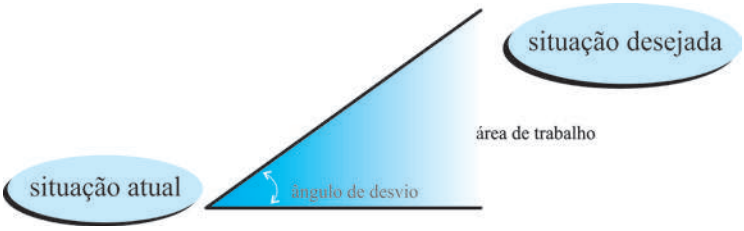

A sua situação atual será avaliada por meio da leitura de um texto, que será o primeiro teste de **autoavaliação**.

Recomendações

Leia normalmente e de forma confortável o texto proposto.

Faça de conta que você não estará se avaliando, e aproveite...

Tenha um relógio ou um cronômetro à mão para que, ao término da leitura, possa anotar o seu tempo no campo indicado.

Após a leitura, responda às perguntas propostas sem retornar ao texto.

Teste de autoavaliação

Leia confortavelmente e marque o seu tempo.

Um homem tem 1,54m de altura

Marcos Vasconcellos

Um homem, imbuído de alto espírito de solidariedade animal, deu liberdade a um passarinho, o qual (segundo se apurou posteriormente) era um gênio encantado que, por elementar dever de gratidão entre os gênios, concedeu-lhe três pedidos. O primeiro seria de atendimento imediato e os dois restantes a vencer nos prazos de 30 e 60 dias garantidos por duas promissórias.

O homem (que tinha 1,54m de altura) muito alegre e alvoroçado, pediu para crescer.

O gênio atendeu o pedido, conforme combinado, e partiu. E o homem de 1,54m ficou com 1,60m e logo com 1,76m e dormiu com 1,80m, radiante como nunca estivera antes, pois sempre fora arredio, esmagado por complexos de baixa estatura. Quando acordou, tinha 2,30m. Almoçou com 2,50m, com muito apetite, e jantou com 3,00m. Em breve, cresceu até o segundo andar e logo até o quinto. Depois passou os telhados. Trinta dias depois tinha 54m, segundo topógrafo consultado, e estava muito apreensivo, apesar de livre dos complexos. Venceu, então, a primeira promissória e o gênio voltou rigorosamente no prazo, como convém aos gênios.

— Quero diminuir. Quero diminuir. Pediu o gigante, contrafeito por estar de tanga e com muito frio.

Quinze dias depois, chegara novamente, sentindo até um certo alívio, à estatura de 1,54m. Mas não parou aí. Logo depois tinha 1,00m e logo depois 50 centímetros.

Os complexos voltaram, então mais agravados. Com 30cm, veio o desespero, que aumentou quando estava com 15cm, virou pânico no 55º dia quando acordou com 8cm.

A família do homem (gigantes de 1,54m) cercou-o de todas as garantias para que o seu desaparecimento ótico gradativo não o condenasse a um desaparecimento físico, pisado desastradamente por um inseto caseiro ou mordido por um micróbio. Quando o gênio chegou no dia marcado, como sempre, aliás, encontrou o homem de 1mm, muito desanimado, protegido por uma campânula de vidro, dessas de proteger doce.

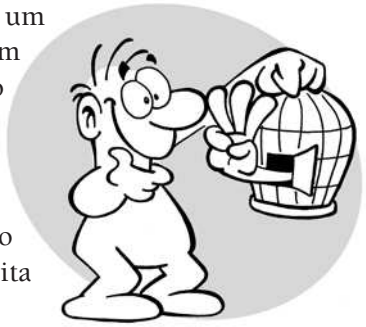

– Quero que você entre novamente na gaiola, berrou o homem com voz débil. Vamos recomeçar tudo sem muita malícia.

Número de palavras: 260
Tempo: ___ minutos ___segundos

1) Calcule a sua velocidade – Ppm (palavras lidas por minuto).

Transforme os segundos em décimos de minuto, dividindo por 6 (considere somente a parte inteira)

Ex.: tempo: _2__ minutos _32__ segundos

32: 6 = 5,3

Tempo = 2,5 minutos

Divida o número médio de palavras do texto pelo tempo registrado em minutos.

Ex.: número de palavras do texto: 260

Tempo em minutos: 2,5

Ppm 260: 2,5 = 104 palavras lidas por minuto

CALCULE, AGORA, SUA VELOCIDADE:			RESULTADO
Velocidade	Ppm	(260 : tempo em minutos) =	

Agora, assinale as respostas corretas sem retornar ao texto anterior:

1) A liberdade do pássaro foi motivada:

a) pelo espírito de fraternidade
b) pela ambição desmedida
c) pelo complexo de inferioridade
d) pelo dever de gratidão
e) pelo espírito de aventura

2) O autor procurou adaptar a narrativa aos tempos modernos. Com isso, nas relações entre o gênio e o homem, diminuiu o sentido de:

a) amor
b) gratidão
c) alegria
d) esperança
e) confiança

3) A expressão ou o termo que justifica a resposta anterior é:

a) atendimento imediato
b) promissórias
c) campânula
d) três pedidos
e) complexos

4) Antes do atendimento ao primeiro pedido, o complexo do homem era motivado pela:

a) inferioridade intelectual
b) superioridade animal
c) inferioridade física
d) superioridade física
e) superioridade moral

5) Nosso herói ficou alvoroçado:

a) pelo aparecimento do gênio
b) pela possibilidade de libertar-se de seu complexo
c) pela hipótese de ver-se livre de seu complexo de culpa
d) pela liberdade do pássaro
e) pelo gigantismo que adquirira

6) No dia do vencimento da primeira promissória, só seria possível saber a altura do homem se fosse chamado um:

a) cientista capaz de, com o auxílio de um microscópio, fazer a medição
b) especialista em descrever e medir acidentes do terreno
c) especialista na observação dos astros
d) alpinista
e) cirurgião especializado em deformações físicas

7) Lendo o texto, percebemos terem sido totalmente desnecessárias as notas promissórias. Isso porque:

a) os pedidos eram de atendimento imediato
b) o gênio não satisfez os pedidos conforme esperava
c) a família do homem cercou-o de todas as garantias
d) o gênio era pontualíssimo
e) o homem era imbuído de um alto espírito de solidariedade animal

8) Assinale a afirmativa correta.

a) Antes do aparecimento do gênio, o homem era mais alto que seus parentes.
b) Antes do vencimento da primeira promissória, o homem considerava seus familiares uns gigantes.
c) Antes do vencimento da segunda promissória, o homem considerava seus familiares uns anões.
d) Antes do vencimento da primeira promissória, o homem considerava-se gigante em relação a seus familiares.
e) Depois do vencimento da primeira promissória, o homem considerava-se gigante em relação a seus familiares.

9) Enquanto almoçava, o homem tinha a altura de:

a) 3m
b) 1,54m
c) 2,50m
d) 1,80m
e) 5m

10) Com a altura de 8cm, nosso herói se sentia:

a) apreensivo
b) apavorado
c) arredio
d) aliviado
e) desesperado

Resp.: 1-a, 2-e, 3-b, 4-c, 5-b, 6-b, 7-d, 8-d, 9-c, 10-b

2) Calculando a sua parcela de captação – Pcap

Entende-se por captação a resultante da compreensão e da retenção obtidas na leitura.

Para calcular a **parcela de captação**, multiplica-se o valor de cada questão (10%) pelo número de acertos. Ex.: **Pcap**: 10% x 9 acertos = 90%

CALCULE AGORA O SEU Pcap:			RESULTADO
Captação	Pcap	(número de acertos x 10) =	

E agora? Será que o resultado foi satisfatório?

Primeiro, fique tranquilo!

O resultado verificado apenas reflete o seu nível atual de leitura.

O resultado satisfatório, em relação ao seu nível atual, será obtido quando você conseguir, por exemplo, dobrar ou triplicar a sua capacidade de leitura.

Agora que você já tem o seu referencial estabelecido, será fácil aferir o progresso dos seus resultados nas avaliações futuras.

A **efetividade na leitura** poderá ser avaliada quando relacionarmos a velocidade de leitura com a captação obtida.

3) Calculando a sua parcela de captação por minuto – Pcap/min

Para calcular a **parcela de captação por minuto**, multiplica-se o Ppm pelo Pcap e divide-se por 100.

Ex.: **Pcap/min**:

$$\frac{\text{Ppm x Pcap}}{100} = \frac{104 \times 90}{100} = 93{,}6$$

CALCULE AGORA O SEU Pcap/min			RESULTADO
Efetividade	Pcap/min	(Ppm x Pcap : 100) =	

Os resultados obtidos poderão ser comparados com os testes futuros.

Passo a passo nos degraus da ação

O que nos foi ensinado: "**a ler**" ou "**como ler**"?

Primeiro, aprendemos o alfabeto; depois a ler as sílabas; e, então, a ler as palavras e as frases. Em função de nossas experiências, o processo foi se dinamizando naturalmente, porém sem uma análise detalhada da melhor forma de proceder na leitura para obter o máximo de rendimento.

No processo de leitura, muitas vezes **agimos de acordo com aquilo que conhecemos**, guiados pelos costumes, deixando de perceber os "**degraus**" intermediários que existem entre o conhecimento e a ação.

Você só poderá interferir no processo de leitura a partir do momento em que tenha a consciência e o domínio do mesmo.

Analisando os degraus da ação no processo de leitura[2]

1. **Conhecimento**
   Podemos dizer que conhecemos a leitura, mas isso não significa que compreendemos os seus mecanismos.

2. **Compreensão**
   Somente pelo entendimento de como as coisas funcionam quando se lê é que podemos fazer uma análise objetiva da situação.

3. **Análise**
   Uma vez conhecidos e compreendidos, podemos analisar os princípios e o funcionamento da leitura.

[2] Repare que estes degraus são bastante semelhantes no processo cognitivo, tratado no Cap. 17 do livro Como Passar em Provas e Concursos. Lá, os passos do domínio cognitivo são os seguintes: 1º) Conhecimento; 2º) Compreensão; 3º) Aplicação; 4º) Análise; 5º) Síntese; e 6º) Avaliação.

4 **Síntese**
Com o processo conhecido, compreendido e analisado de forma global, temos condições de definir os pontos relevantes para a sua otimização e fazer uma síntese.

5 **Avaliação**
Fazer uma avaliação de dados conhecidos, compreendidos, analisados e sintetizados estabelece um parâmetro fundamental: segurança.
Uma avaliação segura do processo de leitura fornece-nos um alicerce sólido para o degrau seguinte: ***a decisão***.

6 **Decisão**
A tomada de decisão sobre "o que fazer" após uma avaliação segura é de fundamental importância. Desta forma, podemos minimizar a probabilidade de cairmos em armadilhas futuras e interferir nos resultados.

7 **Ação**
Após superarmos os seis degraus, só nos resta pôr o pé na estrada e desenvolver as ações necessárias para que as mudanças se concretizem, faltando somente o último passo...

8 **Aferição e correção**
Este passo que vai determinar se os resultados foram atingidos plenamente.

No caso de os resultados não se apresentarem satisfatórios, poderemos verificar qual o ângulo de desvio e proceder às correções que se façam necessárias.

Os degraus podem ser sintetizados em:

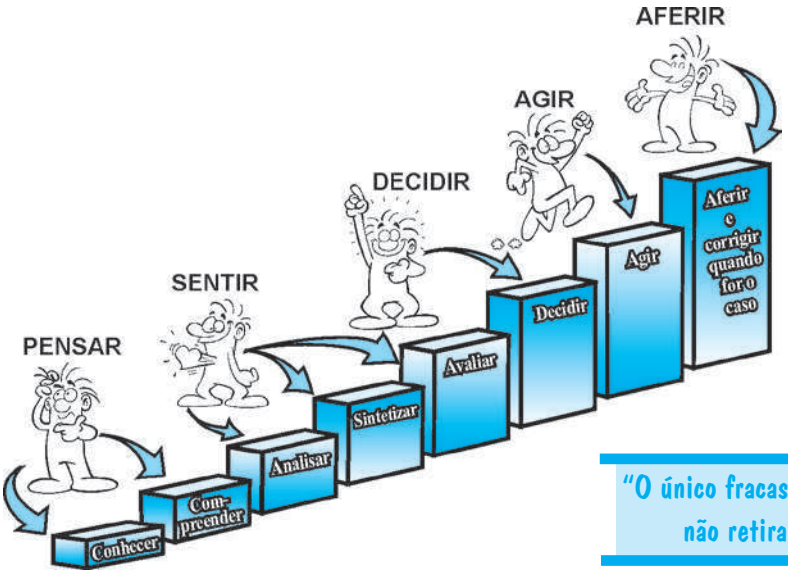

"O único fracasso real é aquele do qual não retiramos lição alguma"

Identificando problemas para aperfeiçoar os processos

"Na física e na matemática, não é tão importante resolver problemas como bem formulá-los."

Albert Einstein

Um dos principais fatores que contribuem para o sucesso no aperfeiçoamento de um processo é a perfeita identificação e formulação dos problemas existentes, possibilitando uma visualização global da situação e uma efetiva atuação na relação CAUSAS X CONSEQUÊNCIAS.

Observe a figura nº 1.

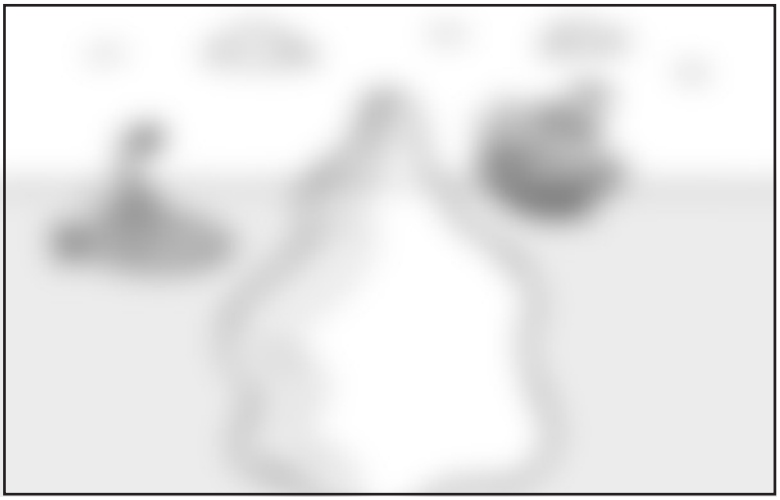

Fig. nº 1

Descreva aqui sua percepção

_____

_____

_____

_____

_____

A sua percepção inicial coincide com a figura apresentada de forma nítida?

O ICEBERG DA PERCEPÇÃO

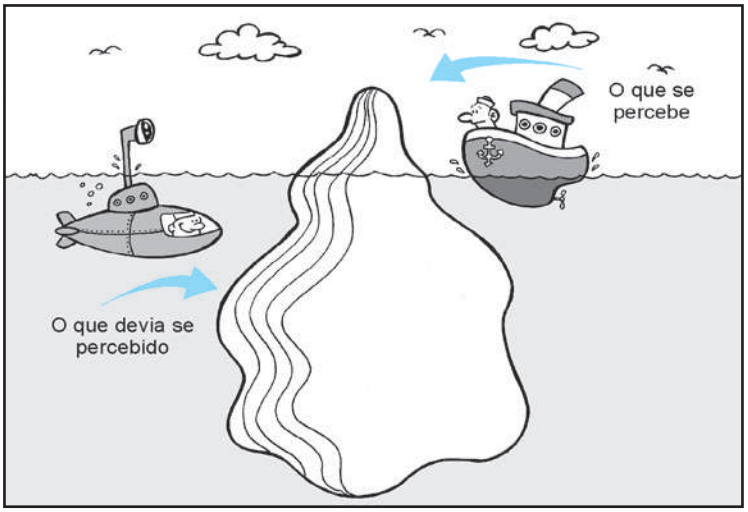

Fig. nº 2

Se a resposta foi **não**, fique tranquilo, pois os problemas nem sempre se apresentam de uma forma nítida e definida.

Como na figura anterior, por vezes, os problemas se apresentam encobertos por uma neblina ou por uma camada de água que impede a visão nítida da situação. Assim, apesar de ficar constatada a existência de algo a corrigir, não existe uma percepção clara do que é preciso fazer.

Ex.: Tratar a dificuldade na leitura como "o problema", e não como o resultado de um conjunto de fatores, hábitos e condições relacionados ao ato de ler.

É preciso que você remova os obstáculos que dificultam a visualização do problema e aguce a sua percepção para que ele não seja confundido com os respectivos efeitos e consequências indesejáveis.

Uma vez retirada a neblina (fig. nº 2) e eliminada a dificuldade de visualizar o problema, podemos começar a fazer a sua análise.

Contudo, ainda devem ser tomados alguns cuidados:

Se você considerar o iceberg da fig. nº 2 como o problema, a análise admite dois diferentes referenciais, que podem ser adotados como ponto de observação:

1) **O referencial do navio**. O que se percebe é a visão parcial do problema – a ponta do iceberg, uma pequena porção da imensa montanha de gelo submersa, que representa um grande perigo à navegação, e que foi a causadora do naufrágio do Titanic.

2) **O referencial do submarino**. O problema é percebido de forma global – a ponta e todo o restante do iceberg, o que permite avaliar a real dimensão do problema e identificar as suas causas, assegurando um planejamento eficaz das ações que se farão necessárias.

CUIDADO PARA NÃO SER ENGOLIDO PELOS PROBLEMAS

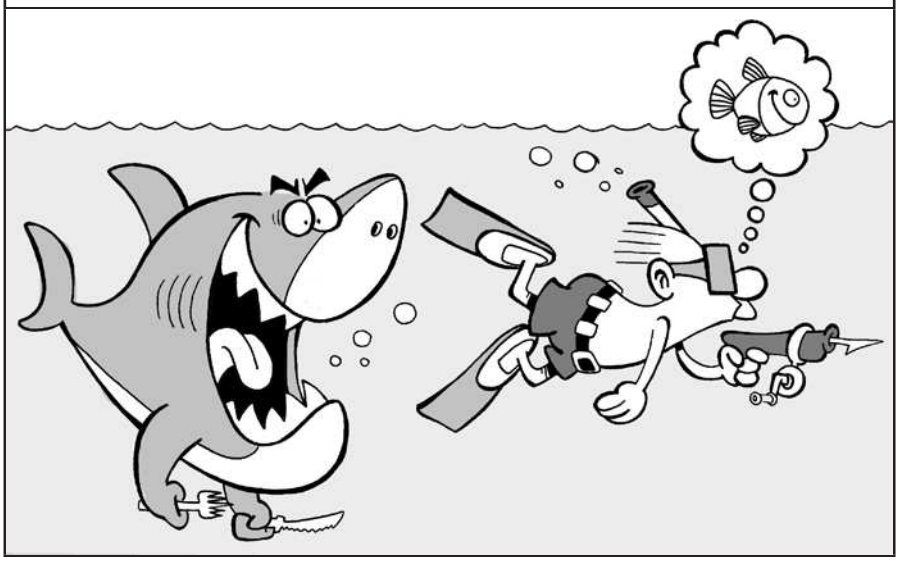

Tenha o foco nas causas

Devemos atuar preferencialmente sobre as causas, e não genericamente sobre o problema. Se o congelador está quebrado, não adianta ficar enxugando o gelo.

A base do processo consiste em identificar o que já existe, eliminar o que há de errado e otimizar o resultado, pela aplicação de técnicas.

O caminho das pedras para a solução de problemas

Quando se trata de solucionar problemas, podemos lançar mão de inúmeros processos e técnicas. Alguns processos exploram a criatividade e a alternância de pensamento "convergente e divergente", usando técnicas como *brainstorm*; outros apóiam-se no processo lógico, com o uso de ferramentas como formulários, gráficos e diagramas.

Independente da natureza do processo e das técnicas, existe uma linha comum na análise e solução de problemas, que chamamos de *caminho das pedras*.

As técnicas para a solução de problemas admitem alguns passos básicos

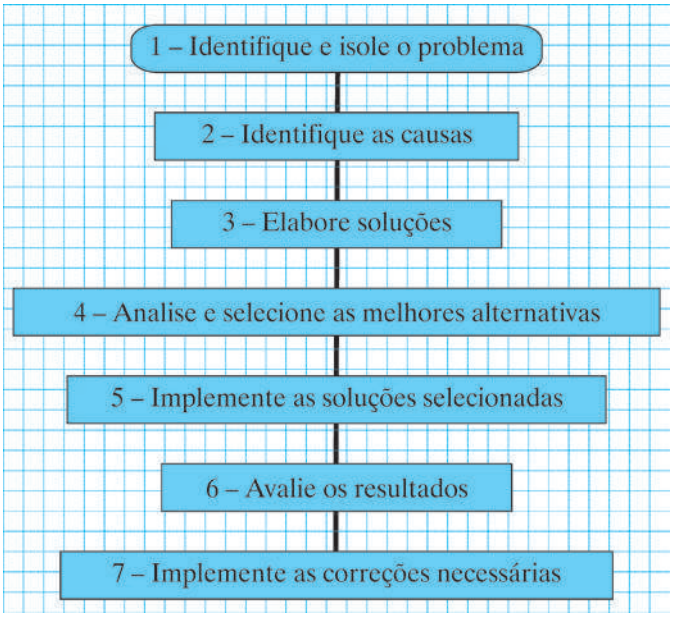

Seguindo esta linha de raciocínio, é necessário que as atitudes nocivas à leitura sejam identificadas e eliminadas, para que o processo seja EFICIENTE.

Conhecendo mais sobre você e a leitura

REVENDO SEUS PARADIGMAS

A palavra *paradigma*, originada da palavra grega *paradeigma*, tem sido constantemente usada quando o assunto tratado sugere mudanças.

Mas o que significa **paradigma**? É um conjunto de valores e conceitos que acabam sendo aceitos como verdades fundamentais, atuando como modelos ou padrões que tendem a gerar reações imediatas e pouco submetidas a análise e avaliação conscientes.

Leia a pergunta abaixo e assinale a resposta.

Você aceitaria U$ 1,000.00 (mil dólares) para saltar de um avião sem paraquedas?

( ) **SIM** ( ) **NÃO**

Se você pensou no avião voando, no salto em queda livre, na perda da vida e o valor que ela possui, provavelmente assinalou *não*.

Em quanto tempo esta cena se desenrolou em sua mente até gerar a resposta?

O paradigma (modelo pré-estruturado) do avião voando não precisou ser construído; ele foi instantaneamente acessado, gerando uma resposta imediata; e não submetida a uma análise e avaliação criteriosas.

Na leitura, muitas das nossas ações e reações também são praticadas em função de paradigmas, que acabam limitando as nossas possibilidades de melhoria.

Por outro lado, se você considerou a possibilidade de o avião estar pousado e sem escada, ou ser um avião de parque de diversão, ou ainda qualquer outra alternativa, provavelmente assinalou *sim* (afinal de contas, ganhar mil dólares, em princípio, não faz mal a ninguém).

A proposta do treinamento sugere que você comece a analisar e avaliar as alternativas que surgem, a partir de novas possibilidades de estruturar-se o processo de leitura.

Exercite agora a sua capacidade de analisar e avaliar alternativas:

Você aceitaria U$ 1,000.00 (mil dólares) para descer no oceano a cem metros de profundidade sem cilindros de oxigênio, máscara de mergulho, nadadeiras, cinto de lastro e demais equipamentos que compõem um traje de mergulho?

( ) **SIM** ( ) **NÃO**

Se você assinalou *não*, provavelmente se restringiu à ideia de ser impossível atingir tal profundidade sem estar devidamente equipado e preparado, abrindo mão, assim, de ganhar mil dólares.

Se você assinalou *sim*, certamente analisou e avaliou, além da impossibilidade de descer a tal profundidade sem equipamento de mergulho individual, algumas outras possibilidades como: estar dentro de um submarino, estar em um sino de mergulho, estar cruzando um túnel submarino (semelhante ao que existe no Canal da Mancha) ou qualquer outra possibilidade que permitisse a você ganhar mil dólares sem perder a vida.

"Algo só é impossível até que alguém duvide e acabe por provar o contrário."

Albert Einstein

Reconhecendo a força do hábito

Você consegue identificar os seus hábitos?

Reflita sobre os seus hábitos mais comuns durante 30 segundos, listando, em seguida, cinco deles.

1 – _____

2 – _____

3 – _____

4 – _____

5 – _____

Reconhecendo os seus hábitos

Possivelmente, você relacionou os hábitos mais simples, como: calçar os chinelos pela manhã colocando primeiro o pé direito; escovar os dentes olhando para o espelho; ler jornal pela manhã começando pelo caderno de esportes; ler grifando partes com lumicolor; ligar o rádio e, automaticamente, ajustar determinada estação etc., etc., etc.

Apesar de praticarmos inúmeros hábitos, nem sempre é fácil identificá-los, mesmo que estes estejam intimamente ligados ao nosso dia a dia e sejam reforçados permanentemente.

As ações e reações, fora de domínio consciente, podem gerar um hábito, passando ao largo da avaliação, surgindo daí uma série de questões.

a) Se o *hábito for bom*, é praticado sem que você o perceba, e a probabilidade de se alcançar um bom resultado é grande.

b) Se o *hábito for ruim*, também é praticado sem que você o perceba, e a probabilidade de se alcançar um bom resultado é pequena.

Conclusão:

A leitura é uma ação consciente, podendo ser formada por inúmeros hábitos, que começaram a ser edificados na época da alfabetização.

Para o aperfeiçoamento do processo de leitura, você terá a oportunidade de analisar os seus hábitos, avaliando aqueles que fogem ao seu controle.

Aqueles que fogem ao seu controle constituem os seus vícios e podem estar prejudicando o seu processo de leitura.

Eliminando os vícios de leitura, tendo o processo otimizado e sob total domínio, você estará pronto a realizar uma leitura mais rápida e melhor!

Problemas e vícios de leitura

Os vícios e problemas de leitura, por vezes, não são percebidos pelo indivíduo em toda a sua vida. Portanto, não oferecem oportunidade de uma análise e avaliação criteriosas.

Reflita agora!

Será que existem problemas e vícios no meu processo de leitura?

Relacione as dificuldades que você conseguiu identificar no que se refere ao ato de ler:

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

Confira agora o que você relacionou com os problemas e vícios mais comuns que apresentamos a seguir, para que possamos orientá-lo no seu aperfeiçoamento.

Procure perceber se algum dos problemas ou vícios, a seguir, fugiu da sua percepção mas é praticado por você.

Vamos a eles...

Vícios e problemas de leitura

1) **Desconcentração**
2) **Apontar usando os dedos ou a caneta**
3) **Regredir sistematicamente**
4) **Movimentar a cabeça durante a leitura**
5) **Acompanhar oralmente a leitura (vocalização)**
6) **Repetição mental da leitura (subvocalização)**

E então? Você identificou algum desses problemas ou vícios?

Se o problema já foi identificado, você acabou de dar um importante passo para solucioná-lo.

Se você ainda não conseguiu encontrar o problema, não identificou seus vícios, fique tranquilo, pois na terceira etapa vamos aprender a como lidar com cada um deles.

Preparando o cenário para as mudanças

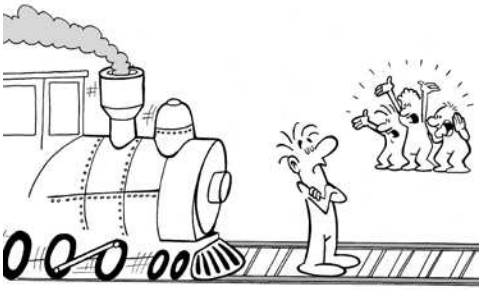

A sua habilidade e rendimento na leitura são o reflexo básico dos seus costumes, que naturalmente implicam atitudes intuitivas, preconceitos, macetes e resistências à sua modificação.

O ser humano é, por natureza, resistente a mudanças.

Minimizando as resistências

Não basta que você tenha a **consciência** da existência de determinado vício no seu processo de leitura; é necessário que **ações** sejam tomadas para mudar essa condição.

Mudança e **resistência** estão intimamente relacionadas. Quando se quer promover um processo de mudança, logo de início surge uma sensação de ameaça diante do novo, da incerteza de sucesso.

A ameaça da nova situação, real ou imaginária, põe em risco o que chamamos de ***área de conforto,*** situação à qual estamos habituados e certos de que, praticando determinadas ações, obteremos conhecidos resultados, mas talvez não os melhores resultados.

O nosso aprendizado e consequente crescimento estão numa razão diretamente proporcional à nossa **capacidade de assumir riscos e descobrir o novo**.

Como diminuir a resistência à mudança?

Segundo Fela Moscovici,[3] a resistência é apenas um sintoma resultante de determinado processo que implica mudança.

Tratar um sintoma seria o mesmo que tomar um analgésico e ignorar o problema que está ocasionando a dor.

A melhor estratégia para obter a mudança de processo desejado não é atacar a resistência (o sintoma), mas, sim, adotar uma tática mais elaborada na forma de implementação da mudança (a causa), fornecendo um forte estímulo para que a mudança efetivamente ocorra.

Para que as mudanças ocorram, o estímulo tem que ser maior do que a resistência.

ESTÍMULO > RESISTÊNCIA = MUDANÇA

Sensibilização/conscientização Implementação elaborada	Insegurança diante do novo Incerteza dos resultados	Descoberta do potencial assegurado pelos resultados Vantagens das mudanças

As fases da mudança

1ª Na fase inicial da mudança, a do descongelamento, é quase inevitável a resistência, e esta é considerada natural. Esta fase é chamada pelo grande psicólogo social Kurt Lewin de descongelamento, ou desequilíbrio, ou **desarrumação**, ou crise. É a fase em que ocorre a desestruturação do que existia antes.

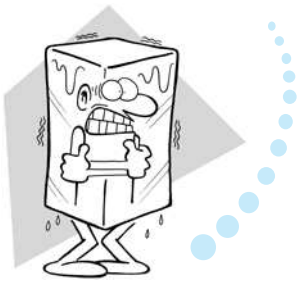

Nesta fase, é fundamental que você procure entender o processo e o objetivo de cada etapa e exercício, o que facilitará que você se situe e se motive, buscando recursos para a adaptação. Desta maneira, o estímulo concorre para que a mudança ocorra com uma certa consistência.

[3] Moscovici, Fela. Professora Titular do Centro de Pós-Graduação de Psicologia Fundação Getúlio Vargas RJ. VI Encontro de Desburocratização. Curitiba/PR, Junho de 1987.

Nesta hora, lembre-se de que sua vida não vai melhorar nem mudar se você não fizer algo diferente.

2ª A segunda etapa da mudança é o ***recongelamento***. Uma vez estabelecido um padrão de treinamento, os resultados que surgirão gradativamente consolidarão, de forma razoavelmente estável, as experiências significativas vivenciadas, preparando você para novas mudanças futuras.

O que você deve fazer na segunda fase é treinar com afinco, aferindo os acertos e percebendo os erros, para poder corrigi-los, e as dificuldades para poder superá-los.

3ª A terceira fase é a de ***consolidação***, em que você deixará o simples treino e partirá para o uso. As práticas positivas usadas cotidianamente acabam incorporadas como hábito, o que não significa que seja uma etapa estática; é um processo dinâmico e contínuo de desenvolvimento.

O que você deve fazer na terceira fase das mudanças é **usar** e **ousar** – "colocar as mãos na massa", sem medo de ser feliz.

As informações e dicas práticas deste livro servirão como orientação para que você analise as mudanças, avalie os benefícios e decida empreender um esforço inicial para a reestruturação dos hábitos de leitura.

Dedique-se aos exercícios propostos, aferindo se os objetivos estão sendo atingidos, pois todo o esforço empreendido no treinamento das técnicas será recompensado com um menor esforço na sua utilização prática.

LEMBRE-SE!
O mais importante elemento responsável pelas mudanças na sua vida é você.

“Querer nem sempre significa poder, mas é fantástico o poder exercido pela força do querer.”

O **poder**, neste caso, significa ter a capacidade de realização.

O **querer** está relacionado à vontade, ao desejo de se atingir algum objetivo.

As relações entre o **querer e o poder** demonstram que, além do conhecimento técnico, assumir um posicionamento mental adequado é fundamental para alcançar o sucesso.

ONDE VOCÊ ESTÁ?

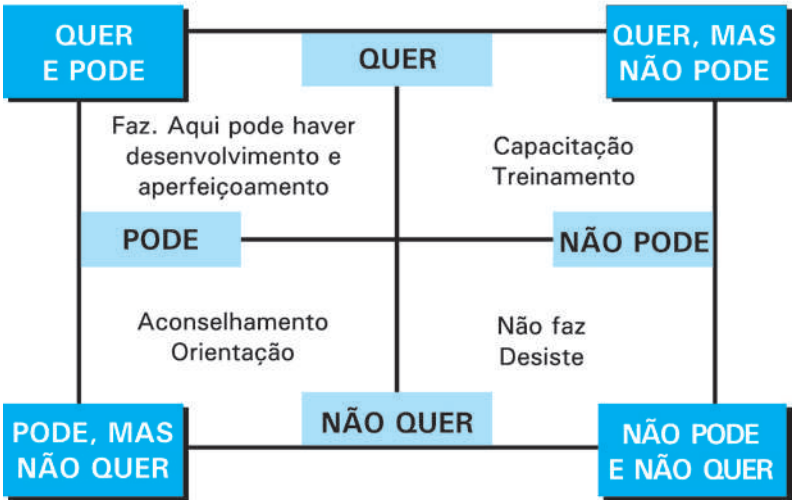

> “Se você fizer o que sempre fez, terá os resultados que sempre teve”
>
> Anônimo

Conhecimento, habilidade e atitude

A efetividade na leitura e em qualquer atividade exige que a pessoa esteja tecnicamente preparada e pessoalmente decidida a realizar determinada tarefa, envolvendo três aspectos:

1º – CONHECIMENTO

Saber é o conjunto de ideias, percepções, sentimentos e informações que envolvem o que deve ser realizado.

2º – HABILIDADE

Saber fazer é a aptidão física, mental e emocional que potencializa a execução de uma tarefa específica.

3º – ATITUDE

Querer fazer, estado mental do indivíduo refletido em seu comportamento, significa estar motivado e decidido a fazer algo.

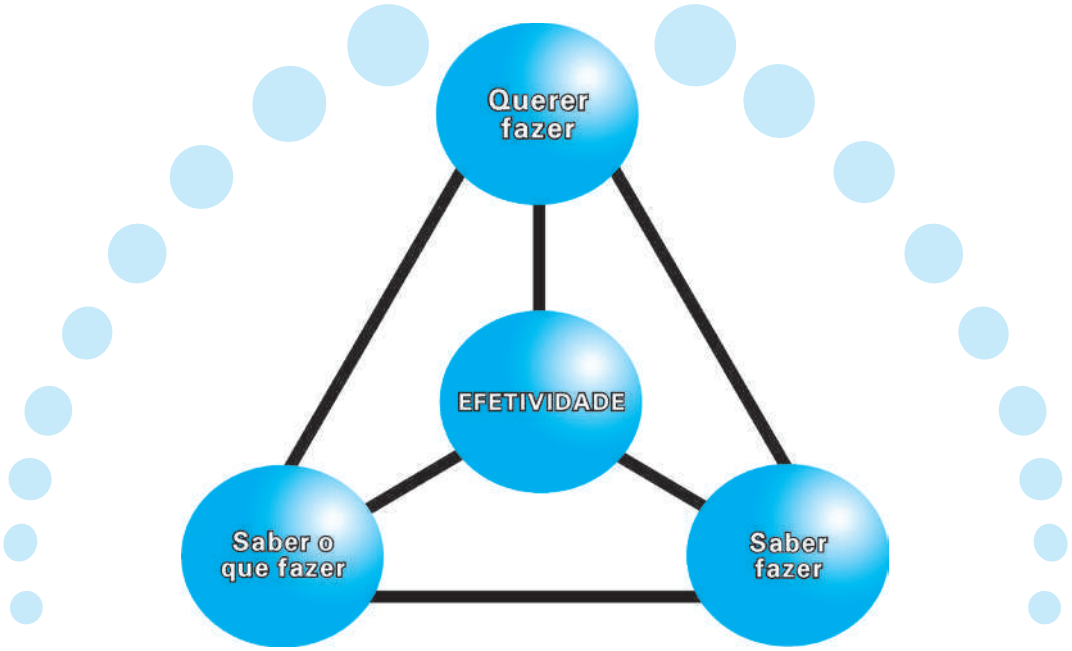

A evolução da velocidade de leitura não ocorre por acaso. Ela é o resultado de um treinamento específico, que abrange novas habilidades.

O desenvolvimento da musculatura ocular, o domínio do percurso voluntário dos olhos, a ampliação do campo visual e a prática de um sincronismo mental compatível são fatores que determinarão o quanto a leitura será rápida e efetiva.

Considerando a necessidade da efetividade, pode-se fazer uma análise de como evolui a velocidade da leitura e das características do processo.

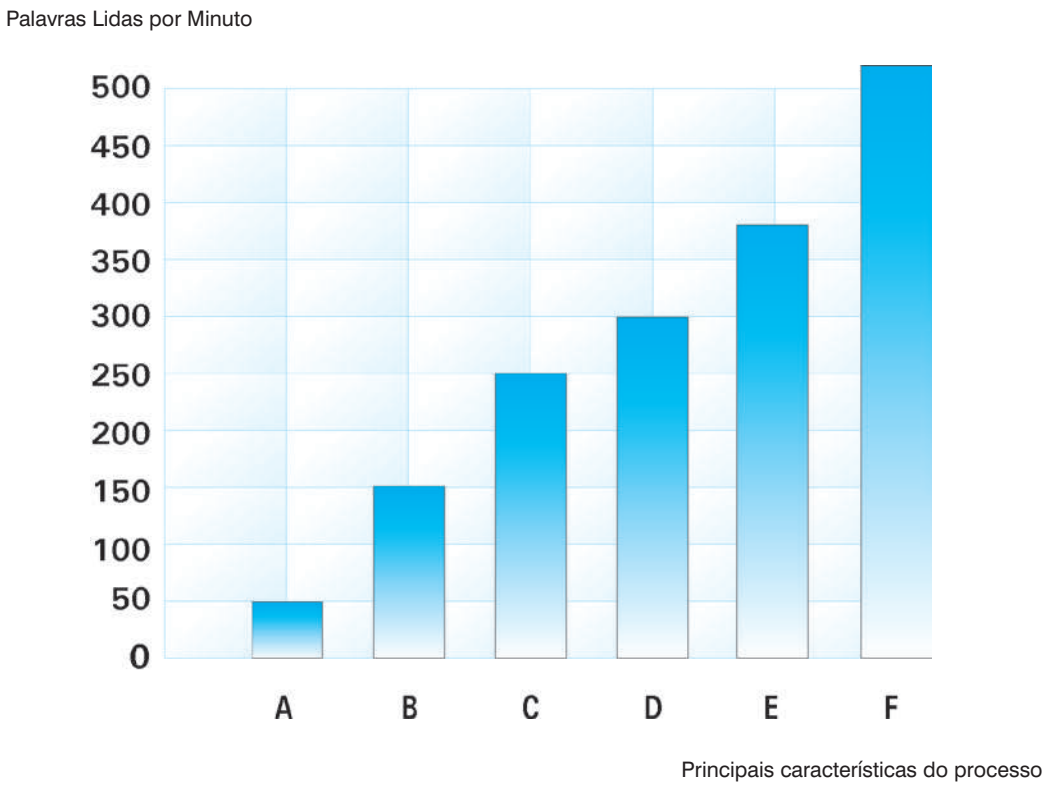

Principais características

A 50 palavras por minuto – Velocidade de leitura muito baixa, com ocorrência de silabação e movimento labial.

B 100 a 150 palavras por minuto – Leitura palavra por palavra, com subvocalização acentuada.

C 150 a 250 palavras por minuto – Leitura semiglobal, com significativa redução dos vícios, ampliação do campo visual e captação relativamente livre de palavra por palavra.

D 250 a 300 palavras por minuto – Leitura com percurso voluntário dos olhos, reduzidos pontos de fixação e ressonância mental seletiva.

E Acima de 300 palavras – Leitura globalizada, com percurso visual sobre domínio. Ênfase em grupos de palavras, com foco nas palavras-chave. Exige um alto nível de concentração do leitor.

F Em bibliografia, cita-se a foto-leitura como um processo que permite que atinjam-se velocidades muito superiores às citadas anteriormente.[4]

Nesta obra, temos como objetivo oferecer subsídios que possibilitem a você chegar ao nível **E**, assegurando um bom nível de compreensão e retenção na leitura. É claro que se o leitor já possui tal nível de leitura certamente a aplicação das técnicas aqui descritas aumentarão o seu desempenho.

[4] Os autores não possuem dados comprovados em escala sobre os níveis de compreensão e retenção relativos a tais velocidades. O quadro tem função meramente demonstrativa.

QUADRO-SÍNTESE DA PRIMEIRA ETAPA

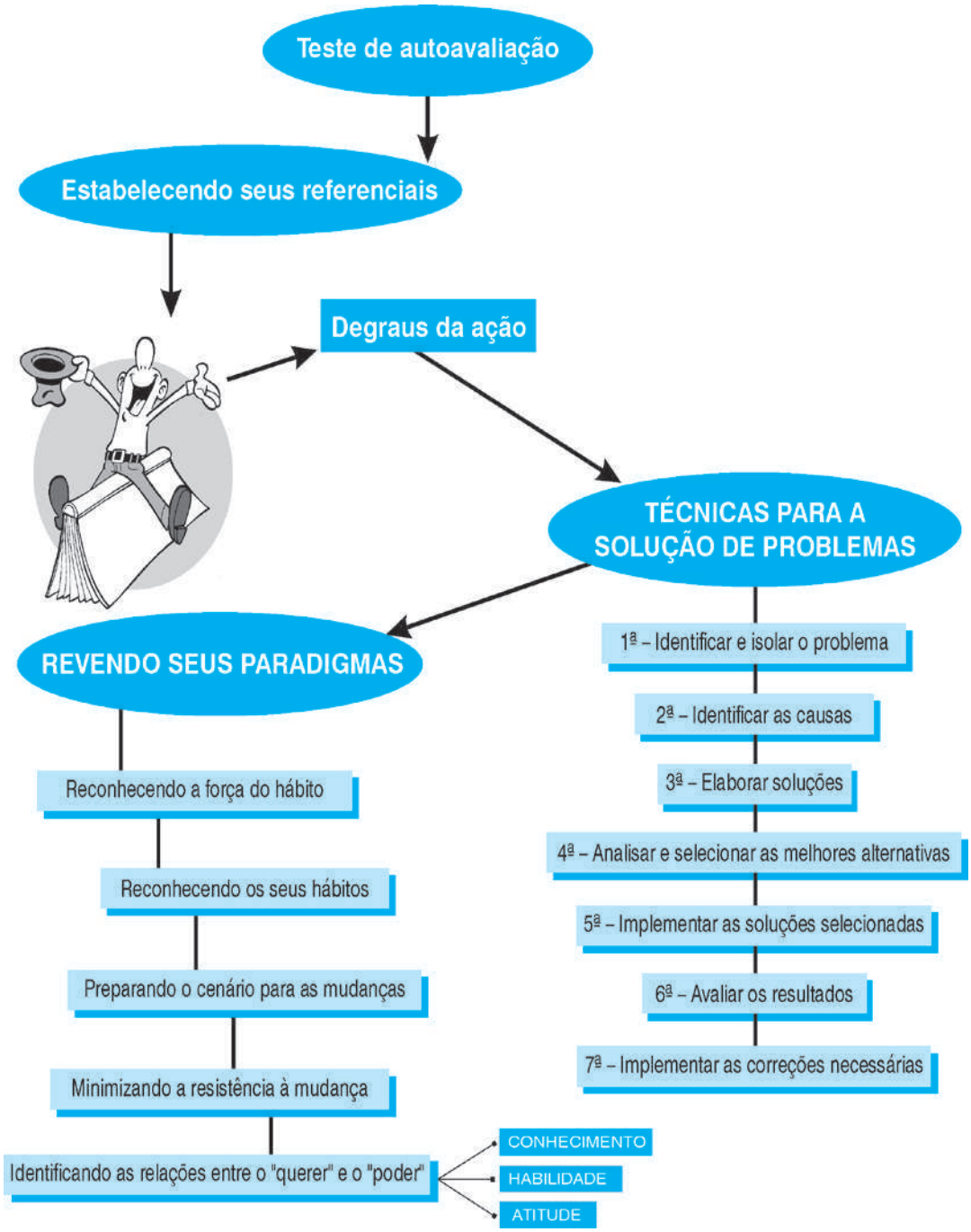

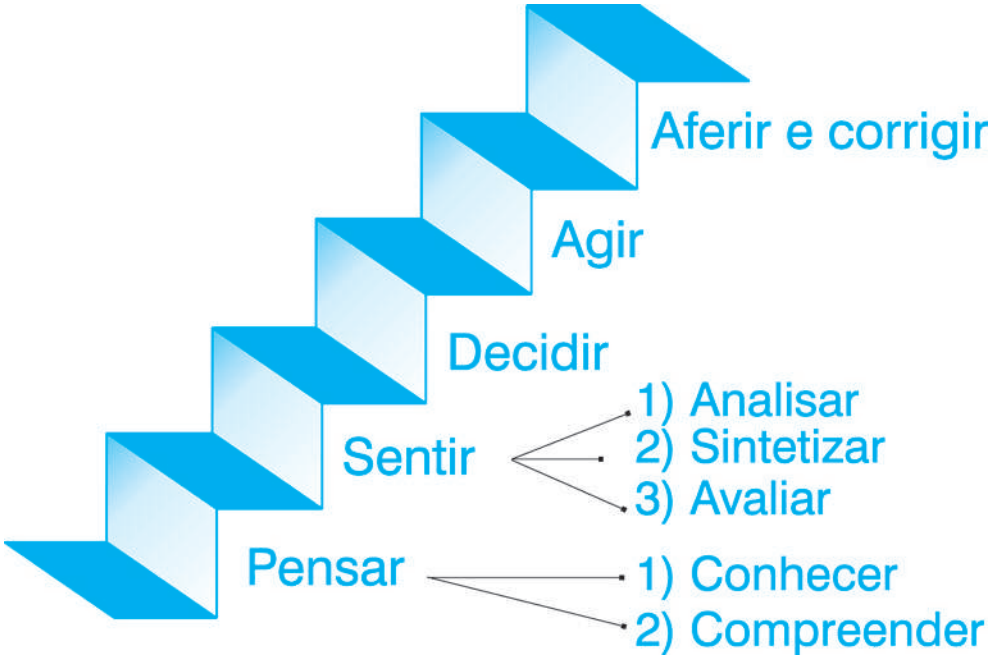
Aferir e corrigir
Agir
Decidir
Sentir
1) Analisar
2) Sintetizar
3) Avaliar
Pensar
1) Conhecer
2) Compreender

2

SEGUNDA ETAPA

Nesta etapa,
você estará identificando
e eliminando os problemas
e vícios que prejudicam a leitura.

Capítulo

2

Identificando e superando os PROBLEMAS e vícios para ler melhor

Introdução

Nesta etapa, iremos abordar os problemas, causas e soluções relacionados à ineficiência na leitura.

Ao nos referirmos às causas, obviamente não estamos esgotando os motivos que podem gerar o problema, mas sim orientando você na tarefa de identificar e refletir sobre as possíveis causas dos problemas e refletir sobre elas.

Quando nos referimos às soluções, apresentamos formas práticas e objetivas para lidar com a situação-problema, mas não esgotamos as possibilidades de resolução dos mesmos.

É claro que usando o seu talento, criatividade e persistência, você poderá encontrar novas soluções para os problemas e vícios de leitura.

Aumentando a capacidade de concentração

A leitura na era da informação

Estamos vivendo em um mundo onde as transformações ocorrem a cada dia de forma mais rápida.

É preciso que o processo de leitura permita que você esteja realmente "conectado" para que possa acompanhar o ritmo alucinante em que as informações circulam atualmente.

O sonho do guru dos anos 60, Marshall McLuhan, que via o mundo como uma grande Aldeia Global, não só concretizou-se como transforma-se, hoje, na grande Aldeia Digital.

Peter Druker cita em artigo publicado na edição de outubro-1999 da revista "Atlantic Monthly", que a chamada "Revolução da Informação" é, na verdade, a "Revolução do conhecimento", onde o computador é apenas o gatilho e a chave não é a eletrônica, mas sim a ciência cognitiva.

Bill Gates em seu livro "A empresa na velocidade do pensamento – com um sistema nervoso digital" Companhia das Letras – 99, explica que um sistema nervoso digital deve levar rapidamente informações valiosas às pessoas que delas necessitem e que o termo *pessoal* na expressão *computador pessoal,* significa que cada profissional do conhecimento dispõe de uma forte ferramenta para analisar e usar a informação fornecida por essas soluções.

O que percebemos é que o mundo está mudando rápido e "estar conectado" virou um fator de sobrevivência para que haja o acompanhamento e os devidos ajustes aos novos cenários.

Com a constatação de que tecnologia existe de sobra, podemos concluir que o diferencial competitivo se localiza entre o encosto da cadeira e o teclado do computador: **VOCÊ**.

Atualmente podemos acessar ao mundo da informação através da internet, em um terminal de computador instalado em sua própria casa. Com modens mais velozes e softwares de navegação mais poderosos, as informações chegam mais rapidamente e em maior quantidade.

Surgem daí algumas questões:

1 Como lidar com essa avalanche virtual se o processo de leitura continua lento e ineficaz?

2 Será que a minha capacidade de leitura e apreensão de informações evoluiu proporcionalmente aos avanços da tecnologia ou simplesmente migrou do papel para a tela do terminal de um computador?

3 Como eu devo fazer para conseguir dirigir e manter a minha atenção na leitura?

Estas perguntas estabelecem uma situação-problema que surge com grande frequência para estudantes e profissionais que acessam à rede de computadores.

É bastante comum a queixa de que a relação tempo/tarefas se estreita a cada dia. O que mais chama a atenção nestas ocasiões é a dificuldade que as pessoas tem de lidar com tal situação.

O motivo de tal dificuldade é que, lendo tradicionalmente um livro ou na tela de um terminal de computador, por vezes nem percebemos que existem fatores que interferem negativamente, limitando a velocidade e prejudicando o resultado da leitura.

Alguns desses fatores são problemas que acabam sendo incorporados como hábitos. Estes apesar de serem prejudiciais, tendem a se perpetuar, se não forem identificados, avaliados como nocivos e eliminados.

Um dos problemas que se acentua no mundo da informação virtual é a desconcentração.

A desconcentração ocorre por vezes em virtude da própria programação visual de uma página de um site, onde um banner ou uma simples figura pode se transformar em um convite sedutor para um voo de imaginação.

A tecnologia disponibiliza um universo de informações e inúmeras chances de você se desviar do seu objetivo, principalmente quando não existe um treinamento apropriado.

Considerando que no caso de acesso à Internet, os navegadores possibilitam que se abra várias janelas simultaneamente, o volume e a velocidade em que as informações chegam são maiores do que em um texto impresso. Basta alguns segundos de desconcentração para que os olhos percorram mecanicamente o texto e logo em seguida surja a pergunta: "Onde é que eu estava mesmo?"

Resposta: "Não estava!" Um pequeno desvio da atenção pode fazer com que o leitor se *desconecte* do assunto e viaje em outras dimensões.

Logo em seguida quando acontece o *Click* e ele desperta, se dá conta de que viu o texto mas não leu o mesmo, sendo obrigado a regredir várias linhas e, em alguns casos, até páginas, para retomar a linha de raciocínio.

Este parcelamento da linha de raciocínio, as regressões em partes do texto e a sensação de não apreensão do conteúdo obrigam o leitor a refazer a leitura sistematicamente, ocasionando perda de tempo, baixo rendimento e desmotivação para a leitura.

Mas como resolver o problema da desconcentração frente aos asteroides que dificultam a navegação no mundo virtual? O que fazer para que o leitor consiga se "conectar" de forma ideal ao texto?

Seguem aqui algumas **dicas práticas**:

1 Tenha um foco bem estabelecido daquilo que você procura ao acessar um site. Se preferir escreva o seu objetivo e deixe-o bem visível para que a todo momento você não se desvie do que deve ser feito.

Posicione o monitor de maneira ótima. Certifique-se de que a iluminação ambiente incide de forma adequada sobre o plano de trabalho mas sem causar reflexos na tela do terminal.

2 Inicialmente faça uma visualização superficial do assunto das páginas a serem lidas (no caso de serem abertas múltiplas janelas) e estabeleça uma priorização. Defina o quanto, o porquê e o que você precisa ou quer apreender daquilo que será lido.

Desta maneira o foco da sua atenção poderá estar dirigido para o objetivo pre-estabelecido, diminuindo a atenção periférica para detalhes ou adereços das páginas abertas e eliminando as demais interferências de sua mente.

3 Procure ajustar a sua velocidade ao tipo de texto abordado.

Ajuste o *zoom* de forma que o tamanho da fonte fique mais facilmente vizualizado. O conforto visual interfere diretamente na velocidade e na qualidade da leitura.

Quando a fonte é muito pequena a leitura acaba se tornando lenta e acaba sobrando tempo para a mente divagar.

4 Evite regredir sistematicamente na leitura de um texto.

As interrupções parcelam a linha de raciocínio e abrem lacunas para pensamentos paralelos além de aumentar o tempo de leitura e desviar a sua atenção.

Lembre-se do foco!

5 No livro você encontrará exercícios e técnicas que o ajudarão a ficar *"conectado"* na leitura e no mundo das informações.

Comece a navegar agora!

Mãos à obra.

Problema

A desconcentração

Uma das principais queixas daqueles que precisam ler e estudar para provas e concursos é a dificuldade de concentração. Embora esta seja uma constatação evidente, raramente são tomadas ações para a eliminação ou atenuação do problema, que, por este motivo, tende a persistir.

Causas

Grande parte do tempo efetivamente dedicado à leitura é desperdiçada com divagações.

Algumas divagações surgem motivadas pela qualidade e conteúdo do que é lido, outras são oriundas de **preocupações**, simples **distrações**, **estresse**, outras são causadas por **interferências**, em função do ambiente onde a leitura é realizada.

Soluções

Nesta etapa, abordaremos seis pontos que influenciam na concentração:

O ambiente

A falta de motivação

O interesse

O foco

A velocidade

O estresse

A escolha do ambiente

A escolha do local para a leitura é um fator importante para favorecer a concentração, bem como as questões ergonômicas.

A ergonomia (do grego *ergos*, trabalho, e *nomos*, norma, regra ou lei) estuda a relação do homem com os objetos que utiliza e o ambiente onde atua.

Os fatores ergonômicos tipo de mobiliário e posicionamento corporal, iluminação, ventilação e temperatura – podem ser os fatores diferenciais para que a atenção se mantenha durante três ou trinta minutos, ou até mais que três horas.

Contudo, como escolher o local para estudar?

Escolha um local que reúna as melhores condições ergonômicas e com o mínimo de interferências, adotando um posicionamento corporal adequado para tornar a atividade o mais confortável possível.

Aproveite a iluminação natural sempre que possível, observando se o *layout* é adequado à leitura.

Posição recomendável

A cadeira deve permitir que a coluna do leitor permaneça ereta, apoiando-o das nádegas ao início do pescoço, com os braços apoiados, evitando dores lombares e cervicais.

A iluminação deve incidir sobre o ombro oposto à mão de maior habilidade, para não provocar sombras ou reflexos.

Posição não recomendável

A posição em que a luz atinge diretamente os olhos e provoca sombra no texto. O leitor fica de bruços e se apoia nos cúbitos, prejudicando a região lombar e cervical, além de causar dores de cabeça.

Superando a falta de motivação

Problema

A desmotivação

O leitor desmotivado carece de um estado de prontidão, o que dificulta o direcionamento da atenção à tarefa a ser realizada e, portanto, não produz a concentração sobre os estímulos, isto é, atenção focalizada.

Quando não estamos motivados, temos maior dificuldade de concentração, tornando mais difícil a retenção e posterior evocação daquilo que é lido.

Você já sentiu a sensação de "ter um branco" após ter lido um texto sem a devida atenção?

Como já dissemos, o leitor desmotivado está mais sujeito a divagações. Influenciado por problemas e preocupações, pode se afastar da linha de raciocínio até então desenvolvida, obrigando-o a retroceder e repetir a leitura. Quando a ação de reler o texto torna-se sistemática, o leitor, desmotivado, normalmente o abandona.

Causas

Uma das causas da falta de motivação na leitura é a crença de que não se conseguirá chegar ao término de um livro com mais de trezentas páginas, ou de que livros grossos são "chatos".[5]

A falta de condicionamento da musculatura ocular faz com que o leitor se canse prematuramente, desmotivando-se para continuar a ler.

Além do **cansaço ocular**, existem outros dois fatores que diminuem a motivação do leitor, o **sono** e a **preguiça**.

1) Sono – resultado de um estado geral de fadiga ou da escolha inadequada de horário e local para ler.
2) Preguiça – gerada pela falta de estímulo que motive o leitor a se lançar no empreendimento da leitura.

Outra causa reside na dificuldade de manter **a atenção** durante um período prolongado. Vide desconcentração pág. 35.

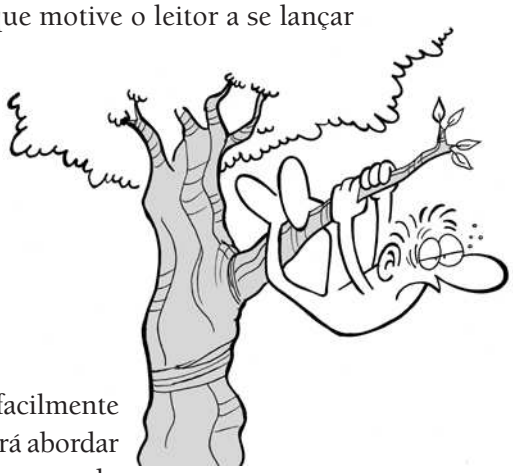

Soluções

Com o treinamento apropriado, você poderá facilmente dobrar ou triplicar sua velocidade, o que permitirá abordar um livro de trezentas páginas em um tempo bem menor do que o atualmente dispensado, usando menor energia e facilitando a manutenção da atenção.

A motivação para a leitura e a atenção dispensada à mesma estão diretamente ligadas ao interesse e à necessidade relacionada ao assunto que deve ser abordado.

Na atividade acadêmica ou na preparação para um concurso, quando um assunto não é de grande interesse, uma simples preocupação pode ocasionar divagações.

Quando o leitor não preestabelece um motivo ou finalidade para a leitura, fica mais difícil assumir uma atitude mental favorável, o que facilita a ocorrência da descon-centração.

Quando, erroneamente, se fala em "motivar alguém", na verdade isto quer dizer fornecer **estímulo ou incentivo** para que esta pessoa ***se motive*** a empreender uma ação.

[5] Chato mesmo é ler sem aprender, ou não ler e deixar o mundo passar sem crescer pessoal e profissionalmente.

Estimulação - ato de *estimular*

Estimular - dar um *motivo* a alguém fazer algo

Motivo - *a razão pela qual* se faz alguma coisa

Se existe o motivo, pode então existir estímulo para que se descubram mecanismos capazes de satisfazê-lo.

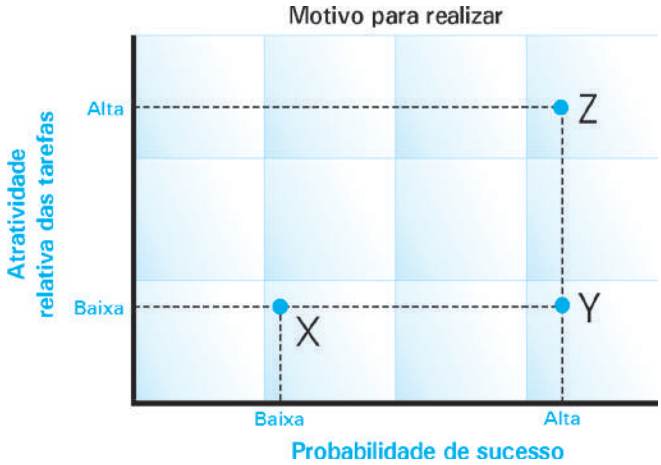

O motivo para realizar é pequeno:

X) quando o interesse e/ou a probabilidade de sucesso são pequenos.

Y) quando o interesse é pequeno e a probabilidade de sucesso é muito alta, eliminando o desafio pela certeza de sucesso. De vez em quando, o time melhor perde o jogo para o time mais fraco por causa disto.

O motivo para realizar é grande:

Z) quando o interesse é grande e a probabilidade de sucesso é suficientemente alta e condizente com o desafio.

Despertando o interesse

É necessário desenvolver a concentração pelo emprego de meios capazes de fixar a atenção. Podemos facilmente dirigir a atenção para determinado assunto, porém só o interesse é capaz de mantê-la.

É muito mais fácil nos concentrarmos naquilo em que estamos interessados. Por vezes, não percebemos o tempo passar, nem o que ocorre à nossa volta.

A grande questão é:

Como estimular o interesse das pessoas que precisam ler e estudar?

Como enfrentar o desafio de ser bem-sucedido quando nem tudo consegue, por si só, despertar o interesse?

A resposta está em você se programar para ler o assunto. Você **cria um foco** quando estrutura um alvo a ser atingido e fornece o estímulo para gerar uma predisposição favorável à abordagem do material.

O estímulo é o que incentiva alguém a fazer alguma coisa. Para você estar estimulado, é preciso de motivos. Existem duas formas que podem estimular o ser humano:

1ª Conseguir o que quer

Exemplos:

- Ler com mais efetividade
- Passar em um concurso
- Sentir-se seguro
- Estar realizado pessoal e profissionalmente
- Ser feliz

2ª Evitar o que não quer

Exemplos:

- Ser explorado
- Ter um futuro incerto
- Fazer o que não gosta
- Não fazer o que gosta
- Ser infeliz

O **estímulo** vai surgir quando você comparar o que **quer** com o que **não quer**, o que **tem agora** com o que **quer ter** ou **não quer ter** daqui a tanto tempo.

Você ficará mais estimulado, interessado e motivado se decidir parar para pensar nos seus objetivos.

Tanto na vida como na leitura, é preciso definir um objetivo, um foco, para que exista um motivo que aja como um estímulo para despertar o interesse.

Estabelecer um foco na leitura é um auxílio direto à concentração, tendo em vista que **não existem textos essencialmente interessantes**, dado que o assunto que agrada a um necessariamente não agrada a outro.

Existem, em contrapartida, leitores interessados, e estes, alavancados pela motivação, têm maiores chances de obter concentração e sucesso na leitura.

Porém, se o seu objetivo não é obter concentração....

Dicas para usar o livro como um poderoso sonífero:

- Escolha um lugar bem confortável e aconchegante, de preferência a cama.
- Ligue um abajur de cabeceira, certifique-se de que a iluminação é deficiente e procure relaxar ao máximo.
- Selecione um livro com um assunto pelo qual você não tem o menor interesse, com um assunto extremamente complexo e maçante, preferencialmente sem ilustrações, com letras mínimas e linhas bem próximas, e, se possível, com mais de seiscentas páginas.
- Abdique de qualquer objetivo para a leitura e leia por ler.
- Durante a leitura, pense em todos os prazeres que você poderá estar tendo, ao invés de ler. Pense nisso várias vezes.
- Finalmente, aproveite os benefícios de um sono profundo e revigorante.

Mas se o que você precisa é de uma leitura rápida e efetiva, então comece...

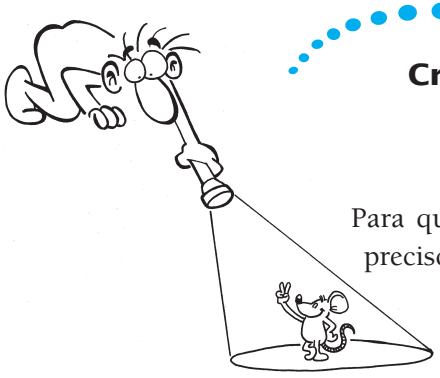

Criando um foco

Para que você possa manter a concentração na leitura, é preciso descobrir o **motivo** e definir o seu foco.

Criar um foco é ter uma finalidade predefinida para o assunto a ser abordado.

Você pode ler um livro tendo como foco a cronologia dos acontecimentos, buscando os fatos que apóiam determinada teoria, fundamentos de uma doutrina etc.

Você é quem cria o foco e ilumina o objeto de leitura quando faz a antecipação de uma utilização prática ou de uma necessidade futura dos conhecimentos a serem lidos e estudados.

O foco fornece o impulso ou o estímulo para a ação e dirige o processo, conservando a mente voltada para aquele objetivo, até que ele seja atingido, ou melhor, gere a ***concentração.***

Faça a estruturação do foco visualizando seu objetivo e estruturando suas metas.

Os objetivos (o que se quer atingir)

Você cria seus objetivos para a leitura quando define o que pretende alcançar, como, por exemplo, ler o Código Penal para posteriormente fazer um fichamento.

As metas (quando e como atingir os objetivos)

Estruture suas metas, definindo quando e como atingir o objetivo e viabilizando as etapas para a execução da tarefa.

Exemplo:

Objetivo – estudar o Código Penal.

Meta – fazer a abordagem do Código Penal no período de vinte dias, utilizando a parte da manhã para a leitura e o final da tarde para o fichamento.

A pré-estipulação dos objetivos na leitura

Com uma avaliação prévia do texto, você consegue fazer a determinação dos objetivos com grande facilidade e economia de tempo, evitando assim as divagações que normalmente acontecem.

Na terceira etapa, que trata da pré-leitura, será apresentada a técnica de ***leitura exploratória***, que permitirá a determinação do foco.

A velocidade na leitura

A velocidade na leitura também influencia no direcionamento e manutenção da atenção.

A velocidade em Leitura Dinâmica é um conceito relativo, pois varia com o tipo de assunto abordado e o propósito do leitor.

A leitura de um texto jurídico, certamente, exigirá menor rapidez do que a leitura de uma notícia jornalística.

Existem aqueles que leem tão lentamente que ao chegarem no final de uma página não conseguem mais recordar o início da mesma.

Quando o processo se realiza lentamente, a percepção periférica aumenta. Isto quer dizer que os ruídos, a movimentação e demais interferências acabam desviando a atenção do leitor da sua linha de raciocínio.

É neste momento que normalmente surge a pergunta: "Onde é que eu estava mesmo?". Na verdade, o leitor "não estava"; os olhos percorriam o texto, porém a mente divagava.

Resultado: o leitor precisa sistematicamente retroceder no texto para poder compreendê-lo, o que gera fadiga e, por vezes, desinteresse.

Com o **foco** estabelecido e a aplicação de um ritmo adequado, existe a ativação dos mecanismos do interesse e da atenção, direcionando o leitor para o texto.

Desta maneira, cria-se um "**ambiente estanque**", que minimiza as interferências externas, permitindo que se leia com concentração mesmo em locais onde não exista a condição de isolamento.

Quando o **nível de concentração** no texto é elevado, conseguimos suprimir até mesmo sons e ruídos que normalmente estariam desviando a nossa atenção ou interrompendo a leitura, como o som de um telefone tocando ou o ruído de uma cadeira sendo arrastada.

Problema
Estresse/Distresse

Quando se fala em estudo, admite-se que a palavra "ESTRESSE" já esteja ali embutida. Segundo Hans Selye, o criador do termo, estresse é a resposta não específica do organismo a uma demanda específica que lhe seja feita.

O estresse pode ser definido de forma mais fácil como o conjunto de reações adaptativas que atuam conjuntamente na natureza física e psíquica do homem.

O estresse em níveis ideais exerce uma ação positiva: funciona como um motivador, definido como o *sal da vida,* ativando um estado de prontidão, podendo ser chamado de "EUTRESSE" (EU, do grego BOM) ou bom estresse. O indivíduo, diante de determinado estímulo que provoca uma reação sobre o corpo, libera na corrente sanguínea uma série de hormônios, entre eles, a adrenalina, deixando-o pronto para a ação.

Os problemas começam a ocorrer quando o estresse atinge níveis elevados e se torna crônico, podendo ser chamado de "DISTRESSE" (DIS, do grego ROMPER) ou mau estresse, desencadeando uma série de consequências negativas para o bem-estar e a saúde.

Do ponto de vista do rendimento no estudo, o "DISTRESSE" pode significar: perda da criatividade, distúrbios da memória, desinteresse pelo desafio, distúrbios do sono, aumento da irritabilidade, sentimento de exaustão, distúrbios gastrointestinais, cefaleias, úlceras, enfartos etc.

O estresse pode ser induzido emocionalmente, pois não está diretamente ligado à situação-problema, mas, sim, à forma como interpretamos e reagimos a esta situação.

Há aqueles que estressam-se só em ver a quantidade de assuntos a serem lidos, imaginando a dificuldade que enfrentarão para que os mesmos sejam abordados, compreendidos e memorizados.

É importante perceber que a real causa do estresse não é o volume do material a ser abordado, mas, sim fatores como o posicionamento mental assumido diante do desafio e do nível de habilidade em lidar com a tarefa.

Estressar-se ou não? Eis a questão!

Imaginemos dois candidatos disputando uma vaga em um concurso público que decidam se preparar para os exames e estejam submetidos a pressões cotidianas idênticas, porém com níveis de habilidade na leitura diferenciados.

Caso A

O primeiro aborda o material e tem pouca velocidade, sente dificuldade em manter-se concentrado, ocasionalmente salta para uma linha errada e regride constantemente.

Anota tudo durante a leitura e percebe que a interrompeu demais e que não compreendeu bem o texto. Volta então e relê, notando que algumas partes não eram realmente importantes, mas já perdeu tempo.

Diante de todas as dificuldades enfrentadas, sente-se fatigado, fica preocupado com o desafio assumido e acaba subestimando sua capacidade. Existem aqueles que desistem. (fig. nº 1)

Resultado: cansaço, angústia, sentimento de fracasso, desmotivação e, consequentemente, estresse.

Caso B

O segundo aborda o material com um satisfatório controle da movimentação ocular, adequando e variando o ritmo, conservando a mente absorvida no texto e direcionada pelos objetivos.

Com o texto compreendido, analisa e avalia as partes essenciais e as anota ou esquematiza, favorecendo uma revisão futura e o processo de memorização. Motivado pelos resultados, persegue o objetivo acreditando no sucesso. (fig. nº 2)

Resultado: satisfação, estímulo renovado, motivação e crescimento contínuo.

Conclusão: o estresse não é resultado somente das pressões a que estamos submetidos, mas sim da forma como conseguimos lidar com estas pressões. A mesma condição que estressa o candidato número 1 traz satisfação pessoal ao candidato número 2.

Considerando um mesmo processo, podemos analisar duas situações diferentes:

Aumentando o seu nível de habilidade, você poderá assumir maiores desafios sem ficar estressado.

Considerando um mesmo processo, podemos analisar duas situações diferentes:

Fig. nº 1

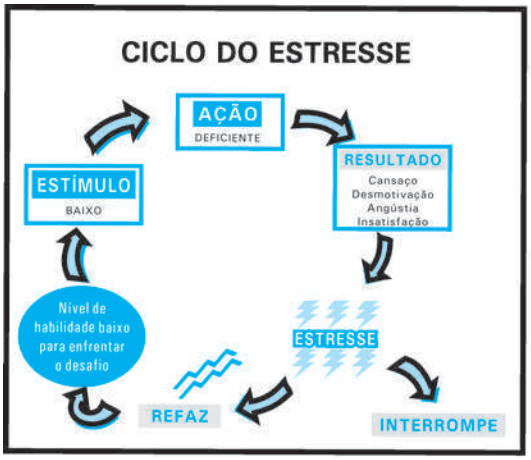

Fig. nº 2

Aumentando o seu nível de habilidade, você poderá assumir maiores desafios sem ficar estressado.

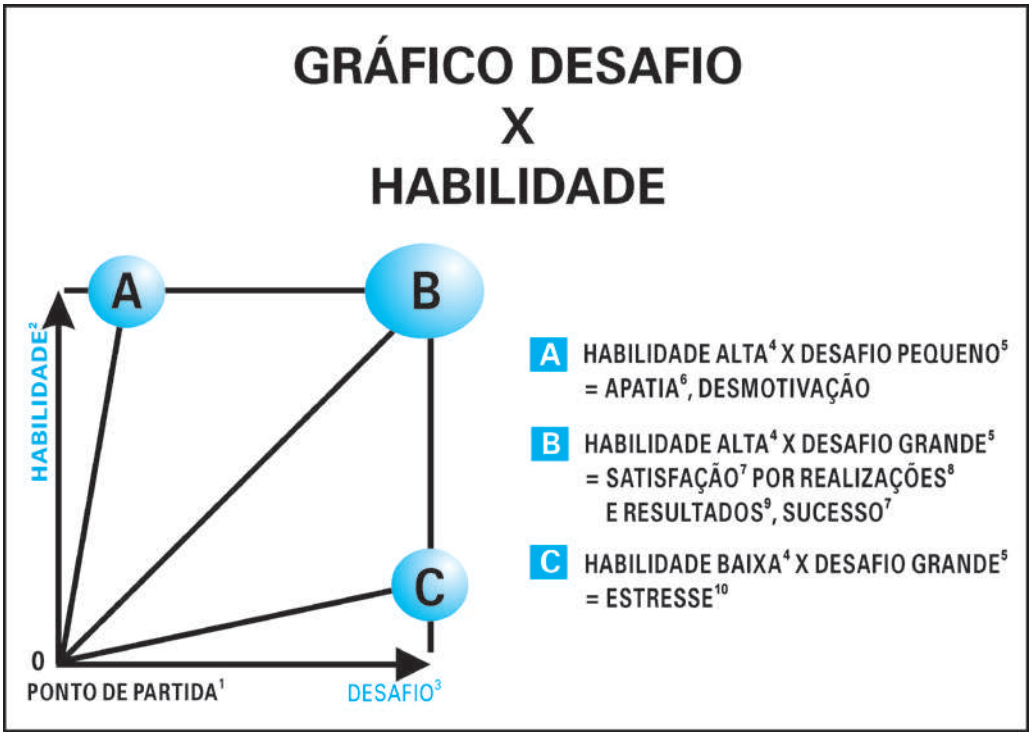

OBSERVAÇÕES

Os conceitos citados a seguir foram elaborados pelos autores, adequando a sua aplicação a esta obra.

1 PONTO DE PARTIDA. Com exceção do dom e do talento, que são inatos, todos nós começamos a vida com desafios e pouca ou nenhuma habilidade para enfrentá-los. É no dia a dia que vamos construindo uma coisa e outra. Não se preocupe com "onde você está", ocupe-se em decidir "qual a direção que irá tomar". Cada um tem o seu tempo de acontecer. Desenvolva e aproveite as suas habilidades para vencer seus desafios.

2 HABILIDADE. É a capacidade de resolver problemas. Ela é um conjunto de talento, conhecimento e prática. Qualquer pessoa pode desenvolver sua habilidade através destes três fatores.

3 DESAFIOS. São os objetivos, metas, problemas ou situações com que nos deparamos.

4 HABILIDADE ALTA OU BAIXA. É resultado da ação que o tempo e o esforço da pessoa produzem em cada um dos aspectos anteriormente mencionados: dom, talento, conhecimento e prática. O ideal é possuir uma média destes três fatores, mas a pessoa pode compensar a falta de algum deles com o aperfeiçoamento dos demais. É importante notar que apenas o dom e o talento dependem da sorte de já se nascer com o pendor ou "jeito" para fazer alguma coisa. O conhecimento pode ser obtido por meio do estudo, das vivências, das experimentações práticas, com exercício e treino. Ou seja, a habilidade é fruto mais do esforço e dedicação do que de qualquer outra coisa.

5 DESAFIOS GRANDES E PEQUENOS. O tamanho do desafio depende do nível de habilidade daquele que o enfrenta. Quando o nível de habilidade é crescente, parece que o desafio vai ficando cada vez menor. Os investimentos feitos para o desenvolvimento das habilidades aumentam a predisposição e a segurança para enfrentar desafios.

6 A APATIA. Como já dissemos, faz o time grande perder para o pequeno. É como jogar só pelo empate e tomar um gol aos 44 minutos do 2º tempo. Não desperdice oportunidades. Não "entre em campo" só para "cumprir tabela". Se é para fazer, faça bem-feito. Se não valer a pena, vá ao cinema.

7 A SATISFAÇÃO. É a consequência do atingimento de objetivos e metas, assim como a superação de desafios e o desenvolvimento obtidos com a utilização das próprias habilidades. Não confundir esta ideia com a de SUCESSO. A satisfação tem a ver com o sucesso, mas este não para por aí. O sucesso deve ser complementado com alegria, humildade e novos projetos. Também é importante saber que o sucesso real não é um destino determinado, mas uma jornada feliz, plena.

8 AS REALIZAÇÕES. São momentos da vida. Devemos aprender a aprender com nossas vitórias e derrotas. Devemos nos alegrar com nossas realizações, mas sem gerar acomodação. Devemos seguir em frente, com humildade e fé.

9 OS RESULTADOS. Chegam sempre mais cedo ou mais tarde, desde que você faça por onde. A Bíblia diz: "Tudo que o homem semear, isso também colherá." Você é livre para escolher o que vai plantar, mas sempre vai colher aquilo que está plantando. Aliás, por falar no assunto, o que você tem plantado?

10 O ESTRESSE. Apenas atrapalha sua vida. Por isso, deve ser controlado. O estresse nasce com a má administração dos desafios e das habilidades, e com a falta de organização e/ou a má administração do tempo.

Sr. ESTRESSE*

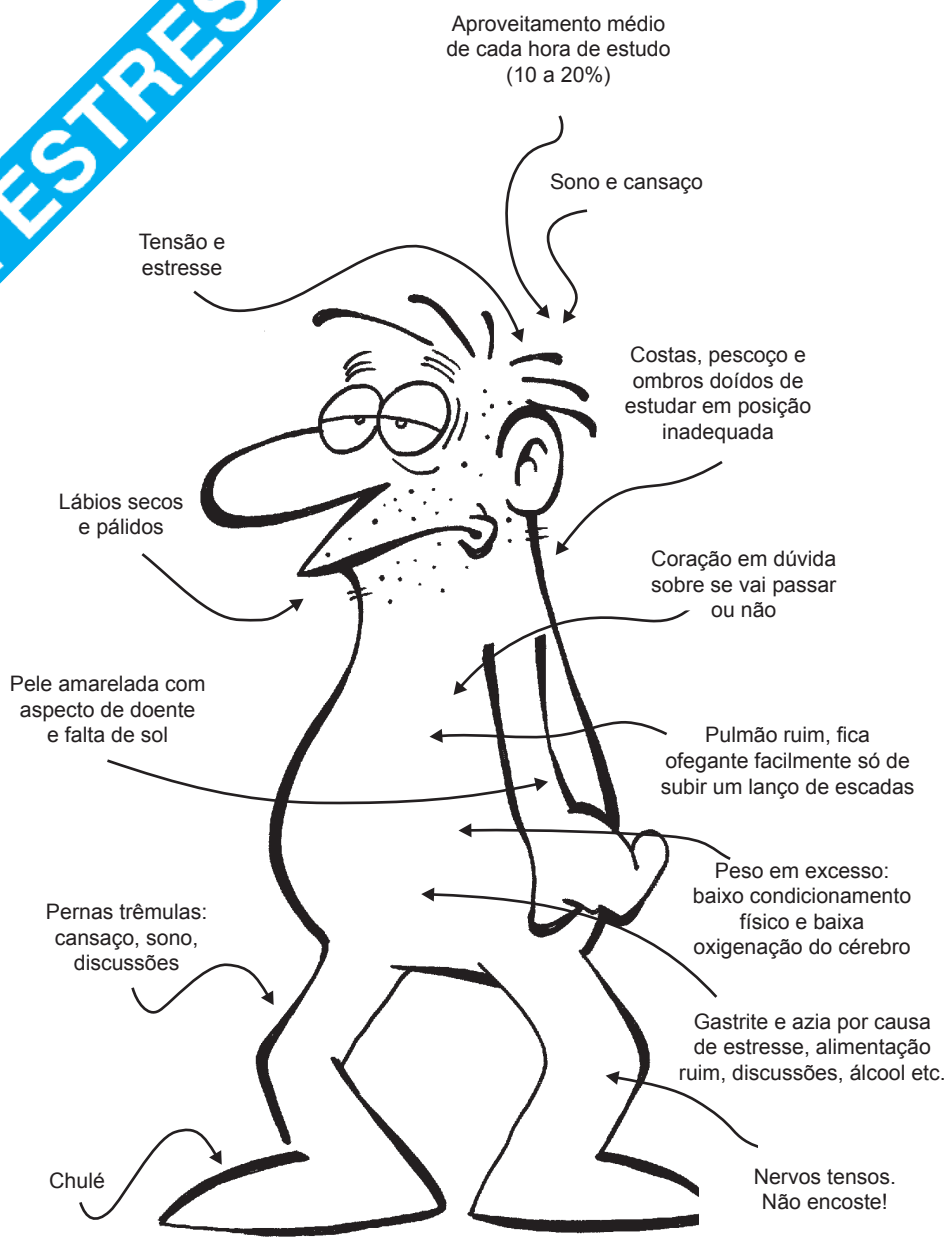

CONSIDERA OS DESAFIOS DESAGRADÁVEIS / AMEAÇAS
(Estresse, tensão, medo, "branco", ansiedade)

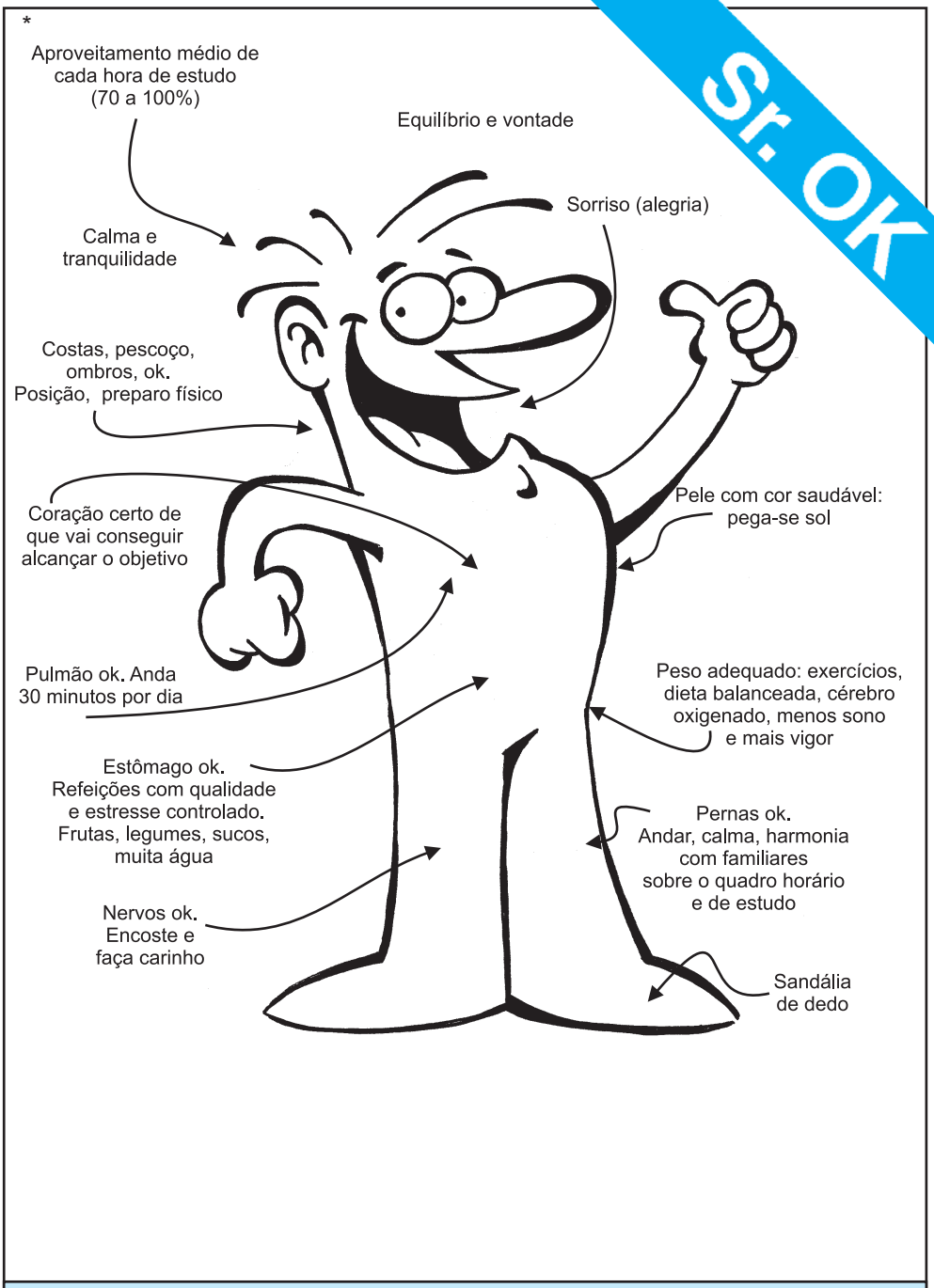

Sr. OK

CONSIDERA OS DESAFIOS AGRADÁVEIS / OPORTUNIDADES
(Prazer, calma, tranquilidade, autocontrole)

* Extraído do livro *Como Passar em Provas e Concursos*, de William Douglas.

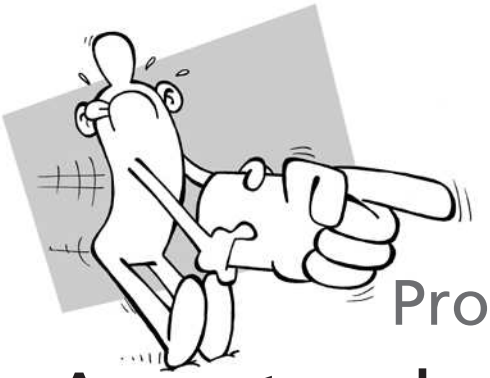

Problema

Apontar durante a leitura

Acompanhar a abordagem do texto com os dedos ou utilizar apoios mecânicos, como caneta ou régua durante a leitura, pode causar a sensação de conforto. É por esse motivo que acabamos deixando de perceber e analisar as consequências.

A utilização de recursos mecânicos na realização da leitura acaba reduzindo a velocidade e parcelando a apreensão do conteúdo.[6]

Causas

O hábito de apontar, utilizando os dedos ou a caneta, muitas vezes tem origem no medo de saltar para a linha errada, consequência de movimentos oculares imprecisos ou da dificuldade de fixar a atenção.

Soluções

O hábito de apontar age como um par de muletas para um indivíduo que pode caminhar perfeitamente.

Em outras palavras, o artifício que deveria ajudar, acaba dificultando a realização da leitura.

A dica prática para evitar que o apontar ocorra é formar o hábito de segurar o material a ser lido, garantindo um posicionamento mais confortável do que se encurvar sobre o texto para obter a distância adequada para a leitura.

[6] Existem diferentes correntes de leitura Dinâmica. Algumas adotam o movimento da mão para a sua realização.

Problema

O grifo durante a leitura

Quanto ao grifo, é interessante refletir sobre a sua utilidade e o modo de realizá-lo.

Ter a caneta ou o lápis na mão durante a leitura é um convite irresistível para que você grife, de imediato, tudo aquilo que pareça importante, seja importante ou não, interrompendo a linha de raciocínio e correndo o risco de terminar com a página toda grifada.

Causas

Quando o grifo é orientado pelo hábito, ele tende a ocorrer ao mesmo tempo em que se lê, dando a sensação de que está se fazendo uma grande economia de tempo.

Outras vezes, o grifo é motivado pelo medo de esquecer partes importantes, levando o leitor a marcar o texto compulsivamente.

Soluções

Só comece a grifar quando tiver certeza do que deve ser ressaltado.

O grifo não deve ser realizado durante a primeira leitura, pela seguinte razão:

Análise do grifo
Função: Dar destaque **Objetivo do destaque:** Pontos considerados importantes a serem memorizados ou revisados, auxiliar a síntese etc. **Conclusão:** Para que você tenha a real identificação das partes mais importantes, faz-se necessária uma abordagem inicial global e compreensiva do conteúdo para que se defina o que é principal e o que é acessório. Em seguida, você poderá realizar o grifo de forma segura, rápida e objetiva.

Que negócio é este de não grifar na PRIMEIRA, mas sim na SEGUNDA leitura?

Nem sempre o melhor caminho entre dois pontos é uma linha reta. Às vezes, os aviões fazem curvas na rota para, aproveitando o vento, economizar combustível e chegar mais rápido ao destino. A natureza nos ensina isto. Você já viu um rio em linha reta?

Às vezes, pensamos que ler um texto mais de uma vez é perda de tempo. Contudo, é importante atentar para a relação entre tempo utilizado e percentual de captação.

Por isso, na leitura, vale a pena fazer inicialmente uma pré-leitura, para que você se situe no assunto que será abordado; uma leitura integral e compreensiva, para que você compreenda o texto e identifique as partes que devem ser grifadas; e, com base nos grifos realizados, uma pós-leitura para fixação das informações em destaque.

Dicas práticas

A) Evite grifar períodos muito longos. Como sugestão, você poderá usar uma chave para chamar a atenção dos trechos que considerar mais importantes.

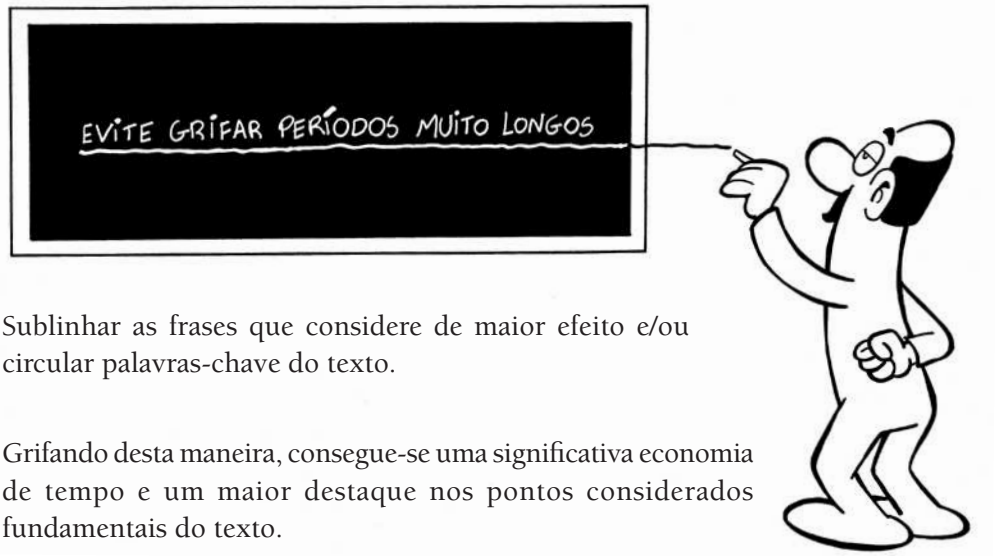

B) Sublinhar as frases que considere de maior efeito e/ou circular palavras-chave do texto.

Grifando desta maneira, consegue-se uma significativa economia de tempo e um maior destaque nos pontos considerados fundamentais do texto.

A figura A mostra um texto onde o leitor grifou o trecho selecionado quase integralmente.

Na figura B, o grifo assume um aspecto onde facilmente pode ser distinguido o trecho a que se quer dar destaque (assinalado com a chave), as frases de efeito (sublinhadas) e as palavras-chave circuladas.

Fig. A

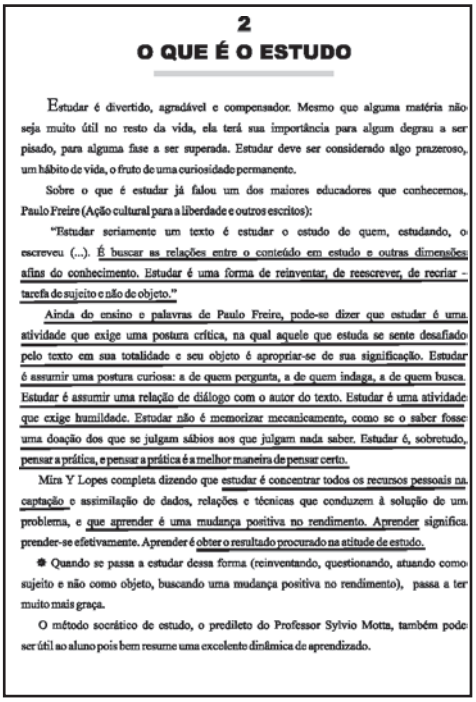

2

O QUE É O ESTUDO

Estudar é divertido, agradável e compensador. Mesmo que alguma matéria não seja muito útil no resto da vida, ela terá sua importância para algum degrau a ser pisado, para alguma fase a ser superada. Estudar deve ser considerado algo prazeroso, um hábito de vida, o fruto de uma curiosidade permanente.

Sobre o que é estudar já falou um dos maiores educadores que conhecemos, Paulo Freire (Ação cultural para a liberdade e outros escritos):

"Estudar seriamente um texto é estudar o estudo de quem, estudando, o escreveu (...). É buscar as relações entre o conteúdo em estudo e outras dimensões afins do conhecimento. Estudar é uma forma de reinventar, de reescrever, de recriar – tarefa de sujeito e não de objeto."

Ainda do ensino e palavras de Paulo Freire, pode-se dizer que estudar é uma atividade que exige uma postura crítica, na qual aquele que estuda se sente desafiado pelo texto em sua totalidade e seu objeto é apropriar-se de sua significação. Estudar é assumir uma postura curiosa: a de quem pergunta, a de quem indaga, a de quem busca. Estudar é assumir uma relação de diálogo com o autor do texto. Estudar é uma atividade que exige humildade. Estudar não é memorizar mecanicamente, como se o saber fosse uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Estudar é, sobretudo, pensar a prática, e pensar a prática é a melhor maneira de pensar certo.

Mira Y Lopes completa dizendo que estudar é concentrar todos os recursos pessoais na captação e assimilação de dados, relações e técnicas que conduzem à solução de um problema, e que aprender é uma mudança positiva no rendimento. Aprender significa prender-se efetivamente. Aprender é obter o resultado procurado na atitude de estudo.

❁ Quando se passa a estudar dessa forma (reinventando, questionando, atuando como sujeito e não como objeto, buscando uma mudança positiva no rendimento), passa a ter muito mais graça.

O método socrático de estudo, o predileto do Professor Sylvio Motta, também pode ser útil ao aluno pois bem resume uma excelente dinâmica de aprendizado.

Fig. B

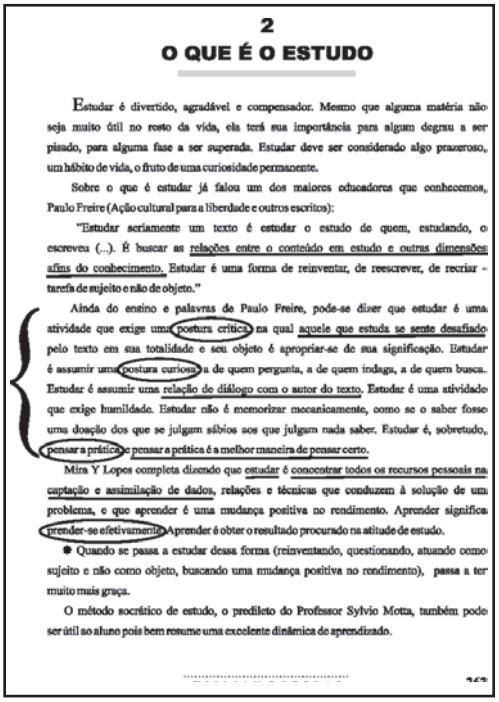

2

O QUE É O ESTUDO

Estudar é divertido, agradável e compensador. Mesmo que alguma matéria não seja muito útil no resto da vida, ela terá sua importância para algum degrau a ser pisado, para alguma fase a ser superada. Estudar deve ser considerado algo prazeroso, um hábito de vida, o fruto de uma curiosidade permanente.

Sobre o que é estudar já falou um dos maiores educadores que conhecemos, Paulo Freire (Ação cultural para a liberdade e outros escritos):

"Estudar seriamente um texto é estudar o estudo de quem, estudando, o escreveu (...). É buscar as relações entre o conteúdo em estudo e outras dimensões afins do conhecimento. Estudar é uma forma de reinventar, de reescrever, de recriar – tarefa de sujeito e não de objeto."

Ainda do ensino e palavras de Paulo Freire, pode-se dizer que estudar é uma atividade que exige uma postura crítica, na qual aquele que estuda se sente desafiado pelo texto em sua totalidade e seu objeto é apropriar-se de sua significação. Estudar é assumir uma postura curiosa: a de quem pergunta, a de quem indaga, a de quem busca. Estudar é assumir uma relação de diálogo com o autor do texto. Estudar é uma atividade que exige humildade. Estudar não é memorizar mecanicamente, como se o saber fosse uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Estudar é, sobretudo, pensar a prática, e pensar a prática é a melhor maneira de pensar certo.

Mira Y Lopes completa dizendo que estudar é concentrar todos os recursos pessoais na captação e assimilação de dados, relações e técnicas que conduzem à solução de um problema, e que aprender é uma mudança positiva no rendimento. Aprender significa prender-se efetivamente. Aprender é obter o resultado procurado na atitude de estudo.

❁ Quando se passa a estudar dessa forma (reinventando, questionando, atuando como sujeito e não como objeto, buscando uma mudança positiva no rendimento), passa a ter muito mais graça.

O método socrático de estudo, o predileto do Professor Sylvio Motta, também pode ser útil ao aluno pois bem resume uma excelente dinâmica de aprendizado.

Esta prática torna o resgate posterior das informações mais fácil e preciso.

Dicas práticas

Problema

Acompanhar a leitura com a cabeça

Movimentar a cabeça lateralmente durante a leitura torna a captação dos símbolos gráficos tão imprecisa quanto tirar fotografias num movimento de balanço.

O movimento lateral da cabeça dificulta o controle dos movimentos oculares, ocasionando o salto para a linha errada, interrompendo a linha de raciocínio e forçando o leitor a fazer uma regressão.

Causas

As primeiras investigações que relacionam o funcionamento dos olhos e a qualidade da leitura datam da primeira metade do século XIX.

E. Javal (1879), Landolt (1891), Lamarre (1893), Ahrens (1894) e Erdmann e Dodger (1898) mostraram que, ao contrário do que se imagina, a captação não é feita durante todo o tempo em que os olhos "deslizam" sobre o impresso. O que ocorre na verdade é uma sucessão de saltos e fixações que encadeiam uma sucessão de imagens num ritmo regular, dando a sensação de um "**deslizar**" contínuo.

Por volta de 1930, os pesquisadores começaram a fazer o registro das diferenças dos movimentos dos olhos dos bons e dos maus leitores, pesquisando como se relacionavam com os mecanismos da compreensão e fixação de informações.

Por volta de 1940, começou a ser estabelecida uma possibilidade de treinamento.

Os movimentos oculares realizados durante a leitura podem ser de origem voluntária, podendo ser observados e controlados; ou involuntários, descobertos por Lockard e Fozard, em 1956, de alta frequência, irregulares, bruscos e curtos, provocados por cintilação.

Somente durante **fixações** ou **pausas oculares** a imagem fica projetada de forma estacionária sobre a retina, sendo enviada até o cérebro para que seja processada.

O esquema a seguir representa os movimentos realizados na leitura:

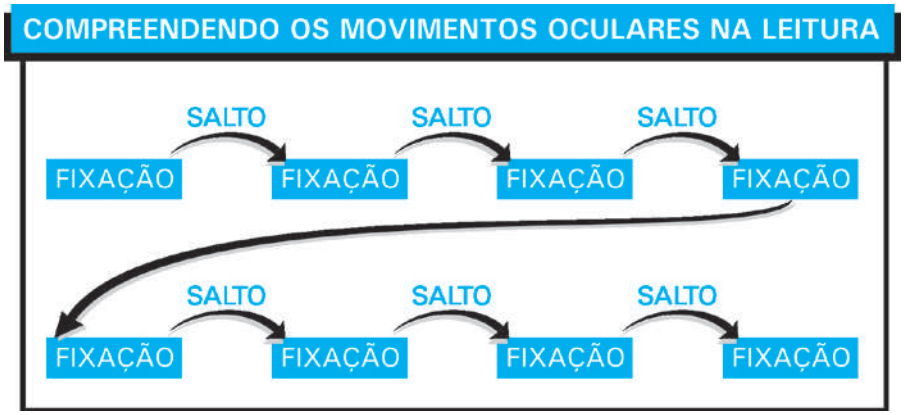

Quando a cabeça se movimenta paralelamente aos olhos, o somatório de todos esses movimentos dificulta a realização de uma pausa ocular precisa, comprometendo assim a leitura.

Reflita agora sobre as ocasiões em que você usa unicamente o movimento dos olhos...

Conseguiu identificar?

Dificilmente você movimentaria unicamente os olhos para ver o último andar de um arranha-céu ou uma moeda caída no chão.

A cabeça tende a acompanhar o direcionamento dos olhos, deixando de exercitar a musculatura responsável por este tipo de movimento.

O movimento da cabeça durante a leitura normalmente surge de uma tendência natural de compensar o movimento lateral dos olhos, causando saltos para uma linha errada e regressões.

Soluções

É importante melhorar a sua habilidade visomotora. Fixando a cabeça e exercitando adequadamente a musculatura ocular, você poderá realizar a leitura com maior precisão. Além disso, você estará trabalhando o seu campo visual e aumentando o seu nível de consciência e atenção para a correção do problema.

Com os exercícios propostos na terceira etapa, você estará "amaciando" esta musculatura, adaptando-a às novas condições de leitura.

"Mais valem os desacertos do intento que as certezas da inércia"

Pe. Antonio Vieira

O problema

A regressão involuntária na leitura

É bastante comum regredir durante a leitura. Algumas vezes, podemos dizer até que é imprescindível.

O problema não está em voltar para recordar uma parte esquecida do texto ou rever um capítulo interessante. O que realmente ocasiona incômodos é a regressão como hábito.

Quando este hábito transforma-se em um vício, começa a ocorrer espontaneamente e passa a não ser mais controlado pelo seu nível consciente. Consequentemente, o motivo da regressão deixa de ser analisado.

O resultado de repetidas regressões é o parcelamento da linha de raciocínio, que prejudica a compreensão e retenção do texto lido, ocasionando ainda um desperdício do precioso tempo disponível para a leitura e causando desmotivação ou desinteresse.

Causas

As regressões podem ocorrer por múltiplas causas:

- **Desconcentração** – gerando a pergunta: "Onde eu estava mesmo?"
  Resposta: "Eu não estava" (obrigando o leitor a reler o texto).
- **Salto para linha errada** – obriga o leitor a regredir para retomar a linha de raciocínio.
- **Vocabulário deficiente** – o vocabulário pobre induz o leitor a regredir sempre que se depara com um termo desconhecido.
- **Visualização deficiente** – a regressão pode ocorrer em função de deficiências visuais não corrigidas, dificultando a percepção dos signos impressos.

Soluções

- Tenha o seu **propósito** de leitura claramente definido para facilitar a concentração.
- **Segure o texto** para facilitar a visualização, evitando o salto para uma linha errada.

- Diversifique a sua leitura, procurando abordar assuntos variados para enriquecer seu **vocabulário**.
- Evite interromper a leitura para **consultar o dicionário** cada vez que encontrar uma palavra desconhecida.

Prossiga na leitura, pois quando um autor introduz um termo novo normalmente explica em seguida o seu significado. Além disso, muitas vezes, o próprio contexto fornece condições de identificar o termo desconhecido, mas sem interromper sistematicamente a sua linha de raciocínio.

Caso você tenha prosseguido e mesmo assim não tenha conseguido identificar o significado de determinada palavra, agora, sim, com a visão macro do texto, você deve consultar o dicionário e verificar a definição que mais se adequa ao contexto apresentado.

- Verifique se a sua **acuidade visual** está perfeita consultando um oftalmologista.
- Execute com afinco os **exercícios oculares** propostos e cuide para que a ocorrência da regressão esteja sob domínio.

"O mundo abre passagem ao homem que sabe para onde está indo"

Ralph Waldo Emerson

Problema
A vocalização

Acompanhar a leitura com o movimento de lábios e da língua, a vibração das cordas vocais ou a repetição oral daquilo que é lido funciona como dirigir um carro com o freio de mão puxado.

Podemos ler tão rápido quanto os olhos conseguem captar e o cérebro pode processar as informações.

Quando ocorre a vocalização, a velocidade tem o seu limite estabelecido pela capacidade de reprodução oral das palavras que compõem o texto (normalmente 50 a 100 palavras por minuto).

Causas

O processo de leitura, muitas vezes, funciona com base silábica. Nesse caso, o sentido das palavras se estabelece pelo encadeamento de sílabas, o sentido das frases pelo encadeamento de palavras e o sentido do texto pelo encadeamento de frases.

O condicionamento a uma leitura processada lentamente contribui também para que ocorra a verbalização.

O fato de que em muitas salas ensina-se a ler falando, associado às constantes avaliações da leitura que são feitas em voz alta, pode criar um condicionamento que influencia na formação deste vício.

Soluções

- Inicialmente, perceba se você realmente possui o vício. Neste caso, faça um investimento pessoal no treinamento de velocidade, buscando uma captação menos parcelada dos elementos do texto.
- Preste atenção se movimenta os lábios e/ou vibra as cordas vocais durante a leitura.
- Caso o vício continue resistindo, experimente morder um lápis durante o treinamento para alterar gradativamente o padrão de movimentação labial.

Problema
A subvocalização

A subvocalização produz um efeito idêntico ao da vocalização. Reduz e limita a velocidade da leitura ao ritmo da recitação oral, porém não apresenta movimentação labial.

Todo o processo ocorre como uma "pequena voz" que acompanha mentalmente a leitura".

Quando fatores externos impelem o leitor a ler mais rapidamente, a "voz mental" não consegue acompanhar o ritmo, causando uma sensação de desconforto. Automaticamente, o ajuste é feito com a redução da velocidade.

Causas

A subvocalização, assim como a vocalização, teve como origem o processo de aprendizado da leitura, que fica reforçado pela prática de ler palavra por palavra, mesmo que silenciosamente.

Soluções

A subvocalização deixará de ser um fator limitador da velocidade de leitura a partir do momento em que a estimulação estabelecida pelos exercícios propostos eleve a velocidade de raciocínio, consolidando a chamada ***"relação olho-mente"***, na qual o hábito de associar "sons" às palavras visualizadas é eliminado.

Os exercícios que visam consolidar a relação olho-mente encontram-se na terceira etapa (relação estímulo x resposta).

Diagrama de Ishikawa ou de causa e efeito

O diagrama de causa e efeito (espinha de peixe) é desenhado para ilustrar, de forma clara e global, as várias causas que afetam um processo, facilitando a sua análise.

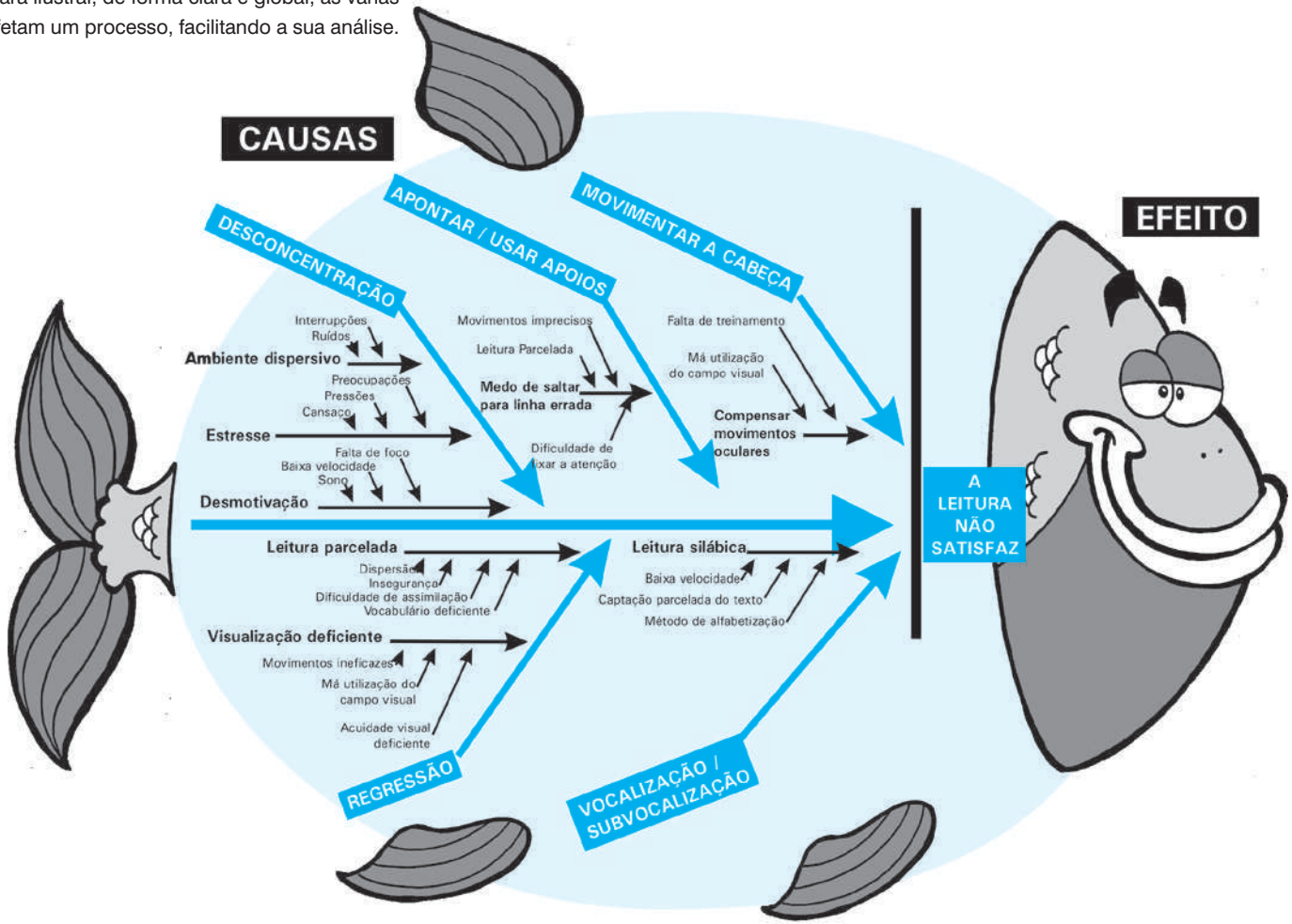

QUADRO-SÍNTESE DA SEGUNDA ETAPA

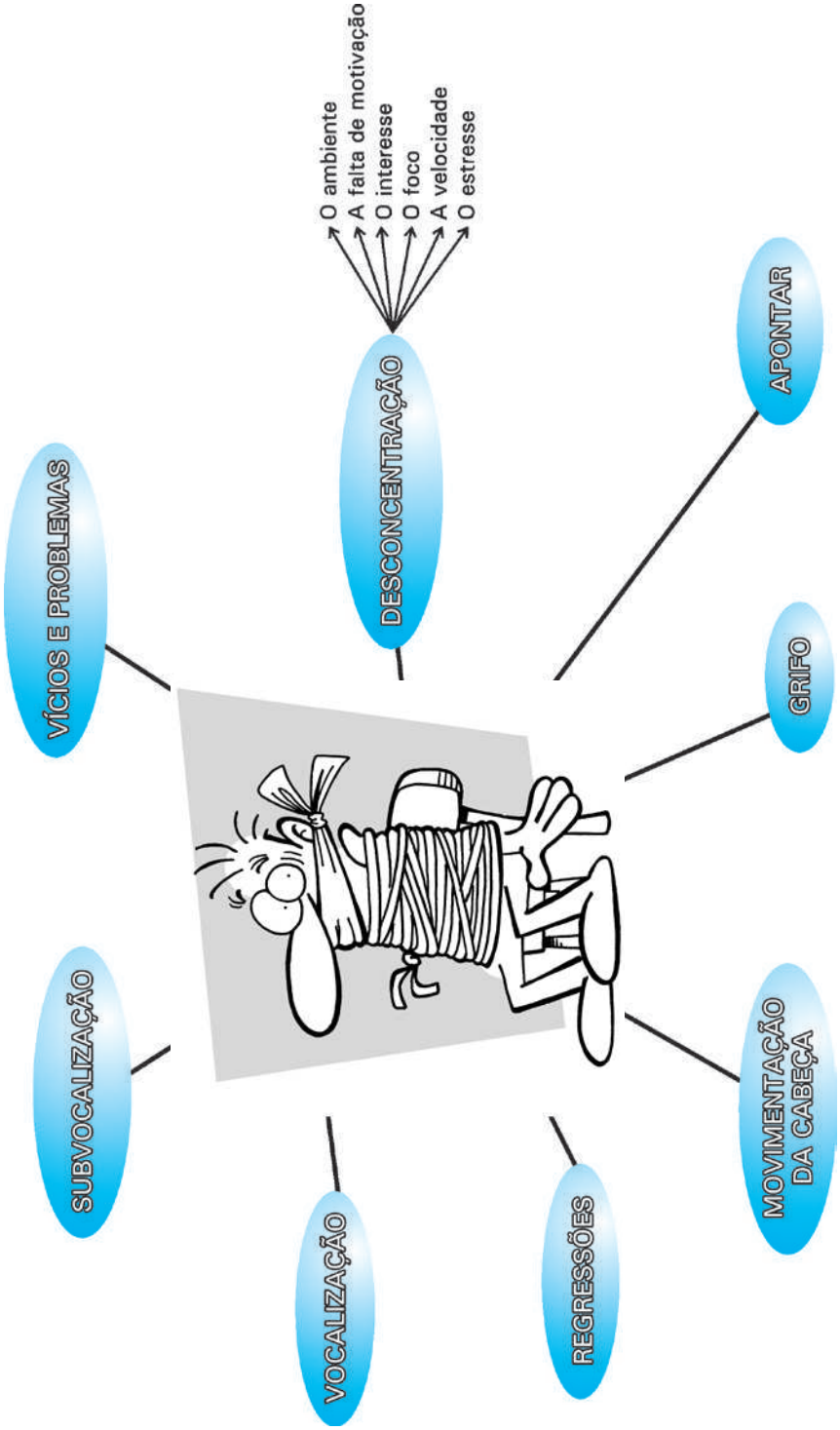

3

TERCEIRA ETAPA

Nesta etapa,
você estará aumentando a sua
velocidade, melhorando o seu
campo visual e aprendendo a pré-ler.

Capítulo

3

Alterando a relação estímulo-resposta

O cérebro e os estímulos

O **cérebro responde** de forma compatível aos estímulos que recebe. Se você, durante anos, vem lendo lentamente, os estímulos vêm sendo enviados para o cérebro em baixa velocidade, e este responde de forma igualmente lenta.

Na **leitura dinâmica**, os estímulos são enviados mais rapidamente para o cérebro, elevando a velocidade de raciocínio.

As leituras tradicional e dinâmica admitem uma faixa de variação de velocidade e de compreensão.

Para que você compreenda em que se baseiam os exercícios de velocidade, faremos a análise de diferentes situações.

Primeiramente, admite-se que a velocidade de leitura varia entre cinquenta e cento e cinquenta palavras lidas por minuto, com a compreensão variando entre 70% e 100%.

A região resultante destas variações é demonstrada na fig. nº 1, sendo chamada **de área de conforto**.

É na **área de conforto** que atuamos no nosso cotidiano, onde aceleramos a leitura quando o assunto é de fácil assimilação e reduzimos o ritmo quando o assunto abordado é mais complexo.

Chamaremos de velocidade de equilíbrio o nível de leitura em que se obtém o melhor rendimento (equilíbrio) entre rapidez da leitura e percentual de captação.

Cotidianamente, precisamos ajustar a **velocidade de leitura** à natureza do texto, mas não podemos abrir mão de uma boa compreensão. Por este motivo, acabamos limitados entre os "mínimos e máximos" de nossa área de conforto.

Se, experimentalmente, rompermos o limite mínimo de velocidade de leitura (fig. nº 1, ponto **x**), reduzindo-a ao extremo, a compreensão ficará prejudicada, pois a baixa velocidade poderá parcelar em demasia a visão do texto e tornar difícil a estruturação da linha de raciocínio, além de estarmos mais propensos à dispersão.

É claro que se estivermos meditando sobre o texto poderemos passar vários minutos relendo e pensando sobre uma frase, procurando entendê-la. Se a intenção é esta, não há qualquer problema.

Reflita sobre as vezes em que você leu *quase parando* ao lidar com um texto de difícil assimilação.

Em contrapartida, se rompermos o limite máximo de velocidade de leitura, acelerando-a ao extremo (fig. nº 1, ponto **y**), a compreensão também ficará prejudicada, pois estaremos visualizando mecanicamente informações, porém acima da nossa capacidade de raciocínio.

Reflita sobre as vezes em que você *disparou* ao olhar para o relógio, percebendo que o tempo limite para o término de uma leitura estava prestes a se esgotar.

É claro que o "ponto ótimo atual", ou velocidade de equilíbrio, pode ir aumentando à medida que você estuda e pratica a leitura dinâmica e efetiva.

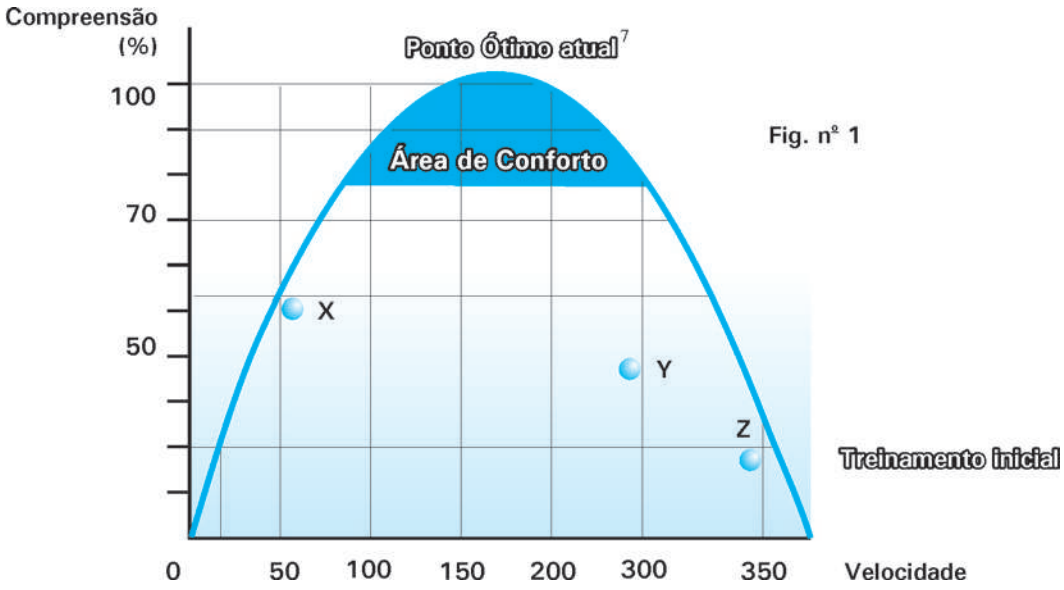

Fig. nº 1

O ponto ótimo é obtido quando na área de conforto estabelecem-se níveis superiores àqueles obtidos tradicionalmente (fig. nº 2, ponto **W**). Isto quer dizer, quando a velocidade de raciocínio permite ao leitor obter uma boa compreensão aplicando ritmo de leitura mais elevado. Repare que da fig. nº 1 para a fig. nº 2 a velocidade de leitura aumentou.

Exemplo: ler um livro a trezentas palavras por minuto, com 90% de compreensão, obtendo como resultado um rendimento três vezes superior ao seu nível tradicional. Desta maneira, os limites da área de conforto também ficam ampliados.

[7] Ou "Velocidade de Equilíbrio".

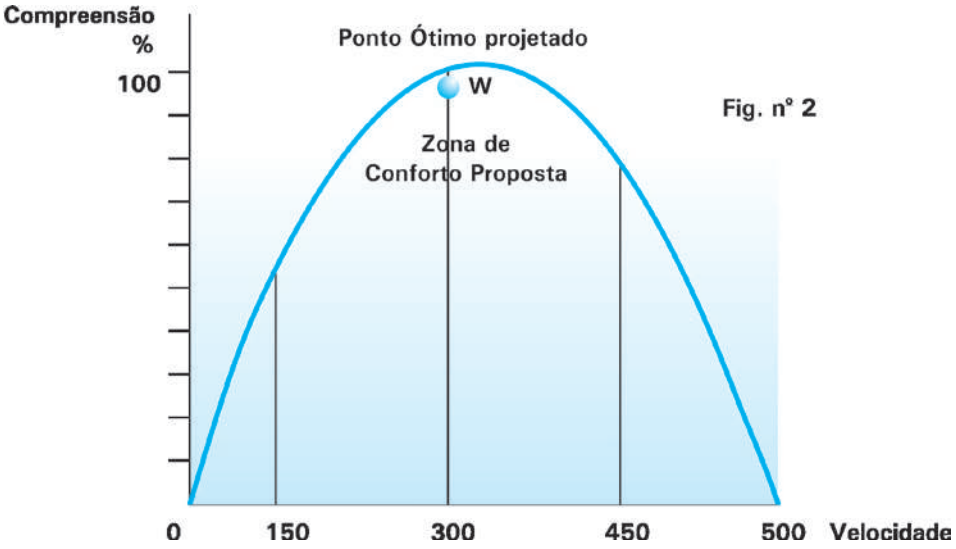

Para que o raciocínio se acelere, é preciso que a velocidade de captação (velocidade mecânica de leitura) seja mantida em níveis superiores à da velocidade de raciocínio, estimulando o cérebro a reagir mais rapidamente.

Isso significa que **inicialmente**, **e em regime de treinamento inicial**, estaremos trabalhando em alta velocidade de leitura, deixando a compreensão em segundo plano, representada pelo ponto Z da fig. nº 1.

A captação será estimulada pelos exercícios práticos de velocidade. Simultaneamente, estaremos estabelecendo a substituição de vícios de leitura por práticas de leitura estruturadas.

No momento em que iniciar o treinamento, a alteração da relação estímulo-resposta causará um desconforto inicial (fase de adaptação ao processo de aceleração).

Lembre-se de que você está em treinamento! Para obter resultados diferentes, é preciso que as ações na leitura sejam diferenciadas. Os vícios exercerão alguma resistência; portanto, esteja consciente disso e seja perseverante em alcançar os objetivos propostos.

Uma vez rompida a inércia, você estará rapidamente se adaptando aos estágios posteriores.

Agora, vamos aos exercícios.

Boa Sorte!

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

Aumentando sua velocidade mecânica e treinando a musculatura ocular

A pista de provas

Os exercícios que você estará realizando em seguida visam levá-lo a fugir do que, tecnicamente, chamamos de "**área de conforto**".

Sair da "**área de conforto**" significa alterar o padrão da relação estímulo-resposta, o que resulta em uma situação inicial de desconforto.

Então, aqui vão algumas dicas práticas para você enfrentar mais facilmente este desafio:

- Tenha um relógio ou cronômetro à mão para fazer o controle do tempo.
- Certifique-se de que entendeu o objetivo do exercício.
- Para que possa acelerar, despreze a compreensão. Lembre-se: o objetivo agora é aumentar a velocidade.
- Nos exercícios onde existem itens selecionados, primeiro memorize o item e depois visualize a coluna procurando identificá-lo. Repita a operação a cada item.

Está na hora de começar a malhar e suar a camisa. Ao trabalho, e boa sorte!

Execute o exercício na vertical
Exercício de velocidade

1 – Visualize as colunas na vertical em alta velocidade, procurando identificar, uma a uma, as palavras selecionadas ao lado. Acelere ao máximo, sem medo de errar. Você está em exercício!

1 – tóxico	8 – mico
2 – bailar	9 – dieta
3 – morte	10 – elo
4 – anjo	11 – foca
5 – saúde	12 – idoso
6 – mosca	13 – direta
7 – beliche	14 – pai

revista	ferreiro	mares	capacitação
metal	fileiras	pontudo	homem
rápida	sonhar	assento	poste
máquina	cacique	saúde	mico
violência	eficaz	foca	formação
ajuda	palavra	elevador	louco
fera	dinheiro	manifestação	prefeito
dieta	guerra	ditadura	assoalho
índio	tubulações	elo	fileiras
cadeira	vaca	sonhar	esquisito
dieta	estouro	autoridade	imponente
percebido	coma	doutorado	correção
forte	miséria	fita	goste
tóxico	copo	fracionar	mácula
noiva	saudade	direita	preferido
carvão	codificar	poste	macaco
esforço	atestado	bailar	recrutamento
outro	maestro	estremece	mercado
casa	contabilidade	licenciado	idoso
pai	pílula	maduro	forte
técnica	asma	fatigar	prescrição
nuvem	paz	dialética	momento
vantagens	anjo	repleta	morte
cabeça	indústria	fogo	aperitivo
vaca	mordem	soco	menino
rápida	doce	carroça	libera
ministério	pestana	direta	dinheiro
noiva	beliche	mosca	estudo
tóxico	vitela	folhagem	porte
cortiço	mineral	ave	mundo
guerra	alvenaria	poderio	aponte
configuração	anjo	merece	escada

Execute o exercício na vertical
Exercício de velocidade

1 – Visualize velozmente as colunas, procurando identificar, uma a uma, as palavras selecionadas ao lado.

2 – Visualize as quatro colunas, uma a uma, no tempo de 25 segundos. Estimule a sua capacidade de reconhecimento.

1 – estouro	8 – ave
2 – fita	9 – pipa
3 – cravo	10 – oito
4 – ossos	11 – vapor
5 – mato	12 – raio
6 – voto	13 – grupo
7 – código	14 – anjo

revista	tifo	vitela	lenta
rei	parafuso	distinto	rude
ossos	mico	odor	sorvo
noiva	pai	máscara	bombeiro
beliche	técnica	mola	estudo
paz	perfeito	ares	seminário
código	sorvete	mato	feio
asma	pipa	espelho	cravo
lenta	acho	normal	ave
rude	ação	pelo	minas
sorvo	fazia	ferreiro	feiticeira
bombeiro	estouro	tranças	raça
salvo	goma	raio	tranças
plástico	estremece	praça	raio
máquina	filho	fatigar	praça
saudade	uvas	baile	fatigar
febre	macaco	solo	baile
mão	trigo	prefeito	solo
violência	tímido	casa	prefeito
tóxico	código	sermos	curso
cidade	vapor	febre	cavalo
ação	receita	mineral	oito
mudo	camisa	grupo	muralha
fita	olho	revista	ministério
entanto	tencionado	rei	anjo
faca	dinheiro	ossos	vitela
cor	radiografia	noiva	distinto
largo	corvo	beliche	odor
grupo	escada	paz	máscara
lógica	voto	código	mola
gato	anjo	asma	ares

Execute o exercício na vertical
Exercício de velocidade

Agora, acelere, deixando a compreensão em segundo plano.

1 – Visualize as quatro colunas em 25 segundos.

2 – Visualize, agora procurando atingir a meta de 20 segundos!

Lembre-se de sobrepor a sua vontade à força do hábito! Mantenha a velocidade!

estratégia	paladino	televisão	somatório
moleza	pai	discordo	biscateiro
urutu	técnica	molejo	maleável
começo	tifo	poliglota	aconchegar
direito	mulher	astúcia	importante
mato	astro	comentários	parafuso
espelho	perfeito	amigável	ação
normal	camelo	estrutura	fazia
pelo	matuto	mico	estouro
ferreiro	conquistador	sorvete	goma
lógica	dormindo	pipa	antropologia
gato	melado	acho	organismo
prolongado	contorno	melhoria	sacudir
radiografia	balão	sonegar	assoalho
parafuso	focaliza	milharal	melodia
esquemático	mameluco	computador	certeiro
moléstia	teclado	elegante	fracionar
desenvolvido	relógio	sonífero	alvenaria
cadastro	garrafa	cordialmente	constituição
purgatório	elogio	familiar	mosquete
alegria	faculdade	violento	protetora
enriquece	norte	sapato	receita
mosquito	biscoito	comida	medicamento
planejamento	caderno	elementar	tencionado
migalhas	animal	sutileza	seminário
torresmo	desperta	maremoto	garantida
estrelismo	sujeito	divã	submarino
manual	matilha	socador	videocassete
comitê	ordenado	estilista	teatro
família	angústia	navegar	dentista

Execute o exercício na vertical
Exercício de velocidade

1 – Visualize as colunas, em alta velocidade, para identificar, um a um, os números selecionados ao lado.

Certifique-se de que está acima da velocidade de conforto!

1 – 2144	8 – 1029
2 – 5667	9 – 5802
3 – 4557	10 – 9008
4 – 0990	11 – 2984
5 – 5258	12 – 7676
6 – 5983	13 – 2498
7 – 5488	14 – 8343

1945	4389	5983	3843
1738	6548	0358	5463
3734	1234	3459	8478
7597	5667	8589	7134
3876	2435	8389	4006
5802	3245	1029	8894
7683	5768	0303	3774
0997	7390	4356	9183
3423	2424	0968	3486
3478	7464	0897	7863
4537	0990	7238	4552
3243	1223	2452	9887
5258	2343	7839	7887
7856	4326	8234	8967
6457	7895	9345	4557
8490	8092	7585	8369
2984	2845	4864	5488
9473	9706	5423	5678
4580	9008	6349	7845
2144	0971	9089	8956
5343	4343	3203	9283
3590	8923	4897	3789
4236	7359	5038	6232
9540	0780	3571	2347
7433	9785	2345	4359
8453	7358	2323	9574
5360	0899	7676	1652
3431	3984	5683	8459
2345	2498	9029	8343

Execute o exercício na vertical
Exercício de velocidade

1 – Visualize as colunas, em alta velocidade, para identificar, um a um, os números selecionados ao lado.

2 – Visualize as quatro colunas, uma a uma, em 25 segundos.

Esforce-se para reconhecer o número por inteiro.

1 – 21342	8 – 20894
2 – 77663	9 – 32434
3 – 72445	10 – 61951
4 – 94456	11 – 58890
5 – 16482	12 – 64355
6 – 58890	13 – 40345
7 – 48335	14 – 12242

34526	34368	45696	72445
64345	13562	66357	12989
63788	40345	46215	56987
56688	46434	59502	20894
66794	98466	98744	94129
37475	59572	56472	23873
95783	89802	43794	87438
41899	83674	08838	60975
21342	34984	64281	10912
54121	69778	93424	74569
48335	63854	47366	84403
95645	79344	04096	61951
56448	03787	46558	28495
65565	76612	70896	42194
49663	24922	46559	12249
24009	93935	78096	34043
65634	77663	24348	12109
77790	19642	96623	27253
85694	31894	55489	24453
97670	73453	80327	86763
73237	80968	64355	23478
23401	72213	75321	76098
54807	64945	94456	25184
65974	58890	09936	83141
32434	45836	52623	65732
43866	52429	16482	21162
24238	60821	44180	43222
21344	94653	43858	12242
24928	56548	87575	33459

Execute o exercício na vertical
Exercício de velocidade

1 – Visualize as colunas, em alta velocidade, para identificar, um a um, os itens selecionados ao lado.

2 – Visualize as quatro colunas, uma a uma, em 25 segundos.

Evite a subvocalização mantendo a velocidade alta!

1 – régua	8 – mastro
2 – 4004	9 – 1245
3 – ostra	10 – praia
4 – 5643	11 – 3434
5 – cavalo	12 – avião
6 – 7783	13 – triste
7 – anjo	14 – conta

casa	1485	moleira	5643
1233	módulo	2341	justiça
posta	0102	retrato	4562
l658	navio	0960	mosquete
conta	9972	mastro	3434
4567	vídeo	4004	armário
sobras	3759	papel	5823
0975	televisão	4095	corvo
válvulas	3360	mascate	3209
4389	mouse	1003	estado
comum	3665	carro	1252
2365	avião	1245	comove
mescla	4095	estrutura	0683
0987	estudo	5931	postal
questão	5467	impresso	0028
1335	chuva	0909	cavalo
régua	1010	bolo	7432
8990	janela	4567	triste
chuva	6652	escada	6767
0220	teclado	3434	jogada
máquina	4926	fantasia	1399
5031	ostra	9463	messias
lápis	4567	assoalho	3434
3570	carneiro	2567	armada
conta	2398	praia	4561
2309	rádio	7783	comove
cordeiro	1463	anjo	9980
7945	cobertor	1096	novilho
entrada	3560	caminhão	4474

Execute o exercício na vertical
Exercício de velocidade

1 – Visualize as colunas, em alta velocidade, para identificar, um a um, os itens selecionados ao lado.

2 – Visualize as quatro colunas, uma a uma, em 25 segundos.

Mantenha o ritmo e supere-se!

1 – isolador	8 – 438530
2 – 179067	9 – carroça
3 – provedor	10 – 489051
4 – 120230	11 – apagador
5 – albatroz	12 – 4319921
6 – 035913	13 – maravilha
7 – inspiração	14 – 984620

sorrateiro	abastecer	mamadeira	765201
676391	635671	097231	carcaça
margarida	carroça	encantado	120230
234978	460943	509095	manifestação
nascimento	lambreta	maravilha	683630
438530	748738	035913	paralelogramo
moscatel	salarial	pesquisador	037454
497602	198393	1857590	inspiração
apagador	martelada	empolgado	103839
031871	398455	3173643	blasfêmia
vasilhame	abrangente	magazine	583763
090679	489051	429103	cosmonauta
jogadores	cordeiro	fotográfica	582001
368473	543523	245687	grandioso
nadadeira	maquiagem	manequim	984743
453161	135343	724917	antecipação
oftálmico	estruturado	embriagado	187367
438450	098774	098735	encantamento
brincadeira	navegação	competente	038464
404848	emocionante		
372289	461834	provedor	448341
enterrada	isolador	1325490	maracanã
179067	235098	borboleta	947640
Moçambique	recursos	9725221	fundamental
339358	954048	antepassado	132422
marionete	estourando	0876539	trovoada
152673	183420	furiosos	404875
albatroz	transformador	4319921	magistrado
884350	984620	fantasias	504784

OK!

Agora que você trabalhou um bom tempo fora da área de conforto, certamente já soltou o freio de mão do processo de leitura.

Faça uma aferição da sua velocidade de leitura no teste que segue.

Leia rápido e marque o tempo!

Um meio simples de causar uma primeira impressão boa

Dale Carnegie

Tomei parte, recentemente, em um jantar em Nova York. Um dos convidados, uma senhora que havia herdado uma certa quantia, estava ansiosa por causar uma impressão agradável a todos. Gastara uma pequena fortuna em peles, diamantes e pérolas. Mas nada fez em favor do seu rosto. Irradiava aspereza e egoísmo. Não compreendeu o que todos os homens sabem: que a expressão apresentada por uma mulher na sua fisionomia é muito mais importante do que os vestidos que traz. (A propósito: eis uma coisa boa a ser lembrada quando a esposa quiser comprar capote de peles.) Charles Schwab disse-me que seu sorriso valia um milhão de dólares. E, certamente, estava declarando a verdade. Para a personalidade de Schwab, seu encanto, sua habilidade em fazer com que as outras pessoas gostem dele são quase inteiramente responsáveis pelo seu extraordinário êxito na vida; e um dos fatores mais atraentes da sua personalidade é o seu cativante sorriso.

Número de palavras 153	Marque agora o seu tempo!	Min.____ seg.____
QUADRO DE DESEMPENHO	TESTE DE VELOCIDADE	RESULTADO
Velocidade Ppm	(153 : tempo em minutos)	

Continue o treinamento e procure a superação de resultados!

O próximo passo consiste no condicionamento dos movimentos oculares para a leitura. Invista no desenvolvimento da sua habilidade visomotora!

Execute o exercício na horizontal
Exercício de habilidade visomotora

1 – Visualize os signos impressos nas linhas, em alta velocidade, fazendo quatro pausas oculares.

Lembre-se de fixar a cabeça e movimentar somente os olhos.

Segure o livro com as duas mãos, para facilitar o posicionamento (vide pág. 57), e tome cuidado para não saltar para a linha errada. Tempo 20 segundos.

1 ..... A ..... 3 ..... M

A ..... B ..... C ..... D

4 ..... F ..... X 5

Q ..... V ..... 3 ..... T

E ..... F ..... Z ..... H

D ..... T ..... 5 ..... W

Z ..... 2 ..... 5 5

I ..... J ..... K L

A ..... M 3 0

M ..... M ..... N ..... O

1 ..... K ..... 9 ..... Q

P ..... Q ..... R ..... S

Y ..... W 2 6

Execute o exercício na horizontal
Exercício de habilidade visomotora

1 – Visualize os signos impressos nas linhas, em alta velocidade, fazendo três pausas oculares.

Lembre-se de fixar a cabeça e movimentar somente os olhos para melhor estimular a sua musculatura ocular. Tempo: 20 segundos.

1 ..... A 4

B..... 8 X

5 ..... D 6

A ..... 3 X

4 ..... F 2

p..... 5 .....S

0 ..... V 3

L..... 9 .....G

9 ..... R 5

I ..... 7 ..... K

4 ..... L 8

A ..... 5 ..... K

1 ..... 0 6

M..... 4 ..... Z

Execute o exercício na horizontal
Exercício de habilidade visomotora

1 – Visualize os signos impressos nas linhas, em alta velocidade, fazendo duas pausas oculares.

Movimente somente os olhos elevando a velocidade ao seu limite de mobilidade ocular. Lembre-se de manter a cabeça imóvel! Tempo: 15 segundos.

1 ..... A

B 2

3 C

D 4

5 ..... E

F 6

7 ..... G

H 8

9 I

J 10

11 ..... K

L 12

13 ..... M

Agora, aplique o padrão de movimentação treinado no teste abaixo:

Execute o exercício na horizontal, reduzindo as pausas oculares

Leia o texto em alta velocidade, procurando realizar, no máximo, três fixações por linha.

Dirija a sua atenção para a captação global do texto.

Evite a leitura palavra por palavra. Tempo proposto: 25 segundos.

Dois ratos e a decisão na crise[8]

Veja a reação de dois ratos de laboratório diante de uma situação de vida ou morte:

O primeiro rato havia sido condicionado ao pessimismo. Sua vida no laboratório era um inferno. A comida fornecida tinha um gosto extremamente amargo. Quando se aventurava para fora do cativeiro, através das saídas entreabertas, recebia fortes choques. Como consequência, em pouco tempo deixou de se aventurar, mantendo-se recolhido em sua gaiola, recusando comida. O segundo rato tinha a vida que pediu a Deus. Comida à vontade. Amplo espaço. Brinquedos. Visitas periódicas de ratas perfumadas e simpáticas. Era o verdadeiro paraíso.

A crise preparada no experimento consistia em jogar os dois ratos numa bacia d'água aparentemente sem saída. O primeiro rato olhou a situação e, por força do seu pessimismo, entregou-se logo às águas e afogou-se.

O segundo rato entrou nas águas com espírito recreativo, divertindo-se muito enquanto aguardava a salvação que certamente viria. Sua última declaração antes de perceber que era tarde demais: "Mas isto não pode estar acontecendo comigo!"

Existia no caso uma saída para ambos. Havia um dispositivo que, acionado por um leve movimento, elevaria na bacia uma pequena plataforma submersa. Bastava encostar. Entretanto, o rato pessimista desistiu antes de avaliar a situação e o roedor otimista gastou seu tempo divertindo-se num mundo de fantasia, alheio à dura realidade que enfrentava.

Nenhum dos ratos avaliou duramente a situação em que se encontrava. Influenciados pelos seus condicionamentos anteriores, eles enfrentavam a nova situação como se fosse uma continuação do passado. E é justamente aí que reside uma grande causa da tomada de decisões inadequadas: **a falta de avaliação com isenção do condicionamento anterior.**

Número de palavras: 276

[8] Texto retirado do livro *Processo decisório: da criatividade à sistematização*, Paul Campbell Dinsmore e Paulo Jacobsen. Rio de Janeiro: COP Editora, 1985.

Execute o exercício na horizontal
exercício de velocidade com movimentação controlada

Leia o texto em alta velocidade, fazendo três pausas oculares por linha.

Foco: sem reduzir a velocidade, procure descobrir o que, a quem e de que forma está sendo ensinado.

Só reduza a velocidade quando, posteriormente, você for aferir a sua captação.

Agora acelere!

ENSINANDO	DESDE	PEQUENOS
Ao contrário	da imagem	mais difundida,
a de animais	ariscos	e pouco sociáveis,
gatos podem ser	condicionados	pelo homem
quando filhotes	tornando-se	extremamente dóceis.
Para os filhotes	o período	mais importante
da sociabilização	é o que vai	das duas às sete
semanas iniciais	de vida.	Quanto mais cedo
e com maior	frequência	os animais
forem tocados,	mais amistosos	e ligados
às pessoas	se tornarão	posteriormente.
Conversar com	os gatinhos	contribui para
sua sociabilização.	O temperamento	dos gatos
é um importante	fator no	relacionamento
com os homens.	Cientistas	já identificaram
pelo menos	três tipos	de personalidade,
um é sociável,	calmo e confiante;	o segundo
é caracterizado	como tímido,	nervoso
envergonhado e	pouco amistoso;	o terceiro,
como agressivo	e ativo.	Cerca de 15 %
dos filhotes	resistem à	sociabilização,
sendo extremamente	quietos e lentos,	características
que podem	ser observadas	logo após
o nascimento.	E que podem	ser hereditárias.

Número de palavras: 149

William K. Stevens – The New York Times

Execute o exercício na horizontal
exercício de velocidade com movimentação controlada

Leia o texto em alta velocidade, fazendo três pausas oculares por linha.

Foco: sem reduzir a velocidade, procure descobrir qual é o bicho do homem **e** por que ele recebe este apelido.

Aceite o desafio e acelere!

BICHO	DO	HOMEM
O cultivo do	bicho-da-seda	e da abelha
existe há milênios.	Esses dois tipos	de inseto
quase nada têm	em comum além	de haverem sido
multiplicados	pelo homem.	Seus modos
de vida	também são	tão divergentes,
que o longo processo	de domesticação	que foi aplicado,
praticamente não	afetou as abelhas;	entretanto,
transformou os	bichos-da-seda em	monstrengos,
tornando-os incapazes	de sobreviver	em liberdade.
O drástico processo	degenerativo que	os atinge
começou quando os	primitivos habitantes	da Ásia central
descobriram que	os fios produzidos	pelas lagartas
de uma espécie	de mariposa eram	excelente para
a confecção de	cordões e tecidos.	
A partir de então	– e por 4 mil anos –	as lagartas
tecedoras	passaram a ser	recolhidas
da natureza	e reproduzidas em	locais destinados
à proliferação,	locais onde havia	com fartura
a sua única fonte	de alimento:	folhas de amoreira.
Atualmente, não	existe em	estado nativo
e se desconhece	a época em que	desapareceram das
florestas da China.	É possível que	isso tenha ocorrido
há mais de	2 mil anos.	

Número de palavras: 169

Roberto Muylaert Tinoco – Revista Super Interessante

Execute o exercício na horizontal
exercício de velocidade com movimentação controlada

Leia o texto em alta velocidade, fazendo três pausas oculares por linha.

Foco: aplicar a maior velocidade que permita descobrir quais os fatores relevantes para se ler com maior eficiência.

Permaneça estimulando a velocidade!

A CONCENTRAÇÃO E A EFICIÊNCIA NA LEITURA

Em grande parte, o tempo efetivamente gasto com a leitura é desperdiçado
com divagações, algumas são sugeridas pelo próprio material,
outras resultantes de simples distrações ou em função do ambiente onde é realizada.
Esta dificuldade em manter a atenção é causa de grandes problemas.
É necessário que se desenvolva a concentração pelo emprego de meios capazes de
fixar a atenção. Podemos dirigir facilmente a atenção para determinado
assunto, porém, só o interesse é capaz de mantê-la.
E como estimular o interesse do leitor no seu cotidiano? Nem todo material
abordado em uma determinada rotina de trabalho, por si só,
consegue despertar o interesse. Uma atitude mental correta e uma
predisposição favorável à abordagem do material é um auxílio direto
à concentração, tendo em vista que não existem textos interessantes, mas sim
leitores interessados. Quando o leitor tem uma finalidade, não só apresenta o
impulso ou estímulo para a leitura, como dirige o processo, e conserva a mente
voltada para aquele objetivo, até que ele seja atingido. Através de uma avaliação
prévia do texto, consegue-se fazer a estipulação dos
objetivos com grande economia de tempo, evitando, assim, muitas
das divagações que normalmente ocorrem quando nenhum motivo
ou finalidade é estabelecido para a efetuação da leitura. A celeridade da leitura
contribui, também, para a concentração. Quando o processo se
realiza lentamente, existe tempo para que interferências atuem, desviando o leitor de sua
linha de raciocínio, tendo o mesmo que retroceder no texto para poder
compreendê-lo, o que gera fadiga e desmotivação. O primeiro passo para
desenvolver a velocidade na leitura consiste, inicialmente, em dirigir a
atenção para os hábitos que a promovem, eliminando, por treinamento
apropriado, aqueles que a retardam, como movimento dos lábios,
cabeça e dedos. Desta forma, garante-se a agilização do processo de
leitura e evita-se o risco de formação de hábitos prejudiciais.
Estando fixados os hábitos desejáveis, pode-se, então, dirigir a atenção para
a organização do processo com relação aos diversos tipos de materiais
presentes no cotidiano, fazendo da leitura uma ferramenta ajustável à sua
necessidade.

Número de palavras: 346

Ricardo Soares

Execute o exercício na horizontal
exercício de velocidade com movimentação controlada

Leia o texto em alta velocidade, fazendo duas pausas oculares por linha.
Foco: descobrir no menor tempo possível qual é a mentira **do texto.**
Tempo proposto: 20 segundos

A

Sei da história
americano ou escocês
o hemisfério
o qual, uma vez,
auditório que
fez saber que
iria falar sobre
– Vou pregar amanhã
Advertiu o
– Peço, porém,
queridos ouvintes que,
do que irei dizer,
o capítulo dezessete
Considero indispensável
No dia seguinte,
– Aqueles que leram
de São Marcos,
recomendação,
Levantaram-se todos
E o pastor prosseguiu:
os verdadeiros ouvintes
de hoje
porque em verdade
o capítulo dezessete.
de São Marcos
dezesseis capítulos.

MENTIRA

de um pastor
(já não me lembro
desse conto),
ao largo e atento
costumava ouvi-lo,
no dia seguinte
o pecado da mentira:
sobre a mentira.
bom pastor.
a todos os meus
para melhor preparação
leiam todos
de São Marcos.
essa leitura prévia.
inquiriu previamente:
o capítulo XVII
conforme a minha
queiram levantar-se.
como um só homem.
– Sois vós realmente
do meu sermão
sobre a mentira,
não existe
O evangelho
tem apenas

Número de palavras: 147

João Ribeiro

Execute o exercício na vertical
exercício de velocidade com movimentação controlada

Leia o texto em alta velocidade, fazendo uma pausa ocular por linha.

Foco: descobrir no menor tempo possível o que foi a BLITZKRIEG.

Tempo proposto: 15 segundos

BLITZKRIEG

Exatamente às 4h45 min,
do dia 1º de setembro
de 1939, depois de
um forjado acidente
de fronteira,
as Forças
Armadas alemãs
iniciaram sua ofensiva
sobre a Polônia,
numa ação combinada
de infantaria,
blindados e aviação,
que desencadeou a
Segunda Guerra Mundial
e entrou para a
História com o nome
de "Blitzkrieg"
(Guerra Relâmpago).
Em meio à ofensiva,
a União Soviética
também invadiu
o território polonês,
nos termos
do pacto firmado,
dias antes,
entre Hitler
e Stalin
para dividir o país.
O governo
da Polônia
capitulou no dia 27.
A Blitzkrieg,
essa revolucionária
concepção de guerra,
consistia basicamente
em operações rápidas,
combinando com precisão
o avanço da infantaria
com o apoio dos
tanques e da aviação.
E o território polonês,
de superfície plana,
prestou-se perfeitamente
à execução prática
da estratégia.

Número de palavras: 133

Drew Middleton – *The New York Times*

Execute o exercício na vertical
exercício de velocidade com movimentação controlada

Leia o texto em alta velocidade, fazendo uma pausa ocular por linha.

Foco: descobrir no menor tempo possível **qual a relação** do **texto** com o **título** ARMÁRIO.

Tempo proposto: 20 segundos

ARMÁRIO

Eu queria, senhora,
ser seu armário
e guardar os
seus tesouros
como um corsário.
Que coisa louca:
ser seu guarda-roupa!
Alguma sólida
circunspecta e pesada
nessa sua vida
tão estabanada.
Um amigo de lei
(de que madeira
eu não sei).
Um sentinela
do seu leito
– com todo respeito.
Ah, ter gavetinhas
para suas argolinhas.
Ter um vão
para seu camisolão
e sentir
o seu cheiro, senhora
o dia inteiro.

Meus nichos
como bichos
engoliriam suas
meias-calças,
seus soutiens
sem alças,
e tirariam nacos
de seus casacos.
E no meu chão,
como trufas,
as suas pantufas...
Suas echarpes,
seus jeans,
seus longos e afins.
Seus trastes
e contrastes.
Aquele vestido
com asa
e aquele de
andar em casa.
Um turbante antigo.
Um pulôver amigo.
Bonecas de pano.
Um brinco cigano.

Um chapéu de aba larga
um isqueiro sem carga.
Suéteres de lã
e um estranho astracã.
Ah, vê-la se vendo
no meu espelho,
correndo.
Puxando, sem dores,
os meus puxadores.
Mexendo com o
meu interior
à procura
de um pregador.
Desarrumando meu ser
por um prêt-à-porter.
Ser o seu segredo,
senhora,
e o seu medo.
E sufocar
com agravantes
todos os
seus amantes.

Número de palavras: 195

Luis Fernando Veríssimo

Exercício de velocidade
Leia rápido e marque o tempo!

Leia o texto no menor tempo possível e avalie sua velocidade mecânica.

Despreze a compreensão neste exercicío e acelere ao máxin

Aceite este desafio!

Será o Bonifrate?

(Jô Soares – *Veja*, 30/09/1992)

Quedei-me incrédulo ante a conspicuidade que me prestaram ao termo "bonifrate", do qual me servi durante acepipes e pitéus deglutidos por ocasião da efeméride do habitáculo do dileto correligionário naireves. Por que tamanho pasmo? Acaso seria eu totalmente ignaro do vernáculo? Pensam os que clamam contra mim que só frequento valhacouto de papalvos onde o xulo é primaz? Triste falácia. Sou douto palrador. Apenas, por vezes, oculto a plêiade do meu verbo, plectro puro, por natural recato.

Deleito-me ao refletir no semblante alvar dos malquistados, se me ouvissem brindar com mais vocábulos a malta platípode que repito. Assombraram-se com bonifrate, que tal casquilho? Casquilho, sim, tem jetetura. Julga massar-me a chusma abolestada. Recolham-se! Da minha boca jamais ouvirão linguajar de bolicheiro.

Indago, o que mais fácil: praticar choldraboldra em passeatas crepitosas ou cultuar a última flor do lácio inculta e bela? A pureza da língua é meu colunelo. Bonifrate, disse, e não burlei cânones de escribas. Faz parte do meu colóquio hodierno: como estarola, óbice e bolônio. Perde em estesia a farândula e seu ódio esgueia-se em fina gaivagem. Aos que imaginam que sou galucho, respondo com o galarim do estilo. Apraz-me a condição de turgimão do esdrúxulo. Não galreio com lapuzice a não ser quando quero igualar-me à luna. Pouco caso dos néscios que não percebem o néctar de expressões para mim prezáveis, pois uma pinhoca só não faz parreira. Pimpem, pimpem, aldrabões! Não me aceitam magniloquente, por receio do cortejo. É mister que a pletora erudita de uns seja a carência mísera de outros. Nem sei por que abespinhar-me, quando no fundo não passam de biltres, bucéfalos e calaceiros. Reles bufarinheiros.

Quanto a mim, conduzo a veação com rédea firme. Não tremeluz a mão que exerce o ofício. Ao contrário do que dizem os que me asseteiam, sou imune à bajulação dos áulicos. Com o intuito de denegerir-me, os pérfidos enliçadores formam sodalícios, contubérnios, conventículos e corrilhos numa pandilha de telérrimos, salardanas. Aleivosias não desenastrarão alianças e com maranduvas não evitarão minha manutenência soberana. Pensam-na esmadrigado? Há! Há! Desato numa casquinada. Enfim, repito: contra mim, estão os sevandijas, bulhentos, sardanapalescos, pirangas, caramboleros, pecos e bolônios. O mais e dichote.

Basta de chirinola.

Número de palavras 365	Marque agora o seu tempo!	Min.____ seg.____
QUADRO DE DESEMPENHO	TESTE DE VELOCIDADE	RESULTADO
Velocidade Ppm	(365 : tempo em minutos)	

Aumentando o seu campo visual

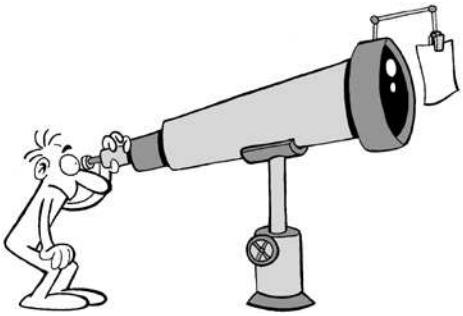

Ampliando sua percepção periférica

Fixe o olhar em um ponto definido do local onde você está.

Agora, procure perceber tudo aquilo que está a sua volta, sem desviar o olhar.

Notou o quanto você pode perceber com a visão periférica?

Em todos os momentos, estamos utilizando o nosso campo visual, porém muitas vezes deixamos de desenvolvê-lo na leitura por desconhecermos esta possibilidade.

Quando lemos, também utilizamos o nosso campo visual ou visão periférica para fazer a captação visual das palavras.

O aumento da velocidade de leitura pode ser feito pelo alargamento do campo visual, isto é, pelo aumento da quantidade de palavras captadas por pausa ocular.

Com o campo visual ampliado, podemos reduzir o número e o tempo das pausas oculares, acelerando o processo e diminuindo o cansaço na leitura.

Experimente agora fixar o olhar no x, procurando perceber as palavras à sua volta.

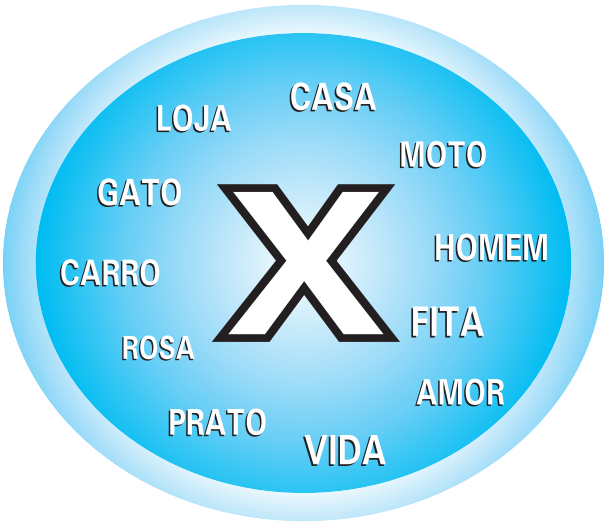

Os exercícios propostos adiante visam obter um melhor aproveitamento do seu campo visual na leitura.

Exercício ocular

Pratique a movimentação ocular obedecendo:

1 – A ordenação numérica dos pontos 1 – 2 – 3 – 4 – 5 – 6 – 7 – 8.

2 – A fixação inicial no centro (figura do olho), salte para A, volte a fixar o olho, salte para o B, volte a fixar o olho, e assim sucessivamente.

3 – A orientação alfabética no sentido horário e depois no sentido inverso.

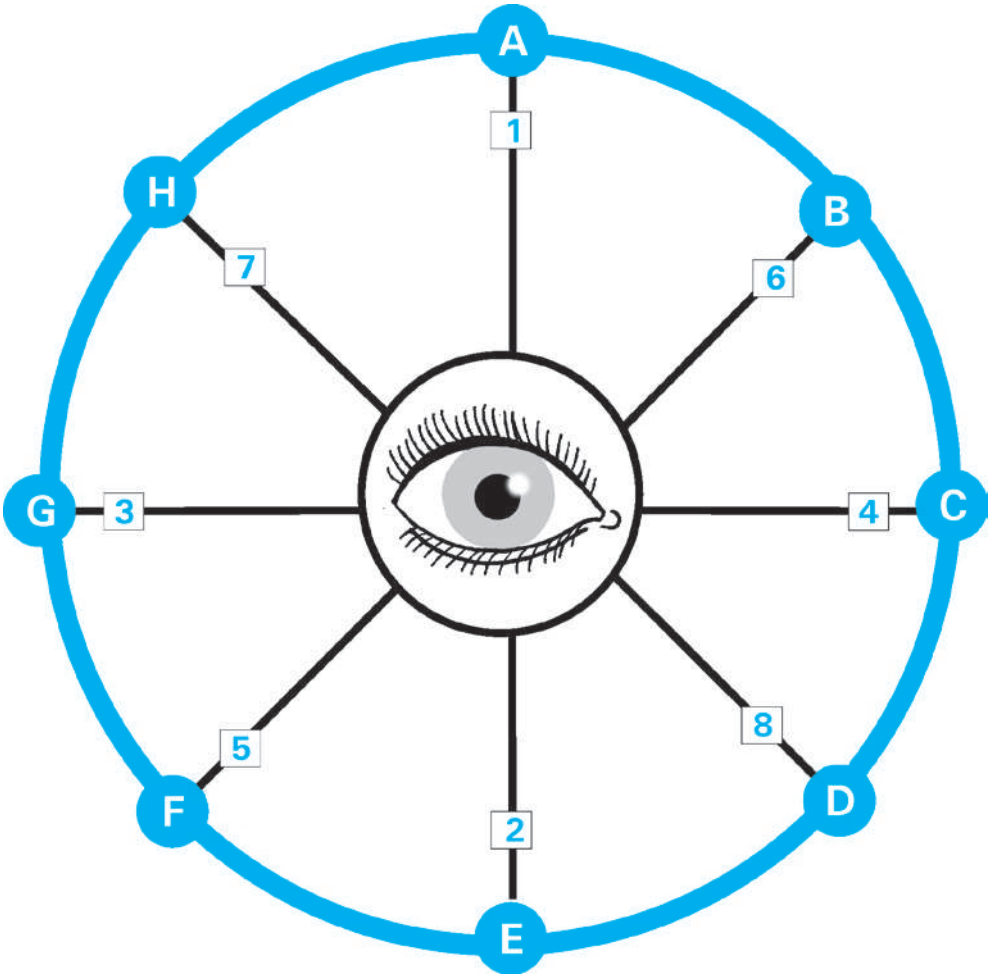

Execute o exercício na vertical
exercício para ampliação de campo visual

Percorra as colunas de cima para baixo e em alta velocidade, procurando identificar os pares de palavras idênticas.

ROÇA	BOSSA
FOSSA	FOSSA
MOÇA	MOSCA
CORTE	MORTE
POSTE	GOSTE
SORTE	FOSTE
FEITOR	VETOR
SETOR	SEITAS
PASTO	POSTO
PASTA	PASTA
SETAS	SETAS
COPA	COLA
SOLA	BOLA
SELO	CELA
SELO	CELA
CENA	CENA
BUSCA	FUSCA
LUCRO	MUCO
CONDE	CONTE
FONTE	MONTE
BONDE	FONTE
SORTE	SORTE
MASTRO	MESTRE
VISTO	MISTO

PORTE	LOTES
NORTE	FORTE
CASTOR	CASTRO
CASTO	CASTO
PASTO	PASTOR
MOTOR	MOTIM
MATAR	MENTIR
JEITO	LEITO
REITOR	LEITOR
COÇA	BOLSA
LOUÇA	NOSSA
MEXER	MEXER
MOVER	MORRER
LOTES	BOTES
VOTEI	VOTEI
SELO	CELA
LEVAR	LAVAR
LUVAS	LEVAS
GASTA	GOSTA
POSTA	LOTAR
ROMA	POMAR
LAVAR	LEVAR
PISCAR	LISTAR

Execute o exercício na vertical
exercício para ampliação de campo visual

Percorra a coluna abaixo percebendo as palavras da esquerda e da direita simultaneamente.

Obs.: Procure visualizar a coluna de forma centralizada.

Aqueles	que
querem	**ler mais**
rápido e	melhor
precisam	trabalhar
inicialmente	bem mais
rápido do que	estão acostumados.
Os nossos olhos	funcionam como
câmeras fotográficas	e a captura das imagens
acontece quando é	feita a pausa ocular
e a imagem fica projetada	de forma estacionária na retina.
A aceleração dos movimentos	reduz o tempo das pausas oculares,
estimulando o leitor a aumentar sua	área de reconhecimento e captar blocos de
palavras, reduzindo o número	de pausas em uma linha impressa.
A redução do número de pausas oculares	amplia o campo visual, diminui o cansaço
na leitura e condiciona o leitor para	uma abordagem mais rápida e precisa.

Exercitando a sua habilidade visomotora

Execute o exercício na horizontal
exercício para ampliação de campo visual

Leia o texto em alta velocidade, realizando apenas uma pausa ocular para cada unidade de visualização contida nos retângulos.

Tempo: 15 segundos

Evite as regressões	que parcelam a	linha de raciocínio.
Faça exercícios de leitura,	estabelecendo	sempre novas metas.
Aborde colunas verticais	em jornais para	exercitar seu campo visual.
Varie o número de fixações	de acordo com a	amplitude da linha impressa.
Empregue as técnicas de	síntese gráfica de textos	para facilitar a memorização.

Execute o exercício na horizontal
exercício para ampliação de campo visual

Leia o texto em alta velocidade, realizando apenas uma pausa ocular para cada unidade de visualização contida nos retângulos.

Tempo: 15 segundos

Procure aumentar o seu vocabulário	e seu poder de	assimilação lendo bons livros.
Habitue-se a pré-ler os textos,	preparando-se para	o tipo de leitura que vai fazer.
Evite formar preconceitos.	Leia imparcialmente o texto	e depois critique,
	formando sua opinião.	
Eleve o seu nível de assimilação	acelerando ao máximo	sua velocidade nos
	exercícios de estimulação.	

Execute o exercício na horizontal
exercício para ampliação de campo visual

Leia o texto em alta velocidade, realizando apenas uma pausa ocular para cada unidade de visualização contida nos retângulos.

Tempo: 15 segundos

Ao ler, conserve a sua

atenção voltada para

o seu objetivo,

minimizando
as chances

de desconcentração.

Certifique-se de que

está lendo
corretamente,

fazendo uma
auto-análise

dos seus problemas

e vícios de leitura.

Quando se
sentir tentado

a fugir da orientação

dada para o exercício,

resista; é a força

do hábito tentando

falar mais alto.

Valerá a pena!

Execute o exercício na horizontal
exercício para ampliação de campo visual

Leia o texto em alta velocidade, realizando apenas uma pausa ocular para cada unidade de visualização contida nos retângulos.

Tempo: 15 segundos

Desenvolva o seu	campo visual	procurando ler as frases,
abarcando o maior	número de palavras	em cada fixação.
Aprenda a se concentrar	em qualquer ambiente.	Nem sempre você
encontrará, no dia a dia,	o ambiente ideal para ler.	
Condicione a sua leitura	ao menor número	de fixações possível,
mesmo que o	esforço inicial para	compreender aumente.
Impeça a ocorrência	da subvocalização	aumentando sua velocidade.

Execute o exercício na horizontal
exercício para ampliação de campo visual

Leia o texto em alta velocidade, realizando apenas uma pausa ocular para cada unidade de visualização contida nos retângulos.

Tempo: 15 segundos

Procure sempre adequar	a velocidade ao tipo de texto	e ao seu propósito
na leitura, para obter	maior compreensão.	
Se você chegou	até aqui percebendo as	orientações anteriores,
certamente encontrou	certas dificuldades	oriundas do
hábito anterior de leitura,	porém, estava trabalhando	o seu campo visual.
	Parabéns!	

Execute o exercício na vertical
exercício para ampliação de campo visual

Visualise, de forma independente, primeiro, a coluna da esquerda e, depois, a da direita com apenas uma pausa ocular por linha.

Obs.: velocidade moderada.

A	É
de	na
uma	sua
para	arte
toda	onde
folga	temos
batido	grande
capazes	reserva
familiar	cultural
concebida	linguagem
particular	espontânea
cavalgadura	nitidamente
independente	desenvolvida
matemática do	com bases nos
exclusivamente	sertões onde o
complexo casual	nordestino vive
real possibilidade	com dificuldade
reflexo de todos	mas corajosamente
é incondicionalmente o	apesar da seca o
com o decorrer dos fatos	o agredir e maltratar
o estudo natural do	sofrimento retratado nos
tomemos um lanche para	traços firmes em crayon
o hábito de estudar com os	sobre papel e esculturas.

Execute o exercício na vertical
exercício para ampliação de campo visual

Percorra os texto abaixo no sentido das setas, ajustando o campo visual ao tamanho das frases.

OBS.: Procure visualizar os textos de forma centralizada

Quando
um arqueiro
erra a marca, ele
procura o erro dentro
dele mesmo.
Se você errar,
nunca culpe o alvo.
Para melhorar sua mira,
melhore a
você mesmo.

(Gúbert Arland)

O
sucesso
deve ser medido
não por aquilo que se
conquistou na vida
mas pelos desafios
que se teve
que
Enfrentar.

(Booker Washigton)

Eu
Acredito
no teste do espelho.
Tudo o que interessa é se você pode
olhar para o espelho e dizer
à pessoa que ali vê,
honestamente, que você fez
o melhor
que pôde.

John Mc Kay

Sonhar
qualquer coisa
que você quiser sonhar
- esta é a beleza da mente humana.
Fazer qualquer coisa que você quiser fazer
- esta é a força da vontade humana.
Confiar em você mesmo para testar seus limites
- esta é a coragem para
ser bem-sucedido.

Bernard Edmons

Execute o exercício na vertical
exercício para ampliação de campo visual

Percorra os texto abaixo, ajustando o campo visual gradativamente.
OBS.: Procure visualizar a coluna de forma centralizada.
Supere-se neste desafio!

o
campo
de ação
da ergonomia
é praticamente ilimitado.
abrange tudo o que fazemos
e que nos rodeia, desde a disposição
do mobiliário e dos materiais de um pequeno
escritório, até a planta de um complexo parque industrial,
passando por detalhes como a altura de mesas e cadeiras, o formato
de tesouras, o ruído e a temperatura do ambiente e diversos outros
fatores que podem facilitar ou dificultar a vida das pessoas.
a ergonomia sempre esteve presente em nossas vidas.
ao escolher um pedaço de madeira que melhor se
ajustasse a sua mão para abater um animal
selvagem ou lutar contra um oponente,
o homem primitivo já praticava
um princípio ergonômico.
A
Ergonomia
pode ser considerada
a ciência do conforto e
preserva tecnicamente a “lei do menor esforço”.
é um ramo da psicologia aplicada ao trabalho, porém é multidisciplinar,
envolvendo conhecimentos de várias outras áreas como:
engenharia, medicina, desenho industrial,
administração de empresas
e economia.

Leia o texto abaixo usando o ritmo e o campo visual exercitados:

Leia rápido e marque o tempo!

A ESPADA EMBAINHADA

Sun Tzu

Lutar e vencer em todas as batalhas não é a glória suprema; a glória suprema consiste em quebrar a resistência do inimigo sem lutar. Na prática arte da guerra, a melhor coisa é tomar o país inimigo totalmente e intato; danificar e destruir não é tão bom. Assim, também é melhor capturar um exército inteiro que destruí-lo; capturar um regimento, um destacamento ou uma companhia, sem os aniquilar.

Portanto, a mais perfeita forma de comandar é impedir os planos do inimigo; depois, evitar a junção das suas forças; a seguir, atacar o exército inimigo no próprio campo; e a pior de todas as políticas é sitiar cidades muradas, porque a preparação de couraças, abrigos móveis e vários implementos de guerra tomará três meses inteiros; e a construção de acessos diante das muralhas levará mais três. O general, incapaz de conter sua irritação, quererá atirar seus homens ao assalto como formigas, tendo como resultado o assassinato de um terço dos seus soldados, com a agravante de que a cidade continuará incólume. São esses os efeitos desastrosos do cerco.

O chefe habilidoso conquista as tropas inimigas sem luta; toma suas cidades sem submetê-las a cerco; derrota o reinado sem operações de campo muito extensas. Com as forças intatas, disputa o domínio do império e, com isso, sem perder um soldado, sua vitória é completa.

Esse é o método de atacar com estratagemas, de usar a espada embainhada.

Número de palavras 276 Marque agora o seu tempo! Min.____ seg.____

QUADRO DE DESEMPENHO		TESTE DE DESEMPENHO	RESULTADO
Velocidade	Ppm	(276: tempo em minutos)	
Captação	Pcap	(Número de acertos x 10)	
Efetividade	Pcap/min	(Ppm x Pcap: 100)	

De acordo com o texto, assinale a resposta correta:

1) A suprema glória consiste em:
a) atacar e esmagar o inimigo sem piedade.
b) vencer a batalha rapidamente e sem esforço.
c) quebrar a resistência do inimigo sem lutar.
d) vencer a batalha a qualquer custo.

2) Na prática da arte da guerra, o melhor é:
a) capturar as forças inimigas sem poupar vidas.
b) tomar o território inimigo sem destruir.
c) preservar vidas e destruir o país.
d) preservar o país sem poupar vidas.

3) A forma perfeita de comandar é:
a) atacar o inimigo no próprio campo.
b) evitar a junção de suas forças.
c) impedir os planos do inimigo.
d) todas as alternativas estão corretas.

4) A pior forma de comandar é:
a) sitiar cidades.
b) enfrentar o inimigo no seu próprio terreno.
c) evitar o cerco.
d) todas as alternativas estão erradas.

5) Atacar muralhas não é uma boa estratégia porque:
a) a construção de acesso não é difícil.
b) admite uma pequena perda de soldados.
c) demanda muito tempo e esforço.
d) não se deve construir abrigos móveis.

6) Quando o general não consegue conter a sua irritação:
a) conquista o inimigo mais rapidamente.
b) avança com ímpeto e vence a batalha.
c) sacrifica o inimigo.
d) sacrifica os seus soldados.

7) O chefe habilidoso:
a) domina o inimigo com a força das armas.
b) conquista o inimigo sem luta.
c) usa sua irritação como fonte de inspiração.
d) cerca somente para quebrar a resistência.

8) A vitória é total quando:
a) domina o império com as forças intatas.
b) domina e aniquila o inimigo.
c) o inimigo desiste e foge.
d) as operações são extensas.

9) Quando o texto se refere a usar a espada embainhada, quer dizer:
a) atacar sorrateiramente.
b) vencer pela paciência.
c) aniquilar o inimigo.
d) atacar com estratagemas.

10) Através do texto, podemos perceber que na arte da guerra:
a) sempre se vence com a violência.
b) ter paciência é o mais importante.
c) a melhor arma é a inteligência.
d) contra a força não existe resistência.

Viajando com a pré-leitura

Fazendo uma analogia entre o processo de leitura e uma viagem de carro, podemos perceber algumas particularidades que justificam a necessidade da pré-leitura.

EM UMA VIAGEM	NA LEITURA
Habilidade do leitor	**Habilidade do motorista**
Tipo de carro	Tipo de texto
Condições de tráfego	Tipo de linguagem utilizada
Condições de conservação da estrada	Diagramação, tamanho e tipo de letra
Condições do tempo	Condições ambientais (calor, iluminação etc.)
Razão pela qual está fazendo a viagem	Objetivos e metas na leitura
Conhecimento prévio do percurso	**Reconhecimento global do texto**

"Onde quer que você esteja
é o ponto de partida"
Kabir

Principais fatores que influenciam no ritmo

Não seria prudente entrar em uma estrada desconhecida em alta velocidade.

Sem conhecimento prévio do tipo de terreno, se existem aclives ou declives acentuados, se o trajeto é ou não sinuoso, se a pista está seca ou molhada, enfim, quais são as reais condições a serem enfrentadas, dificilmente estaríamos preparados e adaptados para enfrentar os possíveis desafios e obstáculos.

A **pré-leitura** é uma ferramenta que se apresenta como "**um helicóptero**" e serve para fazer um sobrevoo de reconhecimento, permitindo uma visão global do que será abordado (no caso da leitura, o próprio texto).

Do que trata o texto? Devo ler este texto agora ou existe algum outro prioritário? Para atender as minhas necessidades, preciso ler o assunto na íntegra ou parte dele? Quais partes devo ler primeiro? Para onde devo dirigir minha atenção nestas partes?

As perguntas que são formuladas com base na pré-leitura **criam o foco**, orientando a atenção do leitor durante a leitura integral do texto.

PRÉ-LEITURA

Não seria prudente fazer uma escalada sem uma análise antecipada da topografia da montanha. Tampouco seria seguro mergulhar em um lago sem antes verificar a sua profundidade. Certamente não!

Apesar disso, é bastante comum fazer-se a leitura de um livro, de um relatório ou de uma revista sem que se faça um sobrevoo de reconhecimento.

Esta análise prévia e superficial é de fundamental importância para prepará-lo para a leitura.

Objetivo

Fornecer ao leitor uma visualização global do conteúdo do assunto que será abordado, por meio de um *sobrevoo* sistemático do texto.

Itso é inrcvíel!!

O crérebo cnoseuge catpar o sneidto das plravaas, não ipomtrando em qaul odrem as lrteas etãso, a úncia csioa iprotmatne é que a piremria e útmlia lrteas etejasm no lgaur crteo.

O rseto pdoe ser uma ttaol bçguana que vcoê anida pdoe ler sem pobrlmea.

A **visão panorâmica** fornecida pela pré-leitura permitirá que você inicialmente avalie:

- **o grau de dificuldade** que o texto apresenta e a necessidade de buscar informações em uma bibliografia auxiliar;
- **o tempo estimado** para a realização da leitura;
- o melhor momento para realizar determinado **tipo de leitura**, em função da identificação do que pretende e do grau de concentração que será exigido;
- **dentre vários assuntos**, quais devem ser abordados prioritariamente;
- se o texto atende as **suas expectativas e propósitos** para a realização da leitura;
- a necessidade de ler o texto **na íntegra ou somente parte deste**; e
- se a escolha de determinada **bibliografia** contempla as melhores condições de diagramação, tipo e tamanho de fonte e programação visual.

Portanto, a pré-leitura funciona como uma ferramenta que permite fazer um perfeito ajuste do leitor ao texto, possibilitando melhor administração do tempo disponível para a leitura e para a conquista de melhores resultados.

Aprendendo a fazer a pré-leitura

A pré-leitura é também conhecida como leitura explotatória, ou *skimming*.

Como o objetivo da pré-leitura é obter uma visão global, porém superficial do assunto, os movimentos oculares se diferenciam daqueles realizados na leitura integral.

1º Momento:

Inicialmente, observe o título, subtítulo, nome do autor, fotos, negritos, ou seja, as partes já concebidas como relevantes e tudo aquilo que estiver em destaque.

2º Momento:

Sobrevoe e explore o texto deslizando em "S".

O movimento fundamental de "S" consiste em deslizar sobre as linhas impressas com um movimento amplo e sinuoso, fazendo uma varredura do texto com o campo visual.

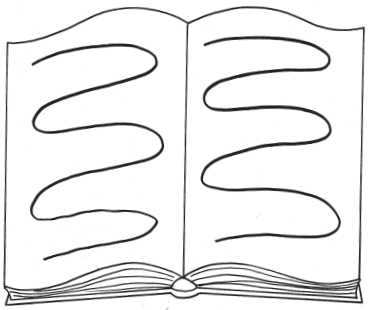

Fig. nº 7

FOCO

Durante a varredura ou sobrevoo no texto com o movimento de "S", a sua atenção deve estar focalizada na identificação de **palavras-chave**, quer dizer, buscando um apoio seletivo nas palavras que sejam mais significativas, para que tenha uma visão global do assunto a ser abordado.

Exercício:

Descreva a sua percepção a respeito do texto abaixo, apoiado nas palavras-chave em destaque.

Ocorreu **ontem** na Barra da Tijuca, por volta das vinte e duas horas em função do **mau tempo** um grave acidente envolvendo três veículos. No local, cruzamento da Avenida das Américas com o retorno em frente ao condomínio Mandala, não havia iluminação por **falta de energia**. Por mais de quarenta e cinco minutos todos os **sinais de trânsito** ficaram desligados e o acidente resultou em uma vítima fatal e duas gravemente feridas, sendo estas socorridas pela **ambulância** do resgate do Corpo de Bombeiros e encaminhadas ao **Hospital** Lourenço Jorge.

_____

_____

_____

_____

Será que a sua percepção se identifica com a informação contida no texto?

Avance e descubra!

Avalie agora a sua percepção inicial, comparando a sua descrição com o texto na íntegra.

Ocorreu **ontem** na Barra da Tijuca,
por volta das vinte e duas horas,
em função do **mau tempo**, um grave
acidente, envolvendo três veículos. No local,
cruzamento da Avenida das Américas com
o retorno em frente ao condomínio Mandala,
não havia iluminação por **falta de energia**.
Por mais de quarenta e cinco minutos, todos
os **sinais de trânsito** ficaram desligados,
e o acidente resultou em uma vítima fatal
e duas gravemente feridas, sendo estas
socorridas pela **ambulância** do resgate
do Corpo de Bombeiros e encaminhadas
ao **Hospital** Lourenço Jorge.

Na pré-leitura, o sobrevoo é um percurso flexível, em que nem todas as palavras- chave precisam ser apreendidas para que se consiga identificar a essência do texto. Como no exemplo anterior, a identificação do assunto se dá a partir do reconhecimento de parte delas.

A pré-leitura não tem como função substituir a leitura integral, porém funciona como uma poderosa ferramenta que permite preparar o leitor para enfrentar os desafios inerentes à leitura.

DICAS PRÁTICAS

Cuidado para que a atenção dirigida para o movimento em "S" não afete a sua percepção das palavras-chave. O movimento em "S" é somente uma orientação para que você deslize sinuosamente, de forma suave e abrangente, pelo texto.

Se a pré-leitura não deixá-lo seguro quanto à ideia geral do texto, dificultando a análise e a tomada de decisão do que deve ser feito e como fazer, **leia integralmente o texto!**

USANDO A PRÉ-LEITURA

O uso sistemático da pré-leitura como ferramenta intelectual acaba por tornar-se um hábito onde se pré-lê instintivamente todo o material a ser lido.

Para que a referida ferramenta tenha a efetividade esperada, ela precisa ser "afiada" e ajustada para o uso.

COMO FAZER A PRÉ-LEITURA DE JORNAIS

Nos jornais, as manchetes servem como um guia para que o leitor decida-se por ler uma notícia ou saltar para uma outra. Porém, nem sempre a manchete traduz exatamente a notícia.

Para otimizar o tempo disponível para a leitura de jornais sem o comprometimento da qualidade da informação assimilada, podemos estruturar a pré-leitura de forma a fornecer indicadores que orientem uma leitura seletiva.

As notícias de jornais normalmente condensam a notícia no primeiro parágrafo e detalham a mesma nos demais. Às vezes, o parágrafo final contém alguma conclusão, dado relevante ou prognóstico do desenrolar dos fatos.

DICAS PRÁTICAS

- Observar a manchete.
- Estreitar o "S" no início da notícia para favorecer a captação do núcleo da notícia.
- Depois, verificar superficialmente o seu detalhamento (fig. nº 8).

Após a pré-leitura, você poderá optar por ler a notícia integralmente, ler somente uma parte de maior interesse, ler depois em função de uma necessidade específica ou até mesmo não ler.

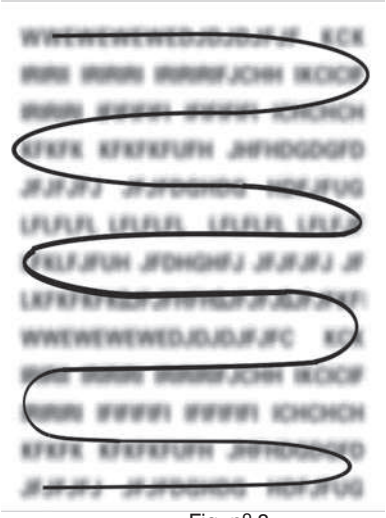

Fig. nº 8

COMO FAZER A PRÉ-LEITURA DE REVISTAS

A leitura de revistas é um excelente recurso para aquele que quer estar bem informado.

Em contrapartida, este tipo de leitura, somada a todas as outras necessárias ao trabalho e ao estudo, acaba nos impondo uma avalanche de informações.

Resultado: o acúmulo de revistas não lidas, que acabam ficando empilhadas em uma prateleira, na esperança de um dia serem lidas (o que, na maioria dos casos, nunca acontece).

Criando um folhear sistemático e observando os principais pontos de referência na pré-leitura de revistas, ficará muito mais fácil administrar o seu tempo para a leitura das mesmas.

DICAS PRÁTICAS

- Observe atentamente a capa. Nela aparecem as notícias de maior destaque.
- Examine o índice, onde você irá encontrar a pauta dos assuntos e poderá definir o que efetivamente lhe interessa.
  Em cada reportagem lida, examine qual será o seu foco de abordagem.
- Folheie sitematicamente a revista, observando atentamente as manchetes e examinando as fotos, figuras, gráficos e negritos (o grande número de anúncios encontrado nas revistas poderá ser desprezado se não fizer parte do seu foco).
- Prossiga até o final da revista sem interromper a pré-leitura (por mais interessante que sejam os assuntos já pré-lidos).
- Com a visão global dos assuntos que integram a revista, defina quais são as suas prioridades e realize a leitura. Caso o tempo disponível para a leitura não seja suficiente para todos os assuntos selecionados, você poderá voltar posteriormente, de forma rápida e seletiva, pois ficará mais fácil encontrar na revista algo que já foi pré-lido.
- Evite folhear a revista de trás para a frente, pois esta prática reiterada poderá virar um vício, causando prejuízos à pré-leitura.
  Lembre-se de que esta prática geralmente obriga um vaivém de folhas quando algum assunto interessar mais.

COMO FAZER A PRÉ-LEITURA DE CARTAS COMERCIAIS

Para quem lida com cartas comerciais, a agilidade e a precisão são fatores de grande relevância.

A pré-leitura funciona como um filtro que separa e determina quais as cartas que contêm os assuntos de maior importância ou, até mesmo, de maior urgência, para que sejam tratados prioritariamente, além de indicar o nível de atenção que deve ser dispensado na leitura.

DICAS PRÁTICAS

- Observe o timbre. Ele fornece uma indicação visual do remetente.
- Verifique o destinatário e as referências.
- Faça um sobrevoo estreitando a sinuosidade no corpo da carta para obter uma visão global do assunto tratado (fig nº 9).
- Observe também a data e se existem prazos limites fixados. Se necessário, sublinhe ou passe lumicolor nos prazos.
- Note que é usual encontrar uma introdução com referências no primeiro parágrafo e formalidades no último.
- Confira se a carta comercial está assinada, e por quem. Normalmente, existe a identificação do cargo ou função de quem a assina. Esta prática auxilia a posterior ordenação de prioridades para a leitura.

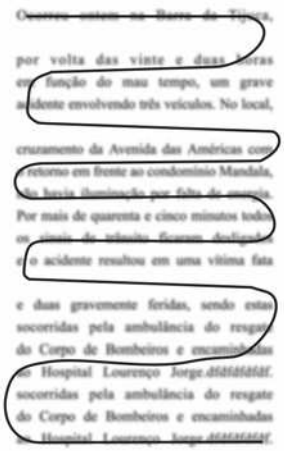

Fig. nº 9

- Por fim, defina os critérios de ordenação e execute a leitura.
- Acostume-se a ler as correspondências e, logo em seguida, tomar as providências cabíveis. Isto evitará desperdício de tempo. Se você não fizer isto, acabará tendo que reler a carta posteriormente.
- Acostume-se a agendar de imediato as providências, prazos etc. a serem cumpridos. Isto evitará contratempos.

Desta forma, podemos aumentar o nível de segurança ao lidar com cartas comerciais, evitando contratempos como ter que ler um documento de grande importância no final de uma jornada de trabalho pelo simples fato de tê-lo encontrado no fundo da gaveta de entrada.

COMO FAZER A PRÉ-LEITURA DE RELATÓRIOS

Na leitura de relatórios, a pré-leitura funciona de forma semelhante à descrita para cartas comerciais, ou seja, filtrando e priorizando as informações a serem lidas.

Devido às características diferenciadas do material, algumas adequações se fazem necessárias.

DICAS PRÁTICAS

- Pré-leia o título, o nome do autor e a data do relatório.
- Procure familiarizar-se com o tema, verificando se o autor é uma autoridade reconhecida no assunto, um elemento técnico, um pesquisador ou tem outra característica especial que possa ajudá-lo a definir o nível de confiabilidade, profundidade e o estilo redacional.
- No caso de relatórios técnicos, examine se existe a descrição da metodologia e recomendações.
- Percorra o corpo do relatório de forma abrangente, procurando captar a sua linha de desenvolvimento.
- Na conclusão, procure estreitar o "S" para favorecer a sua captação (fig. nº 10).

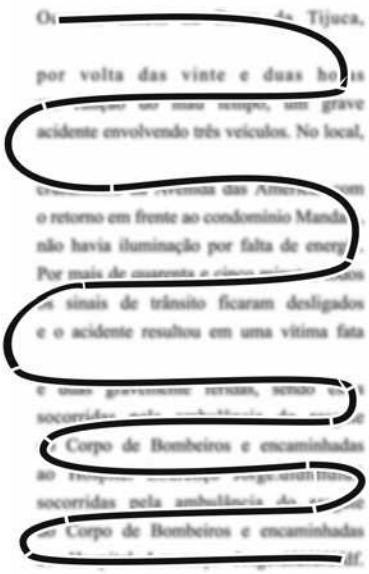

Fig. nº 10

Com a visão global proporcionada pela pré-leitura, você poderá preparar uma abordagem específica para cada tipo de relatório, otimizando a leitura, a análise e a emissão de pareceres.

COMO FAZER A PRÉ-LEITURA DE LIVROS

A pré-leitura de livros assemelha-se com a realizada em revistas. Constitui um folhear sistemático, que em um livro de trezentas páginas não demanda mais do que dez minutos.

Os dez minutos utilizados na pré-leitura em hipótese alguma significam um desperdício de tempo! Ao contrário, podem significar uma considerável economia de tempo na leitura, pela certeza da escolha do melhor material e do aumento da efetividade.

Com a pré-leitura, você poderá selecionar o livro que melhor atende às suas necessidades e expectativas, levando em consideração fatores como: leiaute, tamanho de letra, proximidade entre linhas, estilo e linguagem utilizada pelo autor e nível de profundidade de abordagem do assunto.

DICAS PRÁTICAS

- Examine a capa e a contracapa.
- Leia as orelhas.
- Preste atenção ao nome do autor, verifique se existem citações biográficas e procure conhecer a sua qualificação.
- Verifique a data de *copyright* e se possui revisões, a fim de avaliar a sua atualidade.
- Pré-leia o prefácio, o prólogo, a introdução e o índice.
- Faça um reconhecimento visual, observando a diagramação, tamanho e tipo de fonte, proximidade entre linhas etc.
- Uma vez concluído o reconhecimento geral da obra e identificado o interesse por determinados capítulos, procure fazer a pré-leitura dos mesmos, avaliando a forma e em que nível de profundidade o autor aborda os assuntos.

No caso da escolha do melhor material para a realização de uma leitura ou pesquisa, selecione inicialmente pelo menos três livros e, através da pré-leitura, identifique, em função dos procedimentos descritos anteriormente, aquele que melhor se ajusta à sua necessidade.

COMO FAZER A PRÉ-LEITURA DE CAPÍTULOS DE LIVROS

Pré-lendo os capítulos de um livro, você estará se preparando para entender melhor o que terá que ler posteriormente.

DICAS PRÁTICAS

- Dê uma rápida olhada no índice do livro para situar o capítulo que você vai ler dentro da estrutura geral da obra.
- Pré-leia o título e o primeiro parágrafo, e perceba como está estruturada a introdução.
- Aborde o desenvolvimento percorrendo, de forma rápida e superficial, as páginas do capítulo.
- Dirija a sua atenção para os títulos de itens e subitens, ilustrações e negritos.

- Pré-leia o último parágrafo e observe como o autor encerra o assunto.
- No caso de existir uma conclusão, faça uma pré-leitura cuidadosa da mesma.
- Observe se o autor apresenta quadros sinópticos ou esquemas que o auxiliem no entendimento do assunto.
- Assegure-se de que o capítulo realmente poderá atender às suas necessidades.

Agora, sim, você poderá investir o seu tempo em uma leitura criteriosa, com um propósito (foco) definido, assegurando um resultado positivo pela escolha segura da melhor opção em relação aos materiais disponíveis.

A PÓS-LEITURA

Faça uma pós-leitura para assegurar um bom resultado.

A pós-leitura é executada **da mesma forma** que a **pré-leitura**: deslizando em "S".

Diferencia-se da pré-leitura somente na sua **aplicação**.

É realizada **após** a **leitura integral** do texto, podendo ter por objetivo possibilitar:

a) uma revisão geral do assunto;

b) uma reposição de informações que eventualmente tenham sido esquecidas;

c) observação de detalhes em destaque, como: grifos, negritos, gravuras e observações contidas no texto; e

d) a retenção de dados e informações específicas.

A pós-leitura pode ser usada como um elemento de controle no processo de leitura dinâmica.

Comece agora a aplicar o que aprendeu:

1º) Observe o título, subtítulo, nome do autor.

2º) Pré-leia o texto, fazendo um percurso com o movimento em "S" para saber como o assunto está abordado e o tipo de linguagem utilizada, buscando avaliar superficialmente o assunto.

3º) Leia o texto utilizando a maior velocidade que permita compreendê-lo.

4º) Faça uma pós-leitura para que, de acordo com seus objetivos, possa fazer a fixação das informações mais relevantes.

> "ler faz o homem completo."
>
> Francis Bacon

EXERCÍCIO DE VELOCIDADE

Leia rápido e marque o tempo!

A SÍNDROME DO SAPO FERVIDO

Luis Carlos Cabrera

É inegável a velocidade e a intensidade das transformações sociais, políticas e econômicas em todo o mundo e, particularmente, no nosso Brasil.

É fácil, para o leitor, concordar com esta colocação como observador do nosso cenário. Mas o que tem sido feito pelas suas empresas para acompanhar estas mudanças tão turbulentas? Que respostas têm sido dadas às pressões do ambiente externo? Estamos mudando a organização, sistemas de informação, sistemas de trabalho e, principalmente o comportamento das pessoas para enfrentar e vencer este desafio do mundo globalizado, da competitividade e de empresários mais maduros e conscientes? É aqui que entra a "Síndrome do Sapo Fervido", que li no artigo de Charley Gill. Vários estudos biológicos provaram que um sapo colocado num recipiente, com a mesma água da lagoa, fica estático durante todo o tempo em que aquecemos a água, até que ela ferva. O sapo não reage ao gradual aumento de temperatura (mudanças do ambiente) e morre quando a água ferve. Inchadinho e feliz. Por outro lado, outro sapo que seja jogado nesse recipiente com água já fervendo, salta imediatamente para fora. Meio chamuscado, porém vivo!

Alguns de nossos empresários e executivos têm um comportamento similar ao do Sapo Fervido. Não percebem as mudanças, acham que está tudo bem, que vai passar, que é só dar um tempo! E "quebram" ou fazem um grande estrago em suas empresas, "morrendo" inchadinhos e felizes, sem terem percebido as mudanças. Outros graças a Deus, ao serem confrontados com as transformações, pulam, saltam, em ações que representam, na metáfora, as mudanças necessárias.

Temos vários Sapos Fervidos por aí. Prestes a morrerem, porém boiando estáveis e impávidos na água que se aquece a cada minuto. Sapos fervidos que não perceberam que o conceito de administrar mudou. O antigo "administrar é obter resultados através das pessoas" foi gradualmente substituído por: "administrar é fazer as pessoas crescerem através do seu trabalho, atingindo os objetivos da empresa satisfazendo suas próprias necessidades".

Os Sapos Fervidos não perceberam também que seus gerentes, além de serem eficientes (fazerem certo as coisas), precisam ser eficazes (fazerem as coisas certas). É que, para isso, o clima interno tem que ser favorável ao crescimento profissional, com espaço para o diálogo, para a comunicação clara, para o compartilhamento, para o planejamento e para a relação adulta. O desafio ainda maior está na humildade de atuar de forma coletiva. Fizemos durante muitos anos o culto ao individualismo, e a turbulência exige, hoje, o esforço coletivo, que

é a essência da eficácia, como resposta. Tornar as ações coletivas exige, fundamentalmente, muita competência interpessoal para o desenvolvimento do espírito de equipe, exige saber partilhar o poder, delegar, acreditar no potencial das pessoas e saber ouvir.

Os Sapos Fervidos, que ainda acreditam que o fundamental é a obediência, e não a competência, que manda quem pode e obedece quem tem juízo, "boiarão" no mundo da produtividade, da qualidade e do livre mercado.

Acordem, Sapos Fervidos, saiam dessa, o mundo mudou, pulem fora antes que a água ferva. O Brasil e a nova ordem econômica precisam de vocês vivos, meio chamuscados, mas vivos e prontos a agir.

Número de palavras 524 Marque agora o seu tempo! Min.____ seg.____

QUADRO DE DESEMPENHO		TESTE DE DESEMPENHO	RESULTADO
Velocidade	Ppm	(524 : tempo em minutos)	
Captação	Pcap	(Número de acertos x 10)	
Efetividade	Pcap/min	(Ppm x Pcap: 100)	

De acordo com o texto, assinale a resposta correta.

1) A metáfora retratada no texto "Síndrome do Sapo Fervido" tem como foco:

a) desafio à percepção privilegiada dos dirigentes de empresa.
b) as mudanças provocadas pela negligência empresarial.
c) a necessidade de adaptação rápida frente aos novos cenários econômicos.
d) os problemas internos na gestão de negócios.

2) A experiência de aquecer água da lagoa contida no recipiente demonstra que os sapos:

a) são resistentes a alta temperatura.
b) não percebem a mudança gradual de temperatura e morrem.
c) não são resistentes a alta temperatura.
d) só saltam quando o aumento gradual de temperatura faz a água ferver.

3) Alguns empresários "quebram" por:

a) não observarem as mudanças.
b) acharem que está tudo bem.
c) acreditarem que tudo é passageiro.
d) todas as opções anteriores estão corretas.

4) O moderno conceito de administração tem como foco:

a) o cumprimento de metas e a maximização de resultados.
b) contemplar os objetivos da empresa, as necessidades e o crescimento das pessoas.
c) obter melhores resultados para a empresa através do trabalho das pessoas.
d) o crescimento das pessoas conforme os resultados obtidos pela empresa.

5) A frase que melhor define eficiência é:

a) fazer certo as coisas.
b) fazer certas coisas.
c) fazer o que deve ser feito.
d) fazer as coisas sempre.

6) A frase que melhor define eficácia é:

a) fazer o máximo de coisas.
b) fazer somente o mais importante.
c) fazer as coisas certas.
d) fazer tudo certo.

7) Para que as pessoas possam crescer através de seu trabalho, é preciso que:

a) existam boa comunicação, planejamento e trabalho de equipe.
b) a gerência defina o que e como as coisas devem ser feitas.
c) o clima interno estimule a competição entre as pessoas.
d) cada um mostre que é a peça mais importante da máquina produtiva.

8) Na tomada de ação coletiva, devemos levar em consideração:

a) a capacidade de partilhar e delegar poder.
b) o espírito de equipe e a crença no potencial das pessoas.
c) a competência interpessoal e o saber ouvir.
d) todas as alternativas anteriores.

9) Os Sapos Fervidos acreditam que o fundamental é:

a) a obediência daquele que cumpre as ordens.
b) a competência daquele que dá as ordens.
c) estar atento para não ser surpreendido pelas mudanças.
d) reagir a tempo de sobreviver.

10) De acordo com o texto, "pular fora antes que a água ferva" quer dizer:

a) fugir enquanto é tempo para não ser engolido pelos problemas.
b) desistir se perceber que não pode resolver a situação-problema.
c) acordar e reagir frente às mudanças rápidas e constantes.
d) só investir quando se tem certeza de sucesso.

QUADRO-SÍNTESE DA TERCEIRA ETAPA

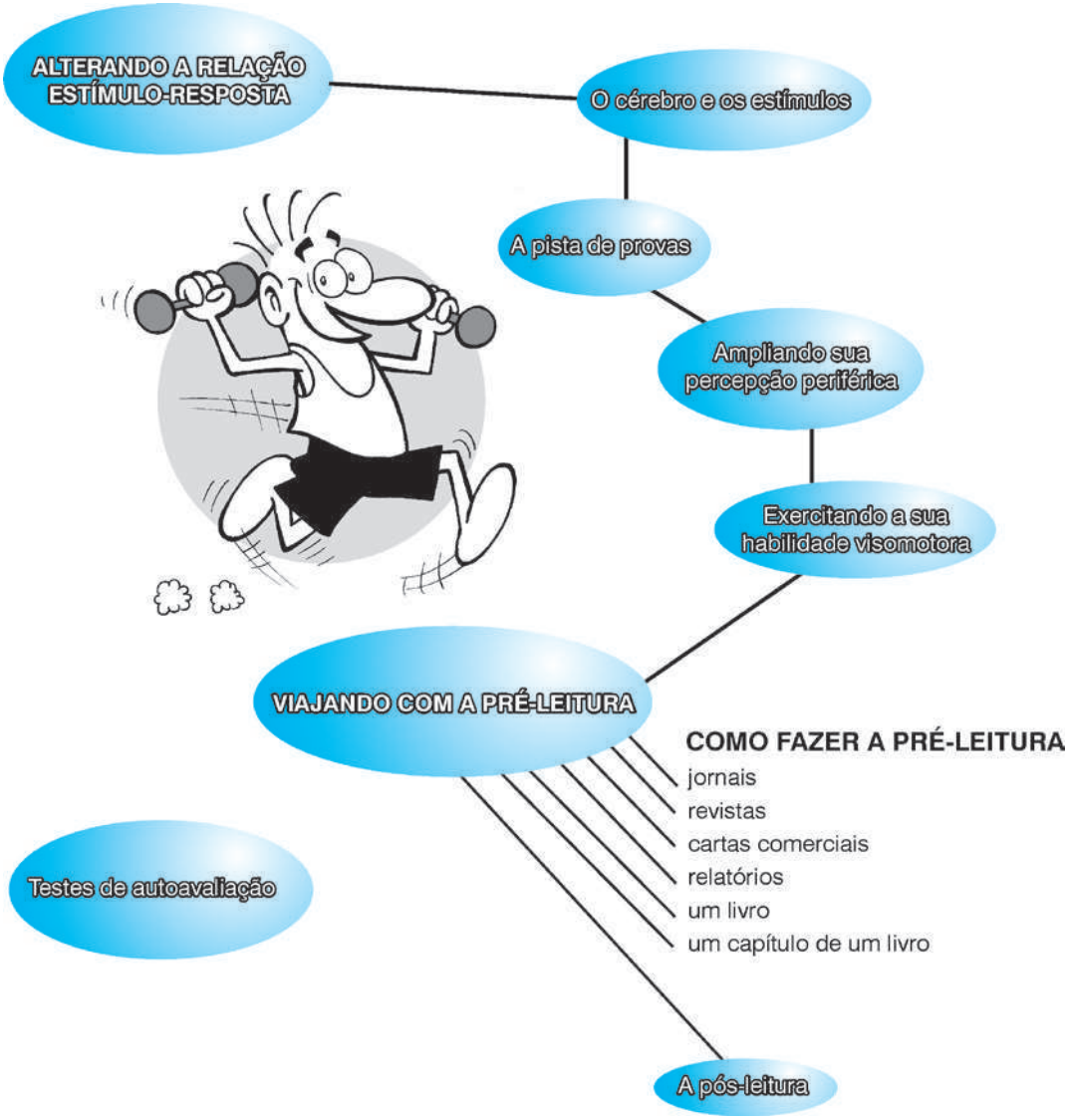

"Veja os obstáculos como pontos de referência:
você está indo pra frente cada vez que deixa um obstáculo pra trás"

Anônimo

4

QUARTA ETAPA

Nesta etapa, você estará otimizando os aspectos qualitativos da leitura para a sua aplicação no estudo, no trabalho e na vida.

Capítulo

4

Ajustando o ritmo aos diversos tipos de leitura

Lendo dinamicamente, você não precisará utilizar sempre a mesma velocidade.

Na verdade, ficará muito mais fácil adaptar o ritmo da leitura ao tipo de texto e ao propósito da leitura.

A grande vantagem atribuída ao método é que mesmo quando você sentir a necessidade de reduzir a velocidade de leitura para ajustar-se a determinada condição continuará lendo mais rápido que o leitor tradicional, que, submetido às mesmas condições, terá maior redução da velocidade. Este fato se deve à eliminação dos vícios de leitura, associada a uma maior velocidade de raciocínio.

Estaremos agora apresentando alguns aspectos relevantes que devem ser observados em alguns tipos de leitura.

Leitura informativa

Na leitura de jornais, revistas, periódicos etc, em que o propósito é manter-se informado, a própria satisfação pessoal obtida da leitura determinará o ritmo.

Exemplo 1: Lendo rapidamente uma notícia de jornal e sentindo-se satisfeito, você avança imediatamente para a próxima notícia.

Exemplo 2: Lendo rapidamente uma notícia de jornal e percebendo nela uma maior importância, faz-se necessário um ajuste na velocidade, para que assim você alcance um nível de satisfação que permita avançar para a próxima notícia.

Lembre-se de que, normalmente, não se exige um alto índice de retenção para a leitura informativa. O seu próprio interesse em fixar determinadas informações estará dirigindo o processo.

Leitura de lazer

Na leitura de lazer, você é o responsável pela escolha do assunto a ser lido. Em função dessa escolha é que o ritmo se estabelecerá.

Neste caso, o ritmo também estará relacionado à satisfação pessoal proporcionada pela leitura.

Exemplo 1: Você escolhe para ler um romance de época, que descreve minuciosamente cada detalhe da vestimenta, do local e das características pertinentes a cada personagem.

Viajando na leitura, você imagina cada cena, dando vida aos personagens.

Sem perceber, você relaxa e reduz consideravelmente a sua velocidade.

Neste caso, a redução da velocidade não significa que você deixou de ler dinamicamente.

Lembre-se do conceito de efetividade: o processo OK, sem vícios (excetuando-se o da subvocalização, que tende a ocorrer em baixas velocidades), somado ao resultado OK, o prazer proporcionado pela leitura, resultam na **efetividade**.

Exemplo 2: Você escolhe para ler um romance policial, em que a história o envolve em um clima de suspense e mistério.

O seu grande interesse e sua curiosidade em descobrir mais e mais impelem você a avançar no texto para saber como se desfecha a história.

Sem perceber, você acelera a sua leitura e devora vorazmente o texto.

Lendo rapidamente, certamente você não abriu mão do prazer na leitura. Desta forma, conseguiu também ser efetivo.

Leitura voltada para o estudo e o trabalho

Quando a leitura é direcionada para o estudo e para a atividade profissional, não podemos usar como parâmetro de avaliação somente a satisfação pessoal.

Neste caso, o ajuste do ritmo deve ser feito de forma a garantir para a leitura um índice mínimo de 70% de compreensão e retenção. Esta exigência fica conside-ravelmente maior para se conseguir a classificação em concursos.

Pela experimentação prática na leitura compreensiva, você estará gradativamente reconhecendo seus limites. Para que você estabeleça qual é a maior velocidade que permite uma perfeita captação do que foi lido, estaremos, em seguida, trabalhando os aspectos relativos à compreensão e interpretação de textos.

Compreendendo textos

A compreensão é uma operação lógica e objetiva que é apoiada pelas técnicas da Leitura Dinâmica.

Compreendendo a compreensão

A compreensão literal

Ocorre quando você consegue recuperar as **informações** colocadas explicitamente em uma leitura, auxiliado pelo reconhecimento das ideias principais e secundárias do texto. É baseada na lembrança de fatos, sequências ou de ideias expressamente estabelecidas etc.

A compreensão ativa

É a compreensão que objetivamos para a Leitura Dinâmica. Ocorre quando, a partir da pré-leitura, são formuladas perguntas e hipóteses, que serão confirmadas ou contestadas (no texto).

Neste caso, além da **compreensão literal**, deve existir um **relacionamento** entre você e o texto, em que as perguntas servem para estruturar o seu foco, dirigindo um processo contínuo de formulação e busca, respondendo a perguntas antes, durante e depois de ler.

As suas **experiências anteriores** acumuladas sobre o assunto, quer sejam de origem prática ou oriundas de leituras, poderão servir de base para associações formadoras de um entendimento majorante, ultrapassando os limites do texto escrito.

Esta dimensão permitirá a você formular um juízo de valor crítico, analisando as ideias apresentadas no texto de acordo com critérios, que podem ser de origem externa – obtidos de outras obras ou através de autoridades no assunto – ou interna orientados pelos seus conhecimentos e vivências.

A partir de uma análise ativa do texto, você estará pronto e seguro para manter uma atitude de antecipação e busca, podendo concordar (ou discordar), na íntegra ou em parte, com as informações lidas, complementando, reorganizando e assumindo um posicionamento crítico e reflexivo com relação às informações assimiladas.

Não entendi...
E agora? O que fazer?

Ao ler um texto, percebendo que não consegue compreendê-lo, você:

A) Desiste e abandona o texto.

B) Pede a alguém que explique.

C) Relê o texto.

D) Põe a culpa no autor e procura um outro texto.

E) Nenhuma das respostas anteriores.

A) Se você assinalou a primeira opção, poderá estar perdendo a oportunidade de trabalhar a superação de obstáculos, além de deixar de aperfeiçoar o processo de leitura.

B) Escolhendo a segunda opção e pedindo ajuda a alguém, você poderá estar lançando mão da "Lei do menor esforço", porém o problema de compreensão tende a persistir. A solução também não é a melhor, porque nem sempre existirá alguém disponível para ajudá-lo.

C) No caso de ter optado pela terceira alternativa, a de reler o texto, poderá estar repetindo a leitura da mesma maneira e, portanto, com as mesmas dificuldades e problemas anteriores.

D) Se a alternativa assinalada foi a quarta, justificando a dificuldade de compreensão pelo tipo de linguagem, o estilo e a profundidade que o autor utilizou na elaboração do texto, lembre-se de tomar cuidado e verificar se a origem do problema está, de alguma forma, relacionada ao seu nível de conhecimentos e de preparação, que pode estar aquém do exigido para o entendimento de tal texto.

E) Finalmente, se a opção assinalada foi a última, "Nenhuma das respostas anteriores", parabéns! Pensando desta maneira você estará criando um espaço para uma análise do motivo da não compreensão.

Para que você possa entender melhor a situação, imagine uma linha de montagem em que são executadas várias operações para se chegar ao produto acabado.

Em um determinado momento, um inspetor de qualidade identifica que os produtos não estão em conformidade com os padrões predefinidos.

Será que neste caso a atitude mais coerente seria simplesmente refazer o produto?

A resposta certamente seria NÃO.

Seria necessário parar a linha de produção, analisar o processo, identificar as causas da não conformidade e implementar as ações corretivas e preventivas relacionadas ao problema.

Finalmente, reiniciar a linha e refazer o produto.

De uma forma análoga, o mesmo acontece com o processo de leitura.

Se você constatar, ao ler um texto, que não obteve boa compreensão, evite reagir de forma instintiva.

Isto quer dizer que antes de desenvolver alguma ação imediata ou simplesmente reler o texto você deve parar e analisar cuidadosamente a natureza do problema, procurando identificar quais são as suas **possíveis causas**. Em seguida, defina quais ações deverão ser desenvolvidas e implemente-as.

DICAS PRÁTICAS

Para compreender melhor

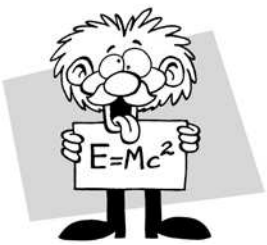

O fluxograma a seguir mostra como proceder para que você possa obter melhores resultados na compreensão de textos.

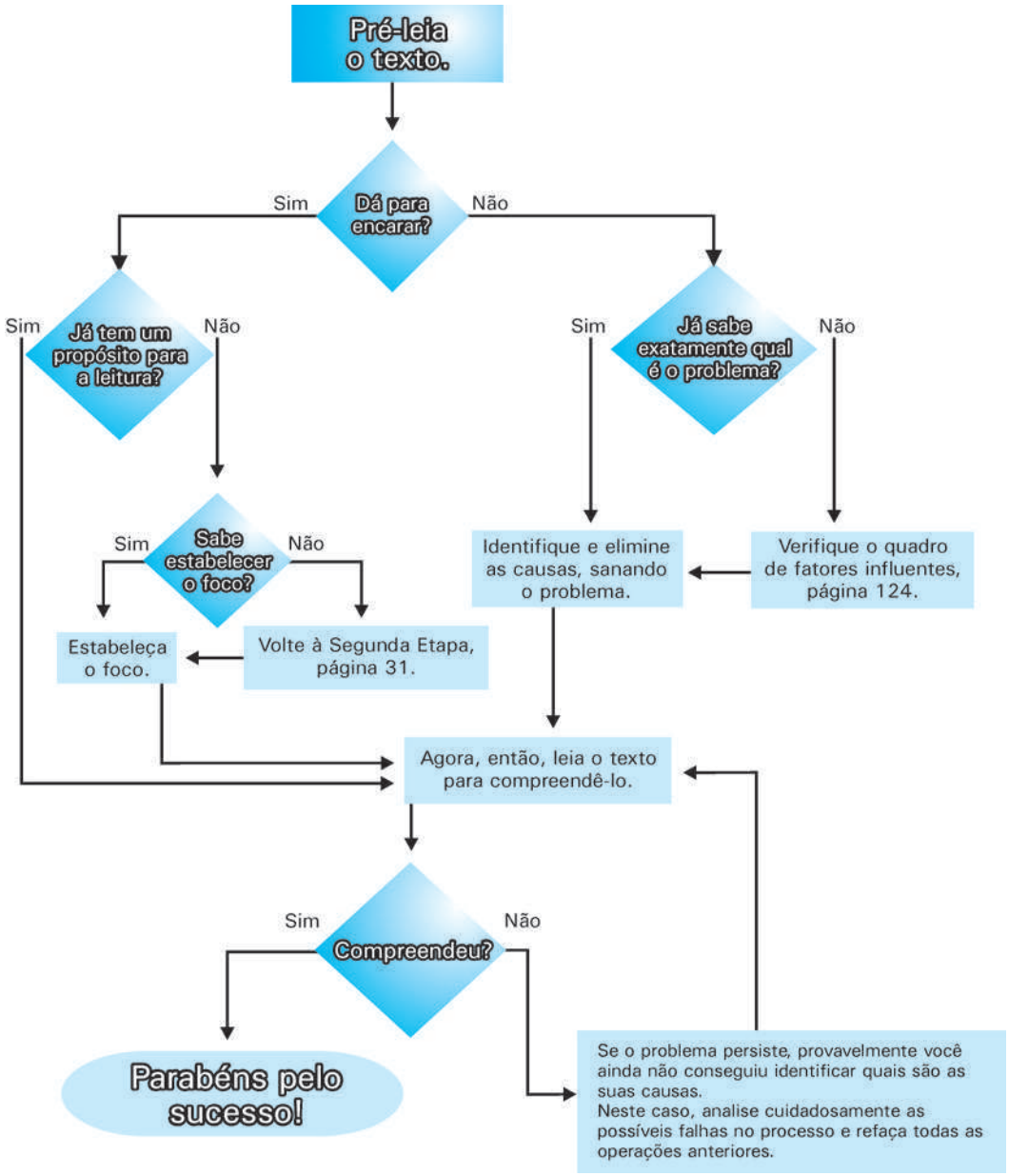
Pré-leia o texto.
Dá para encarar?
Sim
Não
Já tem um propósito para a leitura?
Sim
Não
Sabe estabelecer o foco?
Sim
Não
Estabeleça o foco.
Volte à Segunda Etapa, página 31.
Já sabe exatamente qual é o problema?
Sim
Não
Identifique e elimine as causas, sanando o problema.
Verifique o quadro de fatores influentes, página 124.
Agora, então, leia o texto para compreendê-lo.
Compreendeu?
Sim
Não
Parabéns pelo sucesso!
Se o problema persiste, provavelmente você ainda não conseguiu identificar quais são as suas causas.
Neste caso, analise cuidadosamente as possíveis falhas no processo e refaça todas as operações anteriores.

Conhecendo os fatores influentes e atuando sobre eles

A não compreensão pode ser causada ou influenciada por diversos fatores que vamos analisar a partir de agora:

RECONHECENDO OS FATORES FÍSICOS CANAL / RECEPTOR	ATUANDO OBJETIVAMENTE AÇÕES PROPOSTAS
❑ Ruídos	❑ Na escolha de um local para a leitura, observe as possíveis interferências ambientais.
❑ Iluminação	❑ Aproveite a luz natural e ajuste a artificial de forma a obter o melhor nível de iluminação.
❑ Ventilação	❑ Dê preferência a locais onde a renovação de ar seja constante.
❑ Temperatura ambiente	❑ Cuide para que o nível de temperatura não cause desconforto (frio ou calor excessivo).
❑ Mobiliário	❑ Escolha o mobiliário de acordo com a atividade que será desenvolvida.
❑ Posicionamento corporal	❑ Procure manter uma postura corporal adequada para a leitura, evitando vícios de posicionamento.
❑ Proximidade entre linhas	❑ Realize um treinamento da movimentação ocular na leitura, ou escolha um material alternativo de mais fácil visualização.
❑ Qualidade, tipo e cor de papel	❑ Na escolha do material, procure perceber se a sua qualidade potencializa ou dificulta a compreensão.
❑ Deficiência visual não corrigida	❑ Usar óculos ou lentes de contato que estejam perfeitamente adequados para a leitura.
❑ Cansaço físico	❑ Saber respeitar os próprios limites e certificar-se de que está suficientemente descansado para a tarefa.
❑ Problemas de saúde	❑ Praticar esportes, alimentar-se de forma saudável e fazer um acompanhamento médico periódico são bons conselhos para manter a saúde em dia.

RECONHECENDO OS FATORES INTELECTUAIS / COMPORTAMENTAIS EMISSOR / RECEPTOR	ATUANDO OBJETIVAMENTE AÇÕES PROPOSTAS
❑ Estilo e competência do autor	❑ Busque referências e ou faça uma pré-leitura para reconhecer e adotar um autor.
❑ Profundidade da abordagem	❑ Reconheça se a abordagem tem a pro-fundidade que necessita e se você está preparado.
❑ Vocabulário do leitor	❑ Enriqueça continuamente o seu vocabulário por meio da própria leitura.
❑ Embasamento no assunto	❑ Prepare-se para os assuntos que serão abordados.
❑ Conhecimento e domínio do processo de leitura	❑ Conheça os processos que interagem na leitura para que possam ser aperfeiçoados.
❑ Capacidade de compreender, interpretar e sintetizar textos	❑ Aprimore-se tecnicamente na leitura.
❑ Predisposição positiva para a leitura	❑ Estabeleça o propósito para realização da leitura estruturando preliminarmente o foco.
❑ Capacidade de direcionamento e manutenção da atenção	❑ Aprenda a reconhecer os fatores que favorecem à concentração e exercitá-la.
❑ Capacidade de retenção	❑ Conheça e aplique técnicas de memorização.
❑ Inteligência e habilidades mentais específicas	❑ Explore a capacidade de raciocínio e o potencial criativo.

Podemos citar ainda como fatores que influenciam na compreensão de textos as solicitações e pressões externas, as preocupações e os imprevistos.

Como podemos observar, existem vários fatores que podem estar interagindo no entendimento da leitura, isoladamente ou de forma combinada.

A correta identificação dos fatores permitirá a elaboração de ações corretivas e preventivas para os problemas relativos à compreensão.

Exemplo:

Durante o estudo de determinado assunto, o leitor sente dificuldade em obter a compreensão.

Ele interrompe a leitura e observa que a mesa utilizada está de frente para a janela, o que ocasionalmente gera dispersão. Além disso, o posicionamento faz com que a luz natural atinja diretamente os seus olhos e projete sombra no texto.

O leitor, então, reposiciona a mesa de maneira que a luz natural incida favorecendo a leitura do texto sem ofuscar a visão. A concentração, nesta posição, fica agora favorecida pela visualização de uma estante de livros.

Analisando a sua dificuldade específica, ele percebe que precisa lançar mão de uma bibliografia auxiliar para ampliar seus conhecimentos básicos no tema a ser compreendido.

Ele faz uma abordagem básica preliminarmente e estrutura-se para a leitura mais aprofundada do assunto.

Eliminados os fatores ambientais que influenciam negativamente e otimizado o nível de conhecimentos sobre o assunto, o leitor relê o texto.

Observação:

Inicialmente, faça uma pré-leitura para saber do que trata o texto.

Após a leitura integral, faça uma pós-leitura para revisar o que foi lido.

EXERCÍCIO DE VELOCIDADE
LEIA RÁPIDO E MARQUE O TEMPO!

Fábula:

Chefes e remadores[9]

(Qualquer semelhança com o modo de se gerenciar empresas não é mera coincidência.)

No ano de 1996, houve, nos arredores de Osaka, uma competição entre as equipes de remo do Brasil e do Japão.

Logo no início da competição, a equipe japonesa começou a se distanciar e completou o percurso rapidamente. A equipe brasileira só conseguiu chegar à meta uma hora depois.

De volta ao Brasil, a Superintendência da equipe de remo reuniu-se para avaliar as causas de tão desastroso e imprevisto resultado. Uma cuidadosa avaliação apontou para uma diferença fundamental: os japoneses disputavam com um chefe de setor e dez remadores; e os brasileiros, com um remador e dez chefes. Essa avaliação foi levada ao departamento de Planejamento Estratégico, com o objetivo de se realizar uma profunda revisão da estrutura organizacional.

Em 1997, após a largada da competição, os japoneses tomaram a frente e se distanciaram. Desta vez, os brasileiros chegaram duas horas depois.

De volta ao Brasil, a Superintendência fez nova reunião de avaliação e notou que a equipe do Japão continuava com um chefe e dez remadores, e que os brasileiros haviam disputado com um chefe, dois assessores, sete chefes de setor e um remador. A conclusão da Superintendência foi: "O remador é um incompetente."

Em 1998, nova disputa aconteceu. O setor de Engenharia, para melhorar a produtividade, colocou em prática seu plano: mudanças na gerência com base no *benchmarking*. Com a *reengineering* e a *value cham analysis,* os brasileiros com certeza conseguiriam um *turnaround* e venceriam. Mas o resultado foi catastrófico. Os brasileiros chegaram três horas depois.

A Superintendência voltou a analisar os resultados e viu que os japoneses mantiveram a tradição de ter um chefe e dez remadores. Os brasileiros perderam com uma formação feita de acordo com a "modernidade": um chefe, dois auditores de qualidade total, um assessor especializado em *empowerment,* um *process owner*, um analista de O&M, um engenheiro de navegação, um *controler*, um chefe de setor, um controlador de tempo e um remador.

---

[9] Adaptado de texto retirado do Boletim Primeira Mão, nº 366 de 04/11/1998.

Depois de muitas reuniões, a Superintendência decidiu demitir o remador e contratar outro, utilizando um contrato de prestação de serviços, sem vínculo empregatício.

Com isso, eles evitariam a influência do Sindicato dos Remadores, responsável pela baixa produtividade e o baixo comprometimento dos recursos humanos com os objetivos da organização.

A competição de 1999, certamente, confirmará o acerto das decisões da Super...

Número de palavras 394	Marque agora o seu tempo!	Min.____ seg.____
QUADRO DE DESEMPENHO	TESTE DE VELOCIDADE	RESULTADO
Velocidade Ppm	(394 : tempo em minutos)	

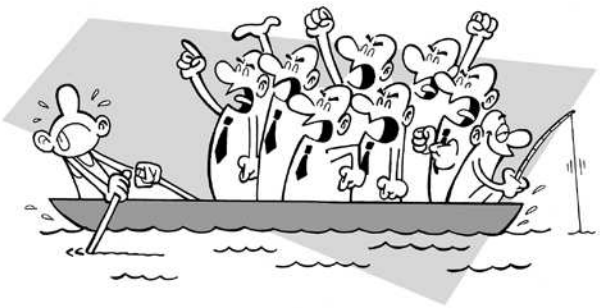

Interpretando melhor

Quem nunca interpretou mal ou foi mal interpretado durante uma conversa ou na transmissão de uma informação?

Nestas ocasiões, certamente procuramos esclarecer os pontos de divergência, interagindo com o outro, dando e recebendo *feedback*.

Na interpretação de textos, esta interação acontece de forma diferente e limitada. Nela, o leitor precisa desvelar as possibilidades de significação do que foi lido, ficando o autor impedido de alertá-lo, no caso de uma interpretação equivocada.

A interpretação de textos exige do leitor a habilidade de contextualizar o que foi compreendido, ultrapassando os limites do texto escrito e gerando inferências e/ou reflexões.

Além disso, devemos levar em consideração que, sob determinadas circunstâncias, uma mesma situação pode ser interpretada de inúmeras maneiras diferentes.

Como você interpreta:

"Navegar é preciso, viver não é preciso..."

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

Nesta condição, o referido trecho admite múltiplas interpretações:

1. Interpretando *navegar* e *preciso* do ponto de vista histórico:

   Navegar é preciso, é importante.

   Na época das grandes navegações, navegar era necessário para a descoberta de novas rotas comerciais, conquista e exploração de novos territórios etc.

   Viver não é preciso, o valor da vida humana ficava em segundo plano.

2. Interpretando *navegar é preciso* do ponto de vista da navegação comercial:

   Navegar é preciso, tem precisão.

   A navegação comercial tem rotas previamente estabelecidas. Para que se chegue de um ponto a outro do globo, a navegação pode ser orientada por satélites (GPS), por cartas oceanográficas, por bússolas, astrolábios etc.

   Viver não é preciso não sabemos com exatidão como e onde iremos chegar.

3. Interpretando *preciso* do ponto de vista do homem apaixonado pela navegação:

   Navegar é preciso, é o que mais importa, essencial.

   Para o "homem do mar", navegar é viver.

   Viver não é preciso, a vida, sem a navegação, não tem valor.

4. Interpretando *navegar* e *preciso* do ponto de vista tecnológico e da modernidade:

   Navegar é preciso, é importante.

   Navegar na Internet é importante para que estejamos constantemente atualizados na era da globalização.

   Viver não é preciso, não precisamos vivenciar tudo o que encontramos disponibilizado na rede de computadores.

5. Interpretando *navegar é preciso* do ponto de vista do poeta:

Navegar é preciso, sonhar, imaginar é necessário.

A matéria-prima do poeta é a sua imaginação.

Viver não é preciso, o poeta não precisa necessariamente viver aquilo que imagina.

Perguntamos agora qual dessas interpretações está correta?

Resposta:

Na condição de estarmos interpretando o trecho isoladamente, todas as interpretações estão corretas. Cada uma é elaborada a partir de uma ótica diferente.

E no caso de uma prova ou de um concurso? Como devemos proceder para estabelecer a ótica correta e alcançar o sucesso?

A diferença fundamental é que em uma prova ou concurso, quando a interpretação se processa, existe a interação do trecho com o contexto no qual ele está inserido.

Para que você possa obter melhores resultados em provas e concursos, faremos a análise das relações das partes com o todo.

A metodologia está estabelecida com base nas técnicas até então desenvolvidas, visando a um maior conhecimento e domínio do processo interpretativo.

Então, vamos lá!

Otimizando a interpretação de textos

A interpretação de textos pode ser analisada com base em alguns degraus da ação:

Teste os seus conhecimentos assinalando os degraus onde se processa a interpretação!

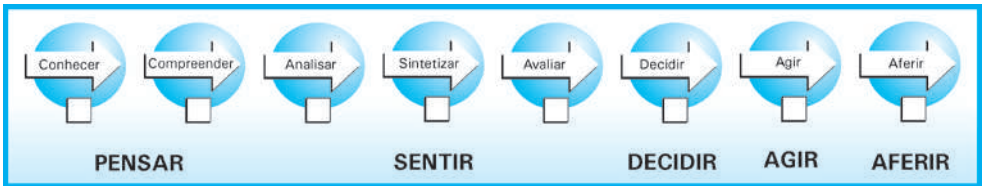

Compare o que você assinalou com a análise que estaremos desenvolvendo.

Podemos dizer que a interpretação descobre o que a compreensão projeta. Portanto ter um bom entendimento do texto torna-se um pré-requisito para uma boa interpretação.

Uma vez trabalhados os degraus do conhecimento e da compreensão, chega o momento de interpretar.

Interpretar significa **analisar, sintetizar e avaliar** (***sentir***) o que foi compreendido com base nos seus conhecimentos anteriores, nos valores pessoais e na sua intuição.

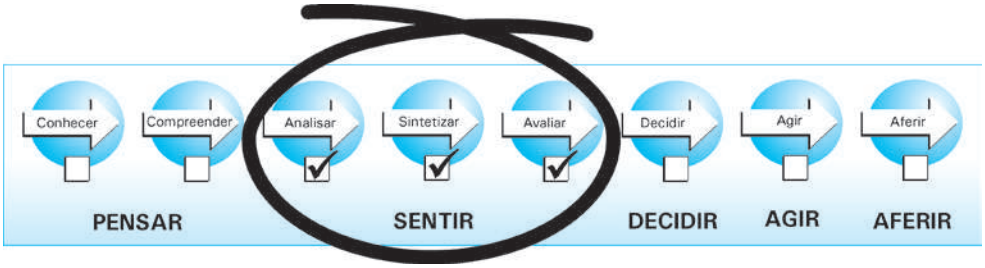

Na Leitura Dinâmica, o *sentir* está tecnicamente estruturado para que você possa interpretar textos com grande economia de tempo e segurança.

Lembre-se de que em uma prova ou concurso a resposta tecnicamente correta deve ser indiscutível.

Como evitar o Pingue-Pongue

Todas as vezes que temos perguntado se as pessoas conhecem o Pingue-Pongue na interpretação de textos, a resposta tem sido afirmativa.

A conhecida prática de ficar indo e voltando do texto para as perguntas e das perguntas para o texto aumenta o risco de interpretar a parte desligada do todo.

Buscando desta maneira a resposta mais coerente, a simples coincidência de uma forma equivocada de interpretação com uma das respostas apresentadas poderá induzir ao erro.

Aprenda agora a evitar o Pingue-Pongue e a melhorar o seu desempenho na interpretação de textos.

DICAS PRÁTICAS

1. Faça a pré-leitura do texto

Fazendo a pré-leitura, você terá a visão global do assunto, familiarizando-se e preparando-se para a leitura.

2. Faça a pré-leitura das perguntas

Pré-lendo as perguntas, você estará pré-estipulando o foco a ser adotado, ajustando a sua atenção e adequando a sua abordagem.

Obs.: no caso de questões de múltipla escolha, evite ler as respostas para que você não se sugestione.

3. Leia o texto

Leia o texto com o firme propósito de compreendê-lo (degrau anterior à interpretação), tendo em vista o foco estabelecido pelas perguntas.

4. Interprete o texto

Retorne às perguntas e interprete texto.

No caso de dúvida, o domínio adquirido sobre o texto permitirá que você localize o trecho em questão de forma rápida e objetiva.

Ampliando a utilização da técnica

Esta metodologia pode ser aplicada em outras situações, mediante pequenas adaptações.

Exemplo:

Em uma prova de múltipla escolha (independente do assunto), é indicado que se inicie a resolução pelas questões mais fáceis.

Embora esta seja uma dica bastante conhecida, muitas vezes descobre-se que uma questão é mais fácil ou mais difícil do que outra pelo processo de tentativa e erro.

Imagine-se encontrando dificuldade na resolução da primeira questão de uma prova. Pelo processo anteriormente descrito, você avançaria para a resolução da segunda (porém, com um nível de tensão maior em função da dificuldade encontrada). Admitindo que este processo pode continuar a se repetir, o nível de tensão a cada dificuldade encontrada tende a aumentar.

O aumento do nível de tensão pode chegar a causar bloqueios e consequente fracasso no exame.

Para evitar este tipo de problema e alcançar melhores resultados, basta observar algumas dicas.

DICAS PRÁTICAS

1. Faça a pré-leitura de todas as questões

Utilizando uma pequena parte do tempo para fazer a pré-leitura das questões, você terá condições de perceber quais são aquelas que você tem o maior domínio da matéria.

2. Assinale as questões que julgar mais fáceis

Use sinais gráficos para definir por quais questões você deve iniciar a resolução.

3. Resolva as questões

Desta forma, a probabilidade de você obter acertos iniciais aumenta, e cada questão solucionada contribui para a diminuição do seu nível de tensão, além de acumular pontos para o seu resultado final.

EXERCÍCIO DE VELOCIDADE
LEIA RÁPIDO E MARQUE O TEMPO!

QUEM NÃO TEM SUA MANIA?[10]

Chico Anísio

De mãos dadas pelo mundo andam a mania de perseguição e o complexo de inferioridade. Há gente por aí que se julga de tal modo perseguida pela sorte que é capaz de dizer: "No mês de agosto, todos os dias foram péssimos para mim, com exceção dos últimos trinta." Houve tempo na minha vida em que eu tive a mania de trabalhar para melhorar as finanças do Jockey Club. Ou seja: tudo que ganhava com o trabalho eu entregava ao Jockey, através dos meus péssimos palpites. Pode ser que, teoricamente, eu tenha vivido uma fase de grande prejuízo, mas, na prática, que lucro! Dos tipos que conheci nas arquibancadas do hipódromo, tirei vários para incorporar aos personagens dos quais hoje vivo e com

[10] Adaptado do livro *Comunicação Interpretação*, Volume 2, Companhia Editora Nacional, 1978.

os quais tenho faturado quanto posso. Um deles, estou certo, continua até hoje tentando acertar "aquela tremenda acumulada" que persegue desde 1948. Com certeza não ficará aborrecido e, quem sabe, talvez me agradeça a promoção. Sua mania de apostar nos cavalos é tão grande que um dos seus filhos só não foi batizado com o nome de "Betting" porque um conselho de família proibiu. Mas o garoto chama-se Rigoni, numa homenagem ao jóquei paranaense. Foi o mínimo que o pai exigiu.

Junto com a mania do Prado, ele tinha outra que lhe infernizava a vida: a mania de que o azar o acompanhava. Depois de reclamar que o cavalo em que apostara era o único quieto, na fita de largada, quando todos os outros estavam fogosos; depois de lamentar que seu cavalo era o único doente (por estar aos pulos), quando todos os outros estavam acomodados; depois de já se considerar perdedor quando seu cavalo vinha em segundo ou terceiro lugar, ainda em meio a reta oposta; depois de achar que ele havia tomado a ponta na altura das arquibancadas apenas para iludi-lo, porque no fim, certamente, acabaria perdendo; depois de ver a vitória de seu cavalo e, imediatamente, garantir que seria desclassificado; depois de todas essas considerações maníacas, chegou ao cúmulo de – após ouvir o alto-falante confirmar a vitória do cavalo em que apostara, com aquele característico "podem pagar" – levantar, espreguiçar-se e comentar com seus botões, porém de modo que eu escutei e também escutou o Haroldo Barbosa e todos que faziam parte do mesmo grupinho.

– Bom, deixa eu ir receber esse dinheiro falso!

Pior que a mania de perseguição é, sem dúvida alguma, a mania de grandeza. Pior, para nós. Quem tem mania de ser perseguido pela sorte perturba a própria vida, enquanto o megalomaníaco perturba a nossa. Conheci, por volta de 1949, um camarada que me fazia lembrar aquele que um dia disse ter sentado ao lado do Papa, num carro, e, ao passar pelas ruas de Roma, o povo perguntava; "Quem é aquele que vai ao lado do Miguel?" Eu conheci um "miguel" desses. Era um pretinho que fazia sambas e de quem ouvi coisas deliciosas. Perguntado se lembrava o ataque do selecionado brasileiro na Copa do Mundo de 1938, ele respondeu rápido: "Luizinho, Romeu, Leônidas, Eu e Patesko." Este simpático pretinho foi muito simpático no início, quando era uma novidade ele dizer, na sua loucura mansa: "Pouco me importa Ele ter me expulsado do Paraíso: eu comi a maçã porque deu vontade, pronto." Aos poucos, o Vidigal foi-se tornando chato e sua mania de grandeza ganhando grandiosidades insuportáveis. Foi proibida sua entrada no rádio, no dia em que o Antônio Maria escutou o fim de uma estória que ele contava a um grupo de moças:... e no sétimo dia, Eu descansei."

Número de palavras 593 Marque agora o seu tempo! Min.____ seg.____

QUADRO DE DESEMPENHO		TESTE DE DESEMPENHO	RESULTADO
Velocidade	Ppm	(593 : tempo em minutos)	
Captação	Pcap	(Número de acertos x 10)	
Efetividade	Pcap/min	(Ppm x Pcap: 100)	

Interpretação

1) "No mês de agosto, todos os dias foram péssimos para mim, com exceção dos últimos trinta." O complexado do azar teve, realmente:

a) um único dia de azar.
b) trinta dias de azar.
c) trinta e um dias de azar.
d) trinta e um dias de sorte.
e) um único dia de sorte.

2) Conclui-se, assim, que quem tem mania de azar:

a) tem realmente azar.
b) nunca esquece o seu dia de sorte.
c) nunca tem azar.
d) não liga para seus dias azarados.
e) só lembra o seu dia de azar.

3) "Houve tempo na minha vida em que eu tive a mania de trabalhar para melhorar as finanças do Jockey Club." Nessa época, o autor era:

a) jóquei.
b) comentarista de turfe.
c) apostador.
d) proprietário de cavalos.
e) empregado do Jockey.

4) Sua época no Jockey Club proporcionou-lhe:

a) enriquecimento fácil à custa das apostas.
b) notável experiência humana.
c) aperfeiçoamento atlético.
d) grande cultura turística.
e) inesquecível empobrecimento.

5) Quando o cavalo em que apostara estava quieto na fila, o viciado logo o julgava:

a) barbada.
b) fogoso.
c) possível vencedor.
d) fora do páreo.
e) indócil.

6) O viciado só não se desiludia quando:

a) ganhava.
b) seu cavalo estava indócil na fita.
c) não jogava.
d) seu cavalo estava na ponta até perto da chegada.
e) o cavalo em que apostara vinha em segundo ou terceiro lugar na reta oposta.

7) O característico "podem pagar":

a) desclassifica o cavalo vencedor.
b) liquida as esperanças de quem não jogou no cavalo vencedor.
c) anula o páreo.
d) indica o término do páreo.
e) significa que o páreo está em julgamento, pois vários cavalos disputam o primeiro lugar.

8) Tendo, finalmente, acertado o vencedor, o viciado exclama:

"Bom, deixa eu ir receber esse dinheiro falso!" Eis a frase-síntese da sua psicologia, que podemos traduzir com os seguintes adjetivos:

a) mal-humorado / irritadiço / fúnebre.
b) tranquilo / pacífico / otimista.
c) impassível / apático / solene.
d) pessimista / incrédulo / infortunado.
e) impertinente / venturoso / excêntrico.

9) O megalomaníaco:

a) se autoprejudica.
b) chateia seus amigos.
c) tem complexo de culpa.
d) inferniza a própria vida.
e) é muito viajado.

10) O Vidigal julgou-se também:

a) Leônidas e Miguel.
b) Antônio Maria e Lúcifer.
c) Adão e Eva.
d) Adão e Deus.
e) Eva e o Papa.

Técnicas de retenção de textos

Não podemos dizer qual é ou até mesmo se existe a "melhor técnica" quando o objetivo é a retenção de informações de um texto.

O que existe são diversas técnicas, que devem ser adequadas às diferentes situações que surgem quando lemos.

Agora, estaremos fazendo uma abordagem das técnicas de retenção, explorando suas possibilidades, limitações, cuidados e restrições à sua utilização.

Repetir a leitura mecanicamente

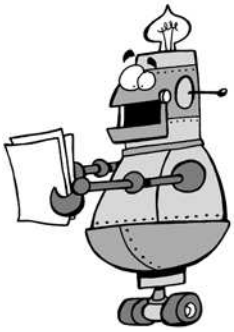

Ler e reler um texto mecanicamente, com o objetivo de retê-lo, é o mesmo que DECORAR.

O decorar é muito comum no meio acadêmico, porém o uso indiscriminado desta técnica pode se tornar prejudicial.

Por ser uma técnica com características de utilização a curto prazo e sujeita a interferências, devemos estudar a sua perfeita utilização:

Possibilidades de uso

- Quando a previsão de evocação for a curtíssimo prazo.
- Quando as informações a serem retidas possam ser posteriormente esquecidas (descartáveis).
- Quando o volume de informações for reduzido.
- Quando a fidelidade na evocação exigir a lembrança palavra por palavra do que foi lido.
- Quando a evocação não exige que você tenha necessariamente compreendido o contexto.

Limitações, cuidados e restrições ao uso

- Admitindo a grande probabilidade de que as informações decoradas serão, em seguida, esquecidas, evite usar o decorar para o estudo, se não após a prova....
- Se você está acostumado a decorar lendo em voz alta, terá de escolher um local onde possa ficar sozinho. Dez pessoas não conseguem ler em voz alta e simultaneamente no mesmo local.
- Depois de decorar, reze para não encontrar com ninguém que queira bater um bom papo com você, pois esta interferência pode pôr em risco todo o seu esforço.
- Quando se decora e ocorre o esquecimento de um fragmento da informação, todo o restante fica comprometido.
- Quando estiver evocando algo que tenha sido decorado, cuide para que você não seja interrompido, pois este tipo de interferência pode ser fatal.
- A simples insegurança gerada pelo medo de esquecer algo já pode ser o suficiente para gerar tensão e bloqueios. É neste momento que normalmente dá o "branco".

Recitação

Recitar significa repetir o contexto do que foi apreendido na leitura com suas próprias palavras. A repetição pode ser verbal ou mental.

Possibilidades de uso

- Para você autoavaliar o conteúdo que já tem memorizado e em quais partes existe a dificuldade de evocação.
- Para você exercitar a sua memória.
- Na simulação de uma condição em que você tenha que transmitir informações verbalmente.
- Para reforçar um aprendizado recente.
- Nos estudos, quando o objetivo é reter para a construção do saber.

Limitações, cuidados e restrições ao uso

- Evite fazer a recitação paralelamente à leitura. O parcelamento da linha de raciocínio, a divisão da atenção e a falta de visão do todo prejudicam o processo.
- A recitação é um processo de síntese. Portanto, só é possível recitar aquilo que você conhece, compreende e analisa.
- Para apresentações em que você precise falar em público, procure utilizar sistemas mnemônicos ou esquemas, nos quais as palavras-chave possam orientar a sua recitação.

Memória visual

A memória visual desempenha um papel importante na evocação de informações de um texto. Considera-se memória visual tudo o que você efetivamente viu ou as imagens que criou, ficando de alguma forma associadas ao texto.

Possibilidades de uso

- Como referencial para a localização de informações em consultas futuras.
- Como base para o encadeamento de ideias principais que facilitam a evocação das informações de um texto.
- Como auxílio à recitação.

Limitações, cuidados e restrições ao uso

- A memória visual depende do nível de atenção e observação do leitor.
- No caso da visualização, exige do leitor um maior nível de abstração.
- Para a retenção de dados específicos, exige um conhecimento aprofundado em sistemas mnemônicos.

Copiar partes do texto e reler somente as anotações

A prática de fazer anotações durante a leitura deve ser analisada com bastante cuidado. A mesma anotação que realizada tecnicamente auxilia na retenção, realizada de forma não estruturada prejudica o próprio entendimento do texto.

Possibilidades de uso

- Como fase preliminar de uma síntese escrita.
- Como base para um arquivamento de dados.
- Para a realização de um fichamento.
- Para a consulta direta.

Limitações, cuidados e restrições ao uso

- Evite fazer as anotações durante a leitura. Quando você para de ler e faz anotações, interrompe a linha de raciocínio e prejudica a compreensão.
- Sem a visão do todo, você corre o risco de anotar partes que posteriormente poderão ser consideradas supérfluas.
- Cuide para que as anotações copiadas sejam realmente úteis e objetivas.

Sinais gráficos

As setas, chaves, asteriscos, grifos e demais convenções pessoais têm como função dar notabilidade às informações a serem memorizadas.

Possibilidades de uso

- Para facilitar a identificação de informações a serem memorizadas.
- Para dar destaque a trechos importantes a serem sintetizados.
- Como referencial para uma revisão.

Limitações, cuidados e restrições ao uso

- Evite marcar demasiadamente o texto.
- De forma análoga ao tópico anterior (anotar partes do texto e reler somente as anotações), a leitura e os sinais gráficos não devem ser executados simultaneamente.
- Entende-se que somente após seguramente identificada a informação é que devemos aplicar os sinais gráficos.
- Use preferencialmente a cor amarela para realizar os seus grifos. Como o amarelo não é reproduzido nas fotocópias, se for necessário, você poderá recuperar o texto sem grifos posteriormente.

Sistemas de memorização

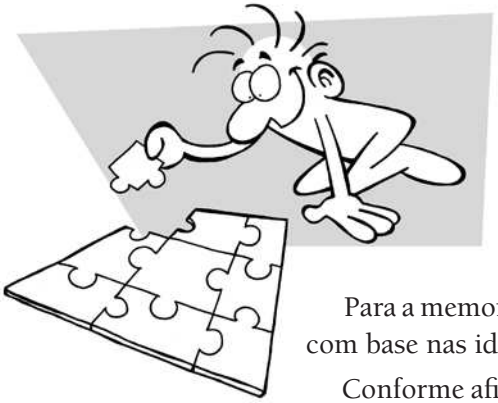

Os sistemas de memorização (mnemônicos) podem ser usados com excelentes resultados para auxiliar na memorização de textos.

A utilização de sistemas mnemônicos vem sendo feita desde a Grécia antiga, mas a sua essência permanece inalterada: a **associação de ideias**.

Para a memorização de textos, as associações podem ser feitas com base nas ideias principais e/ou nas palavras-chave.

Conforme afirmação do segundo autor, no livro *Como Passar em Provas e Concursos*, "o ideal é memorizar o essencial (o esquema, a árvore, a estrutura) e, a partir daí, fazer uso do raciocínio" e também da memória natural.

Quando se faz uso de sistemas mnemônicos, o objetivo maior não é reter o texto palavra por palavra, mas sim registrar o seu conteúdo ou as partes tidas como fundamentais, de forma que permita a evocação posterior com suas próprias palavras.

Exemplo:

Estudando um texto técnico que trata da escala de dureza dos materiais, um grupo de profissionais apresentou o seguinte sistema mnemônico para a sua retenção:

De acordo com o sistema elaborado, a sequência dos minerais do mais macio para o mais duro é: **talco, gipsita, calcita, apatita, feldspato, quartzo, topázio, corindon e diamante.**

Quando o texto apresenta as suas informações sequencialmente, o que acontece em um discurso, em um plano de aula ou em um assunto a ser proferido em uma palestra, o encadeamento das ideias principais ou palavras-chave deve ser feito como os elos de uma corrente.

O Sistema Elo consiste na associação de imagens mentais. Lança-se mão da memória visual para a construção de uma tela mental, que é um poderoso recurso para trazer o registro de informações. Os elos devem ser formados associando-se um item após o outro. É preciso usar um pouco de criatividade para formar imagens em sua mente. Para isso, procure empregar uma ou mais regras na sua criação. Assim, a motivação para a recordação contribuirá para o domínio da técnica. O que você deseja memorizar vai depender também de atitudes básicas para um resultado eficiente: Concentração, Atenção e Observação.

O Sistema Elo é utilizado para memorizar informações apresentadas em sequência. Cotidianamente, são muitas as coisas que precisam ser aprendidas ou lembradas, que obedecem a uma ordem. Um discurso é uma sequência de pensamentos, uma fórmula é uma sequência de componentes e um plano de aula é uma sequência de assuntos a serem abordados.

Uma vez aplicado o Sistema, teremos a informação registrada na memória natural e pronta para ser evocada.

Desta maneira, ao lembrar-se do primeiro elo, poderá lembrar-se também dos seguintes que estão associados.

Os sistemas mnemônicos admitem várias formas de associações. Na verdade, o limite para elaborar as ligações é a própria criatividade.

Técnicas para síntese de texto

O resumo

É de fundamental importância que você desenvolva um método para fazer e conservar anotações de modo eficiente, facilitando o seu estudo posterior.

Você pode fazê-lo tecnicamente ou optar pela elaboração de uma simples síntese escrita.

Para elaborarmos tecnicamente um **resumo**, no caso de monografias e dissertações de tese, devemos levar em consideração o Sistema Brasileiro de Documentação. O resumo está regulado pelas **Normas ABNT sobre documentação** pela NB-1988 (NBR 6028/1989).

As Normas Brasileiras, elaboradas pela ABNT, têm vigência oficial e são revisadas a cada cinco anos.

Para a elaboração de uma **síntese escrita,** basta que você, após ter lido e compreendido o texto, destaque as ideias principais e faça a redação abordando as afirmações básicas, argumentos e exemplos, gerando suas conclusões.

Evite fazer a cópia literal do que o texto apresenta. Usando as suas próprias palavras, você estará fazendo uma autoavaliação do seu nível de entendimento e do seu poder de síntese.

Por entendermos que o leitor carece de tempo, faremos uma abordagem mais detalhada de duas técnicas, que, por serem de elaboração mais rápida, podem substituir o resumo ou até mesmo auxiliar na sua elaboração: **o *recall* e o sintegrama analítico.**

Então, vamos lá!

O *recall*

O *recall* é uma esquematização gráfica que tem por objetivo "rechamar o texto", explorando a utilização de recursos que facilitam a sua visualização.

Pode ser utilizado para facilitar o fichamento e a revisão de informações; para orientar uma apresentação, como estrutura básica na realização de um resumo ou redação de um texto; para registrar dados em uma palestra etc.

Na esquematização, são ressaltadas as ideias principais e suas inter-relações com as demais ideias que compõem o texto.

O *recall* admite o uso de convenções pessoais, como: sinais, símbolos e desenhos, que podem ser utilizados sem restrições.

O limite fica por conta da criatividade e da capacidade de representação de quem realiza *o recall*.

Neste tipo de esquematização não existe a preocupação de que a representação seja entendida por terceiros; basta que a pessoa que esquematizou consiga resgatar as informações do gráfico.

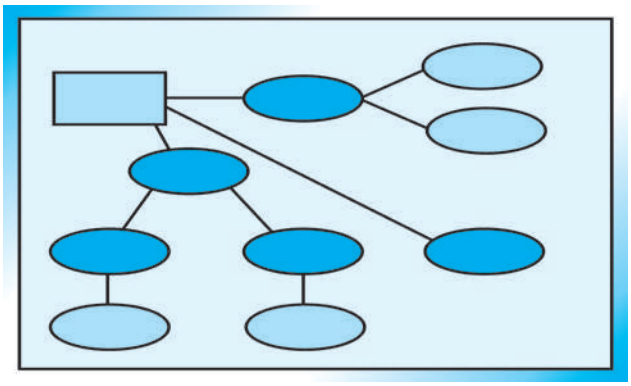

Para que o *recall* seja realizado de maneira ótima, devemos observar alguns fatores, como:

O TEMPO

O tempo para a realização do *recall* deve ser significativamente inferior ao de uma síntese escrita (resumo).

A FIDELIDADE

Ao compararmos o *recall* com o texto original, devemos facilmente estabelecer uma identificação.

A LÓGICA

A ordenação lógica das partes que compõem o texto deve estar adequadamente estabelecida.

A CLAREZA

Os desenhos, as abreviaturas e a simbologia utilizada devem permitir um rápido resgate do conteúdo sintetizado.

A SÍNTESE

O *recall* apresenta como resultados a síntese gráfica da seleção e a organização das informações consideradas como de maior relevância do texto...

O *recall* é um gráfico aberto que admite a inclusão de dados complementares.

A representação *recall* de um texto admite uma série de vantagens e limitações comparadas com as formas tradicionais de síntese de textos, como o resumo.

Vantagens e possibilidades:

- Possibilita a visualização imediata do todo.
- Identifica a relevância das ideias dentro do contexto.
- Utiliza espaço reduzido.
- Economiza tempo na construção.
- Permite maior flexibilidade na construção.
- Torna o resgate das informações mais rápido.
- Permite a inclusão de informações.
- Introduz-se facilmente em uma ficha.
- Facilita a revisão.
- Pode servir de base para a elaboração de um resumo.
- É de fácil memorização.

Desvantagens e limitações:

- Por admitir convenções pessoais, dificilmente é compreendida por terceiros.
- Não é o meio ideal de consulta para longo prazo.
- O resgate de informações não é feito na íntegra.
- Não permite a análise detalhada do conteúdo do texto.

Elaborando o *recall*

Algumas sugestões de convenções que podem ser utilizadas:

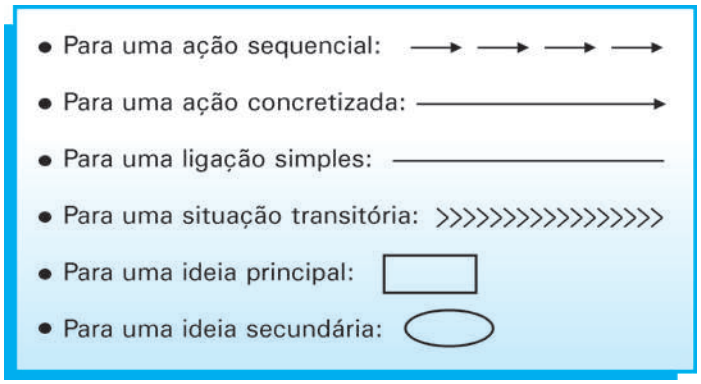

Dicas práticas para elaboração do *recall*:

Não existe uma única forma de representação ou procedimento padrão para a elaboração do *recall*. O mesmo texto pode ser esquematizado de inúmeras maneiras diferentes. Porém, algumas dicas práticas facilitam a sua elaboração:

- Em primeiro lugar, identifique a ideia central, fazendo perguntas como: Qual é o personagem central da história? ou Do que trata o texto?
- Em seguida, dê destaque à ideia principal, usando como caixa de texto uma figura geométrica única e diferenciada das ideias secundárias e demais.

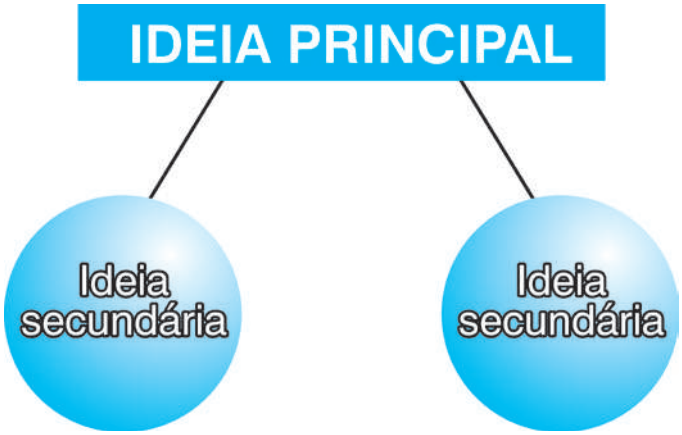

- Você poderá usar palavras-chave para identificar tanto as ideias principais como as demais. Podemos chamar de *palavra-chave* aquela que melhor identifica uma ideia ou sintetiza um parágrafo, frase ou oração.
- Para a sua segurança, se for preciso abreviar palavras, procure fazê-lo de modo que você possa identificá-las com facilidade posteriormente (fig. nº 11).
- Evite letras isoladas, pois o risco de esquecimento aumenta consideravelmente (fig. nº 12).
- Exemplo: Segundo Henry Fayol, as funções da administração são: o planejamento, a organização, a coordenação, o comando e o controle.

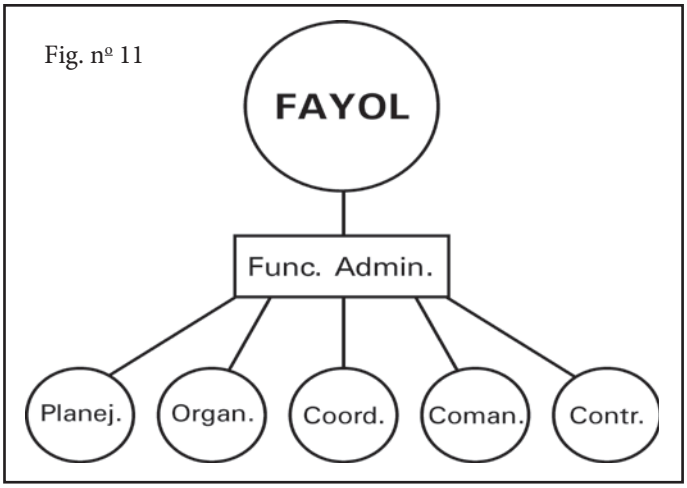

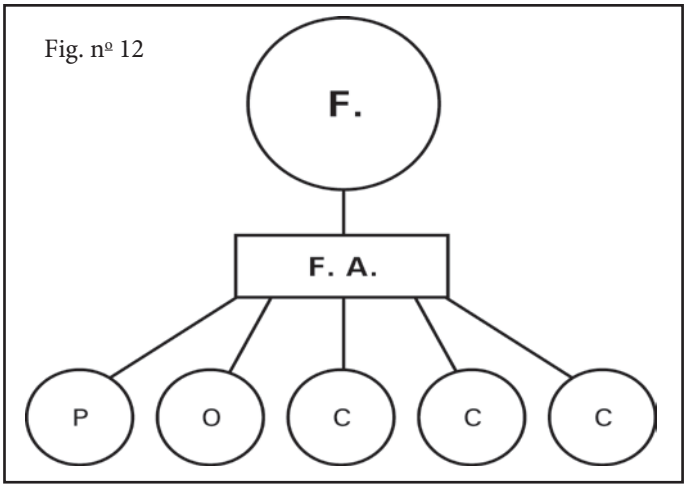

Você poderá usar o *recall* como uma ferramenta de síntese para o estudo.

Ao término da leitura de uma unidade de estudo, elabore o *recall*. Desta forma, você já estará fazendo uma autoavaliação do seu nível de entendimento do assunto abordado.

No caso de dificuldades ou dúvidas, você poderá voltar objetivamente à parte problemática com grande economia de tempo.

Obs.: É importante que você registre detalhadamente a fonte para facilitar o retorno ao texto integral.

Com a utilização do *recall*, o retorno ao livro, próximo à realização de uma prova, poderá se tornar uma exceção.

RECALL

Texto "O Homem de 1,54m" (pág. 9)

Recall do texto
"O Homem de 1,54m",
de Marcos Vasconcelos

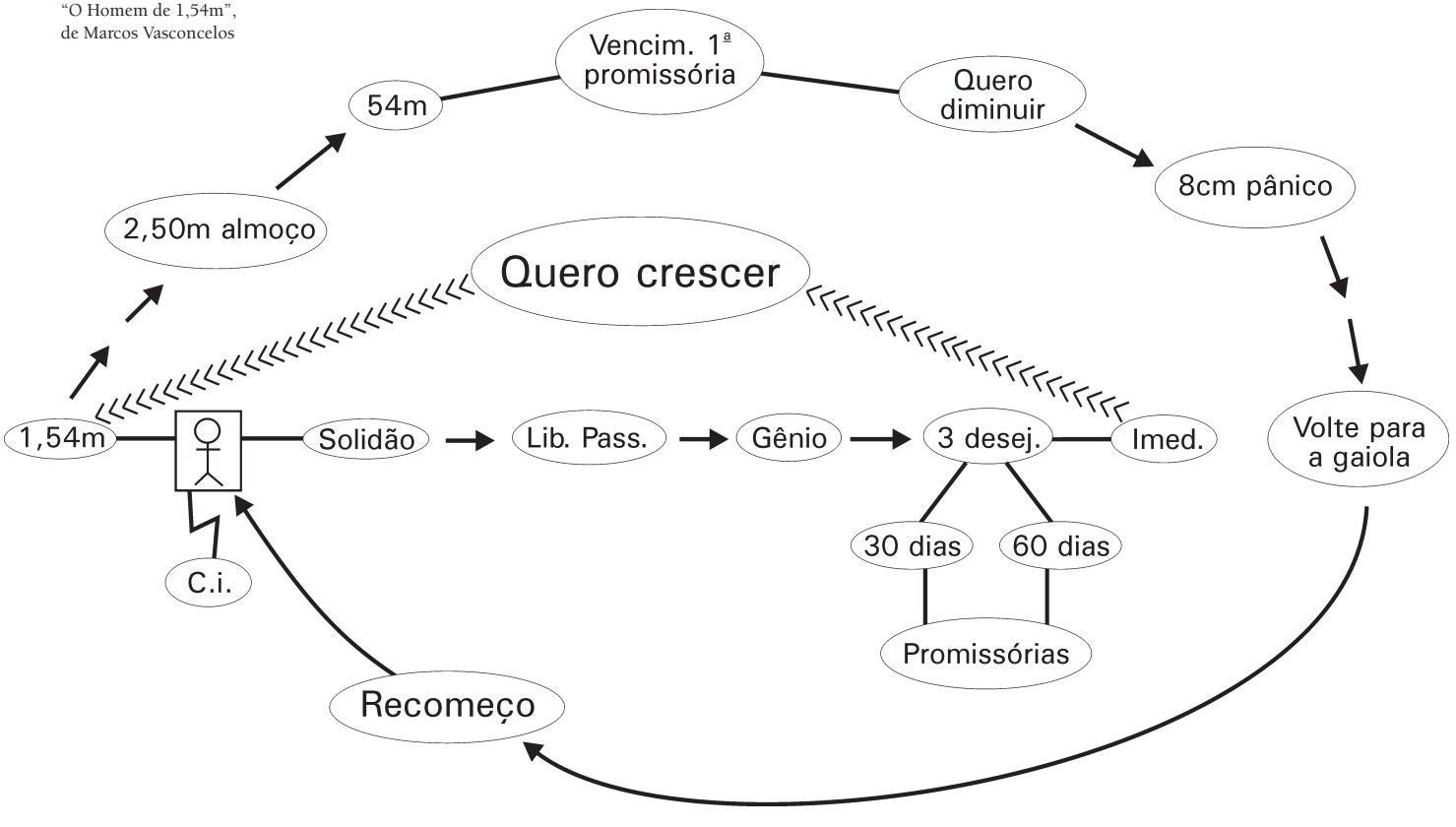

O sintegrama analítico

Podemos dizer que o Sintegrama Analítico (SA) é o meio termo entre o *recall* e o resumo.

Sua confecção obedece aos mesmos princípios de construção do *recall*, porém o SA é mais detalhado e pode oferecer condições de um resgate mais preciso das informações esquematizadas.

As informações contidas no SA podem ser compreendidas por terceiros, pois não são utilizadas convenções pessoais na sua elaboração.

O Sintegrama Analítico poderá ser usado no registro pessoal, registro comum e emissão de informações sintetizadas.

Principais aplicações:

- Elaboração de planos de aula.
- Tomada de notas em palestras e aulas expositivas.
- Produção de roteiros sintetizados de palestras e exposições orais.
- Apresentação sintética de normas e procedimentos.
- Produção de guias práticos de uso a partir de manuais técnicos.
- Fichamento de informações para o resgate a curto ou longo prazo.
- Representação gráfica de ideias ou projetos.

Dicas práticas para elaboração do sintegrama analítico

- Certifique-se de que tem uma boa compreensão do texto e, depois, sintetize-o. Evite elaborar o sintegrama analítico ao mesmo tempo em que lê o texto. Lembre-se de que é preciso conhecer, compreender e analisar para que a síntese seja efetiva (vide degraus da ação no processo de leitura, pág. 13).
- Identifique e dê destaque à ideia principal.
- Procure elaborar o sintegrama analítico, de maneira que a organização lógica das informações seja facilmente percebida.
- Deixe sempre espaço para dados complementares que ocasionalmente precisem ser incluídos.

- Evite usar letras soltas para indicar ideias. Isto dificultará o resgate de informações a longo prazo.
- Você poderá usar uma ou mais palavras-chave para identificar, tanto as ideias principais como as demais.
- Use frases curtas quando precisar descrever uma situação de forma mais detalhada.
- Se o objetivo for o de compartilhar as informações com outras pessoas, evite usar convenções e desenhos de cunho pessoal que dificultem o entendimento por parte de terceiros.
- Utilize, preferencialmente, convenções tidas como universalmente conhecidas para mostrar ligações ou outras indicações.

Exemplo: – + = % > < ♂ ♀

- Explore recursos gráficos, como setas, chaves e formas geométricas, para facilitar a visualização do todo e das suas partes.
- Procure padronizar as suas formas de representação, para facilitar um futuro reconhecimento.
- Ex.:

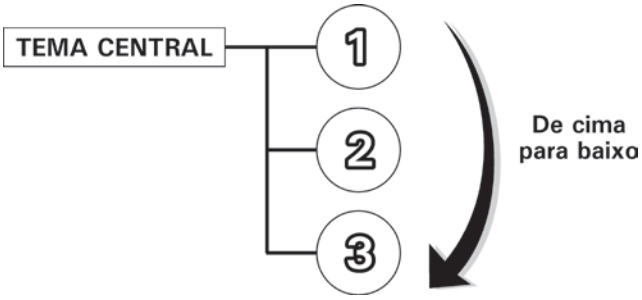

- No caso de estar elaborando o sintegrama analítico manualmente, escreva com letra de imprensa. Quanto maior for a clareza da exposição, mais rápido será a releitura.
- O uso de cores é de grande utilidade quando se quer destacar partes semelhantes em um processo (mesma cor para todas as partes) ou para fazer distinções (cada parte com uma cor diferente).
- Em alguns tipos de texto, a relação estabelecida entre as informações sugere um sistema.
- Ex:

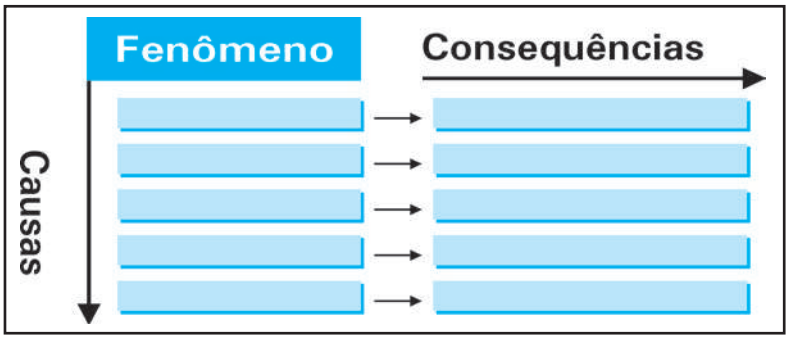

VEJAMOS, AGORA, ALGUNS EXEMPLOS DE SINTEGRAMA ANALÍTICO

Motor à explosão[11]

"Uma das partes fundamentais de um motor à explosão é a câmara de combustão, constituída por um cilindro oco, fechado numa das extremidades pelo *cabeçote*, e dentro do qual funciona um êmbolo ou pistão, em movimento de vaivém. No movimento de descida, o pistão provoca uma sucção que faz entrar na câmara de combustão, através da abertura da *válvula de admissão*, uma mistura, gasosa explosiva, formada por ar e gasolina pulverizada. Subindo, o pistão comprime essa mistura gasosa. No momento em que está comprimida, uma faísca elétrica gerada pela vela provoca a explosão dos gases, e estes, expandindo-se violentamente, empurram o pistão, fazendo-o voltar à posição inicial. Quando o pistão se encontra nesta fase, abre-se uma segunda válvula, a *de escapamento*, e os gases queimados são expulsos para o exterior. Essas são as quatro fases dos motores à explosão de quatro tempos, cujo inventor foi Alphonse Beau de Rochas, em 1862.

Enquanto houver combustível, esse ciclo de quatro tempos vai-se repetindo, com o pistão aspirando os gases, comprimindo-os, estes expandindo-se com a explosão e, finalmente, sendo expulsos depois da combustão. Mas o pistão tem movimento de vai-vém retilíneo; para que esse movimento possa fazer girar as rodas de um automóvel é preciso transformá-lo em movimento rotativo ou giratório, e isso consegue-se por meio de bielas articuladas, que se ligam simultaneamente aos pistões e ao *virabrequim*, também chamado de *árvore de manivelas*. Esse virabrequim, por sua vez, transmite seu movimento circular às rodas do veículo, por meio de um sistema de transmissão. Apesar de ter inventado um motor tão engenhoso, e que tanto veio beneficiar a humanidade, Rochas morreu na miséria."

[11] Extraído da publicação *Tempo de saber*, v. 4, Liceu – Número de palavras: 283.

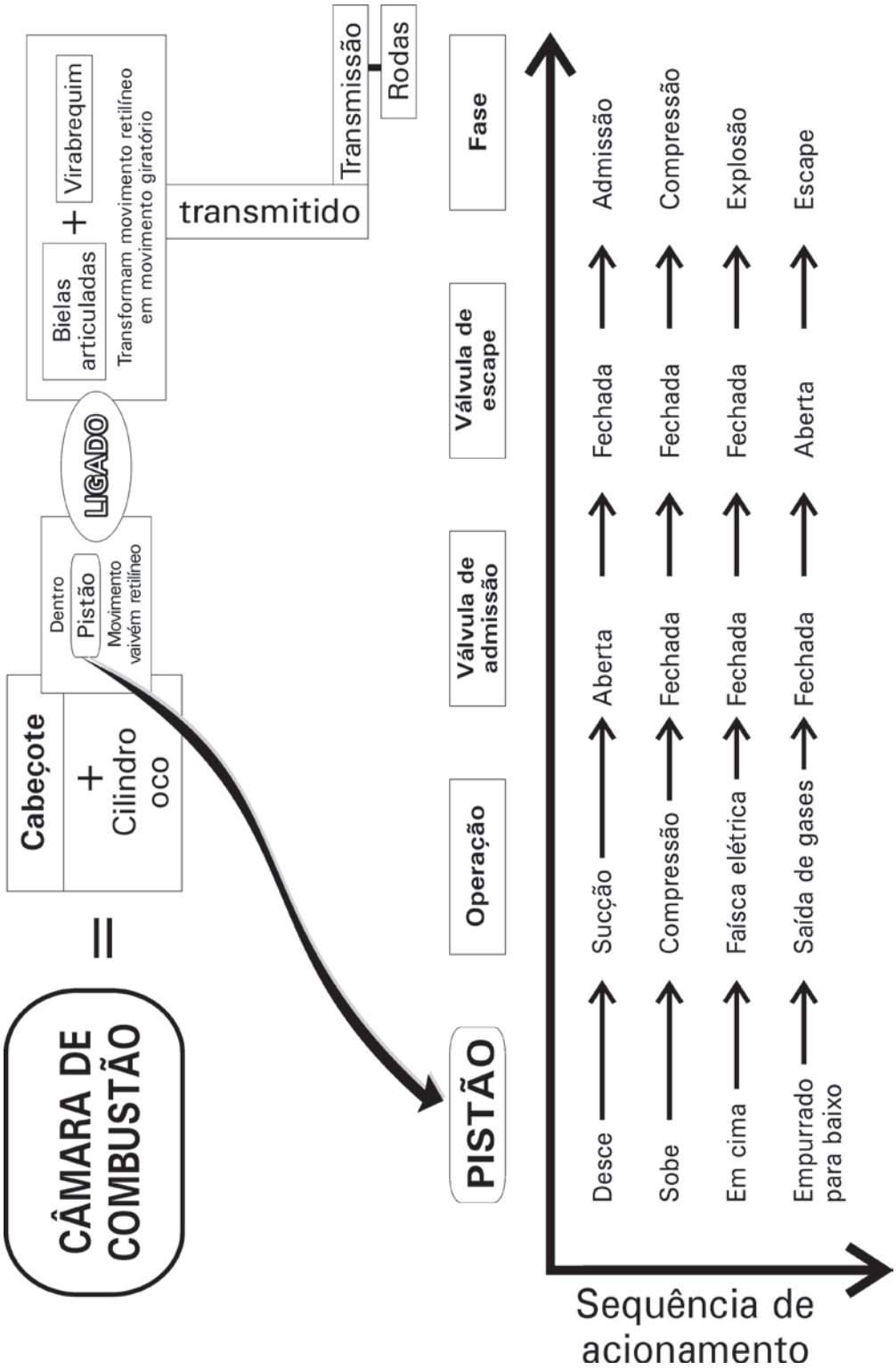
CÂMARA DE COMBUSTÃO
=
Cabeçote
+
Cilindro oco
Dentro
Pistão
Movimento vaivém retilíneo
LIGADO
Bielas articuladas
+
Virabrequim
Transformam movimento retilíneo em movimento giratório
transmitido
Transmissão
Rodas
PISTÃO
Operação
Válvula de admissão
Válvula de escape
Fase
Desce
Sobe
Em cima
Empurrado para baixo
Sucção
Compressão
Faísca elétrica
Saída de gases
Aberta
Fechada
Fechada
Fechada
Fechada
Fechada
Fechada
Aberta
Admissão
Compressão
Explosão
Escape
Sequência de acionamento

Sintegrama Analítico do Capítulo II do livro
Como Passar em Provas e Concursos,
de William Douglas.

O Mapa Mental

De forma semelhante ao *Recall* e ao Sintegrama analítico, podemos citar também o Mapa Mental de Tony Buzan[12] como mais uma ferramenta intelectual para auxiliar a síntese e a retenção de textos.

O Mapa Mental:
uma nova dimensão da tomada de apontamentos

Busan afirma que um mapa mental se nutre de todas as nossas capacidades mentais: a capacidade associativa e imaginativa da memória, as palavras, os números, as listas, as sequências, a lógica, e as análises do córtex cerebral esquerdo; as cores, as imagens, as dimensões, o ritmo, as emoções, a *Gestalt* (imagem completa) e a consciência espacial do lado direito do córtex cerebral; a capacidade dos olhos perceberem e assimilar; a das mãos, cada vez melhor preparadas, para repetir o que os olhos viram, e o poder de todo o cérebro para organizar, armazenar e recordar o que foi aprendido.

Nas tomadas de anotações a partir de um mapa mental, nos apontamentos na forma habitual (frases ou listas) do que queremos lembrar, deveremos colocar uma imagem no centro da página (para ajudar a concentração e a memória) e logo traçaremos uma estrutura ramificada ao redor dela, utilizando palavras e imagens-chave. À medida que vamos confeccionando o mapa mental, o cérebro cria um mapa integrado de todo o território intelectual que estamos explorando.

As regras para confeccionar um mapa mental são as seguintes:

1. Uma imagem colorida ao centro.
2. As ideias principais se ramificam a partir do centro.
3. As ideias principais devem ter letras maiores do que as das ideias secundárias.
4. Escrever sempre uma palavra por linha. Cada palavra encerra um enorme número de associações e esta regra permite a cada uma delas mais liberdade para colocar-se em contato com as áreas associativas do cérebro.
5. As palavras devem ser sempre em letra de imprensa (maiúsculas ou minúsculas, ou combinação de ambas).
6. As palavras devem ser escritas sempre sobre as linhas (proporcionando assim ao cérebro uma imagem mais fácil de ser recordada).
7. As linhas devem estar vinculadas entre si (para ajudar a memória associativa). Para uma maior eficiência tanto de associação como de espaço, as linhas de ligação devem ter o mesmo comprimento da palavra ou imagem.
8. Usar todas as imagens possíveis (o que ajuda a desenvolver um enfoque cerebral holístico, e também facilita a memorização; neste contexto, uma imagem equivale a mil palavras).

[12] Buzan, Tony. *El Libro de la Lectura Rápida*. Barcelona: Urano, 1998, p. 173.

9 Utilizar o exagero sempre que possível (as coisas em destaque são recordadas com mais facilidade).

10 Utilizar números ou códigos para ordenar os elementos ou mostrar as conexões entre eles.

11 Para codificar e vincular, recomendamos utilizar setas, símbolos, números, letras, imagens, cores, relevos ou contornos.

Exemplo de Mapa Mental:

Mapa Mental elaborado por Tony Buzan, *El libro de la leitura rapida*, Barcelona: Urano, 1998, p. 173.

O fichamento

O fichamento consiste em organizar as informações de forma sintética e objetiva, para que a acessibilidade e a memorização fiquem favorecidas.

Possibilidades de uso

- A ficha[13] poderá ser confeccionada em papel e(ou) formatada no computador.
- Como recurso de apoio para uma aula ou exposição verbal.
- Na revisão de informações, próximo a um exame.
- Como fonte de consulta a longo prazo.
- Como técnica de arquivamento de informações.

[13] Existem também fichas padronizadas que podem ser adquiridas. Ex.: padrão 15 x 21cm.

- Faça um registro detalhado da fonte bibliográfica.
- A ficha deverá ser padronizada, para facilitar o acesso às informações.
- Reserve algum tempo para o fichamento. Inicialmente, o processo demanda um tempo considerável, porém, uma vez concluído, ficará mais fácil acessar as informações através das fichas.
- É preciso que se tenha o domínio de técnicas de síntese de textos (resumo/ *recall*/ sintegrama) para que o fichamento seja efetivo.

TIPOS DE FICHA

Podemos elaborar fichas com os mais variados propósitos. Dentre os diversos tipos de fichas, podemos citar:

A) FICHAS BIBLIOGRÁFICAS

São usadas para registrar as anotações básicas sobre uma obra. Nos estudos, facilitam as consultas posteriores e podem ser de dois tipos: por **assunto** e por **autor**.

a1) Por assunto

- O objetivo do fichamento por assunto é montar acervo com diversas fontes bibliográficas, contemplando um determinado assunto.
- Neste tipo de ficha, a indicação principal é o **assunto tratado no livro**, destacando-se o **título da obra**, seguida das anotações contendo o nome do autor (sobrenome em maiúscula) e da editora, local, data e número de edições e número da página.

a2) Por autor

- O objetivo do fichamento por autor é catalogar as diversas obras produzidas por um determinado autor.
- Neste tipo de ficha, a indicação principal é o autor da obra, através de seu **último nome, que vem sempre em caixa alta**, seguida de anotações, contendo o título da obra (por extenso, juntamente com a ideia principal), editora, local, data, número da edição e da página.

B) FICHAS CONTEÚDO

- São usadas para registrar anotações, transcrições, resumos, gráficos de *recall* ou sintegramas analíticos. Podemos classificar as fichas de conteúdo como: ficha-cópia e ficha-síntese.

b1) Ficha-cópia

- Tem como objetivo fazer um registro preciso, ou seja, a reprodução exata do trecho ou dos trechos selecionados.
- A cópia deverá ficar entre aspas (“ ”) e os trechos suprimidos devem ser substituídos por reticências (...) e por linha pontilhada (.....), quando o período suprimido for muito longo.

b2) Ficha-síntese

- Tem como objetivo fazer um registro pessoal, em que o leitor, com suas próprias palavras, analisa de forma crítica o conteúdo do que foi lido e o sintetiza, podendo ainda formular conclusões pessoais.
- Por tratar-se da forma mais prática e usual de fichamento, detalharemos sua elaboração na fig. nº 13.

Em nosso caso, em que o interesse é o estudo, não é preciso preocupar-se em demasia com o rigor técnico de formatação. Se for o caso de produção científica, monografias, dissertações e teses, recomendamos a consultar bibliografia específica a respeito de metodologia, já bastante extensa em nosso país. No caso do fichamento, pode-se consultar a obra de Leda Miranda Huhne.

DICAS PRÁTICAS

As dicas para a elaboração das fichas baseiam-se no exemplo da fig. nº 13.

Para que o fichamento seja utilizado como uma ferramenta útil para o registro e posterior consulta, deve ser, ao mesmo tempo, simples na sua elaboração e fácil na utilização e no resgate de informações.

Em outras palavras, se o leitor não achar o processo prático, não o usará!

Para a elaboração da ficha-síntese, você deve:

1) **Usar uma palavra-chave como título:**
   - Pela palavra-chave, você poderá rapidamente identificar o assunto fichado, facilitando assim o manuseio das fichas.
2) **Na frente da ficha, anote as referências completas da fonte bibliográfica:**
   - No caso de dúvidas ou de complementação de informações, você terá como retornar à obra de origem.
3) **No verso, utilize o campo de referências para escrever "VERSO":**
   - Isto facilita a identificação de uma ficha que eventualmente esteja invertida.
4) **Organize as fichas, numerando-as na frente e no verso.**
   - Isto vai impedir que você as perca de ordem.
5) **O detalhe destaca as anotações feitas na margem do livro:**
   - No caso de o livro ser seu, este tipo de anotação identifica os assuntos que já foram fichados.
   - Por intermédio das referências registradas nas fichas e anotações feitas nas margens de seus livros, você terá acesso bidirecional ficha-livro e livro-ficha.

Fig. nº 13

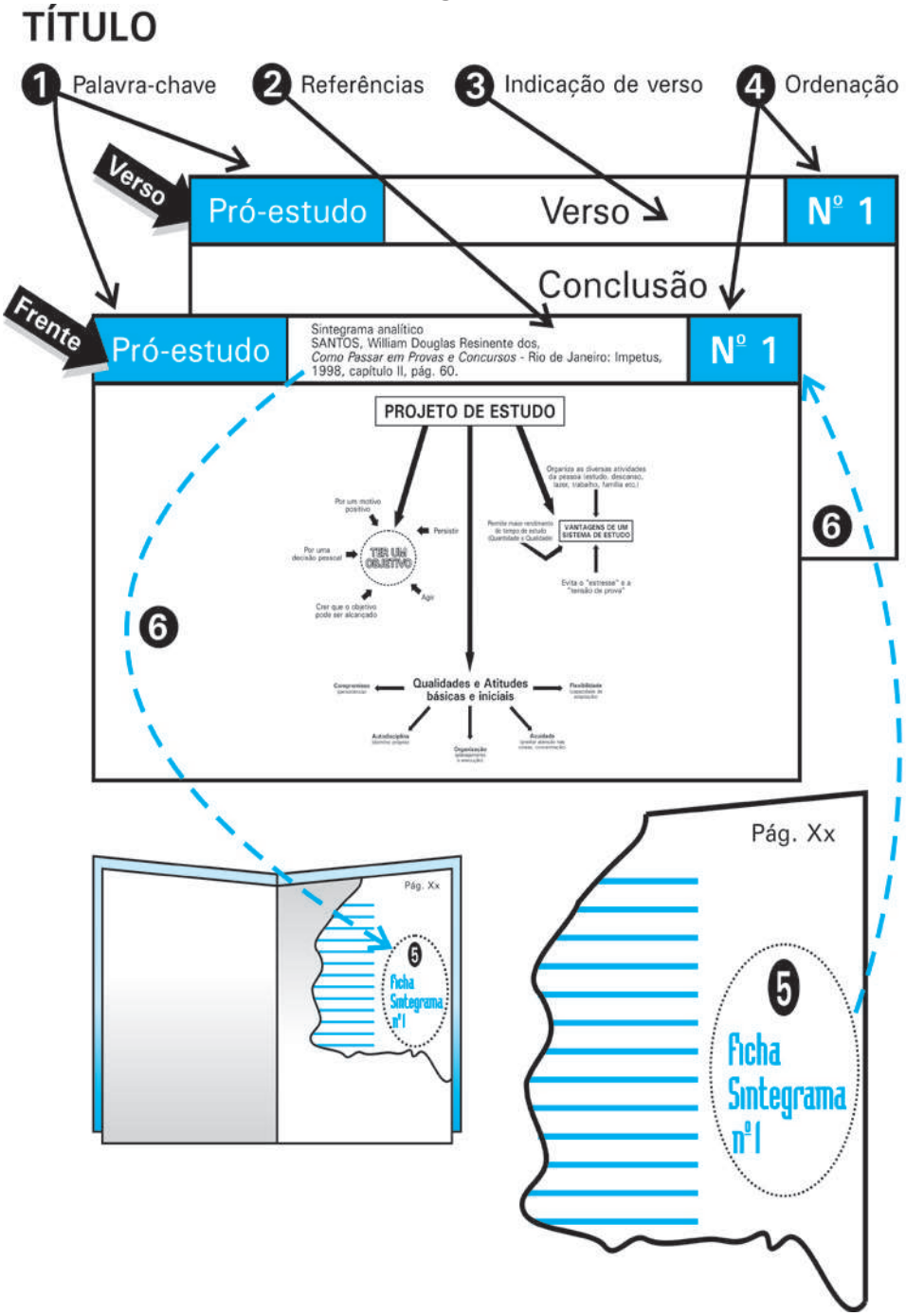
TÍTULO
1 Palavra-chave
2 Referências
3 Indicação de verso
4 Ordenação
Verso
Pró-estudo
Verso
Nº 1
Conclusão
Frente
Pró-estudo
Sintegrama analítico
SANTOS, William Douglas Resinente dos,
Como Passar em Provas e Concursos - Rio de Janeiro: Impetus,
1998, capítulo II, pág. 60.
Nº 1
PROJETO DE ESTUDO
TER UM OBJETIVO
VANTAGENS DE UM SISTEMA DE ESTUDO
Qualidades e Atitudes básicas e iniciais
6
6
Pág. Xx
5
Ficha Sintegrama nº1
Pág. Xx
5
Ficha Sintegrama nº1

Observações:

- O conteúdo da ficha-síntese não se restringe ao Sintegrama Analítico, como no exemplo da fig. nº 13. Qualquer outra forma de síntese pode ser utilizada (*recall*, resumo etc.).
- O verso da ficha pode ser utilizado para complementar a síntese, caso o espaço da frente seja insuficiente, ou para as conclusões e comentários.

Construindo um arquivo para estudar usando as fichas:

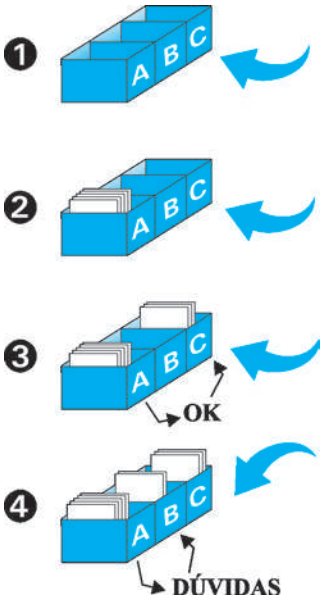

Construa um arquivo com duas divisões e três seções: **A**, **B** e **C**.

Coloque todas as fichas que serão estudadas na seção **A**.

As fichas estudadas com sucesso devem ser transferidas para a seção **C**.

As fichas estudadas com resultado insatisfatório devem ser transferidas para a seção **B**.

A qualquer momento, você poderá identificar quais são as fichas a serem estudadas e aquelas que já estudou.

Desta forma, ficará mais fácil administrar o seu tempo nos estudos, avaliando o melhor momento para interromper o estudo e sanar as dúvidas.

Observações:

Utilizando este "arquivo de estudo", ficará mais fácil lidar com os imprevistos. No caso de você ter que interromper o estudo das fichas, basta fechar a caixa.

Quando você retomar o estudo, terá como prosseguir exatamente do ponto onde ocorreu a interrupção.

Nesta obra, estaremos orientando a elaboração de um plano de estudo. Mostraremos, de forma clara e objetiva, como lidar integradamente com os seguintes fatores:

- **Cansaço**
- **Tempo**
- **Prioridades**
- **Motivação**
- **Imprevistos**

Para que possamos planejar eficazmente, precisamos analisar com atenção cada um dos fatores.

O primeiro deles é o **cansaço físico**. O cansaço é cumulativo. Isto quer dizer que ao final de um período de estudo, quando uma série de atividades foram desenvolvidas, estaremos mais cansados.

A programação do tempo de estudo deve levar em consideração o fator cansaço da seguinte maneira:

Quando estou mais descansado...

- Estudo mais
- Descanso menos

Quando estou mais cansado...

- Estudo menos
- Descanso mais

Integrando os fatores ***cansaço x tempo***, teremos:

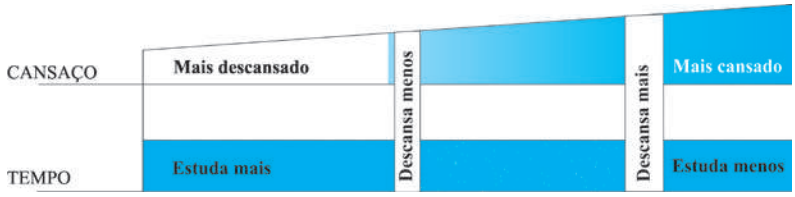

Associando os fatores ***cansaço x tempo*** ao estabelecimento de **prioridades**, conseguiremos os seguintes parâmetros:

- Maior tempo e mais descansado – começar pela matéria mais difícil.
- Menor tempo e mais cansado – começar pela matéria mais fácil.

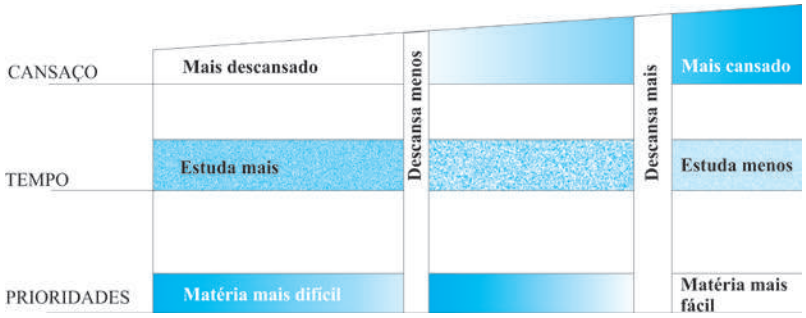

Obs.: Abordando a matéria mais difícil, comece pela parte mais fácil.

Fazendo uma análise da **motivação** e sua interação com o **cansaço**, o **tempo** e as **prioridades**, podemos concluir que:

- Em um estágio inicial, a vontade de alcançar o sucesso age como mola propulsora para que se enfrente a matéria mais difícil.
- Em um estágio final, apesar do cansaço, a motivação tem como estímulo a maior afinidade com a matéria e o tempo reduzido para o estudo.

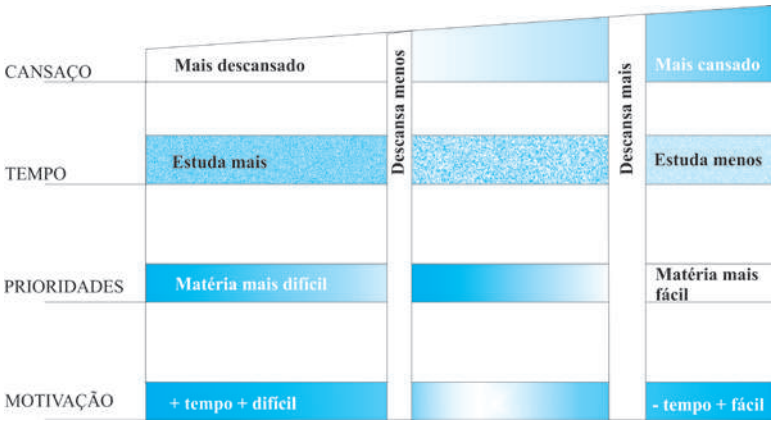

Um **imprevisto**, como a interrupção do fornecimento de energia elétrica, pode ter consequências indesejáveis ou até mesmo desastrosas quando se fala em cumprir um planejamento.

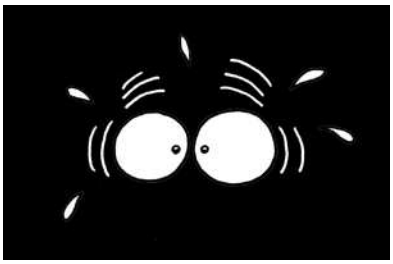

A grande dica consiste em simular imprevistos e avaliar quais as suas possíveis consequências. Garanta que o seu planejamento contemple as melhores alternativas, caso eles venham a ocorrer.

Exemplo de simulação de imprevisto:

De acordo com o gráfico anterior, quando o estudo foi interrompido pelo imprevisto, a matéria que poderia derrubá-lo, a mais difícil, já foi eliminada.

A matéria de grau de dificuldade intermediário já começou a ser estudada.

A matéria mais fácil não pôde ser abordada.

Imaginando que, em função do imprevisto, você não tenha conseguido cumprir o que foi planejado durante a semana, se existe o real desejo de alcançar o sucesso, você terá que abrir mão do seu lazer para estudar.

Se você tiver que estudar no final de semana, melhor que seja por menos tempo, e as matérias de que você mais gosta!

O caminho das pedras para você se tornar ainda mais eficiente

O seu sucesso nos estudos não depende somente do tempo dedicado ao mesmo, mas da maneira como esta atividade é realizada.

Aprendendo a estudar melhor você terá, à disposição, técnicas que aumentarão o rendimento do seu aprendizado tornando-o apto a alcançar o êxito desejado.

As técnicas e informações que serão apresentadas constituem um meio seguro e prático para um estudo eficiente.

Portanto, é importante conhecê-las... e usá-las!

1. Escolha adequadamente o ambiente

Sempre que for possível, escolha um local bem iluminado com o mínimo de interferências e adote um posicionamento corporal adequado para tornar a atividade mais confortável.

Coloque ao seu alcance todo o material necessário e organize-o convenientemente.

Evite as interrupções e o acúmulo de material desnecessário no local de estudo.

Fazendo desta prática um hábito, você estará favorecendo a sua concentração.

2. Planeje estrategicamente o uso do tempo

Utilize a pré-leitura para avaliar a extensão dos assuntos a serem abordados; isto o auxiliará na administração do tempo disponível.

Lembre-se que estudar por várias horas seguidas acaba se tornando uma atividade pouco produtiva.

Faça uma análise do seu tempo disponível e estabeleça seu ritmo para o estudo planejando a sua utilização.

O quadro de previsão de utilização do tempo por atividade poderá ajudá-lo a identificar como o seu tempo tem sido aproveitado ou desperdiçado em suas atividades cotidianas.

Inicie observando a distribuição de tempo por atividade exemplificada pela coluna do "senhor X" e em seguida preencha a sua coluna ("EU") obedecendo:

1. No campo sono, indique quantas horas em média, você dorme diariamente.
2. Para preencher o campo trabalho, você deve avaliar e anotar quantas horas você utiliza em sua jornada de trabalho (somente dias úteis).
3. O campo transporte deverá registrar quanto tempo você precisa dispor para se deslocar de sua casa para o trabalho e do trabalho para sua casa.
4. O campo alimentação deverá considerar o tempo disponível somente para almoço nos dias úteis.
5. No campo atividades sociais, descanso, lazer e outras, você deve estimar quanto tempo dedica à família, às refeições matinais e ao jantar, tempo para tomar banho e se arrumar e todas as outras atividades que não se encontram relacionadas mas fazem parte do seu dia a dia.
6. Agora subtraia das vinte e quatro horas que você dispõe o somatório dos tempos comprometidos em suas atividades e verifique quantas horas restaram para o estudo diário. Obs.: Neste cálculo somente consideramos os dias úteis de segunda a sexta-feira.

PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO DO TEMPO PARA O ESTUDO

PREVISÃO DE UTILIZAÇÃO DO TEMPO POR ATIVIDADE:

	Senhor X	eu	
1 – SONO	7		HORAS
2 – TRABALHO	8		HORAS
3 – TRANSPORTE	2		HORAS
4 – ALIMENTAÇÃO	1		HORAS
5 – ATIVIDADES SOCIAIS DESCANSO E LAZER E OUTRAS	4		HORAS
	Total = 22		HORAS
			HORAS
6 – TEMPO DISPONÍVEL P/ ESTUDO DIÁRIO	24h - Total = 2		HORAS

Diante do resultado obtido, verifique e responda agora se o tempo disponível para o estudo é suficiente pra que você consiga atingir os seus objetivos.

SIM ( ) NÃO ( )

No caso da resposta ter sido negativa, onde não foi possível dedicar um tempo específico ao estudo, algumas ações podem ser empreendidas:

1. Redimensionar o tempo dedicado a determinadas atividades.
2. Identificar e eliminar os seus desperdiçadores de tempo.
3. Assumir que o tempo durante a semana é insuficiente para cumprir o seu propósito de estudo e tomar a decisão de usar algum tempo do final de semana para viabilizar o seu projeto de vida. Lembre-se de que é necessário dedicar algum tempo para as atividades físicas, sociais e para o lazer, preservando assim a sua qualidade de vida. Outra solução é redefinir as metas para um prazo maior.
4. Estas sugestões são genéricas, tendo em vista o foco desta obra. Para um trabalho mais aprofundado sobre tempo de estudo, sugerimos o livro **Como Passar em Provas e Concursos**, capítulos 8 e 9, onde o leitor encontrará técnicas para a melhor administração do tempo e elaboração de um quadro horário.

3. Defina por onde começar

Saber por onde começar é tão importante quanto saber onde se quer chegar. Organize-se para iniciar o estudo.

Identifique quais são os recursos de apoio necessários e deixe-os à mão. Evite interromper o estudo para procurar lápis, régua, calculadora etc.

Procure também deixar uma jarra com água ao seu alcance para que a sede não atrapalhe a sua concentração.

Utilize a pré-leitura para selecionar e organizar seu material de estudo, ganhando tempo e eficiência

Traga para estudar, somente os livros e cadernos que serão efetivamente usados, deixando a sua mesa limpa e organizada.

Partindo do princípio de que inicialmente você estará mais descansado, inicie o estudo pela matéria mais difícil.

Desafie-se, pois para esta matéria você estará com maior predisposição física e a sua vontade de vencer a dificuldade será fundamental para alavancar a sua motivação.

Eliminando a dificuldade de dar o primeiro passo, você estará aquecido para a próxima etapa onde a matéria programada é mais fácil.

Repita o procedimento seleção e organização do material a cada etapa do estudo.

Desta forma você poderá evitar o inconveniente da ansiedade de ter, como última etapa a ser vencida, o estudo da matéria mais desgastante e no momento de maior cansaço.

4. Otimize a retenção

Estude com o firme propósito de aprender, aplicando para este fim os recursos assimilados no treinamento: Pré-leia; leia; avalie; aplique e ajuste a retenção de acordo com o seu propósito e a natureza do texto.

Evite o estudo intenso na véspera da prova. Quem estuda toda a madrugada anterior à prova acreditando que terá menos tempo para esquecer, leva para o exame dois fatores extremamente negativos para a memória: o cansaço e a insegurança.

Um estudante cansado e inseguro pode sofrer um bloqueio e assim ter um enorme "branco" na hora da prova onde mesmo os assuntos sob domínio literalmente desaparecem da memória.

Este bloqueio normalmente se desfaz quando a prova termina, o aluno relaxa, o nível de tensão diminui e para o desespero total as lembranças RETORNAM!

Para evitar este inconveniente, planeje o seu estudo para que próximo à data dos exames você já tenha o assunto sob domínio. Assim, ao se aproximar a prova, entrevista ou concurso, você poderá simplesmente fazer uma revisão parar evitar as perdas por esquecimento e ficar mais seguro e relaxado.

Ganhe rendimento durante o estudo sintetizando, esquematizando, fichando e usando os conhecimentos adquiridos sempre que tiver oportunidade.

As técnicas funcionam como ferramentas intelectuais que, ajustadas e usadas com habilidade, o auxiliarão a atingir o sucesso pessoal e profissional desejado.

Bom trabalho e boa sorte!

EXERCÍCIO DE VELOCIDADE
PRÉ-LEIA,
LEIA RÁPIDO E MARQUE O TEMPO!

O relato de um acidente de trabalho encaminhado por um pedreiro lusitano ao Tribunal Judicial da Comarca de Cascais.[14]

"Sou assentador de tijolos. Estava a trabalhar sozinho no telhado dum edifício de seis andares e, ao terminar o serviço, verifiquei que tinham sobrado 250 quilos de tijolos. Em vez de os levar à mão para baixo, decidi colocá-los dentro dum barril e descê-los com a ajuda de uma roldana fixada num dos lados do edifício.

Desci ao térreo. Atei o barril com uma corda. Voltei ao telhado, puxei o barril para cima e coloquei os tijolos dentro dele. Voltei para baixo, desatei a corda e segurei-a com força, de modo que os 250 quilos de tijolos descessem devagar.

Devido à minha surpresa por ter saltado repentinamente do chão (meu peso é de 80 quilos), perdi a minha presença de espírito e esqueci-me de largar a corda. É desnecessário dizer que fui içado do chão a grande velocidade. Na proximidade do 3º andar, bati no barril que vinha a descer. Isso explica a fratura de crânio e a clavícula partida.

Continuei a subir a uma velocidade ligeiramente menor, não tendo parado até os nós dos dedos das mãos estarem entalados na roldana. Felizmente, já tinha recuperado a minha presença de espírito e consegui, apesar das dores, agarrar a corda. Mais ou menos ao mesmo tempo, o barril com os tijolos caiu no chão e o fundo partiu-se. Sem os tijolos, o barril pesava aproximadamente 25 quilos. Como podem imaginar, comecei a descer rapidamente. Próximo ao 3º andar encontro o barril que vinha a subir. Isso justifica a natureza dos tornozelos partidos e das lacerações das pernas, bem como da parte inferior do corpo. O encontro com o barril diminuiu a minha descida o suficiente para minimizar os meus sofrimentos quando caí em cima dos tijolos e, felizmente, só fraturei três vértebras.

Lamento, no entanto, informar que enquanto me encontrava caído sobre os tijolos – incapacitado de me levantar e vendo o barril acima de mim –, perdi novamente a presença de espírito e larguei a corda. O barril pesava mais que a corda e então desceu, caiu em cima de mim, partindo-me as duas pernas.

Espero ter dado a informação solicitada do modo como ocorreu o acidente."

Número de palavras 367 — Marque agora o seu tempo! — Min.____ seg.____

QUADRO DE DESEMPENHO		TESTE DE DESEMPENHO	RESULTADO
Velocidade	Ppm	(367 : tempo em minutos)	
Captação	Pcap	(Número de acertos x 10)	
Efetividade	Pcap/min	(Ppm x Pcap: 100)	

[14] Tutty Vasques, Jornal do Brasil, Opinião, 13/01/1997.

De acordo com o texto anterior, assinale a resposta correta:

1) Quando o assentador de tijolos terminou o serviço, estava:

a) sendo chamado.
b) sozinho.
c) com o ajudante.
d) atrasado.

2) A decisão de descer os tijolos colocando-os em um barril foi:

a) planejada com todo cuidado.
b) tomada de imediato.
c) precipitada demais.
d) lógica, porém equivocada.

3) O barril estava inicialmente:

a) amarrado na ponta da corda.
b) no sexto andar.
c) no térreo.
d) próximo à roldana.

4) O assentador de tijolos foi içado para cima porque:

a) ele não soltou a corda.
b) ele soltou a corda.
c) o barril era menos pesado sem os tijolos.
d) o barril caiu quando ele segurou a corda.

5) Quando foi içado, na altura do terceiro andar:

a) esbarrou na sacada.
b) fraturou o crânio e quebrou a clavícula.
c) fraturou as pernas e os pés.
d) quebrou os pés.

6) Após passar pelo terceiro andar:

a) começou a descer.
b) soltou a corda.
c) sua velocidade diminuiu.
d) o corda se partiu.

7) Quando o barril chega ao chão:

a) teve o seu fundo partido.
b) o homem fica preso na roldana.
c) mantém o homem suspenso.
d) todas as respostas estão incorretas.

8) O barril sem os tijolos pesava aproximadamente:

a) 15 quilos.
b) 25 quilos.
c) 35 quilos.
d) 45 quilos.

9) As lacerações nas pernas e o tornozelo partido ocorreram:

a) quando, na queda, ele passa pelo barril vazio.
b) quando ele cai no chão e em cima dos tijolos.
c) porque os tijolos caem sobre ele.
d) por causa da roldana.

10) Ao chegar ao chão:

a) fraturou três vértebras.
b) o barril caiu sobre ele.
c) teve as duas pernas partidas.
d) todas as alternativas estão corretas.

.

Resp.: 1-b, 2-d, 3-c, 4-a, 5-b, 6-c, 7-a, 8-b, 9-a, 10-d

QUADRO-SÍNTESE DA QUARTA ETAPA

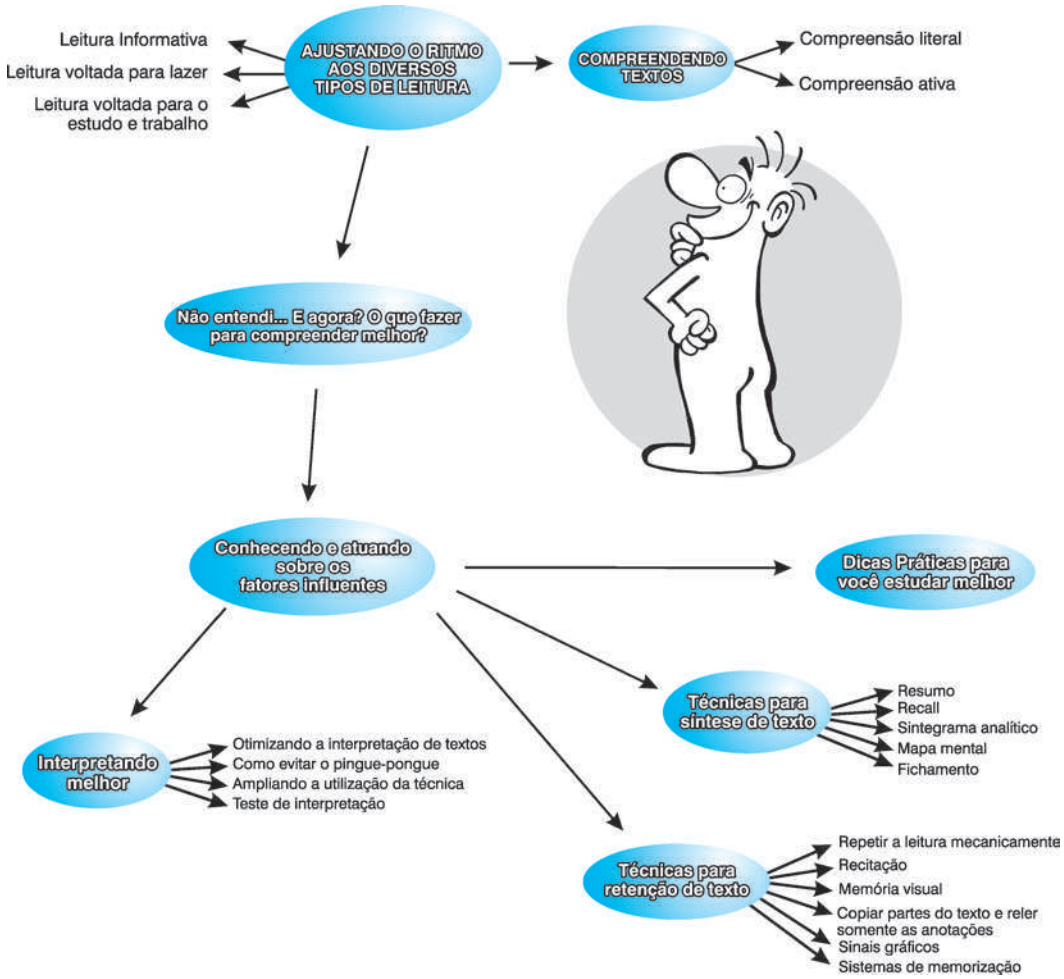

5

QUINTA ETAPA

Capítulo

5

Memorização Aplicada

Introdução

Infelizmente, muitos de nós hoje em dia caímos em rotinas mentais das quais é difícil sair. Antigamente, as pessoas eram obrigadas a exercitar a criatividade e a memória a fim de poderem desempenhar suas funções. Na Grécia antiga os filósofos e historiadores dependiam da memória para reter e transmitir seus conhecimentos. Na contemporaneidade, o uso indiscriminado de agendas e anotações acaba acarretando uma espécie de dependência, que inibe o desenvolvimento da memória natural e o uso da criatividade. Assim, o poder de assimilação de informações normalmente é subtilizado.

Muitas pessoas se queixam de possuir uma "memória fraca", porém são raras as que procuram fazer algo para solucionar o problema. O exercício constante da memória e o desenvolvimento de atitudes básicas, como a concentração, a observação e a atenção são fatores fundamentais para o aprimoramento dessa faculdade. Afinal, psicólogos e educadores afirmam que utilizamos apenas 10% da nossa capacidade intelectual, na qual se inclui a memória.

As técnicas e exercícios aqui presentes serão desenvolvidos visando a dar mais subsídios para um aproveitamento melhor da memória, bem como sua perfeita adequação ao dia a dia. Fazer uso cotidiano de técnicas e sistemas mnemônicos significa ter à disposição uma poderosa ferramenta intelectual para o aprimoramento pessoal e profissional.

"O aprendizado é um processo constante que deve ser estimulado a partir da vontade existente em cada um de nós."

O Cérebro

O cérebro humano pode ser considerado a ferramenta mais poderosa do universo. Trata-se de um aglomerado de células nervosas de aproximadamente 1,2 quilo, uma máquina movida a oxigênio que, apesar de seu pequeno peso em relação ao restante do corpo, utiliza 20% do sangue distribuído a cada batimento cardíaco e é capaz de processar cerca de 100 milhões de sensações por segundo. É o órgão mais importante, o mais frágil e o que desperta maior curiosidade nos pesquisadores, por ser também o menos conhecido.

O cérebro responde aos estímulos a ele enviados, e quanto mais é exercitado, melhor e mais rapidamente o faz.

Não existe a memória popularmente chamada "fraca", a menos que estejamos diante de uma condição provocada por uma doença. Em uma pessoa saudável, o que existe é a memória treinada e desenvolvida, ou aquela que ainda precisa ser trabalhada.

A Memória

A capacidade da mente humana de reter e evocar informações, chamada memória, é constantemente subtilizada, e a maioria dos seres humanos passa a vida inteira sem perceber o quão poderosa e magnífica é a capacidade de se registrar informações. Muitas são as críticas à memória, raros são os elogios.

Segundo os cientistas, utilizamos 30% do potencial físico e menos de 10% da capacidade intelectual. Ou seja, o homem possui capacidades e qualidades das quais ele nem suspeita. O desenvolvimento físico é fácil e motivador, uma vez que surte efeito estético. O mental, por sua vez, se mostra observável apenas no aumento do desempenho e da prontidão com que o indivíduo chega às soluções, razão pela qual muitas vezes passa despercebido.

A Memorização

Para o desenvolvimento mental existem vários exercícios e sistemas. Todas as pessoas, independentemente de cultura, escolaridade ou função, devem se desenvolver mentalmente, pois o aprendizado é um ato contínuo. Até hoje ninguém ouviu dizer que se extrapolou a capacidade da memória humana. Alguns fatores, como a falta de concentração, a distração

e o desinteresse contribuem para o esquecimento. Existem várias técnicas que têm por objetivo facilitar a retenção (registro) e a evocação (resgate) de informações, tais como: Sistema Link, Método Fonético, Técnica Padrão, Acrônimos, Acrósticos, entre outros.

Seja qual for a técnica, ela serve apenas de auxílio à memória natural. Entende-se por memória natural essa da qual nos valemos comumente, e que varia de pessoa para pessoa, dependendo da forma de utilização. Mas o mais importante é saber que todos podemos desenvolver a capacidade de registro de informações e tornar a nossa memória mais precisa e confiável.

COMO ESTÁ A SUA MEMÓRIA? Vamos fazer alguns testes?

Nas páginas seguintes existem vários testes que lhe permitirão fazer uma autoavaliação da sua capacidade de retenção, bem como do seu poder de concentração e observação.

Na realização dos testes observe atentamente as instruções quanto à forma e o controle do tempo.

Procure um ambiente tranquilo, que favoreça a concentração.

Lembre-se de que a memória se desenvolve através de exercícios e encare os testes como um primeiro passo para tal desenvolvimento.

Anote os resultados para que possamos compará-los posteriormente.

Vire a página e mãos à obra!

Memorização

Teste 1:

1. Observe o mosaico a seguir com muita atenção.

Tempo: 2 minutos.

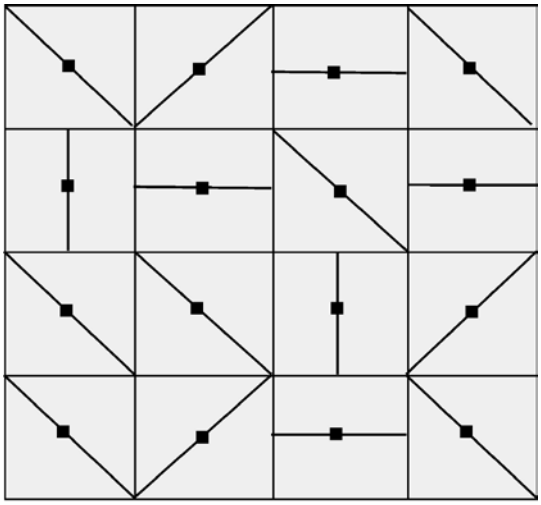

2. Cubra a figura acima e procure reproduzir de memória o que foi observado.

Tempo: 2 minutos.

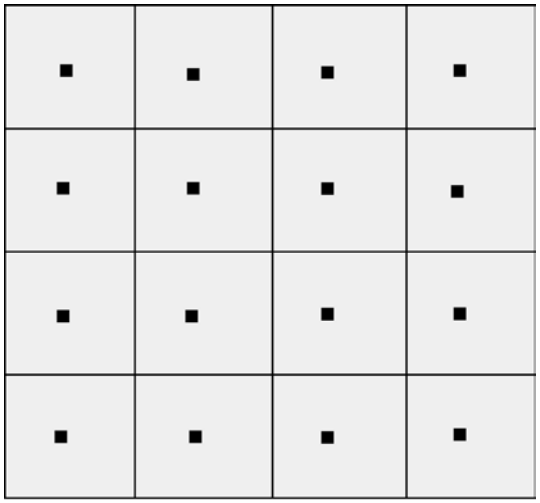

Número de traços coincidentes:_____

2. **Olhe atentamente, durante 2 minutos, para as figuras a seguir:**

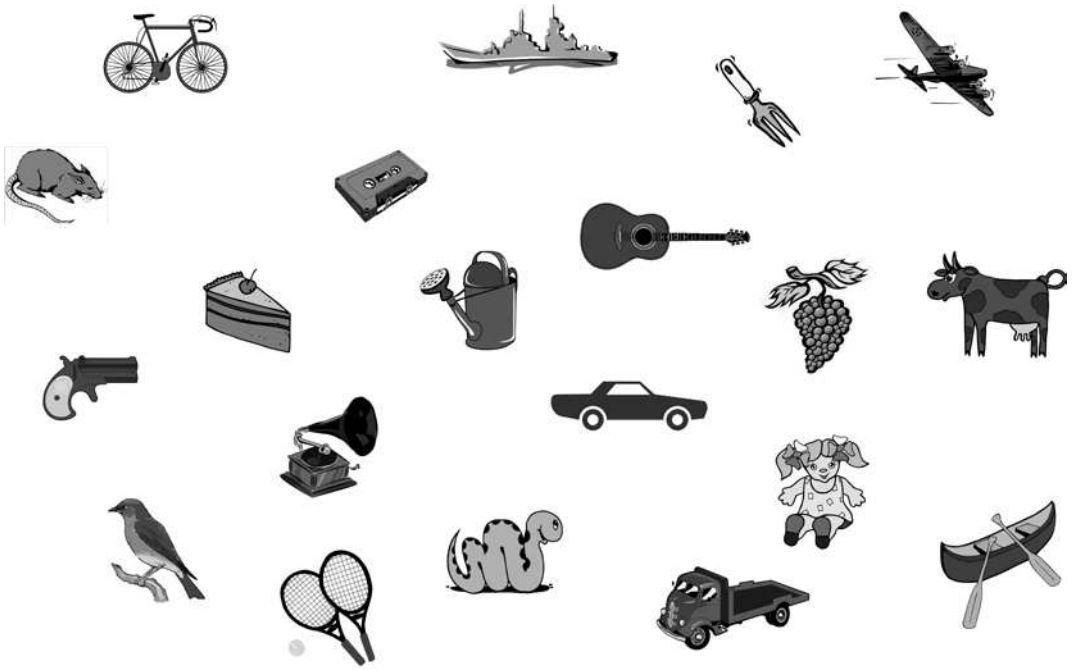

2. Relacione nas lacunas abaixo o nome dos objetos que você observou.

_____ _____

_____ _____

_____ _____

_____ _____

_____ _____

_____ _____

_____ _____

_____ _____

_____ _____

Número de figuras lembradas: _____

Com o teste já realiado, reflita sobre as perguntas abaixo:

1. **Qual dos testes ofereceu maior grau de dificuldade?**
2. **Como você fez para que pudesse se recordar do mosaico e das figuras?**

O primeiro exercício apresentou uma figura abstrata. A memória visual foi a mais exigida, porém, quando conseguimos estabelecer bons referenciais, a recordação é facilitada.

Exemplos:

Teste 1

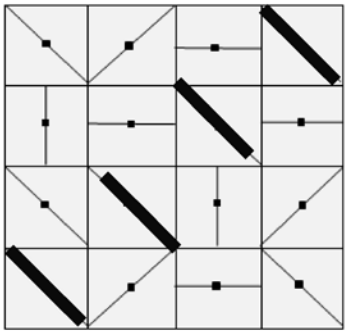

Você percebeu que nesta diagonal todos os traços têm a mesma orientação? Bastava memorizar um único traço para lembrar da diagonal inteira!

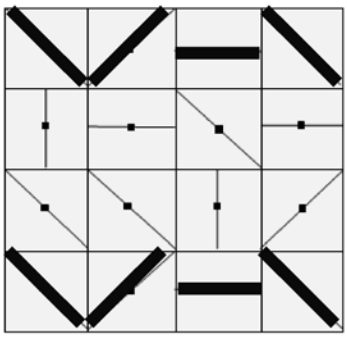

Note que a primeira linha é igual à última. Bastava memorizar uma das duas!

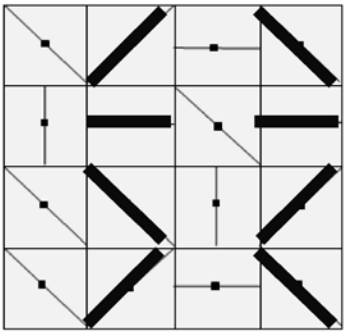

Observe que a segunda coluna é o espelhamento da quarta. Bastaria registrar uma das duas e, depois, inverter a outra.

Moral da história: a memorização é privilegiada através do estabelecimento de bons referenciais.

Teste 2

Trabalhando com imagens concretas, normalmente são utilizados alguns tipos de artifícios para facilitar a lembrança, mesmo que ainda empiricamente. Exemplo: classificação, onde as figuras são agrupadas por características comuns (animais, meios de transporte, alimentação etc.); ordenação alfabética, onde primeiro memorizam-se as imagens iniciadas pela letra a, em seguida pela letra b, e assim por diante; utilização direta da memória visual, em função do posicionamento de cada uma das figuras.

Daqui em diante, a memorização será trabalhada de forma técnica e consciente, para que propicie um registro de informações eficiente e seguro.

Processo de Aprendizado e Memória

O aprendizado e a retenção de informações se estabelecem através de um processo onde ocorre a captação, o armazenamento e a posterior busca ou evocação dos dados.

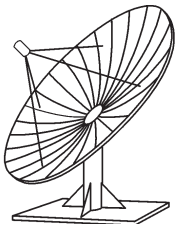

Captação: o processo de captação de informações é realizado pelos cinco sentidos: visão, audição, olfato, tato e paladar, sendo a VISÃO o sentido que mais se destaca em relação à retenção de informações.

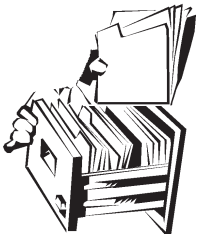

Armazenamento: os estímulos captados são transmitidos através de terminações nervosas até o hipocampo, que é uma das bases neurológicas da memória e funciona gerenciando e arquivando as informações.

Busca: a evocação de uma informação ocorre quando, ao receber novamente aquele estímulo, o hipocampo recebe a ordem para procurar tal dado em seu arquivo e liberá-lo.

O Registro de Informações

Os sistemas de memória aproveitam a nossa capacidade inata de perceber o que nos cerca através dos sentidos. Nem todos os estímulos enviados ao cérebro são transformados em percepções; somente aqueles que se destacam por sua natureza ou por conta do direcionamento da atenção são isolados, interpretados e registrados com eficiência para posterior evocação.

ESTÍMULO	SENSAÇÃO	PERCEPÇÃO
	O estímulo percebido, em função da concentração, da atenção e da observação, transforma uma simples sensação em uma percepção.	

Fatores que estimulam a retenção de informações:

A CONCENTRAÇÃO é a capacidade de manter a mente absorta em um só assunto, e pode ser desenvolvida pela pré-estipulação de metas que dirigem a atenção.

A ATENÇÃO é o estado de prontidão, no qual nossa mente se torna apta a perceber e registrar informações que serão posteriormente evocadas.

A OBSERVAÇÃO ativa os mecanismos do interesse e da atenção a fim de conseguir uma visão mais detalhada do que se pretende registrar.

O INTERESSE é a motivação que nos impele a empreender uma ação.

A VONTADE é o principal fator para se alcançar o SUCESSO.

O Cérebro e as Imagens

As imagens produzidas em nossa mente são tão eficientes quanto aquelas que efetivamente vemos. Com a ajuda de instrumentos como o PET Scan (Tomógrafo por Emissão de Pósitrons), que permitem "ver" o cérebro em ação, os cientistas estão fazendo o mapeamento das áreas que são ativadas cada vez que uma pessoa vê ou cria uma determinada imagem.

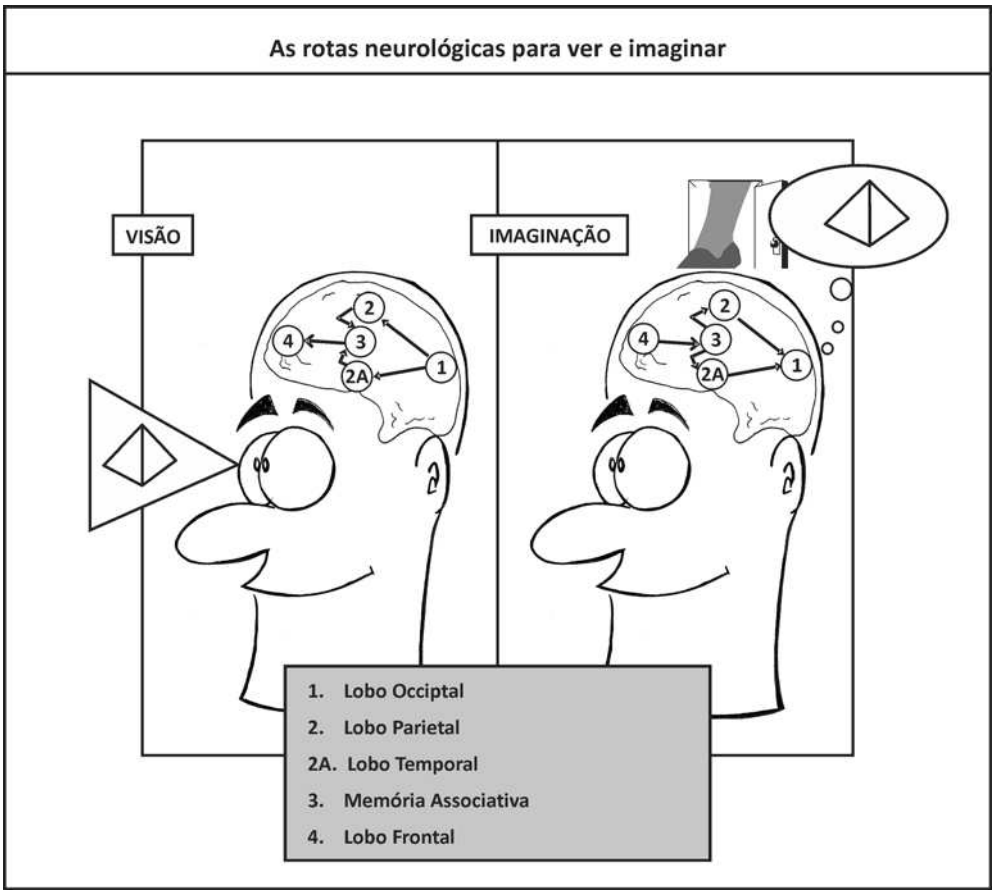

As Imagens Mentais

O uso da criatividade e da memória visual através da elaboração de imagens mentais é o meio mais eficiente para o registro de informações.

Eis aqui algumas regras que contribuirão para que a visualização seja memorizada com efetividade.

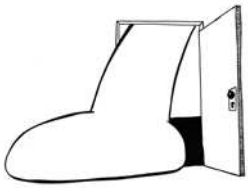

DESPROPORÇÃO: forme imagens fora da proporção normal. Exalte ou reduza as mesmas, tornando a visualização fora dos padrões normais! Use e abuse da sua criatividade!

AÇÃO: procure sempre imaginar as situações em movimento, criando uma forma dinâmica para o que for visualizado. Acelere ou reduza a velocidade das cenas para torná-las bizarras!

EXAGERO: aumente a quantidade e a intensidade nas imagens mentais criadas, a fim de torná-las absurdas. Retemos mais facilmente na memória o que é fora do comum ou absurdo.

SUBSTITUIÇÃO: forme a imagem de um item para substituir um outro de difícil visualização. Exemplo: a ideia do amor pode ser visualizada através da imagem substituta do coração.

AMOR >>> imagem >>> CORAÇÃO

Treinando a Associação de Imagens Mentais (IM)

Associe visualmente os pares de palavras.

Lembre-se: as imagens mentais criadas devem ser esdrúxulas! O que é fora do comum é mais facilmente memorizado.

Crie imagens mentais desproporcionais, em movimento, de formas exageradas etc., e utilize substituições quando se deparar com itens abstratos.

Memorize os pares de palavras (60 palavras):

Exemplo de associação de imagens mentais:

1 – Banco __ Machado

Feche os olhos e imagine um banco de praça sendo partido por um machado.

Agora é com você!

1. BANCO___MACHADO
2. LUVA___ANÃO
3. BORRACHA___ESCADA
4. BURRO___ARAME
5. PORTÃO___FLOR
6. CIMENTO___FERRO
7. CREPÚSCULO___TIA
8. ESTÔMAGO___COLA
9. BOLA___FACA
10. ALMOFADA___RATO
11. BALDE___TAPETE
12. REDE___ESTRADA
13. ESTANDARTE___CHÁ
14. CALÇADA___CARTA
15. JANELA___CARTAZ
16. SAPATO___CORTINA
17. SAL___SANDUÍCHE
18. BOLSA___PÓ
19. LÂMPADA___PRÉDIO
20. TEMPESTADE___PRAIA
21. PREGO___VASSOURA
22. EMPURRÃO___CADEIRA
23. IRMÃ___BANDEIRA
24. CANOA___QUEIXO
25. ANÚNCIO___GARRAFA
26. PRATO___FLÂMULA
27. DEDOS___CABELOS
28. SALVA-VIDAS___MONTE
29. COFRE___COFRE
30. POLICIAL___CABEÇA

Ao término da memorização, peça para que alguém diga de forma aleatória uma das palavras dos pares associados e tente evocar o par correspondente.

Exemplo:

Se disserem banco, você se recordará da imagem mental do machado que o está partindo.

Sistema Elo

O Sistema "Elo" ou "Link" consiste na associação de imagens mentais em que lançaremos mão da memória visual para a construção de uma tela mental, que é um poderoso recurso para o registro de informações. Os elos devem ser formados através da ligação de um item por vez e, já que é preciso usar um pouco de criatividade para formar imagens em sua mente, procure empregar uma ou mais regras na sua criação, uma vez que a motivação no exercício da recordação contribuirá para o domínio da técnica. O que desejamos memorizar vai depender também de atitudes básicas para um resultado eficiente, quais sejam: concentração, atenção e observação.

O Sistema Elo é utilizado para memorizar informações apresentadas em sequência. Cotidianamente, são muitas as coisas que precisam ser aprendidas ou lembradas e que obedecem a uma ordem. Um discurso, por exemplo, é uma sequência de pensamentos; uma fórmula é uma sucessão de componentes; um plano de aula, uma série de assuntos a serem abordados.

Uma vez aplicado o sistema, teremos a informação registrada na memória natural, pronta para ser evocada.

Seguem abaixo algumas dicas práticas para facilitar o seu trabalho:

Exercite diariamente sua criatividade trabalhando na produção de novas ideias.

Elabore as imagens mentais cuidadosamente para facilitar a evocação.

Libere a criança que existe em você deixando suas ideias fluírem livremente.

Realize as anotações após a memorização para que as mesmas não interfiram no processo.

Os erros cometidos no processo de aprendizado servirão de referencial para se chegar aos acertos.

Exercite a curiosidade, pesquise, amplie seus conhecimentos e encontre novas soluções.

Trabalhe consciente de que a sua imaginação não tem limites, evite o medo de agir feito bobo.

O tesouro da sabedoria consiste em ampliar e utilizar os conhecimentos adquiridos.

Busque novos caminhos sem medo de errar. Lembre-se de que você está em treinamento

Visualize as aplicações práticas das técnicas apresentadas relacionando-as ao seu dia a dia.

Trabalhe com entusiasmo para atingir seus objetivos. Evite a acomodação.

Você é o principal responsável pelo seu sucesso! Acredite em você e boa sorte!

Treinando o Sistema Elo

A memorização se baseia em associações de ideias. Recordamos melhor aquilo que associamos. São inúmeros os itens sequenciais que precisamos memorizar em nosso cotidiano. Uma sequencia de compromissos, as palavras-chave de um texto, os tópicos de um trabalho a ser apresentado etc.

O Sistema Elo se baseia no estabelecimento de associações visuais análogas à construção de uma corrente.

O sistema se baseia na associação da imagem mental do primeiro item à imagem mental do segundo item.

Em seguida, associa-se a imagem mental do segundo item à imagem mental do terceiro item, e assim sucessivamente.

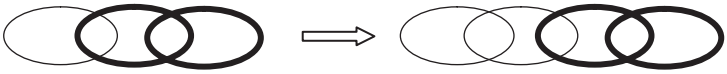

EXERCÍCIOS

Associe, através do Sistema Elo, os elementos das listas abaixo:

Exemplo: Iniciando a lista A

Imagine um grande ventilador girando sobre um tapete.

Visualize o tapete coberto de livros.

Imagine que de dentro de um dos livros decola um avião.

Dê continuidade, associando a imagem do avião ao próximo item, e assim sucessivamente.

Agora é com você!

Depois, associe os itens das listas B e C.

LISTA A	LISTA B	LISTA C
ventilador	Pão de Açúcar	amendoim
tapete	chave	fogo
livro	apartamento	brinco
avião	gravata	bigode
sol	piscina	gravador
pé de moleque	relógio	abacate
carro	ouro	praia
dente	garrafa	biscoito
bengala	dentadura	sapato
câmera fotográfica	estante	telefone
camisa	futebol	margarida
coruja	pedra	vinho
barco	floresta	ônibus
estrada	vestido	caneta
armário	carro	morcego

Utilize o Sistema Elo para memorizar os seguintes compromissos:

Leia os compromissos utilizando os itens em negrito como base associativa.

Palavras-chave a serem associadas: **carro – DVDs – material escolar – relatórios – estudos – perfume – ovos.**

Uma vez associadas, as palavras-chave acionarão a sua memória natural para que você possa evocar os compromissos.

Ex.: Iniciando o processo, imagine um carro com rodas feitas de DVDs. Em seguida, visualize um DVD com uma pilha de materiais escolares sobre o mesmo. Agora, visualize que da pilha de materiais escolares surge um imenso relatório, e assim por diante.

Quando você se lembrar do carro posteriormente, sua memória natural indicará que o mesmo precisa ser consertado. Como o carro está associado aos DVDs, ficará fácil recordar o compromisso da compra dos mesmos, e assim sucessivamente.

Agora é com você!

– Consertar o **carro**

– Comprar **DVD's** graváveis para o micro

– Tomada de preços de **material escolar**

– Elaborar **relatórios**

– Selecionar material para **estudos**

– Visitar um amigo no **hospital**

– Comprar um **perfume** para a esposa

– Comprar uma dúzia de **ovos**

Sistema de Arquivamento Mental

Sistema Fonético

O sistema fonético foi introduzido primeiramente por Stanislauns Mink von Wennsshein por volta de 1648. Em 1730, todo o sistema foi modificado pelo Dr. Richard Grey, da Inglaterra. A partir dessa data, fizeram-se várias modificações, e esse é atualmente considerado o sistema mais sofisticado. Ele permite o acesso às informações registradas, de forma análoga à consulta em gavetas de um arquivo físico. Você poderá consultar os dados arquivados sequencialmente, ou escolhendo a gaveta a ser consultada.

Como na construção de um arquivo, primeiro vamos construir a estrutura para encaixar as gavetas.

A base de construção do sistema de arquivamento mental é a assimilação de um alfabeto fonético. O sistema parte de uma convenção que associa consoantes de mesma articulação fonética a uma certa ordem numérica, como se segue:

ALFABETO FONÉTICO

1 – _____	T, D	6 – _____	CH, G (brando) , j , x
2 – _____	N, NH	7 – _____	C, G (gutural) , Q , K
3 – _____	M	8 – _____	F, V
4 – _____	R, RR	9 – _____	P, b
5 – _____	L, LH	0 – _____	S, SS, Ç, C (brando), Z

Dicas para a memorização do alfabeto fonético:

1 equivale a T e D – fale UM = **TuDum**

2 equivale a N e NH – visualize a letra *n* manuscrita com duas (2) pernas.

3 equivale ao *m* manuscrito com 3 pernas.

4 equivale a R e RR – Fale quatRRRRo, exagerando o erre.

5 equivale a L, LH – L lembra lua. Imagine o número 5 com uma lua minguante encaixada nele.

6 equivale a CH, G (brando), j, x. Como todas as consoantes do mesmo grupo têm a mesma articulação fonética, o G (brando) tem som de J. Ex.: gente, gelo, ginga. Para facilitar a memorização, fale número "xeis" como se fosse a Xuxa.

7 equivale a C, G (gutural), Q, K. O G gutural é o da pronúncia das palavras **G**ATO, **G**UERRA, **G**OSTO. Para facilitar a memorização, falaremos fitas **Kão-7**. O **K** lembra-nos do **Q** e o som do **Kão** lembra-nos do **G**ato.

8 equivale a F e V. Pense no 8 como uma noiva. O que Falta é o Véu!

9 equivale a P ou B. Pense no P como uma pá. Brincando com isso, "pá" cima é P, "pá" baixo é b.

0 equivale a S, SS, Ç, C (brando), Z. Lembre-se das consoantes do zero como o som de um pneu furado esvaziando (SSSSSSSS...) e do próprio z do zero.

Treinando a transcrição fonética:

Coloque a consoante correspondente ao lado de cada algarismo. Realize a tarefa com rapidez, procurando se lembrar da associação. Caso a princípio não consiga, retorne às dicas, reforçando o elo associativo.

Exemplo: **5** L **2** N **9** P

Agora é com você!

2__ 5__ 8__ 0__ 1__ 4__ 7__ 3__ 5__ 6__ 1__ 9__ 3__ 8__

7__ 0__ 4__ 1__ 8__ 9__ 0__ 5__ 2__ 9__ 7__ 2__ 6__ 2__

4__ 8__ 2__ 1__ 7__ 9__ 6__ 0__ 8__ 5__ 4__ 7__ 9__ 3__

Agora vamos treinar a transcrição fonética em palavras:

As vogais não têm valor numérico. Exemplo: **R~~A~~T~~O~~ ⇒ R=4 e T=1 ⇒ 41**

PATO _____ TÁXI _____ FOCA _____

VELA _____ NATA ____ LIXO _____

MENU _____ REMO ____ CHAVE____

CARRO ____ SAPO _____ PACA_____

URSO _____ BARRO ___ FOTO _____

Treine agora a transcrição fonética em números.

Exemplo: 31 3 = M e 1 = T ou D então podemos convencionar 31 como MaTo / MoTo/ MiTo/ MeTa/ etc.

Dica prática: Escolha sempre a transcrição que ofereça a melhor visualização. É mais fácil visualizar uma moto (subst. concreto) que uma meta (subst. abstrato).

Agora é com você!

98_____ 35 _____ 69 _____

13 _____ 22 _____ 47 _____

54 _____ 71 _____ 86 _____

75 _____ 86 _____ 40 _____

Agora vamos montar as gavetas do arquivo.

A construção das gavetas é uma convenção que obedece à lógica da transcrição fonética. Na prática, basta memorizarmos apenas os primeiros 20 itens da lista. Dificilmente temos mais de vinte compromissos ou tópicos de verificação simultâneos.

LISTA BÁSICA

0- ZOO	20- NOZ	40- ROSA	60- GIZ	80- VASO
1- TEIA	21- NATA	41- RATO	61- CHITA	81- FOTO
2- NOÉ	22- NINHO	42- RENA	62- CHINA	82- FENO
3- MÃO	23- NEMO	43- REMO	63- CHAMA	83- FUMO
4- RÃ	24- NERO	44- ARARA	64- JARRO	84- FERRO
5- LUA	25- NILO	45- ROLO	65- XALE	85- FOLE
6- CHÁ	26- NAJA	46- RIFA	66- CHUCHU	86- FICHA
7- CÃO	27- NUCA	47- RÉGUA	67- CHEQUE	87- FACA
8- VÉU	28- NAVE	48- ROCHA	68- CHAVE	88- VOVÓ
9- PÁ	29- NABO	49- RIPA	69- CHAPA	89- FUBÁ
10- TAÇA	30- MASSA	50- LAÇO	70- CASA	90- PAZ
11- TATU	31- MATO	51- LATA	71- GATO	91- PATO
12- TINA	32- MENU	52- LONA	72- CANO	92- PANO
13- TIME	33- MAMÃO	53- LAMA	73- CAMA	93- PUMA
14- TERRA	34- MAR	54- LIRA	74- CARRO	94- PORÃO
15- TELA	35- MALA	55- LULA	75- GALO	95- BOLA
16- TÁXI	36- MACHO	56- LAJE	76- CAIXA	96- PAJÉ
17- TACO	37- MACA	57- LOUCO	77- COCO	97- BOCA
18- TV	38- MÁFIA	58- LUVA	78- CAFÉ	98- PAVÃO
19- TAPA	39- MAPA	59- LUPA	79- CAPA	99- PAPA
				100- DOCES

00- ZEUS	01- SETA	02- SINO	03- SUMO	04- CERA
05- SELO	06- SACHÊ	07- SACO	08- SOFÁ	09- SOPA

Memorizando as gavetas do arquivo

Agora apresentaremos algumas dicas práticas para uma memorização rápida dos 20 itens de utilização prática.

1- **Teia** – Imagine o número 1 preso a uma teia como se fosse um inseto.
2- **Noé** – Visualize o personagem bíblico levando os animais, de 2 em 2, para a arca.
3- **Mão** – Veja uma letra M na palma da mão.
4- **Rã** – Projete a imagem de uma rã comendo um número quatro.
5- **Lua** – Lembre-se da Lua encaixada no número **5**.
6- **Chá** – Faça um chá, mergulhando o número seis em água fervente.
7- **Cão** – Lembre-se da fita Kão-7.
8- **Véu** – É o que faltava à noiva.
9- **Pá** – Semelhança com o formato do novembro.
10- **TaÇa** – Levante mentalmente uma **TaÇa** com o número **10** gravado em alto relevo.
11- **TaTu** – Visualize um TaTu se equilibrando sobre o número **11**.
12- **TiNa** – Ao olhar no fundo de uma tina, veja um número **12**.
13- **TiMe** – Idealize um time onde todos os jogadores vestem a camisa **13**.
14- **TeRRa** – O planeta **TeRRa**, ao girar, apresenta um continente em forma de número **14**.
15- **TeLa** – Veja um número **15** no centro de uma **TeLa** de projeção.

Faça uma pequena pausa para que as associações se acomodem em sua memória. Em seguida, acrescente mais cinco itens.

16- **TáXi** – Crie a imagem de um **TÁXI** com uma placa de número **16**.
17- **TaCo** – Destrua um número **17** batendo nele com um TaCo.
18- **TV** – Ao ligar mentalmente a **TV**, aparece o número **18**.
19- **TaPa** – Imagine um **TaPa** fazendo girar os algarismos **1** e **9**.
20- **NoZ** – Visualize uma **NOZ** se abrindo, e dela surgindo o número **20**.

LISTA BÁSICA

Agora procure preencher as lacunas das gavetas do arquivo mental. A primeira já está preenchida, para servir de incentivo. Agora é com você!

1-___Teia__
2-_____
3-_____
4-_____
5-_____
6-_____
7-_____
8-_____
9-_____
10-_____
11-_____
12-_____
13-_____
14-_____
15-_____
16-_____
17-_____
18-_____
19-_____
20-_____

Aprendendo a usar o arquivo mental

As intruções a seguir irão orientar a memorização dos 20 itens da lista1.

Faça uma leitura de reconhecimento da lista, e em seguida acompanhe a tabela de utilização do arquivo mental.

LISTA 1

Gaveta do arquivo mental	Item da lista a ser memorizado	Construção da associação (imagem mental) **Visualização**
1. Teia	Caneta	Lance várias canetas em uma teia
2. Noé	Dentadura	Noé navegando em uma dentadura
3. Mão	Camelo	A mão que cavalga um camelo
4. Rã	Música	Obs.: Música é um item abstrato! Substituiremos essa abstração pela imagem concreta de notas musicais saindo da boca de uma rã
5. Lua	Máquina	A lua com máquinas em suas crateras
6. Chá	Pente	Mexendo o chá com um pente
7. Cão	Sapato	Um cão calçado com sapatos

8. Véu	Cigarro	Um véu ornamentado com cigarros
9. Pá	Olho	Colocando uma pá no olho
10. Taça	Tapete	Várias TaÇas empilhadas sobre um tapete
11. TaTu	Papel	Um TaTu vivo embrulhado em uma folha de papel
12. TiNa	Relógio	Uma TiNa cheia de relógios de vários tipos
13. TiMe	Casa	Um TiMe jogando dentro de uma casa
14. TeRRa	Tomada	O planeta TeRRa girando conectado a uma tomada
15. TeLa	Macaco	Uma TeLa com macacos pendurados
16. TáXi	Bola	Um TáXi cheio de bolas
17. TaCo	Porta	Um TaCo sendo usado para derrubar uma porta
18. TV	Fogo	Ao ligar a TV, surge uma língua de fogo
19. TaPa	Abajur	Dar um tapa para acender um abajur
20. NoZ	Quadro	Ao abrirmos uma NoZ, encontramos um quadro

Agora vamos trabalhar a evocação. Preencha a segunda coluna com a imagem mental associada à gaveta do arquivo mental. Preencheremos a primeira, como um pequeno incentivo. Agora é com você!

Gaveta do arquivo mental	Item evocado (IM)
1- **Teia***	**Caneta**
2- Noé	
3- Mão	
4- Rã	
5- Lua	
6- Chá	
7- Cão	
8- Véu	
9- Pá	
10-TaÇa	

Gaveta do arquivo mental	Item evocado (IM)
11- TaTu	
12- TiNa	
13-TiMe	
14-TeRRa	
15-TeLa	
16-TáXi	
17-TaCo	
18-TV	
19-TaPa	
20-NoZ	

*Evocação da imagem mental da teia cheia de canetas.

LISTA 2

Gaveta do arquivo mental	Item da lista a ser memorizado	Construção da associação (Imagem mental) **Visualização**
1. Teia	Camiseta	
2. Noé	Varanda	
3. Mão	Cheque	
4. Rã	Energia*	
5. Lua	Estante	
6. Chá	Ônibus	
7. Cão	Relógio	
8. Véu	Ouro	
9. Pá	Bolo	
10. Taça	Coração	
11. TaTu	Prancha	
12. TiNa	Pneu	
13. TiMe	Borboleta	
14. TeRRa	Peixe	
15. TeLa	Amor*	
16. TáXi	Homem	
17. TaCo	Verde	
18. TV	Justiça*	
19. TaPa	Cama	
20. NoZ	Gigante	

Obs.: Os itens energia, amor e justiça são abstratos, cabendo aqui a elaboração de imagens substitutas.

Sugestão: energia = raio; amor = coração; justiça = balança.

Agora vamos trabalhar a evocação da Lista 2. Preencha a segunda coluna com a imagem mental associada à gaveta do arquivo mental. Preencheremos a primeira, como um pequeno incentivo. Agora é com você!

Gaveta do arquivo mental	Item evocado (IM)
1- **Teia***	**Camiseta**
2- Noé	
3- Mão	
4- Rã	
5- Lua	
6- Chá	
7- Cão	
8- Véu	
9- Pá	
10-TaÇa	

Gaveta do arquivo mental	Item evocado (IM)
11- TaTu	
12- TiNa	
13-TiMe	
14-TeRRa	
15-TeLa	
16-TáXi	
17-TaCo	
18-TV	
19-TaPa	
20-NoZ	

Obs.: A memorização da lista 2 não suprime a lista anterior. Com um pouco de treinamento e concentração, você poderá rapidamente estar trabalhando com listas paralelas.

Uma vez compreendido o mecanismo de arquivamento mental de informações, generalize sua aplicação em tarefas cotidianas, como memorizar uma lista de compras ou itens de verificação no ambiente de trabalho.

Desafie-se, descubra-se e surpreenda o mundo com o imenso potencial que reside em você!

Ricardo Soares

Pós-teste

Caro leitor,

Certamente a visão que você possui sobre o processo de leitura foi modificada pela assimilação de novos conhecimentos e pela utilização de técnicas de leitura dinâmica.

Agora, com base no aprendizado de Leitura Dinâmica, assinale V **para verdadeiro ou** F **para falso:**

1. ( ) Leitura Dinâmica é igual a leitura rápida.
2. ( ) Quanto mais lentamente leio, mais compreendo.
3. ( ) Quando leio e não compreendo, o melhor a fazer é ler de novo.
4. ( ) A solução para a desconcentração é a escolha de um ambiente adequado para a leitura.
5. ( ) Ler dinamicamente significa ler rápido, compreender e reter as informações.
6. ( ) Para ler dinamicamente, terei que abrir mão dos detalhes.
7. ( ) A leitura dinâmica pode ser aplicada a romances.
8. ( ) A velocidade de leitura ajuda na concentração.
9. ( ) Grifar durante a leitura me ajuda a destacar as partes mais importantes.
10. ( ) Encontrando uma palavra desconhecida, devo imediatamente consultar o dicionário.
11. ( ) Lendo em voz alta, aumento o meu rendimento na leitura.
12. ( ) Dinamicamente, pode-se ler, compreender e reter as informações em uma única operação.
13. ( ) Para interpretar melhor, devemos, primeiro, ler integralmente o texto e, depois, responder às perguntas.
14. ( ) Fazer anotações de partes do texto durante a leitura facilita o entendimento do mesmo.
15. ( ) Os resultados do estudo com o fichamento não compensam o trabalho e o tempo dispensados para a elaboração das fichas.
16. ( ) A ideia principal do texto sempre vem no primeiro parágrafo.
17. ( ) Estudar com música dificulta a concentração.
18. ( ) Para consolidar a melhoria do meu desempenho, devo refazer os exercícios.
19. ( ) Para poder treinar leitura dinâmica, devo ter sempre um livro à disposição.
20. ( ) O principal responsável pelo meu sucesso sou eu mesmo.

Gabarito comentado do Pré-teste e do Pós-teste

De acordo com os seus conhecimentos, assinale V **para verdadeiro ou** F **para falso:**

1. (F) Leitura Dinâmica é igual a leitura rápida.
Não. Leitura Dinâmica é igual a leitura efetiva.

2. (F) Quanto mais lentamente leio, mais compreendo.
O ajuste do ritmo ao tipo de leitura é o que determina uma melhor compreensão.

3. (F) Quando leio e não compreendo, o melhor a fazer é ler de novo.
Se o leitor simplesmente lê de novo, pode estar reincidindo em um erro e relendo com o mesmo problema.

4. (F) A solução para a desconcentração é a escolha de um ambiente adequado para a leitura.
A desconcentração pode ocorrer em um ambiente ótimo se o leitor estiver preocupado.

5. (V) Ler dinamicamente significa ler rápido, compreender e reter as informações.
Sim, leitura dinâmica = leitura efetiva.

6. (F) Para ler dinamicamente, terei que abrir mão dos detalhes.
O leitor dinâmico, por meio das técnicas, acaba sendo mais detalhista do que o leitor tradicional.

7. (V) A leitura dinâmica pode ser aplicada a romances.
Sim, o ritmo pode ser ajustado a qualquer tipo de leitura.

8. (V) A velocidade de leitura ajuda na concentração.
Sim, a velocidade ajustada ao tipo de texto faz com que o leitor deixe de perceber o que ocorre a sua volta.

9. (F) Grifar durante a leitura me ajuda a destacar as partes mais importantes.
Grifar sim; durante a leitura, não. Evite o parcelamento da linha de raciocínio. Somente após o entendimento e identificação das ideias principais é que se deve grifar o texto.

10. (F) Encontrando uma palavra desconhecida, devo imediatamente consultar o dicionário.
Imediatamente não; evite a perda de tempo e as interrupções. Se após a leitura persistir a dúvida, consulte o dicionário.

11. (F) Lendo em voz alta, aumento o meu rendimento na leitura.
Ler em voz alta reduz a velocidade e não garante entendimento.

12. (F) Dinamicamente pode-se ler, compreender e reter as informações em uma única operação.
Ler, compreender e reter são três operações diferentes no processo de leitura.

13. (F) Para interpretar melhor, devemos, primeiro, ler integralmente o texto e, depois, responder às perguntas.
Primeiro, devemos pré-ler o texto e as perguntas, caso existam; em seguida, ler o texto e interpretar.

14. (F) Fazer anotações de partes do texto durante a leitura facilita o entendimento do mesmo.
Durante a leitura, não. Se o texto ainda não foi lido, como podemos ter certeza de que devemos anotar determinadas partes?

15. (F) Os resultados do estudo com o fichamento não compensam o trabalho e tempo dispensados para a elaboração das fichas.
Com técnica, a elaboração das fichas torna-se rápida e objetiva.

16. (F) A ideia principal do texto sempre vem no primeiro parágrafo.
Devemos pré-ler o texto para identificar a ideia principal, podendo a mesma estar ou não no primeiro parágrafo.

17. (F) Estudar com música inviabiliza a concentração.
Sob determinadas condições até ajuda.

18. (F) A melhor forma de consolidar o aumento do meu desempenho é refazendo os exercícios.
A melhor forma de consolidar o aumento do seu desempenho é usando o que foi aprendido no seu dia a dia.

19. (F) Para poder praticar a leitura dinâmica, devo ter sempre um livro à disposição.
A leitura dinâmica pode ser praticada em jornais, revistas, informativos etc.

20. (V) O principal responsável pelo meu sucesso sou eu mesmo.
Sim, você deve ser seu primeiro aliado. Além de você mesmo, outros aliados podem ser benéficos se houver disposição para trabalhar com eles: seus familiares, amigos, professores etc.

"É muito melhor arriscar coisas grandiosas alcançando triunfo e glória, mesmo expondo-se à derrota, do que formar fila com os pobres de espírito que nem gozam muito, nem sofrem muito, porque vivem nessa penumbra cinzenta que não conhece vitória nem derrota."

Franklin Roosevelt

CONCLUSÃO

Prezado amigo:

Temos certeza de que, após a realização do pós-teste (que é igual ao pré-teste), você percebeu que este livro trouxe uma série de informações, dicas e técnicas, além de alguns exercícios e textos interessantes (referimo-nos, aqui, às citações).

Queremos crer que este material tenha sido útil para você. E temos certeza de que se você quiser, treinar e prosseguir em sua caminhada em busca do conhecimento, certamente terá muito sucesso.

Ao alcançar seus objetivos e ao descobrir que o verdadeiro sucesso é viver em paz e buscar, dia a dia, a felicidade, sem pressa ou medos, nós, os autores, estaremos também mais felizes, por sua causa.

Considerando que você é uma pessoa em processo de crescimento, procure usar suas habilidades, antigas e novas, para ajudar o próximo. Todo bem que você fizer será útil para você, para alguém e para o planeta.

Assim,

- **Acredite em seu potencial**
- **Trabalhe com entusiasmo**
- **Persiga seus objetivos**
- **Tenha calma, humildade e determinação**
- **Alegre-se por estar vivo e curta o sucesso!!!**

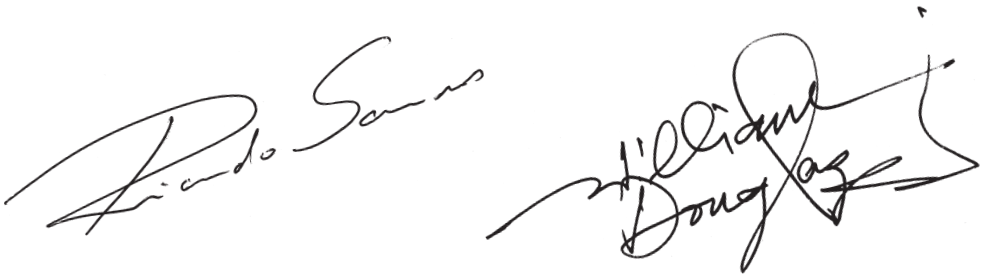

Coletânea de textos

Caro leitor,

Acreditamos que, ao final do livro, se dá o início da aplicação plena das técnicas de leitura dinâmica. Como contribuição para o seu contínuo aperfeiçoamento, deixamos uma série de textos com o seu número de palavras para que você possa, a qualquer momento, saber como está o seu ritmo.

Um meio simples de causar uma primeira impressão boa

Dale Carnegie

Tomei parte, recentemente, num jantar em Nova York. Um dos convidados, uma senhora que havia herdado uma certa quantia, estava ansiosa por causar uma impressão agradável a todos. Gastara uma pequena fortuna em peles, diamantes e pérolas. Mas nada fez em favor do seu rosto. Irradiava aspereza e egoísmo. Não compreendeu o que todos os homens sabem: que a expressão apresentada por uma mulher na sua fisionomia é muito mais importante do que os vestidos que traz. (A propósito: eis uma coisa boa a ser lembrada quando a esposa quiser comprar capote de peles). Charles Schwab disse-me que seu sorriso valia um milhão de dólares. E, certamente, estava declarando a verdade. Para a personalidade de Schwab, seu encanto, sua habilidade em fazer com que as pessoas gostassem dele são quase inteiramente responsáveis pelo seu extraordinário êxito na vida; e um dos fatores mais atraentes da sua personalidade é o seu cativante sorriso.

Número de palavras 153 | Marque agora o seu tempo! | Min.____ seg.____

QUADRO DE DESEMPENHO	TESTE DE VELOCIDADE	RESULTADO
Velocidade Ppm	(153 : tempo em minutos)	

Está provado: Leitura melhora a redação

Yeda S. Santos

Desde que a Fundação para o Vestibular exigiu dos candidatos a leitura de uma série de obras de bons autores brasileiros e portugueses, as provas de redação ganharam qualidade. Mesmo assim, ainda aparece muito texto sem pé nem cabeça.

Depois que a Fuvest passou a exigir a leitura de obras clássicas – dez por ano – de autores brasileiros e portugueses, a qualidade da redação dos exames de seleção melhorou. É o que demonstram levantamentos feitos nos anos de 1982, 1983 e 1991. "O rendimento não só da redação, mas de toda a prova de português melhorou", afirma o professor Atílio Vanin, vice-diretor da Fuvest, sem arriscar uma porcentagem. Segundo ele, aparentemente o número de alunos que leem vem aumentando. "Os cinco primeiros anos da Fuvest – de 1977 a 1982 – foram os piores, pois os candidatos usavam muitos lugares-comuns e chavões nas redações." Para Vanin, os professores do Ensino Fundamental (1ª à 8ª série) e Médio (2º grau) devem começar a preparar seus alunos para o exame de ingresso na universidade.

A proposta de indicar títulos para leitura partiu do professor de Grego da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) Henrique Murachco, visando melhorar o desempenho na prova de redação. Ele cita o grego Gorgias, mestre da retórica, para dar suporte à sua iniciativa: "Dê-me um jovem e, pelo logus, eu farei dele o melhor onde quer que vá".

(Logus é o mesmo que palavra escrita, articulada.)

A primeira lista de autores não vivos foi indicada em 1989, para ser aplicada em 90. A situação alterou-se em 93, quando o Conselho de Graduação da USP introduziu autores vivos, como José Saramago e Rubem Fonseca. A Fuvest escolheria um Paulo Coelho? "Não, pela irrelevância do tema de que tratam suas obras", responde Vanin. O aluno fica conhecendo os autores indicados para leitura na hora da inscrição, através do Manual do Candidato, e o professor Vanin avisa:

"Sem Machado de Assis, Eça de Queiroz e Carlos Drummond de Andrade, não tem exame, pois esses são obrigatórios."

Embora o volume de incongruências encontrado nas provas tenha diminuído, "a redação não pode ter muito peso no vestibular (vale a metade da prova de português),

pela subjetividade que envolve a correção, que tem critérios próprios. O examinador verifica a adequação ao tema, correção gramatical, coerência e coesão, isto é, o texto precisa ter começo, meio e fim", analisa o vice-diretor da Fuvest.

Depois de instituída a obrigatoriedade da leitura de determinadas obras, ficou mais fácil encontrar redações como a do "treineiro" que diz: "...Imagine se eu fosse um candidato real que, numa série de dias de prova, coloca em jogo toda a sua vida profissional. Acho que esse método de ingresso na faculdade é um tanto injusto para um candidato que passou a vida inteira estudando, é ótimo aluno e, no dia da prova, tem um branco, fica nervoso, e aí se perde de uma vez, porque sabe que a partir do resultado da prova vai ter o orgulho de cursar uma boa faculdade ou a humilhação de ser reprovado..."

(*Apud* http://pages.whowhere~com/news/dannyperdig~jusp.html, em 21/01/1999)

Número de palavras 515 Marque agora o seu tempo! Min.____ seg.____

QUADRO DE DESEMPENHO		TESTE DE VELOCIDADE	RESULTADO
Velocidade	Ppm	(515 : tempo em minutos)	

Cursos preparatórios: Ensino alternativo?

William Douglas e Sylvio Motta

Recentemente, tivemos a implantação de exame do MEC a respeito da qualidade do ensino superior, que veio a ser apelidado de "Provão do MEC". Este exame, limitado praticamente a provas realizadas pelos formandos, ainda que sujeito a consideráveis críticas, tem mostrado deficiências no ensino. Nesse ponto, é possível confirmar o que os concursos já vinham indicando: o ensino está com qualidade abaixo da esperada e necessária.

Com o advento da Constituição de 1988, ocorreu uma valorização econômica e ética do concurso público como forma de ingresso na Administração Pública.

De um lado, a seriedade da esmagadora maioria dos editais de seleção tem pugnado por um processo acordante com os pressupostos da moralidade e da legalidade que, por definição, devem nortear os atos estatais.

Por outro lado, a crise econômica, aliada a uma crescente taxa de desemprego estrutural, vem despejando no mercado várias espécies de desempregados. Existem os jovens recém-saídos dos bancos universitários, ávidos por um lugar ao sol. Engrossam essas fileiras os profissionais liberais de todas as áreas, que são as verdadeiras vítimas da falta de regulamentação dos processos de automação, permitindo-se uma indiscriminada substituição da mão de obra humana por autômatos e/ou mecanismos automatizados. Isso, para não citar aqueles que são colhidos por um preconceito relativo à idade, como se um indivíduo de cinquenta e cinco anos não tivesse mais nada a oferecer ao mundo empresarial.

Consequência imediata desse quadro foi a proliferação dos cursos preparatórios para concursos públicos nos últimos anos, sobretudo nos grandes centros urbanos.

O debate sobre a função social e econômica dessas empresas prestadoras de serviço encontra argumentos favoráveis e também inúmeras críticas por parte da comunidade acadêmica, sobretudo no que refere aos seus segmentos mais ortodoxos. Se existem aqueles que exaltam a relevância do adestramento ministrado pelos cursos livres, outros há que entendem tratar-se de verdadeira ameaça ao academicismo tradicional.

O agravamento da situação é patente, sobretudo depois da instituição da avaliação exigida pelo Ministério da Educação e Cultura, que, por enquanto, atinge alguns cursos universitários, mas, ao que tudo indica, em breve se estenderá a todos os cursos de terceiro grau. Note-se que as próprias instituições de ensino superior, numa espécie de *mea culpa,* têm criado cursos preparatórios que, embora abertos ao público externo,

são verdadeiros disfarces para melhorar o desempenho do corpo discente no denominado provão do MEC. Prova disso é que, não raro, os alunos da instituição gozam de incentivos financeiros, materializados em generosas reduções da mensalidade, para cursarem as "aulas de aperfeiçoamento acadêmico", ou seja lá o eufemismo que se emprega para designar a falência pedagógica da instituição.

Aliás, o "provão" agora também voltará suas lentes para os cursos de Ensino Médio. Resta saber se os critérios serão justos, e levarão em conta as diversidades regionais e, principalmente, socioeconômicas. Sem isso, será apenas um alerta sobre as desigualdades, sendo que sua maior utilidade apenas se dará se for hábil em combater as falhas identificadas.

A situação é ainda mais grave nas faculdades de Direito, onde o exame de habilitação exigido pela Ordem dos Advogados do Brasil pode funcionar como mais um elemento complicador, a fim de macular o nome e a tradição da instituição que não consegue que seus bacharéis obtenham um índice razoável de aprovação.

Com justa razão, apresentado esse quadro, a comunidade acadêmica tem se sentido desprestigiada e vilipendiada em seus brios honradamente conquistados, voltando suas armas contra os cursos preparatórios, como metralhadoras giratórias disparando a esmo críticas contundentes e mordazes.

Some-se a esta já tumultuada situação o fato de que a maioria dos professores do curso de formação universitária simplesmente não se adaptam ao sistema de ensino exigido nesses cursos de adestramento. É mesmo muito comum a triste cena na qual professores acadêmicos renomados são rechaçados por uma turma farta de academicismo e sequiosa de soluções práticas para sua ambição profissional. Inegável que a dinâmica pedagógica a ser aplicada nas duas situações é por demais diversa. Nos cursos preparatórios, os profissionais têm contra si variantes desconhecidas pelas academias de Direito. A começar pela premência de tempo disponível para condensar e fixar na mente do candidato o conteúdo programático exigido pela banca examinadora. E, para isso, usam de uma criatividade que, aos olhos de alguns acadêmicos, é tida como verdadeira heresia ao culto do Direito tradicional. Além desse problema, existem turmas extremamente heterogêneas, em grau jamais visto nas academias tradicionais. Há alunos de todas as idades, origens e de funções diversas, desde uns que nada sabem até aqueles que apenas por acidente ainda não foram aprovados em algum concurso. Atender a essa diversidade humana em curto prazo é desafio raramente reprisado nas salas comuns, até porque nos cursinhos o nível de estresse é muito maior.

Todavia, convém observar que os ditos cursos livres não pretendem, e nem poderiam aspirar a tal absurdo, substituir as tradicionais academias de Direito. Bem como os profissionais que atuam nesse expansivo segmento do mercado educacional não têm a pretensão de menosprezar os antigos (e eternos!) mestres. A existência desses mecanismos de aperfeiçoamento se deve à própria indolência e indisciplina pedagógica de boa parte do alunado. Em verdade, os dois lados são aliados. Inegável que uma boa formação universitária favorecerá sobremaneira o futuro aspirante ao cargo público.

Também igualmente inquestionável o fato de que o comportamento didático do professor é por demais diferente nas duas situações. E é aí que reside o cerne da questão. Na turma tradicional, o mestre pode se dar ao desfrute de divagar sobre as diversas correntes do pensamento jurídico sobre o tema da aula, pode até discordar das posições doutrinárias e jurisprudenciais consolidadas. É até saudável que o faça. Quanto maior o número de informações recebidas pelo acadêmico, melhor será sua formação jurídica, já o dissemos. A aula tradicional é, sem dúvida, um afago no ego do mestre, que, não satisfeito, pode até exigir que seus alunos repitam nas avaliações periódicas obrigatórias os seus posicionamentos, às vezes até extravagantes.

Contudo, nada disso é permitido ao profissional que pretende se preparar para concurso. Daí a incompatibilidade das técnicas pedagógicas. O menosprezado "professor de cursinho" deve resignar-se com a função de "papagaio de pirata", lecionando não as suas posições pessoais, mas, antes, aquilo que a banca examinadora tem como verdade. Parece simples, mas não é. Principalmente quando a prepotência acadêmica encontra-se de tal forma enraizada, num processo simbiótico tão intenso, onde mudar de opinião equivaleria à "morte acadêmica". A continuar assim, melhor será darmos as costas para a academia e nos voltarmos para o concurso público.

Imaginamos, com esperança, o dia em que os cursos tradicionais ensinem com liberdade tanto quanto com visão voltada para a vida prática com eficiência; com rigor científico, mas com atividade para o cotidiano profissional. Imaginamos também o dia em que os cursinhos percam a utilidade diante de um outro ensino que – embora tradicional – não peque por um tradicionalismo estéril nem por um ensino improdutivo e ultrapassado. Quando será que os alunos sairão das academias aptos para as provas, em especial, as que são expressões do dia a dia aplicadas pela escola da vida?

Mas esperamos também que, quando do ocaso dos cursinhos, restem deles a eficiência, o contato com a realidade, a visão de resultados, a remuneração um pouco mais digna para os professores, a seleção dos mestres mais por sua efetiva competência didática e menos por títulos e relacionamentos, que nem sempre são provas de capacidade de ensinar.

Ensinar. Este o desafio milenar da raça humana. Onde for, como for, para quem for, mas ensinar. Para a vida, para o crescimento, para abrir portas, alçar voos, criar oportunidades, despertar talentos. Este é o desafio, que permanece vivo nas academias, sejam tradicionais, sejam alternativas.

Número de palavras 1.314 Marque agora o seu tempo! Min.____ seg.____

QUADRO DE DESEMPENHO		TESTE DE VELOCIDADE	RESULTADO
Velocidade	Ppm	(1.314 : tempo em minutos)	

Otimização do estudo

William Douglas

Introdução

As condições de um mercado de trabalho cada vez mais restrito têm indicado os concursos públicos como uma das melhores opções para a rápida obtenção de estabilidade, *status* e boa remuneração. O perfil dos acadêmicos das Faculdades de Direito tem se modificado, e a intenção de realizar concursos é a marca predominante no alunado, opção que também é manifestada entre profissionais liberais e empregados do setor privado.

Em consequência desse fenômeno, os cursos preparatórios e as listas de inscritos em concursos estão cada dia mais abarrotados. Não obstante, os índices de aprovação continuam em patamares incrivelmente baixos, próximos de 1 a 2%. Mesmo os Exames de Ordem indicam o baixíssimo nível de formação dos bacharéis. Os chefes de Instituições reclamam incessantemente que não conseguem preencher as vagas por falta de candidatos habilitados em suficiente número. Assim, paradoxalmente, aumentam os candidatos e diminui ainda mais o número de aprovados. Por mais que se esforcem, faculdades e cursos preparatórios têm tido pouco êxito. Mas, qual a razão dessa carnificina, ou, quando menos, como inverter esse lamentável quadro?

O desempenho dos candidatos nos concursos públicos serve como inquestionável demonstração da baixa qualidade do ensino jurídico. Causas e soluções para tais deficiências vêm sendo tema de debate entre os profissionais da área e professores desde longa data, indicando a necessidade de alguma mudança radical. Os remédios até agora utilizados não têm se mostrado eficazes contra o mal diagnosticado. As recentes modificações normativas na educação brasileira e no ensino do Direito indicam a tentativa de busca de soluções para estes dilemas, embora as tenhamos por ainda tímidas.

Raciocínio ou repetição

Temos para nós que uma das principais falhas do sistema está na forma de ensino do Direito, voltado quase que exclusivamente para a estéril análise de leis e códigos, sem sequer haver preocupação com a formação da capacidade de raciocínio jurídico e de espírito crítico nos alunos. O acadêmico, ao invés de aprender a interpretar as leis, decora a interpretação da norma vigente. Quando uma lei é revogada, o acadêmico

é incapaz de interpretar a norma que a substitui. Isso ainda fica mais patente hoje, quando o país passou a ter o sistema jurídico de maior mutabilidade que se tem notícia. Atualmente, existe o direito consuetudinário, o *civil law* e o direito brasileiro, onde as Medidas Provisórias são mais rápidas que os costumes, que a lei, a jurisprudência ou qualquer outra coisa que se move.

Por muito tempo e ainda em muitos lugares, todo o sistema de ensino (jurídico e não jurídico) nada mais é do que meter um monte de informações na cabeça de alguém, e exigir que este alguém seja capaz de repetir uma porcentagem disso na hora da prova. O ensino terminou sendo atividade de informar, e não de formar pessoas. Educar deixou de ser paixão, alegria, força, intensidade, curiosidade e crescimento para ser uma mera atividade de repetição, estéril e sem graça. Fazem dos alunos roscas, parafusos e roldanas, como peças nas fábricas da era da industrialização. Felizmente, aos poucos vai se redescobrindo o estudo como algo agradável, criativo, inovador. Apenas assim formam-se pessoas preparando-as para a vida real, para o século XXI, para uma vida realmente produtiva.

O subaproveitamento do cérebro

Mais grave do que a insana opção pelo automatismo intelectual, temos como causa principal do sofrível desempenho dos nossos alunos o fato de não saberem eles aproveitar o seu estupendo potencial intelectual. Nossos alunos, via de regra e com honrosas, mas poucas exceções, não sabem ler com eficiência, não sabem estudar, não possuem suficiente capacidade de expressão escrita e verbal, em suma, subaproveitam sua quase ilimitada capacidade cognitiva. Não estou falando apenas de matérias como Metodologia do Ensino e da Pesquisa, sede onde muito se poderia aprender, mas que permanece desprezada, tanto pelas instituições quanto pelos alunos. É preciso aprender a aprender.

A verdade é que alguns professores e a maioria absoluta dos alunos não dá importância a assuntos basilares, tais como as técnicas de aprendizagem e o funcionamento do cérebro, da memória, da inteligência etc. Em geral, os alunos desprezam pontos da matéria, como a introdução e os princípios e conceitos fundamentais, pois querem "ir direto para o assunto", não querendo "perder tempo" com estas partes, que para eles são de menor importância. Eles estão viciados em não pensar, a se satisfazerem com um produto final e acabado, sem que possam ou saibam julgá-lo.

Este comportamento repete a prática mais que comezinha de as pessoas não lerem os manuais de instrução dos eletrodomésticos que adquirem. Apesar de lá uma vez ou outra alguém fundir um aparelho, via de regra consegue-se usar um liquidificador ou videocassete sem a leitura do manual. Nesses casos, o subaproveitamento da máquina, que decorre da falta de conhecimento de seu *modus operandi*, permanece em limites toleráveis. Todavia, quanto mais complexo o equipamento, maior a necessidade de,

mesmo com algum trabalho, estudar-se o manual, ver como a máquina funciona, sua potencialidade, funções etc. Se isto não ocorrer, o subaproveitamento será considerável. Como o cérebro é muito mais sofisticado que o mais avançado dos computadores, é preciso "ler o manual", sob pena de estarmos condenados a subaproveitá-lo. Os índices de aprovação dos bacharéis em concursos públicos mostram que o uso do cérebro e da inteligência sem a "leitura do manual" está sendo insuficiente.

Quantidade x Qualidade do Estudo

Outro ponto a ser considerado é que, como tudo na vida, importa mais a qualidade do que a quantidade. Há quem estude 12 horas por dia e seu resultado prático seja inferior ao de outro que estuda apenas uma hora por dia. Por quê? Por causa de inúmeros fatores, como a concentração, a metodologia e o ambiente de estudo. Mesmo assim, os estudantes e candidatos preocupam-se apenas com "quantas horas" ele ou o colega estudam por dia, e quase não se vê a preocupação com o "como" se estuda.

Otimização de estudo

Como um dos caminhos para solucionar o fraco desempenho de nossos alunos, entendemos que deva ser dada atenção ao processo de aprendizagem da aprendizagem, aquilo que chamamos de Otimização de Estudo. Otimização, como já diz Aurélio, *é o processo pelo qual se determina o valor ótimo de uma grandeza, é o ato ou efeito de otimizar*. Assim, é tornar algo ótimo, é buscar o que é excelente, o melhor possível, *o grau, quantidade ou estado que se considera o mais favorável, em relação a um determinado critério*. Através da otimização, é possível estudar uma mesma quantidade de horas obtendo-se um considerável ganho em agregação de novos conhecimentos, decorrente do acréscimo de qualidade. Em suma, o aperfeiçoamento da capacidade de aprendizagem resulta em maior produtividade, exatamente o que tem faltado aos nossos alunos e candidatos.

Acréscimo de inteligência e desempenho

Somos educados a pensar que a inteligência e a beleza são dádivas da vida, as quais já recebemos prontas e acabadas, estando condenados a passar o resto da vida com a quantidade de uma ou de outra que foi por nós recebida. É óbvio que aquele que do destino já recebeu beleza e/ou inteligência prontas é um afortunado, com muito mais facilidade e conforto. Para quem não nasceu genial ou lindo, porém, resta apenas a resignação?

As academias de ginástica, clínicas de beleza e os cirurgiões plásticos já há tempos vêm provando que a beleza pode ser obtida com esforço pessoal e tecnologia. No que tange à inteligência, aos poucos vai se firmando não só o seu melhor conceito, mas

também, e felizmente, o fato de que ela pode ser aperfeiçoada. É óbvio que o gênio e o espírito criativo nascem prontos, contudo, eles podem se aperfeiçoar. As pessoas que não tiveram tal sina podem aprender técnicas que otimizem suas capacidades, muitas delas aprendidas da observação dos gênios.

O fato é que é possível aprender a ser mais inteligente, bem como a desenvolver espécies diferentes de inteligência. Os melhores conceitos de inteligência são aqueles que a indicam como a capacidade de se adaptar a novas situações e como capacidade de buscar a felicidade. Isto pode ser aprendido. Como já disse Charles Chaplin, precisamos mais de humanidade do que de inteligência. A inteligência necessária para a felicidade está à disposição de todos. Além do mais, não existem pessoas burras, existem pessoas que ainda não tiveram a possibilidade de se educarem e de crescerem intelectualmente. Isto, aliás, é tarefa moral da sociedade, do Estado e dos que já angariaram um certo grau de inteligência.

Conclusão

Entendemos, assim, ser necessário um esforço no sentido de desenvolver as inteligências, a capacidade de aprendizagem e o inesgotável potencial do cérebro humano. Se isto não for feito, nossos alunos continuarão condenados a níveis insatisfatórios de desempenho. Lidamos hoje com grande quantidade de esforço desperdiçado, baixa produtividade no processo de ensino-aprendizagem e frustração inteiramente desnecessárias. Antes de ensinar ao aluno a matéria em si ("o inimigo"), devemos ensiná-lo a conhecer a si próprio e a dominar sua espetacular capacidade de crescimento humano e cognitivo. Isso foi dito já há 2.500 anos por Sun Tzu, excepcional general chinês, na obra *A Arte da Guerra*:

"Se conhecemos o inimigo e a nós mesmos, não precisamos temer o resultado de uma centena de combates. Se nos conhecemos, mas não ao inimigo, para cada vitória sofreremos uma derrota. Se não nos conhecemos nem ao inimigo, sucumbiremos em todas as batalhas."

Número de palavras 1.576 Marque agora o seu tempo! Min.____ seg.____

QUADRO DE DESEMPENHO		TESTE DE VELOCIDADE	RESULTADO
Velocidade	Ppm	(1.576 : tempo em minutos)	

BIBLIOGRAFIA

ABNT. Associação Brasileira de Normas Técnicas nº 18/1988. *Normas bibliográficas*. Rio de Janeiro: ABNT, 1988.

ADLER, Mortmer J. e DOREN, Charles Van. *Como ler um livro*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1990.

ALLENDE, Felipe e CONDEMARIN, Mabel. *Leitura, teoria, avaliação e desenvolvimento*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

BELLENGER, Lionel. *Os métodos de leitura*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

BUZAN, Tony. *El Libro de la Lectura Rápida*. Barcelona: Urano, 1998.

CARNEGIE, Dale. *Como fazer amigos e influenciar pessoas*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

CONDEMARIN, Mabel. *Dislexia: manual de leitura corretiva*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

CUTLER, E. Wade. *Triple your reading speed*. New York: Arco Publishing, INC, 1985.

DEESE, James e DEEE, Ellin K. *Como estudar*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1990.

HUHNE, Leda Miranda. *Metodologia científica:* Caderno de textos e técnicas. Rio de Janeiro: Agir, 1989.

KALATOS, Eva Maria e MARCONI, Maria de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 1997.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

MORGAN, Clifford Thomas. *Introdução à psicologia*. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1977.

MOSCOVICI, Fela. *VI Encontro de Desburocratização*. Curitiba: 1987.

PENTEADO, José Roberto Whitaker. *A técnica da comunicação humana*. São Paulo: Biblioteca Pioneira de Administração e Negócios, 1997.

SANTOS, Ezequiel Estevam dos. *Textos selecionados de métodos e técnicas de pesquisa científica*. Rio de Janeiro: Impetus, 2002.

SANTOS, William Douglas Resinente dos. *Como passar em provas e concursos*. 13ª ed. Rio de Janeiro: Impetus, 2003.

SILVA, Ezequiel Teodoro da. *O ato de ler:* fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia. São Paulo: Cortez Editora, 1984.

SUN TZU. *A arte da guerra*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

TEIXEIRA, Elson e MACHADO, Andréa. *Leitura dinâmica e memorização*. São Paulo: Makron Books, 1993.

DESIDERATA

"*Ande placidamente entre o barulho e a pressa e lembre-se de que a paz pode existir no silêncio. Mantenha-se em bons termos com todas as pessoas tanto quanto possível sem se render. Diga a sua verdade tranquila e claramente e ouça os outros, mesmo os obtusos e ignorantes, eles também têm a sua história. Evite as pessoas ruidosas e agressivas sem vexações ao espírito. Se você se comparar com os outros poderá tornar-se vaidoso e amargo, pois sempre haverá pessoas maiores e menores que você.*

Desfrute das suas realizações como também de seus planos. Mantenha-se interessado na sua própria carreira por humilde que seja; é uma verdadeira posse nas mutações do destino.

Seja prudente nos negócios, pois o mundo está cheio de trapaças. Mas não deixe isto tornar você cego à virtude; muitas pessoas lutam por altos ideais e em toda parte a vida está cheia de heroísmo.

Seja você mesmo. E sobretudo não finja afeição. Também não seja cínico a respeito do amor, pois acima de toda a aridez e desencanto ele é tão perene quanto a relva. Recolha mansamente o conselho dos anos, renunciando graciosamente às coisas da juventude. Nutra sua força espiritual para que o proteja da desgraça repentina. Porém, não se aflija com coisas imaginárias; muitos temores nascem da fadiga e da solidão. Junto a uma disciplina saudável, seja gentil para consigo mesmo. Você é uma criatura do universo, não menos que as árvores e as estrelas. Você tem o direito de estar aqui, e seja evidente ou não para você, o universo sem dúvida se desenvolve como deve. Portanto, esteja em paz com Deus, e quaisquer que sejam os seus trabalhos e aspirações, mantenha-se em paz com a sua alma. Com todos os seus fingimentos, trabalhos e sonhos desfeitos, este continua sendo um mundo bonito.

Tome cuidado, esforce-se para ser feliz!"

Igreja de Saint Paul, Baltimore, 1693

ENTREVISTA COM DEUS*

"Sonhei que tinha marcado uma entrevista com DEUS.

– Entre, falou DEUS. Então, você gostaria de ME entrevistar?

– Se Você tiver um tempinho, disse eu.

DEUS sorriu e falou:

– Meu tempo é eterno, suficiente para fazer todas as coisas; que perguntas você tem em mente?

– O que mais O surpreende na humanidade?, perguntei.

DEUS respondeu:

– Que se aborreçam de ser crianças e queiram logo crescer... e aí, desejem ser crianças outra vez.

– Que desperdicem a saúde para fazer dinheiro e aí percam dinheiro para restaurar a saúde.

– Que pensem ansiosamente sobre o futuro, esqueçam o presente e, dessa forma, não vivem nem o presente, nem o futuro.

– Que vivam como se nunca fossem morrer e que morram como se nunca tivessem vivido.

Em seguida, a mão de DEUS segurou a minha e por um instante ficamos silenciosos; então eu perguntei:

– PAI, quais as lições de vida que VOCÊ quer que SEUS filhos aprendam?

Com um sorriso, DEUS respondeu:

– Que aprendam que não podem fazer com que ninguém os ame.

– O que podem fazer é que se deixem amar.

– Que aprendam que o mais valioso não é o que se tem na vida, mas quem têm na vida.

– Que aprendam que não é bom se compararem uns com os outros.

Todos serão julgados individualmente sobre seus próprios méritos, não como um grupo na base da comparação!

– Que aprendam que uma pessoa rica não é a que tem mais, mas a que precisa menos.

– Que aprendam que só é preciso alguns segundos para abrir profundas feridas nas pessoas amadas e que é necessário muitos anos para curá-las.

– Que aprendam a perdoar, praticando o perdão.

– Que aprendam que há pessoas que os amam muito, mas que simplesmente não sabem como expressar ou demonstrar seus sentimentos.

– Que aprendam que dinheiro pode comprar tudo, exceto felicidade.

– Que aprendam que duas pessoas podem olhar para a mesma coisa e vê-la totalmente diferente.

– Que aprendam que um amigo verdadeiro é alguém que sabe tudo sobre eles e gosta deles mesmo assim.

– Que aprendam que não é suficiente que eles sejam perdoados, mas que se perdoem a si mesmos.

Por um tempo, permaneci sentado, desfrutando aquele momento.

Agradeci a ELE pelo SEU tempo e por todas as coisas que ELE tem feito por mim e pela minha família. ELE respondeu:

– Não tem de quê. Estou em todos os lugares, 24 horas por dia. Tudo o que você tem a fazer é chamar por mim e EU, no meu tempo e modo, lhe responderei."

---

* Texto de autoria desconhecida, recebido pela internet, aqui publicado com pequenas alterações.

Visite o site dos autores:

www.williamdouglas.com.br

Redes Sociais de William Douglas:

meadiciona.com/williamdouglas

www.pitagorasdobrasil.com.br

Algumas dicas que poderão auxiliá-lo na leitura de textos em inglês.

1. Lembre-se que a leitura não é um processo de decodificação de palavra por palavra, sendo assim, não se prenda a cada palavra do texto. Concentre-se no contexto.
2. Veja que a maioria das palavras, encontradas em um texto, são **cognatas** do português (palavras cuja forma escrita e significado são parecidos nas duas línguas), o que simplifica em muito a leitura de um texto.
3. Cuidado com os **falsos cognatos** (palavras que têm significado diferente nas duas línguas). Exemplo: *bond* - significa ação, título, obrigação.
   Os falsos cognatos têm que ser estudados e memorizados para que você não interprete o texto erroneamente.
4. Procure o significado geral do texto, isto é, sobre o que o texto trata. Isto ajuda na "filtragem" das informações mais relevantes.
5. Quando encontrar uma palavra desconhecida, você não deve se preocupar primeiro com o seu significado. O primeiro passo é ver se a palavra é ou não importante para a compreensão do texto.
6. Lembre-se que as palavras que aparecem diversas vezes no texto, ou estão em negrito ou itálico são palavras importantes para a compreensão do texto.
7. Veja se a palavra está associada a um título, ilustração, etc., isto também é uma indicação de sua relevância.
8. Procure entender a palavra usando o contexto onde ela se encontra.
9. Lembre-se que quando lemos, estamos constantemente predizendo o que virá a seguir, tentando ver sentido no que foi lido, verificando hipóteses.
10. Quando estiver estudando, use o dicionário apenas para encontrar o significado de palavras-chaves que você não conseguiu entender através do contexto. Certifique-se de ter escolhido o melhor significado, verificando o contexto em que ela se encontra.

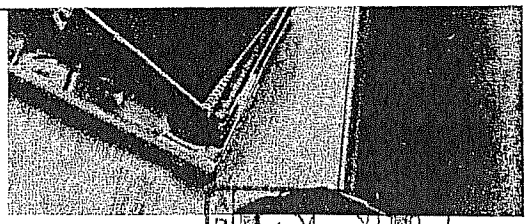

CÓDIGO 798
€ 3 60

I

Probabilidades e Combinatória

1. Introdução ao cálculo das probabilidades

1.1. Experiência aleatória
Acontecimento

1.2. Lei dos grandes números
Conceito frequencista de probabilidade

1.3. Acontecimentos equiprováveis
Lei de Laplace

1.1. Experiência aleatória. Acontecimento

Experiência aleatória é aquela que, repetida várias vezes em condições idênticas, produz resultados que não se podem prever com certeza.
Numa experiência aleatória, chama-se:

Espaço amostral ou **espaço dos resultados** ao conjunto de todos os resultados possíveis de uma experiência aleatória. O espaço amostral costuma representar-se por Ω ou S.

Acontecimento é qualquer subconjunto do espaço amostral.

Se o espaço amostral tiver n elementos, o número de acontecimentos que se podem formar é 2^n, ou seja:
$\# \Omega = n \Rightarrow \# \mathcal{P}(\Omega) = 2^n$, sendo $\mathcal{P}(\Omega)$ o conjunto das partes do conjunto Ω.

EXERCÍCIOS RESOLVIDOS

1 Considere o lançamento de uma moeda ao ar.

1.1. Indique o espaço dos resultados Ω.

1.2. Quais os subconjuntos de Ω?

1.3. Defina um acontecimento associado a cada subconjunto de Ω.

R

1.1. Representando por C "cara" e por E "escudo", temos que:
$\Omega = \{C, E\}$

1.2. Como $\# \Omega = 2$, o número de partes de Ω é 4.
$\mathcal{P}(\Omega) = \{\phi, \{C\}, \{C,E\}, \{E\}\}$
O conjunto das partes de Ω é um conjunto de conjuntos.

1.3. $\phi \rightarrow$ "não sair cara nem escudo"
$\{E\} \rightarrow$ "sair escudo"
$\{C\} \rightarrow$ "sair cara"
$\{C,E\} \rightarrow$ "sair cara ou escudo."

2 Lança-se um dado com as faces numeradas 1, 2, 3, 4, 5 e 6.

2.1. Defina o espaço amostral Ω.

2.2. Quais as partes de Ω? Indique um acontecimento associado a cada parte de Ω?

R

2.1. $\Omega = \{1, 2, 3, 4, 5, 6\}$

2.2. $\# \Omega = 6 \Rightarrow \# \mathcal{P}(\Omega) = 64$
$\phi \rightarrow$ sair 7
$\{1\} \rightarrow$ sair 1

{2} → sair 2
{3} → sair 3
{4} → sair 4
{5} → sair 5
{6} → sair 6
{1, 2} → sair menor que 3
{1, 3} → sair ímpar menor que 4
{1, 4} → sair divisor de 4 diferente de 2
{1, 5} → sair divisor de 5
{1, 6} → sair menor que 2 ou maior que 5
{2, 3} → sair maior que 1 e menor que 4
{2, 4} → sair par menor que 5
{2, 5} → sair 2 ou 5
{2, 6} → sair par e diferente de 4
{3, 4} → sair maior que 2 e menor que 5
{3, 5} → sair primo maior que 2
{3, 6} → sair múltiplo de 3
{4, 5} → sair maior que três e menor que 6
{4, 6} → sair par maior que três
{5, 6} → sair maior que 4
{1, 2, 3} → sair menor que 4
{1, 2, 4} → sair divisor de 4
{1, 2, 5} → sair primo diferente de 3 e 1
{1, 2, 6} → sair divisor de 6 e diferente de 3
{1, 3, 4} → sair 1 ou 3 ou 4
{1, 3, 5} → sair 1 ou 3 ou 5
{1, 3, 6} → sair divisor de 6 diferente de 2
{1, 4, 5} → sair 1 ou 4 ou 5
{1, 4, 6} → sair 1 ou 4 ou 6
{1, 5, 6} → sair 1 ou 5 ou 6
{2, 3, 4} → sair maior que 1 e menor que 5
{2, 3, 5} → sair 2 ou 3 ou 5
{2, 3, 6} → sair divisor de 6 diferente de 1
{2, 4, 5} → sair 2, 4 ou 5
{2, 4, 6} → sair par
{2, 5, 6} → sair 2, 5 ou 6
{3, 4, 5} → sair maior que 2 e menor que 6
{3, 4, 6} → sair 3 ou 4 ou 6
{3, 5, 6} → sair 3, 5 ou 6
{4, 5, 6} → sair maior que 3
{1, 2, 3, 4} → sair menor que 5
{1, 2, 3, 5} → sair primo ou 1
{1, 2, 3, 6} → sair menor que 4 ou maior que 5
{1, 2, 4, 5} → sair 1, 2, 4 ou 5
{1, 2, 4, 6} → sair 1 ou par
{1, 2, 5, 6} → sair 1, 2, 5 ou 6
{1, 3, 4, 5} → sair 1, 3, 4 ou 5
{1, 3, 4, 6} → sair 1, 3, 4 ou 6
{1, 3, 5, 6} → sair 1, 3, 5 ou 6
{1, 4, 5, 6} → sair 1 ou maior que 3

$\{2, 3, 4, 5\}$ → sair maior que 1 e menor que 6
$\{2, 3, 4, 6\}$ → sair 6 ou maior que 1 e menor que 5
$\{2, 3, 5, 6\}$ → sair 6 ou sair primo
$\{2, 4, 5, 6\}$ → sair maior que 1 e diferente de 3
$\{3, 4, 5, 6\}$ → sair maior que 2
$\{1, 2, 3, 4, 5\}$ → sair diferente de 6
$\{1, 2, 3, 4, 6\}$ → sair diferente de 5
$\{1, 2, 3, 5, 6\}$ → sair diferente de 4
$\{2, 3, 4, 5, 6\}$ → sair diferente de 1
$\{1, 3, 4, 5, 6\}$ → sair diferente de 2
$\{1, 2, 4, 5, 6\}$ → sair diferente de 3
$\{1, 2, 3, 4, 5, 6\}$ → sair menor que 7.

3 Lançam-se em simultâneo dois dados:
– um tetraédrico com as faces numeradas 1, 2, 3 e 4;
– um cúbico com as faces numeradas 1, 2, 3, 4, 5 e 6.

3.1. Defina o espaço dos resultados de Ω.

3.2. Represente o conjunto associado a cada um dos acontecimentos:
A: "A soma das pontuações dos dois dados é 5."
B: "A soma das pontuações é positiva."
C: "O produto das pontuações é 21."
D: "Os dois dados têm a mesma pontuação."

3.1. $\Omega = \{(1, 1), (1, 2), (1, 3), (1, 4), (1, 5), (1, 6), (2, 1), (2, 2), (2, 3), (2, 4), (2, 5), (2, 6), (3, 1), (3, 2), (3, 3), (3, 4), (3, 5), (3, 6), (4, 1), (4, 2), (4, 3), (4, 4), (4, 5), (4, 6)\}$

3.2. $A = \{(1, 4), (2, 3), (3, 2), (4, 1)\}$
$B = \Omega$
$C = \phi$
$D = \{(1, 1), (2, 2), (3, 3), (4, 4)\}$

Acontecimento elementar é o que é representado por um conjunto singular.
Acontecimento certo é o que é representado pelo espaço amostral.
Acontecimento impossível é o que é representado pelo conjunto vazio (ϕ).

Existe dualidade entre as operações com acontecimentos e as operações com os conjuntos.

Acontecimento	Conjunto
certo	Ω
impossível	ϕ
conjunção ($a \wedge b$)	intersecção ($A \cap B$)
disjunção ($a \vee b$)	reunião ($A \cup B$)
negação ($\sim a$) ou acontecimento contrário	complementar $\overline{A}$
$\sim(\sim a) = a$	$\overline{\overline{A}} = A$
$\sim(a \wedge b) = \sim a \vee \sim b$	$\overline{(A \cap B)} = \overline{A} \cup \overline{B}$
$\sim(a \vee b) = \sim a \wedge \sim b$	$\overline{(A \cup B)} = \overline{A} \cap \overline{B}$

Dois **acontecimentos** A e B dizem-se **incompatíveis** se e só se $A \cap B = \phi$.
Dois **acontecimentos** A e B dizem-se **compatíveis** se e só se $A \cap B \neq \phi$.
Dois **acontecimentos** A e B dizem-se **contrários** se e só se $A = \overline{B}$ (ou $\overline{A} = B$).

Nota 1: A e B são acontecimentos contrários se e só se $A \cap B \neq \phi$ e $A \cup B = \Omega$ (A e B são uma partição completa do universo Ω).

Nota 2: Se dois acontecimentos são contrários, são incompatíveis (mas o inverso não se verifica).

EXERCÍCIOS RESOLVIDOS

1 Duas urnas A e B têm bolas azuis, vermelhas e pretas. Escolhe-se aleatoriamente uma urna e, de seguida, retira-se uma bola da urna.

1.1. Defina o espaço amostral.

1.2. Defina cada um dos acontecimentos.

A: "A urna escolhida é A."
B: "A urna escolhida é B."
C: "A bola extraída é vermelha."
D: "A urna escolhida não é A."
E: "A urna escolhida é A e a bola extraída é vermelha."
F: "A urna escolhida é A ou a bola extraída é vermelha."
G: "A urna escolhida é A e a bola extraída não é vermelha."

1.1.

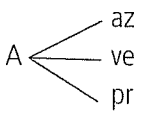

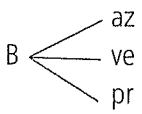

$\Omega = \{(A, az), (A, ve), (A, pr), (B, az), (B, ve), (B, pr)\}$

1.2. $A = \{(A, az), (A, ve), (A, pr)\}$

$B = \{(B, az), (B, ve), (B, pr)\}$

$C = \{(A, ve), (B, ve)\}$

$D = \{(B, az), (B, ve), (B, pr)\} = \overline{A}$ (Nota: Os acontecimentos A e D são contrários)

$E = \{(A, ve)\}$ (Nota: $E = A \cap C$)

$F = \{(A, az), (A, ve), (A, pr), (B, ve)\} = A \cup C$

$G = \{(A, az), (A, pr)\} = A \cap \overline{C}$

2 Considere o lançamento de um dado e indique:

2.1. um acontecimento elementar.

2.2. um acontecimento impossível.

2.3. um acontecimento certo.

2.1. A: "sair 5" é um acontecimento elementar, pois o subconjunto de $\Omega = \{1, 2, 3, 4, 5, 6\}$ associado a este acontecimento é $\{5\}$, que é um conjunto singular (só com um elemento).

2.2. B: "sair 7" é um acontecimento impossível, pois $B = \phi$.

2.3. C: "sair menor que 7" é um acontecimento certo, pois $C = \{1, 2, 3, 4, 5, 6\} = \Omega$.

3 Lançam-se em simultâneo dois dados cúbicos numerados de 1 a 6.

3.1. Defina o espaço amostral.

3.2. Considere os acontecimentos:

A: "A soma das pontuações é 2".

B: "A soma das pontuações é menor que 15".

C: "O produto das pontuações é 32".

D: "As pontuações são iguais nos dois dados".

E: "O produto das pontuações é menor que 12".

F: "A soma das pontuações é maior que 8".

$G = B \cap F$

$H = B \cup F$

3.2.1. Indique, justificando, um acontecimento elementar.

3.2.2. Indique um acontecimento impossível.

3.2.3. Indique um acontecimento certo.

3.2.4. Qual o acontecimento contrário do acontecimento E?

3.2.5. Indique dois acontecimentos incompatíveis, mas não contrários.

3.2.6. Caracterize o acontecimento $\overline{E} \cap \overline{F}$.

3.2.7. Compare os acontecimentos $\overline{E} \cap \overline{F}$ e $\overline{E \cup F}$. Que pode concluir?

3.2.8. Compare $\overline{E} \cup \overline{F}$ e $\overline{E \cap F}$. Que pode concluir?

3.1. Neste caso, o espaço amostral é mais facilmente definido por uma tabela de dupla entrada (pois $\# \Omega = 36$).

Ω	1	2	3	4	5	6
1	(1, 1)	(1, 2)	(1, 3)	(1, 4)	(1, 5)	(1, 6)
2	(2, 1)	(2, 2)	(2, 3)	(2, 4)	(2, 5)	(2, 6)
3	(3, 1)	(3, 2)	(3, 3)	(3, 4)	(3, 5)	(3, 6)
4	(4, 1)	(4, 2)	(4, 3)	(4, 4)	(4, 5)	(4, 6)
5	(5, 1)	(5, 2)	(5, 3)	(5, 4)	(5, 5)	(5, 6)
6	(6, 1)	(6, 2)	(6, 3)	(6, 4)	(6, 5)	(6, 6)

3.2. $A = \{(1, 1)\}$

$B = \Omega$

$C = \phi$

$D = \{(1, 1), (2, 2), (3, 3), (4, 4), (5, 5), (6, 6)\}$

$E = \{(1, 1), (1, 2), (1, 3) (1, 4), (1, 5) (1, 6), (2, 1), (2, 2), (2, 3), (2, 4), (2, 5), (3, 1), (3, 2), (3, 3), (4, 1), (4, 2), (5, 1), (5, 2), (6, 1)\}$

$F = \{(3, 6), (4, 5), (4, 6), (5, 4), (5, 5), (5, 6), (6, 3), (6, 4), (6, 5), (6, 6)\}$

$G = B \cap F = \Omega \cap F = F$ (Ω é o elemento neutro da intersecção de conjuntos)

$H = B \cup F = \Omega \cup F = \Omega$ (Ω é o elemento absorvente da reunião de conjuntos)

3.2.1. A é um acontecimento elementar, pois o conjunto que o caracteriza tem um só elemento (# A = 1).

3.2.2. C é um acontecimento impossível, pois $C = \phi$.

3.2.3. B é um acontecimento certo, pois $B = \Omega$.

3.2.4. $\overline{E}$: O produto das pontuações é maior ou igual a 12.

$\overline{E} = \{(2, 6), (3, 4), (3, 5), (3, 6), (4, 3), (4, 4), (4, 5), (4, 6), (5, 3), (5, 4), (5, 5), (5, 6), (6, 2), (6, 3), (6, 4), (6, 5), (6, 6)\}$

3.2.5. E e F são incompatíveis, pois $E \cap F = \phi$.

No entanto, não são contrários, pois $E \cup F \neq \Omega$ (e $\overline{E} \neq F$).

3.2.6. $\overline{E} \cap \overline{F}$: O produto das pontuações é maior ou igual a 12 e a soma das pontuações é menor ou igual a 8.

$\overline{E} = \{(2, 6), (3, 4), (3, 5), (3, 6), (4, 3), (4, 4), (4, 5), (4, 6), (5, 3), (5, 4), (5, 5), (5, 6), (6, 2), (6, 3), (6, 4), (6, 5), (6, 6)\}$

$\overline{F} = \{(1, 1), (1, 2), (1, 3) (1, 4), (1, 5) (1, 6), (2, 1), (2, 2), (2, 3), (2, 4), (2, 5), (2, 6), (3, 1), (3, 2), (3, 3), (3, 4), (3, 5), (4, 1), (4, 2), (4, 3), (4, 4), (5, 1), (5, 2), (5, 3), (6, 1), (6, 2)\}$

$\overline{E} \cap \overline{F} = \{(2, 6), (3, 4), (3, 5), (4, 3), (4, 4), (5, 3), (6, 2)\}$

3.2.7. $\overline{E \cup F}$: Não se verifica o produto das pontuações menor que 12 ou a soma das pontuações maior que 8.

$E \cup F = \{(1, 1), (1, 2), (1, 3) (1, 4), (1, 5) (1, 6), (2, 1), (2, 2), (2, 3), (2, 4), (2, 5), (3, 1), (3, 2), (3, 3), (3, 6), (4, 1), (4, 2), (4, 5), (4, 6), (5, 1), (5, 2), (5, 4), (5, 5), (5, 6), (6, 1), (6, 3), (6, 4), (6, 5), (6, 6)\}$

$\overline{E \cup F} = \{(2, 6), (3, 4), (3, 5), (4, 3), (4, 4), (5, 3), (6, 2)\}$

$\overline{E} \cap \overline{F} = \overline{E \cup F}$ (leis de De Morgan)

3.2.8. $\overline{E} \cup \overline{F}$: O produto das pontuações é maior ou igual a 12 ou a soma das pontuações é menor ou igual a 8.

$\overline{E} \cup \overline{F} = \{(1, 1), (1, 2), (1, 3) (1, 4), (1, 5) (1, 6), (2, 1), (2, 2), (2, 3), (2, 4), (2, 5), (2, 6), (3, 1), (3, 2), (3, 3), (3, 4), (3, 5), (3, 6), (4, 1), (4, 2), (4, 3), (4, 4), (4, 5), (4, 6), (5, 1), (5, 2), (5, 3), (5, 4), (5, 5), (5, 6), (6, 1), (6, 2), (6, 3), (6, 4), (6, 5), (6, 6)\} = \Omega$

Como $E \cap F = \phi$, então $\overline{E \cap F} = \Omega$, logo $\overline{E \cap F} = \overline{E} \cup \overline{F}$ (leis de De Morgan).

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

1 Lançam-se em simultâneo um dado cúbico e um rapa onde estão marcadas as letras R, P, T, D.

1.1. Defina o espaço dos acontecimentos Ω.

1.2. Indique um acontecimento associado do conjunto
$A = \{(2, R), (4, R), (6, R)\}$.

1.3. Qual o conjunto associado ao acontecimento "sai 'tira' no rapa"?

1.4. Qual o conjunto associado ao acontecimento "sai 'dois' no dado"?

2 O João está a responder a um teste onde tem de indicar o valor lógico de 3 proposições.

2.1. De quantas maneiras o João pode responder ao teste, ou seja, qual o cardinal do espaço amostral?

2.2. O João sabe que, das 3 questões, 2 são verdadeiras e uma falsa.
De quantas maneiras pode responder às 3 questões, atendendo a esta informação?

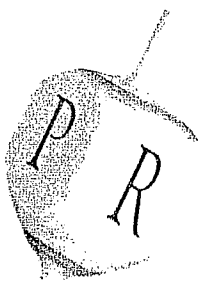

3 Lançam-se ao ar em simultâneo três moedas.

3.1. Defina o espaço amostral desta experiência.

3.2. Considere os seguintes acontecimentos:

A: "sai pelo menos uma vez 'cara'".

B: "sai no máximo duas vezes 'cara'".

$C = A \cap B$

$D = A \cup B$

$E = \overline{A}$

Represente em extensão os conjuntos A, B, C, D, E.

4 De um saco contendo 5 cartões numerados de 1 a 5, retiram-se dois cartões e multiplica-se os valores escritos nos dois cartões.

4.1. Qual o cardinal do espaço de acontecimentos desta experiência?

4.2. Considere os acontecimentos:

A: "O produto é 12".

B: "O produto é ímpar".

C: "O produto é maior que zero".

D: "O produto é 21".

Indique, para cada acontecimento, o conjunto associado.

SOLUÇÕES

1.

1.1. $\Omega = \{(1, R), (1, T), (1, D), (1, P), (2, R), (2, T), (2, D), (2, P), (3, R), (3, T), (3, D), (3, P), (4, R), (4, T), (4, D), (4, P), (5, R), (5, T), (5, D), (5, P), (6, R), (6, T), (6, D), (6, P)\}$

1.2. "sai R no 'rapa' e 'par' no dado" (por exemplo).

1.3. $\{(1, T), (2, T), (3, T), (4, T), (5, T), (6, T)\}$

1.4. $\{(2, R), (2, T), (2, D), (2, P)\}$

2.

2.1. $2 \times 2 \times 2 = 2^3 \rightarrow 8$ maneiras diferentes.

2.2. $\{(V, V, F), (V, F, V), (F, V, V)\}$ Pode responder de três maneiras diferentes.

3.

3.1. $\{(C, C, C), (C, C, E), (C, E, C), (E, C, C), (E, E, C), (E, C, E), (C, E, E), (E, E, E)\}$

3.2. $A = \{(C, C, C), (C, C, E), (C, E, C), (E, C, C), (E, E, C), (E, C, E), (C, E, E)\}$

$B = \{(C, C, E), (C, E, C), (E, C, C), (E, E, C), (E, C, E), (C, E, E), (E, E, E)\}$

$C = A \cap B = \{(C, C, E), (C, E, C), (E, C, C), (E, E, C), (E, C, E), (C, E, E)\}$

$D = A \cup B = \Omega$

$E = \overline{A} = \{(E, E, E)\}$

4.

4.1. $5 \times 4 = 20$

4.2. $A = \{(3, 4), (4, 3)\}$

$B = \{(1, 5), (5, 1), (3, 5), (5, 3), (1, 3), (3, 1)\}$

$C = \{(1, 5), (5, 1), (1, 4), (4, 1), (1, 3), (3, 1), (1, 2), (2, 1), (2, 5), (5, 2), (2, 4), (4, 2), (2, 3), (3, 2), (3, 5), (5, 3), (3, 4), (4, 3), (4, 5), (5, 4)\} = \Omega$

$D = \phi$

1.2. Lei dos grandes números. Conceito frequencista de probabilidade

Realizou-se uma experiência N vezes, tendo-se verificado o acontecimento A, n_A vezes. Então

$$f_A = \frac{n_A}{N} \qquad (f_A \rightarrow \text{frequência do acontecimento A})$$

Quando N tende para infinito, a frequência relativa de A tende para a probabilidade do acontecimento A, ou seja

$$\lim_{N \rightarrow \infty} f_A = p(A)$$

EXERCÍCIOS RESOLVIDOS

Ao fim de 632 sorteios do "Totoloto" e de 4424 extracções (7 extracções por sorteio), verificou-se que o número de vezes que saiu cada bola numerada é o constante da tabela abaixo.

Bola numerada	N.º de vezes que saiu	Bola numerada	N.º de vezes que saiu
1	105	26	106
2	94	27	95
3	79	28	91
4	87	29	101
5	92	30	92
6	93	31	91
7	83	32	72
8	72	33	80
9	72	34	78
10	100	35	98
11	86	36	99
12	103	37	77
13	102	38	87
14	84	39	100
15	82	40	82
16	89	41	91
17	86	42	116
18	96	43	81
19	94	44	87
20	85	45	107
21	110	46	68
22	87	47	89
23	101	48	104
24	82	49	89
25	68		

1.1. Qual a bola que, ao fim de 632 sorteios, saiu mais vezes e qual a sua frequência relativa?

1.2. Qual ou quais as bolas que saíram menos vezes? E qual a sua frequência relativa?

1.3. Poder-se-á considerar 4424 um "grande número"? Justifique convenientemente a sua resposta.

1.1. A bola que saiu mais vezes foi a bola 42 e $f_{42} = \frac{116}{4424} \simeq 0{,}026$ (3 c.d.)

1.2. As bolas que saíram menos vezes foram as 25 e 46 e $f_{25} = f_{46} = \frac{68}{4424} = 0{,}015$ (3 c.d.)

1.3. Se 4424 fosse um "grande número", a frequência de cada uma das bolas deveria ser igual, ou seja

$$f_A = \frac{1}{49} \simeq 0{,}020 \text{ (3 c.d.)}$$

Para se obter a estabilização das frequências e a aproximação da frequência relativa à probabilidade, terão de ser feitas muito mais extracções.

A probabilidade do acontecimento A, p(A), define-se:

$$p(A) = \frac{n_A}{N}$$

em que: $n_A \rightarrow$ número de vezes que o acontecimento A se verifica.

$N \rightarrow$ número de vezes que se realiza a experiência.

Propriedades:

P_1: $0 \leq p(A) \leq 1$

P_2: $p(\overline{A}) = 1 - p(A)$

P_3: $p(A \cup B) = p(A) + p(B) - p(A \cap B)$

EXERCÍCIOS RESOLVIDOS

1 Dados dois acontecimentos, A e B, sabe-se que $p(A) = 0{,}6$, $p(A \cap B) = 0{,}2$ e $p(\overline{A} \cap \overline{B}) = 0{,}1$.

1.1. Qual a probabilidade de não se verificar A?

1.2. Qual a probabilidade de se verificar A ou B?

1.3. Qual a probabilidade de se verificar B?

1.4. Os acontecimentos A e B serão incompatíveis?

1.1. $p(\overline{A}) = 1 - p(A) = 1 - 0{,}6 = 0{,}4 \quad (P_2)$

(A probabilidade do acontecimento contrário de A é 0,4.)

1.2. Pelas Leis de De Morgan

$\overline{A} \cap \overline{B} = \overline{(A \cup B)}$

Então

$p(\overline{A} \cap \overline{B}) = 0{,}1 \Leftrightarrow$

$\Leftrightarrow p(\overline{(A \cup B)}) = 0{,}1 \Leftrightarrow$

$\Leftrightarrow 1 - p(A \cup B) = 0{,}1 \Leftrightarrow$

$\Leftrightarrow p(A \cup B) = 0{,}9$

1.3. Pela P_3

$p(A \cup B) = p(A) + p(B) - p(A \cap B)$

Então

$0{,}9 = 0{,}6 + p(B) - 0{,}2 \Leftrightarrow p(B) = 0{,}5$

Em diagrama de Venn, na figura ao lado.

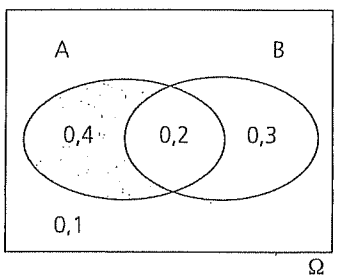

1.4. Como $p(A \cap B) = 0{,}2 \neq 0$, os acontecimentos A e B são compatíveis.

2 Depois de lançado muitas vezes um dado cúbico com as faces numeradas com 1, 2, 3, 4, 5 e 6, verificou-se que o dado não era perfeito. Assim, concluiu-se que o 6 saiu o dobro das vezes de cada uma das outras faces.
Determine a probabilidade de cada um dos acontecimentos:

2.1. A: "sair 6".
2.2. B: "sair menor que 6".
2.3. C: "sair 1".
2.4. D: "sair par".
2.5. E: "sair múltiplo de 3".
2.6. F: "sair par e múltiplo de 3".
2.7. G: "sair par ou múltiplo de 3".

R

2.1. p(sair 1) + p(sair 2) + p(sair 3) + p(sair 4) + p(sair 5) + p(sair 6) = 1
Mas p(sair 6) = 2 p(sair 1)
e p(sair 1) = p(sair 2) = p(sair 3) = p(sair 4) = p(sair 5)
Então
p(sair 1) + p(sair 1) + p(sair 1) + p(sair 1) + p(sair 1) + 2 p(sair 1) = 1 $\Leftrightarrow$
$\Leftrightarrow$ 7 p(sair 1) = 1 $\Leftrightarrow$
$\Leftrightarrow$ p(sair 1) = $\frac{1}{7}$
Logo, p(sair 6) = $\frac{2}{7}$

2.2. p(sair menor que 6) = p(não sair 6) = 1 − p(sair 6) = $1 - \frac{2}{7} = \frac{5}{7}$

2.3 p(sair 1) = $\frac{1}{7}$

2.4. p(sair par) = p(sair 2 v sair 4 v sair 6)
$= \frac{1}{7} + \frac{1}{7} + \frac{2}{7} = \frac{4}{7}$

2.5. p(sair múltiplo de 3) = p(sair 3 v sair 6)
$= \frac{1}{7} + \frac{2}{7} = \frac{3}{7}$

2.6. p(sair par $\wedge$ múltiplo de 3) = p(sair 6) = $\frac{2}{7}$

2.7. p(sair 2 v sair 3 v sair 4 v sair 6) = $\frac{1}{7} + \frac{1}{7} + \frac{1}{7} + \frac{2}{7} = \frac{5}{7}$

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

1 De dois acontecimentos X e Y, sabe-se que:

$X \subset Y$

$p(X) = 0,3$

$p(Y) = 0,5$

Indique:

1.1. $p(X \cap Y)$ 1.2. $p(X \cup Y)$

1.3. $p(\overline{Y} \cap X)$ 1.4. $p(Y \cap \overline{X})$

2 Num grupo de 300 alunos do 12.º ano de uma escola, sabe-se que:

- 60 estão inscritos em Física e em Química
- 72 estão inscritos em Química e Biologia
- 27 estão inscritos em Física e Biologia
- não há nenhum inscrito nas três disciplinas
- 120 estão inscritos em Biologia
- 150 estão inscritos em Química
- 90 estão inscritos em Física.

Escolhido ao acaso um aluno, indique a probabilidade de ele:

2.1. frequentar Física, mas não Química.

2.2. frequentar Física ou Química.

2.3. frequentar Biologia e não frequentar Química.

2.4. não frequentar nenhuma das três disciplinas.

2.5. frequentar pelo menos uma das três disciplinas.

2.6. frequentar duas das três disciplinas.

3 De um baralho de 52 cartas retira-se uma carta ao acaso.

3.1. Considere cada um dos acontecimentos:

A: "sair figura". B: "sair paus".

C: "sair figura ou ás". D: "sair vermelho".

Indique a probabilidade de cada um dos acontecimentos.

3.2. Indique:

3.2.1. dois acontecimentos incompatíveis, mas não contrários.

3.2.2. dois acontecimentos contrários.

3.2.3. dois acontecimentos X e Y que verifiquem $X \subset Y$.

3.2.4. dois acontecimentos P e Q que verifiquem $p(P) < p(Q)$ e $P \not\subset Q$.

4 Lançam-se em simultâneo um dado cúbico e um dado octaédrico. O dado cúbico tem as faces numeradas 0, 1, 1, 2, 2, 2 e o octaédrico tem as faces numeradas 0, 1, 1, 2, 2, 2, 3, 3.

Considere os seguintes acontecimentos:

A: A soma das pontuações é 5.

B: A soma das pontuações é um número par.

C: A soma das pontuações é um número primo.

D: A soma das pontuações é maior que 5.

E: A soma das pontuações é maior que 2 e menor ou igual a 4.

F: $C \cap E$

G: $C \cup E$

H: $\overline{C} \cap E$

I: $C \cap \overline{E}$

Determine a probabilidade de cada um dos acontecimentos.

SOLUÇÕES

1.

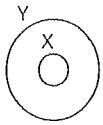

1.1. $p(X \cap Y) = p(X) = 0{,}3$

1.2. $p(X \cup Y) = p(Y) = 0{,}5$

1.3. $p(\overline{Y} \cap X) = p(\phi) = 0$

1.4. $p(Y \cap \overline{X}) = p(Y) - p(X) = 0{,}5 - 0{,}3 = 0{,}2$

2.

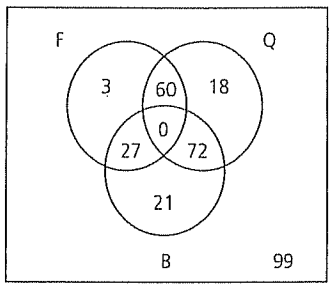

2.1. $p(F \cap \overline{Q}) = \dfrac{3 + 27}{300} = 0{,}1$

2.2. $p(F \cup Q) = \dfrac{3 + 27 + 60 + 72 + 18}{300} = 0{,}6$

2.3. $p(B \cap \overline{Q}) = \dfrac{21 + 27}{300} = 0{,}16$

2.4. $p(\overline{(F \cup Q \cup B)}) = \dfrac{99}{300} = 0{,}33$

2.5. $p(F \cup Q \cup B) = \dfrac{201}{300} = 0{,}67$

2.6. $p((F \cap B) \cup (F \cap Q) \cup (B \cap Q)) = \dfrac{27 + 72 + 60}{300} = 0{,}53$

3.

3.1. $p(A) = \dfrac{12}{52} = \dfrac{3}{13}$ $\quad p(B) = \dfrac{13}{52} = \dfrac{1}{4}$ $\quad p(C) = \dfrac{16}{52} = \dfrac{4}{13}$ $\quad p(D) = \dfrac{26}{52} = \dfrac{1}{2}$

3.2.

3.2.1. Por exemplo: "sair 3" e "sair figura".

3.2.2. Por exemplo: "sair vermelho" e "sair preto".

3.2.3. Por exemplo: X = "sair paus" e Y = "sair preto".

3.2.4. Por exemplo: P = "sair 3" e Q = "sair figura", pois $p(P) = \dfrac{1}{13}$, $p(Q) = \dfrac{3}{13}$ e, no entanto, $P \not\subset Q$.

4.

$p(A) = \dfrac{6}{48} = \dfrac{1}{8}$

$p(B) = \dfrac{23}{48}$

$p(C) = p(\text{soma } 2) + p(\text{soma } 3) + p(\text{soma } 5) =$

$= \dfrac{10}{48} + \dfrac{14}{48} + \dfrac{6}{48} = \dfrac{5}{8}$

$p(D) = p(\phi) = 0$

$p(E) = p(\text{soma } 3) + p(\text{soma } 4) = \dfrac{14}{48} + \dfrac{13}{48} = \dfrac{9}{16}$

$p(F) = p(\text{soma } 3) = \dfrac{14}{48} = \dfrac{7}{24}$

$p(G) = p(\text{soma } 2) + p(\text{soma } 3) + p(\text{soma } 4) +$

$p(\text{soma } 5) = \dfrac{10}{48}\ \dfrac{14}{48} + \dfrac{13}{48} + \dfrac{6}{48} = \dfrac{43}{48}$

$p(H) = p(\text{soma } 4) = \dfrac{13}{48}$

$p(I) = p(\text{soma } 2) + p(\text{soma } 5) = \dfrac{10}{48} + \dfrac{6}{48} = \dfrac{1}{3}$

+	0	1	1	2	2	2
0	0	1	1	2	2	2
1	1	2	2	3	3	3
1	1	2	2	3	3	3
2	2	3	3	4	4	4
2	2	3	3	4	4	4
2	2	3	3	4	4	4
3	3	4	4	5	5	5
3	3	4	4	5	5	5

1.3. Acontecimentos equiprováveis. Lei de Laplace

Dois **acontecimentos** são **equiprováveis** quando as probabilidades de se verificar cada um deles são iguais, ou seja:

A e B são equiprováveis $\Leftrightarrow$ p(A) = p(B)

Lei de Laplace
A probabilidade de um acontecimento A é igual à razão entre o número de casos favoráveis e o número de casos possíveis.

$$p(A) = \frac{\text{n.º de casos favoráveis}}{\text{n.º de casos possíveis}}$$

EXERCÍCIOS RESOLVIDOS

1 De um baralho de 40 cartas (baralho ao qual se retiraram os "8", os "9" e os "10"), retira-se ao acaso uma carta. Indique a probabilidade de cada um dos acontecimentos:

1.1. A: "sair copas".
1.2. B: "sair figura".
1.3. C: "sair dama".
1.4. D: "sair 10".
1.5. E: "sair dama de copas".
1.6. F: "sair rei ou copas".
1.7. G: "não sair rei".
1.8. H: "não sair figura nem copas".

R

1.1. Nas 40 cartas, 10 são de copas, então

$$p(A) = \frac{10}{40} = \frac{1}{40}$$

1.2. Há $3 \times 4 = 12$ figuras no baralho.

$$p(B) = \frac{12}{40} = \frac{3}{10}$$

1.3. Há 4 damas nas 40 cartas.

$$p(C) = \frac{4}{40} = \frac{1}{10}$$

1.4. Como não há "8", nem "9", nem "10",

$$p(D) = \frac{0}{40} = 0$$ ("sair 10" é um acontecimento impossível).

1.5. Só há uma dama de copas.

$$p(E) = \frac{1}{40}$$

1.6. $p(F) = p(\text{rei}) + p(\text{copas}) - p(\text{rei de copas}) = \frac{4}{40} + \frac{10}{40} - \frac{1}{40} = \frac{13}{40}$

Note que há 4 reis e 10 copas, mas temos de excluir o rei de copas que foi contado 2 vezes: como rei e como copas.

1.7. Como no baralho há 4 reis,

$$p(G) = 1 - p(\text{sair rei}) = 1 - \frac{4}{40} = \frac{9}{10}$$

1.8. $p(H) = p(\overline{B} \cap \overline{A}) = p(\overline{A \cup B}) = 1 - p(A \cup B) = 1 - \Big(\underbrace{p(A)}_{\text{copas}} + \underbrace{p(B)}_{\text{figura}} - \underbrace{p(A \cap B)}_{\text{figura de copas}}\Big) =$

$$= 1 - \left(\frac{10}{40} + \frac{12}{40} - \frac{3}{40}\right) = 1 - \frac{19}{40} = \frac{21}{40}$$

Note que das 40 cartas, 12 são figuras, 10 são copas, mas, nestas 22, 3 são figuras de copas (logo foram contadas 2 vezes); por isso, só são favoráveis 21 casos (40 − (22 − 3).

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

1 Num baralho de 52 cartas, retira-se aleatoriamente uma carta. Qual a probabilidade de cada um dos acontecimentos:

1.1. A: "sair paus"?
1.2. B: "sair vermelho"?
1.3. C: "sair ás"?
1.4. D: "sair ás de paus"?
1.5. E: "sair ás ou paus"?
1.6. F: "sair ás e não sair paus"?
1.7. G: "sair um número par"?

2 De uma urna com 10 bolas, das quais cinco são azuis, duas são vermelhas e as restantes pretas, retira-se aleatoriamente uma bola. Qual a probabilidade de cada um dos acontecimentos:

2.1. "sair azul"?
2.2. "sair vermelho"?
2.3. "sair preta"?
2.4. "não sair vermelha"?
2.5. "sair vermelha ou preta"?

3 De uma urna com 8 bolas, 2 azuis e 6 vermelhas, retira-se uma bola; verifica-se a cor que saiu, repõe-se de novo na urna e retira-se outra vez uma bola. Qual a probabilidade de cada um dos acontecimentos:

3.1. "saírem duas bolas de cor diferente"?
3.2. "as duas bolas serem da mesma cor"?

4 De uma urna com 12 bolas, 5 amarelas e 7 pretas, retira-se uma bola e, sem a repor, retira-se uma outra.

4.1. Qual a probabilidade de sair amarela na primeira tiragem?
4.2. Qual a probabilidade de a primeira ser amarela e a segunda verde?
4.3. Qual a probabilidade de as duas serem da mesma cor?
4.4. Qual a probabilidade de as duas serem de cor diferente?

5 Numa determinada região, verificou-se que, nos últimos anos, 50,3% das crianças nascidas são rapazes.

5.1. Qual a probabilidade de um casal ter uma só rapariga?
5.2. Qual a probabilidade de um casal, que planeia ter dois filhos, ter primeiro um rapaz e depois uma rapariga?
5.3. Qual a probabilidade de um casal com três filhos ter só raparigas?

6 Lançam-se em simultâneo dois dados cúbicos. Qual a probabilidade de cada um dos acontecimentos:

6.1. A: "A pontuação dos dois dados é igual"?

6.2. B: "O produto da pontuação dos dois dados é 40"?

6.3. C: "A soma das pontuações dos dois dados é 8"?

6.4. D: "A soma das pontuações nos dois dados é maior que 5 e menor que 12"?

7 Temos uma moeda em que a probabilidade de "sair cara" é tripla da probabilidade de "sair escudo". Qual a probabilidade de cada um dos acontecimentos:

7.1. "sair cara"?

7.2. "sair escudo"?

7.3. "em dois lançamentos, sair uma vez cara e uma vez escudo"?

7.4. "em três lançamentos, sair sempre cara ou sempre escudo"?

8 De dois acontecimentos A e B, sabe-se que $p(A) = 0{,}72$, $p(B) = 0{,}12$ e $p(\overline{A \cup B}) = 0{,}28$. Calcule:

8.1. $p(A \cup B)$.

8.2. $p(\overline{A})$.

8.3. $p(A \cap B)$.

9 Relativamente aos acontecimentos A e B da questão 8, que pode concluir?

10 Considere um dado tetraédrico com as faces numeradas 1, 2, 3 e 4.
Indique em $\Omega = \{1, 2, 3, 4\}$, dois acontecimentos:

10.1. compatíveis.

10.2. incompatíveis, mas não contrários.

10.3. contrários.

11 Numa urna, há 12 bolas: 5 azuis, 4 vermelhas e 3 pretas. As bolas azuis são numeradas de 1 a 5, as vermelhas de 1 a 4 e as pretas de 1 a 3.
Retirada uma bola ao acaso, qual a probabilidade de cada um dos acontecimentos?

11.1. A: "sair azul".

11.2. B: "sair vermelha".

11.3. C: "sair preta".

11.4. D: "sair 1".

11.5. E: "sair 2".

11.6. F: "sair 3".

11.7. G: "sair 4".

11.8. H: "sair 5".

11.9. $A \cap B$.

11.10. $A \cap D$.

11.11. $A \cup D$.

11.12. $B \cap F$.

11.13. $B \cup F$.

11.14. $C \cap E$.

11.15. $C \cup E$.

12 Retome o problema 11 e considere que se retiram da urna duas bolas sem reposição.

12.1. Qual a probabilidade de as duas bolas serem da mesma cor ou com a mesma pontuação?

12.2. Qual a probabilidade de as bolas serem da mesma cor e a soma das pontuações ser 5?

13 Resolva o problema 12, considerando que houve reposição.

14 Lançam-se em simultâneo dois dados cúbicos perfeitos. Qual a probabilidade de o produto das pontuações ser 12?

A) $\frac{1}{3}$ B) $\frac{1}{6}$ C) $\frac{2}{3}$ D) $\frac{1}{9}$

15 Ao lançar em simultâneo uma moeda não viciada e um dado tetraédrico perfeito (com as faces numeradas de 1 a 4), qual a probabilidade de obter cara na moeda e 3 no dado?

A) $\frac{1}{4}$ B) $\frac{1}{8}$ C) $\frac{1}{2}$ D) $\frac{1}{16}$

16 Um dado cúbico com 3 faces numeradas com "zero", duas com "um" e uma com "dois" e um dado tetraédrico com as faces numeradas 0, 0, 1 e 2 são lançados em simultâneo. Qual a probabilidade de a soma das pontuações ser um número natural?

A) $\frac{2}{3}$ B) 1 C) $\frac{5}{12}$ D) $\frac{3}{4}$

17 Retiram-se duas cartas de um baralho de 40 cartas, sem reposição da primeira carta. Qual a probabilidade de ambas as cartas serem "ases"?

A) $\frac{2}{130}$ B) $\frac{1}{130}$ C) $\frac{1}{100}$ D) $\frac{1}{80}$

18 De dois acontecimentos incompatíveis, X e Y, sabe-se que:

$p(X) = 4p(Y)$ e $p(X \cup Y) = \frac{1}{2}$.

Então

A) $p(X) = \frac{1}{8}$ B) $p(Y) = \frac{1}{8}$ C) $p(X) = \frac{1}{10}$ D) $p(Y) = \frac{1}{10}$

19 Abre-se, ao acaso, um livro, ficando à vista duas páginas numeradas. A probabilidade de a soma dos números dessas páginas ser ímpar é:

A) 0 B) $\frac{1}{3}$ C) $\frac{1}{2}$ D) 1

(EN 1997 – 2.ª Fase)

20 Cada um de 10 cartões tem um número escrito. Cinco dos números são positivos e cinco são negativos.

20.1. Retirando ao acaso 2 desses cartões, existe maior probabilidade de que o produto dos números neles escritos seja positivo ou negativo? Justifique.

20.2. A conclusão a que chegou na alínea anterior manter-se-á no caso de serem retirados 3 cartões? Justifique.

(EN 1996 – 2.ª Prova Especial)

21 Lançam-se simultaneamente dois dados:
- um tetraédrico com as faces numeradas 1, 2, 3 e 4
- um cúbico com as faces numeradas 1, 1, 2, 2, 3 e 3.

Ao lançar os dois dados, qual a probabilidade de:

21.1. se obter a mesma pontuação nos dois dados?

21.2. a pontuação do dado tetraédrico ser superior à do dado cúbico?

22 Dos ouvintes de uma estação radiofónica, 37% ouvem o programa X, 53% ouvem o programa Y e 15% ouvem ambos os programas. Ao escolher aleatoriamente um ouvinte desta estação, qual é a probabilidade de que:

22.1. escute apenas um dos referidos programas?

22.2. não escute nenhum destes dois programas?

(EN 1996 – 1.ª Chamada)

23 Pretende criar-se uma nova grelha de programação para o período que decorre entre as 7h00 e as 8h30 da manhã, dispondo-se, para o efeito, de 2 programas de 1 hora – um musical e outro sobre desporto – e de 3 programas de 30 minutos – um de informação e dois musicais.

Escolhendo ao acaso uma das possíveis grelhas de programação, qual a probabilidade de que ela contenha apenas programas musicais?

Nota: A mudança da ordem de programas origina diferentes grelhas.

(EN 1996 – 1.ª Chamada)

24 Numa roleta de feira com 1 m de raio, os sectores não são todos iguais:
- o sector A, que corresponde à pontuação 4, tem de área $\frac{\pi}{4}$ m^2;
- o sector B, que corresponde à pontuação 3, é formado por um ângulo ao centro de amplitude $\frac{2\pi}{3}$ rad;
- o sector C corresponde à pontuação 2.

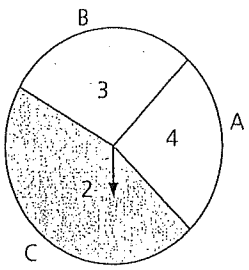

24.1. Rodando a roleta, qual a probabilidade de:

24.1.1. sair A?

24.1.2. sair B?

24.1.3. sair C?

24.1.4. não sair C?

24.2. Roda-se três vezes a roleta.

24.2.1. Quais as possíveis sequências de resultados?

24.2.2. Qual a probabilidade de a soma das três pontuações ser 10?

24.2.3. Qual a probabilidade de as três pontuações serem iguais?

24.2.4. Qual a probabilidade de as três pontuações serem diferentes?

SOLUÇÕES

1.1. $p(A) = \frac{13}{52} = \frac{1}{4}$

1.2. $p(B) = \frac{26}{52} = \frac{1}{2}$

1.3. $p(C) = \frac{4}{52} = \frac{1}{13}$

1.4. $p(D) = p(C \cap A) = \frac{1}{52}$

1.5. $p(E) = p(C \cup A) = p(C) + p(A) - p(A \cap C) = \frac{4}{52} + \frac{13}{52} - \frac{1}{52} = \frac{4}{13}$

1.6. $p(C \cap \overline{A}) = \frac{3}{52}$

1.7. $p(G) = \frac{5 \times 4}{52} = \frac{5}{13}$

2.1. $p(\text{azul}) = \frac{5}{10} = \frac{1}{2}$

2.2. $p(\text{vermelha}) = \frac{2}{10} = \frac{1}{5}$

2.3. $p(\text{preta}) = \frac{3}{10}$

2.4. $p(\text{não vermelha}) = 1 - \frac{1}{5} = \frac{4}{5}$

2.5. $p(\text{vermelha v preta}) = p(\text{vermelha}) + p(\text{preta}) = \frac{1}{2}$

3.

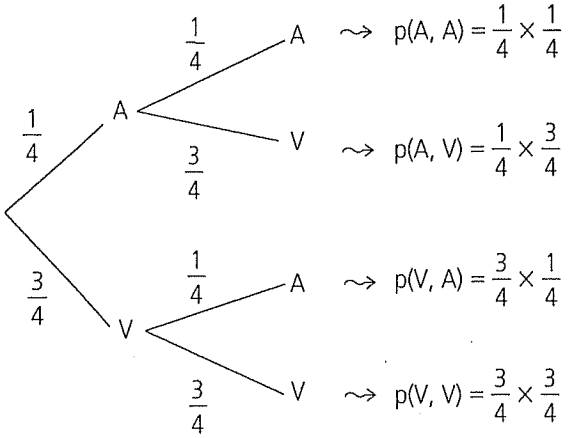

$\rightsquigarrow p(A, A) = \frac{1}{4} \times \frac{1}{4}$

$\rightsquigarrow p(A, V) = \frac{1}{4} \times \frac{3}{4}$

$\rightsquigarrow p(V, A) = \frac{3}{4} \times \frac{1}{4}$

$\rightsquigarrow p(V, V) = \frac{3}{4} \times \frac{3}{4}$

3.1. $p(\text{azul e vermelha}) = p(A, V) + p(V, A) = \frac{1}{4} \times \frac{3}{4} + \frac{3}{4} \times \frac{1}{4} = \frac{6}{16} = \frac{3}{8}$

3.2. $p(\text{duas bolas da mesma cor}) = p(A, A) + p(V, V) = \frac{1}{4} \times \frac{1}{4} + \frac{3}{4} \times \frac{3}{4} = \ = \frac{10}{16} = \frac{5}{8}$

4.

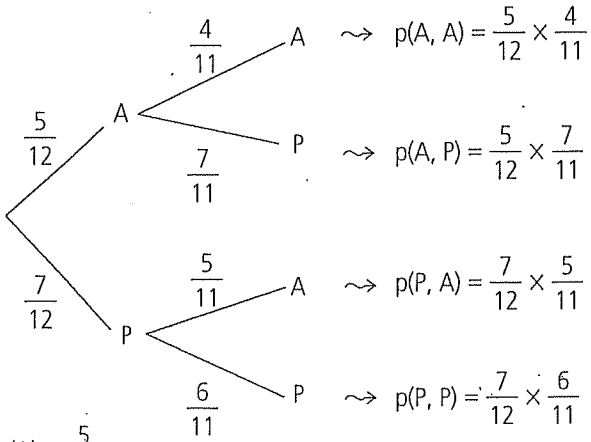

$\rightsquigarrow p(A, A) = \frac{5}{12} \times \frac{4}{11}$

$\rightsquigarrow p(A, P) = \frac{5}{12} \times \frac{7}{11}$

$\rightsquigarrow p(P, A) = \frac{7}{12} \times \frac{5}{11}$

$\rightsquigarrow p(P, P) = \frac{7}{12} \times \frac{6}{11}$

4.1. $p(A) = \frac{5}{12}$

4.2. $p(A, V) = \frac{5}{12} \times 0 = 0$ (é impossível sair verde na segunda tiragem, pois não há bolas verdes na urna)

4.3. $p(\text{mesma cor}) = p(A, A) + p(P, P) = \frac{5}{12} \times \frac{4}{11} + \frac{7}{12} \times \frac{6}{11} = \frac{62}{132} = \frac{31}{66}$

4.4. $p(\text{cor diferente}) = p(A, P) + p(P, A) = \frac{5}{12} \times \frac{7}{11} + \frac{7}{12} \times \frac{5}{11} = \frac{70}{132} = \frac{35}{66}$

5.1. p(rapaz) = 0,503, logo p(rapariga) = 1 − 0,503 = 0,497

5.2.

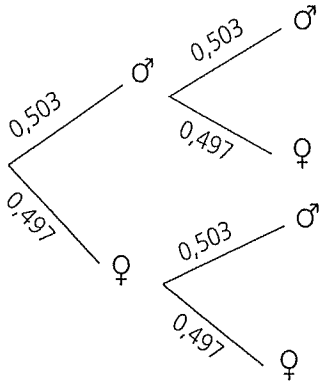

p(♂, ♀) = 0,503 × 0,497 ≃ 0,250 (3 c. d.)

5.3. p(♀,♀,♀) = $(0,497)^3$ = 0,120 (3 c. d.)

6.1. $A = \{(1, 1), (2, 2), (3, 3), (4, 4), (5, 5), (6, 6)\}$

$p(\text{pontuação igual}) = \frac{6}{36} = \frac{1}{6}$

6.2. $B = \phi$, logo p(B) = 0 (impossível obter produto 40)

6.3. $C = \{(2, 6), (6, 2), (3, 5), (5, 3), (4, 4)\}$

$p(C) = \frac{5}{36}$

6.4. $D = \{(2, 4), (4, 2), (3, 3), (5, 1), (1, 5), (1, 6), (6, 1), (2, 5), (5, 2), (3, 4), (4, 3), (2, 6), (6, 2), (3, 5), (5, 3), (4, 4), (3, 6), (6, 3), (4, 5), (5, 4), (4, 6), (6, 4), (5, 5), (5, 6), (6, 5)\}$

$p(D) = \frac{25}{36}$

7.1. $p(\text{cara}) = \frac{3}{4}$

7.2. $p(\text{escudo}) = \frac{1}{4}$

7.3. $p\left((\text{cara, escudo}) \text{ ou } (\text{escudo, cara})\right) = \frac{3}{4} \times \frac{1}{4} + \frac{1}{4} \times \frac{3}{4} = \frac{3}{8}$

7.4. $p\left((\text{cara, cara, cara}) \text{ ou } (\text{escudo, escudo, escudo})\right) = \left(\frac{3}{4}\right)^3 + \left(\frac{1}{4}\right)^3 = \frac{7}{16}$

8.1. $p(A \cup B) = 1 - p\left(\overline{(A \cup B)}\right) = 1 - 0,28 = 0,72$

8.2. $p(\overline{A}) = 1 - p(A) = 1 - 0,72 = 0,28$

8.3. $p(A \cap B) = p(A) + p(B) - p(A \cup B) = 0,12$

9. Como $p(A \cap B) = p(B)$ e $p(A \cup B) = p(A)$, o acontecimento B está incluído no acontecimento A.

10.1. Se A: "sair primo"
e B: "sair múltiplo de 3"
então $A = \{2, 3\}$ e $B = \{3\}$, logo A e B são compatíveis, pois $A \cap B \neq \phi$

10.2. Se B: "sair múltiplo de 3"
e C: "sair par"
então $B = \{3\}$ e $C = \{2, 4\}$; logo C e B são incompatíveis (pois $C \cap B = \phi$)
e não contrários (pois $C \cup B \neq \{1, 2, 3, 4\}$).

10.3. C = "sair par"
D = "sair ímpar"
$C = \{2, 4\}$, $D = \{1, 3\}$
C e D são contrários (pois $C \cap D = \phi$ e $C \cup D = \{1, 2, 3, 4\}$).

11. $\Omega = \{A_1, A_2, A_3, A_4, A_5, V_1, V_2, V_3, V_4, P_1, P_2, P_3\}$

11.1. $p(A) = \frac{5}{12}$

11.2. $p(B) = \frac{4}{12} = \frac{1}{3}$

11.3. $p(C) = \frac{3}{12} = \frac{1}{4}$

11.4. $p(D) = \frac{3}{12} = \frac{1}{4}$

11.5. $p(E) = \frac{3}{12} = \frac{1}{4}$

11.6. $p(F) = \frac{3}{12} = \frac{1}{4}$

11.7. $p(G) = \frac{2}{12} = \frac{1}{6}$

11.8. $p(H) = \frac{1}{12}$

11.9. $p(A \cap B) = 0$ (pois $(A \cap B) = \phi$)

11.10. $p(A \cap D) = \frac{1}{12}$

11.11. $p(A \cup D) = \frac{5}{12} + \frac{3}{12} - \frac{1}{12} = \frac{7}{12}$

11.12. $p(B \cap F) = \frac{1}{12}$

11.13. $p(B \cup F) = \frac{4}{12} + \frac{3}{12} - \frac{1}{12} = \frac{1}{2}$

11.14. $p(C \cap E) = \frac{1}{12}$

11.15. $p(C \cup E) = \frac{3}{12} + \frac{3}{12} - \frac{1}{12} = \frac{5}{12}$

12.1. $p(\text{duas da mesma cor}) = p(A, A) + p(V, V) + p(P, P) = \frac{5}{12} \times \frac{4}{11} + \frac{4}{12} \times \frac{3}{11} + \frac{3}{12} \times \frac{2}{11} = \frac{19}{66}$

$p(\text{duas com a mesma pontuação}) = p(1, 1) + p(2, 2) + p(3, 3) + p(4, 4) = \frac{3}{12} \times \frac{2}{11} + \frac{3}{12} \times \frac{2}{11} +$

$\frac{3}{12} \times \frac{2}{11} + \frac{2}{12} \times \frac{1}{11} = \frac{14}{132} = \frac{7}{66}$ $\left(p(5, 5) = \frac{1}{12} \times 0 = 0\right)$

$p(\text{duas com a mesma cor e mesma pontuação}) = 0$

$p(\text{mesma cor ou mesma pontuação}) = \frac{19}{66} + \frac{7}{66} = \frac{13}{33}$

12.2. $p(\text{mesma cor e soma das pontuações } 5) = p(A_1, A_4) + p(A_4, A_1) + p(A_2, A_3) + (A_3, A_2) + p(V_1, V_4) +$

$+ p(V_4, V_1) + p(V_2, V_3) + p(V_3, V_2) + p(P_2, P_3) + p(P_3, P_2) = 10 \times \frac{1}{12} \times \frac{1}{11} = \frac{5}{66}$

13.1. $p(\text{duas da mesma cor}) = p(A, A) + p(V, V) + p(P, P) = \frac{5}{12} \times \frac{5}{12} + \frac{4}{12} \times \frac{4}{12} + \frac{3}{12} \times \frac{3}{12} = \frac{25}{72}$

p(duas com a mesma pontuação) = p(1, 1) + p(2, 2) + p(3, 3) + p(4, 4) + p(5, 5) = $\frac{3}{12} \times \frac{3}{12} + \frac{3}{12} \times$
$\times \frac{3}{12} + \frac{3}{12} \times \frac{3}{12} + \frac{2}{12} \times \frac{2}{12} + \frac{1}{12} \times \frac{1}{12} = \frac{32}{144} = \frac{2}{9}$

p(mesma cor e mesma pontuação) = $p(A_1, A_1) + p(A_2, A_2) + \ldots + p(P_2, P_2) + p(P_3, P_3) = \; = 12 \times \frac{1}{12} \times$
$\times \frac{1}{12} = \frac{1}{12}$

p(mesma cor ou mesma pontuação) = $\frac{25}{72} + \frac{2}{9} - \frac{1}{12} = \frac{35}{72}$

14. D

$A = \{(3, 4), (4, 3), (2, 6), (6, 2)\}$

$p(A) = \frac{4}{36} = \frac{1}{9}$

15. B

$\#\Omega = 2 \times 4 = 8$ logo $p(B) = \frac{1}{8}$, pois $B = \{(\text{cara}, 3)\}$

16. D

+	0	0	0	1	1	2
0	0	0	0	1	1	2
0	0	0	0	1	1	2
1	1	1	1	2	2	3
2	2	2	2	3	3	4

17. B

p(ás, ás) = $\frac{4}{40} \times \frac{3}{39} = \frac{1}{130}$

18. D

Se são incompatíveis, $p(X \cap Y) = 0$

$\frac{1}{2} = 4\,p(Y) + p(Y) - 0 \Leftrightarrow p(Y) = \frac{1}{10}$

19. D

Ao abrir um livro, há sempre uma página par e uma página ímpar, logo a soma é sempre ímpar.

20.

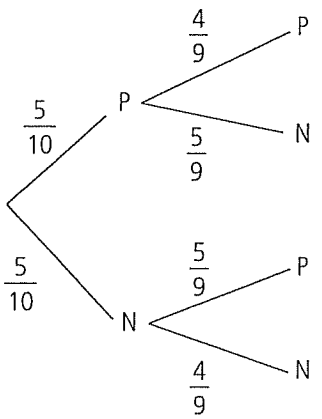

p(produto positivo) = p(P, P) + P(N, N) = $\frac{5}{10} \times \frac{4}{9} + \frac{5}{10} \times \frac{4}{9} = \frac{4}{9}$

p(produto negativo) = p(P, N) + p(N, P) = $\frac{5}{10} \times \frac{5}{9} + \frac{5}{10} \times \frac{5}{9} = \frac{5}{9}$

É mais provável o produto ser ímpar.

20.2.

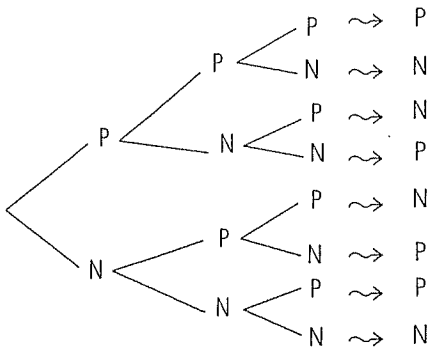

p(produto positivo) = p(P, P, P) + p(P, N, N) + p(N, P, N) + p(N, N, P) = $\frac{5}{10} \times \frac{4}{9} \times \frac{3}{8} + \frac{5}{10} \times \frac{5}{9} \times$
$\times \frac{4}{8} + \frac{5}{10} \times \frac{5}{9} \times \frac{4}{8} + \frac{5}{10} \times \frac{5}{9} \times \frac{4}{8} = \frac{360}{720} = \frac{1}{2}$

logo p(produto negativo) = $1 - \frac{1}{2} = \frac{1}{2}$ = p(produto positivo)

Retirando três cartões, são equiprováveis os acontecimentos: "produto positivo" e "produto negativo".

21.1.

	1	2	3	4
1	•	Δ	Δ	Δ
1	•	Δ	Δ	Δ
2		•	Δ	Δ
2		•	Δ	Δ
3			•	Δ
3			•	Δ

p(mesma pontuação) = $\frac{6}{24} = \frac{1}{4}$

21.2. p(dado tetraédrico > dado cúbico) = $\frac{12}{24} = \frac{1}{2}$

22.

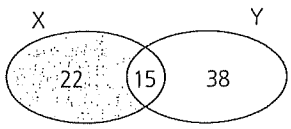

22.1. 22 + 38 = 60 %

22.2. 100 − (22 + 15 + 38) = 25 %

23. Sejam M e D os programas de uma hora de música e desportos, respectivamente, e sejam m_1, m_2 e i os três programas de 30 min.

Possíveis grelhas:

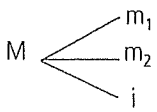

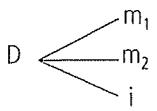

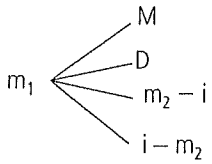

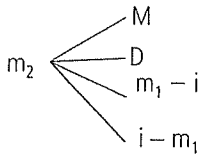

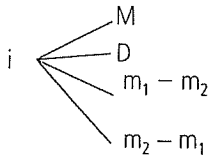

p(apenas programas musicais) $= \frac{4}{18} = \frac{2}{9}$

24.1. Área A $= \frac{1}{4} A_{\bullet}$, Área B $= \frac{1}{3} A_{\bullet}$; Área C $= \left(1 - (\frac{1}{4} + \frac{1}{3})\right) A_{\bullet} = \frac{5}{12} A_{\bullet}$

24.1.1. $p(A) = \frac{1}{4}$

24.1.2. $p(B) = \frac{1}{3}$

24.1.3. $p(C) = \frac{5}{12}$

24.1.4. $p(\overline{C}) = \frac{7}{12}$

24.2.1.

(2, 2, 2)	(2, 3, 2)	(2, 4, 2)
(2, 2, 3)	(2, 3, 3)	(2, 4, 3)
(2, 2, 4)	(2, 3, 4)	(2, 4, 4)
(3, 2, 2)	(3, 3, 2)	(3, 4, 2)
(3, 2, 3)	(3, 3, 3)	(3, 4, 3)
(3, 2, 4)	(3, 3, 4)	(3, 4, 4)
(4, 2, 2)	(4, 3, 2)	(4, 4, 2)
(4, 2, 3)	(4, 3, 3)	(4, 4, 3)
(4, 2, 4)	(4, 3, 4)	(4, 4, 4)

24.2.2. A = {(4, 2, 4), (3, 3, 4), (4, 3, 3), (2, 4, 4), (3, 4, 3), (4, 4, 2)}

$p(A) = \frac{6}{27} = \frac{2}{9}$

24.2.3. B = {(2, 2, 2), (3, 3, 3), (4, 4, 4)}

$p(B) = \frac{3}{27} = \frac{1}{9}$

24.2.4. C = {(2, 3, 4), (2, 4, 3), (3, 2, 4), (3, 4, 2), (4, 2, 3), (4, 3, 2)}

$p(C) = \frac{6}{27} = \frac{2}{9}$

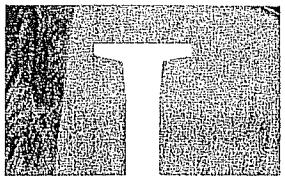

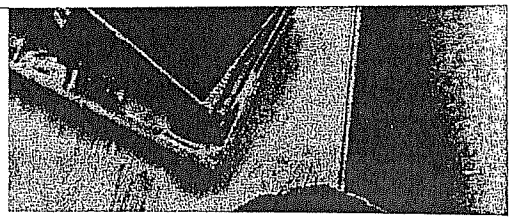

I

Probabilidades e Combinatória

2. Combinatória

2.1. Técnicas de contagem

2.2. Triângulo de Pascal

2.3. Binómio de Newton

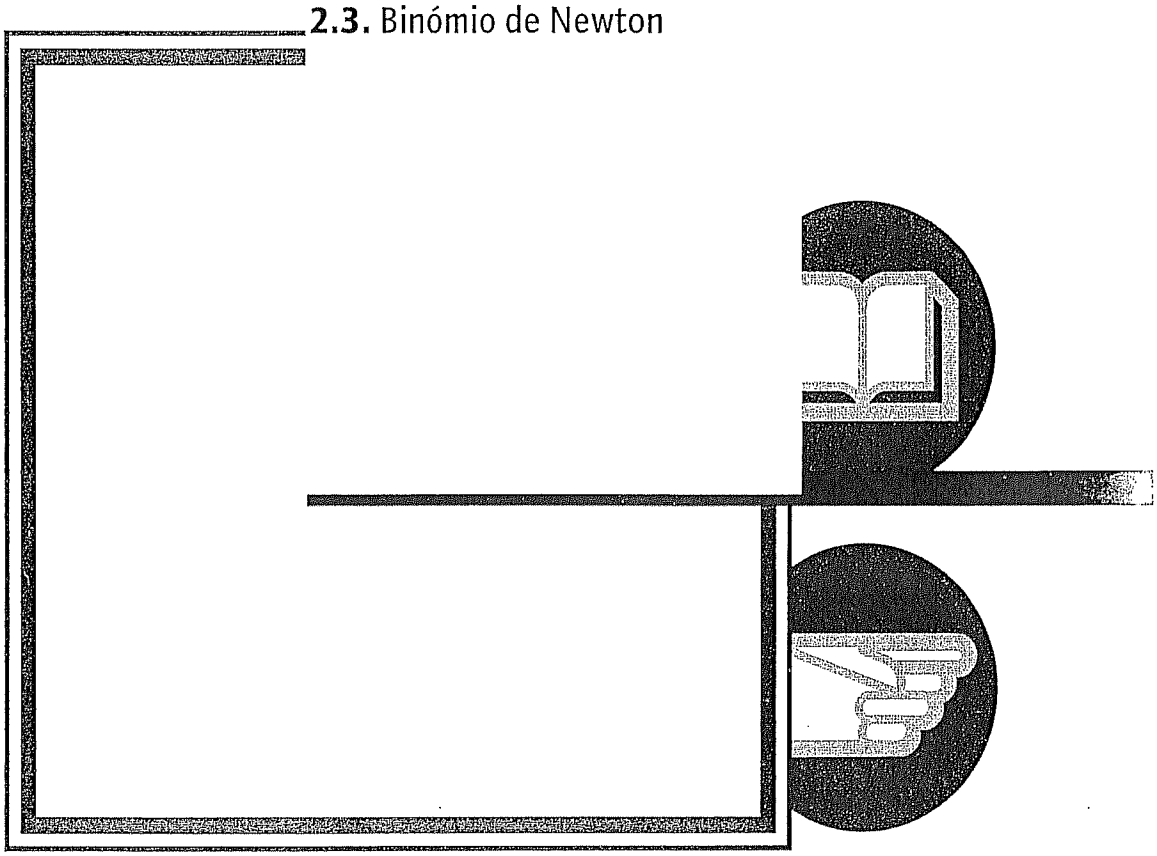

2.1. Técnicas de contagem

Arranjos com repetição

Arranjos com repetição ou **arranjos completos de n elementos de um conjunto, p a p,** são o conjunto de sequências de p elementos (diferentes ou não) que se pode formar com os n elementos do conjunto dado.

$$^{n}A'_{p} = n^{p}$$

EXERCÍCIOS RESOLVIDOS

1 Lança-se quatro vezes um dado cúbico. Quantos elementos tem o espaço amostral desta experiência?

R

O espaço amostral é composto por elementos da forma:

$$(\underbrace{\theta_1}_{\text{1.º lançamento}}, \underbrace{\theta_2}_{\text{2.º lançamento}}, \underbrace{\theta_3}_{\text{3.º lançamento}}, \underbrace{\theta_4}_{\text{4.º lançamento}})$$

podendo, em cada uma das ocorrências θ_1, θ_2, θ_3 e θ_4, sair 1, 2, 3, 4, 5 ou 6.
Então $\# \Omega = 6 \times 6 \times 6 \times 6 = 6^4 = {}^{6}A'_{4}$

2 Com os elementos do conjunto $A = \{1, 2, 3, 4, 5, 6, 7\}$, quantos números distintos com 3 algarismos se pode formar?

R

cent. dez. uni.
□ □ □

$7 \times 7 \times 7 = 7^3 = {}^{7}A'_{3} = 343$

3 Com os elementos do conjunto $A = \{1, 2, 3, 4, 5, 6, 7\}$, quantos números pares de 3 algarismos se pode formar?

R

cent. dez. uni.
□ □ □

$7 \times 7 \times 3 = 7^2 \times 3 = {}^{7}A'_{2} \times \underbrace{3}_{\text{algarismo das unidades (2, 4 ou 6)}} = 147$

4 Com os elementos do conjunto $B = \{0, 1, 2, 4, 5, 6, 9\}$, quantos números pares distintos de três algarismos se pode formar?

R

cent. dez. uni.
□ □ □

$6 \times 7 \times 4 = 168$

(não pode ser zero) (pode ser 0, 2, 4 ou 6)

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

1 De quantas formas diferentes se pode responder às sete questões de escolha múltipla de um teste, sabendo que para cada questão há 4 opções?

2 Cinco amigos vão ao bar da sua escola, durante o intervalo, comer um bolo. Sabendo que no bar da escola há 13 variedades de bolos, de quantas maneiras diferentes eles podem fazer a escolha?

3 No menu de um restaurante, há 12 sopas e entradas, 16 pratos e 7 sobremesas. O menu do dia dá direito a escolher uma sopa ou entrada, 1 prato e 1 sobremesa. O João vai almoçar todos os dias a este restaurante. Quantas vezes o João pode almoçar sem nunca repetir o menu?

4 Quantos números pares de 3 algarismos com 2 algarismos ímpares existem?

5 Lança-se 20 vezes um dado cúbico.

5.1. Quantas sequências diferentes se pode formar?

5.2. Qual a probabilidade de, nos 20 lançamentos, o resultado ser sempre igual?

SOLUÇÕES

1. ${}^{4}A'_{7} = 4^{7} = 16\,384$

2. ${}^{13}A'_{5} = 13^{5} = 371\,293$

3. ${}^{12}A'_{1} \times {}^{16}A'_{1} \times {}^{7}A'_{1} = 1344$

4. ${}^{5}A'_{2} \times {}^{5}A'_{1} = 5^{3} = 125$

5.1. ${}^{6}A'_{20} = 6^{20}$

5.2. $p = \dfrac{6}{{}^{6}A'_{20}} = 6^{-19}$

Permutações

Permutações de n elementos são o conjunto de sequências ordenadas distintas que se pode formar com esses n elementos.

$P_n = n!$

sendo $n! = n(n-1) \times (n-2) \times \ldots \times 3 \times 2 \times 1$

EXERCÍCIOS RESOLVIDOS

1 Quantos anagramas existem da palavra AMOR?

R

$P_4 = 4! = 4 \times 3 \times 2 \times 1 = 24$

2 Por quantas ordens diferentes se pode ler os cinco livros de uma estante?

R

$P_5 = 5! = 120$

3 De quantas formas diferentes se podem colocar, em fila, os 30 elementos de uma turma?

R

$P_{30} = 30!$

4 De quantas formas diferentes se podem sentar 5 amigos em 5 lugares no cinema, de modo que dois deles, o João e a Joana, fiquem juntos numa das pontas?

R

Se considerarmos o João e a Joana como uma só pessoa, teremos P_4 formas de sentar o grupo (João/Joana) e os outros três amigos. No entanto, o João e a Joana ainda podem permutar entre si. Assim, há $P_2 \times P_4 = 2! \times 4! = 48$ formas diferentes de sentar os cinco amigos no cinema.

5 De quantas formas se podem sentar 6 amigos A, B, C, D, E e F à volta de uma mesa circular?

R

As sequências
(A, B, C, D, E, F)
(B, C, D, E, F, A)
(C, D, E, F, A, B)
(D, E, F, A, B, C)
(E, F, A, B, C, D)
(F, A, B, C, D, E)
correspondem à mesma posição relativa dos 6 amigos à mesa.
Então, em vez de P_6 formas de sentar os 6 amigos na mesa circular, há $\frac{P_6}{6} = P_5 = 120$ formas diferentes de sentar os 6 amigos numa mesa circular.

Generalizando, diremos que:

$$P_{n(\text{circulares})} = \frac{n!}{n} = (n-1)!$$

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

1 A Isabel tem uma colecção de chávenas. De quantas formas pode expor, numa prateleira, as 25 chávenas da colecção?

2 Numa turma, há 30 alunos, dos quais 20 frequentam Biologia e 24 frequentam Química (todos os alunos frequentam, pelo menos, uma das duas disciplinas).

2.1. Quantos alunos frequentam as duas disciplinas em simultâneo?

2.2. No fim do ano, decidiram tirar 3 fotografias: uma em que estivessem todos os alunos da turma; outra em que estivessem só os que frequentam Biologia e outra em que estivessem todos os que frequentam Química e só estes. As fotografias vão ser tiradas com os alunos sentados, em fila, no muro da escola. Quantas fotografias diferentes se podem formar?

2.3. Os alunos que frequentam Biologia e Química decidiram ir jantar com os professores destas duas disciplinas. De quantas maneiras se podem sentar numa mesa redonda, de modo que:

2.3.1. os professores fiquem juntos?

2.3.2. os professores não fiquem juntos?

3 Seis amigos chegam à escola, conduzindo cada um a sua motorizada, e encontram os dez lugares do parque de estacionamento vazios. De quantas formas podem estacionar as motorizadas:

3.1. se não houver qualquer restrição?

3.2. se as seis motorizadas ficarem todas juntas num dos extremos do parque de estacionamento?

3.3. se as seis motorizadas ficarem todas juntas?

4 Com 8 fichas (2 brancas, 3 azuis, 1 verde, 1 vermelha e 1 amarela), quantas sequências diferentes se pode formar?

SOLUÇÕES

1. $P_{25} = 25!$

2.1. $\#(B \cup Q) = 30$
$\# B = 20$
$\# Q = 24$
$\#(B \cap Q) = \#B + \#Q - \#(B \cup Q)$, logo $\#(B \cap Q) = 14$

2.2. $P_{30} + P_{20} + P_{24} = 30! + 20! + 24!$

2.3.1. $P_2 \times \frac{P_{15}}{15} = 2 \times 14!$

2.3.2. $\frac{P_{16}}{16} - P_2 \times \frac{P_{15}}{15} = 15! - 2 \times 14! = 13 \times 14!$

3.1. $P_{10} = 10! = 3\,628\,800$

3.2. $2 \times P_6 = 2 \times 6! = 1440$

3.3. $4 \times P_6 = 4 \times 6! = 2880$

4. $\frac{P_8}{P_2 \times P_3} = \frac{8!}{2! \times 3!} = 3360$

Arranjos sem repetição

Arranjos sem repetição de n elementos p a p são o conjunto de sequências ordenadas distintas de p elementos (todos diferentes) que se pode formar com os n elementos do conjunto dado.

$$^{n}A_{p} = \frac{n!}{(n-p)!}$$

EXERCÍCIOS RESOLVIDOS

1 De quantas formas diferentes se pode formar comissões de 3 elementos (presidente, secretário e tesoureiro), entre os 30 elementos de uma turma?

R

Pre. Sec. Tes.

$\square\ \square\ \square$

$30 \times 29 \times 28 = 24\,360$

ou $^{30}A_3 = \frac{30!}{27!} = \frac{30 \times 29 \times 28 \times 27!}{27!} = 24\,360$

2 Quantos números distintos com 3 algarismos, se pode formar com os elementos do conjunto $A = \{1, 2, 3, 4, 5, 6\}$?

R

$\square\ \square\ \square$

$6 \times 5 \times 4 = 120$

ou $^{6}A_3 = \frac{6!}{3!} = \frac{6 \times 5 \times 4 \times 3!}{3!} = 120$

3 Quantos números pares, distintos, com três algarismos, se pode formar com os elementos do conjunto $A = \{1, 2, 3, 4, 5, 6\}$?

R

2 ou 4 ou

$\square\ \square\ \boxed{6}$

$5 \times 4 \times 3 = 60$

ou $^{5}A_2 \times 3 = 60$

4 Quantos números pares de 4 algarismos diferentes se pode formar?

R

2, 4, 6,

$\square\ \square\ \square\ \boxed{0}$ ou $\square\ \square\ \square\ \boxed{8}$

$9 \times 8 \times 7 \times 1$ + $8 \times 8 \times 7 \times 4 = 2296$

exclui-se o zero

ou $^{9}A_3 + 8 \times {}^{8}A_2 \times 4 = 2296$

5 Calcule n, sabendo que $\frac{{}^{n-3}A_4}{{}^{n-2}A_4} = \frac{1}{3}$

R

$$\frac{{}^{n-3}A_4}{{}^{n-2}A_4} = \frac{1}{3} \Leftrightarrow \frac{\frac{(n-3)!}{(n-3-4)!}}{\frac{(n-2)!}{(n-2-4)!}} = \frac{1}{3} \wedge n-3 \geq 4 \wedge n-2 \geq 4 \Leftrightarrow$$

$$\Leftrightarrow \frac{(n-3)!(n-6)!}{(n-7)!\,(n-2)!} = \frac{1}{3} \wedge n \geq 7 \wedge n \geq 6 \Leftrightarrow \frac{(n-3)!\,(n-6)\,(n-7)!}{(n-7)!\,(n-2)\,(n-3)!} = \frac{1}{3} \wedge n \geq 7 \Leftrightarrow$$

$$\Leftrightarrow \frac{n-6}{n-2} = \frac{1}{3} \wedge n \geq 7 \Leftrightarrow \frac{n-6}{n-2} - \frac{1}{3} = 0 \wedge n \geq 7 \Leftrightarrow \frac{3n-18-n+2}{3(n-2)} = 0 \wedge n \geq 7 \Leftrightarrow$$

$$\Leftrightarrow n = 8 \wedge n \geq 7 \Leftrightarrow n = 8$$

6 Resolva a equação: ${}^{n}A_6 = 12\,{}^{n}A_4$

R

$${}^{n}A_6 = 12\,{}^{n}A_4 \Leftrightarrow \frac{n!}{(n-6)!} = 12\,\frac{n!}{(n-4)!} \wedge n \geq 6 \wedge n \geq 4 \Leftrightarrow \frac{n!\,(n-4)!}{n!\,(n-6)!} = 12 \wedge n \geq 6 \Leftrightarrow$$

$$\Leftrightarrow \frac{(n-4)\,(n-5)\,(n-6)!}{(n-6)!} = 12 \wedge n \geq 6 \Leftrightarrow n^2 - 9n + 20 = 12 \wedge n \geq 20 \Leftrightarrow$$

$$\Leftrightarrow n^2 - 9n + 8 = 0 \wedge n \geq 6 \Leftrightarrow (n = 1 \vee n = 8) \vee n \geq 6 \Leftrightarrow n = 8$$

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

1 Quantos números distintos com três algarismos diferentes existem entre 200 e 760? Destes, quantos são pares?

2 Calcule n, sabendo que: ${}^{n}A_3 + {}^{n-1}A_2 = \frac{{}^{n+1}A_4}{10}$

3 Lança-se três vezes um dado cúbico não viciado e anota-se o resultado.

3.1. Quantas são as sequências de resultados possíveis?

3.2. Quantas sequências são formadas por valores todos diferentes?

3.3. Qual a probabilidade de as três extracções serem números inteiros consecutivos (por ordem crescente)?

4 Com os elementos do conjunto $\{0, 1, 2, 3, 4, 8, 9\}$, quantos números pares de 4 algarismos diferentes se pode formar?

5 Numa turma de 25 alunos, vai-se formar uma comissão de três elementos para organizarem o passeio de estudo. Desta comissão, um fica encarregado da recolha de patrocínios, outro dos contactos com as agências de viagem e outro dos contactos com museus. De quantas formas se pode organizar esta comissão:

5.1. se não houver qualquer restrição?

5.2. se o delegado de turma pertencer à comissão?

5.3. se pelo menos uma das 17 raparigas pertencer à comissão?

5.4. se o João e a Isabel não pertencerem em simultâneo à comissão?

SOLUÇÕES

1.

$$\overset{2,3,4,5,6}{\boxed{}}\ \boxed{}\ \boxed{} \quad \text{ou} \quad \boxed{}\ \overset{1,2,3,4,5}{\boxed{}}\ \boxed{}$$

$$5 \times 9 \times 8 \quad + \quad 1 \times 5 \times 8 = 400$$

Destes, são pares:

$$\boxed{2}\ \boxed{}\ \overset{0,4,6,8}{\boxed{}} \quad \text{ou} \quad \boxed{3}\ \boxed{}\ \overset{7}{\overset{0,2,4,6,8}{\boxed{}}} \quad \text{ou} \quad \boxed{4}\ \boxed{}\ \overset{0,2,6,8}{\boxed{}} \quad \text{ou}$$

$$1 \times 8 \times 4 \quad + \quad 1 \times 8 \times 5 \quad + \quad 1 \times 8 \times 4$$

$$\boxed{5}\ \boxed{}\ \overset{0,2,4,6,8}{\boxed{}} \quad \text{ou} \quad \boxed{6}\ \boxed{}\ \overset{0,2,4,8}{\boxed{}} \quad \text{ou} \quad \boxed{7}\ \overset{1,3,4,5,0}{\boxed{}}\ \boxed{2} \quad \text{ou}$$

$$1 \times 8 \times 5 \quad + \quad 1 \times 8 \times 4 \quad + \quad 1 \times 5 \times 1$$

$$\boxed{7}\ \overset{1,2,3,4,5}{\boxed{}}\ \boxed{0} \quad \text{ou} \quad \boxed{7}\ \overset{0,1,2,3,5}{\boxed{}}\ \boxed{4} \quad \text{ou} \quad \boxed{7}\ \overset{1,2,3,4,5}{\boxed{}}\ \boxed{6} \quad \text{ou}$$

$$1 \times 5 \times 1 \quad + \quad 1 \times 5 \times 1 \quad + \quad 1 \times 5 \times 1 = 196$$

2. $${}^{n}A_3 + {}^{n-1}A_2 = \frac{{}^{n+1}A_4}{10} \Leftrightarrow \frac{n!}{(n-3)!} + \frac{(n-1)!}{(n-3)!} = \frac{(n+1)!}{10(n-3)!} \wedge n \geq 3 \wedge n-1 \geq 2 \wedge n+1 \geq 4 \Leftrightarrow$$

$$\Leftrightarrow n! + (n-1)! = \frac{(n+1)!}{10} \wedge n \geq 3 \Leftrightarrow 10\,n(n-1)! + 10\,(n-1)! - (n+1)\,n\,(n-1)! \wedge n \geq 3 \Leftrightarrow$$

$$\Leftrightarrow (n-1)!\,(10\,n + 10 - n^2 - n) = 0 \wedge n \geq 3 \Leftrightarrow (n-1)! = 0 \vee n^2 - 9n - 10 = 0) \wedge n \geq 3 \Leftrightarrow$$

$$\Leftrightarrow n = \frac{9 \pm \sqrt{81+40}}{2} \wedge n \geq 3 \Leftrightarrow (n = 10 \vee n = -1) \wedge n \geq 3 \Leftrightarrow n = 10$$

3.1. ${}^{6}A'_3 = 6^3 = 216$

3.2. ${}^{6}A_3 = 120$

3.3. Os casos favoráveis são as sequências (1, 2, 3), (2, 3, 4), (3, 4, 5) e (4, 5, 6).

Então: n.º casos favoráveis = 4

n.º casos possíveis = 120

$$p = \frac{4}{120} = \frac{1}{30}$$

4. $$\boxed{}\ \boxed{}\ \boxed{}\ \overset{0}{\boxed{}} \qquad \boxed{}\ \boxed{}\ \boxed{}\ \overset{2,4,6,8}{\boxed{}}$$

ou

$$9 \times 8 \times 7 \times 1 \quad + \quad 8 \times 8 \times 7 \times 4 = 2296$$

5.1. ${}^{25}A_3 = 13\,800$

5.2. ${}^{24}A_2 = 552$

5.3.

	17 ♀	8 ♂
	1	2
ou	2	1
ou	3	0

$${}^{17}A_1 \times {}^{8}A_2 + {}^{17}A_2 \times {}^{8}A_1 + {}^{17}A_3 \times {}^{8}A_0 = 7208$$

5.4. ${}^{25}A_3 - {}^{23}A_1 = 13\,777$

Combinações

Combinações de n elementos p a p são o número de subconjuntos de p elementos que se pode formar com os n elementos do conjunto.

$$^{n}C_{p} = \frac{n!}{p!\,(n-p)!}$$

EXERCÍCIOS RESOLVIDOS

1 Prove que $^{n}A_{p} = P_{p} \times {}^{n}C_{p}$

R $P_{p} \times {}^{n}C_{p} = p! \times \frac{n!}{p!(n-p)!} = \frac{n!}{(n-p)!} = {}^{n}A_{p}$

2 Calcule $^{p}C_{3}$, sabendo que $^{p}A_{3} = 13\,800$.

R $^{p}C_{3} = \frac{^{p}A_{3}}{P_{3}} = \frac{13\,800}{3!} = 2300$

3 Um teste é formado por 23 questões, das quais terão de ser escolhidas 18 por cada aluno. De quantas formas se pode escolher este grupo de 18 questões?

R $^{23}C_{18} = 33\,649$

4 Numa turma com 27 alunos, há 12 rapazes. Quantas comissões de 3 elementos se pode formar obedecendo às seguintes condições:

4.1. a comissão é formada por 2 rapazes e 1 rapariga.

4.2. a comissão é formada só por rapazes.

4.3. a comissão é formada pelo menos por 1 rapaz.

4.4. o João, que é delegado de turma, tem de fazer parte da comissão e os outros 2 elementos são rapazes.

R

4.1. 12 ♂ | 2 — 15 ♀ | 1

$^{12}C_{2} \times {}^{15}C_{1} = 990$

4.2. 12 ♂ | 3 — 15 ♀ | 0

$^{12}C_{3} \times {}^{15}C_{0} = 220$

4.3. 12 ♂ | 1 — 15 ♀ | 2

ou 2 — 1

ou 3 — 0

$^{12}C_{1} \times {}^{15}C_{2} + {}^{12}C_{2} \times {}^{15}C_{1} + {}^{12}C_{3} \times {}^{15}C_{0} = 2470$, ou então

N.º de comissões = $^{27}C_{3}$

N.º de comissões só com raparigas = $^{12}C_{0} \times {}^{15}C_{3}$

N.º de comissões com pelo menos 1 rapaz = $^{27}C_{3} - {}^{12}C_{0} \times {}^{15}C_{3} = 2470$

4.4.

	12 ♂	15 ♀
João	11 ♂	
1	2	0

$^{1}C_1 \times {}^{11}C_2 \times {}^{15}C_0 = 55$

5 Num baralho de 52 cartas, quantos grupos de 7 cartas se pode formar de modo que tenham pelo menos um ás?

R

	4 ases	48 não ases
	1	6
ou	2	5
ou	3	4
ou	4	3

$^{4}C_1 \times {}^{48}C_6 + {}^{4}C_2 \times {}^{48}C_5 + {}^{4}C_3 \times {}^{48}C_4 + {}^{4}C_4 \times {}^{48}C_3 = 60\,155\,488$

ou então $\underbrace{^{52}C_7}_{\text{número total de grupos}} - \underbrace{^{4}C_0}_{\text{0 ases}} \times \underbrace{^{48}C_7}_{\text{7 não ases}} = 60\,155\,488$

6 Uma urna contém 7 bolas azuis e 3 bolas verdes. De quantas formas se pode tirar 3 bolas da urna, de modo que sejam:

6.1. 2 azuis e 1 verde?

6.2. todas azuis?

6.3. nenhuma azul?

6.4. pelo menos 1 azul?

R

6.1.

7A	3V
2	1

$^{7}C_2 \times {}^{3}C_1 = 63$

6.2.

7A	3V
3	0

$^{7}C_3 \times {}^{3}C_0 = 35$

6.3.

7A	3V
0	3

$^{7}C_0 \times {}^{3}C_3 = 1$

6.4.

	7A	3V
	1	2
ou	2	1
ou	3	0

$^{7}C_1 \times {}^{3}C_2 + {}^{7}C_2 \times {}^{3}C_1 + {}^{7}C_3 \times {}^{3}C_0 = 119$

ou $\underbrace{^{10}C_3}_{\text{número de grupos de 3 bolas}} - 1 = 120 - 1 = 119$

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

1 Cinco amigos, Ana, Beatriz, Carlos, Dora e Eduardo, vão tirar uma fotografia sentados num muro. De quantas formas diferentes se podem sentar se:

1.1. não houver qualquer restrição?
1.2. a Ana ficar numa das pontas?
1.3. a Beatriz ficar no meio?
1.4. o Carlos e a Dora ficarem juntos numa das pontas?
1.5. o Carlos e a Dora ficarem juntos?
1.6. cada rapaz ficar entre duas raparigas?
1.7. as raparigas ficarem todas juntas?
1.8. as raparigas ficarem de um lado e os rapazes do outro?

2 A Joana está a arrumar a estante onde se encontram 2 livros de Português, 1 de Matemática, 1 de Biologia, 1 de Física, 1 de Química, 5 romances e 4 livros de poesia.
De quantas formas pode a Joana arrumar os livros:

2.1. se não houver qualquer restrição?
2.2. se os livros de estudo ficarem todos juntos numa das pontas da estante?
2.3. se os livros de estudo ficarem todos juntos?
2.4. se ficarem juntos os livros do mesmo género (estudo, romance, poesia)?

3 A Ana, Beatriz, o Carlos, a Dora e o Eduardo foram jantar. Quando chegaram ao restaurante, o empregado indicou-lhe uma mesa redonda para se sentarem.
De quantas maneiras se podem sentar à volta da mesa se:

3.1. não houver qualquer restrição?
3.2. se as raparigas ficarem todas juntas?
3.3. se os rapazes não ficarem juntos?

4 A Isabel vai preencher o boletim do Totobola, mas percebe pouco de futebol.
De quantas formas diferentes pode preencher o boletim se:

4.1. jogar com duas apostas simples sem qualquer restrição?
4.2. jogar com triplas nos dois primeiros jogos?
4.3. jogar com uma tripla num dos 14 jogos?
4.4. jogar com duas apostas simples, mas, no mesmo jogo, os resultados forem todos diferentes?
4.5. jogar com duas apostas simples sem colocar em nenhuma delas o símbolo x?

5 Com os elementos do conjunto $A = \{1, 2, 3, 4, 7, 9\}$ vão-se formar números de 3 algarismos (diferentes ou iguais). Quantos números se pode formar:

5.1. sem qualquer restrição?
5.2. de modo que sejam pares?
5.3. de forma que sejam múltiplos de 3?

6 Quantos números pares de 3 algarismos existem?

7

7.1. Quantos bilhetes de lotaria existem, sabendo que a numeração de cada bilhete é formada por 5 algarismos (o bilhete "00 000" não é vendido)?
7.2. Entre os bilhetes de lotaria, quantos há que têm duas e só duas vezes o 3 na sua numeração?
7.3. Entre os bilhetes de uma série, quantas 'Capicuas' há? ('Capicua' é um número que se lê da mesma forma da esquerda para a direita e da direita para a esquerda, ou seja, do tipo $\overline{a\,b\,c\,b\,a}$.)

8 Os 'números' de telefone de um país são formados da seguinte forma:

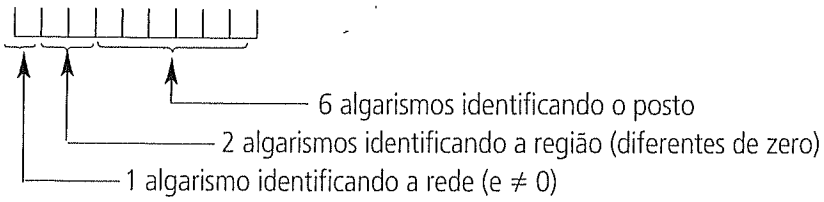

8.1. Quantas rede comporta este sistema?
8.2. Em quantas regiões se pode dividir este país para efeitos de gestão da rede telefónica?
8.3. Quantos assinantes de posto fixo poderão existir, no máximo, em cada região?
8.4. Quantos assinantes, no máximo, poderá ter a rede nacional?

9 Os códigos de segurança de um sistema são formados por 3 vogais seguidas de 5 algarismos e terminando com uma consoante. Quantos códigos de segurança se pode formar (considere que o alfabeto tem 25 letras)?

10 Sete amigos foram ao cinema. Quando entraram, verificaram que, por engano, tinham comprado oito bilhetes.
10.1. De quantas maneiras se podem sentar nos oito lugares?
10.2. Se decidirem deixar vazio um dos lugares das pontas, de quantas maneiras se podem sentar?

11 No jogo do "raspa e ganha", pode-se ganhar um prémio instantâneo desde que se raspe exactamente as setas que levam ao prémio (e não as outras setas). O esquema de um cartão deste jogo está na figura junta.
11.1. De quantas maneiras se pode raspar o cartão?
11.2. Qual a probabilidade de ganhar o prémio?

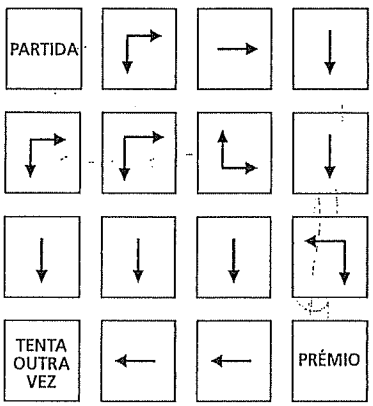

12 Numa corrida em 8 pistas, de quantas formas podem ser conquistados os 3 primeiros lugares?

13
13.1. Quantos números distintos com os algarismos todos diferentes existem entre 1000 e 4000?
13.2. Destes números, quantos são pares?
13.3. E quantos são múltiplos de 100?

14
14.1. Com os elementos do conjunto B = {0, 1, 3, 4, 5, 6, 8}, quantos números de três algarismos diferentes se pode formar sem qualquer restrição?
14.2. Destes números, quantos são:
14.2.1. pares?
14.2.2. múltiplos de 5?
14.2.3. múltiplos de 10?
14.2.4. múltiplos de 9?

15 Numa tômbola, foram lançados 1000 bilhetes, dos quais 100 são premiados. De quantas maneiras se pode retirar simultaneamente três bilhetes, de modo que dois e só dois sejam premiados?

16 Num saco, estão quatro bolas de igual tamanho, numeradas de 1 a 4. Tiram-se, sem reposição, as quatro bolas do saco. Qual a probabilidade de as bolas saírem por ordem crescente de numeração?

A) $\frac{1}{24}$ B) $\frac{2}{3}$ C) $\frac{1}{4}$ D) $\frac{1}{6}$

(EN 1997 – Prova Modelo)

17 No bar de uma escola estão à venda cinco tipos de pastéis (laranja, feijão, nata, coco e amêndoa). Quatro amigos, João, Maria, Paulo e Rui, decidem comer um pastel cada um. O João escolhe pastel de laranja ou de feijão. A Maria não escolhe pastel de nata.
De quantas maneiras diferentes podem ser escolhidos os pastéis?

A) ${}^5C_4$ B) $5^2 + 4 + 2$ C) $5^2 \times 4 \times 2$ D) ${}^5A_4$

(EN 1997 – Prova Modelo)

18 Num torneio de xadrez, cada jogador jogou uma partida com cada um dos outros jogadores. Supondo que participaram no torneio dez jogadores, o número de partidas disputadas foi:

A) ${}^{10}C_9$ B) ${}^{10}C_2$ C) 10×9 D) $10!$

(EN 1998 – 2.ª Fase)

19 O João tem no bolso do casaco uma moeda de 50$00, duas moedas de 100$00 e três moedas de 200$00.
Retirando duas moedas ao acaso, qual é a probabilidade de, com elas, perfazer a quantia exacta de 250$00?

A) $\frac{1}{5}$ B) $\frac{1}{4}$ C) $\frac{1}{3}$ D) $\frac{1}{2}$

(EN 1999 – 2.ª Chamada)

20 De quantas maneiras se pode sentar três raparigas e quatro rapazes num banco de sete lugares, sabendo que, em cada um dos extremos, fica uma rapariga?

A) 120 B) 240 C) 720 D) 5040

(EN 1999 – 2.ª Fase)

21 Suponha que cada um dos 6 mil milhões de habitantes da Terra recebe um cartão de identificação com uma sequência de letras. Qual tem de ser o número mínimo de letras a usar em cada cartão, para garantir que as sequências sejam todas diferentes? (Considere que o alfabeto tem 26 letras e que todos os cartões têm o mesmo número de letras.)

A) 5 B) 7 C) 10 D) 12

(EN 1995 – PE)

22 Quantos números de 4 algarismos diferentes existem entre 1000 e 4600?

A) 3600 B) 2325 C) 1792 D) 3014

23 Numa lotaria, em cada bilhete está marcado um número de 6 algarismos e a série (há 6 séries e o número "000 000" não é válido).
Qual a probabilidade de o prémio sair ao número 555 555, 5.ª série?

A) $\frac{1}{6 \times 10^6}$ B) $\frac{1}{10^6 - 1} \times \frac{1}{6}$ C) $\frac{1}{9^6}$ D) $\frac{1}{6 \times 9^6}$

24 Numa rifa, fizeram 1000 bilhetes e há 20 prémios. Qual a probabilidade de, comprando três rifas, duas serem premiadas?

A) $\frac{1}{25}$ B) $\frac{3}{50}$ C) $\frac{931}{830\,835}$ D) $\frac{3}{166\,167\,000}$

25 Uma empresa de cofres atribui ao acaso um código secreto a cada cofre que comercializa. Cada código secreto é formado por quatro algarismos, por uma certa ordem. Escolhendo-se um cofre ao acaso, qual é a probabilidade de o código ter exactamente três zeros?

A) 0,0004 B) 0,0027 C) 0,0036 D) 0,004

(EN 1997 – 2.ª Chamada)

26 Numa caixa, estão 12 bolas-de-berlim de igual aspecto exterior. No entanto, 5 não têm creme. Retirando da caixa 3 desses bolos ao acaso, a probabilidade de que apenas um deles tenha creme é:

A) $\frac{7}{12}$ B) $\frac{7}{66}$ C) $\frac{35}{264}$ D) $\frac{7}{22}$

(EN 1996 – Prova Modelo)

27 Foram oferecidos dez bilhetes para uma peça de teatro a uma turma com doze rapazes e oito raparigas. Ficou decidido que o grupo que vai ao teatro é formado por cinco rapazes e cinco raparigas. De quantas maneiras diferentes se pode formar este grupo?

A) ${}^{12}C_5 \times {}^{8}C_5$ B) ${}^{12}A_5 \times {}^{8}A_5$ C) $12 \times 8 \times 5^2$ D) $\frac{12! \times 8!}{5!}$

28 Na figura, estão representados:
- o rio que atravessa certa localidade;
- uma ilha situada no leito desse rio;
- as oito pontes que ligam a ilha às margens;
- H representa a habitação e E a escola de um jovem dessa localidade.

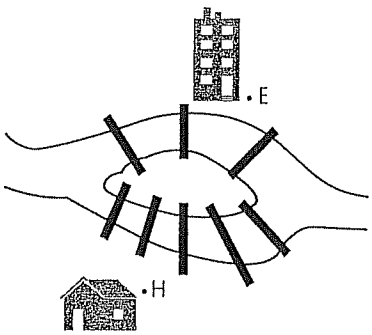

Para efectuar o percurso de ida (casa-ilha-escola) e volta (escola-ilha-casa), o jovem pode seguir vários caminhos que diferem uns dos outros pela sequência de pontos utilizados.
Indique quantos caminhos diferentes pode o jovem seguir, num percurso de ida e volta sem passar duas vezes pela mesma ponte.

A) $5 \times 3 + 4 \times 2$ B) $5 \times 4 \times 3 \times 2$
C) $5 + 4 + 3 + 2$ D) $5^2 \times 3^2$

29 Admita que tem à sua frente um tabuleiro de xadrez, no qual pretende colocar os dois cavalos brancos de tal modo que fiquem na mesma linha horizontal. De quantas maneiras diferentes pode colocar os dois cavalos no tabuleiro, respeitando a condição indicada?

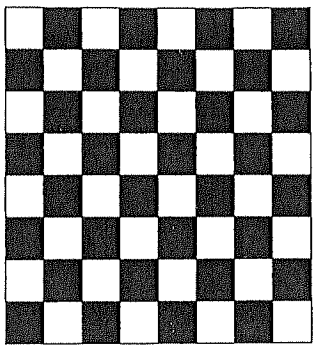

A) $8 \times {}^{8}C_2$ B) ${}^{64}C_2$

C) $\frac{{}^{64}C_2}{8}$ D) ${}^{8}A_2$

(EN 1999 – Prova Modelo)

30 Num determinado país, as matrículas de automóvel são formadas por duas letras identificativas da região, seguidas de três algarismos. Como estão prestes a esgotar-se as matrículas possíveis, decidiu-se acrescentar uma letra ao final da matrícula (as matrículas já existentes ficam com um A no final). Como se prevê, a médio prazo, a necessidade de 20 000 matrículas por região, diga se será suficiente esta medida, indicando exactamente quantas matrículas se obterão por região (o alfabeto do país é composto por 23 letras).

31 Numa turma de 30 alunos, 13 alunos são fãs dos "Da Weasel", 6 são fãs dos "Ornatos Violeta" e 16 não são fãs de nenhum destes dois grupos. Qual a probabilidade de, escolhidos ao acaso dois alunos da turma, eles serem fãs do mesmo grupo?

32 O código de um cartão multibanco é uma sequência de quatro algarismos, como, por exemplo, 0559.

32.1. Quantos códigos diferentes existem com um e um só algarismo zero?

32.2. Imagine que um amigo seu vai adquirir um cartão multibanco. Admitindo que o código de qualquer cartão multibanco é atribuído ao acaso, qual é a probabilidade de o código desse cartão ter os algarismos todos diferentes? Apresente o resultado na forma de dízima.

(EN 1998 – 2.ª Chamada)

33 Um fiscal do Ministério das Finanças vai inspeccionar a contabilidade de sete empresas, das quais três são clubes de futebol profissional.
A sequência segundo a qual as sete inspecções vão ser feitas é aleatória. Qual é a probabilidade de que as três primeiras empresas inspeccionadas sejam exactamente os três clubes de futebol? Apresente o resultado na forma de percentagem, arredondado às unidades.

(EN 1998 – 2.ª Fase)

34 Uma das provas do campeonato de atletismo é a estafeta 4×100 metros planos, em que cada equipa participa com 4 atletas para formar a equipa da estafeta. O clube "Pés Voadores" vai participar na prova, dispondo de 10 atletas para formar a equipa de estafeta.

34.1. Quantos conjuntos diferentes é possível construir para formar a equipa de estafeta deste clube?

34.2. Formada a equipa, é necessário estabelecer a ordem de participação dos atletas que a constituem. Por razões tácticas, escolheu-se o João Rui para iniciar a prova, podendo os restantes atletas da equipa participar em qualquer posição. De quantas formas diferentes se pode organizar esta equipa?

34.3. Ao todo, vão competir na prova 6 equipas de clubes diferentes. A colocação das equipas pelas 8 pistas é feita por sorteio. Qual a probabilidade de a equipa dos "Pés Voadores" correr na pista 1, não ficando nenhuma equipa na pista 2?

(EN 1996 – Prova Modelo)

35 Pretende-se colocar sobre um tabuleiro situado à nossa frente, como o apresentado na figura, nove peças de igual tamanho e feitio, das quais quatro são brancas e cinco são pretas.
Cada casa do tabuleiro é ocupada por uma só peça.

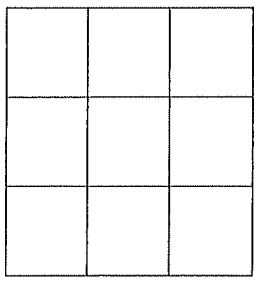

35.1. Mostre que existem 126 maneiras diferentes de as peças ficarem colocadas no tabuleiro.

35.2. Supondo que as peças são colocadas ao acaso, determine a probabilidade de uma das diagonais ficar só com as peças brancas.

(EN 1998 – Prova Modelo)

36 Um quadro de palavras cruzadas, constituído por 5 linhas e 5 colunas, tem 9 quadrículas a cheio. Destas, sabe-se que 5 ocuparão os 4 cantos e o quadrado central, podendo as restantes ocupar qualquer outra posição.

36.1. Quantos quadros diferentes se pode obter satisfazendo as condições indicadas?

36.2. Qual a probabilidade de que, ao escolher ao acaso um dos quadros possíveis, este tenha pelo menos uma das diagonais com quadrículas a cheio?

(EN 1996 – 2.ª Fase)

37 Uma turma de uma escola secundária tem 27 alunos: 15 raparigas e 12 rapazes. O delegado de turma é um rapaz. Pretende-se constituir uma comissão para organizar um passeio. A comissão deve ser formada por 4 raparigas e 3 rapazes. Acordou-se que um dos 3 rapazes da comissão será necessariamente o delegado de turma.

37.1. Quantas comissões diferentes se pode constituir?

37.2. Admita que os 7 membros da comissão, depois de constituída, vão posar para uma fotografia, colocando-se uns ao lado dos outros. Supondo que eles se colocam ao acaso, qual é a probabilidade de as raparigas ficarem todas juntas?
Apresente o resultado na forma de dízima, com aproximação às milésimas.

(EN 1998 – 1.ª Chamada)

38 Um comerciante foi informado de que tem 4 embalagens premiadas entre as 20 que adquiriu de um certo produto, mas não sabe quais são. Dispondo as 20 embalagens em fila, na montra, por uma ordem qualquer, qual a probabilidade de que as embalagens premiadas fiquem todas juntas no início ou no fim da fila?

(EN 1996 – 2.ª Chamada)

39 Uma pessoa tem de tomar diariamente, à mesma refeição, 2 comprimidos de vitamina C e 1 comprimido de vitamina A.
Por lapso, misturou todos os comprimidos no mesmo frasco. Os comprimidos têm igual aspecto exterior, sendo 20 de vitamina A e 35 de vitamina C.

39.1. Ao retirar simultaneamente 3 comprimidos do frasco, de quantas formas diferentes o pode fazer, de modo que sejam todos do mesmo tipo de vitamina?

39.2. Ao tomar três comprimidos existentes no frasco, qual a probabilidade de cumprir as indicações do médico?

(EN 1996 – 1.ª Época Especial)

40 Seis amigos entram numa pastelaria para tomar café e sentam-se ao acaso numa mesa rectangular com três lugares de cada lado, como esquematizado na figura junta.

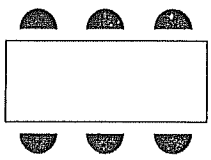

Determine a probabilidade de dois desses amigos, a Joana e o Rui, ficarem sentados em frente um do outro.

(EN 1997 – 1.ª Chamada)

41 Uma roda gigante de um parque de diversões tem 12 cadeiras, numeradas de 1 a 12, com um lugar cada uma (ver figura junta). Seis raparigas e seis rapazes vão andar na roda gigante e sorteiam entre si os lugares que vão ocupar.
Qual é a probabilidade de rapazes e raparigas ficarem sentados alternadamente, isto é, cada rapaz entre duas raparigas e cada rapariga entre dois rapazes?
Apresente o resultado na forma de percentagem.

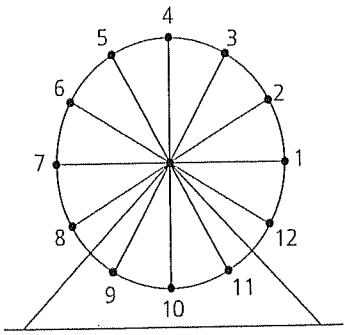

(EN 1997 – 2.ª Chamada)

42 Para representar Portugal num campeonato internacional de hóquei em patins, foram seleccionados dez jogadores: dois guarda-redes, quatro defesas e quatro avançados.

42.1. Sabendo que o treinador da selecção nacional opta por que Portugal jogue sempre com um guarda-redes, dois defesas e dois avançados, quantas equipas diferentes pode ele constituir?

42.2. Um patrocinador da selecção nacional oferece uma viagem a cinco dos dez jogadores seleccionados, escolhidos ao acaso.
Qual é a probabilidade de os dois guarda-redes serem contemplados com essa viagem?
Apresente o resultado na forma de fracção irredutível.

(EN 1999 – 2.ª Chamada)

43 Na figura, estão representados dois polígonos:
- um pentágono [ABCDE];
- um quadrilátero [FGHI].

Dos nove vértices representados não existem três colineares.

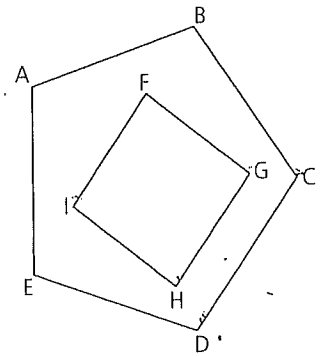

43.1. Determine quantos triângulos têm como vértices três dos nove pontos, de tal modo que dois vértices pertençam a um dos polígonos e o terceiro vértice pertença ao outro polígono.

43.2. A Sandra e o Jorge escolheram cada um, e em segredo, um dos nove vértices representados. Qual é a probabilidade de os dois vértices, assim escolhidos, pertencerem ambos ao mesmo polígono?
Apresente o resultado na forma de percentagem, arredondado às unidades.

(EN 1999 – 2.ª Chamada)

44 A Joana tem na estante do seu quarto três livros de José Saramago, quatro de Sophia de Mello Breyner Andresen e cinco de Carl Sagan.
Quando soube que ia passar as férias à casa da sua avó, decidiu escolher seis desses livros, para ler durante este período de lazer. A Joana pretende levar dois livros de José Saramago, um de Sophia de Mello Breyner Andresen e três de Carl Sagan.

44.1. De quantas maneiras pode fazer a sua escolha?

44.2. Admita agora que a Joana já seleccionou os seis livros que irá ler em casa da sua avó.
Supondo aleatória a sequência pela qual estes seis livros vão ser lidos, qual é a probabilidade de os dois livros de José Saramago serem lidos um a seguir ao outro? Apresente o resultado na forma de fracção irredutível.

(EN 1999 – 1.ª Chamada)

45

45.1. Quantos subconjuntos tem um conjunto de 8 elementos?
45.2. Quantos subconjuntos tem um conjunto de n elementos?
45.3. Um conjunto tem 105 subconjuntos com 2 elementos. Quantos elementos tem o conjunto?

46 Num torneio de futebol, cada equipa tem de jogar uma vez com cada uma das outras equipas. Se houver 12 equipas em jogo, quantas partidas se vão disputar?

47 Uma urna contém 5 bolas brancas, 3 pretas e 4 azuis. De quantas formas se pode retirar desta urna 3 bolas, de modo que:
47.1. seja uma de cada cor?
47.2. sejam duas azuis e uma preta?
47.3. sejam pelo menos duas azuis?
47.4. sejam todas da mesma cor?

48 Considere, num plano, 12 pontos sobre uma circunferência.
48.1. Quantas rectas se pode formar com estes 12 pontos?
48.2. Quantos triângulos se pode formar com estes pontos?
48.3. Quantos segmentos orientados se pode formar com estes pontos?

49 Numa turma, há 29 alunos, dos quais 12 são raparigas. De quantas formas se pode escolher um grupo de 10 alunos desta turma, de modo que:
49.1. sejam todas raparigas?
49.2. sejam todos rapazes?
49.3. haja tantos rapazes como raparigas?
49.4. o João, que é um aluno da turma, pertença à comissão?
49.5. a Helena e a Joana, que estão zangadas, não pertençam em simultâneo à comissão?

50 Com os 7 pontos da figura, quantas rectas distintas se pode formar?

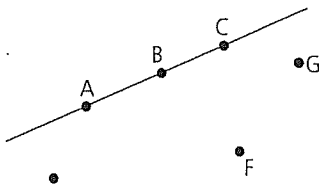

51 Repare no cubo da figura.
51.1. Com os vértices do cubo, quantas rectas distintas se pode formar?
51.2. Com os vértices do cubo, quantos planos se pode formar?
51.3. Qual a probabilidade de, escolhido ao acaso um plano definido por vértices do cubo, ele não conter uma face do cubo?

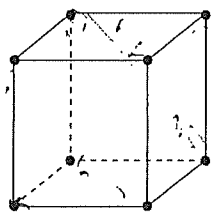

52 Dos 12 pontos de um plano, 5 e só 5 estão alinhados.
Quantos triângulos distintos se pode formar com três dos 12 pontos como vértices?

53 Considere um polígono convexo com n lados.
53.1. Com os vértices deste polígono, quantas rectas se pode formar?
53.2. Escolhida ao acaso uma destas rectas, qual a probabilidade de que ela seja uma diagonal do polígono?

54 Com os n elementos de um conjunto ($n > 4$), formam-se grupos de 4 elementos. Seja **a** o número de grupos de 4 elementos que contém um ente e **b** o número de grupos de 4 elementos que não contêm esse elemento. Qual a relação entre **a** e **b**?

SOLUÇÕES

1.1. $P_5 = 5! = 120$

1.2. $2 \times P_4 = 2 \times 4! = 48$

1.3. $P_4 = 4! = 24$

1.4. $2 \times P_2 \times P_3 = 24$

1.5. $\underbrace{P_2}_{\text{troca C com D}} \times \underbrace{P_4}_{\text{troca o grupo CD com A, B e E}} = 48$

1.6. $P_2 \times P_3 = 12$

1.7. MMMRR
RMMMR
RRMMM
$\Big\} \; 3 \times P_3 \times P_2 = 36$

1.8. $2 \times P_3 \times P_2 = 24$

2.1. $P_{15} = 15! = 1\,307\,674\,368\,000$

2.2. $2 \times \underbrace{P_6}_{\text{troca dos 6 livros de estudo entre si}} \times \underbrace{P_9}_{\text{troca dos outros 9 livros}} = 522\,547\,200$

2.3. $\underbrace{10}_{\text{n.º de posições em que pode ficar o grupo dos livros de estudo}} \times P_6 \times P_9 = 2\,612\,736\,000$

2.4. $\underbrace{P_3}_{\text{troca entre os 3 grupos}} \times P_6 \times P_5 \times P_4 = 12\,441\,600$

3.1. $\frac{P_5}{5} = 4! = 24$

3.2.

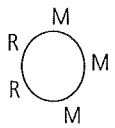

$P_2 \times P_3 = 12$

3.3. $\frac{P_5}{5} - P_2 \times P_3 = 12$

4.1. $2 \times {}^3A'_{14} = 2 \times 3^{14} = 9\,565\,938$

4.2. ${}^3A'_{12} = 3^{12} = 531\,441$

4.3. $14 \times {}^3A'_{13} = 14 \times 3^{13} = 22\,320\,522$

4.4. ${}^3A'_{14} \times {}^2A'_{14} = 3^{14} \times 2^{14} = 6^{14}$

4.5. ${}^2A'_{14} \times {}^2A'_{14} = 268\,435\,456$

5.1. ${}^6A'_3 = 6^3 = 216$

5.2. $2 \times {}^6A'_2 = 2 \times 6^2 = 72$

$\underset{6}{\square} \times \underset{6}{\square} \times \overset{2}{\underset{2}{\boxed{4}}}$

5.3. Para um número ser múltiplo de 3, a soma dos seus dígitos deverá ser um múltiplo de 3.
- com os algarismos todos iguais → 6 (qualquer número da forma $\overline{aaa}$ é múltiplo de 3)
- com 2 algarismos iguais → $3 \times 8 = 24$ (os números formados pelas permutações dos números 114, 117, 339, 441, 447, 771, 774, 993)
- com os 3 algarismos diferentes → $P_3 \times 7 = 42$ (as permutações dos números 123, 129, 147, 234, 237, 249, 279)

Há, então, 72 múltiplos de 3.

6. $\square\ \square\ \square$

$9 \times 10 \times 5 = 450$.

7.1. $10^5 - 1 = 99\,999$

7.2.

3	3			
3		3		
3			3	
3				3
	3	3		
	3		3	
	3			3
		3	3	
		3		3
			3	3

$\underbrace{10}_{{}^5C_2} \times 10^3 = 10^4$

7.3.

$10 \times 10 \times 10 \times 1 \times 1 - 1 = 10^3 - \underbrace{1}_{} = 999$

exclui-se o "00 000", que também é capicua

8.1. 9

8.2. $10^2 - \underbrace{1}_{} = 99$

exclui-se o "0"

8.3. $10^6 = 100\,000$

8.4. $9 \times 99 \times 10^6 = 891\,000\,000$

9. v v v a a a a a c

$5 \times 5 \times 5 \times 10 \times 10 \times 10 \times 10 \times 10 \times 20 = 25 \times 10^7$

10.1. $P_8 = 8!$ (como se houvesse um amigo invisível que poderia trocar também de lugar) = 40 320

10.2. $2 \times P_7 = 2 \times 7! = 10\,080$

11.1. Pode-se raspar de 3 formas diferentes.

11.2. $\frac{4}{13}$

12. ${}^8A_3 = 336$

13.1. 1, 2, 3

$3 \times 9 \times 8 \times 7 = 1512$

13.2. 1, 3 ; 0, 2, 4, 6, 8 ou 2 ; 0, 4, 6, 8

$2 \times 8 \times 7 \times 5 + 1 \times 8 \times 7 \times 4 = 784$

13.3. Nenhum, porque os múltiplos de 100 terminam em "00", logo têm algarismos repetidos.

14.1.

$6 \times 6 \times 5 = 180$

14.2.1. 0 ou 4, 6, 8

$6 \times 5 \times 1 + 5 \times 5 \times 3 = 105$

14.2.2. 0 ou 5

$6 \times 5 \times 1 + 5 \times 5 \times 1 = 55$

14.2.3. 0

$6 \times 5 \times 1 = 30$

14.2.4.

$\{0, 1, 8\} \rightarrow 2 \times 2 \times 1 = 4$

$\{0, 3, 6\} \rightarrow 2 \times 2 \times 1 = 4$

$\{0, 4, 5\} \rightarrow 2 \times 2 \times 1 = 4$

$\{1, 3, 5\} \longrightarrow P_3 = 6$

Total → 18

15. ${}^{900}C_1 \times {}^{100}C_2 = 4\,455\,000$

16. A. Das 24 formas (4!) de tirar as bolas do saco, apenas uma é favorável.

17. C. O João tem 2 hipóteses de escolha, a Joana 4 e o Paulo e o Rui têm 5 hipóteses (a escolha de cada um é independente das escolhas dos outros).

18. B. O número de subconjuntos com 2 elementos é ${}^{10}C_2$.

19. A.

50$00	100$00	200$00
(1)	(2)	(3)
1		1

$$p = \frac{{}^{1}C_1 \times {}^{3}C_1}{{}^{6}C_2} = \frac{3}{15} = \frac{1}{5}$$

20. C. $3A_2 \times P_5 = 6 \times 120 = 720$

21. B. $26^5 = 11\,881\,376 < 6 \times 10^9$
$26^7 = 8\,031\,810\,176 > 6 \times 10^9$

22. C. Começados por 1, 2 ou 3 ⟶ $\boxed{\overset{1,\,2,}{3}}\ \boxed{}\ \boxed{}\ \boxed{}$

$3 \times 9 \times 8 \times 7$

Começados por 4 ⟶ $\boxed{4}\ \boxed{\overset{0,1,\,2,3,}{5}}\ \boxed{}\ \boxed{}$

$1 \times 5 \times 8 \times 7$

Logo, $3 \times 9 \times 8 \times 7 + 1 \times 5 \times 8 \times 7 = 1792$

23. B. N.º de bilhetes → $10^6 - 1$
N.º de séries → 6

24. C.

$$p = \frac{{}^{980}C_1 \times {}^{20}C_2}{{}^{1000}C_3} = \frac{931}{830\,835}$$

25. C.
Casos possíveis → 10^4

Casos favoráveis → $\boxed{0}\ \boxed{0}\ \boxed{0}\ \boxed{}$ ou $\boxed{0}\ \boxed{0}\ \boxed{}\ \boxed{0}$ ou $\boxed{0}\ \boxed{}\ \boxed{0}\ \boxed{0}$ ou $\boxed{}\ \boxed{0}\ \boxed{0}\ \boxed{0}$

$1 \times 1 \times 1 \times 9 + 1 \times 1 \times 9 \times 1 + 1 \times 9 \times 1 \times 1 + 9 \times 1 \times 1 \times 1 = 36$

$$p = \frac{36}{10^4} = 0{,}0036$$

26. D.

7 com creme	5 sem creme
1	2

$$p = \frac{{}^{7}C_1 \times {}^{5}C_2}{{}^{12}C_3} = \frac{7}{22}$$

27. A.

12 ♂	8 ♀	
5 ♂	5 ♀	${}^{12}C_5 \times {}^{8}C_5$

28. B.

29. A. Em cada linha horizontal, há ${}^{8}C_2$ formas de colocar os 2 cavalos (como são ambos brancos, são indiferentes as trocas entre eles).

30. $\underbrace{\boxed{L}\ \boxed{L}}_{\text{indicativo de região}}\ \boxed{A}\ \boxed{A}\ \boxed{A}\ \boxed{L}$

$10 \times 10 \times 10 \times 23$

Havia 10^3 (1000) matrículas por região. Como se acrescenta uma letra, passará a haver 23 000 matrículas por região, o que será suficiente a médio prazo.

31. $\# T = 30$

$\# D = 13$

$\# O = 6$

$\# ((D \cup O)) = 16$

Então $\# (D \cup O) = 30 - 16 = 14$

como $\# (D \cup O) = \# D + \# 0 - \# (D \cap O)$

Então $\# (D \cap O) = 13 + 6 - 14 \Leftrightarrow$

$\Leftrightarrow \# (D \cap O) = 5$

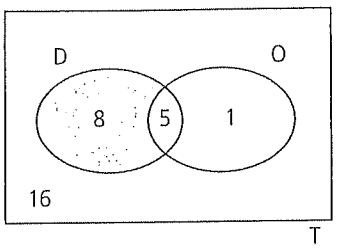

$$p = \frac{{}^8C_2 \times {}^5C_0 \times {}^1C_0 + {}^8C_1 \times {}^5C_1 \times {}^1C_0 + {}^5C_1 \times {}^1C_1 \times {}^8C_0}{{}^{30}C_2} = \frac{73}{435}$$

32.1. $\boxed{}\ \boxed{}\ \boxed{}\ \boxed{}$

$\left.\begin{array}{l} 0 \\ \quad 0 \\ \qquad 0 \\ \qquad\quad 0 \end{array}\right\} 4 \times 9^3$

32.2. $\boxed{}\ \boxed{}\ \boxed{}\ \boxed{}$

Casos favoráveis $\rightarrow 10 \times 9 \times 8 \times 7$

Casos possíveis $\rightarrow 10^4$

$$p = \frac{10 \times 9 \times 8 \times 7}{10^4} = 0{,}504$$

33. Casos favoráveis $= 3! \times 4!$

Casos possíveis $= 7!$

$p = \dfrac{3! \times 4!}{7!} \simeq 0{,}03$ A probabilidade é de 3%.

34.1. ${}^{10}C_4 = 210$ 34.2. $P_3 = 3! = 6$ 34.3. $\dfrac{{}^6A_5}{{}^8A_6} = \dfrac{1}{28}$

35.1. a) $\underbrace{{}^9C_5}_{\text{escolhidos 5 lugares onde se colocarão as peças pretas}} = \underbrace{{}^9C_4}_{\text{escolhidos 4 lugares onde se colocarão as peças brancas}} = 216$

35.2. $p = \dfrac{{}^6C_1 + {}^6C_1}{{}^9C_5} = 0{,}095$ (3 c.d.)

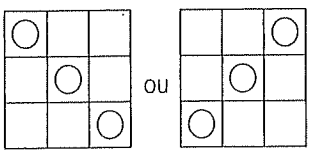

36.1. 4 quadrículas a cheio para 20 espaços, logo ${}^{20}C_4 = 4845$.

36.2. Fixando mais duas a formar a diagonal, ficam 2 para 18 lugares (${}^{18}C_2$). Há duas formas de formar a diagonal ($2 \times {}^{18}C_2$); mas há a situação de aparecerem a cheio as duas diagonais e que terá de ser excluída (porque é contada duas vezes).

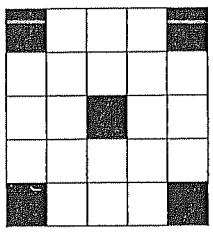

$$p = \frac{2 \times {}^{18}C_2 - 1}{{}^{20}C_4} = 0{,}063$$

37.1. 15 ♀ 12 ♂

D 11

4 1 2

$^{15}C_4 \times {}^{1}C_1 \times {}^{11}C_2 = 75\,075$

37.2. Casos possíveis = 7!
Casos favoráveis = 3! × 4! × 4

$$p = \frac{4 \times 3! \times 4!}{7!} \simeq 0{,}114$$

38. Casos favoráveis = 2! × 4! × 16!
Casos possíveis = 20!

$$p = \frac{2! \times 4! \times 16!}{20!} = \frac{2}{4845}$$

39.1.

	20A	35C
	3	0
ou	0	3

$^{20}C_3 \times {}^{35}C_0 + {}^{20}C_0 \times {}^{35}C_3 = 7685$

39.2. Casos possíveis = $^{55}C_3$
Casos favoráveis = $^{20}C_1 \times {}^{35}C_2$

$$p = \frac{^{20}C_1 \times {}^{35}C_2}{^{55}C_3} \simeq 0{,}454$$

40. Sentada a Joana, o Rui tem de se sentar em frente dela e os restantes de 4! maneiras diferentes. Mas a Joana pode sentar-se num dos 6 lugares, logo:
Casos possíveis = 6!
Casos favoráveis = 6 × 4!

$$p = \frac{6 \times 4!}{6!} = 0{,}2$$

41. Casos possíveis = 12!
Casos favoráveis = 2 × 6! × 6! pois poderá ser a

$\underbrace{|R|M|\ldots|R|M|}_{6! \times 6!}$ ou $\underbrace{|M|R|\ldots|M|R|}_{6! \times 6!}$

$$p = \frac{2 \times 6! \times 6!}{12!} \simeq 0{,}002\,16$$, ou seja, a probabilidade é de 0,216%.

42.1. $^{2}C_1 \times {}^{4}C_2 \times {}^{4}C_2 = 72$

42.2. $$\frac{^{2}C_2 \times {}^{8}C_3}{^{10}C_5} = \frac{56}{252} = \frac{2}{9}$$

43.1.
- N.º de triângulos com vértices em 3 dos pontos = $^{9}C_3$
- N.º de triângulos com os vértices em 3 dos 4 vértices do quadrilátero = $^{4}C_3$
- N.º de triângulos com os vértices em 3 dos 5 vértices do pentágono = $^{5}C_3$

N.º pedido = $^{9}C_3 - (^{5}C_3 + {}^{4}C_3) = 70$

43.2. N.º de casos possíveis = $^{9}A'_2$
N.º de casos favoráveis = $^{4}A'_2 + {}^{5}A'_2$

$$p = \frac{^{4}A'_2 + {}^{5}A'_2}{^{9}A'_2} = \frac{4^2 + 5^2}{9^2} = \frac{41}{81} \simeq 51\%$$

44.1. $^{3}C_2 \times {}^{4}C_1 \times {}^{5}C_3 = 120$

44.2. N.º casos possíveis = 6!
N.º casos favoráveis = $P_2 \times P_5$

permutação entre os livros de Saramago — permutação entre o livro de Sophia, os 3 de Sagan e o "grupo" de 2 do Saramago

$$p = \frac{2! \times 5!}{6!} = \frac{1}{3}$$

45.1. Com 0 elementos $\rightarrow {}^{8}C_0 = 1$ (é o ϕ) Com 1 elemento $\rightarrow {}^{8}C_1 = 8$
Com 2 elementos $\rightarrow {}^{8}C_2 = 28$ Com 3 elementos $\rightarrow {}^{8}C_3 = 56$
Com 4 elementos $\rightarrow {}^{8}C_4 = 70$ Com 5 elementos $\rightarrow {}^{8}C_5 = 56$
Com 6 elementos $\rightarrow {}^{8}C_6 = 28$ Com 7 elementos $\rightarrow {}^{8}C_7 = 8$
Com 8 elementos $\rightarrow {}^{8}C_8 = 1$
Logo, o número de subconjuntos é $1 + 8 + 28 + 56 + 70 + 56 + 28 + 8 + 1 = 256 = 2^8$

45.2. Com n elementos há 2^n.

45.3. ${}^{n}C_2 = 105 \Leftrightarrow \frac{n(n-1)}{2} = 105 \wedge n \geq 2 \Leftrightarrow n^2 - n - 210 = 0 \wedge n \geq 2 \Leftrightarrow (n = 15 \vee n = -14) \wedge n \geq 2 \Leftrightarrow$
$n = 15$

46. ${}^{12}C_2 = 66$

47.1.

5b	3p	4a
1	1	1

${}^{5}C_1 \times {}^{3}C_1 \times {}^{4}C_1 = 60$

47.2.

5b	3p	4a
0	1	2

${}^{5}C_0 \times {}^{3}C_1 \times {}^{4}C_2 = 18$

47.3.

	8a	4a
	1	2
ou	0	3

${}^{8}C_1 \times {}^{4}C_2 + {}^{8}C_0 \times {}^{4}C_3 = 52$

47.4.

	5b	3p	4a
	3	0	0
ou	0	3	0
ou	0	0	3

${}^{5}C_3 \times {}^{3}C_0 \times {}^{4}C_0 + {}^{5}C_0 \times {}^{3}C_3 \times {}^{4}C_0 + {}^{5}C_0 \times {}^{3}C_0 \times {}^{4}C_3 = 15$

48.1. ${}^{12}C_2 = 66$ 48.2. ${}^{12}C_3 = 220$ 48.3. ${}^{12}A_2 = 132$

49.1. ${}^{12}C_{10} \times {}^{17}C_0 = 66$ 49.2. ${}^{12}C_0 \times {}^{17}C_{10} = 19\,448$ 49.3. ${}^{12}C_5 \times {}^{17}C_5 = 4\,900\,896$

49.4 ${}^{28}C_9 = 6\,906\,900$ 49.5. ${}^{29}C_{10} - {}^{27}C_8 = 17\,809\,935$

50. ${}^{7}C_2 - {}^{3}C_2 + 1 = 19$

51.1. ${}^{8}C_2 = 28$ 51.2. ${}^{8}C_3 - \underbrace{12}_{\text{n.º de planos que contêm 4 vértices}} \times ({}^{4}C_3 - 1) = 20$

51.3. $1 - \frac{6}{20} = 0{,}7$

52. ${}^{12}C_3 - {}^{5}C_3 = 210$

53.1. ${}^{n}C_2 = \frac{n(n-1)}{2}$

53.2. N.º de casos possíveis $= \frac{n(n-1)}{2}$
N.º de casos favoráveis = n.º de diagonais $= \frac{n(n-1)}{2} - n$

$$p = \frac{\frac{n(n-1)}{2} - n}{\frac{n(n-1)}{2}} = \frac{n^2 - n - 2n}{n(n-1)} = \frac{n-3}{n-1}$$

54. $a = {}^{n-1}C_3 = \frac{(n-1)!}{3(n-4)!}$

$$b = {}^{n}C_4 - {}^{n-1}C_3 = \frac{n!}{4!(n-4)!} - \frac{(n-1)!}{3!(n-4)!} = \frac{n! - 4(n-1)!}{4 \times 3!(n-4)!} = \frac{n(n-1)! - 4(n-1)!}{4 \times 3!\,(n-4)!} =$$

$\frac{n-4}{4} \times \frac{(n-1)!}{3(n-4)!}$ Logo $b = \left(\frac{n-4}{4}\right)a.$

2.2. Triângulo de Pascal

Chama-se **triângulo de Pascal** a

$$
\begin{array}{ccccccccccccc}
 & & & & & {}^{0}C_{0} & & & & & & & \longrightarrow \text{1.ª linha} \\
 & & & & {}^{1}C_{0} & & {}^{1}C_{1} & & & & & & \longrightarrow \text{2.ª linha} \\
 & & & {}^{2}C_{0} & & {}^{2}C_{1} & & {}^{2}C_{2} & & & & & \longrightarrow \text{3.ª linha} \\
 & & {}^{3}C_{0} & & {}^{3}C_{1} & & {}^{3}C_{2} & & {}^{3}C_{3} & & & & \longrightarrow \text{4.ª linha} \\
 & {}^{4}C_{0} & & {}^{4}C_{1} & & {}^{4}C_{2} & & {}^{4}C_{3} & & {}^{4}C_{4} & & & \longrightarrow \text{5.ª linha} \\
\cdots & \cdots & \cdots & \cdots & \cdots & \cdots & \cdots & \cdots & \cdots & \cdots & \cdots & \cdots & \\
{}^{n}C_{0} & & {}^{n}C_{1} & & {}^{n}C_{2} & & & {}^{n}C_{n-2} & & {}^{n}C_{n-1} & & {}^{n}C_{n} & \longrightarrow \text{n}^{\text{ésima}}\text{ linha}
\end{array}
$$

ou calculando ${}^{n}C_{k}$ em cada um dos casos:

$$
\begin{array}{ccccccccccccccc}
 & & & & & & & 1 & & & & & & & \\
 & & & & & & 1 & & 1 & & & & & & \\
 & & & & & 1 & & 2 & & 1 & & & & & \\
 & & & & 1 & & 3 & & 3 & & 1 & & & & \\
 & & & 1 & & 4 & & 6 & & 4 & & 1 & & & \\
 & & 1 & & 5 & & 10 & & 10 & & 5 & & 1 & & \\
 & 1 & & 6 & & 15 & & 20 & & 15 & & 6 & & 1 & \\
1 & & 7 & & 21 & & 35 & & 35 & & 21 & & 7 & & 1
\end{array}
$$

Algumas propriedades do triângulo de Pascal

P_1: O primeiro e o último elemento de cada linha são iguais a 1, ou seja:

$$ {}^{n}C_{0} = {}^{n}C_{n} = 1 \ (n \in \mathbb{N}) $$

P_2: Os termos equidistantes dos extremos de uma linha são iguais, isto é:

$$ {}^{n}C_{k} = {}^{n}C_{n-k} \ (k \leq n \wedge n \in \mathbb{N} \wedge k \in \mathbb{N}) $$

P_3: A partir da 2.ª linha, cada elemento (com excepção dos extremos da linha) é igual à soma dos dois elementos imediatamente acima dele, isto é:

$$ {}^{n}C_{p} = {}^{n-1}C_{p-1} + {}^{n-1}C_{p} \quad (n \geq 2) \text{ (relação de Stifel) } (N \in \mathbb{N} \wedge p \in \mathbb{N} \wedge p \leq n) $$

P_4: A soma de todos os elementos da n^{ésima} linha do triângulo de Pascal é igual a 2^n.

$$ \sum_{k=0}^{n} {}^{n}C_{k} = 2^{n} \ (n \in \mathbb{N}) $$

EXERCÍCIOS RESOLVIDOS

1 A soma de todos os elementos de uma linha do triângulo de Pascal é 32. Escreva essa linha.

R: $\sum_{k=0}^{n} {}^{n}C_k = 32 \Leftrightarrow 2^n = 2^5 \Leftrightarrow n = 5$

Então a linha será

${}^{5}C_0$	${}^{5}C_1$	${}^{5}C_2$	${}^{5}C_3$	${}^{5}C_4$	${}^{5}C_5$
=	=	=	=	=	=
1	5	10	10	5	1

2 Se o terceiro elemento de uma linha do triângulo de Pascal é 120, qual é o penúltimo elemento dessa mesma linha?

R: ${}^{n}C_2 = 120 \Leftrightarrow \frac{n!}{2!\,(n-2)!} = 120 \wedge n \geq 2 \Leftrightarrow \frac{n(n-1)(n-2)!}{2(n-2)!} = 120 \wedge n \geq 2 \Leftrightarrow$

$n^2 - n = 240 \wedge n \geq 2 \Leftrightarrow (n = 16 \vee n = -15) \wedge n \geq 2 \Leftrightarrow n = 16$

O penúltimo elemento será ${}^{16}C_{15} = 16$.

3 O produto dos dois primeiros elementos de uma linha do triângulo de Pascal é igual a 32. Qual é o terceiro elemento da linha seguinte?

R: ${}^{n}C_0 \times {}^{n}C_1 = 32 \Leftrightarrow 1 \times n = 32 \Leftrightarrow n = 32$

O terceiro elemento da linha seguinte será ${}^{33}C_2 = 528$.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

1 Que relação deverá existir entre m e p, de modo que, na linha m, o termo ${}^{m}C_{p+3}$ seja igual a ${}^{m}C_{p-3}$ $(m, p \in \mathbb{N}, p \geq 3, m \geq 6)$

2 Sabendo que

$${}^{m}C_p = 56 \text{ e } {}^{m+1}C_p = 84 \qquad \text{determine } {}^{m}C_{p-1}.$$

3 Se a soma dos dois últimos elementos de uma linha do triângulo de Pascal é igual a 29, determine a soma de todos os elementos dessa linha.

4 Calcule, apresentando o resultado sob a forma de combinações,

$${}^{5}C_3 + {}^{5}C_4 + {}^{6}C_5 + {}^{7}C_6 + {}^{8}C_7$$

5 Assinale com V ou F cada uma das afirmações, de acordo com o seu valor lógico:

5.1. ${}^{5}C_0 = {}^{4}C_0$

5.2. ${}^{3}C_1 = {}^{3}C_2$

5.3. ${}^{7}C_3 + {}^{7}C_4 = {}^{8}C_3$

5.4. ${}^{12}C_5 = {}^{12}C_6$

6 Calcule $\sum_{k=2}^{12} {}^{12}C_k$.

7 Sabe-se que $\sum_{k=1}^{n} {}^{n}C_k = 65\,535$. Determine o valor de n.

8 No triângulo de Pascal, o terceiro elemento da décima linha é:

A) ${}^{10}C_3$ B) ${}^{11}C_2$ C) ${}^{11}C_3$ D) ${}^{9}C_1 + {}^{9}C_2$

9 Os quatro primeiros números de certa linha do triângulo de Pascal são 1, 11, 55 e 165. Então os três últimos números da linha seguinte são:

A) 36, 24 e 12 B) 66, 12 e 1 C) 220, 66 e 12 D) 24, 12 e 1

(EN 1996 – 2.ª Fase)

10 Considere duas linhas consecutivas do triângulo de Pascal, das quais se reproduzem alguns elementos

..... 36 a 126 .....

..... 120 b .....

Indique o valor de b.

11 ${}^{1000}C_{30} - {}^{999}C_{30}$ é igual a:

A) ${}^{1000}C_{29}$ B) ${}^{999}C_{29}$ C) ${}^{999}C_{30}$ D) 1

SOLUÇÕES

1. $p + 3 \geq 0 \wedge p - 3 \geq 0 \wedge p \in \mathbb{N} \Leftrightarrow p \in \mathbb{N} \wedge p \geq 3$

Para $p \geq 3$ (e $m \geq 6$), os dois termos terão de ser equidistantes dos extremos, ou seja,

$p + 3 = m - (p - 3) \wedge m, p \in \mathbb{N} \wedge p \geq 3 \wedge m \geq 6 \Leftrightarrow m = 2p \wedge m, p \in \mathbb{N} \wedge p \geq 3 \wedge m \geq 6$

2. ${}^{m}C_{p-1} + {}^{m}C_{p} = {}^{m+1}C_{p}$ (P_3)

Então ${}^{m}C_{p-1} + 56 = 84 \Leftrightarrow {}^{m}C_{p-1} = 28$

3. ${}^{n}C_{n-1} + {}^{n}C_{n} = 29 \Leftrightarrow n + 1 = 29 \Leftrightarrow n = 28$

$\sum_{k=0}^{28} {}^{28}C_k = 2^{28} = 268\,435\,456$

4. ${}^{5}C_3 + {}^{5}C_4 + {}^{6}C_5 + {}^{7}C_6 + {}^{8}C_7 =$

$= {}^{6}C_4 + {}^{6}C_5 + {}^{7}C_6 + {}^{8}C_7 =$

$= {}^{7}C_5 + {}^{7}C_6 + {}^{8}C_7 =$

$= {}^{8}C_6 + {}^{8}C_7 = {}^{9}C_7$ (utilização sucessiva de P_3)

5. 5.1. V 5.2. V 5.3. F 5.4. F

6. $\sum_{k=0}^{12} {}^{12}C_k = 2^{12}$, logo $\sum_{k=2}^{12} {}^{12}C_k = 2^{12} - ({}^{12}C_0 + {}^{12}C_1) \Leftrightarrow \sum_{k=2}^{12} {}^{12}C_k = 2^{12} - 13 \Leftrightarrow \sum_{k=2}^{12} {}^{12}C_k = 4083$

7. $\sum_{k=1}^{n} {}^{n}C_k = 65\,535 \Leftrightarrow \sum_{k=0}^{n} {}^{n}C_k - {}^{n}C_0 = 65\,535 \Leftrightarrow \sum_{k=0}^{n} {}^{n}C_k = 65\,536 \Leftrightarrow 2^n = 2^{16} \Leftrightarrow n = 16$

8. D. O terceiro elemento da décima linha é ${}^{10}C_2 = {}^{9}C_1 + {}^{9}C_2$.

9. B.

1 11 55 165

1 12 66 220

10. C. $120 = 36 + a \Leftrightarrow a = 84$ logo $84 + 126 = b \Leftrightarrow b = 210$

11. B. ${}^{1000}C_{30} = {}^{999}C_{29} + {}^{999}C_{30}$ logo ${}^{1000}C_{30} - {}^{999}C_{30} = {}^{999}C_{29}$

2.3. Binómio de Newton

A potência de expoente n de um binómio é um polinómio, com n + *1* parcelas ou termos e em que cada termo é da forma:

$$T_{p+1} = {}^nC_p\, a^{n-p}\, b^p \qquad , \; p = 0, \ldots, n$$

ou seja

$$(a+b)^n = {}^nC_0\, a^n\, b^0 + {}^nC_1\, a^{n-1}\, b^1 + {}^nC_2\, a^{n-2}\, b^2 + \ldots + {}^nC_{n-2}\, a^2\, b^{n-2} +$$
$$+ {}^nC_{n-1}\, a^1\, b^{n-1} + {}^nC_n\, a^0\, b^n$$

$$(a+b)^n = \sum_{k=0}^{n} {}^nC_k\, a^{n-k}\, b^k$$

EXERCÍCIOS RESOLVIDOS

1 Desenvolva, utilizando a fórmula do Binómio de Newton, $(x - \sqrt{x})^4$.

R $(x - \sqrt{x})^4 = {}^4C_0\, x^4 (-\sqrt{x})^0 + {}^4C_1\, x^3 (-\sqrt{x})^1 + {}^4C_2\, x^2 (-\sqrt{x})^2 + {}^4C_3\, x^1 (-\sqrt{x})^3 +$
$+ {}^4C_4\, x^0 (-\sqrt{x})^4 = x^4 - 4x^3\sqrt{x} + 6x^3 - 4x^2\sqrt{x} + x^2$

2 Calcule, utilizando a fórmula do Binómio de Newton,

$$\left(x + \frac{1}{x}\right)^5 - \left(x - \frac{1}{x}\right)^5.$$

R

$$\left(x + \frac{1}{x}\right)^5 - \left(x - \frac{1}{x}\right)^5 = \left(x^5 + 5x^4 \times \frac{1}{x} + 10x^3 \times \frac{1}{x^2} + 10x^2 \times \frac{1}{x^3} + 5x \times \frac{1}{x^4} + \frac{1}{x^5}\right) -$$
$$- \left(x^5 - 5x^4 \times \frac{1}{x} + 10x^3 \times \frac{1}{x^2} - 10x^2 \times \frac{1}{x^3} + 5x \times \frac{1}{x^4} - \frac{1}{x^5}\right) = 10x^3 + \frac{20}{x} + \frac{2}{x^5}$$

3 Determine o termo independente de x, no desenvolvimento de $\left(2x - \frac{1}{\sqrt{x}}\right)^9$.

R

Seja T_{p+1} o termo pretendido; determinemo-lo de uma forma simplificada:

$$T_{p+1} = {}^9C_p\, (2x)^{9-p} \left(-\frac{1}{\sqrt{x}}\right)^p \Leftrightarrow$$
$$\Leftrightarrow T_{p+1} = {}^9C_p \times 2^{9-p} \times x^{9-p} \times (-1)^p \times \left(x^{-\frac{1}{2}}\right)^p \Leftrightarrow$$
$$\Leftrightarrow T_{p+1} = \underbrace{{}^9C_p \times 2^{9-p} \times (-1)^p}_{\text{coeficiente ou parte numérica}} \times \underbrace{x^{9-p-\frac{p}{2}}}_{\text{parte literal}}$$

Para T_{p+1} ser independente de x, terá de ser:

$$9 - p - \frac{p}{2} = 0 \Leftrightarrow 18 - 2p - p = 0 \Leftrightarrow p = 6$$

O termo pedido será:

$$T_f = {}^9C_6\, 2^{9-6} \times (-1)^6 \times x^{9-6-\frac{6}{2}} = 84 \times 2^3 = 672$$

4 Determine o valor de A, sabendo que:

$A = (x^4 + 1)^5 - 5(x^4 + 1)^4 + 10(x^4 + 1)^3 - 10(x^4 + 1)^2 + 5(x^4 + 1) - 1.$

R

Note que A não é mais do que o desenvolvimento pela fórmula de Newton da potência de grau 5 da diferença entre $x^4 + 1$ e 1.
Então $A = [(x^4 + 1) - 1]^5 \Leftrightarrow A = x^{20}$

5 Qual o termo médio do desenvolvimento de $(x^5 - x^2)^{10}$?

R

Só se pode falar do termo médio do desenvolvimento de $(a + b)^n$ quando n for par, pois, e só neste caso, o número de termos é ímpar. O termo médio do desenvolvimento será o termo de ordem $\frac{n}{2} + 1$.

Neste caso n = 10 (11 parcelas no desenvolvimento), o termo pedido será o 6.º termo:

$T_6 = {}^{10}C_5\,(x^5)^{10-5}\,(-x^2)^5 \Leftrightarrow$

$T_6 = 252 \times x^{25} \times (-x^{10}) \Leftrightarrow$

$T_6 = -252x^{35}$

6 Qual a soma dos coeficientes dos termos do desenvolvimento de $(3x - 4y)^5$?

R

Desenvolvamos $(3x - 4y)^5$ pela fórmula de Newton:

$(3x - 4y)^5 = (3x)^5 - 5(3x)^4\,(4y) + 10(3x)^3\,(4y)^2 - 10(3x)^2\,(4y)^3 + 5(3x)\,(4y)^4 - (4y)^5 \Leftrightarrow$

$\Leftrightarrow (3x - 4y)^5 = 243x^5 - 1620x^4y + 4320x^3\,y^2 - 5760x^2\,y^3 + 3840x\,y^4 - 1024y^5$

Esta igualdade é válida para todo o **x** e para todo o **y**.

Façamos então x = 1 e y = 1.

$(3 \times 1 - 4 \times 1)^5 = 243 - 1620 + 4320 - 5760 + 3840 - 1024$

ou seja

$(-1)^5 = -1$

Notando que o 2.º membro da igualdade não é mais do que a soma dos coeficientes do desenvolvimento de $(3x - 4y)^5$, verificamos que, para o determinar, bastaria em $(3x - 4y)^5$ fazer x = 1 e y = 1.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

1 Calcule o valor de
$A = x^6 - 6x^5y + 15x^4y^2 - 20x^3y^3 + 15x^2y^4 - 6xy^5 + y^6$, para $x = \frac{\sqrt{3}-\sqrt{2}}{\sqrt[3]{2}}$ e $y = \frac{\sqrt{3}+\sqrt{2}}{\sqrt[3]{2}}$.

2 No desenvolvimento de $\left(\frac{x}{2} - y^2\right)^{10}$, qual o coeficiente do termo em x^4?

3 Qual o coeficiente do termo médio do desenvolvimento de $\left(\sqrt{x} - \frac{2}{x}\right)^{12}$?

4 Considere as potências de expoente ímpar do binómio $\left(x - \frac{2}{x}\right)$.

4.1. Prove que, qualquer que seja o expoente, a soma dos coeficientes de todos os termos é igual a -1.

4.2. Mostre que, qualquer que seja o expoente (ímpar), não existe termo independente de x.

5 Quantos termos irracionais existem no desenvolvimento de $(\sqrt{x} + \sqrt[3]{x})^{1000}$?

6 Qual a soma dos coeficientes dos termos do desenvolvimento de:

6.1. $(6x - \frac{1}{y})^4$?

6.2. $(3x + y)^2$?

7 No desenvolvimento de $(5x - 3y)^n$, a soma dos coeficientes é 4096. Qual é o termo médio deste desenvolvimento?

8 Resolva a equação:
$\text{sen}^5 x - 4\,\text{sen}^4 x \cos x + 10\,\text{sen}^3 x \cos^2 x - 10\,\text{sen}^2 x \cos^3 x + 5\,\text{sen}\, x \cos^4 x = \cos^5 x$

9

9.1. Prove que a soma dos coeficientes dos termos do desenvolvimento de $(x - y)^n$ é zero.

9.2. Mostre que $\sum_{k=0}^{n} (-1)^k\, {}^nC_k = 0$.

10 Calcule:

$99^5 + 5 \times 99^4 + 10 \times 99^3 + 10 \times 99^2 + 5 \times 99 + 1$

11 No desenvolvimento de $\left(2x - \frac{1}{4x}\right)^n$, há um termo que é igual a $-48x^4$. Qual poderá ser o valor de n?

12 a b c d e f g representa uma linha completa do Triângulo de Pascal, onde todos os elementos são substituídos por letras.
Qual das seguintes afirmações é verdadeira?
A) $c = {}^6C_3$ B) $c = {}^6C_2$ C) $c = {}^7C_3$ D) $c = {}^7C_2$

(EN 1999 – 1.ª Chamada)

13 Indique qual das equações seguintes é equivalente à equação: $(x + 1)^4 = 4x^3 + 6x^2$
A) $x^4 - 4x^3 - 6x^2 + 1 = 0$ B) $x^4 + 1 = 0$
C) $x^4 - 4x^3 - 4x^2 + 1 = 0$ D) $x^4 + 4x + 1 = 0$

(EN 1998 – 2.ª Chamada)

SOLUÇÕES

1. Como $A = (x - y)^6$ e substituindo x e y pelos valores dados fica:

$$A = \left(\frac{\sqrt{3} - \sqrt{2}}{\sqrt[3]{2}} - \frac{\sqrt{3} + \sqrt{2}}{\sqrt[3]{2}}\right)^6 = \left(\frac{-2\sqrt{2}}{\sqrt[3]{2}}\right)^6 = \frac{2^9}{2^2} = 2^7$$

2. $T_{p+1} = {}^{10}C_p \left(\frac{x}{2}\right)^{10-p} (y^2)^p \Leftrightarrow$

$\Leftrightarrow T_{p+1} = \underbrace{{}^{10}C_p\, 2^{p-10}}_{\text{coeficiente}} \underbrace{x^{+10-p}\, y^{2p}}_{\text{parte literal}}$

$x^{10-p} = x^4 \Leftrightarrow p = 6$ e o coeficiente é ${}^{10}C_6\, 2^{6-10} = \frac{105}{8}$

$12C_6 \times (\sqrt{h})^6 \times \left(\frac{2}{h}\right)^6$

3. $T_{\frac{12}{2}+1} = {}^{12}C_6 (\sqrt{x})^6 \left(-\frac{2}{x}\right)^6 \Leftrightarrow$

$\Leftrightarrow T_7 = {}^{12}C_6 (-2)^6 x^3 \times x^{-6} \Leftrightarrow$

$\Leftrightarrow T_7 = 59\,136x^{-3}$

$t_{\underset{(p+1)}{7}} = {}^nC_p \times a^{n-p} \times b^p$

4.1. No desenvolvimento de $\left(x - \frac{2}{x}\right)^{2n-1}$ ($2n - 1$ é ímpar, $n \in \mathbb{N}$), a soma dos coeficientes de todos os termos é:

$\left(1 - \frac{2}{1}\right)^{2n-1} = (-1)^{2n-1} = -1$

4.2. $T_{p+1} = {}^{2n-1}C_p\, x^{2n-1-p} \times \left(-\frac{2}{x}\right)^p$

$\Leftrightarrow T_{p+1} = {}^{2n-1}C_p\, x^{2n-p-1} \times (-2)^p x^{-p} \Leftrightarrow$

$\Leftrightarrow T_{p+1} = {}^{2n-1}C_p\, (-2)^p x^{2n-2p-1}$

Haverá termo independente se $2n - 2p - 1 = 0 \Leftrightarrow p = \frac{2n-1}{2}$. Como $n \in \mathbb{N}$, $\frac{2n-1}{2} \notin \mathbb{N}$.

Logo, não existe p, de modo que T_{p+1} seja independente de x.

5. O termo geral do desenvolvimento

$T_{p+1} = {}^{1000}C_p (\sqrt{x})^{1000-p} (\sqrt[3]{x})^p \Leftrightarrow$

$\Leftrightarrow T_{p+1} = {}^{1000}C_p \left(x^{\frac{1}{2}}\right)^{1000-p} \times \left(x^{\frac{1}{3}}\right)^p \Leftrightarrow$

$\Leftrightarrow T_{p+1} = {}^{1000}C_p\, x^{\frac{1000-p}{2} + \frac{p}{3}} \Leftrightarrow$

$\Leftrightarrow T_{p+1} = {}^{1000}C_p\, x^{\frac{3000-3p+2p}{6}} \Leftrightarrow$

$\Leftrightarrow T_{p+1} = {}^{1000}C_p\, x^{500-\frac{p}{6}}$

- se p é múltiplo de 6, o termo é racional.
- se p não é múltiplo de 6, o termo é irracional.

Seja $u_n = 6n$, a sucessão dos múltiplos de 6. Ora $6n < 1000 \Leftrightarrow n < 166\frac{2}{3}$, logo há 166 termos racionais (os múltiplos de 6) entre os 1001 termos do desenvolvimento. Conclusão: há 835 termos irracionais.

6.1. $(5)^4 = 625$

6.2. $4^2 = 16$

7. $(5 - 3)^n = 4096 \Leftrightarrow 2^n = 2^{12} \Leftrightarrow n = 12$

$T_{\text{médio}} = T_{\frac{12}{2}+1} = {}^{12}C_6 (5x)^6 (-3y)^6 = 924\,(15xy)^6$

8. $\text{sen}^5 x - 5\,\text{sen}^4 x \cos x + 10\,\text{sen}^3 x \cos^2 x - 10\,\text{sen}^2 x \cos^3 x + 5\,\text{sen}\, x \cos^4 x = \cos^5 x \Leftrightarrow$

$\Leftrightarrow \text{sen}^5 - 5\,\text{sen}^4 x \cos x + 10\,\text{sen}^3 x \cos^2 x - 10\,\text{sen}^2 x \cos^3 x + 5\,\text{sen}\, x \cos^4 x - \cos^5 x = 0 \Leftrightarrow$

$\Leftrightarrow (\text{sen}\, x - \cos x)^5 = 0 \Leftrightarrow$

$\Leftrightarrow \text{sen}\, x = \cos x \Leftrightarrow$

$\Leftrightarrow \text{sen}\, x = \text{sen}\left(\frac{\pi}{2} - x\right) \Leftrightarrow$

$\Leftrightarrow x = \frac{\pi}{2} - x + 2k\pi \ \vee \ x = \pi - \left(\frac{\pi}{2} - x\right) + 2k\pi,\ k \in \mathbb{Z}$

$\Leftrightarrow x = \frac{\pi}{4} + k\pi,\ k \in \mathbb{Z}$

9.1. Em $(x - y)^n$, fazendo $x = 1$ e $y = 1$, fica $0^n = 0$, que é a soma dos coeficientes dos termos do desenvolvimento de $(x - y)^n$ e que é, por isso, zero.

9.2. $\sum_{k=0}^{n} (-1)^k\, {}^nC_k = \sum_{k=0}^{n} {}^nC_k\, 1^{n-k} \times (-1)^k = (1 - 1)^n = 0$

10. $99^5 + 5 \times 99^4 + 10 \times 99^3 + 10 \times 99^2 + 5 \times 99 + 1 = (99 + 1)^5 = 100^5 = 10^{10}$

11. $T_{p+1} = {}^nC_p\, (2x)^{n-p} \times \left(-\frac{1}{4x}\right)^p$

$\Leftrightarrow T_{p+1} = {}^nC_p\, 2^{n-p}\, x^{n-p} (-1)^p\, (2^{-2})^p\, (x^{-1})^p$

$\Leftrightarrow T_{p+1} = {}^nC_p\, 2^{n-p-2p}\, x^{n-p-p}\, (-1)^p$

$\Leftrightarrow T_{p+1} = \underbrace{\left|{}^nC_p\, (-1)^p \times 2^{n-3p}\right|}_{\substack{\text{coeficiente} \\ (-48)}} \times \underbrace{\left|x^{n-2p}\right|}_{\substack{\text{parte literal} \\ (x^4)}}$

Então $n - 2p = 4 \Leftrightarrow n = 2p + 4$ (com $0 \le p \le n$)

e $T_{p+1} = {}^{2p+4}C_p\, (-1)^p\, 2^{2p+4-3p}\, x^4$

$\Leftrightarrow T_{p+1} = \underbrace{\left|{}^{3p+4}C_p\, (-1)^p\, 2^{4-p}\right|}_{-48} x^4$

Se ${}^{2p+4}C_p\, (-1)^p\, 2^{4-p} = -48$

então ${}^{2p+4}C_p\, 2^{4-p} = 48$ e p é ímpar.

Como $p \ge 0 \Rightarrow -p \le 0 \Rightarrow 4 - p \le 4$

e $48 = 3 \times 2^4 = 6 \times 2^3 = 12 \times 2^2 = 24 \times 2$

Façamos $2^{4-p} = 2^4 \Rightarrow p = 0$ (p tem de ser ímpar)

$2^{4-p} = 2^3 \Rightarrow p = 1$, neste caso ${}^6C_1 = 6$ e verifica.

$2^{4-p} = 2^2 \Rightarrow p = 2$ (p tem de ser ímpar)

$2^{4-p} = 2^1 \Rightarrow p = 3$, neste caso ${}^{10}C_3 \neq 24$. Logo, não serve.

Só é válida a igualdade para $p = 1$, ou seja para $n = 2 \times 1 + 4 \Leftrightarrow n = 6$

12. C. Como a linha tem sete elementos, são as combinações de 6 → ${}^6C_0, {}^6C_1, {}^6C_2, \ldots {}^6C_6$.

Logo, $c = {}^6C_2$.

13. D. $(x + 1)^4 = 4x^3 + 6x^2 \Leftrightarrow x^4 + 4x^3 + 6x^2 + 4x + 1 = 4x^3 + 6x^2 \Leftrightarrow x^4 + 4x + 1 = 0$

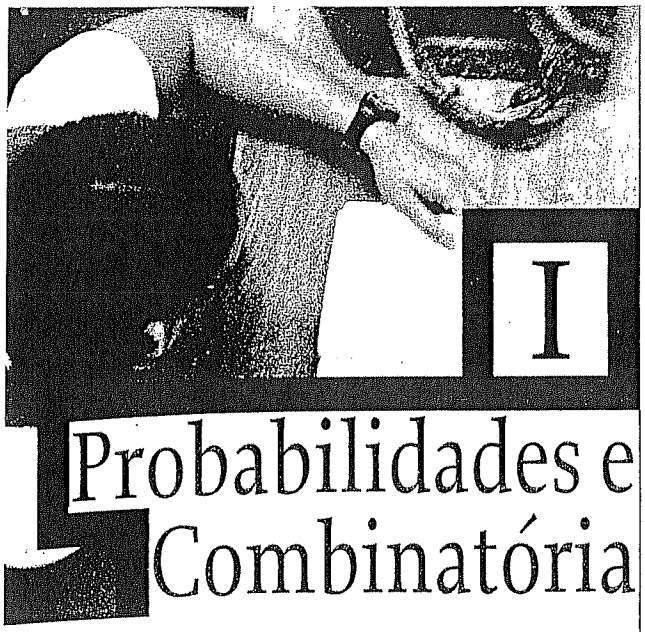

I

Probabilidades e Combinatória

3. Probabilidade condicionada

A probabilidade de ocorrer um acontecimento A, sabendo que ocorreu B, é:

$$p(A / B) = \frac{p(A \cap B)}{p(B)}$$

Esta relação é equivalente a:

$$p(A \cap B) = p(A / B) \times p(B)$$

No caso de **A** ser **independente** de **B**, $p(A / B) = p(A)$ e pode-se afirmar que $p(A \cap B) = p(A) \times p(B)$

EXERCÍCIOS RESOLVIDOS

1 Um dado cúbico é lançado e é registado o resultado do seu lançamento.

1.1. Se sair par, qual é a probabilidade de sair 6?

1.2. Se sair ímpar, qual é a probabilidade de sair maior que 3?

1.3. Qual a probabilidade de a pontuação ser ímpar, sabendo que saiu maior que 3?

1.4. Se for maior que 2, qual a probabilidade de ser menor que 5?

R

1.1. Seja $\Omega = \{1, 2, 3, 4, 5, 6\}$ o espaço dos acontecimentos e sejam os acontecimentos
A: "ser par"
B: "ser 6"

Então $A = \{2, 4, 6\}$ e $p(A) = \frac{1}{2}$

$B = \{6\}$ e $p(B) = \frac{1}{2}$

$B \cap A = \{6\}$ e $p(B \cap A) = \frac{1}{6}$

Como $p(B/A) = \frac{p(B \cap A)}{p(A)}$

vem que $p(B/A) = \frac{\frac{1}{6}}{\frac{1}{2}} \Leftrightarrow p(B/A) = \frac{1}{3}$

(Na realidade, se saiu par, saiu 2, 4 ou 6 e só um destes três casos possíveis é favorável.)

1.2. C: "sair ímpar"
D: "sair maior que 3"

$C = \{1, 3, 5\}$ e $p(C) = \frac{3}{6} = \frac{1}{2}$

$D = \{4, 5, 6\}$ e $p(D) = \frac{3}{6} = \frac{1}{2}$

$C \cap D = \{5\}$ e $p(C \cap D) = \frac{1}{6}$

$p(D/C) = \frac{p(D \cap C)}{p(C)}$

Logo $p(D/C) = \dfrac{\frac{1}{6}}{\frac{1}{2}} \Leftrightarrow p(D/C) = \dfrac{1}{3}$

1.3. $p(C/D) = \dfrac{\frac{1}{6}}{\frac{1}{2}} \Leftrightarrow p(C/D) = \dfrac{1}{3}$

1.4. E: "ser maior que 2"
F: "ser menor que 5"

$E = \{3, 4, 5, 6\}$ e $p(E) = \dfrac{4}{6} = \dfrac{2}{3}$

$F = \{1, 2, 3, 4\}$ e $p(F) = \dfrac{4}{6} = \dfrac{2}{3}$

$E \cap F = \{3, 4\}$ e $p(E \cap F) = \dfrac{2}{6} = \dfrac{1}{3}$

$p(F/E) = \dfrac{\frac{1}{3}}{\frac{2}{3}} = \dfrac{1}{2}$

2 Entre 6 amigos, que designamos por A, B, C, D, E e F, vai formar-se uma comissão constituída por 3 elementos.

2.1. Qual a probabilidade de que A pertença a uma comissão?

2.2. Qual a probabilidade de que F pertença a uma comissão?

2.3. Qual a probabilidade de que A e F pertençam à mesma comissão?

2.4. Qual a probabilidade de que F pertença à comissão, sabendo que A pertence?

2.1. $p(\text{A pertença à comissão}) = \dfrac{{}^5C_2}{{}^6C_3} = \dfrac{10}{20} = \dfrac{1}{2}$

2.2. $p(\text{F pertença à comissão}) = \dfrac{{}^5C_2}{{}^6C_3} = \dfrac{1}{2}$

2.3. $p(\text{A e F pertençam à comissão}) = \dfrac{{}^4C_1}{{}^6C_3} = \dfrac{4}{20} = \dfrac{1}{5}$

2.4. $p(\text{F pertença à comissão/A pertence à comissão}) = \dfrac{\frac{1}{5}}{\frac{1}{2}} = \dfrac{2}{5}$

3 Ao lançar dois dados octaédricos d_1 e d_2, com as faces numeradas de 1 a 8, determina-se a soma das pontuações obtidas. Se a soma das pontuações nos dois dados for maior que 10, qual a probabilidade de que a pontuação em d_1 seja 8?

R

d_2 \ d_1	1	2	3	4	5	6	7	8
1	2	3	4	5	6	7	8	9
2	3	4	5	6	7	8	9	10
3	4	5	6	7	8	9	10	11
4	5	6	7	8	9	10	11	12
5	6	7	8	9	10	11	12	13
6	7	8	9	10	11	12	13	14
7	8	9	10	11	12	13	14	15
8	9	10	11	12	13	14	15	16

A: "A soma das pontuações é maior que 10".

$$p(A) = \frac{21}{64}$$

B: "A pontuação em d_1 é 8".

$$p(B) = \frac{8}{64} = \frac{1}{8}$$

$A \cap B$: "A soma das pontuações é maior que 10 e a pontuação em d_1 é 8".

$$p(A \cap B) = \frac{6}{64} = \frac{3}{32}$$

$$p(B/A) = \frac{\frac{3}{32}}{\frac{21}{64}} = \frac{2}{7}$$

4 Ao retirar uma carta de um baralho de 52 cartas, observa-se que ela é uma figura. Qual a probabilidade de que seja o rei de copas?

R

A: "sair figura"

$$p(A) = \frac{12}{52} = \frac{3}{13}$$

B: "sair rei de copas"

$$p(B) = \frac{1}{52}$$

$A \cap B$: "sair figura e rei de copas"

$$p(A \cap B) = \frac{1}{52}$$

$$p(B/A) = \frac{\frac{1}{52}}{\frac{3}{13}} \Leftrightarrow P(B/A) = \frac{1}{12}$$

5 Numa clínica, são tratadas três doenças, A, B e C. Dos casos tratados nesta clínica, 60% são da doença A, 30% da doença B e os restantes 10% da doença C. A probabilidade de cura de cada uma das doenças nesta clínica é:

- doença A: 50%
- doença B: 80%
- doença C: 90%.

5.1. Qual a probabilidade de cura nesta clínica?

5.2. O doente P saiu curado da clínica. Qual a probabilidade de ele ter sido internado com a doença A?

5.3. O doente Q foi internado com a doença B. Qual a probabilidade de sair curado?

R

Algumas formas de esquematizar este problema (e outros deste tipo):

• Diagrama de árvore

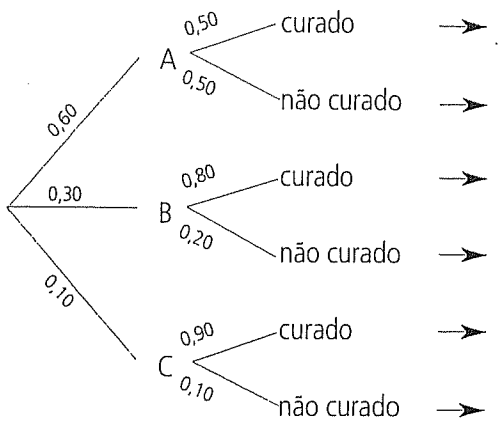

$\rightarrow$ $p(A \wedge \text{curado}) = 0{,}60 \times 0{,}50 = 0{,}30$

$\rightarrow$ $p(A \wedge \text{não curado}) = 0{,}60 \times 0{,}50 = 0{,}30$

$\rightarrow$ $p(B \wedge \text{curado}) = 0{,}30 \times 0{,}80 = 0{,}24$

$\rightarrow$ $p(B \wedge \text{não curado}) = 0{,}30 \times 0{,}20 = 0{,}06$

$\rightarrow$ $p(C \wedge \text{curado}) = 0{,}10 \times 0{,}90 = 0{,}09$

$\rightarrow$ $p(C \wedge \text{não curado}) = 0{,}10 \times 0{,}10 = 0{,}01$

(Utilizamos a propriedade $p(X \cap Y) = p(X) \times p(Y/X)$.)

• Tabela de dupla entrada

	Curado	Não curado	
A	0,30	0,30	0,60
B	0,24	0,06	0,30
C	0,09	0,01	0,10
	0,63	0,37	1

5.1. $p(\text{sair curado}) = p(A \wedge \text{curado}) + p(B \wedge \text{curado}) + p(C \wedge \text{curado}) = 0{,}30 + 0{,}24 + 0{,}09 = 0{,}63$

5.2. $p(\text{sofrer de A/sair curado}) = \dfrac{0{,}30}{0{,}63} = \dfrac{10}{21}$

5.3. $p(\text{sair curado/sofrer de B}) = \dfrac{0{,}24}{0{,}3} = \dfrac{4}{5}$

(Este valor era dado, pois a probabilidade de cura em B é de 80%.)

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

1 Considere os acontecimentos A e B. Prove que:

1.1. $p(A/A) = 1$

1.2. $p(A/\overline{A}) = 0$

1.3. Se A e B são incompatíveis $\Rightarrow p(B/A) = 0$

1.4. $p\left((A \cup B)/A\right) = 1$

1.5. Se A e B são incompatíveis $\Rightarrow p\left(A/(A \cup B)\right) = \dfrac{p(A)}{p(A) + p(B)}$

2 Problema da moeda de Bertrand

Existem três caixas, A, B e C, contendo cada uma 2 moedas. Em A, são ambas de ouro; em B, é uma de ouro e outra de prata; em C, são ambas de prata.

Retira-se ao acaso uma moeda de uma caixa e essa moeda é de ouro. Qual a probabilidade de que a segunda moeda dessa caixa seja também de ouro?

3 Considere três urnas, A, B e C. Na urna A, há 5 bolas vermelhas e 5 bolas azuis; na urna B, há 2 bolas vermelhas e 8 azuis; na urna C há 3 bolas vermelhas e 7 azuis.
Escolheu-se ao acaso uma urna e retirou-se uma bola.

3.1. Qual a probabilidade de que saia bola azul?
3.2. Qual a probabilidade de que saia bola azul e tenha sido escolhida a urna A?
3.3. Qual a probabilidade de sair azul, sabendo que a caixa escolhida foi a A?
3.4. Qual a probabilidade de a urna escolhida ser A, sabendo que saiu a bola azul?

4 Numa fábrica, verificou-se que a percentagem de peças defeituosas em 4 lotes, A, B, C e D, era de 2%, 1%, 4% e 3%, respectivamente. Escolhe-se, ao acaso, um lote e deste lote uma peça.

4.1. Qual a probabilidade de que a peça seja defeituosa?
4.2. Qual a probabilidade de ter sido escolhido o lote A, sabendo que a peça escolhida é defeituosa?
4.3. A peça saída era perfeita. Qual a probabilidade de a caixa escolhida ter sido a D?

5 Prove que, se A e B são acontecimentos independentes, também $\overline{A}$ e B o são.

6 Prove que, se A e B são acontecimentos independentes, também $\overline{A}$ e $\overline{B}$ o são.

7 Um problema é posto simultaneamente a dois amigos, Ana e Bernardo. A Ana tem a probabilidade de $\frac{2}{3}$ de acertar o problema e o Bernardo tem a probabilidade de $\frac{1}{2}$ de acertar. Qual é a probabilidade de que:

7.1. ambos acertem o problema?
7.2. pelo menos um acerte o problema?
7.3. nenhum resolva o problema?
7.4. a Ana resolva, mas o Bernardo não?
7.5. o Bernardo resolva, mas a Ana não?

8 Sejam A e B dois acontecimentos num mesmo espaço amostral Ω.
Sabe-se que $p(\overline{B}) = \frac{3}{4}$, $p(\overline{A} \cap \overline{B}) = \frac{1}{6}$ e $p(A) = \frac{3}{4}$.

8.1. Determine a probabilidade de se verificar pelo menos um dos acontecimentos.
8.2. Determine a probabilidade de se verificarem em simultâneo os dois acontecimentos.
8.3. Qual a probabilidade de B se verificar e não se verificar A?
8.4. Qual a probabilidade de se verificar A se se verificar B?

9 De um baralho com 40 cartas, é retirada ao acaso uma carta.
Considere neste espaço amostral os acontecimentos:
A: "sair figura".
B: "sair copas".
C: "sair ouros ou paus".

9.1. Determine a probabilidade dos acontecimentos A, B e C.
9.2. Ao retirar a carta, verificou-se que era uma figura. Qual a probabilidade de ser uma carta de copas?
9.3. Quais dos seguintes pares de acontecimentos são independentes?
9.3.1. A e B.
9.3.2. B e C.
9.3.3. A e C.

10 O João e a Luísa estão a jogar com um tabuleiro igual ao da figura junta.
Regras do jogo:
- Parte-se de P.
- Cada um joga um dado cúbico. Se sair 1 ou 2, vai para a casa à esquerda na linha imediatamente abaixo. Se sair 3, 4, 5 ou 6, vai para a casa da direita da linha imediatamente abaixo.
- No início do jogo, cada jogador aposta numa das casas de chegada (A, B, C, D ou E).

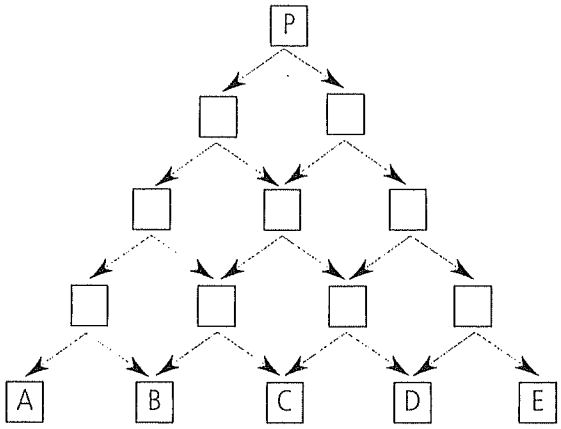

O João apostou na casa D e a Luísa na casa C. Qual deles tem mais probabilidade de ganhar, ou seja, de chegar à casa em que apostou?

11 Um código é composto por duas letras e cinco algarismos (considere 23 letras).

11.1. Quantos códigos se pode formar?

11.2. Quantos códigos são formados por duas vogais e cinco algarismos distintos?

11.3. Escolhido ao acaso um código, e verificando-se que as duas primeiras letras são vogais, qual a probabilidade de que os algarismos sejam todos diferentes?

11.4. Escolheu-se um código e verificou-se que os algarismos eram todos iguais.
Qual a probabilidade de que as letras sejam duas vogais distintas?

12 Temos uma urna com 100 bolas numeradas de 1 a 100. Retira-se uma bola da urna. Regista-se o valor obtido e substitui-se **a** por esse valor na equação.

$$3x^2 + a(5 - x) + 48 = 0$$

12.1. Qual a probabilidade de que a equação tenha duas raízes reais distintas?

12.2. Qual a probabilidade de que a equação só tenha uma raiz real?

12.3. Saiu uma bola cuja pontuação, **a**, transforma a equação dada numa equação possível em IR.
Qual a probabilidade de que as duas raízes da equação sejam de sinal contrário?

13 Escolhido ao acaso um dos planos definidos por 3 vértices do cubo, qual a probabilidade que exista um quarto vértice do cubo que ainda pertence a este plano?

14 Sabe-se que o número sorteado numa lotaria tem 2 vezes o algarismo três. Qual a probabilidade de que tenha os algarismos todos iguais?

15 No totobola, sabe-se que os 6 números sorteados são todos números só com 1 algarismo. Qual a probabilidade de o número suplementar só ter um algarismo?

16 Numa caixa, há 10 bolas numeradas de 1 a 10. Retiraram-se 3 bolas e verificou-se que elas saíram por ordem crescente. Qual a probabilidade de terem saído três números consecutivos?

17 Lançaram-se em simultâneo dois dados cúbicos e verificou-se que a soma das suas pontuações era 7. Qual a probabilidade de o produto das pontuações ser 12?

18 De uma urna com 20 bolas azuis, 18 bolas verdes e 12 bolas pretas, retira-se uma bola e, de seguida, outra bola.

18.1. A primeira saiu azul. Qual a probabilidade de a segunda ser verde, supondo que:

18.1.1. houve reposição?

18.1.2. não houve reposição?

18.2. A segunda bola foi preta. Qual a probabilidade de a primeira não ter sido preta, supondo que:

18.2.1. houve reposição?

18.2.2. não houve reposição?

19 Num baralho de 52 cartas, formou-se uma 'mão' de 7 cartas e verificou-se que nessa 'mão' há 4 ases. Qual a probabilidade de que as outras três cartas sejam figuras?

20 Cinco amigos tiraram uma fotografia sentados num banco de jardim e sabe-se que o João e a Ana ficaram juntos. Qual a probabilidade de que eles não tenham ficado num dos extremos do banco?

SOLUÇÕES

1.1. $p(A/A) = \frac{p(A \cap A)}{p(A)} \Leftrightarrow p(A/A) = \frac{p(A)}{p(A)} \Leftrightarrow p(A/A) = 1$ (pois $A \cap A = A$)

1.2. $p(A/\overline{A}) = \frac{p(A \cap \overline{A})}{p(A)} \Leftrightarrow p(A/\overline{A}) = \frac{p(\phi)}{p(A)} \Leftrightarrow p(A/\overline{A}) = 0$ (pois $A \cap \overline{A} = \phi$)

1.3. A e B são incompatíveis $\Leftrightarrow A \cap B = \phi$

$p(B/A) = \frac{p(B \cap A)}{p(A)} \Leftrightarrow p(B/A) = \frac{p(\phi)}{p(A)} \Leftrightarrow p(B/A) = 0$

1.4. $p((A \cup B)/A) = \frac{p((A \cup B) \cap A)}{p(A)} \Leftrightarrow p((A \cup B)/A) = \frac{p(A)}{p(A)} \Leftrightarrow p((A \cup B)/A) = 1$

(pois $(A \cup B) \cap A = A$)

1.5. $A \cap B = \phi$

$p(A/(A \cup B)) = \frac{p(A \cap (A \cup B))}{p(A \cup B)} \Leftrightarrow p(A/(A \cup B)) = \frac{p(A)}{p(A) + p(B) - p(A \cap B)} \Leftrightarrow$

$p(A/(A \cup B)) = \frac{p(A)}{p(A) + p(B) - p(\phi)} \Leftrightarrow p(A$

$/(A \cup B)) = \frac{p(A)}{p(A) + p(B)}$

2.

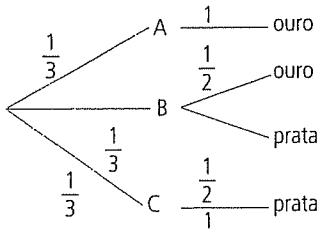

$p(\text{escolher a caixa A}) = \frac{1}{3}$

$p(\text{sair ouro}) = \frac{1}{3} \times 1 + \frac{1}{3} \times \frac{1}{2} = \frac{1}{2}$

$p(\text{escolher a caixa A e sair ouro}) = \frac{1}{3} \times 1 = \frac{1}{3}$

$p(\text{caixa escolhida seja A /saiu ouro}) = \frac{\frac{1}{3}}{\frac{1}{2}} = \frac{2}{3}$

(pois só pode tornar a sair ouro se a caixa escolhida for A)

3.

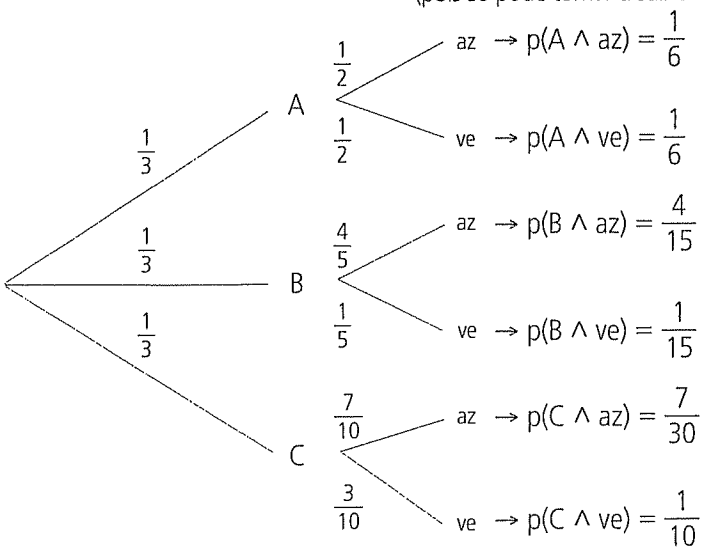

3.1. $p(\text{sair azul}) = \frac{1}{6} + \frac{4}{15} + \frac{7}{30} = \frac{2}{3}$

3.2. $p(A \wedge az) = \frac{1}{6}$ 3.3. $p(az/A) = \frac{1}{2}$ 3.4. $p(A/az) = \frac{\frac{1}{6}}{\frac{2}{3}} = \frac{1}{4}$

4.

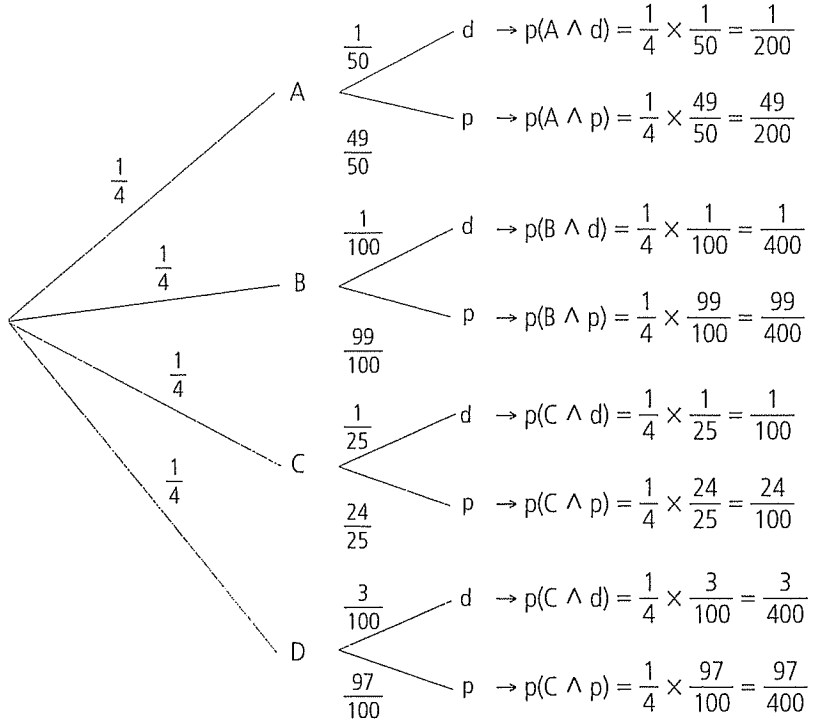

4.1. $p(\text{defeituosa}) = \frac{1}{200} + \frac{1}{400} + \frac{1}{100} + \frac{3}{400} = \frac{10}{400} = \frac{1}{40}$

4.2. $p(A/d) = \frac{p(A \wedge d)}{p(d)} = \frac{\frac{1}{200}}{\frac{1}{40}} = \frac{40}{200} = \frac{1}{5}$ 4.3. $p(D/p) = \frac{\frac{97}{400}}{\frac{39}{40}} = \frac{97}{390}$

5. Hipótese: $p(A \cap B) = p(A) \times p(B)$
Tese: $p(\overline{A} \cap B) = p(\overline{A}) \times p(B)$

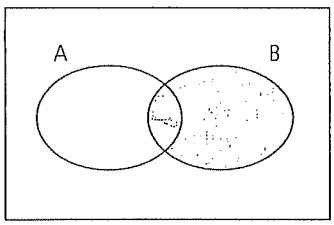

Demonstração:
$B = (A \cap B) \cup (\overline{A} \cap B)$
e $(A \cap B) \cap (\overline{A} \cap B) = \phi$
Então, $p(B) = p(A \cap B) + p(\overline{A} \cap B) - p((A \cap B) \cap (\overline{A} \cap B)) \Leftrightarrow$
$\Leftrightarrow p(B) = p(A) \times p(B) + p(\overline{A} \cap B) - p(\phi) \Leftrightarrow$
$\Leftrightarrow p(\overline{A} \cap B) = p(B) - p(A) \times p(B) \Leftrightarrow$
$\Leftrightarrow p(\overline{A} \cap B) = p(B)\,(1 - p(A)) \Leftrightarrow$
$\Leftrightarrow p(\overline{A} \cap B) = p(B) \times p(\overline{A})$ c.q.d.

6. Hipótese : $p(A \cap B) = p(A) \times p(B)$
Tese: $p(\overline{A} \cap \overline{B}) = p(\overline{A}) \times p(\overline{B})$

Demonstração:
$p(\overline{A} \cap \overline{B}) = p(\overline{A \cup B}) \Leftrightarrow$
$\Leftrightarrow p(\overline{A} \cap \overline{B}) = 1 - p(A \cup B) \Leftrightarrow$
$\Leftrightarrow p(\overline{A} \cap \overline{B}) = 1 - (p(A) + p(B) - p(A \cap B)) \Leftrightarrow$

$\Leftrightarrow p(\overline{A}\cap\overline{B}) = 1 - p(A) - p(B) + p(A) \times p(B) \Leftrightarrow$
$\Leftrightarrow p(\overline{A}\cap\overline{B}) = (1 - p(A) - p(B)\,(1 - p(A)) \Leftrightarrow$
$\Leftrightarrow p(\overline{A}\cap\overline{B}) = (1 - p(A))\,(1 - p(B)) \Leftrightarrow$
$\Leftrightarrow p(\overline{A}\cap\overline{B}) = p(\overline{A}) \times p(\overline{B})$ c.q.d.

7.1. Como os dois acontecimentos são independentes,

$p(A\cap B) = \frac{2}{3} \times \frac{1}{2} = \frac{1}{3}$

7.2. $p(A\cup B) = \frac{2}{3} + \frac{1}{2} - \frac{1}{3} \Leftrightarrow p(A\cup B) = \frac{5}{6}$

7.3. $p((\overline{A\cup B})) = 1 - \frac{5}{6} \Leftrightarrow p((\overline{A\cup B})) = \frac{1}{6}$

7.4. $p(A\cap\overline{B}) = \frac{2}{3} - \frac{1}{3} \Leftrightarrow p(A\cap\overline{B}) = \frac{1}{3}$

(pois $p(A\cap\overline{B}) = p(A) - p(A\cap B)$)

7.5. $p(B\cap\overline{A}) = \frac{1}{2} - \frac{1}{3} = \frac{1}{6}$

8. $p(B) = 1 - \frac{3}{4} \Leftrightarrow p(B) = \frac{1}{4}$

8.1. $p(\overline{A}\cap\overline{B}) = \frac{1}{6} \Leftrightarrow p((\overline{A\cup B})) = \frac{1}{6} \Leftrightarrow p(A\cup B) = \frac{5}{6}$

8.2. $p(A\cap B) = \frac{3}{4} + \frac{1}{4} - \frac{5}{6} \Leftrightarrow p(A\cap B) = \frac{1}{6}$

8.3. $p(B\cap\overline{A}) = \frac{1}{4} - \frac{1}{6} \Leftrightarrow p(B\cap\overline{A}) = \frac{1}{12}$

8.4. $p(A/B) = \frac{\frac{1}{6}}{\frac{1}{4}} \Leftrightarrow p(A/B) = \frac{2}{3}$

9.1. $p(A) = \frac{12}{40} = \frac{3}{10}$ $p(B) = \frac{10}{40} = \frac{1}{4}$ $p(C) = \frac{20}{40} = \frac{1}{2}$

9.2. $p(B/A) = \frac{\frac{3}{40}}{\frac{3}{10}} \Leftrightarrow p(B/A) = \frac{1}{4}$ $p(\text{figura de copas}) = \frac{3}{40}$

9.3.1. $p(A\cap B) = \frac{3}{40}$ e $p(A) \times p(B) = \frac{3}{10} \times \frac{1}{4} = \frac{3}{40}$. Logo, A e B são acontecimentos independentes.

9.3.2. A e C são acontecimentos independentes, pois $p(A\cap C) = \frac{6}{40} = \frac{3}{20}$ e

$p(A) \times p(C) = \frac{3}{10} \times \frac{1}{2} = \frac{3}{20}$

9.3.3. B e C são acontecimentos dependentes, pois $p(B\cap C) = 0$ e $p(B) \times p(C) = \frac{1}{4} \times \frac{1}{2} = \frac{1}{8}$.

10. Numeremos as casas do jogo para melhor identificação dos percursos:

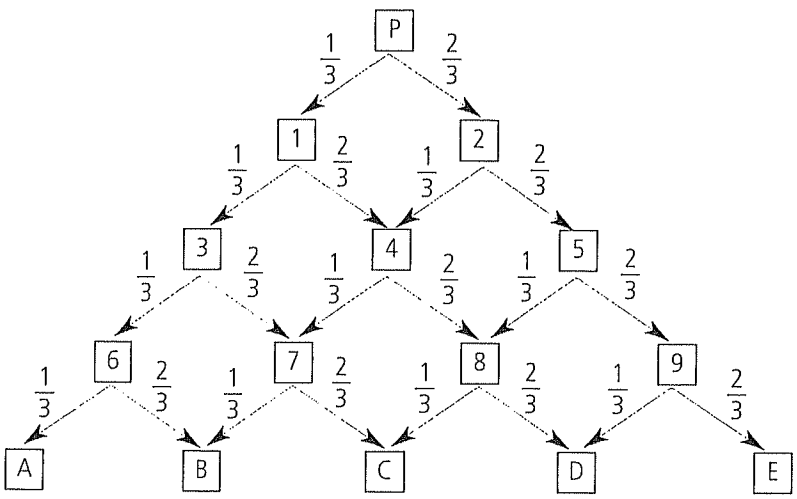

Percursos para chegar a C:

$\boxed{P}\ \boxed{1}\ \boxed{4}\ \boxed{7}\ \boxed{C} \rightarrow \frac{1}{3} \times \frac{2}{3} \times \frac{1}{3} \times \frac{2}{3}$

$\boxed{P}\ \boxed{2}\ \boxed{4}\ \boxed{7}\ \boxed{C} \rightarrow \frac{2}{3} \times \frac{1}{3} \times \frac{1}{3} \times \frac{2}{3}$

$\boxed{P}\ \boxed{1}\ \boxed{3}\ \boxed{7}\ \boxed{C} \rightarrow \frac{1}{3} \times \frac{1}{3} \times \frac{2}{3} \times \frac{2}{3}$

$\boxed{P}\ \boxed{2}\ \boxed{5}\ \boxed{8}\ \boxed{C} \rightarrow \frac{2}{3} \times \frac{2}{3} \times \frac{1}{3} \times \frac{1}{3}$

$\boxed{P}\ \boxed{1}\ \boxed{4}\ \boxed{8}\ \boxed{C} \rightarrow \frac{1}{3} \times \frac{2}{3} \times \frac{2}{3} \times \frac{1}{3}$

$\boxed{P}\ \boxed{2}\ \boxed{4}\ \boxed{8}\ \boxed{C} \rightarrow \frac{2}{3} \times \frac{1}{3} \times \frac{2}{3} \times \frac{1}{3}$

$$p(\text{chegar a C}) = 6 \times \left(\frac{2}{3}\right)^2 \times \left(\frac{1}{3}\right)^2 = \frac{24}{81} = \frac{8}{27}$$

Percursos para chegar a D:

$\boxed{P}\ \boxed{2}\ \boxed{5}\ \boxed{9}\ \boxed{D} \rightarrow \frac{2}{3} \times \frac{2}{3} \times \frac{2}{3} \times \frac{1}{3}$

$\boxed{P}\ \boxed{2}\ \boxed{5}\ \boxed{8}\ \boxed{D} \rightarrow \frac{2}{3} \times \frac{2}{3} \times \frac{1}{3} \times \frac{2}{3}$

$\boxed{P}\ \boxed{1}\ \boxed{4}\ \boxed{8}\ \boxed{D} \rightarrow \frac{1}{3} \times \frac{2}{3} \times \frac{2}{3} \times \frac{2}{3}$

$\boxed{P}\ \boxed{2}\ \boxed{4}\ \boxed{8}\ \boxed{D} \rightarrow \frac{2}{3} \times \frac{1}{3} \times \frac{2}{3} \times \frac{2}{3}$

$$p(\text{chegar a D}) = 4 \times \left(\frac{2}{3}\right)^3 \times \left(\frac{1}{3}\right) = \frac{32}{81}$$

O João tem mais probabilidade de ganhar a aposta.
Doutro modo:

de P a C, 4 passos, 2 para a esquerda e dois para a direita; logo, há ${}^4C_2 = 6$ percursos cuja probabilidade é: $\left(\frac{1}{3}\right)^2 \times \left(\frac{2}{3}\right)^2$;

de P a D, 4 passos, 3 para a esquerda e dois para a direita; logo, há ${}^4C_3 = 4$ percursos cuja probabilidade é: $\left(\frac{1}{3}\right)^1 \times \left(\frac{2}{3}\right)^3$.

Como $6 \times \left(\frac{1}{3}\right)^2 \times \left(\frac{2}{3}\right)^2 < 4 \times \left(\frac{1}{3}\right)^1 \times \left(\frac{2}{3}\right)^3$, o João tem mais probabilidades de ganhar a aposta.

11.1. $\boxed{\ell}\ \boxed{\ell}\ \boxed{a}\ \boxed{a}\ \boxed{a}\ \boxed{a}\ \boxed{a}$

$23 \times 23 \times 10 \times 10 \times 10 \times 10 \times 10 = 529 \times 10^5$

11.2. $\boxed{v}\ \boxed{v}\ \boxed{a}\ \boxed{a}\ \boxed{a}\ \boxed{a}\ \boxed{a}$

$5 \times 5 \times 10 \times 9 \times 8 \times 7 \times 6 = 756 \times 10^3$

11.3. $$p(\text{algarismos todos diferentes /2 vogais}) = \frac{p(\text{algarismos todos diferentes e 2 vogais})}{p(\text{2 vogais})}$$

$$\frac{\frac{756 \times 10^3}{529 \times 10^5}}{\frac{25 \times 10^5}{529 \times 10^5}} = \frac{756}{2500} = \frac{189}{625}$$

11.4. $p(\text{2 vogais diferentes /algarismos todos iguais}) = \dfrac{p(\text{2 vogais diferentes} \wedge \text{algarismos todos iguais})}{p(\text{algarismos todos iguais})}$

$$= \frac{\dfrac{5 \times 4 \times 10 \times 1 \times 1 \times 1 \times 1}{529 \times 10^5}}{\dfrac{23 \times 23 \times 10 \times 1 \times 1 \times 1}{529 \times 10^5}} = \frac{20}{529}$$

12.1.

$$3x^2 + 5a - ax - 48 = 0 \Leftrightarrow$$
$$\Leftrightarrow 3x^2 - ax + (5a - 48) = 0 \Leftrightarrow$$
$$\Leftrightarrow x = \frac{a \pm \sqrt{a^2 - 12(5a - 48)}}{6}$$

Para ter duas raízes reais distintas, terá de ser:

$$a^2 - 60a + 576 > 0 \Leftrightarrow$$
$$\Leftrightarrow (a - 48)(a - 12) > 0 \Leftrightarrow$$
$$\Leftrightarrow a < 12 \ \vee \ a > 48$$
$$p = \frac{11 + 51}{100} \Leftrightarrow p = \frac{31}{50}$$

12.2. Para ter uma raiz real dupla, terá de ser $a = 12 \ \vee \ a = 48$, ou seja,

$$p = \frac{2}{100} = \frac{1}{50}$$

12.3. Para as raízes serem de sinal contrário, terá de ser:

$$P < 0 \Leftrightarrow \frac{5a - 48}{3} < 0 \Leftrightarrow a < \frac{48}{5} \Leftrightarrow a < 9{,}6$$

$p(\text{raízes reais de sinal contrário}) = \dfrac{9}{100}$

$$p(\text{raízes de sinal contrário /equação possível em } \mathbb{R}) = \frac{\dfrac{9}{100}}{\dfrac{31}{50} + \dfrac{1}{50}} = \frac{9}{64}$$

13. Existem 12 planos formados por 4 vértices de um cubo (casos prováveis).
O número de planos definidos pelos vértices do cubo é ${}^8C_3 - 12 \times ({}^4C_3 - 1) = 20$ (casos possíveis).

Logo, $p = \dfrac{12}{20} = \dfrac{3}{5}$.

14. $p(\text{2 vezes o algarismo 3}) = \dfrac{10^4}{10^5 - 1}$

Casos possíveis $= 10^5 - 1$
Casos favoráveis $= {}^5C_2 \times 10^3 = 10^4$
$p(\text{duas vezes o algarismo 3 e os algarismos todos iguais}) = \dfrac{1}{10^5 - 1}$

$$p(\text{algarismos todos iguais/duas vezes o algarismo 3}) = \frac{\dfrac{1}{10^5 - 1}}{\dfrac{10^4}{10^5 - 1}} = \frac{1}{10^4}$$

15. $p(\text{6 números com 1 algarismo}) = \dfrac{{}^{40}C_0 \times {}^9C_6}{{}^{49}C_6}$

$p(\text{6 números com 1 algarismo e suplementar com 1 algarismo}) = \dfrac{{}^{40}C_0 \times {}^9C_7}{{}^{49}C_7} \Leftrightarrow$

$$p = \frac{\dfrac{{}^{40}C_0 \times {}^{9}C_7}{{}^{49}C_7}}{\dfrac{{}^{40}C_0 \times {}^{9}C_6}{{}^{49}C_6}} \qquad \text{Logo } p \simeq 0{,}070 \text{ (3 c.d.)}$$

(Também se pode pensar que, após retirar 6 bolas com 1 algarismo, só restam 3 em 43 para satisfazer a exigência de que o suplementar tenha só 1 algarismo.)

16. Se saírem 3 bolas, por exemplo, A, B e C, elas podem sair por 6 ordens diferentes (ABC, ACB, BAC, BCA, CAB, CBA), das quais só uma é favorável, por ordem crescente. Então:

$$p(\text{saírem 3 bolas por ordem crescente}) = \frac{\dfrac{{}^{10}A_3}{3!}}{{}^{10}A_3} = \frac{{}^{10}C_3}{{}^{10}A_3} = \frac{1}{6}$$

Só há 8 grupos possíveis de 3 números inteiros consecutivos $\big((1, 2, 3), (2, 3, 4), \ldots, (8, 9, 10)\big)$

Logo, $p(\text{saírem 3 bolas por ordem crescente e serem 3 inteiros consecutivos}) = \dfrac{8}{{}^{10}C_3}$

Portanto

$$p(\text{saírem 3 inteiros consecutivos/saírem por ordem crescente}) = \frac{\dfrac{1}{90}}{\dfrac{1}{6}} = \frac{1}{15}$$

17. $\{\text{soma das pontuações } 7\} = \{(1, 6), (6, 1), (2, 5), (5, 2), (3, 4), (4, 3)\}$

$\{\text{soma das pontuações } 7 \text{ e produto das pontuações } 12\} = \{(3, 4), (4, 3)\}$

$$p = \frac{\dfrac{2}{36}}{\dfrac{6}{36}} \Leftrightarrow p = \frac{1}{3}$$

18. • Esquema com reposição:

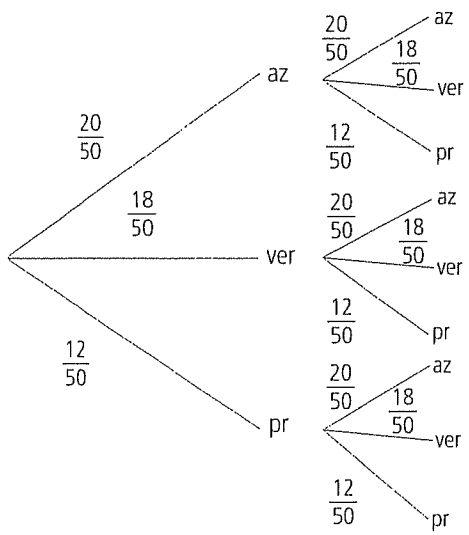

• Esquema sem reposição

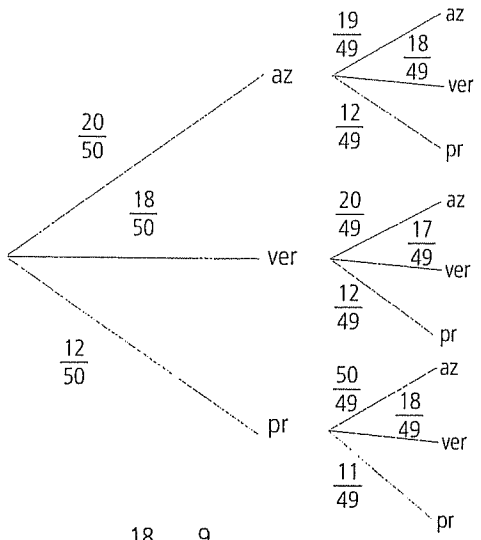

18.1.1. $p(2.^a \text{ verde}/1.^a \text{ azul}) = \frac{18}{50} = \frac{9}{25}$

18.1.2. $p(2.^a \text{ verde}/1.^a \text{ azul}) = \frac{18}{49}$

18.2.1. $p(1.^a \text{ não preta}/2.^a \text{ preta}) = \frac{p(1.^a \text{ não preta} \wedge 2.^a \text{ preta})}{p(2.^a \text{ preta})} = \frac{\frac{114}{625}}{\frac{6}{25}} = \frac{19}{25}$

$p(1.^a \text{ não preta} \wedge 2.^a \text{ preta}) = p(1.^a \text{ azul} \wedge 2.^a \text{ preta}) + p(1.^a \text{ verde} \wedge 2.^a \text{ preta}) = \frac{20}{50} \times \frac{12}{50} + \frac{18}{50} \times$
$\times \frac{12}{50} = \frac{2}{5} \times \frac{6}{25} + \frac{9}{25} \times \frac{6}{25} = \frac{114}{625}$

$p(2.^a \text{ preta}) = \frac{20}{50} \times \frac{12}{50} + \frac{18}{50} \times \frac{12}{50} + \frac{12}{50} \times \frac{12}{50} = \frac{6}{25}$

18.2.2. $p(1.^a \text{ não preta}/2.^a \text{ preta}) = \frac{\frac{20}{50} \times \frac{12}{49} + \frac{18}{50} \times \frac{12}{49}}{\frac{20}{50} \times \frac{12}{49} + \frac{18}{50} \times \frac{12}{49} + \frac{12}{50} \times \frac{11}{49}} = \frac{\frac{228}{1225}}{\frac{6}{25}} = \frac{38}{49}$

19. $p(\text{numa 'mão' haver 4 ases}) = \frac{{}^{48}C_3}{{}^{52}C_7}$

pois: n.º de casos possíveis $= {}^{52}C_7$

n.º de casos favoráveis $= {}^{4}C_4 \times {}^{48}C_3$

$p(\text{numa 'mão' haver 4 ases e 3 figuras}) = \frac{{}^{4}C_4 \times {}^{12}C_3 \times {}^{36}C_0}{{}^{52}C_7} = \frac{{}^{12}C_3}{{}^{52}C_7}$

$p = \frac{\frac{{}^{12}C_3}{{}^{52}C_7}}{\frac{{}^{48}C_3}{{}^{52}C_7}} \Leftrightarrow p = \frac{{}^{12}C_3}{{}^{48}C_3} \Leftrightarrow p = \frac{220}{17\,296} \Leftrightarrow p = \frac{55}{4324}$

20.

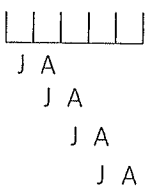

$p(\text{João e Ana ficarem juntos}) = \frac{2!\,4!}{5!}$

$p(\text{João e Ana ficarem juntos, mas não nas pontas}) = \frac{2 \times 3! \times 2!}{5!}$

$p(\text{João e Ana não nos extremos/ficaram juntos}) = \frac{\frac{2 \times 3! \times 2!}{5!}}{\frac{2! \times 4!}{5!}} = \frac{1}{2}$

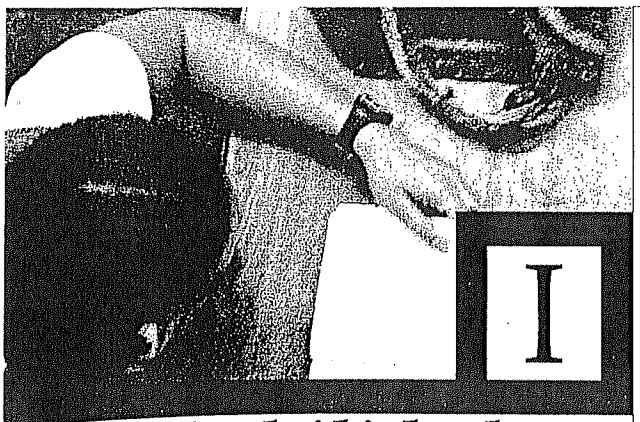

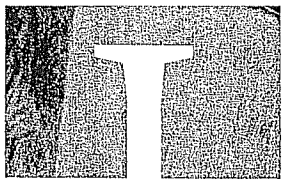

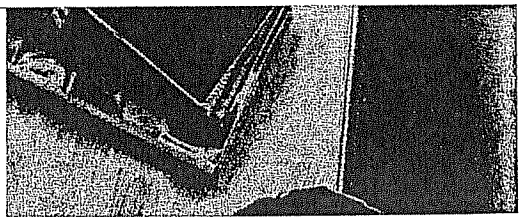

I

Probabilidades e Combinatória

4. Definição axiomática de probabilidade

Num espaço amostral Ω, sejam A e B dois acontecimentos.
Designemos por p(A) a probabilidade do acontecimento A e p(B) a probabilidade do acontecimento B.
Verificam-se três axiomas:

Axioma 1: $p(A) \geq 0, \forall A \subset \Omega$

Axioma 2: $p(A) \leq 1, \forall A \subset \Omega$

Axioma 3: Se $A \cap B = \phi$, então

$p(A \cup B) = p(A) + p(B)$

EXERCÍCIOS RESOLVIDOS

1 A probabilidade de que ocorram em simultâneo os acontecimentos A e B é p. Qual a probabilidade de que pelo menos um deles não aconteça?

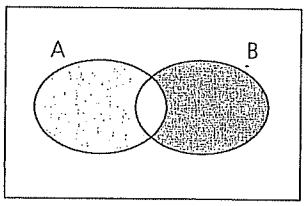

R

$p(A \cap B) = p$

Para que pelo menos um não aconteça, terá de se verificar $A \cap \overline{B}$, ou $\overline{A} \cap B$ ou $(\overline{A \cup B})$, ou seja, $(\overline{A \cap B})$.

Logo, $p(\overline{A \cap B}) = 1 - p(A \cap B)$ e

$p(\overline{A \cap B}) = 1 - p$

2 Se a probabilidade de ocorrer A for $\frac{1}{3}$ e a probabilidade de ocorrer B for $\frac{1}{2}$, entre que valores pode variar a probabilidade de ocorrerem em simultâneo A e B?

R

$p(A) = \frac{1}{3}$ e $p(B) = \frac{1}{2}$

- Se A e B são incompatíveis, $p(A \cap B) = 0$, logo $p(A \cap B) \geq 0$
- Se A e B forem compatíveis, $p(A \cap B) \leq p(A) \wedge p(A \cap B) \leq p(B)$

Logo, $p(A \cap B) \leq \frac{1}{2} \wedge p(A \cap B) \leq \frac{1}{3}$

Portanto, $p(A \cap B) \leq \frac{1}{3}$

Então, $0 \leq p(A \cap B) \leq \frac{1}{3}$

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

1 Se a probabilidade de que ocorram em simultâneo dois acontecimentos A e B é menor ou igual a $\frac{1}{4}$, entre que valores variará a soma das probabilidades dos dois acontecimentos?

2 Prove que, se A e B são dois acontecimentos equiprováveis e independentes,

$$p(A \cup B) = p(A)\left(2 - p(A)\right)$$

3 Prove que, se A e B são dois acontecimentos equiprováveis e independentes,

$$p(A/B) = p(B/A)$$

4 Prove que, se dois acontecimentos independentes são incompatíveis, então, pelo menos um deles é o acontecimento impossível.

SOLUÇÕES

1. $0 \leq p(A \cap B) \leq \frac{1}{4}$

Como $p(A \cup B) = p(A) + p(B) - p(A \cap B) \Leftrightarrow p(A \cup B) + p(A \cap B) = p(A) + p(B)$

Mas $0 \leq p(A \cup B) \leq 1$

$0 \leq p(A \cap B) \leq \frac{1}{4}$

Logo, $0 \leq p(A \cup B) + p(A \cap B) \leq \frac{5}{4}$

ou seja, $0 \leq p(A) + p(B) \leq \frac{5}{4}$

2. Se A e B são equiprováveis, então $p(A) = p(B)$

Se A e B são independentes, então $p(A \cap B) = p(A) \times p(B)$

Ora $p(A \cup B) = p(A) + p(B) - p(A \cap B)$

Logo, $p(A \cup B) = p(A) + p(A) - p(A) \times p(A)$

$\Leftrightarrow p(A \cup B) = 2p(A) - p^2(A)$

$\Leftrightarrow p(A \cup B) = p(A)\,(2 - p(A))$

3. Como $p(A/B) = \frac{p(A \cap B)}{p(B)}$, neste caso

$$p(A/B) = \frac{p(A) \times p(B)}{p(B)} = p(A)$$

e $$p(B/A) = \frac{p(B) \times p(A)}{p(A)} = p(B)$$

Como são equiprováveis, $p(A) = p(B)$ e $p(A/B) = p(B/A)$

4. A e B são incompatíveis $\Rightarrow p(A \cap B) = 0$

A e B são independentes $\Rightarrow p(A \cap B) = p(A) \times p(B)$

Se A e B são independentes e incompatíveis, então $p(A) \times p(B) = 0 \Leftrightarrow p(A) = 0 \vee p(B) = 0 \Leftrightarrow$ A é um acontecimento impossível ou B é um acontecimento impossível.

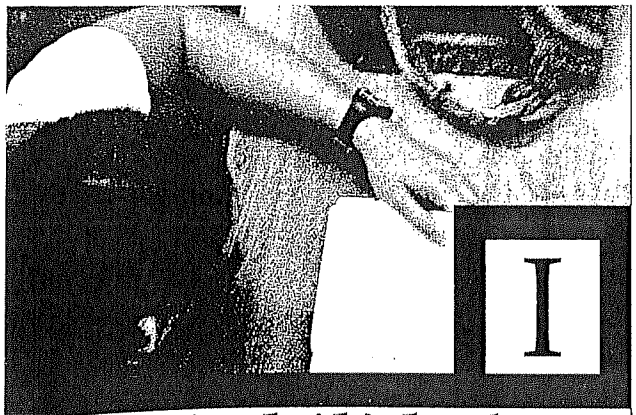

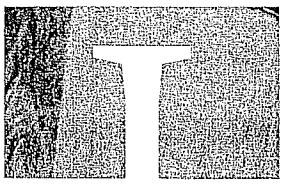

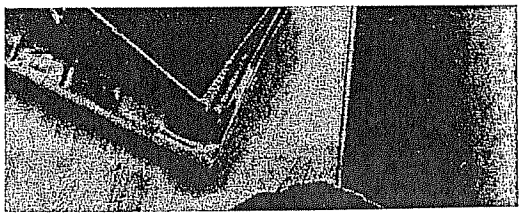

I

Probabilidades e Combinatória

5. Distribuição de frequência relativa e distribuição de probabilidades

5.1. Medidas de localização e medidas de dispersão

5.2. Distribuição de probabilidades

5.3. Curva de Gauss

5.4. Experiência de Bernoulli
Lei binomial de propriedades

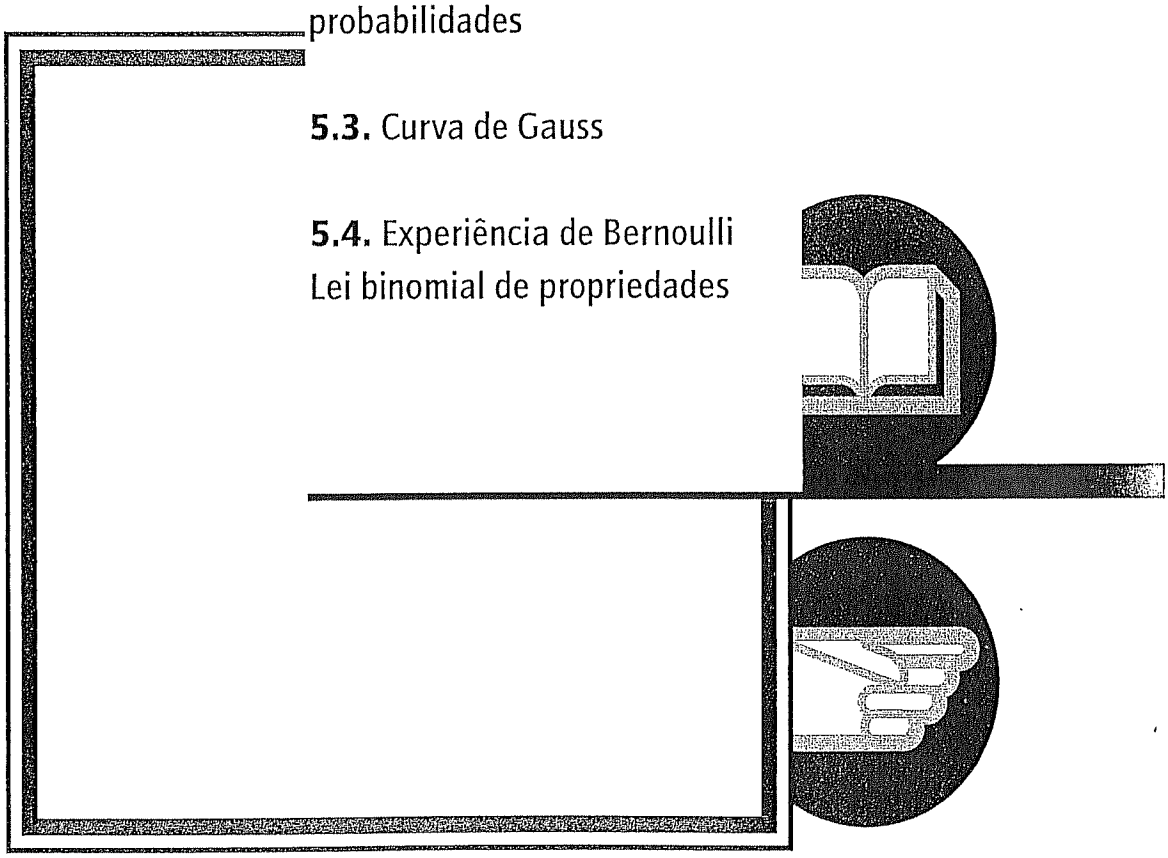

5.1. Medidas de localização e medidas de dispersão

Medidas de localização

Mediana é o valor $\tilde{x}$, de modo que 50% dos dados têm valor menor ou igual a $\tilde{x}$. A classe a que pertence a mediana chama-se **classe mediana.**

Classe modal é aquela que tem maior frequência absoluta (por vezes, considera-se como **moda** a marca da classe modal).

Média representa-se por $\bar{x}$ e

$$\bar{x} = \frac{\Sigma f_i x_i}{\Sigma f_i}$$

em que x_i é a **marca da classe** i e f_i é a sua **frequência.**

Medidas de dispersão

Desvio padrão é igual a $\delta \frac{\Sigma fi(x_i - \bar{x})^2}{\Sigma f}$ e mede a maior ou menor dispersão dos dados, à volta da média.

EXERCÍCIOS RESOLVIDOS

1 Fez-se um estudo sobre as alturas dos alunos, de uma escola, com mais de 17 anos. Separaram-se os dados relativos aos rapazes e raparigas e estabeleceu-se a seguinte tabela de frequência:

Classes	f_a (♂)	f_a (♀)
[1,45; 1,55[	0	6
[1,55; 1,65[	3	37
[1,65; 1,75[	29	58
[1,75; 1,85[	72	41
[1,85; 1,95[	39	7
[1,95; 2,05[	4	0

1.1. Determine a média, a moda, a mediana e o desvio padrão da distribuição das alturas dos rapazes.

1.2. Determine a média, a moda, a mediana e o desvio padrão de distribuição das alturas das raparigas.

R

Com o auxílio da calculadora gráfica, vamos determinar os valores pedidos. Assim:

- em 'List 1' escrevemos as marcas de classe (1,50; 1,60;... ; 2,00).
- em 'List 2', escrevemos as frequências absolutas dos rapazes.
- em 'List 3', escrevemos as frequências absolutas das raparigas.

1.1. Fazendo: x List → 'List 1'
Freq → 'List 2'

obtemos: $\bar{x} = 1{,}81$
$\delta = 0{,}08$
$N = 147$
$\tilde{x} = 1{,}8$
$M_0 = 1{,}8$
$\bar{x} - \delta = 1{,}73$
$\bar{x} + \delta = 1{,}89$

1.2. Fazendo: x List → 'List 1'
Freq → 'List 3'

obtemos: $\bar{x} = 1{,}70$
$\delta = 0{,}09$
$N = 149$
$\tilde{x} = 1{,}7$
$M_0 = 1{,}7$
$\bar{x} - \delta = 1{,}61$
$\bar{x} + \delta = 1{,}80$

5.2. Distribuição de probabilidades

Seja x **uma variável aleatória**.
A **distribuição de probabilidade** é uma função que a cada valor de x (da variável aleatória) faz corresponder a sua probabilidade.
A esta função, também chamada **função de probabilidade**, podemos associar:
- **valor esperado** ou **esperança matemática** (que corresponde à média desta distribuição);
- **desvio padrão** da distribuição.

EXERCÍCIOS RESOLVIDOS

1 Lançam-se em simultâneo dois dados:
- um, que tem a forma cúbica e as faces numeradas de 1 a 6;
- outro, que é um octaedro e tem as faces numeradas de 1 a 8.

1.1. Seja x a variável aleatória que faz corresponder às pontuações obtidas nos dois dados a sua soma. Que valores pode tomar esta variável aleatória?

1.2. Construa uma tabela da distribuição da probabilidade da variável aleatória x.

1.3. Determine o valor esperado e o desvio padrão desta distribuição.

	1	2	3	4	5	6	7	8
1	2	3	4	5	6	7	8	9
2	3	4	5	6	7	8	9	10
3	4	5	6	7	8	9	10	11
4	5	6	7	8	9	10	11	12
5	6	7	8	9	10	11	12	13
6	7	8	9	10	11	12	13	14

1.1. A variável pode tomar qualquer valor natural entre 2 e 14.

1.2.

x	p(x)
2	1/48
3	1/24
4	1/16
5	1/12
6	5/48
7	1/8
8	1/8
9	1/8
10	5/48
11	1/12
12	1/16
13	1/24
14	1/48

1.3. $E = 8$ e $\delta = 2{,}86$ (2 c.d.)

2 De um saco contendo 12 bolas, 5 azuis e 7 vermelhas, retiram-se em simultâneo 4 bolas.

2.1. Seja x a variável aleatória que faz corresponder a cada extracção o número de bolas azuis extraídas. Que valores pode tomar x?

2.2. Construa uma tabela da distribuição de probabilidade da variável x e calcule o valor esperado e o desvio padrão.

R

2.1. Podem sair 0, 1, 2, 3 ou 4 bolas azuis. Logo, x toma os valores inteiros maiores ou iguais a 0 e menores ou iguais a 4.

2.2.

5 az	7 ve	
0	4	$\rightarrow p(0) = \frac{{}^5C_0 \times {}^7C_4}{{}^{12}C_4} = \frac{35}{495} = \frac{7}{99}$
1	3	$\rightarrow p(1) = \frac{{}^5C_1 \times {}^7C_3}{{}^{12}C_4} = \frac{175}{495} = \frac{35}{99}$
2	2	$\rightarrow p(2) = \frac{{}^5C_2 \times {}^7C_2}{{}^{12}C_4} = \frac{210}{495} = \frac{14}{33}$
3	1	$\rightarrow p(3) = \frac{{}^5C_3 \times {}^7C_1}{{}^{12}C_4} = \frac{70}{415} = \frac{14}{99}$
4	0	$\rightarrow p(4) = \frac{{}^5C_4 \times {}^7C_0}{{}^{12}C_4} = \frac{5}{495} = \frac{1}{99}$

x	p(x)
0	7/99
1	35/99
2	14/33
3	14/99
4	1/99

$E \simeq 1{,}67$ e $\delta \simeq 0{,}84$ (2 c.d.)

5.3. Curva de Gauss

Curva de Gauss é o gráfico de uma distribuição cuja curva é simétrica, contínua, cujo maximizante é $\bar{x}$ e cujas abcissas dos pontos de inflexão são $\bar{x} - \delta$ e $\bar{x} + \delta$ (no intervalo $]\bar{x} - \delta, \bar{x} + \delta[$, a concavidade está voltada para baixo).

Uma distribuição é **normal** quando o seu gráfico é uma curva de Gauss.
Uma distribuição normal é caracterizada pela sua média e pelo seu desvio padrão.
A área abaixo de uma curva normal é sempre 1 (100%), estando aproximadamente:
- 68,2% dos efectivos em $]\bar{x} - \delta, \bar{x} + \delta[$;
- 95,4% dos efectivos em $]\bar{x} - 2\delta, \bar{x} + 2\delta[$.

Numa distribuição normal, a média, a moda e a mediana coincidem.

EXERCÍCIOS RESOLVIDOS

1 Num grupo de 1000 jovens do sexo masculino, com 16 anos, verificou-se que a altura se distribuía, normalmente, com um valor esperado de 1,72 m e um desvio padrão de 9 cm.

1.1. Quantos jovens terão menos de 1,81 m?

1.2. Quantos jovens se espera terem menos de 1,72 m?

1.3. Quantos jovens terão mais de 1,90 m?

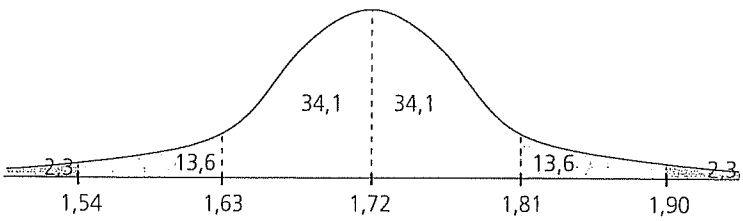

1.1. 100% − (13,6% + 2,3%) = 84,1%
Prevê-se que 841 jovens tenham menos de 1,81 m.

1.2. Espera-se que 500 (50% de 1000) tenham menos de 1,72 m.

1.3. 23 jovens (2,3% de 1000) terão altura superior a 1,90 m.

2 Os resultados de um teste de Matemática aplicado a 40 750 alunos foi:

Classe	f
[0, 4[	9 115
[4, 8[	12 040
[8, 12[	12 030
[12, 16[	4 786
[16, 20]	2 779

2.1. Calcule o valor esperado e o seu desvio padrão.

2.2. Poderemos considerar esta distribuição como uma distribuição normal?

2.1. Usando a calculadora gráfica, chegamos a $\bar{x} \simeq 8{,}0$ (1 c.d.) e $\delta \simeq 4{,}6$ (1 c.d.).

2.2. Verificamos que a classe modal e a classe mediana são [4, 8[e que a média é 8. Também se verifica que a curva não é simétrica, tendo um 'peso' muito grande para baixo do 10. Não podemos considerar uma distribuição normal.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

1 A tabela que exprime a distribuição de probabilidade de uma variável aleatória *x* é:

x	p(x)
3	$\frac{1}{10}$
4	$\frac{1}{4}$
5	$\frac{1}{8}$
6	$\frac{1}{10}$
7	$\frac{1}{10}$
8	

1.1. Calcule p(8).

1.2. Calcule a esperança matemática e o desvio padrão de x.

2 Uma variável aleatória *x* toma valores naturais menores do que 10 e sabe-se que:

- $p(x < 4) = p(x > 6)$
- $p(4 \leq x \leq 6) = \frac{3}{5}$
- $p(x = 4) = p(x = 5) = p(x = 6)$
- $p(x = 1) = p(x = 2) = p(x = 3)$; $p(x = 7) = p(x = 8) = p(x = 9) = p(x = 10)$

2.1. Construa uma tabela de probabilidade.

2.2. Calcule a esperança matemática e o desvio padrão desta distribuição.

3 Uma empresa de aluguer de automóveis sem condutor fez o registo do número de dias de aluguer de cada carro. Ao fim de um determinado tempo, construiu a seguinte tabela:

N.º dias	Frequência de alugueres durante este período de tempo
1	359
2	412
3	504
4	378
5	416
6	212
7	194
8	171
9	104
10	108
11	117
12	82
13	75
14	36
15	41

3.1. Estabeleça uma tabela de frequências relativas.

3.2. Seja x = 'período de tempo (em dias), para o qual um cliente aluga um carro'.
Estabeleça uma tabela de probabilidades desta distribuição.

3.3. O gerente da empresa, para poder planear o tamanho da frota, pretende saber a esperança matemática e o desvio padrão desta distribuição. Calcule-o.

4 De um baralho de 52 cartas, retira-se uma "mão" de 7 cartas.

4.1. Seja x = 'número de figuras na mão'.
Considere a função de distribuição de variável x. Construa a tabela desta função (utilize valores aproximados com 3 c.d.).

4.2. Qual a esperança matemática e o desvio padrão desta distribuição?

4.3. Qual a percentagem de valores no intervalo $]\bar{x} - \delta, \bar{x} + \delta[$? E no intervalo $]\bar{x} - 2\delta, \bar{x} + 2\delta[$?

5 Numa maternidade, ao fim de um ano, verificou-se que:
- o peso à nascença dos rapazes distribui-se, normalmente, segundo N(3,65; 0,60) (em kg)
- o peso à nascença das raparigas distribui-se, normalmente, segundo N(3,50; 0,60) (em kg)
- nasceram 1820 rapazes e 1748 raparigas.

5.1. Quantos rapazes nasceram:

5.1.1. com mais de 4,25 kg?

5.1.2. com menos de 3,05 kg?

5.1.3. com peso entre 3,05 kg e 4,25 kg?

5.1.4. com mais de 4,85 kg?

5.2. Quantas raparigas nasceram:

5.2.1. com menos de 3,5 kg?

5.2.2. com mais de 4,1 kg?

5.2.3. com menos de 2,3 kg?

5.3. Faça um gráfico (com curvas de Gauss) comparativo das duas distribuições (rapazes e raparigas).

6 Verificou-se que o tempo de reacção a um medicamento se distribui normalmente segundo N(65, 12) (tempo em minutos).

6.1. Ao fim de quantos minutos 85% dos pacientes já manifestam melhoras?

6.2. Qual a percentagem de pacientes que só apresenta melhoras ao fim de 1 hora e 39 minutos?

7 Num centro agrícola experimental, verificou-se que o tamanho de determinado grupo de plantas se distribui normalmente segundo N(1,20; 0,30) (comprimento em metros).

7.1. Quantas plantas, num universo de 400, medem entre 0,90 m e 1,80 m?

7.2. Quantas plantas, num universo de 200, medem mais de 1,20 m?

8 Temos três dados tetraédricos, não viciados, com as faces numeradas 0, 1, 2 e 3. Lançam-se em simultâneo os três dados. Seja x = 'a soma das pontuações nos três dados'.

8.1. Que valores pode tomar a variável x?

8.2. Construa a tabela de probabilidade desta distribuição.

8.3. Determine a esperança matemática e o desvio padrão desta distribuição. Será uma distribuição normal? Justifique convenientemente a resposta.

SOLUÇÕES

1.1. $p(8) = 1 - \left(\frac{1}{10} + \frac{1}{4} + \frac{1}{8} + \frac{1}{10} + \frac{1}{10}\right) = \frac{13}{40}$

1.2. $E = 5{,}825$ e $\delta = 1{,}84$

2.1. $p(x = 1) + p(x = 2) + p(x = 3) = p(x = 7) + p(x = 8) + p(x = 9) + p(x = 10)$

$$\begin{cases} p(x = 4) + p(x = 5) + p(x = 6) = \frac{3}{5} \\ p(x = 4) = p(x = 5) = p(x = 6) \end{cases} \Leftrightarrow \begin{cases} 3\,p(x = 4) = \frac{3}{5} \\ _____ \end{cases}$$

$$\begin{cases} p(x = 4) = \frac{1}{5} \\ p(x = 5) = \frac{1}{5} \\ p(x = 6) = \frac{1}{5} \end{cases}$$

$p(x = 1) + p(x = 2) + p(x = 3) = \left(1 - \frac{3}{5}\right) : 2 \Leftrightarrow 3\,p(x = 1) = \frac{1}{5} \Leftrightarrow p(x = 1) = \frac{1}{15}$

$p(x = 2) = p(x = 3) = \frac{1}{15}$

$p(x = 7) + p(x = 8) + p(x = 9) + p(x = 10) = \left(1 - \frac{3}{5}\right) : 2$

$4\,p(x = 7) = \frac{1}{5} \Leftrightarrow p(x = 7) = \frac{1}{20}$

$p(x = 8) = p(x = 9) = p(x = 10) = \frac{1}{20}$

2.1.

x	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
p(x)	$\frac{1}{15}$	$\frac{1}{15}$	$\frac{1}{15}$	$\frac{1}{5}$	$\frac{1}{5}$	$\frac{1}{5}$	$\frac{1}{20}$	$\frac{1}{20}$	$\frac{1}{20}$	$\frac{1}{20}$

2.2. $E = 5{,}5$
$\delta = 2{,}9$

3.1. Com o auxílio da calculadora gráfica:
N.º de dias → List 1
Frequência → List 2
List 2: sum(List2) → List 3

Assim:

N.º de dias	f^r (list 3)
1	0,1119
2	0,1284
3	0,1571
4	0,1178
5	0,1296
6	0,0661
7	0,0605
8	0,0533
9	0,0324
10	0,0337
11	0,0365
12	0,0256
13	0,0234
14	0,0112
15	0,0128

3.2. A tabela de distribuição coincide com a tabela de frequência relativa (com x = n.º de dias e $f^r = p(x)$).

3.3. $E = 5{,}19$ $\delta = 3{,}47$

4.1.

x	p(x)
0	$({}^{12}C_0 \times {}^{40}C_7) : {}^{52}C_7 = 0{,}139$
1	$({}^{12}C_1 \times {}^{40}C_6) : {}^{52}C_7 = 0{,}344$
2	$({}^{12}C_2 \times {}^{40}C_5) : {}^{52}C_7 = 0{,}325$
3	$({}^{12}C_3 \times {}^{40}C_4) : {}^{52}C_7 = 0{,}150$
4	$({}^{12}C_4 \times {}^{40}C_3) : {}^{52}C_7 = 0{,}037$
5	$({}^{12}C_5 \times {}^{40}C_2) : {}^{52}C_7 = 0{,}005$
6	$({}^{12}C_6 \times {}^{40}C_1) : {}^{52}C_7 = 0{,}000$
7	$({}^{12}C_7 \times {}^{40}C_0) : {}^{52}C_7 = 0{,}000$

4.2. $E = 1{,}62$ e $\delta = 1{,}05$

4.3. $]\bar{x} - \delta; \bar{x} + \delta[\rightarrow]0{,}57; 2{,}67[\rightarrow 80{,}8\%$
$]\bar{x} - 2\delta; \bar{x} + 2\delta[\rightarrow]0; 3{,}72[\rightarrow 95{,}8\%$

5.1.

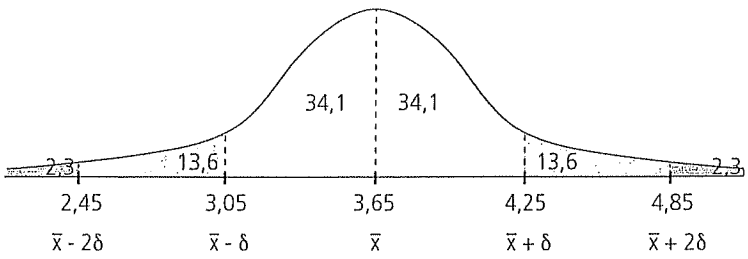

5.1.1. $(0{,}136 + 0{,}023) \times 1820 \simeq 289$
5.1.2. $(0{,}136 + 0{,}023) \times 1820 \simeq 289$
5.1.3. $(0{,}341 + 0{,}341) \times 1820 \simeq 1241$
5.1.4. $0{,}023 \times 1820 \simeq 42$

5.2.

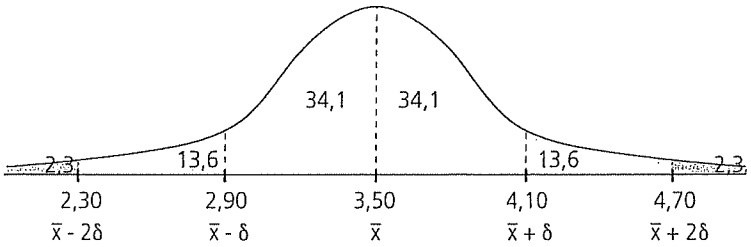

5.2.1. $0{,}50 \times 1748 = 874$
5.2.2. $(0{,}136 + 0{,}023) \times 1748 \simeq 278$
5.2.3. $0{,}023 \times 1748 \simeq 40$

5.3.

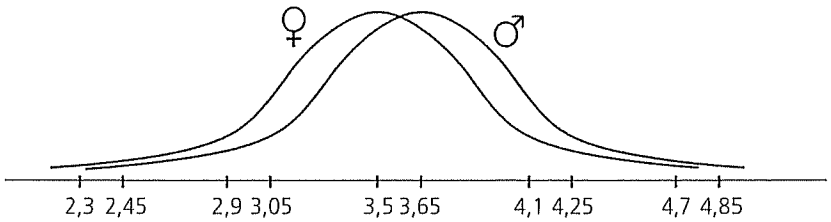

As duas curvas de Gauss têm a mesma forma (é igual o desvio padrão), verificando-se que a curva relativa à distribuição dos rapazes está desviada 0,15 kg para a direita.

6.1. Para $x < \bar{x} + \delta$, a soma das frequências é $(0{,}023 + 0{,}136 + 0{,}341 + 0{,}341) = 0{,}841$, ou seja, 85% dos pacientes (aproximadamente) manifestam melhoras ao fim de 77 minutos.

$(\bar{x} + \delta = 65 + 12)$

6.2. $\bar{x} + 2\delta = 65 + 24 = 99$ min = 1 h 39 min
2,3% dos pacientes só apresentam melhoras ao fim de 1 h e 39 min.

7.1. $]\bar{x} - \delta, \bar{x} + \delta[\rightarrow]0{,}90; 1{,}50[$
$]\bar{x} - 2\delta, \bar{x} + 2\delta[\rightarrow]0{,}60; 1{,}80[$
Logo, serão $(0{,}341 + 0{,}341 + 0{,}136) \times 400 \simeq 327$
7.2. 50% de 200, ou seja, 100.

8.1. A soma pode variar de 0 (0, 0, 0) a 9 (3, 3, 3).
Logo, $x \in \{0, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9\}$.

8.2.

Soma 0	→ {0, 0, 0}	$1 \times \frac{1}{4} \times \frac{1}{4} \times \frac{1}{4}$	$\frac{1}{4^3}$
Soma 1	→ {1, 0, 0}	$3 \times \frac{1}{4} \times \frac{1}{4} \times \frac{1}{4}$	$\frac{3}{4^3}$
Soma 2	→ {1, 1, 0}	$3 \times \frac{1}{4} \times \frac{1}{4} \times \frac{1}{4}$	$\frac{6}{4^3}$
	→ {2, 0, 0}	$3 \times \frac{1}{4} \times \frac{1}{4} \times \frac{1}{4}$	
Soma 3	→ {1, 1, 1}	$1 \times \frac{1}{4} \times \frac{1}{4} \times \frac{1}{4}$	$\frac{10}{4^3}$
	→ {2, 1, 0}	$6 \times \frac{1}{4} \times \frac{1}{4} \times \frac{1}{4}$	
	→ {3, 0, 0}	$3 \times \frac{1}{4} \times \frac{1}{4} \times \frac{1}{4}$	
Soma 4	→ {1, 1, 2}	$3 \times \frac{1}{4} \times \frac{1}{4} \times \frac{1}{4}$	$\frac{12}{4^3}$
	→ {2, 2, 0}	$3 \times \frac{1}{4} \times \frac{1}{4} \times \frac{1}{4}$	
	→ {3, 1, 0}	$6 \times \frac{1}{4} \times \frac{1}{4} \times \frac{1}{4}$	
Soma 5	→ {2, 3, 0}	$6 \times \frac{1}{4} \times \frac{1}{4} \times \frac{1}{4}$	$\frac{12}{4^3}$
	→ {2, 2, 1}	$3 \times \frac{1}{4} \times \frac{1}{4} \times \frac{1}{4}$	
	→ {1, 1, 3}	$3 \times \frac{1}{4} \times \frac{1}{4} \times \frac{1}{4}$	
Soma 6	→ {2, 2, 2}	$1 \times \frac{1}{4} \times \frac{1}{4} \times \frac{1}{4}$	$\frac{10}{4^3}$
	→ {2, 3, 1}	$6 \times \frac{1}{4} \times \frac{1}{4} \times \frac{1}{4}$	
	→ {3, 3, 0}	$3 \times \frac{1}{4} \times \frac{1}{4} \times \frac{1}{4}$	
Soma 7	→ {2, 2, 3}	$3 \times \frac{1}{4} \times \frac{1}{4} \times \frac{1}{4}$	$\frac{6}{4^3}$
	→ {3, 3, 1}	$3 \times \frac{1}{4} \times \frac{1}{4} \times \frac{1}{4}$	
Soma 8	→ {3, 3, 2}	$3 \times \frac{1}{4} \times \frac{1}{4} \times \frac{1}{4}$	$\frac{3}{4^3}$
Soma 9	→ {3, 3, 3}	$1 \times \frac{1}{4} \times \frac{1}{4} \times \frac{1}{4}$	$\frac{1}{4^3}$

x	p(x)
0	1/64
1	3/64
2	3/32
3	5/32
4	3/16
5	3/16
6	5/32
7	3/32
8	3/64
9	1/64

Nota: {1, 1, 0} representa 3 casos: (1, 1, 0) (0, 1, 0) e (0, 0, 1);
{1, 2, 3} representa 6 casos: (3!), (1, 2, 3), (1, 3, 2), (2, 1, 3) (2, 3, 1) (3, 1, 2), (3, 2, 1)).

8.3. $E \simeq 4{,}5$ $\qquad \delta = 1{,}9$

$]\bar{x} - \delta, \bar{x} + \delta[\rightarrow \frac{5}{32} + \frac{3}{16} + \frac{3}{16} + \frac{5}{32} = \frac{11}{16} \rightsquigarrow 68{,}8\%$

$]\bar{x} - 2\delta, \bar{x} + 2\delta[\rightarrow \frac{3}{64} + \frac{3}{32} + \frac{5}{32} + \frac{3}{16} + \frac{3}{16} + \frac{5}{32} + \frac{3}{64} \rightsquigarrow 96{,}8\%$

A curva é simétrica, $\bar{x} = \tilde{x} = M_0 = 4{,}5$, havendo, no entanto, bastante concentração no $]\bar{x} - 2\delta, \bar{x} + 2\delta[$.

5.4. Experiência de Bernoulli. Lei binomial de propriedades

A experiência de Bernoulli é uma experiência:
– que se repete n vezes;
– em que os resultados são independentes uns dos outros;
– em que cada prova tem só dois resultados **S (sucesso)** ou **$\overline{S}$ (insucesso)**.

Numa esperiência de Bernoulli, sendo x = 'o número de sucessos em n provas', a variável aleatória é, então:
$p(x = k) = {}^{n}C_k\, p^k\, q^{n-k}$
com $p = p(S)$ e $q = p(\overline{S}) = 1 - p$

EXERCÍCIOS RESOLVIDOS

1 Lança-se uma moeda ao ar 5 vezes. Qual a probabilidade de obter:
1.1. 2 vezes cara?
1.2. pelo menos 4 vezes cara?
1.3. pelo menos 1 vez cara?
1.4. um número par de caras?

1. É uma experiência de Bernoulli, pois:
– a prova repete-se 5 vezes;
– o resultado de uma prova é independente dos resultados das outras;
– ou sai cara ou escudo e p (cara) = p (escudo) = $\frac{1}{2}$.

1.1. $p(x = 2) = {}^{5}C_2 \left(\frac{1}{2}\right)^2 \times \left(\frac{1}{2}\right)^3 = \frac{5}{16}$

1.2. $p(x \geq 4) = p(x = 4) + p(x = 5) = {}^{5}C_4 \left(\frac{1}{2}\right)^4 \left(\frac{1}{2}\right)^1 + {}^{5}C_5 \left(\frac{1}{2}\right)^5 \left(\frac{1}{2}\right)^0 = \frac{3}{16}$

1.3. $p(x \geq 1) = 1 - p(x = 0) = 1 - {}^{5}C_0 \left(\frac{1}{2}\right)^0 \left(\frac{1}{2}\right)^5 = \frac{31}{32}$

1.4. $p(x = \text{par}) = p(x = 2) \vee p(x = 4) = {}^{5}C_2 \left(\frac{1}{2}\right)^2 \times \left(\frac{1}{2}\right)^3 + {}^{5}C_4 \left(\frac{1}{2}\right)^4 \times \left(\frac{1}{2}\right)^1 = \frac{5}{16} + \frac{5}{32} = \frac{15}{32}$

2 Numa distribuição $B\left(6; \frac{1}{3}\right)$, calcule:
2.1. $p(x = 6)$
2.2. $p(x < 6)$
2.3. $p(2 \leq x < 5)$
2.4. $p(x = 0 \vee x = 1)$

$B\left(6; \frac{1}{3}\right) \rightarrow$ prova repetida 6 vezes, $p = \frac{1}{3}$ e $q = \frac{2}{3}$

2.1. $p(x = 6) = {}^6C_6 \left(\frac{1}{3}\right)^6 \left(\frac{2}{3}\right)^0 = \frac{1}{729}$

2.2. $p(x < 6) = p(x = 0) + p(x = 1) + p(x = 2) + p(x = 3) + p(x = 4) + p(x = 5) =$

$= 1 - p(x = 6) = \frac{728}{729}$

2.3. $p(2 \leq x < 5) = p(x = 2) + p(x = 3) + p(x = 4) = {}^6C_2 \left(\frac{1}{3}\right)^2 \left(\frac{2}{3}\right)^4 + {}^6C_3 \left(\frac{1}{3}\right)^3 \left(\frac{2}{3}\right)^3 + {}^6C_4 \left(\frac{1}{3}\right)^4 \left(\frac{2}{3}\right)^2 =$

$= \frac{80}{243} + \frac{160}{729} + \frac{20}{243} = \frac{460}{729}$

2.4. $p(x = 0) + p(x = 1) = {}^6C_0 \left(\frac{1}{3}\right)^0 \left(\frac{2}{3}\right)^6 + {}^6C_1 \left(\frac{1}{3}\right)^1 \left(\frac{2}{3}\right)^5 = \frac{64}{729} + \frac{64}{243} = \frac{256}{729}$

3 Verifique se a distribuição $B\left(6; \frac{1}{3}\right)$ é uma distribuição normal.

x	p(x)
0	64/729
1	64/243
2	80/243
3	160/729
4	20/243
5	4/243
6	1/729

Não é uma curva simétrica, a média é 2, o desvio padrão é 1,15, $\tilde{x} \simeq 2{,}5$, $M_o = 2$.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

1 Um dado é lançado cinco vezes.
Qual é a probabilidade de que a face 'seis' apareça pelo menos uma vez?

A) $1 - \left(\frac{1}{6}\right)^5$ B) $1 - \left(\frac{5}{6}\right)^5$ C) ${}^5C_1 \left(\frac{1}{6}\right)^5$ D) ${}^5C_1 \left(\frac{5}{6}\right)^5$

(EN 1998 – 1.ª Chamada)

2 Uma moeda equilibrada é lançada dez vezes.
A probabilidade do acontecimento 'a face escudo sai exactamente quatro vezes' é:

A) ${}^{10}C_4 \left(\frac{1}{2}\right)^{10}$ B) $\frac{4}{10}$ C) $\frac{10}{2^4}$ D) $\frac{4}{2^{10}}$

(EN 1998 – Prova Modelo)

3 Ao lançar em simultâneo dois dados cúbicos, não viciados, com as faces numeradas de 1 a 6, qual será o acontecimento mais provável:
A) a soma das faces é 5?
B) as duas faces apresentam o mesmo resultado?
C) a soma das pontuações ser menor ou igual a 4?
D) a soma das pontuações ser maior ou igual a 9?

4 Lançou-se três vezes ao ar uma moeda equilibrada, tendo saído sempre a face 'coroa'. Qual a probabilidade de, num quarto lançamento, sair a face 'cara'?

A) $\frac{1}{4}$ B) $\frac{1}{2}$ C) $\frac{2}{3}$ D) $\frac{3}{4}$

(EN 1998 – 2.ª Chamada)

5 Lança-se quatro vezes consecutivas um dado com as faces numeradas de 1 a 6. No primeiro lançamento, sai a face 1 e no segundo sai a face 2.
Qual é a probabilidade de os números saídos nos quatro lançamentos serem todos diferentes?

A) $\frac{6 \times 5 \times 4 \times 3}{6^4}$ B) $\frac{6 \times 5}{6^4}$ C) $\frac{6 \times 5}{6^2}$ D) $\frac{4 \times 3}{6^2}$

(EN 1999 – 1.ª Chamada)

6 Uma nova marca de gelados oferece, em cada gelado, um de três bonecos: Rato Mickey, Peter Pan ou Astérix.
Sete amigos vão comprar um gelado cada um.
Supondo que os três bonecos têm igual probabilidade de sair, qual a probabilidade de o Rato Mickey sair exactamente a dois dos amigos?

A) ${}^7C_2\left(\frac{1}{3}\right)^5\left(\frac{2}{3}\right)^2$ B) $\frac{{}^7A_2}{7!}$ C) ${}^7C_2\left(\frac{1}{3}\right)^2\left(\frac{2}{3}\right)^5$ D) $\frac{{}^7C_2}{7!}$

7 Lança-se três vezes um dado equilibrado com as faces numeradas de 1 a 6.
Indique, justificando, qual dos dois acontecimentos seguintes é mais provável:
- nunca sair o número 6;
- saírem números todos diferentes.

(EN 1999 – Prova Modelo)

8 Acabou o tempo de um jogo de basquetebol, e uma das equipas está a perder por um ponto, mas tem direito a dois lances livres.
O Manuel vai encestar.
Sabendo que este jogador concretiza, em média, 70% dos lances livres que efectua e que cada lance livre concretizado corresponde a um ponto, qual é a probabilidade de o jogo terminar empatado?
A) 0,7 B) 0,14 C) 0,21 D) 0,42

(EN 1999 – 2.ª Fase)

9 A Joana tem seis irmãs. Quando contou ao Luís que, ao todo, eram sete raparigas, ele afirmou que isso devia ser quase impossível, ou seja, a probabilidade deveria ser quase zero. Considerando que, em 100 nascimentos, costuma haver 49 raparigas, determine a probabilidade de um casal ter 7 filhos todos raparigas.

10 Num concurso televisivo, cada concorrente (entre os vinte) faz rodar uma roda gigante. Nesta roda, dividida em 84 sectores, estão representados 84 prémios, dos quais quatro são prémios grandes.

10.1. Qual a probabilidade de um concorrente conseguir o prémio grande?

10.2. Qual a probabilidade de, entre os 20 concorrentes, haver pelo menos um prémio grande?

10.3. É mais provável, que entre os 20 concorrentes, haja pelo menos um prémio grande ou que não haja nenhum?

11 Na lotaria, cada bilhete tem um número de 5 algarismos (não sendo comercializado o bilhete "00000").

11.1. Quantos bilhetes de lotaria existem?

11.2. Quantos bilhetes têm 2 e só 2 cincos na sua numeração?

11.3. Qual a probabilidade de, num determinado sorteio de lotaria, os bilhetes sorteados com os 3 prémios conterem na sua numeração 2 e só 2 cincos (cada um deles)?

SOLUÇÕES

1. B.

$B\left(5; \frac{1}{6}\right)$

$p(x \geq 1) = 1 - p(x = 0) = 1 - {}^5C_0\left(\frac{1}{6}\right)^0\left(\frac{5}{6}\right)^5 = 1 - \left(\frac{5}{6}\right)^5$

2. A.

$B\left(10; \frac{1}{2}\right)$

$p(x = 4) = {}^{10}C_4\left(\frac{1}{2}\right)^4\left(\frac{1}{2}\right)^6 = {}^{10}C_4\left(\frac{1}{2}\right)^{10}$

3. D.

$p(\text{soma } 5) = \frac{4}{36} = \frac{1}{9}$ ((1,4) (4,1) (2,3) (3,2))

$p(\text{o mesmo resultado}) = \frac{6}{36} = \frac{1}{6}$ ((1,1), (2,2), (3,3), (4,4), (5,5), (6,6))

$p(\text{soma} \leq 4) = \frac{6}{36} = \frac{1}{6}$ ((1,1), (1,2), (2,1), (2,2), (3,1), (1,3))

$p(\text{soma} \geq 9) = \frac{10}{36} = \frac{5}{18}$ ((3,6), (6,3), (4,5), (5,4), (5,5), (5,6), (6,5), (4,6), (6,4), (6,6))

4. B.

O 4.º lançamento (do qual se pretende a probabilidade do acontecimento 'sair cara') é independente dos resultados anteriores.

5. D.

No 3.º lançamento, a probabilidade de ser diferente é $\frac{4}{6}$ e no 4.º lançamento é $\frac{3}{6}$.

6. C.

$B\left(7; \frac{1}{3}\right)$

$p(x = 2) = {}^7C_2\left(\frac{1}{3}\right)^2\left(\frac{2}{3}\right)^5$

7. • nunca sair o número 6

$B\left(3; \frac{1}{6}\right)$

$p(x = 0) = {}^3C_0\left(\frac{1}{6}\right)^0\left(\frac{5}{6}\right)^3 = \left(\frac{5}{6}\right)^3 = \frac{125}{6^3}$

É mais provável nunca sair o número 6.

• saírem números todos diferentes

$\frac{6}{6} \times \frac{5}{6} \times \frac{4}{6} = \frac{120}{6^3}$

8. D.
B (2; 0,70)
$p(x = 1) = {}^{2}C_1\,(0{,}70)^1 \times (0{,}30)^1 = 0{,}42$

9. B (7; 0,49)
$p(x = 7) = {}^{7}C_7\,(0{,}49)^7\,(0{,}51)^0 = 6{,}8 \times 10^{-3}$
Realmente é uma pequena probabilidade, pois é de 0,68%.

10.1. $p = \frac{4}{84} = \frac{1}{21}$

10.2. $B\left(20; \frac{1}{21}\right)$

$p(x \geq 1) = 1 - p(x = 0) = 1 - {}^{20}C_0\left(\frac{1}{21}\right)^0\left(\frac{20}{21}\right)^{20} = 0{,}623$

10.3. $p(x = 0) = 0{,}377$

É mais provável que haja pelo menos um prémio grande do que não haja nenhum.

11.1. | | | | | |
$10 \times 10 \times 10 \times 10 \times 10$
$n = 10^5 - 1$

11.2. ${}^{5}C_2 \times 9^3 = 7290$

| 5 | 5 | | | |
$1 \times 1 \times 9 \times 9 \times 9$ Os algarismos cinco podem aparecer de ${}^{5}C_2$ formas.

11.3. $B\left(3; \frac{{}^{5}C_2 \times 9^3}{10^5 - 1}\right)$

$p(x = 3) = {}^{3}C_3\left(\frac{{}^{5}C_2 \times 9^3}{10^5 - 1}\right)^3 \times \left(1 - \frac{{}^{5}C_2 \times 9^3}{10^5 - 1}\right)^0 \Leftrightarrow p(x = 3) = \left(\frac{7290}{99\,999}\right)^3 \Leftrightarrow p(x = 3) = \left(\frac{810}{11\,111}\right)^3$

$\Leftrightarrow p(x = 3) = 3{,}87 \times 10^{-4}$

Ou seja, a probabilidade é de 0,038%.

ELSEVIER

SÉRIE PROVAS E CONCURSOS

Interpretação de Textos e Semântica para concursos

TEORIA, ESQUEMAS, EXERCÍCIOS E QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Marcelo Rosenthal
Lilian Furtado
Tiago Omena
Pedro Henrique

DO MESMO AUTOR DE GRAMÁTICA PARA CONCURSOS

CAMPUS CONCURSOS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros, disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.Info*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.

Interpretação de Textos e Semântica para concursos

TEORIA, ESQUEMAS, EXERCÍCIOS E QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

SÉRIE PROVAS E CONCURSOS

Marcelo Rosenthal
Lilian Furtado
Tiago Omena
Pedro Henrique

ELSEVIER

CAMPUS
CONCURSOS

Sumário

Capa

Folha de rosto

Front Matter

Copyright

Dedicatória

Agradecimentos

Os Autores

Apresentação

Epígrafe

Prefácio

Capítulo 1. Interpretação Textual

1.1. TIPOLOGIA TEXTUAL

1.2. Tópico frasal

1.3. TIPOS DE ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS

1.4. Exercícios

Capítulo 2. Semântica de Nomes

2.1. ADJETIVO SUBJETIVO OU COM VALOR DE QUALIDADE

2.2. ADJETIVO OBJETIVO OU COM VALOR DE CARACTERÍSTICA

2.3. EXERCÍCIOS

2.4. POLISSEMIA

2.5. AMBIGUIDADE OU ANFIBOLOGIA

2.6. EXERCÍCIOS

Capítulo 3. Alteração de Funções Sintáticas em Questões de Interpretação

3.1. EXERCÍCIOS
Capítulo 4. Coesão Textual
4.1. COESÃO REFERENCIAL
4.2. COESÃO REFERENCIAL PRONOMINAL
4.3. EXERCÍCIOS
4.4. COESÃO REFERENCIAL LEXICAL
4.5. COESÃO REFERENCIAL POR ELIPSE
4.6. EXERCÍCIOS
4.7. COESÃO SEQUENCIAL
4.8. COESÃO SEQUENCIAL
Capítulo 5. Semântica dos Conectores – Preposições e Conjunções
5.1. VALORES SEMÂNTICOS DAS PREPOSIÇÕES ESSENCIAIS
5.2. VALORES SEMÂNTICOS DAS PREPOSIÇÕES ACIDENTAIS
5.3. Exercícios
Capítulo 6. Valor Semântico das Conjunções
6.1. CONJUNÇÕES COORDENATIVAS
6.2. CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS
6.3. ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS
6.4. EXERCÍCIOS
Capítulo 7. Coerência Textual
7.1. IMPLÍCITOS E EXPLÍCITOS
7.2. PRESSUPOSTOS E SUBENTENDIDOS
7.3. EXERCÍCIOS
Capítulo 8. Semântica Verbal
8.1. MODO INDICATIVO
8.2. MODO SUBJUNTIVO

8.3. MODO IMPERATIVO

8.4. OUTRAS SEMÂNTICAS VERBAIS

8.5. EXERCÍCIOS

Capítulo 9. Figuras de Linguagem

9.1. FIGURAS DE SOM OU HARMONIA

9.2. FIGURAS DE CONSTRUÇÃO OU SINTAXE

9.3. FIGURAS DE PENSAMENTO

9.4. FIGURAS DE PALAVRAS

9.5. EXERCÍCIOS

Capítulo 10. Funções da Linguagem

10.1. FUNÇÃO REFERENCIAL OU DENOTATIVA

10.2. FUNÇÃO EXPRESSIVA

10.3. FUNÇÃO CONATIVA OU APELATIVA

10.4. FUNÇÃO FÁTICA

10.5. FUNÇÃO METALINGUÍSTICA

10.6. FUNÇÃO POÉTICA

Capítulo 11. Vozes do Discurso

11.1. DISCURSO DIRETO

11.2. DISCURSO INDIRETO

11.3. DISCURSO INDIRETO LIVRE

11.4. EXERCÍCIOS

Capítulo 12. Leituras de Enunciados das Questões de Interpretação

12.1. RECORRÊNCIA TEXTUAL

12.2. INFERÊNCIA TEXTUAL

12.3. EXERCÍCIOS

Capítulo 13. Semântica dos Vocábulos Parônimos e Homônimos

13.1. PARÔNIMOS

13.2. HOMÔNIMOS

13.3. SEMÂNTICA DE FORMAS PARECIDAS

13.4. EXERCÍCIOS

Capítulo 14. Semântica de Afixos

14.1. PREFIXOS LATINOS

14.2. PREFIXOS GREGOS

14.3. RELAÇÃO DE SUFIXOS

14.4. CORRESPONDÊNCIA ENTRE PREFIXOS GREGOS E LATINOS

14.5. LATINISMOS

14.6. EXERCÍCIOS

Capítulo 15. Questões Comentadas

Bibliografia

Cadastro

Preencha a **ficha de cadastro** no final deste livro e receba gratuitamente informações sobre os lançamentos e as promoções da Elsevier.

Consulte também nosso catálogo completo, últimos lançamentos e serviços exclusivos no site **www.elsevier.com.br**

Dedicatória

Ao brilhante professor de Língua Portuguesa Marcelo Barbosa.

Agradecimentos

A nossos familiares e amigos que compreenderam a nossa ausência em muitos eventos, visto nosso envolvimento na conclusão desta obra.

Os Autores

A nossos familiares e amigos que compreenderam a nossa ausência em muitos eventos, visto nosso envolvimento na conclusão desta obra.

Marcelo Rosenthal

- Formado em Letras (Português-Alemão) pela UFRJ.
- Ex-professor de Língua Portuguesa do União Concursos.
- Ex-professor de Língua Portuguesa do Curso Gabarito.
- Ex-professor de Língua Portuguesa do Curso Metta.
- Professor de Língua Portuguesa da Academia do Concurso Público.
- Professor de Língua Portuguesa do CELP – Centro de Estudos da Língua Portuguesa.
- Professor de Língua Portuguesa do CEPAD.
- Professor de Língua Portuguesa Concurso Virtual.
- Professor de Língua Portuguesa do Canal dos Concursos.
- Técnico Judiciário do Tribunal Regional do Trabalho da Primeira Região.

Lilian Furtado

- Doutoranda em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Mestre em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Bacharel em Letras: Português-Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Licenciada em Letras: Português-Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Professora de Língua Portuguesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro.
- Professora de Língua Portuguesa e Redação do curso Damásio de Jesus.
- Professora de Língua Portuguesa e Redação do curso LFG/NTC.
- Professora de Língua Portuguesa e Redação do Curso Multiplus.
- Autora de livros para concursos da Editora Método.

Pedro Henrique

- Letras – (Português – Literatura) pela UNESA.
- Direito – (UNIVERCIDADE)
- Ex-professor de Língua Portuguesa do Curso Concursando Enfermagem.
- Ex-professor de Língua Portuguesa da FEMPERJ.
- Ex-Professor de Língua Portuguesa da Companhia dos Módulos.
- Coordenador de Língua Portuguesa e Redação do CELP (Centro de Estudos da Língua Portuguesa).
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do CELP (Centro de Estudos da Língua Portuguesa).
- Professor de Língua Portuguesa do Cláudio Borba Concursos.
- Professor de Língua Portuguesa do curso Multiplus.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do CEAV-RJ.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do CEAV-BA.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do CEJURIS.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do Curso Tamandaré.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do Concurso Virtual.
- Autor da Série Gabaritando de Questões Comentadas da Banca CESGRANRIO.
- Aprovado em diversos concursos – Colégio Naval, EPCAR, CRMV-RJ, Prefeitura do Rio de Janeiro, CEFET-RJ, entre outros.
- Ex-aluno do Colégio Naval
- Funcionário Público Federal do CEFET-RJ.

Tiago Omena

- Letras – (Português – Literatura) pela UNESA.
- Direito – (UNIABEU)
- Ex-professor de Língua Portuguesa do Curso Concursando Enfermagem.
- Ex-professor de Língua Portuguesa da FEMPERJ.
- Ex-Professor de Língua Portuguesa da Companhia dos Módulos.
- Coordenador de Língua Portuguesa e Redação do CELP (Centro de Estudos da Língua Portuguesa).
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do CELP (Centro de Estudos da Língua Portuguesa).
- Professor de Língua Portuguesa do Cláudio Borba Concursos.
- Professor de Língua Portuguesa do curso Multiplus.

- Professor de Língua Portuguesa e Redação do CEAV-RJ.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do CEAV-BA.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do CEJURIS.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do Curso Tamandaré.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do Concurso Virtual.
- Autor da Série Gabaritando de Questões Comentadas da Banca CESGRANRIO.
- Aprovado em diversos concursos – TRF-SP, TRF-AL, entre outros.

Apresentação

Essa obra foi imaginada com a intenção de oferecer ao candidato a um cargo no serviço público o máximo de ferramentas efetivas para a resolução de questões de interpretação de textos. Não pretendemos aqui discutir intelecções, mas sim tratar, de forma extremamente objetiva, o assunto. Muitas das questões de interpretação são elaboradas para deixar o aluno em dúvida entre duas alternativas, o que o leva normalmente para a marcação da errada. Qual o critério técnico para excluir essa alternativa? Qual o critério para ser a outra alternativa a resposta? Portanto, o nosso trabalho vai se pautar por esse caminho. Em vez de questionar as bancas, tentaremos mergulhar na cabeça – desculpem a conotação que demarca uma linguagem mais coloquial – dos autores dessas questões e tentar avaliar quais os argumentos que eles poderiam ter para chegar a uma resposta. Faremos um passeio pelo estudo das figuras e funções de linguagem, pela semântica dos afixos e radicais, dos nomes e verbos e sobretudo dos conectores. Nós nos aprofundaremos na tipologia textual, observaremos minuciosamente os recursos argumentativos e destacaremos a análise dos enunciados das questões (se o comando exige resposta explícita ou implícita), fator que se torna tão decisivo para se atingir a alternativa certa. O fechamento de todos os assuntos abordados se dará com um rol de questões sempre apresentado com gabarito comentado. Por fim, a cereja do nosso bolo – olhe a conotação aí novamente – é a análise de mais 100 questões, evidentemente com gabarito comentado, compreendendo todos os assuntos mencionados no livro. Pela nossa experiência, temos a convicção de que essa obra será de extrema valia a todos que pretendem ingressar no serviço público.

Epígrafe

AUTOPSICOGRAFIA

O POETA é um fingidor.

Finge tão completamente

Que chega a fingir que é dor

A dor que deveras sente.

E os que leem o que escreve,

Na dor lida sentem bem,

Não as duas que ele teve,

Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas de roda

Gira, a entreter a razão,

Esse comboio de corda

Que se chama o coração.

Fernando Pessoa

Prefácio

Realizar provas de concursos públicos é uma tarefa que exige muita interpretação não só nas questões de língua portuguesa, mas em todas as disciplinas. A interpretação é essencial para se compreender o que de fato o examinador quer. Esse ponto é muito delicado.

Como professores, percebemos que muitos alunos são reprovados por não terem sabido interpretar corretamente os enunciados da prova, embora soubessem o assunto. Erram questões que teriam plena condição de acertar, se entendessem o que se pede.

A língua portuguesa é extremamente complexa, com palavras de múltiplos sentidos e verbos com grande número de conjugações, em que um detalhe faz toda a diferença.

Esta obra apresenta, de modo objetivo e claro, o resultado de mais de 40 anos somados em experiências de sala de aula. Os autores transmitem, de forma extremamente didática e inovadora, as técnicas e os métodos de interpretação textual, demonstrando que o ato de interpretar não é algo tão "subjetivo", como muitos pensam, mas sim uma atividade que exige uma análise aprofundada e técnica do texto lido.

Ao analisarmos este trabalho, notamos que esta obra irá ajudar todo aquele que, ao primeiro contato com o texto, saberá extrair os elementos necessários para a informação, reconhecimento e interpretação do mesmo, e por isso afirmamos, sem sofisma, que se trata de um instrumento essencial para sanar as dúvidas em relação às questões de prova, bem como facilitar a comunicação no cotidiano.

É uma grande honra para nós do Concurso Virtual sermos escolhidos para escrever o prefácio da obra deste fantástico quarteto: Marcelo Rosenthal, com sua expertise; Lilian Furtado, com a sua sutileza ao passar a matéria; Pedro Henrique, com seu carisma; e Tiago Omena, com a sua objetividade.

Temos a certeza de que todos são professores de altíssima qualidade, apaixonados pelo que fazem e sempre atentos às necessidades dos candidatos a concursos públicos, pois é isso que ouvimos dos nossos alunos no dia a dia, nos enchendo de orgulho por tê-los em nosso corpo docente.

Alexandre Prado, Marcelo Marques, Raphael Vianna e Rodrigo Menezes,

diretores do Concurso Virtual

Capítulo 1

Interpretação Textual

Interpretar é entender o que está escrito no texto, em outras palavras, é explicar, é esclarecer, é reproduzir de uma outra forma algo que já foi dito. Assim, para falar em interpretação textual é fundamental saber o que é texto.

A palavra texto é originada do latim textum e significa entrelaçamento, ou seja, um texto é um entrelaçamento de ideias, por isso, um texto escrito não é apenas uma enumeração de frases e de orações e sim um conjunto de informações conectadas entre si que estabelecem a coesão e a coerência textual.

Segundo FÁVERO (1997), "O texto consiste em qualquer passagem falada ou escrita que forma um todo significativo independente de sua extensão". Dessa forma, podemos considerar que o texto é qualquer forma de comunicação oral ou escrita, verbal ou não verbal sempre direcionado ao leitor, assim, músicas, bulas de remédio, faixas, pinturas, charges, gestos recitais, shows etc. são formas diferentes de texto.

1 – O texto

Vejamos alguns exemplos:

Texto 1

Texto 2

Texto 3

Os textos acima não apresentam frases ou orações, são constituídos apenas de imagens e, ainda assim, conseguimos entender a mensagem de cada um deles. Analisando as figuras, verificamos que o texto 1 apresenta placas de sinalização utilizadas pelas normas de trânsito. Podemos observar ainda que a primeira placa mostra que é proibida circulação de bicicletas e mais ao fundo observamos uma outra placa que indica a presença de quebra-mola na pista. Já o texto 2 tem uma imagem que indica a necessidade de silêncio no estabelecimento em que ela foi fixada. O terceiro texto é uma charge da Mafalda que, ao caminhar por uma calçada, se surpreende ao pisar em um trecho alagado. Após constatar que a água não provinha de chuva, a personagem continua sua caminhada tentando saber a causa de tanta água até que num determinado momento se depara com inúmeras pessoas chorando.

Texto 4

"Renda-se, como eu me rendi. Mergulhe no que você não conhece como eu

mergulhei. Não se preocupe em entender, viver ultrapassa qualquer entendimento."

(Clarice Lispector)

Texto 5

Circuito Fechado

Chinelos, vaso, descarga. Pia, sabonete. Água. Escova, creme dental, água, espuma, creme de barbear, pincel, espuma, gilete, água, cortina, sabonete, água fria, água quente, toalha. Creme para cabelo; pente. Cueca, camisa, abotoaduras, calça, meias, sapatos, gravata, paletó. Carteira, níqueis, documentos, caneta, chaves, lenço, relógio, maços de cigarros, caixa de fósforos. Jornal. Mesa, cadeiras, xícara e pires, prato, bule, talheres, guardanapos. Quadros. Pasta, carro. Cigarro, fósforo. Mesa e poltrona, cadeira, cinzeiro, papéis, telefone, agenda, copo com lápis, canetas, blocos de notas, espátula, pastas, caixas de entrada, de saída, vaso com plantas, quadros, papéis, cigarro, fósforo. Bandeja, xícara pequena. Cigarro e fósforo. Papéis, telefone, relatórios, cartas, notas, vales, cheques, memorandos, bilhetes, telefone, papéis. Relógio. Mesa, cavalete, cinzeiros, cadeiras, esboços de anúncios, fotos, cigarro, fósforo, bloco de papel, caneta, projetos de filmes, xícara, cartaz, lápis, cigarro, fósforo, quadro-negro, giz, papel. Mictório, pia, água. Táxi. Mesa, toalha, cadeiras, copos, pratos, talheres, garrafa, guardanapo, xícara. Maço de cigarros, caixa de fósforos. Escova de dentes, pasta, água. Mesa e poltrona, papéis, telefone, revista, copo de papel, cigarro, fósforo, telefone interno, externo, papéis, prova de anúncio, caneta e papel, relógio, papel, pasta, cigarro, fósforo, papel e caneta, telefone, caneta e papel, telefone, papéis, folheto, xícara, jornal, cigarro, fósforo, papel e caneta. Carro. Maço de cigarros, caixa de fósforos. Paletó, gravata. Poltrona, copo, revista. Quadros. Mesa, cadeiras, pratos, talheres, copos, guardanapos. Xícaras, cigarro e fósforo. Poltrona, livro. Cigarro e fósforo. Televisor, poltrona. Cigarro e fósforo. Abotoaduras, camisa, sapatos, meias, calça, cueca, pijama, espuma, água. Chinelos. Coberta, cama, travesseiro.

(Ricardo Ramos)

Ao comparamos os textos 4 e 5, observamos que ambos são textos escritos, entretanto com diferenças entre si. O texto 4 é direcionado ao leitor e foi elaborado a partir da utilização de orações, conectores coesivos e pontuação. Já quando lemos o texto 5, verificamos de imediato que se trata de um tipo de texto mais atípico ao que estamos acostumados a ver e a conceber como texto. Isso pode

acontecer porque temos a sensação de que se trata apenas de um emaranhado de palavras soltas, composto principalmente de substantivos. Contudo, ao fazermos uma leitura mais atenta, constatamos que a sequência com que os substantivos foram organizados nos permite verificar a história de um homem comum vivendo sua rotina. Assim, o texto 5, apesar de ser apresentado com uma estrutura diferente do que estamos acostumados, é um texto, pois apresenta significado.

Até agora, vimos textos exclusivamente compostos de imagens e textos compostos exclusivamente de escrita. Observe abaixo o quadrinho do Calvim.

Texto 6

<u>Calvim em: Pisei no cocô</u>

http://phellippe.arteblog.com.br/77956/Cavim-em-Pisei-no-coco/

O texto acima é conhecido teoricamente como texto misto por ser composto simultaneamente por imagens e escrita. Ambos os recursos são fundamentais para o entendimento do significado. Observe que no primeiro quadrinho o fato de Calvim gritar pela mãe é composto por um detalhe primordial que não podemos deixar de observar: ele está com os pés do lado de fora da casa. No segundo e terceiro quadrinhos, verificamos que Calvim reflete e obedece à ordem da mãe. Por fim, notamos que só é possível depreender o significado de todo o texto somando a parte escrita da fala de Calvim com a imagem de desespero da mãe.

1.1. TIPOLOGIA TEXTUAL

Quando falamos em **tipo textual**, atualmente conhecido como **modo de organização do discurso** ou **modo textual**, nos referimos à forma como o texto se organiza em relação à informação que será apresentada, aos aspectos sintáticos, aos tempos dos verbos, às relações lógicas etc. Tradicionalmente os tipos textuais são classificados de três formas: **narrativo, descritivo** e **dissertativo (informativo ou argumentativo)**. Entretanto, atualmente, estudiosos defendem a existência de mais dois tipos textuais: **o injuntivo e o dialogal**.

É imprescindível lembrar que esses **modos de organização do discurso** nem sempre aparecem "puros" no texto, ou seja, dificilmente encontraremos textos com características unicamente narrativas ou descritivas. Em um romance, por exemplo, vemos a imbricação entre a narração do enredo e a descrição do espaço.

É importante ressaltar que muitas pessoas fazem confusão entre tipo textual e gênero textual. O gênero textual é um formato que se propõe a uma finalidade. Assim, uma lenda, uma ata de reunião, uma carta, uma fábula, uma receita, uma bula de remédio são diferentes gêneros textuais que possuem formatos distintos. Esses formatos permitem ao leitor identificar, por exemplo, a distinção entre a bula de remédio e a receita de um bolo, pois a forma como o texto é predisposto facilita a verificação do que o texto quer de fato comunicar. Podemos constatar, dessa forma, que temos inúmeros gêneros e que nesses gêneros podemos encontrar cinco tipos textuais. Para que fique mais fácil compreender, vamos analisar abaixo cada tipo textual.

1.1.1. Narração

A construção de um texto narrativo pressupõe a existência de um narrador, que pode ou não ser apresentado de forma explícita no texto. Este narrador tem como objetivo relatar fatos, que ocorreram em determinado tempo e lugar e que envolvem personagens. Assim, podemos entender que no texto narrativo há uma sequência de ações que ocorrem ao longo do tempo, mantendo a progressão temporal e consequentemente a sequência lógica do texto. Além disso, é possível observar a predominância de verbos de ação. Vejamos os exemplos abaixo:

Exemplo 1:

Coruja e águia, depois de muita briga, resolveram fazer as pazes.

– Basta de guerra – disse a coruja. O mundo é tão grande, e tolice maior que o mundo é andarmos a comer os filhotes uma da outra.

– Perfeitamente – respondeu a águia. – Também eu não quero outra coisa.

– Nesse caso combinemos isto: de agora em diante não comerás nunca os meus filhotes.

– Muito bem. Mas como posso distinguir os teus filhotes?

– Coisa fácil. Sempre que encontrares uns borrachos lindos, bem feitinhos de corpo, alegres, cheios de uma graça especial que não existe em filhote de nenhuma outra ave, já sabes, são os meus.

– Está feito! – concluiu a águia.

Dias depois, andando à caça, a águia encontrou um ninho com três monstrengos dentro, que piavam de bico muito aberto.

– Horríveis bichos! – disse ela. Vê-se logo que não são os filhos da coruja.

E comeu-os.

Mas eram os filhos da coruja. Ao regressar à toca a triste mãe chorou amargamente o desastre e foi justar contas com a rainha das aves.

– Quê? – disse esta, admirada. Eram teus filhos aqueles monstrenguinhos? Pois, olha, não se pareciam nada com o retrato que deles me fizeste…"

Exemplo 2:

Tragédia brasileira

Misael, funcionário da Fazenda, com 63 anos de idade.

Conheceu Maria Elvira na Lapa prostituída com sífilis, dermite nos dedos, uma aliança empenhada e os dentes em petição de miséria.

Misael tirou Maria Elvira da vida, instalou-a num sobrado no Estácio, pagou médico, dentista, manicura… Dava tudo quanto ela queria.

Quando Maria Elvira se apanhou de boca bonita, arranjou logo um namorado. Misael não queria escândalo. Podia dar urna surra, um tiro, urna facada. Não fez nada disso: mudou de casa.

Viveram três anos assim.

Toda vez que Maria Elvira arranjava namorado, Misael mudava de casa.

Os amantes moraram no Estácio, Rocha, Catete, Rua General Pedra, Olaria,

Ramos, Bom Sucesso, Vila Isabel, Rua Marquês de Sapucaí, Niterói, encantado, Rua Clapp, outra vez no Estácio, Todos os Santos, Catumbi, Lavradio, Boca do Mato, Inválidos…

Por fim na Rua da Constituição, onde Misael, privado de sentidos e inteligência, matou-a com seis tiros, e a polícia foi encontrá-la caída em decúbito dorsal, vestida de organdi azul.

Manuel Bandeira

Exemplo 3:

Eduardo e Mônica

Quem um dia irá dizer
Que existe razão
Nas coisas feitas pelo coração?
E quem irá dizer
Que não existe razão?
Eduardo abriu os olhos, mas não quis se levantar
Ficou deitado e viu que horas eram
Enquanto Mônica tomava um conhaque
No outro canto da cidade, como eles disseram.
Eduardo e Mônica um dia se encontraram sem querer
E conversaram muito mesmo pra tentar se conhecer…
Um carinha do cursinho do Eduardo que disse:
"Tem uma festa legal, e a gente quer se divertir"
Festa estranha, com gente esquisita
"Eu não tô legal", não aguento mais birita"
E a Mônica riu, e quis saber um pouco mais
Sobre o boyzinho que tentava impressionar
E o Eduardo, meio tonto, só pensava em ir pra casa
"É quase duas, eu vou me ferrar…"
Eduardo e Mônica trocaram telefone
Depois telefonaram e decidiram se encontrar
O Eduardo sugeriu uma lanchonete,
Mas a Mônica queria ver o filme do Godard

Se encontraram então no parque da cidade
A Mônica de moto e o Eduardo de "camelo"
O Eduardo achou estranho, e melhor não comentar
Mas a menina tinha tinta no cabelo
Eduardo e Mônica eram nada parecidos
Ela era de Leão e ele tinha dezesseis
Ela fazia Medicina e falava alemão
E ele ainda nas aulinhas de inglês
Ela gostava do Bandeira e do Bauhaus,
Van Gogh e dos Mutantes, de Caetano e de Rimbaud
E o Eduardo gostava de novela
E jogava futebol-de-botão com seu avô
Ela falava coisas sobre o Planalto Central
Também magia e meditação
E o Eduardo ainda tava no esquema: "escola, cinema
clube, televisão".
E mesmo com tudo diferente, veio mesmo, de repente
Uma vontade de se ver
E os dois se encontravam todo dia
E a vontade crescia, como tinha de ser…
Eduardo e Mônica fizeram natação, fotografia
Teatro, artesanato, e foram viajar
A Mônica explicava pro Eduardo
Coisas sobre o céu, a terra, a água e o ar…
Ele aprendeu a beber, deixou o cabelo crescer
E decidiu trabalhar (nããão)
E ela se formou no mesmo mês
Que ele passou no vestibular
E os dois comemoraram juntos
E também brigaram juntos, muitas vezes depois
E todo mundo diz que ele completa ela
E vice-versa, que nem feijão com arroz

Construíram uma casa há uns dois anos atrás
Mais ou menos quando os gêmeos vieram
Batalharam grana, seguraram legal
A barra mais pesada que tiveram
Eduardo e Mônica voltaram pra Brasília
E a nossa amizade dá saudade no verão
Só que nessas férias, não vão viajar
Porque o filhinho do Eduardo tá de recuperação
Ah! Ahan!
E quem um dia irá dizer
Que existe razão
Nas coisas feitas pelo coração?
E quem irá dizer
Que não existe razão!

Renato Russo

O texto do exemplo 1 é uma fábula. Esse gênero textual é organizado em uma estrutura específica, pois quase sempre seus personagens são bichos, que ganham características humanas e, além disso, tem sempre um ensinamento moral, revelado ao final da história. O texto 2 e o texto 3 também são predominantemente narrativos, embora pertençam a gêneros diferentes: o texto 2 é um romance e o texto 3 é uma música.

É importante também destacar que o texto 1 tem caráter fantástico, pois a fábula não se compromete com a veracidade dos fatos, pelo contrário, as fábulas são fantasiosas e figuradas. Já o texto 2 tem objetivo comunicativo diferente, pois é um texto com personagens bem definidos e que, principalmente, se compromete com a veracidade dos fatos relatados da mesma maneira que acontece com o texto 3.

Observe o quadro abaixo:

TEXTO 1	**TEXTO 2**	**TEXTO 3**
Gênero: Fábula Objetivo: moral	Gênero: Romance Objetivo: verossímil	Gênero: Música Objetivo: verossímil
Tipo textual	Tipo textual	Tipo textual predominante:

predominante: narração Objetivo: relatar fatos	predominante: narração Objetivo: relatar fatos	narração Objetivo: relatar fatos
Personagens: águia e coruja	Personagens: Misael e Maria Elvira	Personagens: Eduardo e Mônica
Tempo: duração até a próxima caçada da águia	Tempo: duração do relacionamento	Tempo: início do relacionamento até a reprovação do filho

Observe que utilizamos a palavra predominante para classificar a tipologia, pois, em ambos os textos, verificamos também a existência de trechos descritivos, que não são suficientes para classificarmos os textos como descritivos.

1.1.2. Descrição

O texto descritivo apresenta uma sequência de características de um indivíduo, de um objeto, de um lugar etc. Textos descritivos geralmente são ricos em adjetivos ou expressões qualificativas e têm como objetivo a construção da imagem, pois o leitor é capaz de visualizar o que é descrito apenas com os dados apresentados no texto. Tradicionalmente, é comum considerar que o texto descritivo é mais estático já que se fundamenta no espaço enquanto o texto narrativo apresenta movimento uma vez que se fundamenta no tempo.

Exemplo 1:

Trecho retirado do livro Madame Bovary

A fachada de tijolos era perfeitamente alinhada à beirada da rua, ou melhor, da estrada. Atrás da porta estavam pendurados uma capa de gola curta, um freio, um boné de oleado e, a um canto, no chão, um par de polainas ainda cobertas de lama seca. À direita era a sala, isto é, o lugar onde comiam e onde sempre ficavam. Um papel cor de canário, com cercadura de flores descoradas, tremia sobre o pano em que estava colado; cortinas de chita branca, orladas de galão vermelho, entrecruzavam-se nas janelas e na estreita pedra do fogão resplandecia um relógio com a cabeça de Hipócrates entre dois castiçais de prata lavrada, debaixo de redomas ovais. Do outro lado do corredor estava o gabinete de Carlos, pequena peça de dois metros de largura, mais ou menos, com uma mesa, três cadeiras e

uma poltrona.

Gustave Flaubert

Exemplo 2:

Anúncio de jornal

Vendo sitio 18 hectares, belíssimas cachoeiras com várias quedas, vários poços para tomar banho, o sitio é cortado por duas enormes cachoeiras, 2 lagos de peixe, pés de laranja, tangerina, caqui entre outros. Aproximadamente 1500 pés de banana, 2 casas c 2 quartos sala, cozinha e banheiro e varanda, um barracão de madeira, galinheiro. Lugar para quem gosta de tranquilidade. Também posso vender a metade do sitio com uma casa. O sítio tem cadastro no INCRA e no IBAMA, os impostos estão em dia. Tel convencional só horário comercial documentação em meu nome.

Exemplo 3:

A casa

Era uma casa
Muito engraçada
Não tinha teto
Não tinha nada
Ninguém podia
Entrar nela não
Porque na casa
Não tinha chão
Ninguém podia
Dormir na rede
Porque a casa
Não tinha parede
Ninguém podia
Fazer pipi
Porque penico
Não tinha ali
Mas era feita
Com muito esmero

Na Rua dos Bobos
Número Zero.

Vinícius de Moraes

A respeito dos textos acima, observamos que, apesar de serem de gêneros diferentes, ambos são predominantemente textos descritivos.

Observe o quadro abaixo:

TEXTO 1	**TEXTO 2**	**TEXTO 3**
Gênero: Romance Objetivo: despertar o leitor para o relato de uma história	Gênero: Anúncio de Jornal Objetivo: vender	Gênero: Música Objetivo: despertar o leitor para as características de uma casa.
Tipo textual predominante: descrição Objetivo: caracterização de objetos ou lugar	Tipo textual predominante: descrição Objetivo: caracterização de lugar	Tipo textual predominante: descrição Objetivo: caracterização de pessoa

1.1.3. Injunção

No texto injuntivo, o autor tenta fazer com que leitor tome atitudes a partir de uma sequência de comandos por meio do convencimento. O texto injuntivo geralmente apresenta ordem, pedido, conselho etc. e por isso há predominância de verbos no imperativo e a ordenação seriada das informações, especialmente sob a forma de orações coordenadas.

Exemplo 1:

Receita de pizza

1. Peneire a farinha e o sal em uma tigela grande. Adicione o fermento e misture.
2. Faça um buraco no centro dos ingredientes secos. Despeje a água e o azeite e mexa até formar uma massa mole.
3. Amasse a massa sobre uma superfície levemente enfarinhada por mais ou menos 10 minutos, até que ela fique lisa e elástica.
4. Coloque a massa em uma tigela untada e cubra com plástico transparente. Deixe-a em um local morno para crescer por mais ou menos 1 hora, até que ela tenha dobrado de tamanho.

5. Amasse novamente a massa. Coloque-a sobre uma base levemente enfarinhada e amasse por 2 a 3 minutos. Abra a massa como desejado e coloque-a em uma fôrma untada. A massa está pronta para a cobertura.

(http://www.muitomaisreceitas.com.br/receitas/tortas_paes_e_pizzas/massa_basica

Exemplo 2:

Os anjos

Pegue duas medidas de estupidez
Junte trinta e quatro partes de mentira
Coloque tudo numa forma
Untada previamente
Com promessas não cumpridas
Adicione a seguir o ódio e a inveja
Dez colheres cheias de burrice
Mexa tudo e misture bem
E não se esqueça antes de levar ao forno temperar
Com essência de espírito de porco
Duas xícaras de indiferença
e um tablete e meio de preguiça (...)

(Trecho da música os anjos de Renato Russo)

Exemplo 3:

Propagandas

Como observamos acima, os textos, apesar de serem de gêneros diferentes, apresentam a mesma tipologia: a injunção. Nos exemplos 1 e 2, percebemos a

preocupação do autor em orientar o leitor na execução de algo. No exemplo 1, temos uma sequência de ações que devem ser empregadas na ordem dada para que seja possível fazer a pizza. No exemplo 2, verificamos que o compositor Renato Russo adiciona ao gênero música um trecho do gênero receita. No exemplo 3, é possível notar que, embora os textos não apresentem uma sequência de ações a serem tomadas pelo leitor, as propagandas têm como objetivo convencer o leitor a tomar a decisão de adquirir o produto. Note que em ambos os textos verificamos a predominância de verbos no imperativo, por ser este, dentro do que considera a tradição gramatical, o modo verbal responsável pelos sentidos de ordem, pedido, conselho, sugestão ou súplica.

Observe o quadro abaixo:

TEXTO 1	**TEXTO 2**	**TEXTO 3**
Gênero: Receita Objetivo: ensinar os passos de um procedimento	Gênero: música Objetivo: criticar o comportamento da sociedade de forma geral	Gênero: propaganda Objetivo: convencer o leitor a adquirir algo
Tipo textual predominante: injunção Objetivo: dizer como fazer uma ação	Tipo textual predominante: injunção Objetivo: dizer como fazer uma ação	Tipo textual predominante: injunção Objetivo: levar à realização de uma ação

1.1.4. Diálogo

No texto dialogal, é possível observar que o texto é constituído por no mínimo dois locutores, que estabelecem um intercâmbio verbal. Este tipo de texto é organizado de forma a reproduzir uma conversa da oralidade, pois conferem realismo ao diálogo realizado pelos personagens que participam do mesmo espaço e discutem sobre o mesmo tema. Este texto se difere da narração, pois o narrador, quando aparece, tem apenas a função de apresentar o diálogo que ocorre na primeira pessoa do singular.

Exemplo 1:

Folha – Como foi voltar a filmar com Pedro Almodóvar?

Antonio Banderas – Foi como um nascimento, meu segundo nascimento. É

difícil trabalhar com ele, porque exige muito. Para mim, é caminhar num terreno desconhecido, cujo resultado me deixou muito contente.

O que mudou no período em que não trabalharam juntos?

Muita coisa mudou, mas na vida pessoal continuamos muito amigos. No terreno artístico ele se converteu em um diretor mais profundo, mais sério, mais completo quanto ao conteúdo e na forma mais minimalista, quase japonês. Em minha carreira, nesse tempo, eu interpretei muita coisa, [fiz] filmes de terror, musicais, aventura, ação, filme para crianças. Reconheço que me apetecia me envolver com um cinema mais comprometido, com Woody Allen, Pedro Almodóvar.

Que tal as brasileiras?

Não tive tempo para conhecer muitas mulheres brasileiras porque fiquei em lugares fechados concedendo entrevistas (risos). Há uma alegria inata neste país. Recordo um filme chamado "Orfeu Negro" (1959) [filme dirigido por Marcel Camus, baseado na peça "Orfeu da Conceição", de Vinicius de Moraes], que falava sobre a morte e ao mesmo tempo havia uma exaltação da alegria exatamente porque a morte é a única certeza.

Qual é a brasileira mais bonita?

A mais bela? É muito difícil porque há muitas mulheres muito belas aqui. A união de raças produz gente muito bonita aqui. A beleza das mulheres daqui não é tradicional. Há mulheres que não têm a beleza dentro das coordenadas, do padrão. Eu prefiro não intelectualizar, porque senão vou perder esse sabor, prefiro apenas observar e desfrutar.

O que acha do nosso cinema?

O Brasil está crescendo e o cinema vai junto. O trabalho de Walter Salles e Bruno Barreto são legados. Mas creio que o Rio não é uma cidade suficientemente retratada pelo cinema. Há algo muito espetacular aqui que não foi completamente retratado.

Como se envolveu com perfumes e fotografia?

Comecei minha atividade empresarial há 14 anos, mas não sou um vendedor de perfumes, sou um artista. Também me encanta a fotografia e a música.

(trecho da entrevista da Folha Online – http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/920728-banderas-diz-que-mulher-brasileira-e-para-observar-e-desfrutar.shtml)

Exemplo 2:

Ema prosseguia:

– E que música prefere o senhor?

– A música alemã, que é a que mais nos predispõe ao devaneio.

– Conhece os italianos?

– Ainda não; mas tenciono frequentá-los no ano que vem, quando for residir em Paris, para completar o meu curso de Direito.

(Trecho da obra Madame Bovary de Gustave Flaubert)

Exemplo 3:

Olá, como vai?
Eu vou indo e você, tudo bem?
Tudo bem eu vou indo correndo
Pegar meu lugar no futuro, e você?
Tudo bem, eu vou indo em busca
De um sono tranquilo, quem sabe…
Quanto tempo… pois é…
Quanto tempo…
Me perdoe a pressa
É a alma dos nossos negócios
Oh! Não tem de quê
Eu também só ando a cem
Quando é que você telefona?
Precisamos nos ver por aí
Pra semana, prometo talvez nos vejamos
Quem sabe?
Quanto tempo… pois é… (pois é… quanto tempo…)
Tanta coisa que eu tinha a dizer
Mas eu sumi na poeira das ruas
Eu também tenho algo a dizer
Mas me foge a lembrança
Por favor, telefone, eu preciso
Beber alguma coisa, rapidamente

Pra semana
O sinal…
Eu espero você
Vai abrir…
Por favor, não esqueça,
Adeus…

Paulinho da Viola

1.1.5. Dissertação

O texto dissertativo é elaborado a partir da apresentação de fatos, opiniões, pensamentos ou informações sobre determinado assunto. Geralmente, as ideias apresentadas são encadeadas utilizando-se a terceira pessoa do singular, uma das formas de marcar gramaticalmente a impessoalidade, entretanto, nas provas de interpretação, é comum observar textos dissertativos em que o autor se utiliza da primeira pessoa para expor sua opinião. A depender do objetivo do autor, a dissertação pode ser expositiva (texto informativo) ou argumentativa e geralmente dividida em introdução, desenvolvimento e conclusão. A diferença básica entre os dois tipos de texto é que, no primeiro, o autor não se propõe a convencer o leitor, fazendo apenas uma explicação sobre o assunto apresentado, relatando dados e ideias. Já na argumentação, o autor, além de tentar convencer o leitor a respeito da ideia apresentada, emprega um raciocínio lógico e coerente, utilizando como base de argumentação provas que evidenciem suas ideias.

Vejamos os textos abaixo:

1.1.5.1. Dissertação informativa (expositiva)

Lua pode conter tanta água quanto a Terra, revela estudo

A Lua poderia ter muito mais água do que o imaginado, talvez tanta quanto a Terra, uma descoberta que lança dúvidas sobre a formação do satélite, revela um estudo divulgado esta quinta-feira nos Estados Unidos.

Durante muito tempo acreditou-se que a Lua fosse um local seco e poeirento até que, há poucos anos, descobriu-se água pela primeira vez.

Agora, cientistas das universidades Case Western Reserve e Brown acreditam que no interior da Lua haja cem vezes mais água do que se pensava inicialmente.

As descobertas foram feitas com o uso de um instrumento de precisão, chamado NanoSIMS 50L –um microanalisador de íons-– para examinar o magma lunar ou pequenas quantidades de rocha derretida, coletada pela Apolo 17, a última missão americana à Lua, em 1972.

"Estas amostras são a melhor janela que temos para [calcular] a quantidade de água no interior da Lua", disse James Van Orman, coautor do estudo e professor de ciências geológicas do Case Western.

"O interior parece ser bastante similar no interior da Terra, razão pela qual sabemos sobre a abundância de água", acrescentou.

As descobertas foram publicadas na edição de 26 de maio da "Science Express".

A mesma equipe publicou um trabalho na "Nature" em 2008, descrevendo a primeira evidência da presença de água nos cristais vulcânicos trazidos pelas missões Apolo.

"O essencial é que em 2008 dissemos que o conteúdo primitivo de água no magma lunar deveria ser similar à água contida na lava proveniente da drenagem do manto superior da Terra", disse outro coautor do estudo, Alberto Saal. "Agora, provamos que este é o caso", acrescentou.

Enquanto as descobertas corroboram a teoria longamente sustentada de que a Lua e a Terra têm origens comuns, também lançam dúvidas sobre a crença de que a Lua pode ter se formado após um desprendimento da Terra, perdendo boa parte de sua umidade neste processo de alta temperatura.

Segundo esta teoria, de "enorme impacto" nos anos 1970, a Lua se formou depois que o nosso planeta colidiu com uma rocha espacial ou planeta 4,5 bilhões de anos atrás.

"Esta nova pesquisa revela que aspectos desta teoria devem ser reavaliados", destacou o estudo.

As descobertas também levantam interrogações sobre as teorias que afirmam que o gelo encontrado nas crateras dos polos lunares pode ser resultante do impacto de meteoros, sugerindo que parte do mesmo pode ter provindo da erupção de magmas lunares.

A Nasa (agência espacial americana) anunciou, em 2009, que duas naves enviadas à Lua para colidir com a superfície do satélite descobriram pela primeira vez água congelada, uma revelação considerada um enorme passo adiante na

exploração espacial.

(25/05/2011 – http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/921297-lua-pode-conter-tanta-agua-quanto-a-terra-revela-estudo.shtml)

1.1.5.2. Dissertação argumentativa

Nos últimos anos, a discussão sobre o aquecimento global e suas consequências se tornou onipresente entre governos, empresas e cidadãos. É louvável que todos queiram salvar o planeta, mas o debate sobre como fazê-lo chegou ao patamar da irracionalidade. Entre cientistas e ambientalistas, estabeleceu-se uma espécie de fervor fanático e doutrinário pelas conclusões pessimistas do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), órgão da ONU. Segundo elas, ou se tomam providências radicais para cortar as emissões de gases do efeito estufa decorrentes da atividade humana, ou o mundo chegará ao fim do século XXI à beira de uma catástrofe. Nos últimos três meses, numa reviravolta espetacular, a doutrina do aquecimento global vem se desmanchando na esteira de uma série de escândalos.

Descobriu-se que muitas das pesquisas que dão sustentação aos relatórios emitidos pelo IPCC não passam de especulação sem base científica. Pior que isso: os cientistas que conduzem esses estudos manipularam dados para amparar suas conclusões.

A reputação do IPCC sofreu um abalo tectônico no início do ano quando se descobriu um erro grosseiro numa das pesquisas que compõem seu último relatório, divulgado em 2007. O texto afirma que as geleiras do Himalaia podem desaparecer até 2035, por causa do aquecimento global. O derretimento traria consequências devastadoras para bilhões de pessoas na Ásia, que dependem da água produzida pelo degelo nas montanhas. Os próprios cientistas que compõem o IPCC reconheceram que a previsão não tem o menor fundamento científico e foi elaborada com base em uma especulação. O mais espantoso é que tal previsão tenha sido tratada como verdade incontestável por três anos, desde a publicação do documento.

Os relatórios do IPCC são elaborados por 3000 cientistas de todo o mundo e, por enquanto, formam o melhor conjunto de informações disponível para estudar os fenômenos climáticos. O erro está em considerá-lo infalível e, o que é pior, transformar suas conclusões em dogmas.

(SOUZA, Okky de.. Veja, pp. 94-95, 24 fev.2010. com adaptações)

Observe que, no texto **Lua pode conter tanta água quanto a Terra, revela estudo**, o autor do texto não tem o objetivo de convencer o leitor a respeito do assunto; é, na realidade, possível notar que sua intenção é apenas informar o leitor sobre a possibilidade de a Lua ter mais água do que a ciência imaginava até o momento. Note que a abordagem do tema é imparcial, e o autor não revela claramente seu posicionamento, seu ponto de vista, em relação ao assunto apresentado no texto. Por outro lado, no segundo texto (a dissertação argumentativa), podemos observar o posicionamento do autor do texto em várias passagens como, por exemplo, em: "**É louvável** que todos queiram salvar o planeta, mas o debate sobre como fazê-lo chegou **ao patamar da irracionalidade** (...)"; numa **reviravolta espetacular** (...); **Pior que isso** (...). Tais expressões marcam nitidamente a opinião do autor do texto, ainda que ele não tenha feito isso utilizando a primeira pessoa gramatical (eu acho, eu penso, nós sabemos...) para expor sua opinião.

1.2. Tópico frasal

Quando lemos um texto, podemos identificar que cada um dos parágrafos do desenvolvimento apresenta uma ideia principal, também chamada de pequena tese, articulada diretamente com o assunto central do texto (tese geral ou grande tese). No caso do artigo dissertativo-argumentativo que você acabou de ler, o tema é o aquecimento global e suas consequências.

Caso você leia atentamente o primeiro parágrafo do texto, irá perceber que a primeira frase sintetiza toda a ideia presente. É essa frase com informação central do parágrafo que se chama de tópico frasal.

Vale lembrar que, nas questões de interpretação, os examinadores podem pedir para identificar a ideia principal do texto e você deverá saber também que não existe obrigatoriedade de a primeira frase do parágrafo ser mesmo o tópico frasal. Isso acontece porque em alguns casos o tópico pode ser um período no meio do parágrafo, ou mesmo no final. É mais raro, mas é de bom alvitre lembrar que também não é obrigatório o tópico frasal ocorrer no primeiro parágrafo.

Vamos analisar detidamente a estrutura de cada um dos parágrafos da dissertação argumentativa:

1º parágrafo – O tópico frasal que o inicia apresenta a ideia central (grande tese) do texto: a discussão sobre o aquecimento global e suas consequências se tornou onipresente entre governos, empresas e cidadãos. Uma boa estratégia para identificar o tópico frasal é o tamanho do período; geralmente, o período do tópico frasal é menor do que os outros que o explicam. Nos períodos seguintes desse parágrafo, notaremos que o autor direciona a sua discussão e o seu posicionamento.

2º parágrafo e 3º parágrafo – As ideias principais que os abrem apresentam a informação central do próprio parágrafo que introduzem; a essa informação chamamos de pequena tese: o escândalo relacionado às pesquisas desenvolvidas pelo IPCC. As outras frases do parágrafo aprofundam essa visão geral, trazendo conhecimento objetivo acerca do assunto e o posicionamento do autor do texto em relação ao tema.

4º parágrafo – A ideia principal que o inicia traz a aceitação de que os relatórios emitidos pelo IPCC são fundamentais e que o problema é a forma como se lida com as informações contidas neles.

Outro assunto não menos importante e sempre cobrado nas questões de interpretação é o tipo de argumentação que pode ser utilizado como estratégia textual, seja para convencimento do leitor seja como mera informação. Torna-se imperioso observar que a tipologia textual será determinada pelo objetivo do autor, ou seja, predominância não significa necessariamente que o maior fragmento caracteriza a tipologia. Se um fragmento narrativo de trinta linhas foi utilizado como recurso argumentativo para a defesa de uma tese exposta em apenas uma linha, ainda assim o texto é dissertativo. Isso se esclarece pelo fato de que não é o número de linhas que caracteriza o texto como um todo, mas sim sua finalidade. Assim, podemos encontrar textos narrativos com argumentos de autoridade e textos argumentativos com trechos narrativos. Isso pode acontecer por meio de parágrafos expositivos que têm função meramente informativa; parágrafos argumentativos que explicam o porquê da tese ou tentam comprovar sua validade; e até mesmo trechos elaborados por meio de alusão histórica em que o autor cria uma ambientação situada historicamente, apresentando, por exemplo, antecedentes históricos. Lembre-se de que todas essas estratégias de argumentação são também consideradas estratégias de evidência, uma vez que a tese é defendida de forma a dar credibilidade ao texto, não apresentando dúvida

quanto à sua verdade.

1.3. TIPOS DE ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS

1.3.1. Argumentação por autoridade ou informações de terceiros

A argumentação por autoridade é realizada por meio da demonstração de opiniões de pessoas "consideradas autoridades" para a ideia proposta no tema do texto. Inclusive, podemos observar isso em um texto já utilizado em prova. Vejamos agora o texto e a utilização do argumento de autoridade. No capítulo de questões comentadas, esse texto será revisitado, com o devido aprofundamento de sua análise.

Prova: Cespe / UnB / PF / Delegado (Questão 40 do capítulo de questões comentadas)

Individualistas e comportados. E daí?

Cientistas sociais e filósofos de inúmeras correntes garantem: a geração de 90 é ambígua. Explica-se: os adolescentes dessa época buscam o bem-estar individual mas também consideram o conceito "viver dignamente" como um direito da humanidade. Só que eles não pretendem se fatigar nas lutas sociais, nem se sentem atraídos por bandeiras políticas ou cartilhas ideológicas. **Em uma pesquisa recente na França,** o item "justiça social" foi classificado como um dos menos importantes por moças e rapazes na faixa dos 14 aos 17 anos. Imediatamente, a geração que ouve Madonna, diverte-se com Steven Spielberg e devora sanduíches passou a ser chamada de "novos individualistas". **O filósofo e escritor francês Laurent Joffrin, autor do livro Um toque de Juventude, celebra com muito otimismo os "moralistas de blue jeans: "eles não são apáticos como se supõe. Seus interesses vão além do prazer imediato e da pura distração", explica Joffrin**. Mais cético, **seu colega Alain Finkelkraut acredita que os jovens dos anos 90 se apoiam em relacionamentos superficiais e valores distorcidos. "Comportam-se como se a vida fosse um grande videoclip...", lamenta.** Enquanto os intelectuais batem boca, os ingleses que cresceram ouvindo a balada conservadora de Margareth Thatcher hoje insistem que a vida comportada é muito melhor. **Em um pesquisa da revista Look Now,** moças e rapazes de 15 a 24 anos confessam gostar de boas roupas,

querem ser vistos como pessoas sensíveis e responsáveis, pretendem ter uma carreira sólida e fazer fortuna. Desnecessário dizer que a Dama de Ferro adorou os resultados da pesquisa.

Greenghalg, Laura. "Sociedade dos Poetas Vivos". Elle, p. 35, ago/1998 (com adaptações).

Observe que os trechos em negrito são todos considerados argumentos de autoridade, pois o autor tem como objetivo tornar o seu texto mais convincente e para isso não se utiliza apenas das falas de cada indivíduo citado no texto, mas também das funções que lhe conferem esta autoridade, uma vez que a pessoa citada no texto pode não ser conhecida do leitor. Assim é possível constatar que não é apenas o nome do indivíduo que caracteriza a autoridade, e sim a importância que esse individuo traz ao tema apresentado. Da mesma maneira isso acontece com o uso de pesquisas que conferem veracidade às informações apresentadas.

1.3.2. Argumentação por analogia ou por comparação

Este tipo de argumentação acontece por meio de uma comparação. Veja o exemplo:

"A vida agitada das grandes cidades aumenta os índices de doenças do coração. Imagine o leitor, por exemplo, um automóvel dirigido suavemente, com trocas de marcha em tempo exato, sem freadas bruscas ou curvas violentas. A vida desse veículo tende a prolongar-se bastante. Imagine agora o contrário: um automóvel cujo proprietário se compraz em arrancadas de "cantar pneus (...)".

Observamos nitidamente que o autor do texto se utiliza de uma estratégia de comparação para conduzir o pensamento do leitor e, para isso, compara a forma como se "dirige" a vida com a forma como se dirige um automóvel.

1.3.3. Argumentação por apresentação de dados estatísticos

Este tipo de estratégia argumentativa é feito por meio da apresentação de dados estatísticos e, assim como as outras estratégias, serve para provar aquilo que é dito no texto. Geralmente, os dados utilizados são oriundos de pesquisas de órgãos públicos habilitados para a divulgação de tais dados. Vejamos o texto abaixo:

"O ministro da Educação, Cristovam Buarque, lança hoje o Mapa da Exclusão Educacional. O estudo do Inep, feito a partir de dados do IBGE e do Censo

Educacional do Ministério da Educação, mostra o número de crianças de sete a catorze anos que estão fora das escolas em cada estado. **Segundo o mapa, no Brasil, 1,4 milhão de crianças, ou 5,5 % da população nessa faixa etária (sete a catorze anos), para a qual o ensino é obrigatório, não frequentam as salas de aula. O pior índice é do Amazonas: 16,8% das crianças do estado, ou 92,8 mil, estão fora da escola. O melhor, o Distrito Federal, com apenas 2,3% (7 200) de crianças excluídas, seguido por Rio Grande do Sul, com 2,7% (39 mil) e São Paulo, com 3,2% (168,7 mil).**"

(BERGAMO, Mônica. Folha de S. Paulo, 03 dez. 2003.)

1.3.4. Argumentação por exemplos (exemplificação)

Este tipo de argumentação é realizado por meio de exemplos que elucidam ou justificam a ideia apresentada na tese. Um bom exemplo fundamenta a argumentação, pois pode relatar casos que sustentam a tese como verdadeira. Vejamos o texto abaixo:

O Brasil das cabeças desarrumadas

Elio Gaspari (O Globo)

O resultado do referendo fez um bem ao país. Instaurou o império das cabeças desarrumadas, e o Brasil precisa delas.

Uma pessoa de cabeça desarrumada é assim: defende a pena de morte e o ensino gratuito nas universidades públicas. É a favor do aborto e se diz católico. Votou Lula em 2002 e José Serra em 2004. É contra as cotas nas universidades e milita numa ONG de defesa da Mata Atlântica. Por desarrumada, essa cabeça pode pensar tudo ao contrário e não faz a menor diferença. A desarrumação determina e incentiva o debate. Opõe-se a um mundo de ideias ordenadas no qual a pessoa deve se preocupar em "pensar direito", entendendo-se que sempre haverá alguém explicando o que vem a ser "pensar direito".

Houve uma época em que a expressão "raciocinar em bloco" designava, com alguma ironia, inteligências ou culturas privilegiadas, sacerdotes do bem-pensar. Aceitando-se as virtudes do mestre, esperava-se sua opinião e ia-se atrás. Essa atitude tanto pode colocar uma pessoa na condição de discípulo de um grande pensador como pode embalá-la na treva da ignorância. O segundo caso ocorre com maior frequência.

As cabeças arrumadas brasileiras, atraídas pela construção de modelos intelectuais harmônicos, dão pouca atenção ao funcionamento da sociedade. Preferem evitar o assunto. **Alguns exemplos.**

O bem-pensar urbano do Rio de Janeiro legislou que é proibido construir apartamentos com menos de 30 metros quadrados. Coisa de gente muito bem educada. Faltou dizer onde vai morar uma família que não tem dinheiro para essa metragem. Na favela, por certo. A discussão dessa lei de incentivo à favelização está fora do debate urbano carioca.

O bem-pensar tributário estabeleceu que os serviços de telefonia devem ser taxados com mão-de-ferro, pois vai-se tomar dinheiro do andar de cima para custear investimentos que atenderão ao de baixo. Deu no seguinte: o patrão fala com Paris de graça pelo Skype e a empregada paga R$ 5 por um telefonema de dez minutos para Bangu. Um imposto destinado a buscar justiça produz injustiça, mas o tema está fora da agenda dos teletecas.

O bem-pensar diplomático levou Lula a propor uma cruzada mundial contra a fome. Fez isso em Genebra, Paris e Nova York. Passados dois anos, contou que gostaria de arrumar recursos para combater a desnutrição da África, aumentando as taxas de embarque nos aeroportos brasileiros. Falta dizer aos usuários do Galeão que eles pagam uma das taxas mais altas do mundo, o dobro do que se cobra no Aeroporto Kennedy.

Num caso mais farisaico, tome-se o exemplo da legislação penal brasileira. Bem pensada, faz inveja a um advogado sueco. São muitos os doutores que fazem palestras pelo mundo descrevendo essa joia de modernidade. Jamais um ministro da Justiça contará que as maravilhas são parolas. O que vale mesmo é a lei da massa. O bandido que entra na prisão passa a uma nova instância judicial, a de seus pares. Maltratou a mãe? Morre. Estupro? Se não morrer, sofre o que fez. Respeito, só para os estelionatários.

No Brasil das cabeças desarrumadas cada tema poderá ser discutido e avaliado isoladamente. Muitas opiniões resultarão contraditórias, mas é esse exercício do juízo individual que enriquece o debate público.

Harmonia e nexo podem ser desejáveis, mas é preferível conviver com pessoas

de cabeça desarrumada cujas opiniões não formam um nexo final do que aturar gente que tem muito nexo mas não se responsabiliza pelas opiniões que dá.

Os trechos em negrito são argumentos exemplificativos que têm como objetivo mostrar a veracidade da tese apresentada no primeiro parágrafo (O resultado do referendo fez um bem ao país. Instaurou o império das cabeças desarrumadas, e o Brasil precisa delas.), comprovando o posicionamento do autor do texto.

1.4. Exercícios

01. **(FGV / MEC / Documentador)**

Atentado à Democracia

Um relatório da Associação Nacional de Jornais (ANJ) revelou que, nos últimos doze meses, foram registrados no Brasil 31 casos de violação à liberdade de imprensa. Destes, dezesseis são decorrentes de sentença judicial – em geral, proferida por juízes de primeira instância. Trata-se de uma anomalia e de uma temeridade. Anomalia porque há muito o Judiciário tem mostrado seu compromisso com a defesa da liberdade de imprensa e do livre pensamento, que é princípio fundamental dos regimes democráticos e cláusula pétrea da Constituição. A derrubada, pelo Supremo Tribunal Federal, da Lei de Imprensa, instrumento de intimidação criado no regime militar, é só um exemplo recente dessa convicção. Assim, um juiz que, de forma monocrática, decide impor a censura a um veículo passa a constituir uma aberração dentro do poder que ele representa. A frequência com que esse tipo de atitude tem se repetido é uma ameaça aos valores democráticos do país e tem como consequência prática e deletéria o prejuízo do interesse público, já que se priva a sociedade do direito à informação.

(Veja, 26 ago.2009.)

Os dois adjetivos que são adequados ao texto lido são:

a) informativo e narrativo;
b) narrativo e normativo;
c) normativo e descritivo;
d) descritivo e argumentativo;
e) argumentativo e informativo.

Gabarito: E

O texto lido deve ser caracterizado como 'argumentativo/informativo'. Podemos observar no texto trechos de caráter informativo como, por exemplo, "Um relatório da Associação Nacional de Jornais (ANJ) revelou que, nos últimos doze meses, foram registrados no Brasil 31 casos de violação à liberdade de imprensa. Destes, dezesseis são decorrentes de sentença judicial – em geral, proferida por juízes de primeira instância. Trata-se de uma anomalia e de uma temeridade" e trechos de caráter argumentativo: "Trata-se de uma anomalia e de uma temeridade. Anomalia porque há muito o Judiciário tem mostrado seu compromisso com a defesa da liberdade de imprensa e do livre pensamento, que é princípio fundamental dos regimes democráticos e cláusula pétrea da Constituição."

02. **(FGV / COMPANHIA DOCAS – SP / Advogado)**

Perda de oportunidades no trabalho

As empresas vinculadas ao setor de petróleo no Brasil treinaram e formaram mais de 80 mil profissionais desde 2007, em um programa de qualificação que abrange do nível básico a cursos de pós-graduação. Mesmo assim, não conseguiram atender a toda a demanda de pessoal qualificado identificada pelo setor. A exemplo do petróleo, vários outros ramos de atividade industrial, da construção ou de serviços têm se envolvido diretamente na formação e treinamento de profissionais que não estão disponíveis no mercado.

Nem por isso os índices de desemprego se tornaram irrelevantes no país. Há muitas pessoas que permanecem sem ocupação por serem inabilitadas às vagas e aos cargos que o mercado oferece. São numerosas oportunidades perdidas que se multiplicarão, se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento – e a qualidade da educação continuar baixa. Afinal, a dificuldade de se formar e qualificar profissionais na velocidade que o mercado hoje demanda se deve, em grande parte, a deficiências do sistema de ensino brasileiro.

Um enorme contingente de jovens deixa as escolas ainda com falta de capacidade de aprender. O ensino técnico profissionalizante, com honrosas exceções, passou anos sem sintonia com o mundo real. A escassez de profissionais qualificados vem forçando uma transformação nesse sistema de ensino, e algumas iniciativas inovadoras começam a apresentar resultados, o que pode motivar a reprodução dessa experiência pelo país inteiro. No caso do Estado do Rio, merecem atenção os chamados Centros de Vocação Tecnológica, mais voltados para jovens da região metropolitana.

Esses centros se diferem do ensino técnico convencional porque ministram cursos de curta duração (de dois meses a um ano, essencialmente) e buscam atender a demandas específicas de grupos de empresas localizadas em suas proximidades. Os planos das autoridades responsáveis por esses centros são de ampliar o número de vagas para 54 mil alunos ainda este ano.

O ensino técnico profissionalizante de fato precisa hoje correr contra o relógio, pois, se persistir a falta de pessoal qualificado, as oportunidades acabam definitivamente perdidas pela desistência dos potenciais empregadores.

Mas, simultaneamente a essa premência de curto prazo, espera-se que a cadeia de ensino no país, da pré-escola à universidade, acelere ou implante programas que possibilitem um substancial salto de qualidade. Educadores já contam com ferramentas pedagógicas e tecnológicas que facilitam essa aceleração. O ensino a distância, mais acessível graças às telecomunicações e aos recursos da informática, pode romper barreiras que antes impediam a universalização de um sistema educacional de boa qualidade.

O aproveitamento das oportunidades que estão surgindo é valioso porque, além da realização pessoal na vida profissional, é um atalho para melhora dos níveis de renda e de bem-estar de fatias cada vez maiores da população brasileira.

Ao lado dos indicadores macroeconômicos, precisamos acompanhar os referentes ao sistema de ensino em geral, e, especificamente, os relativos ao ensino profissionalizante. Sem melhorar a educação pública, milhões continuarão prisioneiros do assistencialismo, e as empresas, desassistidas.

(O Globo, 28 abr.2010.)

O texto classifica-se como:

a) descritivo;
b) narrativo;
c) dissertativo expositivo;
d) dissertativo argumentativo;
e) descritivo-narrativo.

Gabarito: D

O texto Perda de oportunidades no trabalho é predominantemente dissertativo argumentativo. Trata-se de um texto bem definido tipologicamente, pois apresenta de forma bem estruturada introdução, desenvolvimento e conclusão. Nos dois

primeiros parágrafos, podemos observar a presença de tese que tem como objetivo mostrar que o texto será pautado na discussão de que, mesmo com as medidas tomadas para se ter pessoal capacitado para o trabalho na área de petróleo, as oportunidades perdidas serão muitas se a qualidade de educação continuar baixa e se a economia continuar a crescer. Nos parágrafos seguintes, verificamos os argumentos utilizados para defender a tese proposta, principalmente, no que tange às críticas ao ensino técnico profissionalizante do país e, por fim, no último parágrafo, podemos destacar a sugestão do autor para os problemas levantados no decorrer do texto.

03. **(FGV / COMPANHIA ÁGUAS E ESGOTOS – RN / Agente administrativo)**

O futuro das cidades é verde

Cada vez mais humanos vivem em cidades. Somos 3,3 bilhões de pessoas em áreas urbanas – o que corresponde a 51% da população mundial, contra 49% de habitantes de áreas rurais, segundo dados da ONU. Apesar da escalada das megalópoles ao longo do século XX, essa inversão ocorreu em escala global apenas em 2008. No Brasil, o fenômeno consolidou-se já na década de 70. Hoje, apenas 16% dos 192 milhões de brasileiros vivem na zona rural, de acordo com o IBGE. Com tanta gente ocupando o mesmo espaço, agravam-se os problemas de saneamento, transporte e uso de recursos naturais, entre muitos outros. Como solucionar esses problemas é a pergunta do momento.

Durante o mês de março, o Brasil transforma-se em sede de três eventos que pretendem respondê-la. A Conferência Internacional das Cidades Inovadoras (CICI2010) recebeu especialistas e prefeitos de diversas partes do mundo entre os dias 10 e 13, em Curitiba (PR). Na sequência, acontecem a Conferência Latino-Americana de Saneamento (Latinosan 2010), de 14 a 18 em Foz do Iguaçu (PR), e a Primeira Jornada Internacional sobre Energias Renováveis, Eficiência Energética e Poder Local, em Betim (MG), entre os dias 17 e 19.

Um dos especialistas escalados para a CICI2010 é o americano Marc Weiss, presidente da organização Global Urban Development (Desenvolvimento Global Urbano). O gestor acredita que o principal desafio à nossa frente é gerar crescimento econômico sustentável e qualidade de vida para todos em todos os lugares. "Com uma combinação de inovação tecnológica e uma elevada eficiência, as cidades poderão gerar uma expansão substancial de negócios e empregos o que vai culminar em comunidades mais saudáveis e em harmonia com os ciclos da

natureza", diz. O fato de eventos como esses acontecerem por aqui não é mera coincidência. O País vem se tornando protagonista no combate às mudanças climáticas, principalmente depois da Conferência do Clima da ONU (COP-15), realizada em dezembro em Copenhague, na Dinamarca.

Na ocasião, o governo brasileiro apresentou metas ambiciosas de redução de emissões de gases do efeito estufa, um dos grandes problemas gerados pela concentração de automóveis em centros urbanos. "O Brasil está se tornando um líder mundial no trabalho de estabelecer um novo e alto padrão de desenvolvimento urbano e industrial sustentável", acredita Weiss. "O desenvolvimento sustentável é política de governo em algumas cidades, e não apenas um conjunto de medidas dirigidas a questões pontuais", diz Laura Valente de Macedo, diretora regional para América Latina e Caribe do ICLEI Governos Locais pela Sustentabilidade. Ela cita Freiburg, Bonn (ambas na Alemanha), Malmö e Växjo (as duas na Suécia) como exemplos. "Entre suas muitas iniciativas, todas têm em comum a ênfase no uso de energias renováveis, como a solar, o biogás e a eólica", afirma. Há quem esteja ousando ainda mais nesse desafio. O escritório Gale International está construindo – em parceria com a gigante de tecnologia Cisco – a cidade mais sustentável do mundo. Nova Songdo, na Coreia do Sul, deve ficar pronta em 2015 e contará com tecnologias que reduzem o consumo de energia e utilizam materiais naturais e reciclados.

Existem planos para construir mais 20 centros urbanos parecidos na China e na Índia nos próximos anos. Uma excelente oportunidade para o Brasil ter cidades que se aproximem desse sonho são os eventos esportivos que o País vai sediar nos próximos anos. Para receber a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016, os organizadores tiveram de se submeter a uma série de medidas ambientais. Coleta seletiva do lixo, uso racional de água, economia de energia e transportes que usem combustível de forma racional são algumas delas. Mesmo que não houvesse essa obrigatoriedade, até lá já viveremos um outro tempo. O Protocolo de Kyoto vence em 2012. Ou seja: o mundo terá uma nova política de emissões de gases estufa. No mesmo ano, acontece a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, no Rio de Janeiro – reedição da Rio-92. A bola está conosco.

(JULIÀO, André.. Isto É, ed. 2105, março 2010. Com adaptações)

Quanto à sua tipologia, o texto deve ser classificado como:

a) narrativo;
b) descritivo;
c) injuntivo;
d) oratório;
e) dissertativo.

Gabarito: E

O texto O futuro das cidades é verde é dissertativo e predominantemente informativo. O texto mostra que problemas com saneamento, transportes e uso de recursos humanos aumentam à medida que também aumenta o número de humanos que vivem nas cidades. Nos parágrafos de desenvolvimento observamos a existência de argumentos de autoridade que dão credibilidade aos dados apresentados pelo autor, uma vez que todos são fornecidos por órgãos ou por pessoas responsáveis pela veracidade dessas informações. Todo o desenvolvimento desemboca na conclusão proposta pelo autor de que será uma grande oportunidade de desenvolvimento sustentável para o Brasil quando o prazo do protocolo de Kyoto vencer pois será no mesmo ano da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio ambiente e Desenvolvimento.

04. **(FGV / TRE– PA / Analista judiciário)**

Financiamento de campanhas eleitorais: aspectos éticos

Além dos aspectos legais, as empresas que decidirem participar do processo eleitoral devem buscar procedimentos éticos na tomada de decisões relacionadas ao financiamento de candidatos e partidos políticos.

Tradicionalmente, os controladores das empresas são os responsáveis pela decisão de como os recursos devem ser distribuídos entre candidatos e partidos. Os sócios e colaboradores dificilmente são consultados, e muitas vezes o apoio reflete mais as posições pessoais dos controladores do que os valores e princípios das empresas.

A consulta aos sócios e colaboradores sobre candidatos e partidos que a empresa deve apoiar não implica, necessariamente, transformar a decisão desse apoio em algo coletivo. O simples fato de consultá-los ajuda a criar um ambiente socialmente responsável nas empresas. É certo que a separação dos valores e princípios pessoais dos controladores dos valores e princípios das empresas e, mais ainda, a transformação dessa dissociação em um novo critério para a tomada de decisões

sobre aspectos tão sensíveis como o apoio a determinado partido ou candidato ainda é uma atitude difícil para grande parte dos empresários. Também é certo, por outro lado, que, ao aumentarem a transparência do processo de tomada de decisões, as empresas adquirem o respeito das pessoas e comunidades que são impactadas por suas atividades e são gratificadas com o reconhecimento e engajamento dos seus colaboradores e a preferência dos consumidores, em consonância com o conceito de responsabilidade social, o qual, é sempre bom lembrar, está se tornando cada vez mais fator de sucesso empresarial e abrindo novas perspectivas para a construção de um mundo economicamente mais próspero e socialmente mais justo.

Outra iniciativa que pode ter grande impacto junto aos colaboradores, parceiros e sócios das empresas é a promoção de debates sobre o processo eleitoral e o funcionamento e atribuições das instâncias de poder em jogo nas eleições (Presidência da República, Senado, Câmara Federal e Assembleias Legislativas). As empresas podem convidar candidatos, cientistas políticos, jornalistas e administradores públicos para a discussão de ideias, propostas e conceitos. Também podem incentivar debates políticos dentro da empresa, bem como trazer matérias sobre o tema em publicações internas. É importante desmistificar a ideia de que política é uma sujeira só e sem utilidade. Essa é uma forma de contribuir para aumentar a consciência política e a qualidade do voto dentro de toda a cadeia produtiva, entre os parceiros e colaboradores. Esse procedimento ajuda a criar na sociedade ambiente ético e transparente, acentuando a democracia nas relações sociais e políticas.

Além de consultar sócios, parceiros e colaboradores e de realizar debates, as empresas podem também promover campanhas de esclarecimento junto a seus colaboradores. Um conceito útil para ser adotado é o do voto consciente.

Infelizmente, ainda hoje assistimos no Brasil a fenômenos que há muito deveriam ter sido excluídos da vida política nacional, como a compra de votos e a atitude de diversos candidatos, durante as campanhas eleitorais, de "doar" cestas básicas e toda a sorte de brindes em troca da promessa de voto dos eleitores. O conceito de voto consciente é justamente o contraponto dessas práticas, visando estabelecer critérios racionais que façam do voto um instrumento de cidadania. Voto consciente é aquele em que o cidadão pesquisa o passado dos candidatos, avalia suas histórias de vida e analisa se as promessas e programas eleitorais são

coerentes com as práticas dos candidatos e de seus partidos.

(Instituto Ethos. A Responsabilidade Social das Empresas no Processo Eleitoral. Disponível em: <www.ethos.org.br>. Com adaptações.)

O texto se classifica como:

a) narrativo;
b) injuntivo;
c) descritivo;
d) dissertativo;
e) epistolar.

Gabarito: D

O texto Financiamento de campanhas eleitorais: aspectos éticos é dissertativo. O texto apresenta de forma bem estruturada introdução, desenvolvimento e conclusão. No primeiro parágrafo, podemos observar a presença de tese: "Além dos aspectos legais, as empresas que decidirem participar do processo eleitoral devem buscar procedimentos éticos na tomada de decisões relacionadas ao financiamento de candidatos e partidos políticos." Nos parágrafos seguintes, verificamos que os argumentos utilizados para defender a tese proposta são todos direcionados aos procedimentos éticos que devem ser adotados pelas empresas, colaboradores e partidos políticos. No último parágrafo, verificamos que a conclusão do autor apresenta a importância do ato de votar e a necessidade de se ter um voto consciente.

05. **(Cesgranrio / SECAD – TO / Médico)**

A sua vez

Boa parte das brincadeiras infantis são um ensaio para a vida adulta. Criança brinca de ser mãe, pai, cozinheiro, motorista, polícia, ladrão (e isso, você sabe, não implica nenhum tipo de propensão ao crime). E, ah, quando não há ninguém por perto, brinca de médico também. É uma forma de viver todas as vidas possíveis antes de fazer uma escolha ou descoberta. Talvez seja por isso que a gente pare de brincar aos poucos – como se tudo isso perdesse o sentido quando viramos adultos de verdade. E tudo agora é para valer. Mas será que parar de brincar é, de fato, uma decisão madura?

Atividades de recreação e lazer estimulam o imaginário e a criatividade, facilitam a socialização e nos ajudam a combater o estresse. Mas, se tudo isso for o

objetivo, perde a graça, deixa de ser brincadeira. Vira mais uma atividade produtiva a cumprir na agenda. Você só brinca de verdade (ainda que de mentirinha) pelo prazer de brincar. E só. Como escreveu Rubem Alves, quem brinca não quer chegar a lugar nenhum – já chegou.

Leandro Quintanilha

Quanto à tipologia, o Texto I classifica-se como:

a) injuntivo;
b) narrativo;
c) descritivo;
d) expositivo;
e) argumentativo.

Gabarito: E

No texto, observamos a preocupação do autor em defender a tese de que é necessário brincar até mesmo quando já se é adulto e, principalmente, o texto é composto de opiniões e pensamentos do autor do texto que expressam sua opinião, características que são fundamentais a um texto dissertativo argumentativo.

06. **(Cesgranrio / PETROBRAS / Analista de sistemas júnior)**

TEMPO DE ESCOLHER

"Um homem não é grande pelo que faz, mas pelo que renuncia." (Albert Schweitzer)

Muitos amigos leitores têm solicitado minha opinião acerca de qual rumo dar às suas carreiras. Alguns apreciam seu trabalho, mas não a empresa onde estão. Outros admiram a estabilidade conquistada, mas não têm qualquer prazer no exercício de suas funções. Uns recebem propostas para mudar de emprego, financeiramente desfavoráveis, porém, desafiadoras. Outros têm diante de si um vasto leque de opções, muitas coisas para fazer, mas não conseguem abraçar tudo.

Todas estas pessoas têm algo em comum: a necessidade premente de fazer escolhas. Lembro-me de Clarice Lispector: "Entre o 'sim' e o 'não', só existe um caminho: escolher."

Acredito que quase todas as pessoas passam ao longo de sua trajetória pelo "dilema da virada". Um momento especial em que uma decisão clara, específica e irrevogável tem que ser tomada simplesmente porque a passam por isso aos 15

anos, outras, aos 50. Algumas talvez nunca tomem esta decisão, e outras o façam várias vezes no decorrer de sua existência.

Fazer escolhas implica renunciar a alguns desejos para viabilizar outros. Você troca segurança por desafio, dinheiro por satisfação, o pouco certo pelo muito duvidoso. Assim, uma companhia que oferece estabilidade com apatia pode dar lugar a outra dotada de instabilidade com ousadia. Analogamente, a aventura de uma vida de solteiro pode ceder espaço ao conforto de um casamento.

PRAZER E VOCAÇÃO

Os anos ensinaram-me algumas lições. A primeira delas vem de Leonardo da Vinci, que dizia que "A sabedoria da vida não está em fazer aquilo que se gosta, mas em gostar daquilo que se faz". Sempre imaginei que fosse o contrário, porém, refletindo, passei a compreender que quando estimamos aquilo que fazemos, po demos nos sentir completos, satisfeitos e plenos, ao passo que se apenas procurarmos fazer o que gostamos, estaremos sempre numa busca insaciável, porque o que gostamos hoje não será o mesmo que prezaremos amanhã.

Todavia, é indiscutivelmente importante aliar prazer às nossas aptidões; encontrar o talento que reside dentro de cada um de nós, ao que chamamos de vocação. Oriunda do latim vocatione e traduzida literalmente por "chamado", simboliza uma espécie de predestinação imanente a cada pessoa, algo revestido de certa magia e divindade.(…)

Escolhas são feitas com base em nossas preferências. E aí recorro novamente à etimologia das palavras para descobrir que o verbo preferir vem do latim praeferere e significa "levar à frente". Parece-me uma indicação clara de que nossas escolhas devem ser feitas com os olhos no futuro, no uso de nosso livre arbítrio.

O mundo corporativo nos guarda muitas armadilhas. Trocar de empresa ou de atribuição, por exemplo, são convites permanentes. O problema de recusá-los é passar o resto da vida se perguntando "O que teria acontecido se eu tivesse aceitado?". Prefiro não carregar comigo o benefício desta dúvida, por isso opto por assumir riscos evidentemente calculados e seguir adiante. Dizem que somos livres para escolher, porém, prisioneiros das consequências…

Para aqueles insatisfeitos com seu ambiente de trabalho, uma alternativa à mudança de empresa é postular a melhoria do ambiente interno atual. Dialogar e apresentar propostas são um bom caminho. De nada adianta assumir uma postura

meramente defensiva e crítica. Lembre-se de que as pessoas não estão contra você, mas a favor delas.

Por fim, combata a mediocridade em todas as suas vertentes. A mediocridade de trabalhos desconectados com sua vocação, de empresas que não valorizam funcionários, de relacionamentos falidos. Sob este aspecto, como diria Tolstoi, "Não se pode ser bom pela metade". Meias-palavras, meias-verdades, meias-mentiras, meio caminho para o fim.

Os gregos não escreviam obituários. Quando um homem morria, faziam uma pergunta: "Ele viveu com paixão?".

QUAL SERIA A RESPOSTA PARA VOCÊ?

COELHO, Tom. Disponível em: <http://www.catho.com.br/jcsinputer_view.phtml?id=6415>. Acesso em: 07 mai. 2008. (adaptado)

Quanto ao tipo, o texto classifica-se predominantemente, como:

a) expositivo;
b) injuntivo;
c) descritivo;
d) narrativo;
e) argumentativo.

Gabarito: E

O texto é dividido em dois momentos. O primeiro "Tempo de escolher" em que o autor justifica o motivo de elaborar o texto em questão. No segundo momento "Prazer e vocação", o autor do texto sugere aos seus leitores, principalmente para aqueles que enviaram as cartas como mostra o primeiro momento do texto, que há necessidade de escolha sem culpa. Em todo o texto observamos claramente as opiniões, pensamentos e convicções do autor, tais características nos permitem classificar o texto como dissertativo argumentativo.

07. **(Cesgranrio / BNDES / Técnico de arquivo)**

A era do tô me achando

5 "Bacanas teus óculos", falei. Leves, classudos, num tom esportivamente escuro, cada lente com uma sombra que subia de baixo para cima, tornavam misterioso o olhar do amigo, um jovem editor. Comentei que nunca o tinha visto de óculos. Ele devolveu: "Pois é, mas eu estava com a vista cada vez mais cansada, até que fui ao oculista e ele me disse que precisava usar. Dois graus de miopia.

Excesso de leitura. Fazer o quê…", compungiu-se, o olhar vago, empurrando o par de lentes nariz acima com um charme intelectualmente sofrido. Mês depois, encontrei uma amiga cujo pai é oftalmologista. Entre anedota e outra, ela me contou que um curioso cliente do pai havia pedido um modelo de óculos sem grau. É, era ele mesmo – o editor.

10 Vivemos tempos curiosos. A cada segundo, e através de todos os meios possíveis, somos expostos aos corpos mais perfeitos, às biografias mais irretocáveis, à pose generalizada de famosos e anônimos. Vaidade pura. Mas um momento: você já experimentou sair por aí todo mulambento, comparecer despenteado a uma entrevista de emprego, esconder de parentes e amigos aquele êxito nos estudos? Impossível, não? Porque, hoje, não ter vaidade – não ter o hábito de apregoar aos quatro cantos, reais e virtuais, o quanto você pode ser atraente, sensacional e único – parece ser um dos maiores pecados da nossa era, esse tempo em que todo mundo parece estar "se achando".

15

20 Por isso, os óculos de araque do meu amigo. No meio altamente intelectualizado em que ele vive, circulando entre Festas Literárias de Paraty e debates seguidos de sessões de autógrafo nas livrarias mais chiques do eixo Rio-São Paulo, ostentar uma armação bacanuda é o equivalente, em termos culturais, às pernas muito bem torneadas – horas de academia – da mocinha da novela das 8. Ou seja: tudo é vaidade.

25

(BRESSANE, Ronaldo. Vida simples. out. 2009.)

Em qual sequência é caracterizada uma descrição?

a) "Leves, classudos, num tom esportivamente escuro, cada lente com uma sombra que subia de baixo para cima," (l 1-3)

b) " 'Pois é, mas eu estava com a vista cada vez mais cansada, até que fui ao oculista…' " (l. 5-7)

c) "Mês depois, encontrei uma amiga cujo pai é oftalmologista." (l. 11-12)

d) "ela me contou que um curioso cliente do pai havia pedido um modelo de óculos sem grau." (l. 12-14)

e) "É, era ele mesmo – o editor." (l. 14)

Gabarito: A

Apenas na letra A observamos uma enumeração de adjetivos que nos fazem criar uma imagem descritiva, por isso, esse trecho deve ser classificado como descritivo.

08. **(Cespe / UERN / Técnico de nível superior)**

Como você pode ver, uma garotinha está deitada displicentemente no colo de um senhor bem velhinho e bem simpático. Ela parece um anjo. Loirinha, cabelo castanho claro, encaracolado, nariz e boca perfeitos, ar inteligente e sadio, uma dessas crianças que a gente vê em anúncios. Pelo jeito, deve ter uns três ou quatro anos, não mais que isso. Ela está vestida em um desses macaquinhos de flanela, com florezinhas azuis e vermelhas e uma malha creme por baixo. Calçando um tênis transadíssimo nas discretas cores amarelo, vermelho e azul, o que nos mostra que a mocinha não é apenas novinha, mas moderninha também. O velhinho tem um tipo bem italiano. O boné cinza é típico desses senhores que a gente vê passeando pelo Bixiga nos domingos à tarde. Estatura mediana, cabelos e bigodes branquinhos, rosto e mãos enrugadas que traem uma idade bem avançada. Paletó marrom e calça cinza, ambos de lã, malha creme, abotoada até o último botão, como faz todo senhor que se preze. Embaixo da malha, uma camisa azul, mas bem azul mesmo, que destoa de todo o conjunto. O que prova que o cavalheiro e a mocinha apreciam cores fortes. Pela roupa que os dois estão vestindo e pela carinha rosada dela, deve estar fazendo muito frio. Fato que o ar enevoado e cinzento do jardim, que está atrás deles, vem a comprovar. Os dois estão sentados em um balanço de madeira de cor verde, desses em que cabem apenas duas pessoas e que são bastante comuns em quintais, varandas e jardins de casas de classe média, classe média alta. Ela está comodamente estirada. Com a cabeça entre o ombro e a barriga do velhinho e os pés apoiados numa almofada de crochê de cor creme. Nas mãos, ela traz um livro de histórias cheio de desenhos coloridos. Livro esse que, olhando atentamente, você verá que se trata da história da Bela Adormecida. O que, aliás, é muito engraçado, porque enquanto a bela conta a história da Bela Adormecida, o velho é que adormeceu. Ele dorme a sono solto. Com uma mão envolta na dela e a outra apoiada sobre sua própria perna direita, na altura do joelho, ambos, à sua maneira, estão sonhando. Ele sonha dormindo, ela sonha acordada. A menina está divagando no colo do avô. Isso mesmo: do avô.

Porque o velho que você está vendo só pode ser o avô dela. Pela intimidade com que ela está comodamente instalada no colo dele, percebe-se que não pode ser visita, pessoa de cerimônia. E, sim, alguém bem chegado, alguém da família. Para

um estranho, ouvir essa história contada por uma criaturinha tão linda seria uma novidade excitante, que dificilmente o faria cair no sono. E, se não fosse por isso, um estranho também não cairia no sono, pelo menos por dever de educação. Resistiria bravamente até a Bela Adormecida acordar. Além disso, é só olhar para a roupa caseira que ele está usando para perceber que não é alguém que foi fazer uma visita. É pessoa da casa mesmo, pai não é. Ele é muito velhinho para ser o pai dela. E pouco provavelmente seria um tio. Tanto pela idade quanto pela disponibilidade e paciência. Tio dá doces, presentes, mas ouvir histórias intermináveis, contadas por uma narradora que de vez em quando divaga, tio não faz. Só pode ser mesmo um avô ouvindo pela milésima vez a mesma história, que para ele deve ser sempre igual e para ela deve ser sempre diferente. Ela, por sua vez, não se deve importar com que seu ouvinte durma. Afinal, ela só quer colo e aquela mão terna, enrugada e querida em volta da sua cintura pequenina. Mesmo desatento, ele está dando a ela seu tempo e seu carinho sonolento. O balanço de jardim pode ser gostoso de sentar. Mas como você pode ver não é o local mais confortável para se dormir. Principalmente em um dia frio como esse, em um descampado de uma varanda. Mas o fato é que ele não sente a dureza do balanço porque dorme, e ela, igualmente, não sente a dureza da madeira e a frieza do tempo por vários motivos: primeiro, porque sonha, e no sonho não há desconforto ou frio. E, segundo, porque ela tem a barriga do avô como travesseiro, o braço dele como edredom e uma almofada como encosto para seus pés e seu tênis multicolorido. Juntos os dois, ali na varanda, vivem um momento de que ela vai se lembrar sempre e ele não vai se lembrar de nada. Até mesmo nada da história. Por isso, é que ela vai ter de contar e recontar essa história para o avô centenas de vezes. Principalmente para reviver os trechos que ele perdeu com seus cochilos. Assim como você vai ter de ler e reler muitas vezes esse texto até conseguir enxergar toda a beleza e ternura contidas nessa cena. Ou pelo menos uma pequena parte dela.

UMA FOTO SERIA MELHOR 19 de agosto – dia do fotógrafo

("Este texto tem mil palavras". Folha de S. Paulo, 19 ago. 1988. Apud: Platão e Fiorin. Para entender o texto. São Paulo: Ática, 1999, p.378-80, com adaptações.)

Assinale a opção correta a respeito das características tipológicas predominantes no texto.

a) Predomina no texto a descrição, já que o relato feito envolve uma cena

estática, isto é, em que nenhum acontecimento pode ser considerado cronologicamente anterior a outro.

b) O texto é eminentemente narrativo, pois expõe a história da menina e do senhor.

c) O texto é essencialmente poético, tendo em vista a linguagem e os recursos de métrica utilizados.

d) Há uma ação em curso, cujo contexto é descrito em detalhes no texto; portanto, ele pode ser caracterizado tanto como descritivo quanto como narrativo.

e) A disposição em um único parágrafo denota a ausência de características narrativas e dissertativas do texto, uma vez que tais tipos textuais são estruturados a partir de parágrafos.

Gabarito: A

O texto é predominantemente descritivo uma vez que tem como objetivo principal descrever lugares e personagens, por isso, notamos a presença substancial de adjetivos.

09. **(Cespe / TRE–MT / Técnico judiciário / programador de sistemas)**

Diariamente, milhões de pessoas em todo o mundo conectam-se à Internet e mais de doze milhões de e-mails são enviados. Isso sem se mencionar o número de negócios fechados e o dinheiro movimentado. Com o advento do computador e, mais tarde, da Internet, as informações e os grandes negócios acontecem com uma velocidade impressionante. Resultado de um mundo globalizado, em que a informação se transformou na moeda corrente. E, quando o assunto é informação, ou seja, transmitir informações, nada melhor do que utilizar a tecnologia. A cada dia, mais e mais serviços são disponibilizados por empresas para que as pessoas interessadas tenham acesso à informação de maneira rápida e eficaz.

Internet: <www.caieiraspress.com.br> (com adaptações).

O texto em questão é, predominantemente:

a) narrativo;

b) descritivo;

c) dissertativo;

d) dialógico;

e) instrucional.

Gabarito: C

O texto é dissertativo pois apresenta informações sobre o avanço da Internet e seus benefícios, além disso é um texto elaborado na terceira pessoa sem características descritivas ou narrativas.

10. **(Cespe / UERN / Agente técnico administrativo)**

Único bioma de ocorrência exclusiva no Brasil, que já ocupou 10% do território nacional, a caatinga experimenta um processo acelerado de desmatamento – que pode significar a desertificação do semiárido nordestino. Com 510 espécies de aves e 148 de mamíferos, a caatinga padece da ausência de uma política clara de conservação que estanque o processo de desflorestamento e ajude a impedir a formação de um deserto em pleno Nordeste, ameaça concreta diante do aquecimento global do clima no planeta. Quase dois terços da área sob risco de desertificação no Brasil estão na caatinga, que já teve, a exemplo do cerrado, aproximadamente metade de sua extensão, que é de 826.000 km^2, destruída.

Jornal do Commercio, Pernambuco,16 mar. 2010. (com adaptações).

Assinale a opção correspondente ao tipo textual predominante no texto.

a) Narrativo.
b) Descritivo.
c) Dissertativo.
d) Dialógico.
e) Persuasivo.

Gabarito: C

O texto é dissertativo pois apresenta informações sobre o que acontece com a caatinga do Brasil, além disso é um texto elaborado na terceira pessoa sem características descritivas ou narrativas.

Capítulo 2

Semântica de Nomes

A classificação **substantivo/adjetivo** é estabelecida a partir de critério semântico estruturado na subdivisão em substantivos e adjetivos, sendo aqueles os termos determinados, e estes, os determinantes daqueles. **Substantivos – determinados; adjetivos – determinantes (dos substantivos)**.

Ex.: bandeira (determinado) brasileira (determinante)

Ex.: simpáticas (determinante) pessoas (determinado)

A principal característica dos **substantivos** é a designação de seres, é nomear elementos cuja existência é pacífica.

Televisão – substantivo que nomeia objeto que tem por fim a transmissão de imagens longínquas.

Amor – substantivo que nomeia sentimento de homens e animais.

A função precípua do **adjetivo** é a caracterização de seres, por meio de elemento qualificador – onde se expressa um juízo de valor –, ou classificador – em que se expõe apenas um traço distintivo em relação a outros seres da mesma espécie.

Obs.: Existem situações em que uma mudança de posição entre substantivo e adjetivo pode gerar alteração semântica. Tal fato pode ser fantasticamente exemplificado pela seguinte passagem de "Memórias Póstumas de Brás Cubas" de Machado de Assis: "Eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor.". Quando ele informa que não é autor defunto, isso significa dizer que não se trata de autor falecido. Depois, ao aduzir que é defunto autor, assevera que é um morto – é importante destacar, depois de morto – que se torna autor.

Dependendo do contexto, pode-se observar essa diferença semântica também nas seguintes construções: O período "Ela é uma boa funcionária." sugere que se trata de uma funcionária competente; já na frase vulgar "Ela é uma funcionária boa.", o sentido é que seria uma funcionária com atraentes atributos físicos.

2.1. ADJETIVO SUBJETIVO OU COM VALOR DE QUALIDADE

Ocorre quando a qualificação expressa a opinião de quem o utilizou, ou seja, possui nítido valor opinativo.

Ex.: boa compra, cerveja gostosa, bem valioso.

2.2. ADJETIVO OBJETIVO OU COM VALOR DE CARACTERÍSTICA

Ocorre quando o adjetivo não expõe a opinião de quem o usou. É uma qualidade inerente ao ser.

Ex.: Problemas gástricos, indicadores sociais, povo brasileiro.

2.3. EXERCÍCIOS

01. **(Cesgranrio)**

Assinale a opção em que a mudança na ordem dos termos pode alterar o sentido fundamental da expressão:

a) própria usina / usina própria;
b) eminentes físicos / físicos eminentes;
c) rápido desfecho / desfecho rápido;
d) parcelas ponderáveis / ponderáveis parcelas;
e) separação rígida / rígida separação.

Gabarito: A

Em "própria usina", o sentido é "mesma usina". Já em "usina própria", o sentido é a usina ser de propriedade de alguém.

02. **(NCE / Perito da Polícia Civil)**

Qualquer assaltante apresenta sentido diferente de um assaltante qualquer; o par abaixo que não apresenta diferença significativa de sentido é:

a) pobre homem/homem pobre;
b) funcionário competente / competente funcionário;

c) grande mulher/mulher grande;
d) folha branca/branca folha;
e) bom menino/menino bom.

Gabarito: D

Em "pobre homem", o significado é triste homem, homem cujo destino não foi bom. Já em "homem pobre", o sentido é de homem desprovido de riquezas. O sentido de "funcionário competente" é funcionário a quem compete uma atividade. Já em "competente funcionário", o sentido é funcionário eficiente, eficaz. Em "grande mulher", o sentido é de mulher com grandes realizações, empreendimentos. Em "mulher grande", trata-se de mulher de exagerada estatura. Em "bom menino", o sentido é de menino educado, obediente. Já em "menino bom", o significado é menino com bons sentimentos.

03. **(Ministério Público – RJ)**

O adjetivo abaixo de valor nitidamente subjetivo é:

a) imprensa brasileira;
b) proposta milionária;
c) incitamento racista;
d) jovem negro;
e) brilhante futuro.

Gabarito: E

O adjetivo de valor subjetivo é aquele que expressa a opinião de quem o utiliza. Os adjetivos BRASILEIRA, RACISTA e NEGRO têm caráter objetivo, pois sugerem tão somente uma característica do substantivo determinado por eles. Sendo assim, o candidato ficou em dúvida quanto às alternativas B e E. Fazendo uma análise mais minuciosa, percebe-se que o adjetivo MILIONÁRIA não é subjetivo, pois não indica opinião. Vê-se: uma proposta de dois milhões de dólares para Michael Schumacher correr na sua escuderia é milionária, mas não é boa. Proposta milionária é aquela que envolve milhões. Já o adjetivo BRILHANTE é totalmente subjetivo, visto que denuncia uma visão do autor.

04. **(NCE / IBGE)**

"...me parece <u>infundada</u> a acusação."; adjetivo sublinhado corresponde semanticamente a:

a) sem fundos;

b) sem fundações;
c) sem fundamento;
d) sem finalidade;
e) sem fingimento.

Gabarito: C

O prefixo IN sugere negação, e o radical FUND provém do verbo FUNDAR, no sentido de BASEAR-SE, FUNDAMENTAR-SE, ESTRIBAR-SE. Logo, INFUNDADA significa SEM BASE, SEM FUNDAMENTO, SEM ESTRIBO, SEM APOIO.

05. **(NCE / TJ / Auxiliar de Cartório)**

"... entorpecimento completo ou parcial..."; a relação semântica existente entre os adjetivos completo e parcial, repete-se em:

a) inverno e verão;
b) tranquilo e agitado;
c) paralisados e imóveis;
d) branco e claro;
e) amarelo e amarelado.

Gabarito: B

O candidato é induzido a marcar a opção E, no entanto é importante observar a verdadeira relação entre os adjetivos completo e parcial. Parcial significa não completo, incompleto, ou seja, a relação que existe entre os adjetivos é de oposição e não de parte e todo, como parece num primeiro instante. Os adjetivos que apresentam a mesma relação de contrariedade são tranquilo e agitado. Agitado significa não tranquilo, intranquilo. Perceba que os adjetivos parcial e agitado possuem o mesmo sentido que completo e parcial, acrescendo-se a estes o prefixo negativo. PARCIAL e IMPARCIAL, TRANQUILO e INTRANQUILO.

06. **(NCE)**

Nos segmentos torres gêmeas, manchete ruim, jornal brasileiro e filme açucarado, os adjetivos de caráter claramente objetivo são:

a) gêmeas / ruim;
b) gêmeas / brasileiro;
c) ruim / brasileiro;
d) brasileiro / açucarado;
e) ruim / açucarado.

Gabarito: B

Os adjetivos RUIM e AÇUCARADO possuem nítido valor subjetivo (opinativo). O que é ruim para uns, pode ser bom para outros. A mesma interpretação ocorre com açucarado. Já os adjetivos gêmeas e brasileiro são qualificações que independem de opiniões.

07. **(NCE / AGU)**

Os adjetivos são uma classe de palavra que determina palavras em função substantiva e indicam características ou qualidades desses substantivos; o item com um adjetivo sublinhado com valor de característica é:

a) "Há um caminho **simples**: proibir";

b) "Pois cidadãos **responsáveis** e consumidores **conscientes** se forjam com informação";

c) "Não poderia haver reivindicação mais **justa**…";

d) "Sejam elas **ilegais, perigosas** ou socialmente condenáveis;

e) Para todo problema **complicado** há uma solução…".

Gabarito: D

O adjetivo com valor de característica é o que possui um atributo objetivo, ou seja, independe da opinião de seu usuário. Perceba que os adjetivos "simples" **a)**, "responsáveis" **b),** "conscientes" **b),** "justa" **c),** "perigosas" **d)** e "complicado" **e)** possuem valor subjetivo, ou seja, ocorre adjetivação que sugere a opinião de quem o utiliza; portanto, o que pode ser simples, responsável, consciente, justo, perigoso e complicado para uns, pode não ser necessariamente para outros. Já o adjetivo "ilegais" **(opção D)** é uma adjetivação indiscutível, isto é, não há possibilidade de uma atitude ser considerada legal por uns e ilegal por outros.

08. **(NCE / ELETROBRAS)**

O item em que o adjetivo sublinhado, quando deslocado para antes ou depois do substantivo por ele determinado, NÃO apresenta possibilidade de qualquer modificação de sentido é:

a) fato <u>novo</u>;

b) mal <u>velho</u>;

c) poupanças <u>populares</u>;

d) <u>antigas</u> realizações;

e) espantosas propostas.

Gabarito: E

O significado de fato novo pode ser de fato recente, que aconteceu há pouco. Já novo fato significa fato inédito. Em mal velho, o sentido é mal recorrente, que acontece reiteradamente. Velho mal já pode significar "mal" que já acontece há bastante tempo. Em antigas realizações, cabe a leitura de realizações que remetem à antiguidade. Já "realizações antigas" passa a ideia de ultrapassadas, antiquadas. Em "espantosa proposta", a leitura só pode ser de algo que gera espanto, já "proposta espantosa" permite a leitura de algo inesperado, diferente daquilo que se esperava.

2.4. POLISSEMIA

São os vários significados que um vocábulo pode ter.

Ex.: Quem casa (verbo CASAR) quer casa (lar).

Ex.: Ele manga (debocha) quando como manga (fruta) e sujo a camisa até a manga (parte da camisa).

Ex.: Sentei-me no banco (cadeira) da praça bem em frente ao único banco (posto bancário) da cidade.

2.5. AMBIGUIDADE OU ANFIBOLOGIA

Ocorre quando a frase permite dupla interpretação.

Ex.: O candidato que estuda frequentemente passa.

Há aí a dúvida quanto ao atrelamento sintático de "frequentemente". Não se sabe exatamente se o candidato frequentemente passa ou se ele frequentemente estuda.

Ex.: A convocação de Zagallo agradou a todos.

Paira a dúvida quanto de Zagallo praticar ou sofrer a ação. Zagallo pode ter convocado ou pode ter sido convocado.

Ex.: Joana pediu ao amigo do marido para que lhe entregasse o documento.

Fica a dúvida quanto ao fato de o pronome oblíquo LHE estar fazendo referência ao marido ou a ela própria.

Ex.: O tio do meu amigo que viajou para a Europa foi nomeado assessor da

presidência.

Fica a dúvida quanto a quem viajou para a Europa. O pronome relativo QUE tanto pode fazer referência a "tio"quanto a "amigo".

Ex.: Pedro saiu com a sua irmã.

Há a dúvida quanto ao emprego do pronome possessivo. Não fica claro se "sua" refere-se a Pedro (irmã do Pedro) ou ao leitor (irmã do leitor).

2.6. EXERCÍCIOS

01. **(NCE / POLÍCIA CIVIL-RJ)**

"...e o exemplo que escolheu para ilustrar SEU comentário."; o item abaixo em que o uso do possessivo SEU gera ambiguidade é:

a) O publicitário fez comentários sobre SEU outdoor;

b) O cronista levou o cachorro em SEU automóvel;

c) O jornalista transportou as mercadorias em SEU horário de trabalho;

d) O secretário viu o professor do debate em SEU escritório;

e) O jornalista nada dizia sobre SEU texto.

Gabarito: D

Pela formulação da frase, o emprego do pronome possessivo pode ter como referente SECRETÁRIO ou PROFESSOR. Portanto, não se sabe se o escritório é do secretário ou do professor.

02. **(FCC / TRT-MA / Analista Judiciário)**

A ocorrência de ambiguidade e falta de clareza faz necessária uma revisão da seguinte frase:

a) Causa-nos revolta, a todos, o pouco interesse que ele vem demonstrando na condução desse processo – razão pela qual há quem peça a demissão dele.

b) Conquanto ele nos haja dado uma resposta inconclusiva e protelado a decisão, há quem creia que nos satisfará o desfecho deste caso.

c) Inconformados com a resposta insatisfatória que nos deu, reiteramos o pedido para que ele não deixe de tomar as providências que o caso requer.

d) Ele deu uma resposta insatisfatória à providência que lhe solicitamos, em razão da qual será preciso insistir em que não venha a repeti-la.

e) Caso não sejam tomadas as providências cabíveis, seremos obrigados a

comunicar à Direção o menoscabo com que está sendo tratado este caso.

Gabarito: D

A forma pronominal LA em “repeti-la” tanto pode se referir a “uma resposta insatisfatória” quanto a “a providência”. Cabem, portanto, as interpretações de “não venha a repetir a resposta insatisfatória” e de “não venha a repetir a providência”.

Capítulo 3

Alteração de Funções Sintáticas em Questões de Interpretação

Muitas questões de interpretação de textos são resolvidas através do conhecimento gramatical. Por exemplo, existem funções sintáticas que possuem o mesmo valor semântico, como o sujeito ativo, o agente da passiva e o adjunto adnominal. Estas três funções sintáticas possuem valor ativo (agente, de quem pratica a ação), e as bancas tão somente reescrevem as frases alterando as funções sintáticas, sem modificar, contudo, a ideia contida. Em contrapartida, há também as funções sintáticas com valor paciente: os objetos, o sujeito passivo e o complemento nominal.

Ex.: **O professor** errou e causou estranheza a todos.
O erro **do professor** causou estranheza a todos.
O erro cometido **pelo professor** causou estranheza a todos.

Observe que o termo "professor", acompanhado ou não de preposição, funciona, na primeira frase, como sujeito ativo; na segunda, como adjunto adnominal; na terceira, como agente da passiva. Mesmo este termo tendo funções sintáticas distintas, mantém o mesmo valor semântico. Nas três frases, é o professor que erra.

Ex.: Ler **jornais** é importante.
Jornais serem lidos é importante.
A leitura **de jornais** é importante.

Observe que o termo "jornais", acompanhado ou não de preposição, funciona, na primeira frase, como objeto direto; na segunda, como sujeito passivo; na terceira, como complemento nominal. Apesar de o termo possuir funções sintáticas diferentes, a ideia dos três períodos é a mesma: jornais devem ser lidos.

3.1. EXERCÍCIOS

3.1. EXERCÍCIOS

01. **(NCE / TJ / Oficial de Justiça)**

"Como conciliar a liberdade com a inevitável ação restritiva do Estado?"; nesse segmento do texto, o articulista afirma que:

a) o Estado age obrigatoriamente contra a liberdade;
b) é impossível haver liberdade e governo ditatorial;
c) ainda não se chegou a unir os cidadãos e o governo;
d) cidadãos e governo devem trabalhar juntos pela liberdade;
e) o Estado é o responsável pela liberdade da população.

Gabarito: A

Observe que o termo "do Estado" possui valor agente, funcionando como adjunto adnominal. Se você transformá-lo em sujeito ativo, o resultado será: "O Estado age inevitavelmente restringindo a liberdade. A alternativa **A** apenas substituiu "inevitavelmente" por um sinônimo: "obrigatoriamente".

02. **(NCE / TJ / Oficial de Justiça)**

"O primeiro templo da liberdade burguesa é o supermercado. Em <u>que pesem as angustiantes restrições do contracheque</u>, são as prateleiras abundantemente supridas que satisfazem a liberdade do consumo..."; o segmento sublinhado corresponde semanticamente a:

a) as despesas do supermercado são muito pesadas no orçamento doméstico;
b) os salários não permitem que se compre tudo o que se deseja;
c) as limitações de crédito impedem que se compre o necessário;
d) a inflação prejudica o acesso da população aos bens de consumo;
e) a satisfação de comprar só é permitida após o recebimento do salário.

Gabarito: B

O termo "do contracheque" possui valor agente, funcionando como adjunto adnominal. Reescrevendo-se o período, transformando o adjunto adnominal em sujeito ativo, o resultado será: "o contracheque restringe o consumo". No texto, "contracheque" está sendo utilizado como sinônimo de "salário", "restringir" e "não permitir" são equivalentes, "consumir" e "comprar" possuem o mesmo valor.

03. **(NCE / TJ / Oficial de Justiça)**

"Não houve ideal comunista que resistisse às tentações do supermercado".; com esse segmento do texto o autor quer dizer que:

a) todo ideal comunista se opõe aos ideais capitalistas;
b) a ideologia comunista sofre pressões por parte dos consumidores;
c) os supermercados socialistas são menos variados que os do mundo capitalista;
d) o ideal comunista ainda resiste à procura desenfreada por bens de consumo;
e) as tentações do supermercado abalaram as estruturas capitalistas.

Gabarito: B

É uma questão de inferência textual, pois você terá que deduzir o que o autor quis dizer neste segmento. Observe que o termo "do supermercado" tem valor agente, funcionando como adjunto adnominal. Transformando-o em sujeito de voz ativa, o resultado será: "O supermercado tentou (os consumidores) e não houve ideal comunista que resistisse a essa tentação (criada pelos supermercados). Depreende-se, então, que a tentação criada aos consumidores pelos supermercados fez com que a ideologia comunista sofresse pressões até não mais resistir.

04. **(NCE / MP)**

"...pois moedas não resgatam a dignidade."; reescrevendo-se este segmento do texto, mantendo-se o seu sentido original, a única forma INADEQUADA é:

a) visto que a dignidade não é resgatada por moedas;
b) porque moedas não são o resgate da dignidade;
c) porquanto a dignidade não se resgata com moedas;
d) já que por moedas não é resgatada a dignidade;
e) pela razão de que a dignidade não é resgatada por moedas.

Gabarito: C

Questão muito bem imaginada, levando o candidato a pensar que a resposta sairia pelo conector. As conjunções VISTO QUE, PORQUE, PORQUANTO, JÁ QUE e PELA RAZÃO DE QUE têm valor explicativo. Portanto, não se atinge a resposta por este caminho. O termo "dignidade", por possuir valor paciente, é objeto direto, podendo alterar sua função sintática para complemento nominal ou sujeito passivo. Nas opções A, D e E, "dignidade" se transforma em sujeito de voz passiva analítica; na C, em sujeito de voz passiva sintética; na B, em complemento nominal. Mais uma vez não chegamos à resposta. Partamos agora para uma última análise: "Moedas" funciona como sujeito ativo, podendo transformar-se em agente da

passiva ou adjunto adnominal. Nas alternativas A, D e E, o termo se transformou em agente da passiva. Na opção B, continuou sendo sujeito da voz ativa. Na alternativa C, o sujeito ativo (termo que praticava a ação) foi transformado em adjunto adverbial de instrumento, ou seja, o termo perdeu sua carga semântica – de praticar a ação – e passou a ter o valor de ser um instrumento utilizado para se praticar a ação.

05. **(TJ / NCE / Técnico Judiciário Juramentado)**

"...a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana."; reescrevendo-se este segmento do texto com a manutenção de seu sentido original, temos como forma adequada:

a) a natureza humana necessita da vida em sociedade;

b) a vida em sociedade necessita da natureza humana;

c) a necessidade da natureza humana é uma vida em sociedade;

d) uma necessidade da natureza humana é a vida em sociedade;

e) a natureza humana é necessária à vida em sociedade.

Gabarito: A

As alternativas B e E são absurdas, contradizendo totalmente a ideia do segmento, não merecendo grandes análises. Normalmente, o candidato fica em dúvida entre as opções A, D e E. Quando o texto diz "...a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana.", fica claro que "uma necessidade da natureza humana" está apenas qualificando "a vida em sociedade", não entrando no mérito se existem outras necessidades ou não. A simples inversão proposta na alternativa D sugere uma situação sutilmente diferente do texto, pois quando se informa que "uma necessidade da natureza humana é a vida em sociedade", torna-se evidente a existência de várias necessidades, uma delas é a vida em sociedade. Na opção C, por sua vez, sendo redigido que "a necessidade da natureza humana é uma vida em sociedade", há a sugestão de que a única necessidade da natureza é uma vida em sociedade, distanciando-se semanticamente da ideia exposta no texto. A alternativa A não altera o sentido original, modificando tão somente a função sintática de alguns elementos. O termo "da natureza humana", possuindo valor agente, funciona como adjunto adnominal e é transformado em sujeito ativo – se é uma necessidade da natureza humana, obviamente a natureza humana necessita. Por fim, fica evidente que, tal qual ocorre no segmento original, diz-se apenas que a natureza humana necessita da vida em sociedade, não sugerindo se necessita

também de mais alguma coisa ou não.

Capítulo 4

Coesão Textual

De uma visão mais ampla (genérica) para uma mais específica (particular), podemos analisar um texto como uma sequência de parágrafos; cada parágrafo, uma sequência de períodos; cada período, uma sequência de palavras. Toda essa estrutura compõe o famoso tecido textual que, bem desenvolvido, permite o entendimento da situação comunicativa. Tudo isso envolve, indiscutivelmente, união entre as partes (palavras). E neste exato momento começamos a pensar em coesão.

Um texto bem construído não permite que o leitor perca a sequência dos fatos, tampouco a relação entre os conjuntos. Em tal situação, fica configurada a coesão. Qualquer elemento que faça a ligação entre os fragmentos do texto possui função coesiva. Em outras palavras, para que seja possível o entendimento de um texto não é apenas suficiente uma sequência de frases bem escritas é, antes de tudo, necessário que elas se relacionem de forma harmônica, permitindo a compreensão do texto integralmente. Enfim, essa conexão interna entre os vários enunciados do texto denomina-se coesão. Ela pode acontecer por meio de conectores sintáticos ou por fatores semânticos. O primeiro é o que se entende por coesão sequencial e o segundo por coesão referencial.

4.1. COESÃO REFERENCIAL

Dos vários métodos de coesão textual, um destaque deve ser dado à s expressões do nosso vernáculo que têm a finalidade específica de fazer apontamentos, isto é, referenciação, remetendo a algum outro termo. Tal método coesivo recebe o nome de coesão referencial.

Na **coesão referencial**, lidaremos com as chamadas palavras fóricas (do grego "levar", "trazer"), isto é, palavras que remetem a algum outro elemento.

4.1.1. Remissão endófora

ENDO (DENTRO) E FORA (REFERENCIAÇÃO) = REFERENCIAÇÃO DENTRO.

DENTRO DE QUÊ? DO TEXTO. LOGO, REMISSÃO INTRATEXTUAL.

Essa relação semântica textual se faz com palavras referenciais. São elas: pronomes demonstrativos, pronomes possessivos, pronomes pessoais de terceira pessoa, pronomes relativos ou expressões nominais equivalentes.

A endófora se divide em duas: anáfora e catáfora.

- anáfora – quando a referência é feita a algum elemento que está na porção anterior do texto. A anáfora tem por objetivo **recuperar (atualizar)** semanticamente um elemento que já estava no texto, com todas as informações de que ele já se revestia.
- catáfora – quando a referência aponta para frente, no texto. A catáfora têm a função de sinalizar um termo que ainda vai aparecer no texto.

4.1.2. Remissão exófora

EXO (FORA) E FORA (REFERENCIAÇÃO) = REFERENCIAÇÃO FORA. FORA DE QUÊ? DO TEXTO. LOGO, REMISSÃO EXTRATEXTUAL.

Na interlocução, um falante (primeira pessoa: emissor, locutor, enunciador) se dirige a um ouvinte (segunda pessoa: receptor, interlocutor, enunciatário). Esses "agentes" da situação comunicativa são marcados por palavras ou expressões referenciais (fóricas)

Verificaremos agora que a coesão pode ser feita de três formas: coesão referencial pronominal, coesão referencial lexical e coesão referencial por elipse.

4.2. COESÃO REFERENCIAL PRONOMINAL

Ex.: Passa o candidato que estuda.

Nessa frase, há duas orações. Em ambas, o termo "candidato está presente. O recurso para evitar sua repetição foi o emprego do pronome relativo QUE em seu lugar. Repare, inclusive, que podemos substituir QUE por O QUAL. O pronome relativo O QUAL recebe a forma masculina e singular, porquanto se refere ao termo O CANDIDATO. Se o termo a que estivesse se referindo fosse A PESSOA, já receberia a forma A QUAL.

Ex:. Eu conheço os que estavam presentes.

Nesse período, o pronome relativo QUE possui como antecedente o

demonstrativo OS – que pode ser substituído pelo demonstrativo AQUELES. É fundamental não se olvidar que pronome relativo e pronome demonstrativo nunca podem estar na mesma oração, sendo que o antecedente do relativo será sempre o demonstrativo, mesmo que este esteja combinado a uma preposição.

Ex:. Os alunos devem confiar no que nós ensinamos.

Nesse período, NO é a contração da preposição EM com o pronome demonstrativo O (aquilo), podendo ser substituído por NAQUILO. Em tal situação, o antecedente do relativo QUE é somente o demonstrativo O que deve ser separado da preposição EM.

Ex.: Eu me referi ao que ele disse.

AO é a combinação da preposição A com o demonstrativo O, que pode ser substituído pelo demonstrativo ÀQUILO. Inclusive, caso se substitua AO por ÀQUILO, o demonstrativo ÀQUILO deve ocorrer com acento grave, justamente por se estar fazendo a combinação A + AQUILO. No entanto, o antecedente do relativo é apenas o demonstrativo já desmembrado da preposição. Sendo assim, o antecedente do QUE é somente o demonstrativo O.

Ex.: João e Maria eram excelentes alunos. Esta passou no concurso para a receita e aquele para o Instituto Rio Branco.

O pronome demonstrativo ESTA refere-se ao termo mais próximo (Maria); já o demonstrativo AQUELE tem como antecedente o termo mais remoto (João).

Ex.: Perguntaram se eu entreguei o material, mas não o fiz.

O pronome demonstrativo O – que pode ser substituído por ISSO – refere-se ao fato – Ã oração – de "eu entregar o material". Eu não o (entregar o material) fiz. Eu não fiz isso (entregar o material).

Ex.: Procurei o livro de Contabilidade sugerido, mas não o encontrei.

O pronome pessoal oblíquo O refere-se ao termo "o livro de Contabilidade". Não encontrei o livro de Contabilidade.

Ex.: Zico foi o meu maior ídolo. Ele iniciou a carreira quando eu comecei a acompanhar futebol.

O pronome pessoal reto ELE refere-se a Zico.

Obs.: Em todas as situações apresentadas, o elemento coesivo possuía valor anafórico, ou seja, é justamente a capacidade de fazer referência ou representar termos antecedentes expostos no contexto. Todavia, há também o emprego de

termos com valor catafórico, que anunciam termos apresentados posteriormente no contexto.

Ex.: Só direi estas palavras: não se atrase.

Repare que o termo ESTAS PALAVRAS refere-se Ã oração que vem a seguir – NÃO SE ATRASE.

Ex.: Ele nunca nos falta, quando precisamos. Deus é único.

O pronome ELE refere-se ao termo DEUS inserido posteriormente no contexto.

Obs.: Há também os elementos de caráter dêitico (dêixis), que expressam situações externas ao texto. São referências de tempo e lugar relacionadas geralmente com a época ou com o local em que o texto foi redigido. Termos como AMANHÃ, ONTEM, AQUI, LÁ… expressam relações de dêixis.

Ex.: Ocorreu ontem (dia anterior Ã confecção do texto) uma grande manifestação.

Ex.: Aqui (local onde o autor está escrevendo o texto) chove muito.

Ex.: Este livro (o livro está próximo do emissor da mensagem) é muito interessante.

Ex.: Esse livro (o livro está próximo do receptor da mensagem) é muito interessante.

Ex.: Aquele livro (o livro está próximo do terceiros – de quem se fala) é muito interessante.

BIZU

Os termos endofóricos representam a soma dos anafóricos e catafóricos. Fazem referência a elementos presentes no texto, anteriores (anafóricos) ou posteriores (catafóricos). Já os termos exofóricos sugerem relação com termos externos ao texto, equivalendo-se aos dêiticos.

4.3. EXERCÍCIOS

BIZU PARA QUESTAO

A ESAF já fez muitas provas em que era exigido do candidato a montagem ou a continuação do texto. É recomendável no caso usar primeiramente a coesão e depois a coerência. Nas questões de montagem de textos, o passo prévio é observar se há, nos tópicos, elementos remissivos (termos que façam referência a expressões anteriores). Caso isso ocorra, o tópico não pode iniciar o texto. Por exemplo: Se você se deparar

com o tópico "Entretanto, não houve tempo para resolver o problema.", já se pode ter a certeza de que não pode estar no início do texto, já que a conjunção ENTRETANTO indica uma oposição a algo outrora aludido. Caso se posicione no princípio, vai opor-se a quê? Também o tópico "Eles não indicaram a saída." Não pode postar-se no início do verbete, uma vez que o pronome pessoal ELES refere-se a pessoas já mencionadas. Outra estrutura que não pode localizar-se no início é: "Não conseguiram demonstrá-la." Aí ocorrem dois fatos que obstam o posicionamento inicial: o verbo na terceira plural referindo-se a pessoa já apresentadas no texto, e o pronome oblíquo A em DEMONSTRÁ-LA que indica a ocorrência de elemento feminino e singular antecedente. A partir de então, você deve partir para as alternativas. Há questões que, ao se vislumbrar o primeiro tópico, já se chega Ã resposta.

Considere o texto abaixo para responder ã questão 1.

De teor histórico-filosófico, os livros de M. Foucault investigam, em determinadas sociedades e em determinados períodos, quais os modos efetivos e historicamente variáveis de produção de verdade. Uma consideração que se estende para a sociedade moderna, a partir das suas instituições, diz respeito ao que podemos identificar como o traço fundamental, comum a todas elas e que, certamente, é aplicável a toda sociedade. Trata-se do princípio da visibilidade. A um tempo global e individualizante, a visibilidade constitui uma espécie de princípio de conjunto. À primeira vista sinal de transparência e de revelação da verdade, pode-se contudo questionar se o gesto de mostrar-se, de deixar-se ver, significaria uma postura despojada de desvelamento da verdade de cada um ou se o desnudamento de si mesmo não seria uma injunção, se a exposição de si não encobriria uma certa imposição decorrente das regras que regem nosso modo de produção da verdade. Acrescentemos que a investigação que quer melhor compreender nossa época não pretende apenas situá-la pela sua diferença com o que a precede, mas também, eobretudo, instigar mudanças que, a partir e do interior do nosso presente, possam inaugurar perspectivas outras na direção do que está por vir.

(Salma T. Muchail, A produção da verdade. Filosofi a especial, n. 08, p. 7, com adaptações)

01. **AGENTE DA FAZENDA – No desenvolvimento do texto, a função do pronome relativo QUE é:**

a) na linha 4, retomar "instituições"(l.4);

b) na linha 14, retomar "o"(l.13 – primeira ocorrência);

c) na linha 11, retomar “imposição”(l.12);

d) na linha 5, retomar “todas elas”(l.5);

e) na linha 15, retomar “perspectivas” (l.16).

Gabarito: B

Na alternativa A, o pronome relativo QUE tem como antecedente o demonstrativo O, que está contraído Ã preposição A.

Na alternativa B, conforme exposto na parte teórica desse capítulo, ocorre a mesma situação da alternativa A, com uma pequena diferença. Na A, o pronome demonstrativo estava contraído a uma preposição. Na B, o pronome demonstrativo ocorre sem preposição. É de bom alvitre não olvidar que, quando há demonstrativo e relativo juntos, o antecedente do relativo é o demonstrativo, mesmo que este esteja contraído a uma preposição.

Na alternativa C, o pronome relativo QUE refere-se a “as regras”.

Na alternativa D, o pronome relativo QUE tem como antecedente o demonstrativo O (linha 4), o mesmo da alternativa A. Tal fato ocorre, visto que a conjunção E estabelece um paralelismo entre as duas orações.

Na alternativa E, o pronome relativo QUE refere-se ao demonstrativo O, que se encontra contraído Ã preposição DE.

Leia o texto abaixo para responder Ã questão 2.

A segunda metade dos anos 1990 foi caracterizada por crises nos países emergentes: México, Rússia, Brasil e Argentina. Em todos os casos, os países recorreram ao Fundo Monetário Internacional (FMI) para resolver seus problemas de endividamento externo e tiveram que se submeter a rigorosos programas de ajuste fiscal (redução de gastos públicos e aumento de impostos) e das contas externas exigidos pela organização. Após o período de retração do nível de atividade e aumento do desemprego, durante o qual a relação dívida/PIB e os déficits fiscais se acomodaram em níveis compatíveis com a capacidade de financiamento, todos os países, Ã exceção da Argentina, entraram em trajetória de crescs mento, com estabilidade de preços. Como os fundamentos fiscais e monetários destes países estavam fortes, com equilíbrio fiscal, relação dívida/PIB e inflação sob controle, seus governos e bancos centrais puderam adotar políticas fiscais, monetárias, de crédito mais frouxas, que reverteram a trajetória de queda já no segundo trimestre de 2009.

(José Márcio Camargo, Tragédia grega. Istoé, 10/02/2010, com adaptações)

02. **Analista Técnico Susep – Esaf – Assinale a opção em que os três termos remetem, por coesão textual, ao mesmo referente.**

a) "países emergentes"(l.1 e 2) – "os países"(l.2) – "se"(l.4)

b) "todos os casos"(l.2) – "problemas de endividamento externo"(l.2 e 3) – "seus"(l.12)

c) "Fundo Monetário internacional"(l.2 e 3) – "seus"(l.4) – "organização"(l.7)

d) "desemprego"(l.7) – "o qual"(l.7) – "se"(l.8)

e) "equilíbrio fiscal"(l.11) – "políticas…de crédito"(l.12 e 13) – "que"(l.13)

Gabarito: A.

Na opção A, os três termos se referem a México, Rússia, Brasil e Argentina.

Na opção B, o termo "todos os casos" remete Ã crise. O segundo termo não possui referente; se o termo englobasse o possessivo, remeteria a "os países". O pronome SEUS refere-se a México, Rússia e Brasil.

Na opção C, Fundo Monetário Internacional não remete a nenhum termo, pelo contrário, termos seguintes remeterão a ele; SEUS refere-se a "os países"; ORGANIZAÇÃO refere-se a Fundo Monetário Internacional.

Na D, DESEMPREGO não remete a outros termos; O QUAL refere-se a "o período de retração do nível de atividade e aumento do desemprego"; o pronome SE tem caráter reflexivo, remetendo a "a relação dívida/PIB e os déficits fiscais".

Na E, EQUILÍBRIO FISCAL não tem referente; o segundo termo também não possui referente; QUE remete a "políticas fiscais, monetárias, de crédito mais frouxas".

03. **(FGV / BESC / Advogado)**

"Mas, enquanto isso, no mercado financeiro, os bancos pensam em como superar um dilema."

O pronome grifado na frase acima exerce uma função anafórica. Assinale a alternativa em que isso NÃO ocorra.

a) Chegamos no dia 23 às 22 horas. **Nessa** noite, as estrelas pareciam brilhar mais do que o costume.

b) Nossas dúvidas residem **nisto**: não saber equacionar problemas.

c) Os sistemas de busca estão atualizados. Em **tais** sistemas, é possível selecionar o idioma de preferência.

d) Nada há para julgar. **Isso** resolve mais facilmente o nosso problema.
e) Os amantes e os amados vivem em desencontros. **Estes** vivem, sem dúvida, mais perdidos que aqueles.

Gabarito: B

Na alternativa A, o pronome NESSA, em nessa noite, refere-se Ã noite do dia 23, elemento citado anteriormente. Na alternativa C, O pronome TAIS, em tais sistemas, refere-se a "Os sistemas de busca". Na alternativa D, ISSO remete Ã oração anterior: ao fato de não haver nada para julgar. Na alternativa E, o pronome ESTES refere-se a "os amantes e os amados". Portanto, em todas essas alternativas, o pronome tem caráter anafórico. Na alternativa B, o pronome NISTO refere-se a um termo posterior: não saber equacionar problemas. Sendo assim, o pronome NISTO possui caráter catafórico.

04. **(FGV-MS / Fiscal de Rendas)**

Nas atuais condições em que exerce a sua hegemonia, a direita "moderada" conseguiu infiltrar seus critérios no discurso da esquerda "moderada".

A palavra seus no trecho acima tem valor:

a) anafórico;
b) anastrófico;
c) catafórico;
d) hiperbólico;
e) paragramático.

Gabarito: A

O pronome SEUS refere-se a "direita moderada". Observe: são critérios da direita moderada. Sendo assim, como o pronome refere-se a um termo antecedente, possui caráter anafórico.

05. **(NCE / ANAC)**

Segundo o Ministério da Saúde, em janeiro de 2003 havia 51.760 pessoas na lista de espera para transplante. Dado o tamanho do país – e, infelizmente, o grau de violência – seria de se esperar que o auxílio viesse rápido. De certa forma, a população está mais sensibilizada para o problema. O número de doações cresce desde 1997. De lá até o ano passado, saltamos de 3.932 para 8.031 transplantes realizados.

Entre as alternativas abaixo, aquela que apresenta um termo sublinhado de valor dêitico:

a) "seria de se esperar que o auxílio viesse rápido";

b) "a população está mais sensibilizada para o problema";

c) "De lá até o ano passado…";

d) "De lá até o ano passado";

e) "mas precisa fazer mais".

Gabarito: D

Questão muito interessante, elaborada para o candidato ficar em dúvida entre as alternativas C e D. "Lá" refere-se ao ano "1997", citado anteriormente no texto, portanto tem caráter anafórico. Já o termo "o ano passado" corresponde ao ano anterior, àquele em que o texto foi redigido (elemento externo ao texto). Sendo assim, a expressão "o ano passado" (só pelo texto não há como saber exatamente o ano, pois não há qualquer tipo de menção a ele) possui caráter dêitico.

06. **(FGV-RJ / Fiscal de Rendas)**

Esse raciocínio baseia-se, contudo, numa falsa comparação. Primeiramente, porque a alocação de novos recursos nada tem a ver, em princípio, com o impacto tecnológico. O avanço deste não acarreta necessariamente impacto positivo daquela.

No trecho "O avanço deste não acarreta necessariamente impacto positivo daquela.", os demonstrativos exercem, respectivamente, função:

a) anafórica e catafórica;

b) catafórica e catafórica;

c) anafórica e anafórica;

d) catafórica e anafórica;

e) dêitica e dêitica.

Gabarito: C

O pronome DESTE refere-se a "o impacto tecnológico", termo já mencionado, portanto é anafórico. DAQUELA remete a "a alocação de novos recursos", termo também já mencionado anteriormente no texto, possuindo, portanto, valor anafórico.

07. **(FGV / MEC)**

"O movimento altermundialista se vê diante da crise da globalização

capitalista em sua fase neoliberal. Essa crise não é uma surpresa para o movimento; ela estava prevista e era anunciada há muito tempo."

Assinale a alternativa em que o termo, no trecho acima, não resgate um termo anterior.

a) sua.
b) Essa.
c) movimento.
d) ela.
e) há.

Gabarito: E

O pronome SUA, constante na alternativa A, refere-se a "a globalização capitalista". O pronome ESSA, na opção B, refere-se a "a crise da globalização capitalista em sua fase neoliberal". O termo O MOVIMENTO, na alternativa C, é remissivo a "O movimento altermundialista". O pronome ELA, na opção D, remete a "a crise". A forma verbal HÁ não se refere a qualquer elemento anterior, exprimindo valor de tempo decorrido.

08. **(FGV / Senado Federal / Técnico Administrativo)**

"Portanto, trata-se de ver aquilo que é melhor ao cidadão."

A respeito do período acima, analise os itens a seguir:

I. **O pronome aquilo tem valor catafórico.**
II. **A palavra Portanto tem valor conclusivo.**
III. **A palavra melhor classifica-se como adjetivo.**

Assinale:

a) se somente os itens I e III estiverem corretos;
b) se somente os itens II e III estiverem corretos;
c) se nenhum item estiver correto;
d) se todos os itens estiverem corretos;
e) se somente os itens I e II estiverem corretos.

Gabarito: B

No item I, o pronome AQUILO não se refere a elementos posteriores, não possuindo, por conseguinte, valor catafórico. ERRADO

No item II, PORTANTO é conjunção coordenativa conclusiva. ERRADO

No item III, MELHOR é adjetivo, podendo até ser flexionado, caso o sujeito ocorresse no plural: "ver aquelas situações que são melhores para o cidadão". CERTO

09. **(FGV / Perito da Polícia Civil)**

"Ademais, e este talvez seja o ponto principal, se o que está em tela é o modelo que possibilitou a realização da hidrelétrica de San Francisco no Equador, por meio da geração de empregos no Brasil e da exportação de bens e serviços brasileiros de alto valor agregado, longe estamos de uma situação em que o interesse nacional brasileiro não esteja sendo atendido."

"A América do Sul é nosso destino – disso já sabiam governantes brasileiros antes da atual administração. A ênfase que lhe é dada hoje tem trazido benefícios importantes."

Os pronomes grifados nos trechos acima têm papel, respectivamente:

a) catafórico e catafórico;
b) anafórico e catafórico;
c) anafórico e anafórico;
d) dêitico e anafórico;
e) dêitico e catafórico.

Gabarito: Anulada

A questão foi anulada porque o pronome demonstrativo ESTE possui valor catafórico – refere-se a todo o fragmento posterior "se o que está em tela é o modelo que possibilitou a realização da hidrelétrica de San Francisco no Equador, por meio da geração de empregos no Brasil e da exportação de bens e serviços brasileiros de alto valor agregado, longe estamos de uma situação em que o interesse nacional brasileiro não esteja sendo atendido."

Já o pronome disso possui valor anafórico, pois se refere a "A América do Sul é o nosso destino.".

Destarte, a resposta certa seria CATAFÓRICO E ANAFÓRICO.

10. **(NCE)**

"A descoberta da América pelos europeus, nos fins do século quinze, deu lugar a uma transplantação da cultura europeia para este Continente. Tal empreendimento constitui, porém, uma aventura impregnada de duplicidade."

"Proclamavam os europeus ao aqui chegarem para expandir nestas plagas o

cristianismo…”

“… movia-os o propósito de exploração e fortuna. A história do período colonial é a história desses dois objetivos a se ajudarem mutuamente na tarefa real e não confessada da espoliação continental.”

“Nascemos, assim, divididos entre propósitos reais e propósitos proclamados. A essa duplicidade da própria sociedade nascente, dividida entre senhores e escravos…”

A seguir, cada um deles é classificado, quanto Ã função textual, na ordem em que ocorrem. Assinale a opção correta.

a) dêitico; dêitico; anafórico; anafórico, anafórico.

b) dêitico; anafórico; anafórico; anafórico, dêitico.

c) anafórico; dêitico; dêitico, anafórico; dêitico.

d) dêitico; dêitico; dêitico; anafórico; dêitico.

e) anafórico; dêitico; dêitico; anafórico; anafórico.

Gabarito: E

O pronome TAL remete ao termo “A descoberta da América pelos europeus” – anafórico; o advérbio AQUI refere-se ao país de nacionalidade do autor – dêitico; O pronome demonstrativo NESTAS, em NESTAS PLAGAS, refere-se às plagas onde o autor se encontra – dêitico; O pronome demonstrativo DESSES, em desses dois objetivos, remete ao antecedente “exploração e fortuna” – anafórico; o pronome demonstrativo ESSA, em “essa duplicidade”, refere-se ao antecedente “propósitos reais e propósitos proclamados” – anafórico.

4.4. COESÃO REFERENCIAL LEXICAL

É a coesão que se estabelece pela conexão dos sentidos dos termos envolvidos no texto, assim, esse tipo de coesão se dá pelas relações de sinonímia, antonímia, hiperonímia e hiponímia.

4.4.1. Sinonímia, antonímia, hiperonímia e hiponímia

Precisamos ter em mente que, apesar de alguns termos possuírem seus sinônimos e antônimos facilmente identificáveis como acontece em ‘bonito x belo’ e ‘feio e belo’, muitas das vezes, as provas de concursos trabalham com sinônimos e antônimos que se adéquam ao contexto em que os termos estão inseridos. Por

isso, precisamos saber identificar determinado vocábulo no texto e não apenas substituí-lo como um sinônimo ou antônimo. Por exemplo, é natural que consideremos que o vocábulo 'velho' seja um antônimo perfeito para 'novo', por isso, podemos entender que o antônimo de 'encontrei um homem **velho**' é 'encontrei um homem **novo**'. Por outro lado, se temos a situação 'não coma o pão que está **velho**', utilizaríamos como antônimo o vocábulo 'fresco' em 'hoje comprei um pão **fresco**'. Percebemos assim que os vocábulos devem ser utilizados de forma adequada ao contexto em que se inserem, pois, se na primeira situação, nós utilizássemos o termo 'fresco' em vez de 'novo', não estaríamos apresentando um antônimo apropriado Ã situação.

A sinonímia nos textos acontece nas relações de hiperonímia e de hiponímia. Vejamos os vocábulos a seguir:

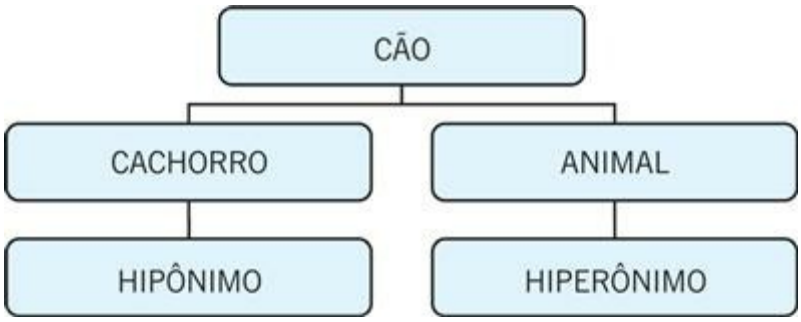

Observe que tanto 'cachorro' quanto 'animal' são termos que funcionam como sinônimos do termo 'cão', entretanto, 'cachorro' substitui 'cão' de forma mais específica do que o termo 'animal', que poderia substituir outros bichos como gato, pássaro e peixe. Assim, podemos concluir que hiperônimos são termos que substituem de forma mais genérica vocábulos que estão no mesmo campo semântico, enquanto que os hipônimos substituem de forma mais específica.

Dessa forma, podemos concluir que o hiperônimo contém as características genéricas de uma determinada classe (por exemplo, matéria); o hipônimo é um elemento específico que comunga dessas características genéricas, sem deixar de possuir os seus próprios traços diferenciadores (por exemplo, Português, Matemática, Geografia são hipônimos de matéria). Veja outros exemplos:

HIPERÔNIMOS	HIPÔNIMOS
Animal	Gato, cachorro, papagaio
Louça	Garfo, faca, colher

Profissional	Engenheiro, médico, professor
Esporte	Futebol, vôlei, basquete

Além das possibilidades de substituição acima, devemos considerar a coesão estabelecida por meio das perífrases. As expressões também servem para substituir termos antecedentes, mas não são de fato sinônimos perfeitos, como, por exemplo, no trecho:

Ex.: **Silvano Eustáquio** é o melhor presidente que um time poderia ter. O **presidente do Palmeiras**, Silvano Eustáquio, afirmou que o time tem todas as condições para ganhar o campeonato.

O nome próprio 'Silvano Eustáquio' foi substituído por 'presidente do Palmeiras' possibilitando a não repetição do termo e, principalmente, mantendo a coesão textual harmônica. O mesmo processo pode ser observado no exemplo abaixo:

Ex.: Castro Alves é autor de uma vastíssima obra literária. Não é por acaso que o **"Poeta dos Escravos"** é considerado o mais importante da geração a qual representou.

A expressão 'Poeta dos escravos' serve para substituir o nome 'Castro Alves', isso evita que o nome seja repetido e garante a manutenção da coesão textual.

4.5. COESÃO REFERENCIAL POR ELIPSE

A coesão também pode ser realizada por elipse. Elipse é um tipo de figura de linguagem que permite a supressão de um termo facilmente subentendido no texto. Vejamos:

Ex.: As crianças nunca se cansam. **Brincam** o dia inteiro e **saem** a toda hora.

Ex.: Os bandidos sempre quando são presos fazem cara de santo. Depois que a situação piora **ficam** implorando por perdão.

Ex.: Nós íamos conseguir o que desejávamos, mas **perdemos** por não **termos** paciência.

Note que antes dos verbos destacados o sujeito foi omitido, mas pode ser facilmente identificado uma vez que já foi expresso anteriormente.

4.6. EXERCÍCIOS

01. **(VUNESP / TJ – SP)**

A palavra empresa é um sinônimo genérico de Proter & Gamble, no texto. A alternativa que apresenta, também, esse tipo de sinonímia, é:

a) automóvel – veículo;
b) automóvel – carro;
c) geladeira – refrigerador;
d) fotografia – foto;
e) motocicleta – moto.

Gabarito: A

A expressão Proter & Gamble é hipônimo de empresa. Empresa é hiperônimo de Proter & Gamble. Nas alternativas B e C, os termos são sinônimos absolutos. Nas alternativas D e E, os vocábulos foto e moto são abreviaturas de fotografia e motocicleta. Na alternativa A, automóvel é hipônimo de veículo – existem vários veículos (caminhão, motocicleta, ônibus, lambreta…) –, e automóvel (hipônimo), que é apenas um deles, especifica qual veículo é.

02. **(CEPUERJ / Técnico de Enfermagem)**

"… Evite ingerir o medicamento juntamente com alimentos (…) Evite também ingerir álcool durante o tratamento, pois o uso de XXXXXX com álcool é tóxico para o fígado.."

O emprego da palavra "medicamento" em substituição a "XXXXXX" constitui caso de:

a) sinonímia;
b) hiponímia;
c) antonímia;
d) aiperonímia.

Gabarito: B

XXXXXX é hipônimo de medicamento, pois é o nome do medicamento. Medicamentos (hiperônimo) existem vários, XXXXXX é apenas um deles. XXXXXX representa uma especificação de qual medicamento se trata.

4.7. COESÃO SEQUENCIAL

É a coesão normalmente feita por conjunções, ligando termos, orações ou períodos,

estabelecendo entre eles uma relação de sentido. Torna-se imperioso esclarecer que esse tipo de coesão não tem como escopo retomar ou representar termos antecedentes, mas, sim, ligar a construção anterior Ã seguinte, estabelecendo entre elas uma relação de sentido. Quando uma oração é introduzida pela conjunção ENTRETANTO, já se sabe que o fragmento está em oposição a algo citado anteriormente. Ao observar a presença da conjunção ENQUANTO, já se imagina que dois fatos estão acontecendo simultaneamente. A ocorrência do conector JÁ QUE sugere que a ideia introduzida indicará uma causa para um fato anteriormente relatado. Já o conector PORTANTO indica que a oração em que ocorre é uma conclusão para algo citado anteriormente.

Ex.: Ele estava doente, entretanto não faltou ao trabalho.

Todos prestavam atenção, enquanto João falava.

Já que estão todos presentes, podemos começar a aula.

Pedro faltou ao trabalho, portanto deve estar doente.

4.8. COESÃO SEQUENCIAL

01. **(Esaf / CVM / Analista)**

Tradicional defensor de instrumentos ortodoxos de política econômica, o Fundo Monetário Internacional (FMI) admitiu o uso de controles de capital para combater a formação de bolhas financeiras e o fluxo exagerado de investimentos estrangeiros que valorizam excessivamente as moedas nacionais em relação ao dólar. Entre as opções, está a tributação do ingresso de recursos, caminho escolhido pelo Brasil, que elevou de 4% para 6% a alíquota do imposto de operações financeiras (IOF) nas aplicações de renda fixa. Outra possibilidade é a proibição de retirada do dinheiro por um tempo determinado, como fez o Chile. Por enquanto a equipe econômica brasileira resiste em adotar este passo, pois, para o economista americano J. L., o reforço no balanço orçamentário e as ações de caráter mais estrutural são, muitas vezes, as respostas mais adequadas para o aumento de fluxos. "Mas pode haver circunstâncias em que os controles cambiais sejam úteis, numa medida temporária, para lidar com esse crescimento de capital", afirma.

(Adaptado de Correio Braziliense, 19 out. 2010.)

Na organização das relações de coesão e coerência no texto, a

expressão

a) "caminho escolhido pelo Brasil"(l.5) retoma a ideia de "tributação do ingresso de recursos" (l.5).

b) "fluxo exagerado de investimentos estrangeiros" (l.3) retoma a ideia de "bolhas financeiras" (l.3).

c) "ações de caráter mais estrutural"(l.10) retoma a ideia de "bolhas financeiras"(l.3).

d) "controles cambiais" (l.12) retoma a ideia de "ações de caráter mais estrutural" (l.10).

e) "esse crescimento de capital" (l.13) retoma a ideia de "aplicações de renda fixa" (l.7).

Gabarito: A

Na opção A, pela construção frasal, fica que a expressão) "caminho escolhido pelo Brasil"(l.5) retoma a ideia de "tributação do ingresso de recursos".

Na opção B, o termo "fluxo exagerado de investimentos estrangeiros" não remete a qualquer outra expressão.

Na opção C, "ações de caráter mais estrutural" também não possui referente.

Na opção D, "controles cambiais" retoma a ideia de "a tributação do ingresso de recursos" e de "retirada do dinheiro por um tempo determinado".

Na opção E, a expressão "esse crescimento de capital" refere-se a "a formação de bolhas financeiras e o fluxo exagerado de investimentos estrangeiros que valorizam excessivamente as moedas nacionais em relação ao dólar.".

02. **(Esaf / RJ / Fiscal de Rendas)**

O texto abaixo serve de base para a questão 4

Com o advento do Estado Social e Democrático de Direito, ganhou força a tese que defende a necessidade de interpretar a relação jurídica tributária de forma contextualizada com o valor constitucional da solidariedade social. Isso não significa, porém, que a busca da solidariedade social prevalecerá sempre sobre todas as demais normas constitucionais, pois sempre existirão situações em que restará configurada a supremacia de outros valores, também positivados no texto constitucional.

A solidariedade de que trata a Constituição, no entanto, é a solidariedade genérica, referente Ã sociedade como um todo, em oposição Ã solidariedade de

grupos sociais homogêneos, a qual se refere a direitos e deveres de um grupo social específico. Por força da solidariedade genérica, é lógico concluir que cabe a cada cidadão brasileiro dar a sua contribuição para o financiamento do "Estado Social e Tributário de Direito".

Infelizmente, é um fato cultural e histórico o contribuinte ver na arrecadação dos tributos uma "subtração", em vez de uma contribuição a um Erário comum. Diante disso, o tema da solidariedade é fundamental, porque leva a uma reflexão sobre as razões pelas quais se pagam tributos, ou porque deva existir uma lealdade tributária.

(Daniel Prochalski, Solidariedade social e tributação. http://jus2.uol.com.br/Doutrina/texto, acesso em 9/6/2010, com adaptações)

Assinale a opção correta a respeito das relações de coesão no texto.

a) Por meio do pronome "Isso"(l.3) retoma-se a ideia de "advento do Estado Social e Democrático de Direito"(l.1).

b) O substantivo "situações"(l.5) resume e retoma as relações entre "o advento do Estado Social e Democrático de Direito"(l.1) e "o valor constitucional da solidariedade social"(l.3).

c) Por meio do pronome "a qual"(l.10), retoma-se "sociedade" (l.9)

d) A expressão "outros valores"(l.6) refere-se a valores que constam do texto constitucional.

e) É classificado como "cultural e histórico"(l.14) o fato de cada cidadão brasileiro dar sua contribuição para o financiamento do Estado.

Gabarito: D

Na alternativa A, o pronome ISSO refere-se a "ganhou força a tese que defende a necessidade de interpretar a relação jurídica tributária de forma contextualizada com o valor constitucional da solidariedade social.".

Na alternativa B, o termo situações não retoma termos antecedentes, mas aponta para "em que restará configurada a supremacia de outros valores, também positivados no texto constitucional.", redigido a seguir.

Na alternativa C, o pronome relativo A QUAL retoma a "solidariedade de grupos sociais homogêneos".

Na opção D, a expressão "outros valores" retoma "demais normas (valores) constitucionais".

Na opção E, a expressão "cultural e histórico" qualifica o fato de "o contribuinte ver na arrecadação dos tributos uma "subtração", em vez de uma contribuição a um Erário comum.".

03. **(Cespe / UnB / MPU / Analista Administrativo)**

Inovar é recriar de modo a agregar valor e incrementar a eficiência, a produtividade e a competitividade nos processos gerenciais e nos produtos e serviços das organizações. Ou seja, é o fermento do crescimento econômico e social de um país. Para isso, é preciso criatividade, capacidade de inventar e coragem para sair dos esquemas tradicionais. Inovador é o indivíduo que procura respostas originais e pertinentes em situações com as quais ele se defronta. É preciso uma atitude de abertura para as coisas novas, pois a novidade é catastrófica para os mais céticos. Pode-se dizer que o caminho da inovação é um percurso de difícil travessia para a maioria das instituições. Inovar significa transformar os pontos frágeis de um empreendimento em uma realidade duradoura e lucrativa. A inovação estimula a comercialização de produtos ou serviços e também permite avanços importantes para toda a sociedade. Porém, a inovação é verdadeira somente quando está fundamentada no conhecimento. A capacidade de inovação depende da pesquisa, da geração de conhecimento. É necessário investir em pesquisa para devolver resultados satisfatórios Ã sociedade. No entanto, os resultados desse tipo de investimento não são necessariamente recursos financeiros ou valores econômicos, podem ser também a qualidade de vida com justiça social.

Luís Afonso Bermúdez. O fermento tecnológico. In: Darcy. Revista de jornalismo científico e cultural da Universidade de Brasília, novembro e dezembro de 2009, p. 37 (com adaptações).

Considerando a organização das ideias e estruturas linguísticas do texto, julgue os seguintes itens.

1. Na linha 6, o segmento "as quais" remete a "situações" e, por isso, admite a substituição pelo pronome que; no entanto, nesse contexto, tal substituição provocaria ambiguidade.
2. O período sintático iniciado por "Inovar significa" (L.9) estabelece, com o período anterior, relação semântica que admite ser explicitada pela expressão Por conseguinte, escrevendo-se: Por conseguinte, inovar significa (…).
3. Subentende-se da argumentação do texto que o pronome demonstrativo, no

trecho “desse tipo de investimento” (L. 15), refere-se Ã ideia de “fermento do crescimento econômico e social de um país” (L.3 e 4).

4. A forma verbal “é” (L.3) está flexionada no singular porque, na oração em que ocorre, subentende-se “Inovar” (L.1) como sujeito.

Gabarito:

1 – Errado – Realmente o pronome relativo “as quais” refere-se a “situações”, todavia a substituição desse pronome relativo por QUE não gera problema relativo Ã ambiguidade.

2 – Errado – O conector POR CONSEGUINTE possui caráter conclusivo, portanto deve ser empregado para fechar uma ideia, o que não ocorre. Observe, inclusive, que outras características de INOVAR são apresentadas no período seguinte. Depois, com o emprego do conector adversativo PORÉM, ainda se estabelece uma ressalva para o que pode ser “inovação.

3 – Errado – O termo “desse tipo de investimento” remete a “investir em pesquisas”.

4 – Certo – A forma verbal É encontra-se flexionada na terceira pessoa do singular para concordar com a expressão oracional subentendida INOVAR: Inovar é o fermento do crescimento econômico e social de um país.

Capítulo 5

Semântica dos Conectores – Preposições e Conjunções

PREPOSIÇÕES

Esses elementos são responsáveis por estabelecer o nexo entre os vocábulos de uma oração e entre as orações, períodos e parágrafos em um texto. Podemos dizer que se dividem em dois grupos:

a) **Essenciais** – São as que funcionam apenas como preposição

Ex.: a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, per, perante, por, sem, sob, sobre, trás.

b) **Acidentais** – Segundo a professora Maria Helena de Moura Neves, em sua gramática "a Nomenclatura Gramatical Brasileira", são preposições acidentais certos elementos que se estão gramaticalizando como preposições e que se empregam em contextos restritos. Todos esses elementos têm origem em outra classe gramatical."

Ex.: salvo, consoante, exceto, durante, conforme, senão, segundo, entre outras.

5.1. VALORES SEMÂNTICOS DAS PREPOSIÇÕES ESSENCIAIS

5.1.1. Preposição "A"

Condição	**A** persistirem os sintomas, o médico deverá ser consultado!
Direção	Quero conhecer o Brasil de norte **a** sul.
Fim	João estudou **a** passar no concurso.
Meio	Obteve êxito **a** estudo.
Lugar	Estávamos **a**o portão do curso.

Conformidade	O professor fez a questão **a**o método prático.
Preço	Vendeu **a** um real o quilo.
Concessão	Ele nada fazia **a** não ser jogar futebol.
Tempo	**A**o encontrar a solução, fiquei aliviado.
Instrumento	Mataram a galinha **a** machado.
Modo	Falar **a**os berros.
Semelhança	João não saiu **a** vocês.
Distribuição proporcional, gradação	dia **a** dia, mês **a** mês, ano **a** ano.
Posse	Tomou o pulso **a**o doente.(= do doente)

BIZU

Uma forma de identificar a ideia "fim" que a preposição pode assumir, é substituindo-a pela preposição "para".

João estudou **a**passar no concurso.

João estudou**para**passar no concurso.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "a":**

1	**Causa**
2	**Direção**
3	**Fim**
4	**Meio**
5	**Lugar**
6	**Conformidade**
7	**Preço**
8	**Concessão**
9	**Posse**
10	**Instrumento**
11	**Modo**

12	**Semelhança**
13	**Proporção** **Gradação**
14	**Condição**

a. ( ) Escrevemos a carta **a** lápis.
b. ( ) Será bom que o mundo morra **à** fome?
c. ( ) Fui **a** Niterói.
d. ( ) Falaremos **a**o modo tradicional.
e. ( ) Do Forte de Copacabana **a**o Arpoador, a caminhada é tranquila.
f. ( ) Mantiveram-se no local **a** pedir perdão.
g. ( ) A camisa foi vendida **a** R$100,00.
h. ( ) Aprenderemos pouco **a** pouco o assunto.
i. ( ) Passear **a** camelo.
j. ( ) Matar **à** fome.
k. ( ) Esqueci-me de tudo **a** não ser do seu nome.
l. ( ) Maria puxou **a**o pai.
m. ( ) Arrancou o prazer da leitura **a**o homem.
n. ( ) **A** cumprirem suas responsabilidades, serão bem recebidos.

Gabarito:

a. (10)
b. (1)
c. (2)
d. (11)
e. (5)
f. (3)
g. (7)
h. (13)
i. (11)
j. (4)
k. (8)
l. (12)
m. (9)

n. (14)

5.1.2. Preposição "ATÉ"

Limite de lugar	Segui você **até** o final da rua.
Limite de tempo	Esperei **até** ontem.
Limite numérico	O produto custará **até** três vezes mais.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "até":**

1	**Limite de lugar**
2	**Limite de tempo**
3	**Limite numérico**

a. ( ) Capacidade **até** 10 quilos de roupa.
b. ( ) As longas e cansativas caminhadas **até** o cemitério eram desesperadoras.
c. ( ) Tenho **até** hoje para enviar os documentos.
d. ( ) Apostarei **até** R$100,00 no jogo de hoje.
e. ( ) Debruçada **até** quase os meus joelhos, ela gritou.
f. ( ) Amar-te-ei **até** o último dia de nossas vidas.

Gabarito:

a. (3)
b. (1)
c. (2)
d. (3)
e. (1)
f. (2)

5.1.3. Preposição "COM"

Companhia	Gostaria de sair mais vezes **com** você.
Soma	Uniremos as tuas **com** as nossas palavras.

Modo	Ele gritou **com** força.
Instrumento	Lavei a roupa **com** sabão de coco.
Condição	**Com** sorte, atingiremos nossos objetivos.
Causa	Os japoneses ficaram aflitos **com** o Tsunami.
Tempo	**Com** seis meses de uso, as peças começam a ficar ruins.
Conformidade	Reconhecemos, **com** o ilustre professor, que a questão deveria ser anulada.
Lugar	Talvez encontremos, **com** o fim da estrada, água.
Concessão	**Com** vinte anos de carreira, seu patrimônio se resume a dois carros modestos.
Meio	Fui **com** minha moto para os lugares mais remotos do Brasil.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1 . **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "com":**

1	**Companhia**
2	**Soma**
3	**Modo**
4	**Instrumento**
5	**Condição**
6	**Causa**
7	**Tempo**
8	**Meio**
9	**Conformidade**
10	**Lugar**
11	**Concessão**

a. ( ) Somaremos as minhas partes **com** as suas para formarmos o inteiro.

b. ( ) Sairemos **com** a mamãe para fazer compras.

c. ( ) O aluno sorriu **com** timidez.

d. ( ) Resolvemos, **com** a orientação do Doutor, todas as questões.
e. ( ) Fiz questão de realizar a prova **com** uma caneta especial.
f. ( ) Andaremos e encontraremos, **com** o fim da rua, a casa colorida.
g. ( ) **Com** esse desempenho, não passará no concurso.
h. ( ) **Com** o tempo, seu cabelo cairá.
i. ( ) Muitos ficaram aflitos **com** a notícia dos terremotos no Japão.
j. ( ) **Com** toda sua riqueza, não consegue ser feliz.
k. ( ) Só gosto de viajar **com** o meu carro.

Gabarito:

a. (2)
b. (1)
c. (3)
d. (9)
e. (4)
f. (10)
g. (5)
h. (6)
i. (6)
j. (11)
k . (8)

5.1.4. Preposição "CONTRA"

Lugar	Ele pressionou a mão **contra** o peito.
Adversidade	Tudo isso é **contra** meus princípios.
Comparação	No ano passado, o curso teve duzentas aprovações, **contra** trezentas e cinquenta que obtivemos este ano.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1 . **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "contra":**

1	Lugar

2	**Adversidade**
3	**Comparação**

a. ( ) O cavalo se coça **contra** uma cerca.
b. ( ) As pesquisas mostraram que o índice de analfabetismo aumentou 10% neste mês **contra** 5% no mês passado.
c. ( ) Os políticos falam **contra** o governo.

Gabarito:

a. (1)
b. (3)
c. (2)

BIZU

A PREPOSIÇÃO CONTRA ENTRA EM EXPRESSÕES FIXAS

Ser contra / ficar contra / ir contra → opor-se a

Sou contra os charlatões. / Ninguém pode ir contra a vontade de Deus.

5.1.5. Preposição "DE"

Modo	Os espertos vão saindo **de** fininho.
Lugar	**De** longe nada se via.
Tempo	A reunião acontec **de** manhã.
Instrumento	Devia ter feito a barba **de** gilete.
Causa	As frutas caíram do pé **de** podre.
Matéria	A casa foi feita **de** madeira.
Intensidade	Ele estudou **de** não aguentar mais o ritmo.
Negação	Não quisera regressar **de** jeito algum.
Posse	Ela bebeu com o dinheiro **de** Maria.
Finalidade	"E o coração... é instrumento **de** sopro ou de percussão?"
Assunto	Falava **de** política.
Origem	"Afirmava-se que o fogo começara **de** uma sala" (Raul Pompéia).

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "de":**

1	**Modo**
2	**Lugar**
3	**Tempo**
4	**Instrumento**
5	**Causa**
6	**Matéria**
7	**Intensidade**
8	**Negação**
9	**Posse**
10	**Finalidade**
11	**Assunto**
12	**Origem**

a. ( ) Ele vive **de** pequenos furtos.
b. ( ) Roubaram a bolsa **de** uma aluna da turma.
c. ( ) Cheguei **de** imediato.
d. ( ) Comprei uma casa **de** campo.
e. ( ) Meu coração pulou **de** saudades.
f. ( ) O fio foi feito **de** cobre.
g. ( ) Ele riu **de** todos estarem com sono.
h. ( ) A aluna falou **de** música com o professor.
i. ( ) Vamos capinar **de** enxada.
j. ( ) Sentou-se **de** frente para você.
k. ( ) Ela não acreditava **de** maneira alguma em alienígenas.
l. ( ) A manifestação começou **de** todos os escritório e foi até a praça.
m. ( ) Ele chegou **de** Paris agora

Gabarito:

a. (1)

b. (9)
c. (3)
d. (10)
e. (5)
f. (6)
g. (5)
h. (11)
i. (4)
j. (2)
k. (8)
l. (2)
m. (12)

5.1.6. Preposição "EM"

Lugar	Ele estava **em** São Paulo.
Modo	**Em** lágrimas, confessou o crime.
Tempo	A reunião acontecerá **em** trinta minutos.
Causa	Ela estava triste **em** não poder ajudar a pobre moça.
Finalidade	João acariciou **em** despedida a face de seu pai.
Matéria	O talher é feito **em** cobre.
Instrumento	Desenharam **na** máquina os projetos futuros.
Meio	O professor, **em** explicações exatas, conseguiu o gabarito.
Preço	Eu estimei **em** vinte milhões o terreno.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "em":**

1	**Lugar**
2	**Modo**
3	**Tempo**
4	**Causa**

5	**Finalidade**
6	**Matéria**
7	**Instrumento**
8	**Meio**
9	**preço**

a. ( ) O rapaz estava contente **em** conseguir estudar oito horas por dia.
b. ( ) O casaco foi feito **em** lã.
c. ( ) **Na** rua do mercado, eu a vi.
d. ( ) O corte foi feito **na** tesoura.
e. ( ) **Em** março, fui nomeado.
f. ( ) Vai taxar **em** 10% todos os saques bancários.
g. ( ) **Em** desespero, corri atrás do ônibus.
h. ( ) Machado de Assis, **em** frases curtas, demonstrava sua depressão.
i. ( ) Deixou **em** herança todos os bens.

Gabarito:

a. (4)
b. (6)
c. (1)
d. (7)
e. (3)
f. (9)
g. (2)
h. (8)
i. (5)

5.1.7. Preposição "ENTRE"

Lugar	A moto estava **entre** os dois carros no trânsito.
Tempo	**Entre** 1979 e 1985, foram vendidas três mil peças.
Quantidade	O preço vai girar **entre** oito e dez dólares.
Companhia	Vivia **entre** os mais pobres.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1 . **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "entre":**

1	**Lugar**
2	**Tempo**
3	**Quantidade**
4	**Companhia**

a. ( ) **Entre** junho e setembro, viajaremos ao nordeste.
b. ( ) **Entre** duas e três meninas, a mais bela foi a escolhida.
c. ( ) **Entre** as árvores estava uma linda mulher.
d. ( ) Eu adoro me deitar **entre** os meu cães.

Gabarito:

a. (2)
b. (3)
c.y (1)
d. (4)

5.1.8. Preposição "PARA"

Direção	Eu caminhei **para** a rua animada.
Tempo	Marcamos o encontro **para** amanhã.
Conformidade	**Para** mim, isso não é doença.
Finalidade	O aluno estuda **para** passar.
Condição	**Para** desejar cantar comigo, terá de tratar da voz.
Lugar	Havia um pouco de comida mais **para** o canto da sala.
Restrição	Proibido **para** menores.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1 . **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição**

"entre":

1	**Direção**
2	**Tempo**
3	**Conformidade**
4	**Finalidade**
5	**Condição**
6	**Lugar**
7	**Restrição**

a. ( ) **Para** o segundo semestre, deixaremos o problema.
b. ( ) Compraremos roupas **para** doar.
c. ( ) Conteúdo específico **para** maiores de dezoito anos.
d. ( ) **Para** ele, o mundo da imaginação é real.
e. ( ) Havia muito mais confete **para** a plateia do que para o palco.
f. ( ) Peguei um atalho **para** sua casa.
g. ( ) **Para** querer ficar comigo, terá de mudar seu jeito de pensar.

Gabarito:

a. (2)
b. (4)
c. (7)
d. (3)
e. (1)
f. (6)
g. (5)

5.1.9. Preposição "POR"

Meio	As casas são ligadas **por** uma escada.
Causa	Aparentava mais idade **por** seus cabelos brancos.
Modo	Resolveremos as questões **por** partes.
Lugar	Ele passou **por** baixo da ponte.

Agente	Ele foi baleado **por** uma criança.
Tempo	Na piscina, **por** muitas horas, tomou muito sol.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "por":**

1	**Meio**
2	**Causa**
3	**Modo**
4	**Lugar**
5	**Agente**
6	**Tempo**

a. ( ) O meu amor deixou de comer **por** mim.
b. ( ) Eles se comunicavam **por** cartas.
c. ( ) O resultado foi dado **por** todos da banca.
d. ( ) **Pela** manhã, você surgiu radiante.
e. ( ) **Por** onde anda, meu filho?
f. ( ) Ele estudou a matéria **por** assunto.

Gabarito:

a. (2)
b. (1)
c. (5)
d. (6)
e. (4)
f. (3)

5.1.10. Preposição "SOB"

Lugar (posição inferior)	Namoramos **sob** aquelas pedras.
Causa	Não se deve ficar aqui, **sob** o risco de ser assaltado.

Proteção	A criança estava **sob** minha custódia.
Sujeição	Bentinho foi exilado **sob** a regência severa da ditadura.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "sob":**

1	**Lugar**
2	**Causa**
3	**Proteção**
4	**Sujeição**

a. ( ) Só confessará **sob** ameaça de perder a vida.
b. ( ) Os soldados, **sob** o meu comando, ganharam a Guerra.
c. ( ) As nuvens se ondulavam **sob** o céu.
d. ( ) Estávamos **sob** o amparo da lei.

Gabarito:

a. (2)
b. (4)
c. (1)
d. (3)

5.1.11. Preposição "SOBRE"

Lugar (posição superior)	O livro estava **sobre** a mesa.
Assunto	Falávamos **sobre** o tango brasileiro.
Especificação	Houve um acréscimo de 33% **sobre** os dados do governo anterior.
Preferência (acima de)	Amar a Deus **sobre** todas as coisas.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1 . **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "sobre":**

1	**Lugar**
2	**Assunto**
3	**Especificação**
4	**Preferência**

a. ( ) Depois de ouvir a história **sobre** políticos, ficou deprimido.
b. ( ) Os funcionários foram multados em 30% **sobre** os seus salários.
c. ( ) Observou as baratas **sobre** o esgoto.
d. ( ) Os cuidados com os filhos estão **sobre** todas as outras coisas.

Gabarito:

a. (2)
b. (3)
c. (1)
d. (4)

5.1.12. Preposição "ANTE"

Lugar	João encontrou o livro **ante** o único lugar vago.
Causa	**ante** a belíssima atuação dos flamenguistas.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1 . **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "ante":**

1	**Lugar**
2	**Causa**

a. ( ) Os baderneiros parariam **ante** o guarda.
b. ( ) O marido chorou arrependido **ante** a revelação da mulher.
c. ( ) Apareciam **ante** mim as pessoas sedentas.
d. ( ) **Ante** os sinais de explosão, decidiu correr.

Gabarito:

a. (1)
b. (2)
c. (1)
d. (2)

BIZU

A PREPOSIÇÃO ANTE COM IDEIA DE LUGAR PODE SER SUBSTITUÍDA POR:

= { na frente de / diante de / perante / na presença de

A PREPOSIÇÃO ANTE COM IDEIA DE CAUSA PODE SER SUBSTITUÍDA POR:

= { por causa de / por motivo de / em decorrência de / em consequência de

5.1.13. Preposição "APÓS"

Lugar posterior	**Após** o canteiro da obra, você encontrará um buraco.
Tempo posterior	**Após** a apresentação, fomos ao restaurante.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1 . **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "após":**

1	**Lugar**
2	**Tempo**

a. ( ) **Após** o curso, situa-se o Teatro Municipal.
b. ( ) **Após** a apresentação, o professor se emocionou.
c. ( ) Chegando a minha rua, estacione **após** o orelhão.

d. ( ) Dia **<u>após</u>** dia, sonho com você.

Gabarito:

a. (1)
b. (2)
c. (1)
d. (2)

5.1.14. Preposição "DESDE"

Afastamento de um lugar	Ele caminhou **<u>desde</u>** o Leblon.
Início de um tempo	**<u>Desde</u>** seu nascimento, era esperto.
Condição	**<u>Desde</u>** que estudes, passarás.
Causa	**<u>Desde</u>** que tenho muito trabalho, não fui à festa alguma.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "desde":**

1	**Lugar**
2	**Tempo**
3	**Condição**
4	**Causa**

a. ( ) **<u>Desde</u>** que nos preocupamos com a educação, trabalhamos com zelo e atenção.
b. ( ) **<u>Desde</u>** cedo, papai me ensinava a tocar violão.
c. ( ) Acho que todo aluno deve estudar muito, **<u>desde</u>** que não atrapalhe o cuidado com a saúde.
d. ( ) Ele já acenava **<u>desde</u>** a escada rolante.

Gabarito:

a. (4)
b. (2)
c. (3)
d. (1)

5.1.15. Preposição "PERANTE"

Diante de / Na frente de / Ante	O professor, **perante** dois mil alunos, explicou.

5.1.16. Preposição "SEM"

Modo	Ele fez os exercícios **sem** pensar.
Condição	**Sem** sorte, nem podemos sair de casa.
Ausência (falta)	"**Sem** ela o que é a vida?" (Castro Alves).

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1 . **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "sem":**

1	**Modo**
2	**Condição**
3	**Ausência (falta)**

a. ( ) Chorava **sem** dar um pio.
b. ( ) **Sem** estudo, ele não era ninguém.
c. ( ) Fui para São Paulo **sem** Maria.

Gabarito:

a. (1)
b. (2)
c. (3)

BIZU

A PREPOSIÇÃO SEM ENTRA EM EXPRESSÕES FIXAS:

SEM QUÊ NEM PARA QUÊ
SEM QUÊ NEM PRA QUÊ = sem razão nenhuma
SEM QUÊ NEM PORQUÊ

Exemplo: Saía gritando pelas ruas da cidade, sem quê nem para quê.

SEM MAIS = sem que haja mais nada a acrescentar

Exemplo: Sem mais, para hoje, envio-lhe saudações.

SEM ESSA (DE) = não vem com essa

Exemplo: Sem essa, meu amor, só tenho olhos para você.

5.2. VALORES SEMÂNTICOS DAS PREPOSIÇÕES ACIDENTAIS

PREPOSIÇÕES	FORMAÇÃO
Durante, mediante, consoante, não obstante, tirante.	São formados de verbos em particípio presente (-nte).
Visto, salvo, exceto, feito	São formados de verbos em particípio passado.
Inclusive, exclusive, fora, afora, menos.	São formas de advérbios.
Incluso, excluso	São formas de adjetivos (ligadas a particípios passados).
Conforme	É forma de adjetivo.
Como	É forma de conjunção.
Senão	É conjunção condicional SE com o advérbio de negação NÃO.
Segundo	É forma de numeral ordinal.

PREPOSIÇÃO	VALOR	EXEMPLO
Durante	Tempo	**Durante** a prova, os professores observam os alunos.
Conforme	Conformidade	Telefonou-me, **conforme** o combinado.
Segundo		**Segundo** os dados do IBGE, a renda familiar aumentou.
Consoante		Nos Andes, **consoante** o mapa do local, havia muitas saliências.
Mediante	Meio	Comprei, **mediante** a orientação do professor, um bom livro.
Não obstante (= apesar de)	Concessão	A prova do concurso, **não obstante** não ter sido realizada pelos alunos, estava fácil.
Inclusive	Inclusão de	Conseguiremos tudo, **inclusive** passar pela vida.
Exclusive	Exclusão de	A matéria da prova será da página 12 até a página 48 **exclusive**.
Exceto		Todos jogavam, **exceto** o mais famoso.
Fora		**Fora** eles, há três anos, ninguém mais explodiu bombas.
Afora		**Afora** o tenente, os demais foram almoçar.
Salvo		Todos compareceram à reunião, **salvo** o diretor financeiro.
Menos		Estudei muita coisa, **menos** matemática.
Senão		Nada lhe restava fazer, **senão** prosseguir.
Tirante		**Tirante** o ciúme, tudo ia bem.

BIZU

A EXPRESSÃO NÃO OBSTANTE

A expressão não obstante pode ser uma conjunção concessiva (= embora), construindo-se, então, com forma verbal no subjuntivo.

Exemplo: Não obstante fosse o melhor atleta, ganhou todos os prêmios.

Conforme	Conformidade	Entregou o documento, **conforme** o combinado.
Segundo		**Segundo** os dados do IBGE, a população aumentou.
Consoante		**Consoante** as ideias do professor, as disciplinas variam.
Visto	Causa	Ele não trabalhou muito naquela semana, **visto** ter sido gerente temporário.
Como (= na qualidade de)	Modo	Não aceito você **como** chefe da seção.
Feito	Comparação	Falando sozinho **feito** um maluco.

BIZU

CONFORME / SEGUNDO / CONSOANTE

Os elementos acima podem ser conjunções confirmativas, construindo-se, então, com forma verbal no indicativo ou no subjuntivo.

Exemplo: **Conforme** estudava, as informações chegavam.

5.3. Exercícios

01. **(FGV – RJ / POLÍCIA CIVIL / MÉDIO)**

"...de onde mais saem órgãos humanos".

Assinale a alternativa que indique a frase de estrutura semelhante que não apresenta correção gramatical em função de uma preposição mal empregada.

a) aonde vão órgãos humanos.
b) de onde vêm órgãos humanos.
c) por onde se dirigem órgãos humanos.
d) até onde são levados órgãos humanos.
e) desde onde são exportados órgãos humanos

Gabarito: C

A forma verbal dirigir-se rege a preposição **para** e não a preposição **por.** Já as demais preposições são determinadas pelas expressões presentes em cada contexto. Na letra A, a preposição **a**, com valor semântico de movimento em direção a um lugar, foi determinada pelo verbo ir (vão). Na opção B, a preposição

de, com semântica de origem, foi regida pelo verbo vir (vêm). Na assertiva D, a preposição **até**, com ideia de limite, foi exigida por "levados" (são levados). Na última opção, letra E, a preposição **desde**, com semântica de tempo ou de lugar ligado a um ponto de origem, foi estabelecida por "exportados" (são exportados).

02. **(NCE / UFRJ / ELETROBRAS / Administração geral)**

"Recuso, COM o mesmo sorriso...": a frase em que a preposição destacada tem o mesmo sentido que possui nesse segmento do texto é:

a) O cronista visita a casa com amigos;
b) Com a chegada das férias, o cronista visita a casa antiga;
c) O cronista encontra com as mesmas pessoas de sempre;
d) O cronista fala com educação sobre as novidades;
e) A crônica é produzida com a ajuda do computador.

Gabarito: D

A relação semântica verificada no enunciado é de modo. A letra D é a única opção em que o mesmo sentido modal ocorre. Nas assertivas A e C, observa-se a semântica de companhia. Na opção B, encontra-se a ideia de causa. Na alternativa E, a semântica de instrumento prevalece.

03. **(NCE / Mesquita / Assistente Social)**

"Beethoven passeava na floresta quando voltou correndo, com a Sexta Sinfonia inteira na cabeça. Kant era metódico, todos os dias saía para seu passeio à tarde, os vizinhos podiam acertar o relógio pela hora em que ele percorria o bosque de Konigsberg. E foi assim que ele criou seu monumental sistema dedicado à razão pura."

Nos segmentos "bosque de Konigsberg" e "desvantagens do mundo virtual", o emprego da preposição DE indica, respectivamente:

a) localização e característica;
b) propriedade e localização;
c) característica e propriedade;
d) situação e localização;
e) propriedade e característica.

Gabarito: A

Na passagem "bosque **de** Konigsberg", percebe-se que a preposição destacada apresenta valor semântico de localização no espaço, pois 'Konigsberg' representa, no texto, o local onde o bosque está situado. Já a preposição **de**, na passagem "desvantagens **do** mundo virtual", apresenta a semântica de característica, ou seja, tipificação da desvantagem. Não é uma desvantagem qualquer, e sim uma desvantagem do mundo virtual. Vale a pena lembrar também que o termo **do mundo virtual** exerce a função sintática de adjunto adnominal; logo, a ideia de tipificação (característica), introduzida pela preposição **de**, surge naturalmente. Não podemos nos esquecer também de que o valor dos adjuntos adnominais é nocional, isto é, semântico, apresentando uma circunstância (noção) de tipificação (característica). Por fim, ainda que haja uma relação de posse, afinal tal relação também se associa ao adjunto adnominal, o principal é a característica, pois houve uma tipificação da desvantagem, deixando claro que não é uma desvantagem qualquer, e sim do mundo virtual.

04. **(VUNESP / CODESP – SP / Especialista Portuário I)**

Observe os trechos do texto.

... e descritos com o cuidado que imprimiram a todo o livro.

... se não for por amor.

As preposições destacadas formam, correta e respectivamente, expressões indicativas de:

a) causa e meio;

b) intensidade e consequência;

c) modo e causa;

d) consequência e modo;

e) meio e intensidade.

Gabarito: C

A passagem "**com** o cuidado que imprimiram a todo o livro." representa a maneira, isto é, o modo como o livro vai ser descrito, e essa ideia está sendo iniciada pela preposição **com.** Já a preposição POR acresce ao período valor de causa, visto que a atitude que se fará é motivada pelo amor (fiz algo por amor – fiz algo por causa do amor).

05. **(VUNESP / CODESP – SP / Guarda Portuário)**

... não se trata de miseráveis que não encontram outra forma de sobreviver.

A preposição destacada estabelece relação de:

a) lugar;

b) origem;

c) matéria;

d) posse;

e) finalidade.

Gabarito: E

A preposição **de** da passagem apresenta ideia final. Percebemos que, no contexto, os miseráveis ainda não encontraram outra forma com o intuito de sobreviver, ou seja, com o desejo, vontade, finalidade de sobreviver. Sendo assim, tal preposição estabelece uma relação de finalidade no fragmento.

06. **(VUNESP / CODESP – SP / Guarda Portuário)**

"Ele então encaixa a cabeça em um visor 3D <u>para ver imagens aumentadas do interior do corpo</u> [...]"

A oração sublinhada nessa frase tem o sentido de:

a) causalidade;

b) condicionalidade;

c) finalidade;

d) temporalidade.

Gabarito: C

A cabeça dele é encaixada no visor 3D com que intuito? Com a finalidade de ver as imagens aumentadas do interior do corpo. Sendo assim, a ideia introduzida pela preposição PARA é final.

07. **(Cesgranrio)**

Assinale a opção em que a preposição COM exprime a mesma ideia que possui em "Surge a lua cheia para chorar com os poetas".

a) O menino machucou-se com a faca.

b) Ela se afastou com um súbito choro.

c) Tinha empobrecido com as secas.

d) Deve-se rir com alguém, não de alguém.

e) Ele se confundiu com a minha resposta.

Gabarito: D

A preposição COM do enunciado transmite a ideia de companhia, ou seja, chorar na companhia dos poetas. Entre as assertivas, aquela que apresenta a mesma ideia é a opção D, rindo na companhia de alguém. Nas demais alternativas, a preposição COM apresenta sentidos diversos: a letra A passa o sentido de instrumento; a opção B, o sentido modal; a assertiva C, o sentido de causa. Já na opção E, a preposição COM surge por exigência do verbo que é transitivo indireto. Retornando à resposta, o sentido do provérbio está na oposição das preposições, ou seja, a ideia é que devemos rir em companhia das pessoas, e não transformá-las em causa (a preposição DE estabelece valor de causa) de riso.

08. **(NCE / Engepron)**

O item em que o valor da preposição está incorretamente identificado é:

a) "Foi a 23 de outubro de 1906" = tempo;

b) "reservada a essas tentativas" = finalidade;

c) "nas margens do Sena, em Neuilly" = lugar;

d) "tomava um valor suficiente para erguê-lo" = direção;

e) "foi calculada em 35 quilômetros" = aproximação.

Gabarito: D

O valor semântico verificado na opção D é final. Tomava um valor suficiente a fim de erguê-lo, isto é, com o intuito de, com a finalidade de…

09. **(NCE – PI / Administrador)**

"...presente na seringa usada pelo adolescente da periferia para viajar ao paraísopor alguns instantes"; a alternativa abaixo em que a utilização de um desses vocábulos apresenta o mesmo valor semântico presente nesse segmento destacado do texto é:

a) "se espalha **para** a multidão de gente pobre";

b) "o bacilo da tuberculose, que, **por** via aérea…";

c) "irá parar nos pulmões dos que passarem **por** perto";

d) “é provável que se organize **para** acabar com as causas”;

e) “dirigidos **por** fundações privadas”.

Gabarito: D

Para resolvermos a questão, analisaremos o valor semântico das preposições destacadas no trecho e em seguida analisaremos as preposições destacadas nas alternativas. No trecho, a valor da preposição “para” é de finalidade e o valor da preposição “por” é de tempo. Na alternativa A, o valor da preposição “para” no trecho é de direção ou destino; na alternativa B, o valor da preposição “por” no trecho é de meio; na alternativa C, o valor da preposição “por” no trecho é de lugar; na alternativa D, o valor da preposição “para” no trecho é de finalidade; e na alternativa E, o valor da preposição “por” no trecho é de agente.

10 **(NCE – PI / INPI)**

“... sob novo signo.”; nesse segmento o autor empregou corretamente a preposição sob; o item abaixo em que houve troca entre sob/sobre é:

a) Sob esse aspecto, a economia vai mudar;

b) A economia foi analisada sob vários pontos de vista;

c) A industrialização virá sob um novo governo;

d) O congresso vai discutir sob política econômica;

e) A industrialização foi feita sob pressão de grupos.

Gabarito: D

Existe uma significativa diferença entre as preposições “sob” e “sobre”.

“Sob” significa “debaixo de”. Tal preposição é muito usada em expressões do tipo: sob esse aspecto, sob uma condição, sob o domínio de, entre outras. Trazendo uma ideia de subordinação. Sobre pode significar “a respeito de” ou “acima de”.

O gabarito é a alternativa “D”, pois o congresso vai discutir a respeito de, ou seja, sobre política econômica.

11. **(NCE / ARQUIVO NACIONAL / Agente Administrativo**)

“Havia controvérsias quanto à veracidade dos fatos”; a forma abaixo que ALTERA o sentido original desse segmento do texto é:

a) quanto à veracidade dos fatos, havia controvérsias;

b) em relação à veracidade dos fatos, existiam controvérsias;
c) no que diz respeito à veracidade dos fatos, havia controvérsias;
d) afora a veracidade dos fatos, havia controvérsias;
e) quanto à veracidade dos fatos, controvérsias havia.

Gabarito: D

A expressão "afora" normalmente pode ser classificada como advérbio (Iremos viajar pelo mundo afora.) ou preposição que pode apresentar valor de "além de" (Afora os animais que encontramos na floresta, existia também uma tribo indígena.) ou valor de "salvo/exceto" (Nesse ano que passou encontrei pessoas de má índole, afora a minha esposa que está comigo nessa caminhada). Sendo assim, o uso da expressão "afora" na alternativa "d" alterou o sentido original do segmento do texto.

12. **(FGV / Fiscal de Rendas)**

Podemos ser operados com anestesia, suavizar dores com analgésicos.

As duas ocorrências da preposição com no trecho acima expressam, respectivamente, o sentido de:

a) meio e modo;
b) meio e meio;
c) modo e meio;
d) modo e modo;
e) companhia e instrumento.

Gabarito: D

A preposição "com" pode apresentar diversos valores semânticos. Na primeira ocorrência em "Podemos ser operados com anestesia" não pode ter valor de meio, pois não há a possibilidade de substituição por "por meio de". Quando se lê "podemos ser operados por meio de anestesia", percebemos que não faz sentido. Com ou sem anestesia é o modo. Na segunda, a substituição de "com" por "por meio de" fica bem coerente. Sendo assim, o valor, na segunda ocorrência é de meio.

13. **(NCE – PI / Administrador)**

A alternativa em que a preposição destacada tem valor semântico de

meio é:

a) "para acabar **com** as causas dessas epidemias";

b) "aplicados em parceria **com** instituições internacionais";

c) "passíveis de controle **com** inseticidas";

d) "mantidos **com** o esforço e a vigilância das comunidades locais";

e) Haverá milhões de pessoas **com** Aids".

Gabarito: C

Para identificar o valor de "meio" devemos substituir a preposição pela expressão "por meio de". Muitos candidatos pensaram em marcar a alternativa "d", mas a expressão introduzida pela preposição não apresenta os "meios", como seria em "mantidas com recursos do governo federal = por meio dos recursos".

O valor é de "apoio" com que os hospitais poderiam contar.

A única alternativa em que a troca é possível é a "c"– "...passíveis de controle (por meio de) inseticidas".

14. **Quem vai vencer as eleições (Ricardo Young)**

O que mais me chama a atenção neste processo eleitoral é que a maior vitória não será de nenhum candidato ou partido, mas da mobilização da sociedade civil em favor da ética e contra a corrupção.

A aprovação da Lei da Ficha Limpa, a decisão do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) de torná-la vigente já nestas eleições e o empate na votação do STF sobre a aplicação da lei ainda este ano mostram a força deste movimento.

Sem a cidadania consciente e organizada, é bem possível que esta lei que impõe critérios mínimos de integridade para candidatos a cargos eletivos nem fosse protocolada no Congresso.

A preposição "Sem" (l. 7) acrescenta ao período valor semântico de:

a) condição;

b) causa;

c) modo;

d) concessão.

Gabarito: A

Pode-se substituir a preposição SEM por conjunções de caráter condicional,

obviamente realizando adaptações: Caso não haja a cidadania consciente organizada / Se não houver a cidadania consciente e organizada, a consequência seria que lei talvez nem fosse homologada.

15. **A lição do Brasil para a China: não ignore a desigualdade**

Geoff Dyer – Tradução: George El Khouri Andolfato

Correspondente em Xangai

Vizinho ao meu escritório em Xangai se encontra um dos shopping centers mais luxuosos que já vi. O nome em inglês, Plaza 66, não significa nada, mas em chinês ele é chamado de "Próspero Para Sempre". Apenas as marcas mais exclusivas são autorizadas e nos fins de semana é preciso entrar na fila para entrar na Louis Vuitton.

5 Eu me lembrei do Plaza 66 em uma recente viagem ao Brasil, quando fui levado à Daslu, a loja mais esnobe do país. É preciso ir de carro até lá -não é possível entrar a pé vindo da rua – e um valet nos conduziu para dentro, onde as mesmas grifes estavam expostas.

10 Há apenas uma grande diferença. A Daslu frequentemente é atacada por ser um símbolo do males percebidos do Brasil, o playground de uma elite mimada. Colunistas zombam de sua clientela. Mas o Plaza 66 aparece em muitos relatos da Xangai moderna como um símbolo de sucesso, um ímã para a geração jovem endinheirada, em ascensão.

15 Talvez tenhamos entendido o Plaza 66 errado. Voltar de São Paulo para Xangai significa sentir os riscos reais que a China está correndo com seu modelo de crescimento a todo custo. Há distintamente uma sensação latino-americana em relação a alguns segmentos da sociedade chinesa que vai além da audácia dos novos ricos.

Assinale a alternativa em que a preposição destacada possui seu valor semântico erradamente apontado.

a) "**de** carro" (l. 6) – meio.

b) "vindo **da** rua" (l. 7) – origem.

c) "e um valet nos conduziu **para** dentro" (l. 7) – direção.

d) "é atacada **por** ser um símbolo" (l. 9 e 10) – causa.

e) "que a China está correndo **com** seu modelo de crescimento" (l. 15) – modo.

Gabarito: E

Em todas as alternativas, as preposições estão com seus valores semânticos corretamente indicados, exceto na alternativa E, visto que "com" exprime valor de causa. Por causa do seu modelo de crescimento, a China está correndo riscos.

16. **(TRT-RJ / Fundação José Pelúcio)**

A alternativa abaixo em que o conectivo em destaque tem seu valor semântico erradamente indicado é:

a) "...não há polícia suficiente **para** fazê-la ser cumprida" = finalidade;

b) "...uma originalidade brasileira **como** a jabuticaba." = comparação;

c) "...muita lei que não pega **por** falta dessa sintonia" = causa;

d) "...existe uma lei óbvia **segundo** a qual..." = ordenação;

e) "...**mas** raramente usam capacete" = adversidade.

Gabarito: D

Todos os conectores estão com seus valores semânticos corretamente indicados, exceto na alternativa D, em que o conector possui valor de conformidade, e não de ordenação.

Capítulo 6

Valor Semântico das Conjunções

As conjunções são vocábulos gramaticais utilizados para relacionar duas orações ou dois termos semelhantes da mesma oração. As conjunções podem ser de dois tipos: **conjunções coordenativas ou conjunções subordinativas**. O valor significativo das conjunções é definido quando se consegue compreender o caráter e o papel desempenhados por elas na estrutura oracional. As orações conectadas traduzirão por si mesmas, com a presença do conector sintático, o valor semântico do período por elas composto.

Sendo assim, as orações se relacionam umas com as outras por meio de uma palavra ou de uma locução que as liga. Essa palavra é chamada de **conjunção**. As relações que as conjunções estabelecem são um dos fatores responsáveis pela textualidade, ou seja, elas contribuem para que um texto seja coerente e coeso, e não uma sequência de palavras ou frases soltas, sem conexão entre elas.

6.1. CONJUNÇÕES COORDENATIVAS

As conjunções coordenativas possuem um caráter e um papel nas estruturas onde se inserem. Portanto, as relações de independência entre os elementos do enunciado são marcadas por essa dualidade característica. Embora sejam independentes, existe uma relação significativa entre esses elementos. Em outras palavras, no plano sintático, exatamente pelo fato de não exercerem função sintática, não há dependência entre as orações; por outro lado se relacionam semanticamente, transmitindo algum valor que é obtido no momento em que se consegue compreender o caráter e o papel desempenhados por elas na estrutura oracional. Essas orações conectadas traduzirão por si mesmas, com a presença da conjunção, o valor semântico do período por elas composto. Tais conjunções coordenativas podem ser dos seguintes tipos: **aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas, explicativas.**

6.1.1. Conjunções coordenativas aditivas

As conjunções coordenativas aditivas possuem a função de **adicionar** um termo a outro de mesma função gramatical, ou ainda adicionar uma oração ã outra de mesma função gramatical. As conjunções coordenativas gramaticais são: **e, nem, mas também, mas ainda, bem como, como também, senão também, tampouco...**

Exemplos

- As pessoas fizeram elogios **e** deram aplausos grandiosos.
- O professor não elogiou, **nem** criticou o aluno.
- O candidato **não apenas** falou, **mas também** cantou.
- **Não só** me telefonou, **como também** me convidou para a festa.

A conjunção é de valor aditivo bem como as orações que se unem transmitem adição de enunciados. Não só a conjunção aditiva está presente como também a relação semântica é de adição. O autor soma informações utilizando a conjunção **E**, por exemplo, pois une as ideias: fizeram e deram, duas ações verbais. Há soma de dois verbos, portanto tem-se o mesmo valor funcional em cada uma das palavras conectadas.

Assim como o **E**, o elemento **NEM** marca uma situação de adição entre os termos coordenados, com a diferença de que o **NEM** adiciona elementos negativos.

BIZU

Ele não só estuda, mas também trabalha. Analise que, se houver um condicionamento de que, ao observar a existência da conjunção MAS, já a considerar adversativa, o candidato estará incorrendo em um erro grave nesta frase, pois o MAS, no caso, não é sinônimo de PORÉM, CONTUDO, TODAVIA... Muito pelo contrário, MAS TAMBÉM introduz uma ideia que estabelece uma relação de soma, afinal o sujeito (ele) estuda e trabalha (faz as duas ações). As estruturas iniciadas por "não só", "não somente" e "não apenas" conduzirão a expressões aditivas. Volvendo ao exemplo, quando se diz "Ele não só estuda", o advérbio NÃO exerce a função de um elemento de negação, isto é, nega... Mas não nega a ação de estudar, e sim a restrição exposta pelo vocábulo "só". Se o "não" fosse extraído do período, "ele só estudaria e não teria mais nenhuma outra atividade". Outros sinônimos de "mas também" são: "como também" e "outrossim". Nas locuções MAS TAMBÉM e COMO TAMBÉM, o termo TAMBÉM pode ficar implícito.

Ex.: Ele não apenas nada, mas corre.

6.1.2. Conjunções coordenativas adversativas

As conjunções coordenativas adversativas possuem a função de estabelecer uma relação de contraste (oposição) entre os sentidos de dois termos ou duas orações de mesma função gramatical. As conjunções coordenativas adversativas são: **mas, contudo, no entanto, entretanto, porém, todavia, e (=mas).**

Exemplos

Não pediu coisa alguma, **mas** não deu absolutamente nada.

Estava muito frio, **entretanto** foi tomar banho nas águas geladas do Ártico.

"Tudo é mistério **e** tudo está cheio de significado." (PESSOA, 1986: 82)

A conjunção "**MAS"** estabelece uma relação de desigualdade (contraste) entre os termos coordenados. Segundo Madre Olívia, o jogo adversativo, expresso por tal conjunção, consiste em apresentar alguma coisa "adversa a outra", que apresenta uma certa oposição. Seu valor semântico apresenta as seguintes especificações:

- **Valor de inclusão**:

Ex: Não basta ler o Evangelho, **mas** temos de passá-lo ã vida.

- Valor de exclusão:

Ex: Encontrei todos os meus amigos, **mas** não os do jardim de infância.

- **Valor compensador**:

Ex: O jogador perdeu a final da Copa do Mundo, **mas** foi eleito o melhor em campo.

- **Valor descompensador**:

Ex: Foi á Disney, **mas** ficou reprovado na escola.

- **Valor justificativo/explicativo**:

Ex: Não conseguiram resolver todas as questões, **mas** o grau de dificuldade era enorme.

- **Valor superativo**:

Ex: A crise econômica mundial foi séria, **mas** o Brasil ficou firme.

- **Valor comparativo**:

Ex: Millena tem cabelos castanhos, **mas** Fernanda tem cabelos pretos.

No exemplo "Tudo é mistério **e** tudo está cheio de significado." (PESSOA, 1986: 82), a conjunção **E**, embora seja primariamente aditiva, desempenha um papel de

oposição, apresentando uma semântica de oposição ou contraste. Portanto, verifica-se que as orações se unem por oposição dos enunciados. Este fato acontece porque o autor primeiramente afirma tudo ser mistério, e em seguida diz que tudo está cheio de significado. Como tudo pode ser mistério e ao mesmo tempo estar cheio de significado? Por mais curioso que pareça, esta foi a forma que o autor empregou para criar uma expressão adversativa não muito comum, mas que o falante pode construir, uma vez que a coordenação o permite, sem que acarrete problemas na compreensão de ideias. Novamente se apresentam dois verbos: é e está, elementos de mesmo valor funcional na oração. Observa-se que as duas orações foram conectadas por uma conjunção cujo valor primário é de adição, entretanto no referido contexto expressa uma relação semântica de adversidade (oposição).

BIZU

Os conectores adversativos introduzem a informação mais importante, isto é, aquela informação que fica registrada na "cabeça" do ouvinte ou do leitor. Podemos dizer que tais conectores despertam a curiosidade do ouvinte ou do leitor, pois, ao pronunciar ou escrever uma conjunção adversativa, cria-se um frustração de determinada expectativa gerada. Sendo assim, o mais importante é o que está por vir, e não aquilo que já foi falado ou escrito. Observemos a seguinte situação comunicativa:

Uma mulher acaba de voltar do salão de beleza e encontra o seu marido que diz o seguinte: – Meu bem, como você ficou diferente, mais bonita. Notei que você pintou as unhas, arrumou o cabelo, passou pó no rosto e também passou brilho nos lábios. Realmente você está muito bem produzida, MAS…

Neste momento, a mulher já não está mais encantada com os elogios feitos pelo marido, pois ele usou o conector adversativo MAS, e mesmo sem ser plena conhecedora da Língua Portuguesa, a mulher tem ciência de que, depois do MAS, algo negativo irá surgir. Isso ocorre exatamente pelo fato de os conectores adversativos marcarem oposição, ou seja, frustração de expectativa. Como o marido começou com elogios, naturalmente depois viria algo negativo. Logo, a mulher fica curiosa para saber o que o marido vai dizer, mas no fundo ela já sabe que será algo negativo. Sendo assim, as conjunções adversativas introduzirão a informação mais importante da passagem, a informação que desperta a atenção e a curiosidade, a informação que vai ficar marcada para o ouvinte ou para o leitor.

Percebemos, dessa forma, que os conectores adversativos introduzem a ideia mais importante. Vimos também que tal ideia, em algumas ocasiões, pode ser positiva ou negativa de acordo com a intenção do autor da frase. Reparemos o exemplo abaixo:

O Brasil cresce, <u>mas</u> a reforma política não acontece.

Neste exemplo, o fato mais importante, como já sabemos, é aquele encabeçado pelo conector adversativo MAS.

6.1.3. Conjunções coordenativas alternativas

Conjunções coordenativas alternativas são as que unem orações independentes, indicando que, com a ocorrência de um dos fatos, haverá a exclusão do outro. Também podem indicar que os fatos podem ocorrer – não havendo escolha e consequentemente exclusão –, mas não simultaneamente. As conjunções coordenativas alternativas são: **ou (repetido ou não), ora...ora, quer...quer, seja...seja etc.**

Exemplos

- Tudo para aquele homem era viver **ou** morrer.
- **Seja** por ideologia, **seja** por ambição, devemos querer ser mais
- **Ora** filosofava, **ora** contava piadas.

BIZU

A conjunção OU pode ter valor de inclusão, sendo classificada como aditiva.

Ex.: Gosto de ler, de ouvir música ou de ver um bom filme. – Repare que, na frase, a conjunção OU estabelece relação de adição, soma, visto que a intenção linguística é esclarecer ao leitor que o narrador gosta das três atividades.

A conjunção OU pode ter valor aditivo e alternativo simultaneamente, correspondendo a e/ou.

Ex.: Trabalhar sem atenção ou sem vontade pode implicar falhas que gerem prejuízo para a empresa. – Observe que se a pessoa trabalhar **sem atenção** pode implicar que vá falhar; se a pessoa trabalhar **sem vontade** pode implicar falhas. É óbvio que se a pessoa trabalhar **sem atenção** e **sem vontade** mais ainda pode implicar falhas. Então, o conector OU sugere que basta uma das situações para gerar falhas, mas, evidentemente, se os dois fatos acontecerem, pode mais ainda gerar falhas. OU, então, inclui e exclui concomitantemente.

BIZU

O emprego de OU melhor, OU antes (ou equivalente), precisando o que acaba de ser dito, pode caracterizar uma retificação ou ratificação. Observe a situação comunicativa abaixo:

SITUAÇÃO 1

– Você gosta de mim?

– Eu sou apaixonada por você ou melhor, sou.

SITUAÇÃO 2

– Você gosta de mim?

– Eu sou apaixonada por você, ou melhor, pelo que você representa.

Na situação 1, podemos perceber que a expressão OU melhor confirma o que acaba de ser dito; entretanto, na situação 2, percebemos que a expressão OU melhor corrige o que foi mencionado anteriormente.

USOS PARTICULARES DA CONJUNÇÃO OU

São expressões bem usadas:

MAIS OU MENOS = aproximadamente

Quando eu comprei o carro, meu filho deveria ter MAIS OU MENOS uns dez anos.

UMA VEZ OU OUTRA = poucas vezes

Nós nos vimos UMA VEZ OU OUTRA neste ano.

ISTO/ISSO OU AQUILO = coisas diversas

Não queria fazer ISTO OU AQUILO para ajudar.

6.1.4. Conjunções coordenativas conclusivas

As conjunções coordenativas conclusivas são utilizadas para unir a uma oração anterior outra oração que exprime conclusão ou consequência. As conjunções coordenativas são: **assim, logo, pois portanto, por isso, então, por conseguinte etc.**

Exemplos

- Dedicou-se muito, **portanto** irá bem na prova
- Estudou toda a matéria; gabaritou, **pois**, a prova.

A conjunção **POIS** será considerada conclusiva somente quando estiver no "rosto" ou no meio da segunda oração, ou seja, quando vier posposta ao verbo, conforme podemos observar no exemplo dado anteriormente.

Outros conectores que também exprimem ideia de conclusão são DESTARTE e DESSARTE. Esses vocábulos se originaram das formas aglutinadas "desta parte" e "dessa parte", significando "sendo assim", "dessa forma". Normalmente introduzem

parágrafos ou períodos que estejam fechando uma ideia.

Ex.: Está chovendo ã beça. Destarte, não irei ã praia.

6.1.5. Conjunções coordenativas explicativas

Conjunções coordenativas explicativas são aquelas que unem duas orações, explicando a segunda o conteúdo da primeira. As conjunções coordenativas explicativas são: **porque, que, pois (quando anteposta ao verbo), porquanto, já que, visto que, uma vez que, dado que.**

Exemplos

- A menina está grávida, **porque** entrou na loja de gestante.
- Entre, **que** está muito frio.

EXERCÍCIO DE FIXAÇÃO

1 . **Numere as frases de acordo com o valor semântico da conjunção coordenativa destacada:**

1	**Adição**
2	**Adversidade**
3	**Alternância**
4	**Conclusão**
5	**Explicação**

a. ( ) Não só trabalha, **mas também** estuda.
b. ( ) A garota chorou, **porque** seus olhos estavam vermelhos.
c. ( ) Estudou a madrugada inteira, **logo** deve estar com sono.
d. ( ) **Ora** estuda, **ora** trabalha.
e. ( ) Diga isto **ou** aquilo.
f. ( ) Foi ao cinema, **e** não viu o filme.
g. ( ) Ele fala **que** fala.
h. ( ) Entre, **que** é noite!
i. ( ) Meu filho estudou bastante, **portanto** não está preocupado com a prova.
j. ( ) Fui ao circo **e** ao teatro.
k. ( ) Estude **ou** será reprovado.

l. ( ) **Quer** esteja feliz, **quer** esteja triste, sempre mantém o bom humor.
m. ( ) Trabalha muito, **mas** ganha pouco.
n. ( ) A professora é bonita, **mas** muito má.
o. ( ) Ele já deu o recado; devemos, **então**, aguardá-lo.
p. ( ) Você não dormiu, **porquanto** está cheio de olheiras.
q. ( ) **Ora** você está sorridente, **ora** você está angustiado.
r. ( ) O filho se machucou, **e** o pai não fez nada por ele.
s. ( ) **Ou** viaja, **ou** fica em casa.
t. ( ) Ganham pouco, **todavia** vivem muito bem.
u. ( ) Vá ao mercado, **que** a carne acabou.
v. ( ) O profissional se dedicou muito, **portanto** terá sucesso.
w. ( ) Estava muito triste, **e** sorria.
x. ( ) Não escreveu, **nem** ligou.
y. ( ) Fique calmo, **pois** voltarei logo.
z. ( ) O aluno não só é inteligente, **mas também** é muito estudioso.

Gabarito:

a. (1)
b. (5)
c. (4)
d. (3)
e. (3)
f. (2)
g. (1)
h. (5)
i. (4)
j. (1)
k. (3)
l. (3)
m. (2)
n. (2)
o. (4)
p. (5)
q. (3)
r. (2)

s. (3)
t. (2)
u. (5)
v. (4)
w. (2)
x. (1)
y. (5)
z. (1)

6.2. CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS

As conjunções subordinativas possuem a função de estabelecer uma relação entre duas orações, caracterizadas pela dependência de sentido. A oração subordinada complementa ou determina o sentido da outra, assumindo uma função sintática da principal. As conjunções subordinativas são classificadas em: **causais, concessivas, condicionais, temporais, comparativas, conformativas, consecutivas, proporcionais, finais e integrantes**.

6.2.1. Conjunções subordinativas causais

Conjunções subordinativas causais são aquelas que subordinam uma oração ã outra, iniciando uma que exprime causa da outra, ã qual se subordina. As conjunções subordinativas causais são: **porque, pois, como, porquanto, que, uma vez que, já que, desde que, visto que, por isso que etc.**

Exemplos:

Porque	Ficamos com calor, **porque** o ar-condicionado quebrou.
Pois	Estou aqui, **pois** é tarde.
Como	**Como** não me telefonou, não me arrumei.
porquanto	Um aluno se dedica ao estudo, **porquanto** pretende passar no concurso.
Que	Passou João de ano, que estudou muito.

As conjunções causais compostas, isto é, as formadoras do que denominamos locuções conjuntivas, apresentam, normalmente, o

elemento QUE ao fim.

São locuções causais → Já que, uma vez que, desde que, visto que, tanto mais que, por causa que.

Já que	Não passou, **já que** não estudou.
Uma vez que	Estamos com uma dívida, **uma vez que** gastamos muito.
Desde que	**Desde que** tenho muito trabalho hoje, não poderei sair.
Visto que	Estou de castigo, **visto que** fiz bagunça.
Por causa que	Não fomos ao show, **por causa que** estava chovendo.

BIZU

CAUSA X EXPLICAÇÃO

Estudiosos de Língua Portuguesa reconhecem a dificuldade existente no que diz respeito às diferenças entre uma oração subordinada adverbial causal e uma oração coordenada sindética explicativa.

As bancas, em geral, reconhecem tal dificuldade e abordam o que é consensual.

Organizemos:

1. É coordenada sindética explicativa a oração principiada por **que, pois, porque** (e similares) posposta a uma outra que apresente verbo no imperativo ou tal ideia.

   Ex.: Entre, **pois** estou mandando.

2. É coordenada sindética explicativa a oração principiada por **que, pois, porque** (e similares) posposta a uma outra que apresente uma tese, ou seja, uma certa conclusão a que se chega a partir de um dado da realidade, devendo ser uma afirmativa de caráter pessoal, subjetiva e, por esta razão, discutível. Também é importante observar que a segunda oração, sob hipótese alguma, pode representar uma causa para o fato exposto na primeira.

   Ex.: João bebeu água, pois o copo está na pia.

3. É subordinada adverbial causal a oração principiada por **que, pois, porque** (e similares) posposta a uma outra que apresente um acontecimento, isto é, uma afirmativa que não se discute, ou seja, um fato. É de bom alvitre perceber que o conector causal introduz efetivamente uma causa para o evento exposto na outra oração.

   Ex.: Ele tirou boas notas, **pois** estudou incansavelmente.

   O vovô deitou-se, **que** estava muito cansado.

OBSERVAÇÃO 2:

Em termos lógicos, a causa (ou o conhecimento dela) ocorre primeiro na linha do tempo.

A calçada está molhada, **porque choveu**. **(CHOVEU – CAUSA; A CALÇADA ESTAR MOLHADA – EFEITO)**

Choveu, **porque a calçada está molhada. (A CALÇADA ESTAR MOLHADA NÃO PODE SER A CAUSA DE CHOVER, POR ISSO A SEGUNDA ORAÇÃO NÃO PODE SER CAUSAL. MAS SE PODE COMPREENDER QUE A CALÇADA ESTAR MOLHADA PODE EXPLICAR – ESCLARECER – O FATO DE HAVER CHOVIDO.)**

SEMANTICAMENTE

Em termos semânticos, pode-se afirmar que explicação é hiperônimo de causa, afinal toda causa é uma explicação, mas nem toda explicação é uma causa. Em face disso, é comum algumas conjunções subordinativas causais serem classificadas como coordenativas explicativas. Já o contrário nunca ocorre. Observe:

Ex.: Comprei **porque sou gastador compulsivo.**

A segunda oração representa uma causa para o fato exposto na primeira, portanto a conjunção é subordinativa causal. Mas como toda causa é uma explicação, é possível encontrarmos a classificação para a conjunção de coordenativa explicativa.

EXERCÍCIO DE FIXAÇÃO

1. **Correlacione as duas colunas:**

1 – CAUSA

2 – EXPLICAÇÃO

a. ( ) Entre, pois estou mandando.
b. ( ) Você chorou, porque seus olhos estão vermelhos.
c. ( ) As ruas estão molhadas, pois choveu forte.
d. ( ) O carro parou, pois faltou combustível.
e. ( ) Fiquei irritado porque o cachorro me mordeu.
f. ( ) Dormimos, pois estávamos com muito sono.
g. ( ) Comeu toda a comida, porque estava faminto.
h. ( ) Meu amigo gravou todas as mensagens, pois eu pedi a ele.
i. ( ) Faltei á reunião porque estava doente.
j. ( ) Extraiu todos os dentes porque estavam cariados.
k. ( ) Entre, que a casa é sua.
l. ( ) Você mente, pois as suas mãos estão trêmulas.

m. ( ) Bati com o carro, porque não vi a árvore.
n. ( ) Desabafe, que faz bem para a mente, porém não minta, pois é pecado.
o. ( ) O Maracanã estava cheio, porque era final de campeonato.
p. ( ) Chora não, filhinho, pois a mamãe está aqui com você". (F Sabino).
q. ( ) Pensa bem, pois mais tarde te arrependerás.
r. ( ) A criança levou uma surra porque fez muitas travessuras.
s. ( ) Teve a luz cortada, porque não pagou a conta.
t. ( ) Foi para o quarto, pois estava com sono.
u. ( ) Não comprou porque quer guardar dinheiro.
v. ( ) Não me abandones, pois eu te amo muito.
w. ( ) Estudemos, pois o concurso esta aí.
x. ( ) Fi-lo, porque o quis.
y. ( ) Fique calmo, pois voltarei logo.
z. ( ) Comprei um carro, porque eu necessitei.

Gabarito:

a. (2)
b. (2)
c. (1)
d. (1)
e. (1)
f. (1)
g. (1)
h. (1)
i. (1)
j. (1)
k. (2)
l. (2)
m. (1)
n. (2)
o. (1)
p. (2)
q. (2)
r. (1)
s. (1)

t. (2)
u. (1)
v. (2)
w. (2)
x. (1)
y. (2)
z. (1)

6.2.2. Conjunções subordinativas concessivas

Conjunções subordinativas concessivas são as conjunções que, ao iniciar uma oração subordinada, se referem a uma ocorrência oposta ã ação da oração principal, não implicando essa oposição em impedimento de uma das ocorrências, ou seja, o obstáculo apresentado na oração subordinada não impedirá ou modificará a declaração da oração principal. Tais conjunções introduzem uma oração cujo fato ocorrente não altera o fato da outra oração. As conjunções subordinativas concessivas são: **embora, mesmo que, ainda que, posto que, por mais que, por menos que, mesmo quando, se bem que, conquanto, nem que etc.**

Obs.: Embora já haja registros de empregos do conector POSTO QUE como causal, as bancas tendem a não admiti-lo, aceitando apenas como conjunção concessiva, sinônima exata de AINDA QUE e MESMO QUE.

Exemplos

- Acompanhou a decisão da maioria, **embora** o tenha feito contra sua vontade.
- A mulher confiaria no rapaz, **ainda que** ele tivesse mentido.

Dentro das concessivas, podemos encontrar matizes semânticos distintos que giram em torno da ideia **factual** e **hipotética**. Observemos as situações comunicativas abaixo:

Uma mulher perguntou ao marido o seguinte: – Você me traiu?

O marido respondeu: – Isso não importa. **Embora** eu tenha traído, eu a amo.

Diante dessa situação, reparamos que, ao usar o conector concessivo **EMBORA,** a ideia **factual** está em evidência, ou seja, o marido está denunciando que

cometeu a traição, passando certeza para a interlocutora.

Observemos agora a situação **b**:

Uma mulher perguntou ao marido o seguinte: – Você me traiu?

O marido respondeu: – Isso não importa. **Ainda que** eu tenha traído, eu a amo.

Nesse caso, a ideia **hipotética** prevalece. Ao falar de tal maneira, usando a conector concessivo **AINDA QUE,** o locutor (marido) trabalha no campo da hipótese, sem afirmar que cometeu a traição.

BIZU

ADVERSIDADE X CONCESSÃO

Tanto as **adversativas** como as **concessivas** marcam oposição (contraste). Podemos até afirmar que, em termos semânticos, a oposição é hiperônimo do qual são hipônimos a adversidade e a concessão. Porém, qual é a diferença que há entre elas? Além de uma representar o grupo oracional das coordenadas (adversativas) e outra representar o grupo oracional das subordinadas (concessivas), precisamos saber que **as adversativas apresentam a ideia mais importante da oposição, e as concessivas se prendem a ideia menos importante** no interior da oposição.

Sendo assim, observemos os exemplos abaixo:

O trabalho dignifica a pessoa, **mas** a consome por completo.

Nesse exemplo, a conjunção **MAS** une duas ideias contrárias, marcando uma perspectiva negativa em relação ao trabalho. Tal oração adversativa representa a ideia (o fato) mais importante, chamando a atenção do leitor para a crítica que diz respeito ao trabalho.

O trabalho consome a pessoa, **mas** a dignifica.

Agora, nós observamos uma visão (perspectiva) positiva em relação ao trabalho. Nesse caso, a intenção do autor do texto é exatamente marcar a visão positiva na cabeça do leitor. A ideia (o fato) mais importante agora passou a ser a dignifica.

Os conectores adversativos introduzem a ideia mais importante. Fica a critério do autor do texto, em algumas ocasiões, decidir que perspectiva (positiva ou negativa) se pretende frisar na mente do leitor. No exemplo 1, como vimos, a intenção foi evidenciar a visão negativa do trabalho, já no exemplo 2, a intenção foi frisar a sua visão positiva.

Se for usada a conjunção concessiva, o período fica assim:

Embora o trabalho dignifique a pessoa, ele a consome por completo.

A concessiva se prende a ideia menos importante. Pode-se também inverter:

Embora o trabalho consuma a pessoa por completo, ele a dignifica.

Percebe-se também que as **concessivas** apresentam característica migratória, ou seja, a possibilidade de elas aparecerem na posição posposta, anteposta ou intercalada; já as **adversativas** apresentam posição fixa na estrutura oracional. Repare também que as concessivas, quando não reduzidas, ocorrem com verbos no modo subjuntivo. Já as adversativas vêm com verbos no modo indicativo.

6.2.3. Conjunções subordinativas condicionais

Conjunções subordinativas condicionais são as conjunções que, ao iniciar uma oração subordinada, exprimem uma hipótese para a realização do fato da oração principal. As conjunções subordinativas condicionais são: **se** e **caso.**

Exemplos:

Se	**Se** você me ligar, sairei com você.
Caso	Ficarei feliz, **caso** você venha.

Podemos perceber que as conjunções condicionais iniciam uma oração subordinada em que se indica uma hipótese ou uma condição necessária para que seja realizado ou não o fato expresso na principal. E elas apresentam uma ideia que é exatamente o oposto da concessão, visto que nestas há independência entre os fatos, e naquelas há dependência.

Ex.: Mesmo que chova, irei á praia. – Observe que o locutor da oraçáo irá à praia de qualquer forma, com chuva ou sem chuva. Sendo assim, o desfecho (ir ã praia) independe do evento anterior (chover), o que caracteriza a concessão.

Ex.: Caso chova, não irei ã praia. – Observe que o fato de ir ã praia depende do fato de não chover, caracterizando a ideia de condição.

As conjunções condicionais compostas, isto é, as formadoras do que denominamos locuções conjuntivas, apresentam, geralmente, o elemento QUE como final.

São locuções condicionais → desde que, contanto que, uma vez que, a menos que, sem que, a não ser que, salvo se, exceto se.

Desde que	Aceitava qualquer nota, **desde que** fosse azul.
Contanto que	**Contanto que** estudes, passarás.
Uma vez que	**Uma vez que** essa condenação seja resolvida, a contratação **poderá** acontecer.

A menos que	**A menos que** você mantenha uma carga de estudo excessiva, será reprovada na escola.
Sem que	A democracia não será exercida, **sem que** esta não esteja assegurada a todos.
A não ser que	Nunca se preocupa com os outros, **a não ser que** seja do seu interesse.
Salvo se	**Salvo se** seu cônjuge for brasileiro, o governo não implicará.
Exceto se	**Exceto se** for encontrado no próprio local, a polícia não perturbará.

BIZU

Caro candidato, ultimamente têm caído bastantes questões em concursos em que é solicitada a relação causa-efeito. E, em muitas dessas situações, a causa é representada por conectores condicionais. Tal é possível, pois há uma proximidade significativa entre as duas ideias. Ambas representam as situações anteriores e geram uma consequência, distinguindo-se apenas pelo fato de a causa ser fato prévio concreto, e a condição, hipótese, obviamente, prévia.

Ex.: Contanto que João esteja doente, não poderá faltar á aula. – Repare a relação condição-consequência. Se João estiver doente (condição), a consequência é que ele poderá faltar ã aula.

6.2.4. Conjunções subordinativas comparativas

Conjunções subordinativas comparativas são as que, ao iniciar uma oração, subordinam-na a outra por meio da comparação ou confronto de ideias. As conjunções subordinativas comparativas são: **que, do que (quando iniciadas ou antecedidas por noções comparativas como menos, mais, maior, menor, melhor, pior), qual (quando iniciada ou antecedida por tal), como (também apresentada nas formas assim como, bem como), quanto (depois de tanto), conforme, feito.**

Exemplos

- Aquilo é pior que o resultado esperado.
- A ansiedade passou como as nuvens do céu.
- Há deveres mais específicos que outros.
- Você é mais alto do que o pai.

Obs.: Nas comparações de superioridade ou de inferioridade, o vocábulo "do" é totalmente desprezível, tanto no aspecto semântico quanto no aspecto gramatical.

Ex.: Estudo mais **do** que Paulo. / Estudo mais que Paulo.

Ex.: Os brasileiros leem menos **do** que os argentinos. / Os brasileiros leem menos que os argentinos.

6.2.5. Conjunções subordinativas consecutivas

As consecutivas introduzem uma ideia de consequência. Normalmente na oração principal aparecerá um elemento que dê ideia de intensificação (tão, tal, tamanho, tanto). A conjunção mais comum é QUE.

Exemplos

- "Abraçou-me com tal ímpeto, que não pude evitá-lo" (Machado de Assis).
- "… e era tão linda, morena e dourada pelo sol, que eu ia, no silêncio do ar, atirar-lhe um beijo…" (Eça de Queirós).

Observe, nas duas frases, que apareceu a expressão de intensidade (TAL, TÃO) na oração principal e a conjunção QUE introduzindo valor de consequência, na primeira frase (não pude evitá-lo) e na segunda (eu ia, no silêncio do ar, atirar-lhe um beijo…).

6.2.6. Conjunções subordinativas finais

Conjunções subordinativas finais são as conjunções que, ao iniciar uma oração subordinada, expressam a finalidade dos atos contidos na oração principal. As conjunções subordinativas finais são: **a fim de que, para que, porque (com mesmo sentido da conjunção para que), que.**

Obs.: Todos os conectores finais podem ser substituídos pela palavra OBJETIVO.

Exemplos

- Tudo foi planejado para que (COM OBJETIVO DE QUE) não houvesse falhas.
- Fez sinal que (COM OBJETIVO DE QUE) todos se aproximassem em silêncio.
- Rezo porque (COM OBJETIVO DE QUE) tudo acabe bem.

BIZU

Você deve ficar atento ao fato de que as bancas têm relacionado, principalmente em questões de interpretação de textos, a ideia de finalidade á de consequência. Tal é efetivamente cabível visto que ambas representam fatos posteriores. Tome cuidado, pois, no primeiro momento, a finalidade passa a sensação de que se trata de fato anterior, mas é justamente o oposto, como ficará esclarecido nos exemplos a seguir.

Ex.: Vim aqui para que (com o objetivo de que) pudesse analisar o problema.

Atenção: o primeiro fato a acontecer é "vir aqui" e o segundo fato "poder analisar o problema", então "poder analisar o problema" não faz com que "eu venha aqui" e sim "vir aqui" é que faz com que "eu possa analisar o problema".

Ex.: João deve estudar a fim de que (com o objetivo de que) tenha a sua vaga assegurada no concurso.

Atenção: o fato anterior é "João dever estudar", o posterior é "ter a vaga assegurada". O posterior não leva ã ocorrência do anterior; o anterior é que leva ã ocorrência do posterior.

6.2.7. Conjunções subordinativas conformativas

Conjunções subordinativas conformativas são as que, ao iniciar uma oração subordinada, expressam sua conformidade (estar de acordo com algo já estabelecido) em relação ao fato da oração principal. As conjunções subordinativas conformativas são: **conforme, segundo, consoante, como (utilizada no mesmo sentido da conjunção conforme).**

Exemplos

- O debate se desenvolveu conforme foi planejado
- Segundo o que disseram, não haverá reunião.

6.2.8. Conjunções subordinativas proporcionais

Conjunções subordinativas proporcionais são as conjunções que expressam a simultaneidade e a proporcionalidade da evolução dos fatos contidos na oração subordinada com relação aos fatos da oração principal. As conjunções subordinativas proporcionais são: **à proporção que, à medida que, ao passo que, quanto mais... (tanto) mais, quanto mais... (tanto) menos, quanto menos... (tanto) menos, quanto menos... (tanto) mais etc.**

Exemplos

- Seu espírito se elevava á medida que se dedicava ao estudo.
- Quanto mais correres, mais ofegante ficarás
- Quanto menos as pessoas nos incomodam, tanto mais realizamos nossas obrigações.

Obs.: É de bom alvitre não confundir À MEDIDA QUE – que tem valor proporcional – com NA MEDIDA EM QUE – que tem valor causal ou explicativo, sendo sinônimo de PORQUE, JÁ QUE, VISTO QUE… Os termos À MEDIDA EM QUE e NA MEDIDA QUE simplesmente não existem.

6.2.9. Conjunções subordinativas temporais

Conjunções subordinativas temporais são as que, ao iniciar uma oração subordinada, tornam essa oração um índice da circunstância do tempo em que o fato da oração principal ocorre.

Sendo assim, a construção temporal expressa por um **período composto** é formada pela **oração principal** e uma **subordinada adverbial temporal**. Normalmente, em Português, a análise das construções temporais pode ser desenvolvida em relação às orações iniciadas pela conjunção **quando**. Tal conjunção é bem famosa no universo linguístico exatamente pelo seu valor temporal.

Exemplo

- Os professores serão surpreendidos **quando** os alunos chegarem.

Existem outras conjunções que expressam valor temporal:

ENQUANTO (tempo simultâneo) – O aluno conversava, **enquanto** o professor explicava a matéria.

APENAS – Apenas nós nos sentamos no muro, a polícia nos repreendeu.

MAL – Mal chegou ã casa, teve de sair.

Existem algumas conjunções temporais compostas, isto é, formam o que denominamos locuções conjuntivas, apresentando, geralmente, o elemento QUE como final, e que podem ser empregadas com:

a) **Advérbios → antes, depois, logo, assim.**

Antes que	Acorde antes que ele chegue.

Depois que	Vou á festa depois que ele sair.
Logo que	**Logo que** chegamos, o filme começou.
Assim que	Correu **assim que** nos viu.
Sempre que	**Sempre que** estuda, aparecem dúvidas.

b) **Preposição →até, desde.**

Até que	Ficarei aqui **até que** você me chame.
Desde que	**Desde que** o conheci, fiquei encantando com seu discernimento.

6.2.10. Conjunções subordinativas modais

Não é muito comum a relação adverbial modal por meio de uma **oração.** Ela se faz especialmente com **SEM QUE** e **verbo no subjuntivo**.

Exemplo

- Limpa-se, lavando toada a estrutura, **sem que** sujeira alguma apareça.

6.2.11. Conjunções subordinativas integrantes

Conjunções subordinativas integrantes são as conjunções que, iniciando orações subordinadas, introduzem essas orações como termos da oração principal (sujeitos, objetos diretos ou indiretos, complementos nominais, predicativos ou apostos). As conjunções integrantes são **que** e **se.**

Exemplos

- João disse que não havia problemas (a oração subordinada funciona, neste caso, como objeto direto da oração principal);
- A criança perguntou ao pai se Deus existia de verdade (a oração subordinada funciona, neste caso, como objeto direto da oração principal).

BIZU

Caro estudante, em tese a conjunção integrante não possui valor semântico. Todavia perceba que há diferença de sentido entre as conjunções integrantes **QUE** e **SE.** A distinção que há é a seguinte: a conjunção **QUE** transmite **ideia factual** e a conjunção **SE** transmite **ideia hipotética**. Observemos os exemplos:

– Eu sei que você está triste.

Na situação acima, a oração que você mentiu funciona sintaticamente como objeto direto do verbo saber. Ao fazer uso da conjunção **QUE** o autor da frase indica **certeza** em relação ã mentira. Essa ideia factual é direcionada para a segunda pessoa do discurso.

– Eu sei se você está triste.

Nesse caso, a ideia hipotética, transmitida pela oração "se você está triste", está relacionada ã percepção do autor da frase, ou seja, havendo tristeza, eu perceberei. No primeiro momento, encontra-se a certeza (eu sei…), no segundo momento, encontra-se a dúvida (se você está triste) e o período inteiro caracteriza a relação perceptiva mencionada. Artifício criado por causa da conjunção integrante **SE** que apresenta essa carga semântica.

EXERCÍCIO DE FIXAÇÃO

1 . **Numere as frases de acordo com a classificação da conjunção subordinativa:**

1	**Causal**
2	**Comparativa**
3	**Temporal**
4	**Concessiva**
5	**Final**
6	**Consecutiva**
7	**Proporcional**
8	**Condicional**
9	**Conformativa**
10	**Integrante**
11	**Modal**

a. ( ) Ele se esforçou tanto **como** o irmão.
b. ( ) **Se** você vier, será bom para todos.
c. ( ) Entrou **antes que** anoitecesse.
d. ( ) Acenou-lhe **que** viesse.
e. ( ) **À medida que** estuda, mais conhecimento adquire.
f. ( ) Estava tão cansado **que** dormiu.

g. ( ) **Segundo** me disseste, os alunos gabaritaram.
h. ( ) **Desde que** não aceitam minha opinião, calo-me.
i. ( ) **Embora** chovesse, foram á praia.
j. ( ) Admirava-o muito, **conquanto** o conhecesse pouco.
k. ( ) Tamanha foi a explosão, **que** todos correram.
l. ( ) Orou **porque** a paz voltasse.
m. ( ) **Ainda que** estivéssemos cansados, prosseguiríamos a viajem.
n. ( ) Este livro é mais interessante **que** o meu.
o. ( ) O barulho aumentava **à medida que** no aproximávamos.
p. ( ) Irei viajar, **contanto que** tenha dinheiro.
q. ( ) **Mal** cheguei, sorriu.
r. ( ) Estudou muito **para que** fizesse uma boa prova.
s. ( ) **Como** estava doente, fui ao médico.
t. ( ) **Conquanto** chovesse, íamos ao parque aquático.
u. ( ) É feio **que** dói.
v. ( ) Falem o que quiserem, **contato que** não me ofenda.
w. ( ) Ele comeu, **porque** estava com muita fome.
x. ( ) A mulher gritou tanto **que** perdeu a voz.
y. ( ) Faltei ao trabalho **porque** estava doente.
z. ( ) **Já que** insiste, aceito o emprego.
AA ( ) Agi **conforme** você agiu
AB ( ) O pai viu **que** o filho estudara.
AC ( ) Ela é tal quais as amigas.
AD ( ) O pai prepara uma surpresa, **sem que** o filho desconfie.

Gabarito:

a. (2)
b. (8)
c. (3)
d. (5)
e. (7)
f. (6)
g. (9)
h. (1)
i. (4)

j. (4)
k. (6)
l. (5)
m. (4)
n. (10)
o. (7)
p. (8)
q. (3)
r. (5)
s. (1)
t. (4)
u. (6)
v. (8)
w. (1)
x. (6)
y. (1)
z. (1)
AA (9)
AB (10)
AC (2)
AD (11)

6.3. ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS

O pronome relativo sempre introduz uma oração subordinada adjetiva. São pronomes relativos O QUAL, A QUAL, OS QUAIS, AS QUAIS ou quaisquer outros termos que possam ser substituídos por estes já mencionados. São também pronomes relativos CUJO, CUJA, CUJOS e CUJAS.

Ex.: Roubaram o relógio que (O QUAL) comprei ontem.

A oração sublinhada introduzida pelo pronome relativo QUE é subordinada adjetiva.

Ex.: O bairro onde (NO QUAL) moro é muito bonito.

ONDE MORO é uma oração subordinada adjetiva, pois ONDE é pronome relativo, fato que é constatado pela possibilidade de substituição por NO QUAL.

A oração subordinada adjetiva pode ser restritiva ou explicativa. Será restritiva quando não estiver isolada através de vírgula, travessão ou parênteses, e será explicativa se as pontuações aludidas procederem ao seu isolamento.

Ex.: Os operários que (os quais) fizeram greve foram demitidos. / Os operários – que (os quais) fizeram greve – foram demitidos.

Obs.: É fundamental lembrar que, nos atuais concursos públicos, é muito difícil as bancas solicitarem ao candidato a classificação de uma oração, o que não significa o assunto quedar-se ausente nas provas. A exigência hoje é a percepção de que a pontuação altera muito mais do que uma mera classificação de oração, modificando também o seu valor semântico. Então, retornando às duas frases, utilizadas no exemplo, tem-se: em ambas, o QUE é pronome relativo; contudo, na primeira frase, o pronome relativo não é precedido de pontuação, portanto a oração é subordinada restritiva. Sendo assim, a ideia é de restrição. As palavras que melhor expressam essa ideia são SOMENTE, SÓ, APENAS. A ideia contida na primeira frase é "somente os operários que fizeram greve serão demitidos"; já, na segunda frase, a oração adjetiva é isolada através de travessões, por conseguinte a oração é subordinada adjetiva explicativa. Portanto, o candidato deve condicionar-se á ideia de explicação, á ideia de "porquê". A frase deve ser interpretada como: Os operários foram demitidos porque fizeram greve.

Ex.: Os professores cujos alunos são bagunceiros ficam calvo mais cedo. Nem todos os professores ficam glabros mais cedo, somente aqueles que têm seus alunos bagunceiros. Portanto a oração CUJOS ALUNOS SÃO BAGUNCEIROS é subordinada adjetiva restritiva.

Ex.: Os professores, cujos alunos são bagunceiros, ficam glabros mais cedo. A interpretação desta frase é que "os professores ficam glabros mais cedo, pois seus alunos são bagunceiros".

Ex.: "O Capitão, que a tudo estava atento,

Tanto com estas se alegrou…" Camões

O sentido dos dois versos é "O Capitão, visto que a tudo estava atento, tanto com estas se alegrou…"

6.4. EXERCÍCIOS

01. **(TRF)**

Considere os períodos I, II e III, pontuados de duas maneiras diferentes:

I. Entregues os documentos pelo correio, seguirão outras informações relativas ao processo.

Entregues os documentos, pelo correio seguirão outras informações, relativas ao processo.

II. A audiência será marcada de imediato pelo advogado e o promotor conjuntamente.

A audiência será marcada, de imediato, pelo advogado e o promotor conjuntamente.

III. É bom que se arquivem os processos que estão com o prazo vencido.

É bom que se arquivem os processos, que estão com o prazo vencido.

Com a pontuação diferente, ocorreu alteração de significado em:

a) I, somente;

b) II, somente;

c) I e II;

d) I e III;

e) II e III.

Gabarito: D

Há alteração semântica no item I, visto que no primeiro período os documentos irão pelo correio; no segundo, são as outras informações que seguirão pelo correio. No item II, o fato de o adjunto adverbial, de corpo pequeno, estar isolado ou não por vírgulas, não gera alteração semântica. No item III, há alteração de sentido, visto que, quando o pronome relativo não é precedido de pontuação, introduz oração de caráter restritivo; já quando vem precedido de vírgula, introduz oração de caráter explicativo. Portanto, na primeira frase, o sentido é "não arquivar todos os processos, e sim somente aqueles que estão com o prazo vencido". Já na segunda, o sentido é "arquivar todos os processos, porque estão com o prazo vencido.".

02. **"O que me interessou foi um comentário marginal que ele fez – e o exemplo que escolheu para ilustrar seu comentário."; a forma menos adequada de reescrevermos o texto acima, respeitando-se o sentido original, é:**

a) Interessou-me um comentário marginal que ele fez – e o exemplo escolhido para ilustrar seu comentário;
b) Interessaram-me não só um comentário marginal que ele fez, como também o exemplo que escolheu para a ilustração de seu comentário;
c) O que me interessou foram um comentário marginal (que ele fez) e o exemplo (que escolheu para ilustrar seu comentário);
d) Um comentário marginal que ele fez e o exemplo que escolheu para ilustrar seu comentário foi o que me interessou;
e) Um comentário marginal feito por ele e o exemplo escolhido para a ilustração de seu comentário foi o que me interessou.

Gabarito: C

Repare que as orações adjetivas "que ele fez"e "que escolheu para ilustrar seu comentário", no texto original, não estão isoladas por pontuação, possuindo, por conseguinte, valor restritivo. Quando, na alternativa C, tais orações passam a vir isoladas por parênteses, assumem caráter explicativo. Por tal motivo – gerar alteração de sentido –, a alternativa C é a forma menos adequada para se reescrever o período.

03. **(ESAF / AFC)**

Assinale o diagnóstico correto acerca do emprego das vírgulas no trecho seguinte:

A nova disciplina das sociedades limitadas, está presente no Código Civil de 2002, que inovou em relação ao diploma anterior e tratou de matéria de cunho eminentemente comercial, revogando, assim, neste aspecto, o vetusto Código Comercial que datava do século passado.

a) O trecho está corretamente pontuado: não sobram nem faltam vírgulas.
b) O erro de pontuação está no mau emprego da vírgula colocada após a palavra "limitadas"(l.1). Sendo ela eliminada, o trecho torna-se gramaticalmente correto.
c) Para o trecho ficar corretamente pontuado, é preciso eliminar a vírgula colocada após a palavra "limitadas"(l.1) e inserir uma vírgula após a palavra "Comercial"(l.3-4).
d) Há três erros de pontuação: ausência de vírgula após a palavra "presente"(l.1), presença da vírgula depois de "2002"(l.2) e presença da

vírgula depois da palavra "revogando"(l.3).

e) Basta uma vírgula isolando a oração adjetiva explicativa "que datava do século passado"(l.4) para o trecho ficar corretamente pontuado.

Gabarito: C

Questão extremamente maliciosa, visto que há um erro gramatical grosseiro logo na linha 1, ao ser empregada uma vírgula após "limitadas", separando sujeito de verbo. Tal situação induz o candidato a marcar a alternativa B. No entanto, há mais um erro no texto: como "Código Comercial" só há um, não se pode restringir algo de apenas uma unidade. Então, essa oração só pode ter caráter explicativo, o que obriga o uso de uma pontuação antes do pronome relativo "que". O sentido da frase é:... revogar o vetusto (antiquado) Código Comercial, porque ele data do século passado. Sendo assim, a alternativa que denuncia as duas falhas é a C.

04. **(FCC / TRT-SP 2º Região / Analista Judiciário)**

Atente para as seguintes frases:

I. Caberia aos homens de hoje, que despacharam as utopias, buscar revigorá-las.

II. Os sonhos coletivos, que alimentaram tempos passados, deram lugar aos afazeres imediatos.

III. Preocupa-nos, hoje, muito mais a agenda do dia do que um projeto de longo prazo.

A supressão das vírgulas altera o sentido da frase SOMENTE em:

a) I e II;

b) I e III;

c) I;

d) II;

e) III.

Gabarito: A

Nos dois primeiros períodos, temos o emprego de vírgulas antecedendo pronomes relativos. Sendo assim, tais orações possuem caráter explicativo (porque). Sendo tais pontuações extraídas, o sentido passa a ser de restrição (somente). Já no último item, o fato de o adjunto adverbial estar isolado ou não por pontuação não implica alteração de sentido.

05. **(IBAMA / Gestão / 2010)**

Reparação duas décadas depois

Francisco Alves Mendes Filho ainda não era um mito da luta contra a devastação da Amazônia quando foi preso, em 1981, acusado de subversão e incitamento á luta de classes no Acre, em plena ditadura militar. Chico Mendes se tornaria mundialmente conhecido, dali para a frente, por comandar uma campanha contra a ação de grileiros e latifundiários, responsáveis pela destruição da floresta e pela escravização do caboclo amazônico. Por isso mesmo foi assassinado, em 22 de dezembro de 1988, na porta de casa, em Xapuri. O crime, cometido por uma dupla de fazendeiros, foi punido com uma sentença de 19 anos de cadeia para cada um. Faltava reparar a injustiça cometida pelos militares.

E ela veio na quarta-feira 10, no palco do Teatro Plácido de Castro, em Rio Branco, na forma de uma portaria assinada pelo ministro da Justiça, Tarso Genro. Antes, porém, realizou-se uma sessão de julgamento da Comissão de Anistia, cujo resultado foi o reconhecimento, por unanimidade, da perseguição política sofrida por Chico Mendes no início dos anos 80 do século passado. A viúva do líder seringueiro, Izalmar Gadelha Mendes, vai receber uma pensão vitalícia de 3 mil reais mensais, além de indenização de 337,8 mil reais.

Após assinar a portaria de anistia, Tarso Genro declarou que o assassinato de Chico Mendes está diretamente associado ã perseguição sofrida pelo seringueiro durante a ditadura. "O Estado brasileiro não soube compreender o que ele (Mendes) representava naquele momento", disse o ministro. "O Brasil pede perdão a Chico Mendes", afirmou, ao assinar o documento. Acompanhada de dois filhos, Izalmar Mendes mostrou-se satisfeita com o resultado do julgamento. "Era a hora de limpar o nome do meu marido. Mais importante do que a indenização foi o pedido de desculpas feito pelo Estado", disse a viúva.

O caso de Chico Mendes foi relatado pela conselheira Sueli Bellato. Emocionada, ela disse ter lido muito sobre o seringueiro morto para, então, encadear os argumentos que a fizeram acatar o pedido de reconhecimento e indenização interposto por Izalmar Mendes. Chico Mendes foi vereador em Xapuri, onde nasceu, e se firmou como crítico de projetos governamentais de graves consequências ambientais, como a construção de estradas na região amazônica. 31 No relatório, aprovado por unanimidade, a conselheira contou

detalhes da vida de Chico Mendes, da infância pobre nos seringais ao dia em que foi assassinado. Segundo Sueli Bellato, a atuação de Mendes contra grileiros e latifundiários rendeu, durante a ditadura, um arquivo de 71 páginas redigidas por agentes do antigo Serviço Nacional de Informações (SNI). Foi por participar de um ato público, em 1980, que Chico Mendes passou a ser fichado e perseguido pelos militares. Em Rio Branco, o seringueiro fez um discurso exaltado contra a violência no campo provocada pelos fazendeiros.

Na época, Chico Mendes foi enquadrado na Lei de Segurança Nacional, acusado de "atentado contra a paz, a prosperidade e a harmonia entre as classes sociais". Preso em diversas ocasiões, só foi definitivamente absolvido em 1º de março de 1984, quatro anos depois, portanto, de iniciadas as perseguições. De acordo com a conselheira Sueli Bellato, embora o relatório não tenha se aprofundado na questão, foi possível constatar que Chico Mendes também foi torturado enquanto estava sob custódia de policiais federais.

Leandro Fortes. Internet: <www.cartacapital.com.br> (com adaptações).

Considerando aspectos linguísticos do texto Reparação duas décadas depois, julgue os itens a seguir.

1 – Os termos "portanto" (L.41) e "enquanto" (L. 43), estabelecem idênticas relações de sentido.

2– O texto caracteriza-se como essencialmente informativo.

3– O emprego da vírgula após "latifundiários" (L. 5) justifica-se por isolar o termo explicativo.

4– O termo "onde" (L. 28) introduz oração adjetiva de sentido explicativo.

Gabarito:

1 – Errado. A conjunção "portanto" tem valor conclusivo; já a conjunção "enquanto" estabelece valor de concomitância, de tempo.

2 – Certo. O texto se estrutura pela exposição de fatos, o que demarca a caracterização da predominância do aspecto informativo.

3 – Certo. Como a vírgula precede "responsáveis", cuja classe gramatical é um adjetivo, pode-se perceber que tal adjetivo (pode-se fazer analogia com as orações adjetivas) passa a ter caráter explicativo.

4 – Certo. O vocábulo ONDE é pronome relativo, podendo, inclusive, ser substituído por NO QUAL; e como é precedido de vírgula, a oração subordinada adjetiva tem caráter explicativo.

06. **(APOFP)**

Em relação ao texto abaixo, assinale a opção correta.

A invasão israelense intensifica o ambiente de privações e ameaças ã integridade física em que vivem os habitantes de Gaza. Além dos intensos bombardeios aéreos, que mataram centenas de palestinos – entre eles várias mulheres e crianças –, faltam víveres e medicamentos, e os cortes no fornecimento de água e luz são constantes. Ao que consta, pois Israel impede a entrada da imprensa no território invadido, o objetivo inicial da ação terrestre é isolar o norte da faixa litorânea, de onde parte a maioria dos ataques com foguetes contra o sul israelense, do restante do território palestino. A cidade de Gaza, com mais de 400 mil habitantes, foi sitiada. Além dos intoleráveis danos, humanos e materiais, que impõe aos palestinos, o estrangulamento militar desfechado por Israel está repleto de incertezas quantoà sua eficácia.

(Folha de S. Paulo, Editorial, 05 jan. 2009.)

a) O sinal indicativo de crase em "á integridade"(l.1) justifica-se pela regência de "intensifica"(l.1) e pela presença de artigo definido feminino singular.

b) O segmento "de onde parte a maioria dos ataques com foguetes contra o sul israelense"(l.7) está entre vírgulas por tratar-se de oração subordinada adjetiva explicativa.

c) O emprego de vírgula após "aéreos"(l.2) justifica-se para isolar a oração de natureza restritiva subsequente.

d) A expressão "Ao que consta"(l.5) indica que os autores têm certeza absoluta da informação apresentada.

e) O pronome relativo "que"(l.2, primeira ocorrência) retoma o sentido do termo antecedente: "integridade física".

Gabarito: B

A alternativa A apresenta comentário inadequado, visto que a presença da preposição A é decorrente da regência de "ameaças". A alternativa B é a que apresenta comentário adequado, porquanto ONDE – junto com a preposição de – é pronome relativo, podendo ser substituído por DO QUAL, referindo-se a "o norte da faixa litorânea". E como esse pronome relativo é precedido de vírgula, introduz oração de caráter explicativo. O corpo da alternativa C apresenta uma contradição: a presença de pontuação 'não caracteriza uma oração restritiva. A ausência de pontuação pode caracterizar a restrição; e a presença pode caracterizar a

explicação. A alternativa D também apresenta comentário falso, pois o emprego de AO QUE CONSTA passa a sensação de a informação estar no campo da possibilidade, da hipótese. A alternativa E também apresenta comentário inadequado, visto que o antecedente do relativo QUE (junto com a preposição EM) é "o ambiente de privações e ameaças ã integridade física", sendo o núcleo "ambiente".

07. **(FCC / TRT-1ª Região / Analista Judiciário)**

... a densidade da ocupação espacial resulta na concentração de necessidades. Assim, nas cidades surgem problemas que em outras condições as pessoas nunca tiveram oportunidade de resolver.

Identifica-se entre as frases acima, respectivamente, relação de:

a) consequência e ressalva;
b) causa e consequência;
c) finalidade e temporalidade;
d) oposição e ressalva;
e) condição e oposição.

Gabarito: B

Podemos observar algumas relações na passagem acima. A densidade da ocupação é causa de concentração de necessidades, assim como tal concentração de necessidades também se torna causa para o fato de surgirem problemas que, em outras condições, as pessoas nunca tiveram oportunidade de resolver. Sendo assim, há uma nítida relação de causa e efeito na passagem do enunciado.

08. **(FUNCAB / Pref. Serra-ES / Cirurgião Dentista)**

No período "Ela estava tão aflita que, embora fizesse frio, se abanava com uma revista", além da oração principal, há duas outras orações as quais exprimem respectivamente:

a) concessão e consequência;
b) condição e consequência;
c) concessão e causa;
d) condição e causa;
e) causa e consequência.

Gabarito: A

O conector EMBORA é concessivo, e a conjunção QUE na passagem é um

conector consecutivo, introduzindo no fragmento a consequência de determinado fato: estar tão aflita.

09. **(FUNCAB / Pref. Serra-ES / Cirurgião Dentista)**

A conjunção em destaque no período "COMO a senhora não me desse mais trabalho, e o tempo fosse passando, recomecei a pensar em mim mesmo, triste e fraco assunto" pode ser substituída, sem alteração de sentido, porto das as abaixo relacionadas, EXCETO por:

a) porque;
b) conquanto;
c) dado que;
d) visto que;
e) porquanto.

Gabarito: B

O valor da conjunção em destaque é causal, e o único que não pode apresentar a mesma ideia entre as assertivas é o CONQUANTO, pois apresenta valor de concessão.

10. **(OBJETIVA / Pref. Chapecó-SC / Médico)**

Analisar os itens abaixo:

I.– "Note bem: casais. Não é o caso, <u>portanto</u>, da conhecida depressão pós-parto que acomete as..."
mulheres recém-saídas do episódio..."

II.– "Mas não leva em consideração, o que não nos impede de especular a respeito, <u>se</u> este homem aqui já tinha algum tipo de propensão ã depressão..."

Os termos sublinhados, chamados conjunções, podem ser substituídos, sem alteração semântica, por:

a) Pois – caso;
b) Logo – embora;
c) Outrossim – ainda que;
d) Porquanto – conquanto.

Gabarito: A

Primeiro, temos de identificar os valores das conjunções no enunciado. Ao verificar, percebemos que as ideias são respectivamente de CONCLUSÃO e

CONDIÇÃO. A única assertiva que apresenta a mesma relação semântica é a opção A, pelo fato de o POIS manter a noção conclusiva no contexto, além de CASO conservar a ideia de condição.

11. **"O estudo relaciona, como justificativa para o advento do transtorno, a mudança da rotina do casal..."**

A palavra "como", no fragmento, traduz ideia de:

a) Concessão;
b) Adversidade;
c) Alternância;
d) Conformidade.

Gabarito: D

O conector introduz uma informação que se encontra de acordo com a exposta na outra oração.

12. **(AOCP / CÅ, MARA DE SALVADOR-BA / Analista Legislativo)**

"Como ocorreu em 2009, para aplacar críticas, a cúpula do MEC substituiu o presidente do Inep."

A expressão destacada estabelece, no contexto, uma relação lógico-semântica de:

a) Causa;
b) Conformidade;
c) Consecução;
d) Comparação;
e) Concessão.

Gabarito: D

Na passagem acima, percebe-se uma comparação em relação ao que ocorrera em 2009, ou seja, da mesma forma que aconteceu em 2009. Logo, o valor semântico predominante é o de comparação.

13. **(VUNESP –CODESP / SP – GUARDA PORTUÁRIO)**

No trecho – As pessoas precisam ser alertadas porque o número de mendigos que agem de má fé é grande. – a conjunção porque pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:

a) mas;
b) porém;

c) todavia;
d) entretanto;
e) pois.

Gabarito: E

Os quatro primeiros conectores MAS, PORÉM, TODAVIA e ENTRETANTO são adversativos, e a conjunção PORQUE é explicativa no contexto; logo, o único conectivo que substitui o grifado sem alteração de sentido é o POIS.

14. **(Cespe / Correios / Carteiro)**

Na frase "Identificava-se, <u>portanto</u>, o responsável pelo fracasso na legitimidade das feições" (L.16-17), a palavra sublinhada expressa o sentido de:

a) condição;
b) oposição;
c) explicação;
d) conclusão;
e) finalidade.

Gabarito: D

A conjunção sublinhada introduz valor de dedução, suposição, algo que efetivamente se conclui.

15. **(Cespe / Polícia Civil-ES / Perito Criminal Especial)**

Bandos de homens armados perpetram anualmente 450 roubos a bancos e carros-fortes no Brasil. Tais episódios põem em risco a vida de clientes, agentes de segurança e policiais, mas o prejuízo financeiro é relativamente pequeno para as instituições. Para os bancos, a maior ameaça está embutida nos serviços prestados pela Internet ou por outros meios eletrônicos. As perdas resultantes de assaltos são de 50 milhões de reais anuais. Já os crimes cujas armas são os computadores devem, em 2010, ser responsáveis por perdas de 900 milhões de reais, dezoito vezes mais que nos assaltos convencionais.

QuestoesdeConcursos.com.br

A conjunção "mas" (L.3) poderia ser substituída, no texto, sem afetar o sentido ou a correção gramatical deste, por todavia ou por entretanto.

Gabarito: certo

A conjunção MAS do texto é adversativa, tendo como sinônimos TODAVIA e ENTRETANTO. Sendo assim, ficam preservadas a relação semântica e a correção gramatical, não havendo, inclusive, necessidade de qualquer alteração na estrutura frasal.

16. **(Cespe / Polícia Civil-ES / Escrivão de Polícia)**

Eu não gosto de ninguém, ele quase respondeu, refreando-se a tempo; faz sentido, ele mesmo concluía – é o pior momento da minha vida, sem a mulher, sem o filho, sem dinheiro, e desgraçadamente sem literatura. Uma letra de tango. Ou "um maneirista da própria sombra", como escreveu Eusébio de Mattos no Suplemento de Arte, demolindo-o até a última linha com o sadismo certeiro dos grandes críticos. Para um país sem crítica, aquele texto chegava a ser uma boa surpresa, ainda que deixasse entrever mais o prazer do ataque que o lamento sincero de um estudioso honesto, o tsc tsc tsc diante de um escritor que nunca "chegou lá" na corrida de cavalos letrados do panorama nacional – e Donetti sentiu a respiração opressa pelo rancor. O célebre homem brasileiro cordial é cordial não porque seja polido, o que ele nunca foi, mas porque nada nunca passa pelo cérebro antes de chegar ã vida – é só um coração batendo forte no meio da rua, que é o seu lugar.

Cristóvão Tezza. Um erro emocional. Rio de Janeiro: Record, 2010, p. 91 (com adaptações)

No trecho "ainda que deixasse entrever" (L.6-7), a locução conjuntiva "ainda que" poderia ser substituída por embora, sem que fosse alterado o sentido da oração.

Gabarito: certo

A locução conjuntiva "**ainda que**" apresenta relação semântica de concessão; a sua substituição por EMBORA conserva tal relação.

17. **(VUNESP / TJ-SP / Escrevente Técnico Judiciário)**

Em – A falta de modos dos homens da Casa de Windsor é proverbial, <u>mas</u> o príncipe Edward dizendo bobagens para estranhos no Quirguistão incomodou a embaixadora americana. – a conjunção destacada pode ser substituída por:

a) portanto;

b) como;

c) no entanto;
d) porque;
e) ou.

Gabarito: C

A conjunção NO ENTANTO é a única que apresenta a mesma ideia de adversidade, mantendo a mesma relação do MAS apresentado no texto.

18. **(VUNESP / TJ-SP / Escrevente Técnico Judiciário)**

Em – Tudo indica que 250 mil documentos secretos foram copiados por um jovem soldado num CD enquanto fingia ouvir Lady Gaga. – a palavra destacada exprime ideia de:

a) hipótese;
b) condição;
c) concessão;
d) causa;
e) tempo.

Gabarito: E

O ENQUANTO é um dos maiores representantes de tempo simultâneo que há na Língua Portuguesa, e a relação de concomitância, no contexto, é bem clara. Sendo assim, a ideia que caracteriza a resposta é temporal.

19. **(FCC / TRE-RN / Analista Judiciário)**

<u>Ainda assim,</u> provavelmente não foi a captura para o consumo pelo homem o que selou o destino do dodô, <u>pois</u> sua extinção ocorreu sobretudo pelos efeitos indiretos da perturbação humana.

Os elementos grifados na frase acima podem ser substituídos, sem prejuízo para o sentido e a correção, respectivamente, por:

a) Contudo – não obstante.
b) Conquanto – por que.
c) Em que pese isso – embora.
d) Apesar disso – visto que.
e) Por isso – porquanto.

Gabarito: D

AINDA ASSIM é concessivo, e o POIS é explicativo no texto; logo, os únicos

conectores que estabelecem a mesma relação semântica são: APESAR DISSO e VISTO QUE. Na letra A, os dois conectores marcam oposição; na opção B, o CONQUANTO, apesar de estabelecer uma ideia concessiva, não preservaria a gramaticalidade, pois geraria mudança no tempo verbal. Além disso, a grafia de POR QUE (separado) não representa explicação, o que gera falha gramatical; na letra C, os dois marcam oposição; e na opção E, POR ISSO estabelece valor de conclusão.

20. **(FGV / TRE-PA / Técnico Judiciário)**

Ficam hibernando ã espera do momento eleitoral <u>quando</u> deveriam estar em praça pública em busca de militantes e se expondo ao debate.

A conjunção <u>quando</u>, no período acima, tem valor:

a) proporcional;
b) comparativo;
c) consecutivo;
d) temporal;
e) concessivo.

Gabarito: E

Esta questão induziu muitos alunos ao erro, pois, ao observarem o QUANDO, pensaram imediatamente na ideia de tempo. Cuidado, afinal cada conector muda de acordo com o contexto. Apesar de primariamente o QUANDO transmitir semântica temporal, nesse caso a ideia prioritária é a de concessão, equivalendo a MESMO DEVENDO ESTAR, EMBORA DEVESSEM ESTAR, AINDA QUE DEVESSEM ESTAR.

21. **(COPEVE / UFAL / Bibliotecário)**

Qual palavra ou expressão preenche adequadamente a lacuna nos textos abaixo?

I. **"Pacientes crônicos terão mais qualidade de vida fora do hospital. _____, é cada vez maior o número de pacientes que continuam internados mesmo depois de superado o problema que os levou ã instituição."**

II. **"O Rio de Janeiro foi tomado por um clima de ufanismo. _____, não basta cantar vitória durante a batalha."**

III. **"_____ se discute punição a crimes do regime militar, a tortura**

continua uma prática comum no Brasil."

IV. **"Vendas disparam _____ os adeptos da boa bebida descobrem os sabores doces e complexos das variedades envelhecidas."**

a) De modo que – Portanto – Conquanto – porque;
b) Apesar disso – Porém – Enquanto – á medida que;
c) Mesmo assim – Por isso – Visto que – a fim de que;
d) Dessa forma – Todavia – Porque – quando;
e) Entretanto – Então – À proporção que – conforme;

Gabarito: B

É clara a relação de oposição no item I. Como tal relação pode ser expressa por conectores adversativos ou concessivos, podem-se excluir as alternativas A e D. No item II, há também um caráter de ressalva, cabendo, no caso, apenas conectores também de caráter adversativo, o que nos leva a eliminar a C e a E. Com isso, já se chega á resposta.

22. **(FCC / DPE-RS / Defensor Público)**

"É possível até que você use essas definições quando bate aquela dúvida sobre concordância ou regência, não é? <u>No entanto</u>, apesar de concorrentes, elas não têm fundamento científico, afinal são muito anteriores ao nascimento da ciência da linguagem (mais precisamente, 2 mil anos anteriores!)"

A expressão <u>No entanto</u> pode ser substituída, alterando o significado da frase, por:

a) entretanto;
b) porquanto;
c) todavia;
d) porém;
e) contudo.

Gabarito: B

Em todas as assertivas, exceto aquela que representa a resposta, as conjunções estabelecem relação de adversidade; logo, a única que altera o sentido original é o PORQUANTO que marca ideia CAUSAL ou EXPLICATIVA.

23. **(FCC / DPE-RS / Defensor Público)**

"Assim como em qualquer outra manifestação artística, portanto, o livro

que esteve sob ameaça de censura…"

O conetivo portanto pode ser substituído, sem alteração de sentido, por:

a) porquanto;

b) entretanto;

c) no entanto;

d) então;

e) conquanto.

Gabarito: D

"Portanto" é conector de caráter conclusivo. Entre as alternativas, a única que apresenta conjunção sinônima é a D.

24. **(CISVIR / Técnico em Enfermagem)**

Observe a frase e indique a circunstância correta da mesma:

"<u>Mesmo que ela me procurasse no dia seguinte</u>, eu não a indicaria para o cargo."

a) Condição;

b) Concessão;

c) Consequência;

d) Conformidade.

Gabarito: B

O MESMO QUE do texto pode ser facilmente substituído por AINDA QUE e EMBORA que são outros conectores concessivos. Para este tipo de questão, basta ter memorizado que o conector MESMO QUE é concessivo e saber enxergar tal relação no contexto.

25. **(FCC / DPE-RS / Defensor Público)**

"Isso porque, <u>embora</u> sejam caros, eles cortam outros gastos [...]"

A conjunção sublinhada nessa frase pode ser adequadamente classificada como:

a) alternativa;

b) concessiva;

c) conclusiva;

d) consecutiva.

Gabarito: B

Questão semelhante á anterior, modificando apenas a conjunção. O EMBORA do texto pode ser facilmente substituído por AINDA QUE e MESMO QUE que são outros conectores concessivos. Para este tipo de questão, basta ter memorizado que o conector MESMO QUE é concessivo e saber enxergar tal relação no contexto.

26. **(EXAMES / Pref. Queimadas-PB / Psicólogo)**

"E, como não temos o controle sobre a natureza, precisamos trabalhar com o imponderável e revesti-lo de cuidados compatíveis com as possibilidades do universo em convivência." (2º parágrafo)

A conjunção como introduz uma oração que estabelece com a oração seguinte a relação lógica de:

a) explicação;
b) condição;
c) finalidade;
d) causa.

Gabarito: D

Repare que a conjunção COMO pode ser substituída por PORQUE, JÁ QUE, VISTO QUE, PORQUANTO e estabelece no contexto uma ideia causal, isto é, não ter o controle sobre a natureza representa a causa de precisarmos trabalhar com o imponderável e revesti-lo de cuidados compatíveis com as possibilidades do universo.

27. **(EXAMES / Pref. Queimadas-PB / Psicólogo)**

"No entanto, as cidades vitoriosas foram aquelas que souberam ajustar suas razões á s da natureza."

Haveria significativa alteração no sentido dessa frase no contexto, caso o conectivo inicial (no entanto) fosse substituído por:

a) portanto;
b) contudo;
c) todavia;
d) entretanto.

Gabarito: A

Para este tipo de questão, basta saber que o conector NO ENTANTO representa adversidade, e o único que não mantém a mesma relação é PORTANTO, pois estabelece semântica de CONCLUSÃO.

28. **(Cespe / DFTRANS / Analista)**

linguagem. S.f. 1. o uso da palavra articulada ou escrita como meio de expressão e de comunicação entre as pessoas.

Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Novo dicionário da língua portuguesa, p. 1.035 (com adaptações).

Acho que se compreenderia melhor o funcionamento da linguagem supondo que o sentido é um efeito do que dizemos, e não algo que existe em si, independentemente da enunciação, e que envelopamos em um código também pronto. Poderiam mudar muitas perspectivas: se o sentido nunca é prévio, empregar ou não um estrangeirismo teria menos a ver com a existência ou não de uma palavra equivalente na língua do falante. O que importa é o efeito que palavras estrangeiras produzem.

Pode-se dar a entender que se viajou, que se conhecem línguas. Uma palavra estrangeira em uma placa ou em uma propaganda pode indicar desejo de ver-se associado a outra cultura e a outro país, por seu prestígio.

POSSENTI, Sírio. A cor da língua. Mercado de Letras: 2002, p.37-8 (com adaptações).

A partir da leitura dos dois textos acima, julgue o item a seguir:

No texto do verbete de dicionário, o valor de comparação da palavra "como" deixa subentender uma expressão mais complexa: assim como.

Gabarito: Errado

Podemos observar que o valor semântico da palavra "como" no trecho é de modo e não comparativo. A expressão "assim como" é comparativa. Sendo assim, não é possível a substituição.

29. **(Cespe / TSE / Técnico)**

A função da oposição em uma sociedade democrática consiste em denunciar a corrupção, acompanhar as investigações e avaliar os projetos e iniciativas governamentais, propondo alternativas. A crítica, e não a adesão, é sua tarefa primordial. Se uma sociedade cessa de ter uma verdadeira oposição, ela caminha para uma solução autoritária. A governabilidade só existe verdadeiramente com uma oposição atuante, que sinalize os problemas existentes e discuta os seus encaminhamentos.

ROSENFIELD, Denis Lerrer. O Globo, 27 nov. 2006. p. 7 (com adaptações).

Julgue o item a seguir:

Entre os dois últimos períodos do texto, subentende-se uma relação sintática que pode ser expressa por Entretanto.

Gabarito: Errado

Para resolver a questão, é preciso identificar os dois últimos períodos do texto que são:

I– Se uma sociedade cessa de ter uma verdadeira oposição, ela caminha para uma solução autoritária.

II– A governabilidade só existe verdadeiramente com uma oposição atuante, que sinalize os problemas existentes e discuta os seus encaminhamentos.

No primeiro período, afirma-se que, se não houver oposição, a sociedade caminhará para o autoritarismo. No segundo período, afirma-se que a oposição reforça a verdadeira governabilidade de um país.

Podemos perceber que as ideias são afins. A conjunção **ENTRETANTO** traz uma ideia de oposição. Sendo assim, a proposta do examinador não é boa.

30. **(Cespe / TSE / Analista)**

O terreno da ética é o próprio chão onde estão fincadas as bases de uma sociedade. Essa construção é feita todos os dias. Há algo de imaterial em todos os edifícios políticos.

Eles não estão aí por obra divina. Precisam ser reforçados permanentemente, por meio de atos significativos em que as pessoas reconheçam o interesse público. É isso que mantém a ordem pública, e não somente, nem, sobretudo, a força policial. Se as pessoas deixam de acreditar em uma ética subjacente ao dia-a-dia em um código de conduta que rege a ação dos políticos, pode-se prever que todo o edifício da sociedade estará ameaçado.

O Globo, 30 nov. 2006. p. 6 (com adaptações).

Acerca das relações lógico-sintáticas textuais, as opções seguintes apresentam propostas de associação, mediante o emprego de conjunção, entre períodos sintáticos do texto acima. Assinale a opção que apresenta proposta de associação incorreta.

PERÍODO	CONJUNÇÃO	PERÍODO
a) primeiro	e	segundo

b) terceiro c)quarto	entretanto conquanto	Quarto Quinto
d)Quinto	já que	sexto

Gabarito: C

Para resolvermos a questão, analisaremos todas as propostas até encontrar uma incorreta.

a) Efetivando a proposta, temos: O terreno da ética é o próprio chão onde estão fincadas as bases de uma sociedade é essa construção é feita todos os dias.

Podemos notar que o segundo período acrescenta uma informação ao primeiro e a conjunção coordenativa aditiva E é adequada para estabelecer a união desses períodos.

b) Efetivando a proposta, temos: Há algo de imaterial em todos os edifícios políticos, **entretanto** eles não estão aí por obra divina.

Podemos notar que no terceiro período o autor afirma ter algo imaterial e no quarto período diz que não está ali por obra divina, caracterizando uma oposição de ideias. O emprego da conjunção coordenativa adversativa ENTRETANTO é adequado para estabelecer a união desses períodos.

c) Efetivando a proposta, temos: Eles não estão aí por obra divina, **conquanto** precisam ser reforçados permanentemente, por meio de atos significativos em que as pessoas reconheçam o interesse público.

Observa-se que com o uso do "Conquanto" o verbo deveria ir para o subjuntivo e também podemos notar que o quinto período apresenta uma justificativa em relação ao que foi dito no período anterior. Com isso, podemos unir esses dois períodos usando uma conjunção explicativa (pois, porque, porquanto, entre outras).

A conjunção conquanto é concessiva, ou seja, possui uma relação de oposição. Sendo assim, não é adequada para estabelecer a união desses períodos.

d) Efetivando a proposta, temos: Precisam ser reforçados permanentemente, por meio de atos significativos em que as pessoas reconheçam o interesse público, já que é isso que mantém a ordem pública, e não somente, nem, sobretudo, a força policial.

Podemos notar que a relação existente entre os períodos é de causa e efeito.

O emprego da locução conjuntiva "já que" que tem valor de causa, assim como "visto que", é adequado.

31. **(Cespe / IPEA / Analista)**

Enquanto outros países em desenvolvimento, como China, Índia e Coréia, investem na formação de pesquisadores e se transformam em produtores de conhecimentos que dinamizam suas economias, o Brasil não consegue eliminar o fosso que separa as instituições de pesquisa das empresas privadas, nem aumentar o volume de investimentos em pesquisa e desenvolvimento. Vai ficando para trás em uma corrida decisiva para sua inserção em um mundo cada vez mais competitivo, sobretudo nos segmentos mais dinâmicos da indústria, como o da microeletrônica.

Estudo do consultor do Banco Mundial Alberto Rodríguez, publicado pela Confederação Nacional da Indústria, confirma que, apesar do conhecido diagnóstico sobre o atraso do país na área tecnológica, pouco se faz de prático para superar o problema.

Os pesquisadores brasileiros publicam seus trabalhos em um volume aceitável – eles respondem por cerca de 2% dos artigos científicos das principais publicações internacionais –, mas os resultados práticos das pesquisas são modestos.

O Brasil responde por apenas 0,18% do total de patentes registradas no mundo.

"Há a necessidade de que a pesquisa feita na universidade e nos laboratórios seja menos teórica e mais voltada para aplicações práticas", diz Rodríguez. "E o setor privado precisa investir mais em pesquisa e desenvolvimento."

O Estado de S. Paulo, Editorial, 1º/10/2008 (com adaptações).

Em relação ao texto acima, julgue o item a seguir:

Estariam preservadas a correção gramatical e o sentido original do texto se o termo "Enquanto" (l.1) fosse substituído por qualquer uma das seguintes expressões: Ao passo que, Porquanto, Dado que.

Gabarito: Errado

Para resolver a questão, é preciso identificar o valor da conjunção na construção e depois realizar as substituições uma a uma para que possamos verificar se serão preservados o sentido e a correção gramatical da frase.

A conjunção "enquanto", na frase, apresenta valor primário de concomitância e

secundário de oposição.

I– A locução conjuntiva "ao passo que" poderia ficar no lugar de "enquanto", pois estabelece uma relação de proporção, mas pode lhe ser conferida uma relação secundária de simultaneidade.

II– As conjunções "porquanto" e "dado que" podem ser causais ou explicativas. Sendo assim, não poderiam substituir a palavra "enquanto" preservando o sentido original do texto.

Diante da análise feita, podemos perceber que o item está errado.

32. **(Cespe / ES / Perito)**

Em alguns países do primeiro mundo, há uma ideia de direitos humanos apenas para consumo interno. Observa-se nesses casos uma contradição inexplicável: no âmbito interno, vigoram os direitos humanos, nas relações com os países dependentes, vigoram os interesses econômicos e militares. Esses interesses justificam a tolerância com as violações dos direitos, no campo diplomático, ou o próprio patrocínio das violações. Os mesmos interesses econômicos e militares justificam também o patrocínio da guerra, sob a bandeira de paz. Para que tais desvios não continuem a acontecer, alguns juristas italianos (Salvatore Senese, Antonio Papisca, Marco Mascia, Luigi Ferrajoli e outros) têm defendido que uma nova ordem mundial se constitua, não sob o império dos interesses dominantes, mas tendo, ao contrário, como sujeito da História a família humana presente e futura.

Outra contradição é, á s vezes, observada no interior de certas nações poderosas: a plena vigência dos direitos humanos, quando se trata de nacionais "puros" e o desrespeito aos direitos humanos, quando as pessoas envolvidas são imigrantes ou clandestinos, minorias raciais e minorias nacionais.

Idem, ibidem (com adaptações).

A respeito do texto, julgue o item que se segue.

A inserção de entretanto, seguido de vírgula, antes de "nas relações" (l.4) explicita as relações semântico-sintáticas entre os dois períodos e mantém a correção gramatical do texto.

Gabarito: Certo

Para resolver a questão, é preciso identificar a relação semântica existente entre

os períodos que serão ligados pela conjunção “entretanto”.

Nas linhas 2 e 3, temos uma dica de que teremos uma relação de oposição quando aparece a palavra contradição em: “Observa-se nesses casos uma contradição inexplicável”. Ratificando tal afirmação, temos uma oposição existente em relação aos direitos humanos no âmbito interno e externo. Podemos observar melhor nos trechos: “ no âmbito interno, vigoram os direitos humanos”, “nas relações com os países dependentes, vigoram os interesses econômicos e militares.”

Como a conjunção “entretanto” traz uma ideia de oposição, a sua inserção é perfeitamente cabível, como sugeriu o examinador.

33. **(NCE / TJ – RJ / Técnico Judiciário Juramentado)**

TEXTO – VIVER EM SOCIEDADE

A sociedade humana é um conjunto de pessoas ligadas pela necessidade de se ajudarem umas á s outras, a fim de que possam garantir a continuidade da vida e satisfazer seus interesses e desejos.

Sem vida em sociedade, as pessoas não conseguiriam sobreviver, pois o ser humano, durante muito tempo, necessita de outros para conseguir alimentação e abrigo. E no mundo moderno, com a grande maioria das pessoas morando na cidade, com hábitos que tornam necessários muitos bens produzidos pela indústria, não há quem não necessite dos outros muitas vezes por dia.

Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material, como os alimentos, a roupa, a moradia, os meios de transporte e os cuidados de saúde. Elas são também de ordem espiritual e psicológica. Toda pessoa humana necessita de afeto, precisa amar e sentir-se amada, quer sempre que alguém lhe dê atenção e que todos a respeitem. Além disso, todo ser humano tem suas crenças, tem sua fé em alguma coisa, que é a base de suas esperanças.

Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos. Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da

solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitada de dar e receber afeto. E muito provavelmente ficaria louca se continuasse sozinha por muito tempo.

Mas, justamente porque vivendo em sociedade é que a pessoa humana pode satisfazer suas necessidades, é preciso que a sociedade seja organizada de tal modo que sirva, realmente, para esse fim. E não basta que a vida social permita apenas a satisfação de algumas necessidades da pessoa humana ou de todas as necessidades de apenas algumas pessoas. A sociedade organizada com justiça é aquela em que se procura fazer com que todas as pessoas possam satisfazer todas as suas necessidades, é aquela em que todos, desde o momento em que nascem, têm as mesmas oportunidades, aquela em que os benefícios e encargos são repartidos igualmente entre todos.

Para que essa repartição se faça com justiça, é preciso que todos procurem conhecer seus direitos e exijam que eles sejam respeitados, como também devem conhecer e cumprir seus deveres e suas responsabilidades sociais.

Dalmo de Abreu Dallari

Segundo o primeiro parágrafo do texto:

a) as pessoas se ajudam mutuamente a fim de formarem uma sociedade;
b) a garantia da continuidade da vida é dada pela satisfação dos desejos das pessoas;
c) a satisfação dos interesses e desejos das pessoas leva ã vida em sociedade;
d) não seria possível a sobrevivência se não existisse sociedade;
e) sem a ajuda mútua, as pessoas levariam uma vida isenta de desejos.

Gabarito: D

Normalmente, o candidato fica em dúvida entre as opções C e D. A tendência é marcar a alternativa C. No entanto, esta opção possui uma falha técnica: houve a inversão da relação causa-efeito. Lembre-se do que foi exposto em conjunções. O conector "a fim de que" acrescenta ao período valor de finalidade (a ideia de finalidade está relacionada ã de consequência). O que ocorre anteriormente é "a existência da sociedade" e depois "a satisfação de interesses e desejos", portanto não se pode dizer que a satisfação dos interesses leva ã vida em sociedade, mas sim que a sociedade é que leva ã satisfação de interesses e desejos. Já se ouviu muito que a opção D não poderia ser a resposta, já que o enunciado (de

recorrência) exige uma resposta presente no primeiro parágrafo e a resposta estaria no segundo. Todavia, este argumento se torna insuficiente ã medida que se observa a ideia já presente no primeiro parágrafo (sociedade existe para garantir a continuidade da vida). Enfim, é fundamental perceber a organização do texto. O primeiro parágrafo apresenta dois tópicos a serem desenvolvidos (tese abrangente): a sociedade existe para garantir a continuidade da vida e a sociedade existe para satisfazer interesses e desejos. O segundo parágrafo retoma apenas o primeiro tópico (tese particular) da tese abrangente, modificando-lhe as palavras, e, somente a partir da conjunção "pois", inicia-se a argumentação.

34. **(NCE / TJ – RJ / Técnico Judiciário Juramentado)**

"Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida,..."; este segmento do texto teria redação mais clara se:

a) substituíssemos a primeira vírgula pela conjunção aditiva E;
b) repetíssemos o sujeito na segunda oração;
c) deslocássemos as ocorrências do advérbio "não" para antes de "apenas";
d) mudássemos a ordem das orações, de modo a colocar a última como primeira;
e) omitíssemos o substantivo "seres".

Gabarito: C

Primeiramente, observe a presença de reticências. Já é um indício de que se deve retornar á quele fragmento do texto. Além disso, você já leu o texto e, no primeiro parágrafo, o autor já manifestou que a sociedade existe para garantir a continuidade da vida. No início do segundo parágrafo, ele assevera que "Sem vida em sociedade, as pessoas não conseguiriam sobreviver.". Então, como as pessoas vivem juntas, vivem em sociedade, fica evidenciado que a intenção do autor não era negar o verbo VIVER. O objetivo dele era negar o elemento de restrição "apenas", pois o advérbio "não", ao negar o apenas, na realidade estaria negando o fato de haver apenas um motivo para os seres humanos viverem em sociedade – porque escolhem esse modo de vida –, indicando haver outro motivo – mas (mas também, indicando ideia de soma) porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana.

35. **(NCE / TJ – RJ / Técnico Judiciário Juramentado)**

"...ficaria louca se continuasse sozinha."; a relação entre essas duas

orações mostra que:

a) a segunda só se realiza se a primeira não realizar-se;

b) a primeira se realiza contanto que a segunda não se realize;

c) a segunda é consequência da primeira;

d) a primeira é motivada pela segunda;

e) a primeira é uma hipótese para a realização da segunda.

Gabarito: D

É fundamental lembrar que a ideia de condição está extremamente relacionada ã ideia de causa. Há duas orações: "ficaria louca" e "se continuasse sozinha". Primeiro a pessoa tem que continuar sozinha para depois ficar louca. Então a segunda oração é uma condição (hipótese) para a realização da primeira, oposto do que indica a opção E. As duas primeiras opções são absurdas. Por fim, o candidato fica em dúvida entre as opções C e D. Conforme já se esclarecera, o fato anterior é "se continuasse sozinha", o posterior é "ficaria louca", logo o fato de "continuar sozinha" motiva o fato de a pessoa enlouquecer.

36. **(Esaf / Técnico da Receita Federal)**

Assinale a opção que está de acordo com as ideias do texto.

O principal problema brasileiro, que consiste na retomada da confiança para possibilitar o crescimento, só terá solução possível a partir do momento em que houver um quadro favorável a uma redução substancial dos juros básicos da economia. Para isso, as reformas tributária e previdenciária são pré-condições estratégicas. A tributária é fundamental para desonerar a indústria e elevar o poder aquisitivo dos salários, proporcionando escala e competitividade que ajudarão na substituição das importações e no crescimento consistente dos saldos positivos na balança comercial. A previdenciária é imperiosa para construir um sistema autossustentável de seguridade social, que concomitantemente invista um grande volume de poupança em projetos produtivos de longo prazo.

(KAPAZ, Emerson "Para reverter o pessimismo" Folha de S. Paulo, 31 jul. 2002.)

a) Os juros básicos da economia, se reduzidos, impulsionariam as reformas tributária e previdenciária.

b) Um sistema autossustentável de seguridade social traria as condições para que o crescimento permita a redução dos juros.

c) A retomada da confiança para possibilitar o crescimento contribui para

promover a elevação dos salários.

d) Com a desoneração da indústria e com a elevação dos salários, há condições estratégicas para a reforma tributária e para investimentos em projetos produtivos de longo prazo.

e) As reformas tributária e previdenciária são o passo prévio para favorecer a redução dos juros básicos da economia, e, consequentemente, a retomada da confiança para que haja crescimento.

Gabarito: E

Primeiramente vamos realizar a leitura do texto para colocar os fatos em ordem cronológica. O primeiro fato mencionado é "a retomada da confiança". Em seguida, atrelada pela preposição "para", com valor de finalidade, vem a oração "para possibilitar o crescimento". É sempre bom observar que a finalidade e a consequência são ideias intimamente relacionadas, visto que ambas representam situações posteriores. Sendo assim, "a possibilidade de crescimento" seria uma finalidade/consequência de "a retomada da confiança". Anterior aos dois fatos mencionados, ocorre o "quadro favorável a uma redução substancial dos juros básicos da economia. ". Perceba que este último elemento vem atrelado pela expressão temporal com valor de anterioridade "a partir do momento em que". Ou seja, partindo desse momento que é o "quadro favorável a uma redução substancial dos juros básicos da economia", haverá posteriormente a retomada da confiança que poderá gerar o crescimento. No período seguinte, o autor novamente usa a preposição "PARA" agora com o pronome demonstrativo "ISSO" que remete a todas as ideias já citadas. Portanto, para que tudo isso que foi mencionado no texto se concretize, o fato anterior a todos (ou, como dito no texto, pré-condições) é a reforma tributária e a previdenciária. A sequência cronológica ai se estabelece. Primeiro fato: Reformas tributária e previdenciária; segundo fato: o "quadro favorável a uma redução substancial dos juros básicos da economia"; terceiro fato: a retomada da confiança; quarto fato: possibilidade de crescimento. Depois o autor desdobra: a tributária é fundamental para (finalidade/consequência) desonerar a indústria e elevar o poder aquisitivo dos salários. Sendo assim, a desoneração da indústria é corolário da reforma tributária. A previdenciária é imperiosa para (finalidade/consequência) construir um sistema autossustentável de seguridade social. Sendo assim, a construção de um sistema autossustentável de seguridade social seria um efeito da reforma previdenciária. Partamos agora para a análise das

alternativas. A alternativa A inverte a relação de causa e efeito, visto que "as reformas tributária e previdenciária" é que impulsionariam os juros básicos da economia. A opção B indica uma informação errônea, uma vez que "um sistema autossustentável de seguridade social" não é causa de nenhum fato e sim resultado da reforma previdenciária. A opção C começa bem, mas acaba mal, pois o que promove a elevação dos salários é a reforma tributária. Na opção D, há a inversão da relação causa e efeito. A preposição "com", por estabelecer relação de condição – é sempre bom lembrarmos que a condição está intimamente relacionada ã causa –, indica que os fatos anteriores seriam a desoneração da indústria e a elevação dos salários, e a consequência seria a reforma tributária. Na realidade é o oposto. Com a reforma tributária é que haveria as condições estratégicas para a desoneração da indústria e para a elevação dos salários. A opção E fica perfeita como já se expôs na sequência cronológica:

REFORMAS TRIBUTÁRIA E PREVIDENCIÁRIA

↓

QUADRO FAVORÁVEL À REDUÇÃO DOS JUROS BÁSICOS DA ECONOMIA

↓

RETOMADA DA CONFIANÇA

↓

POSSIBILIDADE DE CRESCIMENTO

37. **(Cesgranrio / BNDES)**

Na frase "Ou vai ou racha!", a conjunção OU tem o mesmo valor significativo que apresenta na seguinte frase:

a) O turista compreendia inglês ou francês com facilidade;

b) As vaias ou aplausos não perturbaram o presidente;

c) O empregado faz o que deve ou perde o emprego;

d) Na hora da premiação, chorava ou ria;

e) Morávamos no segundo ou no terceiro andar.

Gabarito: C

A ideia alternativa, na frase exposta no enunciado, é a principal da conjunção, mas como valor secundário observa-se a relação de causa e efeito. Se a pessoa for, não vai rachar; se rachou, é porque não foi. A alternativa A apresenta valor de

soma, afinal o turista compreendia as duas línguas. Na alternativa, a conjunção OU tem caráter também aditivo, pois tanto as vaias como os aplausos não perturbam o presidente. Na alternativa C, vem a relação de causa e efeito: se o empregado fizer o que deve, não perderá o emprego; se perdeu o emprego, foi porque não fez o que devia. Na alternativa D, como nas alternativas A e B, a conjunção tem valor aditivo, visto que a pessoa chorava e ria. Na alternativa E, a conjunção OU expressa uma dúvida, como se dissesse "não lembro direito se morávamos no segundo ou no terceiro andar".

38. **(Esaf / ENAP)**

Assinale a opção que não preenche corretamente a lacuna do texto.

Outra medida que promove a pequena e média empresa brasileira é a instalação pela Agência de Promoção de Exportações do Brasil – APEX de um centro de distribuição de produtos nacionais, em Miami, Estados Unidos. O centro tem espaço para armazenagem de produtos, um showroom e um escritório comercial e administrativo.

As empresas podem ficar instaladas por um período de 12 a 18 meses para a consolidação de seus produtos no mercado, _____a ideia é reduzir a distância entre as empresas e seus clientes estrangeiros. O próximo centro será instalado na Alemanha no segundo semestre deste ano.

(Adaptado de Em Questão n. 288 – Brasília, 04 de março de 2005)

a) uma vez que.
b) porquanto.
c) pois.
d) conquanto.
e) já que.

Gabarito: D

Repare que todas as alternativas vêm com conectores causais, exceto a D que apresenta a conjunção CONQUANTO de caráter concessivo. Conjunções concessivas nunca admitem verbos no modo subjuntivo, portanto a presença seguinte da forma verbal "é" inibe o emprego de tais conjunções.

39. **(NCE / Eletrobrás)**

"Se você disser ao cidadão desprevenido que o leite, por ser essencial, deve sair das mãos dos particulares para cooperativas ou entidades

estatais, se você disser que os bancos, vivendo exclusivamente das poupanças populares, não têm nenhuma razão de estar em mãos privadas, o cidadão o olhará com olhos perplexos de quem vê alguém propondo algo muito perigoso." O comentário correto a respeito deste segmento do texto é:

a) os dois segmentos iniciados pela conjunção **SE** indicam condições para que se realize a consequência citada;

b) o cidadão só olhará com espanto o autor das ideias citadas se elas já estiverem transformadas em realidade;

c) os adjetivos estatais e privadas são sinônimos no contexto em que estão inseridos;

d) o segmento poupanças populares equivale semanticamente a popularidade das poupanças;

e) o "algo muito perigoso" a que alude o texto se localiza no terreno cultural.

Gabarito: A

Essa questão é extremamente interessante, visto que, conforme já exposto neste capítulo, é possível relacionar-se a ideia de causa ã de condição. "Se (conjunção condicional) você disser..., o cidadão o olhará com olhos perplexos.". Onde há causa, há efeito. Da mesma forma, onde há condição, há efeito. O fato de "dizer" é a hipótese (causa) e a consequência é o cidadão o olhar com olhos perplexos.

40. **(Esaf / AFT)**

Em relação á s estruturas do texto, assinale a opção incorreta.

Para que a cobertura mínima oferecida pelos planos de saúde aos seus segurados inclua as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente, a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) acrescentou 73 novos procedimentos ã lista de exames, consultas, cirurgias e outros serviços que as operadoras são obrigadas a oferecer.

Criada em 2000 para "promover a defesa do interesse público na assistência suplementar ã saúde e regular as operadoras setoriais, inclusive quanto á s suas relações com prestadores (de serviços) e consumidores", a ANS opera numa corda bamba. Entre suas atribuições está a de elaborar a lista dos procedimentos de cobertura obrigatória nos planos de saúde. Ela tem de assegurar aos que buscam a proteção dos planos de saúde a cobertura mais

completa possível, o que inclui as novas tecnologias na área de medicina. Mas, muitas vezes, os novos procedimentos têm um custo tão alto que limita seu uso. Se a ANS impuser á s operadoras a obrigatoriedade do oferecimento desses procedimentos poderá levá-las ã ruína financeira, o que, no limite, destruiria o sistema de assistência suplementar ã saúde.

(O Estado de S. Paulo, Editorial, 17 jan. 2010.)

a) O termo "Para que" (l.1) confere ao período em que ocorre a ideia de finalidade.

b) O emprego do modo subjuntivo em "inclua" (l.2) justifica-se por se tratar de uma oração subordinada que apresenta um fato hipotético ou provável.

c) A expressão "numa corda bamba" (l. 8 e 9) tem significação conotativa e confere um tom de informalidade ao texto.

d) A expressão "aos que buscam a proteção dos planos de saúde" (l. 10 e 11) tem, no período, a função de objeto direto.

e) As expressões "novas tecnologias na área da medicina"(l.12), "os novos procedimentos"(l. 12 e 13), "desses procedimentos" (l. 14) formam uma cadeia coesiva que retoma a ideia inicial de "as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente"(l.2 e 3).

Gabarito: D

Na alternativa A, o emprego da locução PARA QUE, pode ser substituída, com objetivo de que possui caráter final. Na alternativa B, o emprego do modo subjuntivo em "inclua" é consequência da própria locução conjuntiva "para que". Por ser um conector que expressa finalidade, a situação ainda se encontra no campo hipotético (apenas um objetivo, intenção), mas não uma certeza. Na alternativa C, a expressão destacada está no sentido figurado. Quando se empregam termos com valor conotativo, confere-se ao texto mesmo rigor gramatical, menos formalidade. Na alternativa D, a expressão mencionada funciona como objeto indireto, completando a ideia do verbo "assegurar" com preposição "a". Já o comentário exposto na alternativa E procede, visto que todos os termos representam um único ser: as novas tecnologias.

41. **(Esaf / AFC / CGU)**

Em relação ao texto, assinale a opção correta.

Preocupados com o mau desempenho recente das exportações do Brasil para os Estados Unidos, exportadores e especialistas em comércio exterior preveem

um período de maiores dificuldades para os próximos meses. O desaquecimento da economia americana é a causa mais óbvia que apontam de um menor crescimento das compras no Brasil. O favoritismo do Partido Democrata também é citado por alguns exportadores como um fator que pode dificultar as exportações brasileiras, pois os democratas são considerados mais conservadores do que seus rivais republicanos em matéria de comércio exterior – o que, ressalve-se, nem sempre foi comprovado na prática. Qualquer que seja o efeito prático desses fatores sobre as exportações brasileiras para o mercado americano, o governo brasileiro pouco ou nada poderá fazer para contê-los.

(O Estado de S. Paulo, Editorial, 13 jan. 2008.)

a) A forma verbal "preveem"(l. 2) está no plural para concordar com "Estados Unidos".
b) A forma verbal "apontam"(l. 4) está no plural para concordar com "próximos meses".
c) O termo "pois"(l. 7) pode, sem prejuízo para a correção gramatical, ser substituído por **porque, porquanto** ou **conquanto**.
d) Em "do que seus rivais"(l. 7) a eliminação de "do" prejudica a correção gramatical do período.
e) Em "contê-los"(l. 11), "-los" retoma o antecedente "fatores".

Gabarito: E

As alternativas A e B apresentam informação inadequada, visto que as formas verbais apontadas referem-se a "exportadores e especialistas". Na alternativa C, a conjunção "pois", de caráter causal, poderia ser substituída por porque ou porquanto, mas não por conquanto, que tem caráter concessivo. Na alternativa D, como já relatada nesse capítulo, nas comparações de superioridade ou de inferioridade, o vocábulo DO, na expressão DO QUE, é totalmente dispensável. A forma pronominal LOS, conforme proposto na alternativa E, realmente se refere a uma expressão nominal, cujo núcleo é "fatores" – conter esses fatores.

42. **(Esaf / Receita Federal / Analista Tributário)**

Em relação aos elementos do texto, assinale a opção correta.

Um ano após o agravamento da crise financeira, o Brasil tem mais de US$ 230 bilhões em reservas. Tanto o Tesouro como grandes empresas voltaram a

lançar títulos no exterior, com sucesso. A valorização do real se tornou, então, um fenômeno inevitável, que reflete o enfraquecimento do dólar no mercado internacional e o fluxo positivo de capitais no país.

No entanto, dado o ritmo de crescimento projetado para o ano que vem, o mais provável é que a demanda por importações aumente e a pressão em favor do real diminua. Enquanto isso, além de uma paulatina liberalização do câmbio, o que pode ser feito no curto prazo é a continuidade da acumulação de reservas cambiais, com o Banco Central comprando no mercado excedentes de divisas. Qualquer invencionice só estimularia operações especulativas no câmbio, que acabariam provocando uma valorização ainda mais indesejável da moeda nacional.

(O Globo, Editorial, 14 out. 2009. Adaptado.)

a) A expressão "No entanto"(l. 6) estabelece, no texto, uma relação de comparação.

b) O emprego do subjuntivo em "aumente"(l. 7) e em "diminua"(l. 8) justifica-se por se tratar de fatos de realização garantida.

c) A expressão "Enquanto isso"(l. 8) estabelece no texto uma relação de condição.

d) A palavra "invencionice"(l. 11) está sendo empregada no sentido de iniciativa rotineira, previsível.

e) O emprego do futuro do pretérito em "estimularia" (l. 11) indica um acontecimento futuro em relação a um ato passado que se configura no fato relacionado aos termos "Qualquer invencionice".

Gabarito: A

A locução conjuntiva "No entanto" estabelece relação de adversidade, e não de comparação. Na alternativa B, o emprego do modo subjuntivo provoca uma ideia hipotética – não certa – corroborada, inclusive, pela presença da expressão "o mais provável". Na alternativa C, a conjunção ENQUANTO acresce ao período valor de simultaneidade, de tempo, e não de condição. Na D, o vocábulo "invencionice" sugere uma invenção, algo que foge ã rotina, não previsto. A alternativa E apresenta comentário perfeito, pois é função do futuro do pretérito indicar uma consequência "futura" (estimularia) relacionada a uma ação pretérita hipotética (qualquer invencionice).

43. **(NCE / TJ-RJ)**

TEXTO – A VERDADE E A FANTASIA

Miguel Pachá – Presidente do TJ/RJ

Um espectro ronda a Justiça brasileira neste final de ano: a Reforma do Judiciário. Espectro porque a realidade do Judiciário e a necessidade da sua reforma foram, nos últimos meses, deformados pelo "manto diáfano da fantasia".

Comemoramos o nosso dia (8 de dezembro) sob o fogo cruzado da má-vontade e da desinformação. O Judiciário não pode ser culpabilizado pelo que a mídia chama com exagero de impunidade. A polícia não prende, não investiga e nós, presos ã aplicação da lei, pagamos o pato. Além disso, há um cipoal de leis, medidas provisórias e atos normativos que acabam por atravancar nossos corredores.

Temos oferecido ã sociedade ideias e propostas de melhoria da prestação de Justiça. Um exemplo: o julgamento virtual, que acelera a tramitação, elimina papel e dispensa deslocamentos de advogados. Quanto ao apregoado controle do Judiciário, pensamos que deveria antes vir de dentro que de fora, pelo ajuste de normas e práticas processuais, bem como pela supervisão sistemática. A autonomia financeira deu ao nosso Tribunal a possibilidade de ser um dos melhores do país: um dos mais ágeis e seguros, em condições objetivas de enfrentar o descrédito geral da Justiça.

Informativo TJ/RJ e EMERJ, n.12

Entre o segundo e o terceiro parágrafos do texto, em função dos significados por eles veiculados, poderíamos inserir o conectivo:

a) apesar de;
b) porque;
c) ainda que;
d) contanto que;
e) nem.

Gabarito: A

Percebe-se claramente a ideia de oposição no início do terceiro parágrafo em relação ao segundo. No segundo parágrafo, são expostas as mazelas por que passa o Poder Judiciário. E no início do terceiro, são informados aspectos positivos acerca do que o Judiciário já vem realizando. Portanto, os únicos conectores que

estabelecem essa relação de oposição são os concessivos APESAR DE, na alternativa A, e AINDA QUE, na alternativa C. São dois conectores extremamente parecidos, porém APESAR DE apresenta um hipótese factual, e AINDA QUE, hipotética. Como no caso, o que se expõe já é um fato (Temos oferecido, ou seja, nós já oferecemos – não estamos ainda por oferecer), o conector APESAR DE é o que melhor se enquadra.

44. **Assinale a alternativa em que um conector possua o mesmo valor semântico que o do sublinhado em "Essas pessoas não vêem alternativa a pedir asilo em outra parte, <u>por mais que</u> a tentativa (de chegar lá) seja perigosa". A questão foi extraída de fragmentos do texto de Gerald Trafetter.**

a) <u>Como</u> a oposição começou a recolher assinaturas para a instalação da CPI do Apagão Aéreo no Senado, os governistas podem rever a estratégia e já admitem permitir a instalação da mesma CPI na Câmara.

b) O pedido de instalação de CPI no Senado é mais amplo e fala não só nas causas do acidente da Gol em setembro passado, <u>mas também</u> nas condições dos equipamentos de controle de vôo

c) Se aparecer denúncia de irregularidades ou desvio de verbas no curso das investigações, ele a enviará imediatamente ao Ministério Público, <u>mas</u> não aceitará desviar o rumo da CPI que é investigar as causas do apagão aéreo.

d) <u>Conquanto</u> haja o temor de que a oposição se organize com os governadores e aprove o compartilhamento dos recursos com Estados e Municípios, o governo tem a pretensão de votar o aumento dos recursos para os municípios numa mesma sessão em que seja votada a prorrogação da CPMF.

e) <u>Ao</u> receber o senador Antonio Carlos Magalhães (DEM-BA) em audiência no Palácio do Planalto, o presidente Lula deixou claro que aquele encontro seria apenas o primeiro com representantes da oposição.

Gabarito: D

No enunciado, a locução POR MAIS QUE possui valor de concessão, o mesmo ocorrendo com a conjunção CONQUANTO, presente na alternativa D. Na alternativa A, a conjunção COMO possui valor causal. Na alternativa B, MAS TAMBÉM encerra valor de adição. Na opção C, MAS possui valor adversativo. Na alternativa E, a preposição A em AO possui valor de tempo.

45. **(TRT-RJ / Fundação José Pelúcio)**

"... o Brasil é um país onde há leis que pegam e leis que não pegam, como se isso fosse uma originalidade brasileira como a jabuticaba"; a alternativa em que se expressa a mesma ideia contida nesse segmento do texto é:

a) como a jabuticaba, é uma originalidade brasileira o fato de haver leis que pegam e leis que não pegam;
b) apesar de não ser uma originalidade brasileira, como a jabuticaba, há no país leis que pegam e leis que não pegam;
c) no Brasil há leis que pegam e leis que não pegam, como a jabuticaba, mas isso não é uma originalidade brasileira;
d) como a jabuticaba, há no Brasil leis que pegam e leis que não pegam, embora isso não seja uma originalidade brasileira;
e) o Brasil é um país onde há leis que pegam e leis que não pegam e isso é marca da originalidade brasileira, como a jabuticaba.

Gabarito: B

É fundamental o candidato ler com muita atenção o período exposto no enunciado. O fragmento "como se isso fosse uma originalidade brasileira" denuncia que o fato não é uma originalidade brasileira, o que nos faz eliminar as alternativas A e E. Sobraram as alternativas C, D e E. Direcione seu olhar agora para a conjunção comparativa COMO. Tal conjunção revela exatamente o elemento comum da comparação: o fato de ser uma originalidade brasileira. A jabuticaba não é tal qual haver leis que pegam e que não pegam, como se expõe nas alternativas C e D. Mas sim Haver leis que pegam e não pegam é uma originalidade brasileira como a jabuticaba é? Portanto, a única alternativa que apresenta a comparação em conformidade com o texto original é a B.

46. (Cespe / UnB-Maceió / Fiscal de Tributos)

Para o presidente da OAB, pesou na decisão de mudança do decreto o parecer elaborado por dois advogados, que contém o seguinte trecho: "O decreto pune os bons contribuintes, deles retirando qualquer garantia, visto que sempre dependerão de humores da fiscalização, pródiga em ofertar ã lei distorcida interpretação. É que o fisco, até por dever de ofício, sempre tem por 'suspeitos' todos os cidadãos".

FREITAS, Silvana de. In: Internet: <http://www.folha.com.br>. Acesso em

28/12/2002 (com adaptações).

I – **A expressão "visto que" (l.3) pode ser corretamente substituída por porquanto, mantendo-se a correção sintática e semântica do período.**

Gabarito: Certo

São conectores sinônimos de caráter causal.

II – **As preposições "Para" (l.1) e "por" (l.5, segunda ocorrência) podem ser substituídas por Segundo e como, respectivamente, sem prejuízo ã correção gramatical das orações em que ocorrem.**

Gabarito: Certo

Para" e "segundo" são conectores de caráter conformativo, sendo totalmente cabível a substituição de um pelo outro. Já a preposição POR, no contexto, possui valor de comparação, podendo ser substituída pela conjunção COMO, sem gerar prejuízo gramatical ou semântico.

Capítulo 7

Coerência Textual

É a ocorrência de um texto que, além de apresentar-se coeso, há de fazer sentido. Um texto pode ser coeso sem ser coerente, mas nunca poderá ser coerente sem ser coeso. O autor de um texto pode fazer uso de elementos coesivos, contudo o texto pode não possuir sentido. O estudo de coerência prevê a ocorrência de uma linha de raciocínio, lógica no pensamento, harmonia entre fatos e, principalmente, não pode haver contradição.

Ex.: Lula, Pelé e Xuxa são extremamente famosos. Esse foi jogador de futebol, aquele foi Presidente do Brasil e esta é muito bonita. Observe que o texto é coeso, pois tal qual no exemplo anterior utiliza-se de pronomes demonstrativos para ligar a segunda frase à primeira. No entanto, o texto não é coerente, porquanto não houve a manutenção de uma linha de raciocínio. Enquanto os dois primeiros foram apresentados pela profissão, a referência à última diz respeito não à sua profissão, mas à beleza física.

Além disso, podemos também considerar a relação existente entre as ideias implícitas, explícitas, pressupostas e subentendidas.

7.1. IMPLÍCITOS E EXPLÍCITOS

Toda unidade informativa contém obrigatoriamente uma base linguística qualquer, a qual, por sua vez, possui em sua estrutura uma unidade de conteúdo que envolve aspectos lexicais, sintáticos e semãnticos. Essa unidade informativa é composta não apenas por conteúdos explícitos, mas também por conteúdos implícitos (pressupostos e subentendidos).

7.1.1. Informações explícitas

São aquelas gritantemente expostas no texto. Não há necessidade de se aguçar a mente para tentar compreender o excedente de informações. No caso, a interpretação deve se restringir ao que foi redigido no texto.

7.1.2. Informações implícitas

Inicialmente, é importante destacar, o termo não deveria ser "informações implícitas", pois nem há tais informações. Há elementos que o leitor pode deduzir a partir de informações explícitas. É o que se denomina "inferência". A percepção do implícito passa pela capacidade do leitor de deduzir o que o autor quis dizer no texto, mas não disse. Ou seja, provém da possibilidade de se enxergar o que não está escrito, porém está nas entrelinhas.

Exemplos

1) Na frase "A discussão sobre a reforma eleitoral avança com a criação de comissões no Congresso." (Cesar Maia), existem algumas informações explícitas.
1 – Há uma discussão sobre a reforma eleitoral.
2 – Foram criadas comissões no Congresso.

Por outro lado, há algo que não está escrito, mas que se pode depreender: antes da criação das comissões no Congresso, a discussão sobre a reforma eleitoral encontrava-se estagnada.

2) Façamos a leitura da seguinte Frase: "Todos concordam que o atual sistema eleitoral brasileiro é muito ruim, pois, na prática, o eleito se acha independente do eleitor e de seu partido." (Cesar Maia)

Informações explícitas:

1 – Há unanimidade (todos concordam) quanto ao fato de que o atual sistema eleitoral brasileiro é muito ruim.
2 – O eleito se considera independente do leitor e do seu partido.
3 – O motivo de o atual sistema eleitoral brasileiro ser muito ruim é o fato de o eleito se considerar independente do eleitor e de seu partido.

O implícito

Como o eleito se considera independente do eleitor e de seu partido, pode agir em contrariedade aos interesses destes.

3) "Crescemos 7,5% em 2010 e a conquista de sediar a Copa do Mundo e a Olimpíada ajudou no reconhecimento do Brasil como um país de grande potencial." (Charles Tang).

Informações explícitas:

1 – O crescimento do Brasil em 2010 foi de 7,5%.
2 – O Brasil é um país com grande potencial.
3 – O fato de sediar a Copa de 2014 e as Olimpíadas de 2016 colaborou para que o Brasil fosse reconhecido como um país de grande potencial.

O implícito

Nem sempre o Brasil foi reconhecido como um país de grande potencial.

4) "Um ambicioso banqueiro de investimento que lucrou 590 mil libras em um negócio envolvendo uma informação secreta de fusão, que ele obteve no trabalho, foi sentenciado a mais de três anos de prisão, naquele que o juiz descreveu como sendo o "maior processo de 'insider trading' (negócio envolvendo informação privilegiada) já impetrado" no Reino Unido." (Jane Croft)

Informações explícitas:

1 – O lucro, por meio de uma informação secreta, de um ambicioso banqueiro de investimento foi de 590 mil libras.
2 – Um banqueiro de investimento obteve informação sigilosa no ambiente de trabalho.
3 – A sentença de um banqueiro de investimento foi superior a três anos.

O implícito

Houve processos menores envolvendo informação privilegiada no Reino Unido.

5) "Pelo menos duas pessoas morreram nesta sexta-feira (8) e cerca de 20 ficaram feridas após as forças de segurança iemenitas terem dispersado as pessoas que se manifestavam na localidade de Taez, sul de Sanaa, capital do Iêmen, segundo fontes do hospital Al Safwa dessa cidade."

(http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2011/04/08/pelo-menos-2-pessoas-morrem-em-protestos-no-iemen.jhtm)

Informações explícitas:

1 – Houve uma manifestação em Taez.

2 – Taez localiza-se ao sul de Sanaa, capital do Iêmen.
3 – Nessa manifestação, houve pelo menos duas mortes.
4 – As informações sobre mortes e feridos provieram de fontes do hospital Al Safwa.
5 – As forças de segurança iemenitas dispersaram as pessoas que se manifestavam em Taez.

O implícito

É possível que haja mais óbitos na manifestação ocorrida em Taez.

6) "Toda ciência tem princípios, de que deriva o seu sistema. Um dos princípios da Economia Política é o trabalho livre. Ora, no Brasil domina o fato "impolítico e abominável" da escravidão." (Roberto Schwarz)

Informações explícitas:

1 – O sistema de todas as ciências provém de seus princípios.
2 – O trabalho livre é um dos princípios da Economia Política.
3 – Ainda há o trabalho escravo no Brasil.

Os implícitos

1 – Não é possível haver ciência sem princípios.
2 – Além do trabalho livre, a Economia Política possui outros princípios.
3 – O trabalho livre não é "impolítico e abominável".

7) Parecia não ser possível, mas a qualidade da água do rio Tietê piorou ainda mais em 2006. Segundo a Cetesb (agência ambiental paulista), o rio apresentava situação praticamente estável nos últimos anos. (Afra Balazina e José Ernesto Credencio)

Informações explícitas:

1 – Em 2006, a qualidade da água piorou em relação aos anos imediatamente anteriores.
2 – A análise da qualidade da água é realizada pela Cetesb.
3 – Nos anos anteriores a 2006, a qualidade da água do rio Tietê praticamente se

manteve inalterada.

O implícito

Antes mesmo de 2006, a qualidade da água já não era boa.

8) "Um estudo do Instituto Nacional do Câncer dos Estados Unidos divulgado nesta quinta-feira revela que a dependência de cafeína está mais vinculada ao fígado e à capacidade do órgão para processar a substância que ao efeito que o consumo da substância provoca no cérebro." (Fabiana Beltramin)

Informações explícitas:

1 – A dependência de cafeína está relacionada ao fígado e ao cérebro.
2 – A cafeína é processada pelo fígado.
3 – O consumo da cafeína provoca algum efeito no cérebro.

Os implícitos

1 – Há pessoas que creem que a dependência à cafeína está mais relacionada ao efeito que o consumo da substância provoca no cérebro que propriamente ao fígado.
2 – Dificilmente o efeito que o consumo da cafeína provocaria no cérebro seria suficiente para gerar dependência.

9) "Os problemas no trânsito de São Paulo causados pelo excesso de veículos são antigos. Diversas soluções vêm sendo apresentadas pela administração municipal durante os últimos anos.' (Fernando Mendonça)

Informações explícitas:

1 – Há excesso de veículos em São Paulo.
2 – O problema do trânsito em São Paulo já existe há bastante tempo.
3 – A administração municipal vem oferecendo soluções para o problema do trânsito.

Os implícitos

1 – As soluções apresentadas pela administração municipal não lograram êxito.

2 – A administração municipal não tem sido eficaz na solução dos problemas relativos ao trãnsito em São Paulo.

10) Brasília – Agência Estado – Vetada pela administração Lula, a destinação de 50% dos recursos do Fundo Social do pré-sal para a área de ensino pode ressuscitar na Cãmara dos Deputados, sob a forma de emenda ao novo Plano Nacional de Educação (PNE). Entidades aguardam o retorno do PNE à pauta legislativa para pressionar as autoridades a aceitar as mais de 130 sugestões ao projeto de lei, como a elevação do investimento público em educação dos atuais 5% para 10% do Produto Interno Bruto (PIB) até 2020 – o Executivo prevê 7%.

(http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia/2011/04/10/camara-reestuda-usar-fundo-do-pre-sal-para-educacao.jhtm)

Informações explícitas:

1 – A administração de Lula vetou a destinação de 50% dos recursos do Fundo do pré-sal para a educação.

2 – Há a possibilidade de destinação de 50% dos recursos do Fundo do pré-sal para a educação. (destacamos o emprego da expressão POSSIBILIDADE em face de o autor ter redigido PODE em PODE RESSUSCITAR – sendo assim, evidencia-se o campo semãntico da possibilidade e não da certeza. Se o comentário realizado fosse "Haverá a destinação de 50% dos recursos do Fundo do pré-sal para a educação.", apresentaria uma informação falsa em relação ao texto.)

3 – Poderá (campo semãntico da possibilidade) ocorrer uma emenda ao novo Plano Nacional de Educação, inserindo a destinação de recursos do Fundo do Pré-Sal para a área de ensino.

4 – As autoridades serão pressionadas a aceitar as mais de 130 sugestões ao projeto de lei.

5 – Haverá pressão sobre as autoridades para que aceitem a sugestão de elevação do Investimento público em educação dos atuais 5% para 10% do Produto Interno Bruto (PIB) até 2020.

Os implícitos

1 – A administração Lula pretendia destinar recursos do Pré-sal para outros fins, que não a educação.

2 – Para o Brasil se desenvolver, o investimento em educação é elemento crucial.
3 – Se não houver pressão de entidades, dificilmente as autoridades aceitarão as mais de 130 sugestões ao projeto de lei.

11) "Cerca de 7.000 crianças e adolescentes que estavam em abrigos de todo o país foram devolvidos a suas famílias depois que uma força-tarefa de juízes da infância e juventude reviu os processos, em seis meses de trabalho. São casos de menores que sofreram negligência ou maus-tratos, por exemplo, mas que podiam ser criados por parentes próximos. Também há crianças cujos pais se restabeleceram e puderam receber os filhos de volta." (Elida Oliveira)

Informações explícitas:

1 – A devolução das crianças às famílias decorreu em da revisão de processos.
2 – O trabalho realizado pela força-tarefa permitiu que aproximadamente 7000 crianças e adolescentes fossem devolvidos a suas famílias.
3 – Algumas crianças e alguns adolescentes estavam nos abrigos porque sofreram negligência ou maus-tratos.
4 – Há a possibilidade (campo semãntico da possibilidade – no texto PODIAM) de Parentes próximos aos menores serem incumbidos da criação de jovens e adolescentes.

Os implícitos

1 – Há um acúmulo de processos nas Varas da Infãncia e da Juventude.
2 – O fato de os pais terem cometido algum erro no passado não exclui a possibilidade de poderem criar seus filhos.

7.2. PRESSUPOSTOS E SUBENTENDIDOS

Como já visto, pressupostos e subentendidos encontram-se no campo dos implícitos. É o que nós inferimos. A distinção entre eles é a base – a partir de quê – para se proceder a tal inferência.

7.2.1. Pressupostos

O autor emprega palavras ou expressões com a intenção de que o leitor realize a

inferência. É como se o autor não passasse uma informação completa, mas o uso de tal palavra ou expressão já desse a entender qual a ideia ali presente.

Os pressupostos podem ser marcados por:

verbos – Os alunos deixaram o curso de língua inglesa, porque essa matéria não foi incluída no edital do concurso. – Com o emprego de DEIXARAM, o autor dá a entender que os alunos vinham cursando o Inglês, até a publicação do edital;

advérbios – "João também não fez o que foi solicitado." – Com o emprego do advérbio TAMBÉM, o autor da frase objetiva que os leitores inferissem que, além de João, outras pessoas não fizeram o solicitado;

adjetivos – Os candidatos estudiosos têm grandes possibilidades de aprovação. – Com o emprego do adjetivo ESTUDIOSOS, o autor almeja que o leitor perceba a existência de candidatos estudiosos e de candidatos não estudiosos. E mais: ele quis que o leitor inferisse que o candidato não estudioso tem menos possibilidades de aprovação;

orações adjetivas – Os funcionários que fizeram greve foram demitidos. – Com o emprego da oração adjetiva QUE FIZERAM GREVE com caráter restritivo, o autor pretendia que leitor percebesse também que aqueles que não fizeram greve continuaram empregados;

palavras denotativas – Mesmo João fez todos os exercícios. – Com o emprego da palavra denotativa de inclusão MESMO, o autor da frase pretende que a leitura se realize da seguinte forma: Todos fizeram os exercícios, inclusive João. Também se depreende que João era a pessoa com a menor expectativa de que fizesse os exercícios.

7.2.2. Subentendidos

Subentendidos são intelecções realizadas pelo leitor sem que o autor do texto intencionasse levá-lo a tal. A partir de uma informação, pelo menos aparentemente independente – já que o autor não usa palavra ou expressão evidenciando a intenção–, o leitor realiza uma leitura das entrelinhas, de elementos que não estão expostos, explícitos, mas que são lógicos em relação ao contexto. Às vezes, para se observar o subentendido, é necessário que se tenha ciência do contexto (momento político, social e até mesmo pessoal do autor).

Na frase "João e Maria são casados há dez anos e não possuem filhos.", não há

marcadores de pressupostos, mas uma inferência possível é que um dos dois tenha algum problema que impossibilite a gravidez. Mas, como informado, essa inferência é de responsabilidade do leitor, pois o fato de João e Maria não terem filhos poderia ser também uma opção deles.

Na frase "O salário mínimo em 2011 no Brasil passou a R$545,00.", o emprego do verbo PASSOU funciona como pressuposto. Pelo uso dessa palavra, vê-se que, antes de 2011, o salário mínimo tinha outro valor. Portanto, há esse pressuposto. Mas também pode haver um subentendido, mormente quando se conhece o contexto político-econômico do Brasil: havia a expectativa de que o valor do salário mínimo fosse maior.

Um cidadão, ao entrar num bar, pergunta: – O senhor tem água mineral? Fica subentendido que não é simplesmente para o funcionário do bar responder (Tenho ou Não tenho). Está implícito que, caso o bar tenha a água mineral, o funcionário deverá pegá-la e vendê-la para o senhor.

7.3. EXERCÍCIOS

01. **(Cespe / UnB / IBAMA / Analista Ambiental)**

Reparação duas décadas depois

Francisco Alves Mendes Filho ainda não era um mito da luta contra a devastação da Amazônia quando foi preso, em 1981, acusado de subversão e incitamento à luta de classes no Acre, em plena ditadura militar. Chico Mendes se tornaria mundialmente conhecido, dali para a frente, por comandar uma campanha contra a ação de grileiros e latifundiários, responsáveis pela destruição da floresta e pela escravização do caboclo amazônico. Por isso mesmo foi assassinado, em 22 de dezembro de 1988, na porta de casa, em Xapuri. O crime, cometido por uma dupla de fazendeiros, foi punido com uma sentença de 19 anos de cadeia para cada um. Faltava reparar a injustiça cometida pelos militares.

E ela veio na quarta-feira 10, no palco do Teatro Plácido de Castro, em Rio Branco, na forma de uma portaria assinada pelo ministro da Justiça, Tarso Genro. Antes, porém, realizou-se uma sessão de julgamento da Comissão de Anistia, cujo resultado foi o reconhecimento, por unanimidade, da perseguição política sofrida por Chico Mendes no início dos anos 80 do século passado. A viúva do líder seringueiro, Izalmar Gadelha Mendes, vai receber uma pensão vitalícia de 3 mil

reais mensais, além de indenização de 337,8 mil reais.

Após assinar a portaria de anistia, Tarso Genro declarou que o assassinato de Chico Mendes está diretamente associado à perseguição sofrida pelo seringueiro durante a ditadura. "O Estado brasileiro não soube compreender o que ele (Mendes) representava naquele momento", disse o ministro. "O Brasil pede perdão a Chico Mendes", afirmou, ao assinar o documento. Acompanhada de dois filhos, Izalmar Mendes mostrou-se satisfeita com o resultado do julgamento. "Era a hora de limpar o nome do meu marido. Mais importante do que a indenização foi o pedido de desculpas feito pelo Estado", disse a viúva.

O caso de Chico Mendes foi relatado pela conselheira Sueli Bellato. Emocionada, ela disse ter lido muito sobre o seringueiro morto para, então, encadear os argumentos que a fizeram acatar o pedido de reconhecimento e indenização interposto por Izalmar Mendes. Chico Mendes foi vereador em Xapuri, onde nasceu, e se firmou como crítico de projetos governamentais de graves consequências ambientais, como a construção de estradas na região amazônica.

No relatório, aprovado por unanimidade, a conselheira contou detalhes da vida de Chico Mendes, da infância pobre nos seringais ao dia em que foi assassinado. Segundo Sueli Bellato, a atuação de Mendes contra grileiros e latifundiários rendeu, durante a ditadura, um arquivo de 71 páginas redigidas por agentes do antigo Serviço Nacional de Informações (SNI). Foi por participar de um ato público, em 1980, que Chico Mendes passou a ser fichado e perseguido pelos militares. Em Rio Branco, o seringueiro fez um discurso exaltado contra a violência no campo provocada pelos fazendeiros.

Na época, Chico Mendes foi enquadrado na Lei de Segurança Nacional, acusado de "atentado contra a paz, a prosperidade e a harmonia entre as classes sociais". Preso em diversas ocasiões, só foi definitivamente absolvido em 1º de março de 1984, quatro anos depois, portanto, de iniciadas as perseguições. De acordo com a conselheira Sueli Bellato, embora o relatório não tenha se aprofundado na questão, foi possível constatar que Chico Mendes também foi torturado enquanto estava sob custódia de policiais federais.

Leandro Fortes.

Internet: <www.cartacapital.com.br> (com adaptações).

Ainda com base no texto de Leandro Fortes e considerando aspectos textuais e gramaticais, julgue os próximos itens.

1 – O termo “o documento” (l. 21) refere-se a “portaria de anistia” (l.17).

2 – A expressão “Na época”, no início do último parágrafo do texto, refere-se ao período em que Chico Mendes foi perseguido pela ditadura militar.

3 – Pelas opiniões apresentadas no texto, verifica-se que o ministro da Justiça e a conselheira possuem posições opostas no que se refere à atuação política de Chico Mendes.

4 – Estaria de acordo com o que estabelece a prescrição gramatical para textos escritos no nível formal da linguagem, tais como documentos oficiais, a substituição da expressão “dali para a frente” (l.4) por dali pra frente.

5 – A conjunção “E” (l.10), por ter, no período, valor adversativo, pode ser substituída pela conjunção Mas, sem prejuízo para as informações do texto.

6 – Na linha 12, o vocábulo “cujo” estabelece relação sintático-semãntica entre os termos “resultado” e “Comissão de Anistia”.

7 – Os termos “portanto” (l. 42) e “enquanto” (l.44), estabelecem idênticas relações de sentido.

8 – O termo “onde” (l.28) introduz oração adjetiva de sentido explicativo.

Gabarito:

1 –Certo. Observe que o documento que estava sendo assinado naquele momento era justamente a “portaria de anistia”.

2 –Certo. A expressão “Na época”, refere-se ao período da década de oitenta, quando Chico Mendes sofria a perseguição da ditadura militar.

3 — Errado. Justamente o oposto. Tanto o ministro da Justiça Tarso quanto a conselheira Sueli Bellato consideraram que o assassinato de Chico Mendes está associado à perseguição que ele sofrera no período da ditadura militar. Além disso, é de bom alvitre enfatizar que se realizou uma sessão de julgamento da Comissão de Anistia, cujo resultado foi o reconhecimento, por unanimidade, da perseguição política sofrida por Chico Mendes no início dos anos 80 do século passado.

4 — Errado. Em documentos oficiais ou em textos em que seja exigida a formalidade, não se pode empregar PRA.

5 — Errado. Não há oposição entre os parágrafos. O emprego de “faltava” (l. 9) no pretérito imperfeito do indicativo já dava indício de que algo não falta mais, o que foi corroborado pelo início do parágrafo seguinte: “E ela veio na quarta-feira 10…”.

6 — Errado – O pronome relativo CUJO estabelece relação de posse entre os termos "resultado" e "uma sessão de julgamento da Comissão de Anistia". A reescritura do período, substituindo-se o pronome relativo pelo antecedente, tem o seguinte resultado: O resultado da sessão de julgamento da Comissão de Anistia foi o reconhecimento, por unanimidade, da perseguição política sofrida por Chico Mendes no início dos anos 80 do século passado.

7 — Errado – A conjunção PORTANTO introduz uma conclusão para o que se expôs anteriormente. O autor deduziu que Chico Mendes somente foi absolvido quatro anos após se iniciarem as perseguições contra ele. Já a conjunção ENQUANTO estabelece relação temporal, mais especificamente de concomitância, simultaneidade – no mesmo momento em que Chico Mendes estava sob a custódia da Polícia Federal, era torturado.

8 –Certo – ONDE é pronome relativo, podendo ser substituído por NO QUAL, refere-se a Xapuri, introduz oração subordinada adjetiva, que, por estar isolada por vírgulas, possui caráter explicativo.

02. **(Cespe / UnB / TJ-RJ)**

A crescente escassez de profissionais qualificados no mercado de trabalho doméstico está obrigando a Companhia Vale do Rio Doce a lançar uma campanha global de recrutamento para arregimentar pessoal especializado nos EUA, na Inglaterra, na Austrália e no Canadá. A previsão é de 62 mil contratações nos próximos cinco anos.

O Estado de S. Paulo, 21 mar. 2008. (Com adaptações.)

Assinale a opção que constitui continuação coesa e coerente para o fragmento de texto acima.

a) Essa disputa se tornou tão acirrada que elevou o nível médio salarial. Um soldador, por exemplo, hoje tem um ordenado inicial entre R$ 1,2 mil e R$ 2,1 mil. Nas escolas do Sesi e do Senac, os formandos são disputados pelos empregadores.

b) Essa é a iniciativa mais audaciosa já tomada por uma empresa brasileira em matéria de oferta de emprego, e é mais uma das consequências da globalização da economia.

c) Entretanto, com o extraordinário crescimento da produção industrial chinesa, nos últimos anos, o preço das commodities no mercado internacional disparou, o que abriu caminho para a expansão dos setores de mineração, siderurgia,

petróleo e equipamentos de transporte pesado.

d) Desde então, as empresas mais competitivas desses setores criaram milhares de novos postos de trabalho e, de forma cada vez mais agressiva, vêm disputando trabalhadores preparados para ocupá-los.

e) Todas essas empresas vêm publicando anúncios em inglês, em busca de profissionais qualificados de nível técnico superior. As empresas também vêm contratando trabalhadores aposentados e procurando atrair profissionais qualificados da Petrobras.

Gabarito: B

O texto indica que a oferta de empregos é maior do que a demanda. Por isso, a Vale necessita buscar no mercado internacional profissionais para atenderem a essa necessidade. A alternativa B é a única que dá continuidade ao texto de forma coesa e coerente. Observe: a expressão "Essa é a iniciativa" refere-se a "uma campanha global de recrutamento para arregimentar pessoal especializado nos EUA, na Inglaterra, na Austrália e no Canadá." Há também a leitura de a procura por mão de obra em outros países acaba por representar uma das consequências da globalização.

03. **(Cespe / UnB / TJ-RJ)**

Há cinco anos, sob o comando de George W. Bush, os Estados Unidos da América (EUA) invadiam o Iraque. Já se mostrou à exaustão que a aventura foi uma catástrofe humanitária e um fracasso político que encalacrou o Pentágono numa ocupação militar sem perspectiva de solução. Verifica-se, agora, que foi também um desastre financeiro.

Folha de S. Paulo, 20 mar. 2008. (Com adaptações.)

Assinale a opção em que o fragmento constitui continuação coesa e coerente para o texto acima.

a) Entretanto, Joseph Stiglitz, Prêmio Nobel de Economia, calcula que a empreitada poderá sair por assombrosos US$ 4 trilhões ou mais, dependendo de quanto tempo a ocupação durar.

b) Mas, agora que o país se encontra numa situação de déficit fiscal, a conta da guerra contribui para a crescente desvalorização da moeda norte-americana, num movimento que dificulta o combate à crise de crédito nos EUA e agrava suas repercussões globais.

c) Às vésperas da invasão, a Casa Branca estimava que gastaria algo entre US$ 50 bilhões e US$ 60 bilhões para derrubar Saddam Hussein e instalar um novo governo no país. Hoje, a conta está em US$ 600 bilhões e continua subindo.

d) Avaliações mais conservadoras, como a do Escritório de Orçamento do Congresso, órgão que municia o Poder Legislativo com informações técnicas, concluem que a ocupação não atingirá efetivamente a economia norteamericana.

e) Portanto, nada indica que o próximo presidente dos EUA terá condições de colocar um fim rápido à aventura. Fala-se em retirar as tropas até o fim de 2009. Isso, é claro, no melhor cenário. E o problema é que, no Iraque, o melhor cenário nunca se materializa.

Gabarito: C.

O início do texto informa que a invasão dos Estados Unidos ao Iraque representou uma catástrofe humanitária, além de significativo fracasso político. No entanto, o fragmento final destaca a derrocada financeira. Portanto, a continuação, para ocorrer de forma coesa, deve esclarecer por que houve esse desastre financeiro. As duas únicas alternativas que poderiam dar sequência a essa ideia seriam A e C. No entanto, a opção A possui uma falha. A informação lá constante confirma a ideia presente no texto, então o emprego da conjunção ENTRETANTO, de caráter adversativo, não se justifica.

04. **(Esaf / MPU)**

Leia o trecho abaixo e aponte a opção que lhe dá continuidade, respeitando a coesão, a coerência e a orientação argumentativa do texto.

É verdade que já nos anos 50 numerosos estudos haviam demonstrado que fumar provoca câncer, enfisema, ataque cardíaco e muitas outras doenças, mas a estratégia de defesa adotada pela indústria do tabaco foi a do contracheque: de um lado contratava técnicos para criticar a metodologia empregada nessas pesquisas; de outro, pressionava os meios de comunicação para garantir que não fossem divulgadas.

a) Hoje, não só se divulgam as pesquisas que atenuam o impacto do tabaco no organismo, buscando o controle da venda de cigarro a menores de idade e oferecendo tratamento gratuito aos que querem abandonar o vício de fumar.

b) Qualquer jornal, emissora de rádio ou de televisão que ousasse levantar a

menor suspeita de que o cigarro pudesse trazer algum malefício à saúde sofria retaliação financeira imediata.

c) Naquela época, a indústria do tabaco acatava incondicionalmente ações judiciais de ressarcimentos milionários às famílias dos que morriam vitimados pelos efeitos nocivos da nicotina.

d) Nos anos 50, a disseminação da epidemia de tabagismo corria velozmente de encontro à forma aliciadora e atraente com que fumavam os astros e estrelas no cinema e na tevê.

e) Resultado de pesquisa conduzida pelo Ministério da Saúde em sete capitais brasileiras comprova que o número de dependentes de nicotina no país é de aproximadamente 20%.

Gabarito: B

Observe que o texto informa que já nos anos cinquenta havia muitos estudos provando que o fumo provoca doenças. Depois esclarece também que a estratégia de defesa da indústria do tabaco foi a força financeira. Alerta, por fim, que houve muita pressão para os meios de comunicação não divulgarem as tais pesquisas. A alternativa B justamente representa um exemplo dessa pressão financeira efetuada pela indústria do tabaco: "Qualquer jornal, emissora de rádio ou de televisão que ousasse levantar a menor suspeita de que o cigarro pudesse trazer algum malefício à saúde sofria retaliação financeira imediata.".

05. **(Esaf / SEFA – PA)**

Não é preciso ser adepto da tradição intelectual para reconhecer os inconvenientes da praxe de preterição do influxo interno, a que falta a convicção não só das teorias, mas também das suas implicações menos próximas, de sua relação com o movimento social conjunto, e da relevãncia do próprio trabalho e dos assuntos estudados. Percepções e teses notáveis a respeito da cultura do país são decapitadas periodicamente, e problemas a muito custo identificados e assumidos ficam sem o desdobramento que lhes poderia corresponder. O prejuízo acarretado pode se comprovar pela via contrária, lembrando a estatura isolada de uns poucos escritores como Machado de Assis, Mário de Andrade e hoje, Antônio Cãndido, cuja qualidade se prende a este ponto.

(SCHWARZ, Roberto. Cultura e política. p.110)

Assinale a opção que continua o texto de forma coesa e coerente.

a) Com aquela praxe de conciliar o estrangeiro com o autóctone, a convivência familiar e estabilizada entre concepções em princípio incompatíveis esteve no centro da inquietação ideológico-moral do Brasil desde sempre.

b) A certos intelectuais tal herança colonial de preocupar-se apenas com o que vem do próprio país parecia um resíduo que logo seria superado pela marcha desse progresso.

c) Outros intelectuais viam naquele movimento o país autêntico, o Brasil genuíno, original, o berço a ser protegido e preservado contra imitações absurdas.

d) A nenhum deles faltou informação nem abertura para a atualidade. Entretanto, souberam retomar criticamente o trabalho dos predecessores, entendido não como peso morto, mas como elemento dinãmico, subjacente às contradições contemporãneas.

e) Outros ainda desejavam harmonizar esse progresso com trabalho escravo, para não abrir mão de nenhum dos dois, e outros mais consideravam que esta conciliação já existia e era desmoralizante.

Gabarito: D

O início do texto anuncia que não se precisa ser adepto da tradição intelectual para reconhecer a inconveniência de se preterir o movimento cultural do Brasil. Depois é relatado que pesquisas notáveis a respeito da cultura do país são decapitadas e acabam não tendo desdobramento, sequência. O texto é finalizado com o elogio nominal a três autores – Machado de Assis, Mário de Andrade e Antônio Cãndido – por fazerem justamente o oposto. Relembrando que o texto, antes de ser coerente, há de ser coeso. Repita-se. A conclusão se faz na citação nominal dos autores. Então a sequência se efetiva por aí. A alternativa D a realiza com perfeição. Observe que o pronome ELES retoma os autores e explica por que a qualidade dos três se prende a esse ponto: "souberam retomar criticamente o trabalho de seus predecessores, entendido não como peso morto, mas como elemento dinãmico, subjacente às contradições contemporãneas.".

06. **Uma carga tributária irracional**

IVES GANDRA DA SILVA MARTINS

PAULO RABELLO de Castro, em estudo de natureza econométrica para a revista "Financeiro" de outubro (páginas 14 a 17), demonstra que o aumento da carga

tributária tem representado no Brasil constante perda do crescimento do PIB em percentual a cada dia maior. Assim, no denominado efeito "crowding out" (expulsão), a cada aumento de 1% na carga, o aumento do valor da perda é de 6,7%, considerando o PIB atual, o que vale dizer que, em aumentos de 1%, 2%, 3%, 4% e 5%, a perda seria de 6,7%, 13,4%, 20%, 26,7%, e 33,4% ao ano, respectivamente.

O estudo impressiona, sobretudo no anexo estatístico e na decomposição logarítmica do crescimento do produto bruto do Brasil, por demonstrar que, tendo o país uma carga tributária superior à dos países componentes dos Brics, cresce, à evidência, menos do que esses países. Prova, portanto, que a imposição fiscal atende ao interesse dos detentores do poder, mas, à evidência, não é do interesse público nem da sociedade.

Não sem razão, o Brasil caiu, no rol de competitividade entre as nações, para a 72ª posição, sendo que, dos nossos concorrentes diretos, a China ostenta a 34ª posição, a Índia, a 48ª, e a Rússia, a 58ª. Pior do que isso: o Chile ostenta a 26ª, Porto Rico, a 36ª, o México, a 52ª, e até mesmo a Colômbia aparece em posição melhor que a do Brasil (69ª), apesar dos seus indiscutíveis problemas com o narcotráfico e o governo paralelo das Farcs.

É de lembrar, ainda, que o aumento da carga tributária do ano passado para este também correspondeu à queda da 66ª posição para a 72ª, em clara demonstração de que, apesar de a imposição fiscal não ter sido o único fator para a perda de competitividade nacional, ela foi, sem dúvida alguma, elemento relevante ao lado da burocracia esclerosada, do nível de corrupção detectado por organismos internacionais nas estruturas administrativas e da regulação excessiva por meio de uma inflação legislativa.

Assinale a opção que dá continuidade ao texto de forma coesa e coerente.

a) Diante dessa realidade, à evidência, a carga tributária não tende a cair, e a economia, apesar do céu de brigadeiro da "performance" mundial, está condenada a crescer menos do que a do mundo inteiro, correndo sérios riscos quando as nuvens que surgem no horizonte econômico se transformarem em tempestades.

b) À luz desses dados negativos, insiste o governo na prorrogação da CPMF, apesar de arrecadar neste ano, segundo as próprias projeções

governamentais, 60 bilhões de reais a mais do que o projetado no Orçamento para 2007, vale dizer, um terço a mais do que o que pretende receber da CPMF em 2008!

c) Nesse quadro, em que o PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) não deslancha, a carga aumenta e o presidente permite a contratação de mais servidores, objetivando inchar suas estruturas arcaicas e inoperantes, é assustadora a revelação feita pela Folha alguns meses atrás: dos 100% dos "amigos do rei" -os contratados sem concurso para cargos e funções na administração–, 47% são sindicalistas, vale dizer, de pouca especialização na administração pública, a não ser aquela de defesa dos interesses da categoria, e 19% são filiados ao PT.

d) Essa verdadeira desidratação legislativa envergonha a maioria esmagadora dos professores de direito, obrigados a com ela conviver e a explicá-la perante seus alunos. Infelizmente, vive-se, neste cipoal incoerente, cansativo e conveniente, a falta de uma administração pública, que não privilegia as carreiras do Estado nem cria uma evolução hierárquica estimuladora no setor público.

e) Temos tudo – e, graças a isso o país ainda cresce, por força do trabalho da sociedade; só não temos governantes com visão de estadistas, razão pela qual em todos os índices internacionais o Brasil resta em posição inferior. Em tempo: estamos à frente de Burundi e do Haiti.

Gabarito: D

Perceba que o texto é concluído mencionando a inflação legislativa. A alternativa D retoma "a inflação legislativa" com a expressão ESSA VERDADEIRA DESIDRATAÇÃO LEGISLATIVA, dá sequência a essa ideia e ainda apresenta seus efeitos: "envergonha a maioria esmagadora dos professores de direito, obrigados a com ela conviver e a explicá-la perante seus alunos".

07. **(Esaf / SEP-SP)**

O texto abaixo foi adaptado do Editorial de O Estado de S. Paulo de 21/1/2009. Assinale a opção que representa continuação coesa e coerente para o texto.

O desemprego em dezembro dá uma ideia mais clara, e nada animadora, do tamanho da crise instalada no País desde o trimestre final de 2008. No mês passado, foram fechados 654.946 postos de trabalho formais, segundo informou o

governo. Foi mais que o dobro do número registrado um ano antes, quando foram demitidos, em termos líquidos, 319.414 trabalhadores com carteira assinada. O aumento das demissões é normal no fim do ano, principalmente na indústria, depois de encerrada a produção para o Natal.

a) Porquanto nas três primeiras semanas de janeiro o intercâmbio de mercadorias continuou piorando e, até dia 18, o Brasil acumulou um déficit de US$ 390 milhões.

b) Desta vez, no entanto, as dispensas foram surpreendentes, mesmo levando-se em conta a piora das condições econômicas.

c) Essas informações sobre o comércio exterior, já conhecidas, confirmaram a perda de impulso das exportações e a contínua redução do superávit comercial.

d) Mesmo que, se o presidente da República e seus ministros têm novos planos para reanimar a economia, não devem esperar muito mais tempo para iniciar sua execução.

e) Esse dado sobre as exportações é mais um indicativo da tendência de redução de emprego.

Gabarito: B

A alternativa A não pode ser a resposta, visto que o conector PORQUANTO tem caráter causal. É de bom alvitre lembrar que a causa representa fato anterior e a consequência, posterior. O fato ocorrido em janeiro de 2009 não pode ser a causa do que ocorreu no fim de 2008.

A alternativa B é a resposta, observando-se dois detalhes: o emprego da expressão "as dispensas" como sinônima de "demissões" e da conjunção adversativa "no entanto", estabelecendo uma ressalva em relação à informação anterior: já havia realmente a expectativa de demissões naquele período do ano, contudo (ressalva) não em tal quantitativo.

A alternativa C é absurda, uma vez que não há qualquer informação sobre o comércio exterior.

A alternativa D apresenta um problema: o conector concessivo MESMO QUE estabelece uma oposição. A informação seguinte poderia ser uma consequência ou uma conclusão para o que se expõe no fim do texto, nunca uma oposição. "O aumento das demissões é normal no fim do ano, principalmente na indústria,

depois de encerrada a produção para o Natal." – "Portanto" (e não "Mesmo que"), se o presidente da República e seus ministros têm novos planos para reanimar a economia, não devem esperar muito mais tempo para iniciar sua execução.". O conector apropriado seria de caráter conclusivo: portanto, logo, então, por conseguinte.

A alternativa E também é absurda, visto que não há qualquer dado sobre exportações.

08. **TCU – Perceba que o texto é concluído mencionando a inflação legislativa. A alternativa D retoma "a inflação legislativa" com a expressão ESSA VERDADEIRA DESIDRATAÇÃO LEGISLATIVA, dá sequência a essa ideia e ainda apresenta seus efeitos: "envergonha a maioria esmagadora dos professores de direito, obrigados a com ela conviver e a explicá-la perante seus alunos". Numere os trechos de modo a compor um texto coeso e coerente e assinale a sequência correta.**

( ) Esse é, sem dúvida, o grande mérito da Lei de Responsabilidade Fiscal.

( ) Alguns instrumentos jurídicos, porém, põem-se à frente de seu tempo e têm finalidade educativa.

( ) Leis e códigos não são feitos para mudar a toda hora.

( ) Servem para sinalizar o rumo que as instituições devem tomar.

( ) Não se baseiam em tendências ou modismos, mas refletem práticas e costumes cristalizaâdos na sociedade.

(Jornal do Brasil, 15/10/2000)

a) 1, 2, 4, 3, 5;
b) 5, 3, 1, 4, 2;
c) 2, 1, 3, 5, 4;
d) 1, 4, 5, 2, 3;
e) 4, 5, 2, 1, 3.

Gabarito: B

O primeiro fragmento não pode dar início ao texto, uma vez que o pronome ESSE faz referência a algo já mencionado.

O segundo fragmento não inicia o texto, uma vez que a conjunção PORÉM sugere que a ideia aí constante está em oposição a algo já citado.

O terceiro fragmento é o único que pode dar início ao texto.

No quarto parágrafo, o emprego de SERVEM sugere que a sua concordãncia se realiza com algum termo que já deveria se fazá deveria se faz presente no texto.

No quinto parágrafo, o mesmo ocorre. A forma verbal BASEIAM concorda com elemento já inserido anteriormente no texto.

Como o único fragmento que pode iniciar o texto é o terceiro, busco alternativa em que o número 1 aparece na terceira posição.

(X)

(X)

(1)

(X)

(X)

Passemos para a horizontal: (X), (X), (1), (X), (X). A alternativa C é a única que apresenta o número 1 na terceira posição.

09. **(Cespe / UnB / Polícia Federal)**

Quando o entrevistado foi questionado a respeito das dificuldades do trabalhador nessa adaptação aos novos tempos, a resposta, registrada em um parágrafo, contemplou os seguintes aspectos, aqui apresentados em tópicos.

I – **Um exemplo? Muitos operários não compreendem como uma série de comandos num teclado, exibida somente na tela de um micro, pode resultar em mudanças numa máquina industrial que não está diante deles.**

II – **O pensamento do trabalhador comum é analógico. Ele tem dificuldade para exercitar a realidade digital do computador.**

III – **É preciso reeducá-los. Não se trata de treinar o homem apenas para mexer nos equipamentos automaticamente, como se fosse um robô.**

IV – **Ensinar computação, especialmente para os operários, é ensinar a mexer na máquina, mas sobretudo a entender o que ela pode fazer.**

V – **Não se trata de transformá-lo numa peça da engrenagem da linha de montagem. Não basta saber operar uma máquina sem compreender o que está se fazendo.**

Aplicando os conhecimentos de tipologia textual à habilidade de

compreensão detalhada de uma resposta, em função da pergunta formulada, julgue os seguintes itens.

1) A ordem acima é apropriada para que os tópicos formem um parágrafo coerente.
2) Os tópicos I, III e IV, nesta sequência, são inter-relacionados e fazem parte do desenvolvimento da resposta.
3) Pela estrutura interna do tópico II, é correta a sua colocação no início da resposta à pergunta formulada.
4) Os tópicos III e V apresentam grande coesão interna, o que favorece a colocação deles, nesta sequência, dentro do desenvolvimento da resposta.
5) A organização interna do tópico IV, com o emprego do vocábulo "sobretudo', torna correto o seu uso como fechamento da resposta, por dar reforço às ideias apresentadas.

Gabarito:

1) **Errado;**
2) **Errado;**
3) **Certo;**
4) **Certo;**
5) **Certo.**

Inicialmente montemos o texto. Como o tópico I é introduzido por "Um exemplo", obviamente não pode dar início ao texto. O tópico II pode iniciar o texto, até porque o único elemento remissivo "ELE", está se referindo a um termo já presente no próprio tópico (o trabalhador). O tópico III não pode iniciar o texto, uma vez que a forma pronominal LOS refere-se a algo – masculino e plural – já mencionado. O quarto tópico possui toda a aparência de conclusão, em face da presença de dois elementos enfáticos: ESPECIALMENTE e SOBRETUDO. O último tópico também não pode dar início ao texto, porquanto a forma pronominal LO refere-se a algo já citado – masculino e singular. Por sinal, é certo que há a sequência III-V, já que a forma pronominal LO (tópico V) refere-se a HOMEM (tópico III). Além disso, justifica-se a repetição da construção NÃO SE TRATA, presente nos tópicos III e V, quando se deseja realçar uma ideia. Para que esse recurso tenha efeito, os elementos repetidos devem ocorrer próximos. Também fica bem evidente que o tópico III vem depois do I, dado que a forma pronominal LOS (III) refere-se aos

termos OPERÁRIOS (I) E DELES (I). Sendo assim, tudo indica que a sequência correta é II – I – III – V– IV:

"O pensamento do trabalhador comum é analógico. Ele tem dificuldade para exercitar a realidade digital do computador. Um exemplo? (Um exemplo dessa dificuldade) Muitos operários não compreendem como uma série de comandos num teclado, exibida somente na tela de um micro, pode resultar em mudanças numa máquina industrial que não está diante deles. É preciso reeducá-los (os operários). Não se trata de treinar o homem apenas para mexer nos equipamentos automaticamente, como se fosse um robô. Não se trata de transformá-lo (o homem) numa peça da engrenagem da linha de montagem. Não basta saber operar uma máquina sem compreender o que está se fazendo. (Enfim) Ensinar computação, especialmente para os operários, é ensinar a mexer na máquina, mas sobretudo a entender o que ela pode fazer."

Perfeita a montagem.

1 – Errado, porque a sequência correta II – I – III – V– IV.

2 – Errado, porque o item IV representa a conclusão do texto. Os tópicos inter-Ârelacionados são I-III-V.

3 – Certo. Não há elementos que remetem a elementos presentes em outros tópicos.

4 – Certo. São dois elementos coesivos: a repetição da construção NÃO SE TRATA e a presença da forma pronominal LO (tópico V) referindo ao termo HOMEM (tópico III).

5 – Certo. A ideia de ênfase não se faz presente apenas pelo emprego de SOBRETUDO, mas também pelo uso de ESPECIALMENTE.

10. **(Esaf / ANA)**

Os trechos abaixo constituem um texto adaptado de http://www.ana.gov.br/prodes/prodes.asp, mas estão desordenados. Ordene-os e assinale a opção correta.

( ) Tal incremento da carga orgãnica poluidora nos corpos dâágua leva à escassez de água com boa qualidade, fato já verificado em algumas regiões do país.

( ) Entre os maiores desafios da gestão de recursos hídricos no Brasil está a redução das cargas poluidoras que degradam os corpos d'água.

( ) Tanto é assim que menos de 20% do esgoto urbano recebe algum tipo de tratamento, o restante é lançado nos corpos dâágua "in natura", colocando em risco a saúde do ecossistema e da população local.

( ) Nesse cenário, os efluentes domésticos representam uma das principais fontes de degradação dos ecossistemas aquáticos do território nacional.

( ) Principalmente em regiões metropolitanas, essa degradação da qualidade da água vem criando situações insustentáveis do ponto de vista de desenvolvimento.

a) 2, 1, 4, 5, 3;
b) 3, 2, 4, 5, 1;
c) 3, 5, 4, 2, 1;
d) 5, 1, 4, 3, 2;
e) 4, 3, 2, 1, 5.

Gabarito: D

O primeiro fragmento não pode iniciar o texto, visto que o emprego de TAL sugere que o incremento já foi citado anteriormente.

O segundo tópico pode dar início ao texto, uma vez que não possui elementos remissivos.

O início do terceiro fragmento deixa claro não poder dar início a um texto (Tanto é assim que).

O emprego de NESSE CENÁRIO, no quarto fragmento, indica que a situação já foi mencionada.

No quinto tópico, o uso de PRINCIPALMENTE e de ESSA DEGRADAÇÃO sugere que algo já foi mencionado em outro tópico.

Como somente o segundo tópico pode dar início ao texto – ponhamos 1 no segundo fragmento.

(X)
(1)
(X)
(X)
(X)

Passando para a horizontal – (X) (1) (X) (X) (X) –, a resposta somente pode ser

A ou D. A alternativa A é eliminada porque a sequência (2) (1) (X) (X) (X) é incoerente. Vejamos: "Entre os maiores desafios da gestão de recursos hídricos no Brasil está a redução das cargas poluidoras que degradam os corpos d'água. Tal incremento da carga orgãnica poluidora nos corpos dâágua leva à escassez de água com boa qualidade, fato já verificado em algumas regiões do país.". O emprego de TAL INCREMENTO sugere que um aumento, um acréscimo deveria ocorrer anteriormente, mas nunca uma redução.

Já a sequência (X) (1) (X) (X) (2) é perfeita: "Entre os maiores desafios da gestão de recursos hídricos no Brasil está a redução das cargas poluidoras que degradam os corpos d'água. Principalmente em regiões metropolitanas, essa degradação da qualidade da água vem criando situações insustentáveis do ponto de vista de desenvolvimento.".

11. **(AFC / CGU)**

Os trechos abaixo constituem um texto (Leandro Konder, Jornal do Brasil, 12/01/2008), mas estão desordenados. Ordene-os, indique a ordem dentro dos parênteses e assinale a opção que corresponde à ordem correta.

( ) Para sublinhar sua decisão de uma recusa radical daquilo que acontecia no mundo germãnico, modificou seu nome do alemão Karpfen para o francês Carpeaux.

( ) Sua vida tinha se tornado impossível na Áustria que Hitler tinha anexado à Alemanha.

( ) Em agosto de 1939, Carpeaux chegou ao Brasil fugindo da Holanda, em companhia de sua mulher, dona Helena.

( ) Carpeaux, de fato, era católico e tinha aspectos conservadores em seu pensamento. Mas a acusação era grotesca, pois o homem tinha vindo para cá, fugindo do nazismo.

( ) Um grupo de jovens de esquerda, percebendo que Carpeaux, em seus artigos, criticava o marxismo-leninismo, acusou-o de ser um simpatizante do nazismo.

a) 3,2,1,5,4;
b) 5,4,2,1,3;
c) 4,3,2,1,5;
d) 1,5,3,2,4;
e) 4,3,1,2,5.

Gabarito: A

O primeiro tópico não pode dar início ao texto, uma vez que o emprego do pronome possessivo SUA, indica que a decisão foi de alguém já mencionado.

O segundo tópico, pelo mesmo motivo do primeiro, também não pode dar início ao texto.

O terceiro tópico pode dar início ao texto, por não possuir elementos remissivos.

O emprego da expressão DE FATO sugere que o comentário aí proferido está em aquiescência a uma opinião exposta anteriormente.

O último tópico, por não possuir elementos remissivos, poderia iniciar o texto.

Observando as alternativas, como já dito, o último fragmento poderia dar início ao texto, porém, como não há nenhuma alternativa com o número 1 na quinta posição (X) (X) (X) (X) (1), podemos excluir essa possibilidade. Ficamos então somente com a possibilidade de 1 vir na terceira posição (X) (X) (1) (X) (X), havendo como possíveis respostas A e E. A alternativa A não pode ser a resposta, visto que a sequência (X) (X) (1) (2) (X) é incoerente, como veremos: "Em agosto de 1939, Carpeaux chegou ao Brasil fugindo da Holanda, em companhia de sua mulher, dona Helena. Carpeaux, de fato, era católico e tinha aspectos conservadores em seu pensamento. Mas a acusação era grotesca, pois o homem tinha vindo para cá, fugindo do nazismo." Não há relação entre o fato de Carpeaux ser católico com o fato relatado anteriormente. Já a sequência da letra A (X) (2) (1) (X) (X) fica perfeita: "Em agosto de 1939, Carpeaux chegou ao Brasil fugindo da Holanda, em companhia de sua mulher, dona Helena. Sua vida tinha se tornado impossível na Áustria que Hitler tinha anexado à Alemanha.".

12. **Os trechos a seguir foram adaptados de um texto de Ruy Castro, mas estão desordenados. Numere-os de forma que constituam um texto coeso e coerente e assinale a opção correta correspondente.**

( ) A Cãmara aprovou medida provisória com esse objetivo, que foi considerado eleitoreiro e danoso às contas públicas pela oposição.

( ) Entre as principais regras que podem represar recursos "não obrigatórios" - chamados de "transferências voluntárias"– está a LRF.

( ) Ela veda o repasse desses recursos para Estados e municípios que não estejam em dia com o pagamento de tributos federais e dívidas com a União, que tenham descumprido o gasto mínimo em educação e saúde ou que

tenham excedido o limite para dívidas e gastos com pessoal.

( ) O governo federal poderá repassar verbas do PAC a estados e municípios no período eleitoral, além de ignorar restrições existentes na LRF (Lei de Responsabilidade Fiscal) para esse tipo de transferência.

( ) Pelo texto, de autoria do Executivo, repasses para obras do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) definidas pelo governo tornam-se "obrigatórias", ou seja, ficam livres de regras que, em determinadas situações, impedem a transferência dos recursos inscritos na categoria "não obrigatórias".

1) 4 – 2 – 3 – 5 – 1;
2) 2 – 4 – 5 – 1 – 3;
3) 2 – 1 – 4 – 3 – 2;
4) 3 – 2 – 5 – 1 – 4;
5) 1 – 4 – 3 – 2 – 5.

Gabarito: B

O primeiro tópico não pode começar o texto, visto que o termo "esse objetivo" faz remissão a termos anteriores. O segundo tópico também não pode iniciar o texto, uma vez que a sigla LRF ainda não foi apresentada ao leitor. O terceiro tópico também não pode dar início ao texto, porquanto o pronome "Ela" faz menção a algo já mencionado. O quinto tópico também não pode dar início ao texto, pois não se esclarece que texto é esse (texto de quê?). Como somente o quarto tópico não possui elementos remissivos, chega-se Ã conclusão de que a resposta somente pode ser B ou D (X-X-X-1-X).

( )
( )
( )
(1)
( )

A sequência da D é

(3)
(2)
(5)
(1)
(4)

A sequência 1-2 da alternativa D é incoerente, senão vejamos: O governo federal poderá repassar verbas do PAC a estados e municípios no período eleitoral, além de ignorar restrições existentes na LRF (Lei de Responsabilidade Fiscal) para esse tipo de transferência. (1) / Entre as principais regras que podem represar recursos "não obrigatórios" – chamados de "transferências voluntárias"– está a LRF. (2) – Perceba a incoerência: O primeiro tópico fala em ignorar restrições existentes na LRF e o segundo tópico indica que a LRF está entre as principais regras que represar recursos "não obrigatórios".

A sequência exposta na alternativa B é perfeita.

(2)

(4)

(5)

(1)

(3)

Perceba que a sequência dos dois primeiros tópicos é bastante coerente: O governo federal poderá repassar verbas do PAC a estados e municípios no período eleitoral, além de ignorar restrições existentes na LRF (Lei de Responsabilidade Fiscal) para esse tipo de transferência. (1) / A Cãmara aprovou medida provisória com esse objetivo, que foi considerado eleitoreiro e danoso Ãs contas públicas pela oposição. (2). Repare que o termo "esse objetivo" refere-se Ã transferência de verbas do PAC a estados e municípios no período eleitoral.

Chegando-se a essa sequência, não há mais necessidade de se continuar a leitura do texto.

É importante o candidato ficar atento ao fato de que, por exemplo, quando se chega à conclusão de que o terceiro fragmento é o terceiro da sequência, não se deve procurar uma resposta começando pelo algarismo 3 (3-X-X-X-X – ERRADO), mas sim buscar uma resposta em que o algarismo 3 aparece na terceira posição (X-X-1-X-X).

13. **(Esaf / AFRF)**

Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e indique a sequência correta.

( ) Principalmente porque, com recursos parcos e uma formação basicamente literária, ele anteviu o mundo em que vivemos, no qual as palavras se

evaporam e se dispersam em redes virtuais, as ideias circulam em direções caóticas e a noção de sentido, quer dizer, de uma direção e de um futuro, se perde num presente em abismo.

( ) E no qual, enfim, depois de séculos de hostilidade e de enclausuramento, o homem se veria dissolvido em uma grande colcha democrática, capaz de abrigar a todos, sem lugares fixos e sem destinos rígidos, um mundo, por fim, em que poderíamos compartilhar uma mesma experiência.

( ) Profeta da morte da imprensa e do fim de um mundo linear e geométrico, ele antecipou, já nos anos 50 e 60, a chegada de um novo mundo unificado, na forma de grande teia, e gerido por uma espécie de alma suprapessoal.

( ) Nascido em 1911, em Edmonton, Canadá, Herbert Marshall McLuhan foi, afora erros e acertos de suas hipóteses, um pensador genial.

( ) Previa McLuhan que, nesse novo mundo unificado da mídia que estava a se afirmar, os homens se veriam imersos em uma grande malha global, um mundo devassado, sobreposto e instantâneo, no qual as ideias se dissolveriam e as diferenças se anulariam – exatamente como na cultura pop que ele mesmo via nascer.

(Adaptado de José Castello http://nominimo.ibest.com.br/notitia)

a) 5º, 3º, 2º, 1º, 4º;
b) 2º, 5º, 3º, 1º, 4º;
c) 3º, 2º, 4º, 5º, 1º;
d) 4º, 1º, 5º, 3º, 2º;
e) 1º, 4º, 2º, 5º, 3º.

Gabarito: B

Questão de ordenamento de fragmentos para a formação de um texto. De todos os fragmentos, somente o quarto pode iniciar o texto, pois todos os outros contêm termos fazendo remissão a elementos antecedentes. Sendo assim, buscam-se as opções em que o numeral cardinal 1º encontra-se na quarta posição. Portanto, somente as alternativas A e B podem ser a resposta. A alternativa A é excluída apenas na última sequência: o primeiro fragmento do texto seria o último da sequência textual: (4º) Previa McLuhan que, nesse novo mundo unificado da mídia que estava a se afirmar, os homens se veriam imersos em uma grande malha global, um mundo devassado, sobreposto e instantâneo, no qual as ideias se dissolveriam e as diferenças se anulariam – exatamente como na cultura pop que

ele mesmo via nascer. (5º) Principalmente porque, com recursos parcos e uma formação basicamente literária, ele anteviu o mundo em que vivemos, no qual as palavras se evaporam e se dispersam em redes virtuais, as ideias circulam em direções caóticas e a noção de sentido, quer dizer, de uma direção e de um futuro, se perde num presente em abismo. – Observe que essa sequência não faz sentido: o fato de McLuhan, mesmo com recursos parcos e uma formação basicamente literária, ter antevisto o mundo em que vivemos não é motivo (principalmente porque) para a previsão de que os homens se veriam imersos em uma grande malha global.

Já a sequência proposta na alternativa B é deveras coerente: (1º) Nascido em 1911, em Edmonton, Canadá, Herbert Marshall McLuhan foi, afora erros e acertos de suas hipóteses, um pensador genial. (2º) Principalmente porque, com recursos parcos e uma formação basicamente literária, ele anteviu o mundo em que vivemos, no qual as palavras se evaporam e se dispersam em redes virtuais, as ideias circulam em direções caóticas e a noção de sentido, quer dizer, de uma direção e de um futuro, se perde num presente em abismo. – Repare que Herbert Marshall McLuhan, mesmo com recursos parcos e uma formação basicamente literária, conseguiu antever o mundo em que vivemos, e, por isso, pode ser considerado um pensador genial.

14. **(Esaf / TRF)**

Abaixo estão os segmentos inicial e final de uma correspondência oficial. É preciso completá-la nos espaços pontilhados, ordenando os parágrafos na ordem em que devem constar no documento. Numere os parênteses, obedecendo aos princípios de coesão, coerência e encadeamento de ideias. Assinale, a seguir, a opção que reproduz a ordem correta.

E.M. n. 122 /Interministerial MF – CGU-PR

Brasília, 26 de setembro de 2005.

Excelentíssimo Senhor Presidente da República

Respeitosamente,

MURILO PORTUGAL FILHO

Ministro de Estado da Fazenda Interino

WALDIR PIRES

Ministro de Estado do Controle e da Transparência

(....) Com o objetivo de dar fiel cumprimento àquela determinação legal, cuja finalidade precípua consiste na preservação do princípio constitucional da publicidade, submetemos a Vossa Excelência o incluso Relatório de Gestão Fiscal do Poder Executivo Federal, referente ao período de janeiro a agosto do exercício de 2005.

(....) O referido Relatório deverá ser objeto de encaminhamento ao Congresso Nacional e ao Tribunal de Contas da União, conforme dispõe o art. 116 da Lei n. 10.934, de 11 de agosto de 2004.

(....) O Relatório de Gestão Fiscal, consoante determina a supracitada Lei, deve conter informações relativas à despesa total com pessoal, dívida consolidada, concessão de garantias e operações de crédito, devendo, no último quadrimestre, ser acrescido de demonstrativos referentes ao montante das disponibilidades de caixa em 31 de dezembro, de cada exercício e das inscrições em restos a pagar.

(....) Determina a mesma Lei que o Relatório deverá ser publicado e disponibilizado ao acesso público até trinta dias após o encerramento do período a que corresponder, prazo esse que, para o segundo quadrimestre de 2005, se encerra em 30 de setembro do corrente.

(....) A Lei Complementar n. 101, de 04 de maio de 2000, que estabelece normas de finanças públicas voltadas para a responsabilidade na gestão fiscal, exige, em seu art. 54, a emissão, ao final de cada quadrimestre, pelos titulares dos Poderes e órgãos referidos no art. 20, do Relatório de Gestão Fiscal assinado pelo respectivo Chefe e pelas autoridades responsáveis pela administração financeira e pelo controle interno, bem como por outras autoridades que vierem a ser definidas por ato próprio de cada Poder ou órgão.

(http://www.fazenda.gov.br/portugues/documentos/2005/relatorioLRF2005.pdf, com adaptações)

A sequência correta é:

a) 5 4 1 3 2;

b) 4 5 2 3 1;

c) 5 2 4 3 1;

d) 1 3 2 4 5;

e) 1 2 4 3 5.

Gabarito: B

Somente o último fragmento, por não possuir elementos que façam remissão a termos antecedentes, pode dar início ao texto, então deve o candidato buscar as alternativas em que o algarismo "1" encontre-se na última posição. Com isso, são excluídas as alternativas A, D e E. As opções B e C poderiam ser as respostas. Comparemos as continuidades das duas alternativas. A sequência proposta na opção C (5-2-4-3-1) possui um problema: sendo o terceiro fragmento o quarto (destacado) da sequência, haverá uma dúvida quanto à lei referida pelo termo "a supracitada Lei". O último fragmento (primeiro da sequência) menciona a Lei Complementar nº 101, o segundo fragmento (segundo da sequência proposta) alude ao art. 116 da Lei nº 10.934. Ou seja, não se saberia se a supracitada lei seria a Complementar 101 ou a 10.934. Já a alternativa B não apresenta essa ambiguidade, porquanto sendo o terceiro fragmento o segundo da sequência proposta, a supracitada lei só poderia referir-se à Lei Complementar nº 101 que aparece no último fragmento, o primeiro da sequência proposta.

15. **(AFRF)**

Marque, em cada item, o período que inicia o respectivo texto de forma coesa e coerente. Depois, escolha a sequência correta.

(Itens baseados em Emir Sader)

I O abandono da tematização do capitalismo, do imperialismo, das relações centro-periferia, de conceitos como exploração, alienação, dominação, abriu caminho para o triunfo do liberalismo.

(X) O socialismo, em consequência desses fatores, desapareceu do horizonte histórico, em virtude de ter ganho atualidade política com a vitória da Revolução Soviética de 1917.

(Y) O triunfo do neoliberalismo se consolidou quando o pensamento social passou a ser dominado por teses conservadoras.

II Compravam um passaporte para o camarote dos vencedores. Mas, como "há uma dignidade que o vencedor não pode alcançar", como dizia Borges, o que ganharam em prestígio perderam em capacidade de análise.

(X) Os que abandonaram Marx com soltura de corpo e com alívio, como se se desvencilhassem de um peso, na verdade não trocavam um autor por outro, mas uma classe por outra.

(Y) Eles substituíram a exploração de classes e de países pela temática do

totalitarismo, aperfeiçoando suas análises políticas ao vinculá-las à dimensão social.

III No mundo contemporãneo, tais modos nos permitem compreender a etapa atual do capitalismo, em sua fase de hegemonia política norte-americana.

(X) Para atender a atualidade, são necessários modos de compreensão férteis, capazes de dar conta das relações entre a objetividade e a subjetividade, entre os homens como produtores e como produtos da história.

(Y) Trata-se de uma compreensão míope, que ignora componentes essenciais ao fenômeno do capitalismo que estamos vivendo.

IV Quem pode entender a política militarista dos EUA e do seu complexo militar-industrial sem a atualização da noção de imperialismo?

(X) Quem pode entender hoje a crise econômica internacional fora dos esquemas da superprodução, essencial ao capitalismo?

(Y) Portanto, é a unipolaridade vigente há uma década que busca impor a dicotomia livre mercado/protecionismo.

V Nunca as relações mercantis tiveram tanta universalidade, seja dentro de cada país, seja nas novas fronteiras do capitalismo.

(X) O capitalismo dá mostras de enfrentar forte declínio, que leva os especialistas a preverem profunda fragmentação na ordem econômica interna de cada nação.

(Y) Assiste-se ao capitalismo em plena fase imperialista consolidada, em que as formas de dominação se multiplicam.

a) X,X,Y,Y,X;
b) Y,X,X,X,Y;
c) Y,Y,X,X,Y;
d) X,Y,Y,X,Y;
e) X,Y,Y,X,X.

Gabarito: B

Esta questão exige que o candidato leia o enunciado com bastante calma e perceba haver a solicitação tão-somente do início do texto em cada item, ou seja, não pode haver em X ou Y elementos remissivos. Por exemplo, no item 1 o fragmento "Em consequência desses fatores" indica que os fatores já deveriam ter sido citados anteriormente. Então, o item 1 só pode ser iniciado por Y. Sobraram

apenas as opções B e C. No item 2, X não apresenta elementos remissivos, podendo iniciar o texto. Já Y é introduzido "Eles substituíram", indicando que o pronome ELES refere-se a elementos que teoricamente já deveriam ter sido mencionados. O segundo item é X. Portanto, já se chega à resposta.

16. **(Esaf / ISS-RE)**

Em cada parágrafo, da questão 78, encimado por um subtítulo, ordene os itens de modo a formar um texto coeso e coerente. Descarte o item que não for coerente e coloque nesse item um "d". Marque, depois, a sequência correta.

( ) Igualmente importante é saber como o país chegou ao atual estágio de insegurança pública.

( ) É o que constata desde o Presidente da República até o brasileiro mais humilde.

( ) A prisão perpétua significa pouco ou nada para eles

( ) Para combatê-la é preciso distribuir renda.

( ) A violência atingiu um grau insuportável, que não pode mais ser tolerado.

( ) Mas não é só: estamos propondo a criação da Cãmara de Combate à Violência, nos moldes da Cãmara de Energia.

a) 3,1,d,5,4,2;

b) 5,2,d,3,1,4;

c) 4,1,d,3,2,5;

d) d,1,5,4,2,3;

e) 2,5,3,4,1,d.

Gabarito: B

Essa questão pode ter uma solução diferente. Na realidade, o "d" é apenas um elemento para assustar o candidato, mas que não interfere na resposta. Se você for atento, perceberá, pelas alternativas, que a primeira parte do texto ou será o segundo fragmento (A, C ou D) ou o penúltimo (B ou E). Como o segundo fragmento (É o que constata desde o Presidente da República até o brasileiro mais humilde.) não pode dar início ao texto, até porque o pronome demonstrativo "o" é referente a algo que já deveria estar mencionado no texto, podem-se excluir as alternativas A, C e D. Ficamos, então, com as alternativas B e E. A sequência da E não é coerente: "A violência atingiu um grau insuportável, que não pode mais ser tolerado. Igualmente importante é saber como o país chegou ao atual estágio de

insegurança pública.". Destarte, a resposta só pode ser a B. Observemos a sequência dos dois primeiros fragmentos: "A violência atingiu um grau insuportável, que não pode mais ser tolerado. É o que constata desde o Presidente da República até o brasileiro mais humilde.". Perfeito. No frigir dos ovos, não houve a menor necessidade de fazer uso do "d" para se chegar à resposta.

17. **(AFRF)**

Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial de O Globo, de 24/8/2009, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e indique a opção que corresponde à sequência correta.

( ) Até mesmo em países com regras rígidas (França e Alemanha, por exemplo), sindicatos perceberam a gravidade desse momento e aceitaram negociar reduções temporárias de jornada de trabalho com respectiva diminuição de salários e benefícios, em contrapartida à manutenção de empregos.

( ) A recente crise econômica mundial – que por pouco não empurrou o planeta para uma depressão tão terrível como a de 1929-1934 – mostrou, na prática, a importãncia de se ter flexibilidade nos contratos de trabalho.

( ) Diante de tal experiência, a insistência em se discutir uma redução da jornada de trabalho para 40 horas semanais (sem alteração de salários) parece esdrúxula. Mudar uma das bases das regras contratuais em meio a uma conjuntura ainda nebulosa representa enorme risco para os trabalhadores.

( ) Dessa forma, o impacto da crise sobre o mercado de trabalho, especialmente no Brasil, não chegou a ter a dimensão trágica que a crise certamente causaria em outra situação, de mais rigidez nas regras contratuais. E isso sem dúvida contribuiu para abreviar o período recessivo.

( ) No Brasil ocorreu algo semelhante àqueles países. A indústria demitiu, mas, em alguns setores (mineração, siderurgia, bens de consumo duráveis), o quadro teria sido pior não fosse a possibilidade de se recorrer a férias coletivas, licenças parcialmente remuneradas, banco de horas etc.

a) 1,2,4,3,5;
b) 2,1,5,4,3;
c) 4,1,3,5,2;
d) 3,4,1,2,5;

e) 5,3,2,1,4.

Gabarito: B

O primeiro, o terceiro, o quarto e o quinto fragmento não podem dar início ao texto, porquanto os termos "desse momento", "Diante de tal experiência", "Dessa forma" e "àqueles países" indicam que algo já foi mencionado anteriormente. As possíveis respostas são B e C. Exclui-se a alternativa C, visto que a sequência proposta indica o último fragmento como o segundo, o que gera incoerência. Quando se faz menção a "àqueles países", no fragmento inicial os países teriam que ser citados. A alternativa B fica perfeita: "A recente crise econômica mundial – que por pouco não empurrou o planeta para uma depressão tão terrível como a de 1929-1934 – mostrou, na prática, a importãncia de se ter flexibilidade nos contratos de trabalho." / "Até mesmo em países com regras rígidas (França e Alemanha, por exemplo), sindicatos perceberam a gravidade desse momento e aceitaram negociar reduções temporárias de jornada de trabalho com respectiva diminuição de salários e benefícios, em contrapartida à manutenção de empregos.".

18. **(Analista Tributário)**

Os trechos a seguir constituem um texto adaptado de O Globo, Editorial, 14/10/2009, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e indique a sequência correta.

( ) Esse quadro se alterou significativamente: em volume, a produção nacional de petróleo vem se mantendo próxima aos patamares de consumo doméstico. A redução dessa dependência no campo da energia foi acompanhada por um salto expressivo nas exportações brasileiras (que cresceram uma vez e meia na última década), com razoável equilíbrio entre produtos básicos e manufaturados na pauta de vendas.

( ) Apesar de a economia brasileira ter ainda um grau de abertura relativamente pequeno para o exterior – se comparado à média internacional –, o cãmbio sempre foi apontado com um dos fatores mais vulneráveis do país. No passado, o Brasil era muito dependente de petróleo importado e de insumos essenciais para a indústria.

( ) Além desse equilíbrio, os programas de ajuste macroeconômico têm garantido uma estabilidade monetária que ampliou o horizonte de investimentos e as possibilidades de um desenvolvimento sustentável de longo prazo.

( ) Tal promoção foi reforçada pela capacidade de reação da economia brasileira à recente crise financeira, a mais grave que o mundo atravessou desde o fim da Segunda Guerra Mundial.

( ) Assim, as principais agências classificadoras de risco promoveram a economia brasileira para a categoria daquelas que não oferecem risco cambial aos investidores estrangeiros.

a) 2, 1, 3, 5, 4;
b) 5, 3, 4, 1, 2;
c) 4, 5, 2, 3, 1;
d) 3, 2, 1, 4, 5;
e) 4, 1, 2, 3, 5.

Gabarito: A

O primeiro, o terceiro, o quarto e o quinto fragmento não podem dar início ao texto, porquanto os termos "Esse quadro", "Além desse equilíbrio", "Tal promoção" e "Assim" indicam que algo já foi mencionado anteriormente. Destarte, somente o segundo fragmento pode dar início ao texto, o que nos leva a duas possíveis respostas: A ou E (X-1-X-X-X). A sequência proposta na E é incoerente, dado que o terceiro fragmento, ao se iniciar por "Além desse equilíbrio", indica que "o equilíbrio" já deveria ter sido citado no segundo fragmento. Já a sequência (2-1-X-X-X) é perfeita: "Apesar de a economia brasileira ter ainda um grau de abertura relativamente pequeno para o exterior – se comparado à média internacional –, o câmbio sempre foi apontado com um dos fatores mais vulneráveis do país. No passado, o Brasil era muito dependente de petróleo importado e de insumos essenciais para a indústria." / "Esse quadro se alterou significativamente: em volume, a produção nacional de petróleo vem se mantendo próxima aos patamares de consumo doméstico. A redução dessa dependência no campo da energia foi acompanhada por um salto expressivo nas exportações brasileiras (que cresceram uma vez e meia na última década), com razoável equilíbrio entre produtos básicos e manufaturados na pauta de vendas.".

19. **(MPOG)**

Numere em que ordem os trechos abaixo, adaptados do ensaio Lula e o mistério do desenvolvimento, de Maílson da Nóbrega (publicado em VEJA, de 26 de agosto, 2009), dão continuidade à oração inicial, numerada

como (1), de modo a formar um parágrafo coeso e coerente.

(1) Mudanças culturais estão na origem do sucesso dos atuais países ricos.

( ) De fato, as lutas mortais dos gladiadores, entre si e com as feras, divertiam os romanos; execuções públicas eram populares na Inglaterra até o século XVIII.

( ) Por isso, a alfabetização disseminada e habilidades aritméticas, antes irrelevantes, adquiriram importãncia para a Revolução Industrial.

( ) Esses instintos foram substituídos por hábitos fundamentais para o desenvolvimento: trabalho, racionalidade e valorização da educação.

( ) Elas os fizeram abandonar instintos primitivos de violência, impaciência e preguiça.

( ) Como consequência dessas mudanças, a classe média cresceu; valores como poupança, negociação e disposição para o trabalho se firmaram nas sociedades bem-sucedidas.

A sequência obtida é

a) (1) (2) (4) (5) (6) (2);
b) (1) (3) (2) (6) (4) (6);
c) (1) (4) (2) (6) (5) (3);
d) (1) (3) (5) (4) (2) (6);
e) (1) (2) (6) (4) (3) (5).

Gabarito: D

Questão interessante, em que o primeiro tópico já se encontra definido. A busca se faz pelo segundo tópico. É de bom alvitre perceber que algumas opções estão prejudicadas como a A e a B, visto que há repetição de número (2 na A e 6 na B). De qualquer forma, tal problema não chega a invalidar a questão, até porque estas alternativas não seriam a resposta. Somente o penúltimo fragmento pode ser o segundo da sequência, visto que nele há dois elementos coesivos: o pronome ELAS que faz referência ao termo MUDANÇAS CULTURAIS; e o pronome oblíquo OS que remete à expressão ATUAIS PAÍSES RICOS. Vejamos a sequência: "Mudanças culturais estão na origem do sucesso dos atuais países ricos. Elas (Mudanças culturais) os (atuais países ricos) fizeram abandonar instintos primitivos de violência, impaciência e preguiça.".

Capítulo 8

Semântica Verbal

1º PASSO. O usuário da língua deve compreender que a ideia de presente não é o momento em que se vive, ou o do recebimento da mensagem. Toda referência de tempo presente é o momento em que o texto é confeccionado, ou seja, o momento no qual o autor produz o texto.

8.1. MODO INDICATIVO

Indica, em regra, um evento real, não hipotético.

Presente – Indica um hábito presente. Não há necessidade efetiva de o fato estar ocorrendo. Podemos encontrar matizes semânticos distintos dentro deste tempo verbal, que irão desconstruir o raciocínio de que o presente representa o momento em que a ação acontece. Vejamos:

Presente Pontual – representa o momento em que a ação se desenvolve.

Ex.: Eu **estou** lendo esta frase. (A leitura acontece agora).

Presente Habitual ou Frequentativo – a essência do hábito é o intervalo entre fazer ou não determinada coisa.

Ex.: Eu **durmo** bem todos os dias. (Não estou dormindo agora, mas há um intervalo entre dormir e não dormir).

Presente Permanente – ocorre sem parar.

Ex.: A Terra **gira** em torno do Sol. (Reparemos que a Terra não para de girar, permanece a todo instante girando)

Pretérito perfeito – Indica um evento passado encerrado, finalizado. Pode-se usar o termo "ontem" para efetuar a sua conjugação. O pretérito perfeito também pode ser chamado de passado pontual.

Ex.: Você leu o jornal do último sábado?

Pretérito imperfeito – Denota um evento habitual, costumeiro no passado. Para a sua conjugação, é interessante o uso de "antigamente". Esse tempo pode ser chamado também de passado habitual, frequentativo ou impontual.

Ex.: Nós nos encontrávamos diariamente.

Pretérito mais-que-perfeito – Denota uma ação passada anterior a outro fato também passado. É importante frisar que, para o seu uso ser perfeito, é fundamental já haver outro elemento também com ideia de passado. Algumas bancas já usaram a denominação passado do passado para representar o pretérito mais-que-perfeito.

Ex.: Quando eu entrei na sala, ela já desligara a televisão.

Observe que a ação de desligar a televisão é pretérita e ainda anterior a outra ação passada: a de entrar na sala.

Futuro do presente – Indica uma ação futura em relação ao momento em que o texto foi confeccionado ou em relação a uma condição futura. Por consequência, acabará coligado ao futuro do subjuntivo. Para a sua conjugação, pode ser utilizado "amanhã". Este tempo é considerado, apesar de futuro, factual, e não hipotético.

Ex.: Na próxima semana, faremos a prova.

Se você estudar, aprenderá a matéria.

Futuro do pretérito – Indica uma consequência futura de um fato passado. É importante compreender que, nesta situação, a referência não é o momento em que o autor confeccionou o texto. Diferentemente do futuro do presente (futuro em relação ao momento presente – momento da criação do texto), o evento é um efeito futuro de um fato que não ocorreu. Sendo assim, a consequência poderia ser certa, provável ou duvidosa, em conformidade com os elementos que o texto oferecer. Torna-se, por fim, fundamental concluir que, por este tempo representar uma consequência futura de fato passado, é natural que fique coligado ao pretérito imperfeito do subjuntivo.

Ex.: Se você trouxesse uma cerveja, eu a beberia.

Preste atenção a esta explicação: a condição não ocorreu, portanto o efeito também não. Imagine a seguinte situação: o autor da frase gosta de todas as marcas de cerveja, portanto se o outro trouxesse a cerveja, ele com certeza beberia. Digamos que ele goste apenas de 50% das marcas, então se o outro trouxesse a cerveja, possivelmente (dúvida) o autor da frase beberia. Por fim, imaginemos que o texto indique que há a aprovação de quase todas as cervejas, portanto se o outro trouxesse a cerveja, o autor provavelmente a beberia. Destarte, torna-se fundamental o contexto para se concluir se a consequência é

certa, provável ou duvidosa.

Obs.: O futuro do pretérito também pode indicar uma ideia de polidez. É muito comum a resposta GOSTARIA quando alguém nos oferece algo. Este uso indica uma forma mais educada de expressão.

Os verbos no pretérito imperfeito do indicativo, mormente de segunda e terceira conjugação, tornam-se parecidos com os do futuro do pretérito. Então em várias ocasiões, percebe-se que o pretérito imperfeito acaba substituindo o futuro do pretérito. Nas questões de correlação, tal fato parece ser admitido pelo NCE, o mesmo já não ocorrendo com a Esaf.

Ex.: A consequência de tal fato é que, até mesmo quando o verbo indicar ideia de polidez, faz-se possível o verbo no pretérito imperfeito, substituindo o futuro do pretérito. Leitor, imagine a seguinte situação: se alguém perguntar se você deseja água (e você está com sede), o que você responderia? Provavelmente, "eu aceitaria" ou "eu aceitava", ambos com valor de polidez.

Obs.: Mais raro é o uso do futuro do presente do indicativo com valor de polidez. Caro candidato a um cargo público, pense na seguinte situação: você está assistindo a uma aula e percebe que o professor equivocou-se. Como chamar a atenção dele? Você poderia dizer: – Professor, o senhor está enganado! Você também poderia dizer o mesmo de forma mais polida: – Professor, o senhor não estará (estaria) enganado?

8.2. MODO SUBJUNTIVO

Indica, em geral, evento hipotético, possível, duvidoso.

Presente – Fato atual expressando possibilidade, dúvida. Pode-se utilizar MARIA QUER QUE para a sua conjugação neste tempo.

Ex.: Talvez ele venha.

Pretérito imperfeito – Mostra uma situação hipotética no passado que geraria um efeito futuro. É recomendável utilizar "se ontem" para a conjugação verbal neste tempo.

Ex.: Se ele estudasse, aprenderia a matéria.

Futuro – Indica uma condição futura anterior a uma consequência também

futura. Podem-se utilizar as estruturas "se amanhã" ou o consagrado "quando" para conjugação verbal neste tempo.

Ex.: Se ele voltar aqui, todos ficarão felizes.

BIZU

Quando negamos o presente do subjuntivo, passamos a ter uma ideia factual e não hipotética. É importante observarmos isso, pois, em regra, o modo subjuntivo é considerado hipotético.

Ex.: Não há um ser humano que **não saiba** que o uso excessivo de medicamentos sem respaldo médico pode fazer mal à saúde. (Ou seja, todos os seres humanos sabem. A ideia é factual (certeza) e não hipotética.

8.3. MODO IMPERATIVO

Indica ideia de ordem (quem recebe é obrigado a cumpri-la), solicitação (quem recebe o pedido não é o beneficiado), conselho (quem recebe a sugestão é o beneficiado).

Ex.: Por favor, pega um copo de cerveja.

Pedido, solicitação (quem pediu é o beneficiado)

Ex.: Soldado, venha aqui!

Ordem (o soldado é obrigado a cumprir a ordem)

Ex.: Não te atrases, que serás demitido.

Conselho, sugestão (quem recebe o conselho é o beneficiado pelo próprio conselho)

BIZU

Torna-se fundamental lembrar ao leitor que a Língua não é uma ciência exata. Verbos podem ser usados em um determinado tempo – mormente o presente – com valor semântico de outro.

Ex.: "Se, até amanhã à tarde, você não tiver devolvido a cadeira, a mesa e a máquina de escrever, mando um caminhão buscar em sua casa e conto para os jornais, faço um barulho louco" (Fernando Sabino). – "Mando", "conto" e "faço" estão no presente do indicativo com valor de futuro do presente.

Ex.: No dia primeiro de maio de 1994, morre o piloto Ayrton Senna.

Observe que o verbo no presente do indicativo tem ideia de pretérito perfeito.

Esta situação também foi registrada como presente histórico.

Ex.: Se eu te vejo amanhã, eu te entregarei o material.

VEJO no presente do indicativo possui gritante valor de futuro do subjuntivo.

8.4. OUTRAS SEMÂNTICAS VERBAIS

Semanticamente, existem vários ramos distintos que analisam o envolvimento dos verbos com os demais termos do período. O próprio termo semântica já é uma generalização. Mostraremos, neste tópico, a divisão verbal sintático-semântica apresentada por Borba (1996). Tal estudioso propõe a seguinte abordagem verbal:

Verbos de ação: mostram uma atividade desempenhada por um termo agente (sujeito). Para Borba (1996, p. 58), "os verbos de ação expressam uma atividade realizada por um sujeito agente. Indicam, portanto, um fazer por parte do sujeito: o pássaro voa; o garoto brinca; o sábio pensa". Essa visão é ratificada por Chafe (1979). Conforme Chafe (1979, p. 97), o verbo de ação "exige que um nome o acompanhe, que o nome se relacione com ele como um agente e que o nome se especifique como animado, talvez também como humano".

(1) Tiago andou..

Verbos de processo: representam um acontecer. De acordo com BORBA (1996, p. 58), "os verbos de processo expressam um evento ou sucessão de eventos que afetam um sujeito paciente ou experimentador". Para Neves (2000, p. 26), "os **verbos** [de processo] envolvem uma relação entre um **nome** e um **estado**, e o **nome** é **paciente** do **verbo** (**afetado**)".

(2) A água ferveu.

Percebemos, na oração (2), que o sujeito a água é paciente, pois ele é diretamente afetado pelo verbo. Na oração (1) o sujeito Tiago não é afetado pelo verbo, mas sim, ele é o indivíduo que determina a ação expressa pelo verbo.

Verbos de ação-processo: desenvolvem tanto um processo quanto uma ação. Segundo Chafe (1979, p. 100), "como processo, ele implica uma mudança na condição de um nome, seu paciente. Como ação, expressa o que alguém, seu agente, faz".

(3) Pedro destruiu o computador.

Na oração (3), há um agente que pratica a ação expressa pelo verbo destruir, há um acontecimento, o computador destruiu, e, por último, há um paciente que sofre uma transformação, o computador estava inteiro, mas não está mais.

Verbos de estado: a divisão sintático-semântica dos verbos de estado não

obedece à mesma ordem estabelecida na gramática tradicional. Em primeiro lugar, a gramática tradicional chama de verbos de estado somente a uma pequena parte dos verbos estativos. Os verbos de estado também são designados pela gramática tradicional como verbos de ligação. Em segundo lugar, muitos verbos que a gramática tradicional classifica como verbos de ação pertencem ao grupo semântico dos verbos de estado, pois não apresentam uma ação, mas sim um estado permanente. É o caso de gostar, a gramática tradicional o classifica como verbo de ação, mas não existe um agente que pratique uma ação, e sim um experienciador que experimenta uma sensação psicológica de gostar de algo. Assim sendo, a semântica classifica esse verbo como um verbo de estado, pois não há nem ação, nem agente envolvido na predicação.

Dessa forma, a semântica inclui na classe dos verbos de estado não só os tradicionais verbos de ligação, mas também, muitos dos verbos tradicionalmente classificados pela sintaxe como verbos de ação.

Segundo Borba (1996, p. 60), "os verbos de estado expressam uma propriedade (estado, condição, situação) localizada no sujeito, que é, pois, mero suporte dessas propriedades ou, então, seu experimentador ou beneficiário". Para Vilela (2001, p. 67), "os **verbos de estado** são os verbos com que se configura verbalmente a duração de um ser, a permanência de um estado, sem que, com isso, se implique a completa imutabilidade (...)". Portanto, verbos como viver, ser, estar, continuar, ter, gostar farão parte da classe dos verbos de estado.

8.5. EXERCÍCIOS

01. **(NCE / INPI)**

"As aeromoças ainda teriam tentado prendê-lo num compartimento na traseira, mas estava bloqueado". O emprego da forma verbal teriam tentado indica que a ação:

a) é uma possibilidade e não uma certeza;

b) ocorreu após largo espaço de tempo;

c) vai ocorrer num futuro próximo;

d) vai ocorrer num futuro distante;

e) ocorreu várias vezes no passado.

Gabarito: A

Reparemos que o verbo empregado está no FUTURO DO PRETÉRITO (teriam). Tal tempo e modo transmitem uma ideia de dúvida, hipótese. E o próprio contexto deixa isso bem claro, afinal "teriam tentado prendê-lo" significa que ainda não houve a prisão. A opção A representa toda a situação da forma verbal no contexto.

02. **(NCE / INPI)**

"... desses mesmos sentimentos que têm levado o Brasil à beira do abismo..." A forma verbal têm levado indica uma ação:

a) que já terminou;

b) anterior a outra ação passada;

c) habitual no passado;

d) iniciada no passado que continua no presente;

e) iniciada no presente que continua no futuro.

Gabarito: D

A forma verbal **têm levado** indica que a ação teve início no passado e se estende até o presente. Tal forma verbal não pode ser interpretada, no contexto, como algo que simplesmente começou e acabou, não existindo mais.

03. **(NCE / Engepron)**

"Os aperfeiçoamentos do aparelho, com o tempo viriam, certamente, como depois vieram..." O emprego do futuro do pretérito, no caso, se justifica porque se trata de:

a) uma ação provável;

b) uma ação futura em relação ao tempo passado;

c) uma ação completamente passada;

d) um fato hipotético;

e) um fato que é fruto da imaginação humana.

Gabarito: B

O tempo verbal está no futuro do pretérito que indica uma consequência futura de um fato passado; logo, aquela assertiva que reforça tal semântica é exatamente a opção B.

04. **(Fundec / Proderj)**

Na correlação entre os dois verbos sublinhados no trecho "Do décimo andar à rua, <u>seria</u> a vertigem, se <u>chegássemos</u> muito à janela...", o enunciador manifesta uma atitude de:

a) certeza, pois sabe que o fato não pode acontecer;
b) subjetividade, pois não sabe se o fato tem possibilidade de acontecer;
c) dúvida quanto à possibilidade de um fato acontecer, pois não há hipótese de o outro também acontecer;
d) certeza quanto à possibilidade de um fato acontecer, na condição de também o outro acontecer;
e) descrença sobre a realização do fato, pois está condicionado à realização de outro fato.

Gabarito: D

Pelo contexto, percebemos que só haveria vertigem, se houvesse aproximação da janela. Então, há certeza quanto à vertigem, porém, para que ela se concretizasse, dependíamos da realização de outro evento: aproximar-se da janela. Dessa forma, a melhor opção é exatamente a letra D.

05. **(NCE / PC)**

A CIÊNCIA

A ciência permanecerá sempre a satisfação do desejo mais alto da nossa natureza, a curiosidade; ela fornecerá sempre ao homem o único meio que ele possui para melhorar a própria sorte (Renan).

O emprego do futuro do presente do indicativo no segmento significa:

a) certeza dos fatos futuros;
b) possibilidade de fatos futuros;
c) incerteza dos fatos futuros;
d) dúvida sobre os fatos futuros;
e) desejo do autor sobre os fatos futuros.

Gabarito: A

O futuro do presente é considerado factual e, além disso, o próprio texto dá a entender, com o emprego do advérbio sempre, que a ação já acontece e que irá continuar certamente.

06. **(NCE / CNEN)**

Um programa de educação infantil encontra a sua essência na proposta da vida regida pela castidade". O uso do presente do indicativo neste segmento do texto se justifica porque:

a) enuncia um fato atual;

b) indica estados permanentes;
c) expressa uma ação habitual;
d) dá vivacidade a fatos ocorridos;
e) marca um fato futuro, mas próximo.

Gabarito: B

O programa de educação infantil nunca deixará de encontrar sua essência na proposta de vida regida pela castidade, ou seja, é algo permanente. A forma verbal ENCONTRA, apesar de estar no presente, representa uma ação que não se acaba, independentemente do momento em que tal tempo verbal esteja sendo empregado. Esse tipo de presente recebe o nome de presente permanente.

07. **(NCE)**

Qual o valor do futuro do pretérito na frase seguinte: "Quando chegamos ao colégio em 1916, a cidade teria apenas uns cinquenta mil habitantes"?

a) Fato futuro, anterior a outro fato futuro.
b) Fato futuro, relacionado com o passado.
c) Suposição, relativamente a um momento futuro.
d) Suposição, relativamente a um momento passado.
e) Configuração de um fato já passado.

Gabarito: D

O tempo verbal está no futuro do pretérito que indica uma consequência futura de um fato passado; logo, aquela assertiva que reforça tal semântica é exatamente a opção D.

08. **(MP)**

Considerando que a ação de agredir o jogador brasileiro Antonio Carlos ocorreu antes de o Lazio perder o mando do campo, ação também passada, o verbo "agredir" deveria estar no:

a) mais-que-perfeito do indicativo;
b) imperfeito do indicativo;
c) futuro do pretérito;
d) imperfeito do subjuntivo;
e) presente do subjuntivo.

Gabarito: A

Representa o passado do passado, ou seja, uma ação passada anterior a outra também passada; logo, estamos tratando do pretérito mais-que-perfeito

09. **(MP)**

RACISMO

O Globo, 13/7/2001

A imprensa brasileira vem noticiando uma proposta milionária do Lazio da Itália, que pretende adquirir o passe do zagueiro Juan por 10 milhões de dólares. Este é o time cuja torcida já agrediu o jogador brasileiro Antonio Carlos, do Roma, e perdeu o mando de campo por incitamento racista em pleno estádio.

Aqui fica uma sugestão a este jovem negro, atleta brasileiro de 22 anos, com um brilhante futuro profissional: recuse o convite e não troque o Brasil pela Itália, pois moedas não resgatam a dignidade. Diga não aos xenófobos e racistas.

"A imprensa brasileira vem noticiando..." Com a utilização do tempo verbal destacado, o autor do texto quer referir-se a uma ação que:

a) acaba de terminar;

b) acaba de começar;

c) se iniciou antes de outra ação passada;

d) se iniciou há pouco tempo e permanece no presente;

e) se repete no passado e no presente.

Gabarito: D

A forma verbal **vem noticiando** indica que a ação se iniciou no passado recente (pode-se inferir que foi há pouco tempo visto que se trata de notícia de jornal) e se estende até o presente. Tal forma verbal não pode ser interpretada, no contexto, como algo que simplesmente começou e acabou, não existindo mais. Não podemos pensar também em passado do passado, pois isso está para o pretérito mais-que-perfeito. Talvez, alguns tenham ficado na dúvida em relação à opção E, mas tal opção não pode ser a resposta pelo fato de não passar a ideia de habitualidade que a forma verbal **vem noticiando** transmite, ou seja, a letra E dá a entender que ação aconteceu no passado e parou de acontecer, depois a mesma ação volta a acontecer no futuro, eliminado a frequência, a habitualidade, como se fossem dois pontos isolados na linha do tempo. Um no passado e outro no futuro, não existindo nada mais nesse ínterim.

Capítulo 9

Figuras de Linguagem

9.1. FIGURAS DE SOM OU HARMONIA

Aliteração – Indica a repetição de fonemas (consoantes) idênticos ou semelhantes no início de palavras de uma frase ou de versos de uma poesia.

Ex.: "O rato roeu a roupa do rei de Roma."

Onomatopeia – Figura que procura representar graficamente sons.

Ex.: Zum-zum, trim, atchhhim…

Paronomásia – Figura que representa palavras com sons parecidos, mas com significados diferentes.

Ex.: "berro pelo aterro pelo desterro" (Caetano Veloso)

9.2. FIGURAS DE CONSTRUÇÃO OU SINTAXE

Anacoluto – Consiste no aparecimento de um termo no início de um período que não terá ligação sintática com o restante dos termos posteriores.

Exemplos:

"Eles, o seu único desejo é exterminar-nos." (Garret)

"O Presidente, estes cidadãos não quiseram ouvir-nos."

Anáfora – Consiste na repetição de uma ou mais palavras no início de diferentes versos ou frases.

Exemplos:

"Depois eu dou. Depois eu deixo. Depois eu levo. Depois eu conto." (F. Sabino)

Não sei, não vi, não quero saber.

Alguém falou, alguém gritou, alguém brigou.

Anástrofe ou inversão – Consiste na inversão da ordem direta da frase.

Exemplos:

Ao Flu o Fla vencerá. (a ordem natural seria O Fla vencerá o Flu.)

Sabe mortos enterrar? (João Cabral de Melo Neto) (Sabe enterrar mortos?)

Obs.: É um tipo de inversão mais brando que o HIPÉRBATO.

Assíndeto – Consiste na construção de sequência de orações coordenadas aditivas; não apresentando, contudo, conjunção.

Exemplos:

"Vim, vi, venci." (Julio César)

As mulheres hoje estudam, trabalham, disputam funções com os homens, cuidam da casa, não descansam.

Elipse – Consiste na omissão de um termo facilmente subentendido.

Exemplos:

"Ao redor, bons pastos, boa gente, terra boa para arroz." (Guimarães Rosa) – (Há) bons pastos…

"Uma de suas funções, como membro da presidência da Câmara, era a de zelar pelos móveis e demais pertences." (Fernando Sabino) -… era a (função) de zelar…

Hipálage – Consiste em atribuir a um ser ou coisa uma qualidade ou ação que logicamente pertence a outro ser que também está expresso na mesma frase.

Exemplos:

"O vôo negro dos urubus fazia… (G. Ramos) (Negro, na verdade, é qualificativo para "urubus").

O movimento pesado dos elefantes… (o movimento não é pesado, e sim os elefantes.)

Hipérbato – Indica inversão de termos dentro de orações ou versos. Esta inversão é mais significativa do que na anástrofe.

Exemplos:

"Ouviram do Ipiranga as margens plácidas

de um povo heróico o brado retumbante…"

– As margens plácidas do Ipiranga ouviram o brado retumbante de um povo heróico.

"É esta de teu querido pai a mesma barba, a mesma boca e testa." (Tomás Antônio Gonzaga)

– É esta a mesma barba, a mesma boca e testa de teu querido pai.

Pleonasmo ou Redundancia – Emprego de palavras ou expressões de significado equivalente, com a finalidade de reforçar uma ideia.

Exemplos:

Vi com meus próprios olhos a terrível cena.

Perdoe-me pelo amor divino de Deus.

Polissíndeto – Consiste na repetição intencional de conjunções, ligando palavras ou orações de período.

Exemplos:

João corre e nada e joga futebol e pedala e nunca descansa.

Ele não veio nem virá nem telefonará nem se explicará.

Prolepse ou Antecipação – Consiste na antecipação de um termo com escopo de destacá-lo.

Exemplos:

Os alunos parece que não se preocupam com as provas. – A ordem natural seria: Parece que os alunos não se preocupam com as provas.

"O próprio ministro dizem que não gostou do ato." (Machado de Assis) – A ordem natural seria: Dizem que o próprio ministro não gostou do ato.

Repetição ou reduplicação – Consiste na repetição proposital de palavras ou expressões, tanto na poesia quanto na prosa.

Exemplos:

"É pau…É pedra…É o fim do caminho…É um pedaço de toco…" (Tom Jobim)

"Cantei, Cantei, Cantei,

Como é cruel cantar assim…" (Chico Buarque)

Silepse – Também conhecida como concordância ideológica, esta figura ocorre quando a concordância se faz não com a palavra expressa na frase, mas com a ideia que esta palavra sugere.

de gênero

Exemplos:

Vossa Majestade é muito bondoso.

Sua Santidade estava abatido.

de número

Exemplos:

Coisa curiosa é aquela gente. Divertem-se com tão pouco.

A banda Flor chegou ao sucesso depois de cinco anos. Já gravaram oito discos.

de pessoa

Exemplo:

Os brasileiros somos muito desconfiados.

Sínquise – Consiste numa tão significativa inversão de termos, que dificulta a compreensão do efetivo sentido.

"Do tamarindo a flor jaz entreaberta,

Já solta o bogari mais doce aroma,

Também meu coração, como estas flores,

Melhor perfume ao pé da noite exala!"

Camões

Zeugma – É a omissão de uma palavra já expressa anteriormente na oração. Trata-se de um caso especial de elipse.

Exemplos:

"A igreja era grande e pobre. Os altares, humildes." (Carlos Drummond de Andrade) – Os altares (eram) humildes.

Eu fiz os salgados, Maria, os doces. -…Maria (fez) os doces.

9.3. FIGURAS DE PENSAMENTO

Antítese – Consiste na colocação, lado a lado, de termos opostos, mas que não causam ideias sem nexo.

Exemplos:

"Cabelos longos, ideias curtas."

Uma exposição clara para uma ideia tão complicada.

Eufemismo – Indica a atenuação ou suavização de ideias consideradas desagradáveis, cruéis ou ofensivas.

Exemplos:

Ele entregou a alma a Deus. (Em vez de: Ele morreu.)

Ela sofre de doença ruim. (Em vez de: câncer)

Hipérbole – Consiste no exagero proposital das coisas.

Exemplos:

Ele morreu de medo quando me viu.

Nós chegamos aqui há um século.

Ironia – Consiste em expressar o contrário do que se pensa, mas dando a entender o real pensamento. Normalmente, a ironia adquire traços humorísticos.

Exemplos:

Aqueles amorosos bandidos mataram a família inteira.

Os confiáveis deputados precisam receber o "mensalão", pois seus salários são muitos baixos.

Paradoxo ou oxímoro – Trata-se de uma figura que relaciona duas palavras antônimas dando conceitos contraditórios e normalmente inconciliáveis. "Aparentemente" a frase fica sem sentido.

Exemplos:

Amor é fogo que arde e não se vê
É ferida que dói e não se sente
É um contentamento descontente
É dor que desatina sem doer.

Camões

Prosopopeia, Personificação ou Animismo

Consiste em atribuir vida ou qualidades humanas a seres inanimados, irracionais, mortes ou abstratos.

Exemplos:

"As rosas não falam…" (Cartola)

Uma talhada de melancia com seus alegres caroços. (C. Lispector)

Quiasmo – Trata-se de uma espécie de antítese. Consiste no cruzamento de grupos sintáticos paralelos (dois ou quatro vocábulos), de forma que o grupo de vocábulos do primeiro se repete no segundo em ordem inversa (AB x BA).

Exemplo:

- Melhor é merecê-los [a] sem os ter
- Que possuí-los sem os merecer. [a] (Os Lusíadas, c IX, 93)

9.4. FIGURAS DE PALAVRAS

Alegoria – Consiste no acúmulo de metáforas, referindo-se ao mesmo objeto, evocando e intensificando o seu sentido.

Exemplo:

"A vida é uma ópera, é uma grande ópera. O tenor e o barítono lutam pelo soprano, em presença do baixo e dos comprimários, quando não são o soprano e o contralto que lutam pelo tenor, em presença do mesmo baixo e dos mesmos comprimários. Há coros numerosos, muitos bailados, e a orquestra é excelente…" (Machado de Assis)

Antonomásia – Indica a substituição de nome próprio por nome comum ou por expressão ligada ao termo substituído.

Exemplos:

Rei do Futebol (em lugar de Pelé)

Cidade Maravilhosa (em vez de Rio de Janeiro)

Catacrese – É uma figura que consiste no uso impróprio de vocábulo por falta de outro mais específico para a designação de um ser ou de uma ação.

Exemplos:

O pé do vaso está quebrado. (Pé – parte que serve para sustentar o corpo humano).

Embarcou naquele avião gigantesco. (Embarcar significa entrar num navio).

Comparação ou símile – Como o próprio nome indica, formaliza-se uma ideia de comparação. Contudo, é fundamental ressaltar que há a necessidade de um conectivo explicitando a comparação.

Exemplos:

"Beijou sua mulher como se fosse a única." (Chico Buarque)

Ele agiu feito os santos.

Metáfora – Atribuição a uma pessoa ou coisa uma qualidade que não lhe cabe logicamente. Essa transferência de significado de um termo para outro baseia-se na semelhança de características que o emissor da mensagem encontra entre os dois termos comparados. É uma comparação de ordem subjetiva, sem o conectivo que indica esta comparação.

Exemplos:

Maria é uma flor.

Vê-se que Carlos é uma fera enjaulada.

Metonímia – É a substituição de sentido de um termo por outro que com ele apresenta relação lógica e constante.

a) autor – obra

Ex.: Ele nunca leu Machado de Assis. (Os livros de Machado de Assis)

b) conteúdo – continente

Ex.: Comi dois pratos. (Não se comem os pratos. Come-se o conteúdo dos pratos.)

inventor – invento

Ex.: Graham Bell permitiu que a humanidade se comunicasse melhor. (Na realidade, "o invento de Graham Bell, o telefone)

símbolo – coisa simbolizada

Ex.: Nunca abandones a cruz. (cruz – símbolo da religião)

instrumento – pessoa que o utiliza

Ex.: Ele é um grande raquete. (Ele é um grande jogador de tênis).

Obs.: Existe um tipo especial de metonímia chamado sinédoque, que se baseia em outras relações.

parte – todo

Ex.: Os seus olhos espertos indicavam a porta de entrada.

matéria – objeto

Ex.: O cristal tinia sobre a mesa de jantar.

marca do produto substitui o produto.

Ex.: O Ford quase nos atropelou.

Sinestesia – Consiste na fusão de sensações percebidas por diferentes órgãos do sentido.

Exemplos:

Comia o sabor (gosto) vermelho (visão) da fruta.

Claro (visão) perfume (olfato) vagava pelo ar.

9.5. EXERCÍCIOS

01. **(FGV / TRE-PA / Técnico Judiciário)**

O Fundo Partidário será, em 2011, de R$ 301 milhões. Isso porque foi aprovado a nove dias do fim do ano o reforço de R$100 milhões. Desse valor, R$ 265 milhões são oriundos do Orçamento da União e R$ 36 milhões referentes à arrecadação de multas previstas na legislação

eleitoral. Mas, afinal, qual a razão para se aumentar de forma tão extraordinária a dotação dos partidos? Muito simples: a necessidade de eles pagarem as dívidas de campanha.

A respeito do trecho acima, analise as afirmativas a seguir:

I. **No segundo período, o pronome Isso tem valor anafórico.**

II. **No terceiro período, há um caso de zeugma.**

III. **No último período, os dois-pontos introduzem uma enumeração.**

Assinale:

a) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;

b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;

c) se nenhuma afirmativa estiver correta;

d) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;

e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

Gabarito: D

I. O pronome ISSO realmente possui valor anafórico, referindo-se a toda a ideia exposta no período anterior.

II. O comentário é correto, visto que a forma verbal "são" está implícita antes do vocábulo "referentes".

III. Errado. O emprego de dois-pontos aí se justifica para explicitar qual a razão para se aumentar de forma tão extraordinária a dotação dos partidos.

Somente os comentários I e II estão corretos.

02. **(FGV / TRE-PA / Técnico Judiciário)**

Leia o texto a seguir para responder à questão 2

Infelizmente, ainda hoje assistimos no Brasil a fenômenos que há muito deveriam ter sido excluídos da vida política nacional, como a compra de votos e a atitude de diversos candidatos, durante as campanhas eleitorais, de "doar" cestas básicas e toda a sorte de brindes em troca da promessa de voto dos eleitores.

No último parágrafo, as aspas em doar confirmam, para o vocábulo, seu aspecto de:

a) polifonia;

b) coloquialismo;

c) antonímia;

d) metáfora;

e) ironia.

Gabarito: E

O autor está empregando um escárnio, um deboche em relação ao sentido do verbo DOAR. Na realidade, não se trata de doação, mas sim de um câmbio: a troca de votos por cestas básicas. Sendo assim, fica clara a intenção do autor de ironizar o sentido do vocábulo.

03. **(PUC-SP)**

"O pavão é um arco-íris de plumas."

e

"... de tudo que ele suscita e esplende e estremece e delira..."

enquanto procedimento estilístico, temos respectivamente:

a) metáfora e polissíndeto;

b) comparação e repetição;

c) metonímia e aliteração;

d) hipérbole e anacoluto;

e) anáfora e metáfora.

Gabarito: A

O pavão está sendo comparado com o arco-íris de plumas. Mas é de bom alvitre destacar que tal comparação não está sendo realizada com conector comparativo. Pois, se houvesse, não seria metáfora e, sim, comparação. Já, na segunda construção, observa-se a presença repetida do conector E, daí o polissíndeto.

04. **(UM-SP)**

Aponte a figura: "Naquela terrível luta, muitos adormeceram para sempre.".

a) antítese;

b) eufemismo;

c) anacoluto;

d) prosopopeia;

e) pleonasmo.

Gabarito: B

O emprego da expressão "muitos adormeceram para sempre" tem por objetivo substituir MORRERAM. É uma forma mais branda de exprimir a informação.

05. **(FMU-SP)**

Em "Dizem que os cariocas somos pouco dados aos jardins públicos.", há:

a) pleonasmo;
b) hipérbato de pessoa;
c) silepse de gênero;
d) silepse de pessoa;
e) silepse de número.

Gabarito: D

O sujeito é o termo "os cariocas" – terceira pessoa do plural – e a forma verbal "somos" encontra-se flexionada na primeira pessoa do plural. Tal concordância ideológica se justifica pelo fato de o autor inserir-se entre os cariocas.

06. **Qual é a figura de linguagem presente no seguinte fragmento "Uma pessoa de cabeça desarrumada é assim: defende a pena de morte e o ensino gratuito nas universidades públicas. É a favor do aborto e se diz católico. Votou Lula em 2002 e José Serra em 2004. È contra as cotas nas universidades e milita numa Ong de defesa da Mata Atlântica."?**

a) antítese;
b) metáfora;
c) paradoxo;
d) metonímia;
e) hipérbole.

Gabarito: C

As atitudes dessa pessoa de cabeça desarrumada revelam o antagonismo, a contradição. Por exemplo: a pessoa se dizer católica e ser favorável ao aborto. Lembrando que o catolicismo não admite o aborto. Esse antagonismo é denominado de paradoxo ou oxímoro.

07. **(NCE / TRE)**

"Que paz? Não foram esses mesmos adoráveis senhores que decapitaram ou mandaram decapitar seus próprios companheiros de comunidade durante as recentes rebeliões?" – "Não foram esses mesmos adoráveis senhores..."; neste segmento ocorre um exemplo de uma figura denominada:

a) metáfora;
b) metonímia;
c) ironia;
d) eufemismo;
e) hipérbole.

Gabarito: C

Uma das características da ironia é a intenção de se passar uma informação dizendo-se justamente o oposto. É o que ocorre aí. O autor não considera tais senhores "adoráveis", muito pelo contrário, o que se evidencia pela ação atribuída a eles: "decapitaram ou mandaram decapitar seus próprios companheiros de comunidade durante as recentes rebeliões".

08. **(NCE / INPI)**

Embarcar, na sua origem, era empregado com referência a barco, mas no texto aparece com referência a avião; o item abaixo em que a palavra sublinhada também mostra desvio do sentido original é:

a) O avião vai <u>decolar</u> com o porco a bordo;
b) O porco chegou a <u>enterrar</u> as patas na comida;
c) Os passageiros <u>"humanos"</u> estranharam o fato;
d) A <u>poltrona</u> ficou estragada por causa do peso do porco;
e) A investigação do <u>incidente</u> vai demorar.

Gabarito: B

Caracteriza-se a Catacrese na alternativa B, porquanto ENTERRAR é uma ação que deveria relacionar-se com TERRA. Mas, em face de não haver vocábulo apropriado para a situação, emprega-se a mais conveniente, ou a mais próxima sob o aspecto semântico.

09. **(NCE / IBGE)**

Em "Vossa Senhoria parece preocupado com o furto da máquina de escrever" há uma figura conhecida por:

a) metáfora;
b) silepse de gênero;
c) silepse de número;
d) silepse de pessoa;
e) catacrese.

Gabarito: B

Os pronomes de tratamento Vossa Majestade, Vossa Excelência, Vossa Senhoria etc. possuem forma gramatical feminina. Como a pessoa em voga é do sexo masculino, faz-se a concordância não por aspecto gramatical, mas, sim, ideológico. Trata-se, por conseguinte, de silepse de gênero.

10. **(NCE / CFC)**

A expressão surgiu em Minas Gerais, nos tempos do Brasil colonial e designa o sujeito sonso, fingido. Naquela época, auge da mineração, eram elevadíssimos os impostos cobrados pelo rei de Portugal, nosso avozinho, tão bonzinho...

"nosso avozinho, tão bonzinho"; no contexto em que aparecem, esses segmentos são exemplo de:

a) metáfora;
b) ironia;
c) hipérbole;
d) eufemismo;
e) comparação.

Gabarito: B

Novamente ocorre aí uma ironia. O autor do texto obviamente não considera o rei de Portugal um "avozinho bonzinho", visto que a cobrança de impostos era elevadíssima.

11. **(NCE / TJ)**

"Como pode ver na entrevista, ganhar dinheiro no Brasil é sopa.". Nesta frase aparece uma figura sintática e uma figura de palavra. Assinale a alternativa que identifique essas figuras:

a) hipérbato e metáfora;
b) silepse e metonímia;
c) elipse e metonímia;
d) elipse e metáfora;
e) anacoluto e catacrese.

Gabarito: D

Na primeira oração, observa-se a ocorrência de um sujeito elíptico, por exemplo, VOCÊ. Como (você) pode ver na entrevista. Já na segunda estrutura, o emprego do

verbo SER sugere a seguinte comparação: Ganhar no Brasil é fácil como ganhar sopa. Como não há conector comparativo, caracteriza-se a metáfora.

12. **(Cesgranrio / SEPLAG)**

Entre os recursos conotativos utilizados no Texto I, destaca-se a metáfora, cuja definição apresenta-se a seguir.

"A metáfora consiste no emprego de palavras ou expressões convencionalmente identificadas com dado domínio de conhecimento para verbalizar experiências conceptuais de outro domínio."

AZEREDO, José Carlos de. Gramática Houaiss da Língua Portuguesa. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.

Um exemplo de metáfora, no Texto I, é:

a) "Tem pai que está sempre em casa, e outros, nunca."

b) "Tem pai (...) que não sabe o que fazer com suas horas de folga."

c) "Tem pai que é uma geleia, e uns que a gente nunca viu chorar na vida."

d) "Pai que nos sustenta e pai que é sustentado por nós."

e) "Que mora longe, que mora em outra casa, pai que tem outra família,".

Gabarito: C

É sempre bom lembrar que a metáfora consiste em uma comparação de ordem subjetiva, sem o conectivo que indica esta comparação. Tal situação se expõe na opção C, uma vez que o sentido da primeira estrutura é: Tem pai que é mole como geleia. Todavia, como na oração não veio redigida a conjunção comparativa, fica caracterizada a metáfora.

13. **(Cesgranrio / Eletrobrás)**

A realidade é constituída por contrastes e também por semelhanças. A metáfora é uma das formas de estabelecimento de semelhanças por comparações. Qual das sentenças do Texto I, indicadas a seguir, apresenta uma metáfora?

a) "sabe-se lá por que arcaico crime por eles cometido."

b) "O insone é um imortal de olheiras."

c) "O momento mais temido pelo insone, (...) é a hora de ficar a sós..."

d) "Escolhia um filme desinteressante..."

e) "um murmúrio indiscernível,"

Gabarito: B

O emprego do verbo SER (é) e a ideia de comparação – estando ausente o conector – caracterizam a metáfora.

14. **(Cesgranrio / Eletrobrás)**

Elipse é a omissão de um termo que o contexto ou a situação permitem facilmente suprir. Observem-se os trechos abaixo do Texto II.

I – "Parece que a medicina anda preocupada com a falta ou o excesso dele."

II – "Durmo na hora que quero, durante o tempo que preciso e à s vezes até no lugar indevido."

III – "É que um estudo acaba de revelar que dormir ou cochilar depois do almoço faz bem à saúde, principalmente a mental."

Acerca desses trechos, é correto afirmar que há elipse em:

a) I, apenas;

b) II, apenas;

c) III, apenas;

d) I e II, apenas;

e) I, II e III.

Gabarito: E

Na primeira frase, fica subentendida a expressão "anda preocupada com" – Parece que a medicina anda preocupada com a falta ou anda preocupada com o excesso dele.

Na segunda frase, a forma verbal DURMO está implícita antes da segunda e da terceira oração – Durmo na hora que quero, DURMO durante o tempo que preciso e à s vezes DURMO até no lugar indevido.

Na terceira frase, a conjunção integrante QUE está elíptica antes de "cochilar". É que um estudo acaba de revelar que dormir ou QUE cochilar depois do almoço faz bem à saúde, principalmente a mental.

15. **(Funrio / JUCERJA)**

A propósito do emprego da linguagem figurada presente no poema de Vinícius de Moraes, é correto afirmar que, nos versos "Sendo a sua liberdade / Era a sua escravidão", há:

a) antítese;

b) comparação;

c) eufemismo;

d) metáfora;
e) metonímia.

Gabarito: A

Em face de os versos representarem uma contradição de pensamentos, a melhor resposta seria PARADOXO ou OXÍMORO. Não havendo tais alternativas, a melhor resposta é ANTÍTESE, tendo em vista o emprego de vocábulos com sentidos opostos.

16. **(Funrio / CB-RJ / Médico)**

Um outro velhinho querido, 92 anos, cego, surdo, todos os esfíncteres sem controle, numa cama -de repente um acontecimento feliz! O coração parou. Ah, com certeza fora o seu anjo da guarda, que assim punha um fim à sua miséria! Mas o médico, movido pelos automatismos costumeiros, apressou-se a cumprir seu dever: debruçou-se sobre o velhinho e o fez respirar de novo. Sofreu inutilmente por mais dois dias antes de tocar de novo o acorde final.

"Sofreu inutilmente por mais dois dias antes de tocar de novo o acorde final.", no fragmento ocorre uma:

a) personificação;
b) eufemismo;
c) onomatopeia;
d) comparação;
e) metonímia.

Gabarito: B

A expressão "antes de tocar de novo o acorde final" significa MORRER. É uma forma mais branda de exprimir a informação.

17. **(CEPUERJ / UERJ / Assistente Administrativo)**

"O corpo <u>era um monte de rugas sorridentes</u>". A estrutura predicativa, do ponto de vista das figuras de linguagem, funciona como:

a) hipálage;
b) quiasmo;
c) catacrese;
d) eufemismo.

Gabarito: C

O emprego de SORRIDENTES é exclusivo para sorriso, boca, dentes. Como o autor não encontrou palavra mais adequada que pudesse expressar o pensamento que lhe vinha à mente, empregou-a.

18. **(CEPUERJ / UERJ / Assistente Administrativo)**

"Eliminara certas despesas inúteis, lavanderia, pensão.". O recurso de coesão empregado para garantir a concisão textual no fragmento acima é a:

a) elipse;
b) paráfrase;
c) reiteração;
d) substituição.

Gabarito: A

Percebe-se claramente a presença subentendida da palavra COMO. "Eliminara certas despesas inúteis, COMO lavanderia, pensão.".

19. **(CETAP / PR /Assembleia Legislativa / Analista de Sistemas)**

A figura de linguagem presente em "Durante séculos, a Inglaterra dominou os mares..." é:

a) metáfora;
b) silepse;
c) antítese;
d) metonímia;
e) ironia.

Gabarito: D

A metonímia se configura, visto que a Inglaterra não tinha domínio dos mares, mas sim das vias marítimas. Substituiu-se a parte pelo todo.

20. **(VUNESP / MPE-SP / Analista de Promotoria)**

Observe as frases, títulos de matérias da revista, e analise as afirmações.

Por que o Brasil toma tanto Rivotril

Cores que enganam seu cérebro

(Super interessante, julho de 2010)

I. **Na primeira frase, a figura de linguagem presente é a metonímia, já**

que o termo Brasil está empregado no lugar de brasileiros.

II. **Na segunda frase, a figura de linguagem presente é a hipérbole, já que o verbo enganar representa uma ação exagerada.**

III. **Na primeira frase, sem alteração da ordem dos termos, também estaria correto o uso da forma Por quê.**

Está correto o que se afirma em:

a) I, apenas;

b) III, apenas;

c) I e II, apenas;

d) II e III, apenas;

e) I, II e III.

Gabarito: A

O item I apresenta comentário adequado, porquanto não é o Brasil que toma Rivotril, mas, sim, os brasileiros.

O item II não apresenta comentário adequado, uma vez que o vocábulo ENGANAR não expressa qualquer valor de amplificação, exagero.

O item III não apresenta comentário correto, pois o emprego de POR QUÊ somente é cabível no fim de orações.

Capítulo 10

Funções da Linguagem

No ato de comunicação percebemos a existência de alguns elementos, são eles:

a) **emissor:** é aquele que envia a mensagem (pode ser uma única pessoa ou um grupo de pessoas).
b) **receptor:** é aquele a quem a mensagem é endereçada (um indivíduo ou um grupo), também conhecido como destinatário.
c) **canal de comunicação:** é o meio pelo qual a mensagem é transmitida.
d) **código:** é o conjunto de signos e de regras de combinação desses signos utilizado para elaborar a mensagem – o emissor codifica aquilo que o receptor irá descodificar.
e) **contexto:** é o objeto ou a situação a que a mensagem se refere.

Partindo desses seis elementos Roman Jakobson, linguista russo, elaborou estudos acerca das funções da linguagem, os quais são muito úteis para a análise e produção de textos. As seis funções são:

10.1. FUNÇÃO REFERENCIAL OU DENOTATIVA

Também chamada de denotativa ou informativa, ocorre quando a mensagem é centrada no referente, no assunto, sendo o principal objetivo passar uma informação objetiva e impessoal no texto. Valoriza-se o objeto ou a situação de que se trata a mensagem sem manifestações pessoais ou persuasivas. Como geralmente se fazem presentes em textos científicos ou jornalísticos, a pessoa mais comum é a terceira do singular.

Ex.: Cálculos do economista Renato Fragelli, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), estimam que o setor público brasileiro ficou com dois terços (66,8%) de todo o aumento de produção de 1991 para cá e o setor privado com apenas 33,2%.”.

10.2. FUNÇÃO EXPRESSIVA

Também chamada de emotiva, passa para o texto marcas de atitudes pessoais como emoções, opiniões, avaliações. Na função expressiva, o emissor ou destinador é o produtor da mensagem. O produtor mostra que está presente no texto mostrando aos olhos de todos seus pensamentos.

Ex.: "Eu odeio beber cerveja quente!".

10.3. FUNÇÃO CONATIVA OU APELATIVA

É quando a mensagem do texto busca seduzir, envolver o leitor levando-o a adotar um determinado comportamento. Na função conativa a presença do receptor está marcada sempre por pronomes de tratamento ou da segunda pessoa e pelo uso do imperativo e do vocativo.

Ex.: "Maria, vamos à praia!".

10.4. FUNÇÃO FÁTICA

É o canal por onde a mensagem caminha de quem a escreve para quem a recebe. Também designa algumas formas que se usa para chamar atenção.

Ex.: Psiu, aonde você vai?

10.5. FUNÇÃO METALINGUÍSTICA

Ocorre quando a linguagem fala de si própria. Predominam em análises literárias, explicações morfossintáticas, interpretações e críticas diversas.

Ex.: O que significa abáculo?

10.6. FUNÇÃO POÉTICA

É usada para despertar a surpresa e prazer estético. É elaborada de forma imprevista e inovadora.

Ex.:

"Não se perde um segundo

Segundo eu, a vida vem em primeiro

O tempo em segundo

E como só tem um mundo

É bom ir fundo
Senão você não chega nem em terceiro.”

Marthal

Capítulo 11

Vozes do Discurso

Nos textos narrativos, existe, obviamente, um narrador, responsável por contar a estória. É possível esse locutor ou narrador inserir outras vozes.

Com objetivo de inserir essas outras vozes no texto, a voz principal ou privilegiada, o narrador utiliza o discurso, que vem a ser a forma como as falas são introduzidas na narrativa.

O discurso pode ser classificado em: direto, indireto e indireto livre**.**

11.1. DISCURSO DIRETO

Reprodução fiel e literal de uma fala.

Ex.: Pedro me perguntou: – João, você irá à praia?

Ex.: Carlos foi enfático: Luiz, não adianta insistir, porque não sairei hoje.

Ex.: Renato concedeu um depoimento sobre violência que nos chocou: "Hoje em dia, eu evito sair depois de uma determinada hora.".

11.2. DISCURSO INDIRETO

O narrador, apesar de ser fiel à s ideias do que foi dito por outra pessoa, adapta as palavras desse outro. Em outras palavras, o narrador utiliza suas próprias palavras para reproduzir a fala de um personagem.

Ex.: João perguntou se eu sairia hoje.

Ex.: Na época, Pedro esclareceu que a situação estava ainda distante de um desfecho.

Ex.: Roberto questionou o preço das mesas.

Se essas frases estivessem em discurso direto, ficariam assim:

João perguntou: – Você sairá hoje?

Na época, Pedro esclareceu: – A situação ainda está distante de um desfecho.

Roberto questionou: – quanto custam essas mesas?

11.3. DISCURSO INDIRETO LIVRE

11.3. DISCURSO INDIRETO LIVRE

Consiste na mescla dos discursos. Simultaneamente à fala do narrador, também se faz presente a fala do personagem. O discurso indireto livre mantém a expressividade do discurso direto, contudo, simultaneamente, conserva as transposições de pronomes, verbos e advérbios típicos do discurso indireto. É de bom alvitre realçar que se caracteriza pelo fato de não poder ocorrer qualquer verbo de elocução (também chamado verbo dicendi): disse, informou, avisou, perguntou, questionou, falou… Também destaco que, no discurso indireto livre, há uma liberdade sintática significativa, o que pode levar o leitor a confundir as falas do narrador e do personagem.

Ex.: A criança estava andando na rua e, de repente, deparou-se com um esqueleto. Que medo!

A primeira parte do texto referia-se à fala do narrador e ao fim veio a reprodução da fala do personagem.

Ex.: Nós estávamos num país estranho, que falava uma língua totalmente desconhecida. O medo e a ansiedade tomou-lhes o coração de tal forma, que procuraram logo a embaixada brasileira.

A primeira parte reproduz a fala do personagem. A segunda parte, sem qualquer ligação sintática, é uma intervenção do narrador. Repare a mudança dos pronomes. NÓS na primeira parte e LHES na segunda.

Ex.: Manoel recebeu a notícia de que passou no concurso. Maravilha, consegui!

Repare: a primeira parte é a fala do narrador, que expressa algo sobre Manoel, inclusive empregando a terceira pessoa. Na sequência, é inserida a fala de Manoel, sem qualquer ligação sintática tampouco verbo de elocução. Observe também a mudança da pessoa do verbo (recebeu – 3ª pessoa do singular; consegui – 1ª pessoa do singular). Também chamamos a atenção para a expressividade ocorrente no emprego da interjeição "Maravilha!".

11.4. EXERCÍCIOS

01 **Correlacione as funções de linguagem em consonância com as frases a seguir.**

1) **Função referencial**

2) **Função expressiva**
3) **Função conativa**
4) **Função fática**
5) **Função metalinguística**
6) **Função poética**

( ) Vem pra Caixa você também!
( ) Todo objeto não passa de um complemento verbal.
( ) João virá, né?
( ) Petroleiro zarpa de porto líbio com primeira exportação de petróleo rebelde
( ) "Berro pelo aterro, pelo desterro Berro por seu berro, pelo seu erro" (Caetano Veloso)
( ) A dor tomou conta de todos quando Paulo Rossi fez o terceiro gol da Itália.

a) 3 – 5 – 1 – 4 – 6 – 2
b) 5 – 3 – 4 – 2 – 1 – 3
c) 4 – 2 – 1 – 6 – 5 – 3
d) 2 – 5 – 4 – 3 – 6 – 1
e) 3 – 5 – 4 – 1 – 6 – 2

Gabarito: E

Na primeira frase, configura-se a função conativa ou apelativa, caracterizada sobretudo pelo emprego do imperativo em VEM e do pronome de tratamento VOCÊ. É de bom alvitre observar o erro de concordância presente na frase: VEM encontra-se flexionado na segunda pessoa do singular do imperativo afirmativo e VOCÊ, por ser pronome de tratamento, é de terceira pessoa. As formas corretas seriam: Venha para Caixa você também! / Vem para a Caixa tu também! – A falha de concordância, na realidade, valoriza a oralidade, procurando envolver o receptor da mensagem, fato que corrobora ainda mais a função conativa.

Na segunda frase, ocorre a função metalinguística, o que se estabelece pelo fato de a frase ter o objetivo de ensinar fatos relativos à própria língua.

Na terceira frase, faz-se presente a função fática, dado que o emprego de "né?" evidencia o teste ao canal de comunicação.

Na quarta frase, observa-se a ocorrência da função referencial ou denotativa. Tal se esclarece em face da intenção de se passar uma informação de forma objetiva, não aparecendo elementos opinativos tampouco linguagem figurada.

Na quinta frase, claramente se configura a função poética, tendo em vista a presença de rimas, ritmo e grande preocupação com aspectos estéticos na confecção do texto.

Na sexta frase, há a função expressiva ou emotiva. Isso é evidenciado pela presença do sentimento do autor e até mesmo do exagero, quando se diz que a dor tomou conta de todos.

02. **(Cespe / TJ-RJ)**

O princípio de que o Estado necessita de instrumentos para agir com rapidez em situações de emergência está inscrito no arcabouço jurídico brasileiro desde a primeira Constituição, de 1824, dois anos após a Independência, ainda no Império. A figura do decreto-lei, sempre à disposição do Poder Executivo, ficou marcada no regime militar, quando a caneta dos generais foi acionada a torto e a direito, ao largo do Congresso, cujos poderes eram sufocados pela ditadura. Com a redemocratização, sacramentada pela Constituição de 1988, sepultou-se o decreto-lei, mas não o seu espírito, reencarnado na medida provisória. Não se discute a importância de o Poder Executivo contar com dispositivos legais que permitam ao governo baixar normas, sem o crivo imediato do Congresso, que preencham os requisitos da "relevância e urgência". O problema está na dosagem, que, se exagerada, como ocorre atualmente, sufoca o Poder Legislativo.

O Globo, 19/3/2008 (com adaptações)

A função da linguagem predominante no texto é:

a) metalinguística;
b) poética;
c) expressiva;
d) apelativa;
e) referencial.

Gabarito: E

Trata-se de texto informativo, com linguagem objetiva. É importante ressaltar que, mesmo havendo a presença de expressões no sentido conotativo – caneta, sepultou-se, dosagem –, fica clara a predominância da denotação.

03. Entre o sono e o sonho,
Entre mim e o que em mim
É o quem eu me suponho,

Corre um rio sem fim.

(Fernando Pessoa)

No trecho acima, predominam algumas funções da linguagem. Entre elas, estão as funções:

a) emotiva e metalinguística;

b) poética e apelativa;

c) referencial e poética;

d) fática e conativa;

e) emotiva e poética.

Gabarito: E

A função poética é óbvia, até porque a preocupação de Fernando Pessoa com a estética é clara. Observam-se as rimas, o ritmo diferente dos textos em prosa, o jogo de palavras. Mas, além da função poética, evidencia-se também a presença da função expressiva ou emotiva, porquanto a primeira pessoa se faz presente, e a opinião que o poeta tem sobre si próprio. O emissor da mensagem objetiva mostrar sua opinião: que existe grande distância em o que se supõe ser e o que efetivamente é.

04. **(PUC)**

Identifique a frase em que a função predominante da linguagem é a REFERENCIAL:

a) Dona Casemira vivia sozinha com seu cachorrinho.

b) – Vem, Dudu!

c) – Pobre Dona Casemira…

d) – O que… O que foi que você disse?

e) Um cachorro falando?

Gabarito: A

O período ocorrente na alternativa A apresenta uma informação objetiva, sem traços opinativos.

Na alternativa B, o emprego do imperativo (Vem) e do vocativo (Dudu) caracteriza a função fática.

Nas alternativas C e E, está presente a função emotiva ou expressiva, sendo a subjetividade o principal traço das construções frasais. Tal se evidencia na alternativa C pelo uso do adjetivo POBRE e na alternativa E pelo ar de

incredulidade do emissor.

Na alternativa D, ocorre o teste ao canal, formalizando a função fática.

05. **(UFVI)**

Quando uma linguagem trata de si própria – por exemplo um filme falando sobre os processos de filmagem, um poema desvendando o ato de criação poética, um romance questionando o ato de narrar – temos a metalinguagem.

Esta forma de linguagem predomina em todos os fragmentos, exceto:

a) "Amo-te como um bicho simplesmente de um amor sem mistério e sem virtude com um desejo maciço e permanente." (Vinicius de Morais)

b) "Proponho-me a que não seja complexo o que escreverei, embora obrigada a usar as palavras que vos sustentam." (Clarice Lispector)

c) "Não narro mais pelo prazer de saber. Narro pelo gosto de narrar, sopro palavras e mais palavras, componho frases e mais frases." (Silviano Santiago)

d) "Agarro o azul do poema pelo fio mais delgado de lã de seu discurso e vou traçando as linhas do relâmpago no vidro opaco da janela." (Gilberto Mendonça Teles)

e) Que é Poesia? Uma ilha cercada de palavras por todos os lados." (Cassiano Ricardo)

Gabarito: A

A presença da rima em "simplesmente" e "permanente", do ritmo e da preocupação com a estética formaliza a função poética na alternativa A.

Nas alternativas B, C e D, o uso de verbos na primeira pessoa do singular, a subjetividade e a intenção de revelar os sentimentos caracterizam a função emotiva ou expressiva.

Na alternativa E, há a preocupação do autor em definir a poesia, ou seja, é a língua a definir aspectos da própria língua, o que caracteriza a função metalinguística.

06. **(NCE)**

"Ó Mestre, fazei com que eu procure mais consolar que ser consolado, compreender que ser compreendido, amar que ser amado..."; este trecho d a Canção de São Francisco tem como função de linguagem predominante a:

a) emotiva;
b) metalinguística;
c) fática;
d) conativa;
e) referencial.

Gabarito: D

A presença do vocativo junto com a interjeição em "Ó Mestre", bem como do imperativo afirmativo, caracteriza a função conativa ou apelativa.

07. **(CEPUERJ / UERJ / Assistente Administrativo)**

Por meio da forma "não é", a personagem Mafalda "testa" o seu canal de comunicação no diálogo com o mundo, explorando a função:

a) fática;
b) poética;
c) conativa;
d) metalinguística.

Gabarito: A

O emprego de "não é?", com a nítida intenção de se saber se o outro está ouvindo, atesta a presença da função fática.

08. **(IRBR)**

Frente à tradição hindu que há 2.500 anos divide a sociedade indiana em mais de 2.000 castas, os 60 anos dos ideais liberais de Gandhi e os 10 anos da legalização do casamento entre castas revelam-se impotentes para transformar a organização hierárquica da sociedade. Em confronto direto com o costume milenar, o governo da Índia oferece uma recompensa de R$ 2.400 para homens e mulheres de diferentes grupos sociais que formalizem sua união.

O dinheiro equivale ao dobro da renda per capita anual do país. O governo justifica que a medida é um passo para a reacomodação das desigualdades. Para grande parte da sociedade, é um passo no escuro.

O governo – que já enfrenta protesto contra cotas em universidades – vê-se, agora, diante de um desafio maior. O esquema está sob ataque de todos os lados. Os conservadores alegam que a medida é gatilho para o caos social. Os liberais sustentam que poucos vão receber a oferta porque o dinheiro vai desaparecer no bolso de autoridades corruptas.

Indianos de castas mais baixas dizem que rejeitariam a recompensa, pois perderiam o acesso preferencial à s universidades, garantido pelas já controversas cotas. Hoje, o governo oferece 22,5% das vagas aos intocáveis, os últimos na hierarquia hindu, mas pretende aumentá-las para 50%.

"Sei que esta não é a única maneira de pôr um fim à discriminação, mas é preciso começar de algum lugar", defende a ministra da Justiça Social. Para a socióloga Radhika Chopra, a oferta é uma forma de sinalizar que esses casamentos não devem ser condenados. "Com a medida, o governo apóia os indivíduos que transgrediram barreiras sociais e mostra que podem funcionar como exemplos", acrescenta a socióloga.

Jornal do Brasil, 17/12/2006 (com adaptações).

No que se refere a funções da linguagem, predomina, no texto, a função

a) fática, visto que o autor do texto busca, de forma sutil, convencer os leitores dos benefícios do projeto que visa incentivar o casamento entre pessoas pertencentes a castas diferentes.

b) referencial, dado que a ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto.

c) emotiva, dado que são as falas das autoridades entrevistadas que direcionam a forma como as informações são apresentadas.

d) conativa, visto que as opiniões expressas estão devidamente referenciadas, não havendo, portanto, perda de objetividade na transmissão das informações.

e) metalinguística, haja vista o foco em aspectos intertextuais, como demonstram as diversas vozes que acompanham a informação divulgada.

Gabarito: B

O aspecto mais curioso nessa questão é o fato de as definições não corresponderem à s respectivas funções de linguagem. Por exemplo, a função fática evidencia o teste ao canal de comunicação. A função emotiva expressa as opiniões e sentimentos do emissor da mensagem, e não de terceiros. A função conativa sinaliza para o envolvimento dos leitores, havendo a presença de vocativos, pronomes de tratamento, verbos no imperativo. O foco da função metalinguística é fazer a língua analisar aspectos da própria língua. A única definição que corresponde efetivamente à função expressa na alternativa é a referencial,

justamente a que se faz presente no texto. Tal se evidencia pela presença de linguagem precisa, de caráter objetivo, com predominância da denotação.

09. **(Cespe / UnB / Itamaraty)**

Texto 6

Impostos inconstitucionais...

Ontem, ao voltar uma esquina, dei com os impostos inconstitucionais de Pernambuco. Conheceram-me logo, eu é que, ou por falta de vista, ou porque realmente eles estejam mais gordos, não os conheci imediatamente. Conheci-os pela voz, **Vox clamantis in deserto.** Disseram-me que tinham chegado no último paquete.

O mais velho acrescentou até que agora hão de repetir com regularidade estas viagens à corte.

– A gente, por mais inconstitucional que seja, concluiu ele, não há de morrer de aborrecimento na cela das probabilidades. Uma chegadinha à corte, de quando em quando, não faz mal a ninguém, exceto…

– Exceto…?

– Isso agora é querer perscrutar os nossos pensamentos íntimos. Exceto o diabo que o carregue, está satisfeito? Não há coisa nenhuma que não possa fazer mal a alguém, seja quem for. Falei de um modo geral e abstrato. (…)

– São todos inconstitucionais?

– Todos.

– Vamos aqui para calçada. E agora, que tencionam fazer?

– Agora temos de ir ao imperador, mas confesso, meu amigo, receamos perder tempo. Você conhece a velha máxima que diz que a história não se repete?

– Creio que sim.

– Ora bem, é o nosso caso. Receamos que o imperador, ao dar conosco, fique aborrecido de ver as mesmas caras e, por outro lado, como a história não se repete… Você, se fosse imperador, que é que faria?

– Eu, se fosse imperador? Isso agora é mais complicado.

Eu, se fosse imperador, a primeira coisa que faria era ser o primeiro cético do meu tempo. Quanto ao caso de que se trata, faria uma coisa singular, mas útil: suprimiria os adjetivos.

– Os adjetivos?

– Vocês não calculam como os adjetivos corrompem tudo, ou quase tudo; e,

quando não corrompem, aborrecem a gente, pela repetição que fazemos da mais ínfima galanteria. Adjetivo que nos agrada está na boca do mundo.

– Mas que temos nós outros com isso?

– Tudo; vocês como simples impostos são excelentes, gorduchos e corados, cheios de vida. O que os corrompe e faz definhar é o epíteto de inconstitucionais. Eu, abolindo por um decreto todos os adjetivos de Estado, resolvia de golpe esta velha questão, e cumpria esta máxima que é tudo o que tenho colhido da história e da política, que aí dou por dois vinténs a todos os que governam o mundo: os adjetivos passam, e os substantivos ficam.

ASSIS, Machado de. In: Gazeta de notícias (1881–1900). Balas de Estalo. Rio de Janeiro, 16/5/1885.

Acerca das ideias e dos sentidos do texto 6, assim como de suas estruturas linguísticas e organização textual, julgue (C ou E) os itens subsequentes.

1 () O narrador recorreu à função metalinguística da linguagem para formular, ao final da crônica, sua máxima, carregada de arbitrariedade.

2 () O autor valeu-se do discurso indireto livre, que consiste em dar voz e atribuir características e sentimentos humanos a seres inanimados.

3 () O trecho "Eu, se fosse imperador, a primeira coisa que faria era ser o primeiro cético do meu tempo." (l.24-25) produz efeito humorístico, por sua incongruência interna e por desviar-se do "caso de que se trata" (l.25).

4 () A frase "vox clamantis in deserto" (l.4) está em itálico, porque remete o interlocutor ao respectivo texto-fonte e faz parte da memória coletiva nacional.

Gabarito:

1 – Certo. A parte final do texto acaba por falar sobre a própria língua, sobretudo quando menciona adjetivos e substantivos, caracterizando a função metalinguística.

2 – Errado. Não há discurso indireto livre. O texto é todo estruturado em discurso direto, reproduzindo na íntegra a fala dos personagens, o que se caracteriza sobretudo pelo emprego dos travessões.

3 – Certo. O efeito humorístico se revela claramente em face de não haver qualquer relação entre ser imperador e o fato de ele próprio ser o primeiro cético de seu tempo. Por mais que um imperador tenha poder, sobre esse fato

certamente ele não teria qualquer ingerência. "O caso de que se trata" refere-se ao desejo do "imposto" de ver o fim dos adjetivos, mormente INCONSTITUCIONAIS, que o qualifica.

4 – Errado. O termo está em itálico, visto que se trata de um latinismo.

10. **Mistura linguística**

Muita gente, em vários países, fala um pouco de inglês todo dia sem perceber. Sem contar o "informatiquês", cujos verbetes – como megabyte, browser, hard disk, software – são expressões do mais puro inglês, muitas outras palavras do dia-a-dia de brasileiros, franceses, alemães e, principalmente, japoneses têm origem no idioma bretão. Futebol (football), sanduíche (sandwich) e deletar (verbo criado a partir de to delete, suprimir) são exemplos conhecidos de anglicismo (uso de expressões em inglês ou originadas dele) no português. Os alemães apertam o resetknopf (reset button ou botão de reset) para iniciar o computador. E os franceses, conhecidos por sua ojeriza a estrangeirismos, despedem-se dos colegas de trabalho na sexta-feira dizendo bon weekend.

A situação do japonês é particularmente curiosa. Estima-se que cerca de vinte mil palavras do vocabulário moderno tenham origem no inglês. Sorvete é aisukurimu, de ice cream. Ar condicionado é eacon, de air conditioner. E banheiro deixou de ser obenjyo para se tornar toiré, de toillet.

A história dessa imposição linguística certamente desperta animosidades. Na Índia, por exemplo, onde o inglês é uma das línguas oficiais, ele não é muito ouvido nas ruas. Falar inglês ainda lembra um passado de opressão.

Galileu, fev. 2002, p. 37 (com adaptações).

Julgue os itens a seguir, que se referem à s ideias e à s estruturas do texto acima.

1 – A seleção de argumentos e do vocabulário mostra o grau de engajamento do autor em face do assunto: paralelamente à s funções referencial e metalinguística, que veiculam informações objetivas, há marcadores linguísticos que deixam entrever elementos subjetivos.

2 – O autor organiza sintaticamente o período "Sem contar (...) bretão" (L.2-5) a partir da oposição regra/exceção, em que a regra é o "mais puro inglês", e a exceção, o inglês impuro ou degenerado.

3 – De acordo com a norma padrão do português, é correta a substituição de "cujos verbetes" (L.2) por do qual os verbetes.

4 – Constata-se que a expressão inglesa "reset button" (L.8) está presente tanto no vocábulo alemão como na expressão portuguesa, com a substituição de um de seus componentes.

5 – O autor empregou "bon weekend" (L.10) como um exemplo elucidativo da ideia de que os franceses têm "ojeriza a estrangeirismos" (L.9).

Gabarito:

1 – Certo – Indubitavelmente estão presentes as funções referencial e metalinguística. A referencial em face de haver explicações e dados técnicos, alguns numéricos (Estima-se que cerca de vinte mil palavras do vocabulário moderno tenham origem no inglês), sobre o tema em voga. A metalinguística também aparece quando o texto inteiro fala sobre a relação entre as línguas, a influência da língua inglesa sobre outras etc. A função expressiva ou emotiva também se faz presente, pois é exposta a opinião do autor – traço de subjetividade – no fragmento "A situação do japonês é particularmente curiosa.".

2 – Errado – O fragmento em voga não objetiva realizar uma oposição, uma argumentação baseada na relação "exceção que confirma a regra". Muito pelo contrário, o fragmento "Sem contar o "informatiquês", cujos verbetes – como megabyte, browser, hard disk, software – são expressões do mais puro inglês, muitas outras palavras do dia a dia de brasileiros, franceses, alemães e, principalmente, japoneses têm origem no idioma bretão." é mais um dado a confirmar a tese exposta no período anterior: "Muita gente, em vários países, fala um pouco de inglês todo dia sem perceber.".

3 – Certo – Embutida no pronome relativo CUJO encontra-se a preposição DE, até em função da relação de posse que aquele expressa. Observe que o texto continua coerente: "Sem contar o "informatiquês", do qual os verbetes… são expressões do mais puro inglês.". Observe, inclusive, a construção da frase com a substituição do pronome relativo pelo antecedente: Os verbetes do "informatiquês" são expressões do mais puro inglês.

4 – Certo – O componente "reset" aparece tanto na expressão alemã como na expressão portuguesa, mas o componente "button" é substituído por "knopf" no alemão e por "botão" no português.

5 – Errado – A expressão "bon weekend", dita pelos franceses, confirma a teoria de que muita gente fala um pouco de Inglês sem perceber. E esse fato é

corroborado por esse exemplo. Pois, "até mesmo" os franceses, que têm ojeriza a estrangeirismos, acabam por empregar tal expressão. Destarte, obviamente, o emprego da expressão não serve para comprovar a ojeriza a estrangeirismo.

11. **(Esan)**

"Impossível dar cabo daquela praga. Estirou os olhos pela campina, achou-se isolado.

Sozinho num mundo coberto de penas, de aves que iam comê-lo. Pensou na mulher e suspirou.

Coitada de Sinhá Vitória, novamente nos descampados, transportando o baú de folha."

O narrador desse texto mistura-se de tal forma à personagem que dá a impressão de que há diferença entre eles. A personagem fala misturada à narração. Esse discurso é chamado:

a) discurso indireto livre;
b) discurso direto;
c) discurso indireto;
d) discurso implícito;
e) discurso explícito.

Gabarito: A

O autor narra uma sequência de fatos e, de forma totalmente independente e sem qualquer ligação sintática com o restante da construção textual, reproduz uma fala do personagem, contudo sem a presença de verbos de elocução (Coitada de Sinhá Vitória, novamente nos descampados, transportando o baú de folha.)

12. **(FCC / PB / Auditor Fiscal)**

Os números do relatório da CPI dedicada originalmente aos Correios são expressivos, dos milhares de páginas de textos e documentos aos mais de cem acusados. É o tempo do espanto. Um oceano nos separa, contudo, do resultado concreto, o das absolvições e o das punições. Os dois momentos do mar imenso entre relatório e resultado estão no julgamento final, cuja tendência é pessimista, a contar de exemplos recentes.

Não deveria ser pela natureza mesma das comissões parlamentares de inquérito, cujo nome é raramente objeto de meditação até pelos operários do direito.

"Comissão", além do significado mercantil (depreciativo, no caso do Parlamento), do dinheiro pago em remuneração de serviço, é também o do agrupamento encarregado de realizar tarefa de interesse comum. Interesse comum? Não. De interesses conflituosos pela própria natureza política de seu trabalho, pois o vocábulo "parlamentares" as afirma integradas por componentes de uma das casas do Congresso ou mistas, funcionando segundo seus regimentos internos (…)

"As comissões são úteis ou necessárias?, perguntará o leitor. Sem a menor dúvida e vigorosamente, respondo sim. Há abusos. São lamentáveis, mas inerentes à vida parlamentar, no Brasil e em qualquer país onde haja comissões parlamentares. Se os legisladores devem ser a expressão média de seu povo, fica manifesto que os parlamentares sejam compostos por homens e mulheres de bem, dedicados e honestos, mas também por pilantras, patifes, cachaceiros, delinquentes e assim por diante. (…) Seria ideal que o povo escolhesse melhor seus réus representantes, dizem as elites, sem razão. O povo vota sob influência do poder econômico, após seleção dos favoritos de chefes partidários, para exclusão dos que assumam linha independente da adotada pelas lideranças e assim por diante.

Voltando à CPI dos Correios, cabe esclarecer por que há um oceano entre o relatório e o resultado. "Inquérito" é trabalho de apuração. Se bem feito, propicia bom material aos julgadores. Se malfeito, facilita a "pizza", essa maravilhosa invenção atribuída aos italianos em geral, mas que vem do sul da Itália. "Pizza" transformada em cambalacho e tapeação? Não necessariamente. Muitas vezes o defeito da distância entre a apuração e o julgamento está naquela, e não neste, principalmente se for judicial. O mal do julgamento político está em que considera seu estilo paralelo do desprestígio para o Parlamento como um todo. No caso atual, porém, não se pode negar que já houve resultados apreciáveis. Para o relatório lido nesta semana cabe esperar pela travessia do oceano e torcer para que chegue a bom porto. (W. Cenevina)

Observando-se, no texto, a intenção do autor, verifica-se o uso da função da linguagem:

a) emotiva, para criar ironia e construir a adesão do leitor;

b) metalinguística, para criar um efeito de ambiguidade e ironia;

c) referencial, para informar e criar ambiguidades;

d) fática, para criar ironia e transmitir informações;

e) poética, para transmitir informações ao leitor, por meio de ambiguidades.

Gabarito: B

Repare como a língua está sendo empregada para explicar a própria língua, sobretudo no segundo parágrafo que vêm explicações para o significado de Comissão: "Comissão", além do significado mercantil (depreciativo, no caso do Parlamento), do dinheiro pago em remuneração de serviço, é também o do agrupamento encarregado de realizar tarefa de interesse comum.". O efeito da ambiguidade e ironia ocorre na sequência do período mencionado: Interesse comum? Não. De interesses conflituosos pela própria natureza política de seu trabalho, pois o vocábulo "parlamentares" as afirma integradas por componentes de uma das casas do Congresso ou mistas, funcionando segundo seus regimentos internos (...)

13. **(FCC / PB / Auditor Fiscal)**

Leia as frases abaixo:

I – **o leitor perguntaria se as comissões são úteis e necessárias.**

II – **Com essa CPI, acabaria tudo em pizza, novamente?**

III – **Os abusos, embora lamentáveis, são frequentes na vida pública, asseverou o colunista.**

Elas se concentram

	I	II	III
a)	Direto	Direto	Indireto livre
b)	Direto	Indireto livre	indireto
c)	Indireto livre	Direto	Indireto
d)	Indireto	Indireto livre	direto
e)	Indireto	Direto	Indireto livre

Gabarito: D

Item I – O período foi redigido com a fala imaginada e adaptada do leitor, o que se evidencia principalmente pelo emprego da conjunção subordinativa integrante SE. Repare que a conjunção SE não é falada pelo personagem.

Item II – Repare que, na menção à fala de outrem, há a intervenção do autor – novamente. A fala do personagem se confunde com a fala do próprio narrador.

Item III – Aqui ocorre uma reprodução integral da fala do colunista na primeira

oração. Também é importante destacar que os itens I e III não poderiam caracterizar o discurso indireto livre em face da presença dos verbos de elocução (perguntaria no item I e asseverou no item III).

Capítulo 12

Leituras de Enunciados das Questões de Interpretação

É importante não se olvidar que as questões de interpretação são confeccionadas com a intenção de deixar o candidato em dúvida entre duas opções. São, normalmente, estas opções coerentes com texto, porém, à s vezes, não o são com as perguntas formuladas. Você terá que aprender a responder exatamente o que está sendo perguntado. O estudo a seguir é referente aos enunciados das questões.

12.1. RECORRÊNCIA TEXTUAL

Ocorre quando a banca exige algo que esteja claro no texto. Enunciados que se apresentam como "Segundo o texto", "De acordo com o texto", "O autor diz que"… impõem que as respostas estejam explícitas no texto. Sendo assim, é possível que uma opção esteja efetivamente em conformidade com as ideias expostas no texto, e a outra seja uma dedução, à s vezes até coerente, decorrente dos elementos do texto. Se o enunciado foi um daqueles mencionados, a resposta haverá de ser a primeira opção.

É importante observar que toda questão relativa a valor semântico dos vocábulos (sinonímia) é de recorrência textual, pois não se deseja saber o sinônimo da palavra isoladamente, mas sim no contexto. Por exemplo, as palavras "estranho" e "extraordinário" são sinônimas? A resposta certa é "talvez", "dependendo do contexto". Na frase "Conheci uma pessoa extraordinária.", o adjetivo "extraordinária" não é sinônimo de "estranho". No entanto, na frase "Percebi um movimento extraordinário na rua e logo voltei para caso.", o adjetivo "extraordinário" já se torna sinônimo de "estranho".

12.2. INFERÊNCIA TEXTUAL

Ocorre quando a banca exige do candidato algo que esteja além do texto.

Enunciados que se apresentam como "Deduz-se…", "Depreende-se…", "Conclui-se", "Infere-se", "O que o autor quis dizer com…" impõem que a resposta correta não seja algo que esteja explícito, mas sim algo implícito – subentendido ou pressuposto. É uma dedução. Perceba a diferença entre "O que o autor informou…? e "O que o autor pretendeu dizer com…?". No primeiro caso, a banca exige algo que o autor informou, ou seja, algo explícito no texto; já, no segundo caso, o candidato deve imaginar o que o autor pretendeu dizer.

BIZU

Como já se mencionara, o fundamental é o candidato aprender a responder o que está sendo perguntado. Portanto, se, no enunciado da questão, houver a proposição "Segundo o fragmento X", você irá se restringir a responder sobre o fragmento X, mesmo que este fragmento se oponha ao restante do texto. Se a banca expuser um fragmento finalizado com reticências (XXXX…), você deverá retornar ao texto e observar onde aquela ideia acabará. Se for proposta uma inferência acerca da totalidade do texto, e não de um fragmento, o candidato deverá procurar a resposta no tópico frasal (geralmente no início do texto), onde muito provavelmente se localizará a tese abrangente.

12.3. EXERCÍCIOS

01. **(ICMS / Fiscal)**

No Brasil, o debate sobre ética tributária só recentemente ganhou vulto em decorrência do aumento da carga tributária, da expansão da 'indústria de liminares', do visível aperfeiçoamento da administração fiscal, da estabilidade econômica e da crescente inserção do país na economia globalizada. Na maioria dos países desenvolvidos, com cultura tributária mais amadurecida, esse debate é mais limitado, porque praticamente restrito a discussões sobre a pressão fiscal e a competição fiscal nociva (ahrmfull tax competition).

Com base na análise do trecho acima, não é correto afirmar que:

a) fica subentendido que o debate sobre ética tributária no Brasil anteriormente era de pouca expressividade.
b) A noção de "países desenvolvidos" é um pressuposto para a leitura do texto.
c) Se pode inferir que, nos países ainda não desenvolvidos, a cultura tributária ainda não amadureceu.

d) Está implícito que o Brasil cada vez mais se insere na economia globalizada.
e) Se pode inferir, também por paralelismo no parágrafo, que o Brasil não está entre os países desenvolvidos.

Gabarito: Anulada

A questão foi anulada, uma vez que há duas alternativas apresentando comentários incorretos, conforme solicitado no enunciado, havendo, portanto, duas respostas.

A alternativa A apresenta comentário correto, dado que, se só recentemente o debate sobre ética tributária ganhou vulto, está implícito que ele era de pouca expressividade.

A alternativa B apresenta comentário adequado, uma vez que o leitor só realiza a perfeita intelecção do texto se conhecer o contexto político e identificar quem são os países desenvolvidos e os subdesenvolvidos.

A alternativa E apresenta comentário correto, porquanto No Brasil o debate recentemente sobre ética tributária ganhou vulto, e, nos países desenvolvidos, com cultura tributária mais amadurecida, esse debate é mais limitado, porque praticamente restrito a discussões sobre a pressão fiscal e a competição fiscal nociva.

A alternativa C apresenta comentário incorreto, pois o texto informa que, nos países mais desenvolvidos, a cultura tributária está mais amadurecida. Então, o que se pode inferir é que os países menos desenvolvidos possuem cultura tributária menos amadurecida, e não que não haja nenhum amadurecimento.

A alternativa D também apresenta comentário incorreto, pois a informação ali prestada aparece explicitamente no texto, e não implicitamente. Chamamos a atenção para o fragmento "da crescente inserção do país (Brasil) na economia globalizada.". Obviamente, está EXPLÍCITO que o Brasil cada vez mais se insere na economia globalizada.

02. **(FGV / ICMS / Fiscal)**

Com base na leitura do texto, analise os itens a seguir:

I – **Em "Portanto, a necessidade das gerações atuais preservarem recursos para as gerações futuras <u>também</u> se dá no que tange aos recursos públicos"., o termo grifado colabora com a identificação de**

um pressuposto.

II – **Em "não mais se concebe uma atuação efetiva sem uma apurada reflexão sobre os gastos públicos, seus limites e sua aplicação.", na identificação dos implícitos, observa-se um pressuposto.**

III – **Em "Enquanto o primeiro, normalmente, se adstringe a situações futuras próximas, o segundo vincula-se a situações futuras de longo prazo.", a leitura só se efetiva se o leitor identificar os subentendidos.**

Assinale:

a) se somente os itens II e III estiverem corretos;
b) se somente os itens I e II estiverem corretos;
c) se todos os itens estiverem corretos;
d) se nenhum item estiver correto;
e) se somente os itens I e III estiverem corretos.

Gabarito: B

Item I – Certo. Caracteriza-se o pressuposto, visto que o emprego de TAMBÉM sugere que existem outras necessidades das gerações atuais além daquele que se refere aos recursos públicos.

Item II – Certo. Observa-se o pressuposto no fragmento "Não mais se concebe", que dá a entender que em outras épocas já se permitiu atuação sem uma apurada reflexão sobre os gastos públicos, seus limites e sua aplicação.

Item III – Errado. Não há subentendidos. Para a leitura se efetivar, na realidade se torna necessário identificar quem são os referentes (termos constantes no texto) de primeiro e segundo.

03. Quando vemos hoje os impressionantes levantes no mundo árabe, com atos espontâneos pela democracia, é impossível não se perguntar: o que estamos fazendo gastando US$ 110 bilhões (em torno de R$ 180 bilhões) neste ano para apoiar regimes corruptos e impopulares no Afeganistão e no Paquistão que são quase idênticos aos governos que estamos aplaudindo os povos derrubarem? (Thomas L. Friedman)

Pode-se inferir do primeiro parágrafo que:

a) está havendo atos espontâneos pela democracia no mundo árabe;
b) há um oxímoro entre o investimento em alguns regimes políticos e o desejo

de ver similares serem derrubados;

c) Os governos apoiados e derrubados são os mesmos;

d) Os governos apoiados, que receberam investimentos, e os derrubados são idênticos;

e) Os governos do Afeganistão e do Paquistão também serão derrubados por forças populares.

Gabarito: B

Questão imaginada para deixar o candidato em dúvida entre as alternativas A e B, até mesmo porque as outras opções são absurdas. É fundamental se ter bastante atenção ao enunciado, visto que é um comando, e se deve respeitar ao comando. Como já se disse, é imperioso responder à quilo que efetivamente está sendo solicitado ou perguntado. A alternativa A, apesar de apresentar comentário extremamente coerente, não serve como resposta, pois a informação lá constante está explícita no texto, quando o enunciado exigia uma inferência, uma informação implícita. Já a alternativa B atende ao enunciado, porquanto o texto não informa explicitamente que existe um paradoxo (oximoro) entre o investimento em alguns regimes políticos e o desejo de ver similares serem derrubados, mas é o que se pode deduzir do questionamento acerca dos gastos realizados para apoiar regimes corruptos e impopulares idênticos à queles que hoje estamos aplaudindo os povos derrubarem.

Capítulo 13

Semântica dos Vocábulos Parônimos e Homônimos

13.1. PARÔNIMOS

Palavras com sons parecidos.

absolver	perdoar
absorver	aspirar, sorver
arrear	pôr arreios
arriar	descer
cavaleiro	que cavalga
cavalheiro	cortês
comprimento	extensão
cumprimento	saudação
cumprimento	ato de cumprir
conjuntura	oportunidades
deferir	atender
diferir	retardar, divergir
descrição	ato de descrever
discrição	qualidade de discreto
descriminar	inocentar
discriminar	distinguir, isolar
despensa	onde se guardam mantimentos
dispensa	ato de dispensar
docente	relativo a professores
discente	relativo a alunos
emigrar	deixar uma região
imigrar	entrar numa região

flagrante	evidente
fragrante	perfumado
fluir	correr
fruir	desfrutar
imergir	afundar
emergir	vir à tona
inflação	alta de preços
infração	violação
infligir	aplicar pena
infringir	violar
mandado	ordem judicial
mandato	procuração
peão	amansador de cavalgadura
pião	tipo de brinquedo
precedente	que vem antes
procedente	proveniente, que tem fundamento
prescrever	determinar
proscrever	banir, abolir
ratificar	confirmar
retificar	corrigir
soar	produzir som
suar	transpirar
sortir	abastecer

13.2. HOMÔNIMOS

Palavras com a mesma pronúncia.

acender	pôr fogo
ascender	subir
acento	sinal gráfico
assento	onde se senta, lugar
acerto	ato de acertar
asserto	afirmação
caçar	capturar animais
cassar	tornar sem efeito
decente	digno, correto
cela	quarto pequeno
sela	arreio
censo	recenseamento
senso	juízo
cerração	nevoeiro
serração	ato de serrar
cerrar	fechar
serrar	cortar
cervo	veado
servo	criado
chá	bebida
xá	soberano do irã
cheque	ordem de pagamento
xeque	lance no jogo de xadrez
ruço	grisalho
russo	natural da rússia

cito	do verbo citar
sito	situado
concertar	ajustar,combinar
consertar	reparar, corrigir
concerto	sessão musical
conserto	reparo
coser	costurar
cozer	cozinhar
descente	que desce, vazante
esperto	perspicaz
experto	perito
espiar	observar
expiar	pagar pena
espirar	soprar, exalar
expirar	terminar
estrato	camada
extrato	o que se extrai de
incerto	não certo
inserto	inserido
incipiente	principiante
insipiente	ignorante
laço	nó
lasso	cansado, fatigado
tacha	prego
taxa	imposto, tributo

BIZU

O vocábulo "sessão" possui dois homônimos: seção e cessão. Possui também um parônimo: secção. Aqui estão os significados das quatro palavras:

SESSÃO – ESPAÇO DE TEMPO EM QUE SE REALIZA UMA REUNIÃO OU UM TRABALHO.

SEÇÃO – DEPARTAMENTO

CESSÃO – ATO DE CEDER

SECÇÃO – SEÇÃO, DEPARTAMENTO

13.3. SEMÂNTICA DE FORMAS PARECIDAS

ABAIXO / A BAIXO

Abaixo:

Interjeição. Ex.: Abaixo o presidente!

Advérbio (embaixo, em categoria inferior, depois) Ex.: Abaixo de Deus, as mães.

A baixo:

contrário a "de alto" Ex.: Rasgou os lençóis de alto a baixo.

ACERCA DE/ CERCA DE/ A CERCA DE/ HÁ CERCA DE

Acerca de: a respeito de. Ex.: Falamos acerca do filme.

Cerca de: durante, aproximadamente. Ex.: Falamos cerca de dez minutos

A cerca de: ideia de distância. Ex.: Fiquei a cerca de 15 metros da porta.

Há cerca de: existe aproximadamente, aproximadamente no passado. Ex.: Há cerca de cem pessoas no estádio.

ACIMA / A CIMA

Acima:

anterior, em grau de categoria superior. Ex.: Questão acima

em grau ou categoria superior. Ex.: De dezoito anos acima.

em graduação superior. Ex.: Muito acima do general.

de preferência, em lugar superior, em cima. Ex.: Buscamos, acima de tudo, a paz.

de cima (interjeição). Ex.: Acima coração!

A cima:

contrário a "de baixo". Ex.: Costurou a saia de baixo a cima.

AFIM / A FIM DE

Afim: semelhança, parentesco, afinidade. Ex.: São duas mães afins.

A fim de: com o propósito de, com o objetivo de, com a finalidade de. Ex.: Estudou a fim de passar no concurso.

AFORA / A FORA

Afora: o mesmo que "fora", à exceção de, exceto. Ex.: Todos farão o concurso,

afora eles.

A fora: com a ideia de "para fora". Ex.: Pela rua a fora.

AO ENCONTRO DE / DE ENCONTRO A

Ao encontro de: a favor de, encontrar-se, concordar. Ex.: Nós não discutimos, visto que minhas ideias foram ao encontro das dele.

De encontro a: ir de encontro a. Ex.: Meu carro foi de encontro a um poste.

APARTE / À PARTE

Aparte:

verbo: separar. Ex.: Não aparte as provas.

substantivo: interrupção. Ex.: O padre recebeu um aparte.

À parte: locução adverbial = de lado. Ex.: O resultado será mostrado à parte.

CONQUANTO / COM QUANTO.

Conquanto: embora; mesmo que. Ex.: Conquanto João estivesse cansado, ainda saiu de casa.

Com quanto: com que quantitativo. Ex.: Com quanto dinheiro eles saíram de casa.

CONTUDO / COM TUDO

Contudo: entretanto, porém. Ex.: Maria estava cansada, contudo foi ao teatro.

Com tudo: preposição + pronome = total. Ex.: Ela saiu de casa com tudo.

DANTES / DE ANTES

Dantes: advérbio = antigamente. Ex.: Dantes se comia melhor.

De antes: preposição + advérbio = em tempo anterior. Ex.: Os problemas já vêm de antes de você chegar.

DEBAIXO/DE BAIXO

Debaixo:

em situação inferior. Ex.: Tomara que não caia quando alguém estiver debaixo.

na dependência, em decadência. Ex.: Ficamos debaixo e tivemos que nos render.

sob: Ex.: Jaz agora debaixo da terra.

no tempo de; por ocasião de. Ex.: O sucesso dessas músicas caiu debaixo desse cantor.

em situação inferior a. Ex.: Escondam-se debaixo da escada.

De baixo:

a parte inferior. Ex.: Comprei roupa de baixo.

contrário a "a cima". Ex.: Examinamos de baixo a cima.

DEMAIS / DE MAIS

Demais:

pronome indefinido = outros. Ex.: Chame os demais candidatos.

advérbio de intensidade = excessivamente. Ex.: A mulher fala demais.

palavra continuativa = além disso. Ex.: Demais quem trabalha aqui é ela.

De mais: locução adjetiva = muito. Ex.: Comi doce de mais.

DESAPERCEBIDO / DESPERCEBIDO

Desapercebido: desavisado. Ex.: Eu fui ao local errado por estar desapercebido.

Despercebido: sem ser notado, sem perceber a presença. Ex.: Passei despercebido pela frente do prédio.

DETRÁS / DE TRÁS

Detrás: pela retaguarda. Ex.: Um atleta não pode cometer uma falta por detrás.

De trás: atrás. Ex.: Esse som vem lá de trás.

DEVAGAR / DE VAGAR

Devagar: lentamente; sem pressa. Ex.: Devagar se vai ao longe.

De vagar: de descanso. Ex.: Escrevo nos momentos de vagar.

EM VEZ DE / AO INVÉS DE

Em vez de: em lugar de. Ex.: Em vez de fazer Direito, fez Letras.

Ao invés de: ao contrário de. Ex.: Ao invés de descansar, pôs-se a trabalhar a madrugada inteira.

ENFIM / EM FIM

Enfim: afinal, finalmente. Ex.: Enfim todos chegaram.

Em fim: no fim. Ex.: Eles estão em fim de carreira.

ENQUANTO / EM QUANTO

Enquanto: conjunção = ao mesmo tempo que; em concomitância com. Ex.: "Enquanto jantava, falei em voz baixa a Casimiro Lopes. (Graciliano Ramos)

Em quanto: preposição + pronome = qual, por quanto. Ex.: Em quanto tempo se faz a viagem de Rio a São Pedro?

MALGRADO / MAU GRADO

Malgrado: embora, ainda que (se não estiver seguido de preposição). Ex.: Malgrado João quase não tenha estudado, fez excelente teste.

Mau grado:

contra a vontade. Ex.: Paulo cuida do filho de mau grado.

apesar de (se estiver seguido de preposição). Ex.: Mau grado ao tempo sairei.

NENHUM / NEM UM

Nenhum: ninguém, nada. Ex.: Nenhum tem razão naquela discurso.

Nem um: um só que fosse. Ex.: Não bebemos nem uma cerveja.

PORVENTURA / POR VENTURA

Porventura: por acaso. Ex.: Se porventura não chover, irei à praia.

Por ventura: por sorte. Ex.: Como não estudei, só passarei por ventura.

PORQUANTO / POR QUANTO

Porquanto: conjunção = visto que. Ex.: Apresso-me, porquanto o tempo voa.

Por quanto: designa quantidade, preço. Ex.: Por quanto venderam o carro?

PORTANTO / POR TANTO

Portanto: então, logo. Ex.: Eles se preparam à beça para o concurso, portanto passarão..

Por tanto: por muita quantidade. Ex.: "Por tanto amor, por tanta emoção, a vida me fez assim" (Milton Nascimento)

SE NÃO / SENÃO

BIZU

Se a palavra "não" puder ser extraída da frase, alterando o seu sentido, porém não gerando erro, o termo "se não" é separado. Ex.: Se não chover, iremos à praia. – Observe que o advérbio "não" pode ser extraído, que o período continua correto gramaticalmente. Se chover, iremos à praia.

Por outro lado, se o termo "não" não puder ser suprimido, "senão" é junto. Ex.: É bom você estudar, senão será reprovado. – Observe que o termo "não" não pode ser suprimido, pois a frase ficará sem sentido: é bom você estudar, se será reprovado.

SOBRETUDO / SOBRE TUDO

Sobretudo:

especialmente, principalmente. Ex.: Deves estudar todas as matérias, sobretudo conjunções.

Casacão, capa: Ex.: O meu sobretudo está molhado.

Sobre tudo: a respeito de tudo; acerca de tudo. Ex.: Eles conversaram sobre tudo.

TAMPOUCO / TÃO POUCO

Tampouco: também não, nem. Ex.: Eles não bebem tampouco fumam.

Tão pouco: muito pouco. Ex.: Ele comeu tão pouco, que logo sentirá fome.

13.4. EXERCÍCIOS

01. **(TRE-MG)**

A palavra nos parênteses não preenche adequadamente a lacuna do enunciado em:

a) O crime foi bárbaro. Somente após a..... do assunto é que foi possível prendê-lo. (descrição)

b) Só seria possível..... o acusado, se conseguíssemos mais provas que o inocentassem. (descriminar)

c) A negociações só vão..... os resultados esperados, caso todos compareçam. (sortir)

d) O corpo estava....., apenas a cabeça estava fora da água, que subia cada vez mais. (imerso)

e) Como a mercadoria estava muito pesada, o recurso foi..... o cofre ali mesmo, na escada (arriar)

Gabarito: C

A lacuna deveria ser preenchida com SURTIR, que significa GERAR EFEITO e não com SORTIR, cujo sentido é VARIAR.

02. **(TRE-RJ)**

"Comprida" tem significado distinto de seu parônimo "cumprida". Das sentenças abaixo, aquela em que houve <u>troca</u> na escolha dos parônimos entre parênteses é:

a) O acúmulo de <u>vultosas</u> quantias era sinal de bênção divina. (vultosas / vultuosas)Â

b) Muda-se a ética antes que se <u>consuma</u> a generalização do pecado. (consuma / consume)

c) A expressão "dar um jeito" traz sempre subentendida a intenção de burlar a lei. (subentendida / subtendida)

d) O descumprimento da lei dificilmente passa despercebido na "Common Law" anglo-saxônica. (desapercebido / despercebido)

e) Antes de mais nada, faz-se necessário discriminar que leis favorecem a institucionalização do jeito. (descriminar / discriminar)

Gabarito: B

A estrutura "antes que" exige que a forma verbal se encontre no presente do subjuntivo. Sendo assim, pelo contexto, cabe apenas o verbo 'consumar" (consumar a generalização do pecado). Como foi utilizado "consuma" (verbo CONSUMIR no presente do subjuntivo), a coerência fica totalmente prejudicada.

03. **(NCE)**

A cessão de crédito não vale em relação ao devedor, senão quando a este notificada, mas por notificado [...] (Art. 1069 – Código Civil)

Assinale o item em que o vocábulo homônimo está incorretamente grafado:

a) A seção do Congresso Nacional está encerrada por hoje.

b) Dirija-se, por favor, à Seção de documentação do Ministério.

c) A cessão de terras aos índios é um problema mal resolvido no País.

d) A Seção de Pessoal é a mais frequentada no Ministério.

e) A cessão de pessoal capacitado é um problema a ser resolvido.

Gabarito: A

O vocábulo "seção" significa DEPARTAMENTO. No contexto, é pertinente o emprego de SESSÃO, cujo significado é "espaço de tempo em que se realiza uma reunião ou um trabalho.

04. **(Esaf)**

Marque a alternativa cujas palavras preenchem corretamente as respectivas lacunas, na frase seguinte: "Necessitando..... o número do cartão do PIS,..... a data de meu nascimento."

a) ratificar, proscrevi;

b) prescrever, discriminei;

c) descriminar, retifiquei;

d) proscrever, prescrevi;

e) retificar, ratifiquei.

Gabarito: E

Na alternativa A, o primeiro vocábulo se enquadra no contexto, mas o segundo, não. Vê-se: Necessitando ratificar (confirmar) o número do cartão do PIS, proscrevi (aboli) a data de meu nascimento."

Na alternativa B, o primeiro verbo PRESCREVER (determinar) já gera incoerência textual.

Na alternativa C, também a primeira forma verbal causa inconsistência – Necessitando descriminar (inocentar) o número do cartão do PIS.

Na alternativa D, mais uma vez a primeira forma verbal gera incoerência – Necessitando proscrever (abolir) o número do cartão do PIS.

A alternativa E é a única que apresenta duas formas verbais que complementam com coerência o texto. Vejamos: Necessitando retificar (corrigir) o número do cartão do PIS, ratifiquei (confirmei) a data de meu nascimento

05. **(UNISINOS)**

A frase onde os homônimos e / ou parônimos em destaque estão com significação invertida é:

a) Era <u>iminente</u> a queda do <u>eminente</u> deputado.

b) A justiça <u>infringe</u> uma pena a quem <u>inflige</u> a lei.

c) <u>Vultosa</u> quantia foi gasta para curar sua <u>vultuosa</u> face.

d) O <u>mandado</u> de segurança impediu a cassação do <u>mandato</u>.

e) O nosso <u>censo</u> depende exclusivamente do <u>senso</u> de responsabilidade do IBGE.

Gabarito: B

O verbo INFLIGIR significa COMINAR, APLICAR PENA e INFRINGIR significa VIOLAR; portanto, os verbos, no período exposto na alternativa B, estão invertidos.

06. **(MACK)**

Na oração: Em sua vida, nunca teve muito……, apresentava-se sempre……. no……. de tarefas……. As palavras adequadas para preenchimento das lacunas são:

a) censo – lasso – cumprimento – eminentes;

b) senso – lasso – cumprimento – iminentes;

c) senso – laço – comprimento – iminentes;

d) senso – laço – cumprimento – eminente;

e) censo – lasso – comprimento – iminentes.

Gabarito: B

O sentido do período é: Em sua vida, nunca teve muito juízo (SENSO), apresentava-se sempre fatigado (LASSO) na realização (CUMPRIMENTO) de tarefas urgentes, imediatas (IMINENTES).

07. **(TFC)**

Indique a letra na qual as palavras complementam, corretamente, os espaços das frases abaixo:

1) **Quem possui deficiência auditiva não consegue……. os sons com nitidez.**
2) **Hoje são muitos os governos que passaram a combater……. de entorpecentes com rigor.**
3) **O Diretor do presídio……. pesado castigo aos prisioneiros revoltosos.**

a) discriminar – tráfico – infligiu;

b) discriminar – tráfico – infringiu;

c) descriminar – tráfego – infringiu;

d) descriminar – tráfego – infligiu;

e) descriminar – tráfico – infringiu.

Gabarito: A

Quem possui deficiência auditiva não consegue DISTINGUIR (DISCRIMINAR) os sons com nitidez.

Hoje são muitos os governos que passaram a combater O NEGÓCIO, A NEGOCIATA (TRÁFICO) de entorpecentes com rigor.

O Diretor do presídio O NEGÓCIO, A NEGOCIATA (TRÁFICO) pesado castigo aos prisioneiros revoltosos.

08. **(FUVEST)**

No último……. da orquestra sinfônica, houve……. entre os convidados, apesar de ser uma festa…….

a) conserto – flagrantes descriminações – beneficente;

b) concerto – fragrantes discriminações – beneficiente;

c) conserto – flagrantes descriminações – beneficiente;
d) concerto – fragrantes discriminações – beneficente;
e) concerto – flagrantes discriminações – beneficente.

Gabarito: E

No último SESSÃO MUSICAL, SINFONIA (CONCERTO) da orquestra sinfônica, houve EVIDENTES DISTINÇÕES (FLAGRANTES DISCRIMINAÇÕES) entre os convidados, apesar de ser uma festa BENEFICENTE. É importante esclarecer que não existe a palavra BENEFICIENTE.

09. **(TRE-MG)**

A palavra sublinhada está empregada inadequadamente em:

a) Os moradores sempre o consideraram, pelas suas atitudes, um homem sério e descente.
b) Sempre foi muito místico, por isso não se cansavam de lhe chamar de ascético.
c) Comentava-se que o príncipe só poderia ascender ao trono após a maioridade.
d) Na última publicação do jornalista, a seção de esportes estava ótima.
e) Sabe apreciar uma pintura. Não há dúvida de que possui senso artístico.

Gabarito: A

O contexto indica a intenção de esclarecer que o homem agia com decência, portanto o termo deveria ser DECENTE. Já o significado de DESCENTE é ALGO QUE DESCE, VAZANTE.

10. **(NCE / TJ / Técnico Judiciário)**

"A Carta proíbe a discriminação entre o homem e a mulher...": o vocábulo sublinhado era denominado parônimo (de descriminação). O item abaixo em que houve erro porque houve troca entre parônimos é:

a) Os assertos do discurso presidencial necessitam de confirmação;
b) As conjeturas do economista português foram importantes para nossa reflexão;
c) O ministro pretendia proscrever, para o presidente, uma certa cautela nos discursos;
d) Na iminente situação de perigo, o ministro preferiu adotar uma solução mais drástica;
e) O corrupto pretendia rapar todas as contribuições da campanha eleitoral.

Gabarito: C

A intenção na alternativa C era informar que o ministro pretendia DETERMINAR (PRESCREVER), para o presidente, uma certa cautela nos discursos. Observe que o sentido de PROSCREVER (ABOLIR, BANIR), nesta frase, gera incoerência textual.

11. **(NCE)**

" E , <u>em vez das</u> simples anotações que seriam preciosas como documento..."; a frase abaixo em que em lugar de <u>em vez de</u> seria mais adequado dizer <u>ao invés de</u> é:

a) Em vez de ler, preferiu dormir;

b) Em vez de churrasco, quis feijoada;

c) Em vez de sair, entrou;

d) Em vez de um caderno, encontrou um livro.

e) Em vez de anotações, encontrou um diário completo.

Gabarito: C

É fundamental observar a diferença entre EM VEZ DE e AO INVÉS DE. Aquele significa NO LUGAR DE, e este, AO CONTRÁRIO DE. AO INVÉS DE só pode ser utilizado se houver necessariamente uma ideia de contrariedade, adversidade. É justamente o que ocorre na alternativa C, visto que os vocábulos ENTRAR e SAIR possuem opostas cargas semânticas.

Capítulo 14

Semântica de Afixos

14.1. PREFIXOS LATINOS

PREFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
Ab, abs	afastamento, separação	abusar, abster– se
Ad, a	aproximação	adjunto,abeirar
Ambi	duplicidade	ambidestro
Ante	anterioridade	antevéspera
Bene, ben	bem, muito bom	benevolência
Bis, bi	duas vezes	bisavó
Circun	movimento em torno	circunferência
Cis	posição aquém	cisalpino
Com, co	companhia	compartilhar
Contra	oposição	contradição
De	movimento para baixo	decomposição
De, dês	ação contrária, privação	defeito
Di, dis	movimento para vários lados	digerir,discordar
Ex, e, es	movimento para fora	extração,expor
Extra	fora de	extraordinário
In, i	movimento para dentro	ingerir
In, i	negação	inativo
Inter, entre	posição intermediaria	intervir
Intro, intra	movimento para dentro	introdução
Per	movimento através	perfeito
Pro	movimento para frente	progredir
Re	movimento para trás, repetição	reabrir
Retro	movimento mais para trás	retroceder
Semi	metade	semideus
Sub, sus, su	movimento de baixo para cima	submeter
	Inferioridade	subalterno
Super, supra, sobre	posição em cima, excesso	superpor, sobrepor
Trans, tras	através de,além de,	transposição
Três, tras	mudança	tresnoitar

PREFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
Ultra	posição além do limite	ultra romântico
Vice, vis	substituição	vice presidente
Soto, sota	posição inferior	soto mestre

14.2. PREFIXOS GREGOS

PREFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
A,na	negação, privação	ateu, anarquia
Ana	repetição	anagrama
Anfi	duplicidade	anfíbio
Anti	oposição	antiaéreo
Apo	afastamento	apogeu
Arqui, arce	superioridade	arcebispo
Cata	movimento para baixo	catarata
Di	duas vezes	ditongo
Dia	movimento através de	diálogo
Dis	dificuldade	disenteria
Ec, ex	movimento para fora	eczema, êxodo
Endo	movimento para dentro	endovenoso
Epi	posição superior	epiderme
Eu, ev	perfeição, excelência	eufônico
Hemi	metade	hemisfério
Hiper	posição superior, excesso	hipertenso
Hipo	posição inferior	hipotético
Meta	posterioridade, mudança	metátese
Para	proximidade, ao lado de	paradigma
Peri	posição em torno de	perímetro
Pro	anterioridade	profecia

Sim, sin	simultaneidade, companhia	simpático, sinônimo

14.3. RELAÇÃO DE SUFIXOS

SUFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
-ada, -agem, -al	coleção	boiada, ramagem, laranjal
-ame, -edo, -io	agrupamento	vasilhame, arvoredo, mulherio
-aço, -aça, -ão, -arra	aumentativo	ricaço, barcaça, bocarra
-orra, -aréu, -ázio	aumentativo	cabeçorra, povaréu, copázio
-acho, -ejo, -ela, -eta	diminutivo	riacho, lugarejo, ruela, saleta
-ete, -eto, -ico, -iço	diminutivo	artiguete, poemeto, burrico
-isco, -(z)inho	diminutivo	chuvisco, animalzinho
-ota, -ote, -c)ula	diminutivo	flâmula, gotícula
-c)ulo, -ucho	diminutivo	papelucho

SUFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
-dade, -ada, -dão	ação	paulada, maldade, escuridão
-ança, -ação, -ença	qualidade	esperança, oração, detenção
-ência, -ez, -eza	estado	imponência, altivez, beleza
-ície, -mento, -(t)ude		calvície, ferimento, quietude
-ume	quantidade, coletivo	negrume, cardume
-ario, -eiro, -dor	profissão	bibliotecário, pedreiro
-nte	agente	vendedor, ajudante
-douro	lugar	bebedouro, dormitório
-al, -ar, -eo	referência,relação	imperial, escolar, férreo
-ano, -ão,-eiro	naturalidade,origem	curitibano, alemão
-ense, -eu,-ino		paraense, europeu, florentino
-ês,-esa		chinês, chinesa
-oso, -udo	abundância	gorduroso, narigudo
-ia, -ismo	ciência,escola	astronomia, romantismo
	Sistema político	comunismo
ança (ância), ença (ência)	ação ou resultado da ação	Esperança, lembrança, importância, obediência, crença, regência
Ura	qualidade	Brancura, feiúra
-esa, -isa, -essa	título	baronesa, sacerdotisa, condessa
-ar, -ear,-entar -ficar,-izar	ação	cantar, guerrear, afugentar dignificar, civilizar
-ecer, -escer	início de ação	amanhecer, amadurecer, florescer
-icar, -itar -iscar, -inhar	ação pouco intensa	bebericar, adocicar chuviscar, escrevinhar
-ear, -ejar	ação repetitiva	espernear, apedrejar

14.4. CORRESPONDÊNCIA ENTRE PREFIXOS GREGOS E LATINOS

PREFIXO LATINO	SIGNIFICADO	PREFIXO GREGO
Ab	afastamento	apo
Ad	proximidade, ao lado	para
Ambi	duplicidade	anfi

Bene	bem, bom	eu
Bi	dois	di
Circum	em torno de	peri
Contra	ação contrária	anti
Cum	simultaneidade	sin
De	movimento de cima para baixo	cata
Des, in	privação, negação	a, na
Ex	movimento para fora	ec, ex
In	interioridade	em
Intra	posição interior	endo
Semi	metade	hemi
Sub	sob, inferior	hipo
Super	sobre, excesso	epi
Trans	através de	dia
Mudança	meta	

RADICAIS GREGOS	SIGNIFICADO	EXEMPLO
Acro	alto, elevado	acrobata, acrópole, acrofobia
aer, aero	ar	aeronave, aéreo
agogo	o que conduz	pedagogo, demagogo
agro	campo	agronomia, agrônomo
alg, algia	dor, sofrimento	analgésico, nevralgia
andro	homem, macho	andrógino, andropausa
anemo	vento	anemógrafo, anemômetro
antropo	ser humano	antropocentrismo, antropologia
arcai, arqueo	antigo, velho	arcaico, arqueologia
Aristo	ótimo, o melhor	aristocracia, aristocrata
aritmo	número	aritmética, aritmologia

arquia	governo	Monarquia, anarquia
asteno, astenia	fraqueza, debilidade	astenopia, neurastenia
astro	corpo celeste	astronomia, astrologia
atmo	gás, vapor	atmosfera, atmômetro
baro	pressão, peso	barômetro, barítono
bata	o que anda	acrobata, nefelibata
biblio	livro	biblioteca, bibliotecário
bio	vida	biologia, biografia
caco	feio, mau	cacofonia, cacoépia
cali	belo	caligrafia, calidoscópio
cardio	coração	cardíaco, cardiopatia
cefalo	cabeça	acefalia, cefaléia
ciclo	círculo	ciclovia, motocicleta
cine, cinesi	movimento	cinemática, cinema
cito	célula	citologia, citoplasma
cosmo	mundo, universo	cosmovisão, macrocosmo
cracia	poder, autoridade	democracia, tecnocracia
cromo	cor	cromogravura, cromógeno
crono	tempo	cronológico, cronômetro
Datilo	dedo	datilografia, datiloscopia
dgeca	dez	decâmetro, decalitro
Demo	povo	democracia, demográfico
derma	pele	dermatologista, dermatite
di	dois	dissílabo, ditongo
dinamo	força, potência	dinamite, dinamismo
doxo	crença, opinião	ortodoxo, paradoxo
dromo	corrida	autódromo, hipódromo

Eco	casa, domicílio, habitat	ecologia, ecônomo, ecossistema
Edro	base, face	poliedro, pentaedro
ergo	trabalho	ergofobia, ergonomia
esperma, espermato	semente	espermatologia, espermatozóide
etio, etimo	origem	etiologia, etimologia
etno	raça, nação	etnia, etnocentrismo
Fago	aquele que come	antropófago, necrófago
filo	amigo, amante	Filólogo,fílósofo,
fisio	natureza física ou moral	fisiologia, fisioterapia
Fobo	Aversão, medo	agorafobia, pantofobia
fono	som, voz	Fonoaudiólogo, fonema
fos, foto	luz	fosfeno, fotografia
gamo	casamento	gamomania, poligamia
gastro	estômago	gastronomia, gástrico
Gene	origem	gênese, genética
geo	terra	geografia, geologia
gine, gineco	mulher	Ginecologia, andrógino
gono, gonio	ângulo	polígono, goniômetro
grafia	escrita	ortografia, caligrafia
Helio	sol	heliocentrismo, heliografia
hemo	sangue	hemorragia, hemograma
hepato	fígado	hepatite, hepático
hetero	outro, diferente	heterossexual, heterogêneo
hidro	água	hidrografia, hidrófilo
Higro	umidade	higrômetro, higrófilo
Hipno	sono	hipnose, hipnotismo
Hipo	cavalo	hipódromo, hipopótamo
homeo, homo	semelhante	homeopatia, homônimo

icon, icono	imagem	iconoclasta, iconografia
ictio	peixe	ictiofagia, ictiologia
iso	igual	isóbaro, isonomia
Latria	culto	idolatria, alcoólatra
Lito	pedra	litografia, aerólito
log, logia	estudo	Psicologia, sociologia
macro	grande	macrocosmo, macrobiótica
mancia	adivinhação	quiromancia, cartomancia
mani, mania	loucura	manicômio, cleptomania
mega, megalo	grande	megalomania, megalocefalia
meso	meio	Mesopotâmia, mesóclise
metro	que mede, medição	velocímetro, termômetro
micro	pequeno	microcosmo, microfone
miso	ódio, aversão	misantropia, misossofia
mito	fábula	mitologia, mitomania
mnemo	memória	amnésia, mnemônico
mono	único, sozinho	monarquia, monobloco
morfo	forma	zoomórfico, amorfo, morfologia
Necro	morte, cadáver	necrotério, necrofilia
Neo	novo, moderno	neologismo, neoplasia
neuro	nervo	neurite, neuralgia
nomo	regra, lei	nomologia, agrônomo
odonto	dente	odontologia, odontalgia
oftalmo	olho	oftalmologista, oftalmia
Oligo	pouco	oligarquia, oligopólio
onimo	nome	ortônimo, sinônimo
onir, oniro	sonho	onírico, oniromancia)

ornito	ave	ornitologia, ornitofilia
orto	reto, correto	ortônimo, ortografia
Oxi	agudo, ácido	oxítona, oxidação
paleo	antigo	paleografia, paleontologia
pato	doença, sofrimento	patologia, patogenia
pedia	educação	ortopedia, pediatria
pole, polis	cidade	metrópole, Petrópolis
poli	muito	poligamia, politeísmo
potamo		Mesopotâmia, hipopótamo
pneumato	ar, gás, espírito	pneumatologia, pneumático
pneum(o)	pulmão	pneumonia, pneumotórax
Proto	primeiro	protozoário, protótipo
pseudo	Falso	pseudorrepresentações
psico	alma, espírito	psicografia, psiquiatria
quiro	mão	quiromancia
rino	nariz	Rinite, rinoceronte
rizo (=);	raiz	rizotônico, rizófago
scopio	o que faz ver	telescópio, microscopia
sema, semio	sinal	semáforo, semiótica
sidero	ferro, aço	siderurgia, siderografia
Sismo	terremoto	sísmico, sismógrafo
sofo	sábio	filosofia, sofomaníaco
soma, somo, somato	corpo, matéria	cromossomo, somatologia
tanato	morte	eutanásia, tanatofobia
taqui	rápido	taquicardia, taquigrafia
teca	coleção	fonoteca, filmoteca, discoteca
tecno	arte, ofício	tecnologia, tecnocracia
tele	ao longe, distância	telefone, telescópio, telégrafo

Téo	deus, divindade	teocentrismo, teocracia
termo	calor, temperatura	termômetro, térmico
topo	lugar, localidade	topografia, topologia
xeno	estranho	xenofobia, xenofilia
xer, xero	seco, secura	xerófilo, xerografia
xilo	madeira	xilogravura, xilófago
zoo	animal	zoologia, zoomorfo

RADICAIS LATINOS	SIGNIFICADO	EXEMPLO
Agri	campo	agricultura, agrícola
Ambi	ambos	ambidestro, ambíguo
ambulo	caminhar, andar	sonâmbulo, noctâmbulo
arbori	árvore	arboriforme, arboricultura
beli (=);	guerra	bélico, belicista, beligerante
bi, bis	repetição, duas vezes	bisavô, bilíngue
calori	calor	caloria, calorífero
cida	que mata	Homicida, inseticida
cola (=);	que habita, que cultiva	vinícola, citrícola
cole, colo	pescoço	colar, colarinho
color	cor, coloração	Bicolor, colorido
cordi	coração	cordial
corn(i)	chifre, antena	cornear, cornudo
crimino	crime	criminoso, criminologia
cruci	cruz	crucificado
cultura	ato de cultivar	suinocultura, piscicultura
cupr(i)	cobre	cúprico, cuprífero
curvi (=);	curvo	curvilíneo
deci (=);	décimo	decímetro, decigrama

digit(i)	dedo	digitador, digitação
dui	dois	duidade, duelo
ego	eu	egocentrismo, egoísmo
equi	igual	equivalência, equidistante
estil(i)	estilo	estilista, estilismo
evo	idade	longevidade, longevo, medievo
fero	que contém	mamífero, carbonífero
ferr(i), ferro	ferro	ferrovia, ferragem
fico	que faz, que produz	benéfico, maléfico
Fide	fé	fidelidade, fidedigno
fili	filho	filiação, filial
forme	forma	uniforme, disforme
frater	irmão	fraterno, fratricida
frig(i)	frio	frigidez, frigorífico
fugo	que foge	centrífugo, vermífugo
genito	relativo à geração	genitor
gradu	grau, passo	centígrado, graduação
herbi	erva	herbívoro, herbicida
homin(i)	homem	hominal, homicídio
igni	fogo	ignição, ígneo
lati	largo, amplo	latifúndio, latofólio
loquo (=);	que fala	ventríloquo, altíloquo
luc(i)	luz	lucidez, lúcido
mini	muito pequeno	minissaia, mínimo
multi	numeroso	multissecular, multiangular
ocul(i)	olho	oculista, óculos
Odori	odor, cheiro	odorífero, desodorante
oni	tudo, todo	onipotente, onipresente

pisci	peixe	piscicultura, pisciano
Pani	pão	panificadora
pari	igual	paridade, paritário
ped(i), pede	pé	pedestre, pedicuro, bípede
personal(i)	pessoal	personalidade, personificar
petr(i)	pedra	petrificar, petróleo
Plani	plano	planisfério, planície
Pluri	muitos	pluralizar, pluricelular
pluvio	chuva	pluviômetro, pluviosidade
popul(o)	povo	populoso, populismo
primi	primeiro	primogênito, primícias
quadr(i), quadru	quatro	quadrado, quadrangular
radic(i)	raiz	radicar, radiciação
reti	reto, direito	retificar, retilíneo
reti	rede	reticulado, retiforme
retro	movimento para trás	retroceder, retrovisor
sabat(i)	sábado	sabatina, sabatismo
sacar(i)	açúcar	sacarífero, sacarose, sacarina
sesqui	um e meio	sesquicentenário, sesquipedal
sexi, sexo	sexo	sexologia, assexuado
sideri	astro	sideral, sidério
silvi	selva	silvícola, silvicultura
sino	da China	sinologia, sino-brasileiro
sócio	sociedade	sociologia, sociolinguística
sono	som, ruído	sônico, sonoplastia
sudor(i)	suor	sudoríparo, sudoral
telur(i)	terra, solo	telúrico, telurismo
toni	tom, vigor	tônico, tonificar

toxico	veneno	toxicomania, toxina
Triti	trigo	triticultura, triticultor
veloci	veloz	velocidade, velocímetro
vermi	verme	vermífugo, vermicida
vin(i)	vinho	vinicultura, vinícola
Vitri	vidro	vitrina, vitrificar, vitral
Voto	que quer, que deseja	malévolo, benévolo
Voro	que devora	carnívoro, herbívoro

14.5. LATINISMOS

A fortiori	com tanto mais razão
Ab absurdo	por absurdo
Ab initio	desde o princípio
Ad hoc	para isso
Ad instar	à semelhança, à maneira de
Ad honores	pela honra
Ad libitum	à vontade, a seu bel prazer
Ad referendum	sujeito à aprovação
Ad usum	segundo o costume
Álibi	meio de defesa que o réu apresenta provando estar em outro local no momento do crime
A priori	antes de qualquer momento
A posteriori	após argumentação
Apud	junto de
Alter ego	outro eu
Curriculum vitae	correr da vida, conjunto de informações pessoais
Data vênia	com a devida permissão

De facto	de fato
Errata	especificação dos erros expressos
Et alii	e outros
Ex aequo	com igualdade
Ex autoritate legis	por força da lei
Ex abrupto	de súbito
Ex cathedra	em virtude de autoridade decorrente do título
Ex consensu	com o consentimento
Ex jure	segundo o direito
Ex more	conforme o costume
Ex officio	por obrigação da lei, por dever do cargo
Exempli gratia	por exemplo
Ex lege	de acordo com a lei
Ex nunc	de agora em diante
Ex tunc	desde então, com efeito retroativo
Ex-vi	por força, por efeito
Fac símile	cópia
Habeas corpus	liberdade de locomoção
Hic et nunc	aqui e agora
Honoris causa	por motivo de honra
Ibidem	no mesmo lugar
Idem	igualmente, também
In fine	no fim
In limine	preliminarmente
In albis	sem noção daquilo que deveria saber
In extenso	na íntegra
In limine	desde logo, no início

In loco	no lugar
In sito	no lugar
In totum	totalmente
Ipsis literis	pelas mesmas letras
Ipsis verbis	pelas mesmas palavras – textualmente
Ipso facto	por isso mesmo, pelo próprio fato
Ipso jure	de acordo com o direito
Lato sensu	em sentido amplo
Mutatis mutandis	mudando o que deve ser mudado
Opus	obra musical classificada e numerada
Pari passu	simultaneamente
Passim	aqui e ali, em toda parte
Prima facie	à primeira vista
Pro labore	o pagamento por serviço prestado
Quorum	número mínimo de pessoas presentes exigido por lei ou estatuto para que um órgão funcione
Res non verba	fatos, não palavras
Sic	assim mesmo, escrito desta maneira
Sine die	sem data fixa
Sine jure	sem direito
Sine qua non	indispensável
Sub judice	sob a apreciação judicial
Sui generis	peculiar, sem igual
Status quo	estado em que se encontrava certa questão
Strictu sensu	em sentido restrito
Ur et orbi	em toda parte
Ut infra	conforme abaixo

Ut retro	conforme atrás
Ut supra	conforme acima
Verbi gratia	por exemplo
Verbo ad verbum	palavra por palavra

14.6. EXERCÍCIOS

01. **(NCE / Polícia Civil / Inspetor de Polícia)**

"Inúmeros esforços publicitários não resultam em nada."; "Continuemos no campo das substâncias ilícitas"; "acho que o professor cometeu duas impropriedades.". Inúmeros, ilícita, impropriedade têm em comum:

a) o prefixo negativo;
b) a classe gramatical;
c) o gênero;
d) o número;
e) a forma gráfica.

Gabarito: A

A alternativa B deve ser excluída, visto que INÚMEROS e ILÍCITA são adjetivos e apenas IMPROPRIEDADE é substantivo. Portanto, não se pode afirmar que os três termos possuem a mesma classe gramatical.

A alternativa C também deve ser excluída, porquanto INÚMEROS é masculino, contudo ILÍCITA e IMPROPRIEDADE são femininos.

A alternativa D também deve ser eliminada, dado que INÚMEROS está no plural e ILÍCITA e IMPROPRIEDADE estão no singular.

A alternativa E apresenta um comentário absurdo, uma vez que todos os vocábulos possuem ortografia diferente.

O candidato percebe o valor de negação nos prefixos presentes em ILÍCITA e IMPROPRIEDADE, mas tem dificuldade de compreender que também há este prefixo em INÚMEROS. Normalmente, o candidato visualiza o sentido do adjetivo, que é MUITOS, GRANDE QUANTIDADE. No entanto, o adjetivo INÚMEROS só possui este valor justamente em virtude do prefixo negativo, pois o que se nega aqui é

haver números (daí INÚMEROS – SÃO TANTOS QUE NÃO É POSSÍVEL ESTIPULAR NÚMEROS) para mensurar algo.

02. **(UFF)**

A alternativa em que todos os sufixos têm, fundamentalmente, o mesmo valor que o sufixo presente no substantivo PERCUSSIONISTA é:

a) barbeiro, bancário, cantor;
b) estudante, formigueiro, vestiário;
c) jogador, noticiário, pedinte;
d) cinzeiro, poetastro, colaborador;
e) operário, fazendeiro, budismo.

Gabarito: A

Observe que a palavra PERCUSSIONISTA possui um sufixo com valor AGENTE, ou seja, de alguém que pratica algo. PERCUSSIONISTA é o indivíduo que toca percussão. A única alternativa em que o valor agente é conservado é a alternativa A. Vejamos: BARBEIRO é o profissional que faz a barba, BANCÁRIO é o profissional que trabalha em banco, e CANTOR é o cidadão que canta.

03. **(UNI-RIO)**

Numere a coluna da direita, relacionando com a da esquerda, pelo significado do prefixo, assinale a resposta correta:

1 – desesperança	**() repetição**
2 – contramarcha	**() oposição**
3 – redobra	**() privação, negação**
4 – influir	**() passar além de**
5 – translúcido	**() movimento para dentro**

a) 3-5-2-1-4;
b) 2-3-4-5-1;
c) 3-2-1-5-4;
d) 4-3-2-1-5;
e) 5-4-3-1-2.

Gabarito: C.

O prefixo RE de REDOBRA indica ideia de repetição, de reprodução; o prefixo

CONTRA de CONTRAMARCHA sugere sentido de oposição, de contrariedade; o prefixo DES de DESESPERANÇA tem valor semântico de negação; o prefixo IN de INFLUIR encerra o valor de movimento para dentro, movimento em direção a ambiente interno; por fim, o prefixo TRANS de TRANSLÚCIDO significa através de, passar além de.

04. **(UNI-RIO)**

Assinale a opção em que os prefixos têm o mesmo significado.

a) contradizer – antídoto;
b) desfolhar – epiderme;
c) decapitar – homicídio;
d) supercílio – acéfalo;
e) semimorto – perianto.

Gabarito: A

Os prefixos CONTRA e ANTI, ocorrentes na alternativa A, possuem valor de oposição, de contrariedade. Na alternativa B, o prefixo DES de DESFOLHAR tem valor de movimento para fora; já o prefixo EPI de EPIDERME, de sobre, acima. Na alternativa C, o prefixo DE de DECAPITAR significa movimento para fora; já o radical HOMI de HOMICÍDIO é o próprio homem. Na alternativa D, SUPER de SUPERCÍLIO encerra valor de posição superior, acima, sobre; já o prefixo A de ACÉFALO encerra valor de negação. Por fim, na alternativa E, o prefixo SEMI passa a ideia de meio, metade, mais ou menos; já o PERI de PERIANTO passa de em volta de, em torno de.

05. **(NCE / INPI)**

Agrário se refere a campo; o vocábulo abaixo em que esse radical tem significado diferente é:

a) agricultor;
b) agridoce;
c) agrimensor;
d) agreste;
e) agrícola.

Gabarito: B

Todas as alternativas relacionam o vocábulo à ideia de campo, lavoura – em virtude da ocorrência do radical grego AGRO –, exceto a alternativa B, que

apresenta AGRI, oriundo do radical latino vulgar ACRUM, que significa azedo, ácido.

06. **(NCE / TJ / Técnico Judiciário Juramentado)**

O vocábulo abaixo cujo prefixo apresenta o mesmo valor semântico do prefixo presente no vocábulo erradicar é:

a) discriminação;
b) admissão;
c) incapacidade;
d) redistribuição;
e) exportar.

Gabarito: E

O prefixo E de ERRADICAR possui valor de movimento para fora, movimento em direção a ambiente externo. O prefixo DIS de DISCRIMINAÇÃO significa movimento para vários sentidos; o prefixo AD de admissão tem valor de aproximação; o prefixo IN de INCAPACIDADE encerra valor de negação; o prefixo RE de REDISTRIBUIÇÃO significa repetição; o prefixo EX de EXPORTAR passa o sentido de movimento para fora, movimento em direção a ambiente externo.

07. **(NCE / Auxilar de Cartório)**

O radical grego fobia significa "medo, aversão"; o vocábulo abaixo que tem sua significação corretamente indicada é:

a) agorafobia – medo dos tempos atuais;
b) acrofobia – medo de lugares altos;
c) claustrofobia – medo de lugares religiosos;
d) hidrofobia – medo de chuva;
e) fotofobia – medo de aparecer em público.

Gabarito: B

Agorafobia significa medo de lugares públicos e grandes espaços descobertos.

Claustrofobia, medo de lugares fechados. Hidrofobia, medo de água. Fotofobia, aversão à claridade excessiva.

08. **(NCE / RJ / Ministério Público)**

Corporativismo, populismo, capitalismo mostram que o sufixo -ismo tem valor de:

a) coletivo ou grupo;
b) qualidade ou característica;

c) doutrina ou sistema;

d) quantidade ou intensidade;

e) aspecto pejorativo ou negativo.

Gabarito: C

O sufixo ISMO significa ciência, de sistema político.

09. **(NCE / RJ / Ministério Público)**

Subtributação só pode significar:

a) sonegação de impostos;

b) ausência de fiscalização no pagamento dos impostos;

c) taxação injusta, por exagerada;

d) impostos reduzidos;

e) dispensa de pagamento de impostos.

Gabarito: D

O prefixo SUB de SUBTRAÇÃO tem sentido de abaixo de, de inferior. Ou seja, o significado do vocábulo é tributação inferior, menor. Sendo assim, torna-se evidente a ideia de que a tributação é reduzida.

10. **(NCE / CPBS)**

Nos vocábulos IMPERCEPTÍVEL e SUBTERRÂNEO, os prefixos IM e SUB indicam, respectivamente:

a) dentro de – sobre;

b) negação – abaixo de;

c) proximidade – sob;

d) movimento para dentro – acima de;

e) oposição – dentro de.

Gabarito: B

O prefixo IM de IMPERCEPTÍVEL passa a ideia de negação, ou seja, algo que não pode ser percebido. Já o prefixo SUB de SUBTERRÂNEO encerra sentido de abaixo de (abaixo da terra).

11. **(NCE)**

Assinale o item que o sufixo <u>– mente</u> não apresenta o mesmo valor semântico presente na palavra lentamente.

a) rapidamente;

b) finalmente;
c) sutilmente;
d) infelizmente;
e) corajosamente.

Gabarito: B

Nas alternativas A, C, D e E, o sufixo MENTE sugere ideia de modo. Já em FINALMENTE, o sufixo possui valor de fato independente em relação a outro. Por exemplo: Todos o esperavam e finalmente ele chegou.

12. **(NCE)**

Silicose é um vocábulo que apresenta o sufixo ose indicativo de doença. Em que palavra abaixo esse mesmo sufixo tem valor diferente?

a) trombose;
b) tuberculose;
c) dermatose;
d) diagnose;
e) psicose.

Gabarito: D

O sufixo OSE em DIAGNOSE significa processo de funcionamento. Ou seja, DIAGNOSE é processo pelo qual é feito um diagnóstico.

13. **(PUC)**

Na palavra ESPANTOSA, o sufixo OSO acrescenta ao radical o valor semântico de aquilo que provoca ou produz. Assinale a palavra cujo sufixo tem este mesmo significado.

a) apetitoso;
b) medroso;
c) venenoso;
d) vaidoso;
e) gostoso.

Gabarito: A

O sufixo OSO normalmente possui valor de abundância, cheio de. No entanto, o sufixo OSO em ESPANTOSA significa aquilo que provoca ou produz em outrem. Uma coisa espantosa provoca espanto em outrem. A mesma relação semântica ocorre

em APETITOSO, pois uma comida apetitosa provoca ou produz o apetite em alguém.

14. **(NCE)**

Há evidente equívoco na indicação do valor semântico do sufixo formador das palavras em:

a) dimensionamento, questionamento (ato ou efeito de);
b) estritamente, explicitamente (modo);
c) autoritarismo; corporativismo (instrumento de ação);
d) responsabilidade, hostilidade (qualidade ou estado);
e) pesquisador, professor (agente).

Gabarito: C

O sufixo ISMO possui significa ciência ou sistema político.

15. **(COPPE)**

A opção em que os prefixos guardam entre si o mesmo tipo de relação semântica que o observado entre os prefixos de ‘’imobilismo” e “desagregador” é:

a) hemisfério / semimorto;
b) antítese / antebraço;
c) emergente / importação;
d) afonia / eufonia;
e) cisandino / translado.

Gabarito: A

Em IMOBILISMO e DESAGREGADOR, os prefixos I e DES possuem valor semântico de negação, ou seja, eles são sinônimos. Portanto, a relação ocorrente entre os prefixos é de sinonímia. A única alternativa que apresenta prefixos com o mesmo significado é a A. Os prefixos HEMI e SEMI encerram sentido de metade, também sendo sinônimos. É bom esclarecer que não são as palavras que são sinônimas, mas sim os prefixos. Na alternativa B, ANTI de ANTÍTESE passa ideia de oposição; ANTE de ANTEBRAÇO, de anterioridade. Na alternativa C, o prefixo E de EMERGENTE e IM de IMPORTAÇÃO guardam uma relação de antonímia, visto que E indica movimento para fora e IM de IMPORTAÇÃO, movimento para dentro. Na alternativa D, A de AFONIA tem valor de negação; já EU de EUFONIA, de bom, agradável. Na alternativa E, o prefixo CIS de CISANDINO encerra valor de posição

aquém; já TRANS de TRANSLADO, de através de.

16. **(FGV / Senado Federal / Analista Legislativo)**

"O relator trouxe à luz o direito inalienável e imprescritível dos índios de viver nas terras que tradicionalmente ocupam e de acordo com suas próprias culturas."

Na frase acima, o vocábulo inalienável significa "que não se pode alienar", e o vocábulo imprescritível significa "que não prescreve".

Com base em processo semelhante de formação de adjetivos, assinale a alternativa em que se tenha cometido equívoco entre o adjetivo formado e o sentido a ele atribuído.

a) imensurável – que não se pode medir;
b) imiscível – que não se pode misturar;
c) imponível – que não se pode pôr;
d) impartível – que não se pode dividir;
e) impassível – que não sofre.

Gabarito: C

Imponível significa tributável, ou seja, produto ou serviço passível de tributação.

17. **(CEPUERJ / Técnico de Enfermagem)**

"... analgésico e antipirético..."

As palavras cujos prefixos possuem significados que correspondem à queles presentes nos termos acima destacados são, respectivamente:

a) Infeliz / anfíbio;
b) Anemia / inimigo;
c) Desleal / contrapor;
d) Expulsar / ambíguo.

Gabarito: C

Analgésico – negação; antipirético – oposição

a) Infeliz – negação; anfíbio – duplicidade;
b) Anemia – negação; inimigo – negação;
c) Desleal – negação; contrapor – oposição;
d) Expulsar – movimento para fora; ambíguo – duplicidade.

18. **(CEPUERJ / Técnico de Enfermagem)**

A alternativa cujo elemento sublinhado é um prefixo grego que

significa "oposição a, contra" é:

a) Analgésico;

b) Antipirético;

c) Hemofílicos;

d) Hipersensíveis.

Gabarito: B

Analgésico – negação;

Hemofílicos – afinidade;

Hipersensíveis – excesso.

19. **(NCE)**

Curriculo é a forma portuguesa correspondente ao latinismo curriculum; o item abaixo que apresenta um latinismo de significação incorreta é:

a) a priori – antecipadamente;

b) alibi – declaração;

c) sine die – sem data certa;

d) quantum – quantidade;

e) et alii – e outros.

Gabarito: B

O significado de álibi é: meio de defesa que o réu apresenta provando estar em outro local no momento do crime.

20. **(NCE / TJ / Técnico Judiciário Juramentado)**

"...que substituem o Estado em certas regiões (vide o PCC) e com a parte corrupta da polícia,..."; vide é forma latina correspondente ao verbo "ver". O latinismo a seguir que tem seu significado corretamente indicado é:

a) sic – nunca;

b) et allii – e assim;

c) ad hoc – isto é;

d) latu sensu – em sentido restrito;

e) verbi gratia – por exemplo.

Gabarito: E

SIC – assim mesmo, escrito desta maneira; ET ALLII – e outros; AD HOC – para isso; VERBI GRATIA – por exemplo.

21. **(NCE / TJ)**

Etc. É uma expressão latina. O livro "Não perca o seu latim", de Paulo Rónai, indica vocábulos e expressões latinas bastante comuns em textos jurídicos; o item cujo latinismo tem seu significado INCORRETAMENTE indicado é:

a) alibi – ausência do acusado no lugar do crime, provada pela sua presença noutro lugar;
b) habeas corpus – garantia constitucional outorgada em favor de quem sofre ou está na iminência de sofrer coação ou violência;
c) quorum – número máximo de pessoas presentes para que um órgão funcione;
d) ad hoc – designado para executar determinada tarefa;
e) a priori – anteriormente à experiência.

Gabarito: C

QUORUM é o número "mínimo" de pessoas presentes para que um órgão funcione.

Capítulo 15

Questões Comentadas

01. **(AFC)**

Assinale a proposição correta a respeito da estrutura morfossintática do texto abaixo.

"A 'Guerra Fiscal' pertence a uma classe geral de fenômenos que emergem quando iniciativas políticas dos Governos subnacionais adquirem conotações negativas e geram efeitos econômicos perversos em decorrência do caráter insuficiente ou conjunturalmente inoperante do quadro político-institucional que regula os conflitos federativos, o qual se revela incapaz de garantir um equilíbrio mínimo entre interesses locais de forma a evitar efeitos macroeconômicos e sociais perversos."

(C. Cavalcanti & G. Prado, com adaptações)

a) A forma verbal "emergem"(l.1), flexionada no plural, constitui incorreção, pois sua concordância deve se dar com o substantivo "classe"(l.1), núcleo do grupo nominal "classe geral de fenômenos".

b) **Emergir** é verbo defectivo, ao qual faltam as formas em que ao radical se seguiria **o** ou **a**.

c) Em "subnacionais"(l.2) e "macroeconômicos"(l.6), o sentido dos prefixos está em relação antonímica.

d) O prefixo indicador de negação está presente nas formas: "insuficiente(l.3), inoperante(l.4), incapaz(l.5), interesses"(l.6).

e) O plural do adjetivo composto "político-institucional"(l.4) se faz adicionando a desinência de plural aos dois elementos.

Gabarito: B

Questão polêmica. A alternativa A apresenta comentário inadequado, porquanto não há incorreção, consoante aduzido. O antecedente do pronome relativo tanto pode ser "classe", o que levaria o verbo para o singular, como pode ser "fenômenos", levando o verbo para o plural, conforme vem redigido, diga-se de passagem, corretamente no texto original. A alternativa C apresenta incorreção,

uma vez que os prefixos SUB e MACRO, nesse contexto, não são antônimos. SUB significa abaixo; macro significa grande. Obviamente, abaixo não é antônimo de grande. A alternativa D apresenta falha, pois, embora os vocábulos INSUFICIENTE, INOPERANTE e INCAPAZ tenham prefixo indicador de negação, o mesmo não ocorre com INTERESSES. A alternativa E também não está correta, dado que o plural dos adjetivos compostos se realiza com a flexão apenas do último termo: político-institucionais. A resposta somente pode ser a alternativa B. Porém, não há como se negar que há aí uma polêmica. Segundo Evanildo Bechara, os verbos EMERGIR e IMERGIR não são defectivos, podendo ser flexionados em todos os tempos e pessoas. Celso Cunha, todavia, assevera que tais verbos são defectivos, não podendo ser conjugados na primeira pessoa do singular do presente do indicativo (EMERJO-IMERJO) e em todo o presente do subjuntivo (EMERJA-EMERJAS-EMERJA-EMERJAMOS-EMERJAIS-EMERJAM; IMERJA, IMERJAS, IMERJA, IMERJAMOS, IMERJAIS, IMERJAM). Vê-se que, na situação em voga, a Esaf seguiu o entendimento do Celso Cunha.

02. **(Cespe / UnB / PRF)**

NO TOCANTE À EMBRIGUEZ, O CTB ESTABELECE O SEGUINTE:

Capítulo XV

DAS INFRAÇÕES

Art. 161. Constitui infração de trânsito a inobservância de qualquer preceito deste Código, da legislação complementar ou das resoluções do CONTRAN, sendo o infrator sujeito às penalidades e medidas administrativas indicadas em cada artigo, além das punições previstas no Capítulo XIX.

(...)

Art. 165. Dirigir sob a influência de álcool, em nível superior a seis decigramas por litro de sangue, ou de qualquer substância entorpecente ou que determine dependência física ou psíquica:

Infração – gravíssima;

Penalidade – multa (cinco vezes) a suspensão do direito de dirigir;

Medida administrativa – retenção do veículo até a apresentação de condutor habilitado e recolhimento do documento de habilitação.

A partir do texto e considerando o CTB, julgue os itens que se seguem.

1 – As palavras "inobservância" (l.1), "indicadas" (l.4) e "influência" (l.7) apresentam o mesmo prefixo, apesar de pertencerem a classes gramaticais diferentes.

2 – A coerência do texto e as regras gramaticais seriam respeitadas, caso se inserisse às imediatamente antes de "medidas" (l.3)

3 – Para efeito de aplicação das penalidades previstas, a conjunção "ou" (l.8) deve ser entendida como também inclusiva.

Gabarito:

1 – Errado. Somente o primeiro vocábulo apresenta prefixo indicador de negação. Além disso, os vocábulos INOBSERVÂNCIA e INFLUÊNCIA possuem a mesma classe gramatical – substantivo.

2 – Certo. Observe que os termos "à s penalidades" e "medidas administrativas" estão em paralelismo sintático, complementando a ideia de "sujeito". O autor fez a opção por não repetir a contração do artigo com a preposição, e a banca propõe justamente a inserção, obtendo o seguinte resultado "… sujeito às penalidades e às medidas administrativas…".

3 – Certo. Item muito interessante. Quando o Cespe sugere que a conjunção "ou" deve ser entendida como também inclusiva, significa que o conector tanto pode incluir – tendo caráter aditivo e) –, como pode excluir – tendo caráter alternativo (ou). Ou seja, OU, neste contexto, significa E/OU. E é importante que se faça tal leitura, visto que, se houver apenas a interpretação de alternância (ou), o cidadão somente se inseriria no artigo se estivesse sob efeito de álcool OU de entorpecentes. Um ou outro. E se a pessoa estivesse sob efeito dos dois, não constituiria infração gravíssima? Óbvio que não é isso. Por isso, OU tem valor aditivo e alternativo (inclui e exclui). OU indica que bastaria uma das situações, mas evidentemente se a pessoa se inserisse em todos os casos, também constituiria infração gravíssima.

03. **(Cespe / UnB / IRBr / Diplomata)**

1 – Os vocábulos "instabilidade", "imperfeita", "inçados" e "impõe" são formados por prefixo cujo valor semântico denota privação ou negação.

2 – O vocábulo "inaturável" é formado por derivação e tem o mesmo radical do vocábulo **desnaturado**.

3 – Denomina-se prefixação o processo de formação dos seguintes vocábulos: "anomalia", "alacridade" e "arrebataram".

4 – O vocábulo "agravada" tem o mesmo radical que os vocábulos **gravidez** e **gravidade**.

Gabarito:

1 – Errado – Somente os dois primeiros vocábulos apresentam prefixo indicador de negação.

2 – Errado – Os radicais são distintos. O primeiro vocábulo deriva-se de ATURAR, sendo o radical ATUR. O segundo deriva-se de natural, natal, natureza, sendo o radical NATURA.

3 – Errado – Os dois primeiros vocábulos sofreram a derivação sufixal e o último, parassintética.

4 – Certo – Todos os vocábulos derivam-se de grave, sendo o radical GRAV. Chamamos a atenção, sobretudo, para o vocábulo gravidez, que também é cognata. Este vocábulo origina-se da própria situação feminina que, ao engravidar, aumenta o seu peso, tornando-se mais grave (pesada). Repare a ligação de gravidade (Lei da Gravidade) com o sentido em voga.

04. **Classe média em alta (Editorial – Folha de São Paulo – 4/4/2011)**

Na última década, o perfil socioeconômico do país mudou -e muito. A principal novidade foi o fortalecimento da classe C, composta por famílias que têm uma renda mensal domiciliar total (somando todas as fontes) entre R$ 1.126,00 e R$ 4.854,00.

Os números indicam que ocorreu uma considerável mobilidade social nos últimos anos: entre 2004 e 2010, 32 milhões de pessoas ascenderam à categoria de classes médias (A, B e C) e 19,3 milhões saíram da pobreza. A classe C é hoje detentora de 46,5% da renda nacional.

Não se pode dizer que o país tenha mudado da noite para o dia. A modificação resulta de múltiplos fatores, da estabilização de preços às mudanças demográficas, da educação ao mercado de trabalho.

Embora essa tendência tenha se aprofundado com a política de distribuição de renda do governo do PT, seria incorreto dizer que surgiu com ele. No início da década passada, a classe C representava 40% da população. Em 2010, essa parcela era de 52%.

Nem a elite nem a base da pirâmide social (classes D e E) decidirão eleições. A nova classe média será o fiel da balança eleitoral.

Pesquisas recentes sugerem que o novo eleitor é conservador: está mais preocupado com o bolso do que com participação política, deseja consumir, ter emprego formal e renda e conquistar espaço para provar-se empreendedor.

Considerando que as famílias da classe C não possuem renda elevada, é provável que venham a privilegiar, na agenda política, os temas da qualidade em educação, saúde e transporte. Sentirão o peso da desproporcional carga tributária e exigirão reformas voltadas a reduzi-la -não por ideologia ou convicção, mas por pragmatismo.

Não apenas as empresas precisarão redefinir suas estratégias de mercado, adaptando produtos aos gostos e demandas desse novo contingente, mas também os partidos políticos e seus estrategistas.

O PT, durante o governo Lula, arregimentou sua maior base eleitoral nas camadas pobres, entre os beneficiários da Bolsa Família. Talvez seja, hoje, a agremiação que mais tenha com que se preocupar diante da ascensão da classe média, se não conseguir dar respostas a seus anseios.

Em relação ao texto anterior, julgue os seguintes itens.

1 – Conclui-se do texto que a mudança do perfil socioeconômico gerou estabilização de preços, mudanças demográficas, mais acesso à educação e ao mercado de trabalho.

2 – Compreende-se do quarto parágrafo que a política de distribuição de renda efetuada pelo PT contribuiu para a mudança do perfil socioeconômico atual no Brasil.

3 – Em consonância com o que se expõe no antepenúltimo parágrafo, temas como educação, saúde e transporte decidirão as próximas eleições.

4 – O emprego de "mas também" (l. 26) é resultado da construção iniciada por "Não apenas" (l. 25).

Gabarito:

1 – Errado – Inverte-se a relação causa-efeito. Observe que, no terceiro parágrafo, há a informação de que a mudança do país, que não ocorreu de uma hora para a outra, resulta de múltiplos fatores, da estabilização de preços às mudanças demográficas, da educação ao mercado de trabalho. Portanto, a mudança do país representa a causa, e a estabilização de preços às mudanças demográficas, da educação ao mercado de trabalho representa a

consequência.

2 – Certo – Observe que o item não diz que a mudança do perfil socioeconômico atual no Brasil tenha se iniciado com a política de distribuição de renda efetuada pelo PT. E não começou mesmo, segundo o texto. Mas essa tendência – que já existia antes do governo PT – se aprofundou com a política implementada pelo PT. Portanto, está correta a interpretação de que a política de distribuição de renda efetuada pelo PT contribuiu para a mudança do perfil socioeconômico atual no Brasil, mesmo não dando início a ela.

3 – Errado. No texto, o autor emprega a expressão "é provável", ou seja, há o campo da possibilidade e não da certeza. É provável, e não certo, que tais temas decidam as eleições.

4 – Certo – A função do NÃO é negar o termo APENAS, ou seja, o NÃO nega a restrição. Tanto é verdade que se não houve o NÃO, o sentido da frase seria: apenas as empresas precisarão redefinir suas estratégias de mercado. Mais ninguém precisaria redefinir suas estratégias de mercado. Como o NÃO nega o apenas, a leitura passa a ser NÃO APENAS AS EMPRESAS… Sendo assim, além das empresas, outros setores também precisarão redefinir suas estratégias de mercado.

05. **(NCE / TJ – RJ / TÉCNICO JUDICIÁRIO JURAMENTADO)**

Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos. Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitada de dar e receber afeto. E muito provavelmente ficaria louca se continuasse sozinha por muito tempo.

"Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia,…"; o uso do futuro do pretérito, nesse segmento, tem valor de:

a) probabilidade;

b) certeza;

c) dúvida;

d) conclusão;
e) condição.

Gabarito: A

É fundamental perceber que o enunciado da questão já demonstra que o futuro do pretérito pode passar várias ideias. A expressão "O uso do futuro do pretérito, nesse segmento, tem valor de" indica que este mesmo tempo, em outros fragmentos, pode ter valores diferentes. O futuro do pretérito designa uma consequência futura (que pode ser certa, provável ou duvidosa) de um fato passado. Portanto, o contexto tem que oferecer algum elemento que denuncie de forma precisa esta ideia. O segmento apontado é extraído com reticências já convocando o candidato a retornar ao texto e observar onde a ideia é finalizada. No fim do mesmo parágrafo, ocorre outro verbo no futuro do pretérito (ficaria) antecedido do adjunto adverbial "provavelmente". A palavra-chave "provavelmente" esclarece que a visão do autor do texto é que muito provavelmente a pessoa ficaria louca se continuasse sozinha. Se não é uma certeza que a pessoa ficaria louca, também não é uma certeza o fato de ela estar em pouco tempo sentido falta de companhia, mas sim uma situação extremamente provável.

06. **(Cesgranrio / Petrobras / Transpetro)**

E, por falar em cortar, todo mundo já deve ter ouvido a célebre história do não menos célebre rei Salomão, mas permitam-me recontá-la, transportando os acontecimentos para uma empresa moderna. Então, está um dia o rei Salomão em seu palácio, quando duas mulheres são introduzidas na sala do trono. Aos berros e puxões de cabelo, as duas disputam a maternidade de uma criança recém-nascida. Ambas possuem argumentos sólidos: testemunhos da gravidez recente, depoimentos das parteiras, certidões de nascimento.

Mas, obviamente, uma das duas está mentindo: havia perdido o seu bebê e, para compensar a dor, surrupiara o filho da outra. Como os testes de DNA só seriam inventados dali a milênios, nenhuma das autoridades imperiais consultadas pelas litigantes havia conseguido dar uma solução satisfatória ao impasse.

Com base no período "Como os testes de DNA só seriam inventados dali

a milênios, nenhuma das autoridades imperiais consultadas pelas litigantes havia conseguido dar uma solução satisfatória ao impasse." pode-se inferir que:

a) os testes de DNA poderiam contribuir para a solução do problema;
b) as soluções encontradas pelas autoridades não satisfizeram às litigantes;
c) as supostas mães das crianças consultaram as autoridades para resolver o impasse;
d) só dali a muitos anos os cientistas inventariam os testes de DNA;
e) não havia autoridade imperial capaz de resolver o impasse.

Gabarito: A

Esta questão foi muito bem imaginada, possuindo quatro alternativas coerentes com o texto. A solução é observar o enunciado: lá a banca solicita ao candidato uma inferência textual (pode-se inferir que), não servindo como resposta algo explícito no texto. A alternativa B está explícita, visto que está presente no texto que as autoridades imperiais consultadas não deram uma solução satisfatória. A opção C também está explícita, dado que o texto fornece a informação de que houve autoridades imperiais consultadas pelas mães-litigantes. A alternativa D também é recorrente ao texto, porquanto está exposto que os testes de DNA somente seriam inventados dali a milênios. A alternativa E é a única incoerente, dado que no texto fica evidente que nenhuma das autoridades imperiais "consultadas" conseguiu dar uma solução para o impasse, o que não quer dizer que obrigatoriamente nenhuma autoridade imperial conseguiria dá-la, havendo a possibilidade de autoridades não consultadas fazerem-no. A alternativa A é a resposta, em conformidade com a exigência feita no enunciado, ou seja, uma inferência (dedução) a partir dos elementos do texto. Pode-se deduzir que o impasse, nos dias atuais, poderia ser solucionado através dos testes de DNA. É fundamental frisar que o texto não informa que os testes de DNA poderiam contribuir para a solução do problema, no entanto é uma conclusão que o leitor poderia extrair do fragmento.

07. **(NCE / TALCRIM)**

TEXTO 1: A FOME

Cerca de vinte milhões de crianças e mais de vinte milhões de adultos morrem anualmente de fome e subnutrição. A informação é do diretor-geral da Organização

das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO), Edouard Sadema, segundo o qual, se observássemos um minuto de silêncio por cada pessoa que morreu no ano passado por causas relacionadas com a fome, estaríamos em pé, calados, ainda depois de acabado o século… Ele citou, entre a lista de paradoxos que o panorama econômico mundial oferece, o ato de que os gastos militares de todo o mundo aumentaram em proporções colossais, e sua quantia foi superior vinte vezes ao total de assistência oficial ao desenvolvimento. O custo de um só porta-aviões nuclear, disse ele, é superior ao Produto Nacional Bruto (PNB) de 53 países. Os países em desenvolvimento gastam anualmente com importação de armas o equivalente a suas importações totais de alimentos. (Caderno econômico do Jornal A Tarde, Salvador)

TEXTO 2: A BOMBA SUJA

Introduzo na poesia
a palavra diarreia.
Não pela palavra fria
mas pelo que ela semeia.
Quem fala em flor não diz tudo.
Quem me fala em dor diz demais.
O poeta se torna mudo
sem as palavras reais.
No dicionário a palavra
é uma mera ideia abstrata.
Mais que palavra, diarreia
é arma que fere e mata.
Que mata mais do que faca,
mais que bala de fuzil,
homem, mulher e criança
no interior do Brasil.
Por exemplo, a diarreia,
no Rio Grande do Norte,
de cem crianças que nascem,
setenta e dois leva à morte.

(Ferreira Gullar)

Qual a oposição incorreta entre, respectivamente, o texto 2?

a) Informativo X literário.

b) Univocidade X plurivocidade.

c) Denotativo X conotativo.

d) Verdade X beleza.

e) Descritivo X narrativo.

Gabarito: E

O primeiro texto é narrativo. Não podemos considerá-lo dissertativo, visto que o autor em momento algum expõe sua opinião. Repare que, desde o primeiro até o último período, somente há informações do diretor-geral da ONU. Sendo assim, o primeiro texto é narrativo-argumentativo. A argumentação pode ocorrer mesmo sem a presença explícita da tese. Já o segundo texto é dissertativo, havendo o poeta inserido explicitamente sua tese sobre o tema.

08. **Cerca de vinte milhões de crianças e mais de vinte milhões de adultos morrem anualmente de fome e subnutrição." Assinale o comentário incorreto sobre esse período do texto 1.**

a) a expressão **cerca de** indica quantidade aproximada;

b) **fome** e **subnutrição** indicam o modo de morrer de crianças e adultos;

c) **anualmente** corresponde **a todo ano**;

d) a conjunção **e** tem, nas duas ocorrências, o mesmo valor semântico.

e) a primeira informação do texto procura surpreender o leitor.

Gabarito: B

Os termos "de fome" e "de subnutrição" são adjuntos adverbiais de causa, sendo que as preposições que antecedem os substantivos constantes na alternativa contêm valor de causa. Vale a pena chamar atenção para o fato de que, em "Morrer de fome", a preposição DE introduz uma causa, ou seja, a fome é a causa da morte. Por outro lado, em "Morrer de pé", a preposição DE introduziria valor de modo. Seria o modo como a pessoa morreu – de pé, lutando.

09. **Por que o jornalista dá, no primeiro texto, a fonte de sua informação?**

a) Porque quer demonstrar a importância do tema tratado.

b) Porque é obrigado a declarar como chegou a essa informação.

c) Porque quer dar autoridade ao que informa.

d) Porque todo texto jornalístico faz isso.

e) Porque quer provocar sensacionalismo.

Gabarito: C

Não se pode dizer que o texto seja dissertativo, pois a opinião do autor do texto não aparece de forma explícita. Aqui só há narração (o autor está narrando todos os dizeres do diretor-geral da ONU) e argumentação (O recurso utilizado foi o conjunto de informações fornecido pelo diretor-geral da ONU.) Como já se informara, ao identificar o fornecedor da informação, não se expõe a importância do tema, mas sim da informação. Quando se diz que a informação é prestada pelo diretor-geral da ONU, ganha peso, credibilidade, autoridade e se torna um significativo recurso de argumentação.

10. **A que se refere o título do segundo texto, no contexto do poema?**

a) à bomba atômica;
b) à fome;
c) à miséria;
d) à diarreia;
e) à ignorância.

Gabarito: C

O candidato, como sempre, deve ficar atento ao enunciado. A pergunta feita é "A que se refere…?", portanto "o que é o título do segundo texto (A Bomba Suja)" no contexto do poema? Outro detalhe importante é que a resposta esteja explícita no contexto do poema. Enfim, existem dois caminhos para se chegar à reposta: o primeiro caminho é o instintivo, intuitivo. O que faz a bomba? Fere e mata. O que faz a diarreia segundo o texto? É arma que fere e mata. Portanto, no contexto do poema, a bomba suja é a diarreia. O outro caminho – o técnico – exige uma resposta explícita no contexto do poema. A bomba atômica, a fome, a miséria e a ignorância não foram mencionadas explicitamente na poesia.

11. **"Introduzo na poesia / a palavra diarreia", nesses dois primeiros versos do texto 2, o poeta nos diz que:**

a) vai apresentar aos leitores a palavra diarreia;
b) vai usar no poema uma palavra incomum nos poemas;
c) vai falar de um tema já conhecido;
d) vai explorar um tema que não é belo;
e) vai abordar um problema nacional.

Gabarito: B

Questão criada para colocar o candidato em dúvida entre duas alternativas: B e D. Antes de mais nada, o candidato deve ater-se a esse fragmento do texto. Por esse motivo, já se pode excluir a opção E. Que o autor está falando na poesia sobre um problema nacional, é verdade. Mas também é verdade que nesses dois versos isso não está mencionado. Aproveitando o ensejo, podemos também excluir a alternativa A, visto que a palavra não está sendo apresentada aos leitores – até porque imagino que todos saibam o significado de "diarreia" –, e sim introduzida no campo poético. Também podemos excluir a alternativa C, pois o tema "diarreia" certamente não é comum em poesias. As opções B e D são coerentes com os dois versos. Como no enunciado consta "o poeta nos diz que", o que está exigido é algo explícito, e não uma inferência. A alternativa D é uma inferência, dedução. Se vai ser introduzida a palavra diarreia na poesia, fica implícito que um tema que não é belo – repare que, em momento algum desses versos, está dito se o tema é belo ou não – será explorado. Já a alternativa B é extremamente fiel aos versos, não há necessidade de inferência. Introduzir significa inserir algo (que não é desse ambiente) no ambiente.

12. **O poeta, no texto 2, diz que vai introduzir a palavra diarreia no poema. "Não pela palavra fria mas pelo que ela semeia", segundo o texto o que semeia a diarreia?**

a) Morte
b) Miséria.
c) Ferimentos.
d) Doença.
e) Crimes.

Gabarito: A

Questão muito bem bolada. Inicialmente chamamos a atenção dos candidatos para o fato de que na pergunta há uma ambiguidade. Não se sabe se "a diarreia" funciona como sujeito ou objeto direto, ou seja, cabem duas interpretações: a diarreia semeia algo ou algo semeia a diarreia. Inicialmente, vamos pela segunda interpretação – a diarreia sendo semeada por alguma coisa. Que coisa seria essa? Obviamente seria a miséria. Se "miséria" não pode ser a resposta, visto que, como no enunciado está redigido "Segundo o texto", é exigido algo exposto no texto. E

não está exposto no texto que miséria semeia a diarreia. Isso é algo que se depreende – implícito – até em face da exemplificação do Rio Grande do Norte, que é um dos estados mais pobres do Brasil. Enfim, então somente cabe a interpretação de que a diarreia semeia algo. Aí o texto explicita: diarreia é arma que fere e mata. Portanto ainda caberiam duas respostas: ferimento e morte. No entanto, MORTE acaba tendo mais peso, inclusive sendo a última palavra do texto.

13. **A palavra FRIA citada no texto 2 corresponde a:**

a) palavras que expressam sensações;
b) palavras usadas pelos políticos;
c) palavras usadas isoladamente;
d) palavras ditas sem pensar;
e) palavras do dicionário.

Gabarito: E

Questão imaginada para o candidato ficar em dúvida entre as alternativas C e E. São duas alternativas extremamente parecidas. Palavras usadas isoladamente são palavras no sentido oficial, ou seja, são palavras no sentido denotativo, que acabamos por encontrá-las nos dicionários. Quando se chega a tal ponto de dúvida, isto é, quando não temos mais a que recorrer, devemos marcar escolher aquela alternativa que contém o vocábulo original – palavra-chave. Nada é mais recorrente ao texto que o próprio vocábulo original.

14. **(NCE / TJ / Oficial de Justiça Avaliador)**

O que é percebido como liberdade para um pacato cidadão contemporâneo que vota, fala o que quer, vive sob o manto da lei (ainda que capenga) e tem direito de mover-se livremente?

O primeiro templo da liberdade burguesa é o supermercado. Em que pesem as angustiantes restrições do contracheque, são as prateleiras abundantemente supridas que satisfazem a liberdade do consumo (não faz muitas décadas, nas prateleiras dos nossos armazéns ora faltava manteiga, ora leite, ora feijão). Não houve ideal comunista que resistisse às tentações do supermercado. Logo depois da queda do Muro de Berlim, comer uma banana virou ícone da liberdade no Leste Europeu.

"O que é percebido como liberdade para um pacato cidadão contemporâneo que vota, fala o que quer, vive sob o manto da lei (ainda

que capenga) e tem o direito de mover-se livremente?"; segundo o texto, a resposta abaixo que é INADEQUADA é:

a) a liberdade de consumo;
b) a liberdade de movimento;
c) a liberdade de comunicação;
d) a liberdade política;
e) a liberdade religiosa.

Gabarito: E

Questão maliciosa que induz o candidato a assinalar a alternativa A. No enunciado, é mencionado um fragmento do texto, mas a pergunta não é sobre o fragmento, mas sim sobre o texto como todo – tal qual a questão 12. Se você se basear apenas no fragmento, as alternativas A (a liberdade de consumo) e E (liberdade religiosa) realmente não estão expostas. Mas, a liberdade de consumo, que não vem citada no fragmento, na continuação do texto acaba mencionada. E repito, muita atenção à pergunta.

Segundo o texto (E NÃO O FRAGMENTO), a resposta abaixo que é INADEQUADA.

15. **(Esaf / ENAP)**

As pesquisas desenvolvidas nos vários centros nacionais e internacionais, tanto em animais quanto em seres humanos, têm demonstrado que o tratamento regenerativo com células-tronco está deixando de ser uma utopia, podendo tornar-se importante recurso para o tratamento de diversas doenças. As pesquisas mostram que essas células têm potencial capaz de reparar as alterações determinadas pelas doenças que provocam perda ou diminuição da capacidade funcional de determinados órgãos do nosso corpo. Assim, especula-se que os transplantes de células-tronco possam vir a beneficiar doenças do coração, doenças neurovegetativas, degeneração celular ligada ao envelhecimento e a tratar certas formas de câncer, como as leucemias.

(BARBOSA, Roberto Benchimol; e FILHO, José Barbosa. O Globo, 11/03/2006.)

Assinale a opção que está de acordo com as ideias do texto.

a) O tratamento com células-tronco já se tornou importante recurso para o tratamento de doenças.
b) As células-tronco provocam diminuição da capacidade funcional de

determinados órgãos.

c) O tratamento com células-tronco pode vir a tornar-se recurso para reparar os danos à saúde causados por diversas doenças.

d) Os transplantes de células-tronco já beneficiam doenças do coração e doenças neurovegetativas.

e) As células-tronco já tratam, principalmente, certas formas de câncer, como as leucemias.

Gabarito: C

A alternativa C apresenta comentário coerente em relação ao texto, visto que lá se expõe que "o tratamento com células-tronco **está deixando** de ser uma utopia, **podendo tornar-se** um importante recurso para o tratamento de diversas doenças…". Repare que o texto inteiro está sendo trabalhado no campo da possibilidade e justamente a alternativa C é a única a respeitar essa linha do texto, como se evidencia também no fragmento "**Especula-se** que os tratamentos com células-tronco **possam vir a beneficiar** doenças do coração, neurovegetativas…". Destarte, como as alternativas A, B, D e E estão no campo da certeza, da afirmação, pode-se dizer que as afirmações "o tratamento com células-tronco já se tornou importante recurso para o tratamento de doenças.", "as células-tronco provocam diminuição da capacidade funcional de determinados órgãos.", "os transplantes de células-tronco já beneficiam doenças do coração e doenças neurovegetativas." e "as células-tronco já tratam, principalmente, certas formas de câncer, como as leucemias." não são verdadeiras.

16. **(Esaf / AFRF)**

Em artigo publicado na década de noventa, o professor Paul Krugman explicava que todos aqueles países que falavam inglês haviam tido um desempenho econômico acima da média de seus vizinhos e que o inglês estava se tornando rapidamente a língua franca dos negócios, do turismo e da internet. Assim, os processos de fusão de empresas, tão comuns naquele tempo, só teriam sucesso se utilizassem o inglês como língua de integração das corporações.

Essa visão nos preocupou quando resolvemos integrar todas as áreas de consultoria espalhadas pela América Latina em uma única divisão de consultoria. Mas ficou uma pergunta no ar: "que língua oficial adotar"? O espanhol ou o português acirraria a rivalidade que já era bastante grande no campo dos esportes. Adotar o inglês teria a vantagem da neutralidade e da facilidade de interação com

nossos colegas de outras regiões, mas com perda significativa na agilidade da comunicação e no andamento das reuniões. Foi adotada então uma postura única: haveria três línguas oficiais. Essa pequena sutileza significava, na verdade, que todos eram obrigados a entender as três línguas, mas poderiam se expressar no idioma em que se sentissem mais à vontade. Hoje, cinco anos depois, sentimos que essa decisão foi fundamental para o nosso processo de integração, e a lição aprendida é que muitas vezes a criatividade local pode ser mais efetiva que verdades importadas.

(ROSSI, José Luiz. 'Integração cultural na América Latina", CLASSE ESPECIAL, nº 89. 2001. Com adaptações)

Marque a opção em que, de acordo com as ideias do texto, existe uma relação de condição do tipo Se X então Y

a) X = falássemos inglês
Y = teríamos desempenho econômico acima da média.

b) X = adotássemos inglês como língua oficial
Y = agilizaríamos a comunicação.

c) X = empregássemos espanhol ou português
Y = exacerbaríamos a rivalidade

d) X = houvesse três línguas oficiais
Y = teríamos facilidade de interação com outras regiões

e) X = entendêssemos as três línguas
Y = deveríamos nos expressar nas três línguas

Gabarito: C

As alternativas B, D e E estão em oposição ao texto, ficando o candidato em dúvida entre as opções A e C. O enunciado da questão "de acordo com as ideias do texto" indica que está sendo solicitado ao candidato uma alternativa de recorrência textual. A opção A, apesar de ser coerente com o texto, é uma inferência, porquanto o texto apenas assevera que todos os países que falavam inglês tiveram desempenho econômico acima da média, não sugerindo que se outros também o falassem, também obteriam desempenho acima da média dos vizinhos. A opção C não é uma inferência, é algo que está efetivamente em consonância com as ideias do texto, alterando-se tão-somente os vocábulos. O texto informa que "o Espanhol ou o Português acirraria a rivalidade, que já era bastante grande no campo dos

esportes." Ou seja, a rivalidade já existia, apenas aumentaria (ou exacerbaria, conforme apontado na opção C).

17. **(Esaf / AFRF)**

Assinale a opção que está de acordo com as ideias do texto.

Apesar de todos os problemas relacionados à Justiça brasileira, um dos grandes avanços no país nos últimos anos foi a criação do Conselho Nacional de Justiça (CNJ). Tem sido um alento seus esforços no sentido de racionalizar e modernizar a estrutura burocrática do Poder Judiciário – quebrando focos de resistência corporativistas – e de forçar a devida celeridade aos processos que tramitam nos tribunais. A criação de um sistema de estatística, com indicadores que medem uma série de atributos – relacionados, por exemplo, aos gastos e à produtividade dos estados e das instâncias judiciais – tem derrubado um dos maiores obstáculos à reforma das práticas do Judiciário: a falta de um diagnóstico preciso. Este é o primeiro e necessário passo para que as mudanças de rota sejam feitas. Mas pôr o sistema nos eixos, atacar suas discrepâncias, requer ação.

(Jornal do Brasil, Editorial, 24/8/2009)

a) A criação do Conselho Nacional de Justiça não representou uma mudança significativa nos problemas relacionados à Justiça brasileira.

b) O desconhecimento de indicadores referentes aos gastos e à produtividade do sistema é o primeiro passo para as mudanças de rota.

c) Os esforços do Conselho Nacional de Justiça ainda não conseguiram quebrar os focos de resistências corporativas no sistema judiciário.

d) Um diagnóstico preciso referente a vários indicadores, como os que revelam gastos e produtividade do judiciário, decorre da criação de um sistema de estatística.

e) O Poder Judiciário tem procurado racionalizar e modernizar a estrutura das resistências corporativas.

Gabarito: D

Pelo enunciado, observa-se que a resposta necessariamente ocorrerá com uma informação explícita no texto. A alternativa A contradiz o fragmento "um dos grandes avanços no país nos últimos anos foi a criação do Conselho Nacional de

Justiça (CNJ)". A alternativa apresenta comentário inadequado, visto que o pronome demonstrativo "Este" em "Este é o primeiro e necessário passo para que as mudanças de rota sejam feitas.", refere-se a "criação de um sistema de estatística, com indicadores que medem uma série de atributos – relacionados, por exemplo, aos gastos e à produtividade dos estados e das instâncias judiciais" e não ao desconhecimento de indicadores. A alternativa C se opõe ao período "Tem sido um alento seus esforços no sentido de racionalizar e modernizar a estrutura burocrática do Poder Judiciário – quebrando focos de resistência corporativistas – e de forçar a devida celeridade aos processos que tramitam nos tribunais.". A alternativa E apresenta comentário inadequado, porquanto quem tem procurado racionalizar e modernizar a estrutura das resistências corporativas é o Conselho Nacional de Justiça e não o Poder Judiciário. A alternativa D é a única que apresenta comentário coerente e que se faz presente no texto. Repare que nela está sendo analisada a relação causa e efeito.

Um diagnóstico (efeito) preciso referente a vários indicadores, como os que revelam gastos e produtividade do judiciário, **DECORRE** da criação (causa) de um sistema de estatística. Observe que essa informação está exposta: "A criação de um sistema de estatística… tem derrubado um dos maiores obstáculos à reforma das práticas do Judiciário: a falta de um diagnóstico preciso.".

18. **(Esaf / AFRF)**

Assinale a opção em que a reescrita de segmento do texto não mantém as informações originais.

A demanda doméstica depende de vários fatores, e da perspectiva do seu aumento depende a produção industrial. É normal, então, dar atenção especial ao nível do emprego e à evolução da massa salarial real, sem deixar de acompanhar as receitas e despesas do governo federal. Enquanto a ligeira retomada da economia norte-americana é acompanhada por aumento do desemprego, no Brasil o quadro é diferente. Os dados de julho, nas seis principais regiões do País, mostram redução do desemprego de 8,1% para 8%, o que significa a geração de 185 mil postos de trabalho. Essa taxa de desemprego, em julho, é a menor da série desde 2002. Paralelamente, houve melhora na qualidade do emprego, e 142 mil postos foram criados com carteira de trabalho assinada.

(O Estado de S. Paulo, Editorial, 21/8/2009)

a) A demanda doméstica depende de vários fatores, e a produção industrial

depende da perspectiva do aumento dessa demanda.

b) Essa taxa de desemprego é a menor em julho de 2002. Paralelamente, em 142 mil postos, a carteira de trabalho assinada melhorou a qualidade do emprego já existente.

c) O aumento do desemprego acompanha a ligeira retomada da economia norte-Âamericana, enquanto no Brasil o quadro é diferente.

d) Nas seis principais regiões do País, os dados de julho mostram a geração de 185 mil postos de trabalho, o que significa redução do desemprego de 8,1% para 8%.

e) É normal, então, dar atenção especial tanto ao nível do emprego e à evolução da massa salarial real quanto às receitas e despesas do governo federal.

Gabarito: B

A alternativa A é coerente com o primeiro período. Observe que o pronome possessivo "seu" refere-se a "a demanda doméstica"; sendo assim, a leitura correta da segunda oração do primeiro parágrafo é "a produção industrial depende da perspectiva do aumento da demanda doméstica". Na alternativa C, a única mudança foi o deslocamento da conjunção ENQUANTO que estabelece relação de simultaneidade. Como os fatos são concomitantes, esse deslocamento acaba por não refletir em alteração semântica. Na alternativa D, o que há novamente é apenas a inversão de fragmentos, fato que não gera alteração de sentido, como se pode observar: "dados mostram redução do desemprego de 8,1% para 8%, o que significa a geração de 185 mil postos de trabalho" = "dados mostram a geração de 185 mil postos de trabalho, o que significa redução do desemprego de 8,1% para 8%". A alternativa E também apresenta comentário coerente, uma vez que expressa exatamente o que se informa no segundo período: "É normal, então, dar atenção especial ao nível do emprego e à evolução da massa salarial real, sem deixar de acompanhar as receitas e despesas do governo federal.". A alternativa B não é só incoerente em relação ao texto, como a informação nela presente não faz sentido. O período "Essa taxa de desemprego é a menor em julho de 2002." é ininteligível. Além disso, o que o texto diz é que, desde 2002, a taxa de desemprego de julho foi a menor da série.

19. **(Esaf / Analista da Receita Tributária)**

Em relação às informações do texto, assinale a opção correta.

A produção brasileira de petróleo e gás certamente dará um salto quando

estiverem em operação os campos já descobertos na chamada camada do pré-sal. Embora essa expansão só possa ser efetivamente assegurada quando forem delimitadas as reservas, e os testes de longa duração confirmarem a produtividade provável dos campos, simulações indicam que o Brasil terá um saldo positivo na balança comercial do petróleo (exportações menos importações), da ordem de 1 milhão de barris diários.

Com isso, o petróleo deverá liderar a lista dos produtos que o Brasil estará exportando mais ao fim da próxima década. O petróleo é negociado para pagamento a vista (menos de 90 dias). Então, é um volume de recursos que pode ter, de fato, forte impacto nas finanças externas do país.

Como é uma riqueza finita, a prudência e a experiência econômica recomendam que o Brasil tente poupar ao máximo essa renda adicional proveniente das exportações de petróleo. O mecanismo mais usual é conhecido como fundo soberano, por meio do qual as divisas são mantidas em aplicações seguras que proporcionem, preferencialmente, bom retorno e ainda contribuam positivamente para o desenvolvimento da economia brasileira. Os resultados dessas aplicações devem ser direcionados para investimentos internos que possibilitem avanços sociais importantes (educação, infraestrutura, meio ambiente, ciência e tecnologia).

(O Globo, Editorial, 13/10/2009)

a) É indiscutível que, quando estiverem em operação os campos da camada do pré-sal, o Brasil terá um saldo na balança comercial do petróleo da ordem de 1 milhão de barris diários.
b) É recomendável que os recursos arrecadados com a exploração do petróleo da camada do pré-sal sejam mantidos num fundo seguro, que proporcione retorno garantido e contribua favoravelmente para o desenvolvimento da economia brasileira.
c) Somente quando estiverem em operação os campos da camada do pré-sal, o petróleo será negociado para pagamento a vista.
d) Estima-se que, no final da próxima década, com os campos do pré-sal já em operação, o Brasil lidere a lista dos países importadores de petróleo, com forte impacto na balança comercial.
e) A renda adicional proveniente da exportação do petróleo da camada do pré-sal deverá ser aplicada diretamente em investimentos com repercussão na

área social.

Gabarito: B

A alternativa A trabalha no campo da certeza (É indiscutível), o que contradiz a ideia de possibilidade presente no segundo período do primeiro parágrafo (simulações indicam). A alternativa C contradiz o segundo parágrafo, visto que lá consta a informação de que "O petróleo (JÁ) é negociado para pagamento a vista (menos de 90 dias).". A alternativa D é absurda. O Brasil não será importador de petróleo e sim aumentará a exportação. O erro na alternativa E está no emprego da palavra "diretamente", pois o texto diz que as divisas provenientes do aumento da exportação do petróleo deverão ser investidas em aplicações seguras, que proporcionem, preferencialmente, bom retorno. Aí, sim, o resultado dessa aplicação é que deve ser aplicado na área social. Portanto, o dinheiro não deve ir diretamente para a área social, mas, sim, deverá ser inicialmente investido em fundos seguros, para depois, seu resultado financiar o avanço social. A alternativa B confirma exatamente o que se informou no esclarecimento para o fato de que a alternativa E não poderia ser a resposta. A alternativa B corresponde exatamente ao que se expõe no último parágrafo.

20. **(Esaf / Analista da Receita Tributária)**

Assinale a opção correta a respeito do texto.

Aferrado à valorização do aqui e agora, o sábio indiano Svâmi garante que "só o presente é real", o que equivale a considerar o passado e o futuro como puras ilusões. Viver no presente implica aceitar o primado da ação (o ato) sobre a esperança, o que equivale a trocar a passividade do estado de espera pela manifestação ativa da vontade de fazer. Em outras palavras, importa a flecha mais do que o alvo, o ato mais do que a expectativa.

Como bem acentua Comte-Sponville, a ausência pura e simples de esperança não corresponde à mágoa, traduzida na acepção comum da palavra desespero. O desespero/desesperança é, antes, o grau zero da expectativa, portanto um regime de acolhimento do real sem temor, sem desengano, sem tristeza. Esse regime, ou essa regência, pode ser chamado de beatitude ou de alegria: uma aceitação e uma experiência da plenitude do presente.

(SODRÉ, Muniz. As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006, p.206)

a) O autor do texto defende a ideia de que o ser humano, ao criar expectativas em relação ao futuro, não deve desesperar-se, mas, sim, manter-se passivo no estado de espera.
b) A ideia central desenvolvida no texto baseia-se no pressuposto de que se vive, atualmente, uma era em que predomina o desespero.
c) Uma das ideias secundárias desenvolvidas no texto é a de que os fins justificam os meios, como se depreende do trecho "importa a flecha mais do que o alvo".
d) Uma das ideias desenvolvidas no texto é a de que o real só é, de fato, apreendido quando o indivíduo compreende o passado e o futuro como ilusões.
e) Para sustentar a ideia apresentada no primeiro parágrafo, o autor do texto argumenta que é o medo do futuro que motiva os indivíduos a viverem intensamente o aqui e agora.

Gabarito: D

A alternativa A contradiz o texto, uma vez que o que se valoriza é a manifestação ativa da vontade de fazer em detrimento da passividade do estado de espera. A alternativa B apresenta um comentário absurdo. Em momento algum, é sugerido (pressuposto) que nossa era está caracterizada pelo desespero. Na alternativa C, o sentido implícito do fragmento "importa a flecha mais do que o alvo." é que importa mais o hoje (a flecha, que é o que se tem) do que o amanhã (o alvo – aquilo que porventura poderíamos atingir). A alternativa E também apresenta comentário incoerente em relação ao texto, visto que não se encontra exposto (explícito) que há medo do futuro, tampouco que esse medo levaria os indivíduos a viverem intensamente o presente. A alternativa D se explicita no primeiro período, quando há o alerta de que há equivalência na compreensão de duas ideias: "só o presente é real" e "considerar o passado e o futuro como puras ilusões".

21. **(Esaf / RJ / Fiscal de Rendas)**

A Eurostat, o organismo da União Europeia encarregado da elaboração de estatísticas econômicas, mostrou que, em abril, nada menos que 101 entre cada 1.000 cidadãos em atividade na área do euro (16 países) não conseguiram encontrar ocupação remunerada. É a pior situação em 12 anos.

Reduzir tudo a efeito natural da atual crise é simplismo. Flagelos assim são como os desastres de avião: sempre têm múltiplas causas. O crescente desemprego no mundo rico foi acentuado pela crise, mas é bem mais do que isso. É o resultado de algumas degradações acumuladas nas últimas décadas: perda de competitividade da indústria, rápido envelhecimento da população, custo elevado da mão de obra, falta de reformas políticas e econômicas.

Paradoxalmente, a crise do desemprego tende a se acentuar pelos fatores que pretendiam atenuar seu impacto. Assim como a antecipação da aposentadoria pretendia abrir vagas aos mais jovens, mas tudo o que produziu foi a deterioração das finanças dos sistemas previdenciários, os mecanismos de seguro social vêm ajudando a criar enormes rombos, que, por sua vez, atiram as finanças públicas ao endividamento e à insolvência (e não apenas à falta de liquidez), como parece ser o caso da Grécia e talvez o de Portugal e Espanha. E aí chegamos a uma situação em que os instrumentos de defesa do emprego criam mais desemprego.

(MING, Celso Ming. O Estado de S. Paulo, 2/6/2010)

Em relação às ideias do texto, assinale a opção correta.

a) Há 12 anos, a situação na União Europeia apresentava desemprego muito maior que as taxas atuais.

b) A crise econômica atual começou a provocar o desemprego na área do euro.

c) O rápido envelhecimento da população contribui para diminuir as taxas de desemprego na União Europeia.

d) A antecipação da aposentadoria e a abertura de vagas para os mais jovens fortaleceram os sistemas previdenciários.

e) Medidas que pretendiam atenuar o impacto da crise do desemprego resultaram em mais desemprego.

Gabarito: E

A alternativa A contraria o texto, visto que a informação constante no fim do primeiro parágrafo é que a situação apresentada é a pior dos últimos doze anos.

A alternativa B contradiz o texto, porquanto no segundo parágrafo é asseverado que "o crescente desemprego foi acentuado pela crise", logo a crise já existia.

O comentário presente na alternativa C também contraria o texto, sobretudo o fragmento: "O crescente desemprego no mundo rico foi acentuado pela crise, mas é bem mais do que isso. É o resultado de algumas degradações acumuladas nas

últimas décadas: perda de competitividade da indústria, rápido envelhecimento da população".

A alternativa contém informação falsa, uma vez que o último parágrafo indica que as soluções não surtiram o efeito esperado, e, em vez de abrir vagas para os mais jovens, acabou por deteriorar as finanças dos sistemas previdenciários.

A alternativa E se coaduna com o último parágrafo, quando esclarece que os fatores que pretendiam atenuar o impacto da crise do desemprego tendem a acentuá-la, inclusive esta ideia é repetida no último período: "E aí chegamos a uma situação em que os instrumentos de defesa do emprego criam mais desemprego.".

22. **(UFRJ / Assistente em Administração)**

LÍNGUA PORTUGUESA

O QUE PASSA NA CABEÇA DELES?

Quem tem um bicho de estimação sabe muito bem: seu gato, cachorro, papagaio, hamster ou o que seja é o mais esperto do mundo. Até meados do século passado, porém, a inteligência animal era considerada inexistente. Suas atitudes e ações eram descritas como simples respostas instintivas ou estratégias de sobrevivência, sem nenhuma relação com a cognição, que se acreditava ser exclusiva do ser humano. Foi só a partir dos anos 1960 que estudos de longo prazo começaram a produzir pistas de que, sim, os animais pensam, são capazes de resolver problemas, aprender com seus erros e se adaptar a novas situações, assim como os seres humanos. Mas o que se passa na cabeça deles? Algumas espécies têm autoconsciência? Quão inteligentes são os animais? Apesar dos avanços nas pesquisas, estas e outras perguntas permanecem sem resposta, gerando controvérsias entre os especialistas.

– O que existe hoje são várias linhas de entendimento do que vem a ser a inteligência animal. Há estudos feitos em ambiente natural, mas também tem muita coisa sendo feita em laboratórios – o que nos é contado pelo biólogo Salvatore Siciliano, pesquisador da Escola Nacional de Saúde da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). As pesquisas podem levar anos para chegar a conclusões bem simples, mas, à medida que aumenta o esforço de observação e amostragem, estamos passando a perceber que os animais são, sim, algo inteligentes.

Quando elaborou sua Teoria da Evolução, no século XIX, Charles Darwin a estendeu para o desenvolvimento do cérebro humano. Como outros aspectos da nossa fisiologia, a inteligência teria evoluído a partir de organismos mais simples

em resposta a desafios comuns a quase todos os animais, como as necessidades de se alimentar, reproduzir e interagir com o ambiente. Atualmente, faz parte do senso comum considerar que grandes primatas como os chimpanzés, cujo DNA é 99% igual ao dos seres humanos, apresentam um certo grau de inteligência, assim como outros mamíferos mais desenvolvidos, como cetáceos (baleias e golfinhos) e elefantes. Surpreendente, no entanto, foi verificar que mesmo espécies mais longe da escala e árvore evolutivas, como pássaros e polvos, também demonstram sinais de inteligência.

(BAIMA, César. O Globo, Planeta Terra, out. 2010. Adaptado)

Sobre o título dado ao texto, pode-se fazer, de forma adequada, a seguinte afirmação:

a) trata-se de uma questão sobre a qual a ciência ainda não apresenta todas as respostas;
b) a pergunta não é respondida no texto;
c) representa uma interrogação feita pelos proprietários de animais domésticos;
d) o pronome eles se refere exclusivamente aos animais domésticos;
e) a pergunta fala sobre as preocupações dos donos de animais.

Gabarito: B

O texto, em momento algum, informa o que se passa pela cabeça dos animais. Além disso, há um fragmento no texto que reforça essa resposta: "Mas o que se passa na cabeça deles? Algumas espécies têm autoconsciência? Quão inteligentes são os animais? Apesar dos avanços nas pesquisas, estas e outras perguntas permanecem sem resposta, gerando controvérsias entre os especialistas.". Pode-se excluir a alternativa A, pois, quando se diz que a ciência não apresentou todas as respostas, infere-se que algumas já foram concedidas o que é contradito no seguinte fragmento "estas e outras perguntas permanecem sem resposta, gerando controvérsias entre os especialistas.". Elimina-se a alternativa C, pois esse questionamento pode ser de qualquer um, e não necessariamente de donos de animais domésticos. Na alternativa D, o pronome "deles" refere-se a qualquer animal, e não necessariamente a animais domésticos. A alternativa E representa comentário absurdo, dado que o fator inteligência animal não constitui preocupação, mormente aos donos de animais.

23. **"...seu gato, cachorro, papagaio, hamster ou o que seja é o mais**

esperto do mundo"; o termo sublinhado equivale a:

a) um outro animal doméstico qualquer;
b) qualquer outro tipo de roedor;
c) um outro animal de tipo diferente;
d) qualquer animal desconhecido;
e) qualquer outro nome que se dê.

Gabarito: A

O emprego do pronome SEU é decisivo para a resposta. Esse pronome indica que o autor está falando diretamente aos leitores, portanto se trata de gato "do leitor", cachorro "do leitor"... O leitor, cidadão comum, pode ter apenas animal doméstico.

24. **"...é o mais esperto do mundo." Esse pensamento representa:**

a) uma antiga forma de pensar sobre a inteligência animal;
b) um carinhoso modo de pensar sobre animais de estimação;
c) um conceito errado sobre os animais domésticos;
d) um pensamento corrente sobre os animais selvagens;
e) um falso pensamento fundamentado apenas nas aparências.

Gabarito: B

Esse fragmento é referente aos animais domésticos. A alternativa B indica o pensamento que os donos têm acerca de seus animais, sem entrar no mérito se tal pensamento é certo ou errado – fato que exclui a possibilidade de resposta da alternativa C –, até porque o próprio texto informa que a ciência ainda não conseguiu concluir quão inteligentes são os animais.

25. **A afirmativa abaixo que é adequada ao texto é:**

a) Os estudiosos definem, hoje, vários graus de inteligência animal;
b) Os animais, com exceção dos mais distantes da escala evolutiva, possuem inteligência;
c) Estudos avançam, mas a inteligência animal ainda é alvo de controvérsia;
d) Todos os animais possuem inteligência bastante avançada;
e) Os animais dispõem de uma estrutura de DNA semelhante à dos humanos.

Gabarito: C

O comentário realizado na alternativa C se coaduna com o seguinte fragmento do texto: "Mas o que se passa na cabeça deles? Algumas espécies têm autoconsciência? Quão inteligentes são os animais? Apesar dos avanços nas

pesquisas, estas e outras perguntas permanecem sem resposta, gerando controvérsias entre os especialistas.”.

26. **Assinale a alternativa em que o conectivo destacado possui seu valor semântico corretamente indicado:**

a) “Apesar dos avanços nas pesquisas…” = concessão;

b) “Surpreendente, no entanto, foi verificar…” = conclusão;

c) “Suas atitudes e ações eram descritas como simples respostas…” = modo;

d) “Até meados do século passado, porém,…” = explicação;

e) “…para chegar a conclusões bem simples…” = direção.

Gabarito: A

Alternativa B – NO ENTANTO estabelece relação de adversidade, oposição.

Alternativa C – COMO estabelece relação de comparação, podendo ser substituído por TAIS QUAIS.

Alternativa D – PORÉM estabelece relação de adversidade, oposição.

Alternativa E – PARA estabelece relação de finalidade.

27. **“…comuns a quase todos os animais…”; o trecho abaixo em que o emprego do artigo é EQUIVOCADO é:**

a) toda a manhã eles chegavam sempre na hora;

b) todos os quatro animais de estimação sobreviveram;

c) os biólogos trabalharam todo o dia;

d) entre os animais há diversos graus de inteligência;

e) ambos os animais são dotados de alguma inteligência.

Gabarito: A

O emprego do artigo após os pronomes indefinidos TODA e TODA se justifica quando a intenção linguística é conferir à expressão a ideia de inteiro. Por exemplo, TODO O DIA significa o dia inteiro; já TODO DIA significa todos os dias. O objetivo aqui era dizer que eles chegavam na hora todos as manhãs, e não a manhã inteira, sendo descabido, pois, o uso do artigo.

28. **A alternativa em que a posição do adjetivo em relação ao substantivo ALTERA o seu significado é:**

a) “…estudos de longo prazo começaram a produzir pistas…”;

b) “como outros mamíferos mais desenvolvidos”;

c) “…considerar que grandes primatas como os chimpanzés…”;

d) "Até meados do <u>século passado</u>…";

e) "Suas atitudes e ações eram descritas como <u>simples respostas</u> instintivas…".

Gabarito: E

O significado de "simples respostas" é de singelas, meras respostas. Já em "respostas simples", a leitura passa a ser de respostas simplórias, sem complexidade ou sofisticação.

29. **A presença do biólogo no texto tem a seguinte utilidade textual:**

a) mostrar que a publicação é internacional;

b) convencer o leitor de que o tema é importante;

c) demonstrar atualização brasileira no tema estudado;

d) indicar pessoas que demonstram interesse pelo tema estudado;

e) dar mais autoridade e credibilidade ao texto.

Gabarito: E

Questão formulada para deixar o candidato em dúvida entre duas alternativas: B e E, visto que as outras são absurdas. Quando o autor utiliza como recurso de argumentação informações de terceiros sua intenção não é dar mais importância ao tema, ao assunto, mas sim conferir credibilidade à argumentação. É como se o autor informasse ao leitor que pode confiar naquela informação – utilizada como argumento –, pois ela provém de um especialista no assunto. Portanto, conforme já esclarecido na parte teórica, sempre que no texto houver informações de terceiros, pode-se dizer que o texto, a informação ou argumentação ganham peso, autoridade, credibilidade, mas nunca o tema ou o assunto.

30. **"…estamos passando a perceber…"; a forma verbal desse segmento indica:**

a) uma continuidade de pensamento;

b) uma explicação de algo dito;

c) uma correção de atitude anterior;

d) uma mudança de posição;

e) uma reafirmação de algo já feito.

Gabarito: D

Questão confeccionada para deixar o candidato em dúvida entre as alternativas C e D. São alternativas parecidas, mas há uma diferença: Na C, é dito que há uma correção, portanto haveria erro na visão anterior, fato que o texto não informa. A

forma verbal ESTAMOS PASSANDO A PERCEBER sugere que uma alteração realmente está em curso, mas não necessariamente algo que representa uma retificação do pensamento anterior, podendo ser uma visão mais complexa, mais aprofundada, mais desenvolvida do tema. Além disso, não há que se falar em correção, até porque, como o texto informa, as perguntas a respeito do tema ainda estão sem resposta.

31. **"...a inteligência <u>teria evoluído</u> a partir de organismos mais simples..."; a forma verbal sublinhada indica uma:**

a) certeza absoluta;
b) hipótese possível;
c) opinião abalizada;
d) dedução comprovada;
e) dúvida permanente.

Gabarito: B

É natural o futuro do pretérito do indicativo não se localizar no campo da certeza. Justamente tal ocorre nessa questão, inclusive quando se observa que o fragmento de onde advém a forma verbal reproduz a Teoria de Darwin. Portanto, trata-se de uma teoria, um pensamento, uma hipótese, algo que possivelmente ocorreu, e não um fato.

32. **O texto desta prova deve ser caracterizado como:**

a) descritivo de um conjunto de ideias científicas sobre os animais;
b) narrativo de uma sequência de fatos ocorridos nos últimos anos;
c) informativo sobre conhecimentos atuais no tema analisado;
d) argumentativo a respeito de prós e contras das recentes descobertas;
e) publicitário sobre os trabalhos da Fiocruz.

Gabarito: C

Trata-se de texto dissertativo, no entanto a alternativa D não pode ser a resposta, pois o recurso de argumentação utilizado não foi a comparação entre aspectos positivos e negativos. Também por tal motivo, excluem-se as alternativas A e B (o texto, repita-se, é dissertativo). A alternativa E é absurda, pois não se trata de propaganda, muito menos sobre os trabalhos desenvolvidos na Fiocruz. Portanto, sobra a alternativa C. Pode-se asseverar que o texto é informativo, com a apresentação de informações concedidas por autoridades no assunto, como recurso

de argumentação, confirmando a tese do autor.

33. **A utilização dos parênteses no último parágrafo pretende:**

a) explicar o que são cetáceos;

b) destacar os cetáceos menos conhecidos;

c) chamar a atenção para aspectos importantes do texto;

d) definir a espécie dos cetáceos;

e) enumerar animais que são denominados "cetáceos".

Gabarito: E

A intenção do autor, ao utilizar os parênteses, foi esclarecer não o que são (significa) cetáceos – por isso, fica excluída a alternativa A –, mas sim a que cetáceos ele estava se referindo.

34. **O autor do texto se apresenta textualmente como:**

a) entrevistador de cientistas experts do assunto;

b) jornalista que reproduz conhecimentos alheios;

c) cientista especializado no tema analisado;

d) jornalista conhecedor do tema explorado;

e) especialista de uma organização científica.

Gabarito: D

Inicialmente, é de bom alvitre perceber que o jornalista escreve para uma seção específica de jornal (O Globo, Planeta Terra), o que já nos faz crer que algum conhecimento sobre o tema ele tem. Além disso, o autor expõe um histórico sobre o assunto e em determinados momentos até expressa sua opinião, como no último período quando considera SURPREENDENTE o fato de "verificar que mesmo espécies mais longe da escala e árvore evolutivas, como pássaros e polvos, também demonstram sinais de inteligência.".

35. **"Quem tem um bicho de estimação..."; a forma de reescrever-se esse segmento do texto que ALTERA o seu sentido original é:**

a) Quem possui um bicho de estimação;

b) Quem tem a posse de um bicho de estimação;

c) Aqueles que possuem um bicho de estimação;

d) Aquele que tem um bicho de estimação;

e) Os que têm um bicho de estimação.

Gabarito: B

O texto original e as alternativas A, C, D e E indicam que alguém é dono, proprietário de um bicho de estimação. Quando se tem a posse de algo, significa dizer que a possibilidade de desfrute é algo passageiro, transitório. Na frase "Eu tenho (estou com) a posse de um carro.", o sentido é que, por algum tempo, posso usufruir o carro.

36. **(Cespe-UnB / FUB / Auditor – 2009)**

Confissão de Allan Poe

Cometi apenas um erro. Não 1 soube ser feliz. Nunca: nem um só dia, nem sequer uma hora. A própria criação, um prazer para os poetas mais sensíveis, foi para mim sempre mais angustiante que redentora. A causa primeira do meu infortúnio, conheço-a agora. Tive sempre medo da vida. De uma sensibilidade exacerbada e doentia desde a mais tenra infância, atormentada e mortificada até a exaustão pelo infortúnio e pela miséria, a vida banal, as realidades quotidianas constituíam para mim uma fonte constante de terror. Tinha a impressão de viver continuamente suspenso no limite de dois reinos – ser uma criança semimorta unida em laço misterioso a um espectro nostálgico. A criança tinha medo da treva; o espectro da luz. Uma e outro aspiravam à morte e, simultaneamente, receavamna. A vida era para mim aborrecimento, alucinação, condenação. Cada vez que eu tentava reconciliar-me com ela, saía maltratado, repelido. Fazia-me o efeito de um anjo que pretendesse participar num banquete de monstros. O próprio amor não logrou salvar-me porque a mulher é uma das mais perfeitas encarnações da vida, e eu tinha da vida um indizível terror. Todas as mulheres que julguei amar ou fugiram de mim, ou estão mortas. Uma vez mortas, e só então, elas pareciam realmente minhas amantes na eternidade, as únicas que poderiam amar um homem segregado da vida. Para escapar às minhas visões terrificantes, aos meus pesadelos, às tentações de minha razão delirante, um gênio forçava-me a escrever, senhor mais titânico e exigente que um demônio. Escrevi, pois, toda a minha vida poemas, narrativas, contos, tratados, ensaios. Porém, mal experimentava a ilusão de pela poesia ter exorcizado a perseguição dos meus pavores, logo outras alucinações, outros pesadelos, outras bizarrias macabras e fúnebres assaltavam sem trégua a minha pobre alma acabrunhada. Então, como última esperança do meu desespero, buscava socorro no álcool, que, aliás, abominava.

(Revista Literatura. São Paulo: Escala Editorial, 2009, nº 23, p. 45. Com adaptações).

Considerando as estruturas linguísticas do texto acima, julgue os itens de 1 a 7.

1. Confissão de Allan Poe, o título do texto, e construção de Brasília são estruturas semelhantes sintaticamente, pois são formadas por substantivo abstrato mais preposição de seguida de outro substantivo, o qual, no título do texto, desempenha papel de agente – pelo qual se entende que Allan Poe fez uma confissão – e, em construção de Brasília, desempenha papel de paciente.
2. Em "Cometi apenas um erro" (l.1) e "Tive sempre medo da vida" (l.3-4), a mudança na ordem dos termos adverbiais para Apenas cometi um erro e Sempre tive medo da vida mantém inalterado o sentido desses períodos no texto.
3. Para a palavra "quotidianas" (l.6), está também prevista, nos dicionários da língua portuguesa, a grafia cotidianas.
4. Em "Cada vez que eu tentava reconciliar-me com ela" (l.10-11), a expressão "Cada vez que" pode ser substituída por À medida que, sem alteração de sentido.
5. Com o deslocamento da conjunção "pois" para o início da oração "Escrevi, pois, toda a minha vida poemas, narrativas, contos, tratados, ensaios" (l.18-19), com os devidos ajustes de maiúsculas e minúsculas, preserva-se o sentido original do período.
6. Em "Porém, mal experimentava a ilusão (...) a minha pobre alma acabrunhada" (l.19-20), o termo "mal" é empregado com sentido temporal.

Gabarito:

1 – Certo. Allan Poe confessou, praticou a ação de confessar, portanto tem valor agente e funciona como adjunto adnominal. Já em "Construção de Brasília", Brasília foi construída, sofreu a ação de ser construída, por isso possui valor paciente, funcionando como complemento nominal. Muito interessante a visão do Cespe-UnB, pois indica que muito mais importante do que identificar a função sintática de um termo é observar o seu valor semântico – se naquela construção tem valor agente ou paciente, se está praticando ou sofrendo a ação verbal. Em face de tal visão, não entrou no mérito acerca da função sintática (se complemento ou adjunto).

2 – Errado. Na segunda frase, não gera alteração semântica a inversão dos termos. O sentido é o mesmo em "Tive sempre medo da vida." e "Sempre tive

medo da vida.”. No entanto, na primeira frase, a alteração gera mudança de sentido: Em “cometi apenas um erro.”, o significado é que não cometi nem dois nem três erros, somente um. Em “Apenas cometi um erro.”, o sentido é que não fiz mais nada além de cometer esse erro.

3 – Certo. Os vocábulos “Cotidianas” e “Quotidianas” existem e possuem o mesmo significado.

4 – Errado. O conector “Cada vez” tem o mesmo valor que SEMPRE QUE, QUANDO, portanto tem caráter temporal. Já, À MEDIDA QUE confere ao período valor de proporção.

5 – Errado. A conjunção POIS, quando está deslocada, possui valor conclusivo, tendo como sinônimos ENTÃO, PORTANTO. Ocorrendo no início do período, passa a ter valor causal, passando a ter como sinônimos PORQUE, VISTO QUE, PORQUANTO.

6 – Certo. A conjunção MAL tem valor temporal, sendo sinônimo de QUANDO, ASSIM QUE, LOGO QUE. Observe a relação de tempo existente entre as orações: “mal (Logo que, Quando, assim que) experimentava a ilusão… pavores, logo outras alucinações, outros pesadelos… assaltavam sem trégua a minha pobre alma acabrunhada.

37. **(Cespe-UnB / FUB / Auditor – 2009)**

A história dos ideais ilustrados na América Latina tem, às vezes, um sabor quase trágico de perversão dos intuitos ostensivos, porque acabaram funcionando como fatores de exclusão, não de incorporação; de sujeição, não de liberdade. O saber como salvação acabava como teoria de poucos eleitos. Na América Latina, as condições locais puseram a nu a contradição fundamental da ideologia ilustrada, que desaguava quase inevitavelmente na delegação de função às elites. O propalado bem comum ficava no limbo da utopia se os povos não lutassem pela sua realização. Nos países do Ocidente da Europa, as lutas democráticas do fim do século XVIII e século XIX, aliadas à prosperidade econômica, permitiram uma solução parcial da contradição apontada acima, com relativa difusão do saber. Em nossos países, a contradição permaneceu com toda força. Essa contradição se manifesta de vários modos e em vários níveis. No nível estrutural, é óbvio que ela corresponde a uma tendência das sociedades de classe para concentrar o saber nas camadas superiores, dosando as suas formas mais modestas ao longo da escala social dominada. No nível escolar, ela aparece tanto na política universitária quanto

na política de instrução primária. No caso do Brasil, é curiosa, depois da Independência, a relativa indiferença pela fundação de escolas superiores, além do mínimo para formar quadros dirigentes restritos. Custa crer que o Brasil só tenha tido universidades no século XX; e que, durante o período colonial, não houvesse nele escolas de nível superior.

(CANDIDO, Antonio. A perversão da Aufklärung. In: Textos de intervenção. 34. ed., São Paulo: Duas Cidades, 2002, p. 321-3. Com adaptações).

Acerca das ideias e estruturas linguísticas do texto acima, julgue os itens a seguir.

1. Infere-se do texto que os ideais ilustrados propunham, originalmente, o saber e a educação como formas de emancipação, liberdade e igualdade entre os homens.
2. Ao restringir às elites locais o acesso ao saber, a América Latina perverteu os ideais ilustrados plenamente realizados na Europa pela difusão igualitária do saber.
3. As relações sintático-semânticas do período entre as linhas 6 e 7 indicam que a realização da ideologia ilustrada como bem comum condicionava-se às lutas populares pela democratização do saber.
4. A forma verbal "dosando" (l.13) corresponde a uma ação de política educacional que, voltada para as classes dominadas, previa a democratização do saber em curto prazo.
5. Infere-se do texto que o fato de as universidades só terem surgido no Brasil, no século XX, relaciona-se à manifestação do caráter contraditoriamente restritivo da ideologia ilustrada.

Gabarito:

1 – Certo. Depreende-se dos dois primeiros períodos, mormente quando se percebe que os ideais eram a incorporação, a liberdade, o saber como salvação.

2 – Errado. Não houve difusão igualitária do poder nos países do Ocidente da Europa, como se verifica no fragmento "Nos países do Ocidente da Europa, as lutas democráticas do fim do século XVIII e século XIX, aliadas à prosperidade econômica, permitiram uma **solução parcial da contradição** apontada acima, com relativa difusão do saber.".

3 – Certo. Observe a presença da conjunção subordinativa condicional "se" (l.6-

7). “Se os povos não lutassem pela sua realização” (condição) – O propalado bem comum ficava no limbo da utopia (consequência).

4 – Errado. Justamente o contrário. O emprego de “dosando” sugere que o fato ocorria aos poucos, e não em curto prazo.

5 – Certo. Se os ideais ilustrados previam a emancipação, o saber como libertação, a existência de universidades no Brasil deveria ter ocorrido muito antes. Portanto, o fato de as universidades só terem surgido no século XX serve como exemplo (recurso argumentativo) para a tese de que esses ideais acabaram tendo um sabor quase trágico de perversão dos intuitos ostensivos, funcionando como fatores de sujeição, de exclusão.

38. **(Agente da Polícia Federal)**

Texto LP-II – questões 43 e 44

A Revolução Industrial provocou a dissociação entre dois pensamentos: o científico e tecnológico e o humanista. A partir do século XIX, a liberdade do homem começa a ser identificada com a eficiência em dominar e transformar a natureza em bens e serviços. O conceito de liberdade começa a ser sinônimo de consumo. Perde importância a prática das artes e consolidam-se a ciência e a tecnologia. Relega-se a preocupação ética. A procura da liberdade social se faz sem considerar-se sua distribuição. A militância política passa a ser tolerada, mas como opção pessoal de cada um.

Essa ruptura teve o importante papel de contribuir para a revolução do conhecimento científico e tecnológico. A sociedade humana se transformou, com a eficiência técnica e a consequente redução do tempo social necessário à produção dos bens de sobrevivência.

O privilégio da eficiência na dominação da natureza gerou, contudo, as distorções hoje conhecidas: em vez de usar o tempo livre para a prática da liberdade, o homem reorganizou seu projeto e refez seu objetivo no sentido de ampliar o consumo. O avanço técnico e científico, de instrumento da liberdade, adquiriu autonomia e passou a determinar uma estrutura social opressiva, que servisse ao avanço técnico e científico. A liberdade identificou-se com a ideia de consumo. Os meios de produção, que surgiram no avanço técnico, visam ampliar o nível dos meios de produção.

Graças a essa especialização e priorização, foi possível obter-se o elevado nível do potencial de liberdade que o final do século XX oferece à humanidade. O

sistema capitalista permitiu que o homem atingisse as vésperas da liberdade em relação ao trabalho alienado, às doenças e à escassez. Mas não consegue permitir que o potencial criado pela ciência e tecnologia seja usado com a eficiência desejada.

(BUARQUE, Cristovam. Na fronteira do futuro. Brasília: EDUnB, 1989, p. 13; com adaptações)

Julgue os itens abaixo, relativos às ideias do texto LP-II.

1. O conceito de "liberdade" é tomado como sinônimo de **consumo** e de **eficiência no domínio e na transformação da natureza em bens e serviços**.
2. O autor sugere que o sistema capitalista apresenta a seguinte correlação: quanto mais tempo livre, mais consumo, mais lazer e menos opressão.
3. Depreende-se do primeiro parágrafo que a ética foi abolida a partir do século XIX.
4. No segundo parágrafo, a expressão "Essa ruptura" retoma e resume a ideia central do parágrafo anterior.
5. O emprego da expressão "as vésperas da liberdade" (l.22) sugere que a humanidade ainda não atingiu a liberdade desejada.

Gabarito:

1 – Certo. É de bom alvitre o candidato perceber que o comentário está perfeito, contudo se apresenta em ordem inversa, o que não o invalida. Inicialmente o texto informa que "a liberdade do homem começa a ser identificada com a eficiência em dominar e transformar a natureza em bens e serviços.". Depois assevera que "O conceito de liberdade começa a ser sinônimo de consumo.".

2 – Errado. O comentário contradiz o texto, visto que no terceiro parágrafo é aduzido que "o homem reorganizou seu projeto e refez seu objetivo no sentido de ampliar o consumo.". Depois, esclarece a consequência: "O avanço técnico e científico, de instrumento da liberdade, adquiriu autonomia e passou a determinar uma estrutura social opressiva, que servisse ao avanço técnico e científico.".

3 – Errado. Inferência inadequada, visto que o texto esclarecer que a preocupação ética foi relegada, ou seja, foi posta "de lado", mas não abolida, exterminada.

4 – Certo. A expressão "Essa ruptura" refere-se ao ponto central do primeiro parágrafo: "a dissociação entre os dois pensamentos: o científico e tecnológico e o humanista.". Depois o autor passa a defender a tese da existência dessa dissociação, ruptura.

5 – Certo. Quando se está na véspera de feriado, é porque estamos no período que o antecede, ou seja, ainda não chegou o feriado. Portanto, a expressão "as vésperas da liberdade" indica que se está no período que antecede a liberdade, contudo a liberdade ainda não chegou.

39. **Quanto à organização do texto LP-II, julgue os itens a seguir.**

1 . A argumentação do texto estrutura-se em três eixos principais: ciência e tecnologia, busca da liberdade e militância política.

2 . A tese para esse texto argumentativo pode assim ser resumida: nem todo "potencial-de-liberdade" gera liberdade com a eficiência desejada.

3. Para organizar o texto, predominantemente argumentativo, o autor recorre a ilustrações temáticas e trechos descritivos sobre condições das sociedades.

4 . A ideia de melhor aproveitamento do tempo como resultado da eficiência técnica é um argumento utilizado para provar a necessidade de lazer e descanso dos homens.

5 . O fragmento a seguir, caso fosse utilizado como continuidade do texto, manteria a coerência da argumentação: **Existe, assim, uma ambiguidade entre a ampliação dos horizontes da liberdade e os resultados, de fato, alcançados pelo homem**.

Gabarito:

1 – Errado. O principal eixo do texto é a dissociação entre os dois pensamentos: o científico e tecnológico e o humanista.

2 – Certo. O comentário é uma síntese do texto. O fato de a máquina substituir o homem em muitas tarefas fez que ele atingisse as vésperas da liberdade, mas não a própria liberdade.

3 – Errado. Em momento algum do texto, há a ocorrência de ilustrações temáticas – elementos que esclareçam sobre o que o texto verso –, muito menos elementos descritivos acerca das condições das sociedades.

4 – Errado. O que ocorreu foi justamente o contrário: "em vez de usar o tempo livre para a prática da liberdade, o homem reorganizou seu projeto e refez seu objetivo no sentido de ampliar o consumo.".

5 – Certo. O comentário serviria como um fechamento do texto, funcionando como uma síntese para tudo que foi exposto, fato explicitado no último parágrafo.

40. **(Cespe / UnB / Delegado PF)**

Individualistas e comportados. E daí?

Cientistas sociais e filósofos de inúmeras correntes garantem: a geração de 90 é ambígua. Explica-se: os adolescentes dessa época buscam o bem-estar individual mas também consideram o conceito "viver dignamente" como um direito da humanidade. Só que eles não pretendem se fatigar nas lutas sociais, nem se sentem atraídos por bandeiras políticas ou cartilhas ideológicas. Em uma pesquisa recente na França, o item "justiça social" foi classificado como um dos menos importantes por moças e rapazes na faixa dos 14 aos 17 anos. Imediatamente, a geração que ouve Madonna, diverte-se com Steven Spielberg e devora sanduíches passou a ser chamada de "novos individualistas". O filósofo e escritor francês Laurent Joffrin, autor do livro Um toque de Juventude, celebra com muito otimismo os "moralistas de **blue jeans**: "eles não são apáticos como se supõe. Seus interesses vão além do prazer imediato e da pura distração", explica Joffrin. Mais cético, seu colega Alain Finkelkraut acredita que os jovens dos anos 90 se apoiam em relacionamentos superficiais e valores distorcidos. "Comportam-se como se a vida fosse um grande **videoclip**…", lamenta. Enquanto os intelectuais batem boca, os ingleses que cresceram ouvindo a balada conservadora de Margareth Thatcher hoje insistem que a vida comportada é muito melhor. Em um pesquisa da revista Look Now, moças e rapazes de 15 a 24 anos confessam gostar de boas roupas, querem ser vistos como pessoas sensíveis e responsáveis, pretendem ter uma carreira sólida e fazer fortuna. Desnecessário dizer que a Dama de Ferro adorou os resultados da pesquisa.

(Greenghalg, Laura. "Sociedade dos Poetas Vivos"**,** In: Elle, ago. 1998. p. 35; com adaptações).

Aplicando conhecimentos acerca de tipologia, estrutura e organização de um texto em parágrafos, julgue os itens a seguir, segundo as ideias desenvolvidas do Texto.

1. O texto é essencialmente dissertativo, podendo ser distribuído em parágrafos, dos quais o introdutório iria até "cartilhas ideológicas"(L.5).
2. O primeiro período (L.1 e 2) contempla a ideia geral do texto, resgatando na

palavra “ambígua” o comportamento da juventude: apático e superficial.

3. Na linha 9, inicia-se uma passagem narrativa que se estende até “lamenta” (L.15) e que conta a rotina da juventude francesa da época.
4. A pesquisa relativa aos ingleses, cujos resultados aparecem a partir do antepenúltimo período do texto, agradou a liderança conservadora porque mostra que os jovens britânicos são idealistas, consumistas, alienados e ambiciosos.
5. Ao se distribuir adequadamente em parágrafos, faltaria um fechamento que resgatasse a ideia básica desenvolvida no texto e desse caráter conclusivo ao título proposto.
6. Segundo o texto, os intelectuais europeus são unânimes na opinião de que os jovens, sedentos pelo fugaz aproveitamento da vida material, apenas se preocupam com a distração e o entretenimento, demonstrando interesse tão somente pela superfície da vida em comunidade.

Gabarito:

1 – Certo. Até “cartilhas ideológicas” está presente a tese do autor. No início do período seguinte, começa a argumentação fundada em informações de terceiros, o que justificaria o começo de um novo parágrafo.

2 – Errado. Não há ambiguidade entre apatia e superficialidade.

3 – Errado. O comentário começa correto, pois realmente se trata de uma narração. Quando o autor do texto reproduz informações de terceiros, tal fragmento é narrativo. No entanto, em momento algum deste fragmento é feito qualquer tipo de comentário acerca da rotina da juventude francesa da época.

4 – Errado. O erro ocorre no emprego do vocábulo “alienados”. O texto não contém essa informação e certamente a liderança conservadora da Inglaterra não gostaria que a juventude fosse alienada.

5 – Certo. É importante o candidato atentar-se que até a quinta linha o autor expõe sua tese. A partir daí, ele começa a usar as informações constantes em pesquisas, revistas, livros como recurso argumentativo. Observe que o último período do texto ainda está no campo argumentativo, sendo uma reprodução de informações constantes na revista Look Now. Sendo assim, o autor do texto não chegou a retomar a palavra para conferir o seu devido fechamento.

6 – Errado. Não há unanimidade. Por exemplo, a expressão “Mais cético” indica

que a visão de Alain Finkelkraut já não é exatamente a mesma de Laurent Joffrin.

41. **(TCU / Auditor)**

O termo groupthinking foi cunhado, na década de cinquenta, pelo sociólogo William H. Whyte, para explicar como grupos se tornavam reféns de sua própria coesão, tomando decisões temerárias e causando grandes fracassos. Os manuais de gestão definem groupthinking como um processo mental coletivo que ocorre quando os grupos são uniformes, seus indivíduos pensam da mesma forma e o desejo de coesão supera a motivação para avaliar alternativas diferentes das usuais. Os sintomas são conhecidos: uma ilusão de invulnerabilidade, que gera otimismo e pode levar a riscos; um esforço coletivo para neutralizar visões contrárias às teses dominantes; uma crença absoluta na moralidade das ações dos membros do grupo; e uma visão distorcida dos inimigos, comumente vistos como iludidos, fracos ou simplesmente estúpidos.

Tão antigas como o conceito são as receitas para contrapor a patologia: primeiro, é preciso estimular o pensamento crítico e as visões alternativas à visão dominante; segundo, é necessário adotar sistemas transparentes de governança e procedimentos de auditoria; terceiro, é desejável renovar constantemente o grupo, de forma a oxigenar as discussões e o processo de tomada de decisão.

JR, Thomaz Wood. "O perigo do groupthinking." In: Carta Capital, 13/5/2009, p. 51 (com adaptações).

Julgue os seguintes itens com base na organização do texto acima.

1 – A sequência narrativa inicial, relatando a origem do termo "groupthinking" (l.1), não caracteriza o texto como narrativo, pois integra a organização do texto predominantemente argumentativo.

2 – Por estar empregada como uma forma de voz passiva, a locução verbal "foi cunhado" (l.1) corresponde a cunhou-se e por esta forma pode ser substituída, sem prejuízo para a coerência ou para a correção gramatical do texto.

3 – No desenvolvimento da argumentação, o valor semântico das orações iniciadas por "tomando" e "causando", ambas na linha 3, permite interpretá-las como causa para a conceituação de Whyte; por isso correspondem a porque tomavam decisões temerárias e causavam grandes fracassos.

4 – Apesar de a definição de "groupthinking" (l.4) sugerir neutralidade do autor a respeito desse processo, o uso metafórico de palavras da área de saúde, como

"sintomas" (l.7), "receitas" (l.12) e "patologia" (l.12), orienta a argumentação para o valor negativo e indesejável de groupthinking.

5 – Na linha 4, preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se inserir uma vírgula imediatamente após o vocábulo "coletivo", mesmo que, com isso, as informações possam ser tomadas como uma explicação – e não como uma caracterização – da expressão "processo mental coletivo".

Gabarito:

1 – Certo. O texto é iniciado com uma narração, visto que o autor reproduz a definição cunhada pelo sociólogo William H. Whyte. No entanto, em vários momentos ele expressa a própria opinião, caracterizando o texto como dissertativo.

2 – Errado. Não é cabível a substituição da voz passiva analítica pela sintética porque passaria uma sensação de reflexividade (A expressão "o termo Groupthinking se cunhou" passa a sensação de que ele cunhou a si mesmo). Além disso, não fica coerente o emprego da voz passiva sintética, estando presente o agente da passiva: "O termo groupthinking cunhou-se… pelo sociólogo William H. Whyte".

3 – Errado. Justamente o contrário. O uso do gerúndio nos dois verbos encerra nexo de consequência para o fato exposto na oração anterior: Porque os grupos ficavam reféns de sua própria coesão (causa), acabavam tomando decisões temerárias e causando grandes fracassos (efeito).

4 – Certo. Ao iniciar o texto pela definição do termo conferido por um sociólogo, fica a impressão de que o texto não apresentaria a opinião do autor. Entretanto, ela se faz presente em alguns momentos do textos e isso se explicita também por esses vocábulos relacionados à medicina, revelando sutilmente o entendimento do autor em relação a Groupthinking: uma doença, uma patologia.

5 – Certo. O pronome relativo introduz oração subordinada adjetiva. No texto original, o pronome relativo não é precedido de vírgula, introduzindo valor de restrição, caracterização. Ao se inserir a vírgula antes do pronome relativo, altera-se a ideia para explicação. É fundamental ler corretamente o item. O Cespe não disse que não haveria mudança semântica (muito pelo contrário: "as informações possam ser tomadas como uma explicação – e não como uma caracterização"), mas que essa mudança não gera incoerência (apesar de o

sentido ficar diferente, o texto continua coerente) tampouco falha gramatical.

42. **(Cespe / UnB / Polícia Federal / Agente)**

FRAGMENTO A

O processo de ampliação dos direitos e de pacificação social não é neutro, nem é o caminho natural de evolução em todas as sociedades. Em geral, é fruto de um processo político, resultado de muitos conflitos e negociações. Nele se confrontam, nos diferentes períodos históricos e nas diferentes sociedades, grupos diversos – alguns mais representativos da maioria dos membros de uma sociedade, outros menos –, defendendo suas ideias e seus interesses a respeito de como organizar a sociedade.

(Andrea Buoro)

FRAGMENTO B

Isto é – Estamos às portas da Terceira Guerra Mundial?

Clóvis Brigagão – Acho que uma nova guerra se estabeleceu, que é um confronto entre grupos terroristas e o Estado. Não é uma guerra clássica, não é uma guerra de guerrilha ou de longa duração, mas um confronto de ataques tópicos, uma espécie de acupuntura. Enquanto os poderosos americanos são visíveis, os inimigos são invisíveis, utilizam ataques de surpresa que põem o sistema internacional e a convivência humana em perigo. Isso já existe no Oriente Médio, onde Israel enfrenta os palestinos. Não é Estado contra Estado, mas Estado contra terrorismo. Esse modelo de conflito se tornou um novo fator de desequilíbrio mundial. Pode inclusive restabelecer uma nova espiral armamentista não convencional.

Isto é, nº 1.668 – 19/9/2001

Julgue os itens abaixo, com o auxílio dos dois fragmentos do texto II.

1 – Da leitura dos dois fragmentos, infere-se que guerras e conflitos não respeitam fronteiras estatais.

2 – O fragmento A mostra que muitos avanços sociais causam conflitos, e mesmo guerras.

Gabarito:

1 – Certo. Fundamental nessa questão o candidato atentar-se à leitura do seguinte termo "Da leitura dos fragmentos". Essa expressão significa "Você lendo os dois fragmentos", "Do somatório de informações dos dois fragmentos". Portanto, a informação que "guerras e conflitos não respeitam

fronteiras estatais" não precisam estar presente nos dois fragmentos, bastando estar em um. É justo o que ocorre. Só é cabível inferir que guerras e conflitos não respeitam fronteiras estatais pelo segundo fragmento, onde se esclarece que é um confronto entre grupos terroristas e o estado.

1 – Errado. Há a inversão da relação de causa e efeito, o que se evidencia no seguinte período "Em geral, é fruto de um processo político, resultado de muitos conflitos e negociações.". Portanto, se o processo de ampliação dos direitos é frutos de conflitos, negociações, compreende-se que é consequência de conflitos, negociações

43. **Julgue os itens a seguir, a respeito da organização das ideias e estruturas do fragmento A do texto II.**

1 – Em suas duas ocorrências na linha 1, o verbo SER está flexionado no singular para concordar com a palavra "processo".

2 – A palavra "neutro" (l. 1) sintetiza a ideia de **livre de pressões, de tendências divergentes e conflitantes**.

3 – A conjunção "nem" (l.1) corresponde a **também não**.

4 – Os pronomes "suas" (l. 6) e "seus" (l. 6) referem-se a "sociedade" (l. 5)

5 – Mantém o sentido e a correção gramatical do fragmento, mas especifica-se mais a relação de ideias, ao se acrescentar o artigo à **preposição na expressão "a respeito de l. 6), transformando-a em ao respeito de**.

Gabarito:

1 – Certo. O núcleo do sujeito é "processo". Na primeira ocorrência do verbo SER, o sujeito está explícito. Na segunda, o sujeito está elíptico.

2 – Certo. O texto informa que "O processo de ampliação dos direitos e de pacificação social NÃO é neutro" e SIM que "O processo de ampliação dos direitos e de pacificação é fruto de um processo político, resultado de muitos conflitos e negociações.". Então, nesse contexto, NEUTRO está em oposição a "fruto de um processo político, resultado de muitos conflitos e negociações". Como "livre de pressões, de tendências divergentes e conflitantes" também se opõe a "fruto de um processo político, resultado de muitos conflitos e negociações", conclui-se que NEUTRO e "livre de pressões, de tendências divergentes e conflitantes", no caso, têm o mesmo valor.

3 – Certo. NEM é conjunção cuja função semântica é adicionar elementos negativos, sendo sinônimo de TAMBÉM NÃO. Outro conector que poderia

substituir NEM seria TAMPOUCO.

4 – Errado. Os pronomes "suas" e "seus" têm como referente "grupos diversos" (l. 4). São ideias e interesses desses grupos diversos.

5 – Errado. Simplesmente a expressão "ao respeito de" não existe, o que comprometeria a correção e o sentido.

44. **Julgue os itens seguintes, quanto à organização das ideias no fragmento B do texto II.**

1 – A expressão "nova guerra" (l.2) remete ao mesmo referente de "confronto de ataques tópicos" (l. 4), "Isso" (l. 7), "Esse modelo de conflito" (l. 8) e "novo fator de desequilíbrio" (l. 8 e 9)

2 – O conectivo "mas" (l. 4) introduz uma ideia adversativa que, em um padrão mais culto da linguagem, corresponde a destarte.

3 – Porque o conectivo "enquanto" (l. 5) está empregado com valor alternativo em "Enquanto os poderosos americanos são visíveis, os inimigos são invisíveis" (l. 5), mantêm-se as relações semânticas na ligação dessas duas orações se elas forem substituídas por Ora os poderosos americanos são visíveis, ora os inimigos são invisíveis.

4 – Nas linhas 5 e 6, as formas verbais "utilizam" e "põem" estão empregadas no plural para respeitar a concordância com "inimigos" (l. 5)

5 – Pelo sentido textual, o último período do fragmento admite a subordinação sintática ao penúltimo, expressa por oração reduzida de gerúndio, com os devidos ajustes de pontuação e letras maiúsculas.

Gabarito:

1 – Certo. Todos os termos remetem a "nova guerra". Além desses termos, também "confronto entre grupos terroristas e o Estado" e "espécie de acupuntura" são remissivos a "nova guerra".

2 – Errado. O item começa com comentário correto, visto que "mas" é conjunção adversativa. No entanto, a substituição proposta é absurda, porquanto DESTARTE possui valor conclusivo.

3 – Errado. O comentário é absurdo, visto que o conector de caráter temporal "Enquanto" confere ao período valor de simultaneidade, concomitância. Já o par ORA…ORA introduz ideia alternativa. Ou seja, são fatos que se alternam e obviamente não podem ocorrer ao mesmo tempo.

4 – Errado. Realmente a forma verbal "utilizam" encontra-se na terceira pessoa

do plural para concordar com seu sujeito (Os inimigos). A forma verbal PÕEM também se encontra na terceira pessoa do plural, todavia para concordar com o antecedente do pronome relativo QUE (ataques de surpresa).

5 – Certo. Perceba que a construção fica coerente e gramaticalmente correta: Esse modelo de conflito se tornou um novo fator de desequilíbrio mundial, podendo inclusive restabelecer uma nova espiral armamentista não convencional.

45. **A pergunta de US$ 110 bilhões: por que os EUA continuam gastando dinheiro com regimes corruptos e impopulares?**

Quando vemos hoje os impressionantes levantes no mundo árabe, com atos espontâneos pela democracia, é impossível não se perguntar: o que estamos fazendo gastando US$ 110 bilhões (em torno de R$ 180 bilhões) neste ano para apoiar regimes corruptos e impopulares no Afeganistão e no Paquistão que são quase idênticos aos governos que estamos aplaudindo os povos derrubarem?

Pode-se inferir do primeiro parágrafo que:

a) Está havendo atos espontâneos pela democracia no mundo árabe.

b) Há um paradoxo entre o investimento em alguns regimes políticos e o desejo de ver similares serem derrubados.

c) Os governos apoiados e derrubados são os mesmos.

d) Os governos apoiados, que receberam investimentos, e os derrubados são idênticos.

e) Os governos do Afeganistão e do Paquistão também serão derrubados por forças populares.

Gabarito: B

Questão feita para deixar o candidato em dúvida entre as alternativas A e B. As alternativas C, D e E apresentam comentários absurdos. Como no enunciado da questão está sendo exigida uma inferência, uma dedução. Assim, podemos excluir a alternativa A, visto que a informação lá constante não precisamos inferir, encontrando-se exposta, explícita. Está exposto no texto que está havendo atos espontâneos pela democracia no mundo árabe. Portanto, não inferimos essa informação. Já a alternativa B apresenta informação coerente, todavia não exposta no texto. Há um paradoxo? Certamente há, mas o texto não explicita isso, e sim é

algo que deduzimos, concluímos, inferimos.

46. Há duas semanas, tomei um avião da TAM, em Congonhas, de volta para o Rio. O embarque foi normal, sem estresses, mas o avião ficou 40 minutos na pista depois da hora marcada para a decolagem. Nesse espaço de tempo, os comissários se evaporaram e a TAM não deu qualquer satisfação aos passageiros. Estou sabendo que isso vive acontecendo. Às vezes, os passageiros são deixados mofando no avião depois que ele pousa.

(Ruy Castro)

O que se pode depreender do primeiro parágrafo?

a) Que o autor fez a aludida viagem há duas semanas.
b) Que se tornou comum os passageiros não obterem qualquer tipo de satisfação quanto a problemas nas viagens.
c) Que a TAM não dá satisfação aos passageiros acerca de atrasos nos voos.
d) Que, quando acontece qualquer tipo de problema nos voos, os comissários tornam-se ausentes.
e) A anormalidade refere-se aos quarenta minutos que as pessoas levaram dentro do avião após o pouso.

Gabarito: B

Exclui-se a alternativa, visto que o autor não fez a viagem há duas semanas, mas duas semanas antes de redigir esse texto. Elimina-se a alternativa C, uma vez que a informação presente no texto é que a TAM não deu qualquer satisfação aos passageiros sobre o atraso, o que não quer dizer que isso aconteça sempre. Também se exclui a alternativa D, porquanto a informação prestada foi que, naquele voo, os comissários desapareceram, o que não significa que isso aconteça em todos os voos. A anormalidade ficou por conta do tempo que o avião levou para voar e não após o pouso. A alternativa B foi a resposta, visto que o pronome ISSO refere-se aos fatos presentes no período anterior, o que nos permite fazer a seguinte leitura: Estou sabendo que isso (Nesse espaço de tempo, os comissários se evaporaram e a TAM não deu qualquer satisfação aos passageiros.) vive acontecendo. Sendo assim, compreende-se que os comissários de se "evaporarem" e a TAM não dar qualquer satisfação são fatos comuns, ou seja, vive acontecendo – expressão que o autor usou.

47. **(FCC / SP / Oficial de Defensoria Pública)**

CONHECIMENTOS GERAIS

Português

Atenção: As questões de números 47 a 52 baseiam-se no texto abaixo.

O heroísmo é um dos últimos enigmas do comportamento humano. Quando se trata de entendê-lo por meio de explicações racionais, é tão incompreensível quanto sua gêmea maligna, a brutalidade.

Os psicopatas são mais transparentes do que os heróis. Pelo menos já descobrimos o que os torna perigosos: sua incapacidade de sentir qualquer empatia pelos outros. Já o heroísmo extremo é de difícil explicação científica. Trata-se de um impulso ilógico que desafia a biologia, a psicologia e o bom senso. Charles Darwin tinha dificuldades em explicar a ideia de se expor para salvar a vida de um estranho. "Aquele disposto a sacrificar a sua vida, como muitos selvagens o fazem, em vez de trair seus companheiros, frequentemente não deixa descendentes para herdar sua nobre natureza", observou ele, que consequentemente não conseguia encaixar o heroísmo na teoria da sobrevivência do mais forte.

Morrer pelos próprios filhos? Perfeitamente lógico. De acordo com Darwin, nossa única razão de existir é passar nossos genes para a próxima geração. Mas, e morrer pelos outros? Contraproducente. Afinal, não importa quantos heróis fossem gerados, bastaria uma besta egoísta atleticamente sexual para minar toda a linhagem heroica. Os filhos dos egoístas se multiplicariam, enquanto os filhos dos super-heróis que seguissem o exemplo do superpai se sacrificariam até à extinção. Não é difícil de entender por que o comportamento heroico é raro.

Então, se todas as forças evolutivas e consequências desvantajosas conspiram contra o heroísmo, por que tal comportamento existe? Segundo o biólogo Lee Dugatkin, o heroísmo, uma forma de altruísmo, provavelmente data da época em que vivíamos em tribos nômades, onde as pessoas tinham entre si alguma conexão familiar. Ao praticar um ato heroico, elas estariam salvando uma parte de seu material genético.

Estamos cercados de situações que banalizam o mal. Segundo Hannah Arendt, teórica política alemã, a brutalidade é disseminada. Gostamos de pensar que a linha entre o bem e o mal é impermeável, que as pessoas que cometem atrocidades estão no lado mau, nós no lado bom, e que jamais cruzaremos a

fronteira. Para banalizar o bem, entretanto, precisamos construir circunstâncias contrárias à quelas que insidiosamente nos corrompem: uma sociedade detentora de sistemas que permitam a contestação, a crítica e a verdade. Quem sabe assim não precisaremos de super-heróis para garantir direitos básicos de cidadania.

(ZEH, Andrea Kauffmann. O Estado de S. Paulo, Aliás, J7, 21 de junho de 2009, com adaptações)

Justifica-se a primeira afirmativa do texto porque

a) as hipóteses que tentam explicar a agressividade de algumas pessoas ficam comprometidas pela ocorrência de atos de heroísmo.

b) o sacrifício de uma vida é sempre um exemplo notável, do ponto de vista da sobrevivência da espécie.

c) as razões que levam as pessoas a praticarem atos de heroísmo que colocam a vida em risco são de difícil explicação.

d) a percepção da banalização do mal nas sociedades modernas leva a atos de heroísmo mais constantes.

e) a oposição entre atos de heroísmo e as ações marcadas por brutalidade é insignificante para justificar certas atitudes humanas.

Gabarito: C

O cerne dessa questão está no emprego da palavra "enigma", presente no primeiro período (primeira afirmativa do texto). "Enigma", em consonância com o Dicionário do Aurélio, significa "questões propostas em termos obscuros. Algo em termos obscuros é algo de difícil explicação.

48. **O texto permite afirmar, corretamente, que:**

a) somente a ciência é capaz de oferecer explicações para os atos de heroísmo;

b) a linha que separa os conceitos de bem e de mal é tênue e quase imperceptível;

c) heróis são capazes, por vezes, de agir com lógica e discernimento em seu grupo social;

d) poucas vezes os descendentes de heróis tentam reproduzir o exemplo dado por estes;

e) a herança deixada por psicopatas a seus descendentes é muito semelhante à dos heróis.

Gabarito: B

A alternativa A contraria o texto, visto que nem os cientistas foram capazes de explicar os atos de heroísmo. A alternativa C também contraria as ideias do texto, até porque os atos de heroísmo são classificados como contraproducentes. Morrer pelos filhos seria lógico, mas não pelos outros. A alternativa D não apresenta informação coerente com o texto, pois o que se expõe é: "…. os filhos dos super-heróis que seguissem o exemplo do superpai se sacrificariam até à extinção. Não é difícil de entender por que o comportamento heroico é raro.", sendo assim, o que se depreende é que, se os filhos imitarem as atitudes dos superpais, acabarão extintos. A alternativa E também é absurda, pois a característica comum a eles não é a herança deixada para os filhos, e sim a dificuldade de se fazer uma teoria racional para as suas atitudes. A alternativa B apresenta comentário correto, porquanto relaciona o heroísmo à brutalidade classificando-os como almas gêmeas e incompreensíveis, sendo a linha tênue que os distingue o fato de que os psicopatas são mais transparentes do que os heróis.

49. **Conclui-se corretamente do texto que:**

a) o altruísmo nas sociedades modernas decorre da tentativa de manutenção dos laços familiares originados em núcleos tribais;
b) as explicações científicas são insuficientes para identificar indivíduos potencialmente perigosos para a sociedade;
c) aqueles que se dispõem a comportamentos extremos, seja para o bem, seja para o mal, se identificam com os mais fortes no grupo social;
d) a existência de atos de heroísmo numa sociedade moderna não condiz com a própria história da evolução da humanidade;
e) a prática de ações benéficas nas sociedades contemporâneas deve impor-se à força que impele os indivíduos ao mal.

Gabarito: E

A alternativa A contraria o texto, uma vez que o campo semântico do período original, o da possibilidade: "Segundo o biólogo Lee Dugatkin, o heroísmo, uma forma de altruísmo, **provavelmente** data da época em que vivíamos em tribos nômades, onde as pessoas tinham entre si alguma conexão familiar.". A informação constante na alternativa é exposta no campo factual, da certeza que o fato ocorreu. A alternativa B também contradiz o texto, pois lá está exposto que " a incapacidade de sentir qualquer empatia pelos outros já é um dado fundamental

para se identificarem pessoas perigosas na convivência social. A alternativa C é absurda, pois no texto se expõe que não há como encaixar o heroísmo na teoria da sobrevivência do mais forte. Muito pelo contrário, pessoas com essa característica tendem à extinção. A alternativa D também não é coerente, pois se depreende que a existência de super pais pode colaborar com a sobrevivência da humanidade, mesmo que sacrifique sua própria linhagem genética, ou seja, a sua descendência. A alternativa E se expõe no seguinte fragmento: "Para banalizar o bem, entretanto, precisamos construir circunstâncias contrárias à quelas que insidiosamente nos corrompem: uma sociedade detentora de sistemas que permitam a contestação, a crítica e a verdade.".

50. **Em relação ao 3º parágrafo, está INCORRETO o que se afirma em:**

a) Identifica-se opinião pessoal em Perfeitamente e Contraproducente.

b) Percebe-se intenção irônica no uso das palavras super-heróis e superpai.

c) O emprego de multiplicariam e sacrificariam denota possibilidade remota num tempo futuro, condicionada a determinada situação anterior.

d) Não há respostas possíveis e lógicas para o fato de alguém se sacrificar por pessoas desconhecidas, ou seja, pelos outros.

e) O desenvolvimento leva à conclusão coerente de que o comportamento heroico é raro.

Gabarito: D

O comentário proferido na alternativa A é perfeito, uma vez que "Perfeitamente lógico." é uma opinião do autor ao fato de "Morrer por um filho". E "Contraproducente" foi a qualificação conferida ao fato de "Morrer pelos outros". A alternativa B apresenta comentário correto, visto que o Futuro do Pretérito, como o próprio nome sugere, indica um evento futuro improvável atrelado a uma condição pretérita: Se os filhos seguissem o exemplo dos pais (condição pretérita), as consequências seriam "os filhos dos egoístas se multiplicariam, enquanto os filhos dos super-heróis se sacrificariam até à extinção.". A alternativa D apresenta comentário falso, visto que, uma resposta lógica aparentemente não há, mas possível, mesmo que ilógica, pode ser que haja. A alternativa E apresenta comentário correto, representando o último período uma conclusão para a tese de que os exemplos de heroísmo, caso seguidos pelos filhos, levariam à extinção.

51. **O assunto do texto está sintetizado em:**

a) Heroísmo é atitude sem explicação lógica quando analisado sob a ótica dos

impulsos do comportamento humano.

b) O heroísmo extremo é geralmente confundido com a brutalidade manifestada por psicopatas.

c) Heróis e psicopatas apresentam habitualmente o mesmo tipo de comportamento num mundo incompreensível.

d) Charles Darwin falhou em suas explicações para o comportamento heroico apresentado por certas pessoas.

e) A sobrevivência da espécie humana só é explicada pelo comportamento heroico de certos indivíduos.

Gabarito: A

Na questão, é exigido do candidato um resumo do texto, ou seja, sua ideia principal também chamada de tópico frasal. A tese exposta no início do texto, mais propriamente nos dois primeiros parágrafos é que o heroísmo é um enigma, uma atitude incompreensível, um impulso ilógico que desafia a biologia, a psicologia e o bom senso. A sequência do texto se estrutura na argumentação para a defesa dessa tese.

52. **... uma sociedade detentora de sistemas que permitam a contestação, a crítica e a verdade. (último parágrafo)**

O emprego da forma verbal grifada acima denota, no contexto,

a) possibilidade de realização de um fato.

b) certeza imediata a respeito de uma ação real.

c) dúvida plausível acerca da realização de um fato.

d) ação prevista em um futuro imediato.

e) fato realizado em um tempo indefinido.

Gabarito: A

O emprego do modo subjuntivo distancia a situação do campo da certeza. Isso mais se evidencia quando se observa a construção de todo o período: inicialmente há a ocorrência da preposição "para" estabelecendo relação de finalidade; depois a ocorrência da locução verbal "Precisamos construir" já indicando que as circunstâncias ainda não foram construídas. O fragmento "uma sociedade detentora de sistemas que permitam a contestação, a crítica e a verdade" representa as circunstâncias que precisam ser construídas com a finalidade de banalizar o bem.

53. **Atenção: As questões de números 56 a 62 baseiam-se no texto abaixo.**

A memória ajuda a definir quem somos. Na verdade, nada é mais essencial para a identidade de uma pessoa do que o conjunto de experiências armazenadas em sua mente. E a facilidade com que ela acessa esse arquivo é vital para que possa interpretar o que está à sua volta e tomar decisões. Cada vez que a memória decai, e conforme a idade isso ocorre em maior ou menor grau, perde-se um pouco da interação com o mundo. Mas a ciência vem avançando no conhecimento dos mecanismos da memória e de como fazer para preservá-la. Pesquisas recentes permitem vislumbrar o dia em que será uma realidade a manipulação da mente humana. Isso já está sendo feito em animais.

Cientistas brasileiros e americanos demonstraram ser possível apagar, em laboratório, certas lembranças adquiridas por cobaias. Tudo indica que as mesmas técnicas podem ser usadas também para conseguir o efeito inverso: ampliar a capacidade de reter fatos e experiências na mente. Há pouco tempo pesquisadores da Universidade da Califórnia detalharam como as proteínas estão relacionadas ao surgimento de novas lembranças nos neurônios e à modificação das já existentes.

Como ocorreu com o DNA no século passado, os códigos fisiológicos que regulam a memória estão sendo decifrados. A neurociência é um campo tão promissor que, nos Estados Unidos, nada menos que um quinto do financiamento em pesquisas médicas do governo federal vai para as tentativas de compreender os mecanismos do cérebro. Os estudos sobre a memória têm um lugar destacado nesse esforço científico.

Afinal de contas, mantê-la em perfeito funcionamento tornou-se uma preocupação central nas sociedades modernas, em que dois fenômenos a desafiam: o primeiro é a exposição a uma carga excessiva de informações, que o cérebro precisa processar, selecionar e, se relevantes, reter para uso futuro; o segundo é o aumento da expectativa de vida, que se traduz numa população mais vulnerável a distúrbios associados à perda de memória.

Um dos caminhos investigados pelos cientistas para deter as degenerações que resultam em perda mnemônica é induzir a produção de novos neurônios – a neurogênese. Até pouco tempo atrás, acreditava-se que as células do cérebro não se regeneravam. Esse mito foi derrubado e hoje se sabe que em algumas estruturas cerebrais o nascimento de células nervosas é um fenômeno comum. O experimento indica que, se os cientistas conseguirem estimular de maneira controlada a neurogênese, poderão aplicar essa técnica tanto para compensar a

morte de células causada por uma doença degenerativa como, em tese, para melhorar a capacidade de memorização de uma pessoa saudável. Esse será, certamente, um dia inesquecível.

(Schelp, Diogo. Veja. 13 jan. 2010, pp. 79-87, com adaptações)

Esse será, certamente, um dia inesquecível. (final do texto)

Pressupõe-se corretamente da afirmativa acima:

a) uma contradição intencional com o assunto que foi desenvolvido em todo o texto;
b) o uso intencional do adjetivo, por sua correlação de sentido com o assunto abordado no texto;
c) uma crítica velada a procedimentos científicos, de certa forma invasivos, de manipulação da memória de pessoas;
d) a conclusão pessimista das dificuldades apontadas em relação às pesquisas sobre a memória humana;
e) a aceitação total de que é cada vez mais difícil descobrir as razões que levam à perda de memória.

Gabarito: B

A alternativa B é a única que apresenta razoabilidade. A expressão ESSE… DIA INESQUECÍVEL refere-se à época em que poderá ocorrer o exposto no período anterior: "O experimento indica que, se os cientistas conseguirem estimular de maneira controlada a neurogênese, poderão aplicar essa técnica tanto para compensar a morte de células causada por uma doença degenerativa como, em tese, para melhorar a capacidade de memorização de uma pessoa saudável.".

54. **A neurociência é um campo tão promissor A neurociência é um campo tão promissor (3º parágrafo)**

A relação entre as orações do segmento acima é, respectivamente, de:

a) explicação de um fato e a razão para sua realização;
b) constatação de um fato real e sua condição necessária;
c) consequência de uma situação e a explicação decorrente;
d) condição de realização de um fato e a finalidade de uma ação;
e) causa que justifica uma ação e sua consequência.

Gabarito: E

Caro candidato, é fundamental não esquecer que onde há causa, há efeito; e

onde há efeito, há causa. A conjunção QUE, introduzindo a segunda oração, é subordinativa consecutiva, portanto obviamente introduz um efeito para o expresso na oração anterior. Essa é uma estrutura clássica: "A neurociência é um campo tão promissor" (causa) – "A neurociência é um campo tão promissor (efeito).". Portanto, a primeira estrutura se estabelece com uma causa a justificar uma ação; a segunda, introduzida pelo conector consecutivo, representa uma necessária atitude que é a própria consequência.

55. **... em que dois fenômenos a desafiam... (3º parágrafo)**

O pronome grifado acima substitui corretamente, considerando-se o contexto:

a) memória;
b) neurociência;
c) preocupação central;
d) carga excessiva de informações;
e) população mais vulnerável.

Gabarito: A

O pronome oblíquo refere-se à expressão "memória", presente no segundo parágrafo, tal qual a forma pronome LA em mantê-la. Tal fato se evidencia pelo sentido textual: dois fenômenos desafiam a memória.

56. **(FCC / 23ª REGIÃO / Analista Judiciário)**

Atenção: As questões de números 1 a 20 referem-se ao texto que segue.

Da ação dos justos

Em recente entrevista na TV, uma conhecida e combativa juíza brasileira citou esta frase de Disraeli*: "É preciso que os homens de bem tenham a audácia dos canalhas". Para a juíza, o sentido da frase é atualíssimo: diz respeito à frequente omissão das pessoas justas e honestas diante das manifestações de violência e de corrupção que se multiplicam em nossos dias e que, felizmente, têm chegado ao conhecimento público e vêm sendo investigadas e punidas. A frase propõe uma ética atuante, cujos valores se materializem em reação efetiva, em gestos de repúdio e medidas de combate à barbárie moral. Em outras palavras: que a desesperança e o silêncio não tomem conta daqueles que pautam sua vida por princípios de dignidade.

Como não concordar com a oportunidade da frase? Normalmente, a indignação se reduz a conversas privadas, a comentários pessoais, não indo além de um mero discurso ético. Se não transpõe o limite da queixa, a indignação é impotente, e seu efeito é nenhum; mas se ela se converte em gesto público, objetivamente dirigido contra a arrogância acanalhada, alcança a dimensão da prática social e política, e gera consequências.

A frase lembra-nos que não costuma haver qualquer hesitação entre aqueles que se decidem pela desonestidade e pelo egoísmo. Seus atos revelam iniciativa e astúcia, facilitadas pela total ausência de compromisso com o interesse público. Realmente, a falta de escrúpulo aplaina o caminho de quem não confronta o justo e o injusto; por outro lado, muitas vezes faltam coragem e iniciativa aos homens que conhecem e mantêm viva a diferença entre um e outro. Pois que estes a deixem clara, e não abram mão de reagir contra quem a ignore.

A inação dos justos é tudo o que os contraventores e criminosos precisam para continuar operando. A cada vez que se propagam frases como "Os políticos são todos iguais", "Brasileiro é assim mesmo" ou "Este país não tem jeito", promove-se a resignação diante dos descalabros. Quem vê a barbárie como uma fatalidade torna-se, ainda que não o queira, seu cúmplice silencioso.

* Benjamin Disraeli, escritor e político britânico do século XIX. (Aristides Villamar)

A frase de Disraeli, tal como é entendida e desenvolvida no texto, reporta-se à necessidade de que:

a) os homens de bem e os canalhas se congracem na mesma audácia;

b) a intempestividade dos homens honestos supere a dos desonestos;

c) a ousadia dos bons cidadãos não fique atrás da dos patifes;

d) o atrevimento dos desclassificados coíba o dos justos;

e) os cidadãos honestos e os meliantes distingam entre o bem e o mal.

Gabarito: C

A frase é "É preciso que os homens de bem tenham a audácia dos canalhas". A forma verbal "tenham" significa POSSUAM, obviamente tendo o valor de posse. Na alternativa C, o termo "dos bons cidadãos" funciona como adjunto adnominal, também com valor de posse. Antes de "audácia" subentende-se a presença do vocábulo "mesma" ("… tenham a mesma audácia"); já a alternativa sugere que a audácia dos homens de bem não fique atrás da audácia dos canalhas, ou seja, que

eles tenham no mínimo a mesma audácia.

57. **Atente para as seguintes afirmações:**

I. **Às escandalosas práticas dos canalhas deve corresponder uma reação objetiva, que tenha envergadura social e peso político.**

II. **Os homens de virtude não confrontam o que é justo e o que é injusto porque sabem relativizar o valor do bem e o do mal.**

III. **Do quarto parágrafo depreende-se que certas frases do senso comum induzem à complacência com as ações mais nefastas.**

Em relação ao texto, está correto o que se afirma em:

a) I e II, somente;
b) I e III, somente;
c) II e III, somente;
d) III, somente;
e) I, II e III.

Gabarito: B

O comentário proferido no item I é correto, constituindo-se numa síntese do texto, mormente nos dois primeiros parágrafos. Compreende-se que, se as pessoas éticas não agiram com a mesma determinação dos canalhas, suas reclamações, queixas não logram êxito. Portanto, torna-se necessária uma atuação mais significativa daqueles que possuem princípio ético, para que a indignação não se restrinja a conversas privadas, as quais acabam por não conterem efeito prático.

O comentário realizado no item II é inadequado, dado que o que se informa é que há necessidade de uma posição mais atuante daqueles que possuem valores éticos, isso não quer dizer que eles não confrontem o justo com o injusto. Além disso, a explicação dada para o fato também é absurda: não confrontam porque sabem relativizar o valor do bem e do mal???

O item III se coaduna sobretudo com o seguinte fragmento "A cada vez que se propagam frases como "Os políticos são todos iguais", "Brasileiro é assim mesmo" ou "Este país não tem jeito", promove-se a resignação diante dos descalabros. Quem vê a barbárie como uma fatalidade torna-se, ainda que não o queira, seu cúmplice silencioso.".

58. **Considerando-se o contexto, as expressões:**

a) frequente omissão e ética atuante referem-se a distintas condutas, atinentes

aos homens de bem;

b) barbárie moral e princípios de dignidade são análogas, e referem-se aos homens indignos;

c) inação dos justos e frequente omissão estabelecem entre si a oposição que se verifica entre os justos e os canalhas;

d) dimensão da prática social e política e a arrogância acanalhada representam, respectivamente, uma causa e seu efeito;

e) iniciativa e astúcia e cúmplice silencioso referem-se aos contraventores e aos criminosos.

Gabarito: A

A alternativa apresenta comentário correto, dado que duas condutas são relacionadas aos homens de bem: a frequente omissão, fato que se confirma na fala da juíza – por isso, a juíza cita que os homens de bem deveriam ter mais audácia; e a ética atuante, como deveriam ser os cidadãos de bem.

Exclui-se a alternativa B, dado que princípios de dignidade relacionam-se aos homens de bem, dignos.

Exclui-se a alternativa C, visto que os dois elementos não apresentam oposição, pelo contrário, encontram-se no mesmo campo semântico.

Exclui-se a alternativa D, visto que uma atitude objetivamente dirigida contra a arrogância acanalhada é que geraria o efeito de se alcançar uma dimensão da prática social e política.

Elimina-se a alternativa E, pois iniciativa e astúcia são características que os criminosos têm e que os homens de bem também deveriam ter na defesa desse bem. Já cúmplice silencioso refere-se aos próprios cidadãos de bem.

59. **Quem propaga frases como as citadas entre aspas no último parágrafo parece admitir que:**

a) a resignação é vencida por uma ética atuante;

b) a cumplicidade silenciosa é o mal maior;

c) o discurso ético é o primeiro passo para a moralização;

d) não se deve abrir mão de uma reação ética;

e) os descalabros fazem parte da nossa natureza.

Gabarito: E

É importantíssimo nessa questão compreender o que está sendo solicitado. A

banca não está pedindo a visão do autor quanto ao assunto. Já se sabe que o entendimento do autor é a de que os cidadãos de bem precisam ser mais atuantes, ousados. No entanto, aqui está sendo solicitada a visão das pessoas que proferem as seguintes frases: "Os políticos são todos iguais", "Brasileiro é assim mesmo" ou "Este país não tem jeito". Essas pessoas estão resignadas com esse tipo de situação – fato que o próprio autor critica. Portanto, se fosse a visão do autor, poderíamos ter as opções A, C ou E. Mas como se pede a visão dessas pessoas que já se entregaram diante dos fatos, a única alternativa cabível só pode ser a alternativa E.

60. **Considerando-se o contexto do terceiro parágrafo, na frase Pois que estes a deixem clara, os pronomes estes e a estão se referindo, respectivamente, a:**

a) um e outro / a diferença;
b) os homens / a diferença;
c) desonestidade e egoísmo / iniciativa;
d) os homens / iniciativa;
e) o justo e o injusto / iniciativa.

Gabarito: B

O período anterior ao retirado da frase é o seguinte: "Realmente, a falta de escrúpulo aplaina o caminho de quem não confronta o justo e o injusto; por outro lado, muitas vezes faltam coragem e iniciativa aos homens que conhecem e mantêm viva a diferença entre um e outro.". O pronome "Estes" refere-se ao elemento masculino e plural mais próximo: os homens. Já o pronome "a" refere-se ao termo feminino e singular mais próximo: a diferença. A leitura da frase é: Pois que os homens deixem a diferença clara.

61. **Os segmentos destacados constituem, respectivamente, uma causa e sua consequência em:**

a) Para a juíza, / o sentido da frase é atualíssimo;
b) Pois que estes a deixem clara / e não abram mão de reagir contra quem a ignore;Â
c) Normalmente, a indignação se reduz / a conversas privadas (...);
d) A frase lembra-nos / que não costuma haver qualquer hesitação (...);
e) Quem vê a barbárie como uma fatalidade / torna-se (...) seu cúmplice silencioso.Â

Gabarito: E

Alternativa A – O primeiro fragmento representa uma conformidade para o fato expresso no segundo.

Alternativa B – O segundo fragmento representa uma adição para o fato exposto no primeiro.

Alternativa C – O segundo fragmento é apenas um complemento verbal para "reduz-se" (oração subordinada substantiva objetiva indireta), sem valor semântico.

Alternativa D – O segundo fragmento é apenas um complemento verbal para "reduz-se" (oração subordinada substantiva objetiva direta), sem valor semântico.

Alternativa E – Quem age dessa maneira (Quem vê a barbárie como uma fatalidade) – causa; consequentemente torna-se seu cúmplice silencioso -efeito.

62. **Considerando-se o contexto, a palavra sublinhada em Como não concordar com a oportunidade da frase? Tem sentido equivalente ao da expressão sublinhada em:**

a) Sua colaboração chegou no momento azado.

b) Impressionou-o o indômito oportunismo com que agia seu adversário.

c) Na eventualidade de um ato ilegal, impõe-se uma sindicância.

d) Ela estranhou o extemporâneo interesse do amigo.

e) Eles sempre agiram em conformidade com a lei.

Gabarito: A

Alternativa A – Azado significa oportuno, momento propício para uma atitude.

Alternativa B – indômito significa indomável, indomesticável, bravio.

Alternativa C – eventualidade tem valor de fato que acontece casualmente, sem frequência

Alternativa D – extemporâneo é algo que acontece fora de seu tempo, depois do prazo

Alternativa E – "em conformidade de" expressa um ação de acordo, em consonância, em conformidade com algo já estabelecido.

63. **(Cespe/ UnB / STF)**

O agente ético é pensado como sujeito ético, isto é, como um ser racional e consciente que sabe o que faz, como um ser livre que escolhe o que faz e como um

ser responsável que responde pelo que faz. A ação ética é balizada pelas ideias de bem e de mal, justo e injusto, virtude e vício. Assim, uma ação só será ética se consciente, livre e responsável e será virtuosa se realizada em conformidade com o bom e o justo. A ação ética só é virtuosa se for livre e só o será se for autônoma, isto é, se resultar de uma decisão interior do próprio agente e não de uma pressão externa. Evidentemente, isso leva a perceber que há um conflito entre a autonomia da vontade do agente ético (a decisão emana apenas do interior do sujeito) e a heteronomia dos valores morais de sua sociedade (os valores são dados externos ao sujeito). Esse conflito só pode ser resolvido se o agente reconhecer os valores de sua sociedade como se tivessem sido instituídos por ele, como se ele pudesse ser o autor desses valores ou das normas morais, pois, nesse caso, ele será autônomo, agindo como se tivesse dado a si mesmo sua própria lei de ação.

Marilena Chauí. Uma ideologia perversa. In: Folhaonline, 14/3/1999 (com adaptações).

Julgue os seguintes itens, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do texto acima.

1– Depreende-se do texto que "agente" e "sujeito", ambos na linha 1, não são sinônimos, embora possam remeter ao mesmo indivíduo.

2– De acordo com as relações argumentativas do texto, se uma ação não for "virtuosa" (l.6), ela não resulta de decisão interior; se não for "ética" (l.4), ela não será consciente, livre e responsável.

3– A expressão "Esse conflito" (l.11) tem a função textual de recuperar a ideia de "heteronomia" (l.9-10).

4– A organização das ideias no texto mostra que, em suas duas ocorrências, o pronome "ele", na linha 12, refere-se textualmente a "agente" (l.11).

Gabarito:

1 – Certo. Repare que o autor do texto compara o agente ético com o sujeito ético, o que nos leva a depreender que não são o mesmo ser. No entanto, se o conflito entre a autonomia da vontade do agente ético e a heteronomia dos valores morais de sua sociedade for resolvido, os dois termos podem remeter ao mesmo indivíduo.

2 – Errado. O item inverte a relação de condição/efeito. O que o texto informa é que "uma ação só será ética se consciente". Portanto, se for consciente, livre e

responsável (condição), será ética (efeito). Se não for consciente, livre e responsável (condição), não será ética (efeito). E não "se não for "ética" (condição), ela não será consciente, livre e responsável (efeito).

3 – Errado. A expressão "Esse conflito "remete ao par "autonomia da vontade do agente ético" – "heteronomia".

4 – Certo – Não só as duas ocorrências da linha 12 como também a da linha 13. A ideia e á de que o agente ético "será autônomo, agindo como se tivesse dado a si mesmo sua própria lei de ação.".

64. **(Cespe / UnB / MMA)**

Santuário ameaçado

Iniciativa que pretende legitimar a ocupação irregular do Parque do Itatiaia põe em risco o pouco que restou da mata atlântica

O Parque Nacional do Itatiaia, paraíso ecológico no estado do Rio de Janeiro criado por Getúlio Vargas em 1937, está correndo sérios riscos. E a culpa, desta vez, não é dos 4 incêndios, tão comuns na região, que abriga maravilhas naturais como o rio Campo Belo, a Cascata do Maromba e o famoso Pico das Agulhas Negras. Hoje, para muitos especialistas, o maior problema é a ocupação irregular de áreas de preservação permanente por casas de veraneio particulares. Concentradas em uma região de 1,3 mil hectares, as cerca de 80 residências são uma pedra no sapato dos administradores da área. Essa pedra, porém, ganhou potencial para virar uma avalancha. No dia 22 de outubro de 2008, a Associação dos Amigos de Itatiaia, que desde 1951 reúne proprietários dessas terras irregulares, deu início a uma campanha para regularizar o que não é regularizável: a presença de propriedades particulares dentro de um parque nacional. Se aprovado, o projeto reclassificaria parte da área do parque, que passaria a ser um "monumento natural", e não só legitimaria os imóveis que já existem como abriria caminho para a construção de outros dentro da área de preservação.

João Lopes. Istoé, 25/2/2009, p. 52 (com adaptações).

Julgue os itens a seguir com base no texto acima.

1 – O período "Essa pedra, porém, ganhou potencial para virar uma avalancha" (l.8) inicia a argumentação do autor do texto em favor da legalização das edificações irregularmente construídas.

2 – Na linha 13, a forma verbal "legitimaria" pode ser substituída pela forma legalizaria, sem prejuízo para o sentido do período.

3 – A área do Parque Nacional do Itatiaia está ameaçada, porque os administradores do parque apresentaram proposta de decreto que regularizou as casas de veraneio cujos terrenos ainda se encontram em situação irregular.

4 – Atualmente, segundo o texto, o maior problema ecológico no Parque Nacional do Itatiaia, atingido frequentemente por incêndios, é o da ocupação irregular por proprietários de casas particulares em áreas protegidas pelo poder público desde 1937.

5 – De acordo com o texto, o governo Getúlio Vargas criou áreas de preservação ambiental em toda a mata atlântica, em especial o Parque do Itatiaia, que abrange território de 1,3 mil hectares e encontra-se ameaçado por algumas ocupações desde 1951.

Gabarito:

1 – Errado – Em momento algum, o autor se posicionou favoravelmente à legalização dessas construções na área. Muito pelo contrário. Depreende-se da frase em voga que o temor do autor é que tal situação ilegal se regularize e, a partir daí, muitas outras construções ocorram.

2 – Certo. Melhora a frase. Uma situação absurda como o autor relata, por motivos também absurdos, pode se transformar em legal, mas legítima ela nunca será. Sendo assim, a substituição de "legitimaria" por "legalizaria" corrige o período, obviamente não gerando prejuízo para o sentido.

3 – Errado. Os administradores do parque são contrários à legalização. Quem deu início para regularizar o que não é regularizável – a presença de propriedades particulares dentro de um parque nacional – foi a Associação de Amigos de Itatiaia.

4 – Certo. Quando se cria um parque, determina-se que aquelas terras passem a ser de proteção do poder público. Foi o que ocorreu em 1937, no governo de Getúlio Vargas. Então, a partir de 1937, aquelas terras transformadas em parque ficaram sob a égide do governo.

5 – Errado. Inicialmente não se disse no texto que toda a área da mata atlântica tornou-se parque. E o território de 1,3 mil hectares refere-se às cerca de 80 residências instaladas no Parque Nacional de Itatiaia.

65. **(Cespe / UnB / MMA)**

Tal é o rio [Amazonas]; tal a sua história: revolta, desordenada, incompleta.

A Amazônia selvagem sempre teve o dom de impressionar a civilização distante. Desde os primeiros tempos da Colônia, as mais imponentes expedições e solenes visitas pastorais rumavam de preferência às suas plagas desconhecidas. Para lá os mais veneráveis bispos, os mais garbosos capitães-generais, os mais lúcidos cientistas. E do amanho do solo que se tentou afeiçoar a exóticas especiarias, à cultura do aborígine que se procurou erguer aos mais altos destinos, a metrópole longínqua demasiara-se em desvelos à terra que sobre todas lhe compensaria o perdimento da Índia portentosa.

Esforços vãos. As partidas demarcadoras, as missões apostólicas, as viagens governamentais, com as suas frotas de centenas de canoas, e os seus astrônomos comissários apercebidos de luxuosos instrumentos, e os seus prelados, e os seus guerreiros, chegavam, intermitentemente, à queles rincões solitários e armavam rapidamente no altiplano das "barreiras" as tendas suntuosas da civilização em viagem. Regulavam as culturas; poliam as gentes; aformoseavam a terra. Prosseguiam a outros pontos, ou voltavam – e as malocas, num momento transfiguradas, decaíam de chofre, volvendo à bruteza original.

Cunha, Euclides da. À margem da história. Obra Completa, v. 1, p. 256 (com adaptações).

Com relação ao texto acima, julgue os seguintes itens.

1 – Como a oração "E do amanho (...) portentosa" (l.5-8) expressa uma explicação do termo "terra" (l.7), o autor do texto poderia ter optado pelo emprego da vírgula após esse termo.

2 – De acordo com o texto, impressionados com a região amazônica, representantes da Igreja, do Estado e da Ciência tentaram dominar a terra e a cultura indígena, mas não foram bem-sucedidos.

3 – Segundo o texto, a história do rio Amazonas é incompleta, porque a natureza é indomável, apesar dos esforços da "civilização em viagem" (l.13-14) representada por missões apostólicas, por expedições governamentais e por cientistas.

4 – No primeiro parágrafo, "suas" (l.3) refere-se a "Colônia" (l.2) e "lá" (l.4), ao "rio [Amazonas]" (l.1).

5 – No trecho "os seus astrônomos comissários apercebidos de luxuosos instrumentos" (l.11), o vocábulo "apercebidos" tem o sentido de providos.

Gabarito:

1 – Errado. A oração em voga representa uma adição ao período anterior, e não uma explicação para um termo presente na própria frase. Além disso, a inserção de vírgula após a palavra "terra" (l. 8) faria com que a oração seguinte (que se tentou afeiçoar a exóticas especiarias…) passasse a ter caráter explicativa, mas não o período inteiro.

2 – Certo. A frase "Esforços vãos." (l. 9) é uma síntese para expressar o fracasso na tentativa de domínio da natureza e da cultura indígena.

3 – Certo. O primeiro período já confere a ideia de incompletude para o rio Amazonas. Foram missões apostólicas, viagens governamentais, com as suas frotas de centenas de canoas (expedições governamentais) e astrônomas comissários (cientistas) para o Amazonas. Esforços vãos (não lograram êxito) e a natureza (desordena, revolta – l. 1) volvia á bruteza original.

4 – Errada. O referente de "suas" está corretos: colônia: A Amazônia constituía as terras desconhecidas da colônia. No entanto, "Lá" refere-se às plagas desconhecidas" quais sejam, a Amazônia e não o rio Amazonas.

5 – Certo. No contexto, as palavras possuem o mesmo valor semântico, também cabendo a substituição por abastecidos, munidos.

66. **(Cespe / UnB / IRBr / 2009)**

Canção do Ver (fragmento)

Por viver muitos anos
dentro do mato
Moda ave
O menino pegou
um olhar de pássaro –
Contraiu visão fontana.
Por forma que ele enxergava
as coisas
Por igual
como os pássaros enxergam.
As coisas todas inominadas.
Água não era ainda a palavra água.
Pedra não era ainda a palavra pedra. E tal.

As palavras eram livres de gramáticas e
Podiam ficar em qualquer posição.
Por forma que o menino podia inaugurar.
Podia dar às pedras costumes de flor.
Podia dar ao canto formato de sol.
E, se quisesse caber em uma abelha, era só abrir a
[palavra abelha e entrar dentro dela.
Como se fosse infância da língua.

BARROS, Manoel de. Poemas rupestres. Rio de Janeiro: Record, 2004.

A respeito do vocabulário do texto acima, assinale a opção incorreta.

a) "Moda" (v.3) significa conjunto de opiniões, gostos e apreciações críticas, assim como modos de agir, viver e sentir coletivos, aceitos por determinado grupo humano em um dado momento histórico.

b) O sentido do vocábulo "Contraiu" (v.6) restringe as possibilidades semânticas de "pegou" (v.4).

c) Na expressão "visão fontana" (v.6), o vocábulo sublinhado, adjetivo derivado de **fonte**, foi metaforicamente empregado com sentido de originário, gerador, causal, seminal.

d) Em "As palavras eram livres de gramáticas" (v.14), o vocábulo sublinhado alude a regras gramaticais.

e) O vocábulo "posição" (v.15) refere-se à sintaxe, entendida como disposição harmoniosa de partes ou elementos da frase.

Gabarito: A

O vocábulo "Moda" foi empregado no texto com valor comparativo, podendo ser substituído por COMO, FEITO.

67. **Com base no texto, julgue (C ou E) os itens seguintes.**

1 () Em "Por viver muitos anos/dentro do mato" (v.1-2) e "ele enxergava/as coisas/Por igual" (v.7-9), a preposição "Por", nas duas ocorrências, introduz uma circunstância de modo nos períodos em que se insere.

2 () No trecho "era só abrir a palavra abelha e entrar dentro dela" (v.19-20), verifica-se redundância de efeito estilístico.

3 () As ideias expressas nos versos de 17 a 19 ilustram o sentido de "inaugurar" (v.16).

4 () O verso final – "Como se fosse infância da língua" – equivale semanticamente a: Como se fosse reinvenção da língua.

Gabarito:

1 – Errado. Realmente a segunda ocorrência da preposição POR encerra valor de modo, admitindo inclusive a substituição de "por igual" por IGUALMENTE. No entanto, na primeira ocorrência, a preposição expressa a ideia de causa: "Porque vivia muitos anos dentro do mato…".

2 – Certo. Observa-se a redundância, o pleonasmo na expressão entrar dentro. Torna-se admissível por se tratar de uma poesia por ter o autor a intenção de conferir ao verso valor enfático.

3 – Certo. Quando algo é inaugurado, depreende-se que antes não existia. Compreende-se do texto que as coisas existiam, porém inominadas para o menino, que vivia dentro do mato. Portanto, como as coisas ainda não tinham nome, o menino podia inaugurar. Os versos seguintes são exemplificações para esse fato.

4 – Errado. O emprego conotativo de "infância" sugere não uma reinvenção, mas sim o nascimento, o surgimento, a criação, algo que teve início e não reinício.

68. **A diferença na linguagem**

"Para os gramáticos, a arte da palavra quase se esgota na arte da escrita, o que se vê ainda pelo uso que fazem dos acentos, muitos dos quais fazem alguma distinção ou evitam algum equívoco para os olhos mas não para os ouvidos." Neste texto Rousseau nos sugere que, para ler bem, é preciso prestar ouvidos à voz original, adivinhar as diferenças de acento que a articulam e que se tornaram imperceptíveis no espaço homogêneo da escrita. Na leitura, o olho treinado do Gramático ou do Lógico deve subordinar-se a um ouvido atento à melodia que dá vida aos signos: estar surdo à modulação da voz significa estar cego às modalidades do sentido. Na oposição que o texto faz entre a arte de falar e a arte de escrever, podemos encontrar não apenas as razões da desqualificação da concepção gramatical da linguagem, mas também a indicação do estatuto que Rousseau confere à linguagem. O que é importante notar aqui é que a oposição entre falar e escrever não se funda mais na oposição entre **presença** e **ausência**: não é a ausência do sujeito falante que desqualifica a escrita, mas a atonia ou a homogeneidade dos signos visuais. Se a essência da linguagem escapa à Gramática, é porque esta desdobra a linguagem num elemento essencialmente

homogêneo.

JR, Bento Prado. A retórica de Rousseau. São Paulo: Cosac Naify, 2008, p. 129-130.

Com relação às ideias do texto 3, julgue (C ou E) os itens a seguir.

1 () O autor do texto afirma que Rousseau valoriza o caráter melódico da palavra falada, mas considera que a palavra escrita é mais apta a desvendar as sutilezas do sentido.

2 () A palavra "acentos" (l.2) refere-se a sinais gráficos, ao passo que "acento" (l.5) designa qualidades como inflexão ou modulação.

3 () Segundo o texto, na fala, a altura e a intensidade da voz contribuem, no entender de Rousseau, para as possibilidades de sentido.

4 () Ao caracterizar como "treinado" (l. 6) o olho do "Gramático" ou do "Lógico", o autor dá a entender que estes consideram a leitura como decodificação mecânica.

Gabarito:

1 – Errado. O texto informa que, para ler bem, é preciso prestar ouvidos à voz original, adivinhar as diferenças de acento que a articulam e que se tornaram imperceptíveis no espaço homogêneo da escrita.

2 – Certo. A palavra "acento" está empregada em sentidos distintos no texto. No primeiro caso, relaciona-se aos ocorrentes na escrita, signos gramaticais de leitura. Na segunda ocorrência, a palavra se refere ao fato de prestar ouvidos à voz original, perceber a entonação que se torna imperceptível no espaço homogêneo da escrita.

3 – Certo. Como exposto no texto: "estar surdo à modulação da voz significa estar cego às modalidades do sentido.".

4 – Certo. Pois "treinado" tem sentido de "leitura técnica, mecânica do gramática". Justamente essa leitura deve subordinar-se aos acentos da melodia, às possibilidades de alteração de significado advindas da percepção de uma voz original.

69. **(Cespe / UnB / IRBr / 2008)**

As primeiras cartas

O importante não é a casa onde moramos. Mas onde, em nós, a casa mora.

Avô Mariano

Escapo-me dali, me apressando entre os atalhos. Quando reentro em casa não encontro vivalma. Todos foram para o caminho da areia assistir à desgraça, consolando Ultímio. De soslaio, parece-me ouvir um ruído. Entro na sala fúnebre e nada vejo, senão o aquietado corpo do velho Mariano. Lá está o desfinado, entre flores e velas. Subo para o quarto. De novo, sobre a cabeceira, uma outra carta. A tremência em minhas mãos não me ajuda a ler:

Estas cartas, Mariano, não são escritos. São falas. Sente-se, se deixe em bastante sossego e escute. Você não veio a esta Ilha para comparecer perante um funeral. Muito ao contrário, Mariano. Você cruzou essas águas por motivo de um nascimento. Para colocar o nosso mundo no devido lugar. Não veio salvar o morto. Veio salvar a vida, a nossa vida. Todos aqui estão morrendo não por doença, mas por desmérito do viver.

É por isso que visitará estas cartas e encontrará não a folha escrita mas um vazio que você mesmo irá preencher, com suas caligrafias. Como se diz aqui: feridas da boca se curam com a própria saliva. Esse é o serviço que vamos cumprir aqui, você e eu, de um e outro lado das palavras. Eu dou as vozes, você dá a escritura. Para salvarmos Luar-do-Chão, o lugar onde ainda vamos nascendo. E salvarmos nossa família, que é o lugar onde somos eternos.

Comece em seu pai, Fulano Malta. Você nunca lhe ensinou modos de ele ser pai. Entre no seu coração, entenda aquela rezinguice dele, amoleça os medos dele. Ponha um novo entendimento em seu velho pai. Às vezes, seu pai lhe tem raiva? Pois lhe digo: aquilo não é raiva, é medo. Lhe explico: você despontou-se, saiu da Ilha, atravessou a fronteira do mundo. Os lugares são bons e ai de quem não tenha o seu, congênito e natural. Mas os lugares nos aprisionam, são raízes que amarram a vontade da asa.

A Ilha de Luar-do-Chão é uma prisão. A pior prisão, sem muros, sem grades. Só o medo do que há lá fora nos prende ao chão. E você saltou essa fronteira. Se afastou não em distância, mas se alonjou da nossa existência.

Antes, seu pai estava bem consigo mesmo, aceitava o tamanho que você lhe dava. Desde a sua partida ele se tornou num estranho, alheio e distante. Seu velhote passou a destratá-lo? Pois ele se defende de si mesmo. Você, Mariano, lhe lembra que ele ficou, deste lado do rio, amansado, sem brilho de viver nem lustro de sonhar.

Companhia das Letras, 2003, p. 64-5

Julgue (C ou E) os itens a seguir, de acordo com o texto.

1 – Assim que voltou a Luar-do-Chão para o funeral do pai, ao reentrar na casa, Mariano deparou com os mortos.

2 – Mariano encontrou cartas, que mais pareciam relatos e comentários orais do que mensagens escritas, e cuja leitura lhe causou assombro.

3 – Quando voltou para a Ilha, Mariano percebeu que a saudade do pai havia-se transformado em tristeza e desapontamento.

4 – Na Ilha de Luar-do-Chão, a prisão psicológica vivenciada pelos habitantes os tornava impotentes para dali saírem, por medo do desconhecido.

Gabarito:

1 – Errado. Mariano, protagonista, ao regressar Luar do Chão entra no quarto onde está seu avô, também Mariano. Ele não dá com os mortos, apenas foi ao velório do avô.

2 – Anulado. O comentário sobre as cartas e comentários encontra-se correto, contudo não há no texto referência ao fato de que tais relatos lhe causaram assombro – sentimento que possivelmente ele teve –, não se podendo aduzir que tal informação é correta ou incorreta. Por isso, o item acabou anulado.

3 – Errado. Em momento algum do texto, é exposto que Mariano tinha saudades do pai, tampouco que tal sentimento foi alterado.

4 – Certo. Tal informação se ratifica na carta do avô, quando informa que o pai não tinha raiva de Mariano, tinha medo explicitado mormente no penúltimo parágrafo: a ilha de Luar do Chão é uma prisão. A pior prisão, sem muros, sem grades. Só o medo do que há lá fora nos prende ao chão.”.

70. **A propósito dos componentes semântico e estilístico do texto, julgue (C ou E) os itens seguintes.**

1 – A epígrafe do texto estrutura-se em um jogo de palavras.

2 – No texto, a oposição ou contraste como estratégia argumentativa pode ser exemplificada em vários enunciados, entre eles: “Não veio salvar o morto. Veio salvar a vida, a nossa vida.” (l. 10 e 11) e “encontrará não a folha escrita mas um vazio que você mesmo irá preencher” (l. 13 e 14).

3 – O sentido do trecho “feridas da boca se curam com a própria saliva” (l. 14 e 15) equivale ao do clássico provérbio Amor com amor se paga.

4 – É exemplo de paralelismo sintático o estilo de construção do trecho "você e eu, de um e outro lado das palavras. Eu dou as vozes, você dá a escritura" (l. 16).

Gabarito:

1 – Certo. A epígrafe "O importante não é a casa onde moramos. Mas onde, em nós, a casa mora." faz um jogo de palavras, procedendo à inversão do sujeito em adjunto adverbial de lugar e vice-versa. Na primeira frase, o pronome relativo onde, que se refere à casa, funciona como adjunto adverbial de lugar e NÓS, como sujeito. Na segunda frase, A CASA funciona como sujeito e NÓS (em nós) é o núcleo do adjunto adverbial de lugar.

2 – Certo. No segundo caso, fica explícito o valor de oposição, adversidade, sobretudo pela presença do conector MAS. No primeiro caso, a mesma conjunção está subentendida, podendo ser inserida sem gerar qualquer prejuízo semântico "Não veio salvar o morto, mas veio salvar a vida, a nossa vida.".

3 – Errado. O provérbio original passa valor meramente reflexivo. Algo de si para si. Da sua saliva para sua boca. No segundo caso, há valor de reciprocidade. Algo de um para outro, de outro para um. João dá amor para Maria que dá da o amor para João.

4 – Certo. Repare que em situações de paralelismo é comum o vocábulo repetido ser retirado do período. Repare que, no primeiro período, o autor optou por não repetir o termo. "Você e eu, de um **lado** e **de** outro lado das palavras.". Já, no segundo período, o autor fez a opção por repetir o verbo DAR, nas formas "dou" e "dá".

71. **(Cespe / UnB / IRBr / 2008)**

Receita de casa

Ciro dos Anjos escreveu, faz pouco tempo, uma de suas páginas mais belas sobre as antigas fazendas mineiras. Ele dá os requisitos essenciais a uma fazenda bastante lírica, incluindo, mesmo, uma certa menina de vestido branco. Nada sei dessas coisas, mas juro que entendo alguma coisa de arquitetura urbana, embora Caloca, Aldari, Jorge Moreira e Ernâni, pobres arquitetos profissionais, achem que não.

Assim vos direi que a primeira coisa a respeito de uma casa é que ela deve ter

um porão, um bom porão com entrada pela frente e saída pelos fundos. Esse porão deve ser habitável porém inabitado; e ter alguns quartos sem iluminação alguma, onde se devem amontoar móveis antigos, quebrados, objetos desprezados e baús esquecidos. Deve ser o cemitério das coisas. Ali, sob os pés da família, como se fosse no subconsciente dos vivos, jazerão os leques, as cadeiras, as fantasias do carnaval do ano de 1920, as gravatas manchadas, os sapatos que outrora andaram em caminhos longe.

Quando acaso descerem ao porão, as crianças hão de ficar um pouco intrigadas; e como crianças são animais levianos, é preciso que se intriguem um pouco, tenham uma certa perspectiva histórica, meditem que, por mais incrível e extraordinário que pareça, as pessoas grandes também já foram crianças, a sua avó já foi a bailes, e outras coisas instrutivas que são um pouco tristes mas hão de restaurar, a seus olhos, a dignidade corrompida das pessoas adultas.

Convém que as crianças sintam um certo medo do porão; e embora pensem que é medo do escuro, ou de aranhas caranguejeiras, será o grande medo do Tempo, esse bicho que tudo come, esse monstro que irá tragando em suas fauces negras os sapatos da criança, sua roupinha, sua atiradeira, seu canivete, as bolas de vidro, e afinal a própria criança.

O único perigo é que o porão faça da criança, no futuro, um romancista introvertido, o que se pode evitar desmoralizando periodicamente o porão com uma limpeza parcial para nele armazenar gêneros ou utensílios ou mais facilmente tijolo, por exemplo; ou percorrendo-o com uma lanterna elétrica bem possante que transformará hienas em ratos e cadafalsos em guarda-louças.

Ao construir o porão deve o arquiteto obter um certo grau de umidade, mas providenciar para que a porta de uma das entradas seja bem fácil de arrombar, porque um porão não tem a menor utilidade se não supomos que dentro dele possa estar escondido um ladrão assassino, ou um cachorro raivoso, ou ainda anarquistas búlgaros de passagem por esta cidade.

Um porão supõe um alçapão aberto na sala de jantar. Sobre a tampa desse alçapão deve estar um móvel pesado, que fique exposto ao sol ao menos duas horas por dia, de tal modo que à noite estale com tanto gosto que do quarto das crianças dê a impressão exata de que o alçapão está sendo aberto, ou o terrível meliante já esteja no interior da casa.

Rubem Braga. Um pé de milho. 4ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1982, p. 129-31 (com

adaptações).

Julgue (C ou E) os itens a seguir, que se referem à compreensão, à interpretação e aos aspectos sintático-semânticos do texto.

1 – No segundo parágrafo, tanto o emprego da palavra "cemitério" (l. 11) quanto a comparação entre o porão e o "subconsciente dos vivos" (l. 12) evidenciam que o sentido produzido, nesse trecho do texto, é o de fim completo das coisas.

2 – Na linha 15, a substituição do vocábulo "acaso" por caso prejudicaria o sentido do período, mas a substituição do mesmo vocábulo por porventura manteria a coerência textual do trecho.

3 – Conclui-se da leitura do texto que nenhuma criança que more em casa sem porão se transformará em um romancista introvertido.

4 – Depreende-se do texto que moralizar o porão significa mantê-lo razoavelmente limpo e iluminado.

Gabarito:

1 – Errado. O sentido das duas expressões nesse contexto não é exatamente de morte, de fim completo, mas de algo que não mais se usa ou, pelo menos, que no momento não está sendo usado. O que está no subconsciente não está morto, mas é como se fosse um depósito de informações que se encontram disponíveis no cérebro que quando delas se precisa.

2 – Certo. O período não ficaria coerente, pois com a substituição por "caso", haveria duas conjunções seguidas: quando (temporal) e caso (condicional). Além disso, o significado de "acaso" é "porventura", como mencionado nesse próprio item.

3 – Errado. Comentário absurdo. O que se assevera no texto é "O único perigo é que o porão faça da criança, no futuro, um romancista introvertido". Mas, obviamente, crianças que moram em casas sem porão também podem se tornar escritoras.

4 – Errado. O comentário expõe uma situação oposta. Segundo o autor, no antepenúltimo parágrafo, a limpeza e a iluminação com lanternas possantes são elementos que desmoralizam o porão.

72. **Acerca da organização, da linguagem e dos aspectos gramaticais do texto, julgue (C ou E) os itens subsequentes.**

1 – Em "incluindo, mesmo, uma certa menina de vestido branco" (l.3), o

vocábulo sublinhado pode ser corretamente substituído por inclusive.

2 – Em "Nada sei dessas coisas" (l. 3-4), "entendo alguma coisa de arquitetura urbana" (l. 4), "a primeira coisa a respeito de uma casa" (l. 7), "cemitério das coisas" (l. 11) e "coisas instrutivas" (l. 19), a palavra "coisas" (ou seu singular "coisa") está empregada com o mesmo sentido.

3 – O sentido de posição inferior, em "sob os pés da família" (l. 11) e "subconsciente" (l. 12), é expresso, respectivamente, por meio do uso de uma preposição e de um prefixo.

4 – No terceiro parágrafo, nas expressões "a sua avó" (l. 18) e "a seus olhos" (l. 20), os pronomes possessivos remetem ao referente "pessoas grandes" (l. 18).

Gabarito:

1 – Errado. A substituição de "mesmo" por INCLUSIVE gera redundância, pleonasmo, visto que o fragmento ficaria assim redigido: "incluindo, inclusive, uma certa menina de vestido branco".

2 – Errado. Os significados são distintos: Em "Nada sei dessas coisas", "coisas" significa CIÊNCIAS; em "entendo alguma coisa de arquitetura urbana", "alguma coisa" tem valor de intensificação, significando UM POUCO; em "cemitério das coisas", "coisas" significa OBJETOS; e em "coisas instrutivas", "coisas" tem valor de "fatos".

3 – Certo. SOB é preposição e tem valor de abaixo, posição inferior, o mesmo significado que possui o prefixo SUB de "subconsciente".

4 – Errado. Os pronomes possessivos referem-se às crianças e não às pessoas grandes. São as avós das crianças e aos olhos das crianças.

73. **A crônica de Rubem Braga:**

a) parafraseia as páginas de Ciro dos Anjos;

b) contém recomendações arquitetônicas dignas de profissionais;

c) exige que toda casa tenha um porão que vá da frente aos fundos do terreno;

d) confere ao porão grande relevância para as crianças;

e) define o porão como um espaço de horror e repulsa infantil.

Gabarito: D

A alternativa A é eliminada, pois parafrasear significa passar a mesma informação com outras palavras, o que não ocorreu.

A alternativa B apresenta informação absurda, até porque o próprio autor se diz amador e que os profissionais dizem que ele nada entende sobre arquitetura.

A alternativa C também não condiz com o texto, visto que lá é informado que um bom porão deve ter entrada pela frente e saída pelos fundos, não se entrando no mérito de seu espaço no terreno.

A alternativa D, apesar de não se encontrar exposta no texto, apresenta uma inferência cabível. O texto informa inicialmente que toda casa deveria ter um porão e que o porão pode fazer da criança, no futuro, um romancista introvertido. Desses dois fragmentos, é coerente deduzir que o autor pretende dar importância ao porão na vida das crianças.

A alternativa E é absurda, visto que o autor apenas aduz que convém as crianças sentirem um certo medo do porão, e não horror ou repulsa.

74. **(Cespe / UnB / IRBr / 2008)**

Origem das culturas

O soldado e o marinheiro permutaram bofetadas, mais ou menos teóricas, numa esquina de minha rua por causa da namorada comum, que devia chamar-se Marlene. O duelo durou vinte minutos e cinquenta pessoas assistiram. A dificuldade total foi reconstituir o delito, porque tanto no inquérito policial quanto na formação de culpa perante o juiz as espontâneas e numerosas testemunhas prestaram depoimentos inteiramente contraditórios. Como começara e como findara a luta foi impossível apurar. E todos tinham assistido…

Esse processo transfigurador da memória, desajustando e confundindo os elementos formadores do episódio, antecipando ou postergando a sucessão temática, interfere como autodefesa inconsciente e instintiva, perturbando a sequência lógica da narrativa. Imagine-se há milênios…

A visão do homem pré-histórico padece dessas dificuldades. Reerguer as cidades em ruínas sem a orientação do plano anterior. Paisagens de intermitências que antes eram continuidades lógicas.

Possuímos documentos da atividade humana desde o Pleistoceno, ou seja, do Paleolítico inferior, período chelense. A velha divisão de Thomsen (Chistian Jungensen Thomsen, 1788-1865) data de 1835; estudando o Homem pelas indústrias iniciais – Idade da Pedra Lascada, Idade da Pedra Polida, Idade dos Metais –, fixa a origem insofismável das culturas.

Creio que do ponto de vista didático o nascimento da cultura humana iniciou-se com os vestígios materiais da indústria lítica, enfrentando pela inteligência o complexo atordoador da natureza hostil e virgem. Articulá-la com o esforço animal, na plenitude do instinto defensivo, é apenas um exercício intelectual em favor da ditadura biológica. Essa exaltação do orgânico em detrimento do social reduz a tenacidade do esforço humano, em centenas e centenas de séculos, ao humilhante plano da causalidade ou do fatalismo, inaceitáveis ambos. Não sendo conhecida de doutrina alguma contemporânea a explicação, mesmo primária, do processo diferenciador dos primatas superiores ao Homo sapiens, porque justamente o tipo menos biologicamente resistente foi o escolhido para a vitória fisiológica de todas as forças brutas, bestiais e telúricas, ensinar-nos da aprendizagem pela observação zoológica jamais provará por que o Rei da Criação, senhor das técnicas, não conseguiu a perfeição maquinal das formigas, das abelhas e dos castores. E continua tendo problemas de organização e de acomodação no meio dos semelhantes, inquietos e desconfiados.

Creio que a cultura nasce do útil-necessário, no ambiente do real-imediato. Diante da premência da fome, frio e desabrigo, o primeiro material foi o mais próximo e a primeira técnica improvisada pela urgência vital.

Luís da Câmara Cascudo. Civilização e cultura: pesquisas e notas de etnografia geral. 2ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1983, p. 65-6 (com adaptações).

De acordo com as ideias apresentadas no texto, julgue (C ou E) os seguintes itens.

1 – Por não estarem sujeitas a testemunhos divergentes, as narrativas de episódios longínquos do passado são mais fiáveis que as de eventos mais recentes.

2 – Os estudos de Thomsen, que datam da primeira metade do século XIX, dedicam-se às culturas do início da Revolução Industrial.

3 – A explicação meramente biológica dos primórdios da cultura humana não faz jus ao engenho humano.

4 – O termo "o Rei da Criação" (l. 31) refere-se a um ente divino.

Gabarito:

1 – Errado. O texto expõe justamente o oposto. Quanto mais remoto for o fato menos fidedigno será o seu relato. Tal inferência ocorre de um pequeno

comentário do autor: "Imagine-se há milênios.". Se um fato recente já é contado de formas diferentes pelas pessoas, imagine um fato remoto.

2 – Errado. Os estudos de Thomsen abrangem as indústrias iniciais, que são o período da Pedra Lascada, da Pedra Polida, dos Metais.

3 – Certo. O comentário se encontra em conformidade com o fragmento "Essa exaltação do orgânico em detrimento do social reduz a tenacidade do esforço humano".

4 – Errado. Os termos "Rei da Criação", "senhor das Técnicas" referem-se ao próprio homem, o homo sapiens, que não conseguiu a perfeição maquinal das formigas, das abelhas e dos castores.".

75. **Acerca dos sentidos e dos elementos de coesão e de referenciação presentes no texto, julgue (C ou E) os itens subsequentes.**

1 – O substantivo "duelo" (l. 3) resume, com certa dose de ironia, o episódio narrado no primeiro período do texto.

2 – O termo "Esse processo transfigurador da memória" (l. 8) está empregado em referência a um vocábulo específico dos dois últimos períodos do primeiro parágrafo do texto.

3 – O termo "dessas dificuldades" (l. 12) sumaria os efeitos da transfiguração da memória descritos no parágrafo anterior.

4 – O termo "Essa exaltação do orgânico em detrimento do social" (l. 24) retoma e amplia a ideia de "um exercício intelectual em favor da ditadura biológica" (l. 23 e 24).

Gabarito:

1 – Certo. O termo "duelo" refere-se às bofetadas teóricas relatadas no primeiro período.

2 – Errado. A expressão não se refere a um vocábulo específico, mas a toda a situação expressa no primeiro parágrafo.

3 – Certo. A expressão sintetiza a ideia de que há um processo transfigurador da memória, desajustando e confundindo os elementos formadores dos fatos.

4 – Certo. A expressão "ditadura biológica" indica que o elemento orgânico se sobrepõe ao aspecto social, intelectual.

76. **Com relação à organização, à linguagem e aos aspectos gramaticais do texto, julgue (C ou E) os itens subsequentes.**

1 – O autor vale-se da narrativa, na introdução do texto, para captar a atenção

do leitor, conduzir-lhe o raciocínio e ilustrar a ideia a ser desenvolvida.

2 – O autor emprega linguagem precisa em "Possuímos documentos da atividade humana desde o Pleistoceno, ou seja, do Paleolítico inferior, período chelense" (l. 16) e "processo diferenciador dos primatas superiores ao Homo sapiens" (l. 27 e 28).

3 – No quinto parágrafo, o autor constrói, para a forma verbal "reduz" (l. 24), um complemento verbal composto: "a tenacidade do esforço humano" (l. 24 e 25) e "em centenas e centenas de séculos" (l. 25).

4 – Para evitar a estrutura oracional e tornar o texto mais conciso, o autor recorreu ao processo de derivação de palavras em "nasce do útil-necessário, no ambiente do real-imediato" (l. 35).

Gabarito:

Item 1 – Certo. O texto é predominantemente dissertativo, contudo o primeiro parágrafo se constitui de uma estória narrada pelo autor, que integra o processo de argumentação.

Item 2 – Certo. Não há nos fragmentos mencionados nenhum termo usado no sentido conotativo.

Item 3 – Errado. Os objetos são os complementos verbais e o termo "em centenas e centenas de séculos" funciona como adjunto adverbial de tempo.

Item 4 – Errado. O processo não é de derivação, e sim composição.

77. **Considerando os sentidos do texto, assinale a opção em que o vocábulo em negrito é sinônimo contextual do termo transcrito.**

a) "padece" (l. 12) – prescinde

b) "lítica" (l. 21) – pétrea

c) "tenacidade" (l. 25) – desvario

d) "telúricas" (l. 30) – ferozes

e) "maquinal" (l. 32) – mecânica

Gabarito: E

Na alternativa A, "padece" significa SOFRE; já "prescinde" significa dispensa, abre mão.

Na alternativa B, "lítico" significa genuíno, legítimo, puro; "pétreo" significa duro, resistente.

Na alternativa C, "tenacidade" significa afinco, constância; "desvario" significa

delírio, loucura.

Na alternativa D, "telúricas" significa relativo à Terra ou ao telúrio; "ferozes" significa selvagens, bravios.

78. **(Cespe / UnB / IRBr / 2007)**

As três almas do poeta

Ênio, poeta latino do século II a. C., falava três línguas: o grego, que ele tinha aprendido por ser, na época, a língua de cultura dominante no sul da Itália; o latim, em que escreveu suas obras; e o osco (uma língua aparentada com o latim), que era, com toda a probabilidade, sua língua nativa. O mais provável é que o latim fosse usado nas relações com as autoridades romanas; o grego, nas grandes cidades; e o osco, nas regiões rurais. E Ênio, que sabia as três, costumava dizer que tinha "três almas".

É curioso observar que ele exprimiu com isso uma coisa muito importante relativa ao conhecimento de uma língua: não se trata simplesmente de "uma outra maneira de dizer as coisas" (table em vez de mesa, te quiero em vez de eu te amo), mas de outra maneira de entender, de conceber, talvez mesmo de sentir o mundo.

A ideia de que a diferença entre as línguas se resume em maneiras distintas de se referir aos objetos do mundo natural pode ser chamada a "teoria ingênua" da relação entre a língua e a realidade. E, como a maior parte das teorias ingênuas, é, ao mesmo tempo, simples, evidente e incorreta (não é óbvio que o Sol nasce no leste? Mas não é o Sol que nasce, é a terra que gira).

Examinemos um exemplo, quanto ao significado das palavras nas línguas. Temos, em português, a palavra dedo, que nos parece muito concreta; diríamos que é simplesmente o nome que damos, em nossa língua, a um objeto que nos é dado pelo mundo real: um dedo é uma coisa, ou seja, uma parte definida do corpo, e o que pode variar é a maneira de designar essa coisa. No entanto, em inglês há duas palavras para "dedo": finger e toe, que não são a mesma coisa. Um finger é um dedo da mão, e um toe é um dedo do pé; para nós são todos dedos, mas para um inglês são coisas diferentes. Esse é um pequeno exemplo de como duas línguas recortam diferentemente a realidade. Agora podemos ver que a palavra portuguesa dedo não é simplesmente a designação de uma coisa – porque, antes de designar essa coisa, a nossa língua a definiu de certa maneira. Tanto é assim que o inglês fez uma definição diferente, e precisou de duas palavras. O exemplo das distintas

maneiras que as línguas têm de designar as cores também é bastante ilustrativo disso.

Falar uma língua é, portanto, ver o mundo de certa maneira, e falar três línguas é, até certo ponto, ter a capacidade de ver o mundo de três maneiras diferentes. Talvez fosse isso que o velho Ênio estivesse tentando dizer, quando afirmou que tinha três almas.

Perini, Mário A.. A língua do Brasil amanhã e outros mistérios. São Paulo: Parábola Editorial, 2004, p. 41-52 (com adaptações)

Acerca de fatos linguísticos do primeiro parágrafo do texto, julgue (C ou E) os itens seguintes.

1 – Há, no primeiro parágrafo, quatro orações subordinadas de natureza explicativa.

2 – No primeiro parágrafo, há mais de um aposto.

3 – Na oração "por ser, na época, a língua de cultura dominante no sul da Itália" (l.2), pode-se substituir "de" por da sem prejuízo para o sentido original do texto.

4 – No trecho "O mais provável é que o latim fosse usado nas relações com as autoridades romanas; o grego, nas grandes cidades; e o osco, nas regiões rurais" (l.6-8), utiliza-se uma forma de elipse, por meio da qual se evitam repetições.

Gabarito:

1 – Certo. No primeiro parágrafo, há quatro ocorrências do pronome relativo QUE (numa delas com preposição EM) precedido de vírgula, caracterizando uma explicação, e não uma restrição.

2 – Certo. Logo no primeiro período há dois casos de aposto. O primeiro com valor explicativo "poeta latino do século II a. C." e o segundo, com valor enumerativo, introduzido pelos dois-pontos.

3 – Errado. Há diferença semântica. O significado de "a língua de cultura dominante" é a língua que predominava na região. Já em "a língua da cultura da dominante", o sentido de língua que a cultura dominante usava.

4 – Certo. Fica implícita a seguinte estrutura "O mais provável é que… fosse usado".

79. **Julgue (C ou E) os próximos itens com relação aos sentidos do texto.**

1 – Depreende-se do texto que há dúvidas quanto aos lugares e às circunstâncias em que cada uma das três línguas mencionadas era usada por seus falantes.

2 – O autor do texto alude ao fato de o poeta latino afirmar que tinha três almas – por falar três línguas – para comprovar que o domínio de língua estrangeira compromete a autenticidade do indivíduo.

3 – A "teoria ingênua" da relação entre a língua e a realidade pressupõe que as línguas recortem a realidade, ou seja, categorizem-na, da mesma maneira.

4 – Segundo o autor do texto, a definição das coisas precede a designação delas por meio de signos linguísticos.

Gabarito:

1 – Certo. O emprego da expressão "O mais provável" já nos permite inferir que a informação não se estabelece no campo da certeza, mas sim da possibilidade.

2 – Errado. Quando o autor expressa que tem três almas por falar três línguas, ele quer referir-se ao fato de que a compreensão das línguas não se restringe ao conhecimento de seus vocábulos, mas abrange características, nuances, concepção e entendimento de mundo.

3 – Certo. Segundo o texto, duas línguas recortam de forma diferente a realidade – fato inclusive ilustrado pelo exemplo da palavra "dedo" oferecido pelo autor. Portanto, seria ingenuidade crer que "a diferença entre as línguas se resume em maneiras distintas de se referir aos objetos do mundo natural".

4 – Certo. Essa informação encontra-se exposta no seguinte fragmento: "Agora podemos ver que a palavra portuguesa dedo não é simplesmente a designação de uma coisa – porque, antes de designar essa coisa, a nossa língua a definiu de certa maneira.". Sendo assim, primeiro a língua define a coisa para depois designá-la.

80. **Julgue (C ou E) os itens subsequentes, considerando a articulação de elementos textuais, bem como aspectos semânticos e morfossintáticos do texto.**

1 – O vocábulo "simplesmente" é empregado com o mesmo sentido nas linhas 8, 19 e 26 do texto.

2 – No trecho "mas de outra maneira de entender, de conceber, talvez mesmo de sentir o mundo" (l.11), observa-se a ocorrência de um único termo como complemento de três verbos.

3 – A substituição de "Tanto é assim que" (l.27) por Tanto que prejudicaria o sentido do período em que tal expressão se insere.

4 – A posposição de "certa" na expressão "certa maneira" (l.30) prejudicaria a coerência do texto.

Gabarito:

1 – Certo. Nas três ocorrências, o vocábulo tem o sentido de "apenas", "somente.

2 – Certo. O termo "o mundo" funciona como objeto direto dos verbos "entender", "conceber" e "sentir".

3 – Errado. A substituição não gera qualquer tipo de prejuízo semântico para o texto.

4 – Certo. O sentido de "certa maneira" é de ALGUMA MANEIRA. Já em "maneira certa" o significado é DE MANEIRA CORRETA.

81. **(Cespe / UnB / IRBr / 2007)**

A imaginação foi sempre o húmus do jardim de Clio. No caso da África, antes do século XVII, é particularmente válido o definir-se a história como o adivinhar do passado. Dele, abstraídas a Etiópia, a franja sudanesa infiltrada pelo Islão e as cidades-estado do Índico, áreas que conheceram a escrita e nos deixaram alguns poucos documentos – poucos, muitas vezes tardios e também contaminados por lendas –, sabemos apenas o que nos devolve uma arqueologia que mal arranhou as imensas extensões africanas, o que anotaram, a partir do século IX, viajantes e eruditos árabes e, mais tarde, os portugueses e outros europeus, bem como o que nos chegou das tradições e das crônicas orais dos povos negros. Se, nos textos em que se profetiza às avessas, ainda que fundados sobre o registro, o depoimento e a memória escrita, o rigor de quem os compõe não afasta de todo o mito e deixa que ele frequente a narrativa e nela se imiscua, é porque é também importante contar, ao lado do que se julga ter realmente acontecido, as imaginações que se fizeram fatos e os fatos que se vestiram de imaginário, porque se incorporaram ao que um povo tem por origem e rastro, e, por isso, o marcam, definem e distinguem. Oraniã, Xangô, Tsoede, Cibinda Ilunga aparecem como personagens neste livro de história porque pertencem iniludivelmente à realidade dos iorubas, dos nupês, e dos lundas e quiocos. Eles estão aqui como Enéias e sua viagem de Tróia ao Lácio, e como Réia Sílvia, a loba, Rômulo e Remo, nos compêndios sobre História romana, cujos autores os sabem mitos, mas não ignoram que fecundaram um destino.

Silva, Alberto da Costa e.. A enxada e a lança: a África antes dos portugueses. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996, p. 3-4.

Considerando os sentidos do texto acima, julgue (C ou E) os seguintes itens.

1 – O vocábulo "abstraídas" (l. 3) pode ser substituído por consideradas conjuntamente, sem que se altere o sentido do período.

2 – A palavra "húmus" está empregada, na primeira oração do texto, com o sentido de praga. Do desdobramento dessa metáfora advém a ideia de que os documentos históricos africanos são "contaminados por lendas" (l.5-6).

3 – Na linha 12, "se imiscua", forma verbal no modo subjuntivo, tem o sentido de se intrometa.

4 – A palavra "iniludivelmente" (l.17) significa, no texto, indubitavelmente.

Gabarito:

1 – Errado. Justamente o oposto. Pois "abstraídas" significa CONSIDERADAS ISOLADAMENTE.

2 – Errado. Pois "húmus" está empregada no sentido de fundamento, princípio.

3 – Certo. São sinônimos perfeitos.

4 – Certo. No contexto, são vocábulos sinônimos, como também o seria INDISCUTIVELMENTE.

82. **Com base, exclusivamente, no texto, julgue (C ou E) os seguintes itens.**

1 – A historiografia referente à África de antes do século XVII vale-se de fontes como crônicas orais autóctones e relatos de viajantes provenientes de outros continentes.

2 – O autor do texto procura transmitir a seguinte mensagem: o historiador deve ignorar as narrativas mitológicas em benefício da objetividade e da precisão de suas pesquisas.

3 – A alusão a "textos em que se profetiza às avessas" (l.9), o autor refere-se à transcrição de mitos transmitidos oralmente pelos povos negros.

4 – Conclui-se do texto que "Tsoede" e "Cibinda Ilunga", citados na linha 16, são importantes figuras históricas pertencentes, respectivamente, aos povos lunda e quioco.

Gabarito:

1 – Certo. As principais fones sobre a África foram informações oriundas das tradições e das crônicas orais dos povos negros bem como o que anotaram, a partir do século IX, viajantes e eruditos árabes e, mais tarde, os portugueses e outros europeus.

2 – Errado. Essa informação contradiz o texto, conforme se atesta no seguinte fragmento: "o rigor de quem os compõe não afasta de todo o mito e deixa que ele frequente a narrativa e nela se imiscua".

3 – Errado. Neste fragmento do verbete, o autor se referia a textos, mesmo que fundados sobre registros. E esses textos apenas não afastavam de todo o mito. Porém isso não quer dizer que se tratava de "transcrição de mitos transmitidos oralmente pelos povos negros.".

4 – Errado. O texto não relaciona os personagens a cada povo.

83. **(Cespe / UnB / IRBr / 2011)**

Através de grossas portas,
sentem-se luzes acesas,
– e há indagações minuciosas
dentro das casas fronteiras:
olhos colados aos vidros,
mulheres e homens à espreita,
caras disformes de insônia,
vigiando as ações alheias.
Pelas gretas das janelas,
pelas frestas das esteiras,
agudas setas atiram
a inveja e a maledicência.
Palavras conjeturadas
oscilam no ar de surpresa,
como peludas aranhas
na gosma das teias densas,
rápidas e envenenadas,
engenhosas, sorrateiras.
Atrás de portas fechadas,

à luz de velas acesas,
brilham fardas e casacas,
junto com batinas pretas.
Uns são reinóis, uns, mazombos;
e pensam de mil maneiras;
mas citam Vergílio e Horácio,
e refletem, e argumentam,
falam de minas e impostos,
de lavras e de fazendas,
de ministros e rainhas
e das colônias inglesas.
Atrás de portas fechadas,
à luz de velas acesas,
entre sigilo e espionagem,
acontece a Inconfidência.
E diz o Vigário ao Poeta:
"Escreva-me aquela letra
do versinho de Vergílio…"
E dá-lhe o papel e a pena.
E diz o Poeta ao Vigário,
com dramática prudência:
"Tenha meus dedos cortados,
antes que tal verso escrevam…"
LIBERDADE, AINDA QUE TARDE,
ouve-se em redor da mesa.
E a bandeira já está viva,
e sobe, na noite imensa.
E os seus tristes inventores
já são réus – pois se atreveram
a falar em Liberdade
(que ninguém sabe o que seja).
E a vizinhança não dorme:

murmura, imagina, inventa.
Não fica bandeira escrita,
mas fica escrita a sentença.

Meireles, Cecília. Romanceiro da Inconfidência. Obra poética. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1977, p. 450-2 (com adaptações).

Com relação às ideias e às estruturas linguísticas do texto acima, julgue (C ou E) os itens a seguir.

1 – Da leitura da quarta estrofe (v.35-50) depreende-se que a palavra liberdade é o fulcro vital da bandeira dos inconfidentes e representa a finalidade do engajamento político daquele grupo.

2 – Entende-se da leitura do poema que os inconfidentes foram sentenciados por atuarem contra os interesses da Coroa portuguesa, mas não por haverem registrado, na bandeira criada, o anseio por liberdade.

3 – Nos dois primeiros versos, o eu lírico alude ao sigilo dos inconfidentes por meio de paradoxo e sinestesia.

4 – No trecho "Uns são reinóis, uns, mazombos; / e pensam de mil maneiras; / mas citam Vergílio e Horácio, / e refletem, e argumentam," (v.23-26), fica evidenciado que, independentemente da origem social, os inconfidentes compartilhavam o mesmo grau de erudição.

Gabarito:

1 – Certo. Fato confirmado inclusive pelo emprego de todas as letras maiúsculas no verso 43 e da inicial da própria palavra Liberdade no verso 49.

2 – Errado. O conector causal POIS, presente no verso 48, introduz o motivo de os inventores já serem réus: atreveram-se a falar em Liberdade.

3 – Certo. A sinestesia, de uma forma geral, leva ao paradoxo, pois a mistura de sentidos, em tese, é algo incoerente. Nós não sentimos (percepção tátil) as luzes acesas, nós as enxergamos, vemos.

4 – Errado. O texto não informa que os inconfidentes tinham o mesmo grau de erudição. Quando se diz que citavam Vergílio e Horácio, compreende-se que havia a citação realizada pelo grupo, mas não necessariamente o conhecimento e a erudição eram compartilhados por todos os membros.

84. Ainda que se soubessem todas as palavras de cada figura da Inconfidência, nem assim se poderia fazer com o seu simples registro uma composição da arte.

A obra de arte não é feita de tudo – mas apenas de algumas coisas essenciais. A busca desse essencial expressivo é que constitui o trabalho do artista. Ele poderá dizer a mesma verdade do historiador, porém de outra maneira. Seus caminhos são outros, para atingir a comunicação. Há um problema de palavras. Um problema de ritmos. Um problema de composição. Grande parte de tudo isso se realiza, decerto, sem inteira consciência do artista. É a decorrência natural da sua constituição, da sua personalidade – por isso, tão difícil se torna quase sempre a um criador explicar a própria criação. No caso, porém, de um poema de mais objetividade, como o Romanceiro, muitas coisas podem ser explicadas, porque foram aprendidas, à proporção que ele se foi compondo.

Digo "que ele se foi compondo" e não "que foi sendo composto", pois, na verdade, uma das coisas que pude observar melhor que nunca, ao realizá-lo, foi a maneira por que um tema encontra sozinho ou sozinho impõe seu ritmo, sua sonoridade, seu desenvolvimento, sua medida.

O Romanceiro foi construído tão sem normas preestabelecidas, tão à mercê de sua expressão natural que cada poema procurou a forma condizente com sua mensagem. A voz irreprimível dos fantasmas, que todos os artistas conhecem, vibra, porém, com certa docilidade, e submete-se à aprovação do poeta, como se realmente, a cada instante, lhe pedisse para ajustar seu timbre à audição do público. Porque há obras que existem apenas para o artista, desinteressadas de transmissão; outras que exigem essa transmissão e esperam que o artista se ponha a seu serviço, para alcançá-la. O Romanceiro é desta segunda espécie.

Quatro anos de quase completa solidão – numa renúncia total às mais sedutoras solicitações, entre livros de toda espécie relativos ao especializadamente século 18 –ainda pareceram curtos demais para uma obra que se desejava o menos imperfeita possível, porque se impunha, acima de tudo, o respeito por essas vozes que falavam, que se confessavam, que exigiam, quase, o registro da sua história.

E era uma história feita de coisas eternas e irredutíveis: de ouro, amor, liberdade, traições…

Mas porque esses grandiosos acontecimentos já vinham preparados de tempos mais antigos e foram o desfecho de um passado minuciosamente construído – era preciso iluminar esses caminhos anteriores, seguir o rastro do ouro que vai, a princípio como o fio de um colar, ligando cenas e personagens, até transformar-se em pesada cadeia que prende e imobiliza num destino doloroso.

Cecília Meireles. Como escrevi o Romanceiro da Inconfidência. In: Romanceiro da Inconfidência. 3ª ed., Rio de Janeiro: ova Fronteira, 2005, p. XVI-XVII (com adaptações).

Acerca das ideias e das estruturas linguísticas do texto, extraído da obra de Cecília Meireles, na qual a autora explica a criação do Romanceiro da Inconfidência, julgue (C ou E) os itens que se seguem.

1 – No trecho "o rastro do ouro que vai, a princípio como o fio de um colar, ligando cenas e personagens, até transformar-se em pesada cadeia que prende e imobiliza num destino doloroso" (l. 34-36), verifica-se gradativa intensificação das ações nele relatadas, expressa pelo emprego da locução com verbo no gerúndio e de preposição que denota limite, e, tal como ocorre no trecho "que falavam, que se confessavam, que exigiam quase, o registro da sua história" (l.29), pela ordem em que se apresentam os núcleos verbais que constituem as orações adjetivas.

2 – Depreende-se da leitura do texto que a autora colocou-se a serviço da obra, cabendo-lhe adequar a mensagem à forma, uma vez que o tema impunha seu próprio desenvolvimento.

3 – Da leitura do primeiro parágrafo do texto depreende-se que, para a autora, não foi tão difícil explicar a criação do Romanceiro da Inconfidência quanto geralmente é difícil para os artistas explicar a criação de suas obras menos objetivas. Isso se explica porque o Romanceiro da Inconfidência, dado o tema, apresenta não só o "essencial expressivo", mas também aspectos objetivos.

4 – São pertinentes as seguintes inferências a partir da pontuação e dos mecanismos de coesão empregados no período entre as linhas 18 e 20: entre todos os fantasmas, alguns são conhecidos por todos os artistas, e o poeta harmoniza, a todo momento, o timbre de sua voz à audiência.

Gabarito:

1 – Certo. O primeiro fragmento se constrói na relação MÍNIMO-MÁXIMO. A expressão "como um fio de colar" representa o atrelamento mínimo; "pesada cadeia que prende e imobiliza num destino doloroso", atrelamento máximo. Já no segundo fragmento, a sequência de verbos FALAVAM, CONFESSAVAM e EXIGIAM sugere o aumento gradativo da influência que as vozes exerciam sobre a autora.

2 – Errado. Segundo o texto, o próprio texto impunha sozinho seu ritmo, sua

sonoridade, seu desenvolvimento, sua medida.

3 – Certo. Segundo o texto, normalmente é difícil ao criador explicar sua criação, pois se trata da decorrência natural da sua constituição, da sua personalidade. No entanto, o aspecto objetividade faz com que, na criação do Romanceiro da Inconfidência, muitas coisas possam ser explicadas, porque foram aprendidas, à proporção que ele se foi compondo.

4 – Errado. O comentário é absurdo, visto que fantasma foi empregado em sentido conotativo, representando a voz, a melodia que o texto e a temática impõem.

85. **Assinale a opção em que os dois trechos extraídos do texto apresentam, respectivamente, linguagem predominantemente denotativa e linguagem predominantemente conotativa.**

a) "No caso, porém, de um poema de mais objetividade, como o Romanceiro, muitas coisas podem ser explicadas" (l.10-11) / "era preciso iluminar esses caminhos anteriores, seguir o rastro do ouro que vai, a princípio como o fio de um colar, ligando cenas e personagens, até transformar-se em pesada cadeia que prende e imobiliza num destino doloroso" (l.33-36)

b) "Quatro anos de quase completa solidão – numa renúncia total às mais sedutoras solicitações, entre livros de toda espécie relativos ao especializadamente século 18 – ainda pareceram curtos demais para uma obra que se desejava o menos imperfeita possível" (l. 25-28) / "Mas porque esses grandiosos acontecimentos já vinham preparados de tempos mais antigos e foram o desfecho de um passado minuciosamente construído" (l.32 e 33)

c) "A obra de arte não é feita de tudo – mas apenas de algumas coisas essenciais" (l. 3 e 4) / "Grande parte de tudo isso se realiza, decerto, sem inteira consciência do artista" (l. 7-8)

d) "porque se impunha, acima de tudo, o respeito por essas vozes que falavam, que se confessavam, que exigiam, quase, o registro da sua história" (l. 28 e 29) / "É a decorrência natural da sua constituição, da sua personalidade – por isso, tão difícil se torna quase sempre a um criador explicar a própria criação" (l. 9-10)

e) "A voz irreprimível dos fantasmas, que todos os artistas conhecem, vibra, porém, com certa docilidade, e submete-se à aprovação do poeta, como se

realmente, a cada instante, lhe pedisse para ajustar seu timbre à audição do público" (l. 19-22) / "E era uma história feita de coisas eternas e irredutíveis: de ouro, amor, liberdade, traições" (l. 30-31)

Gabarito: A

De acordo com a exigência feita no enunciado da questão, o primeiro fragmento deve ser estruturado com termos em sentido denotativo, oficial, havendo a mínima, ou nenhuma, participação de linguagem figurada. Já o segundo fragmento deve ser composto com elementos no sentido conotativo, ou seja, em sentido diferente do previsto pelos dicionários em face de uma imposição do contexto. A alternativa A é a única que contém essa característica, uma vez que, no primeiro fragmento, não há nenhum termo empregado em sentido figurado; já, no segundo fragmento, a presença de conotação se faz presente em várias ocorrências: "caminhos" empregado no sentido de fatos, acontecimentos; em "rastro dou ouro", o ouro não pode deixar rastro; também a personificação de "rastro do ouro", capaz de prender e imobilizar – verbos também no sentido conotativo, pois a prisão e a imobilização estariam no sentido figurado. Na alternativa B, os dois fragmentos são predominantemente denotativos, embora no segundo fragmento haja a ocorrência de um exemplo de conotação: "construir (termo usado para obras) um passado. Contudo, é de bom alvitre ressaltar que se trata de apenas um exemplo, o que descaracteriza a predominância de um estilo. Na alternativa C, os dois fragmentos são predominantemente denotativos. Na alternativa D, o primeiro fragmento possui predominância conotativa – a prosopopeia. O tema, a própria poesia terem voz já impõe a conotação, e a voz poder falar, confessar, agir corrobora ainda mais para tal caracterização; o segundo fragmento possui predominância denotativa. Na alternativa E, novamente há a prosopopeia no primeiro fragmento; já no segundo não há intervenção de linguagem figurada.

86. Poucos depoimentos eu tenho lido mais emocionantes que o artigo-reportagem de Oscar Niemeyer sobre sua experiência em Brasília. Para quem conhece apenas o arquiteto, o artigo poderá passar por uma defesa em causa própria – o revide normal de um pai que sai de sua mansidão costumeira para ir brigar por um filho em quem querem bater. Mas, para quem conhece o homem, o artigo assume proporções dramáticas. Pois Oscar é não só o avesso do causídico, como um dos seres mais antiautopromocionais que já conheci em minha vida.

Sua modéstia não é, como de comum, uma forma infame de vaidade. Ela não

tem nada a ver com o conhecimento realista – que Oscar tem – de seu valor profissional e de suas possibilidades. É a modéstia dos criadores verdadeiramente integrados com a vida, dos que sabem que não há tempo a perder, é preciso construir a beleza e a felicidade no mundo, por isso mesmo que, no indivíduo, é tudo tão frágil e precário.

Oscar não acredita em Papai do Céu, nem que estará um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso. Põe ele, como um verdadeiro homem, a felicidade do seu semelhante no aproveitamento das pastagens verdes da Terra; no exemplo do trabalho para o bem comum e na criação de condições urbanas e rurais, em estreita intercorrência, que estimulem e desenvolvam este nobre fim: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver.

Eu acredito também nisso, e quando vejo aquilo em que creio refletido num depoimento como o de Oscar Niemeyer, velho e querido amigo, como não me emocionar?

Vinicius de Moraes. Para viver um grande amor. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1982, p. 134-5 (com adaptações).

Com relação às ideias desenvolvidas no texto, assinale a opção correta.

a) Vinicius de Moraes ressalta a conduta de Niemeyer, que, fundamentada em concepção materialista e visão social de seu trabalho, está pautada na busca de condições sociais benéficas para os cidadãos.

b) Vinicius de Moraes, na condição de causídico de Oscar Niemeyer, alerta para a injusta ausência de reconhecimento da capacidade de luta do arquiteto para a implementação de projetos que visem ao bem comum, dos quais a construção de Brasília é exemplo.

c) Infere-se do texto que Oscar Niemeyer, em razão das severas críticas a seu trabalho arquitetônico realizado em Brasília, contrariou sua "mansidão costumeira" e escreveu um artigo em que faz a apologia da obra criada nessa cidade.

d) Vinicius de Moraes atribui a emoção nele despertada pela leitura do mencionado artigo-reportagem não só à forma dramática de relato dos fatos, mas, principalmente, à afinidade entre ele e Niemeyer no que concerne a crenças sobre a vida e a morte, parte delas referidas no depoimento do amigo Oscar.

e) Por ser um indivíduo consciente de sua fragilidade e da precariedade de ser

mortal, Oscar Niemeyer, segundo afirma Vinicius de Moraes, manifesta modéstia incomum, desprovida de hipocrisia.

Gabarito: A

A visão de Niemeyer é materialista, conforme se expressa no fragmento "Oscar não acredita em Papai do Céu"; possui visão social de seu trabalho, segundo o fragmento "no exemplo do trabalho para o bem comum e na criação de condições urbanas e rurais, em estreita intercorrência, que estimulem e desenvolvam este nobre fim.

A alternativa B apresenta comentário inadequado, visto que a intenção de Vinicius de Moraes não é defender – ser causídico de – Niemeyer, mas sim expor que se emocionou com o seu depoimento. A alternativa C apresenta comentário falso quando informa que o texto de Niemeyer objetivava realizar apologia da obra. A alternativa D é absurda, sobretudo pelo fato de o texto não informar sequer o posicionamento de Vinicius acerca de aspectos religiosos ou espirituais. A alternativa E apresenta falsa relação causa-efeito: a consequência de Oscar Niemeyer ser consciente de sua fragilidade e da precariedade de ser mortal é que não há tempo a perder, que é preciso construir a beleza e a felicidade no mundo, e não que manifesta modéstia incomum, desprovida de hipocrisia.

87. **Julgue (C ou E) os itens a seguir, relativos às estruturas linguísticas do texto.**

1 – No texto, a linguagem foi empregada predominantemente em suas funções emotiva e poética.

2 – Ao empregar as expressões "Papai do Céu" (l.14) e "verdes pastagens do Paraíso" (l.15), o autor do texto demonstra neutralidade em relação ao universo de crenças que elas representam.

3 – O emprego de adjetivos no grau superlativo absoluto, como "mais emocionantes" (l.1), "mais antiautopromocionais" (l.7), "tão frágil e precário" (l.13), produz o efeito de exaltação da superioridade dos atributos técnico e criativo de Oscar Niemeyer em relação a outros brasileiros notáveis.

4 – O uso da expressão "mais antiautopromocionais" (l.7) indica a opção do autor do texto por forma prolixa, dada a presença de dois prefixos no vocábulo adjetivo, em detrimento da concisão que seria proporcionada pela escolha da forma equivalente menos autopromocional, a qual manteria o efeito retórico

desejado.

Gabarito:

1 – Certo. A função emotiva é clara. A ocorrência de elementos subjetivos e da primeira pessoa do singular denotam a emotividade, a expressividade, o que claramente se denuncia na última passagem do texto: "como não me emocionar?". Apesar de o texto não ser poético, a função poética também se faz presente, dado que se observam expressões conotativas, como Papai do Céu, Brasílias, angélicas, verdes pastagens do paraíso. Além disso, as repetições de estruturas estabelecem ritmos em alguns fragmentos "É a modéstia **dos** criadores verdadeiramente integrados com a vida, **dos** que sabem que não há tempo a perder"; "Põe ele, como um verdadeiro homem, a felicidade do seu semelhante **no** aproveitamento das pastagens verdes da Terra; **no** exemplo do trabalho para o bem comum e **na** criação de condições urbanas e rurais".

2 – Errado. Justamente por não empregar tais conotações, o autor do texto já dá indícios de sua relação com a espiritualidade.

3 – Errado. Não se trata de superlativo absoluto, mas sim de superlativo relativo, que indica a comparação de um ser com a totalidade. Por exemplo, quando Vinicius de Moraes informa que Oscar Niemeyer foi um dos seres mais antiautopromocionais que já conheci em minha vida, ele o está comparando com a totalidade, mas – repita-se – não se trata de superlativo absoluto, e sim de relativo.

4 – Errado. Evidentemente o efeito retórico é diferente. Quando se diz que o ser é antiautopromocional significa que se opõe (anti) a fazer um promoção de si próprio (auto). Quando se informa que menos autopromocional, o sentido é que ele apenas não se (auto) promove, mas não chega a estabelecer relação de oposição a tal.

88. **Acerca dos mecanismos de coesão empregados no texto, julgue (C ou E) os itens subsequentes.**

1 – Dada a propriedade que assume o pronome "este" nos mecanismos coesivos empregados no trecho "que estimulem e desenvolvam este nobre fim" (l.18), não é facultada a seguinte reescrita: que estimulem este nobre fim e o desenvolvam.

2 – A elipse em "nem que estará" (l.14) e o emprego do pronome anafórico "ele"

(l.15) são mecanismos de coesão utilizados para referenciar o substantivo "Oscar" (l.21).

3 – Na linha 3, o vocábulo "arquiteto" retoma por substituição o nome próprio "Oscar Niemeyer", empregado na linha 2, mecanismo que corresponde a uma variedade de metonímia e por meio do qual se evita a repetição de vocábulo.

4 – O período que finaliza o primeiro parágrafo está na ordem inversa, como indica o emprego inicial da conjunção "Pois", que introduz uma oração subordinada anteposta à oração principal.

Gabarito:

1 – Certo. Em face de o pronome demonstrativo "este" ter valor catafórico, ou seja, referindo-se à oração seguinte "fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver.", não se pode distanciá-lo do sinal de dois-pontos.

2 – Certo. Como o sujeito "Oscar" já apareceu na oração anterior, não havia necessidade de repeti-lo, caracterizando a elipse. Depois o pronome ele refere-se novamente a Oscar, visto que era o Oscar Niemeyer que "punha felicidade do seu semelhante no aproveitamento das pastagens verdes da Terra…".

3 – Errado. Primeiramente não há metonímia. Segundo a intenção do autor do texto não era, com o termo "arquiteto", retomar "Oscar Niemeyer" e sim mostrar as duas facetas dele: a do arquiteto, profissional genial, e a do ser humano.

4 – Errado. Não há inversão. A conjunção "pois" introduz um período que funciona como uma explicação para o fato exposto no período anterior. Inclusive os fragmentos poderiam ocorrer unidos "Mas, para quem conhece o homem, o artigo assume proporções dramáticas, pois (porque) Oscar é não só o avesso do causídico, como um dos seres mais antiautopromocionais que já conheci em minha vida.".

89. **CARTA PARA ANTONIO CARLOS JOBIM**

Porto do Havre [França], 7 de setembro de 1964

Tomzinho querido,

Estou aqui num quarto de hotel que dá para uma praça que dá para toda a solidão do mundo. São dez horas da noite e não se vê viv'alma. Meu navio só sai

amanhã à tarde, e é impossível alguém estar mais triste do que eu. E, como sempre nestas horas, escrevo para você cartas que nunca mando.

Deixei Paris para trás com a saudade de um ano de amor, e pela frente tenho o Brasil, que é uma paixão permanente em minha vida de constante exilado. A coisa ruim é que hoje é 7 de setembro, a data nacional, e eu sei que em nossa embaixada há uma festa que me cairia muito bem, com o Baden Powell mandando brasa no violão. Há pouco telefonei para lá, para cumprimentar o embaixador, e veio todo mundo ao telefone.

Você já passou um 7 de setembro, Tomzinho, sozinho, num porto estrangeiro, numa noite sem qualquer perspectiva? É fogo, maestro!

MORAES, Vinicius de. Querido poeta. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, organização de Ruy Castro, p. 303-4 (com adaptações).

Julgue (C ou E) os itens seguintes, relativos às ideias do texto acima.

1 – O emprego, no texto, das expressões coloquiais "cairia muito bem" (l.8) e "mandando brasa" (l.8) indica a informalidade com que Vinicius de Moraes escreve a seu destinatário.

2 – Pelo emprego da expressão "todo mundo" (l.9-10), pressupõe-se que, além do embaixador, outros amigos e colegas de trabalho de Vinicius de Moraes, sem que se possa saber quantos, telefonaram-lhe do Brasil.

3 – Infere-se da carta de Vinicius de Moraes a Antonio Carlos Jobim que o poeta brasileiro, também diplomata, estava em missão profissional na cidade do Havre por ocasião de uma data nacional brasileira, embora manifestasse preferência por estar em outro lugar.

4 – Na carta a Antonio Carlos Jobim, a menção a correspondências que nunca eram enviadas sugere que havia temas confidenciais que só poderiam ser tratados pelo remetente e pelo destinatário da carta de 7 de setembro de 1964 em encontro pessoal.

Gabarito:

1 – Certo. O emprego de gírias, as conotações, a informalidade e a emotividade sugerem intimidade entre o autor da carta e o destinatário.

2 – Errado. Na realidade ele não recebeu o telefonema. Foi o próprio Vinicius que telefonou para a embaixada e lá todo mundo veio ao telefone.

3 – Errado. Não há elementos suficientes no texto que permitam a inferência de

que Vinicius estava em Havre a trabalho.

4 – Errado. Não necessariamente essas cartas tinham cunho político. Por exemplo, essa tinha cunho emocional, pessoal. As cartas não eram remetidas talvez por preguiça, mas não porque obrigatoriamente compreendiam temas confidenciais.

90. Deixei os braços pousarem na madeira inchada e úmida, abri um pouco a janela a pensar que isso de olhar a chuva de frente podia abrandar o ritmo dela, ouvi lá embaixo, na varanda, os passos da avó Agnette, que se ia sentar na cadeira da varanda a apanhar ar fresco, senti que despedir-me da minha casa era despedir-me dos meus pais, das minhas irmãs, da avó e era despedir-me de todos os outros: os da minha rua, senti que rua não era um conjunto de casas mas uma multidão de abraços, a minha rua, que sempre se chamou Fernão Mendes Pinto, nesse dia ficou espremida numa só palavra que quase me doía na boca se eu falasse com palavras de dizer: infância.

A chuva parou. O mais difícil era saber parar as lágrimas.

O mundo tinha aquele cheiro da terra depois de chover e também o terrível cheiro das despedidas. Não gosto de despedidas porque elas têm esse cheiro de amizades que se transformam em recordações molhadas com bué de lágrimas. Não gosto de despedidas porque elas chegam dentro de mim como se fossem fantasmas mujimbeiros* que dizem segredos do futuro que eu nunca pedi a ninguém para vir soprar no meu ouvido de criança.

Desci. Sentei-me perto, muito perto da avó Agnette.

Ficamos a olhar o verde do jardim, as gotas a evaporarem, as lesmas a prepararem os corpos para novas caminhadas. O recomeçar das coisas.

– Não sei onde é que as lesmas sempre vão, avó.

– Vão pra casa, filho.

– Tantas vezes de um lado para o outro?

– Uma casa está em muitos lugares – ela respirou devagar, me abraçou. – É uma coisa que se encontra.

*Mujimbeiro: fofoqueiro.

Ondjaki. Os da minha rua. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007, p. 145-6 (com adaptações).

Assinale a opção em que a interpretação apresentada, com relação ao

estado de espírito do narrador do texto, está de acordo com o que se pode depreender do parágrafo indicado.

a) Quarto parágrafo: insegurança por ser obrigado a se afastar da família.
b) Quinto parágrafo: entusiasmo na contemplação gratuita da natureza.
c) Primeiro parágrafo: regozijo diante do início de uma nova fase da vida.
d) Segundo parágrafo: tristeza por não conseguir conter o choro.
e) Terceiro parágrafo: desconforto ao ter de lidar com um momento de ruptura.

Gabarito: E

A alternativa é inadequada, pois ele não foi obrigado a afastar-se da família. A alternativa B também está incorreta, pois em momento algum do texto ele demonstra entusiasmo. Também a alternativa C é inviável, já que ele não demonstra regozijo – prazer – diante da situação. Na alternativa D, a tristeza é por afastar-se da família, da rua, dos amigos, e não porque chorou. A alternativa E é a única que apresenta comentário adequado, porquanto o desconforto fica explicitado sobretudo quando ele esclarece que não gosta de despedidas.

91. **A respeito do texto, julgue (C ou E) os itens que se seguem.**

1 – O fato de o texto ter sido escrito na primeira pessoa do singular justifica o emprego da linguagem sinestésica em trechos como "O mundo tinha aquele cheiro da terra depois de chover e também o terrível cheiro das despedidas" (l.10-11), recurso inviável em textos escritos na terceira pessoa.

2 – No trecho "Não gosto de despedidas porque elas chegam dentro de mim como se fossem fantasmas mujimbeiros que dizem segredos do futuro que eu nunca pedi a ninguém para vir soprar no meu ouvido de criança" (l.11-15), o narrador apresenta, por meio de uma comparação, uma das razões de não gostar de despedidas, caracterizando, de forma restritiva, o elemento com que compara as despedidas.

3 – Os sentidos e a correção gramatical do primeiro parágrafo do texto seriam mantidos e as relações sintáticas estariam bem identificadas caso o autor tivesse adotado, nesse trecho, a seguinte pontuação: Deixei os braços pousarem na madeira inchada e úmida; abri um pouco a janela, a pensar que isso de olhar a chuva de frente podia abrandar o ritmo dela; ouvi, lá embaixo, na varanda, os passos da avó Agnette, que se ia sentar na cadeira da varanda a apanhar ar fresco; senti que despedir-me da minha casa era despedir-me dos meus pais, das minhas irmãs, da avó e era despedir-me de todos os

outros: os da minha rua; senti que rua não era um conjunto de casas, mas uma multidão de abraços; a minha rua, que sempre se chamou Fernão Mendes Pinto, nesse dia, ficou espremida numa só palavra que quase me doía na boca se eu falasse com palavras de dizer: infância.

4 – Do trecho "a minha rua, que sempre se chamou Fernão Mendes Pinto, nesse dia ficou espremida numa só palavra que quase me doía na boca se eu falasse com palavras de dizer: infância" (l.7 e 8) depreende-se que a rua em que o narrador morava passou a ter, para ele, sentido mais significativo.

Gabarito:

1 – Errado. Inicialmente não houve sinestesia nesse fragmento. Há uma metáfora, com o vocábulo "cheiro" sendo utilizado com valor de "sentimento". Além disso, pode ha ver obviamente a sinestesia sendo empregada a terceira pessoa, como se pode observar no seguinte exemplo: Observou-se o som que vinha do outro povoado.

2 – Certo. O emprego da conjunção "como" estabelece a comparação entre "as despedidas no coração do autor" e os "fantasmas mujimbeiros que dizem segredos do futuro que eu nunca pedi a ninguém para vir soprar no meu ouvido de criança". O pronome relativo "que" introduz oração subordinada adjetiva que restringe o sentido de "fantasmas mujimbeiros", termo comparado às despedidas.

3 – Certo. Várias orações coordenadas assindéticas encontravam-se separadas por vírgulas. A ausência do conector permite que tal separação seja demarcada por vírgula ou por ponto-e-vírgula.

4 – Certo. Para o autor, a rua, até então, era apenas um nome. Quando se aproxima o momento em que ele vai afastar-se dela, compreende o seu significado, o seu valor, a sua importância, o que ela, enfim, representou: a sua infância.

92. **Acerca do vocabulário, das ideias e das estruturas linguísticas do texto, julgue (C ou E) os próximos itens.**

1 – Da leitura do texto depreende-se que, para o narrador, o sentido de casa, no momento da despedida, incluía a sua infância, os pais, as irmãs e a avó.

2 – Como a frase "O recomeçar das coisas" (l.18) resume o que o narrador depreendeu da situação relatada na frase anterior a ela, seriam preservados a

correção gramatical e os sentidos do trecho se o ponto final após "caminhadas" fosse substituído por dois-pontos ou por travessão, com o devido ajuste na inicial maiúscula.

3 – O vocábulo "bué" (l.12), formado a partir da reprodução aproximada do som natural do choro, evidencia uso de linguagem informal no texto.

4 – Seriam mantidos o sentido e a correção gramatical do texto se os infinitivos flexionados fossem substituídos pelas respectivas formas do infinitivo não flexionado no segmento "as gotas a evaporarem, as lesmas a prepararem os corpos para novas caminhadas" (l.17-18).

Gabarito:

1 – Certo. Fato que se expõe no seguinte fragmento "senti que despedir-me da minha casa era despedir-me dos meus pais, das minhas irmãs, da avó".

2 – Certo. O emprego de dois-pontos seria adequado, visto que a expressão "O recomeçar das coisas" funciona como uma síntese para os fatos redigidos no período anterior.

3 – Anulada. Justificativa do Cespe-UnB: A palavra "bué" tanto pode ser empregada, no texto, como vocábulo do português brasileiro de origem onomatopeica quanto pode ter sido empregado pelo autor angolano, com o sentido de "muito", "grande quantidade" (vocábulo de origem portuguesa ou, talvez, originária do quimbundo, língua falada em Angola.

4 – Como a preposição afasta o verbo do termo com que faz a concordância, tanto se pode usar o infinitivo pessoal (flexionado na terceira pessoa do plural) como o infinitivo impessoal, sem flexão.

93. Nos países novos, nas terras ainda sem tipo étnico absolutamente definido, onde o sentimento d'Arte é silvícola, local, banalizado, deve ser espantoso, estupendo o esforço, a batalha formidável de um temperamento fatalizado pelo sangue e que traz consigo, além da condição inviável do meio, a qualidade fisiológica de pertencer, de proceder de uma raça que a ditadora ciência d'hipóteses negou em absoluto para as funções do Entendimento e, principalmente, do entendimento artístico da palavra escrita.

Deus meu! Por uma questão banal de química biológica do pigmento ficam alguns mais rebeldes e curiosos fósseis preocupados, a ruminar primitivas erudições, perdidos e atropelados pelas longas galerias submarinas de uma sabedoria infinita, esmagadora, irrevogável! (...)

Ah! Esta minúscula humanidade, torcida, enroscada, assaltando as almas com a ferocidade de animais bravios, de garras aguçadas e dentes rijos de carnívoro, é que não pode compreender-me.

Sim! Tu é que não podes entender-me, não podes irradiar, convulsionar-te nestes efeitos com os arcaísmos duros da tua compreensão, com a carcaça paleontológica do Bom Senso.

Sousa, Cruz e. Emparedado. In: Obra completa. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1961, p. 659-60 (com adaptações).

Com relação às ideias desenvolvidas no texto acima, assinale a opção correta.

a) Na linha 15, o pronome pessoal "Tu" refere-se ao leitor, tratado de modo respeitoso pelo escritor com o objetivo de convencê-lo quanto à veracidade dos argumentos mencionados sobre a questão racial e aspectos do entendimento artístico.

b) Ao mencionar "a carcaça paleontológica do Bom Senso" (l.16-17), Cruz e Sousa indica que o estudo dos fósseis poderia derrubar os mitos científicos sobre a raça que vigoravam na sua época.

c) Nesse texto, Cruz e Sousa questiona o rigor das explicações científicas e menciona uma "ciência d'hipóteses" (l.5) para mostrar o relativismo do conhecimento e as distorções a que muitos analistas podem chegar ao defenderem as suas teses.

d) Cruz e Sousa demonstra que a ciência ainda não se desenvolveu plenamente nos países novos, o que impede a explicação de alguns fatos que ocorrem somente ali.

e) Ao empregar a expressão "Esta minúscula humanidade" (l.12), o poeta faz referência a um grupo específico de pessoas que, como menciona no parágrafo anterior do texto, não pode ser confundido com o grupo constituído de "alguns mais rebeldes e curiosos fósseis preocupados" (l.9).

Gabarito: C

A alternativa A é inadequada, dado que não há respeito ao interlocutor, até porque este é incapaz de compreender a visão do autor.

A alternativa B é incorreta, uma vez que a expressão "a carcaça paleontológica do Bom Senso" é usada com ironia para indicar a pouca flexibilidade de uma teoria,

a dureza de uma compreensão. Carcaça é algo duro, impenetrável. Paleontologia é uma ciência que estuda animais e vegetais fósseis. Portanto, o Bom Senso teria a dureza dos conhecimentos fossilizados.

A alternativa C é correta porquanto questiona a visão que se tem dos novos países e seus povos. Povos que já sofrem com a condição inviável do meio e que sofrem também com a imagem que possuem de serem incapazes – segundo a tal ciência d'hipóteses – para as funções de Entendimento.

A alternativa D é absurda, pois a crítica feita é o preconceito que se tem quanto aos povos presentes nesses novos países que seriam incapazes para as funções de Entendimento.

A alternativa E é errada, pois o termo "Esta minúscula humanidade" refere-se à queles que agem com preconceito, baseados em conceitos fossilizados e inflexíveis, e são os mesmos seres que os denominados em "alguns mais rebeldes e curiosos fósseis preocupados".

94. **Por que o novo presidente do FMI não pode ser europeu**

Der Spiegel

Thorsten Benner

Dominique Strauss-Kahn está na cadeia, e o debate a respeito do seu sucessor na direção do FMI já teve início. A chanceler alemã Angela Merkel quer que outro europeu ocupe o cargo. Mas isso seria um sinal fatal para potências emergentes como China e Índia.

A impressão foi que eles tinham as melhores das intenções. Em 2 de abril de 2009, europeus e norte-americanos indicaram a sua intenção de deixar de dividir entre si os cargos de liderança do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional (FMI). O acordo foi feito naquele ano na reunião do G20, em Londres. "Nós concordamos que os presidentes e líderes graduados das instituições financeiras internacionais deverão ser nomeados por meio de um processo de seleção aberto, transparente e meritocrático", dizia a declaração dos líderes na conclusão do encontro. Em outras palavras, os europeus abriram mão do privilégio de escolher o presidente do FMI.

Mas agora, com as acusações de ataque sexual contra o atual presidente da instituição, Dominique Strauss-Kahn, e a provável necessidade de substituí-lo, a chanceler alemã Angela Merkel parece ter esquecido a promessa.

Infere-se do primeiro parágrafo que:

a) o diretor do FMI está na cadeia;
b) já estão acontecendo debates sobre quem vai assumir a direção do FMI;
c) outro europeu assumir a direção do FMI seria um sinal fatal para a China e a Índia;
d) Dominique Strauss-Kahn é europeu;
e) outros países emergentes como o Brasil e o México desejam que outro europeu assuma o FMI.

Gabarito: D.

É fundamental o candidato atentar-se ao enunciado. Lá se exige algo implícito, algo que se deduz a partir do texto. A única alternativa que apresenta informação incoerente – e por isso deve ser a primeira eliminada – é a alternativa E. Em momento algum foi dito ou insinuado que o Brasil e o México desejavam que outro europeu assumisse o FMI. As alternativas A, B e C não servem como resposta, embora apresentem assertivas coerentes com o texto, uma vez que tais informações se apresentam de forma explícita e não subentendida. A alternativa D é a única coerente que o leitor efetivamente deduz. O texto não diz Dominique Strauss-Kahn é europeu. É algo que se deduz a partir da informação de que a chanceler alemã Angela Merkel quer que <u>outro europeu</u> ocupe o cargo. Portanto, se a chanceler alemã pretende que outro europeu assuma o cargo, pode-se inferir que Dominique Strauss-Kahn é europeu.

95. **O que informa o autor no segundo parágrafo?**

a) Europeus e norte-americanos possuíam as melhores intenções quando decidiram deixar de dividir entre si os cargos de liderança do Banco Mundial e do FMI.
b) Europeus e norte-americanos deixaram de dividir entre si os cargos de liderança do Banco Mundial e do FMI.
c) Que os presidentes e líderes graduados das instituições financeiras internacionais deverão ser nomeados por meio de um processo de seleção aberto, transparente e meritocrático.
d) O acordo de que europeus e norte-americanos deixariam de dividir entre si os cargos de liderança do Banco Mundial e do FMI foi feito em 2009 na reunião do G20 em Londres.
e) O processo de seleção aberto e meritocrático é o mais justo em todos os

sistemas de nomeações.

Gabarito: D.

Fundamental o candidato atentar-se ao fato de está sendo exigida uma informação explícita no texto e que tal informação provenha do autor. A alternativa A não serve como resposta, uma vez que o autor não informa que europeus e norte-americanos possuíam as melhores intenções, mas sim que **"a impressão" (a sensação, não a certeza)** era a de que eles tinham as melhores das intenções. A opção B apresenta comentário incoerente, pois europeus e norte-americanos, até o momento, ainda não deixaram de dividir entre si os cargos de liderança do Banco Mundial e do FMI. A opção C apresenta declaração não do autor, mas sim dos líderes ao fim da reunião do G20. A alternativa D é uma reprodução fiel de informação explícita em dois períodos do parágrafo: "Em 2 de abril de 2009, europeus e norte-americanos indicaram a sua intenção de deixar de dividir entre si os cargos de liderança do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional (FMI). O acordo foi feito naquele ano na reunião do G20, em Londres.". É importante ressaltar que, apesar o primeiro período falar apenas em "indicação de intenção", o segundo já expõe ter havido um acordo para europeus e norte-americanos deixarem de dividir entre si os cargos de liderança do Banco Mundial e do FMI. Já a alternativa E apresenta um comentário coerente, porém se trata de uma inferência, porquanto em momento algum é informado que esse sistema aberto e meritocrático é o mais justo.

96. **Sobre o terceiro parágrafo, julgue os seguintes itens.**

I – **O emprego de "agora" explicita a época em que o texto é redigido e sugere que, na identificação dos implícitos, há um pressuposição.**

II – **O emprego da preposição estabelece nexo causal.**

III – **Pode-se depreender do parágrafo que a chanceler alemã olvidou-se da promessa de que europeus e norte-americanos deixariam de dividir entre si os cargos de liderança do Banco Mundial e do FMI.**

Que comentários foram feitos com correção?

a) Nenhum.

b) Somente I e II.

c) Todos.

d) Somente II e III.

e) Somente I e III.

Gabarito: B.

O comentário I apresenta informação adequada, porquanto a referência de presente é sempre o momento em que o texto é confeccionado. Portanto, o "agora" não representa o momento em que lemos o texto, mas sim aquele em que escrito. Além disso, o emprego desse vocábulo permite a identificação de uma pressuposição, no campo dos implícitos: a de que antes a chanceler alemã procedia de uma forma e "agora" de outra.

O comentário II também adequado, porque existe uma relação de causa e efeito entre "com (por causa de, em virtude de) as acusações de ataque sexual contra o atual presidente da instituição, Dominique Strauss-Kahn, e a provável necessidade de substituí-lo" (causa) – a chanceler alemã Angela Merkel parece ter esquecido a promessa (consequência).

O comentário III é inadequado, uma vez que o texto trabalha no campo da possibilidade (PARECE TER ESQUECIDO) e não no campo da certeza (olvidou-se).

Da questão 97 a 100 – CARGO – TÉCNICO EM CONTABILIDADE da UFRJ – NCE

CIDADE MARAVILHOSA?

Os camelôs são pais de famílias bem pobres, e, então, merecem nossa simpatia e nosso carinho; logo eles se multiplicam por 1000. Aqui em frente à minha casa, na Praça General Osório, existe há muito tempo a feira hippie. Artistas e artesãos expõem ali aos domingos e vendem suas coisas. Uma feira um tanto organizada demais: sempre os mesmos artistas mostrando coisas quase sempre sem interesse. Sempre achei que deveria haver um canto em que qualquer artista pudesse vender um quadro; qualquer artista ou mesmo qualquer pessoa, sem alvarás nem licenças. Enfim, o fato é que a feira funcionava, muita gente comprava coisas – tudo bem. Pois de repente, de um lado e outro, na Rua Visconde de Pirajá, apareceram barracas atravancando as calçadas, vendendo de tudo – roupas, louças, frutas, miudezas, brinquedos, objetos usados, ampolas de óleo de bronzear, passarinhos, pipocas, aspirinas, sorvetes, canivetes. E as praias foram invadidas por 1000 vendedores. Na rua e na areia, uma orgia de cães. Nunca vi tantos cães no Rio, e presumo que muita gente anda com eles para se defender de assaltantes. O resultado é uma sujeira múltipla, que exige cuidado do pedestre para não pisar

naquelas coisas. E aquelas coisas secam, viram poeira, unem-se a cascas de frutas podres e dejetos de toda ordem, e restos de peixes da feira das terças, e folhas, e cusparadas, e jornais velhos; uma poeira dos três reinos da natureza e de todas as servidões humanas.

Ah, se venta um pouco o noroeste, logo ela vai-se elevar, essa poeira, girando no ar, entrar em nosso pulmão numa lufada de ar quente. Antigamente a gente fugia para a praia, para o mar. Agora há gente demais, a praia está excessivamente cheia. Está bem, está bem, o mar, o mar é do povo, como a praça é do condor – mas podia haver menos cães e bolas e pranchas e barcos e camelôs e ratos de praia e assaltantes que trabalham até dentro d'água, com um canivete na barriga alheia, e sujeitos que carregam caixas de isopor e anunciam sorvetes e quando o inocente cidadão pede picolé de manga, eis que ele abre a caixa e de lá puxa a arma. Cada dia inventam um golpe novo: a juventude é muito criativa, e os assaltantes são quase sempre muito jovens.

Rubem Braga

97. **O título do texto – cidade maravilhosa? – tem ao final um ponto de interrogação; com isso, o autor do texto expressa:**

a) uma pergunta ao leitor a fim de verificar a sua opinião;
b) um questionamento sobre o futuro da cidade do Rio de Janeiro;
c) uma dúvida sobre a qualidade de vida na cidade;
d) uma reflexão sobre as belezas da capital carioca;
e) uma opinião dos mais pobres sobre as condições de vida na cidade.

Gabarito: C.

As alternativas D e E são excluídas automaticamente, em face de haver uma interrogação, um questionamento. Elimina-se também a alternativa A, pelo fato de não ter cabimento a possibilidade de verificar-se a opinião do autor. A alternativa B também não pode ser a resposta, visto que a crítica é sobre um problema atual e não uma preocupação quanto ao futuro da cidade. A alternativa C acaba por ser a única coerente, pois os problemas listados no texto – o excesso de camelôs atravancando as ruas; o excesso de vendedores, ladrões e cães nas praias; a sujeira nas ruas e praças – implicam um prejuízo à qualidade de vida dos cariocas.

98. **"logo eles se multiplicam por 1000"; "E as praias foram invadidas por 1000 vendedores". O número 1000, nesses dois segmentos do texto:**

a) referem-se aos mesmos vendedores, em momentos diferentes;
b) indicam uma quantidade indeterminada de vendedores;
c) mostram somente uma ideia de grande quantidade;
d) representam o enorme progresso da cidade;
e) demonstram o crescimento desordenado da cidade.

Gabarito: C.

Quando o autor emprega o número 1000, objetiva demonstrar que a quantidade de camelôs e vendedores aumentou muito. Esse exagero, essa hipérbole enfatizam esse aumento.

99. **O autor critica basicamente dois tipos de poluição, que são:**
a) ambiental e visual;
b) visual e sonora;
c) sonora e marinha;
d) marinha e social;
e) social e ambiental.

Gabarito: A.

A poluição ocorre inicialmente no aspecto ambiental, visto que a crítica é feita à forma como estão as ruas, as praças, as praias. Tais problemas mencionados acabam também por comprometer o aspecto visual, pois há excesso de barracas nas ruas, as praias encontram-se extremamente cheias. É de bom alvitre observar que, em momento algum do texto, é mencionada uma crítica em relação à poluição sonora ou social. Não se fala de ruídos, música em som alto etc., como também nada se informa a respeito de que a poluição é gerada por classes sociais menos favorecidas.

100. **"os assaltantes são quase sempre muito jovens"; a maneira de reescrever-se essa mesma frase que mantém o seu sentido original é:**
a) são quase sempre bem jovens os assaltantes;
b) muitos assaltantes são quase sempre jovens;
c) os assaltantes são sempre quase jovens;
d) quase muitos jovens são sempre assaltantes;
e) são quase sempre jovens muitos assaltantes.

Gabarito: A.

É necessário atenção para fazer essa questão. Na frase original, "jovens" é

adjetivo que está intensificado pelo advérbio muito. Então os assaltantes não são apenas jovens, mas, sim, muito – excessivamente – jovens. Na alternativa B, o advérbio "muito" foi transformado em pronome indefinido atrelado a "assaltantes", e o adjetivo não está intensificado. Na C, "jovens" não está intensificado. Na D, "jovens" está substantivado, e "muitos" se torna pronome indefinido, o que gera alteração semântica; além disso, o posicionamento de "quase" faz com que a frase sequer tenha sentido. Na alternativa E, "jovens" não vem intensificado. A alternativa A é uma paráfrase, dado que a substituição de "muito" por "bem" – com valor de intensidade – conserva a ideia original.

Bibliografia

1. ALENCAR José de. O Guarani 7. ed. Minerva: São Paulo; 1965.
2. ALVES Castro. Espumas Flutuantes Record: Rio de Janeiro; 1997.
3. AQUINO Renato Monteiro de. Interpretação de Textos (Série Provas e Concursos). Campus/Elsevier: Rio de Janeiro; 2005.
4. Português para Concursos (Série Provas e Concursos). Campus/Elsevier: Rio de Janeiro; 2005.
5. ASSIS Joaquim Maria Machado de. Memórias Póstumas de Brás Cubas Edição única Abril Cultural: São Paulo; 1998.
6. Dom Casmurro. Edição única Abril Cultural: São Paulo; 1998.
7. AZEREDO, José Carlos de. Gramática Houaiss da Língua Portuguesa. Ed. Publifolha.
8. BECHARA Evanildo. Gramática Escolar da Língua Portuguesa Lucerna: Rio de Janeiro; 2003.
9. Moderna Gramática Portuguesa. 37. ed. Lucerna: Rio de Janeiro; 2001.
10. BARRETO Afonso Henriques de Lima. Triste Fim de Policarpo Quaresma 3. ed. Ática: São Paulo; 1987.
11. CÂMARA Jr Joaquim Mattoso. Estrutura da Língua Portuguesa 35. ed. Vozes: Petrópolis; 2002.
12. CAMÕES Luís Vaz de. Os Lusíadas Edição única Abril Cultural: São Paulo; 1997.
13. CARNEIRO Agostinho Dias. Redação em Construção 2. ed. Moderna: São Paulo; 2003.
14. CUNHA Euclides da Cunha. Os Sertões Edição única. Editora Abril 1969.
15. CUNHA Celso Ferreira da. Gramática da Língua Portuguesa 10. ed. FAE 1984.
16. CUNHA Celso Ferreira da, CINTRA Luís Filipe Lindley. Nova Gramática do Português Contemporâneo 3. ed. Nova Fronteira: Rio de Janeiro; 1997.
17. DUBOIS Jean. Dicionário de Linguística Cultrix: São Paulo; 1993.
18. FERREIRA Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário Aurélio. Nova Fronteira: Rio de Janeiro; 1975;.
19. FIGUEIREDO Fernando. Português no Concurso Público. 2. ed. Edição do autor 1999.
20. FURTADO Lilian, PEREIRA Vinícius Carvalho. Técnicas de Redação para Concursos. 1.ed. 2010; Editora Método.
21. GARCIA Othon Moacyr. Comunicação em Prosa Moderna. 20. ed. FGV: Rio de Janeiro; 2001.
22. GUIMARÃES Bernardo. A Escrava Isaura. Edição especial. 1998; Sociedade Comercial e Editorial Santiago. Publicações Europa América.
23. HOUAISS Antônio. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Objetiva: São Paulo; 2001.

24. IDA Manuel Said Ali. Gramática Histórica da Língua Portuguesa. 6. ed. Edições Melhoramentos: São Paulo; 1966.

25. KOCH Ingedore Villaça. Ler e Compreender: os sentidos do texto. 2. ed. Editora Contexto: São Paulo; 2006.

26. LIMA Carlos Henrique de Rocha. Gramática Normativa da Língua Portuguesa. 25. ed. José Olympio: Rio de Janeiro; 1985.

27. LUFT Celso Pedro. Moderna Gramática Brasileira. 2. ed. Globo: Rio de Janeiro; 2002.

28. MARCUSCHI Luis Antônio. Produção textual, Análise de Gêneros e compreensão. 3. ed. Parábola editorial: São Paulo; 2008.

29. NEVES Maria Helena de Moura. Texto e Gramática. Editora Contexto: São Paulo; 2006.

30. Gramática de usos do português.. Ed. UNESP.

31. OLÍVIA, Madre. Semântica e a natureza da língua. Ed. Vozes.

32. Semântica num confronto entre duas análises de português.. Ed. Maceió.

33. PAULIUKONIS Maria Aparecida Lino, SANTOS Leonor Werneck dos. Estratégias de leitura: texto e ensino Editora Lucerna: Rio de janeiro; 1998.

34. PESSOA Fernando. Poemas Escolhidos O Globo. 1997; Klick Editora.

35. POMPÉIA Raul. O Ateneu O Globo. 1997; Klick Editora.

36. QUEIRÓS Eça de. A relíquia O Globo. 1997; Klick Editora.

37. O Primo Basílio. Edição única Abril Cultural: São Paulo; 1969.

38. Ramos Graciliano. São Bernardo. 3. ed. José Olympio: Rio de Janeiro; 1947.

39. REIS Otelo. Breviário da Conjugação de Verbos. 54. ed. 2001; Editora Villa Rica.

40. RIBEIRO Manoel Pinto. Gramática Aplicada da Língua Portuguesa. 15. ed. Metáfora Editora: Rio de Janeiro; 2005.

41. ROSENTHAL Marcelo. Gramática para concursos. Editora Campus/Elsevier: Rio de Janeiro; 2006.

42. SABINO Fernando. A Mulher do Vizinho. Edição Integral Círculo do Livro: São Paulo; 1962.

43. VERISSIMO Luis Fernando. As Mentiras que os Homens Contam. Objetiva: Rio de Janeiro; 2001.

Cortesia: www.reidosconcursos.blogspot.com

Interpretação de Textos

TEORIA e 800 QUESTÕES COMENTADAS
6ª EDIÇÃO

ASSOCIAÇÃO BRASUKA DC DKBIOS RETROGRAHCOS

ANPAC

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE
PROTEÇÃO E APOIO AOS CONCURSOS

Preencha a **ficha de cadastro** no final deste livro
e receba gratuitamente informações sobre os lançamentos e as promoções da
Editora Campus/Elsevier.
Consulte também nosso catálogo
completo e últimos lançamentos em
www.campus.com.br

SÉRIE IMPETUS
PROVAS E CONCURSOS

Interpretação de Textos

TEORIA E 800 QUESTÕES COMENTADAS
6ª EDIÇÃO

Renato Aquino

ELSEVIER CAMPUS

© 2006, Elsevier Editora Ltda.
Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei n° 9.610, de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora,
poderá ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados:
eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.
Editoração Eletrônica
SBNIGRI Artes e Textos Ltda.
Coordenador *da Série*
Sylvio Motta
Projeto Gráfico
Elsevier Editora Ltda.
A Qualidade da Informação
Rua Sete de Setembro, 111 — 16° andar
20050-006 — Rio de Janeiro — RJ — Brasil
Telefone: (21) 3970-9300 Fax (21) 2507-1991
E-mail: info@elsevier.com.br
Escritório São Paulo
Rua Quintana, 753 – 8º andar
04569-011 - Brooklin - São Paulo - SP
Telefone: (11) 5105-8555
ISBN 13: 978-85-352-1815-2
ISBN 10: 85-352-1815-7
Muito zelo e técnica foram empregados na edição desta obra. No entanto, podem ocorrer erros de digitação, impressão ou dúvida conceitual. Em qualquer das hipóteses, solicitamos a comunicação à nossa Central de Atendimento, para que possamos esclarecer ou encaminhar a questão.
Nem a editora nem o autor assumem qualquer responsabilidade por eventuais danos ou perdas a pessoas ou bens, originados do uso desta publicação.
Central de Atendimento
Tel: 0800-265340
Rua Sete de Setembro, 111, 16° andar - Centro - Rio de Janeiro
e-mail: info@elsevier.com.br
site: www.campus.com.br
CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ
Aquino, Renato
6. ed. Interpretação de textos: teoria e 800 questões comentadas / Renato
Aquino. - 6. ed. - Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.
532p. - (Impetus provas e concursos)
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-352-1815-2
ISBN 85-352-1815-7
1. Língua portuguesa - Problemas, questões e exercícios.
2. Compreensão na leitura. 3. Análise do discurso narrativo.
4. Serviço público - Brasil - Concursos. I. Título. II. Série.
05-1502. CDD-469.8
CDU - 811.134.2

Agradecimentos

À *família querida, sempre a meu lado, incentivo primeiro da minha jornada terrena; a todos que, de uma forma ou de outra, me ajudam a caminhar pelo mundo;a Jesus, irmão maior, "caminho, verdade e vida", que não me deixa perder o rumo; mas, acima de tudo e de todos, a Deus, nosso Pai amado, que nos concedeu a maravilha da vida.*

O Autor

Renato Monteiro de Aquino

• Mestre em Letras (Filologia Românica) pela UFRJ
• Ex-professor de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do Colégio Militar do Rio de Janeiro
• Ex-professor de Língua Portuguesa da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro
• Ex-professor de Língua Portuguesa da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro
• Fiscal de atividades econômicas aposentado do município do Rio de Janeiro
• Professor da Companhia dos Módulos e outros cursos preparatórios para concursos públicos do Rio de Janeiro

Outras obras do autor

• Português para Concursos. 16a ed. Editora Campus/Elsevier
• Redação para Concursos. 5a ed. Editora Campus/Elsevier
• Português para Concursos em vídeo (8 fitas). Tele-Jur
• Amor e Luz (Poesias). Editora Pongetti

Apresentação

NÃO DEIXE DE LER!

A interpretação de textos, tão comum em provas de Português, sempre foi um martírio para os alunos ou candidatos a concursos públicos ou vestibulares.

A dificuldade é geral e, com certeza, oriunda da falta de treinamento. As pessoas têm pouca disposição de mergulhar no texto; elas conseguem, obviamente, lê-lo, mas não aprofundam a leitura, não extraem dele aquelas informações que uma leitura superficial, apressada, não permite.

Ao tentar resolver o problema, as pessoas buscam os materiais que julgam poder ajudá-las. Caem, então, no velho vício de ler teoria em excesso, estudar coisas que nem sempre dizem respeito à compreensão e interpretação dos textos. Cansadas, não fazem o essencial: ler uma grande quantidade de textos — e tentar interpretá-los.

Este livro que chega às suas mãos é extremamente prático. A teoria apresentada é pequena, mas deve ser estudada com boa vontade e disposição de aprender. Depois, você vai encontrar uma enorme quantidade de textos, 112, para ser preciso. São 815 questões, mais de 4000 itens, todos comentados.

Fundamental é que você os leia na ordem em que são apresentados, resolvendo com atenção máxima as questões propostas. Começa-se por textos muito curtos, uma ou duas linhas, e vai-se aumentando, tanto em tamanho quanto em dificuldade. Cabe ainda ressaltar que não tivemos a preocupação de distinguir interpretação de compreensão. Levando-se em conta o objetivo da obra, isso seria absolutamente inútil.

Não tenha medo da interpretação de textos. Como qualquer outra atividade intelectual, ela pede paciência e boa vontade. Não tente fazer apressadamente, pois isso prejudicará o seu estudo. Talvez o mais difícil seja começar. Depois, acredite, vem o progresso, objetivo maior de todos nós.

O Autor

Palavras da Coordenação da Obra

Você acha que não tem condições de estudar interpretação de textos? Está cansado de ser reprovado nas provas de Língua Portuguesa? Você, sinceramente, acredita que nunca vai conseguir entender o uso correto das figuras de linguagem ou alcançar o que dizem as famosas entrelinhas? Isso lhe tem causado uma enorme sensação de impotência e desânimo?

Agora, estes problemas já podem acabar!

A Editora Campus/Elsevier, orgulhosamente, apresenta a terceira obra do Professor Renato Aquino.

Nela, o leitor-candidato encontrará respaldo necessário para resolver provas e, conseqüentemente, ter êxito em diversos concursos públicos, afastando de vez o fantasma da reprovação.

Isso mesmo! Logo nas primeiras páginas, você perceberá que não se trata apenas de mais um manual de interpretação de textos; antes, é um estímulo de auto-ajuda, que vai ensiná-lo a resolver todas aquelas deficiências que sempre o acompanharam e impediam-no de desenvolver técnicas de redação e interpretação, aplicáveis não somente em provas de Língua Portuguesa, mas na compreensão dos enunciados de questões de qualquer disciplina.

Em trabalho minucioso, o Autor selecionou textos em ordem crescente de complexidade, além de mais de oitocentas questões, todas com gabarito criteriosamente comentado. Enfocando as variadas tendências, de acordo com as diversas bancas examinadoras, a obra é um verdadeiro marco na preparação de candidatos em geral.

Outro aspecto a ser ressaltado é a sua universalidade: tanto pode ser adotada em colégios, quanto em cursos preparatórios, haja vista que abrange concursos de nível médio e superior. Em síntese: trata-se de um livro útil para todos aqueles que queiram ou precisem aperfeiçoar seus conhecimentos de Língua Portuguesa.

A partir de agora, você dispõe de um instrumento eficaz e decisivo para o seu sucesso, tanto pessoal quanto profissional.

Bom proveito.

Sylvio Motta :

Sumário

Parte 1 GENERALIDADES 1

Capítulo 1 Explicações preliminares 2
Capítulo 2 Denotação e conotação. Figuras 6
Capítulo 3 Coesão e coerência. Conectores 14
Capítulo 4 Tipologia textual 27
Capítulo 5 Significação das palavras 31
Capítulo 6 A prática 37

Parte 2 INTERPRETAÇÃO I 42

Parte 3 INTERPRETAÇÃO II 119

Parte 4 GABARITO E COMENTÁRIOS 327

Gabarito 328
Comentários 330

BIBLIOGRAFIA 452

PARTE I

GENERALIDADES

CAPÍTULO 1

EXPLICAÇÕES PRELIMINARES

I) Para interpretar bem

Todos têm dificuldades com interpretação de textos. Encare isso como algo normal, inevitável. Importante é enfrentar o problema e, com segurança, progredir. Aliás, progredir muito. Leia com atenção os itens abaixo.

1) Desenvolva o gosto pela leitura. Leia de tudo: jornais, revistas, livros, textos publicitários, listas telefônicas, bulas de remédios etc. Enfim, tudo o que estiver ao seu alcance. Mas leia com atenção, tentando, pacientemente, apreender o sentido. O mal é "ler por ler", para se livrar.

2) Aumente o seu vocabulário. Os dicionários são amigos que precisamos consultar. Faça exercícios de sinônimos e antônimos. (Consulte o nosso Redação para Concursos, que tem uma seção dedicada a isso.)

3) Não se deixe levar pela primeira impressão. Há textos que metem medo. Na realidade, eles nos oferecem um mundo de informações que nos fornecerão grande prazer interior. Abra sua mente e seu coração para o que o texto lhe transmite, na qualidade de um amigo silencioso.

4) Ao fazer uma prova qualquer, leia o texto duas ou três vezes, atentamente, antes de tentar responder a qualquer pergunta. Primeiro, é preciso captar sua mensagem, entendê-lo como um todo, e isso não pode ser alcançado com uma simples leitura. Dessa forma, leia-o algumas vezes. A cada leitura, novas idéias serão assimiladas. Tenha a paciência necessária para agir assim. Só depois tente resolver as questões propostas.

5) As questões de interpretação podem ser localizadas (por exemplo, voltadas só para um determinado trecho) ou referir-se ao conjunto, às idéias gerais do texto. No primeiro caso, leia não apenas o trecho (às vezes uma linha) referido, mas todo o parágrafo em que ele se situa. Lembre-se: quanto mais você ler, mais entenderá o texto. Tudo é uma questão de costume, e você vai acostumar-se a agir dessa forma. Então - acredite nisso - alcançará seu objetivo.

6) Há questões que pedem conhecimento fora do texto. Por exemplo, ele pode aludir a uma determinada personalidade da história ou da atualidade, e ser cobrado do aluno ou candidato o nome dessa pessoa ou algo que ela tenha feito. Por isso, é importante desenvolver o hábito da leitura, como já foi dito. Procure estar atualizado, lendo jornais e revistas especializadas.

II) Paráfrase

Chama-se paráfrase a reescritura de um texto sem alteração de sentido. Questões de interpretação com freqüência se baseiam nesse conhecimento, nessa técnica. Vários recursos podem ser utilizados para parafrasear um texto.

1) Emprego de sinônimos.

Ex.: *Embora voltasse cedo, deixava os pais preocupados.*
Conquanto retornasse cedo, deixava os genitores preocupados.

2) Emprego de antônimos, com apoio de uma palavra negativa.

Ex.: *Ele era fraco.*
Ele não era forte.

3) Utilização de termos anafóricos, isto é, que remetem a outros já citados no texto.

Ex.: *Paulo e Antônio já saíram. Paulo foi ao colégio; Antônio, ao cinema.*
Paulo e Antônio já saíram. Aquele foi ao colégio; este, ao cinema.

Aquele = Paulo
este = Antônio

4) Troca de termo verbal por nominal, e vice-versa.

Ex.: *É necessário que todos colaborem.*
É necessária a colaboração de todos.
Quero o respeito do grupo.
Quero que o grupo me respeite.

5) Omissão de termos facilmente subentendidos.

Ex.: *Nós desejávamos uma missão mais delicada, mais importante.*
Desejávamos missão mais delicada e importante.

6) Mudança de ordem dos termos no período.

Ex.: *Lendo o jornal, cheguei à conclusão de que tudo aquilo seria esquecido após três ou quatro meses de investigação.*
Cheguei à conclusão, lendo o jornal, de que tudo aquilo, após três ou quatro meses de pesquisa, seria esquecido.

7) Mudança de voz verbal

Ex.: *A mulher plantou uma roseira em seu jardim. (voz ativa)*
Uma roseira foi plantada pela mulher em seu jardim. (voz passiva analítica)

Obs.: Se o sujeito for indeterminado (verbo na 3ª pessoa do plural sem o sujeito expresso na frase), haverá duas mudanças possíveis.

Ex.: *Plantaram uma roseira. (voz ativa)*
Uma roseira foi plantada. (voz passiva analítica)
Plantou-se uma roseira. (voz passiva sintética)

8) Troca de discurso

Ex.: *Naquela tarde, Pedro dirigiu-se ao pai dizendo: - Cortarei a grama sozinho. (discurso direto)*

Naquela tarde, Pedro dirigiu-se ao pai dizendo que cortaria a grama sozinho. (discurso indireto)

9) Troca de palavras por expressões perifrásticas (vide perífrase, no capítulo seguinte) e vice-versa

Ex.: *Castro Alves visitou Paris naquele ano.*

O poeta dos escravos visitou a cidade luz naquele ano.

10) Troca de locuções por palavras e vice-versa:

Ex.: *O homem da cidade não conhece a linguagem do céu.*

O homem urbano não conhece a linguagem celeste.

Da cidade e **do céu** são locuções adjetivas e correspondem aos adjetivos **urbano** e **celeste.** É importante conhecer um bom número de locuções adjetivas. Consulte o assunto em nosso livro Redação para Concursos.

Numa paráfrase, vários desses recursos podem ser utilizados concomitantemente, além de outros que não foram aqui referidos, mas que a prática nos apresenta. O importante é ler com extrema atenção o trecho e suas possíveis paráfrases. Se perceber mudança de sentido, a reescritura não pode ser considerada uma paráfrase. Há muitas questões de provas baseadas nisso.

Vamos então fazer um exercício. Leia com atenção o trecho abaixo e anote a alternativa em que não ocorre uma paráfrase.

O homem caminha pela vida muitas vezes desnorteado, por não reconhecer no seu íntimo a importância de todos os instantes, de todas as coisas, simples ou grandiosas.

a) Freqüentemente sem rumo, segue o homem pela vida, por não reconhecer no seu íntimo o valor de todos os instantes, de todas as coisas, sejam simples ou grandiosas.

b) Não reconhecendo em seu âmago a importância de todos os momentos, de todas as coisas, simples ou grandiosas, o homem caminha pela vida muitas vezes desnorteado.

c) Como não reconhece no seu íntimo o valor de todos os momentos, de todas as coisas, sejam elas simples ou não, o homem vai pela vida freqüentemente desnorteado.

d) O ser humano segue, com freqüência, vida afora, sem rumo, porquanto não reconhece, em seu interior, a importância de todos os instantes, de todas as coisas, simples ou grandiosas.

e) O homem caminha pela vida sempre desnorteado, por não reconhecer, em seu mundo íntimo, o valor de cada momento, de cada coisa, seja ela simples ou grandiosa.

O trecho foi reescrito cinco vezes. Utilizaram-se vários recursos. Em quatro opções, o sentido é rigorosamente o mesmo. Tal fato não se dá, porém, na letra e, que

seria o gabarito. O texto original diz que “o homem caminha pela vida muitas vezes desnorteado...”, contudo a reescritura nos diz “sempre desnorteado”. Ora, **muitas** vezes é uma coisa, sempre é outra, bem diferente.

Observações

a) Tenha cuidado com a mudança de posição dos termos dentro da frase. Palavras ou expressões podem alterar profundamente o sentido de um texto.

Ex.: *Encontrei determinadas pessoas naquela cidade.*
Encontrei pessoas determinadas naquela cidade.

Na primeira frase, **determinadas** é um pronome indefinido, equivalente a certas, umas, algumas; na segunda, é um adjetivo e significa decididas.

b) Cuidado também com a pontuação, que costuma passar despercebida.

Ex.: *A criança agitada corria pelo quintal.*
A criança, agitada, corria pelo quintal.

Na primeira frase, o adjetivo **agitada** indica uma característica da criança, algo inerente a ela, isto é, trata-se de uma pessoa sempre agitada. Na segunda, as vírgulas indicam que a criança está agitada naquele momento, sem que necessariamente ela o seja no seu dia-a-dia.

CAPÍTULO 2

DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO. FIGURAS

I) Denotação

Consultando o dicionário Houaiss, encontramos para a palavra **jóia** as seguintes definições:

1 objeto de metal precioso finamente trabalhado, em que muitas vezes se engastam pedras preciosas, pérolas etc. ou a que é aplicado esmalte, us. como acessório de vestuário, adorno de cabeça, pescoço, orelhas, braços, dedos etc.

2 Pedra preciosa de grande valor.

3 p. ext. qualquer objeto caro e trabalhado com arte (estatueta, relógio, cofre, vaso etc).

As definições são claras, precisas. Todas giram em torno de um objeto de valor. A partir dessas definições, podemos criar frases com muita segurança.

Ex.: *Essa jóia em seu pescoço está há várias gerações em nossa família.*
O rubi é uma jóia que encanta meus olhos.
Aquele vaso, provavelmente chinês, é uma jóia de raro acabamento.

A palavra **jóia,** presente nas três frases citadas, foi empregada em seus sentidos reais, primitivos. A isso se dá o nome de **denotação.**

II) Conotação

Voltando ao dicionário citado, encontramos na seqüência da leitura o seguinte:

4 fig. pessoa ou coisa muito boa e querida (sua sobrinha é uma jóia.

O próprio dicionarista nos dá um exemplo. Vejamos outras frases abaixo.

Ela é uma jóia de menina.
Que jóia esse cachorrinho!
Minha irmã se tornou uma jóia muito especial.

Observe que, em todas as frases, a palavra jóia extrapolou o sentido original de objeto caro. Ela está se referindo a pessoas e animais, que, na realidade, não podem ser jóias, se levarmos em conta o sentido denotativo do termo. Há uma comparação implícita em cada frase: bonito ou bonita como uma jóia. Dizemos então que se trata de **conotação**.

Vamos comparar as duas frases abaixo:

Comi uma fruta deliciosa.
Ela escreveu uma frase deliciosa.

Na primeira, o adjetivo **deliciosa** está empregado denotativamente, pois indica o gosto agradável da fruta; trata-se do sentido real do termo. Na segunda, o adjetivo não pode ser entendido "ao pé da letra", uma vez que frase não tem gosto, não tem sabor. É um emprego especial, estilístico da palavra **deliciosa.** Assim, ela está usada conotativamente.

Muitas vezes, as perguntas de interpretação se voltam para o emprego denotativo ou conotativo dos vocábulos. E mais: o entendimento global do texto pode depender disso. Leia-o, pois, com atenção. A leitura atenta é tudo.

III) Figuras de linguagem

As figuras constituem um recurso especial de construção, valorizando e embelezando o texto. Há questões de provas, inclusive em concursos públicos, que cobram, direta ou indiretamente, o emprego adequado da linguagem figurada. Vejamos as mais importantes, que você não pode desconhecer. Elas não serão, aqui, agrupadas de acordo com sua natureza: de palavras, de pensamento e de sintaxe. **Não** há importância nessa distinção, para interpretarmos um texto.

1) Comparação ou simile

Consiste, como o próprio nome indica, em comparar dois seres, fazendo uso de conectivos apropriados.

Ex.: *Esse liqüido é azedo como limão.*
A jovem estava branca qual uma vela.

2) Metáfora

Tipo de comparação em que não aparecem o conectivo nem o elemento comum aos seres comparados.

Ex.: *"Minha vida era um palco iluminado..." (Minha vida era alegre, bonita etc. como um palco iluminado.)*
Tuas mãos são de veludo. (Entenda-se: mãos macias como o veludo)
"A vida, manso lago azul..." (Júlio Salusse)

(Neste exemplo, nem o verbo aparece, mas é clara a idéia da comparação: a vida é suave, calma como um manso lago azul.)

3) Metonímia

Troca de uma palavra por outra, havendo entre elas uma relação real, concreta, objetiva. Há vários tipos de metonímia.

Ex.: *Sempre li Érico Veríssimo, (o autor pela obra)*
Ele nunca teve o seu próprio teto. (a parte pelo todo)
Cuidemos da infância. (o abstrato pelo concreto: infância / crianças)
Comerei mais um prato. (o continente pelo conteúdo)
Ganho a vida com meu suor. (o efeito pela causa)

4) Hipérbole

Consiste em exagerar as coisas, extrapolando a realidade.

Ex.: *Tenho milhares de coisas para fazer.*
Estava quase estourando de tanto rir.
Vive inundado de lágrimas.

5) Eufemismo

É a suavização de uma idéia desagradável. Chamado de linguagem diplomática.

Ex.: *Minha avozinha descansou. (morreu)*
Ele tem aquela doença. (câncer)
Você não foi feliz com suas palavras. (foi estúpido, grosseiro)

6) Prosopopéia ou personificação

Consiste em se atribuir a um ser inanimado ou a um animal ações próprias dos seres humanos.

Ex. *A areia chorava por causa do calor.*
As flores sorriam para ela.

7) Pleonasmo

Repetição enfática de um termo ou de uma idéia.

Ex.: *O pátio, ninguém pensou em lavá-lo. (lo = O pátio)*
Vi o acidente com olhos bem atentos. (Ver só pode ser com os olhos.)

8) Anacoluto

É a quebra da estruturação sintática, de que resulta ficar um termo sem função sintática no período. É parecido com um dos tipos de pleonasmo.

Ex.: *O jovem, alguém precisa falar com ele.*

Observe que o termo O **jovem** pode ser retirado do texto. Ele não se encaixa sintaticamente no período. Caso disséssemos **Com o jovem,** teríamos um pleonasmo: com o jovem = com ele.

9) Antítese

Emprego de palavras ou expressões de sentido oposto.

Ex.: *Era cedo para alguns e tarde para outros.*
"Não és bom, nem és mau: és triste e humano." (Olavo Bilac)

10) Sinestesia

Consiste numa fusão de sentidos.

Ex.: *Despertou-me um som colorido. (audição e visão)*
Era uma beleza fria. (visão e tato)

11) Catacrese

É a extensão de sentido que sofrem determinadas palavras na falta ou desconhecimento do termo apropriado. Essa extensão ocorre com base na analogia. Por isso, ela é uma variação da metáfora.

Ex.: *Leito do rio. Dente de alho. Barriga da perna. Céu da boca.*

Curiosas são as catacreses constituídas por verbos: embarcar num trem, enterrar uma agulha no dedo etc. Embarcar é entrar no barco, não no trem; enterrar é entrar na terra, não no dedo.

12) Hipálage

Adjetivação de um termo em vez de outro.

Ex.: *O nado branco dos cisnes o fascinou, (brancos são os cisnes)*
Acompanhava o vôo negro dos urubus, (negros são os urubus)

13) Quiasmo

Ao mesmo tempo repetição e inversão de termos, podendo haver algumas alterações.

Ex.: *"No meio do caminho tinha uma pedra tinha uma pedra no meio do caminho "(C. D. Andrade)*
"Vinhas fatigada e triste, e triste e fatigado eu vinha." (Olavo Bilac)

14) Silepse

Concordância anormal feita com a idéia que se faz do termo e não com o próprio termo. Pode ser:

a) de gênero

Ex.: *V Sa é bondoso.*

A concordância normal seria **bondosa,** já que **V. Sa** é do gênero feminino. Fez-se a concordância com a idéia que se possui, ou seja, trata-se de um homem.

b) de número

Ex.: *O grupo chegou apressado e conversavam em voz alta.*

O segundo verbo do período deveria concordar com **grupo.**

Mas a idéia de plural contida no coletivo leva o falante a botar o verbo no plural: conversavam. Tal concordância anormal não deve ser feita com o primeiro verbo.

c) de pessoa.

Ex.: *Os brasileiros somos otimistas.*

Em princípio, dir-se-ia são, pois o sujeito é de terceira pessoa do plural. Mas, por estar incluído entre os brasileiros, é possível colocar o verbo na primeira pessoa: somos.

15) Perífrase

Emprego de várias palavras no lugar de poucas ou de uma só.

Ex.: *"Se lá no assento etéreo onde subiste..." (Camões)*

assento etéreo = céu.

Morei na Veneza brasileira.

Veneza brasileira = Recife

Não provoque o rei dos animais.

rei dos animais = leão.

Obs.: Questões que envolvem perífrase pedem, freqüentemente, conhecimento independente do texto.

16) Assíndeto

Ausência de conectivo. É um tipo especial de elipse, que é a omissão de qualquer termo.

Ex.: *Entrei, peguei o livro, fui para a rede.*
Ligando as duas últimas orações, deveria aparecer a conjunção e.

17) Polissíndeto

Repetição da conjunção, geralmente e.

Ex.: *"Trejeita, e canta, e ri nervosamente." (Padre Antônio Tomás)*
"E treme, e cresce, e brilha, e afia o ouvido, e escuta." (Olavo Bilac)

18) Zeugma

Omissão de um termo, geralmente verbo, empregado anteriormente. Variação da elipse.

Ex.: *"A moral legisla para o homem; o direito, para o cidadão." (Tomás Ribeiro)*
"São estas as tradições das nossas linhagens; estes os exemplos de nossos avós." (Herculano)

Obs.:Na primeira frase, está subentendida a forma verbal **legisla;** na segunda, são.

19) Apóstrofe

Chamamento, invocação de alguém ou algo, presente ou ausente. Corresponde ao vocativo da análise sintática.

Ex.: *"Deus! ó Deus! onde estás que não respondes?!" (Castro Alves)*
"Erguei-vos, menestréis, das púrpuras do leito!" (Guerra Junqueiro)

20) Ironia

Consiste em dizer-se o contrário do que se quer. É figura muito importante para a interpretação de textos.

Ex.: *"Moça linda bem tratada, três séculos de família, burra como uma porta, um amor." (Mário de Andrade)*

Observe que, após chamar a moça de burra, o poeta encerra a estrofe com um **aparente** elogio: um amor.

21) Hipérbato

É a inversão da ordem dos termos na oração ou das orações no período.

Ex.: *"Aberta em par estava a porta." (Almeida Garrett)*
"Essas que ao vento vêm
Belas chuvas de junho!" (Joaquim Cardozo)

22) Anástrofe

Variante do hipérbato. Consiste em se inverter a ordem natural existente entre o termo determinado (principal) e o determinante (acessório).

Ex.: *Sentimos do vento a carícia.*
Determinado: a carícia
Determinante: do vento

Obs.: Nem sempre é simples a distinção entre hipérbato e anástrofe. Há certa discordância entre os especialistas do assunto.

23) Onomatopéia

Palavra que imita sons da natureza.

Ex.: *O ribombar dos canhões nos assustava.*
Não agüentava mais aquele tique-taque insistente.
"Não se ouvia mais que o plic-plic-plic-plic da agulha no pano." (Machado de Assis)

24) Aliteração

Repetição de fonemas consonantais.

Ex.: *Nem toda tarefa é tão tranqüila.*
"Ruem por terra as emperradas portas." (Bocage)
"Os teus grilhões estrídulos estalam." (Raimundo Correia)

Obs.: Nos dois últimos exemplos, as aliterações procuram reproduzir, sons naturais, constituindo-se também em onomatopéias.

25) Enálage

Troca de tempos verbais.

Ex.: *Se você viesse, ganhava minha vida mais entusiasmo,*
Agora que murcharam teus loureiros
Fora doce em teu seio amar de novo." (Álvares de Azevedo)

Obs.: Na primeira frase, **ganhava** está no lugar de **ganharia;** na segunda, **fora** substitui **seria.**

CAPÍTULO 3

COESÃO E COERÊNCIA. CONECTORES

I) Coesão e coerência

O texto é um conjunto harmônico de elementos, associados entre si por processos de coordenação ou subordinação. Os fonemas (sons da fala), representados graficamente pelas letras, se unem constituindo as palavras. Estas, por sua vez, ligam-se para formar as orações, que passam a se agrupar constituindo os períodos. A reunião de períodos dá origem aos parágrafos. Estes também se unem, e temos então o conjunto final, que é o texto.

No meio de tudo isso, há certos elementos que permitem que o texto seja inteligível, com suas partes devidamente relacionadas. Se a ligação entre as partes do texto não for bem feita, o sentido lógico será prejudicado. Observe atentamente o trecho seguinte.

Levantamos muito cedo. Fazia frio e a água havia congelado nas torneiras. Até os animais, acostumados com baixas temperaturas, permaneciam, preguiçosamente, em suas tocas. Apesar disso, deixamos de fazer nossa caminhada matinal com as crianças.

O trecho é composto por vários períodos, agrupados em dois segmentos distintos. No primeiro, fala-se do frio intenso e suas conseqüências; no segundo, a decisão de não fazer a caminhada matinal. O que aparece para fazer a ligação entre esses dois segmentos? A locução **apesar disso.** Ora, esse termo tem valor concessivo, liga duas coisas contraditórias, opostas; mas o que segue a ele é uma conseqüência do frio que fazia naquela manhã. Dessa forma, no lugar de **apesar disso,** deveríamos usar **por isso, por causa disso, em virtude disso** etc.

Conclui-se o seguinte: as partes do texto não estavam devidamente ligadas. Diz-se então que faltou coesão textual.

Conseqüentemente, o trecho ficou sem coerência, isto é, sem sentido lógico.

Resumindo, podemos dizer que a coesão é a ligação, a união entre partes de um texto; coerência é o sentido lógico, o nexo.

II) Elementos conectores

É extremamente importante, para que se penetre no texto, uma noção segura dos recursos de que a língua dispõe para estabelecer a coesão textual. Aliás, esse termo é ainda mais amplo: qualquer vínculo estabelecido entre as palavras, as orações, os períodos ou os parágrafos podemos chamar de coesão. Toda palavra ou expressão que se refere a coisas passadas no texto, ou mesmo às que ainda virão, são elementos conectores. Os termos a que eles se referem

podem ser chamados de referentes. Muita atenção, pois, com os conectores. Eis os mais importantes:

1) Pronomes pessoais, retos ou oblíquos

Ex.: *Meu filho está na escola.* ***Ele*** *tem uma prova hoje.*

Ele = meu filho (referente)

Carlos trouxe o memorando e ***o*** *entregou ao chefe.*

O = memorando (referente)

2) Pronomes possessivos

Ex.: *Pedro, chegou a* ***sua*** *maior oportunidade.*

Sua = Pedro (de Pedro)

3) Pronomes demonstrativos

Os demonstrativos estão entre os mais importantes conectores da língua portuguesa. Freqüentemente se criam questões de interpretação ou compreensão com base em seu emprego. Veja os casos seguintes.

a) *O filho está demorando, e* ***isso*** *preocupa a mãe.*

Isso = O filho está demorando.

b) ***Isto*** *preocupa a mãe: o filho está demorando.*

Isto = o filho está demorando.

Parecidos, não é mesmo? A diferença é que **isso** (esse, esses, essa, essas) é usado para fazer referência a coisas ou fatos passados no texto. **Isto** (este, estes, esta, estas) refere-se a coisas ou fatos que ainda aparecerão. Embora se faça uma certa confusão hoje em dia, o seu emprego adequado é exatamente o que acabamos de expor.

c) *O homem e a mulher estavam sorrindo.* ***Aquele*** *porque foi promovido;* ***esta*** *por ter recebido um presente.*

Aquele = homem

esta = mulher

Temos aqui uma situação especial de coesão: evitar a repetição de termos por meio do emprego de este (estes, esta, estas) e aquele (aqueles, aquela, aquelas). Não se usa, aqui, o pronome esse (esses, essa, essas). Com relação ao exemplo, a palavra **aquele** refere-se ao termo mais afastado (homem), enquanto

esta, ao mais próximo (mulher). Semelhante correlação também pode ser feita com numerais (primeiro e segundo) ou com pronomes indefinidos (um e outro).

4) Pronomes indefinidos

Ex.: *Naquela época, os homens, as mulheres, as crianças,* ***todos*** *acreditavam na vitória.*

todos = homens, mulheres, crianças

5) Pronomes relativos

Ex.: *Havia ali pessoas* ***que*** *me ajudavam.*

que = pessoas

No caso do pronome relativo, o seu referente costuma ser chamado de antecedente.

6) Pronomes interrogativos

Ex.: ***Quem*** *será responsabilizado? O rapaz do almoxarifado, por não ter conferido os materiais.*

Quem = rapaz do almoxarifado

7) Substantivos

Ex.: *José e Helena chegaram de férias. Crianças ainda, não entendem o que aconteceu com o professor.*

Crianças = José e Helena

8) Advérbios

Ex.: *A faculdade ensinou-o a viver. Lá se tornou um homem.*

Lá = faculdade

9) Preposições

As preposições ligam palavras dentro de uma mesma oração. Em casos excepcionais, ligam duas orações. Elas não possuem referentes no texto, simplesmente estabelecem vínculos.

Ex.: *Preciso de ajuda.*

Morreu de frio.

Nas duas frases, a preposição liga um verbo a um substantivo. Na primeira, em que introduz um objeto indireto (complemento verbal com

preposição exigida pelo verbo), ela é destituída de significado. Diz-se que tem apenas valor relacional. Na segunda, em que introduz um adjunto adverbial, ela possui valor semântico ou nocional, uma vez que a expressão que ela inicia tem um valor de causa. Veja, a seguir, os principais valores semânticos das preposições.

• De causa

Ex.: *Perdemos tudo* ***com*** *a seca.*

• De matéria

Ex.: *Trouxe copos* ***de*** *papel.*

• De assunto

Ex.: *Falavam* ***de*** *política.*

• De fim ou finalidade

Ex.: *Vivia* ***para*** *o estudo.*

• De meio

Ex.: *Falaram* ***por*** *telefone.*

• De instrumento

Ex.: *Feriu-se* ***com*** *a tesoura.*

• De condição

Ex.: *Ele não vive* ***sem*** *feijão.*

• De posse

Ex.: *Achei o livro* ***de*** *André.*

• De modo

Ex.: *Agiu* ***com*** *tranqüilidade.*

• De tempo

Ex.: *Retornaram* ***de*** *manhã.*

• De companhia

Ex.: *Passeou* ***com*** *a irmã.*

• De afirmação

Ex.: *Irei **com** certeza.*

• De lugar

Ex.: *Ele veio **de** casa.*

10) Conjunções e locuções conjuntivas

Conjunção é a palavra que liga duas orações ou, em poucos casos, dois elementos de mesma natureza. Pode-se entender também como a palavra que introduz uma oração, que pode ser coordenada ou subordinada. Não vai nos interessar aqui essa distinção. Se desejar, consulte o nosso livro Português para Concursos.

É sumamente importante para a interpretação e a compreensão de textos o conhecimento das conjunções e locuções correspondentes.

Chamaremos a todas, simplesmente, conjunções.

Da mesma forma que as preposições, as conjunções não têm referentes propriamente ditos. Cumpre reconhecer o valor de cada uma, para que se entenda o sentido das orações em português e, conseqüentemente, do texto em que elas aparecem.

Conjunções coordenativas

São as que iniciam orações coordenadas. Podem ser:

1) Aditivas: estabelecem uma adição, somam coisas ou orações de mesmo valor.

Principais conjunções: e, nem, mas também, como também, senão também, como, bem como, quanto.

Ex.: *Fechou a porta **e** foi tomar café.*
*Não trabalha **nem** estuda.*
Tanto lê como escreve.
*Não só pintava, **mas também** fazia versos.*
*Não somente lavou, **como também** escovou os cães.*

2) Adversativas: estabelecem idéias opostas, contrastantes.

Principais conjunções: mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante, senão, que.

Ex.: *Correu muito, **mas** não se cansou.*
*As árvores cresceram, **porém** não estão bonitas.*
*Falou alto, **todavia** ninguém escutou.*
*Chegamos com os alimentos, **no entanto** não estavam com fome.*
*Não o culpo, **senão** a você.*
*Peça isso a outra pessoa, **que** não a mim.*

Observações

a) Em todas as frases há idéia de oposição. Se a pessoa corre muito, deve ficar cansada. A palavra **mas** introduz uma oração que contraria isso. O mesmo ocorre com as outras conjunções e suas respectivas orações.

b) Às vezes, a palavra e, normalmente aditiva, assume valor adversativo.

Ex.: *Fiz muito esforço e nada consegui,* **(mas** nada consegui)

3) Conclusivas: estabelecem conclusões a partir do que foi dito inicialmente.

Principais conjunções: logo, portanto, por conseguinte, pois (colocada depois do verbo), por isso, então, assim, em vista disso.

Ex.: *Chegou muito cedo,* ***logo*** *não perdeu o início do espetáculo.*
Todos foram avisados, ***portanto*** *não procedem as reclamações.*
É bastante cuidadoso; consegue, ***pois,*** *bons resultados.*
Estava desanimado, ***por conseguinte*** *deixou a empresa.*
É trabalhador, ***então*** *só pode ser honesto.*

4) Alternativas: ligam idéias que se alternam ou mesmo se excluem.

Principais conjunções: ou, ou...ou, ora...ora, já...já, quer...quer.

Ex.: *Faça sua parte,* ***ou*** *procure outro emprego.*

Ora *narrava,* ***ora*** *comentava.*

"Já atravessa as florestas, já chega aos campos do Ipu." (José de Alencar)

5) Explicativas: explicam ou justificam o que se diz na primeira oração.

Principais conjunções: porque, pois, que, porquanto.

Ex.: *Chorou muito,* ***porque*** *os olhos estão inchados.*
Choveu durante a madrugada, ***pois*** *o chão está alagado.*
Volte logo, ***que*** *vai chover.*
Era uma criança estudiosa, ***porquanto*** *sempre tirava boas notas.*

Observações

a) Essas conjunções também podem iniciar orações subordinadas causais, como veremos adiante.

b) Depois de imperativo, elas só podem ser coordenativas explicativas, como no terceiro exemplo.

Conjunções subordinativas

São as que iniciam as orações subordinadas. Podem ser:

1) Causais: iniciam orações que indicam a causa do que está expresso na oração principal.

Principais conjunções: porque, pois, que, porquanto, já que, uma vez que, como, visto que, visto como.

Ex.: *O gato miou **porque** pisei seu rabo.*
*Estava feliz **pois** encontrou a bola.*
*Triste **que** estava, não quis passear.*
*Já **que** me pediram, vou continuar.*
*Visto **que** vai chover, sairemos agora mesmo.*
***Como** fazia frio, pegou o agasalho.*

2) Condicionais: introduzem orações que estabelecem uma condição para que ocorra o que está expresso na oração principal.

Principais conjunções: se, caso, desde que, a menos que, salvo se, sem que, contanto que, dado que, uma vez que.

Ex.: *Explicarei a situação, **se** isso for importante para todos.*
***Caso** me solicitem, escreverei uma nova carta.*
*Você será aprovado, **desde que** se esforce mais.*
***Sem que** digas a verdade, não poderemos prosseguir.*
***Contanto que** todos participem da reunião, os projetos serão apresentados.*
***Uma** vez **que** ele tente, poderá alcançar o objetivo.*

3) Concessivas: começam orações com valor de concessão, isto é, idéia contrária à da oração principal. Cuidado especial com essas conjunções! Elas são bastante cobradas em questões de provas.

Principais conjunções: embora, ainda que, mesmo que, conquanto, posto que, se bem que, por mais que, por menos que, suposto que, apesar de que, sem que, que, nem que.

Ex.: ***Embora** gritasse, não foi atendido.*
*Perderia a condução **mesmo que** acordasse cedo.*
***Conquanto** estivesse com dores, esperou pacientemente.*
***Posto que** me tenham convidado com insistência, não quis participar.*
***Por mais que** tentem explicar, o caso continua confuso.*
***Sem que** tenha grandes virtudes, é adorado por todos.*
*Doente **que** estivesse, participaria da maratona.*
*Fale, **nem que** seja por um minuto apenas.*

4) Comparativas: introduzem orações com valor de comparação.

Principais conjunções: como, (do) que, qual, **quanto,** feito, que nem.

Ex.: *Ele sempre foi ágil* ***como*** *o pai.*
Maria estuda mais ***que*** *a irmã.* (ou do que)
Nada o entristecia tanto ***quanto*** *o sofrimento de seu povo.*
Estava parado ***feito*** *uma estátua.*
Rastejávamos ***que nem*** *serpentes.*
Ele agiu tal ***qual*** *eu lhe pedira.*

Observações

a) Geralmente o verbo da oração comparativa é o mesmo da principal e fica subentendido. É o que ocorre nos cinco primeiros exemplos.

b) As conjunções **feito** e **que nem** são de emprego coloquial.

5) Conformativas: principiam orações com valor de acordo em relação à principal.

Principais conjunções: conforme, segundo, consoante, como.

Ex.: *Fiz tudo* ***conforme*** *me solicitaram.*
Segundo *nos contaram, o jogo foi anulado.*
Pedro tomou uma decisão ***consoante*** *determinava a sua consciência.*
Carlos é inteligente ***como*** *os pais sempre afirmaram.*

6) Consecutivas: iniciam orações com valor de conseqüência.

Principais conjunções: que (depois de tão, tal, tanto, tamanho, claros ou ocultos), de sorte que, de maneira que, de modo que, de forma que.

Ex.: *Falou tão alto* ***que*** *acordou o vizinho.*
Gritava ***que*** *era uma barbaridade.* (Gritava tanto...)
Eu lhe expliquei tudo, ***de modo que*** *não há motivos para discussão.*

7) Proporcionais: começam orações que estabelecem uma proporção.

Principais conjunções: à proporção que, à medida que, ao passo que, quanto (em correlações do tipo quanto mais...mais, quanto menos...menos, quanto mais...menos, quanto menos...mais, quanto maior...maior, quanto menor...menor).

Ex.: *Seremos todos felizes* ***à proporção que*** *amarmos.*
À medida que *o tempo passava, crescia a nossa expectativa.*
O ar se tornava rarefeito ***ao passo que*** *subíamos a montanha.*
Quanto *mais nos preocuparmos, mais ficaremos nervosos.*
Quanto *menos estudamos, menos progredimos.*
Quanto *maior for o preparo, maior será a oportunidade.*

8) Finais: introduzem orações com valor de finalidade.

Principais conjunções: para que, a fim de que, que, porque.

Ex.: *Fechou a porta **para que** os animais não entrassem.*
*Trarei minhas anotações **a fim de que** você me ajude.*
*Faço votos **que** sejas feliz.* (= para que)
*Esforcei-me **porque** tudo desse certo.* (= para que)

9) Temporais: introduzem orações com valor de tempo.

Principais conjunções: quando, assim que, logo que, antes que, depois que, mal, apenas, que, desde que, enquanto.

Ex.: *Cheguei **quando** eles estavam saindo.*
***Assim que** anoiteceu, fomos para casa.*
*Sentiu-se aliviado **depois que** tomou o remédio.*
***Mal** a casa foi reformada, a família se mudou.*
*Hoje, **que** não tenho tempo, chegaram as propostas.*
*Estávamos lá **desde que** ele começou a lecionar.*
***Enquanto** o filho estudava, a mãe fazia comida.*

10) Integrantes: são as únicas desprovidas de valor semântico; iniciam orações que completam o sentido da outra; tais orações são chamadas de subordinadas substantivas.

São apenas duas: que e se

Ex.: *É bom **que** o problema seja logo resolvido..*
*Veja **se** ele já chegou.*

Obs.:As palavras **que** e **se,** nos exemplos acima, iniciam orações que funcionam, respectivamente, como sujeito e objeto direto da oração principal.

Observações finais

a) Apesar de e **em que pese a** são locuções prepositivas com valor de concessão. Ligam palavras dentro de uma mesma oração ou introduzem orações reduzidas de infinitivo.

Ex.: ***Apesar** do aviso de perigo, ele resolveu escalar a montanha.*
***Apesar de** ventar muito, fomos para a pracinha.*
*Em **que pese a** vários pedidos do gerente, o caixa não fez serão.*
*Em **que pese a** ter treinado bem, foi colocado na reserva.*

b) Algumas conjunções coordenativas às vezes ligam palavras dentro de uma mesma oração.

Ex. *Carlos **e** Rodrigo são irmãos.*
*Não encontrei Sérgio **nem** Regina.*
*Comprarei uma casa **ou** um apartamento.*

Casos especiais

Você deve ter percebido que algumas conjunções têm valores semânticos diversos. Vamos destacar algumas abaixo. A classificação de suas orações depende disso, porém **o mais importante *é o* sentido da frase.**

<u>Mas</u>

a) Coordenativa adversativa

Ex.: *Pediu, **mas** ninguém atendeu.*

b) Coordenativa aditiva (seguida de **também;** eqüivale a **como)**

Ex.: *Não só dá aulas, **mas** também escreve.* (= Dá aulas e escreve)

a) Coordenativa aditiva

Ex.: *Voltou **e** brincou com o cachorro.*

b) Coordenativa adversativa

Ex.: *Leu o livro, **e** não entendeu nada.* (= mas)

<u>Pois</u>

a) Coordenativa conclusiva

Ex.: *Trabalhou a tarde inteira; estava, **pois,** esgotado.* (= portanto)

b) Coordenativa explicativa

Ex.: *Traga o jornal, **pois** eu quero ler.*

c) Subordinativa causal

Ex.: *A planta secou **pois** não foi regada.*

<u>Como</u>

a) Coordenativa aditiva

Ex.: *Tanto ria **como** chorava.* (= Ria e chorava)

b) Subordinativa causal

Ex.: ***Como*** *passou mal, desistiu do passeio.* (= Porque)

c) Subordinativa comparativa

Ex.: *Era alto* ***como*** *um poste.* (= que nem)

d) Subordinativa conformativa

Ex.: *Alterei a programação,* ***como*** *o chefe determinara.* (= conforme)

Porque

a) Coordenativa explicativa

Ex.: *Não faça perguntas,* ***porque*** *ele ficará zangado.*

b) Subordinativa causal

Ex.: *As frutas caíram* ***porque*** *estavam maduras.*

c) Subordinativa final

Ex.: ***Porque*** *meu filho fosse feliz, fui para outra cidade.* (= para que)

Uma vez que

a) Subordinativa causal

Ex.: *Fiz aquela declaração* ***uma*** *vez* ***que*** *estava sendo pressionado.* (= porque)

b) Subordinativa condicional

Ex.: **Uma** vez **que** mude de hábitos, poderá ser aceito no grupo. (= Se mudar de hábitos)

Se

a) Subordinativa condicional

Ex.: ***Se*** *forem discretos, agradarão a todos.* (= Caso sejam discretos)

b) Subordinativa integrante

Ex.: *Diga-me* ***se*** *está na hora.*

Desde que

a) Subordinativa condicional

Ex.: ***Desde que*** *digam a verdade, não haverá problemas.*

b) Subordinativa temporal

Ex.: *Conheço aquela jovem* ***desde que*** *ela era um bebê.*

Sem que

a) Subordinativa condicional

Ex.: *Não será possível o acordo, sem* ***que*** *haja um debate equilibrado.* (= se não houver...)

b) Subordinativa concessiva

Ex.: ***Sem que*** *fizesse muito esforço, foi aprovado no concurso.* (= Embora não fizesse...)

Porquanto

a) Coordenativa explicativa

Ex.: *Ele deve ter chorado,* ***porquanto*** *seus olhos estão vermelhos.*

b) Subordinativa causal

Ex.: *Ficamos animados* ***porquanto*** *houve progresso no*

tratamento.

Quanto

a) Coordenativa aditiva

Ex.: *Eles tanto criticam* ***quanto*** *incentivam.* (= Eles criticam e incentivam)

b) Subordinativa comparativa

Ex.: *Ele se preocupa tanto* ***quanto*** *o médico.*

Que

a) Coordenativa adversativa

Ex.: *Diga tal coisa a outro,* ***que*** *não a ele. (= mas não a ele)*

b) Coordenativa explicativa

Ex.: *Faça as anotações,* ***que*** *você estudará melhor.*

c) Subordinativa causal

Ex.: *Nervoso* ***que*** *se encontrava, não conseguiu assinar o documento.*

d) Subordinativa concessiva

Ex.: *Sujo* ***que*** *estivesse, deitaria na poltrona. (= embora)*

e) Subordinativa comparativa

Ex.: *É mais trabalhador* ***que*** *o tio.*

f) Subordinativa consecutiva

Ex.: *Era tal seu medo* ***que*** *fugiu.*

g) Subordinativa final

Ex.: *Ele me fez um sinal* ***que*** *eu não dissesse nada. (= para que)*

h) Subordinativa temporal

Ex.: *Agora,* ***que*** *já tomaste o remédio, sairemos. (= quando)*

I) Subordinativa integrante

Ex.: *Queria* ***que*** *todos fossem felizes.*

CAPÍTULO 4

TIPOLOGIA TEXTUAL

Veremos neste capítulo apenas o essencial da tipologia, aquilo que, de uma forma ou de outra, costuma ser cobrado em questões de interpretação ou compreensão de textos. São, portanto, noções que podem ajudá-lo a acertar determinados tipos de testes.

I) Descrição

Um texto se diz descritivo quando tem por base o objeto, a coisa, a pessoa. Mostra detalhes, que podem ser físicos, morais, emocionais, espirituais. Nota-se que a intenção é realmente descrever, daí a palavra descrição. Veja o exemplo abaixo:

> "Diante dela e todo a contemplá-la, está um guerreiro estranho, se é guerreiro e não algum mau espírito da floresta. Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar, nos olhos o azul triste das águas profundas. Ignotas armas e tecidos ignotos cobrem-lhe o corpo." (José de Alencar, Iracema)

Uma característica marcante da descrição é a forte adjetivação que leva o leitor a visualizar o ser descrito. No trecho em estudo, o homem visto por Iracema é branco, tem olhos tristes (veja que bela hipálage criou o autor: azul triste em vez de olhos tristes); as águas são profundas, e os tecidos e armas, ignotos, ou seja, desconhecidos. Observe como a palavra todo revela a perplexidade do guerreiro, extático a observar a jovem índia à sua frente.

Veja, agora, outro exemplo de trecho descritivo, na realidade uma autodescrição.

> "Meus cabelos eram muito bonitos, dum negro quente, acastanhado nos reflexos. Caíam pelos meus ombros em cachos gordos, com ritmos pesados de molas de espiral." (Mário de Andrade, Tempo da Camisolinha)

II) Narração

Quando o texto está centrado no fato, no acontecimento, diz-se que se trata de uma narração. Palavra derivada do verbo **narrar,** narração é o ato de contar alguma coisa. Novelas, romances, contos são textos basicamente narrativos. São os seguintes os elementos de uma narração:

1) Narrador

É aquele que narra, conta o que se passa supostamente aos seus olhos. Quando participa da história, é chamado de narradorpersonagem. Então a narrativa fica, normalmente, em 1ª pessoa.

2) Personagens

São os elementos, usualmente pessoas, que participam da história. Mas os personagens podem ser coisas ou animais, como no romance O Trigo e o Joio, de Fernando Namora, em que o personagem principal, isto é, protagonista, é uma burra.

3) Enredo

É a história propriamente dita, a trama desenvolvida em torno dos personagens.

4) Tempo

O momento em que a história se passa. Pode ser presente, passado ou futuro.

5) Ambiente

O lugar em que a trama se desenvolve. Pode, naturalmente, variar muito, no desenrolar da narrativa. Eis, a seguir, um bom exemplo de texto narrativo, em que todos os elementos se fazem presentes.

> "Muitos anos mais tarde, Ana Terra costumava sentar-se na frente de sua casa para pensar no passado. E no seu pensamento como que ouvia o vento de outros tempos e sentia o tempo passar, escutava vozes, via caras e lembrava-se de coisas... O ano de 81 trouxera um acontecimento triste para o velho Maneco: Horácio deixara a fazenda, a contragosto do pai, e fora para o Rio Pardo, onde se casara com a filha dum tanoeiro e se estabelecera com uma pequena venda." (Érico Veríssimo, O Tempo e o Vento)

O trecho do grande romance de Érico Veríssimo está situado no tempo (81), faz menção a lugares onde a trama se desenvolve e apresenta personagens, como Ana Terra e Seu Maneco. E, é claro, alguém está contando: é o narrador da história.

Veja mais um exemplo de narração, agora com o narradorpersonagem.

> "Hoje estive na loja de Seu Chamun, uma tristeza. Poeira e cisco por toda parte, qualquer dia vira monturo. Os dois empregados do meu tempo foram embora, não sei se dispensados, e o dono não tem disposição para limpar." (José J. Veiga, Sombras de Reis Barbudos)

III) Discurso

Os personagens que participam da história evidentemente falam. É o que se conhece como discurso, que pode ser:

1) Direto

O narrador apresenta a fala do personagem, integral, palavra por palavra. Geralmente se usam dois pontos e travessão.

Ex.: *O funcionário disse ao patrão:*
- Espero voltar no final do expediente.

Rui perguntou ao amigo:
- Posso chegar mais tarde?

2) Indireto

O narrador incorpora à sua fala a fala do personagem. O sentido é o mesmo do discurso direto, porém é utilizada uma conjunção integrante **(que** ou se) para fazer a ligação.

Ex.: *O funcionário disse ao patrão que esperava voltar no final do expediente.*
Rui perguntou ao amigo se poderia chegar mais tarde.

Obs.: O conhecimento desse assunto é muito importante para as questões que envolvem as paráfrases. Cuidado, pois, com o sentido. Procure ver se está sendo respeitada a correlação entre os tempos verbais e entre determinados pronomes. Abaixo, outro exemplo, bem elucidativo.

Minha colega me afirmou:
- Estarei aqui, se você precisar de mim.

Minha colega me afirmou que estaria lá se eu precisasse dela.

O sentido é, rigorosamente, o mesmo. Foi necessário fazer inúmeras adaptações.

3) Indireto livre

É praticamente uma fusão dos dois anteriores. Percebe-se a fala do personagem, porém sem os recursos do discurso direto (dois pontos e travessão) nem do discurso indireto (conjunções que ou se).
Ex.: Ele caminhava preocupado pela avenida deserta. Será que vai chover, logo hoje, com todos esses compromissos!?

IV) Dissertação

Um texto é dissertativo quando tem como centro a idéia. É, pois, argumentativo, opinativo. Geralmente é o que se cobra em concursos públicos, tanto em interpretação de textos quanto na elaboração de redações. Divide-se em:

1) Introdução

Período de pouca extensão em que se apresenta uma idéia, uma afirmação que será desenvolvida nos parágrafos seguintes. É nele que se localiza o chamado tópico frasal, aquele período-chave em que se baseia todo o texto.

2) Desenvolvimento

Um ou mais parágrafos de extensão variada, de acordo com a necessidade da composição. É nele que se argumenta, discute, opina, rebate. É o corpo da redação.

3) Conclusão

Parágrafo curto com que se encerra a descrição. É também chamado de fecho. Há várias modalidades de conclusão: resumo da redação, citação de alguém famoso, opinião final contundente etc. Veja exemplo de trechos dissertativos.

> "De muitas maneiras, o emprego de alto funcionário público é um sacerdócio, porém pior, pois é exercido sob os olhares atentos da imprensa. O cidadão comum, tornado autoridade, transforma-se, do dia para a noite, numa espécie de âncora de noticiário. Não deve gaguejar, improvisar nem correr riscos em temas polêmicos." (Gustavo Franco, na Veja 1782)

> "Entende-se por juízo um pensamento por meio do qual se afirma ou nega alguma coisa, se enuncia algo; serve para estabelecer relação entre duas idéias. Emitir um juízo é o mesmo que julgar. A inteligência opera por meio de juízos; raciocinar consiste em encadear juízos para tirar uma conclusão." (Carlos Toledo Rizzini, Evolução para o Terceiro Milênio)

> "Insistamos sobre esta verdade: a guerra de Canudos foi um refluxo em nossa história. Tivemos, inopinadamente, ressurreta e em armas em nossa frente, uma sociedade velha, uma sociedade morta, galvanizada por um doido." (Euclides da Cunha, Os Sertões)

Observações

a) Um texto, às vezes, apresenta tipologia mista. Uma narração, por exemplo, pode conter traços dissertativos ou descritivos. Aliás, isso é freqüente. Não há rigor absoluto.

b) Se destacamos apenas um trecho de uma determinada obra, compreensivelmente todos os elementos que caracterizam sua tipologia podem não estar presentes. Por exemplo, os três trechos dissertativos apresentados, sendo parágrafos isolados, não contêm introdução, desenvolvimento e conclusão, o que não impede que os classifiquemos daquela forma.

c) O tema costuma sugerir uma determinada tipologia, mas também aqui não há nada de absoluto. Digamos que se queira escrever sobre um passeio. A princípio, pensa-se numa narração. Porém, o autor pode prender-se a detalhes do lugar, das pessoas, do transporte utilizado etc. Teríamos então uma descrição. Por outro lado, ele pode falar da importância do lazer na vida das pessoas, para a sua saúde física ou mental etc. Dessa forma, desenvolvendo idéias, cairíamos em uma dissertação.

CAPÍTULO 5

SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS

Veremos, neste capítulo, coisas importantes sobre a significação de palavras e expressões, que podem influir, direta ou indiretamente, na interpretação de um texto. Trata-se, em verdade, da semântica, à qual podemos somar a denotação e a conotação, vistas em outra parte da obra.

I) Campos semânticos

As palavras podem associar-se de várias maneiras. Quando se relacionam pelo sentido, temos um campo semântico. Não se trata de sinônimos ou antônimos, mas de aproximação de sentido num dado contexto.

Ex.: *perna, braço, cabeça, olhos, cabelos, nariz -> partes do corpo humano*
azul, verde, amarelo, cinza, marrom, lilás - cores
martelo, serrote, alicate, torno, enxada -> ferramentas
batata, abóbora, aipim, berinjela, beterraba -> legumes

Observações

a) Também constituem campos semânticos palavras como flor, jardim, perfume, terra, espinho, embora não pertençam a um grupo delimitado; mas a associação entre elas é evidente.

b) As palavras podem pertencer a campos semânticos diferentes. Veja o caso de **abóbora,** citada há pouco. Ela também serve para indicar cor, o que a colocaria no segundo grupo de palavras.

II) Polissemia

É a capacidade que as palavras têm de assumir significados variados de acordo com o contexto. Não se trata de homonímia, que estudaremos adiante.

Ex.: *Ele anda muito. Mário anda doente. Aquele executivo só anda de avião. Meu relógio não anda mais.*

O verbo **andar** tem origem no latim *ambulare.* Possui inúmeros significados em português, dos quais destacamos apenas quatro. Trata-se, pois, de uma mesma palavra, de uso diverso na língua. Nas frases do exemplo, significa, respectivamente, caminhar, estar, viajar e funcionar.

III) Sinonímia

Outro item de suma importância para a interpretação de textos. Há sinonímia quando duas ou mais palavras têm o mesmo significado em determinado contexto. Diz-se, então, que são sinônimos.

Ex.: *O comprimento da sala é de oito metros.*
A extensão da sala é de oito metros.

A substituição de **comprimento** por **extensão** não altera o sentido da frase, pois os termos são sinônimos.

Em verdade, as palavras são sinônimas em certas situações, mas podem não ser em outras. É a riqueza da língua portuguesa falando mais alto. Pode-se dizer, em princípio, que face e rosto são dois sinônimos: ela tem um belo rosto, ela tem uma bela face. Mas não se consegue fazer a troca de face por rosto numa frase do tipo: em face do exposto, aceitarei.

IV) Antonímia

Requer os mesmos cuidados da sinonímia. Na realidade, tudo *é* uma questão de bom vocabulário. Antonímia é o emprego de palavras de sentido contrário, oposto.

Ex.: *É um menino corajoso.*
É um menino medroso.

V) Homonímia

Diz-se que há homonímia quando duas ou mais palavras possuem identidade de pronúncia (homônimos homófonos) ou de grafia (homônimos homógrafos). Em alguns casos, as palavras possuem iguais a pronúncia e a grafia (homônimos perfeitos). A classificação em si não é importante, mas sim o significado das palavras.

Ex.: *ceda - seda -> homônimos homófonos*
peso (A) -> peso (ê) -> homônimos homógrafos
pena - pena -> homônimos perfeitos (ou homófonos e homógrafos)

Homônimos homófonos mais importantes

acender - pôr fogo a	ascender - elevar-se
acento - inflexão da voz	assento - objeto onde se senta
asado - com asas	azado – oportuno
caçar - perseguir	cassar – anular
cegar - tirar a visão	segar - ceifar, cortar
cela - cômodo pequeno	sela – arreio
censo - recenseamento	senso – juízo
cerração - nevoeiro	serração - ato de serrar
cheque - ordem de pagamento	xeque - lance do jogo de xadrez
cidra - certa fruta	sidra - um tipo de bebida

conserto - reparo	concerto – harmonia
estático - firme, parado	extático - em êxtase
espiar - olhar	expiar – sofrer
estrato - camada; tipo de nuvem	extrato - que se extraiu
passo - passada	paço - palácio imperial
incerto - duvidoso	inserto – inserido
incipiente - que está no início	insipiente - que não sabe
lasso - cansado	laço - tipo de nó
remissão - perdão	remição - resgate
seda - tipo de tecido	ceda - flexão do verbo ceder
taxa - imposto	tacha - tipo de prego
viagem - jornada	viajem - flexão do verbo viajar

VI) Paronímia

Emprego de parônimos, palavras muito parecidas e que confundem as pessoas.

Ex.: *O tráfego era intenso naquela estrada.*
O tráfico de escravos é uma nódoa em nossa história.

As palavras **tráfego** e **tráfico** são parecidas, mas não se trata de homônimos, pois a pronúncia e a grafia são diferentes. Tráfego é movimento de veículo; tráfico, comércio.

Parônimos mais importantes

amoral - sem o senso da moral	imoral - contrário à moral
apóstrofe - chamamento	apóstrofo - tipo de sinal gráfico
arrear - pôr arreios	arriar – abaixar
astral - dos astros	austral - que fica no sul
cavaleiro - que anda a cavalo	cavalheiro – gentil
comprimento - extensão	cumprimento – saudação
conjetura - hipótese	conjuntura – situação
delatar - denunciar	dilatar – alargar
descrição - ato de descrever	discrição - qualidade de discreto
descriminar - inocentar	discriminar – separar
despercebido - sem ser notado	desapercebido – desprevenido
destratar - insultar	distratar – desfazer
docente - professor	discente – estudante
emergir - vir à tona, sair	imergir – mergulhar
emigrar - sair de um país	imigrar - entrar em um país
eminente - importante	iminente - que está para ocorrer
esbaforido - ofegante	espavorido – apavorado
estada - permanência de alguém	estadia - permanência de veículo
facundo – eloqüente	fecundo - fértil; criador

flagrante - evidente	fragrante - aromático
fluir - correr; manar	fruir -desfrutar
inerme - desarmado	inerte - parado
inflação - desvalorização	infração - transgressão
infligir - aplicar pena	infringir - transgredir
intemerato - puro	intimorato - corajoso
lactante - que amamenta	lactente - que mama
lista - relação	listra - linha, risco
locador - proprietário	locatário - inquilino
lustre - candelabro	lustro - cinco anos; brilho
mandado - ordem judicial	mandato - procuração
pleito - disputa	preito - homenagem
preeminente - nobre, distinto	proeminente - saliente
prescrever - receitar; expirar (prazo)	proscrever - afastar, desterrar
ratificar - confirmar	retificar - corrigir
sortir - abastecer	surtir - resultar
sustar - suspender	suster - sustentar
tráfego - movimento de veículo	tráfico - comércio
usuário - aquele que	usa usurário - avarento; agiota
vultoso - grande	vultuoso - vermelho e inchado

VII) Palavras e expressões latinas

Em português, freqüentemente aparecem termos emprestados do latim, e isso pode dificultar o entendimento do texto.

Veja os mais importantes.

ab initio - desde o princípio

ad hoc - para isso

ad referendum - sujeito à aprovação

ad usum - segundo o costume

a priori - antes de qualquer argumento

a posteriori - após argumentação

apud - junto de

curriculum vitae - correr de vida, conjunto de informações pessoais

data venia - com a devida permissão

errata - especificação dos erros de impressão

et alii - e outros

ex abrupto - de súbito

ex cathedra - em virtude de autoridade decorrente do título

ex consensu - com o consentimento

ex jure - segundo o direito, por justiça

ex officio - por obrigação de lei, por dever do cargo

exempli gratia - por exemplo

ex lege - de acordo com a lei

fac-simile - cópia

habeas-corpus - liberdade de locomoção ,

hic et nunc - aqui e agora

honoris causa - por motivo de honra

ibidem - no mesmo lugar

idem - igualmente, também

in limine - preliminarmente

in loco - no lugar

in totum - totalmente

ipsis litteris - pelas mesmas letras, textualmente”

ipsis verbis - pelas mesmas palavras, textualmente

ipso facto - por isso mesmo, pelo próprio fato

ipso jure - de acordo com o direito

lato sensu - em sentido amplo

mutatis mutandis - mudando o que deve ser mudado

opus - obra musical classificada e numerada

pari passu - simultaneamente

passim - aqui e ali, em toda parte

prima facie - à primeira vista, sem maior exame

pro labore - pagamento por serviço prestado

r sic - assim mesmo, escrito desta maneira

sine die - sem data fixa

sine jure - sem direito

sine qua non - indispensável

sub judice - sob apreciação judicial

sui generis - peculiar, sem igual

stricto sensu - em sentido restrito

urb et orbi - em toda a parte

verbi gratia - por exemplo

verbo ad verbum - palavra por palavra

CAPÍTULO 6

A PRÁTICA

Neste capítulo, vamos treinar um pouco, mostrando variados tipos de questões de interpretação e compreensão de texto.

Texto I

Salustiano era um bom garfo. Mas o jantar que lhe haviam oferecido nada teve de abundante.
- Quando voltará a jantar conosco? - perguntou-lhe a dona da casa.
- Agora mesmo, se quiser.
(Barão de Itararé, in Máximas e Mínimas do Barão de Itararé)

1) A figura de linguagem presente no primeiro período do texto é:

a) hipérbole
b) eufemismo
c) prosopopéia
d) metonímia
e) antítese

2) Deduz-se do texto que Salustiano:

a) come pouco.
b) é uma pessoa educada.
c) não ficou satisfeito com o jantar.
d) é um grande amigo da dona da casa.
e) decidiu que não mais comeria naquela casa.

3) O adjetivo que não substitui sem alteração de sentido a palavra "abundante" é:

a) copiosa
b) frugal
c) opípara
d) lauta
e) abundosa

Respostas

1) O gabarito é a letra **d**. Temos aqui um tipo de metonímia. Há uma troca: ser um bom garfo / comer bem. Há muitas questões hoje em dia envolvendo as

figuras de linguagem. Estude bem o segundo capítulo, onde elas aparecem. Note que este tipo de metonímia não é fácil, porém, conhecendo bem as outras figuras, dá para fazer por eliminação.

2) A resposta é a letra **c**. A letra **a** é eliminada, pois ser um bom garfo é comer muito. A letra **b** é errada, pois, se ele fosse realmente educado, não teria dado aquela resposta no final do texto, evidenciando a sua insatisfação. Nada no texto sugere que ele seja um grande amigo da dona da casa, o que descarta a alternativa d. A opção **e** pode ser desconsiderada, uma vez que, embora insatisfeito, ele não diz que jamais comerá naquela casa; aliás, chega mesmo a aceitar o novo convite. O gabarito só pode ser a letra c, pois ele era um bom garfo e a comida era pouca, o que o levou a querer repeti-la, aceitando o convite.

3) Questão de sinonímia. A palavra **frugal** é o oposto de **abundante.** As outras quatro são sinônimas de **abundante.** Daí o gabarito ser a letra **b**.

Texto II

A mulher foi passear na capital. Dias depois o marido dela recebeu um telegrama: "Envie quinhentos cruzeiros. Preciso comprar uma capa de chuva. Aqui está chovendo sem parar".
E ele respondeu:
"Regresse. Aqui chove mais barato".
(Ziraldo, in As Anedotas do Pasquim)

1) A resposta do homem se deu por razões:

a) econômicas
b) sentimentais
c) lúdicas
d) de segurança
e) de machismo

2) Com relação à tipologia textual, pode-se afirmar que:

a) se trata de uma dissertação.
b) se trata de uma descrição com alguns traços narrativos.
c) o autor preferiu o discurso direto.
d) o segundo período é exemplo de discurso indireto livre.
e) não se detecta a presença de personagens.

3) Com relação aos elementos conectores do texto, não se pode dizer que:

a) **dela** tem como referente **mulher.**
b) o referente do pronome **ele** é **marido.**
c) a preposição **de** tem valor semântico de finalidade.

d) A oração “Aqui está chovendo sem parar” poderia ligar-se à anterior, sem alteração de sentido, pela conjunção **conquanto.**
e) O advérbio **aqui,** em seus dois empregos, não possui os mesmos referentes.

Respostas

1) Letra **a**. Ao pedir à mulher que regresse logo, ele pensava que não precisaria comprar uma capa de chuva porque eles já possuem uma, ou que gastaria menos, já que em sua cidade a capa é mais barata. O risco da questão é a presença do adjetivo **lúdicas,** menos conhecido. É necessário melhorar o vocabulário. **Lúdicas** quer dizer “relativas a jogos, brinquedos, divertimentos”.

2) A resposta só pode ser a letra **c**. As duas primeiras estão eliminadas, pois o texto é narrativo. Tanto a fala da mulher quanto a do marido são integrais, ou seja, exemplificam o que se conhece como discurso direto. O autor não usou o travessão, mais comum, preferindo as aspas. A letra **d** não tem cabimento, para quem conhece o discurso indireto livre. Não poderia ser a opção **e**, uma vez que o homem e a mulher são as personagens do texto.

3) Gabarito: letra **d**. As duas primeiras alternativas são evidentes, dispensam comentários. A letra **c** está perfeita, pois se trata de uma capa para chuva, ou seja, com a finalidade de proteger a pessoa da chuva. A última alternativa também está correta, pois o primeiro “aqui” refere-se à “capital”, onde ela está passeando, e o segundo à cidade do interior, onde se encontra o marido. A resposta só pode ser a letra **d** porque o relacionamento entre as duas orações é de causa e efeito, pedindo conjunções como **pois, porque, porquanto** etc. **Conquanto** significa **embora,** tem valor concessivo, de oposição. Além disso, seu emprego acarretaria erro de flexão verbal, pois o verbo deveria estar no subjuntivo (esteja), o que não ocorre no texto original.

Texto III

“Uma nação já não é bárbara quando tem historiadores.”
(Marquês de Maricá, in Máximas)
1) O texto é:
a) uma apologia à barbárie
b) um tributo ao desenvolvimento das nações
c) uma valorização dos historiadores
d) uma reprovação da selvageria
e) um canto de louvor à liberdade
2) Só não constitui paráfrase do texto:
a) Um país já não é bárbaro, desde que nele existem historiadores.
b) Quando tem historiadores, uma nação já é civilizada.
c) Uma nação deixa de ser bárbara quando há nela historiadores.

d) Quando possui historiadores, uma nação não mais pode ser considerada bárbara.
e) Desde que tenha historiadores, uma nação já não é mais bárbara.

Respostas

1) O gabarito é a letra c. A opção a é absurda por si mesma. A letra b não cabe, pois o texto não fala de homenagem à nação. Não pode ser a letra d, porque nada no texto reprova a barbárie (o leitor precisa aterse ao texto). A última opção é totalmente sem propósito. Na realidade, o autor valoriza os historiadores, uma vez que é a sua presença que garante estar a nação livre da barbárie.

2) Letra e. O que responde à questão é o valor dos conectivos. A palavra **quando** introduz uma oração temporal. O mesmo ocorre com o **desde que** da letra a. (observe que o verbo se encontra no modo indicativo: existem.) Na letra e, a conjunção **desde que** (o verbo da oração está no subjuntivo: tenha) inicia oração com valor de condição, havendo, pois, alteração de sentido.

Texto IV

"A maior alegria do brasileiro é hospedar alguém, mesmo um desconhecido que lhe peça pouso, numa noite de chuva."
(Cassiano Ricardo, in O Homem Cordial)

1) Segundo as idéias contidas no texto, o brasileiro:

a) põe a hospitalidade acima da prudência.
b) hospeda qualquer um, mas somente em noites chuvosas.
c) dá preferência a hospedar pessoas desconhecidas.
d) não tem outra alegria senão a de hospedar pessoas, conhecidas ou não.
e) não é prudente, por aceitar hóspedes no período da noite.

2) A palavra mesmo **pode ser trocada no texto, sem alteração de sentido, por:**

a) certamente
b) até
c) talvez
d) como
e) não

3) A expressão "A maior alegria do brasileiro" pode ser entendida como:

a) uma personificação
b) uma ironia
c) uma metáfora
d) uma hipérbole
e) uma catacrese

4) O trecho que poderia dar seqüência lógica e coesa ao texto é:

a) Não obstante isso, ele é uma pessoa gentil.
b) Dessa forma, qualquer um que o procurar será atendido.
c) A solidariedade, pois, ainda precisa ser conquistada.
d) E o brasileiro ganhou fama de intolerante.
e) Por conseguinte, se chover, ele dará hospedagem aos desconhecidos.

Respostas

1) Letra a. Na ânsia de ser hospitaleiro, o brasileiro hospeda, imprudentemente, em sua casa, pessoas desconhecidas. A letra **b** condiciona a hospedagem às noites chuvosas. A opção **c** não tem nenhum apoio no texto, que não fala em preferências. A letra **d** não cabe como resposta, pois o texto nos fala de "maior alegria", ou seja, há outras, menores. A letra **e** poderia realmente confundir. Na verdade a falta de prudência não existe por aceitar hóspedes durante a noite, mas aceitá-los sendo eles desconhecidos.

2) A resposta é a letra **b**. Mesmo é palavra denotativa de inclusão, da mesma forma que **até.**

3) O gabarito é a letra **d**. Trata-se de um evidente exagero do autor. A figura do exagero chama-se hipérbole.

4) Letra **b**. Na opção **a, não obstante isso** tem valor concessivo. Deveria ser **por isso** ou semelhantes. Na letra c, a conjunção **pois** é conclusiva, não pode estar seguida de **ainda precisa,** pois o texto diz que o brasileiro já conquistou a solidariedade. A alternativa **d** contraria inteiramente o texto. A letra **e** não dá seqüência ao texto, pois este não condiciona a hospedagem à chuva.

PARTE II

INTERPRETAÇÃO I

TEXTO I

Não existe essa coisa de um ano sem Senna, dois anos sem Senna...Não há calendário para a saudade.

(Adriane Galisteu, no Jornal do Brasil)

1) Segundo o texto, a saudade:

a) aumenta a cada ano.
b) é maior no primeiro ano.
c) é maior na data do falecimento.
d) é constante.
e) incomoda muito.

2) A segunda oração do texto tem um claro valor:

a) concessivo
b) temporal
c) causal
d) condicional
e) proporcional

3) A repetição da palavra não **exprime:**

a) dúvida
b) convicção
c) tristeza
d) confiança
e) esperança

4) A figura que consiste na repetição de uma palavra no início de cada membro da frase, como no caso da palavra não, **chama-se:**

a) anáfora
b) silepse
c) sinestesia
d) pleonasmo
e) metonímia

TEXTO II

Passei a vida atrás de eleitores e agora busco os leitores.

(José Sarney, na Veja, dez/97)

5) Deduz-se pelo texto uma mudança na vida:

a) esportiva
b) intelectual
c) profissional
d) sentimental
e) religiosa

6) O autor do texto sugere estar passando de:

a) escritor a político
b) político a jornalista
c) político a romancista
d) senador a escritor
e) político a escritor

7) Infere-se do texto que a atividade inicial do autor foi:

a) agradável
b) duradoura
c) simples
d) honesta
e) coerente

8) O trecho que justifica a resposta ao item anterior é:

a) e agora
b) os leitores
c) passei a vida
d) atrás de eleitores
e) busco

9) A palavra ou expressão que não pode substituir o termo agora é:

a) no momento
b) ora
c) presentemente
d) neste instante
e) recentemente

TEXTO III

Os animais que eu treino não sao obrigados a fazer o que vai contra a natureza deles.

(Gilberto Miranda, na Folha de São Paulo, 23/2/96)

10) O sentimento que melhor define a posição do autor perante os animais é:

a) fé
b) respeito
c) solidariedade
d) amor
e) tolerância

11) O autor do texto é:

a) um treinador atento
b) um adestrador frio
c) um treinador qualificado
d) um adestrador consciente
e) um adestrador filantropo

12) Segundo o texto, os animais:

a) são obrigados a todo tipo de treinamento.
b) fazem o que não lhes permite a natureza.
c) não fazem o que lhes permite a natureza.
d) não são objeto de qualquer preocupação para o autor.
e) são treinados dentro de determinados limites.

TEXTO IV

Estou com saudade de ficar bom. Escrever é conseqüência natural.

(Jorge Amado, na Folha de São Paulo, 22/10/96)

13) Segundo o texto:

a) o autor esteve doente e voltou a escrever.
b) o autor está doente e continua escrevendo.
c) O autor não escreve porque está doente.
d) o autor está doente porque não escreve.
e) o autor ficou bom, mas não voltou a escrever.

14) O autor na verdade tem saudade:

a) de trabalhar
b) da saúde
c) de conversar
d) de escrever
e) da doença

15) "Escrever é conseqüência natural." Conseqüência de:

a) voltar a trabalhar.
b) recuperar a saúde.
c) ter ficado muito tempo doente.
d) estar enfermo.
e) ter saúde.

TEXTO V

A mente de Deus é como a Internet: ela pode ser acessada por qualquer um, no mundo todo.

(Américo Barbosa, na Folha de São Paulo)

16) No texto, o autor compara:

a) Deus e internet
b) Deus e mundo todo
c) internet e qualquer um
d) mente e internet
e) mente e qualquer um

17) O que justifica a comparação do texto é:

a) a modernidade da informática
b) a bondade de Deus
c) a acessibilidade da mente de Deus e da internet
d) a globalização das comunicações
e) O desejo que todos têm de se comunicar com o mundo.

18) O conectivo comparativo presente no texto só não pode ser substituído por:

a) tal qual
b) que nem
c) qual
d) para
e) feito

19) Só não constitui paráfrase do texto:

a) A mente de Deus, bem como a internet, pode ser acessada por qualquer um, no mundo todo.
b) No mundo todo, qualquer um pode acessar a mente de Deus e a internet.
c) A mente de Deus pode ser acessada, no mundo todo, por qualquer um, da mesma forma que a internet.
d) Tanto a internet quanto a mente de Deus podem ser acessadas, no mundo todo, por qualquer um.
e) A mente de Deus pode acessar, como qualquer um, no mundo todo, a internet.

TEXTO VI

Marx disse que Deus é o ópio do povo. Já sabemos que não entendia nem de Deus nem de ópio. Deus é uma experiência de fé. Impossível defini-lo.

(Paulo Coelho, em O Globo, 25/2/96

20) Segundo o período inicial do texto, para Marx Deus:

a) traz imensa alegria ao povo.
b) esclarece o povo.
c) deixa o povo frustrado.
d) conduz com segurança o povo.
e) tira do povo a condição de raciocinar.

21) Segundo o autor, Marx:

a) mentiu deliberadamente.
b) foi feliz com suas palavras.
c) falou sobre o que não sabia.
d) equivocou-se em parte.
e) estava coberto de razão, mas não foi compreendido.

22) O sentimento que Marx teria demonstrado e que justifica a resposta ao item anterior é:

a) leviandade
b) orgulho
c) maldade
d) ganância
e) egoísmo

23) Infere-se do texto que Deus deve ser:

a) amado
b) conceituado
c) admirado
d) sentido
e) estudado

24) A palavra que justifica o item anterior é:

a) ópio
b) Io
c) fé
d) povo

e) experiência

25) A figura de linguagem presente no primeiro período é:

a) metáfora
b) metonímia
c) prosopopéia
d) pleonasmo
e) hipérbole

26) A palavra que poderia ter sido grafada com letra maiúscula é:

a) ópio
b) povo
c) experiência
d) fé
e)lo

TEXTO VII

Quando vim da minha terra,
não vim, perdi-me no espaço,
na ilusão de ter saído.
Ai de mim, nunca saí.

(Carlos D. de Andrade, no poema A Ilusão do Migrante)

27) O sentimento predominante no texto *é:*

a) orgulho
b) saudade
c) fé
d) esperança
e) ansiedade

28) Infere-se do texto que o autor:

a) não saiu de sua terra.
b) não queria sair de sua terra, mas foi obrigado.
c) logo esqueceu sua terra.
d) saiu de sua terra apenas fisicamente.
e) pretende voltar logo para sua terra.

29) Por "perdi-me no espaço" pode-se entender que o autor:

a) ficou perdido na nova terra.
b) ficou confuso.
c) não gostou da nova terra.
d) perdeu, momentaneamente, o sentimento por sua terra natal.
e) aborreceu-se com a nova situação.

30) Pelo último período do texto, deduz-se que:

a) ele continuou ligado à sua terra.
b) ele vai voltar à sua terra.
c) ele gostaria de deixar sua cidade, mas nunca conseguiu.
d) ele se alegra por não ter saído.
e) ele nunca saiu da terra onde vive atualmente.

31) A expressão "ai de mim" só não sugere, no poema:

a) amargura
b) decepção
c) tristeza
d) vergonha
e) nostalgia

TEXTO VIII

Enquanto o Titanic ainda flutua, tentemos o impossível para mudar o seu curso. Afinal, quem faz a história são as pessoas e não o contrário.

(Herbert de Souza, na Folha de São Paulo, 17/11/96)

32) Infere-se do texto que o Titanic:

a) é um navio real.
b) simboliza algo que vai mal.
c) é um navio imaginário.
d) simboliza esperança de salvação.
e) sintetiza todas as tragédias humanas.

33) Pelo visto, o autor não acredita em:

a) transformação
b) elogio
c) desgraça
d) favorecimento
e) determinismo

34) A palavra "afinal" pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:

a) conquanto
b) porquanto
c) malgrado
d) enquanto
e) apenas

35) Infere-se do texto que:

a) há coisas que não podem ser mudadas.
b) se tentarmos, conseguiremos.
c) o que parece impossível sempre o *é*.
d) jamais podemos desistir.
e) alguns têm a capacidade de modificar as coisas, outros não.

36) Para o autor, as pessoas não devem:

a) exagerar
b) falhar
c) desanimar
d) lamentar-se
e) fugir

TEXTO IX

A função do artista é esta, meter a mão nessa coisa essencial do ser humano, que é o sonho e a esperança. Preciso ter essa ilusão: a de que estou resgatando esses valores.

(Marieta Severo, na Folha de São Paulo)

37) Segundo o texto, o artista:

a) leva alegria às pessoas.
b) valoriza o sonho das pessoas pobres.
c) desperta as pessoas para a realidade da vida.
d) não tem qualquer influência na vida das pessoas.
e) trabalha o íntimo das pessoas.

38) Segundo o texto:

a) o sonho vale mais que a esperança.
b) o sonho vale menos que a esperança.
c) sonho e esperança têm relativa importância para as pessoas.
d) não se vive sem sonho e esperança.
e) têm importância capital para as pessoas tanto o sonho quanto a esperança.

39) A palavra ou expressão que justifica a resposta do item anterior é:

a) ilusão
b) meter a mão
c) essencial
d) ser humano
e) valores

40) A expressão "meter a mão":

a) pertence ao linguajar culto.
b) pode ser substituída, sem alteração de sentido, por **intrometer-se.**
c) tem valor pejorativo.
d) é coloquial e significa, no texto, **tocar.**
e) é um erro que deveria ter sido evitado.

41) Só não se encontra no texto:

a) a influência dos artistas
b) a necessidade da autora
c) a recuperação de coisas importantes
d) a conquista da paz
e) a carência de sentimentos das pessoas

42) A palavra “esses” poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por:

a) bons
b) certos
c) tais
d) outros
e) muitos

TEXTO X

Um prêmio chamado Sharp, ou Shell, Deus me livre! Não quero. Acho esses nomes feios. Não recebo prêmios de empresas ligadas a grupos multinacionais. Não sou traidor do meu povo nem estou à venda.

(Ariano Suassuna, na Veja, 3/7/96)

43) A palavra que melhor define o autor do texto é:

a) megalomaníaco
b) revoltado
c) narcisista
d) nacionalista
e) decepcionado

44) Se aceitasse algum tipo de prêmio de empresas multinacionais, o autor, além de traidor, se sentiria:

a) infiel
b) venal
c) pusilânime
d) ingrato
e) ímprobo

45) O autor não recebe prêmios de empresas multinacionais porque:

a) seus nomes são feios.
b) estaria prestando um desserviço ao Brasil.
c) detesta qualquer empresa que não seja brasileira
d) esses prêmios não têm valor algum.
e) não quer ficar devendo favores a esse tipo de empresa.

46) O último período do texto tem claro valor:

a) causal
b) temporal
c) condicional
d) comparativo
e) proporcional

47) A expressão "Deus me livre!" demonstra, antes de tudo:

a) revolta
b) desprezo
c) ironia
d) certeza
e) ira

TEXTO XI

Inserto entre o 16° e o 18°, o século XVII permanece em meialuz, quase apagado, nos fastos do Rio de Janeiro, sem que sobre esse período se detenha a atenção dos historiadores, sem que o distingam os que se deixam fascinar pelos aspectos brilhantes da história.

(Vivaldo Coaracy, in O Rio de Janeiro)

48) Segundo o texto, o século XVII:

a) chamou a atenção dos historiadores por ser meio apagado.
b) foi uma parte brilhante da história do Rio de Janeiro.
c) assemelha-se aos séculos XVI e XVIII.
d) foi importante, culturalmente, para o Rio de Janeiro.
e) transcorreu sem brilho, para o Rio de Janeiro.

49) A palavra ou expressão que pode substituir sem prejuízo do sentido a palavra "fastos" é:

a) anais
b) círculos culturais
c) círculos políticos
d) administração
e) imprensa

50) A expressão "quase apagada":

a) retifica a palavra meia-luz.
b) complementa a palavra meia-luz.
c) reforça a palavra meia-luz.
d) explica a palavra meia-luz.
e) amplia a palavra meia-luz.

51) Infere-se do texto que:

a) os historiadores detestaram o século XVII.
b) os mais belos momentos da história encantam certas pessoas.
c) o século XVI foi tão importante quanto o século XVIII.
d) a história do Rio de Janeiro está repleta de coisas interessantes.
e) os historiadores se interessam menos pelos séculos XVI e XVIII do que pelo século XVII.

TEXTO XII

Acho que foi uma premonição, uma vez que ele já tinha declarado que "A Fraternidade é Vermelha" seria seu último filme. Foi o cineasta contemporâneo que conseguiu chegar mais perto do conceito de Deus. Poderia ter feito muito mais filmes, mas foi vítima do totalitarismo socialista.

(Leon Cakoff, no Jornal da Tarde, 14/13/96)

52) O totalitarismo socialista:

a) atrapalhou a carreira do cineasta.
b) manteve-se alheio à carreira do cineasta.
c) interrompeu a carreira do cineasta.
d) incentivou a carreira do cineasta.
e) fiscalizou a carreira do cineasta.

53) "A Fraternidade é Vermelha":

a) foi um filme de repercussão nos meios religiosos.
b) foi o primeiro filme de sucesso do cineasta.
c) não abordava o assunto Deus.
d) foi o melhor filme do cineasta.
e) foi o último filme do cineasta.

54) Provavelmente, o cineasta:

a) agradou, por ser materialista.
b) agradou por falar de Deus.
c) desagradou por falar de Deus.
d) desagradou por não falar de Deus.
e) não sabia nada sobre Deus.

55) Levando-se em conta o caráter materialista usualmente atribuído aos socialistas, o título do filme seria, em princípio:

a) uma redundância
b) uma ambigüidade
c) um paradoxo
d) uma qualificação
e) uma incoerência

56) A palavra "premonição" se justifica porque:

a) seu filme foi um sucesso.
b) o cineasta falava de Deus.

c) o cineasta não quis fazer mais filmes.
d) a “Fraternidade é Vermelha” foi seu último filme.
e) o cineasta foi vítima do totalitarismo socialista.

57) A palavra “Vermelha” eqüivale no texto a:

a) totalitária
b) comunista
c) socialista
d) materialista
e) espiritualista

58) O conectivo que não poderia substituir “uma vez que” no texto é:

a) porque
b) pois
c) já que
d) porquanto
e) se bem que

TEXTO XIII

Nem todas as plantas hortícolas se dão bem durante todo o ano; por isso é preciso fazer uma estruturação dos canteiros a fim de manter-se o equilíbrio das plantações. Com o sistema indicado, não faltarão verduras durante todo ano, sejam folhas, legumes ou tubérculos.

(Irineu Fabichak, in Horticultura ao Alcance de Todos)

59) Segundo o texto:

a) todas as plantas hortícolas não se dão bem durante todo o ano.
b) todas as plantas hortícolas se dão bem durante todo o ano.
c) todas as plantas hortícolas se dão mal durante todo o ano.
d) algumas plantas hortícolas se dão bem durante todo o ano.
e) nenhuma planta hortícola se dá mal durante todo o ano.

60) Para manter o equilíbrio das plantações é necessário:

a) estruturar de maneira mais lógica e racional os canteiros.
b) fazer mais canteiros, mas ordenando-os de maneira lógica e racional.
c) fazer o plantio em épocas diferentes.
d) construir canteiros emparelhados.
e) manter sempre limpos os canteiros

61) A conjunção "por isso" só não pode ser substituída por:

a) portanto
b) logo
c) então
d) porque
e) assim

62) Segundo o último parágrafo do texto:

a) tubérculos não são verduras.
b) legumes são o mesmo que tubérculos.
c) folhas, legumes e tubérculos são a mesma coisa.
d) haverá verduras o ano todo, inclusive folhas, legumes e tubérculos.
e) haverá folhas, legumes e tubérculos o ano todo.

TEXTO XIV

Aquisição à vista. A Bauducco, maior fabricante de panetones do país, está negociando a compra de sua maior concorrente, a Visconti, subsidiária brasileira da italiana Visagis. O negócio vem sendo mantido sob sigilo pelas duas empresas em razão da proximidade do Natal. Seus controladores temem que o anúncio dessa união - resultando numa espécie de AmBev dos panetones - melindre os varejistas.

(Cláudia Vassallo, na Exame, dez./99)

63) As duas empresas (/. 4) de que fala o texto são:

a) Bauducco e Visagis
b) Visconti e Visagis
c) AmBev e Bauducco
d) Bauducco e Visconti
e) Visagis e AmBev

64) A aproximação do Natal é a causa:

a) da compra da Visconti
b) do sigilo do negócio
c) do negócio da Bauducco
d) do melindre dos varejistas
e) do anúncio da união

65) Uma outra causa para esse fato seria:

a) a primeira colocação da Bauducco na fabricação de panetones
b) o fato de a Visconti ser uma multinacional
c) o fato de a AmBev entrar no mercado de panetones
d) o possível melindre dos varejistas
e) o fato de a Visconti ser concorrente da Bauducco

66) Por "aquisição à vista" entende-se, no texto:

a) que a negociação é provável.
b) que a negociação está distante, mas vai acontecer.
c) que o pagamento da negociação será feito em uma única parcela.
d) que a negociação dificilmente ocorrerá.
e) que a negociação está próxima.

TEXTO XV

Um anjo dorme aqui; na aurora apenas,
disse adeus ao brilhar das açucenas
em ter da vida alevantado o véu.
- Rosa tocada do cruel granizo Cedo
finou-se e no infantil sorriso passou do
berço pra brincar no céu!

(Casimiro de Abreu, in Primaveras)

67) O tema do texto é:

a) a inocência de uma criança
b) o nascimento de uma criança
c) o sofrimento pela morte de uma criança
d) o apego do autor por uma certa criança
e) a morte de uma criança

68) O tema se desenvolve com base em uma figura de linguagem conhecida como:

a) prosopopéia
b) hipérbole
c) pleonasmo
d) metonímia
e) eufemismo

69) No âmbito do poema, podemos dizer que pertencem ao mesmo campo semântico as palavras:

a) aurora e véu
b) anjo e rosa
c) granizo e sorriso
d) berço e céu
e) cruel e infantil

70) As palavras que respondem ao item anterior são:

a) uma antítese em relação à vida
b) hipérboles referentes ao destino
c) personificações alusivas à morte
d) metáforas relativas à criança
e) pleonasmos com relação à dor.

71) Por "sem ter da vida alevantado o véu" entende-se:

a) sem ter nascido
b) sem ter morrido cedo
c) sem ter conhecido bem a vida
d) sem viver misteriosamente
e) sem poder relacionar-se com as outras pessoas

72) “Na aurora apenas” é o mesmo que:

a) somente pela manhã
b) no limiar somente
c) apenas na alegria
d) só na tristeza
e) só no final

TEXTO XVI

Julgo que os homens que fazem a política externa do Brasil, no Itamaraty, são excessivamente pragmáticos. Tiveram sempre vida fácil, vêm da elite brasileira e nunca participaram, eles próprios, em combates contra a ditadura, contra o colonialismo. Obviamente não têm a sensibilidade de muitos outros países ou diplomatas que conheço.

(José Ramos-Horta, na Folha de São Paulo, 21/10/96)

73) Só não caracteriza os homens do Itamaraty:

a) o pragmatismo
b) a falta de sensibilidade
c) a luta contra a ditadura
d) a tranqüilidade da vida
e) as raízes na elite do Brasil

74) A palavra que não se liga semanticamente aos homens do Itamaraty é:

a) o segundo *que* (/. 1)
b) tiveram (/. 2)
c) vêm (/. 3)
d) eles (/. 3)
e) o terceiro *que* (/. 5)

75) Pelo visto, o autor gostaria de que os homens do Itamaraty tivessem mais:

a) inteligência
b patriotismo
c) vivência
d) coerência
e) grandeza

76) A oração iniciada por "obviamente" tem um claro valor de:

a) conseqüência
b) causa
c) comparação
d) condição
e) tempo

77) A palavra que pode substituir, sem prejuízo do sentido, a palavra "obviamente" (/. 4), é:

a) necessariamente
b) realmente
c) justificadamente
d) evidentemente
e) comprovadamente

78) Só não pode ser inferido do texto:

a) nem todo diplomata é excessivamente pragmático.
b) ter lutado contra o colonialismo é importante para a carreira de diplomata.
c) Nem todo diplomata vem da elite brasileira.
d) ter vida fácil é característica comum a todo tipo de diplomata.
e) há diplomatas mais sensíveis que outros.

TEXTO XVII

Se essa ainda é a situação de Portugal e era, até bem pouco, a do Brasil, havemos de convir em que no Brasil-colônia, essencialmente rural, com a ojeriza que lhe notaram os nossos historiadores pela vida das cidades - simples pontos de comércio ou de festividades religiosas -, estas não podiam exercer maior influência sobre a evolução da língua falada, que, sem nenhum controle normativo, por séculos "voou com as suas próprias asas".

(Celso Cunha, in A Língua Portuguesa e a Realidade Brasileira)

79) Segundo o texto, os historiadores:

a) tinham ojeriza pelo Brasil-colônia.
b) consideram as cidades do Brasil-colônia como simples pontos de comércio ou de festividades religiosas.
c) consideram o Brasil-colônia essencialmente rural.
d) observaram a ojeriza que a vida nas cidades causava.
e) consideram o campo mais importante que as cidades.

80) Para o autor:

a) as festas religiosas têm importância para a evolução da língua falada.
b) No Brasil-colônia, havia a prevalência da vida do campo sobre a das cidades.
c) a evolução da língua falada dependia em parte dos pontos de comércio.
d) a evolução da língua falada independe da condição de Brasilcolônia.
e) a situação do Brasil na época impedia a evolução da língua falada.

81) A palavra "ojeriza" (/. 3) significa, no texto:

a) medo
b) admiração
c) aversão
d) dificuldade
e) angústia

82) A língua falada "voou com as suas próprias asas" porque:

a) as cidades eram pontos de festividades religiosas.
b) o Brasil se distanciava lingüisticamente de Portugal.
c) faltavam universidades nos centros urbanos.
d) não se seguiam normas lingüísticas.
e) durante séculos, o controle normativo foi relaxado, por ser o Brasil uma colônia portuguesa.

83) Segundo o texto, a população do Brasil-colônia:

a) à vida do campo preferia a da cidade.
b) à vida da cidade preferia a do campo.
c) não tinha preferência quanto à vida do campo ou à da cidade.
d) preferia a vida em Portugal, mas procurava adaptar-se à situação.
e) preferia a vida no Brasil, fosse na cidade ou no campo.

TEXTO XVIII

Ainda falta um bom tempo para a aposentadoria da maior parte deles, mas a Andrade Gutierrez já tem pronto um estudo sobre a sucessão de 20 de seus principais executivos, quase todos na faixa entre 58 e 62 anos. Seus substitutos serão escolhidos entre 200 integrantes de um time de aspirantes. Eduardo Andrade, o atual superintendente, que já integra o conselho de administração da empreiteira mineira, deverá ir se afastando aos poucos do dia-a-dia dos negócios. Para os outros executivos, que deverão ser aproveitados como consultores, a aposentadoria chegará a médio prazo.

(José Maria Furtado, na Exame, dez./99)

84) Se começarmos o primeiro período do texto por "A Andrade Gutierrez já tem pronto...", teremos, como seqüência coesa e coerente:

a) visto que ainda falta um bom tempo para a aposentadoria da maior parte deles.
b) por ainda faltar um bom tempo para a aposentadoria da maior parte deles.
c) se ainda faltar um bom tempo para a aposentadoria da maior parte deles.
d) embora ainda falte um bom tempo para a aposentadoria da maior parte deles.
e) à medida que ainda falta um bom tempo para a aposentadoria da maior parte deles.

85) Segundo o texto:

a) 20 grandes executivos da empresa se aposentarão a médio prazo.
b) 20 grandes executivos da empresa acham-se na faixa entre 58 e 62 anos.
c) nenhum dos 20 grandes executivos se aposentará a curto prazo.
d) Eduardo Andrade é um executivo na faixa dos 58 a 62 anos.
e) a empresa vai substituir seus vinte principais executivos a curto e médio prazos.

86) A empresa, no que toca à aposentadoria de seus executivos, mostra-se:

a) precipitada
b) cautelosa
c) previdente
d) rígida
e) inflexível

87) Sobre o executivo Eduardo Andrade, não se pode afirmar:

a) ocupa, no momento, a superintendência.
b) é um dos conselheiros.
c) será substituído por um dos 200 aspirantes.
d) está se afastando dos negócios da empresa.

e) será o primeiro dos 20 grandes executivos a se aposentar.

88) Sobre a Andrade Gutierrez, não é correto afirmar:

a) é empresa de obras.
b) é do estado de Minas Gerais.
c) preocupa-se com seus funcionários.
d) mantém-se alheia a qualquer tipo de renovação.
e) procura manter vínculo com executivos aposentados.

TEXTO XIX

Toda saudade é a presença da ausência
de alguém, de algum lugar, de algo enfim.
Súbito o não toma forma de sim
como se a escuridão se pusesse a luzir.
5 Da própria ausência de luz
o clarão se produz,
o sol na solidão.
Toda saudade é um capuz transparente
que veda e ao mesmo tempo traz a visão
10 do que não se pode ver
porque se deixou pra trás
mas que se guardou no coração.

(Gilberto Gil)

89) Por "presença da ausência" pode-se entender:

a) ausência difícil
b) ausência amarga
c) ausência sentida
d) ausência indiferente
e) ausência enriquecedora

90) Para o autor, a saudade é algo:

a) que leva ao desespero.
b) que só se suporta com fé.
c) que ninguém deseja.
d) que transmite coisas boas.
e) que ilude as pessoas.

91) O texto se estrutura a partir de antíteses, ou seja, emprego de palavras ou expressões de sentido contrário. O par de palavras ou expressões que não apresentam no texto essa propriedade antitética é:

a) presença (/. 1) / ausência (/. 1)
b) não (/. 3) / sim (/. 3)
c) ausência de luz (/. 5) / clarão (/. 6)
d) sol (/. 7) / solidão (/. 7)
e) que veda (/. 9) / traz a visão (/. 9)

92) Segundo o texto:

a) sente-se saudade de pessoas, e não de coisas.
b) as coisas ruins podem transformar-se em coisas boas.

c) as coisas boas podem transformar-se em coisas ruins.
d) a saudade, como um capuz, não nos permite ver com clareza a situação que vivemos.
e) a saudade, como um capuz, não nos deixa perceber coisas que ficaram em nosso passado.

93) O que se guarda no coração é:

a) a saudade
b) o clarão
c) o que se deixou para traz
d) a visão
e) o que não se pode ver

TEXTO XX

Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo. Moisés, que também contou a sua morte, não a pôs no intróito, mas no cabo: diferença radical entre este livro e o Pentateuco.

(Machado de Assis, in Memórias Póstumas de Brás Cubas)

94) Pode-se afirmar, com base nas idéias do autor-personagem, que se trata:

a) de um texto jornalístico
b) de um texto religioso
c) de um texto científico
d) de um texto autobiográfico
e) de um texto teatral

95) Para o autor-personagem, é menos comum:

a) começar um livro por seu nascimento.
b) não começar um livro por seu nascimento, nem por sua morte.
c) começar um livro por sua morte.
d) não começar um livro por sua morte.
e) começar um livro ao mesmo tempo pelo nascimento e pela morte.

96) Deduz-se do texto que o autor-personagem:

a) está morrendo.
b) já morreu.
c) não quer morrer.
d) não vai morrer.
e) renasceu.

97) A semelhança entre o autor e Moisés é que ambos:

a) escreveram livros.
b) se preocupam com a vida e a morte.
c) não foram compreendidos.
d) valorizam a morte.
e) falam sobre suas mortes.

98) A diferença capital entre o autor e Moisés é que:

a) o autor fala da morte; Moisés, da vida.
b) o livro do autor é de memórias; o de Moisés, religioso.
c) o autor começa pelo nascimento; Moisés, pela morte.
d) Moisés começa pelo nascimento; o autor, pela morte.
e) o livro do autor é mais novo e galante do que o de Moisés.

99) Deduz-se pelo texto que o Pentateuco:

a) não fala da morte de Moisés.
b) foi lido pelo autor do texto.
c) foi escrito por Moisés.
d) só fala da vida de Moisés.
e) serviu de modelo ao autor do texto.

100) Autor defunto está para campa, assim como defunto autor para:

a) intróito
b) princípio
c) cabo
d) berço
e) fim

101) Dizendo-se um defunto autor, o autor destaca seu (sua):

a) conformismo diante da morte ;
b) tristeza por se sentir morto
c) resistência diante dos obstáculos trazidos pela nova situação
d) otimismo quanto ao futuro literário
e) atividade apesar de estar morto

TEXTO XXI

Segunda maior produtora mundial de embalagem longa vida, a SIG Combibloc, principal divisão do grupo suíço SIG, prepara a abertura de uma fábrica no Brasil. A empresa, responsável por 1 bilhão do 1,5 bilhão de dólares de faturamento do grupo, chegou ao país há dois anos disposta **5** a brigar com a líder global, Tetrapak, que detém cerca de 80% dos negócios nesse mercado. Os estudos para a implantação da fábrica foram recentemente concluídos e apontam para o Sul do país, pela facilidade logística junto ao Mercosul. Entre os oito atuais clientes da Combibloc na região estão a Unilever, com a marca de atomatado Malloa, no Chile, e a **10** italiana Cirio, no Brasil.

(Denise Brito, na Exame, dez./99)

102) Segundo o texto, a SIG Combibloc:

a) produz menos embalagem que a Tetrapak.
b) vai transferir suas fábricas brasileiras para o Sul.
c) possui oito clientes no Brasil.
d) vai abrir mais uma fábrica no Brasil.
e) possui cliente no Brasil há dois anos, embora não esteja instalada no país.

103) Segundo o texto:

a) O Mercosul não influiu na decisão de instalar uma fábrica no Sul.
b) a SIG Combibloc está entrando no ramo de atomatado.
c) a empresa suíça SIG ocupa o 2o lugar mundial na produção de embalagem longa vida.
d) a Unilever é empresa chilena.
e) a SIG Combibloc detém 2/3 do faturamento do grupo.

104) Os estudos apontam para o Sul porque:

a) o clima favorece a produção de embalagens longa vida.
b) está próximo aos demais países que compõem o Mercosul.
c) a Cirio já se encontra estabelecida ali. -v-.v.
d) nos países do Mercosul já há clientes da Combibloc.
e) o Sul é uma região desenvolvida e promissora.

105) "...que detém cerca de 80% dos negócios nesse mercado." (/. 5-6) Das alterações feitas nessa passagem do texto, a que não mantém o sentido original é:

a) a qual detém cerca de 80% dos negócios em tal mercado.
b) **que** possui perto de 80% dos negócios nesse mercado.

c) **que** detém aproximadamente 80% dos negócios em tais mercados.
d) a qual possui aproximadamente 80% dos negócios nesse mercado.
e) a qual detém perto de 80% dos negócios nesse mercado.

106) "...e apontam para o Sul do país..." O trecho destacado só não pode ser entendido, no texto, como:

a) e indicam o Sul do pai
b) e recomendam o Sul do país
c) e incluem o Sul do país
d) e aconselham o **Sul** do país
e) e sugerem o **Sul** do país

TEXTO XXII

Pode dizer-se que a presença do negro representou sempre fator obrigatório no desenvolvimento dos latifúndios coloniais. Os antigos moradores da terra foram, eventualmente, prestimosos colaboradores da indústria extrativa, na caça, na pesca, em determinados ofícios **5** mecânicos e na criação do gado. Dificilmente se acomodavam, porém, ao trabalho acurado e metódico que exige a exploração dos canaviais. Sua tendência espontânea era para as atividades menos sedentárias e que pudessem exercer-se sem regularidade forçada e sem vigilância e fiscalização de estranhos.

(Sérgio Buarque de Holanda, in Raízes)

107) Segundo o autor, os antigos moradores da terra:

a) foram o fator decisivo no desenvolvimento dos latifúndios coloniais.
b) colaboravam com má vontade na caça e na pesca.
c) não gostavam de atividades rotineiras.
d) não colaboraram com a indústria extrativa.
e) levavam uma vida sedentária.

108) "Trabalho acurado" (l. 6) é o mesmo que:

a) trabalho apressado
b) trabalho aprimorado
c) trabalho lento
d) trabalho especial
e) trabalho duro

109) Na expressão "tendência espontânea" (/. 7), temos uma(a):

a) ambigüidade
b) cacofonia
c) neologismo
d) redundância
e) arcaísmo

110) Infere-se do texto que os antigos moradores da terra eram:

a) os portugueses
b) os negros
c) os índios
d) tanto os índios quanto os negros
e) a miscigenação de portugueses e índios

111) Pelo visto, os antigos moradores da terra não possuíam muito (a):

a) disposição
b) responsabilidade
c) inteligência
d) paciência
e) orgulho

TEXTO XXIII

Com todo o aparato de suas hordas guerreiras, não conseguiram as bandeiras realizar jamais a façanha levada a cabo pelo boi e pelo vaqueiro. Enquanto que aquelas, no desbravar, sacrificavam indígenas aos milhares, despovoando sem fixarem-se, estes foram **5** pontilhando de currais os desertos trilhados, catequizando o nativo para seus misteres, detendo-se, enraizando-se. No primeiro caso era o ir-evoltar; no segundo, era o ir-e-ficar. E assim foi o curral precedendo a fazenda e o engenho, o vaqueiro e o lavrador, realizando uma obra de conquista dos altos sertões, exclusive a pioneira.

(José Alípio Goulart, in Brasil do Boi)

112) Segundo o texto:

a) tudo que as bandeiras fizeram foi feito também pelo boi e pelo vaqueiro.
b) o boi e o vaqueiro fizeram todas as coisas que as bandeiras fizeram.
c) nem as bandeiras nem o boi e o vaqueiro alcançaram seus objetivos.
d) o boi e o vaqueiro realizaram seu trabalho porque as bandeiras abriram o caminho.
e) o boi e o vaqueiro fizeram coisas que as bandeiras não conseguiram fazer.

113) Com relação às bandeiras, não se pode afirmar que:

a) desbravaram
b) mataram
c) catequizaram
d) despovoaram
e) não se fixaram

114) Os índios foram:

a) maltratados
b) aviltados
c) expulsos
d) presos
e) massacrados

115) O par que não caracteriza a oposição existente entre as bandeiras e o boi e o vaqueiro é:

a) aquelas (/. 3) / estes (/. 4)
b) ir-e-voltar (/. 6/7) / ir-e-ficar (/. 7)
c) no primeiro caso (/. 6) / no segundo (/. 7)
d) enquanto (/. 3) / e assim *[1.7)*

e) despovoando (/. 4) / pontilhando (/. 5)

116) "...catequizando o nativo para seus misteres..." Das alterações feitas na passagem acima, a que altera basicamente o seu sentido é:

a) doutrinando o indígena para seus misteres
b) catequizando o aborigine para suas atividades
c) evangelizando o nativo para seus ofícios
d) doutrinando o nativo para seus cuidados
e) catequizando o autóctone para suas tarefas

117) O elemento conector que pode substituir a preposição com (/. 1), mantendo o sentido e a coesão textual, é:

a) mesmo
b) não obstante
c) de
d) a respeito de
e) graças a

118) "...o aparato de suas hordas guerreiras..." sugere que as conquistas dos bandeirantes ocorreram com:

a) organização e violência
b) rapidez e violência
c) técnica e profundidade
d) premeditação e segurança
e) demonstrações de racismo e violência

TEXTO XXIV

Você se lembra da Casas da Banha? Pois é, uma pesquisa mostra que mais de 60% dos cariocas ainda se recordam daquela que foi uma das maiores redes de supermercados do país, com 224 lojas e 20.000 funcionários, desaparecida no início dos anos 90. Por isso, seus antigos **5** donos, a família Velloso, decidiram ressuscitá-la. Desta vez, porém, apenas virtualmente. Os Velloso fizeram um acordo com a GW.Commerce, de Belo Horizonte, empresa que desenvolve programas para supermercados virtuais. Em troca de uma remuneração sobre o faturamento, A GW gerenciará as vendas para a família Velloso. A família cuidará apenas das 10 compras e das entregas.

(José Maria Furtado, na Exame, dez./99)

119) Segundo o texto, a família Velloso resolveu ressuscitar as Casas da Banha porque:

a) a rede teve 224 lojas e 20.000 funcionários.
b) a rede foi desativada no início dos anos 90.
c) uma empresa do ramo de programas para supermercados propôs um acordo vantajoso, em que a rede só entraria com as compras e as entregas.
d) mais da metade dos cariocas não esqueceram as Casas da Banha.
e) a rede funcionará apenas virtualmente.

120) A palavra ou expressão que justifica a resposta ao item anterior é:

a) Você (/. 1) . ,.. . b)
desaparecida (/. 4)
c) Por isso (/. 4)
d) Desta vez (/. 5)
e) acordo *{l.* 6)

121) "Desta vez, porém, apenas virtualmente."

Com a passagem destacada acima, entende-se que as Casas da Banha:
a) funcionarão virtualmente, ou seja, sem fins lucrativos.
b) não venderão produtos de supermercado.
c) estão associando-se a uma empresa de informática.
d) estão mudando de ramo.
e) não venderão mais seus produtos em lojas.

122) O pronome "Ia" (/. 5) não pode ser, semanticamente, associado a:

a) Casas da Banha (/. 1)
b) pesquisa (/. 1)
c) daquela (/. 2)
d) uma (/. 3)
e) desaparecida (/. 4)

TEXTO XXV

A fábrica brasileira da General Motors em Gravataí, no Rio Grande do Sul, será usada como piloto para a implementação do novo modelo de negócios que está sendo desenhado mundialmente pela montadora. A meta da GM é transformar-se numa companhia totalmente **5** voltada para o comércio eletrônico. A partir do ano 2000, a Internet passará a nortear todos os negócios do grupo, envolvendo desde os fornecedores de autopeças até o consumidor final. "A planta de Gravataí representa a imagem do futuro para toda a GM", afirma Mark Hogan, ex-presidente da filial brasileira e responsável pela nova divisão e-GM.

(Lidia Rebouças, na Exame, dez./99)

123) Segundo o texto:

a) a GM é uma empresa brasileira instalada em Gravataí.
b) a montadora fez da fábrica brasileira de Gravataí um modelo para todas as outras fábricas espalhadas pelo mundo.
c) no Rio Grande do Sul, a GM implementará um modelo de fábrica semelhante ao que está sendo criado em outras partes do mundo.
d) a fábrica brasileira da GM vinha sendo usada de acordo com o modelo mundial, mas a montadora pretende alterar esse quadro.
e) a GM vai utilizar a fábrica do Rio Grande do Sul como um protótipo do que será feito em termos mundiais.

124) A opção que contraria as idéias contidas no texto é:

a) A GM vai modificar, a partir de 2000, a forma de fazer negócios.
b) Será grande a importância da Internet nos negócios da GM.
c) O consumidor final só poderá, a partir de 2000, negociar pela Internet.
d) O comércio eletrônico está nos planos da GM para o ano 2000.
e) A fábrica brasileira é considerada padrão pelo seu ex-presidente.

125)Deduz-se, pelo texto, que a fábrica brasileira:

a) será norteada pela Internet.
b) terá seu funcionamento modificado para adaptar-se às necessidades do mercado.
c) será transferida para Gravataí.
d) estará, a partir de 2000, parcialmente voltada para o comércio eletrônico.
e) seguirá no mesmo ritmo de outras empresas da GM atualmente funcionando no mundo.

126) Por “implementação” (/. 2), pode-se entender:

a) complementação
b) suplementação
c) exposição
d) realização
e) facilitação

127) Segundo as idéias contidas no texto, a transformação que se propõe a GM:

a) não tem apoio dos fornecedores.
b) tem apoio do consumidor final.
c) tem prazo estabelecido.
d) é inexeqüível.
e) não tem lugar marcado.

TEXTO XXVI

MAR PORTUGUÊS

Ó Mar salgado, quanto do teu sal são
lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães
choraram!
Quantos filhos em vão rezaram!
5 Quantas noivas ficaram por casarpara
que tu fosses nosso, ó mar!
Valeu a pena? Tudo vale a pena se a
alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
10 tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
mas nele é que espelhou o céu!

(Fernando Pessoa, in Mensagem)

128) Segundo o poeta, o sofrimento do povo ocorreu:

a) apesar das conquistas portuguesas
b) em virtude das conquistas portuguesas v
c) para as conquistas portuguesas
d) antes das conquistas portuguesas
e) após as conquistas portuguesas

129) A metáfora existente nos dois primeiros versos do poema estabelece:

a) a força moral de Portugal
b) a incoerência do sofrimento diante das conquistas
c) a importância do sofrimento para que o povo deixe de sofrer
d) a profunda união entre as conquistas e o sofrimento do povo
e) a inutilidade das conquistas portuguesas

130) Além da metáfora, os dois primeiros versos contêm:

a) prosopopéia, epíteto de natureza, eufemismo
b) antítese, pleonasmo, eufemismo
c) apóstrofe, epíteto de natureza, metonímia
d) prosopopéia, pleonasmo, antítese
e) apóstrofe, hipérbole, sinestesia

131) "Quantos filhos em vão rezaram!" Com este verso, entendemos que:

a) o sofrimento do povo foi inútil.

b) o povo português da época era muito religioso.
c) muita gente perdeu entes queridos por causa das conquistas portuguesas.
d) a força da fé contribuiu efetivamente para as conquistas do país.
e) a religiosidade do povo português era inútil.

132) As palavras que melhor definem o povo português, de acordo com as idéias contidas no texto, são:

a) fé e competência
b) inteligência e maturidade
c) orgulho e religiosidade
d) perseverança e ambição
e) grandeza e tenacidade

133) Segundo o texto, para se ir sempre adiante é necessário:

a) crer no destino
b) aceitar a dor
c) viver com alegria
d) vencer o sofrimento
e) objetivar sempre o progresso

134) Por um processo anafórico, a palavra nele (/. 12) tem como referente no texto:

a) Mar (/. 1)
b) Deus (/.11)
c) perigo (/.11)
d) abismo (/.11)
e) céu (/.12)

TEXTO XXVII

Vale recordar que foi nesse século (o XVIII) que apareceram e se generalizaram em certas regiões do Brasil as famosas "tropas de muares" que, daí por diante, até o fim do século XIX e mesmo nos anos transcorridos do séc. XX, dividiram com os carros de bois as tarefas dos **5** transportes por terra no interior do Brasil. Nos caminho s rudimentares que então possuíamos, transformados em lamaçais na estação das chuvas e no verão reduzidos a ásperas trilhas, quase intransitáveis, foram os carros de bois e as tropas os únicos meios e ligação dos núcleos de povoamento entre si e entre eles e as roças e lavouras. De outra forma não se venceriam **10** os obstáculos naturais.

(B. J. de Souza, in Ciclo)

135) Segundo o texto, os carros de bois:

a) transportavam sozinhos pessoas e mercadorias no interior do Brasil.
b) surgiram no século XVIII, juntamente com as tropas de muares.
c) sucederam as tropas de muares no transporte de pessoas e mercadorias.
d) só transportavam mercadorias.
e) eram úteis, como as tropas de muares, por causa do estado ruim dos terrenos.

136) A estação das chuvas e o verão:

a) contribuíram para o desaparecimento dos carros de bois a partir do século XX.
b) não tiveram influência no uso das tropas de muares, pois os caminhos eram rudimentares.
c) foram fator determinante para o progresso do interior do Brasil.
d) contribuíram para a necessidade do uso de tropas de muares e de carros de bois.
e) impediam a comunicação dos núcleos de povoamento entre si.

137) Os obstáculos naturais só foram vencidos:

a) por causa do clima
b) por causa da força do povo
c) porque nem sempre os caminhos se tornavam lamaçais
d) porque os núcleos de povoamento continuavam ligados às roças e às lavouras
e) por causa da utilização das tropas de muares e dos carros de bois

138) As tropas de muares só não podem ser entendidas como tropas:

a) de cavalos
b) de mulos
c) de burros
d) de mus

e) de bestas

139) O transporte de que fala o texto só não deve ter sido, na época:

a) lento e penoso
b) difícil, mas necessário
c) duro e nostálgico
d) vagaroso e paciente
e) pachorrento, mas útil

TEXTO XXVIII

O *liberalismo é* uma teoria política e econômica que exprime os anseios da burguesia. Surge em oposição ao absolutismo dos reis e à teoria econômica do mercantilismo, defendendo os direitos da iniciativa privada e restringindo o mais possível as atribuições do Estado.

Locke foi o primeiro teórico liberal. Presenciou na Inglaterra as lutas pela deposição dos Stuarts, tendo se refugiado na Holanda por questões políticas. De lá regressa quando, vitoriosa a Revolução de 1688, Guilherme de Orange é chamado para consolidar a nova monarquia parlamentar inglesa.

(Maria Lúcia de Arruda Aranha, in História da Educação)

140) Segundo o texto, Locke:

a) participou da deposição dos Stuarts.
b) tinha respeito pelo absolutismo.
c) teve participação apenas teórica no liberalismo.
d) julgava ser necessário restringir as atribuições do Estado.
e) não sofreu qualquer tipo de perseguição política.

141) Infere-se do texto que os burgueses seriam simpáticos:

a) ao absolutismo
b) ao liberalismo
c) às atribuições do Estado
d) à perseguição política de Locke
e) aos Stuarts

142) A Revolução de 1688 foi vitoriosa porque:

a) derrubou o absolutismo.
b) implantou o liberalismo.
c) preservou os direitos de iniciativa privada.
d) baseou-se nas idéias liberais de Locke.
e) permitiu que Locke voltasse da Holanda.

143) "...que exprime os anseios da burguesia." [l. 1/2) Das alterações feitas na passagem acima, aquela que altera substancialmente seu sentido é:

a) a qual expressa os anseios da burguesia.
b) a qual exprime os desejos da burguesia.
c) que representa os anelos da burguesia.
d) que expressa os valores da burguesia.
e) que representa as ânsias da burguesia.

144) A teoria política do liberalismo se opunha:

a) a parte da burguesia
b) ao mercantilismo
c) à monarquia parlamentar
d) a Guilherme de Orange
e) ao absolutismo

145) Infere-se do texto que Guilherme de Orange:

a) não seria simpático aos burgueses.
b) teria ligações com os reis absolutistas.
c) teria idéias liberais.
d) não concordaria com Locke.
e) teria apoiado o exílio de Locke na Holanda.

TEXTO XXIX

BUROCRATAS CEGOS

A decisão, na sexta-feira, da juíza Adriana Barreto de Carvalho Rizzotto, da 7a Vara Federal do Rio, determinando que a Light e a Cerj também paguem bônus aos consumidores de energia que reduziram o consumo entre 100 kWh e 200 kWh fez justiça.
5 A liminar vale para todos os brasileiros. Quando o Governo se lançou nessa difícil tarefa do racionamento, não contou com tamanha solidariedade dos consumidores. Por isso, deixou essa questão dos bônus em suspenso. Preocupada com os recursos que o Governo federal terá que desembolsar com os prêmios, a Câmara de Gestão da Crise de Energia **10** tem evitado encarar essa questão, muito embora o próprio presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, já tenha dito que o bônus será pago.

Decididamente, os consumidores não precisavam ter lançado mão da Justiça para poder ter a garantia desse direito. Infelizmente, o **15** permanente desrespeito ao contribuinte ainda faz parte da cultura dos burocratas brasileiros. Estão constantemente preocupados em preservar a máquina do Estado. Jamais pensam na sociedade e nos cidadãos. Agem como se logo mais na frente não precisassem da população para vencer as barreiras de mais essa crise.

(Editorial de O Dia, 19/8/01)

146) De acordo com o texto:

a) a juíza expediu a liminar porque as companhias de energia elétrica se negaram a pagar os bônus aos consumidores.
b) a liminar fez justiça a todos os tipos de consumidores.
c) a Light e a Cerj ficarão desobrigadas de pagar os bônus se o Governo fizer a sua parte.
d) o excepcional retorno dado pelos consumidores de energia tomou de surpresa o Governo.
e) o Governo pagará os bônus, desde que as companhias de energia elétrica também o façam.

147) Só não se depreende do texto que:

a) os burocratas brasileiros desrespeitam sistematicamente o contribuinte.
b) o governo não se preparou para o pagamento dos bônus.
c) o chefe do executivo federal garante que os consumidores receberão o pagamento dos bônus.
d) a Câmara de Gestão está preocupada com os gastos que terá o Governo com o pagamento dos bônus.

e) a única forma de os consumidores receberem o pagamento dos bônus é apelando para a Justiça.

148) De acordo com o texto, a burocracia brasileira:

a) vem ultimamente desrespeitando o contribuinte.
b) sempre desrespeita o contribuinte.
c) jamais desrespeitou o contribuinte.
d) vai continuar desrespeitando o contribuinte.
e) deixará de desrespeitar o contribuinte.

149) A palavra que justifica a resposta ao item anterior é:

a) infelizmente *(l.* 14)
b) constantemente (/. 16)
c) cultura (/. 15)
d) jamais (/. 17)
e) permanente (/. 15)

150) Os burocratas brasileiros:

a) ignoram o passado.
b) não valorizam o presente.
c) subestimam o passado.
d) não pensam no futuro.
e) superestimam o futuro.

151) Pode-se afirmar, com base nas idéias do texto:

a) A Câmara de Gestão defende os interesses da Light e da Cerj.
b) O presidente da República espera poder pagar os bônus aos consumidores.
c) Receber o pagamento dos bônus é um direito do contribuinte, desde que tenha reduzido o consumo satisfatoriamente.
d) Os contribuintes não deveriam ter recorrido à Justiça, porque a Câmara de Gestão garantiu o pagamento dos bônus.
e) A atuação dos burocratas brasileiros deixou a Câmara de Gestão preocupada.

TEXTO XXX

É consenso entre os economistas que o setor automobilístico é o que impulsiona a economia de qualquer país. QUATRO RODAS foi conferir e viu que os números são espantosos. A começar pelo mercado de trabalho. Estima-se que um emprego em uma fábrica de carros gera, **5** indiretamente, 46 outros empregos. Por esse cálculo, 5 milhões de brasileiros dependem, em maior ou menor grau, dessa indústria. Até na construção civil a presença das rodas é enorme: 1 em cada 4 metros quadrados de espaço nas grandes cidades se destina a ruas ou estacionamentos. Na ponta do lápis, o filão da economia relacionado a **10** automóveis movimentou, no ano passado, pelo menos 216 bilhões de dólares. Como o PIB brasileiro, nesse período, foi de 803 bilhões de dólares (e ainda não havia ocorrido a maxidesvalorização), cerca de 1 em cada 4 reais que circularam no país andou sobre rodas em 1998.

(Quatro Rodas, março/99)

152) Segundo o texto, a economia de um país:

a) é ajudada pelo setor automobilístico.
b) independe do setor automobilístico.
c) às vezes depende do setor automobilístico.
d) não pode prescindir do setor automobilístico.
e) fortalece o setor automobilístico.

153) A importância do setor automobilístico é destacada:

a) por boa parte dos economistas
b) pela maioria dos economistas
c) por todos os economistas
d) por alguns economistas
e) pelos economistas que atuam nessa área

154) Pelo texto, verifica-se que:

a) alguns países têm sua economia impulsionada pelo setor automobilístico.
b) o PIB brasileiro seria melhor sem o setor automobilístico.
c) para os economistas, o setor automobilístico tem importância relativa na economia brasileira.
d) cinco milhões de brasileiros têm seu sustento no setor automobilístico.
e) em 1998, três quartos da economia brasileira não tinham relação com o setor automobilístico.

155) "A começar pelo mercado de trabalho." (/. 3/4) Das alterações feitas na passagem acima, aquela que lhe altera basicamente o sentido é:

a) a princípio pelo mercado de trabalho
b) começando pelo mercado de trabalho
c) em princípio pelo mercado de trabalho
d) principiando pelo mercado de trabalho
e) iniciando pelo mercado de trabalho

156) Segundo o texto, o setor automobilístico:

a) está presente em segmentos diversos da sociedade.
b) limita-se às fábricas de veículos.
c) no ano de 1988 gerou salários de aproximadamente 216 bilhões de dólares.
d) ficou imune à maxidesvalorização.
e) gera, pelo menos, 47 empregos por fábrica de automóveis.

157) A palavra ou expressão que justifica a resposta ao item anterior é:

a) qualquer (/. 2)
b) gera (/. 4)
c) até (/. 6)
d) na ponta do lápis (/. 9)
e) no país (/. 13)

TEXTO XXXI

Vários planetas são visíveis a olho nu: Marte, Júpiter, Vênus, Saturno e Mercúrio. Esses astros já eram conhecidos não apenas dos gregos, mas também de povos ainda mais antigos, como os babilônios.

Apesar de sua semelhança com as estrelas, os planetas eram identificados **5** pelos povos da Antigüidade graças a duas características que os diferenciavam. Primeiro: as estrelas, em curtos períodos, não variam de posição umas em relação às outras. Já os planetas mudam de posição no céu com o passar das horas. À noite, esse movimento pode ser percebido com facilidade. Segundo: as estrelas têm uma luz que, por ser própria, **10** pisca levemente. Já os planetas, que apenas refletem a luz do Sol, têm um brilho fixo. Os planetas mais distantes da Terra só puderam ser descobertos bem mais tarde, com a ajuda de aparelhos ópticos como o telescópio. "O primeiro deles a ser identificado foi Urano, descoberto em 1781 pelo astrônomo inglês William Herschel", afirma a astrônoma Daniela Lázzaro, **15** do Observatório Nacional do Rio de Janeiro.

(Superinteressante, agosto/01)

158) Com relação às idéias contidas no texto, não se pode afirmar que:

a) os gregos não conheciam o planeta Urano.
b) os gregos, bem como outros povos da Antigüidade, conheciam vários planetas do Sistema Solar.
c) a olho nu, os planetas se assemelham às estrelas.
d) os povos da Antigüidade usavam aparelhos ópticos rudimentares para identificar certos planetas.
e) os povos antigos sabiam diferençar os planetas das estrelas, mesmo sem aparelhos ópticos.

159) Infere-se do texto que a Astronomia é uma ciência que, em dadas circunstâncias, pode prescindir de:

a) estrelas
b) planetas
c) instrumentos
d) astrônomos
e) estrelas, planetas e astrônomos

160) A locução prepositiva "graças a" (/. 5) tem o mesmo valor semântico de:

a) mas também (/. 3)
b) apesar de (/. 3)
c) com (/. 8)
d) por (/. 9)
e) em (/. 13)

161) “Esses astros já eram conhecidos não apenas dos gregos, mas também de povos ainda mais antigos...” Das alterações feitas na passagem acima, aquela que apresenta sensível alteração de sentido é:

a) Esses astros já eram conhecidos não somente dos gregos, como também de povos ainda mais antigos.
b) Tais planetas já eram conhecidos não apenas dos gregos, mas também de povos ainda mais antigos.
c) Esses astros já eram conhecidos não apenas pelos gregos, mas também por povos ainda mais antigos.
d) Esses astros já eram conhecidos tanto pelos gregos, como por povos ainda mais antigos.
e) Esses astros já eram conhecidos não apenas através dos gregos, mas também através de povos mais antigos.

162) A diferença que os antigos já faziam entre estrelas e planetas era de:

a) brilho e posição
b) beleza e posição
c) importância e disposição
d) brilho e importância
e) beleza e disposição

163) Infere-se do texto que o planeta Netuno:

a) era conhecido dos gregos.
b) foi descoberto sem ajuda de aparelhos ópticos.
c) foi descoberto depois de Plutão.
d) foi descoberto depois de Urano.
e) foi identificado por acaso.

164) Segundo o texto, as estrelas:

a) nunca mudam de posição.
b) são iguais aos planetas.
c) não piscam.
d) só mudam de posição à noite.
e) mudam de posição em longos períodos de tempo.

TEXTO XXXII

Não faz muito tempo, a mata virgem, as ondas generosas e as areias brancas da Praia do Rosa, no sul catarinense, despertaram a atenção de surfistas e viajantes em busca de lugares inexplorados. Era meados dos anos 70, e este recanto permanecia exclusivo de poucas famílias de **5** pescadores. O tempo passou e hoje "felizmente", conforme se ouve em conversas com a gente local, o Rosa não mudou.

Mesmo estando localizada a apenas 70 quilômetros de Florianópolis e vizinha do badalado Balneário de Garopaba, a Praia do Rosa preserva, de forma ainda bruta, suas belezas naturais. É claro que **10** houve mudanças desde sua descoberta pelos forasteiros. Mas, ao contrário de muitos lugarejos de nossa costa que tiveram a natureza devastada pela especulação imobiliária, esta região resiste intacta graças a um pacto entre moradores e donos de pousadas. Uma das medidas adotadas por eles, por exemplo, é que ningué m ocupe mais de 20% de **15** seu terreno com construção. Assim, o verde predomina sobre os morros de frente para o mar azul repleto de baleias. Baleias? Sim, baleias francas, a mais robusta entre as espécies desses mamíferos marinhos, que chegam a impressionantes 18 metros e até 60 toneladas.

(Sérgio T. Caldas, na Os caminhos da Terra, dez./00)

165) Quanto à Praia do Rosa, o autor se contradiz ao falar:

a) da localização
b) dos moradores
c) da mudança
d) do tempo
e) do valor

166) O texto só não nos permite afirmar, com relação à Praia do Rosa:

a) mantém intactas suas belezas naturais.
b) manteve-se imune à especulação imobiliária.
c) não fica distante da capital do Estado.
d) no início dos anos 70, surfistas e exploradores se encantaram com suas belezas naturais.
e) trata-se de um local tranqüilo, onde todos respeitam a natureza.

167) Pelo visto, o que mais impressionou o autor do texto foi a presença de:

a) moradores
b) baleias
c) surfistas
d) donos de pousadas
e) viajantes

168) O fator determinante para a preservação do Rosa é:

a) a ausência da especulação imobiliária
b) o amor dos moradores pelo lugar
c) a consciência dos surfistas que freqüentam a região
d) o pacto entre moradores e donos de pensão
e) a proximidade de Florianópolis

169) O primeiro período do segundo parágrafo terá o seu sentido alterado se for iniciado por:

a) a despeito de estar localizada
b) não obstante estar localizada
c) ainda que esteja localizada
d) contanto que esteja localizada
e) posto que estivesse localizada

170) 0 adjetivo empregado com valor conotativo é:

a) generosas (/ 1)
b) exclusivo (/. 4)
c) bruta (/. 9)
d) intacta (/. 12)
e) azul (/. 16)

171) O adjetivo "badalado" (/. 8):

a) pertence à língua literária e significa **importante.**
b) é linguagem jornalística e significa **comentado.**
c) pertence à língua popular e significa **muito falado.**
d) *é* linguagem científica e significa **movimentado.**
e) pertence à língua coloquial e significa **valiosa.**

TEXTO XXXIII

A vida é difícil para todos nós. Saber disso nos ajuda porque nos poupa da autopiedade. Ter pena de si mesmo é uma viagem que não leva a lugar nenhum. A autopiedade, para ser justificada, nos toma um tempo enorme na construção de argumentos e motivos para nos **5** entristecermos com uma coisa absolutamente natural: nossas dificuldades.

Não vale a pena perder tempo se queixando dos obstáculos que têm de ser superados para sobreviver e para crescer. É melhor ter pena dos outros e tentar ajudar os que estão perto de você e precisam de **10** uma mão amiga, de um sorriso de encorajamento, de um abraço de conforto. Use sempre suas melhores qualidades para resolver problemas, que são: capacidade de amar, de tolerar e de rir.

Muitas pessoas vivem a se queixar de suas condições desfavoráveis, culpando as circunstâncias por suas dificuldades ou **15** fracassos. As pessoas que se dão bem no mundo são aquelas que saem em busca de condições favoráveis e se não as encontram se esforçam por criá-las. Enquanto você acreditar que a vida é um jogo de sorte vai perder sempre. A questão não é receber boas cartas, mas usar bem as que lhe foram dadas.

(Dr. Luiz Alberto Py, in O Dia, 30/4/00)

172) Segundo o texto, evitamos a autopiedade quando:

a) aprendemos a nos comportar em sociedade.
b) nos dispomos a ajudar os outros.
c) passamos a ignorar o sofrimento.
d) percebemos que não somos os únicos a sofrer.
e) buscamos o apoio adequado.

173) Para o autor, o mais importante para a pessoa é:

a) perceber o que ocorre à sua volta.
b) ter pena das pessoas que sofrem.
c) buscar conforto numa filosofia ou religião.
d) esforçar-se para vencer as dificuldades.
e) estar ciente de que, quando menos se espera, surge a dificuldade.

174) A autopiedade, segundo o autor:

a) é uma doença.
b) é problema psicológico.
c) destrói a pessoa.
d) não pode ser evitada.
e) não conduz a nada.

175) A vida é comparada a um jogo em que a pessoa:

a) precisa de sorte.
b) deve saber jogar.
c) fica desorientada,
e) geralmente perde.
e) não pode fazer o que quer.

176) A superação das dificuldades da vida leva:

a) àpaz
b) à felicidade
c) ao equilíbrio
d) ao crescimento
e) à auto-estima

177) Os sentimentos que levam à superação das dificuldade são:

a) fé, tolerância, abnegação
b) amor, desapego, tolerância
c) caridade, sensibilidade, otimismo
d) fé, tolerância, bom humor
e) amor, tolerância, alegria

178) Para o autor:

a) não podemos vencer as dificuldades.
b) só temos dificuldades por causa da nossa imprevidência.
c) não podemos fugir das dificuldades.
d) devemos amar as dificuldades.
e) devemos procurar as dificuldades.

TEXTO XXXIV

ESPERANÇAS

Apesar de 4 bilhões de pessoas viverem na pobreza, entre os seis bilhões de habitantes da Terra, as pessoas simples continuam a acreditar num futuro melhor. Não importa se esse sentimento brota da emoção, da fé ou da esperança.
5 O importante é ressaltar que a crise de uma concepção científica do mundo abre, agora, a perspectiva de que os caminhos da história não sejam apenas aqueles previstos pelas largas avenidas das ideologias modernas.

Os atalhos são, hoje, as vias principais, como o demonstram o **10** Fórum Social de Porto Alegre e a força das mobilizações contra o atual modelo de globalização. Assim como o aparente perfil caótico da natureza ganha um sentido evolutivo e coerente na esfera biológica, do mesmo modo haveria um nível - que o Evangelho denomina amor - em que as relações humanas tomam a direção da esperança.
15 É verdade que, com o Muro de Berlim, ruiu quase tudo aquilo que sinalizava um futuro sem opressores e oprimidos. Agora as leis do mercado importam mais do que as leis da ética.
Mas, e a pobreza de 2/3 da humanidade? O que significa falar em liberdades quando não se tem acesso a um prato de comida? Esta é a **20** grande contradição da atual conjuntura: nunca houve tanta liberdade para tantos famintos! Mesmo os povos que no decorrer das últimas décadas não conheceram a pobreza e o desemprego agora se deparam com esses flagelos, como ocorre nos países do leste europeu.

A ironia é que, hoje, aqueles povos são livres para escolher **25** seus governantes, podem circular por suas fronteiras e manifestar suas discordâncias em público. Mas lhes é negado o direito de escolher um sistema social que não assegure a reprodução do capital privado.

(Frei Beto, in O Dia, 19/8/01)

179) O texto pode ser entendido como um manifesto contrário ao:

a) presidencialismo
b) parlamentarismo
c) comunismo
d) socialismo
e) capitalismo

180) "Nunca houve tanta liberdade para tantos famintos." No trecho destacado, o autor questiona o valor:

a) da globalização
b) da democracia

c) das políticas econômicas
d) das privatizações
e) do governo

181) No texto, só não há correspondência entre:

a) esse sentimento (/. 3) e crença num futuro melhor (/. 2)
b) atalhos (/. 9) e Fórum e força das mobilizações (/. 9)
c) aparente perfil caótico (/. 11) e sentido evolutivo (/. 12)
d) Muro de Berlim (/. 15) e opressores e oprimidos (/. 16)
e) seus governantes (/. 25) e lhes (/. 26)

182) Segundo o autor, os povos do antigo bloco comunista do leste europeu:

a) continuam sem liberdade de expressão.
b) hoje são mais felizes porque são livres.
c) são irônicos, apesar de livres.
d) não são totalmente livres.
e) sofrem com a ironia do governo.

183) O sinônimo adequado para "ressaltar" (/. 5) é:

a) demonstrar
b) dizer
c) destacar
d) apontar
e) afirmar

184) O grande paradoxo do mundo atual seria:

a) simplicidade - esperança
b) concepção científica - fé
c) liberdade - fome
d) esfera biológica - amor
e) sistema social - capital privado

185) "É verdade que, com o Muro de Berlim, ruiu quase tudo aquilo que sinalizava um futuro sem opressores e oprimidos." Só não há paráfrase do trecho destacado acima em:

a) Com o Muro de Berlim, certamente, caiu tudo que apontava para um futuro sem opressores e oprimidos.
b) É certo que vieram abaixo, com o Muro de Berlim, todas as coisas que sinalizavam um futuro sem opressores e oprimidos.
c) Com a queda do Muro de Berlim, na verdade, veio abaixo tudo aquilo que apontava para um futuro sem opressores e oprimidos.

d) É verdade que, por causa do Muro de Berlim, veio abaixo tudo que sinalizava um futuro sem opressores e oprimidos.
e) Ruiu, certamente, com o Muro de Berlim, tudo aquilo que sinalizava um porvir sem opressores e sem oprimidos.

TEXTO XXXV

O solvente, segundo a onda terrorista espalhada no país, é uma espécie de veneno químico que inescrupulosos donos de postos e distribuidoras mal-intencionadas deram de adicionar à gasolina. Com isso, esses bandidos estariam lesando os concorrentes (porque pagam barato **5** pelos adulterantes), os cofres públicos (porque os impostos significam 70% do custo da gasolina; mas são baixos quando aplicados diretamente sobre os solventes) e o consumidor, já que os produtos estranhos teriam uma atuação demoníaca na saúde do motor e dos componentes do carro, roendo mangueiras e detonando – no pior dos sentidos – o sistema de **10** combustão. Pior: quando adicionado por especialistas, o solvente quase não deixa pistas. É indetectível em testes simples e imperceptível durante o funcionamento do veículo.

Para cercar esse inimigo, QUATRO RODAS recorreu ao Instituto de Pesquisas Tecnológicas de São Paulo, o insuspeito IPT. Na tentativa de **15** flagrar postos que estivessem misturando substâncias estranhas à gasolina, repórteres coletaram amostras de combustível Brasil afora, para submetê-las à cromatografia, um método capaz de revelar cada componente de uma amostra, bem como a quantidade de cada elemento na mistura. No primeiro lote, de doze amostras reunidas numa viagem **20** entre Buenos Aires e São Paulo, uma revelação esperada: segundo o laudo do IPT, quatro delas estavam adulteradas pela presença de solventes em proporções acima das encontradas na gasolina de referência da refinaria Replan, de Paulínia, a 117 quilômetros da capital paulista.

(D. Schelp e L. Martins, na Quatro Rodas, março/00)

186) Segundo o texto:

a) a gasolina brasileira é sempre adulterada nos postos de gasolina.
b) a gasolina argentina é superior à brasileira.
c) os donos de postos de gasolina e, principalmente, distribuidoras mal-intencionadas têm adicionado solventes à gasolina.
d) a situação é mais grave se o solvente é adicionado sob a orientação de pessoas que detenham uma técnica apurada.
e) a situação é tão grave que nem a cromatografia tem sido capaz de mostrar a adulteração da gasolina.

187) Depreende-se do texto que o IPT:

a) não tem estrutura para resolver o problema.
b) deveria usar a cromatografia.
c) dispõe de repórteres capazes de fazer a coleta de gasolina.
d) examina as amostras coletadas em postos de gasolina.
e) fica situado a 117 quilômetros da cidade de São Paulo.

188) A revista recorreu ao IPT porque:

a) ele é um instituto insuspeito.
b) ele fica em São Paulo, ponto final da viagem dos repórteres.
c) a gasolina de referência é a da Replan.
d) os cofres públicos estão sendo lesados.
e) testes simples não podem resolver o problema.

189) A alternativa em que se substituem, sem alteração de sentido, os elementos conectores "segundo" (/. 1), "com isso" (/. 3), "já que" (/. 7) e"para"(/. 13) é:

a) conforme, apesar disso, porque, a fim de
b) consoante, dessa forma, uma vez que, a fim de
c) consoante, assim, uma vez que, por
d) não obstante, dessa forma, porquanto, a fim de
e) conforme, aliás, uma vez que, por

190) Segundo o texto:

a) a gasolina não pode ter nenhum tipo de solvente.
b) há mais gasolina adulterada no Brasil, na faixa entre Buenos Aires e São Paulo.
c) por detonar o sistema de combustão, os bandidos lesam os concorrentes, os cofres públicos e o consumidor.
d) o IPT não seria o instituto adequado para fazer a avaliação da gasolina, por ser insuspeito.
e) o resultado da pesquisa encaminhada ao IPT não causou estranheza aos elementos envolvidos.

191) Com base nas idéias contidas no texto, pode-se afirmar que:

a) solvente é sempre veneno químico.
b) terroristas estão adulterando a gasolina.
c) donos de postos de gasolina são inescrupulosos.
d) os solventes adicionados à gasolina são baratos, por isso os bandidos levam vantagem sobre os concorrentes.
e) durante a viagem entre Buenos Aires e São Paulo, os repórteres desconfiaram da presença de gasolina adulterada em seu carro.

192) "...deram de adicionar à gasolina." (/. 3) Por "deram de", entende-se:

a) começaram a
b) acostumaram-se a
c) insistem em
d) precisam
e) desejavam

193) De acordo com o texto, a gasolina ideal:

a) leva poucos solventes.
b) não leva solventes.
c) é a da Replan.
d) não rói mangueira.
e) é a mais barata.

TEXTO XXXVI

OS UMBRAIS DA CAVERNA

RIO DE JANEIRO - Não sei por que(*), mas associei duas declarações da semana passada, feitas no mesmo dia, mas separadas por espaço e objetivo.

No Brasil, o presidente da República declarou que "já vamos **5** transpor os umbrais do atraso". No Afeganistão, um tal de Abdul Rahman, ministro do novo governo que ali se instalou, acredita que o país será invadido por turistas de todo o mundo interessados em conhecer Tora Bora e Candahar.

Louve-se o otimismo de um e de outro. Sempre ouvi dizer que **10** o otimista é um cara mal-informado. As duas declarações, juntas ou separadas, são uma prova. Os umbrais do atraso que FHC anuncia transpor e os encantos turísticos do Afeganistão são boas intenções ainda distantes da realidade. Certo que não faltam progressos em nossa vida como nação e povo, mas o quadro geral ainda é lastimável, **15** sobretudo pela existência de dois cenários contraditórios - um cada vez mais rico e outro cada vez mais miserável.

Os umbrais que separam a riqueza da miséria não serão transpostos com as prioridades que sete anos de tucanato estabeleceram para o país. Quando Maria Antonieta perguntou por que o povo não comia **20** bolos à falta de pão, também pensava que a monarquia havia transposto os umbrais do atraso.

Quanto ao interesse de as cavernas de Tora Bora provocarem uma invasão de turistas, acho discutível esse tipo de atração. Reconheço que há exageros na massificação do turismo internacional, mas não a esse **25** ponto.

Em todo o caso, não custa abrir um crédito de esperança para as burras do erário afegão. Se o ministro Abdul Rahman contratar um dos nossos marqueteiros profissionais, desses que prometem eleger um poste para a Presidência da República, é possível que muita gente vá conhecer **30** as cavernas onde ainda não encontraram Osama bin Laden.

(Carlos Heitor Cony, na Folha de São Paulo, 13/1/02)

*A palavra aparece assim na edição eletrônica da Folha. No entanto, deve ser acentuada (quê).

194) O autor não acredita:

a) na boa intenção do presidente da República.
b) que o Afeganistão será invadido por turistas de todo o mundo.
c) que o ministro afegão seja otimista.
d) que o otimista é um cara mal-informado.
e) em semelhanças entre as declarações de FHC e Abdul Rahman.

195) Maria Antonieta é comparada a:

a) Abdul Rahman
b) turistas de todo o mundo
c) Tora Bora
d) FHC
e) um cara mal-informado

196) "...não custa abrir um crédito de esperança para as burras do erário afegão." Neste trecho, "as burras do erário afegão" significam:

a) as pessoas ignorantes do Afeganistão
b) os animais de carga do Afeganistão
c) os cofres do tesouro do Afeganistão
d) o dinheiro da iniciativa privada do Afeganistão
e) o dinheiro de empresas falidas do Afeganistão, confiscado pelo novo governo

197) Ao definir o otimista, o autor valeu-se de uma linguagem:

a) hermética
b) culta
c) chula
d) coloquial
e) ofensiva

198) Para o autor, tanto FHC como Abdul Rahman:

a) estão descontentes com a situação em seus países.
b) têm ampla visão social.
c) são demagogos.
d) não têm preparo para ocupar seus cargos.
e) são mal-informados.

199) Se levarmos em conta a afirmação de FHC, teremos de concluir que o Brasil:

a) não é mais um país atrasado.
b) continuará a ser um país atrasado.
c) levará muitos anos para se desenvolver.
d) em pouco tempo deixará de ser um país atrasado.
e) tem condições de ser um país adiantado.

200) No último parágrafo do texto, o autor utiliza uma linguagem:

a) metafórica
b) hiperbólica
c) irônica

d) leviana
e) pessimista

201) Para o autor, as declarações de FHC e do ministro só não têm em comum o fato de:

a) serem equivocadas.
b) partirem de pessoas otimistas.
c) serem despropositadas.
d) serem bem-intencionadas.
e) supervalorizarem a capacidade turística de seus países.

TEXTO XXXVII

TOLERÂNCIA

Quando o mundo se torna violento, buscamos uma explicação em que a compreensão se expresse em atos e palavras. Mas como explicar a tortura, o assassinato, a censura, o imperialismo ou o terrorismo, ferramentas favoritas dos repressores que querem evitar qualquer opinião **5** divergente?

Histórias recentes da América Latina, da Europa e do Oriente Médio comprovam tais fatos: é o caso de Cuba de Castro, do Peru de Fujimori e dos radicalismos políticos, de triste memória, da Argentina e do Brasil; é a incompreensão de protestantes e católicos, na Irlanda; é a **10** questão entre judeus e palestinos, que faz sangrar a Terra Santa. O fanatismo defensor de uma verdade aceita como única não é patrimônio exclusivo das ditaduras. Hoje os fundamentalismos religiosos, misturados a frustrações econômicas e sociais, são a expressão patológica de uma quebra de equilíbrio do universo. Como, então, enfrentá-los?

15 Não há melhor antídoto contra a conduta intolerante que a liberdade, conseqüência da pluralidade, que consiste em defender idéias próprias, mas aceitando que o outro possa ter razão. Precisamos reconhecer velhas verdades: a violência gera violência; todo poder é abusivo; o fanatismo é inimigo da razão; todas as vidas são preciosas; a **20** guerra jamais é gloriosa, exceto para os vencedores que crêem que Deus está ao lado dos grandes exércitos.

A solidariedade e a tolerância democrática, inexistentes no nosso tempo, implicam uma revolução em nossas mentalidades e na aceitação do que percebemos como diferentes, para se configurar uma **25** sociedade multicultural. Esses são os desafios éticos que deveríamos enfrentar, sem a arrogância dos países desenvolvidos e sem a marginalização dos subdesenvolvidos, afundados na miséria e na fome.

(Carlos Alberto Rabaça, em O Dia, 21 /11 / 01)

202) Para o autor, o maior problema do mundo atual é:

a) o fanatismo religioso
b) as ditaduras
c) a intolerância
d) a violência
e) a miséria

203) O autor faz alusão a problemas específicos de vários países. Aquele cujo problema é diferente do dos demais é:

a) Brasil

b) Irlanda
c) Argentina
d) Cuba
e) Peru

204) Com base nas idéias contidas no texto, pode-se afirmar que:

a) só as ditaduras aceitam uma verdade tida como única.
b) o fundamentalismo religioso não colabora com a queda do equilíbrio universal.
c) nada pode combater a intolerância de nossos dias.
d) tudo pode ser explicado, inclusive a intolerância.
e) o mundo atual não tem solidariedade e tolerância democrática.

205) Em sua função anafórica, o pronome relativo "que" (/. 16) refere-se no texto a:

a) antídoto
b) pluralidade
c) idéias
d) conduta
e) liberdade

206) Não são elementos antagônicos:

a) Brasil / Argentina
b) protestantes / católicos
c) judeus / palestinos
d) arrogância / marginalização
e) conduta intolerante / liberdade

207) "Expressão patológica" *(l.* 13) é expressão:

a) deturpada
b) exagerada
c) cotidiana
d) mórbida
e) sombria

208) Segundo o texto, ser livre é:

a) fazer o que se quer.
b) valorizar as suas idéias, em detrimento das dos outros.
c) ter suas idéias e admitir as dos outros.
d) viver intensamente.
e) não se preocupar com a intolerância do mundo.

TEXTO XXXVIII

QUENTE E FRIO

Me dizem que, de acordo com uma convenção internacional, a torneira de um lado é sempre a da água quente e a do outro, logicamente, a da água fria. Mas nunca me lembro quais são os lados. Não usam mais os velhos Q e F, imagino, para não descriminar* os analfabetos, nem as **5** cores vermelho para quente e azul para fria, para não descriminar* os daltônicos. Mas e nós, os patetas? Também precisamos tomar banho.

Nunca nos lembramos de que lado é o quente e de que lado é o frio e estamos condenados a sustos constantes ou então a demorada experimentação até acertar a temperatura da água. Isso quando os **10** controles não estão concentrados numa única supertorneira de múltiplas funções, na qual você pode escolher volume e temperatura numa combinação de movimentos sincronizados depois de completar um curso de aprendizagem do qual também sairá capacitado a pilotar um Boeing.

A verdade é que existe uma conspiração para afastar do mundo **15** do consumo moderno as pessoas, digamos, neuronicamente prejudicadas. Em alguns casos a depuração foi longe demais e o resultado é que hoje existem, comprovadamente, apenas dezessete pessoas em todo o mundo que sabem programar o *timer* para gravação num videocassete. Destas, quinze só revelam o que sabem por muito dinheiro, **20** uma está muito doente e a outra se retirou para o Tibete e não quer ser incomodada. Na maioria dos casos, no entanto, as instruções para uso são dirigidas a pessoas normais, com um mínimo de acuidade e bom senso - quer dizer, são contra nós! Mas eu já me resignara a não saber programar o *timer*, ou sequer saber o que era um *timer*, ou jamais usar a **25** tecla Num Lock com medo de trancar todos os computadores num raio de um quilômetro, desde que me sentisse confortável no mundo que eu dominava. Como, por exemplo, no chuveiro. E enta'o a modernidade chegou às torneiras, e quente e frio também se transformaram em desafios intelectuais. Quente é a da esquerda e fria é a da direita, é isso?

30 Ou é o contrário? É uma conspiração.

(Luís F. Veríssimo, em O Globo, 13/1/02)

* Escrita assim na página eletrônica consultada. O perfeito é **discriminar.**

209) O texto nos fala:

a) da inépcia de todos os analfabetos
b) do problema dos daltônicos
c) da dificuldade em se decidir entre água fria e água quente
d) da dificuldade trazida pela modernidade

e) do caráter obsoleto de determinados aparelhos domésticos

210) O tom predominante no texto *é* de:

a) perplexidade
b) humorismo
c) decepção
d) realismo
e) determinismo

211) O texto é formado a partir de hipérboles. Assinale o trecho que não denota nenhum tipo de exagero.

a) "Nunca nos lembramos de que lado é o quente e de que lado é o frio..." (/. 7)
b) "...do qual também sairá capacitado a pilotar um Boeing." (/. 13)
c) "...existem, comprovadamente, apenas dezessete pessoas em todo o mundo..." (/. 17/18)
d) "Mas eu já me resignara a não saber programar o *timer...*" (/. 23/24)
e) "É uma conspiração." (/. 30)

212) Pelo visto, a supertorneira:

a) simplifica as coisas.
b) agrada a todos.
c) é mais um elemento complicador.
d) não apresenta grandes utilidades.
e) é uma peça totalmente inútil.

213) Embora brincando, o autor se inclui entre:

a) os analfabetos
b) os daltônicos
c) as pessoas neuronicamente prejudicadas
d) as pessoas normais
e) as que só revelam o que sabem por muito dinheiro

214) Para o autor, não se usam mais Q e F ou o vermelho e o azul para evitar:

a) que as pessoas tenham muitas coisas para decorar.
b) o crescimento do número de patetas.
c) que as pessoas neuronicamente prejudicadas fiquem sem entender o funcionamento das torneiras.
d) a marginalização de determinados indivíduos.
e) que as pessoas normais se sintam discriminadas.

215) O texto fala da dificuldade do autor no dia-a-dia. Assinale o que não se enquadra nesse caso.

a) o quente e o frio da torneira

b) o uso da supertorneira
c) dirigir um Boeing
d) o *timer* do videocassete
e) a tecla Num Lock

216) Na realidade, o problema do autor seria a falta de:

a) inteligência
b) paciência
c) humildade
d) concentração
e) memória

217) Que palavra pode substituir "acuidade" *(l.* 22) sem prejuízo do sentido original do texto?

a) originalidade
b) perspicácia
c) inteligência
d) vontade
e) persistência

218) Antes do desafio intelectual das novas torneiras, o autor se sentia:

a) tranqüilo
b) esperançoso
c) desanimado
d) um pateta
e) inseguro

219) O eufemismo é a figura que consiste em suavizar uma idéia desagradável. Assinale o trecho em que isso ocorre.

a) "Não usam mais os velhos Q e F..." (/. 3/4)
b) "Mas e nós, os patetas?" (/. 6)
c) "Também precisamos tomar banho." (/. 6)
d) "...as pessoas, digamos, neuronicamente prejudicadas." (/. 15/16)
e) "E então a modernidade chegou às torneiras..." (/. 27/28)

TEXTO XXXIX

COMO NASCEM, VIVEM E MORREM AS ESTRELAS?

A existência de um astro, que dura de 100 milhões a 1 trilhão de anos, passa por três fases: nascimento, meia-idade e maturidade.

"Todas as estrelas nascem da mesma forma: pela união de gases", diz o astrônomo Roberto Boczko, da Universidade de São Paulo (USP). Partículas **5** de gás (geralmente hidrogênio) soltas no Universo vão se concentrando devido às forças gravitacionais que puxam umas contra as outras.

Formam, assim, uma gigantesca nuvem de gás que se transforma em estrela - isto é, um corpo celeste que emite luz.

A gravidade espreme essa massa gasosa a tal ponto que funde **10** os átomos em seu interior. Essa fusão é uma reação atômica que transforma hidrogênio em hélio, gerando grande quantidade de calor e de luz. Um exemplo de estrela jovem são as Pleiades, na Via Láctea, resultado de fusões que começaram há poucos milhões de anos.

Durante a meia-idade - cerca de 90% da sua existência -, a **15** estrela permanece em estado de equilíbrio. Seu brilho e tamanho variam pouco, ocorrendo apenas uma ligeira contração. É o caso do Sol, que, com 4,5 bilhões de anos, se encontra nessa fase intermediária de sua existência, sofrendo mínima condensação.

Quando a maior parte do hidrogênio que a com põe se esgota, **20** a estrela entra na maturidade - este sim, um período de drásticas transformações. Praticamente todo o hidrogênio do núcleo já se converteu em hélio. Com isso, diminui a fusão entre as moléculas de gás e começa um período de contração e aquecimento violentos no corpo celeste. A quantidade de calor e luz gerados é tão grande que o movimento se inverte: **25** o astro passa a se expandir rapidamente. Seu raio chega a aumentar 50 vezes e o calor se dilui. A estrela vira uma gigante vermelha. Um exemplo é Antares, na constelação de Escorpião - uma amostra de como ficará o Sol daqui a 4,5 bilhões de anos, engolindo todo o Sistema Solar.

Já na maturidade, a falta de hidrogênio torna-se crítica. Apesar **30** da rápida expansão, a fusão entre os gases diminui continuamente: o astro caminha para o seu fim. O modo como ele morrerá depende da sua massa.

Se ela for até duas vezes a do Sol, sua contração transformará o corpo celeste em um pequeno astro moribundo, cuja gravidade já não consegue segurar os gases da periferia. Mas se a massa for de duas a três vezes a do **35** Sol, a contração final será muito forte, criando um corpo celeste extremamente denso chamado pulsar, ou estrela de neutrons. Quando a massa é maior, a condensação final é mais violenta ainda e o núcleo do antigo astro vira um buraco negro - sua densidade é tão alta que ele não deixa nem a luz escapar. Simultaneamente, os gases da camada mais **40** periférica dessa estrela se transformam em uma supernova - massa de gás que brilha por pouco tempo até sumir de uma vez por todas.

(Superinteressante, agosto de 2001)

220) A ciência de que trata o texto se chama:

a) Biotecnia
b) Exobiologia
c) Astronomia
d) Astrologia
e) Ufologia

221) Segundo o texto:

a) nem todos os astros morrem.
b) as Pleiades são estrelas na fase da maturidade.
c) as estrelas nem sempre possuem luz própria.
d) o Sol ainda não entrou na fase da maturidade.
e) os astros têm um mesmo tipo de nascimento e morte.

222) "A gravidade espreme essa massa gasosa a tal ponto que funde os átomos em seu interior." Se começarmos o período acima por "A gravidade funde os átomos em seu interior", o elemento conector que deverá ser usado para que se mantenha a coesão textual e o sentido original é:

a) se bem que
b) contudo
c) porque
d) caso
e) a fim de que

223) Só não diz respeito à maturidade de uma estrela:

a) fase de grandes transformações
b) expansão rápida
c) conversão de hidrogênio em hélio
d) escassez de hidrogênio
e) aumento contínuo de calor, até a morte

224) Sobre Antares, com base no texto, não se pode afirmar:

a) é estrela na fase da maturidade.
b) situa-se na constelação de Escorpião.
c) é uma estrela vermelha.
d) Seu raio aumentou muito.
e) não pertence à Via Láctea.

225) Sobre o pulsar, podemos inferir que:

a) é um tipo de estrela de meia-idade.
b) é um astro que surge com a morte de uma estrela.

c) é o mesmo que buraco negro.
d) é um astro de massa semelhante à do Sol.
e) os gases de sua camada periférica transformam-se em uma supernova.

226) Com base nas idéias contidas no texto, só não se pode dizer que:

a) o tempo de vida dos astros é bastante variado.
b) toda estrela tem origem numa nuvem de gás.
c) a maior parte da vida de um astro é a meia-idade.
d) As Pleiades, o Sol e Antares têm em comum apenas o fato de serem estrelas.
e) uma estrela de neutrons é tão densa quanto um buraco negro.

227) Os dois pontos que aparecem depois de "continuamente" (/. 30) podem ser substituídos, sem alteração de sentido, por:

a) porque
b) e
c) mas
d) ou
e) à medida que

TEXTO XL

GRITOS DE INDEPENDÊNCIA

Comemora-se a independência do Brasil. Consta que não houve sangue, apenas o grito do Ipiranga, que marcou a ruptura com a tutela portuguesa, mantendo no poder o português D. Pedro I, que se proclamou imperador do Brasil, mas terminou seus dias como duque de **5** Bragança e figura, na relação dinástica, como o 28° rei de Portugal. Como se vê, na passarela da história, o samba não é o do crioulo doido.

Entre o fato e a versão do fato, a história oficial tende à segunda. Ainda hoje se discute se o grito decorreu do sonho de uma pátria independente ou da ambição de um império tropical. Ficou o grito parado **10** no ar, expresso nos rostos contorcidos das figuras de Portinari, no romanceiro de Cecília Meireles, na poesia agônica de Chico Burque, no coração desolado das mães brasileiras que enterram, por ano, cerca de 300 mil recém-nascidos, precocemente tragados pelos recursos que faltam à área social. O número só não é maior graças ao voluntariado da **15** Pastoral da Criança, monitorada pela doutora Zilda Arns.

O Brasil, pátria vegetal, ostenta o semblante de uma cordialidade renegada por sua história. Sob o grito da independência ressoam os dos índios trucidados pela empresa colonizadora, agora restaurada pela assepsia étnica proposta pelos integracionistas que julgam **20** as reservas indígenas privilégio nababesco. Ecoam também os gritos das vítimas indefesas de entradas e bandeiras, Fernão Dias sacrificando o próprio filho em troca de um punhado de pedras preciosas, bandeirantes travestidos de heróis da pátria pelo relato histórico dos brancos, versão barroca do esquadrão da morte rural, diriam os índios se figurassem **25** como autores em nossa historiografia.

Abafam-se, em vão, os gritos arrancados à chibata dos negros arrastados de além-mar, sem contar as revoltas populares que minam o mito de uma pacífica abnegação que só existe no ufanismo de uma elite que se perfuma quando vai à caça.

30 Pátria armada de preconceitos arraigados, casa-grande que traça os limites intransponíveis da senzala, na pendular política de períodos autoritários alternados com períodos de democracia tutelar, já que, neste país, a coisa pública é negócio privado. índios, negros, mulheres, lavradores e operários não merecem a cidadania, reza a prática daqueles **35** que sequer se envergonham de serem compatriotas de 50 milhões de pessoas que não dispõem de R$ 80 mensais para adquirir a cesta básica.

À galera, as tripas, marca indelével em nossa culinária, como a feijoada. Privatizam-se empresas e sonhos, valores e sentimentos, convocando intelectuais de aparência progressista para dar um toque de **40** modernidade aos velhos e permanentes projetos da oligarquia. Vale tudo frente ao horror de um Brasil sujeito a reformas estruturais. Os que

querem governar a sociedade não suportam os que querem governar com a sociedade.

Destroçada e endividada, a pátria navega a reboque do **45** receituário neoliberal, que dilata a favelização, o desemprego, o poder paralelo do narcotráfico, a concentração de renda. Se o salário não paga a dívida, a vida parece não valer um salário. No Brasil, os hospitais estão : doentes, a saúde encontra-se em estado terminal, a escola gazeteia, o sistema previdenciário associa-se ao funerário e a esperança se reduz a **50** um novo par de tênis, um emprego qualquer, alçar a fantasia pelo consolo eletrônico das telenovelas.

Amanhecia em Copacabana quando Antônio Maria gritou: "Não sei por onde vou, mas sei que não vou por aí". Não vou pelas receitas monetaristas que salvam o Tesouro oficial e apressam a morte dos pobres.

55 Vou com aqueles que sempre denunciam a injustiça, testemunham a ética na política, agem com escrúpulos, defendem os direitos indígenas, repudiam todas as formas de preconceitos, promovem campanhas de combate à fome, administram recursos públicos com probidade e lutam por uma nova política econômica. Vou com aqueles que, esta semana, **60** estarão mobilizados no Grito dos Excluídos, promovido pela CNBB, em parceria com entidades e movimentos populares. Nenhum país será independente se, primeiro, não o forem aqueles que o governam.

(Frei Beto, no Jornal do Brasil, 3/9/01)

228) Os sentimentos que melhor caracterizam o estado de espírito do autor são:

a) ódio e desequilíbrio
b) medo e pessimismo
c) insegurança e descontrole
d) revolta e angústia
e) apatia e resignação

229) Para o autor, a história do Brasil é apresentada aos brasileiros:

a) de forma realista
b) com poucos detalhes
c) com preconceito
d) cortada
e) mascarada

230) O trecho que justifica a resposta ao item anterior é:

a) "Comemora-se a independência do Brasil."
b) "À galera, as tripas, marca indelével em nossa culinária, como a feijoada."
c) "índios, negros, mulheres, lavradores e operários não merecem a cidadania..."

d) “Entre o fato e a versão do fato, a história oficial tende à segunda.”
e) “O número só não é maior graças ao voluntariado da Pastoral da Criança.”

231) O autor duvida:

a) do futuro do Brasil
b) dos artistas brasileiros
c) da independência do Brasil
d) das revoltas populares
e) de Antônio Maria

232) “Os que querem governar a sociedade não suportam os que querem governar com a sociedade.” Esse trecho sugere a dicotomia:

a) governo militar / governo civil
b) comunismo / capitalismo
c) presidencialismo / parlamentarismo
d) monarquia / república
e) ditadura / democracia

233) A autêntica história brasileira nos diz que o Brasil não é um país:

a) cordial
b) de futuro
c) forte
d) injusto
e) de bons escritores

234) “Não sei por onde vou, mas sei que não vou por aí”. Por esse trecho, pode-se entender:

a) a dúvida de alguém que não sabe que decisão tomar
b) a revolta diante de uma situação aceita por todos i
c) a esperança e a certeza da mudança
d) a não-aceitação do que ocorre no momento
e) o desespero por não poder fazer alguma coisa pelo país

235) “À galera, as tripas, marca indelével em nossa culinária, como a feijoada.” A palavra “indelével”, no trecho acima, significa:

a) que não se pode desejar
b) que não se pode apagar
c) que não se pode aceitar
d) que não se pode explicar
e) que não se pode prever

236) Os maiores problemas do Brasil, na atualidade, são creditados:

a) ao grito de independência
b) ao ufanismo da elite
c) à privatização das empresas
d) ao neoliberalismo
e) ao Tesouro oficial

237) Segundo o autor, os intelectuais de aparência progressista são convocados para:

a) melhorar a imagem do governo no exterior.
b) integrar o Brasil na globalização.
c) desviar a atenção do povo para coisas de somenos importância.
d) levar o povo a se interessar pelos problemas sociais e políticos do país.
e) levar o povo a achar que tudo está bem.

238) A palavra "oligarquia" *(l.* 40) significa governo:

a) de ricos
b) de nobres
c) de poucos
d) de muitos
e) do povo

239) Dentre os problemas do Brasil, o texto não faz menção:

a) à escravidão dos negros
b) à opressão dos índios
c) ao voto-cabresto do Nordeste
d) à discriminação da mulher
e) à fome do povo

240) A palavra que, metaforicamente empregada, melhor exprime a idéia do autor sobre a tirania do governo brasileiro é:

a) casa-grande
b) tripas
c) império
d) tutelar
e) telenovelas

241) Para o autor, o Brasil, na realidade, nunca foi ou teve:

a) monarquia
b) república
c) ditadura
d) capitalismo
e) democracia

242) O último parágrafo do texto difere dos demais pois nele o autor demonstra:

a) alegria por ser brasileiro
b) certeza da transformação próxima
c) convicção de que o governo está melhorando
d) esperança em um país melhor
e) indiferença diante dos problema da atualidade brasileira

PARTE III

INTERPRETAÇÃO II

TEXTO XLI

PERITO CRIMINAL - SSP/MT
TRINTA ANOS DE UMA FRASE INFELIZ

Ele não podia ter arrumado outra frase? Vá lá que haja perpetrado grande feito indo à Lua, embora tal empreendimento soe hoje exótico como uma viagem de Gulliver. Mas Neil Armstrong, o primeiro astronauta a pisar na Lua, precisava ter dito: "Este é um passo pequeno **5** para um homem, mas um salto gigantesco para a humanidade"? Não podia ter se contentado com algo mais natural ("Quanta poeira", por exemplo), menos pedante ("Quem diria, conseguimos"), mais útil como informação ("Andar aqui é fácil/difícil/gostoso/dói a perna") ou mais realista ("Estou preocupado com a volta")?
10 Não podia. Convencionou-se que eventos solenes pedem frases solenes. Era preciso forjar para a ocasião uma frase "histórica". Não histórica no sentido de que fica guardada para a posteridade - a posteridade guarda também frases debochadas, como "Se eles não têm pão, comam brioches". Histórica, no caso, eqüivale à frase edificante. É a **15** história em sua versão, velhusca e fraudulenta, de "Mestra da Vida", a História rebaixada a ramo da educação moral e cívica. À luz desse entendimento do que é "histórico", Armstrong escolheu sua frase. Armstrong teve tanto tempo para pensar, no longo período de preparativos, ou outros tiveram tempo de pensar por ele, no caso de a **20** frase lhe ter sido oferecida de bandeja, junto com a roupa e os instrumentos para a missão, e foi sair-se com um exemplar do primeiro gênero. Se era para dizer algo bonito, por que não recitou Shakespeare? Se queria algo inteligente, por que não encomendou a Gore Vidal ou Woody Allen?

(Roberto Pompeu de Toledo. *Veja*, 21/07/99)

243) O tema central do texto é:

a) a indignação pelos poucos dados enviados sobre a aventura da ida do homem à Lua.
b) a narrativa da aventura do primeiro homem a pisar na Lua.
c) a importância do acontecimento do homem ter chegado à Lua.
d) a discordância com respeito à frase escolhida para um momento grandioso.
e) o impacto da frase dita no momento em que o homem pisou na Lua.

244) A propósito do texto, o autor classifica a frase de Armstrong como infeliz, porque,

a) apesar de ter sido edificante, a frase não foi humilde.
b) apesar de ter sido bonita, a frase foi superficial.

c) apesar de ter ficado para a posteridade, a fase foi superficial, pedante, inútil e irreal.
d) apesar de ter sido solene, a frase foi exótica.
e) apesar de ter sido inteligente, a frase não foi edificante.

245) "...embora tal empreendimento soe hoje exótico como uma viagem de Gulliver." O autor do texto expressa:

a) certa decepção, com o passar dos anos, quanto à ida do homem à Lua.
b) a importância capital que teve o evento para a humanidade.
c) o encantamento com que a ida do homem à Lua é vista até hoje.
d) a necessidade de que o homem volte à Lua.
e) certa incredulidade quanto à ida do homem à Lua.

246) Para Roberto Pompeu de Toledo, a frase em apreço deveu-se ao fato de que:

a) o astronauta recebeu a frase já pronta, junto com a roupa e os instrumentos para a missão.
b) Armstrong não teve tempo para pensar em algo melhor.
c) Armstrong foi motivado pela convenção de que eventos solenes pedem frases solenes.
d) Armstrong quis ser original, não copiando Shakespeare, Gore Vidal e Woody Allen.
e) o astronauta não acreditou no êxito da missão.

247) Na opinião do autor do ensaio,

a) só frases edificantes são históricas.
b) a frase de Armstrong revela uma visão ultrapassada da História.
c) só frases bonitas ou inteligentes são históricas.
d) eventos solenes pedem" frases solenes.
e) a frase de Armstrong foi rapidamente esquecida.

248) A figura de linguagem encontrada na fase "Com muito suor o funcionário conseguiu a promoção" é:*

a) catacrese
b) prosopopéia
c) sinestesia
d) metonímia
e) metáfora
Esta questão da prova não tem base no texto.

TEXTO XLII

ANALISTA JUDICIÁRIO - TRT 17a REGIÃO
DA INFLUÊNCIA DOS ESPELHOS

Tu lembras daqueles grandes espelhos côncavos ou convexos que em certos estabelecimentos os proprietários colocavam à entrada para atrair os fregueses, achatando-os, alongando-os, deformando-os nas mais estranhas configurações?
5 Nós, as crianças de então, achávamos uma bruta graça, por saber que era tudo ilusão, embora talvez nem conhecêssemos o sentido da palavra "ilusão".

Não, nós bem sabíamos que não éramos aquilo!

Depois, ao crescer, descobrimos que, para os outros, não **10** éramos precisamente isto que somos, mas aquilo que os outros vêem.

Cuidado, incauto leitor! Há casos, na vida, em que alguns acabam adaptando-se a essas imagens enganosas, despersonalizandose num segundo "eu".

Que pode uma alma, ainda por cima invisível, contra o **15** testemunho de milhares de espelhos?

Eis aqui um grave assunto para um conto, uma novela, um romance, ou uma tese de mestrado em Psicologia.

(Mário Quintana, **Na volta da esquina.** Porto Alegre, Globo, 1979, p. 79)

249) Nesta crônica, Mário Quintana

a) vale-se de um incidente de seu tempo de criança, para mostrar a importância que tem a imaginação infantil.
b) alude às propriedades ilusórias dos espelhos, para mostrar que as crianças sentiam-se inteiramente capturadas por eles.
c) lembra-se das velhas táticas dos comerciantes, para concluir que aqueles tempos eram bem mais ingênuos que os de hoje.
d) alude a um antigo chamariz publicitário, para refletir sobre a personalidade profunda e sua imagem exterior.
e) vale-se de um fato curioso que observava quando criança, para defender a tese de que o mundo já foi mais alegre e poético.

250) Considere as seguintes afirmações:

I. O autor mostra que, quando criança, não imaginava a força que pode ter a imagem que os outros fazem de nós.

II. As crianças deixavam-se cativar pela magia dos espelhos, chegando mesmo a confundir as imagens com a realidade.

III. O autor sustenta a idéia de que as crianças são menos convictas da própria identidade do que os adultos.

Em relação ao texto, está correto o que se afirma em:

a) I, II e III
b) III, apenas
c) II e III, apenas
d) I e II, apenas
e) I, apenas

251) Está INCORRETO o seguinte comentário acerca do emprego de termos ou expressões do texto:

a) A expressão "Há casos, na vida" indica que o autor está interessado em generalizar e absolutizar a verdade da tese que acaba de expor.
b) Na frase "Nós bem sabíamos que não éramos aquilo", o termo sublinhado acentua bem a distância e a superioridade com que as crianças avaliavam suas imagens deformadas.
c) Na frase "Não éramos precisamente isto que somos, mas aquilo que os outros vêem", os pronomes sublinhados reforçam a oposição entre *somos* e *vêem.*
d) Ao afirmar que algumas pessoas despersonalizam-se "num segundo 'eu'", o autor deixa implícito que todos temos um "eu" original e autêntico.
e) No penúltimo parágrafo, "uma alma invisível" e "testemunho de milhares de espelhos" representam, respectivamente, a personalidade verdadeira e suas imagens enganosas.

252) Na interrogação "Que pode uma alma, ainda por cima invisível, contra o testemunho de milhares de espelhos?" há a admissão de que

a) só a força do olhar e do interesse alheio capta as verdades de nossa alma.
b) a verdade essencial da alma não tem como se opor às imagens que lhe atribuem.
c) o essencial da alma só é reconhecível na soma de suas múltiplas imagens.
d) a fragilidade da alma só é superada quando adquire a consistência de uma imagem.
e) a legitimidade do nosso modo de ser depende inteiramente do reconhecimento alheio.

253) Segundo Mário Quintana, a despersonalização num segundo "eu"

a) é a causa, e as "imagens enganosas" são a sua conseqüência.
b) e a adaptação às imagens enganosas são fatos paralelos e independentes.
c) é uma conseqüência, cuja causa é a adaptação às imagens enganosas
d) é uma conseqüência, cuja causa é a invisibilidade da alma.
e) é a causa, cuja conseqüência é a invisibilidade da alma.

254) No segundo parágrafo do texto, a oração “por saber” exprime uma

a) causa
b) finalidade
c) condição
d) advertência
e) alternativa ,

TEXTO XLIII

AUXILIAR EM PROPRIEDADE INDUSTRIAL DO INPI
O PORCO VOADOR

FILADÉLFIA - Há coisas que só acontecem nos Estados Unidos. A Federal Aviation Administration, FAA, investiga como um porco - isso mesmo, um porco - de 135 kg conseguiu embarcar na primeira classe de um Boeing 757. E mais, nele viajou por seis horas. Segundo os relatos, o **5** animal foi embarcado no dia 17 de outubro no vôo 107 sem escalas da companhia USAirways que saiu de Filadélfia para Seattle. A bordo, além do suíno, suas duas proprietárias e outros 198 "humanos". O vôo, noturno, transcorreu tranqüilo durante o percurso, com a maioria dos passageiros dormindo. A paz acabou no pouso em Seattle. A FAA afirma que a **10** confusão começou quando o Boeing 757 já taxiava na pista. Neste momento, o porco, estressado mesmo sem ter viajado na classe econômica, ficou descontrolado e começou a correr pelos corredores.

Perseguido pela tripulação, defecou em vários pontos, tentou invadir a cabine de comando e acabou escondendo-se na cozinha, onde foi cercado.

15 O encrenqueiro foi expulso - por um elevador de carga - pelas donas. De acordo com um jornal de Filadélfia, o porco embarcou no avião normalmente. Pelas escadas. Descrito como um animal de serviço – tipo guia de cegos - com peso declarado de apenas 5,8 kg, teve até direito a bilhete próprio adquirido no balcão. As aeromoças teriam tentado prendê-**20** lo num compartimento na traseira, mas estava bloqueado. Instalaram o porco, então, entre as poltronas 1A e 1C da primeira classe. "Estamos investigando todos os aspectos, de segurança e sanitários, deste fato.

Temos que ver que política é essa da companhia", afirma o porta-voz da FAA, Jim Peters. Todos os tripulantes estão sendo interrogados. A **25** USAirways permite que gatos, aves e pequenos cães viajem com os passageiros, desde que em contêineres. Só abre exceção para "animais de serviço", como o porco foi descrito. "Isto não acontecerá de novo", garante um representante da empresa.

(JB, 1/11/00)

255) "Há coisas que só acontecem nos Estados Unidos."; essa afirmação inicial prepara o leitor para algo:

a) humorístico
b) trágico
c) surpreendente
d) convencional
e) aterrorizante

256) "A Federal Aviation Administration, FAA, investiga como um porco isso mesmo, um porco - de 135 kg..."; o segmento *isso mesmo, um porco é* justificado porque:

a) o fato aludido provoca certa estranheza no leitor.
b) o peso do porco é digno de admiração.
c) a confirmação do fato pelo jornalista é indispensável.
d) a FAA só cuida de passageiros "humanos".
e) é interessante causar surpresa no leitor.

257) "...como um porco [...] de 135 kg conseguiu embarcar na primeira classe de um Boeing 757"; a forma como foi escrito este segmento produz maior impacto no leitor porque:

a) atribui a iniciativa do embarque ao porco.
b) mostra a sofisticação tecnológica do avião.
c) indica a primeira classe como a destinada aos animais.
d) assinala a desproporção entre peso/tamanho do porco.
e) registra um fato incomum como normal.

258) *Embarcar*, na sua origem, era empregado com referência a *barco*, mas no texto aparece com referência a avião; o item abaixo em que a palavra sublinhada também mostra desvio do sentido original é:

a) O avião vai <u>decolar</u> com o porco a bordo.
b) O porco chegou a <u>enterrar</u> as patas na comida.
c) Os passageiros "humanos" estranharam o fato.
d) A <u>poltrona</u> ficou estragada por causa do peso do porco.
e) A investigação do <u>incidente</u> vai demorar.

259) Na seqüência de frases de um texto há elementos que se referem a outros elementos anteriores; o vocábulo que, ao contrário dos demais, se refere a elementos posteriores, é:

a) encrenqueiro (/.15)
b) suíno (/.07)
c) FAA (/.9)
d) coisas (/.01)
e) vôo (/.07)

260) <u>"Segundo</u> os relatos..."; o elemento sublinhado é semanticamente equivalente a:

a) após
b) em segundo lugar
c) conforme
d) a posteriori

e) embora

261) Um vôo "sem escalas" significa:

a) sem destino certo
b) fretado especialmente
c) sem horário fixo
d) com poucos passageiros
e) sem paradas intermediárias

262) Num momento do texto o vocábulo *suíno* (geral) substitui *porco* (específico); entre as substituições abaixo, aquela que apresenta estrutura diferente é:

a) Boeing 757 - avião
b) poltrona - assento
c) comandante - tripulante
d) USAirways - empresa
e) passageiro - cliente

263) Deduz-se da leitura do 2o parágrafo:

a) A FAA não merece credibilidade.
b) O passageiro da classe econômica é bem tratado.
c) A tripulação do Boeing foi bem treinada.
d) O porco estava acostumado a viajar.
e) O porco também sofreu no incidente.

264) "...e <u>acabou</u> escondendo-se na cozinha..."; o emprego do verbo *acabar* significa que:

a) é a última de uma seqüência de ações.
b) a narrativa chegou ao seu fim.
c) o personagem mostra decisão firme no que faz.
d) o personagem vai sofrer uma derrota.
e) a ação do personagem foi interrompida.

265) "Estamos investigando todos os aspectos, de segurança e sanitários, deste fato."; em outras palavras, a FAA está analisando:

a) todos os aspectos do fato, mas principalmente os que envolvem segurança e higiene.
b) alguns aspectos do caso, particularmente os que se prendem a seguro de vida dos passageiros e ao estado dos banheiros dos aviões.
c) todos os aspectos do fato ligados à segurança e à saúde dos passageiros.
d) somente os aspectos do fato de que participou o porco, ou seja, o da falta de atenção da tripulação.

e) os aspectos de cuidados com a higiene nos aviões, além da preocupação com a revisão das aeronaves.

266) O mais surpreendente da história narrada é que:

a) o porco tenha viajado tranqüilamente na primeira parte da viagem.
b) toda a tripulação tenha cuidado do porco como se fosse um passageiro "humano".
c) o animal tenha sido admitido na aeronave como "animal *de serviço*".
d) tenham atribuído ao porco um peso maior do que a realidade.
e) o suíno tenha subido pelas escadas do avião e recebido com honras pelas aeromoças.

TEXTO XLIV

AGENTE DE PESQUISA DO IBGE
RELATÓRIO

Jorge Miguel
Senhor Superintendente
Tendo sido designado por Vossa Senhoria para apurar as denúncias de irregularidades ocorridas no aeroporto de Marília, submeto à apreciação de Vossa Senhoria o relatório das diligências que nesse
5 sentido efetuei.
No dia 23 de julho de 1988 dirigi-me ao senhor Raimundo Alves Correia, encarregado do aeroporto daquela cidade, para que permitisse fosse interrogado o funcionário João Romão, acusado de ter furtado uma máquina de escrever Olivetti n. 146.801, pertencente ao patrimônio do
10 aeroporto. O acusado relatou-nos que realmente havia levado a máquina para casa na sexta-feira - 18 de março de 1988 - apenas para executar alguma tarefa de caráter particular. Não a devolveu na segunda-feira, dia 21 de março, porque faltou ao serviço por motivo de doença. Quando retornou ao serviço dia 28 de março, devolveu a máquina. A doença do
15 acusado está comprovada pelo atestado que segue anexo ao presente relatório; a devolução da máquina no dia 28 de março foi confirmada pelo senhor Raimundo Alves Correia.
Do exposto conclui-se que me parece infundada a acusação.
Não houve vontade de subtrair a máquina, mas apenas negligência do
20 acusado em levar para casa um bem público para executar tarefa particular. Foi irresponsável. Não cometeu qualquer ato criminoso.
Não me convence seja necessário impor-se a instauração de processo administrativo. O funcionário deve ser repreendido pela negligência que cometeu. É o que cumpre levar ao conhecimento de Vossa
25 Senhoria.
Aproveito a oportunidade para apresentar-lhe protestos de minha distinta consideração.

São Paulo, 25 de julho de 1988
Cláudio da Costa

267) O relatório é um texto de tipo:

a) descritivo
b) narrativo
c) argumentative
d) poético
e) dramático

268) A finalidade principal do texto é:

a) orientar o superior na tomada de uma decisão.
b) documentar oficialmente um ato irregular.

c) discutir um tema polêmico.
d) fornecer dados para uma investigação.
e) indicar funcionários passíveis de punição.

269) Não consta(m) do relatório lido:

a) o cargo da autoridade a quem é dirigido
b) o relato dos fatos ocorridos
c) uma preocupação literária do autor
d) as conclusões dos fatos analisados
e) uma fórmula de cortesia final

270) "Tendo sido designado por Vossa Senhoria..."; esta oração inicial do texto tem valor:

a) concessivo
b) temporal
c) conclusivo
d) causal
e) consecutivo

271) O estilo burocrático se caracteriza, entre outras coisas, pelo emprego de palavras desnecessárias; no primeiro parágrafo do texto são exemplos desse caso:

a) denúncias; ocorridas; apreciação
b) ocorridas; apreciação; relatório
c) apreciação; relatório; nesse sentido
d) relatório; denúncias; ocorridas
e) nesse sentido; ocorridas; apreciação

272) As datas presentes no texto têm a finalidade textual de:

a) mostrar a evolução dos acontecimentos.
b) documentar os fatos citados.
c) criar a falsa impressão de verdade.
d) valorizar o trabalho do autor do relatório.
e) facilitar a leitura do relatório.

273)"...me parece <u>infundada</u> a acusação."; o adjetivo sublinhado corresponde semanticamente a:

a) sem fundos
b) sem fundações
c) sem fundamento
d) sem finalidade
e) sem fingimento

274) “Não cometeu qualquer ato criminoso.”; este segmento do texto corresponde a uma:

a) conclusão a que chegou o autor do relatório
b) alegação do acusado de roubo
c) opinião do chefe do funcionário acusado
d) opinião do superintendente
e) decisão do juiz encarregado do caso

275) “É o que me cumpre levar ao conhecimento...”; o verbo sublinhado tem por sinônimo correto:

a) compreende
b) cabe
c) obriga
d) capacita
e) solicita

276) A única irregularidade existente nos fatos narrados é:

a) a ausência prolongada do funcionário.
b) a não devolução da máquina de escrever.
c) usar-se um bem público em tarefas particulares.
d) não prevenir o chefe sobre ter levado a máquina.
e) a intenção de roubar um bem público.

277) Em “Vossa Senhoria parece preocupado com o furto da máquina de escrever” há uma figura conhecida por:

a) metáfora
b) silepse de gênero
c) silepse de número
d) silepse de pessoa
e) catacrese

TEXTO XLV

PESQUISADOR - CEPEL
RAIZES

Diante da minha janela havia uma pedra.

Não, não vou fazer imitação de poesia. Nada tem de poética a história que vou contar. A pedra de que falo é na verdade uma imensa pedreira, de topo liso, coberto em alguns pontos pela vegetação rasteira, uma espécie de enclave rural em pleno Leblon, onde às vezes cabras pastavam e onde um galo alucinado insistia em cantar na hora errada, no início da madrugada. Era o lugar ideal para, nas tardes de domingo, uma menina se deitar, sentindo nas costas o calor do sol retido pela pedra, enquanto olhava as pipas agitando-se no ar. Eu ia com meus irmãos e seus amigos, quando eles subiam lá para soltar pipa. São só lembranças.

Essa pedra não existe mais. Ou pelo menos não existe assim, como a descrevo agora, a pedra da minha infância. Hoje, é uma pedra nua - morta.

Sua base ainda está lá e servirá, pelo que sei, de fundação para um shopping. Mas a superfície foi toda raspada, a *vegetação* desapareceu, a pedreira foi rebaixada em quatro ou cinco metros, retalhada durante dois anos por uma orquestra de britadeiras, e nela foram erguidos os primeiros andares do que seria um estacionamento.

Assim que começaram a destruir a pedreira, pensei com alarme numa pequena árvore, uma muda de amendoeira cujo crescimento árduo eu vinha acompanhando havia anos. A árvore crescera numa das laterais da pedra e seu tronco se encorpava, equilibrando-se de forma improvável no paredão íngreme. Eu admirava sua bravura, tirando seiva de um lugar onde não havia terra, fazendo um esforço enorme para crescer na ranhura mínima que encontrara. E caminhei um dia até o local onde ela crescia, para ver se, com as obras que tinham começado, a pequena árvore sobreviveria. Mas cheguei tarde demais. Só encontrei o tronco, decepado. Em torno, as raízes, que por anos se haviam agarrado à pedra com tanto esforço, agora condenadas a secar, inúteis.

O tempo passou. E eu não pensei mais no assunto. Até que, outro dia, assistindo a um documentário sobre os talibãs, vi uma inglesa de origem afegã mostrando a foto de um jardim onde brincava na infância e que fora destruído pela guerra civil. O documentário, feito antes da guerra com os Estados Unidos, fora gravado em solo afegão, e a moça conseguira chegar ao local do tal jardim. Mas não encontrou nada. A comparação com a foto que trazia nas mãos era chocante. Todo o verde havia desaparecido. No meio de um descampado monocromático, restara apenas o círculo de pedra de uma velha fonte, seca. E a única coisa que não mudara na paisagem eram as montanhas, ao fundo, testemunhas da devastação que - hoje sabemos - estava apenas no princípio.

Aquela mulher e seu jardim desaparecido me fizeram pensar na pequena amendoeira que crescera na pedra e que também fora decepada. E, com isso em mente, voltei ao ponto do paredão onde ela um dia se agarrara. Com surpresa, descobri que das raízes deixadas na pedra surgiam brotos, com folhas de um verde limpo.

A amendoeira teimava em renascer - como talvez fizesse o jardim afegão -, apesar da fúria dos homens.

(Heloísa Seixas, *Domingo*, n° 1336)

278) "Diante da minha janela havia uma pedra. Não, não vou fazer imitação de poesia." O comentário da segunda oração se justifica porque:

a) há um poema da nossa literatura com um verso semelhante à primeira oração.
b) toda poesia se volta para os elementos da natureza.
c) os poemas são compostos a partir de coisas aparentemente insignificantes.
d) para um texto de um jornal, a composição de um poema seria inadequada.
e) a autora do texto se declara incapaz de fazer um poema autêntico.

279) "Nada tem de poética a história que vou contar."; esse scegmento do texto traz implícita a idéia de que só é poético (a):

a) o tema ligado à vida real
b) a realidade pertencente à vida passada
c) a temática das coisas, seres e fatos harmoniosos
d) a discussão política de fatos atuais
e) a análise dos pensamentos do homem universal

280) "Nada tem de poética <u>a história que vou</u> contar.": a história contada pela autora tem como ponto de partida cronológico:

a) a existência de uma pedra diante da janela da autora.
b) a foto de um jardim onde uma afegã brincara na infância
c) o crescimento de uma pequena amendoeira na pedra
d) a fato de a amendoeira ter sido decepada
e) as lembranças da infância da autora.

281) "E a única coisa que não mudara na paisagem eram as montanhas, ao fundo, testemunhas da devastação que - hoje sabemos – estava apenas no princípio."; a devastação no Afeganistão estava apenas no princípio porque:

a) os Estados Unidos ainda não haviam invadido o país.
b) após a guerra EUA x talibãs, o país ficou devastado.
c) o Afeganistão passou por outros conflitos após a guerra civil.
d) o país não conseguiu reerguer-se e sua população emigrou.
e) os males da guerra permanecem após o seu término.

282) Entre o episódio do jardim da mulher e o da amendoeira da autora há um (a):

a) oposição ideológica
b) contigüidade temporal
c) paralelismo espacial

d) semelhança afetiva
e) diferença de opiniões

283) “Eu ia com meus irmãos e seus amigos, quando eles subiam lá para soltar pipas.”; uma forma INCORRETA de reescritura desse mesmo segmento textual, por não manter o sentido original, ou criar ambigüidade, é:

a) Quando meus irmãos e seus amigos subiam lá para soltar pipas, eu ia com eles.
b) Eu ia com meus irmãos e seus amigos quando eles lá subiam, para soltar pipas.
c) Meus irmãos e seus amigos subiam lá para soltar pipas e eu, nesse momento, ia com eles.
d) Eu ia com eles, meus irmãos e seus amigos, quando lá subiam para soltar pipas.
e) Quando lá subiam para soltar pipas meus irmãos e seus amigos, eu ia com eles.

284) O título dado ao texto, *raízes,* se refere:

a) exclusivamente às raízes da amendoeira, que voltaram a brotar.
b) metaforicamente, a tudo o que nos prende ao passado.
c) às nossas origens raciais e espaciais.
d) às recordações da infância que desaparecem na idade adulta.
e) a tudo o que amamos e que o tempo levou.

285) O texto lido só NÃO pode ser visto como um (a):

a) recordação sentimental de tempos infantis
b) protesto contra a destruição patrocinada pelos homens
c) lamento diante de mudanças causadas pelo progresso
d) denúncia contra a ocupação irrefletida do espaço rural
e) lembrança idealizada de momentos felizes da existência

TEXTO XLVI

CORPO DE BOMBEIROS MILITAR - RJ
TEXTO 1
PELES DE SAPOS

Em 1970 e 1971, houve, no Nordeste brasileiro, uma enorme procura por sapos, que eram caçados para que suas peles fossem exportadas para os Estados Unidos. Lá elas eram usadas para fazer bolsas, cintos e sapatos. Isso levou a uma drástica diminuição da **5** população de sapos nessa região.

O sapo se alimenta de vários insetos, principalmente mariposas, grilos e besouros. É um animal voraz, isto *é,* comilão. Quando adulto chega a comer trezentos besouros por dia.

Sem os sapos, seus inimigos naturais, as mariposas, os **10** besouros e os grilos, proliferaram de maneira assustadora.

Esses insetos invadiram as cidades. Mariposas e besouros concentraram-se em torno dos postes de iluminação pública e também entraram nas casas, causando grandes transtornos. Os grilos, com seu cricri, não deixavam as pessoas dormirem.

15 Em maio de 1972, na cidade de lati, em Pernambuco, a população, em uma espécie de mutirão, varreu ruas e calçadas, amontoando principalmente besouros, e também mariposas e grilos mortos, para serem levados por caminhões de lixo. Em apenas três dias encheram-se mais de oitenta caminhões com esses bichos!

20 O governo proibiu a caça de sapos e passou a fiscalizar a exportação de suas peles.

(Ruth de Gouvêa Duarte)

286) O título do texto, Peles de sapos, representa:

a) o motivo da invasão dos insetos nas cidades
b) o objetivo econômico dos exportadores
c) a razão de ter aumentado o número de grilos e mariposas
d) uma riqueza importante do Nordeste brasileiro
e) a causa da extinção definitiva dos sapos

287) Uma informação conta com uma série de elementos básicos: *o que* aconteceu, *quem* participou dos acontecimentos, *onde* e *quando* se passaram, *como* e *por que* ocorreram os fatos etc. Considerando que o acontecimento básico do texto 1 é a caça aos sapos, assinale a informação que não está presente no texto:

a) onde ocorreu: no Nordeste brasileiro.
b) quando ocorreu: em 1970 e 1971.
c) para que ocorreu: exportação de peles.

d) como ocorreu: armadilhas especiais.
e) conseqüência da caçada: redução da população de sapos.

288) Assinale a frase em que o vocábulo destacado tem seu antônimo corretamente indicado:

a) "...para que suas peles fossem exportadas..." - compradas
b) "...uma enorme procura por sapos..." - imensa
c) "...levou a uma drástica diminuição da população..." - progresso
d) "Quando adulto chega a comer..." - filhote
e) "...seus inimigos naturais,..." - adversários

289) "O sapo se alimenta de vários insetos, principalmente mariposas, grilos e besouros."; o emprego de *principalmente* nesse fragmento do texto indica que o sapo:

a) também come outros insetos.
b) só come mariposas, grilos e besouros.
c) prefere mariposas a grilos e besouros.
d) não come mariposas, grilos e besouros.
e) só come insetos nordestinos.

290)"Em 1970e 1971,houve, no Nordeste brasileiro, uma enorme procura por sapos, que eram caçados para que suas peles fossem exportadas para os Estados Unidos. Lá elas eram usadas para fazer bolsas, cintos e sapatos. Isso levou a uma drástica diminuição da população de sapos nessa região.". Nesse primeiro parágrafo do texto os elementos sublinhados se referem a outros elementos do mesmo parágrafo; assinale a correspondência errada:

a) suas - dos sapos
b) Lá - Estados Unidos
c) elas - as peles dos sapos
d) isso - bolsas, cintos e sapatos
e) nessa região - Nordeste brasileiro

291) "É um animal voraz, isto é, comilão."; o emprego de isto é nesse segmento do texto mostra que:

a) *voraz* e *comilão* são palavras de significados diferentes.
b) o autor empregou erradamente a palavra *voraz.*
c) o autor quer explicar melhor o significado de *voraz.*
d) *comilão é* vocábulo mais raro do que *voraz.*
e) o autor não está interessado em que o leitor entenda o que escreve.

292) Comilão é uma palavra que pertence, por relação de significado, ao grupo de:

a) comício, cômodo
b) côncavo, convexo
c) compadre, comadre
d) colega, colaborador
e) comida, comestível

293) Abaixo estão colocados 5 fatos relacionados ao conteúdo do texto; indique o item em que esses fatos foram colocados em ordem cronológica, ou seja, na ordem em que aconteceram, segundo o texto:

I. Houve proibição da caça aos sapos.
II. Houve diminuição da população dos sapos.
III. Houve exagerado aumento na população dos insetos.
IV. Houve uma intensa caça aos sapos.
V. Ocorreram problemas em Pernambuco.

a) I-II-III-IV-V
b) V-IV-III-II-I
c) I-II-III-V-IV
d) II-IV-V-III-I
e) IV-II-III-V-I

294) O vocabulário relacionado aos humanos e aos animais varia: assim, o grilo não tem voz (como os humanos), mas *cricri.* Assinale o item em que a correspondência entre vocábulos humanos e animais *não* está correta:

a) pés - patas
b) mãos - garras
c) nariz - focinho
d) boca - goela
e) filho - filhote

295) A mensagem que se pode entender do texto 1 é:

a) A matança indiscriminada de animais pode causar desequilíbrios ecológicos.
b) A economia do país está acima do bem-estar da população.
c) A união da população não resolve muitos de nossos problemas.
d) Os insetos são inimigos dos homens.
e) O governo não cuida da proteção aos animais.

TEXTO XLVII

CORPO DE BOMBEIROS MILITAR - RJ
TEXTO 2
LÓGICA DA VINGANÇA

No nosso cotidiano, estamos tão envolvidos com a violência, que tendemos a acreditar que o mundo nunca foi tão violento como agora: pelo que nos contam nossos pais e outras pessoas mais velhas, há dez, vinte ou trinta anos, a vida era mais segura, certos valores eram mais respeitados e cada coisa parecia ter o seu lugar.

Essa percepção pode ser correta, mas precisamos pensar nas diversas dimensões em que pode ser interpretada. Se ampliarmos o tempo histórico, por exemplo, ela poderá se mostrar incorreta.

Em um dos volumes da coleção *História da vida privada*, Michel Rouché afirma, em seu artigo sobre a criminalidade na Alta Idade Média (por volta do século VI), que, se fôssemos comparar o número de assassinatos que ocorriam naquele período, proporcionalmente à população mundial de então, com o dos dias atuais, veríamos que antes eles eram bem mais comuns do que são agora. Segundo esse autor, naquele época, "cada qual via a justiça em sua própria vontade", e o ato de matar não era reprovado - era até visto como sinal de virilidade: a agressividade era uma característica cultivada pelos homens, fazia parte de sua educação.

O autor afirma, ainda, que torturas e assassinatos, bastante comuns naqueles tempos, ocorriam em grande parte por vingança: "Cometido um assassinato, a linhagem da vítima tinha o imperioso dever religioso de vingar essa morte, fosse no culpado, fosse num membro da parentela". Realizada a vingança e assassinado o culpado da primeira morte, a mesma lógica passava a valer para parentes deste, que deveriam vingá-lo, criando assim uma interminável cadeia de vinganças, que podia estender-se por várias gerações.

(A. Buoro/R Schilling/H. Singer/M. Soares)

296) Deduz-se do texto que:

a) a violência está presente em todas as épocas.
b) a vingança era legal antigamente.
c) antigamente a vida era menos segura.
d) devemos fazer justiça com as próprias mãos.
e) antigamente não havia leis contra a violência.

297) O uso de aspas, em alguns segmentos do texto, indica que:

a) devem ser lidos com mais atenção.
b) são reproduções do texto de outro autor.
c) foram traduzidos de outra língua.

d) correspondem a textos antigos.
e) mostram o mais importante do conteúdo.

298)"No nosso *cotidiano...";* o vocábulo cotidiano, nesse caso, corresponde a:

a) mundo atual
b) atividade profissional
c) relações familiares
d) nas notícias dos jornais
e) dia-a-dia

299) Quando no texto se usa a forma da primeira pessoa do plural, em "No nosso cotidiano, estamos tão envolvidos com a violência...", isto se refere a:

a) todos os cidadãos do Rio de Janeiro.
b) cidadãos que foram vítimas da violência.
c) vítimas do trânsito.
d) ele mesmo e aos leitores, em geral.
e) cidadãos de hoje e de antigamente.

300) O autor citado no texto diz que os assassinatos eram bem mais comuns na época antiga do que agora, mas isto só pode ser afirmado:

a) porque naquela época não havia estatísticas de registro de crimes.
b) levando-se em consideração a proporção populacional das duas épocas.
c) porque hoje não é mais aceita a lógica da vingança.
d) se acreditarmos no que nos dizem os mais velhos.
e) considerando-se que a população antiga era mais violenta **que** a atual.

301)"...que, se fôssemos comparar o número de assassinatos que ocorriam naquele período, proporcionalmente à população mundial de então, com o dos dias atuais, veríamos que antes eles eram bem mais comuns do que são agora."; nesse segmento do texto, o vocábulo que não indica tempo é:

a) período
b) então
c) dias atuais
d) antes
e) proporcionalmente

302) "Segundo esse autor..."; o vocábulo correspondente a *segundo*, nesse caso, é:

a) para
b) quando
c) conforme
d) se

e) embora

303) "...o ato de matar não era reprovado..." eqüivale a:

a) o ato de matar não tinha aprovação.
b) merecia reprovação o ato de matar.
c) o ato de matar não era aprovado.
d) sofria reprovação o ato de matar.
e) não havia reprovação para o ato de matar.

304) O segmento <u>estamos tão envolvidos</u> eqüivale a <u>temos tanto</u> envolvimento: o item em que essa equivalência é dada de forma incorreta é:

a) a vida era mais segura - tinha mais segurança
b) valores eram mais respeitados - tinham mais respeitabilidade
c) eles eram bem mais comunicativos - tinham mais comunidade
d) o ato de matar não era reprovado - não tinha reprovação
e) a violência era mais intensa - tinha mais intensidade

305) *Vingança* corresponde ao adjetivo *vingativo,* assim como:

a) violência corresponde a violento.
b) morte corresponde a mortandade.
c) tempo corresponde a tempestade.
d) religião corresponde a religiosidade.
e) parente corresponde a parentela.

306) "...uma *interminável* cadeia de vinganças...": o adjetivo *interminável* corresponde a:

a) que não há termos que a descrevem
b) que não sofre penas ou sanções
c) que não tem fim
d) que já terminou há algum tempo
e) que só terminará no futuro

307) *Parentela é* termo coletivo específico para parentes; o vocábulo abaixo, que também apresenta valor coletivo específico, é:

a) pilha
b) monte
c) cancioneiro
d) grupo
e) hipódromo

308) "*Realizada a vingança e assassinado o culpado...*"; o segmento que *não* poderia ser colocado, de forma adequada, no início desse trecho é:

a) assim que tiver sido
b) após
c) depois de
d) logo que tinha sido
e) mal

309) O fragmento de texto abaixo que não contém nenhum tipo de intensificação é:

a) ...estamos tão envolvidos com a violência...
b) ...o mundo nunca foi tão violento como agora...
c) ...pelo que nos contam nossos pais e outras pessoas mais velhas...
d) ...bastante comuns naqueles tempos...
e) ...cada coisa parecia ter o seu lugar...

TEXTO XLVIII

ATENDENTE JUDICIÁRIO DO TALCRIM
REQUERIMENTO

Policarpo Quaresma, cidadão brasileiro, funcionário público, certo de que a língua portuguesa é emprestada ao Brasil; certo também de que, por esse fato, o falar e o escrever em geral, sobretudo no campo das letras, se vêem na humilhante contingência de sofrer continuamente **5** censuras ásperas dos proprietários da língua; sabendo, além, que dentro do nosso país, os autores e os escritores, com especialidade os gramáticos, não se entendem no tocante à correção gramatical, vendo-se, diariamente, surgir azedas polêmicas entre os mais profundos estudiosos do nosso idioma - usando do direito que lhe confere a Constituição, vem pedir que **10** o Congresso Nacional decrete o Tupi-Guarani como língua oficial e nacional do povo brasileiro. O suplicante, deixando de parte os argumentos históricos que militam em favor de sua idéia, pede vênia para lembrar que a língua é a mais alta manifestação da inteligência de um povo, é a sua criação mais viva e original; e, portanto, a emancipação **15** política do País requer como complemento e conseqüência a sua emancipação idiomática. Demais, Senhores Congressistas, o TupiGuarani, língua originalíssima, aglutinante, é verdade, mas que o polissintetismo dá múltiplas feições de riqueza, é a única capaz de traduzir as nossas belezas, de pôr-nos em relação com a nossa natureza e adaptar **20** se perfeitamente aos nossos órgãos vocais e cerebrais, por ser criação de povos que aqui viveram e ainda vivem, portanto possuidores da organização fisiológica e psicológica para que tendemos, evitando-se dessa forma as estéreis controvérsias gramaticais, oriundas de uma difícil adaptação de uma língua de outra região à nossa organização cerebral e **25** ao nosso aparelho vocal - controvérsias que tanto empecem o progresso da nossa cultura literária, científica e filosófica. Seguro de que a sabedoria dos legisladores saberá encontrar meios para realizar semelhante medida e cônscio de que a Câmara e o Senado pesarão o seu alcance e utilidade. P. e E. Deferimento.

(Lima Barreto)

310) A afirmação *falsa* sobre o requerimento de Policarpo Quaresma *é:*

a) O requerente deseja que o Tupi-Guarani seja declarada língua oficial e nacional do Brasil.
b) O requerente apresenta inicialmente os dados pessoais necessários à sua identificação.
c) Os destinatários do requerimento não estão registrados no texto.
d) O requerente apresenta justificativas fisiológicas para o seu pedido.
e) O requerimento inclui apreciações sobre língua transplantada.

311) A alternativa que apresenta um argumento que não está presente no requerimento é:

a) a dependência lingüística dos brasileiros em relação a Portugal
b) as divergências internas e externas no tocante às regras gramaticais
c) a significação política de uma língua original
d) a adaptação da língua ao meio ambiente
e) a necessidade de editarem-se obras com a fala brasileira

312) A alternativa em que o elemento sublinhado não se refere a nenhum elemento anteriormente presente no texto é:

a) ...certo também de que, por esse fato, o falar e o escrever em geral... (linhas 2 e 3)
b) ...de sofrer continuamente censuras ásperas dos proprietários da língua... (linhas 4 e 5)
c) ...que, dentro do nosso país, os autores e os escritores,... (linhas 5 e 6)
d) ...que militam em favor de sua idéia,... (linha 12)
e) ...é a sua criação mais viva e original;... (linhas 13 e 14)

313) A linguagem empregada no requerimento *é* caracterizada por:

a) formalíssima e bem afinada com a tradição gramatical lusitana.
b) bastante formal, mas com pequenas influências da fala brasileira.
c) informal, já que o requerente condena a própria língua que emprega.
d) informal e descuidada no aspecto gramatical, ainda que com vocábulos cultos.
e) convencional e artificial, com concessões à fala popular.

314) A abreviatura final do requerimento significa:

a) por e especial deferimento
b) para e esperado deferimento
c) pede e espera deferimento
d) próprio e especial deferimento
e) propõe e expõe deferimento

315) O requerimento está dividido em quatro parágrafos e um fecho; a alternativa que indica a correlação equivocada entre cada uma dessas partes e seu conteúdo é:

a) primeiro parágrafo - título, cargo que ocupa a pessoa a quem é dirigido o requerimento
b) segundo parágrafo - justificativa do pedido
c) terceiro parágrafo - ampliação da justificativa
d) quarto parágrafo - expectativa esperançosa do requerente
e) fecho - abreviação convencional de solicitação

316)A alternativa em que o adjetivo sublinhado expressa a opinião do requerente é:

a) Policarpo Quaresma, cidadão brasileiro... (linha 1)
b) ...certo de que a língua portuguesa é emprestada ao Brasil;... (linha 2)
c) ...se vêem na humilhante contingência de sofrer continuamente censuras... (linhas 4 e 5)
d) ...não se entendem no tocante à correção gramatical, (linha 7)
e) ...possuidores da organização fisiológica e psicológica para que tendemos... (linhas 21 e 22)

317) O requerente se refere a si mesmo na terceira pessoa; a alternativa em que, no entanto, se utiliza da primeira é:

a) Policarpo Quaresma, cidadão brasileiro, funcionário público, certo de que a língua portuguesa é emprestada ao Brasil (linhas 1 e 2)
b) ...sabendo, além, que, dentro do nosso país, os autores e os escritores, com especialidade os gramáticos, não se entendem... (linhas 5,6 e 7) •
c) o suplicante, deixando de parte os argumentos históricos que militam em favor de sua idéia, pede vênia para lembrar... (linhas 11, 12 e 13)
d) ...a emancipação política do País requer como complemento e conseqüência a sua emancipação idiomática. (linhas 14, 15 e 16)
e) ...por ser criação de povos que aqui viveram e ainda vivem,... (linhas 20e21)

TEXTO XLIX

AGENTE ADMINISTRATIVO - QUEIMADOS/RJ
TEXTO 1
DESAPARECIMENTO DOS ANIMAIS

Tente imaginar esta cena: homens, animais e florestas convivendo em harmonia. Os homens retiram das plantas apenas os frutos necessários e cuidam para que elas continuem frutificando; não matam animais sem motivo, não sujam as águas de seus rios e não enchem de **5** fumaça seu ar. Em outras palavras: as relações entre os seres vivos e o ambiente em que vivem, bem como as influências que uns exercem sobre os outros, estão em equilíbrio. (...)

Nossa preocupação (de brasileiros) não é só controlar a exploração das florestas, mas também evitar uma de suas piores **10** conseqüências: a morte e o desaparecimento total de muitas espécies de animais. Apesar de nossa fauna ser muito variada, a lista oficial das espécies que estão desaparecendo já chega a 86 (dentre elas, a anta, a onça, o mico-leão, a ema e o papagaio).

E a extinção desses animais acabará provocando o **15** desequilíbrio do meio ambiente, pois o desaparecimento de um deles faz sempre com que aumente a população de outros. Por exemplo: o aumento do número de piranhas nos rios brasileiros é conseqüência do extermínio de seus três inimigos naturais - o dourado, a ariranha e o jacaré.

(Nosso Brasil, 1979)

318) O autor propõe ao leitor que imagine uma cena para que ela funcione como:

a) um ideal a ser alcançado
b) uma fantasia que nunca se realizará
c) um objetivo a que se deve dar as costas :,
d) uma finalidade dos grupos religiosos
e) uma mensagem de fraternidade cristã

319) "...homens, animais, florestas e oceanos convivendo em harmonia."; na continuidade do texto, o autor mostra que:

a) esqueceu-se de referir-se aos rios.
b) o homem é o agente desequilibrador da natureza.
c) os animais não matam seus semelhantes sem motivo.
d) a poluição do ar também tem causas naturais.
e) os seres vivos vivem em equilíbrio no mundo atual.

320) O item em que o elemento sublinhado tem um vocábulo correspondente indicado de forma adequada é:

a) "...convivendo em harmonia." - harmoniosas
b) "...não matam animais sem motivo,..." - impensadamente
c) "...influências que uns exercem sobre os outros..." - recíprocas
d) "...estão em equilíbrio." - equilibradamente
e) "...controlar a exploração das florestas..." - ecológica

321) "Os homens retiram das plantas apenas os frutos necessários..."; esta parte da cena proposta pelo autor defende que:

a) não deixe para amanhã o que pode fazer hoje.
b) Deus provera o dia de amanhã.
c) se souber usar não vai faltar.
d) a ciência prevê para poder prover.
e) quem espera sempre alcança.

322) No final do primeiro parágrafo aparecem dois parênteses com pontos; isso significa que:

a) o autor deixou de dizer outras coisas importantes.
b) o texto deixou de reproduzir uma parte do texto original.
c) parte do original do texto esta ilegível.
d) nesse espaço havia uma ilustração que foi omitida.
e) havia originalmente trechos em outras línguas.

323) O que o primeiro parágrafo tenta defender *é:*

a) o equilíbrio ecológico
b) a extinção dos animais
c) a despoluição ambiental
d) o reflorestamento
e) a proteção dos rios e oceanos

324) "Nossa preocupação (de brasileiros)..."; o que vai entre parênteses, nesse caso, é:

a) a retificação de uma ambigüidade
b) a explicação de um termo anterior
c) a particularização de um significado
d) a inclusão de uma idéia já explícita
e) um comentário para o leitor

325) O risco a que se refere o autor do texto com o último período do texto é:

a) a extinção dos jacarés, ariranhas e dourados

b) o excesso de piranhas nos rios brasileiros
c) a mortandade de outros peixes provocada pelas piranhas
d) a desarmonia populacional das espécies animais
e) a falta de alimento para o povo brasileiro

326) A relação entre a morte do dourado e a piranha *é* a de:

a) causa / conseqüência
b) efeito / causa
c) agente / paciente
d) fato / agente
e) motivação / ação

327) Falando dos perigos que o desaparecimento dos animais provoca em nosso ambiente, o autor apela para:

a) a sedução do leitor, mostrando as belezas do mundo natural.
b) a intimidação do leitor, indicando os males que daí advêm.
c) a provocação do leitor, desafiando-o a mudar seu comportamento.
d) o constrangimento do leitor, deixando-o envergonhado por suas atitudes.
e) a tentação do leitor, prometendo-lhe uma recompensa por seus atos.

TEXTO L

AGENTE ADMINISTRATIVO - QUEIMADOS/RJ
TEXTO 2
PERDÃO

Perdoar alguém é renunciar ao ressentimento, à ira ou a outras reações justificadas por algo que essa pessoa tenha feito. Isso levanta um problema filosófico: essa pessoa é tratada de forma melhor do que ela merece; mas como pode exigir-se, ou mesmo como permitir-se, tratar alguém de uma maneira que não merece? Santo Agostinho aconselhavanos a detestar o pecado, mas não o pecador, o que também indica uma atitude objetiva ou impessoal para com o pecador, como se o caráter do agente estivesse apenas acidentalmente ligado ao caráter detestável de suas ações.

(Simon Blackburn)

328) "Perdoar alguém é renunciar ao ressentimento..."; o vocábulo *renunciar* eqüivale semanticamente (sinônimo) a:

a) denunciar
b) anunciar
c) abandonar
d) retirar
e) condenar

329) O termo <u>alguém</u> da primeira frase do texto aparece referido com outras palavras no desenvolvimento do texto; o único termo destacado que NÃO o repete é:

a) "...por algo que <u>essa pessoa</u> tenha feito."
b) "...é tratada de forma melhor do que ela merece;..."
c) "...a detestar o pecado, mas não o pecador,..."
d) "...como se o caráter do agente..."
e) "...ligado ao <u>caráter</u> detestável de suas ações."

330) "Isso levanta um problema filosófico: essa pessoa é tratada de forma melhor do que ela merece;..."; esse segmento do texto diz-nos, implicitamente, que:

a) todos devem ser tratados segundo seus atos.
b) devemos tratar a todos de forma semelhante.
c) todos devem ser tratados de forma melhor do que merecem.
d) todos devem ser tratados de forma pior do que merecem.
e) ninguém deve ser maltratado.

331) Santo Agostinho ensina que:

a) não devemos confundir agente e paciente.
b) devemos separar ato e agente.
c) devemos confundir agente e ação.
d) devemos perdoar o ato e condenar o agente.
e) agente e ato são elementos idênticos.

TEXTO LI

AUXILIAR MÉDIO I PROGRAMADOR - MP/RJ
DESPERDÍCIO BRASIL

Sempre que se reúnem para lamuriar, os empresários falam no Custo Brasil, no preço que pagam para fazer negócios num país com regras obsoletas e vícios incrustados. O atraso brasileiro é quase sempre atribuído a alguma forma de corporativismo anacrônico ou privilégio renitente que quase sempre têm a ver com o trabalho superprotegido, com leis sociais ultrapassadas e com outras bondades inócuas, coisas do populismo irresponsável, que nos impedem de ser modernos e competitivos. Raramente falam no que o capitalismo subsidiado custa ao Brasil.

O escândalo causado pela revelação do que os grandes bancos deixam de pagar em impostos não devia ser tão grande, é só uma amostra da subtributação, pela fraude ou pelo favor, que há anos sustenta o nosso empresariado chorão, e não apenas na área financeira. A construção simultânea da oitava economia e de uma das sociedades mais miseráveis do mundo foi feita assim, não apenas pela sonegação privada e a exploração de brechas técnicas no sistema tributário - que, afinal, é lamentável, mas mostra engenhosidade e iniciativa empresarial – mas pelo favor público, pela auto-sonegação patrocinada por um Estado vassalo do dinheiro, cúmplice histórico da pilhagem do Brasil pela sua própria elite.

O Custo Brasil dos lamentos empresariais existe, como existem empresários responsáveis que pelo menos reconhecem a pilhagem, mas muito mais lamentável e atrasado é o Desperdício Brasil, o progresso e o produto de uma minoria que nunca são distribuídos, que não chegam à maioria de forma alguma, que não afetam a miséria à sua volta por nenhum canal, muito menos pela via óbvia da tributação. Dizem que com o que não é pago de imposto justo no Brasil daria para construir outro Brasil. Não é verdade. Daria para construir dois outros Brasis. E ainda sobrava um pouco para ajudar a Argentina, coitada.

(Luís Fernando Veríssimo)

332) Para entender bem um texto, é indispensável que compreendamos perfeitamente as palavras que nele constam. O item em que o vocábulo destacado apresenta um sinônimo imperfeito é:

a) “Sempre que se reúnem para LAMURIAR,...” - lamentar-se
b) “...um país com regras OBSOLETAS...” - antiquadas
c) “...e vícios INCRUSTADOS.” - arraigados
d) “...alguma forma de corporativismo ANACRÔNICO...” - doentio
e) “...ou privilégio RENITENTE...” - persistente

333) “Sempre que se reúnem para lamuriar, os empresários falam no Custo Brasil, no preço que pagam para fazer negócios num país com regras

obsoletas e vícios incrustados.”; o comentário INCORRETO feito sobre os conectores desse segmento do texto é:

a) A expressão *sempre que* tem valor de tempo.
b) O conectivo *para* tem idéia de finalidade.
c) A preposição *em* no termo *no Custo Brasil* tem valor de assunto.
d) A preposição *em* no termo *num país* tem valor de lugar.
e) A preposição *com* tem valor de companhia. >- ,,

334) O segmento do texto que NÃO apresenta uma crítica explícita ou implícita às elites dominantes brasileiras é:

a) “Sempre que se reúnem para lamuriar, os empresários falam no Custo Brasil...”
b) “Raramente (os empresários) falam no que o capitalismo subsidiado custa ao Brasil.”
c) “O escândalo causado pela revelação do que os grandes bancos deixam de pagar em impostos não devia ser tão grande,...”
d) “...pela fraude ou pelo favor, que há anos sustenta o nosso empresariado chorão,...”
e) “O Custo Brasil dos lamentos empresariais existe,...”

335) “...no preço que pagam para fazer negócios num país com regras obsoletas e vícios incrustados.”; na situação textual em que está, o segmento *país com regras obsoletas e vícios incrustados* representa:

a) uma opinião do empresariado
b) o ponto de vista do autor do texto
c) uma consideração geral que se tem sobre o país
d) o parecer do capitalismo internacional
e) a visão dos leitores sobre o país em que vivem

336) O principal prejuízo trazido pelo Custo Brasil, segundo o primeiro parágrafo do texto, que retrata a opinião do empresariado, é:

a) o corporativismo anacrônico
b) o privilégio renitente
c) trabalho superprotegido
d) populismo irresponsável
e) falta de modernidade e competitividade

337) O corporativismo anacrônico, o privilégio renitente, o trabalho superprotegido e outros elementos citados no primeiro parágrafo do texto indicam, em sua totalidade:

a) deficiências em nosso sistema socioeconômico
b) a consciência dos reais problemas do país por parte dos empresários
c) o atraso mental dos políticos nacionais

d) a carência de líderes políticos modernos e atuantes
e) a posição ultrapassada do governo

338) “Raramente falam no que o capitalismo subsidiado custa ao Brasil.”; os empresários brasileiros raramente falam neste tema porque:

a) são mal preparados e desconhecem o assunto.
b) se trata de um assunto que não lhes diz respeito.
c) se refere a algo com que lucram.
d) não querem interferir com problemas políticos.
e) não possuem qualquer consciência social.

339) “...coisas do populismo irresponsável,...” corresponde a:

a) uma retificação do que antes vem expresso
b) uma ironia sobre o que é dito anteriormente
c) uma explicação dos termos anteriores
d) mais um elemento negativo do país
e) uma crítica sobre a política do país

340) O fato de os bancos deixarem de pagar impostos;

a) faz com que o Brasil se torne a oitava economia do mundo.
b) é prova de nossa modernidade.
c) é comprovação de que estamos seguindo os moldes econômicos internacionais.
d) é mais uma prova de injustiça social.
e) garante investimentos em áreas mais carentes.

341)Subtributação só pode significar:

a) sonegação de impostos
b) ausência de fiscalização no pagamento dos impostos
c) taxação injusta, por exagerada
d) impostos reduzidos
e) dispensa de pagamento de impostos

342) “...pela fraude ou pelo favor...”; os responsáveis, respectivamente, pela fraude e pelo favor são:

a) o empresariado e o poder político
b) o Congresso e o Governo
c) os sonegadores e o empresariado
d) os banqueiros e o Congresso
e) as leis e o capitalismo internacional ,

343) Ao dizer que nosso empresariado *é chorão*, o autor repete uma idéia já expressa anteriormente era:

a) bondades inócuas
b) lamuriar
c) populismo irresponsável
d) atraso
e) trabalho superprotegido

344) Segundo o texto, o Governo brasileiro:

a) prejudica o desenvolvimento da economia.
b) colabora com a elite no roubo do país.
c) não tem consciência dos males que produz.
d) explora as brechas técnicas do sistema tributário.
e) demonstra engenhosidade e iniciativa empresarial.

345) As "brechas técnicas do sistema tributário" permitem:

a) pagamento de menos impostos
b) sonegação fiscal
c) fraude e favor
d) maior justiça social
e) o aparecimento de queixas do empresariado

346) O "Desperdício Brasil" se refere à:

a) ausência de distribuição social das riquezas
b) subtributação patrocinada pelo Estado
c) perda de dinheiro pela diminuição da produção
d) queda de arrecadação por causa do Custo Brasil
e) redução do desenvolvimento na área financeira

347)"...o progresso e o produto de uma minoria que nunca são distribuídos, que não chegam à maioria de forma alguma,..."; representam, respectivamente, a minoria e a maioria:

a) banqueiros / empresariado
b) elite econômica / trabalhadores em geral
c) economistas / povo
d) classes populares / classes abastadas
e) desempregados / industriais

348) "...que não afetam a miséria à sua volta por nenhum canal, muito menos pela via óbvia da tributação"; nesse segmento, o autor do texto diz que os impostos:

a) deveriam ser cobrados de forma mais eficiente.
b) impõem a miséria a todas as classes.
c) causam pobreza nas elites e nas classes populares.

d) não retornam à população de forma socialmente justa.
e) são o caminho mais rápido para o progresso.

TEXTO LII

AUXILIAR JUDICIÁRIO DO TRT - 9a REGIÃO
PAÍS DO FUTURO

Rio de Janeiro - Lembra-se de quando o Brasil era o país do futuro?

Primeiro foi um gigante adormecido ("em berço esplêndido"), que um dia iria acordar e botar pra quebrar.

5 Depois tornou-se o país do futuro, um futuro de riqueza, justiça social e bem-aventurança.

Eram tempos, aqueles, de postergar tudo o que não podia ser realizado no presente. A dureza do regime militar deixava poucas brechas para que se ousasse fazer alguma coisa que não fosse aquilo **10** já previsto, planejado, ordenado pelos generais no poder.

Só restava então aguardar o futuro, que nunca chegava (mais uma vez vale lembrar: foram 21 anos de regime autoritário).

O pior é que, mesmo depois de redemocratizado o país, a coisa continuou e continua meio encalacrada, com muitos sonhos tendo **15** de ser adiados a cada dia, a cada nova dificuldade. Com a globalização, temos que encarar (e temer) até as crises que ocorrem do outro lado do mundo. Todavia há que se aguardar o futuro com otimismo, e alguma razão para isso existe.

Dados de uma pesquisa elaborada pela Secretaria de **20** Planejamento do governo de São Paulo revelam que o Brasil chegará ao próximo século, que está logo ali na esquina, com o maior contingente de jovens de sua história.

Conforme os dados da pesquisa, somente na faixa dos 20 aos s 24 anos serão quase 16 milhões de indivíduos no ano 2000.

25 Com esses dados, o usual seria prever o agravamento da situação do mercado de trabalho, já tão difícil para essa faixa de idade, e de problemas como a criminalidade em geral e o tráfico e o uso de drogas em particular.

Mas por que não inverter a mão e acreditar, ainda que **30** forçando um pouco a barra, que essa massa de novas cabeças pensantes simboliza a chegada do tal futuro? Quem sabe sairá do acúmulo de energia renovada dessa geração a solução de problemas que apenas se perpetuaram no fracasso das anteriores?

Nada mal começar um milênio novinho em folha com o viço, a **35** ousadia e o otimismo dos que têm 20 anos.

(Luiz Caversan - Folha de São Paulo, 28.11.98)

349) Encontra apoio no texto a afirmação contida na opção:

a) A existência de 16 milhões de jovens brasileiros no ano 2000 constituirá um problema insolúvel.
b) Com a população jovem brasileira na casa dos 16 milhões, só se pode esperar o pior.
c) Não se pode pensar de forma otimista em relação ao próximo século.
d) Pode-se pensar positivamente em relação ao nosso futuro, apesar de alguns problemas.
e) Pode-se pensar de forma positiva sobre nosso futuro a partir da previsão do agravamento do desemprego.

350) A idéia de futuro vem representada no texto por uma seqüência de conceitos. A opção que indica essa seqüência é:

a) expectativa - gigantismo - idealização - otimismo
b) otimismo - expectativa - idealização - gigantismo
c) gigantismo - otimismo - idealização - expectativa
d) expectativa - idealização - otimismo - gigantismo
e) gigantismo - idealização - expectativa - otimismo

351) A linguagem coloquial empregada no texto pode ser exemplificada pela expressão:

a) "em berço esplêndido"
b) botar pra quebrar
c) bem-aventurança
d) dados de uma pesquisa
e) somente na faixa

352) Postergar significa:

a) polemizar
b) preterir
c) manifestar
d) difundir
e) incentivar

353) Em "o maior contingente de jovens de sua história", o substantivo "jovens", embora masculino, refere-se tanto aos rapazes quanto às moças. É comum, porém, que na distinção de gêneros haja referência a conteúdos distintos. Nas alternativas abaixo, a dupla de substantivos cuja diferença de gêneros NÃO corresponde a uma diferença de significados é:

a) novos cabeças - novas cabeças
b) vários personagens - várias personagens
c) outro guia - outra guia

d) o faixa preta - a faixa preta
e) algum capital - alguma capital

354) Em "...começar um milênio novinho em folha com <u>o viço, a ousadia</u> e o otimismo dos que têm 20 anos", a parte sublinhada é substituível, sem mudança do significado, por:

a) a juventude, a audácia
b) a competência, a imaginação
c) a criatividade, a perseverança
d) a criatividade, a coragem
e) a imaginação, o destemor

TEXTO LIII

AUXILIAR SUPERIOR ANALISTA DE SISTEMAS - MP/RJ
TEXTO 1
XENOFOBIA E RACISMO (fragmento)

As recentes revelações das restrições impostas, há mais de meio século, à imigração de negros, judeus e asiáticos durante os governos de Dutra e Vargas chocaram os brasileiros amantes da democracia. Foram atos injustos, cometidos contra estes segmentos do povo brasileiro que tanto contribuíram para o engrandecimento de nossa nação.

Já no Brasil atual, a imigração de estrangeiros parece liberalizada e imune às manchas do passado, enquanto que no continente europeu marcha-se a passos largos na direção de conflitos raciais onde a marca principal é o ódio dos radicais de direita aos imigrantes.

Na Europa, a história se repete com o mesmo enredo centenário: imigrantes são bem-vindos para reforçar a mão-de-obra local em momentos de reconstrução nacional ou de forte expansão econômica; após anos de dedicação e engajamento à vida local, começam a ser alvo da violência e da segregação.

(O Globo, 13/7/01)

355) A seleção vocabular do primeiro período do texto permite dizer que:

a) o adjetivo *recentes* traz como inferência que as *revelações* referidas no texto ocorreram nos dias imediatamente antes da elaboração do artigo.
b) a escolha do substantivo *revelações* se refere a um conjunto de informações que, para o bem do país, deveria permanecer oculto.
c) o substantivo *restrições* indica a presença de limitações oficiais na política migratória do país.
d) o adjetivo *impostas* se liga obrigatoriamente a um poder discricionário, como o presente nas ditaduras de Dutra e Vargas.
e) em razão das referências históricas imprecisas do texto, o segmento *há mais de meio século* se refere a uma quantidade de anos superior a 50 e inferior a 100.

356) Se as restrições de imigração eram impostas a negros, judeus e asiáticos, podemos dizer que havia, nesse momento, uma discriminação de origem:

a) racial e religiosa
b) exclusivamente racial
c) econômica e racial
d) racial e geográfica
e) religiosa, econômica, racial, geográfica e cultural

357) Em relação ao primeiro período do texto, o segundo:

a) explicita quais as revelações referidas.
b) indica, como informação nova, que os atos cometidos eram negativos.
c) esclarece qual a razão dos atos referidos terem chocado os brasileiros.
d) mostra a conseqüência dos fatos relatados anteriormente.

e) comprova as afirmativas iniciais do jornalista com dados históricos.

358) Ao classificar os atos restritivos à imigração de injustos, o autor do texto mostra:

a) somente a opinião dos brasileiros amantes da democracia
b) a sua opinião e a de alguns brasileiros
c) a sua opinião e a dos leitores
d) somente a sua opinião
e) a sua opinião e a dos brasileiros em geral

359) Ao escrever que os atos injustos foram cometidos "contra esses segmentos do povo brasileiro...", o autor do texto mostra que:

a) a população brasileira da era Vargas sofria pela discriminação oficial.
b) negros, judeus e asiáticos são vistos como brasileiros pelo autor do texto.
c) o povo brasileiro é constituído de raças e credos distintos.
d) alguns segmentos de nosso povo foram autores de atos injustos.
e) o Brasil e seu povo já passaram por momentos históricos difíceis.

360) O segundo parágrafo do texto é introduzido pelo segmento "Já no Brasil atual..."; tal segmento indica:

a) uma oposição de local e tempo
b) uma oposição de tempo
c) uma conseqüência do primeiro parágrafo
d) uma comparação de duas épocas
e) uma indicação das causas dos fatos relatados

361) Ao escrever que a imigração de estrangeiros parece "imune às manchas do passado", o autor do texto quer indicar que:

a) os estrangeiros já esqueceram as injustiças de que foram vítimas.
b) a imigração ainda traz marcas dos atos injustos do passado.
c) os imigrantes atuais desconhecem os fatos passados.
d) nada mais há que possa manchar o nosso passado histórico.
e) o processo migratório atual em nada lembra os erros do passado.

362) De todas as idéias expressas abaixo, aquela que NÃO está contida direta ou indiretamente no texto é:

a) Os imigrantes são bem-vindos no Brasil de hoje.
b) A atual situação dos imigrantes na Europa faz prever conflitos futuros.
c) Os estrangeiros acabam sendo perseguidos, em alguns países, apesar de seus bons serviços.
d) A expansão econômica da Europa provocou a saída de emigrantes.
e) Os imigrantes são fator de colaboração para o progresso das nações.

TEXTO LIV

AUXILIAR SUPERIOR ANALISTA DE SISTEMAS - MP/RJ
TEXTO 2
RACISMO

A imprensa brasileira vem noticiando uma proposta milionária do Lazio da Itália, que pretende adquirir o passe do zagueiro Juan por 10 milhões de dólares. Este é o time cuja torcida já agrediu o jogador brasileiro Antonio Carlos, do Roma, e perdeu o mando de campo por incitamento racista em pleno estádio.

Aqui fica uma sugestão a este jovem negro, atleta brasileiro de 22 anos, com um brilhante futuro profissional: recuse o convite e não troque o Brasil pela Itália, pois moedas não resgatam a dignidade. Diga não aos xenófobos e racistas.

(O Globo, 13/7/01)

363) "A imprensa brasileira vem noticiando..."; com a utilização do tempo verbal destacado, o autor do texto quer referir-se a uma ação que:

a) acaba de terminar.
b) acaba de começar.
c) se iniciou antes de outra ação passada.
d) se iniciou há pouco tempo e permanece no presente.
e) se repete no passado e no presente.

364) O segundo texto: (Para resolver esta questão, é necessário voltar ao texto anterior, nº LIII, pertencente à mesma prova.)

a) comprova o pensamento expresso no terceiro parágrafo do texto 1.
b) exemplifica a discriminação indicada no primeiro período do texto 1.
c) mostra que os preconceitos raciais e religiosos não são coisas do passado.
d) demonstra que xenófobos e racistas são maioria na Europa.
e) aborda o mesmo tema do primeiro, mas de forma mais específica.

365) "Este é o time cuja torcida já agrediu o jogador brasileiro"; este segmento do texto é fruto da união das duas orações seguintes:

a) Este é o time / A torcida deste time já agrediu o jogador brasileiro.
b) Este é o time / O jogador brasileiro já foi atingido pela torcida deste time.
c) A torcida já agrediu o torcedor brasileiro / Esta é a torcida deste time.
d) A torcida já agrediu o jogador brasileiro / Este é o time cuja.
e) Este é o time cuja / A torcida agrediu o jogador brasileiro.

366) O tom final do texto é de:

a) advertência
b) alerta
c) conselho
d) ordem
e) repreensão

TEXTO LV

OF. DE JUSTIÇA AVALIADOR DA CORREGEDORIA/RJ
ENTREVISTA

Aos 51 anos o médico paulista Geraldo Medeiros é um dos endocrinologistas brasileiros de maior e mais duradouro sucesso. Numa especialidade em que o prestígio dos profissionais oscila conforme a moda, há três décadas ele mantém sua fama em ascendência. Em seu consultório de 242 metros quadrados, na elegante região dos Jardins, uma das mais exclusivas de São Paulo, Medeiros guarda as fichas de 32.600 clientes que já atendeu. Mais da metade o procurou para fazer regime de emagrecimento. Sua sala de espera está permanentemente lotada e à vezes é necessário marcar uma consulta com semanas de antecedência.

Como professor de Clínica Médica e Endocrinologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, Medeiros já atendeu outros milhares de pacientes. A maioria, porém, foi parar em suas mãos em razão de outra especialidade da qual é mestre: as doenças da tireóide.
(Revista *Veja nº* 567)

367) Quais as informações fundamentais para o texto presentes em seu primeiro período?

a) aos 51 anos - Geraldo Medeiros - endocrinologista
b) Geraldo Medeiros - endocrinologista - de sucesso
c) médico paulista - Geraldo Medeiros - endocrinologista
d) aos 51 anos - médico - endocrinologista
e) médico - Geraldo Medeiros - sucesso

368) Qual a utilidade de ser dada a idade do médico entrevistado logo ao início do texto?

a) Indicar sua experiência e capacidade.
b) Mostrar sua vitalidade e competência.
c) Demonstrar sua capacidade e perspicácia.
d) Provar seu conhecimento e juventude.
e) Aludir à sua juventude e vitalidade.

369) O segundo período do texto é construído como explicitação de um dos termos do primeiro período. Qual?

a) médico paulista
b) endocrinologista brasileiro
c) maior sucesso
d) mais duradouro sucesso
e) aos 51 anos

370) Muitos elementos do segundo período repetem elementos do primeiro. Indique a correspondência equivocada entre elementos dos dois períodos.

a) especialidade - endocrinologista
b) prestígio - sucesso
c) profissionais - médico
d) fama - sucesso
e) décadas - 51 anos

371) Que elemento do primeiro período é explicitado no terceiro período?

a) aos 51 anos
b) médico paulista
c) endocrinologistas brasileiros
d) maior sucesso
e) mais duradouro sucesso

372) Entre as duas atividades do médico há uma série de elementos que se opõem. Indique a oposição equivocada.

a) endocrinologista - professor
b) clientes - pacientes
c) emagrecimento - doenças da tireóide
d) marcar uma consulta - parar em suas mãos
e) 32.600 - milhares

TEXTO LV1

PERITO LEGISTA - FAEPOL
TEXTO 1
CORPO

Na doença é que descobrimos que não vivemos sozinhos, mas sim encadeados a um ser de um reino diferente, de que nos separam abismos, que não nos conhece e pelo qual nos é impossível fazer-nos compreender: o nosso corpo. Qualquer assaltante que encontremos numa estrada, talvez consigamos torná-lo sensível ao seu interesse particular, senão à nossa desgraça. Mas pedir compaixão a nosso corpo é discorrer diante de um polvo, para quem as nossas palavras não podem ter mais sentido que o rumor das águas, e com o qual ficaríamos cheios de horror de ser obrigados a viver.

(Proust)

373) Segundo o texto, o nosso corpo:

a) tem plena consciência de viver encadeado a um ser diferente.
b) conhece perfeitamente o outro ser a que está encadeado.
c) é separado de nossa alma por um abismo intransponível.
d) se torna conhecido pouco a pouco.
e) só na doença é que tem sua existência reconhecida.

374) A conjunção *mas* (linha 1) opõe basicamente duas palavras do texto, que são:

a) descobrimos / vivemos
b) sozinhos / encadeados
c) vivemos / encadeados
d) doença / reino
e) sozinho / ser

375) "...pelo qual nos é impossível fazer-nos compreender."; esse segmento do texto quer dizer que:

a) não nos é possível fazer com que nosso corpo nos compreenda.
b) *é* impossível compreender o nosso corpo.
c) é possível fazer com que alma e corpo se entendam.
d) é impossível ao corpo compreender o ser humano.
e) o corpo humano pode compreender mas não pode ser compreendido.

376) "Qualquer assaltante que encontremos..."; nesse segmento, o uso do subjuntivo mostra uma:

a) certeza
b) comparação

c) possibilidade
d) previsão
e) condição

377) O item abaixo em que o pronome sublinhado tem seu antecedente corretamente indicado é:

a) "...ao seu interesse particular...": corpo
b) "...para quem as nossas palavras...": assaltante
c) "...de que nos separam abismos...": sozinhos
d) "...e com o qual ficaríamos...": águas
e) "...talvez consigamos torná-lo...": assaltante

378) "...senão à nossa desgraça."; o vocábulo sublinhado eqüivale, nesse segmento, a: 4 ,

a) ou
b) exceto
c) salvo
d) e não
e) se

379)"...é discorrer diante de um polvo."; esse segmento do texto representa uma tarefa:

a) trabalhosa
b) inútil
c) frutífera
d) temerosa
e) destemida

TEXTO LVII

PERITO LEGISTA - FAEPOL
TEXTO 2
LONGEVIDADE

Pouquíssimas são as longevidades justificáveis. Curta ou longa, a vida deveria encerrar-se logo ao cessar a missão de quem viveu: criar um filho, realizar uma obra, fazer uma guerra, perpetrar um crime...

Existências exemplares que souberam quando terminar!

Desgraçadamente essa ciência a mais ninguém hoje se concede, empenhada que anda a medicina em proporcionar meras e miseráveis sobrevivências.

(Walter Benevides)

380) O termo longevidade significa:

a) vida inútil
b) vida distante
c) vida indiferente
d) vida miserável
e) vida longa

381) Pouquíssimas só não eqüivale semanticamente a:

a) mínimas
b) raríssimas
c) muito poucas
d) extremamente raras
e) bastante poucas

382) "Existências exemplares" são aquelas que:

a) realizaram obras benéficas.
b) tiveram longevidades injustificáveis.
c) souberam quando terminar.
d) não cumpriram missões negativas.
e) recusaram sobrevivências miseráveis.

383) A "ciência" a que se refere o autor do texto é:

a) a medicina, encarregada da sobrevivência humana
b) a competência de criar um filho
c) a possibilidade de realizar uma missão, curta ou longa
d) a de ter consciência de saber quando morrer
e) a possibilidade de ampliar a extensão da vida humana

384) O autor critica a Medicina porque ela:

a) desconhece a origem dos males.
b) aceita missões positivas e negativas.
c) prolonga vidas inúteis.
d) não é ensinada de forma competente a mais ninguém.
e) só propicia vida melhor para uns poucos privilegiados.

385) "Curta ou longa" é um exemplo de antítese, em que se opõem dois vocábulos de significação oposta; o item abaixo em que os dois vocábulos indicados possuem oposição semântica é:

a) encerrar-se / iniciar-se
b) realizar / imaginar
c) pouquíssimas / reduzidíssimas
d) cessar / interromper
e) exemplares / inúteis

TEXTO LVIII

PERITO LEGISTA - FAEPOL
TEXTO 3
A CIÊNCIA

I - A ciência permanecerá sempre a satisfação do desejo mais alto da nossa natureza, a curiosidade; ela fornecerá sempre ao homem o único meio que ele possui para melhorar a própria sorte. (Renan)
II-A ciência, que devia ter por fim o bem da humanidade, infelizmente concorre na obra de destruição e inventa constantemente novos meios de matar o maior número de homens no tempo mais curto. (Tolstói)
III -Faz-se ciência com fatos, como se faz uma casa com pedras; mas uma acumulação de fatos não é uma ciência, assim como um montão de pedras não é uma casa. (Poincaré)

386)A(s) opinião(ões) que traduz(em) uma visão negativa da ciência é(são):

a) I
b) II
c) III
d) I-II
e) II-III

387) Segundo o segmento I, a curiosidade é:

a) a satisfação de nosso desejo
b) o caminho de melhorar a própria sorte
c) o único meio de obter satisfação
d) o desejo mais alto da nossa natureza
e) sinônimo da própria ciência

388) O "desejo mais alto", citado no segmento I, significa o desejo:

a) mais contido
b) mais difícil
c) mais problemático
d) mais intenso
e) mais espiritual

389) O emprego do futuro do presente do indicativo no segmento I significa:

a) certeza dos fatos futuros
b) possibilidade de fatos futuros
c) incerteza dos fatos futuros
d) dúvida sobre os fatos futuros
e) desejo do autor sobre os fatos futuros

390) "...para melhorar a própria sorte."; o vocábulo *sorte*, nesse segmento, eqüivale semanticamente a:

a) futuro
b) felicidade
c) infortúnio
d) horóscopo
e) destino

391) No segmento II, o uso do pretérito imperfeito do indicativo em "...devia ter por fim o bem da humanidade..." significa que:

a) a finalidade da ciência está equivocada.
b) o ideal da ciência, no passado, era o bem da humanidade.
c) a realidade é diferente da finalidade ideal da ciência.
d) a realidade confirma o ideal científico.
e) sob certas condições a ciência atinge o seu ideal.

392) "...infelizmente concorre na obra de destruição..."; nesse segmento, o verbo *concorrer* eqüivale semanticamente a:

a) compete; rivaliza
c) prejudica :
d) colabora
e) combate

393) "...bem <u>da</u> humanidade...", "...obra <u>de</u> destruição...", "...novos meios <u>de</u> matar..."; as expressões sublinhadas são respectivamente correspondentes a:

a) humano, destrutiva, mortíferos
b) humanitário, destruidora, homicidas
c) humanista, destrutiva, assassinos
d) humano, destruidora, violentos
e) humanitário, destruidora, mortais

394) Vocábulos que no segmento II mostram a opinião do autor do texto sobre o conteúdo veiculado é:

a) infelizmente / devia
b) constantemente / infelizmente
c) por fim / devia
d) destruição / ciência
e) constantemente / destruição

395) "...matar o maior número de homens no tempo mais curto", como aparece no segmento II, demonstra:

a) violência inútil
b) crueldade necessária
c) qualidade suprema
d) eficácia positiva
e) eficiência mórbida

396) "...como se faz uma casa com pedras...", no segmento III, corresponde a uma:

a) condição
b) causa
c) conseqüência
d) comparação
e) concessão

397) No segmento III, os dois termos que se encontram nos mesmos postos de comparação são:

a) ciência / pedras
b) fatos / casa
c) ciência / casa
d) ciência / fatos
e) casa / pedras

398) O que nos três segmentos do texto 3 mostra um ponto comum da ciência é que ela é vista como:

a) um bem para a humanidade
b) um conhecimento subjetivo
c) uma esperança de progresso
d) uma certeza de sobrevivência
e) uma atividade humana

TEXTO LIX

MAGISTÉRIO MUNICIPAL - RIO
PRISÃO DE VENTRE NA ALMA (fragmento)

Todos estamos nos tornando, hoje, mais desconfiados do que no passado. Com exceção das pessoas que se dispõem a pagar um preço altíssimo por uma unidade monolítica, somos todos bastante divididos interiormente.

Para o bem ou para o mal, vão rareando as convicções inabaláveis. Uma parte de nós quer acreditar, outra é descrente.

Gostaríamos de ter segurança para acreditar em coisas que ninguém pode assegurar que são inteiramente dignas de nossa confiança.

As verdades do crente dependem da fé, enquanto a fé existe.

Mas a fé também pode deixar de existir; ela não depende da razão, nem da ciência; depende de Deus, que a deu e pode tirá-la. O filósofo Pascal já no século XVI afirmava que a nossa razão serve, no máximo, para nos ajudar a fazer apostas mais convenientes.

As verdades científicas, por sua vez, dependem da história, são periodicamente revistas, reformuladas. As novas descobertas e as novas invenções não se limitam a complementar os conhecimentos já adquiridos: exigem que eles sejam rediscutidos e às vezes drasticamente modificados.

E as verdades filosóficas? Quanto maiores forem os pensadores que as enunciam, mais acirrada será a controvérsia entre eles. As verdades filosóficas se contradizem, umas questionam as outras.

Somos envolvidos, então, por uma onda de ceticismo. É possível que essa onda já tenha tido alguns efeitos favoráveis à liberdade espiritual dos indivíduos, ao fortalecimento neles do espírito crítico. É possível que ela tenha de algum modo “limpado o terreno” para um diálogo mais desenvolto entre as criaturas, para valores mais comprometidos com o pluralismo, contribuindo para a superação de algumas formas rígidas e dogmáticas de pensar.

Dentro de limites razoáveis, o ceticismo atenua certezas, suaviza conclusões peremptórias e abre brechas no fanatismo. Na medida em que se espraia indefinidamente, contudo, ele traz riscos graves. A própria dinâmica de um ceticismo ilimitado apresenta uma contradição insuperável.

O poeta Brecht expressou esse impasse num poeminha que tem apenas três versos e que não pode deixar de ser reproduzido aqui: “Só acredite no que seus olhos vêem e no que seus ouvidos escutam. Não acredite nem no que seus olhos vêem e seus ouvidos escutam. E saiba que, afinal, não acreditar ainda é acreditar.”

Realmente, quem não acredita, para estar convencido de que não está acreditando, precisa acreditar em seu poder de não acreditar.

Aquele que não crê, curiosamente, está crendo na sua descrença.

(Leandro Konder)

399) "...as pessoas que se dispõem a pagar um preço altíssimo por uma unidade monolítica..."; com esse segmento o autor do texto quer referir-se:

a) àquelas pessoas que, tendo possibilidades, procuram aumentar sua cultura a ponto de superarem as dúvidas.
b) aos indivíduos que se sacrificam interiormente em troca de uma consistência psicológica que os defenda de divisões internas.
c) às pessoas que se dispõem a viver sozinhas, separadas de todos os demais, a fim de evitar sofrimento inútil.
d) àqueles que imaginam viver em comunhão com Deus de modo fiel e, pela fé, superar os obstáculos.
e) àqueles céticos que defendem seu ateísmo de forma a mostrarem uma unidade de pensamento que, na verdade, não possuem.

400) "Uma parte de nós <u>quer</u> acreditar, outra é descrente." O par de vocábulos abaixo que não poderia substituir, respectivamente, de forma adequada, os elementos sublinhados é:

a) quer ter fé / pecadora ;
b) quer crer / incrédula ,
c) quer confiar / desconfiada •.
d) quer dar crédito / cética
e) quer ter certeza / insegura

401) A divisão interna do ser humano, segundo o texto:

a) está mais ligada à perda da fé, que nos é dada ou tirada por Deus, do que à perda da credibilidade na ciência ou na filosofia.
b) se prende unicamente à contradição das verdades filosóficas, que se apoiam na maior ou menor credibilidade de seus enunciadores.
c) se origina da perda de nossas convicções, sejam na religião, na ciência ou na filosofia.
d) é própria da natureza humana, que não consegue criar, nem na religião, nem na ciência ou na filosofia, algo confiável.
e) é altamente positiva, já que nos livra do fanatismo e dos radicalismos de qualquer espécie.

402) Segundo o texto, as novas descobertas e as novas invenções:

a) servem para mostrar a força criativa do homem, opondo-se a "verdades definitivas".
b) mostram o progresso dos conhecimentos científicos, criado a partir da correção dos erros anteriores.
c) discutem e modificam, além de desmascararem, todas as teorias científicas do passado.
d) demonstram a incapacidade da ciência de atingir a verdade, pois estão sempre corrigindo o caminho percorrido.

e) comprovam que a ciência também tem suas verdades permanentemente renovadas, pela complementação ou correção do já descoberto.

403) O ceticismo, segundo o texto, apresenta como aspecto positivo:

a) o aparecimento de um forte radicalismo crítico
b) a queda do pluralismo, que sempre desuniu os homens
c) o reconhecimento da possibilidade de várias verdades
d) o surgimento de formas mais rígidas e dogmáticas de pensar
e) a possibilidade de ampliar as brechas do fanatismo

404) O poeta Brecht é citado no texto para:

a) trazer sensibilidade ao tratamento do tema.
b) opor-se a uma teoria dominante.
c) comprovar a falência dos sentidos humanos.
d) ilustrar a contradição interna do ceticismo.
e) valorizar a força da fé.

405) O texto de Leandro Konder deve ser considerado como:

a) didático
b) informativo
c) argumentativo
d) expressivo
e) narrativo

TEXTO LX

AUXILIAR CENSITÁRIO DE APURAÇÃO - IBGE
RECURSOS HUMANOS

Li que a espécie humana é um sucesso sem precedentes.

Nenhuma outra com uma proporção parecida de peso e volume se iguala à nossa em termos de sobrevivência e proliferação. E tudo se deve à agricultura. Como controlamos a produção do nosso próprio alimento, somos a primeira espécie na história do planeta a poder viver fora de seu ecossistema de nascença. Isso nos deu mobilidade e a sociabilidade que nos salvaram do processo de seleção, que limitou outros bichos de tamanho equivalente e que acontece quando uma linhagem genética dependente de um ecossistema restrito fica geograficamente isolada e só evolui como outra espécie. É por isso que não temos mudado muito, mas também não nos extinguimos.

(Luís Fernando Veríssimo)

406) Segundo o texto, o sucesso da espécie humana *é* medido:

a) por sua capacidade de viver fora de seu ecossistema
b) por sua sobrevivência e proliferação
c) por possibilidade de produzir seu próprio alimento
d) por sua inalterabilidade e resistência à extinção
e) por sua agricultura

407) Dizer que a espécie humana "*é* um sucesso sem precedentes" eqüivale a dizer que:

a) não há explicações possíveis para esse sucesso.
b) poucas espécies tiveram sucesso semelhante.
c) nada ocorreu antes que pudesse explicar esse fato.
d) nenhuma outra espécie já atingiu tal sucesso.
e) nosso sucesso é independente de nossos antepassados.

408) *Precedente* e *procedente* são palavras de forma semelhante, mas de significados distintos. A frase abaixo em que há ERRO no emprego da palavra destacada é:

a) A nova pesquisa deve fazer *emergir* resultados interessantes.
b) É necessário ter bom *senso* para julgar os questionários da pesquisa.
c) Muitas informações mostram *descriminação* racial em pequena parte da população.
d) alguns pesquisadores são *destratados* pelos entrevistados.
e) alguns entrevistados indicam sua naturalidade *em vez de* sua nacionalidade.

409) “Nenhuma outra com uma proporção parecida de peso e volume se iguala à nossa em termos de sobrevivência e proliferação”. Pode-se inferir desse segmento que:

a) não há outras espécies com a mesma proporção de peso e volume que a espécie humana.
b) só a espécie humana vai sobreviver.
c) só a espécie humana proliferou de forma tão rápida e ampla.
d) sobrevivência e proliferação são valores que medem o sucesso de uma espécie.
e) nossa proporção de peso e volume ajudou a nossa espécie a ter sucesso.

410) O termo destacado nos itens abaixo refere-se a algum termo anterior do texto; o item em que essa referência *é* esclarecida de forma ERRADA é:

a) Nenhuma outra (espécie) com uma proporção parecida...
b) ...se iguala à nossa (proporção) em termos de sobrevivência...
c) Isso (o fato de viver fora de nosso ecossistema de nascença) nos deu mobilidade...
d) ...que (mobilidade e sociabilidade) nos salvaram do processo de seleção.
e) ...e que (processo de seleção) acontece quando uma linhagem genética...

411) “Como controlamos a produção de nosso próprio alimento, somos a primeira espécie na história...”; a oração sublinhada apresenta, em relação à seguinte, o valor de:

a) condição
b) modo
c) comparação
d) conclusão
e) causa

412) O item em que o sinônimo da palavra destacada está corretamente indicado é:

a) “...em termos de sobrevivência e proliferação.” - multiplicação
b) “Isso nos deu mobilidade...” - rapidez
c) “Isso nos deu mobilidade e a sociabilidade...” - negociação
d) “...que limitou outros bichos...” - confirmou
e) “... de um ecossistema restrito...” - selecionado.

413) O item abaixo que apresenta uma afirmação correta em relação ao texto lido é:

a) O autor declara sua esperança na sobrevivência da espécie humana.
b) O texto analisa a independência da espécie humana em relação à produção de seus próprios alimentos.

c) O texto mostra certas peculiaridades da espécie humana em relação a outras espécies.
d) O autor prevê certas dificuldades para a sobrevivência da espécie humana no planeta.
e) O texto alude à possibilidade de a espécie humana ficar dependente de um ecossistema restrito.

414) "Li que a espécie humana é um sucesso sem precedentes."; a frase abaixo cuja estrutura ALTERA o sentido original desse segmento é:

a) Li que o sucesso da espécie humana é sem precedentes.
b) A espécie humana é um sucesso sem precedentes, segundo o que li.
c) Ser a espécie humana um sucesso sem precedentes foi o que foi lido por mim.
d) Li ser a espécie humana um sucesso sem precedentes.
e) Li que a espécie humana é um sucesso que não tem precedentes.

TEXTO LXI

TFC

Com franqueza, estava arrependido de ter vindo. Agora que ficava preso, ardia por andar lá fora, e recapitulava o campo e o morro, pensava nos outros meninos vadios, o Chico Telha, o Américo, o Carlos das Escadinhas, a fina flor do bairro e do gênero humano. Para o cúmulo de desespero, vi através das vidraças da escola, no claro azul do céu, por cima do morro do Livramento, um papagaio de papel alto e largo, preso de uma corda imensa que bojava no ar, uma cousa soberba. E eu na escola, sentado, pernas unidas, com o livro de leitura e a gramática nos joelhos.
- Fui bobo em vir, disse eu ao Raimundo.
- Não diga isso, murmurou ele.
("Conto de escola". Machado de Assis. In: Contos, São Paulo, Ática, 1982, 9a ed., p. 25-30)

415) Indique o segmento que completa, de acordo com o texto, o enunciado formulado a seguir: No trecho transcrito, o narrador-personagem é um menino, que relata:

a) as dificuldades que experimenta nas aulas de leitura e gramática.
b) o desespero por não possuir um papagaio de papel tão soberbo como aquele que via no céu.
c) os temores de ficar de castigo, sentado, os livros nos joelhos.
d) o arrependimento por não ter acompanhado Raimundo nas estripulias com os meninos do morro.
e) suas emoções em um dia de escola.

416)Indique o segmento que completa, de acordo com o texto, o enunciado formulado a seguir: O menino se confessava "arrependido de ter vindo" porque:

a) os outros meninos vadios passariam a chamá-lo de bobo.
b) não gostava que os outros meninos empinassem seu papagaio de papel.
c) preferia ter ficado com os outros meninos, a brincar na rua.
d) tivera de cumprir a promessa de que viria, feita a Raimundo.
e) sentia dor nas pernas, ao ficar muito tempo sentado, com os livros nos joelhos.

417) Indique a letra que <u>não</u> apresenta uma relação semântica correta entre os termos emparelhados.

a) menino-narrador - arrependido de ter vindo
b) menino-narrador - preso de uma corda imensa
c) papagaio de papel - uma cousa soberba
d) papagaio de papel - bojava no ar
e) papagaio de papel - alto e largo

418) Assinale o segmento que pode substituir no texto, sem prejuízo da significação original, o trecho: “Ardia por andar lá fora.”

a) Queimava de raiva por estar preso.
b) Ansiava por estar lá fora.
c) Fervia-me para caminhar pelas ruas.
d) Recapitulava para saltar para a rua.
e) Almejava dirigir-me para o refeitório.

TEXTO LXII

ANALISTA JUDICIÁRIO DO TRF - 3a REGIÃO
O PARTO E O TAPETE

RIO DE JANEIRO - Big nem era minha, era de um cunhado.

Naquele tempo eu ainda não gostava de cachorros, pagando por isso um preço que até hoje me maltrata. Mas, como ia dizendo, Big não era minha, mas estava para ter ninhada, e meu cunhado viajara.

De repente, Big procurou um canto e entrou naquilo que os entendidos chamam de "trabalho de parto". Alertado pela cozinheira, que entendia mais do assunto, telefonei para o veterinário que era amigo do cunhado. Não o encontrei. Tive de apelar para uma emergência, expliquei a situação, 15 minutos depois veio um veterinário. Examinou Big, achou tudo bem, pediu um tapete.

Providenciei um, que estava desativado, tivera alguma nobreza, agora estava puído e desbotado. O veterinário deitou Big em cima, pediu uma cadeira e um café. Duas horas se passaram, Big teve nove filhotes e o veterinário me cobrou 90 mil cruzeiros, eram cruzeiros naquela época, e dez mil por filhote. Valiam mais - tive de admitir.

No dia seguinte, com a volta do cunhado, chamou-se o veterinário oficial. Quis informações sobre o colega que me atendera.

Contei que ele se limitara a pedir um tapete e pusera Big em cima. Depois pedira um café e uma cadeira, cobrando-me 90 mil cruzeiros pelo trabalho.

O veterinário limitou-se a comentar: "Ótimo! Você teve sorte, chamou um bom profissional!". Como? A ciência que cuida do parto dos animais se limita a colocar um tapete em baixo?

"Exatamente. Se tivesse me encontrado, eu faria o mesmo e cobraria mais caro, moro longe".

Nem sei por que estou contando isso. Acho que tem alguma coisa a ver com a sucessão presidencial. Muitas especulações, um parto complicado, que requer veterinário e curiosos. Todos darão palpites, todos se esbofarão para colocar o tapete providencial que receberá o candidato ungido, que nascerá por circunstâncias que ninguém domina.

E todos cobrarão caro.

(Carlos Heitor Cony, *Folha de S. Paulo,* 19-12-01)

419)A associação entre o episódio narrado e a sucessão presidencial apòia-se

a) no argumento de que dos dois nascerá algo de grande valia e importância.
b) na idéia de que, num e noutro caso, cumprem-se rituais que pouco interferem nos fatos, mas que têm alto preço.
c) no fato de que sempre se estendem tapetes aos líderes poderosos que estão por vir.
d) na suposição de que as emergências são iguais por mais diferentes que pareçam.

e) na constatação de que a sucessão requer o envolvimento de especialistas e muita precisão.

420) Observe as frases I e II, extraídas do texto.

I. "Big nem era minha, era de um cunhado."
II. "Big não era minha, mas estava para ter ninhada, e meu cunhado viajara."

É correto dizer que o narrador

a) em I, sugere estar desobrigado em relação ao animal; em II, faz ressalva a essa desobrigação.
b) em I, afirma ser estranho ao animal; em II, reitera sua indiferença em relação a este.
c) em I, exprime desprezo pelo animal; em II, manifesta um mínimo de consideração pelo destino deste.
d) em I, nega ter vínculos com o animal; em II, critica o cunhado que se ausentou, deixando Big aos cuidados de outrem.
e) em I, mostra-se longe de ter responsabilidade pelo animal; em II, invoca a responsabilidade do legítimo proprietário.

421) Ao afirmar "tive de admitir" (final do 3fl parágrafo), o narrador dos fatos está indicando que

a) constatou a verdadeira importância do profissional que assistira Big, em seu trabalho de parto.
b) tomou consciência de que pagara mais do que valiam os filhotes de Big no mercado.
c) se curvou ao argumento empregado pelo veterinário para justificar o preço de seu serviço.
d) se estarreceu com o valor que um filhote pode atingir e com o preço que cobram os veterinários.
e) pagou pelos filhotes um preço justo, já que valiam mais do que dez mil cruzeiros.

422) "Se tivesse me encontrado, eu faria o mesmo e cobraria mais caro, moro longe." O significado do período acima está corretamente expresso em:

a) Mesmo que tivesse me encontrado, eu faria o mesmo cobrando mais caro, portanto moro longe.
b) Caso tivesse me encontrado, eu faria o mesmo, mas cobraria mais caro, pois moro longe.
c) Embora tivesse me encontrado, eu faria o mesmo, porém cobraria mais caro; moro longe, pois.
d) Desde que tivesse me encontrado, eu faria o mesmo, pois cobraria mais caro, contanto que moro longe.

e) Salvo se tivesse me encontrado, eu faria o mesmo, porque cobraria mais caro, mesmo morando longe.

423) A palavra que expressa corretamente o significado de *ungido*, em... "colocar o tapete presidencial que receberá o candidato ungido"..., é

a) sacrificado
b) usurpado
c) surgido
d) proposto
e) sagrado

424) A frase que traz implícita a idéia de mudança de situação é:

a) Naquele tempo eu ainda não gostava de cachorros.
b) Nem sei por que estou contando isso.
c) Examinou Big, achou tudo bem, pediu um tapete.
d) Quis informações sobre o colega que me atendera.
e) Ótimo! Você teve sorte, chamou um bom profissional.

TEXTO LXIII

CIÊNCIAS HUMANAS - IBGE
TEXTO
ENTREVISTA

O ensaísta canadense Alberto Manguei, autor de *Uma História da Leitura*, explica por que a palavra escrita é a grande ferramenta para entender o mundo.

Veja - *Numa época em que predominam as imagens, por que a* **5** *leitura ainda é importante?*

Manguei - A atual cultura de imagens é superficialíssima, ao contrário do que acontecia na Idade Média e na Renascença, épocas que também eram marcadas por uma forte imagética. Pense, por exemplo, nas imagens veiculadas pela publicidade. Elas captam a nossa atenção **10** por apenas poucos segundos, sem nos dar chance para pensar. Essa é a tendência geral em todos os meios visivos. Assim, a palavra escrita é, mais do que nunca, a nossa principal ferramenta para compreender o mundo. A grandeza do texto consiste em nos dar a possibilidade de refletir e interpretar. Prova disso é que as pessoas estão lendo cada vez mais, **15** assim como mais livros estão sendo publicados a cada ano. Bill Gates, presidente da Microsoft, propõe uma sociedade sem papel. Mas, para desenvolver essa idéia, ele publicou um livro. Isso diz alguma coisa.

(*Veja*, 7 de julho de 1999)

425) *...a palavra escrita é a grande ferramenta para entender o mundo.* (/.02/3); o item abaixo que representa o papel da palavra escrita no entendimento do mundo *é* o de:

a) instrumento
b) motivo
c) objetivo
d) modo
e) processo

426)...a *palavra escrita é a <u>grande</u> ferramenta para entender o mundo* (/.02/3); o item abaixo em que o vocábulo *grande* apresenta o mesmo valor semântico que possui nesse segmento do texto é:

a) Por um grande tempo pensou-se que o livro iria ser substituído pelo computador.
b) Bill Gates tem grande interesse em mostrar a inutilidade da palavra escrita no mundo moderno.
c) O computador ainda tem uma grande estrada a percorrer até atingir a importância do livro.

d) O entrevistado Alberto Manguei é um dos grandes conhecedores do valor da língua escrita.
e) Os computadores mais modernos atingem grandes preços no mercado.

427) O item abaixo em que o elemento destacado tem seu valor semântico corretamente indicado é:

a) *...a grande ferramenta PARA entender o mundo* - meio
b) *...explica POR QUE a palavra escrita...* - finalidade
c) *...por que a leitura AINDA é importante?* - concessão
d) *...épocas TAMBÉM marcadas por uma forte imagética.* - acréscimo
e) *...ASSIM COMO mais livros estão sendo publicados a cada ano. modo*

428) *Numa época em que predominam as imagens,...* (/.04); a época a que se refere o repórter é:

a) indeterminada
b) a dos dias de hoje
c) a da Idade Média e da Renascença
d) a de um passado próximo
e) hipotética

429) Na pergunta do repórter há uma oposição implícita entre imagens e leitura porque:

a) os livros teóricos não possuem ilustrações.
b) imagens só estão presentes em livros infantis.
c) a leitura só é a possibilidade de criar imagens.
d) as imagens independem de leitura.
e) as letras não possuem sentido sem imagens.

430) Segmento do texto que NÃO mostra, direta ou indiretamente, uma visão negativa da cultura de imagens é:

a) *a atual cultura de imagens é superficialíssima...* (7.06)
b) *essa é a tendência geral em todos os meios visivos.* (7.10/11)
c) *elas captam a nossa atenção por apenas poucos segundos...* (/.09/10)
d) *...sem nos dar chance para pensar.* (/.IO)
e) *Bill Gates, presidente da Microsoft, propõe uma sociedade sem papel.* (/.15/16)

431) Considerando que os vocábulos *imagética* e *visivos* aparecem há pouco tempo nos dicionários da língua portuguesa, isto pode significar que:

a) são vocábulos erradamente criados pelo autor do texto.
b) tais vocábulos são traduções inadequadas de vocábulos estrangeiros.
c) representam realidades ainda ausentes de nosso cenário cultural.
d) se trata de neologismos já reconhecidos oficialmente.
e) os dicionários atuais não estão atualizados.

432) Segundo o que se depreende da resposta do entrevistado, em termos de cultura de imagens, a época moderna, em relação à Idade Média e à Renascença:

a) é bem mais superficial no tratamento das imagens.
b) prefere imagens profanas, ao invés de religiosas.
c) apresenta semelhanças nas imagens publicitárias.
d) mostra idênticas preocupações formais.
e) possui tecnologia bem mais avançada.

433) *Pense, por exemplo, nas imagens veiculadas...* (/.08/9); o termo sublinhado *é* muitas vezes confundido com *vinculadas,* seu parônimo. O item abaixo em que se empregou erradamente um vocábulo por seu parônimo é:

a) O deputado dedicou seu mandado à defesa da língua escrita.
b) Os monges medievais viviam imersos em leituras.
c) Os livros medievais tinham as páginas cosidas umas às outras.
d) Os livros imorais eram queimados pela Inquisição.
e) Os valores dos livros passam despercebidos a muitos.

434) *Essa é a tendência geral em todos os meios visivos.* (/.10/11); os *meios visivos* a que alude o entrevistado incluem certamente:

a) a pintura, a fotografia e o desenho
b) a televisão, o cinema e a fotografia
c) a pintura, a televisão e o cinema
d) o cinema, a fotografia e a pintura
e) o desenho, a pintura e a televisão

435) A frase final do entrevistado - *Isso diz alguma coisa* - refere-se à:

a) pouca importância do livro diante da importância do computador no mundo moderno
b) contradição entre o pensamento e a ação de Bill Gates
c) valorização da leitura através dos tempos
d) desvalorização das imagens no mundo da Microsoft
e) necessidade de novas pesquisas sobre o valor da leitura

436) Idéia que NÃO está contida no texto lido é:

a) A cultura de imagens na atualidade é menos profunda que em épocas anteriores.
b) As imagens publicitárias não levam à reflexão pois duram pouco em nossas mentes.
c) A compreensão integral do mundo só ocorre por meio da língua escrita.
d) Apesar da atual cultura de imagens, a leitura vê crescido o seu número de adeptos.
e) Uma sociedade sem papel, como propõe Bill Gates, é impossível.

TEXTO LXIV

CIÊNCIAS HUMANAS - IBGE
TEXTO 2
COMO SE PRECAVER DE ADVOGADOS

Alguns procedimentos para não ser enrolado por um advogado desonesto:
1. Pegue referências com antigos clientes;
2. Procure a seção da OAB ou o fórum local par ver se o advogado está cumprindo, ou já cumpriu, suspensão e pesquise o motivo;
3. Antes de acertar o valor dos honorários, consulte a tabela da OAB. Não é obrigatório segui-la, mas ela serve de base;
4. Exija um contrato de prestação de serviços com duas testemunhas. De preferência, registre-o no cartório;
5. Exija também no contrato um relatório mensal sobre o andamento do processo. Cheque as informações no fórum ou nos tribunais regularmente;
6. Ao assinar uma procuração delegando poderes ao advogado, evite conceder a ele autonomia para "dar quitação e/ou receber valores".

(*Veja, 7* de julho de 1999)

437) Sobre o título do texto - *Como se precaver de advogados* - só NÃO é correto afirmar que:

a) está implícito que o texto se refere aos maus advogados.
b) o termo *como* refere-se ao modo da ação verbal.
c) a ação verbal não está atribuída a um sujeito determinado.
d) a forma correta da posição do pronome *se* na frase seria após o infinitivo: *como precaver-se de advogados.*
e) a forma verbal corresponde à 3a pessoa do singular.

438) Se colocássemos o verbo *precaver* no imperativo, como os demais do texto, teríamos a forma:

a) precavenha-se
b) precaveja-se
c) precava-se
d) precaute-se
e) não existe qualquer forma para o imperativo

439) O tom do texto, criado pelo imperativo, é o de:

a) ordem
b) conselho
c) desejo
d) convite
e) pedido

440) ***Alguns procedimentos para não ser enrolado por um advogado desonesto;*** **pode-se deduzir do segmento destacado que:**

a) todo advogado *é* desonesto.
b) há outros procedimentos que não foram citados.
c) não é possível escapar de advogados desonestos.
d) os procedimentos citados são um meio de enrolar os desonestos.
e) a revista Veja não está preocupada em defender os leitores dos procedimentos citados.

441) ***Não é obrigatório... é*** **forma equivalente a** ***Não há obrigação de...*** **seguindo esse modelo, o item que apresenta uma correspondência equivocada é:**

a) não é legal - não há legalidade.
b) não é proibido - não há proibição.
c) não é possível - não há posse.
d) não é justo - não há justiça.
e) não é ético - não há ética.

442) ***Não éobrigatório segui-LA...*** **(item 3);** ***...registre-O no cartório...*** **(item 4); nesses segmentos do texto, os pronomes destacados referem-se, respectivamente, a:**

a) tabela / contrato
b) OAB / contrato
c) OAB / cartório
d) tabela / serviço
e) base / valor

443) ***Mensal*** **corresponde a** ***mês;*** **a correspondência ERRADA entre os itens abaixo é:**

a) milenar - mil anos
b) secular - cem anos
c) biênio - dois anos
d) bimestral - dois semestres
e) quinzenal - quinze dias

444) A grafia ***e/ou*** **indica, entre os elementos** ***e*** **e** ***ou,*** **uma relação de:**

a) semelhança
b) adição
c) alternância
d) correção
e) substituição

TEXTO LXV

CIÊNCIAS HUMANAS - IBGE
TEXTO 3
APAGUE A LUZ NA HORA DE DORMIR

Os pediatras costumam pedir aos pais que apaguem todas as luzes do quarto da criança na hora de dormir, mas há aqueles que ficam com pena do filho e não seguem a instrução à risca. De acordo com estudo recente publicado na revista inglesa *Nature*, bebês que dormem com a luz **5** acesa têm entre três a cinco vezes mais probabilidades de sofrer de miopia que as crianças acostumadas a repousar no escuro desde os primeiros dias de vida. Os pesquisadores da Universidade da Pensilvânia, nos Estados Unidos, ouviram 479 pais de crianças e adolescentes de 2 a 16 anos. Eles perguntaram se, nos primeiros anos de vida, as crianças **10** dormiam com a luz do quarto ou com o abajur aceso. Testes oftalmológicos mostraram que 34% das crianças que dormiram com o abajur ligado se tornaram míopes. O mesmo problema atingiu 55% dos que mantinham a luz do quarto acesa à noite. Apenas 10% das que sempre dormiram no escuro desenvolveram miopia. A hipótese mais provável é a **15** de que a luz durante o sono prejudica o desenvolvimento da retina. Há outra razão, menos objetiva, envolvendo a luz e o sono da criança. O apagar da luz do quarto (sem direito à luz no corredor) é o marco do fim do dia. Se a luz fica acesa, a criança tende a se distrair, a olhar para cá e para lá, e isso é ruim.

(*Veja* - 7 de julho de 1999)

445) Segundo o texto, deixando a luz acesa, os pais podem:

a) combater a insegurança dos filhos.
b) provocar a ansiedade nas crianças.
c) evitar a chegada do medo noturno.
d) aumentar as possibilidades de miopia nos filhos.
e) evitar o desenvolvimento da retina.

446) A relação luz acesa/miopia é:

a) fruto da opinião do autor do texto
b) indicada por pesquisa universitária
c) comprovada pelos pediatras
d) derivada da falta de cuidado dos pais
e) estabelecida pela experiência

447)*De acordo com estudo recente...; o* item que mostra um substituto adequado da expressão sublinhada é:

a) à proporção que
b) assim como
c) conquanto
d) para
e) conforme

448)*Testes oftalmológicos* referem-se à visão; a relação abaixo INCORRETAMENTE indicada é:

a) dermatológico - pele
b) ginecológico - aparelho genital feminino
c) fisiológico - músculos
d) urológico - aparelho urinário
e) neurológico - sistema nervoso

449)Ao dizer que *Apenas 10% das que sempre dormiram no escuro desenvolveram miopia,* o autor do texto indica que:

a) considera a quantidade detectada irrelevante para o estabelecimento seguro de uma relação.
b) poucos dos entrevistados puderam dar a informação solicitada.
c) considera poucos os que contrariam a indicação "da pesquisa.
d) ainda são muitos os que desenvolvem miopia, apesar de dormirem no escuro.
e) são poucos os que comprovam a relação miopia/escuro.

450) Dizer que existe uma *hipótese* sobre determinado assunto equivale a dizer que existe:

a) uma certeza comprovada
b) uma possibilidade estabelecida
c) uma opinião não-documentada
d) uma dúvida a ser esclarecida
e) um tema já pesquisado

451) Se *a luz fica acesa, a criança tende a se distrair...;* a primeira oração desse segmento estabelece, em relação à segunda, uma relação de:

a) tempo
b) concessão
c) condição
d) causa
e) conseqüência

452) ***Há outra razão, menos objetiva, <u>en volvendo</u> a luz e o sono da*** **criança...: o item abaixo que mostra corretamente o desenvolvimento da forma reduzida sublinhada é:**

a) quando envolve
b) enquanto envolve
c) porque envolve
d) embora envolva
e) que envolve

TEXTO LXVI

TÉCNICO JUDICIAL JURAMENTADO - CGJ
FACISMO SOCIAL NO PAÍS DO SOCIÓLOGO

A definição dos objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil está no artigo 3o de nossa Constituição. São todos de grande nobreza e esperança. Valem como pólos de concentração ideal para o povo, como destinos a serem alcançados pelo Brasil, na permanente viagem de nossos sonhos.

O primeiro desses objetivos consiste em realizar uma sociedade livre, justa e solidária. Para ser livre, a sociedade terá liberdades públicas asseguradas a todos. Cidadania livre é cidadania sem intervenção excessiva do poder. No país das medidas provisórias, o cidadão acorda tolhido, dia após dia, com e sem "apagões" e "caladões". Para que a sociedade possa ser tida por justa, *é* necessário diminuir as distâncias sociais, com pobres menos pobres. Depois que a moeda se estabilizou, durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, honra seja feita, houve melhora nesse campo, mas o Brasil ainda é dos mais atrasados no mundo na satisfação das necessidades sociais do ser humano.

A solidariedade proclamada no texto constitucional deve ser espontânea, colhida na consciência de cada um e, pelo menos, da população mais aquinhoada em favor dos que têm pouco. A solidariedade do artigo 3o da Constituição precisa, porém, ser catalisada pelo Estado para o trabalho espontâneo em favor dos menos favorecidos. O objetivo social exigirá da administração pública e de seus funcionários que atuem em favor dos cidadãos, com eles e não contra eles, como se os considerassem inimigos. O desenvolvimento nacional, segunda das grandes metas do país, tem ido bem no plano econômico. Progredimos em termos materiais, mas não o quanto baste.

O terceiro e o quarto objetivos fundamentais, previstos no artigo 3o, são projetos de um sonho estratosférico. Erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir desigualdades sociais e regionais é trabalho para séculos. Não há nação do mundo sem faixas de miserabilidade - nem as mais ricas. A promoção do bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação carece de remédio forte, como criminalização das condutas contrárias. Sem a ameaça grave de sanções, a cobra raivosa do preconceito continuará agindo no coração de muitas pessoas.

A Carta proíbe a discriminação entre o homem e a mulher (artigo 5o, I, e artigo 226, parágrafo 5°), contra as liberdades fundamentais, e a prática do racismo (artigo 5o, incisos XLI e XLII). No trabalho, veda distinções quanto ao salário, ao exercício de funções e aos critérios de admissão por motivo de sexo, idade, cor ou estado civil (artigo 7o, inciso XXX). O sociólogo português Boaventura de Souza Santos, professor da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, falando recentemente a esta *Folha*, verberou a polarização da riqueza em muitos países, inclusive no nosso, em condições parecidas com a dos Estados fascistas tradicionais. Exemplificou com grupos criminosos que substituem o Estado em certas regiões (vide o PCC) e com a parte

corrupta da polícia, colaboradora do crime organizado, não se sabendo onde acaba a administração pública e começa a sociedade.

Boaventura lembra a incapacidade de redistribuição da riqueza, permitindo que o capitalismo opere contra o pobre, e não a favor dele. Chama essa situação de fascismo social. Neste país, presidido por um sociólogo, precisamos meditar sobre as insuficiências gerais e as do direito em particular, afirmadas pelo sábio sociólogo português. Meditar para corrigi-las.

(Walter Ceneviva - Folha de São Paulo, 16/06/01)

453) Ao dizer que os objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil são "de grande nobreza e esperança", o autor do texto quer dizer que:

a) nossos objetivos constitucionais estão fora da realidade atual de nosso país.
b) apesar de serem nobres, os objetivos constitucionais até hoje não foram atingidos.
c) por serem nobres, esses objetivos só poderão ser alcançados com a mudança profunda da sociedade brasileira.
d) eles representam, por sua nobreza, algo que dificilmente será atingido pelo povo brasileiro.
e) os objetivos constitucionais mostram algo nobre que funciona como ponto ideal de chegada.

454) "Valem como pólos de concentração ideal para o povo, como destinos a serem alcançados pelo Brasil, na permanente viagem de nossos sonhos"; neste segmento do texto, os vocábulos que se aproximam semanticamente são:

a) ideal / sonhos
b) pólos / viagem
c) povo / Brasil
d) viagem / Brasil
e) concentração / ideal

455) No que diz respeito aos objetivos fundamentais do Brasil, presentes no artigo 3o de nossa Constituição, podemos dizer, segundo o texto, que:

a) o primeiro dos objetivos só será atingido se a liberdade, a justiça e a solidariedade brotarem espontaneamente do povo.
b) o segundo desses objetivos já foi alcançado, apesar de algumas injustiças sociais.
c) o terceiro e o quarto objetivos só serão alcançados após um trabalho de séculos.
d) o quarto objetivo vai de encontro à cobra raivosa do preconceito, que ainda age no coração de muitos.
e) para se alcançarem os objetivos constitucionais é indispensável a criminalização das condutas contrárias.

456) O segmento do texto que NÃO mostra, explícita ou implicitamente, uma crítica ao governo atual é:

a) “Cidadania livre é cidadania sem intervenção excessiva do poder.”
b) “No país das medidas provisórias, o cidadão acorda tolhido, dia após dia, com e sem ‘apagões’ e ‘caladões’
c) “O terceiro e o quarto objetivos fundamentais, previstos no artigo 3o, são projetos de um sonho estratosférico.”
d) “O objetivo social exigirá da administração pública e de seus funcionários que atuem em favor dos cidadãos, com eles e não contra eles,...”
e) “Neste país, presidido por um sociólogo, precisamos meditar sobre as insuficiências gerais e as do direito em particular...”

457) Ao apelar para o depoimento do sociólogo português Boaventura de Souza Santos, o articulista pretende:

a) demonstrar a força do jornal para o qual trabalha, indicando a qualidade de seus colaboradores.
b) comparar, por oposição, o pensamento de um sociólogo português com o de um sociólogo brasileiro, o Presidente da República.
c) dar autoridade e credibilidade às opiniões veiculadas pelo artigo.
d) condenar a discriminação de raça, sexo, cor e idade que aparecem em nossa sociedade.
e) indicar o retrocesso de nosso país, comparando a nossa situação com a de outros países do primeiro mundo.

458) “...são projetos de um sonho estratosférico.”; no contexto em que está inserido, o vocábulo sublinhado eqüivale semanticamente a:

a) revolucionário
b) utópico
c) superior
d) ultrapassado
e) superado

459) “...verberou a polarização da riqueza em muitos países...”; com essa frase o articulista quer dizer que o economista português:

a) já apontou, em muitos países, a má distribuição da riqueza.
b) condenou a concentração da riqueza que ocorre em muitos países.
c) mostrou a concentração da riqueza na mão de poucos, que ocorre em muitos países.
d) abordou a má distribuição da renda nacional que existe em muitos países.
e) criticou, em muitos países, que a produção econômica se tenha reduzido a um só produto básico.

460) "...carece de remédio forte, como criminalização das condutas contrárias"; o remédio proposto pelo jornalista é que:

a) sejam consideradas criminosas todas as pessoas que praticarem qualquer tipo de discriminação.
b) ele seja idêntico ao que é adotado para crimes hediondos.
c) todos os que se opuserem às novas medidas de força sejam considerados criminosos.
d) se considerem criminosos os que se oponham aos objetivos fundamentais de nossa Constituição.
e) se contrariem todas as condutas que, criminosamente, defendam a discriminação.

461) Os primeiros parênteses empregados no penúltimo parágrafo do texto foram utilizados para:

a) explicitar a idéia anterior.
b) localizar a proibição citada.
c) acrescentar informações ao texto.
d) documentar o artigo com textos de autoridade.
e) comprovar a opinião do jornalista.

462) "...que substituem o Estado em certas regiões (vide o PCC) e com a ! parte corrupta da polícia,..."; *vide é* forma latina correspondente ao verbo "ver". O latinismo a seguir que tem seu significado corretamente indicado é:

a) sic - nunca
b) et alii - e assim
c) ad hoc - isto é
d) lato sensu - em sentido restrito
e) verbi gratia - por exemplo

463) O texto que serve de motivo a esta prova pode ser classificado, de forma mais adequada, como:

a) argumentativo opinativo
b) narrativo moralizante
c) expositivo informativo
d) argumentativo polêmico
e) expositivo didático

TEXTO LXVII

AUXILIAR DE TELECOMUNICAÇÕES - TCT/RJ
OS COMILÕES E OS INSONES

Eu e vocês já tínhamos ouvido falar do time do come-e-dorme.

Era uma expressão da nossa infância que se confundia, acredito, com a própria infância do futebol.

Para os torcedores mais jovens, eu poderia explicar que o time **5** do come-e-dorme era aquele formado por jogadores que viviam encostados nos clubes, meio marginalizados, mas que pareciam até apreciar essa situação: eram reservas que treinavam, levavam seu dinheirinho para casa, mas quase não jogavam.

Quando entravam no time, era geralmente no fim do jogo, **10** quando o resultado já estava definido, e a responsabilidade era pouca. No clube, levavam a vida sem muito compromisso; em casa, comiam e dormiam, naturalmente.

Há muito tempo, não ouvia falar no time do come-e-dorme.

Parece que foi se desintegrando com as exigências cada vez mais **15** severas do regime profissional.

Mas eis que agora ele ressurge com uma nova maquiagem, como vocês viram nas reportagens sobre o Flamengo durante a semana: *é* o time que come, come muito, mas não dorme, dorme pouco. (...)

Voltando ao caso particular do Flamengo, parece que sexta **20** feira foi dia de séria reprimenda dos dirigentes nos comilões e nos insones. Já não foi sem tempo, porque os jogadores dos times cariocas, não só os do Flamengo, têm uma tendência natural para mergulhar fundo nas águas do amadorismo.

Vamos verificar se, repreendidos, retomam o caminho do **25** futebol profissional. (...)

(Fernando Calazans. Os *Comilões e os Insones.* O Globo, Rio de Janeiro, 06 de outubro de 1991)

464) "...time do come-e-dorme. Era uma expressão da nossa infância..." (/. 1 e 2) Nesta passagem, o autor afirma, principalmente, que a expressão come-e-dorme foi:

a) criada por um antigo clube.
b) usada pelas crianças de sua época.
c) vivenciada por todos os seus leitores.
d) utilizada noutros tempos pelos reservas do time.

465) O texto nos revela, em relação ao time do come-e-dorme, que seus jogadores eram:

a) lentos

b) importantes
c) apadrinhados
d) privilegiados

466) O texto tem como tema principal uma crítica aos jogadores de futebol. Entre as passagens abaixo, aquela que não constitui um aspecto dessa crítica é:

a) “Era uma expressão da nossa infância...” (/. 2)
b) “...levavam seu dinheirinho para casa, mas quase não jogavam...” (/. 7e8)
c) “...o resultado já estava definido, e a responsabilidade era pouca.” (/. 10)
d) “...têm uma tendência natural para mergulhar fundo nas águas do amadorismo.” (/. 22 e 23)

467) Da linha 4 à 12 o autor descreve:

a) o treino cansativo dos reservas
b) o modo do time finalizar o jogo
c) a vida fácil de alguns jogadores de futebol
d) a forma de pagamento do time do come-e-dorme

468) O antigo time do come-e-dorme atualmente *é o* time do “come muito, mas não dorme”. Segundo o autor, este fato ocorreu em virtude de:

a) preocupação com o aumento de treinos
b) regras rígidas impostas pela profissão
c) dedicação exclusiva dos jogadores ao clube
d) estafa do time pela atuação em muitos jogos

469) “Mas eis que agora ele <u>ressurge</u> com uma nova maquiagem,...” (/. 16). A palavra que tem o mesmo significado da sublinhada acima é:

a) reaparece
b) treina
c) volta
d) atua

470) “...exigências cada vez mais severas...” (/. 14) A palavra “severas” significa rígidas. De acordo com o texto, o antônimo para este termo é:

a) rigorosas
b) eficazes
c) difíceis
d) brandas

TEXTO LXVIII

INSPETOR DE POLICIA - FAEPOL
DROGAS: A MÍDIA ESTÁ DENTRO

Há poucos dias, assistindo a um desses debates universitários que a gente pensa que não vão dar em nada, ouvi um raciocínio que não me saiu mais da cabeça. Ouvi-o de um professor - um professor brilhante, é bom que se diga. Ele se saía muito bem, tecendo considerações críticas **5** sobre o provão. Aliás, o debate era sobre o provão, mas isso não vem ao caso. O que me interessou foi um comentário marginal que ele fez - e o exemplo que escolheu para ilustrar seu comentário. Primeiro, ele disse que a publicidade não pode tudo, ou melhor, que nem todas as atitudes humanas são ditadas pela propaganda. Sim, a tese é óbvia, ninguém **10** discorda disso, mas o mais interessante veio depois. Para corroborar sua constatação, o professor lembrou que muita gente cheira cocaína e, no entanto, não há propaganda de cocaína na TV. Qual a conclusão lógica?

Isso mesmo: nem todo hábito de consumo é ditado pela publicidade.

A favor da mesma tese, poderíamos dizer que, muitas vezes, a **15** publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público. Inúmeros esforços publicitários não resultam em nada. Continuemos no campo das substâncias ilícitas. Existem insistentes campanhas antidrogas nos meios de comunicação, algumas um tanto soporíferas, outras mais terroristas, e todas fracassam. Moral da história? Nem que seja para **20** consumir produtos químicos ilegais, ainda somos minimamente livres diante do poder da mídia. Temos alguma autonomia para formar nossas decisões. Tudo certo? Creio que não. Concordo que a mídia não pode tudo, concordo que as pessoas conseguem guardar alguma independência em sua relação com a publicidade, mas acho que o professor cometeu **25** duas impropriedades: anunciou uma tese fácil demais e, para demonstrá-la, escolheu um exemplo ingênuo demais. Embora não vejamos um comercial promovendo explicitamente o consumo de cocaína, ou de maconha, ou de heroína, ou de crack, a verdade é que os meios de comunicação nos bombardeiam, durante 24 horas por dia, com a **30** propaganda não de drogas, mas do efeito das drogas. A publicidade, nesse sentido, não refreia, mas reforça o desejo pelo efeito das drogas. Por favor, não se pode culpar os publicitários por isso - eles, assim como todo mundo, não sabem o que fazem.

(EugênioBucci)

471) DROGAS; A MÍDIA ESTÁ DENTRO; com esse título o autor:

a) condena a mídia por sua participação na difusão do consumo de drogas.
b) mostra que a mídia se envolve, de algum modo, com o tema das drogas.
c) faz um jogo de palavras, denunciando o incentivo ao consumo de drogas pela mídia.

d) demonstra a utilidade da mídia em campanhas antidrogas.
e) indica que a mídia é bastante conhecedora do tema das drogas.

472) "Há poucos dias, assistindo a um desses debates universitários..."; se desenvolvermos a forma do gerúndio *assistindo* de forma adequada ao texto, teremos:

a) depois de assistir
b) assim que assisti
c) enquanto assistia
d) logo que assisti
e) porque assisti

473) "Ele se saía muito bem tecendo considerações críticas sobre o provão,..."; o gerúndio *tecendo* mostra uma ação:

a) que antecede a do verbo da oração anterior.
b) posterior à do verbo da oração anterior. _' __
c) que é a conseqüência da ação da oração anterior.
d) simultânea à do verbo da oração anterior.
e) que mostra oposição à ação da oração anterior.

474)A expressão destacada que tem seu significado corretamente expresso é:

a) "...que a gente pensa que não vão dar em nada." - que não vão chegar a ser publicados
b) "...ouvi um raciocínio que não me saiu mais da cabeça." - que me deixou com dor de cabeça
c) "...o debate era sobre o provão; mas isso não vem ao caso." – tem pouca importância
d) "...um professor brilhante, é bom que se diga." - é importante destacar isso
e) "Ele se safa muito bem..." - ele desviava do assunto principal

475) "O que me interessou foi um comentário marginal..."; o vocábulo destacado significa:

a) subliminar
b) maldoso
c) anormal
d) desprezível
e) paralelo

476) "Primeiro, ele me disse que a publicidade não pode tudo, ou melhor, que nem todas as atitudes humanas são ditadas pela propaganda."; a expressão *ou melhor* indica:

a) retificação
b) esclarecimento
c) alternância

d) incerteza
e) ratificação

477) “Sim, a tese é óbvia...”; “Para corroborar sua constatação, o professor lembrou que muita gente cheira cocaína e, no entanto, não há propaganda de cocaína na TV.”; em termos argumentativos, podemos dizer, com base nestes dois segmentos, que:

a) a tese é acompanhada de argumento que a defende.
b) a tese leva a uma conclusão explícita.
c) a tese parte de uma premissa falsa.
d) a tese não é acompanhada de dados que a comprovem.
e) a tese é falaciosa e não pode ser provada.

478) “Para corroborar sua constatação...”; no caso do professor citado no texto, seu pensamento *é* apoiado por:

a) opinião própria
b) estatística
c) testemunho de autoridade
d) evidência
e) analogia

479) “Muitas vezes, a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público”; esta afirmação:

a) funciona como mais um argumento para a tese emitida pelo professor.
b) desmoraliza o falso argumento citado pelo professor no debate.
c) confirma a tese de que a publicidade pode tudo.
d) é mais um argumento do professor em defesa do que pensa.
e) representa mais uma dúvida do jornalista sobre o tema debatido.

480) Toda publicidade muda hábitos / X é publicidade contrária ao consumo de cocaína / X vai mudar o hábito de consumo da cocaína. Este silogismo, considerando-se o que é dito no texto, NÃO é verdadeiro porque:

a) a premissa não é verdadeira.
b) um dos termos do silogismo possui ambigüidade.
c) a conclusão não é uma decorrência lógica da premissa.
d) a premissa não é suficiente para a conclusão.
e) a organização dos termos está fora da disposição padrão.

481) Em alguns segmentos do texto, o autor interage com o leitor, dialogando com ele. O item em que essa estratégia está ausente *é:*

a) “Por favor, não se pode culpar os publicitários por isso - eles, assim como todo mundo, não sabem o que fazem.”
b) “Tudo certo? Creio que não.”

c) “Qual a conclusão lógica? Isso mesmo: nem todo hábito de publicidade *é* ditado pela mídia.”
d) “Moral da história? Nem que seja para consumir produtos
químicos ilegais, ainda somos minimamente livres diante do poder da mídia.”
e) “Ouvi-o de um professor - um professor brilhante, é bom que se diga.”

482) O item em que a palavra destacada tem um sinônimo corretamente indicado é:

a) “...nem todas as atitudes humanas são DITADAS pela propaganda.” - regulamentadas
b) “Para CORROBORAR sua constatação,...” - contrariar
c) “Continuemos no campo das substâncias ILÍCITAS.” - perigosas
d) “...algumas um tanto SOPORÍFERAS,...” - maçantes
e) “Temos alguma AUTONOMIA para formar nossas decisões.” inteligência

483) “Continuemos no campo das substâncias ilícitas.”; o emprego da primeira pessoa do plural em *continuemos* se justifica porque o autor:

a) se refere a ele e ao professor citado no texto.
b) engloba o autor e os publicitários.
c) quer escrever de forma mais simpática e popular.
d) abrange o autor e os possíveis leitores.
e) distraiu-se sobre o tratamento até então dado ao tema.

484) “...campanhas antidrogas nos meios de comunicação, algumas um tanto soporíferas, <u>outras mais</u> terroristas, e todas fracassam.”; no segmento sublinhado, o autor do texto alude à estratégia publicitária do (da):

a) sedução
b) intimidação
c) provocação
d) constrangimento
e) tentação

485) “...campanhas antidrogas nos meios de comunicação, algumas um tanto soporíferas, outras mais terroristas, e todas fracassam.”; com esse segmento do texto, o autor nos diz que:

a) todas as campanhas antidrogas fracassam porque empregam estratégias inadequadas.
b) campanhas antidrogas fracassam mas nem todas são bem elaboradas.
c) mesmo apelando a estratégias diversas, todas as campanhas antidrogas fracassam.
d) campanhas antidrogas apelam para várias estratégias porque fracassam.
e) as campanhas antidrogas trazem contradições internas, que as levam ao fracasso.

486) “Nem que seja para consumir produtos químicos ilegais, ainda somos minimamente livres diante do poder da mídia.”; com esse segmento do texto, o autor quer dizer que:

a) nossa liberdade é completa diante das pressões da mídia.
b) possuímos liberdade limitada diante da mídia, ainda que a empreguemos mal.
c) como consumimos produtos químicos ilegais, temos reduzida liberdade.
d) já que a mídia anuncia produtos ilegais, nossa liberdade de escolha é limitada.
e) temos pouca liberdade diante da ação da mídia pois parte de sua ação é ilegal.

487) “Tudo certo? Creio que não.”; o autor do texto acha que nem tudo está certo porque:

a) discorda da tese defendida pelo professor.
b) não concorda com a afirmação de que a mídia não faz propaganda de cocaína.
c) acha que a mídia faz propaganda clara de substâncias químicas ilegais.
d) o professor não apresenta qualquer argumento para a defesa de sua tese.
e) as drogas continuam sendo consumidas, apesar das campanhas contrárias.

488) Segundo o texto, as drogas:

a) aparecem, na mídia, de forma explícita.
b) não são exploradas pela mídia.
c) são condenadas pela mídia de forma implícita
d) aparecem na mídia por meio de referências indiretas
e) são motivo central da propaganda midiática.

489) “...tecendo considerações críticas sobre o provão.”; *críticas* significa:

a) de ironia
b) de condenação
c) de apreciação
d) de humor
e) de negativismo

490) O adjetivo cuja expressão correspondente é indicada ERRADAMENTE é:

a) debates universitários - debates de universidades
b) professor brilhante - professor de brilho
c) comentário marginal - comentário à margem
d) atitudes humanas - atitudes do homem
e) substâncias ilícitas - substâncias fora da lei

TEXTO LXIX

TÉCNICO DE CONTROLE EXTERNO DO TCM/RIO
REPUTAÇÃO ILIBADA

Há, no Brasil, cargos para os quais a lei exige reputação ilibada, ou seja, fama ou renome sem mancha. Servem de exemplo ministros do STF (Supremo Tribunal Federal) e do STJ (Superior Tribunal de Justiça).

Para outros, o que é verdadeiro paradoxo criado pelo constituinte de 1988, **5** reputação ilibada não basta, pois para o ministro do Tribunal de Contas da União a Constituição também impõe a idoneidade moral. Não é fácil explicar para que serve a dupla imposição, quando dispensada nas duas mais importantes cortes judiciárias do país. Sugeriria a insuficiência da reputação sem mácula, o que levaria ao absurdo.

10 As distinções oferecem outras curiosidades. Os ministros do STF e do STJ devem ter notável saber jurídico, mas basta, para os do Tribunal de Contas da União, o notório conhecimento jurídico, entre outras qualidades.

A distinção é inócua, embora os juristas digam que a lei não contém vocábulos inúteis. Saber e conhecimento, tanto quanto notável e notório, são **15** palavras ocas. Dependem dos valores subjetivos de quem as aplique.

Para presidente da República, para deputado e senador, nada disso é exigido. Eleitos pelo voto popular, submetem-se a variáveis limites de idade. Não carecem de saber ou conhecimento. Basta que não sejam analfabetos. O presidente da República deve cumprir a lei e manter a **20** probidade administrativa, mas nem sequer pode ser processado por crimes comuns, como aconteceria com o adultério não perdoado pela mulher.

Nos Estados Unidos, sob desculpa de exigirem reputação ilibada de seu presidente, os discursos moralistas esquecem a história.

Clinton errou e errou feio, mas não está só. Houve líderes de porte, mas **25** maridos nem sempre fidelíssimos, como Roosevelt e John Kennedy, este com a vantagem do inegável bom gosto. (...)

A palavra decoro tem uma certa vantagem para definir o que se espera dos líderes políticos. É lamentável que, muitas vezes, decoro seja confundido com a ação que, embora irregular, termina sem ser **30** descoberta. No processo por ofensa ao decoro, o senso de justiça se afoga na valoração política e no escândalo da mídia, interferindo contra ou a favor do acusado.

(Walter Ceneviva, Folha de S. Paulo, 12/09/99)

491) O fragmento em que o autor explica o "verdadeiro paradoxo criado pelo constituinte de 1988" (/. 4) é:

a) "...quando dispensada nas duas mais importantes cortes judiciárias do país" (/. 7/8)
b) "...a lei exige reputação ilibada, ou seja, fama ou renome sem mancha" (/. 1/2)

c) “Servem de exemplo ministros do STF (Supremo Tribunal Federal e do STJ (Superior Tribunal de Justiça)” (/. 2/3)
d) “as distinções oferecem outras curiosidades” (/. 10)
e) “a distinção é inócua...” (/. 13)

492) “Dupla imposição” *(l. 7)*, no texto, refere-se:

a) a leis emanadas das duas mais importantes cortes judiciárias do país
b) à redundância entre fama e renome sem mancha
c) à exigência de reputação ilibada e idoneidade moral
d) às penas aplicadas pelo Supremo Tribunal Federal e pelo Superior Tribunal de Justiça
e) às atribuições dos ministros do Superior Tribunal de Justiça e do Tribunal de Contas da União

493) “Dependem dos valores subjetivos de quem as aplique” (/. 15) significa

a) modificam os valores de quem as enuncia.
b) têm seus sentidos fixados apenas nos dicionários.
c) tomam significado de acordo com padrões individuais.
d) referem-se àqueles que a utilizam.
e) caracterizam-se pela univocidade.

494) Leia o fragmento abaixo. “*É* lamentável que, muitas vezes, decoro seja confundido com a ação que, embora seja irregular, termina sem ser descoberta.” (/. 28-30) A intenção do autor é

a) ignorar a dicotomia pensamento/ação.
b) legitimar o duplo sentido da palavra decoro.
c) confundir decoro com punibilidade.
d) denunciar a hipocrisia na preservação do decoro.
e) dissociar o senso de justiça da valoração política.

495) Os elementos que estabelecem a coesão entre o 1o e o 2o parágrafos e entre o 2o e o 3o são, respectivamente,

a) “embora” (/. 13) e “como” (/. 25)
b) “também” (/. 6) e “mas nem sequer” (/. 20)
c) “mas” (/. 11) e “probidade administrativa” (/. 20)
d) “entre outras qualidades” (/. 12) e “de quem” (/. 15)
e) “outras curiosidades” (/. 10) e “nada disso” (/. 16/17)

TEXTO LXX

AUXILIAR JUDICIÁRIO DA CORREGEDORIA/RJ
VIVER EM SOCIEDADE

A sociedade humana é um conjunto de pessoas ligadas pela necessidade de se ajudarem umas às outras, a fim de que possam garantir a continuidade da vida e satisfazer seus interesses e desejos.

Sem vida em sociedade, as pessoas não conseguiriam **5** sobreviver, pois o ser humano, durante muito tempo, necessita de outros para conseguir alimentação e abrigo. E no mundo moderno, com a grande maioria das pessoas morando na cidade, com hábitos que tornam necessários muitos bens produzidos pela indústria, não há quem não necessite dos outros muitas vezes por dia.

10 Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material, como os alimentos, a roupa, a moradia, os meios de transporte e os cuidados de saúde. Elas são também de ordem espiritual e psicológica. Toda pessoa humana necessita de afeto, precisa amar e sentir-se amada, quer sempre que alguém lhe dê atenção e que todos a **15** respeitem. Além disso, todo ser humano tem suas crenças, tem sua fé em alguma coisa, que é a base de suas esperanças.

Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Assim, por exemplo, **20** se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos. Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar idéias, necessitada de dar e receber afeto. E muito **25** provavelmente ficaria louca se continuasse sozinha por muito tempo.

Mas, justamente porque vivendo em sociedade é que a pessoa humana pode satisfazer suas necessidades, é preciso que a sociedade seja organizada de tal modo que sirva, realmente, para esse fim. E não basta que a vida social permita apenas a satisfação de algumas **30** necessidades da pessoa humana ou de todas as necessidades de apenas algumas pessoas. A sociedade organizada com justiça é aquela em que se procura fazer com que todas as pessoas possam satisfazer todas as suas necessidades, é aquela em que todos, desde o momento em que nascem, têm as mesmas oportunidades, aquela em que os benefícios e encargos **35** são repartidos igualmente entre todos.

Para que essa repartição se faça com justiça, é preciso que todos procurem conhecer seus direitos e exijam que eles sejam respeitados, como também devem conhecer e cumprir seus deveres e suas responsabilidades sociais.

(Dalmo de Abreu Dallari)

496) Segundo o primeiro parágrafo do texto:

a) as pessoas se ajudam mutuamente a fim de formarem uma sociedade.
b) a garantia da continuidade da vida é dada pela satisfação dos desejos das pessoas.
c) a satisfação dos interesses e desejos das pessoas leva à vida em sociedade.
d) não seria possível a sobrevivência se não existisse sociedade.
e) sem a ajuda mútua, as pessoas levariam uma vida isenta de desejos.

497) "...pois o ser humano, durante muito tempo, necessita de outros para conseguir alimentação e abrigo."; a expressão "durante muito tempo" se refere certamente ao período:

a) da velhice
b) da gravidez
c) de doenças
d) da infância
e) do trabalho

498) "E no mundo moderno, com a grande maioria das pessoas morando na cidade, com hábitos que tornam necessários muitos bens produzidos pela indústria, não há quem não necessite dos outros muitas vezes por dia."; o item cuja substituição pelo termo proposto em maiúsculas é inadequada é:

a) no mundo moderno = MODERNAMENTE
b) produzidos pela indústria = INDUSTRIALIZADOS
c) muitas vezes = FREQÜENTEMENTE
d) por dia = DIARIAMENTE
e) na cidade = URBANAMENTE

499) "Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material..."; a presença do segmento "não são apenas de ordem material" indica que, na continuidade do texto, haverá:

a) um termo de valor aditivo e pertencente a uma outra ordem
b) um termo de valor adversativo e pertencente a uma ordem diferente da citada
c) um termo de valor explicativo e pertencente à mesma ordem já referida
d) um termo de valor concessivo e pertencente a uma ordem diversa
e) um termo de valor conclusivo e pertencente à ordem citada anteriormente

500) "Elas são também de ordem espiritual e psicológica."; as palavras que exemplificam, respectivamente, na continuidade do texto as necessidades espiritual e psicológica, são:

a) afeto / atenção
b) crenças / afeto
c) fé / crenças

d) amar / ser amada
e) atenção / esperanças

501)"...a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana."; reescrevendo-se este segmento do texto com a manutenção de seu sentido original, temos como forma adequada:

a) a natureza humana necessita da vida em sociedade.
b) a vida em sociedade necessita da natureza humana.
c) a necessidade da natureza humana é uma vida em sociedade.
d) uma necessidade da natureza humana é a vida em sociedade.
e) a natureza humana é necessária à vida em sociedade.

502) "...sofrendo a tristeza da solidão,..."; isso significa que:

a) a tristeza é semelhante à solidão.
b) a solidão provoca tristeza.
c) a tristeza leva à solidão.
d) a solidão é fruto da tristeza.
e) a tristeza causa solidão.

503) "...ficaria louca se continuasse sozinha."; a relação entre essas duas I orações mostra que:

a) a segunda só se realiza se a primeira não realizar-se.
b) a primeira se realiza contanto que a segunda não se realize.
c) a segunda é conseqüência da primeira.
d) a primeira é motivada pela segunda.
e) a primeira é uma hipótese para a realização da segunda.

504) "E não basta que a vida social permita apenas a satisfação de algumas necessidades da pessoa humana <u>ou de todas as necessidades de apenas algumas</u> pessoas."; com o segmento sublinhado, o autor do texto:

a) alude à discriminação racial.
b) refere-se à falta de disciplina social.
c) indica a existência de desigualdades sociais.
d) mostra a justa distribuição de renda no Brasil.
e) critica a falta de preocupação com a solidariedade.

TEXTO LXXI

ASSISTENTE TÉCNICO DE PLENÁRIO - TCT/RJ

TEXTO 1

O "IMPEACHMENT" E A AUSÊNCIA DE RESPONSABILIDADE PRESIDENCIAL

Tendo aludido ao lugar da obra de Rui Barbosa onde se lê "mais vale, no governo, a instabilidade que a irresponsabilidade" - essa nota dominante do presidencialismo - um dos nossos bons constitucionalistas retratou com suma clareza e singeleza a inoperância do *impeachment*, **5** instituto de origem anglo-saxônica, acolhido pelas Constituições presidencialistas, ao afirmar que "sendo um processo de 'formas' criminais (ainda que não seja um procedimento penal 'estrito'), repressivo, *a posteriori*, seu manejo é difícil, lento, corruptor e condicionado à prática de atos previamente capitulados como crimes".

10 Sobre o *impeachment*, esse "canhão de cem toneladas" (Lord Bryce), que dorme "no museu das antigüidades constitucionais" (Boutmy) é ainda decisivo o juízo de Rui Barbosa, quando assevera que "a responsabilidade criada sob a forma do *impeachment* se faz absolutamente fictícia, irrealizável, mentirosa", resultando daí no presidencialismo um **15** poder "irresponsável e, por conseqüência, ilimitado, imoral, absoluto".

Essa afirmativa se completa noutra passagem em que Rui Barbosa, depois de lembrar o *impeachmet* nas instituições americanas como "uma ameaça desprezada e praticamente inverificável", escreve: "Na irresponsabilidade vai dar, naturalmente, o presidencialismo. O **20** presidencialismo, se não em teoria, com certeza praticamente, vem a ser, de ordinário, um sistema de governo irresponsável". Onde o presidencialismo se mostra pois irremediavelmente vulnerável e comprometido é na parte relativa à responsabilidade presidencial. O presidencialismo conhece tão-somente a responsabilidade **25** de ordem jurídica, que apenas permite a remoção do governante, incurso nos delitos previstos pela Constituição. Defronta-se o sistema porém com um processo lento e complicado (o *impeachment*, conforme vimos), que fora da doutrina quase nenhuma aplicação teve. Muito distinto aliás da responsabilidade política a que é chamado o Executivo na forma **30** parlamentar, responsabilidade mediante a qual se deita facilmente por terra todo o ministério decaído da confiança do Parlamento.

(BONAVIDES, Paulo. *Ciência política*, p. 384)

505) Dentre as mazelas do presidencialismo que integram a crítica de Rui Barbosa, a que o texto mais destaca é:

a) a irresponsabilidade
b) a instabilidade

c) o absolutismo
d) a imoralidade

506) Dentre as citações do texto, a que mais se distancia dos recentes acontecimentos políticos ocorridos no Brasil é:

a) "(...) um dos nossos bons constitucionalistas retratou com suma clareza e singeleza a inoperância do *impeachment."* (/. 3/4)
b) "sobre o *impeachment*, esse "canhão de cem toneladas" (Lord Bryce), que dorme "no museu das antigüidades constitucionais" (Boutmy) é ainda decisivo o juízo de Rui Barbosa (...)" - (/. 10-12)
c) "defronta-se o sistema porém com um processo lento e complicado (...) que fora da doutrina quase nenhuma aplicação teve." (/. 26-28)
d) "(...) responsabilidade mediante a qual se deita facilmente por terra todo o ministério decaído da confiança do Parlamento." (/. 30/31)

507) Das referências ao *impeachment* feitas abaixo, a única que <u>não</u> se encontra no texto é:

a) trata-se de um instituto criado por constitucionalistas brasileiros.
b) pode ser incluído entre as falhas do sistema presidencialista.
c) carece, enquanto processo, de presteza e simplificação.
d) constitui um instrumento constitucional ultrapassado.

508) A referência explícita ao parlamentarismo, no texto, ocorre:

a) somente no primeiro parágrafo "
b) nos dois primeiros parágrafos
c) somente no último parágrafo
d) nos dois últimos parágrafos

509)"(...) atos previamente <u>capitulados</u> como crime" (/. 9); o adjetivo sublinhado corresponde a:

a) acatados
b) condenados
c) lastreados
d) enumerados

510) O primeiro parágrafo do texto revela que a alusão à máxima "mais vale, no governo, a instabilidade que a irresponsabilidade" se deve a:

a) uma crítica de Rui Barbosa
b) um estudioso das Constituições
c) autores de origem anglo-saxônica
d) alguns críticos do presidencialismo

TEXTO LXXII

ASSISTENTE TÉCNICO DE PLENÁRIO - TCT/RJ
TEXTO 2
TRABALHO E AVENTURA

Nas formas de vida coletiva podem assinalar-se dois princípios que se combatem e regulam diversamente as atividades dos homens.

Esses dois princípios encarnam-se nos tipos do aventureiro e do trabalhador. Já nas sociedades rudimentares manifestam-se eles, segundo sua predominância, na distinção fundamental entre os povos caçadores ou coletores e os povos lavradores. Para uns, o objeto final, a mira de todo esforço, o ponto de chegada assume relevância tão capital, que chega a dispensar, por secundários, quase supérfluos, todos os processos intermediários. Seu ideal será colher o fruto sem plantar a árvore.

Esse tipo humano ignora as fronteiras. No mundo tudo se apresenta a ele em generosa amplitude e, onde quer que se erija um obstáculo a seus propósitos ambiciosos, sabe transformar esse obstáculo em trampolim. Vive dos espaços ilimitados, dos projetos vastos, dos horizontes distantes.

O trabalhador, ao contrário, é aquele que enxerga primeiro a dificuldade a vencer, não o triunfo a alcançar. O esforço lento, pouco compensador e persistente, que, no entanto, mede todas as possibilidades de esperdício e sabe tirar o máximo proveito do insignificante, tem sentido bem nítido para ele. Seu campo visual é naturalmente restrito. A parte maior do que o todo.

Existe uma ética do trabalho, como existe uma ética da aventura. O indivíduo do tipo trabalhador só atribuirá valor moral positivo às ações que sente ânimo de praticar e, inversamente, terá por imorais e detestáveis as qualidades próprias do aventureiro - audácia, imprevidência, irresponsabilidade, instabilidade, vagabundagem - tudo, enfim, quanto se relacione com a concepção espaçosa do mundo, característica desse tipo.

Por outro lado, as energias e esforços que se dirigem a uma recompensa imediata são enaltecidos pelos aventureiros; as energias que visam à estabilidade, à paz, à segurança pessoal e os esforços sem perspectiva de rápido proveito material passam, ao contrário, por viciosos e desprezíveis para eles. Nada lhes parece mais estúpido e mesquinho do que o ideal do trabalhador.

(HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil.* Rio de Janeiro, José Olympio, 1978, p. 13)

511) A respeito dos povos caçadores e dos povos lavradores, pode-se afirmar que:

a) os caçadores esforçam-se mais do que os lavradores.
b) os lavradores têm vida mais dura que os caçadores.
c) lavradores e caçadores, ambos são do mesmo tipo.
d) os caçadores integram o tipo do aventureiro.

512) Das afirmativas feitas abaixo, aquela que está em consonância com o texto 2 é:

a) O trabalhador apresenta desmotivação para o triunfo.
b) A vagabundagem é prova da falta de caráter do aventureiro.
c) O trabalhador desenvolve sua atividade num contexto espacial limitado.
d) A paz, a segurança e a estabilidade são valores absolutamente relevantes para o aventureiro.

513) Levando em conta o perfil traçado pelo texto 2 para os tipos do aventureiro e do trabalhador, pode-se afirmar que os navegantes ibéricos que conquistaram a América encarnam o tipo:

a) trabalhador, pois a expansão marítima visava o aumento de produtividade agrícola para o Velho Mundo.
b) aventureiro, pois tinham absoluto controle da situação em sua empreitada.
c) aventureiro, pois caracterizava-se a busca dos "horizontes distantes".
d) trabalhador, pois souberam dar desenvolvimento às terras conquistadas.

514) De acordo com o texto 2, só <u>não</u> se pode afirmar que:

a) a audácia e a imprevidência caracterizam o aventureiro.
b) a concepção espaçosa do mundo é típica do aventureiro.
c) os lavradores só existiram nas sociedades rudimentares.
d) o trabalhador não é afeito aos constantes deslocamentos e ao proveito material imediato.

515) "Esses dois princípios encarnam-se nos tipos do aventureiro e do trabalhador." Em cada alternativa abaixo, redigiu-se uma frase em continuação a esse trecho do texto 2. A alternativa cuja redação <u>não</u> está de acordo com o significado do texto é:

a) Esses dois princípios encarnam-se nos tipos do aventureiro e do trabalhador. Se tem aquele visão espaçosa do mundo, esse caracteriza-se pelo campo visual restrito.
b) Esses dois princípios encarnam-se nos tipos do aventureiro e do trabalhador. Deste lado, o objeto final *é* o fator relevante; daquele, apenas fruto do esforço pessoal.
c) Esses dois princípios encarnam-se nos tipos do aventureiro e do trabalhador. Enquanto uns empenham-se nos projetos vastos, outros tiram o máximo proveito do insignificante.
d) Esses dois princípios encarnam-se nos tipos do aventureiro e do trabalhador. Se é cabível afirmar que, quanto ao primeiro, o ânimo é de romper barreiras, quanto ao segundo há que registrar-se a previdência e a responsabilidade.

516) Ao afirmar que “existe uma ética do trabalho, como existe uma ética da aventura”, o autor do texto 2 pretende afirmar que:

a) ambos, aventureiro e trabalhador, integram-se numa comunhão ética.
b) tanto na aventura quanto no trabalho erigem-se princípios e normas de conduta.
c) o que o trabalhador mais valoriza vai ao encontro do que o aventureiro preconiza.
d) os princípios éticos do trabalho estão em consonância com as normas de comportamento do aventureiro.

TEXTO LXXIII

ADMINISTRAÇÃO - IBGE
UM ARRISCADO ESPORTE NACIONAL

Os leigos sempre se medicaram por conta própria, já que de médico e louco todos temos um pouco, mas esse problema jamais adquiriu contornos tão preocupantes no Brasil como atualmente.

Qualquer farmácia conta hoje com um arsenal de armas de guerra para **5** combater doenças de fazer inveja à própria indústria de material bélico nacional. Cerca de 40% das vendas realizadas pelas farmácias nas metrópoles brasileiras destinam-se a pessoas que se automedicam. A indústria farmacêutica de menor porte e importância retira 80% de seu faturamento da venda "livre" de seus produtos, isto é, das vendas **10** realizadas sem receita médica.

Diante desse quadro, o médico tem o dever de alertar a população para os perigos ocultos em cada remédio, sem que necessariamente faça junto com essas advertências uma sugestão para que os entusiastas da automedicação passem a gastar mais em consultas **15** médicas. Acredito que a maioria das pessoas se automedica por sugestão de amigos, leitura, fascinação pelo mundo maravilhoso das drogas "novas" ou simplesmente para tentar manter a juventude. Qualquer que seja a causa, os resultados podem ser danosos.

É comum, por exemplo, que um simples resfriado ou uma **20** gripe banal leve um brasileiro a ingerir doses insuficientes ou inadequadas de antibióticos fortíssimos, reservados para infecções graves e com indicação precisa. Quem age assim está ensinando bactérias a se tornarem resistentes a antibióticos. Um dia, quando realmente precisar de remédio, este não funcionará. E quem não conhece aquele tipo de gripado **25** que chega a uma farmácia e pede ao rapaz do balcão que lhe aplique uma "bomba" na veia, para cortar a gripe pela raiz? Com isso, poderá receber na corrente sangüínea soluções de glicose, cálcio, vitamina C, produtos aromáticos tudo sem saber dos riscos que corre pela entrada súbita destes produtos na sua circulação.

(Dr. Geraldo Medeiros -Veja - 1995)

517) Sobre o título dado ao texto - *um arriscado esporte nacional* -, a única afirmação correta é:

a) mostra que a automedicação é tratada como um esporte sem riscos.
b) indica quais são os riscos enfrentados por aqueles que se automedicam.
c) denuncia que a atividade esportiva favorece a automedicação;
d) condena a pouca seriedade daqueles que consomem remédio por conta própria.
e) assinala que o principal motivo da automedicação é a tentativa de manter-se a juventude.

518) ***Os leigos sempre se medicaram por conta própria,...*** **Esta frase inicial do texto só NÃO eqüivale semanticamente a:**

a) Os leigos, por conta própria, sempre se medicaram.
b) Por conta própria os leigos sempre se medicaram.
c) Os leigos se medicaram sempre por conta própria
d) Sempre se medicaram os leigos por conta própria.
e) Sempre os leigos, por conta própria, se medicaram.

519) O motivo que levou o Dr. Geraldo Medeiros a abordar o tema da automedicação, segundo o que declara no primeiro parágrafo do texto, foi:

a) a tradição que sempre tiveram os brasileiros de automedicar-se.
b) os lucros imensos obtidos pela indústria farmacêutica com a venda "livre" de remédios.
c) a maior gravidade atingida hoje pelo hábito brasileiro da automedicação.
d) a preocupação com o elevado número de óbitos decorrente da automedicação.
e) aumentar o lucro dos médicos, incentivando as consultas.

520) Um grupo de vocábulos do texto possui componentes sublinhados cuja significação é indicada a seguir; o único item em que essa indicação está ERRADA é:

a) *bélico* - guerra
b) *metrópoles* - cidade
c) *antibióticos* - vida
d) *glicose* - açúcar
e) *cálcio* - osso

521) O item em que o segmento sublinhado tem forma equivalente corretamente indicada é:

a) *...já que de médico e louco todos temos um pouco.* - uma vez que
b) *...vendas realizadas pelas farmácias...* - entre as
c) *...sem que necessariamente faça junto com essas advertências... embora*
d) *...para que os entusiastas da automedicação...* - afim
e) *Quem age assim está ensinando bactérias...* - mal

522) Palavra que NÃO pertence ao mesmo campo semântico das demais é:

a) arsenal
b) armas
c) guerra
d) combater
e) inveja

523)Ao indicar as prováveis razões pelas quais os brasileiros se automedicam, o Dr. Geraldo Medeiros utiliza um argumento baseado em opinião e não numa certeza; o segmento que comprova essa afirmação é:

a) *É comum... (l.* 19)
b) *Acredito...* (/. 15)
c) *...por exemplo...* (/. 19)
d) *Com isso...* (/. 26)
e) *Qualquer que...* (/. 17)

524) ***A indústria farmacêutica de menor porte e importância retira 80% de seu faturamento da venda "livre" de seus produtos, isto é, das vendas realizadas sem receita médica.*** **(/. 08-10). A expressão** ***isto é,*** **neste fragmento do texto, inicia uma:**

a) retificação
b) explicação
c) comparação
d) conclusão
e) dúvida

525) A palavra que melhor define o objetivo central deste texto é:

a) publicidade
b) advertência
c) conselho .
d) elogio
e) repressão

526)...sem que necessariamente faça junto com essas advertências uma sugestão para que os entusiastas da automedicação passem a gastar mais em consultas médicas, **(/. 12-15); este comentário do autor do texto se faz necessário por razões:**

a) éticas
b) legais
c) religiosas
d) econômicas
e) políticas

TEXTO LXXIV

UFRJ
O HOMEM E A GALINHA

Era uma vez um homem que tinha uma galinha. Era uma galinha como as outras. Um dia a galinha botou um ovo de ouro. O homem ficou contente. Chamou a mulher:
- Olha o ovo que a galinha botou.
A mulher ficou contente:
- Vamos ficar ricos!
E a mulher começou a tratar bem da galinha. Todos os dias a mulher dava mingau para a galinha. Dava pão-de-ló, dava até sorvete. E todos os dias a galinha botava um ovo de ouro. Vai que o marido disse:
- Pra que esse luxo com a galinha? Nunca vi galinha comer pão-de-ló... Muito menos tomar sorvete!
- É, mas esta é diferente! Ela bota ovos de ouro!
O marido não quis conversa:
- Acaba com isso mulher. Galinha come é farelo.
Aí a mulher disse:
- E se ela não botar mais ovos de ouro?
- Bota sim - o marido respondeu.
A mulher todos os dias dava farelo à galinha. E a galinha botava um ovo de ouro. Vai que o marido disse:
- Farelo está muito caro, mulher, um dinheirão! A galinha pode muito bem comer milho.
- E se ela não botar mais ovos de ouro?
- Bota sim - o marido respondeu.
Aí a mulher começou a dar milho pra galinha. E todos os dias a galinha botava um ovo de ouro. Vai que o marido disse:
- Pra que esse luxo de dar milho pra galinha? Ela que procure o de-comer no quintal!
- E se ela não botar mais ovos de ouro? - a mulher perguntou.
- Bota sim - o marido falou.
E a mulher soltou a galinha no quintal. Ela catava sozinha a comida dela. Todos os dias a galinha botava um ovo de ouro. Uma dia a galinha encontrou o portão aberto. Foi embora e não voltou mais.
Dizem, eu não sei, que ela agora está numa boa casa onde tratam dela a pão-de-ló.

(Ruth Rocha)

527) O texto recebe o título de O *homem e a galinha.* Por que a história recebe esse título?

a) Porque eles são os personagens principais da história narrada.

b) Porque eles representam, respectivamente, o bem e o mal na história.
c) Porque são os narradores da história.
d) Porque ambos são personagens famosos de outras histórias.
e) Porque representam a oposição homem-animal.

528) Qual das afirmativas a seguir não é correta em relação ao homem da fábula?

a) É um personagem preocupado com o corte de gastos.
b) Mostra ingratidão em relação à galinha.
c) Demonstra não ouvir as opiniões dos outros.
d) Identifica-se como autoritário em relação à mulher
e) Revela sua maldade nos maus-tratos em relação à galinha.

529) Qual das características a seguir pode ser atribuída à galinha?

a) avareza
b) conformismo
c) ingratidão
d) revolta
e) hipocrisia

530) <u>Era uma vez um homem que tinha uma</u> galinha. De que outro modo poderia ser dita a frase destacada?

a) Era uma vez uma galinha, que vivia com um homem.
b) Era uma vez um homem criador de galinhas.
c) Era uma vez um proprietário de uma galinha.
d) Era uma vez uma galinha que tinha uma propriedade.
e) Certa vez um homem criava uma galinha.

531) <u>Era uma vez</u> é uma expressão que indica tempo:

a) bem localizado
b) determinado
c) preciso
d) indefinido
e) bem antigo

532) A segunda frase do texto diz ao leitor que a galinha <u>era uma galinha como as</u> outras. Qual o significado dessa frase?

a) A frase tenta enganar o leitor, dizendo algo que não é verdadeiro.
b) A frase mostra que era normal que as galinhas botassem ovos de ouro.
c) A frase indica que ela ainda não havia colocado ovos de ouro.
d) A frase mostra que essa história é de conteúdo fantástico.
e) A frase demonstra que o narrador nada conhecia de galinha.

533) O que faz a galinha ser diferente das demais?

a) Botar ovos todos os dias independentemente do que cofnia.
b) Oferecer diariamente ovos a seu patrão avarento.
c) Pôr ovos de ouro antes da época própria.
d) Botar ovos de ouro a partir de um dia determinado.
e) Ser bondosa, apesar de sofrer injustiças.

534) O homem ficou contente. O conteúdo dessa frase indica um (a):

a) causa
b) modo
c) explicação
d) conseqüência
e) comparação

535) A presença de travessões no texto indica:

a) a admiração da mulher
b) a surpresa do homem
c) a fala dos personagens
d) a autoridade do homem
e) a fala do narrador da história

536) Que elementos demonstram que a galinha passou a receber um bom tratamento, após botar o primeiro ovo de ouro?

a) pão-de-ló / mingau / sorvete
b) milho / farelo / sorvete
c) mingau / sorvete / milho
d) sorvete / farelo / pão-de-ló
e) farelo / mingau / sorvete

537) Dizem, eu não sei... Quem é o responsável por essas palavras?

a) o homem
b) a galinha
c) o narrador
d) a mulher
e) o ovo

TEXTO LXXV

ANALISTA JUDICIÁRIO - TRE
OS COITADINHOS

SÃO PAULO - Anestesiada e derrotada, a sociedade nem está percebendo a enorme inversão de valores em curso. Parece aceitar como normal que um grupo de criminosos estenda faixas pela cidade e nelas fale de paz.

Que paz? Não foram esses mesmos adoráveis senhores que decapitaram ou mandaram decapitar seus próprios companheiros de comunidade durante as recentes rebeliões?

A sociedade ouve em silêncio o juiz titular da Vara de Execuções Penais, Otávio Augusto Barros Filho, dizer que não vai resolver nada a transferência e isolamento dos líderes do PCC (Primeiro Comando da Capital ou Partido do Crime).

Digamos que não resolva. Qual é a alternativa oferecida pelo juiz? Libertá-los todos? Devolvê-los aos presídios dos quais gerenciam livremente seus negócios e determinam quem deve viver e quem deve morrer?

Vamos, por um momento que seja, cair na real: os presos, por mais hediondos que tenham sido seus crimes, merecem, sim, tratamento digno e humano. Mas não merecem um micrograma que seja de privilégios, entre eles o de determinar onde cada um deles fica preso.

Há um coro, embora surdo, que tenta retratar criminosos como coitadinhos, vítimas do sistema. Calma lá. Coitadinhos e vítimas do sistema, aqui, são os milhões de brasileiros que sobrevivem com salários obscenamente baixos (ou sem salário algum) e, não obstante, mantêm-se teimosamente honestos.

Coitadinhos e vítimas de um sistema ineficiente, aqui, são os parentes dos abatidos pela violência, condenados à prisão perpétua que é a dor pela perda de alguém querido, ao passo que o criminoso não fica mais que 30 anos na cadeia.

Parafraseando Millôr Fernandes: ou restaure-se a dignidade para todos, principalmente para os coitadinhos de verdade, ou nos rendamos de uma vez à Crime Incorporation.

(Clóvis Rossi - *Folha de São Paulo*, 25/02/01)

538) O texto foi elaborado a propósito das rebeliões de presos nas prisões paulistas no mês de fevereiro de 2002; a melhor explicação para a escolha do título os *coitadinhos* é:

a) a referência ambígua aos presos e às pessoas que sofrem pela ineficiência do sistema
b) a alusão às pessoas vítimas de salários baixos e teimosamente honestas
c) a existência de presos que, por orquestração surda, são tidos como vítimas do sistema
d) o fato de algumas pessoas padecerem eternamente pela perda de entes queridos
e) a referência aos presos que sofrem maus-tratos nas prisões brasileiras

539) No início do texto, o jornalista fala de uma sociedade "anestesiada e derrotada"; o segmento do texto que melhor demonstra a derrota de nossa sociedade é:

a) "Há um coro, embora surdo, que tenta retratar criminosos como coitadinhos, vítimas do sistema."
b) "A sociedade ouve em silêncio o juiz titular da Vara de Execuções Penais, Otávio Augusto Barros Filho, dizer que não vai resolver nada a transferência e isolamento dos líderes..."
c) "...os presos, por mais hediondos que tenham sido seus crimes, merecem, sim, tratamento digno e humano."
d) "Mas não merecem um micrograma que seja de privilégios, entre eles o de determinar onde cada um deles fica preso."
e) "Coitadinhos e vítimas de um sistema ineficiente, aqui, são os parentes dos abatidos pela violência..."

540) "Parafraseando Millôr Fernandes: ou restaure-se a dignidade para todos, principalmente para os coitadinhos de verdade, ou nos rendamos de uma vez à Crime Incorporation"; o comentário correto a respeito deste último parágrafo do texto é:

a) Uma paráfrase corresponde ao desenvolvimento das idéias de alguém, modificando-se levemente as idéias originais.
b) Com o pronome *todos* o texto quer referir-se àqueles que, de fato, sofrem de verdade: os de baixos salário, os desempregados e os que perderam entes queridos.
c) A segunda ocorrência da conjunção *ou*, neste segmento, tem valor de adição.
d) O fato de a organização criminosa receber nome inglês é de cunho irônico.
e) Para Millôr Fernandes, segundo o que foi parafraseado no texto, a dignidade deve ser restaurada somente para os coitadinhos de verdade.

541) "...merecem, sim, tratamento digno e humano."; o uso do vocábulo *sim* significa que:

a) se trata de uma verdade universalmente aceita.
b) o jornalista quer confirmar o que dizem os presos.
c) o artigo escrito apresenta certo tom irônico.
d) o jornalista afirma algo que pode receber opiniões opostas.
e) nem todos os presos são bem tratados nas prisões brasileiras.

542) "Digamos que não resolva."; em termos argumentativos, o segmento anterior indica:

a) uma hipótese sobre fato futuro sobre a qual o texto contraargumenta.
b) uma inferência segura sobre fatos previsíveis que o jornalista condena.
c) um argumento do juiz, condenado provisoriamente pelo jornalista.
d) um argumento com o qual o jornalista pretende dar razão ao juiz.

e) um pensamento negativista e comum entre os membros de uma sociedade derrotada.

543) “Não foram esses mesmos adoráveis senhores...”; neste segmento ocorre um exemplo de uma figura denominada;

a) metáfora
b) metonímia
c) ironia
d) eufemismo
e) hipérbole

544) “...os presos, por mais hediondos que tenham sido seus crimes, merecem, sim, tratamento digno e humano. Mas não merecem um micrograma que seja de privilégios, entre eles o de determinar onde cada um deles fica preso.”; nesse segmento do texto há uma série de vocábulos que se referem a elementos anteriores. O item em que a correspondência entre os dois NÃO está perfeita é:

a) “...por mais hediondos QUE tenham sido...” - seus crimes
b) “...entre ELES...” - privilégios
c) “...O de determinar...” - privilégio
d) “...um micrograma QUE seja...” - micrograma
e) “...o de determinar onde cada um DELES...” - presos

TEXTO LXXVI

ENFERMAGEM - TRE
QUESTÃO SOCIAL

Apesar da urgência da organização da sociedade para exigir segurança de fato das autoridades, a redução da violência exige mudança profunda no enfoque da administração dos problemas sociais pelos governos federal, estadual e municipal.

Uma pesquisa desenvolvida pela Fundação Getúlio Vargas, no ano passado, pelo pesquisador Ib Teixeira, constatou que a violência no país nos últimos dez anos matou 350 mil pessoas no período, mais do que as guerras do Timor Leste e de Kosovo juntas, e em menos tempo.

O custo dessa violência, segundo o BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento), é de US$ 84 bilhões ao ano, ou 10,5% do PIB (Produto Interno Bruto).

Em São Paulo, cujo PIB nominal foi de US$ 241,58 bilhões em 1997, os custos da violência levantados em 1998 representam cerca de 3% do PIB, segundo dados da tese do sociólogo Rogério Sérgio de Lima.

(Folha de São Paulo, 25/02/01)

545) Segundo o texto, a redução da violência:

a) depende tão-somente da mudança profunda no enfoque administrativo governamental.
b) é de grande importância para o progresso econômico.
c) exige organização social e mudanças governamentais.
d) derivará exclusivamente da cobrança feita às autoridades.
e) é de extrema importância no momento econômico do país.

546) "Apesar da urgência da organização..."; nesse segmento do texto, a locução *apesar* de pode ser perfeitamente substituída por:

a) não obstante
b) entretanto
c) visto que
d) já que
e) após

547) Os argumentos em que se apoia o artigo do jornal para mostrar a necessidade da redução da violência são de cunho:

a) social e religioso
b) educativo e econômico
c) social e econômico
d) religioso e educativo

e) moral e social

548) O fato de as siglas presentes no texto estarem "traduzidas" entre parênteses mostra que:

a) é regra de clareza que todas as siglas sejam explicitadas para o leitor.
b) algumas siglas do texto, segundo o seu redator, necessitam de "tradução".
c) os leitores de jornais pertencem à classe popular, menos informada.
d) o Brasil é país de muitas siglas.
e) o texto informativo "traduz" todas as siglas nele incluídas.

549) "...constatou que a violência no país nos últimos dez anos matou 350 mil pessoas no período, mais do que as guerras do Timor Leste e de Kosovo juntas, e em menos tempo."; segundo o texto, o segmento *e em menos tempo:*

a) indica que as guerras citadas levaram menos de dez anos.
b) contraria a argumentação básica do texto.
c) mostra a intensidade exagerada da violência no país.
d) demonstra que as guerras modernas são rápidas e extremamente cruéis.
e) é uma informação dispensável à argumentação do texto.

550) Segundo o texto, em São Paulo:

a) a violência ultrapassa a média estatística nacional de custos em relação ao PIB.
b) é sensivelmente menor o número de atos de violência, comparado com outros estados brasileiros.
c) a violência é a mais intensa entre os estados desenvolvidos.
d) a violência apresenta sinais de crescimento contínuo.
e) a violência colabora para que nossos índices, nessa área, sejam altos.

TEXTO LXXVII

EMGEPRON
TEXTO 1
QUE PAÍS...

Dissecando os gastos públicos no Brasil, um economista descobriu barbaridades no Orçamento da União deste ano. Por exemplo: Considerada a despesa geral da Câmara, cada deputado federal custa ao país, diariamente, R$ 3.700. Ou R$ 1,3 milhão por ano.

Entre os senadores, a loucura é ainda maior, pois o custo individual diário pula para R$ 71.900. E o anual, acreditem, para R$ 26 milhões.

Comparados a outras "rubricas", os números beiram o delírio. É o caso do que a mesma União despende com a saúde de cada brasileiro - apenas R$ 0,36 por dia. E, com a educação, humilhantes R$ 0,20.

(Ricardo Boechat, JB, 6/11/01)

551) Considerando o sentido geral do texto, o adjetivo que substitui de forma INADEQUADA os pontos das reticências do título do texto é:

a) autoritário
b) injusto
c) estranho
d) desigual
e) incoerente

552) O termo "gastos públicos" se refere exclusivamente a:

a) despesas com a educação pública
b) pagamentos governamentais
c) salários da classe política
d) gastos gerais do Governo
e) investimentos no setor oficial

553) A explicação mais plausível para o fato de o economista citado no texto não ter sido identificado é:

a) não ser essa uma informação pertinente.
b) o jornalista não citar suas fontes de informações sigilosas.
c) evitar que o economista sofra represálias.
d) desconhecer o jornalista o nome do informante.
e) não ser o economista uma pessoa de destaque social.

554) O item do texto em que o jornalista NÃO incluiu termo que indique sua opinião sobre o conteúdo veiculado pelo texto é:

a) "...um economista descobriu barbaridades no Orçamento da União..."

b) “Entre os senadores, a loucura é ainda maior...”
c) “E com a educação, humilhantes R$ 0,20.
d) “...os números beiram o delírio.”
e) “...cada deputado federal custa ao país, diariamente, R$ 3.700.”

555) O Orçamento da União é um documento que:

a) esconde a verdade da maioria da população.
b) só *é* consultado nos momentos críticos. _
c) mostra a movimentação financeira do Governo.
d) autoriza os gastos governamentais.
e) traz somente informações sobre as casas do Congresso.

556) Os exemplos citados pelo jornalista:

a) atendem a seu interesse jornalístico.
b) indicam dados pouco precisos e irresponsáveis.
c) acobertam problemas do Governo.
d) mostram que os gastos com a classe política são desnecessários.
e) demonstram que o país não dispõe de recursos suficientes para as despesas.

557) “Considerada a despesa geral da Câmara, cada deputado federal custa ao país, diariamente, R$ 3.700.”; o cálculo para se chegar ao custo diário de cada deputado federal foi feito do seguinte modo:

a) a despesa geral da Câmara foi dividida pelo número de deputados federais.
b) a despesa com os deputados federais foi dividida igualmente por todos eles.
c) os gastos gerais da Casa foram repartidos por todos os funcionários.
d) os gastos da Câmara com os deputados foram divididos pelo seu número total.
e) as despesas gerais da Câmara foram divididas entre os deputados federais.

558) “Comparados a outras ’rubricas’, os números beiram o delírio.”; o comentário correto sobre o significado dos elementos desse segmento do texto é:

a) O termo *rubricas,* escrito entre aspas, tem valor irônico.
b) O *delírio* refere-se aos gastos ínfimos com saúde e educação.
c) As outras *rubricas* referidas no texto são a educação e a saúde.
d) Comparados com a educação, os gastos citados são humilhantes.
e) Os *números* referem-se à grande quantidade de deputados e senadores.

TEXTO LXXVIII

EMGEPRON
TEXTO 2
AS VIRTUDES DA INTROMISSÃO

A imprensa peca mais pela omissão que pela intromissão. Essa máxima muitas vezes é esquecida em meio à investigação, às vezes obsessiva, que as revistas e os jornais brasileiros fazem da vida de políticos e autoridades, tendência que se acentuou muito nos últimos anos. Os **5** órgãos de imprensa correm nesses casos o risco de parecer persecutórios ou de estar patrocinando campanhas gratuitas, movidas por interesses inconfessáveis, contra determinadas figuras públicas. Esta revista marcou sua presença na vida brasileira justamente pela convicção de que esse é um risco que vale a pena correr. É dever da imprensa investigar e divulgar **10** os fatos que cercam a ascensão dos políticos. Mesmo que, às vezes, eles estejam enterrados em pontos remotos de suas biografias. Quando esses fatos passados servem para iluminar a personalidade atual do político ou para desnudar as entranhas da atividade pública, eles precisam ser expostos à sociedade.

(Veja, 7/11/01

559) Entre as "virtudes da intromissão" está:

a) investigar obsessivamente a vida de políticos brasileiros.
b) patrocinar campanhas meritórias.
c) desenterrar pontos remotos das biografias de políticos.
d) explicar a prosperidade atual de políticos e autoridades.
e) arriscar-se a fazer campanhas gratuitas.

560) "A imprensa peca mais pela omissão que pela intromissão"; deduz se desse primeiro período do texto que a imprensa:

a) se intromete mais do que deve.
b) peca pela omissão e pela intromissão.
c) deveria omitir-se mais.
d) se intromete mais do que se omite.
e) não peca quando se intromete.

561) Segundo o texto, a revista VEJA:

a) peca mais pela omissão que pela intromissão.
b) patrocina campanhas gratuitas, desinteressadas.
c) é movida por interesses inconfessáveis.
d) corre o risco consciente de investigar.
e) evitar expor à sociedade fatos escabrosos.

562) O texto 2 tem a finalidade clara de:

a) denunciar os maus políticos.
b) incentivar a denúncia de crimes.
c) promover a própria revista.
d) mostrar a face oculta de muitos políticos.
e) justificar a omissão da revista em alguns casos

TEXTO LXXIX

EMGEPRON
TEXTO 3
CÃO E HOMEM

Se você recolher um cachorro que morre de fome e o tornar próspero, ele não o morderá. É esta aí a diferença principal entre um cão e um homem.

(Mark Twain)

563) O defeito humano criticado pelo autor do texto 3 é:

a) a violência
b) a ingratidão
c) o egoísmo
d) o preconceito
e) a inveja

564) O adjetivo que substitui convenientemente a oração *que morre de fome* é:

a) famigerado
b) moribundo
c) defunto
d) faminto
e) necessitado

565) O conectivo abaixo que apresenta seu valor corretamente indicado é:

a) SE você recolher... - concessão
b) morre DE fome - causa
c) E o tornar próspero - adversidade
d) QUE morre de fome - explicação
e) ENTRE um cão e um homem - distância

566) "...e O tornar próspero, ele não O morderá."; as duas ocorrências do vocábulo em maiúsculas retomam, respectivamente:

a) o cachorro / o cachorro
b) o homem / o homem
c) você / você
d) o cachorro / você
e) você / o cachorro

567) Ao escrever *cão* em lugar de *cachorro* na última parte do texto, o autor:

a) demonstra que se esqueceu do vocábulo que havia usado anteriormente.

b) mostra que quer mostrar diferença de sentido entre os dois vocábulos.
c) economiza espaço gráfico ao preferir um vocábulo menor.
d) prefere *cão* porque este vocábulo tem sentido negativo.
e) procura evitar a repetição de vocábulos idênticos.

568) O verbo *tornar* possui sentido diferente do que aparece no texto em:

a) Os aviões se tornaram armas.
b) Tornar-se rico é o anseio do jovem.
c) Ele se tornou estrangeiro.
d) Nunca mais tornou a falar.
e) Elas se tornaram impacientes.

TEXTO LXXX

PROCURADOR - MP/RS

Todos, brasileiros ou não, somos seres de transição, divididos entre um sonho de paz e a velocidade da corrida que chamamos de sucesso, seja ele feito de abundância de bens que demonstram nosso *status*, de poder ou de notoriedade. Mais radicalmente, ficamos * **5** entre dois desejos. O primeiro seria o desejo de um mundo em que - com a bênção da providência divina, irresistível dispensadora de destinos - saberíamos aceitar nossa condição e, dentro de seus limites, construir alguma felicidade; o segundo seria o desejo de um mundo indefinido, no qual nossa condição poderia ser mudada e melhorada, sendo que, para **10** isso, poderíamos contar só com nossos esforços, sem esperar o bingo da graça divina. Em suma, praticamos duas representações opostas da
felicidade: a vida boa e o sucesso.

A vida boa, em princípio, é o ideal de felicidade das sociedades tradicionais e era o ideal da nossa antes da modernidade (embora, como **15** dissemos, continue conosco). Para a vida boa, é necessário satisfazer o essencial e cultivar a arte de fazer uma festa tranqüila, com pouca coisa. A * técnica da vida boa é simples e antiga: precisamos saber nos satisfazer não só realizando nossos desejos, mas também, e sobretudo, conseguindo desejar um pouco menos.

20 O ideal de sucesso, ao contrário, é um sonho moderno e, a rigor, não tanto uma representação da felicidade quanto o direito (e a obrigação) de correr atrás dela. Para a modernidade, o que conta é a procura que motiva a mobilidade social: ser insatisfeito é ser moderno. A
felicidade como condição estável, do ponto de vista moderno, sobra para **25** os primitivos.

Entre esses dois sonhos – o desejo infinito de sucesso que nos
empurra e a tranqüilidade da vida boa - oscilamos, como entre cidade e
subúrbio, entre vida ativa e aposentadoria, etc.

Pois bem. Em recente pesquisa, os brasileiros (65%), **30** perguntados se se consideravam pessoas felizes, responderam que sim. Como é possível? É que eles entenderam bem a pergunta, que concerne pessoas, e responderam de olho no ideal mais privado de felicidade:
o ideal da vida boa.

Os itens mais importantes para a felicidade, conforme a **35** pesquisa, não são os esperados índices do sucesso moderno, mas fé religiosa, cas a própria e saúde. Ou seja, o básico para gozar de prazeres discretos, com a condiçã o de não querer demais. Os itens mais incertos (e

modernos), que deixariam a felicidade eternamente e m perspectiva (o próprio "sucesso", por exemplo), acabam como lanterninha. Em suma, os **40** brasileiros são felizes porque - declaram - sabem, segundo o preceito antigo, ser felizes com pouco.

Não só a maioria dos brasileiros se considera feliz, mas eles também consideram que o Brasil é o país onde há mais pessoas felizes.

Essas duas respostas são redundantes Pode, entretanto, parecer 45 contraditória a essas a resposta pergunta: "Você acredita que os brasileiros são felizes?" à qual só 23% responderam sim. Mas a contradição é apenas aparente. Surpreendentemente, os entrevistados parecem fazer a diferença correta entre as pessoas e o grupo social: "os brasileiros" não são a mês ma coisa que "as pessoas" no Brasil. Como corpo político, como
50 coletividade – organizada em uma sociedade moderna e, portanto, tomada pelo jogo da mobilidade social -, os brasileiros se consideram infelizes.

A pesquisa, então, parece confirmar a leitur a do país feita por Roberto Da Matta. Dois universos caminham juntos no Brasil (embora não de mãos dadas): uma comunidade tradicional que sobrevive a um 55 país liberal pretensamente avançado. A pesquisa acrescenta que os brasileiros saberiam fazer a diferença: como coletividade, "os brasileiros"
são infelizes, mas, no Brasil, "as pessoas" seriam felizes. Da Matta
concluiria que os restos do Brasil arcaico fazem nossa identidade e nossa
felicidade de vida boa, enquanto a modernidade azucrina nossa existência.

(Adaptado de CALLIGARIS, Contardo. *A vida boa e o país-paraíso. Folha de São Paulo,* 25 de maio de 1997)

*As lacunas pontilhadas existem por causa das questões de crase.

569) Desde o início do texto, o autor explora a temática de uma divisão que, na atualidade, os brasileiros vivenciariam, em relação à questão da felicidade. Os pares abaixo se relacionam com os dois pólos dessa divisão, à exceção de um deles. Assinale-o.

a) aceitação da própria condição / desejo de mudança de sua condição
b) contradição de concepções / coerência de concepções
c) mundo tradicional / mundo moderno
d) satisfação com o essencial / insatisfação constante
e) "os brasileiros" / "as pessoas" no Brasil

570) Em diversas passagens do texto, é possível identificar pressuposições: idéias que, embora não explicitadas, vêm embutidas no uso de diferentes expressões e **formas verbais. Assinale, das afirmações abaixo, a que** não ***é*** **pressuposta por nenhuma passagem do texto.**

a) Nossa sociedade atual é uma sociedade da modernidade.
b) A resposta dos brasileiros de que se consideram pessoas felizes é, em alguma medida, surpreendente.
c) Há contradições aparentes e outras que não o são.
d) Nem sempre pesquisas de opinião têm resultados que coincidem com o ponto de vista de especialistas.
e) O desejo de felicidade moderno está vinculado à conquista de um patamar estável.

571) É freqüente, na organização de um texto, a utilização de palavras e expressões que estabelecem conexões entre seus diversos segmentos. Esse ***é*** **o caso das palavras e expressões abaixo,** à exceção de**:**

a) **em suma** (linha 11)
b) **ao contrário** (linha 20)
c) **em recente pesquisa** (linha 29)
d) **mas** (linha 42)
e) **então** (linha **52)**

572) As palavras dispensadora (linha 06) e conta (linha 22), conforme seu uso no texto, remetem, respectivamente, às idéias de

a) concessão e relevância
b) exclusão e enumeração
c) desobrigação e importância
d) doação e quantificação
e) omissão e conveniência

573) Os pares abaixo contêm um substantivo e um pronome que, possivelmente, o substitui ou o retoma no texto.

• desejo (linha 5) - que (linha 5)
• procura (linha 23) - que (linha 23)
• itens (linha 37) - que (linha 38)
• resposta (linha 45) - à qual (linhas 46)
• comunidade (linha 54) - que (linha 54)

Em quantos dos pares acima a relação está incorreta?

a) em nenhum
b) em um
c) em dois
d) em três
e) em quatro

574) Em certas estruturas sintáticas, uma determinada preposição pode ser substituída por outra preposição simples, sem alteração do significado do contexto em que se encontra. Esse é o caso da preposição que ocorre em

a) sem esperar (linha 10)
b) para a vida boa (linha 15)
c) o ideal de sucesso (linha 20)
d) entre esses dois sonhos (linha 26)
e) com a condição (linha 37)

TEXTO LXXXI

TECNOLOGISTA JÚNIOR I - IBGE
DÍVIDA PÚBLICA CRESCE R$ 101,9 BILHÕES

A alta dos juros e a desvalorização do real em relação ao dólar já elevaram a dívida líquida do setor público de 50,2% do PIB (Produto Interno Bruto) para 51,9%, um aumento de R$ 29,796 bilhões entre março e maio deste ano. Neste mês, a dívida deve superar os 53% do PIB, **5** percentual elevado para o Brasil, que chegou a prometer ao Fundo Monetário Internacional (FMI) a estabilização em 46,5% do PIB.

Para evitar o crescimento explosivo da dívida, devido à farta oferta de títulos atrelados ao câmbio para deter a alta do dólar, o governo
será obrigado a fazer um novo aperto fiscal. "Se a dívida crescer muito, o **10** país terá que gerar ganhos fiscais para pagá-la", afirma Carlos Thadeu de Freitas, ex-diretor do Banco Central.

De qualquer forma, a dívida vai crescer. Mas se ela se estabilizar em torno de 54% do PIB não haverá grandes problemas, afirma o consultor Raul Veloso, especialista no assunto.

15 A dificuldade, segundo ele, será estancar a tendência do crescimento. Isso exigirá "um sacrifício maior" da sociedade para que o
governo possa aumentar o superávit primário, o que significa aumentar a arrecadação de impostos e reduzir as despesas.

(Gilson Luiz Euzébio - Jornal do Brasil, 15/07/01)

575) "...o governo será obrigado a fazer um novo aperto fiscal."; isto significa que o governo será obrigado a:

a) modificar alguns impostos.
b) intensificar a fiscalização.
c) combater a sonegação.
d) arrecadar mais com impostos.
e) reduzir a devolução de impostos.

576) O título do texto (a manchete do jornal) destaca:

a) o aspecto mais favorável ao governo
b) o fator de maior apelo afetivo
c) o elemento mais inesperado do processo
d) o sucesso maior do plano econômico
e) o item de maior interesse público

577) Como texto informativo que *é*, o texto lido:

a) pretende divulgar algo que é do interesse exclusivo do informante.
b) apoia suas informações em dados objetivos e em depoimentos de autoridades.
c) tenta criar suspense e expectativa nervosa nos leitores.
d) tem a intenção de ser claro em assunto que é do domínio comum
e) é de interesse momentâneo e só pertinente à área econômica.

578) O interesse do leitor comum ao ler o texto acima no jornal é:

a) ilustração cultural
b) informação privilegiada
c) atualização de conhecimentos
d) curiosidade mórbida
e) atração pelo pitoresco

579) Só NÃO pode estar entre os interesses do jornal ao publicar a informação contida no texto lido:

a) criar confiabilidade do leitor em relação ao jornal.
b) mostrar a situação difícil em que se encontram as finanças nacionais.
c) combater politicamente o governo atual.
d) criticar implicitamente a política econômica do governo.
e) demonstrar a ineficiência do setor público em comparação com o privado.

580) Ao indicar a tradução da sigla PIB entre parênteses, o autor do texto mostra que:

a) entende pouco do setor econômico no nível internacional.
b) escreve de forma específica para economistas.
c) pretende ser entendido pelo grande público.
d) a sigla é de criação recente e pouco conhecida.
e) tem a intenção clara de mostrar a influência do FMI em nossa economia.

581) Segundo o primeiro parágrafo do texto:

a) o FMI deve tomar medidas punitivas em relação ao Brasil.
b) o Brasil vai mal economicamente por não seguir as normas do FMI.
c) o PIB aumentou progressivamente de 1999 a 2001.
d) a alta de juros e a desvalorização do real aumentaram o PIB.
e) o aumento da dívida pública é visto por maior percentual do PIB.

582) Segmento do texto que NÃO traz, explícita ou implícita, uma ameaça à população é:

a) “...o governo será obrigado a fazer um novo aperto fiscal.”
b) “Se a dívida crescer muito, o país terá que gerar ganhos fiscais para pagá-la,...”
c) “De qualquer forma, a dívida vai crescer.”
d) “...para que o governo possa aumentar o superávit primário,...”

e) “Mas se ela se estabilizar em torno de 54% do PIB não haverá grandes problemas.”

583) O latinismo superávit significa:

a) o lucro obtido com a venda de produtos
b) o aumento da arrecadação de impostos
c) a diferença favorável entre arrecadação e despesas
d) a redução das despesas
e) a diferença entre a alta dos juros e a desvalorização do real

584) “De qualquer forma a dívida vai crescer. Mas se ela se estabilizar em torno de 54% do PIB não haverá grandes problemas.”; esta afirmação do consultor Raul Veloso, reescrita de forma a manter-se o sentido original, é:

a) A dívida vai crescer inevitavelmente, independente de estabilizar-se em torno de 54% do PIB, o que não trará grandes problemas.
b) Não haverá grandes problemas se a dívida se estabilizar em torno de 54% do PIB, mas, inevitavelmente, a dívida vai crescer.
c) Se a dívida crescer até 54% do PIB não haverá grandes problemas, mas seu crescimento é inevitável.
d) Se a dívida vai crescer ininterruptamente, não haverá grandes problemas se houver estabilização dos débitos em torno de 54% do PIB.
e) De qualquer forma a dívida vai crescer embora a estabilização em torno de 54% do PIB traga grandes problemas.

TEXTO LXXXII

AUXILIAR MÉDIO I - MOTORISTA - MP/RJ

O homem contemporâneo não é onívoro como seu antepassado pré-histórico; nem todos os animais e vegetais da região figuram em sua cozinha. Nosso sertanejo, por exemplo, aprecia muito os peixes de água doce e a mandioca, mas não dá o menor valor aos crustáceos e às verduras. Os negros africanos também não valorizam as hortaliças e pouca atenção dão à carne de gado. O homem urbano do Ocidente, por sua vez, não tolera a idéia de mastigar os gafanhotos, as larvas e os besouros que fazem a delícia de tantos povos do Oriente e da África. Os hindus preferem morrer de fome a provar a carne das gordas reses que abundam em seu país. Todos os povos possuem limitações inarredáveis no tocante às coisas que comem.

585) O último período do texto funciona como:

a) explicitação
b) contestação
c) conclusão
d) retificação
e) repetição

586) "O homem contemporâneo <u>não *é*</u> onívoro..."; o segmento sublinhado significa que o homem contemporâneo:

a) não gosta de tudo
b) não come tudo
c) não é igual em todas as partes do mundo
d) não se alimenta bem
e) come muitas coisas inadequadas

587) "O homem contemporâneo não é onívoro como seu antepassado pré-histórico;" esse segmento traz uma ambigüidade que desapareceria se fosse reescrito, mantendo-se o sentido pretendido no texto, da seguinte forma:

a) O homem contemporâneo não é onívoro como era seu antepassado pré-histórico.
b) Como seu antepassado pré-histórico, o homem contemporâneo não é onívoro.
c) O homem contemporâneo, como seu antepassado pré-histórico, não é onívoro.
d) O homem contemporâneo e seu antepassado pré-histórico não são onívoros.
e) O antepassado pré-histórico do homem contemporâneo não é onívoro como ele.

588) "...nem todos os animais e vegetais da região figuram em sua cozinha."; esse segmento do texto significa que:

a) o homem contemporâneo desconhece muitos alimentos de sua região.

b) o homem contemporâneo não se alimenta de forma adequada.
c) alguns animais e vegetais não fazem parte do cardápio do homem contemporâneo.
d) as regiões apresentam animais e vegetais distintos.
e) nem todos os homens se alimentam de animais e vegetais.

589) NÃO servem de exemplo que comprovam a tese do texto:

a) os sertanejos brasileiros
b) os negros africanos
c) os homens urbanos do Ocidente
d) os povos do Oriente
e) os hindus

590) Ao designar de *hindus* os nascidos na índia, o autor do texto:

a) preferiu esta designação à de *indianos.*
b) errou, pois *hindu* se aplica somente aos adeptos do hinduísmo.
c) quer referir-se somente a uma parte dos habitantes da índia.
d) designa somente os que adoram a vaca como símbolo religioso.
e) errou, visto que o vocábulo é grafado sem a letra H.

591) "O homem <u>urbano</u> do Ocidente..."; o vocábulo sublinhado se aplica ao homem:

a) civilizado
b) culto
c) não-rural
d) adulto
e) contemporâneo

TEXTO LXXXIII

ARQUIVOLOGISTA - ELETROBRAS
A MISÉRIA É DE TODOS NÓS

Como entender a resistência da miséria no Brasil, uma chaga social que remonta aos primórdios da colonização? No decorrer das últimas décadas, enquanto a miséria se mantinha mais ou menos do mesmo tamanho, todos os indicadores sociais brasileiros melhoraram.
5 Há mais crianças em idade escolar freqüentando aulas atualmente do que em qualquer outro período da nossa história. As taxas de analfabetismo e mortalidade infantil também são as menores desde que se passou a registrá-las nacionalmente. O Brasil figura entre as dez nações de economia mais forte do mundo. No campo diplomático, começa a **10** exercitar seus músculos. Vem firmando uma inconteste liderança política regional na América Latina, ao mesmo tempo que atrai a simpatia do Terceiro Mundo por ter se tornado um forte oponente das injustas políticas de comércio dos países ricos. Apesar de todos esses avanços, a miséria resiste.
15 Embora em algumas de suas ocorrências, especialmente na zona rural, esteja confinada a bolsões invisíveis aos olhos dos brasileiros mais bem posicionados na escala social, a miséria é onipresente. Nas grandes cidades, com aterrorizante freqüência, ela atravessa o fosso social profundo e se manifesta de forma violenta. A mais assustadora dessas **20** manifestações é a criminalidade, que, se não tem na pobreza sua única causa, certamente em razão dela se tornou mais disseminada e cruel.

Explicar a resistência da pobreza extrema entre milhões de habitante não é uma empreitada simples.

(Veja,ed. 1735)

592) O título dado ao texto se justifica porque:

a) a miséria abrange grande parte de nossa população.
b) a miséria é culpa da classe dominante.
c) todos os governantes colaboraram para a miséria comum.
d) a miséria deveria ser preocupação de todos nós.
e) um mal tão intenso atinge indistintamente a todos.

593) A primeira pergunta - "Como entender a resistência da miséria no Brasil, uma chaga social que remonta aos primórdios da colonização?":

a) tem sua resposta dada no último parágrafo.
b) representa o tema central de todo o texto.
c) é só uma motivação para a leitura do texto.
d) é uma pergunta retórica, à qual não cabe resposta.
e) é uma das perguntas do texto que ficam sem resposta.

594) Após a leitura do texto, só NÃO se pode dizer da miséria no Brasil que ela:

a) é culpa dos governos recentes, apesar de seu trabalho produtivo em outras áreas.
b) tem manifestações violentas, como a criminalidade nas grandes cidades.
c) atinge milhões de habitantes, embora alguns deles não apareçam para a classe dominante.
d) é de difícil compreensão, já que sua presença não se coaduna com a de outros indicadores sociais.
e) tem razões históricas e se mantém em níveis estáveis nas últimas décadas.

595) O melhor resumo das sete primeiras linhas do texto é:

a) Entender a miséria no Brasil é impossível, já que todos os outros indicadores sociais melhoraram.
b) Desde os primórdios da colonização a miséria existe no Brasil e se mantém onipresente.
c) A miséria no Brasil tem fundo histórico e foi alimentada por governos incompetentes.
d) Embora os indicadores sociais mostrem progressos em muitas áreas, a miséria ainda atinge uma pequena parte de nosso povo.
e) Todos os indicadores sociais melhoraram exceto o indicador da miséria que leva à criminalidade.

596) As marcas de progresso em nosso país são dadas com apoio na quantidade, exceto:

a) freqüência escolar
b) liderança diplomática
c) mortalidade infantil
d) analfabetismo
e) desempenho econômico

597) "No campo diplomático, começa a exercitar seus músculos."; com essa frase, o jornalista quer dizer que o Brasil:

a) já está suficientemente forte para começar a exercer sua liderança na América Latina.
b) já mostra que é mais forte que seus países vizinhos.
c) está iniciando seu trabalho diplomático a fim de marcar presença no cenário exterior.
d) pretende mostrar ao mundo e aos países vizinhos que já é suficientemente forte para tornar-se líder.
e) ainda é inexperiente no trato com a política exterior.

598) Segundo o texto, "A miséria *é* onipresente" embora:

a) apareça algumas vezes nas grandes cidades.
b) se manifeste de formas distintas.
c) esteja escondida dos olhos de alguns.
d) seja combatida pelas autoridades.
e) se torne mais disseminada e cruel.

599)"...não é **uma empreitada simples" eqüivale a dizer que é uma empreitada complexa; o item em que essa equivalência *é* feita de forma INCORRETA** é:

a) não é uma preocupação geral = é uma preocupação superficial
b) não é uma pessoa apática = é uma pessoa dinâmica
c) não é uma questão vital = é uma questão desimportante
d) não é um problema universal = é um problema particular
e) não é uma cópia ampliada = é uma cópia reduzida

Texto LXXXIV

ANALISTA DE REGULAÇÃO - ASEP-RJ
TEXTO 2
ENTREVISTA COM MICHAEL SERMER

Repórter: Como o senhor justifica a vantagem do pensamento científico sobre o obscurantismo?
MS - A ciência é o único campo do conhecimento humano com característica progressista. Não digo isso tomando o termo progresso **5** como uma coisa boa, mas sim como um fato. O mesmo não ocorre na arte, por exemplo. Os artistas não melhoram o estilo de seus antecessores, eles simplesmente o mudam. Na religião, padres, rabinos e pastores não pretendem melhorar as pregações de seus mestres. Eles as imitam, interpretam e repetem aos discípulos. Astrólogos, médiuns e místicos não **10** corrigem os erros de seus predecessores, eles os perpetuam. A ciência, não. Tem características de autocorreção que operam como a seleção natural. Para avançar, a ciência se livra dos erros e teorias obsoletas com enorme facilidade. Como a natureza, é capaz de preservar os ganhos e erradicar os erros para continuar a existir.

(Diretor da ONG contra superstições -Veja, n° 1733)

600) Em termos argumentativos, pode-se dizer que:

a) a argumentação apresentada por MS se apoia em testemunhos de autoridade.
b) a tese apresentada está explícita em "a ciência se livra dos erros e teorias obsoletas com enorme facilidade".
c) o público-alvo a ser convencido é o conjunto de pessoas ligadas, de uma maneira ou outra, ao obscurantismo.
d) os argumentos apresentados na defesa da tese se fundamentam ora na intimidação, ora na persuasão.
e) por ser de caráter científico, a subjetividade do argumentador é completamente desprezada na argumentação.

601) O segmento do texto que se volta para a própria construção do texto é:

a) "Não digo isso tomando o termo progresso como uma coisa boa, mas sim como um fato."
b) "O mesmo não ocorre na arte, por exemplo."
c) "Na religião, padres, rabinos e pastores não pretendem melhorar as pregações de seus mestres."
d) "Para avançar, a ciência se livra dos erros e teorias obsoletas com enorme facilidade."
e) "Como a natureza, é capaz de preservar os ganhos e erradicar os erros para continuar a existir."

602) *Teorias obsoletas* significa:

a) que caíram em desuso, antiquadas.
b) que foram construídas de forma errada.
c) de cuja origem não se tem conhecimento.
d) que se fundamentam em crendices.
e) que foram estabelecidas há muito tempo.

603) A característica da ciência que a torna superior à religião, à arte e à crendice é:

a) a impossibilidade de errar
b) a mudança contínua
c) a preocupação teórica
d) a permanente autocorreção
e) a ausência de imitação

604) O vocábulo em que o elemento *auto* NÃO tem o mesmo valor semântico presente em *autocorreção é:*

a) autogestão
b) autocrítica
c) autômato
d) autópsia
e) autódromo

605) *Astrólogos, médiuns* e *místicos* trabalham, respectivamente, com:

a) astros, energia cósmica e truques
b) astronomia, forças espirituais e magia
c) astrologia, espíritos desencarnados e falsificações
d) astros, entidades espirituais e esoterismo
e) astrologia, energia pura e comunicação

606) Para valorizar a ciência em face do obscurantismo, os argumentos apresentados atribuem valor a uma ciência em especial, que é a:

a) Sociologia
b) Astronomia
c) Física
d) Biologia
e) Matemática

607) "Como a natureza, é capaz de preservar os ganhos e erradicar os erros para continuar a existir."; a forma EQUIVOCADA de reescrever-se esse mesmo segmento é:

a) É capaz, como a natureza, de preservar os ganhos e erradicar os erros para continuar a existir.
b) Como a natureza, para continuar a existir, é capaz de preservar os ganhos e erradicar os erros.
c) Para continuar a existir, é capaz de preservar os ganhos e erradicar os erros, como a natureza.
d) É capaz de preservar os ganhos, como a natureza, e erradicar os erros para continuar a existir.
e) É capaz de preservar os ganhos e erradicar os erros, como a natureza, para continuar a existir.

TEXTO LXXXV

CENSO - IBGE
CHEGOU O FUTURO

Parece mentira que ele tenha chegado. Para quem está hoje na terceira idade, o ano 2000 é como se fosse a chegada do futuro pelo qual se esperou achando que ele chamais chegaria. Parecia inatingível, tão distante era no tempo e na cabeça da gente. Sonhava-se com a data como **5** se sonhava com a ida do homem à Lua ou a Marte, como sinônimo de conquista do impossível.

O passado era embalado por uma promessa que se acreditava que jamais iria se realizar. "Pode esperar sentado", diziam os mais velhos quando queriam desanimar um jovem, "isto só vai acontecer no ano 2000, **10** no Dia de São Nunca".

E eis que bem ou mal ele está aí, encerrando de uma só vez a década, o século e o milênio, dando início a uma nova era, não importa que o calendário diga o contrário; miticamente, no imaginário de todo mundo, é assim.

15 Foi um percurso acidentado, dramático, o deste século, para falar apenas dele e não do milênio. Só de guerras mundiais, envolvendo as grandes potências, ameaçando se espalhar pelo planeta, foram duas, acompanhadas de centenas de conflitos regionalizados, morticínio, holocausto, extermínio em massa. A ciência e a tecnologia desenvolveram **20** e aprimoraram como nunca a arte de destruir - as espécies, inclusive a própria, e o meio ambiente.

A guerra foi o traço mais constante nesse "século da insensatez". Chegou-se a inventar uma forma moderna e cínica de paz: a Guerra Fria.

Apesar de tudo isso, porém, o ano 2000 chega trazendo também **25** um certo ar de vitória sobre as previsões mais pessimistas: o fato de ter resistido tantas vezes ao apocalipse anunciado demonstra que a vontade de vida da humanidade ainda foi maior do que sua pulsão de morte.

(Zuenir Ventura. *Época.* 3 de janeiro, 2000, com adaptações)

608) O texto informa que, quanto à data de encerramento do século XX, o calendário e o imaginário do povo:

a) divergem
b) convergem
c) combinam
d) complementam-se
e) harmonizam-se

609)"Sonhava-se com a data (...), como sinônimo de conquista do impossível." (/. 4-6) De acordo com o texto, justifica esse sentimento o (a);

a) clima de euforia reinante em certas datas
b) inexperiência natural dos jovens da primeira metade do século
c) frustração dos contemporâneos do cronista com a proximidade do novo século
d) insegurança das pessoas mais velhas em relação ao seu próprio futuro
e) distância existente entre aquele momento do passado do cronista e o ano 2000

610) Durante o século XX a humanidade foi submetida a duras provas. Esta idéia está configurada no trecho:

a) "...*é* como se fosse a chegada do futuro..." (/. 2)
b) "...isto só vai acontecer no ano 2000, ..." (/. 9)
c) "...bem ou mal ele está aí, ..." (/. 11)
d) "...de uma só vez a década, o século, o milênio..." (/. 11/12)
e) "...percurso acidentado, dramático, ..." (/. 15)

611) O "certo ar de vitória" de que fala o cronista no último parágrafo devese:

a) à insensatez do século
b) à supremacia das emoções sobre a razão
c) ao instinto de sobrevivência do homem
d) ao conformismo diante das dificuldades
e) aos avanços científicos e tecnológicos

612) "Pode esperar sentado", diziam os mais velhos quando queriam desanimar um jovem, 'isto só vai acontecer no ano 2000, no Dia de São Nunca.' E eis que bem ou mal ele está aí," (/. 8-11). No trecho, a conjunção sublinhada só NÃO pode ser substituída por:

a) mas
b) porque
c) porém
d) entretanto
e) no entanto

TEXTO LXXXVI

BIÓLOGO - QUEIMADOS/RJ
O MEDO SOCIAL

No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado. De repente foi assaltada por um adolescente, que a roubou, ameaçando cortar a garganta do garoto. Dias depois, a mesma senhora reconhece o assaltante na rua. Acelera o carro, atropela-o e mata-o, com a **5** aprovação dos que presenciaram a cena. Verídica ou não, a história é exemplar, ilustra o que é a cultura da violência, a sua nova feição no Brasil.

Ela segue regras próprias. Ao expor as pessoas a constantes ataques à sua integridade física e moral, a violência começa a gerar expectativas, a fornecer padrões de respostas. Episódios truculentos e **10** situações-limite passam a ser imaginados e repetidos com o fim de caucionar a idéia de que só a força resolve conflitos. A violência torna-se um item obrigatório na visão do mundo que nos é transmitida. Cria a convicção tácita de que o crime e a brutalidade são inevitáveis. O problema, então, é entender como chegamos a esse ponto. Como e por **15** que estamos nos familiarizando com a violência, tornando-a nosso cotidiano.

Em primeiro lugar, é preciso que a violência se torne corriqueira para que a lei deixe de ser concebida como o instrumento de escolha na aplicação da justiça. Sua proliferação indiscriminada mostra que as leis **20** perderam o valor normativo e os meios legais de coerção, a força que deveriam ter. Nesse vácuo, indivíduos e grupos passam a arbitrar o que é justo ou injusto, segundo decisões privadas, dissociadas de princípios éticos válidos para todos. O crime é, assim, relativizado em seu valor de infração. Os criminosos agem com consciências felizes. Não se julgam **25** fora da lei ou da moral, pois conduzem-se de acordo com o que estipulam ser o preceito correto. A imoralidade da cultura da violência consiste justamente na disseminação de sistemas morais particularizados e irredutíveis a ideais comuns, condição prévia para que qualquer atitude criminosa possa ser justificada e legítima.

(Jurandir Freire Costa)

613) "No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado. De repente <u>foi assaltada</u> por um adolescente..."; a passagem do pretérito imperfeito para o pretérito perfeito marca a mudança de:

a) um texto descritivo para um texto narrativo
b) a fala do narrador para a fala do personagem
c) um tempo passado para um tempo presente
d) um tempo presente para um tempo passado

e) a mudança de narrador

614) A narrativa contida no primeiro parágrafo tem a função textual de:

a) exemplificar algo que vai ser explicitado depois,
b justificar a reação social contra a violência.
c) despertar a atenção do leitor para o problema da violência.
d) mostrar a violência nas grandes cidades.
e) relatar algo que vai justificar uma reação social.

615) Idéia *não* contida no texto é:

a) a violência cria regras próprias.
b) os criminosos agem segundo regras particulares;
c) a violência aparece socialmente justificada.
d) a violência aparece como algo inevitável.
e) a violência requer uma ação governamental eficiente.

616) Segundo o texto, para que a lei deixe de ser o remédio contra a violência é necessário:

a) que as leis se tornem obsoletas.
b) que os governos descuidem dos problemas.
c) que a violência se banalize.
d) que os marginais se tornem mais audaciosos.
e) que a violência crie regras próprias.

617) "Nesse vácuo, indivíduos e grupos passam a arbitrar o que é justo ou injusto..."; o comentário correto sobre esse segmento do texto é:

a) O vácuo referido é o espaço vago deixado pela ação governamental.
b) Indivíduos e grupos passam a tomar a lei em suas mãos.
c) A justiça acaba sendo determinada pelos marginais.
d) A injustiça acaba por elaborar as leis.
e) Passa a vigorar a lei do mais esperto.

618) "A imoralidade da cultura da violência consiste justamente na disseminação de sistemas morais particularizados e irredutíveis a ideais comuns..."; isso significa que:

a) na cultura da violência todos os marginais pensam de forma semelhante.
b) a imoralidade da cultura da violência se localiza em pequenos grupos.
c) na cultura da violência todos saem perdendo.
d) na cultura da violência, os ideais comuns inexistem.
e) a violência dissemina ideais comuns irredutíveis.

619) “O crime *é,* assim, relativizado, em seu valor de infração.”; uma forma de reescrever-se a mesma frase, mas com perda do sentido original, é:

a) O valor de infração do crime é, assim, relativizado.
b) Assim, o crime foi relativizado em seu valor de infração.
c) O crime tem seu valor de infração, assim, relativizado.
d) Assim, o crime é, em seu valor de infração, relativizado.
e) Relativiza-se, assim, o valor de infração do crime.

TEXTO LXXXVII

PROFESSOR II/RIO
HUMANISMOS E ANTI-HUMANISMOS I

Ciência e técnica se têm revelado, na sociedade atual, inadequadas a proporcionar ao homem meios para a sua autêntica realização. Mais ainda: utilizadas como estão, têm conspirado contra a felicidade humana. E a nova geração de intelectuais, cientistas e jovens, nos últimos vinte anos, tem sido porta-voz da frustração, do medo, do protesto contra a invasão da ciência e da técnica.

Enquanto há anos atrás era difícil encontrar um nome de cientista que levantasse dúvida sobre a validez total de seu trabalho, hoje ocorre exatamente o contrário: não se conhece um só nome de grande cientista que acredite incondicionalmente no poder total da ciência e da técnica para resgatar o homem de seus males e torná-lo completamente feliz. Cientistas e pensadores não escondem seu ceticismo e sua preocupação com os resultados da ciência e da técnica.

Acontece que este clima de desconfiança, insatisfação e pavor não se nota só entre os cientistas e sábios; ele está já se alastrando entre o povo e sensibilizou especialmente os jovens, sobretudo os estudantes. O fato de que as manifestações mais clamorosas de seu protesto pertençam ao passado não significa que ele tenha perdido em intensidade e universalidade. Muito pelo contrário: o terror dos anos 70 é filho direto do protesto dos anos 60.

Note-se bem: o protesto, a recusa por parte dos cientistas, dos intelectuais em geral e dos jovens não é propriamente contra a ciência e a técnica em si, mas contra sua valorização exclusiva, contra uma sociedade que pretende construir-se unicamente sobre estas pilastras, sem levar em conta outras exigências e componentes humanos que a ciência e a técnica não podem satisfazer.

(Pedro Dalle Nogare) |

620) Na introdução do texto, o autor declara que a ciência e a técnica se têm revelado <u>inadequadas</u> na realização do homem. Isto porque:

a) elas têm conspirado contra a felicidade humana.
b) nenhum cientista moderno acredita piamente no poder da ciência.
c) os cientistas estão céticos quanto aos resultados da ciência e da técnica.
d) deixam de lado algumas exigências e componentes humanos.
e) atingem não só cientistas e técnicos, mas também os jovens.

621) *"Ciência e técnica se têm revelado..."*; a forma verbal desse segmento do texto mostra uma ação:

a) que se iniciou em passado próximo e terminou no presente.
b) que se repete no passado e se interrompe no presente.
c) repetida com continuidade até o presente em que falamos.

d) completamente passada.
e) que se iniciou no presente com continuidade hipotética no futuro.

622) *"...não escondem seu ceticismo...":* no texto, um sinônimo adequado para o vocábulo sublinhado é:

a) confiança
b) descrença
c) negativismo
d) cinismo
e) ateísmo

623) *"Acontece que este clima de desconfiança, insatisfação e pavor não se nota só entre cientistas e sábios;...";* após um segmento textual em que está presente a expressão *"não só"*, pode-se prever um segmento seguinte com o valor de:

a) oposição
b) concessão
c) causa
d) adição
e) comparação

624) *"...especialmente os jovens, sobretudo os estudantes...";* entre os vocábulos "jovens" e "estudantes" estabelece-se, respectivamente, uma relação de:

a) geral / específico
b) específico / geral
c) formal / informal
d) nacional / regional
e) popular / erudito

625) *"O fato de que as manifestações mais clamorosas de seu protesto pertençam ao passado não significa que ele tenha perdido em intensidade e universalidade.";* em outras palavras, pode-se dizer que:

a) os protestos estudantis mais clamorosos pertencem ao passado, perdendo em intensidade e universalidade.
b) apesar de os protestos estudantis terem perdido em intensidade e universalidade, eles continuam bastante clamorosos no presente.
c) o fato de os protestos de estudantes não terem perdido em intensidade e universalidade é comprovado pelas manifestações clamorosas do passado.
d) os protestos estudantis não perderam em intensidade e universalidade apesar de suas formas mais clamorosas já pertencerem ao passado.
e) o fato de os movimentos estudantis pertencerem ao passado faz com que os vejamos hoje com a mesma intensidade e universalidade de outrora.

626) ***"o terror dos anos 70 é filho direto do protesto dos anos 60."*****; pode-se dizer que entre os elementos citados nesse segmento do texto há uma relação respectiva de:**

a) causa / efeito
b) fato / explicação
c) conseqüência / fato
d) antecedente / conseqüente
e) tempo / espaço

TEXTO LXXXVIII

OFICIAL DE CARTÓRIO POLICIAL - FAEPOL
QUANTO TEMPO DEMORA UM PROCESSO?
(fragmento)

É lugar comum a afirmação de que a Justiça é lenta, de que os processos judiciais demoram excessivamente. Afirma-se isso a todo instante. Os meios de comunicação de massa (imprensa escrita, rádio e televisão) repetem a observação, sem qualquer ressalva, e contribuem **5** para tornar a lentidão judicial uma "verdade".

Os que assim procedem, certamente justificados por grande número de casos morosos, não sabem que muitos processos têm andamento célere, terminam rapidamente, que, com freqüência, os procedimentos judiciais são, na prática, mais rápidos do que os da esfera **10** administrativa, apesar das garantias de igualdade entre as partes, oportunidades para intervir, e tudo o mais.

Por outro lado, há quem sustente que a grande maioria dos processos acaba razoavelmente depressa, e que somente pequena parte deles é morosa. Alega-se então que, precisamente porque minoria, os **15** processos muito demorados constituem afastamento da regra geral e são curiosidades e, portanto, notícia.

O debate desenvolve-se nesses termos, prevalecendo as vozes que apontam a morosidade judicial como um mal predominante nas coisas da Justiça. Não existem, porém, estudos sérios a respeito. Ninguém **20** procura pesquisar a verdade, a realidade do que efetivamente se passa na tramitação dos processos judiciais, e que constitui, afinal de contas, a maneira pela qual o Direito vive, deduzido pelas partes e proclamado pelos Tribunais. Desse modo, continuam as acusações ao Judiciário, cujo desprestígio é uma conseqüência natural e lógica de tais conceitos **25** correntes.

O que ocorre realmente? Quais as verdadeiras dimensões do problema da afirmada lentidão judicial? É esse um fenômeno geral, dominante, ou setorial, ocorrente apenas em parte, em alguns setores do aparelho judicial, ou em certos tipos de procedimento?

30 Essas e muitas outras questões podem ser suscitadas a propósito. O que está faltando, entretanto, é a formulação de perguntas certas a aspectos dos fatos relevantes, com a realização de um estudo da realidade, e não apenas do discurso (otimista em parte da doutrina, pessimista nos veículos de comunicação de massa e na voz corrente da **35** população). Ainda não se procurou verificar a realidade, com a utilização dos meios apropriados, com vistas ao efetivo conhecimento a respeito, e com a resultante possibilidade de se planejar, com dados concretos, as medidas destinadas a superar as deficiências existentes.

(Felippe Augusto de Miranda Rosa, desembargador TJ/RJ. *Revista da Emerj*, vol.4, n. 14, p. 163/164)

627) A pergunta que serve de título ao texto:

a) é respondida, alegando-se que a demora é um problema setorial, ocorrente apenas em parte.
b) é respondida, indicando-se que a demora é "uma verdade" criada pela comunicação de massa.
c) é respondida, retrucando-se que a demora, de fato, não existe.
d) é respondida, reconhecendo-se a demora como um problema da Justiça.
e) não é respondida no texto.

628) Dizer que a Justiça é lenta, segundo o texto, é "um lugar comum"; isto significa que:

a) a Justiça *é*, de fato, lenta.
b) a Justiça é considerada lenta pelos meios de comunicação de massa.
c) a afirmativa sobre a lentidão da Justiça é feita de forma irresponsável.
d) a lentidão da Justiça é tema repetitivo.
e) a Justiça é lenta nos casos em que estão envolvidas pessoas comuns.

629) "É lugar comum a afirmação de que a Justiça é lenta, de que os processos judiciais demoram excessivamente."; a terceira oração desse período funciona, em relação à segunda, como uma:

a) retificação
b) explicitação
c) complementação
d) adição
e) alternativa

630) Segundo o texto, os meios de comunicação de massa:

a) apontam a morosidade judicial como um mal predominante nas coisas da Justiça.
b) já fizeram estudos a respeito da morosidade judicial.
c) colaboram para que a imagem de lentidão na Justiça se acabe.
d) fazem com que uma probabilidade se torne "verdade".
e) desconhecem que a maioria dos casos judiciais é rapidamente resolvida.

631) A imprensa escrita, rádio e televisão são apontados como meios de comunicação "de massa", e são assim denominados porque:

a) envolvem grande quantidade de pessoas.
b) trabalham para receptores desconhecidos.
c) mostram a realidade das classes mais populares.
d) não revelam preocupações sociais.
e) não defendem qualquer preconceito social.

632) "...os meios de comunicação de massa (imprensa escrita, rádio e televisão)..."; os termos entre parênteses, neste texto da revista da Escola de Magistratura:

a) mostram a preocupação do autor com a clareza argumentativa.
b) trazem uma explicação necessária, já que se trata de conhecimento novo.
c) classificam os meios de comunicação de massa segundo os sentidos predominantes.
d) esclarecem que o autor se limita a alguns dos meios de comunicação de massa.
e) esclarecem, talvez desnecessariamente, o conteúdo semântico do termo anterior.

633) "...repetem a observação, sem qualquer ressalva, e contribuem para tornar a lentidão judicial uma verdade."; considerando-se a mensagem do texto, o segmento "sem qualquer ressalva" nos diz, implicitamente, que a "ressalva" deveria conter:

a) informações sobre a causa da lentidão judicial
b) dados que atenuassem a idéia de que a Justiça é lenta
c) indicações das péssimas condições de trabalho da Justiça
d) protestos sobre os baixos salários do Judiciário
e) a confissão de desconhecimento do assunto por parte da imprensa

634) O vocábulo "ressalva" aparece no *Michaelis - Moderno dicionário da língua portuguesa* (Melhoramentos, SP, 1998, p. 1829) com 6 significados, dos quais relacionamos cinco nos itens abaixo; o significado mais adequado à situação desse vocábulo no texto é:

a) nota em que se corrige um erro que passou no texto
b) nota escrita que põe alguém a salvo; documento de garantia
c) exceção, reserva
d) cláusula
e) reparação de erro; errata

635) O fato de usarem-se aspas na palavra *verdade*, ao final do primeiro parágrafo, indica que:

a) a palavra está empregada com valor humorístico.
b) o autor pretende dar ao termo um novo significado.
c) o autor não concorda totalmente que a lentidão judicial seja uma realidade.
d) o texto quer destacar o termo, valorizando o seu sentido original.
e) o vocábulo é empregado com valor pejorativo.

636)"Os que assim procedem, <u>certamente justificados por grande número de casos</u> morosos, não sabem..."; o segmento sublinhado quer dizer, no contexto em que se insere, que:

a) ocorrem muitos casos comprovadores de lentidão judicial, em que se apoiam os que acusam a Justiça por esse defeito.
b) há um grande número de casos complicados na Justiça, o que certamente justifica a demora em sua apreciação.
c) os que defendem a Justiça justificam a demora pelo grande número de casos a apreciar.
d) o grande número de casos leva a que se justifique a demora da Justiça, alegando-se a preocupação com a certeza do julgamento.
e) muitos casos demoram na Justiça muito mais do que o esperado.

637) Segmento do texto que NÃO apresenta um argumento de defesa diante das acusações de lentidão judicial:

a) "os que assim procedem, certamente justificados por grande número de casos morosos,..."
b) "...não sabem que muitos processos têm andamento célere,..."
c) "...terminam rapidamente;"
d) "...que, com freqüência, os procedimentos judiciais são, na prática, mais rápidos do que os da esfera administrativa,..."
e) "...há quem sustente que a grande maioria dos processos acaba razoavelmente depressa;"

638) "...apesar das <u>garantias de igualdade entre as partes, oportunidades para</u> intervir, e tudo o mais."; dentro da situação do texto, os elementos sublinhados atuam como:

a) causas de maior rapidez para os processos da área administrativa
b) argumentos que justificam a maior rapidez na apreciação dos processos
c) desvantagens no julgamento dos processos da área administrativa
d) elementos que colaboram para a lentidão dos processos judiciais
e) razões que confirmam a rapidez no julgamento dos processos administrativos

639) "Por outro lado, há quem sustente que a grande maioria dos processos acaba razoavelmente depressa;"; a expressão *por outro lado* tem, neste caso, valor de:

a) adição
b) oposição
c) comparação
d) concessão
e) explicação

640) "...precisamente porque minoria, os processos muito demorados constituem afastamento da regra geral, são curiosidades e, portanto, notícia."; infere-se desse segmento do texto que:

a) quanto mais raro o fato, maior o interesse público por ele.

b) os jornais só se interessam pelos aspectos negativos dos fatos.
c) a lentidão é a regra geral na apreciação dos processos judiciais.
d) os processos julgados de forma rápida são exceção da regra.
e) os processos com curiosidades raras provocam maior interesse dos jornais.

641) As perguntas do quinto parágrafo do texto:

a) representam dúvidas da população em geral sobre o tema abordado no texto.
b) indicam questões que só os advogados experientes podem responder.
c) introduzem novos pensamentos para a reflexão do autor.
d) são questionamentos possíveis e ainda não respondidos.
e) propõem uma nova maneira de encarar o problema discutido no texto.

642) A principal mensagem do autor do texto é:

a) a lentidão judicial é um mal real, mas que pode ser combatido e solucionado, se os meios de comunicação de massa prestarem a sua colaboração.
b) antes de qualquer outra medida, é preciso que se verifique a realidade do problema da lentidão judicial para que só então se tomem as medidas adequadas.
c) a lentidão judicial é vista de dois modos, daí que se torne confusa a situação entre otimistas e pessimistas.
d) as deficiências existentes nos processos judiciais podem ser superadas se os interessados se apoiarem na experiência bem sucedida dos processos administrativos.
e) cabe aos profissionais do Direito defender o seu prestígio, bastante abalado pela visão pessimista, divulgada pela imprensa, sobre a lentidão judicial.

TEXTO LXXXIX

AUXILIAR JUDICIÁRIO DO TALCRIM

DO PÚBLICO E DO PRIVADO

A discussão sobre os limites do domínio público e do domínio privado ocupou um lugar quase inusitado nos debates da atualidade.

Podemos, é claro, atribuir esse interesse à perspectiva, agora frustrada, da revisão da Carta Constitucional, que implicaria a possibilidade de **5** redefinição do papel do Estado e, conseqüentemente, do que se convencionou chamar de sociedade civil. Mas a simples possibilidade de rever a Carta Magna não parece ser um fator decisivo para tornar esse debate tão atual. Talvez seja mais sensato admitir que, nos últimos anos, e isso não somente no Brasil, mas em boa parte das sociedades **10** industrializadas, as fronteiras entre o público e o privado se modificaram de forma radical, transformando os velhos parâmetros, que estabeleciam as obrigações e limites do Estado, em peças arcaicas de uma época que não conhecia as novas relações econômicas, nem as novas formas de organização nas sociedades pós-industriais. Seja como for, podemos **15** situar nosso tema num terreno muito mais vasto do que nossa permanente crise conjuntural, e, por isso mesmo, atribuir-lhe um significado muito maior do que devemos dispensar às eternas confusões de nossas despreparadas classes dirigentes.

(Newton Bignotto, Cadernos da Escola do Legislativo, n° 2, julho. dez. 1994, B. Horizonte, MG, 1994)

643) No título, os vocábulos <u>público</u> e <u>privado</u> se opõem:

a) sintática e semanticamente
b) morfológica e sintaticamente
c) fonética e morfologicamente
d) semanticamente
e) sintaticamente

644) Os vocábulos <u>público</u> e privado tiveram sua classe morfossintática original modificada em função da:

a) presença do artigo definido
b) ausência dos substantivos determinados
c) necessidade de dar-lhes outro valor semântico
d) utilização da presença da preposição de
e) ausência de advérbios determinantes

645) O primeiro período do texto acrescenta em relação ao título uma:

a) retificação do significado dos termos empregados
b) especificação do termo de discussão
c) ampliação do termo de discussão
d) oposição ao textualmente esperado
e) justificativa da escolha temática do texto

646) ***Podemos, é claro, atribuir esse interesse à*** **perspectiva,... A utilização textual do termo sublinhado indica:**

a) a necessidade de explicar algo
b) o reconhecimento de uma evidência
c) a obrigação de referir-se a tema bastante conhecido
d) uma condição de tratamento do tema
e) o objetivo de dar ênfase a determinado termo

647) Em que item a seguir não ocorre uma localização temporal do texto em relação ao momento de sua produção e leitura?

a) ...ocupou um lugar quase inusitado nos debates da atualidade.
b) ...atribuir essa perspectiva, agora frustrada, de revisão da Carta
1 c) ...não parece ser um fator decisivo para tornar esse debate tão atual.
d) Talvez seja mais sensato admitir que, nos últimos anos,...;
e) Seja como for, podemos situar nosso tema num terreno muito mais vasto...

648) ***Podemos, é claro, atribuir esse interesse à perspectiva, agora frustrada, de revisão da Carta Constitucional...*** **Esse argumento textual:**

a) aparece como elemento central da argumentação textual.
b) é simplesmente um argumento que vai ser descartado.
c) mostra a idéia do autor contrária à opinião pública.
d) indica um terreno vasto de nossa crise conjuntural.
e) denuncia os políticos como responsáveis por nossa crise permanente.

649) ***...que implicaria a possibilidade de redefinição do papel do Estado, e, conseqüentemente, do que se convencionou chamar de sociedade civil.*** **O uso de** ***conseqüentemente*** **indica que:**

a) há mais de uma conseqüência da revisão da Carta Magna
b) a redefinição de sociedade civil está ligada à do Estado.
c) sociedade civil e Estado são elementos distintos.
d) a redefinição de sociedade civil implica a redefinição de Estado.
e) a redefinição de Estado cria a sociedade civil.

650) ***Talvez seja mais sensato admitir que, nos últimos anos, e isso não somente no Brasil, mas em boa parte das sociedades industrializadas, as fronteiras entre o público e o privado se modificaram de maneira radical,...*** **Assinale o comentário correto sobre a frase destacada:**

a) o autor apresenta sua opinião de forma peremptória.
b) o texto coloca o Brasil entre as sociedades industrializadas.
c) o autor afirma que há outras opiniões mais sensatas sobre o tema.
d) o texto indica a diferença entre o Brasil e as sociedades industrializadas.
e) no Brasil, as modificações não se processaram de forma radical.

651) ***...transformando os velhos parâmetros...*** **O termo destacado na frase do texto <u>não</u> tem como significação adequada:**

a) regulamentos
b) princípios
c) modelos
d) peças
e) leis

652) As críticas presentes no texto se dirigem claramente:

a) aos jornalistas
b) aos empresários
c) ao povo brasileiro
d) aos dirigentes do país
e) aos intelectuais

TEXTO XC

NÍVEL TÉCNICO - MPU
HISTÓRIA DE BEM-TE-VIS

Com estas florestas de arranha-céus que vão crescendo, muita gente pensa que passarinho é coisa só de jardim zoológico; e outros até acham que seja apenas antigüidade de museu. Certamente, chegaremos lá... mas, por enquanto, ainda existem bairros afortunados, onde haja uma **5** casa, casa que tenha um quintal, quintal que tenha uma árvore. Bom será que essa árvore seja a mangueira: pois nesse vasto palácio verde podem morar muitos passarinhos.

Os velhos cronistas encantaram-se com canindés e araras, tuins e sabiás, maracanãs e "querejuás todos azuis de cor finíssima..."
10 Nós esquecemos tudo: quando um poeta menciona um pássaro, o leitor pensa que *é* literatura...

Pois há um passarinho chamado bem-te-vi. Creio que está para acabar. E é pena, pois, com esse nome que tem, e que é a sua própria voz, devia estar em todas as repartições públicas (e em muitos outros lugares), **15** numa elegante gaiola, para no momento oportuno anunciar a sua presença. Seria um sobressalto providencial e sob forma tão inocente e agradável que ninguém, decerto, se aborreceria.

Mas o que me leva a crer no desaparecimento do bem-te-vi são as mudanças que começo a observar na sua voz. O ano passado, aqui **20** nas mangueiras dos meus simpáticos vizinhos, apareceu um bem-te-vi caprichoso, muito moderno, que se recusava a articular as três sílabas tradicionais do seu nome. Limitava-se a gritar: "... te vi!... te vi!..." com a maior irreverência gramatical. Como dizem que as últimas gerações andam muito rebeldes e novidadeiras, achei natural que também os **25** passarinhos estivessem contagiados pelo novo estilo humano.

Mas logo a seguir, o mesmo passarinho - o seu filho, ou seu irmão, como posso saber, com a folhagem cerrada da mangueira? animou-se a uma audácia maior. Não quis saber das duas sílabas, e gritava apenas, daqui, dali, invisível e brincalhão: "... Vi! ...vi! ...vi!..." - o que me **30** pareceu ainda mais divertido.

O tempo passou. O bem-te-vi deve ter viajado; talvez seja cosmonauta, talvez tenha voado com o seu time de futebol... Afinal tudo pode acontecer com bem-te-vis tão progressistas, que rompem com o canto da família e mudam os lemas dos seus brasões. Talvez tenha sido **35** atacado por esses crioulos fortes que agora saem do mato de repente e disparam sem razão nenhuma contra o primeiro vivente que encontram. Mas hoje tornei a ouvir um bem-te-vi cantar. E cantava assim: "Bem-bembem-...-te-vi!" Pensei: "É uma nova escola poética que se eleva das mangueiras!..." Depois o passarinho mudou. E fez: "Bem-te-te-te-...-vi!"
40 Tornei a refletir: "Deve ser pequenino e estuda a sua cartilha..." E o passarinho: "Bem-bem-bem-te-te-te-vi-vi-vi...!"

Os ornitólogos devem saber se isso é caso comum ou raro. Eu jamais tinha ouvido coisa igual. Mas as crianças, que sabem mais do que eu, e vão diretas aos assuntos, ouviram, pensaram, e disseram: "Que **45** engraçado! Um bem-te-vi gago!" Então, talvez seja mesmo só gagueira...

(Cecília Meireles, *Quadrante 2*, Rio de Janeiro, 1963, com adaptações)

653) De acordo com a crônica, assinale a opção incorreta.

a) Os jovens andam contagiados por um novo estilo de vida.
b) Há uma tendência de que as pessoas esqueçam as coisas do passado.
c) Nas grandes cidades, só se vê passarinho no jardim zoológico e nos museus.
d) Os cronistas antigos ficavam admirados com a grande quantidade de pássaros existentes.
e) A autora insinua que o bem-te-vi deveria estar nas repartições públicas como sinal de alerta.

654) Assinale a opção correta.

a) O cenário geral apresentado na crônica é uma pequena cidade do interior.
b) A mangueira é comparada a um "palácio verde" (linha 6) pela sua dimensão e pela cor de sua folhagem; nesse "palácio" podem se abrigar muitos passarinhos.
c) Os funcionários públicos ficariam contrariados, caso aparecesse um bem-te-vi na repartição.
d) A razão que leva a autora a acreditar que o bem-te-vi sumiu é o fato de ele ter parado de cantar na mangueira.
e) Está claro no texto que, na casa da autora, existiam muitas mangueiras.

655) Nos três últimos parágrafos, a autora fala de dois bem-te-vis diferentes. Assinale a opção que corresponde ao sentido contido nesses parágrafos.

a) A autora crê que os ornitólogos não sabem explicar ao certo o que aconteceu com o bem-te-vi.
b) A autora concorda plenamente com as crianças acerca da gagueira do bem-te-vi.
c) A autora tem certeza de que o primeiro bem-te-vi migrou para outra região.
d) O segundo bem-te-vi é experiente e bom cantador.
e) O segundo bem-te-vi modifica seu jeito de cantar.

656) Era "achei natural que também os passarinhos estivessem contagiados pelo novo estilo humano" (linha 24/25), a expressão destacada corresponde semanticamente a:

a) pela modernidade
b) pela tradição
c) pela antigüidade

d) pela mudança
e) pela literatura

657)A locução verbal, formada por um verbo auxiliar e uma forma nominal, expressa os diversos aspectos do desenvolvimento da ação verbal. Assinale a opção em que a locução não corresponde ao aspecto verbal indicado.

a) “Com estas florestas de arranha-céus que **vão crescendo”** (linha 1) / ação progressiva
b) “Creio que **está para acabar”** (linhas 12 e 13) / ação iminente
c) “tudo **pode acontecer”** (linha 32/33) / ação possível
d) “Mas hoje **tornei a ouvir”** (linha 37) / ação iterativa
e) “O bem-te-vi **deve ter viajado”** (linha 31) / ação obrigatória

658) Em “Limitava-se a gritar:’... te vi!... te vi!...’ com a maior irreverência gramatical.” (linha 22/23), a autora refere-se

a) ao uso da linguagem coloquial
b) ao uso indevido da pontuação
c) à colocação do pronome em próclise
d) à colocação do pronome em ênclise
e) à articulação incorreta do bem-te-vi

TEXTO XCI

ATENDENTE JUDICIÁRIO - TALCRIM
HOMEM NO MAR

De minha varanda vejo, entre árvores e telhados, o mar. Não há ninguém na praia, que resplende ao sol. O vento é nordeste, e vai tangendo, aqui e ali, no belo azul das águas, pequenas espumas que marcham alguns segundos e morrem, como bichos alegres e humildes; perto da terra a onda é verde.

Mas percebo um movimento em um ponto do mar; é um homem nadando. Ele nada a uma certa distância da praia, em braçadas pausadas e fortes; nada a favor das águas e do vento, e as pequenas espumas que nascem e somem parecem ir mais depressa do que ele.

Justo: espumas são leves, não são feitas de nada, toda sua substância é água e vento e luz, e o homem tem sua carne, seus ossos, seu coração, todo seu corpo a transportar na água. Ele usa os músculos com uma calma enérgica; avança. Certamente não suspeita de que um desconhecido o vê, e o admira porque ele está nadando na praia deserta. Não sei de onde vem essa admiração, mas encontro nesse homem uma nobreza calma, sinto-me solidário com ele, acompanho o seu esforço solitário como se ele estivesse cumprindo uma velha missão. Já nadou em minha presença uns trezentos metros; antes não sei; duas vezes o perdi de vista, quando ele passou atrás das árvores, mas esperei com toda confiança que reaparecesse sua cabeça, e o movimento alternado de seus braços. Mais uns cinqüenta metros, e o perderei de vista, pois um telhado o esconderá. Que ele nade bem esses 50 ou 60 metros; isto me parece importante; é preciso que conserve a mesma batida de sua braçada, e que eu o veja desaparecer assim como o vi aparecer, no mesmo rumo, no mesmo ritmo, forte, lento, sereno. Será perfeito; a imagem desse homem me faz bem. É apenas a imagem de um homem, e eu não poderia saber sua idade, nem sua cor, nem os traços de sua cara. Estou solidário com ele, e espero que ele esteja comigo. Que ele atinja o telhado vermelho, e então eu poderei sair da varanda tranqüilo, pensando - “vi um homem sozinho, nadando no mar; quando o vi ele já estava nadando; acompanhei-o com atenção durante todo o tempo, e testemunho que ele nadou sempre com firmeza e correção; esperei que ele atingisse um telhado vermelho, e ele o atingiu”.

Agora não sou mais responsável por ele; cumpri o meu dever, e ele cumpriu o seu. Admiro-o. Não consigo saber em que reside, para mim, a grandeza de sua tarefa; ele não estava fazendo nenhum gesto a favor de alguém nem construindo algo de útil; mas certamente fazia uma coisa bela, e a fazia de um modo puro e viril.

Não desço para ir esperá-lo na praia e lhe apertar a mão; mas dou meu silencioso apoio, minha atenção e minha estima a esse desconhecido, a esse nobre animal, a esse homem, a esse correto irmão.

(Rubem Braga)

659) As ondas são várias vezes comparadas a bichos. Na visão do autor, o que as "animaliza" é:

a) a imagem entrecortada por árvores e telhados
b) a distância em que ele se encontra do mar
c) o vento que as empurra para a areia
d) o movimento do homem que nada

660) Para o autor, as ondas são classificadas como humildes porque:

a) são vistas de longe pelo autor.
b) ficam pequenas frente à grandeza do mar.
c) parecem subjugadas pelo vento nordeste.
d) obedecem à ordem para estourar na praia.

661) O autor, durante o texto, se transforma de espectador em químico e juiz. Esta mudança se dá, respectivamente, em:

a) ... "está nadando na praia deserta"... / ... "quando ele passou atrás das árvores"... / ... "a esse homem, a esse correto irmão"
b) ... "nade bem esses 50 ou 60 metros"... /... "a imagem desse homem me faz bem"... / ... "e o perderei de vista"
c) ... "*é* um homem nadando" / "toda sua substância é água e vento **e** luz"... / ... "mas dou meu silencioso apoio"...
d) ... "nada a favor das águas" ... / ... "minha atenção e minha estima" ... / ... "um homem sozinho no mar"

662) "Ele usa os músculos com uma calma enérgica;..." Na afirmação do autor, há uma:

a) contradição, pois o adjetivo anula o sentido do substantivo
b) complementação, feita pelo autor, dele com o nadador
c) coerência de idéias, já que se trata de músculos
d) integração do homem com o mar

663) A admiração do autor pelo homem que nadava <u>não</u> está justificada em:

a) fazia uma coisa esteticamente perfeita.
b) lutava para ser mais forte que o mar.
c) mostrava virilidade em seus gestos.
d) havia grandeza na sua tarefa.

664) "Estou solidário com ele." Segundo seu emprego, no texto, a palavra sublinhada é antônimo de:

a) indolente
b) preocupado

c) atormentado
d) descompromissado

665) A narrativa do texto nos é dada através de uma percepção que é:

a) táctil
b) visual
c) auditiva
d) sensitiva

TEXTO XCII

CONTADOR - TRF 4a REGIÃO

As condições em que vivem os presos, em nossos cárceres superlotados, deveriam assustar todos os que planejam se tornar delinqüentes. Mas a criminalidade só vem aumentando, causando medo e perplexidade na população.

Muitas vozes têm se levantado em favor do endurecimento das penas, da manutenção das penas, da manutenção ou ampliação da Lei dos Crimes Hediondos, da defesa da sociedade contra o crime, enfim, do que se convencionou chamar "doutrina da lei e da ordem", apostando em tais caminhos como forma de dissuadir novas práticas criminosas.

Geralmente valem-se de argumentos retóricos e emocionais, raramente escorados em dados de realidade ou em estudos que apontem ser esse o melhor caminho a seguir. Embora sedutora e aparentemente sintonizada com o sentimento geral de indignação, tal corrente aponta para o caminho errado, para o retorno ao direito penal vingativo e irracional, tão combatido pelo iluminismo jurídico.

O coro dessas vozes aumenta exatamente quando o governo acaba de encaminhar ao Congresso o anteprojeto do Código Penal, elaborado por renomados juristas, com participação da sociedade organizada, com o objetivo de racionalizar as penas, reservando a privação da liberdade somente aos que cometerem crimes mais graves e, mesmo para esses, tendo sempre em vista mecanismos de reintegração social.

Destaca-se o emprego das penas alternativas, como a prestação de serviços à comunidade, a compensação por danos causados, a restrição de direitos etc.

Contra a idéia de que o bandido é um facínora que optou por atacar a sociedade, prevalece a noção de que são as vergonhosas condições sociais e econômicas do Brasil que geram a criminalidade; enquanto essas não mudarem, não há mágica: os crimes vão continuar aumentando, a despeito do maior rigor nas penas ou da multiplicação de presídios.

(Adaptado de Carlos Weis. "Dos delitos e das penas". **Folha de São Paulo,** Tendências e debates, 11/11 /2000)

666) O autor do texto mostra-se:

a) identificado com o coro das vozes que se levantam em favor da aplicação de penas mais rigorosas
b) identificado com doutrina que se convencionou chamar "da lei e da ordem"
c) contrário àqueles que encontram nas causas sociais e econômicas a razão maior das práticas criminosas
d) contrário à corrente dos que defendem, entre outras medidas, a ampliação da Lei dos Crimes Hediondos
e) contrário àqueles que defendem o emprego das penas alternativas em substituição à privação da liberdade

667) Considere as seguintes afirmações:

I. Não é mais do que uma simples coincidência o fato de que a intensificação das vozes favoráveis ao endurecimento das penas ocorre simultaneamente ao envio ao Congresso do anteprojeto do Código Penal.

II. A afirmação de que há vozes em favor da manutenção da Lei dos Crimes Hediondos deixa implícito que a vigência futura dessa lei está ameaçada.

III Estabelece-se uma franca oposição entre os que defendem a "doutrina da lei e da ordem" e os que julgam ser o bandido um facínora que age por opção.

Em relação ao texto, está correto SOMENTE o que se afirma em

a) I
b) II
c) III
d) I e II
e) II eIII

668) Está corretamente traduzido o sentido de uma expressão do texto, considerando-se o contexto, em:

a) Embora sedutora e aparentemente sintonizada = Malgrado atrativa e parcialmente sincronizada
b) forma de dissuadir = modo de ratificar
c) tão combatido pelo iluminismo jurídico = de tal modo restringido pelo irracionalismo jurídico
d) a despeito do maior rigor nas penas = em conformidade com o agravamento das punições
e) mecanismos de reintegração social = meios para reinserção na sociedade

669) Por "iluminismo jurídico" deve-se entender a

a) doutrina jurídica que defende o caráter vindicativo da legislação
b) corrente dos juristas que representam a "doutrina da lei e da ordem"
c) tradição jurídica assentada em fundamentos criteriosos e racionalistas
d) doutrina jurídica que se vale de uma argumentação retórica
e) corrente dos juristas que se identificam com o sentimento geral de indignação

TEXTO XCIII

ASSISTENTE ADMINISTRATIVO - FIOCRUZ
AIDS: PAÍS PLANEJA TESE DE VACINA EM MASSA

Já começaram os preparativos para realizar no Brasil testes em larga escala de uma vacina experimental contra a Aids. Com financiamento de US$ 1,8 milhão do Governo americano, o laboratório de pesquisa em Aids do Hospital Clementino Fraga Filho (URFJ) inicia em **5** abril a seleção de mil pessoas para determinar a incidência do HIV em homossexuais e bissexuais de 18 a 35 anos, nos próximos três anos, e avaliar um esquema viável de recrutamento de voluntários para testar uma vacina em milhares de brasileiros.

Recentemente, nos Estados Unidos, uma vacina experimental **10** atingiu as condições exigidas para ser testada em larga escala, mas não havia infra-estrutura para recrutar os cerca de 20 mil voluntários necessários. Com esse projeto, queremos criar essa infra-estrutura no Brasil antes que se desenvolva um produto eficaz - explicou Mauro Schechter, chefe do laboratório.

15 Os voluntários serão recrutados entre os indivíduos que procuram os Centros de Testagem Anônima (CTA) do Hospital São Francisco de Assis (UFRJ), do Hospital Rocha Maia e de Madureira (a ser inaugurado). Os dois primeiros fazem entre 700 e mil testes de Aids por mês. Em 15% do total, aproximadamente, o resultado é positivo. Todos **20** os indivíduos do grupo estudado que fizerem testes de HIV nos CTAs serão informados sobre o programa e como podem participar.

- Comparando a quantidade de pessoas atendidas nesses centros com o número das que se interessarem em participar de um teste em larga escala, avaliaremos se a população a que se tem acesso é de **25** tamanho suficiente para o teste - disse.

Para determinar a incidência da infecção pelo vírus da Aids na amostra selecionada, serão feitos, a cada seis meses, exames laboratoriais para detectar a presença do HIV e de outros vírus causadores de doenças sexualmente transmissíveis no sangue dos voluntários. Com o mesmo **30** intervalo de tempo, essas pessoas deverão responder a questionários sobre seu comportamento com relação à Aids.

- O objetivo é saber quais são os fatores biológicos e comportamentais que predispõem à infecção - informou Schechter.

Os voluntários terão dois médicos à disposição para **35** esclarecimento de dúvidas sobre Aids e doenças sexualmente transmissíveis. Além disso, poderão participar de oficinas sobre práticas de sexo seguro e receberão preservativos para evitarem a contaminação pelo vírus.

No mês passado, a Fundação Instituto Oswaldo Cruz (Fiocruz) **40** iniciou, em conjunto com a Secretaria de Saúde do Estado de São

Paulo e a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), um projeto semelhante de verificação de incidência do HIV em homossexuais e bissexuais entre 18 e 50 anos. Somente no Rio serão acompanhados 500 indivíduos durante um ano.

45 O projeto, que será estendido a mulheres e crianças, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde (OMS) e pretende fornecer dados estatísticos sobre a propagação da Aids no país. Os resultados ajudarão a calcular em que amostra da população deverão ser realizados os testes e uma vacina anti-HIV em massa.

(O Globo, 15/01 //95, p. 36)

670) O texto só <u>não</u> faz menção ao seguinte assunto:

a) esclarecimentos sobre doenças venéreas
b) estudo sobre o comportamento humano em relação à Aids
c) recrutamento de voluntários para uma vacina experimental
d) verificação da incidência da Aids nos chamados "grupos de risco"
e) o papel da Organização Mundial de Saúde no combate à Aids

671) Dentre as afirmativas abaixo, a que <u>não</u> se encontra no texto é:

a) Já há no Brasil um projeto que visa verificar a incidência do HIV em determinada faixa da população.
b) Os questionários sobre comportamento poderão abrir caminho para uma nova droga contra a Aids.
c) Os testes em larga escala de uma vacina contra a Aids estão condicionados a um esquema eficaz de recrutamento de voluntários.
d) Os Centros de Testagem Anônima informarão aos interessados como poderão participar do teste de uma vacina contra a Aids.
e) A seleção das pessoas para a pesquisa do Hospital Clementino Fraga também servirá para que se avalie a aplicação dos testes de uma vacina em milhares de voluntários.

672) Segundo o texto, o convênio firmado entre a Fundação Oswaldo Cruz, a Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo e a Universidade Federal de Minas Gerais visa atingir o seguinte objetivo:

a) Dar condições às demais instituições brasileiras para aplicar em voluntários os testes de uma vacina experimental contra a Aids.
b) Preparar a infra-estrutura necessária para a aplicação da vacina experimental contra a Aids.
c) Levantar os fatores biológicos e comportamentais que predispõem o homem à infecção.
d) Estender a mulheres e crianças o teste de uma vacina experimental contra a Aids.

e) Verificar a incidência da Aids em um grupo de pessoas com características predeterminadas.

673) Segundo o texto, a distribuição de preservativos tem o seguinte objetivo:

a) Incentivar a prática do sexo seguro.
b) Preservar a contaminação dos voluntários.
c) Evitar a proliferação do vírus nos voluntários.
d) Preparar os voluntários para as oficinas sobre prática do sexo seguro.
e) Resguardar os voluntários de dúvidas quanto às doenças sexualmente transmissíveis.

674) Quanto ao teste a ser aplicado no Brasil, o texto afirma que:

a) sua aplicação está condicionada à criação de oficinas sobre práticas de sexo seguro.
b) serão feitos exames mensais para detectar a presença do HIV no sangue dos voluntários.
c) os voluntários serão escolhidos entre aqueles que procuram os Centros de Testagem Anônima.
d) seu objetivo é elaborar um questionário eficiente para levantar o perfil comportamental dos voluntários.
e) serão convocados dois médicos para esclarecer aos voluntários a melhor maneira de responder ao questionário sobre comportamento sexual.

675) A Organização Mundial de Saúde ofereceu apoio ao projeto de que participa a seguinte instituição:

a) Hospital Rocha Maia
b) Hospital São Francisco de Assis
c) Hospital Clementino Fraga Filho
d) Universidade Federal de Minas Gerais
e) Centro de Testagem Anônima de Madureira

676) Segundo o texto, a vacina experimental norte-americana não foi testada devido ao seguinte fato:

a) Não houve possibilidade de recrutamento dos voluntários necessários.
b) A eficácia da vacina só poderá ser avaliada nos próximos três anos.
c) havia necessidade de se desenvolver um produto mais eficaz antes de levar adiante a experiência.
d) O financiamento de US$ 1,8 milhão foi concedido a uma instituição brasileira, o Hospital Clementino Fraga Filho.
e) Como os testes só poderiam ser aplicados em mais de mil pessoas, não havia infra-estrutura para tal empreendimento.

677) O texto informa que será possível saber se o número de pessoas disponíveis para o teste da vacina experimental é suficiente em função dos seguintes dados:

a) O número de pessoas atendidas nos Centros de Testagem Anônima e o número de pessoas interessadas em um teste de grandes proporções.
b) O percentual de homossexuais e bissexuais que será pesquisado, somado ao número de pessoas interessadas em vacinas experimentais.
c) O número de indivíduos excluídos dos Centros de Testagem Anônima e o percentual de pessoas dispostas a participar de um teste em larga escala.
d) O percentual de indivíduos sadios que procuram os Centros de Testagem Anônima e o número de indivíduos que podem participar de testes em larga escala.
e) O número de pessoas infectadas que procuram os Centros de Testagem Anônima e o percentual de pessoas não-infectadas que se interessam pela pesquisa.

678) O texto informa que uma pesquisa acerca da incidência do HIV, a ser desenvolvida nos próximos três anos, será aplicada em:

a) mulheres e crianças
b) cerca de 20 mil voluntários
c) homossexuais entre 18 e 50 anos
d) homossexuais e bissexuais de 18 a 35 anos
e) voluntários que procuram os Centros de Testagem Anônima

679) O texto vincula a participação da Organização Mundial de Saúde em um projeto desenvolvido por entidades brasileiras na forma de um:

a) auxílio logístico
b) apoio institucional
c) incentivo pecuniário
d) amparo organizacional
e) assessoramento operacional

TEXTO XCIV

ESCRITURÁRIO - BANCO DO BRASIL
TEXTO 1
CONSUMIR NÃO É PECADO
A maneira como o consumo é visto no Brasil explica um bocado de coisas

Muita gente no Brasil vê o consumismo como um gesto um pouco nobre. Atribuem-se à sua lógica coisas como a depauperação dos valores e o acirramento de desigualdades sociais. Essa postura está refletida já em nosso léxico. O verbo "consumir", segundo o *Aurélio*, **5** significa: "1. Gastar ou corroer até a destruição; devorar, destruir, extinguir [...] 2. Gastar, aniquilar, anular [...] 3. Enfraquecer, abater [...] 4. Desgostar, afligir, modificar [...] 5. Fazer esquecer, apagar [...] 6. Gastar, esgotar [...]". Os sentidos são negativos; as condições, pejorativas. Não há uma única referência à idéia de comprar ou adquirir. Muito menos uma **10** associação com o ato de satisfazer uma necessidade ou saciar um desejo. Um marciano de boa índole, que tivesse chegado à Terra pelo Brasil e estivesse estudando a humanidade munido da língua portuguesa, certamente anotaria na agenda que "consumir" é uma das coisas ruins que se fazem por aqui. (...)

15 Por que, enfim, tantas reservas em relação ao consumo?
O primeiro foco de explicação para essa antipatia reside no fato de que nossa economia fechada sempre encurralou os consumidores no país. A falta de um leque efetivo de opções de compra tem deixado os consumidores à mercê dos produtores no Brasil. Não por acaso, os **20** apologistas do consumo entre nós têm sido basicamente aqueles que podem exercer seu inchado poder de compra sem tomar conhecimento das fronteiras nacionais. O resto da população, mantida em situação vulnerável, ignora os benefícios de uma economia baseada no consumo.

Mais do que isso, o entrincheiramento de consumidores no mercado **25** doméstico fez, ao longo dos anos, com que a própria imagem do cliente se deturpasse no país. No capitalismo avançado, a oferta corre atrás da demanda - o vendedor lisonjeia o comprador, trata-o bem, estende à sua frente o tapete vermelho.

No Brasil, ao contrário, os clientes servem às empresas **30** documente. É como se o capital no país, ao produzir e vender, fizesse um favor aos consumidores. Quem tem chiliques para ter seus caprichos, desejos e necessidades atendidos por aqui são os produtores, e não os clientes - um disparate. (...)

Só se pode falar efetivamente em sociedade de consumo se a **35** competição entre os produtores for aberta, aguda e justa. Essa é a alavanca que coloca o consumidor no camarote, no centro e acima da arena econômica. (...)

A segunda explicação para as travas brasileiras em relação ao consumo está no fato de que ele, enquanto acesso a benesses materiais, **40** sempre foi privilégio de poucos no país. Outra vez a estrutura social fendida em dois extremos, que arquitetamos no passado, azucrina nosso presente e atravanca nosso futuro. Com um detalhe: o aparecimento de hábitos de consumo avançados nos últimos anos, na porção abastada da sociedade brasileira, acarretou um aumento das tensões em relação à **45** porção destituída. (...)

Para responder a esse segundo foco de crítica, é necessário perceber que uma sociedade de consumo não funciona se não se fizer extensiva a todos os indivíduos. O acesso ao consumo é um direito individual *sine qua non* em uma economia desenvolvida. (...)

50 Ao transformar o sertanejo, o peão, o matuto em consumidores, o consumo se revela um método extremamente eficaz para integrar os excluídos e estender a cidadania a todos os brasileiros. Passando ao largo de discursos grandiloqüentes e demagogias ocas, o advento de uma sociedade de consumo no Brasil funcionaria como atalho **55** econômico para a solução de muitas de nossas mazelas. (...)

(Adriano Silva-EXAME-3/12/97, adaptado)

680) Com a alusão às definições do verbo *consumir*, o autor pretende:

a) demonstrar o cuidado com o significado no uso de determinadas palavras.
b) enfatizar a idéia de consumismo como algo prejudicial à sociedade.
c) esclarecer qualquer dúvida que o leitor possa ter quanto à significação do termo.
d) explicar o comportamento preconceituoso de muita gente quanto ao ato de consumir.
e) mostrar a incoerência entre o significado do termo e o comportamento das pessoas.

681) Para o autor, o consumismo se constitui na(o):

a) maneira mais fácil de manipular as massas
b) forma de exacerbar os desníveis sociais
c) estratégia que transforma o consumidor em cidadão
d) estímulo à depauperação de valores
e) hábito característico de países do terceiro mundo

682) O texto aponta como uma das razões para a idéia deturpada de consumidor que há no país:

a) o entrincheiramento de consumidores no mercado doméstico
b) o advento de uma sociedade de consumo
c) a sociedade de consumo extensiva a todos
d) a transformação do sertanejo, do peão e do matuto em consumidores

e) discursos grandiloqüentes e demagogias ocas

683) Segundo o autor, existe uma tensão entre a classe privilegiada e a classe destituída. Essa tensão é causada por:

a) avanço cultural das classes abastadas
b) ignorância da porção destituída da sociedade
c) resistência da sociedade a uma economia desenvolvida
d) desigualdade de condições de acesso aos bens
e) travas brasileiras em relação ao consumo

684) A expressão "Não por acaso" (l. 19), ao iniciar o período, indica:

a) justificativa
b) ênfase
c) indagação
d) concessão
e) finalidade

685) Em "...o vendedor lisonjeia o comprador, trata-o bem, estende à sua frente o tapete vermelho." (l. 27/28); estende o tapete vermelho seria uma comparação dos compradores a:

a) consumidores desatentos
b) apologistas do consumo
c) produtores vulneráveis
d) visitantes ilustres
e) empresários eficientes

686) A atitude dos produtores em relação aos consumidores e o fato de que só parte da sociedade tem a prerrogativa do consumo são apresentados pelo autor como:

a) motivos da demanda da parte vulnerável da população
b) conseqüências de uma apologia ao consumismo
c) explicações para as reservas em relação ao consumo
d) resultados da transformação dos destituídos em cidadãos
e) soluções para o acesso indiscriminado ao consumo

TEXTO XCV

ESCRITURÁRIO - BANCO DO BRASIL
TEXTO II
MODERNIDADE É HUMANIDADE

Pensar qual o processo de desenvolvimento que queremos é um dos pontos fundamentais da Ação pelo Emprego e o Desenvolvimento. Temos uma massa de desempregados de "quarto mundo" enquanto a classe empresarial, ao pensar em emprego, pensa **5** em um mercado para país de "primeiro mundo". Quando pensamos em emprego pensamos em crescimento, em integração no processo produtivo? O que passa exatamente pela cabeça da sociedade e dos empresários que convivem com a fantástica situação dos países do primeiro mundo que têm um PIB sensacional... e o desemprego igual?

10 O grande desafio colocado hoje, principalmente para a ciência e a tecnologia, é: como podemos pensar uma sociedade onde haja lugar, espaço e ocupação para todos os seus membros? Um processo capaz de incorporar e não de excluir e marginalizar, até porque não inventamos ainda uma sociedade onde 5% trabalham e 95% vivem de bolsa de estudo, **15** ou de bolsa de consumo. Seria uma forma de distribuir a riqueza, dar "vale cidadania" pra todo mundo. O sujeito iria com o seu vale e teria saúde, educação, bolsa de alimentação. Sem dúvida, um quadro formidável, mas totalmente irreal.

O problema imediato é pensar primeiro o desenvolvimento **20** humano. É essa a grande questão que desafia a ciência e, portanto, as pesquisas e a tecnologia a terem como principal parâmetro a sociedade. Na verdade, estamos diante de uma questão ética. A quem serve nosso conhecimento? A quem serve a economia? Para quem exatamente pensamos o desenvolvimento? Para darmos respostas a estes problemas, **25** fica impossível olhar pelo retrovisor. É preciso pensar o futuro, em como reinventar a sociedade, isto é, as relações culturais e econômicas e as relações de poder. Com essa visão, a ciência e a tecnologia podem perfeitamente questionar o mundo atual e contribuir para criar um novo, porque este, definitivamente, não está dando certo.

30 O que é importante perceber é que estamos hoje diante da consciência de que o desenvolvimento humano se constitui no grande desafio moderno. Modernidade é humanidade. E essa visão só é possível para quem pensa a sociedade do ponto de vista ético. (...)

Ironias à parte, entendo que, deste ponto de vista, a **35** contribuição das universidade e também do mundo empresarial, apesar de sua visão imediatista e muito ligada ao primeiro mundo, é da maior importância, porque, quando qualquer setor coloca como questão central a estabilização da economia, faz aterrissar no centro de nossa agenda um problema, quando a questão central é: como eliminar, num prazo digno, a

40 miséria, a indigência e a fome? E é para isso que inteligências e vontades têm que se dirigir.

Quando colocamos o emprego como arma contra a miséria, apontamos caminhos e saímos Brasil afora cobrando essa resposta, porque não temos mais tempo. Estamos correndo contra o tempo, contra **45** esta tragédia que se estabeleceu no país. O Brasil não pode mais aumentar a sua taxa de indigência, sua massa de indigentes. Não falamos mais de pobreza e sim de indigência - o estado extremo da miséria.

A Ação da Cidadania contra a Miséria e pela Vida e a Ação pelo Emprego e o Desenvolvimento existem, crescem e ecoam hoje em **50** milhares de comitês, na mais densa corrente de solidariedade já construída nos últimos tempos, porque - mesmo sabendo que está fazendo o caminho da história pela contramão - a sociedade brasileira confia na mudança.

(HERBERT DE SOUZA - Adaptado)

687) Pode-se depreender da leitura do primeiro parágrafo que:

a) há, no país, uma massa de desempregados de "quarto mundo" aguardando uma oportunidade de se incorporar à classe empresarial.
b) há um descompasso entre as expectativas dos empresários quanto ao mercado e o nível dos desempregados.
c) para o autor, é a massa de desempregados de "quarto mundo" que fará subir o PIB nacional.
d) ao pensar em mercado de primeiro mundo, a classe empresarial demonstra ignorar o problema do desemprego.
e) a Ação pelo Emprego e o Desenvolvimento foi criada para que pudesse haver a estabilização da moeda.

688) Em "Seria uma forma de distribuir a riqueza, dar <u>'vale</u> cidadania' pra todo mundo". (/. 15/16), a expressão sublinhada reflete uma ironia do autor porque:

a) a cidadania não é conquistada através de um vale.
b) a riqueza, num país, distribui-se por meio de donativos.
c) a distribuição de vales não admite a exclusão social.
d) as bolsas de consumo propiciam as transformações sociais.
e) os subsídios desfazem a desigualdade social.

689) No quarto parágrafo o autor afirma: "Modernidade é humanidade. E essa visão só é possível para quem pensa a sociedade do ponto de vista ético." (/. 32-33). Assinale a opção que NÃO confirma esta idéia.

a) Um país avança e se desenvolve satisfatoriamente quando há a adequada integração da sociedade ao processo produtivo.

b) Ciência e tecnologia constituem fatores indispensáveis ao desenvolvimento, se tiverem como parâmetro a sociedade.
c) O crescimento de um país se dá à medida que há a prioridade para o desenvolvimento humano.
d) O emprego deve ser sempre planejado em função do tipo de desenvolvimento que se quer para o país.
e) O crescimento de um país mede-se pelo comportamento de primeiro mundo, demonstrado pela sociedade.

690)Em "...e **também do mundo empresarial, <u>apesar de sua visão imediatista</u> e muito ligada ao primeiro mundo..." *(l.* 35-36), a parte sublinhada pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:**

a) quanto à sua visão imediatista
b) caso seja sua visão imediatista
c) em razão da sua visão imediatista
d) enquanto sua visão *é* imediatista
e) ainda que considerando sua visão imediatista

691) Leia atentamente a afirmativa:

A exclusão social poderá ser afastada pela. Analise os trechos abaixo, preenchendo os parênteses com (V) ou (F), conforme completem a afirmativa dada de modo verdadeiro ou falso, segundo o sentido geral do texto. A seqüência correta é:

( ) possibilidade de ocupação para todos os membros da sociedade
( ) distribuição equânime da riqueza
( ) alienação do indivíduo do processo produtivo
( ) eliminação da taxa de indigência
( ) volta aos processos de desenvolvimento do passado

a) F-V-V-V-F
b) F-F-V-F-F
c) V-V-F-V-F
d) V-V-F-V-V
e) V-V-V-F-V

692) Os textos I e II apresentam como preocupação comum o (a); (Para resolver esta questão, *é* necessário voltar ao texto anterior, n° XCIV, pois ambos pertencem à mesma prova.)

a) desenvolvimento da tecnologia
b) questionamento da modernidade
c) competição entre os produtores
d) distância entre as camadas sociais
e) distribuição de parcelas do poder entre as classes

TEXTO XCVI

OF. DE JUSTIÇA AVALIADOR - CORREGEDORIA/RJ
A LIBERDADE E O CONSUMO

Quantos morreram pela liberdade de sua pátria? Quantos foram presos ou espancados pela liberdade de dizer o que pensam?

Quantos lutaram pela libertação dos escravos?

No plano intelectual, o tema da liberdade ocupa as melhores cabeças, desde Platão e Sócrates, passando por Santo Agostinho, Spinoza, Locke, Hobbes, Hegel, Kant, Stuart Mill, Tolstoi e muitos outros. Como conciliar a liberdade com a inevitável ação restritiva do Estado? Como as liberdades essenciais se transformam em direitos do cidadão? Essas questões puseram em choque os melhores neurônios da filosofia, mas não foram as únicas a galvanizar controvérsias.

Mas vivemos hoje em uma sociedade em que a maioria já não sofre agressões a essas liberdades tão vitais, cuja conquista ou reconquista desencadeou descomunais energias físicas e intelectuais. Nosso apetite pela liberdade se aburguesou. Foi atraído (corrompido?) pelas tentações da sociedade de consumo.

O que *é* percebido como liberdade para um pacato cidadão contemporâneo que vota, fala o que quer, vive sob o manto da lei (ainda que capenga) e tem direito de mover-se livremente?

O primeiro templo da liberdade burguesa é o supermercado. Em que pesem as angustiantes restrições do contracheque, são as prateleiras abundantemente supridas que satisfazem a liberdade do consumo (não faz muitas décadas, nas prateleiras dos nossos armazéns ora faltava manteiga, ora leite, ora feijão). Não houve ideal comunista que resistisse às tentações do supermercado. Logo depois da queda do Muro de Berlim, comer uma banana virou ícone da liberdade no Leste Europeu.

A segunda liberdade moderna é o transporte próprio. BMW ou bicicleta, o que conta é a sensação de poder sentar-se ao veículo e resolver em que direção partir. Podemos até não ir a lugar algum, mas é gostoso saber que há um veículo parado à porta, concedendo permanentemente a liberdade de ir, seja aonde for. Alguém já disse que a Vespa e a Lambretta tiraram o fervor revolucionário que poderia ter levado a Itália ao comunismo.

A terceira liberdade é a televisão. É a janela para o mundo. É a liberdade de escolher os canais (restritos em países totalitários), de ver um programa imbecil ou um jogo, ou estar tão perto das notícias quanto um presidente da República - que nos momentos dramáticos pode assistir às mesmas cenas pela CNN. É estar próximo de reis, heróis, criminosos, superatletas ou cafajestes metamorfoseados em apresentadores de TV.

Uma “liberdade” recente é o telefone celular. É o gostinho todo especial de ser capaz de falar com qualquer pessoa, em qualquer momento, onde quer que se esteja. Importante? Para algumas pessoas, é uma revolução no cotidiano e na

profissão. Para outras, é apenas o prazer de saber que a distância não mais cerceia a comunicação, por boba que seja.

Há ainda uma última liberdade, mais nova, ainda elitizada: a internet e o correio eletrônico. É um correio sem as peripécias e demoras do carteiro, instantâneo, sem remorsos pelo tamanho da mensagem (que se dane o destinatário do nosso attachment megabáitico) e que está a nosso dispor, onde quer que estejamos. E acoplado a ele vem a web, com sua cacofonia de informações, excessivas e desencontradas, onde se compra e vende, consomem-se filosofia e pornografia, arte e empulhação.

Causa certo desconforto intelectual ver substituídas por objetos de consumo as discussões filosóficas sobre liberdade e o heroísmo dos atos que levaram à sua preservação em múltiplos domínios da existência humana. Mas assim é a nossa natureza, só nos preocuparmos com o que não temos ou com o que está ameaçado. Se há um consolo nisso, ele está no saber que a preeminência de nossas liberdades consumistas marca a vitória de havermos conquistado as outras liberdades, mais vitais. Mas, infelizmente, deleitar-se com a alienação do consumismo está fora do horizonte de muitos. E, se o filósofo Joãosinho Trinta tem razão, não é por desdenhar os luxos, mas por não poder desfrutá-los.

(Cláudio de Moura Castro. Veja 1712,08/08/01)

693) O primeiro parágrafo do texto apresenta:

a) uma série de perguntas que são respondidas no desenrolar do texto
b) uma estrutura que procura destacar os itens básicos do tema discutido no texto
c) um questionamento que pretende despertar o interesse do leitor pelas respostas
d) um conjunto de perguntas retóricas, ou seja, que não necessitam de respostas
e) umas questões que pretendem realçar o valor histórico de alguns heróis nacionais

694) Nos itens abaixo, o emprego da conjunção OU (em maiúsculas) só tem nítido valor alternativo em:

a) “Quantos foram presos OU espancados pela liberdade de dizer o que pensam?”
b) “A segunda liberdade moderna é o transporte próprio, BMW OU bicicleta...”
c) “...de ver um programa imbecil ou um jogo, OU estar tão perto das notícias...”
d) “...só nos preocupamos com o que não temos OU com o que está ameaçado.”
e) “*É* estar próximo de reis, heróis, criminosos, superatletas OU cafajestes...”

695) O item abaixo que indica corretamente o significado da palavra em maiúsculas no texto é:

a) “...mas não foram as únicas a GALVANIZAR controvérsias.” discutir
b) “...comer uma banana virou um ÍCONE da liberdade no Leste europeu.” - fantasia
c) “...consomem-se filosofia e pornografia, arte e EMPULHAÇÃO.”; - grosseria

d) "...cafajestes METAMORFOSEADOS em apresentadores de TV." desfigurados
e) "...que a distância não mais CERCEIA a comunicação..." - impede

696) "Como conciliar a liberdade com a inevitável ação restritiva do Estado?"; nesse segmento do texto, o articulista afirma que:

a) o Estado age obrigatoriamente contra a liberdade
b) é impossível haver liberdade e governo ditatorial
c) ainda não se chegou a unir os cidadãos e o governo
d) cidadãos e governo devem trabalhar juntos pela liberdade
e) o Estado é o responsável pela liberdade da população

697) "O primeiro templo da liberdade burguesa *é* o supermercado. <u>Em que pesem as angustiantes restrições do</u> contracheque, são as prateleiras abundantemente supridas que satisfazem a liberdade do consumo..."; o segmento sublinhado corresponde semanticamente a:

a) as despesas do supermercado são muito pesadas no orçamento doméstico.
b) os salários não permitem que se compre tudo o que se deseja.
c) as limitações de crédito impedem que se compre o necessário.
d) a inflação prejudica o acesso da população aos bens de consumo.
e) a satisfação de comprar só é permitida após o recebimento do salário.

698) "Não houve ideal comunista que resistisse às tentações do supermercado"; com esse segmento do texto o autor quer dizer que:

a) todo ideal comunista se opõe aos ideais capitalistas.
b) a ideologia comunista sofre pressões por parte dos consumidores.
c) os supermercados socialistas são menos variados que os do mundo capitalista.
d) o ideal comunista ainda resiste à procura desenfreada por bens de consumo.
e) as tentações do supermercado abalaram as estruturas capitalistas.

699) "É a liberdade de escolher os canais <u>(restritos em países totalitários)</u>...."; o segmento sublinhado significa que:

a) nos países totalitários a censura impede o acesso à programação capitalista.
b) o número de canais disponíveis é bem menor do que nos países não-totalitários.
c) a televisão, nos países totalitários, é bem de que só poucos dispõem.
d) nos países totalitários todos os canais são do sistema de TV a cabo.
e) nos países totalitários, a TV não sofre censura governamental.

700) "...consomem-se filosofia e pornografia, arte e empulhação"; a forma abaixo que modifica o sentido desse segmento do texto é:

a) filosofia e pornografia, arte e empulhação são consumidas.
b) consomem-se não só filosofia e pornografia, como também arte e empulhação.
c) consome-se filosofia e pornografia, arte e empulhação.
d) consomem-se filosofia, pornografia, arte e empulhação.
e) filosofia e pornografia são consumidas como arte e empulhação.

701) "Essas questões puseram em choque os melhores neurônios da filosofia..."; esse segmento significa que:

a) os maiores filósofos se opuseram nas discussões sobre liberdade.
b) a liberdade e o consumo sempre foi motivo de discussão entre filósofos.
c) as questões citadas foram motivo de muitas preocupações filosóficas.
d) os filósofos brigaram entre si por causa da liberdade de consumo.
e) as perguntas sobre liberdade foram respondidas pelos melhores filósofos.

702) O item em que NÃO está presente uma crítica do jornalista é:

a) "Foi atraído (corrompido?) pelas tentações da sociedade de consumo."
b) "...vive sob o manto da lei (ainda que capenga)..."
c) "...de ver um programa imbecil ou um jogo,..."
d) "...consomem-se filosofia e pornografia, arte e empulhação."
e) "O primeiro templo da sociedade burguesa é o supermercado..."

703) "O que é percebido como liberdade para um pacato cidadão contemporâneo que vota, fala o que quer, vive sob o manto da lei (ainda que capenga) e tem o direito de mover-se livremente?"; segundo o texto, a resposta abaixo que é INADEQUADA é:

a) a liberdade de consumo
b) a liberdade de movimento
c) a liberdade de comunicação
d) a liberdade política
e) a liberdade religiosa

704) O item em que o autor do texto NÃO faz crítica direta ou indireta aos regimes não-democráticos é:

a) "Não houve ideal comunista que resistisse às tentações do supermercado."
b) "Logo depois da queda do Muro de Berlim, comer uma banana virou um ícone da liberdade no Leste Europeu."
c) "Alguém já disse que a Vespa e a Lambretta tiraram o fervor revolucionário que poderia ter levado a Itália ao comunismo."
d) "Como conciliar a liberdade com a inevitável ação restritiva do Estado? Como as liberdades essenciais se transformam em direitos do cidadão?"

e) “É a liberdade de escolher os canais (restritos em países totalitários), ...”

705) “Mas, infelizmente, deleitar-se com a alienação do consumismo está fora do horizonte de muitos.”; o comentário adequado a esse segmento do texto é:

a) “infelizmente” revela uma opinião do jornalista sobre o enunciado no segmento do texto.
b) o consumismo é visto como fonte de alienação.
c) muitos desejam ser consumistas, mas não podem sê-lo.
d) o consumismo é também produtor de prazer para muitos.
e) os “muitos” a que se refere o texto são os que vivem em regimes não-capitalistas.

TEXTO XCVII

ANALISTA - TJ/RJ
MELHOR QUALIDADE DE VIDA

O exemplo de Los Angeles, onde grupos sociais se organizaram para buscar soluções para seus problemas, deve ser observado com atenção. Formando, inclusive, patrulhas civis para inibir a violência urbana, demonstraram o quanto a participação de todos é vital. Sem uma mudança **5** radical de mentalidade jamais construiremos uma convivência tranqüila e segura. Cada um por si é o caminho do suicídio. Contar apenas com o governo, com a polícia, para nossa proteção, é confiar demais na sorte. Temos que assumir nossas responsabilidades. Vizinhos, amigos, qualquer um que cruze por nossa calçada não pode ser encarado como um estranho. **10** Devem ser como parte de nossas famílias.

(Jornal da Semana - 18 de novembro de 1995)

706) Segundo o texto, a melhor qualidade de vida depende:

a) da ação da polícia
b) da ação organizada do governo
c) da ação integrada de toda a comunidade
d) da formulação de patrulhas civis
e) da ação individual

707) O autor cita o exemplo de Los Angeles para:

a) demonstrar que nos Estados Unidos tudo funciona melhor.
b) poder abordar problemas semelhantes no Brasil.
c) indicar caminhos equivocados na solução do problema da violência.
d) provar que só a democracia pode consertar os erros sociais.
e) mostrar que os americanos já resolveram os problemas que nos incomodam.

708) "...para buscar soluções..." (l. 2); neste trecho, a preposição <u>para</u> indica:

a) causa
b) direção
c) comparação
d) concessão
e) finalidade

709) "...para <u>seus</u> problemas..." (/. 2); o possessivo destacado tem como antecedente:

a) Los Angeles
b) grupos sociais
c) patrulhas civis

d) soluções
e) famílias

710) Quando o texto fala na primeira pessoa do plural, se refere a:

a) todos os cidadãos brasileiros
b) cidadãos que sofrem com a violência
c) jornalista e seus leitores
d) cariocas, em particular
e) cidadãos de Los Angeles e do Rio de Janeiro

711) "Cada um por si é o caminho do suicídio." (l. 6). Nesta frase há uma condenação clara:

a) da violência
b) do individualismo
c) da sociedade
d) da polícia
e) das autoridades

TEXTO XCVIII

ANALISTA DE PATENTES - INPI
TEXTO 1
COMPADRISMO

O compadrismo é uma autêntica instituição nacional, nascida dessa nossa tendência para a aproximação e a camaradagem. Também a nossa política anda impregnada desses mesmos sentimentos, que têm levado o Brasil à beira do abismo, porque o governo tem de ser muito pessoal e individualista, cheio de vantagens e proteções, de abraços e intimidades.

(A. da Silva Mello)

712) Deduz-se da leitura do texto que:

a) o compadrismo deve ser abolido para que a política brasileira tenha atuação positiva.
b) o compadrismo é uma instituição nacional que se limita à política.
c) os governos devem ser pessoais e individualistas para que não se contaminem pelo compadrismo.
d) as vantagens e as proteções governamentais são frutos da recusa do compadrismo em nossa política.
e) o compadrismo é uma instituição americana e tem feito a desgraça política de muitas nações do continente.

713) Ao dizer que *o compadrismo é uma autêntica instituição nacional,* o autor não indica a que nação se refere, mas os leitores sabem que ele se refere ao Brasil; esse conhecimento deriva do fato de que:

a) o autor é brasileiro.
b) o texto foi produzido no Brasil e para ser **lido aqui.**
c) a língua utilizada no texto é a portuguesa.
d) só o Brasil possui o compadrismo.
e) as informações do texto se referem ao Brasil.

714) Ao dizer que o compadrismo nasce da nossa tendência para a aproximação e a camaradagem, o autor do texto comete um erro argumentativo, que é:

a) atribuir a um efeito a posição de causa.
b) partir de uma inferência para o seu raciocínio.
c) misturar método dedutivo e indutivo.
d) formular inadequadamente um silogismo.
e) partir do geral para o particular.

715) O autor empregou a palavra *impregnada* a fim de:

a) mostrar a enorme participação do compadrismo em nossas decisões políticas.
b) indicar uma visão negativa do compadrismo em nosso governo.
c) melhorar o nível de linguagem empregada em texto destinado a leitores cultos.
d) demonstrar sua preocupação com a clareza da linguagem utilizada.
e) contaminar o texto com a linguagem médica, a fim de implicitamente dar a conhecer a sua profissão.

716) "...porque o governo tem de ser muito pessoal e individualista,..."; nesse caso, o autor:

a) indica um caminho a ser seguido pelos bons governos.
b) mostra como deveria ser a realidade política nacional.
c) condena a ausência do compadrismo na política.
d) mostra uma tendência derivada do compadrismo.
e) elogia a atitude de um governo democrático.

717) O texto I pode ser classificado como:

a) narrativo
b) argumentativo
c) informativo
d) publicitário
e) descritivo

688) Em "Seria uma forma de distribuir a riqueza, dar <u>'vale</u> cidadania' pra todo mundo". (/. 15/16), a expressão sublinhada reflete uma ironia do autor porque:

a) a cidadania não é conquistada através de um vale.
b) a riqueza, num país, distribui-se por meio de donativos.
c) a distribuição de vales não admite a exclusão social.
d) as bolsas de consumo propiciam as transformações sociais.
e) os subsídios desfazem a desigualdade social.

689) No quarto parágrafo o autor afirma: "Modernidade é humanidade. E essa visão só é possível para quem pensa a sociedade do ponto de vista ético." (/. 32-33). Assinale a opção que NÃO confirma esta idéia.

a) Um país avança e se desenvolve satisfatoriamente quando há a adequada integração da sociedade ao processo produtivo.
b) Ciência e tecnologia constituem fatores indispensáveis ao desenvolvimento, se tiverem como parâmetro a sociedade.
c) O crescimento de um país se dá à medida que há a prioridade para o desenvolvimento humano.
d) O emprego deve ser sempre planejado em função do tipo de desenvolvimento que se quer para o país.

e) O crescimento de um país mede-se pelo comportamento de primeiro mundo, demonstrado pela sociedade.

690) Em "...e também do mundo empresarial, <u>apesar de sua visão</u> imediatista e muito ligada ao primeiro mundo..." (/. 35-36), a parte sublinhada pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:

a) quanto à sua visão imediatista
b) caso seja sua visão imediatista
c) em razão da sua visão imediatista
d) enquanto sua visão é imediatista
e) ainda que considerando sua visão imediatista

691) Leia atentamente a afirmativa:

A exclusão social poderá ser afastada pela . Analise os trechos abaixo, preenchendo os parênteses com (V) ou (F), conforme completem a afirmativa dada de modo verdadeiro ou falso, segundo o sentido geral do texto. A seqüência correta é:
( ) possibilidade de ocupação para todos os membros da sociedade
( ) distribuição equânime da riqueza
( ) alienação do indivíduo do processo produtivo
( ) eliminação da taxa de indigência
( ) volta aos processos de desenvolvimento do passado
a) F-V-V-V-F
b) F-F-V-F-F
c) V-V-F-V-F
d)V-V-F-V-V
e) V-V-V-F-V

692) Os textos I e II apresentam como preocupação comum o(a); (Para resolver esta questão, é necessário voltar ao texto anterior, n° XCIV, pois ambos pertencem à mesma prova.)

a) desenvolvimento da tecnologia
b) questionamento da modernidade
c) competição entre os produtores
d) distância entre as camadas sociais
e) distribuição de parcelas do poder entre as classes

TEXTO XCVI

OF DE JUSTIÇA AVALIADOR - CORREGEDORIA/RJ
A LIBERDADE E O CONSUMO

Quantos morreram pela liberdade de sua pátria? Quantos foram presos ou espancados pela liberdade de dizer o que pensam?

Quantos lutaram pela libertação dos escravos?

No plano intelectual, o tema da liberdade ocupa as melhores cabeças, desde Platão e Sócrates, passando por Santo Agostinho, Spinoza, Locke, Hobbes, Hegel, Kant, Stuart Mill, Tolstoi e muitos outros. Como conciliar a liberdade com a inevitável ação restritiva do Estado? Como as liberdades essenciais se transformam em direitos do cidadão? Essas questões puseram em choque os melhores neurônios da filosofia, mas não foram as únicas a galvanizar controvérsias.

Mas vivemos hoje em uma sociedade em que a maioria já não sofre agressões a essas liberdades tão vitais, cuja conquista ou reconquista desencadeou descomunais energias físicas e intelectuais. Nosso apetite pela liberdade se aburguesou. Foi atraído (corrompido?) pelas tentações da sociedade de consumo.

O que é percebido como liberdade para um pacato cidadão contemporâneo que vota, fala o que quer, vive sob o manto da lei (ainda que capenga) e tem direito de mover-se livremente?

O primeiro templo da liberdade burguesa é o supermercado. Em que pesem as angustiantes restrições do contracheque, são as prateleiras abundantemente supridas que satisfazem a liberdade do consumo (não faz muitas décadas, nas prateleiras dos nossos armazéns ora faltava manteiga, ora leite, ora feijão). Não houve ideal comunista que resistisse às tentações do supermercado. Logo depois da queda do Muro de Berlim, comer uma banana virou ícone da liberdade no Leste Europeu.

A segunda liberdade moderna é o transporte próprio. BMW ou bicicleta, o que conta é a sensação de poder sentar-se ao veículo e resolver em que direção partir. Podemos até não ir a lugar algum, mas é gostoso saber que há um veículo parado à porta, concedendo permanentemente a liberdade de ir, seja aonde for. Alguém já disse que a Vespa e a Lambretta tiraram o fervor revolucionário que poderia ter levado a Itália ao comunismo.

A terceira liberdade é a televisão. É a janela para o mundo. É a liberdade de escolher os canais (restritos em países totalitários), de ver um programa imbecil ou um jogo, ou estar tão perto das notícias quanto um presidente da República - que nos momentos dramáticos pode assistir às mesmas cenas pela CNN. É estar próximo de reis, heróis, criminosos, superatletas ou cafajestes metamorfoseados em apresentadores de TV.

Uma “liberdade” recente é o telefone celular. É o gostinho todo especial de ser capaz de falar com qualquer pessoa, em qualquer momento, onde quer que se esteja. Importante? Para algumas pessoas, é uma revolução no cotidiano e na

profissão. Para outras, é apenas o prazer de saber que a distância não mais cerceia a comunicação, por boba que seja.

Há ainda uma última liberdade, mais nova, ainda elitizada: a internet e o correio eletrônico. É um correio sem as peripécias e demoras do carteiro, instantâneo, sem remorsos pelo tamanho da mensagem (que se dane o destinatário do nosso attachment megabáitico) e que está a nosso dispor, onde quer que estejamos. E acoplado a ele vem a web, com sua cacofonia de informações, excessivas e desencontradas, onde se compra e vende, consomem-se filosofia e pornografia, arte e empulhação.

Causa certo desconforto intelectual ver substituídas por objetos de consumo as discussões filosóficas sobre liberdade e o heroísmo dos atos que levaram à sua preservação em múltiplos domínios da existência humana. Mas assim é a nossa natureza, só nos preocuparmos com o que não temos ou com o que está ameaçado. Se há um consolo nisso, ele está no saber que a preeminência de nossas liberdades consumistas marca a vitória de havermos conquistado as outras liberdades, mais vitais. Mas, infelizmente, deleitar-se com a alienação do consumismo está fora do horizonte de muitos. E, se o filósofo Joãosinho Trinta tem razão, não é por desdenhar os luxos, mas por não poder desfrutá-los.

(Cláudio de Moura Castro. Veja 1712,08/08/01)

693) O primeiro parágrafo do texto apresenta:

a) uma série de perguntas que são respondidas no desenrolar do texto
b) uma estrutura que procura destacar os itens básicos do tema discutido no texto
c) um questionamento que pretende despertar o interesse do leitor pelas respostas
d) um conjunto de perguntas retóricas, ou seja, que não necessitam de respostas
e) umas questões que pretendem realçar o valor histórico de alguns heróis nacionais

694) Nos itens abaixo, o emprego da conjunção OU (em maiúsculas) só tem nítido valor alternativo em:

a) “Quantos foram presos OU espancados pela liberdade de dizer o que pensam?”
b) “A segunda liberdade moderna é o transporte próprio, BMW OU bicicleta...”
c) “...de ver um programa imbecil ou um jogo, OU estar tão perto das notícias...”
d) “...só nos preocupamos com o que não temos OU com o que está ameaçado.”
e) “É estar próximo de reis, heróis, criminosos, superatletas OU cafajestes...”

695) O item abaixo que indica corretamente o significado da palavra em maiúsculas no texto é:

a) “...mas não foram as únicas a GALVANIZAR controvérsias.” discutir
b) “...comer uma banana virou um ÍCONE da liberdade no Leste europeu.” - fantasia
c) “...consomem-se filosofia e pornografia, arte e EMPULHAÇÃO.”; - grosseria

d) "...cafajestes METAMORFOSEADOS em apresentadores de TV." desfigurados
e) "...que a distância não mais CERCEIA a comunicação..." - impede

696) "Como conciliar a liberdade com a inevitável ação restritiva do Estado?"; nesse segmento do texto, o articulista afirma que:

a) o Estado age obrigatoriamente contra a liberdade
b) é impossível haver liberdade e governo ditatorial
c) ainda não se chegou a unir os cidadãos e o governo
d) cidadãos e governo devem trabalhar juntos pela liberdade
e) o Estado é o responsável pela liberdade da população

697) "O primeiro templo da liberdade burguesa *é* o supermercado. <u>Em que pesem as angustiantes restrições do</u> contracheque, são as prateleiras abundantemente supridas que satisfazem a liberdade do consumo..."; o segmento sublinhado corresponde semanticamente a:

a) as despesas do supermercado são muito pesadas no orçamento doméstico.
b) os salários não permitem que se compre tudo o que se deseja.
c) as limitações de crédito impedem que se compre o necessário.
d) a inflação prejudica o acesso da população aos bens de consumo.
e) a satisfação de comprar só é permitida após o recebimento do salário.

698) "Não houve ideal comunista que resistisse às tentações do supermercado"; com esse segmento do texto o autor quer dizer que:

a) todo ideal comunista se opõe aos ideais capitalistas.
b) a ideologia comunista sofre pressões por parte dos consumidores.
c) os supermercados socialistas são menos variados que os do mundo capitalista.
d) o ideal comunista ainda resiste à procura desenfreada por bens de consumo.
e) as tentações do supermercado abalaram as estruturas capitalistas.

699) "É a liberdade de escolher os canais <u>(restritos em países totalitários)</u>...."; o segmento sublinhado significa que:

a) nos países totalitários a censura impede o acesso à programação capitalista.
b) o número de canais disponíveis é bem menor do que nos países não-totalitários.
c) a televisão, nos países totalitários, é bem de que só poucos dispõem.
d) nos países totalitários todos os canais são do sistema de TV a cabo.
e) nos países totalitários, a TV não sofre censura governamental.

700) "...consomem-se filosofia e pornografia, arte e empulhação"; a forma abaixo que modifica o sentido desse segmento do texto é:

a) filosofia e pornografia, arte e empulhação são consumidas.

b) consomem-se não só filosofia e pornografia, como também arte **e** empulhação.
c) consome-se filosofia e pornografia, arte e empulhação.
d) consomem-se filosofia, pornografia, arte e empulhação.
e) filosofia e pornografia são consumidas como arte e empulhação.

701) "Essas questões puseram em choque os melhores neurônios da filosofia..."; esse segmento significa que:

a) os maiores filósofos se opuseram nas discussões sobre liberdade.
b) a liberdade e o consumo sempre foi motivo de discussão entre filósofos.
c) as questões citadas foram motivo de muitas preocupações filosóficas.
d) os filósofos brigaram entre si por causa da liberdade de consumo.
e) as perguntas sobre liberdade foram respondidas pelos melhores filósofos.

702) O item em que NÃO está presente uma crítica do jornalista é:

a) "Foi atraído (corrompido?) pelas tentações da sociedade de consumo."
b) "...vive sob o manto da lei (ainda que capenga)..."
c) "...de ver um programa imbecil ou um jogo,..."
d) "...consomem-se filosofia e pornografia, arte e empulhação."
e) "O primeiro templo da sociedade burguesa é o supermercado..."

703)"O que é percebido como liberdade para um pacato cidadão contemporâneo que vota, fala o que quer, vive sob o manto da lei (ainda que capenga) e tem o direito de mover-se livremente?"; segundo o texto, a resposta abaixo que é **INADEQUADA é:**

a) a liberdade de consumo
b) a liberdade de movimento
c) a liberdade de comunicação
d) a liberdade política
e) a liberdade religiosa

704) O item em que o autor do texto NÃO faz crítica direta ou indireta aos regimes não-democráticos é:

a) "Não houve ideal comunista que resistisse às tentações do supermercado."
b) "Logo depois da queda do Muro de Berlim, comer uma banana virou um ícone da liberdade no Leste Europeu."
c) "Alguém já disse que a Vespa e a Lambretta tiraram o fervor revolucionário que poderia ter levado a Itália ao comunismo."
d) "Como conciliar a liberdade com a inevitável ação restritiva do Estado? Como as liberdades essenciais se transformam em direitos do cidadão?"
e) "É a liberdade de escolher os canais (restritos em países totalitários), ..."

705) “Mas, infelizmente, deleitar-se com a alienação do consumismo está fora do horizonte de muitos.”; o comentário adequado a esse segmento do texto é:

a) “infelizmente” revela uma opinião do jornalista sobre o enunciado no segmento do texto.
b) o consumismo é visto como fonte de alienação.
c) muitos desejam ser consumistas, mas não podem sê-lo.
d) o consumismo é também produtor de prazer para muitos.
e) os “muitos” a que se refere o texto são os que vivem em regimes não-capitalistas.

TEXTO XCVII

ANALISTA - TJ/RJ
MELHOR QUALIDADE DE VIDA

O exemplo de Los Angeles, onde grupos sociais se organizaram para buscar soluções para seus problemas, deve ser observado com atenção. Formando, inclusive, patrulhas civis para inibir a violência urbana, demonstraram o quanto a participação de todos é vital. Sem uma mudança **5** radical de mentalidade jamais construiremos uma convivência tranqüila e segura. Cada um por si é o caminho do suicídio. Contar apenas com o governo, com a polícia, para nossa proteção, é confiar demais na sorte.
Temos que assumir nossas responsabilidades. Vizinhos, amigos, qualquer um que cruze por nossa calçada não pode ser encarado como um estranho. **10** Devem ser como parte de nossas famílias.
(Jornal da Semana - 18 de novembro de 1995)

706) Segundo o texto, a melhor qualidade de vida depende:

a) da ação da polícia
b) da ação organizada do governo
c) da ação integrada de toda a comunidade
d) da formulação de patrulhas civis
e) da ação individual

707) O autor cita o exemplo de Los Angeles para:

a) demonstrar que nos Estados Unidos tudo funciona melhor.
b) poder abordar problemas semelhantes no Brasil.
c) indicar caminhos equivocados na solução do problema da violência.
d) provar que só a democracia pode consertar os erros sociais.
e) mostrar que os americanos já resolveram os problemas que nos incomodam.

708) "...para buscar soluções..." (/. 2); neste trecho, a preposição para indica:

a) causa
b) direção
c) comparação
d) concessão
e) finalidade

709) "...para seus problemas..." (/. 2); o possessivo destacado tem como antecedente:

a) Los Angeles
b) grupos sociais
c) patrulhas civis

d) soluções
e) famílias

710) Quando o texto fala na primeira pessoa do plural, se refere a:

a) todos os cidadãos brasileiros
b) cidadãos que sofrem com a violência
c) jornalista e seus leitores
d) cariocas, em particular
e) cidadãos de Los Angeles e do Rio de Janeiro

711) "Cada um por si é o caminho do suicídio." (l. 6). Nesta frase há uma condenação clara:

a) da violência
b) do individualismo
c) da sociedade
d) da polícia
e) das autoridades

TEXTO XCVIII

ANALISTA DE PATENTES - INPI
TEXTO 1
COMPADRISMO

O compadrismo é uma autêntica instituição nacional, nascida dessa nossa tendência para a aproximação e a camaradagem. Também a nossa política anda impregnada desses mesmos sentimentos, que têm levado o Brasil à beira do abismo, porque o governo tem de ser muito pessoal e individualista, cheio de vantagens e proteções, de abraços e intimidades.

(A. da Silva Mello)

712) Deduz-se da leitura do texto que:

a) o compadrismo deve ser abolido para que a política brasileira tenha atuação positiva.
b) o compadrismo é uma instituição nacional que se limita à política.
c) os governos devem ser pessoais e individualistas para que não se contaminem pelo compadrismo.
d) as vantagens e as proteções governamentais são frutos da recusa do compadrismo em nossa política.
e) o compadrismo é uma instituição americana e tem feito a desgraça política de muitas nações do continente.

713) Ao dizer que *o compadrismo é uma autêntica instituição nacional*, o autor não indica a que nação se refere, mas os leitores sabem que ele se refere ao Brasil; esse conhecimento deriva do fato de que:

a) o autor é brasileiro.
b) o texto foi produzido no Brasil e para ser lido aqui.
c) a língua utilizada no texto é a portuguesa.
d) só o Brasil possui o compadrismo.
e) as informações do texto se referem ao Brasil.

714)Ao dizer que o compadrismo nasce da nossa tendência para a aproximação e a camaradagem, o autor do texto comete um erro argumentativo, que é:

a) atribuir a um efeito a posição de causa.
b) partir de uma inferência para o seu raciocínio.
c) misturar método dedutivo e indutivo.
d) formular inadequadamente um silogismo.
e) partir do geral para o particular.

715) O autor empregou a palavra *impregnada* a fim de:

a) mostrar a enorme participação do compadrismo em nossas decisões políticas.
b) indicar uma visão negativa do compadrismo em nosso governo.
c) melhorar o nível de linguagem empregada em texto destinado a leitores cultos.
d) demonstrar sua preocupação com a clareza da linguagem utilizada.
e) contaminar o texto com a linguagem médica, a fim de implicitamente dar a conhecer a sua profissão.

716) "...porque o governo tem de ser muito pessoal e individualista,..."; nesse caso, o autor:

a) indica um caminho a ser seguido pelos bons governos.
b) mostra como deveria ser a realidade política nacional.
c) condena a ausência do compadrismo na política.
d) mostra uma tendência derivada do compadrismo.
e) elogia a atitude de um governo democrático.

717) O texto I pode ser classificado como:

a) narrativo
b) argumentativo
c) informativo
d) publicitário
e) descritivo

TEXTO XCIX

ANALISTA DE PATENTES - INPI
TEXTO II
A INDUSTRIALIZAÇÃO

O problema básico de nossa economia estará em breve sob novo signo. O país semicolonial, agrário, importador de manufaturas e exportador de matérias-primas poderá arcar com as responsabilidades de uma vida industrial autônoma, provendo as suas urgentes necessidades de defesa e aparelhamento.

(Getúlio Vargas)

718)Deduz-se da leitura do texto II que:

a) não vão ocorrer mudanças no cenário econômico.
b) o problema de nossa economia está na falta de industrialização.
c) o Brasil vai deixar de dedicar-se à agricultura.
d) o problema econômico do Brasil é fruto do colonialismo.
e) o nosso país vai deixar de importar manufaturas.

719) A situação referida no momento da enunciação do texto:

a) vai ocorrer em breve, na dependência de algumas condições.
b) vai certamente acontecer num futuro próximo.
c) já ocorreu num passado recente.
d) ocorreu num passado recente e vai continuar no futuro.
e) é fruto da imaginação nacionalista de Getúlio Vargas.

720) 0 item abaixo que NÃO representa uma mudança na realidade brasileira, segundo o texto, é:

a) agrário / industrial
b) importador / produtor :
c) semicolonial / colonizado
d) dependente / independente
e) antigo / moderno

721) Na primeira linha do texto, o vocábulo *básico* equivale semanticamente a:

a) tradicional
b) histórico
c) fundamental
d) estrutural
e) clássico

722) *Agrário* se refere a *campo;* o vocábulo abaixo em que esse radical tem significado diferente é:

a) agricultor
b) agridoce
c) agrimensor
d) agreste
e) agrícola

723) "...as suas urgentes necessidades de defesa e aparelhamento"; levando-se em consideração o contexto, o vocábulo *defesa* pode aplicar-se aos campos:

a) econômico e militar
b) político e econômico
c) político e social
d) social e militar
e) econômico e social

724) O texto pode ser visto como:

a) fruto da imaginação do governante
b) uma promessa política
c) uma realidade presente e tangível
d) um protesto contra a exploração
e) uma crítica aos países ricos

TEXTO C

AUXILIAR ELEMENTAR - MP/RJ
TEXTO 1
A SUBSISTÊNCIA INDÍGENA

Os índios brasileiros provêem sua subsistência usando os recursos naturais de seu meio ambiente. A grande maioria das tribos indígenas pratica a agricultura. Seu processo agrícola, chamado coivara, consiste num sistema de queimadas e de fertilização da terra com as cinzas. A caça e a pesca não despertam o mesmo interesse em todos os grupos tribais. Certas tribos possuem alimentação predominantemente carnívora e são hábeis caçadoras. Algumas outras apresentam grande número de preceitos religiosos que proíbem comer a carne de certos mamíferos, tendo, por isso, a base de sua alimentação na pesca. A coleta de raízes, frutos silvestres e mel é praticada, em grau maior ou menor, por todas as tribos. Para aqueles que desconhecem a agricultura, constitui-se na principal fonte de alimento vegetal.

(Superinteressante, n. 47)

725) A palavra subsistência, presente no título do texto, significa:

a) meio de sobreviver
b) método de alimentação
c) processo de cultivo
d) modo de trabalhar
e) sistema de caça

726)"Os índios brasileiros provêem sua subsistência..."; o verbo destacado significa:

a) fabricam
b) adquirem
c) compram
d) providenciam
e) atingem

727) A expressão "meio ambiente" significa:

a) um ambiente médio
b) a metade de um ambiente
c) um local pobre
d) o espaço onde se vive
e) o meio natural e primitivo

728)A oração "usando os recursos naturais de seu meio ambiente" transmite idéia de:

a) modo
b) finalidade

c) meio
d) tempo
e) condição

729) Entre os recursos naturais usados pelos índios NÃO se encontra:

a) a caça
b) a pesca
c) frutos silvestres
d) mel e raízes
e) a coivara

730) Ao dizer que a "a grande maioria das tribos pratica a agricultura", o autor do texto quer informar ao leitor que:

a) todas as tribos indígenas praticam a agricultura como meio de subsistência.
b) a agricultura é praticada de forma rudimentar pelas tribos indígenas brasileiras.
c) nem todos os índios praticam a agricultura.
d) os recursos naturais do meio ambiente são utilizados pelos indígenas.
e) as tribos brasileiras estão num baixo estágio cultural.

731) "Seu processo agrícola, chamado coivara, consiste num sistema de queimadas e de fertilização da terra com as cinzas."; o item abaixo que está de acordo com o que é dito nesse segmento do texto é:

a) a coivara é um processo agrícola só conhecido pelos índios.
b) a queimada é necessária para a fertilização do solo.
c) as cinzas fertilizam o solo pouco antes de ocorrerem as queimadas.
d) o processo agrícola dos índios já se utiliza da cultura dos brancos.
e) as cinzas são misturadas à terra para aumentar a intensidade das queimadas.

732) "A caça e a pesca não despertam o mesmo interesse em todos os grupos tribais."; isto significa que:

a) a caça e a pesca despertam menos interesse que a agricultura.
b) os grupos tribais não possuem interesse idêntico pela caça e pela pesca.
c) algumas tribos possuem mais interesse pela pesca que pela caça.
d) algumas tribos possuem mais interesse pela caça que pela pesca.
e) todas as tribos possuem interesse pela caça e pela pesca.

733) "Certas tribos possuem alimentação predominantemente carnívora e são hábeis caçadoras."; o fato de algumas tribos serem hábeis caçadoras é visto no texto como:

a) causa de algumas tribos se alimentarem predominantemente de carne
b) conseqüência de algumas tribos terem preferência pela carne como alimento
c) condição de terem abandonado a agricultura como meio de subsistência ..
d) demonstração de que a afirmação anterior é verdadeira
e) explicação do fato de algumas tribos se alimentarem de carne

TEXTO CI

AUXILIAR ELEMENTAR - MP/RJ
TEXTO 2
A INTELIGÊNCIA ANIMAL

Há muito vem sendo estudada a possibilidade de haver, no reino animal, outros tipos de inteligência além da humana. Vejam, por exemplo, o golfinho. Dizem que esses simpáticos mamíferos pensam mais rápido do que o homem, têm linguagem própria e também podem aprender uma língua humana. Além disso, chegam a adquirir úlceras de origem psicológica e sofrem **stress** por excesso de atividade.

(Cláudio Moreno)

734)"...sofrem stress por excesso de atividade."; o item abaixo que substitui INADEQUAMENTE a preposição por nesse segmento do texto é:

a) em razão do
b) por causa do
c) devido ao
d) visto o
e) após o

735) A semelhança entre o golfinho e o homem só NÃO está:

a) na possibilidade de sofrer distúrbios psicológicos
b) na presença de inteligência
c) no uso da linguagem
d) na impossibilidade de aprender
e) na utilização de várias linguagens :

736) O golfinho serve de exemplo comprovador de que:

a) há animais que não pensam tão rápido quanto o homem.
b) outros animais também possuem inteligência humana.
c) o homem não pode falar com os golfinhos.
d) outros mamíferos também podem falar a nossa língua.
e) há animais que pensam como os humanos.

737) Ao dizer "Vejam...", o autor do texto refere-se:

a) aos amigos que o escutam
b) a todos os homens
c) aos que não crêem no que diz
d) aos possíveis leitores
e) aos biólogos, em geral

738) Palavra que, no texto, se refere a golfinho, evitando a sua repetição, é:

a) animal

b) mamíferos
c) inteligência
d) reino
e) linguagem

739) “Dizem que esses simpáticos mamíferos...”; a utilização da forma verbal dizem **mostra que:**

a) a ciência já estudou a questão.
b) há certeza no que se diz.
c) o autor não acredita no que é dito por outros.
d) ainda há possibilidades de haver erro no que é dito.
e) ainda não houve livros publicados a respeito desse assunto.

740) Após a leitura do texto, podemos dizer que os golfinhos:

a) não são inteligentes.
b) são pouco inteligentes.
c) são humanamente inteligentes.
d) são diferentemente inteligentes.
e) talvez sejam inteligentes como os humanos.

TEXTO CII

ANALISTA JUDICIÁRIO - TJDFT
A CPI E A IMPRUDÊNCIA DO LEGISLATIVO

Há mais de dez anos a magistratura clama por ampla reforma do Poder Judiciário. Logo após sua instalação em 1987, um conjunto de sugestões oriundo de órgãos superiores da Justiça foi levado ao exame da Assembléia Nacional Constituinte. Magistrados, membros do Ministério **5** Público, juristas, conselheiros da Ordem dos Advogados do Brasil, professores, enfim a representação mais autêntica do universo jurídico sustentou na Assembléia debate ativo e esclarecedor sobre o tema.

Mas o legislador constituinte ignorou as propostas mais consistentes para destinar ao Poder Judiciário os instrumentos aptos a **10** levá-lo à progressiva dinamização de suas atividades. Conquanto o modelo que viesse a ser posto na Constituição não fosse suficiente para alcançar resultados automáticos, pelo menos abriria os espaços autorizativos para as transformações futuras. Todavia, as mudanças mal arranharam os subúrbios do problema.

15 Agora, o poder que agiu de forma imprudente, desidiosa, se julga portador de autoridade moral para submeter o Judiciário à ação corrosiva, desmoralizante, de uma Comissão Parlamentar de Inquérito. E é indispensável anotar que as deficiências na atividade judicial resultam, de maneira substancial, de leis dissimuladas, contraditórias, aberrantes **20** elaboradas pelo Congresso.

No mais, a instituição não pode elevar os seus níveis de operacionalidade diante de uma legislação processual que consagra número quase infinito de rituais e formalidades. Como também se acha manietada pelas oportunidades recursais, que opõem distância **25** insuportável entre o direito ofendido e a reparação via sentença irrecorrível.

Por trás da noção mesquinha que as elites no poder cultivam em relação ao Judiciário viceja a ignorância. O Legislativo e o Executivo não se dão conta de que o magistrado não é funcionário público. Caso **30** fosse, seu dever de lealdade não seria com a sociedade, cujos direitos e garantias lhe cumpre tutelar, mas com o Estado. O juiz é antes um agente da sociedade, por isso sua atividade está protegida pelo manto da independência. A CPI é um golpe contra a magistratura independente.

(Josemar Dantas. **Direito e justiça.** ***In:*** **Correio Braziliense,** 5/4/99, p. 2 (com adaptações)

741) Com base no conteúdo do texto, assinale a opção correta.

a) O autor é francamente favorável à instalação de uma CPI para investigar os atos do Poder Judiciário.
b) O clamor popular por uma ampla reforma do Poder Judiciário manifestou-se, há mais de dez anos, antes da instalação da Assembléia Nacional Constituinte.
c) Uma CPI para a investigação do Poder Judiciário foi instalada em 1987.
d) O legislador constituinte procurou incorporar à atual Constituição brasileira todas as propostas que visavam tornar o Poder Judiciário mais dinâmico e eficiente.
e) Profissionais ligados ao universo jurídico muito contribuíram para que a questão da reforma do Poder Judiciário fosse ativa e esclarecedoramente debatida durante a Assembléia Nacional Constituinte.

742) Tendo como referência as idéias contidas no texto, assinale a opção incorreta.

a) As elites no poder têm em boa opinião o Poder Judiciário porque estão cientes dos problemas enfrentados pela Justiça brasileira.
b) O conjunto de sugestões enviado pelos órgãos superiores da Justiça aos legisladores constituintes tinha objetivos a serem alcançados a longo prazo.
c) Se a Justiça brasileira é ineficiente, isso se deve, em parte, à legislação elaborada pelo Congresso Nacional.
d) A atual legislação processual brasileira é ritualística e formalista.
e) A facilidade em impetrar recursos é parcialmente responsável pela morosidade da Justiça brasileira.

743) Ainda com base no texto, assinale a opção correta.

a) Se o magistrado fosse de fato um funcionário público, o seu dever de lealdade seria antes com a sociedade do que com o Estado.
b) Os congressistas brasileiros têm a noção mesquinha de que o Poder Judiciário é constituído por um bando de ignorantes.
c) O Poder Legislativo, que agiu de forma imprudente e desidiosa, não tem, na opinião do autor, autoridade moral para julgar os atos do Poder Judiciário.
d) O manto aludido na linha 32 refere-se à toga do juiz.
e) A CPI é um golpe da magistratura independente contra o Poder Judiciário.

744) No texto, haverá alteração de sentido caso se substitua

a) “Conquanto” (/. 10) por **Mesmo que**
b) “subúrbios” (/. 14) por **arrabaldes**
c) “desidiosa” (/. 15) por **conflituosa**
d) “manietada” (/. 24) por **entravada**
e) “tutelar” (/. 31) por **defender**

745) Nas opções abaixo, os fragmentos destacados em negrito são reescrituras do texto. Assinale aquela em que o fragmento reescrito apresenta sentido diferente do encontrado no texto.

a) linhas 1 e 2: A magistratura clama, há mais de dez anos, por ampla reforma do Poder Judiciário.
b) **linhas 2 e 4:** A Assembléia Nacional Constituinte levou a exame, logo após sua instalação em 1987, um conjunto de sugestões oriundo de órgãos superiores da Justiça.
c) **linhas 4 a 7:** Enfim a representação mais autêntica do universo jurídico - magistrados, membros do Ministério Público, juristas, conselheiros da Ordem dos Advogados do Brasil, professores sustentou, sobre o tema, debate ativo e esclarecedor na Assembléia.
d) **linhas 27 e 28:** Viceja, por trás da noção mesquinha que as elites no poder cultivam em relação ao Judiciário, a ignorância.
e) **linhas 29 a 31:** Caso fosse, seu dever de lealdade seria com o Estado, não com a sociedade, cujos direitos e garantias lhe cumpre tutelar.

746) No texto, para evitar repetições, alguns pronomes foram usados em substituição a seus referentes. Assinale a opção que apresenta associação correta entre o pronome e o seu referente.

a) “sua” (/. 2) - “do Poder Judiciário” *{1.2)*
b) “lo” (/. 10) - “o legislador constituinte” (/. 8)
c) “seu” (/. 30) - “o Legislativo e o Executivo” (/. 28)
d) “cujos” (/. 30) - “funcionário público” (/. 29)
e) “lhe” (/. 31) - “o magistrado” (/. 29)

TEXTO CIII

ESCRITURÁRIO - CAIXA ECONÔMICA FEDERAL
TEXTO 3

Os velhos das cidadezinhas do interior parecem muito mais plenamente velhos que os das metrópoles. Não se trata da idade real de uns e outros, que pode até ser a mesma, mas dos tempos distintos que eles parecem habitar. Na agitação dos grandes centros, até mesmo a velhice
5 parece ainda estar integrada na correria; os velhos guardam alguma ansiedade no olhar, nos modos, na lentidão aflita de quem se sente fora do compasso. Na calmaria das cidades pequeninas, é como se a velhice de cada um reafirmasse a que vem das montanhas e dos horizontes, velhice quase eterna, pousada no tempo.
10 Vejam-se as roupas dos velhinhos interioranos: aquele chapéu de feltro manchado, aquelas largas calças de brim caqui, incontavelmente lavadas, aquele puído dos punhos de camisas já sem cor - tudo combina admiravelmente com a enorme jaqueira do quintal, com a generosa figueira da praça, com as teias no campanário da igreja. E os hábitos?
15 Pica-se oíumo de corda, lentamente, com um canivete herdado do século passado, enquanto a conversa mole se desenrola sem pressa e sem destino.
Na cidade grande, há um quadro que se repete mil vezes ao dia, e que talvez já diga tudo: o velhinho, no cruzamento perigoso, decide-se,
20 enfim, a atravessar a avenida, e o faz com aflição, um braço estendido em sinal de pare aos motoristas apressados, enquanto amiúda o que pode o próprio passo. Parece suplicar ao tempo que diminua seu ritmo, que lhe dê a oportunidade de contemplar mais demoradamente os ponteiros invisíveis dos dias passados, e de sondar com calma, nas nuvens mais
25 altas, o sentido de sua própria história.
Há, pois, velhices e velhices - até que chegue o dia em que ninguém mais tenha tempo para de fato envelhecer.
(Celso de Oliveira)

747) A frase "Os velhos das cidadezinhas do interior parecem muito mais plenamente velhos que os das metrópoles" constitui uma:

a) impressão que o autor sustenta ao longo do texto, por meio de comparações
b) impressão passageira, que o autor relativiza ao longo do texto
c) falsa hipótese, que a argumentação do autor demolirá
d) previsão feita pelo autor, a partir de observações feitas nas grandes e nas pequenas cidades
e) opinião do autor, para quem a velhice é mais opressiva nas cidadezinhas que nas metrópoles

748) Considere as seguintes afirmações:
I. Também nas roupas dos velhinhos interioranos as marcas do tempo parecem mais antigas.
II. Na cidade grande, a velhice parece indiferente à agitação geral;
III. O autor interpreta de modo simbólico o gesto que fazem os velhinhos nos cruzamentos.
Em relação ao texto, está correto o que se afirma SOMENTE em:

a) I
b) II
c) III
d) I e III
e) II e III

749) Indique a afirmação INCORRETA em relação ao texto:

a) Roupas, canivetes, árvores e campanários são aqui utilizados como marcas da velhice.
b) O autor julga que, nas cidadezinhas interioranas, a vida é bem mais longa que nos grandes centros.
c) Hábitos como o de picar fumo de corda denotam relações com o tempo que já não existem nas metrópoles.
d) O que um velhinho da cidade grande parece suplicar é que lhe seja concedido um ritmo de vida compatível com sua idade.
e) O autor sugere que, nas cidadezinhas interioranas, a velhice parece harmonizar-se com a própria natureza.

750) O sentido do último parágrafo do texto deve ser assim entendido:

a) Do jeito que as coisas estão, os velhos parecem não ter qualquer importância.
b) Tudo leva a crer que os velhos serão cada vez mais escassos, dado o atropelo da vida moderna.
c) O prestígio do que é novo é tão grande que já ninguém repara na existência dos velhos.
d) A velhice nas cidadezinhas do interior é tão harmoniosa que um dia ninguém mais sentirá o próprio envelhecimento.
e) No ritmo em que as coisas vão, a própria velhice talvez não venha a ter tempo para tomar consciência de si mesma.

751) Indique a alternativa em que se traduz corretamente o sentido de uma expressão do texto, considerado o contexto.

a) “parecem muito mais plenamente velhos” = dão a impressão de se ressentirem mais dos males da velhice
b) “guardam alguma ansiedade no olhar” = seus olhos revelam poucas expectativas
c) “fora do compasso” = num distinto andamento
d) “a conversa mole se desenrola” = a explanação é detalhada
e) “amiúda o que pode o próprio passo” = deve desacelerar suas passadas

TEXTO CIV

ESCRITURÁRIO - CAIXA ECONÔMICA FEDERAL
TEXTO 4

No início do século XX, a afeição pelo campo era uma característica comum a muitos ingleses. Já no final do século XVIII, dera origem ao sentimento de saudade de casa tão característico dos viajantes ingleses no exterior, como William Beckford, no leito de seu quarto de hotel, **5** português, em 1787, "assediado a noite toda por idéias rurais da Inglaterra."

À medida que as fábricas se multiplicavam, a nostalgia do morador da cidade refletia-se em seu pequeno jardim, nos animais de estimação, nas férias passadas na Escócia, ou no Distrito dos Lagos, no gosto pelas flores silvestres e a observação de pássaros, e no sonho com um chalé de fim de **10** semana no campo. Hoje em dia, ela pode ser observada na popularidade que se conserva daqueles autores conscientemente "rurais" que, do século XVII ao XX, sustentaram o mito de uma Arcádia campestre.

Em alguns ingleses, no historiador G. M. Trevelyan, por exemplo, o amor pela natureza selvagem foi muito além desses anseios **15** vagamente rurais. Lamentava, em um dos seus textos mais eloqüentes, de 1931, a destruição da Inglaterra rural e proclamava a importância do cenário da natureza para a vida espiritual do homem. Sustentava que até o final do século XVIII as obras do homem apenas se somavam às belezas, da natureza; depois, dizia, tinha sido rápida a deterioração. A beleza não **20** mais era produzida pelas circunstâncias econômicas comuns e só restava, como esperança, a conservação do que ainda não fora destruído. Defendia que as terras adquiridas pelo Patrimônio Nacional, a maioria completamente inculta, deveriam ser mantidas assim.

Há apenas poucos séculos, a mera idéia de resistir à **25** agricultura, ao invés de estimulá-la, pareceria ininteligível. Como teria progredido a civilização sem a limpeza das florestas, o cultivo do solo e a conversão da paisagem agreste em terra colonizada pelo homem? A tarefa do homem, nas palavras do Gênesis, era "encher a terra e submetê-la". A agricultura estava para a terra como o cozimento para a carne crua.

30 Convertia natureza em cultura. Terra não cultivada não significava homens incultos. E quando os ingleses seiscentistas mudaram-se para Massachussetts, parte de sua argumentação em defesa da ocupação dos territórios indígenas foi que aqueles que por si mesmos não submetiam e cultivavam a terra não tinham direito de impedir que outros o fizessem.

752)Ao mencionar, no primeiro parágrafo do texto, a inclinação dos ingleses pelo espaço rural, o autor

a) busca enfatizar o que ocorre no século XX, em que a afeição pelo campo lhe parece ser realmente mais genuína.
b) a caracteriza em diferentes momentos históricos, tomando como referência distintas situações em que ela se manifesta.
c) cita costumes do povo inglês destruídos pela aceleração do crescimento das fábricas, causa de sua impossibilidade de volta periódica ao campo.
d) refere autores que procuraram conscientemente manter sua popularidade explorando temas "rurais" para mostrar como se criou o mito de um paraíso campestre.
e) particulariza o espaço estrangeiro visitado pelos ingleses Portugal - para esclarecer o que os indivíduos buscavam e não podia ser encontrado na sua pátria.

753) Leia com atenção as afirmações abaixo sobre o segundo parágrafo do texto.

I. Em confronto com o primeiro parágrafo, o autor apresenta um outro matiz da relação do espírito inglês com o espaço rural.
II. O autor assinala os pontos mais relevantes referidos por G.M. Trevelyan para comprovar a idéia universalmente aceita de que o contato com a natureza é importante para o espírito.
III. O historiador inglês revela pessimismo, a cujos fundamentos ele não faz nenhuma referência no texto.
São corretas:
a) I, somente
b) III, somente
c) I e III, somente
d) II e III, somente
e) I, II e III

754) As indagações presentes no terceiro parágrafo representam, no texto,

a) pontos relevantes sobre os quais a humanidade ainda não refletiu
b) perguntas que historiadores faziam às pessoas para convencê-las da importância do culto à natureza
c) os pontos mais discutidos quando se falava do progresso na Inglaterra, terra da afeição pelo campo
d) questões possivelmente levantadas pelos que procurassem entender a razão de muitas pessoas não considerarem a agricultura um bem em si
e) aspectos importantes sobre a relação entre a natureza e o homem, úteis como argumentos a favor da idéia defendida por Trevelyan

755) No último parágrafo do texto, o comentário sobre os ingleses seiscentistas foi feito como:

a) denúncia dos falsos argumentos utilizados por aqueles que ocupam territórios indígenas
b) exemplo do caráter pioneiro dos ingleses na tarefa de colonização do território americano
c) maneira de evidenciar a árdua tarefa dos que acreditavam na força da agricultura para o progresso da civilização
d) confirmação de que terras incultas são entraves que, há séculos, subtraem ao homem o direito de progredir
e) comprovação de que, há poucos séculos, o cultivo da terra era entendido como sinônimo de civilização

756) Assinale a afirmação INCORRETA.

a) Infere-se do texto que as palavras do Gênesis foram entendidas por muitos como estímulo a derrubar matas, lavrar o solo, eliminar predadores, matar insetos nocivos, arrancar parasitas, drenar pântanos.
b) O paralelo estabelecido entre o cultivo da terra e o cozimento dos alimentos é feito para se pôr em evidência a ação do homem sobre a natureza.
c) O texto mostra que o amor pela natureza selvagem está na base da relação que se estabelece entre cultivo da terra e civilização.
d) O texto mostra que o amor à natureza selvagem, considerado como barbárie, permitiu que certos povos se dessem o direito de apoderar-se dela.
e) O Gênesis foi citado no texto porque o crédito dado às palavras bíblicas explicaria o desejo humano de transformar a natureza selvagem pensando no bem-estar do homem.

TEXTO CV

UNI-RIO

Neste momento, o bordado está pousado em cima do console e o interrompi para escrever, substituindo a tessitura dos pontos pela das palavras, o que me parece um exercício bem mais difícil. Os pontos que vou fazendo exigem de mim uma habilidade e um adestramento que já não tenho. Esforço-me e vou conseguindo vencer minhas deficiências. As palavras, porém, são mais difíceis de adestrar e vêm carregadas de uma vida que se foi desenrolando dentro e fora de mim, todos esses anos. São teimosas, ambíguas e ferem. Minha luta com elas é uma luta extenuante.

Assim, nesse momento, enceto duas lutas: com as linhas e com as palavras, mas tenho a certeza que, desta vez, estou querendo chegar a um resultado semelhante e descobrir ao fim do bordado e ao fim desse texto algo de delicado, recôndito e imperceptível sobre o meu próprio destino e sobre o destino dos seres que me rodeiam. Ontem, quando entrei no armarinho para escolher as linhas, vi-me cercada de pessoas com quem não convivia há muito tempo, ou convivia muito pouco, de cuja existência tinha esquecido. Mulheres de meia-idade que compravam lãs para bordar tapeçarias, selecionando animadamente e com grande competência os novelos, comparando as cores com os riscos trazidos, contando os pontos na etamine, medindo o tamanho do bastidor. Incorporei-me a elas e comecei a escolher, com grande acuidade, as tonalidades das minhas meadas de linha mercerizada. Pareciam pequenas abelhas alegres (...) levando a sério as suas tarefas (...) Naquelas mulheres havia alguma coisa preservada, sua capacidade de bordar dava-lhes uma dignidade e um aval.

Não queria que me discriminassem, conversei com elas de igual para igual, mostrando-lhes os pontos que minha pequena mão infantil executara.

(JARDIM, Rachel. O *penhor chinês.* 4a ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990)

757) Nesse texto que você acaba de ler, estabelece-se uma relação entre bordar e escrever, ações que se desenvolvem no esforço da tessitura. Assinale a opção em que o comparativo "bem mais difícil", aplicado ao tecido do texto, justifica-se com maior propriedade.

a) As palavras são como os pontos do bordado: exigem adestramento de quem vai usá-las.
b) Palavras e pontos sujeitam-se documente ao toque do artista.
c) Palavras têm vida própria e exigem sensibilidade para se deixarem usar.
d) Palavras são prenhes de significado e, portanto, podem independer de quem as emprega.
e) Palavras são, por vezes, ambíguas, o que não ocorre com os pontos do bordado.

758) Com “Esforço-me e vou conseguindo vencer minhas deficiências”, a autora se refere:

a) ao esforço para suplantar a inibição que as palavras lhe causam
b) ao esforço que lhe custa o tecido do texto
c) à deficiência visual que lhe dificulta tecer o bordado
d) à sua própria dificuldade enquanto tecelã
e) às muitas deficiências gramaticais que necessita vencer

759) Pode-se depreender da leitura do 7o período que:

a) o bordado, tanto quanto o texto tecido, permite o resgate de algo adormecido na memória.
b) os pontos do bordado, mais que as palavras, contribuem para avivar, na memória, algo recôndito.
c) os pontos do bordado, menos que as palavras, mostram a delicada tessitura da obra.
d) as palavras, assim como os pontos do bordado, escondem a inexorabilidade do destino.
e) as palavras, mais que os pontos do bordado, escondem o traçado imperceptível da obra.

760) Neste momento (Io período) e nesse momento (7o período) referem-se a(ao):

a) um único momento: o da escolha
b) dois tempos distintos: o do bordado e o da escrita
c) tempo de retomada do bordado
d) momento da ida ao armarinho
e) momento da escritura e ao atual momento de vida

761) A conjunção que, usada antes da oração “...de cuja existência tinha esquecido”, não altera o sentido do 8o período é:

a) pois
b) ou
c) logo
d) nem
e) e

762)A expressão “...abelhas alegres” (11° período) justifica, especificamente, a significação expressa, no 9o período, com:

a) “mulheres de meia-idade...”
b) “...para bordar tapeçarias...”
c) “...selecionando animadamente e com grande competência os novelos...”
d) “...comparando as cores com os riscos trazidos...”

e) “...medindo o tamanho do bastidor”

763) O adjetivo preservada (“alguma coisa preservada” - 12° período) significa:

a) passível de corrupção
b) escondida
c) defendida de perigos
d) intacta ’
e) vigiada

TEXTO CVI

ASSISTENTE SOCIAL - TRF 3a REGIÃO
TEXTO 1
O MITO E O MUNDO MODERNO

MOYERS: Por que mitos? Por que deveríamos importar-nos com os mitos? O que eles têm a ver com minha vida?

CAMPBELL: Minha primeira resposta seria: "Vá em frente, viva a sua vida, é uma boa vida - você não precisa de mitologia". Não acredito que se possa ter interesse por um assunto só porque alguém diz que isso é importante. Acredito em ser capturado pelo assunto, de uma maneira ou de outra. Mas você poderá descobrir que, com uma introdução apropriada, o mito é capaz de capturá-lo. E então, o que ele poderá fazer por você, caso o capture de fato?

Um de nossos problemas, hoje em dia, é que não estamos familiarizados com a literatura do espírito. Estamos interessados nas notícias do dia e nos problemas do momento. Antigamente, o campus de uma universidade era uma espécie de área hermeticamente fechada, onde as notícias do dia não se chocavam com a atenção que você dedicava à vida interior, nem com a magnífica herança humana que recebemos de nossa grande tradição - Platão, Confúcio, o Buda, Goethe e outros, que falam dos valores eternos, que têm a ver com o centro de nossas vidas.

Quando um dia você ficar velho e, tendo as necessidades imediatas todas atendidas, então se voltar para a vida interior, aí bem, se você não souber onde está ou o que é esse centro, você vai sofrer.

As literaturas grega e latina e a Bíblia costumavam fazer parte da educação de toda gente. Tendo sido suprimidas, toda uma tradição de informação mitológica do Ocidente se perdeu. Muitas histórias se conservaram, de hábito, na mente das pessoas. [...]

(CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito.* Com Bill Moyers. Org. Betty Sue Flowers. Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Associação Palas Athena, 1990. p. 3-4)

766) A leitura do texto permite afirmar que a conjunção e, presente no título, sugere idéia de

a) adição
b) explicação
c) conseqüência
d) alternância
e) contraste

767) Considerando que *ironia* seja um recurso com o qual se afirma o contrário do que se enuncia, aponte a alternativa em que tal recurso se manifesta.

a) [...] as notícias não se chocavam com a atenção que você dedicava à vida interior.
b) E então, o que ele poderá fazer por você, caso o capture de fato?
c) [...] o campus de uma universidade era uma espécie de área hermeticamente fechada.
d) Vá em frente, viva a sua vida, é uma boa vida - você não precisa de mitologia.
e) Quando um dia você ficar velho [...], se você não souber onde está [...], você vai sofrer.

768) Da leitura do texto, pode-se depreender que

a) entre outros, Platão, Confúcio, Goethe e Buda são os responsáveis pela mitologia.
b) a satisfação das necessidades imediatas dos velhos propicia-lhes uma sobrevida feliz.
c) o centro interior do homem idoso foi definido por Platão, Confúcio, Buda e Goethe, entre outros.
d) o possível sofrimento do velho depende, entre outras coisas, da preocupação com a sua vida interior.
e) a literatura do espírito não é acolhida nos campus das universidades declaradamente fechadas.

769) Aponte a alternativa em que a reescrita da frase "Tendo sido suprimidas, toda uma tradição de informação mitológica do Ocidente se perdeu" conserva, de acordo com o texto, o conteúdo original.

a) Após sua preservação, não se assegurou a transmissão da mitologia ocidental.
b) Com sua supressão, desapareceu a tradição inteira de informação mitológica do Ocidente.
c) O suprimento dessas literaturas acarretou o fim da mitologia ocidental.
d) Com o seu desaparecimento, frustrou-se a mitologia do Ocidente.
e) Sua eliminação determinou o desaparecimento de toda a mitologia do Ocidente.

TEXTO CVII

ASSISTENTE SOCIAL - TRF 3a REGIÃO
TEXTO 2
É DISSO QUE O BRASIL PRECISA

O grau de maturidade econômica de uma sociedade pode ser aferido com a ajuda de índices conhecidos, como o produto interno bruto do país. O estágio de maturidade política também conta com alguns indicadores. Um deles é a ocorrência seqüenciada de eleições livres, sem **5** sustos nem sobressaltos. E como descobrir o grau de maturidade social de uma nação? Índices que medem a violência e a criminalidade são úteis para a avaliação. Mas de um tempo para cá surgiu um dado novo: a taxa de envolvimento das pessoas com o trabalho social. Não que a filantropia seja novidade ou invenção moderna. Mas a onda do bem tornou-se um
10 fenômeno especialmente notável nos últimos trinta anos.

Nos países mais civilizados, a presença da filantropia, também
chamada de terceiro setor, é mais perceptível. Nas nações menos desenvolvidas socialmente, o trabalho voluntário é mais embrionário. O
Brasil está num meio-termo. Do ponto de vista do resultado financeiro, **15** está entre os países que menos investem no social. Mas, quando se analisa o voluntariado pelo exército envolvido, alguma coisa espantosa está
acontecendo. Há milhões de brasileiros dedicando-se a tarefas sociais [...].
(VEJA Especial, 8.12.2001, p. 8)

770) Da leitura do texto, depreende-se que o pronome *isso,* do título, aponta para

a) o grau de maturidade social de uma comunidade
b) a ocorrência seqüenciada de eleições livres
c) o grau de maturidade econômica de uma nação
d) o envolvimento das pessoas no trabalho social
e) a eliminação da distância entre ricos e pobres

771) A preposição *com* na expressão "*com* a ajuda de índices conhecidos" possui idéia de

a) companhia
b) instrumento
c) causa
d) concessão
e) dúvida

772) Em lugar *de filantropia* poderia, no texto, figurar

a) antropofobia
b) humanidade
c) humanismo
d) humanitarismo
e) misantropia

773) Em "Nos países mais civilizados, [...] a presença da filantropia [...] é mais perceptível.", depreende-se um julgamento de valor, segundo o qual o Brasil não compõe o grupo desses países. De acordo com o texto, pode-se contrapor a essa asserção

a) o número de voluntários do trabalho social
b) o acanhado investimento financeiro no social
c) o surgimento do voluntariado nessas nações
d) a presença, nesses países, do terceiro setor
e) a atuação do terceiro setor em tais países

774) Antepostos ou pospostos a outros, alguns vocábulos podem sofrer alteração de sentido, como ocorre, por exemplo, com *novo: novo escrivão e escrivão novo*. Indique a alternativa em que se manifesta um desses vocábulos.

a) O estágio de maturidade econômica também conta com bons indicadores.
b) Não que a filantropia seja novidade ou invenção moderna.
c) [...] alguma coisa espantosa está acontecendo.
d) [...] está entre os países que menos investem socialmente.
e) [...] a onda do bem tornou-se um fenômeno especialmente notável.

775) Em "índices *que medem* a violência e a criminalidade são úteis...", o termo destacado poderá, sem prejuízo do sentido e com a necessária adequação sintática, ser substituído por

a) mensuráveis
b) incomensuráveis
c) mensurais
d) dimensíveis
e) mensuradores

TEXTO CVIII

ASSISTENTE LEGISLATIVO - PE

- Então, quando se casa, D. Ismênia?
- Em março. Cavalcanti já está formado e...

Afinal a filha do general pôde responder com segurança à pergunta que se lhe vinha fazendo há quase cinco anos. O noivo finalmente **5** encontrara o fim do curso de dentista e marcara o casamento para daí a três meses. A alegria foi grande na família; e, como em tal caso, uma alegria não poderia passar sem um baile, uma festa foi anunciada para o sábado que se seguia ao pedido da pragmática.

As irmãs da noiva, Quinota, Zizi, Lalá e Vivi, estavam mais **10** contentes que a irmã nubente. Parecia que ela lhes ia deixar o caminho desembaraçado, e fora a irmã quem até ali tinha impedido que se casassem. Noiva havia quase cinco anos, Ismênia já se sentia meio casada.

Esse sentimento junto a sua natureza pobre fê-la não sentir um pouco mais de alegria. Ficou no mesmo. Casar, para ela, não era negócio de **15** paixão, nem se inseria no sentimento ou nos sentidos: era uma idéia, uma pura idéia. Aquela sua inteligência rudimentar tinha separado da idéia de casar o amor, o prazer dos sentidos, uma tal ou qual liberdade, a maternidade, até o noivo. Desde menina, ouvia a mamãe dizer: “Aprenda a fazer isso, porque quando você se casar...” ou senão: “Você precisa **20** aprender a pregar botões, porque quando você se casar...”.

A todo instante e a toda hora, lá vinha aquele - “porque, quando você se casar...” - e a menina foi se convencendo de que toda a existência só tendia para o casamento. A instrução, as satisfações íntimas, a alegria, tudo isso era inútil; a vida se resumia numa coisa: casar.

25 De resto, não era só dentro de sua família que ela encontrava aquela preocupação. No colégio, na rua, em casa das famílias conhecidas, só se falava em casar. “Sabe, D. Maricota, a Lili casou-se; não fez grande negócio, pois parece que o noivo não é lá grande coisa”; ou então: “A Zezé está doida para arranjar casamento, mas é tão feia, meu Deus!...”

(BARRETO, Lima - Triste Fim de Policarpo Quaresma - Scipione, São Paulo. 1994 - p. 25)

776) Segundo o texto, pode-se afirmar que a relação do casal de nubentes era

a) de amor, pois já fazia quase cinco anos de noivado
b) de acomodação, pois, pelo menos da parte de Ismênia, não havia paixão
c) de equilíbrio, uma vez que não havia mais os arrebatamentos da paixão
d) desejada pela família, apesar de esta não cobrar casamento das filhas
e) de cumplicidade, pois sendo um relacionamento horizontal, os dois partilhavam sentimentos, projetos e decisões

777) Em relação ao texto, todas as alternativas abaixo são verdadeiras, exceto:

a) A submissão anula a identidade do ser humano, faz dele um autômato sem desejos, sentimentos ou sonhos.
b) Quando se adestra um ser humano em vez de educá-lo, quando seu destino é traçado pela cultura de que faz parte, prejudica-se o seu desenvolvimento afetivo e intelectual.
c) O machismo diminui a figura feminina na sociedade a ponto de fazê-la pensar que, sem um marido, não consegue ser alguém ou até mesmo viver.
d) O autor tratou o assunto sem fazer uso do humor ou da ironia, uma vez que esse é um tema sério que precisa ser visto e discutido pela sociedade.
e) O casamento, visto como fim em si mesmo, não representa a realização afetiva da mulher, mas o único objetivo de sua vida.

778) Podemos afirmar que Ismênia representa

a) a mulher comedida, cautelosa que, para se defender da sociedade machista, não se deixa arrebatar pelas paixões desenfreadas
b) o perfil de companheira ideal, pois sabe ser paciente e tolerante a ponto de esperar a formatura do noivo para traçar os planos para o casamento
c) a mulher-objeto que não foi educada para sentir, para ser, mas para desempenhar apenas o papel de coadjuvante na sociedade
d) o equilíbrio, pois mesmo sendo cobrada pela sociedade, esperou que seu noivo concluísse o curso superior para marcar a data do casamento
e) uma exceção, pois dificilmente as mulheres de sua época seriam ou agiriam como ela

779) A construção sintática "uma festa foi anunciada para o sábado", sem modificar-lhe o sentido, pode ser substituída por:

a) Uma festa esteve anunciada para o sábado.
b) Uma festa tinha sido anunciada para o sábado.
c) Anunciava-se uma festa para o sábado.
d) Anunciou-se uma festa para o sábado.
e) Anunciara-se uma festa para o sábado.

780) Com base no texto, marque a opção em que é feita uma comparação:

a) "...Ismênia já se sentia meio casada."
b) "...estavam mais contentes que a irmã nubente."
c) "...fê-la não sentir um pouco mais de alegria."
d) "...o noivo não é lá grande coisa..."
e) "...mas é tão feia, meu Deus!..."

TEXTO CIX

AUXILIAR CENSITÁRIO DE INFORMÁTICA - IBGE

No início do mês o Instituto Vox Populi foi às ruas para saber o
que a população pensa sobre os medicamentos genéricos. Colheu uma revelação surpreendente: 80% dos entrevistados já incorporaram essa alternativa a seus hábitos de consumo. Além dos ganhos econômicos, a
5 nova realidade rendeu frutos políticos. O ministro da Saúde, José Serra, obteve a melhor avaliação entre toda a equipe de FHC, com percentuais
capazes de causar inveja ao presidente. Os genéricos estão abrindo as portas do mercado para uma população que há anos era mantida à margem. Os medicamentos sem marca aprovados pela Vigilância Sanitária
10 somam hoje 115 tipos e estão chegando às farmácias a preços, em média, 30% mais baratos. Tamanha revolução foi ajudada pelos holofotes acesos
pela CPI dos Medicamentes, que acabou inibindo um novo boicote dos laboratórios multinacionais bem-sucedidos na sua primeira investida, ainda em 1993. No ritmo desta verdadeira revolução, a indústria nacional
15 disparou gordos investimentos. Hoje, entre os fabricantes de remédios já aprovados, apenas um é de origem estrangeira. Com tantos êxitos, os genéricos estão se tornando uma unanimidade nacional.

(JB, 19/08/00)

781) Ao dizer, no final do texto, que os genéricos estão se tornando uma unanimidade nacional, o autor quer dizer que:

a) quase todos os brasileiros consideram o advento dos genéricos uma medida positiva.
b) os genéricos já estão alcançando, em sua distribuição, todo o território nacional.
c) todos os genéricos, em breve espaço de tempo, serão de fabricação brasileira.
d) os genéricos estão alcançando, no Brasil todo, um sucesso imprevisível.
e) os genéricos passaram a ser vistos, pelos brasileiros, como ótimos investimentos.

782) O que a pesquisa do Vox Populi revelou de surpreendente foi que:

a) os genéricos já são consumidos por grande parte da população.
b) 80% da população brasileira tanto consomem genéricos quanto os remédios tradicionais.
c) grande parte dos consumidores fazem parte de cooperativas que fornecem genéricos.

d) os genéricos só são consumidos por quem está bem informado sobre essa revolução.
e) os genéricos estão rendendo frutos econômicos e políticos.

783) A prova dos frutos políticos do advento dos genéricos é:

a) a alta popularidade do ministério de FHC
b) a avaliação pública do ministro José Serra
c) a baixa popularidade do presidente
d) a aceitação dos genéricos por parte da população
e) os altos investimentos feitos no setor

784) A população "que há anos era mantida à margem" se refere àquela parte da população que:

a) não investia no setor farmacológico.
b) desconhecia a utilidade dos genéricos.
c) só se tratava com remédios de marca.
d) não ficava doente.
e) não tinha condições econômicas de adquirir remédios.

785) Os genéricos marcam, segundo o texto, uma série de oposições em relação aos remédios tradicionais; a oposição NÃO indicada pelo texto é:

a) sem marca X com marca
b) mais baratos X mais caros
c) fabricação nacional X fabricação estrangeira
d) muito conhecimento X pouco conhecimento
e) mais consumidores X menos consumidores

786) A sigla CPI, presente no texto, significa:

a) Centro de Proteção ao Investidor
b) Comissão Parlamentar de Inquérito
c) Cooperativa Parlamentar de Investigação
d) Casa do Pequeno Investidor
e) Comissão Privada de Investigação

787) Segundo o texto, os laboratórios multinacionais:

a) aceitaram passivamente a chegada dos genéricos.
b) criaram uma CPI para os genéricos.
c) passaram a investir na produção de genéricos.
d) tentaram torpedear a revolução dos genéricos.
e) auxiliaram na criação dos genéricos.

788) "Hoje, entre os fabricantes de genéricos já aprovados, apenas um *é* de origem estrangeira."; neste segmento, o vocábulo que mostra a opinião do autor do texto sobre o assunto abordado é:

a) já

b) apenas
c) hoje
d) estrangeira
e) aprovados

789) "Hoje, entre os fabricantes de remédios já aprovados, apenas um é de origem estrangeira.". Infere-se desse segmento que:

a) para a fabricação dos genéricos é necessária uma aprovação de órgão competente.
b) os fabricantes estrangeiros estão ganhando terreno na fabricação dos genéricos. ;
c) os fabricantes estrangeiros não estão recebendo autorização para a fabricação de genéricos.
d) a situação atual de fabricação de genéricos *é* de baixa produção.
e) só hoje o Governo intervém na fabricação de remédios.

790) "*Além dos* ganhos econômicos, a nova realidade rendeu frutos políticos."; a locução *além de* expressa, neste caso:

a) concessão
b) explicação
c) adição
d) localização
e) causa

791) O item em que o termo sublinhado está empregado no sentido próprio original e não no sentido figurado é:

a) "Além dos ganhos econômicos, a nova realidade rendeu <u>frutos</u> políticos."
b) "...com percentuais capazes de causar <u>inveja</u> ao presidente."
c) "Os genéricos estão <u>abrindo as portas</u> do mercado..."
d) "...a indústria <u>disparou</u> gordos investimentos."
e) <u>"Colheu</u> uma revelação surpreendente:..."

792)"...que acabou inibindo um novo boicote dos laboratórios multinacionais..."; neste caso, o verbo *acabar* apresenta o mesmo significado que em:

a) A pesquisa da Vox Populi acabou há duas semanas.
b) Acabamos de ler o texto.
c) Os genéricos acabaram de chegar às farmácias.
d) Isso não vai acabar bem.
e) Ele se acabou na festa!

TEXTO CX

ENGENHEIRO CIVIL - TRF 2a REGIÃO

A ÁRVORE E O HOMEM

O PRIMEIRO... problema que as árvores parecem propor-nos
é o de nos conformarmos com a sua mudez. Desejaríamos que falassem, como falam os animais, como falamos nós mesmos. Entretanto, elas e as
pedras reservam-se o privilégio do silêncio, num mundo em que todos os
5 seres têm pressa de se desnudar. Fiéis a si mesmas, decididas a guardar um silêncio que não está à mercê dos botânicos, procuram as árvores ignorar tudo de uma composição social que talvez se lhes afigure monstruosamente indiscreta, fundada como está na linguagem articulada, no jogo de transmissão do mais íntimo pelo mais coletivo. Grave e solitário,
10 o tronco vive num estado de impermeabilidade ao som, a que os humanos atingem por alguns instantes e através da tragédia clássica. Não logramos comovê-lo, comunicar-lhe a nossa intemperança. Então, incapazes de
trazê-lo para a nossa domesticidade, consideramo-lo um elemento da paisagem, e pintamo-lo. Ele pende, lápis ou óleo, de nossa parede, mas
15 esse artifício não nos ilude, não incorpora a árvore à atmosfera de nossos
cuidados. O fumo dos cigarros, subindo até o quadro, parece vagamente aborrecê-la, e certas árvores de Van Gogh, na sua crispação, têm algo de protesto.

(ANDRADE, C. Drummond de. *Poesia completa e prosa.* Rio de Janeiro: José Aguilar, 1973. p. 798)

793) É FALSO afirmar, a respeito do conteúdo desse texto, que:

a) a capacidade da fala é atribuída a todos os seres animados.
b) seu autor reforça a tese de que, para os seres humanos, a posse da linguagem articulada é um privilégio.
c) o silêncio das árvores é um mistério para os cientistas.
d) o desenho e a pintura são simples artifícios para integrar as árvores no ambiente social e humano.
e) parece às árvores que a socialização da intimidade através da linguagem articulada é uma indiscrição.

794) No texto, a maioria das palavras e expressões refere-se basicamente a dois universos: o das árvores e o dos homens. A alternativa que reúne EXCLUSIVAMENTE palavras relativas ao universo dos homens é:

a) crispação - silêncio
b) intemperança - botânicos
c) paisagem - impermeabilidade
d) cuidados - solitário
e) atmosfera - mudez

795) A atribuição de características humanas às árvores vem expressa no texto por várias expressões/palavras, EXCETO pela da opção:

a) propor-nos
b) fiéis
c) grave
d) ignorar
e) domesticidade

796) Os conectivos "Entretanto" e "Então" encadeiam partes do texto exprimindo, respectivamente:

a) oposição e conseqüência
b) oposição e tempo
c) tempo e conseqüência
d) tempo e conclusão
e) tempo e tempo

TEXTO CXI

REGULADOR - AGÊNCIA NACIONAL DE ÁGUAS
ÁGUA INSALUBRE

Estudo do Pacific Institute of Oakland, na Califórnia, prevê que 76 milhões de pessoas morrerão de doenças relacionadas à água até 2002.
As crianças serão as mais afetadas por males causados pelo uso e ingestão de água contaminada. No mesmo período, serão registrados 65 milhões de casos fatais em conseqüência da Aids em todo o mundo.

(Márcia Peltier, O Globo, 21/10/2002)

797) O título dado à notícia é "Água insalubre". Sabendo-se que "insalubre" significa "nocivo à saúde", pode-se dizer que:

a) o título nada esclarece sobre o conteúdo do texto.
b) parte do conteúdo do texto é antecipado pelo título.
c) o adjetivo "insalubre" contradiz o conteúdo do texto.
d) o título pretende atrair o leitor pelo aspecto trágico.
e) a menção da água contaminada introduz o assunto da Aids.

798) O adjetivo atribuído ao substantivo água que NÃO tem sua significação corretamente indicada é:

a) água contaminada: água que não contém sais minerais
b) água insípida: água sem sabor
c) água insossa: água sem sal
d) água natural: água existente na natureza
e) água potável: conveniente para consumo humano

799) Logo ao início da notícia há a indicação da fonte de informação estudo do Pacific Institute of Oakland; isso ocorre porque:

a) é obrigatória a presença da fonte de informações nos jornais.
b) valoriza a notícia dizer que sua fonte é americana.
c) atribui força de verdade ao que é veiculado.
d) a identificação da fonte isenta a jornalista de responsabilidade.
e) a fonte citada é de amplo conhecimento público.

800)No segmento "morrerão de doenças", o valor semântico da preposição sublinhada repete-se em:

a) as águas ficaram contaminadas de bactérias.
b) os estudos mostraram a contaminação das águas.
c) as águas contaminadas são as causas de doenças.
d) a água de rios é mais contaminada que a marinha.
e) os habitantes do Sul padecem de frio.

801) Pode-se deduzir da leitura do texto que:

a) a Aids é a doença que causa maior número de mortes na atualidade.
b) as crianças morrem preferencialmente de doenças causadas pela água contaminada.
c) as crianças são as mais afetadas porque se divertem na água.
d) no período citado a Aids mata menos que a água contaminada.
e) a contaminação da água só causará mortes num futuro próximo.

802) Vocábulos do texto que NÃO apresentam o mesmo referente são:

a) pessoas / as crianças
b) doenças / males
c) água / água contaminada
d) até 2002 / mesmo período
e) morrerão / serão registrados 65 milhões de casos fatais

803) A referência à Aids no final do texto tem por finalidade:

a) dar mais sensacionalismo ao texto.
b) mostrar a gravidade da Aids.
c) demonstrar o futuro negro da humanidade.
d) destacar problemas ainda pouco divulgados.
e) despertar interesse no leitor.

804) Situação que poderia representar o uso e ingestão da água simultaneamente é:

a) lavagem das calçadas
b) preparação da comida
c) banho diário
d) lavagem de roupas
e) limpeza da louça

805) O texto lido poderia ser classificado como:

a) didático
b) informativo
c) normativo
d) preditivo
e) publicitário

806) A conjunção que se poderia escrever entre os dois últimos períodos do texto de modo a manter o sentido original é:

a) mas
b) apesar de
c) enquanto
d) à media que
e) contanto que

807) Expressões que NÃO são equivalentes semanticamente são:

a) prevê = faz a previsão de que
b) mesmo período = período igual
c) casos fatais = mortes
d) em todo o mundo = mundialmente
e) doenças = males

808) Ao dizer que "as crianças serão as mais afetadas", o texto mostra que:

a) os adultos serão igualmente afetados.
b) os adultos não serão afetados.
c) só as crianças serão afetadas.
d) os adultos serão menos afetados.
e) os adultos serão mais ou menos afetados.

TEXTO CXII

GUARDA MUNICIPAL DO RIO
TEXTO 1

Que país é este, que nega oportunidades às suas crianças e jovens, em qualquer que seja a profissão, de serem atores na vida? Milhões de brasileiros precisam, apenas, ter o direito à educação para dar, com dignidade, sua contribuição à sociedade.

Milhares de crianças utilizam sua criatividade, inteligência e seus dons apenas para sobreviver. São artistas nos sinais de trânsito, pedintes do asfalto. No entanto, a grande e esmagadora maioria tem como alternativas a violência, o furto, as drogas e a morte prematura.

É possível transformar essa realidade e isto custa muito pouco.

(Maurício Andrade, Coordenador Geral da Ação da Cidadania)

809) Este texto serve de introdução a um programa da peça teatral "Menino no meio da rua", que aborda a esperança de mudar a vida de muitos meninos de rua; analise os trechos a seguir:

I - "Que país é este, que nega oportunidades às suas crianças e jovens, em qualquer que seja a profissão, de serem atores na vida?"
II - "Milhões de brasileiros precisam, apenas, ter o direito à educação para dar, com dignidade, sua contribuição à sociedade."
in - "Milhares de crianças utilizam sua criatividade, inteligência e seus dons apenas para sobreviver."
IV - "São artistas nos sinais de trânsito, pedintes do asfalto."

Os trechos do texto que fazem alusão ao mundo do teatro são:

a) I - III
b) II-IV
c) I-IV
d) II-III
e) III - IV

810)Ao perguntar, no texto 1, "Que país é este...?", o autor deseja:

a) satisfazer uma curiosidade.
b) tomar conhecimento de algo.
c) definir o seu país.
d) protestar contra uma injustiça.
e) revelar algo desconhecido.

811) "Que país é este, que nega oportunidades às suas crianças e jovens, em qualquer que seja a profissão, de serem atores na vida?"; neste segmento do texto, com a expressão "de serem atores na vida", o autor quer dizer que:

a) muitos meninos e meninas poderiam trabalhar em teatro.
b) crianças e jovens são atores para sobreviver.

c) ser ator é uma atividade que não requer muito estudo.
d) trabalhar em circo pode ser a saída de sobrevivência para muitos.
e) todos deveriam ter a oportunidade de ser alguém na vida.

812)Ao usar apenas no segmento "Milhares de crianças utilizam sua criatividade, inteligência e seus dons apenas para sobreviver.", o autor quer dizer que:

a) as crianças têm pouco a oferecer.
b) o talento das crianças poderia ser mais bem empregado.
c) milhares de crianças lutam pela sobrevivência.
d) as crianças têm pouca criatividade e inteligência.
e) a sobrevivência é apenas uma das preocupações das crianças.

813) "São artistas nos sinais de trânsito, pedintes do asfalto."; o comentário INCORRETO sobre esse segmento do texto é:

a) ser artista no sinal de trânsito é mostrar criatividade para a sobrevivência.
b) "artista" e "pedinte" são atividades que se opõem em dignidade.
c) "asfalto" se opõe tradicionalmente a "morro".
d) todo o segmento se refere a "milhares de crianças", no período anterior.
e) "artistas" está usado, neste caso, com sentido pejorativo.

814) "No entanto, a grande e esmagadora maioria tem como alternativas a violência, o furto, as drogas e a morte prematura"; a afirmativa correta a respeito desse segmento do texto é:

a) a grande e esmagadora maioria das crianças que ficam nos sinais de trânsito são marginais.
b) grande parte das crianças que são artistas nos sinais de trânsito acabam vítimas da violência em que vivem.
c) as doenças e a falta de assistência levam grande parte das crianças à morte prematura.
d) a maior parte das crianças de rua apelam para a marginalidade como alternativa de sobrevivência.
e) o uso de drogas é a única causa de morte prematura das crianças.

815) A frase final desse segmento do texto - "É possível transformar essa realidade e isso custa muito pouco". - soa como:

a) condenação
b) esperança
c) desespero
d) sentimentalismo
e) protesto

PARTE 4

GABARITO E COMENTÁRIOS

GABARITO E COMENTÁRIOS

GABARITO

1 d	2 c	3 b	4 a	5 c	6 e	7 b	8 c	9 e	10 b
11 d	12 e	13 c	14 d	15 b	16 d	17 c	18 d	19 e	20 e
21 c	22 a	23 d	24 c	25 a	26 e	27 b	28 d	29 b	30 a
31 d	32 b	33 e	34 b	35 d	36 c	37 e	38 e	39 c	40 d
41 d	42 c	43 d	44 b	45 b	46 a	47 d	48 e	49 a	50 c
51 b	52 c	53 e	54 c	55 c	56 d	57 c	58 e	59 d	60 a
61 d	62 e	63 d	64 b	65 d	66 e	67 e	68 e	69 b	70 d
71 c	72 b	73 c	74 e	75 c	76 a	77 d	78 d	79 d	80 b
81 c	82 d	83 b	84 d	85 e	86 c	87 d	88 d	89 c	90 d
91 d	92 b	93 e	94 d	95 c	96 b	97 e	98 d	99 c	100 d
101 e	102 e	103 e	104 b	105 c	106 c	107 c	108 b	109 d	110 c
111 b	112 e	113 c	114 e	115 d	116 d	117 b	118 a	119 d	120 c
121 e	122 b	123 e	124 c	125 a	126 d	127 c	128 b	129 d	130 c
131 c	132 e	133 d	134 a	135 e	136 d	137 e	138 a	139 c	140 d
141 b	142 a	143 d	144 e	145 c	146 d	147 e	148 b	149 e	150 d
151 c	152 d	153 c	154 e	155 c	156 a	157 c	158 d	159 c	160 d
161 e	162 a	163 d	164 e	165 c	166 d	167 b	168 d	169 d	170 a
171 c	172 d	173 d	174 e	175 b	176 d	177 e	178 c	179 e	180 b
181 e	182 d	183 c	184 c	185 c	186 d	187 d	188 e	189 b	190 e
191 d	192 a	193 c	194 b	195 d	196 c	197 d	198 e	199 d	200 c
201 e	202 c	203 b	204 e	205 e	206 a	207 d	208 c	209 d	210 b
211 d	212 c	213 c	214 d	215 c	216 e	217 b	218 a	219 d	220 c
221 d	222 c	223 e	224 e	225 b	226 e	227 b	228 d	229 e	230 d
231 c	232 e	233 a	234 d	235 b	236 d	237 e	238 c	239 c	240 a
241 e	242 d	243 d	244 c	245 a	246 c	247 b	248 d	249 d	250 e
251 a	252 b	253 c	254 a	255 c	256 a	257 a	258 b	259 d	260 c
261 e	262 e	263 e	264 a	265 c	266 c	267 b	268 a	269 c	270 d
271 e	272 b	273 c	274 a	275 b	276 c	277 b	278 a	279 c	280 b
281 c	282 d	283 b	284 b	285 d	286 b	287 d	288 d	289 a	290 d
291 c	292 e	293 e	294 d	295 a	296 a	297 b	298 e	299 d	300 b
301 e	302 c	303 e	304 c	305 a	306 c	307 c	308 a	309 e	310 c
311 e	312 b	313 a	314 c	315 a	316 c	317 b	318 a	319 b	320 c
321 c	322 b	323 a	324 c	325 d	326 a	327 b	328 c	329 e	330 a
331 b	332 d	333 e	334 e	335 a	336 e	337 a	338 c	339 b	340 d
341 d	342 a	343 b	344 b	345 a	346 a	347 b	348 d	349 d	350 e
351 b	352 b	353 b	354 a	355 c	356 a	357 c	358 b	359 c	360 d
361 e	362 d	363 d	364 e	365 a	366 c	367 b	368 a	369 d	370 e
371 d	372 e	373 e	374 b	375 a	376 c	377 e	378 a	379 b	380 e
381 a	382 c	383 d	384 c	385 a	386 b	387 d	388 d	389 a	390 e
391 c	392 d	393 a	394 a	395 e	396 d	397 c	398 e	399 b	400 a
401 c	402 e	403 c	404 d	405 c	406 b	407 d	408 c	409 d	410 b
411 e	412 a	413 c	414 a	415 e	416 c	417 b	418 b	419 b	420 a

421 c	422 b	423 e	424 a	425 a	426 d	427 d	428 b	429 c	430 e
431 d	432 a	433 a	434 b	435 b	436 c	437 d	438 e	439 b	440 b
441 c	442 a	443 d	444 b	445 d	446 b	447 e	448 c	449 c	450 b
451 c	452 e	453 e	454 a	455 d	456 c	457 c	458 b	459 b	460 a
461 b	462 e	463 a	464 b	465 a	466 a	467 c	468 b	469 a	470 d
471 b	472 c	473 d	474 d	475 e	476 b	477 a	478 d	479 a	480 a
481 e	482 d	483 d	484 b	485 c	486 b	487 b	488 d	489 c	490 a
491 b	492 c	493 c	494 d	495 e	496 d	497 d	498 e	499 a	500 b
501 a	502 b	503 d	504 c	505 a	506 d	507 a	508 c	509 d	510 b
511 d	512 c	513 c	514 c	515 b	516 b	517 d	518 d	519 c	520 e
521 a	522 e	523 b	524 b	525 b	526 a	527 a	528 e	529 b	530 c
531 d	532 c	533 d	534 d	535 c	536 a	537 c	538 a	539 b	540 d
541 d	542 a	543 c	544 a	545 c	546 a	547 c	548 b	549 c	550 e
551 a	552 d	553 a	554 e	555 c	556 a	557 a	558 c	559 c	560 b
561 d	562 c	563 b	564 d	565 b	566 d	567 e	568 d	569 b	570 e
571 c	572 a	573 c	574 e	575 d	576 e	577 b	578 c	579 e	580 c
581 e	582 e	583 c	584 b	585 c	586 b	587 a	588 c	589 d	590 a
591 c	592 d	593 b	594 a	595 a	596 b	597 c	598 c	599 a	600 c
601 a	602 a	603 d	604 e	605 d	606 d	607 d	608 a	609 e	610 e
611 c	612 b	613 a	614 a	615 e	616 c	617 b	618 d	619 b	620 d
621 c	622 b	623 d	624 a	625 d	626 c	627 e	628 d	629 b	630 d
631 a	632 e	633 b	634 c	635 c	636 a	637 a	638 d	639 b	640 a
641 d	642 b	643 d	644 a	645 b	646 b	647 e	648 b	649 b	650 b
651 d	652 d	653 c	654 b	655 e	656 a	657 e	658 c	659 c	660 c
661 c	662 a	663 b	664 d	665 b	666 d	667 b	668 e	669 c	670 e
671 b	672 e	673 c	674 c	675 d	676 a	677 a	678 d	679 b	680 d
681 c	682 a	683 d	684 a	685 d	686 c	687 b	688 a	689 e	690 e
691 c	692 d	693 d	694 b	695 e	696 a	697 b	698 b	699 b	700 e
701 a	702 e	703 e	704 d	705 e	706 c	707 b	708 e	709 b	710 c
711 b	712 a	713 b	714 a	715 b	716 d	717 b	718 d	719 b	720 c
721 c	722 b	723 a	724 b	725 a	726 d	727 d	728 c	729 e	730 c
731 b	732 b	733 b	734 e	735 d	736 d	737 d	738 b	739 d	740 d
741 e	742 a	743 c	744 c	745 b	746 e	747 a	748 d	749 b	750 e
751 c	752 b	753 a	754 d	755 e	756 c	757 c	758 d	759 a	760 e
761 e	762 c	763 d	764 b	765 c	766 e	767 d	768 d	769 b	770 d
771 b	772 d	773 a	774 c	775 e	776 b	777 d	778 c	779 d	780 b
781 a	782 a	783 b	784 e	785 d	786 b	787 d	788 b	789 a	790 c
791 b	792 d	793 b	794 b	795 e	796 a	797 b	798 a	799 c	800 e
801 d	802 a	803 d	804 b	805 b	806 c	807 b	808 d	809 c	810 d
811 e	812 b	813 e	814 d	815 b					

COMENTÁRIOS

Texto I

1) Letra d

Nada no texto fala de aumento ou diminuição da saudade. A palavra “calendário” é a chave. Ao dizer que “não há calendário para a saudade”, a autora diz que não existe data marcada para se ter mais ou menos saudade. Ou seja, a saudade não depende do tempo, simbolizado aqui pelo calendário: ela simplesmente existe.

2) Letra c

Há muitas questões em concursos públicos envolvendo o significado das orações. Procure ver qual conjunção poderia ser usada no texto. No início do livro, você tem uma boa lista dessas palavras. No caso da questão, poder-se-ia começar a segunda oração com a conjunção porque: porque não há calendário para a saudade. Sim, porque o fato de não haver calendário para a saudade faz com que não exista “essa coisa de um ano sem Sena, dois anos sem Senna”.

3) Letra b

Normalmente a repetição de uma palavra, nos moldes em que aqui foi feita, expressa uma confirmação, uma convicção do autor. As outras palavras, por si mesmas, se eliminam.

4) Letra **a**

Há várias figuras de sintaxe que consistem na repetição de termos. Veja as mais importantes:

a) anáfora: repetição de uma palavra ou expressão no início da frase, membro da frase ou verso.

Ex.: “Vi uma estrela tão alta!

Vi uma estrela tão fria!

Vi uma estrela luzindo...” (Manuel Bandeira)

b) Epístrofe: repetição no final.

Ex.: “Chegou a hora da névoa. No peito e nos olhos, névoa. Quero guardar-me da névoa. Porém é inútil: há névoa.” (Henriqueta Lisboa)

c) Símploce: repetição no início e no fim

Ex.: Tudo ali precisa de explicação. Tudo ali merece uma boa explicação

d) Pleonasmo: repetição de uma idéia ou de um termo da oração (objeto direto, objeto indireto ou predicativo do sujeito)

Ex.: Vi tudo com meus próprios olhos, (repetição da idéia)

Esse livro, já o li há muito, (o —> objeto direto pleonástico)

e) Quiasmo: repetição e inversão simultâneas de termos; há uma espécie de cruzamento.

Ex.: "No meio do caminho tinha uma pedra tinha uma pedra no meio do caminho." (C. D. de Andrade)

Texto II

5) Letra **c**

Há uma visível mudança profissional. Os comentários da questão seguinte servem a esta. ,

6) Letra e

Quem corre atrás de eleitores é político. A palavra **senador** é específica. Veja bem: não se pode levar em conta que o autor, cujo nome aparece com o texto, seja conhecido. José Sarnei *é* senador da República. Mas o texto não sugere isso; cuidado, portanto! Quem corre atrás de leitores é escritor, que é o termo genérico. **Jornalista** e **romancista** são termos específicos, e nada no texto sugere essas profissões.

7) Letra b

Observe que se pergunta sobre a primeira atividade, não a que ele busca agora. Veja os comentários da questão seguinte.

8) Letra c

A expressão "passei a vida" dá nitidamente uma idéia de coisa duradoura. Passar a vida fazendo alguma coisa é, necessariamente, algo demorado.

9) Letra e

Todas as palavras ou expressões indicam tempo. As quatro primeiras referem-se ao presente; a última, **recentemente,** ao passado. **Agora** é tempo presente; **recentemente;** tempo passado.

Texto III

10) Letra b

O autor demonstra **respeito** pelos animais, no momento em que não os força a fazer coisas para as quais sua natureza não está preparada. Ou seja, ele respeita os limites de cada um. Não se trata necessariamente de **amor** ou **solidariedade,** como alguns podem pensar.

Pode-se respeitar sem que haja amor, no mais profundo sentido do termo. A solidariedade é uma atitude de apoio àquelas pessoas que se encontram em dificuldades de qualquer espécie. **Fé** e **tolerância** seriam escolhas absolutamente inadequadas.

11) Letra d

Se o autor fosse um **adestrador frio,** não hesitaria em forçar os animais. **Treinador qualificado** não serve como resposta, pois nada garante no texto que ele seja muito bom adestrador. Ele poderia respeitar os animais e não saber treiná-los devidamente. **Adestrador filantropo** é absurdo. Filantropia é caridade, ajuda incondicional aos necessitados do corpo ou do espírito. Talvez haja dúvidas entre as letras **a (treinador atento)** e **d (adestrador consciente).** Fica melhor a letra d, por duas razões: **adestrador** é termo adequado, por se tratar de treinamento de animais; **consciente** diz mais do que **atento,** pois o autor está consciente das limitações dos animais.

12) Letra e

As duas primeiras opções dizem a mesma coisa e indicam o oposto do que o texto nos apresenta. A letra **c** não tem sentido algum, pois, se a natureza permitisse, o adestrador poderia tentar normalmente.

A letra d dispensa comentários, em face do seu absurdo. A resposta só pode ser a letra e, pois fala do respeito que o autor tem pelos limites de seus animais.

Texto IV

13) Letra c

Ao dizer que está com saudade de ficar bom, o autor afirma, de maneira literária, que está doente. Isso elimina as letras **a** e e. “Escrever é conseqüência natural.” Conseqüência de quê? De ficar bom, ou seja, ficando bom, ele volta a escrever. Ele só não está escrevendo por estar doente. Daí o gabarito ser a letra c.

14) Letra d

A resposta pode parecer a letra b. Mas, numa análise mais profunda, observa-se que o autor tem vontade de ficar bom para voltar a escrever. Se escrever é uma conseqüência natural de ficar bom, é algo que ele não pretende deixar de fazer, é o que ele realmente mais almeja. **Trabalhar** não serve como resposta pois é um termo genérico, enquanto escrever é específico.

15) Letra b

Os comentários da questão anterior se ajustam também a esta. Cuidado apenas para não confundir as opções **b** e e. O autor não tem saúde, ele está doente e deseja recuperar a saúde para poder escrever.

Texto V

16) Letra d

A comparação não é feita entre Deus e a internet, como possa parecer, mas sim entre a mente (de Deus) e a internet. É diferente.

17) Letra c

Veja bem o que o texto nos transmite: a mente (de Deus), da mesma forma que a internet, podem ser acessadas por qualquer um, ou seja, elas são acessíveis. Se são acessíveis, é porque têm acessibilidade. Daí o gabarito ser a letra c.

18) Letra d “

O conectivo comparativo a que se refere o enunciado da questão é a conjunção **como. Tal qual, que nem** (popular), **qual** e **feito** (popular) poderiam ser usados sem alteração de sentido. A preposição **para** não tem esse valor, além de, nesse caso, deixar o texto sem coesão textual e coerência.

19) Letra e

Paráfrase é uma reescritura do texto, sem alteração de sentido. É comum em alguns tipos de concursos. Na letra e, ao se dizer que “a mente de Deus pode acessar”, o sentido se altera radicalmente, pois *a mente* passa a ser ativa, ou seja,

ela passa a praticar a ação, quando no texto ela sofre a ação, as pessoas é que a acessam, da mesma forma que acessam a internet.

Texto VI

20) Letra e

Ao dizer que "Deus é o ópio do povo", Marx faz alusão aos efeitos dessa droga, por comparação, naturalmente. O ópio não deixa o usuário pensar direito, tanto é que ele faz uma série de bobagens que não faria se estivesse sem a droga no organismo. Assim, a idéia que ele quer passar é que Deus também não deixa o povo pensar.

21) Letra c

O autor afirma que Marx não entendia de Deus, nem de ópio. Por isso a resposta só pode ser a letra c.

22) Letra a

Leviandade consiste em se falar sobre algo que não se conhece direito. As outras opções se excluem por si mesmas.

23) Letra d

Ter fé *é* sentir, de maneira profunda e inexplicável, alguma coisa. A fé se sente. Deus, sendo uma experiência de fé, naturalmente só pode ser sentido. Observe que as outras opções não são absurdas, mas não correspondem ao que o autor do texto quer transmitir. Temos de buscar as respostas sempre no texto. Não importa o que sabemos de antemão. A palavra fé é a chave para resolver essa questão.

24) Letra c

O comentário da questão anterior serve também para esta.

25) Letra a

Metáfora é um tipo de comparação não enunciada, em que não se expressam o conectivo comparativo nem o elemento comum aos dois seres. Deus e ópio estão sendo comparados. Se o autor dissesse: "Deus é como o ópio", haveria uma comparação ou simile, já que teríamos na frase o conectivo **como.** Afirmando diretamente, trata-se de uma metáfora, uma das mais importantes figuras de linguagem.

26) Letra e

Qualquer palavra que se refira a Deus ou a Jesus pode ser grafada com inicial maiúscula. É o caso, no texto, do pronome pessoal oblíquo átono Io, que tem como referente a palavra Deus. Não é obrigatório, dependendo apenas do gosto do escritor.

Texto VII

27) Letra b

O autor saiu de sua terra, mas sente como se isso nunca tivesse ocorrido, pois seu sentimento é todo dela.

28) Letra d

O texto passa uma impressão de que o autor continua ligado, espiritualmente, à sua terra. Fisicamente, claro, ele não está lá, como se vê no primeiro verso. Já o último verso mostra que ele permaneceu ligado a ela, por seus sentimentos.

29) Letra b

Ao sair da terra natal e não se adaptar ao novo lugar, em virtude de sua ligação afetiva com ela, o autor se torna confuso. Não se entenda aqui o verbo **perder** (perdi-me) com o seu sentido original. A idéia é a de não se encontrar, mentalmente, no novo espaço ocupado. Outra justificativa seria a palavra **ilusão,** que por si só demonstra um estado de confusão.

30) Letra a

Como já vimos, o autor saiu apenas **fisicamente,** pois espiritualmente continuou preso à terra natal. Cuidado com a letra b. É claro que ele gostaria de retornar, mas em momento algum essa idéia é expressa no texto.

31) Letra d

As palavras **amargura,** decepção, tristeza e **nostalgia** pertencem ao mesmo campo semântico. O autor sofre por não estar em seu lugar de origem, e todas essas palavras associam-se à idéia de sofrimento. Não é o caso de vergonha. Isoladamente, a expressão **ai** de **mim** poderia indicar vergonha, mas o texto fala apenas do sofrimento do autor por estar ausente, nada ele fez que pudesse envergonhá-lo.

Texto VIII

32) Letra b

Essa questão só pode ser resolvida com um conhecimento prévio, independente do texto. O Titanic, como se sabe, era um navio que naufragou, matando uma grande quantidade de pessoas. O autor apelou para essa imagem por querer falar de algo que também corre perigo de se tornar um desastre.

33) Letra e

Determinismo é uma filosofia segundo a qual quando uma coisa tem que acontecer nada pode impedir. Pode ser associada à idéia de destino, em seu sentido mais radical. Ora, ele acredita que o curso pode ser mudado. Também justifica a resposta o fato de as pessoas fazerem a história, ou seja, elas podem criar e evitar determinadas situações.

34) Letra b

Conquanto e **malgrado** são conjunções concessivas, sinônimas de **embora.** Elas criam uma oposição, o que não ocorre no texto. **Enquanto** e **apenas** são conjunções temporais, eqüivalendo a **quando.** Também não é essa a idéia. O gabarito só pode ser a letra b, pois a palavra **porquanto** tem valor de causa e corresponde a **porque.** Esse é o valor da palavra **afinal** no texto.

35) Letra d

A opção **a** destoa completamente, já que o autor acredita nas transformações. A letra **b** pode enganar. Observe, no entanto, que ela garante que sempre conseguiremos, desde que tentemos. O texto não garante que isso vá ocorrer, apenas que se deve tentar. A letra c não pode ser a escolhida pois o autor diz para tentarmos o impossível. É lógico que, se conseguirmos, aquilo apenas teria tido a aparência de impossível. A afirmação da opção **e** não encontra nenhum apoio no texto, que não faz distinção entre quem pode conseguir e quem não pode. A resposta só pode ser a letra d: se não desistirmos, até o que parece impossível poderá ser alcançado.

36) Letra c

Esta questão praticamente foi comentada na anterior. Não se pode desistir de algo, ou seja, não se pode desanimar.

Texto IX

37) Letra e

O sonho e a esperança são coisas extremamente pessoais, que existem no mais profundo recanto de cada ser. O artista, segundo a autora, tem a capacidade de mexer ali, com o seu trabalho. A opção **a** poderia enganar alguns, já que a

afirmação é indiscutível; mas não há nada no texto que diga isso. Assim, a resposta só pode ser a letra e, pois o sonho e a esperança, trabalhados pelo artista, estão no íntimo das pessoas.

38) Letra e

As três primeiras opções estabelecem algum tipo de comparação entre o sonho e a esperança, coisa que não aparece no texto.

A letra d parece ser a resposta, mas apresenta um radicalismo que não se deduz do texto, que não diz que todos sonham e têm esperança, ou mesmo que é impossível viver sem os dois. A letra e, que é a resposta, fala da importância que o sonho e a esperança possuem. No texto, a palavra que melhor explica esse fato é o adjetivo **essencial.** Veja a associação: coisa essencial —> importância capital.

39) Letra c

O comentário da questão anterior serve também para esta.

40) Letra d

Há muitas expressões que não pertencem à chamada língua culta, e sim à linguagem descontraída, familiar, que todos nós empregamos em determinadas situações. Meter **a** mão é uma dessas e tem, na realidade, mais de um significado. Pode ser entendida como **roubar.** Por exemplo: Ele é funcionário e, por causa disso, está metendo a mão. No texto, assumiu o valor de **pegar, tocar.** Cuidado para não optar pela letra b! A Idéia não é de intromissão, que tem valor pejorativo, mas de tocar o sentimento de alguém.

41) Letra d

O texto não faz nenhuma menção à paz. Por isso a resposta só pode ser a letra d. As três primeiras são evidentes. A "carência de sentimentos" da opção **e** se justifica com a palavra **resgatando.** Resgatando o quê? Dois sentimentos: o sonho e a esperança, que muitas pessoas perderam. Daí a palavra **carência.**

42) Letra c

Esses é pronome demonstrativo, refere-se a algo que passou no texto. A palavra **tais** tem o mesmo valor. **Bons** é adjetivo, estaria expressando uma qualidade que não se encontra no texto. **Certos, outros** e **muitos** são pronomes indefinidos e, da mesma forma que **bons,** mudariam o sentido da frase.

Texto X

43) Letra d

Ao dizer que não aceita “prêmios de empresas ligadas a grupos multinacionais”, o autor revela o seu amor pelo Brasil; também quando diz que não é traidor do seu povo. A esse sentimento se dá o nome de **nacionalismo. Megalomaníaco** é todo aquele que tem mania de grandeza. **Narcisista** é aquele que se acha bonito e se apaixona por sua própria imagem; a palavra tem origem na história do pastor Narciso, que, ao ver sua imagem refletida nas águas de uma fonte, apaixonou-se por ela.

44) Letra b

Venal significa “aquele que se vende, corrupto”; veja que ele diz que não está à venda. **Pusilânime** é covarde, **fmprobo** é desonesto. Na realidade, aceitar o prêmio não seria uma postura desonesta, apenas ele se sentiria como que vendido.

45) Letra b

O sentimento de nacionalismo do autor, que já comentamos, faz com que ele ache que aceitar um prêmio desse tipo seria voltar-se contra o seu país, ou seja, ele não estaria servindo ao Brasil, mas às multinacionais. Alguns podem ter pensado na alternativa c. Observe, contudo, que em momento algum ele diz ou sugere que detesta todas as empresas multinacionais. O que ele não quer é que lhe dêem prêmio algum, apenas isso.

46) Letra a

Esse período poderia ser iniciado pela conjunção subordinativa causai **porque,** ou um seu sinônimo. O fato de ele não ser traidor nem estar à venda faz com que não receba aqueles prêmios.

47) Letra d

É uma questão que pode confundir. Note que quando alguém usa essa expressão, ela não está necessariamente revoltada com alguma coisa, ou irada. Também não se poderia pensar em **ironia** ou **desprezo.** Esses sentimentos não afetam o autor ao longo do texto. Dizer “Deus me livre!” é o mesmo que garantir que não se quer, de jeito algum, uma determinada coisa. Daí o gabarito ser a letra d.

Texto XI

48) Letra e

“Transcorrer sem brilho” corresponde semanticamente a ser quase apagado. Das outras opções, a única que talvez confunda o leitor é a primeira, letra a. Acontece

que o século XVII não chamou a atenção por ser meio apagado. Teria chamado a atenção dos historiadores se tivesse sido brilhante. Veja também que o autor diz "sem que sobre esse período se detenha a atenção dos historiadores".

49) Letra a

A questão dispensa comentários, já que se trata de um mero problema de vocabulário. É só consultar um bom dicionário.

50) Letra c

Meia-luz quer dizer pouca luz. Assim, **quase pagada** surge no texto como um elemento de reforço, um tanto redundante. Não se deve pensar que se trata de uma explicação (letra d), já que elas possuem o mesmo valor semântico. Não se pode dizer, por exemplo, a título de explicação, que um cão é um cachorro. Não se explica nada com o seu sinônimo.

51) Letra b

A letra **a** é impossível pois não se diz no texto que os historiadores detestaram o século XVII; ao contrário, esse século não chamou a atenção deles. Nas opções c e e, existem comparações envolvendo os séculos XVI, XVII e XVIII; o texto apenas situa, o que é uma coisa lógica, o século XVII entre os outros dois. A opção **d** nos fala das coisas interessantes da história do Rio de Janeiro; com certeza, elas existem, mas não no texto. A resposta da questão, letra b, se justifica com o que aparece no final do texto: "...os que se deixam fascinar pelos aspectos brilhantes da história."; esse "os" do trecho corresponde exatamente a **certas pessoas,** da alternativa **b.**

Texto XII

52) Letra c

As duas opções que poderiam confundir a cabeça do leitor são **a** e c. Na letra a, diz-se que o totalitarismo atrapalhou a carreira do cineasta; acontece que ele deixou de fazer filmes. Então não apenas atrapalhou, mas encerrou sua carreira. O texto diz que "A Fraternidade é vermelha" foi seu último filme; foi, por causa do totalitarismo socialista.

53) Letra e

Veja os comentários da questão anterior.

54) Letra c

O sentido geral do texto leva a essa suposição. Podemos juntar duas coisas: ele foi vítima do totalitarismo socialista, que é materialista, e conseguiu chegar perto do conceito de Deus. O cineasta, assim, teria desagradado por sua posição em relação a Deus.

55) Letra c ’

Fraternidade é palavra de valor positivo, lembra união, concórdia, religiosidade etc. Ela está associada no texto à palavra **vermelha,** que é usada para designar os socialistas e os comunistas e tem uma carga: emocional negativa; em princípio, é paradoxal dizer que a fraternidade é vermelha, pois são termos historicamente antagônicos. **Redundância** é um tipo de repetição desnecessária; por exemplo: erário público (erário é dinheiro público). Ambigüidade, também chamada de anfibologia, é duplo sentido; por exemplo: Paulo disse ao colega que seu irmão está doente (irmão de quem?). As outras palavras não apresentam dificuldade.

56) Letra d

O cineasta tinha declarado que aquele seria seu último filme. E foi realmente, como se ele tivesse previsto que sua carreira seria interrompida. Não confunda com a opção e. O fato de ele ter sido vítima do totalitarismo socialista fez com que sua carreira se encerrasse. A possível premonição estaria em o cineasta achar que aquele seria seu último filme, e isso realmente ocorrer.

57) Letra c

Como vimos, a palavra **vermelho** tanto podia designar os socialistas como os comunistas. No texto, por causa da menção ao totalitarismo socialista, ela aparece ligada ao socialismo. **Totalitária** é palavra que se refere a um regime de força, centralizador, qualquer um, não apenas comunista ou socialista. **Materialista** é a filosofia que prega a existência apenas do elemento material. **Espiritualismo** é a crença em algo mais além da matéria e que sobrevive à morte do corpo; todas as religiões são espiritualistas: espiritismo, catolicismo, protestantismo, budismo, judaísmo, islamismo etc. Espiritualismo não é, portanto, sinônimo de espiritismo, como muitos pensam.

58) Letra e

Uma vez que tem valor de causa. **Porque, pois, já que** e **porquanto** também são conectivos causais. O sentido mudaria radicalmente se usássemos **se bem que,** que tem valor concessivo, eqüivalendo a **embora.**

Texto XIII

59) Letra d

A primeira oração do texto diz: “Nem todas as plantas hortícolas se dão bem durante todo o ano...” Então, deduz-se, algumas se dão bem durante todo o ano. O fato de o autor escrever “nem todas” elimina todas as outras opções da questão. Convém ainda destacar que as opções **a** e c têm mesmo sentido: é uma questão de palavras.

60) Letra a

A resposta se justifica com a passagem “fazer uma estruturação dos canteiros a fim de manter-se o equilíbrio das plantações”. Na letra **a** isso é dito, porém com outras palavras.

61) Letra d

Por isso é conjunção coordenativa conclusiva. Também o são: **portanto, logo, então** e **assim,** pelo menos nesse texto, que não teria o seu sentido alterado. A palavra **porque** nunca tem esse valor de conclusão; o texto com ela ficaria sem coesão e coerência.

62) Letra e

Verduras é, segundo o texto, o nome genérico para folhas, legumes e tubérculos. A letra **a** pode ser logo eliminada, já que os tubérculos são um tipo de verdura. As opções b e **c** são eliminadas pois eles não são a mesma coisa; todos são tipos de verduras, mas são tipos diferentes. Na letra d, a palavra **inclusive** altera o sentido do texto, em que aparece **sejam.** A letra **e** aponta exatamente o que diz o final do texto: **haverá** eqüivale a **não faltarão.**

Texto XIV

63) Letra d

O texto diz que a Bauduco está comprando a Visconti. Não interessa de quem ela seja subsidiária. Com exceção da opção a, as demais alternativas são absurdas.

64) Letra b

Se você observar bem, vai notar que as alternativas **a** e **c** têm o mesmo sentido. Na realidade, elas não indicam a conseqüência da proximidade do Natal. A conseqüência é o sigilo do negócio. A expressão **em razão** de é o mesmo que **por causa de,** ou seja, tem valor de causa; assim, o sigilo é mantido por causa da proximidade do Natal.

65) Letra d

A idéia do texto é que os varejistas poderiam ficar melindrados por causa do anúncio da união, daí o sigilo mantido pelas empresas.

66) Letra e

A expressão **à vista** pode significar o oposto de a prazo ou algo que está se aproximando, que já pode ser visto ou sentido. No texto, o sentido é o segundo. A letra c, naturalmente, não tem razão de ser. A negociação é dada no texto como certa, apenas é mantida em sigilo; não cabe, então, a letra **a** como resposta. Quando se diz que alguma coisa está à vista, ela certamente está próxima, o que invalida a opção b. A opção d é totalmente contrária ao texto, uma vez que a negociação já está ocorrendo. O gabarito só pode ser a letra **e.**

Texto XV

67) Letra e

O texto fala da morte de uma criança. Vários trechos comprovam isso: "um anjo dorme aqui" (no túmulo), "cedo finou-se" (finar-se significa morrer), "brincar no céu". Talvez alguns tenham anotado a letra c; acontece que o autor apresenta o fato sem demonstrar a sua própria tristeza: apenas mostra, liricamente, a morte da criança. Também não se pode pensar em um possível apego do autor pela criança; em nenhum trecho isso fica evidenciado, podendo até tratar-se de uma criança desconhecida do autor.

68) Letra e

O autor procura suavizar a idéia da morte. Usa, por exemplo, o verbo **dormir,** que transmite coisas boas, agradáveis. O próprio verbo finar-se é mais agradável do que o amedrontador **morrer.** Finalmente, todo o último verso tem essa finalidade, com força maior no verbo **brincar.** Trata-se de uma figura de linguagem conhecida como **eufemismo.** A **prosopopéia** consiste em se personificar alguma coisa; por exemplo: a árvore ficou triste. **Hipérbole** é a figura do exagero; por exemplo: estou morrendo de rir. **Metonímia** é uma troca de palavras, havendo entre elas uma relação real, concreta, objetiva; há vários tipos; por exemplo: ler Machado de Assis (autor/obra), não ter um teto onde morar (parte/todo) etc. Sobre o pleonasmo já falamos alguma coisa, ao comentar a questão 4.

69) Letra b

Normalmente **anjo** e **rosa** não pertencem ao mesmo campo semântico, já que não possuem nenhum tipo de relacionamento significativo. No entanto, no texto, ambos se referem à criança que morreu.

70) Letra d

Anjo e **rosa** são dois termos metafóricos referentes à criança morta. É como se o autor dissesse: esta criança é um anjo, esta criança é uma rosa. Esse tipo de comparação chama-se **metáfora.** Veja os comentários da questão 25. **Antítese** é o emprego de palavras ou expressões de sentido contrário; por exemplo: às vezes ri, às vezes chora. **Personificação** é o mesmo que prosopopéia (veja comentários da questão 68).

71) Letra c

Levantar (ou alevantar, como escreveu o poeta) **o véu** significa perceber bem as coisas, esclarecer-se. A pessoa com um véu no rosto não enxerga bem. Levantando esse véu, percebe melhor as coisas. Quem morreu foi uma criança, portanto não teve tempo de conhecer bem a vida, ou seja, não teve tempo de levantar o véu que a sua pouca idade lhe colocava no rosto. É uma expressão metafórica.

72) Letra b

Aurora no texto significa o começo da vida. É uma metáfora. A palavra **limiar** significa o início, e **somente** corresponde a apenas. Por isso o gabarito só pode ser a letra b.

Texto XVI

73) Letra c

A resposta está presente na passagem: "...nunca participaram, eles próprios, em combates contra a ditadura". Todas as outras características se encontram registradas no texto: o **pragmatismo** —> "excessivamente pragmáticos"; a **falta de sensibilidade** —> "não têm a sensibilidade"; a **tranqüilidade da vida** —> "vida fácil"; as **raízes na elite do Brasil** —> "vêm da elite brasileira"

74) Letra e

O terceiro *que* do texto tem como antecedente o substantivo **diplomatas,** que não são os do Itamaraty.

75) Letra c

Os homens do Itamaraty, segundo o autor, não têm vivência, porque tiveram vida fácil e não lutaram contra a ditadura. Por isso mesmo não têm a sensibilidade de outros diplomatas.

76) Letra a

Várias coisas são afirmadas acerca dos homens do Itamaraty. A conseqüência é que eles ficaram sem sensibilidade. Poder-se-ia começar esse último período por uma conjunção como **portanto,** que expressa uma conclusão ou conseqüência.

77) Letra d

É uma questão de sinônimos. Uma coisa óbvia é uma coisa evidente, e não necessária, real, justificada ou comprovada. **Obviamente** tem como sinônimo **evidentemente.**

78) Letra d

Ter vida fácil, para o autor, é uma característica dos diplomatas do Itamaraty, o que faz com que eles não tenham sensibilidade. Os outros diplomatas conhecidos do autor são sensíveis exatamente por não terem tido vida fácil.

Texto XVII

79) Letra d

Há três alternativas com o verbo **considerar.** As três podem ser eliminadas, uma vez que o texto não diz que os historiadores consideram alguma coisa. Esse verbo implica algum tipo de julgamento, o que não ocorre em nenhum momento. Diz, sim, que eles notaram a ojeriza que havia pela vida nas cidades, isso porque o Brasil-colônia era essencialmente rural. A alternativa **a** é descabida. Por isso, o gabarito só pode ser a letra d.

80) Letra b

O fato de o Brasil-colônia ser, segundo o texto, essencialmente rural leva à conclusão lógica de que a vida do campo prevalecia sobre a da cidade.

81) Letra c

Questão de sinônimos. Não há o que discutir. Na dúvida, consulte-se o dicionário.

82) Letra d

É importante, sempre, buscar no próprio texto os elementos necessários para se chegar à resposta da questão. Observe que a letra e, que parece ser a resposta, fala de um controle normativo da língua que i teria sido relaxado por ser o Brasil uma colônia de Portugal. Há aqui uma informação que não encontramos no texto, e

nem pode ser deduzida. O que se encontra é que as cidades, por serem simples pontos de comércio ou de festividades religiosas, não podiam influenciar a evolução da língua. Assim sendo, as pessoas não seguiam normas lingüísticas ao se expressarem, e a língua passou a voar com as próprias asas. Por isso, o gabarito deve ser a letra d.

83) Letra b

Esta questão depende, um pouco, do emprego do verbo **preferir.** A letra **c** diz que a população não tinha preferência quanto a viver no campo ou na cidade. O texto diz que ela dava preferência à vida no campo. As duas últimas opções também podem ser eliminadas pelo mesmo motivo: na letra d, a preferência seria pela vida em Portugal, enquanto na letra d, pela vida no Brasil; não há esse tipo de comparação no texto. Nas letras **a** e b, o verbo **preferir** aparece usado em frases na ordem inversa. Em ambas, a palavra **vida** está subentendida, depois do pronome demonstrativo "a". Colocando na ordem direta a frase da opção b, teríamos: preferia a (vida) do campo à vida da cidade. Ou seja, gostava mais da vida do campo do que da vida da cidade, que é exatamente o que diz o texto. Cabe aqui uma outra observação. O objeto direto do verbo preferir é a coisa de que se gosta mais, que se prefere. Por exemplo: prefiro o futebol ao vôlei. O futebol, que é o objeto direto, é a coisa preferida.

Texto XVIII

84) Letra d

É uma questão de coesão textual e coerência. A segunda oração do período inicial do texto começa pela conjunção coordenativa adversativa "mas". Ou seja, a segunda oração é oposta, adversa, em relação à primeira. Sempre que isso ocorre, podemos eliminar a conjunção adversativa (mas, porém, contudo, todavia etc.) e colocar no início da outra oração uma conjunção subordinativa concessiva (embora, mesmo que, ainda que etc). É o que pode ser feito no texto. Agora, veja, abaixo, um outro exemplo, mais simples. Corri muito, mas não fiquei cansado. Embora tenha corrido muito, não fiquei cansado. Como se vê, o sentido básico de oposição é mantido.

85) Letra e

Vejamos letra por letra. A letra a está errada pois Eduardo Andrade se aposentará logo, ou seja, em curto prazo; como ele pertence ao grupo de vinte grandes executivos, os outros dezenove é que se aposentarão em médio prazo. A letra b deve ser eliminada porque o texto diz que quase todos estão nessa faixa etária, não todos. A letra c deve ser descartada uma vez que Eduardo Andrade se aposentará em curto prazo. A letra d não está correta pois o texto não fala da faixa etária de Eduardo Andrade; ele pode ser um daqueles que não estão na faixa

entre 58 e 62 anos. O gabarito só pode ser a letra e, inteiramente de acordo com o texto.

86) Letra c

A empresa se mostra previdente porque, mesmo faltando um bom tempo para a aposentadoria da maioria de seus grandes executivos, ela já faz estudos nesse sentido e prepara um grupo de duzentos aspirantes, dos quais sairão os substitutos.

87) Letra d

Uma questão sutil que depende de um tempo verbal. A alternativa diz que ele está se afastando dos negócios da empresa. Não é verdade. Nas linhas 6 e 7, encontra-se o seguinte: "...deverá ir se afastando aos poucos..." Ele não está se afastando, irá se afastar.

88) Letra d

A opção **d** contém erro pois a empresa pensa, e com muito tempo de antecedência, na renovação de seu quadro de grandes executivos. A renovação se dará com a aposentadoria de cada um.

Texto XIX

89) Letra c

Há pessoas que não sentem a ausência de outras pessoas. Entende-se por "presença da ausência" que a ausência está presente, isto é, a pessoa sente essa ausência. Daí se poder entender como uma ausência sentida.

90) Letra d

O autor destaca, numa linguagem metafórica, coisas boas que a saudade traz. O não tomando a forma do sim, a escuridão passando a luzir, o sol na solidão.

91) Letra d

Presença é antônimo de **ausência,** isso constitui um antítese. Da mesma forma, **não** e **sim. Ausência de luz** se opõe semanticamente a **clarão. Que veda** (que fecha, que não deixa ver) se opõe a **traz a visão.** Sempre que palavras ou expressões são opostas quanto ao sentido, diz-se que constituem antíteses. Não há essa idéia de coisa contrária entre **sol** e **solidão,** porque solidão não é algo escuro, que se oporia à luz do sol.

92) Letra b

No texto, várias coisas ruins se transformam em boas. Por exemplo, o **não** (ninguém gosta de uma negativa em determinadas situações) que se transforma em **sim.**

93) Letra e

Questão bastante delicada. Aparentemente, duas opções serviriam como resposta: **c** e e. A ligação da oração "mas que se guardou no coração" é com "do que não se pode ver": do que não se pode ver mas se guardou no coração; então, o que está no coração é o que não se pode ver; por isso a resposta é a letra e. Mas por que a ligação não é com a oração começada por **porque?** Volte ao texto, por favor, e verifique que essa oração (porque se deixou pra trás) pode ser retirada do texto sem que com ela tenha que ser retirada também a oração iniciada por mas. Outra maneira de comprovar isso é observar o emprego do pronome relativo **que:** do que não se pode ver mas (do) que se guardou no coração. Realmente, as duas orações estão ligadas diretamente.

Texto XX

94) Letra d

Um texto autobiográfico é aquele em que o autor fala de sua própria vida, de sua própria história. É o que ocorre no texto.

95) Letra c

O autor diz que o uso vulgar é começar o livro pelo nascimento. Assim, começar pela morte é uma coisa menos comum. Cuidado com os jogos de palavras que às vezes as alternativas apresentam. Na opção d, temos "não começar um livro por sua morte", isto é, começar pelo nascimento, o que é uma coisa comum.

96) Letra b

Quando o autor diz estar em dúvida quanto a começar o livro por seu nascimento ou sua morte, na realidade está afirmando que já morreu. Também se pode chegar a essa conclusão quando ele se diz um defunto autor.

97) Letra e

Além de se colocar como um defunto autor, prestes a escrever sobre a própria morte, o autor afirma que Moisés também fez isso. Então, ambos falaram acerca de suas mortes. A resposta não deve ser a letra a, embora também seja uma

semelhança; mas é uma coisa genérica, de pouca importância para o texto, que trata da morte do próprio autor.

98) Letra d

O autor diz que Moisés contou a sua morte no cabo, isto *é*, no fim. E ele tinha agido diferente, como se vê na linha 4: “a adotar diferente método...”

99) Letra c

No livro do autor, a morte aparecerá em primeiro lugar; Moisés fez diferente: colocou-a no fim. E o autor afirma que a diferença entre seu livro e o Pentateuco é exatamente essa. Assim, deduz-se, o Pentateuco foi escrito por Moisés.

100) Letra d

Autor defunto pode ser entendido como um autor que morreu, daí sua ligação com a palavra **campa. Já defunto autor** seria alguém que morreu e que passa a atuar como autor, para o qual, como se vê na linha 6, a campa se transformou em berço. Berço, aqui, simbolizando o início de uma nova fase. Por isso a ligação entre **defunto autor** e **berço.**

101) Letra e

Como um defunto autor ele terá pela frente uma nova fase, em que atuará como autor. Diferentemente do autor defunto, que não teria atividade alguma.

Texto XXI

102) Letra e

No início do texto, lê-se: “...prepara a abertura de uma fábrica no Brasil.” Então, ainda não está instalada aqui. Logo depois, temos: “...chegou ao país há dois anos...”. No final, é feita a citação da Cirio, cliente no Brasil. Juntando-se tudo isso, conclui-se que a resposta é a letra e.

103) Letra e

A alternativa **a** está errada porque o texto fala da facilidade logística junto ao Mercosul. A Combibloc apenas produz as embalagens para o atomatado Malloa, por isso não procede a alternativa b. A letra **c** pode confundir o candidato; na realidade, especificamente é a SIG Combibloc que ocupa o 2o lugar mundial, a SIG é o grupo inteiro; o texto, nesse particular, se volta para a Combibloc. Quanto à opção d, o texto diz que a Unilever está instalada no Chile, o que não

garante que seja uma empresa chilena. A resposta se justifica com a terceira linha, pois 1 bilhão corresponde a 2/3 de 1,5 bilhão.

104) Letra b

A resposta se justifica com o trecho: "...pela facilidade logística junto ao Mercosul." A palavra **junto** é a chave da questão. A letra d, embora pareça satisfazer, é apenas uma conseqüência disso.

105) Letra c

A que mercado se refere o texto? Ao de produção de embalagens longa vida. Na letra c, a palavra **mercado** está no plural, o que altera o sentido, uma vez que se trata apenas de um mercado.

106) Letra c

É uma questão simples de sinônimos. Não há o que discutir. **Incluir** não é o mesmo que **apontar.**

Texto XXII

107) Letra c

A resposta se justifica com o trecho: "Dificilmente se acomodavam, porém, ao trabalho acurado e metódico...". A palavra-chave para a questão é o adjetivo **metódico,** que pressupõe rotina, coisa de que eles não gostavam.

108) Letra b

Questão de sinônimos. Basta consultar um dicionário para conferir. **Acurado** é o mesmo que **especial.**

109) Letra d

Cacofonia é o som desagradável que surge na união do final de uma palavra com o início da seguinte; por exemplo, nosso hino (suíno). **Neologismo** é palavra inventada, que não consta no vocabulário oficial da língua; por exemplo, imexível. **Arcaísmo** é o uso de termos antigos, em desuso; por exemplo, usar a palavra **físico** com o sentido de **médico.** Quanto à **ambigüidade,** veja os comentários da questão 55. Em **tendência espontânea** temos uma **redundância,** uma vez que a tendência é sempre espontânea, ou não seria tendência. Veja mais explicações sobre redundância na questão 55.

110) Letra c

Deduz-se que se trata dos índios, em razão de suas características e por serem chamados de antigos moradores da terra. Na realidade, é uma questão que exige conhecimentos extratexto.

111) Letra b

Justifica-se a resposta com o trecho: "...e que pudessem exercer-se sem regularidade forçada e sem vigilância e fiscalização de estranhos." Ou seja, eles eram livres, gostavam de fazer as coisas de acordo com sua vontade, na hora que bem entendessem. A vigilância e a fiscalização os perturbavam, pois não gostavam de regularidade no trabalho.

Texto XXIII

112) Letra e

Quando o autor diz que "não conseguiram as bandeiras realizar jamais a façanha levada a cabo pelo boi e pelo vaqueiro", está afirmando exatamente o que aparece na opção e, que é uma espécie de paráfrase desse trecho. A alternativa **b** é perigosa: o boi e o vaqueiro fizeram algumas coisas que as bandeiras fizeram, como a conquista de determinadas terras, mas o boi e o vaqueiro não fizeram as coisas ruins, como o sacrifício de indígenas.

113) Letra c

Quem catequizou os nativos foram o vaqueiro e o boi, como se vê na linha cinco.

114) Letra e

A resposta aparece, bem clara, no trecho: "...sacrificavam indígenas aos milhares...". Isso é massacre, sem dúvida alguma. Observe que não há menção a possíveis maus-tratos contra os índios; provavelmente ocorreram, mas o texto não diz nada a respeito.

115) Letra d

Enquanto é conjunção, parte da locução **enquanto que,** onde o **que** é expletivo. **Assim** é um advérbio. Elas não têm nenhuma relação com as bandeiras ou com **o** boi e o vaqueiro, muito menos indicam **qualquer tipo** de oposição.

116) Letra d

A palavra **misteres** significa tarefas, atividades, ofícios. Não é sinônima de **cuidados,** cujo emprego, então, altera radicalmente o sentido do trecho. As outras

palavras são sinônimas: catequizando, doutrinando evangelizando; nativo, indígena, aborigine, autóctone.

117) Letra b

A questão têm uma armadilha que muitas vezes derruba o candidato. A expressão "Com todo o aparato de suas hordas guerreiras..." é um adjunto adverbial de concessão, ou seja, é uma oposição ao que se expressa no verbo. Vários elementos podem iniciar esse tipo de adjunto, entre eles, **não obstante.** Daí a resposta ser a letra b. Agora, veja a armadilha: **mesmo** também pode ser usada no texto, sem alteração de sentido. Por que, então, a resposta não pode ser a letra a? Porque a palavra **mesmo** não poderia substituir, como pede a questão, a palavra **com,** mas antecedê-la. Teríamos, assim: "Mesmo com todo o aparato de suas hordas guerreiras..." Na letra d, a locução usada é **a** respeito **de,** com valor semântico de assunto. Não confunda com **a despeito de,** que poderia substituir a preposição **com** no trecho.

118) Letra a

O vocábulo **aparato** pode ser entendido como *organização de determinados atos públicos.* A expressão **hordas guerreiras** significa *grupos indisciplinados ou bárbaros voltados para a guerra.* A resposta só pode ser a letra **a.**

Texto XXIV

119) Letra d

A oração começada pela conjunção **por isso** é conclusiva e expressa uma conseqüência em relação ao fato de mais de 60% dos cariocas ainda se recordarem das Casas da Banha. Daí a resposta ser a letra d. Não poderia ser a letra c, como possa parecer, porque o texto não fala de nenhum acordo proposto à família Velloso, apenas cita o acordo.

120) Letra c

A resposta ao item anterior se ajusta a esta questão. A chave da compreensão é a palavra **por isso.**

121) Letra e

Funcionamento virtual não quer dizer sem fins lucrativos, o que invalida a letra a. A letra b poderia ser a resposta se a preposição utilizada fosse **em,** e não **de:** não venderão em supermercado, o que poderia sugerir a venda virtual. As opções **c** e **d** são facilmente descartadas; o que o trecho afirma é que as vendas serão feitas

apenas (veja a importância da palavra) virtualmente, isto é, pelo computador, e não em lojas, como antigamente.

122) Letra b

Trata-se de uma questão de coesão textual, ou seja, as devidas ligações que existem entre as palavras ou expressões de um texto. Na palavra **ressuscitá-la,** o pronome **la** é objeto direto, a coisa ressuscitada, isto é, as Casas da Banha. **Daquela, uma** e **desaparecida** referem-se também às Casas da Banha. Então, semanticamente, estão ligadas ao pronome **la.** Isso não ocorre com a palavra **pesquisa.**

Texto XXV

123) Letra e

O erro da primeira opção é que a GM não é empresa brasileira. A segunda está errada porque o texto diz que a fábrica de Gravataí será usada como piloto, ou seja, ainda vai acontecer. Na opção seguinte, o erro está na palavra **semelhante;** a fábrica de Gravataí não é semelhante ao que está sendo criado no mundo, ela será o modelo para as outras. A alternativa seguinte não tem o menor apoio no texto, que não fala em transformação da fábrica de Gravataí. A própria Gm é que vai se transformar. A última alternativa está de acordo com o texto.

124) Letra c

Dizer que "a Internet passará a nortear todos os negócios do grupo" não significa que os consumidores não poderão comprar em lojas.

125) Letra a

O texto nos diz que a "Internet passará a nortear todos os negócios do grupo". Isso terá como partida a planta da fábrica brasileira, considerada piloto da transformação. Então, a resposta só pode ser a letra a. Na letra d, a palavra deveria ser **totalmente,** e não **parcialmente,** já que a fábrica do Rio Grande do Sul será o modelo para as demais espalhadas pelo mundo.

126) Letra d

Questão que dispensa comentários, pois se trata de sinonímia. **Implementação** é o mesmo que **realização.**

127) Letra c

O prazo estabelecido é o ano de 2000.

Texto XXVI

128) Letra b

A locução prepositiva **em virtude de** introduz termo com valor de causa. O relacionamento das conquistas com o sofrimento do povo é exatamente de causa e efeito. O povo sofreu por causa das conquistas, pois muita gente não voltou para casa.

129) Letra d

A metáfora existe na comparação feita entre o sal do mar e as lágrimas do povo português. Há, pois, uma fusão entre o mar, que simboliza as conquistas, e as lágrimas, que simbolizam o sofrimento. O poeta quer passar a idéia de que não haveria conquistas sem o sofrimento do povo, as duas coisas estão intimamente associadas.

130) Letra c

Apóstrofe é a figura que consiste em chamar, interpelar alguém ou algo. Veja, como exemplo, o conhecido verso de Castro Alves: "Deus, ó Deus, onde estás que não respondes?" em que o poeta está interpelando, chamando Deus. **Epíteto de natureza** é um tipo de pleonasmo: leite branco, gelo frio, pedra dura; isto é, por sua natureza, o leite é sempre branco, o gelo sempre frio, a pedra sempre dura. **Sinestesia** é a figura que consiste em misturar sentidos (tato, visão etc.).; por exemplo: som colorido, mistura de audição e visão. As outras figuras já comentamos em questões anteriores. No poema, então, além da **metáfora,** encontramos uma **apóstrofe** (Ó mar salgado), um epíteto de natureza (mar salgado) e uma metonímia na palavra **Portugal,** palavra usada no lugar de **portugueses** (troca dos habitantes pelo lugar).

131) Letra c

Por causa da locução **em** vão, a resposta parece ser a letra a. O verso quer dizer que, apesar das orações dos filhos, muitos pais não regressaram. Mas o sofrimento do povo como um todo não pode ser considerado inútil, no momento em que o país conquistou, cresceu. A resposta só pode mesmo ser a letra c, pois, apesar das preces, muita gente perdeu seus entes queridos.

132) Letra e

O fato de se rezar em determinados momentos de aflição não significa necessariamente fé ou religiosidade. Qualquer um, mesmo sem ser religioso, pode orar em certos momentos da vida. É possível, assim, eliminar as alternativas **a** e **c**. O povo português é, como qualquer povo, inteligente. Mas nada no texto

faz menção **a** isso. Elimina-se, então, a alternativa b. Também seria inadequado considerá-lo ambicioso, a partir dos elementos do texto. A resposta só pode ser mesmo a letra e: o povo demonstra grandeza e tenacidade ao sofrer pelo progresso do país.

133) Letra d

A resposta está, bem clara, na passagem: "Quem quer passar além do Bojador tem que passar além da dor."; isto é, tem que vencer a dor.

134) Letra a

Nele se refere a mar. Entenda-se: *é* no mar que espelhou o céu.

Texto XXVII

135) Letra e

A resposta não pode ser a letra **a** porque os carros de bois dividiam a tarefa do transporte com as tropas de muares, como se pode constatar na linha 4. A letra **b** contém erro pois as tropas de muares é que surgiram no século XVIII, não havendo citação da época do aparecimento dos carros de bois. A letra c está errada porque os carros de bois foram usados juntamente com as tropas, e não após elas. A letra d também não está correta porque o texto não afirma tal coisa, diz apenas que eles ligavam os núcleos de povoamento entre si e com as roças e lavouras. O gabarito é a letra e pois o texto fala de lamaçais e trilhas quase intransitáveis, que só as tropas e os carros de bois poderiam vencer.

136) Letra d

Como vimos nos comentários da resposta anterior, o estado ruim dos caminhos, por causa das chuvas (lamaçais) e do verão (ásperas trilhas), favoreceu o uso das tropas e dos carros de bois.

137) Letra e

Os comentários das duas últimas questões se aplicam a esta. Vale destacar, aqui, dois trechos do texto: "...foram os carros de bois e as tropas os únicos meios de ligação..." (/. 7/8) e "De outra forma não se venceriam os obstáculos naturais." (/. 9 e 10)

138) Letra a

Questão de vocabulário. **Muares,** com possíveis variações de sentido, **mulos, burros, mus** e **bestas.** Os cavalos não têm relação com os muares.

139) Letra c

O único adjetivo que não se aplica àquele tipo de transporte é nostálgico. Nostalgia é a melancolia causada pela saudade da pátria, segundo os dicionários. Por extensão, melancolia causada por qualquer tipo de saudade. Nada no texto sugere um transporte nostálgico.

Texto XXVIII

140) Letra d

O liberalismo restringe as atribuições do Estado. Locke foi o primeiro teórico do liberalismo. Assim, deduz-se que ele achava necessário restringir as atribuições do Estado. Mas cuidado com letra c. Ela afirma que a participação de Locke foi apenas teórica; não é verdade, se levarmos em conta que ele foi perseguido a ponto de precisar refugiar-se na Holanda.

141) Letra b

Se o liberalismo exprime os anseios da burguesia, segundo o primeiro período do texto, os burgueses só poderiam ser simpáticos a ele. Eles não poderiam ter simpatia pelo absolutismo ou pelos Stuarts, absolutistas por excelência. Não se esqueça de que o liberalismo se opunha ao absolutismo. A perseguição de Locke foi feita pelos absolutistas, o que invalida também a letra d. Agora, observe a letra c: os burgueses não seriam simpáticos às atribuições do Estado, e sim às suas restrições, conforme o final do segundo período do texto.

142) Letra a

Deduz-se do texto que a Revolução acabou com o absolutismo, tanto é que Locke pôde regressar da Holanda. A implantação do liberalismo foi conseqüência imediata da queda do absolutismo.

143) Letra d

A palavra **valores** não *é* sinônima de **anseios.** O texto teria o seu sentido radicalmente alterado. Convém dizer que não há sinônimos perfeitos, em língua alguma. Sinônimos são termos de mesmo significado ou, pelo menos, muito parecido. O enunciado fala em alterar substancialmente, e isso ocorre, sem dúvida, na troca de **anseios** por **valores.**

144) Letra e

Essa questão já foi comentada anteriormente. É, inclusive, o tema do texto.

145) Letra c

O texto não diz quem foi Guilherme de Orange, mas ele foi chamado “para consolidar a nova monarquia parlamentar inglesa”. Isso só poderia ocorrer se ele tivesse idéias liberais, pois o liberalismo estava se implantando naquele momento.

Texto XXIX

146) Letra d

A letra **a** pode parecer a resposta, mas contém um erro: as companhias de energia elétrica não se negaram a pagar os bônus. Segundo o texto, “...os consumidores nao precisavam ter lançado mao da Justiça para poder ter a garantia desse direito”, ou seja, as pessoas ficaram com medo de não receber, por isso apelaram; mas o texto não diz que as companhias se negaram a fazer o pagamento. A letra b é extremamente sutil e capciosa; não se trata de todos os tipos de consumidores, mas apenas dos consumidores de energia elétrica. As letras c e e não têm nenhum respaldo no texto. O gabarito só pode ser a letra d. Veja o que o texto diz a respeito do governo: “...não contou com tamanha solidariedade dos consumidores.”

147) Letra e

A resposta desta questão está expressa no seguinte trecho: “Decididamente, os consumidores não precisavam ter lançado mão da Justiça para poder ter a garantia desse direito.” (/. 13/14), ou seja, os bônus seriam pagos de qualquer forma, mesmo porque o próprio presidente da República garantiu isso.

148) Letra b

A palavra-chave para responder a essa questão é permanente, na linha 15. Permanente é algo que sempre ocorre.

149) Letra e

Ver os comentários da questão anterior.

150) Letra d

A resposta aparece, clara, no trecho: “Agem como se logo mais na frente não precisassem da população...” (/. 17/18); esse “logo mais na frente” refere-se a um futuro próximo. Eles não estão preocupados com o que virá, pensam apenas no presente.

151) Letra c

A Câmara de Gestão defende os interesses do governo, não das companhias de energia. O presidente não espera pagar, como afirma a opção b: o bônus, segundo ele, será pago. A letra d também está errada, porque não foi a Câmara de Gestão que garantiu o pagamento dos bônus, mas o presidente da República. A letra e não encontra nenhum apoio no texto. A resposta é a letra c. Basta reunir duas coisas: a redução do consumo de energia (1º parágrafo) e o trecho: "...para poder ter a garantia desse direito" (/.14).

Texto XXX

152) Letra d

Se o setor automobilístico impulsiona a economia de um país, como se vê no primeiro período, ele é de capital importância. Portanto, a economia não pode ficar sem o setor automobilístico. Corroboram essa afirmação os números apresentados ao longo do texto.

153) Letra c

A resposta surge, bem nítida, no trecho: "É consenso entre os economistas..." Consenso é acordo de opiniões, e o texto não fala, em momento algum, que se trata de economistas apenas ligados ao setor automobilístico.

154) Letra e

A letra **a** não satisfaz pois o texto nos informa da importância do setor automobilístico na economia de "qualquer país" (/. 2). As letras b e **c** são absurdas, totalmente contrárias ao tema do texto, que é a importância desse setor na economia. A letra **d** poderia confundir, mas ela fala de sustento, ou seja, todas as despesas de um indivíduo para que ele se mantenha; o texto diz apenas que 5 milhões dependem, em maior ou menor grau, do setor automobilístico; depender em menor grau não pode ser entendido como tirar o seu sustento desse setor. A resposta é a letra **e** porque, como se afirma no último período do texto, 1 em cada 4 reais foi gerado no setor automobilístico, o que quer dizer que três quartos não tiveram relação com a indústria de automóveis.

155) Letra c

A questão se baseia na diferença de sentido entre duas expressões muito conhecidas: a princípio e em princípio. A **princípio** *é* uma locução que só deve ser usada com o sentido de **no começo,** que é o que ocorre com **a começar,** no trecho destacado. Por isso, **a princípio, começando, principiando** e **iniciando**

podem ser usadas sem prejuízo do sentido. **Em princípio** eqüivale a **em tese, teoricamente,** não podendo, pois, substituir **a começar.**

156) Letra a

A resposta se encontra no trecho: "Até na construção civil a presença das rodas é enorme." Assim, a letra b fica automaticamente eliminada. Os 216 bilhões de dólares é a quantia movimentada pelo setor automobilístico, não apenas com os salários. A letra **d** é facilmente descartada. A letra **e** pode parecer a resposta, mas contém erro: o que o texto diz é que cada emprego em uma fábrica de automóveis gera outros 46 empregos indiretos, isto é, sem ligação direta com a fábrica; não se podem somar esses números, o que daria 47.

157) Letra c

A palavra até indica inclusão. A construção civil seria mais um segmento em que está presente o setor automobilístico. Assim, existem alguns segmentos.

Texto XXXI

158) Letra d

Os gregos antigos não conheciam o planeta Urano, que só foi descoberto em 1781. No inicio do texto se diz que os gregos e povos ainda mais antigos conheciam determinados planetas. A semelhança, segundo o texto, realmente existe (/. 4). A letra d é a resposta porque traz uma afirmação não contida no texto (veja o enunciado da questão). A maneira que eles tinham de fazer a diferença não dependia do uso de aparelhos; é, por sinal, o que afirma a opção e.

159) Letra c

No momento em que algumas coisas podem ser descobertas a olho nu, a resposta só pode ser a letra c.

160) Letra d

A locução graças a tem valor de causa, mas também indica soma (é igual a e); apesar de, concessão, oposição; com, modo; em, tempo. Só a preposição por, no trecho, indica causa: por ser própria —> porque é própria.

161) Letra e

O trecho nos diz que os gregos e os povos mais antigos conheciam esses astros. Na letra e, com o emprego da locução prepositiva através de, o sentido se altera.

A idéia passa a ser que alguém conhecia esses astros, por intermédio dos gregos e de povos mais antigos. Muda o agente da ação verbal.

162) Letra a

O texto diz que “as estrelas não variam de posição” (/. 6/7) e que “os planetas mudam de posição no céu” (/. 7/8). Também afirma que “as estrelas têm uma luz...que pisca levemente” (/. 9/10) e que “os planetas...têm um brilho fixo” (/. 10/11).

163) Letra d

O texto diz que o primeiro planeta muito distante da Terra a ser descoberto foi Urano. Já eram conhecidos Marte, Júpiter, Vênus, Saturno e Mercúrio. Assim, Plutão só pode ter sido descoberto depois de Urano.

164) Letra e

A resposta se encontra no seguinte trecho: “...”as estrelas, em curtos períodos, não variam de posição umas em relação às outras.” Se elas não variam em curtos períodos, é que variam em períodos longos de tempo.

Texto XXXII

165) Letra c

Comparemos dois trechos do texto: “...o Rosa não mudou.” (/. 6) e “É claro que houve mudanças desde sua descoberta pelos forasteiros.” (/. 9/10). Por isso, uma pequena contradição do autor.

166) Letra d

No primeiro parágrafo, o autor nos fala que, em meados dos anos 70, a Praia do Rosa permanecia exclusiva de poucas famílias de pescadores. Então, ela não despertou a atenção de surfistas e exploradores no início dos anos 70.

167) Letra b

O autor apresenta, com naturalidade, as excelências da Praia do Rosa. Até o momento em que fala das baleias. Ele mostra uma certa admiração, quando repete, numa interrogação, a palavra **baleias.** Mais admirado fica por se tratar de uma espécie não muito comum, as baleias francas, “que chegam a impressionantes 18 metros e até 60 toneladas”. As outras alternativas se eliminam naturalmente.

168) Letra d

A resposta da questão se encontra claramente expressa no seguinte trecho: "...esta região resiste intacta graças a um pacto entre moradores e donos de pousadas.". A locução prepositiva graças a introduz adjunto adverbial de causa. Assim, o que ocasionou a preservação do Rosa foi o pacto, que, inclusive, não permitiu a especulação imobiliária.

169) Letra d

A palavra **mesmo** que inicia o referido período tem no trecho um valor claramente concessivo, ou seja, sua oração se opõe à oração seguinte, que é a principal. **A despeito de, não obstante, ainda que** e **posto que** têm, todas elas, valor concessivo. Já a locução conjuntiva **contanto que** têm valor de condição. Seu emprego, naturalmente, altera o sentido do trecho, aliás, mais do que isso, deixa-o sem coerência.

170) Letra a

A palavra possui, num dado texto, valor denotativo quando empregada com seu sentido normal, primitivo, real. Por exemplo, a palavra **flor** em "A flor é bonita". Tem valor conotativo, quando usada com sentido especial, figurado. Como exemplo, a palavra **flor** em "Essa menina é uma flor". Uma menina não pode ser uma flor, se se tratar realmente do vegetal. Ela só pode ser entendida se desdobrarmos a frase numa comparação: "Essa menina é bonita como uma flor." A palavra **generosas,** no texto, não pode ser entendida como boas, caridosas etc. Literalmente, as ondas não podem ser generosas.

171) Letra c

A palavra **badalado** é um exemplo de linguagem descontraída, popular. Significa exatamente "muito falado". Convém lembrar que nem sempre é fácil distinguir a linguagem culta, seja literária, jornalística ou outra qualquer, da linguagem dita popular ou coloquial. Um bom dicionário pode ajudar, pois costuma fazer a distinção entre uma coisa e outra. Considere linguagem popular, por exemplo, as gírias de um modo geral.

Texto XXXIII

172) Letra d

A resposta se encontra no primeiro período do texto. Quando percebemos que a vida é difícil para todos, poupamo-nos da autopiedade. Cuidado com a opção b: na realidade, nós nos dispomos a ajudar os outros quando nos livramos da

autopiedade, ou seja, quando percebemos que as outras pessoas também sofrem. Veja o que aparece nas linhas 8 e 9: “É melhor ter pena dos outros...”

173) Letra **d**

O texto, como um todo, fala que não devemos ficar chorando pelo caminho, culpando o que quer que seja pelo que nos ocorre de ruim. Devemos, sim, lutar para vencer as dificuldades, que são naturais em nossa caminhada. Observe o trecho seguinte: “Não vale a pena perder tempo se queixando dos obstáculos que têm de ser superados para sobreviver e para crescer.” O autor afirma que os obstáculos têm de ser superados, e isso, naturalmente, pede esforço.

174) Letra e

A resposta está bem clara no trecho seguinte: “Ter pena de si mesmo é uma viagem que não leva a lugar nenhum.” Autopiedade é ter pena de si mesmo e não leva a lugar nenhum, isto *é*, a nada.

175) Letra b

No final do texto, encontramos o seguinte: “A questão não é receber boas cartas, mas usar bem as que lhe foram dadas.” Usar bem as cartas é o mesmo que saber jogar.

176) Letra d

É claro que todos esses sentimentos poderiam servir como resposta. No entanto, só uma opção tem realmente apoio no texto. A letra d é a resposta, como se observa no trecho: “...obstáculos que têm de ser superados para sobreviver e para crescer.” (/. 7/8)

177) Letra e

Segundo o autor, para resolver problemas, devemos usar as nossas melhores qualidades, que são “capacidade de amar, de tolerar e de rir”. (/. 12). Por isso a resposta é **amor** (capacidade de amar), **tolerância** (capacidade de tolerar) e **alegria** (capacidade de rir).

178)Letrac

Para o autor, as nossas dificuldades são uma coisa absolutamente natural, como se vê nas linhas 5 e 6. Se elas são naturais, são inerentes ao ser humano, não dependem de nós, portanto não as podemos evitar.

Texto XXXIV

179) Letra e

Alguns trechos sugerem essa postura do autor, principalmente o seguinte, nas linhas 16 e 17: “Agora as leis do mercado importam mais do que as leis da ética.” As leis do mercado, evidentemente, dizem respeito ao capitalismo. Só que - e aí está a maior crítica - elas valem mais do que as leis da ética.

180) Letra b

A palavra-chave, aqui, é **liberdade,** intimamente associada à democracia. O questionamento - e isso está bem claro - é a quantidade de pessoas famintas, apesar da liberdade trazida pela democracia.

181) Letra e

O pronome pessoal “lhes” não tem como referente o termo “seus governantes”, e sim “aqueles povos” (/. 24). Entende-se: “Mas é negado àqueles povos o direito de escolher...”

182) Letra d

Eles não são totalmente livres porque, como se vê no último parágrafo, não têm o direito de escolher um sistema social que não assegure a reprodução do capital privado

183) Letra c

Questão de sinônimo. Não há o que discutir. A palavra **ressaltar** significa **destacar.**

184) Letra c

O paradoxo pode ser entendido como uma contradição, pelo menos na aparência. Os termos que, com base no texto, possuem essa característica são **liberdade** e **fome.** A liberdade não deveria contribuir para o aumento da fome, conforme coloca o autor. Aliás, o texto se baseia nesse paradoxo, nessa contradição que se tornou uma triste realidade.

185) Letra c

A paráfrase, como já vimos, é uma reescritura em que se mantém o sentido básico do texto. Esta questão *é* delicada e, com certeza, vai enganar muitas pessoas. O problema é como entender “com o muro de Berlim”. A tendência talvez seja achar que o autor quisesse dizer “com a queda do muro de Berlim”, já que esse é um fato histórico que marcou a humanidade e é recente, comparado com a sua construção. Mas aí o texto não teria lógica alguma. Na realidade, o significado é

de “com a construção do muro de Berlim”. Só assim tem sentido o restante do trecho: “ruiu quase tudo aquilo que sinalizava um futuro sem opressores e oprimidos”. Se fosse “com opressores”, a idéia seria realmente de queda do muro de Berlim. A alternativa c apresenta, assim, uma mudança de sentido absurda

ao afirmar “Com a queda do muro de Berlim”.

Texto XXXV

186) Letra d

As opções **a** e c apresentam o mesmo tipo de erro: a gasolina brasileira não é sempre adulterada nos postos, pois, por amostragem, isso ocorre apenas em quatro postos, num total de doze; da mesma forma, não se pode afirmar que os donos de postos de gasolina adulteram a gasolina, porque disso se entende que todos fazem tal coisa, quando essa prática só pode ser atribuída aos inescrupulosos. A letra **b** não tem qualquer apoio no texto. A letra **e** afirma o contrário do texto (veja o que o autor coloca nas linhas 17 e 18). A resposta se encontra no seguinte trecho: “Pior: quando adicionado por especialistas, o solvente quase não deixa pistas.” (/. 10/11)

187) Letra d

O IPT é o instituto que examina as amostras coletadas, como se vê no trecho “...segundo o laudo do IPT...” Os repórteres, claro, não são do IPT, mas da revista Quatro Rodas.

188) Letra e

O texto diz que a adulteração da gasolina é “indetectível em testes simples” (7. 11). Assim, a revista recorreu ao IPT para que ele, com a cromatografia, pudesse resolver o problema (veja as linhas 13-19). O fato de o instituto ser insuspeito não pode ser entendido como a causa da escolha, que seria, como o texto bem coloca, a capacidade do IPT de descobrir a adição fraudulenta de solventes à gasolina.

189) Letra b

É uma questão de sinonímia e coesão textual. **Segundo** é conectivo conformativo, ficando eliminada a letra d, pois **não obstante,** que eqüivale a **apesar de,** tem valor concessivo. Com **isso,** no trecho destacado, tem valor de modo, o que descarta as letras **a** e **e; apesar disso** tem valor concessivo, e **aliás,** retificativo. Já **que** é conectivo causai, eqüivalendo a **uma** vez **que,** que aparece nas duas opções que não foram eliminadas. A palavra **para** tem valor de finalidade, correspondendo a **a fim de,** ficando, então, como resposta, a letra b. A palavra **por,** se colocada no texto, assumiria um valor causal.

190) Letra e

Há erro na alternativa **a** porque os solventes só não podem aparecer em determinadas proporções. Veja o que se encontra no final do texto: "...quatro delas estavam adulteradas pela presença de solventes em proporções acima das encontradas na gasolina de referência da refinaria Replan...". A opção b não tem qualquer respaldo no texto. A alternativa **c** contém erro, porque, ao detonar o sistema de combustão, os bandidos lesam especificamente o consumidor. A opção d é absurda. A letra **e** está inteiramente de acordo com o texto. Eis o trecho que justifica a resposta: "...uma revelação esperada..." (/. 20).

191) Letra d

O texto diz que a gasolina de referência da replan contém solventes, em proporções aceitáveis. Nesse caso, então, o solvente deixa de ser um veneno químico. Nenhum terrorista está adulterando a gasolina: a alternativa b é absurda. Nem todos os donos de postos são inescrupulosos; o problema da alternativa **c** é, pois, a generalização.

Observe a passagem seguinte: "Com isso, esses bandidos estariam lesando os concorrentes (porque pagam barato pelos adulterantes)..." Esta é a justificativa de a resposta ser a letra d. A letra **e** não satisfaz, já que em nenhum momento houve a desconfiança de que o problema ocorresse em seu próprio carro, e sim nos postos de gasolina.

192) Letra a

Questão de sinonímia. **Deram de** eqüivale no texto exatamente a **começaram a.** Todas as outras palavras ou expressões alterariam o sentido do trecho.

193) Letra c

A gasolina ideal seria a da Replan porque ela apresenta solventes na proporção adequada. Não é propriamente uma questão de poucos ou muitos solventes, pois isso é relativo. O que conta é a proporção permitida.

Texto XXXVI

194) Letra b

O autor declara que "o otimista é um cara mal-informado" (/. 10). Para ele, o ministro afegão é otimista em crer numa invasão de turistas. Agora, juntemos tudo isso com o trecho seguinte: "Os umbrais do atraso que FHC anuncia transpor e os encantos turísticos do Afeganistão são boas intenções ainda distantes da realidade." A resposta, assim, só pode ser a letra b.

195) Letra d

O presidente FHC disse que “já vamos transpor os umbrais do atraso” (/. 4/5). Mais adiante, nas linhas 19 a 21, o autor afirma: “Quando Maria Antonieta perguntou por que o povo não comia bolos à falta de pão, também pensava que a monarquia havia transposto os umbrais do atraso.” A comparação com FHC fica evidente na palavra **também,** no trecho destacado. **Também** une as duas pessoas, FHC e Maria Antonieta, no que toca à idéia de terem sido transpostos os umbrais do atraso. Daí a resposta ser a letra d. A letra e poderia parecer correta, mas está errada. Maria Antonieta não é comparada a um cara mal-informado, ela era malinformada.

196) Letra c

Burra é uma palavra de pouco uso no português atual, com o sentido de cofre. Erário é dinheiro público. Assim, o trecho destacado tem o sentido de cofres do tesouro do Afeganistão. O crédito de esperança seria a possibilidade de haver, de acordo com o otimismo do ministro Abdul Rahman, uma invasão de turistas ávidos por conhecer Tora Bora e Candahar, o que encheria os cofres do país.

197) Letra d

Ao considerar o otimista “um cara mal-informado” (/. 10), o autor se vale de uma linguagem descontraída, coloquial. Mais precisamente no emprego da palavra **cara,** com o sentido de pessoa.

198) Letra e

O texto não diz nem sugere que eles estejam descontentes com a situação em seus países, ao contrário, uma vez que se mostram ambos otimistas. Para o autor, eles não têm visão social, por estarem equivocados em seus pontos de vista. O autor não os acusa de demagogos, apenas os considera mal-informados, o que nos leva a aceitar a alternativa e como resposta. A letra d é absolutamente inadequada em relação às idéias contidas no texto.

199) Letra d

A resposta da questão se encontra claramente colocada no trecho: “já vamos transpor os umbrais do atraso” (/. 4/5). A palavra já transmite nitidamente a idéia de que o país deixará logo de ser atrasado.

200) Letra c

O autor ironiza ao dizer que o ministro afegão poderia conseguir que muita gente visitasse as cavernas do país se contratasse um dos marqueteiros profissionais do Brasil, que prometem até eleger um poste para a Presidência do Brasil.

201) Letra e

Uma questão bastante sutil. Para alguns, parecerá que não há resposta. Acontece que só o ministro Abdul Rahman supervaloriza a capacidade turística do país; o presidente do Brasil fala em vencer o atraso, sem nenhuma citação ao setor do turismo.

Texto XXXVII

202) Letra c

Todo o texto fala da intolerância entre os homens. Na realidade, o fanatismo, também abordado, é uma conseqüência da falta de tolerância. O trecho que melhor explica a preocupação do autor com a intolerância é o seguinte: "Não há melhor antídoto contra a conduta intolerante que a liberdade..." (/. 15/16)

203) Letra b

Essa questão pede conhecimentos extratexto. O problema do Brasil, da Argentina, de Cuba e do Peru é de ditadura. O problema da Irlanda, mais precisamente da Irlanda do Norte, é a luta separatista envolvendo católicos e protestantes.

204) Letra e

A resposta se encontra, explícita, na passagem: "A solidariedade e a tolerância democrática, inexistentes no nosso tempo..." (/. 22/23)

205)Letra e

O antecedente do pronome relativo **que** não é a palavra **pluralidade,** colocada imediatamente antes dele, como possa parecer. Faça a substituição e você verá, pelo sentido, que o referente é **liberdade:** a liberdade consiste em defender idéias próprias.

206) Letra **a**

Nada no texto opõe o Brasil à Argentina. São apenas citados como países que passaram por problemas semelhantes no que toca à intolerância de seus governos autoritários.

207) Letra d

Questão de sinonímia. Basta consultar um bom dicionário para comprovar. O adjetivo **patológico** pode ser entendido como **doentio, mórbido.**

208) Letra c

Realmente muitos pensam que ser livre é fazer tudo aquilo que deseja, mas não é o que o texto nos diz. A letra **a** é absurda por si mesma. As alternativas b, d e e são parecidas, todas apontam para uma conduta egoística, que o texto procura combater. A resposta surge, clara, na passagem que segue: "...consiste em defender idéias próprias, mas aceitando que o outro possa ter razão." (/. 16/17)

Texto XXXVIII

209) Letra d

Todo o texto se baseia, com muito humor, na dificuldade que tem o autor em utilizar determinados aparelhos e objetos do mundo moderno: as torneiras de água quente ou fria, o *timer* nos videocassetes, a tecla *Num Lock* nos computadores.

210) Letra b

É uma questão fácil. O autor brinca com o conceito de modernidade e a possível dificuldade dos usuários de aparelhos modernos. Ele mesmo se diz incapaz de reconhecer coisas sabidamente simples.

211) Letra d

A hipérbole, figura de linguagem, aparece em quatro alternativas, de maneira mais ou menos evidente. Na letra a, que talvez possa confundir o leitor, ela se expressa na palavra **nunca.** Na letra d não existe hipérbole, pois o fato de alguém não saber programar o *timer* não constitui exagero algum.

212) Letra c

Com bom humor, o autor diz que, para saber usar a supertorneira, é necessário fazer um curso de aprendizagem bastante difícil. Daí ser ela um elemento complicador na vida dos usuários.

213) Letra c

As pessoas neuronicamente prejudicadas seriam aquelas com pouca inteligência, entre as quais ele, brincando, se inclui, já que não consegue fazer determinadas coisas aparentemente simples, como se vê ao longo do texto.

214) Letra d

No primeiro parágrafo do texto, o autor diz que o uso das letras Q e F marginalizaria os analfabetos, pois eles não reconhecem as letras; afirma também que o emprego das cores marginalizaria os daltônicos, que não conseguem distingui-las.

215) Letra c

O Boeing aparece apenas como ilustração de uma dificuldade sentida pelo autor. É claro que, em momento algum, ele fala na possibilidade de dirigir um avião.

216) Letra e

O autor afirma que não consegue gravar a posição das torneiras de água quente ou fria, entre outras coisas. É, nitidamente, um problema de memória.

217) Letra b

Questão de sinonímia. **Acuidade** pode, dependendo do texto, como este que estamos analisando, significar **perspicácia, sagacidade, agudeza de espírito.**

218) Letra a

Leia de novo o final do texto. Lá se diz que o autor estava confortável, ou seja, tranqüilo, ao usar, por exemplo, o chuveiro. Aí surgem os novos tipos de torneira.

219) Letra d

O eufemismo aparece na expressão "neuronicamente prejudicadas", maneira mais suave de dizer **sem inteligência, ignorantes** etc.

Texto XXXIX

220) Letra c

Biotecnia é a técnica da adaptação dos organismos vivos às necessidades dos homens. **Exobiologia** é a ciência que estuda a possibilidade de vida extraterrestre. **Astrologia** é o estudo da influência dos astros no destino e no comportamento dos seres humanos. **Ufologia** é a ciência que trata da presença na Terra de naves extraterrestres, popularmente chamadas de discos voadores. **Astronomia** é a ciência que trata da constituição, da posição relativa e dos movimentos dos astros. A resposta, assim, só pode ser a letra c.

221) Letra d

O quarto parágrafo do texto mostra quando um astro entra na fase da maturidade. O exemplo dado é Antares, segundo o texto, “uma amostra de como ficará o Sol daqui a 4,5 bilhões de anos”. Ou seja, o Sol ainda não se encontra na maturidade, porém na meia-idade.

222) Letra c

Uma questão de coesão textual. O período apresentado é formado por duas orações, sendo que a primeira indica causa, e a segunda, conseqüência. É aquela estrutura que se aprende em gramática: tal...que, sendo a oração do **que** consecutiva. Ora, se começarmos pela segunda oração, com a eliminação desse **que,** a oração seguinte será subordinada causai. A única conjunção que tem esse valor é **porque.**

223) Letra e

O erro da letra e consiste em se afirmar que o aumento de calor se dá até a morte da estrela. Veja o que se encontra no 4o parágrafo: “Seu raio chega a aumentar 50 vezes e o calor se dilui.” (/. 25/26). Deduzse, então, que o calor não aumenta continuamente até a morte do astro. Chega um momento em que ele, o calor, se dilui.

224) Letra e

Não há nenhuma informação no texto sobre Antares pertencer ou não à Via Láctea. O que se diz é que ela pertence à constelação de Escorpião. Com base no texto, como diz o enunciado, não se pode fazer a afirmação da letra e. Aqui, o conhecimento extratexto do leitor não vem ao caso. É necessário que o texto o diga. Mesmo que a opção fosse “pertence à Via Láctea”, que é a verdade, ela continuaria a ser falsa, porque essa informação não é dada pelo autor.

225) Letra b

A resposta se encontra no último parágrafo, em especial no trecho: “...criando um corpo celeste extremamente denso chamado pulsar, ou estrela de neutrons.”

226) Letra e

Como se vê no último parágrafo, o buraco negro tem maior densidade do que a estrela de neutrons, também chamada pulsar. As Pleiades são estrelas jovens, o Sol está na meia-idade, e Antares, na maturidade. São diferentes, mas são estrelas. As outras opções não oferecem maior dificuldade.

227) Letra b

As conjunções **porque, mas, ou** e **à medida que** introduziriam, na frase, valores de, respectivamente, **causa, adversidade, alternância** e **proporção,** alterando totalmente o sentido dela. A idéia é de **adição, seguimento, conclusão,** valores expressos pela conjunção aditiva **e.**

Texto XL

228) Letra d

Até por exclusão, chega-se naturalmente à opção d. As outras apresentam sentimentos que, em nenhum momento, o autor deixa transparecer: ódio, descontrole, apatia, medo. Na realidade, ele se mostra revoltado com a injustiça social, com os preconceitos etc. E angustiado, em face do sofrimento do povo brasileiro, que nada pode fazer.

229) Letra e

A maior revolta que o autor demonstra é exatamente o fato de mostrarem aos brasileiros os fatos históricos de maneira deturpada, escondendo-se a realidade.

230) Letra d

A alternativa diz que a história oficial, ou seja, a que é apresentada ao povo, tende à versão do fato, e não ao fato em si. Assim, a história acaba sendo mascarada, para enganar.

231) Letra c

Todo o texto expõe a dúvida do autor quanto à independência, que aqui deve ser entendida de maneira mais ampla, não apenas o rompimento histórico com Portugal. O Brasil, segundo o texto, não é independente, no momento em que o povo continua sujeito a decisões arbitrárias de governos autoritários. Assim, o povo não seria de todo livre. Aliás, nem os governantes, para o autor, são livres. Leia o último período do texto, que deixa tudo bem claro.

232) Letra e

Governar a sociedade sem a participação dela é ato de ditadura, seja de que tipo for. Opondo-se a isso, teríamos o governar com a sociedade, característica maior da democracia.

233) Letra a

Todas as coisas desagradáveis levadas a efeito contra o povo (negros, escravos, índios, mulheres, lavradores, operários), durante toda a história do país, apontam

para a alternativa a. Não se pode esquecer que, segundo o autor, tudo sempre foi camuflado.

234) Letra d

A frase deve ser entendida não apenas como a dúvida quanto a que caminho seguir, num determinado local. No contexto, ela surge como a convicção de que ele não vai fazer as mesmas coisas erradas que muita gente faz. Quer buscar um novo caminho no que tange às atitudes a serem tomadas na sociedade. É por isso que a frase de Antônio Maria foi aproveitada pelo autor.

235) Letra b

Questão de significado de palavras. É inquestionável. **Indelével** é o que não se pode **delir,** ou seja, **apagar.**

236) Letra d

O texto é uma crítica ao atual governo brasileiro, apesar de citar os governos como um todo. E o enunciado da questão fala em problemas brasileiros da atualidade. Veja o trecho seguinte: "...a pátria navega a reboque do receituário neoliberal..." No momento em que o texto é produzido (2001), o Brasil tem um presidente que se diz neoliberal. É um componente extratexto importante, mas não chega a ser essencial.

237) Letra e

É um modo de mascarar a realidade. O que o autor chama de intelectuais de aparência progressista seriam aquelas pessoas de renome, falando em modernidade como meio de evolução social, mas que acabam transmitindo idéias preconcebidas de maneira camuflada, de tal forma que o povo possa julgar que tudo está como deveria ser. Mesmo porque, segundo o autor, esses intelectuais estariam dando "um toque de modernidade aos velhos e permanentes projetos da oligarquia" (/. 39/40). Ou seja, nem tão modernos assim.

238) Letra c

Oligarquia é uma palavra de origem grega que pode ser assim dividida: olig / arqu / ia. **Olig** significa **de poucos, arqu** quer dizer **governo** e **ia** é um sufixo formador de substantivo. Assim, a palavra quer dizer **governo de poucas pessoas.**

239) Letra c

A escravidão dos negros é citada no trecho: "...os gritos arrancados à chibata dos negros arrastados de além-mar..." (/. 26/27); a opressão dos índios, na passagem:

“...ressoam os dos índios trucidados pela empresa colonizadora...” (/. 18); a discriminação da mulher, no trecho: “índios, negros, mulheres, lavradores e operários não merecem a cidadania...” (/. 33/34); a fome do povo, na passagem: “...50 milhões de pessoas que não dispõem de R$ 80 mensais para adquirir a cesta básica.” (/. 35/36). Não há nenhuma citação ou alusão ao voto-cabresto do

Nordeste.

240) Letra a

A casa-grande era a casa dos senhores; os escravos ficavam na senzala. O governo estaria na casa-grande, dominando o povo, como se este estivesse numa senzala.

241) Letra e

Todo o texto leva à idéia de que o povo nunca teve voz ativa no país. Sempre teve que aceitar o que lhe foi imposto. Daí a resposta ser a letra e, pois na democracia o povo tem participação ativa.

242) Letra d

Em todo o parágrafo, sente-se esse clima de esperança. Para o autor, nem tudo está perdido. O que melhor justifica essa resposta é a mobilização do Grito dos Excluídos. Se as entidades, religiosas ou não, estão agindo, ainda se pode ter alguma esperança.

Texto XLI

243) Letra d

É uma questão fácil. Todo o texto trata da discordância do autor em relação à famosa frase do astronauta. Aliás, isso é dito logo no primeiro período: “Ele não podia ter arrumado outra frase?” Depois, o ensaísta apresenta os seus argumentos.

244) Letra c

A resposta está na segunda metade do primeiro parágrafo, quando diz que a frase poderia ter sido “mais natural”, “menos pedante”, “mais útil” ou “mais realista”.

245) Letra a

Observe que as opções b, c e d se opõem, pelo sentido, às outras duas. A dúvida maior fica por conta das alternativas a e e. Com uma leitura atenta, verifica-se que o autor, em nenhum instante, deixa transparecer que duvida de que o homem

tenha ido à Lua. A resposta é a letra a, porque o enunciado fala em algo exótico, ou seja, estranho. Aconteceu, mas é estranho, decepcionante, não encanta mais as pessoas, como a viagem de Gulliver encantava, quando de sua publicação.

246) Letra c

A resposta está, direta e integral, no segundo período do segundo parágrafo: "Convencionou-se que eventos solenes pedem frases solenes."

247) Letra b

O que se afirma na opção **a** é descartado pelo ensaísta quando escreve que "a posteridade guarda também frases debochadas" (/. 12/13). O mesmo se aplica à alternativa c. A letra d pode confundir o leitor, mas o que ela apresenta não é a opinião do autor, como pede o enunciado, e sim uma convenção da sociedade. A última opção não tem nenhum apoio no texto. A alternativa b, que é a resposta, pode ser constatada no período: É a história em sua versão, velhusca e fraudulenta,..." (/. 14/15)

248) Letra d

A questão é independente do texto. A metonímia é a troca de palavras quando entre elas existe uma relação objetiva, real. No caso da questão, a palavra **suor** está sendo usada no lugar de **trabalho,** ou seja, ocorreu a troca da causa pelo efeito.

Texto XLII

249) Letra d

As opções a, b, c e e são parecidas. São todas superficiais, valorizando a imaginação e a alegria das crianças, a ingenuidade e a poesia dos tempos passados. O autor vai mais além, e a resposta pode ser percebida, principalmente, no 6o parágrafo, onde a alma sugere a personalidade profunda, enquanto que os espelhos dizem respeito ao exterior, que nem sempre reflete o que vai na profundidade do ser.

250) Letra e

O item I é correto em função do que aparece no trecho: "Depois, ao crescer, descobrimos..." (/. 9). O item II está errado, e isso fica evidente no 3o parágrafo: "Não, nós sabíamos que não éramos aquilo!". Quanto ao item in, nada há no texto que garanta a sua autenticidade. Assim, somente o item I é correto, o que leva para a opção e.

251) Letra a

Com “Há casos, na vida” o autor apenas mostra que a situação é possível, mas não se pode pensar em generalização. Afinal, são alguns casos, apenas, situações particulares para as quais o texto chama a atenção. Na letra b, a palavra **aquilo** mostra bem o afastamento, diferentemente de **isto** e isso. A opção **c** também se baseia na noção de perto ou longe inerente aos demonstrativos: **isto,** proximidade total, refere-se ao que o falante é, enquanto **aquilo,** afastamento total, refere-se aos outros, afastados do falante. A letra d é clara: se temos um segundo eu, é porque existe um primeiro, original. Para a compreensão da alternativa e, vide a resposta da questão 249.

252) Letra b

A resposta fica nítida quando analisamos o início da pergunta: “Que pode...?” Ou seja, a alma não pode, mesmo porque é invisível, fazer nada contra aquilo que dizem dela, da mesma forma que nada pode fazer a pessoa diante de um espelho que lhe deforma a imagem. Aliás, todo o texto se baseia nisso.

253) Letra c

A resposta se encontra no quinto parágrafo, quando o autor pede ao leitor que tenha cuidado. A idéia é a seguinte: às vezes, as pessoas acabam acreditando naquelas imagens enganosas que fazem a seu respeito e, **conseqüentemente,** se despersonalizam, isto é, passam a assumir uma nova personalidade, um segundo eu. É a preocupação demonstrada pelo autor nesse parágrafo.

254) Letra a

“Por saber” eqüivale a “porque sabíamos”, com a conjunção subordinativa causai **porque.**

Texto XLIH

255) Letra c

A afirmação destacada no enunciado cria suspense, e nesses casos aguarda-se algo que realmente surpreenda.

256) Letra a

O segmento reforça a palavra **porco,** uma vez que ela realmente causa surpresa, estranheza no leitor. É como se o autor quisesse dizer que não houve erro no emprego da palavra **porco,** realmente foi ela que o leitor leu.

257) Letra a

As opções b, **c** e **d** se excluem naturalmente. Mas também não caberia a letra e, porque a palavra **como** transmite certa surpresa com o acontecimento, o que nos garante que ele realmente é incomum, não sendo registrado como normal. Da maneira como o autor redigiu o trecho em destaque, realmente o próprio porco teria providenciado seu embarque. Com o sujeito indeterminado, não haveria tal interpretação absurda: como conseguiram embarcá-lo...

258) Letra b

Temos aqui um caso de catacrese. **Embarcar** é *entrar no barco.* Na falta de palavras específicas para entrar no avião, no trem, no ônibus etc, usa-se o mesmo **embarcar.** Fenômeno idêntico ocorre com **enterrar,** na opção b. O verbo quer dizer *entrar na terra;* no texto, é usado em relação à comida.

259) Letra d

Quando uma palavra se refere a elementos que já apareceram no texto, diz-se que tem valor anafórico; quando a referência é a elementos que ainda virão, seu emprego é catafórico (há autores que chamam os dois de anafórico). A palavra **coisas** se refere à estranha viagem de um porco na primeira classe de um Boeing 757.

260) Letra c

Segundo e **conforme** são sinônimos. Normalmente conjunções subordinativas conformativas, são aqui preposições acidentais, uma vez que não iniciam oração subordinada, mas um simples adjunto adverbial.

261)Letra e

Sem escalas é termo empregado usualmente no transporte aéreo. A questão não oferece dificuldades.

262) Letra e

Questão bastante complicada. Nas quatro primeiras alternativas, é nítida a idéia de geral e específico. Por exemplo, o Boeing 757 é um tipo de avião, a poltrona é um tipo de assento etc. Essa idéia não é clara na relação passageiro /cliente. Nem sempre o passageiro é um cliente. No carro de um amigo, você é o passageiro, mas não é cliente do amigo.

263) Letra e

A resposta se encontra na palavra **estressado,** na linha **11.** A viagem de avião, por não ser algo normal para um porco, deixou-o estressado, tanto que começou a correr desesperado, até ser capturado e expulso.

264) Letra a

O porco fez uma série de coisas: correu, defecou, tentou invadir a cabine de comando. A última ação foi a entrada na cozinha. Realmente o verbo **acabar** está empregado com o seu sentido próprio.

265) Letra c

A letra **a** não cabe como resposta pois fala de outros aspectos, além dos de segurança e higiene. A letra **b** fala de "alguns aspectos", e não de todos. A opção d, entre outras coisas, emprega a palavra **somente,** que a elimina. A letra **e** diz da revisão das aeronaves, como se tivesse havido algum risco para os passageiros sob esse aspecto. A resposta só pode ser a opção c, uma espécie de paráfrase do trecho destacado.

266) Letra a

O texto, como um todo, leva a essa resposta. A letra **b** não tem nenhum apoio no artigo; em momento algum o animal foi servido em bandeja ou convidado a colocar o cinto de segurança. A letra **c** tem lógica, mas não se compara, em termos de surpresa, com a viagem do porco na primeira classe. As duas últimas alternativas são desconexas, principalmente a opção **e.**

Texto XLIV

267) Letra b

Normalmente, o relatório é uma narração, expõe fatos para apreciação de uma autoridade qualquer. Pode apresentar alguns traços descritivos ou dissertativos (argumentativos), mas, por sua essência, é basicamente narrativo.

268)Letra a

As letras b, c, **d** e **e** referem situações específicas. Não é o caso, pois o autor foi designado para verificar as "denúncias de irregularidades" para que o seu superior pudesse tomar a decisão adequada.

269) Letra c

O autor valeu-se de uma linguagem inteiramente denotativa, objetiva, como convém a todo relatório. Não fez uso de linguagem figurada, nem se preocupou

com o esmero do vocabulário. Todos os outros itens são facilmente localizados no texto. Respectivamente, temos: primeira linha, todo o texto, linhas 18 a 21 e linhas 26 e 27.

270) Letra d

Desdobrando a oração reduzida de gerúndio numa desenvolvida, temos: “Porque fui designado por Vossa Senhoria...”. A conjunção **porque** introduz oração subordinada adverbial causal. A conseqüência se encontra na oração principal, cujo verbo é submeto.

271) Letra e

Volte ao texto e veja que “nesse sentido”, “ocorridas” e “apreciação” (apreciação de) podem ser retiradas do texto sem qualquer alteração de sentido. Tente fazer o mesmo com as outras e não conseguirá.

272) Letra b

Em documentos como o relatório, é importante tudo aquilo que possa conferir veracidade ao texto, e as datas precisas colaboram sobejamente nesse sentido. É uma característica desse tipo de texto.

273) Letra c

Questão de sinônimos. **Infundada** quer dizer exatamente **sem fundamento.** É só conferir em um bom dicionário.

274) Letra a

É uma questão bem simples. Lendo o texto com um mínimo de atenção, verifica-se que essa frase pertence ao narrador, não a uma personagem qualquer. Além da fala geral do narrador, temos no texto as falas do encarregado do aeroporto e do acusado. Nenhum deles se pronuncia no antepenúltimo parágrafo, de onde provém o trecho destacado.

275) Letra b

Outra questão de sinônimos. **Cumpre** significa, no texto, cabe. Os outros termos são descabidos.

276) Letra c

A resposta só pode ser a letra c, embora também se possa pensar na opção d. Nesta última, diz-se que a irregularidade é “não prevenir o chefe”, quando na realidade é “ter levado a máquina”. Mesmo que tivesse prevenido o superior, o

funcionário teria errado, pois não se pode usar um bem público para fazer serviços pessoais, ainda que na própria repartição.

277) Letra b

A frase apresenta uma concordância nominal fora dos padrões da língua portuguesa. Vossa **Senhoria** é palavra feminina; **preocupado,** um adjetivo masculino. A concordância está sendo feita com a idéia que se tem sobre a pessoa, ou seja, trata-se de um homem. É o que se conhece como silepse de gênero.

Texto XLV

278) Letra a

De certa forma, a questão pede algum conhecimento da literatura brasileira. A autora faz alusão a famosos versos de Carlos Drummond de Andrade: "No meio do caminho tinha uma pedra / tinha uma pedra no meio do caminho". Por isso ela disse que não estava fazendo imitação de poesia.

2 79) Letra c

Quando a autora diz que não há nada de poético na história que será contada, que é uma história triste, melancólica, nostálgica, deduz se que só histórias de outra natureza, ou seja, harmoniosas, podem ser consideradas poéticas.

280) Letra b

Trata-se de uma questão delicada, que pode enganar, se nos deixarmos levar pela primeira impressão. O que fez com que a autora contasse a história foi ter visto, em um documentário, a foto do jardim onde a mulher afegã brincara quando criança. Isso fez com que ela se lembrasse da pequena amendoeira decepada. A história, pois, tem como ponto de partida esse fato; se não fosse ele, ela não teria sido narrada. A infância da autora pode até ser anterior (nada no texto garante isso), porém o que a questão quer é o ponto de partida cronológico da história, daí a resposta ser a letra b.

281) Letra c

A resposta se encontra no trecho: "O documentário, feito antes da guerra com os Estados Unidos, fora gravado em solo afegão..." O documentário era, pois, sobre a guerra civil, quando houve o início da devastação do país. A guerra contra os americanos aumentou-a.

282) Letra d

Tanto a autora quanto a mulher afegã choram a perda de um bem natural pela atuação do homem. No caso da autora, pela necessidade do progresso; no da afegã, pela destruição causada pela guerra. A letra b fala em "contigüidade temporal", mas o texto não permite qualquer dedução a esse respeito. Assim, sendo as outras opções descabidas, só podemos ficar com a letra d.

283) Letra b

A letra b sugere, em virtude da pontuação da frase, que a autora, criança na época, também ia soltar pipas. Observe que a única diferença entre essa reescritura e a frase do texto é a posição das vírgulas. A pausa dada à nova frase por meio de uma vírgula alterou o sentido.

284) Letra b

Denotativamente, raiz é a parte da planta que a prende ao solo. Figuradamente, passou a significar tudo aquilo que nos prende, nos fixa a um lugar ou a uma época. A autora do texto nos fala do passado, seu e da mulher afegã. As outras alternativas se excluem por si mesmas.

285) Letra d

A resposta dessa questão é óbvia. Não há sequer alusão, por breve que seja, à ocupação do espaço rural.

Texto XLVI

286) Letra b

A resposta só pode ser a opção b porque, segundo o texto, as peles eram importadas para os Estados Unidos. O que interessava aos exportadores eram tão-somente as peles.

287) Letra d

O texto não fala sobre a maneira como os sapos eram caçados. Basta lê-lo uma outra vez para verificar isso. As outras opções estão perfeitas.

288) Letra d

Antônimos são palavras de sentido contrário, não apenas diferentes. Na letra a, as palavras não têm relação de sentido. Na b, temos dois sinônimos. Na c, que talvez engane algumas pessoas, elas não são antônimas. O antônimo de **diminuição é aumento; progresso** não quer dizer **aumento. Inimigos** e **adversários,** na letra

e, embora parecidos, não chegam a ser sinônimos, e muito menos antônimos. Realmente, **adulto** é o contrário de **filhote,** quando a referência é a animais.

289) Letra a

A palavra **principalmente** indica que os termos citados a seguir são os mais importantes, mas não os únicos. Assim, entende-se que o sapo come, além de outros insetos, mariposas, grilos e besouros.

290) Letra d

É questão de coesão textual. É necessário voltar ao texto e buscar as palavras destacadas. Não é difícil: pede atenção, apenas. O pronome **isso** não se refere aos substantivos colocados antes dele, mas sim ao fato de os sapos estarem sendo caçados. Ou seja, a enorme caça aos sapos fez com que sua população diminuísse drasticamente.

291) Letra c

A locução **isto** é possui valor explicativo. Tem largo uso em português e é empregada entre vírgulas, quando no meio da frase, o que é mais freqüente. Com medo de que o leitor desconheça o significado da palavra voraz, o autor resolveu explicá-la, utilizando-se da expressão **isto** é e indicando, então, um sinônimo, uma palavra mais simples: comilão.

292) Letra e

A questão trata do conhecimento dos radicais, contudo é muito simples. **Comilão** é o que come muito, logo pertencem à sua família lingüística as palavras **comida** e **comestível.**

293) Letra e

O texto nos diz que primeiro houve a caça aos sapos (/. 1/2). Como conseqüência disso, ocorreu "drástica diminuição da população de sapos" (/. 4/5). Com a redução dos sapos, aumentou o número de insetos, já que não havia mais tantos sapos para devorá-los (/. 9/10). Então começaram a surgir problemas na região (/. 11-14), com a invasão dos insetos. A conseqüência das dificuldades trazidas pelos insetos foi a proibição da caça aos sapos (/. 20/21). É só ler o texto, procurando cada indicação colocada nos itens numerados. Assim se chega, sem problemas, à letra e.

294) Letra d

Tanto **boca** quanto **goela** referem-se, indiferentemente, a humanos e animais. A questão pede conhecimentos extratexto.

295) Letra a

A resposta é a letra **a** porque o texto se baseia nos problemas causados pela matança indiscriminada de sapos, a qual gerou um desequilíbrio ecológico que foi o aumento sem controle de determinados insetos.

Texto XLVII

296) Letra a

Com exceção da letra d, todas as opções, em princípio, servem como resposta. É aquele caso famoso de se ficar com a melhor. Se lermos o texto com muita atenção, veremos que seu objetivo é mostrar que em todas as épocas houve violência. Essa intenção do autor surge evidente no primeiro parágrafo, quando ele diz que "tendemos a acreditar que o mundo nunca foi tão violento como agora;...". A partir daí ele vai tentar mostrar que a coisa não é bem assim. Vários fatos citados, que parecem servir como resposta da questão, são particularidades que, reunidas, provam a tese do autor.

297) Letra b

O emprego das aspas se deve a vários fatores. Um deles *é* a necessidade de reproduzir, com fidelidade, palavras de outrem. Há, no texto, dois trechos em que o autor cita palavras de Michel Rouché. Daí a resposta ser a letra b.

298) Letra e

Questão de sinonímia. **Cotidiano** (ou quotidiano) é o mesmo que **dia-a-dia.** Não confunda este substantivo com a locução adverbial **dia a dia,** sem hífen: estava evoluindo dia a dia.

299) Letra d

Muitos escritores usam essa técnica. Serve para aproximá-los de seus leitores. Com a primeira pessoa do plural, o autor se insere no conteúdo do texto, criando uma certa intimidade entre ele e os leitores.

300) Letra b

A resposta se encontra no trecho "...se fôssemos comparar o número de assassinatos que ocorriam naquele período, proporcionalmente à população mundial de então,..." (3o parágrafo).

301) Letra e

Questão de semântica, isto é, de significação. Não há, no advérbio **proporcionalmente,** noção alguma de tempo, e sim de modo (comparar de que modo?).

302) Letra c

Segundo e **conforme** são sinônimos. Veja os comentários da questão 260.

303) Letra e

Questão de paráfrase. A única frase que mantém o sentido da original está na opção e. Raciocine comigo: *o ato de matar não era reprovado* quer dizer que ele, o ato, *não tinha reprovação, era aprovado, tinha aprovação.* Partindo daí, pode-se eliminar quatro alternativas, sobrando, como resposta, a letra e.

304) Letra c

Também questão de paráfrase. *Ser comunicativo* não é *ter mais comunidade,* e sim *comunicação.*

305) Letra a

Observe que há, no enunciado, menção à classe gramatical: adjetivo violento. Assim, temos um substantivo (vingança) correspondendo a um adjetivo (violento). A resposta é a letra **a** porque o substantivo **violência** corresponde ao adjetivo **violento.** Em todas as outras opções, a segunda palavra não é adjetivo. Como se vê, a questão não é de formação de palavras, mas de classes gramaticais.

306) Letra c

Questão de semântica. **Interminável é** o que **não termina,** ou seja, que **não tem fim.**

307)Letra c

Cancioneiro refere-se especificamente a canções. **Pilha, monte** e **grupo** são coletivos gerais, não se referem a um único ser. **Hipódromo** não é coletivo, e sim o lugar onde se realizam corridas de cavalos.

308) Letra a

O que não permite que a expressão da letra **a** inicie o texto é a correlação de tempos verbais. Se o fizéssemos, teríamos a seguinte construção: *Assim que tiver sido realizada a vingança e assassinado o culpado da primeira morte, a mesma lógica passava a valer para parentes deste...”* Não há correspondência entre **tiver** e **passava.** Para que a frase ficasse perfeita, teríamos que usar o futuro do

presente: **passará.** Uma coisa, nesta questão, chama a nossa atenção: não se deve simplesmente encaixar a palavra no trecho destacado; antes, é preciso voltar a ele e olhar o período inteiro. Faça sempre assim, em questões semelhantes.

309) Letra e

São as seguintes as palavras que causam intensificação, pela ordem de aparecimento: tão, tão, mais e bastante. São todas advérbios de intensidade. Na letra **e** isso não acontece.

Texto XLVIII

310) Letra c

Os destinatários do requerimento são os congressistas, por conseguinte a afirmação da letra **c** é falsa.

311) Letra e

Em nenhum momento o autor do requerimento fala na possível necessidade da edição de obras no idioma tupi-guarani. Uma releitura atenta mostrará isso.

312)Letra b

Questão de coesão textual. Na opção **a, fato** se refere à característica de empréstimo da língua portuguesa ao Brasil. Na letra **c, nosso país** tem como referente a palavra **Brasil.** Na alternativa d, **sua** refere-se a **suplicante.** Na opção e, **sua** tem como referente **povo.** Semelhante processo coesivo não se verifica com **proprietários da língua,** na letra b, que é a resposta.

313) Letra **a**

Até por eliminação, pode-se chegar à resposta. Na letra b, não se verifica no texto a presença de brasileirismos, termos próprios do nosso país. As letras c, d e **e** podem ser eliminadas, pois a linguagem do texto é culta, portanto formal, não apresentando palavras ou expressões de cunho popular. Na realidade, esta questão pede conhecimentos prévios sobre as diversas modalidades da língua.

314)Letra c

Trata-se de uma forma antiga, usada em requerimentos. A pessoa que escreve um requerimento está pedindo e, claro, aguardando deferimento, ou seja, aprovação do que é solicitado.

315) Letra a

No primeiro parágrafo, o autor do texto fala de si próprio e faz a solicitação objeto do requerimento.

316) Letra c

Os adjetivos que aparecem nas opções a, b, **d** e **e** têm valor objetivo, não dependem da opinião de quem quer que seja. Já a palavra **humilhante,** na opção c, tem um claro valor **subjetivo,** pois para muitos essa contingência pode não ser considerada humilhante. Trata-se da opinião do autor, por isso a resposta é a letra c.

317) Letra b

O autor foge à terceira pessoa ao empregar o pronome possessivo **nosso,** que se refere ao pessoal nós, primeira pessoa do plural.

Texto XLIX

318) Letra a

As opções **b** e **c** são semelhantes e vão de encontro à idéia central do tema, que é a preocupação real com a extinção de animais. As opções dee também se assemelham e não têm apoio no texto, que é objetivo e não faz nenhuma menção a qualquer tipo de religiosidade. A letra **a** é a resposta porque, no primeiro parágrafo, o autor apresenta coisas que o homem não faz, mas deveria fazer, para que o equilíbrio fosse alcançado.

319) Letra b

A resposta se encontra, além do texto como um todo (e aí levaríamos em conta o que se conhece do homem a esse respeito, portanto um conhecimento extratexto), na preocupação em controlar a exploração das florestas (2o parágrafo), exploração esta feita evidentemente pelo homem e que tem causado problemas de desequilíbrio do meio ambiente.

320) Letra c

Os vocábulos adequados para cada item são, respectivamente: **harmoniosos** (por causa do masculino homens, presente na série) ou **harmoniosamente; desmotivadamente; recíprocas,** que é o gabarito; **equilibradas** (o verbo **estar** pede um adjetivo); **florestal,** que quer dizer **das florestas,** não deve ser utilizado aqui, pois se trata de um complemento nominal, e não adjunto adnominal.

321) Letra c

Se as pessoas retirarem das plantas apenas o que vão comer, não haverá desperdício de alimento, isto é, não vai faltar comida mais tarde. Essa é a idéia do trecho, por isso a resposta só pode ser a letra c. Talvez alguns pensem na letra b, mas ela estaria incentivando o desperdício. Veja bem: tiraríamos tudo o que pudéssemos, inclusive aquilo que não utilizaríamos, e Deus colocaria tudo de novo no lugar. Quer dizer: arrancaríamos todos os frutos de uma árvore, até mesmo os verdes, e no dia seguinte a árvore estaria de novo cheia de frutos. Absurdo!

322) Letra b

Trata-se de uma prática de redação. Quando se omite uma parte do texto que se está reproduzindo, colocam-se pontos, entre parênteses ou não, para que a omissão fique evidenciada. É uma questão de respeito ao texto de outra pessoa ou ao de si mesmo.

323) Letra a

As letras b e c são inteiramente descabidas. As letras **d** e **e** particularizam. Já a letra a, que é o gabarito, fala do equilíbrio como um todo, ou seja, ecológico, sem especificar nada.

324) Letra c

Os parênteses têm múltiplo emprego. No caso da questão, o autor quis particularizar a significação do termo: não se tratava da preocupação de qualquer povo, apenas do brasileiro. A letra b poderia confundir; não é, no entanto, uma explicação; a palavra preocupação não é explicada pelo vocábulo brasileiros, e sim particularizada. Veja um exemplo de explicação, posta entre parênteses: Meu amigo (brasileiro por opção) não gostou da brincadeira. Neste caso, o termo poderia também aparecer entre vírgulas.

325) Letra d

O que o último período diz, em outras palavras e resumidamente, é que o aumento populacional de uma espécie ocasiona a diminuição de outra, e vice-versa. A conseqüência lógica disso é a desarmonia populacional dessas espécies. As letras a e b não cabem como resposta, embora pareça, porque no período em questão temos apenas um exemplo do problema da extinção e do aumento populacional das espécies. O autor poderia usar quaisquer outros animais para isso.

326) Letra a

Se o aumento do número de piranhas é a conseqüência do extermínio do dourado (bem como da ariranha e do jacaré), como diz o exemplo do autor, no último

período, a resposta só pode ser a letra a: a morte do dourado é a causa do aumento do número de piranhas.

327) Letra b

Todo o texto, praticamente, faz essa intimidação, mas ela fica bem evidente nos trechos: "...mas também evitar...espécies de animais..." *[l.* 9-11) e "E a extinção...meio ambiente..." (/. 14/15)

Texto L

328) Letra c

Questão de sinonímia. **Renunciar** e **abandonar** podem ser usados indiferentemente no texto. É claro que nem sempre esses vocábulos serão sinônimos. Se dissermos, por exemplo, "ele abandonou a cidade", o verbo **abandonar** não poderá ser substituído por **renunciar.** Vale dizer que não existem sinônimos perfeitos, em língua alguma.

329) Letra e

Temos aqui uma questão envolvendo coesão textual, ou seja, a ligação entre os componentes de um texto. Volte ao texto e veja que "alguém" é o ser que praticou um ato errado. Leia com atenção as frases destacadas nas opções da questão. A única em que o termo destacado não se refere a "alguém" é a última.

330) Letra a

Se o autor acha que ser tratado de maneira melhor do que se merece é um problema filosófico, é porque o ideal seria tratar a todos de acordo com as suas atitudes, o que nos leva para a letra a.

331) Letra b

Santo Agostinho dizia que devíamos detestar o pecado, mas não o pecador. O pecador, ou seja, quem cometeu um delito, é o agente; o pecado, isto é, o delito cometido, é a ação. Ele achava que o erro, o ato infeliz cometido é que deveria ser detestado por todos nós, nunca o indivíduo que o praticou. Assim, ele separava o ato do agente que o praticou.

Texto LI

332) Letra d

Questão de sinonímia. **Anacrônico** quer dizer **fora da moda, fora do uso corrente.**

333) Letra e

A preposição **com** possui inúmeros valores semânticos. Tem valor de companhia em frases do tipo: ele saiu com o irmão. No texto, não é nítida a relação, mas diríamos que seu valor nocional é de posse (país que tem regras obsoletas e vícios incrustados). O que não se pode aceitar é a idéia de companhia, que não existe no trecho em destaque.

334) Letra e

Na letra a, os empresários são criticados porque sempre lamuriam nas reuniões. Na b, o autor critica os empresários por quase não falarem no custo do capitalismo subsidiado. Na c, a crítica é aos grandes bancos por deixarem de pagar impostos. Na d, os empresários são criticados por causa da fraude ou do favor que os beneficiam. Não se depreende qualquer tipo de crítica na opção e.

335) Letra a

É necessário voltar ao texto, mesmo que a questão esteja calcada em um trecho. Este, por si só, não dá elementos para que se responda. É preciso saber quem paga. O texto diz, logo em seu primeiro parágrafo: "Sempre que se reúnem para lamuriar, os empresários falam no Custo Brasil, no preço que pagam para fazer negócios...". O sujeito de **pagam** é **eles,** ou seja, os empresários. Assim o trecho destacado nesta questão representa a opinião do empresariado.

336) Letra e

A resposta aparece nítida no trecho "...que nos impedem de ser modernos e competitivos". Só por curiosidade: o enunciado, por descuido, dá a resposta da questão anterior, quando diz "...que retrata a opinião do empresariado...".

337) Letra a

A resposta só pode ser a letra **a** porque todos os termos apresentados são colocados pelo empresariado como obstáculos aos seus negócios. Assim, deduz-se que se trata de deficiências que atingem a situação socioeconômica dos empresários, daí seus lamentos expostos em todo o primeiro parágrafo. As opções **c**, **d** e **e** são facilmente descartadas, porém a opção **b** poderia trazer alguma confusão. Ela não serve como resposta pois fala dos problemas do país, em geral, enquanto na realidade os empresários se lamentam pelos problemas que os atingem, não demonstrando preocupação com todos os tipos de problemas nacionais.

338) Letra c

O empresariado é, evidentemente, capitalista. Assim, lucrando com algo que traz prejuízos ao país (segundo o autor do texto), eles quase não falam a respeito, porque seriam naturalmente questionados.

339) Letra b

É necessário ler com muita atenção o trecho. “Coisas do populismo irresponsável” refere-se a três termos citados anteriormente: “trabalho superprotegido”, “leis sociais ultrapassadas” e “outras bondades inócuas”. Isso lembra (e aí temos a necessidade de conhecimento extratexto) o famoso populismo, tão citado em relação a determinados governos. A palavra **populismo** está usada ironicamente, pois as três coisas deram errado, tanto *é* que há o reforço da palavra **irresponsável.**

340) Letra d

A injustiça social ocorre porque, se alguns pagam, todos teriam de pagar impostos. Claro que para isso eu não preciso recorrer ao texto. Mas é perigoso raciocinar assim, pois o autor poderia estar contrariando, por qualquer motivo, esse axioma. Tente sempre localizar no texto. À vezes uma simples palavra ou expressão responde ao que se quer. Por exemplo, a palavra **escândalo,** no início do segundo parágrafo. Também nos dá essa idéia a expressão **pela fraude ou pelo favor,** algumas linhas adiante (há alguns favorecidos, outros não, eis a injustiça social).

341) Letra d

Subtributação pode ser entendida como o ato de tributar por baixo, de maneira reduzida. Por isso a resposta é a letra d, que fala de impostos reduzidos. A palavra não se refere ao não-pagamento de impostos, o que elimina as alternativas **a** e **e**.

342) Letra a

O texto diz, no segundo parágrafo, que a subtributação sustenta o empresariado e ocorre por fraude ou favor. Ora, a fraude é cometida pelo interessado, que no caso é o empresariado. E quem dá favores que levem a uma subtributação só pode ser o governo, pois só ele tem esse poder.

343) Letra b

Lamuriar é chorar. No primeiro período do texto, a ação de lamuriar ou chorar é atribuída aos empresários.

344) Letra b

Ao favorecer o empresariado com **a** subtributação, o governo está colaborando com o roubo da elite, pois o dinheiro deixa de ser recolhido pelos cofres públicos, de onde sairia para bancar projetos sociais. Dessa forma, a população está sendo roubada.

345) Letra a

A subtributação, que é o pagamento de menos impostos, só existe porque há brechas no sistema tributário, devidamente exploradas para benefício do empresariado. Se não houvesse tais brechas, os empresários pagariam os impostos devidos.

346) Letra a

A resposta se encontra no trecho: "...mais lamentável e atrasado é o Desperdício Brasil, o progresso e o produto de uma minoria que nunca são distribuídos, que não chegam à maioria de forma alguma..." (3o parágrafo).

347) Letra b

A maioria, no texto, são os menos favorecidos; a minoria, aquela classe que possui em excesso. Com isso, a letra **a** é descartada, pois coloca dois grupos favorecidos. Na letra c, a palavra **economistas** destoa do que se imagina sobre uma classe poderosa, rica; **economista** é também trabalhador, pode ser rico ou pobre. Nas opções dee houve inversão: primeiro os menos favorecidos, depois os privilegiados. Assim, a resposta só pode ser a letra b.

348) Letra d

Afetar a miséria à sua volta seria fazer algo para acabar com ela ou, pelo menos, diminuí-la, sendo que o caminho lógico para isso é o da utilização dos impostos, a tributação. Como eles não retornam devidamente à população, como diz a letra d, que é o gabarito, a miséria continua a mesma.

Texto LII

349) Letra d

O texto fala de inúmeros problemas brasileiros, em quase todos os seus parágrafos. Mas, nos dois últimos, muda o tom e mostra otimismo em relação ao que os jovens podem fazer pelo país. Isso fica bem claro no trecho: "Quem sabe sairá do acúmulo de energia renovada dessa geração a solução de problemas que apenas se perpetuaram no fracasso das anteriores?"

350) Letra e

A questão se reporta à ordem de aparecimento dos conceitos. Assim, temos: **gigantismo** na linha 3 ("gigante adormecido"); **idealização,** linhas 5/6; expectativa, linha 11 ("só restava então aguardar o futuro"); **otimismo,** linhas 17/18.

351) Letra b

Muitas vezes a expressão corrente não pertence à língua culta, sendo manifestação da inventividade e improvisação do falante. "Botar pra quebrar" é uma delas. Se a observarmos bem, veremos que ao pé da letra é destituída de significação, além de contar com a presença de uma forma contraída da preposição **para,** pra, igualmente sem guarida na língua padrão.

352) Letra b

Questão de sinonímia. **Postergar** significa, entre outras coisas, deixar atrás, preterir.

353) Letra b

Esta questão, na realidade, é independente do texto, tomado apenas como elemento motivador. Diferentemente do que ocorre com as outras palavras, **personagem,** sem alteração de sentido, pode ser masculino ou feminino: o personagem é o homem ou a mulher; a personagem, também.

354) Letra a

Outra questão de sinonímia. Não há o que discutir. **Viço** significa vigor de vegetação nas plantas. Figuradamente é juventude, fase da vida em que se tem muito vigor; **ousadia** é o mesmo que audácia.

Texto LIII

355) Letra c

A letra **a** não cabe como resposta pois, embora as revelações sejam recentes, o texto não diz que foram feitas dias antes da elaboração do artigo. Também não pode ser a letra b, pois o período não diz nada sobre o mal que seria, para os brasileiros, a revelação das informações. Para muitos, vai parecer que a resposta seja a letra d; acontece que o adjetivo **impostas** não se liga obrigatoriamente a um regime discricionário; isso pode ocorrer com regimes mais liberais, que sintam a necessidade de fazê-lo para o bem do povo. Quanto à letra e, nota-se, no texto, que "há mais de meio século" significa pouco mais de meio século; não há motivo para essa delimitação feita na alternativa, mesmo porque as informações

são imprecisas. A letra c é a resposta, pois **restrições** é o mesmo que **limitações,** impostas aos imigrantes pelos governos citados.
356) Letra a
Quanto aos negros, a discriminação é racial; com relação aos judeus e aos asiáticos, religiosa e também racial, isto porque eles professavam religiões diferentes daquelas comuns em nosso país.
357) Letra c
O segundo período afirma que os atos cometidos contra negros, asiáticos e judeus foram injustos, e é essa injustiça que chocou o povo brasileiro.
3 58) Letra b
O autor diz que quem se chocou foram os amantes da democracia, portanto uma parcela da sociedade. Assim, o trecho expressa a opinião do autor bem como a desses brasileiros.
359) Letra c
A letra b, que parece ser a resposta, não é correta porque negros e judeus podem ser autenticamente brasileiros, mas não os asiáticos, que nasceram em outros países. O gabarito é a letra c pois todos eles podem se integrar àquilo que se chama de povo. Em verdade, o povo de um país não é formado apenas pelos que nasceram, mas também pelos que vivem ali, trabalhando pelo progresso e pelo bem geral, inclusive se submetendo às suas leis.
360) Letra d
O primeiro parágrafo fala do Brasil de meio século atrás; o segundo traz informações sobre o país na atualidade (veja a palavra “atual”, logo no início).
361) Letra e
Algo está imune quando não pode ser afetado. Se a imigração atual está imune às manchas do passado, ou seja, não sofre mais com a discriminação do governo, deduz-se que o processo imigratório também é outro, em nada lembrando o daquela época citada no início do texto.
362) Letra d
O último parágrafo do texto diz que os imigrantes, bem-vindos a princípio, por reforçarem a mão-de-obra em períodos de expansão econômica, passam a ser, depois, alvos de violência e segregação. A letra d está errada porque afirma que a expansão provocou a saída desses imigrantes, o que não se lê no parágrafo que trata do assunto, como acima mostramos.

Texto LIV

363) Letra d
É uma questão de emprego de tempos verbais. O sentido da
frase diz tudo. A união do presente do indicativo vem com o gerúndio noticiando confere essa idéia de ação no presente, mas que teve início há pouco tempo. Veja um outro exemplo: ele vem trabalhando exageradamente, ou seja, ultimamente (há pouco tempo) ele tem trabalhado exageradamente.
364) Letra e

Esta questão remete o candidato ao primeiro texto da prova, que, aqui no livro, é o texto anterior a este, ou seja, o de n° LIII. Ao compará-los, verificamos que ambos tratam de racismo, porém o segundo, o que agora estamos analisando, cita uma situação atual e concreta, a do jogador Juan. É, portanto, mais específico do que o outro. Por isso a resposta só pode ser a opção e. Vejamos, para um entendimento maior, as outras opções. A letra a está errada, pois o jogador Antônio Carlos não emprestou a sua mão-de-obra em uma época de expansão econômica: ele é jogador de futebol. A letra b não cabe como resposta, pois o primeiro texto fala de imigrantes, o que não ocorre com este texto. A letra c está errada, porque o segundo texto não trata de preconceitos religiosos, apenas raciais. A opção d não está correta já que não há menção no texto quanto a ser maioria o número de xenófobos e racistas na Europa.

365) Letra a

É uma questão de coesão, pois se baseia no emprego de um conectivo, o pronome relativo **cujo.** Essa palavra eqüivale sempre a um possessivo, indica posse ou parte de. Na letra a, que é a resposta, existe essa noção de posse, na expressão "deste time" *{A torcida deste time é o* mesmo que *a sua torcida). Veja* outro exemplo: Chegou o homem / A filha do homem (o mesmo que sua filha) foi contratada. Teríamos então: Chegou o homem cuja filha foi contratada.

366) Letra c

O autor está fazendo uso do imperativo para aconselhar o jogador. Não se trata, como possa parecer, de um simples alerta. É o valor do imperativo, que pode expressar ordem ou conselho, este quando de maneira mais veemente, ostensiva.

Texto LV

367) Letra b

A idade não é um fator importante para definir um profissional de sucesso, o que elimina as opções a e d. Na opção c, **médico paulista** é desnecessário, pois a especialidade está sendo citada. Na letra e, fala-se apenas **médico,** quando se sabe a sua especialidade, que deveria então aparecer. Assim, a letra b reúne os dados mais importantes: nome, especialidade e - a idéia central do texto - o sucesso.

368) Letra a

Uma pessoa de 51 anos já teve tempo de se tornar experiente em uma determinada atividade. A informação reforça a idéia de o sucesso ser duradouro.

369) Letra d

A resposta está no trecho: "...há três décadas ele mantém sua fama em ascendência". Isso explicita o sucesso duradouro; afinal, três décadas é muito tempo de sucesso.

370) Letra e

Não há relação alguma entre décadas e a idade do médico. O trecho fala de 3 décadas de fama e ascendência, simplesmente isso.

371) Letra d

O sucesso do médico é explicitado, no terceiro período, pelo tamanho de seu consultório e pela elegância da região em que ele se situa, além da grande quantidade de clientes atendidos.
372) Letra **e**
Questão pouco clara. O médico tem duas atividades: sua clínica e a Universidade de São Paulo. Na letra **a** as palavras se opõem porque, como professor, ele atende, em sua maioria, pacientes com problemas de tireóide, havendo aqui a oposição à palavra **endocrinologista.** Na letra b, temos oposição entre **clientes** e **pacientes;** a primeira palavra é reservada no texto para as pessoas atendidas em sua clínica, e a segunda para as que ele atende na Universidade. Na opção **c, emagrecimento** está associado ao atendimento na clínica particular; **doenças da tireóide,** na Universidade; na opção d, temos a mesma coisa: **marcar consulta** associa-se à clínica particular; **parar em suas mãos,** à Universidade. Segundo a banca do concurso, o gabarito é a letra **e** porque os números são absolutos: na clínica, 32.600 pessoas, não apenas com problemas de emagrecimento, mas também de tireóide, a sua outra especialidade; o mesmo pode ser dito para os milhares de pacientes atendidos na Universidade. Observe, esse é o detalhe, que nas duas situações o autor fala de maioria. De qualquer forma, cabe dizer que não é uma questão, em meu ver, bem formulada. Peço-lhe que não se preocupe com ela.

Texto LVI

373) Letra e
A resposta está, bem nítida, nas duas primeiras linhas do texto, principalmente no trecho: "Na doença é que descobrimos..." Adiante aparece, na função de aposto da palavra **ser,** o vocábulo **corpo.** A letra c, que pode confundir alguns, é incorreta porque fala em abismo intransponível, quando o texto diz que estamos encadeados a ele.
374) Letra b
Questão de coesão textual. A conjunção **mas** é adversativa, cria oposição. Sozinhos se opõe a **encadeados.** Se estamos encadeados, ligados a alguma coisa, não estamos sozinhos.
375) Letra a
Questão de paráfrase. Embora o trecho destacado admita outra interpretação (não podemos, por meio do nosso corpo, fazer com que nos entendam), a letra **a** corresponde ao seu sentido. Cuidado com a opção d; ela é genérica, enquanto o texto é específico, trata de cada um em particular, tanto é assim que o autor se inclui ao usar a primeira pessoa do plural.
376) Letra c
O modo subjuntivo apresenta o fato de maneira duvidosa, hipotética, diferentemente do indicativo. Ao dizer *eu canto, sl* pessoa transmite a idéia de maneira real, indubitável, precisa: é o presente do indicativo; já ao falar *que eu cante,* transmite uma idéia imprecisa, vaga, pode ser que a ação não se concretize:

é o presente do subjuntivo. Tal *é* o valor de **encontremos** no texto. Por isso a resposta é a letra c.
377) Letra e
Questão de coesão textual. Pela ordem, temos: seu —» assaltante; quem —> polvo; nos —> seu antecedente não está expresso, seria nós; o qual —> polvo (o pronome relativo **o qual** sempre concorda com o antecedente, que, então, não poderia ser águas). O gabarito é a letra e, pois o pronome átono Io (alteração de o), que significa **ele,** refere-se a assaltante: tornar o assaltante sensível.
378) Letra a
Questão de sinonímia. A palavra **senão** tem vários significados. No texto o seu sentido lógico só pode ser **ou:** ou à nossa desgraça. As outras opções se excluem naturalmente.
379) Letra b
Um polvo, evidentemente, não tem como entender o que se diz a ele. Seria uma atividade inútil. Popularmente, costuma-se usar a palavra **porta** para indicar essa inutilidade.

Texto LVII

380) Letra e
Questão de sinonímia. Não há o que discutir. **Longevidade** significa vida longa.
381) Letra a
Embora seja também uma questão de semântica, tem alguma dificuldade. **Raro** é o que existe em pouca quantidade. **Mínino** não se refere a quantidade, mas a tamanho: é superlativo absoluto sintético de **pequeno.** Assim, a substituição de pouquíssimas por **mínimas** implicaria mudança de sentido.
382) Letra c
É necessário sempre buscar elementos no texto. Não responda a nenhuma questão baseado no que você acha, na sua experiência de vida, pois isso vai levá-lo a erro numa questão deste tipo. A resposta é clara, claríssima, desde que você realmente releia o texto. Lá está: “Existências exemplares que souberam quando terminar!”
383) Letra d
Observe o emprego do demonstrativo **essa.** Ele remete a algo que passou no texto, no caso “que souberam quando terminar”, ou seja, a consciência de saber quando morrer.
384)Letra c
A resposta está no trecho: “...empenhada que anda a medicina em proporcionar meras e miseráveis sobrevivências”. Não se esqueça do que pedimos no comentário da questão 382. Você pode perfeitamente discordar do autor, até achar um absurdo a sua posição, mas precisa se voltar para o texto, apenas para o que o texto transmite.
385) Letra a
Questão de figuras de linguagem, com base na antonímia. A antítese foi definida no enunciado, cabe ao candidato apenas procurar os antônimos, que aparecem na

opção **a. Exemplares** não é o contrário de **inúteis,** como possa parecer. A palavra significa *o que serve de exemplo,* não necessariamente que seja útil.

Texto LVIII

386) Letra b
O primeiro segmento mostra a ciência como algo bom para o ser humano. O segundo traz uma visão negativa ("concorre na obra de destruição") da ciência. O terceiro não a apresenta como algo positivo nem negativo. Por isso a resposta é a letra b.
387) Letra d
A análise sintática pode ajudar-nos a resolver a questão. A palavra **curiosidade** atua como aposto da palavra **desejo. Do desejo** é complemento nominal de **satisfação** (satisfação de quê?). Mas, se escrevermos a frase até o vocábulo **desejo,** sentiremos necessidade de uma explicação: que desejo é esse? a curiosidade. Dessa forma, a curiosidade é o desejo mais alto da nossa natureza.
388) Letra d
As três primeiras opções são facilmente eliminadas. O sentido real, se levarmos em conta todo o trecho, é de intensidade. Não se pode pensar em *mais espiritual* porque todo desejo é espiritual, é o espírito que quer.
389) Letra a
O futuro do presente tem exatamente esse valor indicado na opção a, que é a resposta. O que poderia suscitar alguma dúvida é a afirmação da alternativa e. Mas o texto tem caráter objetivo, não expressa em parte alguma a opinião do autor.
390) Letra e
Questão de sinonímia. O vocábulo **sorte** pode ser usado com o valor de **destino.**
391) Letra c
"Devia ter por fim o bem da humanidade" quer dizer que a ciência tem uma outra finalidade, que não o bem da humanidade (concorre na obra de destruição). Assim, a realidade (aquilo que a ciência faz) é diferente daquilo que seria a finalidade ideal (fazer o bem).
392) Letra d
Outra questão de sinonímia. **Concorre** pode ser substituído, no **trecho,** por **colabora,** sem alteração de sentido.
393) Letra a
A questão trata da correspondência entre as locuções adjetivas e os adjetivos. Só a letra **a** apresenta essa correspondência. **Humanitário** e **humanista,** são específicos, trazem implícita a idéia de bem feito a alguém. **Destrutiva** e **destruidora** podem ser usadas indistintamente no lugar da locução. **Homicida** e assassinos são termos específicos: matam seres humanos. **Violentos** não tem cabimento. **Mortais** é vocábulo que indica algo que causa a morte, não necessariamente por intermédio de um matador.
394) Letra a

Há palavras que num texto expressam a opinião do autor. Procure ver se não há possibilidade de uma outra pessoa, no lugar daquela, pensar de maneira diferente. Por exemplo, se eu digo que um determinado indivíduo é maravilhoso, estou expressando a minha opinião, já que outra pessoa pode não achar. Agora, se eu digo que aquele indivíduo é gordo, mais alguém que olhe para ele vai ter de dizer a mesma coisa, porque ou se é gordo, ou não. O advérbio **infelizmente** tem esse caráter de subjetividade: pode ser que outra pessoa não ache aquilo uma coisa infeliz. Da mesma forma, o verbo **devia** expressa algo pessoal, e não geral. Todas as outras palavras têm valor objetivo, ou seja, não dependem da opinião do autor.

395) Letra e

Algo que consiga realizar tal façanha tem de ser considerado eficiente, abstraindo-se de valores morais. É mórbida porque atinge seres humanos, o que não é desejável. A resposta não pode ser a letra a, porque, embora se possa pensar em violência para o caso, não seria inútil, no momento em que atinge um determinado objetivo preestabelecido.

396) Letra d

É questão de coesão textual. A palavra **como** tem inúmeros valores. No trecho, introduz uma oração com sentido de comparação. Compara-se **ciência** com **casa,** mais precisamente o ato de fazer uma e outra coisa.

397) Letra c

Como se disse no comentário anterior, o autor compara **ciência** e **casa,** valendo-se de um conectivo comparativo, que é a conjunção **como.**

398) Letra e

Nos três segmentos, a ciência surge como uma atividade humana, para o bem ou para o mal, sujeita que está aos erros dos homens. As outras alternativas se excluem por si mesmas.

Texto LIX

399)Letra b

Questão muito delicada. Vamos começar pelo sentido da palavra **monolítico,** derivada de **monólito.** Este é o nome que se dá a qualquer obra feita de um só bloco de pedra. **Monolítico** que dizer, então, feito de um só bloco de pedra; sugere assim algo indivisível. No trecho destacado, a palavra tem sentido figurado, como também é figurado “pagar um preço altíssimo”. O que se pode entender do trecho é que há pessoas que, como um monólito, não se dividem interiormente, olham apenas para um lado, por isso mesmo pagando um preço alto (sofrem muito por causa dessa atitude unilateral). Por conseguinte, a resposta só pode ser a letra b.

400) Letra a

Pecador é o que peca, que erra. **Descrente** *é* tão-somente aquele que não acredita. Ser descrente não é ser pecador, não é ser errado em suas atitudes no mundo, diante de outras pessoas.

401) Letra c

A resposta se acha no trecho: "...vão rareando as convicções inabaláveis". Isto é, desaparece, em muitos de nós, aquela condição monolítica que algumas pessoas cultivam. O terceiro parágrafo acrescenta que essas perdas ocorrem na religião, na ciência ou na filosofia.
402) Letra e
Nesta questão, podemos eliminar logo as alternativas **c** e **d**, por absurdas. Não pode ser a letra a, uma vez que o texto não fala de verdades definitivas, muito ao contrário. A letra b não serve como resposta, porque nem todo progresso surge a partir da correção de erros anteriores, ele pode vir como uma complementação de conhecimentos já adquiridos, como se vê no quarto parágrafo. Por isso mesmo que acabamos de expor, com base no quarto parágrafo, o gabarito só pode ser a letra e.
403) Letra c
Vamos reportar-nos ao que é dito no sexto parágrafo: "É possível que essa onda já tenha tido alguns efeitos favoráveis à liberdade espiritual dos indivíduos, ao fortalecimento neles do espírito crítico". A liberdade espiritual seria a possibilidade de não se aceitar qualquer coisa imposta pela ciência, pela filosofia ou pela religião; o mesmo se pode dizer do espírito crítico, que, naturalmente, permite escolher entre o que se julga bom e o que se julga mal.
404) Letra d
Com o jogo de palavras apresentado, Brecht afirma que não há ceticismo absoluto; no momento em que você acredita que não crê, deixou de ser cético, por acreditar em algo. É contraditório.
405) Letra c
O texto é uma dissertação, em que o autor defende seus pontos de vista, apresentando argumentos que julga necessários para tal.

Texto LX

406) Letra b
A resposta pode ser localizada, com clareza, no segundo período, onde se destaca a expressão **sobrevivência e proliferação.**
407) Letra d
Precedente é o que vem antes. Assim, um sucesso sem precedentes é um sucesso que não teve outro igual, antes dele. Podemos entender, também, que a expressão **sem precedentes** quer dizer **sem igual.** Daí a resposta ser a letra d.
408) Letra c
O enunciado dá uma definição que serve tanto para homônimos como para parônimos. O texto serviu apenas para motivar a questão, tomando por base a palavra **precedente.** Diz-se que **precedente** e **procedente** são parônimos. Todas as alternativas apresentam palavras que têm parônimos ou homônimos: emergir/imergir, senso/censo, descriminação/discriminação, destratados/distratados, em vez de/ao invés de. Neste último caso, trata-se de expressões que podemos entender como parônimas, tal a sua semelhança. **Emergir** significa sair (de um líquido ou de algo), **imergir** que dizer entrar (no

líquido); **senso** é juízo, **censo** é recenseamento, pesquisa de opinião; **destratados** quer dizer tratados mal, **distratados** significa rescindidos (os contratos); **em vez de** é uma expressão que denota substituição, já **ao invés de** indica oposição. Na letra **c** houve troca no emprego dos parônimos, já que deveria ter sido usado o vocábulo **discriminação,** que significa separação. **Descriminação** é o ato de descriminar, absolver de crime.

409) Letra d

No trecho anterior a este, o autor diz que nenhuma espécie se iguala à humana em termos de sucesso alcançado (sucesso sem precedentes). Agora, no trecho do enunciado, o autor afirma que nenhuma outra espécie se iguala à humana no que toca à sobrevivência e à proliferação. Então, deduz-se que a sobrevivência e a proliferação é que medem o sucesso de uma espécie, o que nos leva para a opção d.

410) Letra b

Questão de coesão textual. **Nossa** refere-se ao **substantivo espécie,** e não ao vocábulo **proporção.** Observe o emprego de **isso,** na opção c: refere-se a um fato passado, e não a uma palavra ou expressão.

411) Letra e

Mais uma questão envolvendo os significados da palavra **como.** No trecho, ela pode ser substituída por **porque** e inicia oração subordinada adverbial causal. Isso quer dizer que a primeira oração do período é a causa do que ocorre na segunda, que então expressa uma conseqüência.

412) Letra a

Questão de sinonímia. **Proliferação** eqüivale, no texto, a **multiplicação.** Em todas as outras alternativas, não existem sinônimos.

413) Letra c

O texto destaca características próprias da espécie humana, como o controle da produção do próprio alimento e a sociabilidade e a mobilidade, estas por causa da capacidade de viver fora do seu ecossistema de nascença. São peculiaridades que distinguem a espécie humana de outras. Assim, o gabarito só pode ser a opção c.

414) Letra a

Questão de paráfrase. É quase imperceptível a diferença. O sentido da frase original é amplo: a espécie humana é um sucesso (no caso, sem precedentes); nenhuma outra se iguala a ela. Na variante, fala-se em sucesso da espécie humana, o que é mais restrito.

Texto LXI

415) Letra e

O texto não fala de possíveis dificuldades do menino nas aulas de leitura e gramática, não cabendo pois a letra **a** como resposta. Também não pode ser a letra b porque o desespero de que fala o texto ocorre porque o menino gostaria de estar lá fora brincando com o papagaio, não que quisesse e não pudesse comprá-lo. A letra **c** está errada pois ele não se encontrava de castigo, apenas estava com os livros nos joelhos. A letra d é errada porque ele e Raimundo estavam juntos,

na escola. Na realidade, o texto apenas retrata as emoções de um dia de aula; por isso o gabarito é a letra e.
416) Letra c
A resposta se encontra no trecho “Agora que ficava preso, ardia por andar lá fora...”. Ou seja, queria estar na rua, brincando com os colegas, e não na sala de aula. Talvez a alternativa que possa trazer dúvida seja a d. Mas não há essa indicação no texto, inclusive no diálogo ocorrido entre os dois colegas.
417) Letra b
O que está preso por uma corda imensa é o papagaio, não o menino-narrador. Isso é dito de maneira clara nas linhas 6 e 7. As outras
relações são perfeitas.
418) Letra b
É uma questão de paráfrase, de certa forma já comentada na questão 416. A forma verbal **ardia** tem valor conotativo e expressa a ansiedade do menino em estar fora da escola, brincando com os colegas.

Texto LXII

419) Letra b
A principal comparação feita é a do tapete colocado por baixo da cadela e aquele por sobre o qual passará o candidato eleito. São rituais que aparecem num e noutro caso, mas que pouco interferem nos acontecimentos. Da mesma forma, tanto o parto de Big quanto a eleição presidencial custam caro. Por isso, a resposta só pode ser a letra b.
420)Letra a
Na primeira frase, o autor declara não ser sua a cadela, mas de um cunhado. Assim, não sendo ele o dono, não tinha qualquer obrigação para com o animal. Na segunda, ele repete que a cadela não lhe pertencia e entra com a conjunção adversativa **mas,** que introduz uma ressalva: Big estava para ter filhotes, e seu dono viajara, transferindo-se para ele, o autor, a responsabilidade de cuidar dela.
421) Letra c
O veterinário alegou que cobrara 90 mil cruzeiros por se tratar de 9 animaizinhos, saindo cada um a dez mil. Ele foi levado a reconhecer que o veterinário tinha razão. A oração “tive de admitir” eqüivale a “fui forçado a admitir”, em virtude dos argumentos apresentados.
422) Letra b
Questão de paráfrase e de coesão textual. A classificação das orações desse período é, respectivamente: subordinada adverbial condicional, introduzida pela conjunção se; principal; coordenada sindética adversativa, iniciada pela conjunção **e** (com valor de **mas);** subordinada adverbial causal, com a conjunção subentendida. Na letra b, que é a resposta, a conjunção **caso** substitui o **se** (elas são sinônimas); a oração principal fica inalterada; a conjunção **mas** é usada em lugar de **e** (elas são sinônimas); a conjunção causai **pois,** que estava subentendida, aparece encabeçando a última oração. Assim, não houve alteração de sentido em relação ao período original.

423) Letra e
Questão de sinonímia, inquestionável, portanto. **Ungido** quer dizer sagrado.
424) Letra a
Se o autor diz que, numa determinada época, ainda não gostava de cachorros, é porque agora gosta, tendo havido uma mudança de atitude. A palavra que bem expressa a mudança é **ainda.** Nas outras opções, não se reconhece qualquer tipo de mudança de situação.

Texto LXIII

425) Letra a
A palavra **ferramenta** leva à idéia de instrumento, na tarefa de se entender o mundo atual.
426) Letra d
A palavra **grande,** no trecho, tem valor superlativo, eqüivalendo a **maior** (popularmente, **mais grande).** Observe que a palavra está precedida do artigo definido a. Isso só ocorre na letra d, onde podemos entender que "o entrevistado Alberto Manguei é um dos maiores conhecedores do valor da língua escrita".
427) Letra d
Os valores semânticos dos termos destacados são, respectivamente: finalidade, causa, tempo, acréscimo (gabarito), comparação.
428) Letra b
A comprovação de que a frase se refere aos dias atuais é a presença do verbo **predominam,** no presente do indicativo, bem como de outro verbo, na seqüência do período, também no presente do indicativo: *é*
429) Letra c
É uma questão extremamente complexa. Acredito que a banca do concurso tenha tido o seguinte raciocínio: as imagens já existem, enquanto a leitura cria imagens; como as imagens predominam, segundo o repórter, surge a oposição: *já existirem* e *serem criadas,* ou seja, por que criar imagens se elas já existem, inclusive predominando na comunicação atual?
430) Letra e
A letra **a** é evidente, por causa da palavra **superficialíssima.** Na letra b, o fato de a tendência ser geral e em todos os meios visivos representa, na visão do autor, uma coisa ruim, por não dar opções às pessoas. A letra **c** tem como ponto negativo o fato de as imagens prenderem a nossa atenção por um tempo muito reduzido, não nos deixando raciocinar em cima daquilo que é exposto. À opção **d** cabe a mesma observação do item anterior. Já na alternativa **e** nada há que possa ser entendido como negativo no que se refere à cultura de imagens.
431) Letra d
Neologismos são termos criados para preencher lacunas na língua. Com o passar do tempo, são incorporados ao idioma, sendo registrados pelos dicionários. O enunciado diz que os vocábulos **imagética** e **visivos** aparecem há pouco nos dicionários. Deduz-se, então, que são neologismos (se não, estariam lá há muito tempo) já reconhecidos oficialmente (pelos dicionários).

432) Letra a
A resposta se encontra, nítida, no primeiro período da resposta dada pelo entrevistado.
433) Letra a
Questão de semântica. Na frase da letra a, deveria ter sido usada a palavra **mandato,** poder político passado pelo povo por meio de uma eleição. **Mandado** é ordem judicial. Nas outras opções, temos, respectivamente: imersos: mergulhados **(emersos:** que vieram à tona); **cosidas:** costuradas **(cozidas:** cozinhadas); **imorais:** que atentam contra a moral **(amorais:** que não têm o senso da moral); **despercebidos:** sem ser percebidos **(desapercebidos:** desprevenidos).
434) Letra b
O autor estava falando sobre meios publicitários. Assim, **pintura** e **desenho,** apenas artes, devem ser eliminados. Dessa maneira, a resposta fica sendo a letra b, pois os três elementos se prestam à publicidade, sendo chamados pelo autor de visivos.
435) Letra b
Se Bill Gates propõe uma sociedade sem papel, não poderia usar um livro, que é papel, para dar essa mensagem. Ele se contradisse, pois deveria ter usado o computador.
436) Letra c
A opção **a** se encontra justificada nas linhas 6 e 7. O conteúdo da alternativa b pode ser conferido nas linhas 9 e 10. Confira o que diz a letra d, nas linhas 14 e 15. Quanto à letra e, pode-se dizer que o texto, em sua interpretação global, leva a tal conclusão. A própria contradição de Bill Gates justifica a impossibilidade de uma sociedade sem papel. Já a opção **c** não tem qualquer apoio no texto, o qual afirma que "a palavra escrita é, mais do que nunca, a nossa principal ferramenta para compreender o mundo". Principal, não única.

Texto LXIV

437) Letra d
Esta questão é de interpretação e de gramática. A opção a é evidente, mas precisa do que se diz no primeiro período do texto: "por um advogado desonesto". A alternativa b é correta, uma vez que o conectivo **como** indica o modo de se precaver de advogados desonestos. A letra c é perfeita pois a palavra se está indeterminando o sujeito. A alternativa d está errada, por isso é o gabarito, pois os advérbios (como é um advérbio interrogativo de causa) atraem obrigatoriamente os pronomes átonos, estando correta a colocação pronominal do título. A letra e está correta pois o infinitivo é pessoal e se encontra na terceira pessoa.
438) Letra e
Questão totalmente de gramática. A 3a pessoa do singular do imperativo afirmativo é emprestada do presente do subjuntivo. Por exemplo: cante, cantes, cante, cantemos, canteis, cantem; assim, o imperativo de terceira pessoa será

cante (você). O verbo precaver-se, que é defectivo, não se conjuga no presente do subjuntivo, logo não tem as formas correspondentes do imperativo.
439) Letra b
A finalidade do imperativo é dar uma ordem, um conselho, um pedido mais veemente etc. O mais comum é usá-lo para mandar, dar ordens a alguém. No texto, até em função da temática, o que a revista faz é aconselhar o leitor.
440) Letra b
A palavra **alguns** *é* a chave da questão. Com ela, tem-se a certeza de que existem outros procedimentos que não foram citados. As outras alternativas são descabidas, com exceção da última. Mesmo assim, não há por que errar a questão, pois se a revista publica o texto, só pode ser para dar aos leitores condições de se defenderem dos maus advogados.
441) Letra c
A resposta é evidente. *Não é possível* corresponde a *não há possibilidade.* **Posse,** embora tenha o mesmo radical de possível, mudaria o sentido da expressão, se fosse usada.
442) Letra a
Questão de coesão textual. É só voltar ao texto com atenção para acertar. *Não é obrigatório segui-la* corresponde a *Não é obrigatório seguir a tabela; registre-o no cartório* eqüivale a *registre o contrato no cartório.* Diz-se então que os referentes de **la** e **o** são, respectivamente, **tabela** e **contrato.**
443) Letra d
É uma questão de conhecimento de vocabulário. **Bimestral** é relativo a dois meses e quer dizer, precisamente, o que ocorre de dois em dois meses, a cada bimestre. Não confunda com **bimensal,** que se refere ao que ocorre duas vezes no mesmo mês.
444) Letra b
Não é fácil entender o enunciado. A questão pede a relação que existe entre as palavras **e** e ou, que aparecem ligadas por uma barra. No final do texto, temos "dar quitação e/ou receber valores". O que se quer dizer *é dar quitação e receber valores* e *dar quitação ou receber valores,* sendo válidas as duas coisas. Assim, a barra existente entre e e ou indica uma adição.

Texto LXV

445) Letra d
A resposta se encontra bem clara no trecho: "...bebês que dormem com a luz acesa têm três a cinco vezes mais possibilidades de sofrer de miopia..."Na verdade, esse é o tema do texto.
446) Letra b
A revista publicou a conclusão de uma pesquisa feita pela Universidade da Pensilvânia, nos Estados Unidos (/. 7/8). A pesquisa já havia sido divulgada pela revista inglesa *Nature* (/. 4). Assim, a resposta só pode ser a opção b.
447) Letra e

De acordo com é uma locução prepositiva que indica conformidade. A palavra que pode substituí-la sem prejuízo de sentido é **conforme,** que, nesse caso, é uma preposição acidental.
448) Letra c
Questão de conhecimento de vocabulário. **Fisiológico** é um adjetivo que se refere ao estudo das funções orgânicas. Para músculos, temos o adjetivo **miológico.**
449) Letra c
Segundo a pesquisa, as crianças que dormem no claro têm muito mais possibilidades de desenvolver a miopia, donde se deduz que as que dormem no escuro têm reduzidas possibilidades. Destas, diz o trecho destacado, apenas 10% desenvolveram a miopia. Assim, com o vocábulo **apenas** o autor indica que são poucas as pessoas que contrariam o resultado da pesquisa.
450) Letra b
É uma questão de significado de palavras. Se algo é uma hipótese, é porque existe a possibilidade de se concretizar. Se fosse impossível, não seria hipótese.
451) Letra c
A conjunção **se,** nesse período, é condicional. Pode ser trocada por seu sinônimo, **caso:** caso a luz fique acesa, a criança tende a se distrair.
452) Letra e
Nesse tipo de questão, faça as trocas solicitadas e veja qual delas mantém o sentido e a correção gramatical. O gerúndio muitas vezes eqüivale a uma oração subordinada adjetiva, que é aquela normalmente iniciada por um pronome relativo. Veja um outro exemplo: *vi um menino brincando é* o mesmo que *vi um menino que brincava.*

Texto LXVI

453) Letra e
No trecho, o autor somente destaca a nobreza e a esperança trazidas pelos objetivos fundamentais. Os comentários feitos nas quatro primeiras alternativas fogem a essa colocação simples. O trecho não fala de mudanças necessárias, da impossibilidade de eles serem alcançados ou do fato de ainda não terem se tornado realidade. Não importa que ao longo do texto muitas coisas sejam colocadas nesse sentido. A letra **e** é a resposta pois fala de algo nobre, como na passagem, e do ponto de partida, que pode ser associado à esperança.
454) Letra a
Todo ideal é um sonho, que pode ou não realizar-se. A concentração ideal é, assim, um sonho.
455) Letra d
O quarto objetivo está exposto pelo autor no trecho: “A promoção do bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação...”. Mais adiante diz que, se não houver graves sanções impostas às condutas contrárias, “a cobra raivosa do preconceito continuará agindo no coração de muitas pessoas”. Assim, observa-se que tais pessoas são contrárias, por seu preconceito, ao quarto objetivo. Na letra d, o autor usou a

locução **de encontro** a para expressar essa idéia contrária. Não a confunda com outra, parecida: **ao encontro de,** que não encerra qualquer valor de oposição. Por exemplo: *ele foi ao encontro do amigo* (na direção do amigo, para abraçar o amigo etc.) é diferente de *ele foi de encontro ao amigo* (esbarrou no amigo, ou foi contrário às idéias do amigo).

456) Letra c

Na opção c, gabarito da questão, o sonho estratosférico representa a opinião do autor a respeito dos objetivos terceiro e quarto, não tem nenhuma relação com a postura do governo. Nas outras, há sempre uma crítica ao governo atual.

457) Letra c

Referir as palavras de alguém especialista naquilo que o artigo expõe confere, sem dúvida, mais credibilidade. Imaginem que a revista tivesse veiculado a opinião de uma pessoa de outro ramo do saber, ou até, pegando-se um extremo, de um indivíduo iletrado, mesmo que de boa vontade. Os leitores não confiariam no que ele dissesse. Tratando-se, como é o caso, de um sociólogo, professor da Universidade de Coimbra, o artigo ganha maior respeito por parte de seus leitores.

458) Letra b

Como a estratosfera, camada situada acima de 12.000 metros, é de difícil acesso, o adjetivo **estratosférico** passou a indicar aquilo que é impossível de se atingir. **Utópico** quer dizer exatamente irrealizável, quimérico. Por isso, no trecho, os vocábulos são sinônimos.

459) Letra b

É uma questão de paráfrase. **Verberar** pode significar **condenar, polarização** é o mesmo que **concentração;** além dessas trocas, houve o acréscimo de **que ocorre,** que estava subentendido no trecho destacado. Não houve, portanto, mudança de sentido.

460) Letra a

Se você voltar ao texto, vai verificar que as condutas são contrárias ao 4o objetivo fundamental, previsto no artigo 3o da Constituição. Esse objetivo trata da discriminação de toda espécie. O remédio (meio adequado e lícito para se alcançar determinado fim de direito, segundo o Aurélio) proposto pelo jornalista é exatamente a criminalização dessas condutas contrárias, ou seja, que as pessoas sejam apenadas, punidas pela prática de qualquer tipo de discriminação.

461) Letra b

Os parênteses são usados em inúmeras situações. Aqui servem para mostrar em que artigos (e suas divisões) fica proibida a discriminação entre homem e mulher.

462) Letra e

Os significados dos latinismos são os seguintes: **sic** – assim mesmo; **et alii** - e outros; **ad hoc** - para isso; **lato sensu** - em sentido amplo. A letra **e** está perfeita: **verbi gratia** corresponde ao português **por exemplo.**

463) Letra a

O texto é uma dissertação, pois está baseado nas idéias. Assim, como qualquer dissertação, apresenta os argumentos do autor. É apenas opinativo, não chega a

criar polêmicas. Daí a resposta ser a letra a. Na realidade, bastaria que se dissesse **argumentativo.** A palavra **opinativo** poderia ser dispensada, por redundante.

Texto LXVII

464) Letra b
A resposta se encontra logo no primeiro parágrafo, no emprego da expressão "nossa infância". O autor está, no trecho, dirigindo-se aos leitores, por isso o emprego do possessivo **nossa.** Portanto, era uma expressão usada por ele e outras pessoas, em sua infância.
465) Letra a
A própria expressão **come-e-dorme** sugere a lentidão do jogador. Comer e dormir, jogando pouco, leva à idéia de morosidade desse tipo de jogador. E, para confirmar a resposta, as outras opções são facilmente descartadas; **apadrinhados** ou **privilegiados** seriam se estivessem sempre jogando, mesmo sem capacidade; se fossem importantes, não ficariam sem jogar.
466) Letra a
Na letra b, o autor critica os jogadores pelo fato de ganharem e quase não jogarem. Na opção c, pelo fato de serem colocados em campo quando o resultado já estava definido. Na alternativa d, por mergulharem no amadorismo. A letra **a** não apresenta qualquer tipo de crítica.
467) Letra **c**
Nesse trecho, o autor fala sobre a vida do jogador conhecido por come-e-dorme, repleta de facilidades: quase não jogavam, recebiam pagamento, tinham pouco compromisso no clube etc.
468) Letra b
O autor fala da transformação ocorrida com o time do come-e-dorme. Segundo ele, continua comendo, e comendo muito, mas não dorme. A transformação se deu "com as exigências cada vez mais severas do regime profissional" (/. 14/15).
469) Letra a
Questão de sinonímia. O verbo **ressurgir** (surgir de novo) é o mesmo que **reaparecer** (aparecer de novo). Não há qualquer tipo de dificuldade.
470) Letra d
Questão de antonímia, também sem dificuldade alguma. O adjetivo **severas** é o contrário de **brandas.** Diz-se que são dois antônimos.

Texto LXVIII

471) Letra b
A palavra **dentro** responde à questão. A mídia está dentro de quê? Do problema das drogas. Assim, de uma forma ou de outra, a mídia se envolve com o problema. A letra **e** poderia confundir um pouco; ela seria o gabarito se o título fosse *drogas: a mídia está por dentro.* Popularmente, **estar por dentro** é conhecer bem alguma coisa.
472) Letra c

O gerúndio, na frase, indica ação concomitante àquela expressa pela oração principal. É uma característica do gerúndio. A conjunção que exprime essa ação é **enquanto.** Prosseguindo a leitura, isso ficará provado com o emprego da forma verbal **ouvi:** *enquanto assistia, ouvi um raciocínio...*

473) Letra d

O emprego do gerúndio nesse trecho é idêntico ao da questão anterior. Veja que admite a troca por *enquanto tecia considerações...* Assim, a ação é concomitante, simultânea à expressa pela forma verbal saía.

474) Letra d

É uma questão de paráfrase. O trecho sublinhado aparece alterado. O único em que não há mudança de sentido, portanto *é* uma paráfrase, se encontra na opção **d**. As opções **a** e **b** são facilmente descartadas. A letra **c** não cabe, pois **não vir ao caso** não é **ter pouca importância;** uma coisa pode ser importante, mas não vir ao caso. Na letra e, o verbo **sair** não corresponde ao verbo **desviar;** quem se sai bem não desvia do assunto principal.

475) Letra e

Questão de sinonímia. Não há o que discutir. **Marginal** pode ser substituído por **paralelo,** sem que haja alteração de sentido: são sinônimos.

476) Letra b

A expressão **ou melhor** pode indicar retificação ou esclarecimento. Está usada no texto com o intuito de esclarecer a afirmação feita sobre a publicidade. Ela não está corrigindo algo que tenha sido dito. Veja um exemplo de retificação: Ele estuda Física, ou melhor, Matemática.

477) Letra a

Antes de mais nada, é preciso lembrar qual a tese do professor, que o autor do texto chamou de óbvia. A tese é que "a publicidade não pode tudo" (/. 8); em outras palavras: nem sempre nossos atos são influenciados pela publicidade. O argumento que a defende é o fato de muita gente cheirar cocaína embora não haja propaganda dessa droga na TV.

478) Letra d

O pensamento do professor é apoiado por algo que, naturalmente, o autor do texto considerou uma coisa lógica, ou seja, evidente: o fato de nem todo ato de consumo ser ditado pela publicidade.

479) Letra a

Em primeiro lugar, o início do parágrafo em que esse trecho se insere responde, sem problemas, à questão: "A favor da mesma tese...". Em segundo, porque confirma a idéia do professor de que a publicidade não consegue tudo em relação aos consumidores; embora ela tente fazer isso, o consumidor muitas vezes caminha por outro lado, pois guarda, como se vê mais adiante no texto, "alguma independência em sua relação com a publicidade..."(/. 23/24).

480) Letra a

Silogismo, segundo a Lógica, *é* a união de duas premissas, das quais, por inferência, se tira uma terceira, chamada conclusão. Por exemplo: Todo homem é racional (Ia premissa) / Paulo é um homem (2ª premissa) / Logo, Paulo é racional (conclusão). O silogismo proposto pela questão não é verdadeiro porque a

primeira premissa é falsa: ela diz que toda publicidade muda hábitos, o que contraria o texto.
481) Letra e
Na letra a, a expressão “Por favor” faz o elo entre o autor e os leitores. Nas opções b, c e d, o autor se dirige ao leitor através de perguntas: “Tudo certo?” “Qual a conclusão lógica?” e “Moral da história?”. Na última opção, não se usa semelhante recurso.
482) Letra d
Questão de sinonímia. **Soporífero** é o que produz sono; é usado, figuradamente, como maçante. Sinônimos que poderiam ter sido usados nas alternativas incorretas: impostas, confirmar, ilegítimas, independência.
483) Letra d
Esta é uma técnica comum entre os escritores: usar a primeira pessoa do plural para uma aproximação maior com os leitores. Já tínhamos visto, na questão 481, que o autor do artigo usa termos voltados diretamente para o leitor, como que para conversar com ele. O emprego da 1a pessoa do plural só vem confirmar essa tendência do autor.
484) Letra b
A palavra terrorista sugere intimidação. Quando alguém diz, às vezes sem qualquer sustentação, que a empresa em que trabalha vai falir e todos ficarão, em conseqüência, desempregados, está metendo medo nas pessoas, intimidando-as em função da suposta iminência de uma derrocada financeira. Diz-se, então, que foi terrorismo por parte daquela pessoa que espalhou o boato. Daí a resposta ser a letra b.
485) Letra c
O trecho destacado mostra dois tipos diversos de campanhas antidrogas: as soporíferas e as terroristas, sendo que todas fracassam. A opção c diz exatamente isso, só que se utilizando de outra construção: mesmo apelando para estratégias diferentes (soporíferas e terroristas), as campanhas fracassam.
486) Letra b
Mais uma questão em que a opção correta reescreve o trecho do enunciado. Veja bem: “ainda somos minimamente livres” eqüivale a *possuímos liberdade limitada;* “Nem que seja para consumir produtos químicos ilegais” é o mesmo que *ainda que a empreguemos mal* (a liberdade).
487) Letra b
O autor acha, contrariando o professor, que a mídia faz propaganda de drogas, ao falar do efeito que elas produzem. Veja a segunda metade do último parágrafo.
488) Letra d
A resposta se acha no trecho: “Embora não vejamos um comercial promovendo explicitamente o consumo de cocaína..., a verdade é que os meios de comunicação nos bombardeiam...com a propaganda não de drogas, mas do efeito das drogas” (terceiro parágrafo). Não se esqueça de que devemos procurar elementos no texto, mesmo que não concordemos com eles. Pelas alternativas apresentadas, a resposta só pode ser a letra d. A única que talvez suscite dúvidas é

a opção c; acontece que as drogas são condenadas de maneira explícita, o que parece chocarse com o gabarito.
489) Letra c
Questão de sinonímia. O professor estava fazendo apreciações sobre o provão. Assim, **considerações críticas** são **considerações de apreciação.** As outras opções se excluem naturalmente.
490) Letra a
Correspondência entre as locuções adjetivas e os adjetivos. Se, em vez de **debates,** usássemos **alunos,** a correspondência seria válida: **alunos universitários** é o mesmo que alunos **de universidades.** Com a palavra debates, em virtude de seu sentido, a correlação não existe. Nem sempre se pode trocar uma locução adjetiva por um adjetivo, e vice-versa.

Texto LXIX

491) Letra b
O texto nos diz que a lei exige que os ministros do STF e do STJ tenham reputação ilibada. É um paradoxo, porque para o ministro do TCU, corte hierarquicamente abaixo das outras duas citadas, há uma dupla imposição: reputação ilibada e idoneidade moral.
492) Letra c
A resposta já foi dada na questão anterior: ao ministro do TCU são exigidas duas coisas: reputação ilibada e idoneidade moral, diferentemente dos ministros do STF e do STJ, dos quais só se exige reputação ilibada.
493) Letra c
Algo tem caráter subjetivo quando depende de opinião, ou seja, obedece a padrões individuais, e não coletivos. Por isso a resposta é a letra c. A letra **e** fala em univocidade, que significa homogeneidade, inequivocidade. Uma coisa é unívoca quando não dá margem a interpretações diversas, a ambigüidades. Valores subjetivos não são valores unívocos, pois podem ser múltiplos, embora digam respeito ao indivíduo. Alguém pode ter sobre uma mesma coisa idéias variadas.
494) Letra d
Decoro é decência, dignidade, recato no comportamento. O chamado **decoro parlamentar** é a postura digna requerida para o exercício do cargo. Ora, se a conduta é irregular, houve falta de decoro, mesmo que isso não seja descoberto. Assim, é hipócrita quem se diz possuidor de decoro, quando o que ocorre é que suas ações indevidas não foram descobertas. O autor está denunciando essa hipocrisia.
495) Letra d
Estabelecer a coesão entre parágrafos é uni-los através de determinados elementos, os chamados conectores. A expressão “outras curiosidades” faz menção a elementos do parágrafo anterior, preparando o leitor para novas informações, acréscimos que serão feitos no atual parágrafo. Da mesma forma,

“nada disso” conduz o leitor a algo citado no 2o parágrafo (já vimos que o pronome **isso** se presta a tal tipo de ligação).

Texto LXX

496) Letra d
A resposta se encontra no trecho; “...a fim de que possam garantir a continuidade da vida...”; **continuidade da vida** é o mesmo que **sobrevivência.**
497) Letra d
Trata-se de uma questão que pede, naturalmente, um conhecimento independente do texto, porém é muito simples. A criança precisa de que a alimentem, ou não sobreviveria. É claro que o mesmo pode ocorrer com os idosos, mas não é uma regra geral: há velhinhos que podem fazê-lo por si mesmos. A resposta realmente é a letra d.
498) Letra e
Questão de vocabulário. Procure sempre voltar ao texto e fazer nele as substituições propostas. Não tente resolver a questão apenas com base nas alternativas. **Na cidade,** que é um adjunto adverbial de lugar, não pode ser substituído por **urbanamente,** que transmitira à frase uma idéia de modo, inadmissível no contexto.
499) Letra a
É o sentido do trecho. Quando se diz “não são apenas”, esperase naturalmente que outros sejam citados adiante. Aí, volta-se ao texto para conferir. Lá encontramos: “...não são apenas de ordem material...Elas são também de ordem espiritual e psicológica” (/. 10-13). Note a correlação **apenas / também.**
500) Letra b
Esta questão leva em conta, ao falar de ordem espiritual, a idéia de religiosidade. Se fôssemos tomar o termo em seu sentido amplo, veríamos que todas as palavras apresentadas, por indicarem sentimentos, têm um caráter espiritual. Crença e fé, sob o aspecto da religiosidade, são valores de cunho espiritual, quase sinônimos, diria. Na opção **c**, elas aparecem juntas, não podendo estar aí a resposta. Como primeiro elemento do par, crenças só aparece na letra **b**, que é a resposta. E realmente, no desenvolvimento do texto, o autor separa a fé e as crenças, por meio da expressão “além disso” (/. 15), de todas as outras coisas, tão somente de caráter psicológico.
501) Letra a
Questão de paráfrase. O homem não pode viver fora da sociedade, pois isso é para ele uma necessidade. Tal é a idéia do trecho destacado. A letra **a** diz exatamente isso, com outras palavras. É uma questão de atenção, de leitura cuidadosa. Observe que as opções **b** e **e** invertem as coisas.
502) Letra b
O fato de se sentir sozinha faz com que a pessoa fique triste. Assim, a solidão é a causa da tristeza, daí a resposta ser a letra **b**. As três últimas opções têm o mesmo significado e invertem o sentido de causa e efeito.
503) Letra d

A idéia do trecho é esta: continuar sozinha faria com que ela enlouquecesse. Assim, a primeira oração é motivada pela primeira.
504) Letra c
O segmento sublinhado denota o privilégio de certos indivíduos (todas as necessidades de algumas pessoas são satisfeitas) em detrimento de outros (os que têm apenas algumas de suas necessidades satisfeitas). Privilégio significa desigualdade social. .

Texto LXXI

505) Letra a !
A resposta se encontra, bem nítida, no início do texto: "mais vale, no governo, a instabilidade que a irresponsabilidade". Ou seja, a irresponsabilidade vale ainda menos que a instabilidade. São palavras de Rui Barbosa, citadas pelo autor, que logo em seguida diz: "- essa nota dominante do presidencialismo". Adiante, confirmando a tese, diz Rui Barbosa: "Na irresponsabilidade vai dar, naturalmente, o presidencialismo."
506) Letra c
A questão exige do candidato conhecimentos da história recente do Brasil. Ela não dá ao candidato, em meu ver, condições reais de solução. Tudo indica que a banca faz, com a opção d, alusão ao parlamentarismo criado no Brasil logo após a posse de João Goulart, que lutaria, com sucesso, pelo retorno do presidencialismo. Mas, ficaremos com a letra c, que fala em um processo lento e complicado (impeachment) que quase não teve aplicação. Tal afirmação ignora o impeachment do presidente Collor, o qual já havia ocorrido na época em que o texto foi escrito.
507) Letra a
O que se afirma na opção b pode ser conferido no trecho, com palavras de Rui Barbosa: "a responsabilidade criada sob a forma do impeachment se faz absolutamente fictícia, irrealizável, mentirosa...". O que se afirma na opção c se encontra na passagem: "Defronta-se o sistema porém com um processo lento e complicado (o impeachment, conforme vimos)..." Já a afirmação da letra d tem apoio na passagem: "...depois de lembrar o impeachment nas instituições americanas como uma ameaça desprezada e praticamente inverificável..." Também nesta outra: "Sobre o impeachment..., que dorme 'no museu das antigüidades constitucionais' é ainda decisivo..." A afirmação da letra **a** não tem apoio no texto.
508) Letra c
O enunciado diz "referência explícita". Assim, no último parágrafo, único onde isso ocorre, temos "...a que é chamado o Executivo na forma parlamentar..."
509) Letra d
Questão de sinonímia. **Capitular** é o mesmo que enumerar, ou pelo menos pode ser. Na passagem destacada, realmente **capitulados** é sinônimo de **enumerados.**
510) Letra b

A resposta se encontra no trecho: “Tendo aludido...um dos nossos bons constitucionalistas retratou com suma clareza...”. Ou seja, um dos nossos bons constitucionalistas é que fez a alusão.

Texto LXXII

511) Letra d
O primeiro parágrafo do texto diz que os dois princípios encarnam-se nos tipos do aventureiro e do trabalhador. Depois, acrescenta que eles (os princípios), nas sociedades rudimentares, distinguem os povos caçadores (ou coletores) dos povos lavradores. Assim, pode-se dizer que o tipo aventureiro está para os povos caçadores, assim como o tipo trabalhador para os povos lavradores. O caçador, por natureza, é aventureiro; o lavrador, por natureza, é trabalhador. Pode-se também resolver a questão por eliminação: as três outras alternativas não têm qualquer apoio no texto.
512) Letra c
A resposta se encontra na passagem, que se refere ao aventureiro:”- tudo, enfim, quanto se relacione com a concepção espaçosa do mundo, característica desse tipo”. Como o trabalhador é o inverso do aventureiro, conforme se verifica em todo o texto, o contexto espacial do trabalhador é limitado; ele não se expande como o aventureiro. Por conseguinte, a resposta só pode ser a alternativa c.
513) Letra c
Aparentemente, uma questão que não está centrada no texto. As alternativas **a** e **d** são naturalmente eliminadas. A letra **b** pode ser eliminada pois qualquer tipo de controle não diz respeito ao aventureiro. Fica-se, pois, com a letra c; a busca dos horizontes distantes está relacionada com “a concepção espaçosa do mundo” (4a parágrafo), característica do aventureiro.
514) Letra c
No primeiro parágrafo, o autor cita os lavradores, situando-os nas sociedades rudimentares, bem como os caçadores. Mas não diz, em momento algum, que eles só existiram nessas sociedades. Aliás, o advérbio já nos ajuda bastante; ele quer dizer que desde aquela época os dois princípios se manifestavam, na distinção entre povos caçadores e povos lavradores, não se excluindo a possibilidade de esses povos existirem em outras épocas.
515) Letra b
Na alternativa b, houve uma inversão. **Deste lado** refere-se, por uma questão de coesão, ao elemento mais próximo: **trabalhador.** Só que pelo sentido deveria referir-se ao aventureiro. O mesmo problema se deu com o termo **daquele,** que por um processo coesivo, se refere ao mais afastado: **aventureiro,** quando, na realidade, deveria referir-se ao trabalhador.
516) Letra b
A ética são princípios e normas de conduta. O trecho diz que o trabalho e a aventura possuem, ambos, a sua ética. Então, pode-se dizer que, para os dois, existem princípios e normas de conduta. Por isso a resposta é a letra **b.**

Texto LXXIII

517) Letra d
Quem consome remédio por conta própria mete-se em uma aventura perigosa, pois os males podem ser enormes. É como um esporte de alto risco, aliás esporte de âmbito nacional, em face da grande quantidade de pessoas que o praticam. Dessa forma, o autor condena a pouca seriedade com que tais pessoas consomem remédios sem a devida orientação médica.
518) Letra d
A idéia, quase imperceptível, é a seguinte: a expressão **por conta própria** colocada ao lado da palavra **leigos,** sem vírgula, passa a idéia de que eles são leigos por conta própria, e não que se medicam por conta própria.
519) Letra c
Veja o trecho seguinte, extraído do primeiro parágrafo: "...mas esse problema jamais atingiu contornos tão preocupantes no Brasil como atualmente." Mais adiante, no segundo parágrafo, ele afirma: "Diante desse quadro, o médico tem o dever de alertar a população para os perigos..."
520) Letra **e**
Trata-se de radicais de origem latina ou grega muito utilizados em português. O elemento **cale,** da palavra **cálcio,** é de origem latina **e** significa **pedra calcária.** Para **osso,** na língua portuguesa, temos o grego **oste(o),** como em osteologia, e o latim **oss,** como em ossada.
521) Letra a
A conjunção já **que** (mais precisamente uma locução conjuntiva), na passagem destacada, tem valor de causa. **Uma vez que** pode ser usada em seu lugar sem alteração de sentido, pois também é conjunção (locução conjuntiva) causai. Na letra **d**, o que poderia substituir a palavra **para** é **a fim.**
522) Letra e
As palavras pertencem ao mesmo campo semântico quando se associam, de alguma forma, pelo sentido. Por exemplo: flor, jardim, espinho, perfume; não são sinônimas, estão ligadas por uma idéia comum. Da mesma forma, **arsenal, armas, guerra** e **combater;** a palavra **inveja** não está associada semanticamente às outras.
523) Letra b
O próprio verbo **acreditar** encerra esse caráter de subjetividade. Usado na Ia pessoa do singular, confere o valor meramente opinativo para o autor do texto.
524) Letra b
A expressão *das vendas realizadas sem receita médica,* amplia, esclarece a significação de *da venda* livre *de seus produtos.* Cabe à locução **isto é** ligar as duas. Tem, pois, caráter explicativo.
525) Letra b
Há trechos que justificam plenamente o gabarito, embora nem fosse necessário citá-los, em função do que o texto como um todo nos apresenta. Nas linhas 11 e 12, encontramos: "...o médico tem o dever de alertar a população...". Nas linhas 12 e 13: "...sem que necessariamente faça junto com essas advertências..."
526) Letra a

Quem escreve é um médico. Houve então a preocupação, por parte dele, de que o leitor não pensasse que a intenção do autor era conseguir novos clientes, exatamente aqueles que deixassem de se automedicar para procurar um médico. Isso seria, sem dúvida, falta de ética.

Texto LXXIV

527) Letra a
A história toda gira em torno desses dois personagens, sendo que a mulher tem menos importância no texto, já que não interfere no relacionamento do animal com a família; por ela ficaria tudo na mesma, até o fim. Assim, o título faz alusão aos dois personagens centrais.
528) Letra e
A palavra maus-tratos pressupõe algum dano físico a um ser qualquer. O homem se limitava a trocar, por questão de economia, o alimento da galinha, mas ela não ficava sem comer. As outras opções são facilmente localizadas no texto.
529) Letra b
A resposta se justifica pelo fato de a galinha continuar pondo os ovos, apesar de perder as regalias alimentares. Ela se conformava com a situação e prosseguia na sua função de poedeira de ovos de ouro.
530) Letra c
A passagem em destaque no enunciado nos diz que o homem era dono de uma galinha. Na letra a, afirma-se que a galinha vivia com o homem, o que não quer dizer que ele fosse seu dono. Na letra b, há uma generalização: o homem cria galinhas, não apenas aquela da história, alterando-se o sentido do trecho. A letra d é descabida. A letra e pode confundir um pouco; o fato de o homem criar uma galinha não garante que seja ele seu dono: pode-se criar um animal para uma terceira pessoa.
531) Letra d
Essa expressão é muito utilizada em histórias infantis exatamente com a função de indeterminar o tempo em que ela se passa.
532) Letra c
A informação de que a galinha botou um ovo de ouro, fato que a tornava um ser especial, é dada após a frase destacada no enunciado. Portanto, até ali, tratava-se de uma galinha normal, como qualquer outra.
533) Letra d
A resposta está presente, sem margem a dúvidas, no terceiro período do texto: “Um dia a galinha botou um ovo de ouro”. E, como se observa pelo desenrolar da narrativa, não mais parou. A letra c fala em botar ovos de ouro antes da época própria, mas não existe essa época, pôs botar ovos de ouro é uma fantasia; o texto tem como base uma famosa história infantil, a de João e o pé de feijão.
534) Letra d
Os dois últimos períodos do primeiro parágrafo podem fundir-se em um só: *o homem ficou contente porque um dia a galinha botou um ovo de ouro.* A primeira oração se chama principal, e a segunda, começada por porque, subordinada

adverbial causal. Logo, o fato de a galinha ter botado um ovo de ouro teve como conseqüência o fato de o homem ficar contente.
535) Letra c
Uma das funções principais do travessão é indicar a fala do interlocutor. Ele é usado inúmeras vezes no texto, pois o homem e a mulher conversam no decorrer da narrativa.
536) Letra a
A primeira providência da mulher, logo após a galinha botar um ovo de ouro, foi dar-lhe mingau, pão-de-ló e sorvete (/. 7 e 8).
537) Letra c
Evidentemente, as opções bee são absurdas. Não poderia ser nem o homem, nem a mulher (opções **a** e d) pois, como personagens, sua fala seria introduzida por um travessão, ou mesmo colocada entre aspas. Outra possibilidade de um deles ser o responsável seria a construção da frase com discurso indireto; não é o caso: as palavras são mesmo do narrador.

Texto LXXV

538) Letra a
O autor do artigo lembra, no sexto parágrafo, que os criminosos são tidos como "coitadinhos, vítimas do sistema". No mesmo parágrafo, demonstra indignação e afirma que coitadinhos são "os milhões de brasileiros que sobrevivem com salários obscenamente baixos...". Assim, o título se refere aos dois tipos de "coitadinhos", daí o duplo sentido presente nele.
539)Letra b ,
A frase do Juiz titular da Vara de Execuções Penais demonstra a impotência da justiça e da sociedade em geral diante do crime organizado; assim, a sociedade se encontra, nos dizeres do autor, anestesiada e derrotada, ou seja, vendo as coisas ruins acontecerem sem poder fazer nada.
540) Letra d
A letra **a** não cabe como resposta, pois numa paráfrase não pode haver alteração de sentido. A opção b pode levar a erro; a palavra **principalmente,** no trecho destacado, indica que há outros, além dos coitadinhos de verdade, para os quais a dignidade tem de ser restaurada, enquanto a alternativa limita a extensão do pronome **todos** aos coitadinhos de verdade. A letra c está errada, porque a conjunção **ou** tem valor de alternância, e não de adição. A opção e contém erro já que, como comentamos, a dignidade deve ser restaurada para todos, não apenas para os coitadinhos de verdade. O gabarito realmente é a alternativa d, pois o uso de um idioma estrangeiro confere uma certa pompa à expressão, que na realidade se refere a criminosos.
541) Letra d
Eis aqui um emprego curioso do advérbio **sim.** O autor dá sua opinião sobre algo polêmico. Como que prevendo possíveis objeções e querendo que sua opinião seja aceita por todos, ele se utiliza da palavra como uma espécie de reforço. É como se ele dissesse: não adianta acharem o contrário, eles merecem sim.

542) Letra a
A idéia é a seguinte: o juiz dissera que a transferência de presos não resolveria o problema. No início do parágrafo seguinte, o autor escreve: “Digamos que não resolva”. Com o verbo **digamos,** ele apresenta uma hipótese; é uma hipótese sobre um fato futuro (que não resolva, que não venha no futuro a ser resolvido). Só que o texto vai contra-argumentar, como se vê no trecho: “Mas não merecem um micrograma que seja de privilégios, entre eles o de determinar onde cada um deles fica preso.” Ou seja, talvez a transferência não resolva, mas não se pode permitir que os próprios presos escolham onde querem ficar.
543) Letra c
“Adoráveis senhores” são os bandidos. Como bandido não tem nada de adorável, o autor usou a expressão querendo dizer exatamente o contrário. Isso só pode ser percebido no contexto.
544) Letra a
Questão de coesão textual. A palavra **que,** na alternativa a, não se refere a nenhum elemento anterior. Ela faz parte da locução conjuntiva **por mais que,** com a intercalação do adjetivo **hediondos. Por mais que** é o mesmo que **embora:** embora tenham sido hediondos...

Texto LXXVI

545) Letra c
A resposta da questão se encontra na passagem: “...a redução da violência exige mudança profunda no enfoque da administração dos problemas sociais pelos governos federal, estadual e municipal.” A letra c, que é o gabarito, é um resumo desse trecho.
546) Letra a
Apesar de e **não obstante** são expressões de valor concessivo. É uma questão de sinônimos. Veja outro exemplo: *apesar do calor, usou o agasalho (não obstante o calor, usou o agasalho).* As duas partes da frase são opostas: não se usa, normalmente, agasalho quando faz calor.
547) Letra c
O segundo parágrafo apresenta um argumento de cunho social: o fato de morrerem, no país, em dez anos, mais pessoas do que nas guerras do Timor Leste e de Kosovo juntas. Os dois últimos mostram argumentos de cunho econômico, ao citar, em dólares, o custo da violência.
548) Letra b
Nenhum escritor é obrigado a explicar o significado das siglas que porventura utilize. Se ele quiser, não explica nenhuma, mesmo que seu leitor não entenda nada do que ele escreve. Assim, para o redator, houve necessidade de explicar algumas. É só uma questão de bom senso.
549) Letra c
A expressão e **em menos tempo** reforça a idéia da violência, já evidente pelo fato de morrerem mais pessoas no país do que naquelas duas guerras juntas. Quer dizer: além de morrerem mais pessoas, as mortes ocorreram num espaço de

tempo menor do que o das guerras citadas. Assim, torna-se clara a exagerada intensidade da violência no país.
550) Letra e
O estado de São Paulo é citado no texto em virtude dos altos índices de violência que abriga. Tão altos, que seus custos alcançam cerca de 3% do PIB. Logo, fica evidente que a violência nesse estado colabora, como se vê na alternativa e, para a elevação dos índices de violência no país.

Texto LXXVII

551) Letra a
O que se quer com esta questão é que se coloquem, no título, os adjetivos propostos, como a completá-lo. **Autoritário** é um adjetivo que significa dominador, ditatorial, impositivo. Teríamos, desse modo: que país autoritário! Não é essa a idéia do texto: nele nada sugere que o país seja autoritário. Mas é, sem dúvida, injusto, estranho, desigual e incoerente.
552) Letra d
As opções a, c e **e** especificam os gastos: com a educação, com salários da classe política e com investimentos. A opção b pode causar problemas; na realidade, ela também especifica, pois **pagamentos governamentais** são apenas uma espécie de despesa pública: a despesa que o Governo tem com pagamentos (mas há outros gastos do Governo além de pagamentos). A resposta é a letra d, pois os gastos públicos são quaisquer movimentações financeiras que o governo faça, isto é, são gastos gerais do Governo.
553) Letra a
Embora não haja no texto elementos reais para se comprovar a resposta (veja que o enunciado diz “mais plausível”), dá para se chegar a ela por eliminação. É a mais lógica de todas.
554) Letra e
Têm grande carga de subjetivismo (opinião do autor), pela ordem de aparecimento: barbaridades, loucura, humilhantes, delírio.
Essas palavras estão no texto por conta do emocional do autor. Na opção e, nenhuma palavra possui semelhante característica.
555) Letra c
Segundo o texto, o Orçamento da União é um documento que prevê os gastos com a Câmara, com o Senado, com a Saúde e com a Educação. Não autoriza gasto nenhum, como diz a letra d, apenas mostra a movimentação financeira. As outras opções se excluem naturalmente.
556) Letra a
O texto tem como finalidade informar os seus leitores. É objetivo por ser um texto jornalístico. Não se pode afirmar que os dados apresentados são imprecisos e irresponsáveis, nem que escondem problemas do Governo; nada no texto sugere isso. Também não há elementos que digam ser desnecessários os gastos com a classe política, mas sim desproporcionais aos dos indivíduos em geral. A última opção é descabida.

557) Letra a
Tudo na Câmara ocorre em função da atividade dos deputados, mesmo porque sem eles não haveria a Câmara. Assim, dividindo-se a despesa geral da Câmara (salário de deputados, assessores e funcionários, materiais utilizados, cópias xerográficas etc.) pelo número de deputados, chega-se ao que cada deputado custa ao país.
558) Letra c
O termo rubricas é técnico e se refere aos vários itens do Orçamento. O autor falara, até ali, sobre os gastos com a Câmara e o Senado, expressos por números astronômicos. Faz então uma comparação com outras rubricas, que são a saúde e a educação. A diferença é tão brutal, que o autor considerou um delírio os imensos gastos com a Câmara e o Senado.

Texto LXXVIII

559) Letra c
O dever que a imprensa tem de investigar (/. 9) caracteriza a intromissão de que nos fala o artigo. Uma de suas virtudes aparece logo depois, no trecho: "Mesmo que, às vezes, eles estejam enterrados em pontos remotos de suas biografias." Por isso, a resposta é a letra c.
560) Letra b
Se ela peca mais pela omissão, é porque ela se omite mais do que se intromete, isto é, ela se intromete pouco. Porém, nenhuma alternativa apresenta esse paralelo. A letra d, por exemplo, inverte os fatores. Na realidade, não interessa se há mais intromissão ou mais omissão, e sim que as duas coisas existem: ela tanto peca por uma, quanto por outra. Dessa forma, o gabarito só pode ser a letra b.
561) Letra d
A resposta se acha no trecho: "Esta revista marcou sua presença na vida brasileira justamente pela convicção que esse é um risco que vale a pena correr." Risco de quê? De investigar. Ou seja, o risco que os órgãos de imprensa correm com sua investigação ("risco de parecer persecutórios ou de estar patrocinando campanhas...").
562) Letra c
A resposta se encontra, nítida, no trecho: "Esta revista marcou sua presença na vida brasileira..."

Texto LXXIX

563) Letra b
O homem, segundo o texto, não age como o cão: se for beneficiado por você, ele lhe fará alguma coisa de ruim. É o sentimento chamado ingratidão, que consiste em não reconhecer o benefício recebido.
564) Letra d
Famigerado é o mesmo que famoso; **moribundo** o que está morrendo; **defunto** o que já morreu; **necessitado** o que tem necessidade; **faminto,** da alternativa d, é

o que tem fome. A oração adjetiva **que morre de fome** representa uma hipérbole, um exagero, mas eqüivale a faminto.
565) Letra b
A palavra se tem valor nocional de condição, eqüivalendo a caso; a conjunção **e** tem valor semântico de adição; **que** é pronome relativo, não tem valor nocional; a preposição **entre,** que introduz um complemento nominal, não tem valor semântico. Na alternativa b, que *é* a resposta, a preposição **de** introduz um adjunto adverbial de causa, podendo-se dizer: morre por causa da fome. Assim, seu valor nocional ou semântico é de causa.
566) Letra d
Questão de coesão textual. A oração *e o tornar próspero* equivale a *e tornar o cachorro próspero.* Já a oração *ele não o morderá* vale por *ele não morderá você.* Assim, usando uma linguagem muito comum em concursos, **cachorro** e **você** são os referentes dos pronomes átonos usados adiante.
567) Letra e
Mero recurso estilístico. Sempre que possível, o escritor usa sinônimos ou expressões equivalentes para não repetir enfadonhamente determinados termos. Às vezes, é bom que se diga, faz exatamente o contrário: repete para criar expressividade. As quatro primeiras opções são facilmente descartadas, e a resposta só pode ser a letra e.
568) Letra d
No texto, o verbo **tornar,** embora transitivo direto (seu objeto direto é o pronome o) tem o valor de **transformar,** isto é, indica que seu objeto direto sofre uma transformação; está acompanhado de um predicativo, a palavra **próspero.** Na letra a, o predicativo é **armas;** na **b, rico;** na **c, estrangeiro;** na **e, impacientes.** Na opção d, não há predicativo porque o verbo **tornar** é um simples verbo auxiliar, com o sentido de voltar (nunca mais voltou a falar).

Texto LXXX

569) Letra b
Os pólos da divisão a que se refere o enunciado da questão são a vida boa e o sucesso. Assim, podemos localizar, ao longo do texto, os pares assinalados em cada alternativa. Opção **a**: "...saberíamos aceitar nossa condição..." (/. 7); "...no qual nossa condição poderia ser mudada e melhorada..."(/. 8/9). Opção **c**: "A vida boa, em princípio, é o ideal de felicidade das sociedades tradicionais..." (/. 13/14); "...e era o ideal da nossa antes da modernidade..." (/. 14). Opção **d**: "Para a vida boa, é necessário satisfazer o essencial..." (/. 15/16); "...ser insatisfeito é ser moderno." (/. 23). Opção **e**: "...a diferença correta entre as pessoas e o grupo social: 'os brasileiros' não são a mesma coisa que 'as pessoas' no Brasil." (/. 48/49). A opção **b** não tem apoio no texto.
570) Letra e
A opção **a** é pressuposta pelo trecho: "...e era o ideal da nossa antes da modernidade..." (/. 14). A opção b é pressuposta no trecho: "Como é possível?" (/. 31). A opção **c** é pressuposta pela passagem: "Pode, entretanto, parecer

contraditória a essas a resposta...” (/. 44/45); o verbo **pode** pressupõe que haja contradições aparentes e contradições não aparentes. A opção **d** *é* pressuposta no trecho: “Surpreendentemente, os entrevistados parecem fazer a diferença correta...” (/. 47/48). O que se afirma na opção **e** não é pressuposto por nenhuma passagem do texto.

571) Letra c

Questão de coesão textual. Na linha 29, a expressão **em recente pesquisa** é um adjunto adverbial sem qualquer ligação com elementos passados ou que virão no texto. Nas outras opções, temos o seguinte: **em suma** introduz um resumo do que foi dito antes; **ao contrário** estabelece oposição entre o ideal de vida boa (todo o parágrafo anterior) e o ideal de sucesso; **mas** liga sua oração ao período anterior, criando uma idéia de adversidade, oposição; **então,** com valor de conclusão (eqüivale a **portanto),** liga a leitura feita por Roberto da Matta à pesquisa citada no parágrafo anterior.

572) Letra a

Dispensadora de destinos quer dizer **que concede destinos,** a **que faz concessão de destinos.** O termo **O que conta** quer dizer **o que vale, o que tem relevância.** Daí a resposta ser a letra a.

573) Letra c

Questão de coesão textual. A primeira correlação é errada, pois o pronome relativo **que** refere-se a **mundo,** e não a **desejo.** A segunda é correta, pois o pronome relativo **que** (igual a **a qual)** tem como antecedente a palavra **procura.** A terceira é correta, pois o pronome relativo **que** (igual a **os quais)** tem como antecedente o substantivo **itens.** A quarta é errada porque o pronome relativo à **qual** (na realidade preposição **a** mais pronome **a qual)** tem como antecedente **pergunta,** e não **resposta** (não se dá resposta a uma resposta, mas a uma pergunta). A quinta é correta pois o pronome relativo **que** (igual a **a qual)** refere-se à palavra **comunidade.** Resumindo, estão corretas a 2a, a 3a e a 5a; erradas a Ia e a 4a. Por isso o gabarito é a letra c, que diz haver dois erros.

574) Letra e

A preposição com pode ser substituída sem alteração de sentido por **sob:** sob a condição de não querer demais. Também poderia ser trocada por **em:** na condição de não querer demais.

Texto LXXXI

575) Letra d

A expressão **aperto fiscal** é bastante usada hoje em dia e se refere a maior arrecadação fiscal de que o governo necessita para cumprir suas obrigações. A palavra **aperto** se deve ao fato de que o contribuinte será afetado, pois é ele que paga impostos e terá de pagar mais ainda.

576) Letra e

O título de qualquer texto jornalístico procura prender a atenção do leitor, para que ele leia a matéria. Enfim, tem de ser algo que desperte o interesse. No caso do título que estamos analisando, ele desperta o interesse dos leitores, pois

destaca algo - o crescimento da dívida pública - que pode afetar diretamente a vida de cada um.
577) Letra b
A característica maior de um texto informativo é a objetividade. Sua finalidade, como o nome diz, é informar com precisão e credibilidade. Este texto em especial apresenta dados precisos e cita organismos nacionais e estrangeiros, bem como pessoas renomadas e capacitadas para discorrer sobre o tema. Analisando as outras opções, temos o seguinte: a opção a é facilmente descartada; a c contraria a objetividade de um texto informativo, que não tenta criar suspense algum; a d fala que o texto trata de algo do domínio comum, o que não *é* verdade: poucas pessoas entendem realmente do assunto abordado; finalmente, a e fala de interesse momentâneo, o que é falso, pois um aperto fiscal pode se prolongar por muitos anos, afetando a vida das pessoas não apenas no momento em que o texto é publicado.
578) Letra c
Como é um texto informativo, apresentando dados e a opinião de especialistas, seu leitor busca nele exatamente uma atualização de conhecimentos. Repito: trata-se de um texto informativo, quem o lê quer somar as informações nele contidas às suas próprias.
579) letra e
O autor fala apenas do setor público; não há sequer alusões à iniciativa privada. Portanto, o gabarito só pode ser a letra e. As alternativas b, c e d são parecidas e se encontram disseminadas no texto, que tem como tema a situação econômica do país. A letra a é clara, pois o texto é cuidadoso com as informações, abonadas por especialistas e organismos conhecidos.
580) Letra c
É, como já dissemos, uma técnica que determinados escritores utilizam, para que o público de um modo geral possa compreender o texto. Mas não é um procedimento obrigatório.
581) Letra e
O parâmetro utilizado pelo autor para indicar o crescimento da dívida é o PIB. O melhor trecho em que isso se verifica é “Neste mês, a dívida deve superar os 53% do PIB...” (/. 4).
582) Letra e
Na opção a, a ameaça é o aperto fiscal; na b, o que o governo poderá vir a fazer para gerar ganhos (geralmente do bolso do trabalhador); na c, o crescimento iminente da dívida; na d, o aumento do superávit primário. Já na alternativa **e** não existe qualquer tipo de ameaça à população.
583) Letra c
Questão de vocabulário. **Superávit** é um latinismo que se opõe a **déficit** e quer dizer a diferença para mais entre uma receita (arrecadação) e uma despesa. A diferença para menos é o **déficit.**
584) Letra b
Questão de paráfrase. As alternativas a, **d** e **e** alteram flagrantemente o sentido do trecho original. A letra b, que é a resposta, mantém o sentido da passagem.

Contudo, a letra **c** também parece manter o significado. Há duas coisas na opção que devem chamar nossa atenção. Dizendo *se a dívida crescer até 54% do PIB,* tem-se a idéia de que a dívida vai aumentar o equivalente a 54% do PIB, ou seja, seria somada a ela a importância correspondente a 54% do PIB. O certo é dizer *se a dívida crescer a até 54% do PIB,* isto é, o limite (trazido pela preposição a) seria um valor equivalente a 54% do PIB. Uma outra coisa é que, com a ordem dada aos termos da frase, o pronome **seu** ficou ambíguo: refere-se à dívida ou ao PIB?

Texto LXXXII

585) Letra c
O autor do texto fala de hábitos alimentares de vários povos diferentes. Cada um come uma coisa e não admite comer outra. Assim, o último período tira uma conclusão, englobando, na palavra **todos,** os povos citados anteriormente.
586) Letra b
A palavra **onívoro** é formada por dois elementos latinos: *oni* (tudo, todos) e *voro* (o que come). Assim, **onívoro** é o que come tudo. O enunciado diz que o homem não é onívoro, então ele não come tudo.
587) Letra a
A simples inserção da forma verbal era, proposta na opção a, elimina a ambigüidade. Mas qual era a ambigüidade? A frase original tem dois sentidos: *o homem contemporâneo não é onívoro como era seu antepassado pré-histórico* ou *o homem contemporâneo não é onívoro como não era seu antepassado pré-histórico.* Usando-se **era** ou **não era** damos um só sentido ao trecho.
588) Letra c
Figurar na cozinha de alguém quer dizer fazer parte de sua alimentação, de seu cardápio. Se nem todos os animais e vegetais da região fazem parte da sua alimentação, é porque alguns não são comidos por ele, enquanto outros são, raciocínio que leva à alternativa c.
589) Letra d
Os povos do Oriente são citados como exemplo de devoradores de gafanhotos, larvas e besouros, mas o texto não diz do que eles não gostam; então eles podem ser onívoros, o que contraria a tese do texto, expressa no primeiro período.
590) Letra a
Hindu é sinônimo de **indiano,** o habitante da índia. A palavra não se aplica apenas à religião conhecida como **hinduísmo.**
591)Letra c
Questão de vocabulário. A palavra **urbano** é o adjetivo referente à cidade. **Urbano** é o contrário de **rural,** que diz respeito ao campo. Assim, o homem urbano é o da cidade, é o não-rural.

Texto LXXXIII

592) Letra d

O enunciado da questão se refere apenas ao título. A letra **a** pode ser eliminada, pois fala de grande parte da população, e o título diz de todos; além disso, ela se refere aos inúmeros miseráveis de nossa população, o que não se deduz do título, mesmo porque nem todos são miseráveis. As letras **b** e c podem ser facilmente descartadas. A letra e fala que a pobreza atinge a todos, o que sabemos não ser verdadeiro. Então o título só pode estar se referindo à preocupação e à responsabilidade que todos nós temos diante da miséria.

593) Letra b

Essa frase é o que se conhece como tópico frasal, aquela colocação que será analisada e ampliada ao longo do texto. Relendo-o atentamente, veremos que tudo gira em torno da resistência da miséria; as coisas ruins melhoraram no país, menos ela.

594) Letra a

O que se afirma na opção **a** não se encontra no texto. Vejamos as afirmações contidas nas outras opções: letra b: "A mais assustadora dessas manifestações é a criminalidade..." (/. 19/20); letra c: "...esteja confinada a bolsões invisíveis aos olhos dos brasileiros mais bem posicionados na escala social..." (/. 16/17); letra d: "Como entender a resistência da miséria no Brasil..." (/. 1) e "...enquanto a miséria se mantinha mais ou menos do mesmo tamanho, todos os indicadores sociais brasileiros melhoraram." *(l.* 3/4); letra e: "No decorrer das últimas décadas, enquanto a miséria se mantinha mais ou menos do mesmo tamanho..." (/. 2-4).

595) Letra a

As alternativas b, c, **d** e **e** cortam informações importantes e apresentam outras, acessórias, que não devem figurar em um bom resumo. A opção **a** é a resposta pois a frase é clara e objetiva, traduzindo fielmente o que se diz nas sete linha iniciais do texto.

596) Letra b

Vamos localizar no texto: **freqüência escolar:** linhas 5 e 6; **mortalidade infantil:** linhas 6 a 8; **analfabetismo:** linhas 6 a 8; **desempenho econômico:** linhas 8 e 9. Quanto à **liderança diplomática,** não há no texto referência à quantidade; nas linhas 9 e 10, lê-se, apenas: "No campo diplomático, começa a exercitar seus músculos. Vem firmando uma inconteste liderança política..."

597) Letra c

É uma imagem utilizada pelo autor. **Exercitar os músculos** é uma expressão metafórica; seria preparar-se para exercer uma função difícil, da mesma forma que se preparam os músculos para uma disputa física. Atente para o emprego do verbo **começa,** batendo com **está iniciando,** da alternativa c.

598) Letra c

A resposta está no primeiro período do segundo parágrafo. Veja a estrutura: **Embora** inicia a primeira oração do período, cuja principal se encontra mais adiante: **a miséria *é* onipresente.** O texto poderia ter uma outra ordem: *A miséria é onipresente, embora em algumas de suas ocorrências...*

599) Letra a

A questão se baseia no emprego de antônimos, uma vez que a primeira parte das frases é sempre precedida de **não.** São antônimos: apática/dinâmica, vital/desimportante, universal/particular, ampliada/reduzida. Na letra **a, superficial** não é antônimo de **geral,** e sim de **profunda.** O antônimo de **geral** é **particular.**

Texto LXXXIV

600) Letra c
Ao dizer: "A ciência é o único campo do conhecimento humano com característica progressista." (/. 3/4), o autor coloca a ciência acima de tudo (arte, religião etc). Ao argumentar ao longo do texto, faz comparações da ciência com esses outros segmentos da sociedade, como que para mostrar às pessoas que aquilo em que elas tanto acreditam são inferiores à ciência.
601) Letra a
Ao mencionar o vocábulo **progresso,** o autor retoma um termo usado linhas atrás, na tentativa de ressaltar a objetividade do seu emprego e, conseqüentemente, da própria ciência.
602) Letra a
Questão de semântica, que requer conhecimento das palavras. **Obsoleto** é um adjetivo que significa fora de uso, antiquado.
603) Letra d
As letras a, **c** e **e** podem ser facilmente descartadas. As outras duas talvez tragam alguma confusão. A letra **b** fala de mudança contínua, o que de certa forma ocorre com a ciência. Porém **mudança** é um termo vago, podendo referir-se a algo melhor ou pior. O texto fala em transformação para melhor. Se a pessoa se precipitar e não voltar ao texto, anotará essa opção. Vejamos como a resposta está evidente na seguinte passagem: "Tem características de autocorreção que operam como a seleção natural." *(l.* 11/12). A palavra **autocorreção** é utilizada na alternativa d. Não se deixe levar pela primeira impressão trazida pelas alternativas. Volte sempre ao texto, para conferir.
604) Letra e
O elemento **auto** da palavra autocorreção é de origem grega e significa de si mesmo, por si mesmo. A palavra quer dizer a correção de si mesma, ela própria se corrigindo. Autogestão e autocrítica não oferecem dificuldade; literalmente, **autômato** é uma máquina que age por si mesma; **autópsia** (ou autópsia) quer dizer exame de si mesmo. Já na palavra **autódromo, auto** é redução de **automóvel** e **dromo** significa lugar de corrida. Por isso a resposta é a letra e.
605) Letra d
Esta questão é independente do texto, tomado apenas como elemento motivador. É problema de significado das palavras. Os astrólogos trabalham com os astros, não no sentido científico da Astronomia, mas com referência à Astrologia; os médiuns, como se vê no espiritismo e em outras filosofias, como a umbanda e o candomblé, lidam com entidades espirituais (também caberia espíritos

desencarnados); os místicos não são apenas os esotéricos, mas as outras palavras se excluem naturalmente.
606) Letra d
A resposta se encontra no trecho: “Tem características de autocorreção que operam como a seleção natural.” A seleção natural é pertinente à Biologia. Mais adiante, ele diz que a ciência tem essa capacidade, ao compará-la à natureza. (/. 13/14)
607) Letra d
Questão de paráfrase. No trecho em destaque, a ciência é comparada à natureza pela sua capacidade de preservar os ganhos e erradicar os erros. Na alternativa d, temos uma grande mudança de sentido, trazida pela posição do termo **como a natureza.** Na nova frase, a comparação é feita apenas com base na capacidade de preservar os ganhos, ficando a idéia de que a natureza não consegue erradicar os erros.

Texto LXXXV

608) Letra a
A resposta está nítida na passagem: “E eis que bem ou mal ele está aí, encerrando de uma só vez a década, o século e o milênio, dando início a uma nova era, não importa que o calendário diga o contrário; miticamente, no imaginário de todo mundo, é assim.” (/. 11-14) A divergência, em outras palavras, é a seguinte: para o imaginário do povo, o ano 2000 inicia um novo século e um novo milênio; para o calendário oficial, isso só ocorre no ano 2001.
609) Letra e
O verbo **sonhar** pressupõe, por si só, a idéia de algo distante, nebuloso, difícil de alcançar. Tal idéia vem reforçada pela palavra impossível. Assim, a sensação de impossível é justificada pelo afastamento no tempo: algo muito distante da pessoa parece um sonho, algo inatingível.
610) Letra e
Um percurso acidentado e dramático é aquele de quem sofre. O trecho da letra e, no texto, inicia o relato das dificuldades e do sofrimento de boa parte da humanidade no século XX.
611) Letra c
Num século complicado, com guerras e carnificinas em todas as regiões do globo, sobreviver confere, segundo o autor, “um certo ar de vitória”. No último parágrafo, o trecho que melhor explica esse instinto de sobrevivência do homem é: “...demonstra que a vontade de vida da humanidade ainda foi maior do que sua pulsão pela morte.”
612) Letra b
A conjunção e, normalmente aditiva, pode assumir valor de adversativa, passando a significar mas, porém, contudo, todavia, no entanto, entretranto etc. A conjunção **porque,** que nunca é adversativa, não pode ser usada no texto.

Texto LXXXVI

613) Letra **a**
É uma questão mal formulada, pois não deixa nítida a idéia de descrição contida no pretérito imperfeito. Mas o pretérito perfeito, por indicar uma ação extinta praticada por um elemento que não a senhora (e aí temos personagens), nos permite classificar o trecho como narrativo.
614) Letra **a**
O primeiro parágrafo se limita a mostrar o problema da senhora assaltada que, dias depois, atropela e mata o assaltante. É como uma introdução, que será retomada e desenvolvida nos parágrafos seguintes. Observe que essa explicitação começa logo no primeiro período, ligado ao parágrafo anterior pela palavra **ela,** que se refere à violência.
615) Letra **e**
Vamos localizar o que se afirma em cada alternativa. Opção a: "Ela segue regras próprias" (/. 7). Opção b: "...pois conduzem-se de acordo com o que estipulam ser o preceito correto" (/. 25/26). Opção c: "...condição prévia para que qualquer atitude criminosa possa ser justificada e legítima" (/. 28/29). Opção d: "Cria a convicção tácita de que o crime e a brutalidade são inevitáveis" (/. 12/13).
616) Letra **c**
A resposta se acha no trecho: "Em primeiro lugar, é preciso que a violência se torne corriqueira para que a lei deixe de ser concebida como o instrumento de escolha na aplicação da justiça." (/. 17-19) Na realidade, o enunciado apenas inverte o que aparece no trecho. O remédio de que fala a questão é "o instrumento de escolha na aplicação da justiça".
617) Letra **b**
No último parágrafo, o autor nos diz que quando as leis perdem o valor normativo e os meios legais de coerção ficam sem a força que deveriam ter, cria-se um vácuo, um vazio. Então, "indivíduos e grupos passam a arbitrar o que é justo ou injusto...", isto é, tomam a lei em suas mãos, já que ela nada consegue fazer. *Arbitrar o que é justo ou injusto é* o mesmo que *tomar a lei em suas mãos.*
618) Letra **d**
A cultura da violência dá origem a sistemas morais particularizados, em detrimento dos ideais comuns. Ou seja, cada um resolve o problema à sua maneira, e os ideais comuns deixam de existir.
619) Letra **b**
Questão de paráfrase, que pode enganar. Na realidade, o que é relativizado é o valor de infração do crime, e isso pode ser dito de várias maneiras. Na letra b, a simples troca do tempo verbal (é -> foi) altera o sentido da frase original.

Texto LXXXVII

620) Letra d
A ciência e a técnica não levam em conta elementos propriamente humanos, como os sentimentos, que não podem ser medidos em laboratório, a religiosidade etc. Importante para a solução da questão é o trecho: "...utilizadas como estão...".

Veja que a idéia é que elas deveriam ser utilizadas de outra forma, não como estão.
621) Letra c
É o valor do pretérito perfeito composto. Os tempos compostos são formados pelos auxiliares **ter** ou **haver** e o particípio do verbo principal. A união do presente (tem) com o particípio (revelado) constitui o pretérito perfeito composto. O valor desse tempo composto é exatamente esse. O que se quer dizer, para dar outro exemplo, com *ele tem estudado muito?* Que ele vem estudando repetidamente até o momento presente.
622) Letra b
Questão de sinonímia. **Ceticismo** (ou cepticismo) é o mesmo que descrença. Uma pessoa cética é aquela que não crê, descrente.
623) Letra d
O termo **não** *só* (não apenas, não somente) pede em correlação **mas também** (como também), e o nexo entre as duas orações será de adição. Por exemplo: *Não só pinta mas também compõe,* que quer dizer *pinta e compõe.*
624) Letra a
Para esse tipo de questão, procure ver quem (ou o que) contém e quem (ou o que) está contido. **Jovens** é o termo geral; **estudantes,** o específico. O termo **estudantes** está contido no termo jovens. Veja outro exemplo: trabalhador / pedreiro. **Trabalhador** é o termo geral, é o que contém; **pedreiro** é o termo específico, o que está contido.
625) Letra d
Questão de paráfrase. Importante é perceber que o pronome **ele** refere-se a **protesto.** As manifestações desse protesto eram mais clamorosas no passado, mas isso não quer dizer que ele, o protesto, tenha perdido em intensidade e universalidade. Bem entendido o trecho destacado, verifica-se que seu sentido permanece na alternativa d.
626) Letra c
O protesto dos anos 60 é um fato que tem como conseqüência o terror dos anos 70. As letras **a** e **d** serviriam como resposta se os componentes estivessem invertidos: efeito/causa e conseqüente/antecedente.

Texto LXXXVIII

627) Letra e
Muitas vezes um texto se inicia com uma pergunta à qual não se dará nenhuma resposta. É só uma forma de introduzir um assunto e, talvez, prender a atenção do leitor. Este texto não fala de tempo exato, mas indeterminado (pouco ou muito).
628) Letra d
A palavra **lugar-comum** (é esta a grafia perfeita da palavra: com hífen) significa chavão, coisa repetida, batida, que todos usam. Sabendo-se a significação do vocábulo, a resposta fica fácil.
629) Letra b

Veja a divisão das orações, por meio de colchetes: [É lugar comum a afirmação] [de que a Justiça é lenta], [de que os processos judiciais demoram excessivamente.] A segunda oração apresenta uma afirmação de ordem geral: a Justiça é lenta. A terceira, em relação a ela, apresenta uma das coisas em que é lenta, ou seja, explicita a idéia nela contida: os processos judiciais demoram excessivamente.

630) Letra d

A resposta à questão se acha no trecho: "...e contribuem para tornar a lentidão judicial uma 'verdade'." (/. 4 e 5) Quer dizer, os meios de comunicação de massa passam adiante essa idéia, que o autor está questionando, de lentidão por parte da Justiça. Aos olhos do povo, o que é uma possibilidade passa a ser uma verdade. É uma crítica do autor aos meios de comunicação de massa.

631) Letra a

Há, naturalmente, outros meios de comunicação. Porém, por seu grande alcance, os mais importantes são a imprensa escrita (jornais e revistas, basicamente), o rádio e a televisão. Convencionou-se chamá-los de meios de comunicação de massa.

632) Letra e

O que se coloca entre parênteses freqüentemente se presta a dar esclarecimentos sobre termos passados no texto. Pela natureza do artigo e por serem bastante conhecidos das pessoas os meios de comunicação, o autor poderia, sim, ter prescindido de fazer a explicação.

633) Letra b

A posição inflexível dos meios de comunicação, segundo o autor, leva as pessoas a crer que a Justiça é lenta. Essa imagem negativa que eles passam da Justiça poderia ser atenuada se houvesse uma ressalva, com algo favorável a ela. Assim, o gabarito só pode ser a letra b.

634) Letra c

É uma questão de sinonímia e polissemia. Há palavras com vários sentidos; faz-se necessário analisar a frase para se saber com qual sentido um determinado vocábulo está sendo empregado. Como vimos na questão anterior, ressalva, no texto, seria uma espécie de exceção, algo bom em relação à Justiça, acusada por todos como lenta.

635) Letra c

Há vários motivos para se colocar uma palavra ou expressão entre aspas. Observa-se, ao longo do texto, que o autor não acha que a Justiça seja sempre lenta. Assim, para deixar clara a sua posição, destaca o termo com as aspas, chamando a atenção para ele, pois deve haver um motivo para que se faça tal coisa. Sem as aspas, poderia haver a idéia de que realmente, sem margem a dúvidas, a Justiça é lenta.

636) Letra a

Não podemos aqui nos ater somente ao trecho destacado: é necessário voltar ao texto. O pronome Os refere-se aos meios de comunicação de massa, citados no parágrafo anterior. Por *Os que assim procedem* pode-se entender aqueles que repetem a observação (a lentidão da Justiça), sem qualquer ressalva. Então,

segundo a passagem destacada, os que agem dessa forma se apoiam, se justificam no grande número de casos morosos da Justiça. Verifica-se que a letra a diz exatamente isso, com outras palavras.
63 7) Letra a
Vamos destacar os argumentos presentes em cada alternativa. Na b: tem andamento célere; na c: terminam rapidamente; na d: mais rápidos; na e: acaba razoavelmente depressa.
638) Letra d
Ao dar garantias de igualdade, oportunidades para intervir e outras coisas mais, a Justiça retarda um pouco o andamento dos processos. Atente para o valor concessivo da locução apesar de. Poderíamos escrever assim: apesar desses fatores de morosidade, com freqüência os procedimentos judiciais são mais rápidos...
639) Letra b
O "outro lado" da expressão é exatamente *quem sustente que a maioria dos processos acaba razoavelmente depressa.* Isso quer dizer que já foi citado um lado, que *é a maioria dos processos não acaba razoavelmente depressa.* Existe, pois, uma oposição, introduzida pela expressão **por outro lado.**
640) Letra a
Por serem minoria, os processos muito demorados podem ser considerados raros, tornando-se, assim, notícia. Então, deduz-se, quanto mais raro for o fato, tanto maior será o interesse do povo por ele. Daí a resposta ser a alternativa a.
641) Letra d
Logo após as perguntas, na primeira linha do 6o parágrafo, temos a chave desta questão: "Essas e muitas outras questões podem ser suscitadas a propósito." Então, elas são possíveis. Nenhuma delas terá resposta no texto, o que nos leva para a opção d.
642) Letra b
Ao longo do texto, o autor solicita que não se aceite passivamente a idéia, amplamente exposta pelos meios de comunicação, de que a Justiça é lenta. Se for constatado o problema, as medidas cabíveis serão tomadas (veja o último período do texto).

Texto LXXXIX

643) Letra d
A única oposição é de sentido, ou seja, semântica. São dois antônimos, palavras de sentidos opostos.
644) Letra a
Originalmente, **público** e **privado** são dois adjetivos: domínio público, domínio privado. No título, houve a substantivação dos vocábulos, em virtude do emprego do artigo o. Qualquer palavra, nessas circunstâncias, passa a substantivo: o não, o sorrir, o belo etc.
645) Letra b

Fato comum em textos é usar-se um ou mais períodos do primeiro parágrafo para especificar o título. O autor deste texto amplia os termos utilizados no título, começa a falar sobre eles exatamente no primeiro período, que é a introdução.
646) Letra b
Há vários recursos em português para explicar, retificar, confirmar afirmações feitas no texto. Geralmente se utilizam expressões colocadas entre vírgulas, sem função sintática, para tal fim: isto é, ou melhor, ou seja, aliás, digo, *é* claro, é evidente etc. É o que ocorre com a locução *é* **claro,** utilizada pelo autor. Observe que, se alterarmos a ordem, teremos algo completamente diferente: É claro que podemos atribuir esse interesse à perspectiva...sendo que *É claro* passa a constituir uma oração seguida de sujeito oracional.
647) Letra e
Vamos verificar essa localização temporal em todas as opções em que ela ocorre: opção a: da atualidade; opção b: revisão da Carta (uma época em que se queria fazer a revisão da Constituição); opção c: tão atual; opção d: nos últimos anos.
648) Letra b
A possibilidade de atribuir tal interesse à perspectiva de revisão da Carta é um argumento do autor que será descartado mais adiante, ao afirmar: "Mas a simples possibilidade de rever a Carta Magna não parece ser um fator decisivo para tornar esse debate tão atual." (/. 6-8)
649) Letra b
Na passagem destacada, nota-se um relacionamento de causa e efeito, estabelecido exatamente pela palavra **consequentemente.** A redefinição do papel do Estado é a causa; a sociedade civil (sua redefinição), a conseqüência. Observe que a alternativa d inverte a disposição causa/efeito das orações.
650) Letra b
O termo **não somente** inclui o Brasil nas sociedades industrializadas, o que nos leva à opção b. A palavra **peremptório,** na alternativa a, quer dizer definitivo, decisivo; o autor não foi peremptório ao dizer "Talvez seja mais sensato...". Na alternativa c, fala-se de opiniões sensatas, quando o autor atribuiu a sensatez ao ato de admitir. Na letra d, não há indicação alguma de possíveis diferenças entre o Brasil e as sociedades industrializadas. A letra **e** inverte as coisas: pelo texto, as modificações foram radicais também no Brasil.
651) Letra d
Questão de sinonímia. No texto, a única palavra que destoaria, alterando o significado, é **peças.** É claro que, em outro contexto, as quatro palavras propostas podem não ser consideradas sinônimas.
652) Letra d
A resposta surge nítida na última oração do texto: "...que devemos dispensar às eternas confusões de nossas despreparadas classes dirigentes."

Texto XC

653) Letra c

Confira a resposta no primeiro período do texto, donde sobressaem os trechos: “é coisa só de jardim zoológico” e “apenas antigüidade de museu”. Mas a autora deixa claro que isso é o que “muita gente pensa”, ou seja, não é a realidade.
654) Letra b
A mangueira é uma árvore grande e frondosa, que lembrou à autora um palácio; o verde, evidentemente, refere-se à cor de suas folhas. A autora usou uma metáfora, que é um tipo de comparação sem a presença do conectivo.
655) Letra e
A autora diz, na linha 42, que os ornitólogos “devem saber se isso é caso comum ou raro”, o que descarta a letra a, que afirma o contrário. No último período do texto, ela diz: “Então, talvez seja mesmo só gagueira...” **(talvez** é advérbio de dúvida), o que elimina a letra b, que diz que ela concorda plenamente. Na linha 31, a autora diz que o bem-te-vi “deve ter viajado”, ou seja, não tem certeza; isso invalida a opção c. Ao dizer, na linha 40, que o passarinho deve ser pequeno e que estuda a sua cartilha, ela descarta a possibilidade de ele ser experiente cantador, o que elimina a opção d. A resposta é a letra e, porque o segundo bem-te-vi altera algumas vezes a sua voz, como se vê no penúltimo parágrafo.
656) Letra a
Questão simples de semântica. **Um novo estilo** eqüivale a uma atitude moderna. Talvez a letra **d** possa causar algum problema, mas a palavra **mudança** tem caráter geral, e o texto fala de um tipo específico, que é a mudança de vida do homem na atualidade, em comparação com os tempos antigos. r ;
657) Letra e
Pode ser que o vocabulário atrapalhe um pouco a resolução da questão. **Iminente** quer dizer *que está para acontecer*, e iterativa significa *repetida.* Na letra e, gabarito da questão, **deve ter viajado** é ação duvidosa. Ação obrigatória seria se disséssemos **tem de viajar.**
658) Letra c
A língua culta rejeita a colocação do pronome átono (me, te, se, o, lhe, nos, vos) antes do verbo, em início de frase; é erro de colocação pronominal. Também se poderia pensar na alternativa a, mas a linguagem coloquial tem sentido geral, enquanto a colocação pronominal é específica.

Texto XCI

659) Letra c
Não chega a haver várias comparações, como diz o enunciado da questão. Mas as ondas, mais precisamente a espuma que elas fazem, são comparadas, no primeiro parágrafo, a bichos, porque nascem e morrem. E o que lhes dá essa espécie de animalização, ou seja, o movimento, é exatamente o vento, empurrando-as para a areia.
660) Letra c
A resposta se encontra no primeiro parágrafo, do qual se infere que elas, sendo levadas pelo vento - e não podem fazer nada contra isso, pois são subjugadas -, aceitam passivamente a situação, como bichos alegres e humildes.

661) Letra c
Vamos analisar os componentes da opção c, que é a resposta da questão. Ao dizer: "...é um homem nadando", o autor lembra o que viu na praia, sendo, pois, um espectador; ao afirmar: "toda sua substância é água e vento e luz", age como um químico analisando os constituintes das espumas; quando escreve: "...mas dou meu silencioso apoio...", está julgando favoravelmente, sendo, dessa forma, o juiz.
662) Letra a
Trata-se de um recurso estilístico de grande efeito. O adjetivo enérgica não poderia, em princípio, determinar o substantivo **calma;** mas o que o autor quer é valorizar a calma com que o nadador avança na água: com tranqüilidade, mas firme, sem hesitar.
663) Letra b
As alternativas a, c e **d** indicam, de modo claro, a admiração do autor: a perfeição estética, a virilidade e a grandeza. Já na alternativa b, o autor não deixa transparecer isso, já que tentar ser mais forte que o mar é, de certa forma, uma presunção.
664) Letra d
Questão de antonímia, sem margem a discussões. **Indolente, preocupado** e **atormentado** têm sentidos diferentes de **solidário,** mas não indicam o contrário. A resposta só pode ser a letra d.
665) Letra b
O autor narra o que se passa aos seus olhos. Da varanda de sua casa, ele vê o homem nadando.

Texto XCII

666) Letra d
No primeiro parágrafo, lê-se: "Muitas vozes têm se levantado em favor...da manutenção ou ampliação da Lei dos Crimes Hediondos...". Mais adiante, no mesmo parágrafo, encontra-se: "Embora sedutora...tal corrente aponta para o caminho errado...". Assim, fica evidente que o autor se mostra contrário a tal corrente de pensamento.
667) Letra b
O item I é incorreto, pois o povo, numa situação dessas, procura sempre pressionar os congressistas para alcançar os seus objetivos; não há, pois, coincidência. O item II é correto, e a chave do entendimento é a palavra manutenção: se há pessoas querendo a manutenção da lei, é porque sua vigência está sendo ameaçada. O item in não é correto, pois indica exatamente o contrário do texto: os que defendem a "doutrina da lei e da ordem" são aqueles que acham que o bandido *é* um facínora que age por opção.
668) Letra e
Questão de paráfrase. A letra **a** altera substancialmente o trecho. Na letra **b, dissuadir** não é o mesmo que **ratificar.** Na opção **c, combatido** é diferente de **restringido,** e **irracionalismo** *é* o contrário de **iluminismo.** Na alternativa d, as

locuções prepositivas **a despeito de** e **em conformidade com** têm diferentes significados.
669) Letra c
Alusão ao movimento intelectual do século XVIII, conhecido como Iluminismo, caracterizado pela valorização da ciência e da racionalidade crítica. Esse século ficou conhecido como "Século das Luzes". Atente, na alternativa c, para a palavra **racionalistas,** que é a chave da resposta.

Texto XCIII

670) Letra e
Vamos localizar no texto os assuntos indicados nas alternativas. Opção a: "Os voluntários terão dois médicos à disposição para esclarecimento de dúvidas sobre Aids e doenças sexualmente transmissíveis." (/. 34-36). Opção b: ""...essas pessoas deverão responder a questionários sobre seu comportamento com relação à Aids." (/. 30/31). Opção c: "...recrutamento de voluntários para testar uma vacina em milhares de brasileiros." (/. 7/8). Opção d: "...um projeto semelhante de verificação de incidência do HIV em homossexuais e bissexuais..." (/. 41/42). Quanto à opção e, cabe dizer que a OMS é citada uma vez, na linha 43, apenas como apoio ao projeto da Fiocruz.
671) Letra b
A opção a pode ser conferida nas linhas 3-6; a opção c, nas linhas 10-12; a opção d, nas linhas 19 a 21; opção e, nas linhas 3 a 8. Sobre os questionários citados na opção b, o texto diz o seguinte: "- O objetivo é saber quais são os fatores biológicos e comportamentais que predispõem à infecção..." (/. 32/33). Portanto, o que se afirma na alternativa b <u>não</u> aparece no texto, embora, a partir desses questionários, a avaliação possa vir a ser feita. Em outras palavras: o que se diz na opção b é correto, mas não se encontra no texto. Cuidado com esse tipo de questão!
672) Letra e
A resposta se encontra no último parágrafo. Segundo ele, o projeto pretende fornecer dados estatísticos (o mesmo que *verificar a incidência da Aids),* e os resultados ajudarão a calcular em que amostra da população (o mesmo que *um grupo de pessoas com características determinadas)* os testes serão realizados.
673) Letra c
A resposta está bem clara no trecho: "e receberão preservativos para evitarem a contaminação pelo vírus." (/. 37/38) A letra b, por causa da palavra contaminação, pode confundir, mas ela, realmente, traz um absurdo: "preservar a contaminação dos voluntários" quer dizer **garantir que eles continuem contaminados.** Se a frase fosse: "preservar os voluntários da contaminação", teríamos duas respostas na questão.
674) Letra c
A resposta aparece, muito clara, no trecho: "Os voluntários serão recrutados entre os indivíduos que procuram os Centros de Testagem Anônima..." (/. 15/16). Todavia, é melhor ficar desconfiado quando a resposta for tão evidente. Procure

voltar um pouco no texto, para ver se há alguma armadilha. Realmente, esse trecho se refere ao teste que vai ser aplicado no Brasil, como se vê em algumas passagens do texto.
675) Letra d
No penúltimo parágrafo, vê-se que o projeto a que se refere o enunciado da questão foi iniciado pela Fiocruz, pela Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo e pela UFMG. No último parágrafo, temos: "O projeto...tem o apoio da Organização Mundial de Saúde...". Assim, a resposta só pode ser a letra d.
676) Letra a
No segundo parágrafo, lê-se o seguinte: "Recentemente, nos Estados Unidos, uma vacina experimental atingiu as condições...mas não havia infra-estrutura para recrutar os cerca de 20 mil voluntários necessários." Não há dúvida quanto à resposta da questão.
677) Letra a
Vejamos o seguinte trecho (4Q parágrafo): "- Comparando a quantidade de pessoas atendidas nesses centros (1Q dado do enunciado) com o número das que se interessarem em participar de um teste em larga escala (2fi dado do enunciado), avaliaremos se a população a que se tem acesso é de tamanho suficiente (veja a palavra suficiente no enunciado) para o teste - disse."
678) Letra d
O texto cita duas vezes homossexuais e bissexuais, nas linhas 6 e 42. Nas linhas 5 e 6, lemos: "...para determinar a incidência do HIV em homossexuais e bissexuais de 18 a 35 anos..." Não padece dúvidas quanto à resposta, portanto.
679) Letra b
Pelo que se entende do texto, o apoio ao projeto brasileiro, por parte da OMS, se faz apenas pelo empréstimo do nome, na esperança de dar mais credibilidade. O nome da instituição pode ajudar a levar adiante o projeto.

Texto XCIV

680) Letra d
O texto faz uma associação entre as definições de caráter negativo do consumismo e as idéias que as pessoas fazem dele. Para o autor, as definições do verbo levam as pessoas a ver o consumismo, num ato de preconceito, como um gesto pouco nobre (linhas 1 e 2).
681) Letra c
Observe o trecho seguinte, extraído do último parágrafo: "...o consumo se revela um método extremamente eficaz para integrar os excluídos e estender a cidadania a todos os brasileiros." *Estender **a** cidadania a todos os brasileiros* eqüivale a *transformar os consumidores em cidadãos,* como se vê na alternativa c.
682) Letra a
A resposta aparece na seguinte passagem do texto: "Mais do que isso, o entrincheiramento de consumidores no mercado doméstico fez, ao longo dos anos, com que a própria imagem do cliente se deturpasse no país." (/. 24-26)
683) Letra d

A classe **privilegiada** é a que o autor chama de abastada ("...na porção abastada da sociedade brasileira...", nas linhas 43 e 44); a classe **destituída** é aquela que não consegue acompanhar o consumismo dos privilegiados, gerando-se uma tensão entre as duas ("...acarretou um aumento das tenções em relação à porção destituída." nas linhas 44/45).
684) Letra a
A expressão **não por** acaso serve como uma justificativa para o fato de os apologistas do consumo entre nós serem aqueles que podem exercer seu poder de compra.
685) Letra d
Aqui, faz-se necessário o conhecimento da expressão **estender o tapete vermelho.** Ela *é* utilizada quando alguém, por ser muito importante, é recebido com excesso de atenção e cuidado. É uma imagem utilizada pelo autor para designar, no texto, o tratamento especial conferido pelo vendedor ao comprador, consumidor em potencial.
686) Letra c
A resposta começa a se delinear no trecho: "Por que, enfim, tantas reservas em relação ao consumo?" (/. 15). A partir daí, o autor passa a responder à sua pergunta, explicando que reservas são essas. Mais adiante, ele diz: "A falta de um leque efetivo de opções de compra tem deixado os consumidores à mercê dos produtores no Brasil." (/. 18/19). Depois, nas linhas 31-33, ele diz que atitude é essa dos produtores (ter chiliques), de que fala o enunciado. Já a segunda explicação para as reservas em relação ao consumo aparece no trecho: "...os apologistas do consumo têm sido basicamente aqueles que podem exercer seu inchado poder de compra...". Ou seja, segundo o enunciado, a parte da sociedade que tem a prerrogativa do consumo.

Texto XCV

687) Letra b
Pelo que se vê no segundo período do primeiro parágrafo, a classe empresarial, no que toca a empregos, pensa em um mercado para país desenvolvido, enquanto os desempregados brasileiros são de nível de "quarto "mundo".
688) Letra a
Cidadania é algo que se conquista com valores éticos e morais. Existem vales-refeição, vales-transporte e outros mais, como forma de ajudar o trabalhador de baixa renda. O autor criou a palavra vale-cidadania (assim se deve escrever: com hífen), que evidentemente não poderia existir, para ressaltar a idéia de que todos precisam ter os mesmos direitos, todos precisam realmente ser cidadãos brasileiros.
689) Letra e •
Vejamos o ponto de vista ético presente em cada alternativa. Na opção a, a adequada integração da sociedade; na opção b, o fato de a ciência e a tecnologia terem como parâmetro a sociedade; na opção c, a prioridade para o crescimento humano; na opção d, o desenvolvimento do país. Já na letra e, o crescimento não

está vinculado a nada que expresse um ponto de vista ético; o comportamento de primeiro mundo não caracteriza a preocupação com o respeito e a ética.
690) Letra e
A locução prepositiva apesar **de** tem valor concessivo, indica oposição. Na letra e, a conjunção **ainda que** introduz uma oração adverbial concessiva, mantendo, assim, o sentido da locução.
691) Letra c
Os dois primeiros itens se encontram no segundo parágrafo: ...”uma sociedade onde haja lugar, espaço e ocupação para todos os seus membros?” e “Seria uma forma de distribuir a riqueza...”. O terceiro item fere o tema do texto, em que o autor pergunta: “Quando pensamos em emprego pensamos em crescimento, em integração no processo produtivo?”. O quarto item pode ser lido no quinto parágrafo: “...como eliminar, num prazo digno, a miséria, a indigência e a fome?” O quinto item vai de encontro a tudo que se diz no texto; o próprio título fala em modernidade.
692) Letra d
Para resolver a questão, você precisa comparar dois textos: este e o anterior, que é o de número XCIV pois ambos pertencem à mesma prova (Escriturário do Banco do Brasil). No texto XCIV, o autor opõe os consumidores de alta renda aos de baixa renda; neste texto, basicamente, os empregados e os desempregados, isto é, os excluídos (veja o primeiro período do segundo parágrafo).

Texto XCVI

693)Letra d
Muitos escritores utilizam a técnica de introduzir seus textos com perguntas, numa forma de atrair a atenção dos leitores, sem que haja respostas para elas. É o que se conhece por perguntas retóricas, aquelas que não precisam de respostas. Leia cada uma delas e comprove, no texto, o que acabou de ser explicado.
694) Letra b
Nem sempre é fácil perceber se o **ou** tem valor aditivo ou alternativo. Procure ver se é cabível a troca pela conjunção e, quando então se tem um valor semântico de adição. A única opção em que a palavra não eqüivale a e, ficando nítida a idéia de alternativa, é a b.
695) Letra e
Questão de sinonímia. Galvanizar significa dourar ou pratear; **ícone** é algo ou alguém representativo, nas artes, nos esportes etc; **empulhação** entende-se por tapeação; **metamorfoseados** quer dizer transformados. O verbo **cercear,** da alternativa e, significa realmente impedir.
696) Letra a
Se a ação restritiva do Estado é inevitável (o Estado não pode permitir que os cidadãos façam tudo que querem, sob o risco de se criar o caos social), ele acaba agindo contra a liberdade dos cidadãos.
697) Letra b

A locução **em que pese a** (infelizmente mal utilizada pelo autor do texto, pois ela não se flexiona) eqüivale semanticamente a **apesar de,** tendo, pois, valor concessivo. A idéia é a seguinte: apesar das angustiantes restrições do contracheque, são as prateleiras abundantemente supridas que satisfazem a liberdade do consumo. Então, as prateleiras estão cheias de produtos, mas os salários não permitem muitas compras (restrições do contracheque).

698) Letra b

Os comunistas também são consumidores, também compram coisas. Dessa forma, o ideal comunista (viver com pouco, equilibradamente) é abalado pela pressão exercida pelos consumidores (os próprios comunistas) em função da tentação que representa um supermercado com as prateleiras cheias de produtos.

699) Letra b

Restritos quer dizer limitados, em menor número. Entende-se, então, que nos países totalitários há menos canais disponíveis do que nos países não-totalitários.

700) Letra e

Questão de paráfrase. Segundo a frase destacada, filosofia, pornografia, arte e empulhação são consumidas. Na última alternativa, a colocação da palavra **como** altera o sentido, pois a idéia que a frase agora nos passa é a de que a filosofia e a pornografia são consumidas como sendo arte e empulhação. Nessa frase, desaparece a noção de soma que existe entre as quatro palavras.

701) Letra a

A palavra **neurônios,** na passagem destacada, tem emprego metonímico. Ela eqüivale mais ou menos a **sábios;** houve uma troca de palavras de caráter objetivo: os sábios, como qualquer um, possuem neurônios. “Essa questões”, que aparece no enunciado, eqüivale **a discussões sobre a liberdade;** colocar em choque é opor; “os melhores neurônios da filosofia” são “os maiores filósofos”. Por conseguinte, a resposta é a letra a.

702) Letra e

Na letra a, a crítica é feita aos consumidores em geral, cujo apetite pela burguesia foi atraído, corrompido; na b, a lei é chamada de capenga; na c, o autor chama o programa de imbecil; na d, critica o fato de se consumirem coisas ruins, como pornografia e empulhação. Nada há de crítica na opção e, que é a resposta.

703) Letra e

A liberdade de movimento se encontra em “tem o direito de mover-se livremente”; a liberdade de comunicação, em “fala o que quer”; a liberdade política, em “que vota”. A liberdade de consumo não aparece especificada, mas podemos entendê-la na reunião de todas essas características do cidadão contemporâneo. Já a liberdade religiosa, que é algo particular, não conseguimos depreender da passagem selecionada.

704) Letra d

Na letra a, a crítica é feita ao fato de o ideal comunista não ter sido forte o suficiente para resistir às tentações do consumo; na letra b, o autor critica o fato de que comer uma simples banana virou ícone de liberdade; na letra c, o fim do fervor revolucionário por causa da vontade de ter uma Vespa ou uma Lambreta; na letra e, a limitação do número de canais. Nada há de crítica aos regimes não-

democráticos na letra d. Não confunda! A ação restritiva do Estado, que é inevitável, não se refere especificamente àqueles de regime não-democráticos.
705) Letra e
O trecho pode ser entendido, com palavras mais simples, da seguinte forma: muitas pessoas, infelizmente, não se alegram com a alienação do comunismo. É claro que tais pessoas são aquelas que vivem em países não-democráticos e não se sentem felizes com as restrições (alienação do comunismo) a elas impostas.

Texto XCVII

706) Letra c
É o exemplo de Los Angeles, "onde grupos sociais se organizaram...". O autor nos diz, ao longo do texto, que é necessário seguir esse exemplo de integração da cidade americana.
707)Letra b
O exemplo de Los Angeles abre caminho para o desenvolvimento da idéia da união que nós, brasileiros, precisamos ter. Nas linhas 4 a 6, lê-se: "Sem uma mudança radical de mentalidade (como fizeram os moradores de Los Angeles) jamais construiremos uma convivência tranqüila e segura."
708) Letra e
A preposição **para** pode apresentar valores semânticos diversos. Na passagem destacada, ela indica a finalidade da organização dos grupos sociais. Eqüivale, como sempre ocorre quando tem esse sentido, a **para que:** para que se buscassem soluções.
709) Letra b
Questão de coesão textual. Entenda-se: para buscar soluções para problemas dos grupos sociais. Antecedente é o mesmo que referente, desde que já tenha sido utilizado no texto. Se ainda vai aparecer, o referente pode ser chamado de conseqüente.
710) Letra c
A primeira pessoa do plural engloba, no texto, o autor e seus leitores. É uma prática corrente entre os escritores; ela cria uma aproximação, uma intimidade, além de mostrar que o autor não se situa acima do leitor, ambos caminham juntos.
711) Letra b
Cada um por si quer dizer cada qual agindo voltado apenas para si próprio, sem se importar com a coletividade. É um ato individualista e, conseqüentemente, egoísta.

Texto XCVIII

712) Letra a
Se o compadrismo está levando o Brasil ao abismo, ele precisa ser erradicado para que a política do país atue de maneira mais positiva, sem favorecimentos.
713) Letra b

Isso pode ser comprovado no trecho: “Também a nossa política...que têm levado o Brasil à beira do abismo...”. As palavras **nossa** e **Brasil** indicam que o texto foi produzido aqui e, por conseguinte, para que nós, brasileiros, o leiamos.
714)Letra a
O autor inverte, embora isso não seja fácil de perceber, a causa e o efeito. O compadrismo (os dicionários registram compadrice e compadrio) é que deu origem à nossa tendência para a aproximação e a camaradagem. Melhor ainda, ele é a própria aproximação e camaradagem. De qualquer forma, trata-se de uma questão discutível.
715) Letra b
A palavra **impregnada** tem, freqüentemente, valor pejorativo, lembra contaminação. No trecho em que ela aparece (“Também nossa política anda impregnada desses mesmos sentimentos...”), o autor faz uma ligação entre os sentimentos, que são negativos, e a política, utilizando-se da palavra **impregnada;** é como se dissesse que nossa política está contaminada por esses maus sentimentos.
716) Letra d
As pessoas, acostumadas ao compadrismo, querem que o governo fique muito próximo delas, que ele seja pessoal, dando-lhes alguma vantagem, quando na realidade governo não é para isso, governo é para o coletivo, e não o individual.
717) Letra b
O texto é uma dissertação, basicamente a apresentação de argumentos por parte do autor, que defende suas idéias sobre os possíveis malefícios do compadrismo no governo.

Texto XCIX

718) Letra d
Se, como se vê na Ia linha, o problema básico da economia logo estará sob um novo signo, é porque a mudança ainda não ocorreu. Na linha seguinte, ele diz que o país é semicolonial, agrário etc. Portanto, o que causou esse problema atual é o colonialismo, de que o país ainda não conseguiu se livrar (ele é semicolonial).
719)Letrab
A resposta se encontra, bem clara, no trecho: “estará em breve sob um novo signo.” É a união do verbo no futuro do presente, que garante que a ação vai se realizar, com a locução adverbial **em** breve, que indica a proximidade da ação verbal.
720) Letra c
O texto afirma que o país passará de semicolonial para industrializado. A característica destacada no último período não diz respeito a país colonizado.
721) Letra c
Questão de sinonímia. Não há dúvida de que a palavra **básico** significa **fundamental.** De qualquer forma, como já dissemos, procure melhorar seu vocabulário.
722) Letra b

Na realidade, trata-se de dois radicais, e não um só, como afirma o enunciado da questão. **Agrário** tem o radical latino **agri,** que significa campo. Aparece em muitas palavras do português, inclusive em **agricultor** (o que cultiva o campo), **agrimensor** (o que mede o campo), **agreste** (relativo ao campo) e **agrícola** (relativo à agricultura), encontradas nas alternativas **a, c, d** e e. **Agridoce** é formado pelo radical latino **agri,** que quer dizer **ácido** ou **azedo,** mais a palavra **doce,** do latim **dulce.**

723) Letra a

O texto fala do problema básico de nossa economia, por isso a defesa é econômica; já a palavra **aparelhamento** sugere atividade militar.

724) Letra b

Levando-se em conta que a transformação ainda não se processou, ela só pode ser vista como uma promessa política, que pode realizar-se ou não.

Texto C

725) Letra a

Questão de semântica. A palavra **subsistência** significa realmente **meio de sobreviver.** Provém do verbo **subsistir.** Curiosidade: tanto no verbo quanto no substantivo, a letra **s** representa o som de **ss,** e não de **z**. Pronúncia: subssistir e subssistência.

726) Letra d

Questão de sinonímia. O verbo **prover** (não confunda com **provir)** tem vários significados, entre eles o de providenciar.

727) Letra d

Outra questão de semântica. A expressão **meio ambiente** quer dizer **espaço em que se vive.** Detalhe: escreve-se sem hífen, como aparece no texto e no enunciado da questão.

728) Letra c

Embora a letra **a** pareça ser a resposta, a idéia da oração reduzida de gerúndio é de meio, uma vez que os índios provêem sua subsistência por meio da utilização dos recursos naturais de seu meio ambiente.

729) Letra e

A coivara não é um recurso natural, e sim um processo agrícola que consiste em utilizar as cinzas provenientes das queimadas.

730) Letra c

A expressão **a grande maioria** indica a maior parcela de um todo. Se a maioria faz alguma coisa, uma outra parcela, a minoria, não faz. Daí poder afirmar-se que nem todos os índios praticam a agricultura.

731) Letra b

Após as queimadas, os índios utilizam as cinzas delas provenientes para fertilizar a terra. Como só há cinzas por causa das queimadas, estas são necessárias à fertilização.

732) Letra b

Há grupos tribais que se interessam pela pesca, enquanto outros se voltam para a caça. Assim, o interesse deles é diferente em relação à caça e à pesca. A letra b, que é a resposta, diz que os grupos tribais não possuem interesse idêntico pela caça e pela pesca, o que está de acordo com o trecho selecionado.
733) Letra b
A idéia é a seguinte: o fato de algumas tribos serem carnívoras faz com que sejam hábeis caçadoras. Assim, a causa é **serem carnívoras;** e a conseqüência, **serem hábeis caçadoras.** Pode-se entender ainda que a necessidade que elas têm de comer carne faz com que desenvolvam boas técnicas de caça.

Texto CI

734) Letra e
A preposição **por,** nesse trecho, tem valor nocional de causa. A preposição **após,** da letra **e,** conferiria à frase um valor de tempo (após o excesso de atividade, depois do excesso de atividade).
735) Letra d
A resposta se encontra no trecho: "...e também podem aprender uma língua humana". As outras semelhanças são facilmente localizadas no texto.
736) Letra d
Veja a resposta no trecho que segue: "...e também podem aprender uma língua humana." A alternativa que poderia confundir um pouco é a c. Acontece que o próprio trecho destacado neste comentário nos ajuda a ver que ela está errada. Se os golfinhos podem aprender uma língua humana, os homens podem falar com eles.
737) Letra d
Muitos escritores se dirigem diretamente aos leitores, tentando criar uma aproximação que possa favorecer o entendimento do texto. No caso presente, foi utilizado o imperativo, mas há outros meios de se conseguir esse efeito. Já vimos, por exemplo, que o escritor às vezes usa a primeira pessoa do plural, unindo-se, assim, aos leitores.
738) Letra b
É um processo anafórico (referência a algo passado no texto) de coesão textual. O terceiro período poderia começar assim: dizem que esses simpáticos golfinhos...
739) Letra d
A utilização da terceira pessoa do plural sem o sujeito presente na oração constitui o chamado sujeito indeterminado. Seu emprego, muitas vezes, transmite essa idéia de incerteza que se percebe no texto: pode ser que seja verdade ou não.
740) Letra d
O texto fala "na possibilidade de haver, no reino animal, outros tipos de inteligência além da humana". Logo depois, admite que os golfinhos é que possuem essa inteligência. Eles teriam, então, um outro tipo de inteligência. Portanto, como diz a opção d, são diferentemente inteligentes.

Texto CII

741) Letra e
A opção a está errada pois na última linha do texto o autor diz: “A CPI é um golpe contra a magistratura independente.” A opção b está errada porque, como se vê no primeiro período do texto, quem clama por ampla reforma do Poder Judiciário é a magistratura. A opção c é incorreta porque a CPI foi instalada na mesma época da elaboração do texto, com se vê no terceiro parágrafo. A opção d não está certa, conforme se lê no trecho seguinte, início do segundo parágrafo: “Mas o legislador constituinte ignorou as propostas mais consistentes para destinar ao Poder Judiciário os instrumentos aptos...”. A resposta é a letra e, pelo que se acha no último período do primeiro parágrafo.
742) Letra a
O que se afirma na letra **a** não é verdadeiro pois, segundo o exposto nas linhas 27 e 28, as elites no poder têm uma noção mesquinha em relação ao Poder Judiciário.
743) Letra c
Na letra a, houve uma inversão entre sociedade e Estado; quanto à letra b, o erro é que quem tem essa noção mesquinha, segundo o texto, são as elites no poder, não especificamente os congressistas; a letra **d** também não é correta, uma vez que a palavra **manto** é uma metáfora, podendo ser entendida como **proteção;** a letra **e** é absurda: o golpe não é da magistratura, e sim dos congressistas. Já a letra **c** está correta e pode ser justificada pelo trecho: “Agora, o poder que agiu de forma imprudente, desidiosa, se julga portador de autoridade moral para submeter o Judiciário...” (/. 15/16).
744) Letra c
Questão de sinonímia. A palavra **desidiosa** pode ser indolente, preguiçosa, negligente. Este último significado é o que a palavra tem no texto.
745) Letra b
Questão de paráfrase. No trecho original, é dito que um conjunto de sugestões foi levado <u>ao exame</u> da Assembléia Nacional Constituinte, isto é, para que ela o examinasse. Na opção b, escreve-se que a Assembléia levou <u>a</u> exame, donde se conclui que um outro órgão, não especificado, faria o tal exame.
746) Letra e
Questão de coesão textual. Eis a correlação perfeita: o pronome sua tem como referente Assembléia Nacional Constituinte; Io refere-se a Poder Judiciário; o referente de **seu** é magistrado; o referente de **cujos** é sociedade.

Texto CIII

747) Letra a
Essa impressão que o autor tem (ele diz “parecem”) vai-se desenvolver por meio de inúmeras comparações entre os velhos da cidade e os do interior. Tal, inclusive, é o tema da crônica. A letra d pode confundir, porém ela é falsa pelo fato de falar em previsão, quando o autor apresenta tão-somente as suas impressões a respeito da velhice.
748) Letra d

O item I é verdadeiro, podendo ser comprovado no trecho, início do segundo parágrafo: “Vejam-se as roupas dos velhinhos interioranos: aquele chapéu de feltro manchado...” O item II é falso; o que ocorre com os velhinhos da cidade é exatamente o contrário, como se verifica no trecho: “Na agitação dos grandes centros, até mesmo a velhice parece ainda estar integrada na correria...” (/. 4/5). O item in está correto, pois o autor vê no ato de levantar os braços um pedido simbólico ao tempo: “Parece suplicar ao tempo que diminua seu ritmo...” (/. 22).

749) Letra b

Em nenhum trecho da crônica, o autor diz que a vida é mais longa no interior. Chega mesmo a afirmar: “Não se trata da idade real de uns e outros, que pode até ser a mesma...” (/. 2/3)

750) Letra e

Ninguém ter tempo para de fato envelhecer é algo que não pode ser entendido literalmente. É como se a pessoa, com a evolução natural das coisas e com inúmeros afazeres, não mais se aperceba de sua própria velhice, ou, como diz a alternativa e, a própria velhice não tome consciência de si mesma. A letra d tem alguma lógica, mas ela alude apenas aos velhos do interior.

751) Letra c

Compasso é vocábulo de vários significados; usado figuradamente, tem o sentido de movimento cadenciado, andamento. É esse o sentido do texto. Assim, **fora do compasso** deve ser entendido como fora do andamento normal, ou, como na opção c, num distinto andamento.

Texto CIV

752) Letra b

Várias passagens do texto justificam o gabarito. Por exemplo, a citação de William Beckford, em 1787 (veja nas linhas 4 e 5); a popularidade dos autores rurais, hoje em dia (veja nas linhas 10 a 12); o historiador G. M. Trevelyan, em 1931 etc.

753) Letra a

O item I está correto pois, enquanto no primeiro parágrafo o sentimento do povo inglês em relação ao campo é de saudade e nostalgia, vontade de radicar-se novamente no campo, no segundo existe a preocupação com a conservação da natureza. O item II está errado, porque o autor não tira conclusões algumas com base nas idéias de Trevelyan, apenas as expõe. O item in está errado pois o historiador não se apresenta de maneira pessimista, apenas realista; mostrar coisas ruins não significa pessimismo, que é o sentimento segundo o qual as coisas vão dar errado, e isso não se encontra nas idéias dele.

754) Letra d

A pessoas que não considerassem a agricultura, por si só, um bem, alguém, tentando convencê-las, poderia perfeitamente perguntar: - Como teria progredido a civilização sem a limpeza das florestas, o cultivo do solo e a conversão da paisagem agreste em terra colonizada pelo homem? Sim, porque tudo isso é agricultura, daí sua importância.

755) Letra e
Os indígenas não são considerados povos civilizados. Os ingleses seiscentistas (século XVII) queriam cultivar as terras dos indígenas, que não o faziam. Entendiam que as terras eram selvagens, como selvagens eram seus habitantes. Levando a agricultura a elas, estariam levando a civilização.
756) Letra c
A letra c não tem qualquer apoio no texto, muito pelo contrário. Esse amor pela natureza selvagem se opõe ao cultivo da terra e à civilização. Veja, no segundo parágrafo, as colocações do historiador G. M. Trevelyan. Por causa da civilização, para ele, "tinha sido rápida a deterioração". Adiante, encontramos: "Defendia que as terras adquiridas pelo Patrimônio Nacional, a maioria completamente inculta, deveriam ser mantidas assim."

Texto CV

757) Letra c
As alternativas a, b e d podem ser descartadas com alguma facilidade, por não expressarem a idéia de "mais difícil" em relação ao bordado. Entre as outras duas, devemos ficar com a c pois o enunciado pede aquela que justifica com maior propriedade. A letra c atende bem ao enunciado, pois fala da vida própria das palavras e da sensibilidade que a pessoa tem de possuir para saber usá-las, o que expressa uma grande dificuldade para qualquer um. A dificuldade indicada na letra **e** não seria tão grande assim, mesmo porque nem sempre as palavras são ambíguas.
758) Letra d
A resposta encontra-se no período anterior: "Os pontos que vou fazendo exigem de mim uma habilidade e um adestramento que já não tenho." Os pontos a que se refere são os do bordado; a dificuldade como tecelã, de que fala a opção d, é a falta de habilidade e adestramento.
O período seguinte se liga semanticamente ao anterior, estando implícita a conjunção **mas** (Mas esforço-me e vou conseguindo...).
759) Letra a
O sétimo período começa por "Assim, nesse momento" e termina em "que me rodeiam". As opções b, c e **e** podem ser eliminadas porque esse período não estabelece comparação, para mais ou para menos, entre os pontos do bordado e as palavras. A letra **a** cabe como resposta porque, além de igualar os pontos e as palavras, fala de algo adormecido na memória (esquecido, escondido na memória), exatamente com se vê em "...e descobrir...algo de delicado, recôndito e imperceptível...". Recôndito, vale dizer, *é* escondido.
760) Letra e
Gramaticalmente falando, o ideal seria que a autora tivesse usado **neste momento** nas duas situações. Mas, levando-se em conta o que nos diz o texto, há uma pequena diferença entre as duas: **Neste momento** indica o instante exato em que a autora começa a compor o texto; **nesse momento,** embora pareça a mesma coisa, não tem relação direta com o texto, mas com a vida da escritora, pois ela

parte para uma lucubração filosófica. O trecho pode ser entendido da seguinte forma: assim, nesse momento da minha vida, enceto (inicio) duas lutas: com as linhas e com as palavras.
761) Letra e
O enunciado desta questão não é claro. O que a banca do concurso quer saber é qual conjunção poderia ser usada antes da oração "...de cuja existência tinha esquecido", sem lhe alterar o sentido. Realmente, se disséssemos *e de cuja existência tinha esquecido,* não haveria mudança de sentido.
762) Letra c
Outro enunciado confuso. **Abelhas alegres** é uma metáfora que justifica a significação do trecho: "...selecionando animadamente e com grande competência os novelos...". Veja a relação entre as duas colocações: as mulheres faziam a seleção animadamente, ou seja, alegres; e com competência, o que lembra as abelhas, sempre competentes em seu mister de produzir o mel.
763) Letra d
Questão de sinonímia. Não há o que discutir. **Preservada** pode ser substituída sem alteração de sentido por **intacta:** são sinônimos.
764) Letra b
A letra **b** fala de uma habilidade e um adestramento que a autora já não tem. Deduz-se que ela já os teve, daí a frase "...que minha pequena mão infantil executara."
765) Letra c
Questão de gramática, sem relação com a compreensão do texto. Já comentamos numa outra questão que os tempos compostos são formados pelo verbo auxiliar (ter ou haver) e o particípio do verbo principal. O tempo que forma o mais-que-perfeito composto é o pretérito imperfeito: tinha falado, havia estudado etc. Como o verbo da primeira oração é uma locução verbal, o mais-que-perfeito composto terá dois particípios: tinha estado pousado.

Texto CVI

766) Letra e
Ao longo do texto, o mito e o mundo moderno são colocados como elementos contrastantes. A idéia do autor é que o mundo moderno não mais leva em conta os mitos. A conjunção e, no título, em função de tudo isso, só pode ser entendida como um elemento de contraste.
767) Letra d
Como o autor do texto assume uma posição claramente favorável aos mitos, essa frase não pode ser entendida literalmente. Esse recurso de afirmar algo contrário ao que se quer realmente dizer chama-se ironia. É claro que só no contexto ela pode ser reconhecida, como acontece aqui.
768) Letra d
O último período do terceiro parágrafo diz que a pessoa vai * sofrer quando, na velhice, tendo satisfeito suas necessidades imediatas (entenda-se materiais), olhar para dentro de si mesma e não reconhecer o seu centro, ou seja, aqueles "valores

eternos”, citados no período anterior, de que falam Platão, Confúcio, o Buda e Goethe, entre outros. Sob esse aspecto, a resposta passa a ser a letra d, que fala do sofrimento trazido pela preocupação com a vida interior.
769) Letra b
O particípio **suprimidas,** da passagem em destaque, refere-se às literaturas grega e latina e à Bíblia. As letras **a** e c não oferecem dúvidas, por absurdas que são. A opção **d** está errada, pelo emprego indevido da forma verbal frustrou-se. A letra e, embora pareça correta, peca pelo fato xí de falar em desaparecimento total da mitologia, enquanto o original diz que o que se perdeu foi a tradição de informação mitológica, o que é diferente. A resposta só pode ser a opção b.

Texto CVII

770) Letra d
Todo o texto leva a essa idéia de que a filantropia é algo positivo no mundo. O Brasil é um dos países que menos investem no social. Assim, o país precisa de que o próprio povo se dedique cada vez mais a tarefas sociais.
771)Letra b ’;
A ajuda de índices conhecidos é um instrumento de aferição do grau de maturidade econômica de uma sociedade. Dessa forma-se, a preposição **com** tem valor semântico ou nocional de instrumento.
772) Letra d
Questão de sinonímia. A palavra **filantropia** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **humanitarismo.** Elas são sinônimas.
773) Letra a
A “presença da filantropia”, que aparece nessa passagem do trecho, refere-se indistintamente ao governo e ao povo, pelo menos não há nada que diga o contrário. O Brasil estaria, então, numa posição de inferioridade em termos de filantropia. Mas a afirmação do último período (“Há milhões de brasileiros dedicando-se a tarefas sociais”) se opõe a essa afirmativa.
774) Letra c
A palavra **alguma,** colocada antes dos substantivos, tem valor positivo; colocada após eles, assume valor negativo, eqüivalendo a **nenhuma.** Observe que a inversão, na letra c, de *alguma coisa* para *coisa alguma* ocasiona uma mudança brutal de significado, a frase passa a ter o sentido oposto da outra. Isso sempre ocorre com o pronome algum (e flexões).
775) Letra e
O sufixo **or** da palavra **mensuradores** indica o agente da ação verbal, ou seja, **aqueles que medem.** Da mesma forma, **pintor é** o **que pinta, cantor é** o **que canta** etc.

Texto CVIII

776) Letra b
A resposta fica evidente no seguinte trecho: “Casar, para ela, não era negócio de paixão, nem se inseria no sentimento ou nos sentidos...”

(/. 14/15)
777) Letra d
A personagem central do texto, Ismênia, vivia em função do que a sociedade e, em especial a mãe, lhe impunham. Como um autômato, ela fora preparada para o casamento. Sua submissão a tais valores sociais tirava-lhe os desejos, os sonhos, a felicidade, como se vê em inúmeras passagens do texto. Enfim, ela era simplesmente conduzida. Esse resumo serve para mostrar que estão corretas as alternativas a, b, c, e e. A letra **d** está errada, pois o texto é leve, bem-humorado (veja, entre outros, o trecho: "A Zezé está doida para arranjar casamento, mas é tão feia, meu Deus!..." (/. 28/29). E o autor ironiza, sutilmente, esse valores sociais a que as pessoas se apegavam na época, por meio dos sentimentos contraditórios da personagem.
778) Letra c
Ela não fora educada para sentir, mas para casar, sendo assim mera coadjuvante de uma sociedade que traçava previamente, por intermédio da família, o caminho que deveria seguir.
779) Letra d
Questão de paráfrase baseada no conhecimento de voz verbal.
Na frase: "uma festa foi anunciada para o sábado", o verbo **anunciar** se encontra na voz passiva analítica ou verbal, que é aquela formada pelo auxiliar (ser) e o particípio (anunciada). Na letra d, a frase "anunciou-se uma festa para o sábado" apresenta o verbo na voz passiva sintética ou pronominal, que é aquela formada pela partícula apassivadora se. O sentido é o mesmo, até porque não houve mudança de tempo verbal.
780) Letra b .
A comparação ou simile ocorre quando a frase apresenta um conectivo comparativo, geralmente **como** ou **que.** Por exemplo, *ele é forte como o pai,* em que há dois seres sendo comparados, atuando como conectivo a palavra **como.** Na frase da alternativa b, as irmãs são comparadas a Ismênia (a irmã nubente), utilizando-se o autor da conjunção comparativa **que.**

Texto CIX

781) Letra a
Se os genéricos fossem uma unanimidade nacional, entenderse-ia que todos os brasileiros os consideram uma medida positiva; como o enunciado diz *estão se tornando,* entende-se que quase todos os consideram assim.
782) Letra a
A resposta se acha, bem clara, no segundo período do texto:
"Colheu (o Instituto) uma revelação surpreendente: 80% dos entrevistados já incorporaram essa alternativa a seus atos de consumo.", ou seja, grande parte da população (80%) já consome genéricos, daí a surpresa trazida pela pesquisa.
783) Letra b
Confira a resposta no item seguinte: "O ministro da Saúde, José Serra, obteve a melhor avaliação em toda a equipe de FHC."

784) Letra e
Pelo fato de custarem, em média, menos 30% do que os remédios tradicionais, os genéricos acabaram beneficiando a população de menor renda, aquela “que há anos era mantida à margem”, sem condições de comprar remédios. Estar à margem é estar fora dos padrões ditos normais, marginalizado, destituído, e o normal é que as pessoas possam comprar seus remédios.
785) Letra d
Vamos localizar as alternativas no texto. Opção a: “Os medicamentos sem marca aprovados...” (/. 9). Opção b: “...em média 30% mais baratos.” (/. 10/11). Opção c: “Hoje, entre os fabricantes de remédios já aprovados, apenas um é de origem estrangeira.” (/. 15/16). Opção e: “80% dos entrevistados já incorporaram essa alternativa a seus hábitos de consumo.” (/. 3/4). A alternativa d não pode ser localizada no texto.
786) Letra b
Questão de vocabulário, no caso de siglas, que não depende do texto. **CPI** quer dizer Comissão Parlamentar de Inquérito. Cabe aqui ressaltar a importância da leitura, pois essa sigla é bastante utilizada pela imprensa brasileira.
787) Letra d
Os laboratórios multinacionais não tinham, por razões econômicas, interesse no sucesso dos genéricos, passando então a boicotá-los, ou seja, a torpedeá-los, como diz a alternativa d. Veja o trecho em que isso se mostra: “...que acabou inibindo um novo boicote dos laboratórios multinacionais - bem sucedidos na sua primeira investida, ainda em 1993.” (/. 12-14)
788)Letrab
A palavra **apenas** poderia não ter sido usada. Seu emprego sugere uma espécie de admiração do autor, como se ele dissesse: realmente isso é muito pouco e, conseqüentemente, muito bom. É como também se ele exclamasse: apenas um!
789) Letra a
Se o autor fala em remédios já aprovados, é porque eles se submetem à aprovação de um órgão com competência técnica e legal para julgá-los; eles podem ser aprovados ou não.
790) Letra c
Questão de semântica. O trecho destacado poderia ser redigido, sem alteração de sentido, da seguinte forma: a nova realidade rendeu frutos políticos e ganhos econômicos. A locução prepositiva **além de** eqüivale à palavra e, conjunção aditiva.
791) Letra b
A palavra **inveja** está empregada em seu sentido denotativo, ou seja, comum, real, primitivo. As demais extrapolam o sentido original. Por exemplo, na letra **a, frutos** é algo que se come, mas não tem esse valor no texto. Diz-se então que tem um sentido conotativo ou figurado. O mesmo ocorre com os termos **abrindo as portas, disparou** e **colheu.**
792) Letra d
Na alternativa a, o verbo **acabar** quer dizer tão-somente ter fim, sendo dispensável o que segue no texto: a pesquisa da Vox Populi acabou. Nas

alternativas **b** e c, o verbo **acabar** significa vir de terminar uma ação, ter terminado há pouco; acabamos de ler o texto, da letra b, quer dizer que o ato de ler terminou há pouco, sendo que raciocínio idêntico se aplica à opção c. Na opção e, o verbo é pronominal e significa exaurir-se. No trecho destacado no enunciado, o verbo **acabar** está seguido de um gerúndio, que indica exatamente como a coisa vai acabar; na alternativa d, que é a resposta, a palavra **bem** assume esse mesmo valor (modo, como no caso do gerúndio) por causa do sentido do verbo **acabar.**
Veja que se pode colocar no lugar dele uma oração de gerúndio: isso não vai acabar trazendo uma coisa boa (ou, mais claro, vai acabar não trazendo uma coisa boa).

Texto CX

793) Letra b
Pelo contrário, o autor diz que o silêncio é um privilégio das plantas e das pedras. Veja o trecho em que isso aparece: "Entretanto, elas e as pedras reservam-se o privilégio do silêncio..." (/. 3/4)
794) Letra b
Na letra **a, crispação** e **silêncio** referem-se, ambas, às árvores; na opção **c, paisagem** e **impermeabilidade,** as duas, também se ligam às árvores; na alternativa **d, cuidados** diz respeito aos homens, enquanto **solitário** se liga às árvores (tronco); na opção **e, atmosfera** refere-se aos homens, porém **mudez,** às plantas.
795) Letra e
O enunciado da questão alude a uma figura de linguagem conhecida como prosopopéia ou personificação. Ela só não ocorre na palavra **domesticidade,** que não diz respeito às árvores, mas aos homens.
796) Letra a
Entretanto é uma conjunção adversativa, sinônima de **mas; então,** no texto, eqüivale a conseqüentemente, e é uma conjunção conclusiva.

Texto CXI

797) Letra b
O texto fala sobre duas coisas: as mortes causadas pela água e as provocadas pela Aids. O título faz menção apenas à primeira, isto é, a uma parte do conteúdo.
798) Letra a
Questão de semântica. **Contaminado** quer dizer corrompido, viciado, contagiado; **ínsípido** vem do latim *insipidu, é* aquilo que não é sápido, ou seja, que não tem sabor; **insosso** provém do latim *insulsu* e significa sem sal; **natural** não oferece problema; **potável,** do latim *potabile,* significa que se pode beber.
799)Letrac
Essa técnica, comum em textos informativos, transmite confiança e credibilidade ao leitor. Evidentemente, não é obrigatória, como diz a letra a; as letras bee são facilmente descartadas; a letra **d** também está errada porque a responsabilidade é

sempre de quem escreve (a fonte, confirmando isso, pode ter sido citada indevidamente, sem que o leitor venha a perceber).
800)Letra e
Morrerão de doenças pode ser entendido como "morrerão por causa de doenças". Assim, **de doenças** é um adjunto adverbial de causa, tendo valor semântico de causa a preposição **de.** O mesmo ocorre na opção e, onde **de frio** eqüivale a "por causa do frio", tendo o **de** valor semântico ou nocional de causa.
801) Letra d
O texto fala que 76 milhões de pessoas morrerão por causa da água, ao passo que a Aids matará, no mesmo período, 65 milhões. Então, está claro, menos pessoas morrerão por causa da Aids.
802) Letra a
As crianças são apenas parte dessas pessoas; não se pode dizer que o termo **crianças** substitui ou se refere diretamentente a **pessoas.**
803) Letra d
Vamos lembrar que o título é "Água insalubre". O autor discorre sobre o tema, buscando alertar a população para um problema grave.
Mas esse problema não é muito conhecido, não é divulgado devidamente. Então, ele faz uma comparação com a Aids, que é algo sempre em evidência, com a finalidade de chamar a atenção das pessoas para a gravidade do problema da água.
804) Letra b
Questão que não se baseia no texto. A resposta é a letra b porque, quando se prepara a comida, a água é usada para lavar o alimento e participar do cozimento. Ao ingeri-lo, a água, naturalmente, vai junto. As outras são evidentes: ninguém bebe água da lavagem das calçadas, do banho diário, da lavagem de roupas e da limpeza da louça, ocorrendo apenas o uso.
805) Letra b
O texto procura apenas informar o leitor, é uma dissertação de cunho informativo. A palavra **preditivo** significa "aquele que prediz". O texto faz uma previsão (e não predição, que tem um cunho místico) baseada no estudo de uma instituição científica.
806) Letra c
A conjunção **enquanto** é temporal e pode ser usada entre os dois períodos, que têm entre si uma noção de tempo: "...pelo uso e ingestão de água contaminada, enquanto, no mesmo período, serão registrados 65 milhões...". Quanto à letra b, vale dizer que não se trata de uma conjunção, e sim de uma locução prepositiva. A conjunção, no caso, seria **apesar de que,** que também não poderia ser usada na frase.
807) Letra b
l Mesmo é um pronome demonstrativo e, como tal, remete a algo passado no texto: "até 2002". **Igual** é um adjetivo, qualifica o seu substantivo. Um exemplo mais simples: *ele fez o mesmo trabalho* (indicação de um trabalho já citado) não tem o mesmo sentido de *ele fez o trabalho igual* (o trabalho está sendo confrontado com outro trabalho, é o oposto de **diferente).**

808) Letra d
As pessoas podem ser crianças ou adultos. Se as crianças serão as mais afetadas, é porque os adultos serão os menos afetados. Não há dificuldade alguma.

Texto CXII

809) Letra c
As referências ao mundo do teatro são feitas nos itens I e IV, no emprego, respectivamente, das palavras atores e artistas. O item in pode confundir um pouco, por causa da palavra criatividade. Esta, no entanto, pode ser aplicada a qualquer ramo de atividade humana, ou seja, não apenas os artistas e autores teatrais são criativos.
810) Letra d
Todo o texto é um protesto contra o abandono das crianças de rua, impedidas de progredir e dar, no futuro, uma efetiva contribuição à sociedade. Com a pergunta, o autor se mostra indignado pelo fato de o país negar às crianças e jovens a oportunidade do progresso a que todo indivíduo tem direito.
811) Letra e
A palavra atores é uma metáfora com base na criatividade desse grupo de profissionais. Assim, as alternativas a, b e d devem ser eliminadas, pois tratam da atividade de ator, denotativamente falando. A opção c é inteiramente descabida, não tendo qualquer relação com o texto.
Realmente, ser ator na vida significa fazer alguma coisa de bom, dar vazão à sua competência e criatividade, sendo isso o que se nega às crianças e jovens, segundo o autor.
812)Letrab
A palavra apenas é uma palavra denotativa de exclusão. Se a criatividade, a inteligência e os dons são usados, de acordo com o texto, apenas para sobreviver, é sinal de que eles deveriam ser usados também para outras coisas, ou seja, deveriam ser mais bem empregados, como diz a opção b.
813) Letra e
A palavra artistas nada tem de pejorativo no texto. Ao contrário, ela está sendo usada para destacar a criatividade das crianças e dos jovens. A letra c pede algum conhecimento extratexto, a oposição que se criou na sociedade entre o asfalto (onde teoricamente estariam as pessoas com melhor situação financeira) e o morro, que lembra indevidamente as favelas e abriga cidadãos de menor poder aquisitivo.
Quanto à letra d, a ligação apontada é exata e constitui um processo de coesão textual. As alternativas a e b não oferecem dúvidas.
814) Letra d
Essa questão é delicada, pela semelhança de algumas opções.
Não se esqueça de que ela está centrada no trecho em destaque, e não em todo o texto. A palavra-chave é alternativas, que também se encontra na opção d, embora no singular. A idéia é a seguinte: como essas crianças não têm

oportunidades de vida, acabam optando pela alternativa do crime, como meio de sobrevivência.

815) Letra b

Algo possível é algo sobre o qual se pode ter esperança. Reforça a idéia o fato de que custa pouco. Outra maneira de ver: esperança vem do verbo esperar, ter expectativa. Só se espera alcançar alguma coisa quando ela é possível.

BIBLIOGRAFIA

ANDRÉ, Hildebrando Afonso de. *Gramática ilustrada.* 4. ed. São Paulo: Moderna, 1991.
BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa.* 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
FERNANDES, Francisco. *Dicionário de verbos e regimes.* 33. ed. Porto Alegre/Rio de Janeiro: Globo, 1983.
FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa.* 3. ed. totalmente revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS, Rio de Janeiro. *Dicionário houaiss da língua portuguesa.* 1. ed. Objetiva, 2001.
JOTA, Zélio dos Santos. *Dicionário de Lingüística.* 2. ed. Rio de Janeiro: Presença/INL, 1981.
LEITÃO, Luiz Ricardo e LIMA, Ronaldo. *Interpretação de textos.* Rio de Janeiro: Cooautor, 1995.
MICHAELIS. *Moderno dicionário da língua portuguesa.* São Paulo: Melhoramentos, 1998.
PIMENTEL, Ernani Filgueiras. *Intelecção e interpretação de textos.* 17. ed. Brasília: Vest-Con, 1999.
ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa.* 20. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.
WALDECK, Sérgio e SOUZA, Luiz. *Roteiros de comunicação e expressão.* 5. ed. Rio de Janeiro: Eldorado, 1980.

Exercícios de Português
Interpretação de Textos – Lista 2

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 4 QUESTÕES.
(Fuvest) "Vivemos mais uma grave crise, repetitiva dentro do ciclo de graves crises que ocupa a energia desta nação. A frustração cresce e a desesperança não cede. Empresários empurrados à condição de liderança oficial se reúnem em eventos como este, para lamentar o estado de coisas. O que dizer sem resvalar para o pessimismo, a crítica pungente ou a auto-absolvição?

É da história do mundo que as elites nunca introduziram mudanças que favorecessem a sociedade como um todo. Estaríamos nos enganando se achássemos que estas lideranças empresariais aqui reunidas teriam a motivação para fazer a distribuição de poderes e rendas que uma nação equilibrada precisa ter. Aliás, é ingenuidade imaginar que a vontade de distribuir renda passe pelo empobrecimento da elite. É também ocioso pensar que nós, da tal elite, temos riqueza suficiente para distribuir. Faço sempre, para meu desânimo, a soma do faturamento das nossas mil maiores e melhores empresas, e chego a um número menor do que o faturamento de apenas duas empresas japonesas. Digamos, a Mitsubishi e mais um pouquinho. Sejamos francos. Em termos mundiais somos irrelevantes como potência econômica, mas ao mesmo tempo extremamente representativos como população. "
("Discurso de Semler aos Empresários", Folha de S. Paulo, 11/09/91)

1. Segundo se depreende do texto, é possível afirmar que:
a) toda mudança social provém do esforço conjunto das elites do país;
b) nenhum povo é capaz de alterar suas estruturas sem o apoio das elites;
c) as elites empresariais, produzindo riquezas, aceleram as mudanças sociais;
d) em qualquer tempo, as elites sempre se dispõem a participar do processo de distribuição de renda;
e) não é próprio das elites lançar projetos que estimulem mudanças na sociedade como um todo.

2. Segundo o espírito do texto, pode-se dizer também que, no Brasil, só não há melhor distribuição de renda:
a) por falta de uma política econômica melhor dirigida;
b) porque não é do interesse das elites, nem têm elas possibilidades de favorecer essa distribuição;
c) porque as elites estão sempre com um pé atrás, desconfiadas do poder público;
d) porque os recursos acumulados, embora suficientes, são manipulados pelas elites;
e) porque, se assim fosse feito, as elites reagiriam ao processo de seu empobrecimento.

3. O texto permite afirmar que:
a) potência mundial de peso, o Brasil está entre as maiores economias do primeiro mundo;
b) economicamente, o Brasil não tem relevo como potência de primeira ordem;
c) as dificuldades do Brasil são conjunturais e se devem especialmente às pressões internacionais;
d) as indústrias de ponta no Brasil estão entre as que têm mais alto faturamento universal;
e) só o idealismo do empresariado brasileiro pode reerguer nosso potencial econômico.

4. O ciclo de crises vivido pelo Brasil, segundo o texto, constitui:
a) um componente instigante para vencer nossas dificuldades;
b) fator conhecido e repetitivo, desimportante de nossa história;
c) algo que não passa de invenção de pessimistas desocupados;
d) recurso eficaz para chamar a atenção para a nossa realidade;
e) outra forma de desgaste e de consumo de nossas energias.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 3 QUESTÕES.
(ITA) As questões a seguir referem-se ao texto adiante. Analise-as e assinale, para cada uma, a alternativa incorreta.

Hino Nacional

Carlos Drummond de Andrade

Precisamos descobrir o Brasil!
Escondido atrás das florestas,
com a água dos rios no meio,
o Brasil está dormindo, coitado.
05 Precisamos colonizar o Brasil.

Precisamos educar o Brasil.
Compraremos professôres e livros,
assimilaremos finas culturas,
abriremos 'dancings' e
[subconvencionaremos as elites.
10 O que faremos importando francesas
muito louras, de pele macia
alemãs gordas, russas nostálgicas para
'garçonettes' dos restaurantes noturnos.
E virão sírias fidelíssimas.
15 Não convém desprezar as japonêsas...

Cada brasileiro terá sua casa
com fogão e aquecedor elétricos, piscina,
salão para conferências científicas.

E cuidaremos do Estado Técnico.

Precisamos louvar o Brasil.
Não é só um país sem igual.
Nossas revoluções são bem maiores
do que quaisquer outras; nossos erros
[também.
E nossas virtudes? A terra das sublimes
[paixões...
os Amazonas inenarráveis... os incríveis
[João-Pessoas...

Precisamos adorar o Brasil!
Se bem que seja difícil caber tanto oceano
[e tanta solidão
no pobre coração já cheio de
[compromissos...
se bem que seja difícil compreender o que
[querem êsses homens,
por que motivo êles se ajuntaram e qual a
[razão de seus sofrimentos.

Precisamos, precisamos esquecer o Brasil!
Tão majestoso, tão sem limites, tão
[despropositado,
êle quer repousar de nossos terríveis
[carinhos.
O Brasil não nos quer! Está farto de nós!
Nosso Brasil é o outro mundo. Êste não é o
[Brasil.
Nenhum Brasil existe. E acaso existirão os
[brasileiros?

5. a) Geograficamente se denomina uma região com a água dos rios no meio (v.3) de 'mesopotâmica'.
b) 'E nossas virtudes?' (v.24) não tem sentido de indagação apenas.
c) Quando o Autor afirma 'Precisamos adorar' (v.26), ele não quer dizer que não o fazemos, só que o fazemos erradamente; isto se comprova com a afirmação 'terríveis carinhos'.
d) A proposta de educação para o Brasil (segunda estrofe) traz desnacionalização.
e) A Nação rejeita seus componentes (última estrofe).

6. a) Não são propriamente as japonesas (v.15) que são reticentes e sim o julgamento que sobre elas se faz.
b) O poema não parece confirmar a lenda das amazonas (v.25).
c) A carência brasileira não é só de bem-estar físico.
d) Nesse Hino os versos são brancos.
e) Através de 'Precisamos' (no início de quase todas as estrofes) são introduzidos verbos que, no decorrer do poema, vão num crescendo cujo clímax está na estrofe final.

7. a) Esse hino não tem o tom épico do Hino Nacional brasileiro.
b) Nesse hino predomina a função conativa (ou imperativa), ele é normativo.
c) O hino de Drummond é tão ufanista quanto o Hino Nacional brasileiro.
d) Diferentemente do Hino Nacional brasileiro, este não tem estribilho.
e) O ritmo também marca distância entre o Hino Nacional do Brasil e o de Drummond.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO
(Pucsp) (...) Da garrafa estilhaçada,
no ladrilho já sereno
escorre uma coisa espessa
que é leite, sangue... não sei.
Por entre objetos confusos,
mal redimidos da noite,
duas cores se procuram,
suavemente se tocam,
amorosamente se enlaçam,
formando um terceiro tom
a que chamamos aurora.
Carlos Drummond de Andrade

8. No fragmento anterior, Carlos Drummond de Andrade constrói, poeticamente, a aurora. O que permite visualizar este momento do dia corresponde:
a) a objetos confusos mal redimido da noite.
b) à garrafa estilhaçada e ao ladrilho sereno.
c) à aproximação suave de dois corpos.
d) ao enlace amoroso de duas cores.
e) ao fluir espesso do sangue sobre o ladrilho.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES.
(Fuvest) Além de parecer não ter rotação, a Terra parece também estar imóvel no meio dos céus. Ptolomeu dá argumentos astronômicos para tentar mostrar isso. Para entender esses argumentos, é necessário lembrar que, na antigüidade, imaginava-se que todas as estrelas (mas não os planetas) estavam distribuídas sobre uma superfície esférica, cujo raio não parecia ser muito superior à distância da Terra aos planetas. Suponhamos agora que a Terra esteja no centro da esfera das estrelas. Neste caso, o céu visível à noite deve abranger, de cada vez, exatamente a metade da esfera das estrelas. E assim parece realmente ocorrer: em qualquer noite, de horizonte a horizonte, é possível contemplar, a cada instante, a metade do zodíaco. Se, no entanto, a Terra estivesse longe do centro da esfera estrelar, então o campo de visão à noite não seria, em geral, a metade da esfera: algumas vezes poderíamos ver mais da metade, outras vêzes poderíamos ver menos da metade do zodíaco, de horizonte a horizonte. Portanto, a evidência astronômica parece indicar que a Terra está no

centro da esfera de estrelas. E se ela está sempre nesse centro, ela não se move em relação às estrelas.

(Roberto de A. Martins, Introdução geral ao Commentariolus de Nicolau Copernico)

9. O terceiro período ("Para entender esses... da Terra aos planetas.") representa, no texto,
a) o principal argumento de Ptolomeu.
b) o pressuposto da teoria de Ptolomeu.
c) a base para as teorias posteriores à de Ptolomeu.
d) a hipótese suficiente para Ptolomeu retomar as teorias anteriores.
e) o fundamento para o desmentido da teoria de Ptolomeu.

10. Expressões que, no texto, denunciam subjetividade na apresentação dos fatos são:
a) parece também estar imóvel - dá argumentos - é necessário lembrar.
b) é necessário lembrar - imaginava-se - suponhamos.
c) imaginava-se - esteja - deve abranger.
d) tentar mostrar - suponhamos - parece realmente ocorrer.
e) parece realmente ocorrer - é possível contemplar - não se move.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES.
(Fuvest) - Haveis de entender, começou ele, que a virtude e o saber têm duas existências paralelas, uma no sujeito que as possui, outra no espírito dos que o ouvem ou contemplam. Se puserdes as mais sublimes virtudes e os mais profundos conhecimentos em um sujeito solitário, remoto de todo contato com outros homens, é como se eles não existissem. Os frutos de uma laranjeira, se ninguém os gostar, valem tanto como as urzes e plantas bravias, e, se ninguém os vir, não valem nada; ou, por outras palavras mais enérgicas, não há espetáculo sem espectador. Um dia, estando a cuidar nestas coisas, considerei que, para o fim de alumiar um pouco o entendimento, tinha consumido os meus longos anos, e, aliás, nada chegaria a valer sem a existência de outros homens que me vissem e honrassem; então cogitei se não haveria um modo de obter o mesmo efeito, poupando tais trabalhos, e esse dia posso agora dizer que foi o da regeneração dos homens, pois me deu a doutrina salvadora.

(Machado de Assis, O segredo do bonzo)

11. De acordo com o texto,
a) os homens que sabem ouvir e contemplar tornam-se sábios e virtuosos.
b) a virtude e o saber adquirem existência quando compartilhados pelos homens.
c) a virtude e o saber existem no espírito do homem que consegue perceber a dualidade da existência.
d) a virtude e o saber, por terem realidades paralelas, devem ser conquistados individualmente.
e) o homem sábio e virtuoso, para iluminar-se, deve buscar uma vida isolada e contemplativa.

12. No texto, ao afirmar "então cogitei se não haveria um modo de obter o mesmo efeito, poupando tais trabalhos", a personagem:
a) expressa a intenção de divulgar seus conhecimentos, aproximando-se dos outros homens.
b) procura convencer o leitor a poupar esforços na busca do conhecimento.
c) demonstra que a virtude e o saber exigem muito trabalho dos homens.
d) resume no conceito da doutrina salvadora, desenvolvida no parágrafo.
e) exprime a idéia de que a admiração dos outros é mais importante do que o conhecimento em si.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES.
(Fuvest) Os principais problemas da agricultura brasileira referem-se muito mais à diversidade dos impactos causados pelo caráter truncado da modernização, do que à persistência de segmentos que dela teriam ficado imunes. Se hoje existem milhões de estabelecimentos agrícolas marginalizados, isso se deve muito mais à natureza do próprio processo de modernização, do que à sua suposta falta de abrangência.

(Folha de S. Paulo, 13/09/94, 2-2)

13. Segundo o texto,
a) o processo de modernização deve tornar-se mais abrangente para implementar a agricultura.
b) os problemas da agricultura resultam do impacto causado pela modernização progressiva do setor.
c) os problemas da agricultura resultam da inadequação do processo de modernização do setor.
d) segmentos do setor agrícola recusam-se a adotar processos de modernização.
e) os problemas da agricultura decorrem da não-modernização de estabelecimentos agrícolas marginalizados.

14. No trecho "à persistência de segmentos que dela teriam ficado imunes.", a expressão teriam ficado exprime:
a) o desejo de que esse fato não tenha ocorrido.
b) a certeza de que a imunidade à modernização é própria de estabelecimentos agrícolas marginalizados.
c) a hipótese de que esse fato tenha ocorrido.
d) a certeza de que esse fato realmente não ocorreu.
e) a possibilidade de a imunidade à modernização ser decorrente da persistência de certos segmentos.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO
(Fuvest) - Ah, não sabe? Não o sabes? Sabes-lo não?
- Esquece.
- Não. Como "esquece"? Você prefere falar errado? E o certo é "esquece" ou "esqueça"? Ilumine-me. Mo diga. Ensines-lo-me, vamos.
- Depende.
- Depende. Perfeito. Não o sabes.
Ensinar-me-lo-ias se o soubesses, mas não sabes-o.
- Está bem. Está bem. Desculpe. Fale como quiser.
(L.F. Veríssimo, Jornal do Brasil, 30/12/94)

15. O texto tem por finalidade
a) satirizar a preocupação com o uso e a colocação das formas pronominais átonas.
b) ilustrar ludicamente várias possibilidades de combinação de formas pronominais.
c) esclarecer pelo exemplo certos fatos da concordância de pessoa gramatical.
d) exemplificar a diversidade de tratamentos que é comum na fala corrente.
e) valorizar a criatividade na aplicação das regras de uso das formas pronominais.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO
(PUC-SP) Iria morrer, quem sabe naquela noite mesmo? E que tinha ele feito de sua vida? Nada. Levara toda ela atrás da miragem de estudar a pátria, por amá-la e querê-la muito, no intuito de contribuir para a sua felicidade e prosperidade. Gastara a sua mocidade nisso, a sua virilidade também; e, agora que estava na velhice, como ela o recompensava, como ela o premiava, como ela o condecorava? Matando-o. E o que não deixara de ver, de gozar, de fruir, na sua vida? Tudo. Não brincara, não pandegara, não amara - todo esse lado da existência que parece fugir um pouco à sua tristeza necessária, ele não vira, ele não provara, ele não experimentara.
Desde dezoito anos que o tal patriotismo lhe absorvia e por ele fizera a tolice de estudar inutilidades. Que lhe importavam os rios? Eram grandes? Pois se fossem... Em que lhe contribuiria para a felicidade saber o nome dos heróis do Brasil? Em nada... O importante é que ele tivesse sido feliz. Foi? Não. Lembrou-se das suas causas de tupi, do folklore, das suas tentativas agrícolas... Restava disso tudo em sua alma uma satisfação? Nenhuma! Nenhuma!

Lima Barreto

16. O trecho acima pertence ao romance O TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA, de Lima Barreto. Da personagem que dá título ao romance, podemos afirmar que:
a) foi um nacionalista extremado, mas nunca estudou com afinco as coisas brasileiras.
b) perpetrou seu suicídio, porque se sentia decepcionado com a realidade brasileira.
c) defendeu os valores nacionais, brigou por eles a vida toda e foi condenado à morte justamente pelos valores que defendia.
d) foi considerado traidor da pátria, porque participou da conspiração contra Floriano Peixoto.
e) era um louco e, por isso, não foi levado a sério pelas pessoas que o cercavam.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES.
(Fuvest) GOLS DE COCURUTO

O melhor momento do futebol para um tático é o minuto de silêncio. É quando os times ficam perfilados, cada jogador com as mãos nas costas e mais ou menos no lugar que lhes foi designado no esquema - e parados. Então o tático pode olhar o campo como se fosse um quadro negro e pensar no futebol como alguma coisa lógica e diagramável. Mas aí começa o jogo e tudo desanda. Os jogadores se movimentam e o futebol passa a ser regido pelo imponderável, esse inimigo mortal de qualquer estrategista. O futebol brasileiro já teve grandes estrategistas cruelmente traídos pela dinâmica do jogo. O Tim, por exemplo. Tático exemplar, planejava todo o jogo numa mesa de botão. Da entrada em campo até a troca de camisetas, incluindo o minuto de silêncio. Foi um técnico de sucesso mas nunca conseguiu uma reputação no campo à altura de sua reputação no vestiário. Falava um jogo e o time jogava outro. O problema do Tim, diziam todos, era que seus botões eram mais inteligentes do que seus jogadores.
(L. F. Veríssimo, O Estado de São Paulo, 23/08/93)

17. A tese que o autor defende é a de que, em futebol,
a) o planejamento tático está sujeito à interferência do acaso.
b) a lógica rege as jogadas.
c) a inteligência dos jogadores é que decide o jogo.
d) os momentos iniciais decidem como será o jogo.
e) a dinâmica do jogo depende do planejamento que o técnico faz.

18. No texto, a comparação do campo com um quadro negro aponta
a) o pessimismo do tático em relação ao futuro do jogo.
b) um recurso utilizado no vestiário.
c) a visão de jogo como movimento contínuo.
d) o recurso didático preferido pelo técnico Tim.
e) um meio de pensar o jogo como algo previsível.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 5 QUESTÕES.
(Fuvest) Conheci que Madalena era boa em demasia, mas não conheci tudo de uma vez. Ela se revelou pouco a pouco, e nunca se revelou inteiramente. A culpa foi minha, ou antes, a culpa foi desta vida agreste, que me deu uma alma agreste.

E, falando assim, compreendo que perco o tempo. Com efeito, se me escapa o retrato moral de minha mulher, para que serve esta narrativa? Para nada, mas sou forçado a escrever.

Quando os grilos cantam, sento-me aqui à mesa da sala de jantar, bebo café, acendo o cachimbo. Às vezes as idéias não vêm, ou vêm muito numerosas - e a folha permanece meio escrita, como estava na véspera. Releio algumas linhas, que me desagradam. Não vale a pena tentar corrigi-las. Afasto o papel.

Emoções indefiníveis me agitam - inquietação terrível, desejo doido de voltar, tagarelar novamente com Madalena, como fazíamos todos os dias, e esta hora. Saudade? Não, não é isto: é desespero, raiva, um peso enorme no coração.

Procuro recordar o que dizíamos. Impossível. As minhas palavras eram apenas palavras, reprodução imperfeita de fatos exteriores, e as dela tinham alguma coisa que não consigo exprimir. Para senti-las melhor, eu apagava as luzes, deixava que a sombra nos envolvesse até ficarmos dois vultos indistintos na escuridão.

Lá fora os sapos arengavam, o vento gemia, as árvores do pomar tornavam-se massas negras.

- Casimiro!

Casimiro Lopes estava no jardim, acocorado ao pé da janela, vigiando.

- Casimiro!

A figura de Casimiro Lopes aparece à janela, os sapos gritam, o vento sacode as árvores, apenas visíveis na treva. Maria das Dores entra e vai abrir o comutador. Detenho-a: não quero luz.

O tique-taque do relógio diminui, os grilos começam a cantar. E Madalena surge no lado de lá da mesa. Digo baixinho:

- Madalena!

A voz dela me chega aos ouvidos. Não, não é aos ouvidos. Também já não a vejo com os olhos.

Estou encostado na mesa, as mãos cruzadas. Os objetos fundiram-se, e não enxergo sequer a toalha branca.

- Madalena...

A voz de Madalena continua a acariciar-me. Que diz ela? Pede-me naturalmente que mande algum dinheiro a mestre Caetano. Isto me irrita, mas a irritação é diferente das outras, é uma irritação antiga, que me deixa inteiramente calmo. Loucura estar uma pessoa ao mesmo tempo zangada e tranqüila. Mas estou assim. Irritado contra quem? Contra mestre Caetano. Não obstante ele ter morrido, acho bom que vá trabalhar. Mandrião!

A toalha reaparece, mas não sei se é esta toalha que tenho sobre as mãos cruzadas ou a que estava aqui há cinco anos.

Rumor do vento, dos sapos, dos grilos. A porta do escritório abre-se de manso, os passos de seu Ribeiro afastam-se. Uma coruja pia na torre da igreja. Terá realmente piado a coruja? Será a mesma que piava há dois anos? Talvez seja até o mesmo pio daquele tempo.

Agora seu Ribeiro esta conversando com D. Glória no salão. Esqueço que eles me deixaram e que esta casa está quase deserta.

- Casimiro!

Penso que chamei Casimiro Lopes. A cabeça dele, com o chapéu de couro de sertanejo, assoma de quando em quando à janela, mas ignoro se a visão que me dá é atual ou remota.

Agitam-se em mim sentimentos inconciliáveis: encolerizo-me e enterneço-me; bato na mesa e tenho vontade de chorar.

Aparentemente estou sossegado: as mãos continuam cruzadas sobre a toalha e os dedos parecem de pedra. Entretanto ameaço Madalena com o punho. Esquisito.

Distingo no ramerrão da fazenda as mais insignificantes minudências. Maria das Dores, na cozinha, dá lição ao papagaio. Tubarão rosna acolá no jardim. O gado muge no estábulo.

O salão fica longe: para irmos lá temos de atravessar um corredor comprido. Apesar disso a palestra de seu Ribeiro e D. Glória é bastante clara. A dificuldade seria reproduzir o que eles dizem. É preciso admitir que estão conversando sem palavras.

Padilha assobia no alpendre. Onde andará Padilha?

Se eu convencesse Madalena de que ela não tem razão... Se lhe explicasse que é necessário vivermos em paz... Não me entende. Não nos entendemos. O que vai acontecer será muito diferente do que esperamos. Absurdo.

Há um grande silêncio. Estamos em julho. O nordeste não sopra e os sapos dormem. Quanto às corujas, Marciano subiu ao forro da igreja e acabou com elas a pau. E foram tapados os buracos de grilos.

Repito que tudo isso continua a azucrinar-me.

O que não percebo é o tique-taque do relógio. Que horas são? Não posso ver o mostrador assim às escuras. Quando me sentei aqui, ouviam-se as pancadas do pêndulo, ouviam-se muito bem. Seria conveniente dar corda ao relógio, mas não consigo mexer-me.

(Ramos, Graciliano, SÃO BERNARDO, Rio de Janeiro, Record, 1989)

19. Escolha a alternativa que explica melhor o que se está passando com a personagem-narrador, Paulo Honório.
a) Abandonado há pouco pela amada, encontra-se numa fase transitória de solidão.
b) Preocupado em compreender o que se passou, busca recompor a imagem difusa da amada.
c) Trata-se simplesmente de um sadomasoquista a escarafunchar sentimentos idos e vividos.
d) Percebe-se a existência de um homem de extrema sensibilidade, esmagado por um golpe da fatalidade.
e) Entre ele e a amada havia tal quantidade de problemas que a convivência se tornou impossível.

20. A leitura do texto mostra uma interpenetração de pessoas, fatos objetos e atos que se misturam, enquanto revelam uma escrita dificultosa na apreensão de uma realidade difusa. Dentre as respostas a seguir, qual seria a mais adequada para dar conta dessa aparência de caos?
a) Visando ao refinamento da escrita, o romancista embaralha intencionalmente os acontecimentos.
b) Trata-se de técnica modernista, empregada para traduzir confusão e embaralhamento.
c) A dificuldade decorre da natureza do assunto e do estado psicológico do narrador.
d) A interpretração é provocada pela complexidade do assunto e distanciamento dos fatos.
e) Homem rude e agreste, afeito ao trabalho bruto, o narrador não é capaz de ordenar acontecimentos.

21. Escolha a alternativa que retrata melhor, à luz do texto e do próprio romance, o sentido da expressão "sou forçado", presente no 2Ž parágrafo.
a) É uma obrigação moral de reparar erro cometido no passado.
b) Há uma imposição externa que obriga o narrador a revelar seu drama.
c) Existe uma vontade de autopunir-se para livrar se do remorso pelo mal cometido.
d) O narrador tem necessidade de escrever para provar sua capacidade.
e) Trata-se de um impulso interior, que leva o narrador a escrever para autoconhecer-se.

22. "Agitam-se em mim sentimentos inconciliáveis: encolerizo-me e enterneço-me: bato na mesa e tenho vontade de chorar."

Momento central do texto em questão, ajuda a compreender a personalidade e Paulo Honório, personagem-narrador do romance. Podemos dizer que se trata de:
a) personagem fraca, abatida pelas circunstâncias.
b) personalidade rica de humanidade, que se perturba diante da adversidade.
c) personalidade complexa, perturbada diante dos acontecimentos.
d) homem forte, revoltado contra tudo e contra todos.
e) homem sentimental e lírico, incapaz de conciliar os próprios sentimentos.

23. "A voz dela me chega aos ouvidos. Não, não é aos ouvidos. Também já não a vejo com os olhos."

A leitura atenta do texto permite dizer que:
a) em virtude de sua perturbação psicológica, o narrador não consegue recordar com nitidez os acontecimentos.
b) é puro jogo de palavras sem outra intenção que a de confundir aos acontecimentos.
c) a confusão provocada pelo estado de choque do narrador possibilita a recuperação da consciência.
d) fragilizada, a personagem não consegue operar a distinção entre real e imaginário.
e) tudo é possível no estado de convulsão em que se encontra o mundo do narrador.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES.
(Fuvest) "O possuidor turbado, ou esbulhado, poderá manter-se, ou restituir-se, por sua própria força, contanto que o faça logo." Ao trazer a discussão para o campo jurídico, o antigo magistrado tentou amenizar o que dissera; a rigor, no entanto, suscitou dúvidas cruéis; que quer dizer "por sua própria força?" Será a força física do posseiro, ou essa mais aquela que a ela se soma pelo emprego das armas? O parágrafo único do Código Civil admite dúvidas: "Os atos de defesa, ou de desforço, não podem ir além do indispensável à manutenção ou restituição da posse". Se o invasor vem armado, o posseiro pode usar armas? Se o invasor é plural, vem em bandos, o posseiro pode contar com a ajuda de amigos ou contratar seguranças (ou até jagunços) para defender o que é seu?
(O Estado de S. Paulo, 04/06/94, A 3)

24. A formulação de uma série de perguntas
a) intenta destacar as contradições do texto legal.
b) visa a pôr o leitor em dúvida sobre a exatidão da citação.
c) pretende representar as inquietações infundadas do editorialista.
d) procura chamar a atenção para a injustiça do texto legal.
e) busca desacreditar o argumento representado pela citação da lei.

25. A frase "O possuidor turbado, ou esbulhado, poderá manter-se, ou restituir-se, por sua própria força, contanto que o faça logo". poderá ser corretamente substituída, SEM que haja alteração das relações lógicas, por:
a) Assim que o fez, o possuidor turbado, ou esbulhado, pode manter-se, ou restituir-se, por sua própria força.
b) Podendo manter-se, ou restituir-se, por sua própria força, o possuidor turbado, ou esbulhado, fá-lo-á logo.
c) Fazendo-o logo, o possuidor turbado, ou esbulhado, poderá manter-se, ou restituir-se, por sua própria força.
d) O possuidor turbado, ou esbulhado, poderá manter-se, ou restituir-se, por sua própria força, mesmo que o faça logo.
e) O possuidor turbado, ou esbulhado, poderá, manter-se, ou restituir-se, por sua própria força, antes que o façam.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 4 QUESTÕES.
(Fuvest) - Primo Argemiro!

E, com imenso trabalho, ele gira no assento, conseguindo pôr-se de-banda, meio assim.

Primo Argemiro pode mais: transporta uma perna e se escancha no cocho.

- Que é, Primo Ribeiro?

- Lhe pedir uma coisa... Você faz?

- Vai dizendo, Primo.

- Pois então, olha: quando for a minha hora você não deixe me levarem p'ra o arraial... Quero ir mais é p'ra o cemitério do povoado... Está desdeixado, mas ainda é chão de Deus... Você chama o padre, bem em-antes... E aquelas coisinhas que estão numa capanga bordada, enroladas em papel-de-venda e tudo passado com cadarço, no fundo da canastra... se rato não roeu... você enterra junto comigo... Agora eu não quero mexer lá... Depois tem tempo... Você promete?...

- Deus me livre e guarde, Primo Ribeiro... O senhor ainda vai durar mais do que eu.

- Eu só quero saber é se você promete...

- Pois então, se tiver de ser desse jeito de que Deus não há-de querer, eu prometo.

- Deus lhe ajude, Primo Argemiro.

E Primo Ribeiro desvira o corpo e curva ainda mais a cara.

Quem sabe se ele não vai morrer mesmo? Primo Argemiro tem medo do silêncio.

- Primo Ribeiro, o senhor gosta d'aqui?...

- Que pergunta! Tanto faz... É bom p'ra se acabar mais ligeiro... O doutor deu prazo de um ano... Você lembra?

- Lembro! Doutor apessoado, engraçado... Vivia atrás dos mosquitos, conhecia as raças lá deles, de olhos fechados, só pela toada da cantiga... Disse que não era das frutas e nem da água... Que era o mosquito que punha um bichinho amaldiçoado no sangue da gente... Ninguém não acreditou... Nem o arraial. Eu estive 1á com ele...

- Primo Argemiro o que adianta...

- ... E então ele ficou bravo, pois não foi? Comeu goiaba, comeu melancia da beira do rio, bebeu água do Pará e não teve nada...

- Primo Argemiro...

- ... Depois dormiu sem cortinado, com janela aberta... Apanhou a intermitente; mas o povo ficou acreditando...

- Escuta! Primo Argemiro... Você está falando de-carreira, só para não me deixar falar!

- Mas, então, não fala em morte Primo Ribeiro!... Eu, por nada que não queria ver o senhor se ir primeiro do que eu...

- P'ra ver!... Esta carcaça bem que está agüentando... Mas, agora, já estou vendo o meu descanso, que está chega-não-chega, na horinha de chegar...

- Não fala isso Primo!... Olha aqui: não foi pena ele ter ido s'embora? Eu tinha fé em que acabava com a doença...

- Melhor ter ido mesmo... Tudo tem de chegar e de ir s'embora outra vez... Agora é a minha cova que está me chamando... Aí é que eu quero ver! Nenhumas ruindades deste mundo não têm poder de segurar a gente p'ra sempre, Primo Argemiro...

- Escuta Primo Ribeiro: se alembra de quando o doutor deu a despedida p'ra o povo do povoado? Foi de manhã cedo, assim como agora... O pessoal estava todo sentado nas portas das casas, batendo queixo. Ele ajuntou a gente... Estava muito triste... Falou: - 'Não adianta tomar remédio, porque o mosquito torna a picar... Todos têm de se, mudar daqui... Mas andem depressa pelo amor de Deus!' -... -Foi no tempo da eleição de seu Major Vilhena... Tiroteio com três mortes...

- Foi seis meses em-antes-de ela ir s'embora...

De branco a mais branco, olhando espantado para o outro, Primo Argemiro se perturbou. Agora está vermelho, muito.

Desde que ela se foi, não falaram mais no seu nome. Nem uma vez. Era como se não tivesse existido. E, agora...

João Guimarães Rosa, "Sarapalha",
do livro SAGARANA.

26. "Disse que não era das frutas e nem da água...
Que era o mosquito que punha um bichinho amaldiçoado no sangue da gente..."
"O pessoal estava todo sentado nas portas das casas, batendo o queixo".
Estas duas passagens apresentam a causa e os sintomas da doença nomeada: "Apanhou a intermitente''.

Qual das alternativas identifica a doença?
a) febre amarela
b) maleita
c) tifo
d) esquistossomose
e) doença de Chagas

27. "Foi seis meses em-antes-de ela ir-s'embora..."
"Desde que ela se foi, não falaram mais no seu nome. Nem uma vez. Era como se não tivesse existido."

Estas duas passagens fazem referência explícita ao motivo central da narrativa:
a) Primo Ribeiro é casado com Luísa por quem Argemiro se apaixona, a ponto de matar o primo.
b) Primo Argemiro é casado com Luísa por quem Ribeiro se apaixona, a ponto de provocar a morte do primo.
c) Luísa é casada com Ribeiro, mas apaixona-se por um boiadeiro que Argemiro mata, em consideração ao primo.
d) Luísa é casada com Ribeiro; o Primo Argemiro é apaixonado por ela, mas ela foge com um boiadeiro.
e) Um boiadeiro, que passa duas vezes pela casa dos primos Ribeiro e Argemiro, casa-se com Luísa, que morava com eles.

28. "Canta, canta, canarinho, ai, ai, ai...
Não cantes fora de hora ai, ai, ai...
A barra do dia aí vem, ai, ai, ai...
Coitado de quem namora!..."

Esta quadrinha é a epígrafe do conto Sarapalha. Ela aponta para o clímax da estória que se dá por ocasião:
a) da eleição de seu Major Vilhena: tiroteio com três mortes.
b) da confissão de Argemiro e sua expulsão da casa de Ribeiro.
c) do casamento de Luísa com o boiadeiro e despedida dos primos.
d) da morte do boiadeiro, que Argemiro mata em respeito ao primo.
e) da declaração de Ribeiro e ruptura deste com o boiadeiro.

29. João Guimarães Rosa, em Sagarana, permite ao leitor observar que:
a) explora o folclórico do sertão.
b) em episódios muitas vezes palpitantes surpreende a realidade nos mais leves pormenores e trabalha a linguagem com esmero.
c) limita-se ao quadro do regionalismo brasileiro.
d) é muito sutil na apresentação do cotidiano banal do jagunço.
e) é intimista hermético.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO
(Fuvest) Em nossa última conversa, dizia-me o grande amigo que não esperava viver muito tempo, por ser um "cardisplicente"
- O quê?
- Cardisplicente. Aquele que desdenha do próprio coração.
Entre um copo e outro de cerveja, fui ao dicionário.
- "Cardisplicente" não existe, você inventou - triunfei.
- Mas se eu inventei, como é que não existe? - espantou-se o meu amigo.
Semanas depois deixou em saudades fundas companheiros, parentes e bem-amadas. Homens de bom coração não deveriam ser cardisplicentes.

30. "- Mas se eu inventei, como é que não existe?"

Segundo se deduz da fala espantada do amigo do narrador, a língua, para ele, era um código aberto,
a) ao qual se incorporariam palavras fixadas no uso popular.
b) a ser enriquecido pela criação de gírias.
c) pronto para incorporar estrangeirismos.
d) que se amplia graças à tradução de termos científicos.
e) a ser enriquecido com contribuições pessoais.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 5 QUESTÕES.
(Unitau) "Vivemos numa época de tamanha insegurança externa e interna, e de tamanha carência de objetivos firmes, que a simples confissão de nossas convicções pode ser importante, mesmo que essas convicções, como todo julgamento de valor, não possam ser provadas por deduções lógicas.
Surge imediatamente a pergunta: podemos considerar a busca da verdade - ou, para dizer mais modestamente, nossos esforços para compreender o universo cognoscível através do pensamento lógico construtivo - como um objeto autônomo de nosso trabalho? Ou nossa busca da verdade deve ser subordinada a algum outro objetivo, de caráter prático, por exemplo? Essa questão não pode ser resolvida em bases lógicas. A decisão, contudo, terá considerável influência sobre nosso pensamento e nosso julgamento moral, desde que se origine numa convicção profunda e inabalável Permitam-me fazer uma confissão:

para mim, o esforço no sentido de obter maior percepção e compreensão é um dos objetivos independentes sem os quais nenhum ser pensante é capaz de adotar uma atitude consciente e positiva ante a vida.

Na própria essência de nosso esforço para compreender o fato de, por um lado, tentar englobar a grande e complexa variedade das experiências humanas, e de, por outro lado, procurar a simplicidade e a economia nas hipóteses básicas. A crença de que esses dois objetivos podem existir paralelamente é, devido ao estágio primitivo de nosso conhecimento científico, uma questão de fé. Sem essa fé eu não poderia ter uma convicção firme e inabalável acerca do valor independente do conhecimento.

Essa atitude de certo modo religiosa de um homem engajado no trabalho científico tem influência sobre toda sua personalidade. Além do conhecimento proveniente da experiência acumulada, e além das regras do pensamento lógico, não existe, em princípio, nenhuma autoridade cujas confissões e declarações possam ser consideradas "Verdade " pelo cientista. Isso leva a uma situação paradoxal: uma pessoa que devota todo seu esforço a objetivos materiais se tornará, do ponto de vista social, alguém extremamente individualista, que, a princípio, só tem fé em seu próprio julgamento, e em nada mais. É possível afirmar que o individualismo intelectual e a sede de conhecimento científico apareceram simultaneamente na história e permaneceram inseparáveis desde então. "

(Einstein, in: "O Pensamento Vivo de Einstein", p. 13 e 14, 5a. edição, Martin Claret Editores)

31. Leia as frases a seguir:

I. A lógica tem base no pensamento e no julgamento moral.
II. As pessoas que pensam podem adotar uma atitude consciente e positiva ante a vida.
III. Os seres humanos tentam ou englobar as experiências ou buscar a simplicidade para entender a vida.
IV. O cientista não acredita que a "verdade" exista.
V. Apesar de ser um contra-senso, o cientista é ao mesmo tempo individualista intelectualmente e sedento por conhecimento.

Para o autor são falsas as afirmações:
a) I, II, III, IV
b) I, II, V
c) III e V.
d) II e IV
e) I, II, III, IV e V.

32. No último parágrafo, o autor quer transmitir essencialmente a idéia de que
a) a personalidade e o trabalho científico são coisas distintas.
b) a verdade provém da autoridade.
c) o conhecimento científico é exclusivamente individualista.
d) o conhecimento é extremamente materialista.
e) o conhecimento científico e o individualismo material são inseparáveis.

33. Em "A crença de que ESSES dois objetivos podem existir paralelamente é, devido ao estágio primitivo de nosso conhecimento científico, uma questão de fé", o autor empregou a palavra em destaque porque
a) é uma indicação da distância espacial entre o escritor e o leitor.
b) é uma indicação da proximidade temporal entre o escritor e o leitor.
c) é uma indicação da distância temporal entre o escritor e o leitor.
d) é uma referência coesiva a elementos da frase posterior.
e) é uma referência coesiva a elementos da frase anterior.

34. Na primeira frase do segundo parágrafo, há dois travessões que indicam
a) mudança de interlocutor.
b) explicação complementar de dados.
c) diálogo.
d) explicação da opinião de outra pessoa que não a do autor.
e) explicação absolutamente desnecessária.

35. No primeiro parágrafo, o autor repete as palavras "tamanha" e "convicções" para dar ao leitor a idéia de
a) dúvida.
b) ênfase.
c) condição.
d) proporção.
e) efeito.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO
(Fuvest) Ora, aí está justamente e epígrafe do livro, se eu lhe quisesse pôr alguma, e não me ocorresse outra. Não é somente um meio de completar as pessoas da narração com as idéias que deixarem, mas ainda um par de lunetas para que o leitor do livro penetre o que for menos claro ou totalmente escuro.

Por outro lado, há proveito em irem as pessoas da minha história colaborando nela, ajudando o autor, por uma lei de solidariedade, espécie de troca de serviços, entre o enxadrista e os seus trebelhos(*).

Se aceitas a comparação, distinguirás o rei e a dama, o bispo e o cavalo, sem que o cavalo possa fazer de torre,

nem a torre de peão. Há ainda a diferença da cor, branca e preta, mas esta não tira o poder da marcha de cada peça, e afinal umas e outras podem ganhar a partida, e assim vai o mundo.

(Machado de Assis, Esaú e Jacó)

(*) Trebelhos: peças do jogo de xadrez.

36. A intervenção direta do narrador no texto cumpre a função de
a) distanciar o leitor da articulação da história, evitando identificação emocional com as personagens.
b) despertar a atenção do leitor para a estrutura da obra, convidando-o a participar da organização da narrativa.
c) levar o leitor a refletir sobre as narrativas tradicionais, cuja seqüência lógico-temporal é complexa.
d) sintetizar a seqüência dos episódios, para explicar a trama da narração.
e) confundir o leitor, provocando incompreensão da seqüência narrativa.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 3 QUESTÕES.
(Fuvest-gv) "Busque Amor novas artes, novo engenho
para matar-me, e novas esquivanças;
que não pode tirar-me as esperanças
que mal me tirará o que eu não tenho.

Olhai de que esperanças me mantenho!
vede que perigosas seguranças:
que não temo contrastes nem mudanças
andando em bravo mar perdido o lenho.

Mas, conquanto não pode haver desgosto
onde esperança falta, lá me esconde
Amor um mal, que mata e não se vê;

que dias há que na alma me tem posto
um não sei quê, que nasce não sei onde
vem não sei como e dói não sei porquê."

37. Neste poema é possível reconhecer que uma dialética amorosa trabalha a oposição entre:
a) o bem e o mal;
b) a proximidade e a distância;
c) o desejo e a idealização;
d) a razão e o sentimento;
e) o mistério e a realidade.

38. Uma imagem de forte expressividade deixa implícita uma comparação com o arriscado jogo do amor. Assinalar a alternativa que contém essa imagem:
a) o engenho do amor;
b) o perigo da segurança;
c) naufrágio em bravo mar;
d) mar tempestuoso;
e) um não sei quê.

39. Assinalar a alternativa que melhor expressa o entendimento do poema:
a) Novas artes e novo engenho do amor fazem o poeta perder as esperanças.
b) O poeta está, em relação ao amor, como um náufrago que morreu em alto mar.
c) Novas artes e novo engenho do amor alimentam as esperanças outrora perdidas.
d) O poeta está, em relação ao amor, desesperado como um náufrago em bravo mar.
e) O amor destruiu as esperanças do poeta porque inoculou nele um mal desconhecido.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES.
(Fuvest) Pouco a pouco o ferro do proprietário queimava os bichos de Fabiano. E quando não tinha mais nada para vender, o sertanejo endividava-se. Ao chegar a partilha, estava encalacrado, e na hora das contas davam-lhe uma ninharia.

Ora, daquela vez, como das outras, Fabiano ajustou o gado, arrependeu-se, enfim deixou a transação meio apalavrada e foi consultar a mulher. Sinhá Vitória mandou os meninos para o banheiro, sentou-se na cozinha, concentrou-se, distribuiu no chão sementes de várias espécies, realizou somas e diminuições. No dia seguinte Fabiano voltou à cidade, mas ao fechar o negócio notou que as operações de Sinhá Vitória, como de costume, diferiam das do patrão. Reclamou e obteve a explicação habitual: a diferença era proveniente de juros.

Não se conformou: devia haver engano. Ele era bruto, sim senhor, via-se perfeitamente que era bruto, mas a mulher tinha miolo. Com certeza havia um erro no papel do branco. Não se descobriu o erro, e Fabiano perdeu os estribos. Passar a vida inteira assim no toco, entregando o que era dele de mão beijada! Estava direito aquilo? Trabalhar como negro e nunca arranjar carta de alforria!

O patrão zangou-se, repeliu a insolência, achou bom que o vaqueiro fosse procurar serviço noutra fazenda.

Aí Fabiano baixou a pancada e amunhecou. Bem, bem. Não era preciso barulho não. Se havia dito palavra à-toa pedia desculpa. Era bruto, não fora ensinado. Atrevimento não tinha, conhecia o seu lugar. Um cabra Ia lá puxar questão com gente rica? Bruto, sim senhor, mas sabia respeitar os homens. Devia ser ignorância da mulher, provavelmente devia ser ignorância da mulher. Até estranhara as contas dela. Enfim, como não sabia ler (um

bruto, sim senhor), acreditara na sua velha. Mas pedia desculpa e jurava não cair noutra.

O amo abrandou, e Fabiano saiu de costas, o chapéu varrendo o tijolo. Na porta, virando-se, enganchou as rosetas das esporas, afastou-se tropeçando, os sapatões de couro cru batendo no chão como cascos.

Foi até a esquina, parou, tomou fôlego. Não deviam tratá-lo assim. Dirigiu-se ao quadro lentamente. Diante da bodega de seu Inácio virou o rosto e fez uma curva larga. Depois que acontecera aquela miséria, temia passar ali. Sentou-se numa calçada, tirou do bolso o dinheiro, examinou-o, procurando adivinhar quanto lhe tinham furtado. Não podia dizer em voz alta que aquilo era um furto, mas era. Tomavam-lhe o gado quase de graça e ainda inventavam juro. Que juro! O que havia era safadeza.

(Graciliano Ramos, Vidas Secas)

40. O texto, no seu conjunto, revela que Fabiano:
a) ousou enfrentar o branco provando-lhe que as contas dele estavam erradas.
b) ao perceber que era lesado, defendeu com êxito seus direitos.
c) conscientizou-se de que era vítima de safadeza, e conseguiu justiça.
d) concluiu que era explorado na venda do gado e nas contas.
e) indignou-se com sua situação mas voltou às boas com o patrão.

41. A respeito de Sinhá Vitória, a mulher de Fabiano, é possível afirmar que:
a) tinha miolo, não errava nas operações e tentava atenuar os conflitos do marido com o patrão.
b) era mesmo ignorante; quando Fabiano percebeu seu erro, foi pedir desculpas ao patrão.
c) além de errar nas contas, irritava-se com a diferença dos juros.
d) suas contas sempre diferiam das do patrão, mas ela pedia a Fabiano que se conformasse.
e) era o único apoio do vaqueiro, mas infelizmente sua ação não tinha efeito.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO
(Fuvest) "A triste verdade é que passei as férias no calçadão do Leblon, nos intervalos do novo livro que venho penosamente perpetrando. Estou ficando cobra em calçadão, embora deva confessar que o meu momento calçadônico mais alegre é quando, já no caminho de volta, vislumbro o letreiro do hotel que marca a esquina da rua onde finalmente terminarei o programa-saúde do dia. Sou, digamos, um caminhante resignado. Depois dos 50, a gente fica igual a carro usado, todo o dia tem uma coisa dando errado, é a suspensão, é a embreagem, é o radiador, é o contraplano do rolabrequim, é o contrafarto do mesocárdio epidítico, a falta de serotorpina folimolecular, é o que mecânicos e médicos disseram. Aí, para conseguir ir segurando a barra, vou acatando os conselhos. Andar é bom para mim, digo sem muita convicção a meus entediados botões, é bom para todos."
(João Ubaldo Ribeiro, "O Estado de S. Paulo", 06/08/95)

42. No período que se inicia em "Depois dos 50...", o uso de termos (já existentes ou inventados) referentes a áreas diversas tem como resultado:
a) um tom de melancolia, pela aproximação entre um carro usado e um homem doente.
b) um efeito de ironia, pelo uso paralelo de termos da medicina e da mecânica.
c) uma certa confusão no espírito do leitor, devido à apresentação de termos novos e desconhecidos.
d) a invenção de uma metalinguagem, pelo uso de termos médicos em lugar de expressões corriqueiras.
e) a criação de uma metáfora existencial, pela oposição entre o ser humano e objetos.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES.
(Fuvest) Eu considerei a glória de um pavão ostentando o esplendor de suas cores; é um luxo imperial. Mas andei lendo livros, e descobri que aquelas cores todas não existem na pena do pavão. Não há pigmentos. O que há são minúsculas bolhas d'água em que a luz se fragmenta, como em um prisma. O pavão é um arco-íris de plumas.

Eu considerei que este é o luxo do grande artista, atingir o máximo de matizes com um mínimo de elementos. De água e luz ele faz seu esplendor; seu grande mistério é a simplicidade.

Considerei, por fim, que assim é o amor, oh minha amada; de tudo que ele suscita e esplende e estremece e delira em mim existem apenas meus olhos recebendo a luz do teu olhar. Ele me cobre de glórias e me faz magnífico.

[Rubem Braga, 200 Crônicas Escolhidas]

43. Nas três 'considerações' do texto, o cronista preserva, como elemento comum, a idéia de que a sensação de esplendor
a) ocorre de maneira súbita, acidental e efêmera.
b) é uma reação mecânica dos nossos sentidos estimulados.
c) decorre da predisposição de quem está apaixonado.
d) projeta-se além dos limites físicos do que a motivou.
e) resulta da imaginação com que alguém se vê a si mesmo.

44. Atente para as seguintes afirmações:

I. O esplendor do pavão e o da obra de arte implicam algum grau de ilusão.
II. O ser que ama sente refletir-se em si mesmo um atributo do ser amado.
III. O aparente despojamento da obra de arte oculta os recursos complexos de sua elaboração.

De acordo com o que o texto permite deduzir, apenas:
a) as afirmações I e III estão corretas.
b) as afirmações I e II estão corretas.
c) as afirmações II e III estão corretas.
d) a afirmação I está correta.
e) a afirmação II está correta.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 3 QUESTÕES.
(Unitau) "Certas instituições encontram sua autoridade na palavra divina. Acreditemos ou não nos dogmas, é preciso reconhecer que seus dirigentes são obedecidos porque um Deus fala através de sua boca. Suas qualidades pessoais importam pouco. Quando prevaricam, eles são punidos no inferno, como aconteceu, na opinião de muita gente boa, com o Papa Bonifácio VIII, simoníaco reconhecido. Mas o carisma é da própria Igreja, não de seus ministros. A prova de que ela é divina, dizia um erudito, é que os homens ainda não a destruíram.

Outras associações humanas, como a universidade, retiram do saber o respeito pelos seus atos e palavras. Sem a ciência rigorosa e objetiva, ela pode atingir situações privilegiadas de mando, como ocorreu com a Sorbonne. Nesse caso, ela é mais temida do que estimada pelos cientistas, filósofos, pesquisadores. Jaques Le Goff mostra o quanto a universidade se degradou quando se tornou uma polícia do intelecto a serviço do Estado e da Igreja.

As instituições políticas não possuem nem Deus nem a ciência como fonte de autoridade. Sua justificativa é impedir que os homens se destruam mutuamente e vivam em segurança anímica e corporal. Se um Estado não garante esses itens, ele não pode aspirar à legítima obediência civil ou armada. Sem a confiança pública, desmorona a soberania justa. Só resta a força bruta ou a propaganda mentirosa para amparar uma potência política falida.

O Estado deve ser visto com respeito pelos cidadãos. Há uma espécie de aura a ser mantida, através do essencial decoro. Em todas as suas falas e atos, os poderosos precisam apresentar-se ao povo como pessoas confiáveis e sérias. No Executivo, no Parlamento e, sobretudo, no Judiciário, esta é a raiz do poder legítimo.

Com a fé pública, os dirigentes podem governar em sentido estrito, administrando as atividades sociais, econômicas, religiosas, etc. Sem ela, os governantes são reféns das oligarquias instaladas no próprio âmbito do Estado. Essas últimas, sugando para si o excedente econômico, enfraquecem o Estado, tornando-o uma instituição inane."

(Roberto Romano, excerto do texto "Salários de Senadores e legitimidade do Estado", publicado na Folha de São Paulo, 17/10/1994, 1Ž caderno, página 3)

45. O Estado torna-se sem força quando
a) as instituições políticas não possuem nem Deus, nem a ciência.
b) os governantes são subjugados pelos poderosos que estão instalados no seio do Estado.
c) o poder é simoníaco.
d) o povo confia cegamente no Executivo, no Parlamento e sobretudo no Judiciário.
e) a ciência, rigorosa e objetiva, deixa de ser o eixo protetor da Universidade, da sociedade civil e da sociedade como um todo.

46. Observe as seguintes frases:

I - Com a fé pública os dirigentes podem dirigir em sentido estrito.
II - Em todas as suas falas e atos, os poderosos precisam apresentar-se ao povo como pessoas confiáveis e sérias.
III - O Estado deve ser visto com respeito pelos cidadãos.
IV - Sem a confiança pública, desmorona a soberania justa.
V - Outras associações humanas, como a Universidade, retiram do saber o respeito pelos seus atos e palavras.
VI - Certas instituições encontram sua autoridade na palavra divina.

Segundo o texto, o autor combate as idéias contidas em:
a) I, II, III, V
b) IV e VI
c) I e II
d) III e II
e) V e VI

47. Em:
"Acreditemos ou não nos dogmas, é preciso reconhecer que seus dirigentes são obedecidos porque um Deus fala através de sua boca", o verbo que encabeça a frase está no subjuntivo presente por expressar idéia de
a) sucessão de dois fatos reciprocamente exclusivos.
b) sucessão de dois fatos reciprocamente inclusivos.
c) sucessão de dois ou mais fatos com idéia de dúvida.
d) sucessão de vários fatos que são causas.
e) sucessão de dois fatos que são efeitos.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO
(Fuvest) Por onde passava, ficava um fermento de desassossego, os homens não reconheciam as suas mulheres, que subitamente se punham a olhar para eles, com pena de que não tivessem desaparecido, para enfim

poderem procurá-los. Mas esses mesmos homens perguntavam, Já se foi, com uma inexplicável tristeza no coração, e se lhes respondiam, Ainda anda por aí, tornavam a sair com a esperança de a encontrar naquele bosque, na seara alta, banhando os pés no rio ou despindo-se atrás dum canavial, tanto fazia, que do vulto só os olhos gozavam, entre a mão e o fruto há um espigão de ferro, felizmente ninguém mais teve de morrer.

(José Saramago, Memorial do Convento)

48. Aos outros dons extraordinários de Blimunda vem somar-se, no trecho citado, a capacidade de despertar inquietação, encantamento e atração erótica. No âmbito do livro, esse magnetismo da personagem representa simbolicamente
a) sua natureza pagã, infensa a considerações de ordem moral e social.
b) sua sexualidade híbrida, capaz de pertubar igualmente a homens e mulheres.
c) sua fidelidade apaixonada e sua clareza quanto aos valores essenciais.
d) sua oposição radical à Natureza e seus vínculos com a Espiritualidade, de onde lhe vêm os poderes mágico-religiosos.
e) seu caráter misterioso de mulher sem origem nem destino - o poder do Eterno Feminino.

49. **(Fuvest)** A leitura de "Mensagem", de Fernando Pessoa, permite a identificação de certas linhas de força que guiam e, até certo ponto, singularizam o espírito do homem português, dando-lhe marca muito especial. Dentre as alternativas a seguir, em qual se enquadraria melhor essa idéia?
a) Preocupação com os destinos de Portugal do século vinte.
b) Preocupação com a história político-social de Portugal.
c) Recorrência de certas constantes culturais portuguesas, como o messianismo.
d) Reordenação da história portuguesa desde Dom Sebastião.
e) A marca da religião católica na alma portuguesa como força determinante.

50. **(Fuvest)** Empenhado em diagnosticar problemas da sociedade, o romance realista-naturalista os toma como peças de demonstração de tese. Com o "Primo Basílio", Eça de Queirós trata o adultério na sociedade lisboeta, buscando as causas que teriam levado Luísa, a personagem principal, a cometê-lo.
Escolha dentre as alternativas seguintes a que mais se aproxima das causas que abriram a Luísa o caminho do adultério.
a) Personalidade forte, Luísa conduz a ação de acordo com suas ambições pessoais.
b) Frívola e em disponibilidade, ela fica a mercê de circunstâncias propícias.
c) Doentiamente apaixonada pelo primo, deixa-se conduzir sem opor resistência.
d) Insatisfeita com o marido, burguês insensível, busca na aventura sua satisfação.
e) Conhecedora dos casos extra-conjugais do marido, procura uma forma de vingança.

51. **(Fuvest)** O Ministério da Fazenda descobriu uma nova esperteza no Instituto de Resseguros do Brasil. O Instituto alardeou um lucro no primeiro semestre de 3,1 bilhões de cruzeiros, que esconde na verdade um prejuízo de 2bi. Brasil, Cuba e Costa Rica são os três únicos países cujas empresas de resseguro são estatais.

("Veja", 1/9/93, pág. 31)

Conclui-se do texto que seu autor:
a) acredita que a esperteza do Instituto de Resseguros gerou lucro e não prejuízo.
b) dá como certo que o prejuízo do Instituto é maior do que o lucro alardeado.
c) julga que o Instituto de Resseguros agiu de boa fé.
d) dá a entender que é contrário ao fato de o Instituto de Resseguros ser estatal.
e) tem informação de que em Cuba e na Costa Rica os institutos de resseguros camuflam seus prejuízos.

52. **(Fuvest)** De acordo com o ditado popular "invejoso nunca medrou, nem quem perto dele morou":
a) o invejoso nunca teve medo, nem amedronta seus vizinhos.
b) enquanto o invejoso prospera, seus vizinhos empobrecem.
c) o invejoso não cresce e não permite o crescimento dos vizinhos.
d) o temor atinge o invejoso e também seus vizinhos.
e) o invejoso não provoca medo nos seus vizinhos.

53. **(Fuvest)** Folha - De todos os ditados envolvendo o seu nome, qual o que mais lhe agrada?
Satã - O diabo ri por último.
Folha - Riu por último.
Satã - Se é por último, o verbo não pode vir no passado.
["O Inimigo Cósmico", Folha de S. Paulo, 03/09/95]

Rejeitando a correção ao ditado, Satã mostra ter usado o presente do indicativo com o mesmo valor que tem em:

a) Romário recebe a bola e chuta. Gooool!
b) D. Pedro, indignado, ergue a espada e dá o brado de independência.
c) Todo dia ela faz tudo sempre igual...
d) O quadrado da hipotenusa é igual à soma dos quadrados dos catetos.
e) Uma manhã destas, Jacinto, apareço no 202 para almoçar contigo.

54. **(Unitau)** "Brás, Bexiga e Barra Funda"... tenta fixar tão-somente alguns aspectos da vida trabalhadeira, íntima e cotidiana desses novos mestiços nacionais e nacionalistas".

É dessa forma que Antonio de Alcântara Machado explica sua obra. Indique a alternativa que responde corretamente à nacionalidade referida pelo autor
a) aos ingleses.
b) aos italianos.
c) aos alemães.
d) aos portugueses.
e) aos índios.

55. **(Fuvest)** "CLESSI (choramingando) - O olhar daquele homem despe a gente!

MÃE (com absoluta falta de compostura) - Você exagera, Scarlett!

CLESSI - Rett é indigno de entrar numa casa de família!

MÃE (cruzando as pernas; incrível falta de modos) - Em compensação, Ashley é espiritual demais. Demais! Assim também não gosto.

CLESSI (chorando despeitada) - Ashley pediu a mão de Melânie! Vai-se casar com Melânie!

MÃE (saliente) - Se eu fosse você, preferia RETT (Noutro tom). Cem vezes melhor que o outro!

CLESSI (chorosa) - Eu não acho!

MÃE (sensual e descritiva) - Mas é, minha filha! Você viu como ele é forte? Assim! forte mesmo!"

No trecho acima, as personagens de 'Vestido de noiva' subitamente se põem a recitar os diálogos do filme 'E o Vento levou'. No contexto dessa obra de Nelson Rodrigues, esse recurso de composição configura-se como:
a) crítica à internacionalização da cultura, reivindicando o privilégio dos temas nacionais.
b) sátira do melodrama, o que dá dimensão autocrítica à peça.
c) sátira do cinema, indicando a superioridade estética do teatro.
d) intertextualidade, visando a indicar o caráter universal das paixões humanas.
e) metalinguagem, visando a revelar o caráter ficcional da construção dramática

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO
(Unitau) "A questão central da pedagogia é o problema das formas, dos processos dos métodos; certamente, não considerados em si mesmos, pois as formas só fazem sentido na medida em que viabilizam o domínio de determinados conteúdos.

O método é essencial ao processo pedagógico. Pedagogia, como é sabido, significa literalmente a condução da criança, e a sua origem está no escravo que levava a criança até o local dos jogos, ou o local em que ela recebia instrução do preceptor. Depois, esse escravo passou a ser o próprio educador. Os romanos, percebendo o nível de cultura dos escravos gregos, confiavam a eles a educação dos filhos. Essa é a etimologia da palavra. Do ponto de vista semântico, o sentido se alterou. No entanto, a paidéia não significava apenas infância, paidéia significava cultura, os ideais da cultura grega. Assim, a

palavra pedagogia, partindo de sua própria etimologia, significa não apenas a condução da criança, mas a introdução da criança na cultura.

A pedagogia é o processo através do qual o homem se torna plenamente humano. No meu discurso distingui entre a pedagogia geral, que envolve essa noção de cultura como tudo o que o homem constrói, e a pedagogia escolar, ligada à questão do saber sistematizado, do saber elaborado, do saber metódico. A escola tem o papel de possibilitar o acesso das novas gerações ao mundo do saber sistematizado, do saber metódico, científico. Ela necessita organizar processos, descobrir formas adequadas a essa finalidade. Esta é a questão central da pedagogia escolar. Os conteúdos não apresentam a questão central da pedagogia, porque se produzem a partir das relações sociais e se sistematizam com autonomia em relação à escola. A sistematização dos conteúdos pressupõe determinadas habilidades que a escola geralmente garante, mas não ocorre no interior das escolas de primeiro e segundo graus. A existência do saber sistematizado coloca à pedagogia o seguinte problema: como torná-lo assimilável pelas novas gerações, ou seja, por aqueles que participam de algum modo de sua produção enquanto agentes sociais, mas participam num estágio determinado, estágio esse que é decorrente de toda uma trajetória histórica?"

(SAVIANI, D. "A pedagogia histórico-crítica no quadro das tendências críticas da Educação Brasileira", adap. da fala em Seminário, Niterói, 1985).

56. Leia as frases a seguir:

I. O saber sistematizado, elaborado e metódico está ligado à pedagogia escolar.
II. O saber sistematizado, metódico e científico é transmitido às novas gerações através da escola.
III. Os conteúdos se sistematizam nas relações sociais, por isso não estão no cerne da pedagogia.
IV. Os conteúdos sistematizados são geralmente garantidos pela escola.
V. O saber sistematizado deve ser assimilável pelos que tomam parte de sua produção.

Indique a alternativa cujos itens fazem parte da indagação do autor do texto:
a) I, II, III, IV e V
b) I, II e III
c) IV e V
d) V
e) III

GABARITO

1. E
2. B
3. B
4. E
5. A
6. E
7. C
8. D
9. B
10. D
11. B
12. E
13. C
14. C
15. A
16. C
17. A
18. E
19. B
20. C
21. E
22. C
23. A
24. E
25. C
26. B
27. D
28. B
29. B
30. E
31. A
32. E
33. E
34. B
35. B
36. B
37. D
38. C
39. D
40. D
41. E
42. B
43. D
44. B
45. B
46. E
47. A
48. C
49. C
50. B
51. D
52. C
53. D
54. B
55. B
56. D

Júlio Sousa
contatos@projetomedicina.com.br

ELSEVIER

SÉRIE PROVAS E CONCURSOS

Interpretação de Textos e Semântica para concursos

TEORIA, ESQUEMAS, EXERCÍCIOS E QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Marcelo Rosenthal
Lilian Furtado
Tiago Omena
Pedro Henrique

DO MESMO AUTOR DE GRAMÁTICA PARA CONCURSOS

CAMPUS CONCURSOS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros, disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.Info*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.

Interpretação de Textos e Semântica para concursos

TEORIA, ESQUEMAS, EXERCÍCIOS E QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

SÉRIE PROVAS E CONCURSOS

Marcelo Rosenthal
Lilian Furtado
Tiago Omena
Pedro Henrique

ELSEVIER

CAMPUS
CONCURSOS

Sumário

Capa

Folha de rosto

Front Matter

Copyright

Dedicatória

Agradecimentos

Os Autores

Apresentação

Epígrafe

Prefácio

Capítulo 1. Interpretação Textual

1.1. TIPOLOGIA TEXTUAL

1.2. Tópico frasal

1.3. TIPOS DE ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS

1.4. Exercícios

Capítulo 2. Semântica de Nomes

2.1. ADJETIVO SUBJETIVO OU COM VALOR DE QUALIDADE

2.2. ADJETIVO OBJETIVO OU COM VALOR DE CARACTERÍSTICA

2.3. EXERCÍCIOS

2.4. POLISSEMIA

2.5. AMBIGUIDADE OU ANFIBOLOGIA

2.6. EXERCÍCIOS

Capítulo 3. Alteração de Funções Sintáticas em Questões de Interpretação

3.1. EXERCÍCIOS
Capítulo 4. Coesão Textual
4.1. COESÃO REFERENCIAL
4.2. COESÃO REFERENCIAL PRONOMINAL
4.3. EXERCÍCIOS
4.4. COESÃO REFERENCIAL LEXICAL
4.5. COESÃO REFERENCIAL POR ELIPSE
4.6. EXERCÍCIOS
4.7. COESÃO SEQUENCIAL
4.8. COESÃO SEQUENCIAL
Capítulo 5. Semântica dos Conectores – Preposições e Conjunções
5.1. VALORES SEMÂNTICOS DAS PREPOSIÇÕES ESSENCIAIS
5.2. VALORES SEMÂNTICOS DAS PREPOSIÇÕES ACIDENTAIS
5.3. Exercícios
Capítulo 6. Valor Semântico das Conjunções
6.1. CONJUNÇÕES COORDENATIVAS
6.2. CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS
6.3. ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS
6.4. EXERCÍCIOS
Capítulo 7. Coerência Textual
7.1. IMPLÍCITOS E EXPLÍCITOS
7.2. PRESSUPOSTOS E SUBENTENDIDOS
7.3. EXERCÍCIOS
Capítulo 8. Semântica Verbal
8.1. MODO INDICATIVO
8.2. MODO SUBJUNTIVO

8.3. MODO IMPERATIVO

8.4. OUTRAS SEMÂNTICAS VERBAIS

8.5. EXERCÍCIOS

Capítulo 9. Figuras de Linguagem

9.1. FIGURAS DE SOM OU HARMONIA

9.2. FIGURAS DE CONSTRUÇÃO OU SINTAXE

9.3. FIGURAS DE PENSAMENTO

9.4. FIGURAS DE PALAVRAS

9.5. EXERCÍCIOS

Capítulo 10. Funções da Linguagem

10.1. FUNÇÃO REFERENCIAL OU DENOTATIVA

10.2. FUNÇÃO EXPRESSIVA

10.3. FUNÇÃO CONATIVA OU APELATIVA

10.4. FUNÇÃO FÁTICA

10.5. FUNÇÃO METALINGUÍSTICA

10.6. FUNÇÃO POÉTICA

Capítulo 11. Vozes do Discurso

11.1. DISCURSO DIRETO

11.2. DISCURSO INDIRETO

11.3. DISCURSO INDIRETO LIVRE

11.4. EXERCÍCIOS

Capítulo 12. Leituras de Enunciados das Questões de Interpretação

12.1. RECORRÊNCIA TEXTUAL

12.2. INFERÊNCIA TEXTUAL

12.3. EXERCÍCIOS

Capítulo 13. Semântica dos Vocábulos Parônimos e Homônimos

13.1. PARÔNIMOS

13.2. HOMÔNIMOS

13.3. SEMÂNTICA DE FORMAS PARECIDAS

13.4. EXERCÍCIOS

Capítulo 14. Semântica de Afixos

14.1. PREFIXOS LATINOS

14.2. PREFIXOS GREGOS

14.3. RELAÇÃO DE SUFIXOS

14.4. CORRESPONDÊNCIA ENTRE PREFIXOS GREGOS E LATINOS

14.5. LATINISMOS

14.6. EXERCÍCIOS

Capítulo 15. Questões Comentadas

Bibliografia

Cadastro

Preencha a **ficha de cadastro** no final deste livro e receba gratuitamente informações sobre os lançamentos e as promoções da Elsevier.

Consulte também nosso catálogo completo, últimos lançamentos e serviços exclusivos no site **www.elsevier.com.br**

Dedicatória

Ao brilhante professor de Língua Portuguesa Marcelo Barbosa.

Agradecimentos

A nossos familiares e amigos que compreenderam a nossa ausência em muitos eventos, visto nosso envolvimento na conclusão desta obra.

Os Autores

A nossos familiares e amigos que compreenderam a nossa ausência em muitos eventos, visto nosso envolvimento na conclusão desta obra.

Marcelo Rosenthal

- Formado em Letras (Português-Alemão) pela UFRJ.
- Ex-professor de Língua Portuguesa do União Concursos.
- Ex-professor de Língua Portuguesa do Curso Gabarito.
- Ex-professor de Língua Portuguesa do Curso Metta.
- Professor de Língua Portuguesa da Academia do Concurso Público.
- Professor de Língua Portuguesa do CELP – Centro de Estudos da Língua Portuguesa.
- Professor de Língua Portuguesa do CEPAD.
- Professor de Língua Portuguesa Concurso Virtual.
- Professor de Língua Portuguesa do Canal dos Concursos.
- Técnico Judiciário do Tribunal Regional do Trabalho da Primeira Região.

Lilian Furtado

- Doutoranda em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Mestre em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Bacharel em Letras: Português-Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Licenciada em Letras: Português-Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Professora de Língua Portuguesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro.
- Professora de Língua Portuguesa e Redação do curso Damásio de Jesus.
- Professora de Língua Portuguesa e Redação do curso LFG/NTC.
- Professora de Língua Portuguesa e Redação do Curso Multiplus.
- Autora de livros para concursos da Editora Método.

Pedro Henrique

- Letras – (Português – Literatura) pela UNESA.
- Direito – (UNIVERCIDADE)
- Ex-professor de Língua Portuguesa do Curso Concursando Enfermagem.
- Ex-professor de Língua Portuguesa da FEMPERJ.
- Ex-Professor de Língua Portuguesa da Companhia dos Módulos.
- Coordenador de Língua Portuguesa e Redação do CELP (Centro de Estudos da Língua Portuguesa).
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do CELP (Centro de Estudos da Língua Portuguesa).
- Professor de Língua Portuguesa do Cláudio Borba Concursos.
- Professor de Língua Portuguesa do curso Multiplus.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do CEAV-RJ.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do CEAV-BA.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do CEJURIS.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do Curso Tamandaré.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do Concurso Virtual.
- Autor da Série Gabaritando de Questões Comentadas da Banca CESGRANRIO.
- Aprovado em diversos concursos – Colégio Naval, EPCAR, CRMV-RJ, Prefeitura do Rio de Janeiro, CEFET-RJ, entre outros.
- Ex-aluno do Colégio Naval
- Funcionário Público Federal do CEFET-RJ.

Tiago Omena

- Letras – (Português – Literatura) pela UNESA.
- Direito – (UNIABEU)
- Ex-professor de Língua Portuguesa do Curso Concursando Enfermagem.
- Ex-professor de Língua Portuguesa da FEMPERJ.
- Ex-Professor de Língua Portuguesa da Companhia dos Módulos.
- Coordenador de Língua Portuguesa e Redação do CELP (Centro de Estudos da Língua Portuguesa).
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do CELP (Centro de Estudos da Língua Portuguesa).
- Professor de Língua Portuguesa do Cláudio Borba Concursos.
- Professor de Língua Portuguesa do curso Multiplus.

- Professor de Língua Portuguesa e Redação do CEAV-RJ.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do CEAV-BA.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do CEJURIS.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do Curso Tamandaré.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do Concurso Virtual.
- Autor da Série Gabaritando de Questões Comentadas da Banca CESGRANRIO.
- Aprovado em diversos concursos – TRF-SP, TRF-AL, entre outros.

Apresentação

Essa obra foi imaginada com a intenção de oferecer ao candidato a um cargo no serviço público o máximo de ferramentas efetivas para a resolução de questões de interpretação de textos. Não pretendemos aqui discutir intelecções, mas sim tratar, de forma extremamente objetiva, o assunto. Muitas das questões de interpretação são elaboradas para deixar o aluno em dúvida entre duas alternativas, o que o leva normalmente para a marcação da errada. Qual o critério técnico para excluir essa alternativa? Qual o critério para ser a outra alternativa a resposta? Portanto, o nosso trabalho vai se pautar por esse caminho. Em vez de questionar as bancas, tentaremos mergulhar na cabeça – desculpem a conotação que demarca uma linguagem mais coloquial – dos autores dessas questões e tentar avaliar quais os argumentos que eles poderiam ter para chegar a uma resposta. Faremos um passeio pelo estudo das figuras e funções de linguagem, pela semântica dos afixos e radicais, dos nomes e verbos e sobretudo dos conectores. Nós nos aprofundaremos na tipologia textual, observaremos minuciosamente os recursos argumentativos e destacaremos a análise dos enunciados das questões (se o comando exige resposta explícita ou implícita), fator que se torna tão decisivo para se atingir a alternativa certa. O fechamento de todos os assuntos abordados se dará com um rol de questões sempre apresentado com gabarito comentado. Por fim, a cereja do nosso bolo – olhe a conotação aí novamente – é a análise de mais 100 questões, evidentemente com gabarito comentado, compreendendo todos os assuntos mencionados no livro. Pela nossa experiência, temos a convicção de que essa obra será de extrema valia a todos que pretendem ingressar no serviço público.

Epígrafe

AUTOPSICOGRAFIA

O POETA é um fingidor.

Finge tão completamente

Que chega a fingir que é dor

A dor que deveras sente.

E os que leem o que escreve,

Na dor lida sentem bem,

Não as duas que ele teve,

Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas de roda

Gira, a entreter a razão,

Esse comboio de corda

Que se chama o coração.

Fernando Pessoa

Prefácio

Realizar provas de concursos públicos é uma tarefa que exige muita interpretação não só nas questões de língua portuguesa, mas em todas as disciplinas. A interpretação é essencial para se compreender o que de fato o examinador quer. Esse ponto é muito delicado.

Como professores, percebemos que muitos alunos são reprovados por não terem sabido interpretar corretamente os enunciados da prova, embora soubessem o assunto. Erram questões que teriam plena condição de acertar, se entendessem o que se pede.

A língua portuguesa é extremamente complexa, com palavras de múltiplos sentidos e verbos com grande número de conjugações, em que um detalhe faz toda a diferença.

Esta obra apresenta, de modo objetivo e claro, o resultado de mais de 40 anos somados em experiências de sala de aula. Os autores transmitem, de forma extremamente didática e inovadora, as técnicas e os métodos de interpretação textual, demonstrando que o ato de interpretar não é algo tão "subjetivo", como muitos pensam, mas sim uma atividade que exige uma análise aprofundada e técnica do texto lido.

Ao analisarmos este trabalho, notamos que esta obra irá ajudar todo aquele que, ao primeiro contato com o texto, saberá extrair os elementos necessários para a informação, reconhecimento e interpretação do mesmo, e por isso afirmamos, sem sofisma, que se trata de um instrumento essencial para sanar as dúvidas em relação às questões de prova, bem como facilitar a comunicação no cotidiano.

É uma grande honra para nós do Concurso Virtual sermos escolhidos para escrever o prefácio da obra deste fantástico quarteto: Marcelo Rosenthal, com sua expertise; Lilian Furtado, com a sua sutileza ao passar a matéria; Pedro Henrique, com seu carisma; e Tiago Omena, com a sua objetividade.

Temos a certeza de que todos são professores de altíssima qualidade, apaixonados pelo que fazem e sempre atentos às necessidades dos candidatos a concursos públicos, pois é isso que ouvimos dos nossos alunos no dia a dia, nos enchendo de orgulho por tê-los em nosso corpo docente.

Alexandre Prado, Marcelo Marques, Raphael Vianna e Rodrigo Menezes,

diretores do Concurso Virtual

Capítulo 1

Interpretação Textual

Interpretar é entender o que está escrito no texto, em outras palavras, é explicar, é esclarecer, é reproduzir de uma outra forma algo que já foi dito. Assim, para falar em interpretação textual é fundamental saber o que é texto.

A palavra texto é originada do latim textum e significa entrelaçamento, ou seja, um texto é um entrelaçamento de ideias, por isso, um texto escrito não é apenas uma enumeração de frases e de orações e sim um conjunto de informações conectadas entre si que estabelecem a coesão e a coerência textual.

Segundo FÁVERO (1997), "O texto consiste em qualquer passagem falada ou escrita que forma um todo significativo independente de sua extensão". Dessa forma, podemos considerar que o texto é qualquer forma de comunicação oral ou escrita, verbal ou não verbal sempre direcionado ao leitor, assim, músicas, bulas de remédio, faixas, pinturas, charges, gestos recitais, shows etc. são formas diferentes de texto.

1 – O texto

Vejamos alguns exemplos:

Texto 1

Texto 2

Texto 3

Os textos acima não apresentam frases ou orações, são constituídos apenas de imagens e, ainda assim, conseguimos entender a mensagem de cada um deles. Analisando as figuras, verificamos que o texto 1 apresenta placas de sinalização utilizadas pelas normas de trânsito. Podemos observar ainda que a primeira placa mostra que é proibida circulação de bicicletas e mais ao fundo observamos uma outra placa que indica a presença de quebra-mola na pista. Já o texto 2 tem uma imagem que indica a necessidade de silêncio no estabelecimento em que ela foi fixada. O terceiro texto é uma charge da Mafalda que, ao caminhar por uma calçada, se surpreende ao pisar em um trecho alagado. Após constatar que a água não provinha de chuva, a personagem continua sua caminhada tentando saber a causa de tanta água até que num determinado momento se depara com inúmeras pessoas chorando.

Texto 4

"Renda-se, como eu me rendi. Mergulhe no que você não conhece como eu

mergulhei. Não se preocupe em entender, viver ultrapassa qualquer entendimento."

(Clarice Lispector)

Texto 5

Circuito Fechado

Chinelos, vaso, descarga. Pia, sabonete. Água. Escova, creme dental, água, espuma, creme de barbear, pincel, espuma, gilete, água, cortina, sabonete, água fria, água quente, toalha. Creme para cabelo; pente. Cueca, camisa, abotoaduras, calça, meias, sapatos, gravata, paletó. Carteira, níqueis, documentos, caneta, chaves, lenço, relógio, maços de cigarros, caixa de fósforos. Jornal. Mesa, cadeiras, xícara e pires, prato, bule, talheres, guardanapos. Quadros. Pasta, carro. Cigarro, fósforo. Mesa e poltrona, cadeira, cinzeiro, papéis, telefone, agenda, copo com lápis, canetas, blocos de notas, espátula, pastas, caixas de entrada, de saída, vaso com plantas, quadros, papéis, cigarro, fósforo. Bandeja, xícara pequena. Cigarro e fósforo. Papéis, telefone, relatórios, cartas, notas, vales, cheques, memorandos, bilhetes, telefone, papéis. Relógio. Mesa, cavalete, cinzeiros, cadeiras, esboços de anúncios, fotos, cigarro, fósforo, bloco de papel, caneta, projetos de filmes, xícara, cartaz, lápis, cigarro, fósforo, quadro-negro, giz, papel. Mictório, pia, água. Táxi. Mesa, toalha, cadeiras, copos, pratos, talheres, garrafa, guardanapo, xícara. Maço de cigarros, caixa de fósforos. Escova de dentes, pasta, água. Mesa e poltrona, papéis, telefone, revista, copo de papel, cigarro, fósforo, telefone interno, externo, papéis, prova de anúncio, caneta e papel, relógio, papel, pasta, cigarro, fósforo, papel e caneta, telefone, caneta e papel, telefone, papéis, folheto, xícara, jornal, cigarro, fósforo, papel e caneta. Carro. Maço de cigarros, caixa de fósforos. Paletó, gravata. Poltrona, copo, revista. Quadros. Mesa, cadeiras, pratos, talheres, copos, guardanapos. Xícaras, cigarro e fósforo. Poltrona, livro. Cigarro e fósforo. Televisor, poltrona. Cigarro e fósforo. Abotoaduras, camisa, sapatos, meias, calça, cueca, pijama, espuma, água. Chinelos. Coberta, cama, travesseiro.

(Ricardo Ramos)

Ao comparamos os textos 4 e 5, observamos que ambos são textos escritos, entretanto com diferenças entre si. O texto 4 é direcionado ao leitor e foi elaborado a partir da utilização de orações, conectores coesivos e pontuação. Já quando lemos o texto 5, verificamos de imediato que se trata de um tipo de texto mais atípico ao que estamos acostumados a ver e a conceber como texto. Isso pode

acontecer porque temos a sensação de que se trata apenas de um emaranhado de palavras soltas, composto principalmente de substantivos. Contudo, ao fazermos uma leitura mais atenta, constatamos que a sequência com que os substantivos foram organizados nos permite verificar a história de um homem comum vivendo sua rotina. Assim, o texto 5, apesar de ser apresentado com uma estrutura diferente do que estamos acostumados, é um texto, pois apresenta significado.

Até agora, vimos textos exclusivamente compostos de imagens e textos compostos exclusivamente de escrita. Observe abaixo o quadrinho do Calvim.

Texto 6

<u>Calvim em: Pisei no cocô</u>

http://phellippe.arteblog.com.br/77956/Cavim-em-Pisei-no-coco/

O texto acima é conhecido teoricamente como texto misto por ser composto simultaneamente por imagens e escrita. Ambos os recursos são fundamentais para o entendimento do significado. Observe que no primeiro quadrinho o fato de Calvim gritar pela mãe é composto por um detalhe primordial que não podemos deixar de observar: ele está com os pés do lado de fora da casa. No segundo e terceiro quadrinhos, verificamos que Calvim reflete e obedece à ordem da mãe. Por fim, notamos que só é possível depreender o significado de todo o texto somando a parte escrita da fala de Calvim com a imagem de desespero da mãe.

1.1. TIPOLOGIA TEXTUAL

Quando falamos em **tipo textual**, atualmente conhecido como **modo de organização do discurso** ou **modo textual**, nos referimos à forma como o texto se organiza em relação à informação que será apresentada, aos aspectos sintáticos, aos tempos dos verbos, às relações lógicas etc. Tradicionalmente os tipos textuais são classificados de três formas: **narrativo, descritivo** e **dissertativo (informativo ou argumentativo)**. Entretanto, atualmente, estudiosos defendem a existência de mais dois tipos textuais: **o injuntivo e o dialogal**.

É imprescindível lembrar que esses **modos de organização do discurso** nem sempre aparecem "puros" no texto, ou seja, dificilmente encontraremos textos com características unicamente narrativas ou descritivas. Em um romance, por exemplo, vemos a imbricação entre a narração do enredo e a descrição do espaço.

É importante ressaltar que muitas pessoas fazem confusão entre tipo textual e gênero textual. O gênero textual é um formato que se propõe a uma finalidade. Assim, uma lenda, uma ata de reunião, uma carta, uma fábula, uma receita, uma bula de remédio são diferentes gêneros textuais que possuem formatos distintos. Esses formatos permitem ao leitor identificar, por exemplo, a distinção entre a bula de remédio e a receita de um bolo, pois a forma como o texto é predisposto facilita a verificação do que o texto quer de fato comunicar. Podemos constatar, dessa forma, que temos inúmeros gêneros e que nesses gêneros podemos encontrar cinco tipos textuais. Para que fique mais fácil compreender, vamos analisar abaixo cada tipo textual.

1.1.1. Narração

A construção de um texto narrativo pressupõe a existência de um narrador, que pode ou não ser apresentado de forma explícita no texto. Este narrador tem como objetivo relatar fatos, que ocorreram em determinado tempo e lugar e que envolvem personagens. Assim, podemos entender que no texto narrativo há uma sequência de ações que ocorrem ao longo do tempo, mantendo a progressão temporal e consequentemente a sequência lógica do texto. Além disso, é possível observar a predominância de verbos de ação. Vejamos os exemplos abaixo:

Exemplo 1:

Coruja e águia, depois de muita briga, resolveram fazer as pazes.

– Basta de guerra – disse a coruja. O mundo é tão grande, e tolice maior que o mundo é andarmos a comer os filhotes uma da outra.

– Perfeitamente – respondeu a águia. – Também eu não quero outra coisa.

– Nesse caso combinemos isto: de agora em diante não comerás nunca os meus filhotes.

– Muito bem. Mas como posso distinguir os teus filhotes?

– Coisa fácil. Sempre que encontrares uns borrachos lindos, bem feitinhos de corpo, alegres, cheios de uma graça especial que não existe em filhote de nenhuma outra ave, já sabes, são os meus.

– Está feito! – concluiu a águia.

Dias depois, andando à caça, a águia encontrou um ninho com três monstrengos dentro, que piavam de bico muito aberto.

– Horríveis bichos! – disse ela. Vê-se logo que não são os filhos da coruja.

E comeu-os.

Mas eram os filhos da coruja. Ao regressar à toca a triste mãe chorou amargamente o desastre e foi justar contas com a rainha das aves.

– Quê? – disse esta, admirada. Eram teus filhos aqueles monstrenguinhos? Pois, olha, não se pareciam nada com o retrato que deles me fizeste…"

Exemplo 2:

Tragédia brasileira

Misael, funcionário da Fazenda, com 63 anos de idade.

Conheceu Maria Elvira na Lapa prostituída com sífilis, dermite nos dedos, uma aliança empenhada e os dentes em petição de miséria.

Misael tirou Maria Elvira da vida, instalou-a num sobrado no Estácio, pagou médico, dentista, manicura… Dava tudo quanto ela queria.

Quando Maria Elvira se apanhou de boca bonita, arranjou logo um namorado. Misael não queria escândalo. Podia dar urna surra, um tiro, urna facada. Não fez nada disso: mudou de casa.

Viveram três anos assim.

Toda vez que Maria Elvira arranjava namorado, Misael mudava de casa.

Os amantes moraram no Estácio, Rocha, Catete, Rua General Pedra, Olaria,

Ramos, Bom Sucesso, Vila Isabel, Rua Marquês de Sapucaí, Niterói, encantado, Rua Clapp, outra vez no Estácio, Todos os Santos, Catumbi, Lavradio, Boca do Mato, Inválidos…

Por fim na Rua da Constituição, onde Misael, privado de sentidos e inteligência, matou-a com seis tiros, e a polícia foi encontrá-la caída em decúbito dorsal, vestida de organdi azul.

Manuel Bandeira

Exemplo 3:

Eduardo e Mônica

Quem um dia irá dizer
Que existe razão
Nas coisas feitas pelo coração?
E quem irá dizer
Que não existe razão?
Eduardo abriu os olhos, mas não quis se levantar
Ficou deitado e viu que horas eram
Enquanto Mônica tomava um conhaque
No outro canto da cidade, como eles disseram.
Eduardo e Mônica um dia se encontraram sem querer
E conversaram muito mesmo pra tentar se conhecer…
Um carinha do cursinho do Eduardo que disse:
"Tem uma festa legal, e a gente quer se divertir"
Festa estranha, com gente esquisita
"Eu não tô legal", não aguento mais birita"
E a Mônica riu, e quis saber um pouco mais
Sobre o boyzinho que tentava impressionar
E o Eduardo, meio tonto, só pensava em ir pra casa
"É quase duas, eu vou me ferrar…"
Eduardo e Mônica trocaram telefone
Depois telefonaram e decidiram se encontrar
O Eduardo sugeriu uma lanchonete,
Mas a Mônica queria ver o filme do Godard

Se encontraram então no parque da cidade
A Mônica de moto e o Eduardo de "camelo"
O Eduardo achou estranho, e melhor não comentar
Mas a menina tinha tinta no cabelo
Eduardo e Mônica eram nada parecidos
Ela era de Leão e ele tinha dezesseis
Ela fazia Medicina e falava alemão
E ele ainda nas aulinhas de inglês
Ela gostava do Bandeira e do Bauhaus,
Van Gogh e dos Mutantes, de Caetano e de Rimbaud
E o Eduardo gostava de novela
E jogava futebol-de-botão com seu avô
Ela falava coisas sobre o Planalto Central
Também magia e meditação
E o Eduardo ainda tava no esquema: "escola, cinema
clube, televisão".
E mesmo com tudo diferente, veio mesmo, de repente
Uma vontade de se ver
E os dois se encontravam todo dia
E a vontade crescia, como tinha de ser…
Eduardo e Mônica fizeram natação, fotografia
Teatro, artesanato, e foram viajar
A Mônica explicava pro Eduardo
Coisas sobre o céu, a terra, a água e o ar…
Ele aprendeu a beber, deixou o cabelo crescer
E decidiu trabalhar (nããão)
E ela se formou no mesmo mês
Que ele passou no vestibular
E os dois comemoraram juntos
E também brigaram juntos, muitas vezes depois
E todo mundo diz que ele completa ela
E vice-versa, que nem feijão com arroz

Construíram uma casa há uns dois anos atrás
Mais ou menos quando os gêmeos vieram
Batalharam grana, seguraram legal
A barra mais pesada que tiveram
Eduardo e Mônica voltaram pra Brasília
E a nossa amizade dá saudade no verão
Só que nessas férias, não vão viajar
Porque o filhinho do Eduardo tá de recuperação
Ah! Ahan!
E quem um dia irá dizer
Que existe razão
Nas coisas feitas pelo coração?
E quem irá dizer
Que não existe razão!

Renato Russo

O texto do exemplo 1 é uma fábula. Esse gênero textual é organizado em uma estrutura específica, pois quase sempre seus personagens são bichos, que ganham características humanas e, além disso, tem sempre um ensinamento moral, revelado ao final da história. O texto 2 e o texto 3 também são predominantemente narrativos, embora pertençam a gêneros diferentes: o texto 2 é um romance e o texto 3 é uma música.

É importante também destacar que o texto 1 tem caráter fantástico, pois a fábula não se compromete com a veracidade dos fatos, pelo contrário, as fábulas são fantasiosas e figuradas. Já o texto 2 tem objetivo comunicativo diferente, pois é um texto com personagens bem definidos e que, principalmente, se compromete com a veracidade dos fatos relatados da mesma maneira que acontece com o texto 3.

Observe o quadro abaixo:

TEXTO 1	**TEXTO 2**	**TEXTO 3**
Gênero: Fábula Objetivo: moral	Gênero: Romance Objetivo: verossímil	Gênero: Música Objetivo: verossímil
Tipo textual	Tipo textual	Tipo textual predominante:

predominante: narração Objetivo: relatar fatos	predominante: narração Objetivo: relatar fatos	narração Objetivo: relatar fatos
Personagens: águia e coruja	Personagens: Misael e Maria Elvira	Personagens: Eduardo e Mônica
Tempo: duração até a próxima caçada da águia	Tempo: duração do relacionamento	Tempo: início do relacionamento até a reprovação do filho

Observe que utilizamos a palavra predominante para classificar a tipologia, pois, em ambos os textos, verificamos também a existência de trechos descritivos, que não são suficientes para classificarmos os textos como descritivos.

1.1.2. Descrição

O texto descritivo apresenta uma sequência de características de um indivíduo, de um objeto, de um lugar etc. Textos descritivos geralmente são ricos em adjetivos ou expressões qualificativas e têm como objetivo a construção da imagem, pois o leitor é capaz de visualizar o que é descrito apenas com os dados apresentados no texto. Tradicionalmente, é comum considerar que o texto descritivo é mais estático já que se fundamenta no espaço enquanto o texto narrativo apresenta movimento uma vez que se fundamenta no tempo.

Exemplo 1:

Trecho retirado do livro Madame Bovary

A fachada de tijolos era perfeitamente alinhada à beirada da rua, ou melhor, da estrada. Atrás da porta estavam pendurados uma capa de gola curta, um freio, um boné de oleado e, a um canto, no chão, um par de polainas ainda cobertas de lama seca. À direita era a sala, isto é, o lugar onde comiam e onde sempre ficavam. Um papel cor de canário, com cercadura de flores descoradas, tremia sobre o pano em que estava colado; cortinas de chita branca, orladas de galão vermelho, entrecruzavam-se nas janelas e na estreita pedra do fogão resplandecia um relógio com a cabeça de Hipócrates entre dois castiçais de prata lavrada, debaixo de redomas ovais. Do outro lado do corredor estava o gabinete de Carlos, pequena peça de dois metros de largura, mais ou menos, com uma mesa, três cadeiras e

uma poltrona.

Gustave Flaubert

Exemplo 2:

Anúncio de jornal

Vendo sitio 18 hectares, belíssimas cachoeiras com várias quedas, vários poços para tomar banho, o sitio é cortado por duas enormes cachoeiras, 2 lagos de peixe, pés de laranja, tangerina, caqui entre outros. Aproximadamente 1500 pés de banana, 2 casas c 2 quartos sala, cozinha e banheiro e varanda, um barracão de madeira, galinheiro. Lugar para quem gosta de tranquilidade. Também posso vender a metade do sitio com uma casa. O sítio tem cadastro no INCRA e no IBAMA, os impostos estão em dia. Tel convencional só horário comercial documentação em meu nome.

Exemplo 3:

A casa

Era uma casa
Muito engraçada
Não tinha teto
Não tinha nada
Ninguém podia
Entrar nela não
Porque na casa
Não tinha chão
Ninguém podia
Dormir na rede
Porque a casa
Não tinha parede
Ninguém podia
Fazer pipi
Porque penico
Não tinha ali
Mas era feita
Com muito esmero

Na Rua dos Bobos
Número Zero.

Vinícius de Moraes

A respeito dos textos acima, observamos que, apesar de serem de gêneros diferentes, ambos são predominantemente textos descritivos.

Observe o quadro abaixo:

TEXTO 1	**TEXTO 2**	**TEXTO 3**
Gênero: Romance Objetivo: despertar o leitor para o relato de uma história	Gênero: Anúncio de Jornal Objetivo: vender	Gênero: Música Objetivo: despertar o leitor para as características de uma casa.
Tipo textual predominante: descrição Objetivo: caracterização de objetos ou lugar	Tipo textual predominante: descrição Objetivo: caracterização de lugar	Tipo textual predominante: descrição Objetivo: caracterização de pessoa

1.1.3. Injunção

No texto injuntivo, o autor tenta fazer com que leitor tome atitudes a partir de uma sequência de comandos por meio do convencimento. O texto injuntivo geralmente apresenta ordem, pedido, conselho etc. e por isso há predominância de verbos no imperativo e a ordenação seriada das informações, especialmente sob a forma de orações coordenadas.

Exemplo 1:

Receita de pizza

1. Peneire a farinha e o sal em uma tigela grande. Adicione o fermento e misture.
2. Faça um buraco no centro dos ingredientes secos. Despeje a água e o azeite e mexa até formar uma massa mole.
3. Amasse a massa sobre uma superfície levemente enfarinhada por mais ou menos 10 minutos, até que ela fique lisa e elástica.
4. Coloque a massa em uma tigela untada e cubra com plástico transparente. Deixe-a em um local morno para crescer por mais ou menos 1 hora, até que ela tenha dobrado de tamanho.

5. Amasse novamente a massa. Coloque-a sobre uma base levemente enfarinhada e amasse por 2 a 3 minutos. Abra a massa como desejado e coloque-a em uma fôrma untada. A massa está pronta para a cobertura.

(http://www.muitomaisreceitas.com.br/receitas/tortas_paes_e_pizzas/massa_basica

Exemplo 2:

Os anjos

Pegue duas medidas de estupidez
Junte trinta e quatro partes de mentira
Coloque tudo numa forma
Untada previamente
Com promessas não cumpridas
Adicione a seguir o ódio e a inveja
Dez colheres cheias de burrice
Mexa tudo e misture bem
E não se esqueça antes de levar ao forno temperar
Com essência de espírito de porco
Duas xícaras de indiferença
e um tablete e meio de preguiça (...)

(Trecho da música os anjos de Renato Russo)

Exemplo 3:

Propagandas

Como observamos acima, os textos, apesar de serem de gêneros diferentes, apresentam a mesma tipologia: a injunção. Nos exemplos 1 e 2, percebemos a

preocupação do autor em orientar o leitor na execução de algo. No exemplo 1, temos uma sequência de ações que devem ser empregadas na ordem dada para que seja possível fazer a pizza. No exemplo 2, verificamos que o compositor Renato Russo adiciona ao gênero música um trecho do gênero receita. No exemplo 3, é possível notar que, embora os textos não apresentem uma sequência de ações a serem tomadas pelo leitor, as propagandas têm como objetivo convencer o leitor a tomar a decisão de adquirir o produto. Note que em ambos os textos verificamos a predominância de verbos no imperativo, por ser este, dentro do que considera a tradição gramatical, o modo verbal responsável pelos sentidos de ordem, pedido, conselho, sugestão ou súplica.

Observe o quadro abaixo:

TEXTO 1	**TEXTO 2**	**TEXTO 3**
Gênero: Receita Objetivo: ensinar os passos de um procedimento	Gênero: música Objetivo: criticar o comportamento da sociedade de forma geral	Gênero: propaganda Objetivo: convencer o leitor a adquirir algo
Tipo textual predominante: injunção Objetivo: dizer como fazer uma ação	Tipo textual predominante: injunção Objetivo: dizer como fazer uma ação	Tipo textual predominante: injunção Objetivo: levar à realização de uma ação

1.1.4. Diálogo

No texto dialogal, é possível observar que o texto é constituído por no mínimo dois locutores, que estabelecem um intercâmbio verbal. Este tipo de texto é organizado de forma a reproduzir uma conversa da oralidade, pois conferem realismo ao diálogo realizado pelos personagens que participam do mesmo espaço e discutem sobre o mesmo tema. Este texto se difere da narração, pois o narrador, quando aparece, tem apenas a função de apresentar o diálogo que ocorre na primeira pessoa do singular.

Exemplo 1:

Folha – Como foi voltar a filmar com Pedro Almodóvar?

Antonio Banderas – Foi como um nascimento, meu segundo nascimento. É

difícil trabalhar com ele, porque exige muito. Para mim, é caminhar num terreno desconhecido, cujo resultado me deixou muito contente.

O que mudou no período em que não trabalharam juntos?

Muita coisa mudou, mas na vida pessoal continuamos muito amigos. No terreno artístico ele se converteu em um diretor mais profundo, mais sério, mais completo quanto ao conteúdo e na forma mais minimalista, quase japonês. Em minha carreira, nesse tempo, eu interpretei muita coisa, [fiz] filmes de terror, musicais, aventura, ação, filme para crianças. Reconheço que me apetecia me envolver com um cinema mais comprometido, com Woody Allen, Pedro Almodóvar.

Que tal as brasileiras?

Não tive tempo para conhecer muitas mulheres brasileiras porque fiquei em lugares fechados concedendo entrevistas (risos). Há uma alegria inata neste país. Recordo um filme chamado "Orfeu Negro" (1959) [filme dirigido por Marcel Camus, baseado na peça "Orfeu da Conceição", de Vinicius de Moraes], que falava sobre a morte e ao mesmo tempo havia uma exaltação da alegria exatamente porque a morte é a única certeza.

Qual é a brasileira mais bonita?

A mais bela? É muito difícil porque há muitas mulheres muito belas aqui. A união de raças produz gente muito bonita aqui. A beleza das mulheres daqui não é tradicional. Há mulheres que não têm a beleza dentro das coordenadas, do padrão. Eu prefiro não intelectualizar, porque senão vou perder esse sabor, prefiro apenas observar e desfrutar.

O que acha do nosso cinema?

O Brasil está crescendo e o cinema vai junto. O trabalho de Walter Salles e Bruno Barreto são legados. Mas creio que o Rio não é uma cidade suficientemente retratada pelo cinema. Há algo muito espetacular aqui que não foi completamente retratado.

Como se envolveu com perfumes e fotografia?

Comecei minha atividade empresarial há 14 anos, mas não sou um vendedor de perfumes, sou um artista. Também me encanta a fotografia e a música.

(trecho da entrevista da Folha Online – http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/920728-banderas-diz-que-mulher-brasileira-e-para-observar-e-desfrutar.shtml)

Exemplo 2:

Ema prosseguia:

– E que música prefere o senhor?

– A música alemã, que é a que mais nos predispõe ao devaneio.

– Conhece os italianos?

– Ainda não; mas tenciono frequentá-los no ano que vem, quando for residir em Paris, para completar o meu curso de Direito.

(Trecho da obra Madame Bovary de Gustave Flaubert)

Exemplo 3:

Olá, como vai?
Eu vou indo e você, tudo bem?
Tudo bem eu vou indo correndo
Pegar meu lugar no futuro, e você?
Tudo bem, eu vou indo em busca
De um sono tranquilo, quem sabe…
Quanto tempo… pois é…
Quanto tempo…
Me perdoe a pressa
É a alma dos nossos negócios
Oh! Não tem de quê
Eu também só ando a cem
Quando é que você telefona?
Precisamos nos ver por aí
Pra semana, prometo talvez nos vejamos
Quem sabe?
Quanto tempo… pois é… (pois é… quanto tempo…)
Tanta coisa que eu tinha a dizer
Mas eu sumi na poeira das ruas
Eu também tenho algo a dizer
Mas me foge a lembrança
Por favor, telefone, eu preciso
Beber alguma coisa, rapidamente

Pra semana
O sinal…
Eu espero você
Vai abrir…
Por favor, não esqueça,
Adeus…

Paulinho da Viola

1.1.5. Dissertação

O texto dissertativo é elaborado a partir da apresentação de fatos, opiniões, pensamentos ou informações sobre determinado assunto. Geralmente, as ideias apresentadas são encadeadas utilizando-se a terceira pessoa do singular, uma das formas de marcar gramaticalmente a impessoalidade, entretanto, nas provas de interpretação, é comum observar textos dissertativos em que o autor se utiliza da primeira pessoa para expor sua opinião. A depender do objetivo do autor, a dissertação pode ser expositiva (texto informativo) ou argumentativa e geralmente dividida em introdução, desenvolvimento e conclusão. A diferença básica entre os dois tipos de texto é que, no primeiro, o autor não se propõe a convencer o leitor, fazendo apenas uma explicação sobre o assunto apresentado, relatando dados e ideias. Já na argumentação, o autor, além de tentar convencer o leitor a respeito da ideia apresentada, emprega um raciocínio lógico e coerente, utilizando como base de argumentação provas que evidenciem suas ideias.

Vejamos os textos abaixo:

1.1.5.1. Dissertação informativa (expositiva)

Lua pode conter tanta água quanto a Terra, revela estudo

A Lua poderia ter muito mais água do que o imaginado, talvez tanta quanto a Terra, uma descoberta que lança dúvidas sobre a formação do satélite, revela um estudo divulgado esta quinta-feira nos Estados Unidos.

Durante muito tempo acreditou-se que a Lua fosse um local seco e poeirento até que, há poucos anos, descobriu-se água pela primeira vez.

Agora, cientistas das universidades Case Western Reserve e Brown acreditam que no interior da Lua haja cem vezes mais água do que se pensava inicialmente.

As descobertas foram feitas com o uso de um instrumento de precisão, chamado NanoSIMS 50L –um microanalisador de íons-– para examinar o magma lunar ou pequenas quantidades de rocha derretida, coletada pela Apolo 17, a última missão americana à Lua, em 1972.

"Estas amostras são a melhor janela que temos para [calcular] a quantidade de água no interior da Lua", disse James Van Orman, coautor do estudo e professor de ciências geológicas do Case Western.

"O interior parece ser bastante similar no interior da Terra, razão pela qual sabemos sobre a abundância de água", acrescentou.

As descobertas foram publicadas na edição de 26 de maio da "Science Express".

A mesma equipe publicou um trabalho na "Nature" em 2008, descrevendo a primeira evidência da presença de água nos cristais vulcânicos trazidos pelas missões Apolo.

"O essencial é que em 2008 dissemos que o conteúdo primitivo de água no magma lunar deveria ser similar à água contida na lava proveniente da drenagem do manto superior da Terra", disse outro coautor do estudo, Alberto Saal. "Agora, provamos que este é o caso", acrescentou.

Enquanto as descobertas corroboram a teoria longamente sustentada de que a Lua e a Terra têm origens comuns, também lançam dúvidas sobre a crença de que a Lua pode ter se formado após um desprendimento da Terra, perdendo boa parte de sua umidade neste processo de alta temperatura.

Segundo esta teoria, de "enorme impacto" nos anos 1970, a Lua se formou depois que o nosso planeta colidiu com uma rocha espacial ou planeta 4,5 bilhões de anos atrás.

"Esta nova pesquisa revela que aspectos desta teoria devem ser reavaliados", destacou o estudo.

As descobertas também levantam interrogações sobre as teorias que afirmam que o gelo encontrado nas crateras dos polos lunares pode ser resultante do impacto de meteoros, sugerindo que parte do mesmo pode ter provindo da erupção de magmas lunares.

A Nasa (agência espacial americana) anunciou, em 2009, que duas naves enviadas à Lua para colidir com a superfície do satélite descobriram pela primeira vez água congelada, uma revelação considerada um enorme passo adiante na

exploração espacial.

(25/05/2011 – http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/921297-lua-pode-conter-tanta-agua-quanto-a-terra-revela-estudo.shtml)

1.1.5.2. Dissertação argumentativa

Nos últimos anos, a discussão sobre o aquecimento global e suas consequências se tornou onipresente entre governos, empresas e cidadãos. É louvável que todos queiram salvar o planeta, mas o debate sobre como fazê-lo chegou ao patamar da irracionalidade. Entre cientistas e ambientalistas, estabeleceu-se uma espécie de fervor fanático e doutrinário pelas conclusões pessimistas do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), órgão da ONU. Segundo elas, ou se tomam providências radicais para cortar as emissões de gases do efeito estufa decorrentes da atividade humana, ou o mundo chegará ao fim do século XXI à beira de uma catástrofe. Nos últimos três meses, numa reviravolta espetacular, a doutrina do aquecimento global vem se desmanchando na esteira de uma série de escândalos.

Descobriu-se que muitas das pesquisas que dão sustentação aos relatórios emitidos pelo IPCC não passam de especulação sem base científica. Pior que isso: os cientistas que conduzem esses estudos manipularam dados para amparar suas conclusões.

A reputação do IPCC sofreu um abalo tectônico no início do ano quando se descobriu um erro grosseiro numa das pesquisas que compõem seu último relatório, divulgado em 2007. O texto afirma que as geleiras do Himalaia podem desaparecer até 2035, por causa do aquecimento global. O derretimento traria consequências devastadoras para bilhões de pessoas na Ásia, que dependem da água produzida pelo degelo nas montanhas. Os próprios cientistas que compõem o IPCC reconheceram que a previsão não tem o menor fundamento científico e foi elaborada com base em uma especulação. O mais espantoso é que tal previsão tenha sido tratada como verdade incontestável por três anos, desde a publicação do documento.

Os relatórios do IPCC são elaborados por 3000 cientistas de todo o mundo e, por enquanto, formam o melhor conjunto de informações disponível para estudar os fenômenos climáticos. O erro está em considerá-lo infalível e, o que é pior, transformar suas conclusões em dogmas.

(SOUZA, Okky de.. Veja, pp. 94-95, 24 fev.2010. com adaptações)

Observe que, no texto **Lua pode conter tanta água quanto a Terra, revela estudo**, o autor do texto não tem o objetivo de convencer o leitor a respeito do assunto; é, na realidade, possível notar que sua intenção é apenas informar o leitor sobre a possibilidade de a Lua ter mais água do que a ciência imaginava até o momento. Note que a abordagem do tema é imparcial, e o autor não revela claramente seu posicionamento, seu ponto de vista, em relação ao assunto apresentado no texto. Por outro lado, no segundo texto (a dissertação argumentativa), podemos observar o posicionamento do autor do texto em várias passagens como, por exemplo, em: "**É louvável** que todos queiram salvar o planeta, mas o debate sobre como fazê-lo chegou **ao patamar da irracionalidade** (...)"; numa **reviravolta espetacular** (...); **Pior que isso** (...). Tais expressões marcam nitidamente a opinião do autor do texto, ainda que ele não tenha feito isso utilizando a primeira pessoa gramatical (eu acho, eu penso, nós sabemos...) para expor sua opinião.

1.2. Tópico frasal

Quando lemos um texto, podemos identificar que cada um dos parágrafos do desenvolvimento apresenta uma ideia principal, também chamada de pequena tese, articulada diretamente com o assunto central do texto (tese geral ou grande tese). No caso do artigo dissertativo-argumentativo que você acabou de ler, o tema é o aquecimento global e suas consequências.

Caso você leia atentamente o primeiro parágrafo do texto, irá perceber que a primeira frase sintetiza toda a ideia presente. É essa frase com informação central do parágrafo que se chama de tópico frasal.

Vale lembrar que, nas questões de interpretação, os examinadores podem pedir para identificar a ideia principal do texto e você deverá saber também que não existe obrigatoriedade de a primeira frase do parágrafo ser mesmo o tópico frasal. Isso acontece porque em alguns casos o tópico pode ser um período no meio do parágrafo, ou mesmo no final. É mais raro, mas é de bom alvitre lembrar que também não é obrigatório o tópico frasal ocorrer no primeiro parágrafo.

Vamos analisar detidamente a estrutura de cada um dos parágrafos da dissertação argumentativa:

1º parágrafo – O tópico frasal que o inicia apresenta a ideia central (grande tese) do texto: a discussão sobre o aquecimento global e suas consequências se tornou onipresente entre governos, empresas e cidadãos. Uma boa estratégia para identificar o tópico frasal é o tamanho do período; geralmente, o período do tópico frasal é menor do que os outros que o explicam. Nos períodos seguintes desse parágrafo, notaremos que o autor direciona a sua discussão e o seu posicionamento.

2º parágrafo e 3º parágrafo – As ideias principais que os abrem apresentam a informação central do próprio parágrafo que introduzem; a essa informação chamamos de pequena tese: o escândalo relacionado às pesquisas desenvolvidas pelo IPCC. As outras frases do parágrafo aprofundam essa visão geral, trazendo conhecimento objetivo acerca do assunto e o posicionamento do autor do texto em relação ao tema.

4º parágrafo – A ideia principal que o inicia traz a aceitação de que os relatórios emitidos pelo IPCC são fundamentais e que o problema é a forma como se lida com as informações contidas neles.

Outro assunto não menos importante e sempre cobrado nas questões de interpretação é o tipo de argumentação que pode ser utilizado como estratégia textual, seja para convencimento do leitor seja como mera informação. Torna-se imperioso observar que a tipologia textual será determinada pelo objetivo do autor, ou seja, predominância não significa necessariamente que o maior fragmento caracteriza a tipologia. Se um fragmento narrativo de trinta linhas foi utilizado como recurso argumentativo para a defesa de uma tese exposta em apenas uma linha, ainda assim o texto é dissertativo. Isso se esclarece pelo fato de que não é o número de linhas que caracteriza o texto como um todo, mas sim sua finalidade. Assim, podemos encontrar textos narrativos com argumentos de autoridade e textos argumentativos com trechos narrativos. Isso pode acontecer por meio de parágrafos expositivos que têm função meramente informativa; parágrafos argumentativos que explicam o porquê da tese ou tentam comprovar sua validade; e até mesmo trechos elaborados por meio de alusão histórica em que o autor cria uma ambientação situada historicamente, apresentando, por exemplo, antecedentes históricos. Lembre-se de que todas essas estratégias de argumentação são também consideradas estratégias de evidência, uma vez que a tese é defendida de forma a dar credibilidade ao texto, não apresentando dúvida

quanto à sua verdade.

1.3. TIPOS DE ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS

1.3.1. Argumentação por autoridade ou informações de terceiros

A argumentação por autoridade é realizada por meio da demonstração de opiniões de pessoas "consideradas autoridades" para a ideia proposta no tema do texto. Inclusive, podemos observar isso em um texto já utilizado em prova. Vejamos agora o texto e a utilização do argumento de autoridade. No capítulo de questões comentadas, esse texto será revisitado, com o devido aprofundamento de sua análise.

Prova: Cespe / UnB / PF / Delegado (Questão 40 do capítulo de questões comentadas)

Individualistas e comportados. E daí?

Cientistas sociais e filósofos de inúmeras correntes garantem: a geração de 90 é ambígua. Explica-se: os adolescentes dessa época buscam o bem-estar individual mas também consideram o conceito "viver dignamente" como um direito da humanidade. Só que eles não pretendem se fatigar nas lutas sociais, nem se sentem atraídos por bandeiras políticas ou cartilhas ideológicas. **Em uma pesquisa recente na França,** o item "justiça social" foi classificado como um dos menos importantes por moças e rapazes na faixa dos 14 aos 17 anos. Imediatamente, a geração que ouve Madonna, diverte-se com Steven Spielberg e devora sanduíches passou a ser chamada de "novos individualistas". **O filósofo e escritor francês Laurent Joffrin, autor do livro Um toque de Juventude, celebra com muito otimismo os "moralistas de blue jeans: "eles não são apáticos como se supõe. Seus interesses vão além do prazer imediato e da pura distração", explica Joffrin**. Mais cético, **seu colega Alain Finkelkraut acredita que os jovens dos anos 90 se apoiam em relacionamentos superficiais e valores distorcidos. "Comportam-se como se a vida fosse um grande videoclip...", lamenta.** Enquanto os intelectuais batem boca, os ingleses que cresceram ouvindo a balada conservadora de Margareth Thatcher hoje insistem que a vida comportada é muito melhor. **Em um pesquisa da revista Look Now,** moças e rapazes de 15 a 24 anos confessam gostar de boas roupas,

querem ser vistos como pessoas sensíveis e responsáveis, pretendem ter uma carreira sólida e fazer fortuna. Desnecessário dizer que a Dama de Ferro adorou os resultados da pesquisa.

Greenghalg, Laura. "Sociedade dos Poetas Vivos". Elle, p. 35, ago/1998 (com adaptações).

Observe que os trechos em negrito são todos considerados argumentos de autoridade, pois o autor tem como objetivo tornar o seu texto mais convincente e para isso não se utiliza apenas das falas de cada indivíduo citado no texto, mas também das funções que lhe conferem esta autoridade, uma vez que a pessoa citada no texto pode não ser conhecida do leitor. Assim é possível constatar que não é apenas o nome do indivíduo que caracteriza a autoridade, e sim a importância que esse individuo traz ao tema apresentado. Da mesma maneira isso acontece com o uso de pesquisas que conferem veracidade às informações apresentadas.

1.3.2. Argumentação por analogia ou por comparação

Este tipo de argumentação acontece por meio de uma comparação. Veja o exemplo:

"A vida agitada das grandes cidades aumenta os índices de doenças do coração. Imagine o leitor, por exemplo, um automóvel dirigido suavemente, com trocas de marcha em tempo exato, sem freadas bruscas ou curvas violentas. A vida desse veículo tende a prolongar-se bastante. Imagine agora o contrário: um automóvel cujo proprietário se compraz em arrancadas de "cantar pneus (...)".

Observamos nitidamente que o autor do texto se utiliza de uma estratégia de comparação para conduzir o pensamento do leitor e, para isso, compara a forma como se "dirige" a vida com a forma como se dirige um automóvel.

1.3.3. Argumentação por apresentação de dados estatísticos

Este tipo de estratégia argumentativa é feito por meio da apresentação de dados estatísticos e, assim como as outras estratégias, serve para provar aquilo que é dito no texto. Geralmente, os dados utilizados são oriundos de pesquisas de órgãos públicos habilitados para a divulgação de tais dados. Vejamos o texto abaixo:

"O ministro da Educação, Cristovam Buarque, lança hoje o Mapa da Exclusão Educacional. O estudo do Inep, feito a partir de dados do IBGE e do Censo

Educacional do Ministério da Educação, mostra o número de crianças de sete a catorze anos que estão fora das escolas em cada estado. **Segundo o mapa, no Brasil, 1,4 milhão de crianças, ou 5,5 % da população nessa faixa etária (sete a catorze anos), para a qual o ensino é obrigatório, não frequentam as salas de aula. O pior índice é do Amazonas: 16,8% das crianças do estado, ou 92,8 mil, estão fora da escola. O melhor, o Distrito Federal, com apenas 2,3% (7 200) de crianças excluídas, seguido por Rio Grande do Sul, com 2,7% (39 mil) e São Paulo, com 3,2% (168,7 mil).**"

(BERGAMO, Mônica. Folha de S. Paulo, 03 dez. 2003.)

1.3.4. Argumentação por exemplos (exemplificação)

Este tipo de argumentação é realizado por meio de exemplos que elucidam ou justificam a ideia apresentada na tese. Um bom exemplo fundamenta a argumentação, pois pode relatar casos que sustentam a tese como verdadeira. Vejamos o texto abaixo:

O Brasil das cabeças desarrumadas

Elio Gaspari (O Globo)

O resultado do referendo fez um bem ao país. Instaurou o império das cabeças desarrumadas, e o Brasil precisa delas.

Uma pessoa de cabeça desarrumada é assim: defende a pena de morte e o ensino gratuito nas universidades públicas. É a favor do aborto e se diz católico. Votou Lula em 2002 e José Serra em 2004. É contra as cotas nas universidades e milita numa ONG de defesa da Mata Atlântica. Por desarrumada, essa cabeça pode pensar tudo ao contrário e não faz a menor diferença. A desarrumação determina e incentiva o debate. Opõe-se a um mundo de ideias ordenadas no qual a pessoa deve se preocupar em "pensar direito", entendendo-se que sempre haverá alguém explicando o que vem a ser "pensar direito".

Houve uma época em que a expressão "raciocinar em bloco" designava, com alguma ironia, inteligências ou culturas privilegiadas, sacerdotes do bem-pensar. Aceitando-se as virtudes do mestre, esperava-se sua opinião e ia-se atrás. Essa atitude tanto pode colocar uma pessoa na condição de discípulo de um grande pensador como pode embalá-la na treva da ignorância. O segundo caso ocorre com maior frequência.

As cabeças arrumadas brasileiras, atraídas pela construção de modelos intelectuais harmônicos, dão pouca atenção ao funcionamento da sociedade. Preferem evitar o assunto. **Alguns exemplos.**

O bem-pensar urbano do Rio de Janeiro legislou que é proibido construir apartamentos com menos de 30 metros quadrados. Coisa de gente muito bem educada. Faltou dizer onde vai morar uma família que não tem dinheiro para essa metragem. Na favela, por certo. A discussão dessa lei de incentivo à favelização está fora do debate urbano carioca.

O bem-pensar tributário estabeleceu que os serviços de telefonia devem ser taxados com mão-de-ferro, pois vai-se tomar dinheiro do andar de cima para custear investimentos que atenderão ao de baixo. Deu no seguinte: o patrão fala com Paris de graça pelo Skype e a empregada paga R$ 5 por um telefonema de dez minutos para Bangu. Um imposto destinado a buscar justiça produz injustiça, mas o tema está fora da agenda dos teletecas.

O bem-pensar diplomático levou Lula a propor uma cruzada mundial contra a fome. Fez isso em Genebra, Paris e Nova York. Passados dois anos, contou que gostaria de arrumar recursos para combater a desnutrição da África, aumentando as taxas de embarque nos aeroportos brasileiros. Falta dizer aos usuários do Galeão que eles pagam uma das taxas mais altas do mundo, o dobro do que se cobra no Aeroporto Kennedy.

Num caso mais farisaico, tome-se o exemplo da legislação penal brasileira. Bem pensada, faz inveja a um advogado sueco. São muitos os doutores que fazem palestras pelo mundo descrevendo essa joia de modernidade. Jamais um ministro da Justiça contará que as maravilhas são parolas. O que vale mesmo é a lei da massa. O bandido que entra na prisão passa a uma nova instância judicial, a de seus pares. Maltratou a mãe? Morre. Estupro? Se não morrer, sofre o que fez. Respeito, só para os estelionatários.

No Brasil das cabeças desarrumadas cada tema poderá ser discutido e avaliado isoladamente. Muitas opiniões resultarão contraditórias, mas é esse exercício do juízo individual que enriquece o debate público.

Harmonia e nexo podem ser desejáveis, mas é preferível conviver com pessoas

de cabeça desarrumada cujas opiniões não formam um nexo final do que aturar gente que tem muito nexo mas não se responsabiliza pelas opiniões que dá.

Os trechos em negrito são argumentos exemplificativos que têm como objetivo mostrar a veracidade da tese apresentada no primeiro parágrafo (O resultado do referendo fez um bem ao país. Instaurou o império das cabeças desarrumadas, e o Brasil precisa delas.), comprovando o posicionamento do autor do texto.

1.4. Exercícios

01. **(FGV / MEC / Documentador)**

Atentado à Democracia

Um relatório da Associação Nacional de Jornais (ANJ) revelou que, nos últimos doze meses, foram registrados no Brasil 31 casos de violação à liberdade de imprensa. Destes, dezesseis são decorrentes de sentença judicial – em geral, proferida por juízes de primeira instância. Trata-se de uma anomalia e de uma temeridade. Anomalia porque há muito o Judiciário tem mostrado seu compromisso com a defesa da liberdade de imprensa e do livre pensamento, que é princípio fundamental dos regimes democráticos e cláusula pétrea da Constituição. A derrubada, pelo Supremo Tribunal Federal, da Lei de Imprensa, instrumento de intimidação criado no regime militar, é só um exemplo recente dessa convicção. Assim, um juiz que, de forma monocrática, decide impor a censura a um veículo passa a constituir uma aberração dentro do poder que ele representa. A frequência com que esse tipo de atitude tem se repetido é uma ameaça aos valores democráticos do país e tem como consequência prática e deletéria o prejuízo do interesse público, já que se priva a sociedade do direito à informação.

(Veja, 26 ago.2009.)

Os dois adjetivos que são adequados ao texto lido são:

a) informativo e narrativo;
b) narrativo e normativo;
c) normativo e descritivo;
d) descritivo e argumentativo;
e) argumentativo e informativo.

Gabarito: E

O texto lido deve ser caracterizado como 'argumentativo/informativo'. Podemos observar no texto trechos de caráter informativo como, por exemplo, "Um relatório da Associação Nacional de Jornais (ANJ) revelou que, nos últimos doze meses, foram registrados no Brasil 31 casos de violação à liberdade de imprensa. Destes, dezesseis são decorrentes de sentença judicial – em geral, proferida por juízes de primeira instância. Trata-se de uma anomalia e de uma temeridade" e trechos de caráter argumentativo: "Trata-se de uma anomalia e de uma temeridade. Anomalia porque há muito o Judiciário tem mostrado seu compromisso com a defesa da liberdade de imprensa e do livre pensamento, que é princípio fundamental dos regimes democráticos e cláusula pétrea da Constituição."

02. **(FGV / COMPANHIA DOCAS – SP / Advogado)**

Perda de oportunidades no trabalho

As empresas vinculadas ao setor de petróleo no Brasil treinaram e formaram mais de 80 mil profissionais desde 2007, em um programa de qualificação que abrange do nível básico a cursos de pós-graduação. Mesmo assim, não conseguiram atender a toda a demanda de pessoal qualificado identificada pelo setor. A exemplo do petróleo, vários outros ramos de atividade industrial, da construção ou de serviços têm se envolvido diretamente na formação e treinamento de profissionais que não estão disponíveis no mercado.

Nem por isso os índices de desemprego se tornaram irrelevantes no país. Há muitas pessoas que permanecem sem ocupação por serem inabilitadas às vagas e aos cargos que o mercado oferece. São numerosas oportunidades perdidas que se multiplicarão, se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento – e a qualidade da educação continuar baixa. Afinal, a dificuldade de se formar e qualificar profissionais na velocidade que o mercado hoje demanda se deve, em grande parte, a deficiências do sistema de ensino brasileiro.

Um enorme contingente de jovens deixa as escolas ainda com falta de capacidade de aprender. O ensino técnico profissionalizante, com honrosas exceções, passou anos sem sintonia com o mundo real. A escassez de profissionais qualificados vem forçando uma transformação nesse sistema de ensino, e algumas iniciativas inovadoras começam a apresentar resultados, o que pode motivar a reprodução dessa experiência pelo país inteiro. No caso do Estado do Rio, merecem atenção os chamados Centros de Vocação Tecnológica, mais voltados para jovens da região metropolitana.

Esses centros se diferem do ensino técnico convencional porque ministram cursos de curta duração (de dois meses a um ano, essencialmente) e buscam atender a demandas específicas de grupos de empresas localizadas em suas proximidades. Os planos das autoridades responsáveis por esses centros são de ampliar o número de vagas para 54 mil alunos ainda este ano.

O ensino técnico profissionalizante de fato precisa hoje correr contra o relógio, pois, se persistir a falta de pessoal qualificado, as oportunidades acabam definitivamente perdidas pela desistência dos potenciais empregadores.

Mas, simultaneamente a essa premência de curto prazo, espera-se que a cadeia de ensino no país, da pré-escola à universidade, acelere ou implante programas que possibilitem um substancial salto de qualidade. Educadores já contam com ferramentas pedagógicas e tecnológicas que facilitam essa aceleração. O ensino a distância, mais acessível graças às telecomunicações e aos recursos da informática, pode romper barreiras que antes impediam a universalização de um sistema educacional de boa qualidade.

O aproveitamento das oportunidades que estão surgindo é valioso porque, além da realização pessoal na vida profissional, é um atalho para melhora dos níveis de renda e de bem-estar de fatias cada vez maiores da população brasileira.

Ao lado dos indicadores macroeconômicos, precisamos acompanhar os referentes ao sistema de ensino em geral, e, especificamente, os relativos ao ensino profissionalizante. Sem melhorar a educação pública, milhões continuarão prisioneiros do assistencialismo, e as empresas, desassistidas.

(O Globo, 28 abr.2010.)

O texto classifica-se como:

a) descritivo;
b) narrativo;
c) dissertativo expositivo;
d) dissertativo argumentativo;
e) descritivo-narrativo.

Gabarito: D

O texto Perda de oportunidades no trabalho é predominantemente dissertativo argumentativo. Trata-se de um texto bem definido tipologicamente, pois apresenta de forma bem estruturada introdução, desenvolvimento e conclusão. Nos dois

primeiros parágrafos, podemos observar a presença de tese que tem como objetivo mostrar que o texto será pautado na discussão de que, mesmo com as medidas tomadas para se ter pessoal capacitado para o trabalho na área de petróleo, as oportunidades perdidas serão muitas se a qualidade de educação continuar baixa e se a economia continuar a crescer. Nos parágrafos seguintes, verificamos os argumentos utilizados para defender a tese proposta, principalmente, no que tange às críticas ao ensino técnico profissionalizante do país e, por fim, no último parágrafo, podemos destacar a sugestão do autor para os problemas levantados no decorrer do texto.

03. **(FGV / COMPANHIA ÁGUAS E ESGOTOS – RN / Agente administrativo)**

O futuro das cidades é verde

Cada vez mais humanos vivem em cidades. Somos 3,3 bilhões de pessoas em áreas urbanas – o que corresponde a 51% da população mundial, contra 49% de habitantes de áreas rurais, segundo dados da ONU. Apesar da escalada das megalópoles ao longo do século XX, essa inversão ocorreu em escala global apenas em 2008. No Brasil, o fenômeno consolidou-se já na década de 70. Hoje, apenas 16% dos 192 milhões de brasileiros vivem na zona rural, de acordo com o IBGE. Com tanta gente ocupando o mesmo espaço, agravam-se os problemas de saneamento, transporte e uso de recursos naturais, entre muitos outros. Como solucionar esses problemas é a pergunta do momento.

Durante o mês de março, o Brasil transforma-se em sede de três eventos que pretendem respondê-la. A Conferência Internacional das Cidades Inovadoras (CICI2010) recebeu especialistas e prefeitos de diversas partes do mundo entre os dias 10 e 13, em Curitiba (PR). Na sequência, acontecem a Conferência Latino-Americana de Saneamento (Latinosan 2010), de 14 a 18 em Foz do Iguaçu (PR), e a Primeira Jornada Internacional sobre Energias Renováveis, Eficiência Energética e Poder Local, em Betim (MG), entre os dias 17 e 19.

Um dos especialistas escalados para a CICI2010 é o americano Marc Weiss, presidente da organização Global Urban Development (Desenvolvimento Global Urbano). O gestor acredita que o principal desafio à nossa frente é gerar crescimento econômico sustentável e qualidade de vida para todos em todos os lugares. "Com uma combinação de inovação tecnológica e uma elevada eficiência, as cidades poderão gerar uma expansão substancial de negócios e empregos o que vai culminar em comunidades mais saudáveis e em harmonia com os ciclos da

natureza", diz. O fato de eventos como esses acontecerem por aqui não é mera coincidência. O País vem se tornando protagonista no combate às mudanças climáticas, principalmente depois da Conferência do Clima da ONU (COP-15), realizada em dezembro em Copenhague, na Dinamarca.

Na ocasião, o governo brasileiro apresentou metas ambiciosas de redução de emissões de gases do efeito estufa, um dos grandes problemas gerados pela concentração de automóveis em centros urbanos. "O Brasil está se tornando um líder mundial no trabalho de estabelecer um novo e alto padrão de desenvolvimento urbano e industrial sustentável", acredita Weiss. "O desenvolvimento sustentável é política de governo em algumas cidades, e não apenas um conjunto de medidas dirigidas a questões pontuais", diz Laura Valente de Macedo, diretora regional para América Latina e Caribe do ICLEI Governos Locais pela Sustentabilidade. Ela cita Freiburg, Bonn (ambas na Alemanha), Malmö e Växjo (as duas na Suécia) como exemplos. "Entre suas muitas iniciativas, todas têm em comum a ênfase no uso de energias renováveis, como a solar, o biogás e a eólica", afirma. Há quem esteja ousando ainda mais nesse desafio. O escritório Gale International está construindo – em parceria com a gigante de tecnologia Cisco – a cidade mais sustentável do mundo. Nova Songdo, na Coreia do Sul, deve ficar pronta em 2015 e contará com tecnologias que reduzem o consumo de energia e utilizam materiais naturais e reciclados.

Existem planos para construir mais 20 centros urbanos parecidos na China e na Índia nos próximos anos. Uma excelente oportunidade para o Brasil ter cidades que se aproximem desse sonho são os eventos esportivos que o País vai sediar nos próximos anos. Para receber a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016, os organizadores tiveram de se submeter a uma série de medidas ambientais. Coleta seletiva do lixo, uso racional de água, economia de energia e transportes que usem combustível de forma racional são algumas delas. Mesmo que não houvesse essa obrigatoriedade, até lá já viveremos um outro tempo. O Protocolo de Kyoto vence em 2012. Ou seja: o mundo terá uma nova política de emissões de gases estufa. No mesmo ano, acontece a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, no Rio de Janeiro – reedição da Rio-92. A bola está conosco.

(JULIÀO, André.. Isto É, ed. 2105, março 2010. Com adaptações)

Quanto à sua tipologia, o texto deve ser classificado como:

a) narrativo;
b) descritivo;
c) injuntivo;
d) oratório;
e) dissertativo.

Gabarito: E

O texto O futuro das cidades é verde é dissertativo e predominantemente informativo. O texto mostra que problemas com saneamento, transportes e uso de recursos humanos aumentam à medida que também aumenta o número de humanos que vivem nas cidades. Nos parágrafos de desenvolvimento observamos a existência de argumentos de autoridade que dão credibilidade aos dados apresentados pelo autor, uma vez que todos são fornecidos por órgãos ou por pessoas responsáveis pela veracidade dessas informações. Todo o desenvolvimento desemboca na conclusão proposta pelo autor de que será uma grande oportunidade de desenvolvimento sustentável para o Brasil quando o prazo do protocolo de Kyoto vencer pois será no mesmo ano da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio ambiente e Desenvolvimento.

04. **(FGV / TRE– PA / Analista judiciário)**

Financiamento de campanhas eleitorais: aspectos éticos

Além dos aspectos legais, as empresas que decidirem participar do processo eleitoral devem buscar procedimentos éticos na tomada de decisões relacionadas ao financiamento de candidatos e partidos políticos.

Tradicionalmente, os controladores das empresas são os responsáveis pela decisão de como os recursos devem ser distribuídos entre candidatos e partidos. Os sócios e colaboradores dificilmente são consultados, e muitas vezes o apoio reflete mais as posições pessoais dos controladores do que os valores e princípios das empresas.

A consulta aos sócios e colaboradores sobre candidatos e partidos que a empresa deve apoiar não implica, necessariamente, transformar a decisão desse apoio em algo coletivo. O simples fato de consultá-los ajuda a criar um ambiente socialmente responsável nas empresas. É certo que a separação dos valores e princípios pessoais dos controladores dos valores e princípios das empresas e, mais ainda, a transformação dessa dissociação em um novo critério para a tomada de decisões

sobre aspectos tão sensíveis como o apoio a determinado partido ou candidato ainda é uma atitude difícil para grande parte dos empresários. Também é certo, por outro lado, que, ao aumentarem a transparência do processo de tomada de decisões, as empresas adquirem o respeito das pessoas e comunidades que são impactadas por suas atividades e são gratificadas com o reconhecimento e engajamento dos seus colaboradores e a preferência dos consumidores, em consonância com o conceito de responsabilidade social, o qual, é sempre bom lembrar, está se tornando cada vez mais fator de sucesso empresarial e abrindo novas perspectivas para a construção de um mundo economicamente mais próspero e socialmente mais justo.

Outra iniciativa que pode ter grande impacto junto aos colaboradores, parceiros e sócios das empresas é a promoção de debates sobre o processo eleitoral e o funcionamento e atribuições das instâncias de poder em jogo nas eleições (Presidência da República, Senado, Câmara Federal e Assembleias Legislativas). As empresas podem convidar candidatos, cientistas políticos, jornalistas e administradores públicos para a discussão de ideias, propostas e conceitos. Também podem incentivar debates políticos dentro da empresa, bem como trazer matérias sobre o tema em publicações internas. É importante desmistificar a ideia de que política é uma sujeira só e sem utilidade. Essa é uma forma de contribuir para aumentar a consciência política e a qualidade do voto dentro de toda a cadeia produtiva, entre os parceiros e colaboradores. Esse procedimento ajuda a criar na sociedade ambiente ético e transparente, acentuando a democracia nas relações sociais e políticas.

Além de consultar sócios, parceiros e colaboradores e de realizar debates, as empresas podem também promover campanhas de esclarecimento junto a seus colaboradores. Um conceito útil para ser adotado é o do voto consciente.

Infelizmente, ainda hoje assistimos no Brasil a fenômenos que há muito deveriam ter sido excluídos da vida política nacional, como a compra de votos e a atitude de diversos candidatos, durante as campanhas eleitorais, de "doar" cestas básicas e toda a sorte de brindes em troca da promessa de voto dos eleitores. O conceito de voto consciente é justamente o contraponto dessas práticas, visando estabelecer critérios racionais que façam do voto um instrumento de cidadania. Voto consciente é aquele em que o cidadão pesquisa o passado dos candidatos, avalia suas histórias de vida e analisa se as promessas e programas eleitorais são

coerentes com as práticas dos candidatos e de seus partidos.

(Instituto Ethos. A Responsabilidade Social das Empresas no Processo Eleitoral. Disponível em: <www.ethos.org.br>. Com adaptações.)

O texto se classifica como:

a) narrativo;
b) injuntivo;
c) descritivo;
d) dissertativo;
e) epistolar.

Gabarito: D

O texto Financiamento de campanhas eleitorais: aspectos éticos é dissertativo. O texto apresenta de forma bem estruturada introdução, desenvolvimento e conclusão. No primeiro parágrafo, podemos observar a presença de tese: "Além dos aspectos legais, as empresas que decidirem participar do processo eleitoral devem buscar procedimentos éticos na tomada de decisões relacionadas ao financiamento de candidatos e partidos políticos." Nos parágrafos seguintes, verificamos que os argumentos utilizados para defender a tese proposta são todos direcionados aos procedimentos éticos que devem ser adotados pelas empresas, colaboradores e partidos políticos. No último parágrafo, verificamos que a conclusão do autor apresenta a importância do ato de votar e a necessidade de se ter um voto consciente.

05. **(Cesgranrio / SECAD – TO / Médico)**

A sua vez

Boa parte das brincadeiras infantis são um ensaio para a vida adulta. Criança brinca de ser mãe, pai, cozinheiro, motorista, polícia, ladrão (e isso, você sabe, não implica nenhum tipo de propensão ao crime). E, ah, quando não há ninguém por perto, brinca de médico também. É uma forma de viver todas as vidas possíveis antes de fazer uma escolha ou descoberta. Talvez seja por isso que a gente pare de brincar aos poucos – como se tudo isso perdesse o sentido quando viramos adultos de verdade. E tudo agora é para valer. Mas será que parar de brincar é, de fato, uma decisão madura?

Atividades de recreação e lazer estimulam o imaginário e a criatividade, facilitam a socialização e nos ajudam a combater o estresse. Mas, se tudo isso for o

objetivo, perde a graça, deixa de ser brincadeira. Vira mais uma atividade produtiva a cumprir na agenda. Você só brinca de verdade (ainda que de mentirinha) pelo prazer de brincar. E só. Como escreveu Rubem Alves, quem brinca não quer chegar a lugar nenhum – já chegou.

Leandro Quintanilha

Quanto à tipologia, o Texto I classifica-se como:

a) injuntivo;
b) narrativo;
c) descritivo;
d) expositivo;
e) argumentativo.

Gabarito: E

No texto, observamos a preocupação do autor em defender a tese de que é necessário brincar até mesmo quando já se é adulto e, principalmente, o texto é composto de opiniões e pensamentos do autor do texto que expressam sua opinião, características que são fundamentais a um texto dissertativo argumentativo.

06. **(Cesgranrio / PETROBRAS / Analista de sistemas júnior)**

TEMPO DE ESCOLHER

"Um homem não é grande pelo que faz, mas pelo que renuncia." (Albert Schweitzer)

Muitos amigos leitores têm solicitado minha opinião acerca de qual rumo dar às suas carreiras. Alguns apreciam seu trabalho, mas não a empresa onde estão. Outros admiram a estabilidade conquistada, mas não têm qualquer prazer no exercício de suas funções. Uns recebem propostas para mudar de emprego, financeiramente desfavoráveis, porém, desafiadoras. Outros têm diante de si um vasto leque de opções, muitas coisas para fazer, mas não conseguem abraçar tudo.

Todas estas pessoas têm algo em comum: a necessidade premente de fazer escolhas. Lembro-me de Clarice Lispector: "Entre o 'sim' e o 'não', só existe um caminho: escolher."

Acredito que quase todas as pessoas passam ao longo de sua trajetória pelo "dilema da virada". Um momento especial em que uma decisão clara, específica e irrevogável tem que ser tomada simplesmente porque a passam por isso aos 15

anos, outras, aos 50. Algumas talvez nunca tomem esta decisão, e outras o façam várias vezes no decorrer de sua existência.

Fazer escolhas implica renunciar a alguns desejos para viabilizar outros. Você troca segurança por desafio, dinheiro por satisfação, o pouco certo pelo muito duvidoso. Assim, uma companhia que oferece estabilidade com apatia pode dar lugar a outra dotada de instabilidade com ousadia. Analogamente, a aventura de uma vida de solteiro pode ceder espaço ao conforto de um casamento.

PRAZER E VOCAÇÃO

Os anos ensinaram-me algumas lições. A primeira delas vem de Leonardo da Vinci, que dizia que "A sabedoria da vida não está em fazer aquilo que se gosta, mas em gostar daquilo que se faz". Sempre imaginei que fosse o contrário, porém, refletindo, passei a compreender que quando estimamos aquilo que fazemos, po demos nos sentir completos, satisfeitos e plenos, ao passo que se apenas procurarmos fazer o que gostamos, estaremos sempre numa busca insaciável, porque o que gostamos hoje não será o mesmo que prezaremos amanhã.

Todavia, é indiscutivelmente importante aliar prazer às nossas aptidões; encontrar o talento que reside dentro de cada um de nós, ao que chamamos de vocação. Oriunda do latim vocatione e traduzida literalmente por "chamado", simboliza uma espécie de predestinação imanente a cada pessoa, algo revestido de certa magia e divindade.(…)

Escolhas são feitas com base em nossas preferências. E aí recorro novamente à etimologia das palavras para descobrir que o verbo preferir vem do latim praeferere e significa "levar à frente". Parece-me uma indicação clara de que nossas escolhas devem ser feitas com os olhos no futuro, no uso de nosso livre arbítrio.

O mundo corporativo nos guarda muitas armadilhas. Trocar de empresa ou de atribuição, por exemplo, são convites permanentes. O problema de recusá-los é passar o resto da vida se perguntando "O que teria acontecido se eu tivesse aceitado?". Prefiro não carregar comigo o benefício desta dúvida, por isso opto por assumir riscos evidentemente calculados e seguir adiante. Dizem que somos livres para escolher, porém, prisioneiros das consequências…

Para aqueles insatisfeitos com seu ambiente de trabalho, uma alternativa à mudança de empresa é postular a melhoria do ambiente interno atual. Dialogar e apresentar propostas são um bom caminho. De nada adianta assumir uma postura

meramente defensiva e crítica. Lembre-se de que as pessoas não estão contra você, mas a favor delas.

Por fim, combata a mediocridade em todas as suas vertentes. A mediocridade de trabalhos desconectados com sua vocação, de empresas que não valorizam funcionários, de relacionamentos falidos. Sob este aspecto, como diria Tolstoi, "Não se pode ser bom pela metade". Meias-palavras, meias-verdades, meias-mentiras, meio caminho para o fim.

Os gregos não escreviam obituários. Quando um homem morria, faziam uma pergunta: "Ele viveu com paixão?".

QUAL SERIA A RESPOSTA PARA VOCÊ?

COELHO, Tom. Disponível em: <http://www.catho.com.br/jcsinputer_view.phtml?id=6415>. Acesso em: 07 mai. 2008. (adaptado)

Quanto ao tipo, o texto classifica-se predominantemente, como:

a) expositivo;
b) injuntivo;
c) descritivo;
d) narrativo;
e) argumentativo.

Gabarito: E

O texto é dividido em dois momentos. O primeiro "Tempo de escolher" em que o autor justifica o motivo de elaborar o texto em questão. No segundo momento "Prazer e vocação", o autor do texto sugere aos seus leitores, principalmente para aqueles que enviaram as cartas como mostra o primeiro momento do texto, que há necessidade de escolha sem culpa. Em todo o texto observamos claramente as opiniões, pensamentos e convicções do autor, tais características nos permitem classificar o texto como dissertativo argumentativo.

07. **(Cesgranrio / BNDES / Técnico de arquivo)**

A era do tô me achando

5 "Bacanas teus óculos", falei. Leves, classudos, num tom esportivamente escuro, cada lente com uma sombra que subia de baixo para cima, tornavam misterioso o olhar do amigo, um jovem editor. Comentei que nunca o tinha visto de óculos. Ele devolveu: "Pois é, mas eu estava com a vista cada vez mais cansada, até que fui ao oculista e ele me disse que precisava usar. Dois graus de miopia.

Excesso de leitura. Fazer o quê…", compungiu-se, o olhar vago, empurrando o par de lentes nariz acima com um charme intelectualmente sofrido. Mês depois, encontrei uma amiga cujo pai é oftalmologista. Entre anedota e outra, ela me contou que um curioso cliente do pai havia pedido um modelo de óculos sem grau. É, era ele mesmo – o editor.

10 Vivemos tempos curiosos. A cada segundo, e através de todos os meios possíveis, somos expostos aos corpos mais perfeitos, às biografias mais irretocáveis, à pose generalizada de famosos e anônimos. Vaidade pura. Mas um momento: você já experimentou sair por aí todo mulambento, comparecer despenteado a uma entrevista de emprego, esconder de parentes e amigos aquele êxito nos estudos? Impossível, não? Porque, hoje, não ter vaidade – não ter o hábito de apregoar aos quatro cantos, reais e virtuais, o quanto você pode ser atraente, sensacional e único – parece ser um dos maiores pecados da nossa era, esse tempo em que todo mundo parece estar "se achando".

15

20 Por isso, os óculos de araque do meu amigo. No meio altamente intelectualizado em que ele vive, circulando entre Festas Literárias de Paraty e debates seguidos de sessões de autógrafo nas livrarias mais chiques do eixo Rio-São Paulo, ostentar uma armação bacanuda é o equivalente, em termos culturais, às pernas muito bem torneadas – horas de academia – da mocinha da novela das 8. Ou seja: tudo é vaidade.

25

(BRESSANE, Ronaldo. Vida simples. out. 2009.)

Em qual sequência é caracterizada uma descrição?

a) "Leves, classudos, num tom esportivamente escuro, cada lente com uma sombra que subia de baixo para cima," (l 1-3)

b) " 'Pois é, mas eu estava com a vista cada vez mais cansada, até que fui ao oculista…' " (l. 5-7)

c) "Mês depois, encontrei uma amiga cujo pai é oftalmologista." (l. 11-12)

d) "ela me contou que um curioso cliente do pai havia pedido um modelo de óculos sem grau." (l. 12-14)

e) "É, era ele mesmo – o editor." (l. 14)

Gabarito: A

Apenas na letra A observamos uma enumeração de adjetivos que nos fazem criar uma imagem descritiva, por isso, esse trecho deve ser classificado como descritivo.

08. **(Cespe / UERN / Técnico de nível superior)**

Como você pode ver, uma garotinha está deitada displicentemente no colo de um senhor bem velhinho e bem simpático. Ela parece um anjo. Loirinha, cabelo castanho claro, encaracolado, nariz e boca perfeitos, ar inteligente e sadio, uma dessas crianças que a gente vê em anúncios. Pelo jeito, deve ter uns três ou quatro anos, não mais que isso. Ela está vestida em um desses macaquinhos de flanela, com florezinhas azuis e vermelhas e uma malha creme por baixo. Calçando um tênis transadíssimo nas discretas cores amarelo, vermelho e azul, o que nos mostra que a mocinha não é apenas novinha, mas moderninha também. O velhinho tem um tipo bem italiano. O boné cinza é típico desses senhores que a gente vê passeando pelo Bixiga nos domingos à tarde. Estatura mediana, cabelos e bigodes branquinhos, rosto e mãos enrugadas que traem uma idade bem avançada. Paletó marrom e calça cinza, ambos de lã, malha creme, abotoada até o último botão, como faz todo senhor que se preze. Embaixo da malha, uma camisa azul, mas bem azul mesmo, que destoa de todo o conjunto. O que prova que o cavalheiro e a mocinha apreciam cores fortes. Pela roupa que os dois estão vestindo e pela carinha rosada dela, deve estar fazendo muito frio. Fato que o ar enevoado e cinzento do jardim, que está atrás deles, vem a comprovar. Os dois estão sentados em um balanço de madeira de cor verde, desses em que cabem apenas duas pessoas e que são bastante comuns em quintais, varandas e jardins de casas de classe média, classe média alta. Ela está comodamente estirada. Com a cabeça entre o ombro e a barriga do velhinho e os pés apoiados numa almofada de crochê de cor creme. Nas mãos, ela traz um livro de histórias cheio de desenhos coloridos. Livro esse que, olhando atentamente, você verá que se trata da história da Bela Adormecida. O que, aliás, é muito engraçado, porque enquanto a bela conta a história da Bela Adormecida, o velho é que adormeceu. Ele dorme a sono solto. Com uma mão envolta na dela e a outra apoiada sobre sua própria perna direita, na altura do joelho, ambos, à sua maneira, estão sonhando. Ele sonha dormindo, ela sonha acordada. A menina está divagando no colo do avô. Isso mesmo: do avô.

Porque o velho que você está vendo só pode ser o avô dela. Pela intimidade com que ela está comodamente instalada no colo dele, percebe-se que não pode ser visita, pessoa de cerimônia. E, sim, alguém bem chegado, alguém da família. Para

um estranho, ouvir essa história contada por uma criaturinha tão linda seria uma novidade excitante, que dificilmente o faria cair no sono. E, se não fosse por isso, um estranho também não cairia no sono, pelo menos por dever de educação. Resistiria bravamente até a Bela Adormecida acordar. Além disso, é só olhar para a roupa caseira que ele está usando para perceber que não é alguém que foi fazer uma visita. É pessoa da casa mesmo, pai não é. Ele é muito velhinho para ser o pai dela. E pouco provavelmente seria um tio. Tanto pela idade quanto pela disponibilidade e paciência. Tio dá doces, presentes, mas ouvir histórias intermináveis, contadas por uma narradora que de vez em quando divaga, tio não faz. Só pode ser mesmo um avô ouvindo pela milésima vez a mesma história, que para ele deve ser sempre igual e para ela deve ser sempre diferente. Ela, por sua vez, não se deve importar com que seu ouvinte durma. Afinal, ela só quer colo e aquela mão terna, enrugada e querida em volta da sua cintura pequenina. Mesmo desatento, ele está dando a ela seu tempo e seu carinho sonolento. O balanço de jardim pode ser gostoso de sentar. Mas como você pode ver não é o local mais confortável para se dormir. Principalmente em um dia frio como esse, em um descampado de uma varanda. Mas o fato é que ele não sente a dureza do balanço porque dorme, e ela, igualmente, não sente a dureza da madeira e a frieza do tempo por vários motivos: primeiro, porque sonha, e no sonho não há desconforto ou frio. E, segundo, porque ela tem a barriga do avô como travesseiro, o braço dele como edredom e uma almofada como encosto para seus pés e seu tênis multicolorido. Juntos os dois, ali na varanda, vivem um momento de que ela vai se lembrar sempre e ele não vai se lembrar de nada. Até mesmo nada da história. Por isso, é que ela vai ter de contar e recontar essa história para o avô centenas de vezes. Principalmente para reviver os trechos que ele perdeu com seus cochilos. Assim como você vai ter de ler e reler muitas vezes esse texto até conseguir enxergar toda a beleza e ternura contidas nessa cena. Ou pelo menos uma pequena parte dela.

UMA FOTO SERIA MELHOR 19 de agosto – dia do fotógrafo

("Este texto tem mil palavras". Folha de S. Paulo, 19 ago. 1988. Apud: Platão e Fiorin. Para entender o texto. São Paulo: Ática, 1999, p.378-80, com adaptações.)

Assinale a opção correta a respeito das características tipológicas predominantes no texto.

a) Predomina no texto a descrição, já que o relato feito envolve uma cena

estática, isto é, em que nenhum acontecimento pode ser considerado cronologicamente anterior a outro.

b) O texto é eminentemente narrativo, pois expõe a história da menina e do senhor.

c) O texto é essencialmente poético, tendo em vista a linguagem e os recursos de métrica utilizados.

d) Há uma ação em curso, cujo contexto é descrito em detalhes no texto; portanto, ele pode ser caracterizado tanto como descritivo quanto como narrativo.

e) A disposição em um único parágrafo denota a ausência de características narrativas e dissertativas do texto, uma vez que tais tipos textuais são estruturados a partir de parágrafos.

Gabarito: A

O texto é predominantemente descritivo uma vez que tem como objetivo principal descrever lugares e personagens, por isso, notamos a presença substancial de adjetivos.

09. **(Cespe / TRE–MT / Técnico judiciário / programador de sistemas)**

Diariamente, milhões de pessoas em todo o mundo conectam-se à Internet e mais de doze milhões de e-mails são enviados. Isso sem se mencionar o número de negócios fechados e o dinheiro movimentado. Com o advento do computador e, mais tarde, da Internet, as informações e os grandes negócios acontecem com uma velocidade impressionante. Resultado de um mundo globalizado, em que a informação se transformou na moeda corrente. E, quando o assunto é informação, ou seja, transmitir informações, nada melhor do que utilizar a tecnologia. A cada dia, mais e mais serviços são disponibilizados por empresas para que as pessoas interessadas tenham acesso à informação de maneira rápida e eficaz.

Internet: <www.caieiraspress.com.br> (com adaptações).

O texto em questão é, predominantemente:

a) narrativo;

b) descritivo;

c) dissertativo;

d) dialógico;

e) instrucional.

Gabarito: C

O texto é dissertativo pois apresenta informações sobre o avanço da Internet e seus benefícios, além disso é um texto elaborado na terceira pessoa sem características descritivas ou narrativas.

10. **(Cespe / UERN / Agente técnico administrativo)**

Único bioma de ocorrência exclusiva no Brasil, que já ocupou 10% do território nacional, a caatinga experimenta um processo acelerado de desmatamento – que pode significar a desertificação do semiárido nordestino. Com 510 espécies de aves e 148 de mamíferos, a caatinga padece da ausência de uma política clara de conservação que estanque o processo de desflorestamento e ajude a impedir a formação de um deserto em pleno Nordeste, ameaça concreta diante do aquecimento global do clima no planeta. Quase dois terços da área sob risco de desertificação no Brasil estão na caatinga, que já teve, a exemplo do cerrado, aproximadamente metade de sua extensão, que é de 826.000 km^2, destruída.

Jornal do Commercio, Pernambuco,16 mar. 2010. (com adaptações).

Assinale a opção correspondente ao tipo textual predominante no texto.

a) Narrativo.
b) Descritivo.
c) Dissertativo.
d) Dialógico.
e) Persuasivo.

Gabarito: C

O texto é dissertativo pois apresenta informações sobre o que acontece com a caatinga do Brasil, além disso é um texto elaborado na terceira pessoa sem características descritivas ou narrativas.

Capítulo 2

Semântica de Nomes

A classificação **substantivo/adjetivo** é estabelecida a partir de critério semântico estruturado na subdivisão em substantivos e adjetivos, sendo aqueles os termos determinados, e estes, os determinantes daqueles. **Substantivos – determinados; adjetivos – determinantes (dos substantivos)**.

Ex.: bandeira (determinado) brasileira (determinante)

Ex.: simpáticas (determinante) pessoas (determinado)

A principal característica dos **substantivos** é a designação de seres, é nomear elementos cuja existência é pacífica.

Televisão – substantivo que nomeia objeto que tem por fim a transmissão de imagens longínquas.

Amor – substantivo que nomeia sentimento de homens e animais.

A função precípua do **adjetivo** é a caracterização de seres, por meio de elemento qualificador – onde se expressa um juízo de valor –, ou classificador – em que se expõe apenas um traço distintivo em relação a outros seres da mesma espécie.

Obs.: Existem situações em que uma mudança de posição entre substantivo e adjetivo pode gerar alteração semântica. Tal fato pode ser fantasticamente exemplificado pela seguinte passagem de "Memórias Póstumas de Brás Cubas" de Machado de Assis: "Eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor.". Quando ele informa que não é autor defunto, isso significa dizer que não se trata de autor falecido. Depois, ao aduzir que é defunto autor, assevera que é um morto – é importante destacar, depois de morto – que se torna autor.

Dependendo do contexto, pode-se observar essa diferença semântica também nas seguintes construções: O período "Ela é uma boa funcionária." sugere que se trata de uma funcionária competente; já na frase vulgar "Ela é uma funcionária boa.", o sentido é que seria uma funcionária com atraentes atributos físicos.

2.1. ADJETIVO SUBJETIVO OU COM VALOR DE QUALIDADE

Ocorre quando a qualificação expressa a opinião de quem o utilizou, ou seja, possui nítido valor opinativo.

Ex.: boa compra, cerveja gostosa, bem valioso.

2.2. ADJETIVO OBJETIVO OU COM VALOR DE CARACTERÍSTICA

Ocorre quando o adjetivo não expõe a opinião de quem o usou. É uma qualidade inerente ao ser.

Ex.: Problemas gástricos, indicadores sociais, povo brasileiro.

2.3. EXERCÍCIOS

01. **(Cesgranrio)**

Assinale a opção em que a mudança na ordem dos termos pode alterar o sentido fundamental da expressão:

a) própria usina / usina própria;
b) eminentes físicos / físicos eminentes;
c) rápido desfecho / desfecho rápido;
d) parcelas ponderáveis / ponderáveis parcelas;
e) separação rígida / rígida separação.

Gabarito: A

Em "própria usina", o sentido é "mesma usina". Já em "usina própria", o sentido é a usina ser de propriedade de alguém.

02. **(NCE / Perito da Polícia Civil)**

Qualquer assaltante apresenta sentido diferente de um assaltante qualquer; o par abaixo que não apresenta diferença significativa de sentido é:

a) pobre homem/homem pobre;
b) funcionário competente / competente funcionário;

c) grande mulher/mulher grande;
d) folha branca/branca folha;
e) bom menino/menino bom.

Gabarito: D

Em "pobre homem", o significado é triste homem, homem cujo destino não foi bom. Já em "homem pobre", o sentido é de homem desprovido de riquezas. O sentido de "funcionário competente" é funcionário a quem compete uma atividade. Já em "competente funcionário", o sentido é funcionário eficiente, eficaz. Em "grande mulher", o sentido é de mulher com grandes realizações, empreendimentos. Em "mulher grande", trata-se de mulher de exagerada estatura. Em "bom menino", o sentido é de menino educado, obediente. Já em "menino bom", o significado é menino com bons sentimentos.

03. **(Ministério Público – RJ)**

O adjetivo abaixo de valor nitidamente subjetivo é:

a) imprensa brasileira;
b) proposta milionária;
c) incitamento racista;
d) jovem negro;
e) brilhante futuro.

Gabarito: E

O adjetivo de valor subjetivo é aquele que expressa a opinião de quem o utiliza. Os adjetivos BRASILEIRA, RACISTA e NEGRO têm caráter objetivo, pois sugerem tão somente uma característica do substantivo determinado por eles. Sendo assim, o candidato ficou em dúvida quanto às alternativas B e E. Fazendo uma análise mais minuciosa, percebe-se que o adjetivo MILIONÁRIA não é subjetivo, pois não indica opinião. Vê-se: uma proposta de dois milhões de dólares para Michael Schumacher correr na sua escuderia é milionária, mas não é boa. Proposta milionária é aquela que envolve milhões. Já o adjetivo BRILHANTE é totalmente subjetivo, visto que denuncia uma visão do autor.

04. **(NCE / IBGE)**

"...me parece <u>infundada</u> a acusação."; adjetivo sublinhado corresponde semanticamente a:

a) sem fundos;

b) sem fundações;
c) sem fundamento;
d) sem finalidade;
e) sem fingimento.

Gabarito: C

O prefixo IN sugere negação, e o radical FUND provém do verbo FUNDAR, no sentido de BASEAR-SE, FUNDAMENTAR-SE, ESTRIBAR-SE. Logo, INFUNDADA significa SEM BASE, SEM FUNDAMENTO, SEM ESTRIBO, SEM APOIO.

05. **(NCE / TJ / Auxiliar de Cartório)**

"... entorpecimento completo ou parcial..."; a relação semântica existente entre os adjetivos completo e parcial, repete-se em:

a) inverno e verão;
b) tranquilo e agitado;
c) paralisados e imóveis;
d) branco e claro;
e) amarelo e amarelado.

Gabarito: B

O candidato é induzido a marcar a opção E, no entanto é importante observar a verdadeira relação entre os adjetivos completo e parcial. Parcial significa não completo, incompleto, ou seja, a relação que existe entre os adjetivos é de oposição e não de parte e todo, como parece num primeiro instante. Os adjetivos que apresentam a mesma relação de contrariedade são tranquilo e agitado. Agitado significa não tranquilo, intranquilo. Perceba que os adjetivos parcial e agitado possuem o mesmo sentido que completo e parcial, acrescendo-se a estes o prefixo negativo. PARCIAL e IMPARCIAL, TRANQUILO e INTRANQUILO.

06. **(NCE)**

Nos segmentos torres gêmeas, manchete ruim, jornal brasileiro e filme açucarado, os adjetivos de caráter claramente objetivo são:

a) gêmeas / ruim;
b) gêmeas / brasileiro;
c) ruim / brasileiro;
d) brasileiro / açucarado;
e) ruim / açucarado.

Gabarito: B

Os adjetivos RUIM e AÇUCARADO possuem nítido valor subjetivo (opinativo). O que é ruim para uns, pode ser bom para outros. A mesma interpretação ocorre com açucarado. Já os adjetivos gêmeas e brasileiro são qualificações que independem de opiniões.

07. **(NCE / AGU)**

Os adjetivos são uma classe de palavra que determina palavras em função substantiva e indicam características ou qualidades desses substantivos; o item com um adjetivo sublinhado com valor de característica é:

a) "Há um caminho **simples**: proibir";

b) "Pois cidadãos **responsáveis** e consumidores **conscientes** se forjam com informação";

c) "Não poderia haver reivindicação mais **justa**…";

d) "Sejam elas **ilegais, perigosas** ou socialmente condenáveis;

e) Para todo problema **complicado** há uma solução…".

Gabarito: D

O adjetivo com valor de característica é o que possui um atributo objetivo, ou seja, independe da opinião de seu usuário. Perceba que os adjetivos "simples" **a)**, "responsáveis" **b),** "conscientes" **b),** "justa" **c),** "perigosas" **d)** e "complicado" **e)** possuem valor subjetivo, ou seja, ocorre adjetivação que sugere a opinião de quem o utiliza; portanto, o que pode ser simples, responsável, consciente, justo, perigoso e complicado para uns, pode não ser necessariamente para outros. Já o adjetivo "ilegais" **(opção D)** é uma adjetivação indiscutível, isto é, não há possibilidade de uma atitude ser considerada legal por uns e ilegal por outros.

08. **(NCE / ELETROBRAS)**

O item em que o adjetivo sublinhado, quando deslocado para antes ou depois do substantivo por ele determinado, NÃO apresenta possibilidade de qualquer modificação de sentido é:

a) fato <u>novo</u>;

b) mal <u>velho</u>;

c) poupanças <u>populares</u>;

d) <u>antigas</u> realizações;

e) espantosas propostas.

Gabarito: E

O significado de fato novo pode ser de fato recente, que aconteceu há pouco. Já novo fato significa fato inédito. Em mal velho, o sentido é mal recorrente, que acontece reiteradamente. Velho mal já pode significar "mal" que já acontece há bastante tempo. Em antigas realizações, cabe a leitura de realizações que remetem à antiguidade. Já "realizações antigas" passa a ideia de ultrapassadas, antiquadas. Em "espantosa proposta", a leitura só pode ser de algo que gera espanto, já "proposta espantosa" permite a leitura de algo inesperado, diferente daquilo que se esperava.

2.4. POLISSEMIA

São os vários significados que um vocábulo pode ter.

Ex.: Quem casa (verbo CASAR) quer casa (lar).

Ex.: Ele manga (debocha) quando como manga (fruta) e sujo a camisa até a manga (parte da camisa).

Ex.: Sentei-me no banco (cadeira) da praça bem em frente ao único banco (posto bancário) da cidade.

2.5. AMBIGUIDADE OU ANFIBOLOGIA

Ocorre quando a frase permite dupla interpretação.

Ex.: O candidato que estuda frequentemente passa.

Há aí a dúvida quanto ao atrelamento sintático de "frequentemente". Não se sabe exatamente se o candidato frequentemente passa ou se ele frequentemente estuda.

Ex.: A convocação de Zagallo agradou a todos.

Paira a dúvida quanto de Zagallo praticar ou sofrer a ação. Zagallo pode ter convocado ou pode ter sido convocado.

Ex.: Joana pediu ao amigo do marido para que lhe entregasse o documento.

Fica a dúvida quanto ao fato de o pronome oblíquo LHE estar fazendo referência ao marido ou a ela própria.

Ex.: O tio do meu amigo que viajou para a Europa foi nomeado assessor da

presidência.

Fica a dúvida quanto a quem viajou para a Europa. O pronome relativo QUE tanto pode fazer referência a "tio"quanto a "amigo".

Ex.: Pedro saiu com a sua irmã.

Há a dúvida quanto ao emprego do pronome possessivo. Não fica claro se "sua" refere-se a Pedro (irmã do Pedro) ou ao leitor (irmã do leitor).

2.6. EXERCÍCIOS

01. **(NCE / POLÍCIA CIVIL-RJ)**

"...e o exemplo que escolheu para ilustrar SEU comentário."; o item abaixo em que o uso do possessivo SEU gera ambiguidade é:

a) O publicitário fez comentários sobre SEU outdoor;

b) O cronista levou o cachorro em SEU automóvel;

c) O jornalista transportou as mercadorias em SEU horário de trabalho;

d) O secretário viu o professor do debate em SEU escritório;

e) O jornalista nada dizia sobre SEU texto.

Gabarito: D

Pela formulação da frase, o emprego do pronome possessivo pode ter como referente SECRETÁRIO ou PROFESSOR. Portanto, não se sabe se o escritório é do secretário ou do professor.

02. **(FCC / TRT-MA / Analista Judiciário)**

A ocorrência de ambiguidade e falta de clareza faz necessária uma revisão da seguinte frase:

a) Causa-nos revolta, a todos, o pouco interesse que ele vem demonstrando na condução desse processo – razão pela qual há quem peça a demissão dele.

b) Conquanto ele nos haja dado uma resposta inconclusiva e protelado a decisão, há quem creia que nos satisfará o desfecho deste caso.

c) Inconformados com a resposta insatisfatória que nos deu, reiteramos o pedido para que ele não deixe de tomar as providências que o caso requer.

d) Ele deu uma resposta insatisfatória à providência que lhe solicitamos, em razão da qual será preciso insistir em que não venha a repeti-la.

e) Caso não sejam tomadas as providências cabíveis, seremos obrigados a

comunicar à Direção o menoscabo com que está sendo tratado este caso.

Gabarito: D

A forma pronominal LA em “repeti-la” tanto pode se referir a “uma resposta insatisfatória” quanto a “a providência”. Cabem, portanto, as interpretações de “não venha a repetir a resposta insatisfatória” e de “não venha a repetir a providência”.

Capítulo 3

Alteração de Funções Sintáticas em Questões de Interpretação

Muitas questões de interpretação de textos são resolvidas através do conhecimento gramatical. Por exemplo, existem funções sintáticas que possuem o mesmo valor semântico, como o sujeito ativo, o agente da passiva e o adjunto adnominal. Estas três funções sintáticas possuem valor ativo (agente, de quem pratica a ação), e as bancas tão somente reescrevem as frases alterando as funções sintáticas, sem modificar, contudo, a ideia contida. Em contrapartida, há também as funções sintáticas com valor paciente: os objetos, o sujeito passivo e o complemento nominal.

Ex.: **O professor** errou e causou estranheza a todos.
O erro **do professor** causou estranheza a todos.
O erro cometido **pelo professor** causou estranheza a todos.

Observe que o termo "professor", acompanhado ou não de preposição, funciona, na primeira frase, como sujeito ativo; na segunda, como adjunto adnominal; na terceira, como agente da passiva. Mesmo este termo tendo funções sintáticas distintas, mantém o mesmo valor semântico. Nas três frases, é o professor que erra.

Ex.: Ler **jornais** é importante.
Jornais serem lidos é importante.
A leitura **de jornais** é importante.

Observe que o termo "jornais", acompanhado ou não de preposição, funciona, na primeira frase, como objeto direto; na segunda, como sujeito passivo; na terceira, como complemento nominal. Apesar de o termo possuir funções sintáticas diferentes, a ideia dos três períodos é a mesma: jornais devem ser lidos.

3.1. EXERCÍCIOS

3.1. EXERCÍCIOS

01. **(NCE / TJ / Oficial de Justiça)**

"Como conciliar a liberdade com a inevitável ação restritiva do Estado?"; nesse segmento do texto, o articulista afirma que:

a) o Estado age obrigatoriamente contra a liberdade;
b) é impossível haver liberdade e governo ditatorial;
c) ainda não se chegou a unir os cidadãos e o governo;
d) cidadãos e governo devem trabalhar juntos pela liberdade;
e) o Estado é o responsável pela liberdade da população.

Gabarito: A

Observe que o termo "do Estado" possui valor agente, funcionando como adjunto adnominal. Se você transformá-lo em sujeito ativo, o resultado será: "O Estado age inevitavelmente restringindo a liberdade. A alternativa **A** apenas substituiu "inevitavelmente" por um sinônimo: "obrigatoriamente".

02. **(NCE / TJ / Oficial de Justiça)**

"O primeiro templo da liberdade burguesa é o supermercado. Em <u>que pesem as angustiantes restrições do contracheque</u>, são as prateleiras abundantemente supridas que satisfazem a liberdade do consumo..."; o segmento sublinhado corresponde semanticamente a:

a) as despesas do supermercado são muito pesadas no orçamento doméstico;
b) os salários não permitem que se compre tudo o que se deseja;
c) as limitações de crédito impedem que se compre o necessário;
d) a inflação prejudica o acesso da população aos bens de consumo;
e) a satisfação de comprar só é permitida após o recebimento do salário.

Gabarito: B

O termo "do contracheque" possui valor agente, funcionando como adjunto adnominal. Reescrevendo-se o período, transformando o adjunto adnominal em sujeito ativo, o resultado será: "o contracheque restringe o consumo". No texto, "contracheque" está sendo utilizado como sinônimo de "salário", "restringir" e "não permitir" são equivalentes, "consumir" e "comprar" possuem o mesmo valor.

03. **(NCE / TJ / Oficial de Justiça)**

"Não houve ideal comunista que resistisse às tentações do supermercado".; com esse segmento do texto o autor quer dizer que:

a) todo ideal comunista se opõe aos ideais capitalistas;
b) a ideologia comunista sofre pressões por parte dos consumidores;
c) os supermercados socialistas são menos variados que os do mundo capitalista;
d) o ideal comunista ainda resiste à procura desenfreada por bens de consumo;
e) as tentações do supermercado abalaram as estruturas capitalistas.

Gabarito: B

É uma questão de inferência textual, pois você terá que deduzir o que o autor quis dizer neste segmento. Observe que o termo "do supermercado" tem valor agente, funcionando como adjunto adnominal. Transformando-o em sujeito de voz ativa, o resultado será: "O supermercado tentou (os consumidores) e não houve ideal comunista que resistisse a essa tentação (criada pelos supermercados). Depreende-se, então, que a tentação criada aos consumidores pelos supermercados fez com que a ideologia comunista sofresse pressões até não mais resistir.

04. **(NCE / MP)**

"...pois moedas não resgatam a dignidade."; reescrevendo-se este segmento do texto, mantendo-se o seu sentido original, a única forma INADEQUADA é:

a) visto que a dignidade não é resgatada por moedas;
b) porque moedas não são o resgate da dignidade;
c) porquanto a dignidade não se resgata com moedas;
d) já que por moedas não é resgatada a dignidade;
e) pela razão de que a dignidade não é resgatada por moedas.

Gabarito: C

Questão muito bem imaginada, levando o candidato a pensar que a resposta sairia pelo conector. As conjunções VISTO QUE, PORQUE, PORQUANTO, JÁ QUE e PELA RAZÃO DE QUE têm valor explicativo. Portanto, não se atinge a resposta por este caminho. O termo "dignidade", por possuir valor paciente, é objeto direto, podendo alterar sua função sintática para complemento nominal ou sujeito passivo. Nas opções A, D e E, "dignidade" se transforma em sujeito de voz passiva analítica; na C, em sujeito de voz passiva sintética; na B, em complemento nominal. Mais uma vez não chegamos à resposta. Partamos agora para uma última análise: "Moedas" funciona como sujeito ativo, podendo transformar-se em agente da

passiva ou adjunto adnominal. Nas alternativas A, D e E, o termo se transformou em agente da passiva. Na opção B, continuou sendo sujeito da voz ativa. Na alternativa C, o sujeito ativo (termo que praticava a ação) foi transformado em adjunto adverbial de instrumento, ou seja, o termo perdeu sua carga semântica – de praticar a ação – e passou a ter o valor de ser um instrumento utilizado para se praticar a ação.

05. **(TJ / NCE / Técnico Judiciário Juramentado)**

"...a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana."; reescrevendo-se este segmento do texto com a manutenção de seu sentido original, temos como forma adequada:

a) a natureza humana necessita da vida em sociedade;

b) a vida em sociedade necessita da natureza humana;

c) a necessidade da natureza humana é uma vida em sociedade;

d) uma necessidade da natureza humana é a vida em sociedade;

e) a natureza humana é necessária à vida em sociedade.

Gabarito: A

As alternativas B e E são absurdas, contradizendo totalmente a ideia do segmento, não merecendo grandes análises. Normalmente, o candidato fica em dúvida entre as opções A, D e E. Quando o texto diz "...a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana.", fica claro que "uma necessidade da natureza humana" está apenas qualificando "a vida em sociedade", não entrando no mérito se existem outras necessidades ou não. A simples inversão proposta na alternativa D sugere uma situação sutilmente diferente do texto, pois quando se informa que "uma necessidade da natureza humana é a vida em sociedade", torna-se evidente a existência de várias necessidades, uma delas é a vida em sociedade. Na opção C, por sua vez, sendo redigido que "a necessidade da natureza humana é uma vida em sociedade", há a sugestão de que a única necessidade da natureza é uma vida em sociedade, distanciando-se semanticamente da ideia exposta no texto. A alternativa A não altera o sentido original, modificando tão somente a função sintática de alguns elementos. O termo "da natureza humana", possuindo valor agente, funciona como adjunto adnominal e é transformado em sujeito ativo – se é uma necessidade da natureza humana, obviamente a natureza humana necessita. Por fim, fica evidente que, tal qual ocorre no segmento original, diz-se apenas que a natureza humana necessita da vida em sociedade, não sugerindo se necessita

também de mais alguma coisa ou não.

Capítulo 4

Coesão Textual

De uma visão mais ampla (genérica) para uma mais específica (particular), podemos analisar um texto como uma sequência de parágrafos; cada parágrafo, uma sequência de períodos; cada período, uma sequência de palavras. Toda essa estrutura compõe o famoso tecido textual que, bem desenvolvido, permite o entendimento da situação comunicativa. Tudo isso envolve, indiscutivelmente, união entre as partes (palavras). E neste exato momento começamos a pensar em coesão.

Um texto bem construído não permite que o leitor perca a sequência dos fatos, tampouco a relação entre os conjuntos. Em tal situação, fica configurada a coesão. Qualquer elemento que faça a ligação entre os fragmentos do texto possui função coesiva. Em outras palavras, para que seja possível o entendimento de um texto não é apenas suficiente uma sequência de frases bem escritas é, antes de tudo, necessário que elas se relacionem de forma harmônica, permitindo a compreensão do texto integralmente. Enfim, essa conexão interna entre os vários enunciados do texto denomina-se coesão. Ela pode acontecer por meio de conectores sintáticos ou por fatores semânticos. O primeiro é o que se entende por coesão sequencial e o segundo por coesão referencial.

4.1. COESÃO REFERENCIAL

Dos vários métodos de coesão textual, um destaque deve ser dado à s expressões do nosso vernáculo que têm a finalidade específica de fazer apontamentos, isto é, referenciação, remetendo a algum outro termo. Tal método coesivo recebe o nome de coesão referencial.

Na **coesão referencial**, lidaremos com as chamadas palavras fóricas (do grego "levar", "trazer"), isto é, palavras que remetem a algum outro elemento.

4.1.1. Remissão endófora

ENDO (DENTRO) E FORA (REFERENCIAÇÃO) = REFERENCIAÇÃO DENTRO.

DENTRO DE QUÊ? DO TEXTO. LOGO, REMISSÃO INTRATEXTUAL.

Essa relação semântica textual se faz com palavras referenciais. São elas: pronomes demonstrativos, pronomes possessivos, pronomes pessoais de terceira pessoa, pronomes relativos ou expressões nominais equivalentes.

A endófora se divide em duas: anáfora e catáfora.

- anáfora – quando a referência é feita a algum elemento que está na porção anterior do texto. A anáfora tem por objetivo **recuperar (atualizar)** semanticamente um elemento que já estava no texto, com todas as informações de que ele já se revestia.
- catáfora – quando a referência aponta para frente, no texto. A catáfora têm a função de sinalizar um termo que ainda vai aparecer no texto.

4.1.2. Remissão exófora

EXO (FORA) E FORA (REFERENCIAÇÃO) = REFERENCIAÇÃO FORA. FORA DE QUÊ? DO TEXTO. LOGO, REMISSÃO EXTRATEXTUAL.

Na interlocução, um falante (primeira pessoa: emissor, locutor, enunciador) se dirige a um ouvinte (segunda pessoa: receptor, interlocutor, enunciatário). Esses "agentes" da situação comunicativa são marcados por palavras ou expressões referenciais (fóricas)

Verificaremos agora que a coesão pode ser feita de três formas: coesão referencial pronominal, coesão referencial lexical e coesão referencial por elipse.

4.2. COESÃO REFERENCIAL PRONOMINAL

Ex.: Passa o candidato que estuda.

Nessa frase, há duas orações. Em ambas, o termo "candidato está presente. O recurso para evitar sua repetição foi o emprego do pronome relativo QUE em seu lugar. Repare, inclusive, que podemos substituir QUE por O QUAL. O pronome relativo O QUAL recebe a forma masculina e singular, porquanto se refere ao termo O CANDIDATO. Se o termo a que estivesse se referindo fosse A PESSOA, já receberia a forma A QUAL.

Ex:. Eu conheço os que estavam presentes.

Nesse período, o pronome relativo QUE possui como antecedente o

demonstrativo OS – que pode ser substituído pelo demonstrativo AQUELES. É fundamental não se olvidar que pronome relativo e pronome demonstrativo nunca podem estar na mesma oração, sendo que o antecedente do relativo será sempre o demonstrativo, mesmo que este esteja combinado a uma preposição.

Ex:. Os alunos devem confiar no que nós ensinamos.

Nesse período, NO é a contração da preposição EM com o pronome demonstrativo O (aquilo), podendo ser substituído por NAQUILO. Em tal situação, o antecedente do relativo QUE é somente o demonstrativo O que deve ser separado da preposição EM.

Ex.: Eu me referi ao que ele disse.

AO é a combinação da preposição A com o demonstrativo O, que pode ser substituído pelo demonstrativo ÀQUILO. Inclusive, caso se substitua AO por ÀQUILO, o demonstrativo ÀQUILO deve ocorrer com acento grave, justamente por se estar fazendo a combinação A + AQUILO. No entanto, o antecedente do relativo é apenas o demonstrativo já desmembrado da preposição. Sendo assim, o antecedente do QUE é somente o demonstrativo O.

Ex.: João e Maria eram excelentes alunos. Esta passou no concurso para a receita e aquele para o Instituto Rio Branco.

O pronome demonstrativo ESTA refere-se ao termo mais próximo (Maria); já o demonstrativo AQUELE tem como antecedente o termo mais remoto (João).

Ex.: Perguntaram se eu entreguei o material, mas não o fiz.

O pronome demonstrativo O – que pode ser substituído por ISSO – refere-se ao fato – Ã oração – de "eu entregar o material". Eu não o (entregar o material) fiz. Eu não fiz isso (entregar o material).

Ex.: Procurei o livro de Contabilidade sugerido, mas não o encontrei.

O pronome pessoal oblíquo O refere-se ao termo "o livro de Contabilidade". Não encontrei o livro de Contabilidade.

Ex.: Zico foi o meu maior ídolo. Ele iniciou a carreira quando eu comecei a acompanhar futebol.

O pronome pessoal reto ELE refere-se a Zico.

Obs.: Em todas as situações apresentadas, o elemento coesivo possuía valor anafórico, ou seja, é justamente a capacidade de fazer referência ou representar termos antecedentes expostos no contexto. Todavia, há também o emprego de

termos com valor catafórico, que anunciam termos apresentados posteriormente no contexto.

Ex.: Só direi estas palavras: não se atrase.

Repare que o termo ESTAS PALAVRAS refere-se Ã oração que vem a seguir – NÃO SE ATRASE.

Ex.: Ele nunca nos falta, quando precisamos. Deus é único.

O pronome ELE refere-se ao termo DEUS inserido posteriormente no contexto.

Obs.: Há também os elementos de caráter dêitico (dêixis), que expressam situações externas ao texto. São referências de tempo e lugar relacionadas geralmente com a época ou com o local em que o texto foi redigido. Termos como AMANHÃ, ONTEM, AQUI, LÁ… expressam relações de dêixis.

Ex.: Ocorreu ontem (dia anterior Ã confecção do texto) uma grande manifestação.

Ex.: Aqui (local onde o autor está escrevendo o texto) chove muito.

Ex.: Este livro (o livro está próximo do emissor da mensagem) é muito interessante.

Ex.: Esse livro (o livro está próximo do receptor da mensagem) é muito interessante.

Ex.: Aquele livro (o livro está próximo do terceiros – de quem se fala) é muito interessante.

BIZU

Os termos endofóricos representam a soma dos anafóricos e catafóricos. Fazem referência a elementos presentes no texto, anteriores (anafóricos) ou posteriores (catafóricos). Já os termos exofóricos sugerem relação com termos externos ao texto, equivalendo-se aos dêiticos.

4.3. EXERCÍCIOS

BIZU PARA QUESTAO

A ESAF já fez muitas provas em que era exigido do candidato a montagem ou a continuação do texto. É recomendável no caso usar primeiramente a coesão e depois a coerência. Nas questões de montagem de textos, o passo prévio é observar se há, nos tópicos, elementos remissivos (termos que façam referência a expressões anteriores). Caso isso ocorra, o tópico não pode iniciar o texto. Por exemplo: Se você se deparar

com o tópico "Entretanto, não houve tempo para resolver o problema.", já se pode ter a certeza de que não pode estar no início do texto, já que a conjunção ENTRETANTO indica uma oposição a algo outrora aludido. Caso se posicione no princípio, vai opor-se a quê? Também o tópico "Eles não indicaram a saída." Não pode postar-se no início do verbete, uma vez que o pronome pessoal ELES refere-se a pessoas já mencionadas. Outra estrutura que não pode localizar-se no início é: "Não conseguiram demonstrá-la." Aí ocorrem dois fatos que obstam o posicionamento inicial: o verbo na terceira plural referindo-se a pessoa já apresentadas no texto, e o pronome oblíquo A em DEMONSTRÁ-LA que indica a ocorrência de elemento feminino e singular antecedente. A partir de então, você deve partir para as alternativas. Há questões que, ao se vislumbrar o primeiro tópico, já se chega Ã resposta.

Considere o texto abaixo para responder ã questão 1.

De teor histórico-filosófico, os livros de M. Foucault investigam, em determinadas sociedades e em determinados períodos, quais os modos efetivos e historicamente variáveis de produção de verdade. Uma consideração que se estende para a sociedade moderna, a partir das suas instituições, diz respeito ao que podemos identificar como o traço fundamental, comum a todas elas e que, certamente, é aplicável a toda sociedade. Trata-se do princípio da visibilidade. A um tempo global e individualizante, a visibilidade constitui uma espécie de princípio de conjunto. À primeira vista sinal de transparência e de revelação da verdade, pode-se contudo questionar se o gesto de mostrar-se, de deixar-se ver, significaria uma postura despojada de desvelamento da verdade de cada um ou se o desnudamento de si mesmo não seria uma injunção, se a exposição de si não encobriria uma certa imposição decorrente das regras que regem nosso modo de produção da verdade. Acrescentemos que a investigação que quer melhor compreender nossa época não pretende apenas situá-la pela sua diferença com o que a precede, mas também, eobretudo, instigar mudanças que, a partir e do interior do nosso presente, possam inaugurar perspectivas outras na direção do que está por vir.

(Salma T. Muchail, A produção da verdade. Filosofi a especial, n. 08, p. 7, com adaptações)

01. **AGENTE DA FAZENDA – No desenvolvimento do texto, a função do pronome relativo QUE é:**

a) na linha 4, retomar "instituições"(l.4);

b) na linha 14, retomar "o"(l.13 – primeira ocorrência);

c) na linha 11, retomar “imposição”(l.12);

d) na linha 5, retomar “todas elas”(l.5);

e) na linha 15, retomar “perspectivas” (l.16).

Gabarito: B

Na alternativa A, o pronome relativo QUE tem como antecedente o demonstrativo O, que está contraído Ã preposição A.

Na alternativa B, conforme exposto na parte teórica desse capítulo, ocorre a mesma situação da alternativa A, com uma pequena diferença. Na A, o pronome demonstrativo estava contraído a uma preposição. Na B, o pronome demonstrativo ocorre sem preposição. É de bom alvitre não olvidar que, quando há demonstrativo e relativo juntos, o antecedente do relativo é o demonstrativo, mesmo que este esteja contraído a uma preposição.

Na alternativa C, o pronome relativo QUE refere-se a “as regras”.

Na alternativa D, o pronome relativo QUE tem como antecedente o demonstrativo O (linha 4), o mesmo da alternativa A. Tal fato ocorre, visto que a conjunção E estabelece um paralelismo entre as duas orações.

Na alternativa E, o pronome relativo QUE refere-se ao demonstrativo O, que se encontra contraído Ã preposição DE.

Leia o texto abaixo para responder Ã questão 2.

A segunda metade dos anos 1990 foi caracterizada por crises nos países emergentes: México, Rússia, Brasil e Argentina. Em todos os casos, os países recorreram ao Fundo Monetário Internacional (FMI) para resolver seus problemas de endividamento externo e tiveram que se submeter a rigorosos programas de ajuste fiscal (redução de gastos públicos e aumento de impostos) e das contas externas exigidos pela organização. Após o período de retração do nível de atividade e aumento do desemprego, durante o qual a relação dívida/PIB e os déficits fiscais se acomodaram em níveis compatíveis com a capacidade de financiamento, todos os países, Ã exceção da Argentina, entraram em trajetória de crescs mento, com estabilidade de preços. Como os fundamentos fiscais e monetários destes países estavam fortes, com equilíbrio fiscal, relação dívida/PIB e inflação sob controle, seus governos e bancos centrais puderam adotar políticas fiscais, monetárias, de crédito mais frouxas, que reverteram a trajetória de queda já no segundo trimestre de 2009.

(José Márcio Camargo, Tragédia grega. Istoé, 10/02/2010, com adaptações)

02. **Analista Técnico Susep – Esaf – Assinale a opção em que os três termos remetem, por coesão textual, ao mesmo referente.**

a) "países emergentes"(l.1 e 2) – "os países"(l.2) – "se"(l.4)

b) "todos os casos"(l.2) – "problemas de endividamento externo"(l.2 e 3) – "seus"(l.12)

c) "Fundo Monetário internacional"(l.2 e 3) – "seus"(l.4) – "organização"(l.7)

d) "desemprego"(l.7) – "o qual"(l.7) – "se"(l.8)

e) "equilíbrio fiscal"(l.11) – "políticas…de crédito"(l.12 e 13) – "que"(l.13)

Gabarito: A.

Na opção A, os três termos se referem a México, Rússia, Brasil e Argentina.

Na opção B, o termo "todos os casos" remete Ã crise. O segundo termo não possui referente; se o termo englobasse o possessivo, remeteria a "os países". O pronome SEUS refere-se a México, Rússia e Brasil.

Na opção C, Fundo Monetário Internacional não remete a nenhum termo, pelo contrário, termos seguintes remeterão a ele; SEUS refere-se a "os países"; ORGANIZAÇÃO refere-se a Fundo Monetário Internacional.

Na D, DESEMPREGO não remete a outros termos; O QUAL refere-se a "o período de retração do nível de atividade e aumento do desemprego"; o pronome SE tem caráter reflexivo, remetendo a "a relação dívida/PIB e os déficits fiscais".

Na E, EQUILÍBRIO FISCAL não tem referente; o segundo termo também não possui referente; QUE remete a "políticas fiscais, monetárias, de crédito mais frouxas".

03. **(FGV / BESC / Advogado)**

"Mas, enquanto isso, no mercado financeiro, os bancos pensam em como superar um dilema."

O pronome grifado na frase acima exerce uma função anafórica. Assinale a alternativa em que isso NÃO ocorra.

a) Chegamos no dia 23 às 22 horas. **Nessa** noite, as estrelas pareciam brilhar mais do que o costume.

b) Nossas dúvidas residem **nisto**: não saber equacionar problemas.

c) Os sistemas de busca estão atualizados. Em **tais** sistemas, é possível selecionar o idioma de preferência.

d) Nada há para julgar. **Isso** resolve mais facilmente o nosso problema.
e) Os amantes e os amados vivem em desencontros. **Estes** vivem, sem dúvida, mais perdidos que aqueles.

Gabarito: B

Na alternativa A, o pronome NESSA, em nessa noite, refere-se Ã noite do dia 23, elemento citado anteriormente. Na alternativa C, O pronome TAIS, em tais sistemas, refere-se a "Os sistemas de busca". Na alternativa D, ISSO remete Ã oração anterior: ao fato de não haver nada para julgar. Na alternativa E, o pronome ESTES refere-se a "os amantes e os amados". Portanto, em todas essas alternativas, o pronome tem caráter anafórico. Na alternativa B, o pronome NISTO refere-se a um termo posterior: não saber equacionar problemas. Sendo assim, o pronome NISTO possui caráter catafórico.

04. **(FGV-MS / Fiscal de Rendas)**

Nas atuais condições em que exerce a sua hegemonia, a direita "moderada" conseguiu infiltrar seus critérios no discurso da esquerda "moderada".

A palavra seus no trecho acima tem valor:

a) anafórico;
b) anastrófico;
c) catafórico;
d) hiperbólico;
e) paragramático.

Gabarito: A

O pronome SEUS refere-se a "direita moderada". Observe: são critérios da direita moderada. Sendo assim, como o pronome refere-se a um termo antecedente, possui caráter anafórico.

05. **(NCE / ANAC)**

Segundo o Ministério da Saúde, em janeiro de 2003 havia 51.760 pessoas na lista de espera para transplante. Dado o tamanho do país – e, infelizmente, o grau de violência – seria de se esperar que o auxílio viesse rápido. De certa forma, a população está mais sensibilizada para o problema. O número de doações cresce desde 1997. De lá até o ano passado, saltamos de 3.932 para 8.031 transplantes realizados.

Entre as alternativas abaixo, aquela que apresenta um termo sublinhado de valor dêitico:

a) "seria de se esperar que o auxílio viesse rápido";

b) "a população está mais sensibilizada para o problema";

c) "De lá até o ano passado…";

d) "De lá até o ano passado";

e) "mas precisa fazer mais".

Gabarito: D

Questão muito interessante, elaborada para o candidato ficar em dúvida entre as alternativas C e D. "Lá" refere-se ao ano "1997", citado anteriormente no texto, portanto tem caráter anafórico. Já o termo "o ano passado" corresponde ao ano anterior, àquele em que o texto foi redigido (elemento externo ao texto). Sendo assim, a expressão "o ano passado" (só pelo texto não há como saber exatamente o ano, pois não há qualquer tipo de menção a ele) possui caráter dêitico.

06. **(FGV-RJ / Fiscal de Rendas)**

Esse raciocínio baseia-se, contudo, numa falsa comparação. Primeiramente, porque a alocação de novos recursos nada tem a ver, em princípio, com o impacto tecnológico. O avanço deste não acarreta necessariamente impacto positivo daquela.

No trecho "O avanço deste não acarreta necessariamente impacto positivo daquela.", os demonstrativos exercem, respectivamente, função:

a) anafórica e catafórica;

b) catafórica e catafórica;

c) anafórica e anafórica;

d) catafórica e anafórica;

e) dêitica e dêitica.

Gabarito: C

O pronome DESTE refere-se a "o impacto tecnológico", termo já mencionado, portanto é anafórico. DAQUELA remete a "a alocação de novos recursos", termo também já mencionado anteriormente no texto, possuindo, portanto, valor anafórico.

07. **(FGV / MEC)**

"O movimento altermundialista se vê diante da crise da globalização

capitalista em sua fase neoliberal. Essa crise não é uma surpresa para o movimento; ela estava prevista e era anunciada há muito tempo."

Assinale a alternativa em que o termo, no trecho acima, não resgate um termo anterior.

a) sua.
b) Essa.
c) movimento.
d) ela.
e) há.

Gabarito: E

O pronome SUA, constante na alternativa A, refere-se a "a globalização capitalista". O pronome ESSA, na opção B, refere-se a "a crise da globalização capitalista em sua fase neoliberal". O termo O MOVIMENTO, na alternativa C, é remissivo a "O movimento altermundialista". O pronome ELA, na opção D, remete a "a crise". A forma verbal HÁ não se refere a qualquer elemento anterior, exprimindo valor de tempo decorrido.

08. **(FGV / Senado Federal / Técnico Administrativo)**

"Portanto, trata-se de ver aquilo que é melhor ao cidadão."

A respeito do período acima, analise os itens a seguir:

I. **O pronome aquilo tem valor catafórico.**
II. **A palavra Portanto tem valor conclusivo.**
III. **A palavra melhor classifica-se como adjetivo.**

Assinale:

a) se somente os itens I e III estiverem corretos;
b) se somente os itens II e III estiverem corretos;
c) se nenhum item estiver correto;
d) se todos os itens estiverem corretos;
e) se somente os itens I e II estiverem corretos.

Gabarito: B

No item I, o pronome AQUILO não se refere a elementos posteriores, não possuindo, por conseguinte, valor catafórico. ERRADO

No item II, PORTANTO é conjunção coordenativa conclusiva. ERRADO

No item III, MELHOR é adjetivo, podendo até ser flexionado, caso o sujeito ocorresse no plural: "ver aquelas situações que são melhores para o cidadão". CERTO

09. **(FGV / Perito da Polícia Civil)**

"Ademais, e este talvez seja o ponto principal, se o que está em tela é o modelo que possibilitou a realização da hidrelétrica de San Francisco no Equador, por meio da geração de empregos no Brasil e da exportação de bens e serviços brasileiros de alto valor agregado, longe estamos de uma situação em que o interesse nacional brasileiro não esteja sendo atendido."

"A América do Sul é nosso destino – disso já sabiam governantes brasileiros antes da atual administração. A ênfase que lhe é dada hoje tem trazido benefícios importantes."

Os pronomes grifados nos trechos acima têm papel, respectivamente:

a) catafórico e catafórico;
b) anafórico e catafórico;
c) anafórico e anafórico;
d) dêitico e anafórico;
e) dêitico e catafórico.

Gabarito: Anulada

A questão foi anulada porque o pronome demonstrativo ESTE possui valor catafórico – refere-se a todo o fragmento posterior "se o que está em tela é o modelo que possibilitou a realização da hidrelétrica de San Francisco no Equador, por meio da geração de empregos no Brasil e da exportação de bens e serviços brasileiros de alto valor agregado, longe estamos de uma situação em que o interesse nacional brasileiro não esteja sendo atendido."

Já o pronome disso possui valor anafórico, pois se refere a "A América do Sul é o nosso destino.".

Destarte, a resposta certa seria CATAFÓRICO E ANAFÓRICO.

10. **(NCE)**

"A descoberta da América pelos europeus, nos fins do século quinze, deu lugar a uma transplantação da cultura europeia para este Continente. Tal empreendimento constitui, porém, uma aventura impregnada de duplicidade."

"Proclamavam os europeus ao aqui chegarem para expandir nestas plagas o

cristianismo…”

“… movia-os o propósito de exploração e fortuna. A história do período colonial é a história desses dois objetivos a se ajudarem mutuamente na tarefa real e não confessada da espoliação continental.”

“Nascemos, assim, divididos entre propósitos reais e propósitos proclamados. A essa duplicidade da própria sociedade nascente, dividida entre senhores e escravos…”

A seguir, cada um deles é classificado, quanto Ã função textual, na ordem em que ocorrem. Assinale a opção correta.

a) dêitico; dêitico; anafórico; anafórico, anafórico.

b) dêitico; anafórico; anafórico; anafórico, dêitico.

c) anafórico; dêitico; dêitico, anafórico; dêitico.

d) dêitico; dêitico; dêitico; anafórico; dêitico.

e) anafórico; dêitico; dêitico; anafórico; anafórico.

Gabarito: E

O pronome TAL remete ao termo “A descoberta da América pelos europeus” – anafórico; o advérbio AQUI refere-se ao país de nacionalidade do autor – dêitico; O pronome demonstrativo NESTAS, em NESTAS PLAGAS, refere-se às plagas onde o autor se encontra – dêitico; O pronome demonstrativo DESSES, em desses dois objetivos, remete ao antecedente “exploração e fortuna” – anafórico; o pronome demonstrativo ESSA, em “essa duplicidade”, refere-se ao antecedente “propósitos reais e propósitos proclamados” – anafórico.

4.4. COESÃO REFERENCIAL LEXICAL

É a coesão que se estabelece pela conexão dos sentidos dos termos envolvidos no texto, assim, esse tipo de coesão se dá pelas relações de sinonímia, antonímia, hiperonímia e hiponímia.

4.4.1. Sinonímia, antonímia, hiperonímia e hiponímia

Precisamos ter em mente que, apesar de alguns termos possuírem seus sinônimos e antônimos facilmente identificáveis como acontece em ‘bonito x belo’ e ‘feio e belo’, muitas das vezes, as provas de concursos trabalham com sinônimos e antônimos que se adéquam ao contexto em que os termos estão inseridos. Por

isso, precisamos saber identificar determinado vocábulo no texto e não apenas substituí-lo como um sinônimo ou antônimo. Por exemplo, é natural que consideremos que o vocábulo 'velho' seja um antônimo perfeito para 'novo', por isso, podemos entender que o antônimo de 'encontrei um homem **velho**' é 'encontrei um homem **novo**'. Por outro lado, se temos a situação 'não coma o pão que está **velho**', utilizaríamos como antônimo o vocábulo 'fresco' em 'hoje comprei um pão **fresco**'. Percebemos assim que os vocábulos devem ser utilizados de forma adequada ao contexto em que se inserem, pois, se na primeira situação, nós utilizássemos o termo 'fresco' em vez de 'novo', não estaríamos apresentando um antônimo apropriado Ã situação.

A sinonímia nos textos acontece nas relações de hiperonímia e de hiponímia. Vejamos os vocábulos a seguir:

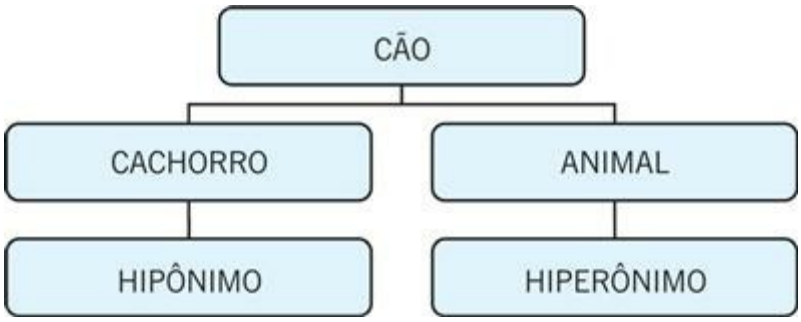

Observe que tanto 'cachorro' quanto 'animal' são termos que funcionam como sinônimos do termo 'cão', entretanto, 'cachorro' substitui 'cão' de forma mais específica do que o termo 'animal', que poderia substituir outros bichos como gato, pássaro e peixe. Assim, podemos concluir que hiperônimos são termos que substituem de forma mais genérica vocábulos que estão no mesmo campo semântico, enquanto que os hipônimos substituem de forma mais específica.

Dessa forma, podemos concluir que o hiperônimo contém as características genéricas de uma determinada classe (por exemplo, matéria); o hipônimo é um elemento específico que comunga dessas características genéricas, sem deixar de possuir os seus próprios traços diferenciadores (por exemplo, Português, Matemática, Geografia são hipônimos de matéria). Veja outros exemplos:

HIPERÔNIMOS	HIPÔNIMOS
Animal	Gato, cachorro, papagaio
Louça	Garfo, faca, colher

Profissional	Engenheiro, médico, professor
Esporte	Futebol, vôlei, basquete

Além das possibilidades de substituição acima, devemos considerar a coesão estabelecida por meio das perífrases. As expressões também servem para substituir termos antecedentes, mas não são de fato sinônimos perfeitos, como, por exemplo, no trecho:

Ex.: **Silvano Eustáquio** é o melhor presidente que um time poderia ter. O **presidente do Palmeiras**, Silvano Eustáquio, afirmou que o time tem todas as condições para ganhar o campeonato.

O nome próprio 'Silvano Eustáquio' foi substituído por 'presidente do Palmeiras' possibilitando a não repetição do termo e, principalmente, mantendo a coesão textual harmônica. O mesmo processo pode ser observado no exemplo abaixo:

Ex.: Castro Alves é autor de uma vastíssima obra literária. Não é por acaso que o **"Poeta dos Escravos"** é considerado o mais importante da geração a qual representou.

A expressão 'Poeta dos escravos' serve para substituir o nome 'Castro Alves', isso evita que o nome seja repetido e garante a manutenção da coesão textual.

4.5. COESÃO REFERENCIAL POR ELIPSE

A coesão também pode ser realizada por elipse. Elipse é um tipo de figura de linguagem que permite a supressão de um termo facilmente subentendido no texto. Vejamos:

Ex.: As crianças nunca se cansam. **Brincam** o dia inteiro e **saem** a toda hora.

Ex.: Os bandidos sempre quando são presos fazem cara de santo. Depois que a situação piora **ficam** implorando por perdão.

Ex.: Nós íamos conseguir o que desejávamos, mas **perdemos** por não **termos** paciência.

Note que antes dos verbos destacados o sujeito foi omitido, mas pode ser facilmente identificado uma vez que já foi expresso anteriormente.

4.6. EXERCÍCIOS

01. **(VUNESP / TJ – SP)**

A palavra empresa é um sinônimo genérico de Proter & Gamble, no texto. A alternativa que apresenta, também, esse tipo de sinonímia, é:

a) automóvel – veículo;
b) automóvel – carro;
c) geladeira – refrigerador;
d) fotografia – foto;
e) motocicleta – moto.

Gabarito: A

A expressão Proter & Gamble é hipônimo de empresa. Empresa é hiperônimo de Proter & Gamble. Nas alternativas B e C, os termos são sinônimos absolutos. Nas alternativas D e E, os vocábulos foto e moto são abreviaturas de fotografia e motocicleta. Na alternativa A, automóvel é hipônimo de veículo – existem vários veículos (caminhão, motocicleta, ônibus, lambreta…) –, e automóvel (hipônimo), que é apenas um deles, especifica qual veículo é.

02. **(CEPUERJ / Técnico de Enfermagem)**

"… Evite ingerir o medicamento juntamente com alimentos (…) Evite também ingerir álcool durante o tratamento, pois o uso de XXXXXX com álcool é tóxico para o fígado.."

O emprego da palavra "medicamento" em substituição a "XXXXXX" constitui caso de:

a) sinonímia;
b) hiponímia;
c) antonímia;
d) aiperonímia.

Gabarito: B

XXXXXX é hipônimo de medicamento, pois é o nome do medicamento. Medicamentos (hiperônimo) existem vários, XXXXXX é apenas um deles. XXXXXX representa uma especificação de qual medicamento se trata.

4.7. COESÃO SEQUENCIAL

É a coesão normalmente feita por conjunções, ligando termos, orações ou períodos,

estabelecendo entre eles uma relação de sentido. Torna-se imperioso esclarecer que esse tipo de coesão não tem como escopo retomar ou representar termos antecedentes, mas, sim, ligar a construção anterior Ã seguinte, estabelecendo entre elas uma relação de sentido. Quando uma oração é introduzida pela conjunção ENTRETANTO, já se sabe que o fragmento está em oposição a algo citado anteriormente. Ao observar a presença da conjunção ENQUANTO, já se imagina que dois fatos estão acontecendo simultaneamente. A ocorrência do conector JÁ QUE sugere que a ideia introduzida indicará uma causa para um fato anteriormente relatado. Já o conector PORTANTO indica que a oração em que ocorre é uma conclusão para algo citado anteriormente.

Ex.: Ele estava doente, entretanto não faltou ao trabalho.

Todos prestavam atenção, enquanto João falava.

Já que estão todos presentes, podemos começar a aula.

Pedro faltou ao trabalho, portanto deve estar doente.

4.8. COESÃO SEQUENCIAL

01. **(Esaf / CVM / Analista)**

Tradicional defensor de instrumentos ortodoxos de política econômica, o Fundo Monetário Internacional (FMI) admitiu o uso de controles de capital para combater a formação de bolhas financeiras e o fluxo exagerado de investimentos estrangeiros que valorizam excessivamente as moedas nacionais em relação ao dólar. Entre as opções, está a tributação do ingresso de recursos, caminho escolhido pelo Brasil, que elevou de 4% para 6% a alíquota do imposto de operações financeiras (IOF) nas aplicações de renda fixa. Outra possibilidade é a proibição de retirada do dinheiro por um tempo determinado, como fez o Chile. Por enquanto a equipe econômica brasileira resiste em adotar este passo, pois, para o economista americano J. L., o reforço no balanço orçamentário e as ações de caráter mais estrutural são, muitas vezes, as respostas mais adequadas para o aumento de fluxos. "Mas pode haver circunstâncias em que os controles cambiais sejam úteis, numa medida temporária, para lidar com esse crescimento de capital", afirma.

(Adaptado de Correio Braziliense, 19 out. 2010.)

Na organização das relações de coesão e coerência no texto, a

expressão

a) "caminho escolhido pelo Brasil"(l.5) retoma a ideia de "tributação do ingresso de recursos" (l.5).

b) "fluxo exagerado de investimentos estrangeiros" (l.3) retoma a ideia de "bolhas financeiras" (l.3).

c) "ações de caráter mais estrutural"(l.10) retoma a ideia de "bolhas financeiras"(l.3).

d) "controles cambiais" (l.12) retoma a ideia de "ações de caráter mais estrutural" (l.10).

e) "esse crescimento de capital" (l.13) retoma a ideia de "aplicações de renda fixa" (l.7).

Gabarito: A

Na opção A, pela construção frasal, fica que a expressão) "caminho escolhido pelo Brasil"(l.5) retoma a ideia de "tributação do ingresso de recursos".

Na opção B, o termo "fluxo exagerado de investimentos estrangeiros" não remete a qualquer outra expressão.

Na opção C, "ações de caráter mais estrutural" também não possui referente.

Na opção D, "controles cambiais" retoma a ideia de "a tributação do ingresso de recursos" e de "retirada do dinheiro por um tempo determinado".

Na opção E, a expressão "esse crescimento de capital" refere-se a "a formação de bolhas financeiras e o fluxo exagerado de investimentos estrangeiros que valorizam excessivamente as moedas nacionais em relação ao dólar.".

02. **(Esaf / RJ / Fiscal de Rendas)**

O texto abaixo serve de base para a questão 4

Com o advento do Estado Social e Democrático de Direito, ganhou força a tese que defende a necessidade de interpretar a relação jurídica tributária de forma contextualizada com o valor constitucional da solidariedade social. Isso não significa, porém, que a busca da solidariedade social prevalecerá sempre sobre todas as demais normas constitucionais, pois sempre existirão situações em que restará configurada a supremacia de outros valores, também positivados no texto constitucional.

A solidariedade de que trata a Constituição, no entanto, é a solidariedade genérica, referente Ã sociedade como um todo, em oposição Ã solidariedade de

grupos sociais homogêneos, a qual se refere a direitos e deveres de um grupo social específico. Por força da solidariedade genérica, é lógico concluir que cabe a cada cidadão brasileiro dar a sua contribuição para o financiamento do "Estado Social e Tributário de Direito".

Infelizmente, é um fato cultural e histórico o contribuinte ver na arrecadação dos tributos uma "subtração", em vez de uma contribuição a um Erário comum. Diante disso, o tema da solidariedade é fundamental, porque leva a uma reflexão sobre as razões pelas quais se pagam tributos, ou porque deva existir uma lealdade tributária.

(Daniel Prochalski, Solidariedade social e tributação. http://jus2.uol.com.br/Doutrina/texto, acesso em 9/6/2010, com adaptações)

Assinale a opção correta a respeito das relações de coesão no texto.

a) Por meio do pronome "Isso"(l.3) retoma-se a ideia de "advento do Estado Social e Democrático de Direito"(l.1).

b) O substantivo "situações"(l.5) resume e retoma as relações entre "o advento do Estado Social e Democrático de Direito"(l.1) e "o valor constitucional da solidariedade social"(l.3).

c) Por meio do pronome "a qual"(l.10), retoma-se "sociedade" (l.9)

d) A expressão "outros valores"(l.6) refere-se a valores que constam do texto constitucional.

e) É classificado como "cultural e histórico"(l.14) o fato de cada cidadão brasileiro dar sua contribuição para o financiamento do Estado.

Gabarito: D

Na alternativa A, o pronome ISSO refere-se a "ganhou força a tese que defende a necessidade de interpretar a relação jurídica tributária de forma contextualizada com o valor constitucional da solidariedade social.".

Na alternativa B, o termo situações não retoma termos antecedentes, mas aponta para "em que restará configurada a supremacia de outros valores, também positivados no texto constitucional.", redigido a seguir.

Na alternativa C, o pronome relativo A QUAL retoma a "solidariedade de grupos sociais homogêneos".

Na opção D, a expressão "outros valores" retoma "demais normas (valores) constitucionais".

Na opção E, a expressão "cultural e histórico" qualifica o fato de "o contribuinte ver na arrecadação dos tributos uma "subtração", em vez de uma contribuição a um Erário comum.".

03. **(Cespe / UnB / MPU / Analista Administrativo)**

Inovar é recriar de modo a agregar valor e incrementar a eficiência, a produtividade e a competitividade nos processos gerenciais e nos produtos e serviços das organizações. Ou seja, é o fermento do crescimento econômico e social de um país. Para isso, é preciso criatividade, capacidade de inventar e coragem para sair dos esquemas tradicionais. Inovador é o indivíduo que procura respostas originais e pertinentes em situações com as quais ele se defronta. É preciso uma atitude de abertura para as coisas novas, pois a novidade é catastrófica para os mais céticos. Pode-se dizer que o caminho da inovação é um percurso de difícil travessia para a maioria das instituições. Inovar significa transformar os pontos frágeis de um empreendimento em uma realidade duradoura e lucrativa. A inovação estimula a comercialização de produtos ou serviços e também permite avanços importantes para toda a sociedade. Porém, a inovação é verdadeira somente quando está fundamentada no conhecimento. A capacidade de inovação depende da pesquisa, da geração de conhecimento. É necessário investir em pesquisa para devolver resultados satisfatórios Ã sociedade. No entanto, os resultados desse tipo de investimento não são necessariamente recursos financeiros ou valores econômicos, podem ser também a qualidade de vida com justiça social.

Luís Afonso Bermúdez. O fermento tecnológico. In: Darcy. Revista de jornalismo científico e cultural da Universidade de Brasília, novembro e dezembro de 2009, p. 37 (com adaptações).

Considerando a organização das ideias e estruturas linguísticas do texto, julgue os seguintes itens.

1. Na linha 6, o segmento "as quais" remete a "situações" e, por isso, admite a substituição pelo pronome que; no entanto, nesse contexto, tal substituição provocaria ambiguidade.
2. O período sintático iniciado por "Inovar significa" (L.9) estabelece, com o período anterior, relação semântica que admite ser explicitada pela expressão Por conseguinte, escrevendo-se: Por conseguinte, inovar significa (…).
3. Subentende-se da argumentação do texto que o pronome demonstrativo, no

trecho “desse tipo de investimento” (L. 15), refere-se Ã ideia de “fermento do crescimento econômico e social de um país” (L.3 e 4).

4. A forma verbal “é” (L.3) está flexionada no singular porque, na oração em que ocorre, subentende-se “Inovar” (L.1) como sujeito.

Gabarito:

1 – Errado – Realmente o pronome relativo “as quais” refere-se a “situações”, todavia a substituição desse pronome relativo por QUE não gera problema relativo Ã ambiguidade.

2 – Errado – O conector POR CONSEGUINTE possui caráter conclusivo, portanto deve ser empregado para fechar uma ideia, o que não ocorre. Observe, inclusive, que outras características de INOVAR são apresentadas no período seguinte. Depois, com o emprego do conector adversativo PORÉM, ainda se estabelece uma ressalva para o que pode ser “inovação.

3 – Errado – O termo “desse tipo de investimento” remete a “investir em pesquisas”.

4 – Certo – A forma verbal É encontra-se flexionada na terceira pessoa do singular para concordar com a expressão oracional subentendida INOVAR: Inovar é o fermento do crescimento econômico e social de um país.

Capítulo 5

Semântica dos Conectores – Preposições e Conjunções

PREPOSIÇÕES

Esses elementos são responsáveis por estabelecer o nexo entre os vocábulos de uma oração e entre as orações, períodos e parágrafos em um texto. Podemos dizer que se dividem em dois grupos:

a) **Essenciais** – São as que funcionam apenas como preposição

Ex.: a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, per, perante, por, sem, sob, sobre, trás.

b) **Acidentais** – Segundo a professora Maria Helena de Moura Neves, em sua gramática "a Nomenclatura Gramatical Brasileira", são preposições acidentais certos elementos que se estão gramaticalizando como preposições e que se empregam em contextos restritos. Todos esses elementos têm origem em outra classe gramatical."

Ex.: salvo, consoante, exceto, durante, conforme, senão, segundo, entre outras.

5.1. VALORES SEMÂNTICOS DAS PREPOSIÇÕES ESSENCIAIS

5.1.1. Preposição "A"

Condição	**A** persistirem os sintomas, o médico deverá ser consultado!
Direção	Quero conhecer o Brasil de norte **a** sul.
Fim	João estudou **a** passar no concurso.
Meio	Obteve êxito **a** estudo.
Lugar	Estávamos **a**o portão do curso.

Conformidade	O professor fez a questão **a**o método prático.
Preço	Vendeu **a** um real o quilo.
Concessão	Ele nada fazia **a** não ser jogar futebol.
Tempo	**A**o encontrar a solução, fiquei aliviado.
Instrumento	Mataram a galinha **a** machado.
Modo	Falar **a**os berros.
Semelhança	João não saiu **a** vocês.
Distribuição proporcional, gradação	dia **a** dia, mês **a** mês, ano **a** ano.
Posse	Tomou o pulso **a**o doente.(= do doente)

BIZU

Uma forma de identificar a ideia "fim" que a preposição pode assumir, é substituindo-a pela preposição "para".

João estudou **a**passar no concurso.

João estudou**para**passar no concurso.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "a":**

1	**Causa**
2	**Direção**
3	**Fim**
4	**Meio**
5	**Lugar**
6	**Conformidade**
7	**Preço**
8	**Concessão**
9	**Posse**
10	**Instrumento**
11	**Modo**

12	**Semelhança**
13	**Proporção** **Gradação**
14	**Condição**

a. ( ) Escrevemos a carta **a** lápis.
b. ( ) Será bom que o mundo morra **à** fome?
c. ( ) Fui **a** Niterói.
d. ( ) Falaremos **a**o modo tradicional.
e. ( ) Do Forte de Copacabana **a**o Arpoador, a caminhada é tranquila.
f. ( ) Mantiveram-se no local **a** pedir perdão.
g. ( ) A camisa foi vendida **a** R$100,00.
h. ( ) Aprenderemos pouco **a** pouco o assunto.
i. ( ) Passear **a** camelo.
j. ( ) Matar **à** fome.
k. ( ) Esqueci-me de tudo **a** não ser do seu nome.
l. ( ) Maria puxou **a**o pai.
m. ( ) Arrancou o prazer da leitura **a**o homem.
n. ( ) **A** cumprirem suas responsabilidades, serão bem recebidos.

Gabarito:

a. (10)
b. (1)
c. (2)
d. (11)
e. (5)
f. (3)
g. (7)
h. (13)
i. (11)
j. (4)
k. (8)
l. (12)
m. (9)

n. (14)

5.1.2. Preposição "ATÉ"

Limite de lugar	Segui você **até** o final da rua.
Limite de tempo	Esperei **até** ontem.
Limite numérico	O produto custará **até** três vezes mais.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "até":**

1	**Limite de lugar**
2	**Limite de tempo**
3	**Limite numérico**

a. ( ) Capacidade **até** 10 quilos de roupa.
b. ( ) As longas e cansativas caminhadas **até** o cemitério eram desesperadoras.
c. ( ) Tenho **até** hoje para enviar os documentos.
d. ( ) Apostarei **até** R$100,00 no jogo de hoje.
e. ( ) Debruçada **até** quase os meus joelhos, ela gritou.
f. ( ) Amar-te-ei **até** o último dia de nossas vidas.

Gabarito:

a. (3)
b. (1)
c. (2)
d. (3)
e. (1)
f. (2)

5.1.3. Preposição "COM"

Companhia	Gostaria de sair mais vezes **com** você.
Soma	Uniremos as tuas **com** as nossas palavras.

Modo	Ele gritou **com** força.
Instrumento	Lavei a roupa **com** sabão de coco.
Condição	**Com** sorte, atingiremos nossos objetivos.
Causa	Os japoneses ficaram aflitos **com** o Tsunami.
Tempo	**Com** seis meses de uso, as peças começam a ficar ruins.
Conformidade	Reconhecemos, **com** o ilustre professor, que a questão deveria ser anulada.
Lugar	Talvez encontremos, **com** o fim da estrada, água.
Concessão	**Com** vinte anos de carreira, seu patrimônio se resume a dois carros modestos.
Meio	Fui **com** minha moto para os lugares mais remotos do Brasil.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1 . **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "com":**

1	**Companhia**
2	**Soma**
3	**Modo**
4	**Instrumento**
5	**Condição**
6	**Causa**
7	**Tempo**
8	**Meio**
9	**Conformidade**
10	**Lugar**
11	**Concessão**

a. ( ) Somaremos as minhas partes **com** as suas para formarmos o inteiro.

b. ( ) Sairemos **com** a mamãe para fazer compras.

c. ( ) O aluno sorriu **com** timidez.

d. ( ) Resolvemos, **com** a orientação do Doutor, todas as questões.
e. ( ) Fiz questão de realizar a prova **com** uma caneta especial.
f. ( ) Andaremos e encontraremos, **com** o fim da rua, a casa colorida.
g. ( ) **Com** esse desempenho, não passará no concurso.
h. ( ) **Com** o tempo, seu cabelo cairá.
i. ( ) Muitos ficaram aflitos **com** a notícia dos terremotos no Japão.
j. ( ) **Com** toda sua riqueza, não consegue ser feliz.
k. ( ) Só gosto de viajar **com** o meu carro.

Gabarito:

a. (2)
b. (1)
c. (3)
d. (9)
e. (4)
f. (10)
g. (5)
h. (6)
i. (6)
j. (11)
k . (8)

5.1.4. Preposição "CONTRA"

Lugar	Ele pressionou a mão **contra** o peito.
Adversidade	Tudo isso é **contra** meus princípios.
Comparação	No ano passado, o curso teve duzentas aprovações, **contra** trezentas e cinquenta que obtivemos este ano.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1 . **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "contra":**

1	Lugar

2	**Adversidade**
3	**Comparação**

a. ( ) O cavalo se coça **contra** uma cerca.
b. ( ) As pesquisas mostraram que o índice de analfabetismo aumentou 10% neste mês **contra** 5% no mês passado.
c. ( ) Os políticos falam **contra** o governo.

Gabarito:

a. (1)
b. (3)
c. (2)

BIZU

A PREPOSIÇÃO CONTRA ENTRA EM EXPRESSÕES FIXAS

Ser contra / ficar contra / ir contra → opor-se a

Sou contra os charlatões. / Ninguém pode ir contra a vontade de Deus.

5.1.5. Preposição "DE"

Modo	Os espertos vão saindo **de** fininho.
Lugar	**De** longe nada se via.
Tempo	A reunião acontec **de** manhã.
Instrumento	Devia ter feito a barba **de** gilete.
Causa	As frutas caíram do pé **de** podre.
Matéria	A casa foi feita **de** madeira.
Intensidade	Ele estudou **de** não aguentar mais o ritmo.
Negação	Não quisera regressar **de** jeito algum.
Posse	Ela bebeu com o dinheiro **de** Maria.
Finalidade	"E o coração... é instrumento **de** sopro ou de percussão?"
Assunto	Falava **de** política.
Origem	"Afirmava-se que o fogo começara **de** uma sala" (Raul Pompéia).

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "de":**

1	**Modo**
2	**Lugar**
3	**Tempo**
4	**Instrumento**
5	**Causa**
6	**Matéria**
7	**Intensidade**
8	**Negação**
9	**Posse**
10	**Finalidade**
11	**Assunto**
12	**Origem**

a. ( ) Ele vive **de** pequenos furtos.
b. ( ) Roubaram a bolsa **de** uma aluna da turma.
c. ( ) Cheguei **de** imediato.
d. ( ) Comprei uma casa **de** campo.
e. ( ) Meu coração pulou **de** saudades.
f. ( ) O fio foi feito **de** cobre.
g. ( ) Ele riu **de** todos estarem com sono.
h. ( ) A aluna falou **de** música com o professor.
i. ( ) Vamos capinar **de** enxada.
j. ( ) Sentou-se **de** frente para você.
k. ( ) Ela não acreditava **de** maneira alguma em alienígenas.
l. ( ) A manifestação começou **de** todos os escritório e foi até a praça.
m. ( ) Ele chegou **de** Paris agora

Gabarito:

a. (1)

b. (9)
c. (3)
d. (10)
e. (5)
f. (6)
g. (5)
h. (11)
i. (4)
j. (2)
k. (8)
l. (2)
m. (12)

5.1.6. Preposição "EM"

Lugar	Ele estava **em** São Paulo.
Modo	**Em** lágrimas, confessou o crime.
Tempo	A reunião acontecerá **em** trinta minutos.
Causa	Ela estava triste **em** não poder ajudar a pobre moça.
Finalidade	João acariciou **em** despedida a face de seu pai.
Matéria	O talher é feito **em** cobre.
Instrumento	Desenharam **na** máquina os projetos futuros.
Meio	O professor, **em** explicações exatas, conseguiu o gabarito.
Preço	Eu estimei **em** vinte milhões o terreno.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "em":**

1	**Lugar**
2	**Modo**
3	**Tempo**
4	**Causa**

5	**Finalidade**
6	**Matéria**
7	**Instrumento**
8	**Meio**
9	**preço**

a. ( ) O rapaz estava contente **em** conseguir estudar oito horas por dia.
b. ( ) O casaco foi feito **em** lã.
c. ( ) **Na** rua do mercado, eu a vi.
d. ( ) O corte foi feito **na** tesoura.
e. ( ) **Em** março, fui nomeado.
f. ( ) Vai taxar **em** 10% todos os saques bancários.
g. ( ) **Em** desespero, corri atrás do ônibus.
h. ( ) Machado de Assis, **em** frases curtas, demonstrava sua depressão.
i. ( ) Deixou **em** herança todos os bens.

Gabarito:

a. (4)
b. (6)
c. (1)
d. (7)
e. (3)
f. (9)
g. (2)
h. (8)
i. (5)

5.1.7. Preposição "ENTRE"

Lugar	A moto estava **entre** os dois carros no trânsito.
Tempo	**Entre** 1979 e 1985, foram vendidas três mil peças.
Quantidade	O preço vai girar **entre** oito e dez dólares.
Companhia	Vivia **entre** os mais pobres.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1 . **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "entre":**

1	**Lugar**
2	**Tempo**
3	**Quantidade**
4	**Companhia**

a. ( ) **Entre** junho e setembro, viajaremos ao nordeste.
b. ( ) **Entre** duas e três meninas, a mais bela foi a escolhida.
c. ( ) **Entre** as árvores estava uma linda mulher.
d. ( ) Eu adoro me deitar **entre** os meu cães.

Gabarito:

a. (2)
b. (3)
c.y (1)
d. (4)

5.1.8. Preposição "PARA"

Direção	Eu caminhei **para** a rua animada.
Tempo	Marcamos o encontro **para** amanhã.
Conformidade	**Para** mim, isso não é doença.
Finalidade	O aluno estuda **para** passar.
Condição	**Para** desejar cantar comigo, terá de tratar da voz.
Lugar	Havia um pouco de comida mais **para** o canto da sala.
Restrição	Proibido **para** menores.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1 . **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição**

"entre":

1	**Direção**
2	**Tempo**
3	**Conformidade**
4	**Finalidade**
5	**Condição**
6	**Lugar**
7	**Restrição**

a. ( ) **Para** o segundo semestre, deixaremos o problema.
b. ( ) Compraremos roupas **para** doar.
c. ( ) Conteúdo específico **para** maiores de dezoito anos.
d. ( ) **Para** ele, o mundo da imaginação é real.
e. ( ) Havia muito mais confete **para** a plateia do que para o palco.
f. ( ) Peguei um atalho **para** sua casa.
g. ( ) **Para** querer ficar comigo, terá de mudar seu jeito de pensar.

Gabarito:

a. (2)
b. (4)
c. (7)
d. (3)
e. (1)
f. (6)
g. (5)

5.1.9. Preposição "POR"

Meio	As casas são ligadas **por** uma escada.
Causa	Aparentava mais idade **por** seus cabelos brancos.
Modo	Resolveremos as questões **por** partes.
Lugar	Ele passou **por** baixo da ponte.

Agente	Ele foi baleado **por** uma criança.
Tempo	Na piscina, **por** muitas horas, tomou muito sol.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "por":**

1	**Meio**
2	**Causa**
3	**Modo**
4	**Lugar**
5	**Agente**
6	**Tempo**

a. ( ) O meu amor deixou de comer **por** mim.
b. ( ) Eles se comunicavam **por** cartas.
c. ( ) O resultado foi dado **por** todos da banca.
d. ( ) **Pela** manhã, você surgiu radiante.
e. ( ) **Por** onde anda, meu filho?
f. ( ) Ele estudou a matéria **por** assunto.

Gabarito:

a. (2)
b. (1)
c. (5)
d. (6)
e. (4)
f. (3)

5.1.10. Preposição "SOB"

Lugar (posição inferior)	Namoramos **sob** aquelas pedras.
Causa	Não se deve ficar aqui, **sob** o risco de ser assaltado.

Proteção	A criança estava **sob** minha custódia.
Sujeição	Bentinho foi exilado **sob** a regência severa da ditadura.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "sob":**

1	**Lugar**
2	**Causa**
3	**Proteção**
4	**Sujeição**

a. ( ) Só confessará **sob** ameaça de perder a vida.
b. ( ) Os soldados, **sob** o meu comando, ganharam a Guerra.
c. ( ) As nuvens se ondulavam **sob** o céu.
d. ( ) Estávamos **sob** o amparo da lei.

Gabarito:

a. (2)
b. (4)
c. (1)
d. (3)

5.1.11. Preposição "SOBRE"

Lugar (posição superior)	O livro estava **sobre** a mesa.
Assunto	Falávamos **sobre** o tango brasileiro.
Especificação	Houve um acréscimo de 33% **sobre** os dados do governo anterior.
Preferência (acima de)	Amar a Deus **sobre** todas as coisas.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1 . **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "sobre":**

1	**Lugar**
2	**Assunto**
3	**Especificação**
4	**Preferência**

a. ( ) Depois de ouvir a história **sobre** políticos, ficou deprimido.
b. ( ) Os funcionários foram multados em 30% **sobre** os seus salários.
c. ( ) Observou as baratas **sobre** o esgoto.
d. ( ) Os cuidados com os filhos estão **sobre** todas as outras coisas.

Gabarito:

a. (2)
b. (3)
c. (1)
d. (4)

5.1.12. Preposição "ANTE"

Lugar	João encontrou o livro **ante** o único lugar vago.
Causa	**ante** a belíssima atuação dos flamenguistas.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1 . **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "ante":**

1	**Lugar**
2	**Causa**

a. ( ) Os baderneiros parariam **ante** o guarda.
b. ( ) O marido chorou arrependido **ante** a revelação da mulher.
c. ( ) Apareciam **ante** mim as pessoas sedentas.
d. ( ) **Ante** os sinais de explosão, decidiu correr.

Gabarito:

a. (1)
b. (2)
c. (1)
d. (2)

BIZU

A PREPOSIÇÃO ANTE COM IDEIA DE LUGAR PODE SER SUBSTITUÍDA POR:

= { na frente de / diante de / perante / na presença de

A PREPOSIÇÃO ANTE COM IDEIA DE CAUSA PODE SER SUBSTITUÍDA POR:

= { por causa de / por motivo de / em decorrência de / em consequência de

5.1.13. Preposição "APÓS"

Lugar posterior	**Após** o canteiro da obra, você encontrará um buraco.
Tempo posterior	**Após** a apresentação, fomos ao restaurante.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1 . **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "após":**

1	**Lugar**
2	**Tempo**

a. ( ) **Após** o curso, situa-se o Teatro Municipal.
b. ( ) **Após** a apresentação, o professor se emocionou.
c. ( ) Chegando a minha rua, estacione **após** o orelhão.

d. ( ) Dia **<u>após</u>** dia, sonho com você.

Gabarito:

a. (1)
b. (2)
c. (1)
d. (2)

5.1.14. Preposição "DESDE"

Afastamento de um lugar	Ele caminhou **<u>desde</u>** o Leblon.
Início de um tempo	**<u>Desde</u>** seu nascimento, era esperto.
Condição	**<u>Desde</u>** que estudes, passarás.
Causa	**<u>Desde</u>** que tenho muito trabalho, não fui à festa alguma.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "desde":**

1	**Lugar**
2	**Tempo**
3	**Condição**
4	**Causa**

a. ( ) **<u>Desde</u>** que nos preocupamos com a educação, trabalhamos com zelo e atenção.
b. ( ) **<u>Desde</u>** cedo, papai me ensinava a tocar violão.
c. ( ) Acho que todo aluno deve estudar muito, **<u>desde</u>** que não atrapalhe o cuidado com a saúde.
d. ( ) Ele já acenava **<u>desde</u>** a escada rolante.

Gabarito:

a. (4)
b. (2)
c. (3)
d. (1)

5.1.15. Preposição "PERANTE"

Diante de / Na frente de / Ante	O professor, **perante** dois mil alunos, explicou.

5.1.16. Preposição "SEM"

Modo	Ele fez os exercícios **sem** pensar.
Condição	**Sem** sorte, nem podemos sair de casa.
Ausência (falta)	"**Sem** ela o que é a vida?" (Castro Alves).

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1 . **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "sem":**

1	**Modo**
2	**Condição**
3	**Ausência (falta)**

a. ( ) Chorava **sem** dar um pio.
b. ( ) **Sem** estudo, ele não era ninguém.
c. ( ) Fui para São Paulo **sem** Maria.

Gabarito:

a. (1)
b. (2)
c. (3)

BIZU

A PREPOSIÇÃO SEM ENTRA EM EXPRESSÕES FIXAS:

SEM QUÊ NEM PARA QUÊ
SEM QUÊ NEM PRA QUÊ = sem razão nenhuma
SEM QUÊ NEM PORQUÊ

Exemplo: Saía gritando pelas ruas da cidade, sem quê nem para quê.

SEM MAIS = sem que haja mais nada a acrescentar

Exemplo: Sem mais, para hoje, envio-lhe saudações.

SEM ESSA (DE) = não vem com essa

Exemplo: Sem essa, meu amor, só tenho olhos para você.

5.2. VALORES SEMÂNTICOS DAS PREPOSIÇÕES ACIDENTAIS

PREPOSIÇÕES	FORMAÇÃO
Durante, mediante, consoante, não obstante, tirante.	São formados de verbos em particípio presente (-nte).
Visto, salvo, exceto, feito	São formados de verbos em particípio passado.
Inclusive, exclusive, fora, afora, menos.	São formas de advérbios.
Incluso, excluso	São formas de adjetivos (ligadas a particípios passados).
Conforme	É forma de adjetivo.
Como	É forma de conjunção.
Senão	É conjunção condicional SE com o advérbio de negação NÃO.
Segundo	É forma de numeral ordinal.

PREPOSIÇÃO	VALOR	EXEMPLO
Durante	Tempo	**Durante** a prova, os professores observam os alunos.
Conforme	Conformidade	Telefonou-me, **conforme** o combinado.
Segundo		**Segundo** os dados do IBGE, a renda familiar aumentou.
Consoante		Nos Andes, **consoante** o mapa do local, havia muitas saliências.
Mediante	Meio	Comprei, **mediante** a orientação do professor, um bom livro.
Não obstante (= apesar de)	Concessão	A prova do concurso, **não obstante** não ter sido realizada pelos alunos, estava fácil.
Inclusive	Inclusão de	Conseguiremos tudo, **inclusive** passar pela vida.
Exclusive	Exclusão de	A matéria da prova será da página 12 até a página 48 **exclusive**.
Exceto		Todos jogavam, **exceto** o mais famoso.
Fora		**Fora** eles, há três anos, ninguém mais explodiu bombas.
Afora		**Afora** o tenente, os demais foram almoçar.
Salvo		Todos compareceram à reunião, **salvo** o diretor financeiro.
Menos		Estudei muita coisa, **menos** matemática.
Senão		Nada lhe restava fazer, **senão** prosseguir.
Tirante		**Tirante** o ciúme, tudo ia bem.

BIZU

A EXPRESSÃO NÃO OBSTANTE

A expressão não obstante pode ser uma conjunção concessiva (= embora), construindo-se, então, com forma verbal no subjuntivo.

Exemplo: Não obstante fosse o melhor atleta, ganhou todos os prêmios.

Conforme	Conformidade	Entregou o documento, **conforme** o combinado.
Segundo		**Segundo** os dados do IBGE, a população aumentou.
Consoante		**Consoante** as ideias do professor, as disciplinas variam.
Visto	Causa	Ele não trabalhou muito naquela semana, **visto** ter sido gerente temporário.
Como (= na qualidade de)	Modo	Não aceito você **como** chefe da seção.
Feito	Comparação	Falando sozinho **feito** um maluco.

BIZU

CONFORME / SEGUNDO / CONSOANTE

Os elementos acima podem ser conjunções confirmativas, construindo-se, então, com forma verbal no indicativo ou no subjuntivo.

Exemplo: **Conforme** estudava, as informações chegavam.

5.3. Exercícios

01. **(FGV – RJ / POLÍCIA CIVIL / MÉDIO)**

"...de onde mais saem órgãos humanos".

Assinale a alternativa que indique a frase de estrutura semelhante que não apresenta correção gramatical em função de uma preposição mal empregada.

a) aonde vão órgãos humanos.
b) de onde vêm órgãos humanos.
c) por onde se dirigem órgãos humanos.
d) até onde são levados órgãos humanos.
e) desde onde são exportados órgãos humanos

Gabarito: C

A forma verbal dirigir-se rege a preposição **para** e não a preposição **por.** Já as demais preposições são determinadas pelas expressões presentes em cada contexto. Na letra A, a preposição **a**, com valor semântico de movimento em direção a um lugar, foi determinada pelo verbo ir (vão). Na opção B, a preposição

de, com semântica de origem, foi regida pelo verbo vir (vêm). Na assertiva D, a preposição **até**, com ideia de limite, foi exigida por "levados" (são levados). Na última opção, letra E, a preposição **desde**, com semântica de tempo ou de lugar ligado a um ponto de origem, foi estabelecida por "exportados" (são exportados).

02. **(NCE / UFRJ / ELETROBRAS / Administração geral)**

"Recuso, COM o mesmo sorriso...": a frase em que a preposição destacada tem o mesmo sentido que possui nesse segmento do texto é:

a) O cronista visita a casa com amigos;
b) Com a chegada das férias, o cronista visita a casa antiga;
c) O cronista encontra com as mesmas pessoas de sempre;
d) O cronista fala com educação sobre as novidades;
e) A crônica é produzida com a ajuda do computador.

Gabarito: D

A relação semântica verificada no enunciado é de modo. A letra D é a única opção em que o mesmo sentido modal ocorre. Nas assertivas A e C, observa-se a semântica de companhia. Na opção B, encontra-se a ideia de causa. Na alternativa E, a semântica de instrumento prevalece.

03. **(NCE / Mesquita / Assistente Social)**

"Beethoven passeava na floresta quando voltou correndo, com a Sexta Sinfonia inteira na cabeça. Kant era metódico, todos os dias saía para seu passeio à tarde, os vizinhos podiam acertar o relógio pela hora em que ele percorria o bosque de Konigsberg. E foi assim que ele criou seu monumental sistema dedicado à razão pura."

Nos segmentos "bosque de Konigsberg" e "desvantagens do mundo virtual", o emprego da preposição DE indica, respectivamente:

a) localização e característica;
b) propriedade e localização;
c) característica e propriedade;
d) situação e localização;
e) propriedade e característica.

Gabarito: A

Na passagem "bosque **de** Konigsberg", percebe-se que a preposição destacada apresenta valor semântico de localização no espaço, pois 'Konigsberg' representa, no texto, o local onde o bosque está situado. Já a preposição **de**, na passagem "desvantagens **do** mundo virtual", apresenta a semântica de característica, ou seja, tipificação da desvantagem. Não é uma desvantagem qualquer, e sim uma desvantagem do mundo virtual. Vale a pena lembrar também que o termo **do mundo virtual** exerce a função sintática de adjunto adnominal; logo, a ideia de tipificação (característica), introduzida pela preposição **de**, surge naturalmente. Não podemos nos esquecer também de que o valor dos adjuntos adnominais é nocional, isto é, semântico, apresentando uma circunstância (noção) de tipificação (característica). Por fim, ainda que haja uma relação de posse, afinal tal relação também se associa ao adjunto adnominal, o principal é a característica, pois houve uma tipificação da desvantagem, deixando claro que não é uma desvantagem qualquer, e sim do mundo virtual.

04. **(VUNESP / CODESP – SP / Especialista Portuário I)**

Observe os trechos do texto.

... e descritos com o cuidado que imprimiram a todo o livro.

... se não for por amor.

As preposições destacadas formam, correta e respectivamente, expressões indicativas de:

a) causa e meio;

b) intensidade e consequência;

c) modo e causa;

d) consequência e modo;

e) meio e intensidade.

Gabarito: C

A passagem "**com** o cuidado que imprimiram a todo o livro." representa a maneira, isto é, o modo como o livro vai ser descrito, e essa ideia está sendo iniciada pela preposição **com.** Já a preposição POR acresce ao período valor de causa, visto que a atitude que se fará é motivada pelo amor (fiz algo por amor – fiz algo por causa do amor).

05. **(VUNESP / CODESP – SP / Guarda Portuário)**

... não se trata de miseráveis que não encontram outra forma de sobreviver.

A preposição destacada estabelece relação de:

a) lugar;

b) origem;

c) matéria;

d) posse;

e) finalidade.

Gabarito: E

A preposição **de** da passagem apresenta ideia final. Percebemos que, no contexto, os miseráveis ainda não encontraram outra forma com o intuito de sobreviver, ou seja, com o desejo, vontade, finalidade de sobreviver. Sendo assim, tal preposição estabelece uma relação de finalidade no fragmento.

06. **(VUNESP / CODESP – SP / Guarda Portuário)**

"Ele então encaixa a cabeça em um visor 3D <u>para ver imagens aumentadas do interior do corpo</u> [...]"

A oração sublinhada nessa frase tem o sentido de:

a) causalidade;

b) condicionalidade;

c) finalidade;

d) temporalidade.

Gabarito: C

A cabeça dele é encaixada no visor 3D com que intuito? Com a finalidade de ver as imagens aumentadas do interior do corpo. Sendo assim, a ideia introduzida pela preposição PARA é final.

07. **(Cesgranrio)**

Assinale a opção em que a preposição COM exprime a mesma ideia que possui em "Surge a lua cheia para chorar com os poetas".

a) O menino machucou-se com a faca.

b) Ela se afastou com um súbito choro.

c) Tinha empobrecido com as secas.

d) Deve-se rir com alguém, não de alguém.

e) Ele se confundiu com a minha resposta.

Gabarito: D

A preposição COM do enunciado transmite a ideia de companhia, ou seja, chorar na companhia dos poetas. Entre as assertivas, aquela que apresenta a mesma ideia é a opção D, rindo na companhia de alguém. Nas demais alternativas, a preposição COM apresenta sentidos diversos: a letra A passa o sentido de instrumento; a opção B, o sentido modal; a assertiva C, o sentido de causa. Já na opção E, a preposição COM surge por exigência do verbo que é transitivo indireto. Retornando à resposta, o sentido do provérbio está na oposição das preposições, ou seja, a ideia é que devemos rir em companhia das pessoas, e não transformá-las em causa (a preposição DE estabelece valor de causa) de riso.

08. **(NCE / Engepron)**

O item em que o valor da preposição está incorretamente identificado é:

a) "Foi a 23 de outubro de 1906" = tempo;

b) "reservada a essas tentativas" = finalidade;

c) "nas margens do Sena, em Neuilly" = lugar;

d) "tomava um valor suficiente para erguê-lo" = direção;

e) "foi calculada em 35 quilômetros" = aproximação.

Gabarito: D

O valor semântico verificado na opção D é final. Tomava um valor suficiente a fim de erguê-lo, isto é, com o intuito de, com a finalidade de…

09. **(NCE – PI / Administrador)**

"...presente na seringa usada pelo adolescente da periferia para viajar ao paraísopor alguns instantes"; a alternativa abaixo em que a utilização de um desses vocábulos apresenta o mesmo valor semântico presente nesse segmento destacado do texto é:

a) "se espalha **para** a multidão de gente pobre";

b) "o bacilo da tuberculose, que, **por** via aérea…";

c) "irá parar nos pulmões dos que passarem **por** perto";

d) “é provável que se organize **para** acabar com as causas”;

e) “dirigidos **por** fundações privadas”.

Gabarito: D

Para resolvermos a questão, analisaremos o valor semântico das preposições destacadas no trecho e em seguida analisaremos as preposições destacadas nas alternativas. No trecho, a valor da preposição “para” é de finalidade e o valor da preposição “por” é de tempo. Na alternativa A, o valor da preposição “para” no trecho é de direção ou destino; na alternativa B, o valor da preposição “por” no trecho é de meio; na alternativa C, o valor da preposição “por” no trecho é de lugar; na alternativa D, o valor da preposição “para” no trecho é de finalidade; e na alternativa E, o valor da preposição “por” no trecho é de agente.

10 **(NCE – PI / INPI)**

“... sob novo signo.”; nesse segmento o autor empregou corretamente a preposição sob; o item abaixo em que houve troca entre sob/sobre é:

a) Sob esse aspecto, a economia vai mudar;

b) A economia foi analisada sob vários pontos de vista;

c) A industrialização virá sob um novo governo;

d) O congresso vai discutir sob política econômica;

e) A industrialização foi feita sob pressão de grupos.

Gabarito: D

Existe uma significativa diferença entre as preposições “sob” e “sobre”.

“Sob” significa “debaixo de”. Tal preposição é muito usada em expressões do tipo: sob esse aspecto, sob uma condição, sob o domínio de, entre outras. Trazendo uma ideia de subordinação. Sobre pode significar “a respeito de” ou “acima de”.

O gabarito é a alternativa “D”, pois o congresso vai discutir a respeito de, ou seja, sobre política econômica.

11. **(NCE / ARQUIVO NACIONAL / Agente Administrativo**)

“Havia controvérsias quanto à veracidade dos fatos”; a forma abaixo que ALTERA o sentido original desse segmento do texto é:

a) quanto à veracidade dos fatos, havia controvérsias;

b) em relação à veracidade dos fatos, existiam controvérsias;
c) no que diz respeito à veracidade dos fatos, havia controvérsias;
d) afora a veracidade dos fatos, havia controvérsias;
e) quanto à veracidade dos fatos, controvérsias havia.

Gabarito: D

A expressão "afora" normalmente pode ser classificada como advérbio (Iremos viajar pelo mundo afora.) ou preposição que pode apresentar valor de "além de" (Afora os animais que encontramos na floresta, existia também uma tribo indígena.) ou valor de "salvo/exceto" (Nesse ano que passou encontrei pessoas de má índole, afora a minha esposa que está comigo nessa caminhada). Sendo assim, o uso da expressão "afora" na alternativa "d" alterou o sentido original do segmento do texto.

12. **(FGV / Fiscal de Rendas)**

Podemos ser operados com anestesia, suavizar dores com analgésicos.

As duas ocorrências da preposição com no trecho acima expressam, respectivamente, o sentido de:

a) meio e modo;
b) meio e meio;
c) modo e meio;
d) modo e modo;
e) companhia e instrumento.

Gabarito: D

A preposição "com" pode apresentar diversos valores semânticos. Na primeira ocorrência em "Podemos ser operados com anestesia" não pode ter valor de meio, pois não há a possibilidade de substituição por "por meio de". Quando se lê "podemos ser operados por meio de anestesia", percebemos que não faz sentido. Com ou sem anestesia é o modo. Na segunda, a substituição de "com" por "por meio de" fica bem coerente. Sendo assim, o valor, na segunda ocorrência é de meio.

13. **(NCE – PI / Administrador)**

A alternativa em que a preposição destacada tem valor semântico de

meio é:

a) "para acabar **com** as causas dessas epidemias";

b) "aplicados em parceria **com** instituições internacionais";

c) "passíveis de controle **com** inseticidas";

d) "mantidos **com** o esforço e a vigilância das comunidades locais";

e) Haverá milhões de pessoas **com** Aids".

Gabarito: C

Para identificar o valor de "meio" devemos substituir a preposição pela expressão "por meio de". Muitos candidatos pensaram em marcar a alternativa "d", mas a expressão introduzida pela preposição não apresenta os "meios", como seria em "mantidas com recursos do governo federal = por meio dos recursos".

O valor é de "apoio" com que os hospitais poderiam contar.

A única alternativa em que a troca é possível é a "c"– "...passíveis de controle (por meio de) inseticidas".

14. **Quem vai vencer as eleições (Ricardo Young)**

O que mais me chama a atenção neste processo eleitoral é que a maior vitória não será de nenhum candidato ou partido, mas da mobilização da sociedade civil em favor da ética e contra a corrupção.

A aprovação da Lei da Ficha Limpa, a decisão do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) de torná-la vigente já nestas eleições e o empate na votação do STF sobre a aplicação da lei ainda este ano mostram a força deste movimento.

Sem a cidadania consciente e organizada, é bem possível que esta lei que impõe critérios mínimos de integridade para candidatos a cargos eletivos nem fosse protocolada no Congresso.

A preposição "Sem" (l. 7) acrescenta ao período valor semântico de:

a) condição;

b) causa;

c) modo;

d) concessão.

Gabarito: A

Pode-se substituir a preposição SEM por conjunções de caráter condicional,

obviamente realizando adaptações: Caso não haja a cidadania consciente organizada / Se não houver a cidadania consciente e organizada, a consequência seria que lei talvez nem fosse homologada.

15. **A lição do Brasil para a China: não ignore a desigualdade**

Geoff Dyer – Tradução: George El Khouri Andolfato

Correspondente em Xangai

Vizinho ao meu escritório em Xangai se encontra um dos shopping centers mais luxuosos que já vi. O nome em inglês, Plaza 66, não significa nada, mas em chinês ele é chamado de "Próspero Para Sempre". Apenas as marcas mais exclusivas são autorizadas e nos fins de semana é preciso entrar na fila para entrar na Louis Vuitton.

5 Eu me lembrei do Plaza 66 em uma recente viagem ao Brasil, quando fui levado à Daslu, a loja mais esnobe do país. É preciso ir de carro até lá -não é possível entrar a pé vindo da rua – e um valet nos conduziu para dentro, onde as mesmas grifes estavam expostas.

10 Há apenas uma grande diferença. A Daslu frequentemente é atacada por ser um símbolo do males percebidos do Brasil, o playground de uma elite mimada. Colunistas zombam de sua clientela. Mas o Plaza 66 aparece em muitos relatos da Xangai moderna como um símbolo de sucesso, um ímã para a geração jovem endinheirada, em ascensão.

15 Talvez tenhamos entendido o Plaza 66 errado. Voltar de São Paulo para Xangai significa sentir os riscos reais que a China está correndo com seu modelo de crescimento a todo custo. Há distintamente uma sensação latino-americana em relação a alguns segmentos da sociedade chinesa que vai além da audácia dos novos ricos.

Assinale a alternativa em que a preposição destacada possui seu valor semântico erradamente apontado.

a) "**de** carro" (l. 6) – meio.

b) "vindo **da** rua" (l. 7) – origem.

c) "e um valet nos conduziu **para** dentro" (l. 7) – direção.

d) "é atacada **por** ser um símbolo" (l. 9 e 10) – causa.

e) "que a China está correndo **com** seu modelo de crescimento" (l. 15) – modo.

Gabarito: E

Em todas as alternativas, as preposições estão com seus valores semânticos corretamente indicados, exceto na alternativa E, visto que "com" exprime valor de causa. Por causa do seu modelo de crescimento, a China está correndo riscos.

16. **(TRT-RJ / Fundação José Pelúcio)**

A alternativa abaixo em que o conectivo em destaque tem seu valor semântico erradamente indicado é:

a) "...não há polícia suficiente **para** fazê-la ser cumprida" = finalidade;

b) "...uma originalidade brasileira **como** a jabuticaba." = comparação;

c) "...muita lei que não pega **por** falta dessa sintonia" = causa;

d) "...existe uma lei óbvia **segundo** a qual..." = ordenação;

e) "...**mas** raramente usam capacete" = adversidade.

Gabarito: D

Todos os conectores estão com seus valores semânticos corretamente indicados, exceto na alternativa D, em que o conector possui valor de conformidade, e não de ordenação.

Capítulo 6

Valor Semântico das Conjunções

As conjunções são vocábulos gramaticais utilizados para relacionar duas orações ou dois termos semelhantes da mesma oração. As conjunções podem ser de dois tipos: **conjunções coordenativas ou conjunções subordinativas**. O valor significativo das conjunções é definido quando se consegue compreender o caráter e o papel desempenhados por elas na estrutura oracional. As orações conectadas traduzirão por si mesmas, com a presença do conector sintático, o valor semântico do período por elas composto.

Sendo assim, as orações se relacionam umas com as outras por meio de uma palavra ou de uma locução que as liga. Essa palavra é chamada de **conjunção**. As relações que as conjunções estabelecem são um dos fatores responsáveis pela textualidade, ou seja, elas contribuem para que um texto seja coerente e coeso, e não uma sequência de palavras ou frases soltas, sem conexão entre elas.

6.1. CONJUNÇÕES COORDENATIVAS

As conjunções coordenativas possuem um caráter e um papel nas estruturas onde se inserem. Portanto, as relações de independência entre os elementos do enunciado são marcadas por essa dualidade característica. Embora sejam independentes, existe uma relação significativa entre esses elementos. Em outras palavras, no plano sintático, exatamente pelo fato de não exercerem função sintática, não há dependência entre as orações; por outro lado se relacionam semanticamente, transmitindo algum valor que é obtido no momento em que se consegue compreender o caráter e o papel desempenhados por elas na estrutura oracional. Essas orações conectadas traduzirão por si mesmas, com a presença da conjunção, o valor semântico do período por elas composto. Tais conjunções coordenativas podem ser dos seguintes tipos: **aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas, explicativas.**

6.1.1. Conjunções coordenativas aditivas

As conjunções coordenativas aditivas possuem a função de **adicionar** um termo a outro de mesma função gramatical, ou ainda adicionar uma oração ã outra de mesma função gramatical. As conjunções coordenativas gramaticais são: **e, nem, mas também, mas ainda, bem como, como também, senão também, tampouco...**

Exemplos

- As pessoas fizeram elogios **e** deram aplausos grandiosos.
- O professor não elogiou, **nem** criticou o aluno.
- O candidato **não apenas** falou, **mas também** cantou.
- **Não só** me telefonou, **como também** me convidou para a festa.

A conjunção é de valor aditivo bem como as orações que se unem transmitem adição de enunciados. Não só a conjunção aditiva está presente como também a relação semântica é de adição. O autor soma informações utilizando a conjunção **E**, por exemplo, pois une as ideias: fizeram e deram, duas ações verbais. Há soma de dois verbos, portanto tem-se o mesmo valor funcional em cada uma das palavras conectadas.

Assim como o **E**, o elemento **NEM** marca uma situação de adição entre os termos coordenados, com a diferença de que o **NEM** adiciona elementos negativos.

BIZU

Ele não só estuda, mas também trabalha. Analise que, se houver um condicionamento de que, ao observar a existência da conjunção MAS, já a considerar adversativa, o candidato estará incorrendo em um erro grave nesta frase, pois o MAS, no caso, não é sinônimo de PORÉM, CONTUDO, TODAVIA... Muito pelo contrário, MAS TAMBÉM introduz uma ideia que estabelece uma relação de soma, afinal o sujeito (ele) estuda e trabalha (faz as duas ações). As estruturas iniciadas por "não só", "não somente" e "não apenas" conduzirão a expressões aditivas. Volvendo ao exemplo, quando se diz "Ele não só estuda", o advérbio NÃO exerce a função de um elemento de negação, isto é, nega... Mas não nega a ação de estudar, e sim a restrição exposta pelo vocábulo "só". Se o "não" fosse extraído do período, "ele só estudaria e não teria mais nenhuma outra atividade". Outros sinônimos de "mas também" são: "como também" e "outrossim". Nas locuções MAS TAMBÉM e COMO TAMBÉM, o termo TAMBÉM pode ficar implícito.

Ex.: Ele não apenas nada, mas corre.

6.1.2. Conjunções coordenativas adversativas

As conjunções coordenativas adversativas possuem a função de estabelecer uma relação de contraste (oposição) entre os sentidos de dois termos ou duas orações de mesma função gramatical. As conjunções coordenativas adversativas são: **mas, contudo, no entanto, entretanto, porém, todavia, e (=mas).**

Exemplos

Não pediu coisa alguma, **mas** não deu absolutamente nada.

Estava muito frio, **entretanto** foi tomar banho nas águas geladas do Ártico.

"Tudo é mistério **e** tudo está cheio de significado." (PESSOA, 1986: 82)

A conjunção "**MAS"** estabelece uma relação de desigualdade (contraste) entre os termos coordenados. Segundo Madre Olívia, o jogo adversativo, expresso por tal conjunção, consiste em apresentar alguma coisa "adversa a outra", que apresenta uma certa oposição. Seu valor semântico apresenta as seguintes especificações:

- **Valor de inclusão**:

Ex: Não basta ler o Evangelho, **mas** temos de passá-lo ã vida.

- Valor de exclusão:

Ex: Encontrei todos os meus amigos, **mas** não os do jardim de infância.

- **Valor compensador**:

Ex: O jogador perdeu a final da Copa do Mundo, **mas** foi eleito o melhor em campo.

- **Valor descompensador**:

Ex: Foi á Disney, **mas** ficou reprovado na escola.

- **Valor justificativo/explicativo**:

Ex: Não conseguiram resolver todas as questões, **mas** o grau de dificuldade era enorme.

- **Valor superativo**:

Ex: A crise econômica mundial foi séria, **mas** o Brasil ficou firme.

- **Valor comparativo**:

Ex: Millena tem cabelos castanhos, **mas** Fernanda tem cabelos pretos.

No exemplo "Tudo é mistério **e** tudo está cheio de significado." (PESSOA, 1986: 82), a conjunção **E**, embora seja primariamente aditiva, desempenha um papel de

oposição, apresentando uma semântica de oposição ou contraste. Portanto, verifica-se que as orações se unem por oposição dos enunciados. Este fato acontece porque o autor primeiramente afirma tudo ser mistério, e em seguida diz que tudo está cheio de significado. Como tudo pode ser mistério e ao mesmo tempo estar cheio de significado? Por mais curioso que pareça, esta foi a forma que o autor empregou para criar uma expressão adversativa não muito comum, mas que o falante pode construir, uma vez que a coordenação o permite, sem que acarrete problemas na compreensão de ideias. Novamente se apresentam dois verbos: é e está, elementos de mesmo valor funcional na oração. Observa-se que as duas orações foram conectadas por uma conjunção cujo valor primário é de adição, entretanto no referido contexto expressa uma relação semântica de adversidade (oposição).

BIZU

Os conectores adversativos introduzem a informação mais importante, isto é, aquela informação que fica registrada na "cabeça" do ouvinte ou do leitor. Podemos dizer que tais conectores despertam a curiosidade do ouvinte ou do leitor, pois, ao pronunciar ou escrever uma conjunção adversativa, cria-se um frustração de determinada expectativa gerada. Sendo assim, o mais importante é o que está por vir, e não aquilo que já foi falado ou escrito. Observemos a seguinte situação comunicativa:

Uma mulher acaba de voltar do salão de beleza e encontra o seu marido que diz o seguinte: – Meu bem, como você ficou diferente, mais bonita. Notei que você pintou as unhas, arrumou o cabelo, passou pó no rosto e também passou brilho nos lábios. Realmente você está muito bem produzida, MAS…

Neste momento, a mulher já não está mais encantada com os elogios feitos pelo marido, pois ele usou o conector adversativo MAS, e mesmo sem ser plena conhecedora da Língua Portuguesa, a mulher tem ciência de que, depois do MAS, algo negativo irá surgir. Isso ocorre exatamente pelo fato de os conectores adversativos marcarem oposição, ou seja, frustração de expectativa. Como o marido começou com elogios, naturalmente depois viria algo negativo. Logo, a mulher fica curiosa para saber o que o marido vai dizer, mas no fundo ela já sabe que será algo negativo. Sendo assim, as conjunções adversativas introduzirão a informação mais importante da passagem, a informação que desperta a atenção e a curiosidade, a informação que vai ficar marcada para o ouvinte ou para o leitor.

Percebemos, dessa forma, que os conectores adversativos introduzem a ideia mais importante. Vimos também que tal ideia, em algumas ocasiões, pode ser positiva ou negativa de acordo com a intenção do autor da frase. Reparemos o exemplo abaixo:

O Brasil cresce, <u>mas</u> a reforma política não acontece.

Neste exemplo, o fato mais importante, como já sabemos, é aquele encabeçado pelo conector adversativo MAS.

6.1.3. Conjunções coordenativas alternativas

Conjunções coordenativas alternativas são as que unem orações independentes, indicando que, com a ocorrência de um dos fatos, haverá a exclusão do outro. Também podem indicar que os fatos podem ocorrer – não havendo escolha e consequentemente exclusão –, mas não simultaneamente. As conjunções coordenativas alternativas são: **ou (repetido ou não), ora...ora, quer...quer, seja...seja etc.**

Exemplos

- Tudo para aquele homem era viver **ou** morrer.
- **Seja** por ideologia, **seja** por ambição, devemos querer ser mais
- **Ora** filosofava, **ora** contava piadas.

BIZU

A conjunção OU pode ter valor de inclusão, sendo classificada como aditiva.

Ex.: Gosto de ler, de ouvir música ou de ver um bom filme. – Repare que, na frase, a conjunção OU estabelece relação de adição, soma, visto que a intenção linguística é esclarecer ao leitor que o narrador gosta das três atividades.

A conjunção OU pode ter valor aditivo e alternativo simultaneamente, correspondendo a e/ou.

Ex.: Trabalhar sem atenção ou sem vontade pode implicar falhas que gerem prejuízo para a empresa. – Observe que se a pessoa trabalhar **sem atenção** pode implicar que vá falhar; se a pessoa trabalhar **sem vontade** pode implicar falhas. É óbvio que se a pessoa trabalhar **sem atenção** e **sem vontade** mais ainda pode implicar falhas. Então, o conector OU sugere que basta uma das situações para gerar falhas, mas, evidentemente, se os dois fatos acontecerem, pode mais ainda gerar falhas. OU, então, inclui e exclui concomitantemente.

BIZU

O emprego de OU melhor, OU antes (ou equivalente), precisando o que acaba de ser dito, pode caracterizar uma retificação ou ratificação. Observe a situação comunicativa abaixo:

SITUAÇÃO 1

– Você gosta de mim?

– Eu sou apaixonada por você ou melhor, sou.

SITUAÇÃO 2

– Você gosta de mim?

– Eu sou apaixonada por você, ou melhor, pelo que você representa.

Na situação 1, podemos perceber que a expressão OU melhor confirma o que acaba de ser dito; entretanto, na situação 2, percebemos que a expressão OU melhor corrige o que foi mencionado anteriormente.

USOS PARTICULARES DA CONJUNÇÃO OU

São expressões bem usadas:

MAIS OU MENOS = aproximadamente

Quando eu comprei o carro, meu filho deveria ter MAIS OU MENOS uns dez anos.

UMA VEZ OU OUTRA = poucas vezes

Nós nos vimos UMA VEZ OU OUTRA neste ano.

ISTO/ISSO OU AQUILO = coisas diversas

Não queria fazer ISTO OU AQUILO para ajudar.

6.1.4. Conjunções coordenativas conclusivas

As conjunções coordenativas conclusivas são utilizadas para unir a uma oração anterior outra oração que exprime conclusão ou consequência. As conjunções coordenativas são: **assim, logo, pois portanto, por isso, então, por conseguinte etc.**

Exemplos

- Dedicou-se muito, **portanto** irá bem na prova
- Estudou toda a matéria; gabaritou, **pois**, a prova.

A conjunção **POIS** será considerada conclusiva somente quando estiver no "rosto" ou no meio da segunda oração, ou seja, quando vier posposta ao verbo, conforme podemos observar no exemplo dado anteriormente.

Outros conectores que também exprimem ideia de conclusão são DESTARTE e DESSARTE. Esses vocábulos se originaram das formas aglutinadas "desta parte" e "dessa parte", significando "sendo assim", "dessa forma". Normalmente introduzem

parágrafos ou períodos que estejam fechando uma ideia.

Ex.: Está chovendo ã beça. Destarte, não irei ã praia.

6.1.5. Conjunções coordenativas explicativas

Conjunções coordenativas explicativas são aquelas que unem duas orações, explicando a segunda o conteúdo da primeira. As conjunções coordenativas explicativas são: **porque, que, pois (quando anteposta ao verbo), porquanto, já que, visto que, uma vez que, dado que.**

Exemplos

- A menina está grávida, **porque** entrou na loja de gestante.
- Entre, **que** está muito frio.

EXERCÍCIO DE FIXAÇÃO

1 . **Numere as frases de acordo com o valor semântico da conjunção coordenativa destacada:**

1	**Adição**
2	**Adversidade**
3	**Alternância**
4	**Conclusão**
5	**Explicação**

a. ( ) Não só trabalha, **mas também** estuda.
b. ( ) A garota chorou, **porque** seus olhos estavam vermelhos.
c. ( ) Estudou a madrugada inteira, **logo** deve estar com sono.
d. ( ) **Ora** estuda, **ora** trabalha.
e. ( ) Diga isto **ou** aquilo.
f. ( ) Foi ao cinema, **e** não viu o filme.
g. ( ) Ele fala **que** fala.
h. ( ) Entre, **que** é noite!
i. ( ) Meu filho estudou bastante, **portanto** não está preocupado com a prova.
j. ( ) Fui ao circo **e** ao teatro.
k. ( ) Estude **ou** será reprovado.

l. ( ) **Quer** esteja feliz, **quer** esteja triste, sempre mantém o bom humor.
m. ( ) Trabalha muito, **mas** ganha pouco.
n. ( ) A professora é bonita, **mas** muito má.
o. ( ) Ele já deu o recado; devemos, **então**, aguardá-lo.
p. ( ) Você não dormiu, **porquanto** está cheio de olheiras.
q. ( ) **Ora** você está sorridente, **ora** você está angustiado.
r. ( ) O filho se machucou, **e** o pai não fez nada por ele.
s. ( ) **Ou** viaja, **ou** fica em casa.
t. ( ) Ganham pouco, **todavia** vivem muito bem.
u. ( ) Vá ao mercado, **que** a carne acabou.
v. ( ) O profissional se dedicou muito, **portanto** terá sucesso.
w. ( ) Estava muito triste, **e** sorria.
x. ( ) Não escreveu, **nem** ligou.
y. ( ) Fique calmo, **pois** voltarei logo.
z. ( ) O aluno não só é inteligente, **mas também** é muito estudioso.

Gabarito:

a. (1)
b. (5)
c. (4)
d. (3)
e. (3)
f. (2)
g. (1)
h. (5)
i. (4)
j. (1)
k. (3)
l. (3)
m. (2)
n. (2)
o. (4)
p. (5)
q. (3)
r. (2)

s. (3)
t. (2)
u. (5)
v. (4)
w. (2)
x. (1)
y. (5)
z. (1)

6.2. CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS

As conjunções subordinativas possuem a função de estabelecer uma relação entre duas orações, caracterizadas pela dependência de sentido. A oração subordinada complementa ou determina o sentido da outra, assumindo uma função sintática da principal. As conjunções subordinativas são classificadas em: **causais, concessivas, condicionais, temporais, comparativas, conformativas, consecutivas, proporcionais, finais e integrantes**.

6.2.1. Conjunções subordinativas causais

Conjunções subordinativas causais são aquelas que subordinam uma oração ã outra, iniciando uma que exprime causa da outra, ã qual se subordina. As conjunções subordinativas causais são: **porque, pois, como, porquanto, que, uma vez que, já que, desde que, visto que, por isso que etc.**

Exemplos:

Porque	Ficamos com calor, **porque** o ar-condicionado quebrou.
Pois	Estou aqui, **pois** é tarde.
Como	**Como** não me telefonou, não me arrumei.
porquanto	Um aluno se dedica ao estudo, **porquanto** pretende passar no concurso.
Que	Passou João de ano, que estudou muito.

As conjunções causais compostas, isto é, as formadoras do que denominamos locuções conjuntivas, apresentam, normalmente, o

elemento QUE ao fim.

São locuções causais → Já que, uma vez que, desde que, visto que, tanto mais que, por causa que.

Já que	Não passou, **já que** não estudou.
Uma vez que	Estamos com uma dívida, **uma vez que** gastamos muito.
Desde que	**Desde que** tenho muito trabalho hoje, não poderei sair.
Visto que	Estou de castigo, **visto que** fiz bagunça.
Por causa que	Não fomos ao show, **por causa que** estava chovendo.

BIZU

CAUSA X EXPLICAÇÃO

Estudiosos de Língua Portuguesa reconhecem a dificuldade existente no que diz respeito às diferenças entre uma oração subordinada adverbial causal e uma oração coordenada sindética explicativa.

As bancas, em geral, reconhecem tal dificuldade e abordam o que é consensual.

Organizemos:

1. É coordenada sindética explicativa a oração principiada por **que, pois, porque** (e similares) posposta a uma outra que apresente verbo no imperativo ou tal ideia.

   Ex.: Entre, **pois** estou mandando.

2. É coordenada sindética explicativa a oração principiada por **que, pois, porque** (e similares) posposta a uma outra que apresente uma tese, ou seja, uma certa conclusão a que se chega a partir de um dado da realidade, devendo ser uma afirmativa de caráter pessoal, subjetiva e, por esta razão, discutível. Também é importante observar que a segunda oração, sob hipótese alguma, pode representar uma causa para o fato exposto na primeira.

   Ex.: João bebeu água, pois o copo está na pia.

3. É subordinada adverbial causal a oração principiada por **que, pois, porque** (e similares) posposta a uma outra que apresente um acontecimento, isto é, uma afirmativa que não se discute, ou seja, um fato. É de bom alvitre perceber que o conector causal introduz efetivamente uma causa para o evento exposto na outra oração.

   Ex.: Ele tirou boas notas, **pois** estudou incansavelmente.

   O vovô deitou-se, **que** estava muito cansado.

OBSERVAÇÃO 2:

Em termos lógicos, a causa (ou o conhecimento dela) ocorre primeiro na linha do tempo.

A calçada está molhada, **porque choveu**. **(CHOVEU – CAUSA; A CALÇADA ESTAR MOLHADA – EFEITO)**

Choveu, **porque a calçada está molhada. (A CALÇADA ESTAR MOLHADA NÃO PODE SER A CAUSA DE CHOVER, POR ISSO A SEGUNDA ORAÇÃO NÃO PODE SER CAUSAL. MAS SE PODE COMPREENDER QUE A CALÇADA ESTAR MOLHADA PODE EXPLICAR – ESCLARECER – O FATO DE HAVER CHOVIDO.)**

SEMANTICAMENTE

Em termos semânticos, pode-se afirmar que explicação é hiperônimo de causa, afinal toda causa é uma explicação, mas nem toda explicação é uma causa. Em face disso, é comum algumas conjunções subordinativas causais serem classificadas como coordenativas explicativas. Já o contrário nunca ocorre. Observe:

Ex.: Comprei **porque sou gastador compulsivo.**

A segunda oração representa uma causa para o fato exposto na primeira, portanto a conjunção é subordinativa causal. Mas como toda causa é uma explicação, é possível encontrarmos a classificação para a conjunção de coordenativa explicativa.

EXERCÍCIO DE FIXAÇÃO

1. **Correlacione as duas colunas:**

1 – CAUSA

2 – EXPLICAÇÃO

a. ( ) Entre, pois estou mandando.
b. ( ) Você chorou, porque seus olhos estão vermelhos.
c. ( ) As ruas estão molhadas, pois choveu forte.
d. ( ) O carro parou, pois faltou combustível.
e. ( ) Fiquei irritado porque o cachorro me mordeu.
f. ( ) Dormimos, pois estávamos com muito sono.
g. ( ) Comeu toda a comida, porque estava faminto.
h. ( ) Meu amigo gravou todas as mensagens, pois eu pedi a ele.
i. ( ) Faltei á reunião porque estava doente.
j. ( ) Extraiu todos os dentes porque estavam cariados.
k. ( ) Entre, que a casa é sua.
l. ( ) Você mente, pois as suas mãos estão trêmulas.

m. ( ) Bati com o carro, porque não vi a árvore.
n. ( ) Desabafe, que faz bem para a mente, porém não minta, pois é pecado.
o. ( ) O Maracanã estava cheio, porque era final de campeonato.
p. ( ) Chora não, filhinho, pois a mamãe está aqui com você". (F Sabino).
q. ( ) Pensa bem, pois mais tarde te arrependerás.
r. ( ) A criança levou uma surra porque fez muitas travessuras.
s. ( ) Teve a luz cortada, porque não pagou a conta.
t. ( ) Foi para o quarto, pois estava com sono.
u. ( ) Não comprou porque quer guardar dinheiro.
v. ( ) Não me abandones, pois eu te amo muito.
w. ( ) Estudemos, pois o concurso esta aí.
x. ( ) Fi-lo, porque o quis.
y. ( ) Fique calmo, pois voltarei logo.
z. ( ) Comprei um carro, porque eu necessitei.

Gabarito:

a. (2)
b. (2)
c. (1)
d. (1)
e. (1)
f. (1)
g. (1)
h. (1)
i. (1)
j. (1)
k. (2)
l. (2)
m. (1)
n. (2)
o. (1)
p. (2)
q. (2)
r. (1)
s. (1)

t. (2)
u. (1)
v. (2)
w. (2)
x. (1)
y. (2)
z. (1)

6.2.2. Conjunções subordinativas concessivas

Conjunções subordinativas concessivas são as conjunções que, ao iniciar uma oração subordinada, se referem a uma ocorrência oposta ã ação da oração principal, não implicando essa oposição em impedimento de uma das ocorrências, ou seja, o obstáculo apresentado na oração subordinada não impedirá ou modificará a declaração da oração principal. Tais conjunções introduzem uma oração cujo fato ocorrente não altera o fato da outra oração. As conjunções subordinativas concessivas são: **embora, mesmo que, ainda que, posto que, por mais que, por menos que, mesmo quando, se bem que, conquanto, nem que etc.**

Obs.: Embora já haja registros de empregos do conector POSTO QUE como causal, as bancas tendem a não admiti-lo, aceitando apenas como conjunção concessiva, sinônima exata de AINDA QUE e MESMO QUE.

Exemplos

- Acompanhou a decisão da maioria, **embora** o tenha feito contra sua vontade.
- A mulher confiaria no rapaz, **ainda que** ele tivesse mentido.

Dentro das concessivas, podemos encontrar matizes semânticos distintos que giram em torno da ideia **factual** e **hipotética**. Observemos as situações comunicativas abaixo:

Uma mulher perguntou ao marido o seguinte: – Você me traiu?

O marido respondeu: – Isso não importa. **Embora** eu tenha traído, eu a amo.

Diante dessa situação, reparamos que, ao usar o conector concessivo **EMBORA,** a ideia **factual** está em evidência, ou seja, o marido está denunciando que

cometeu a traição, passando certeza para a interlocutora.

Observemos agora a situação **b**:

Uma mulher perguntou ao marido o seguinte: – Você me traiu?

O marido respondeu: – Isso não importa. **Ainda que** eu tenha traído, eu a amo.

Nesse caso, a ideia **hipotética** prevalece. Ao falar de tal maneira, usando a conector concessivo **AINDA QUE,** o locutor (marido) trabalha no campo da hipótese, sem afirmar que cometeu a traição.

BIZU

ADVERSIDADE X CONCESSÃO

Tanto as **adversativas** como as **concessivas** marcam oposição (contraste). Podemos até afirmar que, em termos semânticos, a oposição é hiperônimo do qual são hipônimos a adversidade e a concessão. Porém, qual é a diferença que há entre elas? Além de uma representar o grupo oracional das coordenadas (adversativas) e outra representar o grupo oracional das subordinadas (concessivas), precisamos saber que **as adversativas apresentam a ideia mais importante da oposição, e as concessivas se prendem a ideia menos importante** no interior da oposição.

Sendo assim, observemos os exemplos abaixo:

O trabalho dignifica a pessoa, **mas** a consome por completo.

Nesse exemplo, a conjunção **MAS** une duas ideias contrárias, marcando uma perspectiva negativa em relação ao trabalho. Tal oração adversativa representa a ideia (o fato) mais importante, chamando a atenção do leitor para a crítica que diz respeito ao trabalho.

O trabalho consome a pessoa, **mas** a dignifica.

Agora, nós observamos uma visão (perspectiva) positiva em relação ao trabalho. Nesse caso, a intenção do autor do texto é exatamente marcar a visão positiva na cabeça do leitor. A ideia (o fato) mais importante agora passou a ser a dignifica.

Os conectores adversativos introduzem a ideia mais importante. Fica a critério do autor do texto, em algumas ocasiões, decidir que perspectiva (positiva ou negativa) se pretende frisar na mente do leitor. No exemplo 1, como vimos, a intenção foi evidenciar a visão negativa do trabalho, já no exemplo 2, a intenção foi frisar a sua visão positiva.

Se for usada a conjunção concessiva, o período fica assim:

Embora o trabalho dignifique a pessoa, ele a consome por completo.

A concessiva se prende a ideia menos importante. Pode-se também inverter:

Embora o trabalho consuma a pessoa por completo, ele a dignifica.

Percebe-se também que as **concessivas** apresentam característica migratória, ou seja, a possibilidade de elas aparecerem na posição posposta, anteposta ou intercalada; já as **adversativas** apresentam posição fixa na estrutura oracional. Repare também que as concessivas, quando não reduzidas, ocorrem com verbos no modo subjuntivo. Já as adversativas vêm com verbos no modo indicativo.

6.2.3. Conjunções subordinativas condicionais

Conjunções subordinativas condicionais são as conjunções que, ao iniciar uma oração subordinada, exprimem uma hipótese para a realização do fato da oração principal. As conjunções subordinativas condicionais são: **se** e **caso.**

Exemplos:

Se	**Se** você me ligar, sairei com você.
Caso	Ficarei feliz, **caso** você venha.

Podemos perceber que as conjunções condicionais iniciam uma oração subordinada em que se indica uma hipótese ou uma condição necessária para que seja realizado ou não o fato expresso na principal. E elas apresentam uma ideia que é exatamente o oposto da concessão, visto que nestas há independência entre os fatos, e naquelas há dependência.

Ex.: Mesmo que chova, irei á praia. – Observe que o locutor da oraçáo irá à praia de qualquer forma, com chuva ou sem chuva. Sendo assim, o desfecho (ir ã praia) independe do evento anterior (chover), o que caracteriza a concessão.

Ex.: Caso chova, não irei ã praia. – Observe que o fato de ir ã praia depende do fato de não chover, caracterizando a ideia de condição.

As conjunções condicionais compostas, isto é, as formadoras do que denominamos locuções conjuntivas, apresentam, geralmente, o elemento QUE como final.

São locuções condicionais → desde que, contanto que, uma vez que, a menos que, sem que, a não ser que, salvo se, exceto se.

Desde que	Aceitava qualquer nota, **desde que** fosse azul.
Contanto que	**Contanto que** estudes, passarás.
Uma vez que	**Uma vez que** essa condenação seja resolvida, a contratação **poderá** acontecer.

A menos que	**A menos que** você mantenha uma carga de estudo excessiva, será reprovada na escola.
Sem que	A democracia não será exercida, **sem que** esta não esteja assegurada a todos.
A não ser que	Nunca se preocupa com os outros, **a não ser que** seja do seu interesse.
Salvo se	**Salvo se** seu cônjuge for brasileiro, o governo não implicará.
Exceto se	**Exceto se** for encontrado no próprio local, a polícia não perturbará.

BIZU

Caro candidato, ultimamente têm caído bastantes questões em concursos em que é solicitada a relação causa-efeito. E, em muitas dessas situações, a causa é representada por conectores condicionais. Tal é possível, pois há uma proximidade significativa entre as duas ideias. Ambas representam as situações anteriores e geram uma consequência, distinguindo-se apenas pelo fato de a causa ser fato prévio concreto, e a condição, hipótese, obviamente, prévia.

Ex.: Contanto que João esteja doente, não poderá faltar á aula. – Repare a relação condição-consequência. Se João estiver doente (condição), a consequência é que ele poderá faltar ã aula.

6.2.4. Conjunções subordinativas comparativas

Conjunções subordinativas comparativas são as que, ao iniciar uma oração, subordinam-na a outra por meio da comparação ou confronto de ideias. As conjunções subordinativas comparativas são: **que, do que (quando iniciadas ou antecedidas por noções comparativas como menos, mais, maior, menor, melhor, pior), qual (quando iniciada ou antecedida por tal), como (também apresentada nas formas assim como, bem como), quanto (depois de tanto), conforme, feito.**

Exemplos

- Aquilo é pior que o resultado esperado.
- A ansiedade passou como as nuvens do céu.
- Há deveres mais específicos que outros.
- Você é mais alto do que o pai.

Obs.: Nas comparações de superioridade ou de inferioridade, o vocábulo "do" é totalmente desprezível, tanto no aspecto semântico quanto no aspecto gramatical.

Ex.: Estudo mais **do** que Paulo. / Estudo mais que Paulo.

Ex.: Os brasileiros leem menos **do** que os argentinos. / Os brasileiros leem menos que os argentinos.

6.2.5. Conjunções subordinativas consecutivas

As consecutivas introduzem uma ideia de consequência. Normalmente na oração principal aparecerá um elemento que dê ideia de intensificação (tão, tal, tamanho, tanto). A conjunção mais comum é QUE.

Exemplos

- "Abraçou-me com tal ímpeto, que não pude evitá-lo" (Machado de Assis).
- "… e era tão linda, morena e dourada pelo sol, que eu ia, no silêncio do ar, atirar-lhe um beijo…" (Eça de Queirós).

Observe, nas duas frases, que apareceu a expressão de intensidade (TAL, TÃO) na oração principal e a conjunção QUE introduzindo valor de consequência, na primeira frase (não pude evitá-lo) e na segunda (eu ia, no silêncio do ar, atirar-lhe um beijo…).

6.2.6. Conjunções subordinativas finais

Conjunções subordinativas finais são as conjunções que, ao iniciar uma oração subordinada, expressam a finalidade dos atos contidos na oração principal. As conjunções subordinativas finais são: **a fim de que, para que, porque (com mesmo sentido da conjunção para que), que.**

Obs.: Todos os conectores finais podem ser substituídos pela palavra OBJETIVO.

Exemplos

- Tudo foi planejado para que (COM OBJETIVO DE QUE) não houvesse falhas.
- Fez sinal que (COM OBJETIVO DE QUE) todos se aproximassem em silêncio.
- Rezo porque (COM OBJETIVO DE QUE) tudo acabe bem.

BIZU

Você deve ficar atento ao fato de que as bancas têm relacionado, principalmente em questões de interpretação de textos, a ideia de finalidade á de consequência. Tal é efetivamente cabível visto que ambas representam fatos posteriores. Tome cuidado, pois, no primeiro momento, a finalidade passa a sensação de que se trata de fato anterior, mas é justamente o oposto, como ficará esclarecido nos exemplos a seguir.

Ex.: Vim aqui para que (com o objetivo de que) pudesse analisar o problema.

Atenção: o primeiro fato a acontecer é "vir aqui" e o segundo fato "poder analisar o problema", então "poder analisar o problema" não faz com que "eu venha aqui" e sim "vir aqui" é que faz com que "eu possa analisar o problema".

Ex.: João deve estudar a fim de que (com o objetivo de que) tenha a sua vaga assegurada no concurso.

Atenção: o fato anterior é "João dever estudar", o posterior é "ter a vaga assegurada". O posterior não leva ã ocorrência do anterior; o anterior é que leva ã ocorrência do posterior.

6.2.7. Conjunções subordinativas conformativas

Conjunções subordinativas conformativas são as que, ao iniciar uma oração subordinada, expressam sua conformidade (estar de acordo com algo já estabelecido) em relação ao fato da oração principal. As conjunções subordinativas conformativas são: **conforme, segundo, consoante, como (utilizada no mesmo sentido da conjunção conforme).**

Exemplos

- O debate se desenvolveu conforme foi planejado
- Segundo o que disseram, não haverá reunião.

6.2.8. Conjunções subordinativas proporcionais

Conjunções subordinativas proporcionais são as conjunções que expressam a simultaneidade e a proporcionalidade da evolução dos fatos contidos na oração subordinada com relação aos fatos da oração principal. As conjunções subordinativas proporcionais são: **à proporção que, à medida que, ao passo que, quanto mais... (tanto) mais, quanto mais... (tanto) menos, quanto menos... (tanto) menos, quanto menos... (tanto) mais etc.**

Exemplos

- Seu espírito se elevava á medida que se dedicava ao estudo.
- Quanto mais correres, mais ofegante ficarás
- Quanto menos as pessoas nos incomodam, tanto mais realizamos nossas obrigações.

Obs.: É de bom alvitre não confundir À MEDIDA QUE – que tem valor proporcional – com NA MEDIDA EM QUE – que tem valor causal ou explicativo, sendo sinônimo de PORQUE, JÁ QUE, VISTO QUE… Os termos À MEDIDA EM QUE e NA MEDIDA QUE simplesmente não existem.

6.2.9. Conjunções subordinativas temporais

Conjunções subordinativas temporais são as que, ao iniciar uma oração subordinada, tornam essa oração um índice da circunstância do tempo em que o fato da oração principal ocorre.

Sendo assim, a construção temporal expressa por um **período composto** é formada pela **oração principal** e uma **subordinada adverbial temporal**. Normalmente, em Português, a análise das construções temporais pode ser desenvolvida em relação às orações iniciadas pela conjunção **quando**. Tal conjunção é bem famosa no universo linguístico exatamente pelo seu valor temporal.

Exemplo

- Os professores serão surpreendidos **quando** os alunos chegarem.

Existem outras conjunções que expressam valor temporal:

ENQUANTO (tempo simultâneo) – O aluno conversava, **enquanto** o professor explicava a matéria.

APENAS – Apenas nós nos sentamos no muro, a polícia nos repreendeu.

MAL – Mal chegou ã casa, teve de sair.

Existem algumas conjunções temporais compostas, isto é, formam o que denominamos locuções conjuntivas, apresentando, geralmente, o elemento QUE como final, e que podem ser empregadas com:

a) **Advérbios → antes, depois, logo, assim.**

Antes que	Acorde antes que ele chegue.

Depois que	Vou á festa depois que ele sair.
Logo que	**Logo que** chegamos, o filme começou.
Assim que	Correu **assim que** nos viu.
Sempre que	**Sempre que** estuda, aparecem dúvidas.

b) **Preposição →até, desde.**

Até que	Ficarei aqui **até que** você me chame.
Desde que	**Desde que** o conheci, fiquei encantando com seu discernimento.

6.2.10. Conjunções subordinativas modais

Não é muito comum a relação adverbial modal por meio de uma **oração.** Ela se faz especialmente com **SEM QUE** e **verbo no subjuntivo**.

Exemplo

- Limpa-se, lavando toada a estrutura, **sem que** sujeira alguma apareça.

6.2.11. Conjunções subordinativas integrantes

Conjunções subordinativas integrantes são as conjunções que, iniciando orações subordinadas, introduzem essas orações como termos da oração principal (sujeitos, objetos diretos ou indiretos, complementos nominais, predicativos ou apostos). As conjunções integrantes são **que** e **se.**

Exemplos

- João disse que não havia problemas (a oração subordinada funciona, neste caso, como objeto direto da oração principal);
- A criança perguntou ao pai se Deus existia de verdade (a oração subordinada funciona, neste caso, como objeto direto da oração principal).

BIZU

Caro estudante, em tese a conjunção integrante não possui valor semântico. Todavia perceba que há diferença de sentido entre as conjunções integrantes **QUE** e **SE.** A distinção que há é a seguinte: a conjunção **QUE** transmite **ideia factual** e a conjunção **SE** transmite **ideia hipotética**. Observemos os exemplos:

– Eu sei que você está triste.

Na situação acima, a oração que você mentiu funciona sintaticamente como objeto direto do verbo saber. Ao fazer uso da conjunção **QUE** o autor da frase indica **certeza** em relação ã mentira. Essa ideia factual é direcionada para a segunda pessoa do discurso.

– Eu sei se você está triste.

Nesse caso, a ideia hipotética, transmitida pela oração "se você está triste", está relacionada ã percepção do autor da frase, ou seja, havendo tristeza, eu perceberei. No primeiro momento, encontra-se a certeza (eu sei…), no segundo momento, encontra-se a dúvida (se você está triste) e o período inteiro caracteriza a relação perceptiva mencionada. Artifício criado por causa da conjunção integrante **SE** que apresenta essa carga semântica.

EXERCÍCIO DE FIXAÇÃO

1 . **Numere as frases de acordo com a classificação da conjunção subordinativa:**

1	**Causal**
2	**Comparativa**
3	**Temporal**
4	**Concessiva**
5	**Final**
6	**Consecutiva**
7	**Proporcional**
8	**Condicional**
9	**Conformativa**
10	**Integrante**
11	**Modal**

a. ( ) Ele se esforçou tanto **como** o irmão.
b. ( ) **Se** você vier, será bom para todos.
c. ( ) Entrou **antes que** anoitecesse.
d. ( ) Acenou-lhe **que** viesse.
e. ( ) **À medida que** estuda, mais conhecimento adquire.
f. ( ) Estava tão cansado **que** dormiu.

g. ( ) **Segundo** me disseste, os alunos gabaritaram.
h. ( ) **Desde que** não aceitam minha opinião, calo-me.
i. ( ) **Embora** chovesse, foram á praia.
j. ( ) Admirava-o muito, **conquanto** o conhecesse pouco.
k. ( ) Tamanha foi a explosão, **que** todos correram.
l. ( ) Orou **porque** a paz voltasse.
m. ( ) **Ainda que** estivéssemos cansados, prosseguiríamos a viajem.
n. ( ) Este livro é mais interessante **que** o meu.
o. ( ) O barulho aumentava **à medida que** no aproximávamos.
p. ( ) Irei viajar, **contanto que** tenha dinheiro.
q. ( ) **Mal** cheguei, sorriu.
r. ( ) Estudou muito **para que** fizesse uma boa prova.
s. ( ) **Como** estava doente, fui ao médico.
t. ( ) **Conquanto** chovesse, íamos ao parque aquático.
u. ( ) É feio **que** dói.
v. ( ) Falem o que quiserem, **contato que** não me ofenda.
w. ( ) Ele comeu, **porque** estava com muita fome.
x. ( ) A mulher gritou tanto **que** perdeu a voz.
y. ( ) Faltei ao trabalho **porque** estava doente.
z. ( ) **Já que** insiste, aceito o emprego.
AA ( ) Agi **conforme** você agiu
AB ( ) O pai viu **que** o filho estudara.
AC ( ) Ela é tal quais as amigas.
AD ( ) O pai prepara uma surpresa, **sem que** o filho desconfie.

Gabarito:

a. (2)
b. (8)
c. (3)
d. (5)
e. (7)
f. (6)
g. (9)
h. (1)
i. (4)

j. (4)
k. (6)
l. (5)
m. (4)
n. (10)
o. (7)
p. (8)
q. (3)
r. (5)
s. (1)
t. (4)
u. (6)
v. (8)
w. (1)
x. (6)
y. (1)
z. (1)
AA (9)
AB (10)
AC (2)
AD (11)

6.3. ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS

O pronome relativo sempre introduz uma oração subordinada adjetiva. São pronomes relativos O QUAL, A QUAL, OS QUAIS, AS QUAIS ou quaisquer outros termos que possam ser substituídos por estes já mencionados. São também pronomes relativos CUJO, CUJA, CUJOS e CUJAS.

Ex.: Roubaram o relógio que (O QUAL) comprei ontem.

A oração sublinhada introduzida pelo pronome relativo QUE é subordinada adjetiva.

Ex.: O bairro onde (NO QUAL) moro é muito bonito.

ONDE MORO é uma oração subordinada adjetiva, pois ONDE é pronome relativo, fato que é constatado pela possibilidade de substituição por NO QUAL.

A oração subordinada adjetiva pode ser restritiva ou explicativa. Será restritiva quando não estiver isolada através de vírgula, travessão ou parênteses, e será explicativa se as pontuações aludidas procederem ao seu isolamento.

Ex.: Os operários que (os quais) fizeram greve foram demitidos. / Os operários – que (os quais) fizeram greve – foram demitidos.

Obs.: É fundamental lembrar que, nos atuais concursos públicos, é muito difícil as bancas solicitarem ao candidato a classificação de uma oração, o que não significa o assunto quedar-se ausente nas provas. A exigência hoje é a percepção de que a pontuação altera muito mais do que uma mera classificação de oração, modificando também o seu valor semântico. Então, retornando às duas frases, utilizadas no exemplo, tem-se: em ambas, o QUE é pronome relativo; contudo, na primeira frase, o pronome relativo não é precedido de pontuação, portanto a oração é subordinada restritiva. Sendo assim, a ideia é de restrição. As palavras que melhor expressam essa ideia são SOMENTE, SÓ, APENAS. A ideia contida na primeira frase é "somente os operários que fizeram greve serão demitidos"; já, na segunda frase, a oração adjetiva é isolada através de travessões, por conseguinte a oração é subordinada adjetiva explicativa. Portanto, o candidato deve condicionar-se á ideia de explicação, á ideia de "porquê". A frase deve ser interpretada como: Os operários foram demitidos porque fizeram greve.

Ex.: Os professores cujos alunos são bagunceiros ficam calvo mais cedo. Nem todos os professores ficam glabros mais cedo, somente aqueles que têm seus alunos bagunceiros. Portanto a oração CUJOS ALUNOS SÃO BAGUNCEIROS é subordinada adjetiva restritiva.

Ex.: Os professores, cujos alunos são bagunceiros, ficam glabros mais cedo. A interpretação desta frase é que "os professores ficam glabros mais cedo, pois seus alunos são bagunceiros".

Ex.: "O Capitão, que a tudo estava atento,

Tanto com estas se alegrou…" Camões

O sentido dos dois versos é "O Capitão, visto que a tudo estava atento, tanto com estas se alegrou…"

6.4. EXERCÍCIOS

01. **(TRF)**

Considere os períodos I, II e III, pontuados de duas maneiras diferentes:

I. Entregues os documentos pelo correio, seguirão outras informações relativas ao processo.

Entregues os documentos, pelo correio seguirão outras informações, relativas ao processo.

II. A audiência será marcada de imediato pelo advogado e o promotor conjuntamente.

A audiência será marcada, de imediato, pelo advogado e o promotor conjuntamente.

III. É bom que se arquivem os processos que estão com o prazo vencido.

É bom que se arquivem os processos, que estão com o prazo vencido.

Com a pontuação diferente, ocorreu alteração de significado em:

a) I, somente;

b) II, somente;

c) I e II;

d) I e III;

e) II e III.

Gabarito: D

Há alteração semântica no item I, visto que no primeiro período os documentos irão pelo correio; no segundo, são as outras informações que seguirão pelo correio. No item II, o fato de o adjunto adverbial, de corpo pequeno, estar isolado ou não por vírgulas, não gera alteração semântica. No item III, há alteração de sentido, visto que, quando o pronome relativo não é precedido de pontuação, introduz oração de caráter restritivo; já quando vem precedido de vírgula, introduz oração de caráter explicativo. Portanto, na primeira frase, o sentido é "não arquivar todos os processos, e sim somente aqueles que estão com o prazo vencido". Já na segunda, o sentido é "arquivar todos os processos, porque estão com o prazo vencido.".

02. **"O que me interessou foi um comentário marginal que ele fez – e o exemplo que escolheu para ilustrar seu comentário."; a forma menos adequada de reescrevermos o texto acima, respeitando-se o sentido original, é:**

a) Interessou-me um comentário marginal que ele fez – e o exemplo escolhido para ilustrar seu comentário;
b) Interessaram-me não só um comentário marginal que ele fez, como também o exemplo que escolheu para a ilustração de seu comentário;
c) O que me interessou foram um comentário marginal (que ele fez) e o exemplo (que escolheu para ilustrar seu comentário);
d) Um comentário marginal que ele fez e o exemplo que escolheu para ilustrar seu comentário foi o que me interessou;
e) Um comentário marginal feito por ele e o exemplo escolhido para a ilustração de seu comentário foi o que me interessou.

Gabarito: C

Repare que as orações adjetivas "que ele fez"e "que escolheu para ilustrar seu comentário", no texto original, não estão isoladas por pontuação, possuindo, por conseguinte, valor restritivo. Quando, na alternativa C, tais orações passam a vir isoladas por parênteses, assumem caráter explicativo. Por tal motivo – gerar alteração de sentido –, a alternativa C é a forma menos adequada para se reescrever o período.

03. **(ESAF / AFC)**

Assinale o diagnóstico correto acerca do emprego das vírgulas no trecho seguinte:

A nova disciplina das sociedades limitadas, está presente no Código Civil de 2002, que inovou em relação ao diploma anterior e tratou de matéria de cunho eminentemente comercial, revogando, assim, neste aspecto, o vetusto Código Comercial que datava do século passado.

a) O trecho está corretamente pontuado: não sobram nem faltam vírgulas.
b) O erro de pontuação está no mau emprego da vírgula colocada após a palavra "limitadas"(l.1). Sendo ela eliminada, o trecho torna-se gramaticalmente correto.
c) Para o trecho ficar corretamente pontuado, é preciso eliminar a vírgula colocada após a palavra "limitadas"(l.1) e inserir uma vírgula após a palavra "Comercial"(l.3-4).
d) Há três erros de pontuação: ausência de vírgula após a palavra "presente"(l.1), presença da vírgula depois de "2002"(l.2) e presença da

vírgula depois da palavra "revogando"(l.3).

e) Basta uma vírgula isolando a oração adjetiva explicativa "que datava do século passado"(l.4) para o trecho ficar corretamente pontuado.

Gabarito: C

Questão extremamente maliciosa, visto que há um erro gramatical grosseiro logo na linha 1, ao ser empregada uma vírgula após "limitadas", separando sujeito de verbo. Tal situação induz o candidato a marcar a alternativa B. No entanto, há mais um erro no texto: como "Código Comercial" só há um, não se pode restringir algo de apenas uma unidade. Então, essa oração só pode ter caráter explicativo, o que obriga o uso de uma pontuação antes do pronome relativo "que". O sentido da frase é:... revogar o vetusto (antiquado) Código Comercial, porque ele data do século passado. Sendo assim, a alternativa que denuncia as duas falhas é a C.

04. **(FCC / TRT-SP 2º Região / Analista Judiciário)**

Atente para as seguintes frases:

I. Caberia aos homens de hoje, que despacharam as utopias, buscar revigorá-las.

II. Os sonhos coletivos, que alimentaram tempos passados, deram lugar aos afazeres imediatos.

III. Preocupa-nos, hoje, muito mais a agenda do dia do que um projeto de longo prazo.

A supressão das vírgulas altera o sentido da frase SOMENTE em:

a) I e II;

b) I e III;

c) I;

d) II;

e) III.

Gabarito: A

Nos dois primeiros períodos, temos o emprego de vírgulas antecedendo pronomes relativos. Sendo assim, tais orações possuem caráter explicativo (porque). Sendo tais pontuações extraídas, o sentido passa a ser de restrição (somente). Já no último item, o fato de o adjunto adverbial estar isolado ou não por pontuação não implica alteração de sentido.

05. **(IBAMA / Gestão / 2010)**

Reparação duas décadas depois

Francisco Alves Mendes Filho ainda não era um mito da luta contra a devastação da Amazônia quando foi preso, em 1981, acusado de subversão e incitamento á luta de classes no Acre, em plena ditadura militar. Chico Mendes se tornaria mundialmente conhecido, dali para a frente, por comandar uma campanha contra a ação de grileiros e latifundiários, responsáveis pela destruição da floresta e pela escravização do caboclo amazônico. Por isso mesmo foi assassinado, em 22 de dezembro de 1988, na porta de casa, em Xapuri. O crime, cometido por uma dupla de fazendeiros, foi punido com uma sentença de 19 anos de cadeia para cada um. Faltava reparar a injustiça cometida pelos militares.

E ela veio na quarta-feira 10, no palco do Teatro Plácido de Castro, em Rio Branco, na forma de uma portaria assinada pelo ministro da Justiça, Tarso Genro. Antes, porém, realizou-se uma sessão de julgamento da Comissão de Anistia, cujo resultado foi o reconhecimento, por unanimidade, da perseguição política sofrida por Chico Mendes no início dos anos 80 do século passado. A viúva do líder seringueiro, Izalmar Gadelha Mendes, vai receber uma pensão vitalícia de 3 mil reais mensais, além de indenização de 337,8 mil reais.

Após assinar a portaria de anistia, Tarso Genro declarou que o assassinato de Chico Mendes está diretamente associado ã perseguição sofrida pelo seringueiro durante a ditadura. "O Estado brasileiro não soube compreender o que ele (Mendes) representava naquele momento", disse o ministro. "O Brasil pede perdão a Chico Mendes", afirmou, ao assinar o documento. Acompanhada de dois filhos, Izalmar Mendes mostrou-se satisfeita com o resultado do julgamento. "Era a hora de limpar o nome do meu marido. Mais importante do que a indenização foi o pedido de desculpas feito pelo Estado", disse a viúva.

O caso de Chico Mendes foi relatado pela conselheira Sueli Bellato. Emocionada, ela disse ter lido muito sobre o seringueiro morto para, então, encadear os argumentos que a fizeram acatar o pedido de reconhecimento e indenização interposto por Izalmar Mendes. Chico Mendes foi vereador em Xapuri, onde nasceu, e se firmou como crítico de projetos governamentais de graves consequências ambientais, como a construção de estradas na região amazônica. 31 No relatório, aprovado por unanimidade, a conselheira contou

detalhes da vida de Chico Mendes, da infância pobre nos seringais ao dia em que foi assassinado. Segundo Sueli Bellato, a atuação de Mendes contra grileiros e latifundiários rendeu, durante a ditadura, um arquivo de 71 páginas redigidas por agentes do antigo Serviço Nacional de Informações (SNI). Foi por participar de um ato público, em 1980, que Chico Mendes passou a ser fichado e perseguido pelos militares. Em Rio Branco, o seringueiro fez um discurso exaltado contra a violência no campo provocada pelos fazendeiros.

Na época, Chico Mendes foi enquadrado na Lei de Segurança Nacional, acusado de "atentado contra a paz, a prosperidade e a harmonia entre as classes sociais". Preso em diversas ocasiões, só foi definitivamente absolvido em 1º de março de 1984, quatro anos depois, portanto, de iniciadas as perseguições. De acordo com a conselheira Sueli Bellato, embora o relatório não tenha se aprofundado na questão, foi possível constatar que Chico Mendes também foi torturado enquanto estava sob custódia de policiais federais.

Leandro Fortes. Internet: <www.cartacapital.com.br> (com adaptações).

Considerando aspectos linguísticos do texto Reparação duas décadas depois, julgue os itens a seguir.

1 – Os termos "portanto" (L.41) e "enquanto" (L. 43), estabelecem idênticas relações de sentido.

2– O texto caracteriza-se como essencialmente informativo.

3– O emprego da vírgula após "latifundiários" (L. 5) justifica-se por isolar o termo explicativo.

4– O termo "onde" (L. 28) introduz oração adjetiva de sentido explicativo.

Gabarito:

1 – Errado. A conjunção "portanto" tem valor conclusivo; já a conjunção "enquanto" estabelece valor de concomitância, de tempo.

2 – Certo. O texto se estrutura pela exposição de fatos, o que demarca a caracterização da predominância do aspecto informativo.

3 – Certo. Como a vírgula precede "responsáveis", cuja classe gramatical é um adjetivo, pode-se perceber que tal adjetivo (pode-se fazer analogia com as orações adjetivas) passa a ter caráter explicativo.

4 – Certo. O vocábulo ONDE é pronome relativo, podendo, inclusive, ser substituído por NO QUAL; e como é precedido de vírgula, a oração subordinada adjetiva tem caráter explicativo.

06. **(APOFP)**

Em relação ao texto abaixo, assinale a opção correta.

A invasão israelense intensifica o ambiente de privações e ameaças ã integridade física em que vivem os habitantes de Gaza. Além dos intensos bombardeios aéreos, que mataram centenas de palestinos – entre eles várias mulheres e crianças –, faltam víveres e medicamentos, e os cortes no fornecimento de água e luz são constantes. Ao que consta, pois Israel impede a entrada da imprensa no território invadido, o objetivo inicial da ação terrestre é isolar o norte da faixa litorânea, de onde parte a maioria dos ataques com foguetes contra o sul israelense, do restante do território palestino. A cidade de Gaza, com mais de 400 mil habitantes, foi sitiada. Além dos intoleráveis danos, humanos e materiais, que impõe aos palestinos, o estrangulamento militar desfechado por Israel está repleto de incertezas quantoà sua eficácia.

(Folha de S. Paulo, Editorial, 05 jan. 2009.)

a) O sinal indicativo de crase em "á integridade"(l.1) justifica-se pela regência de "intensifica"(l.1) e pela presença de artigo definido feminino singular.

b) O segmento "de onde parte a maioria dos ataques com foguetes contra o sul israelense"(l.7) está entre vírgulas por tratar-se de oração subordinada adjetiva explicativa.

c) O emprego de vírgula após "aéreos"(l.2) justifica-se para isolar a oração de natureza restritiva subsequente.

d) A expressão "Ao que consta"(l.5) indica que os autores têm certeza absoluta da informação apresentada.

e) O pronome relativo "que"(l.2, primeira ocorrência) retoma o sentido do termo antecedente: "integridade física".

Gabarito: B

A alternativa A apresenta comentário inadequado, visto que a presença da preposição A é decorrente da regência de "ameaças". A alternativa B é a que apresenta comentário adequado, porquanto ONDE – junto com a preposição de – é pronome relativo, podendo ser substituído por DO QUAL, referindo-se a "o norte da faixa litorânea". E como esse pronome relativo é precedido de vírgula, introduz oração de caráter explicativo. O corpo da alternativa C apresenta uma contradição: a presença de pontuação 'não caracteriza uma oração restritiva. A ausência de pontuação pode caracterizar a restrição; e a presença pode caracterizar a

explicação. A alternativa D também apresenta comentário falso, pois o emprego de AO QUE CONSTA passa a sensação de a informação estar no campo da possibilidade, da hipótese. A alternativa E também apresenta comentário inadequado, visto que o antecedente do relativo QUE (junto com a preposição EM) é "o ambiente de privações e ameaças ã integridade física", sendo o núcleo "ambiente".

07. **(FCC / TRT-1ª Região / Analista Judiciário)**

... a densidade da ocupação espacial resulta na concentração de necessidades. Assim, nas cidades surgem problemas que em outras condições as pessoas nunca tiveram oportunidade de resolver.

Identifica-se entre as frases acima, respectivamente, relação de:

a) consequência e ressalva;
b) causa e consequência;
c) finalidade e temporalidade;
d) oposição e ressalva;
e) condição e oposição.

Gabarito: B

Podemos observar algumas relações na passagem acima. A densidade da ocupação é causa de concentração de necessidades, assim como tal concentração de necessidades também se torna causa para o fato de surgirem problemas que, em outras condições, as pessoas nunca tiveram oportunidade de resolver. Sendo assim, há uma nítida relação de causa e efeito na passagem do enunciado.

08. **(FUNCAB / Pref. Serra-ES / Cirurgião Dentista)**

No período "Ela estava tão aflita que, embora fizesse frio, se abanava com uma revista", além da oração principal, há duas outras orações as quais exprimem respectivamente:

a) concessão e consequência;
b) condição e consequência;
c) concessão e causa;
d) condição e causa;
e) causa e consequência.

Gabarito: A

O conector EMBORA é concessivo, e a conjunção QUE na passagem é um

conector consecutivo, introduzindo no fragmento a consequência de determinado fato: estar tão aflita.

09. **(FUNCAB / Pref. Serra-ES / Cirurgião Dentista)**

A conjunção em destaque no período "COMO a senhora não me desse mais trabalho, e o tempo fosse passando, recomecei a pensar em mim mesmo, triste e fraco assunto" pode ser substituída, sem alteração de sentido, porto das as abaixo relacionadas, EXCETO por:

a) porque;
b) conquanto;
c) dado que;
d) visto que;
e) porquanto.

Gabarito: B

O valor da conjunção em destaque é causal, e o único que não pode apresentar a mesma ideia entre as assertivas é o CONQUANTO, pois apresenta valor de concessão.

10. **(OBJETIVA / Pref. Chapecó-SC / Médico)**

Analisar os itens abaixo:

I.– "Note bem: casais. Não é o caso, <u>portanto</u>, da conhecida depressão pós-parto que acomete as..."
mulheres recém-saídas do episódio..."

II.– "Mas não leva em consideração, o que não nos impede de especular a respeito, <u>se</u> este homem aqui já tinha algum tipo de propensão ã depressão..."

Os termos sublinhados, chamados conjunções, podem ser substituídos, sem alteração semântica, por:

a) Pois – caso;
b) Logo – embora;
c) Outrossim – ainda que;
d) Porquanto – conquanto.

Gabarito: A

Primeiro, temos de identificar os valores das conjunções no enunciado. Ao verificar, percebemos que as ideias são respectivamente de CONCLUSÃO e

CONDIÇÃO. A única assertiva que apresenta a mesma relação semântica é a opção A, pelo fato de o POIS manter a noção conclusiva no contexto, além de CASO conservar a ideia de condição.

11. **"O estudo relaciona, como justificativa para o advento do transtorno, a mudança da rotina do casal..."**

A palavra "como", no fragmento, traduz ideia de:

a) Concessão;
b) Adversidade;
c) Alternância;
d) Conformidade.

Gabarito: D

O conector introduz uma informação que se encontra de acordo com a exposta na outra oração.

12. **(AOCP / CÅ, MARA DE SALVADOR-BA / Analista Legislativo)**

"Como ocorreu em 2009, para aplacar críticas, a cúpula do MEC substituiu o presidente do Inep."

A expressão destacada estabelece, no contexto, uma relação lógico-semântica de:

a) Causa;
b) Conformidade;
c) Consecução;
d) Comparação;
e) Concessão.

Gabarito: D

Na passagem acima, percebe-se uma comparação em relação ao que ocorrera em 2009, ou seja, da mesma forma que aconteceu em 2009. Logo, o valor semântico predominante é o de comparação.

13. **(VUNESP –CODESP / SP – GUARDA PORTUÁRIO)**

No trecho – As pessoas precisam ser alertadas porque o número de mendigos que agem de má fé é grande. – a conjunção porque pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:

a) mas;
b) porém;

c) todavia;
d) entretanto;
e) pois.

Gabarito: E

Os quatro primeiros conectores MAS, PORÉM, TODAVIA e ENTRETANTO são adversativos, e a conjunção PORQUE é explicativa no contexto; logo, o único conectivo que substitui o grifado sem alteração de sentido é o POIS.

14. **(Cespe / Correios / Carteiro)**

Na frase "Identificava-se, <u>portanto</u>, o responsável pelo fracasso na legitimidade das feições" (L.16-17), a palavra sublinhada expressa o sentido de:

a) condição;
b) oposição;
c) explicação;
d) conclusão;
e) finalidade.

Gabarito: D

A conjunção sublinhada introduz valor de dedução, suposição, algo que efetivamente se conclui.

15. **(Cespe / Polícia Civil-ES / Perito Criminal Especial)**

Bandos de homens armados perpetram anualmente 450 roubos a bancos e carros-fortes no Brasil. Tais episódios põem em risco a vida de clientes, agentes de segurança e policiais, mas o prejuízo financeiro é relativamente pequeno para as instituições. Para os bancos, a maior ameaça está embutida nos serviços prestados pela Internet ou por outros meios eletrônicos. As perdas resultantes de assaltos são de 50 milhões de reais anuais. Já os crimes cujas armas são os computadores devem, em 2010, ser responsáveis por perdas de 900 milhões de reais, dezoito vezes mais que nos assaltos convencionais.

QuestoesdeConcursos.com.br

A conjunção "mas" (L.3) poderia ser substituída, no texto, sem afetar o sentido ou a correção gramatical deste, por todavia ou por entretanto.

Gabarito: certo

A conjunção MAS do texto é adversativa, tendo como sinônimos TODAVIA e ENTRETANTO. Sendo assim, ficam preservadas a relação semântica e a correção gramatical, não havendo, inclusive, necessidade de qualquer alteração na estrutura frasal.

16. **(Cespe / Polícia Civil-ES / Escrivão de Polícia)**

Eu não gosto de ninguém, ele quase respondeu, refreando-se a tempo; faz sentido, ele mesmo concluía – é o pior momento da minha vida, sem a mulher, sem o filho, sem dinheiro, e desgraçadamente sem literatura. Uma letra de tango. Ou "um maneirista da própria sombra", como escreveu Eusébio de Mattos no Suplemento de Arte, demolindo-o até a última linha com o sadismo certeiro dos grandes críticos. Para um país sem crítica, aquele texto chegava a ser uma boa surpresa, ainda que deixasse entrever mais o prazer do ataque que o lamento sincero de um estudioso honesto, o tsc tsc tsc diante de um escritor que nunca "chegou lá" na corrida de cavalos letrados do panorama nacional – e Donetti sentiu a respiração opressa pelo rancor. O célebre homem brasileiro cordial é cordial não porque seja polido, o que ele nunca foi, mas porque nada nunca passa pelo cérebro antes de chegar ã vida – é só um coração batendo forte no meio da rua, que é o seu lugar.

Cristóvão Tezza. Um erro emocional. Rio de Janeiro: Record, 2010, p. 91 (com adaptações)

No trecho "ainda que deixasse entrever" (L.6-7), a locução conjuntiva "ainda que" poderia ser substituída por embora, sem que fosse alterado o sentido da oração.

Gabarito: certo

A locução conjuntiva "**ainda que**" apresenta relação semântica de concessão; a sua substituição por EMBORA conserva tal relação.

17. **(VUNESP / TJ-SP / Escrevente Técnico Judiciário)**

Em – A falta de modos dos homens da Casa de Windsor é proverbial, <u>mas</u> o príncipe Edward dizendo bobagens para estranhos no Quirguistão incomodou a embaixadora americana. – a conjunção destacada pode ser substituída por:

a) portanto;

b) como;

c) no entanto;
d) porque;
e) ou.

Gabarito: C

A conjunção NO ENTANTO é a única que apresenta a mesma ideia de adversidade, mantendo a mesma relação do MAS apresentado no texto.

18. **(VUNESP / TJ-SP / Escrevente Técnico Judiciário)**

Em – Tudo indica que 250 mil documentos secretos foram copiados por um jovem soldado num CD enquanto fingia ouvir Lady Gaga. – a palavra destacada exprime ideia de:

a) hipótese;
b) condição;
c) concessão;
d) causa;
e) tempo.

Gabarito: E

O ENQUANTO é um dos maiores representantes de tempo simultâneo que há na Língua Portuguesa, e a relação de concomitância, no contexto, é bem clara. Sendo assim, a ideia que caracteriza a resposta é temporal.

19. **(FCC / TRE-RN / Analista Judiciário)**

<u>Ainda assim,</u> provavelmente não foi a captura para o consumo pelo homem o que selou o destino do dodô, <u>pois</u> sua extinção ocorreu sobretudo pelos efeitos indiretos da perturbação humana.

Os elementos grifados na frase acima podem ser substituídos, sem prejuízo para o sentido e a correção, respectivamente, por:

a) Contudo – não obstante.
b) Conquanto – por que.
c) Em que pese isso – embora.
d) Apesar disso – visto que.
e) Por isso – porquanto.

Gabarito: D

AINDA ASSIM é concessivo, e o POIS é explicativo no texto; logo, os únicos

conectores que estabelecem a mesma relação semântica são: APESAR DISSO e VISTO QUE. Na letra A, os dois conectores marcam oposição; na opção B, o CONQUANTO, apesar de estabelecer uma ideia concessiva, não preservaria a gramaticalidade, pois geraria mudança no tempo verbal. Além disso, a grafia de POR QUE (separado) não representa explicação, o que gera falha gramatical; na letra C, os dois marcam oposição; e na opção E, POR ISSO estabelece valor de conclusão.

20. **(FGV / TRE-PA / Técnico Judiciário)**

Ficam hibernando ã espera do momento eleitoral <u>quando</u> deveriam estar em praça pública em busca de militantes e se expondo ao debate.

A conjunção <u>quando</u>, no período acima, tem valor:

a) proporcional;
b) comparativo;
c) consecutivo;
d) temporal;
e) concessivo.

Gabarito: E

Esta questão induziu muitos alunos ao erro, pois, ao observarem o QUANDO, pensaram imediatamente na ideia de tempo. Cuidado, afinal cada conector muda de acordo com o contexto. Apesar de primariamente o QUANDO transmitir semântica temporal, nesse caso a ideia prioritária é a de concessão, equivalendo a MESMO DEVENDO ESTAR, EMBORA DEVESSEM ESTAR, AINDA QUE DEVESSEM ESTAR.

21. **(COPEVE / UFAL / Bibliotecário)**

Qual palavra ou expressão preenche adequadamente a lacuna nos textos abaixo?

I. **"Pacientes crônicos terão mais qualidade de vida fora do hospital. _____, é cada vez maior o número de pacientes que continuam internados mesmo depois de superado o problema que os levou ã instituição."**

II. **"O Rio de Janeiro foi tomado por um clima de ufanismo. _____, não basta cantar vitória durante a batalha."**

III. **"_____ se discute punição a crimes do regime militar, a tortura**

continua uma prática comum no Brasil."

IV. **"Vendas disparam _____ os adeptos da boa bebida descobrem os sabores doces e complexos das variedades envelhecidas."**

a) De modo que – Portanto – Conquanto – porque;
b) Apesar disso – Porém – Enquanto – á medida que;
c) Mesmo assim – Por isso – Visto que – a fim de que;
d) Dessa forma – Todavia – Porque – quando;
e) Entretanto – Então – À proporção que – conforme;

Gabarito: B

É clara a relação de oposição no item I. Como tal relação pode ser expressa por conectores adversativos ou concessivos, podem-se excluir as alternativas A e D. No item II, há também um caráter de ressalva, cabendo, no caso, apenas conectores também de caráter adversativo, o que nos leva a eliminar a C e a E. Com isso, já se chega á resposta.

22. **(FCC / DPE-RS / Defensor Público)**

"É possível até que você use essas definições quando bate aquela dúvida sobre concordância ou regência, não é? <u>No entanto</u>, apesar de concorrentes, elas não têm fundamento científico, afinal são muito anteriores ao nascimento da ciência da linguagem (mais precisamente, 2 mil anos anteriores!)"

A expressão <u>No entanto</u> pode ser substituída, alterando o significado da frase, por:

a) entretanto;
b) porquanto;
c) todavia;
d) porém;
e) contudo.

Gabarito: B

Em todas as assertivas, exceto aquela que representa a resposta, as conjunções estabelecem relação de adversidade; logo, a única que altera o sentido original é o PORQUANTO que marca ideia CAUSAL ou EXPLICATIVA.

23. **(FCC / DPE-RS / Defensor Público)**

"Assim como em qualquer outra manifestação artística, portanto, o livro

que esteve sob ameaça de censura…"

O conetivo portanto pode ser substituído, sem alteração de sentido, por:

a) porquanto;

b) entretanto;

c) no entanto;

d) então;

e) conquanto.

Gabarito: D

"Portanto" é conector de caráter conclusivo. Entre as alternativas, a única que apresenta conjunção sinônima é a D.

24. **(CISVIR / Técnico em Enfermagem)**

Observe a frase e indique a circunstância correta da mesma:

"<u>Mesmo que ela me procurasse no dia seguinte</u>, eu não a indicaria para o cargo."

a) Condição;

b) Concessão;

c) Consequência;

d) Conformidade.

Gabarito: B

O MESMO QUE do texto pode ser facilmente substituído por AINDA QUE e EMBORA que são outros conectores concessivos. Para este tipo de questão, basta ter memorizado que o conector MESMO QUE é concessivo e saber enxergar tal relação no contexto.

25. **(FCC / DPE-RS / Defensor Público)**

"Isso porque, <u>embora</u> sejam caros, eles cortam outros gastos [...]"

A conjunção sublinhada nessa frase pode ser adequadamente classificada como:

a) alternativa;

b) concessiva;

c) conclusiva;

d) consecutiva.

Gabarito: B

Questão semelhante á anterior, modificando apenas a conjunção. O EMBORA do texto pode ser facilmente substituído por AINDA QUE e MESMO QUE que são outros conectores concessivos. Para este tipo de questão, basta ter memorizado que o conector MESMO QUE é concessivo e saber enxergar tal relação no contexto.

26. **(EXAMES / Pref. Queimadas-PB / Psicólogo)**

"E, como não temos o controle sobre a natureza, precisamos trabalhar com o imponderável e revesti-lo de cuidados compatíveis com as possibilidades do universo em convivência." (2º parágrafo)

A conjunção como introduz uma oração que estabelece com a oração seguinte a relação lógica de:

a) explicação;
b) condição;
c) finalidade;
d) causa.

Gabarito: D

Repare que a conjunção COMO pode ser substituída por PORQUE, JÁ QUE, VISTO QUE, PORQUANTO e estabelece no contexto uma ideia causal, isto é, não ter o controle sobre a natureza representa a causa de precisarmos trabalhar com o imponderável e revesti-lo de cuidados compatíveis com as possibilidades do universo.

27. **(EXAMES / Pref. Queimadas-PB / Psicólogo)**

"No entanto, as cidades vitoriosas foram aquelas que souberam ajustar suas razões á s da natureza."

Haveria significativa alteração no sentido dessa frase no contexto, caso o conectivo inicial (no entanto) fosse substituído por:

a) portanto;
b) contudo;
c) todavia;
d) entretanto.

Gabarito: A

Para este tipo de questão, basta saber que o conector NO ENTANTO representa adversidade, e o único que não mantém a mesma relação é PORTANTO, pois estabelece semântica de CONCLUSÃO.

28. **(Cespe / DFTRANS / Analista)**

linguagem. S.f. 1. o uso da palavra articulada ou escrita como meio de expressão e de comunicação entre as pessoas.

Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Novo dicionário da língua portuguesa, p. 1.035 (com adaptações).

Acho que se compreenderia melhor o funcionamento da linguagem supondo que o sentido é um efeito do que dizemos, e não algo que existe em si, independentemente da enunciação, e que envelopamos em um código também pronto. Poderiam mudar muitas perspectivas: se o sentido nunca é prévio, empregar ou não um estrangeirismo teria menos a ver com a existência ou não de uma palavra equivalente na língua do falante. O que importa é o efeito que palavras estrangeiras produzem.

Pode-se dar a entender que se viajou, que se conhecem línguas. Uma palavra estrangeira em uma placa ou em uma propaganda pode indicar desejo de ver-se associado a outra cultura e a outro país, por seu prestígio.

POSSENTI, Sírio. A cor da língua. Mercado de Letras: 2002, p.37-8 (com adaptações).

A partir da leitura dos dois textos acima, julgue o item a seguir:

No texto do verbete de dicionário, o valor de comparação da palavra "como" deixa subentender uma expressão mais complexa: assim como.

Gabarito: Errado

Podemos observar que o valor semântico da palavra "como" no trecho é de modo e não comparativo. A expressão "assim como" é comparativa. Sendo assim, não é possível a substituição.

29. **(Cespe / TSE / Técnico)**

A função da oposição em uma sociedade democrática consiste em denunciar a corrupção, acompanhar as investigações e avaliar os projetos e iniciativas governamentais, propondo alternativas. A crítica, e não a adesão, é sua tarefa primordial. Se uma sociedade cessa de ter uma verdadeira oposição, ela caminha para uma solução autoritária. A governabilidade só existe verdadeiramente com uma oposição atuante, que sinalize os problemas existentes e discuta os seus encaminhamentos.

ROSENFIELD, Denis Lerrer. O Globo, 27 nov. 2006. p. 7 (com adaptações).

Julgue o item a seguir:

Entre os dois últimos períodos do texto, subentende-se uma relação sintática que pode ser expressa por Entretanto.

Gabarito: Errado

Para resolver a questão, é preciso identificar os dois últimos períodos do texto que são:

I– Se uma sociedade cessa de ter uma verdadeira oposição, ela caminha para uma solução autoritária.

II– A governabilidade só existe verdadeiramente com uma oposição atuante, que sinalize os problemas existentes e discuta os seus encaminhamentos.

No primeiro período, afirma-se que, se não houver oposição, a sociedade caminhará para o autoritarismo. No segundo período, afirma-se que a oposição reforça a verdadeira governabilidade de um país.

Podemos perceber que as ideias são afins. A conjunção **ENTRETANTO** traz uma ideia de oposição. Sendo assim, a proposta do examinador não é boa.

30. **(Cespe / TSE / Analista)**

O terreno da ética é o próprio chão onde estão fincadas as bases de uma sociedade. Essa construção é feita todos os dias. Há algo de imaterial em todos os edifícios políticos.

Eles não estão aí por obra divina. Precisam ser reforçados permanentemente, por meio de atos significativos em que as pessoas reconheçam o interesse público. É isso que mantém a ordem pública, e não somente, nem, sobretudo, a força policial. Se as pessoas deixam de acreditar em uma ética subjacente ao dia-a-dia em um código de conduta que rege a ação dos políticos, pode-se prever que todo o edifício da sociedade estará ameaçado.

O Globo, 30 nov. 2006. p. 6 (com adaptações).

Acerca das relações lógico-sintáticas textuais, as opções seguintes apresentam propostas de associação, mediante o emprego de conjunção, entre períodos sintáticos do texto acima. Assinale a opção que apresenta proposta de associação incorreta.

PERÍODO	CONJUNÇÃO	PERÍODO
a) primeiro	e	segundo

b) terceiro c)quarto	entretanto conquanto	Quarto Quinto
d)Quinto	já que	sexto

Gabarito: C

Para resolvermos a questão, analisaremos todas as propostas até encontrar uma incorreta.

a) Efetivando a proposta, temos: O terreno da ética é o próprio chão onde estão fincadas as bases de uma sociedade é essa construção é feita todos os dias.

Podemos notar que o segundo período acrescenta uma informação ao primeiro e a conjunção coordenativa aditiva E é adequada para estabelecer a união desses períodos.

b) Efetivando a proposta, temos: Há algo de imaterial em todos os edifícios políticos, **entretanto** eles não estão aí por obra divina.

Podemos notar que no terceiro período o autor afirma ter algo imaterial e no quarto período diz que não está ali por obra divina, caracterizando uma oposição de ideias. O emprego da conjunção coordenativa adversativa ENTRETANTO é adequado para estabelecer a união desses períodos.

c) Efetivando a proposta, temos: Eles não estão aí por obra divina, **conquanto** precisam ser reforçados permanentemente, por meio de atos significativos em que as pessoas reconheçam o interesse público.

Observa-se que com o uso do "Conquanto" o verbo deveria ir para o subjuntivo e também podemos notar que o quinto período apresenta uma justificativa em relação ao que foi dito no período anterior. Com isso, podemos unir esses dois períodos usando uma conjunção explicativa (pois, porque, porquanto, entre outras).

A conjunção conquanto é concessiva, ou seja, possui uma relação de oposição. Sendo assim, não é adequada para estabelecer a união desses períodos.

d) Efetivando a proposta, temos: Precisam ser reforçados permanentemente, por meio de atos significativos em que as pessoas reconheçam o interesse público, já que é isso que mantém a ordem pública, e não somente, nem, sobretudo, a força policial.

Podemos notar que a relação existente entre os períodos é de causa e efeito.

O emprego da locução conjuntiva "já que" que tem valor de causa, assim como "visto que", é adequado.

31. **(Cespe / IPEA / Analista)**

Enquanto outros países em desenvolvimento, como China, Índia e Coréia, investem na formação de pesquisadores e se transformam em produtores de conhecimentos que dinamizam suas economias, o Brasil não consegue eliminar o fosso que separa as instituições de pesquisa das empresas privadas, nem aumentar o volume de investimentos em pesquisa e desenvolvimento. Vai ficando para trás em uma corrida decisiva para sua inserção em um mundo cada vez mais competitivo, sobretudo nos segmentos mais dinâmicos da indústria, como o da microeletrônica.

Estudo do consultor do Banco Mundial Alberto Rodríguez, publicado pela Confederação Nacional da Indústria, confirma que, apesar do conhecido diagnóstico sobre o atraso do país na área tecnológica, pouco se faz de prático para superar o problema.

Os pesquisadores brasileiros publicam seus trabalhos em um volume aceitável – eles respondem por cerca de 2% dos artigos científicos das principais publicações internacionais –, mas os resultados práticos das pesquisas são modestos.

O Brasil responde por apenas 0,18% do total de patentes registradas no mundo.

"Há a necessidade de que a pesquisa feita na universidade e nos laboratórios seja menos teórica e mais voltada para aplicações práticas", diz Rodríguez. "E o setor privado precisa investir mais em pesquisa e desenvolvimento."

O Estado de S. Paulo, Editorial, 1º/10/2008 (com adaptações).

Em relação ao texto acima, julgue o item a seguir:

Estariam preservadas a correção gramatical e o sentido original do texto se o termo "Enquanto" (l.1) fosse substituído por qualquer uma das seguintes expressões: Ao passo que, Porquanto, Dado que.

Gabarito: Errado

Para resolver a questão, é preciso identificar o valor da conjunção na construção e depois realizar as substituições uma a uma para que possamos verificar se serão preservados o sentido e a correção gramatical da frase.

A conjunção "enquanto", na frase, apresenta valor primário de concomitância e

secundário de oposição.

I– A locução conjuntiva "ao passo que" poderia ficar no lugar de "enquanto", pois estabelece uma relação de proporção, mas pode lhe ser conferida uma relação secundária de simultaneidade.

II– As conjunções "porquanto" e "dado que" podem ser causais ou explicativas. Sendo assim, não poderiam substituir a palavra "enquanto" preservando o sentido original do texto.

Diante da análise feita, podemos perceber que o item está errado.

32. **(Cespe / ES / Perito)**

Em alguns países do primeiro mundo, há uma ideia de direitos humanos apenas para consumo interno. Observa-se nesses casos uma contradição inexplicável: no âmbito interno, vigoram os direitos humanos, nas relações com os países dependentes, vigoram os interesses econômicos e militares. Esses interesses justificam a tolerância com as violações dos direitos, no campo diplomático, ou o próprio patrocínio das violações. Os mesmos interesses econômicos e militares justificam também o patrocínio da guerra, sob a bandeira de paz. Para que tais desvios não continuem a acontecer, alguns juristas italianos (Salvatore Senese, Antonio Papisca, Marco Mascia, Luigi Ferrajoli e outros) têm defendido que uma nova ordem mundial se constitua, não sob o império dos interesses dominantes, mas tendo, ao contrário, como sujeito da História a família humana presente e futura.

Outra contradição é, á s vezes, observada no interior de certas nações poderosas: a plena vigência dos direitos humanos, quando se trata de nacionais "puros" e o desrespeito aos direitos humanos, quando as pessoas envolvidas são imigrantes ou clandestinos, minorias raciais e minorias nacionais.

Idem, ibidem (com adaptações).

A respeito do texto, julgue o item que se segue.

A inserção de entretanto, seguido de vírgula, antes de "nas relações" (l.4) explicita as relações semântico-sintáticas entre os dois períodos e mantém a correção gramatical do texto.

Gabarito: Certo

Para resolver a questão, é preciso identificar a relação semântica existente entre

os períodos que serão ligados pela conjunção “entretanto”.

Nas linhas 2 e 3, temos uma dica de que teremos uma relação de oposição quando aparece a palavra contradição em: “Observa-se nesses casos uma contradição inexplicável”. Ratificando tal afirmação, temos uma oposição existente em relação aos direitos humanos no âmbito interno e externo. Podemos observar melhor nos trechos: “ no âmbito interno, vigoram os direitos humanos”, “nas relações com os países dependentes, vigoram os interesses econômicos e militares.”

Como a conjunção “entretanto” traz uma ideia de oposição, a sua inserção é perfeitamente cabível, como sugeriu o examinador.

33. **(NCE / TJ – RJ / Técnico Judiciário Juramentado)**

TEXTO – VIVER EM SOCIEDADE

A sociedade humana é um conjunto de pessoas ligadas pela necessidade de se ajudarem umas á s outras, a fim de que possam garantir a continuidade da vida e satisfazer seus interesses e desejos.

Sem vida em sociedade, as pessoas não conseguiriam sobreviver, pois o ser humano, durante muito tempo, necessita de outros para conseguir alimentação e abrigo. E no mundo moderno, com a grande maioria das pessoas morando na cidade, com hábitos que tornam necessários muitos bens produzidos pela indústria, não há quem não necessite dos outros muitas vezes por dia.

Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material, como os alimentos, a roupa, a moradia, os meios de transporte e os cuidados de saúde. Elas são também de ordem espiritual e psicológica. Toda pessoa humana necessita de afeto, precisa amar e sentir-se amada, quer sempre que alguém lhe dê atenção e que todos a respeitem. Além disso, todo ser humano tem suas crenças, tem sua fé em alguma coisa, que é a base de suas esperanças.

Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos. Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da

solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitada de dar e receber afeto. E muito provavelmente ficaria louca se continuasse sozinha por muito tempo.

Mas, justamente porque vivendo em sociedade é que a pessoa humana pode satisfazer suas necessidades, é preciso que a sociedade seja organizada de tal modo que sirva, realmente, para esse fim. E não basta que a vida social permita apenas a satisfação de algumas necessidades da pessoa humana ou de todas as necessidades de apenas algumas pessoas. A sociedade organizada com justiça é aquela em que se procura fazer com que todas as pessoas possam satisfazer todas as suas necessidades, é aquela em que todos, desde o momento em que nascem, têm as mesmas oportunidades, aquela em que os benefícios e encargos são repartidos igualmente entre todos.

Para que essa repartição se faça com justiça, é preciso que todos procurem conhecer seus direitos e exijam que eles sejam respeitados, como também devem conhecer e cumprir seus deveres e suas responsabilidades sociais.

Dalmo de Abreu Dallari

Segundo o primeiro parágrafo do texto:

a) as pessoas se ajudam mutuamente a fim de formarem uma sociedade;
b) a garantia da continuidade da vida é dada pela satisfação dos desejos das pessoas;
c) a satisfação dos interesses e desejos das pessoas leva ã vida em sociedade;
d) não seria possível a sobrevivência se não existisse sociedade;
e) sem a ajuda mútua, as pessoas levariam uma vida isenta de desejos.

Gabarito: D

Normalmente, o candidato fica em dúvida entre as opções C e D. A tendência é marcar a alternativa C. No entanto, esta opção possui uma falha técnica: houve a inversão da relação causa-efeito. Lembre-se do que foi exposto em conjunções. O conector "a fim de que" acrescenta ao período valor de finalidade (a ideia de finalidade está relacionada ã de consequência). O que ocorre anteriormente é "a existência da sociedade" e depois "a satisfação de interesses e desejos", portanto não se pode dizer que a satisfação dos interesses leva ã vida em sociedade, mas sim que a sociedade é que leva ã satisfação de interesses e desejos. Já se ouviu muito que a opção D não poderia ser a resposta, já que o enunciado (de

recorrência) exige uma resposta presente no primeiro parágrafo e a resposta estaria no segundo. Todavia, este argumento se torna insuficiente ã medida que se observa a ideia já presente no primeiro parágrafo (sociedade existe para garantir a continuidade da vida). Enfim, é fundamental perceber a organização do texto. O primeiro parágrafo apresenta dois tópicos a serem desenvolvidos (tese abrangente): a sociedade existe para garantir a continuidade da vida e a sociedade existe para satisfazer interesses e desejos. O segundo parágrafo retoma apenas o primeiro tópico (tese particular) da tese abrangente, modificando-lhe as palavras, e, somente a partir da conjunção "pois", inicia-se a argumentação.

34. **(NCE / TJ – RJ / Técnico Judiciário Juramentado)**

"Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida,..."; este segmento do texto teria redação mais clara se:

a) substituíssemos a primeira vírgula pela conjunção aditiva E;
b) repetíssemos o sujeito na segunda oração;
c) deslocássemos as ocorrências do advérbio "não" para antes de "apenas";
d) mudássemos a ordem das orações, de modo a colocar a última como primeira;
e) omitíssemos o substantivo "seres".

Gabarito: C

Primeiramente, observe a presença de reticências. Já é um indício de que se deve retornar á quele fragmento do texto. Além disso, você já leu o texto e, no primeiro parágrafo, o autor já manifestou que a sociedade existe para garantir a continuidade da vida. No início do segundo parágrafo, ele assevera que "Sem vida em sociedade, as pessoas não conseguiriam sobreviver.". Então, como as pessoas vivem juntas, vivem em sociedade, fica evidenciado que a intenção do autor não era negar o verbo VIVER. O objetivo dele era negar o elemento de restrição "apenas", pois o advérbio "não", ao negar o apenas, na realidade estaria negando o fato de haver apenas um motivo para os seres humanos viverem em sociedade – porque escolhem esse modo de vida –, indicando haver outro motivo – mas (mas também, indicando ideia de soma) porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana.

35. **(NCE / TJ – RJ / Técnico Judiciário Juramentado)**

"...ficaria louca se continuasse sozinha."; a relação entre essas duas

orações mostra que:

a) a segunda só se realiza se a primeira não realizar-se;

b) a primeira se realiza contanto que a segunda não se realize;

c) a segunda é consequência da primeira;

d) a primeira é motivada pela segunda;

e) a primeira é uma hipótese para a realização da segunda.

Gabarito: D

É fundamental lembrar que a ideia de condição está extremamente relacionada ã ideia de causa. Há duas orações: "ficaria louca" e "se continuasse sozinha". Primeiro a pessoa tem que continuar sozinha para depois ficar louca. Então a segunda oração é uma condição (hipótese) para a realização da primeira, oposto do que indica a opção E. As duas primeiras opções são absurdas. Por fim, o candidato fica em dúvida entre as opções C e D. Conforme já se esclarecera, o fato anterior é "se continuasse sozinha", o posterior é "ficaria louca", logo o fato de "continuar sozinha" motiva o fato de a pessoa enlouquecer.

36. **(Esaf / Técnico da Receita Federal)**

Assinale a opção que está de acordo com as ideias do texto.

O principal problema brasileiro, que consiste na retomada da confiança para possibilitar o crescimento, só terá solução possível a partir do momento em que houver um quadro favorável a uma redução substancial dos juros básicos da economia. Para isso, as reformas tributária e previdenciária são pré-condições estratégicas. A tributária é fundamental para desonerar a indústria e elevar o poder aquisitivo dos salários, proporcionando escala e competitividade que ajudarão na substituição das importações e no crescimento consistente dos saldos positivos na balança comercial. A previdenciária é imperiosa para construir um sistema autossustentável de seguridade social, que concomitantemente invista um grande volume de poupança em projetos produtivos de longo prazo.

(KAPAZ, Emerson "Para reverter o pessimismo" Folha de S. Paulo, 31 jul. 2002.)

a) Os juros básicos da economia, se reduzidos, impulsionariam as reformas tributária e previdenciária.

b) Um sistema autossustentável de seguridade social traria as condições para que o crescimento permita a redução dos juros.

c) A retomada da confiança para possibilitar o crescimento contribui para

promover a elevação dos salários.

d) Com a desoneração da indústria e com a elevação dos salários, há condições estratégicas para a reforma tributária e para investimentos em projetos produtivos de longo prazo.

e) As reformas tributária e previdenciária são o passo prévio para favorecer a redução dos juros básicos da economia, e, consequentemente, a retomada da confiança para que haja crescimento.

Gabarito: E

Primeiramente vamos realizar a leitura do texto para colocar os fatos em ordem cronológica. O primeiro fato mencionado é "a retomada da confiança". Em seguida, atrelada pela preposição "para", com valor de finalidade, vem a oração "para possibilitar o crescimento". É sempre bom observar que a finalidade e a consequência são ideias intimamente relacionadas, visto que ambas representam situações posteriores. Sendo assim, "a possibilidade de crescimento" seria uma finalidade/consequência de "a retomada da confiança". Anterior aos dois fatos mencionados, ocorre o "quadro favorável a uma redução substancial dos juros básicos da economia. ". Perceba que este último elemento vem atrelado pela expressão temporal com valor de anterioridade "a partir do momento em que". Ou seja, partindo desse momento que é o "quadro favorável a uma redução substancial dos juros básicos da economia", haverá posteriormente a retomada da confiança que poderá gerar o crescimento. No período seguinte, o autor novamente usa a preposição "PARA" agora com o pronome demonstrativo "ISSO" que remete a todas as ideias já citadas. Portanto, para que tudo isso que foi mencionado no texto se concretize, o fato anterior a todos (ou, como dito no texto, pré-condições) é a reforma tributária e a previdenciária. A sequência cronológica ai se estabelece. Primeiro fato: Reformas tributária e previdenciária; segundo fato: o "quadro favorável a uma redução substancial dos juros básicos da economia"; terceiro fato: a retomada da confiança; quarto fato: possibilidade de crescimento. Depois o autor desdobra: a tributária é fundamental para (finalidade/consequência) desonerar a indústria e elevar o poder aquisitivo dos salários. Sendo assim, a desoneração da indústria é corolário da reforma tributária. A previdenciária é imperiosa para (finalidade/consequência) construir um sistema autossustentável de seguridade social. Sendo assim, a construção de um sistema autossustentável de seguridade social seria um efeito da reforma previdenciária. Partamos agora para a análise das

alternativas. A alternativa A inverte a relação de causa e efeito, visto que "as reformas tributária e previdenciária" é que impulsionariam os juros básicos da economia. A opção B indica uma informação errônea, uma vez que "um sistema autossustentável de seguridade social" não é causa de nenhum fato e sim resultado da reforma previdenciária. A opção C começa bem, mas acaba mal, pois o que promove a elevação dos salários é a reforma tributária. Na opção D, há a inversão da relação causa e efeito. A preposição "com", por estabelecer relação de condição – é sempre bom lembrarmos que a condição está intimamente relacionada ã causa –, indica que os fatos anteriores seriam a desoneração da indústria e a elevação dos salários, e a consequência seria a reforma tributária. Na realidade é o oposto. Com a reforma tributária é que haveria as condições estratégicas para a desoneração da indústria e para a elevação dos salários. A opção E fica perfeita como já se expôs na sequência cronológica:

REFORMAS TRIBUTÁRIA E PREVIDENCIÁRIA

↓

QUADRO FAVORÁVEL À REDUÇÃO DOS JUROS BÁSICOS DA ECONOMIA

↓

RETOMADA DA CONFIANÇA

↓

POSSIBILIDADE DE CRESCIMENTO

37. **(Cesgranrio / BNDES)**

Na frase "Ou vai ou racha!", a conjunção OU tem o mesmo valor significativo que apresenta na seguinte frase:

a) O turista compreendia inglês ou francês com facilidade;

b) As vaias ou aplausos não perturbaram o presidente;

c) O empregado faz o que deve ou perde o emprego;

d) Na hora da premiação, chorava ou ria;

e) Morávamos no segundo ou no terceiro andar.

Gabarito: C

A ideia alternativa, na frase exposta no enunciado, é a principal da conjunção, mas como valor secundário observa-se a relação de causa e efeito. Se a pessoa for, não vai rachar; se rachou, é porque não foi. A alternativa A apresenta valor de

soma, afinal o turista compreendia as duas línguas. Na alternativa, a conjunção OU tem caráter também aditivo, pois tanto as vaias como os aplausos não perturbam o presidente. Na alternativa C, vem a relação de causa e efeito: se o empregado fizer o que deve, não perderá o emprego; se perdeu o emprego, foi porque não fez o que devia. Na alternativa D, como nas alternativas A e B, a conjunção tem valor aditivo, visto que a pessoa chorava e ria. Na alternativa E, a conjunção OU expressa uma dúvida, como se dissesse "não lembro direito se morávamos no segundo ou no terceiro andar".

38. **(Esaf / ENAP)**

Assinale a opção que não preenche corretamente a lacuna do texto.

Outra medida que promove a pequena e média empresa brasileira é a instalação pela Agência de Promoção de Exportações do Brasil – APEX de um centro de distribuição de produtos nacionais, em Miami, Estados Unidos. O centro tem espaço para armazenagem de produtos, um showroom e um escritório comercial e administrativo.

As empresas podem ficar instaladas por um período de 12 a 18 meses para a consolidação de seus produtos no mercado, _____a ideia é reduzir a distância entre as empresas e seus clientes estrangeiros. O próximo centro será instalado na Alemanha no segundo semestre deste ano.

(Adaptado de Em Questão n. 288 – Brasília, 04 de março de 2005)

a) uma vez que.
b) porquanto.
c) pois.
d) conquanto.
e) já que.

Gabarito: D

Repare que todas as alternativas vêm com conectores causais, exceto a D que apresenta a conjunção CONQUANTO de caráter concessivo. Conjunções concessivas nunca admitem verbos no modo subjuntivo, portanto a presença seguinte da forma verbal "é" inibe o emprego de tais conjunções.

39. **(NCE / Eletrobrás)**

"Se você disser ao cidadão desprevenido que o leite, por ser essencial, deve sair das mãos dos particulares para cooperativas ou entidades

estatais, se você disser que os bancos, vivendo exclusivamente das poupanças populares, não têm nenhuma razão de estar em mãos privadas, o cidadão o olhará com olhos perplexos de quem vê alguém propondo algo muito perigoso." O comentário correto a respeito deste segmento do texto é:

a) os dois segmentos iniciados pela conjunção **SE** indicam condições para que se realize a consequência citada;

b) o cidadão só olhará com espanto o autor das ideias citadas se elas já estiverem transformadas em realidade;

c) os adjetivos estatais e privadas são sinônimos no contexto em que estão inseridos;

d) o segmento poupanças populares equivale semanticamente a popularidade das poupanças;

e) o "algo muito perigoso" a que alude o texto se localiza no terreno cultural.

Gabarito: A

Essa questão é extremamente interessante, visto que, conforme já exposto neste capítulo, é possível relacionar-se a ideia de causa ã de condição. "Se (conjunção condicional) você disser..., o cidadão o olhará com olhos perplexos.". Onde há causa, há efeito. Da mesma forma, onde há condição, há efeito. O fato de "dizer" é a hipótese (causa) e a consequência é o cidadão o olhar com olhos perplexos.

40. **(Esaf / AFT)**

Em relação á s estruturas do texto, assinale a opção incorreta.

Para que a cobertura mínima oferecida pelos planos de saúde aos seus segurados inclua as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente, a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) acrescentou 73 novos procedimentos ã lista de exames, consultas, cirurgias e outros serviços que as operadoras são obrigadas a oferecer.

Criada em 2000 para "promover a defesa do interesse público na assistência suplementar ã saúde e regular as operadoras setoriais, inclusive quanto á s suas relações com prestadores (de serviços) e consumidores", a ANS opera numa corda bamba. Entre suas atribuições está a de elaborar a lista dos procedimentos de cobertura obrigatória nos planos de saúde. Ela tem de assegurar aos que buscam a proteção dos planos de saúde a cobertura mais

completa possível, o que inclui as novas tecnologias na área de medicina. Mas, muitas vezes, os novos procedimentos têm um custo tão alto que limita seu uso. Se a ANS impuser á s operadoras a obrigatoriedade do oferecimento desses procedimentos poderá levá-las ã ruína financeira, o que, no limite, destruiria o sistema de assistência suplementar ã saúde.

(O Estado de S. Paulo, Editorial, 17 jan. 2010.)

a) O termo "Para que" (l.1) confere ao período em que ocorre a ideia de finalidade.

b) O emprego do modo subjuntivo em "inclua" (l.2) justifica-se por se tratar de uma oração subordinada que apresenta um fato hipotético ou provável.

c) A expressão "numa corda bamba" (l. 8 e 9) tem significação conotativa e confere um tom de informalidade ao texto.

d) A expressão "aos que buscam a proteção dos planos de saúde" (l. 10 e 11) tem, no período, a função de objeto direto.

e) As expressões "novas tecnologias na área da medicina"(l.12), "os novos procedimentos"(l. 12 e 13), "desses procedimentos" (l. 14) formam uma cadeia coesiva que retoma a ideia inicial de "as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente"(l.2 e 3).

Gabarito: D

Na alternativa A, o emprego da locução PARA QUE, pode ser substituída, com objetivo de que possui caráter final. Na alternativa B, o emprego do modo subjuntivo em "inclua" é consequência da própria locução conjuntiva "para que". Por ser um conector que expressa finalidade, a situação ainda se encontra no campo hipotético (apenas um objetivo, intenção), mas não uma certeza. Na alternativa C, a expressão destacada está no sentido figurado. Quando se empregam termos com valor conotativo, confere-se ao texto mesmo rigor gramatical, menos formalidade. Na alternativa D, a expressão mencionada funciona como objeto indireto, completando a ideia do verbo "assegurar" com preposição "a". Já o comentário exposto na alternativa E procede, visto que todos os termos representam um único ser: as novas tecnologias.

41. **(Esaf / AFC / CGU)**

Em relação ao texto, assinale a opção correta.

Preocupados com o mau desempenho recente das exportações do Brasil para os Estados Unidos, exportadores e especialistas em comércio exterior preveem

um período de maiores dificuldades para os próximos meses. O desaquecimento da economia americana é a causa mais óbvia que apontam de um menor crescimento das compras no Brasil. O favoritismo do Partido Democrata também é citado por alguns exportadores como um fator que pode dificultar as exportações brasileiras, pois os democratas são considerados mais conservadores do que seus rivais republicanos em matéria de comércio exterior – o que, ressalve-se, nem sempre foi comprovado na prática. Qualquer que seja o efeito prático desses fatores sobre as exportações brasileiras para o mercado americano, o governo brasileiro pouco ou nada poderá fazer para contê-los.

(O Estado de S. Paulo, Editorial, 13 jan. 2008.)

a) A forma verbal "preveem"(l. 2) está no plural para concordar com "Estados Unidos".
b) A forma verbal "apontam"(l. 4) está no plural para concordar com "próximos meses".
c) O termo "pois"(l. 7) pode, sem prejuízo para a correção gramatical, ser substituído por **porque, porquanto** ou **conquanto**.
d) Em "do que seus rivais"(l. 7) a eliminação de "do" prejudica a correção gramatical do período.
e) Em "contê-los"(l. 11), "-los" retoma o antecedente "fatores".

Gabarito: E

As alternativas A e B apresentam informação inadequada, visto que as formas verbais apontadas referem-se a "exportadores e especialistas". Na alternativa C, a conjunção "pois", de caráter causal, poderia ser substituída por porque ou porquanto, mas não por conquanto, que tem caráter concessivo. Na alternativa D, como já relatada nesse capítulo, nas comparações de superioridade ou de inferioridade, o vocábulo DO, na expressão DO QUE, é totalmente dispensável. A forma pronominal LOS, conforme proposto na alternativa E, realmente se refere a uma expressão nominal, cujo núcleo é "fatores" – conter esses fatores.

42. **(Esaf / Receita Federal / Analista Tributário)**

Em relação aos elementos do texto, assinale a opção correta.

Um ano após o agravamento da crise financeira, o Brasil tem mais de US$ 230 bilhões em reservas. Tanto o Tesouro como grandes empresas voltaram a

lançar títulos no exterior, com sucesso. A valorização do real se tornou, então, um fenômeno inevitável, que reflete o enfraquecimento do dólar no mercado internacional e o fluxo positivo de capitais no país.

No entanto, dado o ritmo de crescimento projetado para o ano que vem, o mais provável é que a demanda por importações aumente e a pressão em favor do real diminua. Enquanto isso, além de uma paulatina liberalização do câmbio, o que pode ser feito no curto prazo é a continuidade da acumulação de reservas cambiais, com o Banco Central comprando no mercado excedentes de divisas. Qualquer invencionice só estimularia operações especulativas no câmbio, que acabariam provocando uma valorização ainda mais indesejável da moeda nacional.

(O Globo, Editorial, 14 out. 2009. Adaptado.)

a) A expressão "No entanto"(l. 6) estabelece, no texto, uma relação de comparação.

b) O emprego do subjuntivo em "aumente"(l. 7) e em "diminua"(l. 8) justifica-se por se tratar de fatos de realização garantida.

c) A expressão "Enquanto isso"(l. 8) estabelece no texto uma relação de condição.

d) A palavra "invencionice"(l. 11) está sendo empregada no sentido de iniciativa rotineira, previsível.

e) O emprego do futuro do pretérito em "estimularia" (l. 11) indica um acontecimento futuro em relação a um ato passado que se configura no fato relacionado aos termos "Qualquer invencionice".

Gabarito: A

A locução conjuntiva "No entanto" estabelece relação de adversidade, e não de comparação. Na alternativa B, o emprego do modo subjuntivo provoca uma ideia hipotética – não certa – corroborada, inclusive, pela presença da expressão "o mais provável". Na alternativa C, a conjunção ENQUANTO acresce ao período valor de simultaneidade, de tempo, e não de condição. Na D, o vocábulo "invencionice" sugere uma invenção, algo que foge ã rotina, não previsto. A alternativa E apresenta comentário perfeito, pois é função do futuro do pretérito indicar uma consequência "futura" (estimularia) relacionada a uma ação pretérita hipotética (qualquer invencionice).

43. **(NCE / TJ-RJ)**

TEXTO – A VERDADE E A FANTASIA

Miguel Pachá – Presidente do TJ/RJ

Um espectro ronda a Justiça brasileira neste final de ano: a Reforma do Judiciário. Espectro porque a realidade do Judiciário e a necessidade da sua reforma foram, nos últimos meses, deformados pelo "manto diáfano da fantasia".

Comemoramos o nosso dia (8 de dezembro) sob o fogo cruzado da má-vontade e da desinformação. O Judiciário não pode ser culpabilizado pelo que a mídia chama com exagero de impunidade. A polícia não prende, não investiga e nós, presos ã aplicação da lei, pagamos o pato. Além disso, há um cipoal de leis, medidas provisórias e atos normativos que acabam por atravancar nossos corredores.

Temos oferecido ã sociedade ideias e propostas de melhoria da prestação de Justiça. Um exemplo: o julgamento virtual, que acelera a tramitação, elimina papel e dispensa deslocamentos de advogados. Quanto ao apregoado controle do Judiciário, pensamos que deveria antes vir de dentro que de fora, pelo ajuste de normas e práticas processuais, bem como pela supervisão sistemática. A autonomia financeira deu ao nosso Tribunal a possibilidade de ser um dos melhores do país: um dos mais ágeis e seguros, em condições objetivas de enfrentar o descrédito geral da Justiça.

Informativo TJ/RJ e EMERJ, n.12

Entre o segundo e o terceiro parágrafos do texto, em função dos significados por eles veiculados, poderíamos inserir o conectivo:

a) apesar de;
b) porque;
c) ainda que;
d) contanto que;
e) nem.

Gabarito: A

Percebe-se claramente a ideia de oposição no início do terceiro parágrafo em relação ao segundo. No segundo parágrafo, são expostas as mazelas por que passa o Poder Judiciário. E no início do terceiro, são informados aspectos positivos acerca do que o Judiciário já vem realizando. Portanto, os únicos conectores que

estabelecem essa relação de oposição são os concessivos APESAR DE, na alternativa A, e AINDA QUE, na alternativa C. São dois conectores extremamente parecidos, porém APESAR DE apresenta um hipótese factual, e AINDA QUE, hipotética. Como no caso, o que se expõe já é um fato (Temos oferecido, ou seja, nós já oferecemos – não estamos ainda por oferecer), o conector APESAR DE é o que melhor se enquadra.

44. **Assinale a alternativa em que um conector possua o mesmo valor semântico que o do sublinhado em "Essas pessoas não vêem alternativa a pedir asilo em outra parte, <u>por mais que</u> a tentativa (de chegar lá) seja perigosa". A questão foi extraída de fragmentos do texto de Gerald Trafetter.**

a) <u>Como</u> a oposição começou a recolher assinaturas para a instalação da CPI do Apagão Aéreo no Senado, os governistas podem rever a estratégia e já admitem permitir a instalação da mesma CPI na Câmara.

b) O pedido de instalação de CPI no Senado é mais amplo e fala não só nas causas do acidente da Gol em setembro passado, <u>mas também</u> nas condições dos equipamentos de controle de vôo

c) Se aparecer denúncia de irregularidades ou desvio de verbas no curso das investigações, ele a enviará imediatamente ao Ministério Público, <u>mas</u> não aceitará desviar o rumo da CPI que é investigar as causas do apagão aéreo.

d) <u>Conquanto</u> haja o temor de que a oposição se organize com os governadores e aprove o compartilhamento dos recursos com Estados e Municípios, o governo tem a pretensão de votar o aumento dos recursos para os municípios numa mesma sessão em que seja votada a prorrogação da CPMF.

e) <u>Ao</u> receber o senador Antonio Carlos Magalhães (DEM-BA) em audiência no Palácio do Planalto, o presidente Lula deixou claro que aquele encontro seria apenas o primeiro com representantes da oposição.

Gabarito: D

No enunciado, a locução POR MAIS QUE possui valor de concessão, o mesmo ocorrendo com a conjunção CONQUANTO, presente na alternativa D. Na alternativa A, a conjunção COMO possui valor causal. Na alternativa B, MAS TAMBÉM encerra valor de adição. Na opção C, MAS possui valor adversativo. Na alternativa E, a preposição A em AO possui valor de tempo.

45. **(TRT-RJ / Fundação José Pelúcio)**

"... o Brasil é um país onde há leis que pegam e leis que não pegam, como se isso fosse uma originalidade brasileira como a jabuticaba"; a alternativa em que se expressa a mesma ideia contida nesse segmento do texto é:

a) como a jabuticaba, é uma originalidade brasileira o fato de haver leis que pegam e leis que não pegam;
b) apesar de não ser uma originalidade brasileira, como a jabuticaba, há no país leis que pegam e leis que não pegam;
c) no Brasil há leis que pegam e leis que não pegam, como a jabuticaba, mas isso não é uma originalidade brasileira;
d) como a jabuticaba, há no Brasil leis que pegam e leis que não pegam, embora isso não seja uma originalidade brasileira;
e) o Brasil é um país onde há leis que pegam e leis que não pegam e isso é marca da originalidade brasileira, como a jabuticaba.

Gabarito: B

É fundamental o candidato ler com muita atenção o período exposto no enunciado. O fragmento "como se isso fosse uma originalidade brasileira" denuncia que o fato não é uma originalidade brasileira, o que nos faz eliminar as alternativas A e E. Sobraram as alternativas C, D e E. Direcione seu olhar agora para a conjunção comparativa COMO. Tal conjunção revela exatamente o elemento comum da comparação: o fato de ser uma originalidade brasileira. A jabuticaba não é tal qual haver leis que pegam e que não pegam, como se expõe nas alternativas C e D. Mas sim Haver leis que pegam e não pegam é uma originalidade brasileira como a jabuticaba é? Portanto, a única alternativa que apresenta a comparação em conformidade com o texto original é a B.

46. (Cespe / UnB-Maceió / Fiscal de Tributos)

Para o presidente da OAB, pesou na decisão de mudança do decreto o parecer elaborado por dois advogados, que contém o seguinte trecho: "O decreto pune os bons contribuintes, deles retirando qualquer garantia, visto que sempre dependerão de humores da fiscalização, pródiga em ofertar ã lei distorcida interpretação. É que o fisco, até por dever de ofício, sempre tem por 'suspeitos' todos os cidadãos".

FREITAS, Silvana de. In: Internet: <http://www.folha.com.br>. Acesso em

28/12/2002 (com adaptações).

I – **A expressão "visto que" (l.3) pode ser corretamente substituída por porquanto, mantendo-se a correção sintática e semântica do período.**

Gabarito: Certo

São conectores sinônimos de caráter causal.

II – **As preposições "Para" (l.1) e "por" (l.5, segunda ocorrência) podem ser substituídas por Segundo e como, respectivamente, sem prejuízo ã correção gramatical das orações em que ocorrem.**

Gabarito: Certo

Para" e "segundo" são conectores de caráter conformativo, sendo totalmente cabível a substituição de um pelo outro. Já a preposição POR, no contexto, possui valor de comparação, podendo ser substituída pela conjunção COMO, sem gerar prejuízo gramatical ou semântico.

Capítulo 7

Coerência Textual

É a ocorrência de um texto que, além de apresentar-se coeso, há de fazer sentido. Um texto pode ser coeso sem ser coerente, mas nunca poderá ser coerente sem ser coeso. O autor de um texto pode fazer uso de elementos coesivos, contudo o texto pode não possuir sentido. O estudo de coerência prevê a ocorrência de uma linha de raciocínio, lógica no pensamento, harmonia entre fatos e, principalmente, não pode haver contradição.

Ex.: Lula, Pelé e Xuxa são extremamente famosos. Esse foi jogador de futebol, aquele foi Presidente do Brasil e esta é muito bonita. Observe que o texto é coeso, pois tal qual no exemplo anterior utiliza-se de pronomes demonstrativos para ligar a segunda frase à primeira. No entanto, o texto não é coerente, porquanto não houve a manutenção de uma linha de raciocínio. Enquanto os dois primeiros foram apresentados pela profissão, a referência à última diz respeito não à sua profissão, mas à beleza física.

Além disso, podemos também considerar a relação existente entre as ideias implícitas, explícitas, pressupostas e subentendidas.

7.1. IMPLÍCITOS E EXPLÍCITOS

Toda unidade informativa contém obrigatoriamente uma base linguística qualquer, a qual, por sua vez, possui em sua estrutura uma unidade de conteúdo que envolve aspectos lexicais, sintáticos e semãnticos. Essa unidade informativa é composta não apenas por conteúdos explícitos, mas também por conteúdos implícitos (pressupostos e subentendidos).

7.1.1. Informações explícitas

São aquelas gritantemente expostas no texto. Não há necessidade de se aguçar a mente para tentar compreender o excedente de informações. No caso, a interpretação deve se restringir ao que foi redigido no texto.

7.1.2. Informações implícitas

Inicialmente, é importante destacar, o termo não deveria ser "informações implícitas", pois nem há tais informações. Há elementos que o leitor pode deduzir a partir de informações explícitas. É o que se denomina "inferência". A percepção do implícito passa pela capacidade do leitor de deduzir o que o autor quis dizer no texto, mas não disse. Ou seja, provém da possibilidade de se enxergar o que não está escrito, porém está nas entrelinhas.

Exemplos

1) Na frase "A discussão sobre a reforma eleitoral avança com a criação de comissões no Congresso." (Cesar Maia), existem algumas informações explícitas.
1 – Há uma discussão sobre a reforma eleitoral.
2 – Foram criadas comissões no Congresso.

Por outro lado, há algo que não está escrito, mas que se pode depreender: antes da criação das comissões no Congresso, a discussão sobre a reforma eleitoral encontrava-se estagnada.

2) Façamos a leitura da seguinte Frase: "Todos concordam que o atual sistema eleitoral brasileiro é muito ruim, pois, na prática, o eleito se acha independente do eleitor e de seu partido." (Cesar Maia)

Informações explícitas:

1 – Há unanimidade (todos concordam) quanto ao fato de que o atual sistema eleitoral brasileiro é muito ruim.
2 – O eleito se considera independente do leitor e do seu partido.
3 – O motivo de o atual sistema eleitoral brasileiro ser muito ruim é o fato de o eleito se considerar independente do eleitor e de seu partido.

O implícito

Como o eleito se considera independente do eleitor e de seu partido, pode agir em contrariedade aos interesses destes.

3) "Crescemos 7,5% em 2010 e a conquista de sediar a Copa do Mundo e a Olimpíada ajudou no reconhecimento do Brasil como um país de grande potencial." (Charles Tang).

Informações explícitas:

1 – O crescimento do Brasil em 2010 foi de 7,5%.
2 – O Brasil é um país com grande potencial.
3 – O fato de sediar a Copa de 2014 e as Olimpíadas de 2016 colaborou para que o Brasil fosse reconhecido como um país de grande potencial.

O implícito

Nem sempre o Brasil foi reconhecido como um país de grande potencial.

4) "Um ambicioso banqueiro de investimento que lucrou 590 mil libras em um negócio envolvendo uma informação secreta de fusão, que ele obteve no trabalho, foi sentenciado a mais de três anos de prisão, naquele que o juiz descreveu como sendo o "maior processo de 'insider trading' (negócio envolvendo informação privilegiada) já impetrado" no Reino Unido." (Jane Croft)

Informações explícitas:

1 – O lucro, por meio de uma informação secreta, de um ambicioso banqueiro de investimento foi de 590 mil libras.
2 – Um banqueiro de investimento obteve informação sigilosa no ambiente de trabalho.
3 – A sentença de um banqueiro de investimento foi superior a três anos.

O implícito

Houve processos menores envolvendo informação privilegiada no Reino Unido.

5) "Pelo menos duas pessoas morreram nesta sexta-feira (8) e cerca de 20 ficaram feridas após as forças de segurança iemenitas terem dispersado as pessoas que se manifestavam na localidade de Taez, sul de Sanaa, capital do Iêmen, segundo fontes do hospital Al Safwa dessa cidade."

(http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2011/04/08/pelo-menos-2-pessoas-morrem-em-protestos-no-iemen.jhtm)

Informações explícitas:

1 – Houve uma manifestação em Taez.

2 – Taez localiza-se ao sul de Sanaa, capital do Iêmen.
3 – Nessa manifestação, houve pelo menos duas mortes.
4 – As informações sobre mortes e feridos provieram de fontes do hospital Al Safwa.
5 – As forças de segurança iemenitas dispersaram as pessoas que se manifestavam em Taez.

O implícito

É possível que haja mais óbitos na manifestação ocorrida em Taez.

6) "Toda ciência tem princípios, de que deriva o seu sistema. Um dos princípios da Economia Política é o trabalho livre. Ora, no Brasil domina o fato "impolítico e abominável" da escravidão." (Roberto Schwarz)

Informações explícitas:

1 – O sistema de todas as ciências provém de seus princípios.
2 – O trabalho livre é um dos princípios da Economia Política.
3 – Ainda há o trabalho escravo no Brasil.

Os implícitos

1 – Não é possível haver ciência sem princípios.
2 – Além do trabalho livre, a Economia Política possui outros princípios.
3 – O trabalho livre não é "impolítico e abominável".

7) Parecia não ser possível, mas a qualidade da água do rio Tietê piorou ainda mais em 2006. Segundo a Cetesb (agência ambiental paulista), o rio apresentava situação praticamente estável nos últimos anos. (Afra Balazina e José Ernesto Credencio)

Informações explícitas:

1 – Em 2006, a qualidade da água piorou em relação aos anos imediatamente anteriores.
2 – A análise da qualidade da água é realizada pela Cetesb.
3 – Nos anos anteriores a 2006, a qualidade da água do rio Tietê praticamente se

manteve inalterada.

O implícito

Antes mesmo de 2006, a qualidade da água já não era boa.

8) "Um estudo do Instituto Nacional do Câncer dos Estados Unidos divulgado nesta quinta-feira revela que a dependência de cafeína está mais vinculada ao fígado e à capacidade do órgão para processar a substância que ao efeito que o consumo da substância provoca no cérebro." (Fabiana Beltramin)

Informações explícitas:

1 – A dependência de cafeína está relacionada ao fígado e ao cérebro.
2 – A cafeína é processada pelo fígado.
3 – O consumo da cafeína provoca algum efeito no cérebro.

Os implícitos

1 – Há pessoas que creem que a dependência à cafeína está mais relacionada ao efeito que o consumo da substância provoca no cérebro que propriamente ao fígado.
2 – Dificilmente o efeito que o consumo da cafeína provocaria no cérebro seria suficiente para gerar dependência.

9) "Os problemas no trânsito de São Paulo causados pelo excesso de veículos são antigos. Diversas soluções vêm sendo apresentadas pela administração municipal durante os últimos anos.' (Fernando Mendonça)

Informações explícitas:

1 – Há excesso de veículos em São Paulo.
2 – O problema do trânsito em São Paulo já existe há bastante tempo.
3 – A administração municipal vem oferecendo soluções para o problema do trânsito.

Os implícitos

1 – As soluções apresentadas pela administração municipal não lograram êxito.

2 – A administração municipal não tem sido eficaz na solução dos problemas relativos ao trãnsito em São Paulo.

10) Brasília – Agência Estado – Vetada pela administração Lula, a destinação de 50% dos recursos do Fundo Social do pré-sal para a área de ensino pode ressuscitar na Cãmara dos Deputados, sob a forma de emenda ao novo Plano Nacional de Educação (PNE). Entidades aguardam o retorno do PNE à pauta legislativa para pressionar as autoridades a aceitar as mais de 130 sugestões ao projeto de lei, como a elevação do investimento público em educação dos atuais 5% para 10% do Produto Interno Bruto (PIB) até 2020 – o Executivo prevê 7%.

(http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia/2011/04/10/camara-reestuda-usar-fundo-do-pre-sal-para-educacao.jhtm)

Informações explícitas:

1 – A administração de Lula vetou a destinação de 50% dos recursos do Fundo do pré-sal para a educação.

2 – Há a possibilidade de destinação de 50% dos recursos do Fundo do pré-sal para a educação. (destacamos o emprego da expressão POSSIBILIDADE em face de o autor ter redigido PODE em PODE RESSUSCITAR – sendo assim, evidencia-se o campo semãntico da possibilidade e não da certeza. Se o comentário realizado fosse "Haverá a destinação de 50% dos recursos do Fundo do pré-sal para a educação.", apresentaria uma informação falsa em relação ao texto.)

3 – Poderá (campo semãntico da possibilidade) ocorrer uma emenda ao novo Plano Nacional de Educação, inserindo a destinação de recursos do Fundo do Pré-Sal para a área de ensino.

4 – As autoridades serão pressionadas a aceitar as mais de 130 sugestões ao projeto de lei.

5 – Haverá pressão sobre as autoridades para que aceitem a sugestão de elevação do Investimento público em educação dos atuais 5% para 10% do Produto Interno Bruto (PIB) até 2020.

Os implícitos

1 – A administração Lula pretendia destinar recursos do Pré-sal para outros fins, que não a educação.

2 – Para o Brasil se desenvolver, o investimento em educação é elemento crucial.
3 – Se não houver pressão de entidades, dificilmente as autoridades aceitarão as mais de 130 sugestões ao projeto de lei.

11) "Cerca de 7.000 crianças e adolescentes que estavam em abrigos de todo o país foram devolvidos a suas famílias depois que uma força-tarefa de juízes da infância e juventude reviu os processos, em seis meses de trabalho. São casos de menores que sofreram negligência ou maus-tratos, por exemplo, mas que podiam ser criados por parentes próximos. Também há crianças cujos pais se restabeleceram e puderam receber os filhos de volta." (Elida Oliveira)

Informações explícitas:

1 – A devolução das crianças às famílias decorreu em da revisão de processos.
2 – O trabalho realizado pela força-tarefa permitiu que aproximadamente 7000 crianças e adolescentes fossem devolvidos a suas famílias.
3 – Algumas crianças e alguns adolescentes estavam nos abrigos porque sofreram negligência ou maus-tratos.
4 – Há a possibilidade (campo semãntico da possibilidade – no texto PODIAM) de Parentes próximos aos menores serem incumbidos da criação de jovens e adolescentes.

Os implícitos

1 – Há um acúmulo de processos nas Varas da Infãncia e da Juventude.
2 – O fato de os pais terem cometido algum erro no passado não exclui a possibilidade de poderem criar seus filhos.

7.2. PRESSUPOSTOS E SUBENTENDIDOS

Como já visto, pressupostos e subentendidos encontram-se no campo dos implícitos. É o que nós inferimos. A distinção entre eles é a base – a partir de quê – para se proceder a tal inferência.

7.2.1. Pressupostos

O autor emprega palavras ou expressões com a intenção de que o leitor realize a

inferência. É como se o autor não passasse uma informação completa, mas o uso de tal palavra ou expressão já desse a entender qual a ideia ali presente.

Os pressupostos podem ser marcados por:

verbos – Os alunos deixaram o curso de língua inglesa, porque essa matéria não foi incluída no edital do concurso. – Com o emprego de DEIXARAM, o autor dá a entender que os alunos vinham cursando o Inglês, até a publicação do edital;

advérbios – "João também não fez o que foi solicitado." – Com o emprego do advérbio TAMBÉM, o autor da frase objetiva que os leitores inferissem que, além de João, outras pessoas não fizeram o solicitado;

adjetivos – Os candidatos estudiosos têm grandes possibilidades de aprovação. – Com o emprego do adjetivo ESTUDIOSOS, o autor almeja que o leitor perceba a existência de candidatos estudiosos e de candidatos não estudiosos. E mais: ele quis que o leitor inferisse que o candidato não estudioso tem menos possibilidades de aprovação;

orações adjetivas – Os funcionários que fizeram greve foram demitidos. – Com o emprego da oração adjetiva QUE FIZERAM GREVE com caráter restritivo, o autor pretendia que leitor percebesse também que aqueles que não fizeram greve continuaram empregados;

palavras denotativas – Mesmo João fez todos os exercícios. – Com o emprego da palavra denotativa de inclusão MESMO, o autor da frase pretende que a leitura se realize da seguinte forma: Todos fizeram os exercícios, inclusive João. Também se depreende que João era a pessoa com a menor expectativa de que fizesse os exercícios.

7.2.2. Subentendidos

Subentendidos são intelecções realizadas pelo leitor sem que o autor do texto intencionasse levá-lo a tal. A partir de uma informação, pelo menos aparentemente independente – já que o autor não usa palavra ou expressão evidenciando a intenção–, o leitor realiza uma leitura das entrelinhas, de elementos que não estão expostos, explícitos, mas que são lógicos em relação ao contexto. Às vezes, para se observar o subentendido, é necessário que se tenha ciência do contexto (momento político, social e até mesmo pessoal do autor).

Na frase "João e Maria são casados há dez anos e não possuem filhos.", não há

marcadores de pressupostos, mas uma inferência possível é que um dos dois tenha algum problema que impossibilite a gravidez. Mas, como informado, essa inferência é de responsabilidade do leitor, pois o fato de João e Maria não terem filhos poderia ser também uma opção deles.

Na frase "O salário mínimo em 2011 no Brasil passou a R$545,00.", o emprego do verbo PASSOU funciona como pressuposto. Pelo uso dessa palavra, vê-se que, antes de 2011, o salário mínimo tinha outro valor. Portanto, há esse pressuposto. Mas também pode haver um subentendido, mormente quando se conhece o contexto político-econômico do Brasil: havia a expectativa de que o valor do salário mínimo fosse maior.

Um cidadão, ao entrar num bar, pergunta: – O senhor tem água mineral? Fica subentendido que não é simplesmente para o funcionário do bar responder (Tenho ou Não tenho). Está implícito que, caso o bar tenha a água mineral, o funcionário deverá pegá-la e vendê-la para o senhor.

7.3. EXERCÍCIOS

01. **(Cespe / UnB / IBAMA / Analista Ambiental)**

Reparação duas décadas depois

Francisco Alves Mendes Filho ainda não era um mito da luta contra a devastação da Amazônia quando foi preso, em 1981, acusado de subversão e incitamento à luta de classes no Acre, em plena ditadura militar. Chico Mendes se tornaria mundialmente conhecido, dali para a frente, por comandar uma campanha contra a ação de grileiros e latifundiários, responsáveis pela destruição da floresta e pela escravização do caboclo amazônico. Por isso mesmo foi assassinado, em 22 de dezembro de 1988, na porta de casa, em Xapuri. O crime, cometido por uma dupla de fazendeiros, foi punido com uma sentença de 19 anos de cadeia para cada um. Faltava reparar a injustiça cometida pelos militares.

E ela veio na quarta-feira 10, no palco do Teatro Plácido de Castro, em Rio Branco, na forma de uma portaria assinada pelo ministro da Justiça, Tarso Genro. Antes, porém, realizou-se uma sessão de julgamento da Comissão de Anistia, cujo resultado foi o reconhecimento, por unanimidade, da perseguição política sofrida por Chico Mendes no início dos anos 80 do século passado. A viúva do líder seringueiro, Izalmar Gadelha Mendes, vai receber uma pensão vitalícia de 3 mil

reais mensais, além de indenização de 337,8 mil reais.

Após assinar a portaria de anistia, Tarso Genro declarou que o assassinato de Chico Mendes está diretamente associado à perseguição sofrida pelo seringueiro durante a ditadura. "O Estado brasileiro não soube compreender o que ele (Mendes) representava naquele momento", disse o ministro. "O Brasil pede perdão a Chico Mendes", afirmou, ao assinar o documento. Acompanhada de dois filhos, Izalmar Mendes mostrou-se satisfeita com o resultado do julgamento. "Era a hora de limpar o nome do meu marido. Mais importante do que a indenização foi o pedido de desculpas feito pelo Estado", disse a viúva.

O caso de Chico Mendes foi relatado pela conselheira Sueli Bellato. Emocionada, ela disse ter lido muito sobre o seringueiro morto para, então, encadear os argumentos que a fizeram acatar o pedido de reconhecimento e indenização interposto por Izalmar Mendes. Chico Mendes foi vereador em Xapuri, onde nasceu, e se firmou como crítico de projetos governamentais de graves consequências ambientais, como a construção de estradas na região amazônica.

No relatório, aprovado por unanimidade, a conselheira contou detalhes da vida de Chico Mendes, da infância pobre nos seringais ao dia em que foi assassinado. Segundo Sueli Bellato, a atuação de Mendes contra grileiros e latifundiários rendeu, durante a ditadura, um arquivo de 71 páginas redigidas por agentes do antigo Serviço Nacional de Informações (SNI). Foi por participar de um ato público, em 1980, que Chico Mendes passou a ser fichado e perseguido pelos militares. Em Rio Branco, o seringueiro fez um discurso exaltado contra a violência no campo provocada pelos fazendeiros.

Na época, Chico Mendes foi enquadrado na Lei de Segurança Nacional, acusado de "atentado contra a paz, a prosperidade e a harmonia entre as classes sociais". Preso em diversas ocasiões, só foi definitivamente absolvido em 1º de março de 1984, quatro anos depois, portanto, de iniciadas as perseguições. De acordo com a conselheira Sueli Bellato, embora o relatório não tenha se aprofundado na questão, foi possível constatar que Chico Mendes também foi torturado enquanto estava sob custódia de policiais federais.

Leandro Fortes.

Internet: <www.cartacapital.com.br> (com adaptações).

Ainda com base no texto de Leandro Fortes e considerando aspectos textuais e gramaticais, julgue os próximos itens.

1 – O termo “o documento” (l. 21) refere-se a “portaria de anistia” (l.17).

2 – A expressão “Na época”, no início do último parágrafo do texto, refere-se ao período em que Chico Mendes foi perseguido pela ditadura militar.

3 – Pelas opiniões apresentadas no texto, verifica-se que o ministro da Justiça e a conselheira possuem posições opostas no que se refere à atuação política de Chico Mendes.

4 – Estaria de acordo com o que estabelece a prescrição gramatical para textos escritos no nível formal da linguagem, tais como documentos oficiais, a substituição da expressão “dali para a frente” (l.4) por dali pra frente.

5 – A conjunção “E” (l.10), por ter, no período, valor adversativo, pode ser substituída pela conjunção Mas, sem prejuízo para as informações do texto.

6 – Na linha 12, o vocábulo “cujo” estabelece relação sintático-semãntica entre os termos “resultado” e “Comissão de Anistia”.

7 – Os termos “portanto” (l. 42) e “enquanto” (l.44), estabelecem idênticas relações de sentido.

8 – O termo “onde” (l.28) introduz oração adjetiva de sentido explicativo.

Gabarito:

1 –Certo. Observe que o documento que estava sendo assinado naquele momento era justamente a “portaria de anistia”.

2 –Certo. A expressão “Na época”, refere-se ao período da década de oitenta, quando Chico Mendes sofria a perseguição da ditadura militar.

3 — Errado. Justamente o oposto. Tanto o ministro da Justiça Tarso quanto a conselheira Sueli Bellato consideraram que o assassinato de Chico Mendes está associado à perseguição que ele sofrera no período da ditadura militar. Além disso, é de bom alvitre enfatizar que se realizou uma sessão de julgamento da Comissão de Anistia, cujo resultado foi o reconhecimento, por unanimidade, da perseguição política sofrida por Chico Mendes no início dos anos 80 do século passado.

4 — Errado. Em documentos oficiais ou em textos em que seja exigida a formalidade, não se pode empregar PRA.

5 — Errado. Não há oposição entre os parágrafos. O emprego de “faltava” (l. 9) no pretérito imperfeito do indicativo já dava indício de que algo não falta mais, o que foi corroborado pelo início do parágrafo seguinte: “E ela veio na quarta-feira 10…”.

6 — Errado – O pronome relativo CUJO estabelece relação de posse entre os termos "resultado" e "uma sessão de julgamento da Comissão de Anistia". A reescritura do período, substituindo-se o pronome relativo pelo antecedente, tem o seguinte resultado: O resultado da sessão de julgamento da Comissão de Anistia foi o reconhecimento, por unanimidade, da perseguição política sofrida por Chico Mendes no início dos anos 80 do século passado.

7 — Errado – A conjunção PORTANTO introduz uma conclusão para o que se expôs anteriormente. O autor deduziu que Chico Mendes somente foi absolvido quatro anos após se iniciarem as perseguições contra ele. Já a conjunção ENQUANTO estabelece relação temporal, mais especificamente de concomitância, simultaneidade – no mesmo momento em que Chico Mendes estava sob a custódia da Polícia Federal, era torturado.

8 –Certo – ONDE é pronome relativo, podendo ser substituído por NO QUAL, refere-se a Xapuri, introduz oração subordinada adjetiva, que, por estar isolada por vírgulas, possui caráter explicativo.

02. **(Cespe / UnB / TJ-RJ)**

A crescente escassez de profissionais qualificados no mercado de trabalho doméstico está obrigando a Companhia Vale do Rio Doce a lançar uma campanha global de recrutamento para arregimentar pessoal especializado nos EUA, na Inglaterra, na Austrália e no Canadá. A previsão é de 62 mil contratações nos próximos cinco anos.

O Estado de S. Paulo, 21 mar. 2008. (Com adaptações.)

Assinale a opção que constitui continuação coesa e coerente para o fragmento de texto acima.

a) Essa disputa se tornou tão acirrada que elevou o nível médio salarial. Um soldador, por exemplo, hoje tem um ordenado inicial entre R$ 1,2 mil e R$ 2,1 mil. Nas escolas do Sesi e do Senac, os formandos são disputados pelos empregadores.

b) Essa é a iniciativa mais audaciosa já tomada por uma empresa brasileira em matéria de oferta de emprego, e é mais uma das consequências da globalização da economia.

c) Entretanto, com o extraordinário crescimento da produção industrial chinesa, nos últimos anos, o preço das commodities no mercado internacional disparou, o que abriu caminho para a expansão dos setores de mineração, siderurgia,

petróleo e equipamentos de transporte pesado.

d) Desde então, as empresas mais competitivas desses setores criaram milhares de novos postos de trabalho e, de forma cada vez mais agressiva, vêm disputando trabalhadores preparados para ocupá-los.

e) Todas essas empresas vêm publicando anúncios em inglês, em busca de profissionais qualificados de nível técnico superior. As empresas também vêm contratando trabalhadores aposentados e procurando atrair profissionais qualificados da Petrobras.

Gabarito: B

O texto indica que a oferta de empregos é maior do que a demanda. Por isso, a Vale necessita buscar no mercado internacional profissionais para atenderem a essa necessidade. A alternativa B é a única que dá continuidade ao texto de forma coesa e coerente. Observe: a expressão "Essa é a iniciativa" refere-se a "uma campanha global de recrutamento para arregimentar pessoal especializado nos EUA, na Inglaterra, na Austrália e no Canadá." Há também a leitura de a procura por mão de obra em outros países acaba por representar uma das consequências da globalização.

03. **(Cespe / UnB / TJ-RJ)**

Há cinco anos, sob o comando de George W. Bush, os Estados Unidos da América (EUA) invadiam o Iraque. Já se mostrou à exaustão que a aventura foi uma catástrofe humanitária e um fracasso político que encalacrou o Pentágono numa ocupação militar sem perspectiva de solução. Verifica-se, agora, que foi também um desastre financeiro.

Folha de S. Paulo, 20 mar. 2008. (Com adaptações.)

Assinale a opção em que o fragmento constitui continuação coesa e coerente para o texto acima.

a) Entretanto, Joseph Stiglitz, Prêmio Nobel de Economia, calcula que a empreitada poderá sair por assombrosos US$ 4 trilhões ou mais, dependendo de quanto tempo a ocupação durar.

b) Mas, agora que o país se encontra numa situação de déficit fiscal, a conta da guerra contribui para a crescente desvalorização da moeda norte-americana, num movimento que dificulta o combate à crise de crédito nos EUA e agrava suas repercussões globais.

c) Às vésperas da invasão, a Casa Branca estimava que gastaria algo entre US$ 50 bilhões e US$ 60 bilhões para derrubar Saddam Hussein e instalar um novo governo no país. Hoje, a conta está em US$ 600 bilhões e continua subindo.

d) Avaliações mais conservadoras, como a do Escritório de Orçamento do Congresso, órgão que municia o Poder Legislativo com informações técnicas, concluem que a ocupação não atingirá efetivamente a economia norteamericana.

e) Portanto, nada indica que o próximo presidente dos EUA terá condições de colocar um fim rápido à aventura. Fala-se em retirar as tropas até o fim de 2009. Isso, é claro, no melhor cenário. E o problema é que, no Iraque, o melhor cenário nunca se materializa.

Gabarito: C.

O início do texto informa que a invasão dos Estados Unidos ao Iraque representou uma catástrofe humanitária, além de significativo fracasso político. No entanto, o fragmento final destaca a derrocada financeira. Portanto, a continuação, para ocorrer de forma coesa, deve esclarecer por que houve esse desastre financeiro. As duas únicas alternativas que poderiam dar sequência a essa ideia seriam A e C. No entanto, a opção A possui uma falha. A informação lá constante confirma a ideia presente no texto, então o emprego da conjunção ENTRETANTO, de caráter adversativo, não se justifica.

04. **(Esaf / MPU)**

Leia o trecho abaixo e aponte a opção que lhe dá continuidade, respeitando a coesão, a coerência e a orientação argumentativa do texto.

É verdade que já nos anos 50 numerosos estudos haviam demonstrado que fumar provoca câncer, enfisema, ataque cardíaco e muitas outras doenças, mas a estratégia de defesa adotada pela indústria do tabaco foi a do contracheque: de um lado contratava técnicos para criticar a metodologia empregada nessas pesquisas; de outro, pressionava os meios de comunicação para garantir que não fossem divulgadas.

a) Hoje, não só se divulgam as pesquisas que atenuam o impacto do tabaco no organismo, buscando o controle da venda de cigarro a menores de idade e oferecendo tratamento gratuito aos que querem abandonar o vício de fumar.

b) Qualquer jornal, emissora de rádio ou de televisão que ousasse levantar a

menor suspeita de que o cigarro pudesse trazer algum malefício à saúde sofria retaliação financeira imediata.

c) Naquela época, a indústria do tabaco acatava incondicionalmente ações judiciais de ressarcimentos milionários às famílias dos que morriam vitimados pelos efeitos nocivos da nicotina.

d) Nos anos 50, a disseminação da epidemia de tabagismo corria velozmente de encontro à forma aliciadora e atraente com que fumavam os astros e estrelas no cinema e na tevê.

e) Resultado de pesquisa conduzida pelo Ministério da Saúde em sete capitais brasileiras comprova que o número de dependentes de nicotina no país é de aproximadamente 20%.

Gabarito: B

Observe que o texto informa que já nos anos cinquenta havia muitos estudos provando que o fumo provoca doenças. Depois esclarece também que a estratégia de defesa da indústria do tabaco foi a força financeira. Alerta, por fim, que houve muita pressão para os meios de comunicação não divulgarem as tais pesquisas. A alternativa B justamente representa um exemplo dessa pressão financeira efetuada pela indústria do tabaco: "Qualquer jornal, emissora de rádio ou de televisão que ousasse levantar a menor suspeita de que o cigarro pudesse trazer algum malefício à saúde sofria retaliação financeira imediata.".

05. **(Esaf / SEFA – PA)**

Não é preciso ser adepto da tradição intelectual para reconhecer os inconvenientes da praxe de preterição do influxo interno, a que falta a convicção não só das teorias, mas também das suas implicações menos próximas, de sua relação com o movimento social conjunto, e da relevãncia do próprio trabalho e dos assuntos estudados. Percepções e teses notáveis a respeito da cultura do país são decapitadas periodicamente, e problemas a muito custo identificados e assumidos ficam sem o desdobramento que lhes poderia corresponder. O prejuízo acarretado pode se comprovar pela via contrária, lembrando a estatura isolada de uns poucos escritores como Machado de Assis, Mário de Andrade e hoje, Antônio Cãndido, cuja qualidade se prende a este ponto.

(SCHWARZ, Roberto. Cultura e política. p.110)

Assinale a opção que continua o texto de forma coesa e coerente.

a) Com aquela praxe de conciliar o estrangeiro com o autóctone, a convivência familiar e estabilizada entre concepções em princípio incompatíveis esteve no centro da inquietação ideológico-moral do Brasil desde sempre.

b) A certos intelectuais tal herança colonial de preocupar-se apenas com o que vem do próprio país parecia um resíduo que logo seria superado pela marcha desse progresso.

c) Outros intelectuais viam naquele movimento o país autêntico, o Brasil genuíno, original, o berço a ser protegido e preservado contra imitações absurdas.

d) A nenhum deles faltou informação nem abertura para a atualidade. Entretanto, souberam retomar criticamente o trabalho dos predecessores, entendido não como peso morto, mas como elemento dinãmico, subjacente às contradições contemporãneas.

e) Outros ainda desejavam harmonizar esse progresso com trabalho escravo, para não abrir mão de nenhum dos dois, e outros mais consideravam que esta conciliação já existia e era desmoralizante.

Gabarito: D

O início do texto anuncia que não se precisa ser adepto da tradição intelectual para reconhecer a inconveniência de se preterir o movimento cultural do Brasil. Depois é relatado que pesquisas notáveis a respeito da cultura do país são decapitadas e acabam não tendo desdobramento, sequência. O texto é finalizado com o elogio nominal a três autores – Machado de Assis, Mário de Andrade e Antônio Cãndido – por fazerem justamente o oposto. Relembrando que o texto, antes de ser coerente, há de ser coeso. Repita-se. A conclusão se faz na citação nominal dos autores. Então a sequência se efetiva por aí. A alternativa D a realiza com perfeição. Observe que o pronome ELES retoma os autores e explica por que a qualidade dos três se prende a esse ponto: "souberam retomar criticamente o trabalho de seus predecessores, entendido não como peso morto, mas como elemento dinãmico, subjacente às contradições contemporãneas.".

06. **Uma carga tributária irracional**

IVES GANDRA DA SILVA MARTINS

PAULO RABELLO de Castro, em estudo de natureza econométrica para a revista "Financeiro" de outubro (páginas 14 a 17), demonstra que o aumento da carga

tributária tem representado no Brasil constante perda do crescimento do PIB em percentual a cada dia maior. Assim, no denominado efeito "crowding out" (expulsão), a cada aumento de 1% na carga, o aumento do valor da perda é de 6,7%, considerando o PIB atual, o que vale dizer que, em aumentos de 1%, 2%, 3%, 4% e 5%, a perda seria de 6,7%, 13,4%, 20%, 26,7%, e 33,4% ao ano, respectivamente.

O estudo impressiona, sobretudo no anexo estatístico e na decomposição logarítmica do crescimento do produto bruto do Brasil, por demonstrar que, tendo o país uma carga tributária superior à dos países componentes dos Brics, cresce, à evidência, menos do que esses países. Prova, portanto, que a imposição fiscal atende ao interesse dos detentores do poder, mas, à evidência, não é do interesse público nem da sociedade.

Não sem razão, o Brasil caiu, no rol de competitividade entre as nações, para a 72ª posição, sendo que, dos nossos concorrentes diretos, a China ostenta a 34ª posição, a Índia, a 48ª, e a Rússia, a 58ª. Pior do que isso: o Chile ostenta a 26ª, Porto Rico, a 36ª, o México, a 52ª, e até mesmo a Colômbia aparece em posição melhor que a do Brasil (69ª), apesar dos seus indiscutíveis problemas com o narcotráfico e o governo paralelo das Farcs.

É de lembrar, ainda, que o aumento da carga tributária do ano passado para este também correspondeu à queda da 66ª posição para a 72ª, em clara demonstração de que, apesar de a imposição fiscal não ter sido o único fator para a perda de competitividade nacional, ela foi, sem dúvida alguma, elemento relevante ao lado da burocracia esclerosada, do nível de corrupção detectado por organismos internacionais nas estruturas administrativas e da regulação excessiva por meio de uma inflação legislativa.

Assinale a opção que dá continuidade ao texto de forma coesa e coerente.

a) Diante dessa realidade, à evidência, a carga tributária não tende a cair, e a economia, apesar do céu de brigadeiro da "performance" mundial, está condenada a crescer menos do que a do mundo inteiro, correndo sérios riscos quando as nuvens que surgem no horizonte econômico se transformarem em tempestades.

b) À luz desses dados negativos, insiste o governo na prorrogação da CPMF, apesar de arrecadar neste ano, segundo as próprias projeções

governamentais, 60 bilhões de reais a mais do que o projetado no Orçamento para 2007, vale dizer, um terço a mais do que o que pretende receber da CPMF em 2008!

c) Nesse quadro, em que o PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) não deslancha, a carga aumenta e o presidente permite a contratação de mais servidores, objetivando inchar suas estruturas arcaicas e inoperantes, é assustadora a revelação feita pela Folha alguns meses atrás: dos 100% dos "amigos do rei" -os contratados sem concurso para cargos e funções na administração–, 47% são sindicalistas, vale dizer, de pouca especialização na administração pública, a não ser aquela de defesa dos interesses da categoria, e 19% são filiados ao PT.

d) Essa verdadeira desidratação legislativa envergonha a maioria esmagadora dos professores de direito, obrigados a com ela conviver e a explicá-la perante seus alunos. Infelizmente, vive-se, neste cipoal incoerente, cansativo e conveniente, a falta de uma administração pública, que não privilegia as carreiras do Estado nem cria uma evolução hierárquica estimuladora no setor público.

e) Temos tudo – e, graças a isso o país ainda cresce, por força do trabalho da sociedade; só não temos governantes com visão de estadistas, razão pela qual em todos os índices internacionais o Brasil resta em posição inferior. Em tempo: estamos à frente de Burundi e do Haiti.

Gabarito: D

Perceba que o texto é concluído mencionando a inflação legislativa. A alternativa D retoma "a inflação legislativa" com a expressão ESSA VERDADEIRA DESIDRATAÇÃO LEGISLATIVA, dá sequência a essa ideia e ainda apresenta seus efeitos: "envergonha a maioria esmagadora dos professores de direito, obrigados a com ela conviver e a explicá-la perante seus alunos".

07. **(Esaf / SEP-SP)**

O texto abaixo foi adaptado do Editorial de O Estado de S. Paulo de 21/1/2009. Assinale a opção que representa continuação coesa e coerente para o texto.

O desemprego em dezembro dá uma ideia mais clara, e nada animadora, do tamanho da crise instalada no País desde o trimestre final de 2008. No mês passado, foram fechados 654.946 postos de trabalho formais, segundo informou o

governo. Foi mais que o dobro do número registrado um ano antes, quando foram demitidos, em termos líquidos, 319.414 trabalhadores com carteira assinada. O aumento das demissões é normal no fim do ano, principalmente na indústria, depois de encerrada a produção para o Natal.

a) Porquanto nas três primeiras semanas de janeiro o intercâmbio de mercadorias continuou piorando e, até dia 18, o Brasil acumulou um déficit de US$ 390 milhões.

b) Desta vez, no entanto, as dispensas foram surpreendentes, mesmo levando-se em conta a piora das condições econômicas.

c) Essas informações sobre o comércio exterior, já conhecidas, confirmaram a perda de impulso das exportações e a contínua redução do superávit comercial.

d) Mesmo que, se o presidente da República e seus ministros têm novos planos para reanimar a economia, não devem esperar muito mais tempo para iniciar sua execução.

e) Esse dado sobre as exportações é mais um indicativo da tendência de redução de emprego.

Gabarito: B

A alternativa A não pode ser a resposta, visto que o conector PORQUANTO tem caráter causal. É de bom alvitre lembrar que a causa representa fato anterior e a consequência, posterior. O fato ocorrido em janeiro de 2009 não pode ser a causa do que ocorreu no fim de 2008.

A alternativa B é a resposta, observando-se dois detalhes: o emprego da expressão "as dispensas" como sinônima de "demissões" e da conjunção adversativa "no entanto", estabelecendo uma ressalva em relação à informação anterior: já havia realmente a expectativa de demissões naquele período do ano, contudo (ressalva) não em tal quantitativo.

A alternativa C é absurda, uma vez que não há qualquer informação sobre o comércio exterior.

A alternativa D apresenta um problema: o conector concessivo MESMO QUE estabelece uma oposição. A informação seguinte poderia ser uma consequência ou uma conclusão para o que se expõe no fim do texto, nunca uma oposição. "O aumento das demissões é normal no fim do ano, principalmente na indústria,

depois de encerrada a produção para o Natal." – "Portanto" (e não "Mesmo que"), se o presidente da República e seus ministros têm novos planos para reanimar a economia, não devem esperar muito mais tempo para iniciar sua execução.". O conector apropriado seria de caráter conclusivo: portanto, logo, então, por conseguinte.

A alternativa E também é absurda, visto que não há qualquer dado sobre exportações.

08. **TCU – Perceba que o texto é concluído mencionando a inflação legislativa. A alternativa D retoma "a inflação legislativa" com a expressão ESSA VERDADEIRA DESIDRATAÇÃO LEGISLATIVA, dá sequência a essa ideia e ainda apresenta seus efeitos: "envergonha a maioria esmagadora dos professores de direito, obrigados a com ela conviver e a explicá-la perante seus alunos". Numere os trechos de modo a compor um texto coeso e coerente e assinale a sequência correta.**

( ) Esse é, sem dúvida, o grande mérito da Lei de Responsabilidade Fiscal.

( ) Alguns instrumentos jurídicos, porém, põem-se à frente de seu tempo e têm finalidade educativa.

( ) Leis e códigos não são feitos para mudar a toda hora.

( ) Servem para sinalizar o rumo que as instituições devem tomar.

( ) Não se baseiam em tendências ou modismos, mas refletem práticas e costumes cristalizaâdos na sociedade.

(Jornal do Brasil, 15/10/2000)

a) 1, 2, 4, 3, 5;
b) 5, 3, 1, 4, 2;
c) 2, 1, 3, 5, 4;
d) 1, 4, 5, 2, 3;
e) 4, 5, 2, 1, 3.

Gabarito: B

O primeiro fragmento não pode dar início ao texto, uma vez que o pronome ESSE faz referência a algo já mencionado.

O segundo fragmento não inicia o texto, uma vez que a conjunção PORÉM sugere que a ideia aí constante está em oposição a algo já citado.

O terceiro fragmento é o único que pode dar início ao texto.

No quarto parágrafo, o emprego de SERVEM sugere que a sua concordãncia se realiza com algum termo que já deveria se fazá deveria se faz presente no texto.

No quinto parágrafo, o mesmo ocorre. A forma verbal BASEIAM concorda com elemento já inserido anteriormente no texto.

Como o único fragmento que pode iniciar o texto é o terceiro, busco alternativa em que o número 1 aparece na terceira posição.

(X)

(X)

(1)

(X)

(X)

Passemos para a horizontal: (X), (X), (1), (X), (X). A alternativa C é a única que apresenta o número 1 na terceira posição.

09. **(Cespe / UnB / Polícia Federal)**

Quando o entrevistado foi questionado a respeito das dificuldades do trabalhador nessa adaptação aos novos tempos, a resposta, registrada em um parágrafo, contemplou os seguintes aspectos, aqui apresentados em tópicos.

I – **Um exemplo? Muitos operários não compreendem como uma série de comandos num teclado, exibida somente na tela de um micro, pode resultar em mudanças numa máquina industrial que não está diante deles.**

II – **O pensamento do trabalhador comum é analógico. Ele tem dificuldade para exercitar a realidade digital do computador.**

III – **É preciso reeducá-los. Não se trata de treinar o homem apenas para mexer nos equipamentos automaticamente, como se fosse um robô.**

IV – **Ensinar computação, especialmente para os operários, é ensinar a mexer na máquina, mas sobretudo a entender o que ela pode fazer.**

V – **Não se trata de transformá-lo numa peça da engrenagem da linha de montagem. Não basta saber operar uma máquina sem compreender o que está se fazendo.**

Aplicando os conhecimentos de tipologia textual à habilidade de

compreensão detalhada de uma resposta, em função da pergunta formulada, julgue os seguintes itens.

1) A ordem acima é apropriada para que os tópicos formem um parágrafo coerente.
2) Os tópicos I, III e IV, nesta sequência, são inter-relacionados e fazem parte do desenvolvimento da resposta.
3) Pela estrutura interna do tópico II, é correta a sua colocação no início da resposta à pergunta formulada.
4) Os tópicos III e V apresentam grande coesão interna, o que favorece a colocação deles, nesta sequência, dentro do desenvolvimento da resposta.
5) A organização interna do tópico IV, com o emprego do vocábulo "sobretudo', torna correto o seu uso como fechamento da resposta, por dar reforço às ideias apresentadas.

Gabarito:

1) **Errado;**
2) **Errado;**
3) **Certo;**
4) **Certo;**
5) **Certo.**

Inicialmente montemos o texto. Como o tópico I é introduzido por "Um exemplo", obviamente não pode dar início ao texto. O tópico II pode iniciar o texto, até porque o único elemento remissivo "ELE", está se referindo a um termo já presente no próprio tópico (o trabalhador). O tópico III não pode iniciar o texto, uma vez que a forma pronominal LOS refere-se a algo – masculino e plural – já mencionado. O quarto tópico possui toda a aparência de conclusão, em face da presença de dois elementos enfáticos: ESPECIALMENTE e SOBRETUDO. O último tópico também não pode dar início ao texto, porquanto a forma pronominal LO refere-se a algo já citado – masculino e singular. Por sinal, é certo que há a sequência III-V, já que a forma pronominal LO (tópico V) refere-se a HOMEM (tópico III). Além disso, justifica-se a repetição da construção NÃO SE TRATA, presente nos tópicos III e V, quando se deseja realçar uma ideia. Para que esse recurso tenha efeito, os elementos repetidos devem ocorrer próximos. Também fica bem evidente que o tópico III vem depois do I, dado que a forma pronominal LOS (III) refere-se aos

termos OPERÁRIOS (I) E DELES (I). Sendo assim, tudo indica que a sequência correta é II – I – III – V– IV:

"O pensamento do trabalhador comum é analógico. Ele tem dificuldade para exercitar a realidade digital do computador. Um exemplo? (Um exemplo dessa dificuldade) Muitos operários não compreendem como uma série de comandos num teclado, exibida somente na tela de um micro, pode resultar em mudanças numa máquina industrial que não está diante deles. É preciso reeducá-los (os operários). Não se trata de treinar o homem apenas para mexer nos equipamentos automaticamente, como se fosse um robô. Não se trata de transformá-lo (o homem) numa peça da engrenagem da linha de montagem. Não basta saber operar uma máquina sem compreender o que está se fazendo. (Enfim) Ensinar computação, especialmente para os operários, é ensinar a mexer na máquina, mas sobretudo a entender o que ela pode fazer."

Perfeita a montagem.

1 – Errado, porque a sequência correta II – I – III – V– IV.

2 – Errado, porque o item IV representa a conclusão do texto. Os tópicos inter-Ârelacionados são I-III-V.

3 – Certo. Não há elementos que remetem a elementos presentes em outros tópicos.

4 – Certo. São dois elementos coesivos: a repetição da construção NÃO SE TRATA e a presença da forma pronominal LO (tópico V) referindo ao termo HOMEM (tópico III).

5 – Certo. A ideia de ênfase não se faz presente apenas pelo emprego de SOBRETUDO, mas também pelo uso de ESPECIALMENTE.

10. **(Esaf / ANA)**

Os trechos abaixo constituem um texto adaptado de http://www.ana.gov.br/prodes/prodes.asp, mas estão desordenados. Ordene-os e assinale a opção correta.

( ) Tal incremento da carga orgãnica poluidora nos corpos dâágua leva à escassez de água com boa qualidade, fato já verificado em algumas regiões do país.

( ) Entre os maiores desafios da gestão de recursos hídricos no Brasil está a redução das cargas poluidoras que degradam os corpos d'água.

( ) Tanto é assim que menos de 20% do esgoto urbano recebe algum tipo de tratamento, o restante é lançado nos corpos dâágua "in natura", colocando em risco a saúde do ecossistema e da população local.

( ) Nesse cenário, os efluentes domésticos representam uma das principais fontes de degradação dos ecossistemas aquáticos do território nacional.

( ) Principalmente em regiões metropolitanas, essa degradação da qualidade da água vem criando situações insustentáveis do ponto de vista de desenvolvimento.

a) 2, 1, 4, 5, 3;
b) 3, 2, 4, 5, 1;
c) 3, 5, 4, 2, 1;
d) 5, 1, 4, 3, 2;
e) 4, 3, 2, 1, 5.

Gabarito: D

O primeiro fragmento não pode iniciar o texto, visto que o emprego de TAL sugere que o incremento já foi citado anteriormente.

O segundo tópico pode dar início ao texto, uma vez que não possui elementos remissivos.

O início do terceiro fragmento deixa claro não poder dar início a um texto (Tanto é assim que).

O emprego de NESSE CENÁRIO, no quarto fragmento, indica que a situação já foi mencionada.

No quinto tópico, o uso de PRINCIPALMENTE e de ESSA DEGRADAÇÃO sugere que algo já foi mencionado em outro tópico.

Como somente o segundo tópico pode dar início ao texto – ponhamos 1 no segundo fragmento.

(X)
(1)
(X)
(X)
(X)

Passando para a horizontal – (X) (1) (X) (X) (X) –, a resposta somente pode ser

A ou D. A alternativa A é eliminada porque a sequência (2) (1) (X) (X) (X) é incoerente. Vejamos: "Entre os maiores desafios da gestão de recursos hídricos no Brasil está a redução das cargas poluidoras que degradam os corpos d'água. Tal incremento da carga orgãnica poluidora nos corpos dâágua leva à escassez de água com boa qualidade, fato já verificado em algumas regiões do país.". O emprego de TAL INCREMENTO sugere que um aumento, um acréscimo deveria ocorrer anteriormente, mas nunca uma redução.

Já a sequência (X) (1) (X) (X) (2) é perfeita: "Entre os maiores desafios da gestão de recursos hídricos no Brasil está a redução das cargas poluidoras que degradam os corpos d'água. Principalmente em regiões metropolitanas, essa degradação da qualidade da água vem criando situações insustentáveis do ponto de vista de desenvolvimento.".

11. **(AFC / CGU)**

Os trechos abaixo constituem um texto (Leandro Konder, Jornal do Brasil, 12/01/2008), mas estão desordenados. Ordene-os, indique a ordem dentro dos parênteses e assinale a opção que corresponde à ordem correta.

( ) Para sublinhar sua decisão de uma recusa radical daquilo que acontecia no mundo germãnico, modificou seu nome do alemão Karpfen para o francês Carpeaux.

( ) Sua vida tinha se tornado impossível na Áustria que Hitler tinha anexado à Alemanha.

( ) Em agosto de 1939, Carpeaux chegou ao Brasil fugindo da Holanda, em companhia de sua mulher, dona Helena.

( ) Carpeaux, de fato, era católico e tinha aspectos conservadores em seu pensamento. Mas a acusação era grotesca, pois o homem tinha vindo para cá, fugindo do nazismo.

( ) Um grupo de jovens de esquerda, percebendo que Carpeaux, em seus artigos, criticava o marxismo-leninismo, acusou-o de ser um simpatizante do nazismo.

a) 3,2,1,5,4;
b) 5,4,2,1,3;
c) 4,3,2,1,5;
d) 1,5,3,2,4;
e) 4,3,1,2,5.

Gabarito: A

O primeiro tópico não pode dar início ao texto, uma vez que o emprego do pronome possessivo SUA, indica que a decisão foi de alguém já mencionado.

O segundo tópico, pelo mesmo motivo do primeiro, também não pode dar início ao texto.

O terceiro tópico pode dar início ao texto, por não possuir elementos remissivos.

O emprego da expressão DE FATO sugere que o comentário aí proferido está em aquiescência a uma opinião exposta anteriormente.

O último tópico, por não possuir elementos remissivos, poderia iniciar o texto.

Observando as alternativas, como já dito, o último fragmento poderia dar início ao texto, porém, como não há nenhuma alternativa com o número 1 na quinta posição (X) (X) (X) (X) (1), podemos excluir essa possibilidade. Ficamos então somente com a possibilidade de 1 vir na terceira posição (X) (X) (1) (X) (X), havendo como possíveis respostas A e E. A alternativa A não pode ser a resposta, visto que a sequência (X) (X) (1) (2) (X) é incoerente, como veremos: "Em agosto de 1939, Carpeaux chegou ao Brasil fugindo da Holanda, em companhia de sua mulher, dona Helena. Carpeaux, de fato, era católico e tinha aspectos conservadores em seu pensamento. Mas a acusação era grotesca, pois o homem tinha vindo para cá, fugindo do nazismo." Não há relação entre o fato de Carpeaux ser católico com o fato relatado anteriormente. Já a sequência da letra A (X) (2) (1) (X) (X) fica perfeita: "Em agosto de 1939, Carpeaux chegou ao Brasil fugindo da Holanda, em companhia de sua mulher, dona Helena. Sua vida tinha se tornado impossível na Áustria que Hitler tinha anexado à Alemanha.".

12. **Os trechos a seguir foram adaptados de um texto de Ruy Castro, mas estão desordenados. Numere-os de forma que constituam um texto coeso e coerente e assinale a opção correta correspondente.**

( ) A Cãmara aprovou medida provisória com esse objetivo, que foi considerado eleitoreiro e danoso às contas públicas pela oposição.

( ) Entre as principais regras que podem represar recursos "não obrigatórios" - chamados de "transferências voluntárias"– está a LRF.

( ) Ela veda o repasse desses recursos para Estados e municípios que não estejam em dia com o pagamento de tributos federais e dívidas com a União, que tenham descumprido o gasto mínimo em educação e saúde ou que

tenham excedido o limite para dívidas e gastos com pessoal.

( ) O governo federal poderá repassar verbas do PAC a estados e municípios no período eleitoral, além de ignorar restrições existentes na LRF (Lei de Responsabilidade Fiscal) para esse tipo de transferência.

( ) Pelo texto, de autoria do Executivo, repasses para obras do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) definidas pelo governo tornam-se "obrigatórias", ou seja, ficam livres de regras que, em determinadas situações, impedem a transferência dos recursos inscritos na categoria "não obrigatórias".

1) 4 – 2 – 3 – 5 – 1;
2) 2 – 4 – 5 – 1 – 3;
3) 2 – 1 – 4 – 3 – 2;
4) 3 – 2 – 5 – 1 – 4;
5) 1 – 4 – 3 – 2 – 5.

Gabarito: B

O primeiro tópico não pode começar o texto, visto que o termo "esse objetivo" faz remissão a termos anteriores. O segundo tópico também não pode iniciar o texto, uma vez que a sigla LRF ainda não foi apresentada ao leitor. O terceiro tópico também não pode dar início ao texto, porquanto o pronome "Ela" faz menção a algo já mencionado. O quinto tópico também não pode dar início ao texto, pois não se esclarece que texto é esse (texto de quê?). Como somente o quarto tópico não possui elementos remissivos, chega-se Ã conclusão de que a resposta somente pode ser B ou D (X-X-X-1-X).

( )
( )
( )
(1)
( )

A sequência da D é

(3)
(2)
(5)
(1)
(4)

A sequência 1-2 da alternativa D é incoerente, senão vejamos: O governo federal poderá repassar verbas do PAC a estados e municípios no período eleitoral, além de ignorar restrições existentes na LRF (Lei de Responsabilidade Fiscal) para esse tipo de transferência. (1) / Entre as principais regras que podem represar recursos "não obrigatórios" – chamados de "transferências voluntárias"– está a LRF. (2) – Perceba a incoerência: O primeiro tópico fala em ignorar restrições existentes na LRF e o segundo tópico indica que a LRF está entre as principais regras que represar recursos "não obrigatórios".

A sequência exposta na alternativa B é perfeita.

(2)

(4)

(5)

(1)

(3)

Perceba que a sequência dos dois primeiros tópicos é bastante coerente: O governo federal poderá repassar verbas do PAC a estados e municípios no período eleitoral, além de ignorar restrições existentes na LRF (Lei de Responsabilidade Fiscal) para esse tipo de transferência. (1) / A Cãmara aprovou medida provisória com esse objetivo, que foi considerado eleitoreiro e danoso Ãs contas públicas pela oposição. (2). Repare que o termo "esse objetivo" refere-se Ã transferência de verbas do PAC a estados e municípios no período eleitoral.

Chegando-se a essa sequência, não há mais necessidade de se continuar a leitura do texto.

É importante o candidato ficar atento ao fato de que, por exemplo, quando se chega à conclusão de que o terceiro fragmento é o terceiro da sequência, não se deve procurar uma resposta começando pelo algarismo 3 (3-X-X-X-X – ERRADO), mas sim buscar uma resposta em que o algarismo 3 aparece na terceira posição (X-X-1-X-X).

13. **(Esaf / AFRF)**

Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e indique a sequência correta.

( ) Principalmente porque, com recursos parcos e uma formação basicamente literária, ele anteviu o mundo em que vivemos, no qual as palavras se

evaporam e se dispersam em redes virtuais, as ideias circulam em direções caóticas e a noção de sentido, quer dizer, de uma direção e de um futuro, se perde num presente em abismo.

( ) E no qual, enfim, depois de séculos de hostilidade e de enclausuramento, o homem se veria dissolvido em uma grande colcha democrática, capaz de abrigar a todos, sem lugares fixos e sem destinos rígidos, um mundo, por fim, em que poderíamos compartilhar uma mesma experiência.

( ) Profeta da morte da imprensa e do fim de um mundo linear e geométrico, ele antecipou, já nos anos 50 e 60, a chegada de um novo mundo unificado, na forma de grande teia, e gerido por uma espécie de alma suprapessoal.

( ) Nascido em 1911, em Edmonton, Canadá, Herbert Marshall McLuhan foi, afora erros e acertos de suas hipóteses, um pensador genial.

( ) Previa McLuhan que, nesse novo mundo unificado da mídia que estava a se afirmar, os homens se veriam imersos em uma grande malha global, um mundo devassado, sobreposto e instantâneo, no qual as ideias se dissolveriam e as diferenças se anulariam – exatamente como na cultura pop que ele mesmo via nascer.

(Adaptado de José Castello http://nominimo.ibest.com.br/notitia)

a) 5º, 3º, 2º, 1º, 4º;
b) 2º, 5º, 3º, 1º, 4º;
c) 3º, 2º, 4º, 5º, 1º;
d) 4º, 1º, 5º, 3º, 2º;
e) 1º, 4º, 2º, 5º, 3º.

Gabarito: B

Questão de ordenamento de fragmentos para a formação de um texto. De todos os fragmentos, somente o quarto pode iniciar o texto, pois todos os outros contêm termos fazendo remissão a elementos antecedentes. Sendo assim, buscam-se as opções em que o numeral cardinal 1º encontra-se na quarta posição. Portanto, somente as alternativas A e B podem ser a resposta. A alternativa A é excluída apenas na última sequência: o primeiro fragmento do texto seria o último da sequência textual: (4º) Previa McLuhan que, nesse novo mundo unificado da mídia que estava a se afirmar, os homens se veriam imersos em uma grande malha global, um mundo devassado, sobreposto e instantâneo, no qual as ideias se dissolveriam e as diferenças se anulariam – exatamente como na cultura pop que

ele mesmo via nascer. (5º) Principalmente porque, com recursos parcos e uma formação basicamente literária, ele anteviu o mundo em que vivemos, no qual as palavras se evaporam e se dispersam em redes virtuais, as ideias circulam em direções caóticas e a noção de sentido, quer dizer, de uma direção e de um futuro, se perde num presente em abismo. – Observe que essa sequência não faz sentido: o fato de McLuhan, mesmo com recursos parcos e uma formação basicamente literária, ter antevisto o mundo em que vivemos não é motivo (principalmente porque) para a previsão de que os homens se veriam imersos em uma grande malha global.

Já a sequência proposta na alternativa B é deveras coerente: (1º) Nascido em 1911, em Edmonton, Canadá, Herbert Marshall McLuhan foi, afora erros e acertos de suas hipóteses, um pensador genial. (2º) Principalmente porque, com recursos parcos e uma formação basicamente literária, ele anteviu o mundo em que vivemos, no qual as palavras se evaporam e se dispersam em redes virtuais, as ideias circulam em direções caóticas e a noção de sentido, quer dizer, de uma direção e de um futuro, se perde num presente em abismo. – Repare que Herbert Marshall McLuhan, mesmo com recursos parcos e uma formação basicamente literária, conseguiu antever o mundo em que vivemos, e, por isso, pode ser considerado um pensador genial.

14. **(Esaf / TRF)**

Abaixo estão os segmentos inicial e final de uma correspondência oficial. É preciso completá-la nos espaços pontilhados, ordenando os parágrafos na ordem em que devem constar no documento. Numere os parênteses, obedecendo aos princípios de coesão, coerência e encadeamento de ideias. Assinale, a seguir, a opção que reproduz a ordem correta.

E.M. n. 122 /Interministerial MF – CGU-PR

Brasília, 26 de setembro de 2005.

Excelentíssimo Senhor Presidente da República

Respeitosamente,

MURILO PORTUGAL FILHO

Ministro de Estado da Fazenda Interino

WALDIR PIRES

Ministro de Estado do Controle e da Transparência

(....) Com o objetivo de dar fiel cumprimento àquela determinação legal, cuja finalidade precípua consiste na preservação do princípio constitucional da publicidade, submetemos a Vossa Excelência o incluso Relatório de Gestão Fiscal do Poder Executivo Federal, referente ao período de janeiro a agosto do exercício de 2005.

(....) O referido Relatório deverá ser objeto de encaminhamento ao Congresso Nacional e ao Tribunal de Contas da União, conforme dispõe o art. 116 da Lei n. 10.934, de 11 de agosto de 2004.

(....) O Relatório de Gestão Fiscal, consoante determina a supracitada Lei, deve conter informações relativas à despesa total com pessoal, dívida consolidada, concessão de garantias e operações de crédito, devendo, no último quadrimestre, ser acrescido de demonstrativos referentes ao montante das disponibilidades de caixa em 31 de dezembro, de cada exercício e das inscrições em restos a pagar.

(....) Determina a mesma Lei que o Relatório deverá ser publicado e disponibilizado ao acesso público até trinta dias após o encerramento do período a que corresponder, prazo esse que, para o segundo quadrimestre de 2005, se encerra em 30 de setembro do corrente.

(....) A Lei Complementar n. 101, de 04 de maio de 2000, que estabelece normas de finanças públicas voltadas para a responsabilidade na gestão fiscal, exige, em seu art. 54, a emissão, ao final de cada quadrimestre, pelos titulares dos Poderes e órgãos referidos no art. 20, do Relatório de Gestão Fiscal assinado pelo respectivo Chefe e pelas autoridades responsáveis pela administração financeira e pelo controle interno, bem como por outras autoridades que vierem a ser definidas por ato próprio de cada Poder ou órgão.

(http://www.fazenda.gov.br/portugues/documentos/2005/relatorioLRF2005.pdf, com adaptações)

A sequência correta é:

a) 5 4 1 3 2;

b) 4 5 2 3 1;

c) 5 2 4 3 1;

d) 1 3 2 4 5;

e) 1 2 4 3 5.

Gabarito: B

Somente o último fragmento, por não possuir elementos que façam remissão a termos antecedentes, pode dar início ao texto, então deve o candidato buscar as alternativas em que o algarismo "1" encontre-se na última posição. Com isso, são excluídas as alternativas A, D e E. As opções B e C poderiam ser as respostas. Comparemos as continuidades das duas alternativas. A sequência proposta na opção C (5-2-4-3-1) possui um problema: sendo o terceiro fragmento o quarto (destacado) da sequência, haverá uma dúvida quanto à lei referida pelo termo "a supracitada Lei". O último fragmento (primeiro da sequência) menciona a Lei Complementar nº 101, o segundo fragmento (segundo da sequência proposta) alude ao art. 116 da Lei nº 10.934. Ou seja, não se saberia se a supracitada lei seria a Complementar 101 ou a 10.934. Já a alternativa B não apresenta essa ambiguidade, porquanto sendo o terceiro fragmento o segundo da sequência proposta, a supracitada lei só poderia referir-se à Lei Complementar nº 101 que aparece no último fragmento, o primeiro da sequência proposta.

15. **(AFRF)**

Marque, em cada item, o período que inicia o respectivo texto de forma coesa e coerente. Depois, escolha a sequência correta.

(Itens baseados em Emir Sader)

I O abandono da tematização do capitalismo, do imperialismo, das relações centro-periferia, de conceitos como exploração, alienação, dominação, abriu caminho para o triunfo do liberalismo.

(X) O socialismo, em consequência desses fatores, desapareceu do horizonte histórico, em virtude de ter ganho atualidade política com a vitória da Revolução Soviética de 1917.

(Y) O triunfo do neoliberalismo se consolidou quando o pensamento social passou a ser dominado por teses conservadoras.

II Compravam um passaporte para o camarote dos vencedores. Mas, como "há uma dignidade que o vencedor não pode alcançar", como dizia Borges, o que ganharam em prestígio perderam em capacidade de análise.

(X) Os que abandonaram Marx com soltura de corpo e com alívio, como se se desvencilhassem de um peso, na verdade não trocavam um autor por outro, mas uma classe por outra.

(Y) Eles substituíram a exploração de classes e de países pela temática do

totalitarismo, aperfeiçoando suas análises políticas ao vinculá-las à dimensão social.

III No mundo contemporãneo, tais modos nos permitem compreender a etapa atual do capitalismo, em sua fase de hegemonia política norte-americana.

(X) Para atender a atualidade, são necessários modos de compreensão férteis, capazes de dar conta das relações entre a objetividade e a subjetividade, entre os homens como produtores e como produtos da história.

(Y) Trata-se de uma compreensão míope, que ignora componentes essenciais ao fenômeno do capitalismo que estamos vivendo.

IV Quem pode entender a política militarista dos EUA e do seu complexo militar-industrial sem a atualização da noção de imperialismo?

(X) Quem pode entender hoje a crise econômica internacional fora dos esquemas da superprodução, essencial ao capitalismo?

(Y) Portanto, é a unipolaridade vigente há uma década que busca impor a dicotomia livre mercado/protecionismo.

V Nunca as relações mercantis tiveram tanta universalidade, seja dentro de cada país, seja nas novas fronteiras do capitalismo.

(X) O capitalismo dá mostras de enfrentar forte declínio, que leva os especialistas a preverem profunda fragmentação na ordem econômica interna de cada nação.

(Y) Assiste-se ao capitalismo em plena fase imperialista consolidada, em que as formas de dominação se multiplicam.

a) X,X,Y,Y,X;
b) Y,X,X,X,Y;
c) Y,Y,X,X,Y;
d) X,Y,Y,X,Y;
e) X,Y,Y,X,X.

Gabarito: B

Esta questão exige que o candidato leia o enunciado com bastante calma e perceba haver a solicitação tão-somente do início do texto em cada item, ou seja, não pode haver em X ou Y elementos remissivos. Por exemplo, no item 1 o fragmento "Em consequência desses fatores" indica que os fatores já deveriam ter sido citados anteriormente. Então, o item 1 só pode ser iniciado por Y. Sobraram

apenas as opções B e C. No item 2, X não apresenta elementos remissivos, podendo iniciar o texto. Já Y é introduzido "Eles substituíram", indicando que o pronome ELES refere-se a elementos que teoricamente já deveriam ter sido mencionados. O segundo item é X. Portanto, já se chega à resposta.

16. **(Esaf / ISS-RE)**

Em cada parágrafo, da questão 78, encimado por um subtítulo, ordene os itens de modo a formar um texto coeso e coerente. Descarte o item que não for coerente e coloque nesse item um "d". Marque, depois, a sequência correta.

( ) Igualmente importante é saber como o país chegou ao atual estágio de insegurança pública.

( ) É o que constata desde o Presidente da República até o brasileiro mais humilde.

( ) A prisão perpétua significa pouco ou nada para eles

( ) Para combatê-la é preciso distribuir renda.

( ) A violência atingiu um grau insuportável, que não pode mais ser tolerado.

( ) Mas não é só: estamos propondo a criação da Cãmara de Combate à Violência, nos moldes da Cãmara de Energia.

a) 3,1,d,5,4,2;

b) 5,2,d,3,1,4;

c) 4,1,d,3,2,5;

d) d,1,5,4,2,3;

e) 2,5,3,4,1,d.

Gabarito: B

Essa questão pode ter uma solução diferente. Na realidade, o "d" é apenas um elemento para assustar o candidato, mas que não interfere na resposta. Se você for atento, perceberá, pelas alternativas, que a primeira parte do texto ou será o segundo fragmento (A, C ou D) ou o penúltimo (B ou E). Como o segundo fragmento (É o que constata desde o Presidente da República até o brasileiro mais humilde.) não pode dar início ao texto, até porque o pronome demonstrativo "o" é referente a algo que já deveria estar mencionado no texto, podem-se excluir as alternativas A, C e D. Ficamos, então, com as alternativas B e E. A sequência da E não é coerente: "A violência atingiu um grau insuportável, que não pode mais ser tolerado. Igualmente importante é saber como o país chegou ao atual estágio de

insegurança pública.". Destarte, a resposta só pode ser a B. Observemos a sequência dos dois primeiros fragmentos: "A violência atingiu um grau insuportável, que não pode mais ser tolerado. É o que constata desde o Presidente da República até o brasileiro mais humilde.". Perfeito. No frigir dos ovos, não houve a menor necessidade de fazer uso do "d" para se chegar à resposta.

17. **(AFRF)**

Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial de O Globo, de 24/8/2009, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e indique a opção que corresponde à sequência correta.

( ) Até mesmo em países com regras rígidas (França e Alemanha, por exemplo), sindicatos perceberam a gravidade desse momento e aceitaram negociar reduções temporárias de jornada de trabalho com respectiva diminuição de salários e benefícios, em contrapartida à manutenção de empregos.

( ) A recente crise econômica mundial – que por pouco não empurrou o planeta para uma depressão tão terrível como a de 1929-1934 – mostrou, na prática, a importãncia de se ter flexibilidade nos contratos de trabalho.

( ) Diante de tal experiência, a insistência em se discutir uma redução da jornada de trabalho para 40 horas semanais (sem alteração de salários) parece esdrúxula. Mudar uma das bases das regras contratuais em meio a uma conjuntura ainda nebulosa representa enorme risco para os trabalhadores.

( ) Dessa forma, o impacto da crise sobre o mercado de trabalho, especialmente no Brasil, não chegou a ter a dimensão trágica que a crise certamente causaria em outra situação, de mais rigidez nas regras contratuais. E isso sem dúvida contribuiu para abreviar o período recessivo.

( ) No Brasil ocorreu algo semelhante àqueles países. A indústria demitiu, mas, em alguns setores (mineração, siderurgia, bens de consumo duráveis), o quadro teria sido pior não fosse a possibilidade de se recorrer a férias coletivas, licenças parcialmente remuneradas, banco de horas etc.

a) 1,2,4,3,5;
b) 2,1,5,4,3;
c) 4,1,3,5,2;
d) 3,4,1,2,5;

e) 5,3,2,1,4.

Gabarito: B

O primeiro, o terceiro, o quarto e o quinto fragmento não podem dar início ao texto, porquanto os termos "desse momento", "Diante de tal experiência", "Dessa forma" e "àqueles países" indicam que algo já foi mencionado anteriormente. As possíveis respostas são B e C. Exclui-se a alternativa C, visto que a sequência proposta indica o último fragmento como o segundo, o que gera incoerência. Quando se faz menção a "àqueles países", no fragmento inicial os países teriam que ser citados. A alternativa B fica perfeita: "A recente crise econômica mundial – que por pouco não empurrou o planeta para uma depressão tão terrível como a de 1929-1934 – mostrou, na prática, a importãncia de se ter flexibilidade nos contratos de trabalho." / "Até mesmo em países com regras rígidas (França e Alemanha, por exemplo), sindicatos perceberam a gravidade desse momento e aceitaram negociar reduções temporárias de jornada de trabalho com respectiva diminuição de salários e benefícios, em contrapartida à manutenção de empregos.".

18. **(Analista Tributário)**

Os trechos a seguir constituem um texto adaptado de O Globo, Editorial, 14/10/2009, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e indique a sequência correta.

( ) Esse quadro se alterou significativamente: em volume, a produção nacional de petróleo vem se mantendo próxima aos patamares de consumo doméstico. A redução dessa dependência no campo da energia foi acompanhada por um salto expressivo nas exportações brasileiras (que cresceram uma vez e meia na última década), com razoável equilíbrio entre produtos básicos e manufaturados na pauta de vendas.

( ) Apesar de a economia brasileira ter ainda um grau de abertura relativamente pequeno para o exterior – se comparado à média internacional –, o cãmbio sempre foi apontado com um dos fatores mais vulneráveis do país. No passado, o Brasil era muito dependente de petróleo importado e de insumos essenciais para a indústria.

( ) Além desse equilíbrio, os programas de ajuste macroeconômico têm garantido uma estabilidade monetária que ampliou o horizonte de investimentos e as possibilidades de um desenvolvimento sustentável de longo prazo.

( ) Tal promoção foi reforçada pela capacidade de reação da economia brasileira à recente crise financeira, a mais grave que o mundo atravessou desde o fim da Segunda Guerra Mundial.

( ) Assim, as principais agências classificadoras de risco promoveram a economia brasileira para a categoria daquelas que não oferecem risco cambial aos investidores estrangeiros.

a) 2, 1, 3, 5, 4;
b) 5, 3, 4, 1, 2;
c) 4, 5, 2, 3, 1;
d) 3, 2, 1, 4, 5;
e) 4, 1, 2, 3, 5.

Gabarito: A

O primeiro, o terceiro, o quarto e o quinto fragmento não podem dar início ao texto, porquanto os termos "Esse quadro", "Além desse equilíbrio", "Tal promoção" e "Assim" indicam que algo já foi mencionado anteriormente. Destarte, somente o segundo fragmento pode dar início ao texto, o que nos leva a duas possíveis respostas: A ou E (X-1-X-X-X). A sequência proposta na E é incoerente, dado que o terceiro fragmento, ao se iniciar por "Além desse equilíbrio", indica que "o equilíbrio" já deveria ter sido citado no segundo fragmento. Já a sequência (2-1-X-X-X) é perfeita: "Apesar de a economia brasileira ter ainda um grau de abertura relativamente pequeno para o exterior – se comparado à média internacional –, o câmbio sempre foi apontado com um dos fatores mais vulneráveis do país. No passado, o Brasil era muito dependente de petróleo importado e de insumos essenciais para a indústria." / "Esse quadro se alterou significativamente: em volume, a produção nacional de petróleo vem se mantendo próxima aos patamares de consumo doméstico. A redução dessa dependência no campo da energia foi acompanhada por um salto expressivo nas exportações brasileiras (que cresceram uma vez e meia na última década), com razoável equilíbrio entre produtos básicos e manufaturados na pauta de vendas.".

19. **(MPOG)**

Numere em que ordem os trechos abaixo, adaptados do ensaio Lula e o mistério do desenvolvimento, de Maílson da Nóbrega (publicado em VEJA, de 26 de agosto, 2009), dão continuidade à oração inicial, numerada

como (1), de modo a formar um parágrafo coeso e coerente.

(1) Mudanças culturais estão na origem do sucesso dos atuais países ricos.

( ) De fato, as lutas mortais dos gladiadores, entre si e com as feras, divertiam os romanos; execuções públicas eram populares na Inglaterra até o século XVIII.

( ) Por isso, a alfabetização disseminada e habilidades aritméticas, antes irrelevantes, adquiriram importãncia para a Revolução Industrial.

( ) Esses instintos foram substituídos por hábitos fundamentais para o desenvolvimento: trabalho, racionalidade e valorização da educação.

( ) Elas os fizeram abandonar instintos primitivos de violência, impaciência e preguiça.

( ) Como consequência dessas mudanças, a classe média cresceu; valores como poupança, negociação e disposição para o trabalho se firmaram nas sociedades bem-sucedidas.

A sequência obtida é

a) (1) (2) (4) (5) (6) (2);
b) (1) (3) (2) (6) (4) (6);
c) (1) (4) (2) (6) (5) (3);
d) (1) (3) (5) (4) (2) (6);
e) (1) (2) (6) (4) (3) (5).

Gabarito: D

Questão interessante, em que o primeiro tópico já se encontra definido. A busca se faz pelo segundo tópico. É de bom alvitre perceber que algumas opções estão prejudicadas como a A e a B, visto que há repetição de número (2 na A e 6 na B). De qualquer forma, tal problema não chega a invalidar a questão, até porque estas alternativas não seriam a resposta. Somente o penúltimo fragmento pode ser o segundo da sequência, visto que nele há dois elementos coesivos: o pronome ELAS que faz referência ao termo MUDANÇAS CULTURAIS; e o pronome oblíquo OS que remete à expressão ATUAIS PAÍSES RICOS. Vejamos a sequência: "Mudanças culturais estão na origem do sucesso dos atuais países ricos. Elas (Mudanças culturais) os (atuais países ricos) fizeram abandonar instintos primitivos de violência, impaciência e preguiça.".

Capítulo 8

Semântica Verbal

1º PASSO. O usuário da língua deve compreender que a ideia de presente não é o momento em que se vive, ou o do recebimento da mensagem. Toda referência de tempo presente é o momento em que o texto é confeccionado, ou seja, o momento no qual o autor produz o texto.

8.1. MODO INDICATIVO

Indica, em regra, um evento real, não hipotético.

Presente – Indica um hábito presente. Não há necessidade efetiva de o fato estar ocorrendo. Podemos encontrar matizes semânticos distintos dentro deste tempo verbal, que irão desconstruir o raciocínio de que o presente representa o momento em que a ação acontece. Vejamos:

Presente Pontual – representa o momento em que a ação se desenvolve.

Ex.: Eu **estou** lendo esta frase. (A leitura acontece agora).

Presente Habitual ou Frequentativo – a essência do hábito é o intervalo entre fazer ou não determinada coisa.

Ex.: Eu **durmo** bem todos os dias. (Não estou dormindo agora, mas há um intervalo entre dormir e não dormir).

Presente Permanente – ocorre sem parar.

Ex.: A Terra **gira** em torno do Sol. (Reparemos que a Terra não para de girar, permanece a todo instante girando)

Pretérito perfeito – Indica um evento passado encerrado, finalizado. Pode-se usar o termo "ontem" para efetuar a sua conjugação. O pretérito perfeito também pode ser chamado de passado pontual.

Ex.: Você leu o jornal do último sábado?

Pretérito imperfeito – Denota um evento habitual, costumeiro no passado. Para a sua conjugação, é interessante o uso de "antigamente". Esse tempo pode ser chamado também de passado habitual, frequentativo ou impontual.

Ex.: Nós nos encontrávamos diariamente.

Pretérito mais-que-perfeito – Denota uma ação passada anterior a outro fato também passado. É importante frisar que, para o seu uso ser perfeito, é fundamental já haver outro elemento também com ideia de passado. Algumas bancas já usaram a denominação passado do passado para representar o pretérito mais-que-perfeito.

Ex.: Quando eu entrei na sala, ela já desligara a televisão.

Observe que a ação de desligar a televisão é pretérita e ainda anterior a outra ação passada: a de entrar na sala.

Futuro do presente – Indica uma ação futura em relação ao momento em que o texto foi confeccionado ou em relação a uma condição futura. Por consequência, acabará coligado ao futuro do subjuntivo. Para a sua conjugação, pode ser utilizado "amanhã". Este tempo é considerado, apesar de futuro, factual, e não hipotético.

Ex.: Na próxima semana, faremos a prova.

Se você estudar, aprenderá a matéria.

Futuro do pretérito – Indica uma consequência futura de um fato passado. É importante compreender que, nesta situação, a referência não é o momento em que o autor confeccionou o texto. Diferentemente do futuro do presente (futuro em relação ao momento presente – momento da criação do texto), o evento é um efeito futuro de um fato que não ocorreu. Sendo assim, a consequência poderia ser certa, provável ou duvidosa, em conformidade com os elementos que o texto oferecer. Torna-se, por fim, fundamental concluir que, por este tempo representar uma consequência futura de fato passado, é natural que fique coligado ao pretérito imperfeito do subjuntivo.

Ex.: Se você trouxesse uma cerveja, eu a beberia.

Preste atenção a esta explicação: a condição não ocorreu, portanto o efeito também não. Imagine a seguinte situação: o autor da frase gosta de todas as marcas de cerveja, portanto se o outro trouxesse a cerveja, ele com certeza beberia. Digamos que ele goste apenas de 50% das marcas, então se o outro trouxesse a cerveja, possivelmente (dúvida) o autor da frase beberia. Por fim, imaginemos que o texto indique que há a aprovação de quase todas as cervejas, portanto se o outro trouxesse a cerveja, o autor provavelmente a beberia. Destarte, torna-se fundamental o contexto para se concluir se a consequência é

certa, provável ou duvidosa.

Obs.: O futuro do pretérito também pode indicar uma ideia de polidez. É muito comum a resposta GOSTARIA quando alguém nos oferece algo. Este uso indica uma forma mais educada de expressão.

Os verbos no pretérito imperfeito do indicativo, mormente de segunda e terceira conjugação, tornam-se parecidos com os do futuro do pretérito. Então em várias ocasiões, percebe-se que o pretérito imperfeito acaba substituindo o futuro do pretérito. Nas questões de correlação, tal fato parece ser admitido pelo NCE, o mesmo já não ocorrendo com a Esaf.

Ex.: A consequência de tal fato é que, até mesmo quando o verbo indicar ideia de polidez, faz-se possível o verbo no pretérito imperfeito, substituindo o futuro do pretérito. Leitor, imagine a seguinte situação: se alguém perguntar se você deseja água (e você está com sede), o que você responderia? Provavelmente, "eu aceitaria" ou "eu aceitava", ambos com valor de polidez.

Obs.: Mais raro é o uso do futuro do presente do indicativo com valor de polidez. Caro candidato a um cargo público, pense na seguinte situação: você está assistindo a uma aula e percebe que o professor equivocou-se. Como chamar a atenção dele? Você poderia dizer: – Professor, o senhor está enganado! Você também poderia dizer o mesmo de forma mais polida: – Professor, o senhor não estará (estaria) enganado?

8.2. MODO SUBJUNTIVO

Indica, em geral, evento hipotético, possível, duvidoso.

Presente – Fato atual expressando possibilidade, dúvida. Pode-se utilizar MARIA QUER QUE para a sua conjugação neste tempo.

Ex.: Talvez ele venha.

Pretérito imperfeito – Mostra uma situação hipotética no passado que geraria um efeito futuro. É recomendável utilizar "se ontem" para a conjugação verbal neste tempo.

Ex.: Se ele estudasse, aprenderia a matéria.

Futuro – Indica uma condição futura anterior a uma consequência também

futura. Podem-se utilizar as estruturas "se amanhã" ou o consagrado "quando" para conjugação verbal neste tempo.

Ex.: Se ele voltar aqui, todos ficarão felizes.

BIZU

Quando negamos o presente do subjuntivo, passamos a ter uma ideia factual e não hipotética. É importante observarmos isso, pois, em regra, o modo subjuntivo é considerado hipotético.

Ex.: Não há um ser humano que **não saiba** que o uso excessivo de medicamentos sem respaldo médico pode fazer mal à saúde. (Ou seja, todos os seres humanos sabem. A ideia é factual (certeza) e não hipotética.

8.3. MODO IMPERATIVO

Indica ideia de ordem (quem recebe é obrigado a cumpri-la), solicitação (quem recebe o pedido não é o beneficiado), conselho (quem recebe a sugestão é o beneficiado).

Ex.: Por favor, pega um copo de cerveja.

Pedido, solicitação (quem pediu é o beneficiado)

Ex.: Soldado, venha aqui!

Ordem (o soldado é obrigado a cumprir a ordem)

Ex.: Não te atrases, que serás demitido.

Conselho, sugestão (quem recebe o conselho é o beneficiado pelo próprio conselho)

BIZU

Torna-se fundamental lembrar ao leitor que a Língua não é uma ciência exata. Verbos podem ser usados em um determinado tempo – mormente o presente – com valor semântico de outro.

Ex.: "Se, até amanhã à tarde, você não tiver devolvido a cadeira, a mesa e a máquina de escrever, mando um caminhão buscar em sua casa e conto para os jornais, faço um barulho louco" (Fernando Sabino). – "Mando", "conto" e "faço" estão no presente do indicativo com valor de futuro do presente.

Ex.: No dia primeiro de maio de 1994, morre o piloto Ayrton Senna.

Observe que o verbo no presente do indicativo tem ideia de pretérito perfeito.

Esta situação também foi registrada como presente histórico.

Ex.: Se eu te vejo amanhã, eu te entregarei o material.

VEJO no presente do indicativo possui gritante valor de futuro do subjuntivo.

8.4. OUTRAS SEMÂNTICAS VERBAIS

Semanticamente, existem vários ramos distintos que analisam o envolvimento dos verbos com os demais termos do período. O próprio termo semântica já é uma generalização. Mostraremos, neste tópico, a divisão verbal sintático-semântica apresentada por Borba (1996). Tal estudioso propõe a seguinte abordagem verbal:

Verbos de ação: mostram uma atividade desempenhada por um termo agente (sujeito). Para Borba (1996, p. 58), "os verbos de ação expressam uma atividade realizada por um sujeito agente. Indicam, portanto, um fazer por parte do sujeito: o pássaro voa; o garoto brinca; o sábio pensa". Essa visão é ratificada por Chafe (1979). Conforme Chafe (1979, p. 97), o verbo de ação "exige que um nome o acompanhe, que o nome se relacione com ele como um agente e que o nome se especifique como animado, talvez também como humano".

(1) Tiago andou..

Verbos de processo: representam um acontecer. De acordo com BORBA (1996, p. 58), "os verbos de processo expressam um evento ou sucessão de eventos que afetam um sujeito paciente ou experimentador". Para Neves (2000, p. 26), "os **verbos** [de processo] envolvem uma relação entre um **nome** e um **estado**, e o **nome** é **paciente** do **verbo** (**afetado**)".

(2) A água ferveu.

Percebemos, na oração (2), que o sujeito a água é paciente, pois ele é diretamente afetado pelo verbo. Na oração (1) o sujeito Tiago não é afetado pelo verbo, mas sim, ele é o indivíduo que determina a ação expressa pelo verbo.

Verbos de ação-processo: desenvolvem tanto um processo quanto uma ação. Segundo Chafe (1979, p. 100), "como processo, ele implica uma mudança na condição de um nome, seu paciente. Como ação, expressa o que alguém, seu agente, faz".

(3) Pedro destruiu o computador.

Na oração (3), há um agente que pratica a ação expressa pelo verbo destruir, há um acontecimento, o computador destruiu, e, por último, há um paciente que sofre uma transformação, o computador estava inteiro, mas não está mais.

Verbos de estado: a divisão sintático-semântica dos verbos de estado não

obedece à mesma ordem estabelecida na gramática tradicional. Em primeiro lugar, a gramática tradicional chama de verbos de estado somente a uma pequena parte dos verbos estativos. Os verbos de estado também são designados pela gramática tradicional como verbos de ligação. Em segundo lugar, muitos verbos que a gramática tradicional classifica como verbos de ação pertencem ao grupo semântico dos verbos de estado, pois não apresentam uma ação, mas sim um estado permanente. É o caso de gostar, a gramática tradicional o classifica como verbo de ação, mas não existe um agente que pratique uma ação, e sim um experienciador que experimenta uma sensação psicológica de gostar de algo. Assim sendo, a semântica classifica esse verbo como um verbo de estado, pois não há nem ação, nem agente envolvido na predicação.

Dessa forma, a semântica inclui na classe dos verbos de estado não só os tradicionais verbos de ligação, mas também, muitos dos verbos tradicionalmente classificados pela sintaxe como verbos de ação.

Segundo Borba (1996, p. 60), "os verbos de estado expressam uma propriedade (estado, condição, situação) localizada no sujeito, que é, pois, mero suporte dessas propriedades ou, então, seu experimentador ou beneficiário". Para Vilela (2001, p. 67), "os **verbos de estado** são os verbos com que se configura verbalmente a duração de um ser, a permanência de um estado, sem que, com isso, se implique a completa imutabilidade (...)". Portanto, verbos como viver, ser, estar, continuar, ter, gostar farão parte da classe dos verbos de estado.

8.5. EXERCÍCIOS

01. **(NCE / INPI)**

"As aeromoças ainda teriam tentado prendê-lo num compartimento na traseira, mas estava bloqueado". O emprego da forma verbal teriam tentado indica que a ação:

a) é uma possibilidade e não uma certeza;

b) ocorreu após largo espaço de tempo;

c) vai ocorrer num futuro próximo;

d) vai ocorrer num futuro distante;

e) ocorreu várias vezes no passado.

Gabarito: A

Reparemos que o verbo empregado está no FUTURO DO PRETÉRITO (teriam). Tal tempo e modo transmitem uma ideia de dúvida, hipótese. E o próprio contexto deixa isso bem claro, afinal "teriam tentado prendê-lo" significa que ainda não houve a prisão. A opção A representa toda a situação da forma verbal no contexto.

02. **(NCE / INPI)**

"... desses mesmos sentimentos que têm levado o Brasil à beira do abismo..." A forma verbal têm levado indica uma ação:

a) que já terminou;

b) anterior a outra ação passada;

c) habitual no passado;

d) iniciada no passado que continua no presente;

e) iniciada no presente que continua no futuro.

Gabarito: D

A forma verbal **têm levado** indica que a ação teve início no passado e se estende até o presente. Tal forma verbal não pode ser interpretada, no contexto, como algo que simplesmente começou e acabou, não existindo mais.

03. **(NCE / Engepron)**

"Os aperfeiçoamentos do aparelho, com o tempo viriam, certamente, como depois vieram..." O emprego do futuro do pretérito, no caso, se justifica porque se trata de:

a) uma ação provável;

b) uma ação futura em relação ao tempo passado;

c) uma ação completamente passada;

d) um fato hipotético;

e) um fato que é fruto da imaginação humana.

Gabarito: B

O tempo verbal está no futuro do pretérito que indica uma consequência futura de um fato passado; logo, aquela assertiva que reforça tal semântica é exatamente a opção B.

04. **(Fundec / Proderj)**

Na correlação entre os dois verbos sublinhados no trecho "Do décimo andar à rua, <u>seria</u> a vertigem, se <u>chegássemos</u> muito à janela...", o enunciador manifesta uma atitude de:

a) certeza, pois sabe que o fato não pode acontecer;
b) subjetividade, pois não sabe se o fato tem possibilidade de acontecer;
c) dúvida quanto à possibilidade de um fato acontecer, pois não há hipótese de o outro também acontecer;
d) certeza quanto à possibilidade de um fato acontecer, na condição de também o outro acontecer;
e) descrença sobre a realização do fato, pois está condicionado à realização de outro fato.

Gabarito: D

Pelo contexto, percebemos que só haveria vertigem, se houvesse aproximação da janela. Então, há certeza quanto à vertigem, porém, para que ela se concretizasse, dependíamos da realização de outro evento: aproximar-se da janela. Dessa forma, a melhor opção é exatamente a letra D.

05. **(NCE / PC)**

A CIÊNCIA

A ciência permanecerá sempre a satisfação do desejo mais alto da nossa natureza, a curiosidade; ela fornecerá sempre ao homem o único meio que ele possui para melhorar a própria sorte (Renan).

O emprego do futuro do presente do indicativo no segmento significa:

a) certeza dos fatos futuros;
b) possibilidade de fatos futuros;
c) incerteza dos fatos futuros;
d) dúvida sobre os fatos futuros;
e) desejo do autor sobre os fatos futuros.

Gabarito: A

O futuro do presente é considerado factual e, além disso, o próprio texto dá a entender, com o emprego do advérbio sempre, que a ação já acontece e que irá continuar certamente.

06. **(NCE / CNEN)**

Um programa de educação infantil encontra a sua essência na proposta da vida regida pela castidade". O uso do presente do indicativo neste segmento do texto se justifica porque:

a) enuncia um fato atual;

b) indica estados permanentes;
c) expressa uma ação habitual;
d) dá vivacidade a fatos ocorridos;
e) marca um fato futuro, mas próximo.

Gabarito: B

O programa de educação infantil nunca deixará de encontrar sua essência na proposta de vida regida pela castidade, ou seja, é algo permanente. A forma verbal ENCONTRA, apesar de estar no presente, representa uma ação que não se acaba, independentemente do momento em que tal tempo verbal esteja sendo empregado. Esse tipo de presente recebe o nome de presente permanente.

07. **(NCE)**

Qual o valor do futuro do pretérito na frase seguinte: "Quando chegamos ao colégio em 1916, a cidade teria apenas uns cinquenta mil habitantes"?

a) Fato futuro, anterior a outro fato futuro.
b) Fato futuro, relacionado com o passado.
c) Suposição, relativamente a um momento futuro.
d) Suposição, relativamente a um momento passado.
e) Configuração de um fato já passado.

Gabarito: D

O tempo verbal está no futuro do pretérito que indica uma consequência futura de um fato passado; logo, aquela assertiva que reforça tal semântica é exatamente a opção D.

08. **(MP)**

Considerando que a ação de agredir o jogador brasileiro Antonio Carlos ocorreu antes de o Lazio perder o mando do campo, ação também passada, o verbo "agredir" deveria estar no:

a) mais-que-perfeito do indicativo;
b) imperfeito do indicativo;
c) futuro do pretérito;
d) imperfeito do subjuntivo;
e) presente do subjuntivo.

Gabarito: A

Representa o passado do passado, ou seja, uma ação passada anterior a outra também passada; logo, estamos tratando do pretérito mais-que-perfeito

09. **(MP)**

RACISMO

O Globo, 13/7/2001

A imprensa brasileira vem noticiando uma proposta milionária do Lazio da Itália, que pretende adquirir o passe do zagueiro Juan por 10 milhões de dólares. Este é o time cuja torcida já agrediu o jogador brasileiro Antonio Carlos, do Roma, e perdeu o mando de campo por incitamento racista em pleno estádio.

Aqui fica uma sugestão a este jovem negro, atleta brasileiro de 22 anos, com um brilhante futuro profissional: recuse o convite e não troque o Brasil pela Itália, pois moedas não resgatam a dignidade. Diga não aos xenófobos e racistas.

"A imprensa brasileira vem noticiando..." Com a utilização do tempo verbal destacado, o autor do texto quer referir-se a uma ação que:

a) acaba de terminar;

b) acaba de começar;

c) se iniciou antes de outra ação passada;

d) se iniciou há pouco tempo e permanece no presente;

e) se repete no passado e no presente.

Gabarito: D

A forma verbal **vem noticiando** indica que a ação se iniciou no passado recente (pode-se inferir que foi há pouco tempo visto que se trata de notícia de jornal) e se estende até o presente. Tal forma verbal não pode ser interpretada, no contexto, como algo que simplesmente começou e acabou, não existindo mais. Não podemos pensar também em passado do passado, pois isso está para o pretérito mais-que-perfeito. Talvez, alguns tenham ficado na dúvida em relação à opção E, mas tal opção não pode ser a resposta pelo fato de não passar a ideia de habitualidade que a forma verbal **vem noticiando** transmite, ou seja, a letra E dá a entender que ação aconteceu no passado e parou de acontecer, depois a mesma ação volta a acontecer no futuro, eliminado a frequência, a habitualidade, como se fossem dois pontos isolados na linha do tempo. Um no passado e outro no futuro, não existindo nada mais nesse ínterim.

Capítulo 9

Figuras de Linguagem

9.1. FIGURAS DE SOM OU HARMONIA

Aliteração – Indica a repetição de fonemas (consoantes) idênticos ou semelhantes no início de palavras de uma frase ou de versos de uma poesia.

Ex.: "O rato roeu a roupa do rei de Roma."

Onomatopeia – Figura que procura representar graficamente sons.

Ex.: Zum-zum, trim, atchhhim…

Paronomásia – Figura que representa palavras com sons parecidos, mas com significados diferentes.

Ex.: "berro pelo aterro pelo desterro" (Caetano Veloso)

9.2. FIGURAS DE CONSTRUÇÃO OU SINTAXE

Anacoluto – Consiste no aparecimento de um termo no início de um período que não terá ligação sintática com o restante dos termos posteriores.

Exemplos:

"Eles, o seu único desejo é exterminar-nos." (Garret)

"O Presidente, estes cidadãos não quiseram ouvir-nos."

Anáfora – Consiste na repetição de uma ou mais palavras no início de diferentes versos ou frases.

Exemplos:

"Depois eu dou. Depois eu deixo. Depois eu levo. Depois eu conto." (F. Sabino)

Não sei, não vi, não quero saber.

Alguém falou, alguém gritou, alguém brigou.

Anástrofe ou inversão – Consiste na inversão da ordem direta da frase.

Exemplos:

Ao Flu o Fla vencerá. (a ordem natural seria O Fla vencerá o Flu.)

Sabe mortos enterrar? (João Cabral de Melo Neto) (Sabe enterrar mortos?)

Obs.: É um tipo de inversão mais brando que o HIPÉRBATO.

Assíndeto – Consiste na construção de sequência de orações coordenadas aditivas; não apresentando, contudo, conjunção.

Exemplos:

"Vim, vi, venci." (Julio César)

As mulheres hoje estudam, trabalham, disputam funções com os homens, cuidam da casa, não descansam.

Elipse – Consiste na omissão de um termo facilmente subentendido.

Exemplos:

"Ao redor, bons pastos, boa gente, terra boa para arroz." (Guimarães Rosa) – (Há) bons pastos…

"Uma de suas funções, como membro da presidência da Câmara, era a de zelar pelos móveis e demais pertences." (Fernando Sabino) -… era a (função) de zelar…

Hipálage – Consiste em atribuir a um ser ou coisa uma qualidade ou ação que logicamente pertence a outro ser que também está expresso na mesma frase.

Exemplos:

"O vôo negro dos urubus fazia… (G. Ramos) (Negro, na verdade, é qualificativo para "urubus").

O movimento pesado dos elefantes… (o movimento não é pesado, e sim os elefantes.)

Hipérbato – Indica inversão de termos dentro de orações ou versos. Esta inversão é mais significativa do que na anástrofe.

Exemplos:

"Ouviram do Ipiranga as margens plácidas

de um povo heróico o brado retumbante…"

– As margens plácidas do Ipiranga ouviram o brado retumbante de um povo heróico.

"É esta de teu querido pai a mesma barba, a mesma boca e testa." (Tomás Antônio Gonzaga)

– É esta a mesma barba, a mesma boca e testa de teu querido pai.

Pleonasmo ou Redundancia – Emprego de palavras ou expressões de significado equivalente, com a finalidade de reforçar uma ideia.

Exemplos:

Vi com meus próprios olhos a terrível cena.

Perdoe-me pelo amor divino de Deus.

Polissíndeto – Consiste na repetição intencional de conjunções, ligando palavras ou orações de período.

Exemplos:

João corre e nada e joga futebol e pedala e nunca descansa.

Ele não veio nem virá nem telefonará nem se explicará.

Prolepse ou Antecipação – Consiste na antecipação de um termo com escopo de destacá-lo.

Exemplos:

Os alunos parece que não se preocupam com as provas. – A ordem natural seria: Parece que os alunos não se preocupam com as provas.

"O próprio ministro dizem que não gostou do ato." (Machado de Assis) – A ordem natural seria: Dizem que o próprio ministro não gostou do ato.

Repetição ou reduplicação – Consiste na repetição proposital de palavras ou expressões, tanto na poesia quanto na prosa.

Exemplos:

"É pau…É pedra…É o fim do caminho…É um pedaço de toco…" (Tom Jobim)

"Cantei, Cantei, Cantei,

Como é cruel cantar assim…" (Chico Buarque)

Silepse – Também conhecida como concordância ideológica, esta figura ocorre quando a concordância se faz não com a palavra expressa na frase, mas com a ideia que esta palavra sugere.

de gênero

Exemplos:

Vossa Majestade é muito bondoso.

Sua Santidade estava abatido.

de número

Exemplos:

Coisa curiosa é aquela gente. Divertem-se com tão pouco.

A banda Flor chegou ao sucesso depois de cinco anos. Já gravaram oito discos.

de pessoa

Exemplo:

Os brasileiros somos muito desconfiados.

Sínquise – Consiste numa tão significativa inversão de termos, que dificulta a compreensão do efetivo sentido.

"Do tamarindo a flor jaz entreaberta,

Já solta o bogari mais doce aroma,

Também meu coração, como estas flores,

Melhor perfume ao pé da noite exala!"

Camões

Zeugma – É a omissão de uma palavra já expressa anteriormente na oração. Trata-se de um caso especial de elipse.

Exemplos:

"A igreja era grande e pobre. Os altares, humildes." (Carlos Drummond de Andrade) – Os altares (eram) humildes.

Eu fiz os salgados, Maria, os doces. -…Maria (fez) os doces.

9.3. FIGURAS DE PENSAMENTO

Antítese – Consiste na colocação, lado a lado, de termos opostos, mas que não causam ideias sem nexo.

Exemplos:

"Cabelos longos, ideias curtas."

Uma exposição clara para uma ideia tão complicada.

Eufemismo – Indica a atenuação ou suavização de ideias consideradas desagradáveis, cruéis ou ofensivas.

Exemplos:

Ele entregou a alma a Deus. (Em vez de: Ele morreu.)

Ela sofre de doença ruim. (Em vez de: câncer)

Hipérbole – Consiste no exagero proposital das coisas.

Exemplos:

Ele morreu de medo quando me viu.

Nós chegamos aqui há um século.

Ironia – Consiste em expressar o contrário do que se pensa, mas dando a entender o real pensamento. Normalmente, a ironia adquire traços humorísticos.

Exemplos:

Aqueles amorosos bandidos mataram a família inteira.

Os confiáveis deputados precisam receber o "mensalão", pois seus salários são muitos baixos.

Paradoxo ou oxímoro – Trata-se de uma figura que relaciona duas palavras antônimas dando conceitos contraditórios e normalmente inconciliáveis. "Aparentemente" a frase fica sem sentido.

Exemplos:

Amor é fogo que arde e não se vê
É ferida que dói e não se sente
É um contentamento descontente
É dor que desatina sem doer.

Camões

Prosopopeia, Personificação ou Animismo

Consiste em atribuir vida ou qualidades humanas a seres inanimados, irracionais, mortes ou abstratos.

Exemplos:

"As rosas não falam…" (Cartola)

Uma talhada de melancia com seus alegres caroços. (C. Lispector)

Quiasmo – Trata-se de uma espécie de antítese. Consiste no cruzamento de grupos sintáticos paralelos (dois ou quatro vocábulos), de forma que o grupo de vocábulos do primeiro se repete no segundo em ordem inversa (AB x BA).

Exemplo:

- Melhor é merecê-los [a] sem os ter
- Que possuí-los sem os merecer. [a] (Os Lusíadas, c IX, 93)

9.4. FIGURAS DE PALAVRAS

Alegoria – Consiste no acúmulo de metáforas, referindo-se ao mesmo objeto, evocando e intensificando o seu sentido.

Exemplo:

"A vida é uma ópera, é uma grande ópera. O tenor e o barítono lutam pelo soprano, em presença do baixo e dos comprimários, quando não são o soprano e o contralto que lutam pelo tenor, em presença do mesmo baixo e dos mesmos comprimários. Há coros numerosos, muitos bailados, e a orquestra é excelente…" (Machado de Assis)

Antonomásia – Indica a substituição de nome próprio por nome comum ou por expressão ligada ao termo substituído.

Exemplos:

Rei do Futebol (em lugar de Pelé)

Cidade Maravilhosa (em vez de Rio de Janeiro)

Catacrese – É uma figura que consiste no uso impróprio de vocábulo por falta de outro mais específico para a designação de um ser ou de uma ação.

Exemplos:

O pé do vaso está quebrado. (Pé – parte que serve para sustentar o corpo humano).

Embarcou naquele avião gigantesco. (Embarcar significa entrar num navio).

Comparação ou símile – Como o próprio nome indica, formaliza-se uma ideia de comparação. Contudo, é fundamental ressaltar que há a necessidade de um conectivo explicitando a comparação.

Exemplos:

"Beijou sua mulher como se fosse a única." (Chico Buarque)

Ele agiu feito os santos.

Metáfora – Atribuição a uma pessoa ou coisa uma qualidade que não lhe cabe logicamente. Essa transferência de significado de um termo para outro baseia-se na semelhança de características que o emissor da mensagem encontra entre os dois termos comparados. É uma comparação de ordem subjetiva, sem o conectivo que indica esta comparação.

Exemplos:

Maria é uma flor.

Vê-se que Carlos é uma fera enjaulada.

Metonímia – É a substituição de sentido de um termo por outro que com ele apresenta relação lógica e constante.

a) autor – obra

Ex.: Ele nunca leu Machado de Assis. (Os livros de Machado de Assis)

b) conteúdo – continente

Ex.: Comi dois pratos. (Não se comem os pratos. Come-se o conteúdo dos pratos.)

inventor – invento

Ex.: Graham Bell permitiu que a humanidade se comunicasse melhor. (Na realidade, "o invento de Graham Bell, o telefone)

símbolo – coisa simbolizada

Ex.: Nunca abandones a cruz. (cruz – símbolo da religião)

instrumento – pessoa que o utiliza

Ex.: Ele é um grande raquete. (Ele é um grande jogador de tênis).

Obs.: Existe um tipo especial de metonímia chamado sinédoque, que se baseia em outras relações.

parte – todo

Ex.: Os seus olhos espertos indicavam a porta de entrada.

matéria – objeto

Ex.: O cristal tinia sobre a mesa de jantar.

marca do produto substitui o produto.

Ex.: O Ford quase nos atropelou.

Sinestesia – Consiste na fusão de sensações percebidas por diferentes órgãos do sentido.

Exemplos:

Comia o sabor (gosto) vermelho (visão) da fruta.

Claro (visão) perfume (olfato) vagava pelo ar.

9.5. EXERCÍCIOS

01. **(FGV / TRE-PA / Técnico Judiciário)**

O Fundo Partidário será, em 2011, de R$ 301 milhões. Isso porque foi aprovado a nove dias do fim do ano o reforço de R$100 milhões. Desse valor, R$ 265 milhões são oriundos do Orçamento da União e R$ 36 milhões referentes à arrecadação de multas previstas na legislação

eleitoral. Mas, afinal, qual a razão para se aumentar de forma tão extraordinária a dotação dos partidos? Muito simples: a necessidade de eles pagarem as dívidas de campanha.

A respeito do trecho acima, analise as afirmativas a seguir:

I. **No segundo período, o pronome Isso tem valor anafórico.**

II. **No terceiro período, há um caso de zeugma.**

III. **No último período, os dois-pontos introduzem uma enumeração.**

Assinale:

a) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;

b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;

c) se nenhuma afirmativa estiver correta;

d) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;

e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

Gabarito: D

I. O pronome ISSO realmente possui valor anafórico, referindo-se a toda a ideia exposta no período anterior.

II. O comentário é correto, visto que a forma verbal "são" está implícita antes do vocábulo "referentes".

III. Errado. O emprego de dois-pontos aí se justifica para explicitar qual a razão para se aumentar de forma tão extraordinária a dotação dos partidos.

Somente os comentários I e II estão corretos.

02. **(FGV / TRE-PA / Técnico Judiciário)**

Leia o texto a seguir para responder à questão 2

Infelizmente, ainda hoje assistimos no Brasil a fenômenos que há muito deveriam ter sido excluídos da vida política nacional, como a compra de votos e a atitude de diversos candidatos, durante as campanhas eleitorais, de "doar" cestas básicas e toda a sorte de brindes em troca da promessa de voto dos eleitores.

No último parágrafo, as aspas em doar confirmam, para o vocábulo, seu aspecto de:

a) polifonia;

b) coloquialismo;

c) antonímia;

d) metáfora;

e) ironia.

Gabarito: E

O autor está empregando um escárnio, um deboche em relação ao sentido do verbo DOAR. Na realidade, não se trata de doação, mas sim de um câmbio: a troca de votos por cestas básicas. Sendo assim, fica clara a intenção do autor de ironizar o sentido do vocábulo.

03. **(PUC-SP)**

"O pavão é um arco-íris de plumas."

e

"... de tudo que ele suscita e esplende e estremece e delira..."

enquanto procedimento estilístico, temos respectivamente:

a) metáfora e polissíndeto;

b) comparação e repetição;

c) metonímia e aliteração;

d) hipérbole e anacoluto;

e) anáfora e metáfora.

Gabarito: A

O pavão está sendo comparado com o arco-íris de plumas. Mas é de bom alvitre destacar que tal comparação não está sendo realizada com conector comparativo. Pois, se houvesse, não seria metáfora e, sim, comparação. Já, na segunda construção, observa-se a presença repetida do conector E, daí o polissíndeto.

04. **(UM-SP)**

Aponte a figura: "Naquela terrível luta, muitos adormeceram para sempre.".

a) antítese;

b) eufemismo;

c) anacoluto;

d) prosopopeia;

e) pleonasmo.

Gabarito: B

O emprego da expressão "muitos adormeceram para sempre" tem por objetivo substituir MORRERAM. É uma forma mais branda de exprimir a informação.

05. **(FMU-SP)**

Em "Dizem que os cariocas somos pouco dados aos jardins públicos.", há:

a) pleonasmo;
b) hipérbato de pessoa;
c) silepse de gênero;
d) silepse de pessoa;
e) silepse de número.

Gabarito: D

O sujeito é o termo "os cariocas" – terceira pessoa do plural – e a forma verbal "somos" encontra-se flexionada na primeira pessoa do plural. Tal concordância ideológica se justifica pelo fato de o autor inserir-se entre os cariocas.

06. **Qual é a figura de linguagem presente no seguinte fragmento "Uma pessoa de cabeça desarrumada é assim: defende a pena de morte e o ensino gratuito nas universidades públicas. É a favor do aborto e se diz católico. Votou Lula em 2002 e José Serra em 2004. È contra as cotas nas universidades e milita numa Ong de defesa da Mata Atlântica."?**

a) antítese;
b) metáfora;
c) paradoxo;
d) metonímia;
e) hipérbole.

Gabarito: C

As atitudes dessa pessoa de cabeça desarrumada revelam o antagonismo, a contradição. Por exemplo: a pessoa se dizer católica e ser favorável ao aborto. Lembrando que o catolicismo não admite o aborto. Esse antagonismo é denominado de paradoxo ou oxímoro.

07. **(NCE / TRE)**

"Que paz? Não foram esses mesmos adoráveis senhores que decapitaram ou mandaram decapitar seus próprios companheiros de comunidade durante as recentes rebeliões?" – "Não foram esses mesmos adoráveis senhores..."; neste segmento ocorre um exemplo de uma figura denominada:

a) metáfora;
b) metonímia;
c) ironia;
d) eufemismo;
e) hipérbole.

Gabarito: C

Uma das características da ironia é a intenção de se passar uma informação dizendo-se justamente o oposto. É o que ocorre aí. O autor não considera tais senhores "adoráveis", muito pelo contrário, o que se evidencia pela ação atribuída a eles: "decapitaram ou mandaram decapitar seus próprios companheiros de comunidade durante as recentes rebeliões".

08. **(NCE / INPI)**

Embarcar, na sua origem, era empregado com referência a barco, mas no texto aparece com referência a avião; o item abaixo em que a palavra sublinhada também mostra desvio do sentido original é:

a) O avião vai <u>decolar</u> com o porco a bordo;
b) O porco chegou a <u>enterrar</u> as patas na comida;
c) Os passageiros <u>"humanos"</u> estranharam o fato;
d) A <u>poltrona</u> ficou estragada por causa do peso do porco;
e) A investigação do <u>incidente</u> vai demorar.

Gabarito: B

Caracteriza-se a Catacrese na alternativa B, porquanto ENTERRAR é uma ação que deveria relacionar-se com TERRA. Mas, em face de não haver vocábulo apropriado para a situação, emprega-se a mais conveniente, ou a mais próxima sob o aspecto semântico.

09. **(NCE / IBGE)**

Em "Vossa Senhoria parece preocupado com o furto da máquina de escrever" há uma figura conhecida por:

a) metáfora;
b) silepse de gênero;
c) silepse de número;
d) silepse de pessoa;
e) catacrese.

Gabarito: B

Os pronomes de tratamento Vossa Majestade, Vossa Excelência, Vossa Senhoria etc. possuem forma gramatical feminina. Como a pessoa em voga é do sexo masculino, faz-se a concordância não por aspecto gramatical, mas, sim, ideológico. Trata-se, por conseguinte, de silepse de gênero.

10. **(NCE / CFC)**

A expressão surgiu em Minas Gerais, nos tempos do Brasil colonial e designa o sujeito sonso, fingido. Naquela época, auge da mineração, eram elevadíssimos os impostos cobrados pelo rei de Portugal, nosso avozinho, tão bonzinho...

"nosso avozinho, tão bonzinho"; no contexto em que aparecem, esses segmentos são exemplo de:

a) metáfora;
b) ironia;
c) hipérbole;
d) eufemismo;
e) comparação.

Gabarito: B

Novamente ocorre aí uma ironia. O autor do texto obviamente não considera o rei de Portugal um "avozinho bonzinho", visto que a cobrança de impostos era elevadíssima.

11. **(NCE / TJ)**

"Como pode ver na entrevista, ganhar dinheiro no Brasil é sopa.". Nesta frase aparece uma figura sintática e uma figura de palavra. Assinale a alternativa que identifique essas figuras:

a) hipérbato e metáfora;
b) silepse e metonímia;
c) elipse e metonímia;
d) elipse e metáfora;
e) anacoluto e catacrese.

Gabarito: D

Na primeira oração, observa-se a ocorrência de um sujeito elíptico, por exemplo, VOCÊ. Como (você) pode ver na entrevista. Já na segunda estrutura, o emprego do

verbo SER sugere a seguinte comparação: Ganhar no Brasil é fácil como ganhar sopa. Como não há conector comparativo, caracteriza-se a metáfora.

12. **(Cesgranrio / SEPLAG)**

Entre os recursos conotativos utilizados no Texto I, destaca-se a metáfora, cuja definição apresenta-se a seguir.

"A metáfora consiste no emprego de palavras ou expressões convencionalmente identificadas com dado domínio de conhecimento para verbalizar experiências conceptuais de outro domínio."

AZEREDO, José Carlos de. Gramática Houaiss da Língua Portuguesa. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.

Um exemplo de metáfora, no Texto I, é:

a) "Tem pai que está sempre em casa, e outros, nunca."

b) "Tem pai (...) que não sabe o que fazer com suas horas de folga."

c) "Tem pai que é uma geleia, e uns que a gente nunca viu chorar na vida."

d) "Pai que nos sustenta e pai que é sustentado por nós."

e) "Que mora longe, que mora em outra casa, pai que tem outra família,".

Gabarito: C

É sempre bom lembrar que a metáfora consiste em uma comparação de ordem subjetiva, sem o conectivo que indica esta comparação. Tal situação se expõe na opção C, uma vez que o sentido da primeira estrutura é: Tem pai que é mole como geleia. Todavia, como na oração não veio redigida a conjunção comparativa, fica caracterizada a metáfora.

13. **(Cesgranrio / Eletrobrás)**

A realidade é constituída por contrastes e também por semelhanças. A metáfora é uma das formas de estabelecimento de semelhanças por comparações. Qual das sentenças do Texto I, indicadas a seguir, apresenta uma metáfora?

a) "sabe-se lá por que arcaico crime por eles cometido."

b) "O insone é um imortal de olheiras."

c) "O momento mais temido pelo insone, (...) é a hora de ficar a sós..."

d) "Escolhia um filme desinteressante..."

e) "um murmúrio indiscernível,"

Gabarito: B

O emprego do verbo SER (é) e a ideia de comparação – estando ausente o conector – caracterizam a metáfora.

14. **(Cesgranrio / Eletrobrás)**

Elipse é a omissão de um termo que o contexto ou a situação permitem facilmente suprir. Observem-se os trechos abaixo do Texto II.

I – "Parece que a medicina anda preocupada com a falta ou o excesso dele."

II – "Durmo na hora que quero, durante o tempo que preciso e à s vezes até no lugar indevido."

III – "É que um estudo acaba de revelar que dormir ou cochilar depois do almoço faz bem à saúde, principalmente a mental."

Acerca desses trechos, é correto afirmar que há elipse em:

a) I, apenas;

b) II, apenas;

c) III, apenas;

d) I e II, apenas;

e) I, II e III.

Gabarito: E

Na primeira frase, fica subentendida a expressão "anda preocupada com" – Parece que a medicina anda preocupada com a falta ou anda preocupada com o excesso dele.

Na segunda frase, a forma verbal DURMO está implícita antes da segunda e da terceira oração – Durmo na hora que quero, DURMO durante o tempo que preciso e à s vezes DURMO até no lugar indevido.

Na terceira frase, a conjunção integrante QUE está elíptica antes de "cochilar". É que um estudo acaba de revelar que dormir ou QUE cochilar depois do almoço faz bem à saúde, principalmente a mental.

15. **(Funrio / JUCERJA)**

A propósito do emprego da linguagem figurada presente no poema de Vinícius de Moraes, é correto afirmar que, nos versos "Sendo a sua liberdade / Era a sua escravidão", há:

a) antítese;

b) comparação;

c) eufemismo;

d) metáfora;
e) metonímia.

Gabarito: A

Em face de os versos representarem uma contradição de pensamentos, a melhor resposta seria PARADOXO ou OXÍMORO. Não havendo tais alternativas, a melhor resposta é ANTÍTESE, tendo em vista o emprego de vocábulos com sentidos opostos.

16. **(Funrio / CB-RJ / Médico)**

Um outro velhinho querido, 92 anos, cego, surdo, todos os esfíncteres sem controle, numa cama -de repente um acontecimento feliz! O coração parou. Ah, com certeza fora o seu anjo da guarda, que assim punha um fim à sua miséria! Mas o médico, movido pelos automatismos costumeiros, apressou-se a cumprir seu dever: debruçou-se sobre o velhinho e o fez respirar de novo. Sofreu inutilmente por mais dois dias antes de tocar de novo o acorde final.

"Sofreu inutilmente por mais dois dias antes de tocar de novo o acorde final.", no fragmento ocorre uma:

a) personificação;
b) eufemismo;
c) onomatopeia;
d) comparação;
e) metonímia.

Gabarito: B

A expressão "antes de tocar de novo o acorde final" significa MORRER. É uma forma mais branda de exprimir a informação.

17. **(CEPUERJ / UERJ / Assistente Administrativo)**

"O corpo <u>era um monte de rugas sorridentes</u>". A estrutura predicativa, do ponto de vista das figuras de linguagem, funciona como:

a) hipálage;
b) quiasmo;
c) catacrese;
d) eufemismo.

Gabarito: C

O emprego de SORRIDENTES é exclusivo para sorriso, boca, dentes. Como o autor não encontrou palavra mais adequada que pudesse expressar o pensamento que lhe vinha à mente, empregou-a.

18. **(CEPUERJ / UERJ / Assistente Administrativo)**

"Eliminara certas despesas inúteis, lavanderia, pensão.". O recurso de coesão empregado para garantir a concisão textual no fragmento acima é a:

a) elipse;
b) paráfrase;
c) reiteração;
d) substituição.

Gabarito: A

Percebe-se claramente a presença subentendida da palavra COMO. "Eliminara certas despesas inúteis, COMO lavanderia, pensão.".

19. **(CETAP / PR /Assembleia Legislativa / Analista de Sistemas)**

A figura de linguagem presente em "Durante séculos, a Inglaterra dominou os mares..." é:

a) metáfora;
b) silepse;
c) antítese;
d) metonímia;
e) ironia.

Gabarito: D

A metonímia se configura, visto que a Inglaterra não tinha domínio dos mares, mas sim das vias marítimas. Substituiu-se a parte pelo todo.

20. **(VUNESP / MPE-SP / Analista de Promotoria)**

Observe as frases, títulos de matérias da revista, e analise as afirmações.

Por que o Brasil toma tanto Rivotril

Cores que enganam seu cérebro

(Super interessante, julho de 2010)

I. **Na primeira frase, a figura de linguagem presente é a metonímia, já**

que o termo Brasil está empregado no lugar de brasileiros.

II. **Na segunda frase, a figura de linguagem presente é a hipérbole, já que o verbo enganar representa uma ação exagerada.**

III. **Na primeira frase, sem alteração da ordem dos termos, também estaria correto o uso da forma Por quê.**

Está correto o que se afirma em:

a) I, apenas;

b) III, apenas;

c) I e II, apenas;

d) II e III, apenas;

e) I, II e III.

Gabarito: A

O item I apresenta comentário adequado, porquanto não é o Brasil que toma Rivotril, mas, sim, os brasileiros.

O item II não apresenta comentário adequado, uma vez que o vocábulo ENGANAR não expressa qualquer valor de amplificação, exagero.

O item III não apresenta comentário correto, pois o emprego de POR QUÊ somente é cabível no fim de orações.

Capítulo 10

Funções da Linguagem

No ato de comunicação percebemos a existência de alguns elementos, são eles:

a) **emissor:** é aquele que envia a mensagem (pode ser uma única pessoa ou um grupo de pessoas).
b) **receptor:** é aquele a quem a mensagem é endereçada (um indivíduo ou um grupo), também conhecido como destinatário.
c) **canal de comunicação:** é o meio pelo qual a mensagem é transmitida.
d) **código:** é o conjunto de signos e de regras de combinação desses signos utilizado para elaborar a mensagem – o emissor codifica aquilo que o receptor irá descodificar.
e) **contexto:** é o objeto ou a situação a que a mensagem se refere.

Partindo desses seis elementos Roman Jakobson, linguista russo, elaborou estudos acerca das funções da linguagem, os quais são muito úteis para a análise e produção de textos. As seis funções são:

10.1. FUNÇÃO REFERENCIAL OU DENOTATIVA

Também chamada de denotativa ou informativa, ocorre quando a mensagem é centrada no referente, no assunto, sendo o principal objetivo passar uma informação objetiva e impessoal no texto. Valoriza-se o objeto ou a situação de que se trata a mensagem sem manifestações pessoais ou persuasivas. Como geralmente se fazem presentes em textos científicos ou jornalísticos, a pessoa mais comum é a terceira do singular.

Ex.: Cálculos do economista Renato Fragelli, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), estimam que o setor público brasileiro ficou com dois terços (66,8%) de todo o aumento de produção de 1991 para cá e o setor privado com apenas 33,2%.”.

10.2. FUNÇÃO EXPRESSIVA

Também chamada de emotiva, passa para o texto marcas de atitudes pessoais como emoções, opiniões, avaliações. Na função expressiva, o emissor ou destinador é o produtor da mensagem. O produtor mostra que está presente no texto mostrando aos olhos de todos seus pensamentos.

Ex.: "Eu odeio beber cerveja quente!".

10.3. FUNÇÃO CONATIVA OU APELATIVA

É quando a mensagem do texto busca seduzir, envolver o leitor levando-o a adotar um determinado comportamento. Na função conativa a presença do receptor está marcada sempre por pronomes de tratamento ou da segunda pessoa e pelo uso do imperativo e do vocativo.

Ex.: "Maria, vamos à praia!".

10.4. FUNÇÃO FÁTICA

É o canal por onde a mensagem caminha de quem a escreve para quem a recebe. Também designa algumas formas que se usa para chamar atenção.

Ex.: Psiu, aonde você vai?

10.5. FUNÇÃO METALINGUÍSTICA

Ocorre quando a linguagem fala de si própria. Predominam em análises literárias, explicações morfossintáticas, interpretações e críticas diversas.

Ex.: O que significa abáculo?

10.6. FUNÇÃO POÉTICA

É usada para despertar a surpresa e prazer estético. É elaborada de forma imprevista e inovadora.

Ex.:

"Não se perde um segundo

Segundo eu, a vida vem em primeiro

O tempo em segundo

E como só tem um mundo

É bom ir fundo
Senão você não chega nem em terceiro.”

Marthal

Capítulo 11

Vozes do Discurso

Nos textos narrativos, existe, obviamente, um narrador, responsável por contar a estória. É possível esse locutor ou narrador inserir outras vozes.

Com objetivo de inserir essas outras vozes no texto, a voz principal ou privilegiada, o narrador utiliza o discurso, que vem a ser a forma como as falas são introduzidas na narrativa.

O discurso pode ser classificado em: direto, indireto e indireto livre**.**

11.1. DISCURSO DIRETO

Reprodução fiel e literal de uma fala.

Ex.: Pedro me perguntou: – João, você irá à praia?

Ex.: Carlos foi enfático: Luiz, não adianta insistir, porque não sairei hoje.

Ex.: Renato concedeu um depoimento sobre violência que nos chocou: "Hoje em dia, eu evito sair depois de uma determinada hora.".

11.2. DISCURSO INDIRETO

O narrador, apesar de ser fiel à s ideias do que foi dito por outra pessoa, adapta as palavras desse outro. Em outras palavras, o narrador utiliza suas próprias palavras para reproduzir a fala de um personagem.

Ex.: João perguntou se eu sairia hoje.

Ex.: Na época, Pedro esclareceu que a situação estava ainda distante de um desfecho.

Ex.: Roberto questionou o preço das mesas.

Se essas frases estivessem em discurso direto, ficariam assim:

João perguntou: – Você sairá hoje?

Na época, Pedro esclareceu: – A situação ainda está distante de um desfecho.

Roberto questionou: – quanto custam essas mesas?

11.3. DISCURSO INDIRETO LIVRE

11.3. DISCURSO INDIRETO LIVRE

Consiste na mescla dos discursos. Simultaneamente à fala do narrador, também se faz presente a fala do personagem. O discurso indireto livre mantém a expressividade do discurso direto, contudo, simultaneamente, conserva as transposições de pronomes, verbos e advérbios típicos do discurso indireto. É de bom alvitre realçar que se caracteriza pelo fato de não poder ocorrer qualquer verbo de elocução (também chamado verbo dicendi): disse, informou, avisou, perguntou, questionou, falou… Também destaco que, no discurso indireto livre, há uma liberdade sintática significativa, o que pode levar o leitor a confundir as falas do narrador e do personagem.

Ex.: A criança estava andando na rua e, de repente, deparou-se com um esqueleto. Que medo!

A primeira parte do texto referia-se à fala do narrador e ao fim veio a reprodução da fala do personagem.

Ex.: Nós estávamos num país estranho, que falava uma língua totalmente desconhecida. O medo e a ansiedade tomou-lhes o coração de tal forma, que procuraram logo a embaixada brasileira.

A primeira parte reproduz a fala do personagem. A segunda parte, sem qualquer ligação sintática, é uma intervenção do narrador. Repare a mudança dos pronomes. NÓS na primeira parte e LHES na segunda.

Ex.: Manoel recebeu a notícia de que passou no concurso. Maravilha, consegui!

Repare: a primeira parte é a fala do narrador, que expressa algo sobre Manoel, inclusive empregando a terceira pessoa. Na sequência, é inserida a fala de Manoel, sem qualquer ligação sintática tampouco verbo de elocução. Observe também a mudança da pessoa do verbo (recebeu – 3ª pessoa do singular; consegui – 1ª pessoa do singular). Também chamamos a atenção para a expressividade ocorrente no emprego da interjeição "Maravilha!".

11.4. EXERCÍCIOS

01 **Correlacione as funções de linguagem em consonância com as frases a seguir.**

1) **Função referencial**

2) **Função expressiva**
3) **Função conativa**
4) **Função fática**
5) **Função metalinguística**
6) **Função poética**

( ) Vem pra Caixa você também!
( ) Todo objeto não passa de um complemento verbal.
( ) João virá, né?
( ) Petroleiro zarpa de porto líbio com primeira exportação de petróleo rebelde
( ) "Berro pelo aterro, pelo desterro Berro por seu berro, pelo seu erro" (Caetano Veloso)
( ) A dor tomou conta de todos quando Paulo Rossi fez o terceiro gol da Itália.

a) 3 – 5 – 1 – 4 – 6 – 2
b) 5 – 3 – 4 – 2 – 1 – 3
c) 4 – 2 – 1 – 6 – 5 – 3
d) 2 – 5 – 4 – 3 – 6 – 1
e) 3 – 5 – 4 – 1 – 6 – 2

Gabarito: E

Na primeira frase, configura-se a função conativa ou apelativa, caracterizada sobretudo pelo emprego do imperativo em VEM e do pronome de tratamento VOCÊ. É de bom alvitre observar o erro de concordância presente na frase: VEM encontra-se flexionado na segunda pessoa do singular do imperativo afirmativo e VOCÊ, por ser pronome de tratamento, é de terceira pessoa. As formas corretas seriam: Venha para Caixa você também! / Vem para a Caixa tu também! – A falha de concordância, na realidade, valoriza a oralidade, procurando envolver o receptor da mensagem, fato que corrobora ainda mais a função conativa.

Na segunda frase, ocorre a função metalinguística, o que se estabelece pelo fato de a frase ter o objetivo de ensinar fatos relativos à própria língua.

Na terceira frase, faz-se presente a função fática, dado que o emprego de "né?" evidencia o teste ao canal de comunicação.

Na quarta frase, observa-se a ocorrência da função referencial ou denotativa. Tal se esclarece em face da intenção de se passar uma informação de forma objetiva, não aparecendo elementos opinativos tampouco linguagem figurada.

Na quinta frase, claramente se configura a função poética, tendo em vista a presença de rimas, ritmo e grande preocupação com aspectos estéticos na confecção do texto.

Na sexta frase, há a função expressiva ou emotiva. Isso é evidenciado pela presença do sentimento do autor e até mesmo do exagero, quando se diz que a dor tomou conta de todos.

02. **(Cespe / TJ-RJ)**

O princípio de que o Estado necessita de instrumentos para agir com rapidez em situações de emergência está inscrito no arcabouço jurídico brasileiro desde a primeira Constituição, de 1824, dois anos após a Independência, ainda no Império. A figura do decreto-lei, sempre à disposição do Poder Executivo, ficou marcada no regime militar, quando a caneta dos generais foi acionada a torto e a direito, ao largo do Congresso, cujos poderes eram sufocados pela ditadura. Com a redemocratização, sacramentada pela Constituição de 1988, sepultou-se o decreto-lei, mas não o seu espírito, reencarnado na medida provisória. Não se discute a importância de o Poder Executivo contar com dispositivos legais que permitam ao governo baixar normas, sem o crivo imediato do Congresso, que preencham os requisitos da "relevância e urgência". O problema está na dosagem, que, se exagerada, como ocorre atualmente, sufoca o Poder Legislativo.

O Globo, 19/3/2008 (com adaptações)

A função da linguagem predominante no texto é:

a) metalinguística;
b) poética;
c) expressiva;
d) apelativa;
e) referencial.

Gabarito: E

Trata-se de texto informativo, com linguagem objetiva. É importante ressaltar que, mesmo havendo a presença de expressões no sentido conotativo – caneta, sepultou-se, dosagem –, fica clara a predominância da denotação.

03. Entre o sono e o sonho,
Entre mim e o que em mim
É o quem eu me suponho,

Corre um rio sem fim.

(Fernando Pessoa)

No trecho acima, predominam algumas funções da linguagem. Entre elas, estão as funções:

a) emotiva e metalinguística;

b) poética e apelativa;

c) referencial e poética;

d) fática e conativa;

e) emotiva e poética.

Gabarito: E

A função poética é óbvia, até porque a preocupação de Fernando Pessoa com a estética é clara. Observam-se as rimas, o ritmo diferente dos textos em prosa, o jogo de palavras. Mas, além da função poética, evidencia-se também a presença da função expressiva ou emotiva, porquanto a primeira pessoa se faz presente, e a opinião que o poeta tem sobre si próprio. O emissor da mensagem objetiva mostrar sua opinião: que existe grande distância em o que se supõe ser e o que efetivamente é.

04. **(PUC)**

Identifique a frase em que a função predominante da linguagem é a REFERENCIAL:

a) Dona Casemira vivia sozinha com seu cachorrinho.

b) – Vem, Dudu!

c) – Pobre Dona Casemira…

d) – O que… O que foi que você disse?

e) Um cachorro falando?

Gabarito: A

O período ocorrente na alternativa A apresenta uma informação objetiva, sem traços opinativos.

Na alternativa B, o emprego do imperativo (Vem) e do vocativo (Dudu) caracteriza a função fática.

Nas alternativas C e E, está presente a função emotiva ou expressiva, sendo a subjetividade o principal traço das construções frasais. Tal se evidencia na alternativa C pelo uso do adjetivo POBRE e na alternativa E pelo ar de

incredulidade do emissor.

Na alternativa D, ocorre o teste ao canal, formalizando a função fática.

05. **(UFVI)**

Quando uma linguagem trata de si própria – por exemplo um filme falando sobre os processos de filmagem, um poema desvendando o ato de criação poética, um romance questionando o ato de narrar – temos a metalinguagem.

Esta forma de linguagem predomina em todos os fragmentos, exceto:

a) "Amo-te como um bicho simplesmente de um amor sem mistério e sem virtude com um desejo maciço e permanente." (Vinicius de Morais)

b) "Proponho-me a que não seja complexo o que escreverei, embora obrigada a usar as palavras que vos sustentam." (Clarice Lispector)

c) "Não narro mais pelo prazer de saber. Narro pelo gosto de narrar, sopro palavras e mais palavras, componho frases e mais frases." (Silviano Santiago)

d) "Agarro o azul do poema pelo fio mais delgado de lã de seu discurso e vou traçando as linhas do relâmpago no vidro opaco da janela." (Gilberto Mendonça Teles)

e) Que é Poesia? Uma ilha cercada de palavras por todos os lados." (Cassiano Ricardo)

Gabarito: A

A presença da rima em "simplesmente" e "permanente", do ritmo e da preocupação com a estética formaliza a função poética na alternativa A.

Nas alternativas B, C e D, o uso de verbos na primeira pessoa do singular, a subjetividade e a intenção de revelar os sentimentos caracterizam a função emotiva ou expressiva.

Na alternativa E, há a preocupação do autor em definir a poesia, ou seja, é a língua a definir aspectos da própria língua, o que caracteriza a função metalinguística.

06. **(NCE)**

"Ó Mestre, fazei com que eu procure mais consolar que ser consolado, compreender que ser compreendido, amar que ser amado..."; este trecho d a Canção de São Francisco tem como função de linguagem predominante a:

a) emotiva;
b) metalinguística;
c) fática;
d) conativa;
e) referencial.

Gabarito: D

A presença do vocativo junto com a interjeição em "Ó Mestre", bem como do imperativo afirmativo, caracteriza a função conativa ou apelativa.

07. **(CEPUERJ / UERJ / Assistente Administrativo)**

Por meio da forma "não é", a personagem Mafalda "testa" o seu canal de comunicação no diálogo com o mundo, explorando a função:

a) fática;
b) poética;
c) conativa;
d) metalinguística.

Gabarito: A

O emprego de "não é?", com a nítida intenção de se saber se o outro está ouvindo, atesta a presença da função fática.

08. **(IRBR)**

Frente à tradição hindu que há 2.500 anos divide a sociedade indiana em mais de 2.000 castas, os 60 anos dos ideais liberais de Gandhi e os 10 anos da legalização do casamento entre castas revelam-se impotentes para transformar a organização hierárquica da sociedade. Em confronto direto com o costume milenar, o governo da Índia oferece uma recompensa de R$ 2.400 para homens e mulheres de diferentes grupos sociais que formalizem sua união.

O dinheiro equivale ao dobro da renda per capita anual do país. O governo justifica que a medida é um passo para a reacomodação das desigualdades. Para grande parte da sociedade, é um passo no escuro.

O governo – que já enfrenta protesto contra cotas em universidades – vê-se, agora, diante de um desafio maior. O esquema está sob ataque de todos os lados. Os conservadores alegam que a medida é gatilho para o caos social. Os liberais sustentam que poucos vão receber a oferta porque o dinheiro vai desaparecer no bolso de autoridades corruptas.

Indianos de castas mais baixas dizem que rejeitariam a recompensa, pois perderiam o acesso preferencial à s universidades, garantido pelas já controversas cotas. Hoje, o governo oferece 22,5% das vagas aos intocáveis, os últimos na hierarquia hindu, mas pretende aumentá-las para 50%.

"Sei que esta não é a única maneira de pôr um fim à discriminação, mas é preciso começar de algum lugar", defende a ministra da Justiça Social. Para a socióloga Radhika Chopra, a oferta é uma forma de sinalizar que esses casamentos não devem ser condenados. "Com a medida, o governo apóia os indivíduos que transgrediram barreiras sociais e mostra que podem funcionar como exemplos", acrescenta a socióloga.

Jornal do Brasil, 17/12/2006 (com adaptações).

No que se refere a funções da linguagem, predomina, no texto, a função

a) fática, visto que o autor do texto busca, de forma sutil, convencer os leitores dos benefícios do projeto que visa incentivar o casamento entre pessoas pertencentes a castas diferentes.

b) referencial, dado que a ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto.

c) emotiva, dado que são as falas das autoridades entrevistadas que direcionam a forma como as informações são apresentadas.

d) conativa, visto que as opiniões expressas estão devidamente referenciadas, não havendo, portanto, perda de objetividade na transmissão das informações.

e) metalinguística, haja vista o foco em aspectos intertextuais, como demonstram as diversas vozes que acompanham a informação divulgada.

Gabarito: B

O aspecto mais curioso nessa questão é o fato de as definições não corresponderem à s respectivas funções de linguagem. Por exemplo, a função fática evidencia o teste ao canal de comunicação. A função emotiva expressa as opiniões e sentimentos do emissor da mensagem, e não de terceiros. A função conativa sinaliza para o envolvimento dos leitores, havendo a presença de vocativos, pronomes de tratamento, verbos no imperativo. O foco da função metalinguística é fazer a língua analisar aspectos da própria língua. A única definição que corresponde efetivamente à função expressa na alternativa é a referencial,

justamente a que se faz presente no texto. Tal se evidencia pela presença de linguagem precisa, de caráter objetivo, com predominância da denotação.

09. **(Cespe / UnB / Itamaraty)**

Texto 6

Impostos inconstitucionais...

Ontem, ao voltar uma esquina, dei com os impostos inconstitucionais de Pernambuco. Conheceram-me logo, eu é que, ou por falta de vista, ou porque realmente eles estejam mais gordos, não os conheci imediatamente. Conheci-os pela voz, **Vox clamantis in deserto.** Disseram-me que tinham chegado no último paquete.

O mais velho acrescentou até que agora hão de repetir com regularidade estas viagens à corte.

– A gente, por mais inconstitucional que seja, concluiu ele, não há de morrer de aborrecimento na cela das probabilidades. Uma chegadinha à corte, de quando em quando, não faz mal a ninguém, exceto…

– Exceto…?

– Isso agora é querer perscrutar os nossos pensamentos íntimos. Exceto o diabo que o carregue, está satisfeito? Não há coisa nenhuma que não possa fazer mal a alguém, seja quem for. Falei de um modo geral e abstrato. (…)

– São todos inconstitucionais?

– Todos.

– Vamos aqui para calçada. E agora, que tencionam fazer?

– Agora temos de ir ao imperador, mas confesso, meu amigo, receamos perder tempo. Você conhece a velha máxima que diz que a história não se repete?

– Creio que sim.

– Ora bem, é o nosso caso. Receamos que o imperador, ao dar conosco, fique aborrecido de ver as mesmas caras e, por outro lado, como a história não se repete… Você, se fosse imperador, que é que faria?

– Eu, se fosse imperador? Isso agora é mais complicado.

Eu, se fosse imperador, a primeira coisa que faria era ser o primeiro cético do meu tempo. Quanto ao caso de que se trata, faria uma coisa singular, mas útil: suprimiria os adjetivos.

– Os adjetivos?

– Vocês não calculam como os adjetivos corrompem tudo, ou quase tudo; e,

quando não corrompem, aborrecem a gente, pela repetição que fazemos da mais ínfima galanteria. Adjetivo que nos agrada está na boca do mundo.

– Mas que temos nós outros com isso?

– Tudo; vocês como simples impostos são excelentes, gorduchos e corados, cheios de vida. O que os corrompe e faz definhar é o epíteto de inconstitucionais. Eu, abolindo por um decreto todos os adjetivos de Estado, resolvia de golpe esta velha questão, e cumpria esta máxima que é tudo o que tenho colhido da história e da política, que aí dou por dois vinténs a todos os que governam o mundo: os adjetivos passam, e os substantivos ficam.

ASSIS, Machado de. In: Gazeta de notícias (1881–1900). Balas de Estalo. Rio de Janeiro, 16/5/1885.

Acerca das ideias e dos sentidos do texto 6, assim como de suas estruturas linguísticas e organização textual, julgue (C ou E) os itens subsequentes.

1 () O narrador recorreu à função metalinguística da linguagem para formular, ao final da crônica, sua máxima, carregada de arbitrariedade.

2 () O autor valeu-se do discurso indireto livre, que consiste em dar voz e atribuir características e sentimentos humanos a seres inanimados.

3 () O trecho "Eu, se fosse imperador, a primeira coisa que faria era ser o primeiro cético do meu tempo." (l.24-25) produz efeito humorístico, por sua incongruência interna e por desviar-se do "caso de que se trata" (l.25).

4 () A frase "vox clamantis in deserto" (l.4) está em itálico, porque remete o interlocutor ao respectivo texto-fonte e faz parte da memória coletiva nacional.

Gabarito:

1 – Certo. A parte final do texto acaba por falar sobre a própria língua, sobretudo quando menciona adjetivos e substantivos, caracterizando a função metalinguística.

2 – Errado. Não há discurso indireto livre. O texto é todo estruturado em discurso direto, reproduzindo na íntegra a fala dos personagens, o que se caracteriza sobretudo pelo emprego dos travessões.

3 – Certo. O efeito humorístico se revela claramente em face de não haver qualquer relação entre ser imperador e o fato de ele próprio ser o primeiro cético de seu tempo. Por mais que um imperador tenha poder, sobre esse fato

certamente ele não teria qualquer ingerência. "O caso de que se trata" refere-se ao desejo do "imposto" de ver o fim dos adjetivos, mormente INCONSTITUCIONAIS, que o qualifica.

4 – Errado. O termo está em itálico, visto que se trata de um latinismo.

10. **Mistura linguística**

Muita gente, em vários países, fala um pouco de inglês todo dia sem perceber. Sem contar o "informatiquês", cujos verbetes – como megabyte, browser, hard disk, software – são expressões do mais puro inglês, muitas outras palavras do dia-a-dia de brasileiros, franceses, alemães e, principalmente, japoneses têm origem no idioma bretão. Futebol (football), sanduíche (sandwich) e deletar (verbo criado a partir de to delete, suprimir) são exemplos conhecidos de anglicismo (uso de expressões em inglês ou originadas dele) no português. Os alemães apertam o resetknopf (reset button ou botão de reset) para iniciar o computador. E os franceses, conhecidos por sua ojeriza a estrangeirismos, despedem-se dos colegas de trabalho na sexta-feira dizendo bon weekend.

A situação do japonês é particularmente curiosa. Estima-se que cerca de vinte mil palavras do vocabulário moderno tenham origem no inglês. Sorvete é aisukurimu, de ice cream. Ar condicionado é eacon, de air conditioner. E banheiro deixou de ser obenjyo para se tornar toiré, de toillet.

A história dessa imposição linguística certamente desperta animosidades. Na Índia, por exemplo, onde o inglês é uma das línguas oficiais, ele não é muito ouvido nas ruas. Falar inglês ainda lembra um passado de opressão.

Galileu, fev. 2002, p. 37 (com adaptações).

Julgue os itens a seguir, que se referem à s ideias e à s estruturas do texto acima.

1 – A seleção de argumentos e do vocabulário mostra o grau de engajamento do autor em face do assunto: paralelamente à s funções referencial e metalinguística, que veiculam informações objetivas, há marcadores linguísticos que deixam entrever elementos subjetivos.

2 – O autor organiza sintaticamente o período "Sem contar (...) bretão" (L.2-5) a partir da oposição regra/exceção, em que a regra é o "mais puro inglês", e a exceção, o inglês impuro ou degenerado.

3 – De acordo com a norma padrão do português, é correta a substituição de "cujos verbetes" (L.2) por do qual os verbetes.

4 – Constata-se que a expressão inglesa "reset button" (L.8) está presente tanto no vocábulo alemão como na expressão portuguesa, com a substituição de um de seus componentes.

5 – O autor empregou "bon weekend" (L.10) como um exemplo elucidativo da ideia de que os franceses têm "ojeriza a estrangeirismos" (L.9).

Gabarito:

1 – Certo – Indubitavelmente estão presentes as funções referencial e metalinguística. A referencial em face de haver explicações e dados técnicos, alguns numéricos (Estima-se que cerca de vinte mil palavras do vocabulário moderno tenham origem no inglês), sobre o tema em voga. A metalinguística também aparece quando o texto inteiro fala sobre a relação entre as línguas, a influência da língua inglesa sobre outras etc. A função expressiva ou emotiva também se faz presente, pois é exposta a opinião do autor – traço de subjetividade – no fragmento "A situação do japonês é particularmente curiosa.".

2 – Errado – O fragmento em voga não objetiva realizar uma oposição, uma argumentação baseada na relação "exceção que confirma a regra". Muito pelo contrário, o fragmento "Sem contar o "informatiquês", cujos verbetes – como megabyte, browser, hard disk, software – são expressões do mais puro inglês, muitas outras palavras do dia a dia de brasileiros, franceses, alemães e, principalmente, japoneses têm origem no idioma bretão." é mais um dado a confirmar a tese exposta no período anterior: "Muita gente, em vários países, fala um pouco de inglês todo dia sem perceber.".

3 – Certo – Embutida no pronome relativo CUJO encontra-se a preposição DE, até em função da relação de posse que aquele expressa. Observe que o texto continua coerente: "Sem contar o "informatiquês", do qual os verbetes… são expressões do mais puro inglês.". Observe, inclusive, a construção da frase com a substituição do pronome relativo pelo antecedente: Os verbetes do "informatiquês" são expressões do mais puro inglês.

4 – Certo – O componente "reset" aparece tanto na expressão alemã como na expressão portuguesa, mas o componente "button" é substituído por "knopf" no alemão e por "botão" no português.

5 – Errado – A expressão "bon weekend", dita pelos franceses, confirma a teoria de que muita gente fala um pouco de Inglês sem perceber. E esse fato é

corroborado por esse exemplo. Pois, "até mesmo" os franceses, que têm ojeriza a estrangeirismos, acabam por empregar tal expressão. Destarte, obviamente, o emprego da expressão não serve para comprovar a ojeriza a estrangeirismo.

11. **(Esan)**

"Impossível dar cabo daquela praga. Estirou os olhos pela campina, achou-se isolado.

Sozinho num mundo coberto de penas, de aves que iam comê-lo. Pensou na mulher e suspirou.

Coitada de Sinhá Vitória, novamente nos descampados, transportando o baú de folha."

O narrador desse texto mistura-se de tal forma à personagem que dá a impressão de que há diferença entre eles. A personagem fala misturada à narração. Esse discurso é chamado:

a) discurso indireto livre;
b) discurso direto;
c) discurso indireto;
d) discurso implícito;
e) discurso explícito.

Gabarito: A

O autor narra uma sequência de fatos e, de forma totalmente independente e sem qualquer ligação sintática com o restante da construção textual, reproduz uma fala do personagem, contudo sem a presença de verbos de elocução (Coitada de Sinhá Vitória, novamente nos descampados, transportando o baú de folha.)

12. **(FCC / PB / Auditor Fiscal)**

Os números do relatório da CPI dedicada originalmente aos Correios são expressivos, dos milhares de páginas de textos e documentos aos mais de cem acusados. É o tempo do espanto. Um oceano nos separa, contudo, do resultado concreto, o das absolvições e o das punições. Os dois momentos do mar imenso entre relatório e resultado estão no julgamento final, cuja tendência é pessimista, a contar de exemplos recentes.

Não deveria ser pela natureza mesma das comissões parlamentares de inquérito, cujo nome é raramente objeto de meditação até pelos operários do direito.

"Comissão", além do significado mercantil (depreciativo, no caso do Parlamento), do dinheiro pago em remuneração de serviço, é também o do agrupamento encarregado de realizar tarefa de interesse comum. Interesse comum? Não. De interesses conflituosos pela própria natureza política de seu trabalho, pois o vocábulo "parlamentares" as afirma integradas por componentes de uma das casas do Congresso ou mistas, funcionando segundo seus regimentos internos (…)

"As comissões são úteis ou necessárias?, perguntará o leitor. Sem a menor dúvida e vigorosamente, respondo sim. Há abusos. São lamentáveis, mas inerentes à vida parlamentar, no Brasil e em qualquer país onde haja comissões parlamentares. Se os legisladores devem ser a expressão média de seu povo, fica manifesto que os parlamentares sejam compostos por homens e mulheres de bem, dedicados e honestos, mas também por pilantras, patifes, cachaceiros, delinquentes e assim por diante. (…) Seria ideal que o povo escolhesse melhor seus réus representantes, dizem as elites, sem razão. O povo vota sob influência do poder econômico, após seleção dos favoritos de chefes partidários, para exclusão dos que assumam linha independente da adotada pelas lideranças e assim por diante.

Voltando à CPI dos Correios, cabe esclarecer por que há um oceano entre o relatório e o resultado. "Inquérito" é trabalho de apuração. Se bem feito, propicia bom material aos julgadores. Se malfeito, facilita a "pizza", essa maravilhosa invenção atribuída aos italianos em geral, mas que vem do sul da Itália. "Pizza" transformada em cambalacho e tapeação? Não necessariamente. Muitas vezes o defeito da distância entre a apuração e o julgamento está naquela, e não neste, principalmente se for judicial. O mal do julgamento político está em que considera seu estilo paralelo do desprestígio para o Parlamento como um todo. No caso atual, porém, não se pode negar que já houve resultados apreciáveis. Para o relatório lido nesta semana cabe esperar pela travessia do oceano e torcer para que chegue a bom porto. (W. Cenevina)

Observando-se, no texto, a intenção do autor, verifica-se o uso da função da linguagem:

a) emotiva, para criar ironia e construir a adesão do leitor;

b) metalinguística, para criar um efeito de ambiguidade e ironia;

c) referencial, para informar e criar ambiguidades;

d) fática, para criar ironia e transmitir informações;

e) poética, para transmitir informações ao leitor, por meio de ambiguidades.

Gabarito: B

Repare como a língua está sendo empregada para explicar a própria língua, sobretudo no segundo parágrafo que vêm explicações para o significado de Comissão: "Comissão", além do significado mercantil (depreciativo, no caso do Parlamento), do dinheiro pago em remuneração de serviço, é também o do agrupamento encarregado de realizar tarefa de interesse comum.". O efeito da ambiguidade e ironia ocorre na sequência do período mencionado: Interesse comum? Não. De interesses conflituosos pela própria natureza política de seu trabalho, pois o vocábulo "parlamentares" as afirma integradas por componentes de uma das casas do Congresso ou mistas, funcionando segundo seus regimentos internos (...)

13. **(FCC / PB / Auditor Fiscal)**

Leia as frases abaixo:

I – **o leitor perguntaria se as comissões são úteis e necessárias.**

II – **Com essa CPI, acabaria tudo em pizza, novamente?**

III – **Os abusos, embora lamentáveis, são frequentes na vida pública, asseverou o colunista.**

Elas se concentram

	I	II	III
a)	Direto	Direto	Indireto livre
b)	Direto	Indireto livre	indireto
c)	Indireto livre	Direto	Indireto
d)	Indireto	Indireto livre	direto
e)	Indireto	Direto	Indireto livre

Gabarito: D

Item I – O período foi redigido com a fala imaginada e adaptada do leitor, o que se evidencia principalmente pelo emprego da conjunção subordinativa integrante SE. Repare que a conjunção SE não é falada pelo personagem.

Item II – Repare que, na menção à fala de outrem, há a intervenção do autor – novamente. A fala do personagem se confunde com a fala do próprio narrador.

Item III – Aqui ocorre uma reprodução integral da fala do colunista na primeira

oração. Também é importante destacar que os itens I e III não poderiam caracterizar o discurso indireto livre em face da presença dos verbos de elocução (perguntaria no item I e asseverou no item III).

Capítulo 12

Leituras de Enunciados das Questões de Interpretação

É importante não se olvidar que as questões de interpretação são confeccionadas com a intenção de deixar o candidato em dúvida entre duas opções. São, normalmente, estas opções coerentes com texto, porém, à s vezes, não o são com as perguntas formuladas. Você terá que aprender a responder exatamente o que está sendo perguntado. O estudo a seguir é referente aos enunciados das questões.

12.1. RECORRÊNCIA TEXTUAL

Ocorre quando a banca exige algo que esteja claro no texto. Enunciados que se apresentam como "Segundo o texto", "De acordo com o texto", "O autor diz que"… impõem que as respostas estejam explícitas no texto. Sendo assim, é possível que uma opção esteja efetivamente em conformidade com as ideias expostas no texto, e a outra seja uma dedução, à s vezes até coerente, decorrente dos elementos do texto. Se o enunciado foi um daqueles mencionados, a resposta haverá de ser a primeira opção.

É importante observar que toda questão relativa a valor semântico dos vocábulos (sinonímia) é de recorrência textual, pois não se deseja saber o sinônimo da palavra isoladamente, mas sim no contexto. Por exemplo, as palavras "estranho" e "extraordinário" são sinônimas? A resposta certa é "talvez", "dependendo do contexto". Na frase "Conheci uma pessoa extraordinária.", o adjetivo "extraordinária" não é sinônimo de "estranho". No entanto, na frase "Percebi um movimento extraordinário na rua e logo voltei para caso.", o adjetivo "extraordinário" já se torna sinônimo de "estranho".

12.2. INFERÊNCIA TEXTUAL

Ocorre quando a banca exige do candidato algo que esteja além do texto.

Enunciados que se apresentam como "Deduz-se…", "Depreende-se…", "Conclui-se", "Infere-se", "O que o autor quis dizer com…" impõem que a resposta correta não seja algo que esteja explícito, mas sim algo implícito – subentendido ou pressuposto. É uma dedução. Perceba a diferença entre "O que o autor informou…? e "O que o autor pretendeu dizer com…?". No primeiro caso, a banca exige algo que o autor informou, ou seja, algo explícito no texto; já, no segundo caso, o candidato deve imaginar o que o autor pretendeu dizer.

BIZU

Como já se mencionara, o fundamental é o candidato aprender a responder o que está sendo perguntado. Portanto, se, no enunciado da questão, houver a proposição "Segundo o fragmento X", você irá se restringir a responder sobre o fragmento X, mesmo que este fragmento se oponha ao restante do texto. Se a banca expuser um fragmento finalizado com reticências (XXXX…), você deverá retornar ao texto e observar onde aquela ideia acabará. Se for proposta uma inferência acerca da totalidade do texto, e não de um fragmento, o candidato deverá procurar a resposta no tópico frasal (geralmente no início do texto), onde muito provavelmente se localizará a tese abrangente.

12.3. EXERCÍCIOS

01. **(ICMS / Fiscal)**

No Brasil, o debate sobre ética tributária só recentemente ganhou vulto em decorrência do aumento da carga tributária, da expansão da 'indústria de liminares', do visível aperfeiçoamento da administração fiscal, da estabilidade econômica e da crescente inserção do país na economia globalizada. Na maioria dos países desenvolvidos, com cultura tributária mais amadurecida, esse debate é mais limitado, porque praticamente restrito a discussões sobre a pressão fiscal e a competição fiscal nociva (ahrmfull tax competition).

Com base na análise do trecho acima, não é correto afirmar que:

a) fica subentendido que o debate sobre ética tributária no Brasil anteriormente era de pouca expressividade.
b) A noção de "países desenvolvidos" é um pressuposto para a leitura do texto.
c) Se pode inferir que, nos países ainda não desenvolvidos, a cultura tributária ainda não amadureceu.

d) Está implícito que o Brasil cada vez mais se insere na economia globalizada.
e) Se pode inferir, também por paralelismo no parágrafo, que o Brasil não está entre os países desenvolvidos.

Gabarito: Anulada

A questão foi anulada, uma vez que há duas alternativas apresentando comentários incorretos, conforme solicitado no enunciado, havendo, portanto, duas respostas.

A alternativa A apresenta comentário correto, dado que, se só recentemente o debate sobre ética tributária ganhou vulto, está implícito que ele era de pouca expressividade.

A alternativa B apresenta comentário adequado, uma vez que o leitor só realiza a perfeita intelecção do texto se conhecer o contexto político e identificar quem são os países desenvolvidos e os subdesenvolvidos.

A alternativa E apresenta comentário correto, porquanto No Brasil o debate recentemente sobre ética tributária ganhou vulto, e, nos países desenvolvidos, com cultura tributária mais amadurecida, esse debate é mais limitado, porque praticamente restrito a discussões sobre a pressão fiscal e a competição fiscal nociva.

A alternativa C apresenta comentário incorreto, pois o texto informa que, nos países mais desenvolvidos, a cultura tributária está mais amadurecida. Então, o que se pode inferir é que os países menos desenvolvidos possuem cultura tributária menos amadurecida, e não que não haja nenhum amadurecimento.

A alternativa D também apresenta comentário incorreto, pois a informação ali prestada aparece explicitamente no texto, e não implicitamente. Chamamos a atenção para o fragmento "da crescente inserção do país (Brasil) na economia globalizada.". Obviamente, está EXPLÍCITO que o Brasil cada vez mais se insere na economia globalizada.

02. **(FGV / ICMS / Fiscal)**

Com base na leitura do texto, analise os itens a seguir:

I – **Em "Portanto, a necessidade das gerações atuais preservarem recursos para as gerações futuras <u>também</u> se dá no que tange aos recursos públicos"., o termo grifado colabora com a identificação de**

um pressuposto.

II – **Em "não mais se concebe uma atuação efetiva sem uma apurada reflexão sobre os gastos públicos, seus limites e sua aplicação.", na identificação dos implícitos, observa-se um pressuposto.**

III – **Em "Enquanto o primeiro, normalmente, se adstringe a situações futuras próximas, o segundo vincula-se a situações futuras de longo prazo.", a leitura só se efetiva se o leitor identificar os subentendidos.**

Assinale:

a) se somente os itens II e III estiverem corretos;
b) se somente os itens I e II estiverem corretos;
c) se todos os itens estiverem corretos;
d) se nenhum item estiver correto;
e) se somente os itens I e III estiverem corretos.

Gabarito: B

Item I – Certo. Caracteriza-se o pressuposto, visto que o emprego de TAMBÉM sugere que existem outras necessidades das gerações atuais além daquele que se refere aos recursos públicos.

Item II – Certo. Observa-se o pressuposto no fragmento "Não mais se concebe", que dá a entender que em outras épocas já se permitiu atuação sem uma apurada reflexão sobre os gastos públicos, seus limites e sua aplicação.

Item III – Errado. Não há subentendidos. Para a leitura se efetivar, na realidade se torna necessário identificar quem são os referentes (termos constantes no texto) de primeiro e segundo.

03. Quando vemos hoje os impressionantes levantes no mundo árabe, com atos espontâneos pela democracia, é impossível não se perguntar: o que estamos fazendo gastando US$ 110 bilhões (em torno de R$ 180 bilhões) neste ano para apoiar regimes corruptos e impopulares no Afeganistão e no Paquistão que são quase idênticos aos governos que estamos aplaudindo os povos derrubarem? (Thomas L. Friedman)

Pode-se inferir do primeiro parágrafo que:

a) está havendo atos espontâneos pela democracia no mundo árabe;
b) há um oxímoro entre o investimento em alguns regimes políticos e o desejo

de ver similares serem derrubados;

c) Os governos apoiados e derrubados são os mesmos;

d) Os governos apoiados, que receberam investimentos, e os derrubados são idênticos;

e) Os governos do Afeganistão e do Paquistão também serão derrubados por forças populares.

Gabarito: B

Questão imaginada para deixar o candidato em dúvida entre as alternativas A e B, até mesmo porque as outras opções são absurdas. É fundamental se ter bastante atenção ao enunciado, visto que é um comando, e se deve respeitar ao comando. Como já se disse, é imperioso responder à quilo que efetivamente está sendo solicitado ou perguntado. A alternativa A, apesar de apresentar comentário extremamente coerente, não serve como resposta, pois a informação lá constante está explícita no texto, quando o enunciado exigia uma inferência, uma informação implícita. Já a alternativa B atende ao enunciado, porquanto o texto não informa explicitamente que existe um paradoxo (oximoro) entre o investimento em alguns regimes políticos e o desejo de ver similares serem derrubados, mas é o que se pode deduzir do questionamento acerca dos gastos realizados para apoiar regimes corruptos e impopulares idênticos à queles que hoje estamos aplaudindo os povos derrubarem.

Capítulo 13

Semântica dos Vocábulos Parônimos e Homônimos

13.1. PARÔNIMOS

Palavras com sons parecidos.

absolver	perdoar
absorver	aspirar, sorver
arrear	pôr arreios
arriar	descer
cavaleiro	que cavalga
cavalheiro	cortês
comprimento	extensão
cumprimento	saudação
cumprimento	ato de cumprir
conjuntura	oportunidades
deferir	atender
diferir	retardar, divergir
descrição	ato de descrever
discrição	qualidade de discreto
descriminar	inocentar
discriminar	distinguir, isolar
despensa	onde se guardam mantimentos
dispensa	ato de dispensar
docente	relativo a professores
discente	relativo a alunos
emigrar	deixar uma região
imigrar	entrar numa região

flagrante	evidente
fragrante	perfumado
fluir	correr
fruir	desfrutar
imergir	afundar
emergir	vir à tona
inflação	alta de preços
infração	violação
infligir	aplicar pena
infringir	violar
mandado	ordem judicial
mandato	procuração
peão	amansador de cavalgadura
pião	tipo de brinquedo
precedente	que vem antes
procedente	proveniente, que tem fundamento
prescrever	determinar
proscrever	banir, abolir
ratificar	confirmar
retificar	corrigir
soar	produzir som
suar	transpirar
sortir	abastecer

13.2. HOMÔNIMOS

Palavras com a mesma pronúncia.

acender	pôr fogo
ascender	subir
acento	sinal gráfico
assento	onde se senta, lugar
acerto	ato de acertar
asserto	afirmação
caçar	capturar animais
cassar	tornar sem efeito
decente	digno, correto
cela	quarto pequeno
sela	arreio
censo	recenseamento
senso	juízo
cerração	nevoeiro
serração	ato de serrar
cerrar	fechar
serrar	cortar
cervo	veado
servo	criado
chá	bebida
xá	soberano do irã
cheque	ordem de pagamento
xeque	lance no jogo de xadrez
ruço	grisalho
russo	natural da rússia

cito	do verbo citar
sito	situado
concertar	ajustar,combinar
consertar	reparar, corrigir
concerto	sessão musical
conserto	reparo
coser	costurar
cozer	cozinhar
descente	que desce, vazante
esperto	perspicaz
experto	perito
espiar	observar
expiar	pagar pena
espirar	soprar, exalar
expirar	terminar
estrato	camada
extrato	o que se extrai de
incerto	não certo
inserto	inserido
incipiente	principiante
insipiente	ignorante
laço	nó
lasso	cansado, fatigado
tacha	prego
taxa	imposto, tributo

BIZU

O vocábulo "sessão" possui dois homônimos: seção e cessão. Possui também um parônimo: secção. Aqui estão os significados das quatro palavras:

SESSÃO – ESPAÇO DE TEMPO EM QUE SE REALIZA UMA REUNIÃO OU UM TRABALHO.

SEÇÃO – DEPARTAMENTO

CESSÃO – ATO DE CEDER

SECÇÃO – SEÇÃO, DEPARTAMENTO

13.3. SEMÂNTICA DE FORMAS PARECIDAS

ABAIXO / A BAIXO

Abaixo:

Interjeição. Ex.: Abaixo o presidente!

Advérbio (embaixo, em categoria inferior, depois) Ex.: Abaixo de Deus, as mães.

A baixo:

contrário a "de alto" Ex.: Rasgou os lençóis de alto a baixo.

ACERCA DE/ CERCA DE/ A CERCA DE/ HÁ CERCA DE

Acerca de: a respeito de. Ex.: Falamos acerca do filme.

Cerca de: durante, aproximadamente. Ex.: Falamos cerca de dez minutos

A cerca de: ideia de distância. Ex.: Fiquei a cerca de 15 metros da porta.

Há cerca de: existe aproximadamente, aproximadamente no passado. Ex.: Há cerca de cem pessoas no estádio.

ACIMA / A CIMA

Acima:

anterior, em grau de categoria superior. Ex.: Questão acima

em grau ou categoria superior. Ex.: De dezoito anos acima.

em graduação superior. Ex.: Muito acima do general.

de preferência, em lugar superior, em cima. Ex.: Buscamos, acima de tudo, a paz.

de cima (interjeição). Ex.: Acima coração!

A cima:

contrário a "de baixo". Ex.: Costurou a saia de baixo a cima.

AFIM / A FIM DE

Afim: semelhança, parentesco, afinidade. Ex.: São duas mães afins.

A fim de: com o propósito de, com o objetivo de, com a finalidade de. Ex.: Estudou a fim de passar no concurso.

AFORA / A FORA

Afora: o mesmo que "fora", à exceção de, exceto. Ex.: Todos farão o concurso,

afora eles.

A fora: com a ideia de "para fora". Ex.: Pela rua a fora.

AO ENCONTRO DE / DE ENCONTRO A

Ao encontro de: a favor de, encontrar-se, concordar. Ex.: Nós não discutimos, visto que minhas ideias foram ao encontro das dele.

De encontro a: ir de encontro a. Ex.: Meu carro foi de encontro a um poste.

APARTE / À PARTE

Aparte:

verbo: separar. Ex.: Não aparte as provas.

substantivo: interrupção. Ex.: O padre recebeu um aparte.

À parte: locução adverbial = de lado. Ex.: O resultado será mostrado à parte.

CONQUANTO / COM QUANTO.

Conquanto: embora; mesmo que. Ex.: Conquanto João estivesse cansado, ainda saiu de casa.

Com quanto: com que quantitativo. Ex.: Com quanto dinheiro eles saíram de casa.

CONTUDO / COM TUDO

Contudo: entretanto, porém. Ex.: Maria estava cansada, contudo foi ao teatro.

Com tudo: preposição + pronome = total. Ex.: Ela saiu de casa com tudo.

DANTES / DE ANTES

Dantes: advérbio = antigamente. Ex.: Dantes se comia melhor.

De antes: preposição + advérbio = em tempo anterior. Ex.: Os problemas já vêm de antes de você chegar.

DEBAIXO/DE BAIXO

Debaixo:

em situação inferior. Ex.: Tomara que não caia quando alguém estiver debaixo.

na dependência, em decadência. Ex.: Ficamos debaixo e tivemos que nos render.

sob: Ex.: Jaz agora debaixo da terra.

no tempo de; por ocasião de. Ex.: O sucesso dessas músicas caiu debaixo desse cantor.

em situação inferior a. Ex.: Escondam-se debaixo da escada.

De baixo:

a parte inferior. Ex.: Comprei roupa de baixo.

contrário a "a cima". Ex.: Examinamos de baixo a cima.

DEMAIS / DE MAIS

Demais:

pronome indefinido = outros. Ex.: Chame os demais candidatos.

advérbio de intensidade = excessivamente. Ex.: A mulher fala demais.

palavra continuativa = além disso. Ex.: Demais quem trabalha aqui é ela.

De mais: locução adjetiva = muito. Ex.: Comi doce de mais.

DESAPERCEBIDO / DESPERCEBIDO

Desapercebido: desavisado. Ex.: Eu fui ao local errado por estar desapercebido.

Despercebido: sem ser notado, sem perceber a presença. Ex.: Passei despercebido pela frente do prédio.

DETRÁS / DE TRÁS

Detrás: pela retaguarda. Ex.: Um atleta não pode cometer uma falta por detrás.

De trás: atrás. Ex.: Esse som vem lá de trás.

DEVAGAR / DE VAGAR

Devagar: lentamente; sem pressa. Ex.: Devagar se vai ao longe.

De vagar: de descanso. Ex.: Escrevo nos momentos de vagar.

EM VEZ DE / AO INVÉS DE

Em vez de: em lugar de. Ex.: Em vez de fazer Direito, fez Letras.

Ao invés de: ao contrário de. Ex.: Ao invés de descansar, pôs-se a trabalhar a madrugada inteira.

ENFIM / EM FIM

Enfim: afinal, finalmente. Ex.: Enfim todos chegaram.

Em fim: no fim. Ex.: Eles estão em fim de carreira.

ENQUANTO / EM QUANTO

Enquanto: conjunção = ao mesmo tempo que; em concomitância com. Ex.: "Enquanto jantava, falei em voz baixa a Casimiro Lopes. (Graciliano Ramos)

Em quanto: preposição + pronome = qual, por quanto. Ex.: Em quanto tempo se faz a viagem de Rio a São Pedro?

MALGRADO / MAU GRADO

Malgrado: embora, ainda que (se não estiver seguido de preposição). Ex.: Malgrado João quase não tenha estudado, fez excelente teste.

Mau grado:

contra a vontade. Ex.: Paulo cuida do filho de mau grado.

apesar de (se estiver seguido de preposição). Ex.: Mau grado ao tempo sairei.

NENHUM / NEM UM

Nenhum: ninguém, nada. Ex.: Nenhum tem razão naquela discurso.

Nem um: um só que fosse. Ex.: Não bebemos nem uma cerveja.

PORVENTURA / POR VENTURA

Porventura: por acaso. Ex.: Se porventura não chover, irei à praia.

Por ventura: por sorte. Ex.: Como não estudei, só passarei por ventura.

PORQUANTO / POR QUANTO

Porquanto: conjunção = visto que. Ex.: Apresso-me, porquanto o tempo voa.

Por quanto: designa quantidade, preço. Ex.: Por quanto venderam o carro?

PORTANTO / POR TANTO

Portanto: então, logo. Ex.: Eles se preparam à beça para o concurso, portanto passarão..

Por tanto: por muita quantidade. Ex.: "Por tanto amor, por tanta emoção, a vida me fez assim" (Milton Nascimento)

SE NÃO / SENÃO

BIZU

Se a palavra "não" puder ser extraída da frase, alterando o seu sentido, porém não gerando erro, o termo "se não" é separado. Ex.: Se não chover, iremos à praia. – Observe que o advérbio "não" pode ser extraído, que o período continua correto gramaticalmente. Se chover, iremos à praia.

Por outro lado, se o termo "não" não puder ser suprimido, "senão" é junto. Ex.: É bom você estudar, senão será reprovado. – Observe que o termo "não" não pode ser suprimido, pois a frase ficará sem sentido: é bom você estudar, se será reprovado.

SOBRETUDO / SOBRE TUDO

Sobretudo:

especialmente, principalmente. Ex.: Deves estudar todas as matérias, sobretudo conjunções.

Casacão, capa: Ex.: O meu sobretudo está molhado.

Sobre tudo: a respeito de tudo; acerca de tudo. Ex.: Eles conversaram sobre tudo.

TAMPOUCO / TÃO POUCO

Tampouco: também não, nem. Ex.: Eles não bebem tampouco fumam.

Tão pouco: muito pouco. Ex.: Ele comeu tão pouco, que logo sentirá fome.

13.4. EXERCÍCIOS

01. **(TRE-MG)**

A palavra nos parênteses não preenche adequadamente a lacuna do enunciado em:

a) O crime foi bárbaro. Somente após a..... do assunto é que foi possível prendê-lo. (descrição)

b) Só seria possível..... o acusado, se conseguíssemos mais provas que o inocentassem. (descriminar)

c) A negociações só vão..... os resultados esperados, caso todos compareçam. (sortir)

d) O corpo estava....., apenas a cabeça estava fora da água, que subia cada vez mais. (imerso)

e) Como a mercadoria estava muito pesada, o recurso foi..... o cofre ali mesmo, na escada (arriar)

Gabarito: C

A lacuna deveria ser preenchida com SURTIR, que significa GERAR EFEITO e não com SORTIR, cujo sentido é VARIAR.

02. **(TRE-RJ)**

"Comprida" tem significado distinto de seu parônimo "cumprida". Das sentenças abaixo, aquela em que houve <u>troca</u> na escolha dos parônimos entre parênteses é:

a) O acúmulo de <u>vultosas</u> quantias era sinal de bênção divina. (vultosas / vultuosas)Â

b) Muda-se a ética antes que se <u>consuma</u> a generalização do pecado. (consuma / consume)

c) A expressão "dar um jeito" traz sempre subentendida a intenção de burlar a lei. (subentendida / subtendida)

d) O descumprimento da lei dificilmente passa despercebido na "Common Law" anglo-saxônica. (desapercebido / despercebido)

e) Antes de mais nada, faz-se necessário discriminar que leis favorecem a institucionalização do jeito. (descriminar / discriminar)

Gabarito: B

A estrutura "antes que" exige que a forma verbal se encontre no presente do subjuntivo. Sendo assim, pelo contexto, cabe apenas o verbo 'consumar" (consumar a generalização do pecado). Como foi utilizado "consuma" (verbo CONSUMIR no presente do subjuntivo), a coerência fica totalmente prejudicada.

03. **(NCE)**

A cessão de crédito não vale em relação ao devedor, senão quando a este notificada, mas por notificado [...] (Art. 1069 – Código Civil)

Assinale o item em que o vocábulo homônimo está incorretamente grafado:

a) A seção do Congresso Nacional está encerrada por hoje.

b) Dirija-se, por favor, à Seção de documentação do Ministério.

c) A cessão de terras aos índios é um problema mal resolvido no País.

d) A Seção de Pessoal é a mais frequentada no Ministério.

e) A cessão de pessoal capacitado é um problema a ser resolvido.

Gabarito: A

O vocábulo "seção" significa DEPARTAMENTO. No contexto, é pertinente o emprego de SESSÃO, cujo significado é "espaço de tempo em que se realiza uma reunião ou um trabalho.

04. **(Esaf)**

Marque a alternativa cujas palavras preenchem corretamente as respectivas lacunas, na frase seguinte: "Necessitando..... o número do cartão do PIS,..... a data de meu nascimento."

a) ratificar, proscrevi;

b) prescrever, discriminei;

c) descriminar, retifiquei;

d) proscrever, prescrevi;

e) retificar, ratifiquei.

Gabarito: E

Na alternativa A, o primeiro vocábulo se enquadra no contexto, mas o segundo, não. Vê-se: Necessitando ratificar (confirmar) o número do cartão do PIS, proscrevi (aboli) a data de meu nascimento."

Na alternativa B, o primeiro verbo PRESCREVER (determinar) já gera incoerência textual.

Na alternativa C, também a primeira forma verbal causa inconsistência – Necessitando descriminar (inocentar) o número do cartão do PIS.

Na alternativa D, mais uma vez a primeira forma verbal gera incoerência – Necessitando proscrever (abolir) o número do cartão do PIS.

A alternativa E é a única que apresenta duas formas verbais que complementam com coerência o texto. Vejamos: Necessitando retificar (corrigir) o número do cartão do PIS, ratifiquei (confirmei) a data de meu nascimento

05. **(UNISINOS)**

A frase onde os homônimos e / ou parônimos em destaque estão com significação invertida é:

a) Era <u>iminente</u> a queda do <u>eminente</u> deputado.

b) A justiça <u>infringe</u> uma pena a quem <u>inflige</u> a lei.

c) <u>Vultosa</u> quantia foi gasta para curar sua <u>vultuosa</u> face.

d) O <u>mandado</u> de segurança impediu a cassação do <u>mandato</u>.

e) O nosso <u>censo</u> depende exclusivamente do <u>senso</u> de responsabilidade do IBGE.

Gabarito: B

O verbo INFLIGIR significa COMINAR, APLICAR PENA e INFRINGIR significa VIOLAR; portanto, os verbos, no período exposto na alternativa B, estão invertidos.

06. **(MACK)**

Na oração: Em sua vida, nunca teve muito……, apresentava-se sempre……. no……. de tarefas……. As palavras adequadas para preenchimento das lacunas são:

a) censo – lasso – cumprimento – eminentes;

b) senso – lasso – cumprimento – iminentes;

c) senso – laço – comprimento – iminentes;

d) senso – laço – cumprimento – eminente;

e) censo – lasso – comprimento – iminentes.

Gabarito: B

O sentido do período é: Em sua vida, nunca teve muito juízo (SENSO), apresentava-se sempre fatigado (LASSO) na realização (CUMPRIMENTO) de tarefas urgentes, imediatas (IMINENTES).

07. **(TFC)**

Indique a letra na qual as palavras complementam, corretamente, os espaços das frases abaixo:

1) **Quem possui deficiência auditiva não consegue……. os sons com nitidez.**
2) **Hoje são muitos os governos que passaram a combater……. de entorpecentes com rigor.**
3) **O Diretor do presídio……. pesado castigo aos prisioneiros revoltosos.**

a) discriminar – tráfico – infligiu;

b) discriminar – tráfico – infringiu;

c) descriminar – tráfego – infringiu;

d) descriminar – tráfego – infligiu;

e) descriminar – tráfico – infringiu.

Gabarito: A

Quem possui deficiência auditiva não consegue DISTINGUIR (DISCRIMINAR) os sons com nitidez.

Hoje são muitos os governos que passaram a combater O NEGÓCIO, A NEGOCIATA (TRÁFICO) de entorpecentes com rigor.

O Diretor do presídio O NEGÓCIO, A NEGOCIATA (TRÁFICO) pesado castigo aos prisioneiros revoltosos.

08. **(FUVEST)**

No último……. da orquestra sinfônica, houve……. entre os convidados, apesar de ser uma festa…….

a) conserto – flagrantes descriminações – beneficente;

b) concerto – fragrantes discriminações – beneficiente;

c) conserto – flagrantes descriminações – beneficiente;
d) concerto – fragrantes discriminações – beneficente;
e) concerto – flagrantes discriminações – beneficente.

Gabarito: E

No último SESSÃO MUSICAL, SINFONIA (CONCERTO) da orquestra sinfônica, houve EVIDENTES DISTINÇÕES (FLAGRANTES DISCRIMINAÇÕES) entre os convidados, apesar de ser uma festa BENEFICENTE. É importante esclarecer que não existe a palavra BENEFICIENTE.

09. **(TRE-MG)**

A palavra sublinhada está empregada inadequadamente em:

a) Os moradores sempre o consideraram, pelas suas atitudes, um homem sério e descente.
b) Sempre foi muito místico, por isso não se cansavam de lhe chamar de ascético.
c) Comentava-se que o príncipe só poderia ascender ao trono após a maioridade.
d) Na última publicação do jornalista, a seção de esportes estava ótima.
e) Sabe apreciar uma pintura. Não há dúvida de que possui senso artístico.

Gabarito: A

O contexto indica a intenção de esclarecer que o homem agia com decência, portanto o termo deveria ser DECENTE. Já o significado de DESCENTE é ALGO QUE DESCE, VAZANTE.

10. **(NCE / TJ / Técnico Judiciário)**

"A Carta proíbe a discriminação entre o homem e a mulher...": o vocábulo sublinhado era denominado parônimo (de descriminação). O item abaixo em que houve erro porque houve troca entre parônimos é:

a) Os assertos do discurso presidencial necessitam de confirmação;
b) As conjeturas do economista português foram importantes para nossa reflexão;
c) O ministro pretendia proscrever, para o presidente, uma certa cautela nos discursos;
d) Na iminente situação de perigo, o ministro preferiu adotar uma solução mais drástica;
e) O corrupto pretendia rapar todas as contribuições da campanha eleitoral.

Gabarito: C

A intenção na alternativa C era informar que o ministro pretendia DETERMINAR (PRESCREVER), para o presidente, uma certa cautela nos discursos. Observe que o sentido de PROSCREVER (ABOLIR, BANIR), nesta frase, gera incoerência textual.

11. **(NCE)**

" E , <u>em vez das</u> simples anotações que seriam preciosas como documento..."; a frase abaixo em que em lugar de <u>em vez de</u> seria mais adequado dizer <u>ao invés de</u> é:

a) Em vez de ler, preferiu dormir;

b) Em vez de churrasco, quis feijoada;

c) Em vez de sair, entrou;

d) Em vez de um caderno, encontrou um livro.

e) Em vez de anotações, encontrou um diário completo.

Gabarito: C

É fundamental observar a diferença entre EM VEZ DE e AO INVÉS DE. Aquele significa NO LUGAR DE, e este, AO CONTRÁRIO DE. AO INVÉS DE só pode ser utilizado se houver necessariamente uma ideia de contrariedade, adversidade. É justamente o que ocorre na alternativa C, visto que os vocábulos ENTRAR e SAIR possuem opostas cargas semânticas.

Capítulo 14

Semântica de Afixos

14.1. PREFIXOS LATINOS

PREFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
Ab, abs	afastamento, separação	abusar, abster– se
Ad, a	aproximação	adjunto,abeirar
Ambi	duplicidade	ambidestro
Ante	anterioridade	antevéspera
Bene, ben	bem, muito bom	benevolência
Bis, bi	duas vezes	bisavó
Circun	movimento em torno	circunferência
Cis	posição aquém	cisalpino
Com, co	companhia	compartilhar
Contra	oposição	contradição
De	movimento para baixo	decomposição
De, dês	ação contrária, privação	defeito
Di, dis	movimento para vários lados	digerir,discordar
Ex, e, es	movimento para fora	extração,expor
Extra	fora de	extraordinário
In, i	movimento para dentro	ingerir
In, i	negação	inativo
Inter, entre	posição intermediaria	intervir
Intro, intra	movimento para dentro	introdução
Per	movimento através	perfeito
Pro	movimento para frente	progredir
Re	movimento para trás, repetição	reabrir
Retro	movimento mais para trás	retroceder
Semi	metade	semideus
Sub, sus, su	movimento de baixo para cima	submeter
	Inferioridade	subalterno
Super, supra, sobre	posição em cima, excesso	superpor, sobrepor
Trans, tras	através de,além de,	transposição
Três, tras	mudança	tresnoitar

PREFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
Ultra	posição além do limite	ultra romântico
Vice, vis	substituição	vice presidente
Soto, sota	posição inferior	soto mestre

14.2. PREFIXOS GREGOS

PREFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
A,na	negação, privação	ateu, anarquia
Ana	repetição	anagrama
Anfi	duplicidade	anfíbio
Anti	oposição	antiaéreo
Apo	afastamento	apogeu
Arqui, arce	superioridade	arcebispo
Cata	movimento para baixo	catarata
Di	duas vezes	ditongo
Dia	movimento através de	diálogo
Dis	dificuldade	disenteria
Ec, ex	movimento para fora	eczema, êxodo
Endo	movimento para dentro	endovenoso
Epi	posição superior	epiderme
Eu, ev	perfeição, excelência	eufônico
Hemi	metade	hemisfério
Hiper	posição superior, excesso	hipertenso
Hipo	posição inferior	hipotético
Meta	posterioridade, mudança	metátese
Para	proximidade, ao lado de	paradigma
Peri	posição em torno de	perímetro
Pro	anterioridade	profecia

Sim, sin	simultaneidade, companhia	simpático, sinônimo

14.3. RELAÇÃO DE SUFIXOS

SUFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
-ada, -agem, -al	coleção	boiada, ramagem, laranjal
-ame, -edo, -io	agrupamento	vasilhame, arvoredo, mulherio
-aço, -aça, -ão, -arra	aumentativo	ricaço, barcaça, bocarra
-orra, -aréu, -ázio	aumentativo	cabeçorra, povaréu, copázio
-acho, -ejo, -ela, -eta	diminutivo	riacho, lugarejo, ruela, saleta
-ete, -eto, -ico, -iço	diminutivo	artiguete, poemeto, burrico
-isco, -(z)inho	diminutivo	chuvisco, animalzinho
-ota, -ote, -c)ula	diminutivo	flâmula, gotícula
-c)ulo, -ucho	diminutivo	papelucho

SUFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
-dade, -ada, -dão	ação	paulada, maldade, escuridão
-ança, -ação, -ença	qualidade	esperança, oração, detenção
-ência, -ez, -eza	estado	imponência, altivez, beleza
-ície, -mento, -(t)ude		calvície, ferimento, quietude
-ume	quantidade, coletivo	negrume, cardume
-ario, -eiro, -dor	profissão	bibliotecário, pedreiro
-nte	agente	vendedor, ajudante
-douro	lugar	bebedouro, dormitório
-al, -ar, -eo	referência,relação	imperial, escolar, férreo
-ano, -ão,-eiro	naturalidade,origem	curitibano, alemão
-ense, -eu,-ino		paraense, europeu, florentino
-ês,-esa		chinês, chinesa
-oso, -udo	abundância	gorduroso, narigudo
-ia, -ismo	ciência,escola	astronomia, romantismo
	Sistema político	comunismo
ança (ância), ença (ência)	ação ou resultado da ação	Esperança, lembrança, importância, obediência, crença, regência
Ura	qualidade	Brancura, feiúra
-esa, -isa, -essa	título	baronesa, sacerdotisa, condessa
-ar, -ear,-entar -ficar,-izar	ação	cantar, guerrear, afugentar dignificar, civilizar
-ecer, -escer	início de ação	amanhecer, amadurecer, florescer
-icar, -itar -iscar, -inhar	ação pouco intensa	bebericar, adocicar chuviscar, escrevinhar
-ear, -ejar	ação repetitiva	espernear, apedrejar

14.4. CORRESPONDÊNCIA ENTRE PREFIXOS GREGOS E LATINOS

PREFIXO LATINO	SIGNIFICADO	PREFIXO GREGO
Ab	afastamento	apo
Ad	proximidade, ao lado	para
Ambi	duplicidade	anfi

Bene	bem, bom	eu
Bi	dois	di
Circum	em torno de	peri
Contra	ação contrária	anti
Cum	simultaneidade	sin
De	movimento de cima para baixo	cata
Des, in	privação, negação	a, na
Ex	movimento para fora	ec, ex
In	interioridade	em
Intra	posição interior	endo
Semi	metade	hemi
Sub	sob, inferior	hipo
Super	sobre, excesso	epi
Trans	através de	dia
Mudança	meta	

RADICAIS GREGOS	SIGNIFICADO	EXEMPLO
Acro	alto, elevado	acrobata, acrópole, acrofobia
aer, aero	ar	aeronave, aéreo
agogo	o que conduz	pedagogo, demagogo
agro	campo	agronomia, agrônomo
alg, algia	dor, sofrimento	analgésico, nevralgia
andro	homem, macho	andrógino, andropausa
anemo	vento	anemógrafo, anemômetro
antropo	ser humano	antropocentrismo, antropologia
arcai, arqueo	antigo, velho	arcaico, arqueologia
Aristo	ótimo, o melhor	aristocracia, aristocrata
aritmo	número	aritmética, aritmologia

arquia	governo	Monarquia, anarquia
asteno, astenia	fraqueza, debilidade	astenopia, neurastenia
astro	corpo celeste	astronomia, astrologia
atmo	gás, vapor	atmosfera, atmômetro
baro	pressão, peso	barômetro, barítono
bata	o que anda	acrobata, nefelibata
biblio	livro	biblioteca, bibliotecário
bio	vida	biologia, biografia
caco	feio, mau	cacofonia, cacoépia
cali	belo	caligrafia, calidoscópio
cardio	coração	cardíaco, cardiopatia
cefalo	cabeça	acefalia, cefaléia
ciclo	círculo	ciclovia, motocicleta
cine, cinesi	movimento	cinemática, cinema
cito	célula	citologia, citoplasma
cosmo	mundo, universo	cosmovisão, macrocosmo
cracia	poder, autoridade	democracia, tecnocracia
cromo	cor	cromogravura, cromógeno
crono	tempo	cronológico, cronômetro
Datilo	dedo	datilografia, datiloscopia
dgeca	dez	decâmetro, decalitro
Demo	povo	democracia, demográfico
derma	pele	dermatologista, dermatite
di	dois	dissílabo, ditongo
dinamo	força, potência	dinamite, dinamismo
doxo	crença, opinião	ortodoxo, paradoxo
dromo	corrida	autódromo, hipódromo

Eco	casa, domicílio, habitat	ecologia, ecônomo, ecossistema
Edro	base, face	poliedro, pentaedro
ergo	trabalho	ergofobia, ergonomia
esperma, espermato	semente	espermatologia, espermatozóide
etio, etimo	origem	etiologia, etimologia
etno	raça, nação	etnia, etnocentrismo
Fago	aquele que come	antropófago, necrófago
filo	amigo, amante	Filólogo,fílósofo,
fisio	natureza física ou moral	fisiologia, fisioterapia
Fobo	Aversão, medo	agorafobia, pantofobia
fono	som, voz	Fonoaudiólogo, fonema
fos, foto	luz	fosfeno, fotografia
gamo	casamento	gamomania, poligamia
gastro	estômago	gastronomia, gástrico
Gene	origem	gênese, genética
geo	terra	geografia, geologia
gine, gineco	mulher	Ginecologia, andrógino
gono, gonio	ângulo	polígono, goniômetro
grafia	escrita	ortografia, caligrafia
Helio	sol	heliocentrismo, heliografia
hemo	sangue	hemorragia, hemograma
hepato	fígado	hepatite, hepático
hetero	outro, diferente	heterossexual, heterogêneo
hidro	água	hidrografia, hidrófilo
Higro	umidade	higrômetro, higrófilo
Hipno	sono	hipnose, hipnotismo
Hipo	cavalo	hipódromo, hipopótamo
homeo, homo	semelhante	homeopatia, homônimo

icon, icono	imagem	iconoclasta, iconografia
ictio	peixe	ictiofagia, ictiologia
iso	igual	isóbaro, isonomia
Latria	culto	idolatria, alcoólatra
Lito	pedra	litografia, aerólito
log, logia	estudo	Psicologia, sociologia
macro	grande	macrocosmo, macrobiótica
mancia	adivinhação	quiromancia, cartomancia
mani, mania	loucura	manicômio, cleptomania
mega, megalo	grande	megalomania, megalocefalia
meso	meio	Mesopotâmia, mesóclise
metro	que mede, medição	velocímetro, termômetro
micro	pequeno	microcosmo, microfone
miso	ódio, aversão	misantropia, misossofia
mito	fábula	mitologia, mitomania
mnemo	memória	amnésia, mnemônico
mono	único, sozinho	monarquia, monobloco
morfo	forma	zoomórfico, amorfo, morfologia
Necro	morte, cadáver	necrotério, necrofilia
Neo	novo, moderno	neologismo, neoplasia
neuro	nervo	neurite, neuralgia
nomo	regra, lei	nomologia, agrônomo
odonto	dente	odontologia, odontalgia
oftalmo	olho	oftalmologista, oftalmia
Oligo	pouco	oligarquia, oligopólio
onimo	nome	ortônimo, sinônimo
onir, oniro	sonho	onírico, oniromancia)

ornito	ave	ornitologia, ornitofilia
orto	reto, correto	ortônimo, ortografia
Oxi	agudo, ácido	oxítona, oxidação
paleo	antigo	paleografia, paleontologia
pato	doença, sofrimento	patologia, patogenia
pedia	educação	ortopedia, pediatria
pole, polis	cidade	metrópole, Petrópolis
poli	muito	poligamia, politeísmo
potamo		Mesopotâmia, hipopótamo
pneumato	ar, gás, espírito	pneumatologia, pneumático
pneum(o)	pulmão	pneumonia, pneumotórax
Proto	primeiro	protozoário, protótipo
pseudo	Falso	pseudorrepresentações
psico	alma, espírito	psicografia, psiquiatria
quiro	mão	quiromancia
rino	nariz	Rinite, rinoceronte
rizo (=);	raiz	rizotônico, rizófago
scopio	o que faz ver	telescópio, microscopia
sema, semio	sinal	semáforo, semiótica
sidero	ferro, aço	siderurgia, siderografia
Sismo	terremoto	sísmico, sismógrafo
sofo	sábio	filosofia, sofomaníaco
soma, somo, somato	corpo, matéria	cromossomo, somatologia
tanato	morte	eutanásia, tanatofobia
taqui	rápido	taquicardia, taquigrafia
teca	coleção	fonoteca, filmoteca, discoteca
tecno	arte, ofício	tecnologia, tecnocracia
tele	ao longe, distância	telefone, telescópio, telégrafo

Téo	deus, divindade	teocentrismo, teocracia
termo	calor, temperatura	termômetro, térmico
topo	lugar, localidade	topografia, topologia
xeno	estranho	xenofobia, xenofilia
xer, xero	seco, secura	xerófilo, xerografia
xilo	madeira	xilogravura, xilófago
zoo	animal	zoologia, zoomorfo

RADICAIS LATINOS	SIGNIFICADO	EXEMPLO
Agri	campo	agricultura, agrícola
Ambi	ambos	ambidestro, ambíguo
ambulo	caminhar, andar	sonâmbulo, noctâmbulo
arbori	árvore	arboriforme, arboricultura
beli (=);	guerra	bélico, belicista, beligerante
bi, bis	repetição, duas vezes	bisavô, bilíngue
calori	calor	caloria, calorífero
cida	que mata	Homicida, inseticida
cola (=);	que habita, que cultiva	vinícola, citrícola
cole, colo	pescoço	colar, colarinho
color	cor, coloração	Bicolor, colorido
cordi	coração	cordial
corn(i)	chifre, antena	cornear, cornudo
crimino	crime	criminoso, criminologia
cruci	cruz	crucificado
cultura	ato de cultivar	suinocultura, piscicultura
cupr(i)	cobre	cúprico, cuprífero
curvi (=);	curvo	curvilíneo
deci (=);	décimo	decímetro, decigrama

digit(i)	dedo	digitador, digitação
dui	dois	duidade, duelo
ego	eu	egocentrismo, egoísmo
equi	igual	equivalência, equidistante
estil(i)	estilo	estilista, estilismo
evo	idade	longevidade, longevo, medievo
fero	que contém	mamífero, carbonífero
ferr(i), ferro	ferro	ferrovia, ferragem
fico	que faz, que produz	benéfico, maléfico
Fide	fé	fidelidade, fidedigno
fili	filho	filiação, filial
forme	forma	uniforme, disforme
frater	irmão	fraterno, fratricida
frig(i)	frio	frigidez, frigorífico
fugo	que foge	centrífugo, vermífugo
genito	relativo à geração	genitor
gradu	grau, passo	centígrado, graduação
herbi	erva	herbívoro, herbicida
homin(i)	homem	hominal, homicídio
igni	fogo	ignição, ígneo
lati	largo, amplo	latifúndio, latofólio
loquo (=);	que fala	ventríloquo, altíloquo
luc(i)	luz	lucidez, lúcido
mini	muito pequeno	minissaia, mínimo
multi	numeroso	multissecular, multiangular
ocul(i)	olho	oculista, óculos
Odori	odor, cheiro	odorífero, desodorante
oni	tudo, todo	onipotente, onipresente

pisci	peixe	piscicultura, pisciano
Pani	pão	panificadora
pari	igual	paridade, paritário
ped(i), pede	pé	pedestre, pedicuro, bípede
personal(i)	pessoal	personalidade, personificar
petr(i)	pedra	petrificar, petróleo
Plani	plano	planisfério, planície
Pluri	muitos	pluralizar, pluricelular
pluvio	chuva	pluviômetro, pluviosidade
popul(o)	povo	populoso, populismo
primi	primeiro	primogênito, primícias
quadr(i), quadru	quatro	quadrado, quadrangular
radic(i)	raiz	radicar, radiciação
reti	reto, direito	retificar, retilíneo
reti	rede	reticulado, retiforme
retro	movimento para trás	retroceder, retrovisor
sabat(i)	sábado	sabatina, sabatismo
sacar(i)	açúcar	sacarífero, sacarose, sacarina
sesqui	um e meio	sesquicentenário, sesquipedal
sexi, sexo	sexo	sexologia, assexuado
sideri	astro	sideral, sidério
silvi	selva	silvícola, silvicultura
sino	da China	sinologia, sino-brasileiro
sócio	sociedade	sociologia, sociolinguística
sono	som, ruído	sônico, sonoplastia
sudor(i)	suor	sudoríparo, sudoral
telur(i)	terra, solo	telúrico, telurismo
toni	tom, vigor	tônico, tonificar

toxico	veneno	toxicomania, toxina
Triti	trigo	triticultura, triticultor
veloci	veloz	velocidade, velocímetro
vermi	verme	vermífugo, vermicida
vin(i)	vinho	vinicultura, vinícola
Vitri	vidro	vitrina, vitrificar, vitral
Voto	que quer, que deseja	malévolo, benévolo
Voro	que devora	carnívoro, herbívoro

14.5. LATINISMOS

A fortiori	com tanto mais razão
Ab absurdo	por absurdo
Ab initio	desde o princípio
Ad hoc	para isso
Ad instar	à semelhança, à maneira de
Ad honores	pela honra
Ad libitum	à vontade, a seu bel prazer
Ad referendum	sujeito à aprovação
Ad usum	segundo o costume
Álibi	meio de defesa que o réu apresenta provando estar em outro local no momento do crime
A priori	antes de qualquer momento
A posteriori	após argumentação
Apud	junto de
Alter ego	outro eu
Curriculum vitae	correr da vida, conjunto de informações pessoais
Data vênia	com a devida permissão

De facto	de fato
Errata	especificação dos erros expressos
Et alii	e outros
Ex aequo	com igualdade
Ex autoritate legis	por força da lei
Ex abrupto	de súbito
Ex cathedra	em virtude de autoridade decorrente do título
Ex consensu	com o consentimento
Ex jure	segundo o direito
Ex more	conforme o costume
Ex officio	por obrigação da lei, por dever do cargo
Exempli gratia	por exemplo
Ex lege	de acordo com a lei
Ex nunc	de agora em diante
Ex tunc	desde então, com efeito retroativo
Ex-vi	por força, por efeito
Fac símile	cópia
Habeas corpus	liberdade de locomoção
Hic et nunc	aqui e agora
Honoris causa	por motivo de honra
Ibidem	no mesmo lugar
Idem	igualmente, também
In fine	no fim
In limine	preliminarmente
In albis	sem noção daquilo que deveria saber
In extenso	na íntegra
In limine	desde logo, no início

In loco	no lugar
In sito	no lugar
In totum	totalmente
Ipsis literis	pelas mesmas letras
Ipsis verbis	pelas mesmas palavras – textualmente
Ipso facto	por isso mesmo, pelo próprio fato
Ipso jure	de acordo com o direito
Lato sensu	em sentido amplo
Mutatis mutandis	mudando o que deve ser mudado
Opus	obra musical classificada e numerada
Pari passu	simultaneamente
Passim	aqui e ali, em toda parte
Prima facie	à primeira vista
Pro labore	o pagamento por serviço prestado
Quorum	número mínimo de pessoas presentes exigido por lei ou estatuto para que um órgão funcione
Res non verba	fatos, não palavras
Sic	assim mesmo, escrito desta maneira
Sine die	sem data fixa
Sine jure	sem direito
Sine qua non	indispensável
Sub judice	sob a apreciação judicial
Sui generis	peculiar, sem igual
Status quo	estado em que se encontrava certa questão
Strictu sensu	em sentido restrito
Ur et orbi	em toda parte
Ut infra	conforme abaixo

Ut retro	conforme atrás
Ut supra	conforme acima
Verbi gratia	por exemplo
Verbo ad verbum	palavra por palavra

14.6. EXERCÍCIOS

01. **(NCE / Polícia Civil / Inspetor de Polícia)**

"Inúmeros esforços publicitários não resultam em nada."; "Continuemos no campo das substâncias ilícitas"; "acho que o professor cometeu duas impropriedades.". Inúmeros, ilícita, impropriedade têm em comum:

a) o prefixo negativo;
b) a classe gramatical;
c) o gênero;
d) o número;
e) a forma gráfica.

Gabarito: A

A alternativa B deve ser excluída, visto que INÚMEROS e ILÍCITA são adjetivos e apenas IMPROPRIEDADE é substantivo. Portanto, não se pode afirmar que os três termos possuem a mesma classe gramatical.

A alternativa C também deve ser excluída, porquanto INÚMEROS é masculino, contudo ILÍCITA e IMPROPRIEDADE são femininos.

A alternativa D também deve ser eliminada, dado que INÚMEROS está no plural e ILÍCITA e IMPROPRIEDADE estão no singular.

A alternativa E apresenta um comentário absurdo, uma vez que todos os vocábulos possuem ortografia diferente.

O candidato percebe o valor de negação nos prefixos presentes em ILÍCITA e IMPROPRIEDADE, mas tem dificuldade de compreender que também há este prefixo em INÚMEROS. Normalmente, o candidato visualiza o sentido do adjetivo, que é MUITOS, GRANDE QUANTIDADE. No entanto, o adjetivo INÚMEROS só possui este valor justamente em virtude do prefixo negativo, pois o que se nega aqui é

haver números (daí INÚMEROS – SÃO TANTOS QUE NÃO É POSSÍVEL ESTIPULAR NÚMEROS) para mensurar algo.

02. **(UFF)**

A alternativa em que todos os sufixos têm, fundamentalmente, o mesmo valor que o sufixo presente no substantivo PERCUSSIONISTA é:

a) barbeiro, bancário, cantor;
b) estudante, formigueiro, vestiário;
c) jogador, noticiário, pedinte;
d) cinzeiro, poetastro, colaborador;
e) operário, fazendeiro, budismo.

Gabarito: A

Observe que a palavra PERCUSSIONISTA possui um sufixo com valor AGENTE, ou seja, de alguém que pratica algo. PERCUSSIONISTA é o indivíduo que toca percussão. A única alternativa em que o valor agente é conservado é a alternativa A. Vejamos: BARBEIRO é o profissional que faz a barba, BANCÁRIO é o profissional que trabalha em banco, e CANTOR é o cidadão que canta.

03. **(UNI-RIO)**

Numere a coluna da direita, relacionando com a da esquerda, pelo significado do prefixo, assinale a resposta correta:

1 – desesperança	**() repetição**
2 – contramarcha	**() oposição**
3 – redobra	**() privação, negação**
4 – influir	**() passar além de**
5 – translúcido	**() movimento para dentro**

a) 3-5-2-1-4;
b) 2-3-4-5-1;
c) 3-2-1-5-4;
d) 4-3-2-1-5;
e) 5-4-3-1-2.

Gabarito: C.

O prefixo RE de REDOBRA indica ideia de repetição, de reprodução; o prefixo

CONTRA de CONTRAMARCHA sugere sentido de oposição, de contrariedade; o prefixo DES de DESESPERANÇA tem valor semântico de negação; o prefixo IN de INFLUIR encerra o valor de movimento para dentro, movimento em direção a ambiente interno; por fim, o prefixo TRANS de TRANSLÚCIDO significa através de, passar além de.

04. **(UNI-RIO)**

Assinale a opção em que os prefixos têm o mesmo significado.

a) contradizer – antídoto;
b) desfolhar – epiderme;
c) decapitar – homicídio;
d) supercílio – acéfalo;
e) semimorto – perianto.

Gabarito: A

Os prefixos CONTRA e ANTI, ocorrentes na alternativa A, possuem valor de oposição, de contrariedade. Na alternativa B, o prefixo DES de DESFOLHAR tem valor de movimento para fora; já o prefixo EPI de EPIDERME, de sobre, acima. Na alternativa C, o prefixo DE de DECAPITAR significa movimento para fora; já o radical HOMI de HOMICÍDIO é o próprio homem. Na alternativa D, SUPER de SUPERCÍLIO encerra valor de posição superior, acima, sobre; já o prefixo A de ACÉFALO encerra valor de negação. Por fim, na alternativa E, o prefixo SEMI passa a ideia de meio, metade, mais ou menos; já o PERI de PERIANTO passa de em volta de, em torno de.

05. **(NCE / INPI)**

Agrário se refere a campo; o vocábulo abaixo em que esse radical tem significado diferente é:

a) agricultor;
b) agridoce;
c) agrimensor;
d) agreste;
e) agrícola.

Gabarito: B

Todas as alternativas relacionam o vocábulo à ideia de campo, lavoura – em virtude da ocorrência do radical grego AGRO –, exceto a alternativa B, que

apresenta AGRI, oriundo do radical latino vulgar ACRUM, que significa azedo, ácido.

06. **(NCE / TJ / Técnico Judiciário Juramentado)**

O vocábulo abaixo cujo prefixo apresenta o mesmo valor semântico do prefixo presente no vocábulo erradicar é:

a) discriminação;
b) admissão;
c) incapacidade;
d) redistribuição;
e) exportar.

Gabarito: E

O prefixo E de ERRADICAR possui valor de movimento para fora, movimento em direção a ambiente externo. O prefixo DIS de DISCRIMINAÇÃO significa movimento para vários sentidos; o prefixo AD de admissão tem valor de aproximação; o prefixo IN de INCAPACIDADE encerra valor de negação; o prefixo RE de REDISTRIBUIÇÃO significa repetição; o prefixo EX de EXPORTAR passa o sentido de movimento para fora, movimento em direção a ambiente externo.

07. **(NCE / Auxilar de Cartório)**

O radical grego fobia significa "medo, aversão"; o vocábulo abaixo que tem sua significação corretamente indicada é:

a) agorafobia – medo dos tempos atuais;
b) acrofobia – medo de lugares altos;
c) claustrofobia – medo de lugares religiosos;
d) hidrofobia – medo de chuva;
e) fotofobia – medo de aparecer em público.

Gabarito: B

Agorafobia significa medo de lugares públicos e grandes espaços descobertos.

Claustrofobia, medo de lugares fechados. Hidrofobia, medo de água. Fotofobia, aversão à claridade excessiva.

08. **(NCE / RJ / Ministério Público)**

Corporativismo, populismo, capitalismo mostram que o sufixo -ismo tem valor de:

a) coletivo ou grupo;
b) qualidade ou característica;

c) doutrina ou sistema;

d) quantidade ou intensidade;

e) aspecto pejorativo ou negativo.

Gabarito: C

O sufixo ISMO significa ciência, de sistema político.

09. **(NCE / RJ / Ministério Público)**

Subtributação só pode significar:

a) sonegação de impostos;

b) ausência de fiscalização no pagamento dos impostos;

c) taxação injusta, por exagerada;

d) impostos reduzidos;

e) dispensa de pagamento de impostos.

Gabarito: D

O prefixo SUB de SUBTRAÇÃO tem sentido de abaixo de, de inferior. Ou seja, o significado do vocábulo é tributação inferior, menor. Sendo assim, torna-se evidente a ideia de que a tributação é reduzida.

10. **(NCE / CPBS)**

Nos vocábulos IMPERCEPTÍVEL e SUBTERRÂNEO, os prefixos IM e SUB indicam, respectivamente:

a) dentro de – sobre;

b) negação – abaixo de;

c) proximidade – sob;

d) movimento para dentro – acima de;

e) oposição – dentro de.

Gabarito: B

O prefixo IM de IMPERCEPTÍVEL passa a ideia de negação, ou seja, algo que não pode ser percebido. Já o prefixo SUB de SUBTERRÂNEO encerra sentido de abaixo de (abaixo da terra).

11. **(NCE)**

Assinale o item que o sufixo <u>– mente</u> não apresenta o mesmo valor semântico presente na palavra lentamente.

a) rapidamente;

b) finalmente;
c) sutilmente;
d) infelizmente;
e) corajosamente.

Gabarito: B

Nas alternativas A, C, D e E, o sufixo MENTE sugere ideia de modo. Já em FINALMENTE, o sufixo possui valor de fato independente em relação a outro. Por exemplo: Todos o esperavam e finalmente ele chegou.

12. **(NCE)**

Silicose é um vocábulo que apresenta o sufixo ose indicativo de doença. Em que palavra abaixo esse mesmo sufixo tem valor diferente?

a) trombose;
b) tuberculose;
c) dermatose;
d) diagnose;
e) psicose.

Gabarito: D

O sufixo OSE em DIAGNOSE significa processo de funcionamento. Ou seja, DIAGNOSE é processo pelo qual é feito um diagnóstico.

13. **(PUC)**

Na palavra ESPANTOSA, o sufixo OSO acrescenta ao radical o valor semântico de aquilo que provoca ou produz. Assinale a palavra cujo sufixo tem este mesmo significado.

a) apetitoso;
b) medroso;
c) venenoso;
d) vaidoso;
e) gostoso.

Gabarito: A

O sufixo OSO normalmente possui valor de abundância, cheio de. No entanto, o sufixo OSO em ESPANTOSA significa aquilo que provoca ou produz em outrem. Uma coisa espantosa provoca espanto em outrem. A mesma relação semântica ocorre

em APETITOSO, pois uma comida apetitosa provoca ou produz o apetite em alguém.

14. **(NCE)**

Há evidente equívoco na indicação do valor semântico do sufixo formador das palavras em:

a) dimensionamento, questionamento (ato ou efeito de);
b) estritamente, explicitamente (modo);
c) autoritarismo; corporativismo (instrumento de ação);
d) responsabilidade, hostilidade (qualidade ou estado);
e) pesquisador, professor (agente).

Gabarito: C

O sufixo ISMO possui significa ciência ou sistema político.

15. **(COPPE)**

A opção em que os prefixos guardam entre si o mesmo tipo de relação semântica que o observado entre os prefixos de ‘’imobilismo” e “desagregador” é:

a) hemisfério / semimorto;
b) antítese / antebraço;
c) emergente / importação;
d) afonia / eufonia;
e) cisandino / translado.

Gabarito: A

Em IMOBILISMO e DESAGREGADOR, os prefixos I e DES possuem valor semântico de negação, ou seja, eles são sinônimos. Portanto, a relação ocorrente entre os prefixos é de sinonímia. A única alternativa que apresenta prefixos com o mesmo significado é a A. Os prefixos HEMI e SEMI encerram sentido de metade, também sendo sinônimos. É bom esclarecer que não são as palavras que são sinônimas, mas sim os prefixos. Na alternativa B, ANTI de ANTÍTESE passa ideia de oposição; ANTE de ANTEBRAÇO, de anterioridade. Na alternativa C, o prefixo E de EMERGENTE e IM de IMPORTAÇÃO guardam uma relação de antonímia, visto que E indica movimento para fora e IM de IMPORTAÇÃO, movimento para dentro. Na alternativa D, A de AFONIA tem valor de negação; já EU de EUFONIA, de bom, agradável. Na alternativa E, o prefixo CIS de CISANDINO encerra valor de posição

aquém; já TRANS de TRANSLADO, de através de.

16. **(FGV / Senado Federal / Analista Legislativo)**

"O relator trouxe à luz o direito inalienável e imprescritível dos índios de viver nas terras que tradicionalmente ocupam e de acordo com suas próprias culturas."

Na frase acima, o vocábulo inalienável significa "que não se pode alienar", e o vocábulo imprescritível significa "que não prescreve".

Com base em processo semelhante de formação de adjetivos, assinale a alternativa em que se tenha cometido equívoco entre o adjetivo formado e o sentido a ele atribuído.

a) imensurável – que não se pode medir;
b) imiscível – que não se pode misturar;
c) imponível – que não se pode pôr;
d) impartível – que não se pode dividir;
e) impassível – que não sofre.

Gabarito: C

Imponível significa tributável, ou seja, produto ou serviço passível de tributação.

17. **(CEPUERJ / Técnico de Enfermagem)**

"... analgésico e antipirético..."

As palavras cujos prefixos possuem significados que correspondem à queles presentes nos termos acima destacados são, respectivamente:

a) Infeliz / anfíbio;
b) Anemia / inimigo;
c) Desleal / contrapor;
d) Expulsar / ambíguo.

Gabarito: C

Analgésico – negação; antipirético – oposição

a) Infeliz – negação; anfíbio – duplicidade;
b) Anemia – negação; inimigo – negação;
c) Desleal – negação; contrapor – oposição;
d) Expulsar – movimento para fora; ambíguo – duplicidade.

18. **(CEPUERJ / Técnico de Enfermagem)**

A alternativa cujo elemento sublinhado é um prefixo grego que

significa "oposição a, contra" é:

a) Analgésico;

b) Antipirético;

c) Hemofílicos;

d) Hipersensíveis.

Gabarito: B

Analgésico – negação;

Hemofílicos – afinidade;

Hipersensíveis – excesso.

19. **(NCE)**

Curriculo é a forma portuguesa correspondente ao latinismo curriculum; o item abaixo que apresenta um latinismo de significação incorreta é:

a) a priori – antecipadamente;

b) alibi – declaração;

c) sine die – sem data certa;

d) quantum – quantidade;

e) et alii – e outros.

Gabarito: B

O significado de álibi é: meio de defesa que o réu apresenta provando estar em outro local no momento do crime.

20. **(NCE / TJ / Técnico Judiciário Juramentado)**

"...que substituem o Estado em certas regiões (vide o PCC) e com a parte corrupta da polícia,..."; vide é forma latina correspondente ao verbo "ver". O latinismo a seguir que tem seu significado corretamente indicado é:

a) sic – nunca;

b) et allii – e assim;

c) ad hoc – isto é;

d) latu sensu – em sentido restrito;

e) verbi gratia – por exemplo.

Gabarito: E

SIC – assim mesmo, escrito desta maneira; ET ALLII – e outros; AD HOC – para isso; VERBI GRATIA – por exemplo.

21. **(NCE / TJ)**

Etc. É uma expressão latina. O livro "Não perca o seu latim", de Paulo Rónai, indica vocábulos e expressões latinas bastante comuns em textos jurídicos; o item cujo latinismo tem seu significado INCORRETAMENTE indicado é:

a) alibi – ausência do acusado no lugar do crime, provada pela sua presença noutro lugar;
b) habeas corpus – garantia constitucional outorgada em favor de quem sofre ou está na iminência de sofrer coação ou violência;
c) quorum – número máximo de pessoas presentes para que um órgão funcione;
d) ad hoc – designado para executar determinada tarefa;
e) a priori – anteriormente à experiência.

Gabarito: C

QUORUM é o número "mínimo" de pessoas presentes para que um órgão funcione.

Capítulo 15

Questões Comentadas

01. **(AFC)**

Assinale a proposição correta a respeito da estrutura morfossintática do texto abaixo.

"A 'Guerra Fiscal' pertence a uma classe geral de fenômenos que emergem quando iniciativas políticas dos Governos subnacionais adquirem conotações negativas e geram efeitos econômicos perversos em decorrência do caráter insuficiente ou conjunturalmente inoperante do quadro político-institucional que regula os conflitos federativos, o qual se revela incapaz de garantir um equilíbrio mínimo entre interesses locais de forma a evitar efeitos macroeconômicos e sociais perversos."

(C. Cavalcanti & G. Prado, com adaptações)

a) A forma verbal "emergem"(l.1), flexionada no plural, constitui incorreção, pois sua concordância deve se dar com o substantivo "classe"(l.1), núcleo do grupo nominal "classe geral de fenômenos".

b) **Emergir** é verbo defectivo, ao qual faltam as formas em que ao radical se seguiria **o** ou **a**.

c) Em "subnacionais"(l.2) e "macroeconômicos"(l.6), o sentido dos prefixos está em relação antonímica.

d) O prefixo indicador de negação está presente nas formas: "insuficiente(l.3), inoperante(l.4), incapaz(l.5), interesses"(l.6).

e) O plural do adjetivo composto "político-institucional"(l.4) se faz adicionando a desinência de plural aos dois elementos.

Gabarito: B

Questão polêmica. A alternativa A apresenta comentário inadequado, porquanto não há incorreção, consoante aduzido. O antecedente do pronome relativo tanto pode ser "classe", o que levaria o verbo para o singular, como pode ser "fenômenos", levando o verbo para o plural, conforme vem redigido, diga-se de passagem, corretamente no texto original. A alternativa C apresenta incorreção,

uma vez que os prefixos SUB e MACRO, nesse contexto, não são antônimos. SUB significa abaixo; macro significa grande. Obviamente, abaixo não é antônimo de grande. A alternativa D apresenta falha, pois, embora os vocábulos INSUFICIENTE, INOPERANTE e INCAPAZ tenham prefixo indicador de negação, o mesmo não ocorre com INTERESSES. A alternativa E também não está correta, dado que o plural dos adjetivos compostos se realiza com a flexão apenas do último termo: político-institucionais. A resposta somente pode ser a alternativa B. Porém, não há como se negar que há aí uma polêmica. Segundo Evanildo Bechara, os verbos EMERGIR e IMERGIR não são defectivos, podendo ser flexionados em todos os tempos e pessoas. Celso Cunha, todavia, assevera que tais verbos são defectivos, não podendo ser conjugados na primeira pessoa do singular do presente do indicativo (EMERJO-IMERJO) e em todo o presente do subjuntivo (EMERJA-EMERJAS-EMERJA-EMERJAMOS-EMERJAIS-EMERJAM; IMERJA, IMERJAS, IMERJA, IMERJAMOS, IMERJAIS, IMERJAM). Vê-se que, na situação em voga, a Esaf seguiu o entendimento do Celso Cunha.

02. **(Cespe / UnB / PRF)**

NO TOCANTE À EMBRIGUEZ, O CTB ESTABELECE O SEGUINTE:

Capítulo XV

DAS INFRAÇÕES

Art. 161. Constitui infração de trânsito a inobservância de qualquer preceito deste Código, da legislação complementar ou das resoluções do CONTRAN, sendo o infrator sujeito às penalidades e medidas administrativas indicadas em cada artigo, além das punições previstas no Capítulo XIX.

(...)

Art. 165. Dirigir sob a influência de álcool, em nível superior a seis decigramas por litro de sangue, ou de qualquer substância entorpecente ou que determine dependência física ou psíquica:

Infração – gravíssima;

Penalidade – multa (cinco vezes) a suspensão do direito de dirigir;

Medida administrativa – retenção do veículo até a apresentação de condutor habilitado e recolhimento do documento de habilitação.

A partir do texto e considerando o CTB, julgue os itens que se seguem.

1 – As palavras "inobservância" (l.1), "indicadas" (l.4) e "influência" (l.7) apresentam o mesmo prefixo, apesar de pertencerem a classes gramaticais diferentes.

2 – A coerência do texto e as regras gramaticais seriam respeitadas, caso se inserisse às imediatamente antes de "medidas" (l.3)

3 – Para efeito de aplicação das penalidades previstas, a conjunção "ou" (l.8) deve ser entendida como também inclusiva.

Gabarito:

1 – Errado. Somente o primeiro vocábulo apresenta prefixo indicador de negação. Além disso, os vocábulos INOBSERVÂNCIA e INFLUÊNCIA possuem a mesma classe gramatical – substantivo.

2 – Certo. Observe que os termos "à s penalidades" e "medidas administrativas" estão em paralelismo sintático, complementando a ideia de "sujeito". O autor fez a opção por não repetir a contração do artigo com a preposição, e a banca propõe justamente a inserção, obtendo o seguinte resultado "… sujeito às penalidades e às medidas administrativas…".

3 – Certo. Item muito interessante. Quando o Cespe sugere que a conjunção "ou" deve ser entendida como também inclusiva, significa que o conector tanto pode incluir – tendo caráter aditivo e) –, como pode excluir – tendo caráter alternativo (ou). Ou seja, OU, neste contexto, significa E/OU. E é importante que se faça tal leitura, visto que, se houver apenas a interpretação de alternância (ou), o cidadão somente se inseriria no artigo se estivesse sob efeito de álcool OU de entorpecentes. Um ou outro. E se a pessoa estivesse sob efeito dos dois, não constituiria infração gravíssima? Óbvio que não é isso. Por isso, OU tem valor aditivo e alternativo (inclui e exclui). OU indica que bastaria uma das situações, mas evidentemente se a pessoa se inserisse em todos os casos, também constituiria infração gravíssima.

03. **(Cespe / UnB / IRBr / Diplomata)**

1 – Os vocábulos "instabilidade", "imperfeita", "inçados" e "impõe" são formados por prefixo cujo valor semântico denota privação ou negação.

2 – O vocábulo "inaturável" é formado por derivação e tem o mesmo radical do vocábulo **desnaturado**.

3 – Denomina-se prefixação o processo de formação dos seguintes vocábulos: "anomalia", "alacridade" e "arrebataram".

4 – O vocábulo "agravada" tem o mesmo radical que os vocábulos **gravidez** e **gravidade**.

Gabarito:

1 – Errado – Somente os dois primeiros vocábulos apresentam prefixo indicador de negação.

2 – Errado – Os radicais são distintos. O primeiro vocábulo deriva-se de ATURAR, sendo o radical ATUR. O segundo deriva-se de natural, natal, natureza, sendo o radical NATURA.

3 – Errado – Os dois primeiros vocábulos sofreram a derivação sufixal e o último, parassintética.

4 – Certo – Todos os vocábulos derivam-se de grave, sendo o radical GRAV. Chamamos a atenção, sobretudo, para o vocábulo gravidez, que também é cognata. Este vocábulo origina-se da própria situação feminina que, ao engravidar, aumenta o seu peso, tornando-se mais grave (pesada). Repare a ligação de gravidade (Lei da Gravidade) com o sentido em voga.

04. **Classe média em alta (Editorial – Folha de São Paulo – 4/4/2011)**

Na última década, o perfil socioeconômico do país mudou -e muito. A principal novidade foi o fortalecimento da classe C, composta por famílias que têm uma renda mensal domiciliar total (somando todas as fontes) entre R$ 1.126,00 e R$ 4.854,00.

Os números indicam que ocorreu uma considerável mobilidade social nos últimos anos: entre 2004 e 2010, 32 milhões de pessoas ascenderam à categoria de classes médias (A, B e C) e 19,3 milhões saíram da pobreza. A classe C é hoje detentora de 46,5% da renda nacional.

Não se pode dizer que o país tenha mudado da noite para o dia. A modificação resulta de múltiplos fatores, da estabilização de preços às mudanças demográficas, da educação ao mercado de trabalho.

Embora essa tendência tenha se aprofundado com a política de distribuição de renda do governo do PT, seria incorreto dizer que surgiu com ele. No início da década passada, a classe C representava 40% da população. Em 2010, essa parcela era de 52%.

Nem a elite nem a base da pirâmide social (classes D e E) decidirão eleições. A nova classe média será o fiel da balança eleitoral.

Pesquisas recentes sugerem que o novo eleitor é conservador: está mais preocupado com o bolso do que com participação política, deseja consumir, ter emprego formal e renda e conquistar espaço para provar-se empreendedor.

Considerando que as famílias da classe C não possuem renda elevada, é provável que venham a privilegiar, na agenda política, os temas da qualidade em educação, saúde e transporte. Sentirão o peso da desproporcional carga tributária e exigirão reformas voltadas a reduzi-la -não por ideologia ou convicção, mas por pragmatismo.

Não apenas as empresas precisarão redefinir suas estratégias de mercado, adaptando produtos aos gostos e demandas desse novo contingente, mas também os partidos políticos e seus estrategistas.

O PT, durante o governo Lula, arregimentou sua maior base eleitoral nas camadas pobres, entre os beneficiários da Bolsa Família. Talvez seja, hoje, a agremiação que mais tenha com que se preocupar diante da ascensão da classe média, se não conseguir dar respostas a seus anseios.

Em relação ao texto anterior, julgue os seguintes itens.

1 – Conclui-se do texto que a mudança do perfil socioeconômico gerou estabilização de preços, mudanças demográficas, mais acesso à educação e ao mercado de trabalho.

2 – Compreende-se do quarto parágrafo que a política de distribuição de renda efetuada pelo PT contribuiu para a mudança do perfil socioeconômico atual no Brasil.

3 – Em consonância com o que se expõe no antepenúltimo parágrafo, temas como educação, saúde e transporte decidirão as próximas eleições.

4 – O emprego de "mas também" (l. 26) é resultado da construção iniciada por "Não apenas" (l. 25).

Gabarito:

1 – Errado – Inverte-se a relação causa-efeito. Observe que, no terceiro parágrafo, há a informação de que a mudança do país, que não ocorreu de uma hora para a outra, resulta de múltiplos fatores, da estabilização de preços às mudanças demográficas, da educação ao mercado de trabalho. Portanto, a mudança do país representa a causa, e a estabilização de preços às mudanças demográficas, da educação ao mercado de trabalho representa a

consequência.

2 – Certo – Observe que o item não diz que a mudança do perfil socioeconômico atual no Brasil tenha se iniciado com a política de distribuição de renda efetuada pelo PT. E não começou mesmo, segundo o texto. Mas essa tendência – que já existia antes do governo PT – se aprofundou com a política implementada pelo PT. Portanto, está correta a interpretação de que a política de distribuição de renda efetuada pelo PT contribuiu para a mudança do perfil socioeconômico atual no Brasil, mesmo não dando início a ela.

3 – Errado. No texto, o autor emprega a expressão "é provável", ou seja, há o campo da possibilidade e não da certeza. É provável, e não certo, que tais temas decidam as eleições.

4 – Certo – A função do NÃO é negar o termo APENAS, ou seja, o NÃO nega a restrição. Tanto é verdade que se não houve o NÃO, o sentido da frase seria: apenas as empresas precisarão redefinir suas estratégias de mercado. Mais ninguém precisaria redefinir suas estratégias de mercado. Como o NÃO nega o apenas, a leitura passa a ser NÃO APENAS AS EMPRESAS… Sendo assim, além das empresas, outros setores também precisarão redefinir suas estratégias de mercado.

05. **(NCE / TJ – RJ / TÉCNICO JUDICIÁRIO JURAMENTADO)**

Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos. Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitada de dar e receber afeto. E muito provavelmente ficaria louca se continuasse sozinha por muito tempo.

"Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia,…"; o uso do futuro do pretérito, nesse segmento, tem valor de:

a) probabilidade;

b) certeza;

c) dúvida;

d) conclusão;
e) condição.

Gabarito: A

É fundamental perceber que o enunciado da questão já demonstra que o futuro do pretérito pode passar várias ideias. A expressão "O uso do futuro do pretérito, nesse segmento, tem valor de" indica que este mesmo tempo, em outros fragmentos, pode ter valores diferentes. O futuro do pretérito designa uma consequência futura (que pode ser certa, provável ou duvidosa) de um fato passado. Portanto, o contexto tem que oferecer algum elemento que denuncie de forma precisa esta ideia. O segmento apontado é extraído com reticências já convocando o candidato a retornar ao texto e observar onde a ideia é finalizada. No fim do mesmo parágrafo, ocorre outro verbo no futuro do pretérito (ficaria) antecedido do adjunto adverbial "provavelmente". A palavra-chave "provavelmente" esclarece que a visão do autor do texto é que muito provavelmente a pessoa ficaria louca se continuasse sozinha. Se não é uma certeza que a pessoa ficaria louca, também não é uma certeza o fato de ela estar em pouco tempo sentido falta de companhia, mas sim uma situação extremamente provável.

06. **(Cesgranrio / Petrobras / Transpetro)**

E, por falar em cortar, todo mundo já deve ter ouvido a célebre história do não menos célebre rei Salomão, mas permitam-me recontá-la, transportando os acontecimentos para uma empresa moderna. Então, está um dia o rei Salomão em seu palácio, quando duas mulheres são introduzidas na sala do trono. Aos berros e puxões de cabelo, as duas disputam a maternidade de uma criança recém-nascida. Ambas possuem argumentos sólidos: testemunhos da gravidez recente, depoimentos das parteiras, certidões de nascimento.

Mas, obviamente, uma das duas está mentindo: havia perdido o seu bebê e, para compensar a dor, surrupiara o filho da outra. Como os testes de DNA só seriam inventados dali a milênios, nenhuma das autoridades imperiais consultadas pelas litigantes havia conseguido dar uma solução satisfatória ao impasse.

Com base no período "Como os testes de DNA só seriam inventados dali

a milênios, nenhuma das autoridades imperiais consultadas pelas litigantes havia conseguido dar uma solução satisfatória ao impasse." pode-se inferir que:

a) os testes de DNA poderiam contribuir para a solução do problema;
b) as soluções encontradas pelas autoridades não satisfizeram às litigantes;
c) as supostas mães das crianças consultaram as autoridades para resolver o impasse;
d) só dali a muitos anos os cientistas inventariam os testes de DNA;
e) não havia autoridade imperial capaz de resolver o impasse.

Gabarito: A

Esta questão foi muito bem imaginada, possuindo quatro alternativas coerentes com o texto. A solução é observar o enunciado: lá a banca solicita ao candidato uma inferência textual (pode-se inferir que), não servindo como resposta algo explícito no texto. A alternativa B está explícita, visto que está presente no texto que as autoridades imperiais consultadas não deram uma solução satisfatória. A opção C também está explícita, dado que o texto fornece a informação de que houve autoridades imperiais consultadas pelas mães-litigantes. A alternativa D também é recorrente ao texto, porquanto está exposto que os testes de DNA somente seriam inventados dali a milênios. A alternativa E é a única incoerente, dado que no texto fica evidente que nenhuma das autoridades imperiais "consultadas" conseguiu dar uma solução para o impasse, o que não quer dizer que obrigatoriamente nenhuma autoridade imperial conseguiria dá-la, havendo a possibilidade de autoridades não consultadas fazerem-no. A alternativa A é a resposta, em conformidade com a exigência feita no enunciado, ou seja, uma inferência (dedução) a partir dos elementos do texto. Pode-se deduzir que o impasse, nos dias atuais, poderia ser solucionado através dos testes de DNA. É fundamental frisar que o texto não informa que os testes de DNA poderiam contribuir para a solução do problema, no entanto é uma conclusão que o leitor poderia extrair do fragmento.

07. **(NCE / TALCRIM)**

TEXTO 1: A FOME

Cerca de vinte milhões de crianças e mais de vinte milhões de adultos morrem anualmente de fome e subnutrição. A informação é do diretor-geral da Organização

das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO), Edouard Sadema, segundo o qual, se observássemos um minuto de silêncio por cada pessoa que morreu no ano passado por causas relacionadas com a fome, estaríamos em pé, calados, ainda depois de acabado o século… Ele citou, entre a lista de paradoxos que o panorama econômico mundial oferece, o ato de que os gastos militares de todo o mundo aumentaram em proporções colossais, e sua quantia foi superior vinte vezes ao total de assistência oficial ao desenvolvimento. O custo de um só porta-aviões nuclear, disse ele, é superior ao Produto Nacional Bruto (PNB) de 53 países. Os países em desenvolvimento gastam anualmente com importação de armas o equivalente a suas importações totais de alimentos. (Caderno econômico do Jornal A Tarde, Salvador)

TEXTO 2: A BOMBA SUJA

Introduzo na poesia
a palavra diarreia.
Não pela palavra fria
mas pelo que ela semeia.
Quem fala em flor não diz tudo.
Quem me fala em dor diz demais.
O poeta se torna mudo
sem as palavras reais.
No dicionário a palavra
é uma mera ideia abstrata.
Mais que palavra, diarreia
é arma que fere e mata.
Que mata mais do que faca,
mais que bala de fuzil,
homem, mulher e criança
no interior do Brasil.
Por exemplo, a diarreia,
no Rio Grande do Norte,
de cem crianças que nascem,
setenta e dois leva à morte.

(Ferreira Gullar)

Qual a oposição incorreta entre, respectivamente, o texto 2?

a) Informativo X literário.

b) Univocidade X plurivocidade.

c) Denotativo X conotativo.

d) Verdade X beleza.

e) Descritivo X narrativo.

Gabarito: E

O primeiro texto é narrativo. Não podemos considerá-lo dissertativo, visto que o autor em momento algum expõe sua opinião. Repare que, desde o primeiro até o último período, somente há informações do diretor-geral da ONU. Sendo assim, o primeiro texto é narrativo-argumentativo. A argumentação pode ocorrer mesmo sem a presença explícita da tese. Já o segundo texto é dissertativo, havendo o poeta inserido explicitamente sua tese sobre o tema.

08. **Cerca de vinte milhões de crianças e mais de vinte milhões de adultos morrem anualmente de fome e subnutrição." Assinale o comentário incorreto sobre esse período do texto 1.**

a) a expressão **cerca de** indica quantidade aproximada;

b) **fome** e **subnutrição** indicam o modo de morrer de crianças e adultos;

c) **anualmente** corresponde **a todo ano**;

d) a conjunção **e** tem, nas duas ocorrências, o mesmo valor semântico.

e) a primeira informação do texto procura surpreender o leitor.

Gabarito: B

Os termos "de fome" e "de subnutrição" são adjuntos adverbiais de causa, sendo que as preposições que antecedem os substantivos constantes na alternativa contêm valor de causa. Vale a pena chamar atenção para o fato de que, em "Morrer de fome", a preposição DE introduz uma causa, ou seja, a fome é a causa da morte. Por outro lado, em "Morrer de pé", a preposição DE introduziria valor de modo. Seria o modo como a pessoa morreu – de pé, lutando.

09. **Por que o jornalista dá, no primeiro texto, a fonte de sua informação?**

a) Porque quer demonstrar a importância do tema tratado.

b) Porque é obrigado a declarar como chegou a essa informação.

c) Porque quer dar autoridade ao que informa.

d) Porque todo texto jornalístico faz isso.

e) Porque quer provocar sensacionalismo.

Gabarito: C

Não se pode dizer que o texto seja dissertativo, pois a opinião do autor do texto não aparece de forma explícita. Aqui só há narração (o autor está narrando todos os dizeres do diretor-geral da ONU) e argumentação (O recurso utilizado foi o conjunto de informações fornecido pelo diretor-geral da ONU.) Como já se informara, ao identificar o fornecedor da informação, não se expõe a importância do tema, mas sim da informação. Quando se diz que a informação é prestada pelo diretor-geral da ONU, ganha peso, credibilidade, autoridade e se torna um significativo recurso de argumentação.

10. **A que se refere o título do segundo texto, no contexto do poema?**

a) à bomba atômica;
b) à fome;
c) à miséria;
d) à diarreia;
e) à ignorância.

Gabarito: C

O candidato, como sempre, deve ficar atento ao enunciado. A pergunta feita é "A que se refere…?", portanto "o que é o título do segundo texto (A Bomba Suja)" no contexto do poema? Outro detalhe importante é que a resposta esteja explícita no contexto do poema. Enfim, existem dois caminhos para se chegar à reposta: o primeiro caminho é o instintivo, intuitivo. O que faz a bomba? Fere e mata. O que faz a diarreia segundo o texto? É arma que fere e mata. Portanto, no contexto do poema, a bomba suja é a diarreia. O outro caminho – o técnico – exige uma resposta explícita no contexto do poema. A bomba atômica, a fome, a miséria e a ignorância não foram mencionadas explicitamente na poesia.

11. **"Introduzo na poesia / a palavra diarreia", nesses dois primeiros versos do texto 2, o poeta nos diz que:**

a) vai apresentar aos leitores a palavra diarreia;
b) vai usar no poema uma palavra incomum nos poemas;
c) vai falar de um tema já conhecido;
d) vai explorar um tema que não é belo;
e) vai abordar um problema nacional.

Gabarito: B

Questão criada para colocar o candidato em dúvida entre duas alternativas: B e D. Antes de mais nada, o candidato deve ater-se a esse fragmento do texto. Por esse motivo, já se pode excluir a opção E. Que o autor está falando na poesia sobre um problema nacional, é verdade. Mas também é verdade que nesses dois versos isso não está mencionado. Aproveitando o ensejo, podemos também excluir a alternativa A, visto que a palavra não está sendo apresentada aos leitores – até porque imagino que todos saibam o significado de "diarreia" –, e sim introduzida no campo poético. Também podemos excluir a alternativa C, pois o tema "diarreia" certamente não é comum em poesias. As opções B e D são coerentes com os dois versos. Como no enunciado consta "o poeta nos diz que", o que está exigido é algo explícito, e não uma inferência. A alternativa D é uma inferência, dedução. Se vai ser introduzida a palavra diarreia na poesia, fica implícito que um tema que não é belo – repare que, em momento algum desses versos, está dito se o tema é belo ou não – será explorado. Já a alternativa B é extremamente fiel aos versos, não há necessidade de inferência. Introduzir significa inserir algo (que não é desse ambiente) no ambiente.

12. **O poeta, no texto 2, diz que vai introduzir a palavra diarreia no poema. "Não pela palavra fria mas pelo que ela semeia", segundo o texto o que semeia a diarreia?**

a) Morte
b) Miséria.
c) Ferimentos.
d) Doença.
e) Crimes.

Gabarito: A

Questão muito bem bolada. Inicialmente chamamos a atenção dos candidatos para o fato de que na pergunta há uma ambiguidade. Não se sabe se "a diarreia" funciona como sujeito ou objeto direto, ou seja, cabem duas interpretações: a diarreia semeia algo ou algo semeia a diarreia. Inicialmente, vamos pela segunda interpretação – a diarreia sendo semeada por alguma coisa. Que coisa seria essa? Obviamente seria a miséria. Se "miséria" não pode ser a resposta, visto que, como no enunciado está redigido "Segundo o texto", é exigido algo exposto no texto. E

não está exposto no texto que miséria semeia a diarreia. Isso é algo que se depreende – implícito – até em face da exemplificação do Rio Grande do Norte, que é um dos estados mais pobres do Brasil. Enfim, então somente cabe a interpretação de que a diarreia semeia algo. Aí o texto explicita: diarreia é arma que fere e mata. Portanto ainda caberiam duas respostas: ferimento e morte. No entanto, MORTE acaba tendo mais peso, inclusive sendo a última palavra do texto.

13. **A palavra FRIA citada no texto 2 corresponde a:**

a) palavras que expressam sensações;
b) palavras usadas pelos políticos;
c) palavras usadas isoladamente;
d) palavras ditas sem pensar;
e) palavras do dicionário.

Gabarito: E

Questão imaginada para o candidato ficar em dúvida entre as alternativas C e E. São duas alternativas extremamente parecidas. Palavras usadas isoladamente são palavras no sentido oficial, ou seja, são palavras no sentido denotativo, que acabamos por encontrá-las nos dicionários. Quando se chega a tal ponto de dúvida, isto é, quando não temos mais a que recorrer, devemos marcar escolher aquela alternativa que contém o vocábulo original – palavra-chave. Nada é mais recorrente ao texto que o próprio vocábulo original.

14. **(NCE / TJ / Oficial de Justiça Avaliador)**

O que é percebido como liberdade para um pacato cidadão contemporâneo que vota, fala o que quer, vive sob o manto da lei (ainda que capenga) e tem direito de mover-se livremente?

O primeiro templo da liberdade burguesa é o supermercado. Em que pesem as angustiantes restrições do contracheque, são as prateleiras abundantemente supridas que satisfazem a liberdade do consumo (não faz muitas décadas, nas prateleiras dos nossos armazéns ora faltava manteiga, ora leite, ora feijão). Não houve ideal comunista que resistisse às tentações do supermercado. Logo depois da queda do Muro de Berlim, comer uma banana virou ícone da liberdade no Leste Europeu.

"O que é percebido como liberdade para um pacato cidadão contemporâneo que vota, fala o que quer, vive sob o manto da lei (ainda

que capenga) e tem o direito de mover-se livremente?"; segundo o texto, a resposta abaixo que é INADEQUADA é:

a) a liberdade de consumo;
b) a liberdade de movimento;
c) a liberdade de comunicação;
d) a liberdade política;
e) a liberdade religiosa.

Gabarito: E

Questão maliciosa que induz o candidato a assinalar a alternativa A. No enunciado, é mencionado um fragmento do texto, mas a pergunta não é sobre o fragmento, mas sim sobre o texto como todo – tal qual a questão 12. Se você se basear apenas no fragmento, as alternativas A (a liberdade de consumo) e E (liberdade religiosa) realmente não estão expostas. Mas, a liberdade de consumo, que não vem citada no fragmento, na continuação do texto acaba mencionada. E repito, muita atenção à pergunta.

Segundo o texto (E NÃO O FRAGMENTO), a resposta abaixo que é INADEQUADA.

15. **(Esaf / ENAP)**

As pesquisas desenvolvidas nos vários centros nacionais e internacionais, tanto em animais quanto em seres humanos, têm demonstrado que o tratamento regenerativo com células-tronco está deixando de ser uma utopia, podendo tornar-se importante recurso para o tratamento de diversas doenças. As pesquisas mostram que essas células têm potencial capaz de reparar as alterações determinadas pelas doenças que provocam perda ou diminuição da capacidade funcional de determinados órgãos do nosso corpo. Assim, especula-se que os transplantes de células-tronco possam vir a beneficiar doenças do coração, doenças neurovegetativas, degeneração celular ligada ao envelhecimento e a tratar certas formas de câncer, como as leucemias.

(BARBOSA, Roberto Benchimol; e FILHO, José Barbosa. O Globo, 11/03/2006.)

Assinale a opção que está de acordo com as ideias do texto.

a) O tratamento com células-tronco já se tornou importante recurso para o tratamento de doenças.
b) As células-tronco provocam diminuição da capacidade funcional de

determinados órgãos.

c) O tratamento com células-tronco pode vir a tornar-se recurso para reparar os danos à saúde causados por diversas doenças.

d) Os transplantes de células-tronco já beneficiam doenças do coração e doenças neurovegetativas.

e) As células-tronco já tratam, principalmente, certas formas de câncer, como as leucemias.

Gabarito: C

A alternativa C apresenta comentário coerente em relação ao texto, visto que lá se expõe que "o tratamento com células-tronco **está deixando** de ser uma utopia, **podendo tornar-se** um importante recurso para o tratamento de diversas doenças…". Repare que o texto inteiro está sendo trabalhado no campo da possibilidade e justamente a alternativa C é a única a respeitar essa linha do texto, como se evidencia também no fragmento "**Especula-se** que os tratamentos com células-tronco **possam vir a beneficiar** doenças do coração, neurovegetativas…". Destarte, como as alternativas A, B, D e E estão no campo da certeza, da afirmação, pode-se dizer que as afirmações "o tratamento com células-tronco já se tornou importante recurso para o tratamento de doenças.", "as células-tronco provocam diminuição da capacidade funcional de determinados órgãos.", "os transplantes de células-tronco já beneficiam doenças do coração e doenças neurovegetativas." e "as células-tronco já tratam, principalmente, certas formas de câncer, como as leucemias." não são verdadeiras.

16. **(Esaf / AFRF)**

Em artigo publicado na década de noventa, o professor Paul Krugman explicava que todos aqueles países que falavam inglês haviam tido um desempenho econômico acima da média de seus vizinhos e que o inglês estava se tornando rapidamente a língua franca dos negócios, do turismo e da internet. Assim, os processos de fusão de empresas, tão comuns naquele tempo, só teriam sucesso se utilizassem o inglês como língua de integração das corporações.

Essa visão nos preocupou quando resolvemos integrar todas as áreas de consultoria espalhadas pela América Latina em uma única divisão de consultoria. Mas ficou uma pergunta no ar: "que língua oficial adotar"? O espanhol ou o português acirraria a rivalidade que já era bastante grande no campo dos esportes. Adotar o inglês teria a vantagem da neutralidade e da facilidade de interação com

nossos colegas de outras regiões, mas com perda significativa na agilidade da comunicação e no andamento das reuniões. Foi adotada então uma postura única: haveria três línguas oficiais. Essa pequena sutileza significava, na verdade, que todos eram obrigados a entender as três línguas, mas poderiam se expressar no idioma em que se sentissem mais à vontade. Hoje, cinco anos depois, sentimos que essa decisão foi fundamental para o nosso processo de integração, e a lição aprendida é que muitas vezes a criatividade local pode ser mais efetiva que verdades importadas.

(ROSSI, José Luiz. 'Integração cultural na América Latina", CLASSE ESPECIAL, nº 89. 2001. Com adaptações)

Marque a opção em que, de acordo com as ideias do texto, existe uma relação de condição do tipo Se X então Y

a) X = falássemos inglês
Y = teríamos desempenho econômico acima da média.

b) X = adotássemos inglês como língua oficial
Y = agilizaríamos a comunicação.

c) X = empregássemos espanhol ou português
Y = exacerbaríamos a rivalidade

d) X = houvesse três línguas oficiais
Y = teríamos facilidade de interação com outras regiões

e) X = entendêssemos as três línguas
Y = deveríamos nos expressar nas três línguas

Gabarito: C

As alternativas B, D e E estão em oposição ao texto, ficando o candidato em dúvida entre as opções A e C. O enunciado da questão "de acordo com as ideias do texto" indica que está sendo solicitado ao candidato uma alternativa de recorrência textual. A opção A, apesar de ser coerente com o texto, é uma inferência, porquanto o texto apenas assevera que todos os países que falavam inglês tiveram desempenho econômico acima da média, não sugerindo que se outros também o falassem, também obteriam desempenho acima da média dos vizinhos. A opção C não é uma inferência, é algo que está efetivamente em consonância com as ideias do texto, alterando-se tão-somente os vocábulos. O texto informa que "o Espanhol ou o Português acirraria a rivalidade, que já era bastante grande no campo dos

esportes." Ou seja, a rivalidade já existia, apenas aumentaria (ou exacerbaria, conforme apontado na opção C).

17. **(Esaf / AFRF)**

Assinale a opção que está de acordo com as ideias do texto.

Apesar de todos os problemas relacionados à Justiça brasileira, um dos grandes avanços no país nos últimos anos foi a criação do Conselho Nacional de Justiça (CNJ). Tem sido um alento seus esforços no sentido de racionalizar e modernizar a estrutura burocrática do Poder Judiciário – quebrando focos de resistência corporativistas – e de forçar a devida celeridade aos processos que tramitam nos tribunais. A criação de um sistema de estatística, com indicadores que medem uma série de atributos – relacionados, por exemplo, aos gastos e à produtividade dos estados e das instâncias judiciais – tem derrubado um dos maiores obstáculos à reforma das práticas do Judiciário: a falta de um diagnóstico preciso. Este é o primeiro e necessário passo para que as mudanças de rota sejam feitas. Mas pôr o sistema nos eixos, atacar suas discrepâncias, requer ação.

(Jornal do Brasil, Editorial, 24/8/2009)

a) A criação do Conselho Nacional de Justiça não representou uma mudança significativa nos problemas relacionados à Justiça brasileira.

b) O desconhecimento de indicadores referentes aos gastos e à produtividade do sistema é o primeiro passo para as mudanças de rota.

c) Os esforços do Conselho Nacional de Justiça ainda não conseguiram quebrar os focos de resistências corporativas no sistema judiciário.

d) Um diagnóstico preciso referente a vários indicadores, como os que revelam gastos e produtividade do judiciário, decorre da criação de um sistema de estatística.

e) O Poder Judiciário tem procurado racionalizar e modernizar a estrutura das resistências corporativas.

Gabarito: D

Pelo enunciado, observa-se que a resposta necessariamente ocorrerá com uma informação explícita no texto. A alternativa A contradiz o fragmento "um dos grandes avanços no país nos últimos anos foi a criação do Conselho Nacional de

Justiça (CNJ)". A alternativa apresenta comentário inadequado, visto que o pronome demonstrativo "Este" em "Este é o primeiro e necessário passo para que as mudanças de rota sejam feitas.", refere-se a "criação de um sistema de estatística, com indicadores que medem uma série de atributos – relacionados, por exemplo, aos gastos e à produtividade dos estados e das instâncias judiciais" e não ao desconhecimento de indicadores. A alternativa C se opõe ao período "Tem sido um alento seus esforços no sentido de racionalizar e modernizar a estrutura burocrática do Poder Judiciário – quebrando focos de resistência corporativistas – e de forçar a devida celeridade aos processos que tramitam nos tribunais.". A alternativa E apresenta comentário inadequado, porquanto quem tem procurado racionalizar e modernizar a estrutura das resistências corporativas é o Conselho Nacional de Justiça e não o Poder Judiciário. A alternativa D é a única que apresenta comentário coerente e que se faz presente no texto. Repare que nela está sendo analisada a relação causa e efeito.

Um diagnóstico (efeito) preciso referente a vários indicadores, como os que revelam gastos e produtividade do judiciário, **DECORRE** da criação (causa) de um sistema de estatística. Observe que essa informação está exposta: "A criação de um sistema de estatística… tem derrubado um dos maiores obstáculos à reforma das práticas do Judiciário: a falta de um diagnóstico preciso.".

18. **(Esaf / AFRF)**

Assinale a opção em que a reescrita de segmento do texto não mantém as informações originais.

A demanda doméstica depende de vários fatores, e da perspectiva do seu aumento depende a produção industrial. É normal, então, dar atenção especial ao nível do emprego e à evolução da massa salarial real, sem deixar de acompanhar as receitas e despesas do governo federal. Enquanto a ligeira retomada da economia norte-americana é acompanhada por aumento do desemprego, no Brasil o quadro é diferente. Os dados de julho, nas seis principais regiões do País, mostram redução do desemprego de 8,1% para 8%, o que significa a geração de 185 mil postos de trabalho. Essa taxa de desemprego, em julho, é a menor da série desde 2002. Paralelamente, houve melhora na qualidade do emprego, e 142 mil postos foram criados com carteira de trabalho assinada.

(O Estado de S. Paulo, Editorial, 21/8/2009)

a) A demanda doméstica depende de vários fatores, e a produção industrial

depende da perspectiva do aumento dessa demanda.

b) Essa taxa de desemprego é a menor em julho de 2002. Paralelamente, em 142 mil postos, a carteira de trabalho assinada melhorou a qualidade do emprego já existente.

c) O aumento do desemprego acompanha a ligeira retomada da economia norte-Âamericana, enquanto no Brasil o quadro é diferente.

d) Nas seis principais regiões do País, os dados de julho mostram a geração de 185 mil postos de trabalho, o que significa redução do desemprego de 8,1% para 8%.

e) É normal, então, dar atenção especial tanto ao nível do emprego e à evolução da massa salarial real quanto às receitas e despesas do governo federal.

Gabarito: B

A alternativa A é coerente com o primeiro período. Observe que o pronome possessivo "seu" refere-se a "a demanda doméstica"; sendo assim, a leitura correta da segunda oração do primeiro parágrafo é "a produção industrial depende da perspectiva do aumento da demanda doméstica". Na alternativa C, a única mudança foi o deslocamento da conjunção ENQUANTO que estabelece relação de simultaneidade. Como os fatos são concomitantes, esse deslocamento acaba por não refletir em alteração semântica. Na alternativa D, o que há novamente é apenas a inversão de fragmentos, fato que não gera alteração de sentido, como se pode observar: "dados mostram redução do desemprego de 8,1% para 8%, o que significa a geração de 185 mil postos de trabalho" = "dados mostram a geração de 185 mil postos de trabalho, o que significa redução do desemprego de 8,1% para 8%". A alternativa E também apresenta comentário coerente, uma vez que expressa exatamente o que se informa no segundo período: "É normal, então, dar atenção especial ao nível do emprego e à evolução da massa salarial real, sem deixar de acompanhar as receitas e despesas do governo federal.". A alternativa B não é só incoerente em relação ao texto, como a informação nela presente não faz sentido. O período "Essa taxa de desemprego é a menor em julho de 2002." é ininteligível. Além disso, o que o texto diz é que, desde 2002, a taxa de desemprego de julho foi a menor da série.

19. **(Esaf / Analista da Receita Tributária)**

Em relação às informações do texto, assinale a opção correta.

A produção brasileira de petróleo e gás certamente dará um salto quando

estiverem em operação os campos já descobertos na chamada camada do pré-sal. Embora essa expansão só possa ser efetivamente assegurada quando forem delimitadas as reservas, e os testes de longa duração confirmarem a produtividade provável dos campos, simulações indicam que o Brasil terá um saldo positivo na balança comercial do petróleo (exportações menos importações), da ordem de 1 milhão de barris diários.

Com isso, o petróleo deverá liderar a lista dos produtos que o Brasil estará exportando mais ao fim da próxima década. O petróleo é negociado para pagamento a vista (menos de 90 dias). Então, é um volume de recursos que pode ter, de fato, forte impacto nas finanças externas do país.

Como é uma riqueza finita, a prudência e a experiência econômica recomendam que o Brasil tente poupar ao máximo essa renda adicional proveniente das exportações de petróleo. O mecanismo mais usual é conhecido como fundo soberano, por meio do qual as divisas são mantidas em aplicações seguras que proporcionem, preferencialmente, bom retorno e ainda contribuam positivamente para o desenvolvimento da economia brasileira. Os resultados dessas aplicações devem ser direcionados para investimentos internos que possibilitem avanços sociais importantes (educação, infraestrutura, meio ambiente, ciência e tecnologia).

(O Globo, Editorial, 13/10/2009)

a) É indiscutível que, quando estiverem em operação os campos da camada do pré-sal, o Brasil terá um saldo na balança comercial do petróleo da ordem de 1 milhão de barris diários.
b) É recomendável que os recursos arrecadados com a exploração do petróleo da camada do pré-sal sejam mantidos num fundo seguro, que proporcione retorno garantido e contribua favoravelmente para o desenvolvimento da economia brasileira.
c) Somente quando estiverem em operação os campos da camada do pré-sal, o petróleo será negociado para pagamento a vista.
d) Estima-se que, no final da próxima década, com os campos do pré-sal já em operação, o Brasil lidere a lista dos países importadores de petróleo, com forte impacto na balança comercial.
e) A renda adicional proveniente da exportação do petróleo da camada do pré-sal deverá ser aplicada diretamente em investimentos com repercussão na

área social.

Gabarito: B

A alternativa A trabalha no campo da certeza (É indiscutível), o que contradiz a ideia de possibilidade presente no segundo período do primeiro parágrafo (simulações indicam). A alternativa C contradiz o segundo parágrafo, visto que lá consta a informação de que "O petróleo (JÁ) é negociado para pagamento a vista (menos de 90 dias).". A alternativa D é absurda. O Brasil não será importador de petróleo e sim aumentará a exportação. O erro na alternativa E está no emprego da palavra "diretamente", pois o texto diz que as divisas provenientes do aumento da exportação do petróleo deverão ser investidas em aplicações seguras, que proporcionem, preferencialmente, bom retorno. Aí, sim, o resultado dessa aplicação é que deve ser aplicado na área social. Portanto, o dinheiro não deve ir diretamente para a área social, mas, sim, deverá ser inicialmente investido em fundos seguros, para depois, seu resultado financiar o avanço social. A alternativa B confirma exatamente o que se informou no esclarecimento para o fato de que a alternativa E não poderia ser a resposta. A alternativa B corresponde exatamente ao que se expõe no último parágrafo.

20. **(Esaf / Analista da Receita Tributária)**

Assinale a opção correta a respeito do texto.

Aferrado à valorização do aqui e agora, o sábio indiano Svâmi garante que "só o presente é real", o que equivale a considerar o passado e o futuro como puras ilusões. Viver no presente implica aceitar o primado da ação (o ato) sobre a esperança, o que equivale a trocar a passividade do estado de espera pela manifestação ativa da vontade de fazer. Em outras palavras, importa a flecha mais do que o alvo, o ato mais do que a expectativa.

Como bem acentua Comte-Sponville, a ausência pura e simples de esperança não corresponde à mágoa, traduzida na acepção comum da palavra desespero. O desespero/desesperança é, antes, o grau zero da expectativa, portanto um regime de acolhimento do real sem temor, sem desengano, sem tristeza. Esse regime, ou essa regência, pode ser chamado de beatitude ou de alegria: uma aceitação e uma experiência da plenitude do presente.

(SODRÉ, Muniz. As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006, p.206)

a) O autor do texto defende a ideia de que o ser humano, ao criar expectativas em relação ao futuro, não deve desesperar-se, mas, sim, manter-se passivo no estado de espera.
b) A ideia central desenvolvida no texto baseia-se no pressuposto de que se vive, atualmente, uma era em que predomina o desespero.
c) Uma das ideias secundárias desenvolvidas no texto é a de que os fins justificam os meios, como se depreende do trecho "importa a flecha mais do que o alvo".
d) Uma das ideias desenvolvidas no texto é a de que o real só é, de fato, apreendido quando o indivíduo compreende o passado e o futuro como ilusões.
e) Para sustentar a ideia apresentada no primeiro parágrafo, o autor do texto argumenta que é o medo do futuro que motiva os indivíduos a viverem intensamente o aqui e agora.

Gabarito: D

A alternativa A contradiz o texto, uma vez que o que se valoriza é a manifestação ativa da vontade de fazer em detrimento da passividade do estado de espera. A alternativa B apresenta um comentário absurdo. Em momento algum, é sugerido (pressuposto) que nossa era está caracterizada pelo desespero. Na alternativa C, o sentido implícito do fragmento "importa a flecha mais do que o alvo." é que importa mais o hoje (a flecha, que é o que se tem) do que o amanhã (o alvo – aquilo que porventura poderíamos atingir). A alternativa E também apresenta comentário incoerente em relação ao texto, visto que não se encontra exposto (explícito) que há medo do futuro, tampouco que esse medo levaria os indivíduos a viverem intensamente o presente. A alternativa D se explicita no primeiro período, quando há o alerta de que há equivalência na compreensão de duas ideias: "só o presente é real" e "considerar o passado e o futuro como puras ilusões".

21. **(Esaf / RJ / Fiscal de Rendas)**

A Eurostat, o organismo da União Europeia encarregado da elaboração de estatísticas econômicas, mostrou que, em abril, nada menos que 101 entre cada 1.000 cidadãos em atividade na área do euro (16 países) não conseguiram encontrar ocupação remunerada. É a pior situação em 12 anos.

Reduzir tudo a efeito natural da atual crise é simplismo. Flagelos assim são como os desastres de avião: sempre têm múltiplas causas. O crescente desemprego no mundo rico foi acentuado pela crise, mas é bem mais do que isso. É o resultado de algumas degradações acumuladas nas últimas décadas: perda de competitividade da indústria, rápido envelhecimento da população, custo elevado da mão de obra, falta de reformas políticas e econômicas.

Paradoxalmente, a crise do desemprego tende a se acentuar pelos fatores que pretendiam atenuar seu impacto. Assim como a antecipação da aposentadoria pretendia abrir vagas aos mais jovens, mas tudo o que produziu foi a deterioração das finanças dos sistemas previdenciários, os mecanismos de seguro social vêm ajudando a criar enormes rombos, que, por sua vez, atiram as finanças públicas ao endividamento e à insolvência (e não apenas à falta de liquidez), como parece ser o caso da Grécia e talvez o de Portugal e Espanha. E aí chegamos a uma situação em que os instrumentos de defesa do emprego criam mais desemprego.

(MING, Celso Ming. O Estado de S. Paulo, 2/6/2010)

Em relação às ideias do texto, assinale a opção correta.

a) Há 12 anos, a situação na União Europeia apresentava desemprego muito maior que as taxas atuais.

b) A crise econômica atual começou a provocar o desemprego na área do euro.

c) O rápido envelhecimento da população contribui para diminuir as taxas de desemprego na União Europeia.

d) A antecipação da aposentadoria e a abertura de vagas para os mais jovens fortaleceram os sistemas previdenciários.

e) Medidas que pretendiam atenuar o impacto da crise do desemprego resultaram em mais desemprego.

Gabarito: E

A alternativa A contraria o texto, visto que a informação constante no fim do primeiro parágrafo é que a situação apresentada é a pior dos últimos doze anos.

A alternativa B contradiz o texto, porquanto no segundo parágrafo é asseverado que "o crescente desemprego foi acentuado pela crise", logo a crise já existia.

O comentário presente na alternativa C também contraria o texto, sobretudo o fragmento: "O crescente desemprego no mundo rico foi acentuado pela crise, mas é bem mais do que isso. É o resultado de algumas degradações acumuladas nas

últimas décadas: perda de competitividade da indústria, rápido envelhecimento da população".

A alternativa contém informação falsa, uma vez que o último parágrafo indica que as soluções não surtiram o efeito esperado, e, em vez de abrir vagas para os mais jovens, acabou por deteriorar as finanças dos sistemas previdenciários.

A alternativa E se coaduna com o último parágrafo, quando esclarece que os fatores que pretendiam atenuar o impacto da crise do desemprego tendem a acentuá-la, inclusive esta ideia é repetida no último período: "E aí chegamos a uma situação em que os instrumentos de defesa do emprego criam mais desemprego.".

22. **(UFRJ / Assistente em Administração)**

LÍNGUA PORTUGUESA

O QUE PASSA NA CABEÇA DELES?

Quem tem um bicho de estimação sabe muito bem: seu gato, cachorro, papagaio, hamster ou o que seja é o mais esperto do mundo. Até meados do século passado, porém, a inteligência animal era considerada inexistente. Suas atitudes e ações eram descritas como simples respostas instintivas ou estratégias de sobrevivência, sem nenhuma relação com a cognição, que se acreditava ser exclusiva do ser humano. Foi só a partir dos anos 1960 que estudos de longo prazo começaram a produzir pistas de que, sim, os animais pensam, são capazes de resolver problemas, aprender com seus erros e se adaptar a novas situações, assim como os seres humanos. Mas o que se passa na cabeça deles? Algumas espécies têm autoconsciência? Quão inteligentes são os animais? Apesar dos avanços nas pesquisas, estas e outras perguntas permanecem sem resposta, gerando controvérsias entre os especialistas.

– O que existe hoje são várias linhas de entendimento do que vem a ser a inteligência animal. Há estudos feitos em ambiente natural, mas também tem muita coisa sendo feita em laboratórios – o que nos é contado pelo biólogo Salvatore Siciliano, pesquisador da Escola Nacional de Saúde da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). As pesquisas podem levar anos para chegar a conclusões bem simples, mas, à medida que aumenta o esforço de observação e amostragem, estamos passando a perceber que os animais são, sim, algo inteligentes.

Quando elaborou sua Teoria da Evolução, no século XIX, Charles Darwin a estendeu para o desenvolvimento do cérebro humano. Como outros aspectos da nossa fisiologia, a inteligência teria evoluído a partir de organismos mais simples

em resposta a desafios comuns a quase todos os animais, como as necessidades de se alimentar, reproduzir e interagir com o ambiente. Atualmente, faz parte do senso comum considerar que grandes primatas como os chimpanzés, cujo DNA é 99% igual ao dos seres humanos, apresentam um certo grau de inteligência, assim como outros mamíferos mais desenvolvidos, como cetáceos (baleias e golfinhos) e elefantes. Surpreendente, no entanto, foi verificar que mesmo espécies mais longe da escala e árvore evolutivas, como pássaros e polvos, também demonstram sinais de inteligência.

(BAIMA, César. O Globo, Planeta Terra, out. 2010. Adaptado)

Sobre o título dado ao texto, pode-se fazer, de forma adequada, a seguinte afirmação:

a) trata-se de uma questão sobre a qual a ciência ainda não apresenta todas as respostas;
b) a pergunta não é respondida no texto;
c) representa uma interrogação feita pelos proprietários de animais domésticos;
d) o pronome eles se refere exclusivamente aos animais domésticos;
e) a pergunta fala sobre as preocupações dos donos de animais.

Gabarito: B

O texto, em momento algum, informa o que se passa pela cabeça dos animais. Além disso, há um fragmento no texto que reforça essa resposta: "Mas o que se passa na cabeça deles? Algumas espécies têm autoconsciência? Quão inteligentes são os animais? Apesar dos avanços nas pesquisas, estas e outras perguntas permanecem sem resposta, gerando controvérsias entre os especialistas.". Pode-se excluir a alternativa A, pois, quando se diz que a ciência não apresentou todas as respostas, infere-se que algumas já foram concedidas o que é contradito no seguinte fragmento "estas e outras perguntas permanecem sem resposta, gerando controvérsias entre os especialistas.". Elimina-se a alternativa C, pois esse questionamento pode ser de qualquer um, e não necessariamente de donos de animais domésticos. Na alternativa D, o pronome "deles" refere-se a qualquer animal, e não necessariamente a animais domésticos. A alternativa E representa comentário absurdo, dado que o fator inteligência animal não constitui preocupação, mormente aos donos de animais.

23. **"...seu gato, cachorro, papagaio, hamster ou o que seja é o mais**

esperto do mundo"; o termo sublinhado equivale a:

a) um outro animal doméstico qualquer;
b) qualquer outro tipo de roedor;
c) um outro animal de tipo diferente;
d) qualquer animal desconhecido;
e) qualquer outro nome que se dê.

Gabarito: A

O emprego do pronome SEU é decisivo para a resposta. Esse pronome indica que o autor está falando diretamente aos leitores, portanto se trata de gato "do leitor", cachorro "do leitor"... O leitor, cidadão comum, pode ter apenas animal doméstico.

24. **"...é o mais esperto do mundo." Esse pensamento representa:**

a) uma antiga forma de pensar sobre a inteligência animal;
b) um carinhoso modo de pensar sobre animais de estimação;
c) um conceito errado sobre os animais domésticos;
d) um pensamento corrente sobre os animais selvagens;
e) um falso pensamento fundamentado apenas nas aparências.

Gabarito: B

Esse fragmento é referente aos animais domésticos. A alternativa B indica o pensamento que os donos têm acerca de seus animais, sem entrar no mérito se tal pensamento é certo ou errado – fato que exclui a possibilidade de resposta da alternativa C –, até porque o próprio texto informa que a ciência ainda não conseguiu concluir quão inteligentes são os animais.

25. **A afirmativa abaixo que é adequada ao texto é:**

a) Os estudiosos definem, hoje, vários graus de inteligência animal;
b) Os animais, com exceção dos mais distantes da escala evolutiva, possuem inteligência;
c) Estudos avançam, mas a inteligência animal ainda é alvo de controvérsia;
d) Todos os animais possuem inteligência bastante avançada;
e) Os animais dispõem de uma estrutura de DNA semelhante à dos humanos.

Gabarito: C

O comentário realizado na alternativa C se coaduna com o seguinte fragmento do texto: "Mas o que se passa na cabeça deles? Algumas espécies têm autoconsciência? Quão inteligentes são os animais? Apesar dos avanços nas

pesquisas, estas e outras perguntas permanecem sem resposta, gerando controvérsias entre os especialistas.”.

26. **Assinale a alternativa em que o conectivo destacado possui seu valor semântico corretamente indicado:**

a) “Apesar dos avanços nas pesquisas…” = concessão;

b) “Surpreendente, no entanto, foi verificar…” = conclusão;

c) “Suas atitudes e ações eram descritas como simples respostas…” = modo;

d) “Até meados do século passado, porém,…” = explicação;

e) “…para chegar a conclusões bem simples…” = direção.

Gabarito: A

Alternativa B – NO ENTANTO estabelece relação de adversidade, oposição.

Alternativa C – COMO estabelece relação de comparação, podendo ser substituído por TAIS QUAIS.

Alternativa D – PORÉM estabelece relação de adversidade, oposição.

Alternativa E – PARA estabelece relação de finalidade.

27. **“…comuns a quase todos os animais…”; o trecho abaixo em que o emprego do artigo é EQUIVOCADO é:**

a) toda a manhã eles chegavam sempre na hora;

b) todos os quatro animais de estimação sobreviveram;

c) os biólogos trabalharam todo o dia;

d) entre os animais há diversos graus de inteligência;

e) ambos os animais são dotados de alguma inteligência.

Gabarito: A

O emprego do artigo após os pronomes indefinidos TODA e TODA se justifica quando a intenção linguística é conferir à expressão a ideia de inteiro. Por exemplo, TODO O DIA significa o dia inteiro; já TODO DIA significa todos os dias. O objetivo aqui era dizer que eles chegavam na hora todos as manhãs, e não a manhã inteira, sendo descabido, pois, o uso do artigo.

28. **A alternativa em que a posição do adjetivo em relação ao substantivo ALTERA o seu significado é:**

a) “…estudos de longo prazo começaram a produzir pistas…”;

b) “como outros mamíferos mais desenvolvidos”;

c) “…considerar que grandes primatas como os chimpanzés…”;

d) "Até meados do <u>século passado</u>…";

e) "Suas atitudes e ações eram descritas como <u>simples respostas</u> instintivas…".

Gabarito: E

O significado de "simples respostas" é de singelas, meras respostas. Já em "respostas simples", a leitura passa a ser de respostas simplórias, sem complexidade ou sofisticação.

29. **A presença do biólogo no texto tem a seguinte utilidade textual:**

a) mostrar que a publicação é internacional;

b) convencer o leitor de que o tema é importante;

c) demonstrar atualização brasileira no tema estudado;

d) indicar pessoas que demonstram interesse pelo tema estudado;

e) dar mais autoridade e credibilidade ao texto.

Gabarito: E

Questão formulada para deixar o candidato em dúvida entre duas alternativas: B e E, visto que as outras são absurdas. Quando o autor utiliza como recurso de argumentação informações de terceiros sua intenção não é dar mais importância ao tema, ao assunto, mas sim conferir credibilidade à argumentação. É como se o autor informasse ao leitor que pode confiar naquela informação – utilizada como argumento –, pois ela provém de um especialista no assunto. Portanto, conforme já esclarecido na parte teórica, sempre que no texto houver informações de terceiros, pode-se dizer que o texto, a informação ou argumentação ganham peso, autoridade, credibilidade, mas nunca o tema ou o assunto.

30. **"…estamos passando a perceber…"; a forma verbal desse segmento indica:**

a) uma continuidade de pensamento;

b) uma explicação de algo dito;

c) uma correção de atitude anterior;

d) uma mudança de posição;

e) uma reafirmação de algo já feito.

Gabarito: D

Questão confeccionada para deixar o candidato em dúvida entre as alternativas C e D. São alternativas parecidas, mas há uma diferença: Na C, é dito que há uma correção, portanto haveria erro na visão anterior, fato que o texto não informa. A

forma verbal ESTAMOS PASSANDO A PERCEBER sugere que uma alteração realmente está em curso, mas não necessariamente algo que representa uma retificação do pensamento anterior, podendo ser uma visão mais complexa, mais aprofundada, mais desenvolvida do tema. Além disso, não há que se falar em correção, até porque, como o texto informa, as perguntas a respeito do tema ainda estão sem resposta.

31. **"...a inteligência <u>teria evoluído</u> a partir de organismos mais simples..."; a forma verbal sublinhada indica uma:**

a) certeza absoluta;
b) hipótese possível;
c) opinião abalizada;
d) dedução comprovada;
e) dúvida permanente.

Gabarito: B

É natural o futuro do pretérito do indicativo não se localizar no campo da certeza. Justamente tal ocorre nessa questão, inclusive quando se observa que o fragmento de onde advém a forma verbal reproduz a Teoria de Darwin. Portanto, trata-se de uma teoria, um pensamento, uma hipótese, algo que possivelmente ocorreu, e não um fato.

32. **O texto desta prova deve ser caracterizado como:**

a) descritivo de um conjunto de ideias científicas sobre os animais;
b) narrativo de uma sequência de fatos ocorridos nos últimos anos;
c) informativo sobre conhecimentos atuais no tema analisado;
d) argumentativo a respeito de prós e contras das recentes descobertas;
e) publicitário sobre os trabalhos da Fiocruz.

Gabarito: C

Trata-se de texto dissertativo, no entanto a alternativa D não pode ser a resposta, pois o recurso de argumentação utilizado não foi a comparação entre aspectos positivos e negativos. Também por tal motivo, excluem-se as alternativas A e B (o texto, repita-se, é dissertativo). A alternativa E é absurda, pois não se trata de propaganda, muito menos sobre os trabalhos desenvolvidos na Fiocruz. Portanto, sobra a alternativa C. Pode-se asseverar que o texto é informativo, com a apresentação de informações concedidas por autoridades no assunto, como recurso

de argumentação, confirmando a tese do autor.

33. **A utilização dos parênteses no último parágrafo pretende:**

a) explicar o que são cetáceos;

b) destacar os cetáceos menos conhecidos;

c) chamar a atenção para aspectos importantes do texto;

d) definir a espécie dos cetáceos;

e) enumerar animais que são denominados "cetáceos".

Gabarito: E

A intenção do autor, ao utilizar os parênteses, foi esclarecer não o que são (significa) cetáceos – por isso, fica excluída a alternativa A –, mas sim a que cetáceos ele estava se referindo.

34. **O autor do texto se apresenta textualmente como:**

a) entrevistador de cientistas experts do assunto;

b) jornalista que reproduz conhecimentos alheios;

c) cientista especializado no tema analisado;

d) jornalista conhecedor do tema explorado;

e) especialista de uma organização científica.

Gabarito: D

Inicialmente, é de bom alvitre perceber que o jornalista escreve para uma seção específica de jornal (O Globo, Planeta Terra), o que já nos faz crer que algum conhecimento sobre o tema ele tem. Além disso, o autor expõe um histórico sobre o assunto e em determinados momentos até expressa sua opinião, como no último período quando considera SURPREENDENTE o fato de "verificar que mesmo espécies mais longe da escala e árvore evolutivas, como pássaros e polvos, também demonstram sinais de inteligência.".

35. **"Quem tem um bicho de estimação..."; a forma de reescrever-se esse segmento do texto que ALTERA o seu sentido original é:**

a) Quem possui um bicho de estimação;

b) Quem tem a posse de um bicho de estimação;

c) Aqueles que possuem um bicho de estimação;

d) Aquele que tem um bicho de estimação;

e) Os que têm um bicho de estimação.

Gabarito: B

O texto original e as alternativas A, C, D e E indicam que alguém é dono, proprietário de um bicho de estimação. Quando se tem a posse de algo, significa dizer que a possibilidade de desfrute é algo passageiro, transitório. Na frase "Eu tenho (estou com) a posse de um carro.", o sentido é que, por algum tempo, posso usufruir o carro.

36. **(Cespe-UnB / FUB / Auditor – 2009)**

Confissão de Allan Poe

Cometi apenas um erro. Não 1 soube ser feliz. Nunca: nem um só dia, nem sequer uma hora. A própria criação, um prazer para os poetas mais sensíveis, foi para mim sempre mais angustiante que redentora. A causa primeira do meu infortúnio, conheço-a agora. Tive sempre medo da vida. De uma sensibilidade exacerbada e doentia desde a mais tenra infância, atormentada e mortificada até a exaustão pelo infortúnio e pela miséria, a vida banal, as realidades quotidianas constituíam para mim uma fonte constante de terror. Tinha a impressão de viver continuamente suspenso no limite de dois reinos – ser uma criança semimorta unida em laço misterioso a um espectro nostálgico. A criança tinha medo da treva; o espectro da luz. Uma e outro aspiravam à morte e, simultaneamente, receavamna. A vida era para mim aborrecimento, alucinação, condenação. Cada vez que eu tentava reconciliar-me com ela, saía maltratado, repelido. Fazia-me o efeito de um anjo que pretendesse participar num banquete de monstros. O próprio amor não logrou salvar-me porque a mulher é uma das mais perfeitas encarnações da vida, e eu tinha da vida um indizível terror. Todas as mulheres que julguei amar ou fugiram de mim, ou estão mortas. Uma vez mortas, e só então, elas pareciam realmente minhas amantes na eternidade, as únicas que poderiam amar um homem segregado da vida. Para escapar às minhas visões terrificantes, aos meus pesadelos, às tentações de minha razão delirante, um gênio forçava-me a escrever, senhor mais titânico e exigente que um demônio. Escrevi, pois, toda a minha vida poemas, narrativas, contos, tratados, ensaios. Porém, mal experimentava a ilusão de pela poesia ter exorcizado a perseguição dos meus pavores, logo outras alucinações, outros pesadelos, outras bizarrias macabras e fúnebres assaltavam sem trégua a minha pobre alma acabrunhada. Então, como última esperança do meu desespero, buscava socorro no álcool, que, aliás, abominava.

(Revista Literatura. São Paulo: Escala Editorial, 2009, nº 23, p. 45. Com adaptações).

Considerando as estruturas linguísticas do texto acima, julgue os itens de 1 a 7.

1. Confissão de Allan Poe, o título do texto, e construção de Brasília são estruturas semelhantes sintaticamente, pois são formadas por substantivo abstrato mais preposição de seguida de outro substantivo, o qual, no título do texto, desempenha papel de agente – pelo qual se entende que Allan Poe fez uma confissão – e, em construção de Brasília, desempenha papel de paciente.
2. Em "Cometi apenas um erro" (l.1) e "Tive sempre medo da vida" (l.3-4), a mudança na ordem dos termos adverbiais para Apenas cometi um erro e Sempre tive medo da vida mantém inalterado o sentido desses períodos no texto.
3. Para a palavra "quotidianas" (l.6), está também prevista, nos dicionários da língua portuguesa, a grafia cotidianas.
4. Em "Cada vez que eu tentava reconciliar-me com ela" (l.10-11), a expressão "Cada vez que" pode ser substituída por À medida que, sem alteração de sentido.
5. Com o deslocamento da conjunção "pois" para o início da oração "Escrevi, pois, toda a minha vida poemas, narrativas, contos, tratados, ensaios" (l.18-19), com os devidos ajustes de maiúsculas e minúsculas, preserva-se o sentido original do período.
6. Em "Porém, mal experimentava a ilusão (...) a minha pobre alma acabrunhada" (l.19-20), o termo "mal" é empregado com sentido temporal.

Gabarito:

1 – Certo. Allan Poe confessou, praticou a ação de confessar, portanto tem valor agente e funciona como adjunto adnominal. Já em "Construção de Brasília", Brasília foi construída, sofreu a ação de ser construída, por isso possui valor paciente, funcionando como complemento nominal. Muito interessante a visão do Cespe-UnB, pois indica que muito mais importante do que identificar a função sintática de um termo é observar o seu valor semântico – se naquela construção tem valor agente ou paciente, se está praticando ou sofrendo a ação verbal. Em face de tal visão, não entrou no mérito acerca da função sintática (se complemento ou adjunto).

2 – Errado. Na segunda frase, não gera alteração semântica a inversão dos termos. O sentido é o mesmo em "Tive sempre medo da vida." e "Sempre tive

medo da vida.”. No entanto, na primeira frase, a alteração gera mudança de sentido: Em “cometi apenas um erro.”, o significado é que não cometi nem dois nem três erros, somente um. Em “Apenas cometi um erro.”, o sentido é que não fiz mais nada além de cometer esse erro.

3 – Certo. Os vocábulos “Cotidianas” e “Quotidianas” existem e possuem o mesmo significado.

4 – Errado. O conector “Cada vez” tem o mesmo valor que SEMPRE QUE, QUANDO, portanto tem caráter temporal. Já, À MEDIDA QUE confere ao período valor de proporção.

5 – Errado. A conjunção POIS, quando está deslocada, possui valor conclusivo, tendo como sinônimos ENTÃO, PORTANTO. Ocorrendo no início do período, passa a ter valor causal, passando a ter como sinônimos PORQUE, VISTO QUE, PORQUANTO.

6 – Certo. A conjunção MAL tem valor temporal, sendo sinônimo de QUANDO, ASSIM QUE, LOGO QUE. Observe a relação de tempo existente entre as orações: “mal (Logo que, Quando, assim que) experimentava a ilusão… pavores, logo outras alucinações, outros pesadelos… assaltavam sem trégua a minha pobre alma acabrunhada.

37. **(Cespe-UnB / FUB / Auditor – 2009)**

A história dos ideais ilustrados na América Latina tem, às vezes, um sabor quase trágico de perversão dos intuitos ostensivos, porque acabaram funcionando como fatores de exclusão, não de incorporação; de sujeição, não de liberdade. O saber como salvação acabava como teoria de poucos eleitos. Na América Latina, as condições locais puseram a nu a contradição fundamental da ideologia ilustrada, que desaguava quase inevitavelmente na delegação de função às elites. O propalado bem comum ficava no limbo da utopia se os povos não lutassem pela sua realização. Nos países do Ocidente da Europa, as lutas democráticas do fim do século XVIII e século XIX, aliadas à prosperidade econômica, permitiram uma solução parcial da contradição apontada acima, com relativa difusão do saber. Em nossos países, a contradição permaneceu com toda força. Essa contradição se manifesta de vários modos e em vários níveis. No nível estrutural, é óbvio que ela corresponde a uma tendência das sociedades de classe para concentrar o saber nas camadas superiores, dosando as suas formas mais modestas ao longo da escala social dominada. No nível escolar, ela aparece tanto na política universitária quanto

na política de instrução primária. No caso do Brasil, é curiosa, depois da Independência, a relativa indiferença pela fundação de escolas superiores, além do mínimo para formar quadros dirigentes restritos. Custa crer que o Brasil só tenha tido universidades no século XX; e que, durante o período colonial, não houvesse nele escolas de nível superior.

(CANDIDO, Antonio. A perversão da Aufklärung. In: Textos de intervenção. 34. ed., São Paulo: Duas Cidades, 2002, p. 321-3. Com adaptações).

Acerca das ideias e estruturas linguísticas do texto acima, julgue os itens a seguir.

1. Infere-se do texto que os ideais ilustrados propunham, originalmente, o saber e a educação como formas de emancipação, liberdade e igualdade entre os homens.
2. Ao restringir às elites locais o acesso ao saber, a América Latina perverteu os ideais ilustrados plenamente realizados na Europa pela difusão igualitária do saber.
3. As relações sintático-semânticas do período entre as linhas 6 e 7 indicam que a realização da ideologia ilustrada como bem comum condicionava-se às lutas populares pela democratização do saber.
4. A forma verbal "dosando" (l.13) corresponde a uma ação de política educacional que, voltada para as classes dominadas, previa a democratização do saber em curto prazo.
5. Infere-se do texto que o fato de as universidades só terem surgido no Brasil, no século XX, relaciona-se à manifestação do caráter contraditoriamente restritivo da ideologia ilustrada.

Gabarito:

1 – Certo. Depreende-se dos dois primeiros períodos, mormente quando se percebe que os ideais eram a incorporação, a liberdade, o saber como salvação.

2 – Errado. Não houve difusão igualitária do poder nos países do Ocidente da Europa, como se verifica no fragmento "Nos países do Ocidente da Europa, as lutas democráticas do fim do século XVIII e século XIX, aliadas à prosperidade econômica, permitiram uma **solução parcial da contradição** apontada acima, com relativa difusão do saber.".

3 – Certo. Observe a presença da conjunção subordinativa condicional "se" (l.6-

7). “Se os povos não lutassem pela sua realização” (condição) – O propalado bem comum ficava no limbo da utopia (consequência).

4 – Errado. Justamente o contrário. O emprego de “dosando” sugere que o fato ocorria aos poucos, e não em curto prazo.

5 – Certo. Se os ideais ilustrados previam a emancipação, o saber como libertação, a existência de universidades no Brasil deveria ter ocorrido muito antes. Portanto, o fato de as universidades só terem surgido no século XX serve como exemplo (recurso argumentativo) para a tese de que esses ideais acabaram tendo um sabor quase trágico de perversão dos intuitos ostensivos, funcionando como fatores de sujeição, de exclusão.

38. **(Agente da Polícia Federal)**

Texto LP-II – questões 43 e 44

A Revolução Industrial provocou a dissociação entre dois pensamentos: o científico e tecnológico e o humanista. A partir do século XIX, a liberdade do homem começa a ser identificada com a eficiência em dominar e transformar a natureza em bens e serviços. O conceito de liberdade começa a ser sinônimo de consumo. Perde importância a prática das artes e consolidam-se a ciência e a tecnologia. Relega-se a preocupação ética. A procura da liberdade social se faz sem considerar-se sua distribuição. A militância política passa a ser tolerada, mas como opção pessoal de cada um.

Essa ruptura teve o importante papel de contribuir para a revolução do conhecimento científico e tecnológico. A sociedade humana se transformou, com a eficiência técnica e a consequente redução do tempo social necessário à produção dos bens de sobrevivência.

O privilégio da eficiência na dominação da natureza gerou, contudo, as distorções hoje conhecidas: em vez de usar o tempo livre para a prática da liberdade, o homem reorganizou seu projeto e refez seu objetivo no sentido de ampliar o consumo. O avanço técnico e científico, de instrumento da liberdade, adquiriu autonomia e passou a determinar uma estrutura social opressiva, que servisse ao avanço técnico e científico. A liberdade identificou-se com a ideia de consumo. Os meios de produção, que surgiram no avanço técnico, visam ampliar o nível dos meios de produção.

Graças a essa especialização e priorização, foi possível obter-se o elevado nível do potencial de liberdade que o final do século XX oferece à humanidade. O

sistema capitalista permitiu que o homem atingisse as vésperas da liberdade em relação ao trabalho alienado, às doenças e à escassez. Mas não consegue permitir que o potencial criado pela ciência e tecnologia seja usado com a eficiência desejada.

(BUARQUE, Cristovam. Na fronteira do futuro. Brasília: EDUnB, 1989, p. 13; com adaptações)

Julgue os itens abaixo, relativos às ideias do texto LP-II.

1. O conceito de "liberdade" é tomado como sinônimo de **consumo** e de **eficiência no domínio e na transformação da natureza em bens e serviços**.
2. O autor sugere que o sistema capitalista apresenta a seguinte correlação: quanto mais tempo livre, mais consumo, mais lazer e menos opressão.
3. Depreende-se do primeiro parágrafo que a ética foi abolida a partir do século XIX.
4. No segundo parágrafo, a expressão "Essa ruptura" retoma e resume a ideia central do parágrafo anterior.
5. O emprego da expressão "as vésperas da liberdade" (l.22) sugere que a humanidade ainda não atingiu a liberdade desejada.

Gabarito:

1 – Certo. É de bom alvitre o candidato perceber que o comentário está perfeito, contudo se apresenta em ordem inversa, o que não o invalida. Inicialmente o texto informa que "a liberdade do homem começa a ser identificada com a eficiência em dominar e transformar a natureza em bens e serviços.". Depois assevera que "O conceito de liberdade começa a ser sinônimo de consumo.".

2 – Errado. O comentário contradiz o texto, visto que no terceiro parágrafo é aduzido que "o homem reorganizou seu projeto e refez seu objetivo no sentido de ampliar o consumo.". Depois, esclarece a consequência: "O avanço técnico e científico, de instrumento da liberdade, adquiriu autonomia e passou a determinar uma estrutura social opressiva, que servisse ao avanço técnico e científico.".

3 – Errado. Inferência inadequada, visto que o texto esclarecer que a preocupação ética foi relegada, ou seja, foi posta "de lado", mas não abolida, exterminada.

4 – Certo. A expressão "Essa ruptura" refere-se ao ponto central do primeiro parágrafo: "a dissociação entre os dois pensamentos: o científico e tecnológico e o humanista.". Depois o autor passa a defender a tese da existência dessa dissociação, ruptura.

5 – Certo. Quando se está na véspera de feriado, é porque estamos no período que o antecede, ou seja, ainda não chegou o feriado. Portanto, a expressão "as vésperas da liberdade" indica que se está no período que antecede a liberdade, contudo a liberdade ainda não chegou.

39. **Quanto à organização do texto LP-II, julgue os itens a seguir.**

1 . A argumentação do texto estrutura-se em três eixos principais: ciência e tecnologia, busca da liberdade e militância política.

2 . A tese para esse texto argumentativo pode assim ser resumida: nem todo "potencial-de-liberdade" gera liberdade com a eficiência desejada.

3. Para organizar o texto, predominantemente argumentativo, o autor recorre a ilustrações temáticas e trechos descritivos sobre condições das sociedades.

4 . A ideia de melhor aproveitamento do tempo como resultado da eficiência técnica é um argumento utilizado para provar a necessidade de lazer e descanso dos homens.

5 . O fragmento a seguir, caso fosse utilizado como continuidade do texto, manteria a coerência da argumentação: **Existe, assim, uma ambiguidade entre a ampliação dos horizontes da liberdade e os resultados, de fato, alcançados pelo homem**.

Gabarito:

1 – Errado. O principal eixo do texto é a dissociação entre os dois pensamentos: o científico e tecnológico e o humanista.

2 – Certo. O comentário é uma síntese do texto. O fato de a máquina substituir o homem em muitas tarefas fez que ele atingisse as vésperas da liberdade, mas não a própria liberdade.

3 – Errado. Em momento algum do texto, há a ocorrência de ilustrações temáticas – elementos que esclareçam sobre o que o texto verso –, muito menos elementos descritivos acerca das condições das sociedades.

4 – Errado. O que ocorreu foi justamente o contrário: "em vez de usar o tempo livre para a prática da liberdade, o homem reorganizou seu projeto e refez seu objetivo no sentido de ampliar o consumo.".

5 – Certo. O comentário serviria como um fechamento do texto, funcionando como uma síntese para tudo que foi exposto, fato explicitado no último parágrafo.

40. **(Cespe / UnB / Delegado PF)**

Individualistas e comportados. E daí?

Cientistas sociais e filósofos de inúmeras correntes garantem: a geração de 90 é ambígua. Explica-se: os adolescentes dessa época buscam o bem-estar individual mas também consideram o conceito "viver dignamente" como um direito da humanidade. Só que eles não pretendem se fatigar nas lutas sociais, nem se sentem atraídos por bandeiras políticas ou cartilhas ideológicas. Em uma pesquisa recente na França, o item "justiça social" foi classificado como um dos menos importantes por moças e rapazes na faixa dos 14 aos 17 anos. Imediatamente, a geração que ouve Madonna, diverte-se com Steven Spielberg e devora sanduíches passou a ser chamada de "novos individualistas". O filósofo e escritor francês Laurent Joffrin, autor do livro Um toque de Juventude, celebra com muito otimismo os "moralistas de **blue jeans**: "eles não são apáticos como se supõe. Seus interesses vão além do prazer imediato e da pura distração", explica Joffrin. Mais cético, seu colega Alain Finkelkraut acredita que os jovens dos anos 90 se apoiam em relacionamentos superficiais e valores distorcidos. "Comportam-se como se a vida fosse um grande **videoclip**…", lamenta. Enquanto os intelectuais batem boca, os ingleses que cresceram ouvindo a balada conservadora de Margareth Thatcher hoje insistem que a vida comportada é muito melhor. Em um pesquisa da revista Look Now, moças e rapazes de 15 a 24 anos confessam gostar de boas roupas, querem ser vistos como pessoas sensíveis e responsáveis, pretendem ter uma carreira sólida e fazer fortuna. Desnecessário dizer que a Dama de Ferro adorou os resultados da pesquisa.

(Greenghalg, Laura. "Sociedade dos Poetas Vivos"**,** In: Elle, ago. 1998. p. 35; com adaptações).

Aplicando conhecimentos acerca de tipologia, estrutura e organização de um texto em parágrafos, julgue os itens a seguir, segundo as ideias desenvolvidas do Texto.

1. O texto é essencialmente dissertativo, podendo ser distribuído em parágrafos, dos quais o introdutório iria até "cartilhas ideológicas"(L.5).
2. O primeiro período (L.1 e 2) contempla a ideia geral do texto, resgatando na

palavra “ambígua” o comportamento da juventude: apático e superficial.

3. Na linha 9, inicia-se uma passagem narrativa que se estende até “lamenta” (L.15) e que conta a rotina da juventude francesa da época.
4. A pesquisa relativa aos ingleses, cujos resultados aparecem a partir do antepenúltimo período do texto, agradou a liderança conservadora porque mostra que os jovens britânicos são idealistas, consumistas, alienados e ambiciosos.
5. Ao se distribuir adequadamente em parágrafos, faltaria um fechamento que resgatasse a ideia básica desenvolvida no texto e desse caráter conclusivo ao título proposto.
6. Segundo o texto, os intelectuais europeus são unânimes na opinião de que os jovens, sedentos pelo fugaz aproveitamento da vida material, apenas se preocupam com a distração e o entretenimento, demonstrando interesse tão somente pela superfície da vida em comunidade.

Gabarito:

1 – Certo. Até “cartilhas ideológicas” está presente a tese do autor. No início do período seguinte, começa a argumentação fundada em informações de terceiros, o que justificaria o começo de um novo parágrafo.

2 – Errado. Não há ambiguidade entre apatia e superficialidade.

3 – Errado. O comentário começa correto, pois realmente se trata de uma narração. Quando o autor do texto reproduz informações de terceiros, tal fragmento é narrativo. No entanto, em momento algum deste fragmento é feito qualquer tipo de comentário acerca da rotina da juventude francesa da época.

4 – Errado. O erro ocorre no emprego do vocábulo “alienados”. O texto não contém essa informação e certamente a liderança conservadora da Inglaterra não gostaria que a juventude fosse alienada.

5 – Certo. É importante o candidato atentar-se que até a quinta linha o autor expõe sua tese. A partir daí, ele começa a usar as informações constantes em pesquisas, revistas, livros como recurso argumentativo. Observe que o último período do texto ainda está no campo argumentativo, sendo uma reprodução de informações constantes na revista Look Now. Sendo assim, o autor do texto não chegou a retomar a palavra para conferir o seu devido fechamento.

6 – Errado. Não há unanimidade. Por exemplo, a expressão “Mais cético” indica

que a visão de Alain Finkelkraut já não é exatamente a mesma de Laurent Joffrin.

41. **(TCU / Auditor)**

O termo groupthinking foi cunhado, na década de cinquenta, pelo sociólogo William H. Whyte, para explicar como grupos se tornavam reféns de sua própria coesão, tomando decisões temerárias e causando grandes fracassos. Os manuais de gestão definem groupthinking como um processo mental coletivo que ocorre quando os grupos são uniformes, seus indivíduos pensam da mesma forma e o desejo de coesão supera a motivação para avaliar alternativas diferentes das usuais. Os sintomas são conhecidos: uma ilusão de invulnerabilidade, que gera otimismo e pode levar a riscos; um esforço coletivo para neutralizar visões contrárias às teses dominantes; uma crença absoluta na moralidade das ações dos membros do grupo; e uma visão distorcida dos inimigos, comumente vistos como iludidos, fracos ou simplesmente estúpidos.

Tão antigas como o conceito são as receitas para contrapor a patologia: primeiro, é preciso estimular o pensamento crítico e as visões alternativas à visão dominante; segundo, é necessário adotar sistemas transparentes de governança e procedimentos de auditoria; terceiro, é desejável renovar constantemente o grupo, de forma a oxigenar as discussões e o processo de tomada de decisão.

JR, Thomaz Wood. "O perigo do groupthinking." In: Carta Capital, 13/5/2009, p. 51 (com adaptações).

Julgue os seguintes itens com base na organização do texto acima.

1 – A sequência narrativa inicial, relatando a origem do termo "groupthinking" (l.1), não caracteriza o texto como narrativo, pois integra a organização do texto predominantemente argumentativo.

2 – Por estar empregada como uma forma de voz passiva, a locução verbal "foi cunhado" (l.1) corresponde a cunhou-se e por esta forma pode ser substituída, sem prejuízo para a coerência ou para a correção gramatical do texto.

3 – No desenvolvimento da argumentação, o valor semântico das orações iniciadas por "tomando" e "causando", ambas na linha 3, permite interpretá-las como causa para a conceituação de Whyte; por isso correspondem a porque tomavam decisões temerárias e causavam grandes fracassos.

4 – Apesar de a definição de "groupthinking" (l.4) sugerir neutralidade do autor a respeito desse processo, o uso metafórico de palavras da área de saúde, como

"sintomas" (l.7), "receitas" (l.12) e "patologia" (l.12), orienta a argumentação para o valor negativo e indesejável de groupthinking.

5 – Na linha 4, preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se inserir uma vírgula imediatamente após o vocábulo "coletivo", mesmo que, com isso, as informações possam ser tomadas como uma explicação – e não como uma caracterização – da expressão "processo mental coletivo".

Gabarito:

1 – Certo. O texto é iniciado com uma narração, visto que o autor reproduz a definição cunhada pelo sociólogo William H. Whyte. No entanto, em vários momentos ele expressa a própria opinião, caracterizando o texto como dissertativo.

2 – Errado. Não é cabível a substituição da voz passiva analítica pela sintética porque passaria uma sensação de reflexividade (A expressão "o termo Groupthinking se cunhou" passa a sensação de que ele cunhou a si mesmo). Além disso, não fica coerente o emprego da voz passiva sintética, estando presente o agente da passiva: "O termo groupthinking cunhou-se… pelo sociólogo William H. Whyte".

3 – Errado. Justamente o contrário. O uso do gerúndio nos dois verbos encerra nexo de consequência para o fato exposto na oração anterior: Porque os grupos ficavam reféns de sua própria coesão (causa), acabavam tomando decisões temerárias e causando grandes fracassos (efeito).

4 – Certo. Ao iniciar o texto pela definição do termo conferido por um sociólogo, fica a impressão de que o texto não apresentaria a opinião do autor. Entretanto, ela se faz presente em alguns momentos do textos e isso se explicita também por esses vocábulos relacionados à medicina, revelando sutilmente o entendimento do autor em relação a Groupthinking: uma doença, uma patologia.

5 – Certo. O pronome relativo introduz oração subordinada adjetiva. No texto original, o pronome relativo não é precedido de vírgula, introduzindo valor de restrição, caracterização. Ao se inserir a vírgula antes do pronome relativo, altera-se a ideia para explicação. É fundamental ler corretamente o item. O Cespe não disse que não haveria mudança semântica (muito pelo contrário: "as informações possam ser tomadas como uma explicação – e não como uma caracterização"), mas que essa mudança não gera incoerência (apesar de o

sentido ficar diferente, o texto continua coerente) tampouco falha gramatical.

42. **(Cespe / UnB / Polícia Federal / Agente)**

FRAGMENTO A

O processo de ampliação dos direitos e de pacificação social não é neutro, nem é o caminho natural de evolução em todas as sociedades. Em geral, é fruto de um processo político, resultado de muitos conflitos e negociações. Nele se confrontam, nos diferentes períodos históricos e nas diferentes sociedades, grupos diversos – alguns mais representativos da maioria dos membros de uma sociedade, outros menos –, defendendo suas ideias e seus interesses a respeito de como organizar a sociedade.

(Andrea Buoro)

FRAGMENTO B

Isto é – Estamos às portas da Terceira Guerra Mundial?

Clóvis Brigagão – Acho que uma nova guerra se estabeleceu, que é um confronto entre grupos terroristas e o Estado. Não é uma guerra clássica, não é uma guerra de guerrilha ou de longa duração, mas um confronto de ataques tópicos, uma espécie de acupuntura. Enquanto os poderosos americanos são visíveis, os inimigos são invisíveis, utilizam ataques de surpresa que põem o sistema internacional e a convivência humana em perigo. Isso já existe no Oriente Médio, onde Israel enfrenta os palestinos. Não é Estado contra Estado, mas Estado contra terrorismo. Esse modelo de conflito se tornou um novo fator de desequilíbrio mundial. Pode inclusive restabelecer uma nova espiral armamentista não convencional.

Isto é, nº 1.668 – 19/9/2001

Julgue os itens abaixo, com o auxílio dos dois fragmentos do texto II.

1 – Da leitura dos dois fragmentos, infere-se que guerras e conflitos não respeitam fronteiras estatais.

2 – O fragmento A mostra que muitos avanços sociais causam conflitos, e mesmo guerras.

Gabarito:

1 – Certo. Fundamental nessa questão o candidato atentar-se à leitura do seguinte termo "Da leitura dos fragmentos". Essa expressão significa "Você lendo os dois fragmentos", "Do somatório de informações dos dois fragmentos". Portanto, a informação que "guerras e conflitos não respeitam

fronteiras estatais" não precisam estar presente nos dois fragmentos, bastando estar em um. É justo o que ocorre. Só é cabível inferir que guerras e conflitos não respeitam fronteiras estatais pelo segundo fragmento, onde se esclarece que é um confronto entre grupos terroristas e o estado.

1 – Errado. Há a inversão da relação de causa e efeito, o que se evidencia no seguinte período "Em geral, é fruto de um processo político, resultado de muitos conflitos e negociações.". Portanto, se o processo de ampliação dos direitos é frutos de conflitos, negociações, compreende-se que é consequência de conflitos, negociações

43. **Julgue os itens a seguir, a respeito da organização das ideias e estruturas do fragmento A do texto II.**

1 – Em suas duas ocorrências na linha 1, o verbo SER está flexionado no singular para concordar com a palavra "processo".

2 – A palavra "neutro" (l. 1) sintetiza a ideia de **livre de pressões, de tendências divergentes e conflitantes**.

3 – A conjunção "nem" (l.1) corresponde a **também não**.

4 – Os pronomes "suas" (l. 6) e "seus" (l. 6) referem-se a "sociedade" (l. 5)

5 – Mantém o sentido e a correção gramatical do fragmento, mas especifica-se mais a relação de ideias, ao se acrescentar o artigo à **preposição na expressão "a respeito de l. 6), transformando-a em ao respeito de**.

Gabarito:

1 – Certo. O núcleo do sujeito é "processo". Na primeira ocorrência do verbo SER, o sujeito está explícito. Na segunda, o sujeito está elíptico.

2 – Certo. O texto informa que "O processo de ampliação dos direitos e de pacificação social NÃO é neutro" e SIM que "O processo de ampliação dos direitos e de pacificação é fruto de um processo político, resultado de muitos conflitos e negociações.". Então, nesse contexto, NEUTRO está em oposição a "fruto de um processo político, resultado de muitos conflitos e negociações". Como "livre de pressões, de tendências divergentes e conflitantes" também se opõe a "fruto de um processo político, resultado de muitos conflitos e negociações", conclui-se que NEUTRO e "livre de pressões, de tendências divergentes e conflitantes", no caso, têm o mesmo valor.

3 – Certo. NEM é conjunção cuja função semântica é adicionar elementos negativos, sendo sinônimo de TAMBÉM NÃO. Outro conector que poderia

substituir NEM seria TAMPOUCO.

4 – Errado. Os pronomes "suas" e "seus" têm como referente "grupos diversos" (l. 4). São ideias e interesses desses grupos diversos.

5 – Errado. Simplesmente a expressão "ao respeito de" não existe, o que comprometeria a correção e o sentido.

44. **Julgue os itens seguintes, quanto à organização das ideias no fragmento B do texto II.**

1 – A expressão "nova guerra" (l.2) remete ao mesmo referente de "confronto de ataques tópicos" (l. 4), "Isso" (l. 7), "Esse modelo de conflito" (l. 8) e "novo fator de desequilíbrio" (l. 8 e 9)

2 – O conectivo "mas" (l. 4) introduz uma ideia adversativa que, em um padrão mais culto da linguagem, corresponde a destarte.

3 – Porque o conectivo "enquanto" (l. 5) está empregado com valor alternativo em "Enquanto os poderosos americanos são visíveis, os inimigos são invisíveis" (l. 5), mantêm-se as relações semânticas na ligação dessas duas orações se elas forem substituídas por Ora os poderosos americanos são visíveis, ora os inimigos são invisíveis.

4 – Nas linhas 5 e 6, as formas verbais "utilizam" e "põem" estão empregadas no plural para respeitar a concordância com "inimigos" (l. 5)

5 – Pelo sentido textual, o último período do fragmento admite a subordinação sintática ao penúltimo, expressa por oração reduzida de gerúndio, com os devidos ajustes de pontuação e letras maiúsculas.

Gabarito:

1 – Certo. Todos os termos remetem a "nova guerra". Além desses termos, também "confronto entre grupos terroristas e o Estado" e "espécie de acupuntura" são remissivos a "nova guerra".

2 – Errado. O item começa com comentário correto, visto que "mas" é conjunção adversativa. No entanto, a substituição proposta é absurda, porquanto DESTARTE possui valor conclusivo.

3 – Errado. O comentário é absurdo, visto que o conector de caráter temporal "Enquanto" confere ao período valor de simultaneidade, concomitância. Já o par ORA…ORA introduz ideia alternativa. Ou seja, são fatos que se alternam e obviamente não podem ocorrer ao mesmo tempo.

4 – Errado. Realmente a forma verbal "utilizam" encontra-se na terceira pessoa

do plural para concordar com seu sujeito (Os inimigos). A forma verbal PÕEM também se encontra na terceira pessoa do plural, todavia para concordar com o antecedente do pronome relativo QUE (ataques de surpresa).

5 – Certo. Perceba que a construção fica coerente e gramaticalmente correta: Esse modelo de conflito se tornou um novo fator de desequilíbrio mundial, podendo inclusive restabelecer uma nova espiral armamentista não convencional.

45. **A pergunta de US$ 110 bilhões: por que os EUA continuam gastando dinheiro com regimes corruptos e impopulares?**

Quando vemos hoje os impressionantes levantes no mundo árabe, com atos espontâneos pela democracia, é impossível não se perguntar: o que estamos fazendo gastando US$ 110 bilhões (em torno de R$ 180 bilhões) neste ano para apoiar regimes corruptos e impopulares no Afeganistão e no Paquistão que são quase idênticos aos governos que estamos aplaudindo os povos derrubarem?

Pode-se inferir do primeiro parágrafo que:

a) Está havendo atos espontâneos pela democracia no mundo árabe.

b) Há um paradoxo entre o investimento em alguns regimes políticos e o desejo de ver similares serem derrubados.

c) Os governos apoiados e derrubados são os mesmos.

d) Os governos apoiados, que receberam investimentos, e os derrubados são idênticos.

e) Os governos do Afeganistão e do Paquistão também serão derrubados por forças populares.

Gabarito: B

Questão feita para deixar o candidato em dúvida entre as alternativas A e B. As alternativas C, D e E apresentam comentários absurdos. Como no enunciado da questão está sendo exigida uma inferência, uma dedução. Assim, podemos excluir a alternativa A, visto que a informação lá constante não precisamos inferir, encontrando-se exposta, explícita. Está exposto no texto que está havendo atos espontâneos pela democracia no mundo árabe. Portanto, não inferimos essa informação. Já a alternativa B apresenta informação coerente, todavia não exposta no texto. Há um paradoxo? Certamente há, mas o texto não explicita isso, e sim é

algo que deduzimos, concluímos, inferimos.

46. Há duas semanas, tomei um avião da TAM, em Congonhas, de volta para o Rio. O embarque foi normal, sem estresses, mas o avião ficou 40 minutos na pista depois da hora marcada para a decolagem. Nesse espaço de tempo, os comissários se evaporaram e a TAM não deu qualquer satisfação aos passageiros. Estou sabendo que isso vive acontecendo. Às vezes, os passageiros são deixados mofando no avião depois que ele pousa.

(Ruy Castro)

O que se pode depreender do primeiro parágrafo?

a) Que o autor fez a aludida viagem há duas semanas.
b) Que se tornou comum os passageiros não obterem qualquer tipo de satisfação quanto a problemas nas viagens.
c) Que a TAM não dá satisfação aos passageiros acerca de atrasos nos voos.
d) Que, quando acontece qualquer tipo de problema nos voos, os comissários tornam-se ausentes.
e) A anormalidade refere-se aos quarenta minutos que as pessoas levaram dentro do avião após o pouso.

Gabarito: B

Exclui-se a alternativa, visto que o autor não fez a viagem há duas semanas, mas duas semanas antes de redigir esse texto. Elimina-se a alternativa C, uma vez que a informação presente no texto é que a TAM não deu qualquer satisfação aos passageiros sobre o atraso, o que não quer dizer que isso aconteça sempre. Também se exclui a alternativa D, porquanto a informação prestada foi que, naquele voo, os comissários desapareceram, o que não significa que isso aconteça em todos os voos. A anormalidade ficou por conta do tempo que o avião levou para voar e não após o pouso. A alternativa B foi a resposta, visto que o pronome ISSO refere-se aos fatos presentes no período anterior, o que nos permite fazer a seguinte leitura: Estou sabendo que isso (Nesse espaço de tempo, os comissários se evaporaram e a TAM não deu qualquer satisfação aos passageiros.) vive acontecendo. Sendo assim, compreende-se que os comissários de se "evaporarem" e a TAM não dar qualquer satisfação são fatos comuns, ou seja, vive acontecendo – expressão que o autor usou.

47. **(FCC / SP / Oficial de Defensoria Pública)**

CONHECIMENTOS GERAIS

Português

Atenção: As questões de números 47 a 52 baseiam-se no texto abaixo.

O heroísmo é um dos últimos enigmas do comportamento humano. Quando se trata de entendê-lo por meio de explicações racionais, é tão incompreensível quanto sua gêmea maligna, a brutalidade.

Os psicopatas são mais transparentes do que os heróis. Pelo menos já descobrimos o que os torna perigosos: sua incapacidade de sentir qualquer empatia pelos outros. Já o heroísmo extremo é de difícil explicação científica. Trata-se de um impulso ilógico que desafia a biologia, a psicologia e o bom senso. Charles Darwin tinha dificuldades em explicar a ideia de se expor para salvar a vida de um estranho. "Aquele disposto a sacrificar a sua vida, como muitos selvagens o fazem, em vez de trair seus companheiros, frequentemente não deixa descendentes para herdar sua nobre natureza", observou ele, que consequentemente não conseguia encaixar o heroísmo na teoria da sobrevivência do mais forte.

Morrer pelos próprios filhos? Perfeitamente lógico. De acordo com Darwin, nossa única razão de existir é passar nossos genes para a próxima geração. Mas, e morrer pelos outros? Contraproducente. Afinal, não importa quantos heróis fossem gerados, bastaria uma besta egoísta atleticamente sexual para minar toda a linhagem heroica. Os filhos dos egoístas se multiplicariam, enquanto os filhos dos super-heróis que seguissem o exemplo do superpai se sacrificariam até à extinção. Não é difícil de entender por que o comportamento heroico é raro.

Então, se todas as forças evolutivas e consequências desvantajosas conspiram contra o heroísmo, por que tal comportamento existe? Segundo o biólogo Lee Dugatkin, o heroísmo, uma forma de altruísmo, provavelmente data da época em que vivíamos em tribos nômades, onde as pessoas tinham entre si alguma conexão familiar. Ao praticar um ato heroico, elas estariam salvando uma parte de seu material genético.

Estamos cercados de situações que banalizam o mal. Segundo Hannah Arendt, teórica política alemã, a brutalidade é disseminada. Gostamos de pensar que a linha entre o bem e o mal é impermeável, que as pessoas que cometem atrocidades estão no lado mau, nós no lado bom, e que jamais cruzaremos a

fronteira. Para banalizar o bem, entretanto, precisamos construir circunstâncias contrárias à quelas que insidiosamente nos corrompem: uma sociedade detentora de sistemas que permitam a contestação, a crítica e a verdade. Quem sabe assim não precisaremos de super-heróis para garantir direitos básicos de cidadania.

(ZEH, Andrea Kauffmann. O Estado de S. Paulo, Aliás, J7, 21 de junho de 2009, com adaptações)

Justifica-se a primeira afirmativa do texto porque

a) as hipóteses que tentam explicar a agressividade de algumas pessoas ficam comprometidas pela ocorrência de atos de heroísmo.

b) o sacrifício de uma vida é sempre um exemplo notável, do ponto de vista da sobrevivência da espécie.

c) as razões que levam as pessoas a praticarem atos de heroísmo que colocam a vida em risco são de difícil explicação.

d) a percepção da banalização do mal nas sociedades modernas leva a atos de heroísmo mais constantes.

e) a oposição entre atos de heroísmo e as ações marcadas por brutalidade é insignificante para justificar certas atitudes humanas.

Gabarito: C

O cerne dessa questão está no emprego da palavra "enigma", presente no primeiro período (primeira afirmativa do texto). "Enigma", em consonância com o Dicionário do Aurélio, significa "questões propostas em termos obscuros. Algo em termos obscuros é algo de difícil explicação.

48. **O texto permite afirmar, corretamente, que:**

a) somente a ciência é capaz de oferecer explicações para os atos de heroísmo;

b) a linha que separa os conceitos de bem e de mal é tênue e quase imperceptível;

c) heróis são capazes, por vezes, de agir com lógica e discernimento em seu grupo social;

d) poucas vezes os descendentes de heróis tentam reproduzir o exemplo dado por estes;

e) a herança deixada por psicopatas a seus descendentes é muito semelhante à dos heróis.

Gabarito: B

A alternativa A contraria o texto, visto que nem os cientistas foram capazes de explicar os atos de heroísmo. A alternativa C também contraria as ideias do texto, até porque os atos de heroísmo são classificados como contraproducentes. Morrer pelos filhos seria lógico, mas não pelos outros. A alternativa D não apresenta informação coerente com o texto, pois o que se expõe é: "…. os filhos dos super-heróis que seguissem o exemplo do superpai se sacrificariam até à extinção. Não é difícil de entender por que o comportamento heroico é raro.", sendo assim, o que se depreende é que, se os filhos imitarem as atitudes dos superpais, acabarão extintos. A alternativa E também é absurda, pois a característica comum a eles não é a herança deixada para os filhos, e sim a dificuldade de se fazer uma teoria racional para as suas atitudes. A alternativa B apresenta comentário correto, porquanto relaciona o heroísmo à brutalidade classificando-os como almas gêmeas e incompreensíveis, sendo a linha tênue que os distingue o fato de que os psicopatas são mais transparentes do que os heróis.

49. **Conclui-se corretamente do texto que:**

a) o altruísmo nas sociedades modernas decorre da tentativa de manutenção dos laços familiares originados em núcleos tribais;
b) as explicações científicas são insuficientes para identificar indivíduos potencialmente perigosos para a sociedade;
c) aqueles que se dispõem a comportamentos extremos, seja para o bem, seja para o mal, se identificam com os mais fortes no grupo social;
d) a existência de atos de heroísmo numa sociedade moderna não condiz com a própria história da evolução da humanidade;
e) a prática de ações benéficas nas sociedades contemporâneas deve impor-se à força que impele os indivíduos ao mal.

Gabarito: E

A alternativa A contraria o texto, uma vez que o campo semântico do período original, o da possibilidade: "Segundo o biólogo Lee Dugatkin, o heroísmo, uma forma de altruísmo, **provavelmente** data da época em que vivíamos em tribos nômades, onde as pessoas tinham entre si alguma conexão familiar.". A informação constante na alternativa é exposta no campo factual, da certeza que o fato ocorreu. A alternativa B também contradiz o texto, pois lá está exposto que " a incapacidade de sentir qualquer empatia pelos outros já é um dado fundamental

para se identificarem pessoas perigosas na convivência social. A alternativa C é absurda, pois no texto se expõe que não há como encaixar o heroísmo na teoria da sobrevivência do mais forte. Muito pelo contrário, pessoas com essa característica tendem à extinção. A alternativa D também não é coerente, pois se depreende que a existência de super pais pode colaborar com a sobrevivência da humanidade, mesmo que sacrifique sua própria linhagem genética, ou seja, a sua descendência. A alternativa E se expõe no seguinte fragmento: "Para banalizar o bem, entretanto, precisamos construir circunstâncias contrárias à quelas que insidiosamente nos corrompem: uma sociedade detentora de sistemas que permitam a contestação, a crítica e a verdade.".

50. **Em relação ao 3º parágrafo, está INCORRETO o que se afirma em:**

a) Identifica-se opinião pessoal em Perfeitamente e Contraproducente.

b) Percebe-se intenção irônica no uso das palavras super-heróis e superpai.

c) O emprego de multiplicariam e sacrificariam denota possibilidade remota num tempo futuro, condicionada a determinada situação anterior.

d) Não há respostas possíveis e lógicas para o fato de alguém se sacrificar por pessoas desconhecidas, ou seja, pelos outros.

e) O desenvolvimento leva à conclusão coerente de que o comportamento heroico é raro.

Gabarito: D

O comentário proferido na alternativa A é perfeito, uma vez que "Perfeitamente lógico." é uma opinião do autor ao fato de "Morrer por um filho". E "Contraproducente" foi a qualificação conferida ao fato de "Morrer pelos outros". A alternativa B apresenta comentário correto, visto que o Futuro do Pretérito, como o próprio nome sugere, indica um evento futuro improvável atrelado a uma condição pretérita: Se os filhos seguissem o exemplo dos pais (condição pretérita), as consequências seriam "os filhos dos egoístas se multiplicariam, enquanto os filhos dos super-heróis se sacrificariam até à extinção.". A alternativa D apresenta comentário falso, visto que, uma resposta lógica aparentemente não há, mas possível, mesmo que ilógica, pode ser que haja. A alternativa E apresenta comentário correto, representando o último período uma conclusão para a tese de que os exemplos de heroísmo, caso seguidos pelos filhos, levariam à extinção.

51. **O assunto do texto está sintetizado em:**

a) Heroísmo é atitude sem explicação lógica quando analisado sob a ótica dos

impulsos do comportamento humano.

b) O heroísmo extremo é geralmente confundido com a brutalidade manifestada por psicopatas.

c) Heróis e psicopatas apresentam habitualmente o mesmo tipo de comportamento num mundo incompreensível.

d) Charles Darwin falhou em suas explicações para o comportamento heroico apresentado por certas pessoas.

e) A sobrevivência da espécie humana só é explicada pelo comportamento heroico de certos indivíduos.

Gabarito: A

Na questão, é exigido do candidato um resumo do texto, ou seja, sua ideia principal também chamada de tópico frasal. A tese exposta no início do texto, mais propriamente nos dois primeiros parágrafos é que o heroísmo é um enigma, uma atitude incompreensível, um impulso ilógico que desafia a biologia, a psicologia e o bom senso. A sequência do texto se estrutura na argumentação para a defesa dessa tese.

52. **... uma sociedade detentora de sistemas que permitam a contestação, a crítica e a verdade. (último parágrafo)**

O emprego da forma verbal grifada acima denota, no contexto,

a) possibilidade de realização de um fato.

b) certeza imediata a respeito de uma ação real.

c) dúvida plausível acerca da realização de um fato.

d) ação prevista em um futuro imediato.

e) fato realizado em um tempo indefinido.

Gabarito: A

O emprego do modo subjuntivo distancia a situação do campo da certeza. Isso mais se evidencia quando se observa a construção de todo o período: inicialmente há a ocorrência da preposição "para" estabelecendo relação de finalidade; depois a ocorrência da locução verbal "Precisamos construir" já indicando que as circunstâncias ainda não foram construídas. O fragmento "uma sociedade detentora de sistemas que permitam a contestação, a crítica e a verdade" representa as circunstâncias que precisam ser construídas com a finalidade de banalizar o bem.

53. **Atenção: As questões de números 56 a 62 baseiam-se no texto abaixo.**

A memória ajuda a definir quem somos. Na verdade, nada é mais essencial para a identidade de uma pessoa do que o conjunto de experiências armazenadas em sua mente. E a facilidade com que ela acessa esse arquivo é vital para que possa interpretar o que está à sua volta e tomar decisões. Cada vez que a memória decai, e conforme a idade isso ocorre em maior ou menor grau, perde-se um pouco da interação com o mundo. Mas a ciência vem avançando no conhecimento dos mecanismos da memória e de como fazer para preservá-la. Pesquisas recentes permitem vislumbrar o dia em que será uma realidade a manipulação da mente humana. Isso já está sendo feito em animais.

Cientistas brasileiros e americanos demonstraram ser possível apagar, em laboratório, certas lembranças adquiridas por cobaias. Tudo indica que as mesmas técnicas podem ser usadas também para conseguir o efeito inverso: ampliar a capacidade de reter fatos e experiências na mente. Há pouco tempo pesquisadores da Universidade da Califórnia detalharam como as proteínas estão relacionadas ao surgimento de novas lembranças nos neurônios e à modificação das já existentes.

Como ocorreu com o DNA no século passado, os códigos fisiológicos que regulam a memória estão sendo decifrados. A neurociência é um campo tão promissor que, nos Estados Unidos, nada menos que um quinto do financiamento em pesquisas médicas do governo federal vai para as tentativas de compreender os mecanismos do cérebro. Os estudos sobre a memória têm um lugar destacado nesse esforço científico.

Afinal de contas, mantê-la em perfeito funcionamento tornou-se uma preocupação central nas sociedades modernas, em que dois fenômenos a desafiam: o primeiro é a exposição a uma carga excessiva de informações, que o cérebro precisa processar, selecionar e, se relevantes, reter para uso futuro; o segundo é o aumento da expectativa de vida, que se traduz numa população mais vulnerável a distúrbios associados à perda de memória.

Um dos caminhos investigados pelos cientistas para deter as degenerações que resultam em perda mnemônica é induzir a produção de novos neurônios – a neurogênese. Até pouco tempo atrás, acreditava-se que as células do cérebro não se regeneravam. Esse mito foi derrubado e hoje se sabe que em algumas estruturas cerebrais o nascimento de células nervosas é um fenômeno comum. O experimento indica que, se os cientistas conseguirem estimular de maneira controlada a neurogênese, poderão aplicar essa técnica tanto para compensar a

morte de células causada por uma doença degenerativa como, em tese, para melhorar a capacidade de memorização de uma pessoa saudável. Esse será, certamente, um dia inesquecível.

(Schelp, Diogo. Veja. 13 jan. 2010, pp. 79-87, com adaptações)

Esse será, certamente, um dia inesquecível. (final do texto)

Pressupõe-se corretamente da afirmativa acima:

a) uma contradição intencional com o assunto que foi desenvolvido em todo o texto;
b) o uso intencional do adjetivo, por sua correlação de sentido com o assunto abordado no texto;
c) uma crítica velada a procedimentos científicos, de certa forma invasivos, de manipulação da memória de pessoas;
d) a conclusão pessimista das dificuldades apontadas em relação às pesquisas sobre a memória humana;
e) a aceitação total de que é cada vez mais difícil descobrir as razões que levam à perda de memória.

Gabarito: B

A alternativa B é a única que apresenta razoabilidade. A expressão ESSE… DIA INESQUECÍVEL refere-se à época em que poderá ocorrer o exposto no período anterior: "O experimento indica que, se os cientistas conseguirem estimular de maneira controlada a neurogênese, poderão aplicar essa técnica tanto para compensar a morte de células causada por uma doença degenerativa como, em tese, para melhorar a capacidade de memorização de uma pessoa saudável.".

54. **A neurociência é um campo tão promissor A neurociência é um campo tão promissor (3º parágrafo)**

A relação entre as orações do segmento acima é, respectivamente, de:

a) explicação de um fato e a razão para sua realização;
b) constatação de um fato real e sua condição necessária;
c) consequência de uma situação e a explicação decorrente;
d) condição de realização de um fato e a finalidade de uma ação;
e) causa que justifica uma ação e sua consequência.

Gabarito: E

Caro candidato, é fundamental não esquecer que onde há causa, há efeito; e

onde há efeito, há causa. A conjunção QUE, introduzindo a segunda oração, é subordinativa consecutiva, portanto obviamente introduz um efeito para o expresso na oração anterior. Essa é uma estrutura clássica: "A neurociência é um campo tão promissor" (causa) – "A neurociência é um campo tão promissor (efeito).". Portanto, a primeira estrutura se estabelece com uma causa a justificar uma ação; a segunda, introduzida pelo conector consecutivo, representa uma necessária atitude que é a própria consequência.

55. **... em que dois fenômenos a desafiam... (3º parágrafo)**

O pronome grifado acima substitui corretamente, considerando-se o contexto:

a) memória;
b) neurociência;
c) preocupação central;
d) carga excessiva de informações;
e) população mais vulnerável.

Gabarito: A

O pronome oblíquo refere-se à expressão "memória", presente no segundo parágrafo, tal qual a forma pronome LA em mantê-la. Tal fato se evidencia pelo sentido textual: dois fenômenos desafiam a memória.

56. **(FCC / 23ª REGIÃO / Analista Judiciário)**

Atenção: As questões de números 1 a 20 referem-se ao texto que segue.

Da ação dos justos

Em recente entrevista na TV, uma conhecida e combativa juíza brasileira citou esta frase de Disraeli*: "É preciso que os homens de bem tenham a audácia dos canalhas". Para a juíza, o sentido da frase é atualíssimo: diz respeito à frequente omissão das pessoas justas e honestas diante das manifestações de violência e de corrupção que se multiplicam em nossos dias e que, felizmente, têm chegado ao conhecimento público e vêm sendo investigadas e punidas. A frase propõe uma ética atuante, cujos valores se materializem em reação efetiva, em gestos de repúdio e medidas de combate à barbárie moral. Em outras palavras: que a desesperança e o silêncio não tomem conta daqueles que pautam sua vida por princípios de dignidade.

Como não concordar com a oportunidade da frase? Normalmente, a indignação se reduz a conversas privadas, a comentários pessoais, não indo além de um mero discurso ético. Se não transpõe o limite da queixa, a indignação é impotente, e seu efeito é nenhum; mas se ela se converte em gesto público, objetivamente dirigido contra a arrogância acanalhada, alcança a dimensão da prática social e política, e gera consequências.

A frase lembra-nos que não costuma haver qualquer hesitação entre aqueles que se decidem pela desonestidade e pelo egoísmo. Seus atos revelam iniciativa e astúcia, facilitadas pela total ausência de compromisso com o interesse público. Realmente, a falta de escrúpulo aplaina o caminho de quem não confronta o justo e o injusto; por outro lado, muitas vezes faltam coragem e iniciativa aos homens que conhecem e mantêm viva a diferença entre um e outro. Pois que estes a deixem clara, e não abram mão de reagir contra quem a ignore.

A inação dos justos é tudo o que os contraventores e criminosos precisam para continuar operando. A cada vez que se propagam frases como "Os políticos são todos iguais", "Brasileiro é assim mesmo" ou "Este país não tem jeito", promove-se a resignação diante dos descalabros. Quem vê a barbárie como uma fatalidade torna-se, ainda que não o queira, seu cúmplice silencioso.

* Benjamin Disraeli, escritor e político britânico do século XIX. (Aristides Villamar)

A frase de Disraeli, tal como é entendida e desenvolvida no texto, reporta-se à necessidade de que:

a) os homens de bem e os canalhas se congracem na mesma audácia;

b) a intempestividade dos homens honestos supere a dos desonestos;

c) a ousadia dos bons cidadãos não fique atrás da dos patifes;

d) o atrevimento dos desclassificados coíba o dos justos;

e) os cidadãos honestos e os meliantes distingam entre o bem e o mal.

Gabarito: C

A frase é "É preciso que os homens de bem tenham a audácia dos canalhas". A forma verbal "tenham" significa POSSUAM, obviamente tendo o valor de posse. Na alternativa C, o termo "dos bons cidadãos" funciona como adjunto adnominal, também com valor de posse. Antes de "audácia" subentende-se a presença do vocábulo "mesma" ("… tenham a mesma audácia"); já a alternativa sugere que a audácia dos homens de bem não fique atrás da audácia dos canalhas, ou seja, que

eles tenham no mínimo a mesma audácia.

57. **Atente para as seguintes afirmações:**

I. **Às escandalosas práticas dos canalhas deve corresponder uma reação objetiva, que tenha envergadura social e peso político.**

II. **Os homens de virtude não confrontam o que é justo e o que é injusto porque sabem relativizar o valor do bem e o do mal.**

III. **Do quarto parágrafo depreende-se que certas frases do senso comum induzem à complacência com as ações mais nefastas.**

Em relação ao texto, está correto o que se afirma em:

a) I e II, somente;
b) I e III, somente;
c) II e III, somente;
d) III, somente;
e) I, II e III.

Gabarito: B

O comentário proferido no item I é correto, constituindo-se numa síntese do texto, mormente nos dois primeiros parágrafos. Compreende-se que, se as pessoas éticas não agiram com a mesma determinação dos canalhas, suas reclamações, queixas não logram êxito. Portanto, torna-se necessária uma atuação mais significativa daqueles que possuem princípio ético, para que a indignação não se restrinja a conversas privadas, as quais acabam por não conterem efeito prático.

O comentário realizado no item II é inadequado, dado que o que se informa é que há necessidade de uma posição mais atuante daqueles que possuem valores éticos, isso não quer dizer que eles não confrontem o justo com o injusto. Além disso, a explicação dada para o fato também é absurda: não confrontam porque sabem relativizar o valor do bem e do mal???

O item III se coaduna sobretudo com o seguinte fragmento "A cada vez que se propagam frases como "Os políticos são todos iguais", "Brasileiro é assim mesmo" ou "Este país não tem jeito", promove-se a resignação diante dos descalabros. Quem vê a barbárie como uma fatalidade torna-se, ainda que não o queira, seu cúmplice silencioso.".

58. **Considerando-se o contexto, as expressões:**

a) frequente omissão e ética atuante referem-se a distintas condutas, atinentes

aos homens de bem;

b) barbárie moral e princípios de dignidade são análogas, e referem-se aos homens indignos;

c) inação dos justos e frequente omissão estabelecem entre si a oposição que se verifica entre os justos e os canalhas;

d) dimensão da prática social e política e a arrogância acanalhada representam, respectivamente, uma causa e seu efeito;

e) iniciativa e astúcia e cúmplice silencioso referem-se aos contraventores e aos criminosos.

Gabarito: A

A alternativa apresenta comentário correto, dado que duas condutas são relacionadas aos homens de bem: a frequente omissão, fato que se confirma na fala da juíza – por isso, a juíza cita que os homens de bem deveriam ter mais audácia; e a ética atuante, como deveriam ser os cidadãos de bem.

Exclui-se a alternativa B, dado que princípios de dignidade relacionam-se aos homens de bem, dignos.

Exclui-se a alternativa C, visto que os dois elementos não apresentam oposição, pelo contrário, encontram-se no mesmo campo semântico.

Exclui-se a alternativa D, visto que uma atitude objetivamente dirigida contra a arrogância acanalhada é que geraria o efeito de se alcançar uma dimensão da prática social e política.

Elimina-se a alternativa E, pois iniciativa e astúcia são características que os criminosos têm e que os homens de bem também deveriam ter na defesa desse bem. Já cúmplice silencioso refere-se aos próprios cidadãos de bem.

59. **Quem propaga frases como as citadas entre aspas no último parágrafo parece admitir que:**

a) a resignação é vencida por uma ética atuante;

b) a cumplicidade silenciosa é o mal maior;

c) o discurso ético é o primeiro passo para a moralização;

d) não se deve abrir mão de uma reação ética;

e) os descalabros fazem parte da nossa natureza.

Gabarito: E

É importantíssimo nessa questão compreender o que está sendo solicitado. A

banca não está pedindo a visão do autor quanto ao assunto. Já se sabe que o entendimento do autor é a de que os cidadãos de bem precisam ser mais atuantes, ousados. No entanto, aqui está sendo solicitada a visão das pessoas que proferem as seguintes frases: "Os políticos são todos iguais", "Brasileiro é assim mesmo" ou "Este país não tem jeito". Essas pessoas estão resignadas com esse tipo de situação – fato que o próprio autor critica. Portanto, se fosse a visão do autor, poderíamos ter as opções A, C ou E. Mas como se pede a visão dessas pessoas que já se entregaram diante dos fatos, a única alternativa cabível só pode ser a alternativa E.

60. **Considerando-se o contexto do terceiro parágrafo, na frase Pois que estes a deixem clara, os pronomes estes e a estão se referindo, respectivamente, a:**

a) um e outro / a diferença;
b) os homens / a diferença;
c) desonestidade e egoísmo / iniciativa;
d) os homens / iniciativa;
e) o justo e o injusto / iniciativa.

Gabarito: B

O período anterior ao retirado da frase é o seguinte: "Realmente, a falta de escrúpulo aplaina o caminho de quem não confronta o justo e o injusto; por outro lado, muitas vezes faltam coragem e iniciativa aos homens que conhecem e mantêm viva a diferença entre um e outro.". O pronome "Estes" refere-se ao elemento masculino e plural mais próximo: os homens. Já o pronome "a" refere-se ao termo feminino e singular mais próximo: a diferença. A leitura da frase é: Pois que os homens deixem a diferença clara.

61. **Os segmentos destacados constituem, respectivamente, uma causa e sua consequência em:**

a) Para a juíza, / o sentido da frase é atualíssimo;
b) Pois que estes a deixem clara / e não abram mão de reagir contra quem a ignore;Â
c) Normalmente, a indignação se reduz / a conversas privadas (...);
d) A frase lembra-nos / que não costuma haver qualquer hesitação (...);
e) Quem vê a barbárie como uma fatalidade / torna-se (...) seu cúmplice silencioso.Â

Gabarito: E

Alternativa A – O primeiro fragmento representa uma conformidade para o fato expresso no segundo.

Alternativa B – O segundo fragmento representa uma adição para o fato exposto no primeiro.

Alternativa C – O segundo fragmento é apenas um complemento verbal para "reduz-se" (oração subordinada substantiva objetiva indireta), sem valor semântico.

Alternativa D – O segundo fragmento é apenas um complemento verbal para "reduz-se" (oração subordinada substantiva objetiva direta), sem valor semântico.

Alternativa E – Quem age dessa maneira (Quem vê a barbárie como uma fatalidade) – causa; consequentemente torna-se seu cúmplice silencioso -efeito.

62. **Considerando-se o contexto, a palavra sublinhada em Como não concordar com a oportunidade da frase? Tem sentido equivalente ao da expressão sublinhada em:**

a) Sua colaboração chegou no momento azado.

b) Impressionou-o o indômito oportunismo com que agia seu adversário.

c) Na eventualidade de um ato ilegal, impõe-se uma sindicância.

d) Ela estranhou o extemporâneo interesse do amigo.

e) Eles sempre agiram em conformidade com a lei.

Gabarito: A

Alternativa A – Azado significa oportuno, momento propício para uma atitude.

Alternativa B – indômito significa indomável, indomesticável, bravio.

Alternativa C – eventualidade tem valor de fato que acontece casualmente, sem frequência

Alternativa D – extemporâneo é algo que acontece fora de seu tempo, depois do prazo

Alternativa E – "em conformidade de" expressa um ação de acordo, em consonância, em conformidade com algo já estabelecido.

63. **(Cespe/ UnB / STF)**

O agente ético é pensado como sujeito ético, isto é, como um ser racional e consciente que sabe o que faz, como um ser livre que escolhe o que faz e como um

ser responsável que responde pelo que faz. A ação ética é balizada pelas ideias de bem e de mal, justo e injusto, virtude e vício. Assim, uma ação só será ética se consciente, livre e responsável e será virtuosa se realizada em conformidade com o bom e o justo. A ação ética só é virtuosa se for livre e só o será se for autônoma, isto é, se resultar de uma decisão interior do próprio agente e não de uma pressão externa. Evidentemente, isso leva a perceber que há um conflito entre a autonomia da vontade do agente ético (a decisão emana apenas do interior do sujeito) e a heteronomia dos valores morais de sua sociedade (os valores são dados externos ao sujeito). Esse conflito só pode ser resolvido se o agente reconhecer os valores de sua sociedade como se tivessem sido instituídos por ele, como se ele pudesse ser o autor desses valores ou das normas morais, pois, nesse caso, ele será autônomo, agindo como se tivesse dado a si mesmo sua própria lei de ação.

Marilena Chauí. Uma ideologia perversa. In: Folhaonline, 14/3/1999 (com adaptações).

Julgue os seguintes itens, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do texto acima.

1– Depreende-se do texto que "agente" e "sujeito", ambos na linha 1, não são sinônimos, embora possam remeter ao mesmo indivíduo.

2– De acordo com as relações argumentativas do texto, se uma ação não for "virtuosa" (l.6), ela não resulta de decisão interior; se não for "ética" (l.4), ela não será consciente, livre e responsável.

3– A expressão "Esse conflito" (l.11) tem a função textual de recuperar a ideia de "heteronomia" (l.9-10).

4– A organização das ideias no texto mostra que, em suas duas ocorrências, o pronome "ele", na linha 12, refere-se textualmente a "agente" (l.11).

Gabarito:

1 – Certo. Repare que o autor do texto compara o agente ético com o sujeito ético, o que nos leva a depreender que não são o mesmo ser. No entanto, se o conflito entre a autonomia da vontade do agente ético e a heteronomia dos valores morais de sua sociedade for resolvido, os dois termos podem remeter ao mesmo indivíduo.

2 – Errado. O item inverte a relação de condição/efeito. O que o texto informa é que "uma ação só será ética se consciente". Portanto, se for consciente, livre e

responsável (condição), será ética (efeito). Se não for consciente, livre e responsável (condição), não será ética (efeito). E não "se não for "ética" (condição), ela não será consciente, livre e responsável (efeito).

3 – Errado. A expressão "Esse conflito "remete ao par "autonomia da vontade do agente ético" – "heteronomia".

4 – Certo – Não só as duas ocorrências da linha 12 como também a da linha 13. A ideia e á de que o agente ético "será autônomo, agindo como se tivesse dado a si mesmo sua própria lei de ação.".

64. **(Cespe / UnB / MMA)**

Santuário ameaçado

Iniciativa que pretende legitimar a ocupação irregular do Parque do Itatiaia põe em risco o pouco que restou da mata atlântica

O Parque Nacional do Itatiaia, paraíso ecológico no estado do Rio de Janeiro criado por Getúlio Vargas em 1937, está correndo sérios riscos. E a culpa, desta vez, não é dos 4 incêndios, tão comuns na região, que abriga maravilhas naturais como o rio Campo Belo, a Cascata do Maromba e o famoso Pico das Agulhas Negras. Hoje, para muitos especialistas, o maior problema é a ocupação irregular de áreas de preservação permanente por casas de veraneio particulares. Concentradas em uma região de 1,3 mil hectares, as cerca de 80 residências são uma pedra no sapato dos administradores da área. Essa pedra, porém, ganhou potencial para virar uma avalancha. No dia 22 de outubro de 2008, a Associação dos Amigos de Itatiaia, que desde 1951 reúne proprietários dessas terras irregulares, deu início a uma campanha para regularizar o que não é regularizável: a presença de propriedades particulares dentro de um parque nacional. Se aprovado, o projeto reclassificaria parte da área do parque, que passaria a ser um "monumento natural", e não só legitimaria os imóveis que já existem como abriria caminho para a construção de outros dentro da área de preservação.

João Lopes. Istoé, 25/2/2009, p. 52 (com adaptações).

Julgue os itens a seguir com base no texto acima.

1 – O período "Essa pedra, porém, ganhou potencial para virar uma avalancha" (l.8) inicia a argumentação do autor do texto em favor da legalização das edificações irregularmente construídas.

2 – Na linha 13, a forma verbal "legitimaria" pode ser substituída pela forma legalizaria, sem prejuízo para o sentido do período.

3 – A área do Parque Nacional do Itatiaia está ameaçada, porque os administradores do parque apresentaram proposta de decreto que regularizou as casas de veraneio cujos terrenos ainda se encontram em situação irregular.

4 – Atualmente, segundo o texto, o maior problema ecológico no Parque Nacional do Itatiaia, atingido frequentemente por incêndios, é o da ocupação irregular por proprietários de casas particulares em áreas protegidas pelo poder público desde 1937.

5 – De acordo com o texto, o governo Getúlio Vargas criou áreas de preservação ambiental em toda a mata atlântica, em especial o Parque do Itatiaia, que abrange território de 1,3 mil hectares e encontra-se ameaçado por algumas ocupações desde 1951.

Gabarito:

1 – Errado – Em momento algum, o autor se posicionou favoravelmente à legalização dessas construções na área. Muito pelo contrário. Depreende-se da frase em voga que o temor do autor é que tal situação ilegal se regularize e, a partir daí, muitas outras construções ocorram.

2 – Certo. Melhora a frase. Uma situação absurda como o autor relata, por motivos também absurdos, pode se transformar em legal, mas legítima ela nunca será. Sendo assim, a substituição de "legitimaria" por "legalizaria" corrige o período, obviamente não gerando prejuízo para o sentido.

3 – Errado. Os administradores do parque são contrários à legalização. Quem deu início para regularizar o que não é regularizável – a presença de propriedades particulares dentro de um parque nacional – foi a Associação de Amigos de Itatiaia.

4 – Certo. Quando se cria um parque, determina-se que aquelas terras passem a ser de proteção do poder público. Foi o que ocorreu em 1937, no governo de Getúlio Vargas. Então, a partir de 1937, aquelas terras transformadas em parque ficaram sob a égide do governo.

5 – Errado. Inicialmente não se disse no texto que toda a área da mata atlântica tornou-se parque. E o território de 1,3 mil hectares refere-se às cerca de 80 residências instaladas no Parque Nacional de Itatiaia.

65. **(Cespe / UnB / MMA)**

Tal é o rio [Amazonas]; tal a sua história: revolta, desordenada, incompleta.

A Amazônia selvagem sempre teve o dom de impressionar a civilização distante. Desde os primeiros tempos da Colônia, as mais imponentes expedições e solenes visitas pastorais rumavam de preferência às suas plagas desconhecidas. Para lá os mais veneráveis bispos, os mais garbosos capitães-generais, os mais lúcidos cientistas. E do amanho do solo que se tentou afeiçoar a exóticas especiarias, à cultura do aborígine que se procurou erguer aos mais altos destinos, a metrópole longínqua demasiara-se em desvelos à terra que sobre todas lhe compensaria o perdimento da Índia portentosa.

Esforços vãos. As partidas demarcadoras, as missões apostólicas, as viagens governamentais, com as suas frotas de centenas de canoas, e os seus astrônomos comissários apercebidos de luxuosos instrumentos, e os seus prelados, e os seus guerreiros, chegavam, intermitentemente, à queles rincões solitários e armavam rapidamente no altiplano das "barreiras" as tendas suntuosas da civilização em viagem. Regulavam as culturas; poliam as gentes; aformoseavam a terra. Prosseguiam a outros pontos, ou voltavam – e as malocas, num momento transfiguradas, decaíam de chofre, volvendo à bruteza original.

Cunha, Euclides da. À margem da história. Obra Completa, v. 1, p. 256 (com adaptações).

Com relação ao texto acima, julgue os seguintes itens.

1 – Como a oração "E do amanho (...) portentosa" (l.5-8) expressa uma explicação do termo "terra" (l.7), o autor do texto poderia ter optado pelo emprego da vírgula após esse termo.

2 – De acordo com o texto, impressionados com a região amazônica, representantes da Igreja, do Estado e da Ciência tentaram dominar a terra e a cultura indígena, mas não foram bem-sucedidos.

3 – Segundo o texto, a história do rio Amazonas é incompleta, porque a natureza é indomável, apesar dos esforços da "civilização em viagem" (l.13-14) representada por missões apostólicas, por expedições governamentais e por cientistas.

4 – No primeiro parágrafo, "suas" (l.3) refere-se a "Colônia" (l.2) e "lá" (l.4), ao "rio [Amazonas]" (l.1).

5 – No trecho "os seus astrônomos comissários apercebidos de luxuosos instrumentos" (l.11), o vocábulo "apercebidos" tem o sentido de providos.

Gabarito:

1 – Errado. A oração em voga representa uma adição ao período anterior, e não uma explicação para um termo presente na própria frase. Além disso, a inserção de vírgula após a palavra "terra" (l. 8) faria com que a oração seguinte (que se tentou afeiçoar a exóticas especiarias…) passasse a ter caráter explicativa, mas não o período inteiro.

2 – Certo. A frase "Esforços vãos." (l. 9) é uma síntese para expressar o fracasso na tentativa de domínio da natureza e da cultura indígena.

3 – Certo. O primeiro período já confere a ideia de incompletude para o rio Amazonas. Foram missões apostólicas, viagens governamentais, com as suas frotas de centenas de canoas (expedições governamentais) e astrônomas comissários (cientistas) para o Amazonas. Esforços vãos (não lograram êxito) e a natureza (desordena, revolta – l. 1) volvia á bruteza original.

4 – Errada. O referente de "suas" está corretos: colônia: A Amazônia constituía as terras desconhecidas da colônia. No entanto, "Lá" refere-se às plagas desconhecidas" quais sejam, a Amazônia e não o rio Amazonas.

5 – Certo. No contexto, as palavras possuem o mesmo valor semântico, também cabendo a substituição por abastecidos, munidos.

66. **(Cespe / UnB / IRBr / 2009)**

Canção do Ver (fragmento)

Por viver muitos anos
dentro do mato
Moda ave
O menino pegou
um olhar de pássaro –
Contraiu visão fontana.
Por forma que ele enxergava
as coisas
Por igual
como os pássaros enxergam.
As coisas todas inominadas.
Água não era ainda a palavra água.
Pedra não era ainda a palavra pedra. E tal.

As palavras eram livres de gramáticas e
Podiam ficar em qualquer posição.
Por forma que o menino podia inaugurar.
Podia dar às pedras costumes de flor.
Podia dar ao canto formato de sol.
E, se quisesse caber em uma abelha, era só abrir a
[palavra abelha e entrar dentro dela.
Como se fosse infância da língua.

BARROS, Manoel de. Poemas rupestres. Rio de Janeiro: Record, 2004.

A respeito do vocabulário do texto acima, assinale a opção incorreta.

a) "Moda" (v.3) significa conjunto de opiniões, gostos e apreciações críticas, assim como modos de agir, viver e sentir coletivos, aceitos por determinado grupo humano em um dado momento histórico.

b) O sentido do vocábulo "Contraiu" (v.6) restringe as possibilidades semânticas de "pegou" (v.4).

c) Na expressão "visão fontana" (v.6), o vocábulo sublinhado, adjetivo derivado de **fonte**, foi metaforicamente empregado com sentido de originário, gerador, causal, seminal.

d) Em "As palavras eram livres de gramáticas" (v.14), o vocábulo sublinhado alude a regras gramaticais.

e) O vocábulo "posição" (v.15) refere-se à sintaxe, entendida como disposição harmoniosa de partes ou elementos da frase.

Gabarito: A

O vocábulo "Moda" foi empregado no texto com valor comparativo, podendo ser substituído por COMO, FEITO.

67. **Com base no texto, julgue (C ou E) os itens seguintes.**

1 () Em "Por viver muitos anos/dentro do mato" (v.1-2) e "ele enxergava/as coisas/Por igual" (v.7-9), a preposição "Por", nas duas ocorrências, introduz uma circunstância de modo nos períodos em que se insere.

2 () No trecho "era só abrir a palavra abelha e entrar dentro dela" (v.19-20), verifica-se redundância de efeito estilístico.

3 () As ideias expressas nos versos de 17 a 19 ilustram o sentido de "inaugurar" (v.16).

4 () O verso final – "Como se fosse infância da língua" – equivale semanticamente a: Como se fosse reinvenção da língua.

Gabarito:

1 – Errado. Realmente a segunda ocorrência da preposição POR encerra valor de modo, admitindo inclusive a substituição de "por igual" por IGUALMENTE. No entanto, na primeira ocorrência, a preposição expressa a ideia de causa: "Porque vivia muitos anos dentro do mato…".

2 – Certo. Observa-se a redundância, o pleonasmo na expressão entrar dentro. Torna-se admissível por se tratar de uma poesia por ter o autor a intenção de conferir ao verso valor enfático.

3 – Certo. Quando algo é inaugurado, depreende-se que antes não existia. Compreende-se do texto que as coisas existiam, porém inominadas para o menino, que vivia dentro do mato. Portanto, como as coisas ainda não tinham nome, o menino podia inaugurar. Os versos seguintes são exemplificações para esse fato.

4 – Errado. O emprego conotativo de "infância" sugere não uma reinvenção, mas sim o nascimento, o surgimento, a criação, algo que teve início e não reinício.

68. **A diferença na linguagem**

"Para os gramáticos, a arte da palavra quase se esgota na arte da escrita, o que se vê ainda pelo uso que fazem dos acentos, muitos dos quais fazem alguma distinção ou evitam algum equívoco para os olhos mas não para os ouvidos." Neste texto Rousseau nos sugere que, para ler bem, é preciso prestar ouvidos à voz original, adivinhar as diferenças de acento que a articulam e que se tornaram imperceptíveis no espaço homogêneo da escrita. Na leitura, o olho treinado do Gramático ou do Lógico deve subordinar-se a um ouvido atento à melodia que dá vida aos signos: estar surdo à modulação da voz significa estar cego às modalidades do sentido. Na oposição que o texto faz entre a arte de falar e a arte de escrever, podemos encontrar não apenas as razões da desqualificação da concepção gramatical da linguagem, mas também a indicação do estatuto que Rousseau confere à linguagem. O que é importante notar aqui é que a oposição entre falar e escrever não se funda mais na oposição entre **presença** e **ausência**: não é a ausência do sujeito falante que desqualifica a escrita, mas a atonia ou a homogeneidade dos signos visuais. Se a essência da linguagem escapa à Gramática, é porque esta desdobra a linguagem num elemento essencialmente

homogêneo.

JR, Bento Prado. A retórica de Rousseau. São Paulo: Cosac Naify, 2008, p. 129-130.

Com relação às ideias do texto 3, julgue (C ou E) os itens a seguir.

1 () O autor do texto afirma que Rousseau valoriza o caráter melódico da palavra falada, mas considera que a palavra escrita é mais apta a desvendar as sutilezas do sentido.

2 () A palavra "acentos" (l.2) refere-se a sinais gráficos, ao passo que "acento" (l.5) designa qualidades como inflexão ou modulação.

3 () Segundo o texto, na fala, a altura e a intensidade da voz contribuem, no entender de Rousseau, para as possibilidades de sentido.

4 () Ao caracterizar como "treinado" (l. 6) o olho do "Gramático" ou do "Lógico", o autor dá a entender que estes consideram a leitura como decodificação mecânica.

Gabarito:

1 – Errado. O texto informa que, para ler bem, é preciso prestar ouvidos à voz original, adivinhar as diferenças de acento que a articulam e que se tornaram imperceptíveis no espaço homogêneo da escrita.

2 – Certo. A palavra "acento" está empregada em sentidos distintos no texto. No primeiro caso, relaciona-se aos ocorrentes na escrita, signos gramaticais de leitura. Na segunda ocorrência, a palavra se refere ao fato de prestar ouvidos à voz original, perceber a entonação que se torna imperceptível no espaço homogêneo da escrita.

3 – Certo. Como exposto no texto: "estar surdo à modulação da voz significa estar cego às modalidades do sentido.".

4 – Certo. Pois "treinado" tem sentido de "leitura técnica, mecânica do gramática". Justamente essa leitura deve subordinar-se aos acentos da melodia, às possibilidades de alteração de significado advindas da percepção de uma voz original.

69. **(Cespe / UnB / IRBr / 2008)**

As primeiras cartas

O importante não é a casa onde moramos. Mas onde, em nós, a casa mora.

Avô Mariano

Escapo-me dali, me apressando entre os atalhos. Quando reentro em casa não encontro vivalma. Todos foram para o caminho da areia assistir à desgraça, consolando Ultímio. De soslaio, parece-me ouvir um ruído. Entro na sala fúnebre e nada vejo, senão o aquietado corpo do velho Mariano. Lá está o desfinado, entre flores e velas. Subo para o quarto. De novo, sobre a cabeceira, uma outra carta. A tremência em minhas mãos não me ajuda a ler:

Estas cartas, Mariano, não são escritos. São falas. Sente-se, se deixe em bastante sossego e escute. Você não veio a esta Ilha para comparecer perante um funeral. Muito ao contrário, Mariano. Você cruzou essas águas por motivo de um nascimento. Para colocar o nosso mundo no devido lugar. Não veio salvar o morto. Veio salvar a vida, a nossa vida. Todos aqui estão morrendo não por doença, mas por desmérito do viver.

É por isso que visitará estas cartas e encontrará não a folha escrita mas um vazio que você mesmo irá preencher, com suas caligrafias. Como se diz aqui: feridas da boca se curam com a própria saliva. Esse é o serviço que vamos cumprir aqui, você e eu, de um e outro lado das palavras. Eu dou as vozes, você dá a escritura. Para salvarmos Luar-do-Chão, o lugar onde ainda vamos nascendo. E salvarmos nossa família, que é o lugar onde somos eternos.

Comece em seu pai, Fulano Malta. Você nunca lhe ensinou modos de ele ser pai. Entre no seu coração, entenda aquela rezinguice dele, amoleça os medos dele. Ponha um novo entendimento em seu velho pai. Às vezes, seu pai lhe tem raiva? Pois lhe digo: aquilo não é raiva, é medo. Lhe explico: você despontou-se, saiu da Ilha, atravessou a fronteira do mundo. Os lugares são bons e ai de quem não tenha o seu, congênito e natural. Mas os lugares nos aprisionam, são raízes que amarram a vontade da asa.

A Ilha de Luar-do-Chão é uma prisão. A pior prisão, sem muros, sem grades. Só o medo do que há lá fora nos prende ao chão. E você saltou essa fronteira. Se afastou não em distância, mas se alonjou da nossa existência.

Antes, seu pai estava bem consigo mesmo, aceitava o tamanho que você lhe dava. Desde a sua partida ele se tornou num estranho, alheio e distante. Seu velhote passou a destratá-lo? Pois ele se defende de si mesmo. Você, Mariano, lhe lembra que ele ficou, deste lado do rio, amansado, sem brilho de viver nem lustro de sonhar.

Companhia das Letras, 2003, p. 64-5

Julgue (C ou E) os itens a seguir, de acordo com o texto.

1 – Assim que voltou a Luar-do-Chão para o funeral do pai, ao reentrar na casa, Mariano deparou com os mortos.

2 – Mariano encontrou cartas, que mais pareciam relatos e comentários orais do que mensagens escritas, e cuja leitura lhe causou assombro.

3 – Quando voltou para a Ilha, Mariano percebeu que a saudade do pai havia-se transformado em tristeza e desapontamento.

4 – Na Ilha de Luar-do-Chão, a prisão psicológica vivenciada pelos habitantes os tornava impotentes para dali saírem, por medo do desconhecido.

Gabarito:

1 – Errado. Mariano, protagonista, ao regressar Luar do Chão entra no quarto onde está seu avô, também Mariano. Ele não dá com os mortos, apenas foi ao velório do avô.

2 – Anulado. O comentário sobre as cartas e comentários encontra-se correto, contudo não há no texto referência ao fato de que tais relatos lhe causaram assombro – sentimento que possivelmente ele teve –, não se podendo aduzir que tal informação é correta ou incorreta. Por isso, o item acabou anulado.

3 – Errado. Em momento algum do texto, é exposto que Mariano tinha saudades do pai, tampouco que tal sentimento foi alterado.

4 – Certo. Tal informação se ratifica na carta do avô, quando informa que o pai não tinha raiva de Mariano, tinha medo explicitado mormente no penúltimo parágrafo: a ilha de Luar do Chão é uma prisão. A pior prisão, sem muros, sem grades. Só o medo do que há lá fora nos prende ao chão.”.

70. **A propósito dos componentes semântico e estilístico do texto, julgue (C ou E) os itens seguintes.**

1 – A epígrafe do texto estrutura-se em um jogo de palavras.

2 – No texto, a oposição ou contraste como estratégia argumentativa pode ser exemplificada em vários enunciados, entre eles: “Não veio salvar o morto. Veio salvar a vida, a nossa vida.” (l. 10 e 11) e “encontrará não a folha escrita mas um vazio que você mesmo irá preencher” (l. 13 e 14).

3 – O sentido do trecho “feridas da boca se curam com a própria saliva” (l. 14 e 15) equivale ao do clássico provérbio Amor com amor se paga.

4 – É exemplo de paralelismo sintático o estilo de construção do trecho "você e eu, de um e outro lado das palavras. Eu dou as vozes, você dá a escritura" (l. 16).

Gabarito:

1 – Certo. A epígrafe "O importante não é a casa onde moramos. Mas onde, em nós, a casa mora." faz um jogo de palavras, procedendo à inversão do sujeito em adjunto adverbial de lugar e vice-versa. Na primeira frase, o pronome relativo onde, que se refere à casa, funciona como adjunto adverbial de lugar e NÓS, como sujeito. Na segunda frase, A CASA funciona como sujeito e NÓS (em nós) é o núcleo do adjunto adverbial de lugar.

2 – Certo. No segundo caso, fica explícito o valor de oposição, adversidade, sobretudo pela presença do conector MAS. No primeiro caso, a mesma conjunção está subentendida, podendo ser inserida sem gerar qualquer prejuízo semântico "Não veio salvar o morto, mas veio salvar a vida, a nossa vida.".

3 – Errado. O provérbio original passa valor meramente reflexivo. Algo de si para si. Da sua saliva para sua boca. No segundo caso, há valor de reciprocidade. Algo de um para outro, de outro para um. João dá amor para Maria que dá da o amor para João.

4 – Certo. Repare que em situações de paralelismo é comum o vocábulo repetido ser retirado do período. Repare que, no primeiro período, o autor optou por não repetir o termo. "Você e eu, de um **lado** e **de** outro lado das palavras.". Já, no segundo período, o autor fez a opção por repetir o verbo DAR, nas formas "dou" e "dá".

71. **(Cespe / UnB / IRBr / 2008)**

Receita de casa

Ciro dos Anjos escreveu, faz pouco tempo, uma de suas páginas mais belas sobre as antigas fazendas mineiras. Ele dá os requisitos essenciais a uma fazenda bastante lírica, incluindo, mesmo, uma certa menina de vestido branco. Nada sei dessas coisas, mas juro que entendo alguma coisa de arquitetura urbana, embora Caloca, Aldari, Jorge Moreira e Ernâni, pobres arquitetos profissionais, achem que não.

Assim vos direi que a primeira coisa a respeito de uma casa é que ela deve ter

um porão, um bom porão com entrada pela frente e saída pelos fundos. Esse porão deve ser habitável porém inabitado; e ter alguns quartos sem iluminação alguma, onde se devem amontoar móveis antigos, quebrados, objetos desprezados e baús esquecidos. Deve ser o cemitério das coisas. Ali, sob os pés da família, como se fosse no subconsciente dos vivos, jazerão os leques, as cadeiras, as fantasias do carnaval do ano de 1920, as gravatas manchadas, os sapatos que outrora andaram em caminhos longe.

Quando acaso descerem ao porão, as crianças hão de ficar um pouco intrigadas; e como crianças são animais levianos, é preciso que se intriguem um pouco, tenham uma certa perspectiva histórica, meditem que, por mais incrível e extraordinário que pareça, as pessoas grandes também já foram crianças, a sua avó já foi a bailes, e outras coisas instrutivas que são um pouco tristes mas hão de restaurar, a seus olhos, a dignidade corrompida das pessoas adultas.

Convém que as crianças sintam um certo medo do porão; e embora pensem que é medo do escuro, ou de aranhas caranguejeiras, será o grande medo do Tempo, esse bicho que tudo come, esse monstro que irá tragando em suas fauces negras os sapatos da criança, sua roupinha, sua atiradeira, seu canivete, as bolas de vidro, e afinal a própria criança.

O único perigo é que o porão faça da criança, no futuro, um romancista introvertido, o que se pode evitar desmoralizando periodicamente o porão com uma limpeza parcial para nele armazenar gêneros ou utensílios ou mais facilmente tijolo, por exemplo; ou percorrendo-o com uma lanterna elétrica bem possante que transformará hienas em ratos e cadafalsos em guarda-louças.

Ao construir o porão deve o arquiteto obter um certo grau de umidade, mas providenciar para que a porta de uma das entradas seja bem fácil de arrombar, porque um porão não tem a menor utilidade se não supomos que dentro dele possa estar escondido um ladrão assassino, ou um cachorro raivoso, ou ainda anarquistas búlgaros de passagem por esta cidade.

Um porão supõe um alçapão aberto na sala de jantar. Sobre a tampa desse alçapão deve estar um móvel pesado, que fique exposto ao sol ao menos duas horas por dia, de tal modo que à noite estale com tanto gosto que do quarto das crianças dê a impressão exata de que o alçapão está sendo aberto, ou o terrível meliante já esteja no interior da casa.

Rubem Braga. Um pé de milho. 4ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1982, p. 129-31 (com

adaptações).

Julgue (C ou E) os itens a seguir, que se referem à compreensão, à interpretação e aos aspectos sintático-semânticos do texto.

1 – No segundo parágrafo, tanto o emprego da palavra "cemitério" (l. 11) quanto a comparação entre o porão e o "subconsciente dos vivos" (l. 12) evidenciam que o sentido produzido, nesse trecho do texto, é o de fim completo das coisas.

2 – Na linha 15, a substituição do vocábulo "acaso" por caso prejudicaria o sentido do período, mas a substituição do mesmo vocábulo por porventura manteria a coerência textual do trecho.

3 – Conclui-se da leitura do texto que nenhuma criança que more em casa sem porão se transformará em um romancista introvertido.

4 – Depreende-se do texto que moralizar o porão significa mantê-lo razoavelmente limpo e iluminado.

Gabarito:

1 – Errado. O sentido das duas expressões nesse contexto não é exatamente de morte, de fim completo, mas de algo que não mais se usa ou, pelo menos, que no momento não está sendo usado. O que está no subconsciente não está morto, mas é como se fosse um depósito de informações que se encontram disponíveis no cérebro que quando delas se precisa.

2 – Certo. O período não ficaria coerente, pois com a substituição por "caso", haveria duas conjunções seguidas: quando (temporal) e caso (condicional). Além disso, o significado de "acaso" é "porventura", como mencionado nesse próprio item.

3 – Errado. Comentário absurdo. O que se assevera no texto é "O único perigo é que o porão faça da criança, no futuro, um romancista introvertido". Mas, obviamente, crianças que moram em casas sem porão também podem se tornar escritoras.

4 – Errado. O comentário expõe uma situação oposta. Segundo o autor, no antepenúltimo parágrafo, a limpeza e a iluminação com lanternas possantes são elementos que desmoralizam o porão.

72. **Acerca da organização, da linguagem e dos aspectos gramaticais do texto, julgue (C ou E) os itens subsequentes.**

1 – Em "incluindo, mesmo, uma certa menina de vestido branco" (l.3), o

vocábulo sublinhado pode ser corretamente substituído por inclusive.

2 – Em "Nada sei dessas coisas" (l. 3-4), "entendo alguma coisa de arquitetura urbana" (l. 4), "a primeira coisa a respeito de uma casa" (l. 7), "cemitério das coisas" (l. 11) e "coisas instrutivas" (l. 19), a palavra "coisas" (ou seu singular "coisa") está empregada com o mesmo sentido.

3 – O sentido de posição inferior, em "sob os pés da família" (l. 11) e "subconsciente" (l. 12), é expresso, respectivamente, por meio do uso de uma preposição e de um prefixo.

4 – No terceiro parágrafo, nas expressões "a sua avó" (l. 18) e "a seus olhos" (l. 20), os pronomes possessivos remetem ao referente "pessoas grandes" (l. 18).

Gabarito:

1 – Errado. A substituição de "mesmo" por INCLUSIVE gera redundância, pleonasmo, visto que o fragmento ficaria assim redigido: "incluindo, inclusive, uma certa menina de vestido branco".

2 – Errado. Os significados são distintos: Em "Nada sei dessas coisas", "coisas" significa CIÊNCIAS; em "entendo alguma coisa de arquitetura urbana", "alguma coisa" tem valor de intensificação, significando UM POUCO; em "cemitério das coisas", "coisas" significa OBJETOS; e em "coisas instrutivas", "coisas" tem valor de "fatos".

3 – Certo. SOB é preposição e tem valor de abaixo, posição inferior, o mesmo significado que possui o prefixo SUB de "subconsciente".

4 – Errado. Os pronomes possessivos referem-se às crianças e não às pessoas grandes. São as avós das crianças e aos olhos das crianças.

73. **A crônica de Rubem Braga:**

a) parafraseia as páginas de Ciro dos Anjos;

b) contém recomendações arquitetônicas dignas de profissionais;

c) exige que toda casa tenha um porão que vá da frente aos fundos do terreno;

d) confere ao porão grande relevância para as crianças;

e) define o porão como um espaço de horror e repulsa infantil.

Gabarito: D

A alternativa A é eliminada, pois parafrasear significa passar a mesma informação com outras palavras, o que não ocorreu.

A alternativa B apresenta informação absurda, até porque o próprio autor se diz amador e que os profissionais dizem que ele nada entende sobre arquitetura.

A alternativa C também não condiz com o texto, visto que lá é informado que um bom porão deve ter entrada pela frente e saída pelos fundos, não se entrando no mérito de seu espaço no terreno.

A alternativa D, apesar de não se encontrar exposta no texto, apresenta uma inferência cabível. O texto informa inicialmente que toda casa deveria ter um porão e que o porão pode fazer da criança, no futuro, um romancista introvertido. Desses dois fragmentos, é coerente deduzir que o autor pretende dar importância ao porão na vida das crianças.

A alternativa E é absurda, visto que o autor apenas aduz que convém as crianças sentirem um certo medo do porão, e não horror ou repulsa.

74. **(Cespe / UnB / IRBr / 2008)**

Origem das culturas

O soldado e o marinheiro permutaram bofetadas, mais ou menos teóricas, numa esquina de minha rua por causa da namorada comum, que devia chamar-se Marlene. O duelo durou vinte minutos e cinquenta pessoas assistiram. A dificuldade total foi reconstituir o delito, porque tanto no inquérito policial quanto na formação de culpa perante o juiz as espontâneas e numerosas testemunhas prestaram depoimentos inteiramente contraditórios. Como começara e como findara a luta foi impossível apurar. E todos tinham assistido…

Esse processo transfigurador da memória, desajustando e confundindo os elementos formadores do episódio, antecipando ou postergando a sucessão temática, interfere como autodefesa inconsciente e instintiva, perturbando a sequência lógica da narrativa. Imagine-se há milênios…

A visão do homem pré-histórico padece dessas dificuldades. Reerguer as cidades em ruínas sem a orientação do plano anterior. Paisagens de intermitências que antes eram continuidades lógicas.

Possuímos documentos da atividade humana desde o Pleistoceno, ou seja, do Paleolítico inferior, período chelense. A velha divisão de Thomsen (Chistian Jungensen Thomsen, 1788-1865) data de 1835; estudando o Homem pelas indústrias iniciais – Idade da Pedra Lascada, Idade da Pedra Polida, Idade dos Metais –, fixa a origem insofismável das culturas.

Creio que do ponto de vista didático o nascimento da cultura humana iniciou-se com os vestígios materiais da indústria lítica, enfrentando pela inteligência o complexo atordoador da natureza hostil e virgem. Articulá-la com o esforço animal, na plenitude do instinto defensivo, é apenas um exercício intelectual em favor da ditadura biológica. Essa exaltação do orgânico em detrimento do social reduz a tenacidade do esforço humano, em centenas e centenas de séculos, ao humilhante plano da causalidade ou do fatalismo, inaceitáveis ambos. Não sendo conhecida de doutrina alguma contemporânea a explicação, mesmo primária, do processo diferenciador dos primatas superiores ao Homo sapiens, porque justamente o tipo menos biologicamente resistente foi o escolhido para a vitória fisiológica de todas as forças brutas, bestiais e telúricas, ensinar-nos da aprendizagem pela observação zoológica jamais provará por que o Rei da Criação, senhor das técnicas, não conseguiu a perfeição maquinal das formigas, das abelhas e dos castores. E continua tendo problemas de organização e de acomodação no meio dos semelhantes, inquietos e desconfiados.

Creio que a cultura nasce do útil-necessário, no ambiente do real-imediato. Diante da premência da fome, frio e desabrigo, o primeiro material foi o mais próximo e a primeira técnica improvisada pela urgência vital.

Luís da Câmara Cascudo. Civilização e cultura: pesquisas e notas de etnografia geral. 2ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1983, p. 65-6 (com adaptações).

De acordo com as ideias apresentadas no texto, julgue (C ou E) os seguintes itens.

1 – Por não estarem sujeitas a testemunhos divergentes, as narrativas de episódios longínquos do passado são mais fiáveis que as de eventos mais recentes.

2 – Os estudos de Thomsen, que datam da primeira metade do século XIX, dedicam-se às culturas do início da Revolução Industrial.

3 – A explicação meramente biológica dos primórdios da cultura humana não faz jus ao engenho humano.

4 – O termo "o Rei da Criação" (l. 31) refere-se a um ente divino.

Gabarito:

1 – Errado. O texto expõe justamente o oposto. Quanto mais remoto for o fato menos fidedigno será o seu relato. Tal inferência ocorre de um pequeno

comentário do autor: "Imagine-se há milênios.". Se um fato recente já é contado de formas diferentes pelas pessoas, imagine um fato remoto.

2 – Errado. Os estudos de Thomsen abrangem as indústrias iniciais, que são o período da Pedra Lascada, da Pedra Polida, dos Metais.

3 – Certo. O comentário se encontra em conformidade com o fragmento "Essa exaltação do orgânico em detrimento do social reduz a tenacidade do esforço humano".

4 – Errado. Os termos "Rei da Criação", "senhor das Técnicas" referem-se ao próprio homem, o homo sapiens, que não conseguiu a perfeição maquinal das formigas, das abelhas e dos castores.".

75. **Acerca dos sentidos e dos elementos de coesão e de referenciação presentes no texto, julgue (C ou E) os itens subsequentes.**

1 – O substantivo "duelo" (l. 3) resume, com certa dose de ironia, o episódio narrado no primeiro período do texto.

2 – O termo "Esse processo transfigurador da memória" (l. 8) está empregado em referência a um vocábulo específico dos dois últimos períodos do primeiro parágrafo do texto.

3 – O termo "dessas dificuldades" (l. 12) sumaria os efeitos da transfiguração da memória descritos no parágrafo anterior.

4 – O termo "Essa exaltação do orgânico em detrimento do social" (l. 24) retoma e amplia a ideia de "um exercício intelectual em favor da ditadura biológica" (l. 23 e 24).

Gabarito:

1 – Certo. O termo "duelo" refere-se às bofetadas teóricas relatadas no primeiro período.

2 – Errado. A expressão não se refere a um vocábulo específico, mas a toda a situação expressa no primeiro parágrafo.

3 – Certo. A expressão sintetiza a ideia de que há um processo transfigurador da memória, desajustando e confundindo os elementos formadores dos fatos.

4 – Certo. A expressão "ditadura biológica" indica que o elemento orgânico se sobrepõe ao aspecto social, intelectual.

76. **Com relação à organização, à linguagem e aos aspectos gramaticais do texto, julgue (C ou E) os itens subsequentes.**

1 – O autor vale-se da narrativa, na introdução do texto, para captar a atenção

do leitor, conduzir-lhe o raciocínio e ilustrar a ideia a ser desenvolvida.

2 – O autor emprega linguagem precisa em "Possuímos documentos da atividade humana desde o Pleistoceno, ou seja, do Paleolítico inferior, período chelense" (l. 16) e "processo diferenciador dos primatas superiores ao Homo sapiens" (l. 27 e 28).

3 – No quinto parágrafo, o autor constrói, para a forma verbal "reduz" (l. 24), um complemento verbal composto: "a tenacidade do esforço humano" (l. 24 e 25) e "em centenas e centenas de séculos" (l. 25).

4 – Para evitar a estrutura oracional e tornar o texto mais conciso, o autor recorreu ao processo de derivação de palavras em "nasce do útil-necessário, no ambiente do real-imediato" (l. 35).

Gabarito:

Item 1 – Certo. O texto é predominantemente dissertativo, contudo o primeiro parágrafo se constitui de uma estória narrada pelo autor, que integra o processo de argumentação.

Item 2 – Certo. Não há nos fragmentos mencionados nenhum termo usado no sentido conotativo.

Item 3 – Errado. Os objetos são os complementos verbais e o termo "em centenas e centenas de séculos" funciona como adjunto adverbial de tempo.

Item 4 – Errado. O processo não é de derivação, e sim composição.

77. **Considerando os sentidos do texto, assinale a opção em que o vocábulo em negrito é sinônimo contextual do termo transcrito.**

a) "padece" (l. 12) – prescinde

b) "lítica" (l. 21) – pétrea

c) "tenacidade" (l. 25) – desvario

d) "telúricas" (l. 30) – ferozes

e) "maquinal" (l. 32) – mecânica

Gabarito: E

Na alternativa A, "padece" significa SOFRE; já "prescinde" significa dispensa, abre mão.

Na alternativa B, "lítico" significa genuíno, legítimo, puro; "pétreo" significa duro, resistente.

Na alternativa C, "tenacidade" significa afinco, constância; "desvario" significa

delírio, loucura.

Na alternativa D, "telúricas" significa relativo à Terra ou ao telúrio; "ferozes" significa selvagens, bravios.

78. **(Cespe / UnB / IRBr / 2007)**

As três almas do poeta

Ênio, poeta latino do século II a. C., falava três línguas: o grego, que ele tinha aprendido por ser, na época, a língua de cultura dominante no sul da Itália; o latim, em que escreveu suas obras; e o osco (uma língua aparentada com o latim), que era, com toda a probabilidade, sua língua nativa. O mais provável é que o latim fosse usado nas relações com as autoridades romanas; o grego, nas grandes cidades; e o osco, nas regiões rurais. E Ênio, que sabia as três, costumava dizer que tinha "três almas".

É curioso observar que ele exprimiu com isso uma coisa muito importante relativa ao conhecimento de uma língua: não se trata simplesmente de "uma outra maneira de dizer as coisas" (table em vez de mesa, te quiero em vez de eu te amo), mas de outra maneira de entender, de conceber, talvez mesmo de sentir o mundo.

A ideia de que a diferença entre as línguas se resume em maneiras distintas de se referir aos objetos do mundo natural pode ser chamada a "teoria ingênua" da relação entre a língua e a realidade. E, como a maior parte das teorias ingênuas, é, ao mesmo tempo, simples, evidente e incorreta (não é óbvio que o Sol nasce no leste? Mas não é o Sol que nasce, é a terra que gira).

Examinemos um exemplo, quanto ao significado das palavras nas línguas. Temos, em português, a palavra dedo, que nos parece muito concreta; diríamos que é simplesmente o nome que damos, em nossa língua, a um objeto que nos é dado pelo mundo real: um dedo é uma coisa, ou seja, uma parte definida do corpo, e o que pode variar é a maneira de designar essa coisa. No entanto, em inglês há duas palavras para "dedo": finger e toe, que não são a mesma coisa. Um finger é um dedo da mão, e um toe é um dedo do pé; para nós são todos dedos, mas para um inglês são coisas diferentes. Esse é um pequeno exemplo de como duas línguas recortam diferentemente a realidade. Agora podemos ver que a palavra portuguesa dedo não é simplesmente a designação de uma coisa – porque, antes de designar essa coisa, a nossa língua a definiu de certa maneira. Tanto é assim que o inglês fez uma definição diferente, e precisou de duas palavras. O exemplo das distintas

maneiras que as línguas têm de designar as cores também é bastante ilustrativo disso.

Falar uma língua é, portanto, ver o mundo de certa maneira, e falar três línguas é, até certo ponto, ter a capacidade de ver o mundo de três maneiras diferentes. Talvez fosse isso que o velho Ênio estivesse tentando dizer, quando afirmou que tinha três almas.

Perini, Mário A.. A língua do Brasil amanhã e outros mistérios. São Paulo: Parábola Editorial, 2004, p. 41-52 (com adaptações)

Acerca de fatos linguísticos do primeiro parágrafo do texto, julgue (C ou E) os itens seguintes.

1 – Há, no primeiro parágrafo, quatro orações subordinadas de natureza explicativa.

2 – No primeiro parágrafo, há mais de um aposto.

3 – Na oração "por ser, na época, a língua de cultura dominante no sul da Itália" (l.2), pode-se substituir "de" por da sem prejuízo para o sentido original do texto.

4 – No trecho "O mais provável é que o latim fosse usado nas relações com as autoridades romanas; o grego, nas grandes cidades; e o osco, nas regiões rurais" (l.6-8), utiliza-se uma forma de elipse, por meio da qual se evitam repetições.

Gabarito:

1 – Certo. No primeiro parágrafo, há quatro ocorrências do pronome relativo QUE (numa delas com preposição EM) precedido de vírgula, caracterizando uma explicação, e não uma restrição.

2 – Certo. Logo no primeiro período há dois casos de aposto. O primeiro com valor explicativo "poeta latino do século II a. C." e o segundo, com valor enumerativo, introduzido pelos dois-pontos.

3 – Errado. Há diferença semântica. O significado de "a língua de cultura dominante" é a língua que predominava na região. Já em "a língua da cultura da dominante", o sentido de língua que a cultura dominante usava.

4 – Certo. Fica implícita a seguinte estrutura "O mais provável é que… fosse usado".

79. **Julgue (C ou E) os próximos itens com relação aos sentidos do texto.**

1 – Depreende-se do texto que há dúvidas quanto aos lugares e às circunstâncias em que cada uma das três línguas mencionadas era usada por seus falantes.

2 – O autor do texto alude ao fato de o poeta latino afirmar que tinha três almas – por falar três línguas – para comprovar que o domínio de língua estrangeira compromete a autenticidade do indivíduo.

3 – A "teoria ingênua" da relação entre a língua e a realidade pressupõe que as línguas recortem a realidade, ou seja, categorizem-na, da mesma maneira.

4 – Segundo o autor do texto, a definição das coisas precede a designação delas por meio de signos linguísticos.

Gabarito:

1 – Certo. O emprego da expressão "O mais provável" já nos permite inferir que a informação não se estabelece no campo da certeza, mas sim da possibilidade.

2 – Errado. Quando o autor expressa que tem três almas por falar três línguas, ele quer referir-se ao fato de que a compreensão das línguas não se restringe ao conhecimento de seus vocábulos, mas abrange características, nuances, concepção e entendimento de mundo.

3 – Certo. Segundo o texto, duas línguas recortam de forma diferente a realidade – fato inclusive ilustrado pelo exemplo da palavra "dedo" oferecido pelo autor. Portanto, seria ingenuidade crer que "a diferença entre as línguas se resume em maneiras distintas de se referir aos objetos do mundo natural".

4 – Certo. Essa informação encontra-se exposta no seguinte fragmento: "Agora podemos ver que a palavra portuguesa dedo não é simplesmente a designação de uma coisa – porque, antes de designar essa coisa, a nossa língua a definiu de certa maneira.". Sendo assim, primeiro a língua define a coisa para depois designá-la.

80. **Julgue (C ou E) os itens subsequentes, considerando a articulação de elementos textuais, bem como aspectos semânticos e morfossintáticos do texto.**

1 – O vocábulo "simplesmente" é empregado com o mesmo sentido nas linhas 8, 19 e 26 do texto.

2 – No trecho "mas de outra maneira de entender, de conceber, talvez mesmo de sentir o mundo" (l.11), observa-se a ocorrência de um único termo como complemento de três verbos.

3 – A substituição de "Tanto é assim que" (l.27) por Tanto que prejudicaria o sentido do período em que tal expressão se insere.

4 – A posposição de "certa" na expressão "certa maneira" (l.30) prejudicaria a coerência do texto.

Gabarito:

1 – Certo. Nas três ocorrências, o vocábulo tem o sentido de "apenas", "somente.

2 – Certo. O termo "o mundo" funciona como objeto direto dos verbos "entender", "conceber" e "sentir".

3 – Errado. A substituição não gera qualquer tipo de prejuízo semântico para o texto.

4 – Certo. O sentido de "certa maneira" é de ALGUMA MANEIRA. Já em "maneira certa" o significado é DE MANEIRA CORRETA.

81. **(Cespe / UnB / IRBr / 2007)**

A imaginação foi sempre o húmus do jardim de Clio. No caso da África, antes do século XVII, é particularmente válido o definir-se a história como o adivinhar do passado. Dele, abstraídas a Etiópia, a franja sudanesa infiltrada pelo Islão e as cidades-estado do Índico, áreas que conheceram a escrita e nos deixaram alguns poucos documentos – poucos, muitas vezes tardios e também contaminados por lendas –, sabemos apenas o que nos devolve uma arqueologia que mal arranhou as imensas extensões africanas, o que anotaram, a partir do século IX, viajantes e eruditos árabes e, mais tarde, os portugueses e outros europeus, bem como o que nos chegou das tradições e das crônicas orais dos povos negros. Se, nos textos em que se profetiza às avessas, ainda que fundados sobre o registro, o depoimento e a memória escrita, o rigor de quem os compõe não afasta de todo o mito e deixa que ele frequente a narrativa e nela se imiscua, é porque é também importante contar, ao lado do que se julga ter realmente acontecido, as imaginações que se fizeram fatos e os fatos que se vestiram de imaginário, porque se incorporaram ao que um povo tem por origem e rastro, e, por isso, o marcam, definem e distinguem. Oraniã, Xangô, Tsoede, Cibinda Ilunga aparecem como personagens neste livro de história porque pertencem iniludivelmente à realidade dos iorubas, dos nupês, e dos lundas e quiocos. Eles estão aqui como Enéias e sua viagem de Tróia ao Lácio, e como Réia Sílvia, a loba, Rômulo e Remo, nos compêndios sobre História romana, cujos autores os sabem mitos, mas não ignoram que fecundaram um destino.

Silva, Alberto da Costa e.. A enxada e a lança: a África antes dos portugueses. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996, p. 3-4.

Considerando os sentidos do texto acima, julgue (C ou E) os seguintes itens.

1 – O vocábulo "abstraídas" (l. 3) pode ser substituído por consideradas conjuntamente, sem que se altere o sentido do período.

2 – A palavra "húmus" está empregada, na primeira oração do texto, com o sentido de praga. Do desdobramento dessa metáfora advém a ideia de que os documentos históricos africanos são "contaminados por lendas" (l.5-6).

3 – Na linha 12, "se imiscua", forma verbal no modo subjuntivo, tem o sentido de se intrometa.

4 – A palavra "iniludivelmente" (l.17) significa, no texto, indubitavelmente.

Gabarito:

1 – Errado. Justamente o oposto. Pois "abstraídas" significa CONSIDERADAS ISOLADAMENTE.

2 – Errado. Pois "húmus" está empregada no sentido de fundamento, princípio.

3 – Certo. São sinônimos perfeitos.

4 – Certo. No contexto, são vocábulos sinônimos, como também o seria INDISCUTIVELMENTE.

82. **Com base, exclusivamente, no texto, julgue (C ou E) os seguintes itens.**

1 – A historiografia referente à África de antes do século XVII vale-se de fontes como crônicas orais autóctones e relatos de viajantes provenientes de outros continentes.

2 – O autor do texto procura transmitir a seguinte mensagem: o historiador deve ignorar as narrativas mitológicas em benefício da objetividade e da precisão de suas pesquisas.

3 – A alusão a "textos em que se profetiza às avessas" (l.9), o autor refere-se à transcrição de mitos transmitidos oralmente pelos povos negros.

4 – Conclui-se do texto que "Tsoede" e "Cibinda Ilunga", citados na linha 16, são importantes figuras históricas pertencentes, respectivamente, aos povos lunda e quioco.

Gabarito:

1 – Certo. As principais fones sobre a África foram informações oriundas das tradições e das crônicas orais dos povos negros bem como o que anotaram, a partir do século IX, viajantes e eruditos árabes e, mais tarde, os portugueses e outros europeus.

2 – Errado. Essa informação contradiz o texto, conforme se atesta no seguinte fragmento: "o rigor de quem os compõe não afasta de todo o mito e deixa que ele frequente a narrativa e nela se imiscua".

3 – Errado. Neste fragmento do verbete, o autor se referia a textos, mesmo que fundados sobre registros. E esses textos apenas não afastavam de todo o mito. Porém isso não quer dizer que se tratava de "transcrição de mitos transmitidos oralmente pelos povos negros.".

4 – Errado. O texto não relaciona os personagens a cada povo.

83. **(Cespe / UnB / IRBr / 2011)**

Através de grossas portas,
sentem-se luzes acesas,
– e há indagações minuciosas
dentro das casas fronteiras:
olhos colados aos vidros,
mulheres e homens à espreita,
caras disformes de insônia,
vigiando as ações alheias.
Pelas gretas das janelas,
pelas frestas das esteiras,
agudas setas atiram
a inveja e a maledicência.
Palavras conjeturadas
oscilam no ar de surpresa,
como peludas aranhas
na gosma das teias densas,
rápidas e envenenadas,
engenhosas, sorrateiras.
Atrás de portas fechadas,

à luz de velas acesas,
brilham fardas e casacas,
junto com batinas pretas.
Uns são reinóis, uns, mazombos;
e pensam de mil maneiras;
mas citam Vergílio e Horácio,
e refletem, e argumentam,
falam de minas e impostos,
de lavras e de fazendas,
de ministros e rainhas
e das colônias inglesas.
Atrás de portas fechadas,
à luz de velas acesas,
entre sigilo e espionagem,
acontece a Inconfidência.
E diz o Vigário ao Poeta:
"Escreva-me aquela letra
do versinho de Vergílio…"
E dá-lhe o papel e a pena.
E diz o Poeta ao Vigário,
com dramática prudência:
"Tenha meus dedos cortados,
antes que tal verso escrevam…"
LIBERDADE, AINDA QUE TARDE,
ouve-se em redor da mesa.
E a bandeira já está viva,
e sobe, na noite imensa.
E os seus tristes inventores
já são réus – pois se atreveram
a falar em Liberdade
(que ninguém sabe o que seja).
E a vizinhança não dorme:

murmura, imagina, inventa.
Não fica bandeira escrita,
mas fica escrita a sentença.

Meireles, Cecília. Romanceiro da Inconfidência. Obra poética. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1977, p. 450-2 (com adaptações).

Com relação às ideias e às estruturas linguísticas do texto acima, julgue (C ou E) os itens a seguir.

1 – Da leitura da quarta estrofe (v.35-50) depreende-se que a palavra liberdade é o fulcro vital da bandeira dos inconfidentes e representa a finalidade do engajamento político daquele grupo.

2 – Entende-se da leitura do poema que os inconfidentes foram sentenciados por atuarem contra os interesses da Coroa portuguesa, mas não por haverem registrado, na bandeira criada, o anseio por liberdade.

3 – Nos dois primeiros versos, o eu lírico alude ao sigilo dos inconfidentes por meio de paradoxo e sinestesia.

4 – No trecho "Uns são reinóis, uns, mazombos; / e pensam de mil maneiras; / mas citam Vergílio e Horácio, / e refletem, e argumentam," (v.23-26), fica evidenciado que, independentemente da origem social, os inconfidentes compartilhavam o mesmo grau de erudição.

Gabarito:

1 – Certo. Fato confirmado inclusive pelo emprego de todas as letras maiúsculas no verso 43 e da inicial da própria palavra Liberdade no verso 49.

2 – Errado. O conector causal POIS, presente no verso 48, introduz o motivo de os inventores já serem réus: atreveram-se a falar em Liberdade.

3 – Certo. A sinestesia, de uma forma geral, leva ao paradoxo, pois a mistura de sentidos, em tese, é algo incoerente. Nós não sentimos (percepção tátil) as luzes acesas, nós as enxergamos, vemos.

4 – Errado. O texto não informa que os inconfidentes tinham o mesmo grau de erudição. Quando se diz que citavam Vergílio e Horácio, compreende-se que havia a citação realizada pelo grupo, mas não necessariamente o conhecimento e a erudição eram compartilhados por todos os membros.

84. Ainda que se soubessem todas as palavras de cada figura da Inconfidência, nem assim se poderia fazer com o seu simples registro uma composição da arte.

A obra de arte não é feita de tudo – mas apenas de algumas coisas essenciais. A busca desse essencial expressivo é que constitui o trabalho do artista. Ele poderá dizer a mesma verdade do historiador, porém de outra maneira. Seus caminhos são outros, para atingir a comunicação. Há um problema de palavras. Um problema de ritmos. Um problema de composição. Grande parte de tudo isso se realiza, decerto, sem inteira consciência do artista. É a decorrência natural da sua constituição, da sua personalidade – por isso, tão difícil se torna quase sempre a um criador explicar a própria criação. No caso, porém, de um poema de mais objetividade, como o Romanceiro, muitas coisas podem ser explicadas, porque foram aprendidas, à proporção que ele se foi compondo.

Digo "que ele se foi compondo" e não "que foi sendo composto", pois, na verdade, uma das coisas que pude observar melhor que nunca, ao realizá-lo, foi a maneira por que um tema encontra sozinho ou sozinho impõe seu ritmo, sua sonoridade, seu desenvolvimento, sua medida.

O Romanceiro foi construído tão sem normas preestabelecidas, tão à mercê de sua expressão natural que cada poema procurou a forma condizente com sua mensagem. A voz irreprimível dos fantasmas, que todos os artistas conhecem, vibra, porém, com certa docilidade, e submete-se à aprovação do poeta, como se realmente, a cada instante, lhe pedisse para ajustar seu timbre à audição do público. Porque há obras que existem apenas para o artista, desinteressadas de transmissão; outras que exigem essa transmissão e esperam que o artista se ponha a seu serviço, para alcançá-la. O Romanceiro é desta segunda espécie.

Quatro anos de quase completa solidão – numa renúncia total às mais sedutoras solicitações, entre livros de toda espécie relativos ao especializadamente século 18 –ainda pareceram curtos demais para uma obra que se desejava o menos imperfeita possível, porque se impunha, acima de tudo, o respeito por essas vozes que falavam, que se confessavam, que exigiam, quase, o registro da sua história.

E era uma história feita de coisas eternas e irredutíveis: de ouro, amor, liberdade, traições…

Mas porque esses grandiosos acontecimentos já vinham preparados de tempos mais antigos e foram o desfecho de um passado minuciosamente construído – era preciso iluminar esses caminhos anteriores, seguir o rastro do ouro que vai, a princípio como o fio de um colar, ligando cenas e personagens, até transformar-se em pesada cadeia que prende e imobiliza num destino doloroso.

Cecília Meireles. Como escrevi o Romanceiro da Inconfidência. In: Romanceiro da Inconfidência. 3ª ed., Rio de Janeiro: ova Fronteira, 2005, p. XVI-XVII (com adaptações).

Acerca das ideias e das estruturas linguísticas do texto, extraído da obra de Cecília Meireles, na qual a autora explica a criação do Romanceiro da Inconfidência, julgue (C ou E) os itens que se seguem.

1 – No trecho "o rastro do ouro que vai, a princípio como o fio de um colar, ligando cenas e personagens, até transformar-se em pesada cadeia que prende e imobiliza num destino doloroso" (l. 34-36), verifica-se gradativa intensificação das ações nele relatadas, expressa pelo emprego da locução com verbo no gerúndio e de preposição que denota limite, e, tal como ocorre no trecho "que falavam, que se confessavam, que exigiam quase, o registro da sua história" (l.29), pela ordem em que se apresentam os núcleos verbais que constituem as orações adjetivas.

2 – Depreende-se da leitura do texto que a autora colocou-se a serviço da obra, cabendo-lhe adequar a mensagem à forma, uma vez que o tema impunha seu próprio desenvolvimento.

3 – Da leitura do primeiro parágrafo do texto depreende-se que, para a autora, não foi tão difícil explicar a criação do Romanceiro da Inconfidência quanto geralmente é difícil para os artistas explicar a criação de suas obras menos objetivas. Isso se explica porque o Romanceiro da Inconfidência, dado o tema, apresenta não só o "essencial expressivo", mas também aspectos objetivos.

4 – São pertinentes as seguintes inferências a partir da pontuação e dos mecanismos de coesão empregados no período entre as linhas 18 e 20: entre todos os fantasmas, alguns são conhecidos por todos os artistas, e o poeta harmoniza, a todo momento, o timbre de sua voz à audiência.

Gabarito:

1 – Certo. O primeiro fragmento se constrói na relação MÍNIMO-MÁXIMO. A expressão "como um fio de colar" representa o atrelamento mínimo; "pesada cadeia que prende e imobiliza num destino doloroso", atrelamento máximo. Já no segundo fragmento, a sequência de verbos FALAVAM, CONFESSAVAM e EXIGIAM sugere o aumento gradativo da influência que as vozes exerciam sobre a autora.

2 – Errado. Segundo o texto, o próprio texto impunha sozinho seu ritmo, sua

sonoridade, seu desenvolvimento, sua medida.

3 – Certo. Segundo o texto, normalmente é difícil ao criador explicar sua criação, pois se trata da decorrência natural da sua constituição, da sua personalidade. No entanto, o aspecto objetividade faz com que, na criação do Romanceiro da Inconfidência, muitas coisas possam ser explicadas, porque foram aprendidas, à proporção que ele se foi compondo.

4 – Errado. O comentário é absurdo, visto que fantasma foi empregado em sentido conotativo, representando a voz, a melodia que o texto e a temática impõem.

85. **Assinale a opção em que os dois trechos extraídos do texto apresentam, respectivamente, linguagem predominantemente denotativa e linguagem predominantemente conotativa.**

a) "No caso, porém, de um poema de mais objetividade, como o Romanceiro, muitas coisas podem ser explicadas" (l.10-11) / "era preciso iluminar esses caminhos anteriores, seguir o rastro do ouro que vai, a princípio como o fio de um colar, ligando cenas e personagens, até transformar-se em pesada cadeia que prende e imobiliza num destino doloroso" (l.33-36)

b) "Quatro anos de quase completa solidão – numa renúncia total às mais sedutoras solicitações, entre livros de toda espécie relativos ao especializadamente século 18 – ainda pareceram curtos demais para uma obra que se desejava o menos imperfeita possível" (l. 25-28) / "Mas porque esses grandiosos acontecimentos já vinham preparados de tempos mais antigos e foram o desfecho de um passado minuciosamente construído" (l.32 e 33)

c) "A obra de arte não é feita de tudo – mas apenas de algumas coisas essenciais" (l. 3 e 4) / "Grande parte de tudo isso se realiza, decerto, sem inteira consciência do artista" (l. 7-8)

d) "porque se impunha, acima de tudo, o respeito por essas vozes que falavam, que se confessavam, que exigiam, quase, o registro da sua história" (l. 28 e 29) / "É a decorrência natural da sua constituição, da sua personalidade – por isso, tão difícil se torna quase sempre a um criador explicar a própria criação" (l. 9-10)

e) "A voz irreprimível dos fantasmas, que todos os artistas conhecem, vibra, porém, com certa docilidade, e submete-se à aprovação do poeta, como se

realmente, a cada instante, lhe pedisse para ajustar seu timbre à audição do público" (l. 19-22) / "E era uma história feita de coisas eternas e irredutíveis: de ouro, amor, liberdade, traições" (l. 30-31)

Gabarito: A

De acordo com a exigência feita no enunciado da questão, o primeiro fragmento deve ser estruturado com termos em sentido denotativo, oficial, havendo a mínima, ou nenhuma, participação de linguagem figurada. Já o segundo fragmento deve ser composto com elementos no sentido conotativo, ou seja, em sentido diferente do previsto pelos dicionários em face de uma imposição do contexto. A alternativa A é a única que contém essa característica, uma vez que, no primeiro fragmento, não há nenhum termo empregado em sentido figurado; já, no segundo fragmento, a presença de conotação se faz presente em várias ocorrências: "caminhos" empregado no sentido de fatos, acontecimentos; em "rastro dou ouro", o ouro não pode deixar rastro; também a personificação de "rastro do ouro", capaz de prender e imobilizar – verbos também no sentido conotativo, pois a prisão e a imobilização estariam no sentido figurado. Na alternativa B, os dois fragmentos são predominantemente denotativos, embora no segundo fragmento haja a ocorrência de um exemplo de conotação: "construir (termo usado para obras) um passado. Contudo, é de bom alvitre ressaltar que se trata de apenas um exemplo, o que descaracteriza a predominância de um estilo. Na alternativa C, os dois fragmentos são predominantemente denotativos. Na alternativa D, o primeiro fragmento possui predominância conotativa – a prosopopeia. O tema, a própria poesia terem voz já impõe a conotação, e a voz poder falar, confessar, agir corrobora ainda mais para tal caracterização; o segundo fragmento possui predominância denotativa. Na alternativa E, novamente há a prosopopeia no primeiro fragmento; já no segundo não há intervenção de linguagem figurada.

86. Poucos depoimentos eu tenho lido mais emocionantes que o artigo-reportagem de Oscar Niemeyer sobre sua experiência em Brasília. Para quem conhece apenas o arquiteto, o artigo poderá passar por uma defesa em causa própria – o revide normal de um pai que sai de sua mansidão costumeira para ir brigar por um filho em quem querem bater. Mas, para quem conhece o homem, o artigo assume proporções dramáticas. Pois Oscar é não só o avesso do causídico, como um dos seres mais antiautopromocionais que já conheci em minha vida.

Sua modéstia não é, como de comum, uma forma infame de vaidade. Ela não

tem nada a ver com o conhecimento realista – que Oscar tem – de seu valor profissional e de suas possibilidades. É a modéstia dos criadores verdadeiramente integrados com a vida, dos que sabem que não há tempo a perder, é preciso construir a beleza e a felicidade no mundo, por isso mesmo que, no indivíduo, é tudo tão frágil e precário.

Oscar não acredita em Papai do Céu, nem que estará um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso. Põe ele, como um verdadeiro homem, a felicidade do seu semelhante no aproveitamento das pastagens verdes da Terra; no exemplo do trabalho para o bem comum e na criação de condições urbanas e rurais, em estreita intercorrência, que estimulem e desenvolvam este nobre fim: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver.

Eu acredito também nisso, e quando vejo aquilo em que creio refletido num depoimento como o de Oscar Niemeyer, velho e querido amigo, como não me emocionar?

Vinicius de Moraes. Para viver um grande amor. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1982, p. 134-5 (com adaptações).

Com relação às ideias desenvolvidas no texto, assinale a opção correta.

a) Vinicius de Moraes ressalta a conduta de Niemeyer, que, fundamentada em concepção materialista e visão social de seu trabalho, está pautada na busca de condições sociais benéficas para os cidadãos.

b) Vinicius de Moraes, na condição de causídico de Oscar Niemeyer, alerta para a injusta ausência de reconhecimento da capacidade de luta do arquiteto para a implementação de projetos que visem ao bem comum, dos quais a construção de Brasília é exemplo.

c) Infere-se do texto que Oscar Niemeyer, em razão das severas críticas a seu trabalho arquitetônico realizado em Brasília, contrariou sua "mansidão costumeira" e escreveu um artigo em que faz a apologia da obra criada nessa cidade.

d) Vinicius de Moraes atribui a emoção nele despertada pela leitura do mencionado artigo-reportagem não só à forma dramática de relato dos fatos, mas, principalmente, à afinidade entre ele e Niemeyer no que concerne a crenças sobre a vida e a morte, parte delas referidas no depoimento do amigo Oscar.

e) Por ser um indivíduo consciente de sua fragilidade e da precariedade de ser

mortal, Oscar Niemeyer, segundo afirma Vinicius de Moraes, manifesta modéstia incomum, desprovida de hipocrisia.

Gabarito: A

A visão de Niemeyer é materialista, conforme se expressa no fragmento "Oscar não acredita em Papai do Céu"; possui visão social de seu trabalho, segundo o fragmento "no exemplo do trabalho para o bem comum e na criação de condições urbanas e rurais, em estreita intercorrência, que estimulem e desenvolvam este nobre fim.

A alternativa B apresenta comentário inadequado, visto que a intenção de Vinicius de Moraes não é defender – ser causídico de – Niemeyer, mas sim expor que se emocionou com o seu depoimento. A alternativa C apresenta comentário falso quando informa que o texto de Niemeyer objetivava realizar apologia da obra. A alternativa D é absurda, sobretudo pelo fato de o texto não informar sequer o posicionamento de Vinicius acerca de aspectos religiosos ou espirituais. A alternativa E apresenta falsa relação causa-efeito: a consequência de Oscar Niemeyer ser consciente de sua fragilidade e da precariedade de ser mortal é que não há tempo a perder, que é preciso construir a beleza e a felicidade no mundo, e não que manifesta modéstia incomum, desprovida de hipocrisia.

87. **Julgue (C ou E) os itens a seguir, relativos às estruturas linguísticas do texto.**

1 – No texto, a linguagem foi empregada predominantemente em suas funções emotiva e poética.

2 – Ao empregar as expressões "Papai do Céu" (l.14) e "verdes pastagens do Paraíso" (l.15), o autor do texto demonstra neutralidade em relação ao universo de crenças que elas representam.

3 – O emprego de adjetivos no grau superlativo absoluto, como "mais emocionantes" (l.1), "mais antiautopromocionais" (l.7), "tão frágil e precário" (l.13), produz o efeito de exaltação da superioridade dos atributos técnico e criativo de Oscar Niemeyer em relação a outros brasileiros notáveis.

4 – O uso da expressão "mais antiautopromocionais" (l.7) indica a opção do autor do texto por forma prolixa, dada a presença de dois prefixos no vocábulo adjetivo, em detrimento da concisão que seria proporcionada pela escolha da forma equivalente menos autopromocional, a qual manteria o efeito retórico

desejado.

Gabarito:

1 – Certo. A função emotiva é clara. A ocorrência de elementos subjetivos e da primeira pessoa do singular denotam a emotividade, a expressividade, o que claramente se denuncia na última passagem do texto: "como não me emocionar?". Apesar de o texto não ser poético, a função poética também se faz presente, dado que se observam expressões conotativas, como Papai do Céu, Brasílias, angélicas, verdes pastagens do paraíso. Além disso, as repetições de estruturas estabelecem ritmos em alguns fragmentos "É a modéstia **dos** criadores verdadeiramente integrados com a vida, **dos** que sabem que não há tempo a perder"; "Põe ele, como um verdadeiro homem, a felicidade do seu semelhante **no** aproveitamento das pastagens verdes da Terra; **no** exemplo do trabalho para o bem comum e **na** criação de condições urbanas e rurais".

2 – Errado. Justamente por não empregar tais conotações, o autor do texto já dá indícios de sua relação com a espiritualidade.

3 – Errado. Não se trata de superlativo absoluto, mas sim de superlativo relativo, que indica a comparação de um ser com a totalidade. Por exemplo, quando Vinicius de Moraes informa que Oscar Niemeyer foi um dos seres mais antiautopromocionais que já conheci em minha vida, ele o está comparando com a totalidade, mas – repita-se – não se trata de superlativo absoluto, e sim de relativo.

4 – Errado. Evidentemente o efeito retórico é diferente. Quando se diz que o ser é antiautopromocional significa que se opõe (anti) a fazer um promoção de si próprio (auto). Quando se informa que menos autopromocional, o sentido é que ele apenas não se (auto) promove, mas não chega a estabelecer relação de oposição a tal.

88. **Acerca dos mecanismos de coesão empregados no texto, julgue (C ou E) os itens subsequentes.**

1 – Dada a propriedade que assume o pronome "este" nos mecanismos coesivos empregados no trecho "que estimulem e desenvolvam este nobre fim" (l.18), não é facultada a seguinte reescrita: que estimulem este nobre fim e o desenvolvam.

2 – A elipse em "nem que estará" (l.14) e o emprego do pronome anafórico "ele"

(l.15) são mecanismos de coesão utilizados para referenciar o substantivo "Oscar" (l.21).

3 – Na linha 3, o vocábulo "arquiteto" retoma por substituição o nome próprio "Oscar Niemeyer", empregado na linha 2, mecanismo que corresponde a uma variedade de metonímia e por meio do qual se evita a repetição de vocábulo.

4 – O período que finaliza o primeiro parágrafo está na ordem inversa, como indica o emprego inicial da conjunção "Pois", que introduz uma oração subordinada anteposta à oração principal.

Gabarito:

1 – Certo. Em face de o pronome demonstrativo "este" ter valor catafórico, ou seja, referindo-se à oração seguinte "fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver.", não se pode distanciá-lo do sinal de dois-pontos.

2 – Certo. Como o sujeito "Oscar" já apareceu na oração anterior, não havia necessidade de repeti-lo, caracterizando a elipse. Depois o pronome ele refere-se novamente a Oscar, visto que era o Oscar Niemeyer que "punha felicidade do seu semelhante no aproveitamento das pastagens verdes da Terra…".

3 – Errado. Primeiramente não há metonímia. Segundo a intenção do autor do texto não era, com o termo "arquiteto", retomar "Oscar Niemeyer" e sim mostrar as duas facetas dele: a do arquiteto, profissional genial, e a do ser humano.

4 – Errado. Não há inversão. A conjunção "pois" introduz um período que funciona como uma explicação para o fato exposto no período anterior. Inclusive os fragmentos poderiam ocorrer unidos "Mas, para quem conhece o homem, o artigo assume proporções dramáticas, pois (porque) Oscar é não só o avesso do causídico, como um dos seres mais antiautopromocionais que já conheci em minha vida.".

89. **CARTA PARA ANTONIO CARLOS JOBIM**

Porto do Havre [França], 7 de setembro de 1964

Tomzinho querido,

Estou aqui num quarto de hotel que dá para uma praça que dá para toda a solidão do mundo. São dez horas da noite e não se vê viv'alma. Meu navio só sai

amanhã à tarde, e é impossível alguém estar mais triste do que eu. E, como sempre nestas horas, escrevo para você cartas que nunca mando.

Deixei Paris para trás com a saudade de um ano de amor, e pela frente tenho o Brasil, que é uma paixão permanente em minha vida de constante exilado. A coisa ruim é que hoje é 7 de setembro, a data nacional, e eu sei que em nossa embaixada há uma festa que me cairia muito bem, com o Baden Powell mandando brasa no violão. Há pouco telefonei para lá, para cumprimentar o embaixador, e veio todo mundo ao telefone.

Você já passou um 7 de setembro, Tomzinho, sozinho, num porto estrangeiro, numa noite sem qualquer perspectiva? É fogo, maestro!

MORAES, Vinicius de. Querido poeta. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, organização de Ruy Castro, p. 303-4 (com adaptações).

Julgue (C ou E) os itens seguintes, relativos às ideias do texto acima.

1 – O emprego, no texto, das expressões coloquiais "cairia muito bem" (l.8) e "mandando brasa" (l.8) indica a informalidade com que Vinicius de Moraes escreve a seu destinatário.

2 – Pelo emprego da expressão "todo mundo" (l.9-10), pressupõe-se que, além do embaixador, outros amigos e colegas de trabalho de Vinicius de Moraes, sem que se possa saber quantos, telefonaram-lhe do Brasil.

3 – Infere-se da carta de Vinicius de Moraes a Antonio Carlos Jobim que o poeta brasileiro, também diplomata, estava em missão profissional na cidade do Havre por ocasião de uma data nacional brasileira, embora manifestasse preferência por estar em outro lugar.

4 – Na carta a Antonio Carlos Jobim, a menção a correspondências que nunca eram enviadas sugere que havia temas confidenciais que só poderiam ser tratados pelo remetente e pelo destinatário da carta de 7 de setembro de 1964 em encontro pessoal.

Gabarito:

1 – Certo. O emprego de gírias, as conotações, a informalidade e a emotividade sugerem intimidade entre o autor da carta e o destinatário.

2 – Errado. Na realidade ele não recebeu o telefonema. Foi o próprio Vinicius que telefonou para a embaixada e lá todo mundo veio ao telefone.

3 – Errado. Não há elementos suficientes no texto que permitam a inferência de

que Vinicius estava em Havre a trabalho.

4 – Errado. Não necessariamente essas cartas tinham cunho político. Por exemplo, essa tinha cunho emocional, pessoal. As cartas não eram remetidas talvez por preguiça, mas não porque obrigatoriamente compreendiam temas confidenciais.

90. Deixei os braços pousarem na madeira inchada e úmida, abri um pouco a janela a pensar que isso de olhar a chuva de frente podia abrandar o ritmo dela, ouvi lá embaixo, na varanda, os passos da avó Agnette, que se ia sentar na cadeira da varanda a apanhar ar fresco, senti que despedir-me da minha casa era despedir-me dos meus pais, das minhas irmãs, da avó e era despedir-me de todos os outros: os da minha rua, senti que rua não era um conjunto de casas mas uma multidão de abraços, a minha rua, que sempre se chamou Fernão Mendes Pinto, nesse dia ficou espremida numa só palavra que quase me doía na boca se eu falasse com palavras de dizer: infância.

A chuva parou. O mais difícil era saber parar as lágrimas.

O mundo tinha aquele cheiro da terra depois de chover e também o terrível cheiro das despedidas. Não gosto de despedidas porque elas têm esse cheiro de amizades que se transformam em recordações molhadas com bué de lágrimas. Não gosto de despedidas porque elas chegam dentro de mim como se fossem fantasmas mujimbeiros* que dizem segredos do futuro que eu nunca pedi a ninguém para vir soprar no meu ouvido de criança.

Desci. Sentei-me perto, muito perto da avó Agnette.

Ficamos a olhar o verde do jardim, as gotas a evaporarem, as lesmas a prepararem os corpos para novas caminhadas. O recomeçar das coisas.

– Não sei onde é que as lesmas sempre vão, avó.

– Vão pra casa, filho.

– Tantas vezes de um lado para o outro?

– Uma casa está em muitos lugares – ela respirou devagar, me abraçou. – É uma coisa que se encontra.

*Mujimbeiro: fofoqueiro.

Ondjaki. Os da minha rua. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007, p. 145-6 (com adaptações).

Assinale a opção em que a interpretação apresentada, com relação ao

estado de espírito do narrador do texto, está de acordo com o que se pode depreender do parágrafo indicado.

a) Quarto parágrafo: insegurança por ser obrigado a se afastar da família.
b) Quinto parágrafo: entusiasmo na contemplação gratuita da natureza.
c) Primeiro parágrafo: regozijo diante do início de uma nova fase da vida.
d) Segundo parágrafo: tristeza por não conseguir conter o choro.
e) Terceiro parágrafo: desconforto ao ter de lidar com um momento de ruptura.

Gabarito: E

A alternativa é inadequada, pois ele não foi obrigado a afastar-se da família. A alternativa B também está incorreta, pois em momento algum do texto ele demonstra entusiasmo. Também a alternativa C é inviável, já que ele não demonstra regozijo – prazer – diante da situação. Na alternativa D, a tristeza é por afastar-se da família, da rua, dos amigos, e não porque chorou. A alternativa E é a única que apresenta comentário adequado, porquanto o desconforto fica explicitado sobretudo quando ele esclarece que não gosta de despedidas.

91. **A respeito do texto, julgue (C ou E) os itens que se seguem.**

1 – O fato de o texto ter sido escrito na primeira pessoa do singular justifica o emprego da linguagem sinestésica em trechos como "O mundo tinha aquele cheiro da terra depois de chover e também o terrível cheiro das despedidas" (l.10-11), recurso inviável em textos escritos na terceira pessoa.

2 – No trecho "Não gosto de despedidas porque elas chegam dentro de mim como se fossem fantasmas mujimbeiros que dizem segredos do futuro que eu nunca pedi a ninguém para vir soprar no meu ouvido de criança" (l.11-15), o narrador apresenta, por meio de uma comparação, uma das razões de não gostar de despedidas, caracterizando, de forma restritiva, o elemento com que compara as despedidas.

3 – Os sentidos e a correção gramatical do primeiro parágrafo do texto seriam mantidos e as relações sintáticas estariam bem identificadas caso o autor tivesse adotado, nesse trecho, a seguinte pontuação: Deixei os braços pousarem na madeira inchada e úmida; abri um pouco a janela, a pensar que isso de olhar a chuva de frente podia abrandar o ritmo dela; ouvi, lá embaixo, na varanda, os passos da avó Agnette, que se ia sentar na cadeira da varanda a apanhar ar fresco; senti que despedir-me da minha casa era despedir-me dos meus pais, das minhas irmãs, da avó e era despedir-me de todos os

outros: os da minha rua; senti que rua não era um conjunto de casas, mas uma multidão de abraços; a minha rua, que sempre se chamou Fernão Mendes Pinto, nesse dia, ficou espremida numa só palavra que quase me doía na boca se eu falasse com palavras de dizer: infância.

4 – Do trecho "a minha rua, que sempre se chamou Fernão Mendes Pinto, nesse dia ficou espremida numa só palavra que quase me doía na boca se eu falasse com palavras de dizer: infância" (l.7 e 8) depreende-se que a rua em que o narrador morava passou a ter, para ele, sentido mais significativo.

Gabarito:

1 – Errado. Inicialmente não houve sinestesia nesse fragmento. Há uma metáfora, com o vocábulo "cheiro" sendo utilizado com valor de "sentimento". Além disso, pode ha ver obviamente a sinestesia sendo empregada a terceira pessoa, como se pode observar no seguinte exemplo: Observou-se o som que vinha do outro povoado.

2 – Certo. O emprego da conjunção "como" estabelece a comparação entre "as despedidas no coração do autor" e os "fantasmas mujimbeiros que dizem segredos do futuro que eu nunca pedi a ninguém para vir soprar no meu ouvido de criança". O pronome relativo "que" introduz oração subordinada adjetiva que restringe o sentido de "fantasmas mujimbeiros", termo comparado às despedidas.

3 – Certo. Várias orações coordenadas assindéticas encontravam-se separadas por vírgulas. A ausência do conector permite que tal separação seja demarcada por vírgula ou por ponto-e-vírgula.

4 – Certo. Para o autor, a rua, até então, era apenas um nome. Quando se aproxima o momento em que ele vai afastar-se dela, compreende o seu significado, o seu valor, a sua importância, o que ela, enfim, representou: a sua infância.

92. **Acerca do vocabulário, das ideias e das estruturas linguísticas do texto, julgue (C ou E) os próximos itens.**

1 – Da leitura do texto depreende-se que, para o narrador, o sentido de casa, no momento da despedida, incluía a sua infância, os pais, as irmãs e a avó.

2 – Como a frase "O recomeçar das coisas" (l.18) resume o que o narrador depreendeu da situação relatada na frase anterior a ela, seriam preservados a

correção gramatical e os sentidos do trecho se o ponto final após "caminhadas" fosse substituído por dois-pontos ou por travessão, com o devido ajuste na inicial maiúscula.

3 – O vocábulo "bué" (l.12), formado a partir da reprodução aproximada do som natural do choro, evidencia uso de linguagem informal no texto.

4 – Seriam mantidos o sentido e a correção gramatical do texto se os infinitivos flexionados fossem substituídos pelas respectivas formas do infinitivo não flexionado no segmento "as gotas a evaporarem, as lesmas a prepararem os corpos para novas caminhadas" (l.17-18).

Gabarito:

1 – Certo. Fato que se expõe no seguinte fragmento "senti que despedir-me da minha casa era despedir-me dos meus pais, das minhas irmãs, da avó".

2 – Certo. O emprego de dois-pontos seria adequado, visto que a expressão "O recomeçar das coisas" funciona como uma síntese para os fatos redigidos no período anterior.

3 – Anulada. Justificativa do Cespe-UnB: A palavra "bué" tanto pode ser empregada, no texto, como vocábulo do português brasileiro de origem onomatopeica quanto pode ter sido empregado pelo autor angolano, com o sentido de "muito", "grande quantidade" (vocábulo de origem portuguesa ou, talvez, originária do quimbundo, língua falada em Angola.

4 – Como a preposição afasta o verbo do termo com que faz a concordância, tanto se pode usar o infinitivo pessoal (flexionado na terceira pessoa do plural) como o infinitivo impessoal, sem flexão.

93. Nos países novos, nas terras ainda sem tipo étnico absolutamente definido, onde o sentimento d'Arte é silvícola, local, banalizado, deve ser espantoso, estupendo o esforço, a batalha formidável de um temperamento fatalizado pelo sangue e que traz consigo, além da condição inviável do meio, a qualidade fisiológica de pertencer, de proceder de uma raça que a ditadora ciência d'hipóteses negou em absoluto para as funções do Entendimento e, principalmente, do entendimento artístico da palavra escrita.

Deus meu! Por uma questão banal de química biológica do pigmento ficam alguns mais rebeldes e curiosos fósseis preocupados, a ruminar primitivas erudições, perdidos e atropelados pelas longas galerias submarinas de uma sabedoria infinita, esmagadora, irrevogável! (...)

Ah! Esta minúscula humanidade, torcida, enroscada, assaltando as almas com a ferocidade de animais bravios, de garras aguçadas e dentes rijos de carnívoro, é que não pode compreender-me.

Sim! Tu é que não podes entender-me, não podes irradiar, convulsionar-te nestes efeitos com os arcaísmos duros da tua compreensão, com a carcaça paleontológica do Bom Senso.

Sousa, Cruz e. Emparedado. In: Obra completa. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1961, p. 659-60 (com adaptações).

Com relação às ideias desenvolvidas no texto acima, assinale a opção correta.

a) Na linha 15, o pronome pessoal "Tu" refere-se ao leitor, tratado de modo respeitoso pelo escritor com o objetivo de convencê-lo quanto à veracidade dos argumentos mencionados sobre a questão racial e aspectos do entendimento artístico.

b) Ao mencionar "a carcaça paleontológica do Bom Senso" (l.16-17), Cruz e Sousa indica que o estudo dos fósseis poderia derrubar os mitos científicos sobre a raça que vigoravam na sua época.

c) Nesse texto, Cruz e Sousa questiona o rigor das explicações científicas e menciona uma "ciência d'hipóteses" (l.5) para mostrar o relativismo do conhecimento e as distorções a que muitos analistas podem chegar ao defenderem as suas teses.

d) Cruz e Sousa demonstra que a ciência ainda não se desenvolveu plenamente nos países novos, o que impede a explicação de alguns fatos que ocorrem somente ali.

e) Ao empregar a expressão "Esta minúscula humanidade" (l.12), o poeta faz referência a um grupo específico de pessoas que, como menciona no parágrafo anterior do texto, não pode ser confundido com o grupo constituído de "alguns mais rebeldes e curiosos fósseis preocupados" (l.9).

Gabarito: C

A alternativa A é inadequada, dado que não há respeito ao interlocutor, até porque este é incapaz de compreender a visão do autor.

A alternativa B é incorreta, uma vez que a expressão "a carcaça paleontológica do Bom Senso" é usada com ironia para indicar a pouca flexibilidade de uma teoria,

a dureza de uma compreensão. Carcaça é algo duro, impenetrável. Paleontologia é uma ciência que estuda animais e vegetais fósseis. Portanto, o Bom Senso teria a dureza dos conhecimentos fossilizados.

A alternativa C é correta porquanto questiona a visão que se tem dos novos países e seus povos. Povos que já sofrem com a condição inviável do meio e que sofrem também com a imagem que possuem de serem incapazes – segundo a tal ciência d'hipóteses – para as funções de Entendimento.

A alternativa D é absurda, pois a crítica feita é o preconceito que se tem quanto aos povos presentes nesses novos países que seriam incapazes para as funções de Entendimento.

A alternativa E é errada, pois o termo "Esta minúscula humanidade" refere-se à queles que agem com preconceito, baseados em conceitos fossilizados e inflexíveis, e são os mesmos seres que os denominados em "alguns mais rebeldes e curiosos fósseis preocupados".

94. **Por que o novo presidente do FMI não pode ser europeu**

Der Spiegel

Thorsten Benner

Dominique Strauss-Kahn está na cadeia, e o debate a respeito do seu sucessor na direção do FMI já teve início. A chanceler alemã Angela Merkel quer que outro europeu ocupe o cargo. Mas isso seria um sinal fatal para potências emergentes como China e Índia.

A impressão foi que eles tinham as melhores das intenções. Em 2 de abril de 2009, europeus e norte-americanos indicaram a sua intenção de deixar de dividir entre si os cargos de liderança do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional (FMI). O acordo foi feito naquele ano na reunião do G20, em Londres. "Nós concordamos que os presidentes e líderes graduados das instituições financeiras internacionais deverão ser nomeados por meio de um processo de seleção aberto, transparente e meritocrático", dizia a declaração dos líderes na conclusão do encontro. Em outras palavras, os europeus abriram mão do privilégio de escolher o presidente do FMI.

Mas agora, com as acusações de ataque sexual contra o atual presidente da instituição, Dominique Strauss-Kahn, e a provável necessidade de substituí-lo, a chanceler alemã Angela Merkel parece ter esquecido a promessa.

Infere-se do primeiro parágrafo que:

a) o diretor do FMI está na cadeia;
b) já estão acontecendo debates sobre quem vai assumir a direção do FMI;
c) outro europeu assumir a direção do FMI seria um sinal fatal para a China e a Índia;
d) Dominique Strauss-Kahn é europeu;
e) outros países emergentes como o Brasil e o México desejam que outro europeu assuma o FMI.

Gabarito: D.

É fundamental o candidato atentar-se ao enunciado. Lá se exige algo implícito, algo que se deduz a partir do texto. A única alternativa que apresenta informação incoerente – e por isso deve ser a primeira eliminada – é a alternativa E. Em momento algum foi dito ou insinuado que o Brasil e o México desejavam que outro europeu assumisse o FMI. As alternativas A, B e C não servem como resposta, embora apresentem assertivas coerentes com o texto, uma vez que tais informações se apresentam de forma explícita e não subentendida. A alternativa D é a única coerente que o leitor efetivamente deduz. O texto não diz Dominique Strauss-Kahn é europeu. É algo que se deduz a partir da informação de que a chanceler alemã Angela Merkel quer que <u>outro europeu</u> ocupe o cargo. Portanto, se a chanceler alemã pretende que outro europeu assuma o cargo, pode-se inferir que Dominique Strauss-Kahn é europeu.

95. **O que informa o autor no segundo parágrafo?**

a) Europeus e norte-americanos possuíam as melhores intenções quando decidiram deixar de dividir entre si os cargos de liderança do Banco Mundial e do FMI.
b) Europeus e norte-americanos deixaram de dividir entre si os cargos de liderança do Banco Mundial e do FMI.
c) Que os presidentes e líderes graduados das instituições financeiras internacionais deverão ser nomeados por meio de um processo de seleção aberto, transparente e meritocrático.
d) O acordo de que europeus e norte-americanos deixariam de dividir entre si os cargos de liderança do Banco Mundial e do FMI foi feito em 2009 na reunião do G20 em Londres.
e) O processo de seleção aberto e meritocrático é o mais justo em todos os

sistemas de nomeações.

Gabarito: D.

Fundamental o candidato atentar-se ao fato de está sendo exigida uma informação explícita no texto e que tal informação provenha do autor. A alternativa A não serve como resposta, uma vez que o autor não informa que europeus e norte-americanos possuíam as melhores intenções, mas sim que **"a impressão" (a sensação, não a certeza)** era a de que eles tinham as melhores das intenções. A opção B apresenta comentário incoerente, pois europeus e norte-americanos, até o momento, ainda não deixaram de dividir entre si os cargos de liderança do Banco Mundial e do FMI. A opção C apresenta declaração não do autor, mas sim dos líderes ao fim da reunião do G20. A alternativa D é uma reprodução fiel de informação explícita em dois períodos do parágrafo: "Em 2 de abril de 2009, europeus e norte-americanos indicaram a sua intenção de deixar de dividir entre si os cargos de liderança do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional (FMI). O acordo foi feito naquele ano na reunião do G20, em Londres.". É importante ressaltar que, apesar o primeiro período falar apenas em "indicação de intenção", o segundo já expõe ter havido um acordo para europeus e norte-americanos deixarem de dividir entre si os cargos de liderança do Banco Mundial e do FMI. Já a alternativa E apresenta um comentário coerente, porém se trata de uma inferência, porquanto em momento algum é informado que esse sistema aberto e meritocrático é o mais justo.

96. **Sobre o terceiro parágrafo, julgue os seguintes itens.**

I – **O emprego de "agora" explicita a época em que o texto é redigido e sugere que, na identificação dos implícitos, há um pressuposição.**

II – **O emprego da preposição estabelece nexo causal.**

III – **Pode-se depreender do parágrafo que a chanceler alemã olvidou-se da promessa de que europeus e norte-americanos deixariam de dividir entre si os cargos de liderança do Banco Mundial e do FMI.**

Que comentários foram feitos com correção?

a) Nenhum.

b) Somente I e II.

c) Todos.

d) Somente II e III.

e) Somente I e III.

Gabarito: B.

O comentário I apresenta informação adequada, porquanto a referência de presente é sempre o momento em que o texto é confeccionado. Portanto, o "agora" não representa o momento em que lemos o texto, mas sim aquele em que escrito. Além disso, o emprego desse vocábulo permite a identificação de uma pressuposição, no campo dos implícitos: a de que antes a chanceler alemã procedia de uma forma e "agora" de outra.

O comentário II também adequado, porque existe uma relação de causa e efeito entre "com (por causa de, em virtude de) as acusações de ataque sexual contra o atual presidente da instituição, Dominique Strauss-Kahn, e a provável necessidade de substituí-lo" (causa) – a chanceler alemã Angela Merkel parece ter esquecido a promessa (consequência).

O comentário III é inadequado, uma vez que o texto trabalha no campo da possibilidade (PARECE TER ESQUECIDO) e não no campo da certeza (olvidou-se).

Da questão 97 a 100 – CARGO – TÉCNICO EM CONTABILIDADE da UFRJ – NCE

CIDADE MARAVILHOSA?

Os camelôs são pais de famílias bem pobres, e, então, merecem nossa simpatia e nosso carinho; logo eles se multiplicam por 1000. Aqui em frente à minha casa, na Praça General Osório, existe há muito tempo a feira hippie. Artistas e artesãos expõem ali aos domingos e vendem suas coisas. Uma feira um tanto organizada demais: sempre os mesmos artistas mostrando coisas quase sempre sem interesse. Sempre achei que deveria haver um canto em que qualquer artista pudesse vender um quadro; qualquer artista ou mesmo qualquer pessoa, sem alvarás nem licenças. Enfim, o fato é que a feira funcionava, muita gente comprava coisas – tudo bem. Pois de repente, de um lado e outro, na Rua Visconde de Pirajá, apareceram barracas atravancando as calçadas, vendendo de tudo – roupas, louças, frutas, miudezas, brinquedos, objetos usados, ampolas de óleo de bronzear, passarinhos, pipocas, aspirinas, sorvetes, canivetes. E as praias foram invadidas por 1000 vendedores. Na rua e na areia, uma orgia de cães. Nunca vi tantos cães no Rio, e presumo que muita gente anda com eles para se defender de assaltantes. O resultado é uma sujeira múltipla, que exige cuidado do pedestre para não pisar

naquelas coisas. E aquelas coisas secam, viram poeira, unem-se a cascas de frutas podres e dejetos de toda ordem, e restos de peixes da feira das terças, e folhas, e cusparadas, e jornais velhos; uma poeira dos três reinos da natureza e de todas as servidões humanas.

Ah, se venta um pouco o noroeste, logo ela vai-se elevar, essa poeira, girando no ar, entrar em nosso pulmão numa lufada de ar quente. Antigamente a gente fugia para a praia, para o mar. Agora há gente demais, a praia está excessivamente cheia. Está bem, está bem, o mar, o mar é do povo, como a praça é do condor – mas podia haver menos cães e bolas e pranchas e barcos e camelôs e ratos de praia e assaltantes que trabalham até dentro d'água, com um canivete na barriga alheia, e sujeitos que carregam caixas de isopor e anunciam sorvetes e quando o inocente cidadão pede picolé de manga, eis que ele abre a caixa e de lá puxa a arma. Cada dia inventam um golpe novo: a juventude é muito criativa, e os assaltantes são quase sempre muito jovens.

Rubem Braga

97. **O título do texto – cidade maravilhosa? – tem ao final um ponto de interrogação; com isso, o autor do texto expressa:**

a) uma pergunta ao leitor a fim de verificar a sua opinião;
b) um questionamento sobre o futuro da cidade do Rio de Janeiro;
c) uma dúvida sobre a qualidade de vida na cidade;
d) uma reflexão sobre as belezas da capital carioca;
e) uma opinião dos mais pobres sobre as condições de vida na cidade.

Gabarito: C.

As alternativas D e E são excluídas automaticamente, em face de haver uma interrogação, um questionamento. Elimina-se também a alternativa A, pelo fato de não ter cabimento a possibilidade de verificar-se a opinião do autor. A alternativa B também não pode ser a resposta, visto que a crítica é sobre um problema atual e não uma preocupação quanto ao futuro da cidade. A alternativa C acaba por ser a única coerente, pois os problemas listados no texto – o excesso de camelôs atravancando as ruas; o excesso de vendedores, ladrões e cães nas praias; a sujeira nas ruas e praças – implicam um prejuízo à qualidade de vida dos cariocas.

98. **"logo eles se multiplicam por 1000"; "E as praias foram invadidas por 1000 vendedores". O número 1000, nesses dois segmentos do texto:**

a) referem-se aos mesmos vendedores, em momentos diferentes;
b) indicam uma quantidade indeterminada de vendedores;
c) mostram somente uma ideia de grande quantidade;
d) representam o enorme progresso da cidade;
e) demonstram o crescimento desordenado da cidade.

Gabarito: C.

Quando o autor emprega o número 1000, objetiva demonstrar que a quantidade de camelôs e vendedores aumentou muito. Esse exagero, essa hipérbole enfatizam esse aumento.

99. **O autor critica basicamente dois tipos de poluição, que são:**
a) ambiental e visual;
b) visual e sonora;
c) sonora e marinha;
d) marinha e social;
e) social e ambiental.

Gabarito: A.

A poluição ocorre inicialmente no aspecto ambiental, visto que a crítica é feita à forma como estão as ruas, as praças, as praias. Tais problemas mencionados acabam também por comprometer o aspecto visual, pois há excesso de barracas nas ruas, as praias encontram-se extremamente cheias. É de bom alvitre observar que, em momento algum do texto, é mencionada uma crítica em relação à poluição sonora ou social. Não se fala de ruídos, música em som alto etc., como também nada se informa a respeito de que a poluição é gerada por classes sociais menos favorecidas.

100. **"os assaltantes são quase sempre muito jovens"; a maneira de reescrever-se essa mesma frase que mantém o seu sentido original é:**
a) são quase sempre bem jovens os assaltantes;
b) muitos assaltantes são quase sempre jovens;
c) os assaltantes são sempre quase jovens;
d) quase muitos jovens são sempre assaltantes;
e) são quase sempre jovens muitos assaltantes.

Gabarito: A.

É necessário atenção para fazer essa questão. Na frase original, "jovens" é

adjetivo que está intensificado pelo advérbio muito. Então os assaltantes não são apenas jovens, mas, sim, muito – excessivamente – jovens. Na alternativa B, o advérbio "muito" foi transformado em pronome indefinido atrelado a "assaltantes", e o adjetivo não está intensificado. Na C, "jovens" não está intensificado. Na D, "jovens" está substantivado, e "muitos" se torna pronome indefinido, o que gera alteração semântica; além disso, o posicionamento de "quase" faz com que a frase sequer tenha sentido. Na alternativa E, "jovens" não vem intensificado. A alternativa A é uma paráfrase, dado que a substituição de "muito" por "bem" – com valor de intensidade – conserva a ideia original.

Bibliografia

1. ALENCAR José de. O Guarani 7. ed. Minerva: São Paulo; 1965.
2. ALVES Castro. Espumas Flutuantes Record: Rio de Janeiro; 1997.
3. AQUINO Renato Monteiro de. Interpretação de Textos (Série Provas e Concursos). Campus/Elsevier: Rio de Janeiro; 2005.
4. Português para Concursos (Série Provas e Concursos). Campus/Elsevier: Rio de Janeiro; 2005.
5. ASSIS Joaquim Maria Machado de. Memórias Póstumas de Brás Cubas Edição única Abril Cultural: São Paulo; 1998.
6. Dom Casmurro. Edição única Abril Cultural: São Paulo; 1998.
7. AZEREDO, José Carlos de. Gramática Houaiss da Língua Portuguesa. Ed. Publifolha.
8. BECHARA Evanildo. Gramática Escolar da Língua Portuguesa Lucerna: Rio de Janeiro; 2003.
9. Moderna Gramática Portuguesa. 37. ed. Lucerna: Rio de Janeiro; 2001.
10. BARRETO Afonso Henriques de Lima. Triste Fim de Policarpo Quaresma 3. ed. Ática: São Paulo; 1987.
11. CÂMARA Jr Joaquim Mattoso. Estrutura da Língua Portuguesa 35. ed. Vozes: Petrópolis; 2002.
12. CAMÕES Luís Vaz de. Os Lusíadas Edição única Abril Cultural: São Paulo; 1997.
13. CARNEIRO Agostinho Dias. Redação em Construção 2. ed. Moderna: São Paulo; 2003.
14. CUNHA Euclides da Cunha. Os Sertões Edição única. Editora Abril 1969.
15. CUNHA Celso Ferreira da. Gramática da Língua Portuguesa 10. ed. FAE 1984.
16. CUNHA Celso Ferreira da, CINTRA Luís Filipe Lindley. Nova Gramática do Português Contemporâneo 3. ed. Nova Fronteira: Rio de Janeiro; 1997.
17. DUBOIS Jean. Dicionário de Linguística Cultrix: São Paulo; 1993.
18. FERREIRA Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário Aurélio. Nova Fronteira: Rio de Janeiro; 1975;.
19. FIGUEIREDO Fernando. Português no Concurso Público. 2. ed. Edição do autor 1999.
20. FURTADO Lilian, PEREIRA Vinícius Carvalho. Técnicas de Redação para Concursos. 1.ed. 2010; Editora Método.
21. GARCIA Othon Moacyr. Comunicação em Prosa Moderna. 20. ed. FGV: Rio de Janeiro; 2001.
22. GUIMARÃES Bernardo. A Escrava Isaura. Edição especial. 1998; Sociedade Comercial e Editorial Santiago. Publicações Europa América.
23. HOUAISS Antônio. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Objetiva: São Paulo; 2001.

24. IDA Manuel Said Ali. Gramática Histórica da Língua Portuguesa. 6. ed. Edições Melhoramentos: São Paulo; 1966.

25. KOCH Ingedore Villaça. Ler e Compreender: os sentidos do texto. 2. ed. Editora Contexto: São Paulo; 2006.

26. LIMA Carlos Henrique de Rocha. Gramática Normativa da Língua Portuguesa. 25. ed. José Olympio: Rio de Janeiro; 1985.

27. LUFT Celso Pedro. Moderna Gramática Brasileira. 2. ed. Globo: Rio de Janeiro; 2002.

28. MARCUSCHI Luis Antônio. Produção textual, Análise de Gêneros e compreensão. 3. ed. Parábola editorial: São Paulo; 2008.

29. NEVES Maria Helena de Moura. Texto e Gramática. Editora Contexto: São Paulo; 2006.

30. Gramática de usos do português.. Ed. UNESP.

31. OLÍVIA, Madre. Semântica e a natureza da língua. Ed. Vozes.

32. Semântica num confronto entre duas análises de português.. Ed. Maceió.

33. PAULIUKONIS Maria Aparecida Lino, SANTOS Leonor Werneck dos. Estratégias de leitura: texto e ensino Editora Lucerna: Rio de janeiro; 1998.

34. PESSOA Fernando. Poemas Escolhidos O Globo. 1997; Klick Editora.

35. POMPÉIA Raul. O Ateneu O Globo. 1997; Klick Editora.

36. QUEIRÓS Eça de. A relíquia O Globo. 1997; Klick Editora.

37. O Primo Basílio. Edição única Abril Cultural: São Paulo; 1969.

38. Ramos Graciliano. São Bernardo. 3. ed. José Olympio: Rio de Janeiro; 1947.

39. REIS Otelo. Breviário da Conjugação de Verbos. 54. ed. 2001; Editora Villa Rica.

40. RIBEIRO Manoel Pinto. Gramática Aplicada da Língua Portuguesa. 15. ed. Metáfora Editora: Rio de Janeiro; 2005.

41. ROSENTHAL Marcelo. Gramática para concursos. Editora Campus/Elsevier: Rio de Janeiro; 2006.

42. SABINO Fernando. A Mulher do Vizinho. Edição Integral Círculo do Livro: São Paulo; 1962.

43. VERISSIMO Luis Fernando. As Mentiras que os Homens Contam. Objetiva: Rio de Janeiro; 2001.

Exercícios Interpretação de Textos Dissertativos – Lista 1 – Com Gabarito

1) (FGV-2005)
A última das três abordagens, entre as teorias idealistas, é a que considera cultura como sistemas. simbólicos. Esta posição foi desenvolvida nos Estados Unidos principalmente por dois antropólogos: o já conhecido Clifford Geertz e David Schneider. O primeiro deles busca uma definição de homem baseada na definição de cultura. Para isto, refuta a idéia de uma forma ideal de homem, decorrente do iluminismo e da antropologia clássica, perto da qual as demais eram distorções ou aproximações, e tenta resolver o paradoxo (...) de uma imensa variedade cultural que contrasta com a unidade da espécie humana. Para isto, a cultura deve ser considerada "não um complexo de comportamentos concretos mas um conjunto de mecanismos de controle, planos, receitas, regras, instruções (que os técnicos de computadores chamam programa) para governar o comportamento". Assim, para Geertz, todos os homens são geneticamente aptos para receber um programa, e este programa é o que chamamos cultura. E esta formulação - que consideramos uma nova maneira de encarar a unidade da espécie - permitiu a Geertz afirmar que "um dos mais significativos fatos sobre nós pode se finalmente a constatação de que todos nascemos com um equipamento para viver mil vidas, mas terminamos no fim tendo vivido uma só!"
Roque de Barros Laraia. Cultura, um conceito antropológico. 16. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 62.

O texto introduz parágrafos duas vezes com a expressão "Para isto" . Assinale a alternativa correta em relação a essa expressão no texto.
a) Na primeira ocorrência, isto significa definição de cultura.
b) Na primeira ocorrência, isto significa cultura.
c) Na segunda ocorrência, isto significa resolver o paradoxo.
d) Na segunda ocorrência, isto significa refutar uma forma ideal de homem.
e) Na segunda ocorrência, isto significa a cultura deve ser considerada um programa.

2) (Fuvest-2002) - Mandaram ler este livro...
Se o tal do livro for fraquinho, o desprazer pode significar um precipitado mas decisivo adeus à literatura; se for estimulante, outros virão sem o peso da obrigação.
As experiências com que o leitor se identifica não são necessariamente as mais familiares, mas as que mostram o quanto é vivo um repertório de novas questões. Uma leitura proveitosa leva à convicção de que as palavras podem constituir um movimento profundamente revelador do próximo, do mundo, de nós mesmos. Tal convicção faz caminhar para uma outra, mais ampla, que um antigo pensador romano assim formulou: Nada do que é humano me é alheio.
(Cláudio Ferraretti, inédito)

De acordo com o texto, a identificação do leitor com o que lê ocorre sobretudo quando
a) ele sabe reconhecer na obra o valor consagrado pela tradição da crítica literária.
b) ele já conhece, com alguma intimidade, as experiências representadas numa obra.
c) a obra expressa, em fórmulas sintéticas, a sabedoria dos antigos humanistas.
d) a obra o introduz num campo de questões cuja vitalidade ele pode reconhecer.
e) a obra expressa convicções tão verdadeiras que se furtam à discussão.

3) (Fuvest-2002) - Mandaram ler este livro...
Se o tal do livro for fraquinho, o desprazer pode significar um precipitado mas decisivo adeus à literatura; se for estimulante, outros virão sem o peso da obrigação.
As experiências com que o leitor se identifica não são necessariamente as mais familiares, mas as que mostram o quanto é vivo um repertório de novas questões. Uma leitura proveitosa leva à convicção de que as palavras podem constituir um movimento profundamente revelador do próximo, do mundo, de nós mesmos. Tal convicção faz caminhar para uma outra, mais ampla, que um antigo pensador romano assim formulou: Nada do que é humano me é alheio.
(Cláudio Ferraretti, inédito)

O sentido da frase *Nada do que é humano me é alheio* é equivalente ao desta outra construção:
a) O que não diz respeito ao Homem não deixa de me interessar.
b) Tudo o que se refere ao Homem diz respeito a mim.
c) Como sou humano, não me alheio a nada.
d) Para ser humano, mantenho interesse por tudo.
e) A nada me sinto alheio que não seja humano.

4) (Fuvest-2002) - Mandaram ler este livro...
Se o tal do livro for fraquinho, o desprazer pode significar um precipitado mas decisivo adeus à literatura; se for estimulante, outros virão sem o peso da obrigação.
As experiências com que o leitor se identifica não são necessariamente as mais familiares, mas as que mostram o quanto é vivo um repertório de novas questões. Uma leitura proveitosa leva à convicção de que as palavras podem constituir um movimento profundamente revelador do próximo, do mundo, de nós mesmos. Tal convicção faz caminhar para uma outra, mais ampla, que um antigo pensador romano assim formulou: Nada do que é humano me é alheio.
(Cláudio Ferraretti, inédito)

De acordo com o texto, a convicção despertada por uma leitura proveitosa é, precisamente, a de que
a) sempre existe a possibilidade de as palavras serem profundamente reveladoras.
b) as palavras constituem sempre um movimento de profunda revelação.

c) é muito fácil encontrar palavras que sejam profundamente reveladoras.
d) as palavras sempre caminham na direção do outro, do mundo, de cada um de nós.
e) nenhuma palavra será viva se não provocar o imediato prazer do leitor.

5) (UFSCar-2004) As pessoas que admitem, por razões que consideram moralmente justificáveis, a eutanásia, o fato de acelerar ou mesmo de provocar a morte de um ente querido, para lhe abreviar os sofrimentos causados por uma doença incurável ou para terminar a existência miserável de uma criança monstruosa, ficam escandalizadas com o fato de que, do ponto de vista jurídico, a eutanásia seja assimilada, pura e simplesmente, a um homicídio. Supondo-se que, do ponto de vista moral, se admita a eutanásia, não se atribuindo um valor absoluto à vida humana, sejam quais forem as condições miseráveis em que ela se prolonga, devem-se pôr os textos legais em paralelismo com o juízo moral? Seria uma solução perigosíssima, pois, em direito, como a dúvida normalmente intervém em favor do acusado, corre-se o risco de graves abusos, promulgando uma legislação indulgente nessa questão de vida ou de morte. Mas constatou- se que, quando o caso julgado reclama mais a piedade do que o castigo, o júri não hesita em recorrer a uma ficção, qualificando os fatos de uma forma contrária à realidade, declarando que o réu não cometeu homicídio, e isto para evitar a aplicação da lei. Parece-me que esse recurso à ficção, que possibilita em casos excepcionais evitar a aplicação da lei - procedimento inconcebível em moral -, vale mais do que o fato de prever expressamente, na lei, que a eutanásia constitui um caso de escusa ou de justificação.

(Perelman, *Ética e Direito*.)

A partir do texto, pode-se concluir que:
a) admitir a eutanásia é atribuir um valor absoluto à vida humana.
b) as pessoas ficam escandalizadas com a eutanásia.
c) o comportamento do júri prevê, sempre, o cumprimento da lei.
d) no caso de uma criança monstruosa, a lei pode prever a eutanásia.
e) a moral exige, sempre, a aplicação da lei.

6) (UFMG-1998) Já não basta ficarem mexendo toda hora no valor e no nome do dinheiro? Nos juros, no crédito, nas alíquotas de importação, no câmbio, na Ufir e nas regras do imposto de renda?

Já não basta mudarem as formas da Lua, as marés, a direção dos ventos e o mapa da Europa? E as regras das campanhas eleitorais, o ministério, o comprimento das saias, a largura das gravatas? Não basta os deputados mudarem de partido, homens virarem mulher, mulheres virarem homem e os economistas virarem lobisomen, quando saem do Banco Central e ingressam na banca privada?

Já não basta os prefeitos, como imperadores romanos, tentarem mudar o nome de avenidas cruciais como a Vieira Souto, no Rio de Janeiro, ou se lançarem à aventura maluca de destruir largos pedaços da cidade para rasgar avenidas, como em São Paulo? Já não basta mudarem toda hora as teorias sobre o que engorda e o que emagrece? Não basta mudarem a capital federal, o número de estados, o número de municípios e até o nome do país, que já foi Estados Unidos do Brasil e depois virou República Federativa do Brasil?

Não, não basta. Lá vêm eles de novo, querendo mudar as regras de escrever o idioma.

"Minha pátria é a língua portuguesa", escreveu Fernando Pessoa pela pena de um de seus heterônimos, Bernardo Soares, autor do Livro do Desassossego. Desassossegados estamos. Querem mexer na pátria. Quando mexem no modo de escrever o idioma, põem a mão num espaço íntimo e sagrado como a terra de onde se vem, o clima a que se acostumou, o pão que se come.

Aprovou-se recentemente no Senado mais uma reforma ortográfica da Língua Portuguesa. É a terceira nos últimos 52 anos, depois das de 1943 e 1971 - muita reforma, para pouco tempo. Uma pessoa hoje com 60 anos aprendeu a escrever "idéa", depois, em 1943, mudou para "idéia", ficou feliz em 1971 porque "idéia" passou incólume, mas agora vai escrever "ideia", sem acento.

Reformas ortográficas são quase sempre um exercício vão, por dois motivos. Primeiro, porque tentam banhar de lógica o que, por natureza, possui extensas zonas infensas à lógica, como é o caso de um idioma. Escreve-se "Egito", e não "Egipto", mas "egípcio", e não "egício", e daí? Escreve-se "muito", mas em geral se fala "muinto". Segundo, porque, quando as reformas se regem pela obsessão de fazer coincidir a fala com a escrita, como é o caso das reformas da Língua Portuguesa, estão correndo atrás do inalcançável. A pronúncia muda no tempo e no espaço. A flor que já foi "azálea" está virando "azaléa" e não se pode dizer que esteja errado o que todo o povo vem consagrando. "Poder" se pronuncia "poder" no Sul do Brasil e "puder" no Brasil do Nordeste. Querer que a grafia coincida sempre com a pronúncia é como correr atrás do arco-íris, e a comparação não é fortuita, pois uma língua é uma coisa bela, mutável e misteriosa como um arco-íris.

Acresce que a atual reforma, além de vã, é frívola. Sua justificativa é unificar as grafias do Português do Brasil e de Portugal. Ora, no meio do caminho percebeu-se que seria uma violência fazer um português escrever "fato" quando fala "facto", brasileiro escrever "facto" ou "receção" (que ele só conhece, e bem, com dois ss, no sentido inferno astral da economia). Deixou-se, então, que cada um continuasse a escrever como está acostumado, no que se fez bem, mas, se a reforma era para unificar e não unifica, para que então fazê-la? Unifica um pouco, responderão os defensores da reforma. Mas, se é só um pouco, o que adianta? Aliás, para que unificar? O último argumento dos propugnadores da reforma é que, afinal, ela é pequena - mexe com a grafia de 600, entre as cerca de 110.000 palavras da Língua Portuguesa, ou apenas 0,54% do total. Se é tão pequena, volta a pergunta: para que fazê-la?

Fala-se que a reforma simplifica o idioma e, assim, torna mais fácil seu ensino. Engano. A representação escrita da língua é um bem que percorre as gerações, passando de uma à outra, e será tão mais bem transmitida quanto mais estável for, ou, pelo menos, quanto menos interferências arbitrárias sofrer. Não se mexa assim na língua. O preço disso é banalizá-la como já fizeram com a moeda, no Brasil.
Roberto Pompeu de Toledo - Veja, 24.05.95.
Texto adaptado pela equipe de Língua Portuguesa da COPEVE/UFMG

O título que melhor sintetiza o texto é:
a) Reforma ortográfica: alterações no tempo e no espaço.
b) Reforma ortográfica: ação inútil e frívola.
c) Reforma ortográfica: obsessão dos gramáticos.
d) Reforma ortográfica: necessidade recorrente.

7) (UFMG-1998) Já não basta ficarem mexendo toda hora no valor e no nome do dinheiro? Nos juros, no crédito, nas alíquotas de importação, no câmbio, na Ufir e nas regras do imposto de renda?

Já não basta mudarem as formas da Lua, as marés, a direção dos ventos e o mapa da Europa? E as regras das campanhas eleitorais, o ministério, o comprimento das saias, a largura das gravatas? Não basta os deputados mudarem de partido, homens virarem mulher, mulheres virarem homem e os economistas virarem lobisomen, quando saem do Banco Central e ingressam na banca privada?

Já não basta os prefeitos, como imperadores romanos, tentarem mudar o nome de avenidas cruciais como a Vieira Souto, no Rio de Janeiro, ou se lançarem à aventura maluca de destruir largos pedaços da cidade para rasgar avenidas, como em São Paulo? Já não basta mudarem toda hora as teorias sobre o que engorda e o que emagrece? Não basta mudarem a capital federal, o número de estados, o número de municípios e até o nome do país, que já foi Estados Unidos do Brasil e depois virou República Federativa do Brasil?

Não, não basta. Lá vêm eles de novo, querendo mudar as regras de escrever o idioma.

"Minha pátria é a língua portuguesa", escreveu Fernando Pessoa pela pena de um de seus heterônimos, Bernardo Soares, autor do Livro do Desassossego. Desassossegados estamos. Querem mexer na pátria. Quando mexem no modo de escrever o idioma, põem a mão num espaço íntimo e sagrado como a terra de onde se vem, o clima a que se acostumou, o pão que se come.

Aprovou-se recentemente no Senado mais uma reforma ortográfica da Língua Portuguesa. É a terceira nos últimos 52 anos, depois das de 1943 e 1971 - muita reforma, para pouco tempo. Uma pessoa hoje com 60 anos aprendeu a escrever "idéa", depois, em 1943, mudou para "idéia", ficou feliz em 1971 porque "idéia" passou incólume, mas agora vai escrever "ideia", sem acento.

Reformas ortográficas são quase sempre um exercício vão, por dois motivos. Primeiro, porque tentam banhar de lógica o que, por natureza, possui extensas zonas infensas à lógica, como é o caso de um idioma. Escreve-se "Egito", e não "Egipto", mas "egípcio", e não "egício", e daí? Escreve-se "muito", mas em geral se fala "muinto". Segundo, porque, quando as reformas se regem pela obsessão de fazer coincidir a fala com a escrita, como é o caso das reformas da Língua Portuguesa, estão correndo atrás do inalcançável. A pronúncia muda no tempo e no espaço. A flor que já foi "azálea" está virando "azaléa" e não se pode dizer que esteja errado o que todo o povo vem consagrando. "Poder" se pronuncia "poder" no Sul do Brasil e "puder" no Brasil do Nordeste. Querer que a grafia coincida sempre com a pronúncia é como correr atrás do arco-íris, e a comparação não é fortuita, pois uma língua é uma coisa bela, mutável e misteriosa como um arco-íris.

Acresce que a atual reforma, além de vã, é frívola. Sua justificativa é unificar as grafias do Português do Brasil e de Portugal. Ora, no meio do caminho percebeu-se que seria uma violência fazer um português escrever "fato" quando fala "facto", brasileiro escrever "facto" ou "receção" (que ele só conhece, e bem, com dois ss, no sentido inferno astral da economia). Deixou-se, então, que cada um continuasse a escrever como está acostumado, no que se fez bem, mas, se a reforma era para unificar e não unifica, para que então fazê-la? Unifica um pouco, responderão os defensores da reforma. Mas, se é só um pouco, o que adianta? Aliás, para que unificar? O último argumento dos propugnadores da reforma é que, afinal, ela é pequena - mexe com a grafia de 600, entre as cerca de 110.000 palavras da Língua Portuguesa, ou apenas 0,54% do total. Se é tão pequena, volta a pergunta: para que fazê-la?

Fala-se que a reforma simplifica o idioma e, assim, torna mais fácil seu ensino. Engano. A representação escrita da língua é um bem que percorre as gerações, passando de uma à outra, e será tão mais bem transmitida quanto mais estável for, ou, pelo menos, quanto menos interferências arbitrárias sofrer. Não se mexa assim na língua. O preço disso é banalizá-la como já fizeram com a moeda, no Brasil.

Roberto Pompeu de Toledo - Veja, 24.05.95.
Texto adaptado pela equipe de Língua Portuguesa da COPEVE/UFMG

O objetivo da reforma ortográfica aprovada pelo Senado Federal é:
a) Dinamizar o ensino do Português.
b) Aproximar as grafias do Português do Brasil e de Portugal.
c) Simplificar a Língua Portuguesa.
d) Fazer coincidir a fala com a escrita.

8) (UFSCar-2004) O pregar há-de ser como quem semeia, e não como quem ladrilha ou azuleja. Ordenado, mas como as estrelas. (...) Todas as estrelas estão por sua ordem; mas é ordem que faz influência, não é ordem que faça lavor. Não fez Deus o céu em xadrez de estrelas, como os pregadores fazem o sermão em xadrez de palavras. Se de uma parte há-de estar branco, da outra há-de estar negro; se de uma parte está dia, da outra há-de estar noite; se de uma parte dizem luz, da outra hão-de dizer sombra; se de uma parte dizem desceu, da outra hão-de dizer subiu. Basta que

não havemos de ver num sermão duas palavras em paz? Todas hão-de estar sempre em fronteira com o seu contrário? Aprendamos do céu o estilo da disposição, e também o das palavras.

(Vieira, Sermão da Sexagésima.)

No texto, Vieira critica um certo estilo de fazer sermão, que era comum na arte de pregar dos padres dominicanos da época. O uso da palavra xadrez tem o objetivo de
a) defender a ordenação das idéias em um sermão.
b) fazer alusão metafórica a um certo tipo de tecido.
c) comparar o sermão de certos pregadores a uma verdadeira prisão.
d) mostrar que o xadrez se assemelha ao semear.
e) criticar a preocupação com a simetria do sermão.

9) (UFSCar-2004) Precisamos de um novo "software" para acessar o mundo. As soluções que serviam há 30 anos já não valem mais. Os jovens atuais não copiam nada, pelo contrário: são filhos da era pós-industrial e estão criando uma nova cultura. Os toques foram dados pelo psicanalista lacaniano Jorge Forbes, durante a palestra Édipo, adeus: o enfraquecimento do pai.

Há uma nova ordem social no mundo. Muitos pais, educadores, psicanalistas, pensadores, todos ainda apresentam velhas soluções para novos problemas, mas é o momento de observar as mudanças, de agir de acordo com elas. Forbes lembrou que, antigamente, o jovem reclamava por não ter liberdade de escolha. Hoje, ele tem essa liberdade e se sente completamente perdido. Isso leva, entre outras coisas, às drogas e à depressão.

O jovem moderno é diferente daquele da geração de 68, que levantava bandeiras e pregava planos de reforma da educação e da sociedade. A globalização provocou mudanças. Antes, as pessoas queriam pertencer a grandes corporações ou ter profissões reconhecidas. Não é mais uma honra ficar no mesmo emprego por mais de cinco anos e acabou essa história de "sujar a carteira", termo usado para quem ficava pouco tempo num só trabalho. A globalização pulverizou os ideais e exige de cada pessoa uma escolha meio angustiante: será que realmente queremos o que desejamos? No lugar do papel contestador da geração 68, temos hoje uma geração jovem que exibe fracasso escolar, menosprezo e desinteresse pelo saber orientado. O jovem não vê razão em se formar; em ser doutor, bússola da geração dos seus pais. Vivemos uma vida que foi despadronizada. "Somos passageiros de um novo mundo", acrescentou o psicanalista.

(Adaptado de Janete Trevisan, Jornal do Cambuí.)

a) Explique a relação entre a expressão o enfraquecimento do pai, utilizada pelo psicanalista no título de sua palestra, e o conteúdo apresentado pela autora do texto.
b) O que quer dizer a expressão saber orientado, presente no último parágrafo do texto?

10) (UFSCar-2004) Precisamos de um novo "software" para acessar o mundo. As soluções que serviam há 30 anos já não valem mais. Os jovens atuais não copiam nada, pelo contrário: são filhos da era pós-industrial e estão criando uma nova cultura. Os toques foram dados pelo psicanalista lacaniano Jorge Forbes, durante a palestra Édipo, adeus: o enfraquecimento do pai.

Há uma nova ordem social no mundo. Muitos pais, educadores, psicanalistas, pensadores, todos ainda apresentam velhas soluções para novos problemas, mas é o momento de observar as mudanças, de agir de acordo com elas. Forbes lembrou que, antigamente, o jovem reclamava por não ter liberdade de escolha. Hoje, ele tem essa liberdade e se sente completamente perdido. Isso leva, entre outras coisas, às drogas e à depressão.

O jovem moderno é diferente daquele da geração de 68, que levantava bandeiras e pregava planos de reforma da educação e da sociedade. A globalização provocou mudanças. Antes, as pessoas queriam pertencer a grandes corporações ou ter profissões reconhecidas. Não é mais uma honra ficar no mesmo emprego por mais de cinco anos e acabou essa história de "sujar a carteira", termo usado para quem ficava pouco tempo num só trabalho. A globalização pulverizou os ideais e exige de cada pessoa uma escolha meio angustiante: será que realmente queremos o que desejamos? No lugar do papel contestador da geração 68, temos hoje uma geração jovem que exibe fracasso escolar, menosprezo e desinteresse pelo saber orientado. O jovem não vê razão em se formar; em ser doutor, bússola da geração dos seus pais. Vivemos uma vida que foi despadronizada. "Somos passageiros de um novo mundo", acrescentou o psicanalista.

(Adaptado de Janete Trevisan, Jornal do Cambuí.)

A autora utiliza alguns elementos da tecnologia para traduzir seu pensamento no texto.
a) Transcreva um trecho em que isso acontece.
b) Qual o sentido, no último parágrafo do texto, da frase *Vivemos uma vida que foi despadronizada*?

11) (UFSCar-2004) Se você quer construir um navio, não peça às pessoas que consigam madeira, não dê a elas tarefas e trabalhos. Fale, antes, a elas, longamente, sobre a grandeza e a imensidão do mar.

(Saint-Exupéry)

No texto apresentado, Saint-Exupéry defende
a) o esclarecimento das tarefas a serem realizadas.
b) a posição de que aquele que manda não precisa saber fazer.
c) a delegação de tarefas, sem demasiadas explicações.
d) a motivação das pessoas para fazer seu trabalho.
e) o planejamento estratégico na elaboração de um trabalho.

12) (FEI-1997) "Não é o homem um mundo pequeno que está dentro do mundo grande, mas é um mundo grande que está dentro do pequeno. Baste por prova o coração humano,

que sendo uma pequena parte do homem, excede na capacidade a toda a grandeza do mundo. (...) O mar, com ser um monstro indômito, chegando às areias, pára; as árvores, onde as põem, não se mudam; os peixes contentam-se com o mar, as aves com o ar, os outros animais com a terra. Pelo contrário, o homem, monstro ou quimera de todos os elementos, em nenhum lugar pára, com nenhuma fortuna se contenta, nenhuma ambição ou apetite o falta: tudo confunde e como é maior que o mundo, não cabe nele".

Assinale a alternativa que proponha uma interpretação adequada ao texto:
a) O autor critica os colonizadores portugueses que, graças a sua ganância e ambição, escravizava negros e índios.
b) O homem é, como os outros elementos da natureza, um eterno aprendiz.
c) O homem é o centro do mundo e, por isso, deve comandá-lo.
d) O homem nunca consegue sentir-se plenamente realizado, ainda que tenha boas condições de vida.
e) É uma crítica à destruição ambiental.

13) (PUC - PR-2007)

Livro infantil para deficientes visuais

A Editora DCL aposta na produção de livro infantil destinado, também, às crianças com deficiência visual. Acaba de lançar no mercado o título *Um Mundinho para Todos*, de Ingrid Biesemeyer Bellinghausen (texto e ilustrações), que apropriadamente trata de um mundo ideal onde todas as pessoas convivem bem, independentemente de suas diferenças sociais, étnicas e religiosas. Com textos em Braille, caracteres ampliados e imagens em relevo, é indicado para a faixa etária de 2 a 5 anos. É a primeira obra impressa de uma editora comercial que atende aos princípios de inclusão social, permitindo a leitura por crianças com visão normal, subnormal e cegas.

(Panorama Editorial (junho/2006).)
Indique a alternativa em que a afirmação NÃO corresponde aos fatos contidos no texto II.
a) A DCL é uma editora que produz exclusivamente livros infantis para deficientes visuais.
b) Pelo tom do texto, percebe-se que seu autor considera o livro Um mundinho para todos uma obra de boa qualidade.
c) O propósito do texto é divulgar o lançamento de um livro infantil.
d) O livro é escrito em dois sistemas: Braille e escrita alfabética.
e) Crianças com visão subnormal conseguem ler o livro porque nele as letras do texto estão em tamanho maior que o convencional.

14) (ENEM-2002) "A palavra tatuagem é relativamente recente. Toda a gente sabe que foi o navegador Cook que a introduziu no Ocidente, e esse escrevia tattou, termo da Polinésia de tatou ou tu tahou, 'desenho´.
(...) Desde os mais remotos tempos, vemo-la a transformar-se: distintivo honorífico entre uns homens, ferrete de ignomínia entre outros, meio de assustar o adversário para os bretões, marca de uma classe de selvagens das ilhas marquesas (...) sinal de amor, de desprezo, de ódio (...). Há três casos de tatuagem no Rio, completamente diversos na sua significação moral: os negros,os turcos com o fundo religioso e o bando de meretrizes, dos rufiões e dos humildes, que se marcam por crime ou por ociosidade."
RIO, João do. Os Tatuadores. Revista Kosmos. 1904, apud: A alma encantadora das ruas, SP: Cia das Letras, 1999.

Com base no texto são feitas as seguintes afirmações:

I. João do Rio revela como a tatuagem já estava presente na cidade do Rio de Janeiro, pelo menos desde o início do século XX, e era mais utilizada por alguns setores da população.
II. A tatuagem, de origem polinésia, difundiu-se no ocidente com a característica que permanece até hoje: utilização entre os jovens com função estritamente estética.
III. O texto mostra como a tatuagem é uma prática que se transforma no tempo e que alcança inúmeros sentidos nos diversos setores das sociedades e para as diferentes culturas.

Está correto o que se afirma <u>apenas</u> em

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) I e III.

15) (Mack-2004) "De aorcdo com uma pqsieusa de uma uinrvesiddae ignlsea, não ipomtra em qaul odrem as lrteas de uma plravaa etãso, a úncia csoia iprotmatne é que a piremria e a úlmlia lrteas etejasm no lgaur crteo. O rseto pdoe ser uma ttaol bçguana que vcoê pdoe anida ler sem pobrlmea. Itso é poqrue nós não lmeos cdaa lrtea isladoa, mas a plaravaa cmoo um tdoo." Não, o trecho acima não foi publicado por descuido. Trata-se de uma brincadeira que está circulando na internet, mas que é baseada em princípios científicos: "O cérebro aplica um sistema de inferência nos processo de leitura. Esse sistema, chamado 'sistema de preenchimento', se baseia em pontos nodais ou relevantes, a partir dos quais o cérebro completa o que falta ou coloca as partes corretas nos seus devidos lugares", explica o neurologista Benito Damasceno. Esse mecanismo não funciona apenas com a leitura: "Quando vemos apenas uma ponta de caneta, por exemplo, somos capazes de inferir que aquilo é uma caneta inteira", diz Damasceno.

A reprodução de explicações do neurologista tem, no texto, o intuito de:

a) assegurar marcas de oralidade, necessárias ao texto jornalístico atual.
b) separar claramente as opiniões conflitantes - do jornalista e do especialista consultado - acerca do tema.
c) validar, por meio das palavras de um especialista, as informações divulgadas no texto.
d) evidenciar a discordância entre o discurso do leigo, presente no texto da internet, e o do cientista.
e) explicitar o caráter abstrato e tecnicista das descrições médicas, sempre distantes do uso coloquial da língua.

16) (Mack-2004) "De aorcdo com uma pqsieusa de uma uinrvesiddae ignlsea, não ipomtra em qaul odrem as lrteas de uma plravaa etãso, a úncia csoia iprotmatne é que a piremria e a úlmlia lrteas etejasm no lgaur crteo. O rseto pdoe ser uma ttaol bçguana que vcoê pdoe anida ler sem pobrlmea. Itso é poqrue nós não lmeos cdaa lrtea isladoa, mas a plaravaa cmoo um tdoo." Não, o trecho acima não foi publicado por descuido. Trata-se de uma brincadeira que está circulando na internet, mas que é baseada em princípios científicos: "O cérebro aplica um sistema de inferência nos processo de leitura. Esse sistema, chamado 'sistema de preenchimento', se baseia em pontos nodais ou relevantes, a partir dos quais o cérebro completa o que falta ou coloca as partes corretas nos seus devidos lugares", explica o neurologista Benito Damasceno. Esse mecanismo não funciona apenas com a leitura: "Quando vemos apenas uma ponta de caneta, por exemplo, somos capazes de inferir que aquilo é uma caneta inteira", diz Damasceno.

Assinale a alternativa correta sobre o primeiro parágrafo do texto.
a) É rigoroso na separação entre a exposição e a forma de exemplificação de um conceito.
b) Opera com um mecanismo que permite a demonstração prática da idéia defendida.
c) Divulga, com precisão técnica, uma descoberta científica recente, ao mesmo tempo em que indica formas de testá-la.
d) Corresponde a um teste científico, que não inclui a exposição das hipóteses que o fundamentam.
e) Desenvolve um conceito teórico que tem sua aplicação exemplificada nos outros parágrafos.

17) (Mack-2004) "De aorcdo com uma pqsieusa de uma uinrvesiddae ignlsea, não ipomtra em qaul odrem as lrteas de uma plravaa etãso, a úncia csoia iprotmatne é que a piremria e a úlmlia lrteas etejasm no lgaur crteo. O rseto pdoe ser uma ttaol bçguana que vcoê pdoe anida ler sem pobrlmea. Itso é poqrue nós não lmeos cdaa lrtea isladoa, mas a plaravaa cmoo um tdoo." Não, o trecho acima não foi publicado por descuido. Trata-se de uma brincadeira que está circulando na internet, mas que é baseada em princípios científicos: "O cérebro aplica um sistema de inferência nos processo de leitura. Esse sistema, chamado 'sistema de preenchimento', se baseia em pontos nodais ou relevantes, a partir dos quais o cérebro completa o que falta ou coloca as partes corretas nos seus devidos lugares", explica o neurologista Benito Damasceno. Esse mecanismo não funciona apenas com a leitura: "Quando vemos apenas uma ponta de caneta, por exemplo, somos capazes de inferir que aquilo é uma caneta inteira", diz Damasceno.

Considere as seguintes afirmações sobre o segundo parágrafo.
I. A conjunção "mas" permite pressupor que conhecimentos científicos, geralmente, não se manifestam em brincadeiras.
II. A negativa com que é iniciado tem a função de simular um diálogo com o leitor.
III. Os dois-pontos introduzem trecho que fundamenta a informação enunciada anteriormente.
Assinale
a) se todas as afirmativas estiverem corretas.
b) se todas as afirmativas estiverem incorretas.
c) se apenas I e II estiverem corretas.
d) se apenas I e III estiverem corretas.
e) se apenas II e III estiverem corretas.

18) (UEPB-2006) "Eu ouço de várias empregadas domésticas que é comuníssimo aqui no Rio de Janeiro que responsáveis pela merenda escolar retirem substancial quantidade de víveres e alimentos das crianças para levar para casa, distribuir entre parentes e até montar quitandas."
(João Ubaldo Ribeiro, Veja, n. 20, ano 38, 18/05/05)
Assinale, entre as afirmações relativas a esse excerto, a única correta:
a) Há uma impropriedade sintática, pois o verbo OUVIR foi construído com complemento preposicionado.
b) VÍVERES é uma palavra substantivada, derivada do infinitivo flexionado.
c) Depreende-se que as empregadas domésticas dizem que os responsáveis pela merenda escolar são socialistas.
d) Pode-se concluir que o comunismo no Rio de Janeiro é responsável pela merenda escolar.
e) Os QUÊS têm a mesma função, sem referência e sem significado.

19) (UEPB-2006) "Nas mulheres heterossexuais, os dedos indicador e anular têm praticamente o mesmo tamanho. Já as lésbicas, segundo o psicólogo Marc Breedlove, autor da pesquisa, têm o dedo indicador mais curto, como os homens."
(Veja, n. 20, ano 38, 18/05/05)
Pode-se inferir, do trecho, que:
a) As lésbicas têm, como os homens, todos os dedos desiguais.
b) Os homens heterossexuais têm o "fura-bolo" maior que o "senhor vizinho".
c) As mulheres homossexuais têm o "o senhor vizinho" menor que o "fura-bolo".
d) Os homens homossexuais devem ter os dedos indicador e anular praticamente iguais.
e) Marc Breedlove é preconceituoso, a ponto de ver, nos dedos, diferenças entre gays e machos.

20) (UEPB-2006) "Os anos de 70 exigiriam um discurso à parte sobre a poesia mais nova que vem sendo escrita. De um modo geral as chamadas vanguardas mais pragmáticas de 1950- 60 vivem a sua estação outonal de recolha das antigas riquezas [...] Outras parecem ser as tendências que ora prevalecem e sensibilizam os poetas. Limito-me a mencionar três delas:
a) Ressurge o *discurso poético* e, com ele, o *verso*, livre ou metrificado;
b) Dá-se nova e grande margem à *fala autobiográfica*, com toda a sua ênfase na livre, se não anárquica, expressão do desejo e da memória;
c) Repropõe-se com ardor o *caráter público e político* da fala poética [...] Dois poetas que, desaparecidos em plena juventude, se converteram em emblemas dessa geração: Ana Cristina Cesar e Cacaso, pseudônimo de Antônio Carlos Brito. Em ambos, o lirismo do cotidiano e a garra crítica, a confissão e a metalinguagem se cruzavam em zonas de convívio em que a dissonância vinha a ser um efeito inerente ao gesto da escrita".
(Alfredo Bosi)
Analise as proposições e marque a alternativa correta:
I. A poesia de Ana Cristina Cesar traduz o pensamento de renovação da escrita literária, em seu tempo, porque se propõe a condensar várias características desta *nova vertente de pensamento*, pois a autobiografia, o cotidiano, o verso prosaico e outros expedientes poéticos são incorporados à linguagem de suas obras, especificamente de *A teus pés*.
II. A poesia de Ana Cristina Cesar traduz o pensamento de renovação da escrita literária, em seu tempo, porque se propõe a condensar características desta *nova vertente de pensamento*, pois a autobiografia, o cotidiano, o verso prosaico e outros expedientes poéticos não são incorporados à linguagem de suas obras, especificamente de *A teus pés*.
III. A poesia de Ana Cristina Cesar traduz o pensamento de renovação da escrita literária, em seu tempo, porque se propõe a condensar características desta *nova vertente de pensamento*, pois a autobiografia, o cotidiano, o verso prosaico e outros expedientes poéticos são incorporados à linguagem de suas obras como *acidente político*, ou seja, o momento em que vive exige da poeta uma certa *resistência* no âmbito da linguagem; logo, a sua poesia só é assim caracterizada porque *localizada*, porque restrita a apenas atitudes políticas momentâneas, especificamente em *A teus pés.*
a) Todas as proposições estão corretas
b) Somente a proposição II está correta
c) Somente a proposição III está correta
d) Somente a proposição I está correta
e) Nenhuma proposição está correta

21) (UEPB-2006) "VENCE MAIS UMA, BRASIL.
Em relação ao texto acima, podemos afirmar:
NO CAMPO DA VACINAÇÃO,
CADA VEZ MAIS SÓ DÁ BRASIL.
ESTE ANO, VAMOS JUNTOS
BATER MAIS UM RECORDE.
O Brasil não registra mais nenhum caso de paralisia infantil.
Graças ao trabalho de mais de 400 mil servidores de saúde e voluntários e de milhões de famílias, ano passado conseguimos bater mais um recorde histórico: 16,5 milhões de crianças foram vacinadas. Este ano, a vacinação do idoso também bateu recorde de cobertura. Mais que motivos de orgulho, estas marcas colocam o Brasil como campeão da vacinação.
Agora não vamos dar chance, porque o jogo continua.
Dia 11 de junho, leve seus filhos menores de 5 anos ao posto de vacinação mais próximo. É de graça e não se esqueça de levar o cartão da criança. Vamos continuar ganhando esse jogo."
(Propaganda, Veja, n. 23, ano 38, 08 de junho/05)
I. Implicitamente às frases: "O Brasil não registra mais nenhum caso de paralisia infantil" e "Este ano, a vacinação do idoso também bateu recorde de cobertura.", temos as seguintes informações - "O Brasil registrava, antes, casos de paralisia infantil.", na primeira, e "o número de vacinação de idosos era menor.", na segunda.
II. A expressão MAIS deixa o mesmo conteúdo implícito nas 3 (três) ocorrências abaixo:
"Vence MAIS uma, Brasil",
"MAIS que motivos de orgulho, estas marcas colocam o Brasil como campeão"
"Graças ao trabalho de MAIS de 440 mil servidores de saúde e voluntários".
III. Em "o jogo continua" e "Vamos continuar ganhando", inferimos a informação de que o Brasil ganhou pelo menos uma vez, devido ao emprego da expressão GANHANDO.
IV. O recurso da intertextualidade, presente no emprego de palavras como JOGO, CAMPO, GOLEADA, RECORDE,CAMPEÃO, BATER E VENCER, da esfera futebolística, empresta ao texto um caráter metafórico.
Assinale a alternativa (de a a e) que se adequa ao texto:
a) Apenas a proposição II está correta.
b) As proposições II e IV estão corretas.
c) Apenas a proposição III está correta.
d) Apenas a proposição IV está correta.
e) As proposições I e IV estão corretas.

22) (FGV-2004) 1. Uma afirmação verdadeira feita fora do
2. adequado contexto pode ser tão perniciosa
3. quanto uma alegação falsa. É o que tem
4. ocorrido com a nova ofensiva hegemônica que
5. tenta atribuir ao baixo nível educacional da
6. América Latina a origem de todos os males, da
7. estagnação à péssima distribuição de renda.
8. Nestes últimos dois anos tive algumas
9. oportunidades de discutir esse tema com
10. representantes de instituições internacionais e
11. acadêmicos do exterior e mantive divergências
12. com vários deles. Aliás, num desses
13. encontros, a tese - defendida com vigor pelo
14. diretor de uma dessas instituições - ampliava

15. o conceito e definia a dobradinha
“educação/corrupção”
16. como a única causadora do
17. desemprego e da paralisia econômica nessas
18. plagas.
19. Esse novo argumento se sobrepõe ao
20. malsucedido “abram, privatizem e estabilizem
21. que tudo mais lhes será dado por acréscimo”
22. predominante nos anos 1980 e 1990 e, mais
23. uma vez, atribui a nossas misérias causas
24. unicamente endógenas. Nada de dividir
25. responsabilidades - por exemplo - com os
26. efeitos perversos da globalização ou da
27. automação sobre os empregos; ou com as
28. políticas protecionistas dos países centrais
29. sobre o comércio dos periféricos.
30. Incompetentes congênitos, seríamos os únicos
31. responsáveis. No entanto, fôssemos nós
32. capazes de formar mais 50 mil engenheiros e
33. outros tantos advogados e médicos, estariam
34. eles todos empregados e contribuiriam
35. imediatamente para a retomada do
36. desenvolvimento auto-sustentado de que tanto
37. necessitamos. Caricaturas à parte, é
38. interessante observar os números recentes do
39. Brasil para tirarmos algumas conclusões. No
40. período 1994-2001, a escolaridade nos níveis
41. médio e superior aumentou significantemente
42. no País; as matrículas do ciclo médio
43. cresceram 70% e o número de jovens que
44. concluíram essa etapa dobrou; no nível
45. superior as matrículas aumentaram 62%,
46. crescendo 32% a quantidade dos que
47. concluíram, com êxito, faculdade; finalmente,
48. em programas de pós-graduação o aumento
49. de cursos foi de 40% e as matrículas na pós-
50. graduação federal evoluíram 146%.
51. No entanto, apesar de um aumento
52. importante - em alguns casos,
53. impressionante - da escolaridade e do
54. “padrão” educacional, o País teve, entre 1995
55. e 2003, uma estagnação do PIB per capita
56. (0,6% anuais). Por outro lado, em matéria de
57. concentração de renda, o quadro geral
58. manteve-se com mínimas variações durante
59. todo o período: enquanto os 10% mais ricos
60. continuam a se apropriar de 41% da renda
61. total metropolitana, os 10% mais pobres
62. também mantêm seu irrisório 1%. Se
63. somarmos os 30% mais ricos, sua participação
64. na renda total metropolitana caiu ligeiramente,
65. de 70% para 68%, enquanto a dos 30% mais
66. pobres subiu de 6% para 7%. Portanto, quase
67. nada se alterou. Quanto ao mercado de
68. trabalho, houve uma grande escalada do
69. desemprego e da informalidade, com
70. simultânea forte queda da renda das famílias.
71. Movidas principalmente por necessidade de
72. complementação da renda familiar, mulheres
73. deixaram os cuidados com os filhos e suas
74. casas e correram ao mercado, causando um
75. significativo aumento do emprego doméstico,
76. com e sem carteira assinada. Com o aumento
77. da escolaridade, reduziu-se a taxa de
78. participação dos mais jovens (10 até 17 anos)
79. na população economicamente ativa, ou seja,
80. aquela que trabalha ou precisa trabalhar; mas
81. foi nessa faixa etária que mais o desemprego
82. subiu, passando a taxa de 35% para 51%.

Gilberto. O Estado de S. Paulo, 6 de arço de 2004, p. A2.

Encontra-se no texto, nas linhas 24 a 29, o seguinte período:
“Nada de dividir responsabilidades - por exemplo - com os efeitos perversos da globalização ou da automação sobre os empregos; ou com as políticas protecionistas dos países centrais sobre o comércio dos periféricos.”
A respeito dele, com base nas notícias de jornais e revistas, podemos entender que:

a) As políticas protecionistas dos países centrais sobre o comércio dos periféricos referem-se, principalmente, ao fato de os países mais desenvolvidos imporem taxas sobre o preço dos produtos importados de países menos desenvolvidos.
b) Os países centrais são todos aqueles localizados no hemisfério norte.
c) Os países centrais são aqueles localizados ao longo do Equador.
d) Os efeitos perversos da automação sobre os empregos correspondem mais imediatamente à gradual redução da capacidade de compra que a renda da classe média vem sofrendo nos últimos anos.
e) As políticas protecionistas dos países centrais sobre o comércio dos periféricos referem-se, principalmente, ao fato de os países mais desenvolvidos imporem taxas sobre o preço de produtos relacionados com microcomputadores.

23) (FGV-2004) 1. Uma afirmação verdadeira feita fora do
2. adequado contexto pode ser tão perniciosa
3. quanto uma alegação falsa. É o que tem
4. ocorrido com a nova ofensiva hegemônica que
5. tenta atribuir ao baixo nível educacional da
6. América Latina a origem de todos os males, da
7. estagnação à péssima distribuição de renda.
8. Nestes últimos dois anos tive algumas
9. oportunidades de discutir esse tema com
10. representantes de instituições internacionais e
11. acadêmicos do exterior e mantive divergências
12. com vários deles. Aliás, num desses
13. encontros, a tese - defendida com vigor pelo
14. diretor de uma dessas instituições - ampliava
15. o conceito e definia a dobradinha
“educaçãocorrupção”
16. como a única causadora do
17. desemprego e da paralisia econômica nessas
18. plagas.
19. Esse novo argumento se sobrepõe ao

malsucedido “abram, privatizem e estabilizem que tudo mais lhes será dado por acréscimo” predominante nos anos 1980 e 1990 e, mais uma vez, atribui a nossas misérias causas unicamente endógenas. Nada de dividir responsabilidades - por exemplo - com os efeitos perversos da globalização ou da automação sobre os empregos; ou com as políticas protecionistas dos países centrais sobre o comércio dos periféricos. Incompetentes congênitos, seríamos os únicos responsáveis. No entanto, fôssemos nós capazes de formar mais 50 mil engenheiros e outros tantos advogados e médicos, estariam eles todos empregados e contribuiriam imediatamente para a retomada do desenvolvimento auto-sustentado de que tanto necessitamos. Caricaturas à parte, é interessante observar os números recentes do Brasil para tirarmos algumas conclusões. No período 1994-2001, a escolaridade nos níveis médio e superior aumentou significantemente no País; as matrículas do ciclo médio cresceram 70% e o número de jovens que concluíram essa etapa dobrou; no nível superior as matrículas aumentaram 62%, crescendo 32% a quantidade dos que concluíram, com êxito, faculdade; finalmente, em programas de pós-graduação o aumento de cursos foi de 40% e as matrículas na pós-graduação federal evoluíram 146%.
No entanto, apesar de um aumento importante - em alguns casos, impressionante - da escolaridade e do “padrão” educacional, o País teve, entre 1995 e 2003, uma estagnação do PIB per capita (0,6% anuais). Por outro lado, em matéria de concentração de renda, o quadro geral manteve-se com mínimas variações durante todo o período: enquanto os 10% mais ricos continuam a se apropriar de 41% da renda total metropolitana, os 10% mais pobres também mantêm seu irrisório 1%. Se somarmos os 30% mais ricos, sua participação na renda total metropolitana caiu ligeiramente, de 70% para 68%, enquanto a dos 30% mais pobres subiu de 6% para 7%. Portanto, quase nada se alterou. Quanto ao mercado de trabalho, houve uma grande escalada do desemprego e da informalidade, com simultânea forte queda da renda das famílias. Movidas principalmente por necessidade de complementação da renda familiar, mulheres deixaram os cuidados com os filhos e suas casas e correram ao mercado, causando um significativo aumento do emprego doméstico, com e sem carteira assinada. Com o aumento da escolaridade, reduziu-se a taxa de participação dos mais jovens (10 até 17 anos) na população economicamente ativa, ou seja, aquela que trabalha ou precisa trabalhar; mas foi nessa faixa etária que mais o desemprego subiu, passando a taxa de 35% para 51%.
Gilberto. O Estado de S. Paulo, 6 de arço de 2004, p. A2.

De acordo com o autor do texto:
a) Grupos dominantes da América Latina consideram o baixo nível escolar como a causa do subdesenvolvimento regional e tentam impor essa idéia aos demais.
b) O autor defende a idéia de que a causa da má distribuição de renda nos países da América Latina seja o baixo nível de escolaridade de sua população, aliado ao alto nível de corrupção.
c) O autor defende uma frase fora de contexto, mais perniciosa que uma afirmação falsa.
d) O baixo nível educacional da população e a corrupção não são as únicas causas da má distribuição de renda nem da estagnação na América Latina.
e) Diretores de algumas instituições internacionais de renome defendem a idéia de que a educação, combinada com a corrupção, produz desemprego na América Latina.

24) (FGV-2004) Uma afirmação verdadeira feita fora do adequado contexto pode ser tão perniciosa quanto uma alegação falsa. É o que tem ocorrido com a nova ofensiva hegemônica que tenta atribuir ao baixo nível educacional da América Latina a origem de todos os males, da estagnação à péssima distribuição de renda. Nestes últimos dois anos tive algumas oportunidades de discutir esse tema com representantes de instituições internacionais e acadêmicos do exterior e mantive divergências com vários deles. Aliás, num desses encontros, a tese - defendida com vigor pelo diretor de uma dessas instituições - ampliava o conceito e definia a dobradinha “educaçãocorrupção” como a única causadora do desemprego e da paralisia econômica nessas plagas.
Esse novo argumento se sobrepõe ao malsucedido “abram, privatizem e estabilizem que tudo mais lhes será dado por acréscimo” predominante nos anos 1980 e 1990 e, mais uma vez, atribui a nossas misérias causas unicamente endógenas. Nada de dividir responsabilidades - por exemplo - com os efeitos perversos da globalização ou da automação sobre os empregos; ou com as políticas protecionistas dos países centrais sobre o comércio dos periféricos. Incompetentes congênitos, seríamos os únicos responsáveis. No entanto, fôssemos nós capazes de formar mais 50 mil engenheiros e outros tantos advogados e médicos, estariam eles todos empregados e contribuiriam imediatamente para a retomada do desenvolvimento auto-sustentado de que tanto

37. necessitamos. Caricaturas à parte, é
38. interessante observar os números recentes do
39. Brasil para tirarmos algumas conclusões. No
40. período 1994-2001, a escolaridade nos níveis
41. médio e superior aumentou significantemente
42. no País; as matrículas do ciclo médio
43. cresceram 70% e o número de jovens que
44. concluíram essa etapa dobrou; no nível
45. superior as matrículas aumentaram 62%,
46. crescendo 32% a quantidade dos que
47. concluíram, com êxito, faculdade; finalmente,
48. em programas de pós-graduação o aumento
49. de cursos foi de 40% e as matrículas na pós-
50. graduação federal evoluíram 146%.
51. No entanto, apesar de um aumento
52. importante - em alguns casos,
53. impressionante - da escolaridade e do
54. "padrão" educacional, o País teve, entre 1995
55. e 2003, uma estagnação do PIB per capita
56. (0,6% anuais). Por outro lado, em matéria de
57. concentração de renda, o quadro geral
58. manteve-se com mínimas variações durante
59. todo o período: enquanto os 10% mais ricos
60. continuam a se apropriar de 41% da renda
61. total metropolitana, os 10% mais pobres
62. também mantêm seu irrisório 1%. Se
63. somarmos os 30% mais ricos, sua participação
64. na renda total metropolitana caiu ligeiramente,
65. de 70% para 68%, enquanto a dos 30% mais
66. pobres subiu de 6% para 7%. Portanto, quase
67. nada se alterou. Quanto ao mercado de
68. trabalho, houve uma grande escalada do
69. desemprego e da informalidade, com
70. simultânea forte queda da renda das famílias.
71. Movidas principalmente por necessidade de
72. complementação da renda familiar, mulheres
73. deixaram os cuidados com os filhos e suas
74. casas e correram ao mercado, causando um
75. significativo aumento do emprego doméstico,
76. com e sem carteira assinada. Com o aumento
77. da escolaridade, reduziu-se a taxa de
78. participação dos mais jovens (10 até 17 anos)
79. na população economicamente ativa, ou seja,
80. aquela que trabalha ou precisa trabalhar; mas
81. foi nessa faixa etária que mais o desemprego
82. subiu, passando a taxa de 35% para 51%.

Gilberto. O Estado de S. Paulo, 6 de arço de 2004, p. A2.

No texto, o autor sugere que:

a) Somos incompetentes congênitos; por isso temos a responsabilidade de encontrar alternativas para resolver nossos problemas sociais e econômicos.

b) Não somos incompetentes congênitos; por isso temos a responsabilidade de encontrar alternativas para resolver nossos problemas sociais e econômicos.

c) As pessoas que argumentam sermos incompetentes inatos pretendem esconder as verdadeiras causas de nossos problemas sociais e econômicos

d) Não somos incompetentes congênitos: as causas de nossos males econômicos e sociais são complexas

e) Não somos incompetentes congênitos: as causas de nossos males econômicos e sociais são simples.

25) (FGV-2004) 1. Uma afirmação verdadeira feita fora do
2. adequado contexto pode ser tão perniciosa
3. quanto uma alegação falsa. É o que tem
4. ocorrido com a nova ofensiva hegemônica que
5. tenta atribuir ao baixo nível educacional da
6. América Latina a origem de todos os males, da
7. estagnação à péssima distribuição de renda.
8. Nestes últimos dois anos tive algumas
9. oportunidades de discutir esse tema com
10. representantes de instituições internacionais e
11. acadêmicos do exterior e mantive divergências
12. com vários deles. Aliás, num desses
13. encontros, a tese - defendida com vigor pelo
14. diretor de uma dessas instituições - ampliava
15. o conceito e definia a dobradinha "educaçãocorrupção"
16. como a única causadora do
17. desemprego e da paralisia econômica nessas
18. plagas.
19. Esse novo argumento se sobrepõe ao
20. malsucedido "abram, privatizem e estabilizem
21. que tudo mais lhes será dado por acréscimo"
22. predominante nos anos 1980 e 1990 e, mais
23. uma vez, atribui a nossas misérias causas
24. unicamente endógenas. Nada de dividir
25. responsabilidades - por exemplo - com os
26. efeitos perversos da globalização ou da
27. automação sobre os empregos; ou com as
28. políticas protecionistas dos países centrais
29. sobre o comércio dos periféricos.
30. Incompetentes congênitos, seríamos os únicos
31. responsáveis. No entanto, fôssemos nós
32. capazes de formar mais 50 mil engenheiros e
33. outros tantos advogados e médicos, estariam
34. eles todos empregados e contribuiriam
35. imediatamente para a retomada do
36. desenvolvimento auto-sustentado de que tanto
37. necessitamos. Caricaturas à parte, é
38. interessante observar os números recentes do
39. Brasil para tirarmos algumas conclusões. No
40. período 1994-2001, a escolaridade nos níveis
41. médio e superior aumentou significantemente
42. no País; as matrículas do ciclo médio
43. cresceram 70% e o número de jovens que
44. concluíram essa etapa dobrou; no nível
45. superior as matrículas aumentaram 62%,
46. crescendo 32% a quantidade dos que
47. concluíram, com êxito, faculdade; finalmente,
48. em programas de pós-graduação o aumento
49. de cursos foi de 40% e as matrículas na pós-
50. graduação federal evoluíram 146%.
51. No entanto, apesar de um aumento
52. importante - em alguns casos,
53. impressionante - da escolaridade e do

"padrão" educacional, o País teve, entre 1995 e 2003, uma estagnação do PIB per capita (0,6% anuais). Por outro lado, em matéria de concentração de renda, o quadro geral manteve-se com mínimas variações durante todo o período: enquanto os 10% mais ricos continuam a se apropriar de 41% da renda total metropolitana, os 10% mais pobres também mantêm seu irrisório 1%. Se somarmos os 30% mais ricos, sua participação na renda total metropolitana caiu ligeiramente, de 70% para 68%, enquanto a dos 30% mais pobres subiu de 6% para 7%. Portanto, quase nada se alterou. Quanto ao mercado de trabalho, houve uma grande escalada do desemprego e da informalidade, com simultânea forte queda da renda das famílias. Movidas principalmente por necessidade de complementação da renda familiar, mulheres deixaram os cuidados com os filhos e suas casas e correram ao mercado, causando um significativo aumento do emprego doméstico, com e sem carteira assinada. Com o aumento da escolaridade, reduziu-se a taxa de participação dos mais jovens (10 até 17 anos) na população economicamente ativa, ou seja, aquela que trabalha ou precisa trabalhar; mas foi nessa faixa etária que mais o desemprego subiu, passando a taxa de 35% para 51%.

Gilberto. O Estado de S. Paulo, 6 de arço de 2004, p. A2.

No texto, um dos principais argumentos do autor é:
a) Não há relação imediata de causa e conseqüência entre o número de alunos formados e o desenvolvimento auto-sustentado de um país periférico.
b) Se os países periféricos pudessem investir mais na educação de sua população, estaria pelo menos facilitado o caminho para o desenvolvimento auto-sustentado.
c) O número de alunos do Ensino Médio e do Ensino Superior aumentou no período considerado; por isso foi mínima a variação na concentração de renda da população.
d) Há relação imediata de causa e conseqüência entre o número de alunos formados, em um país periférico, e o nível de concentração de renda desse país.
e) Quando varia pouco o nível de concentração de renda de um país, o número de alunos matriculados no Ensino Médio aumenta.

26) (PUC-SP-2006) A animalização do país
Clóvis Rossi, Folha de São Paulo, 21 de fevereiro de 2006

SÃO PAULO - No sóbrio relato de Elvira Lobato, lia-se ontem, nesta Folha, a história de um Honda Fit abandonado em uma rua do Rio de Janeiro "com uma cabeça sobre o capô e os corpos de dois jovens negros, retalhados a machadadas, no interior do veículo". Prossegue o relato: "A reação dos moradores foi tão chocante como as brutais mutilações. Vários moradores buscaram seus celulares para fotografar os corpos, e os mais jovens riram e fizeram troça dos corpos.
Os próprios moradores descreveram a algazarra à reportagem. "Eu gritei: Está nervoso e perdeu a cabeça?", relatou um motoboy que pediu para não ser identificado, enquanto um estudante admitiu ter rido e feito piada ao ver que o coração e os intestinos de uma das vítimas tinham sido retirados e expostos por seus algozes.
"Ri porque é engraçado ver um corpo todo picado", respondeu o estudante ao ser questionado sobre a causa de sua reação.
O crime em si já seria uma clara evidência de que bestas-feras estão à solta e à vontade no país. Mas ainda daria, num esforço de auto-engano, para dizer que crimes bestiais ocorrem em todas as partes do mundo.
Mas a reação dos moradores prova que não se trata de uma perversidade circunstancial e circunscrita. Não. O país perde, crescentemente, o respeito à vida, a valores básicos, ao convívio civilizado. O anormal, o patológico, o bestial, vira normal. "É engraçado", como diz o estudante.
O processo de animalização contamina a sociedade, a partir do topo, quando o presidente da República diz que seu partido está desmoralizado, mas vai à festa dos desmoralizados e confraterniza com trambiqueiros confessos. Também deve achar "engraçado".
Alguma surpresa quando é declarado inocente o comandante do massacre de 111 pessoas, sob aplausos de parcela da sociedade para quem presos não têm direito à vida? São bestas-feras, e deve ser "engraçado" matá-los. É a lei da selva, no asfalto.

Acerca do uso da vírgula no trecho: "Vários moradores buscaram seus celulares para fotografar os corpos, e os mais jovens riram e fizeram troça dos corpos", pode-se afirmar que

a) é inteiramente desnecessário, pois o sujeito das duas orações é o mesmo e, por essa razão, não provocaria ambigüidade alguma.
b) é necessário, na medida em que evita uma possível ambigüidade entre fotografar os corpos e fotografar os mais jovens.
c) é apenas uma questão estilística, pois o uso da vírgula não é uma questão normatizada na língua e representa apenas uma pausa na respiração.
d) é totalmente necessário para poder separar o sujeito "corpos" de seu objeto direto, no caso, representado por "os mais jovens".
e) é facultativo, primeiro, porque não se separam dois objetos diretos com vírgula e, segundo, porque não se usa vírgula antes de "e".

27) (PUC-SP-2006) A animalização do país
Clóvis Rossi, Folha de São Paulo, 21 de fevereiro de 2006

SÃO PAULO - No sóbrio relato de Elvira Lobato, lia-se ontem, nesta Folha, a história de um Honda Fit abandonado em uma rua do Rio de Janeiro "com uma cabeça sobre o capô e os corpos de dois jovens negros, retalhados a

machadadas, no interior do veículo". Prossegue o relato: "A reação dos moradores foi tão chocante como as brutais mutilações. Vários moradores buscaram seus celulares para fotografar os corpos, e os mais jovens riram e fizeram troça dos corpos.
Os próprios moradores descreveram a algazarra à reportagem. "Eu gritei: Está nervoso e perdeu a cabeça?", relatou um motoboy que pediu para não ser identificado, enquanto um estudante admitiu ter rido e feito piada ao ver que o coração e os intestinos de uma das vítimas tinham sido retirados e expostos por seus algozes.
"Ri porque é engraçado ver um corpo todo picado", respondeu o estudante ao ser questionado sobre a causa de sua reação.
O crime em si já seria uma clara evidência de que bestas-feras estão à solta e à vontade no país. Mas ainda daria, num esforço de auto-engano, para dizer que crimes bestiais ocorrem em todas as partes do mundo.
Mas a reação dos moradores prova que não se trata de uma perversidade circunstancial e circunscrita. Não. O país perde, crescentemente, o respeito à vida, a valores básicos, ao convívio civilizado. O anormal, o patológico, o bestial, vira normal. "É engraçado", como diz o estudante.
O processo de animalização contamina a sociedade, a partir do topo, quando o presidente da
República diz que seu partido está desmoralizado, mas vai à festa dos desmoralizados e confraterniza com trambiqueiros confessos. Também deve achar "engraçado".
Alguma surpresa quando é declarado inocente o comandante do massacre de 111 pessoas, sob aplausos de parcela da sociedade para quem presos não têm direito à vida? São bestas-feras, e deve ser "engraçado" matá-los. É a lei da selva, no asfalto.

Em relação ao terceiro parágrafo do texto, a expressão SEUS ALGOZES faz o leitor compreender
que se trata dos algozes
a) dos próprios moradores que descreveram a cena.
b) da algazarra.
c) da reportagem.
d) do motoboy.
e) de uma das vítimas.

28) (PUC-SP-2006) A animalização do país
Clóvis Rossi, Folha de São Paulo, 21 de fevereiro de 2006

SÃO PAULO - No sóbrio relato de Elvira Lobato, lia-se ontem, nesta Folha, a história de um Honda Fit abandonado em uma rua do Rio de Janeiro "com uma cabeça sobre o capô e os corpos de dois jovens negros, retalhados a machadadas, no interior do veículo". Prossegue o relato: "A reação dos moradores foi tão chocante como as brutais mutilações. Vários moradores buscaram seus celulares para fotografar os corpos, e os mais jovens riram e fizeram troça dos corpos.
Os próprios moradores descreveram a algazarra à reportagem. "Eu gritei: Está nervoso e perdeu a cabeça?", relatou um motoboy que pediu para não ser identificado, enquanto um estudante admitiu ter rido e feito piada ao ver que o coração e os intestinos de uma das vítimas tinham sido retirados e expostos por seus algozes.
"Ri porque é engraçado ver um corpo todo picado", respondeu o estudante ao ser questionado sobre a causa de sua reação.
O crime em si já seria uma clara evidência de que bestas-feras estão à solta e à vontade no país. Mas ainda daria, num esforço de auto-engano, para dizer que crimes bestiais ocorrem em todas as partes do mundo.
Mas a reação dos moradores prova que não se trata de uma perversidade circunstancial e circunscrita. Não. O país perde, crescentemente, o respeito à vida, a valores básicos, ao convívio civilizado. O anormal, o patológico, o bestial, vira normal. "É engraçado", como diz o estudante.
O processo de animalização contamina a sociedade, a partir do topo, quando o presidente da
República diz que seu partido está desmoralizado, mas vai à festa dos desmoralizados e confraterniza com trambiqueiros confessos. Também deve achar "engraçado".
Alguma surpresa quando é declarado inocente o comandante do massacre de 111 pessoas, sob aplausos de parcela da sociedade para quem presos não têm direito à vida? São bestas-feras, e deve ser "engraçado" matá-los. É a lei da selva, no asfalto.

No primeiro parágrafo do texto, lê-se o seguinte trecho: "No sóbrio relato de Elvira Lobato, lia-se ontem, nesta Folha, a história de um Honda Fit abandonado...". Em relação a esse trecho, a ação de ler expressa em "lia-se. tem como agente:
a) Um grupo generalizado de leitores.
b) Apenas Elvira Lobato, uma vez que ela é a autora do artigo referido pelo autor.
c) Apenas o relato de Elvira Lobato, pois é ele que exerce a ação expressa pelo verbo.
d) Exclusivamente o próprio autor deste artigo (Clóvis Rossi), porque só ele pôde ter acesso ao texto.
e) Somente os jovens negros referidos no artigo, pois o que aconteceu com eles é o centro deste artigo.

29) (PUC-SP-2006) A animalização do país
Clóvis Rossi, Folha de São Paulo, 21 de fevereiro de 2006

SÃO PAULO - No sóbrio relato de Elvira Lobato, lia-se ontem, nesta Folha, a história de um Honda Fit abandonado em uma rua do Rio de Janeiro "com uma cabeça sobre o capô e os corpos de dois jovens negros, retalhados a machadadas, no interior do veículo". Prossegue o relato: "A reação dos moradores foi tão chocante como as brutais mutilações. Vários moradores buscaram seus celulares para fotografar os corpos, e os mais jovens riram e fizeram troça dos corpos.
Os próprios moradores descreveram a algazarra à reportagem. "Eu gritei: Está nervoso e perdeu a cabeça?", relatou um motoboy que pediu para não ser identificado, enquanto um estudante admitiu ter rido e feito piada ao ver que o coração e os intestinos de uma das vítimas tinham sido retirados e expostos por seus algozes.

"Ri porque é engraçado ver um corpo todo picado", respondeu o estudante ao ser questionado sobre a causa de sua reação.
O crime em si já seria uma clara evidência de que bestas-feras estão à solta e à vontade no país. Mas ainda daria, num esforço de auto-engano, para dizer que crimes bestiais ocorrem em todas as partes do mundo.
Mas a reação dos moradores prova que não se trata de uma perversidade circunstancial e circunscrita. Não. O país perde, crescentemente, o respeito à vida, a valores básicos, ao convívio civilizado. O anormal, o patológico, o bestial, vira normal. "É engraçado", como diz o estudante.
O processo de animalização contamina a sociedade, a partir do topo, quando o presidente da
República diz que seu partido está desmoralizado, mas vai à festa dos desmoralizados e confraterniza com trambiqueiros confessos. Também deve achar "engraçado".
Alguma surpresa quando é declarado inocente o comandante do massacre de 111 pessoas, sob aplausos de parcela da sociedade para quem presos não têm direito à vida? São bestas-feras, e deve ser "engraçado" matá-los. É a lei da selva, no asfalto.

Em relação ao trecho "A reação dos moradores foi tão chocante como as brutais mutilações", é possível afirmar que a conjunção COMO estabelece o sentido de
a) causa.
b) comparação.
c) conseqüência.
d) concessão.
e) conformidade.

30) (ENEM-2003) A biodiversidade diz respeito tanto a genes, espécies, ecossistemas, como a funções, e coloca problemas de gestão muito diferenciados. É carregada de normas de valor. Proteger a biodiversidade pode significar:
- a eliminação da ação humana, como é a proposta da ecologia radical;
- a proteção das populações cujos sistemas de produção e cultura repousam num dado ecossistema;
- a defesa dos interesses comerciais de firmas que utilizam a biodiversidade como matéria-prima, para produzir mercadorias.
(Adaptado de GARAY, I. & DIAS, B. Conservação da biodiversidade em ecossistemas tropicais)

De acordo com o texto, no tratamento da questão da biodiversidade no Planeta,
a) o principal desafio é conhecer todos problemas dos ecossistemas, para conseguir protegê-los da ação humana.
b) os direitos e os interesses comerciais dos produtores devem ser defendidos, independentemente do equilíbrio ecológico.
c) deve-se valorizar o equilíbrio do meio ambiente, ignorando-se os conflitos gerados pelo uso da terra e seus recursos.
d) o enfoque ecológico é mais importante do que o social, pois as necessidades das populações não devem constituir preocupação para ninguém.
e) há diferentes visões em jogo, tanto as que só consideram aspectos ecológicos, quanto as que levam em conta aspectos sociais e econômicos.

31) (IBMEC-2006) A busca da felicidade
Ser feliz é provavelmente o maior desejo de todo ser humano. Na prática, ninguém sabe definir direito a palavra felicidade. Mas todos sabem exatamente o que ela significa. Nos últimos tempos, psicólogos, neurocientistas e filósofos têm voltado sua atenção de modo sistemático para esse tema que sempre fascinou, intrigou e desafiou a humanidade.
As últimas conclusões a que eles chegaram são o tema de uma densa reportagem escrita pelo redator-chefe de ÉPOCA, David Cohen, em parceria com a editora Aida Veiga. O texto, conduzido com uma dose incomum de bom humor, inteligência e perspicácia, contradiz várias noções normalmente tidas como verdade pela maior parte das pessoas. A felicidade, ao contrário do que parece, não é mais fácil para os belos e ricos.
A maioria dos prazeres ao alcance daqueles que possuem mais beleza ou riqueza tem, segundo as pesquisas, um impacto de curtíssima duração. Depois de usufruí-los, as pessoas retornam a seu nível básico de satisfação com a vida. Por isso, tanta gente parece feliz à toa, enquanto tantos outros não perdem uma oportunidade de reclamar da existência.
Mesmo quem passa por experiências de impacto decisivo, como ganhar na loteria ou perder uma perna, costuma voltar a seu estado natural de satisfação. Seria então a felicidade um dado da natureza, determinado exclusivamente pelo que vem inscrito na carga genética? De acordo com os estudos, não é bem assim. Muitas práticas vêm tendo sua eficácia comprovada para tornar a vida mais feliz: ter amigos, ter atividades que exijam concentração e dedicação completas, exercer o controle sobre a própria vida, ter um sentido de gratidão para com as coisas ou pessoas boas que apareçam, cuidar da saúde, amar e ser amado. Uma das descobertas mais fascinantes dos pesquisadores é que parece não adiantar nada ir atrás de todas as conquistas que, segundo julgamos, nos farão mais felizes. Pelo contrário, é o fato de sermos mais felizes que nos ajuda a conquistar o que desejamos.
Nada disso quer dizer que os cientistas tenham descoberto a fórmula mágica nem que tenha se tornado fácil descobrir a própria felicidade. Olhando aqui de fora, até que David e Aida parecem felizes com o resultado do trabalho que fizeram. Agora, é esperar que esse resultado também ajude você a se tornar mais feliz.
(Gurovitz, Hélio. Revista ÉPOCA. Editora Globo, São Paulo. Número 412, 10 de abril de 2006, p. 6)

Assinale a alternativa **correta** de acordo com o texto.
a) Para saber o significado de alguma coisa é imprescindível que se saiba sua definição.
b) É óbvio que beleza e dinheiro estão aliados às conquistas que o ser humano pode alcançar na sua batalha diária.
c) As pessoas que não têm atividade que exija concentração e dedicação dificilmente não conseguirão se realizar plenamente.

d) O estado natural de satisfação de uma pessoa pode ser alterado em virtude de bons ou maus acontecimentos.
e) A felicidade está diretamente relacionada à carga genética do ser humano.

32) (Fuvest-2002) A característica da relação do adulto com o velho é a falta de reciprocidade que se pode traduzir numa tolerância sem o calor da sinceridade.Não se discute com o velho, não se confrontam opiniões com as dele, negando-lhe a oportunidade de desenvolver o que só se permite aos amigos: a alteridade, a contradição, o afrontamento e mesmo o conflito. Quantas relações humanas são pobres e banais porque deixamos que o outro se expresse de modo repetitivo e porque nos desviamos das áreas de atrito, dos pontos vitais, de tudo o que em nosso confronto pudesse causar o crescimento e a dor! Se a tolerância com os velhos é entendida assim, como uma abdicação do diálogo, melhor seria dar-lhe o nome de banimento ou discriminação.
(Ecléa Bosi, Memória e sociedade - Lembranças de velhos)

Na avaliação da autora, o que habitualmente caracteriza a relação do adulto com o velho é
a) o desinteresse do adulto pelo confronto de idéias, expressando uma tolerância que atua como discriminação do velho.
b) uma sucessão de conflitos, motivada pela baixa tolerância e pela insinceridade recíprocas.
c) a inconseqüência dos diálogos, já que a um e a outro interessa apenas a reiteração de seus pontos de vista.
d) o equívoco do adulto, que trata o velho sem considerar as diferenças entre a condição deste e a de um amigo mais próximo.
e) a insinceridade das opiniões do adulto, nas quais se manifestam sua divergência e sua impaciência.

33) (Fuvest-2002) A característica da relação do adulto com o velho é a falta de reciprocidade que se pode traduzir numa tolerância sem o calor da sinceridade.Não se discute com o velho, não se confrontam opiniões com as dele, negando-lhe a oportunidade de desenvolver o que só se permite aos amigos: a alteridade, a contradição, o afrontamento e mesmo o conflito. Quantas relações humanas são pobres e banais porque deixamos que o outro se expresse de modo repetitivo e porque nos desviamos das áreas de atrito, dos pontos vitais, de tudo o que em nosso confronto pudesse causar o crescimento e a dor! Se a tolerância com os velhos é entendida assim, como uma abdicação do diálogo, melhor seria dar-lhe o nome de banimento ou discriminação.
(Ecléa Bosi, Memória e sociedade - Lembranças de velhos)

Considerando-se o sentido do conjunto do texto, é correto afirmar que
a) as palavras "crescimento" e "dor" são utilizadas de modo a constituírem um paradoxo.
b) as palavras "alteridade", "contradição", "afrontamento" e "conflito" encadeiam-se numa progressão semântica.
c) a expressão "abdicação do diálogo" tem significação oposta à da expressão "tolerância sem o calor da sinceridade".
d) a expressão "o que só se permite" está empregada com o sentido de "o que nunca se faculta".
e) a expressão "nos desviamos das áreas de atrito" está empregada com o sentido oposto ao da expressão "aparamos todas as arestas".

34) (Fuvest-2002) A característica da relação do adulto com o velho é a falta de reciprocidade que se pode traduzir numa tolerância sem o calor da sinceridade.Não se discute com o velho, não se confrontam opiniões com as dele, negando-lhe a oportunidade de desenvolver o que só se permite aos amigos: a alteridade, a contradição, o afrontamento e mesmo o conflito. Quantas relações humanas são pobres e banais porque deixamos que o outro se expresse de modo repetitivo e porque nos desviamos das áreas de atrito, dos pontos vitais, de tudo o que em nosso confronto pudesse causar o crescimento e a dor! Se a tolerância com os velhos é entendida assim, como uma abdicação do diálogo, melhor seria dar-lhe o nome de banimento ou discriminação.
(Ecléa Bosi, Memória e sociedade - Lembranças de velhos)

A frase em que a palavra sublinhada preserva o sentido com que foi empregada no texto é:
a) Na mais sumária **relação** das virtudes humanas não deixará de constar a sinceridade.
b) Sobretudo os **pobres** sentem o peso do que seja banimento ou discriminação.
c) É por vezes difícil a **discriminação** entre tolerância e menosprezo.
d) Enfrentar a **contradição** é sempre um grande passo para o nosso crescimento.
e) Se **traduzir** é difícil, mais difícil é o diálogo entre pessoas que se mascaram na mesma língua.

35) (ESPM-2007) A dança das palavras
O professor [e crítico] Antonio Candido contou há vários anos, numa roda de amigos, uma curiosa história. Se não estou enganado, o protagonista era um português, dono de uma pensão no Rio de Janeiro, chamada de "Península Fernandes".
Intrigado e ao mesmo tempo curioso, Antonio Candido perguntou ao homem qual a razão daquele título. "É que eu me chamo Fernandes", foi a resposta. "Bom, mas e 'península'"?. "'Península' é porque eu acho a palavra bonita."
[...]
Palavras feias, aliás, não são necessariamente os chamados "palavrões", alguns até, se não bonitos, certamente bem expressivos.
Deixo as questões estéticas, para lembrar que os signos têm vida e, portanto, nascem, vivem, alguns morrem, ficam congelados ou se transfiguram. Embora tenha atração por seu nascimento, deixo de lado a etimologia e me fixo no congelamento e na transfiguração.
[...]
Vamos aos signos congelados.
Como continuamos a ler pelos anos afora o maior nome das nossas letras, Machado de Assis é uma boa referência.
O que era Escobar para Bentinho, no romance "Dom Casmurro"? Seu comborço, diz Machado, ou seja, o amante

de sua mulher, a acreditar-se na versão de uma "pecaminosa"
Capitu. Pois bem, ninguém usa hoje essa palavra, seja na fala cotidiana, seja na escrita, mesmo a mais observadora da norma culta.
Mas a palavra não morreu, está nos dicionários, congelada, praticamente sem esperanças de ressurreição, lutando para permanecer o mais possível nesse estado.
De qualquer forma, vinga-se de nós, contemporâneos, que a desprezaram, ao obrigar-nos a ir buscar seu significado, quando lemos "Dom Casmurro".
[...]
A transfiguração se distingue do congelamento. Nesse caso, estamos diante de um signo que designa um objeto, uma qualidade, um determinado sentimento, e que vai mudando de significado, ao longo do tempo.
Muito me atrai a transfiguração da palavra "bonde" e sua aplicação concomitante a diferentes sentidos. Típica do português do Brasil, ela se originou da palavra inglesa "bond" (título, obrigação), impressa, a princípio, nos "bilhetes de passagem" de uma empresa do Rio de Janeiro - a "Botanical Garden Railway", por volta de 1870.
Foi tal o impacto do signo que ele serviu para compor diversas frases.
[...]
O fim do bonde como transporte coletivo não correspondeu ao fim do signo, como se poderia supor. Se ele já designava várias coisas, passou a designar outras mais, como o "bonde" da cadeia, que leva e traz presos, ou um conjunto artístico, um grupo literário etc.
Volto à história do dono da pensão. Para ele, península não era uma "insípida porção de terra cercada de água por todos os lados, menos por um que a liga ao continente", como ensinavam os antigos professores de geografia.
(BORIS FAUSTO, Folha de S. Paulo, Caderno Mais, 15/04/2007)

Sobre o texto, a afirmação correta é:
a) Não mais se aplica à palavra "península" a acepção dada pelos "antigos professores de geografia".
b) O "congelamento" das palavras representa para o enunciador o anúncio da "morte" indubitável dessas.
c) O enunciador afirma que "pecaminosa", atribuída a Capitu, está praticamente "congelada nos dicionários".
d) A etimologia (casta) das palavras não é garantia de sua permanência no vocabulário da "fala cotidiana".
e) O "fim" de um objeto implica, quase sempre, o desaparecimento, também, da palavra que o designa.

36) (ESPM-2007) A dança das palavras
O professor [e crítico] Antonio Candido contou há vários anos, numa roda de amigos, uma curiosa história. Se não estou enganado, o protagonista era um português, dono de uma pensão no Rio de Janeiro, chamada de "Península Fernandes".
Intrigado e ao mesmo tempo curioso, Antonio Candido perguntou ao homem qual a razão daquele título. "É que eu me chamo Fernandes", foi a resposta. "Bom, mas e 'península'"?. "'Península' é porque eu acho a palavra bonita."
[...]
Palavras feias, aliás, não são necessariamente os chamados "palavrões", alguns até, se não bonitos, certamente bem expressivos.
Deixo as questões estéticas, para lembrar que os signos têm vida e, portanto, nascem, vivem, alguns morrem, ficam congelados ou se transfiguram. Embora tenha atração por seu nascimento, deixo de lado a etimologia e me fixo no congelamento e na transfiguração.
[...]
Vamos aos signos congelados.
Como continuamos a ler pelos anos afora o maior nome das nossas letras, Machado de Assis é uma boa referência.
O que era Escobar para Bentinho, no romance "Dom Casmurro"? Seu comborço, diz Machado, ou seja, o amante de sua mulher, a acreditar-se na versão de uma "pecaminosa"
Capitu. Pois bem, ninguém usa hoje essa palavra, seja na fala cotidiana, seja na escrita, mesmo a mais observadora da norma culta.
Mas a palavra não morreu, está nos dicionários, congelada, praticamente sem esperanças de ressurreição, lutando para permanecer o mais possível nesse estado.
De qualquer forma, vinga-se de nós, contemporâneos, que a desprezaram, ao obrigar-nos a ir buscar seu significado, quando lemos "Dom Casmurro".
[...]
A transfiguração se distingue do congelamento. Nesse caso, estamos diante de um signo que designa um objeto, uma qualidade, um determinado sentimento, e que vai mudando de significado, ao longo do tempo.
Muito me atrai a transfiguração da palavra "bonde" e sua aplicação concomitante a diferentes sentidos. Típica do português do Brasil, ela se originou da palavra inglesa "bond" (título, obrigação), impressa, a princípio, nos "bilhetes de passagem" de uma empresa do Rio de Janeiro - a "Botanical Garden Railway", por volta de 1870.
Foi tal o impacto do signo que ele serviu para compor diversas frases.
[...]
O fim do bonde como transporte coletivo não correspondeu ao fim do signo, como se poderia supor. Se ele já designava várias coisas, passou a designar outras mais, como o "bonde" da cadeia, que leva e traz presos, ou um conjunto artístico, um grupo literário etc.
Volto à história do dono da pensão. Para ele, península não era uma "insípida porção de terra cercada de água por todos os lados, menos por um que a liga ao continente", como ensinavam os antigos professores de geografia.
(BORIS FAUSTO, Folha de S. Paulo, Caderno Mais, 15/04/2007)

Ainda sobre "A dança das palavras", é incorreto afirmar que:
a) Apesar de aparentemente deslocada, a história do dono da pensão é o fio condutor das especulações do enunciador.
b) Apesar de não explicitar a expressão "variação lingüística", pode-se dizer que este é um dos assuntos do texto.

c) Em seu relato, Antonio Candido já supunha que há uma distinção entre a "transfiguração" e o "congelamento" das palavras.
d) Ao falar de palavras "feias" e "bonitas", o enunciador estabelece uma distinção entre beleza fonética e significação.
e) Em diferentes contextos culturais ou históricos, uma mesma palavra pode designar "várias coisas".

37) (ESPM-2007) A dança das palavras
O professor [e crítico] Antonio Candido contou há vários anos, numa roda de amigos, uma curiosa história. Se não estou enganado, o protagonista era um português, dono de uma pensão no Rio de Janeiro, chamada de "Península Fernandes".
Intrigado e ao mesmo tempo curioso, Antonio Candido perguntou ao homem qual a razão daquele título. "É que eu me chamo Fernandes", foi a resposta. "Bom, mas e 'península'"?. "'Península' é porque eu acho a palavra bonita."
[...]
Palavras feias, aliás, não são necessariamente os chamados "palavrões", alguns até, se não bonitos, certamente bem expressivos.
Deixo as questões estéticas, para lembrar que os signos têm vida e, portanto, nascem, vivem, alguns morrem, ficam congelados ou se transfiguram. Embora tenha atração por seu nascimento, deixo de lado a etimologia e me fixo no congelamento e na transfiguração.
[...]
Vamos aos signos congelados.
Como continuamos a ler pelos anos afora o maior nome das nossas letras, Machado de Assis é uma boa referência.
O que era Escobar para Bentinho, no romance "Dom Casmurro"? Seu comborço, diz Machado, ou seja, o amante de sua mulher, a acreditar-se na versão de uma "pecaminosa"
Capitu. Pois bem, ninguém usa hoje essa palavra, seja na fala cotidiana, seja na escrita, mesmo a mais observadora da norma culta.
Mas a palavra não morreu, está nos dicionários, congelada, praticamente sem esperanças de ressurreição, lutando para permanecer o mais possível nesse estado.
De qualquer forma, vinga-se de nós, contemporâneos, que a desprezaram, ao obrigar-nos a ir buscar seu significado, quando lemos "Dom Casmurro".
[...]
A transfiguração se distingue do congelamento. Nesse caso, estamos diante de um signo que designa um objeto, uma qualidade, um determinado sentimento, e que vai mudando de significado, ao longo do tempo.
Muito me atrai a transfiguração da palavra "bonde" e sua aplicação concomitante a diferentes sentidos. Típica do português do Brasil, ela se originou da palavra inglesa "bond" (título, obrigação), impressa, a princípio, nos "bilhetes de passagem" de uma empresa do Rio de Janeiro - a "Botanical Garden Railway", por volta de 1870.
Foi tal o impacto do signo que ele serviu para compor diversas frases.
[...]
O fim do bonde como transporte coletivo não correspondeu ao fim do signo, como se poderia supor. Se ele já designava várias coisas, passou a designar outras mais, como o "bonde" da cadeia, que leva e traz presos, ou um conjunto artístico, um grupo literário etc.
Volto à história do dono da pensão. Para ele, península não era uma "insípida porção de terra cercada de água por todos os lados, menos por um que a liga ao continente", como ensinavam os antigos professores de geografia.
(BORIS FAUSTO, Folha de S. Paulo, Caderno Mais, 15/04/2007)

Nos trechos:
"Como continuamos a ler pelos anos afora o maior nome das nossas letras, Machado de Assis é uma boa referência.(...) O fim do bonde como transporte coletivo não correspondeu ao fim do signo, como se poderia supor."
Os vocábulos em negrito podem ser substituídos, sem prejuízo de sentido, respectivamente por:
a) Porque, tal qual, conforme.
b) Tal qual, conforme, porque.
c) Porque, tal qual, de modo que.
d) Conforme, tal qual, segundo.
e) Porque, conforme, tal qual.

38) (Vunesp-2003) A economia argentina já está respirando sem aparelhos. Um dado eloqüente dessa recuperação: o Brasil aumentou em 100% suas exportações para lá em março, em comparação com o mesmo período do ano passado.
(Revista Veja, 02.04.2003.)

Nas tempestades de areia do nosso destino, nas cavernas mais profundas da nossa ancestralidade, nos subterrâneos da nossa aventura, escondem-se delatores e terroristas, carcereiros e torturadores, cassandras* e patriotas, usurpadores e fanáticos, predadores e corruptos, seqüestradores e sociopatas. As guerras são a hora da sua plena liberação.
*Cassandra era uma profetiza troiana que anunciava desgraças e era desacreditada por todos.
(Rodolfo Konder, Folha de S.Paulo, 07.04.2003.)

Os dois textos foram escritos com o emprego de linguagem figurada. Para efetivamente compreendê-los, é necessário "decodificar" as figuras que são, nesse caso, metáforas. Depois de fazer isso, explique:
a) Qual o sentido da frase:
A *economia argentina está respirando sem aparelhos.*
b) Qual a tese defendida pelo autor no segundo texto?

39) (Enem Cancelado-2009) A ética nasceu na polis grega com a pergunta pelos critérios que pudessem tornar possível o enfrentamento da vida com dignidade. Isto significa dizer que o ponto de partida da ética é a vida, a realidade humana, que, em nosso caso, é uma realidade de fome e miséria, de exploração e exclusão, de desespero e desencanto frente a um sentido da vida. É neste ponto que

somos remetidos diretamente à questão da democracia, um projeto que se realiza nas relações da sociabilidade humana.
Disponível em: http://www.jornaldeopiniao.com.br. Acesso em: 03 maio 2009.
O texto pretende que o leitor se convença de que a
a) ética é a vivência da realidade das classes pobres, como mostra o fragmento "é uma realidade de fome e miséria".
b) ética é o cultivo dos valores morais para encontrar sentido na vida, como mostra o fragmento "de desespero e desencanto frente a um sentido da vida".
c) experiência democrática deve ser um projeto vivido na coletividade, como mostra o fragmento "um projeto que se realiza nas relações da sociabilidade humana".
d) experiência democrática precisa ser exercitada em benefício dos mais pobres, com base no fragmento "tornar possível o enfrentamento da vida com dignidade".
e) democracia é a melhor forma de governo para as classes menos favorecidas, como mostra o fragmento "É neste ponto que somos remetidos diretamente à questão da democracia".

40) (Fuvest-2000) A explosão dos computadores pessoais, as "infovias", as grandes redes - a Internet e a World Wide Web - atropelaram o mundo. Tornaram as leis antiquadas, reformularam a economia, reordenaram prioridades, redefiniram os locais de trabalho, desafiaram constituições, mudaram o conceito de realidade e obrigaram as pessoas a ficar sentadas, durante longos períodos de tempo, diante de telas de computadores, enquanto o CD-Rom trabalha. Não há dúvida de que vivemos a revolução da informação e, diz o professor do MIT, Nicholas Negroponte, revoluções não são sutis.
(Jornal do Brasil, 13/02/96)

No texto, a expressão que sintetiza os efeitos da revolução operada pela informática é
a) "atropelaram o mundo".
b) "tornaram as leis antiquadas".
c) "reformularam a economia".
d) "redefiniram os locais de trabalho".
e) "desafiaram constituições".

41) (Fuvest-2000) A explosão dos computadores pessoais, as "infovias", as grandes redes - a Internet e a World Wide Web - atropelaram o mundo. Tornaram as leis antiquadas, reformularam a economia, reordenaram prioridades, redefiniram os locais de trabalho, desafiaram constituições, mudaram o conceito de realidade e obrigaram as pessoas a ficar sentadas, durante longos períodos de tempo, diante de telas de computadores, enquanto o CD-Rom trabalha. Não há dúvida de que vivemos a revolução da informação e, diz o professor do MIT, Nicholas Negroponte, revoluções não são sutis.
(Jornal do Brasil, 13/02/96)

A expressão "revoluções não são sutis" indica
a) a natureza efêmera das revoluções.
b) a negação dos benefícios decorrentes das revoluções.
c) a natureza precária das revoluções.
d) o caráter radical das revoluções.
e) o traço progressista das revoluções.

42) (Enem Cancelado-2009) A falta de espaço para brincar é um problema muito comum nos grandes centros urbanos. Diversas brincadeiras de rua tal como o pular corda, o pique pega e outros têm desaparecido do cotidiano das crianças. As brincadeiras são importantes para o crescimento e desenvolvimento das crianças, pois desenvolvem tanto habilidades perceptivo-motoras quanto habilidades sociais. Considerando a brincadeira e o jogo como um importante instrumento de interação social, pois por meio deles a criança aprende sobre si, sobre o outro e sobre o mundo ao seu redor, entende-se que
a) o jogo possibilita a participação de crianças de diferentes idades e níveis de habilidade motora.
b) o jogo desenvolve habilidades competitivas centradas na busca da excelência na execução de atividades do cotidiano.
c) o jogo gera um espaço para vivenciar situações de exclusão que serão negativas para a aprendizagem social.
d) através do jogo é possível entender que as regras são construídas socialmente e que não podemos modificá-las.
e) no jogo, a participação está sempre vinculada à necessidade de aprender um conteúdo novo e de desenvolver habilidades motoras especializadas.

43) (UDESC-1996) A inteligência é o atributo de que o ser humano mais se orgulha. Graças a essa habilidade, foi possível uma civilização repleta de conforto e prazeres. Até hoje, porém, não se sabe exatamente como essa qualidade surgiu e seu conceito é bastante amplo e polêmico. Conforme cientistas, se resume na capacidade de estabelecer relações e resolver problemas. Isso significa, por exemplo, olhar uma maçã e entender que é uma fruta saudável e a forma criativa de utilizar essa informação é transformá-la em tortas, doces, sucos, geléias.
ISTO É, n. 1381, p. 38-42, 1996.

De acordo com o texto como uma pessoa poderia ser considerada inteligente?

44) (UFPR-2006) A linguagem politicamente correta
A expressão "politicamente correto" (ou incorreto) aplica-se não apenas à linguagem, embora esta seja a candidata mais constante àquela qualificação, mas a variados campos. Por exemplo, num recente dia dos namorados, um jornal afirma que "casais entram na era do politicamente correto, são fiéis, trocam anéis e fazem sexo responsável". Uma revista de variedades informou, há pouco tempo, que as redes inglesas de TV BBC e Channel 4 tiraram do ar algumas mímicas (p. ex. o dedo em forma de gancho para significar "judeu", puxar os cantos dos olhos para representar um chinês), que eram utilizadas em programas para surdos-mudos, por julgá-las politicamente incorretas. O movimento em defesa de um comportamento, inclusive lingüístico, que seja politicamente correto inclui em especial o combate ao racismo e ao machismo, à pretensa superioridade do homem branco ocidental e a sua cultura pretensamente racional.

Estas são, digamos, as grandes questões. Mas o movimento vai além, tentando tornar não marcado o vocabulário (e o comportamento) relativo a qualquer grupo discriminado, dos velhos aos canhotos, dos carecas aos baixinhos, dos fanhos aos gagos, passando por diversos tipos de "doenças" (lepra, aids etc.). As formas lingüísticas estão entre os elementos de combate que mais se destacam, na medida que o movimento acredita (com muita justiça, em princípio) que reproduzem uma ideologia que segrega em termos de classe, sexo, raça e outras características físicas e sociais que são objeto de discriminação, o que equivale a afirmar que há formas lingüísticas que veiculam sentidos que evidentemente discriminam (preto, gata, bicha), ao lado de outros que talvez discriminem, mas menos claramente (*mula*to, de*negr*ir, *judi*ar etc.).
Para alguns, este movimento é basicamente um efeito do relativismo e da crise da racionalidade, em especial quando ele ataca valores ligados à cultura clássica. Para outros, é um dos resultados da organização das minorias. É um movimento confuso, com altos e baixos, e comporta algumas teses relevantes, outras extremamente discutíveis e outras francamente risíveis. O exemplo seguinte é interessante para discutir os limites do movimento. Veja-se a carta abaixo, publicada na revista
ISTOÉ 1208, de 25.11.92, e a resposta da revista:
Sr. Diretor,
Sou assíduo leitor desta revista, sempre a tive como grande veículo de comunicação sério e de grande responsabilidade. Porém, na edição 1206, assunto religião, onde vocês comentam a grande importância de Galileu Galilei na história, há um trecho onde lê-se "um dos períodos mais negro (sic) da história". Devido a essa frase, venho expor meu repúdio e questionamento. No momento em que isso é referido, não há afirmação de que negro é sinônimo de desgraça histórica?
(Robson Carlos Almeida, Salvador-BA)
ISTOÉ explica: No sentido em que a palavra negro foi usada, ela é tão ofensiva quanto dizer que houve um golpe branco em um determinado país, por exemplo.
(Adaptado de POSSENTI, Sírio. Os limites do discurso. Curitiba: Criar, 2002, p. 37-48.)

Para Sírio Possenti, o movimento em defesa de um comportamento, inclusive lingüístico, que seja politicamente correto é:
a) basicamente um efeito do relativismo.
b) controverso.
c) extremamente discutível.
d) resultado da organização das minorias.
e) francamente risível.

redes inglesas de TV BBC e Channel 4 tiraram do ar algumas mímicas (p. ex. o dedo em forma de gancho para significar "judeu", puxar os cantos dos olhos para representar um chinês), que eram utilizadas em programas para surdos-mudos, por julgá-las politicamente incorretas. O movimento em defesa de um comportamento, inclusive lingüístico, que seja politicamente correto inclui em especial o combate ao racismo e ao machismo, à pretensa superioridade do homem branco ocidental e a sua cultura pretensamente racional.
Estas são, digamos, as grandes questões. Mas o movimento vai além, tentando tornar não marcado o vocabulário (e o comportamento) relativo a qualquer grupo discriminado, dos velhos aos canhotos, dos carecas aos baixinhos, dos fanhos aos gagos, passando por diversos tipos de "doenças" (lepra, aids etc.). As formas lingüísticas estão entre os elementos de combate que mais se destacam, na medida que o movimento acredita (com muita justiça, em princípio) que reproduzem uma ideologia que segrega em termos de classe, sexo, raça e outras características físicas e sociais que são objeto de discriminação, o que equivale a afirmar que há formas lingüísticas que veiculam sentidos que evidentemente discriminam (preto, gata, bicha), ao lado de outros que talvez discriminem, mas menos claramente (*mula*to, de*negr*ir, *judi*ar etc.).
Para alguns, este movimento é basicamente um efeito do relativismo e da crise da racionalidade, em especial quando ele ataca valores ligados à cultura clássica. Para outros, é um dos resultados da organização das minorias. É um movimento confuso, com altos e baixos, e comporta algumas teses relevantes, outras extremamente discutíveis e outras francamente risíveis. O exemplo seguinte é interessante para discutir os limites do movimento. Veja-se a carta abaixo, publicada na revista
ISTOÉ 1208, de 25.11.92, e a resposta da revista:
Sr. Diretor,
Sou assíduo leitor desta revista, sempre a tive como grande veículo de comunicação sério e de grande responsabilidade. Porém, na edição 1206, assunto religião, onde vocês comentam a grande importância de Galileu Galilei na história, há um trecho onde lê-se "um dos períodos mais negro (sic) da história". Devido a essa frase, venho expor meu repúdio e questionamento. No momento em que isso é referido, não há afirmação de que negro é sinônimo de desgraça histórica?
(Robson Carlos Almeida, Salvador-BA)
ISTOÉ explica: No sentido em que a palavra negro foi usada, ela é tão ofensiva quanto dizer que houve um golpe branco em um determinado país, por exemplo.
(Adaptado de POSSENTI, Sírio. Os limites do discurso. Curitiba: Criar, 2002, p. 37-48.)

45) (UFPR-2006) A linguagem politicamente correta
A expressão "politicamente correto" (ou incorreto) aplica-se não apenas à linguagem, embora esta seja a candidata mais constante àquela qualificação, mas a variados campos. Por exemplo, num recente dia dos namorados, um jornal afirma que "casais entram na era do politicamente correto, são fiéis, trocam anéis e fazem sexo responsável". Uma revista de variedades informou, há pouco tempo, que as

A carta do leitor à *ISTOÉ* e a resposta da revista revelam:
a) a preocupação da revista em apresentar uma resposta politicamente correta ao questionamento do leitor.
b) a atitude politicamente incorreta da revista tanto em relação às minorias discriminadas quanto aos grupos cuja cultura é socialmente valorizada.

c) o reconhecimento da revista de que o uso da palavra "negro" na matéria sobre Galileu Galilei pode ser ofensivo a um grupo social.
d) a divergência entre o leitor e a revista sobre os contextos e sentidos em que o uso de uma palavra é politicamente incorreto.
e) o reconhecimento, pela revista, da validade do comentário do leitor, a partir do acréscimo da forma "sic" (com o sentido de "exatamente assim") à carta publicada.

46) (UFPR-2006) A linguagem politicamente correta
A expressão "politicamente correto" (ou incorreto) aplica-se não apenas à linguagem, embora esta seja a candidata mais constante àquela qualificação, mas a variados campos. Por exemplo, num recente dia dos namorados, um jornal afirma que "casais entram na era do politicamente correto, são fiéis, trocam anéis e fazem sexo responsável". Uma revista de variedades informou, há pouco tempo, que as redes inglesas de TV BBC e Channel 4 tiraram do ar algumas mímicas (p. ex. o dedo em forma de gancho para significar "judeu", puxar os cantos dos olhos para representar um chinês), que eram utilizadas em programas para surdos-mudos, por julgá-las politicamente incorretas.
O movimento em defesa de um comportamento, inclusive lingüístico, que seja politicamente correto inclui em especial o combate ao racismo e ao machismo, à pretensa superioridade do homem branco ocidental e a sua cultura pretensamente racional.
Estas são, digamos, as grandes questões. Mas o movimento vai além, tentando tornar não marcado o vocabulário (e o comportamento) relativo a qualquer grupo discriminado, dos velhos aos canhotos, dos carecas aos baixinhos, dos fanhos aos gagos, passando por diversos tipos de "doenças" (lepra, aids etc.). As formas lingüísticas estão entre os elementos de combate que mais se destacam, na medida que o movimento acredita (com muita justiça, em princípio) que reproduzem uma ideologia que segrega em termos de classe, sexo, raça e outras características físicas e sociais que são objeto de discriminação, o que equivale a afirmar que há formas lingüísticas que veiculam sentidos que evidentemente discriminam (preto, gata, bicha), ao lado de outros que talvez discriminem, mas menos claramente (*mula*to, de*negr*ir, *judi*ar etc.).
Para alguns, este movimento é basicamente um efeito do relativismo e da crise da racionalidade, em especial quando ele ataca valores ligados à cultura clássica. Para outros, é um dos resultados da organização das minorias. É um movimento confuso, com altos e baixos, e comporta algumas teses relevantes, outras extremamente discutíveis e outras francamente risíveis. O exemplo seguinte é interessante para discutir os limites do movimento. Veja-se a carta abaixo, publicada na revista
ISTOÉ 1208, de 25.11.92, e a resposta da revista:
Sr. Diretor,
Sou assíduo leitor desta revista, sempre a tive como grande veículo de comunicação sério e de grande responsabilidade. Porém, na edição 1206, assunto religião, onde vocês comentam a grande importância de Galileu Galilei na história, há um trecho onde lê-se "um dos períodos mais negro (sic) da história". Devido a essa frase, venho expor meu repúdio e questionamento. No momento em que isso é referido, não há afirmação de que negro é sinônimo de desgraça histórica?
(Robson Carlos Almeida, Salvador-BA)
ISTOÉ explica: No sentido em que a palavra negro foi usada, ela é tão ofensiva quanto dizer que houve um golpe branco em um determinado país, por exemplo.
(Adaptado de POSSENTI, Sírio. Os limites do discurso. Curitiba: Criar, 2002, p. 37-48.)

Em outra passagem do mesmo texto, Sírio Possenti reproduz alguns comentários veiculados na imprensa em 1994, a propósito de uma afirmação do então candidato à presidência da República Fernando Henrique Cardoso, que se declarou "mulato":
"Só se ele é filho de mula. Mulatinho é cruzamento com mula, não com negro." (militante negro)
"... atribuir a todo uso da palavra 'mulato' um sentido ofensivo ou discriminatório, como tantos estão fazendo, é negar a natureza dinâmica da linguagem, com sua permanente modificação de formas e sentidos. Mesmo que a procedência etimológica de 'mulato' tenha a incomprovada relação com 'mula', seu sentido não guarda sequer vestígio desta suposta origem". (Jânio de Freitas)
Relacionando os comentários acima com o texto de Possenti, é correto afirmar:
a) Para Jânio de Freitas, o uso da palavra "mulato" só poderá ser considerado ofensivo se for comprovada sua origem etimológica.
b) Para o militante negro, a palavra "mulato" é ofensiva em qualquer circunstância, por associar o negro a um animal.
c) Para Possenti, o uso da palavra "mulato" é discriminatório, uma vez que se pode reconhecer em sua forma a palavra que lhe deu origem: "mula".
d) Tanto para o militante negro quanto para Jânio de Freitas o uso da palavra "mulato" deveria ser abolido em qualquer contexto.
e) Sírio Possenti e Jânio de Freitas defendem as propostas do movimento pelo uso de uma linguagem politicamente correta.

47) (UFPR-2006) A linguagem politicamente correta
A expressão "politicamente correto" (ou incorreto) aplica-se não apenas à linguagem, embora esta seja a candidata mais constante àquela qualificação, mas a variados campos. Por exemplo, num recente dia dos namorados, um jornal afirma que "casais entram na era do politicamente correto, são fiéis, trocam anéis e fazem sexo responsável". Uma revista de variedades informou, há pouco tempo, que as redes inglesas de TV BBC e Channel 4 tiraram do ar algumas mímicas (p. ex. o dedo em forma de gancho para significar "judeu", puxar os cantos dos olhos para representar um chinês), que eram utilizadas em programas para surdos-mudos, por julgá-las politicamente incorretas.
O movimento em defesa de um comportamento, inclusive lingüístico, que seja politicamente correto inclui em especial o combate ao racismo e ao machismo, à pretensa

superioridade do homem branco ocidental e a sua cultura pretensamente racional.
Estas são, digamos, as grandes questões. Mas o movimento vai além, tentando tornar não marcado o vocabulário (e o comportamento) relativo a qualquer grupo discriminado, dos velhos aos canhotos, dos carecas aos baixinhos, dos fanhos aos gagos, passando por diversos tipos de "doenças" (lepra, aids etc.). As formas lingüísticas estão entre os elementos de combate que mais se destacam, na medida que o movimento acredita (com muita justiça, em princípio) que reproduzem uma ideologia que segrega em termos de classe, sexo, raça e outras características físicas e sociais que são objeto de discriminação, o que equivale a afirmar que há formas lingüísticas que veiculam sentidos que evidentemente discriminam (preto, gata, bicha), ao lado de outros que talvez discriminem, mas menos claramente (*mula*to, de*negr*ir, *judi*ar etc.).
Para alguns, este movimento é basicamente um efeito do relativismo e da crise da racionalidade, em especial quando ele ataca valores ligados à cultura clássica. Para outros, é um dos resultados da organização das minorias. É um movimento confuso, com altos e baixos, e comporta algumas teses relevantes, outras extremamente discutíveis e outras francamente risíveis. O exemplo seguinte é interessante para discutir os limites do movimento. Veja-se a carta abaixo, publicada na revista
ISTOÉ 1208, de 25.11.92, e a resposta da revista:
Sr. Diretor,
Sou assíduo leitor desta revista, sempre a tive como grande veículo de comunicação sério e de grande responsabilidade. Porém, na edição 1206, assunto religião, onde vocês comentam a grande importância de Galileu Galilei na história, há um trecho onde lê-se "um dos períodos mais negro (sic) da história". Devido a essa frase, venho expor meu repúdio e questionamento. No momento em que isso é referido, não há afirmação de que negro é sinônimo de desgraça histórica?
(Robson Carlos Almeida, Salvador-BA)
ISTOÉ explica: No sentido em que a palavra negro foi usada, ela é tão ofensiva quanto dizer que houve um golpe branco em um determinado país, por exemplo.
(Adaptado de POSSENTI, Sírio. Os limites do discurso. Curitiba: Criar, 2002, p. 37-48.)

Num mundo dominado pela noção do politicamente correto, um autor como o Marquês de Sade não teria ambiente para aparecer à luz do dia. Afinal, o nobre e devasso parisiense contemporâneo da Revolução Francesa fazia a apologia de um conceito um tanto peculiar de liberdade. Para ele, gozá-la em sua plenitude é privilégio para aqueles poucos que derivam prazer da escravização do outro. Nada mais atentatório ao princípio básico da civilização. E no entanto Sade está de novo entre nós: num ciclo de filmes, numa montagem teatral, em ensaios recentes e numa nova tradução de seu primeiro e mais maldito romance: *Os 120 dias de Sodoma*. [...]
(PILAGALLO, Oscar. *Entre Livros*, Ano 1, nº 12.)

Segundo o texto, é correto afirmar:

a) A obra do Marquês de Sade não é hoje compreendida por seu autor ter vivido num mundo politicamente correto.
b) No período da Revolução Francesa defendia-se, como se pode ver na obra do Marquês de Sade, a escravização do outro.
c) O mundo atual, apesar de politicamente correto, não faz uso do conceito de liberdade.
d) A noção de liberdade do Marquês de Sade, em termos atuais, é politicamente incorreta.
e) A recuperação da obra do Marquês Sade corrige o que ela tem de politicamente incorreto.

48) (UFPR-2006) A linguagem politicamente correta
A expressão "politicamente correto" (ou incorreto) aplica-se não apenas à linguagem, embora esta seja a candidata mais constante àquela qualificação, mas a variados campos. Por exemplo, num recente dia dos namorados, um jornal afirma que "casais entram na era do politicamente correto, são fiéis, trocam anéis e fazem sexo responsável". Uma revista de variedades informou, há pouco tempo, que as redes inglesas de TV BBC e Channel 4 tiraram do ar algumas mímicas (p. ex. o dedo em forma de gancho para significar "judeu", puxar os cantos dos olhos para representar um chinês), que eram utilizadas em programas para surdos-mudos, por julgá-las politicamente incorretas.
O movimento em defesa de um comportamento, inclusive lingüístico, que seja politicamente correto inclui em especial o combate ao racismo e ao machismo, à pretensa superioridade do homem branco ocidental e a sua cultura pretensamente racional.
Estas são, digamos, as grandes questões. Mas o movimento vai além, tentando tornar não marcado o vocabulário (e o comportamento) relativo a qualquer grupo discriminado, dos velhos aos canhotos, dos carecas aos baixinhos, dos fanhos aos gagos, passando por diversos tipos de "doenças" (lepra, aids etc.). As formas lingüísticas estão entre os elementos de combate que mais se destacam, na medida que o movimento acredita (com muita justiça, em princípio) que reproduzem uma ideologia que segrega em termos de classe, sexo, raça e outras características físicas e sociais que são objeto de discriminação, o que equivale a afirmar que há formas lingüísticas que veiculam sentidos que evidentemente discriminam (preto, gata, bicha), ao lado de outros que talvez discriminem, mas menos claramente (*mula*to, de*negr*ir, *judi*ar etc.).
Para alguns, este movimento é basicamente um efeito do relativismo e da crise da racionalidade, em especial quando ele ataca valores ligados à cultura clássica. Para outros, é um dos resultados da organização das minorias. É um movimento confuso, com altos e baixos, e comporta algumas teses relevantes, outras extremamente discutíveis e outras francamente risíveis. O exemplo seguinte é interessante para discutir os limites do movimento. Veja-se a carta abaixo, publicada na revista
ISTOÉ 1208, de 25.11.92, e a resposta da revista:
Sr. Diretor,
Sou assíduo leitor desta revista, sempre a tive como grande veículo de comunicação sério e de grande responsabilidade.

Porém, na edição 1206, assunto religião, onde vocês comentam a grande importância de Galileu Galilei na história, há um trecho onde lê-se "um dos períodos mais negro (sic) da história". Devido a essa frase, venho expor meu repúdio e questionamento. No momento em que isso é referido, não há afirmação de que negro é sinônimo de desgraça histórica?
(Robson Carlos Almeida, Salvador-BA)
ISTOÉ explica: No sentido em que a palavra negro foi usada, ela é tão ofensiva quanto dizer que houve um golpe branco em um determinado país, por exemplo.
(Adaptado de POSSENTI, Sírio. Os limites do discurso. Curitiba: Criar, 2002, p. 37-48.)

Num mundo dominado pela noção do politicamente correto, um autor como o Marquês de Sade não teria ambiente para aparecer à luz do dia. Afinal, o nobre e devasso parisiense contemporâneo da Revolução Francesa fazia a apologia de um conceito um tanto peculiar de liberdade. Para ele, gozá-la em sua plenitude é privilégio para aqueles poucos que derivam prazer da escravização do outro. Nada mais atentatório ao princípio básico da civilização. E no entanto Sade está de novo entre nós: num ciclo de filmes, numa montagem teatral, em ensaios recentes e numa nova tradução de seu primeiro e mais maldito romance: *Os 120 dias de Sodoma*. [...]
(PILAGALLO, Oscar. *Entre Livros*, Ano 1, nº 12.)

Para Possenti, a defesa da linguagem e comportamento politicamente corretos "é um movimento confuso, com altos e baixos, e comporta algumas teses relevantes, outras extremamente discutíveis e outras francamente risíveis". A partir dessa afirmação, classificar de politicamente incorreto o conceito de liberdade do Marquês de Sade seria:
a) risível.
b) equivocado.
c) relevante.
d) discutível.
e) confuso.

49) (ESPM-2006) A morte do livro
FERREIRA GULLAR
A morte do livro como veículo da literatura já foi profetizada várias vezes na chamada época moderna. E não por inimigos da literatura, mas pelos escritores mesmos. Até onde me lembro, o primeiro a fazer essa profecia foi nada menos que o poeta Guillaume Apollinaire, no começo do século 20.
Entusiasmado com a invenção do gramofone (ou vitrola), acreditou que os poetas em breve deixariam de imprimir seus poemas em livros para gravá-los em discos, com a vantagem - segundo ele, indiscutível - de o antigo leitor, tornado ouvinte, ouvi-los na voz do próprio poeta. [...]
De qualquer modo, Apollinaire, que foi um bom poeta, revelara-se um mau profeta, já que os poetas continuaram a se valer do livro para difundir seus poemas enquanto o disco veio servir mesmo foi aos cantores e compositores de canções populares, [...].
O mais recente profeta do fim do livro é o romancista norte-americano Philip Roth, que, numa entrevista, fez o prenúncio. Na verdade, ele anunciou o fim da própria literatura e não por falta de escritores, mas de leitores. Certamente, referia-se a certo tipo de literatura, pois obras de ficção como "O Código Da Vinci" e "Harry Potter" alcançam tiragens de milhões de exemplares em todos os idiomas.
Outro fenômeno que contradiz a tese de que as pessoas lêem cada vez menos é o crescente tamanho dos "best-sellers": ultimamente, os volumes ultrapassam as 400 ou 500 páginas, havendo os que atingem mais de 800. Tais dados põem em dúvida, mais uma vez, as previsões da morte do livro e da literatura. [...]
A visão simplificadora consiste em não levar em conta alguns fatores que estão ocultos, mas atuantes na sociedade de massa: fatores qualitativos que a avaliação meramente quantitativa ignora. Começa pelo fato de que são as obras literárias de qualidade, e não as que constituem mero passatempo, que influem na construção do universo imaginário da época. É indiscutível que tais obras atingem, inicialmente, um número reduzido de leitores, mas é verdade também que, através deles, com o passar do tempo, influem sobre um número cada vez maior de indivíduos - e especialmente sobre aqueles que constituem o núcleo social irradiador das idéias.
Costumo, a propósito desta discussão, citar o exemplo de um livro de poemas que nasceu maldito: "As Flores do Mal", de Charles Baudelaire, cuja primeira edição, em reduzida tiragem, data de 1857. Naquela mesma época havia autores cujos livros alcançavam tiragens consideráveis, que às vezes chegavam a mais de 30 mil exemplares. Esses livros cumpriram sua missão, divertiram os leitores e depois foram esquecidos, como muitos "best-sellers" de nossa época. Enquanto isso, o livro de poemas de Baudelaire - cuja venda quase foi proibida pela Justiça -, que vem sendo reeditado e traduzido em todas as línguas, já deve ter atingido, no total das tiragens, muitos milhões de exemplares. O verdadeiro "best-seller" é ele ou não é? [...]
*(*Folha de São Paulo, *19/03/2006)*

O título "A morte do livro" anuncia apenas um dos pontos abordados pelo autor no texto. Tendo isso em vista, pode-se afirmar que outro assunto, no qual está incluída a morte do livro, é:
a) A substituição do livro pelo gramofone e da literatura pela música.
b) A visão simplificadora e simplista da literatura mundial.
c) A longevidade de livros como "O Código da Vinci" e "Harry Potter".
d) O fim de determinado tipo de literatura pela suposta falta de público-leitor.
e) A qualidade literária de "As Flores do Mal", de Charles Baudelaire.

50) (ESPM-2006) A morte do livro
FERREIRA GULLAR
A morte do livro como veículo da literatura já foi profetizada várias vezes na chamada época moderna. E não

por inimigos da literatura, mas pelos escritores mesmos. Até onde me lembro, o primeiro a fazer essa profecia foi nada menos que o poeta Guillaume Apollinaire, no começo do século 20.
Entusiasmado com a invenção do gramofone (ou vitrola), acreditou que os poetas em breve deixariam de imprimir seus poemas em livros para gravá-los em discos, com a vantagem — segundo ele, indiscutível — de o antigo leitor, tornado ouvinte, ouvi-los na voz do próprio poeta. [...]
De qualquer modo, Apollinaire, que foi um bom poeta, revelara-se um mau profeta, já que os poetas continuaram a se valer do livro para difundir seus poemas enquanto o disco veio servir mesmo foi aos cantores e compositores de canções populares, [...].
O mais recente profeta do fim do livro é o romancista norte-americano Philip Roth, que, numa entrevista, fez o prenúncio. Na verdade, ele anunciou o fim da própria literatura e não por falta de escritores, mas de leitores. Certamente, referia-se a certo tipo de literatura, pois obras de ficção como "O Código Da Vinci" e "Harry Potter" alcançam tiragens de milhões de exemplares em todos os idiomas.
Outro fenômeno que contradiz a tese de que as pessoas lêem cada vez menos é o crescente tamanho dos "best-sellers": ultimamente, os volumes ultrapassam as 400 ou 500 páginas, havendo os que atingem mais de 800. Tais dados põem em dúvida, mais uma vez, as previsões da morte do livro e da literatura. [...]
A visão simplificadora consiste em não levar em conta alguns fatores que estão ocultos, mas atuantes na sociedade de massa: fatores qualitativos que a avaliação meramente quantitativa ignora. Começa pelo fato de que são as obras literárias de qualidade, e não as que constituem mero passatempo, que influem na construção do universo imaginário da época. É indiscutível que tais obras atingem, inicialmente, um número reduzido de leitores, mas é verdade também que, através deles, com o passar do tempo, influem sobre um número cada vez maior de indivíduos — e especialmente sobre aqueles que constituem o núcleo social irradiador das idéias.
Costumo, a propósito desta discussão, citar o exemplo de um livro de poemas que nasceu maldito: "As Flores do Mal", de Charles Baudelaire, cuja primeira edição, em reduzida tiragem, data de 1857. Naquela mesma época havia autores cujos livros alcançavam tiragens consideráveis, que às vezes chegavam a mais de 30 mil exemplares. Esses livros cumpriram sua missão, divertiram os leitores e depois foram esquecidos, como muitos "best-sellers" de nossa época. Enquanto isso, o livro de poemas de Baudelaire — cuja venda quase foi proibida pela Justiça —, que vem sendo reeditado e traduzido em todas as línguas, já deve ter atingido, no total das tiragens, muitos milhões de exemplares. O verdadeiro "best-seller" é ele ou não é? [...]
(Folha de São Paulo, *19/03/2006)*

Em seu texto, Ferreira Gullar utiliza vários argumentos para refutar a possível morte do livro. Tendo isso em vista, assinale o item cujo argumento não reforce seu ponto-de-vista:

a) O número de páginas dos best-sellers está cada vez maior.
b) Os best-sellers, como "O Código da Vinci" e "Harry Potter", vendem cada vez mais.
c) A profecia do poeta Guillaume Apollinaire que afirmava que o livro deixaria de ser veículo de literatura.
d) Os best-sellers alcançam grandes tiragens em vários idiomas.
e) Alguns dos livros mais vendidos chegam a ter 800 páginas.

51) (ESPM-2006) A morte do livro
FERREIRA GULLAR
A morte do livro como veículo da literatura já foi profetizada várias vezes na chamada época moderna. E não por inimigos da literatura, mas pelos escritores mesmos. Até onde me lembro, o primeiro a fazer essa profecia foi nada menos que o poeta Guillaume Apollinaire, no começo do século 20.
Entusiasmado com a invenção do gramofone (ou vitrola), acreditou que os poetas em breve deixariam de imprimir seus poemas em livros para gravá-los em discos, com a vantagem — segundo ele, indiscutível — de o antigo leitor, tornado ouvinte, ouvi-los na voz do próprio poeta. [...]
De qualquer modo, Apollinaire, que foi um bom poeta, revelara-se um mau profeta, já que os poetas continuaram a se valer do livro para difundir seus poemas enquanto o disco veio servir mesmo foi aos cantores e compositores de canções populares, [...].
O mais recente profeta do fim do livro é o romancista norte-americano Philip Roth, que, numa entrevista, fez o prenúncio. Na verdade, ele anunciou o fim da própria literatura e não por falta de escritores, mas de leitores. Certamente, referia-se a certo tipo de literatura, pois obras de ficção como "O Código Da Vinci" e "Harry Potter" alcançam tiragens de milhões de exemplares em todos os idiomas.
Outro fenômeno que contradiz a tese de que as pessoas lêem cada vez menos é o crescente tamanho dos "best-sellers": ultimamente, os volumes ultrapassam as 400 ou 500 páginas, havendo os que atingem mais de 800. Tais dados põem em dúvida, mais uma vez, as previsões da morte do livro e da literatura. [...]
A visão simplificadora consiste em não levar em conta alguns fatores que estão ocultos, mas atuantes na sociedade de massa: fatores qualitativos que a avaliação meramente quantitativa ignora. Começa pelo fato de que são as obras literárias de qualidade, e não as que constituem mero passatempo, que influem na construção do universo imaginário da época. É indiscutível que tais obras atingem, inicialmente, um número reduzido de leitores, mas é verdade também que, através deles, com o passar do tempo, influem sobre um número cada vez maior de indivíduos — e especialmente sobre aqueles que constituem o núcleo social irradiador das idéias.
Costumo, a propósito desta discussão, citar o exemplo de um livro de poemas que nasceu maldito: "As Flores do Mal", de Charles Baudelaire, cuja primeira edição, em reduzida tiragem, data de 1857. Naquela mesma época

havia autores cujos livros alcançavam tiragens consideráveis, que às vezes chegavam a mais de 30 mil exemplares. Esses livros cumpriram sua missão, divertiram os leitores e depois foram esquecidos, como muitos "best-sellers" de nossa época. Enquanto isso, o livro de poemas de Baudelaire — cuja venda quase foi proibida pela Justiça —, que vem sendo reeditado e traduzido em todas as línguas, já deve ter atingido, no total das tiragens, muitos milhões de exemplares. O verdadeiro "best-seller" é ele ou não é? [...]
(Folha de São Paulo, *19/03/2006)*

Sobre a relação estabelecida pelo autor entre as obras "Flores do Mal", "Harry Potter" e "O Código da Vinci", é correto afirmar que:
a) "Flores do Mal", sucesso comercial de primeira edição, assim como "Harry Potter" e "O Código da Vinci", pode ser considerado, ao longo do tempo, um verdadeiro "best-seller".
b) "Flores do Mal", ao contrário de "Harry Potter" e "Código Da Vinci", foi fracasso comercial de primeira edição, mas pode ser considerado, ao longo do tempo, um verdadeiro "best-seller".
c) "Flores do Mal", ao contrário de "Harry Potter" e "O Código da Vinci", não pode ser considerado, ao longo do tempo, um verdadeiro "best-seller".
d) "Flores do Mal", fracasso comercial ao longo do tempo, ao contrário de "Harry Potter" e "O Código da Vinci", pode ser considerado, hoje, um verdadeiro "best-seller".
e) "Flores do Mal", sucesso comercial ao longo do tempo, ao contrário de "Harry Potter" e "O Código da Vinci", não pode ser considerado um verdadeiro "best-seller".

52) (ESPM-2006) A morte do livro
FERREIRA GULLAR
A morte do livro como veículo da literatura já foi profetizada várias vezes na chamada época moderna. E não por inimigos da literatura, mas pelos escritores mesmos. Até onde me lembro, o primeiro a fazer essa profecia foi nada menos que o poeta Guillaume Apollinaire, no começo do século 20.
Entusiasmado com a invenção do gramofone (ou vitrola), acreditou que os poetas em breve deixariam de imprimir seus poemas em livros para gravá-los em discos, com a vantagem — segundo ele, indiscutível — de o antigo leitor, tornado ouvinte, ouvi-los na voz do próprio poeta. [...]
De qualquer modo, Apollinaire, que foi um bom poeta, revelara-se um mau profeta, já que os poetas continuaram a se valer do livro para difundir seus poemas enquanto o disco veio servir mesmo foi aos cantores e compositores de canções populares, [...].
O mais recente profeta do fim do livro é o romancista norte-americano Philip Roth, que, numa entrevista, fez o prenúncio. Na verdade, ele anunciou o fim da própria literatura e não por falta de escritores, mas de leitores. Certamente, referia-se a certo tipo de literatura, pois obras de ficção como "O Código Da Vinci" e "Harry Potter" alcançam tiragens de milhões de exemplares em todos os idiomas.
Outro fenômeno que contradiz a tese de que as pessoas lêem cada vez menos é o crescente tamanho dos "best-sellers": ultimamente, os volumes ultrapassam as 400 ou 500 páginas, havendo os que atingem mais de 800. Tais dados põem em dúvida, mais uma vez, as previsões da morte do livro e da literatura. [...]
A visão simplificadora consiste em não levar em conta alguns fatores que estão ocultos, mas atuantes na sociedade de massa: fatores qualitativos que a avaliação meramente quantitativa ignora. Começa pelo fato de que são as obras literárias de qualidade, e não as que constituem mero passatempo, que influem na construção do universo imaginário da época. É indiscutível que tais obras atingem, inicialmente, um número reduzido de leitores, mas é verdade também que, através deles, com o passar do tempo, influem sobre um número cada vez maior de indivíduos — e especialmente sobre aqueles que constituem o núcleo social irradiador das idéias.
Costumo, a propósito desta discussão, citar o exemplo de um livro de poemas que nasceu maldito: "As Flores do Mal", de Charles Baudelaire, cuja primeira edição, em reduzida tiragem, data de 1857. Naquela mesma época havia autores cujos livros alcançavam tiragens consideráveis, que às vezes chegavam a mais de 30 mil exemplares. Esses livros cumpriram sua missão, divertiram os leitores e depois foram esquecidos, como muitos "best-sellers" de nossa época. Enquanto isso, o livro de poemas de Baudelaire — cuja venda quase foi proibida pela Justiça —, que vem sendo reeditado e traduzido em todas as línguas, já deve ter atingido, no total das tiragens, muitos milhões de exemplares. O verdadeiro "best-seller" é ele ou não é? [...]
(Folha de São Paulo, *19/03/2006)*

A partir da leitura, sobretudo dos dois últimos parágrafos, pode-se dizer que as "obras literárias de qualidade" são aquelas que resistem no imaginário coletivo, mesmo com o passar do tempo. Idéia similar a essa pode ser lida em:
a) "[Literatura] é toda escrita imaginativa no sentido de ficção, escrita que não é literalmente verídica." (EAGLETON, Terry. Teoria da Literatura: uma introdução)
b) "Tudo é, não é e pode ser que seja literatura. Depende do ponto de vista, do significado que a palavra tem para cada um, da situação na qual se discute o que é literatura."
(LAJOLO, Marisa. Literatura: Leitores e Leitura)
c) "A arte [por extensão, a literatura] é visão ou intuição. O artista produz uma imagem ou fantasma; e quem aprecia a arte dirige o olhar para o ponto que o artista lhe apontou, olha pela fresta que ele lhe abriu e reproduz em si aquela imagem."
(CROCE, Benedetto. Breviário de Estética)
d) "Erudição, ciência, notícia das boas letras, e humanidades. Conjunto das produções literárias de uma nação, de um país, de uma época."
(SILVA, Antonio de Moraes. Dicionário da Língua Portuguesa)
e) "Os clássicos [literários] são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes)."
(CALVINO, Ítalo. Por que ler os clássicos)

53) (ESPM-2006) A morte do livro
FERREIRA GULLAR
A morte do livro como veículo da literatura já foi profetizada várias vezes na chamada época moderna. E não por inimigos da literatura, mas pelos escritores mesmos. Até onde me lembro, o primeiro a fazer essa profecia foi nada menos que o poeta Guillaume Apollinaire, no começo do século 20.
Entusiasmado com a invenção do gramofone (ou vitrola), acreditou que os poetas em breve deixariam de imprimir seus poemas em livros para gravá-los em discos, com a vantagem — segundo ele, indiscutível — de o antigo leitor, tornado ouvinte, ouvi-los na voz do próprio poeta. [...]
De qualquer modo, Apollinaire, que foi um bom poeta, revelara-se um mau profeta, já que os poetas continuaram a se valer do livro para difundir seus poemas enquanto o disco veio servir mesmo foi aos cantores e compositores de canções populares, [...].
O mais recente profeta do fim do livro é o romancista norte-americano Philip Roth, que, numa entrevista, fez o prenúncio. Na verdade, ele anunciou o fim da própria literatura e não por falta de escritores, mas de leitores. Certamente, referia-se a certo tipo de literatura, pois obras de ficção como "O Código Da Vinci" e "Harry Potter" alcançam tiragens de milhões de exemplares em todos os idiomas.
Outro fenômeno que contradiz a tese de que as pessoas lêem cada vez menos é o crescente tamanho dos "best-sellers": ultimamente, os volumes ultrapassam as 400 ou 500 páginas, havendo os que atingem mais de 800. Tais dados põem em dúvida, mais uma vez, as previsões da morte do livro e da literatura. [...]
A visão simplificadora consiste em não levar em conta alguns fatores que estão ocultos, mas atuantes na sociedade de massa: fatores qualitativos que a avaliação meramente quantitativa ignora. Começa pelo fato de que são as obras literárias de qualidade, e não as que constituem mero passatempo, que influem na construção do universo imaginário da época. É indiscutível que tais obras atingem, inicialmente, um número reduzido de leitores, mas é verdade também que, através deles, com o passar do tempo, influem sobre um número cada vez maior de indivíduos — e especialmente sobre aqueles que constituem o núcleo social irradiador das idéias.
Costumo, a propósito desta discussão, citar o exemplo de um livro de poemas que nasceu maldito: "As Flores do Mal", de Charles Baudelaire, cuja primeira edição, em reduzida tiragem, data de 1857. Naquela mesma época havia autores cujos livros alcançavam tiragens consideráveis, que às vezes chegavam a mais de 30 mil exemplares. Esses livros cumpriram sua missão, divertiram os leitores e depois foram esquecidos, como muitos "best-sellers" de nossa época. Enquanto isso, o livro de poemas de Baudelaire — cuja venda quase foi proibida pela Justiça —, que vem sendo reeditado e traduzido em todas as línguas, já deve ter atingido, no total das tiragens, muitos milhões de exemplares. O verdadeiro "best-seller" é ele ou não é? [...]

*(*Folha de São Paulo*, 19/03/2006)*

[...] será possível medir a literariedade (o poder, o prestígio, o volume de capital lingüístico-literário) de uma língua não pelo número de escritores ou de leitores dessa língua, mas pelo número de poliglotas literários (ou protagonistas do espaço literário, editores, intermediários cosmopolitas, descobridores cultos...) que a praticam pelo número de tradutores literários [...] que fazem os textos circularem a partir dessa língua literária ou em sua direção.
(CASANOVA, Pascale. A República Mundial das Letras*)*
Comparando o excerto acima ao texto "A morte do livro", seria possível afirmar que a expressão "poliglotas literários" encontra seu correspondente, no texto de Ferreira Gullar, na seguinte opção:
a) "veículo da literatura" (1º- parágrafo).
b) "núcleo social irradiador de idéias" (6º- parágrafo).
c) "visão simplificadora" (6º- parágrafo).
d) "fatores que estão ocultos" (6º- parágrafo).
e) "best-sellers de nossa época" (7º- parágrafo).

54) (ESPM-2006) A morte do livro
FERREIRA GULLAR
A morte do livro como veículo da literatura já foi profetizada várias vezes na chamada época moderna. E não por inimigos da literatura, mas pelos escritores mesmos. Até onde me lembro, o primeiro a fazer essa profecia foi nada menos que o poeta Guillaume Apollinaire, no começo do século 20.
Entusiasmado com a invenção do gramofone (ou vitrola), acreditou que os poetas em breve deixariam de imprimir seus poemas em livros para gravá-los em discos, com a vantagem — segundo ele, indiscutível — de o antigo leitor, tornado ouvinte, ouvi-los na voz do próprio poeta. [...]
De qualquer modo, Apollinaire, que foi um bom poeta, revelara-se um mau profeta, já que os poetas continuaram a se valer do livro para difundir seus poemas enquanto o disco veio servir mesmo foi aos cantores e compositores de canções populares, [...].
O mais recente profeta do fim do livro é o romancista norte-americano Philip Roth, que, numa entrevista, fez o prenúncio. Na verdade, ele anunciou o fim da própria literatura e não por falta de escritores, mas de leitores. Certamente, referia-se a certo tipo de literatura, pois obras de ficção como "O Código Da Vinci" e "Harry Potter" alcançam tiragens de milhões de exemplares em todos os idiomas.
Outro fenômeno que contradiz a tese de que as pessoas lêem cada vez menos é o crescente tamanho dos "best-sellers": ultimamente, os volumes ultrapassam as 400 ou 500 páginas, havendo os que atingem mais de 800. Tais dados põem em dúvida, mais uma vez, as previsões da morte do livro e da literatura. [...]
A visão simplificadora consiste em não levar em conta alguns fatores que estão ocultos, mas atuantes na sociedade de massa: fatores qualitativos que a avaliação meramente quantitativa ignora. Começa pelo fato de que são as obras literárias de qualidade, e não as que constituem mero passatempo, que influem na construção do universo

imaginário da época. É indiscutível que tais obras atingem, inicialmente, um número reduzido de leitores, mas é verdade também que, através deles, com o passar do tempo, influem sobre um número cada vez maior de indivíduos — e especialmente sobre aqueles que constituem o núcleo social irradiador das idéias.
Costumo, a propósito desta discussão, citar o exemplo de um livro de poemas que nasceu maldito: "As Flores do Mal", de Charles Baudelaire, cuja primeira edição, em reduzida tiragem, data de 1857. Naquela mesma época havia autores cujos livros alcançavam tiragens consideráveis, que às vezes chegavam a mais de 30 mil exemplares. Esses livros cumpriram sua missão, divertiram os leitores e depois foram esquecidos, como muitos "best-sellers" de nossa época. Enquanto isso, o livro de poemas de Baudelaire — cuja venda quase foi proibida pela Justiça —, que vem sendo reeditado e traduzido em todas as línguas, já deve ter atingido, no total das tiragens, muitos milhões de exemplares. O verdadeiro "best-seller" é ele ou não é? [...]
*(*Folha de São Paulo, *19/03/2006)*

De qualquer modo, Apollinaire, que foi um bom poeta, revelara-se um mau profeta, já que os poetas continuaram a se valer do livro para difundir seus poemas enquanto o disco veio servir mesmo foi aos cantores e compositores de canções populares [...].
Sobre a relação semântica dos tempos verbais no trecho acima e sua integração no texto, é correto afirmar que:
a) "Revelara-se" se refere a um momento posterior a "veio servir".
b) "Difundir" se refere a um momento anterior a "revelara-se".
c) "Revelara-se" se refere a um momento anterior a "foi".
d) "Continuaram" se refere a um mesmo momento que "difundir".
e) "Foi" se refere a um momento atemporal.

55) (ESPM-2006) A morte do livro
FERREIRA GULLAR
A morte do livro como veículo da literatura já foi profetizada várias vezes na chamada época moderna. E não por inimigos da literatura, mas pelos escritores mesmos. Até onde me lembro, o primeiro a fazer essa profecia foi nada menos que o poeta Guillaume Apollinaire, no começo do século 20.
Entusiasmado com a invenção do gramofone (ou vitrola), acreditou que os poetas em breve deixariam de imprimir seus poemas em livros para gravá-los em discos, com a vantagem — segundo ele, indiscutível — de o antigo leitor, tornado ouvinte, ouvi-los na voz do próprio poeta. [...]
De qualquer modo, Apollinaire, que foi um bom poeta, revelara-se um mau profeta, já que os poetas continuaram a se valer do livro para difundir seus poemas enquanto o disco veio servir mesmo foi aos cantores e compositores de canções populares, [...].
O mais recente profeta do fim do livro é o romancista norte-americano Philip Roth, que, numa entrevista, fez o prenúncio. Na verdade, ele anunciou o fim da própria literatura e não por falta de escritores, mas de leitores. Certamente, referia-se a certo tipo de literatura, pois obras de ficção como "O Código Da Vinci" e "Harry Potter" alcançam tiragens de milhões de exemplares em todos os idiomas.
Outro fenômeno que contradiz a tese de que as pessoas lêem cada vez menos é o crescente tamanho dos "best-sellers": ultimamente, os volumes ultrapassam as 400 ou 500 páginas, havendo os que atingem mais de 800. Tais dados põem em dúvida, mais uma vez, as previsões da morte do livro e da literatura. [...]
A visão simplificadora consiste em não levar em conta alguns fatores que estão ocultos, mas atuantes na sociedade de massa: fatores qualitativos que a avaliação meramente quantitativa ignora. Começa pelo fato de que são as obras literárias de qualidade, e não as que constituem mero passatempo, que influem na construção do universo imaginário da época. É indiscutível que tais obras atingem, inicialmente, um número reduzido de leitores, mas é verdade também que, através deles, com o passar do tempo, influem sobre um número cada vez maior de indivíduos — e especialmente sobre aqueles que constituem o núcleo social irradiador das idéias.
Costumo, a propósito desta discussão, citar o exemplo de um livro de poemas que nasceu maldito: "As Flores do Mal", de Charles Baudelaire, cuja primeira edição, em reduzida tiragem, data de 1857. Naquela mesma época havia autores cujos livros alcançavam tiragens consideráveis, que às vezes chegavam a mais de 30 mil exemplares. Esses livros cumpriram sua missão, divertiram os leitores e depois foram esquecidos, como muitos "best-sellers" de nossa época. Enquanto isso, o livro de poemas de Baudelaire — cuja venda quase foi proibida pela Justiça —, que vem sendo reeditado e traduzido em todas as línguas, já deve ter atingido, no total das tiragens, muitos milhões de exemplares. O verdadeiro "best-seller" é ele ou não é? [...]
*(*Folha de São Paulo, *19/03/2006)*

No trecho: "...Apollinaire, que foi um bom poeta, revelara-se um mau profeta, já que os poetas continuaram a se valer do livro para difundir seus poemas...", o conector em negrito só não possui o mesmo valor semântico de:
a) porque.
b) conquanto.
c) visto que.
d) uma vez que.
e) como.

Gabarito

1) Alternativa: C

2) Alternativa: D

3) Alternativa: B

4) Alternativa: A

5) Alternativa: A

6) Alternativa: B

7) Alternativa: B

8) Alternativa: E

9) a) A expressão "enfraquecimento do pai" indica, fundamentalmente, a perda de padrões, pois "os jovens atuais não copiam nada" (não se submetem a modelos) e pretendem criar "uma nova cultura", segundo o espírito do tempo em que "vivemos uma vida que foi despadronizada". A figura do pai, nesse contexto, simboliza os valores tradicionais.
b) "Saber orientado" é o conhecimento consagrado, presente nos currículos escolares e resultante da tradição.

10) a) "Precisamos de um novo 'software' para acessar o mundo." (Este é o único trecho em que "a autora utiliza alguns elementos da tecnologia para traduzir seu pensamento", embora a formulação da pergunta - "transcreva um trecho" - implique a existência de outros trechos.)
b) No mundo presente, a vida não mais é moldada por valores e modelos ("padrões") tradicionais.

11) Alternativa: D

12) Alternativa: D

13) Alternativa: A

14) Alternativa: A

15) Alternativa: C

16) Alternativa: B

17) Alternativa: A

18) Alternativa: E

19) Alternativa: D

20) Alternativa: D

21) Alternativa: E

22) Alternativa: A

23) Alternativa: D

24) Alternativa: D

25) Alternativa: A

26) Alternativa: B

27) Alternativa: E

28) Alternativa: A

29) Alternativa: B

30) Alternativa: A

31) Alternativa: D

32) Alternativa: A

33) Alternativa: B

34) Alternativa: D

35) Alternativa: D

36) Alternativa: C

37) Alternativa: A

38) a) Embora ainda passe por dificuldades, a economia argentina está superando momentos de grandes dificuldades.
b) Na guerra o homem liberta seu lado mais condenável (criminoso, traidor, assassino...) escondido no dia-a-dia.

39) Alternativa: C

40) Alternativa: A

41) Alternativa: D

42) Alternativa: A

43) Pelo fato de conseguir estabelecer relações entre as informações recebidas e a partir delas resolver problemas.

44) Alternativa: B

45) Alternativa: D

46) Alternativa: B

47) Alternativa: D
48) Alternativa: C
49) Alternativa: D
50) Alternativa: C
51) Alternativa: B
52) Alternativa: E
53) Alternativa: D
54) Alternativa: sem resposta
55) Alternativa: B

ELSEVIER

SÉRIE PROVAS E CONCURSOS

Interpretação de Textos e Semântica para concursos

TEORIA, ESQUEMAS, EXERCÍCIOS E QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Marcelo Rosenthal
Lilian Furtado
Tiago Omena
Pedro Henrique

DO MESMO AUTOR DE GRAMÁTICA PARA CONCURSOS

CAMPUS CONCURSOS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros, disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.Info*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.

Interpretação de Textos e Semântica para concursos

TEORIA, ESQUEMAS, EXERCÍCIOS E QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

SÉRIE PROVAS E CONCURSOS

Marcelo Rosenthal
Lilian Furtado
Tiago Omena
Pedro Henrique

ELSEVIER

CAMPUS
CONCURSOS

Sumário

Capa

Folha de rosto

Front Matter

Copyright

Dedicatória

Agradecimentos

Os Autores

Apresentação

Epígrafe

Prefácio

Capítulo 1. Interpretação Textual

1.1. TIPOLOGIA TEXTUAL

1.2. Tópico frasal

1.3. TIPOS DE ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS

1.4. Exercícios

Capítulo 2. Semântica de Nomes

2.1. ADJETIVO SUBJETIVO OU COM VALOR DE QUALIDADE

2.2. ADJETIVO OBJETIVO OU COM VALOR DE CARACTERÍSTICA

2.3. EXERCÍCIOS

2.4. POLISSEMIA

2.5. AMBIGUIDADE OU ANFIBOLOGIA

2.6. EXERCÍCIOS

Capítulo 3. Alteração de Funções Sintáticas em Questões de Interpretação

3.1. EXERCÍCIOS
Capítulo 4. Coesão Textual
4.1. COESÃO REFERENCIAL
4.2. COESÃO REFERENCIAL PRONOMINAL
4.3. EXERCÍCIOS
4.4. COESÃO REFERENCIAL LEXICAL
4.5. COESÃO REFERENCIAL POR ELIPSE
4.6. EXERCÍCIOS
4.7. COESÃO SEQUENCIAL
4.8. COESÃO SEQUENCIAL
Capítulo 5. Semântica dos Conectores – Preposições e Conjunções
5.1. VALORES SEMÂNTICOS DAS PREPOSIÇÕES ESSENCIAIS
5.2. VALORES SEMÂNTICOS DAS PREPOSIÇÕES ACIDENTAIS
5.3. Exercícios
Capítulo 6. Valor Semântico das Conjunções
6.1. CONJUNÇÕES COORDENATIVAS
6.2. CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS
6.3. ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS
6.4. EXERCÍCIOS
Capítulo 7. Coerência Textual
7.1. IMPLÍCITOS E EXPLÍCITOS
7.2. PRESSUPOSTOS E SUBENTENDIDOS
7.3. EXERCÍCIOS
Capítulo 8. Semântica Verbal
8.1. MODO INDICATIVO
8.2. MODO SUBJUNTIVO

8.3. MODO IMPERATIVO

8.4. OUTRAS SEMÂNTICAS VERBAIS

8.5. EXERCÍCIOS

Capítulo 9. Figuras de Linguagem

9.1. FIGURAS DE SOM OU HARMONIA

9.2. FIGURAS DE CONSTRUÇÃO OU SINTAXE

9.3. FIGURAS DE PENSAMENTO

9.4. FIGURAS DE PALAVRAS

9.5. EXERCÍCIOS

Capítulo 10. Funções da Linguagem

10.1. FUNÇÃO REFERENCIAL OU DENOTATIVA

10.2. FUNÇÃO EXPRESSIVA

10.3. FUNÇÃO CONATIVA OU APELATIVA

10.4. FUNÇÃO FÁTICA

10.5. FUNÇÃO METALINGUÍSTICA

10.6. FUNÇÃO POÉTICA

Capítulo 11. Vozes do Discurso

11.1. DISCURSO DIRETO

11.2. DISCURSO INDIRETO

11.3. DISCURSO INDIRETO LIVRE

11.4. EXERCÍCIOS

Capítulo 12. Leituras de Enunciados das Questões de Interpretação

12.1. RECORRÊNCIA TEXTUAL

12.2. INFERÊNCIA TEXTUAL

12.3. EXERCÍCIOS

Capítulo 13. Semântica dos Vocábulos Parônimos e Homônimos

13.1. PARÔNIMOS

13.2. HOMÔNIMOS

13.3. SEMÂNTICA DE FORMAS PARECIDAS

13.4. EXERCÍCIOS

Capítulo 14. Semântica de Afixos

14.1. PREFIXOS LATINOS

14.2. PREFIXOS GREGOS

14.3. RELAÇÃO DE SUFIXOS

14.4. CORRESPONDÊNCIA ENTRE PREFIXOS GREGOS E LATINOS

14.5. LATINISMOS

14.6. EXERCÍCIOS

Capítulo 15. Questões Comentadas

Bibliografia

Cadastro

Preencha a **ficha de cadastro** no final deste livro e receba gratuitamente informações sobre os lançamentos e as promoções da Elsevier.

Consulte também nosso catálogo completo, últimos lançamentos e serviços exclusivos no site **www.elsevier.com.br**

Dedicatória

Ao brilhante professor de Língua Portuguesa Marcelo Barbosa.

Agradecimentos

A nossos familiares e amigos que compreenderam a nossa ausência em muitos eventos, visto nosso envolvimento na conclusão desta obra.

Os Autores

A nossos familiares e amigos que compreenderam a nossa ausência em muitos eventos, visto nosso envolvimento na conclusão desta obra.

Marcelo Rosenthal

- Formado em Letras (Português-Alemão) pela UFRJ.
- Ex-professor de Língua Portuguesa do União Concursos.
- Ex-professor de Língua Portuguesa do Curso Gabarito.
- Ex-professor de Língua Portuguesa do Curso Metta.
- Professor de Língua Portuguesa da Academia do Concurso Público.
- Professor de Língua Portuguesa do CELP – Centro de Estudos da Língua Portuguesa.
- Professor de Língua Portuguesa do CEPAD.
- Professor de Língua Portuguesa Concurso Virtual.
- Professor de Língua Portuguesa do Canal dos Concursos.
- Técnico Judiciário do Tribunal Regional do Trabalho da Primeira Região.

Lilian Furtado

- Doutoranda em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Mestre em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Bacharel em Letras: Português-Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Licenciada em Letras: Português-Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Professora de Língua Portuguesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro.
- Professora de Língua Portuguesa e Redação do curso Damásio de Jesus.
- Professora de Língua Portuguesa e Redação do curso LFG/NTC.
- Professora de Língua Portuguesa e Redação do Curso Multiplus.
- Autora de livros para concursos da Editora Método.

Pedro Henrique

- Letras – (Português – Literatura) pela UNESA.
- Direito – (UNIVERCIDADE)
- Ex-professor de Língua Portuguesa do Curso Concursando Enfermagem.
- Ex-professor de Língua Portuguesa da FEMPERJ.
- Ex-Professor de Língua Portuguesa da Companhia dos Módulos.
- Coordenador de Língua Portuguesa e Redação do CELP (Centro de Estudos da Língua Portuguesa).
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do CELP (Centro de Estudos da Língua Portuguesa).
- Professor de Língua Portuguesa do Cláudio Borba Concursos.
- Professor de Língua Portuguesa do curso Multiplus.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do CEAV-RJ.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do CEAV-BA.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do CEJURIS.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do Curso Tamandaré.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do Concurso Virtual.
- Autor da Série Gabaritando de Questões Comentadas da Banca CESGRANRIO.
- Aprovado em diversos concursos – Colégio Naval, EPCAR, CRMV-RJ, Prefeitura do Rio de Janeiro, CEFET-RJ, entre outros.
- Ex-aluno do Colégio Naval
- Funcionário Público Federal do CEFET-RJ.

Tiago Omena

- Letras – (Português – Literatura) pela UNESA.
- Direito – (UNIABEU)
- Ex-professor de Língua Portuguesa do Curso Concursando Enfermagem.
- Ex-professor de Língua Portuguesa da FEMPERJ.
- Ex-Professor de Língua Portuguesa da Companhia dos Módulos.
- Coordenador de Língua Portuguesa e Redação do CELP (Centro de Estudos da Língua Portuguesa).
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do CELP (Centro de Estudos da Língua Portuguesa).
- Professor de Língua Portuguesa do Cláudio Borba Concursos.
- Professor de Língua Portuguesa do curso Multiplus.

- Professor de Língua Portuguesa e Redação do CEAV-RJ.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do CEAV-BA.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do CEJURIS.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do Curso Tamandaré.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do Concurso Virtual.
- Autor da Série Gabaritando de Questões Comentadas da Banca CESGRANRIO.
- Aprovado em diversos concursos – TRF-SP, TRF-AL, entre outros.

Apresentação

Essa obra foi imaginada com a intenção de oferecer ao candidato a um cargo no serviço público o máximo de ferramentas efetivas para a resolução de questões de interpretação de textos. Não pretendemos aqui discutir intelecções, mas sim tratar, de forma extremamente objetiva, o assunto. Muitas das questões de interpretação são elaboradas para deixar o aluno em dúvida entre duas alternativas, o que o leva normalmente para a marcação da errada. Qual o critério técnico para excluir essa alternativa? Qual o critério para ser a outra alternativa a resposta? Portanto, o nosso trabalho vai se pautar por esse caminho. Em vez de questionar as bancas, tentaremos mergulhar na cabeça – desculpem a conotação que demarca uma linguagem mais coloquial – dos autores dessas questões e tentar avaliar quais os argumentos que eles poderiam ter para chegar a uma resposta. Faremos um passeio pelo estudo das figuras e funções de linguagem, pela semântica dos afixos e radicais, dos nomes e verbos e sobretudo dos conectores. Nós nos aprofundaremos na tipologia textual, observaremos minuciosamente os recursos argumentativos e destacaremos a análise dos enunciados das questões (se o comando exige resposta explícita ou implícita), fator que se torna tão decisivo para se atingir a alternativa certa. O fechamento de todos os assuntos abordados se dará com um rol de questões sempre apresentado com gabarito comentado. Por fim, a cereja do nosso bolo – olhe a conotação aí novamente – é a análise de mais 100 questões, evidentemente com gabarito comentado, compreendendo todos os assuntos mencionados no livro. Pela nossa experiência, temos a convicção de que essa obra será de extrema valia a todos que pretendem ingressar no serviço público.

Epígrafe

AUTOPSICOGRAFIA

O POETA é um fingidor.

Finge tão completamente

Que chega a fingir que é dor

A dor que deveras sente.

E os que leem o que escreve,

Na dor lida sentem bem,

Não as duas que ele teve,

Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas de roda

Gira, a entreter a razão,

Esse comboio de corda

Que se chama o coração.

Fernando Pessoa

Prefácio

Realizar provas de concursos públicos é uma tarefa que exige muita interpretação não só nas questões de língua portuguesa, mas em todas as disciplinas. A interpretação é essencial para se compreender o que de fato o examinador quer. Esse ponto é muito delicado.

Como professores, percebemos que muitos alunos são reprovados por não terem sabido interpretar corretamente os enunciados da prova, embora soubessem o assunto. Erram questões que teriam plena condição de acertar, se entendessem o que se pede.

A língua portuguesa é extremamente complexa, com palavras de múltiplos sentidos e verbos com grande número de conjugações, em que um detalhe faz toda a diferença.

Esta obra apresenta, de modo objetivo e claro, o resultado de mais de 40 anos somados em experiências de sala de aula. Os autores transmitem, de forma extremamente didática e inovadora, as técnicas e os métodos de interpretação textual, demonstrando que o ato de interpretar não é algo tão "subjetivo", como muitos pensam, mas sim uma atividade que exige uma análise aprofundada e técnica do texto lido.

Ao analisarmos este trabalho, notamos que esta obra irá ajudar todo aquele que, ao primeiro contato com o texto, saberá extrair os elementos necessários para a informação, reconhecimento e interpretação do mesmo, e por isso afirmamos, sem sofisma, que se trata de um instrumento essencial para sanar as dúvidas em relação às questões de prova, bem como facilitar a comunicação no cotidiano.

É uma grande honra para nós do Concurso Virtual sermos escolhidos para escrever o prefácio da obra deste fantástico quarteto: Marcelo Rosenthal, com sua expertise; Lilian Furtado, com a sua sutileza ao passar a matéria; Pedro Henrique, com seu carisma; e Tiago Omena, com a sua objetividade.

Temos a certeza de que todos são professores de altíssima qualidade, apaixonados pelo que fazem e sempre atentos às necessidades dos candidatos a concursos públicos, pois é isso que ouvimos dos nossos alunos no dia a dia, nos enchendo de orgulho por tê-los em nosso corpo docente.

Alexandre Prado, Marcelo Marques, Raphael Vianna e Rodrigo Menezes,

diretores do Concurso Virtual

Capítulo 1

Interpretação Textual

Interpretar é entender o que está escrito no texto, em outras palavras, é explicar, é esclarecer, é reproduzir de uma outra forma algo que já foi dito. Assim, para falar em interpretação textual é fundamental saber o que é texto.

A palavra texto é originada do latim textum e significa entrelaçamento, ou seja, um texto é um entrelaçamento de ideias, por isso, um texto escrito não é apenas uma enumeração de frases e de orações e sim um conjunto de informações conectadas entre si que estabelecem a coesão e a coerência textual.

Segundo FÁVERO (1997), "O texto consiste em qualquer passagem falada ou escrita que forma um todo significativo independente de sua extensão". Dessa forma, podemos considerar que o texto é qualquer forma de comunicação oral ou escrita, verbal ou não verbal sempre direcionado ao leitor, assim, músicas, bulas de remédio, faixas, pinturas, charges, gestos recitais, shows etc. são formas diferentes de texto.

1 – O texto

Vejamos alguns exemplos:

Texto 1

Texto 2

Texto 3

Os textos acima não apresentam frases ou orações, são constituídos apenas de imagens e, ainda assim, conseguimos entender a mensagem de cada um deles. Analisando as figuras, verificamos que o texto 1 apresenta placas de sinalização utilizadas pelas normas de trânsito. Podemos observar ainda que a primeira placa mostra que é proibida circulação de bicicletas e mais ao fundo observamos uma outra placa que indica a presença de quebra-mola na pista. Já o texto 2 tem uma imagem que indica a necessidade de silêncio no estabelecimento em que ela foi fixada. O terceiro texto é uma charge da Mafalda que, ao caminhar por uma calçada, se surpreende ao pisar em um trecho alagado. Após constatar que a água não provinha de chuva, a personagem continua sua caminhada tentando saber a causa de tanta água até que num determinado momento se depara com inúmeras pessoas chorando.

Texto 4

"Renda-se, como eu me rendi. Mergulhe no que você não conhece como eu

mergulhei. Não se preocupe em entender, viver ultrapassa qualquer entendimento."

(Clarice Lispector)

Texto 5

Circuito Fechado

Chinelos, vaso, descarga. Pia, sabonete. Água. Escova, creme dental, água, espuma, creme de barbear, pincel, espuma, gilete, água, cortina, sabonete, água fria, água quente, toalha. Creme para cabelo; pente. Cueca, camisa, abotoaduras, calça, meias, sapatos, gravata, paletó. Carteira, níqueis, documentos, caneta, chaves, lenço, relógio, maços de cigarros, caixa de fósforos. Jornal. Mesa, cadeiras, xícara e pires, prato, bule, talheres, guardanapos. Quadros. Pasta, carro. Cigarro, fósforo. Mesa e poltrona, cadeira, cinzeiro, papéis, telefone, agenda, copo com lápis, canetas, blocos de notas, espátula, pastas, caixas de entrada, de saída, vaso com plantas, quadros, papéis, cigarro, fósforo. Bandeja, xícara pequena. Cigarro e fósforo. Papéis, telefone, relatórios, cartas, notas, vales, cheques, memorandos, bilhetes, telefone, papéis. Relógio. Mesa, cavalete, cinzeiros, cadeiras, esboços de anúncios, fotos, cigarro, fósforo, bloco de papel, caneta, projetos de filmes, xícara, cartaz, lápis, cigarro, fósforo, quadro-negro, giz, papel. Mictório, pia, água. Táxi. Mesa, toalha, cadeiras, copos, pratos, talheres, garrafa, guardanapo, xícara. Maço de cigarros, caixa de fósforos. Escova de dentes, pasta, água. Mesa e poltrona, papéis, telefone, revista, copo de papel, cigarro, fósforo, telefone interno, externo, papéis, prova de anúncio, caneta e papel, relógio, papel, pasta, cigarro, fósforo, papel e caneta, telefone, caneta e papel, telefone, papéis, folheto, xícara, jornal, cigarro, fósforo, papel e caneta. Carro. Maço de cigarros, caixa de fósforos. Paletó, gravata. Poltrona, copo, revista. Quadros. Mesa, cadeiras, pratos, talheres, copos, guardanapos. Xícaras, cigarro e fósforo. Poltrona, livro. Cigarro e fósforo. Televisor, poltrona. Cigarro e fósforo. Abotoaduras, camisa, sapatos, meias, calça, cueca, pijama, espuma, água. Chinelos. Coberta, cama, travesseiro.

(Ricardo Ramos)

Ao comparamos os textos 4 e 5, observamos que ambos são textos escritos, entretanto com diferenças entre si. O texto 4 é direcionado ao leitor e foi elaborado a partir da utilização de orações, conectores coesivos e pontuação. Já quando lemos o texto 5, verificamos de imediato que se trata de um tipo de texto mais atípico ao que estamos acostumados a ver e a conceber como texto. Isso pode

acontecer porque temos a sensação de que se trata apenas de um emaranhado de palavras soltas, composto principalmente de substantivos. Contudo, ao fazermos uma leitura mais atenta, constatamos que a sequência com que os substantivos foram organizados nos permite verificar a história de um homem comum vivendo sua rotina. Assim, o texto 5, apesar de ser apresentado com uma estrutura diferente do que estamos acostumados, é um texto, pois apresenta significado.

Até agora, vimos textos exclusivamente compostos de imagens e textos compostos exclusivamente de escrita. Observe abaixo o quadrinho do Calvim.

Texto 6

<u>Calvim em: Pisei no cocô</u>

http://phellippe.arteblog.com.br/77956/Cavim-em-Pisei-no-coco/

O texto acima é conhecido teoricamente como texto misto por ser composto simultaneamente por imagens e escrita. Ambos os recursos são fundamentais para o entendimento do significado. Observe que no primeiro quadrinho o fato de Calvim gritar pela mãe é composto por um detalhe primordial que não podemos deixar de observar: ele está com os pés do lado de fora da casa. No segundo e terceiro quadrinhos, verificamos que Calvim reflete e obedece à ordem da mãe. Por fim, notamos que só é possível depreender o significado de todo o texto somando a parte escrita da fala de Calvim com a imagem de desespero da mãe.

1.1. TIPOLOGIA TEXTUAL

Quando falamos em **tipo textual**, atualmente conhecido como **modo de organização do discurso** ou **modo textual**, nos referimos à forma como o texto se organiza em relação à informação que será apresentada, aos aspectos sintáticos, aos tempos dos verbos, às relações lógicas etc. Tradicionalmente os tipos textuais são classificados de três formas: **narrativo, descritivo** e **dissertativo (informativo ou argumentativo)**. Entretanto, atualmente, estudiosos defendem a existência de mais dois tipos textuais: **o injuntivo e o dialogal**.

É imprescindível lembrar que esses **modos de organização do discurso** nem sempre aparecem "puros" no texto, ou seja, dificilmente encontraremos textos com características unicamente narrativas ou descritivas. Em um romance, por exemplo, vemos a imbricação entre a narração do enredo e a descrição do espaço.

É importante ressaltar que muitas pessoas fazem confusão entre tipo textual e gênero textual. O gênero textual é um formato que se propõe a uma finalidade. Assim, uma lenda, uma ata de reunião, uma carta, uma fábula, uma receita, uma bula de remédio são diferentes gêneros textuais que possuem formatos distintos. Esses formatos permitem ao leitor identificar, por exemplo, a distinção entre a bula de remédio e a receita de um bolo, pois a forma como o texto é predisposto facilita a verificação do que o texto quer de fato comunicar. Podemos constatar, dessa forma, que temos inúmeros gêneros e que nesses gêneros podemos encontrar cinco tipos textuais. Para que fique mais fácil compreender, vamos analisar abaixo cada tipo textual.

1.1.1. Narração

A construção de um texto narrativo pressupõe a existência de um narrador, que pode ou não ser apresentado de forma explícita no texto. Este narrador tem como objetivo relatar fatos, que ocorreram em determinado tempo e lugar e que envolvem personagens. Assim, podemos entender que no texto narrativo há uma sequência de ações que ocorrem ao longo do tempo, mantendo a progressão temporal e consequentemente a sequência lógica do texto. Além disso, é possível observar a predominância de verbos de ação. Vejamos os exemplos abaixo:

Exemplo 1:

Coruja e águia, depois de muita briga, resolveram fazer as pazes.

– Basta de guerra – disse a coruja. O mundo é tão grande, e tolice maior que o mundo é andarmos a comer os filhotes uma da outra.

– Perfeitamente – respondeu a águia. – Também eu não quero outra coisa.

– Nesse caso combinemos isto: de agora em diante não comerás nunca os meus filhotes.

– Muito bem. Mas como posso distinguir os teus filhotes?

– Coisa fácil. Sempre que encontrares uns borrachos lindos, bem feitinhos de corpo, alegres, cheios de uma graça especial que não existe em filhote de nenhuma outra ave, já sabes, são os meus.

– Está feito! – concluiu a águia.

Dias depois, andando à caça, a águia encontrou um ninho com três monstrengos dentro, que piavam de bico muito aberto.

– Horríveis bichos! – disse ela. Vê-se logo que não são os filhos da coruja.

E comeu-os.

Mas eram os filhos da coruja. Ao regressar à toca a triste mãe chorou amargamente o desastre e foi justar contas com a rainha das aves.

– Quê? – disse esta, admirada. Eram teus filhos aqueles monstrenguinhos? Pois, olha, não se pareciam nada com o retrato que deles me fizeste…"

Exemplo 2:

Tragédia brasileira

Misael, funcionário da Fazenda, com 63 anos de idade.

Conheceu Maria Elvira na Lapa prostituída com sífilis, dermite nos dedos, uma aliança empenhada e os dentes em petição de miséria.

Misael tirou Maria Elvira da vida, instalou-a num sobrado no Estácio, pagou médico, dentista, manicura… Dava tudo quanto ela queria.

Quando Maria Elvira se apanhou de boca bonita, arranjou logo um namorado. Misael não queria escândalo. Podia dar urna surra, um tiro, urna facada. Não fez nada disso: mudou de casa.

Viveram três anos assim.

Toda vez que Maria Elvira arranjava namorado, Misael mudava de casa.

Os amantes moraram no Estácio, Rocha, Catete, Rua General Pedra, Olaria,

Ramos, Bom Sucesso, Vila Isabel, Rua Marquês de Sapucaí, Niterói, encantado, Rua Clapp, outra vez no Estácio, Todos os Santos, Catumbi, Lavradio, Boca do Mato, Inválidos…

Por fim na Rua da Constituição, onde Misael, privado de sentidos e inteligência, matou-a com seis tiros, e a polícia foi encontrá-la caída em decúbito dorsal, vestida de organdi azul.

Manuel Bandeira

Exemplo 3:

Eduardo e Mônica

Quem um dia irá dizer
Que existe razão
Nas coisas feitas pelo coração?
E quem irá dizer
Que não existe razão?
Eduardo abriu os olhos, mas não quis se levantar
Ficou deitado e viu que horas eram
Enquanto Mônica tomava um conhaque
No outro canto da cidade, como eles disseram.
Eduardo e Mônica um dia se encontraram sem querer
E conversaram muito mesmo pra tentar se conhecer…
Um carinha do cursinho do Eduardo que disse:
"Tem uma festa legal, e a gente quer se divertir"
Festa estranha, com gente esquisita
"Eu não tô legal", não aguento mais birita"
E a Mônica riu, e quis saber um pouco mais
Sobre o boyzinho que tentava impressionar
E o Eduardo, meio tonto, só pensava em ir pra casa
"É quase duas, eu vou me ferrar…"
Eduardo e Mônica trocaram telefone
Depois telefonaram e decidiram se encontrar
O Eduardo sugeriu uma lanchonete,
Mas a Mônica queria ver o filme do Godard

Se encontraram então no parque da cidade
A Mônica de moto e o Eduardo de "camelo"
O Eduardo achou estranho, e melhor não comentar
Mas a menina tinha tinta no cabelo
Eduardo e Mônica eram nada parecidos
Ela era de Leão e ele tinha dezesseis
Ela fazia Medicina e falava alemão
E ele ainda nas aulinhas de inglês
Ela gostava do Bandeira e do Bauhaus,
Van Gogh e dos Mutantes, de Caetano e de Rimbaud
E o Eduardo gostava de novela
E jogava futebol-de-botão com seu avô
Ela falava coisas sobre o Planalto Central
Também magia e meditação
E o Eduardo ainda tava no esquema: "escola, cinema
clube, televisão".
E mesmo com tudo diferente, veio mesmo, de repente
Uma vontade de se ver
E os dois se encontravam todo dia
E a vontade crescia, como tinha de ser…
Eduardo e Mônica fizeram natação, fotografia
Teatro, artesanato, e foram viajar
A Mônica explicava pro Eduardo
Coisas sobre o céu, a terra, a água e o ar…
Ele aprendeu a beber, deixou o cabelo crescer
E decidiu trabalhar (nããão)
E ela se formou no mesmo mês
Que ele passou no vestibular
E os dois comemoraram juntos
E também brigaram juntos, muitas vezes depois
E todo mundo diz que ele completa ela
E vice-versa, que nem feijão com arroz

Construíram uma casa há uns dois anos atrás
Mais ou menos quando os gêmeos vieram
Batalharam grana, seguraram legal
A barra mais pesada que tiveram
Eduardo e Mônica voltaram pra Brasília
E a nossa amizade dá saudade no verão
Só que nessas férias, não vão viajar
Porque o filhinho do Eduardo tá de recuperação
Ah! Ahan!
E quem um dia irá dizer
Que existe razão
Nas coisas feitas pelo coração?
E quem irá dizer
Que não existe razão!

Renato Russo

O texto do exemplo 1 é uma fábula. Esse gênero textual é organizado em uma estrutura específica, pois quase sempre seus personagens são bichos, que ganham características humanas e, além disso, tem sempre um ensinamento moral, revelado ao final da história. O texto 2 e o texto 3 também são predominantemente narrativos, embora pertençam a gêneros diferentes: o texto 2 é um romance e o texto 3 é uma música.

É importante também destacar que o texto 1 tem caráter fantástico, pois a fábula não se compromete com a veracidade dos fatos, pelo contrário, as fábulas são fantasiosas e figuradas. Já o texto 2 tem objetivo comunicativo diferente, pois é um texto com personagens bem definidos e que, principalmente, se compromete com a veracidade dos fatos relatados da mesma maneira que acontece com o texto 3.

Observe o quadro abaixo:

TEXTO 1	**TEXTO 2**	**TEXTO 3**
Gênero: Fábula Objetivo: moral	Gênero: Romance Objetivo: verossímil	Gênero: Música Objetivo: verossímil
Tipo textual	Tipo textual	Tipo textual predominante:

predominante: narração Objetivo: relatar fatos	predominante: narração Objetivo: relatar fatos	narração Objetivo: relatar fatos
Personagens: águia e coruja	Personagens: Misael e Maria Elvira	Personagens: Eduardo e Mônica
Tempo: duração até a próxima caçada da águia	Tempo: duração do relacionamento	Tempo: início do relacionamento até a reprovação do filho

Observe que utilizamos a palavra predominante para classificar a tipologia, pois, em ambos os textos, verificamos também a existência de trechos descritivos, que não são suficientes para classificarmos os textos como descritivos.

1.1.2. Descrição

O texto descritivo apresenta uma sequência de características de um indivíduo, de um objeto, de um lugar etc. Textos descritivos geralmente são ricos em adjetivos ou expressões qualificativas e têm como objetivo a construção da imagem, pois o leitor é capaz de visualizar o que é descrito apenas com os dados apresentados no texto. Tradicionalmente, é comum considerar que o texto descritivo é mais estático já que se fundamenta no espaço enquanto o texto narrativo apresenta movimento uma vez que se fundamenta no tempo.

Exemplo 1:

Trecho retirado do livro Madame Bovary

A fachada de tijolos era perfeitamente alinhada à beirada da rua, ou melhor, da estrada. Atrás da porta estavam pendurados uma capa de gola curta, um freio, um boné de oleado e, a um canto, no chão, um par de polainas ainda cobertas de lama seca. À direita era a sala, isto é, o lugar onde comiam e onde sempre ficavam. Um papel cor de canário, com cercadura de flores descoradas, tremia sobre o pano em que estava colado; cortinas de chita branca, orladas de galão vermelho, entrecruzavam-se nas janelas e na estreita pedra do fogão resplandecia um relógio com a cabeça de Hipócrates entre dois castiçais de prata lavrada, debaixo de redomas ovais. Do outro lado do corredor estava o gabinete de Carlos, pequena peça de dois metros de largura, mais ou menos, com uma mesa, três cadeiras e

uma poltrona.

Gustave Flaubert

Exemplo 2:

Anúncio de jornal

Vendo sitio 18 hectares, belíssimas cachoeiras com várias quedas, vários poços para tomar banho, o sitio é cortado por duas enormes cachoeiras, 2 lagos de peixe, pés de laranja, tangerina, caqui entre outros. Aproximadamente 1500 pés de banana, 2 casas c 2 quartos sala, cozinha e banheiro e varanda, um barracão de madeira, galinheiro. Lugar para quem gosta de tranquilidade. Também posso vender a metade do sitio com uma casa. O sítio tem cadastro no INCRA e no IBAMA, os impostos estão em dia. Tel convencional só horário comercial documentação em meu nome.

Exemplo 3:

A casa

Era uma casa
Muito engraçada
Não tinha teto
Não tinha nada
Ninguém podia
Entrar nela não
Porque na casa
Não tinha chão
Ninguém podia
Dormir na rede
Porque a casa
Não tinha parede
Ninguém podia
Fazer pipi
Porque penico
Não tinha ali
Mas era feita
Com muito esmero

Na Rua dos Bobos
Número Zero.

Vinícius de Moraes

A respeito dos textos acima, observamos que, apesar de serem de gêneros diferentes, ambos são predominantemente textos descritivos.

Observe o quadro abaixo:

TEXTO 1	**TEXTO 2**	**TEXTO 3**
Gênero: Romance Objetivo: despertar o leitor para o relato de uma história	Gênero: Anúncio de Jornal Objetivo: vender	Gênero: Música Objetivo: despertar o leitor para as características de uma casa.
Tipo textual predominante: descrição Objetivo: caracterização de objetos ou lugar	Tipo textual predominante: descrição Objetivo: caracterização de lugar	Tipo textual predominante: descrição Objetivo: caracterização de pessoa

1.1.3. Injunção

No texto injuntivo, o autor tenta fazer com que leitor tome atitudes a partir de uma sequência de comandos por meio do convencimento. O texto injuntivo geralmente apresenta ordem, pedido, conselho etc. e por isso há predominância de verbos no imperativo e a ordenação seriada das informações, especialmente sob a forma de orações coordenadas.

Exemplo 1:

Receita de pizza

1. Peneire a farinha e o sal em uma tigela grande. Adicione o fermento e misture.
2. Faça um buraco no centro dos ingredientes secos. Despeje a água e o azeite e mexa até formar uma massa mole.
3. Amasse a massa sobre uma superfície levemente enfarinhada por mais ou menos 10 minutos, até que ela fique lisa e elástica.
4. Coloque a massa em uma tigela untada e cubra com plástico transparente. Deixe-a em um local morno para crescer por mais ou menos 1 hora, até que ela tenha dobrado de tamanho.

5. Amasse novamente a massa. Coloque-a sobre uma base levemente enfarinhada e amasse por 2 a 3 minutos. Abra a massa como desejado e coloque-a em uma fôrma untada. A massa está pronta para a cobertura.

(http://www.muitomaisreceitas.com.br/receitas/tortas_paes_e_pizzas/massa_basica

Exemplo 2:

Os anjos

Pegue duas medidas de estupidez
Junte trinta e quatro partes de mentira
Coloque tudo numa forma
Untada previamente
Com promessas não cumpridas
Adicione a seguir o ódio e a inveja
Dez colheres cheias de burrice
Mexa tudo e misture bem
E não se esqueça antes de levar ao forno temperar
Com essência de espírito de porco
Duas xícaras de indiferença
e um tablete e meio de preguiça (...)

(Trecho da música os anjos de Renato Russo)

Exemplo 3:

Propagandas

Como observamos acima, os textos, apesar de serem de gêneros diferentes, apresentam a mesma tipologia: a injunção. Nos exemplos 1 e 2, percebemos a

preocupação do autor em orientar o leitor na execução de algo. No exemplo 1, temos uma sequência de ações que devem ser empregadas na ordem dada para que seja possível fazer a pizza. No exemplo 2, verificamos que o compositor Renato Russo adiciona ao gênero música um trecho do gênero receita. No exemplo 3, é possível notar que, embora os textos não apresentem uma sequência de ações a serem tomadas pelo leitor, as propagandas têm como objetivo convencer o leitor a tomar a decisão de adquirir o produto. Note que em ambos os textos verificamos a predominância de verbos no imperativo, por ser este, dentro do que considera a tradição gramatical, o modo verbal responsável pelos sentidos de ordem, pedido, conselho, sugestão ou súplica.

Observe o quadro abaixo:

TEXTO 1	**TEXTO 2**	**TEXTO 3**
Gênero: Receita Objetivo: ensinar os passos de um procedimento	Gênero: música Objetivo: criticar o comportamento da sociedade de forma geral	Gênero: propaganda Objetivo: convencer o leitor a adquirir algo
Tipo textual predominante: injunção Objetivo: dizer como fazer uma ação	Tipo textual predominante: injunção Objetivo: dizer como fazer uma ação	Tipo textual predominante: injunção Objetivo: levar à realização de uma ação

1.1.4. Diálogo

No texto dialogal, é possível observar que o texto é constituído por no mínimo dois locutores, que estabelecem um intercâmbio verbal. Este tipo de texto é organizado de forma a reproduzir uma conversa da oralidade, pois conferem realismo ao diálogo realizado pelos personagens que participam do mesmo espaço e discutem sobre o mesmo tema. Este texto se difere da narração, pois o narrador, quando aparece, tem apenas a função de apresentar o diálogo que ocorre na primeira pessoa do singular.

Exemplo 1:

Folha – Como foi voltar a filmar com Pedro Almodóvar?

Antonio Banderas – Foi como um nascimento, meu segundo nascimento. É

difícil trabalhar com ele, porque exige muito. Para mim, é caminhar num terreno desconhecido, cujo resultado me deixou muito contente.

O que mudou no período em que não trabalharam juntos?

Muita coisa mudou, mas na vida pessoal continuamos muito amigos. No terreno artístico ele se converteu em um diretor mais profundo, mais sério, mais completo quanto ao conteúdo e na forma mais minimalista, quase japonês. Em minha carreira, nesse tempo, eu interpretei muita coisa, [fiz] filmes de terror, musicais, aventura, ação, filme para crianças. Reconheço que me apetecia me envolver com um cinema mais comprometido, com Woody Allen, Pedro Almodóvar.

Que tal as brasileiras?

Não tive tempo para conhecer muitas mulheres brasileiras porque fiquei em lugares fechados concedendo entrevistas (risos). Há uma alegria inata neste país. Recordo um filme chamado "Orfeu Negro" (1959) [filme dirigido por Marcel Camus, baseado na peça "Orfeu da Conceição", de Vinicius de Moraes], que falava sobre a morte e ao mesmo tempo havia uma exaltação da alegria exatamente porque a morte é a única certeza.

Qual é a brasileira mais bonita?

A mais bela? É muito difícil porque há muitas mulheres muito belas aqui. A união de raças produz gente muito bonita aqui. A beleza das mulheres daqui não é tradicional. Há mulheres que não têm a beleza dentro das coordenadas, do padrão. Eu prefiro não intelectualizar, porque senão vou perder esse sabor, prefiro apenas observar e desfrutar.

O que acha do nosso cinema?

O Brasil está crescendo e o cinema vai junto. O trabalho de Walter Salles e Bruno Barreto são legados. Mas creio que o Rio não é uma cidade suficientemente retratada pelo cinema. Há algo muito espetacular aqui que não foi completamente retratado.

Como se envolveu com perfumes e fotografia?

Comecei minha atividade empresarial há 14 anos, mas não sou um vendedor de perfumes, sou um artista. Também me encanta a fotografia e a música.

(trecho da entrevista da Folha Online – http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/920728-banderas-diz-que-mulher-brasileira-e-para-observar-e-desfrutar.shtml)

Exemplo 2:

Ema prosseguia:

– E que música prefere o senhor?

– A música alemã, que é a que mais nos predispõe ao devaneio.

– Conhece os italianos?

– Ainda não; mas tenciono frequentá-los no ano que vem, quando for residir em Paris, para completar o meu curso de Direito.

(Trecho da obra Madame Bovary de Gustave Flaubert)

Exemplo 3:

Olá, como vai?
Eu vou indo e você, tudo bem?
Tudo bem eu vou indo correndo
Pegar meu lugar no futuro, e você?
Tudo bem, eu vou indo em busca
De um sono tranquilo, quem sabe…
Quanto tempo… pois é…
Quanto tempo…
Me perdoe a pressa
É a alma dos nossos negócios
Oh! Não tem de quê
Eu também só ando a cem
Quando é que você telefona?
Precisamos nos ver por aí
Pra semana, prometo talvez nos vejamos
Quem sabe?
Quanto tempo… pois é… (pois é… quanto tempo…)
Tanta coisa que eu tinha a dizer
Mas eu sumi na poeira das ruas
Eu também tenho algo a dizer
Mas me foge a lembrança
Por favor, telefone, eu preciso
Beber alguma coisa, rapidamente

Pra semana
O sinal…
Eu espero você
Vai abrir…
Por favor, não esqueça,
Adeus…

Paulinho da Viola

1.1.5. Dissertação

O texto dissertativo é elaborado a partir da apresentação de fatos, opiniões, pensamentos ou informações sobre determinado assunto. Geralmente, as ideias apresentadas são encadeadas utilizando-se a terceira pessoa do singular, uma das formas de marcar gramaticalmente a impessoalidade, entretanto, nas provas de interpretação, é comum observar textos dissertativos em que o autor se utiliza da primeira pessoa para expor sua opinião. A depender do objetivo do autor, a dissertação pode ser expositiva (texto informativo) ou argumentativa e geralmente dividida em introdução, desenvolvimento e conclusão. A diferença básica entre os dois tipos de texto é que, no primeiro, o autor não se propõe a convencer o leitor, fazendo apenas uma explicação sobre o assunto apresentado, relatando dados e ideias. Já na argumentação, o autor, além de tentar convencer o leitor a respeito da ideia apresentada, emprega um raciocínio lógico e coerente, utilizando como base de argumentação provas que evidenciem suas ideias.

Vejamos os textos abaixo:

1.1.5.1. Dissertação informativa (expositiva)

Lua pode conter tanta água quanto a Terra, revela estudo

A Lua poderia ter muito mais água do que o imaginado, talvez tanta quanto a Terra, uma descoberta que lança dúvidas sobre a formação do satélite, revela um estudo divulgado esta quinta-feira nos Estados Unidos.

Durante muito tempo acreditou-se que a Lua fosse um local seco e poeirento até que, há poucos anos, descobriu-se água pela primeira vez.

Agora, cientistas das universidades Case Western Reserve e Brown acreditam que no interior da Lua haja cem vezes mais água do que se pensava inicialmente.

As descobertas foram feitas com o uso de um instrumento de precisão, chamado NanoSIMS 50L –um microanalisador de íons-– para examinar o magma lunar ou pequenas quantidades de rocha derretida, coletada pela Apolo 17, a última missão americana à Lua, em 1972.

"Estas amostras são a melhor janela que temos para [calcular] a quantidade de água no interior da Lua", disse James Van Orman, coautor do estudo e professor de ciências geológicas do Case Western.

"O interior parece ser bastante similar no interior da Terra, razão pela qual sabemos sobre a abundância de água", acrescentou.

As descobertas foram publicadas na edição de 26 de maio da "Science Express".

A mesma equipe publicou um trabalho na "Nature" em 2008, descrevendo a primeira evidência da presença de água nos cristais vulcânicos trazidos pelas missões Apolo.

"O essencial é que em 2008 dissemos que o conteúdo primitivo de água no magma lunar deveria ser similar à água contida na lava proveniente da drenagem do manto superior da Terra", disse outro coautor do estudo, Alberto Saal. "Agora, provamos que este é o caso", acrescentou.

Enquanto as descobertas corroboram a teoria longamente sustentada de que a Lua e a Terra têm origens comuns, também lançam dúvidas sobre a crença de que a Lua pode ter se formado após um desprendimento da Terra, perdendo boa parte de sua umidade neste processo de alta temperatura.

Segundo esta teoria, de "enorme impacto" nos anos 1970, a Lua se formou depois que o nosso planeta colidiu com uma rocha espacial ou planeta 4,5 bilhões de anos atrás.

"Esta nova pesquisa revela que aspectos desta teoria devem ser reavaliados", destacou o estudo.

As descobertas também levantam interrogações sobre as teorias que afirmam que o gelo encontrado nas crateras dos polos lunares pode ser resultante do impacto de meteoros, sugerindo que parte do mesmo pode ter provindo da erupção de magmas lunares.

A Nasa (agência espacial americana) anunciou, em 2009, que duas naves enviadas à Lua para colidir com a superfície do satélite descobriram pela primeira vez água congelada, uma revelação considerada um enorme passo adiante na

exploração espacial.

(25/05/2011 – http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/921297-lua-pode-conter-tanta-agua-quanto-a-terra-revela-estudo.shtml)

1.1.5.2. Dissertação argumentativa

Nos últimos anos, a discussão sobre o aquecimento global e suas consequências se tornou onipresente entre governos, empresas e cidadãos. É louvável que todos queiram salvar o planeta, mas o debate sobre como fazê-lo chegou ao patamar da irracionalidade. Entre cientistas e ambientalistas, estabeleceu-se uma espécie de fervor fanático e doutrinário pelas conclusões pessimistas do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), órgão da ONU. Segundo elas, ou se tomam providências radicais para cortar as emissões de gases do efeito estufa decorrentes da atividade humana, ou o mundo chegará ao fim do século XXI à beira de uma catástrofe. Nos últimos três meses, numa reviravolta espetacular, a doutrina do aquecimento global vem se desmanchando na esteira de uma série de escândalos.

Descobriu-se que muitas das pesquisas que dão sustentação aos relatórios emitidos pelo IPCC não passam de especulação sem base científica. Pior que isso: os cientistas que conduzem esses estudos manipularam dados para amparar suas conclusões.

A reputação do IPCC sofreu um abalo tectônico no início do ano quando se descobriu um erro grosseiro numa das pesquisas que compõem seu último relatório, divulgado em 2007. O texto afirma que as geleiras do Himalaia podem desaparecer até 2035, por causa do aquecimento global. O derretimento traria consequências devastadoras para bilhões de pessoas na Ásia, que dependem da água produzida pelo degelo nas montanhas. Os próprios cientistas que compõem o IPCC reconheceram que a previsão não tem o menor fundamento científico e foi elaborada com base em uma especulação. O mais espantoso é que tal previsão tenha sido tratada como verdade incontestável por três anos, desde a publicação do documento.

Os relatórios do IPCC são elaborados por 3000 cientistas de todo o mundo e, por enquanto, formam o melhor conjunto de informações disponível para estudar os fenômenos climáticos. O erro está em considerá-lo infalível e, o que é pior, transformar suas conclusões em dogmas.

(SOUZA, Okky de.. Veja, pp. 94-95, 24 fev.2010. com adaptações)

Observe que, no texto **Lua pode conter tanta água quanto a Terra, revela estudo**, o autor do texto não tem o objetivo de convencer o leitor a respeito do assunto; é, na realidade, possível notar que sua intenção é apenas informar o leitor sobre a possibilidade de a Lua ter mais água do que a ciência imaginava até o momento. Note que a abordagem do tema é imparcial, e o autor não revela claramente seu posicionamento, seu ponto de vista, em relação ao assunto apresentado no texto. Por outro lado, no segundo texto (a dissertação argumentativa), podemos observar o posicionamento do autor do texto em várias passagens como, por exemplo, em: "**É louvável** que todos queiram salvar o planeta, mas o debate sobre como fazê-lo chegou **ao patamar da irracionalidade** (...)"; numa **reviravolta espetacular** (...); **Pior que isso** (...). Tais expressões marcam nitidamente a opinião do autor do texto, ainda que ele não tenha feito isso utilizando a primeira pessoa gramatical (eu acho, eu penso, nós sabemos...) para expor sua opinião.

1.2. Tópico frasal

Quando lemos um texto, podemos identificar que cada um dos parágrafos do desenvolvimento apresenta uma ideia principal, também chamada de pequena tese, articulada diretamente com o assunto central do texto (tese geral ou grande tese). No caso do artigo dissertativo-argumentativo que você acabou de ler, o tema é o aquecimento global e suas consequências.

Caso você leia atentamente o primeiro parágrafo do texto, irá perceber que a primeira frase sintetiza toda a ideia presente. É essa frase com informação central do parágrafo que se chama de tópico frasal.

Vale lembrar que, nas questões de interpretação, os examinadores podem pedir para identificar a ideia principal do texto e você deverá saber também que não existe obrigatoriedade de a primeira frase do parágrafo ser mesmo o tópico frasal. Isso acontece porque em alguns casos o tópico pode ser um período no meio do parágrafo, ou mesmo no final. É mais raro, mas é de bom alvitre lembrar que também não é obrigatório o tópico frasal ocorrer no primeiro parágrafo.

Vamos analisar detidamente a estrutura de cada um dos parágrafos da dissertação argumentativa:

1º parágrafo – O tópico frasal que o inicia apresenta a ideia central (grande tese) do texto: a discussão sobre o aquecimento global e suas consequências se tornou onipresente entre governos, empresas e cidadãos. Uma boa estratégia para identificar o tópico frasal é o tamanho do período; geralmente, o período do tópico frasal é menor do que os outros que o explicam. Nos períodos seguintes desse parágrafo, notaremos que o autor direciona a sua discussão e o seu posicionamento.

2º parágrafo e 3º parágrafo – As ideias principais que os abrem apresentam a informação central do próprio parágrafo que introduzem; a essa informação chamamos de pequena tese: o escândalo relacionado às pesquisas desenvolvidas pelo IPCC. As outras frases do parágrafo aprofundam essa visão geral, trazendo conhecimento objetivo acerca do assunto e o posicionamento do autor do texto em relação ao tema.

4º parágrafo – A ideia principal que o inicia traz a aceitação de que os relatórios emitidos pelo IPCC são fundamentais e que o problema é a forma como se lida com as informações contidas neles.

Outro assunto não menos importante e sempre cobrado nas questões de interpretação é o tipo de argumentação que pode ser utilizado como estratégia textual, seja para convencimento do leitor seja como mera informação. Torna-se imperioso observar que a tipologia textual será determinada pelo objetivo do autor, ou seja, predominância não significa necessariamente que o maior fragmento caracteriza a tipologia. Se um fragmento narrativo de trinta linhas foi utilizado como recurso argumentativo para a defesa de uma tese exposta em apenas uma linha, ainda assim o texto é dissertativo. Isso se esclarece pelo fato de que não é o número de linhas que caracteriza o texto como um todo, mas sim sua finalidade. Assim, podemos encontrar textos narrativos com argumentos de autoridade e textos argumentativos com trechos narrativos. Isso pode acontecer por meio de parágrafos expositivos que têm função meramente informativa; parágrafos argumentativos que explicam o porquê da tese ou tentam comprovar sua validade; e até mesmo trechos elaborados por meio de alusão histórica em que o autor cria uma ambientação situada historicamente, apresentando, por exemplo, antecedentes históricos. Lembre-se de que todas essas estratégias de argumentação são também consideradas estratégias de evidência, uma vez que a tese é defendida de forma a dar credibilidade ao texto, não apresentando dúvida

quanto à sua verdade.

1.3. TIPOS DE ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS

1.3.1. Argumentação por autoridade ou informações de terceiros

A argumentação por autoridade é realizada por meio da demonstração de opiniões de pessoas "consideradas autoridades" para a ideia proposta no tema do texto. Inclusive, podemos observar isso em um texto já utilizado em prova. Vejamos agora o texto e a utilização do argumento de autoridade. No capítulo de questões comentadas, esse texto será revisitado, com o devido aprofundamento de sua análise.

Prova: Cespe / UnB / PF / Delegado (Questão 40 do capítulo de questões comentadas)

Individualistas e comportados. E daí?

Cientistas sociais e filósofos de inúmeras correntes garantem: a geração de 90 é ambígua. Explica-se: os adolescentes dessa época buscam o bem-estar individual mas também consideram o conceito "viver dignamente" como um direito da humanidade. Só que eles não pretendem se fatigar nas lutas sociais, nem se sentem atraídos por bandeiras políticas ou cartilhas ideológicas. **Em uma pesquisa recente na França,** o item "justiça social" foi classificado como um dos menos importantes por moças e rapazes na faixa dos 14 aos 17 anos. Imediatamente, a geração que ouve Madonna, diverte-se com Steven Spielberg e devora sanduíches passou a ser chamada de "novos individualistas". **O filósofo e escritor francês Laurent Joffrin, autor do livro Um toque de Juventude, celebra com muito otimismo os "moralistas de blue jeans: "eles não são apáticos como se supõe. Seus interesses vão além do prazer imediato e da pura distração", explica Joffrin**. Mais cético, **seu colega Alain Finkelkraut acredita que os jovens dos anos 90 se apoiam em relacionamentos superficiais e valores distorcidos. "Comportam-se como se a vida fosse um grande videoclip...", lamenta.** Enquanto os intelectuais batem boca, os ingleses que cresceram ouvindo a balada conservadora de Margareth Thatcher hoje insistem que a vida comportada é muito melhor. **Em um pesquisa da revista Look Now,** moças e rapazes de 15 a 24 anos confessam gostar de boas roupas,

querem ser vistos como pessoas sensíveis e responsáveis, pretendem ter uma carreira sólida e fazer fortuna. Desnecessário dizer que a Dama de Ferro adorou os resultados da pesquisa.

Greenghalg, Laura. "Sociedade dos Poetas Vivos". Elle, p. 35, ago/1998 (com adaptações).

Observe que os trechos em negrito são todos considerados argumentos de autoridade, pois o autor tem como objetivo tornar o seu texto mais convincente e para isso não se utiliza apenas das falas de cada indivíduo citado no texto, mas também das funções que lhe conferem esta autoridade, uma vez que a pessoa citada no texto pode não ser conhecida do leitor. Assim é possível constatar que não é apenas o nome do indivíduo que caracteriza a autoridade, e sim a importância que esse individuo traz ao tema apresentado. Da mesma maneira isso acontece com o uso de pesquisas que conferem veracidade às informações apresentadas.

1.3.2. Argumentação por analogia ou por comparação

Este tipo de argumentação acontece por meio de uma comparação. Veja o exemplo:

"A vida agitada das grandes cidades aumenta os índices de doenças do coração. Imagine o leitor, por exemplo, um automóvel dirigido suavemente, com trocas de marcha em tempo exato, sem freadas bruscas ou curvas violentas. A vida desse veículo tende a prolongar-se bastante. Imagine agora o contrário: um automóvel cujo proprietário se compraz em arrancadas de "cantar pneus (...)".

Observamos nitidamente que o autor do texto se utiliza de uma estratégia de comparação para conduzir o pensamento do leitor e, para isso, compara a forma como se "dirige" a vida com a forma como se dirige um automóvel.

1.3.3. Argumentação por apresentação de dados estatísticos

Este tipo de estratégia argumentativa é feito por meio da apresentação de dados estatísticos e, assim como as outras estratégias, serve para provar aquilo que é dito no texto. Geralmente, os dados utilizados são oriundos de pesquisas de órgãos públicos habilitados para a divulgação de tais dados. Vejamos o texto abaixo:

"O ministro da Educação, Cristovam Buarque, lança hoje o Mapa da Exclusão Educacional. O estudo do Inep, feito a partir de dados do IBGE e do Censo

Educacional do Ministério da Educação, mostra o número de crianças de sete a catorze anos que estão fora das escolas em cada estado. **Segundo o mapa, no Brasil, 1,4 milhão de crianças, ou 5,5 % da população nessa faixa etária (sete a catorze anos), para a qual o ensino é obrigatório, não frequentam as salas de aula. O pior índice é do Amazonas: 16,8% das crianças do estado, ou 92,8 mil, estão fora da escola. O melhor, o Distrito Federal, com apenas 2,3% (7 200) de crianças excluídas, seguido por Rio Grande do Sul, com 2,7% (39 mil) e São Paulo, com 3,2% (168,7 mil).**"

(BERGAMO, Mônica. Folha de S. Paulo, 03 dez. 2003.)

1.3.4. Argumentação por exemplos (exemplificação)

Este tipo de argumentação é realizado por meio de exemplos que elucidam ou justificam a ideia apresentada na tese. Um bom exemplo fundamenta a argumentação, pois pode relatar casos que sustentam a tese como verdadeira. Vejamos o texto abaixo:

O Brasil das cabeças desarrumadas

Elio Gaspari (O Globo)

O resultado do referendo fez um bem ao país. Instaurou o império das cabeças desarrumadas, e o Brasil precisa delas.

Uma pessoa de cabeça desarrumada é assim: defende a pena de morte e o ensino gratuito nas universidades públicas. É a favor do aborto e se diz católico. Votou Lula em 2002 e José Serra em 2004. É contra as cotas nas universidades e milita numa ONG de defesa da Mata Atlântica. Por desarrumada, essa cabeça pode pensar tudo ao contrário e não faz a menor diferença. A desarrumação determina e incentiva o debate. Opõe-se a um mundo de ideias ordenadas no qual a pessoa deve se preocupar em "pensar direito", entendendo-se que sempre haverá alguém explicando o que vem a ser "pensar direito".

Houve uma época em que a expressão "raciocinar em bloco" designava, com alguma ironia, inteligências ou culturas privilegiadas, sacerdotes do bem-pensar. Aceitando-se as virtudes do mestre, esperava-se sua opinião e ia-se atrás. Essa atitude tanto pode colocar uma pessoa na condição de discípulo de um grande pensador como pode embalá-la na treva da ignorância. O segundo caso ocorre com maior frequência.

As cabeças arrumadas brasileiras, atraídas pela construção de modelos intelectuais harmônicos, dão pouca atenção ao funcionamento da sociedade. Preferem evitar o assunto. **Alguns exemplos.**

O bem-pensar urbano do Rio de Janeiro legislou que é proibido construir apartamentos com menos de 30 metros quadrados. Coisa de gente muito bem educada. Faltou dizer onde vai morar uma família que não tem dinheiro para essa metragem. Na favela, por certo. A discussão dessa lei de incentivo à favelização está fora do debate urbano carioca.

O bem-pensar tributário estabeleceu que os serviços de telefonia devem ser taxados com mão-de-ferro, pois vai-se tomar dinheiro do andar de cima para custear investimentos que atenderão ao de baixo. Deu no seguinte: o patrão fala com Paris de graça pelo Skype e a empregada paga R$ 5 por um telefonema de dez minutos para Bangu. Um imposto destinado a buscar justiça produz injustiça, mas o tema está fora da agenda dos teletecas.

O bem-pensar diplomático levou Lula a propor uma cruzada mundial contra a fome. Fez isso em Genebra, Paris e Nova York. Passados dois anos, contou que gostaria de arrumar recursos para combater a desnutrição da África, aumentando as taxas de embarque nos aeroportos brasileiros. Falta dizer aos usuários do Galeão que eles pagam uma das taxas mais altas do mundo, o dobro do que se cobra no Aeroporto Kennedy.

Num caso mais farisaico, tome-se o exemplo da legislação penal brasileira. Bem pensada, faz inveja a um advogado sueco. São muitos os doutores que fazem palestras pelo mundo descrevendo essa joia de modernidade. Jamais um ministro da Justiça contará que as maravilhas são parolas. O que vale mesmo é a lei da massa. O bandido que entra na prisão passa a uma nova instância judicial, a de seus pares. Maltratou a mãe? Morre. Estupro? Se não morrer, sofre o que fez. Respeito, só para os estelionatários.

No Brasil das cabeças desarrumadas cada tema poderá ser discutido e avaliado isoladamente. Muitas opiniões resultarão contraditórias, mas é esse exercício do juízo individual que enriquece o debate público.

Harmonia e nexo podem ser desejáveis, mas é preferível conviver com pessoas

de cabeça desarrumada cujas opiniões não formam um nexo final do que aturar gente que tem muito nexo mas não se responsabiliza pelas opiniões que dá.

Os trechos em negrito são argumentos exemplificativos que têm como objetivo mostrar a veracidade da tese apresentada no primeiro parágrafo (O resultado do referendo fez um bem ao país. Instaurou o império das cabeças desarrumadas, e o Brasil precisa delas.), comprovando o posicionamento do autor do texto.

1.4. Exercícios

01. **(FGV / MEC / Documentador)**

Atentado à Democracia

Um relatório da Associação Nacional de Jornais (ANJ) revelou que, nos últimos doze meses, foram registrados no Brasil 31 casos de violação à liberdade de imprensa. Destes, dezesseis são decorrentes de sentença judicial – em geral, proferida por juízes de primeira instância. Trata-se de uma anomalia e de uma temeridade. Anomalia porque há muito o Judiciário tem mostrado seu compromisso com a defesa da liberdade de imprensa e do livre pensamento, que é princípio fundamental dos regimes democráticos e cláusula pétrea da Constituição. A derrubada, pelo Supremo Tribunal Federal, da Lei de Imprensa, instrumento de intimidação criado no regime militar, é só um exemplo recente dessa convicção. Assim, um juiz que, de forma monocrática, decide impor a censura a um veículo passa a constituir uma aberração dentro do poder que ele representa. A frequência com que esse tipo de atitude tem se repetido é uma ameaça aos valores democráticos do país e tem como consequência prática e deletéria o prejuízo do interesse público, já que se priva a sociedade do direito à informação.

(Veja, 26 ago.2009.)

Os dois adjetivos que são adequados ao texto lido são:

a) informativo e narrativo;
b) narrativo e normativo;
c) normativo e descritivo;
d) descritivo e argumentativo;
e) argumentativo e informativo.

Gabarito: E

O texto lido deve ser caracterizado como 'argumentativo/informativo'. Podemos observar no texto trechos de caráter informativo como, por exemplo, "Um relatório da Associação Nacional de Jornais (ANJ) revelou que, nos últimos doze meses, foram registrados no Brasil 31 casos de violação à liberdade de imprensa. Destes, dezesseis são decorrentes de sentença judicial – em geral, proferida por juízes de primeira instância. Trata-se de uma anomalia e de uma temeridade" e trechos de caráter argumentativo: "Trata-se de uma anomalia e de uma temeridade. Anomalia porque há muito o Judiciário tem mostrado seu compromisso com a defesa da liberdade de imprensa e do livre pensamento, que é princípio fundamental dos regimes democráticos e cláusula pétrea da Constituição."

02. **(FGV / COMPANHIA DOCAS – SP / Advogado)**

Perda de oportunidades no trabalho

As empresas vinculadas ao setor de petróleo no Brasil treinaram e formaram mais de 80 mil profissionais desde 2007, em um programa de qualificação que abrange do nível básico a cursos de pós-graduação. Mesmo assim, não conseguiram atender a toda a demanda de pessoal qualificado identificada pelo setor. A exemplo do petróleo, vários outros ramos de atividade industrial, da construção ou de serviços têm se envolvido diretamente na formação e treinamento de profissionais que não estão disponíveis no mercado.

Nem por isso os índices de desemprego se tornaram irrelevantes no país. Há muitas pessoas que permanecem sem ocupação por serem inabilitadas às vagas e aos cargos que o mercado oferece. São numerosas oportunidades perdidas que se multiplicarão, se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento – e a qualidade da educação continuar baixa. Afinal, a dificuldade de se formar e qualificar profissionais na velocidade que o mercado hoje demanda se deve, em grande parte, a deficiências do sistema de ensino brasileiro.

Um enorme contingente de jovens deixa as escolas ainda com falta de capacidade de aprender. O ensino técnico profissionalizante, com honrosas exceções, passou anos sem sintonia com o mundo real. A escassez de profissionais qualificados vem forçando uma transformação nesse sistema de ensino, e algumas iniciativas inovadoras começam a apresentar resultados, o que pode motivar a reprodução dessa experiência pelo país inteiro. No caso do Estado do Rio, merecem atenção os chamados Centros de Vocação Tecnológica, mais voltados para jovens da região metropolitana.

Esses centros se diferem do ensino técnico convencional porque ministram cursos de curta duração (de dois meses a um ano, essencialmente) e buscam atender a demandas específicas de grupos de empresas localizadas em suas proximidades. Os planos das autoridades responsáveis por esses centros são de ampliar o número de vagas para 54 mil alunos ainda este ano.

O ensino técnico profissionalizante de fato precisa hoje correr contra o relógio, pois, se persistir a falta de pessoal qualificado, as oportunidades acabam definitivamente perdidas pela desistência dos potenciais empregadores.

Mas, simultaneamente a essa premência de curto prazo, espera-se que a cadeia de ensino no país, da pré-escola à universidade, acelere ou implante programas que possibilitem um substancial salto de qualidade. Educadores já contam com ferramentas pedagógicas e tecnológicas que facilitam essa aceleração. O ensino a distância, mais acessível graças às telecomunicações e aos recursos da informática, pode romper barreiras que antes impediam a universalização de um sistema educacional de boa qualidade.

O aproveitamento das oportunidades que estão surgindo é valioso porque, além da realização pessoal na vida profissional, é um atalho para melhora dos níveis de renda e de bem-estar de fatias cada vez maiores da população brasileira.

Ao lado dos indicadores macroeconômicos, precisamos acompanhar os referentes ao sistema de ensino em geral, e, especificamente, os relativos ao ensino profissionalizante. Sem melhorar a educação pública, milhões continuarão prisioneiros do assistencialismo, e as empresas, desassistidas.

(O Globo, 28 abr.2010.)

O texto classifica-se como:

a) descritivo;
b) narrativo;
c) dissertativo expositivo;
d) dissertativo argumentativo;
e) descritivo-narrativo.

Gabarito: D

O texto Perda de oportunidades no trabalho é predominantemente dissertativo argumentativo. Trata-se de um texto bem definido tipologicamente, pois apresenta de forma bem estruturada introdução, desenvolvimento e conclusão. Nos dois

primeiros parágrafos, podemos observar a presença de tese que tem como objetivo mostrar que o texto será pautado na discussão de que, mesmo com as medidas tomadas para se ter pessoal capacitado para o trabalho na área de petróleo, as oportunidades perdidas serão muitas se a qualidade de educação continuar baixa e se a economia continuar a crescer. Nos parágrafos seguintes, verificamos os argumentos utilizados para defender a tese proposta, principalmente, no que tange às críticas ao ensino técnico profissionalizante do país e, por fim, no último parágrafo, podemos destacar a sugestão do autor para os problemas levantados no decorrer do texto.

03. **(FGV / COMPANHIA ÁGUAS E ESGOTOS – RN / Agente administrativo)**

O futuro das cidades é verde

Cada vez mais humanos vivem em cidades. Somos 3,3 bilhões de pessoas em áreas urbanas – o que corresponde a 51% da população mundial, contra 49% de habitantes de áreas rurais, segundo dados da ONU. Apesar da escalada das megalópoles ao longo do século XX, essa inversão ocorreu em escala global apenas em 2008. No Brasil, o fenômeno consolidou-se já na década de 70. Hoje, apenas 16% dos 192 milhões de brasileiros vivem na zona rural, de acordo com o IBGE. Com tanta gente ocupando o mesmo espaço, agravam-se os problemas de saneamento, transporte e uso de recursos naturais, entre muitos outros. Como solucionar esses problemas é a pergunta do momento.

Durante o mês de março, o Brasil transforma-se em sede de três eventos que pretendem respondê-la. A Conferência Internacional das Cidades Inovadoras (CICI2010) recebeu especialistas e prefeitos de diversas partes do mundo entre os dias 10 e 13, em Curitiba (PR). Na sequência, acontecem a Conferência Latino-Americana de Saneamento (Latinosan 2010), de 14 a 18 em Foz do Iguaçu (PR), e a Primeira Jornada Internacional sobre Energias Renováveis, Eficiência Energética e Poder Local, em Betim (MG), entre os dias 17 e 19.

Um dos especialistas escalados para a CICI2010 é o americano Marc Weiss, presidente da organização Global Urban Development (Desenvolvimento Global Urbano). O gestor acredita que o principal desafio à nossa frente é gerar crescimento econômico sustentável e qualidade de vida para todos em todos os lugares. "Com uma combinação de inovação tecnológica e uma elevada eficiência, as cidades poderão gerar uma expansão substancial de negócios e empregos o que vai culminar em comunidades mais saudáveis e em harmonia com os ciclos da

natureza", diz. O fato de eventos como esses acontecerem por aqui não é mera coincidência. O País vem se tornando protagonista no combate às mudanças climáticas, principalmente depois da Conferência do Clima da ONU (COP-15), realizada em dezembro em Copenhague, na Dinamarca.

Na ocasião, o governo brasileiro apresentou metas ambiciosas de redução de emissões de gases do efeito estufa, um dos grandes problemas gerados pela concentração de automóveis em centros urbanos. "O Brasil está se tornando um líder mundial no trabalho de estabelecer um novo e alto padrão de desenvolvimento urbano e industrial sustentável", acredita Weiss. "O desenvolvimento sustentável é política de governo em algumas cidades, e não apenas um conjunto de medidas dirigidas a questões pontuais", diz Laura Valente de Macedo, diretora regional para América Latina e Caribe do ICLEI Governos Locais pela Sustentabilidade. Ela cita Freiburg, Bonn (ambas na Alemanha), Malmö e Växjo (as duas na Suécia) como exemplos. "Entre suas muitas iniciativas, todas têm em comum a ênfase no uso de energias renováveis, como a solar, o biogás e a eólica", afirma. Há quem esteja ousando ainda mais nesse desafio. O escritório Gale International está construindo – em parceria com a gigante de tecnologia Cisco – a cidade mais sustentável do mundo. Nova Songdo, na Coreia do Sul, deve ficar pronta em 2015 e contará com tecnologias que reduzem o consumo de energia e utilizam materiais naturais e reciclados.

Existem planos para construir mais 20 centros urbanos parecidos na China e na Índia nos próximos anos. Uma excelente oportunidade para o Brasil ter cidades que se aproximem desse sonho são os eventos esportivos que o País vai sediar nos próximos anos. Para receber a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016, os organizadores tiveram de se submeter a uma série de medidas ambientais. Coleta seletiva do lixo, uso racional de água, economia de energia e transportes que usem combustível de forma racional são algumas delas. Mesmo que não houvesse essa obrigatoriedade, até lá já viveremos um outro tempo. O Protocolo de Kyoto vence em 2012. Ou seja: o mundo terá uma nova política de emissões de gases estufa. No mesmo ano, acontece a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, no Rio de Janeiro – reedição da Rio-92. A bola está conosco.

(JULIÀO, André.. Isto É, ed. 2105, março 2010. Com adaptações)

Quanto à sua tipologia, o texto deve ser classificado como:

a) narrativo;
b) descritivo;
c) injuntivo;
d) oratório;
e) dissertativo.

Gabarito: E

O texto O futuro das cidades é verde é dissertativo e predominantemente informativo. O texto mostra que problemas com saneamento, transportes e uso de recursos humanos aumentam à medida que também aumenta o número de humanos que vivem nas cidades. Nos parágrafos de desenvolvimento observamos a existência de argumentos de autoridade que dão credibilidade aos dados apresentados pelo autor, uma vez que todos são fornecidos por órgãos ou por pessoas responsáveis pela veracidade dessas informações. Todo o desenvolvimento desemboca na conclusão proposta pelo autor de que será uma grande oportunidade de desenvolvimento sustentável para o Brasil quando o prazo do protocolo de Kyoto vencer pois será no mesmo ano da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio ambiente e Desenvolvimento.

04. **(FGV / TRE– PA / Analista judiciário)**

Financiamento de campanhas eleitorais: aspectos éticos

Além dos aspectos legais, as empresas que decidirem participar do processo eleitoral devem buscar procedimentos éticos na tomada de decisões relacionadas ao financiamento de candidatos e partidos políticos.

Tradicionalmente, os controladores das empresas são os responsáveis pela decisão de como os recursos devem ser distribuídos entre candidatos e partidos. Os sócios e colaboradores dificilmente são consultados, e muitas vezes o apoio reflete mais as posições pessoais dos controladores do que os valores e princípios das empresas.

A consulta aos sócios e colaboradores sobre candidatos e partidos que a empresa deve apoiar não implica, necessariamente, transformar a decisão desse apoio em algo coletivo. O simples fato de consultá-los ajuda a criar um ambiente socialmente responsável nas empresas. É certo que a separação dos valores e princípios pessoais dos controladores dos valores e princípios das empresas e, mais ainda, a transformação dessa dissociação em um novo critério para a tomada de decisões

sobre aspectos tão sensíveis como o apoio a determinado partido ou candidato ainda é uma atitude difícil para grande parte dos empresários. Também é certo, por outro lado, que, ao aumentarem a transparência do processo de tomada de decisões, as empresas adquirem o respeito das pessoas e comunidades que são impactadas por suas atividades e são gratificadas com o reconhecimento e engajamento dos seus colaboradores e a preferência dos consumidores, em consonância com o conceito de responsabilidade social, o qual, é sempre bom lembrar, está se tornando cada vez mais fator de sucesso empresarial e abrindo novas perspectivas para a construção de um mundo economicamente mais próspero e socialmente mais justo.

Outra iniciativa que pode ter grande impacto junto aos colaboradores, parceiros e sócios das empresas é a promoção de debates sobre o processo eleitoral e o funcionamento e atribuições das instâncias de poder em jogo nas eleições (Presidência da República, Senado, Câmara Federal e Assembleias Legislativas). As empresas podem convidar candidatos, cientistas políticos, jornalistas e administradores públicos para a discussão de ideias, propostas e conceitos. Também podem incentivar debates políticos dentro da empresa, bem como trazer matérias sobre o tema em publicações internas. É importante desmistificar a ideia de que política é uma sujeira só e sem utilidade. Essa é uma forma de contribuir para aumentar a consciência política e a qualidade do voto dentro de toda a cadeia produtiva, entre os parceiros e colaboradores. Esse procedimento ajuda a criar na sociedade ambiente ético e transparente, acentuando a democracia nas relações sociais e políticas.

Além de consultar sócios, parceiros e colaboradores e de realizar debates, as empresas podem também promover campanhas de esclarecimento junto a seus colaboradores. Um conceito útil para ser adotado é o do voto consciente.

Infelizmente, ainda hoje assistimos no Brasil a fenômenos que há muito deveriam ter sido excluídos da vida política nacional, como a compra de votos e a atitude de diversos candidatos, durante as campanhas eleitorais, de "doar" cestas básicas e toda a sorte de brindes em troca da promessa de voto dos eleitores. O conceito de voto consciente é justamente o contraponto dessas práticas, visando estabelecer critérios racionais que façam do voto um instrumento de cidadania. Voto consciente é aquele em que o cidadão pesquisa o passado dos candidatos, avalia suas histórias de vida e analisa se as promessas e programas eleitorais são

coerentes com as práticas dos candidatos e de seus partidos.

(Instituto Ethos. A Responsabilidade Social das Empresas no Processo Eleitoral. Disponível em: <www.ethos.org.br>. Com adaptações.)

O texto se classifica como:

a) narrativo;
b) injuntivo;
c) descritivo;
d) dissertativo;
e) epistolar.

Gabarito: D

O texto Financiamento de campanhas eleitorais: aspectos éticos é dissertativo. O texto apresenta de forma bem estruturada introdução, desenvolvimento e conclusão. No primeiro parágrafo, podemos observar a presença de tese: "Além dos aspectos legais, as empresas que decidirem participar do processo eleitoral devem buscar procedimentos éticos na tomada de decisões relacionadas ao financiamento de candidatos e partidos políticos." Nos parágrafos seguintes, verificamos que os argumentos utilizados para defender a tese proposta são todos direcionados aos procedimentos éticos que devem ser adotados pelas empresas, colaboradores e partidos políticos. No último parágrafo, verificamos que a conclusão do autor apresenta a importância do ato de votar e a necessidade de se ter um voto consciente.

05. **(Cesgranrio / SECAD – TO / Médico)**

A sua vez

Boa parte das brincadeiras infantis são um ensaio para a vida adulta. Criança brinca de ser mãe, pai, cozinheiro, motorista, polícia, ladrão (e isso, você sabe, não implica nenhum tipo de propensão ao crime). E, ah, quando não há ninguém por perto, brinca de médico também. É uma forma de viver todas as vidas possíveis antes de fazer uma escolha ou descoberta. Talvez seja por isso que a gente pare de brincar aos poucos – como se tudo isso perdesse o sentido quando viramos adultos de verdade. E tudo agora é para valer. Mas será que parar de brincar é, de fato, uma decisão madura?

Atividades de recreação e lazer estimulam o imaginário e a criatividade, facilitam a socialização e nos ajudam a combater o estresse. Mas, se tudo isso for o

objetivo, perde a graça, deixa de ser brincadeira. Vira mais uma atividade produtiva a cumprir na agenda. Você só brinca de verdade (ainda que de mentirinha) pelo prazer de brincar. E só. Como escreveu Rubem Alves, quem brinca não quer chegar a lugar nenhum – já chegou.

Leandro Quintanilha

Quanto à tipologia, o Texto I classifica-se como:

a) injuntivo;
b) narrativo;
c) descritivo;
d) expositivo;
e) argumentativo.

Gabarito: E

No texto, observamos a preocupação do autor em defender a tese de que é necessário brincar até mesmo quando já se é adulto e, principalmente, o texto é composto de opiniões e pensamentos do autor do texto que expressam sua opinião, características que são fundamentais a um texto dissertativo argumentativo.

06. **(Cesgranrio / PETROBRAS / Analista de sistemas júnior)**

TEMPO DE ESCOLHER

"Um homem não é grande pelo que faz, mas pelo que renuncia." (Albert Schweitzer)

Muitos amigos leitores têm solicitado minha opinião acerca de qual rumo dar às suas carreiras. Alguns apreciam seu trabalho, mas não a empresa onde estão. Outros admiram a estabilidade conquistada, mas não têm qualquer prazer no exercício de suas funções. Uns recebem propostas para mudar de emprego, financeiramente desfavoráveis, porém, desafiadoras. Outros têm diante de si um vasto leque de opções, muitas coisas para fazer, mas não conseguem abraçar tudo.

Todas estas pessoas têm algo em comum: a necessidade premente de fazer escolhas. Lembro-me de Clarice Lispector: "Entre o 'sim' e o 'não', só existe um caminho: escolher."

Acredito que quase todas as pessoas passam ao longo de sua trajetória pelo "dilema da virada". Um momento especial em que uma decisão clara, específica e irrevogável tem que ser tomada simplesmente porque a passam por isso aos 15

anos, outras, aos 50. Algumas talvez nunca tomem esta decisão, e outras o façam várias vezes no decorrer de sua existência.

Fazer escolhas implica renunciar a alguns desejos para viabilizar outros. Você troca segurança por desafio, dinheiro por satisfação, o pouco certo pelo muito duvidoso. Assim, uma companhia que oferece estabilidade com apatia pode dar lugar a outra dotada de instabilidade com ousadia. Analogamente, a aventura de uma vida de solteiro pode ceder espaço ao conforto de um casamento.

PRAZER E VOCAÇÃO

Os anos ensinaram-me algumas lições. A primeira delas vem de Leonardo da Vinci, que dizia que "A sabedoria da vida não está em fazer aquilo que se gosta, mas em gostar daquilo que se faz". Sempre imaginei que fosse o contrário, porém, refletindo, passei a compreender que quando estimamos aquilo que fazemos, po demos nos sentir completos, satisfeitos e plenos, ao passo que se apenas procurarmos fazer o que gostamos, estaremos sempre numa busca insaciável, porque o que gostamos hoje não será o mesmo que prezaremos amanhã.

Todavia, é indiscutivelmente importante aliar prazer às nossas aptidões; encontrar o talento que reside dentro de cada um de nós, ao que chamamos de vocação. Oriunda do latim vocatione e traduzida literalmente por "chamado", simboliza uma espécie de predestinação imanente a cada pessoa, algo revestido de certa magia e divindade.(…)

Escolhas são feitas com base em nossas preferências. E aí recorro novamente à etimologia das palavras para descobrir que o verbo preferir vem do latim praeferere e significa "levar à frente". Parece-me uma indicação clara de que nossas escolhas devem ser feitas com os olhos no futuro, no uso de nosso livre arbítrio.

O mundo corporativo nos guarda muitas armadilhas. Trocar de empresa ou de atribuição, por exemplo, são convites permanentes. O problema de recusá-los é passar o resto da vida se perguntando "O que teria acontecido se eu tivesse aceitado?". Prefiro não carregar comigo o benefício desta dúvida, por isso opto por assumir riscos evidentemente calculados e seguir adiante. Dizem que somos livres para escolher, porém, prisioneiros das consequências…

Para aqueles insatisfeitos com seu ambiente de trabalho, uma alternativa à mudança de empresa é postular a melhoria do ambiente interno atual. Dialogar e apresentar propostas são um bom caminho. De nada adianta assumir uma postura

meramente defensiva e crítica. Lembre-se de que as pessoas não estão contra você, mas a favor delas.

Por fim, combata a mediocridade em todas as suas vertentes. A mediocridade de trabalhos desconectados com sua vocação, de empresas que não valorizam funcionários, de relacionamentos falidos. Sob este aspecto, como diria Tolstoi, "Não se pode ser bom pela metade". Meias-palavras, meias-verdades, meias-mentiras, meio caminho para o fim.

Os gregos não escreviam obituários. Quando um homem morria, faziam uma pergunta: "Ele viveu com paixão?".

QUAL SERIA A RESPOSTA PARA VOCÊ?

COELHO, Tom. Disponível em: <http://www.catho.com.br/jcsinputer_view.phtml?id=6415>. Acesso em: 07 mai. 2008. (adaptado)

Quanto ao tipo, o texto classifica-se predominantemente, como:

a) expositivo;
b) injuntivo;
c) descritivo;
d) narrativo;
e) argumentativo.

Gabarito: E

O texto é dividido em dois momentos. O primeiro "Tempo de escolher" em que o autor justifica o motivo de elaborar o texto em questão. No segundo momento "Prazer e vocação", o autor do texto sugere aos seus leitores, principalmente para aqueles que enviaram as cartas como mostra o primeiro momento do texto, que há necessidade de escolha sem culpa. Em todo o texto observamos claramente as opiniões, pensamentos e convicções do autor, tais características nos permitem classificar o texto como dissertativo argumentativo.

07. **(Cesgranrio / BNDES / Técnico de arquivo)**

A era do tô me achando

5 "Bacanas teus óculos", falei. Leves, classudos, num tom esportivamente escuro, cada lente com uma sombra que subia de baixo para cima, tornavam misterioso o olhar do amigo, um jovem editor. Comentei que nunca o tinha visto de óculos. Ele devolveu: "Pois é, mas eu estava com a vista cada vez mais cansada, até que fui ao oculista e ele me disse que precisava usar. Dois graus de miopia.

Excesso de leitura. Fazer o quê…", compungiu-se, o olhar vago, empurrando o par de lentes nariz acima com um charme intelectualmente sofrido. Mês depois, encontrei uma amiga cujo pai é oftalmologista. Entre anedota e outra, ela me contou que um curioso cliente do pai havia pedido um modelo de óculos sem grau. É, era ele mesmo – o editor.

10 Vivemos tempos curiosos. A cada segundo, e através de todos os meios possíveis, somos expostos aos corpos mais perfeitos, às biografias mais irretocáveis, à pose generalizada de famosos e anônimos. Vaidade pura. Mas um momento: você já experimentou sair por aí todo mulambento, comparecer despenteado a uma entrevista de emprego, esconder de parentes e amigos aquele êxito nos estudos? Impossível, não? Porque, hoje, não ter vaidade – não ter o hábito de apregoar aos quatro cantos, reais e virtuais, o quanto você pode ser atraente, sensacional e único – parece ser um dos maiores pecados da nossa era, esse tempo em que todo mundo parece estar "se achando".

15

20 Por isso, os óculos de araque do meu amigo. No meio altamente intelectualizado em que ele vive, circulando entre Festas Literárias de Paraty e debates seguidos de sessões de autógrafo nas livrarias mais chiques do eixo Rio-São Paulo, ostentar uma armação bacanuda é o equivalente, em termos culturais, às pernas muito bem torneadas – horas de academia – da mocinha da novela das 8. Ou seja: tudo é vaidade.

25

(BRESSANE, Ronaldo. Vida simples. out. 2009.)

Em qual sequência é caracterizada uma descrição?

a) "Leves, classudos, num tom esportivamente escuro, cada lente com uma sombra que subia de baixo para cima," (l 1-3)

b) " 'Pois é, mas eu estava com a vista cada vez mais cansada, até que fui ao oculista…' " (l. 5-7)

c) "Mês depois, encontrei uma amiga cujo pai é oftalmologista." (l. 11-12)

d) "ela me contou que um curioso cliente do pai havia pedido um modelo de óculos sem grau." (l. 12-14)

e) "É, era ele mesmo – o editor." (l. 14)

Gabarito: A

Apenas na letra A observamos uma enumeração de adjetivos que nos fazem criar uma imagem descritiva, por isso, esse trecho deve ser classificado como descritivo.

08. **(Cespe / UERN / Técnico de nível superior)**

Como você pode ver, uma garotinha está deitada displicentemente no colo de um senhor bem velhinho e bem simpático. Ela parece um anjo. Loirinha, cabelo castanho claro, encaracolado, nariz e boca perfeitos, ar inteligente e sadio, uma dessas crianças que a gente vê em anúncios. Pelo jeito, deve ter uns três ou quatro anos, não mais que isso. Ela está vestida em um desses macaquinhos de flanela, com florezinhas azuis e vermelhas e uma malha creme por baixo. Calçando um tênis transadíssimo nas discretas cores amarelo, vermelho e azul, o que nos mostra que a mocinha não é apenas novinha, mas moderninha também. O velhinho tem um tipo bem italiano. O boné cinza é típico desses senhores que a gente vê passeando pelo Bixiga nos domingos à tarde. Estatura mediana, cabelos e bigodes branquinhos, rosto e mãos enrugadas que traem uma idade bem avançada. Paletó marrom e calça cinza, ambos de lã, malha creme, abotoada até o último botão, como faz todo senhor que se preze. Embaixo da malha, uma camisa azul, mas bem azul mesmo, que destoa de todo o conjunto. O que prova que o cavalheiro e a mocinha apreciam cores fortes. Pela roupa que os dois estão vestindo e pela carinha rosada dela, deve estar fazendo muito frio. Fato que o ar enevoado e cinzento do jardim, que está atrás deles, vem a comprovar. Os dois estão sentados em um balanço de madeira de cor verde, desses em que cabem apenas duas pessoas e que são bastante comuns em quintais, varandas e jardins de casas de classe média, classe média alta. Ela está comodamente estirada. Com a cabeça entre o ombro e a barriga do velhinho e os pés apoiados numa almofada de crochê de cor creme. Nas mãos, ela traz um livro de histórias cheio de desenhos coloridos. Livro esse que, olhando atentamente, você verá que se trata da história da Bela Adormecida. O que, aliás, é muito engraçado, porque enquanto a bela conta a história da Bela Adormecida, o velho é que adormeceu. Ele dorme a sono solto. Com uma mão envolta na dela e a outra apoiada sobre sua própria perna direita, na altura do joelho, ambos, à sua maneira, estão sonhando. Ele sonha dormindo, ela sonha acordada. A menina está divagando no colo do avô. Isso mesmo: do avô.

Porque o velho que você está vendo só pode ser o avô dela. Pela intimidade com que ela está comodamente instalada no colo dele, percebe-se que não pode ser visita, pessoa de cerimônia. E, sim, alguém bem chegado, alguém da família. Para

um estranho, ouvir essa história contada por uma criaturinha tão linda seria uma novidade excitante, que dificilmente o faria cair no sono. E, se não fosse por isso, um estranho também não cairia no sono, pelo menos por dever de educação. Resistiria bravamente até a Bela Adormecida acordar. Além disso, é só olhar para a roupa caseira que ele está usando para perceber que não é alguém que foi fazer uma visita. É pessoa da casa mesmo, pai não é. Ele é muito velhinho para ser o pai dela. E pouco provavelmente seria um tio. Tanto pela idade quanto pela disponibilidade e paciência. Tio dá doces, presentes, mas ouvir histórias intermináveis, contadas por uma narradora que de vez em quando divaga, tio não faz. Só pode ser mesmo um avô ouvindo pela milésima vez a mesma história, que para ele deve ser sempre igual e para ela deve ser sempre diferente. Ela, por sua vez, não se deve importar com que seu ouvinte durma. Afinal, ela só quer colo e aquela mão terna, enrugada e querida em volta da sua cintura pequenina. Mesmo desatento, ele está dando a ela seu tempo e seu carinho sonolento. O balanço de jardim pode ser gostoso de sentar. Mas como você pode ver não é o local mais confortável para se dormir. Principalmente em um dia frio como esse, em um descampado de uma varanda. Mas o fato é que ele não sente a dureza do balanço porque dorme, e ela, igualmente, não sente a dureza da madeira e a frieza do tempo por vários motivos: primeiro, porque sonha, e no sonho não há desconforto ou frio. E, segundo, porque ela tem a barriga do avô como travesseiro, o braço dele como edredom e uma almofada como encosto para seus pés e seu tênis multicolorido. Juntos os dois, ali na varanda, vivem um momento de que ela vai se lembrar sempre e ele não vai se lembrar de nada. Até mesmo nada da história. Por isso, é que ela vai ter de contar e recontar essa história para o avô centenas de vezes. Principalmente para reviver os trechos que ele perdeu com seus cochilos. Assim como você vai ter de ler e reler muitas vezes esse texto até conseguir enxergar toda a beleza e ternura contidas nessa cena. Ou pelo menos uma pequena parte dela.

UMA FOTO SERIA MELHOR 19 de agosto – dia do fotógrafo

("Este texto tem mil palavras". Folha de S. Paulo, 19 ago. 1988. Apud: Platão e Fiorin. Para entender o texto. São Paulo: Ática, 1999, p.378-80, com adaptações.)

Assinale a opção correta a respeito das características tipológicas predominantes no texto.

a) Predomina no texto a descrição, já que o relato feito envolve uma cena

estática, isto é, em que nenhum acontecimento pode ser considerado cronologicamente anterior a outro.

b) O texto é eminentemente narrativo, pois expõe a história da menina e do senhor.

c) O texto é essencialmente poético, tendo em vista a linguagem e os recursos de métrica utilizados.

d) Há uma ação em curso, cujo contexto é descrito em detalhes no texto; portanto, ele pode ser caracterizado tanto como descritivo quanto como narrativo.

e) A disposição em um único parágrafo denota a ausência de características narrativas e dissertativas do texto, uma vez que tais tipos textuais são estruturados a partir de parágrafos.

Gabarito: A

O texto é predominantemente descritivo uma vez que tem como objetivo principal descrever lugares e personagens, por isso, notamos a presença substancial de adjetivos.

09. **(Cespe / TRE–MT / Técnico judiciário / programador de sistemas)**

Diariamente, milhões de pessoas em todo o mundo conectam-se à Internet e mais de doze milhões de e-mails são enviados. Isso sem se mencionar o número de negócios fechados e o dinheiro movimentado. Com o advento do computador e, mais tarde, da Internet, as informações e os grandes negócios acontecem com uma velocidade impressionante. Resultado de um mundo globalizado, em que a informação se transformou na moeda corrente. E, quando o assunto é informação, ou seja, transmitir informações, nada melhor do que utilizar a tecnologia. A cada dia, mais e mais serviços são disponibilizados por empresas para que as pessoas interessadas tenham acesso à informação de maneira rápida e eficaz.

Internet: <www.caieiraspress.com.br> (com adaptações).

O texto em questão é, predominantemente:

a) narrativo;

b) descritivo;

c) dissertativo;

d) dialógico;

e) instrucional.

Gabarito: C

O texto é dissertativo pois apresenta informações sobre o avanço da Internet e seus benefícios, além disso é um texto elaborado na terceira pessoa sem características descritivas ou narrativas.

10. **(Cespe / UERN / Agente técnico administrativo)**

Único bioma de ocorrência exclusiva no Brasil, que já ocupou 10% do território nacional, a caatinga experimenta um processo acelerado de desmatamento – que pode significar a desertificação do semiárido nordestino. Com 510 espécies de aves e 148 de mamíferos, a caatinga padece da ausência de uma política clara de conservação que estanque o processo de desflorestamento e ajude a impedir a formação de um deserto em pleno Nordeste, ameaça concreta diante do aquecimento global do clima no planeta. Quase dois terços da área sob risco de desertificação no Brasil estão na caatinga, que já teve, a exemplo do cerrado, aproximadamente metade de sua extensão, que é de 826.000 km^2, destruída.

Jornal do Commercio, Pernambuco,16 mar. 2010. (com adaptações).

Assinale a opção correspondente ao tipo textual predominante no texto.

a) Narrativo.
b) Descritivo.
c) Dissertativo.
d) Dialógico.
e) Persuasivo.

Gabarito: C

O texto é dissertativo pois apresenta informações sobre o que acontece com a caatinga do Brasil, além disso é um texto elaborado na terceira pessoa sem características descritivas ou narrativas.

Capítulo 2

Semântica de Nomes

A classificação **substantivo/adjetivo** é estabelecida a partir de critério semântico estruturado na subdivisão em substantivos e adjetivos, sendo aqueles os termos determinados, e estes, os determinantes daqueles. **Substantivos – determinados; adjetivos – determinantes (dos substantivos)**.

Ex.: bandeira (determinado) brasileira (determinante)

Ex.: simpáticas (determinante) pessoas (determinado)

A principal característica dos **substantivos** é a designação de seres, é nomear elementos cuja existência é pacífica.

Televisão – substantivo que nomeia objeto que tem por fim a transmissão de imagens longínquas.

Amor – substantivo que nomeia sentimento de homens e animais.

A função precípua do **adjetivo** é a caracterização de seres, por meio de elemento qualificador – onde se expressa um juízo de valor –, ou classificador – em que se expõe apenas um traço distintivo em relação a outros seres da mesma espécie.

Obs.: Existem situações em que uma mudança de posição entre substantivo e adjetivo pode gerar alteração semântica. Tal fato pode ser fantasticamente exemplificado pela seguinte passagem de "Memórias Póstumas de Brás Cubas" de Machado de Assis: "Eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor.". Quando ele informa que não é autor defunto, isso significa dizer que não se trata de autor falecido. Depois, ao aduzir que é defunto autor, assevera que é um morto – é importante destacar, depois de morto – que se torna autor.

Dependendo do contexto, pode-se observar essa diferença semântica também nas seguintes construções: O período "Ela é uma boa funcionária." sugere que se trata de uma funcionária competente; já na frase vulgar "Ela é uma funcionária boa.", o sentido é que seria uma funcionária com atraentes atributos físicos.

2.1. ADJETIVO SUBJETIVO OU COM VALOR DE QUALIDADE

Ocorre quando a qualificação expressa a opinião de quem o utilizou, ou seja, possui nítido valor opinativo.

Ex.: boa compra, cerveja gostosa, bem valioso.

2.2. ADJETIVO OBJETIVO OU COM VALOR DE CARACTERÍSTICA

Ocorre quando o adjetivo não expõe a opinião de quem o usou. É uma qualidade inerente ao ser.

Ex.: Problemas gástricos, indicadores sociais, povo brasileiro.

2.3. EXERCÍCIOS

01. **(Cesgranrio)**

Assinale a opção em que a mudança na ordem dos termos pode alterar o sentido fundamental da expressão:

a) própria usina / usina própria;
b) eminentes físicos / físicos eminentes;
c) rápido desfecho / desfecho rápido;
d) parcelas ponderáveis / ponderáveis parcelas;
e) separação rígida / rígida separação.

Gabarito: A

Em "própria usina", o sentido é "mesma usina". Já em "usina própria", o sentido é a usina ser de propriedade de alguém.

02. **(NCE / Perito da Polícia Civil)**

Qualquer assaltante apresenta sentido diferente de um assaltante qualquer; o par abaixo que não apresenta diferença significativa de sentido é:

a) pobre homem/homem pobre;
b) funcionário competente / competente funcionário;

c) grande mulher/mulher grande;
d) folha branca/branca folha;
e) bom menino/menino bom.

Gabarito: D

Em "pobre homem", o significado é triste homem, homem cujo destino não foi bom. Já em "homem pobre", o sentido é de homem desprovido de riquezas. O sentido de "funcionário competente" é funcionário a quem compete uma atividade. Já em "competente funcionário", o sentido é funcionário eficiente, eficaz. Em "grande mulher", o sentido é de mulher com grandes realizações, empreendimentos. Em "mulher grande", trata-se de mulher de exagerada estatura. Em "bom menino", o sentido é de menino educado, obediente. Já em "menino bom", o significado é menino com bons sentimentos.

03. **(Ministério Público – RJ)**

O adjetivo abaixo de valor nitidamente subjetivo é:

a) imprensa brasileira;
b) proposta milionária;
c) incitamento racista;
d) jovem negro;
e) brilhante futuro.

Gabarito: E

O adjetivo de valor subjetivo é aquele que expressa a opinião de quem o utiliza. Os adjetivos BRASILEIRA, RACISTA e NEGRO têm caráter objetivo, pois sugerem tão somente uma característica do substantivo determinado por eles. Sendo assim, o candidato ficou em dúvida quanto às alternativas B e E. Fazendo uma análise mais minuciosa, percebe-se que o adjetivo MILIONÁRIA não é subjetivo, pois não indica opinião. Vê-se: uma proposta de dois milhões de dólares para Michael Schumacher correr na sua escuderia é milionária, mas não é boa. Proposta milionária é aquela que envolve milhões. Já o adjetivo BRILHANTE é totalmente subjetivo, visto que denuncia uma visão do autor.

04. **(NCE / IBGE)**

"...me parece <u>infundada</u> a acusação."; adjetivo sublinhado corresponde semanticamente a:

a) sem fundos;

b) sem fundações;
c) sem fundamento;
d) sem finalidade;
e) sem fingimento.

Gabarito: C

O prefixo IN sugere negação, e o radical FUND provém do verbo FUNDAR, no sentido de BASEAR-SE, FUNDAMENTAR-SE, ESTRIBAR-SE. Logo, INFUNDADA significa SEM BASE, SEM FUNDAMENTO, SEM ESTRIBO, SEM APOIO.

05. **(NCE / TJ / Auxiliar de Cartório)**

"... entorpecimento completo ou parcial..."; a relação semântica existente entre os adjetivos completo e parcial, repete-se em:

a) inverno e verão;
b) tranquilo e agitado;
c) paralisados e imóveis;
d) branco e claro;
e) amarelo e amarelado.

Gabarito: B

O candidato é induzido a marcar a opção E, no entanto é importante observar a verdadeira relação entre os adjetivos completo e parcial. Parcial significa não completo, incompleto, ou seja, a relação que existe entre os adjetivos é de oposição e não de parte e todo, como parece num primeiro instante. Os adjetivos que apresentam a mesma relação de contrariedade são tranquilo e agitado. Agitado significa não tranquilo, intranquilo. Perceba que os adjetivos parcial e agitado possuem o mesmo sentido que completo e parcial, acrescendo-se a estes o prefixo negativo. PARCIAL e IMPARCIAL, TRANQUILO e INTRANQUILO.

06. **(NCE)**

Nos segmentos torres gêmeas, manchete ruim, jornal brasileiro e filme açucarado, os adjetivos de caráter claramente objetivo são:

a) gêmeas / ruim;
b) gêmeas / brasileiro;
c) ruim / brasileiro;
d) brasileiro / açucarado;
e) ruim / açucarado.

Gabarito: B

Os adjetivos RUIM e AÇUCARADO possuem nítido valor subjetivo (opinativo). O que é ruim para uns, pode ser bom para outros. A mesma interpretação ocorre com açucarado. Já os adjetivos gêmeas e brasileiro são qualificações que independem de opiniões.

07. **(NCE / AGU)**

Os adjetivos são uma classe de palavra que determina palavras em função substantiva e indicam características ou qualidades desses substantivos; o item com um adjetivo sublinhado com valor de característica é:

a) "Há um caminho **simples**: proibir";

b) "Pois cidadãos **responsáveis** e consumidores **conscientes** se forjam com informação";

c) "Não poderia haver reivindicação mais **justa**…";

d) "Sejam elas **ilegais, perigosas** ou socialmente condenáveis;

e) Para todo problema **complicado** há uma solução…".

Gabarito: D

O adjetivo com valor de característica é o que possui um atributo objetivo, ou seja, independe da opinião de seu usuário. Perceba que os adjetivos "simples" **a)**, "responsáveis" **b),** "conscientes" **b),** "justa" **c),** "perigosas" **d)** e "complicado" **e)** possuem valor subjetivo, ou seja, ocorre adjetivação que sugere a opinião de quem o utiliza; portanto, o que pode ser simples, responsável, consciente, justo, perigoso e complicado para uns, pode não ser necessariamente para outros. Já o adjetivo "ilegais" **(opção D)** é uma adjetivação indiscutível, isto é, não há possibilidade de uma atitude ser considerada legal por uns e ilegal por outros.

08. **(NCE / ELETROBRAS)**

O item em que o adjetivo sublinhado, quando deslocado para antes ou depois do substantivo por ele determinado, NÃO apresenta possibilidade de qualquer modificação de sentido é:

a) fato <u>novo</u>;

b) mal <u>velho</u>;

c) poupanças <u>populares</u>;

d) <u>antigas</u> realizações;

e) espantosas propostas.

Gabarito: E

O significado de fato novo pode ser de fato recente, que aconteceu há pouco. Já novo fato significa fato inédito. Em mal velho, o sentido é mal recorrente, que acontece reiteradamente. Velho mal já pode significar "mal" que já acontece há bastante tempo. Em antigas realizações, cabe a leitura de realizações que remetem à antiguidade. Já "realizações antigas" passa a ideia de ultrapassadas, antiquadas. Em "espantosa proposta", a leitura só pode ser de algo que gera espanto, já "proposta espantosa" permite a leitura de algo inesperado, diferente daquilo que se esperava.

2.4. POLISSEMIA

São os vários significados que um vocábulo pode ter.

Ex.: Quem casa (verbo CASAR) quer casa (lar).

Ex.: Ele manga (debocha) quando como manga (fruta) e sujo a camisa até a manga (parte da camisa).

Ex.: Sentei-me no banco (cadeira) da praça bem em frente ao único banco (posto bancário) da cidade.

2.5. AMBIGUIDADE OU ANFIBOLOGIA

Ocorre quando a frase permite dupla interpretação.

Ex.: O candidato que estuda frequentemente passa.

Há aí a dúvida quanto ao atrelamento sintático de "frequentemente". Não se sabe exatamente se o candidato frequentemente passa ou se ele frequentemente estuda.

Ex.: A convocação de Zagallo agradou a todos.

Paira a dúvida quanto de Zagallo praticar ou sofrer a ação. Zagallo pode ter convocado ou pode ter sido convocado.

Ex.: Joana pediu ao amigo do marido para que lhe entregasse o documento.

Fica a dúvida quanto ao fato de o pronome oblíquo LHE estar fazendo referência ao marido ou a ela própria.

Ex.: O tio do meu amigo que viajou para a Europa foi nomeado assessor da

presidência.

Fica a dúvida quanto a quem viajou para a Europa. O pronome relativo QUE tanto pode fazer referência a "tio"quanto a "amigo".

Ex.: Pedro saiu com a sua irmã.

Há a dúvida quanto ao emprego do pronome possessivo. Não fica claro se "sua" refere-se a Pedro (irmã do Pedro) ou ao leitor (irmã do leitor).

2.6. EXERCÍCIOS

01. **(NCE / POLÍCIA CIVIL-RJ)**

"...e o exemplo que escolheu para ilustrar SEU comentário."; o item abaixo em que o uso do possessivo SEU gera ambiguidade é:

a) O publicitário fez comentários sobre SEU outdoor;

b) O cronista levou o cachorro em SEU automóvel;

c) O jornalista transportou as mercadorias em SEU horário de trabalho;

d) O secretário viu o professor do debate em SEU escritório;

e) O jornalista nada dizia sobre SEU texto.

Gabarito: D

Pela formulação da frase, o emprego do pronome possessivo pode ter como referente SECRETÁRIO ou PROFESSOR. Portanto, não se sabe se o escritório é do secretário ou do professor.

02. **(FCC / TRT-MA / Analista Judiciário)**

A ocorrência de ambiguidade e falta de clareza faz necessária uma revisão da seguinte frase:

a) Causa-nos revolta, a todos, o pouco interesse que ele vem demonstrando na condução desse processo – razão pela qual há quem peça a demissão dele.

b) Conquanto ele nos haja dado uma resposta inconclusiva e protelado a decisão, há quem creia que nos satisfará o desfecho deste caso.

c) Inconformados com a resposta insatisfatória que nos deu, reiteramos o pedido para que ele não deixe de tomar as providências que o caso requer.

d) Ele deu uma resposta insatisfatória à providência que lhe solicitamos, em razão da qual será preciso insistir em que não venha a repeti-la.

e) Caso não sejam tomadas as providências cabíveis, seremos obrigados a

comunicar à Direção o menoscabo com que está sendo tratado este caso.

Gabarito: D

A forma pronominal LA em “repeti-la” tanto pode se referir a “uma resposta insatisfatória” quanto a “a providência”. Cabem, portanto, as interpretações de “não venha a repetir a resposta insatisfatória” e de “não venha a repetir a providência”.

Capítulo 3

Alteração de Funções Sintáticas em Questões de Interpretação

Muitas questões de interpretação de textos são resolvidas através do conhecimento gramatical. Por exemplo, existem funções sintáticas que possuem o mesmo valor semântico, como o sujeito ativo, o agente da passiva e o adjunto adnominal. Estas três funções sintáticas possuem valor ativo (agente, de quem pratica a ação), e as bancas tão somente reescrevem as frases alterando as funções sintáticas, sem modificar, contudo, a ideia contida. Em contrapartida, há também as funções sintáticas com valor paciente: os objetos, o sujeito passivo e o complemento nominal.

Ex.: **O professor** errou e causou estranheza a todos.
O erro **do professor** causou estranheza a todos.
O erro cometido **pelo professor** causou estranheza a todos.

Observe que o termo "professor", acompanhado ou não de preposição, funciona, na primeira frase, como sujeito ativo; na segunda, como adjunto adnominal; na terceira, como agente da passiva. Mesmo este termo tendo funções sintáticas distintas, mantém o mesmo valor semântico. Nas três frases, é o professor que erra.

Ex.: Ler **jornais** é importante.
Jornais serem lidos é importante.
A leitura **de jornais** é importante.

Observe que o termo "jornais", acompanhado ou não de preposição, funciona, na primeira frase, como objeto direto; na segunda, como sujeito passivo; na terceira, como complemento nominal. Apesar de o termo possuir funções sintáticas diferentes, a ideia dos três períodos é a mesma: jornais devem ser lidos.

3.1. EXERCÍCIOS

3.1. EXERCÍCIOS

01. **(NCE / TJ / Oficial de Justiça)**

"Como conciliar a liberdade com a inevitável ação restritiva do Estado?"; nesse segmento do texto, o articulista afirma que:

a) o Estado age obrigatoriamente contra a liberdade;
b) é impossível haver liberdade e governo ditatorial;
c) ainda não se chegou a unir os cidadãos e o governo;
d) cidadãos e governo devem trabalhar juntos pela liberdade;
e) o Estado é o responsável pela liberdade da população.

Gabarito: A

Observe que o termo "do Estado" possui valor agente, funcionando como adjunto adnominal. Se você transformá-lo em sujeito ativo, o resultado será: "O Estado age inevitavelmente restringindo a liberdade. A alternativa **A** apenas substituiu "inevitavelmente" por um sinônimo: "obrigatoriamente".

02. **(NCE / TJ / Oficial de Justiça)**

"O primeiro templo da liberdade burguesa é o supermercado. Em <u>que pesem as angustiantes restrições do contracheque</u>, são as prateleiras abundantemente supridas que satisfazem a liberdade do consumo..."; o segmento sublinhado corresponde semanticamente a:

a) as despesas do supermercado são muito pesadas no orçamento doméstico;
b) os salários não permitem que se compre tudo o que se deseja;
c) as limitações de crédito impedem que se compre o necessário;
d) a inflação prejudica o acesso da população aos bens de consumo;
e) a satisfação de comprar só é permitida após o recebimento do salário.

Gabarito: B

O termo "do contracheque" possui valor agente, funcionando como adjunto adnominal. Reescrevendo-se o período, transformando o adjunto adnominal em sujeito ativo, o resultado será: "o contracheque restringe o consumo". No texto, "contracheque" está sendo utilizado como sinônimo de "salário", "restringir" e "não permitir" são equivalentes, "consumir" e "comprar" possuem o mesmo valor.

03. **(NCE / TJ / Oficial de Justiça)**

"Não houve ideal comunista que resistisse às tentações do supermercado".; com esse segmento do texto o autor quer dizer que:

a) todo ideal comunista se opõe aos ideais capitalistas;
b) a ideologia comunista sofre pressões por parte dos consumidores;
c) os supermercados socialistas são menos variados que os do mundo capitalista;
d) o ideal comunista ainda resiste à procura desenfreada por bens de consumo;
e) as tentações do supermercado abalaram as estruturas capitalistas.

Gabarito: B

É uma questão de inferência textual, pois você terá que deduzir o que o autor quis dizer neste segmento. Observe que o termo "do supermercado" tem valor agente, funcionando como adjunto adnominal. Transformando-o em sujeito de voz ativa, o resultado será: "O supermercado tentou (os consumidores) e não houve ideal comunista que resistisse a essa tentação (criada pelos supermercados). Depreende-se, então, que a tentação criada aos consumidores pelos supermercados fez com que a ideologia comunista sofresse pressões até não mais resistir.

04. **(NCE / MP)**

"...pois moedas não resgatam a dignidade."; reescrevendo-se este segmento do texto, mantendo-se o seu sentido original, a única forma INADEQUADA é:

a) visto que a dignidade não é resgatada por moedas;
b) porque moedas não são o resgate da dignidade;
c) porquanto a dignidade não se resgata com moedas;
d) já que por moedas não é resgatada a dignidade;
e) pela razão de que a dignidade não é resgatada por moedas.

Gabarito: C

Questão muito bem imaginada, levando o candidato a pensar que a resposta sairia pelo conector. As conjunções VISTO QUE, PORQUE, PORQUANTO, JÁ QUE e PELA RAZÃO DE QUE têm valor explicativo. Portanto, não se atinge a resposta por este caminho. O termo "dignidade", por possuir valor paciente, é objeto direto, podendo alterar sua função sintática para complemento nominal ou sujeito passivo. Nas opções A, D e E, "dignidade" se transforma em sujeito de voz passiva analítica; na C, em sujeito de voz passiva sintética; na B, em complemento nominal. Mais uma vez não chegamos à resposta. Partamos agora para uma última análise: "Moedas" funciona como sujeito ativo, podendo transformar-se em agente da

passiva ou adjunto adnominal. Nas alternativas A, D e E, o termo se transformou em agente da passiva. Na opção B, continuou sendo sujeito da voz ativa. Na alternativa C, o sujeito ativo (termo que praticava a ação) foi transformado em adjunto adverbial de instrumento, ou seja, o termo perdeu sua carga semântica – de praticar a ação – e passou a ter o valor de ser um instrumento utilizado para se praticar a ação.

05. **(TJ / NCE / Técnico Judiciário Juramentado)**

"...a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana."; reescrevendo-se este segmento do texto com a manutenção de seu sentido original, temos como forma adequada:

a) a natureza humana necessita da vida em sociedade;

b) a vida em sociedade necessita da natureza humana;

c) a necessidade da natureza humana é uma vida em sociedade;

d) uma necessidade da natureza humana é a vida em sociedade;

e) a natureza humana é necessária à vida em sociedade.

Gabarito: A

As alternativas B e E são absurdas, contradizendo totalmente a ideia do segmento, não merecendo grandes análises. Normalmente, o candidato fica em dúvida entre as opções A, D e E. Quando o texto diz "...a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana.", fica claro que "uma necessidade da natureza humana" está apenas qualificando "a vida em sociedade", não entrando no mérito se existem outras necessidades ou não. A simples inversão proposta na alternativa D sugere uma situação sutilmente diferente do texto, pois quando se informa que "uma necessidade da natureza humana é a vida em sociedade", torna-se evidente a existência de várias necessidades, uma delas é a vida em sociedade. Na opção C, por sua vez, sendo redigido que "a necessidade da natureza humana é uma vida em sociedade", há a sugestão de que a única necessidade da natureza é uma vida em sociedade, distanciando-se semanticamente da ideia exposta no texto. A alternativa A não altera o sentido original, modificando tão somente a função sintática de alguns elementos. O termo "da natureza humana", possuindo valor agente, funciona como adjunto adnominal e é transformado em sujeito ativo – se é uma necessidade da natureza humana, obviamente a natureza humana necessita. Por fim, fica evidente que, tal qual ocorre no segmento original, diz-se apenas que a natureza humana necessita da vida em sociedade, não sugerindo se necessita

também de mais alguma coisa ou não.

Capítulo 4

Coesão Textual

De uma visão mais ampla (genérica) para uma mais específica (particular), podemos analisar um texto como uma sequência de parágrafos; cada parágrafo, uma sequência de períodos; cada período, uma sequência de palavras. Toda essa estrutura compõe o famoso tecido textual que, bem desenvolvido, permite o entendimento da situação comunicativa. Tudo isso envolve, indiscutivelmente, união entre as partes (palavras). E neste exato momento começamos a pensar em coesão.

Um texto bem construído não permite que o leitor perca a sequência dos fatos, tampouco a relação entre os conjuntos. Em tal situação, fica configurada a coesão. Qualquer elemento que faça a ligação entre os fragmentos do texto possui função coesiva. Em outras palavras, para que seja possível o entendimento de um texto não é apenas suficiente uma sequência de frases bem escritas é, antes de tudo, necessário que elas se relacionem de forma harmônica, permitindo a compreensão do texto integralmente. Enfim, essa conexão interna entre os vários enunciados do texto denomina-se coesão. Ela pode acontecer por meio de conectores sintáticos ou por fatores semânticos. O primeiro é o que se entende por coesão sequencial e o segundo por coesão referencial.

4.1. COESÃO REFERENCIAL

Dos vários métodos de coesão textual, um destaque deve ser dado à s expressões do nosso vernáculo que têm a finalidade específica de fazer apontamentos, isto é, referenciação, remetendo a algum outro termo. Tal método coesivo recebe o nome de coesão referencial.

Na **coesão referencial**, lidaremos com as chamadas palavras fóricas (do grego "levar", "trazer"), isto é, palavras que remetem a algum outro elemento.

4.1.1. Remissão endófora

ENDO (DENTRO) E FORA (REFERENCIAÇÃO) = REFERENCIAÇÃO DENTRO.

DENTRO DE QUÊ? DO TEXTO. LOGO, REMISSÃO INTRATEXTUAL.

Essa relação semântica textual se faz com palavras referenciais. São elas: pronomes demonstrativos, pronomes possessivos, pronomes pessoais de terceira pessoa, pronomes relativos ou expressões nominais equivalentes.

A endófora se divide em duas: anáfora e catáfora.

- anáfora – quando a referência é feita a algum elemento que está na porção anterior do texto. A anáfora tem por objetivo **recuperar (atualizar)** semanticamente um elemento que já estava no texto, com todas as informações de que ele já se revestia.
- catáfora – quando a referência aponta para frente, no texto. A catáfora têm a função de sinalizar um termo que ainda vai aparecer no texto.

4.1.2. Remissão exófora

EXO (FORA) E FORA (REFERENCIAÇÃO) = REFERENCIAÇÃO FORA. FORA DE QUÊ? DO TEXTO. LOGO, REMISSÃO EXTRATEXTUAL.

Na interlocução, um falante (primeira pessoa: emissor, locutor, enunciador) se dirige a um ouvinte (segunda pessoa: receptor, interlocutor, enunciatário). Esses "agentes" da situação comunicativa são marcados por palavras ou expressões referenciais (fóricas)

Verificaremos agora que a coesão pode ser feita de três formas: coesão referencial pronominal, coesão referencial lexical e coesão referencial por elipse.

4.2. COESÃO REFERENCIAL PRONOMINAL

Ex.: Passa o candidato que estuda.

Nessa frase, há duas orações. Em ambas, o termo "candidato está presente. O recurso para evitar sua repetição foi o emprego do pronome relativo QUE em seu lugar. Repare, inclusive, que podemos substituir QUE por O QUAL. O pronome relativo O QUAL recebe a forma masculina e singular, porquanto se refere ao termo O CANDIDATO. Se o termo a que estivesse se referindo fosse A PESSOA, já receberia a forma A QUAL.

Ex:. Eu conheço os que estavam presentes.

Nesse período, o pronome relativo QUE possui como antecedente o

demonstrativo OS – que pode ser substituído pelo demonstrativo AQUELES. É fundamental não se olvidar que pronome relativo e pronome demonstrativo nunca podem estar na mesma oração, sendo que o antecedente do relativo será sempre o demonstrativo, mesmo que este esteja combinado a uma preposição.

Ex:. Os alunos devem confiar no que nós ensinamos.

Nesse período, NO é a contração da preposição EM com o pronome demonstrativo O (aquilo), podendo ser substituído por NAQUILO. Em tal situação, o antecedente do relativo QUE é somente o demonstrativo O que deve ser separado da preposição EM.

Ex.: Eu me referi ao que ele disse.

AO é a combinação da preposição A com o demonstrativo O, que pode ser substituído pelo demonstrativo ÀQUILO. Inclusive, caso se substitua AO por ÀQUILO, o demonstrativo ÀQUILO deve ocorrer com acento grave, justamente por se estar fazendo a combinação A + AQUILO. No entanto, o antecedente do relativo é apenas o demonstrativo já desmembrado da preposição. Sendo assim, o antecedente do QUE é somente o demonstrativo O.

Ex.: João e Maria eram excelentes alunos. Esta passou no concurso para a receita e aquele para o Instituto Rio Branco.

O pronome demonstrativo ESTA refere-se ao termo mais próximo (Maria); já o demonstrativo AQUELE tem como antecedente o termo mais remoto (João).

Ex.: Perguntaram se eu entreguei o material, mas não o fiz.

O pronome demonstrativo O – que pode ser substituído por ISSO – refere-se ao fato – Ã oração – de "eu entregar o material". Eu não o (entregar o material) fiz. Eu não fiz isso (entregar o material).

Ex.: Procurei o livro de Contabilidade sugerido, mas não o encontrei.

O pronome pessoal oblíquo O refere-se ao termo "o livro de Contabilidade". Não encontrei o livro de Contabilidade.

Ex.: Zico foi o meu maior ídolo. Ele iniciou a carreira quando eu comecei a acompanhar futebol.

O pronome pessoal reto ELE refere-se a Zico.

Obs.: Em todas as situações apresentadas, o elemento coesivo possuía valor anafórico, ou seja, é justamente a capacidade de fazer referência ou representar termos antecedentes expostos no contexto. Todavia, há também o emprego de

termos com valor catafórico, que anunciam termos apresentados posteriormente no contexto.

Ex.: Só direi estas palavras: não se atrase.

Repare que o termo ESTAS PALAVRAS refere-se Ã oração que vem a seguir – NÃO SE ATRASE.

Ex.: Ele nunca nos falta, quando precisamos. Deus é único.

O pronome ELE refere-se ao termo DEUS inserido posteriormente no contexto.

Obs.: Há também os elementos de caráter dêitico (dêixis), que expressam situações externas ao texto. São referências de tempo e lugar relacionadas geralmente com a época ou com o local em que o texto foi redigido. Termos como AMANHÃ, ONTEM, AQUI, LÁ… expressam relações de dêixis.

Ex.: Ocorreu ontem (dia anterior Ã confecção do texto) uma grande manifestação.

Ex.: Aqui (local onde o autor está escrevendo o texto) chove muito.

Ex.: Este livro (o livro está próximo do emissor da mensagem) é muito interessante.

Ex.: Esse livro (o livro está próximo do receptor da mensagem) é muito interessante.

Ex.: Aquele livro (o livro está próximo do terceiros – de quem se fala) é muito interessante.

BIZU

Os termos endofóricos representam a soma dos anafóricos e catafóricos. Fazem referência a elementos presentes no texto, anteriores (anafóricos) ou posteriores (catafóricos). Já os termos exofóricos sugerem relação com termos externos ao texto, equivalendo-se aos dêiticos.

4.3. EXERCÍCIOS

BIZU PARA QUESTAO

A ESAF já fez muitas provas em que era exigido do candidato a montagem ou a continuação do texto. É recomendável no caso usar primeiramente a coesão e depois a coerência. Nas questões de montagem de textos, o passo prévio é observar se há, nos tópicos, elementos remissivos (termos que façam referência a expressões anteriores). Caso isso ocorra, o tópico não pode iniciar o texto. Por exemplo: Se você se deparar

com o tópico "Entretanto, não houve tempo para resolver o problema.", já se pode ter a certeza de que não pode estar no início do texto, já que a conjunção ENTRETANTO indica uma oposição a algo outrora aludido. Caso se posicione no princípio, vai opor-se a quê? Também o tópico "Eles não indicaram a saída." Não pode postar-se no início do verbete, uma vez que o pronome pessoal ELES refere-se a pessoas já mencionadas. Outra estrutura que não pode localizar-se no início é: "Não conseguiram demonstrá-la." Aí ocorrem dois fatos que obstam o posicionamento inicial: o verbo na terceira plural referindo-se a pessoa já apresentadas no texto, e o pronome oblíquo A em DEMONSTRÁ-LA que indica a ocorrência de elemento feminino e singular antecedente. A partir de então, você deve partir para as alternativas. Há questões que, ao se vislumbrar o primeiro tópico, já se chega Ã resposta.

Considere o texto abaixo para responder ã questão 1.

De teor histórico-filosófico, os livros de M. Foucault investigam, em determinadas sociedades e em determinados períodos, quais os modos efetivos e historicamente variáveis de produção de verdade. Uma consideração que se estende para a sociedade moderna, a partir das suas instituições, diz respeito ao que podemos identificar como o traço fundamental, comum a todas elas e que, certamente, é aplicável a toda sociedade. Trata-se do princípio da visibilidade. A um tempo global e individualizante, a visibilidade constitui uma espécie de princípio de conjunto. À primeira vista sinal de transparência e de revelação da verdade, pode-se contudo questionar se o gesto de mostrar-se, de deixar-se ver, significaria uma postura despojada de desvelamento da verdade de cada um ou se o desnudamento de si mesmo não seria uma injunção, se a exposição de si não encobriria uma certa imposição decorrente das regras que regem nosso modo de produção da verdade. Acrescentemos que a investigação que quer melhor compreender nossa época não pretende apenas situá-la pela sua diferença com o que a precede, mas também, eobretudo, instigar mudanças que, a partir e do interior do nosso presente, possam inaugurar perspectivas outras na direção do que está por vir.

(Salma T. Muchail, A produção da verdade. Filosofi a especial, n. 08, p. 7, com adaptações)

01. **AGENTE DA FAZENDA – No desenvolvimento do texto, a função do pronome relativo QUE é:**

a) na linha 4, retomar "instituições"(l.4);

b) na linha 14, retomar "o"(l.13 – primeira ocorrência);

c) na linha 11, retomar “imposição”(l.12);

d) na linha 5, retomar “todas elas”(l.5);

e) na linha 15, retomar “perspectivas” (l.16).

Gabarito: B

Na alternativa A, o pronome relativo QUE tem como antecedente o demonstrativo O, que está contraído Ã preposição A.

Na alternativa B, conforme exposto na parte teórica desse capítulo, ocorre a mesma situação da alternativa A, com uma pequena diferença. Na A, o pronome demonstrativo estava contraído a uma preposição. Na B, o pronome demonstrativo ocorre sem preposição. É de bom alvitre não olvidar que, quando há demonstrativo e relativo juntos, o antecedente do relativo é o demonstrativo, mesmo que este esteja contraído a uma preposição.

Na alternativa C, o pronome relativo QUE refere-se a “as regras”.

Na alternativa D, o pronome relativo QUE tem como antecedente o demonstrativo O (linha 4), o mesmo da alternativa A. Tal fato ocorre, visto que a conjunção E estabelece um paralelismo entre as duas orações.

Na alternativa E, o pronome relativo QUE refere-se ao demonstrativo O, que se encontra contraído Ã preposição DE.

Leia o texto abaixo para responder Ã questão 2.

A segunda metade dos anos 1990 foi caracterizada por crises nos países emergentes: México, Rússia, Brasil e Argentina. Em todos os casos, os países recorreram ao Fundo Monetário Internacional (FMI) para resolver seus problemas de endividamento externo e tiveram que se submeter a rigorosos programas de ajuste fiscal (redução de gastos públicos e aumento de impostos) e das contas externas exigidos pela organização. Após o período de retração do nível de atividade e aumento do desemprego, durante o qual a relação dívida/PIB e os déficits fiscais se acomodaram em níveis compatíveis com a capacidade de financiamento, todos os países, Ã exceção da Argentina, entraram em trajetória de crescs mento, com estabilidade de preços. Como os fundamentos fiscais e monetários destes países estavam fortes, com equilíbrio fiscal, relação dívida/PIB e inflação sob controle, seus governos e bancos centrais puderam adotar políticas fiscais, monetárias, de crédito mais frouxas, que reverteram a trajetória de queda já no segundo trimestre de 2009.

(José Márcio Camargo, Tragédia grega. Istoé, 10/02/2010, com adaptações)

02. **Analista Técnico Susep – Esaf – Assinale a opção em que os três termos remetem, por coesão textual, ao mesmo referente.**

a) "países emergentes"(l.1 e 2) – "os países"(l.2) – "se"(l.4)

b) "todos os casos"(l.2) – "problemas de endividamento externo"(l.2 e 3) – "seus"(l.12)

c) "Fundo Monetário internacional"(l.2 e 3) – "seus"(l.4) – "organização"(l.7)

d) "desemprego"(l.7) – "o qual"(l.7) – "se"(l.8)

e) "equilíbrio fiscal"(l.11) – "políticas…de crédito"(l.12 e 13) – "que"(l.13)

Gabarito: A.

Na opção A, os três termos se referem a México, Rússia, Brasil e Argentina.

Na opção B, o termo "todos os casos" remete Ã crise. O segundo termo não possui referente; se o termo englobasse o possessivo, remeteria a "os países". O pronome SEUS refere-se a México, Rússia e Brasil.

Na opção C, Fundo Monetário Internacional não remete a nenhum termo, pelo contrário, termos seguintes remeterão a ele; SEUS refere-se a "os países"; ORGANIZAÇÃO refere-se a Fundo Monetário Internacional.

Na D, DESEMPREGO não remete a outros termos; O QUAL refere-se a "o período de retração do nível de atividade e aumento do desemprego"; o pronome SE tem caráter reflexivo, remetendo a "a relação dívida/PIB e os déficits fiscais".

Na E, EQUILÍBRIO FISCAL não tem referente; o segundo termo também não possui referente; QUE remete a "políticas fiscais, monetárias, de crédito mais frouxas".

03. **(FGV / BESC / Advogado)**

"Mas, enquanto isso, no mercado financeiro, os bancos pensam em como superar um dilema."

O pronome grifado na frase acima exerce uma função anafórica. Assinale a alternativa em que isso NÃO ocorra.

a) Chegamos no dia 23 às 22 horas. **Nessa** noite, as estrelas pareciam brilhar mais do que o costume.

b) Nossas dúvidas residem **nisto**: não saber equacionar problemas.

c) Os sistemas de busca estão atualizados. Em **tais** sistemas, é possível selecionar o idioma de preferência.

d) Nada há para julgar. **Isso** resolve mais facilmente o nosso problema.
e) Os amantes e os amados vivem em desencontros. **Estes** vivem, sem dúvida, mais perdidos que aqueles.

Gabarito: B

Na alternativa A, o pronome NESSA, em nessa noite, refere-se Ã noite do dia 23, elemento citado anteriormente. Na alternativa C, O pronome TAIS, em tais sistemas, refere-se a "Os sistemas de busca". Na alternativa D, ISSO remete Ã oração anterior: ao fato de não haver nada para julgar. Na alternativa E, o pronome ESTES refere-se a "os amantes e os amados". Portanto, em todas essas alternativas, o pronome tem caráter anafórico. Na alternativa B, o pronome NISTO refere-se a um termo posterior: não saber equacionar problemas. Sendo assim, o pronome NISTO possui caráter catafórico.

04. **(FGV-MS / Fiscal de Rendas)**

Nas atuais condições em que exerce a sua hegemonia, a direita "moderada" conseguiu infiltrar seus critérios no discurso da esquerda "moderada".

A palavra seus no trecho acima tem valor:

a) anafórico;
b) anastrófico;
c) catafórico;
d) hiperbólico;
e) paragramático.

Gabarito: A

O pronome SEUS refere-se a "direita moderada". Observe: são critérios da direita moderada. Sendo assim, como o pronome refere-se a um termo antecedente, possui caráter anafórico.

05. **(NCE / ANAC)**

Segundo o Ministério da Saúde, em janeiro de 2003 havia 51.760 pessoas na lista de espera para transplante. Dado o tamanho do país – e, infelizmente, o grau de violência – seria de se esperar que o auxílio viesse rápido. De certa forma, a população está mais sensibilizada para o problema. O número de doações cresce desde 1997. De lá até o ano passado, saltamos de 3.932 para 8.031 transplantes realizados.

Entre as alternativas abaixo, aquela que apresenta um termo sublinhado de valor dêitico:

a) "seria de se esperar que o auxílio viesse rápido";

b) "a população está mais sensibilizada para o problema";

c) "De lá até o ano passado…";

d) "De lá até o ano passado";

e) "mas precisa fazer mais".

Gabarito: D

Questão muito interessante, elaborada para o candidato ficar em dúvida entre as alternativas C e D. "Lá" refere-se ao ano "1997", citado anteriormente no texto, portanto tem caráter anafórico. Já o termo "o ano passado" corresponde ao ano anterior, àquele em que o texto foi redigido (elemento externo ao texto). Sendo assim, a expressão "o ano passado" (só pelo texto não há como saber exatamente o ano, pois não há qualquer tipo de menção a ele) possui caráter dêitico.

06. **(FGV-RJ / Fiscal de Rendas)**

Esse raciocínio baseia-se, contudo, numa falsa comparação. Primeiramente, porque a alocação de novos recursos nada tem a ver, em princípio, com o impacto tecnológico. O avanço deste não acarreta necessariamente impacto positivo daquela.

No trecho "O avanço deste não acarreta necessariamente impacto positivo daquela.", os demonstrativos exercem, respectivamente, função:

a) anafórica e catafórica;

b) catafórica e catafórica;

c) anafórica e anafórica;

d) catafórica e anafórica;

e) dêitica e dêitica.

Gabarito: C

O pronome DESTE refere-se a "o impacto tecnológico", termo já mencionado, portanto é anafórico. DAQUELA remete a "a alocação de novos recursos", termo também já mencionado anteriormente no texto, possuindo, portanto, valor anafórico.

07. **(FGV / MEC)**

"O movimento altermundialista se vê diante da crise da globalização

capitalista em sua fase neoliberal. Essa crise não é uma surpresa para o movimento; ela estava prevista e era anunciada há muito tempo."

Assinale a alternativa em que o termo, no trecho acima, não resgate um termo anterior.

a) sua.
b) Essa.
c) movimento.
d) ela.
e) há.

Gabarito: E

O pronome SUA, constante na alternativa A, refere-se a "a globalização capitalista". O pronome ESSA, na opção B, refere-se a "a crise da globalização capitalista em sua fase neoliberal". O termo O MOVIMENTO, na alternativa C, é remissivo a "O movimento altermundialista". O pronome ELA, na opção D, remete a "a crise". A forma verbal HÁ não se refere a qualquer elemento anterior, exprimindo valor de tempo decorrido.

08. **(FGV / Senado Federal / Técnico Administrativo)**

"Portanto, trata-se de ver aquilo que é melhor ao cidadão."

A respeito do período acima, analise os itens a seguir:

I. **O pronome aquilo tem valor catafórico.**
II. **A palavra Portanto tem valor conclusivo.**
III. **A palavra melhor classifica-se como adjetivo.**

Assinale:

a) se somente os itens I e III estiverem corretos;
b) se somente os itens II e III estiverem corretos;
c) se nenhum item estiver correto;
d) se todos os itens estiverem corretos;
e) se somente os itens I e II estiverem corretos.

Gabarito: B

No item I, o pronome AQUILO não se refere a elementos posteriores, não possuindo, por conseguinte, valor catafórico. ERRADO

No item II, PORTANTO é conjunção coordenativa conclusiva. ERRADO

No item III, MELHOR é adjetivo, podendo até ser flexionado, caso o sujeito ocorresse no plural: "ver aquelas situações que são melhores para o cidadão". CERTO

09. **(FGV / Perito da Polícia Civil)**

"Ademais, e este talvez seja o ponto principal, se o que está em tela é o modelo que possibilitou a realização da hidrelétrica de San Francisco no Equador, por meio da geração de empregos no Brasil e da exportação de bens e serviços brasileiros de alto valor agregado, longe estamos de uma situação em que o interesse nacional brasileiro não esteja sendo atendido."

"A América do Sul é nosso destino – disso já sabiam governantes brasileiros antes da atual administração. A ênfase que lhe é dada hoje tem trazido benefícios importantes."

Os pronomes grifados nos trechos acima têm papel, respectivamente:

a) catafórico e catafórico;
b) anafórico e catafórico;
c) anafórico e anafórico;
d) dêitico e anafórico;
e) dêitico e catafórico.

Gabarito: Anulada

A questão foi anulada porque o pronome demonstrativo ESTE possui valor catafórico – refere-se a todo o fragmento posterior "se o que está em tela é o modelo que possibilitou a realização da hidrelétrica de San Francisco no Equador, por meio da geração de empregos no Brasil e da exportação de bens e serviços brasileiros de alto valor agregado, longe estamos de uma situação em que o interesse nacional brasileiro não esteja sendo atendido."

Já o pronome disso possui valor anafórico, pois se refere a "A América do Sul é o nosso destino.".

Destarte, a resposta certa seria CATAFÓRICO E ANAFÓRICO.

10. **(NCE)**

"A descoberta da América pelos europeus, nos fins do século quinze, deu lugar a uma transplantação da cultura europeia para este Continente. Tal empreendimento constitui, porém, uma aventura impregnada de duplicidade."

"Proclamavam os europeus ao aqui chegarem para expandir nestas plagas o

cristianismo…”

“… movia-os o propósito de exploração e fortuna. A história do período colonial é a história desses dois objetivos a se ajudarem mutuamente na tarefa real e não confessada da espoliação continental.”

“Nascemos, assim, divididos entre propósitos reais e propósitos proclamados. A essa duplicidade da própria sociedade nascente, dividida entre senhores e escravos…”

A seguir, cada um deles é classificado, quanto Ã função textual, na ordem em que ocorrem. Assinale a opção correta.

a) dêitico; dêitico; anafórico; anafórico, anafórico.

b) dêitico; anafórico; anafórico; anafórico, dêitico.

c) anafórico; dêitico; dêitico, anafórico; dêitico.

d) dêitico; dêitico; dêitico; anafórico; dêitico.

e) anafórico; dêitico; dêitico; anafórico; anafórico.

Gabarito: E

O pronome TAL remete ao termo “A descoberta da América pelos europeus” – anafórico; o advérbio AQUI refere-se ao país de nacionalidade do autor – dêitico; O pronome demonstrativo NESTAS, em NESTAS PLAGAS, refere-se às plagas onde o autor se encontra – dêitico; O pronome demonstrativo DESSES, em desses dois objetivos, remete ao antecedente “exploração e fortuna” – anafórico; o pronome demonstrativo ESSA, em “essa duplicidade”, refere-se ao antecedente “propósitos reais e propósitos proclamados” – anafórico.

4.4. COESÃO REFERENCIAL LEXICAL

É a coesão que se estabelece pela conexão dos sentidos dos termos envolvidos no texto, assim, esse tipo de coesão se dá pelas relações de sinonímia, antonímia, hiperonímia e hiponímia.

4.4.1. Sinonímia, antonímia, hiperonímia e hiponímia

Precisamos ter em mente que, apesar de alguns termos possuírem seus sinônimos e antônimos facilmente identificáveis como acontece em ‘bonito x belo’ e ‘feio e belo’, muitas das vezes, as provas de concursos trabalham com sinônimos e antônimos que se adéquam ao contexto em que os termos estão inseridos. Por

isso, precisamos saber identificar determinado vocábulo no texto e não apenas substituí-lo como um sinônimo ou antônimo. Por exemplo, é natural que consideremos que o vocábulo 'velho' seja um antônimo perfeito para 'novo', por isso, podemos entender que o antônimo de 'encontrei um homem **velho**' é 'encontrei um homem **novo**'. Por outro lado, se temos a situação 'não coma o pão que está **velho**', utilizaríamos como antônimo o vocábulo 'fresco' em 'hoje comprei um pão **fresco**'. Percebemos assim que os vocábulos devem ser utilizados de forma adequada ao contexto em que se inserem, pois, se na primeira situação, nós utilizássemos o termo 'fresco' em vez de 'novo', não estaríamos apresentando um antônimo apropriado Ã situação.

A sinonímia nos textos acontece nas relações de hiperonímia e de hiponímia. Vejamos os vocábulos a seguir:

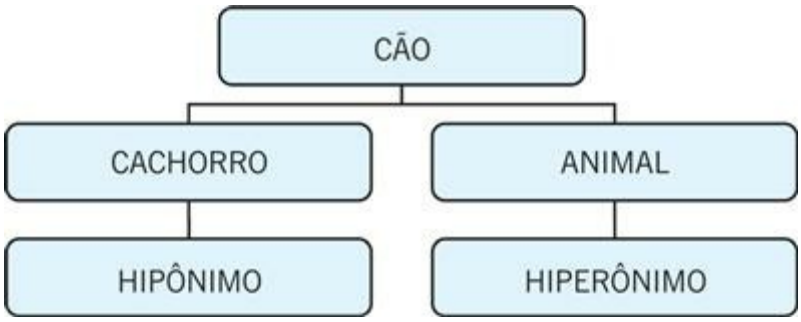

Observe que tanto 'cachorro' quanto 'animal' são termos que funcionam como sinônimos do termo 'cão', entretanto, 'cachorro' substitui 'cão' de forma mais específica do que o termo 'animal', que poderia substituir outros bichos como gato, pássaro e peixe. Assim, podemos concluir que hiperônimos são termos que substituem de forma mais genérica vocábulos que estão no mesmo campo semântico, enquanto que os hipônimos substituem de forma mais específica.

Dessa forma, podemos concluir que o hiperônimo contém as características genéricas de uma determinada classe (por exemplo, matéria); o hipônimo é um elemento específico que comunga dessas características genéricas, sem deixar de possuir os seus próprios traços diferenciadores (por exemplo, Português, Matemática, Geografia são hipônimos de matéria). Veja outros exemplos:

HIPERÔNIMOS	HIPÔNIMOS
Animal	Gato, cachorro, papagaio
Louça	Garfo, faca, colher

Profissional	Engenheiro, médico, professor
Esporte	Futebol, vôlei, basquete

Além das possibilidades de substituição acima, devemos considerar a coesão estabelecida por meio das perífrases. As expressões também servem para substituir termos antecedentes, mas não são de fato sinônimos perfeitos, como, por exemplo, no trecho:

Ex.: **Silvano Eustáquio** é o melhor presidente que um time poderia ter. O **presidente do Palmeiras**, Silvano Eustáquio, afirmou que o time tem todas as condições para ganhar o campeonato.

O nome próprio 'Silvano Eustáquio' foi substituído por 'presidente do Palmeiras' possibilitando a não repetição do termo e, principalmente, mantendo a coesão textual harmônica. O mesmo processo pode ser observado no exemplo abaixo:

Ex.: Castro Alves é autor de uma vastíssima obra literária. Não é por acaso que o **"Poeta dos Escravos"** é considerado o mais importante da geração a qual representou.

A expressão 'Poeta dos escravos' serve para substituir o nome 'Castro Alves', isso evita que o nome seja repetido e garante a manutenção da coesão textual.

4.5. COESÃO REFERENCIAL POR ELIPSE

A coesão também pode ser realizada por elipse. Elipse é um tipo de figura de linguagem que permite a supressão de um termo facilmente subentendido no texto. Vejamos:

Ex.: As crianças nunca se cansam. **Brincam** o dia inteiro e **saem** a toda hora.

Ex.: Os bandidos sempre quando são presos fazem cara de santo. Depois que a situação piora **ficam** implorando por perdão.

Ex.: Nós íamos conseguir o que desejávamos, mas **perdemos** por não **termos** paciência.

Note que antes dos verbos destacados o sujeito foi omitido, mas pode ser facilmente identificado uma vez que já foi expresso anteriormente.

4.6. EXERCÍCIOS

01. **(VUNESP / TJ – SP)**

A palavra empresa é um sinônimo genérico de Proter & Gamble, no texto. A alternativa que apresenta, também, esse tipo de sinonímia, é:

a) automóvel – veículo;
b) automóvel – carro;
c) geladeira – refrigerador;
d) fotografia – foto;
e) motocicleta – moto.

Gabarito: A

A expressão Proter & Gamble é hipônimo de empresa. Empresa é hiperônimo de Proter & Gamble. Nas alternativas B e C, os termos são sinônimos absolutos. Nas alternativas D e E, os vocábulos foto e moto são abreviaturas de fotografia e motocicleta. Na alternativa A, automóvel é hipônimo de veículo – existem vários veículos (caminhão, motocicleta, ônibus, lambreta…) –, e automóvel (hipônimo), que é apenas um deles, especifica qual veículo é.

02. **(CEPUERJ / Técnico de Enfermagem)**

"… Evite ingerir o medicamento juntamente com alimentos (…) Evite também ingerir álcool durante o tratamento, pois o uso de XXXXXX com álcool é tóxico para o fígado.."

O emprego da palavra "medicamento" em substituição a "XXXXXX" constitui caso de:

a) sinonímia;
b) hiponímia;
c) antonímia;
d) aiperonímia.

Gabarito: B

XXXXXX é hipônimo de medicamento, pois é o nome do medicamento. Medicamentos (hiperônimo) existem vários, XXXXXX é apenas um deles. XXXXXX representa uma especificação de qual medicamento se trata.

4.7. COESÃO SEQUENCIAL

É a coesão normalmente feita por conjunções, ligando termos, orações ou períodos,

estabelecendo entre eles uma relação de sentido. Torna-se imperioso esclarecer que esse tipo de coesão não tem como escopo retomar ou representar termos antecedentes, mas, sim, ligar a construção anterior Ã seguinte, estabelecendo entre elas uma relação de sentido. Quando uma oração é introduzida pela conjunção ENTRETANTO, já se sabe que o fragmento está em oposição a algo citado anteriormente. Ao observar a presença da conjunção ENQUANTO, já se imagina que dois fatos estão acontecendo simultaneamente. A ocorrência do conector JÁ QUE sugere que a ideia introduzida indicará uma causa para um fato anteriormente relatado. Já o conector PORTANTO indica que a oração em que ocorre é uma conclusão para algo citado anteriormente.

Ex.: Ele estava doente, entretanto não faltou ao trabalho.

Todos prestavam atenção, enquanto João falava.

Já que estão todos presentes, podemos começar a aula.

Pedro faltou ao trabalho, portanto deve estar doente.

4.8. COESÃO SEQUENCIAL

01. **(Esaf / CVM / Analista)**

Tradicional defensor de instrumentos ortodoxos de política econômica, o Fundo Monetário Internacional (FMI) admitiu o uso de controles de capital para combater a formação de bolhas financeiras e o fluxo exagerado de investimentos estrangeiros que valorizam excessivamente as moedas nacionais em relação ao dólar. Entre as opções, está a tributação do ingresso de recursos, caminho escolhido pelo Brasil, que elevou de 4% para 6% a alíquota do imposto de operações financeiras (IOF) nas aplicações de renda fixa. Outra possibilidade é a proibição de retirada do dinheiro por um tempo determinado, como fez o Chile. Por enquanto a equipe econômica brasileira resiste em adotar este passo, pois, para o economista americano J. L., o reforço no balanço orçamentário e as ações de caráter mais estrutural são, muitas vezes, as respostas mais adequadas para o aumento de fluxos. "Mas pode haver circunstâncias em que os controles cambiais sejam úteis, numa medida temporária, para lidar com esse crescimento de capital", afirma.

(Adaptado de Correio Braziliense, 19 out. 2010.)

Na organização das relações de coesão e coerência no texto, a

expressão

a) "caminho escolhido pelo Brasil"(l.5) retoma a ideia de "tributação do ingresso de recursos" (l.5).

b) "fluxo exagerado de investimentos estrangeiros" (l.3) retoma a ideia de "bolhas financeiras" (l.3).

c) "ações de caráter mais estrutural"(l.10) retoma a ideia de "bolhas financeiras"(l.3).

d) "controles cambiais" (l.12) retoma a ideia de "ações de caráter mais estrutural" (l.10).

e) "esse crescimento de capital" (l.13) retoma a ideia de "aplicações de renda fixa" (l.7).

Gabarito: A

Na opção A, pela construção frasal, fica que a expressão) "caminho escolhido pelo Brasil"(l.5) retoma a ideia de "tributação do ingresso de recursos".

Na opção B, o termo "fluxo exagerado de investimentos estrangeiros" não remete a qualquer outra expressão.

Na opção C, "ações de caráter mais estrutural" também não possui referente.

Na opção D, "controles cambiais" retoma a ideia de "a tributação do ingresso de recursos" e de "retirada do dinheiro por um tempo determinado".

Na opção E, a expressão "esse crescimento de capital" refere-se a "a formação de bolhas financeiras e o fluxo exagerado de investimentos estrangeiros que valorizam excessivamente as moedas nacionais em relação ao dólar.".

02. **(Esaf / RJ / Fiscal de Rendas)**

O texto abaixo serve de base para a questão 4

Com o advento do Estado Social e Democrático de Direito, ganhou força a tese que defende a necessidade de interpretar a relação jurídica tributária de forma contextualizada com o valor constitucional da solidariedade social. Isso não significa, porém, que a busca da solidariedade social prevalecerá sempre sobre todas as demais normas constitucionais, pois sempre existirão situações em que restará configurada a supremacia de outros valores, também positivados no texto constitucional.

A solidariedade de que trata a Constituição, no entanto, é a solidariedade genérica, referente Ã sociedade como um todo, em oposição Ã solidariedade de

grupos sociais homogêneos, a qual se refere a direitos e deveres de um grupo social específico. Por força da solidariedade genérica, é lógico concluir que cabe a cada cidadão brasileiro dar a sua contribuição para o financiamento do "Estado Social e Tributário de Direito".

Infelizmente, é um fato cultural e histórico o contribuinte ver na arrecadação dos tributos uma "subtração", em vez de uma contribuição a um Erário comum. Diante disso, o tema da solidariedade é fundamental, porque leva a uma reflexão sobre as razões pelas quais se pagam tributos, ou porque deva existir uma lealdade tributária.

(Daniel Prochalski, Solidariedade social e tributação. http://jus2.uol.com.br/Doutrina/texto, acesso em 9/6/2010, com adaptações)

Assinale a opção correta a respeito das relações de coesão no texto.

a) Por meio do pronome "Isso"(l.3) retoma-se a ideia de "advento do Estado Social e Democrático de Direito"(l.1).

b) O substantivo "situações"(l.5) resume e retoma as relações entre "o advento do Estado Social e Democrático de Direito"(l.1) e "o valor constitucional da solidariedade social"(l.3).

c) Por meio do pronome "a qual"(l.10), retoma-se "sociedade" (l.9)

d) A expressão "outros valores"(l.6) refere-se a valores que constam do texto constitucional.

e) É classificado como "cultural e histórico"(l.14) o fato de cada cidadão brasileiro dar sua contribuição para o financiamento do Estado.

Gabarito: D

Na alternativa A, o pronome ISSO refere-se a "ganhou força a tese que defende a necessidade de interpretar a relação jurídica tributária de forma contextualizada com o valor constitucional da solidariedade social.".

Na alternativa B, o termo situações não retoma termos antecedentes, mas aponta para "em que restará configurada a supremacia de outros valores, também positivados no texto constitucional.", redigido a seguir.

Na alternativa C, o pronome relativo A QUAL retoma a "solidariedade de grupos sociais homogêneos".

Na opção D, a expressão "outros valores" retoma "demais normas (valores) constitucionais".

Na opção E, a expressão "cultural e histórico" qualifica o fato de "o contribuinte ver na arrecadação dos tributos uma "subtração", em vez de uma contribuição a um Erário comum.".

03. **(Cespe / UnB / MPU / Analista Administrativo)**

Inovar é recriar de modo a agregar valor e incrementar a eficiência, a produtividade e a competitividade nos processos gerenciais e nos produtos e serviços das organizações. Ou seja, é o fermento do crescimento econômico e social de um país. Para isso, é preciso criatividade, capacidade de inventar e coragem para sair dos esquemas tradicionais. Inovador é o indivíduo que procura respostas originais e pertinentes em situações com as quais ele se defronta. É preciso uma atitude de abertura para as coisas novas, pois a novidade é catastrófica para os mais céticos. Pode-se dizer que o caminho da inovação é um percurso de difícil travessia para a maioria das instituições. Inovar significa transformar os pontos frágeis de um empreendimento em uma realidade duradoura e lucrativa. A inovação estimula a comercialização de produtos ou serviços e também permite avanços importantes para toda a sociedade. Porém, a inovação é verdadeira somente quando está fundamentada no conhecimento. A capacidade de inovação depende da pesquisa, da geração de conhecimento. É necessário investir em pesquisa para devolver resultados satisfatórios Ã sociedade. No entanto, os resultados desse tipo de investimento não são necessariamente recursos financeiros ou valores econômicos, podem ser também a qualidade de vida com justiça social.

Luís Afonso Bermúdez. O fermento tecnológico. In: Darcy. Revista de jornalismo científico e cultural da Universidade de Brasília, novembro e dezembro de 2009, p. 37 (com adaptações).

Considerando a organização das ideias e estruturas linguísticas do texto, julgue os seguintes itens.

1. Na linha 6, o segmento "as quais" remete a "situações" e, por isso, admite a substituição pelo pronome que; no entanto, nesse contexto, tal substituição provocaria ambiguidade.
2. O período sintático iniciado por "Inovar significa" (L.9) estabelece, com o período anterior, relação semântica que admite ser explicitada pela expressão Por conseguinte, escrevendo-se: Por conseguinte, inovar significa (…).
3. Subentende-se da argumentação do texto que o pronome demonstrativo, no

trecho “desse tipo de investimento” (L. 15), refere-se Ã ideia de “fermento do crescimento econômico e social de um país” (L.3 e 4).

4. A forma verbal “é” (L.3) está flexionada no singular porque, na oração em que ocorre, subentende-se “Inovar” (L.1) como sujeito.

Gabarito:

1 – Errado – Realmente o pronome relativo “as quais” refere-se a “situações”, todavia a substituição desse pronome relativo por QUE não gera problema relativo Ã ambiguidade.

2 – Errado – O conector POR CONSEGUINTE possui caráter conclusivo, portanto deve ser empregado para fechar uma ideia, o que não ocorre. Observe, inclusive, que outras características de INOVAR são apresentadas no período seguinte. Depois, com o emprego do conector adversativo PORÉM, ainda se estabelece uma ressalva para o que pode ser “inovação.

3 – Errado – O termo “desse tipo de investimento” remete a “investir em pesquisas”.

4 – Certo – A forma verbal É encontra-se flexionada na terceira pessoa do singular para concordar com a expressão oracional subentendida INOVAR: Inovar é o fermento do crescimento econômico e social de um país.

Capítulo 5

Semântica dos Conectores – Preposições e Conjunções

PREPOSIÇÕES

Esses elementos são responsáveis por estabelecer o nexo entre os vocábulos de uma oração e entre as orações, períodos e parágrafos em um texto. Podemos dizer que se dividem em dois grupos:

a) **Essenciais** – São as que funcionam apenas como preposição

Ex.: a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, per, perante, por, sem, sob, sobre, trás.

b) **Acidentais** – Segundo a professora Maria Helena de Moura Neves, em sua gramática "a Nomenclatura Gramatical Brasileira", são preposições acidentais certos elementos que se estão gramaticalizando como preposições e que se empregam em contextos restritos. Todos esses elementos têm origem em outra classe gramatical."

Ex.: salvo, consoante, exceto, durante, conforme, senão, segundo, entre outras.

5.1. VALORES SEMÂNTICOS DAS PREPOSIÇÕES ESSENCIAIS

5.1.1. Preposição "A"

Condição	**A** persistirem os sintomas, o médico deverá ser consultado!
Direção	Quero conhecer o Brasil de norte **a** sul.
Fim	João estudou **a** passar no concurso.
Meio	Obteve êxito **a** estudo.
Lugar	Estávamos **a**o portão do curso.

Conformidade	O professor fez a questão **a**o método prático.
Preço	Vendeu **a** um real o quilo.
Concessão	Ele nada fazia **a** não ser jogar futebol.
Tempo	**A**o encontrar a solução, fiquei aliviado.
Instrumento	Mataram a galinha **a** machado.
Modo	Falar **a**os berros.
Semelhança	João não saiu **a** vocês.
Distribuição proporcional, gradação	dia **a** dia, mês **a** mês, ano **a** ano.
Posse	Tomou o pulso **a**o doente.(= do doente)

BIZU

Uma forma de identificar a ideia "fim" que a preposição pode assumir, é substituindo-a pela preposição "para".

João estudou **a**passar no concurso.

João estudou**para**passar no concurso.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "a":**

1	**Causa**
2	**Direção**
3	**Fim**
4	**Meio**
5	**Lugar**
6	**Conformidade**
7	**Preço**
8	**Concessão**
9	**Posse**
10	**Instrumento**
11	**Modo**

12	**Semelhança**
13	**Proporção** **Gradação**
14	**Condição**

a. ( ) Escrevemos a carta **a** lápis.
b. ( ) Será bom que o mundo morra **à** fome?
c. ( ) Fui **a** Niterói.
d. ( ) Falaremos **a**o modo tradicional.
e. ( ) Do Forte de Copacabana **a**o Arpoador, a caminhada é tranquila.
f. ( ) Mantiveram-se no local **a** pedir perdão.
g. ( ) A camisa foi vendida **a** R$100,00.
h. ( ) Aprenderemos pouco **a** pouco o assunto.
i. ( ) Passear **a** camelo.
j. ( ) Matar **à** fome.
k. ( ) Esqueci-me de tudo **a** não ser do seu nome.
l. ( ) Maria puxou **a**o pai.
m. ( ) Arrancou o prazer da leitura **a**o homem.
n. ( ) **A** cumprirem suas responsabilidades, serão bem recebidos.

Gabarito:

a. (10)
b. (1)
c. (2)
d. (11)
e. (5)
f. (3)
g. (7)
h. (13)
i. (11)
j. (4)
k. (8)
l. (12)
m. (9)

n. (14)

5.1.2. Preposição "ATÉ"

Limite de lugar	Segui você **até** o final da rua.
Limite de tempo	Esperei **até** ontem.
Limite numérico	O produto custará **até** três vezes mais.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "até":**

1	**Limite de lugar**
2	**Limite de tempo**
3	**Limite numérico**

a. ( ) Capacidade **até** 10 quilos de roupa.
b. ( ) As longas e cansativas caminhadas **até** o cemitério eram desesperadoras.
c. ( ) Tenho **até** hoje para enviar os documentos.
d. ( ) Apostarei **até** R$100,00 no jogo de hoje.
e. ( ) Debruçada **até** quase os meus joelhos, ela gritou.
f. ( ) Amar-te-ei **até** o último dia de nossas vidas.

Gabarito:

a. (3)
b. (1)
c. (2)
d. (3)
e. (1)
f. (2)

5.1.3. Preposição "COM"

Companhia	Gostaria de sair mais vezes **com** você.
Soma	Uniremos as tuas **com** as nossas palavras.

Modo	Ele gritou **com** força.
Instrumento	Lavei a roupa **com** sabão de coco.
Condição	**Com** sorte, atingiremos nossos objetivos.
Causa	Os japoneses ficaram aflitos **com** o Tsunami.
Tempo	**Com** seis meses de uso, as peças começam a ficar ruins.
Conformidade	Reconhecemos, **com** o ilustre professor, que a questão deveria ser anulada.
Lugar	Talvez encontremos, **com** o fim da estrada, água.
Concessão	**Com** vinte anos de carreira, seu patrimônio se resume a dois carros modestos.
Meio	Fui **com** minha moto para os lugares mais remotos do Brasil.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1 . **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "com":**

1	**Companhia**
2	**Soma**
3	**Modo**
4	**Instrumento**
5	**Condição**
6	**Causa**
7	**Tempo**
8	**Meio**
9	**Conformidade**
10	**Lugar**
11	**Concessão**

a. ( ) Somaremos as minhas partes **com** as suas para formarmos o inteiro.

b. ( ) Sairemos **com** a mamãe para fazer compras.

c. ( ) O aluno sorriu **com** timidez.

d. ( ) Resolvemos, **com** a orientação do Doutor, todas as questões.
e. ( ) Fiz questão de realizar a prova **com** uma caneta especial.
f. ( ) Andaremos e encontraremos, **com** o fim da rua, a casa colorida.
g. ( ) **Com** esse desempenho, não passará no concurso.
h. ( ) **Com** o tempo, seu cabelo cairá.
i. ( ) Muitos ficaram aflitos **com** a notícia dos terremotos no Japão.
j. ( ) **Com** toda sua riqueza, não consegue ser feliz.
k. ( ) Só gosto de viajar **com** o meu carro.

Gabarito:

a. (2)
b. (1)
c. (3)
d. (9)
e. (4)
f. (10)
g. (5)
h. (6)
i. (6)
j. (11)
k . (8)

5.1.4. Preposição "CONTRA"

Lugar	Ele pressionou a mão **contra** o peito.
Adversidade	Tudo isso é **contra** meus princípios.
Comparação	No ano passado, o curso teve duzentas aprovações, **contra** trezentas e cinquenta que obtivemos este ano.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1 . **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "contra":**

1	Lugar

2	**Adversidade**
3	**Comparação**

a. ( ) O cavalo se coça **contra** uma cerca.
b. ( ) As pesquisas mostraram que o índice de analfabetismo aumentou 10% neste mês **contra** 5% no mês passado.
c. ( ) Os políticos falam **contra** o governo.

Gabarito:

a. (1)
b. (3)
c. (2)

BIZU

A PREPOSIÇÃO CONTRA ENTRA EM EXPRESSÕES FIXAS

Ser contra / ficar contra / ir contra → opor-se a

Sou contra os charlatões. / Ninguém pode ir contra a vontade de Deus.

5.1.5. Preposição "DE"

Modo	Os espertos vão saindo **de** fininho.
Lugar	**De** longe nada se via.
Tempo	A reunião acontec **de** manhã.
Instrumento	Devia ter feito a barba **de** gilete.
Causa	As frutas caíram do pé **de** podre.
Matéria	A casa foi feita **de** madeira.
Intensidade	Ele estudou **de** não aguentar mais o ritmo.
Negação	Não quisera regressar **de** jeito algum.
Posse	Ela bebeu com o dinheiro **de** Maria.
Finalidade	"E o coração... é instrumento **de** sopro ou de percussão?"
Assunto	Falava **de** política.
Origem	"Afirmava-se que o fogo começara **de** uma sala" (Raul Pompéia).

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "de":**

1	**Modo**
2	**Lugar**
3	**Tempo**
4	**Instrumento**
5	**Causa**
6	**Matéria**
7	**Intensidade**
8	**Negação**
9	**Posse**
10	**Finalidade**
11	**Assunto**
12	**Origem**

a. ( ) Ele vive **de** pequenos furtos.
b. ( ) Roubaram a bolsa **de** uma aluna da turma.
c. ( ) Cheguei **de** imediato.
d. ( ) Comprei uma casa **de** campo.
e. ( ) Meu coração pulou **de** saudades.
f. ( ) O fio foi feito **de** cobre.
g. ( ) Ele riu **de** todos estarem com sono.
h. ( ) A aluna falou **de** música com o professor.
i. ( ) Vamos capinar **de** enxada.
j. ( ) Sentou-se **de** frente para você.
k. ( ) Ela não acreditava **de** maneira alguma em alienígenas.
l. ( ) A manifestação começou **de** todos os escritório e foi até a praça.
m. ( ) Ele chegou **de** Paris agora

Gabarito:

a. (1)

b. (9)
c. (3)
d. (10)
e. (5)
f. (6)
g. (5)
h. (11)
i. (4)
j. (2)
k. (8)
l. (2)
m. (12)

5.1.6. Preposição "EM"

Lugar	Ele estava **em** São Paulo.
Modo	**Em** lágrimas, confessou o crime.
Tempo	A reunião acontecerá **em** trinta minutos.
Causa	Ela estava triste **em** não poder ajudar a pobre moça.
Finalidade	João acariciou **em** despedida a face de seu pai.
Matéria	O talher é feito **em** cobre.
Instrumento	Desenharam **na** máquina os projetos futuros.
Meio	O professor, **em** explicações exatas, conseguiu o gabarito.
Preço	Eu estimei **em** vinte milhões o terreno.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "em":**

1	**Lugar**
2	**Modo**
3	**Tempo**
4	**Causa**

5	**Finalidade**
6	**Matéria**
7	**Instrumento**
8	**Meio**
9	**preço**

a. ( ) O rapaz estava contente **em** conseguir estudar oito horas por dia.
b. ( ) O casaco foi feito **em** lã.
c. ( ) **Na** rua do mercado, eu a vi.
d. ( ) O corte foi feito **na** tesoura.
e. ( ) **Em** março, fui nomeado.
f. ( ) Vai taxar **em** 10% todos os saques bancários.
g. ( ) **Em** desespero, corri atrás do ônibus.
h. ( ) Machado de Assis, **em** frases curtas, demonstrava sua depressão.
i. ( ) Deixou **em** herança todos os bens.

Gabarito:

a. (4)
b. (6)
c. (1)
d. (7)
e. (3)
f. (9)
g. (2)
h. (8)
i. (5)

5.1.7. Preposição "ENTRE"

Lugar	A moto estava **entre** os dois carros no trânsito.
Tempo	**Entre** 1979 e 1985, foram vendidas três mil peças.
Quantidade	O preço vai girar **entre** oito e dez dólares.
Companhia	Vivia **entre** os mais pobres.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1 . **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "entre":**

1	**Lugar**
2	**Tempo**
3	**Quantidade**
4	**Companhia**

a. ( ) **Entre** junho e setembro, viajaremos ao nordeste.
b. ( ) **Entre** duas e três meninas, a mais bela foi a escolhida.
c. ( ) **Entre** as árvores estava uma linda mulher.
d. ( ) Eu adoro me deitar **entre** os meu cães.

Gabarito:

a. (2)
b. (3)
c.y (1)
d. (4)

5.1.8. Preposição "PARA"

Direção	Eu caminhei **para** a rua animada.
Tempo	Marcamos o encontro **para** amanhã.
Conformidade	**Para** mim, isso não é doença.
Finalidade	O aluno estuda **para** passar.
Condição	**Para** desejar cantar comigo, terá de tratar da voz.
Lugar	Havia um pouco de comida mais **para** o canto da sala.
Restrição	Proibido **para** menores.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1 . **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição**

"entre":

1	**Direção**
2	**Tempo**
3	**Conformidade**
4	**Finalidade**
5	**Condição**
6	**Lugar**
7	**Restrição**

a. ( ) **Para** o segundo semestre, deixaremos o problema.
b. ( ) Compraremos roupas **para** doar.
c. ( ) Conteúdo específico **para** maiores de dezoito anos.
d. ( ) **Para** ele, o mundo da imaginação é real.
e. ( ) Havia muito mais confete **para** a plateia do que para o palco.
f. ( ) Peguei um atalho **para** sua casa.
g. ( ) **Para** querer ficar comigo, terá de mudar seu jeito de pensar.

Gabarito:

a. (2)
b. (4)
c. (7)
d. (3)
e. (1)
f. (6)
g. (5)

5.1.9. Preposição "POR"

Meio	As casas são ligadas **por** uma escada.
Causa	Aparentava mais idade **por** seus cabelos brancos.
Modo	Resolveremos as questões **por** partes.
Lugar	Ele passou **por** baixo da ponte.

Agente	Ele foi baleado **por** uma criança.
Tempo	Na piscina, **por** muitas horas, tomou muito sol.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "por":**

1	**Meio**
2	**Causa**
3	**Modo**
4	**Lugar**
5	**Agente**
6	**Tempo**

a. ( ) O meu amor deixou de comer **por** mim.
b. ( ) Eles se comunicavam **por** cartas.
c. ( ) O resultado foi dado **por** todos da banca.
d. ( ) **Pela** manhã, você surgiu radiante.
e. ( ) **Por** onde anda, meu filho?
f. ( ) Ele estudou a matéria **por** assunto.

Gabarito:

a. (2)
b. (1)
c. (5)
d. (6)
e. (4)
f. (3)

5.1.10. Preposição "SOB"

Lugar (posição inferior)	Namoramos **sob** aquelas pedras.
Causa	Não se deve ficar aqui, **sob** o risco de ser assaltado.

Proteção	A criança estava **sob** minha custódia.
Sujeição	Bentinho foi exilado **sob** a regência severa da ditadura.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "sob":**

1	**Lugar**
2	**Causa**
3	**Proteção**
4	**Sujeição**

a. ( ) Só confessará **sob** ameaça de perder a vida.
b. ( ) Os soldados, **sob** o meu comando, ganharam a Guerra.
c. ( ) As nuvens se ondulavam **sob** o céu.
d. ( ) Estávamos **sob** o amparo da lei.

Gabarito:

a. (2)
b. (4)
c. (1)
d. (3)

5.1.11. Preposição "SOBRE"

Lugar (posição superior)	O livro estava **sobre** a mesa.
Assunto	Falávamos **sobre** o tango brasileiro.
Especificação	Houve um acréscimo de 33% **sobre** os dados do governo anterior.
Preferência (acima de)	Amar a Deus **sobre** todas as coisas.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1 . **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "sobre":**

1	**Lugar**
2	**Assunto**
3	**Especificação**
4	**Preferência**

a. ( ) Depois de ouvir a história **sobre** políticos, ficou deprimido.
b. ( ) Os funcionários foram multados em 30% **sobre** os seus salários.
c. ( ) Observou as baratas **sobre** o esgoto.
d. ( ) Os cuidados com os filhos estão **sobre** todas as outras coisas.

Gabarito:

a. (2)
b. (3)
c. (1)
d. (4)

5.1.12. Preposição "ANTE"

Lugar	João encontrou o livro **ante** o único lugar vago.
Causa	**ante** a belíssima atuação dos flamenguistas.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1 . **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "ante":**

1	**Lugar**
2	**Causa**

a. ( ) Os baderneiros parariam **ante** o guarda.
b. ( ) O marido chorou arrependido **ante** a revelação da mulher.
c. ( ) Apareciam **ante** mim as pessoas sedentas.
d. ( ) **Ante** os sinais de explosão, decidiu correr.

Gabarito:

a. (1)
b. (2)
c. (1)
d. (2)

BIZU

A PREPOSIÇÃO ANTE COM IDEIA DE LUGAR PODE SER SUBSTITUÍDA POR:

= { na frente de / diante de / perante / na presença de

A PREPOSIÇÃO ANTE COM IDEIA DE CAUSA PODE SER SUBSTITUÍDA POR:

= { por causa de / por motivo de / em decorrência de / em consequência de

5.1.13. Preposição "APÓS"

Lugar posterior	**Após** o canteiro da obra, você encontrará um buraco.
Tempo posterior	**Após** a apresentação, fomos ao restaurante.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1 . **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "após":**

1	**Lugar**
2	**Tempo**

a. ( ) **Após** o curso, situa-se o Teatro Municipal.
b. ( ) **Após** a apresentação, o professor se emocionou.
c. ( ) Chegando a minha rua, estacione **após** o orelhão.

d. ( ) Dia **<u>após</u>** dia, sonho com você.

Gabarito:

a. (1)
b. (2)
c. (1)
d. (2)

5.1.14. Preposição "DESDE"

Afastamento de um lugar	Ele caminhou **<u>desde</u>** o Leblon.
Início de um tempo	**<u>Desde</u>** seu nascimento, era esperto.
Condição	**<u>Desde</u>** que estudes, passarás.
Causa	**<u>Desde</u>** que tenho muito trabalho, não fui à festa alguma.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "desde":**

1	**Lugar**
2	**Tempo**
3	**Condição**
4	**Causa**

a. ( ) **<u>Desde</u>** que nos preocupamos com a educação, trabalhamos com zelo e atenção.
b. ( ) **<u>Desde</u>** cedo, papai me ensinava a tocar violão.
c. ( ) Acho que todo aluno deve estudar muito, **<u>desde</u>** que não atrapalhe o cuidado com a saúde.
d. ( ) Ele já acenava **<u>desde</u>** a escada rolante.

Gabarito:

a. (4)
b. (2)
c. (3)
d. (1)

5.1.15. Preposição "PERANTE"

Diante de / Na frente de / Ante	O professor, **perante** dois mil alunos, explicou.

5.1.16. Preposição "SEM"

Modo	Ele fez os exercícios **sem** pensar.
Condição	**Sem** sorte, nem podemos sair de casa.
Ausência (falta)	"**Sem** ela o que é a vida?" (Castro Alves).

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1 . **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "sem":**

1	**Modo**
2	**Condição**
3	**Ausência (falta)**

a. ( ) Chorava **sem** dar um pio.
b. ( ) **Sem** estudo, ele não era ninguém.
c. ( ) Fui para São Paulo **sem** Maria.

Gabarito:

a. (1)
b. (2)
c. (3)

BIZU

A PREPOSIÇÃO SEM ENTRA EM EXPRESSÕES FIXAS:

SEM QUÊ NEM PARA QUÊ
SEM QUÊ NEM PRA QUÊ = sem razão nenhuma
SEM QUÊ NEM PORQUÊ

Exemplo: Saía gritando pelas ruas da cidade, sem quê nem para quê.

SEM MAIS = sem que haja mais nada a acrescentar

Exemplo: Sem mais, para hoje, envio-lhe saudações.

SEM ESSA (DE) = não vem com essa

Exemplo: Sem essa, meu amor, só tenho olhos para você.

5.2. VALORES SEMÂNTICOS DAS PREPOSIÇÕES ACIDENTAIS

PREPOSIÇÕES	FORMAÇÃO
Durante, mediante, consoante, não obstante, tirante.	São formados de verbos em particípio presente (-nte).
Visto, salvo, exceto, feito	São formados de verbos em particípio passado.
Inclusive, exclusive, fora, afora, menos.	São formas de advérbios.
Incluso, excluso	São formas de adjetivos (ligadas a particípios passados).
Conforme	É forma de adjetivo.
Como	É forma de conjunção.
Senão	É conjunção condicional SE com o advérbio de negação NÃO.
Segundo	É forma de numeral ordinal.

PREPOSIÇÃO	VALOR	EXEMPLO
Durante	Tempo	**Durante** a prova, os professores observam os alunos.
Conforme	Conformidade	Telefonou-me, **conforme** o combinado.
Segundo		**Segundo** os dados do IBGE, a renda familiar aumentou.
Consoante		Nos Andes, **consoante** o mapa do local, havia muitas saliências.
Mediante	Meio	Comprei, **mediante** a orientação do professor, um bom livro.
Não obstante (= apesar de)	Concessão	A prova do concurso, **não obstante** não ter sido realizada pelos alunos, estava fácil.
Inclusive	Inclusão de	Conseguiremos tudo, **inclusive** passar pela vida.
Exclusive	Exclusão de	A matéria da prova será da página 12 até a página 48 **exclusive**.
Exceto		Todos jogavam, **exceto** o mais famoso.
Fora		**Fora** eles, há três anos, ninguém mais explodiu bombas.
Afora		**Afora** o tenente, os demais foram almoçar.
Salvo		Todos compareceram à reunião, **salvo** o diretor financeiro.
Menos		Estudei muita coisa, **menos** matemática.
Senão		Nada lhe restava fazer, **senão** prosseguir.
Tirante		**Tirante** o ciúme, tudo ia bem.

BIZU

A EXPRESSÃO NÃO OBSTANTE

A expressão não obstante pode ser uma conjunção concessiva (= embora), construindo-se, então, com forma verbal no subjuntivo.

Exemplo: Não obstante fosse o melhor atleta, ganhou todos os prêmios.

Conforme	Conformidade	Entregou o documento, **conforme** o combinado.
Segundo		**Segundo** os dados do IBGE, a população aumentou.
Consoante		**Consoante** as ideias do professor, as disciplinas variam.
Visto	Causa	Ele não trabalhou muito naquela semana, **visto** ter sido gerente temporário.
Como (= na qualidade de)	Modo	Não aceito você **como** chefe da seção.
Feito	Comparação	Falando sozinho **feito** um maluco.

BIZU

CONFORME / SEGUNDO / CONSOANTE

Os elementos acima podem ser conjunções confirmativas, construindo-se, então, com forma verbal no indicativo ou no subjuntivo.

Exemplo: **Conforme** estudava, as informações chegavam.

5.3. Exercícios

01. **(FGV – RJ / POLÍCIA CIVIL / MÉDIO)**

"...de onde mais saem órgãos humanos".

Assinale a alternativa que indique a frase de estrutura semelhante que não apresenta correção gramatical em função de uma preposição mal empregada.

a) aonde vão órgãos humanos.
b) de onde vêm órgãos humanos.
c) por onde se dirigem órgãos humanos.
d) até onde são levados órgãos humanos.
e) desde onde são exportados órgãos humanos

Gabarito: C

A forma verbal dirigir-se rege a preposição **para** e não a preposição **por.** Já as demais preposições são determinadas pelas expressões presentes em cada contexto. Na letra A, a preposição **a**, com valor semântico de movimento em direção a um lugar, foi determinada pelo verbo ir (vão). Na opção B, a preposição

de, com semântica de origem, foi regida pelo verbo vir (vêm). Na assertiva D, a preposição **até**, com ideia de limite, foi exigida por "levados" (são levados). Na última opção, letra E, a preposição **desde**, com semântica de tempo ou de lugar ligado a um ponto de origem, foi estabelecida por "exportados" (são exportados).

02. **(NCE / UFRJ / ELETROBRAS / Administração geral)**

"Recuso, COM o mesmo sorriso...": a frase em que a preposição destacada tem o mesmo sentido que possui nesse segmento do texto é:

a) O cronista visita a casa com amigos;
b) Com a chegada das férias, o cronista visita a casa antiga;
c) O cronista encontra com as mesmas pessoas de sempre;
d) O cronista fala com educação sobre as novidades;
e) A crônica é produzida com a ajuda do computador.

Gabarito: D

A relação semântica verificada no enunciado é de modo. A letra D é a única opção em que o mesmo sentido modal ocorre. Nas assertivas A e C, observa-se a semântica de companhia. Na opção B, encontra-se a ideia de causa. Na alternativa E, a semântica de instrumento prevalece.

03. **(NCE / Mesquita / Assistente Social)**

"Beethoven passeava na floresta quando voltou correndo, com a Sexta Sinfonia inteira na cabeça. Kant era metódico, todos os dias saía para seu passeio à tarde, os vizinhos podiam acertar o relógio pela hora em que ele percorria o bosque de Konigsberg. E foi assim que ele criou seu monumental sistema dedicado à razão pura."

Nos segmentos "bosque de Konigsberg" e "desvantagens do mundo virtual", o emprego da preposição DE indica, respectivamente:

a) localização e característica;
b) propriedade e localização;
c) característica e propriedade;
d) situação e localização;
e) propriedade e característica.

Gabarito: A

Na passagem "bosque **de** Konigsberg", percebe-se que a preposição destacada apresenta valor semântico de localização no espaço, pois 'Konigsberg' representa, no texto, o local onde o bosque está situado. Já a preposição **de**, na passagem "desvantagens **do** mundo virtual", apresenta a semântica de característica, ou seja, tipificação da desvantagem. Não é uma desvantagem qualquer, e sim uma desvantagem do mundo virtual. Vale a pena lembrar também que o termo **do mundo virtual** exerce a função sintática de adjunto adnominal; logo, a ideia de tipificação (característica), introduzida pela preposição **de**, surge naturalmente. Não podemos nos esquecer também de que o valor dos adjuntos adnominais é nocional, isto é, semântico, apresentando uma circunstância (noção) de tipificação (característica). Por fim, ainda que haja uma relação de posse, afinal tal relação também se associa ao adjunto adnominal, o principal é a característica, pois houve uma tipificação da desvantagem, deixando claro que não é uma desvantagem qualquer, e sim do mundo virtual.

04. **(VUNESP / CODESP – SP / Especialista Portuário I)**

Observe os trechos do texto.

... e descritos com o cuidado que imprimiram a todo o livro.

... se não for por amor.

As preposições destacadas formam, correta e respectivamente, expressões indicativas de:

a) causa e meio;

b) intensidade e consequência;

c) modo e causa;

d) consequência e modo;

e) meio e intensidade.

Gabarito: C

A passagem "**com** o cuidado que imprimiram a todo o livro." representa a maneira, isto é, o modo como o livro vai ser descrito, e essa ideia está sendo iniciada pela preposição **com.** Já a preposição POR acresce ao período valor de causa, visto que a atitude que se fará é motivada pelo amor (fiz algo por amor – fiz algo por causa do amor).

05. **(VUNESP / CODESP – SP / Guarda Portuário)**

... não se trata de miseráveis que não encontram outra forma de sobreviver.

A preposição destacada estabelece relação de:

a) lugar;

b) origem;

c) matéria;

d) posse;

e) finalidade.

Gabarito: E

A preposição **de** da passagem apresenta ideia final. Percebemos que, no contexto, os miseráveis ainda não encontraram outra forma com o intuito de sobreviver, ou seja, com o desejo, vontade, finalidade de sobreviver. Sendo assim, tal preposição estabelece uma relação de finalidade no fragmento.

06. **(VUNESP / CODESP – SP / Guarda Portuário)**

"Ele então encaixa a cabeça em um visor 3D <u>para ver imagens aumentadas do interior do corpo</u> [...]"

A oração sublinhada nessa frase tem o sentido de:

a) causalidade;

b) condicionalidade;

c) finalidade;

d) temporalidade.

Gabarito: C

A cabeça dele é encaixada no visor 3D com que intuito? Com a finalidade de ver as imagens aumentadas do interior do corpo. Sendo assim, a ideia introduzida pela preposição PARA é final.

07. **(Cesgranrio)**

Assinale a opção em que a preposição COM exprime a mesma ideia que possui em "Surge a lua cheia para chorar com os poetas".

a) O menino machucou-se com a faca.

b) Ela se afastou com um súbito choro.

c) Tinha empobrecido com as secas.

d) Deve-se rir com alguém, não de alguém.

e) Ele se confundiu com a minha resposta.

Gabarito: D

A preposição COM do enunciado transmite a ideia de companhia, ou seja, chorar na companhia dos poetas. Entre as assertivas, aquela que apresenta a mesma ideia é a opção D, rindo na companhia de alguém. Nas demais alternativas, a preposição COM apresenta sentidos diversos: a letra A passa o sentido de instrumento; a opção B, o sentido modal; a assertiva C, o sentido de causa. Já na opção E, a preposição COM surge por exigência do verbo que é transitivo indireto. Retornando à resposta, o sentido do provérbio está na oposição das preposições, ou seja, a ideia é que devemos rir em companhia das pessoas, e não transformá-las em causa (a preposição DE estabelece valor de causa) de riso.

08. **(NCE / Engepron)**

O item em que o valor da preposição está incorretamente identificado é:

a) "Foi a 23 de outubro de 1906" = tempo;

b) "reservada a essas tentativas" = finalidade;

c) "nas margens do Sena, em Neuilly" = lugar;

d) "tomava um valor suficiente para erguê-lo" = direção;

e) "foi calculada em 35 quilômetros" = aproximação.

Gabarito: D

O valor semântico verificado na opção D é final. Tomava um valor suficiente a fim de erguê-lo, isto é, com o intuito de, com a finalidade de…

09. **(NCE – PI / Administrador)**

"...presente na seringa usada pelo adolescente da periferia para viajar ao paraísopor alguns instantes"; a alternativa abaixo em que a utilização de um desses vocábulos apresenta o mesmo valor semântico presente nesse segmento destacado do texto é:

a) "se espalha **para** a multidão de gente pobre";

b) "o bacilo da tuberculose, que, **por** via aérea…";

c) "irá parar nos pulmões dos que passarem **por** perto";

d) “é provável que se organize **para** acabar com as causas”;

e) “dirigidos **por** fundações privadas”.

Gabarito: D

Para resolvermos a questão, analisaremos o valor semântico das preposições destacadas no trecho e em seguida analisaremos as preposições destacadas nas alternativas. No trecho, a valor da preposição “para” é de finalidade e o valor da preposição “por” é de tempo. Na alternativa A, o valor da preposição “para” no trecho é de direção ou destino; na alternativa B, o valor da preposição “por” no trecho é de meio; na alternativa C, o valor da preposição “por” no trecho é de lugar; na alternativa D, o valor da preposição “para” no trecho é de finalidade; e na alternativa E, o valor da preposição “por” no trecho é de agente.

10 **(NCE – PI / INPI)**

“... sob novo signo.”; nesse segmento o autor empregou corretamente a preposição sob; o item abaixo em que houve troca entre sob/sobre é:

a) Sob esse aspecto, a economia vai mudar;

b) A economia foi analisada sob vários pontos de vista;

c) A industrialização virá sob um novo governo;

d) O congresso vai discutir sob política econômica;

e) A industrialização foi feita sob pressão de grupos.

Gabarito: D

Existe uma significativa diferença entre as preposições “sob” e “sobre”.

“Sob” significa “debaixo de”. Tal preposição é muito usada em expressões do tipo: sob esse aspecto, sob uma condição, sob o domínio de, entre outras. Trazendo uma ideia de subordinação. Sobre pode significar “a respeito de” ou “acima de”.

O gabarito é a alternativa “D”, pois o congresso vai discutir a respeito de, ou seja, sobre política econômica.

11. **(NCE / ARQUIVO NACIONAL / Agente Administrativo**)

“Havia controvérsias quanto à veracidade dos fatos”; a forma abaixo que ALTERA o sentido original desse segmento do texto é:

a) quanto à veracidade dos fatos, havia controvérsias;

b) em relação à veracidade dos fatos, existiam controvérsias;
c) no que diz respeito à veracidade dos fatos, havia controvérsias;
d) afora a veracidade dos fatos, havia controvérsias;
e) quanto à veracidade dos fatos, controvérsias havia.

Gabarito: D

A expressão "afora" normalmente pode ser classificada como advérbio (Iremos viajar pelo mundo afora.) ou preposição que pode apresentar valor de "além de" (Afora os animais que encontramos na floresta, existia também uma tribo indígena.) ou valor de "salvo/exceto" (Nesse ano que passou encontrei pessoas de má índole, afora a minha esposa que está comigo nessa caminhada). Sendo assim, o uso da expressão "afora" na alternativa "d" alterou o sentido original do segmento do texto.

12. **(FGV / Fiscal de Rendas)**

Podemos ser operados com anestesia, suavizar dores com analgésicos.

As duas ocorrências da preposição com no trecho acima expressam, respectivamente, o sentido de:

a) meio e modo;
b) meio e meio;
c) modo e meio;
d) modo e modo;
e) companhia e instrumento.

Gabarito: D

A preposição "com" pode apresentar diversos valores semânticos. Na primeira ocorrência em "Podemos ser operados com anestesia" não pode ter valor de meio, pois não há a possibilidade de substituição por "por meio de". Quando se lê "podemos ser operados por meio de anestesia", percebemos que não faz sentido. Com ou sem anestesia é o modo. Na segunda, a substituição de "com" por "por meio de" fica bem coerente. Sendo assim, o valor, na segunda ocorrência é de meio.

13. **(NCE – PI / Administrador)**

A alternativa em que a preposição destacada tem valor semântico de

meio é:

a) "para acabar **com** as causas dessas epidemias";

b) "aplicados em parceria **com** instituições internacionais";

c) "passíveis de controle **com** inseticidas";

d) "mantidos **com** o esforço e a vigilância das comunidades locais";

e) Haverá milhões de pessoas **com** Aids".

Gabarito: C

Para identificar o valor de "meio" devemos substituir a preposição pela expressão "por meio de". Muitos candidatos pensaram em marcar a alternativa "d", mas a expressão introduzida pela preposição não apresenta os "meios", como seria em "mantidas com recursos do governo federal = por meio dos recursos".

O valor é de "apoio" com que os hospitais poderiam contar.

A única alternativa em que a troca é possível é a "c"– "...passíveis de controle (por meio de) inseticidas".

14. **Quem vai vencer as eleições (Ricardo Young)**

O que mais me chama a atenção neste processo eleitoral é que a maior vitória não será de nenhum candidato ou partido, mas da mobilização da sociedade civil em favor da ética e contra a corrupção.

A aprovação da Lei da Ficha Limpa, a decisão do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) de torná-la vigente já nestas eleições e o empate na votação do STF sobre a aplicação da lei ainda este ano mostram a força deste movimento.

Sem a cidadania consciente e organizada, é bem possível que esta lei que impõe critérios mínimos de integridade para candidatos a cargos eletivos nem fosse protocolada no Congresso.

A preposição "Sem" (l. 7) acrescenta ao período valor semântico de:

a) condição;

b) causa;

c) modo;

d) concessão.

Gabarito: A

Pode-se substituir a preposição SEM por conjunções de caráter condicional,

obviamente realizando adaptações: Caso não haja a cidadania consciente organizada / Se não houver a cidadania consciente e organizada, a consequência seria que lei talvez nem fosse homologada.

15. **A lição do Brasil para a China: não ignore a desigualdade**

Geoff Dyer – Tradução: George El Khouri Andolfato

Correspondente em Xangai

Vizinho ao meu escritório em Xangai se encontra um dos shopping centers mais luxuosos que já vi. O nome em inglês, Plaza 66, não significa nada, mas em chinês ele é chamado de "Próspero Para Sempre". Apenas as marcas mais exclusivas são autorizadas e nos fins de semana é preciso entrar na fila para entrar na Louis Vuitton.

5 Eu me lembrei do Plaza 66 em uma recente viagem ao Brasil, quando fui levado à Daslu, a loja mais esnobe do país. É preciso ir de carro até lá -não é possível entrar a pé vindo da rua – e um valet nos conduziu para dentro, onde as mesmas grifes estavam expostas.

10 Há apenas uma grande diferença. A Daslu frequentemente é atacada por ser um símbolo do males percebidos do Brasil, o playground de uma elite mimada. Colunistas zombam de sua clientela. Mas o Plaza 66 aparece em muitos relatos da Xangai moderna como um símbolo de sucesso, um ímã para a geração jovem endinheirada, em ascensão.

15 Talvez tenhamos entendido o Plaza 66 errado. Voltar de São Paulo para Xangai significa sentir os riscos reais que a China está correndo com seu modelo de crescimento a todo custo. Há distintamente uma sensação latino-americana em relação a alguns segmentos da sociedade chinesa que vai além da audácia dos novos ricos.

Assinale a alternativa em que a preposição destacada possui seu valor semântico erradamente apontado.

a) "**de** carro" (l. 6) – meio.

b) "vindo **da** rua" (l. 7) – origem.

c) "e um valet nos conduziu **para** dentro" (l. 7) – direção.

d) "é atacada **por** ser um símbolo" (l. 9 e 10) – causa.

e) "que a China está correndo **com** seu modelo de crescimento" (l. 15) – modo.

Gabarito: E

Em todas as alternativas, as preposições estão com seus valores semânticos corretamente indicados, exceto na alternativa E, visto que "com" exprime valor de causa. Por causa do seu modelo de crescimento, a China está correndo riscos.

16. **(TRT-RJ / Fundação José Pelúcio)**

A alternativa abaixo em que o conectivo em destaque tem seu valor semântico erradamente indicado é:

a) "...não há polícia suficiente **para** fazê-la ser cumprida" = finalidade;

b) "...uma originalidade brasileira **como** a jabuticaba." = comparação;

c) "...muita lei que não pega **por** falta dessa sintonia" = causa;

d) "...existe uma lei óbvia **segundo** a qual..." = ordenação;

e) "...**mas** raramente usam capacete" = adversidade.

Gabarito: D

Todos os conectores estão com seus valores semânticos corretamente indicados, exceto na alternativa D, em que o conector possui valor de conformidade, e não de ordenação.

Capítulo 6

Valor Semântico das Conjunções

As conjunções são vocábulos gramaticais utilizados para relacionar duas orações ou dois termos semelhantes da mesma oração. As conjunções podem ser de dois tipos: **conjunções coordenativas ou conjunções subordinativas**. O valor significativo das conjunções é definido quando se consegue compreender o caráter e o papel desempenhados por elas na estrutura oracional. As orações conectadas traduzirão por si mesmas, com a presença do conector sintático, o valor semântico do período por elas composto.

Sendo assim, as orações se relacionam umas com as outras por meio de uma palavra ou de uma locução que as liga. Essa palavra é chamada de **conjunção**. As relações que as conjunções estabelecem são um dos fatores responsáveis pela textualidade, ou seja, elas contribuem para que um texto seja coerente e coeso, e não uma sequência de palavras ou frases soltas, sem conexão entre elas.

6.1. CONJUNÇÕES COORDENATIVAS

As conjunções coordenativas possuem um caráter e um papel nas estruturas onde se inserem. Portanto, as relações de independência entre os elementos do enunciado são marcadas por essa dualidade característica. Embora sejam independentes, existe uma relação significativa entre esses elementos. Em outras palavras, no plano sintático, exatamente pelo fato de não exercerem função sintática, não há dependência entre as orações; por outro lado se relacionam semanticamente, transmitindo algum valor que é obtido no momento em que se consegue compreender o caráter e o papel desempenhados por elas na estrutura oracional. Essas orações conectadas traduzirão por si mesmas, com a presença da conjunção, o valor semântico do período por elas composto. Tais conjunções coordenativas podem ser dos seguintes tipos: **aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas, explicativas.**

6.1.1. Conjunções coordenativas aditivas

As conjunções coordenativas aditivas possuem a função de **adicionar** um termo a outro de mesma função gramatical, ou ainda adicionar uma oração ã outra de mesma função gramatical. As conjunções coordenativas gramaticais são: **e, nem, mas também, mas ainda, bem como, como também, senão também, tampouco...**

Exemplos

- As pessoas fizeram elogios **e** deram aplausos grandiosos.
- O professor não elogiou, **nem** criticou o aluno.
- O candidato **não apenas** falou, **mas também** cantou.
- **Não só** me telefonou, **como também** me convidou para a festa.

A conjunção é de valor aditivo bem como as orações que se unem transmitem adição de enunciados. Não só a conjunção aditiva está presente como também a relação semântica é de adição. O autor soma informações utilizando a conjunção **E**, por exemplo, pois une as ideias: fizeram e deram, duas ações verbais. Há soma de dois verbos, portanto tem-se o mesmo valor funcional em cada uma das palavras conectadas.

Assim como o **E**, o elemento **NEM** marca uma situação de adição entre os termos coordenados, com a diferença de que o **NEM** adiciona elementos negativos.

BIZU

Ele não só estuda, mas também trabalha. Analise que, se houver um condicionamento de que, ao observar a existência da conjunção MAS, já a considerar adversativa, o candidato estará incorrendo em um erro grave nesta frase, pois o MAS, no caso, não é sinônimo de PORÉM, CONTUDO, TODAVIA... Muito pelo contrário, MAS TAMBÉM introduz uma ideia que estabelece uma relação de soma, afinal o sujeito (ele) estuda e trabalha (faz as duas ações). As estruturas iniciadas por "não só", "não somente" e "não apenas" conduzirão a expressões aditivas. Volvendo ao exemplo, quando se diz "Ele não só estuda", o advérbio NÃO exerce a função de um elemento de negação, isto é, nega... Mas não nega a ação de estudar, e sim a restrição exposta pelo vocábulo "só". Se o "não" fosse extraído do período, "ele só estudaria e não teria mais nenhuma outra atividade". Outros sinônimos de "mas também" são: "como também" e "outrossim". Nas locuções MAS TAMBÉM e COMO TAMBÉM, o termo TAMBÉM pode ficar implícito.

Ex.: Ele não apenas nada, mas corre.

6.1.2. Conjunções coordenativas adversativas

As conjunções coordenativas adversativas possuem a função de estabelecer uma relação de contraste (oposição) entre os sentidos de dois termos ou duas orações de mesma função gramatical. As conjunções coordenativas adversativas são: **mas, contudo, no entanto, entretanto, porém, todavia, e (=mas).**

Exemplos

Não pediu coisa alguma, **mas** não deu absolutamente nada.

Estava muito frio, **entretanto** foi tomar banho nas águas geladas do Ártico.

"Tudo é mistério **e** tudo está cheio de significado." (PESSOA, 1986: 82)

A conjunção "**MAS"** estabelece uma relação de desigualdade (contraste) entre os termos coordenados. Segundo Madre Olívia, o jogo adversativo, expresso por tal conjunção, consiste em apresentar alguma coisa "adversa a outra", que apresenta uma certa oposição. Seu valor semântico apresenta as seguintes especificações:

- **Valor de inclusão**:

Ex: Não basta ler o Evangelho, **mas** temos de passá-lo ã vida.

- Valor de exclusão:

Ex: Encontrei todos os meus amigos, **mas** não os do jardim de infância.

- **Valor compensador**:

Ex: O jogador perdeu a final da Copa do Mundo, **mas** foi eleito o melhor em campo.

- **Valor descompensador**:

Ex: Foi á Disney, **mas** ficou reprovado na escola.

- **Valor justificativo/explicativo**:

Ex: Não conseguiram resolver todas as questões, **mas** o grau de dificuldade era enorme.

- **Valor superativo**:

Ex: A crise econômica mundial foi séria, **mas** o Brasil ficou firme.

- **Valor comparativo**:

Ex: Millena tem cabelos castanhos, **mas** Fernanda tem cabelos pretos.

No exemplo "Tudo é mistério **e** tudo está cheio de significado." (PESSOA, 1986: 82), a conjunção **E**, embora seja primariamente aditiva, desempenha um papel de

oposição, apresentando uma semântica de oposição ou contraste. Portanto, verifica-se que as orações se unem por oposição dos enunciados. Este fato acontece porque o autor primeiramente afirma tudo ser mistério, e em seguida diz que tudo está cheio de significado. Como tudo pode ser mistério e ao mesmo tempo estar cheio de significado? Por mais curioso que pareça, esta foi a forma que o autor empregou para criar uma expressão adversativa não muito comum, mas que o falante pode construir, uma vez que a coordenação o permite, sem que acarrete problemas na compreensão de ideias. Novamente se apresentam dois verbos: é e está, elementos de mesmo valor funcional na oração. Observa-se que as duas orações foram conectadas por uma conjunção cujo valor primário é de adição, entretanto no referido contexto expressa uma relação semântica de adversidade (oposição).

BIZU

Os conectores adversativos introduzem a informação mais importante, isto é, aquela informação que fica registrada na "cabeça" do ouvinte ou do leitor. Podemos dizer que tais conectores despertam a curiosidade do ouvinte ou do leitor, pois, ao pronunciar ou escrever uma conjunção adversativa, cria-se um frustração de determinada expectativa gerada. Sendo assim, o mais importante é o que está por vir, e não aquilo que já foi falado ou escrito. Observemos a seguinte situação comunicativa:

Uma mulher acaba de voltar do salão de beleza e encontra o seu marido que diz o seguinte: – Meu bem, como você ficou diferente, mais bonita. Notei que você pintou as unhas, arrumou o cabelo, passou pó no rosto e também passou brilho nos lábios. Realmente você está muito bem produzida, MAS…

Neste momento, a mulher já não está mais encantada com os elogios feitos pelo marido, pois ele usou o conector adversativo MAS, e mesmo sem ser plena conhecedora da Língua Portuguesa, a mulher tem ciência de que, depois do MAS, algo negativo irá surgir. Isso ocorre exatamente pelo fato de os conectores adversativos marcarem oposição, ou seja, frustração de expectativa. Como o marido começou com elogios, naturalmente depois viria algo negativo. Logo, a mulher fica curiosa para saber o que o marido vai dizer, mas no fundo ela já sabe que será algo negativo. Sendo assim, as conjunções adversativas introduzirão a informação mais importante da passagem, a informação que desperta a atenção e a curiosidade, a informação que vai ficar marcada para o ouvinte ou para o leitor.

Percebemos, dessa forma, que os conectores adversativos introduzem a ideia mais importante. Vimos também que tal ideia, em algumas ocasiões, pode ser positiva ou negativa de acordo com a intenção do autor da frase. Reparemos o exemplo abaixo:

O Brasil cresce, <u>mas</u> a reforma política não acontece.

Neste exemplo, o fato mais importante, como já sabemos, é aquele encabeçado pelo conector adversativo MAS.

6.1.3. Conjunções coordenativas alternativas

Conjunções coordenativas alternativas são as que unem orações independentes, indicando que, com a ocorrência de um dos fatos, haverá a exclusão do outro. Também podem indicar que os fatos podem ocorrer – não havendo escolha e consequentemente exclusão –, mas não simultaneamente. As conjunções coordenativas alternativas são: **ou (repetido ou não), ora...ora, quer...quer, seja...seja etc.**

Exemplos

- Tudo para aquele homem era viver **ou** morrer.
- **Seja** por ideologia, **seja** por ambição, devemos querer ser mais
- **Ora** filosofava, **ora** contava piadas.

BIZU

A conjunção OU pode ter valor de inclusão, sendo classificada como aditiva.

Ex.: Gosto de ler, de ouvir música ou de ver um bom filme. – Repare que, na frase, a conjunção OU estabelece relação de adição, soma, visto que a intenção linguística é esclarecer ao leitor que o narrador gosta das três atividades.

A conjunção OU pode ter valor aditivo e alternativo simultaneamente, correspondendo a e/ou.

Ex.: Trabalhar sem atenção ou sem vontade pode implicar falhas que gerem prejuízo para a empresa. – Observe que se a pessoa trabalhar **sem atenção** pode implicar que vá falhar; se a pessoa trabalhar **sem vontade** pode implicar falhas. É óbvio que se a pessoa trabalhar **sem atenção** e **sem vontade** mais ainda pode implicar falhas. Então, o conector OU sugere que basta uma das situações para gerar falhas, mas, evidentemente, se os dois fatos acontecerem, pode mais ainda gerar falhas. OU, então, inclui e exclui concomitantemente.

BIZU

O emprego de OU melhor, OU antes (ou equivalente), precisando o que acaba de ser dito, pode caracterizar uma retificação ou ratificação. Observe a situação comunicativa abaixo:

SITUAÇÃO 1

– Você gosta de mim?

– Eu sou apaixonada por você ou melhor, sou.

SITUAÇÃO 2

– Você gosta de mim?

– Eu sou apaixonada por você, ou melhor, pelo que você representa.

Na situação 1, podemos perceber que a expressão OU melhor confirma o que acaba de ser dito; entretanto, na situação 2, percebemos que a expressão OU melhor corrige o que foi mencionado anteriormente.

USOS PARTICULARES DA CONJUNÇÃO OU

São expressões bem usadas:

MAIS OU MENOS = aproximadamente

Quando eu comprei o carro, meu filho deveria ter MAIS OU MENOS uns dez anos.

UMA VEZ OU OUTRA = poucas vezes

Nós nos vimos UMA VEZ OU OUTRA neste ano.

ISTO/ISSO OU AQUILO = coisas diversas

Não queria fazer ISTO OU AQUILO para ajudar.

6.1.4. Conjunções coordenativas conclusivas

As conjunções coordenativas conclusivas são utilizadas para unir a uma oração anterior outra oração que exprime conclusão ou consequência. As conjunções coordenativas são: **assim, logo, pois portanto, por isso, então, por conseguinte etc.**

Exemplos

- Dedicou-se muito, **portanto** irá bem na prova
- Estudou toda a matéria; gabaritou, **pois**, a prova.

A conjunção **POIS** será considerada conclusiva somente quando estiver no "rosto" ou no meio da segunda oração, ou seja, quando vier posposta ao verbo, conforme podemos observar no exemplo dado anteriormente.

Outros conectores que também exprimem ideia de conclusão são DESTARTE e DESSARTE. Esses vocábulos se originaram das formas aglutinadas "desta parte" e "dessa parte", significando "sendo assim", "dessa forma". Normalmente introduzem

parágrafos ou períodos que estejam fechando uma ideia.

Ex.: Está chovendo ã beça. Destarte, não irei ã praia.

6.1.5. Conjunções coordenativas explicativas

Conjunções coordenativas explicativas são aquelas que unem duas orações, explicando a segunda o conteúdo da primeira. As conjunções coordenativas explicativas são: **porque, que, pois (quando anteposta ao verbo), porquanto, já que, visto que, uma vez que, dado que.**

Exemplos

- A menina está grávida, **porque** entrou na loja de gestante.
- Entre, **que** está muito frio.

EXERCÍCIO DE FIXAÇÃO

1 . **Numere as frases de acordo com o valor semântico da conjunção coordenativa destacada:**

1	**Adição**
2	**Adversidade**
3	**Alternância**
4	**Conclusão**
5	**Explicação**

a. ( ) Não só trabalha, **mas também** estuda.
b. ( ) A garota chorou, **porque** seus olhos estavam vermelhos.
c. ( ) Estudou a madrugada inteira, **logo** deve estar com sono.
d. ( ) **Ora** estuda, **ora** trabalha.
e. ( ) Diga isto **ou** aquilo.
f. ( ) Foi ao cinema, **e** não viu o filme.
g. ( ) Ele fala **que** fala.
h. ( ) Entre, **que** é noite!
i. ( ) Meu filho estudou bastante, **portanto** não está preocupado com a prova.
j. ( ) Fui ao circo **e** ao teatro.
k. ( ) Estude **ou** será reprovado.

l. ( ) **Quer** esteja feliz, **quer** esteja triste, sempre mantém o bom humor.
m. ( ) Trabalha muito, **mas** ganha pouco.
n. ( ) A professora é bonita, **mas** muito má.
o. ( ) Ele já deu o recado; devemos, **então**, aguardá-lo.
p. ( ) Você não dormiu, **porquanto** está cheio de olheiras.
q. ( ) **Ora** você está sorridente, **ora** você está angustiado.
r. ( ) O filho se machucou, **e** o pai não fez nada por ele.
s. ( ) **Ou** viaja, **ou** fica em casa.
t. ( ) Ganham pouco, **todavia** vivem muito bem.
u. ( ) Vá ao mercado, **que** a carne acabou.
v. ( ) O profissional se dedicou muito, **portanto** terá sucesso.
w. ( ) Estava muito triste, **e** sorria.
x. ( ) Não escreveu, **nem** ligou.
y. ( ) Fique calmo, **pois** voltarei logo.
z. ( ) O aluno não só é inteligente, **mas também** é muito estudioso.

Gabarito:

a. (1)
b. (5)
c. (4)
d. (3)
e. (3)
f. (2)
g. (1)
h. (5)
i. (4)
j. (1)
k. (3)
l. (3)
m. (2)
n. (2)
o. (4)
p. (5)
q. (3)
r. (2)

s. (3)
t. (2)
u. (5)
v. (4)
w. (2)
x. (1)
y. (5)
z. (1)

6.2. CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS

As conjunções subordinativas possuem a função de estabelecer uma relação entre duas orações, caracterizadas pela dependência de sentido. A oração subordinada complementa ou determina o sentido da outra, assumindo uma função sintática da principal. As conjunções subordinativas são classificadas em: **causais, concessivas, condicionais, temporais, comparativas, conformativas, consecutivas, proporcionais, finais e integrantes**.

6.2.1. Conjunções subordinativas causais

Conjunções subordinativas causais são aquelas que subordinam uma oração ã outra, iniciando uma que exprime causa da outra, ã qual se subordina. As conjunções subordinativas causais são: **porque, pois, como, porquanto, que, uma vez que, já que, desde que, visto que, por isso que etc.**

Exemplos:

Porque	Ficamos com calor, **porque** o ar-condicionado quebrou.
Pois	Estou aqui, **pois** é tarde.
Como	**Como** não me telefonou, não me arrumei.
porquanto	Um aluno se dedica ao estudo, **porquanto** pretende passar no concurso.
Que	Passou João de ano, que estudou muito.

As conjunções causais compostas, isto é, as formadoras do que denominamos locuções conjuntivas, apresentam, normalmente, o

elemento QUE ao fim.

São locuções causais → Já que, uma vez que, desde que, visto que, tanto mais que, por causa que.

Já que	Não passou, **já que** não estudou.
Uma vez que	Estamos com uma dívida, **uma vez que** gastamos muito.
Desde que	**Desde que** tenho muito trabalho hoje, não poderei sair.
Visto que	Estou de castigo, **visto que** fiz bagunça.
Por causa que	Não fomos ao show, **por causa que** estava chovendo.

BIZU

CAUSA X EXPLICAÇÃO

Estudiosos de Língua Portuguesa reconhecem a dificuldade existente no que diz respeito às diferenças entre uma oração subordinada adverbial causal e uma oração coordenada sindética explicativa.

As bancas, em geral, reconhecem tal dificuldade e abordam o que é consensual.

Organizemos:

1. É coordenada sindética explicativa a oração principiada por **que, pois, porque** (e similares) posposta a uma outra que apresente verbo no imperativo ou tal ideia.

   Ex.: Entre, **pois** estou mandando.

2. É coordenada sindética explicativa a oração principiada por **que, pois, porque** (e similares) posposta a uma outra que apresente uma tese, ou seja, uma certa conclusão a que se chega a partir de um dado da realidade, devendo ser uma afirmativa de caráter pessoal, subjetiva e, por esta razão, discutível. Também é importante observar que a segunda oração, sob hipótese alguma, pode representar uma causa para o fato exposto na primeira.

   Ex.: João bebeu água, pois o copo está na pia.

3. É subordinada adverbial causal a oração principiada por **que, pois, porque** (e similares) posposta a uma outra que apresente um acontecimento, isto é, uma afirmativa que não se discute, ou seja, um fato. É de bom alvitre perceber que o conector causal introduz efetivamente uma causa para o evento exposto na outra oração.

   Ex.: Ele tirou boas notas, **pois** estudou incansavelmente.

   O vovô deitou-se, **que** estava muito cansado.

OBSERVAÇÃO 2:

Em termos lógicos, a causa (ou o conhecimento dela) ocorre primeiro na linha do tempo.

A calçada está molhada, **porque choveu**. **(CHOVEU – CAUSA; A CALÇADA ESTAR MOLHADA – EFEITO)**

Choveu, **porque a calçada está molhada. (A CALÇADA ESTAR MOLHADA NÃO PODE SER A CAUSA DE CHOVER, POR ISSO A SEGUNDA ORAÇÃO NÃO PODE SER CAUSAL. MAS SE PODE COMPREENDER QUE A CALÇADA ESTAR MOLHADA PODE EXPLICAR – ESCLARECER – O FATO DE HAVER CHOVIDO.)**

SEMANTICAMENTE

Em termos semânticos, pode-se afirmar que explicação é hiperônimo de causa, afinal toda causa é uma explicação, mas nem toda explicação é uma causa. Em face disso, é comum algumas conjunções subordinativas causais serem classificadas como coordenativas explicativas. Já o contrário nunca ocorre. Observe:

Ex.: Comprei **porque sou gastador compulsivo.**

A segunda oração representa uma causa para o fato exposto na primeira, portanto a conjunção é subordinativa causal. Mas como toda causa é uma explicação, é possível encontrarmos a classificação para a conjunção de coordenativa explicativa.

EXERCÍCIO DE FIXAÇÃO

1. **Correlacione as duas colunas:**

1 – CAUSA

2 – EXPLICAÇÃO

a. ( ) Entre, pois estou mandando.
b. ( ) Você chorou, porque seus olhos estão vermelhos.
c. ( ) As ruas estão molhadas, pois choveu forte.
d. ( ) O carro parou, pois faltou combustível.
e. ( ) Fiquei irritado porque o cachorro me mordeu.
f. ( ) Dormimos, pois estávamos com muito sono.
g. ( ) Comeu toda a comida, porque estava faminto.
h. ( ) Meu amigo gravou todas as mensagens, pois eu pedi a ele.
i. ( ) Faltei á reunião porque estava doente.
j. ( ) Extraiu todos os dentes porque estavam cariados.
k. ( ) Entre, que a casa é sua.
l. ( ) Você mente, pois as suas mãos estão trêmulas.

m. ( ) Bati com o carro, porque não vi a árvore.
n. ( ) Desabafe, que faz bem para a mente, porém não minta, pois é pecado.
o. ( ) O Maracanã estava cheio, porque era final de campeonato.
p. ( ) Chora não, filhinho, pois a mamãe está aqui com você". (F Sabino).
q. ( ) Pensa bem, pois mais tarde te arrependerás.
r. ( ) A criança levou uma surra porque fez muitas travessuras.
s. ( ) Teve a luz cortada, porque não pagou a conta.
t. ( ) Foi para o quarto, pois estava com sono.
u. ( ) Não comprou porque quer guardar dinheiro.
v. ( ) Não me abandones, pois eu te amo muito.
w. ( ) Estudemos, pois o concurso esta aí.
x. ( ) Fi-lo, porque o quis.
y. ( ) Fique calmo, pois voltarei logo.
z. ( ) Comprei um carro, porque eu necessitei.

Gabarito:

a. (2)
b. (2)
c. (1)
d. (1)
e. (1)
f. (1)
g. (1)
h. (1)
i. (1)
j. (1)
k. (2)
l. (2)
m. (1)
n. (2)
o. (1)
p. (2)
q. (2)
r. (1)
s. (1)

t. (2)
u. (1)
v. (2)
w. (2)
x. (1)
y. (2)
z. (1)

6.2.2. Conjunções subordinativas concessivas

Conjunções subordinativas concessivas são as conjunções que, ao iniciar uma oração subordinada, se referem a uma ocorrência oposta ã ação da oração principal, não implicando essa oposição em impedimento de uma das ocorrências, ou seja, o obstáculo apresentado na oração subordinada não impedirá ou modificará a declaração da oração principal. Tais conjunções introduzem uma oração cujo fato ocorrente não altera o fato da outra oração. As conjunções subordinativas concessivas são: **embora, mesmo que, ainda que, posto que, por mais que, por menos que, mesmo quando, se bem que, conquanto, nem que etc.**

Obs.: Embora já haja registros de empregos do conector POSTO QUE como causal, as bancas tendem a não admiti-lo, aceitando apenas como conjunção concessiva, sinônima exata de AINDA QUE e MESMO QUE.

Exemplos

- Acompanhou a decisão da maioria, **embora** o tenha feito contra sua vontade.
- A mulher confiaria no rapaz, **ainda que** ele tivesse mentido.

Dentro das concessivas, podemos encontrar matizes semânticos distintos que giram em torno da ideia **factual** e **hipotética**. Observemos as situações comunicativas abaixo:

Uma mulher perguntou ao marido o seguinte: – Você me traiu?

O marido respondeu: – Isso não importa. **Embora** eu tenha traído, eu a amo.

Diante dessa situação, reparamos que, ao usar o conector concessivo **EMBORA,** a ideia **factual** está em evidência, ou seja, o marido está denunciando que

cometeu a traição, passando certeza para a interlocutora.

Observemos agora a situação **b**:

Uma mulher perguntou ao marido o seguinte: – Você me traiu?

O marido respondeu: – Isso não importa. **Ainda que** eu tenha traído, eu a amo.

Nesse caso, a ideia **hipotética** prevalece. Ao falar de tal maneira, usando a conector concessivo **AINDA QUE,** o locutor (marido) trabalha no campo da hipótese, sem afirmar que cometeu a traição.

BIZU

ADVERSIDADE X CONCESSÃO

Tanto as **adversativas** como as **concessivas** marcam oposição (contraste). Podemos até afirmar que, em termos semânticos, a oposição é hiperônimo do qual são hipônimos a adversidade e a concessão. Porém, qual é a diferença que há entre elas? Além de uma representar o grupo oracional das coordenadas (adversativas) e outra representar o grupo oracional das subordinadas (concessivas), precisamos saber que **as adversativas apresentam a ideia mais importante da oposição, e as concessivas se prendem a ideia menos importante** no interior da oposição.

Sendo assim, observemos os exemplos abaixo:

O trabalho dignifica a pessoa, **mas** a consome por completo.

Nesse exemplo, a conjunção **MAS** une duas ideias contrárias, marcando uma perspectiva negativa em relação ao trabalho. Tal oração adversativa representa a ideia (o fato) mais importante, chamando a atenção do leitor para a crítica que diz respeito ao trabalho.

O trabalho consome a pessoa, **mas** a dignifica.

Agora, nós observamos uma visão (perspectiva) positiva em relação ao trabalho. Nesse caso, a intenção do autor do texto é exatamente marcar a visão positiva na cabeça do leitor. A ideia (o fato) mais importante agora passou a ser a dignifica.

Os conectores adversativos introduzem a ideia mais importante. Fica a critério do autor do texto, em algumas ocasiões, decidir que perspectiva (positiva ou negativa) se pretende frisar na mente do leitor. No exemplo 1, como vimos, a intenção foi evidenciar a visão negativa do trabalho, já no exemplo 2, a intenção foi frisar a sua visão positiva.

Se for usada a conjunção concessiva, o período fica assim:

Embora o trabalho dignifique a pessoa, ele a consome por completo.

A concessiva se prende a ideia menos importante. Pode-se também inverter:

Embora o trabalho consuma a pessoa por completo, ele a dignifica.

Percebe-se também que as **concessivas** apresentam característica migratória, ou seja, a possibilidade de elas aparecerem na posição posposta, anteposta ou intercalada; já as **adversativas** apresentam posição fixa na estrutura oracional. Repare também que as concessivas, quando não reduzidas, ocorrem com verbos no modo subjuntivo. Já as adversativas vêm com verbos no modo indicativo.

6.2.3. Conjunções subordinativas condicionais

Conjunções subordinativas condicionais são as conjunções que, ao iniciar uma oração subordinada, exprimem uma hipótese para a realização do fato da oração principal. As conjunções subordinativas condicionais são: **se** e **caso.**

Exemplos:

Se	**Se** você me ligar, sairei com você.
Caso	Ficarei feliz, **caso** você venha.

Podemos perceber que as conjunções condicionais iniciam uma oração subordinada em que se indica uma hipótese ou uma condição necessária para que seja realizado ou não o fato expresso na principal. E elas apresentam uma ideia que é exatamente o oposto da concessão, visto que nestas há independência entre os fatos, e naquelas há dependência.

Ex.: Mesmo que chova, irei á praia. – Observe que o locutor da oraçáo irá à praia de qualquer forma, com chuva ou sem chuva. Sendo assim, o desfecho (ir ã praia) independe do evento anterior (chover), o que caracteriza a concessão.

Ex.: Caso chova, não irei ã praia. – Observe que o fato de ir ã praia depende do fato de não chover, caracterizando a ideia de condição.

As conjunções condicionais compostas, isto é, as formadoras do que denominamos locuções conjuntivas, apresentam, geralmente, o elemento QUE como final.

São locuções condicionais → desde que, contanto que, uma vez que, a menos que, sem que, a não ser que, salvo se, exceto se.

Desde que	Aceitava qualquer nota, **desde que** fosse azul.
Contanto que	**Contanto que** estudes, passarás.
Uma vez que	**Uma vez que** essa condenação seja resolvida, a contratação **poderá** acontecer.

A menos que	**A menos que** você mantenha uma carga de estudo excessiva, será reprovada na escola.
Sem que	A democracia não será exercida, **sem que** esta não esteja assegurada a todos.
A não ser que	Nunca se preocupa com os outros, **a não ser que** seja do seu interesse.
Salvo se	**Salvo se** seu cônjuge for brasileiro, o governo não implicará.
Exceto se	**Exceto se** for encontrado no próprio local, a polícia não perturbará.

BIZU

Caro candidato, ultimamente têm caído bastantes questões em concursos em que é solicitada a relação causa-efeito. E, em muitas dessas situações, a causa é representada por conectores condicionais. Tal é possível, pois há uma proximidade significativa entre as duas ideias. Ambas representam as situações anteriores e geram uma consequência, distinguindo-se apenas pelo fato de a causa ser fato prévio concreto, e a condição, hipótese, obviamente, prévia.

Ex.: Contanto que João esteja doente, não poderá faltar á aula. – Repare a relação condição-consequência. Se João estiver doente (condição), a consequência é que ele poderá faltar ã aula.

6.2.4. Conjunções subordinativas comparativas

Conjunções subordinativas comparativas são as que, ao iniciar uma oração, subordinam-na a outra por meio da comparação ou confronto de ideias. As conjunções subordinativas comparativas são: **que, do que (quando iniciadas ou antecedidas por noções comparativas como menos, mais, maior, menor, melhor, pior), qual (quando iniciada ou antecedida por tal), como (também apresentada nas formas assim como, bem como), quanto (depois de tanto), conforme, feito.**

Exemplos

- Aquilo é pior que o resultado esperado.
- A ansiedade passou como as nuvens do céu.
- Há deveres mais específicos que outros.
- Você é mais alto do que o pai.

Obs.: Nas comparações de superioridade ou de inferioridade, o vocábulo "do" é totalmente desprezível, tanto no aspecto semântico quanto no aspecto gramatical.

Ex.: Estudo mais **do** que Paulo. / Estudo mais que Paulo.

Ex.: Os brasileiros leem menos **do** que os argentinos. / Os brasileiros leem menos que os argentinos.

6.2.5. Conjunções subordinativas consecutivas

As consecutivas introduzem uma ideia de consequência. Normalmente na oração principal aparecerá um elemento que dê ideia de intensificação (tão, tal, tamanho, tanto). A conjunção mais comum é QUE.

Exemplos

- "Abraçou-me com tal ímpeto, que não pude evitá-lo" (Machado de Assis).
- "… e era tão linda, morena e dourada pelo sol, que eu ia, no silêncio do ar, atirar-lhe um beijo…" (Eça de Queirós).

Observe, nas duas frases, que apareceu a expressão de intensidade (TAL, TÃO) na oração principal e a conjunção QUE introduzindo valor de consequência, na primeira frase (não pude evitá-lo) e na segunda (eu ia, no silêncio do ar, atirar-lhe um beijo…).

6.2.6. Conjunções subordinativas finais

Conjunções subordinativas finais são as conjunções que, ao iniciar uma oração subordinada, expressam a finalidade dos atos contidos na oração principal. As conjunções subordinativas finais são: **a fim de que, para que, porque (com mesmo sentido da conjunção para que), que.**

Obs.: Todos os conectores finais podem ser substituídos pela palavra OBJETIVO.

Exemplos

- Tudo foi planejado para que (COM OBJETIVO DE QUE) não houvesse falhas.
- Fez sinal que (COM OBJETIVO DE QUE) todos se aproximassem em silêncio.
- Rezo porque (COM OBJETIVO DE QUE) tudo acabe bem.

BIZU

Você deve ficar atento ao fato de que as bancas têm relacionado, principalmente em questões de interpretação de textos, a ideia de finalidade á de consequência. Tal é efetivamente cabível visto que ambas representam fatos posteriores. Tome cuidado, pois, no primeiro momento, a finalidade passa a sensação de que se trata de fato anterior, mas é justamente o oposto, como ficará esclarecido nos exemplos a seguir.

Ex.: Vim aqui para que (com o objetivo de que) pudesse analisar o problema.

Atenção: o primeiro fato a acontecer é "vir aqui" e o segundo fato "poder analisar o problema", então "poder analisar o problema" não faz com que "eu venha aqui" e sim "vir aqui" é que faz com que "eu possa analisar o problema".

Ex.: João deve estudar a fim de que (com o objetivo de que) tenha a sua vaga assegurada no concurso.

Atenção: o fato anterior é "João dever estudar", o posterior é "ter a vaga assegurada". O posterior não leva ã ocorrência do anterior; o anterior é que leva ã ocorrência do posterior.

6.2.7. Conjunções subordinativas conformativas

Conjunções subordinativas conformativas são as que, ao iniciar uma oração subordinada, expressam sua conformidade (estar de acordo com algo já estabelecido) em relação ao fato da oração principal. As conjunções subordinativas conformativas são: **conforme, segundo, consoante, como (utilizada no mesmo sentido da conjunção conforme).**

Exemplos

- O debate se desenvolveu conforme foi planejado
- Segundo o que disseram, não haverá reunião.

6.2.8. Conjunções subordinativas proporcionais

Conjunções subordinativas proporcionais são as conjunções que expressam a simultaneidade e a proporcionalidade da evolução dos fatos contidos na oração subordinada com relação aos fatos da oração principal. As conjunções subordinativas proporcionais são: **à proporção que, à medida que, ao passo que, quanto mais... (tanto) mais, quanto mais... (tanto) menos, quanto menos... (tanto) menos, quanto menos... (tanto) mais etc.**

Exemplos

- Seu espírito se elevava á medida que se dedicava ao estudo.
- Quanto mais correres, mais ofegante ficarás
- Quanto menos as pessoas nos incomodam, tanto mais realizamos nossas obrigações.

Obs.: É de bom alvitre não confundir À MEDIDA QUE – que tem valor proporcional – com NA MEDIDA EM QUE – que tem valor causal ou explicativo, sendo sinônimo de PORQUE, JÁ QUE, VISTO QUE… Os termos À MEDIDA EM QUE e NA MEDIDA QUE simplesmente não existem.

6.2.9. Conjunções subordinativas temporais

Conjunções subordinativas temporais são as que, ao iniciar uma oração subordinada, tornam essa oração um índice da circunstância do tempo em que o fato da oração principal ocorre.

Sendo assim, a construção temporal expressa por um **período composto** é formada pela **oração principal** e uma **subordinada adverbial temporal**. Normalmente, em Português, a análise das construções temporais pode ser desenvolvida em relação às orações iniciadas pela conjunção **quando**. Tal conjunção é bem famosa no universo linguístico exatamente pelo seu valor temporal.

Exemplo

- Os professores serão surpreendidos **quando** os alunos chegarem.

Existem outras conjunções que expressam valor temporal:

ENQUANTO (tempo simultâneo) – O aluno conversava, **enquanto** o professor explicava a matéria.

APENAS – Apenas nós nos sentamos no muro, a polícia nos repreendeu.

MAL – Mal chegou ã casa, teve de sair.

Existem algumas conjunções temporais compostas, isto é, formam o que denominamos locuções conjuntivas, apresentando, geralmente, o elemento QUE como final, e que podem ser empregadas com:

a) **Advérbios → antes, depois, logo, assim.**

Antes que	Acorde antes que ele chegue.

Depois que	Vou á festa depois que ele sair.
Logo que	**Logo que** chegamos, o filme começou.
Assim que	Correu **assim que** nos viu.
Sempre que	**Sempre que** estuda, aparecem dúvidas.

b) **Preposição →até, desde.**

Até que	Ficarei aqui **até que** você me chame.
Desde que	**Desde que** o conheci, fiquei encantando com seu discernimento.

6.2.10. Conjunções subordinativas modais

Não é muito comum a relação adverbial modal por meio de uma **oração.** Ela se faz especialmente com **SEM QUE** e **verbo no subjuntivo**.

Exemplo

- Limpa-se, lavando toada a estrutura, **sem que** sujeira alguma apareça.

6.2.11. Conjunções subordinativas integrantes

Conjunções subordinativas integrantes são as conjunções que, iniciando orações subordinadas, introduzem essas orações como termos da oração principal (sujeitos, objetos diretos ou indiretos, complementos nominais, predicativos ou apostos). As conjunções integrantes são **que** e **se.**

Exemplos

- João disse que não havia problemas (a oração subordinada funciona, neste caso, como objeto direto da oração principal);
- A criança perguntou ao pai se Deus existia de verdade (a oração subordinada funciona, neste caso, como objeto direto da oração principal).

BIZU

Caro estudante, em tese a conjunção integrante não possui valor semântico. Todavia perceba que há diferença de sentido entre as conjunções integrantes **QUE** e **SE.** A distinção que há é a seguinte: a conjunção **QUE** transmite **ideia factual** e a conjunção **SE** transmite **ideia hipotética**. Observemos os exemplos:

– Eu sei que você está triste.

Na situação acima, a oração que você mentiu funciona sintaticamente como objeto direto do verbo saber. Ao fazer uso da conjunção **QUE** o autor da frase indica **certeza** em relação ã mentira. Essa ideia factual é direcionada para a segunda pessoa do discurso.

– Eu sei se você está triste.

Nesse caso, a ideia hipotética, transmitida pela oração "se você está triste", está relacionada ã percepção do autor da frase, ou seja, havendo tristeza, eu perceberei. No primeiro momento, encontra-se a certeza (eu sei…), no segundo momento, encontra-se a dúvida (se você está triste) e o período inteiro caracteriza a relação perceptiva mencionada. Artifício criado por causa da conjunção integrante **SE** que apresenta essa carga semântica.

EXERCÍCIO DE FIXAÇÃO

1 . **Numere as frases de acordo com a classificação da conjunção subordinativa:**

1	**Causal**
2	**Comparativa**
3	**Temporal**
4	**Concessiva**
5	**Final**
6	**Consecutiva**
7	**Proporcional**
8	**Condicional**
9	**Conformativa**
10	**Integrante**
11	**Modal**

a. ( ) Ele se esforçou tanto **como** o irmão.
b. ( ) **Se** você vier, será bom para todos.
c. ( ) Entrou **antes que** anoitecesse.
d. ( ) Acenou-lhe **que** viesse.
e. ( ) **À medida que** estuda, mais conhecimento adquire.
f. ( ) Estava tão cansado **que** dormiu.

g. ( ) **Segundo** me disseste, os alunos gabaritaram.
h. ( ) **Desde que** não aceitam minha opinião, calo-me.
i. ( ) **Embora** chovesse, foram á praia.
j. ( ) Admirava-o muito, **conquanto** o conhecesse pouco.
k. ( ) Tamanha foi a explosão, **que** todos correram.
l. ( ) Orou **porque** a paz voltasse.
m. ( ) **Ainda que** estivéssemos cansados, prosseguiríamos a viajem.
n. ( ) Este livro é mais interessante **que** o meu.
o. ( ) O barulho aumentava **à medida que** no aproximávamos.
p. ( ) Irei viajar, **contanto que** tenha dinheiro.
q. ( ) **Mal** cheguei, sorriu.
r. ( ) Estudou muito **para que** fizesse uma boa prova.
s. ( ) **Como** estava doente, fui ao médico.
t. ( ) **Conquanto** chovesse, íamos ao parque aquático.
u. ( ) É feio **que** dói.
v. ( ) Falem o que quiserem, **contato que** não me ofenda.
w. ( ) Ele comeu, **porque** estava com muita fome.
x. ( ) A mulher gritou tanto **que** perdeu a voz.
y. ( ) Faltei ao trabalho **porque** estava doente.
z. ( ) **Já que** insiste, aceito o emprego.
AA ( ) Agi **conforme** você agiu
AB ( ) O pai viu **que** o filho estudara.
AC ( ) Ela é tal quais as amigas.
AD ( ) O pai prepara uma surpresa, **sem que** o filho desconfie.

Gabarito:

a. (2)
b. (8)
c. (3)
d. (5)
e. (7)
f. (6)
g. (9)
h. (1)
i. (4)

j. (4)
k. (6)
l. (5)
m. (4)
n. (10)
o. (7)
p. (8)
q. (3)
r. (5)
s. (1)
t. (4)
u. (6)
v. (8)
w. (1)
x. (6)
y. (1)
z. (1)
AA (9)
AB (10)
AC (2)
AD (11)

6.3. ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS

O pronome relativo sempre introduz uma oração subordinada adjetiva. São pronomes relativos O QUAL, A QUAL, OS QUAIS, AS QUAIS ou quaisquer outros termos que possam ser substituídos por estes já mencionados. São também pronomes relativos CUJO, CUJA, CUJOS e CUJAS.

Ex.: Roubaram o relógio que (O QUAL) comprei ontem.

A oração sublinhada introduzida pelo pronome relativo QUE é subordinada adjetiva.

Ex.: O bairro onde (NO QUAL) moro é muito bonito.

ONDE MORO é uma oração subordinada adjetiva, pois ONDE é pronome relativo, fato que é constatado pela possibilidade de substituição por NO QUAL.

A oração subordinada adjetiva pode ser restritiva ou explicativa. Será restritiva quando não estiver isolada através de vírgula, travessão ou parênteses, e será explicativa se as pontuações aludidas procederem ao seu isolamento.

Ex.: Os operários que (os quais) fizeram greve foram demitidos. / Os operários – que (os quais) fizeram greve – foram demitidos.

Obs.: É fundamental lembrar que, nos atuais concursos públicos, é muito difícil as bancas solicitarem ao candidato a classificação de uma oração, o que não significa o assunto quedar-se ausente nas provas. A exigência hoje é a percepção de que a pontuação altera muito mais do que uma mera classificação de oração, modificando também o seu valor semântico. Então, retornando às duas frases, utilizadas no exemplo, tem-se: em ambas, o QUE é pronome relativo; contudo, na primeira frase, o pronome relativo não é precedido de pontuação, portanto a oração é subordinada restritiva. Sendo assim, a ideia é de restrição. As palavras que melhor expressam essa ideia são SOMENTE, SÓ, APENAS. A ideia contida na primeira frase é "somente os operários que fizeram greve serão demitidos"; já, na segunda frase, a oração adjetiva é isolada através de travessões, por conseguinte a oração é subordinada adjetiva explicativa. Portanto, o candidato deve condicionar-se á ideia de explicação, á ideia de "porquê". A frase deve ser interpretada como: Os operários foram demitidos porque fizeram greve.

Ex.: Os professores cujos alunos são bagunceiros ficam calvo mais cedo. Nem todos os professores ficam glabros mais cedo, somente aqueles que têm seus alunos bagunceiros. Portanto a oração CUJOS ALUNOS SÃO BAGUNCEIROS é subordinada adjetiva restritiva.

Ex.: Os professores, cujos alunos são bagunceiros, ficam glabros mais cedo. A interpretação desta frase é que "os professores ficam glabros mais cedo, pois seus alunos são bagunceiros".

Ex.: "O Capitão, que a tudo estava atento,

Tanto com estas se alegrou…" Camões

O sentido dos dois versos é "O Capitão, visto que a tudo estava atento, tanto com estas se alegrou…"

6.4. EXERCÍCIOS

01. **(TRF)**

Considere os períodos I, II e III, pontuados de duas maneiras diferentes:

I. Entregues os documentos pelo correio, seguirão outras informações relativas ao processo.

Entregues os documentos, pelo correio seguirão outras informações, relativas ao processo.

II. A audiência será marcada de imediato pelo advogado e o promotor conjuntamente.

A audiência será marcada, de imediato, pelo advogado e o promotor conjuntamente.

III. É bom que se arquivem os processos que estão com o prazo vencido.

É bom que se arquivem os processos, que estão com o prazo vencido.

Com a pontuação diferente, ocorreu alteração de significado em:

a) I, somente;

b) II, somente;

c) I e II;

d) I e III;

e) II e III.

Gabarito: D

Há alteração semântica no item I, visto que no primeiro período os documentos irão pelo correio; no segundo, são as outras informações que seguirão pelo correio. No item II, o fato de o adjunto adverbial, de corpo pequeno, estar isolado ou não por vírgulas, não gera alteração semântica. No item III, há alteração de sentido, visto que, quando o pronome relativo não é precedido de pontuação, introduz oração de caráter restritivo; já quando vem precedido de vírgula, introduz oração de caráter explicativo. Portanto, na primeira frase, o sentido é "não arquivar todos os processos, e sim somente aqueles que estão com o prazo vencido". Já na segunda, o sentido é "arquivar todos os processos, porque estão com o prazo vencido.".

02. **"O que me interessou foi um comentário marginal que ele fez – e o exemplo que escolheu para ilustrar seu comentário."; a forma menos adequada de reescrevermos o texto acima, respeitando-se o sentido original, é:**

a) Interessou-me um comentário marginal que ele fez – e o exemplo escolhido para ilustrar seu comentário;
b) Interessaram-me não só um comentário marginal que ele fez, como também o exemplo que escolheu para a ilustração de seu comentário;
c) O que me interessou foram um comentário marginal (que ele fez) e o exemplo (que escolheu para ilustrar seu comentário);
d) Um comentário marginal que ele fez e o exemplo que escolheu para ilustrar seu comentário foi o que me interessou;
e) Um comentário marginal feito por ele e o exemplo escolhido para a ilustração de seu comentário foi o que me interessou.

Gabarito: C

Repare que as orações adjetivas "que ele fez"e "que escolheu para ilustrar seu comentário", no texto original, não estão isoladas por pontuação, possuindo, por conseguinte, valor restritivo. Quando, na alternativa C, tais orações passam a vir isoladas por parênteses, assumem caráter explicativo. Por tal motivo – gerar alteração de sentido –, a alternativa C é a forma menos adequada para se reescrever o período.

03. **(ESAF / AFC)**

Assinale o diagnóstico correto acerca do emprego das vírgulas no trecho seguinte:

A nova disciplina das sociedades limitadas, está presente no Código Civil de 2002, que inovou em relação ao diploma anterior e tratou de matéria de cunho eminentemente comercial, revogando, assim, neste aspecto, o vetusto Código Comercial que datava do século passado.

a) O trecho está corretamente pontuado: não sobram nem faltam vírgulas.
b) O erro de pontuação está no mau emprego da vírgula colocada após a palavra "limitadas"(l.1). Sendo ela eliminada, o trecho torna-se gramaticalmente correto.
c) Para o trecho ficar corretamente pontuado, é preciso eliminar a vírgula colocada após a palavra "limitadas"(l.1) e inserir uma vírgula após a palavra "Comercial"(l.3-4).
d) Há três erros de pontuação: ausência de vírgula após a palavra "presente"(l.1), presença da vírgula depois de "2002"(l.2) e presença da

vírgula depois da palavra "revogando"(l.3).

e) Basta uma vírgula isolando a oração adjetiva explicativa "que datava do século passado"(l.4) para o trecho ficar corretamente pontuado.

Gabarito: C

Questão extremamente maliciosa, visto que há um erro gramatical grosseiro logo na linha 1, ao ser empregada uma vírgula após "limitadas", separando sujeito de verbo. Tal situação induz o candidato a marcar a alternativa B. No entanto, há mais um erro no texto: como "Código Comercial" só há um, não se pode restringir algo de apenas uma unidade. Então, essa oração só pode ter caráter explicativo, o que obriga o uso de uma pontuação antes do pronome relativo "que". O sentido da frase é:... revogar o vetusto (antiquado) Código Comercial, porque ele data do século passado. Sendo assim, a alternativa que denuncia as duas falhas é a C.

04. **(FCC / TRT-SP 2º Região / Analista Judiciário)**

Atente para as seguintes frases:

I. Caberia aos homens de hoje, que despacharam as utopias, buscar revigorá-las.

II. Os sonhos coletivos, que alimentaram tempos passados, deram lugar aos afazeres imediatos.

III. Preocupa-nos, hoje, muito mais a agenda do dia do que um projeto de longo prazo.

A supressão das vírgulas altera o sentido da frase SOMENTE em:

a) I e II;

b) I e III;

c) I;

d) II;

e) III.

Gabarito: A

Nos dois primeiros períodos, temos o emprego de vírgulas antecedendo pronomes relativos. Sendo assim, tais orações possuem caráter explicativo (porque). Sendo tais pontuações extraídas, o sentido passa a ser de restrição (somente). Já no último item, o fato de o adjunto adverbial estar isolado ou não por pontuação não implica alteração de sentido.

05. **(IBAMA / Gestão / 2010)**

Reparação duas décadas depois

Francisco Alves Mendes Filho ainda não era um mito da luta contra a devastação da Amazônia quando foi preso, em 1981, acusado de subversão e incitamento á luta de classes no Acre, em plena ditadura militar. Chico Mendes se tornaria mundialmente conhecido, dali para a frente, por comandar uma campanha contra a ação de grileiros e latifundiários, responsáveis pela destruição da floresta e pela escravização do caboclo amazônico. Por isso mesmo foi assassinado, em 22 de dezembro de 1988, na porta de casa, em Xapuri. O crime, cometido por uma dupla de fazendeiros, foi punido com uma sentença de 19 anos de cadeia para cada um. Faltava reparar a injustiça cometida pelos militares.

E ela veio na quarta-feira 10, no palco do Teatro Plácido de Castro, em Rio Branco, na forma de uma portaria assinada pelo ministro da Justiça, Tarso Genro. Antes, porém, realizou-se uma sessão de julgamento da Comissão de Anistia, cujo resultado foi o reconhecimento, por unanimidade, da perseguição política sofrida por Chico Mendes no início dos anos 80 do século passado. A viúva do líder seringueiro, Izalmar Gadelha Mendes, vai receber uma pensão vitalícia de 3 mil reais mensais, além de indenização de 337,8 mil reais.

Após assinar a portaria de anistia, Tarso Genro declarou que o assassinato de Chico Mendes está diretamente associado ã perseguição sofrida pelo seringueiro durante a ditadura. "O Estado brasileiro não soube compreender o que ele (Mendes) representava naquele momento", disse o ministro. "O Brasil pede perdão a Chico Mendes", afirmou, ao assinar o documento. Acompanhada de dois filhos, Izalmar Mendes mostrou-se satisfeita com o resultado do julgamento. "Era a hora de limpar o nome do meu marido. Mais importante do que a indenização foi o pedido de desculpas feito pelo Estado", disse a viúva.

O caso de Chico Mendes foi relatado pela conselheira Sueli Bellato. Emocionada, ela disse ter lido muito sobre o seringueiro morto para, então, encadear os argumentos que a fizeram acatar o pedido de reconhecimento e indenização interposto por Izalmar Mendes. Chico Mendes foi vereador em Xapuri, onde nasceu, e se firmou como crítico de projetos governamentais de graves consequências ambientais, como a construção de estradas na região amazônica. 31 No relatório, aprovado por unanimidade, a conselheira contou

detalhes da vida de Chico Mendes, da infância pobre nos seringais ao dia em que foi assassinado. Segundo Sueli Bellato, a atuação de Mendes contra grileiros e latifundiários rendeu, durante a ditadura, um arquivo de 71 páginas redigidas por agentes do antigo Serviço Nacional de Informações (SNI). Foi por participar de um ato público, em 1980, que Chico Mendes passou a ser fichado e perseguido pelos militares. Em Rio Branco, o seringueiro fez um discurso exaltado contra a violência no campo provocada pelos fazendeiros.

Na época, Chico Mendes foi enquadrado na Lei de Segurança Nacional, acusado de "atentado contra a paz, a prosperidade e a harmonia entre as classes sociais". Preso em diversas ocasiões, só foi definitivamente absolvido em 1º de março de 1984, quatro anos depois, portanto, de iniciadas as perseguições. De acordo com a conselheira Sueli Bellato, embora o relatório não tenha se aprofundado na questão, foi possível constatar que Chico Mendes também foi torturado enquanto estava sob custódia de policiais federais.

Leandro Fortes. Internet: <www.cartacapital.com.br> (com adaptações).

Considerando aspectos linguísticos do texto Reparação duas décadas depois, julgue os itens a seguir.

1 – Os termos "portanto" (L.41) e "enquanto" (L. 43), estabelecem idênticas relações de sentido.

2– O texto caracteriza-se como essencialmente informativo.

3– O emprego da vírgula após "latifundiários" (L. 5) justifica-se por isolar o termo explicativo.

4– O termo "onde" (L. 28) introduz oração adjetiva de sentido explicativo.

Gabarito:

1 – Errado. A conjunção "portanto" tem valor conclusivo; já a conjunção "enquanto" estabelece valor de concomitância, de tempo.

2 – Certo. O texto se estrutura pela exposição de fatos, o que demarca a caracterização da predominância do aspecto informativo.

3 – Certo. Como a vírgula precede "responsáveis", cuja classe gramatical é um adjetivo, pode-se perceber que tal adjetivo (pode-se fazer analogia com as orações adjetivas) passa a ter caráter explicativo.

4 – Certo. O vocábulo ONDE é pronome relativo, podendo, inclusive, ser substituído por NO QUAL; e como é precedido de vírgula, a oração subordinada adjetiva tem caráter explicativo.

06. **(APOFP)**

Em relação ao texto abaixo, assinale a opção correta.

A invasão israelense intensifica o ambiente de privações e ameaças ã integridade física em que vivem os habitantes de Gaza. Além dos intensos bombardeios aéreos, que mataram centenas de palestinos – entre eles várias mulheres e crianças –, faltam víveres e medicamentos, e os cortes no fornecimento de água e luz são constantes. Ao que consta, pois Israel impede a entrada da imprensa no território invadido, o objetivo inicial da ação terrestre é isolar o norte da faixa litorânea, de onde parte a maioria dos ataques com foguetes contra o sul israelense, do restante do território palestino. A cidade de Gaza, com mais de 400 mil habitantes, foi sitiada. Além dos intoleráveis danos, humanos e materiais, que impõe aos palestinos, o estrangulamento militar desfechado por Israel está repleto de incertezas quantoà sua eficácia.

(Folha de S. Paulo, Editorial, 05 jan. 2009.)

a) O sinal indicativo de crase em "á integridade"(l.1) justifica-se pela regência de "intensifica"(l.1) e pela presença de artigo definido feminino singular.

b) O segmento "de onde parte a maioria dos ataques com foguetes contra o sul israelense"(l.7) está entre vírgulas por tratar-se de oração subordinada adjetiva explicativa.

c) O emprego de vírgula após "aéreos"(l.2) justifica-se para isolar a oração de natureza restritiva subsequente.

d) A expressão "Ao que consta"(l.5) indica que os autores têm certeza absoluta da informação apresentada.

e) O pronome relativo "que"(l.2, primeira ocorrência) retoma o sentido do termo antecedente: "integridade física".

Gabarito: B

A alternativa A apresenta comentário inadequado, visto que a presença da preposição A é decorrente da regência de "ameaças". A alternativa B é a que apresenta comentário adequado, porquanto ONDE – junto com a preposição de – é pronome relativo, podendo ser substituído por DO QUAL, referindo-se a "o norte da faixa litorânea". E como esse pronome relativo é precedido de vírgula, introduz oração de caráter explicativo. O corpo da alternativa C apresenta uma contradição: a presença de pontuação 'não caracteriza uma oração restritiva. A ausência de pontuação pode caracterizar a restrição; e a presença pode caracterizar a

explicação. A alternativa D também apresenta comentário falso, pois o emprego de AO QUE CONSTA passa a sensação de a informação estar no campo da possibilidade, da hipótese. A alternativa E também apresenta comentário inadequado, visto que o antecedente do relativo QUE (junto com a preposição EM) é "o ambiente de privações e ameaças ã integridade física", sendo o núcleo "ambiente".

07. **(FCC / TRT-1ª Região / Analista Judiciário)**

... a densidade da ocupação espacial resulta na concentração de necessidades. Assim, nas cidades surgem problemas que em outras condições as pessoas nunca tiveram oportunidade de resolver.

Identifica-se entre as frases acima, respectivamente, relação de:

a) consequência e ressalva;
b) causa e consequência;
c) finalidade e temporalidade;
d) oposição e ressalva;
e) condição e oposição.

Gabarito: B

Podemos observar algumas relações na passagem acima. A densidade da ocupação é causa de concentração de necessidades, assim como tal concentração de necessidades também se torna causa para o fato de surgirem problemas que, em outras condições, as pessoas nunca tiveram oportunidade de resolver. Sendo assim, há uma nítida relação de causa e efeito na passagem do enunciado.

08. **(FUNCAB / Pref. Serra-ES / Cirurgião Dentista)**

No período "Ela estava tão aflita que, embora fizesse frio, se abanava com uma revista", além da oração principal, há duas outras orações as quais exprimem respectivamente:

a) concessão e consequência;
b) condição e consequência;
c) concessão e causa;
d) condição e causa;
e) causa e consequência.

Gabarito: A

O conector EMBORA é concessivo, e a conjunção QUE na passagem é um

conector consecutivo, introduzindo no fragmento a consequência de determinado fato: estar tão aflita.

09. **(FUNCAB / Pref. Serra-ES / Cirurgião Dentista)**

A conjunção em destaque no período "COMO a senhora não me desse mais trabalho, e o tempo fosse passando, recomecei a pensar em mim mesmo, triste e fraco assunto" pode ser substituída, sem alteração de sentido, porto das as abaixo relacionadas, EXCETO por:

a) porque;
b) conquanto;
c) dado que;
d) visto que;
e) porquanto.

Gabarito: B

O valor da conjunção em destaque é causal, e o único que não pode apresentar a mesma ideia entre as assertivas é o CONQUANTO, pois apresenta valor de concessão.

10. **(OBJETIVA / Pref. Chapecó-SC / Médico)**

Analisar os itens abaixo:

I.– "Note bem: casais. Não é o caso, <u>portanto</u>, da conhecida depressão pós-parto que acomete as..."
mulheres recém-saídas do episódio..."

II.– "Mas não leva em consideração, o que não nos impede de especular a respeito, <u>se</u> este homem aqui já tinha algum tipo de propensão ã depressão..."

Os termos sublinhados, chamados conjunções, podem ser substituídos, sem alteração semântica, por:

a) Pois – caso;
b) Logo – embora;
c) Outrossim – ainda que;
d) Porquanto – conquanto.

Gabarito: A

Primeiro, temos de identificar os valores das conjunções no enunciado. Ao verificar, percebemos que as ideias são respectivamente de CONCLUSÃO e

CONDIÇÃO. A única assertiva que apresenta a mesma relação semântica é a opção A, pelo fato de o POIS manter a noção conclusiva no contexto, além de CASO conservar a ideia de condição.

11. **"O estudo relaciona, como justificativa para o advento do transtorno, a mudança da rotina do casal..."**

A palavra "como", no fragmento, traduz ideia de:

a) Concessão;
b) Adversidade;
c) Alternância;
d) Conformidade.

Gabarito: D

O conector introduz uma informação que se encontra de acordo com a exposta na outra oração.

12. **(AOCP / CÅ, MARA DE SALVADOR-BA / Analista Legislativo)**

"Como ocorreu em 2009, para aplacar críticas, a cúpula do MEC substituiu o presidente do Inep."

A expressão destacada estabelece, no contexto, uma relação lógico-semântica de:

a) Causa;
b) Conformidade;
c) Consecução;
d) Comparação;
e) Concessão.

Gabarito: D

Na passagem acima, percebe-se uma comparação em relação ao que ocorrera em 2009, ou seja, da mesma forma que aconteceu em 2009. Logo, o valor semântico predominante é o de comparação.

13. **(VUNESP –CODESP / SP – GUARDA PORTUÁRIO)**

No trecho – As pessoas precisam ser alertadas porque o número de mendigos que agem de má fé é grande. – a conjunção porque pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:

a) mas;
b) porém;

c) todavia;
d) entretanto;
e) pois.

Gabarito: E

Os quatro primeiros conectores MAS, PORÉM, TODAVIA e ENTRETANTO são adversativos, e a conjunção PORQUE é explicativa no contexto; logo, o único conectivo que substitui o grifado sem alteração de sentido é o POIS.

14. **(Cespe / Correios / Carteiro)**

Na frase "Identificava-se, <u>portanto</u>, o responsável pelo fracasso na legitimidade das feições" (L.16-17), a palavra sublinhada expressa o sentido de:

a) condição;
b) oposição;
c) explicação;
d) conclusão;
e) finalidade.

Gabarito: D

A conjunção sublinhada introduz valor de dedução, suposição, algo que efetivamente se conclui.

15. **(Cespe / Polícia Civil-ES / Perito Criminal Especial)**

Bandos de homens armados perpetram anualmente 450 roubos a bancos e carros-fortes no Brasil. Tais episódios põem em risco a vida de clientes, agentes de segurança e policiais, mas o prejuízo financeiro é relativamente pequeno para as instituições. Para os bancos, a maior ameaça está embutida nos serviços prestados pela Internet ou por outros meios eletrônicos. As perdas resultantes de assaltos são de 50 milhões de reais anuais. Já os crimes cujas armas são os computadores devem, em 2010, ser responsáveis por perdas de 900 milhões de reais, dezoito vezes mais que nos assaltos convencionais.

QuestoesdeConcursos.com.br

A conjunção "mas" (L.3) poderia ser substituída, no texto, sem afetar o sentido ou a correção gramatical deste, por todavia ou por entretanto.

Gabarito: certo

A conjunção MAS do texto é adversativa, tendo como sinônimos TODAVIA e ENTRETANTO. Sendo assim, ficam preservadas a relação semântica e a correção gramatical, não havendo, inclusive, necessidade de qualquer alteração na estrutura frasal.

16. **(Cespe / Polícia Civil-ES / Escrivão de Polícia)**

Eu não gosto de ninguém, ele quase respondeu, refreando-se a tempo; faz sentido, ele mesmo concluía – é o pior momento da minha vida, sem a mulher, sem o filho, sem dinheiro, e desgraçadamente sem literatura. Uma letra de tango. Ou "um maneirista da própria sombra", como escreveu Eusébio de Mattos no Suplemento de Arte, demolindo-o até a última linha com o sadismo certeiro dos grandes críticos. Para um país sem crítica, aquele texto chegava a ser uma boa surpresa, ainda que deixasse entrever mais o prazer do ataque que o lamento sincero de um estudioso honesto, o tsc tsc tsc diante de um escritor que nunca "chegou lá" na corrida de cavalos letrados do panorama nacional – e Donetti sentiu a respiração opressa pelo rancor. O célebre homem brasileiro cordial é cordial não porque seja polido, o que ele nunca foi, mas porque nada nunca passa pelo cérebro antes de chegar ã vida – é só um coração batendo forte no meio da rua, que é o seu lugar.

Cristóvão Tezza. Um erro emocional. Rio de Janeiro: Record, 2010, p. 91 (com adaptações)

No trecho "ainda que deixasse entrever" (L.6-7), a locução conjuntiva "ainda que" poderia ser substituída por embora, sem que fosse alterado o sentido da oração.

Gabarito: certo

A locução conjuntiva "**ainda que**" apresenta relação semântica de concessão; a sua substituição por EMBORA conserva tal relação.

17. **(VUNESP / TJ-SP / Escrevente Técnico Judiciário)**

Em – A falta de modos dos homens da Casa de Windsor é proverbial, <u>mas</u> o príncipe Edward dizendo bobagens para estranhos no Quirguistão incomodou a embaixadora americana. – a conjunção destacada pode ser substituída por:

a) portanto;

b) como;

c) no entanto;
d) porque;
e) ou.

Gabarito: C

A conjunção NO ENTANTO é a única que apresenta a mesma ideia de adversidade, mantendo a mesma relação do MAS apresentado no texto.

18. **(VUNESP / TJ-SP / Escrevente Técnico Judiciário)**

Em – Tudo indica que 250 mil documentos secretos foram copiados por um jovem soldado num CD enquanto fingia ouvir Lady Gaga. – a palavra destacada exprime ideia de:

a) hipótese;
b) condição;
c) concessão;
d) causa;
e) tempo.

Gabarito: E

O ENQUANTO é um dos maiores representantes de tempo simultâneo que há na Língua Portuguesa, e a relação de concomitância, no contexto, é bem clara. Sendo assim, a ideia que caracteriza a resposta é temporal.

19. **(FCC / TRE-RN / Analista Judiciário)**

<u>Ainda assim,</u> provavelmente não foi a captura para o consumo pelo homem o que selou o destino do dodô, <u>pois</u> sua extinção ocorreu sobretudo pelos efeitos indiretos da perturbação humana.

Os elementos grifados na frase acima podem ser substituídos, sem prejuízo para o sentido e a correção, respectivamente, por:

a) Contudo – não obstante.
b) Conquanto – por que.
c) Em que pese isso – embora.
d) Apesar disso – visto que.
e) Por isso – porquanto.

Gabarito: D

AINDA ASSIM é concessivo, e o POIS é explicativo no texto; logo, os únicos

conectores que estabelecem a mesma relação semântica são: APESAR DISSO e VISTO QUE. Na letra A, os dois conectores marcam oposição; na opção B, o CONQUANTO, apesar de estabelecer uma ideia concessiva, não preservaria a gramaticalidade, pois geraria mudança no tempo verbal. Além disso, a grafia de POR QUE (separado) não representa explicação, o que gera falha gramatical; na letra C, os dois marcam oposição; e na opção E, POR ISSO estabelece valor de conclusão.

20. **(FGV / TRE-PA / Técnico Judiciário)**

Ficam hibernando ã espera do momento eleitoral <u>quando</u> deveriam estar em praça pública em busca de militantes e se expondo ao debate.

A conjunção <u>quando</u>, no período acima, tem valor:

a) proporcional;
b) comparativo;
c) consecutivo;
d) temporal;
e) concessivo.

Gabarito: E

Esta questão induziu muitos alunos ao erro, pois, ao observarem o QUANDO, pensaram imediatamente na ideia de tempo. Cuidado, afinal cada conector muda de acordo com o contexto. Apesar de primariamente o QUANDO transmitir semântica temporal, nesse caso a ideia prioritária é a de concessão, equivalendo a MESMO DEVENDO ESTAR, EMBORA DEVESSEM ESTAR, AINDA QUE DEVESSEM ESTAR.

21. **(COPEVE / UFAL / Bibliotecário)**

Qual palavra ou expressão preenche adequadamente a lacuna nos textos abaixo?

I. **"Pacientes crônicos terão mais qualidade de vida fora do hospital. _____, é cada vez maior o número de pacientes que continuam internados mesmo depois de superado o problema que os levou ã instituição."**

II. **"O Rio de Janeiro foi tomado por um clima de ufanismo. _____, não basta cantar vitória durante a batalha."**

III. **"_____ se discute punição a crimes do regime militar, a tortura**

continua uma prática comum no Brasil."

IV. **"Vendas disparam _____ os adeptos da boa bebida descobrem os sabores doces e complexos das variedades envelhecidas."**

a) De modo que – Portanto – Conquanto – porque;
b) Apesar disso – Porém – Enquanto – á medida que;
c) Mesmo assim – Por isso – Visto que – a fim de que;
d) Dessa forma – Todavia – Porque – quando;
e) Entretanto – Então – À proporção que – conforme;

Gabarito: B

É clara a relação de oposição no item I. Como tal relação pode ser expressa por conectores adversativos ou concessivos, podem-se excluir as alternativas A e D. No item II, há também um caráter de ressalva, cabendo, no caso, apenas conectores também de caráter adversativo, o que nos leva a eliminar a C e a E. Com isso, já se chega á resposta.

22. **(FCC / DPE-RS / Defensor Público)**

"É possível até que você use essas definições quando bate aquela dúvida sobre concordância ou regência, não é? <u>No entanto</u>, apesar de concorrentes, elas não têm fundamento científico, afinal são muito anteriores ao nascimento da ciência da linguagem (mais precisamente, 2 mil anos anteriores!)"

A expressão <u>No entanto</u> pode ser substituída, alterando o significado da frase, por:

a) entretanto;
b) porquanto;
c) todavia;
d) porém;
e) contudo.

Gabarito: B

Em todas as assertivas, exceto aquela que representa a resposta, as conjunções estabelecem relação de adversidade; logo, a única que altera o sentido original é o PORQUANTO que marca ideia CAUSAL ou EXPLICATIVA.

23. **(FCC / DPE-RS / Defensor Público)**

"Assim como em qualquer outra manifestação artística, portanto, o livro

que esteve sob ameaça de censura…"

O conetivo portanto pode ser substituído, sem alteração de sentido, por:

a) porquanto;

b) entretanto;

c) no entanto;

d) então;

e) conquanto.

Gabarito: D

"Portanto" é conector de caráter conclusivo. Entre as alternativas, a única que apresenta conjunção sinônima é a D.

24. **(CISVIR / Técnico em Enfermagem)**

Observe a frase e indique a circunstância correta da mesma:

"<u>Mesmo que ela me procurasse no dia seguinte</u>, eu não a indicaria para o cargo."

a) Condição;

b) Concessão;

c) Consequência;

d) Conformidade.

Gabarito: B

O MESMO QUE do texto pode ser facilmente substituído por AINDA QUE e EMBORA que são outros conectores concessivos. Para este tipo de questão, basta ter memorizado que o conector MESMO QUE é concessivo e saber enxergar tal relação no contexto.

25. **(FCC / DPE-RS / Defensor Público)**

"Isso porque, <u>embora</u> sejam caros, eles cortam outros gastos [...]"

A conjunção sublinhada nessa frase pode ser adequadamente classificada como:

a) alternativa;

b) concessiva;

c) conclusiva;

d) consecutiva.

Gabarito: B

Questão semelhante á anterior, modificando apenas a conjunção. O EMBORA do texto pode ser facilmente substituído por AINDA QUE e MESMO QUE que são outros conectores concessivos. Para este tipo de questão, basta ter memorizado que o conector MESMO QUE é concessivo e saber enxergar tal relação no contexto.

26. **(EXAMES / Pref. Queimadas-PB / Psicólogo)**

"E, como não temos o controle sobre a natureza, precisamos trabalhar com o imponderável e revesti-lo de cuidados compatíveis com as possibilidades do universo em convivência." (2º parágrafo)

A conjunção como introduz uma oração que estabelece com a oração seguinte a relação lógica de:

a) explicação;
b) condição;
c) finalidade;
d) causa.

Gabarito: D

Repare que a conjunção COMO pode ser substituída por PORQUE, JÁ QUE, VISTO QUE, PORQUANTO e estabelece no contexto uma ideia causal, isto é, não ter o controle sobre a natureza representa a causa de precisarmos trabalhar com o imponderável e revesti-lo de cuidados compatíveis com as possibilidades do universo.

27. **(EXAMES / Pref. Queimadas-PB / Psicólogo)**

"No entanto, as cidades vitoriosas foram aquelas que souberam ajustar suas razões á s da natureza."

Haveria significativa alteração no sentido dessa frase no contexto, caso o conectivo inicial (no entanto) fosse substituído por:

a) portanto;
b) contudo;
c) todavia;
d) entretanto.

Gabarito: A

Para este tipo de questão, basta saber que o conector NO ENTANTO representa adversidade, e o único que não mantém a mesma relação é PORTANTO, pois estabelece semântica de CONCLUSÃO.

28. **(Cespe / DFTRANS / Analista)**

linguagem. S.f. 1. o uso da palavra articulada ou escrita como meio de expressão e de comunicação entre as pessoas.

Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Novo dicionário da língua portuguesa, p. 1.035 (com adaptações).

Acho que se compreenderia melhor o funcionamento da linguagem supondo que o sentido é um efeito do que dizemos, e não algo que existe em si, independentemente da enunciação, e que envelopamos em um código também pronto. Poderiam mudar muitas perspectivas: se o sentido nunca é prévio, empregar ou não um estrangeirismo teria menos a ver com a existência ou não de uma palavra equivalente na língua do falante. O que importa é o efeito que palavras estrangeiras produzem.

Pode-se dar a entender que se viajou, que se conhecem línguas. Uma palavra estrangeira em uma placa ou em uma propaganda pode indicar desejo de ver-se associado a outra cultura e a outro país, por seu prestígio.

POSSENTI, Sírio. A cor da língua. Mercado de Letras: 2002, p.37-8 (com adaptações).

A partir da leitura dos dois textos acima, julgue o item a seguir:

No texto do verbete de dicionário, o valor de comparação da palavra "como" deixa subentender uma expressão mais complexa: assim como.

Gabarito: Errado

Podemos observar que o valor semântico da palavra "como" no trecho é de modo e não comparativo. A expressão "assim como" é comparativa. Sendo assim, não é possível a substituição.

29. **(Cespe / TSE / Técnico)**

A função da oposição em uma sociedade democrática consiste em denunciar a corrupção, acompanhar as investigações e avaliar os projetos e iniciativas governamentais, propondo alternativas. A crítica, e não a adesão, é sua tarefa primordial. Se uma sociedade cessa de ter uma verdadeira oposição, ela caminha para uma solução autoritária. A governabilidade só existe verdadeiramente com uma oposição atuante, que sinalize os problemas existentes e discuta os seus encaminhamentos.

ROSENFIELD, Denis Lerrer. O Globo, 27 nov. 2006. p. 7 (com adaptações).

Julgue o item a seguir:

Entre os dois últimos períodos do texto, subentende-se uma relação sintática que pode ser expressa por Entretanto.

Gabarito: Errado

Para resolver a questão, é preciso identificar os dois últimos períodos do texto que são:

I– Se uma sociedade cessa de ter uma verdadeira oposição, ela caminha para uma solução autoritária.

II– A governabilidade só existe verdadeiramente com uma oposição atuante, que sinalize os problemas existentes e discuta os seus encaminhamentos.

No primeiro período, afirma-se que, se não houver oposição, a sociedade caminhará para o autoritarismo. No segundo período, afirma-se que a oposição reforça a verdadeira governabilidade de um país.

Podemos perceber que as ideias são afins. A conjunção **ENTRETANTO** traz uma ideia de oposição. Sendo assim, a proposta do examinador não é boa.

30. **(Cespe / TSE / Analista)**

O terreno da ética é o próprio chão onde estão fincadas as bases de uma sociedade. Essa construção é feita todos os dias. Há algo de imaterial em todos os edifícios políticos.

Eles não estão aí por obra divina. Precisam ser reforçados permanentemente, por meio de atos significativos em que as pessoas reconheçam o interesse público. É isso que mantém a ordem pública, e não somente, nem, sobretudo, a força policial. Se as pessoas deixam de acreditar em uma ética subjacente ao dia-a-dia em um código de conduta que rege a ação dos políticos, pode-se prever que todo o edifício da sociedade estará ameaçado.

O Globo, 30 nov. 2006. p. 6 (com adaptações).

Acerca das relações lógico-sintáticas textuais, as opções seguintes apresentam propostas de associação, mediante o emprego de conjunção, entre períodos sintáticos do texto acima. Assinale a opção que apresenta proposta de associação incorreta.

PERÍODO	CONJUNÇÃO	PERÍODO
a) primeiro	e	segundo

b) terceiro c)quarto	entretanto conquanto	Quarto Quinto
d)Quinto	já que	sexto

Gabarito: C

Para resolvermos a questão, analisaremos todas as propostas até encontrar uma incorreta.

a) Efetivando a proposta, temos: O terreno da ética é o próprio chão onde estão fincadas as bases de uma sociedade é essa construção é feita todos os dias.

Podemos notar que o segundo período acrescenta uma informação ao primeiro e a conjunção coordenativa aditiva E é adequada para estabelecer a união desses períodos.

b) Efetivando a proposta, temos: Há algo de imaterial em todos os edifícios políticos, **entretanto** eles não estão aí por obra divina.

Podemos notar que no terceiro período o autor afirma ter algo imaterial e no quarto período diz que não está ali por obra divina, caracterizando uma oposição de ideias. O emprego da conjunção coordenativa adversativa ENTRETANTO é adequado para estabelecer a união desses períodos.

c) Efetivando a proposta, temos: Eles não estão aí por obra divina, **conquanto** precisam ser reforçados permanentemente, por meio de atos significativos em que as pessoas reconheçam o interesse público.

Observa-se que com o uso do "Conquanto" o verbo deveria ir para o subjuntivo e também podemos notar que o quinto período apresenta uma justificativa em relação ao que foi dito no período anterior. Com isso, podemos unir esses dois períodos usando uma conjunção explicativa (pois, porque, porquanto, entre outras).

A conjunção conquanto é concessiva, ou seja, possui uma relação de oposição. Sendo assim, não é adequada para estabelecer a união desses períodos.

d) Efetivando a proposta, temos: Precisam ser reforçados permanentemente, por meio de atos significativos em que as pessoas reconheçam o interesse público, já que é isso que mantém a ordem pública, e não somente, nem, sobretudo, a força policial.

Podemos notar que a relação existente entre os períodos é de causa e efeito.

O emprego da locução conjuntiva "já que" que tem valor de causa, assim como "visto que", é adequado.

31. **(Cespe / IPEA / Analista)**

Enquanto outros países em desenvolvimento, como China, Índia e Coréia, investem na formação de pesquisadores e se transformam em produtores de conhecimentos que dinamizam suas economias, o Brasil não consegue eliminar o fosso que separa as instituições de pesquisa das empresas privadas, nem aumentar o volume de investimentos em pesquisa e desenvolvimento. Vai ficando para trás em uma corrida decisiva para sua inserção em um mundo cada vez mais competitivo, sobretudo nos segmentos mais dinâmicos da indústria, como o da microeletrônica.

Estudo do consultor do Banco Mundial Alberto Rodríguez, publicado pela Confederação Nacional da Indústria, confirma que, apesar do conhecido diagnóstico sobre o atraso do país na área tecnológica, pouco se faz de prático para superar o problema.

Os pesquisadores brasileiros publicam seus trabalhos em um volume aceitável – eles respondem por cerca de 2% dos artigos científicos das principais publicações internacionais –, mas os resultados práticos das pesquisas são modestos.

O Brasil responde por apenas 0,18% do total de patentes registradas no mundo.

"Há a necessidade de que a pesquisa feita na universidade e nos laboratórios seja menos teórica e mais voltada para aplicações práticas", diz Rodríguez. "E o setor privado precisa investir mais em pesquisa e desenvolvimento."

O Estado de S. Paulo, Editorial, 1º/10/2008 (com adaptações).

Em relação ao texto acima, julgue o item a seguir:

Estariam preservadas a correção gramatical e o sentido original do texto se o termo "Enquanto" (l.1) fosse substituído por qualquer uma das seguintes expressões: Ao passo que, Porquanto, Dado que.

Gabarito: Errado

Para resolver a questão, é preciso identificar o valor da conjunção na construção e depois realizar as substituições uma a uma para que possamos verificar se serão preservados o sentido e a correção gramatical da frase.

A conjunção "enquanto", na frase, apresenta valor primário de concomitância e

secundário de oposição.

I– A locução conjuntiva "ao passo que" poderia ficar no lugar de "enquanto", pois estabelece uma relação de proporção, mas pode lhe ser conferida uma relação secundária de simultaneidade.

II– As conjunções "porquanto" e "dado que" podem ser causais ou explicativas. Sendo assim, não poderiam substituir a palavra "enquanto" preservando o sentido original do texto.

Diante da análise feita, podemos perceber que o item está errado.

32. **(Cespe / ES / Perito)**

Em alguns países do primeiro mundo, há uma ideia de direitos humanos apenas para consumo interno. Observa-se nesses casos uma contradição inexplicável: no âmbito interno, vigoram os direitos humanos, nas relações com os países dependentes, vigoram os interesses econômicos e militares. Esses interesses justificam a tolerância com as violações dos direitos, no campo diplomático, ou o próprio patrocínio das violações. Os mesmos interesses econômicos e militares justificam também o patrocínio da guerra, sob a bandeira de paz. Para que tais desvios não continuem a acontecer, alguns juristas italianos (Salvatore Senese, Antonio Papisca, Marco Mascia, Luigi Ferrajoli e outros) têm defendido que uma nova ordem mundial se constitua, não sob o império dos interesses dominantes, mas tendo, ao contrário, como sujeito da História a família humana presente e futura.

Outra contradição é, á s vezes, observada no interior de certas nações poderosas: a plena vigência dos direitos humanos, quando se trata de nacionais "puros" e o desrespeito aos direitos humanos, quando as pessoas envolvidas são imigrantes ou clandestinos, minorias raciais e minorias nacionais.

Idem, ibidem (com adaptações).

A respeito do texto, julgue o item que se segue.

A inserção de entretanto, seguido de vírgula, antes de "nas relações" (l.4) explicita as relações semântico-sintáticas entre os dois períodos e mantém a correção gramatical do texto.

Gabarito: Certo

Para resolver a questão, é preciso identificar a relação semântica existente entre

os períodos que serão ligados pela conjunção “entretanto”.

Nas linhas 2 e 3, temos uma dica de que teremos uma relação de oposição quando aparece a palavra contradição em: “Observa-se nesses casos uma contradição inexplicável”. Ratificando tal afirmação, temos uma oposição existente em relação aos direitos humanos no âmbito interno e externo. Podemos observar melhor nos trechos: “ no âmbito interno, vigoram os direitos humanos”, “nas relações com os países dependentes, vigoram os interesses econômicos e militares.”

Como a conjunção “entretanto” traz uma ideia de oposição, a sua inserção é perfeitamente cabível, como sugeriu o examinador.

33. **(NCE / TJ – RJ / Técnico Judiciário Juramentado)**

TEXTO – VIVER EM SOCIEDADE

A sociedade humana é um conjunto de pessoas ligadas pela necessidade de se ajudarem umas á s outras, a fim de que possam garantir a continuidade da vida e satisfazer seus interesses e desejos.

Sem vida em sociedade, as pessoas não conseguiriam sobreviver, pois o ser humano, durante muito tempo, necessita de outros para conseguir alimentação e abrigo. E no mundo moderno, com a grande maioria das pessoas morando na cidade, com hábitos que tornam necessários muitos bens produzidos pela indústria, não há quem não necessite dos outros muitas vezes por dia.

Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material, como os alimentos, a roupa, a moradia, os meios de transporte e os cuidados de saúde. Elas são também de ordem espiritual e psicológica. Toda pessoa humana necessita de afeto, precisa amar e sentir-se amada, quer sempre que alguém lhe dê atenção e que todos a respeitem. Além disso, todo ser humano tem suas crenças, tem sua fé em alguma coisa, que é a base de suas esperanças.

Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos. Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da

solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitada de dar e receber afeto. E muito provavelmente ficaria louca se continuasse sozinha por muito tempo.

Mas, justamente porque vivendo em sociedade é que a pessoa humana pode satisfazer suas necessidades, é preciso que a sociedade seja organizada de tal modo que sirva, realmente, para esse fim. E não basta que a vida social permita apenas a satisfação de algumas necessidades da pessoa humana ou de todas as necessidades de apenas algumas pessoas. A sociedade organizada com justiça é aquela em que se procura fazer com que todas as pessoas possam satisfazer todas as suas necessidades, é aquela em que todos, desde o momento em que nascem, têm as mesmas oportunidades, aquela em que os benefícios e encargos são repartidos igualmente entre todos.

Para que essa repartição se faça com justiça, é preciso que todos procurem conhecer seus direitos e exijam que eles sejam respeitados, como também devem conhecer e cumprir seus deveres e suas responsabilidades sociais.

Dalmo de Abreu Dallari

Segundo o primeiro parágrafo do texto:

a) as pessoas se ajudam mutuamente a fim de formarem uma sociedade;
b) a garantia da continuidade da vida é dada pela satisfação dos desejos das pessoas;
c) a satisfação dos interesses e desejos das pessoas leva ã vida em sociedade;
d) não seria possível a sobrevivência se não existisse sociedade;
e) sem a ajuda mútua, as pessoas levariam uma vida isenta de desejos.

Gabarito: D

Normalmente, o candidato fica em dúvida entre as opções C e D. A tendência é marcar a alternativa C. No entanto, esta opção possui uma falha técnica: houve a inversão da relação causa-efeito. Lembre-se do que foi exposto em conjunções. O conector "a fim de que" acrescenta ao período valor de finalidade (a ideia de finalidade está relacionada ã de consequência). O que ocorre anteriormente é "a existência da sociedade" e depois "a satisfação de interesses e desejos", portanto não se pode dizer que a satisfação dos interesses leva ã vida em sociedade, mas sim que a sociedade é que leva ã satisfação de interesses e desejos. Já se ouviu muito que a opção D não poderia ser a resposta, já que o enunciado (de

recorrência) exige uma resposta presente no primeiro parágrafo e a resposta estaria no segundo. Todavia, este argumento se torna insuficiente ã medida que se observa a ideia já presente no primeiro parágrafo (sociedade existe para garantir a continuidade da vida). Enfim, é fundamental perceber a organização do texto. O primeiro parágrafo apresenta dois tópicos a serem desenvolvidos (tese abrangente): a sociedade existe para garantir a continuidade da vida e a sociedade existe para satisfazer interesses e desejos. O segundo parágrafo retoma apenas o primeiro tópico (tese particular) da tese abrangente, modificando-lhe as palavras, e, somente a partir da conjunção "pois", inicia-se a argumentação.

34. **(NCE / TJ – RJ / Técnico Judiciário Juramentado)**

"Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida,..."; este segmento do texto teria redação mais clara se:

a) substituíssemos a primeira vírgula pela conjunção aditiva E;
b) repetíssemos o sujeito na segunda oração;
c) deslocássemos as ocorrências do advérbio "não" para antes de "apenas";
d) mudássemos a ordem das orações, de modo a colocar a última como primeira;
e) omitíssemos o substantivo "seres".

Gabarito: C

Primeiramente, observe a presença de reticências. Já é um indício de que se deve retornar á quele fragmento do texto. Além disso, você já leu o texto e, no primeiro parágrafo, o autor já manifestou que a sociedade existe para garantir a continuidade da vida. No início do segundo parágrafo, ele assevera que "Sem vida em sociedade, as pessoas não conseguiriam sobreviver.". Então, como as pessoas vivem juntas, vivem em sociedade, fica evidenciado que a intenção do autor não era negar o verbo VIVER. O objetivo dele era negar o elemento de restrição "apenas", pois o advérbio "não", ao negar o apenas, na realidade estaria negando o fato de haver apenas um motivo para os seres humanos viverem em sociedade – porque escolhem esse modo de vida –, indicando haver outro motivo – mas (mas também, indicando ideia de soma) porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana.

35. **(NCE / TJ – RJ / Técnico Judiciário Juramentado)**

"...ficaria louca se continuasse sozinha."; a relação entre essas duas

orações mostra que:

a) a segunda só se realiza se a primeira não realizar-se;

b) a primeira se realiza contanto que a segunda não se realize;

c) a segunda é consequência da primeira;

d) a primeira é motivada pela segunda;

e) a primeira é uma hipótese para a realização da segunda.

Gabarito: D

É fundamental lembrar que a ideia de condição está extremamente relacionada ã ideia de causa. Há duas orações: "ficaria louca" e "se continuasse sozinha". Primeiro a pessoa tem que continuar sozinha para depois ficar louca. Então a segunda oração é uma condição (hipótese) para a realização da primeira, oposto do que indica a opção E. As duas primeiras opções são absurdas. Por fim, o candidato fica em dúvida entre as opções C e D. Conforme já se esclarecera, o fato anterior é "se continuasse sozinha", o posterior é "ficaria louca", logo o fato de "continuar sozinha" motiva o fato de a pessoa enlouquecer.

36. **(Esaf / Técnico da Receita Federal)**

Assinale a opção que está de acordo com as ideias do texto.

O principal problema brasileiro, que consiste na retomada da confiança para possibilitar o crescimento, só terá solução possível a partir do momento em que houver um quadro favorável a uma redução substancial dos juros básicos da economia. Para isso, as reformas tributária e previdenciária são pré-condições estratégicas. A tributária é fundamental para desonerar a indústria e elevar o poder aquisitivo dos salários, proporcionando escala e competitividade que ajudarão na substituição das importações e no crescimento consistente dos saldos positivos na balança comercial. A previdenciária é imperiosa para construir um sistema autossustentável de seguridade social, que concomitantemente invista um grande volume de poupança em projetos produtivos de longo prazo.

(KAPAZ, Emerson "Para reverter o pessimismo" Folha de S. Paulo, 31 jul. 2002.)

a) Os juros básicos da economia, se reduzidos, impulsionariam as reformas tributária e previdenciária.

b) Um sistema autossustentável de seguridade social traria as condições para que o crescimento permita a redução dos juros.

c) A retomada da confiança para possibilitar o crescimento contribui para

promover a elevação dos salários.

d) Com a desoneração da indústria e com a elevação dos salários, há condições estratégicas para a reforma tributária e para investimentos em projetos produtivos de longo prazo.

e) As reformas tributária e previdenciária são o passo prévio para favorecer a redução dos juros básicos da economia, e, consequentemente, a retomada da confiança para que haja crescimento.

Gabarito: E

Primeiramente vamos realizar a leitura do texto para colocar os fatos em ordem cronológica. O primeiro fato mencionado é "a retomada da confiança". Em seguida, atrelada pela preposição "para", com valor de finalidade, vem a oração "para possibilitar o crescimento". É sempre bom observar que a finalidade e a consequência são ideias intimamente relacionadas, visto que ambas representam situações posteriores. Sendo assim, "a possibilidade de crescimento" seria uma finalidade/consequência de "a retomada da confiança". Anterior aos dois fatos mencionados, ocorre o "quadro favorável a uma redução substancial dos juros básicos da economia. ". Perceba que este último elemento vem atrelado pela expressão temporal com valor de anterioridade "a partir do momento em que". Ou seja, partindo desse momento que é o "quadro favorável a uma redução substancial dos juros básicos da economia", haverá posteriormente a retomada da confiança que poderá gerar o crescimento. No período seguinte, o autor novamente usa a preposição "PARA" agora com o pronome demonstrativo "ISSO" que remete a todas as ideias já citadas. Portanto, para que tudo isso que foi mencionado no texto se concretize, o fato anterior a todos (ou, como dito no texto, pré-condições) é a reforma tributária e a previdenciária. A sequência cronológica ai se estabelece. Primeiro fato: Reformas tributária e previdenciária; segundo fato: o "quadro favorável a uma redução substancial dos juros básicos da economia"; terceiro fato: a retomada da confiança; quarto fato: possibilidade de crescimento. Depois o autor desdobra: a tributária é fundamental para (finalidade/consequência) desonerar a indústria e elevar o poder aquisitivo dos salários. Sendo assim, a desoneração da indústria é corolário da reforma tributária. A previdenciária é imperiosa para (finalidade/consequência) construir um sistema autossustentável de seguridade social. Sendo assim, a construção de um sistema autossustentável de seguridade social seria um efeito da reforma previdenciária. Partamos agora para a análise das

alternativas. A alternativa A inverte a relação de causa e efeito, visto que "as reformas tributária e previdenciária" é que impulsionariam os juros básicos da economia. A opção B indica uma informação errônea, uma vez que "um sistema autossustentável de seguridade social" não é causa de nenhum fato e sim resultado da reforma previdenciária. A opção C começa bem, mas acaba mal, pois o que promove a elevação dos salários é a reforma tributária. Na opção D, há a inversão da relação causa e efeito. A preposição "com", por estabelecer relação de condição – é sempre bom lembrarmos que a condição está intimamente relacionada ã causa –, indica que os fatos anteriores seriam a desoneração da indústria e a elevação dos salários, e a consequência seria a reforma tributária. Na realidade é o oposto. Com a reforma tributária é que haveria as condições estratégicas para a desoneração da indústria e para a elevação dos salários. A opção E fica perfeita como já se expôs na sequência cronológica:

REFORMAS TRIBUTÁRIA E PREVIDENCIÁRIA

↓

QUADRO FAVORÁVEL À REDUÇÃO DOS JUROS BÁSICOS DA ECONOMIA

↓

RETOMADA DA CONFIANÇA

↓

POSSIBILIDADE DE CRESCIMENTO

37. **(Cesgranrio / BNDES)**

Na frase "Ou vai ou racha!", a conjunção OU tem o mesmo valor significativo que apresenta na seguinte frase:

a) O turista compreendia inglês ou francês com facilidade;

b) As vaias ou aplausos não perturbaram o presidente;

c) O empregado faz o que deve ou perde o emprego;

d) Na hora da premiação, chorava ou ria;

e) Morávamos no segundo ou no terceiro andar.

Gabarito: C

A ideia alternativa, na frase exposta no enunciado, é a principal da conjunção, mas como valor secundário observa-se a relação de causa e efeito. Se a pessoa for, não vai rachar; se rachou, é porque não foi. A alternativa A apresenta valor de

soma, afinal o turista compreendia as duas línguas. Na alternativa, a conjunção OU tem caráter também aditivo, pois tanto as vaias como os aplausos não perturbam o presidente. Na alternativa C, vem a relação de causa e efeito: se o empregado fizer o que deve, não perderá o emprego; se perdeu o emprego, foi porque não fez o que devia. Na alternativa D, como nas alternativas A e B, a conjunção tem valor aditivo, visto que a pessoa chorava e ria. Na alternativa E, a conjunção OU expressa uma dúvida, como se dissesse "não lembro direito se morávamos no segundo ou no terceiro andar".

38. **(Esaf / ENAP)**

Assinale a opção que não preenche corretamente a lacuna do texto.

Outra medida que promove a pequena e média empresa brasileira é a instalação pela Agência de Promoção de Exportações do Brasil – APEX de um centro de distribuição de produtos nacionais, em Miami, Estados Unidos. O centro tem espaço para armazenagem de produtos, um showroom e um escritório comercial e administrativo.

As empresas podem ficar instaladas por um período de 12 a 18 meses para a consolidação de seus produtos no mercado, _____a ideia é reduzir a distância entre as empresas e seus clientes estrangeiros. O próximo centro será instalado na Alemanha no segundo semestre deste ano.

(Adaptado de Em Questão n. 288 – Brasília, 04 de março de 2005)

a) uma vez que.
b) porquanto.
c) pois.
d) conquanto.
e) já que.

Gabarito: D

Repare que todas as alternativas vêm com conectores causais, exceto a D que apresenta a conjunção CONQUANTO de caráter concessivo. Conjunções concessivas nunca admitem verbos no modo subjuntivo, portanto a presença seguinte da forma verbal "é" inibe o emprego de tais conjunções.

39. **(NCE / Eletrobrás)**

"Se você disser ao cidadão desprevenido que o leite, por ser essencial, deve sair das mãos dos particulares para cooperativas ou entidades

estatais, se você disser que os bancos, vivendo exclusivamente das poupanças populares, não têm nenhuma razão de estar em mãos privadas, o cidadão o olhará com olhos perplexos de quem vê alguém propondo algo muito perigoso." O comentário correto a respeito deste segmento do texto é:

a) os dois segmentos iniciados pela conjunção **SE** indicam condições para que se realize a consequência citada;

b) o cidadão só olhará com espanto o autor das ideias citadas se elas já estiverem transformadas em realidade;

c) os adjetivos estatais e privadas são sinônimos no contexto em que estão inseridos;

d) o segmento poupanças populares equivale semanticamente a popularidade das poupanças;

e) o "algo muito perigoso" a que alude o texto se localiza no terreno cultural.

Gabarito: A

Essa questão é extremamente interessante, visto que, conforme já exposto neste capítulo, é possível relacionar-se a ideia de causa ã de condição. "Se (conjunção condicional) você disser..., o cidadão o olhará com olhos perplexos.". Onde há causa, há efeito. Da mesma forma, onde há condição, há efeito. O fato de "dizer" é a hipótese (causa) e a consequência é o cidadão o olhar com olhos perplexos.

40. **(Esaf / AFT)**

Em relação á s estruturas do texto, assinale a opção incorreta.

Para que a cobertura mínima oferecida pelos planos de saúde aos seus segurados inclua as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente, a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) acrescentou 73 novos procedimentos ã lista de exames, consultas, cirurgias e outros serviços que as operadoras são obrigadas a oferecer.

Criada em 2000 para "promover a defesa do interesse público na assistência suplementar ã saúde e regular as operadoras setoriais, inclusive quanto á s suas relações com prestadores (de serviços) e consumidores", a ANS opera numa corda bamba. Entre suas atribuições está a de elaborar a lista dos procedimentos de cobertura obrigatória nos planos de saúde. Ela tem de assegurar aos que buscam a proteção dos planos de saúde a cobertura mais

completa possível, o que inclui as novas tecnologias na área de medicina. Mas, muitas vezes, os novos procedimentos têm um custo tão alto que limita seu uso. Se a ANS impuser á s operadoras a obrigatoriedade do oferecimento desses procedimentos poderá levá-las ã ruína financeira, o que, no limite, destruiria o sistema de assistência suplementar ã saúde.

(O Estado de S. Paulo, Editorial, 17 jan. 2010.)

a) O termo "Para que" (l.1) confere ao período em que ocorre a ideia de finalidade.

b) O emprego do modo subjuntivo em "inclua" (l.2) justifica-se por se tratar de uma oração subordinada que apresenta um fato hipotético ou provável.

c) A expressão "numa corda bamba" (l. 8 e 9) tem significação conotativa e confere um tom de informalidade ao texto.

d) A expressão "aos que buscam a proteção dos planos de saúde" (l. 10 e 11) tem, no período, a função de objeto direto.

e) As expressões "novas tecnologias na área da medicina"(l.12), "os novos procedimentos"(l. 12 e 13), "desses procedimentos" (l. 14) formam uma cadeia coesiva que retoma a ideia inicial de "as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente"(l.2 e 3).

Gabarito: D

Na alternativa A, o emprego da locução PARA QUE, pode ser substituída, com objetivo de que possui caráter final. Na alternativa B, o emprego do modo subjuntivo em "inclua" é consequência da própria locução conjuntiva "para que". Por ser um conector que expressa finalidade, a situação ainda se encontra no campo hipotético (apenas um objetivo, intenção), mas não uma certeza. Na alternativa C, a expressão destacada está no sentido figurado. Quando se empregam termos com valor conotativo, confere-se ao texto mesmo rigor gramatical, menos formalidade. Na alternativa D, a expressão mencionada funciona como objeto indireto, completando a ideia do verbo "assegurar" com preposição "a". Já o comentário exposto na alternativa E procede, visto que todos os termos representam um único ser: as novas tecnologias.

41. **(Esaf / AFC / CGU)**

Em relação ao texto, assinale a opção correta.

Preocupados com o mau desempenho recente das exportações do Brasil para os Estados Unidos, exportadores e especialistas em comércio exterior preveem

um período de maiores dificuldades para os próximos meses. O desaquecimento da economia americana é a causa mais óbvia que apontam de um menor crescimento das compras no Brasil. O favoritismo do Partido Democrata também é citado por alguns exportadores como um fator que pode dificultar as exportações brasileiras, pois os democratas são considerados mais conservadores do que seus rivais republicanos em matéria de comércio exterior – o que, ressalve-se, nem sempre foi comprovado na prática. Qualquer que seja o efeito prático desses fatores sobre as exportações brasileiras para o mercado americano, o governo brasileiro pouco ou nada poderá fazer para contê-los.

(O Estado de S. Paulo, Editorial, 13 jan. 2008.)

a) A forma verbal "preveem"(l. 2) está no plural para concordar com "Estados Unidos".
b) A forma verbal "apontam"(l. 4) está no plural para concordar com "próximos meses".
c) O termo "pois"(l. 7) pode, sem prejuízo para a correção gramatical, ser substituído por **porque, porquanto** ou **conquanto**.
d) Em "do que seus rivais"(l. 7) a eliminação de "do" prejudica a correção gramatical do período.
e) Em "contê-los"(l. 11), "-los" retoma o antecedente "fatores".

Gabarito: E

As alternativas A e B apresentam informação inadequada, visto que as formas verbais apontadas referem-se a "exportadores e especialistas". Na alternativa C, a conjunção "pois", de caráter causal, poderia ser substituída por porque ou porquanto, mas não por conquanto, que tem caráter concessivo. Na alternativa D, como já relatada nesse capítulo, nas comparações de superioridade ou de inferioridade, o vocábulo DO, na expressão DO QUE, é totalmente dispensável. A forma pronominal LOS, conforme proposto na alternativa E, realmente se refere a uma expressão nominal, cujo núcleo é "fatores" – conter esses fatores.

42. **(Esaf / Receita Federal / Analista Tributário)**

Em relação aos elementos do texto, assinale a opção correta.

Um ano após o agravamento da crise financeira, o Brasil tem mais de US$ 230 bilhões em reservas. Tanto o Tesouro como grandes empresas voltaram a

lançar títulos no exterior, com sucesso. A valorização do real se tornou, então, um fenômeno inevitável, que reflete o enfraquecimento do dólar no mercado internacional e o fluxo positivo de capitais no país.

No entanto, dado o ritmo de crescimento projetado para o ano que vem, o mais provável é que a demanda por importações aumente e a pressão em favor do real diminua. Enquanto isso, além de uma paulatina liberalização do câmbio, o que pode ser feito no curto prazo é a continuidade da acumulação de reservas cambiais, com o Banco Central comprando no mercado excedentes de divisas. Qualquer invencionice só estimularia operações especulativas no câmbio, que acabariam provocando uma valorização ainda mais indesejável da moeda nacional.

(O Globo, Editorial, 14 out. 2009. Adaptado.)

a) A expressão "No entanto"(l. 6) estabelece, no texto, uma relação de comparação.

b) O emprego do subjuntivo em "aumente"(l. 7) e em "diminua"(l. 8) justifica-se por se tratar de fatos de realização garantida.

c) A expressão "Enquanto isso"(l. 8) estabelece no texto uma relação de condição.

d) A palavra "invencionice"(l. 11) está sendo empregada no sentido de iniciativa rotineira, previsível.

e) O emprego do futuro do pretérito em "estimularia" (l. 11) indica um acontecimento futuro em relação a um ato passado que se configura no fato relacionado aos termos "Qualquer invencionice".

Gabarito: A

A locução conjuntiva "No entanto" estabelece relação de adversidade, e não de comparação. Na alternativa B, o emprego do modo subjuntivo provoca uma ideia hipotética – não certa – corroborada, inclusive, pela presença da expressão "o mais provável". Na alternativa C, a conjunção ENQUANTO acresce ao período valor de simultaneidade, de tempo, e não de condição. Na D, o vocábulo "invencionice" sugere uma invenção, algo que foge ã rotina, não previsto. A alternativa E apresenta comentário perfeito, pois é função do futuro do pretérito indicar uma consequência "futura" (estimularia) relacionada a uma ação pretérita hipotética (qualquer invencionice).

43. **(NCE / TJ-RJ)**

TEXTO – A VERDADE E A FANTASIA

Miguel Pachá – Presidente do TJ/RJ

Um espectro ronda a Justiça brasileira neste final de ano: a Reforma do Judiciário. Espectro porque a realidade do Judiciário e a necessidade da sua reforma foram, nos últimos meses, deformados pelo "manto diáfano da fantasia".

Comemoramos o nosso dia (8 de dezembro) sob o fogo cruzado da má-vontade e da desinformação. O Judiciário não pode ser culpabilizado pelo que a mídia chama com exagero de impunidade. A polícia não prende, não investiga e nós, presos ã aplicação da lei, pagamos o pato. Além disso, há um cipoal de leis, medidas provisórias e atos normativos que acabam por atravancar nossos corredores.

Temos oferecido ã sociedade ideias e propostas de melhoria da prestação de Justiça. Um exemplo: o julgamento virtual, que acelera a tramitação, elimina papel e dispensa deslocamentos de advogados. Quanto ao apregoado controle do Judiciário, pensamos que deveria antes vir de dentro que de fora, pelo ajuste de normas e práticas processuais, bem como pela supervisão sistemática. A autonomia financeira deu ao nosso Tribunal a possibilidade de ser um dos melhores do país: um dos mais ágeis e seguros, em condições objetivas de enfrentar o descrédito geral da Justiça.

Informativo TJ/RJ e EMERJ, n.12

Entre o segundo e o terceiro parágrafos do texto, em função dos significados por eles veiculados, poderíamos inserir o conectivo:

a) apesar de;
b) porque;
c) ainda que;
d) contanto que;
e) nem.

Gabarito: A

Percebe-se claramente a ideia de oposição no início do terceiro parágrafo em relação ao segundo. No segundo parágrafo, são expostas as mazelas por que passa o Poder Judiciário. E no início do terceiro, são informados aspectos positivos acerca do que o Judiciário já vem realizando. Portanto, os únicos conectores que

estabelecem essa relação de oposição são os concessivos APESAR DE, na alternativa A, e AINDA QUE, na alternativa C. São dois conectores extremamente parecidos, porém APESAR DE apresenta um hipótese factual, e AINDA QUE, hipotética. Como no caso, o que se expõe já é um fato (Temos oferecido, ou seja, nós já oferecemos – não estamos ainda por oferecer), o conector APESAR DE é o que melhor se enquadra.

44. **Assinale a alternativa em que um conector possua o mesmo valor semântico que o do sublinhado em "Essas pessoas não vêem alternativa a pedir asilo em outra parte, <u>por mais que</u> a tentativa (de chegar lá) seja perigosa". A questão foi extraída de fragmentos do texto de Gerald Trafetter.**

a) <u>Como</u> a oposição começou a recolher assinaturas para a instalação da CPI do Apagão Aéreo no Senado, os governistas podem rever a estratégia e já admitem permitir a instalação da mesma CPI na Câmara.

b) O pedido de instalação de CPI no Senado é mais amplo e fala não só nas causas do acidente da Gol em setembro passado, <u>mas também</u> nas condições dos equipamentos de controle de vôo

c) Se aparecer denúncia de irregularidades ou desvio de verbas no curso das investigações, ele a enviará imediatamente ao Ministério Público, <u>mas</u> não aceitará desviar o rumo da CPI que é investigar as causas do apagão aéreo.

d) <u>Conquanto</u> haja o temor de que a oposição se organize com os governadores e aprove o compartilhamento dos recursos com Estados e Municípios, o governo tem a pretensão de votar o aumento dos recursos para os municípios numa mesma sessão em que seja votada a prorrogação da CPMF.

e) <u>Ao</u> receber o senador Antonio Carlos Magalhães (DEM-BA) em audiência no Palácio do Planalto, o presidente Lula deixou claro que aquele encontro seria apenas o primeiro com representantes da oposição.

Gabarito: D

No enunciado, a locução POR MAIS QUE possui valor de concessão, o mesmo ocorrendo com a conjunção CONQUANTO, presente na alternativa D. Na alternativa A, a conjunção COMO possui valor causal. Na alternativa B, MAS TAMBÉM encerra valor de adição. Na opção C, MAS possui valor adversativo. Na alternativa E, a preposição A em AO possui valor de tempo.

45. **(TRT-RJ / Fundação José Pelúcio)**

"... o Brasil é um país onde há leis que pegam e leis que não pegam, como se isso fosse uma originalidade brasileira como a jabuticaba"; a alternativa em que se expressa a mesma ideia contida nesse segmento do texto é:

a) como a jabuticaba, é uma originalidade brasileira o fato de haver leis que pegam e leis que não pegam;
b) apesar de não ser uma originalidade brasileira, como a jabuticaba, há no país leis que pegam e leis que não pegam;
c) no Brasil há leis que pegam e leis que não pegam, como a jabuticaba, mas isso não é uma originalidade brasileira;
d) como a jabuticaba, há no Brasil leis que pegam e leis que não pegam, embora isso não seja uma originalidade brasileira;
e) o Brasil é um país onde há leis que pegam e leis que não pegam e isso é marca da originalidade brasileira, como a jabuticaba.

Gabarito: B

É fundamental o candidato ler com muita atenção o período exposto no enunciado. O fragmento "como se isso fosse uma originalidade brasileira" denuncia que o fato não é uma originalidade brasileira, o que nos faz eliminar as alternativas A e E. Sobraram as alternativas C, D e E. Direcione seu olhar agora para a conjunção comparativa COMO. Tal conjunção revela exatamente o elemento comum da comparação: o fato de ser uma originalidade brasileira. A jabuticaba não é tal qual haver leis que pegam e que não pegam, como se expõe nas alternativas C e D. Mas sim Haver leis que pegam e não pegam é uma originalidade brasileira como a jabuticaba é? Portanto, a única alternativa que apresenta a comparação em conformidade com o texto original é a B.

46. (Cespe / UnB-Maceió / Fiscal de Tributos)

Para o presidente da OAB, pesou na decisão de mudança do decreto o parecer elaborado por dois advogados, que contém o seguinte trecho: "O decreto pune os bons contribuintes, deles retirando qualquer garantia, visto que sempre dependerão de humores da fiscalização, pródiga em ofertar ã lei distorcida interpretação. É que o fisco, até por dever de ofício, sempre tem por 'suspeitos' todos os cidadãos".

FREITAS, Silvana de. In: Internet: <http://www.folha.com.br>. Acesso em

28/12/2002 (com adaptações).

I – **A expressão "visto que" (l.3) pode ser corretamente substituída por porquanto, mantendo-se a correção sintática e semântica do período.**

Gabarito: Certo

São conectores sinônimos de caráter causal.

II – **As preposições "Para" (l.1) e "por" (l.5, segunda ocorrência) podem ser substituídas por Segundo e como, respectivamente, sem prejuízo ã correção gramatical das orações em que ocorrem.**

Gabarito: Certo

Para" e "segundo" são conectores de caráter conformativo, sendo totalmente cabível a substituição de um pelo outro. Já a preposição POR, no contexto, possui valor de comparação, podendo ser substituída pela conjunção COMO, sem gerar prejuízo gramatical ou semântico.

Capítulo 7

Coerência Textual

É a ocorrência de um texto que, além de apresentar-se coeso, há de fazer sentido. Um texto pode ser coeso sem ser coerente, mas nunca poderá ser coerente sem ser coeso. O autor de um texto pode fazer uso de elementos coesivos, contudo o texto pode não possuir sentido. O estudo de coerência prevê a ocorrência de uma linha de raciocínio, lógica no pensamento, harmonia entre fatos e, principalmente, não pode haver contradição.

Ex.: Lula, Pelé e Xuxa são extremamente famosos. Esse foi jogador de futebol, aquele foi Presidente do Brasil e esta é muito bonita. Observe que o texto é coeso, pois tal qual no exemplo anterior utiliza-se de pronomes demonstrativos para ligar a segunda frase à primeira. No entanto, o texto não é coerente, porquanto não houve a manutenção de uma linha de raciocínio. Enquanto os dois primeiros foram apresentados pela profissão, a referência à última diz respeito não à sua profissão, mas à beleza física.

Além disso, podemos também considerar a relação existente entre as ideias implícitas, explícitas, pressupostas e subentendidas.

7.1. IMPLÍCITOS E EXPLÍCITOS

Toda unidade informativa contém obrigatoriamente uma base linguística qualquer, a qual, por sua vez, possui em sua estrutura uma unidade de conteúdo que envolve aspectos lexicais, sintáticos e semãnticos. Essa unidade informativa é composta não apenas por conteúdos explícitos, mas também por conteúdos implícitos (pressupostos e subentendidos).

7.1.1. Informações explícitas

São aquelas gritantemente expostas no texto. Não há necessidade de se aguçar a mente para tentar compreender o excedente de informações. No caso, a interpretação deve se restringir ao que foi redigido no texto.

7.1.2. Informações implícitas

Inicialmente, é importante destacar, o termo não deveria ser "informações implícitas", pois nem há tais informações. Há elementos que o leitor pode deduzir a partir de informações explícitas. É o que se denomina "inferência". A percepção do implícito passa pela capacidade do leitor de deduzir o que o autor quis dizer no texto, mas não disse. Ou seja, provém da possibilidade de se enxergar o que não está escrito, porém está nas entrelinhas.

Exemplos

1) Na frase "A discussão sobre a reforma eleitoral avança com a criação de comissões no Congresso." (Cesar Maia), existem algumas informações explícitas.
1 – Há uma discussão sobre a reforma eleitoral.
2 – Foram criadas comissões no Congresso.

Por outro lado, há algo que não está escrito, mas que se pode depreender: antes da criação das comissões no Congresso, a discussão sobre a reforma eleitoral encontrava-se estagnada.

2) Façamos a leitura da seguinte Frase: "Todos concordam que o atual sistema eleitoral brasileiro é muito ruim, pois, na prática, o eleito se acha independente do eleitor e de seu partido." (Cesar Maia)

Informações explícitas:

1 – Há unanimidade (todos concordam) quanto ao fato de que o atual sistema eleitoral brasileiro é muito ruim.
2 – O eleito se considera independente do leitor e do seu partido.
3 – O motivo de o atual sistema eleitoral brasileiro ser muito ruim é o fato de o eleito se considerar independente do eleitor e de seu partido.

O implícito

Como o eleito se considera independente do eleitor e de seu partido, pode agir em contrariedade aos interesses destes.

3) "Crescemos 7,5% em 2010 e a conquista de sediar a Copa do Mundo e a Olimpíada ajudou no reconhecimento do Brasil como um país de grande potencial." (Charles Tang).

Informações explícitas:

1 – O crescimento do Brasil em 2010 foi de 7,5%.
2 – O Brasil é um país com grande potencial.
3 – O fato de sediar a Copa de 2014 e as Olimpíadas de 2016 colaborou para que o Brasil fosse reconhecido como um país de grande potencial.

O implícito

Nem sempre o Brasil foi reconhecido como um país de grande potencial.

4) "Um ambicioso banqueiro de investimento que lucrou 590 mil libras em um negócio envolvendo uma informação secreta de fusão, que ele obteve no trabalho, foi sentenciado a mais de três anos de prisão, naquele que o juiz descreveu como sendo o "maior processo de 'insider trading' (negócio envolvendo informação privilegiada) já impetrado" no Reino Unido." (Jane Croft)

Informações explícitas:

1 – O lucro, por meio de uma informação secreta, de um ambicioso banqueiro de investimento foi de 590 mil libras.
2 – Um banqueiro de investimento obteve informação sigilosa no ambiente de trabalho.
3 – A sentença de um banqueiro de investimento foi superior a três anos.

O implícito

Houve processos menores envolvendo informação privilegiada no Reino Unido.

5) "Pelo menos duas pessoas morreram nesta sexta-feira (8) e cerca de 20 ficaram feridas após as forças de segurança iemenitas terem dispersado as pessoas que se manifestavam na localidade de Taez, sul de Sanaa, capital do Iêmen, segundo fontes do hospital Al Safwa dessa cidade."

(http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2011/04/08/pelo-menos-2-pessoas-morrem-em-protestos-no-iemen.jhtm)

Informações explícitas:

1 – Houve uma manifestação em Taez.

2 – Taez localiza-se ao sul de Sanaa, capital do Iêmen.
3 – Nessa manifestação, houve pelo menos duas mortes.
4 – As informações sobre mortes e feridos provieram de fontes do hospital Al Safwa.
5 – As forças de segurança iemenitas dispersaram as pessoas que se manifestavam em Taez.

O implícito

É possível que haja mais óbitos na manifestação ocorrida em Taez.

6) "Toda ciência tem princípios, de que deriva o seu sistema. Um dos princípios da Economia Política é o trabalho livre. Ora, no Brasil domina o fato "impolítico e abominável" da escravidão." (Roberto Schwarz)

Informações explícitas:

1 – O sistema de todas as ciências provém de seus princípios.
2 – O trabalho livre é um dos princípios da Economia Política.
3 – Ainda há o trabalho escravo no Brasil.

Os implícitos

1 – Não é possível haver ciência sem princípios.
2 – Além do trabalho livre, a Economia Política possui outros princípios.
3 – O trabalho livre não é "impolítico e abominável".

7) Parecia não ser possível, mas a qualidade da água do rio Tietê piorou ainda mais em 2006. Segundo a Cetesb (agência ambiental paulista), o rio apresentava situação praticamente estável nos últimos anos. (Afra Balazina e José Ernesto Credencio)

Informações explícitas:

1 – Em 2006, a qualidade da água piorou em relação aos anos imediatamente anteriores.
2 – A análise da qualidade da água é realizada pela Cetesb.
3 – Nos anos anteriores a 2006, a qualidade da água do rio Tietê praticamente se

manteve inalterada.

O implícito

Antes mesmo de 2006, a qualidade da água já não era boa.

8) "Um estudo do Instituto Nacional do Câncer dos Estados Unidos divulgado nesta quinta-feira revela que a dependência de cafeína está mais vinculada ao fígado e à capacidade do órgão para processar a substância que ao efeito que o consumo da substância provoca no cérebro." (Fabiana Beltramin)

Informações explícitas:

1 – A dependência de cafeína está relacionada ao fígado e ao cérebro.
2 – A cafeína é processada pelo fígado.
3 – O consumo da cafeína provoca algum efeito no cérebro.

Os implícitos

1 – Há pessoas que creem que a dependência à cafeína está mais relacionada ao efeito que o consumo da substância provoca no cérebro que propriamente ao fígado.
2 – Dificilmente o efeito que o consumo da cafeína provocaria no cérebro seria suficiente para gerar dependência.

9) "Os problemas no trânsito de São Paulo causados pelo excesso de veículos são antigos. Diversas soluções vêm sendo apresentadas pela administração municipal durante os últimos anos.' (Fernando Mendonça)

Informações explícitas:

1 – Há excesso de veículos em São Paulo.
2 – O problema do trânsito em São Paulo já existe há bastante tempo.
3 – A administração municipal vem oferecendo soluções para o problema do trânsito.

Os implícitos

1 – As soluções apresentadas pela administração municipal não lograram êxito.

2 – A administração municipal não tem sido eficaz na solução dos problemas relativos ao trãnsito em São Paulo.

10) Brasília – Agência Estado – Vetada pela administração Lula, a destinação de 50% dos recursos do Fundo Social do pré-sal para a área de ensino pode ressuscitar na Cãmara dos Deputados, sob a forma de emenda ao novo Plano Nacional de Educação (PNE). Entidades aguardam o retorno do PNE à pauta legislativa para pressionar as autoridades a aceitar as mais de 130 sugestões ao projeto de lei, como a elevação do investimento público em educação dos atuais 5% para 10% do Produto Interno Bruto (PIB) até 2020 – o Executivo prevê 7%.

(http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia/2011/04/10/camara-reestuda-usar-fundo-do-pre-sal-para-educacao.jhtm)

Informações explícitas:

1 – A administração de Lula vetou a destinação de 50% dos recursos do Fundo do pré-sal para a educação.

2 – Há a possibilidade de destinação de 50% dos recursos do Fundo do pré-sal para a educação. (destacamos o emprego da expressão POSSIBILIDADE em face de o autor ter redigido PODE em PODE RESSUSCITAR – sendo assim, evidencia-se o campo semãntico da possibilidade e não da certeza. Se o comentário realizado fosse "Haverá a destinação de 50% dos recursos do Fundo do pré-sal para a educação.", apresentaria uma informação falsa em relação ao texto.)

3 – Poderá (campo semãntico da possibilidade) ocorrer uma emenda ao novo Plano Nacional de Educação, inserindo a destinação de recursos do Fundo do Pré-Sal para a área de ensino.

4 – As autoridades serão pressionadas a aceitar as mais de 130 sugestões ao projeto de lei.

5 – Haverá pressão sobre as autoridades para que aceitem a sugestão de elevação do Investimento público em educação dos atuais 5% para 10% do Produto Interno Bruto (PIB) até 2020.

Os implícitos

1 – A administração Lula pretendia destinar recursos do Pré-sal para outros fins, que não a educação.

2 – Para o Brasil se desenvolver, o investimento em educação é elemento crucial.
3 – Se não houver pressão de entidades, dificilmente as autoridades aceitarão as mais de 130 sugestões ao projeto de lei.

11) "Cerca de 7.000 crianças e adolescentes que estavam em abrigos de todo o país foram devolvidos a suas famílias depois que uma força-tarefa de juízes da infância e juventude reviu os processos, em seis meses de trabalho. São casos de menores que sofreram negligência ou maus-tratos, por exemplo, mas que podiam ser criados por parentes próximos. Também há crianças cujos pais se restabeleceram e puderam receber os filhos de volta." (Elida Oliveira)

Informações explícitas:

1 – A devolução das crianças às famílias decorreu em da revisão de processos.
2 – O trabalho realizado pela força-tarefa permitiu que aproximadamente 7000 crianças e adolescentes fossem devolvidos a suas famílias.
3 – Algumas crianças e alguns adolescentes estavam nos abrigos porque sofreram negligência ou maus-tratos.
4 – Há a possibilidade (campo semãntico da possibilidade – no texto PODIAM) de Parentes próximos aos menores serem incumbidos da criação de jovens e adolescentes.

Os implícitos

1 – Há um acúmulo de processos nas Varas da Infãncia e da Juventude.
2 – O fato de os pais terem cometido algum erro no passado não exclui a possibilidade de poderem criar seus filhos.

7.2. PRESSUPOSTOS E SUBENTENDIDOS

Como já visto, pressupostos e subentendidos encontram-se no campo dos implícitos. É o que nós inferimos. A distinção entre eles é a base – a partir de quê – para se proceder a tal inferência.

7.2.1. Pressupostos

O autor emprega palavras ou expressões com a intenção de que o leitor realize a

inferência. É como se o autor não passasse uma informação completa, mas o uso de tal palavra ou expressão já desse a entender qual a ideia ali presente.

Os pressupostos podem ser marcados por:

verbos – Os alunos deixaram o curso de língua inglesa, porque essa matéria não foi incluída no edital do concurso. – Com o emprego de DEIXARAM, o autor dá a entender que os alunos vinham cursando o Inglês, até a publicação do edital;

advérbios – "João também não fez o que foi solicitado." – Com o emprego do advérbio TAMBÉM, o autor da frase objetiva que os leitores inferissem que, além de João, outras pessoas não fizeram o solicitado;

adjetivos – Os candidatos estudiosos têm grandes possibilidades de aprovação. – Com o emprego do adjetivo ESTUDIOSOS, o autor almeja que o leitor perceba a existência de candidatos estudiosos e de candidatos não estudiosos. E mais: ele quis que o leitor inferisse que o candidato não estudioso tem menos possibilidades de aprovação;

orações adjetivas – Os funcionários que fizeram greve foram demitidos. – Com o emprego da oração adjetiva QUE FIZERAM GREVE com caráter restritivo, o autor pretendia que leitor percebesse também que aqueles que não fizeram greve continuaram empregados;

palavras denotativas – Mesmo João fez todos os exercícios. – Com o emprego da palavra denotativa de inclusão MESMO, o autor da frase pretende que a leitura se realize da seguinte forma: Todos fizeram os exercícios, inclusive João. Também se depreende que João era a pessoa com a menor expectativa de que fizesse os exercícios.

7.2.2. Subentendidos

Subentendidos são intelecções realizadas pelo leitor sem que o autor do texto intencionasse levá-lo a tal. A partir de uma informação, pelo menos aparentemente independente – já que o autor não usa palavra ou expressão evidenciando a intenção–, o leitor realiza uma leitura das entrelinhas, de elementos que não estão expostos, explícitos, mas que são lógicos em relação ao contexto. Às vezes, para se observar o subentendido, é necessário que se tenha ciência do contexto (momento político, social e até mesmo pessoal do autor).

Na frase "João e Maria são casados há dez anos e não possuem filhos.", não há

marcadores de pressupostos, mas uma inferência possível é que um dos dois tenha algum problema que impossibilite a gravidez. Mas, como informado, essa inferência é de responsabilidade do leitor, pois o fato de João e Maria não terem filhos poderia ser também uma opção deles.

Na frase "O salário mínimo em 2011 no Brasil passou a R$545,00.", o emprego do verbo PASSOU funciona como pressuposto. Pelo uso dessa palavra, vê-se que, antes de 2011, o salário mínimo tinha outro valor. Portanto, há esse pressuposto. Mas também pode haver um subentendido, mormente quando se conhece o contexto político-econômico do Brasil: havia a expectativa de que o valor do salário mínimo fosse maior.

Um cidadão, ao entrar num bar, pergunta: – O senhor tem água mineral? Fica subentendido que não é simplesmente para o funcionário do bar responder (Tenho ou Não tenho). Está implícito que, caso o bar tenha a água mineral, o funcionário deverá pegá-la e vendê-la para o senhor.

7.3. EXERCÍCIOS

01. **(Cespe / UnB / IBAMA / Analista Ambiental)**

Reparação duas décadas depois

Francisco Alves Mendes Filho ainda não era um mito da luta contra a devastação da Amazônia quando foi preso, em 1981, acusado de subversão e incitamento à luta de classes no Acre, em plena ditadura militar. Chico Mendes se tornaria mundialmente conhecido, dali para a frente, por comandar uma campanha contra a ação de grileiros e latifundiários, responsáveis pela destruição da floresta e pela escravização do caboclo amazônico. Por isso mesmo foi assassinado, em 22 de dezembro de 1988, na porta de casa, em Xapuri. O crime, cometido por uma dupla de fazendeiros, foi punido com uma sentença de 19 anos de cadeia para cada um. Faltava reparar a injustiça cometida pelos militares.

E ela veio na quarta-feira 10, no palco do Teatro Plácido de Castro, em Rio Branco, na forma de uma portaria assinada pelo ministro da Justiça, Tarso Genro. Antes, porém, realizou-se uma sessão de julgamento da Comissão de Anistia, cujo resultado foi o reconhecimento, por unanimidade, da perseguição política sofrida por Chico Mendes no início dos anos 80 do século passado. A viúva do líder seringueiro, Izalmar Gadelha Mendes, vai receber uma pensão vitalícia de 3 mil

reais mensais, além de indenização de 337,8 mil reais.

Após assinar a portaria de anistia, Tarso Genro declarou que o assassinato de Chico Mendes está diretamente associado à perseguição sofrida pelo seringueiro durante a ditadura. "O Estado brasileiro não soube compreender o que ele (Mendes) representava naquele momento", disse o ministro. "O Brasil pede perdão a Chico Mendes", afirmou, ao assinar o documento. Acompanhada de dois filhos, Izalmar Mendes mostrou-se satisfeita com o resultado do julgamento. "Era a hora de limpar o nome do meu marido. Mais importante do que a indenização foi o pedido de desculpas feito pelo Estado", disse a viúva.

O caso de Chico Mendes foi relatado pela conselheira Sueli Bellato. Emocionada, ela disse ter lido muito sobre o seringueiro morto para, então, encadear os argumentos que a fizeram acatar o pedido de reconhecimento e indenização interposto por Izalmar Mendes. Chico Mendes foi vereador em Xapuri, onde nasceu, e se firmou como crítico de projetos governamentais de graves consequências ambientais, como a construção de estradas na região amazônica.

No relatório, aprovado por unanimidade, a conselheira contou detalhes da vida de Chico Mendes, da infância pobre nos seringais ao dia em que foi assassinado. Segundo Sueli Bellato, a atuação de Mendes contra grileiros e latifundiários rendeu, durante a ditadura, um arquivo de 71 páginas redigidas por agentes do antigo Serviço Nacional de Informações (SNI). Foi por participar de um ato público, em 1980, que Chico Mendes passou a ser fichado e perseguido pelos militares. Em Rio Branco, o seringueiro fez um discurso exaltado contra a violência no campo provocada pelos fazendeiros.

Na época, Chico Mendes foi enquadrado na Lei de Segurança Nacional, acusado de "atentado contra a paz, a prosperidade e a harmonia entre as classes sociais". Preso em diversas ocasiões, só foi definitivamente absolvido em 1º de março de 1984, quatro anos depois, portanto, de iniciadas as perseguições. De acordo com a conselheira Sueli Bellato, embora o relatório não tenha se aprofundado na questão, foi possível constatar que Chico Mendes também foi torturado enquanto estava sob custódia de policiais federais.

Leandro Fortes.

Internet: <www.cartacapital.com.br> (com adaptações).

Ainda com base no texto de Leandro Fortes e considerando aspectos textuais e gramaticais, julgue os próximos itens.

1 – O termo “o documento” (l. 21) refere-se a “portaria de anistia” (l.17).

2 – A expressão “Na época”, no início do último parágrafo do texto, refere-se ao período em que Chico Mendes foi perseguido pela ditadura militar.

3 – Pelas opiniões apresentadas no texto, verifica-se que o ministro da Justiça e a conselheira possuem posições opostas no que se refere à atuação política de Chico Mendes.

4 – Estaria de acordo com o que estabelece a prescrição gramatical para textos escritos no nível formal da linguagem, tais como documentos oficiais, a substituição da expressão “dali para a frente” (l.4) por dali pra frente.

5 – A conjunção “E” (l.10), por ter, no período, valor adversativo, pode ser substituída pela conjunção Mas, sem prejuízo para as informações do texto.

6 – Na linha 12, o vocábulo “cujo” estabelece relação sintático-semãntica entre os termos “resultado” e “Comissão de Anistia”.

7 – Os termos “portanto” (l. 42) e “enquanto” (l.44), estabelecem idênticas relações de sentido.

8 – O termo “onde” (l.28) introduz oração adjetiva de sentido explicativo.

Gabarito:

1 –Certo. Observe que o documento que estava sendo assinado naquele momento era justamente a “portaria de anistia”.

2 –Certo. A expressão “Na época”, refere-se ao período da década de oitenta, quando Chico Mendes sofria a perseguição da ditadura militar.

3 — Errado. Justamente o oposto. Tanto o ministro da Justiça Tarso quanto a conselheira Sueli Bellato consideraram que o assassinato de Chico Mendes está associado à perseguição que ele sofrera no período da ditadura militar. Além disso, é de bom alvitre enfatizar que se realizou uma sessão de julgamento da Comissão de Anistia, cujo resultado foi o reconhecimento, por unanimidade, da perseguição política sofrida por Chico Mendes no início dos anos 80 do século passado.

4 — Errado. Em documentos oficiais ou em textos em que seja exigida a formalidade, não se pode empregar PRA.

5 — Errado. Não há oposição entre os parágrafos. O emprego de “faltava” (l. 9) no pretérito imperfeito do indicativo já dava indício de que algo não falta mais, o que foi corroborado pelo início do parágrafo seguinte: “E ela veio na quarta-feira 10…”.

6 — Errado – O pronome relativo CUJO estabelece relação de posse entre os termos "resultado" e "uma sessão de julgamento da Comissão de Anistia". A reescritura do período, substituindo-se o pronome relativo pelo antecedente, tem o seguinte resultado: O resultado da sessão de julgamento da Comissão de Anistia foi o reconhecimento, por unanimidade, da perseguição política sofrida por Chico Mendes no início dos anos 80 do século passado.

7 — Errado – A conjunção PORTANTO introduz uma conclusão para o que se expôs anteriormente. O autor deduziu que Chico Mendes somente foi absolvido quatro anos após se iniciarem as perseguições contra ele. Já a conjunção ENQUANTO estabelece relação temporal, mais especificamente de concomitância, simultaneidade – no mesmo momento em que Chico Mendes estava sob a custódia da Polícia Federal, era torturado.

8 –Certo – ONDE é pronome relativo, podendo ser substituído por NO QUAL, refere-se a Xapuri, introduz oração subordinada adjetiva, que, por estar isolada por vírgulas, possui caráter explicativo.

02. **(Cespe / UnB / TJ-RJ)**

A crescente escassez de profissionais qualificados no mercado de trabalho doméstico está obrigando a Companhia Vale do Rio Doce a lançar uma campanha global de recrutamento para arregimentar pessoal especializado nos EUA, na Inglaterra, na Austrália e no Canadá. A previsão é de 62 mil contratações nos próximos cinco anos.

O Estado de S. Paulo, 21 mar. 2008. (Com adaptações.)

Assinale a opção que constitui continuação coesa e coerente para o fragmento de texto acima.

a) Essa disputa se tornou tão acirrada que elevou o nível médio salarial. Um soldador, por exemplo, hoje tem um ordenado inicial entre R$ 1,2 mil e R$ 2,1 mil. Nas escolas do Sesi e do Senac, os formandos são disputados pelos empregadores.

b) Essa é a iniciativa mais audaciosa já tomada por uma empresa brasileira em matéria de oferta de emprego, e é mais uma das consequências da globalização da economia.

c) Entretanto, com o extraordinário crescimento da produção industrial chinesa, nos últimos anos, o preço das commodities no mercado internacional disparou, o que abriu caminho para a expansão dos setores de mineração, siderurgia,

petróleo e equipamentos de transporte pesado.

d) Desde então, as empresas mais competitivas desses setores criaram milhares de novos postos de trabalho e, de forma cada vez mais agressiva, vêm disputando trabalhadores preparados para ocupá-los.

e) Todas essas empresas vêm publicando anúncios em inglês, em busca de profissionais qualificados de nível técnico superior. As empresas também vêm contratando trabalhadores aposentados e procurando atrair profissionais qualificados da Petrobras.

Gabarito: B

O texto indica que a oferta de empregos é maior do que a demanda. Por isso, a Vale necessita buscar no mercado internacional profissionais para atenderem a essa necessidade. A alternativa B é a única que dá continuidade ao texto de forma coesa e coerente. Observe: a expressão "Essa é a iniciativa" refere-se a "uma campanha global de recrutamento para arregimentar pessoal especializado nos EUA, na Inglaterra, na Austrália e no Canadá." Há também a leitura de a procura por mão de obra em outros países acaba por representar uma das consequências da globalização.

03. **(Cespe / UnB / TJ-RJ)**

Há cinco anos, sob o comando de George W. Bush, os Estados Unidos da América (EUA) invadiam o Iraque. Já se mostrou à exaustão que a aventura foi uma catástrofe humanitária e um fracasso político que encalacrou o Pentágono numa ocupação militar sem perspectiva de solução. Verifica-se, agora, que foi também um desastre financeiro.

Folha de S. Paulo, 20 mar. 2008. (Com adaptações.)

Assinale a opção em que o fragmento constitui continuação coesa e coerente para o texto acima.

a) Entretanto, Joseph Stiglitz, Prêmio Nobel de Economia, calcula que a empreitada poderá sair por assombrosos US$ 4 trilhões ou mais, dependendo de quanto tempo a ocupação durar.

b) Mas, agora que o país se encontra numa situação de déficit fiscal, a conta da guerra contribui para a crescente desvalorização da moeda norte-americana, num movimento que dificulta o combate à crise de crédito nos EUA e agrava suas repercussões globais.

c) Às vésperas da invasão, a Casa Branca estimava que gastaria algo entre US$ 50 bilhões e US$ 60 bilhões para derrubar Saddam Hussein e instalar um novo governo no país. Hoje, a conta está em US$ 600 bilhões e continua subindo.

d) Avaliações mais conservadoras, como a do Escritório de Orçamento do Congresso, órgão que municia o Poder Legislativo com informações técnicas, concluem que a ocupação não atingirá efetivamente a economia norteamericana.

e) Portanto, nada indica que o próximo presidente dos EUA terá condições de colocar um fim rápido à aventura. Fala-se em retirar as tropas até o fim de 2009. Isso, é claro, no melhor cenário. E o problema é que, no Iraque, o melhor cenário nunca se materializa.

Gabarito: C.

O início do texto informa que a invasão dos Estados Unidos ao Iraque representou uma catástrofe humanitária, além de significativo fracasso político. No entanto, o fragmento final destaca a derrocada financeira. Portanto, a continuação, para ocorrer de forma coesa, deve esclarecer por que houve esse desastre financeiro. As duas únicas alternativas que poderiam dar sequência a essa ideia seriam A e C. No entanto, a opção A possui uma falha. A informação lá constante confirma a ideia presente no texto, então o emprego da conjunção ENTRETANTO, de caráter adversativo, não se justifica.

04. **(Esaf / MPU)**

Leia o trecho abaixo e aponte a opção que lhe dá continuidade, respeitando a coesão, a coerência e a orientação argumentativa do texto.

É verdade que já nos anos 50 numerosos estudos haviam demonstrado que fumar provoca câncer, enfisema, ataque cardíaco e muitas outras doenças, mas a estratégia de defesa adotada pela indústria do tabaco foi a do contracheque: de um lado contratava técnicos para criticar a metodologia empregada nessas pesquisas; de outro, pressionava os meios de comunicação para garantir que não fossem divulgadas.

a) Hoje, não só se divulgam as pesquisas que atenuam o impacto do tabaco no organismo, buscando o controle da venda de cigarro a menores de idade e oferecendo tratamento gratuito aos que querem abandonar o vício de fumar.

b) Qualquer jornal, emissora de rádio ou de televisão que ousasse levantar a

menor suspeita de que o cigarro pudesse trazer algum malefício à saúde sofria retaliação financeira imediata.

c) Naquela época, a indústria do tabaco acatava incondicionalmente ações judiciais de ressarcimentos milionários às famílias dos que morriam vitimados pelos efeitos nocivos da nicotina.

d) Nos anos 50, a disseminação da epidemia de tabagismo corria velozmente de encontro à forma aliciadora e atraente com que fumavam os astros e estrelas no cinema e na tevê.

e) Resultado de pesquisa conduzida pelo Ministério da Saúde em sete capitais brasileiras comprova que o número de dependentes de nicotina no país é de aproximadamente 20%.

Gabarito: B

Observe que o texto informa que já nos anos cinquenta havia muitos estudos provando que o fumo provoca doenças. Depois esclarece também que a estratégia de defesa da indústria do tabaco foi a força financeira. Alerta, por fim, que houve muita pressão para os meios de comunicação não divulgarem as tais pesquisas. A alternativa B justamente representa um exemplo dessa pressão financeira efetuada pela indústria do tabaco: "Qualquer jornal, emissora de rádio ou de televisão que ousasse levantar a menor suspeita de que o cigarro pudesse trazer algum malefício à saúde sofria retaliação financeira imediata.".

05. **(Esaf / SEFA – PA)**

Não é preciso ser adepto da tradição intelectual para reconhecer os inconvenientes da praxe de preterição do influxo interno, a que falta a convicção não só das teorias, mas também das suas implicações menos próximas, de sua relação com o movimento social conjunto, e da relevãncia do próprio trabalho e dos assuntos estudados. Percepções e teses notáveis a respeito da cultura do país são decapitadas periodicamente, e problemas a muito custo identificados e assumidos ficam sem o desdobramento que lhes poderia corresponder. O prejuízo acarretado pode se comprovar pela via contrária, lembrando a estatura isolada de uns poucos escritores como Machado de Assis, Mário de Andrade e hoje, Antônio Cãndido, cuja qualidade se prende a este ponto.

(SCHWARZ, Roberto. Cultura e política. p.110)

Assinale a opção que continua o texto de forma coesa e coerente.

a) Com aquela praxe de conciliar o estrangeiro com o autóctone, a convivência familiar e estabilizada entre concepções em princípio incompatíveis esteve no centro da inquietação ideológico-moral do Brasil desde sempre.

b) A certos intelectuais tal herança colonial de preocupar-se apenas com o que vem do próprio país parecia um resíduo que logo seria superado pela marcha desse progresso.

c) Outros intelectuais viam naquele movimento o país autêntico, o Brasil genuíno, original, o berço a ser protegido e preservado contra imitações absurdas.

d) A nenhum deles faltou informação nem abertura para a atualidade. Entretanto, souberam retomar criticamente o trabalho dos predecessores, entendido não como peso morto, mas como elemento dinãmico, subjacente às contradições contemporãneas.

e) Outros ainda desejavam harmonizar esse progresso com trabalho escravo, para não abrir mão de nenhum dos dois, e outros mais consideravam que esta conciliação já existia e era desmoralizante.

Gabarito: D

O início do texto anuncia que não se precisa ser adepto da tradição intelectual para reconhecer a inconveniência de se preterir o movimento cultural do Brasil. Depois é relatado que pesquisas notáveis a respeito da cultura do país são decapitadas e acabam não tendo desdobramento, sequência. O texto é finalizado com o elogio nominal a três autores – Machado de Assis, Mário de Andrade e Antônio Cãndido – por fazerem justamente o oposto. Relembrando que o texto, antes de ser coerente, há de ser coeso. Repita-se. A conclusão se faz na citação nominal dos autores. Então a sequência se efetiva por aí. A alternativa D a realiza com perfeição. Observe que o pronome ELES retoma os autores e explica por que a qualidade dos três se prende a esse ponto: "souberam retomar criticamente o trabalho de seus predecessores, entendido não como peso morto, mas como elemento dinãmico, subjacente às contradições contemporãneas.".

06. **Uma carga tributária irracional**

IVES GANDRA DA SILVA MARTINS

PAULO RABELLO de Castro, em estudo de natureza econométrica para a revista "Financeiro" de outubro (páginas 14 a 17), demonstra que o aumento da carga

tributária tem representado no Brasil constante perda do crescimento do PIB em percentual a cada dia maior. Assim, no denominado efeito "crowding out" (expulsão), a cada aumento de 1% na carga, o aumento do valor da perda é de 6,7%, considerando o PIB atual, o que vale dizer que, em aumentos de 1%, 2%, 3%, 4% e 5%, a perda seria de 6,7%, 13,4%, 20%, 26,7%, e 33,4% ao ano, respectivamente.

O estudo impressiona, sobretudo no anexo estatístico e na decomposição logarítmica do crescimento do produto bruto do Brasil, por demonstrar que, tendo o país uma carga tributária superior à dos países componentes dos Brics, cresce, à evidência, menos do que esses países. Prova, portanto, que a imposição fiscal atende ao interesse dos detentores do poder, mas, à evidência, não é do interesse público nem da sociedade.

Não sem razão, o Brasil caiu, no rol de competitividade entre as nações, para a 72ª posição, sendo que, dos nossos concorrentes diretos, a China ostenta a 34ª posição, a Índia, a 48ª, e a Rússia, a 58ª. Pior do que isso: o Chile ostenta a 26ª, Porto Rico, a 36ª, o México, a 52ª, e até mesmo a Colômbia aparece em posição melhor que a do Brasil (69ª), apesar dos seus indiscutíveis problemas com o narcotráfico e o governo paralelo das Farcs.

É de lembrar, ainda, que o aumento da carga tributária do ano passado para este também correspondeu à queda da 66ª posição para a 72ª, em clara demonstração de que, apesar de a imposição fiscal não ter sido o único fator para a perda de competitividade nacional, ela foi, sem dúvida alguma, elemento relevante ao lado da burocracia esclerosada, do nível de corrupção detectado por organismos internacionais nas estruturas administrativas e da regulação excessiva por meio de uma inflação legislativa.

Assinale a opção que dá continuidade ao texto de forma coesa e coerente.

a) Diante dessa realidade, à evidência, a carga tributária não tende a cair, e a economia, apesar do céu de brigadeiro da "performance" mundial, está condenada a crescer menos do que a do mundo inteiro, correndo sérios riscos quando as nuvens que surgem no horizonte econômico se transformarem em tempestades.

b) À luz desses dados negativos, insiste o governo na prorrogação da CPMF, apesar de arrecadar neste ano, segundo as próprias projeções

governamentais, 60 bilhões de reais a mais do que o projetado no Orçamento para 2007, vale dizer, um terço a mais do que o que pretende receber da CPMF em 2008!

c) Nesse quadro, em que o PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) não deslancha, a carga aumenta e o presidente permite a contratação de mais servidores, objetivando inchar suas estruturas arcaicas e inoperantes, é assustadora a revelação feita pela Folha alguns meses atrás: dos 100% dos "amigos do rei" -os contratados sem concurso para cargos e funções na administração–, 47% são sindicalistas, vale dizer, de pouca especialização na administração pública, a não ser aquela de defesa dos interesses da categoria, e 19% são filiados ao PT.

d) Essa verdadeira desidratação legislativa envergonha a maioria esmagadora dos professores de direito, obrigados a com ela conviver e a explicá-la perante seus alunos. Infelizmente, vive-se, neste cipoal incoerente, cansativo e conveniente, a falta de uma administração pública, que não privilegia as carreiras do Estado nem cria uma evolução hierárquica estimuladora no setor público.

e) Temos tudo – e, graças a isso o país ainda cresce, por força do trabalho da sociedade; só não temos governantes com visão de estadistas, razão pela qual em todos os índices internacionais o Brasil resta em posição inferior. Em tempo: estamos à frente de Burundi e do Haiti.

Gabarito: D

Perceba que o texto é concluído mencionando a inflação legislativa. A alternativa D retoma "a inflação legislativa" com a expressão ESSA VERDADEIRA DESIDRATAÇÃO LEGISLATIVA, dá sequência a essa ideia e ainda apresenta seus efeitos: "envergonha a maioria esmagadora dos professores de direito, obrigados a com ela conviver e a explicá-la perante seus alunos".

07. **(Esaf / SEP-SP)**

O texto abaixo foi adaptado do Editorial de O Estado de S. Paulo de 21/1/2009. Assinale a opção que representa continuação coesa e coerente para o texto.

O desemprego em dezembro dá uma ideia mais clara, e nada animadora, do tamanho da crise instalada no País desde o trimestre final de 2008. No mês passado, foram fechados 654.946 postos de trabalho formais, segundo informou o

governo. Foi mais que o dobro do número registrado um ano antes, quando foram demitidos, em termos líquidos, 319.414 trabalhadores com carteira assinada. O aumento das demissões é normal no fim do ano, principalmente na indústria, depois de encerrada a produção para o Natal.

a) Porquanto nas três primeiras semanas de janeiro o intercâmbio de mercadorias continuou piorando e, até dia 18, o Brasil acumulou um déficit de US$ 390 milhões.

b) Desta vez, no entanto, as dispensas foram surpreendentes, mesmo levando-se em conta a piora das condições econômicas.

c) Essas informações sobre o comércio exterior, já conhecidas, confirmaram a perda de impulso das exportações e a contínua redução do superávit comercial.

d) Mesmo que, se o presidente da República e seus ministros têm novos planos para reanimar a economia, não devem esperar muito mais tempo para iniciar sua execução.

e) Esse dado sobre as exportações é mais um indicativo da tendência de redução de emprego.

Gabarito: B

A alternativa A não pode ser a resposta, visto que o conector PORQUANTO tem caráter causal. É de bom alvitre lembrar que a causa representa fato anterior e a consequência, posterior. O fato ocorrido em janeiro de 2009 não pode ser a causa do que ocorreu no fim de 2008.

A alternativa B é a resposta, observando-se dois detalhes: o emprego da expressão "as dispensas" como sinônima de "demissões" e da conjunção adversativa "no entanto", estabelecendo uma ressalva em relação à informação anterior: já havia realmente a expectativa de demissões naquele período do ano, contudo (ressalva) não em tal quantitativo.

A alternativa C é absurda, uma vez que não há qualquer informação sobre o comércio exterior.

A alternativa D apresenta um problema: o conector concessivo MESMO QUE estabelece uma oposição. A informação seguinte poderia ser uma consequência ou uma conclusão para o que se expõe no fim do texto, nunca uma oposição. "O aumento das demissões é normal no fim do ano, principalmente na indústria,

depois de encerrada a produção para o Natal." – "Portanto" (e não "Mesmo que"), se o presidente da República e seus ministros têm novos planos para reanimar a economia, não devem esperar muito mais tempo para iniciar sua execução.". O conector apropriado seria de caráter conclusivo: portanto, logo, então, por conseguinte.

A alternativa E também é absurda, visto que não há qualquer dado sobre exportações.

08. **TCU – Perceba que o texto é concluído mencionando a inflação legislativa. A alternativa D retoma "a inflação legislativa" com a expressão ESSA VERDADEIRA DESIDRATAÇÃO LEGISLATIVA, dá sequência a essa ideia e ainda apresenta seus efeitos: "envergonha a maioria esmagadora dos professores de direito, obrigados a com ela conviver e a explicá-la perante seus alunos". Numere os trechos de modo a compor um texto coeso e coerente e assinale a sequência correta.**

( ) Esse é, sem dúvida, o grande mérito da Lei de Responsabilidade Fiscal.

( ) Alguns instrumentos jurídicos, porém, põem-se à frente de seu tempo e têm finalidade educativa.

( ) Leis e códigos não são feitos para mudar a toda hora.

( ) Servem para sinalizar o rumo que as instituições devem tomar.

( ) Não se baseiam em tendências ou modismos, mas refletem práticas e costumes cristalizaâdos na sociedade.

(Jornal do Brasil, 15/10/2000)

a) 1, 2, 4, 3, 5;
b) 5, 3, 1, 4, 2;
c) 2, 1, 3, 5, 4;
d) 1, 4, 5, 2, 3;
e) 4, 5, 2, 1, 3.

Gabarito: B

O primeiro fragmento não pode dar início ao texto, uma vez que o pronome ESSE faz referência a algo já mencionado.

O segundo fragmento não inicia o texto, uma vez que a conjunção PORÉM sugere que a ideia aí constante está em oposição a algo já citado.

O terceiro fragmento é o único que pode dar início ao texto.

No quarto parágrafo, o emprego de SERVEM sugere que a sua concordãncia se realiza com algum termo que já deveria se fazá deveria se faz presente no texto.

No quinto parágrafo, o mesmo ocorre. A forma verbal BASEIAM concorda com elemento já inserido anteriormente no texto.

Como o único fragmento que pode iniciar o texto é o terceiro, busco alternativa em que o número 1 aparece na terceira posição.

(X)

(X)

(1)

(X)

(X)

Passemos para a horizontal: (X), (X), (1), (X), (X). A alternativa C é a única que apresenta o número 1 na terceira posição.

09. **(Cespe / UnB / Polícia Federal)**

Quando o entrevistado foi questionado a respeito das dificuldades do trabalhador nessa adaptação aos novos tempos, a resposta, registrada em um parágrafo, contemplou os seguintes aspectos, aqui apresentados em tópicos.

I – **Um exemplo? Muitos operários não compreendem como uma série de comandos num teclado, exibida somente na tela de um micro, pode resultar em mudanças numa máquina industrial que não está diante deles.**

II – **O pensamento do trabalhador comum é analógico. Ele tem dificuldade para exercitar a realidade digital do computador.**

III – **É preciso reeducá-los. Não se trata de treinar o homem apenas para mexer nos equipamentos automaticamente, como se fosse um robô.**

IV – **Ensinar computação, especialmente para os operários, é ensinar a mexer na máquina, mas sobretudo a entender o que ela pode fazer.**

V – **Não se trata de transformá-lo numa peça da engrenagem da linha de montagem. Não basta saber operar uma máquina sem compreender o que está se fazendo.**

Aplicando os conhecimentos de tipologia textual à habilidade de

compreensão detalhada de uma resposta, em função da pergunta formulada, julgue os seguintes itens.

1) A ordem acima é apropriada para que os tópicos formem um parágrafo coerente.
2) Os tópicos I, III e IV, nesta sequência, são inter-relacionados e fazem parte do desenvolvimento da resposta.
3) Pela estrutura interna do tópico II, é correta a sua colocação no início da resposta à pergunta formulada.
4) Os tópicos III e V apresentam grande coesão interna, o que favorece a colocação deles, nesta sequência, dentro do desenvolvimento da resposta.
5) A organização interna do tópico IV, com o emprego do vocábulo "sobretudo', torna correto o seu uso como fechamento da resposta, por dar reforço às ideias apresentadas.

Gabarito:

1) **Errado;**
2) **Errado;**
3) **Certo;**
4) **Certo;**
5) **Certo.**

Inicialmente montemos o texto. Como o tópico I é introduzido por "Um exemplo", obviamente não pode dar início ao texto. O tópico II pode iniciar o texto, até porque o único elemento remissivo "ELE", está se referindo a um termo já presente no próprio tópico (o trabalhador). O tópico III não pode iniciar o texto, uma vez que a forma pronominal LOS refere-se a algo – masculino e plural – já mencionado. O quarto tópico possui toda a aparência de conclusão, em face da presença de dois elementos enfáticos: ESPECIALMENTE e SOBRETUDO. O último tópico também não pode dar início ao texto, porquanto a forma pronominal LO refere-se a algo já citado – masculino e singular. Por sinal, é certo que há a sequência III-V, já que a forma pronominal LO (tópico V) refere-se a HOMEM (tópico III). Além disso, justifica-se a repetição da construção NÃO SE TRATA, presente nos tópicos III e V, quando se deseja realçar uma ideia. Para que esse recurso tenha efeito, os elementos repetidos devem ocorrer próximos. Também fica bem evidente que o tópico III vem depois do I, dado que a forma pronominal LOS (III) refere-se aos

termos OPERÁRIOS (I) E DELES (I). Sendo assim, tudo indica que a sequência correta é II – I – III – V– IV:

"O pensamento do trabalhador comum é analógico. Ele tem dificuldade para exercitar a realidade digital do computador. Um exemplo? (Um exemplo dessa dificuldade) Muitos operários não compreendem como uma série de comandos num teclado, exibida somente na tela de um micro, pode resultar em mudanças numa máquina industrial que não está diante deles. É preciso reeducá-los (os operários). Não se trata de treinar o homem apenas para mexer nos equipamentos automaticamente, como se fosse um robô. Não se trata de transformá-lo (o homem) numa peça da engrenagem da linha de montagem. Não basta saber operar uma máquina sem compreender o que está se fazendo. (Enfim) Ensinar computação, especialmente para os operários, é ensinar a mexer na máquina, mas sobretudo a entender o que ela pode fazer."

Perfeita a montagem.

1 – Errado, porque a sequência correta II – I – III – V– IV.

2 – Errado, porque o item IV representa a conclusão do texto. Os tópicos inter-Ârelacionados são I-III-V.

3 – Certo. Não há elementos que remetem a elementos presentes em outros tópicos.

4 – Certo. São dois elementos coesivos: a repetição da construção NÃO SE TRATA e a presença da forma pronominal LO (tópico V) referindo ao termo HOMEM (tópico III).

5 – Certo. A ideia de ênfase não se faz presente apenas pelo emprego de SOBRETUDO, mas também pelo uso de ESPECIALMENTE.

10. **(Esaf / ANA)**

Os trechos abaixo constituem um texto adaptado de http://www.ana.gov.br/prodes/prodes.asp, mas estão desordenados. Ordene-os e assinale a opção correta.

( ) Tal incremento da carga orgãnica poluidora nos corpos dâágua leva à escassez de água com boa qualidade, fato já verificado em algumas regiões do país.

( ) Entre os maiores desafios da gestão de recursos hídricos no Brasil está a redução das cargas poluidoras que degradam os corpos d'água.

( ) Tanto é assim que menos de 20% do esgoto urbano recebe algum tipo de tratamento, o restante é lançado nos corpos dâágua "in natura", colocando em risco a saúde do ecossistema e da população local.

( ) Nesse cenário, os efluentes domésticos representam uma das principais fontes de degradação dos ecossistemas aquáticos do território nacional.

( ) Principalmente em regiões metropolitanas, essa degradação da qualidade da água vem criando situações insustentáveis do ponto de vista de desenvolvimento.

a) 2, 1, 4, 5, 3;
b) 3, 2, 4, 5, 1;
c) 3, 5, 4, 2, 1;
d) 5, 1, 4, 3, 2;
e) 4, 3, 2, 1, 5.

Gabarito: D

O primeiro fragmento não pode iniciar o texto, visto que o emprego de TAL sugere que o incremento já foi citado anteriormente.

O segundo tópico pode dar início ao texto, uma vez que não possui elementos remissivos.

O início do terceiro fragmento deixa claro não poder dar início a um texto (Tanto é assim que).

O emprego de NESSE CENÁRIO, no quarto fragmento, indica que a situação já foi mencionada.

No quinto tópico, o uso de PRINCIPALMENTE e de ESSA DEGRADAÇÃO sugere que algo já foi mencionado em outro tópico.

Como somente o segundo tópico pode dar início ao texto – ponhamos 1 no segundo fragmento.

(X)
(1)
(X)
(X)
(X)

Passando para a horizontal – (X) (1) (X) (X) (X) –, a resposta somente pode ser

A ou D. A alternativa A é eliminada porque a sequência (2) (1) (X) (X) (X) é incoerente. Vejamos: "Entre os maiores desafios da gestão de recursos hídricos no Brasil está a redução das cargas poluidoras que degradam os corpos d'água. Tal incremento da carga orgãnica poluidora nos corpos dâágua leva à escassez de água com boa qualidade, fato já verificado em algumas regiões do país.". O emprego de TAL INCREMENTO sugere que um aumento, um acréscimo deveria ocorrer anteriormente, mas nunca uma redução.

Já a sequência (X) (1) (X) (X) (2) é perfeita: "Entre os maiores desafios da gestão de recursos hídricos no Brasil está a redução das cargas poluidoras que degradam os corpos d'água. Principalmente em regiões metropolitanas, essa degradação da qualidade da água vem criando situações insustentáveis do ponto de vista de desenvolvimento.".

11. **(AFC / CGU)**

Os trechos abaixo constituem um texto (Leandro Konder, Jornal do Brasil, 12/01/2008), mas estão desordenados. Ordene-os, indique a ordem dentro dos parênteses e assinale a opção que corresponde à ordem correta.

( ) Para sublinhar sua decisão de uma recusa radical daquilo que acontecia no mundo germãnico, modificou seu nome do alemão Karpfen para o francês Carpeaux.

( ) Sua vida tinha se tornado impossível na Áustria que Hitler tinha anexado à Alemanha.

( ) Em agosto de 1939, Carpeaux chegou ao Brasil fugindo da Holanda, em companhia de sua mulher, dona Helena.

( ) Carpeaux, de fato, era católico e tinha aspectos conservadores em seu pensamento. Mas a acusação era grotesca, pois o homem tinha vindo para cá, fugindo do nazismo.

( ) Um grupo de jovens de esquerda, percebendo que Carpeaux, em seus artigos, criticava o marxismo-leninismo, acusou-o de ser um simpatizante do nazismo.

a) 3,2,1,5,4;
b) 5,4,2,1,3;
c) 4,3,2,1,5;
d) 1,5,3,2,4;
e) 4,3,1,2,5.

Gabarito: A

O primeiro tópico não pode dar início ao texto, uma vez que o emprego do pronome possessivo SUA, indica que a decisão foi de alguém já mencionado.

O segundo tópico, pelo mesmo motivo do primeiro, também não pode dar início ao texto.

O terceiro tópico pode dar início ao texto, por não possuir elementos remissivos.

O emprego da expressão DE FATO sugere que o comentário aí proferido está em aquiescência a uma opinião exposta anteriormente.

O último tópico, por não possuir elementos remissivos, poderia iniciar o texto.

Observando as alternativas, como já dito, o último fragmento poderia dar início ao texto, porém, como não há nenhuma alternativa com o número 1 na quinta posição (X) (X) (X) (X) (1), podemos excluir essa possibilidade. Ficamos então somente com a possibilidade de 1 vir na terceira posição (X) (X) (1) (X) (X), havendo como possíveis respostas A e E. A alternativa A não pode ser a resposta, visto que a sequência (X) (X) (1) (2) (X) é incoerente, como veremos: "Em agosto de 1939, Carpeaux chegou ao Brasil fugindo da Holanda, em companhia de sua mulher, dona Helena. Carpeaux, de fato, era católico e tinha aspectos conservadores em seu pensamento. Mas a acusação era grotesca, pois o homem tinha vindo para cá, fugindo do nazismo." Não há relação entre o fato de Carpeaux ser católico com o fato relatado anteriormente. Já a sequência da letra A (X) (2) (1) (X) (X) fica perfeita: "Em agosto de 1939, Carpeaux chegou ao Brasil fugindo da Holanda, em companhia de sua mulher, dona Helena. Sua vida tinha se tornado impossível na Áustria que Hitler tinha anexado à Alemanha.".

12. **Os trechos a seguir foram adaptados de um texto de Ruy Castro, mas estão desordenados. Numere-os de forma que constituam um texto coeso e coerente e assinale a opção correta correspondente.**

( ) A Cãmara aprovou medida provisória com esse objetivo, que foi considerado eleitoreiro e danoso às contas públicas pela oposição.

( ) Entre as principais regras que podem represar recursos "não obrigatórios" - chamados de "transferências voluntárias"– está a LRF.

( ) Ela veda o repasse desses recursos para Estados e municípios que não estejam em dia com o pagamento de tributos federais e dívidas com a União, que tenham descumprido o gasto mínimo em educação e saúde ou que

tenham excedido o limite para dívidas e gastos com pessoal.

( ) O governo federal poderá repassar verbas do PAC a estados e municípios no período eleitoral, além de ignorar restrições existentes na LRF (Lei de Responsabilidade Fiscal) para esse tipo de transferência.

( ) Pelo texto, de autoria do Executivo, repasses para obras do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) definidas pelo governo tornam-se "obrigatórias", ou seja, ficam livres de regras que, em determinadas situações, impedem a transferência dos recursos inscritos na categoria "não obrigatórias".

1) 4 – 2 – 3 – 5 – 1;
2) 2 – 4 – 5 – 1 – 3;
3) 2 – 1 – 4 – 3 – 2;
4) 3 – 2 – 5 – 1 – 4;
5) 1 – 4 – 3 – 2 – 5.

Gabarito: B

O primeiro tópico não pode começar o texto, visto que o termo "esse objetivo" faz remissão a termos anteriores. O segundo tópico também não pode iniciar o texto, uma vez que a sigla LRF ainda não foi apresentada ao leitor. O terceiro tópico também não pode dar início ao texto, porquanto o pronome "Ela" faz menção a algo já mencionado. O quinto tópico também não pode dar início ao texto, pois não se esclarece que texto é esse (texto de quê?). Como somente o quarto tópico não possui elementos remissivos, chega-se Ã conclusão de que a resposta somente pode ser B ou D (X-X-X-1-X).

( )
( )
( )
(1)
( )

A sequência da D é

(3)
(2)
(5)
(1)
(4)

A sequência 1-2 da alternativa D é incoerente, senão vejamos: O governo federal poderá repassar verbas do PAC a estados e municípios no período eleitoral, além de ignorar restrições existentes na LRF (Lei de Responsabilidade Fiscal) para esse tipo de transferência. (1) / Entre as principais regras que podem represar recursos "não obrigatórios" – chamados de "transferências voluntárias"– está a LRF. (2) – Perceba a incoerência: O primeiro tópico fala em ignorar restrições existentes na LRF e o segundo tópico indica que a LRF está entre as principais regras que represar recursos "não obrigatórios".

A sequência exposta na alternativa B é perfeita.

(2)

(4)

(5)

(1)

(3)

Perceba que a sequência dos dois primeiros tópicos é bastante coerente: O governo federal poderá repassar verbas do PAC a estados e municípios no período eleitoral, além de ignorar restrições existentes na LRF (Lei de Responsabilidade Fiscal) para esse tipo de transferência. (1) / A Cãmara aprovou medida provisória com esse objetivo, que foi considerado eleitoreiro e danoso Ãs contas públicas pela oposição. (2). Repare que o termo "esse objetivo" refere-se Ã transferência de verbas do PAC a estados e municípios no período eleitoral.

Chegando-se a essa sequência, não há mais necessidade de se continuar a leitura do texto.

É importante o candidato ficar atento ao fato de que, por exemplo, quando se chega à conclusão de que o terceiro fragmento é o terceiro da sequência, não se deve procurar uma resposta começando pelo algarismo 3 (3-X-X-X-X – ERRADO), mas sim buscar uma resposta em que o algarismo 3 aparece na terceira posição (X-X-1-X-X).

13. **(Esaf / AFRF)**

Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e indique a sequência correta.

( ) Principalmente porque, com recursos parcos e uma formação basicamente literária, ele anteviu o mundo em que vivemos, no qual as palavras se

evaporam e se dispersam em redes virtuais, as ideias circulam em direções caóticas e a noção de sentido, quer dizer, de uma direção e de um futuro, se perde num presente em abismo.

( ) E no qual, enfim, depois de séculos de hostilidade e de enclausuramento, o homem se veria dissolvido em uma grande colcha democrática, capaz de abrigar a todos, sem lugares fixos e sem destinos rígidos, um mundo, por fim, em que poderíamos compartilhar uma mesma experiência.

( ) Profeta da morte da imprensa e do fim de um mundo linear e geométrico, ele antecipou, já nos anos 50 e 60, a chegada de um novo mundo unificado, na forma de grande teia, e gerido por uma espécie de alma suprapessoal.

( ) Nascido em 1911, em Edmonton, Canadá, Herbert Marshall McLuhan foi, afora erros e acertos de suas hipóteses, um pensador genial.

( ) Previa McLuhan que, nesse novo mundo unificado da mídia que estava a se afirmar, os homens se veriam imersos em uma grande malha global, um mundo devassado, sobreposto e instantâneo, no qual as ideias se dissolveriam e as diferenças se anulariam – exatamente como na cultura pop que ele mesmo via nascer.

(Adaptado de José Castello http://nominimo.ibest.com.br/notitia)

a) 5º, 3º, 2º, 1º, 4º;
b) 2º, 5º, 3º, 1º, 4º;
c) 3º, 2º, 4º, 5º, 1º;
d) 4º, 1º, 5º, 3º, 2º;
e) 1º, 4º, 2º, 5º, 3º.

Gabarito: B

Questão de ordenamento de fragmentos para a formação de um texto. De todos os fragmentos, somente o quarto pode iniciar o texto, pois todos os outros contêm termos fazendo remissão a elementos antecedentes. Sendo assim, buscam-se as opções em que o numeral cardinal 1º encontra-se na quarta posição. Portanto, somente as alternativas A e B podem ser a resposta. A alternativa A é excluída apenas na última sequência: o primeiro fragmento do texto seria o último da sequência textual: (4º) Previa McLuhan que, nesse novo mundo unificado da mídia que estava a se afirmar, os homens se veriam imersos em uma grande malha global, um mundo devassado, sobreposto e instantâneo, no qual as ideias se dissolveriam e as diferenças se anulariam – exatamente como na cultura pop que

ele mesmo via nascer. (5º) Principalmente porque, com recursos parcos e uma formação basicamente literária, ele anteviu o mundo em que vivemos, no qual as palavras se evaporam e se dispersam em redes virtuais, as ideias circulam em direções caóticas e a noção de sentido, quer dizer, de uma direção e de um futuro, se perde num presente em abismo. – Observe que essa sequência não faz sentido: o fato de McLuhan, mesmo com recursos parcos e uma formação basicamente literária, ter antevisto o mundo em que vivemos não é motivo (principalmente porque) para a previsão de que os homens se veriam imersos em uma grande malha global.

Já a sequência proposta na alternativa B é deveras coerente: (1º) Nascido em 1911, em Edmonton, Canadá, Herbert Marshall McLuhan foi, afora erros e acertos de suas hipóteses, um pensador genial. (2º) Principalmente porque, com recursos parcos e uma formação basicamente literária, ele anteviu o mundo em que vivemos, no qual as palavras se evaporam e se dispersam em redes virtuais, as ideias circulam em direções caóticas e a noção de sentido, quer dizer, de uma direção e de um futuro, se perde num presente em abismo. – Repare que Herbert Marshall McLuhan, mesmo com recursos parcos e uma formação basicamente literária, conseguiu antever o mundo em que vivemos, e, por isso, pode ser considerado um pensador genial.

14. **(Esaf / TRF)**

Abaixo estão os segmentos inicial e final de uma correspondência oficial. É preciso completá-la nos espaços pontilhados, ordenando os parágrafos na ordem em que devem constar no documento. Numere os parênteses, obedecendo aos princípios de coesão, coerência e encadeamento de ideias. Assinale, a seguir, a opção que reproduz a ordem correta.

E.M. n. 122 /Interministerial MF – CGU-PR

Brasília, 26 de setembro de 2005.

Excelentíssimo Senhor Presidente da República

Respeitosamente,

MURILO PORTUGAL FILHO

Ministro de Estado da Fazenda Interino

WALDIR PIRES

Ministro de Estado do Controle e da Transparência

(....) Com o objetivo de dar fiel cumprimento àquela determinação legal, cuja finalidade precípua consiste na preservação do princípio constitucional da publicidade, submetemos a Vossa Excelência o incluso Relatório de Gestão Fiscal do Poder Executivo Federal, referente ao período de janeiro a agosto do exercício de 2005.

(....) O referido Relatório deverá ser objeto de encaminhamento ao Congresso Nacional e ao Tribunal de Contas da União, conforme dispõe o art. 116 da Lei n. 10.934, de 11 de agosto de 2004.

(....) O Relatório de Gestão Fiscal, consoante determina a supracitada Lei, deve conter informações relativas à despesa total com pessoal, dívida consolidada, concessão de garantias e operações de crédito, devendo, no último quadrimestre, ser acrescido de demonstrativos referentes ao montante das disponibilidades de caixa em 31 de dezembro, de cada exercício e das inscrições em restos a pagar.

(....) Determina a mesma Lei que o Relatório deverá ser publicado e disponibilizado ao acesso público até trinta dias após o encerramento do período a que corresponder, prazo esse que, para o segundo quadrimestre de 2005, se encerra em 30 de setembro do corrente.

(....) A Lei Complementar n. 101, de 04 de maio de 2000, que estabelece normas de finanças públicas voltadas para a responsabilidade na gestão fiscal, exige, em seu art. 54, a emissão, ao final de cada quadrimestre, pelos titulares dos Poderes e órgãos referidos no art. 20, do Relatório de Gestão Fiscal assinado pelo respectivo Chefe e pelas autoridades responsáveis pela administração financeira e pelo controle interno, bem como por outras autoridades que vierem a ser definidas por ato próprio de cada Poder ou órgão.

(http://www.fazenda.gov.br/portugues/documentos/2005/relatorioLRF2005.pdf, com adaptações)

A sequência correta é:

a) 5 4 1 3 2;

b) 4 5 2 3 1;

c) 5 2 4 3 1;

d) 1 3 2 4 5;

e) 1 2 4 3 5.

Gabarito: B

Somente o último fragmento, por não possuir elementos que façam remissão a termos antecedentes, pode dar início ao texto, então deve o candidato buscar as alternativas em que o algarismo "1" encontre-se na última posição. Com isso, são excluídas as alternativas A, D e E. As opções B e C poderiam ser as respostas. Comparemos as continuidades das duas alternativas. A sequência proposta na opção C (5-2-4-3-1) possui um problema: sendo o terceiro fragmento o quarto (destacado) da sequência, haverá uma dúvida quanto à lei referida pelo termo "a supracitada Lei". O último fragmento (primeiro da sequência) menciona a Lei Complementar nº 101, o segundo fragmento (segundo da sequência proposta) alude ao art. 116 da Lei nº 10.934. Ou seja, não se saberia se a supracitada lei seria a Complementar 101 ou a 10.934. Já a alternativa B não apresenta essa ambiguidade, porquanto sendo o terceiro fragmento o segundo da sequência proposta, a supracitada lei só poderia referir-se à Lei Complementar nº 101 que aparece no último fragmento, o primeiro da sequência proposta.

15. **(AFRF)**

Marque, em cada item, o período que inicia o respectivo texto de forma coesa e coerente. Depois, escolha a sequência correta.

(Itens baseados em Emir Sader)

I O abandono da tematização do capitalismo, do imperialismo, das relações centro-periferia, de conceitos como exploração, alienação, dominação, abriu caminho para o triunfo do liberalismo.

(X) O socialismo, em consequência desses fatores, desapareceu do horizonte histórico, em virtude de ter ganho atualidade política com a vitória da Revolução Soviética de 1917.

(Y) O triunfo do neoliberalismo se consolidou quando o pensamento social passou a ser dominado por teses conservadoras.

II Compravam um passaporte para o camarote dos vencedores. Mas, como "há uma dignidade que o vencedor não pode alcançar", como dizia Borges, o que ganharam em prestígio perderam em capacidade de análise.

(X) Os que abandonaram Marx com soltura de corpo e com alívio, como se se desvencilhassem de um peso, na verdade não trocavam um autor por outro, mas uma classe por outra.

(Y) Eles substituíram a exploração de classes e de países pela temática do

totalitarismo, aperfeiçoando suas análises políticas ao vinculá-las à dimensão social.

III No mundo contemporãneo, tais modos nos permitem compreender a etapa atual do capitalismo, em sua fase de hegemonia política norte-americana.

(X) Para atender a atualidade, são necessários modos de compreensão férteis, capazes de dar conta das relações entre a objetividade e a subjetividade, entre os homens como produtores e como produtos da história.

(Y) Trata-se de uma compreensão míope, que ignora componentes essenciais ao fenômeno do capitalismo que estamos vivendo.

IV Quem pode entender a política militarista dos EUA e do seu complexo militar-industrial sem a atualização da noção de imperialismo?

(X) Quem pode entender hoje a crise econômica internacional fora dos esquemas da superprodução, essencial ao capitalismo?

(Y) Portanto, é a unipolaridade vigente há uma década que busca impor a dicotomia livre mercado/protecionismo.

V Nunca as relações mercantis tiveram tanta universalidade, seja dentro de cada país, seja nas novas fronteiras do capitalismo.

(X) O capitalismo dá mostras de enfrentar forte declínio, que leva os especialistas a preverem profunda fragmentação na ordem econômica interna de cada nação.

(Y) Assiste-se ao capitalismo em plena fase imperialista consolidada, em que as formas de dominação se multiplicam.

a) X,X,Y,Y,X;
b) Y,X,X,X,Y;
c) Y,Y,X,X,Y;
d) X,Y,Y,X,Y;
e) X,Y,Y,X,X.

Gabarito: B

Esta questão exige que o candidato leia o enunciado com bastante calma e perceba haver a solicitação tão-somente do início do texto em cada item, ou seja, não pode haver em X ou Y elementos remissivos. Por exemplo, no item 1 o fragmento "Em consequência desses fatores" indica que os fatores já deveriam ter sido citados anteriormente. Então, o item 1 só pode ser iniciado por Y. Sobraram

apenas as opções B e C. No item 2, X não apresenta elementos remissivos, podendo iniciar o texto. Já Y é introduzido "Eles substituíram", indicando que o pronome ELES refere-se a elementos que teoricamente já deveriam ter sido mencionados. O segundo item é X. Portanto, já se chega à resposta.

16. **(Esaf / ISS-RE)**

Em cada parágrafo, da questão 78, encimado por um subtítulo, ordene os itens de modo a formar um texto coeso e coerente. Descarte o item que não for coerente e coloque nesse item um "d". Marque, depois, a sequência correta.

( ) Igualmente importante é saber como o país chegou ao atual estágio de insegurança pública.

( ) É o que constata desde o Presidente da República até o brasileiro mais humilde.

( ) A prisão perpétua significa pouco ou nada para eles

( ) Para combatê-la é preciso distribuir renda.

( ) A violência atingiu um grau insuportável, que não pode mais ser tolerado.

( ) Mas não é só: estamos propondo a criação da Cãmara de Combate à Violência, nos moldes da Cãmara de Energia.

a) 3,1,d,5,4,2;

b) 5,2,d,3,1,4;

c) 4,1,d,3,2,5;

d) d,1,5,4,2,3;

e) 2,5,3,4,1,d.

Gabarito: B

Essa questão pode ter uma solução diferente. Na realidade, o "d" é apenas um elemento para assustar o candidato, mas que não interfere na resposta. Se você for atento, perceberá, pelas alternativas, que a primeira parte do texto ou será o segundo fragmento (A, C ou D) ou o penúltimo (B ou E). Como o segundo fragmento (É o que constata desde o Presidente da República até o brasileiro mais humilde.) não pode dar início ao texto, até porque o pronome demonstrativo "o" é referente a algo que já deveria estar mencionado no texto, podem-se excluir as alternativas A, C e D. Ficamos, então, com as alternativas B e E. A sequência da E não é coerente: "A violência atingiu um grau insuportável, que não pode mais ser tolerado. Igualmente importante é saber como o país chegou ao atual estágio de

insegurança pública.". Destarte, a resposta só pode ser a B. Observemos a sequência dos dois primeiros fragmentos: "A violência atingiu um grau insuportável, que não pode mais ser tolerado. É o que constata desde o Presidente da República até o brasileiro mais humilde.". Perfeito. No frigir dos ovos, não houve a menor necessidade de fazer uso do "d" para se chegar à resposta.

17. **(AFRF)**

Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial de O Globo, de 24/8/2009, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e indique a opção que corresponde à sequência correta.

( ) Até mesmo em países com regras rígidas (França e Alemanha, por exemplo), sindicatos perceberam a gravidade desse momento e aceitaram negociar reduções temporárias de jornada de trabalho com respectiva diminuição de salários e benefícios, em contrapartida à manutenção de empregos.

( ) A recente crise econômica mundial – que por pouco não empurrou o planeta para uma depressão tão terrível como a de 1929-1934 – mostrou, na prática, a importãncia de se ter flexibilidade nos contratos de trabalho.

( ) Diante de tal experiência, a insistência em se discutir uma redução da jornada de trabalho para 40 horas semanais (sem alteração de salários) parece esdrúxula. Mudar uma das bases das regras contratuais em meio a uma conjuntura ainda nebulosa representa enorme risco para os trabalhadores.

( ) Dessa forma, o impacto da crise sobre o mercado de trabalho, especialmente no Brasil, não chegou a ter a dimensão trágica que a crise certamente causaria em outra situação, de mais rigidez nas regras contratuais. E isso sem dúvida contribuiu para abreviar o período recessivo.

( ) No Brasil ocorreu algo semelhante àqueles países. A indústria demitiu, mas, em alguns setores (mineração, siderurgia, bens de consumo duráveis), o quadro teria sido pior não fosse a possibilidade de se recorrer a férias coletivas, licenças parcialmente remuneradas, banco de horas etc.

a) 1,2,4,3,5;
b) 2,1,5,4,3;
c) 4,1,3,5,2;
d) 3,4,1,2,5;

e) 5,3,2,1,4.

Gabarito: B

O primeiro, o terceiro, o quarto e o quinto fragmento não podem dar início ao texto, porquanto os termos "desse momento", "Diante de tal experiência", "Dessa forma" e "àqueles países" indicam que algo já foi mencionado anteriormente. As possíveis respostas são B e C. Exclui-se a alternativa C, visto que a sequência proposta indica o último fragmento como o segundo, o que gera incoerência. Quando se faz menção a "àqueles países", no fragmento inicial os países teriam que ser citados. A alternativa B fica perfeita: "A recente crise econômica mundial – que por pouco não empurrou o planeta para uma depressão tão terrível como a de 1929-1934 – mostrou, na prática, a importãncia de se ter flexibilidade nos contratos de trabalho." / "Até mesmo em países com regras rígidas (França e Alemanha, por exemplo), sindicatos perceberam a gravidade desse momento e aceitaram negociar reduções temporárias de jornada de trabalho com respectiva diminuição de salários e benefícios, em contrapartida à manutenção de empregos.".

18. **(Analista Tributário)**

Os trechos a seguir constituem um texto adaptado de O Globo, Editorial, 14/10/2009, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e indique a sequência correta.

( ) Esse quadro se alterou significativamente: em volume, a produção nacional de petróleo vem se mantendo próxima aos patamares de consumo doméstico. A redução dessa dependência no campo da energia foi acompanhada por um salto expressivo nas exportações brasileiras (que cresceram uma vez e meia na última década), com razoável equilíbrio entre produtos básicos e manufaturados na pauta de vendas.

( ) Apesar de a economia brasileira ter ainda um grau de abertura relativamente pequeno para o exterior – se comparado à média internacional –, o cãmbio sempre foi apontado com um dos fatores mais vulneráveis do país. No passado, o Brasil era muito dependente de petróleo importado e de insumos essenciais para a indústria.

( ) Além desse equilíbrio, os programas de ajuste macroeconômico têm garantido uma estabilidade monetária que ampliou o horizonte de investimentos e as possibilidades de um desenvolvimento sustentável de longo prazo.

( ) Tal promoção foi reforçada pela capacidade de reação da economia brasileira à recente crise financeira, a mais grave que o mundo atravessou desde o fim da Segunda Guerra Mundial.

( ) Assim, as principais agências classificadoras de risco promoveram a economia brasileira para a categoria daquelas que não oferecem risco cambial aos investidores estrangeiros.

a) 2, 1, 3, 5, 4;
b) 5, 3, 4, 1, 2;
c) 4, 5, 2, 3, 1;
d) 3, 2, 1, 4, 5;
e) 4, 1, 2, 3, 5.

Gabarito: A

O primeiro, o terceiro, o quarto e o quinto fragmento não podem dar início ao texto, porquanto os termos "Esse quadro", "Além desse equilíbrio", "Tal promoção" e "Assim" indicam que algo já foi mencionado anteriormente. Destarte, somente o segundo fragmento pode dar início ao texto, o que nos leva a duas possíveis respostas: A ou E (X-1-X-X-X). A sequência proposta na E é incoerente, dado que o terceiro fragmento, ao se iniciar por "Além desse equilíbrio", indica que "o equilíbrio" já deveria ter sido citado no segundo fragmento. Já a sequência (2-1-X-X-X) é perfeita: "Apesar de a economia brasileira ter ainda um grau de abertura relativamente pequeno para o exterior – se comparado à média internacional –, o câmbio sempre foi apontado com um dos fatores mais vulneráveis do país. No passado, o Brasil era muito dependente de petróleo importado e de insumos essenciais para a indústria." / "Esse quadro se alterou significativamente: em volume, a produção nacional de petróleo vem se mantendo próxima aos patamares de consumo doméstico. A redução dessa dependência no campo da energia foi acompanhada por um salto expressivo nas exportações brasileiras (que cresceram uma vez e meia na última década), com razoável equilíbrio entre produtos básicos e manufaturados na pauta de vendas.".

19. **(MPOG)**

Numere em que ordem os trechos abaixo, adaptados do ensaio Lula e o mistério do desenvolvimento, de Maílson da Nóbrega (publicado em VEJA, de 26 de agosto, 2009), dão continuidade à oração inicial, numerada

como (1), de modo a formar um parágrafo coeso e coerente.

(1) Mudanças culturais estão na origem do sucesso dos atuais países ricos.

( ) De fato, as lutas mortais dos gladiadores, entre si e com as feras, divertiam os romanos; execuções públicas eram populares na Inglaterra até o século XVIII.

( ) Por isso, a alfabetização disseminada e habilidades aritméticas, antes irrelevantes, adquiriram importãncia para a Revolução Industrial.

( ) Esses instintos foram substituídos por hábitos fundamentais para o desenvolvimento: trabalho, racionalidade e valorização da educação.

( ) Elas os fizeram abandonar instintos primitivos de violência, impaciência e preguiça.

( ) Como consequência dessas mudanças, a classe média cresceu; valores como poupança, negociação e disposição para o trabalho se firmaram nas sociedades bem-sucedidas.

A sequência obtida é

a) (1) (2) (4) (5) (6) (2);
b) (1) (3) (2) (6) (4) (6);
c) (1) (4) (2) (6) (5) (3);
d) (1) (3) (5) (4) (2) (6);
e) (1) (2) (6) (4) (3) (5).

Gabarito: D

Questão interessante, em que o primeiro tópico já se encontra definido. A busca se faz pelo segundo tópico. É de bom alvitre perceber que algumas opções estão prejudicadas como a A e a B, visto que há repetição de número (2 na A e 6 na B). De qualquer forma, tal problema não chega a invalidar a questão, até porque estas alternativas não seriam a resposta. Somente o penúltimo fragmento pode ser o segundo da sequência, visto que nele há dois elementos coesivos: o pronome ELAS que faz referência ao termo MUDANÇAS CULTURAIS; e o pronome oblíquo OS que remete à expressão ATUAIS PAÍSES RICOS. Vejamos a sequência: "Mudanças culturais estão na origem do sucesso dos atuais países ricos. Elas (Mudanças culturais) os (atuais países ricos) fizeram abandonar instintos primitivos de violência, impaciência e preguiça.".

Capítulo 8

Semântica Verbal

1º PASSO. O usuário da língua deve compreender que a ideia de presente não é o momento em que se vive, ou o do recebimento da mensagem. Toda referência de tempo presente é o momento em que o texto é confeccionado, ou seja, o momento no qual o autor produz o texto.

8.1. MODO INDICATIVO

Indica, em regra, um evento real, não hipotético.

Presente – Indica um hábito presente. Não há necessidade efetiva de o fato estar ocorrendo. Podemos encontrar matizes semânticos distintos dentro deste tempo verbal, que irão desconstruir o raciocínio de que o presente representa o momento em que a ação acontece. Vejamos:

Presente Pontual – representa o momento em que a ação se desenvolve.

Ex.: Eu **estou** lendo esta frase. (A leitura acontece agora).

Presente Habitual ou Frequentativo – a essência do hábito é o intervalo entre fazer ou não determinada coisa.

Ex.: Eu **durmo** bem todos os dias. (Não estou dormindo agora, mas há um intervalo entre dormir e não dormir).

Presente Permanente – ocorre sem parar.

Ex.: A Terra **gira** em torno do Sol. (Reparemos que a Terra não para de girar, permanece a todo instante girando)

Pretérito perfeito – Indica um evento passado encerrado, finalizado. Pode-se usar o termo "ontem" para efetuar a sua conjugação. O pretérito perfeito também pode ser chamado de passado pontual.

Ex.: Você leu o jornal do último sábado?

Pretérito imperfeito – Denota um evento habitual, costumeiro no passado. Para a sua conjugação, é interessante o uso de "antigamente". Esse tempo pode ser chamado também de passado habitual, frequentativo ou impontual.

Ex.: Nós nos encontrávamos diariamente.

Pretérito mais-que-perfeito – Denota uma ação passada anterior a outro fato também passado. É importante frisar que, para o seu uso ser perfeito, é fundamental já haver outro elemento também com ideia de passado. Algumas bancas já usaram a denominação passado do passado para representar o pretérito mais-que-perfeito.

Ex.: Quando eu entrei na sala, ela já desligara a televisão.

Observe que a ação de desligar a televisão é pretérita e ainda anterior a outra ação passada: a de entrar na sala.

Futuro do presente – Indica uma ação futura em relação ao momento em que o texto foi confeccionado ou em relação a uma condição futura. Por consequência, acabará coligado ao futuro do subjuntivo. Para a sua conjugação, pode ser utilizado "amanhã". Este tempo é considerado, apesar de futuro, factual, e não hipotético.

Ex.: Na próxima semana, faremos a prova.

Se você estudar, aprenderá a matéria.

Futuro do pretérito – Indica uma consequência futura de um fato passado. É importante compreender que, nesta situação, a referência não é o momento em que o autor confeccionou o texto. Diferentemente do futuro do presente (futuro em relação ao momento presente – momento da criação do texto), o evento é um efeito futuro de um fato que não ocorreu. Sendo assim, a consequência poderia ser certa, provável ou duvidosa, em conformidade com os elementos que o texto oferecer. Torna-se, por fim, fundamental concluir que, por este tempo representar uma consequência futura de fato passado, é natural que fique coligado ao pretérito imperfeito do subjuntivo.

Ex.: Se você trouxesse uma cerveja, eu a beberia.

Preste atenção a esta explicação: a condição não ocorreu, portanto o efeito também não. Imagine a seguinte situação: o autor da frase gosta de todas as marcas de cerveja, portanto se o outro trouxesse a cerveja, ele com certeza beberia. Digamos que ele goste apenas de 50% das marcas, então se o outro trouxesse a cerveja, possivelmente (dúvida) o autor da frase beberia. Por fim, imaginemos que o texto indique que há a aprovação de quase todas as cervejas, portanto se o outro trouxesse a cerveja, o autor provavelmente a beberia. Destarte, torna-se fundamental o contexto para se concluir se a consequência é

certa, provável ou duvidosa.

Obs.: O futuro do pretérito também pode indicar uma ideia de polidez. É muito comum a resposta GOSTARIA quando alguém nos oferece algo. Este uso indica uma forma mais educada de expressão.

Os verbos no pretérito imperfeito do indicativo, mormente de segunda e terceira conjugação, tornam-se parecidos com os do futuro do pretérito. Então em várias ocasiões, percebe-se que o pretérito imperfeito acaba substituindo o futuro do pretérito. Nas questões de correlação, tal fato parece ser admitido pelo NCE, o mesmo já não ocorrendo com a Esaf.

Ex.: A consequência de tal fato é que, até mesmo quando o verbo indicar ideia de polidez, faz-se possível o verbo no pretérito imperfeito, substituindo o futuro do pretérito. Leitor, imagine a seguinte situação: se alguém perguntar se você deseja água (e você está com sede), o que você responderia? Provavelmente, "eu aceitaria" ou "eu aceitava", ambos com valor de polidez.

Obs.: Mais raro é o uso do futuro do presente do indicativo com valor de polidez. Caro candidato a um cargo público, pense na seguinte situação: você está assistindo a uma aula e percebe que o professor equivocou-se. Como chamar a atenção dele? Você poderia dizer: – Professor, o senhor está enganado! Você também poderia dizer o mesmo de forma mais polida: – Professor, o senhor não estará (estaria) enganado?

8.2. MODO SUBJUNTIVO

Indica, em geral, evento hipotético, possível, duvidoso.

Presente – Fato atual expressando possibilidade, dúvida. Pode-se utilizar MARIA QUER QUE para a sua conjugação neste tempo.

Ex.: Talvez ele venha.

Pretérito imperfeito – Mostra uma situação hipotética no passado que geraria um efeito futuro. É recomendável utilizar "se ontem" para a conjugação verbal neste tempo.

Ex.: Se ele estudasse, aprenderia a matéria.

Futuro – Indica uma condição futura anterior a uma consequência também

futura. Podem-se utilizar as estruturas "se amanhã" ou o consagrado "quando" para conjugação verbal neste tempo.

Ex.: Se ele voltar aqui, todos ficarão felizes.

BIZU

Quando negamos o presente do subjuntivo, passamos a ter uma ideia factual e não hipotética. É importante observarmos isso, pois, em regra, o modo subjuntivo é considerado hipotético.

Ex.: Não há um ser humano que **não saiba** que o uso excessivo de medicamentos sem respaldo médico pode fazer mal à saúde. (Ou seja, todos os seres humanos sabem. A ideia é factual (certeza) e não hipotética.

8.3. MODO IMPERATIVO

Indica ideia de ordem (quem recebe é obrigado a cumpri-la), solicitação (quem recebe o pedido não é o beneficiado), conselho (quem recebe a sugestão é o beneficiado).

Ex.: Por favor, pega um copo de cerveja.

Pedido, solicitação (quem pediu é o beneficiado)

Ex.: Soldado, venha aqui!

Ordem (o soldado é obrigado a cumprir a ordem)

Ex.: Não te atrases, que serás demitido.

Conselho, sugestão (quem recebe o conselho é o beneficiado pelo próprio conselho)

BIZU

Torna-se fundamental lembrar ao leitor que a Língua não é uma ciência exata. Verbos podem ser usados em um determinado tempo – mormente o presente – com valor semântico de outro.

Ex.: "Se, até amanhã à tarde, você não tiver devolvido a cadeira, a mesa e a máquina de escrever, mando um caminhão buscar em sua casa e conto para os jornais, faço um barulho louco" (Fernando Sabino). – "Mando", "conto" e "faço" estão no presente do indicativo com valor de futuro do presente.

Ex.: No dia primeiro de maio de 1994, morre o piloto Ayrton Senna.

Observe que o verbo no presente do indicativo tem ideia de pretérito perfeito.

Esta situação também foi registrada como presente histórico.

Ex.: Se eu te vejo amanhã, eu te entregarei o material.

VEJO no presente do indicativo possui gritante valor de futuro do subjuntivo.

8.4. OUTRAS SEMÂNTICAS VERBAIS

Semanticamente, existem vários ramos distintos que analisam o envolvimento dos verbos com os demais termos do período. O próprio termo semântica já é uma generalização. Mostraremos, neste tópico, a divisão verbal sintático-semântica apresentada por Borba (1996). Tal estudioso propõe a seguinte abordagem verbal:

Verbos de ação: mostram uma atividade desempenhada por um termo agente (sujeito). Para Borba (1996, p. 58), "os verbos de ação expressam uma atividade realizada por um sujeito agente. Indicam, portanto, um fazer por parte do sujeito: o pássaro voa; o garoto brinca; o sábio pensa". Essa visão é ratificada por Chafe (1979). Conforme Chafe (1979, p. 97), o verbo de ação "exige que um nome o acompanhe, que o nome se relacione com ele como um agente e que o nome se especifique como animado, talvez também como humano".

(1) Tiago andou..

Verbos de processo: representam um acontecer. De acordo com BORBA (1996, p. 58), "os verbos de processo expressam um evento ou sucessão de eventos que afetam um sujeito paciente ou experimentador". Para Neves (2000, p. 26), "os **verbos** [de processo] envolvem uma relação entre um **nome** e um **estado**, e o **nome** é **paciente** do **verbo** (**afetado**)".

(2) A água ferveu.

Percebemos, na oração (2), que o sujeito a água é paciente, pois ele é diretamente afetado pelo verbo. Na oração (1) o sujeito Tiago não é afetado pelo verbo, mas sim, ele é o indivíduo que determina a ação expressa pelo verbo.

Verbos de ação-processo: desenvolvem tanto um processo quanto uma ação. Segundo Chafe (1979, p. 100), "como processo, ele implica uma mudança na condição de um nome, seu paciente. Como ação, expressa o que alguém, seu agente, faz".

(3) Pedro destruiu o computador.

Na oração (3), há um agente que pratica a ação expressa pelo verbo destruir, há um acontecimento, o computador destruiu, e, por último, há um paciente que sofre uma transformação, o computador estava inteiro, mas não está mais.

Verbos de estado: a divisão sintático-semântica dos verbos de estado não

obedece à mesma ordem estabelecida na gramática tradicional. Em primeiro lugar, a gramática tradicional chama de verbos de estado somente a uma pequena parte dos verbos estativos. Os verbos de estado também são designados pela gramática tradicional como verbos de ligação. Em segundo lugar, muitos verbos que a gramática tradicional classifica como verbos de ação pertencem ao grupo semântico dos verbos de estado, pois não apresentam uma ação, mas sim um estado permanente. É o caso de gostar, a gramática tradicional o classifica como verbo de ação, mas não existe um agente que pratique uma ação, e sim um experienciador que experimenta uma sensação psicológica de gostar de algo. Assim sendo, a semântica classifica esse verbo como um verbo de estado, pois não há nem ação, nem agente envolvido na predicação.

Dessa forma, a semântica inclui na classe dos verbos de estado não só os tradicionais verbos de ligação, mas também, muitos dos verbos tradicionalmente classificados pela sintaxe como verbos de ação.

Segundo Borba (1996, p. 60), "os verbos de estado expressam uma propriedade (estado, condição, situação) localizada no sujeito, que é, pois, mero suporte dessas propriedades ou, então, seu experimentador ou beneficiário". Para Vilela (2001, p. 67), "os **verbos de estado** são os verbos com que se configura verbalmente a duração de um ser, a permanência de um estado, sem que, com isso, se implique a completa imutabilidade (...)". Portanto, verbos como viver, ser, estar, continuar, ter, gostar farão parte da classe dos verbos de estado.

8.5. EXERCÍCIOS

01. **(NCE / INPI)**

"As aeromoças ainda teriam tentado prendê-lo num compartimento na traseira, mas estava bloqueado". O emprego da forma verbal teriam tentado indica que a ação:

a) é uma possibilidade e não uma certeza;

b) ocorreu após largo espaço de tempo;

c) vai ocorrer num futuro próximo;

d) vai ocorrer num futuro distante;

e) ocorreu várias vezes no passado.

Gabarito: A

Reparemos que o verbo empregado está no FUTURO DO PRETÉRITO (teriam). Tal tempo e modo transmitem uma ideia de dúvida, hipótese. E o próprio contexto deixa isso bem claro, afinal "teriam tentado prendê-lo" significa que ainda não houve a prisão. A opção A representa toda a situação da forma verbal no contexto.

02. **(NCE / INPI)**

"... desses mesmos sentimentos que têm levado o Brasil à beira do abismo..." A forma verbal têm levado indica uma ação:

a) que já terminou;

b) anterior a outra ação passada;

c) habitual no passado;

d) iniciada no passado que continua no presente;

e) iniciada no presente que continua no futuro.

Gabarito: D

A forma verbal **têm levado** indica que a ação teve início no passado e se estende até o presente. Tal forma verbal não pode ser interpretada, no contexto, como algo que simplesmente começou e acabou, não existindo mais.

03. **(NCE / Engepron)**

"Os aperfeiçoamentos do aparelho, com o tempo viriam, certamente, como depois vieram..." O emprego do futuro do pretérito, no caso, se justifica porque se trata de:

a) uma ação provável;

b) uma ação futura em relação ao tempo passado;

c) uma ação completamente passada;

d) um fato hipotético;

e) um fato que é fruto da imaginação humana.

Gabarito: B

O tempo verbal está no futuro do pretérito que indica uma consequência futura de um fato passado; logo, aquela assertiva que reforça tal semântica é exatamente a opção B.

04. **(Fundec / Proderj)**

Na correlação entre os dois verbos sublinhados no trecho "Do décimo andar à rua, <u>seria</u> a vertigem, se <u>chegássemos</u> muito à janela...", o enunciador manifesta uma atitude de:

a) certeza, pois sabe que o fato não pode acontecer;
b) subjetividade, pois não sabe se o fato tem possibilidade de acontecer;
c) dúvida quanto à possibilidade de um fato acontecer, pois não há hipótese de o outro também acontecer;
d) certeza quanto à possibilidade de um fato acontecer, na condição de também o outro acontecer;
e) descrença sobre a realização do fato, pois está condicionado à realização de outro fato.

Gabarito: D

Pelo contexto, percebemos que só haveria vertigem, se houvesse aproximação da janela. Então, há certeza quanto à vertigem, porém, para que ela se concretizasse, dependíamos da realização de outro evento: aproximar-se da janela. Dessa forma, a melhor opção é exatamente a letra D.

05. **(NCE / PC)**

A CIÊNCIA

A ciência permanecerá sempre a satisfação do desejo mais alto da nossa natureza, a curiosidade; ela fornecerá sempre ao homem o único meio que ele possui para melhorar a própria sorte (Renan).

O emprego do futuro do presente do indicativo no segmento significa:

a) certeza dos fatos futuros;
b) possibilidade de fatos futuros;
c) incerteza dos fatos futuros;
d) dúvida sobre os fatos futuros;
e) desejo do autor sobre os fatos futuros.

Gabarito: A

O futuro do presente é considerado factual e, além disso, o próprio texto dá a entender, com o emprego do advérbio sempre, que a ação já acontece e que irá continuar certamente.

06. **(NCE / CNEN)**

Um programa de educação infantil encontra a sua essência na proposta da vida regida pela castidade". O uso do presente do indicativo neste segmento do texto se justifica porque:

a) enuncia um fato atual;

b) indica estados permanentes;
c) expressa uma ação habitual;
d) dá vivacidade a fatos ocorridos;
e) marca um fato futuro, mas próximo.

Gabarito: B

O programa de educação infantil nunca deixará de encontrar sua essência na proposta de vida regida pela castidade, ou seja, é algo permanente. A forma verbal ENCONTRA, apesar de estar no presente, representa uma ação que não se acaba, independentemente do momento em que tal tempo verbal esteja sendo empregado. Esse tipo de presente recebe o nome de presente permanente.

07. **(NCE)**

Qual o valor do futuro do pretérito na frase seguinte: "Quando chegamos ao colégio em 1916, a cidade teria apenas uns cinquenta mil habitantes"?

a) Fato futuro, anterior a outro fato futuro.
b) Fato futuro, relacionado com o passado.
c) Suposição, relativamente a um momento futuro.
d) Suposição, relativamente a um momento passado.
e) Configuração de um fato já passado.

Gabarito: D

O tempo verbal está no futuro do pretérito que indica uma consequência futura de um fato passado; logo, aquela assertiva que reforça tal semântica é exatamente a opção D.

08. **(MP)**

Considerando que a ação de agredir o jogador brasileiro Antonio Carlos ocorreu antes de o Lazio perder o mando do campo, ação também passada, o verbo "agredir" deveria estar no:

a) mais-que-perfeito do indicativo;
b) imperfeito do indicativo;
c) futuro do pretérito;
d) imperfeito do subjuntivo;
e) presente do subjuntivo.

Gabarito: A

Representa o passado do passado, ou seja, uma ação passada anterior a outra também passada; logo, estamos tratando do pretérito mais-que-perfeito

09. **(MP)**

RACISMO

O Globo, 13/7/2001

A imprensa brasileira vem noticiando uma proposta milionária do Lazio da Itália, que pretende adquirir o passe do zagueiro Juan por 10 milhões de dólares. Este é o time cuja torcida já agrediu o jogador brasileiro Antonio Carlos, do Roma, e perdeu o mando de campo por incitamento racista em pleno estádio.

Aqui fica uma sugestão a este jovem negro, atleta brasileiro de 22 anos, com um brilhante futuro profissional: recuse o convite e não troque o Brasil pela Itália, pois moedas não resgatam a dignidade. Diga não aos xenófobos e racistas.

"A imprensa brasileira vem noticiando..." Com a utilização do tempo verbal destacado, o autor do texto quer referir-se a uma ação que:

a) acaba de terminar;

b) acaba de começar;

c) se iniciou antes de outra ação passada;

d) se iniciou há pouco tempo e permanece no presente;

e) se repete no passado e no presente.

Gabarito: D

A forma verbal **vem noticiando** indica que a ação se iniciou no passado recente (pode-se inferir que foi há pouco tempo visto que se trata de notícia de jornal) e se estende até o presente. Tal forma verbal não pode ser interpretada, no contexto, como algo que simplesmente começou e acabou, não existindo mais. Não podemos pensar também em passado do passado, pois isso está para o pretérito mais-que-perfeito. Talvez, alguns tenham ficado na dúvida em relação à opção E, mas tal opção não pode ser a resposta pelo fato de não passar a ideia de habitualidade que a forma verbal **vem noticiando** transmite, ou seja, a letra E dá a entender que ação aconteceu no passado e parou de acontecer, depois a mesma ação volta a acontecer no futuro, eliminado a frequência, a habitualidade, como se fossem dois pontos isolados na linha do tempo. Um no passado e outro no futuro, não existindo nada mais nesse ínterim.

Capítulo 9

Figuras de Linguagem

9.1. FIGURAS DE SOM OU HARMONIA

Aliteração – Indica a repetição de fonemas (consoantes) idênticos ou semelhantes no início de palavras de uma frase ou de versos de uma poesia.

Ex.: "O rato roeu a roupa do rei de Roma."

Onomatopeia – Figura que procura representar graficamente sons.

Ex.: Zum-zum, trim, atchhhim…

Paronomásia – Figura que representa palavras com sons parecidos, mas com significados diferentes.

Ex.: "berro pelo aterro pelo desterro" (Caetano Veloso)

9.2. FIGURAS DE CONSTRUÇÃO OU SINTAXE

Anacoluto – Consiste no aparecimento de um termo no início de um período que não terá ligação sintática com o restante dos termos posteriores.

Exemplos:

"Eles, o seu único desejo é exterminar-nos." (Garret)

"O Presidente, estes cidadãos não quiseram ouvir-nos."

Anáfora – Consiste na repetição de uma ou mais palavras no início de diferentes versos ou frases.

Exemplos:

"Depois eu dou. Depois eu deixo. Depois eu levo. Depois eu conto." (F. Sabino)

Não sei, não vi, não quero saber.

Alguém falou, alguém gritou, alguém brigou.

Anástrofe ou inversão – Consiste na inversão da ordem direta da frase.

Exemplos:

Ao Flu o Fla vencerá. (a ordem natural seria O Fla vencerá o Flu.)

Sabe mortos enterrar? (João Cabral de Melo Neto) (Sabe enterrar mortos?)

Obs.: É um tipo de inversão mais brando que o HIPÉRBATO.

Assíndeto – Consiste na construção de sequência de orações coordenadas aditivas; não apresentando, contudo, conjunção.

Exemplos:

"Vim, vi, venci." (Julio César)

As mulheres hoje estudam, trabalham, disputam funções com os homens, cuidam da casa, não descansam.

Elipse – Consiste na omissão de um termo facilmente subentendido.

Exemplos:

"Ao redor, bons pastos, boa gente, terra boa para arroz." (Guimarães Rosa) – (Há) bons pastos…

"Uma de suas funções, como membro da presidência da Câmara, era a de zelar pelos móveis e demais pertences." (Fernando Sabino) -… era a (função) de zelar…

Hipálage – Consiste em atribuir a um ser ou coisa uma qualidade ou ação que logicamente pertence a outro ser que também está expresso na mesma frase.

Exemplos:

"O vôo negro dos urubus fazia… (G. Ramos) (Negro, na verdade, é qualificativo para "urubus").

O movimento pesado dos elefantes… (o movimento não é pesado, e sim os elefantes.)

Hipérbato – Indica inversão de termos dentro de orações ou versos. Esta inversão é mais significativa do que na anástrofe.

Exemplos:

"Ouviram do Ipiranga as margens plácidas

de um povo heróico o brado retumbante…"

– As margens plácidas do Ipiranga ouviram o brado retumbante de um povo heróico.

"É esta de teu querido pai a mesma barba, a mesma boca e testa." (Tomás Antônio Gonzaga)

– É esta a mesma barba, a mesma boca e testa de teu querido pai.

Pleonasmo ou Redundancia – Emprego de palavras ou expressões de significado equivalente, com a finalidade de reforçar uma ideia.

Exemplos:

Vi com meus próprios olhos a terrível cena.

Perdoe-me pelo amor divino de Deus.

Polissíndeto – Consiste na repetição intencional de conjunções, ligando palavras ou orações de período.

Exemplos:

João corre e nada e joga futebol e pedala e nunca descansa.

Ele não veio nem virá nem telefonará nem se explicará.

Prolepse ou Antecipação – Consiste na antecipação de um termo com escopo de destacá-lo.

Exemplos:

Os alunos parece que não se preocupam com as provas. – A ordem natural seria: Parece que os alunos não se preocupam com as provas.

"O próprio ministro dizem que não gostou do ato." (Machado de Assis) – A ordem natural seria: Dizem que o próprio ministro não gostou do ato.

Repetição ou reduplicação – Consiste na repetição proposital de palavras ou expressões, tanto na poesia quanto na prosa.

Exemplos:

"É pau…É pedra…É o fim do caminho…É um pedaço de toco…" (Tom Jobim)

"Cantei, Cantei, Cantei,

Como é cruel cantar assim…" (Chico Buarque)

Silepse – Também conhecida como concordância ideológica, esta figura ocorre quando a concordância se faz não com a palavra expressa na frase, mas com a ideia que esta palavra sugere.

de gênero

Exemplos:

Vossa Majestade é muito bondoso.

Sua Santidade estava abatido.

de número

Exemplos:

Coisa curiosa é aquela gente. Divertem-se com tão pouco.

A banda Flor chegou ao sucesso depois de cinco anos. Já gravaram oito discos.

de pessoa

Exemplo:

Os brasileiros somos muito desconfiados.

Sínquise – Consiste numa tão significativa inversão de termos, que dificulta a compreensão do efetivo sentido.

"Do tamarindo a flor jaz entreaberta,

Já solta o bogari mais doce aroma,

Também meu coração, como estas flores,

Melhor perfume ao pé da noite exala!"

Camões

Zeugma – É a omissão de uma palavra já expressa anteriormente na oração. Trata-se de um caso especial de elipse.

Exemplos:

"A igreja era grande e pobre. Os altares, humildes." (Carlos Drummond de Andrade) – Os altares (eram) humildes.

Eu fiz os salgados, Maria, os doces. -…Maria (fez) os doces.

9.3. FIGURAS DE PENSAMENTO

Antítese – Consiste na colocação, lado a lado, de termos opostos, mas que não causam ideias sem nexo.

Exemplos:

"Cabelos longos, ideias curtas."

Uma exposição clara para uma ideia tão complicada.

Eufemismo – Indica a atenuação ou suavização de ideias consideradas desagradáveis, cruéis ou ofensivas.

Exemplos:

Ele entregou a alma a Deus. (Em vez de: Ele morreu.)

Ela sofre de doença ruim. (Em vez de: câncer)

Hipérbole – Consiste no exagero proposital das coisas.

Exemplos:

Ele morreu de medo quando me viu.

Nós chegamos aqui há um século.

Ironia – Consiste em expressar o contrário do que se pensa, mas dando a entender o real pensamento. Normalmente, a ironia adquire traços humorísticos.

Exemplos:

Aqueles amorosos bandidos mataram a família inteira.

Os confiáveis deputados precisam receber o "mensalão", pois seus salários são muitos baixos.

Paradoxo ou oxímoro – Trata-se de uma figura que relaciona duas palavras antônimas dando conceitos contraditórios e normalmente inconciliáveis. "Aparentemente" a frase fica sem sentido.

Exemplos:

Amor é fogo que arde e não se vê
É ferida que dói e não se sente
É um contentamento descontente
É dor que desatina sem doer.

Camões

Prosopopeia, Personificação ou Animismo

Consiste em atribuir vida ou qualidades humanas a seres inanimados, irracionais, mortes ou abstratos.

Exemplos:

"As rosas não falam…" (Cartola)

Uma talhada de melancia com seus alegres caroços. (C. Lispector)

Quiasmo – Trata-se de uma espécie de antítese. Consiste no cruzamento de grupos sintáticos paralelos (dois ou quatro vocábulos), de forma que o grupo de vocábulos do primeiro se repete no segundo em ordem inversa (AB x BA).

Exemplo:

- Melhor é merecê-los [a] sem os ter
- Que possuí-los sem os merecer. [a] (Os Lusíadas, c IX, 93)

9.4. FIGURAS DE PALAVRAS

Alegoria – Consiste no acúmulo de metáforas, referindo-se ao mesmo objeto, evocando e intensificando o seu sentido.

Exemplo:

"A vida é uma ópera, é uma grande ópera. O tenor e o barítono lutam pelo soprano, em presença do baixo e dos comprimários, quando não são o soprano e o contralto que lutam pelo tenor, em presença do mesmo baixo e dos mesmos comprimários. Há coros numerosos, muitos bailados, e a orquestra é excelente…" (Machado de Assis)

Antonomásia – Indica a substituição de nome próprio por nome comum ou por expressão ligada ao termo substituído.

Exemplos:

Rei do Futebol (em lugar de Pelé)

Cidade Maravilhosa (em vez de Rio de Janeiro)

Catacrese – É uma figura que consiste no uso impróprio de vocábulo por falta de outro mais específico para a designação de um ser ou de uma ação.

Exemplos:

O pé do vaso está quebrado. (Pé – parte que serve para sustentar o corpo humano).

Embarcou naquele avião gigantesco. (Embarcar significa entrar num navio).

Comparação ou símile – Como o próprio nome indica, formaliza-se uma ideia de comparação. Contudo, é fundamental ressaltar que há a necessidade de um conectivo explicitando a comparação.

Exemplos:

"Beijou sua mulher como se fosse a única." (Chico Buarque)

Ele agiu feito os santos.

Metáfora – Atribuição a uma pessoa ou coisa uma qualidade que não lhe cabe logicamente. Essa transferência de significado de um termo para outro baseia-se na semelhança de características que o emissor da mensagem encontra entre os dois termos comparados. É uma comparação de ordem subjetiva, sem o conectivo que indica esta comparação.

Exemplos:

Maria é uma flor.

Vê-se que Carlos é uma fera enjaulada.

Metonímia – É a substituição de sentido de um termo por outro que com ele apresenta relação lógica e constante.

a) autor – obra

Ex.: Ele nunca leu Machado de Assis. (Os livros de Machado de Assis)

b) conteúdo – continente

Ex.: Comi dois pratos. (Não se comem os pratos. Come-se o conteúdo dos pratos.)

inventor – invento

Ex.: Graham Bell permitiu que a humanidade se comunicasse melhor. (Na realidade, "o invento de Graham Bell, o telefone)

símbolo – coisa simbolizada

Ex.: Nunca abandones a cruz. (cruz – símbolo da religião)

instrumento – pessoa que o utiliza

Ex.: Ele é um grande raquete. (Ele é um grande jogador de tênis).

Obs.: Existe um tipo especial de metonímia chamado sinédoque, que se baseia em outras relações.

parte – todo

Ex.: Os seus olhos espertos indicavam a porta de entrada.

matéria – objeto

Ex.: O cristal tinia sobre a mesa de jantar.

marca do produto substitui o produto.

Ex.: O Ford quase nos atropelou.

Sinestesia – Consiste na fusão de sensações percebidas por diferentes órgãos do sentido.

Exemplos:

Comia o sabor (gosto) vermelho (visão) da fruta.

Claro (visão) perfume (olfato) vagava pelo ar.

9.5. EXERCÍCIOS

01. **(FGV / TRE-PA / Técnico Judiciário)**

O Fundo Partidário será, em 2011, de R$ 301 milhões. Isso porque foi aprovado a nove dias do fim do ano o reforço de R$100 milhões. Desse valor, R$ 265 milhões são oriundos do Orçamento da União e R$ 36 milhões referentes à arrecadação de multas previstas na legislação

eleitoral. Mas, afinal, qual a razão para se aumentar de forma tão extraordinária a dotação dos partidos? Muito simples: a necessidade de eles pagarem as dívidas de campanha.

A respeito do trecho acima, analise as afirmativas a seguir:

I. **No segundo período, o pronome Isso tem valor anafórico.**

II. **No terceiro período, há um caso de zeugma.**

III. **No último período, os dois-pontos introduzem uma enumeração.**

Assinale:

a) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;

b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;

c) se nenhuma afirmativa estiver correta;

d) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;

e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

Gabarito: D

I. O pronome ISSO realmente possui valor anafórico, referindo-se a toda a ideia exposta no período anterior.

II. O comentário é correto, visto que a forma verbal "são" está implícita antes do vocábulo "referentes".

III. Errado. O emprego de dois-pontos aí se justifica para explicitar qual a razão para se aumentar de forma tão extraordinária a dotação dos partidos.

Somente os comentários I e II estão corretos.

02. **(FGV / TRE-PA / Técnico Judiciário)**

Leia o texto a seguir para responder à questão 2

Infelizmente, ainda hoje assistimos no Brasil a fenômenos que há muito deveriam ter sido excluídos da vida política nacional, como a compra de votos e a atitude de diversos candidatos, durante as campanhas eleitorais, de "doar" cestas básicas e toda a sorte de brindes em troca da promessa de voto dos eleitores.

No último parágrafo, as aspas em doar confirmam, para o vocábulo, seu aspecto de:

a) polifonia;

b) coloquialismo;

c) antonímia;

d) metáfora;

e) ironia.

Gabarito: E

O autor está empregando um escárnio, um deboche em relação ao sentido do verbo DOAR. Na realidade, não se trata de doação, mas sim de um câmbio: a troca de votos por cestas básicas. Sendo assim, fica clara a intenção do autor de ironizar o sentido do vocábulo.

03. **(PUC-SP)**

"O pavão é um arco-íris de plumas."

e

"... de tudo que ele suscita e esplende e estremece e delira..."

enquanto procedimento estilístico, temos respectivamente:

a) metáfora e polissíndeto;

b) comparação e repetição;

c) metonímia e aliteração;

d) hipérbole e anacoluto;

e) anáfora e metáfora.

Gabarito: A

O pavão está sendo comparado com o arco-íris de plumas. Mas é de bom alvitre destacar que tal comparação não está sendo realizada com conector comparativo. Pois, se houvesse, não seria metáfora e, sim, comparação. Já, na segunda construção, observa-se a presença repetida do conector E, daí o polissíndeto.

04. **(UM-SP)**

Aponte a figura: "Naquela terrível luta, muitos adormeceram para sempre.".

a) antítese;

b) eufemismo;

c) anacoluto;

d) prosopopeia;

e) pleonasmo.

Gabarito: B

O emprego da expressão "muitos adormeceram para sempre" tem por objetivo substituir MORRERAM. É uma forma mais branda de exprimir a informação.

05. **(FMU-SP)**

Em "Dizem que os cariocas somos pouco dados aos jardins públicos.", há:

a) pleonasmo;
b) hipérbato de pessoa;
c) silepse de gênero;
d) silepse de pessoa;
e) silepse de número.

Gabarito: D

O sujeito é o termo "os cariocas" – terceira pessoa do plural – e a forma verbal "somos" encontra-se flexionada na primeira pessoa do plural. Tal concordância ideológica se justifica pelo fato de o autor inserir-se entre os cariocas.

06. **Qual é a figura de linguagem presente no seguinte fragmento "Uma pessoa de cabeça desarrumada é assim: defende a pena de morte e o ensino gratuito nas universidades públicas. É a favor do aborto e se diz católico. Votou Lula em 2002 e José Serra em 2004. È contra as cotas nas universidades e milita numa Ong de defesa da Mata Atlântica."?**

a) antítese;
b) metáfora;
c) paradoxo;
d) metonímia;
e) hipérbole.

Gabarito: C

As atitudes dessa pessoa de cabeça desarrumada revelam o antagonismo, a contradição. Por exemplo: a pessoa se dizer católica e ser favorável ao aborto. Lembrando que o catolicismo não admite o aborto. Esse antagonismo é denominado de paradoxo ou oxímoro.

07. **(NCE / TRE)**

"Que paz? Não foram esses mesmos adoráveis senhores que decapitaram ou mandaram decapitar seus próprios companheiros de comunidade durante as recentes rebeliões?" – "Não foram esses mesmos adoráveis senhores..."; neste segmento ocorre um exemplo de uma figura denominada:

a) metáfora;
b) metonímia;
c) ironia;
d) eufemismo;
e) hipérbole.

Gabarito: C

Uma das características da ironia é a intenção de se passar uma informação dizendo-se justamente o oposto. É o que ocorre aí. O autor não considera tais senhores "adoráveis", muito pelo contrário, o que se evidencia pela ação atribuída a eles: "decapitaram ou mandaram decapitar seus próprios companheiros de comunidade durante as recentes rebeliões".

08. **(NCE / INPI)**

Embarcar, na sua origem, era empregado com referência a barco, mas no texto aparece com referência a avião; o item abaixo em que a palavra sublinhada também mostra desvio do sentido original é:

a) O avião vai <u>decolar</u> com o porco a bordo;
b) O porco chegou a <u>enterrar</u> as patas na comida;
c) Os passageiros <u>"humanos"</u> estranharam o fato;
d) A <u>poltrona</u> ficou estragada por causa do peso do porco;
e) A investigação do <u>incidente</u> vai demorar.

Gabarito: B

Caracteriza-se a Catacrese na alternativa B, porquanto ENTERRAR é uma ação que deveria relacionar-se com TERRA. Mas, em face de não haver vocábulo apropriado para a situação, emprega-se a mais conveniente, ou a mais próxima sob o aspecto semântico.

09. **(NCE / IBGE)**

Em "Vossa Senhoria parece preocupado com o furto da máquina de escrever" há uma figura conhecida por:

a) metáfora;
b) silepse de gênero;
c) silepse de número;
d) silepse de pessoa;
e) catacrese.

Gabarito: B

Os pronomes de tratamento Vossa Majestade, Vossa Excelência, Vossa Senhoria etc. possuem forma gramatical feminina. Como a pessoa em voga é do sexo masculino, faz-se a concordância não por aspecto gramatical, mas, sim, ideológico. Trata-se, por conseguinte, de silepse de gênero.

10. **(NCE / CFC)**

A expressão surgiu em Minas Gerais, nos tempos do Brasil colonial e designa o sujeito sonso, fingido. Naquela época, auge da mineração, eram elevadíssimos os impostos cobrados pelo rei de Portugal, nosso avozinho, tão bonzinho...

"nosso avozinho, tão bonzinho"; no contexto em que aparecem, esses segmentos são exemplo de:

a) metáfora;
b) ironia;
c) hipérbole;
d) eufemismo;
e) comparação.

Gabarito: B

Novamente ocorre aí uma ironia. O autor do texto obviamente não considera o rei de Portugal um "avozinho bonzinho", visto que a cobrança de impostos era elevadíssima.

11. **(NCE / TJ)**

"Como pode ver na entrevista, ganhar dinheiro no Brasil é sopa.". Nesta frase aparece uma figura sintática e uma figura de palavra. Assinale a alternativa que identifique essas figuras:

a) hipérbato e metáfora;
b) silepse e metonímia;
c) elipse e metonímia;
d) elipse e metáfora;
e) anacoluto e catacrese.

Gabarito: D

Na primeira oração, observa-se a ocorrência de um sujeito elíptico, por exemplo, VOCÊ. Como (você) pode ver na entrevista. Já na segunda estrutura, o emprego do

verbo SER sugere a seguinte comparação: Ganhar no Brasil é fácil como ganhar sopa. Como não há conector comparativo, caracteriza-se a metáfora.

12. **(Cesgranrio / SEPLAG)**

Entre os recursos conotativos utilizados no Texto I, destaca-se a metáfora, cuja definição apresenta-se a seguir.

"A metáfora consiste no emprego de palavras ou expressões convencionalmente identificadas com dado domínio de conhecimento para verbalizar experiências conceptuais de outro domínio."

AZEREDO, José Carlos de. Gramática Houaiss da Língua Portuguesa. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.

Um exemplo de metáfora, no Texto I, é:

a) "Tem pai que está sempre em casa, e outros, nunca."

b) "Tem pai (...) que não sabe o que fazer com suas horas de folga."

c) "Tem pai que é uma geleia, e uns que a gente nunca viu chorar na vida."

d) "Pai que nos sustenta e pai que é sustentado por nós."

e) "Que mora longe, que mora em outra casa, pai que tem outra família,".

Gabarito: C

É sempre bom lembrar que a metáfora consiste em uma comparação de ordem subjetiva, sem o conectivo que indica esta comparação. Tal situação se expõe na opção C, uma vez que o sentido da primeira estrutura é: Tem pai que é mole como geleia. Todavia, como na oração não veio redigida a conjunção comparativa, fica caracterizada a metáfora.

13. **(Cesgranrio / Eletrobrás)**

A realidade é constituída por contrastes e também por semelhanças. A metáfora é uma das formas de estabelecimento de semelhanças por comparações. Qual das sentenças do Texto I, indicadas a seguir, apresenta uma metáfora?

a) "sabe-se lá por que arcaico crime por eles cometido."

b) "O insone é um imortal de olheiras."

c) "O momento mais temido pelo insone, (...) é a hora de ficar a sós..."

d) "Escolhia um filme desinteressante..."

e) "um murmúrio indiscernível,"

Gabarito: B

O emprego do verbo SER (é) e a ideia de comparação – estando ausente o conector – caracterizam a metáfora.

14. **(Cesgranrio / Eletrobrás)**

Elipse é a omissão de um termo que o contexto ou a situação permitem facilmente suprir. Observem-se os trechos abaixo do Texto II.

I – "Parece que a medicina anda preocupada com a falta ou o excesso dele."

II – "Durmo na hora que quero, durante o tempo que preciso e à s vezes até no lugar indevido."

III – "É que um estudo acaba de revelar que dormir ou cochilar depois do almoço faz bem à saúde, principalmente a mental."

Acerca desses trechos, é correto afirmar que há elipse em:

a) I, apenas;

b) II, apenas;

c) III, apenas;

d) I e II, apenas;

e) I, II e III.

Gabarito: E

Na primeira frase, fica subentendida a expressão "anda preocupada com" – Parece que a medicina anda preocupada com a falta ou anda preocupada com o excesso dele.

Na segunda frase, a forma verbal DURMO está implícita antes da segunda e da terceira oração – Durmo na hora que quero, DURMO durante o tempo que preciso e à s vezes DURMO até no lugar indevido.

Na terceira frase, a conjunção integrante QUE está elíptica antes de "cochilar". É que um estudo acaba de revelar que dormir ou QUE cochilar depois do almoço faz bem à saúde, principalmente a mental.

15. **(Funrio / JUCERJA)**

A propósito do emprego da linguagem figurada presente no poema de Vinícius de Moraes, é correto afirmar que, nos versos "Sendo a sua liberdade / Era a sua escravidão", há:

a) antítese;

b) comparação;

c) eufemismo;

d) metáfora;
e) metonímia.

Gabarito: A

Em face de os versos representarem uma contradição de pensamentos, a melhor resposta seria PARADOXO ou OXÍMORO. Não havendo tais alternativas, a melhor resposta é ANTÍTESE, tendo em vista o emprego de vocábulos com sentidos opostos.

16. **(Funrio / CB-RJ / Médico)**

Um outro velhinho querido, 92 anos, cego, surdo, todos os esfíncteres sem controle, numa cama -de repente um acontecimento feliz! O coração parou. Ah, com certeza fora o seu anjo da guarda, que assim punha um fim à sua miséria! Mas o médico, movido pelos automatismos costumeiros, apressou-se a cumprir seu dever: debruçou-se sobre o velhinho e o fez respirar de novo. Sofreu inutilmente por mais dois dias antes de tocar de novo o acorde final.

"Sofreu inutilmente por mais dois dias antes de tocar de novo o acorde final.", no fragmento ocorre uma:

a) personificação;
b) eufemismo;
c) onomatopeia;
d) comparação;
e) metonímia.

Gabarito: B

A expressão "antes de tocar de novo o acorde final" significa MORRER. É uma forma mais branda de exprimir a informação.

17. **(CEPUERJ / UERJ / Assistente Administrativo)**

"O corpo <u>era um monte de rugas sorridentes</u>". A estrutura predicativa, do ponto de vista das figuras de linguagem, funciona como:

a) hipálage;
b) quiasmo;
c) catacrese;
d) eufemismo.

Gabarito: C

O emprego de SORRIDENTES é exclusivo para sorriso, boca, dentes. Como o autor não encontrou palavra mais adequada que pudesse expressar o pensamento que lhe vinha à mente, empregou-a.

18. **(CEPUERJ / UERJ / Assistente Administrativo)**

"Eliminara certas despesas inúteis, lavanderia, pensão.". O recurso de coesão empregado para garantir a concisão textual no fragmento acima é a:

a) elipse;
b) paráfrase;
c) reiteração;
d) substituição.

Gabarito: A

Percebe-se claramente a presença subentendida da palavra COMO. "Eliminara certas despesas inúteis, COMO lavanderia, pensão.".

19. **(CETAP / PR /Assembleia Legislativa / Analista de Sistemas)**

A figura de linguagem presente em "Durante séculos, a Inglaterra dominou os mares..." é:

a) metáfora;
b) silepse;
c) antítese;
d) metonímia;
e) ironia.

Gabarito: D

A metonímia se configura, visto que a Inglaterra não tinha domínio dos mares, mas sim das vias marítimas. Substituiu-se a parte pelo todo.

20. **(VUNESP / MPE-SP / Analista de Promotoria)**

Observe as frases, títulos de matérias da revista, e analise as afirmações.

Por que o Brasil toma tanto Rivotril

Cores que enganam seu cérebro

(Super interessante, julho de 2010)

I. **Na primeira frase, a figura de linguagem presente é a metonímia, já**

que o termo Brasil está empregado no lugar de brasileiros.

II. **Na segunda frase, a figura de linguagem presente é a hipérbole, já que o verbo enganar representa uma ação exagerada.**

III. **Na primeira frase, sem alteração da ordem dos termos, também estaria correto o uso da forma Por quê.**

Está correto o que se afirma em:

a) I, apenas;

b) III, apenas;

c) I e II, apenas;

d) II e III, apenas;

e) I, II e III.

Gabarito: A

O item I apresenta comentário adequado, porquanto não é o Brasil que toma Rivotril, mas, sim, os brasileiros.

O item II não apresenta comentário adequado, uma vez que o vocábulo ENGANAR não expressa qualquer valor de amplificação, exagero.

O item III não apresenta comentário correto, pois o emprego de POR QUÊ somente é cabível no fim de orações.

Capítulo 10

Funções da Linguagem

No ato de comunicação percebemos a existência de alguns elementos, são eles:

a) **emissor:** é aquele que envia a mensagem (pode ser uma única pessoa ou um grupo de pessoas).
b) **receptor:** é aquele a quem a mensagem é endereçada (um indivíduo ou um grupo), também conhecido como destinatário.
c) **canal de comunicação:** é o meio pelo qual a mensagem é transmitida.
d) **código:** é o conjunto de signos e de regras de combinação desses signos utilizado para elaborar a mensagem – o emissor codifica aquilo que o receptor irá descodificar.
e) **contexto:** é o objeto ou a situação a que a mensagem se refere.

Partindo desses seis elementos Roman Jakobson, linguista russo, elaborou estudos acerca das funções da linguagem, os quais são muito úteis para a análise e produção de textos. As seis funções são:

10.1. FUNÇÃO REFERENCIAL OU DENOTATIVA

Também chamada de denotativa ou informativa, ocorre quando a mensagem é centrada no referente, no assunto, sendo o principal objetivo passar uma informação objetiva e impessoal no texto. Valoriza-se o objeto ou a situação de que se trata a mensagem sem manifestações pessoais ou persuasivas. Como geralmente se fazem presentes em textos científicos ou jornalísticos, a pessoa mais comum é a terceira do singular.

Ex.: Cálculos do economista Renato Fragelli, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), estimam que o setor público brasileiro ficou com dois terços (66,8%) de todo o aumento de produção de 1991 para cá e o setor privado com apenas 33,2%.”.

10.2. FUNÇÃO EXPRESSIVA

Também chamada de emotiva, passa para o texto marcas de atitudes pessoais como emoções, opiniões, avaliações. Na função expressiva, o emissor ou destinador é o produtor da mensagem. O produtor mostra que está presente no texto mostrando aos olhos de todos seus pensamentos.

Ex.: "Eu odeio beber cerveja quente!".

10.3. FUNÇÃO CONATIVA OU APELATIVA

É quando a mensagem do texto busca seduzir, envolver o leitor levando-o a adotar um determinado comportamento. Na função conativa a presença do receptor está marcada sempre por pronomes de tratamento ou da segunda pessoa e pelo uso do imperativo e do vocativo.

Ex.: "Maria, vamos à praia!".

10.4. FUNÇÃO FÁTICA

É o canal por onde a mensagem caminha de quem a escreve para quem a recebe. Também designa algumas formas que se usa para chamar atenção.

Ex.: Psiu, aonde você vai?

10.5. FUNÇÃO METALINGUÍSTICA

Ocorre quando a linguagem fala de si própria. Predominam em análises literárias, explicações morfossintáticas, interpretações e críticas diversas.

Ex.: O que significa abáculo?

10.6. FUNÇÃO POÉTICA

É usada para despertar a surpresa e prazer estético. É elaborada de forma imprevista e inovadora.

Ex.:

"Não se perde um segundo

Segundo eu, a vida vem em primeiro

O tempo em segundo

E como só tem um mundo

É bom ir fundo
Senão você não chega nem em terceiro.”

Marthal

Capítulo 11

Vozes do Discurso

Nos textos narrativos, existe, obviamente, um narrador, responsável por contar a estória. É possível esse locutor ou narrador inserir outras vozes.

Com objetivo de inserir essas outras vozes no texto, a voz principal ou privilegiada, o narrador utiliza o discurso, que vem a ser a forma como as falas são introduzidas na narrativa.

O discurso pode ser classificado em: direto, indireto e indireto livre**.**

11.1. DISCURSO DIRETO

Reprodução fiel e literal de uma fala.

Ex.: Pedro me perguntou: – João, você irá à praia?

Ex.: Carlos foi enfático: Luiz, não adianta insistir, porque não sairei hoje.

Ex.: Renato concedeu um depoimento sobre violência que nos chocou: "Hoje em dia, eu evito sair depois de uma determinada hora.".

11.2. DISCURSO INDIRETO

O narrador, apesar de ser fiel à s ideias do que foi dito por outra pessoa, adapta as palavras desse outro. Em outras palavras, o narrador utiliza suas próprias palavras para reproduzir a fala de um personagem.

Ex.: João perguntou se eu sairia hoje.

Ex.: Na época, Pedro esclareceu que a situação estava ainda distante de um desfecho.

Ex.: Roberto questionou o preço das mesas.

Se essas frases estivessem em discurso direto, ficariam assim:

João perguntou: – Você sairá hoje?

Na época, Pedro esclareceu: – A situação ainda está distante de um desfecho.

Roberto questionou: – quanto custam essas mesas?

11.3. DISCURSO INDIRETO LIVRE

11.3. DISCURSO INDIRETO LIVRE

Consiste na mescla dos discursos. Simultaneamente à fala do narrador, também se faz presente a fala do personagem. O discurso indireto livre mantém a expressividade do discurso direto, contudo, simultaneamente, conserva as transposições de pronomes, verbos e advérbios típicos do discurso indireto. É de bom alvitre realçar que se caracteriza pelo fato de não poder ocorrer qualquer verbo de elocução (também chamado verbo dicendi): disse, informou, avisou, perguntou, questionou, falou… Também destaco que, no discurso indireto livre, há uma liberdade sintática significativa, o que pode levar o leitor a confundir as falas do narrador e do personagem.

Ex.: A criança estava andando na rua e, de repente, deparou-se com um esqueleto. Que medo!

A primeira parte do texto referia-se à fala do narrador e ao fim veio a reprodução da fala do personagem.

Ex.: Nós estávamos num país estranho, que falava uma língua totalmente desconhecida. O medo e a ansiedade tomou-lhes o coração de tal forma, que procuraram logo a embaixada brasileira.

A primeira parte reproduz a fala do personagem. A segunda parte, sem qualquer ligação sintática, é uma intervenção do narrador. Repare a mudança dos pronomes. NÓS na primeira parte e LHES na segunda.

Ex.: Manoel recebeu a notícia de que passou no concurso. Maravilha, consegui!

Repare: a primeira parte é a fala do narrador, que expressa algo sobre Manoel, inclusive empregando a terceira pessoa. Na sequência, é inserida a fala de Manoel, sem qualquer ligação sintática tampouco verbo de elocução. Observe também a mudança da pessoa do verbo (recebeu – 3ª pessoa do singular; consegui – 1ª pessoa do singular). Também chamamos a atenção para a expressividade ocorrente no emprego da interjeição "Maravilha!".

11.4. EXERCÍCIOS

01 **Correlacione as funções de linguagem em consonância com as frases a seguir.**

1) **Função referencial**

2) **Função expressiva**
3) **Função conativa**
4) **Função fática**
5) **Função metalinguística**
6) **Função poética**

( ) Vem pra Caixa você também!
( ) Todo objeto não passa de um complemento verbal.
( ) João virá, né?
( ) Petroleiro zarpa de porto líbio com primeira exportação de petróleo rebelde
( ) "Berro pelo aterro, pelo desterro Berro por seu berro, pelo seu erro" (Caetano Veloso)
( ) A dor tomou conta de todos quando Paulo Rossi fez o terceiro gol da Itália.

a) 3 – 5 – 1 – 4 – 6 – 2
b) 5 – 3 – 4 – 2 – 1 – 3
c) 4 – 2 – 1 – 6 – 5 – 3
d) 2 – 5 – 4 – 3 – 6 – 1
e) 3 – 5 – 4 – 1 – 6 – 2

Gabarito: E

Na primeira frase, configura-se a função conativa ou apelativa, caracterizada sobretudo pelo emprego do imperativo em VEM e do pronome de tratamento VOCÊ. É de bom alvitre observar o erro de concordância presente na frase: VEM encontra-se flexionado na segunda pessoa do singular do imperativo afirmativo e VOCÊ, por ser pronome de tratamento, é de terceira pessoa. As formas corretas seriam: Venha para Caixa você também! / Vem para a Caixa tu também! – A falha de concordância, na realidade, valoriza a oralidade, procurando envolver o receptor da mensagem, fato que corrobora ainda mais a função conativa.

Na segunda frase, ocorre a função metalinguística, o que se estabelece pelo fato de a frase ter o objetivo de ensinar fatos relativos à própria língua.

Na terceira frase, faz-se presente a função fática, dado que o emprego de "né?" evidencia o teste ao canal de comunicação.

Na quarta frase, observa-se a ocorrência da função referencial ou denotativa. Tal se esclarece em face da intenção de se passar uma informação de forma objetiva, não aparecendo elementos opinativos tampouco linguagem figurada.

Na quinta frase, claramente se configura a função poética, tendo em vista a presença de rimas, ritmo e grande preocupação com aspectos estéticos na confecção do texto.

Na sexta frase, há a função expressiva ou emotiva. Isso é evidenciado pela presença do sentimento do autor e até mesmo do exagero, quando se diz que a dor tomou conta de todos.

02. **(Cespe / TJ-RJ)**

O princípio de que o Estado necessita de instrumentos para agir com rapidez em situações de emergência está inscrito no arcabouço jurídico brasileiro desde a primeira Constituição, de 1824, dois anos após a Independência, ainda no Império. A figura do decreto-lei, sempre à disposição do Poder Executivo, ficou marcada no regime militar, quando a caneta dos generais foi acionada a torto e a direito, ao largo do Congresso, cujos poderes eram sufocados pela ditadura. Com a redemocratização, sacramentada pela Constituição de 1988, sepultou-se o decreto-lei, mas não o seu espírito, reencarnado na medida provisória. Não se discute a importância de o Poder Executivo contar com dispositivos legais que permitam ao governo baixar normas, sem o crivo imediato do Congresso, que preencham os requisitos da "relevância e urgência". O problema está na dosagem, que, se exagerada, como ocorre atualmente, sufoca o Poder Legislativo.

O Globo, 19/3/2008 (com adaptações)

A função da linguagem predominante no texto é:

a) metalinguística;
b) poética;
c) expressiva;
d) apelativa;
e) referencial.

Gabarito: E

Trata-se de texto informativo, com linguagem objetiva. É importante ressaltar que, mesmo havendo a presença de expressões no sentido conotativo – caneta, sepultou-se, dosagem –, fica clara a predominância da denotação.

03. Entre o sono e o sonho,
Entre mim e o que em mim
É o quem eu me suponho,

Corre um rio sem fim.

(Fernando Pessoa)

No trecho acima, predominam algumas funções da linguagem. Entre elas, estão as funções:

a) emotiva e metalinguística;

b) poética e apelativa;

c) referencial e poética;

d) fática e conativa;

e) emotiva e poética.

Gabarito: E

A função poética é óbvia, até porque a preocupação de Fernando Pessoa com a estética é clara. Observam-se as rimas, o ritmo diferente dos textos em prosa, o jogo de palavras. Mas, além da função poética, evidencia-se também a presença da função expressiva ou emotiva, porquanto a primeira pessoa se faz presente, e a opinião que o poeta tem sobre si próprio. O emissor da mensagem objetiva mostrar sua opinião: que existe grande distância em o que se supõe ser e o que efetivamente é.

04. **(PUC)**

Identifique a frase em que a função predominante da linguagem é a REFERENCIAL:

a) Dona Casemira vivia sozinha com seu cachorrinho.

b) – Vem, Dudu!

c) – Pobre Dona Casemira…

d) – O que… O que foi que você disse?

e) Um cachorro falando?

Gabarito: A

O período ocorrente na alternativa A apresenta uma informação objetiva, sem traços opinativos.

Na alternativa B, o emprego do imperativo (Vem) e do vocativo (Dudu) caracteriza a função fática.

Nas alternativas C e E, está presente a função emotiva ou expressiva, sendo a subjetividade o principal traço das construções frasais. Tal se evidencia na alternativa C pelo uso do adjetivo POBRE e na alternativa E pelo ar de

incredulidade do emissor.

Na alternativa D, ocorre o teste ao canal, formalizando a função fática.

05. **(UFVI)**

Quando uma linguagem trata de si própria – por exemplo um filme falando sobre os processos de filmagem, um poema desvendando o ato de criação poética, um romance questionando o ato de narrar – temos a metalinguagem.

Esta forma de linguagem predomina em todos os fragmentos, exceto:

a) "Amo-te como um bicho simplesmente de um amor sem mistério e sem virtude com um desejo maciço e permanente." (Vinicius de Morais)

b) "Proponho-me a que não seja complexo o que escreverei, embora obrigada a usar as palavras que vos sustentam." (Clarice Lispector)

c) "Não narro mais pelo prazer de saber. Narro pelo gosto de narrar, sopro palavras e mais palavras, componho frases e mais frases." (Silviano Santiago)

d) "Agarro o azul do poema pelo fio mais delgado de lã de seu discurso e vou traçando as linhas do relâmpago no vidro opaco da janela." (Gilberto Mendonça Teles)

e) Que é Poesia? Uma ilha cercada de palavras por todos os lados." (Cassiano Ricardo)

Gabarito: A

A presença da rima em "simplesmente" e "permanente", do ritmo e da preocupação com a estética formaliza a função poética na alternativa A.

Nas alternativas B, C e D, o uso de verbos na primeira pessoa do singular, a subjetividade e a intenção de revelar os sentimentos caracterizam a função emotiva ou expressiva.

Na alternativa E, há a preocupação do autor em definir a poesia, ou seja, é a língua a definir aspectos da própria língua, o que caracteriza a função metalinguística.

06. **(NCE)**

"Ó Mestre, fazei com que eu procure mais consolar que ser consolado, compreender que ser compreendido, amar que ser amado..."; este trecho d a Canção de São Francisco tem como função de linguagem predominante a:

a) emotiva;
b) metalinguística;
c) fática;
d) conativa;
e) referencial.

Gabarito: D

A presença do vocativo junto com a interjeição em "Ó Mestre", bem como do imperativo afirmativo, caracteriza a função conativa ou apelativa.

07. **(CEPUERJ / UERJ / Assistente Administrativo)**

Por meio da forma "não é", a personagem Mafalda "testa" o seu canal de comunicação no diálogo com o mundo, explorando a função:

a) fática;
b) poética;
c) conativa;
d) metalinguística.

Gabarito: A

O emprego de "não é?", com a nítida intenção de se saber se o outro está ouvindo, atesta a presença da função fática.

08. **(IRBR)**

Frente à tradição hindu que há 2.500 anos divide a sociedade indiana em mais de 2.000 castas, os 60 anos dos ideais liberais de Gandhi e os 10 anos da legalização do casamento entre castas revelam-se impotentes para transformar a organização hierárquica da sociedade. Em confronto direto com o costume milenar, o governo da Índia oferece uma recompensa de R$ 2.400 para homens e mulheres de diferentes grupos sociais que formalizem sua união.

O dinheiro equivale ao dobro da renda per capita anual do país. O governo justifica que a medida é um passo para a reacomodação das desigualdades. Para grande parte da sociedade, é um passo no escuro.

O governo – que já enfrenta protesto contra cotas em universidades – vê-se, agora, diante de um desafio maior. O esquema está sob ataque de todos os lados. Os conservadores alegam que a medida é gatilho para o caos social. Os liberais sustentam que poucos vão receber a oferta porque o dinheiro vai desaparecer no bolso de autoridades corruptas.

Indianos de castas mais baixas dizem que rejeitariam a recompensa, pois perderiam o acesso preferencial à s universidades, garantido pelas já controversas cotas. Hoje, o governo oferece 22,5% das vagas aos intocáveis, os últimos na hierarquia hindu, mas pretende aumentá-las para 50%.

"Sei que esta não é a única maneira de pôr um fim à discriminação, mas é preciso começar de algum lugar", defende a ministra da Justiça Social. Para a socióloga Radhika Chopra, a oferta é uma forma de sinalizar que esses casamentos não devem ser condenados. "Com a medida, o governo apóia os indivíduos que transgrediram barreiras sociais e mostra que podem funcionar como exemplos", acrescenta a socióloga.

Jornal do Brasil, 17/12/2006 (com adaptações).

No que se refere a funções da linguagem, predomina, no texto, a função

a) fática, visto que o autor do texto busca, de forma sutil, convencer os leitores dos benefícios do projeto que visa incentivar o casamento entre pessoas pertencentes a castas diferentes.

b) referencial, dado que a ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto.

c) emotiva, dado que são as falas das autoridades entrevistadas que direcionam a forma como as informações são apresentadas.

d) conativa, visto que as opiniões expressas estão devidamente referenciadas, não havendo, portanto, perda de objetividade na transmissão das informações.

e) metalinguística, haja vista o foco em aspectos intertextuais, como demonstram as diversas vozes que acompanham a informação divulgada.

Gabarito: B

O aspecto mais curioso nessa questão é o fato de as definições não corresponderem à s respectivas funções de linguagem. Por exemplo, a função fática evidencia o teste ao canal de comunicação. A função emotiva expressa as opiniões e sentimentos do emissor da mensagem, e não de terceiros. A função conativa sinaliza para o envolvimento dos leitores, havendo a presença de vocativos, pronomes de tratamento, verbos no imperativo. O foco da função metalinguística é fazer a língua analisar aspectos da própria língua. A única definição que corresponde efetivamente à função expressa na alternativa é a referencial,

justamente a que se faz presente no texto. Tal se evidencia pela presença de linguagem precisa, de caráter objetivo, com predominância da denotação.

09. **(Cespe / UnB / Itamaraty)**

Texto 6

Impostos inconstitucionais...

Ontem, ao voltar uma esquina, dei com os impostos inconstitucionais de Pernambuco. Conheceram-me logo, eu é que, ou por falta de vista, ou porque realmente eles estejam mais gordos, não os conheci imediatamente. Conheci-os pela voz, **Vox clamantis in deserto.** Disseram-me que tinham chegado no último paquete.

O mais velho acrescentou até que agora hão de repetir com regularidade estas viagens à corte.

– A gente, por mais inconstitucional que seja, concluiu ele, não há de morrer de aborrecimento na cela das probabilidades. Uma chegadinha à corte, de quando em quando, não faz mal a ninguém, exceto…

– Exceto…?

– Isso agora é querer perscrutar os nossos pensamentos íntimos. Exceto o diabo que o carregue, está satisfeito? Não há coisa nenhuma que não possa fazer mal a alguém, seja quem for. Falei de um modo geral e abstrato. (…)

– São todos inconstitucionais?

– Todos.

– Vamos aqui para calçada. E agora, que tencionam fazer?

– Agora temos de ir ao imperador, mas confesso, meu amigo, receamos perder tempo. Você conhece a velha máxima que diz que a história não se repete?

– Creio que sim.

– Ora bem, é o nosso caso. Receamos que o imperador, ao dar conosco, fique aborrecido de ver as mesmas caras e, por outro lado, como a história não se repete… Você, se fosse imperador, que é que faria?

– Eu, se fosse imperador? Isso agora é mais complicado.

Eu, se fosse imperador, a primeira coisa que faria era ser o primeiro cético do meu tempo. Quanto ao caso de que se trata, faria uma coisa singular, mas útil: suprimiria os adjetivos.

– Os adjetivos?

– Vocês não calculam como os adjetivos corrompem tudo, ou quase tudo; e,

quando não corrompem, aborrecem a gente, pela repetição que fazemos da mais ínfima galanteria. Adjetivo que nos agrada está na boca do mundo.

– Mas que temos nós outros com isso?

– Tudo; vocês como simples impostos são excelentes, gorduchos e corados, cheios de vida. O que os corrompe e faz definhar é o epíteto de inconstitucionais. Eu, abolindo por um decreto todos os adjetivos de Estado, resolvia de golpe esta velha questão, e cumpria esta máxima que é tudo o que tenho colhido da história e da política, que aí dou por dois vinténs a todos os que governam o mundo: os adjetivos passam, e os substantivos ficam.

ASSIS, Machado de. In: Gazeta de notícias (1881–1900). Balas de Estalo. Rio de Janeiro, 16/5/1885.

Acerca das ideias e dos sentidos do texto 6, assim como de suas estruturas linguísticas e organização textual, julgue (C ou E) os itens subsequentes.

1 () O narrador recorreu à função metalinguística da linguagem para formular, ao final da crônica, sua máxima, carregada de arbitrariedade.

2 () O autor valeu-se do discurso indireto livre, que consiste em dar voz e atribuir características e sentimentos humanos a seres inanimados.

3 () O trecho "Eu, se fosse imperador, a primeira coisa que faria era ser o primeiro cético do meu tempo." (l.24-25) produz efeito humorístico, por sua incongruência interna e por desviar-se do "caso de que se trata" (l.25).

4 () A frase "vox clamantis in deserto" (l.4) está em itálico, porque remete o interlocutor ao respectivo texto-fonte e faz parte da memória coletiva nacional.

Gabarito:

1 – Certo. A parte final do texto acaba por falar sobre a própria língua, sobretudo quando menciona adjetivos e substantivos, caracterizando a função metalinguística.

2 – Errado. Não há discurso indireto livre. O texto é todo estruturado em discurso direto, reproduzindo na íntegra a fala dos personagens, o que se caracteriza sobretudo pelo emprego dos travessões.

3 – Certo. O efeito humorístico se revela claramente em face de não haver qualquer relação entre ser imperador e o fato de ele próprio ser o primeiro cético de seu tempo. Por mais que um imperador tenha poder, sobre esse fato

certamente ele não teria qualquer ingerência. "O caso de que se trata" refere-se ao desejo do "imposto" de ver o fim dos adjetivos, mormente INCONSTITUCIONAIS, que o qualifica.

4 – Errado. O termo está em itálico, visto que se trata de um latinismo.

10. **Mistura linguística**

Muita gente, em vários países, fala um pouco de inglês todo dia sem perceber. Sem contar o "informatiquês", cujos verbetes – como megabyte, browser, hard disk, software – são expressões do mais puro inglês, muitas outras palavras do dia-a-dia de brasileiros, franceses, alemães e, principalmente, japoneses têm origem no idioma bretão. Futebol (football), sanduíche (sandwich) e deletar (verbo criado a partir de to delete, suprimir) são exemplos conhecidos de anglicismo (uso de expressões em inglês ou originadas dele) no português. Os alemães apertam o resetknopf (reset button ou botão de reset) para iniciar o computador. E os franceses, conhecidos por sua ojeriza a estrangeirismos, despedem-se dos colegas de trabalho na sexta-feira dizendo bon weekend.

A situação do japonês é particularmente curiosa. Estima-se que cerca de vinte mil palavras do vocabulário moderno tenham origem no inglês. Sorvete é aisukurimu, de ice cream. Ar condicionado é eacon, de air conditioner. E banheiro deixou de ser obenjyo para se tornar toiré, de toillet.

A história dessa imposição linguística certamente desperta animosidades. Na Índia, por exemplo, onde o inglês é uma das línguas oficiais, ele não é muito ouvido nas ruas. Falar inglês ainda lembra um passado de opressão.

Galileu, fev. 2002, p. 37 (com adaptações).

Julgue os itens a seguir, que se referem à s ideias e à s estruturas do texto acima.

1 – A seleção de argumentos e do vocabulário mostra o grau de engajamento do autor em face do assunto: paralelamente à s funções referencial e metalinguística, que veiculam informações objetivas, há marcadores linguísticos que deixam entrever elementos subjetivos.

2 – O autor organiza sintaticamente o período "Sem contar (...) bretão" (L.2-5) a partir da oposição regra/exceção, em que a regra é o "mais puro inglês", e a exceção, o inglês impuro ou degenerado.

3 – De acordo com a norma padrão do português, é correta a substituição de "cujos verbetes" (L.2) por do qual os verbetes.

4 – Constata-se que a expressão inglesa "reset button" (L.8) está presente tanto no vocábulo alemão como na expressão portuguesa, com a substituição de um de seus componentes.

5 – O autor empregou "bon weekend" (L.10) como um exemplo elucidativo da ideia de que os franceses têm "ojeriza a estrangeirismos" (L.9).

Gabarito:

1 – Certo – Indubitavelmente estão presentes as funções referencial e metalinguística. A referencial em face de haver explicações e dados técnicos, alguns numéricos (Estima-se que cerca de vinte mil palavras do vocabulário moderno tenham origem no inglês), sobre o tema em voga. A metalinguística também aparece quando o texto inteiro fala sobre a relação entre as línguas, a influência da língua inglesa sobre outras etc. A função expressiva ou emotiva também se faz presente, pois é exposta a opinião do autor – traço de subjetividade – no fragmento "A situação do japonês é particularmente curiosa.".

2 – Errado – O fragmento em voga não objetiva realizar uma oposição, uma argumentação baseada na relação "exceção que confirma a regra". Muito pelo contrário, o fragmento "Sem contar o "informatiquês", cujos verbetes – como megabyte, browser, hard disk, software – são expressões do mais puro inglês, muitas outras palavras do dia a dia de brasileiros, franceses, alemães e, principalmente, japoneses têm origem no idioma bretão." é mais um dado a confirmar a tese exposta no período anterior: "Muita gente, em vários países, fala um pouco de inglês todo dia sem perceber.".

3 – Certo – Embutida no pronome relativo CUJO encontra-se a preposição DE, até em função da relação de posse que aquele expressa. Observe que o texto continua coerente: "Sem contar o "informatiquês", do qual os verbetes… são expressões do mais puro inglês.". Observe, inclusive, a construção da frase com a substituição do pronome relativo pelo antecedente: Os verbetes do "informatiquês" são expressões do mais puro inglês.

4 – Certo – O componente "reset" aparece tanto na expressão alemã como na expressão portuguesa, mas o componente "button" é substituído por "knopf" no alemão e por "botão" no português.

5 – Errado – A expressão "bon weekend", dita pelos franceses, confirma a teoria de que muita gente fala um pouco de Inglês sem perceber. E esse fato é

corroborado por esse exemplo. Pois, "até mesmo" os franceses, que têm ojeriza a estrangeirismos, acabam por empregar tal expressão. Destarte, obviamente, o emprego da expressão não serve para comprovar a ojeriza a estrangeirismo.

11. **(Esan)**

"Impossível dar cabo daquela praga. Estirou os olhos pela campina, achou-se isolado.

Sozinho num mundo coberto de penas, de aves que iam comê-lo. Pensou na mulher e suspirou.

Coitada de Sinhá Vitória, novamente nos descampados, transportando o baú de folha."

O narrador desse texto mistura-se de tal forma à personagem que dá a impressão de que há diferença entre eles. A personagem fala misturada à narração. Esse discurso é chamado:

a) discurso indireto livre;
b) discurso direto;
c) discurso indireto;
d) discurso implícito;
e) discurso explícito.

Gabarito: A

O autor narra uma sequência de fatos e, de forma totalmente independente e sem qualquer ligação sintática com o restante da construção textual, reproduz uma fala do personagem, contudo sem a presença de verbos de elocução (Coitada de Sinhá Vitória, novamente nos descampados, transportando o baú de folha.)

12. **(FCC / PB / Auditor Fiscal)**

Os números do relatório da CPI dedicada originalmente aos Correios são expressivos, dos milhares de páginas de textos e documentos aos mais de cem acusados. É o tempo do espanto. Um oceano nos separa, contudo, do resultado concreto, o das absolvições e o das punições. Os dois momentos do mar imenso entre relatório e resultado estão no julgamento final, cuja tendência é pessimista, a contar de exemplos recentes.

Não deveria ser pela natureza mesma das comissões parlamentares de inquérito, cujo nome é raramente objeto de meditação até pelos operários do direito.

"Comissão", além do significado mercantil (depreciativo, no caso do Parlamento), do dinheiro pago em remuneração de serviço, é também o do agrupamento encarregado de realizar tarefa de interesse comum. Interesse comum? Não. De interesses conflituosos pela própria natureza política de seu trabalho, pois o vocábulo "parlamentares" as afirma integradas por componentes de uma das casas do Congresso ou mistas, funcionando segundo seus regimentos internos (…)

"As comissões são úteis ou necessárias?, perguntará o leitor. Sem a menor dúvida e vigorosamente, respondo sim. Há abusos. São lamentáveis, mas inerentes à vida parlamentar, no Brasil e em qualquer país onde haja comissões parlamentares. Se os legisladores devem ser a expressão média de seu povo, fica manifesto que os parlamentares sejam compostos por homens e mulheres de bem, dedicados e honestos, mas também por pilantras, patifes, cachaceiros, delinquentes e assim por diante. (…) Seria ideal que o povo escolhesse melhor seus réus representantes, dizem as elites, sem razão. O povo vota sob influência do poder econômico, após seleção dos favoritos de chefes partidários, para exclusão dos que assumam linha independente da adotada pelas lideranças e assim por diante.

Voltando à CPI dos Correios, cabe esclarecer por que há um oceano entre o relatório e o resultado. "Inquérito" é trabalho de apuração. Se bem feito, propicia bom material aos julgadores. Se malfeito, facilita a "pizza", essa maravilhosa invenção atribuída aos italianos em geral, mas que vem do sul da Itália. "Pizza" transformada em cambalacho e tapeação? Não necessariamente. Muitas vezes o defeito da distância entre a apuração e o julgamento está naquela, e não neste, principalmente se for judicial. O mal do julgamento político está em que considera seu estilo paralelo do desprestígio para o Parlamento como um todo. No caso atual, porém, não se pode negar que já houve resultados apreciáveis. Para o relatório lido nesta semana cabe esperar pela travessia do oceano e torcer para que chegue a bom porto. (W. Cenevina)

Observando-se, no texto, a intenção do autor, verifica-se o uso da função da linguagem:

a) emotiva, para criar ironia e construir a adesão do leitor;

b) metalinguística, para criar um efeito de ambiguidade e ironia;

c) referencial, para informar e criar ambiguidades;

d) fática, para criar ironia e transmitir informações;

e) poética, para transmitir informações ao leitor, por meio de ambiguidades.

Gabarito: B

Repare como a língua está sendo empregada para explicar a própria língua, sobretudo no segundo parágrafo que vêm explicações para o significado de Comissão: "Comissão", além do significado mercantil (depreciativo, no caso do Parlamento), do dinheiro pago em remuneração de serviço, é também o do agrupamento encarregado de realizar tarefa de interesse comum.". O efeito da ambiguidade e ironia ocorre na sequência do período mencionado: Interesse comum? Não. De interesses conflituosos pela própria natureza política de seu trabalho, pois o vocábulo "parlamentares" as afirma integradas por componentes de uma das casas do Congresso ou mistas, funcionando segundo seus regimentos internos (...)

13. **(FCC / PB / Auditor Fiscal)**

Leia as frases abaixo:

I – **o leitor perguntaria se as comissões são úteis e necessárias.**

II – **Com essa CPI, acabaria tudo em pizza, novamente?**

III – **Os abusos, embora lamentáveis, são frequentes na vida pública, asseverou o colunista.**

Elas se concentram

	I	II	III
a)	Direto	Direto	Indireto livre
b)	Direto	Indireto livre	indireto
c)	Indireto livre	Direto	Indireto
d)	Indireto	Indireto livre	direto
e)	Indireto	Direto	Indireto livre

Gabarito: D

Item I – O período foi redigido com a fala imaginada e adaptada do leitor, o que se evidencia principalmente pelo emprego da conjunção subordinativa integrante SE. Repare que a conjunção SE não é falada pelo personagem.

Item II – Repare que, na menção à fala de outrem, há a intervenção do autor – novamente. A fala do personagem se confunde com a fala do próprio narrador.

Item III – Aqui ocorre uma reprodução integral da fala do colunista na primeira

oração. Também é importante destacar que os itens I e III não poderiam caracterizar o discurso indireto livre em face da presença dos verbos de elocução (perguntaria no item I e asseverou no item III).

Capítulo 12

Leituras de Enunciados das Questões de Interpretação

É importante não se olvidar que as questões de interpretação são confeccionadas com a intenção de deixar o candidato em dúvida entre duas opções. São, normalmente, estas opções coerentes com texto, porém, à s vezes, não o são com as perguntas formuladas. Você terá que aprender a responder exatamente o que está sendo perguntado. O estudo a seguir é referente aos enunciados das questões.

12.1. RECORRÊNCIA TEXTUAL

Ocorre quando a banca exige algo que esteja claro no texto. Enunciados que se apresentam como "Segundo o texto", "De acordo com o texto", "O autor diz que"… impõem que as respostas estejam explícitas no texto. Sendo assim, é possível que uma opção esteja efetivamente em conformidade com as ideias expostas no texto, e a outra seja uma dedução, à s vezes até coerente, decorrente dos elementos do texto. Se o enunciado foi um daqueles mencionados, a resposta haverá de ser a primeira opção.

É importante observar que toda questão relativa a valor semântico dos vocábulos (sinonímia) é de recorrência textual, pois não se deseja saber o sinônimo da palavra isoladamente, mas sim no contexto. Por exemplo, as palavras "estranho" e "extraordinário" são sinônimas? A resposta certa é "talvez", "dependendo do contexto". Na frase "Conheci uma pessoa extraordinária.", o adjetivo "extraordinária" não é sinônimo de "estranho". No entanto, na frase "Percebi um movimento extraordinário na rua e logo voltei para caso.", o adjetivo "extraordinário" já se torna sinônimo de "estranho".

12.2. INFERÊNCIA TEXTUAL

Ocorre quando a banca exige do candidato algo que esteja além do texto.

Enunciados que se apresentam como "Deduz-se…", "Depreende-se…", "Conclui-se", "Infere-se", "O que o autor quis dizer com…" impõem que a resposta correta não seja algo que esteja explícito, mas sim algo implícito – subentendido ou pressuposto. É uma dedução. Perceba a diferença entre "O que o autor informou…? e "O que o autor pretendeu dizer com…?". No primeiro caso, a banca exige algo que o autor informou, ou seja, algo explícito no texto; já, no segundo caso, o candidato deve imaginar o que o autor pretendeu dizer.

BIZU

Como já se mencionara, o fundamental é o candidato aprender a responder o que está sendo perguntado. Portanto, se, no enunciado da questão, houver a proposição "Segundo o fragmento X", você irá se restringir a responder sobre o fragmento X, mesmo que este fragmento se oponha ao restante do texto. Se a banca expuser um fragmento finalizado com reticências (XXXX…), você deverá retornar ao texto e observar onde aquela ideia acabará. Se for proposta uma inferência acerca da totalidade do texto, e não de um fragmento, o candidato deverá procurar a resposta no tópico frasal (geralmente no início do texto), onde muito provavelmente se localizará a tese abrangente.

12.3. EXERCÍCIOS

01. **(ICMS / Fiscal)**

No Brasil, o debate sobre ética tributária só recentemente ganhou vulto em decorrência do aumento da carga tributária, da expansão da 'indústria de liminares', do visível aperfeiçoamento da administração fiscal, da estabilidade econômica e da crescente inserção do país na economia globalizada. Na maioria dos países desenvolvidos, com cultura tributária mais amadurecida, esse debate é mais limitado, porque praticamente restrito a discussões sobre a pressão fiscal e a competição fiscal nociva (ahrmfull tax competition).

Com base na análise do trecho acima, não é correto afirmar que:

a) fica subentendido que o debate sobre ética tributária no Brasil anteriormente era de pouca expressividade.
b) A noção de "países desenvolvidos" é um pressuposto para a leitura do texto.
c) Se pode inferir que, nos países ainda não desenvolvidos, a cultura tributária ainda não amadureceu.

d) Está implícito que o Brasil cada vez mais se insere na economia globalizada.
e) Se pode inferir, também por paralelismo no parágrafo, que o Brasil não está entre os países desenvolvidos.

Gabarito: Anulada

A questão foi anulada, uma vez que há duas alternativas apresentando comentários incorretos, conforme solicitado no enunciado, havendo, portanto, duas respostas.

A alternativa A apresenta comentário correto, dado que, se só recentemente o debate sobre ética tributária ganhou vulto, está implícito que ele era de pouca expressividade.

A alternativa B apresenta comentário adequado, uma vez que o leitor só realiza a perfeita intelecção do texto se conhecer o contexto político e identificar quem são os países desenvolvidos e os subdesenvolvidos.

A alternativa E apresenta comentário correto, porquanto No Brasil o debate recentemente sobre ética tributária ganhou vulto, e, nos países desenvolvidos, com cultura tributária mais amadurecida, esse debate é mais limitado, porque praticamente restrito a discussões sobre a pressão fiscal e a competição fiscal nociva.

A alternativa C apresenta comentário incorreto, pois o texto informa que, nos países mais desenvolvidos, a cultura tributária está mais amadurecida. Então, o que se pode inferir é que os países menos desenvolvidos possuem cultura tributária menos amadurecida, e não que não haja nenhum amadurecimento.

A alternativa D também apresenta comentário incorreto, pois a informação ali prestada aparece explicitamente no texto, e não implicitamente. Chamamos a atenção para o fragmento "da crescente inserção do país (Brasil) na economia globalizada.". Obviamente, está EXPLÍCITO que o Brasil cada vez mais se insere na economia globalizada.

02. **(FGV / ICMS / Fiscal)**

Com base na leitura do texto, analise os itens a seguir:

I – **Em "Portanto, a necessidade das gerações atuais preservarem recursos para as gerações futuras <u>também</u> se dá no que tange aos recursos públicos"., o termo grifado colabora com a identificação de**

um pressuposto.

II – **Em "não mais se concebe uma atuação efetiva sem uma apurada reflexão sobre os gastos públicos, seus limites e sua aplicação.", na identificação dos implícitos, observa-se um pressuposto.**

III – **Em "Enquanto o primeiro, normalmente, se adstringe a situações futuras próximas, o segundo vincula-se a situações futuras de longo prazo.", a leitura só se efetiva se o leitor identificar os subentendidos.**

Assinale:

a) se somente os itens II e III estiverem corretos;
b) se somente os itens I e II estiverem corretos;
c) se todos os itens estiverem corretos;
d) se nenhum item estiver correto;
e) se somente os itens I e III estiverem corretos.

Gabarito: B

Item I – Certo. Caracteriza-se o pressuposto, visto que o emprego de TAMBÉM sugere que existem outras necessidades das gerações atuais além daquele que se refere aos recursos públicos.

Item II – Certo. Observa-se o pressuposto no fragmento "Não mais se concebe", que dá a entender que em outras épocas já se permitiu atuação sem uma apurada reflexão sobre os gastos públicos, seus limites e sua aplicação.

Item III – Errado. Não há subentendidos. Para a leitura se efetivar, na realidade se torna necessário identificar quem são os referentes (termos constantes no texto) de primeiro e segundo.

03. Quando vemos hoje os impressionantes levantes no mundo árabe, com atos espontâneos pela democracia, é impossível não se perguntar: o que estamos fazendo gastando US$ 110 bilhões (em torno de R$ 180 bilhões) neste ano para apoiar regimes corruptos e impopulares no Afeganistão e no Paquistão que são quase idênticos aos governos que estamos aplaudindo os povos derrubarem? (Thomas L. Friedman)

Pode-se inferir do primeiro parágrafo que:

a) está havendo atos espontâneos pela democracia no mundo árabe;
b) há um oxímoro entre o investimento em alguns regimes políticos e o desejo

de ver similares serem derrubados;

c) Os governos apoiados e derrubados são os mesmos;

d) Os governos apoiados, que receberam investimentos, e os derrubados são idênticos;

e) Os governos do Afeganistão e do Paquistão também serão derrubados por forças populares.

Gabarito: B

Questão imaginada para deixar o candidato em dúvida entre as alternativas A e B, até mesmo porque as outras opções são absurdas. É fundamental se ter bastante atenção ao enunciado, visto que é um comando, e se deve respeitar ao comando. Como já se disse, é imperioso responder à quilo que efetivamente está sendo solicitado ou perguntado. A alternativa A, apesar de apresentar comentário extremamente coerente, não serve como resposta, pois a informação lá constante está explícita no texto, quando o enunciado exigia uma inferência, uma informação implícita. Já a alternativa B atende ao enunciado, porquanto o texto não informa explicitamente que existe um paradoxo (oximoro) entre o investimento em alguns regimes políticos e o desejo de ver similares serem derrubados, mas é o que se pode deduzir do questionamento acerca dos gastos realizados para apoiar regimes corruptos e impopulares idênticos à queles que hoje estamos aplaudindo os povos derrubarem.

Capítulo 13

Semântica dos Vocábulos Parônimos e Homônimos

13.1. PARÔNIMOS

Palavras com sons parecidos.

absolver	perdoar
absorver	aspirar, sorver
arrear	pôr arreios
arriar	descer
cavaleiro	que cavalga
cavalheiro	cortês
comprimento	extensão
cumprimento	saudação
cumprimento	ato de cumprir
conjuntura	oportunidades
deferir	atender
diferir	retardar, divergir
descrição	ato de descrever
discrição	qualidade de discreto
descriminar	inocentar
discriminar	distinguir, isolar
despensa	onde se guardam mantimentos
dispensa	ato de dispensar
docente	relativo a professores
discente	relativo a alunos
emigrar	deixar uma região
imigrar	entrar numa região

flagrante	evidente
fragrante	perfumado
fluir	correr
fruir	desfrutar
imergir	afundar
emergir	vir à tona
inflação	alta de preços
infração	violação
infligir	aplicar pena
infringir	violar
mandado	ordem judicial
mandato	procuração
peão	amansador de cavalgadura
pião	tipo de brinquedo
precedente	que vem antes
procedente	proveniente, que tem fundamento
prescrever	determinar
proscrever	banir, abolir
ratificar	confirmar
retificar	corrigir
soar	produzir som
suar	transpirar
sortir	abastecer

13.2. HOMÔNIMOS

Palavras com a mesma pronúncia.

acender	pôr fogo
ascender	subir
acento	sinal gráfico
assento	onde se senta, lugar
acerto	ato de acertar
asserto	afirmação
caçar	capturar animais
cassar	tornar sem efeito
decente	digno, correto
cela	quarto pequeno
sela	arreio
censo	recenseamento
senso	juízo
cerração	nevoeiro
serração	ato de serrar
cerrar	fechar
serrar	cortar
cervo	veado
servo	criado
chá	bebida
xá	soberano do irã
cheque	ordem de pagamento
xeque	lance no jogo de xadrez
ruço	grisalho
russo	natural da rússia

cito	do verbo citar
sito	situado
concertar	ajustar,combinar
consertar	reparar, corrigir
concerto	sessão musical
conserto	reparo
coser	costurar
cozer	cozinhar
descente	que desce, vazante
esperto	perspicaz
experto	perito
espiar	observar
expiar	pagar pena
espirar	soprar, exalar
expirar	terminar
estrato	camada
extrato	o que se extrai de
incerto	não certo
inserto	inserido
incipiente	principiante
insipiente	ignorante
laço	nó
lasso	cansado, fatigado
tacha	prego
taxa	imposto, tributo

BIZU

O vocábulo "sessão" possui dois homônimos: seção e cessão. Possui também um parônimo: secção. Aqui estão os significados das quatro palavras:

SESSÃO – ESPAÇO DE TEMPO EM QUE SE REALIZA UMA REUNIÃO OU UM TRABALHO.

SEÇÃO – DEPARTAMENTO

CESSÃO – ATO DE CEDER

SECÇÃO – SEÇÃO, DEPARTAMENTO

13.3. SEMÂNTICA DE FORMAS PARECIDAS

ABAIXO / A BAIXO

Abaixo:

Interjeição. Ex.: Abaixo o presidente!

Advérbio (embaixo, em categoria inferior, depois) Ex.: Abaixo de Deus, as mães.

A baixo:

contrário a "de alto" Ex.: Rasgou os lençóis de alto a baixo.

ACERCA DE/ CERCA DE/ A CERCA DE/ HÁ CERCA DE

Acerca de: a respeito de. Ex.: Falamos acerca do filme.

Cerca de: durante, aproximadamente. Ex.: Falamos cerca de dez minutos

A cerca de: ideia de distância. Ex.: Fiquei a cerca de 15 metros da porta.

Há cerca de: existe aproximadamente, aproximadamente no passado. Ex.: Há cerca de cem pessoas no estádio.

ACIMA / A CIMA

Acima:

anterior, em grau de categoria superior. Ex.: Questão acima

em grau ou categoria superior. Ex.: De dezoito anos acima.

em graduação superior. Ex.: Muito acima do general.

de preferência, em lugar superior, em cima. Ex.: Buscamos, acima de tudo, a paz.

de cima (interjeição). Ex.: Acima coração!

A cima:

contrário a "de baixo". Ex.: Costurou a saia de baixo a cima.

AFIM / A FIM DE

Afim: semelhança, parentesco, afinidade. Ex.: São duas mães afins.

A fim de: com o propósito de, com o objetivo de, com a finalidade de. Ex.: Estudou a fim de passar no concurso.

AFORA / A FORA

Afora: o mesmo que "fora", à exceção de, exceto. Ex.: Todos farão o concurso,

afora eles.

A fora: com a ideia de "para fora". Ex.: Pela rua a fora.

AO ENCONTRO DE / DE ENCONTRO A

Ao encontro de: a favor de, encontrar-se, concordar. Ex.: Nós não discutimos, visto que minhas ideias foram ao encontro das dele.

De encontro a: ir de encontro a. Ex.: Meu carro foi de encontro a um poste.

APARTE / À PARTE

Aparte:

verbo: separar. Ex.: Não aparte as provas.

substantivo: interrupção. Ex.: O padre recebeu um aparte.

À parte: locução adverbial = de lado. Ex.: O resultado será mostrado à parte.

CONQUANTO / COM QUANTO.

Conquanto: embora; mesmo que. Ex.: Conquanto João estivesse cansado, ainda saiu de casa.

Com quanto: com que quantitativo. Ex.: Com quanto dinheiro eles saíram de casa.

CONTUDO / COM TUDO

Contudo: entretanto, porém. Ex.: Maria estava cansada, contudo foi ao teatro.

Com tudo: preposição + pronome = total. Ex.: Ela saiu de casa com tudo.

DANTES / DE ANTES

Dantes: advérbio = antigamente. Ex.: Dantes se comia melhor.

De antes: preposição + advérbio = em tempo anterior. Ex.: Os problemas já vêm de antes de você chegar.

DEBAIXO/DE BAIXO

Debaixo:

em situação inferior. Ex.: Tomara que não caia quando alguém estiver debaixo.

na dependência, em decadência. Ex.: Ficamos debaixo e tivemos que nos render.

sob: Ex.: Jaz agora debaixo da terra.

no tempo de; por ocasião de. Ex.: O sucesso dessas músicas caiu debaixo desse cantor.

em situação inferior a. Ex.: Escondam-se debaixo da escada.

De baixo:

a parte inferior. Ex.: Comprei roupa de baixo.

contrário a "a cima". Ex.: Examinamos de baixo a cima.

DEMAIS / DE MAIS

Demais:

pronome indefinido = outros. Ex.: Chame os demais candidatos.

advérbio de intensidade = excessivamente. Ex.: A mulher fala demais.

palavra continuativa = além disso. Ex.: Demais quem trabalha aqui é ela.

De mais: locução adjetiva = muito. Ex.: Comi doce de mais.

DESAPERCEBIDO / DESPERCEBIDO

Desapercebido: desavisado. Ex.: Eu fui ao local errado por estar desapercebido.

Despercebido: sem ser notado, sem perceber a presença. Ex.: Passei despercebido pela frente do prédio.

DETRÁS / DE TRÁS

Detrás: pela retaguarda. Ex.: Um atleta não pode cometer uma falta por detrás.

De trás: atrás. Ex.: Esse som vem lá de trás.

DEVAGAR / DE VAGAR

Devagar: lentamente; sem pressa. Ex.: Devagar se vai ao longe.

De vagar: de descanso. Ex.: Escrevo nos momentos de vagar.

EM VEZ DE / AO INVÉS DE

Em vez de: em lugar de. Ex.: Em vez de fazer Direito, fez Letras.

Ao invés de: ao contrário de. Ex.: Ao invés de descansar, pôs-se a trabalhar a madrugada inteira.

ENFIM / EM FIM

Enfim: afinal, finalmente. Ex.: Enfim todos chegaram.

Em fim: no fim. Ex.: Eles estão em fim de carreira.

ENQUANTO / EM QUANTO

Enquanto: conjunção = ao mesmo tempo que; em concomitância com. Ex.: "Enquanto jantava, falei em voz baixa a Casimiro Lopes. (Graciliano Ramos)

Em quanto: preposição + pronome = qual, por quanto. Ex.: Em quanto tempo se faz a viagem de Rio a São Pedro?

MALGRADO / MAU GRADO

Malgrado: embora, ainda que (se não estiver seguido de preposição). Ex.: Malgrado João quase não tenha estudado, fez excelente teste.

Mau grado:

contra a vontade. Ex.: Paulo cuida do filho de mau grado.

apesar de (se estiver seguido de preposição). Ex.: Mau grado ao tempo sairei.

NENHUM / NEM UM

Nenhum: ninguém, nada. Ex.: Nenhum tem razão naquela discurso.

Nem um: um só que fosse. Ex.: Não bebemos nem uma cerveja.

PORVENTURA / POR VENTURA

Porventura: por acaso. Ex.: Se porventura não chover, irei à praia.

Por ventura: por sorte. Ex.: Como não estudei, só passarei por ventura.

PORQUANTO / POR QUANTO

Porquanto: conjunção = visto que. Ex.: Apresso-me, porquanto o tempo voa.

Por quanto: designa quantidade, preço. Ex.: Por quanto venderam o carro?

PORTANTO / POR TANTO

Portanto: então, logo. Ex.: Eles se preparam à beça para o concurso, portanto passarão..

Por tanto: por muita quantidade. Ex.: "Por tanto amor, por tanta emoção, a vida me fez assim" (Milton Nascimento)

SE NÃO / SENÃO

BIZU

Se a palavra "não" puder ser extraída da frase, alterando o seu sentido, porém não gerando erro, o termo "se não" é separado. Ex.: Se não chover, iremos à praia. – Observe que o advérbio "não" pode ser extraído, que o período continua correto gramaticalmente. Se chover, iremos à praia.

Por outro lado, se o termo "não" não puder ser suprimido, "senão" é junto. Ex.: É bom você estudar, senão será reprovado. – Observe que o termo "não" não pode ser suprimido, pois a frase ficará sem sentido: é bom você estudar, se será reprovado.

SOBRETUDO / SOBRE TUDO

Sobretudo:

especialmente, principalmente. Ex.: Deves estudar todas as matérias, sobretudo conjunções.

Casacão, capa: Ex.: O meu sobretudo está molhado.

Sobre tudo: a respeito de tudo; acerca de tudo. Ex.: Eles conversaram sobre tudo.

TAMPOUCO / TÃO POUCO

Tampouco: também não, nem. Ex.: Eles não bebem tampouco fumam.

Tão pouco: muito pouco. Ex.: Ele comeu tão pouco, que logo sentirá fome.

13.4. EXERCÍCIOS

01. **(TRE-MG)**

A palavra nos parênteses não preenche adequadamente a lacuna do enunciado em:

a) O crime foi bárbaro. Somente após a..... do assunto é que foi possível prendê-lo. (descrição)

b) Só seria possível..... o acusado, se conseguíssemos mais provas que o inocentassem. (descriminar)

c) A negociações só vão..... os resultados esperados, caso todos compareçam. (sortir)

d) O corpo estava....., apenas a cabeça estava fora da água, que subia cada vez mais. (imerso)

e) Como a mercadoria estava muito pesada, o recurso foi..... o cofre ali mesmo, na escada (arriar)

Gabarito: C

A lacuna deveria ser preenchida com SURTIR, que significa GERAR EFEITO e não com SORTIR, cujo sentido é VARIAR.

02. **(TRE-RJ)**

"Comprida" tem significado distinto de seu parônimo "cumprida". Das sentenças abaixo, aquela em que houve <u>troca</u> na escolha dos parônimos entre parênteses é:

a) O acúmulo de <u>vultosas</u> quantias era sinal de bênção divina. (vultosas / vultuosas)Â

b) Muda-se a ética antes que se <u>consuma</u> a generalização do pecado. (consuma / consume)

c) A expressão "dar um jeito" traz sempre subentendida a intenção de burlar a lei. (subentendida / subtendida)

d) O descumprimento da lei dificilmente passa despercebido na "Common Law" anglo-saxônica. (desapercebido / despercebido)

e) Antes de mais nada, faz-se necessário discriminar que leis favorecem a institucionalização do jeito. (descriminar / discriminar)

Gabarito: B

A estrutura "antes que" exige que a forma verbal se encontre no presente do subjuntivo. Sendo assim, pelo contexto, cabe apenas o verbo 'consumar" (consumar a generalização do pecado). Como foi utilizado "consuma" (verbo CONSUMIR no presente do subjuntivo), a coerência fica totalmente prejudicada.

03. **(NCE)**

A cessão de crédito não vale em relação ao devedor, senão quando a este notificada, mas por notificado [...] (Art. 1069 – Código Civil)

Assinale o item em que o vocábulo homônimo está incorretamente grafado:

a) A seção do Congresso Nacional está encerrada por hoje.

b) Dirija-se, por favor, à Seção de documentação do Ministério.

c) A cessão de terras aos índios é um problema mal resolvido no País.

d) A Seção de Pessoal é a mais frequentada no Ministério.

e) A cessão de pessoal capacitado é um problema a ser resolvido.

Gabarito: A

O vocábulo "seção" significa DEPARTAMENTO. No contexto, é pertinente o emprego de SESSÃO, cujo significado é "espaço de tempo em que se realiza uma reunião ou um trabalho.

04. **(Esaf)**

Marque a alternativa cujas palavras preenchem corretamente as respectivas lacunas, na frase seguinte: "Necessitando..... o número do cartão do PIS,..... a data de meu nascimento."

a) ratificar, proscrevi;

b) prescrever, discriminei;

c) descriminar, retifiquei;

d) proscrever, prescrevi;

e) retificar, ratifiquei.

Gabarito: E

Na alternativa A, o primeiro vocábulo se enquadra no contexto, mas o segundo, não. Vê-se: Necessitando ratificar (confirmar) o número do cartão do PIS, proscrevi (aboli) a data de meu nascimento."

Na alternativa B, o primeiro verbo PRESCREVER (determinar) já gera incoerência textual.

Na alternativa C, também a primeira forma verbal causa inconsistência – Necessitando descriminar (inocentar) o número do cartão do PIS.

Na alternativa D, mais uma vez a primeira forma verbal gera incoerência – Necessitando proscrever (abolir) o número do cartão do PIS.

A alternativa E é a única que apresenta duas formas verbais que complementam com coerência o texto. Vejamos: Necessitando retificar (corrigir) o número do cartão do PIS, ratifiquei (confirmei) a data de meu nascimento

05. **(UNISINOS)**

A frase onde os homônimos e / ou parônimos em destaque estão com significação invertida é:

a) Era <u>iminente</u> a queda do <u>eminente</u> deputado.

b) A justiça <u>infringe</u> uma pena a quem <u>inflige</u> a lei.

c) <u>Vultosa</u> quantia foi gasta para curar sua <u>vultuosa</u> face.

d) O <u>mandado</u> de segurança impediu a cassação do <u>mandato</u>.

e) O nosso <u>censo</u> depende exclusivamente do <u>senso</u> de responsabilidade do IBGE.

Gabarito: B

O verbo INFLIGIR significa COMINAR, APLICAR PENA e INFRINGIR significa VIOLAR; portanto, os verbos, no período exposto na alternativa B, estão invertidos.

06. **(MACK)**

Na oração: Em sua vida, nunca teve muito……, apresentava-se sempre……. no……. de tarefas……. As palavras adequadas para preenchimento das lacunas são:

a) censo – lasso – cumprimento – eminentes;

b) senso – lasso – cumprimento – iminentes;

c) senso – laço – comprimento – iminentes;

d) senso – laço – cumprimento – eminente;

e) censo – lasso – comprimento – iminentes.

Gabarito: B

O sentido do período é: Em sua vida, nunca teve muito juízo (SENSO), apresentava-se sempre fatigado (LASSO) na realização (CUMPRIMENTO) de tarefas urgentes, imediatas (IMINENTES).

07. **(TFC)**

Indique a letra na qual as palavras complementam, corretamente, os espaços das frases abaixo:

1) **Quem possui deficiência auditiva não consegue……. os sons com nitidez.**
2) **Hoje são muitos os governos que passaram a combater……. de entorpecentes com rigor.**
3) **O Diretor do presídio……. pesado castigo aos prisioneiros revoltosos.**

a) discriminar – tráfico – infligiu;

b) discriminar – tráfico – infringiu;

c) descriminar – tráfego – infringiu;

d) descriminar – tráfego – infligiu;

e) descriminar – tráfico – infringiu.

Gabarito: A

Quem possui deficiência auditiva não consegue DISTINGUIR (DISCRIMINAR) os sons com nitidez.

Hoje são muitos os governos que passaram a combater O NEGÓCIO, A NEGOCIATA (TRÁFICO) de entorpecentes com rigor.

O Diretor do presídio O NEGÓCIO, A NEGOCIATA (TRÁFICO) pesado castigo aos prisioneiros revoltosos.

08. **(FUVEST)**

No último……. da orquestra sinfônica, houve……. entre os convidados, apesar de ser uma festa…….

a) conserto – flagrantes descriminações – beneficente;

b) concerto – fragrantes discriminações – beneficiente;

c) conserto – flagrantes descriminações – beneficiente;
d) concerto – fragrantes discriminações – beneficente;
e) concerto – flagrantes discriminações – beneficente.

Gabarito: E

No último SESSÃO MUSICAL, SINFONIA (CONCERTO) da orquestra sinfônica, houve EVIDENTES DISTINÇÕES (FLAGRANTES DISCRIMINAÇÕES) entre os convidados, apesar de ser uma festa BENEFICENTE. É importante esclarecer que não existe a palavra BENEFICIENTE.

09. **(TRE-MG)**

A palavra sublinhada está empregada inadequadamente em:

a) Os moradores sempre o consideraram, pelas suas atitudes, um homem sério e descente.
b) Sempre foi muito místico, por isso não se cansavam de lhe chamar de ascético.
c) Comentava-se que o príncipe só poderia ascender ao trono após a maioridade.
d) Na última publicação do jornalista, a seção de esportes estava ótima.
e) Sabe apreciar uma pintura. Não há dúvida de que possui senso artístico.

Gabarito: A

O contexto indica a intenção de esclarecer que o homem agia com decência, portanto o termo deveria ser DECENTE. Já o significado de DESCENTE é ALGO QUE DESCE, VAZANTE.

10. **(NCE / TJ / Técnico Judiciário)**

"A Carta proíbe a discriminação entre o homem e a mulher...": o vocábulo sublinhado era denominado parônimo (de descriminação). O item abaixo em que houve erro porque houve troca entre parônimos é:

a) Os assertos do discurso presidencial necessitam de confirmação;
b) As conjeturas do economista português foram importantes para nossa reflexão;
c) O ministro pretendia proscrever, para o presidente, uma certa cautela nos discursos;
d) Na iminente situação de perigo, o ministro preferiu adotar uma solução mais drástica;
e) O corrupto pretendia rapar todas as contribuições da campanha eleitoral.

Gabarito: C

A intenção na alternativa C era informar que o ministro pretendia DETERMINAR (PRESCREVER), para o presidente, uma certa cautela nos discursos. Observe que o sentido de PROSCREVER (ABOLIR, BANIR), nesta frase, gera incoerência textual.

11. **(NCE)**

" E , <u>em vez das</u> simples anotações que seriam preciosas como documento..."; a frase abaixo em que em lugar de <u>em vez de</u> seria mais adequado dizer <u>ao invés de</u> é:

a) Em vez de ler, preferiu dormir;

b) Em vez de churrasco, quis feijoada;

c) Em vez de sair, entrou;

d) Em vez de um caderno, encontrou um livro.

e) Em vez de anotações, encontrou um diário completo.

Gabarito: C

É fundamental observar a diferença entre EM VEZ DE e AO INVÉS DE. Aquele significa NO LUGAR DE, e este, AO CONTRÁRIO DE. AO INVÉS DE só pode ser utilizado se houver necessariamente uma ideia de contrariedade, adversidade. É justamente o que ocorre na alternativa C, visto que os vocábulos ENTRAR e SAIR possuem opostas cargas semânticas.

Capítulo 14

Semântica de Afixos

14.1. PREFIXOS LATINOS

PREFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
Ab, abs	afastamento, separação	abusar, abster– se
Ad, a	aproximação	adjunto,abeirar
Ambi	duplicidade	ambidestro
Ante	anterioridade	antevéspera
Bene, ben	bem, muito bom	benevolência
Bis, bi	duas vezes	bisavó
Circun	movimento em torno	circunferência
Cis	posição aquém	cisalpino
Com, co	companhia	compartilhar
Contra	oposição	contradição
De	movimento para baixo	decomposição
De, dês	ação contrária, privação	defeito
Di, dis	movimento para vários lados	digerir,discordar
Ex, e, es	movimento para fora	extração,expor
Extra	fora de	extraordinário
In, i	movimento para dentro	ingerir
In, i	negação	inativo
Inter, entre	posição intermediaria	intervir
Intro, intra	movimento para dentro	introdução
Per	movimento através	perfeito
Pro	movimento para frente	progredir
Re	movimento para trás, repetição	reabrir
Retro	movimento mais para trás	retroceder
Semi	metade	semideus
Sub, sus, su	movimento de baixo para cima	submeter
	Inferioridade	subalterno
Super, supra, sobre	posição em cima, excesso	superpor, sobrepor
Trans, tras	através de,além de,	transposição
Três, tras	mudança	tresnoitar

PREFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
Ultra	posição além do limite	ultra romântico
Vice, vis	substituição	vice presidente
Soto, sota	posição inferior	soto mestre

14.2. PREFIXOS GREGOS

PREFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
A,na	negação, privação	ateu, anarquia
Ana	repetição	anagrama
Anfi	duplicidade	anfíbio
Anti	oposição	antiaéreo
Apo	afastamento	apogeu
Arqui, arce	superioridade	arcebispo
Cata	movimento para baixo	catarata
Di	duas vezes	ditongo
Dia	movimento através de	diálogo
Dis	dificuldade	disenteria
Ec, ex	movimento para fora	eczema, êxodo
Endo	movimento para dentro	endovenoso
Epi	posição superior	epiderme
Eu, ev	perfeição, excelência	eufônico
Hemi	metade	hemisfério
Hiper	posição superior, excesso	hipertenso
Hipo	posição inferior	hipotético
Meta	posterioridade, mudança	metátese
Para	proximidade, ao lado de	paradigma
Peri	posição em torno de	perímetro
Pro	anterioridade	profecia

Sim, sin	simultaneidade, companhia	simpático, sinônimo

14.3. RELAÇÃO DE SUFIXOS

SUFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
-ada, -agem, -al	coleção	boiada, ramagem, laranjal
-ame, -edo, -io	agrupamento	vasilhame, arvoredo, mulherio
-aço, -aça, -ão, -arra	aumentativo	ricaço, barcaça, bocarra
-orra, -aréu, -ázio	aumentativo	cabeçorra, povaréu, copázio
-acho, -ejo, -ela, -eta	diminutivo	riacho, lugarejo, ruela, saleta
-ete, -eto, -ico, -iço	diminutivo	artiguete, poemeto, burrico
-isco, -(z)inho	diminutivo	chuvisco, animalzinho
-ota, -ote, -c)ula	diminutivo	flâmula, gotícula
-c)ulo, -ucho	diminutivo	papelucho

SUFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
-dade, -ada, -dão	ação	paulada, maldade, escuridão
-ança, -ação, -ença	qualidade	esperança, oração, detenção
-ência, -ez, -eza	estado	imponência, altivez, beleza
-ície, -mento, -(t)ude		calvície, ferimento, quietude
-ume	quantidade, coletivo	negrume, cardume
-ario, -eiro, -dor	profissão	bibliotecário, pedreiro
-nte	agente	vendedor, ajudante
-douro	lugar	bebedouro, dormitório
-al, -ar, -eo	referência,relação	imperial, escolar, férreo
-ano, -ão,-eiro	naturalidade,origem	curitibano, alemão
-ense, -eu,-ino		paraense, europeu, florentino
-ês,-esa		chinês, chinesa
-oso, -udo	abundância	gorduroso, narigudo
-ia, -ismo	ciência,escola	astronomia, romantismo
	Sistema político	comunismo
ança (ância), ença (ência)	ação ou resultado da ação	Esperança, lembrança, importância, obediência, crença, regência
Ura	qualidade	Brancura, feiúra
-esa, -isa, -essa	título	baronesa, sacerdotisa, condessa
-ar, -ear,-entar -ficar,-izar	ação	cantar, guerrear, afugentar dignificar, civilizar
-ecer, -escer	início de ação	amanhecer, amadurecer, florescer
-icar, -itar -iscar, -inhar	ação pouco intensa	bebericar, adocicar chuviscar, escrevinhar
-ear, -ejar	ação repetitiva	espernear, apedrejar

14.4. CORRESPONDÊNCIA ENTRE PREFIXOS GREGOS E LATINOS

PREFIXO LATINO	SIGNIFICADO	PREFIXO GREGO
Ab	afastamento	apo
Ad	proximidade, ao lado	para
Ambi	duplicidade	anfi

Bene	bem, bom	eu
Bi	dois	di
Circum	em torno de	peri
Contra	ação contrária	anti
Cum	simultaneidade	sin
De	movimento de cima para baixo	cata
Des, in	privação, negação	a, na
Ex	movimento para fora	ec, ex
In	interioridade	em
Intra	posição interior	endo
Semi	metade	hemi
Sub	sob, inferior	hipo
Super	sobre, excesso	epi
Trans	através de	dia
Mudança	meta	

RADICAIS GREGOS	SIGNIFICADO	EXEMPLO
Acro	alto, elevado	acrobata, acrópole, acrofobia
aer, aero	ar	aeronave, aéreo
agogo	o que conduz	pedagogo, demagogo
agro	campo	agronomia, agrônomo
alg, algia	dor, sofrimento	analgésico, nevralgia
andro	homem, macho	andrógino, andropausa
anemo	vento	anemógrafo, anemômetro
antropo	ser humano	antropocentrismo, antropologia
arcai, arqueo	antigo, velho	arcaico, arqueologia
Aristo	ótimo, o melhor	aristocracia, aristocrata
aritmo	número	aritmética, aritmologia

arquia	governo	Monarquia, anarquia
asteno, astenia	fraqueza, debilidade	astenopia, neurastenia
astro	corpo celeste	astronomia, astrologia
atmo	gás, vapor	atmosfera, atmômetro
baro	pressão, peso	barômetro, barítono
bata	o que anda	acrobata, nefelibata
biblio	livro	biblioteca, bibliotecário
bio	vida	biologia, biografia
caco	feio, mau	cacofonia, cacoépia
cali	belo	caligrafia, calidoscópio
cardio	coração	cardíaco, cardiopatia
cefalo	cabeça	acefalia, cefaléia
ciclo	círculo	ciclovia, motocicleta
cine, cinesi	movimento	cinemática, cinema
cito	célula	citologia, citoplasma
cosmo	mundo, universo	cosmovisão, macrocosmo
cracia	poder, autoridade	democracia, tecnocracia
cromo	cor	cromogravura, cromógeno
crono	tempo	cronológico, cronômetro
Datilo	dedo	datilografia, datiloscopia
dgeca	dez	decâmetro, decalitro
Demo	povo	democracia, demográfico
derma	pele	dermatologista, dermatite
di	dois	dissílabo, ditongo
dinamo	força, potência	dinamite, dinamismo
doxo	crença, opinião	ortodoxo, paradoxo
dromo	corrida	autódromo, hipódromo

Eco	casa, domicílio, habitat	ecologia, ecônomo, ecossistema
Edro	base, face	poliedro, pentaedro
ergo	trabalho	ergofobia, ergonomia
esperma, espermato	semente	espermatologia, espermatozóide
etio, etimo	origem	etiologia, etimologia
etno	raça, nação	etnia, etnocentrismo
Fago	aquele que come	antropófago, necrófago
filo	amigo, amante	Filólogo,fílósofo,
fisio	natureza física ou moral	fisiologia, fisioterapia
Fobo	Aversão, medo	agorafobia, pantofobia
fono	som, voz	Fonoaudiólogo, fonema
fos, foto	luz	fosfeno, fotografia
gamo	casamento	gamomania, poligamia
gastro	estômago	gastronomia, gástrico
Gene	origem	gênese, genética
geo	terra	geografia, geologia
gine, gineco	mulher	Ginecologia, andrógino
gono, gonio	ângulo	polígono, goniômetro
grafia	escrita	ortografia, caligrafia
Helio	sol	heliocentrismo, heliografia
hemo	sangue	hemorragia, hemograma
hepato	fígado	hepatite, hepático
hetero	outro, diferente	heterossexual, heterogêneo
hidro	água	hidrografia, hidrófilo
Higro	umidade	higrômetro, higrófilo
Hipno	sono	hipnose, hipnotismo
Hipo	cavalo	hipódromo, hipopótamo
homeo, homo	semelhante	homeopatia, homônimo

icon, icono	imagem	iconoclasta, iconografia
ictio	peixe	ictiofagia, ictiologia
iso	igual	isóbaro, isonomia
Latria	culto	idolatria, alcoólatra
Lito	pedra	litografia, aerólito
log, logia	estudo	Psicologia, sociologia
macro	grande	macrocosmo, macrobiótica
mancia	adivinhação	quiromancia, cartomancia
mani, mania	loucura	manicômio, cleptomania
mega, megalo	grande	megalomania, megalocefalia
meso	meio	Mesopotâmia, mesóclise
metro	que mede, medição	velocímetro, termômetro
micro	pequeno	microcosmo, microfone
miso	ódio, aversão	misantropia, misossofia
mito	fábula	mitologia, mitomania
mnemo	memória	amnésia, mnemônico
mono	único, sozinho	monarquia, monobloco
morfo	forma	zoomórfico, amorfo, morfologia
Necro	morte, cadáver	necrotério, necrofilia
Neo	novo, moderno	neologismo, neoplasia
neuro	nervo	neurite, neuralgia
nomo	regra, lei	nomologia, agrônomo
odonto	dente	odontologia, odontalgia
oftalmo	olho	oftalmologista, oftalmia
Oligo	pouco	oligarquia, oligopólio
onimo	nome	ortônimo, sinônimo
onir, oniro	sonho	onírico, oniromancia)

ornito	ave	ornitologia, ornitofilia
orto	reto, correto	ortônimo, ortografia
Oxi	agudo, ácido	oxítona, oxidação
paleo	antigo	paleografia, paleontologia
pato	doença, sofrimento	patologia, patogenia
pedia	educação	ortopedia, pediatria
pole, polis	cidade	metrópole, Petrópolis
poli	muito	poligamia, politeísmo
potamo		Mesopotâmia, hipopótamo
pneumato	ar, gás, espírito	pneumatologia, pneumático
pneum(o)	pulmão	pneumonia, pneumotórax
Proto	primeiro	protozoário, protótipo
pseudo	Falso	pseudorrepresentações
psico	alma, espírito	psicografia, psiquiatria
quiro	mão	quiromancia
rino	nariz	Rinite, rinoceronte
rizo (=);	raiz	rizotônico, rizófago
scopio	o que faz ver	telescópio, microscopia
sema, semio	sinal	semáforo, semiótica
sidero	ferro, aço	siderurgia, siderografia
Sismo	terremoto	sísmico, sismógrafo
sofo	sábio	filosofia, sofomaníaco
soma, somo, somato	corpo, matéria	cromossomo, somatologia
tanato	morte	eutanásia, tanatofobia
taqui	rápido	taquicardia, taquigrafia
teca	coleção	fonoteca, filmoteca, discoteca
tecno	arte, ofício	tecnologia, tecnocracia
tele	ao longe, distância	telefone, telescópio, telégrafo

Téo	deus, divindade	teocentrismo, teocracia
termo	calor, temperatura	termômetro, térmico
topo	lugar, localidade	topografia, topologia
xeno	estranho	xenofobia, xenofilia
xer, xero	seco, secura	xerófilo, xerografia
xilo	madeira	xilogravura, xilófago
zoo	animal	zoologia, zoomorfo

RADICAIS LATINOS	SIGNIFICADO	EXEMPLO
Agri	campo	agricultura, agrícola
Ambi	ambos	ambidestro, ambíguo
ambulo	caminhar, andar	sonâmbulo, noctâmbulo
arbori	árvore	arboriforme, arboricultura
beli (=);	guerra	bélico, belicista, beligerante
bi, bis	repetição, duas vezes	bisavô, bilíngue
calori	calor	caloria, calorífero
cida	que mata	Homicida, inseticida
cola (=);	que habita, que cultiva	vinícola, citrícola
cole, colo	pescoço	colar, colarinho
color	cor, coloração	Bicolor, colorido
cordi	coração	cordial
corn(i)	chifre, antena	cornear, cornudo
crimino	crime	criminoso, criminologia
cruci	cruz	crucificado
cultura	ato de cultivar	suinocultura, piscicultura
cupr(i)	cobre	cúprico, cuprífero
curvi (=);	curvo	curvilíneo
deci (=);	décimo	decímetro, decigrama

digit(i)	dedo	digitador, digitação
dui	dois	duidade, duelo
ego	eu	egocentrismo, egoísmo
equi	igual	equivalência, equidistante
estil(i)	estilo	estilista, estilismo
evo	idade	longevidade, longevo, medievo
fero	que contém	mamífero, carbonífero
ferr(i), ferro	ferro	ferrovia, ferragem
fico	que faz, que produz	benéfico, maléfico
Fide	fé	fidelidade, fidedigno
fili	filho	filiação, filial
forme	forma	uniforme, disforme
frater	irmão	fraterno, fratricida
frig(i)	frio	frigidez, frigorífico
fugo	que foge	centrífugo, vermífugo
genito	relativo à geração	genitor
gradu	grau, passo	centígrado, graduação
herbi	erva	herbívoro, herbicida
homin(i)	homem	hominal, homicídio
igni	fogo	ignição, ígneo
lati	largo, amplo	latifúndio, latofólio
loquo (=);	que fala	ventríloquo, altíloquo
luc(i)	luz	lucidez, lúcido
mini	muito pequeno	minissaia, mínimo
multi	numeroso	multissecular, multiangular
ocul(i)	olho	oculista, óculos
Odori	odor, cheiro	odorífero, desodorante
oni	tudo, todo	onipotente, onipresente

pisci	peixe	piscicultura, pisciano
Pani	pão	panificadora
pari	igual	paridade, paritário
ped(i), pede	pé	pedestre, pedicuro, bípede
personal(i)	pessoal	personalidade, personificar
petr(i)	pedra	petrificar, petróleo
Plani	plano	planisfério, planície
Pluri	muitos	pluralizar, pluricelular
pluvio	chuva	pluviômetro, pluviosidade
popul(o)	povo	populoso, populismo
primi	primeiro	primogênito, primícias
quadr(i), quadru	quatro	quadrado, quadrangular
radic(i)	raiz	radicar, radiciação
reti	reto, direito	retificar, retilíneo
reti	rede	reticulado, retiforme
retro	movimento para trás	retroceder, retrovisor
sabat(i)	sábado	sabatina, sabatismo
sacar(i)	açúcar	sacarífero, sacarose, sacarina
sesqui	um e meio	sesquicentenário, sesquipedal
sexi, sexo	sexo	sexologia, assexuado
sideri	astro	sideral, sidério
silvi	selva	silvícola, silvicultura
sino	da China	sinologia, sino-brasileiro
sócio	sociedade	sociologia, sociolinguística
sono	som, ruído	sônico, sonoplastia
sudor(i)	suor	sudoríparo, sudoral
telur(i)	terra, solo	telúrico, telurismo
toni	tom, vigor	tônico, tonificar

toxico	veneno	toxicomania, toxina
Triti	trigo	triticultura, triticultor
veloci	veloz	velocidade, velocímetro
vermi	verme	vermífugo, vermicida
vin(i)	vinho	vinicultura, vinícola
Vitri	vidro	vitrina, vitrificar, vitral
Voto	que quer, que deseja	malévolo, benévolo
Voro	que devora	carnívoro, herbívoro

14.5. LATINISMOS

A fortiori	com tanto mais razão
Ab absurdo	por absurdo
Ab initio	desde o princípio
Ad hoc	para isso
Ad instar	à semelhança, à maneira de
Ad honores	pela honra
Ad libitum	à vontade, a seu bel prazer
Ad referendum	sujeito à aprovação
Ad usum	segundo o costume
Álibi	meio de defesa que o réu apresenta provando estar em outro local no momento do crime
A priori	antes de qualquer momento
A posteriori	após argumentação
Apud	junto de
Alter ego	outro eu
Curriculum vitae	correr da vida, conjunto de informações pessoais
Data vênia	com a devida permissão

De facto	de fato
Errata	especificação dos erros expressos
Et alii	e outros
Ex aequo	com igualdade
Ex autoritate legis	por força da lei
Ex abrupto	de súbito
Ex cathedra	em virtude de autoridade decorrente do título
Ex consensu	com o consentimento
Ex jure	segundo o direito
Ex more	conforme o costume
Ex officio	por obrigação da lei, por dever do cargo
Exempli gratia	por exemplo
Ex lege	de acordo com a lei
Ex nunc	de agora em diante
Ex tunc	desde então, com efeito retroativo
Ex-vi	por força, por efeito
Fac símile	cópia
Habeas corpus	liberdade de locomoção
Hic et nunc	aqui e agora
Honoris causa	por motivo de honra
Ibidem	no mesmo lugar
Idem	igualmente, também
In fine	no fim
In limine	preliminarmente
In albis	sem noção daquilo que deveria saber
In extenso	na íntegra
In limine	desde logo, no início

In loco	no lugar
In sito	no lugar
In totum	totalmente
Ipsis literis	pelas mesmas letras
Ipsis verbis	pelas mesmas palavras – textualmente
Ipso facto	por isso mesmo, pelo próprio fato
Ipso jure	de acordo com o direito
Lato sensu	em sentido amplo
Mutatis mutandis	mudando o que deve ser mudado
Opus	obra musical classificada e numerada
Pari passu	simultaneamente
Passim	aqui e ali, em toda parte
Prima facie	à primeira vista
Pro labore	o pagamento por serviço prestado
Quorum	número mínimo de pessoas presentes exigido por lei ou estatuto para que um órgão funcione
Res non verba	fatos, não palavras
Sic	assim mesmo, escrito desta maneira
Sine die	sem data fixa
Sine jure	sem direito
Sine qua non	indispensável
Sub judice	sob a apreciação judicial
Sui generis	peculiar, sem igual
Status quo	estado em que se encontrava certa questão
Strictu sensu	em sentido restrito
Ur et orbi	em toda parte
Ut infra	conforme abaixo

Ut retro	conforme atrás
Ut supra	conforme acima
Verbi gratia	por exemplo
Verbo ad verbum	palavra por palavra

14.6. EXERCÍCIOS

01. **(NCE / Polícia Civil / Inspetor de Polícia)**

"Inúmeros esforços publicitários não resultam em nada."; "Continuemos no campo das substâncias ilícitas"; "acho que o professor cometeu duas impropriedades.". Inúmeros, ilícita, impropriedade têm em comum:

a) o prefixo negativo;
b) a classe gramatical;
c) o gênero;
d) o número;
e) a forma gráfica.

Gabarito: A

A alternativa B deve ser excluída, visto que INÚMEROS e ILÍCITA são adjetivos e apenas IMPROPRIEDADE é substantivo. Portanto, não se pode afirmar que os três termos possuem a mesma classe gramatical.

A alternativa C também deve ser excluída, porquanto INÚMEROS é masculino, contudo ILÍCITA e IMPROPRIEDADE são femininos.

A alternativa D também deve ser eliminada, dado que INÚMEROS está no plural e ILÍCITA e IMPROPRIEDADE estão no singular.

A alternativa E apresenta um comentário absurdo, uma vez que todos os vocábulos possuem ortografia diferente.

O candidato percebe o valor de negação nos prefixos presentes em ILÍCITA e IMPROPRIEDADE, mas tem dificuldade de compreender que também há este prefixo em INÚMEROS. Normalmente, o candidato visualiza o sentido do adjetivo, que é MUITOS, GRANDE QUANTIDADE. No entanto, o adjetivo INÚMEROS só possui este valor justamente em virtude do prefixo negativo, pois o que se nega aqui é

haver números (daí INÚMEROS – SÃO TANTOS QUE NÃO É POSSÍVEL ESTIPULAR NÚMEROS) para mensurar algo.

02. **(UFF)**

A alternativa em que todos os sufixos têm, fundamentalmente, o mesmo valor que o sufixo presente no substantivo PERCUSSIONISTA é:

a) barbeiro, bancário, cantor;
b) estudante, formigueiro, vestiário;
c) jogador, noticiário, pedinte;
d) cinzeiro, poetastro, colaborador;
e) operário, fazendeiro, budismo.

Gabarito: A

Observe que a palavra PERCUSSIONISTA possui um sufixo com valor AGENTE, ou seja, de alguém que pratica algo. PERCUSSIONISTA é o indivíduo que toca percussão. A única alternativa em que o valor agente é conservado é a alternativa A. Vejamos: BARBEIRO é o profissional que faz a barba, BANCÁRIO é o profissional que trabalha em banco, e CANTOR é o cidadão que canta.

03. **(UNI-RIO)**

Numere a coluna da direita, relacionando com a da esquerda, pelo significado do prefixo, assinale a resposta correta:

1 – desesperança	**() repetição**
2 – contramarcha	**() oposição**
3 – redobra	**() privação, negação**
4 – influir	**() passar além de**
5 – translúcido	**() movimento para dentro**

a) 3-5-2-1-4;
b) 2-3-4-5-1;
c) 3-2-1-5-4;
d) 4-3-2-1-5;
e) 5-4-3-1-2.

Gabarito: C.

O prefixo RE de REDOBRA indica ideia de repetição, de reprodução; o prefixo

CONTRA de CONTRAMARCHA sugere sentido de oposição, de contrariedade; o prefixo DES de DESESPERANÇA tem valor semântico de negação; o prefixo IN de INFLUIR encerra o valor de movimento para dentro, movimento em direção a ambiente interno; por fim, o prefixo TRANS de TRANSLÚCIDO significa através de, passar além de.

04. **(UNI-RIO)**

Assinale a opção em que os prefixos têm o mesmo significado.

a) contradizer – antídoto;
b) desfolhar – epiderme;
c) decapitar – homicídio;
d) supercílio – acéfalo;
e) semimorto – perianto.

Gabarito: A

Os prefixos CONTRA e ANTI, ocorrentes na alternativa A, possuem valor de oposição, de contrariedade. Na alternativa B, o prefixo DES de DESFOLHAR tem valor de movimento para fora; já o prefixo EPI de EPIDERME, de sobre, acima. Na alternativa C, o prefixo DE de DECAPITAR significa movimento para fora; já o radical HOMI de HOMICÍDIO é o próprio homem. Na alternativa D, SUPER de SUPERCÍLIO encerra valor de posição superior, acima, sobre; já o prefixo A de ACÉFALO encerra valor de negação. Por fim, na alternativa E, o prefixo SEMI passa a ideia de meio, metade, mais ou menos; já o PERI de PERIANTO passa de em volta de, em torno de.

05. **(NCE / INPI)**

Agrário se refere a campo; o vocábulo abaixo em que esse radical tem significado diferente é:

a) agricultor;
b) agridoce;
c) agrimensor;
d) agreste;
e) agrícola.

Gabarito: B

Todas as alternativas relacionam o vocábulo à ideia de campo, lavoura – em virtude da ocorrência do radical grego AGRO –, exceto a alternativa B, que

apresenta AGRI, oriundo do radical latino vulgar ACRUM, que significa azedo, ácido.

06. **(NCE / TJ / Técnico Judiciário Juramentado)**

O vocábulo abaixo cujo prefixo apresenta o mesmo valor semântico do prefixo presente no vocábulo erradicar é:

a) discriminação;
b) admissão;
c) incapacidade;
d) redistribuição;
e) exportar.

Gabarito: E

O prefixo E de ERRADICAR possui valor de movimento para fora, movimento em direção a ambiente externo. O prefixo DIS de DISCRIMINAÇÃO significa movimento para vários sentidos; o prefixo AD de admissão tem valor de aproximação; o prefixo IN de INCAPACIDADE encerra valor de negação; o prefixo RE de REDISTRIBUIÇÃO significa repetição; o prefixo EX de EXPORTAR passa o sentido de movimento para fora, movimento em direção a ambiente externo.

07. **(NCE / Auxilar de Cartório)**

O radical grego fobia significa "medo, aversão"; o vocábulo abaixo que tem sua significação corretamente indicada é:

a) agorafobia – medo dos tempos atuais;
b) acrofobia – medo de lugares altos;
c) claustrofobia – medo de lugares religiosos;
d) hidrofobia – medo de chuva;
e) fotofobia – medo de aparecer em público.

Gabarito: B

Agorafobia significa medo de lugares públicos e grandes espaços descobertos.

Claustrofobia, medo de lugares fechados. Hidrofobia, medo de água. Fotofobia, aversão à claridade excessiva.

08. **(NCE / RJ / Ministério Público)**

Corporativismo, populismo, capitalismo mostram que o sufixo -ismo tem valor de:

a) coletivo ou grupo;
b) qualidade ou característica;

c) doutrina ou sistema;

d) quantidade ou intensidade;

e) aspecto pejorativo ou negativo.

Gabarito: C

O sufixo ISMO significa ciência, de sistema político.

09. **(NCE / RJ / Ministério Público)**

Subtributação só pode significar:

a) sonegação de impostos;

b) ausência de fiscalização no pagamento dos impostos;

c) taxação injusta, por exagerada;

d) impostos reduzidos;

e) dispensa de pagamento de impostos.

Gabarito: D

O prefixo SUB de SUBTRAÇÃO tem sentido de abaixo de, de inferior. Ou seja, o significado do vocábulo é tributação inferior, menor. Sendo assim, torna-se evidente a ideia de que a tributação é reduzida.

10. **(NCE / CPBS)**

Nos vocábulos IMPERCEPTÍVEL e SUBTERRÂNEO, os prefixos IM e SUB indicam, respectivamente:

a) dentro de – sobre;

b) negação – abaixo de;

c) proximidade – sob;

d) movimento para dentro – acima de;

e) oposição – dentro de.

Gabarito: B

O prefixo IM de IMPERCEPTÍVEL passa a ideia de negação, ou seja, algo que não pode ser percebido. Já o prefixo SUB de SUBTERRÂNEO encerra sentido de abaixo de (abaixo da terra).

11. **(NCE)**

Assinale o item que o sufixo <u>– mente</u> não apresenta o mesmo valor semântico presente na palavra lentamente.

a) rapidamente;

b) finalmente;
c) sutilmente;
d) infelizmente;
e) corajosamente.

Gabarito: B

Nas alternativas A, C, D e E, o sufixo MENTE sugere ideia de modo. Já em FINALMENTE, o sufixo possui valor de fato independente em relação a outro. Por exemplo: Todos o esperavam e finalmente ele chegou.

12. **(NCE)**

Silicose é um vocábulo que apresenta o sufixo ose indicativo de doença. Em que palavra abaixo esse mesmo sufixo tem valor diferente?

a) trombose;
b) tuberculose;
c) dermatose;
d) diagnose;
e) psicose.

Gabarito: D

O sufixo OSE em DIAGNOSE significa processo de funcionamento. Ou seja, DIAGNOSE é processo pelo qual é feito um diagnóstico.

13. **(PUC)**

Na palavra ESPANTOSA, o sufixo OSO acrescenta ao radical o valor semântico de aquilo que provoca ou produz. Assinale a palavra cujo sufixo tem este mesmo significado.

a) apetitoso;
b) medroso;
c) venenoso;
d) vaidoso;
e) gostoso.

Gabarito: A

O sufixo OSO normalmente possui valor de abundância, cheio de. No entanto, o sufixo OSO em ESPANTOSA significa aquilo que provoca ou produz em outrem. Uma coisa espantosa provoca espanto em outrem. A mesma relação semântica ocorre

em APETITOSO, pois uma comida apetitosa provoca ou produz o apetite em alguém.

14. **(NCE)**

Há evidente equívoco na indicação do valor semântico do sufixo formador das palavras em:

a) dimensionamento, questionamento (ato ou efeito de);
b) estritamente, explicitamente (modo);
c) autoritarismo; corporativismo (instrumento de ação);
d) responsabilidade, hostilidade (qualidade ou estado);
e) pesquisador, professor (agente).

Gabarito: C

O sufixo ISMO possui significa ciência ou sistema político.

15. **(COPPE)**

A opção em que os prefixos guardam entre si o mesmo tipo de relação semântica que o observado entre os prefixos de ‘’imobilismo” e “desagregador” é:

a) hemisfério / semimorto;
b) antítese / antebraço;
c) emergente / importação;
d) afonia / eufonia;
e) cisandino / translado.

Gabarito: A

Em IMOBILISMO e DESAGREGADOR, os prefixos I e DES possuem valor semântico de negação, ou seja, eles são sinônimos. Portanto, a relação ocorrente entre os prefixos é de sinonímia. A única alternativa que apresenta prefixos com o mesmo significado é a A. Os prefixos HEMI e SEMI encerram sentido de metade, também sendo sinônimos. É bom esclarecer que não são as palavras que são sinônimas, mas sim os prefixos. Na alternativa B, ANTI de ANTÍTESE passa ideia de oposição; ANTE de ANTEBRAÇO, de anterioridade. Na alternativa C, o prefixo E de EMERGENTE e IM de IMPORTAÇÃO guardam uma relação de antonímia, visto que E indica movimento para fora e IM de IMPORTAÇÃO, movimento para dentro. Na alternativa D, A de AFONIA tem valor de negação; já EU de EUFONIA, de bom, agradável. Na alternativa E, o prefixo CIS de CISANDINO encerra valor de posição

aquém; já TRANS de TRANSLADO, de através de.

16. **(FGV / Senado Federal / Analista Legislativo)**

"O relator trouxe à luz o direito inalienável e imprescritível dos índios de viver nas terras que tradicionalmente ocupam e de acordo com suas próprias culturas."

Na frase acima, o vocábulo inalienável significa "que não se pode alienar", e o vocábulo imprescritível significa "que não prescreve".

Com base em processo semelhante de formação de adjetivos, assinale a alternativa em que se tenha cometido equívoco entre o adjetivo formado e o sentido a ele atribuído.

a) imensurável – que não se pode medir;
b) imiscível – que não se pode misturar;
c) imponível – que não se pode pôr;
d) impartível – que não se pode dividir;
e) impassível – que não sofre.

Gabarito: C

Imponível significa tributável, ou seja, produto ou serviço passível de tributação.

17. **(CEPUERJ / Técnico de Enfermagem)**

"... analgésico e antipirético..."

As palavras cujos prefixos possuem significados que correspondem à queles presentes nos termos acima destacados são, respectivamente:

a) Infeliz / anfíbio;
b) Anemia / inimigo;
c) Desleal / contrapor;
d) Expulsar / ambíguo.

Gabarito: C

Analgésico – negação; antipirético – oposição

a) Infeliz – negação; anfíbio – duplicidade;
b) Anemia – negação; inimigo – negação;
c) Desleal – negação; contrapor – oposição;
d) Expulsar – movimento para fora; ambíguo – duplicidade.

18. **(CEPUERJ / Técnico de Enfermagem)**

A alternativa cujo elemento sublinhado é um prefixo grego que

significa "oposição a, contra" é:

a) Analgésico;

b) Antipirético;

c) Hemofílicos;

d) Hipersensíveis.

Gabarito: B

Analgésico – negação;

Hemofílicos – afinidade;

Hipersensíveis – excesso.

19. **(NCE)**

Curriculo é a forma portuguesa correspondente ao latinismo curriculum; o item abaixo que apresenta um latinismo de significação incorreta é:

a) a priori – antecipadamente;

b) alibi – declaração;

c) sine die – sem data certa;

d) quantum – quantidade;

e) et alii – e outros.

Gabarito: B

O significado de álibi é: meio de defesa que o réu apresenta provando estar em outro local no momento do crime.

20. **(NCE / TJ / Técnico Judiciário Juramentado)**

"...que substituem o Estado em certas regiões (vide o PCC) e com a parte corrupta da polícia,..."; vide é forma latina correspondente ao verbo "ver". O latinismo a seguir que tem seu significado corretamente indicado é:

a) sic – nunca;

b) et allii – e assim;

c) ad hoc – isto é;

d) latu sensu – em sentido restrito;

e) verbi gratia – por exemplo.

Gabarito: E

SIC – assim mesmo, escrito desta maneira; ET ALLII – e outros; AD HOC – para isso; VERBI GRATIA – por exemplo.

21. **(NCE / TJ)**

Etc. É uma expressão latina. O livro "Não perca o seu latim", de Paulo Rónai, indica vocábulos e expressões latinas bastante comuns em textos jurídicos; o item cujo latinismo tem seu significado INCORRETAMENTE indicado é:

a) alibi – ausência do acusado no lugar do crime, provada pela sua presença noutro lugar;
b) habeas corpus – garantia constitucional outorgada em favor de quem sofre ou está na iminência de sofrer coação ou violência;
c) quorum – número máximo de pessoas presentes para que um órgão funcione;
d) ad hoc – designado para executar determinada tarefa;
e) a priori – anteriormente à experiência.

Gabarito: C

QUORUM é o número "mínimo" de pessoas presentes para que um órgão funcione.

Capítulo 15

Questões Comentadas

01. **(AFC)**

Assinale a proposição correta a respeito da estrutura morfossintática do texto abaixo.

"A 'Guerra Fiscal' pertence a uma classe geral de fenômenos que emergem quando iniciativas políticas dos Governos subnacionais adquirem conotações negativas e geram efeitos econômicos perversos em decorrência do caráter insuficiente ou conjunturalmente inoperante do quadro político-institucional que regula os conflitos federativos, o qual se revela incapaz de garantir um equilíbrio mínimo entre interesses locais de forma a evitar efeitos macroeconômicos e sociais perversos."

(C. Cavalcanti & G. Prado, com adaptações)

a) A forma verbal "emergem"(l.1), flexionada no plural, constitui incorreção, pois sua concordância deve se dar com o substantivo "classe"(l.1), núcleo do grupo nominal "classe geral de fenômenos".

b) **Emergir** é verbo defectivo, ao qual faltam as formas em que ao radical se seguiria **o** ou **a**.

c) Em "subnacionais"(l.2) e "macroeconômicos"(l.6), o sentido dos prefixos está em relação antonímica.

d) O prefixo indicador de negação está presente nas formas: "insuficiente(l.3), inoperante(l.4), incapaz(l.5), interesses"(l.6).

e) O plural do adjetivo composto "político-institucional"(l.4) se faz adicionando a desinência de plural aos dois elementos.

Gabarito: B

Questão polêmica. A alternativa A apresenta comentário inadequado, porquanto não há incorreção, consoante aduzido. O antecedente do pronome relativo tanto pode ser "classe", o que levaria o verbo para o singular, como pode ser "fenômenos", levando o verbo para o plural, conforme vem redigido, diga-se de passagem, corretamente no texto original. A alternativa C apresenta incorreção,

uma vez que os prefixos SUB e MACRO, nesse contexto, não são antônimos. SUB significa abaixo; macro significa grande. Obviamente, abaixo não é antônimo de grande. A alternativa D apresenta falha, pois, embora os vocábulos INSUFICIENTE, INOPERANTE e INCAPAZ tenham prefixo indicador de negação, o mesmo não ocorre com INTERESSES. A alternativa E também não está correta, dado que o plural dos adjetivos compostos se realiza com a flexão apenas do último termo: político-institucionais. A resposta somente pode ser a alternativa B. Porém, não há como se negar que há aí uma polêmica. Segundo Evanildo Bechara, os verbos EMERGIR e IMERGIR não são defectivos, podendo ser flexionados em todos os tempos e pessoas. Celso Cunha, todavia, assevera que tais verbos são defectivos, não podendo ser conjugados na primeira pessoa do singular do presente do indicativo (EMERJO-IMERJO) e em todo o presente do subjuntivo (EMERJA-EMERJAS-EMERJA-EMERJAMOS-EMERJAIS-EMERJAM; IMERJA, IMERJAS, IMERJA, IMERJAMOS, IMERJAIS, IMERJAM). Vê-se que, na situação em voga, a Esaf seguiu o entendimento do Celso Cunha.

02. **(Cespe / UnB / PRF)**

NO TOCANTE À EMBRIGUEZ, O CTB ESTABELECE O SEGUINTE:

Capítulo XV

DAS INFRAÇÕES

Art. 161. Constitui infração de trânsito a inobservância de qualquer preceito deste Código, da legislação complementar ou das resoluções do CONTRAN, sendo o infrator sujeito às penalidades e medidas administrativas indicadas em cada artigo, além das punições previstas no Capítulo XIX.

(...)

Art. 165. Dirigir sob a influência de álcool, em nível superior a seis decigramas por litro de sangue, ou de qualquer substância entorpecente ou que determine dependência física ou psíquica:

Infração – gravíssima;

Penalidade – multa (cinco vezes) a suspensão do direito de dirigir;

Medida administrativa – retenção do veículo até a apresentação de condutor habilitado e recolhimento do documento de habilitação.

A partir do texto e considerando o CTB, julgue os itens que se seguem.

1 – As palavras "inobservância" (l.1), "indicadas" (l.4) e "influência" (l.7) apresentam o mesmo prefixo, apesar de pertencerem a classes gramaticais diferentes.

2 – A coerência do texto e as regras gramaticais seriam respeitadas, caso se inserisse às imediatamente antes de "medidas" (l.3)

3 – Para efeito de aplicação das penalidades previstas, a conjunção "ou" (l.8) deve ser entendida como também inclusiva.

Gabarito:

1 – Errado. Somente o primeiro vocábulo apresenta prefixo indicador de negação. Além disso, os vocábulos INOBSERVÂNCIA e INFLUÊNCIA possuem a mesma classe gramatical – substantivo.

2 – Certo. Observe que os termos "à s penalidades" e "medidas administrativas" estão em paralelismo sintático, complementando a ideia de "sujeito". O autor fez a opção por não repetir a contração do artigo com a preposição, e a banca propõe justamente a inserção, obtendo o seguinte resultado "… sujeito às penalidades e às medidas administrativas…".

3 – Certo. Item muito interessante. Quando o Cespe sugere que a conjunção "ou" deve ser entendida como também inclusiva, significa que o conector tanto pode incluir – tendo caráter aditivo e) –, como pode excluir – tendo caráter alternativo (ou). Ou seja, OU, neste contexto, significa E/OU. E é importante que se faça tal leitura, visto que, se houver apenas a interpretação de alternância (ou), o cidadão somente se inseriria no artigo se estivesse sob efeito de álcool OU de entorpecentes. Um ou outro. E se a pessoa estivesse sob efeito dos dois, não constituiria infração gravíssima? Óbvio que não é isso. Por isso, OU tem valor aditivo e alternativo (inclui e exclui). OU indica que bastaria uma das situações, mas evidentemente se a pessoa se inserisse em todos os casos, também constituiria infração gravíssima.

03. **(Cespe / UnB / IRBr / Diplomata)**

1 – Os vocábulos "instabilidade", "imperfeita", "inçados" e "impõe" são formados por prefixo cujo valor semântico denota privação ou negação.

2 – O vocábulo "inaturável" é formado por derivação e tem o mesmo radical do vocábulo **desnaturado**.

3 – Denomina-se prefixação o processo de formação dos seguintes vocábulos: "anomalia", "alacridade" e "arrebataram".

4 – O vocábulo "agravada" tem o mesmo radical que os vocábulos **gravidez** e **gravidade**.

Gabarito:

1 – Errado – Somente os dois primeiros vocábulos apresentam prefixo indicador de negação.

2 – Errado – Os radicais são distintos. O primeiro vocábulo deriva-se de ATURAR, sendo o radical ATUR. O segundo deriva-se de natural, natal, natureza, sendo o radical NATURA.

3 – Errado – Os dois primeiros vocábulos sofreram a derivação sufixal e o último, parassintética.

4 – Certo – Todos os vocábulos derivam-se de grave, sendo o radical GRAV. Chamamos a atenção, sobretudo, para o vocábulo gravidez, que também é cognata. Este vocábulo origina-se da própria situação feminina que, ao engravidar, aumenta o seu peso, tornando-se mais grave (pesada). Repare a ligação de gravidade (Lei da Gravidade) com o sentido em voga.

04. **Classe média em alta (Editorial – Folha de São Paulo – 4/4/2011)**

Na última década, o perfil socioeconômico do país mudou -e muito. A principal novidade foi o fortalecimento da classe C, composta por famílias que têm uma renda mensal domiciliar total (somando todas as fontes) entre R$ 1.126,00 e R$ 4.854,00.

Os números indicam que ocorreu uma considerável mobilidade social nos últimos anos: entre 2004 e 2010, 32 milhões de pessoas ascenderam à categoria de classes médias (A, B e C) e 19,3 milhões saíram da pobreza. A classe C é hoje detentora de 46,5% da renda nacional.

Não se pode dizer que o país tenha mudado da noite para o dia. A modificação resulta de múltiplos fatores, da estabilização de preços às mudanças demográficas, da educação ao mercado de trabalho.

Embora essa tendência tenha se aprofundado com a política de distribuição de renda do governo do PT, seria incorreto dizer que surgiu com ele. No início da década passada, a classe C representava 40% da população. Em 2010, essa parcela era de 52%.

Nem a elite nem a base da pirâmide social (classes D e E) decidirão eleições. A nova classe média será o fiel da balança eleitoral.

Pesquisas recentes sugerem que o novo eleitor é conservador: está mais preocupado com o bolso do que com participação política, deseja consumir, ter emprego formal e renda e conquistar espaço para provar-se empreendedor.

Considerando que as famílias da classe C não possuem renda elevada, é provável que venham a privilegiar, na agenda política, os temas da qualidade em educação, saúde e transporte. Sentirão o peso da desproporcional carga tributária e exigirão reformas voltadas a reduzi-la -não por ideologia ou convicção, mas por pragmatismo.

Não apenas as empresas precisarão redefinir suas estratégias de mercado, adaptando produtos aos gostos e demandas desse novo contingente, mas também os partidos políticos e seus estrategistas.

O PT, durante o governo Lula, arregimentou sua maior base eleitoral nas camadas pobres, entre os beneficiários da Bolsa Família. Talvez seja, hoje, a agremiação que mais tenha com que se preocupar diante da ascensão da classe média, se não conseguir dar respostas a seus anseios.

Em relação ao texto anterior, julgue os seguintes itens.

1 – Conclui-se do texto que a mudança do perfil socioeconômico gerou estabilização de preços, mudanças demográficas, mais acesso à educação e ao mercado de trabalho.

2 – Compreende-se do quarto parágrafo que a política de distribuição de renda efetuada pelo PT contribuiu para a mudança do perfil socioeconômico atual no Brasil.

3 – Em consonância com o que se expõe no antepenúltimo parágrafo, temas como educação, saúde e transporte decidirão as próximas eleições.

4 – O emprego de "mas também" (l. 26) é resultado da construção iniciada por "Não apenas" (l. 25).

Gabarito:

1 – Errado – Inverte-se a relação causa-efeito. Observe que, no terceiro parágrafo, há a informação de que a mudança do país, que não ocorreu de uma hora para a outra, resulta de múltiplos fatores, da estabilização de preços às mudanças demográficas, da educação ao mercado de trabalho. Portanto, a mudança do país representa a causa, e a estabilização de preços às mudanças demográficas, da educação ao mercado de trabalho representa a

consequência.

2 – Certo – Observe que o item não diz que a mudança do perfil socioeconômico atual no Brasil tenha se iniciado com a política de distribuição de renda efetuada pelo PT. E não começou mesmo, segundo o texto. Mas essa tendência – que já existia antes do governo PT – se aprofundou com a política implementada pelo PT. Portanto, está correta a interpretação de que a política de distribuição de renda efetuada pelo PT contribuiu para a mudança do perfil socioeconômico atual no Brasil, mesmo não dando início a ela.

3 – Errado. No texto, o autor emprega a expressão "é provável", ou seja, há o campo da possibilidade e não da certeza. É provável, e não certo, que tais temas decidam as eleições.

4 – Certo – A função do NÃO é negar o termo APENAS, ou seja, o NÃO nega a restrição. Tanto é verdade que se não houve o NÃO, o sentido da frase seria: apenas as empresas precisarão redefinir suas estratégias de mercado. Mais ninguém precisaria redefinir suas estratégias de mercado. Como o NÃO nega o apenas, a leitura passa a ser NÃO APENAS AS EMPRESAS… Sendo assim, além das empresas, outros setores também precisarão redefinir suas estratégias de mercado.

05. **(NCE / TJ – RJ / TÉCNICO JUDICIÁRIO JURAMENTADO)**

Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos. Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitada de dar e receber afeto. E muito provavelmente ficaria louca se continuasse sozinha por muito tempo.

"Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia,…"; o uso do futuro do pretérito, nesse segmento, tem valor de:

a) probabilidade;

b) certeza;

c) dúvida;

d) conclusão;
e) condição.

Gabarito: A

É fundamental perceber que o enunciado da questão já demonstra que o futuro do pretérito pode passar várias ideias. A expressão "O uso do futuro do pretérito, nesse segmento, tem valor de" indica que este mesmo tempo, em outros fragmentos, pode ter valores diferentes. O futuro do pretérito designa uma consequência futura (que pode ser certa, provável ou duvidosa) de um fato passado. Portanto, o contexto tem que oferecer algum elemento que denuncie de forma precisa esta ideia. O segmento apontado é extraído com reticências já convocando o candidato a retornar ao texto e observar onde a ideia é finalizada. No fim do mesmo parágrafo, ocorre outro verbo no futuro do pretérito (ficaria) antecedido do adjunto adverbial "provavelmente". A palavra-chave "provavelmente" esclarece que a visão do autor do texto é que muito provavelmente a pessoa ficaria louca se continuasse sozinha. Se não é uma certeza que a pessoa ficaria louca, também não é uma certeza o fato de ela estar em pouco tempo sentido falta de companhia, mas sim uma situação extremamente provável.

06. **(Cesgranrio / Petrobras / Transpetro)**

E, por falar em cortar, todo mundo já deve ter ouvido a célebre história do não menos célebre rei Salomão, mas permitam-me recontá-la, transportando os acontecimentos para uma empresa moderna. Então, está um dia o rei Salomão em seu palácio, quando duas mulheres são introduzidas na sala do trono. Aos berros e puxões de cabelo, as duas disputam a maternidade de uma criança recém-nascida. Ambas possuem argumentos sólidos: testemunhos da gravidez recente, depoimentos das parteiras, certidões de nascimento.

Mas, obviamente, uma das duas está mentindo: havia perdido o seu bebê e, para compensar a dor, surrupiara o filho da outra. Como os testes de DNA só seriam inventados dali a milênios, nenhuma das autoridades imperiais consultadas pelas litigantes havia conseguido dar uma solução satisfatória ao impasse.

Com base no período "Como os testes de DNA só seriam inventados dali

a milênios, nenhuma das autoridades imperiais consultadas pelas litigantes havia conseguido dar uma solução satisfatória ao impasse." pode-se inferir que:

a) os testes de DNA poderiam contribuir para a solução do problema;
b) as soluções encontradas pelas autoridades não satisfizeram às litigantes;
c) as supostas mães das crianças consultaram as autoridades para resolver o impasse;
d) só dali a muitos anos os cientistas inventariam os testes de DNA;
e) não havia autoridade imperial capaz de resolver o impasse.

Gabarito: A

Esta questão foi muito bem imaginada, possuindo quatro alternativas coerentes com o texto. A solução é observar o enunciado: lá a banca solicita ao candidato uma inferência textual (pode-se inferir que), não servindo como resposta algo explícito no texto. A alternativa B está explícita, visto que está presente no texto que as autoridades imperiais consultadas não deram uma solução satisfatória. A opção C também está explícita, dado que o texto fornece a informação de que houve autoridades imperiais consultadas pelas mães-litigantes. A alternativa D também é recorrente ao texto, porquanto está exposto que os testes de DNA somente seriam inventados dali a milênios. A alternativa E é a única incoerente, dado que no texto fica evidente que nenhuma das autoridades imperiais "consultadas" conseguiu dar uma solução para o impasse, o que não quer dizer que obrigatoriamente nenhuma autoridade imperial conseguiria dá-la, havendo a possibilidade de autoridades não consultadas fazerem-no. A alternativa A é a resposta, em conformidade com a exigência feita no enunciado, ou seja, uma inferência (dedução) a partir dos elementos do texto. Pode-se deduzir que o impasse, nos dias atuais, poderia ser solucionado através dos testes de DNA. É fundamental frisar que o texto não informa que os testes de DNA poderiam contribuir para a solução do problema, no entanto é uma conclusão que o leitor poderia extrair do fragmento.

07. **(NCE / TALCRIM)**

TEXTO 1: A FOME

Cerca de vinte milhões de crianças e mais de vinte milhões de adultos morrem anualmente de fome e subnutrição. A informação é do diretor-geral da Organização

das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO), Edouard Sadema, segundo o qual, se observássemos um minuto de silêncio por cada pessoa que morreu no ano passado por causas relacionadas com a fome, estaríamos em pé, calados, ainda depois de acabado o século… Ele citou, entre a lista de paradoxos que o panorama econômico mundial oferece, o ato de que os gastos militares de todo o mundo aumentaram em proporções colossais, e sua quantia foi superior vinte vezes ao total de assistência oficial ao desenvolvimento. O custo de um só porta-aviões nuclear, disse ele, é superior ao Produto Nacional Bruto (PNB) de 53 países. Os países em desenvolvimento gastam anualmente com importação de armas o equivalente a suas importações totais de alimentos. (Caderno econômico do Jornal A Tarde, Salvador)

TEXTO 2: A BOMBA SUJA

Introduzo na poesia
a palavra diarreia.
Não pela palavra fria
mas pelo que ela semeia.
Quem fala em flor não diz tudo.
Quem me fala em dor diz demais.
O poeta se torna mudo
sem as palavras reais.
No dicionário a palavra
é uma mera ideia abstrata.
Mais que palavra, diarreia
é arma que fere e mata.
Que mata mais do que faca,
mais que bala de fuzil,
homem, mulher e criança
no interior do Brasil.
Por exemplo, a diarreia,
no Rio Grande do Norte,
de cem crianças que nascem,
setenta e dois leva à morte.

(Ferreira Gullar)

Qual a oposição incorreta entre, respectivamente, o texto 2?

a) Informativo X literário.

b) Univocidade X plurivocidade.

c) Denotativo X conotativo.

d) Verdade X beleza.

e) Descritivo X narrativo.

Gabarito: E

O primeiro texto é narrativo. Não podemos considerá-lo dissertativo, visto que o autor em momento algum expõe sua opinião. Repare que, desde o primeiro até o último período, somente há informações do diretor-geral da ONU. Sendo assim, o primeiro texto é narrativo-argumentativo. A argumentação pode ocorrer mesmo sem a presença explícita da tese. Já o segundo texto é dissertativo, havendo o poeta inserido explicitamente sua tese sobre o tema.

08. **Cerca de vinte milhões de crianças e mais de vinte milhões de adultos morrem anualmente de fome e subnutrição." Assinale o comentário incorreto sobre esse período do texto 1.**

a) a expressão **cerca de** indica quantidade aproximada;

b) **fome** e **subnutrição** indicam o modo de morrer de crianças e adultos;

c) **anualmente** corresponde **a todo ano**;

d) a conjunção **e** tem, nas duas ocorrências, o mesmo valor semântico.

e) a primeira informação do texto procura surpreender o leitor.

Gabarito: B

Os termos "de fome" e "de subnutrição" são adjuntos adverbiais de causa, sendo que as preposições que antecedem os substantivos constantes na alternativa contêm valor de causa. Vale a pena chamar atenção para o fato de que, em "Morrer de fome", a preposição DE introduz uma causa, ou seja, a fome é a causa da morte. Por outro lado, em "Morrer de pé", a preposição DE introduziria valor de modo. Seria o modo como a pessoa morreu – de pé, lutando.

09. **Por que o jornalista dá, no primeiro texto, a fonte de sua informação?**

a) Porque quer demonstrar a importância do tema tratado.

b) Porque é obrigado a declarar como chegou a essa informação.

c) Porque quer dar autoridade ao que informa.

d) Porque todo texto jornalístico faz isso.

e) Porque quer provocar sensacionalismo.

Gabarito: C

Não se pode dizer que o texto seja dissertativo, pois a opinião do autor do texto não aparece de forma explícita. Aqui só há narração (o autor está narrando todos os dizeres do diretor-geral da ONU) e argumentação (O recurso utilizado foi o conjunto de informações fornecido pelo diretor-geral da ONU.) Como já se informara, ao identificar o fornecedor da informação, não se expõe a importância do tema, mas sim da informação. Quando se diz que a informação é prestada pelo diretor-geral da ONU, ganha peso, credibilidade, autoridade e se torna um significativo recurso de argumentação.

10. **A que se refere o título do segundo texto, no contexto do poema?**

a) à bomba atômica;
b) à fome;
c) à miséria;
d) à diarreia;
e) à ignorância.

Gabarito: C

O candidato, como sempre, deve ficar atento ao enunciado. A pergunta feita é "A que se refere…?", portanto "o que é o título do segundo texto (A Bomba Suja)" no contexto do poema? Outro detalhe importante é que a resposta esteja explícita no contexto do poema. Enfim, existem dois caminhos para se chegar à reposta: o primeiro caminho é o instintivo, intuitivo. O que faz a bomba? Fere e mata. O que faz a diarreia segundo o texto? É arma que fere e mata. Portanto, no contexto do poema, a bomba suja é a diarreia. O outro caminho – o técnico – exige uma resposta explícita no contexto do poema. A bomba atômica, a fome, a miséria e a ignorância não foram mencionadas explicitamente na poesia.

11. **"Introduzo na poesia / a palavra diarreia", nesses dois primeiros versos do texto 2, o poeta nos diz que:**

a) vai apresentar aos leitores a palavra diarreia;
b) vai usar no poema uma palavra incomum nos poemas;
c) vai falar de um tema já conhecido;
d) vai explorar um tema que não é belo;
e) vai abordar um problema nacional.

Gabarito: B

Questão criada para colocar o candidato em dúvida entre duas alternativas: B e D. Antes de mais nada, o candidato deve ater-se a esse fragmento do texto. Por esse motivo, já se pode excluir a opção E. Que o autor está falando na poesia sobre um problema nacional, é verdade. Mas também é verdade que nesses dois versos isso não está mencionado. Aproveitando o ensejo, podemos também excluir a alternativa A, visto que a palavra não está sendo apresentada aos leitores – até porque imagino que todos saibam o significado de "diarreia" –, e sim introduzida no campo poético. Também podemos excluir a alternativa C, pois o tema "diarreia" certamente não é comum em poesias. As opções B e D são coerentes com os dois versos. Como no enunciado consta "o poeta nos diz que", o que está exigido é algo explícito, e não uma inferência. A alternativa D é uma inferência, dedução. Se vai ser introduzida a palavra diarreia na poesia, fica implícito que um tema que não é belo – repare que, em momento algum desses versos, está dito se o tema é belo ou não – será explorado. Já a alternativa B é extremamente fiel aos versos, não há necessidade de inferência. Introduzir significa inserir algo (que não é desse ambiente) no ambiente.

12. **O poeta, no texto 2, diz que vai introduzir a palavra diarreia no poema. "Não pela palavra fria mas pelo que ela semeia", segundo o texto o que semeia a diarreia?**

a) Morte
b) Miséria.
c) Ferimentos.
d) Doença.
e) Crimes.

Gabarito: A

Questão muito bem bolada. Inicialmente chamamos a atenção dos candidatos para o fato de que na pergunta há uma ambiguidade. Não se sabe se "a diarreia" funciona como sujeito ou objeto direto, ou seja, cabem duas interpretações: a diarreia semeia algo ou algo semeia a diarreia. Inicialmente, vamos pela segunda interpretação – a diarreia sendo semeada por alguma coisa. Que coisa seria essa? Obviamente seria a miséria. Se "miséria" não pode ser a resposta, visto que, como no enunciado está redigido "Segundo o texto", é exigido algo exposto no texto. E

não está exposto no texto que miséria semeia a diarreia. Isso é algo que se depreende – implícito – até em face da exemplificação do Rio Grande do Norte, que é um dos estados mais pobres do Brasil. Enfim, então somente cabe a interpretação de que a diarreia semeia algo. Aí o texto explicita: diarreia é arma que fere e mata. Portanto ainda caberiam duas respostas: ferimento e morte. No entanto, MORTE acaba tendo mais peso, inclusive sendo a última palavra do texto.

13. **A palavra FRIA citada no texto 2 corresponde a:**

a) palavras que expressam sensações;
b) palavras usadas pelos políticos;
c) palavras usadas isoladamente;
d) palavras ditas sem pensar;
e) palavras do dicionário.

Gabarito: E

Questão imaginada para o candidato ficar em dúvida entre as alternativas C e E. São duas alternativas extremamente parecidas. Palavras usadas isoladamente são palavras no sentido oficial, ou seja, são palavras no sentido denotativo, que acabamos por encontrá-las nos dicionários. Quando se chega a tal ponto de dúvida, isto é, quando não temos mais a que recorrer, devemos marcar escolher aquela alternativa que contém o vocábulo original – palavra-chave. Nada é mais recorrente ao texto que o próprio vocábulo original.

14. **(NCE / TJ / Oficial de Justiça Avaliador)**

O que é percebido como liberdade para um pacato cidadão contemporâneo que vota, fala o que quer, vive sob o manto da lei (ainda que capenga) e tem direito de mover-se livremente?

O primeiro templo da liberdade burguesa é o supermercado. Em que pesem as angustiantes restrições do contracheque, são as prateleiras abundantemente supridas que satisfazem a liberdade do consumo (não faz muitas décadas, nas prateleiras dos nossos armazéns ora faltava manteiga, ora leite, ora feijão). Não houve ideal comunista que resistisse às tentações do supermercado. Logo depois da queda do Muro de Berlim, comer uma banana virou ícone da liberdade no Leste Europeu.

"O que é percebido como liberdade para um pacato cidadão contemporâneo que vota, fala o que quer, vive sob o manto da lei (ainda

que capenga) e tem o direito de mover-se livremente?"; segundo o texto, a resposta abaixo que é INADEQUADA é:

a) a liberdade de consumo;
b) a liberdade de movimento;
c) a liberdade de comunicação;
d) a liberdade política;
e) a liberdade religiosa.

Gabarito: E

Questão maliciosa que induz o candidato a assinalar a alternativa A. No enunciado, é mencionado um fragmento do texto, mas a pergunta não é sobre o fragmento, mas sim sobre o texto como todo – tal qual a questão 12. Se você se basear apenas no fragmento, as alternativas A (a liberdade de consumo) e E (liberdade religiosa) realmente não estão expostas. Mas, a liberdade de consumo, que não vem citada no fragmento, na continuação do texto acaba mencionada. E repito, muita atenção à pergunta.

Segundo o texto (E NÃO O FRAGMENTO), a resposta abaixo que é INADEQUADA.

15. **(Esaf / ENAP)**

As pesquisas desenvolvidas nos vários centros nacionais e internacionais, tanto em animais quanto em seres humanos, têm demonstrado que o tratamento regenerativo com células-tronco está deixando de ser uma utopia, podendo tornar-se importante recurso para o tratamento de diversas doenças. As pesquisas mostram que essas células têm potencial capaz de reparar as alterações determinadas pelas doenças que provocam perda ou diminuição da capacidade funcional de determinados órgãos do nosso corpo. Assim, especula-se que os transplantes de células-tronco possam vir a beneficiar doenças do coração, doenças neurovegetativas, degeneração celular ligada ao envelhecimento e a tratar certas formas de câncer, como as leucemias.

(BARBOSA, Roberto Benchimol; e FILHO, José Barbosa. O Globo, 11/03/2006.)

Assinale a opção que está de acordo com as ideias do texto.

a) O tratamento com células-tronco já se tornou importante recurso para o tratamento de doenças.
b) As células-tronco provocam diminuição da capacidade funcional de

determinados órgãos.

c) O tratamento com células-tronco pode vir a tornar-se recurso para reparar os danos à saúde causados por diversas doenças.

d) Os transplantes de células-tronco já beneficiam doenças do coração e doenças neurovegetativas.

e) As células-tronco já tratam, principalmente, certas formas de câncer, como as leucemias.

Gabarito: C

A alternativa C apresenta comentário coerente em relação ao texto, visto que lá se expõe que "o tratamento com células-tronco **está deixando** de ser uma utopia, **podendo tornar-se** um importante recurso para o tratamento de diversas doenças…". Repare que o texto inteiro está sendo trabalhado no campo da possibilidade e justamente a alternativa C é a única a respeitar essa linha do texto, como se evidencia também no fragmento "**Especula-se** que os tratamentos com células-tronco **possam vir a beneficiar** doenças do coração, neurovegetativas…". Destarte, como as alternativas A, B, D e E estão no campo da certeza, da afirmação, pode-se dizer que as afirmações "o tratamento com células-tronco já se tornou importante recurso para o tratamento de doenças.", "as células-tronco provocam diminuição da capacidade funcional de determinados órgãos.", "os transplantes de células-tronco já beneficiam doenças do coração e doenças neurovegetativas." e "as células-tronco já tratam, principalmente, certas formas de câncer, como as leucemias." não são verdadeiras.

16. **(Esaf / AFRF)**

Em artigo publicado na década de noventa, o professor Paul Krugman explicava que todos aqueles países que falavam inglês haviam tido um desempenho econômico acima da média de seus vizinhos e que o inglês estava se tornando rapidamente a língua franca dos negócios, do turismo e da internet. Assim, os processos de fusão de empresas, tão comuns naquele tempo, só teriam sucesso se utilizassem o inglês como língua de integração das corporações.

Essa visão nos preocupou quando resolvemos integrar todas as áreas de consultoria espalhadas pela América Latina em uma única divisão de consultoria. Mas ficou uma pergunta no ar: "que língua oficial adotar"? O espanhol ou o português acirraria a rivalidade que já era bastante grande no campo dos esportes. Adotar o inglês teria a vantagem da neutralidade e da facilidade de interação com

nossos colegas de outras regiões, mas com perda significativa na agilidade da comunicação e no andamento das reuniões. Foi adotada então uma postura única: haveria três línguas oficiais. Essa pequena sutileza significava, na verdade, que todos eram obrigados a entender as três línguas, mas poderiam se expressar no idioma em que se sentissem mais à vontade. Hoje, cinco anos depois, sentimos que essa decisão foi fundamental para o nosso processo de integração, e a lição aprendida é que muitas vezes a criatividade local pode ser mais efetiva que verdades importadas.

(ROSSI, José Luiz. 'Integração cultural na América Latina", CLASSE ESPECIAL, nº 89. 2001. Com adaptações)

Marque a opção em que, de acordo com as ideias do texto, existe uma relação de condição do tipo Se X então Y

a) X = falássemos inglês
Y = teríamos desempenho econômico acima da média.

b) X = adotássemos inglês como língua oficial
Y = agilizaríamos a comunicação.

c) X = empregássemos espanhol ou português
Y = exacerbaríamos a rivalidade

d) X = houvesse três línguas oficiais
Y = teríamos facilidade de interação com outras regiões

e) X = entendêssemos as três línguas
Y = deveríamos nos expressar nas três línguas

Gabarito: C

As alternativas B, D e E estão em oposição ao texto, ficando o candidato em dúvida entre as opções A e C. O enunciado da questão "de acordo com as ideias do texto" indica que está sendo solicitado ao candidato uma alternativa de recorrência textual. A opção A, apesar de ser coerente com o texto, é uma inferência, porquanto o texto apenas assevera que todos os países que falavam inglês tiveram desempenho econômico acima da média, não sugerindo que se outros também o falassem, também obteriam desempenho acima da média dos vizinhos. A opção C não é uma inferência, é algo que está efetivamente em consonância com as ideias do texto, alterando-se tão-somente os vocábulos. O texto informa que "o Espanhol ou o Português acirraria a rivalidade, que já era bastante grande no campo dos

esportes." Ou seja, a rivalidade já existia, apenas aumentaria (ou exacerbaria, conforme apontado na opção C).

17. **(Esaf / AFRF)**

Assinale a opção que está de acordo com as ideias do texto.

Apesar de todos os problemas relacionados à Justiça brasileira, um dos grandes avanços no país nos últimos anos foi a criação do Conselho Nacional de Justiça (CNJ). Tem sido um alento seus esforços no sentido de racionalizar e modernizar a estrutura burocrática do Poder Judiciário – quebrando focos de resistência corporativistas – e de forçar a devida celeridade aos processos que tramitam nos tribunais. A criação de um sistema de estatística, com indicadores que medem uma série de atributos – relacionados, por exemplo, aos gastos e à produtividade dos estados e das instâncias judiciais – tem derrubado um dos maiores obstáculos à reforma das práticas do Judiciário: a falta de um diagnóstico preciso. Este é o primeiro e necessário passo para que as mudanças de rota sejam feitas. Mas pôr o sistema nos eixos, atacar suas discrepâncias, requer ação.

(Jornal do Brasil, Editorial, 24/8/2009)

a) A criação do Conselho Nacional de Justiça não representou uma mudança significativa nos problemas relacionados à Justiça brasileira.

b) O desconhecimento de indicadores referentes aos gastos e à produtividade do sistema é o primeiro passo para as mudanças de rota.

c) Os esforços do Conselho Nacional de Justiça ainda não conseguiram quebrar os focos de resistências corporativas no sistema judiciário.

d) Um diagnóstico preciso referente a vários indicadores, como os que revelam gastos e produtividade do judiciário, decorre da criação de um sistema de estatística.

e) O Poder Judiciário tem procurado racionalizar e modernizar a estrutura das resistências corporativas.

Gabarito: D

Pelo enunciado, observa-se que a resposta necessariamente ocorrerá com uma informação explícita no texto. A alternativa A contradiz o fragmento "um dos grandes avanços no país nos últimos anos foi a criação do Conselho Nacional de

Justiça (CNJ)". A alternativa apresenta comentário inadequado, visto que o pronome demonstrativo "Este" em "Este é o primeiro e necessário passo para que as mudanças de rota sejam feitas.", refere-se a "criação de um sistema de estatística, com indicadores que medem uma série de atributos – relacionados, por exemplo, aos gastos e à produtividade dos estados e das instâncias judiciais" e não ao desconhecimento de indicadores. A alternativa C se opõe ao período "Tem sido um alento seus esforços no sentido de racionalizar e modernizar a estrutura burocrática do Poder Judiciário – quebrando focos de resistência corporativistas – e de forçar a devida celeridade aos processos que tramitam nos tribunais.". A alternativa E apresenta comentário inadequado, porquanto quem tem procurado racionalizar e modernizar a estrutura das resistências corporativas é o Conselho Nacional de Justiça e não o Poder Judiciário. A alternativa D é a única que apresenta comentário coerente e que se faz presente no texto. Repare que nela está sendo analisada a relação causa e efeito.

Um diagnóstico (efeito) preciso referente a vários indicadores, como os que revelam gastos e produtividade do judiciário, **DECORRE** da criação (causa) de um sistema de estatística. Observe que essa informação está exposta: "A criação de um sistema de estatística… tem derrubado um dos maiores obstáculos à reforma das práticas do Judiciário: a falta de um diagnóstico preciso.".

18. **(Esaf / AFRF)**

Assinale a opção em que a reescrita de segmento do texto não mantém as informações originais.

A demanda doméstica depende de vários fatores, e da perspectiva do seu aumento depende a produção industrial. É normal, então, dar atenção especial ao nível do emprego e à evolução da massa salarial real, sem deixar de acompanhar as receitas e despesas do governo federal. Enquanto a ligeira retomada da economia norte-americana é acompanhada por aumento do desemprego, no Brasil o quadro é diferente. Os dados de julho, nas seis principais regiões do País, mostram redução do desemprego de 8,1% para 8%, o que significa a geração de 185 mil postos de trabalho. Essa taxa de desemprego, em julho, é a menor da série desde 2002. Paralelamente, houve melhora na qualidade do emprego, e 142 mil postos foram criados com carteira de trabalho assinada.

(O Estado de S. Paulo, Editorial, 21/8/2009)

a) A demanda doméstica depende de vários fatores, e a produção industrial

depende da perspectiva do aumento dessa demanda.

b) Essa taxa de desemprego é a menor em julho de 2002. Paralelamente, em 142 mil postos, a carteira de trabalho assinada melhorou a qualidade do emprego já existente.

c) O aumento do desemprego acompanha a ligeira retomada da economia norte-Âamericana, enquanto no Brasil o quadro é diferente.

d) Nas seis principais regiões do País, os dados de julho mostram a geração de 185 mil postos de trabalho, o que significa redução do desemprego de 8,1% para 8%.

e) É normal, então, dar atenção especial tanto ao nível do emprego e à evolução da massa salarial real quanto às receitas e despesas do governo federal.

Gabarito: B

A alternativa A é coerente com o primeiro período. Observe que o pronome possessivo "seu" refere-se a "a demanda doméstica"; sendo assim, a leitura correta da segunda oração do primeiro parágrafo é "a produção industrial depende da perspectiva do aumento da demanda doméstica". Na alternativa C, a única mudança foi o deslocamento da conjunção ENQUANTO que estabelece relação de simultaneidade. Como os fatos são concomitantes, esse deslocamento acaba por não refletir em alteração semântica. Na alternativa D, o que há novamente é apenas a inversão de fragmentos, fato que não gera alteração de sentido, como se pode observar: "dados mostram redução do desemprego de 8,1% para 8%, o que significa a geração de 185 mil postos de trabalho" = "dados mostram a geração de 185 mil postos de trabalho, o que significa redução do desemprego de 8,1% para 8%". A alternativa E também apresenta comentário coerente, uma vez que expressa exatamente o que se informa no segundo período: "É normal, então, dar atenção especial ao nível do emprego e à evolução da massa salarial real, sem deixar de acompanhar as receitas e despesas do governo federal.". A alternativa B não é só incoerente em relação ao texto, como a informação nela presente não faz sentido. O período "Essa taxa de desemprego é a menor em julho de 2002." é ininteligível. Além disso, o que o texto diz é que, desde 2002, a taxa de desemprego de julho foi a menor da série.

19. **(Esaf / Analista da Receita Tributária)**

Em relação às informações do texto, assinale a opção correta.

A produção brasileira de petróleo e gás certamente dará um salto quando

estiverem em operação os campos já descobertos na chamada camada do pré-sal. Embora essa expansão só possa ser efetivamente assegurada quando forem delimitadas as reservas, e os testes de longa duração confirmarem a produtividade provável dos campos, simulações indicam que o Brasil terá um saldo positivo na balança comercial do petróleo (exportações menos importações), da ordem de 1 milhão de barris diários.

Com isso, o petróleo deverá liderar a lista dos produtos que o Brasil estará exportando mais ao fim da próxima década. O petróleo é negociado para pagamento a vista (menos de 90 dias). Então, é um volume de recursos que pode ter, de fato, forte impacto nas finanças externas do país.

Como é uma riqueza finita, a prudência e a experiência econômica recomendam que o Brasil tente poupar ao máximo essa renda adicional proveniente das exportações de petróleo. O mecanismo mais usual é conhecido como fundo soberano, por meio do qual as divisas são mantidas em aplicações seguras que proporcionem, preferencialmente, bom retorno e ainda contribuam positivamente para o desenvolvimento da economia brasileira. Os resultados dessas aplicações devem ser direcionados para investimentos internos que possibilitem avanços sociais importantes (educação, infraestrutura, meio ambiente, ciência e tecnologia).

(O Globo, Editorial, 13/10/2009)

a) É indiscutível que, quando estiverem em operação os campos da camada do pré-sal, o Brasil terá um saldo na balança comercial do petróleo da ordem de 1 milhão de barris diários.
b) É recomendável que os recursos arrecadados com a exploração do petróleo da camada do pré-sal sejam mantidos num fundo seguro, que proporcione retorno garantido e contribua favoravelmente para o desenvolvimento da economia brasileira.
c) Somente quando estiverem em operação os campos da camada do pré-sal, o petróleo será negociado para pagamento a vista.
d) Estima-se que, no final da próxima década, com os campos do pré-sal já em operação, o Brasil lidere a lista dos países importadores de petróleo, com forte impacto na balança comercial.
e) A renda adicional proveniente da exportação do petróleo da camada do pré-sal deverá ser aplicada diretamente em investimentos com repercussão na

área social.

Gabarito: B

A alternativa A trabalha no campo da certeza (É indiscutível), o que contradiz a ideia de possibilidade presente no segundo período do primeiro parágrafo (simulações indicam). A alternativa C contradiz o segundo parágrafo, visto que lá consta a informação de que "O petróleo (JÁ) é negociado para pagamento a vista (menos de 90 dias).". A alternativa D é absurda. O Brasil não será importador de petróleo e sim aumentará a exportação. O erro na alternativa E está no emprego da palavra "diretamente", pois o texto diz que as divisas provenientes do aumento da exportação do petróleo deverão ser investidas em aplicações seguras, que proporcionem, preferencialmente, bom retorno. Aí, sim, o resultado dessa aplicação é que deve ser aplicado na área social. Portanto, o dinheiro não deve ir diretamente para a área social, mas, sim, deverá ser inicialmente investido em fundos seguros, para depois, seu resultado financiar o avanço social. A alternativa B confirma exatamente o que se informou no esclarecimento para o fato de que a alternativa E não poderia ser a resposta. A alternativa B corresponde exatamente ao que se expõe no último parágrafo.

20. **(Esaf / Analista da Receita Tributária)**

Assinale a opção correta a respeito do texto.

Aferrado à valorização do aqui e agora, o sábio indiano Svâmi garante que "só o presente é real", o que equivale a considerar o passado e o futuro como puras ilusões. Viver no presente implica aceitar o primado da ação (o ato) sobre a esperança, o que equivale a trocar a passividade do estado de espera pela manifestação ativa da vontade de fazer. Em outras palavras, importa a flecha mais do que o alvo, o ato mais do que a expectativa.

Como bem acentua Comte-Sponville, a ausência pura e simples de esperança não corresponde à mágoa, traduzida na acepção comum da palavra desespero. O desespero/desesperança é, antes, o grau zero da expectativa, portanto um regime de acolhimento do real sem temor, sem desengano, sem tristeza. Esse regime, ou essa regência, pode ser chamado de beatitude ou de alegria: uma aceitação e uma experiência da plenitude do presente.

(SODRÉ, Muniz. As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006, p.206)

a) O autor do texto defende a ideia de que o ser humano, ao criar expectativas em relação ao futuro, não deve desesperar-se, mas, sim, manter-se passivo no estado de espera.
b) A ideia central desenvolvida no texto baseia-se no pressuposto de que se vive, atualmente, uma era em que predomina o desespero.
c) Uma das ideias secundárias desenvolvidas no texto é a de que os fins justificam os meios, como se depreende do trecho "importa a flecha mais do que o alvo".
d) Uma das ideias desenvolvidas no texto é a de que o real só é, de fato, apreendido quando o indivíduo compreende o passado e o futuro como ilusões.
e) Para sustentar a ideia apresentada no primeiro parágrafo, o autor do texto argumenta que é o medo do futuro que motiva os indivíduos a viverem intensamente o aqui e agora.

Gabarito: D

A alternativa A contradiz o texto, uma vez que o que se valoriza é a manifestação ativa da vontade de fazer em detrimento da passividade do estado de espera. A alternativa B apresenta um comentário absurdo. Em momento algum, é sugerido (pressuposto) que nossa era está caracterizada pelo desespero. Na alternativa C, o sentido implícito do fragmento "importa a flecha mais do que o alvo." é que importa mais o hoje (a flecha, que é o que se tem) do que o amanhã (o alvo – aquilo que porventura poderíamos atingir). A alternativa E também apresenta comentário incoerente em relação ao texto, visto que não se encontra exposto (explícito) que há medo do futuro, tampouco que esse medo levaria os indivíduos a viverem intensamente o presente. A alternativa D se explicita no primeiro período, quando há o alerta de que há equivalência na compreensão de duas ideias: "só o presente é real" e "considerar o passado e o futuro como puras ilusões".

21. **(Esaf / RJ / Fiscal de Rendas)**

A Eurostat, o organismo da União Europeia encarregado da elaboração de estatísticas econômicas, mostrou que, em abril, nada menos que 101 entre cada 1.000 cidadãos em atividade na área do euro (16 países) não conseguiram encontrar ocupação remunerada. É a pior situação em 12 anos.

Reduzir tudo a efeito natural da atual crise é simplismo. Flagelos assim são como os desastres de avião: sempre têm múltiplas causas. O crescente desemprego no mundo rico foi acentuado pela crise, mas é bem mais do que isso. É o resultado de algumas degradações acumuladas nas últimas décadas: perda de competitividade da indústria, rápido envelhecimento da população, custo elevado da mão de obra, falta de reformas políticas e econômicas.

Paradoxalmente, a crise do desemprego tende a se acentuar pelos fatores que pretendiam atenuar seu impacto. Assim como a antecipação da aposentadoria pretendia abrir vagas aos mais jovens, mas tudo o que produziu foi a deterioração das finanças dos sistemas previdenciários, os mecanismos de seguro social vêm ajudando a criar enormes rombos, que, por sua vez, atiram as finanças públicas ao endividamento e à insolvência (e não apenas à falta de liquidez), como parece ser o caso da Grécia e talvez o de Portugal e Espanha. E aí chegamos a uma situação em que os instrumentos de defesa do emprego criam mais desemprego.

(MING, Celso Ming. O Estado de S. Paulo, 2/6/2010)

Em relação às ideias do texto, assinale a opção correta.

a) Há 12 anos, a situação na União Europeia apresentava desemprego muito maior que as taxas atuais.

b) A crise econômica atual começou a provocar o desemprego na área do euro.

c) O rápido envelhecimento da população contribui para diminuir as taxas de desemprego na União Europeia.

d) A antecipação da aposentadoria e a abertura de vagas para os mais jovens fortaleceram os sistemas previdenciários.

e) Medidas que pretendiam atenuar o impacto da crise do desemprego resultaram em mais desemprego.

Gabarito: E

A alternativa A contraria o texto, visto que a informação constante no fim do primeiro parágrafo é que a situação apresentada é a pior dos últimos doze anos.

A alternativa B contradiz o texto, porquanto no segundo parágrafo é asseverado que "o crescente desemprego foi acentuado pela crise", logo a crise já existia.

O comentário presente na alternativa C também contraria o texto, sobretudo o fragmento: "O crescente desemprego no mundo rico foi acentuado pela crise, mas é bem mais do que isso. É o resultado de algumas degradações acumuladas nas

últimas décadas: perda de competitividade da indústria, rápido envelhecimento da população".

A alternativa contém informação falsa, uma vez que o último parágrafo indica que as soluções não surtiram o efeito esperado, e, em vez de abrir vagas para os mais jovens, acabou por deteriorar as finanças dos sistemas previdenciários.

A alternativa E se coaduna com o último parágrafo, quando esclarece que os fatores que pretendiam atenuar o impacto da crise do desemprego tendem a acentuá-la, inclusive esta ideia é repetida no último período: "E aí chegamos a uma situação em que os instrumentos de defesa do emprego criam mais desemprego.".

22. **(UFRJ / Assistente em Administração)**

LÍNGUA PORTUGUESA

O QUE PASSA NA CABEÇA DELES?

Quem tem um bicho de estimação sabe muito bem: seu gato, cachorro, papagaio, hamster ou o que seja é o mais esperto do mundo. Até meados do século passado, porém, a inteligência animal era considerada inexistente. Suas atitudes e ações eram descritas como simples respostas instintivas ou estratégias de sobrevivência, sem nenhuma relação com a cognição, que se acreditava ser exclusiva do ser humano. Foi só a partir dos anos 1960 que estudos de longo prazo começaram a produzir pistas de que, sim, os animais pensam, são capazes de resolver problemas, aprender com seus erros e se adaptar a novas situações, assim como os seres humanos. Mas o que se passa na cabeça deles? Algumas espécies têm autoconsciência? Quão inteligentes são os animais? Apesar dos avanços nas pesquisas, estas e outras perguntas permanecem sem resposta, gerando controvérsias entre os especialistas.

– O que existe hoje são várias linhas de entendimento do que vem a ser a inteligência animal. Há estudos feitos em ambiente natural, mas também tem muita coisa sendo feita em laboratórios – o que nos é contado pelo biólogo Salvatore Siciliano, pesquisador da Escola Nacional de Saúde da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). As pesquisas podem levar anos para chegar a conclusões bem simples, mas, à medida que aumenta o esforço de observação e amostragem, estamos passando a perceber que os animais são, sim, algo inteligentes.

Quando elaborou sua Teoria da Evolução, no século XIX, Charles Darwin a estendeu para o desenvolvimento do cérebro humano. Como outros aspectos da nossa fisiologia, a inteligência teria evoluído a partir de organismos mais simples

em resposta a desafios comuns a quase todos os animais, como as necessidades de se alimentar, reproduzir e interagir com o ambiente. Atualmente, faz parte do senso comum considerar que grandes primatas como os chimpanzés, cujo DNA é 99% igual ao dos seres humanos, apresentam um certo grau de inteligência, assim como outros mamíferos mais desenvolvidos, como cetáceos (baleias e golfinhos) e elefantes. Surpreendente, no entanto, foi verificar que mesmo espécies mais longe da escala e árvore evolutivas, como pássaros e polvos, também demonstram sinais de inteligência.

(BAIMA, César. O Globo, Planeta Terra, out. 2010. Adaptado)

Sobre o título dado ao texto, pode-se fazer, de forma adequada, a seguinte afirmação:

a) trata-se de uma questão sobre a qual a ciência ainda não apresenta todas as respostas;
b) a pergunta não é respondida no texto;
c) representa uma interrogação feita pelos proprietários de animais domésticos;
d) o pronome eles se refere exclusivamente aos animais domésticos;
e) a pergunta fala sobre as preocupações dos donos de animais.

Gabarito: B

O texto, em momento algum, informa o que se passa pela cabeça dos animais. Além disso, há um fragmento no texto que reforça essa resposta: "Mas o que se passa na cabeça deles? Algumas espécies têm autoconsciência? Quão inteligentes são os animais? Apesar dos avanços nas pesquisas, estas e outras perguntas permanecem sem resposta, gerando controvérsias entre os especialistas.". Pode-se excluir a alternativa A, pois, quando se diz que a ciência não apresentou todas as respostas, infere-se que algumas já foram concedidas o que é contradito no seguinte fragmento "estas e outras perguntas permanecem sem resposta, gerando controvérsias entre os especialistas.". Elimina-se a alternativa C, pois esse questionamento pode ser de qualquer um, e não necessariamente de donos de animais domésticos. Na alternativa D, o pronome "deles" refere-se a qualquer animal, e não necessariamente a animais domésticos. A alternativa E representa comentário absurdo, dado que o fator inteligência animal não constitui preocupação, mormente aos donos de animais.

23. **"...seu gato, cachorro, papagaio, hamster ou o que seja é o mais**

esperto do mundo"; o termo sublinhado equivale a:

a) um outro animal doméstico qualquer;
b) qualquer outro tipo de roedor;
c) um outro animal de tipo diferente;
d) qualquer animal desconhecido;
e) qualquer outro nome que se dê.

Gabarito: A

O emprego do pronome SEU é decisivo para a resposta. Esse pronome indica que o autor está falando diretamente aos leitores, portanto se trata de gato "do leitor", cachorro "do leitor"... O leitor, cidadão comum, pode ter apenas animal doméstico.

24. **"...é o mais esperto do mundo." Esse pensamento representa:**

a) uma antiga forma de pensar sobre a inteligência animal;
b) um carinhoso modo de pensar sobre animais de estimação;
c) um conceito errado sobre os animais domésticos;
d) um pensamento corrente sobre os animais selvagens;
e) um falso pensamento fundamentado apenas nas aparências.

Gabarito: B

Esse fragmento é referente aos animais domésticos. A alternativa B indica o pensamento que os donos têm acerca de seus animais, sem entrar no mérito se tal pensamento é certo ou errado – fato que exclui a possibilidade de resposta da alternativa C –, até porque o próprio texto informa que a ciência ainda não conseguiu concluir quão inteligentes são os animais.

25. **A afirmativa abaixo que é adequada ao texto é:**

a) Os estudiosos definem, hoje, vários graus de inteligência animal;
b) Os animais, com exceção dos mais distantes da escala evolutiva, possuem inteligência;
c) Estudos avançam, mas a inteligência animal ainda é alvo de controvérsia;
d) Todos os animais possuem inteligência bastante avançada;
e) Os animais dispõem de uma estrutura de DNA semelhante à dos humanos.

Gabarito: C

O comentário realizado na alternativa C se coaduna com o seguinte fragmento do texto: "Mas o que se passa na cabeça deles? Algumas espécies têm autoconsciência? Quão inteligentes são os animais? Apesar dos avanços nas

pesquisas, estas e outras perguntas permanecem sem resposta, gerando controvérsias entre os especialistas.”.

26. **Assinale a alternativa em que o conectivo destacado possui seu valor semântico corretamente indicado:**

a) “Apesar dos avanços nas pesquisas…” = concessão;

b) “Surpreendente, no entanto, foi verificar…” = conclusão;

c) “Suas atitudes e ações eram descritas como simples respostas…” = modo;

d) “Até meados do século passado, porém,…” = explicação;

e) “…para chegar a conclusões bem simples…” = direção.

Gabarito: A

Alternativa B – NO ENTANTO estabelece relação de adversidade, oposição.

Alternativa C – COMO estabelece relação de comparação, podendo ser substituído por TAIS QUAIS.

Alternativa D – PORÉM estabelece relação de adversidade, oposição.

Alternativa E – PARA estabelece relação de finalidade.

27. **“…comuns a quase todos os animais…”; o trecho abaixo em que o emprego do artigo é EQUIVOCADO é:**

a) toda a manhã eles chegavam sempre na hora;

b) todos os quatro animais de estimação sobreviveram;

c) os biólogos trabalharam todo o dia;

d) entre os animais há diversos graus de inteligência;

e) ambos os animais são dotados de alguma inteligência.

Gabarito: A

O emprego do artigo após os pronomes indefinidos TODA e TODA se justifica quando a intenção linguística é conferir à expressão a ideia de inteiro. Por exemplo, TODO O DIA significa o dia inteiro; já TODO DIA significa todos os dias. O objetivo aqui era dizer que eles chegavam na hora todos as manhãs, e não a manhã inteira, sendo descabido, pois, o uso do artigo.

28. **A alternativa em que a posição do adjetivo em relação ao substantivo ALTERA o seu significado é:**

a) “…estudos de longo prazo começaram a produzir pistas…”;

b) “como outros mamíferos mais desenvolvidos”;

c) “…considerar que grandes primatas como os chimpanzés…”;

d) "Até meados do <u>século passado</u>…";

e) "Suas atitudes e ações eram descritas como <u>simples respostas</u> instintivas…".

Gabarito: E

O significado de "simples respostas" é de singelas, meras respostas. Já em "respostas simples", a leitura passa a ser de respostas simplórias, sem complexidade ou sofisticação.

29. **A presença do biólogo no texto tem a seguinte utilidade textual:**

a) mostrar que a publicação é internacional;

b) convencer o leitor de que o tema é importante;

c) demonstrar atualização brasileira no tema estudado;

d) indicar pessoas que demonstram interesse pelo tema estudado;

e) dar mais autoridade e credibilidade ao texto.

Gabarito: E

Questão formulada para deixar o candidato em dúvida entre duas alternativas: B e E, visto que as outras são absurdas. Quando o autor utiliza como recurso de argumentação informações de terceiros sua intenção não é dar mais importância ao tema, ao assunto, mas sim conferir credibilidade à argumentação. É como se o autor informasse ao leitor que pode confiar naquela informação – utilizada como argumento –, pois ela provém de um especialista no assunto. Portanto, conforme já esclarecido na parte teórica, sempre que no texto houver informações de terceiros, pode-se dizer que o texto, a informação ou argumentação ganham peso, autoridade, credibilidade, mas nunca o tema ou o assunto.

30. **"…estamos passando a perceber…"; a forma verbal desse segmento indica:**

a) uma continuidade de pensamento;

b) uma explicação de algo dito;

c) uma correção de atitude anterior;

d) uma mudança de posição;

e) uma reafirmação de algo já feito.

Gabarito: D

Questão confeccionada para deixar o candidato em dúvida entre as alternativas C e D. São alternativas parecidas, mas há uma diferença: Na C, é dito que há uma correção, portanto haveria erro na visão anterior, fato que o texto não informa. A

forma verbal ESTAMOS PASSANDO A PERCEBER sugere que uma alteração realmente está em curso, mas não necessariamente algo que representa uma retificação do pensamento anterior, podendo ser uma visão mais complexa, mais aprofundada, mais desenvolvida do tema. Além disso, não há que se falar em correção, até porque, como o texto informa, as perguntas a respeito do tema ainda estão sem resposta.

31. **"...a inteligência <u>teria evoluído</u> a partir de organismos mais simples..."; a forma verbal sublinhada indica uma:**

a) certeza absoluta;
b) hipótese possível;
c) opinião abalizada;
d) dedução comprovada;
e) dúvida permanente.

Gabarito: B

É natural o futuro do pretérito do indicativo não se localizar no campo da certeza. Justamente tal ocorre nessa questão, inclusive quando se observa que o fragmento de onde advém a forma verbal reproduz a Teoria de Darwin. Portanto, trata-se de uma teoria, um pensamento, uma hipótese, algo que possivelmente ocorreu, e não um fato.

32. **O texto desta prova deve ser caracterizado como:**

a) descritivo de um conjunto de ideias científicas sobre os animais;
b) narrativo de uma sequência de fatos ocorridos nos últimos anos;
c) informativo sobre conhecimentos atuais no tema analisado;
d) argumentativo a respeito de prós e contras das recentes descobertas;
e) publicitário sobre os trabalhos da Fiocruz.

Gabarito: C

Trata-se de texto dissertativo, no entanto a alternativa D não pode ser a resposta, pois o recurso de argumentação utilizado não foi a comparação entre aspectos positivos e negativos. Também por tal motivo, excluem-se as alternativas A e B (o texto, repita-se, é dissertativo). A alternativa E é absurda, pois não se trata de propaganda, muito menos sobre os trabalhos desenvolvidos na Fiocruz. Portanto, sobra a alternativa C. Pode-se asseverar que o texto é informativo, com a apresentação de informações concedidas por autoridades no assunto, como recurso

de argumentação, confirmando a tese do autor.

33. **A utilização dos parênteses no último parágrafo pretende:**

a) explicar o que são cetáceos;

b) destacar os cetáceos menos conhecidos;

c) chamar a atenção para aspectos importantes do texto;

d) definir a espécie dos cetáceos;

e) enumerar animais que são denominados "cetáceos".

Gabarito: E

A intenção do autor, ao utilizar os parênteses, foi esclarecer não o que são (significa) cetáceos – por isso, fica excluída a alternativa A –, mas sim a que cetáceos ele estava se referindo.

34. **O autor do texto se apresenta textualmente como:**

a) entrevistador de cientistas experts do assunto;

b) jornalista que reproduz conhecimentos alheios;

c) cientista especializado no tema analisado;

d) jornalista conhecedor do tema explorado;

e) especialista de uma organização científica.

Gabarito: D

Inicialmente, é de bom alvitre perceber que o jornalista escreve para uma seção específica de jornal (O Globo, Planeta Terra), o que já nos faz crer que algum conhecimento sobre o tema ele tem. Além disso, o autor expõe um histórico sobre o assunto e em determinados momentos até expressa sua opinião, como no último período quando considera SURPREENDENTE o fato de "verificar que mesmo espécies mais longe da escala e árvore evolutivas, como pássaros e polvos, também demonstram sinais de inteligência.".

35. **"Quem tem um bicho de estimação..."; a forma de reescrever-se esse segmento do texto que ALTERA o seu sentido original é:**

a) Quem possui um bicho de estimação;

b) Quem tem a posse de um bicho de estimação;

c) Aqueles que possuem um bicho de estimação;

d) Aquele que tem um bicho de estimação;

e) Os que têm um bicho de estimação.

Gabarito: B

O texto original e as alternativas A, C, D e E indicam que alguém é dono, proprietário de um bicho de estimação. Quando se tem a posse de algo, significa dizer que a possibilidade de desfrute é algo passageiro, transitório. Na frase "Eu tenho (estou com) a posse de um carro.", o sentido é que, por algum tempo, posso usufruir o carro.

36. **(Cespe-UnB / FUB / Auditor – 2009)**

Confissão de Allan Poe

Cometi apenas um erro. Não 1 soube ser feliz. Nunca: nem um só dia, nem sequer uma hora. A própria criação, um prazer para os poetas mais sensíveis, foi para mim sempre mais angustiante que redentora. A causa primeira do meu infortúnio, conheço-a agora. Tive sempre medo da vida. De uma sensibilidade exacerbada e doentia desde a mais tenra infância, atormentada e mortificada até a exaustão pelo infortúnio e pela miséria, a vida banal, as realidades quotidianas constituíam para mim uma fonte constante de terror. Tinha a impressão de viver continuamente suspenso no limite de dois reinos – ser uma criança semimorta unida em laço misterioso a um espectro nostálgico. A criança tinha medo da treva; o espectro da luz. Uma e outro aspiravam à morte e, simultaneamente, receavamna. A vida era para mim aborrecimento, alucinação, condenação. Cada vez que eu tentava reconciliar-me com ela, saía maltratado, repelido. Fazia-me o efeito de um anjo que pretendesse participar num banquete de monstros. O próprio amor não logrou salvar-me porque a mulher é uma das mais perfeitas encarnações da vida, e eu tinha da vida um indizível terror. Todas as mulheres que julguei amar ou fugiram de mim, ou estão mortas. Uma vez mortas, e só então, elas pareciam realmente minhas amantes na eternidade, as únicas que poderiam amar um homem segregado da vida. Para escapar às minhas visões terrificantes, aos meus pesadelos, às tentações de minha razão delirante, um gênio forçava-me a escrever, senhor mais titânico e exigente que um demônio. Escrevi, pois, toda a minha vida poemas, narrativas, contos, tratados, ensaios. Porém, mal experimentava a ilusão de pela poesia ter exorcizado a perseguição dos meus pavores, logo outras alucinações, outros pesadelos, outras bizarrias macabras e fúnebres assaltavam sem trégua a minha pobre alma acabrunhada. Então, como última esperança do meu desespero, buscava socorro no álcool, que, aliás, abominava.

(Revista Literatura. São Paulo: Escala Editorial, 2009, nº 23, p. 45. Com adaptações).

Considerando as estruturas linguísticas do texto acima, julgue os itens de 1 a 7.

1. Confissão de Allan Poe, o título do texto, e construção de Brasília são estruturas semelhantes sintaticamente, pois são formadas por substantivo abstrato mais preposição de seguida de outro substantivo, o qual, no título do texto, desempenha papel de agente – pelo qual se entende que Allan Poe fez uma confissão – e, em construção de Brasília, desempenha papel de paciente.
2. Em "Cometi apenas um erro" (l.1) e "Tive sempre medo da vida" (l.3-4), a mudança na ordem dos termos adverbiais para Apenas cometi um erro e Sempre tive medo da vida mantém inalterado o sentido desses períodos no texto.
3. Para a palavra "quotidianas" (l.6), está também prevista, nos dicionários da língua portuguesa, a grafia cotidianas.
4. Em "Cada vez que eu tentava reconciliar-me com ela" (l.10-11), a expressão "Cada vez que" pode ser substituída por À medida que, sem alteração de sentido.
5. Com o deslocamento da conjunção "pois" para o início da oração "Escrevi, pois, toda a minha vida poemas, narrativas, contos, tratados, ensaios" (l.18-19), com os devidos ajustes de maiúsculas e minúsculas, preserva-se o sentido original do período.
6. Em "Porém, mal experimentava a ilusão (...) a minha pobre alma acabrunhada" (l.19-20), o termo "mal" é empregado com sentido temporal.

Gabarito:

1 – Certo. Allan Poe confessou, praticou a ação de confessar, portanto tem valor agente e funciona como adjunto adnominal. Já em "Construção de Brasília", Brasília foi construída, sofreu a ação de ser construída, por isso possui valor paciente, funcionando como complemento nominal. Muito interessante a visão do Cespe-UnB, pois indica que muito mais importante do que identificar a função sintática de um termo é observar o seu valor semântico – se naquela construção tem valor agente ou paciente, se está praticando ou sofrendo a ação verbal. Em face de tal visão, não entrou no mérito acerca da função sintática (se complemento ou adjunto).

2 – Errado. Na segunda frase, não gera alteração semântica a inversão dos termos. O sentido é o mesmo em "Tive sempre medo da vida." e "Sempre tive

medo da vida.”. No entanto, na primeira frase, a alteração gera mudança de sentido: Em “cometi apenas um erro.”, o significado é que não cometi nem dois nem três erros, somente um. Em “Apenas cometi um erro.”, o sentido é que não fiz mais nada além de cometer esse erro.

3 – Certo. Os vocábulos “Cotidianas” e “Quotidianas” existem e possuem o mesmo significado.

4 – Errado. O conector “Cada vez” tem o mesmo valor que SEMPRE QUE, QUANDO, portanto tem caráter temporal. Já, À MEDIDA QUE confere ao período valor de proporção.

5 – Errado. A conjunção POIS, quando está deslocada, possui valor conclusivo, tendo como sinônimos ENTÃO, PORTANTO. Ocorrendo no início do período, passa a ter valor causal, passando a ter como sinônimos PORQUE, VISTO QUE, PORQUANTO.

6 – Certo. A conjunção MAL tem valor temporal, sendo sinônimo de QUANDO, ASSIM QUE, LOGO QUE. Observe a relação de tempo existente entre as orações: “mal (Logo que, Quando, assim que) experimentava a ilusão… pavores, logo outras alucinações, outros pesadelos… assaltavam sem trégua a minha pobre alma acabrunhada.

37. **(Cespe-UnB / FUB / Auditor – 2009)**

A história dos ideais ilustrados na América Latina tem, às vezes, um sabor quase trágico de perversão dos intuitos ostensivos, porque acabaram funcionando como fatores de exclusão, não de incorporação; de sujeição, não de liberdade. O saber como salvação acabava como teoria de poucos eleitos. Na América Latina, as condições locais puseram a nu a contradição fundamental da ideologia ilustrada, que desaguava quase inevitavelmente na delegação de função às elites. O propalado bem comum ficava no limbo da utopia se os povos não lutassem pela sua realização. Nos países do Ocidente da Europa, as lutas democráticas do fim do século XVIII e século XIX, aliadas à prosperidade econômica, permitiram uma solução parcial da contradição apontada acima, com relativa difusão do saber. Em nossos países, a contradição permaneceu com toda força. Essa contradição se manifesta de vários modos e em vários níveis. No nível estrutural, é óbvio que ela corresponde a uma tendência das sociedades de classe para concentrar o saber nas camadas superiores, dosando as suas formas mais modestas ao longo da escala social dominada. No nível escolar, ela aparece tanto na política universitária quanto

na política de instrução primária. No caso do Brasil, é curiosa, depois da Independência, a relativa indiferença pela fundação de escolas superiores, além do mínimo para formar quadros dirigentes restritos. Custa crer que o Brasil só tenha tido universidades no século XX; e que, durante o período colonial, não houvesse nele escolas de nível superior.

(CANDIDO, Antonio. A perversão da Aufklärung. In: Textos de intervenção. 34. ed., São Paulo: Duas Cidades, 2002, p. 321-3. Com adaptações).

Acerca das ideias e estruturas linguísticas do texto acima, julgue os itens a seguir.

1. Infere-se do texto que os ideais ilustrados propunham, originalmente, o saber e a educação como formas de emancipação, liberdade e igualdade entre os homens.
2. Ao restringir às elites locais o acesso ao saber, a América Latina perverteu os ideais ilustrados plenamente realizados na Europa pela difusão igualitária do saber.
3. As relações sintático-semânticas do período entre as linhas 6 e 7 indicam que a realização da ideologia ilustrada como bem comum condicionava-se às lutas populares pela democratização do saber.
4. A forma verbal "dosando" (l.13) corresponde a uma ação de política educacional que, voltada para as classes dominadas, previa a democratização do saber em curto prazo.
5. Infere-se do texto que o fato de as universidades só terem surgido no Brasil, no século XX, relaciona-se à manifestação do caráter contraditoriamente restritivo da ideologia ilustrada.

Gabarito:

1 – Certo. Depreende-se dos dois primeiros períodos, mormente quando se percebe que os ideais eram a incorporação, a liberdade, o saber como salvação.

2 – Errado. Não houve difusão igualitária do poder nos países do Ocidente da Europa, como se verifica no fragmento "Nos países do Ocidente da Europa, as lutas democráticas do fim do século XVIII e século XIX, aliadas à prosperidade econômica, permitiram uma **solução parcial da contradição** apontada acima, com relativa difusão do saber.".

3 – Certo. Observe a presença da conjunção subordinativa condicional "se" (l.6-

7). “Se os povos não lutassem pela sua realização” (condição) – O propalado bem comum ficava no limbo da utopia (consequência).

4 – Errado. Justamente o contrário. O emprego de “dosando” sugere que o fato ocorria aos poucos, e não em curto prazo.

5 – Certo. Se os ideais ilustrados previam a emancipação, o saber como libertação, a existência de universidades no Brasil deveria ter ocorrido muito antes. Portanto, o fato de as universidades só terem surgido no século XX serve como exemplo (recurso argumentativo) para a tese de que esses ideais acabaram tendo um sabor quase trágico de perversão dos intuitos ostensivos, funcionando como fatores de sujeição, de exclusão.

38. **(Agente da Polícia Federal)**

Texto LP-II – questões 43 e 44

A Revolução Industrial provocou a dissociação entre dois pensamentos: o científico e tecnológico e o humanista. A partir do século XIX, a liberdade do homem começa a ser identificada com a eficiência em dominar e transformar a natureza em bens e serviços. O conceito de liberdade começa a ser sinônimo de consumo. Perde importância a prática das artes e consolidam-se a ciência e a tecnologia. Relega-se a preocupação ética. A procura da liberdade social se faz sem considerar-se sua distribuição. A militância política passa a ser tolerada, mas como opção pessoal de cada um.

Essa ruptura teve o importante papel de contribuir para a revolução do conhecimento científico e tecnológico. A sociedade humana se transformou, com a eficiência técnica e a consequente redução do tempo social necessário à produção dos bens de sobrevivência.

O privilégio da eficiência na dominação da natureza gerou, contudo, as distorções hoje conhecidas: em vez de usar o tempo livre para a prática da liberdade, o homem reorganizou seu projeto e refez seu objetivo no sentido de ampliar o consumo. O avanço técnico e científico, de instrumento da liberdade, adquiriu autonomia e passou a determinar uma estrutura social opressiva, que servisse ao avanço técnico e científico. A liberdade identificou-se com a ideia de consumo. Os meios de produção, que surgiram no avanço técnico, visam ampliar o nível dos meios de produção.

Graças a essa especialização e priorização, foi possível obter-se o elevado nível do potencial de liberdade que o final do século XX oferece à humanidade. O

sistema capitalista permitiu que o homem atingisse as vésperas da liberdade em relação ao trabalho alienado, às doenças e à escassez. Mas não consegue permitir que o potencial criado pela ciência e tecnologia seja usado com a eficiência desejada.

(BUARQUE, Cristovam. Na fronteira do futuro. Brasília: EDUnB, 1989, p. 13; com adaptações)

Julgue os itens abaixo, relativos às ideias do texto LP-II.

1. O conceito de "liberdade" é tomado como sinônimo de **consumo** e de **eficiência no domínio e na transformação da natureza em bens e serviços**.
2. O autor sugere que o sistema capitalista apresenta a seguinte correlação: quanto mais tempo livre, mais consumo, mais lazer e menos opressão.
3. Depreende-se do primeiro parágrafo que a ética foi abolida a partir do século XIX.
4. No segundo parágrafo, a expressão "Essa ruptura" retoma e resume a ideia central do parágrafo anterior.
5. O emprego da expressão "as vésperas da liberdade" (l.22) sugere que a humanidade ainda não atingiu a liberdade desejada.

Gabarito:

1 – Certo. É de bom alvitre o candidato perceber que o comentário está perfeito, contudo se apresenta em ordem inversa, o que não o invalida. Inicialmente o texto informa que "a liberdade do homem começa a ser identificada com a eficiência em dominar e transformar a natureza em bens e serviços.". Depois assevera que "O conceito de liberdade começa a ser sinônimo de consumo.".

2 – Errado. O comentário contradiz o texto, visto que no terceiro parágrafo é aduzido que "o homem reorganizou seu projeto e refez seu objetivo no sentido de ampliar o consumo.". Depois, esclarece a consequência: "O avanço técnico e científico, de instrumento da liberdade, adquiriu autonomia e passou a determinar uma estrutura social opressiva, que servisse ao avanço técnico e científico.".

3 – Errado. Inferência inadequada, visto que o texto esclarecer que a preocupação ética foi relegada, ou seja, foi posta "de lado", mas não abolida, exterminada.

4 – Certo. A expressão "Essa ruptura" refere-se ao ponto central do primeiro parágrafo: "a dissociação entre os dois pensamentos: o científico e tecnológico e o humanista.". Depois o autor passa a defender a tese da existência dessa dissociação, ruptura.

5 – Certo. Quando se está na véspera de feriado, é porque estamos no período que o antecede, ou seja, ainda não chegou o feriado. Portanto, a expressão "as vésperas da liberdade" indica que se está no período que antecede a liberdade, contudo a liberdade ainda não chegou.

39. **Quanto à organização do texto LP-II, julgue os itens a seguir.**

1 . A argumentação do texto estrutura-se em três eixos principais: ciência e tecnologia, busca da liberdade e militância política.

2 . A tese para esse texto argumentativo pode assim ser resumida: nem todo "potencial-de-liberdade" gera liberdade com a eficiência desejada.

3. Para organizar o texto, predominantemente argumentativo, o autor recorre a ilustrações temáticas e trechos descritivos sobre condições das sociedades.

4 . A ideia de melhor aproveitamento do tempo como resultado da eficiência técnica é um argumento utilizado para provar a necessidade de lazer e descanso dos homens.

5 . O fragmento a seguir, caso fosse utilizado como continuidade do texto, manteria a coerência da argumentação: **Existe, assim, uma ambiguidade entre a ampliação dos horizontes da liberdade e os resultados, de fato, alcançados pelo homem**.

Gabarito:

1 – Errado. O principal eixo do texto é a dissociação entre os dois pensamentos: o científico e tecnológico e o humanista.

2 – Certo. O comentário é uma síntese do texto. O fato de a máquina substituir o homem em muitas tarefas fez que ele atingisse as vésperas da liberdade, mas não a própria liberdade.

3 – Errado. Em momento algum do texto, há a ocorrência de ilustrações temáticas – elementos que esclareçam sobre o que o texto verso –, muito menos elementos descritivos acerca das condições das sociedades.

4 – Errado. O que ocorreu foi justamente o contrário: "em vez de usar o tempo livre para a prática da liberdade, o homem reorganizou seu projeto e refez seu objetivo no sentido de ampliar o consumo.".

5 – Certo. O comentário serviria como um fechamento do texto, funcionando como uma síntese para tudo que foi exposto, fato explicitado no último parágrafo.

40. **(Cespe / UnB / Delegado PF)**

Individualistas e comportados. E daí?

Cientistas sociais e filósofos de inúmeras correntes garantem: a geração de 90 é ambígua. Explica-se: os adolescentes dessa época buscam o bem-estar individual mas também consideram o conceito "viver dignamente" como um direito da humanidade. Só que eles não pretendem se fatigar nas lutas sociais, nem se sentem atraídos por bandeiras políticas ou cartilhas ideológicas. Em uma pesquisa recente na França, o item "justiça social" foi classificado como um dos menos importantes por moças e rapazes na faixa dos 14 aos 17 anos. Imediatamente, a geração que ouve Madonna, diverte-se com Steven Spielberg e devora sanduíches passou a ser chamada de "novos individualistas". O filósofo e escritor francês Laurent Joffrin, autor do livro Um toque de Juventude, celebra com muito otimismo os "moralistas de **blue jeans**: "eles não são apáticos como se supõe. Seus interesses vão além do prazer imediato e da pura distração", explica Joffrin. Mais cético, seu colega Alain Finkelkraut acredita que os jovens dos anos 90 se apoiam em relacionamentos superficiais e valores distorcidos. "Comportam-se como se a vida fosse um grande **videoclip**…", lamenta. Enquanto os intelectuais batem boca, os ingleses que cresceram ouvindo a balada conservadora de Margareth Thatcher hoje insistem que a vida comportada é muito melhor. Em um pesquisa da revista Look Now, moças e rapazes de 15 a 24 anos confessam gostar de boas roupas, querem ser vistos como pessoas sensíveis e responsáveis, pretendem ter uma carreira sólida e fazer fortuna. Desnecessário dizer que a Dama de Ferro adorou os resultados da pesquisa.

(Greenghalg, Laura. "Sociedade dos Poetas Vivos"**,** In: Elle, ago. 1998. p. 35; com adaptações).

Aplicando conhecimentos acerca de tipologia, estrutura e organização de um texto em parágrafos, julgue os itens a seguir, segundo as ideias desenvolvidas do Texto.

1. O texto é essencialmente dissertativo, podendo ser distribuído em parágrafos, dos quais o introdutório iria até "cartilhas ideológicas"(L.5).
2. O primeiro período (L.1 e 2) contempla a ideia geral do texto, resgatando na

palavra “ambígua” o comportamento da juventude: apático e superficial.

3. Na linha 9, inicia-se uma passagem narrativa que se estende até “lamenta” (L.15) e que conta a rotina da juventude francesa da época.
4. A pesquisa relativa aos ingleses, cujos resultados aparecem a partir do antepenúltimo período do texto, agradou a liderança conservadora porque mostra que os jovens britânicos são idealistas, consumistas, alienados e ambiciosos.
5. Ao se distribuir adequadamente em parágrafos, faltaria um fechamento que resgatasse a ideia básica desenvolvida no texto e desse caráter conclusivo ao título proposto.
6. Segundo o texto, os intelectuais europeus são unânimes na opinião de que os jovens, sedentos pelo fugaz aproveitamento da vida material, apenas se preocupam com a distração e o entretenimento, demonstrando interesse tão somente pela superfície da vida em comunidade.

Gabarito:

1 – Certo. Até “cartilhas ideológicas” está presente a tese do autor. No início do período seguinte, começa a argumentação fundada em informações de terceiros, o que justificaria o começo de um novo parágrafo.

2 – Errado. Não há ambiguidade entre apatia e superficialidade.

3 – Errado. O comentário começa correto, pois realmente se trata de uma narração. Quando o autor do texto reproduz informações de terceiros, tal fragmento é narrativo. No entanto, em momento algum deste fragmento é feito qualquer tipo de comentário acerca da rotina da juventude francesa da época.

4 – Errado. O erro ocorre no emprego do vocábulo “alienados”. O texto não contém essa informação e certamente a liderança conservadora da Inglaterra não gostaria que a juventude fosse alienada.

5 – Certo. É importante o candidato atentar-se que até a quinta linha o autor expõe sua tese. A partir daí, ele começa a usar as informações constantes em pesquisas, revistas, livros como recurso argumentativo. Observe que o último período do texto ainda está no campo argumentativo, sendo uma reprodução de informações constantes na revista Look Now. Sendo assim, o autor do texto não chegou a retomar a palavra para conferir o seu devido fechamento.

6 – Errado. Não há unanimidade. Por exemplo, a expressão “Mais cético” indica

que a visão de Alain Finkelkraut já não é exatamente a mesma de Laurent Joffrin.

41. **(TCU / Auditor)**

O termo groupthinking foi cunhado, na década de cinquenta, pelo sociólogo William H. Whyte, para explicar como grupos se tornavam reféns de sua própria coesão, tomando decisões temerárias e causando grandes fracassos. Os manuais de gestão definem groupthinking como um processo mental coletivo que ocorre quando os grupos são uniformes, seus indivíduos pensam da mesma forma e o desejo de coesão supera a motivação para avaliar alternativas diferentes das usuais. Os sintomas são conhecidos: uma ilusão de invulnerabilidade, que gera otimismo e pode levar a riscos; um esforço coletivo para neutralizar visões contrárias às teses dominantes; uma crença absoluta na moralidade das ações dos membros do grupo; e uma visão distorcida dos inimigos, comumente vistos como iludidos, fracos ou simplesmente estúpidos.

Tão antigas como o conceito são as receitas para contrapor a patologia: primeiro, é preciso estimular o pensamento crítico e as visões alternativas à visão dominante; segundo, é necessário adotar sistemas transparentes de governança e procedimentos de auditoria; terceiro, é desejável renovar constantemente o grupo, de forma a oxigenar as discussões e o processo de tomada de decisão.

JR, Thomaz Wood. "O perigo do groupthinking." In: Carta Capital, 13/5/2009, p. 51 (com adaptações).

Julgue os seguintes itens com base na organização do texto acima.

1 – A sequência narrativa inicial, relatando a origem do termo "groupthinking" (l.1), não caracteriza o texto como narrativo, pois integra a organização do texto predominantemente argumentativo.

2 – Por estar empregada como uma forma de voz passiva, a locução verbal "foi cunhado" (l.1) corresponde a cunhou-se e por esta forma pode ser substituída, sem prejuízo para a coerência ou para a correção gramatical do texto.

3 – No desenvolvimento da argumentação, o valor semântico das orações iniciadas por "tomando" e "causando", ambas na linha 3, permite interpretá-las como causa para a conceituação de Whyte; por isso correspondem a porque tomavam decisões temerárias e causavam grandes fracassos.

4 – Apesar de a definição de "groupthinking" (l.4) sugerir neutralidade do autor a respeito desse processo, o uso metafórico de palavras da área de saúde, como

"sintomas" (l.7), "receitas" (l.12) e "patologia" (l.12), orienta a argumentação para o valor negativo e indesejável de groupthinking.

5 – Na linha 4, preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se inserir uma vírgula imediatamente após o vocábulo "coletivo", mesmo que, com isso, as informações possam ser tomadas como uma explicação – e não como uma caracterização – da expressão "processo mental coletivo".

Gabarito:

1 – Certo. O texto é iniciado com uma narração, visto que o autor reproduz a definição cunhada pelo sociólogo William H. Whyte. No entanto, em vários momentos ele expressa a própria opinião, caracterizando o texto como dissertativo.

2 – Errado. Não é cabível a substituição da voz passiva analítica pela sintética porque passaria uma sensação de reflexividade (A expressão "o termo Groupthinking se cunhou" passa a sensação de que ele cunhou a si mesmo). Além disso, não fica coerente o emprego da voz passiva sintética, estando presente o agente da passiva: "O termo groupthinking cunhou-se… pelo sociólogo William H. Whyte".

3 – Errado. Justamente o contrário. O uso do gerúndio nos dois verbos encerra nexo de consequência para o fato exposto na oração anterior: Porque os grupos ficavam reféns de sua própria coesão (causa), acabavam tomando decisões temerárias e causando grandes fracassos (efeito).

4 – Certo. Ao iniciar o texto pela definição do termo conferido por um sociólogo, fica a impressão de que o texto não apresentaria a opinião do autor. Entretanto, ela se faz presente em alguns momentos do textos e isso se explicita também por esses vocábulos relacionados à medicina, revelando sutilmente o entendimento do autor em relação a Groupthinking: uma doença, uma patologia.

5 – Certo. O pronome relativo introduz oração subordinada adjetiva. No texto original, o pronome relativo não é precedido de vírgula, introduzindo valor de restrição, caracterização. Ao se inserir a vírgula antes do pronome relativo, altera-se a ideia para explicação. É fundamental ler corretamente o item. O Cespe não disse que não haveria mudança semântica (muito pelo contrário: "as informações possam ser tomadas como uma explicação – e não como uma caracterização"), mas que essa mudança não gera incoerência (apesar de o

sentido ficar diferente, o texto continua coerente) tampouco falha gramatical.

42. **(Cespe / UnB / Polícia Federal / Agente)**

FRAGMENTO A

O processo de ampliação dos direitos e de pacificação social não é neutro, nem é o caminho natural de evolução em todas as sociedades. Em geral, é fruto de um processo político, resultado de muitos conflitos e negociações. Nele se confrontam, nos diferentes períodos históricos e nas diferentes sociedades, grupos diversos – alguns mais representativos da maioria dos membros de uma sociedade, outros menos –, defendendo suas ideias e seus interesses a respeito de como organizar a sociedade.

(Andrea Buoro)

FRAGMENTO B

Isto é – Estamos às portas da Terceira Guerra Mundial?

Clóvis Brigagão – Acho que uma nova guerra se estabeleceu, que é um confronto entre grupos terroristas e o Estado. Não é uma guerra clássica, não é uma guerra de guerrilha ou de longa duração, mas um confronto de ataques tópicos, uma espécie de acupuntura. Enquanto os poderosos americanos são visíveis, os inimigos são invisíveis, utilizam ataques de surpresa que põem o sistema internacional e a convivência humana em perigo. Isso já existe no Oriente Médio, onde Israel enfrenta os palestinos. Não é Estado contra Estado, mas Estado contra terrorismo. Esse modelo de conflito se tornou um novo fator de desequilíbrio mundial. Pode inclusive restabelecer uma nova espiral armamentista não convencional.

Isto é, nº 1.668 – 19/9/2001

Julgue os itens abaixo, com o auxílio dos dois fragmentos do texto II.

1 – Da leitura dos dois fragmentos, infere-se que guerras e conflitos não respeitam fronteiras estatais.

2 – O fragmento A mostra que muitos avanços sociais causam conflitos, e mesmo guerras.

Gabarito:

1 – Certo. Fundamental nessa questão o candidato atentar-se à leitura do seguinte termo "Da leitura dos fragmentos". Essa expressão significa "Você lendo os dois fragmentos", "Do somatório de informações dos dois fragmentos". Portanto, a informação que "guerras e conflitos não respeitam

fronteiras estatais" não precisam estar presente nos dois fragmentos, bastando estar em um. É justo o que ocorre. Só é cabível inferir que guerras e conflitos não respeitam fronteiras estatais pelo segundo fragmento, onde se esclarece que é um confronto entre grupos terroristas e o estado.

1 – Errado. Há a inversão da relação de causa e efeito, o que se evidencia no seguinte período "Em geral, é fruto de um processo político, resultado de muitos conflitos e negociações.". Portanto, se o processo de ampliação dos direitos é frutos de conflitos, negociações, compreende-se que é consequência de conflitos, negociações

43. **Julgue os itens a seguir, a respeito da organização das ideias e estruturas do fragmento A do texto II.**

1 – Em suas duas ocorrências na linha 1, o verbo SER está flexionado no singular para concordar com a palavra "processo".

2 – A palavra "neutro" (l. 1) sintetiza a ideia de **livre de pressões, de tendências divergentes e conflitantes**.

3 – A conjunção "nem" (l.1) corresponde a **também não**.

4 – Os pronomes "suas" (l. 6) e "seus" (l. 6) referem-se a "sociedade" (l. 5)

5 – Mantém o sentido e a correção gramatical do fragmento, mas especifica-se mais a relação de ideias, ao se acrescentar o artigo à **preposição na expressão "a respeito de l. 6), transformando-a em ao respeito de**.

Gabarito:

1 – Certo. O núcleo do sujeito é "processo". Na primeira ocorrência do verbo SER, o sujeito está explícito. Na segunda, o sujeito está elíptico.

2 – Certo. O texto informa que "O processo de ampliação dos direitos e de pacificação social NÃO é neutro" e SIM que "O processo de ampliação dos direitos e de pacificação é fruto de um processo político, resultado de muitos conflitos e negociações.". Então, nesse contexto, NEUTRO está em oposição a "fruto de um processo político, resultado de muitos conflitos e negociações". Como "livre de pressões, de tendências divergentes e conflitantes" também se opõe a "fruto de um processo político, resultado de muitos conflitos e negociações", conclui-se que NEUTRO e "livre de pressões, de tendências divergentes e conflitantes", no caso, têm o mesmo valor.

3 – Certo. NEM é conjunção cuja função semântica é adicionar elementos negativos, sendo sinônimo de TAMBÉM NÃO. Outro conector que poderia

substituir NEM seria TAMPOUCO.

4 – Errado. Os pronomes "suas" e "seus" têm como referente "grupos diversos" (l. 4). São ideias e interesses desses grupos diversos.

5 – Errado. Simplesmente a expressão "ao respeito de" não existe, o que comprometeria a correção e o sentido.

44. **Julgue os itens seguintes, quanto à organização das ideias no fragmento B do texto II.**

1 – A expressão "nova guerra" (l.2) remete ao mesmo referente de "confronto de ataques tópicos" (l. 4), "Isso" (l. 7), "Esse modelo de conflito" (l. 8) e "novo fator de desequilíbrio" (l. 8 e 9)

2 – O conectivo "mas" (l. 4) introduz uma ideia adversativa que, em um padrão mais culto da linguagem, corresponde a destarte.

3 – Porque o conectivo "enquanto" (l. 5) está empregado com valor alternativo em "Enquanto os poderosos americanos são visíveis, os inimigos são invisíveis" (l. 5), mantêm-se as relações semânticas na ligação dessas duas orações se elas forem substituídas por Ora os poderosos americanos são visíveis, ora os inimigos são invisíveis.

4 – Nas linhas 5 e 6, as formas verbais "utilizam" e "põem" estão empregadas no plural para respeitar a concordância com "inimigos" (l. 5)

5 – Pelo sentido textual, o último período do fragmento admite a subordinação sintática ao penúltimo, expressa por oração reduzida de gerúndio, com os devidos ajustes de pontuação e letras maiúsculas.

Gabarito:

1 – Certo. Todos os termos remetem a "nova guerra". Além desses termos, também "confronto entre grupos terroristas e o Estado" e "espécie de acupuntura" são remissivos a "nova guerra".

2 – Errado. O item começa com comentário correto, visto que "mas" é conjunção adversativa. No entanto, a substituição proposta é absurda, porquanto DESTARTE possui valor conclusivo.

3 – Errado. O comentário é absurdo, visto que o conector de caráter temporal "Enquanto" confere ao período valor de simultaneidade, concomitância. Já o par ORA…ORA introduz ideia alternativa. Ou seja, são fatos que se alternam e obviamente não podem ocorrer ao mesmo tempo.

4 – Errado. Realmente a forma verbal "utilizam" encontra-se na terceira pessoa

do plural para concordar com seu sujeito (Os inimigos). A forma verbal PÕEM também se encontra na terceira pessoa do plural, todavia para concordar com o antecedente do pronome relativo QUE (ataques de surpresa).

5 – Certo. Perceba que a construção fica coerente e gramaticalmente correta: Esse modelo de conflito se tornou um novo fator de desequilíbrio mundial, podendo inclusive restabelecer uma nova espiral armamentista não convencional.

45. **A pergunta de US$ 110 bilhões: por que os EUA continuam gastando dinheiro com regimes corruptos e impopulares?**

Quando vemos hoje os impressionantes levantes no mundo árabe, com atos espontâneos pela democracia, é impossível não se perguntar: o que estamos fazendo gastando US$ 110 bilhões (em torno de R$ 180 bilhões) neste ano para apoiar regimes corruptos e impopulares no Afeganistão e no Paquistão que são quase idênticos aos governos que estamos aplaudindo os povos derrubarem?

Pode-se inferir do primeiro parágrafo que:

a) Está havendo atos espontâneos pela democracia no mundo árabe.

b) Há um paradoxo entre o investimento em alguns regimes políticos e o desejo de ver similares serem derrubados.

c) Os governos apoiados e derrubados são os mesmos.

d) Os governos apoiados, que receberam investimentos, e os derrubados são idênticos.

e) Os governos do Afeganistão e do Paquistão também serão derrubados por forças populares.

Gabarito: B

Questão feita para deixar o candidato em dúvida entre as alternativas A e B. As alternativas C, D e E apresentam comentários absurdos. Como no enunciado da questão está sendo exigida uma inferência, uma dedução. Assim, podemos excluir a alternativa A, visto que a informação lá constante não precisamos inferir, encontrando-se exposta, explícita. Está exposto no texto que está havendo atos espontâneos pela democracia no mundo árabe. Portanto, não inferimos essa informação. Já a alternativa B apresenta informação coerente, todavia não exposta no texto. Há um paradoxo? Certamente há, mas o texto não explicita isso, e sim é

algo que deduzimos, concluímos, inferimos.

46. Há duas semanas, tomei um avião da TAM, em Congonhas, de volta para o Rio. O embarque foi normal, sem estresses, mas o avião ficou 40 minutos na pista depois da hora marcada para a decolagem. Nesse espaço de tempo, os comissários se evaporaram e a TAM não deu qualquer satisfação aos passageiros. Estou sabendo que isso vive acontecendo. Às vezes, os passageiros são deixados mofando no avião depois que ele pousa.

(Ruy Castro)

O que se pode depreender do primeiro parágrafo?

a) Que o autor fez a aludida viagem há duas semanas.
b) Que se tornou comum os passageiros não obterem qualquer tipo de satisfação quanto a problemas nas viagens.
c) Que a TAM não dá satisfação aos passageiros acerca de atrasos nos voos.
d) Que, quando acontece qualquer tipo de problema nos voos, os comissários tornam-se ausentes.
e) A anormalidade refere-se aos quarenta minutos que as pessoas levaram dentro do avião após o pouso.

Gabarito: B

Exclui-se a alternativa, visto que o autor não fez a viagem há duas semanas, mas duas semanas antes de redigir esse texto. Elimina-se a alternativa C, uma vez que a informação presente no texto é que a TAM não deu qualquer satisfação aos passageiros sobre o atraso, o que não quer dizer que isso aconteça sempre. Também se exclui a alternativa D, porquanto a informação prestada foi que, naquele voo, os comissários desapareceram, o que não significa que isso aconteça em todos os voos. A anormalidade ficou por conta do tempo que o avião levou para voar e não após o pouso. A alternativa B foi a resposta, visto que o pronome ISSO refere-se aos fatos presentes no período anterior, o que nos permite fazer a seguinte leitura: Estou sabendo que isso (Nesse espaço de tempo, os comissários se evaporaram e a TAM não deu qualquer satisfação aos passageiros.) vive acontecendo. Sendo assim, compreende-se que os comissários de se "evaporarem" e a TAM não dar qualquer satisfação são fatos comuns, ou seja, vive acontecendo – expressão que o autor usou.

47. **(FCC / SP / Oficial de Defensoria Pública)**

CONHECIMENTOS GERAIS

Português

Atenção: As questões de números 47 a 52 baseiam-se no texto abaixo.

O heroísmo é um dos últimos enigmas do comportamento humano. Quando se trata de entendê-lo por meio de explicações racionais, é tão incompreensível quanto sua gêmea maligna, a brutalidade.

Os psicopatas são mais transparentes do que os heróis. Pelo menos já descobrimos o que os torna perigosos: sua incapacidade de sentir qualquer empatia pelos outros. Já o heroísmo extremo é de difícil explicação científica. Trata-se de um impulso ilógico que desafia a biologia, a psicologia e o bom senso. Charles Darwin tinha dificuldades em explicar a ideia de se expor para salvar a vida de um estranho. "Aquele disposto a sacrificar a sua vida, como muitos selvagens o fazem, em vez de trair seus companheiros, frequentemente não deixa descendentes para herdar sua nobre natureza", observou ele, que consequentemente não conseguia encaixar o heroísmo na teoria da sobrevivência do mais forte.

Morrer pelos próprios filhos? Perfeitamente lógico. De acordo com Darwin, nossa única razão de existir é passar nossos genes para a próxima geração. Mas, e morrer pelos outros? Contraproducente. Afinal, não importa quantos heróis fossem gerados, bastaria uma besta egoísta atleticamente sexual para minar toda a linhagem heroica. Os filhos dos egoístas se multiplicariam, enquanto os filhos dos super-heróis que seguissem o exemplo do superpai se sacrificariam até à extinção. Não é difícil de entender por que o comportamento heroico é raro.

Então, se todas as forças evolutivas e consequências desvantajosas conspiram contra o heroísmo, por que tal comportamento existe? Segundo o biólogo Lee Dugatkin, o heroísmo, uma forma de altruísmo, provavelmente data da época em que vivíamos em tribos nômades, onde as pessoas tinham entre si alguma conexão familiar. Ao praticar um ato heroico, elas estariam salvando uma parte de seu material genético.

Estamos cercados de situações que banalizam o mal. Segundo Hannah Arendt, teórica política alemã, a brutalidade é disseminada. Gostamos de pensar que a linha entre o bem e o mal é impermeável, que as pessoas que cometem atrocidades estão no lado mau, nós no lado bom, e que jamais cruzaremos a

fronteira. Para banalizar o bem, entretanto, precisamos construir circunstâncias contrárias à quelas que insidiosamente nos corrompem: uma sociedade detentora de sistemas que permitam a contestação, a crítica e a verdade. Quem sabe assim não precisaremos de super-heróis para garantir direitos básicos de cidadania.

(ZEH, Andrea Kauffmann. O Estado de S. Paulo, Aliás, J7, 21 de junho de 2009, com adaptações)

Justifica-se a primeira afirmativa do texto porque

a) as hipóteses que tentam explicar a agressividade de algumas pessoas ficam comprometidas pela ocorrência de atos de heroísmo.

b) o sacrifício de uma vida é sempre um exemplo notável, do ponto de vista da sobrevivência da espécie.

c) as razões que levam as pessoas a praticarem atos de heroísmo que colocam a vida em risco são de difícil explicação.

d) a percepção da banalização do mal nas sociedades modernas leva a atos de heroísmo mais constantes.

e) a oposição entre atos de heroísmo e as ações marcadas por brutalidade é insignificante para justificar certas atitudes humanas.

Gabarito: C

O cerne dessa questão está no emprego da palavra "enigma", presente no primeiro período (primeira afirmativa do texto). "Enigma", em consonância com o Dicionário do Aurélio, significa "questões propostas em termos obscuros. Algo em termos obscuros é algo de difícil explicação.

48. **O texto permite afirmar, corretamente, que:**

a) somente a ciência é capaz de oferecer explicações para os atos de heroísmo;

b) a linha que separa os conceitos de bem e de mal é tênue e quase imperceptível;

c) heróis são capazes, por vezes, de agir com lógica e discernimento em seu grupo social;

d) poucas vezes os descendentes de heróis tentam reproduzir o exemplo dado por estes;

e) a herança deixada por psicopatas a seus descendentes é muito semelhante à dos heróis.

Gabarito: B

A alternativa A contraria o texto, visto que nem os cientistas foram capazes de explicar os atos de heroísmo. A alternativa C também contraria as ideias do texto, até porque os atos de heroísmo são classificados como contraproducentes. Morrer pelos filhos seria lógico, mas não pelos outros. A alternativa D não apresenta informação coerente com o texto, pois o que se expõe é: "…. os filhos dos super-heróis que seguissem o exemplo do superpai se sacrificariam até à extinção. Não é difícil de entender por que o comportamento heroico é raro.", sendo assim, o que se depreende é que, se os filhos imitarem as atitudes dos superpais, acabarão extintos. A alternativa E também é absurda, pois a característica comum a eles não é a herança deixada para os filhos, e sim a dificuldade de se fazer uma teoria racional para as suas atitudes. A alternativa B apresenta comentário correto, porquanto relaciona o heroísmo à brutalidade classificando-os como almas gêmeas e incompreensíveis, sendo a linha tênue que os distingue o fato de que os psicopatas são mais transparentes do que os heróis.

49. **Conclui-se corretamente do texto que:**

a) o altruísmo nas sociedades modernas decorre da tentativa de manutenção dos laços familiares originados em núcleos tribais;
b) as explicações científicas são insuficientes para identificar indivíduos potencialmente perigosos para a sociedade;
c) aqueles que se dispõem a comportamentos extremos, seja para o bem, seja para o mal, se identificam com os mais fortes no grupo social;
d) a existência de atos de heroísmo numa sociedade moderna não condiz com a própria história da evolução da humanidade;
e) a prática de ações benéficas nas sociedades contemporâneas deve impor-se à força que impele os indivíduos ao mal.

Gabarito: E

A alternativa A contraria o texto, uma vez que o campo semântico do período original, o da possibilidade: "Segundo o biólogo Lee Dugatkin, o heroísmo, uma forma de altruísmo, **provavelmente** data da época em que vivíamos em tribos nômades, onde as pessoas tinham entre si alguma conexão familiar.". A informação constante na alternativa é exposta no campo factual, da certeza que o fato ocorreu. A alternativa B também contradiz o texto, pois lá está exposto que " a incapacidade de sentir qualquer empatia pelos outros já é um dado fundamental

para se identificarem pessoas perigosas na convivência social. A alternativa C é absurda, pois no texto se expõe que não há como encaixar o heroísmo na teoria da sobrevivência do mais forte. Muito pelo contrário, pessoas com essa característica tendem à extinção. A alternativa D também não é coerente, pois se depreende que a existência de super pais pode colaborar com a sobrevivência da humanidade, mesmo que sacrifique sua própria linhagem genética, ou seja, a sua descendência. A alternativa E se expõe no seguinte fragmento: "Para banalizar o bem, entretanto, precisamos construir circunstâncias contrárias à quelas que insidiosamente nos corrompem: uma sociedade detentora de sistemas que permitam a contestação, a crítica e a verdade.".

50. **Em relação ao 3º parágrafo, está INCORRETO o que se afirma em:**

a) Identifica-se opinião pessoal em Perfeitamente e Contraproducente.

b) Percebe-se intenção irônica no uso das palavras super-heróis e superpai.

c) O emprego de multiplicariam e sacrificariam denota possibilidade remota num tempo futuro, condicionada a determinada situação anterior.

d) Não há respostas possíveis e lógicas para o fato de alguém se sacrificar por pessoas desconhecidas, ou seja, pelos outros.

e) O desenvolvimento leva à conclusão coerente de que o comportamento heroico é raro.

Gabarito: D

O comentário proferido na alternativa A é perfeito, uma vez que "Perfeitamente lógico." é uma opinião do autor ao fato de "Morrer por um filho". E "Contraproducente" foi a qualificação conferida ao fato de "Morrer pelos outros". A alternativa B apresenta comentário correto, visto que o Futuro do Pretérito, como o próprio nome sugere, indica um evento futuro improvável atrelado a uma condição pretérita: Se os filhos seguissem o exemplo dos pais (condição pretérita), as consequências seriam "os filhos dos egoístas se multiplicariam, enquanto os filhos dos super-heróis se sacrificariam até à extinção.". A alternativa D apresenta comentário falso, visto que, uma resposta lógica aparentemente não há, mas possível, mesmo que ilógica, pode ser que haja. A alternativa E apresenta comentário correto, representando o último período uma conclusão para a tese de que os exemplos de heroísmo, caso seguidos pelos filhos, levariam à extinção.

51. **O assunto do texto está sintetizado em:**

a) Heroísmo é atitude sem explicação lógica quando analisado sob a ótica dos

impulsos do comportamento humano.

b) O heroísmo extremo é geralmente confundido com a brutalidade manifestada por psicopatas.

c) Heróis e psicopatas apresentam habitualmente o mesmo tipo de comportamento num mundo incompreensível.

d) Charles Darwin falhou em suas explicações para o comportamento heroico apresentado por certas pessoas.

e) A sobrevivência da espécie humana só é explicada pelo comportamento heroico de certos indivíduos.

Gabarito: A

Na questão, é exigido do candidato um resumo do texto, ou seja, sua ideia principal também chamada de tópico frasal. A tese exposta no início do texto, mais propriamente nos dois primeiros parágrafos é que o heroísmo é um enigma, uma atitude incompreensível, um impulso ilógico que desafia a biologia, a psicologia e o bom senso. A sequência do texto se estrutura na argumentação para a defesa dessa tese.

52. **... uma sociedade detentora de sistemas que permitam a contestação, a crítica e a verdade. (último parágrafo)**

O emprego da forma verbal grifada acima denota, no contexto,

a) possibilidade de realização de um fato.

b) certeza imediata a respeito de uma ação real.

c) dúvida plausível acerca da realização de um fato.

d) ação prevista em um futuro imediato.

e) fato realizado em um tempo indefinido.

Gabarito: A

O emprego do modo subjuntivo distancia a situação do campo da certeza. Isso mais se evidencia quando se observa a construção de todo o período: inicialmente há a ocorrência da preposição "para" estabelecendo relação de finalidade; depois a ocorrência da locução verbal "Precisamos construir" já indicando que as circunstâncias ainda não foram construídas. O fragmento "uma sociedade detentora de sistemas que permitam a contestação, a crítica e a verdade" representa as circunstâncias que precisam ser construídas com a finalidade de banalizar o bem.

53. **Atenção: As questões de números 56 a 62 baseiam-se no texto abaixo.**

A memória ajuda a definir quem somos. Na verdade, nada é mais essencial para a identidade de uma pessoa do que o conjunto de experiências armazenadas em sua mente. E a facilidade com que ela acessa esse arquivo é vital para que possa interpretar o que está à sua volta e tomar decisões. Cada vez que a memória decai, e conforme a idade isso ocorre em maior ou menor grau, perde-se um pouco da interação com o mundo. Mas a ciência vem avançando no conhecimento dos mecanismos da memória e de como fazer para preservá-la. Pesquisas recentes permitem vislumbrar o dia em que será uma realidade a manipulação da mente humana. Isso já está sendo feito em animais.

Cientistas brasileiros e americanos demonstraram ser possível apagar, em laboratório, certas lembranças adquiridas por cobaias. Tudo indica que as mesmas técnicas podem ser usadas também para conseguir o efeito inverso: ampliar a capacidade de reter fatos e experiências na mente. Há pouco tempo pesquisadores da Universidade da Califórnia detalharam como as proteínas estão relacionadas ao surgimento de novas lembranças nos neurônios e à modificação das já existentes.

Como ocorreu com o DNA no século passado, os códigos fisiológicos que regulam a memória estão sendo decifrados. A neurociência é um campo tão promissor que, nos Estados Unidos, nada menos que um quinto do financiamento em pesquisas médicas do governo federal vai para as tentativas de compreender os mecanismos do cérebro. Os estudos sobre a memória têm um lugar destacado nesse esforço científico.

Afinal de contas, mantê-la em perfeito funcionamento tornou-se uma preocupação central nas sociedades modernas, em que dois fenômenos a desafiam: o primeiro é a exposição a uma carga excessiva de informações, que o cérebro precisa processar, selecionar e, se relevantes, reter para uso futuro; o segundo é o aumento da expectativa de vida, que se traduz numa população mais vulnerável a distúrbios associados à perda de memória.

Um dos caminhos investigados pelos cientistas para deter as degenerações que resultam em perda mnemônica é induzir a produção de novos neurônios – a neurogênese. Até pouco tempo atrás, acreditava-se que as células do cérebro não se regeneravam. Esse mito foi derrubado e hoje se sabe que em algumas estruturas cerebrais o nascimento de células nervosas é um fenômeno comum. O experimento indica que, se os cientistas conseguirem estimular de maneira controlada a neurogênese, poderão aplicar essa técnica tanto para compensar a

morte de células causada por uma doença degenerativa como, em tese, para melhorar a capacidade de memorização de uma pessoa saudável. Esse será, certamente, um dia inesquecível.

(Schelp, Diogo. Veja. 13 jan. 2010, pp. 79-87, com adaptações)

Esse será, certamente, um dia inesquecível. (final do texto)

Pressupõe-se corretamente da afirmativa acima:

a) uma contradição intencional com o assunto que foi desenvolvido em todo o texto;
b) o uso intencional do adjetivo, por sua correlação de sentido com o assunto abordado no texto;
c) uma crítica velada a procedimentos científicos, de certa forma invasivos, de manipulação da memória de pessoas;
d) a conclusão pessimista das dificuldades apontadas em relação às pesquisas sobre a memória humana;
e) a aceitação total de que é cada vez mais difícil descobrir as razões que levam à perda de memória.

Gabarito: B

A alternativa B é a única que apresenta razoabilidade. A expressão ESSE… DIA INESQUECÍVEL refere-se à época em que poderá ocorrer o exposto no período anterior: "O experimento indica que, se os cientistas conseguirem estimular de maneira controlada a neurogênese, poderão aplicar essa técnica tanto para compensar a morte de células causada por uma doença degenerativa como, em tese, para melhorar a capacidade de memorização de uma pessoa saudável.".

54. **A neurociência é um campo tão promissor A neurociência é um campo tão promissor (3º parágrafo)**

A relação entre as orações do segmento acima é, respectivamente, de:

a) explicação de um fato e a razão para sua realização;
b) constatação de um fato real e sua condição necessária;
c) consequência de uma situação e a explicação decorrente;
d) condição de realização de um fato e a finalidade de uma ação;
e) causa que justifica uma ação e sua consequência.

Gabarito: E

Caro candidato, é fundamental não esquecer que onde há causa, há efeito; e

onde há efeito, há causa. A conjunção QUE, introduzindo a segunda oração, é subordinativa consecutiva, portanto obviamente introduz um efeito para o expresso na oração anterior. Essa é uma estrutura clássica: "A neurociência é um campo tão promissor" (causa) – "A neurociência é um campo tão promissor (efeito).". Portanto, a primeira estrutura se estabelece com uma causa a justificar uma ação; a segunda, introduzida pelo conector consecutivo, representa uma necessária atitude que é a própria consequência.

55. **... em que dois fenômenos a desafiam... (3º parágrafo)**

O pronome grifado acima substitui corretamente, considerando-se o contexto:

a) memória;
b) neurociência;
c) preocupação central;
d) carga excessiva de informações;
e) população mais vulnerável.

Gabarito: A

O pronome oblíquo refere-se à expressão "memória", presente no segundo parágrafo, tal qual a forma pronome LA em mantê-la. Tal fato se evidencia pelo sentido textual: dois fenômenos desafiam a memória.

56. **(FCC / 23ª REGIÃO / Analista Judiciário)**

Atenção: As questões de números 1 a 20 referem-se ao texto que segue.

Da ação dos justos

Em recente entrevista na TV, uma conhecida e combativa juíza brasileira citou esta frase de Disraeli*: "É preciso que os homens de bem tenham a audácia dos canalhas". Para a juíza, o sentido da frase é atualíssimo: diz respeito à frequente omissão das pessoas justas e honestas diante das manifestações de violência e de corrupção que se multiplicam em nossos dias e que, felizmente, têm chegado ao conhecimento público e vêm sendo investigadas e punidas. A frase propõe uma ética atuante, cujos valores se materializem em reação efetiva, em gestos de repúdio e medidas de combate à barbárie moral. Em outras palavras: que a desesperança e o silêncio não tomem conta daqueles que pautam sua vida por princípios de dignidade.

Como não concordar com a oportunidade da frase? Normalmente, a indignação se reduz a conversas privadas, a comentários pessoais, não indo além de um mero discurso ético. Se não transpõe o limite da queixa, a indignação é impotente, e seu efeito é nenhum; mas se ela se converte em gesto público, objetivamente dirigido contra a arrogância acanalhada, alcança a dimensão da prática social e política, e gera consequências.

A frase lembra-nos que não costuma haver qualquer hesitação entre aqueles que se decidem pela desonestidade e pelo egoísmo. Seus atos revelam iniciativa e astúcia, facilitadas pela total ausência de compromisso com o interesse público. Realmente, a falta de escrúpulo aplaina o caminho de quem não confronta o justo e o injusto; por outro lado, muitas vezes faltam coragem e iniciativa aos homens que conhecem e mantêm viva a diferença entre um e outro. Pois que estes a deixem clara, e não abram mão de reagir contra quem a ignore.

A inação dos justos é tudo o que os contraventores e criminosos precisam para continuar operando. A cada vez que se propagam frases como "Os políticos são todos iguais", "Brasileiro é assim mesmo" ou "Este país não tem jeito", promove-se a resignação diante dos descalabros. Quem vê a barbárie como uma fatalidade torna-se, ainda que não o queira, seu cúmplice silencioso.

* Benjamin Disraeli, escritor e político britânico do século XIX. (Aristides Villamar)

A frase de Disraeli, tal como é entendida e desenvolvida no texto, reporta-se à necessidade de que:

a) os homens de bem e os canalhas se congracem na mesma audácia;

b) a intempestividade dos homens honestos supere a dos desonestos;

c) a ousadia dos bons cidadãos não fique atrás da dos patifes;

d) o atrevimento dos desclassificados coíba o dos justos;

e) os cidadãos honestos e os meliantes distingam entre o bem e o mal.

Gabarito: C

A frase é "É preciso que os homens de bem tenham a audácia dos canalhas". A forma verbal "tenham" significa POSSUAM, obviamente tendo o valor de posse. Na alternativa C, o termo "dos bons cidadãos" funciona como adjunto adnominal, também com valor de posse. Antes de "audácia" subentende-se a presença do vocábulo "mesma" ("… tenham a mesma audácia"); já a alternativa sugere que a audácia dos homens de bem não fique atrás da audácia dos canalhas, ou seja, que

eles tenham no mínimo a mesma audácia.

57. **Atente para as seguintes afirmações:**

I. **Às escandalosas práticas dos canalhas deve corresponder uma reação objetiva, que tenha envergadura social e peso político.**

II. **Os homens de virtude não confrontam o que é justo e o que é injusto porque sabem relativizar o valor do bem e o do mal.**

III. **Do quarto parágrafo depreende-se que certas frases do senso comum induzem à complacência com as ações mais nefastas.**

Em relação ao texto, está correto o que se afirma em:

a) I e II, somente;
b) I e III, somente;
c) II e III, somente;
d) III, somente;
e) I, II e III.

Gabarito: B

O comentário proferido no item I é correto, constituindo-se numa síntese do texto, mormente nos dois primeiros parágrafos. Compreende-se que, se as pessoas éticas não agiram com a mesma determinação dos canalhas, suas reclamações, queixas não logram êxito. Portanto, torna-se necessária uma atuação mais significativa daqueles que possuem princípio ético, para que a indignação não se restrinja a conversas privadas, as quais acabam por não conterem efeito prático.

O comentário realizado no item II é inadequado, dado que o que se informa é que há necessidade de uma posição mais atuante daqueles que possuem valores éticos, isso não quer dizer que eles não confrontem o justo com o injusto. Além disso, a explicação dada para o fato também é absurda: não confrontam porque sabem relativizar o valor do bem e do mal???

O item III se coaduna sobretudo com o seguinte fragmento "A cada vez que se propagam frases como "Os políticos são todos iguais", "Brasileiro é assim mesmo" ou "Este país não tem jeito", promove-se a resignação diante dos descalabros. Quem vê a barbárie como uma fatalidade torna-se, ainda que não o queira, seu cúmplice silencioso.".

58. **Considerando-se o contexto, as expressões:**

a) frequente omissão e ética atuante referem-se a distintas condutas, atinentes

aos homens de bem;

b) barbárie moral e princípios de dignidade são análogas, e referem-se aos homens indignos;

c) inação dos justos e frequente omissão estabelecem entre si a oposição que se verifica entre os justos e os canalhas;

d) dimensão da prática social e política e a arrogância acanalhada representam, respectivamente, uma causa e seu efeito;

e) iniciativa e astúcia e cúmplice silencioso referem-se aos contraventores e aos criminosos.

Gabarito: A

A alternativa apresenta comentário correto, dado que duas condutas são relacionadas aos homens de bem: a frequente omissão, fato que se confirma na fala da juíza – por isso, a juíza cita que os homens de bem deveriam ter mais audácia; e a ética atuante, como deveriam ser os cidadãos de bem.

Exclui-se a alternativa B, dado que princípios de dignidade relacionam-se aos homens de bem, dignos.

Exclui-se a alternativa C, visto que os dois elementos não apresentam oposição, pelo contrário, encontram-se no mesmo campo semântico.

Exclui-se a alternativa D, visto que uma atitude objetivamente dirigida contra a arrogância acanalhada é que geraria o efeito de se alcançar uma dimensão da prática social e política.

Elimina-se a alternativa E, pois iniciativa e astúcia são características que os criminosos têm e que os homens de bem também deveriam ter na defesa desse bem. Já cúmplice silencioso refere-se aos próprios cidadãos de bem.

59. **Quem propaga frases como as citadas entre aspas no último parágrafo parece admitir que:**

a) a resignação é vencida por uma ética atuante;

b) a cumplicidade silenciosa é o mal maior;

c) o discurso ético é o primeiro passo para a moralização;

d) não se deve abrir mão de uma reação ética;

e) os descalabros fazem parte da nossa natureza.

Gabarito: E

É importantíssimo nessa questão compreender o que está sendo solicitado. A

banca não está pedindo a visão do autor quanto ao assunto. Já se sabe que o entendimento do autor é a de que os cidadãos de bem precisam ser mais atuantes, ousados. No entanto, aqui está sendo solicitada a visão das pessoas que proferem as seguintes frases: "Os políticos são todos iguais", "Brasileiro é assim mesmo" ou "Este país não tem jeito". Essas pessoas estão resignadas com esse tipo de situação – fato que o próprio autor critica. Portanto, se fosse a visão do autor, poderíamos ter as opções A, C ou E. Mas como se pede a visão dessas pessoas que já se entregaram diante dos fatos, a única alternativa cabível só pode ser a alternativa E.

60. **Considerando-se o contexto do terceiro parágrafo, na frase Pois que estes a deixem clara, os pronomes estes e a estão se referindo, respectivamente, a:**

a) um e outro / a diferença;
b) os homens / a diferença;
c) desonestidade e egoísmo / iniciativa;
d) os homens / iniciativa;
e) o justo e o injusto / iniciativa.

Gabarito: B

O período anterior ao retirado da frase é o seguinte: "Realmente, a falta de escrúpulo aplaina o caminho de quem não confronta o justo e o injusto; por outro lado, muitas vezes faltam coragem e iniciativa aos homens que conhecem e mantêm viva a diferença entre um e outro.". O pronome "Estes" refere-se ao elemento masculino e plural mais próximo: os homens. Já o pronome "a" refere-se ao termo feminino e singular mais próximo: a diferença. A leitura da frase é: Pois que os homens deixem a diferença clara.

61. **Os segmentos destacados constituem, respectivamente, uma causa e sua consequência em:**

a) Para a juíza, / o sentido da frase é atualíssimo;
b) Pois que estes a deixem clara / e não abram mão de reagir contra quem a ignore;Â
c) Normalmente, a indignação se reduz / a conversas privadas (...);
d) A frase lembra-nos / que não costuma haver qualquer hesitação (...);
e) Quem vê a barbárie como uma fatalidade / torna-se (...) seu cúmplice silencioso.Â

Gabarito: E

Alternativa A – O primeiro fragmento representa uma conformidade para o fato expresso no segundo.

Alternativa B – O segundo fragmento representa uma adição para o fato exposto no primeiro.

Alternativa C – O segundo fragmento é apenas um complemento verbal para "reduz-se" (oração subordinada substantiva objetiva indireta), sem valor semântico.

Alternativa D – O segundo fragmento é apenas um complemento verbal para "reduz-se" (oração subordinada substantiva objetiva direta), sem valor semântico.

Alternativa E – Quem age dessa maneira (Quem vê a barbárie como uma fatalidade) – causa; consequentemente torna-se seu cúmplice silencioso -efeito.

62. **Considerando-se o contexto, a palavra sublinhada em Como não concordar com a oportunidade da frase? Tem sentido equivalente ao da expressão sublinhada em:**

a) Sua colaboração chegou no momento azado.

b) Impressionou-o o indômito oportunismo com que agia seu adversário.

c) Na eventualidade de um ato ilegal, impõe-se uma sindicância.

d) Ela estranhou o extemporâneo interesse do amigo.

e) Eles sempre agiram em conformidade com a lei.

Gabarito: A

Alternativa A – Azado significa oportuno, momento propício para uma atitude.

Alternativa B – indômito significa indomável, indomesticável, bravio.

Alternativa C – eventualidade tem valor de fato que acontece casualmente, sem frequência

Alternativa D – extemporâneo é algo que acontece fora de seu tempo, depois do prazo

Alternativa E – "em conformidade de" expressa um ação de acordo, em consonância, em conformidade com algo já estabelecido.

63. **(Cespe/ UnB / STF)**

O agente ético é pensado como sujeito ético, isto é, como um ser racional e consciente que sabe o que faz, como um ser livre que escolhe o que faz e como um

ser responsável que responde pelo que faz. A ação ética é balizada pelas ideias de bem e de mal, justo e injusto, virtude e vício. Assim, uma ação só será ética se consciente, livre e responsável e será virtuosa se realizada em conformidade com o bom e o justo. A ação ética só é virtuosa se for livre e só o será se for autônoma, isto é, se resultar de uma decisão interior do próprio agente e não de uma pressão externa. Evidentemente, isso leva a perceber que há um conflito entre a autonomia da vontade do agente ético (a decisão emana apenas do interior do sujeito) e a heteronomia dos valores morais de sua sociedade (os valores são dados externos ao sujeito). Esse conflito só pode ser resolvido se o agente reconhecer os valores de sua sociedade como se tivessem sido instituídos por ele, como se ele pudesse ser o autor desses valores ou das normas morais, pois, nesse caso, ele será autônomo, agindo como se tivesse dado a si mesmo sua própria lei de ação.

Marilena Chauí. Uma ideologia perversa. In: Folhaonline, 14/3/1999 (com adaptações).

Julgue os seguintes itens, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do texto acima.

1– Depreende-se do texto que "agente" e "sujeito", ambos na linha 1, não são sinônimos, embora possam remeter ao mesmo indivíduo.

2– De acordo com as relações argumentativas do texto, se uma ação não for "virtuosa" (l.6), ela não resulta de decisão interior; se não for "ética" (l.4), ela não será consciente, livre e responsável.

3– A expressão "Esse conflito" (l.11) tem a função textual de recuperar a ideia de "heteronomia" (l.9-10).

4– A organização das ideias no texto mostra que, em suas duas ocorrências, o pronome "ele", na linha 12, refere-se textualmente a "agente" (l.11).

Gabarito:

1 – Certo. Repare que o autor do texto compara o agente ético com o sujeito ético, o que nos leva a depreender que não são o mesmo ser. No entanto, se o conflito entre a autonomia da vontade do agente ético e a heteronomia dos valores morais de sua sociedade for resolvido, os dois termos podem remeter ao mesmo indivíduo.

2 – Errado. O item inverte a relação de condição/efeito. O que o texto informa é que "uma ação só será ética se consciente". Portanto, se for consciente, livre e

responsável (condição), será ética (efeito). Se não for consciente, livre e responsável (condição), não será ética (efeito). E não "se não for "ética" (condição), ela não será consciente, livre e responsável (efeito).

3 – Errado. A expressão "Esse conflito "remete ao par "autonomia da vontade do agente ético" – "heteronomia".

4 – Certo – Não só as duas ocorrências da linha 12 como também a da linha 13. A ideia e á de que o agente ético "será autônomo, agindo como se tivesse dado a si mesmo sua própria lei de ação.".

64. **(Cespe / UnB / MMA)**

Santuário ameaçado

Iniciativa que pretende legitimar a ocupação irregular do Parque do Itatiaia põe em risco o pouco que restou da mata atlântica

O Parque Nacional do Itatiaia, paraíso ecológico no estado do Rio de Janeiro criado por Getúlio Vargas em 1937, está correndo sérios riscos. E a culpa, desta vez, não é dos 4 incêndios, tão comuns na região, que abriga maravilhas naturais como o rio Campo Belo, a Cascata do Maromba e o famoso Pico das Agulhas Negras. Hoje, para muitos especialistas, o maior problema é a ocupação irregular de áreas de preservação permanente por casas de veraneio particulares. Concentradas em uma região de 1,3 mil hectares, as cerca de 80 residências são uma pedra no sapato dos administradores da área. Essa pedra, porém, ganhou potencial para virar uma avalancha. No dia 22 de outubro de 2008, a Associação dos Amigos de Itatiaia, que desde 1951 reúne proprietários dessas terras irregulares, deu início a uma campanha para regularizar o que não é regularizável: a presença de propriedades particulares dentro de um parque nacional. Se aprovado, o projeto reclassificaria parte da área do parque, que passaria a ser um "monumento natural", e não só legitimaria os imóveis que já existem como abriria caminho para a construção de outros dentro da área de preservação.

João Lopes. Istoé, 25/2/2009, p. 52 (com adaptações).

Julgue os itens a seguir com base no texto acima.

1 – O período "Essa pedra, porém, ganhou potencial para virar uma avalancha" (l.8) inicia a argumentação do autor do texto em favor da legalização das edificações irregularmente construídas.

2 – Na linha 13, a forma verbal "legitimaria" pode ser substituída pela forma legalizaria, sem prejuízo para o sentido do período.

3 – A área do Parque Nacional do Itatiaia está ameaçada, porque os administradores do parque apresentaram proposta de decreto que regularizou as casas de veraneio cujos terrenos ainda se encontram em situação irregular.

4 – Atualmente, segundo o texto, o maior problema ecológico no Parque Nacional do Itatiaia, atingido frequentemente por incêndios, é o da ocupação irregular por proprietários de casas particulares em áreas protegidas pelo poder público desde 1937.

5 – De acordo com o texto, o governo Getúlio Vargas criou áreas de preservação ambiental em toda a mata atlântica, em especial o Parque do Itatiaia, que abrange território de 1,3 mil hectares e encontra-se ameaçado por algumas ocupações desde 1951.

Gabarito:

1 – Errado – Em momento algum, o autor se posicionou favoravelmente à legalização dessas construções na área. Muito pelo contrário. Depreende-se da frase em voga que o temor do autor é que tal situação ilegal se regularize e, a partir daí, muitas outras construções ocorram.

2 – Certo. Melhora a frase. Uma situação absurda como o autor relata, por motivos também absurdos, pode se transformar em legal, mas legítima ela nunca será. Sendo assim, a substituição de "legitimaria" por "legalizaria" corrige o período, obviamente não gerando prejuízo para o sentido.

3 – Errado. Os administradores do parque são contrários à legalização. Quem deu início para regularizar o que não é regularizável – a presença de propriedades particulares dentro de um parque nacional – foi a Associação de Amigos de Itatiaia.

4 – Certo. Quando se cria um parque, determina-se que aquelas terras passem a ser de proteção do poder público. Foi o que ocorreu em 1937, no governo de Getúlio Vargas. Então, a partir de 1937, aquelas terras transformadas em parque ficaram sob a égide do governo.

5 – Errado. Inicialmente não se disse no texto que toda a área da mata atlântica tornou-se parque. E o território de 1,3 mil hectares refere-se às cerca de 80 residências instaladas no Parque Nacional de Itatiaia.

65. **(Cespe / UnB / MMA)**

Tal é o rio [Amazonas]; tal a sua história: revolta, desordenada, incompleta.

A Amazônia selvagem sempre teve o dom de impressionar a civilização distante. Desde os primeiros tempos da Colônia, as mais imponentes expedições e solenes visitas pastorais rumavam de preferência às suas plagas desconhecidas. Para lá os mais veneráveis bispos, os mais garbosos capitães-generais, os mais lúcidos cientistas. E do amanho do solo que se tentou afeiçoar a exóticas especiarias, à cultura do aborígine que se procurou erguer aos mais altos destinos, a metrópole longínqua demasiara-se em desvelos à terra que sobre todas lhe compensaria o perdimento da Índia portentosa.

Esforços vãos. As partidas demarcadoras, as missões apostólicas, as viagens governamentais, com as suas frotas de centenas de canoas, e os seus astrônomos comissários apercebidos de luxuosos instrumentos, e os seus prelados, e os seus guerreiros, chegavam, intermitentemente, à queles rincões solitários e armavam rapidamente no altiplano das "barreiras" as tendas suntuosas da civilização em viagem. Regulavam as culturas; poliam as gentes; aformoseavam a terra. Prosseguiam a outros pontos, ou voltavam – e as malocas, num momento transfiguradas, decaíam de chofre, volvendo à bruteza original.

Cunha, Euclides da. À margem da história. Obra Completa, v. 1, p. 256 (com adaptações).

Com relação ao texto acima, julgue os seguintes itens.

1 – Como a oração "E do amanho (...) portentosa" (l.5-8) expressa uma explicação do termo "terra" (l.7), o autor do texto poderia ter optado pelo emprego da vírgula após esse termo.

2 – De acordo com o texto, impressionados com a região amazônica, representantes da Igreja, do Estado e da Ciência tentaram dominar a terra e a cultura indígena, mas não foram bem-sucedidos.

3 – Segundo o texto, a história do rio Amazonas é incompleta, porque a natureza é indomável, apesar dos esforços da "civilização em viagem" (l.13-14) representada por missões apostólicas, por expedições governamentais e por cientistas.

4 – No primeiro parágrafo, "suas" (l.3) refere-se a "Colônia" (l.2) e "lá" (l.4), ao "rio [Amazonas]" (l.1).

5 – No trecho "os seus astrônomos comissários apercebidos de luxuosos instrumentos" (l.11), o vocábulo "apercebidos" tem o sentido de providos.

Gabarito:

1 – Errado. A oração em voga representa uma adição ao período anterior, e não uma explicação para um termo presente na própria frase. Além disso, a inserção de vírgula após a palavra "terra" (l. 8) faria com que a oração seguinte (que se tentou afeiçoar a exóticas especiarias…) passasse a ter caráter explicativa, mas não o período inteiro.

2 – Certo. A frase "Esforços vãos." (l. 9) é uma síntese para expressar o fracasso na tentativa de domínio da natureza e da cultura indígena.

3 – Certo. O primeiro período já confere a ideia de incompletude para o rio Amazonas. Foram missões apostólicas, viagens governamentais, com as suas frotas de centenas de canoas (expedições governamentais) e astrônomas comissários (cientistas) para o Amazonas. Esforços vãos (não lograram êxito) e a natureza (desordena, revolta – l. 1) volvia á bruteza original.

4 – Errada. O referente de "suas" está corretos: colônia: A Amazônia constituía as terras desconhecidas da colônia. No entanto, "Lá" refere-se às plagas desconhecidas" quais sejam, a Amazônia e não o rio Amazonas.

5 – Certo. No contexto, as palavras possuem o mesmo valor semântico, também cabendo a substituição por abastecidos, munidos.

66. **(Cespe / UnB / IRBr / 2009)**

Canção do Ver (fragmento)

Por viver muitos anos
dentro do mato
Moda ave
O menino pegou
um olhar de pássaro –
Contraiu visão fontana.
Por forma que ele enxergava
as coisas
Por igual
como os pássaros enxergam.
As coisas todas inominadas.
Água não era ainda a palavra água.
Pedra não era ainda a palavra pedra. E tal.

As palavras eram livres de gramáticas e
Podiam ficar em qualquer posição.
Por forma que o menino podia inaugurar.
Podia dar às pedras costumes de flor.
Podia dar ao canto formato de sol.
E, se quisesse caber em uma abelha, era só abrir a
[palavra abelha e entrar dentro dela.
Como se fosse infância da língua.

BARROS, Manoel de. Poemas rupestres. Rio de Janeiro: Record, 2004.

A respeito do vocabulário do texto acima, assinale a opção incorreta.

a) "Moda" (v.3) significa conjunto de opiniões, gostos e apreciações críticas, assim como modos de agir, viver e sentir coletivos, aceitos por determinado grupo humano em um dado momento histórico.

b) O sentido do vocábulo "Contraiu" (v.6) restringe as possibilidades semânticas de "pegou" (v.4).

c) Na expressão "visão fontana" (v.6), o vocábulo sublinhado, adjetivo derivado de **fonte**, foi metaforicamente empregado com sentido de originário, gerador, causal, seminal.

d) Em "As palavras eram livres de gramáticas" (v.14), o vocábulo sublinhado alude a regras gramaticais.

e) O vocábulo "posição" (v.15) refere-se à sintaxe, entendida como disposição harmoniosa de partes ou elementos da frase.

Gabarito: A

O vocábulo "Moda" foi empregado no texto com valor comparativo, podendo ser substituído por COMO, FEITO.

67. **Com base no texto, julgue (C ou E) os itens seguintes.**

1 () Em "Por viver muitos anos/dentro do mato" (v.1-2) e "ele enxergava/as coisas/Por igual" (v.7-9), a preposição "Por", nas duas ocorrências, introduz uma circunstância de modo nos períodos em que se insere.

2 () No trecho "era só abrir a palavra abelha e entrar dentro dela" (v.19-20), verifica-se redundância de efeito estilístico.

3 () As ideias expressas nos versos de 17 a 19 ilustram o sentido de "inaugurar" (v.16).

4 () O verso final – "Como se fosse infância da língua" – equivale semanticamente a: Como se fosse reinvenção da língua.

Gabarito:

1 – Errado. Realmente a segunda ocorrência da preposição POR encerra valor de modo, admitindo inclusive a substituição de "por igual" por IGUALMENTE. No entanto, na primeira ocorrência, a preposição expressa a ideia de causa: "Porque vivia muitos anos dentro do mato…".

2 – Certo. Observa-se a redundância, o pleonasmo na expressão entrar dentro. Torna-se admissível por se tratar de uma poesia por ter o autor a intenção de conferir ao verso valor enfático.

3 – Certo. Quando algo é inaugurado, depreende-se que antes não existia. Compreende-se do texto que as coisas existiam, porém inominadas para o menino, que vivia dentro do mato. Portanto, como as coisas ainda não tinham nome, o menino podia inaugurar. Os versos seguintes são exemplificações para esse fato.

4 – Errado. O emprego conotativo de "infância" sugere não uma reinvenção, mas sim o nascimento, o surgimento, a criação, algo que teve início e não reinício.

68. **A diferença na linguagem**

"Para os gramáticos, a arte da palavra quase se esgota na arte da escrita, o que se vê ainda pelo uso que fazem dos acentos, muitos dos quais fazem alguma distinção ou evitam algum equívoco para os olhos mas não para os ouvidos." Neste texto Rousseau nos sugere que, para ler bem, é preciso prestar ouvidos à voz original, adivinhar as diferenças de acento que a articulam e que se tornaram imperceptíveis no espaço homogêneo da escrita. Na leitura, o olho treinado do Gramático ou do Lógico deve subordinar-se a um ouvido atento à melodia que dá vida aos signos: estar surdo à modulação da voz significa estar cego às modalidades do sentido. Na oposição que o texto faz entre a arte de falar e a arte de escrever, podemos encontrar não apenas as razões da desqualificação da concepção gramatical da linguagem, mas também a indicação do estatuto que Rousseau confere à linguagem. O que é importante notar aqui é que a oposição entre falar e escrever não se funda mais na oposição entre **presença** e **ausência**: não é a ausência do sujeito falante que desqualifica a escrita, mas a atonia ou a homogeneidade dos signos visuais. Se a essência da linguagem escapa à Gramática, é porque esta desdobra a linguagem num elemento essencialmente

homogêneo.

JR, Bento Prado. A retórica de Rousseau. São Paulo: Cosac Naify, 2008, p. 129-130.

Com relação às ideias do texto 3, julgue (C ou E) os itens a seguir.

1 () O autor do texto afirma que Rousseau valoriza o caráter melódico da palavra falada, mas considera que a palavra escrita é mais apta a desvendar as sutilezas do sentido.

2 () A palavra "acentos" (l.2) refere-se a sinais gráficos, ao passo que "acento" (l.5) designa qualidades como inflexão ou modulação.

3 () Segundo o texto, na fala, a altura e a intensidade da voz contribuem, no entender de Rousseau, para as possibilidades de sentido.

4 () Ao caracterizar como "treinado" (l. 6) o olho do "Gramático" ou do "Lógico", o autor dá a entender que estes consideram a leitura como decodificação mecânica.

Gabarito:

1 – Errado. O texto informa que, para ler bem, é preciso prestar ouvidos à voz original, adivinhar as diferenças de acento que a articulam e que se tornaram imperceptíveis no espaço homogêneo da escrita.

2 – Certo. A palavra "acento" está empregada em sentidos distintos no texto. No primeiro caso, relaciona-se aos ocorrentes na escrita, signos gramaticais de leitura. Na segunda ocorrência, a palavra se refere ao fato de prestar ouvidos à voz original, perceber a entonação que se torna imperceptível no espaço homogêneo da escrita.

3 – Certo. Como exposto no texto: "estar surdo à modulação da voz significa estar cego às modalidades do sentido.".

4 – Certo. Pois "treinado" tem sentido de "leitura técnica, mecânica do gramática". Justamente essa leitura deve subordinar-se aos acentos da melodia, às possibilidades de alteração de significado advindas da percepção de uma voz original.

69. **(Cespe / UnB / IRBr / 2008)**

As primeiras cartas

O importante não é a casa onde moramos. Mas onde, em nós, a casa mora.

Avô Mariano

Escapo-me dali, me apressando entre os atalhos. Quando reentro em casa não encontro vivalma. Todos foram para o caminho da areia assistir à desgraça, consolando Ultímio. De soslaio, parece-me ouvir um ruído. Entro na sala fúnebre e nada vejo, senão o aquietado corpo do velho Mariano. Lá está o desfinado, entre flores e velas. Subo para o quarto. De novo, sobre a cabeceira, uma outra carta. A tremência em minhas mãos não me ajuda a ler:

Estas cartas, Mariano, não são escritos. São falas. Sente-se, se deixe em bastante sossego e escute. Você não veio a esta Ilha para comparecer perante um funeral. Muito ao contrário, Mariano. Você cruzou essas águas por motivo de um nascimento. Para colocar o nosso mundo no devido lugar. Não veio salvar o morto. Veio salvar a vida, a nossa vida. Todos aqui estão morrendo não por doença, mas por desmérito do viver.

É por isso que visitará estas cartas e encontrará não a folha escrita mas um vazio que você mesmo irá preencher, com suas caligrafias. Como se diz aqui: feridas da boca se curam com a própria saliva. Esse é o serviço que vamos cumprir aqui, você e eu, de um e outro lado das palavras. Eu dou as vozes, você dá a escritura. Para salvarmos Luar-do-Chão, o lugar onde ainda vamos nascendo. E salvarmos nossa família, que é o lugar onde somos eternos.

Comece em seu pai, Fulano Malta. Você nunca lhe ensinou modos de ele ser pai. Entre no seu coração, entenda aquela rezinguice dele, amoleça os medos dele. Ponha um novo entendimento em seu velho pai. Às vezes, seu pai lhe tem raiva? Pois lhe digo: aquilo não é raiva, é medo. Lhe explico: você despontou-se, saiu da Ilha, atravessou a fronteira do mundo. Os lugares são bons e ai de quem não tenha o seu, congênito e natural. Mas os lugares nos aprisionam, são raízes que amarram a vontade da asa.

A Ilha de Luar-do-Chão é uma prisão. A pior prisão, sem muros, sem grades. Só o medo do que há lá fora nos prende ao chão. E você saltou essa fronteira. Se afastou não em distância, mas se alonjou da nossa existência.

Antes, seu pai estava bem consigo mesmo, aceitava o tamanho que você lhe dava. Desde a sua partida ele se tornou num estranho, alheio e distante. Seu velhote passou a destratá-lo? Pois ele se defende de si mesmo. Você, Mariano, lhe lembra que ele ficou, deste lado do rio, amansado, sem brilho de viver nem lustro de sonhar.

Companhia das Letras, 2003, p. 64-5

Julgue (C ou E) os itens a seguir, de acordo com o texto.

1 – Assim que voltou a Luar-do-Chão para o funeral do pai, ao reentrar na casa, Mariano deparou com os mortos.

2 – Mariano encontrou cartas, que mais pareciam relatos e comentários orais do que mensagens escritas, e cuja leitura lhe causou assombro.

3 – Quando voltou para a Ilha, Mariano percebeu que a saudade do pai havia-se transformado em tristeza e desapontamento.

4 – Na Ilha de Luar-do-Chão, a prisão psicológica vivenciada pelos habitantes os tornava impotentes para dali saírem, por medo do desconhecido.

Gabarito:

1 – Errado. Mariano, protagonista, ao regressar Luar do Chão entra no quarto onde está seu avô, também Mariano. Ele não dá com os mortos, apenas foi ao velório do avô.

2 – Anulado. O comentário sobre as cartas e comentários encontra-se correto, contudo não há no texto referência ao fato de que tais relatos lhe causaram assombro – sentimento que possivelmente ele teve –, não se podendo aduzir que tal informação é correta ou incorreta. Por isso, o item acabou anulado.

3 – Errado. Em momento algum do texto, é exposto que Mariano tinha saudades do pai, tampouco que tal sentimento foi alterado.

4 – Certo. Tal informação se ratifica na carta do avô, quando informa que o pai não tinha raiva de Mariano, tinha medo explicitado mormente no penúltimo parágrafo: a ilha de Luar do Chão é uma prisão. A pior prisão, sem muros, sem grades. Só o medo do que há lá fora nos prende ao chão.”.

70. **A propósito dos componentes semântico e estilístico do texto, julgue (C ou E) os itens seguintes.**

1 – A epígrafe do texto estrutura-se em um jogo de palavras.

2 – No texto, a oposição ou contraste como estratégia argumentativa pode ser exemplificada em vários enunciados, entre eles: “Não veio salvar o morto. Veio salvar a vida, a nossa vida.” (l. 10 e 11) e “encontrará não a folha escrita mas um vazio que você mesmo irá preencher” (l. 13 e 14).

3 – O sentido do trecho “feridas da boca se curam com a própria saliva” (l. 14 e 15) equivale ao do clássico provérbio Amor com amor se paga.

4 – É exemplo de paralelismo sintático o estilo de construção do trecho "você e eu, de um e outro lado das palavras. Eu dou as vozes, você dá a escritura" (l. 16).

Gabarito:

1 – Certo. A epígrafe "O importante não é a casa onde moramos. Mas onde, em nós, a casa mora." faz um jogo de palavras, procedendo à inversão do sujeito em adjunto adverbial de lugar e vice-versa. Na primeira frase, o pronome relativo onde, que se refere à casa, funciona como adjunto adverbial de lugar e NÓS, como sujeito. Na segunda frase, A CASA funciona como sujeito e NÓS (em nós) é o núcleo do adjunto adverbial de lugar.

2 – Certo. No segundo caso, fica explícito o valor de oposição, adversidade, sobretudo pela presença do conector MAS. No primeiro caso, a mesma conjunção está subentendida, podendo ser inserida sem gerar qualquer prejuízo semântico "Não veio salvar o morto, mas veio salvar a vida, a nossa vida.".

3 – Errado. O provérbio original passa valor meramente reflexivo. Algo de si para si. Da sua saliva para sua boca. No segundo caso, há valor de reciprocidade. Algo de um para outro, de outro para um. João dá amor para Maria que dá da o amor para João.

4 – Certo. Repare que em situações de paralelismo é comum o vocábulo repetido ser retirado do período. Repare que, no primeiro período, o autor optou por não repetir o termo. "Você e eu, de um **lado** e **de** outro lado das palavras.". Já, no segundo período, o autor fez a opção por repetir o verbo DAR, nas formas "dou" e "dá".

71. **(Cespe / UnB / IRBr / 2008)**

Receita de casa

Ciro dos Anjos escreveu, faz pouco tempo, uma de suas páginas mais belas sobre as antigas fazendas mineiras. Ele dá os requisitos essenciais a uma fazenda bastante lírica, incluindo, mesmo, uma certa menina de vestido branco. Nada sei dessas coisas, mas juro que entendo alguma coisa de arquitetura urbana, embora Caloca, Aldari, Jorge Moreira e Ernâni, pobres arquitetos profissionais, achem que não.

Assim vos direi que a primeira coisa a respeito de uma casa é que ela deve ter

um porão, um bom porão com entrada pela frente e saída pelos fundos. Esse porão deve ser habitável porém inabitado; e ter alguns quartos sem iluminação alguma, onde se devem amontoar móveis antigos, quebrados, objetos desprezados e baús esquecidos. Deve ser o cemitério das coisas. Ali, sob os pés da família, como se fosse no subconsciente dos vivos, jazerão os leques, as cadeiras, as fantasias do carnaval do ano de 1920, as gravatas manchadas, os sapatos que outrora andaram em caminhos longe.

Quando acaso descerem ao porão, as crianças hão de ficar um pouco intrigadas; e como crianças são animais levianos, é preciso que se intriguem um pouco, tenham uma certa perspectiva histórica, meditem que, por mais incrível e extraordinário que pareça, as pessoas grandes também já foram crianças, a sua avó já foi a bailes, e outras coisas instrutivas que são um pouco tristes mas hão de restaurar, a seus olhos, a dignidade corrompida das pessoas adultas.

Convém que as crianças sintam um certo medo do porão; e embora pensem que é medo do escuro, ou de aranhas caranguejeiras, será o grande medo do Tempo, esse bicho que tudo come, esse monstro que irá tragando em suas fauces negras os sapatos da criança, sua roupinha, sua atiradeira, seu canivete, as bolas de vidro, e afinal a própria criança.

O único perigo é que o porão faça da criança, no futuro, um romancista introvertido, o que se pode evitar desmoralizando periodicamente o porão com uma limpeza parcial para nele armazenar gêneros ou utensílios ou mais facilmente tijolo, por exemplo; ou percorrendo-o com uma lanterna elétrica bem possante que transformará hienas em ratos e cadafalsos em guarda-louças.

Ao construir o porão deve o arquiteto obter um certo grau de umidade, mas providenciar para que a porta de uma das entradas seja bem fácil de arrombar, porque um porão não tem a menor utilidade se não supomos que dentro dele possa estar escondido um ladrão assassino, ou um cachorro raivoso, ou ainda anarquistas búlgaros de passagem por esta cidade.

Um porão supõe um alçapão aberto na sala de jantar. Sobre a tampa desse alçapão deve estar um móvel pesado, que fique exposto ao sol ao menos duas horas por dia, de tal modo que à noite estale com tanto gosto que do quarto das crianças dê a impressão exata de que o alçapão está sendo aberto, ou o terrível meliante já esteja no interior da casa.

Rubem Braga. Um pé de milho. 4ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1982, p. 129-31 (com

adaptações).

Julgue (C ou E) os itens a seguir, que se referem à compreensão, à interpretação e aos aspectos sintático-semânticos do texto.

1 – No segundo parágrafo, tanto o emprego da palavra "cemitério" (l. 11) quanto a comparação entre o porão e o "subconsciente dos vivos" (l. 12) evidenciam que o sentido produzido, nesse trecho do texto, é o de fim completo das coisas.

2 – Na linha 15, a substituição do vocábulo "acaso" por caso prejudicaria o sentido do período, mas a substituição do mesmo vocábulo por porventura manteria a coerência textual do trecho.

3 – Conclui-se da leitura do texto que nenhuma criança que more em casa sem porão se transformará em um romancista introvertido.

4 – Depreende-se do texto que moralizar o porão significa mantê-lo razoavelmente limpo e iluminado.

Gabarito:

1 – Errado. O sentido das duas expressões nesse contexto não é exatamente de morte, de fim completo, mas de algo que não mais se usa ou, pelo menos, que no momento não está sendo usado. O que está no subconsciente não está morto, mas é como se fosse um depósito de informações que se encontram disponíveis no cérebro que quando delas se precisa.

2 – Certo. O período não ficaria coerente, pois com a substituição por "caso", haveria duas conjunções seguidas: quando (temporal) e caso (condicional). Além disso, o significado de "acaso" é "porventura", como mencionado nesse próprio item.

3 – Errado. Comentário absurdo. O que se assevera no texto é "O único perigo é que o porão faça da criança, no futuro, um romancista introvertido". Mas, obviamente, crianças que moram em casas sem porão também podem se tornar escritoras.

4 – Errado. O comentário expõe uma situação oposta. Segundo o autor, no antepenúltimo parágrafo, a limpeza e a iluminação com lanternas possantes são elementos que desmoralizam o porão.

72. **Acerca da organização, da linguagem e dos aspectos gramaticais do texto, julgue (C ou E) os itens subsequentes.**

1 – Em "incluindo, mesmo, uma certa menina de vestido branco" (l.3), o

vocábulo sublinhado pode ser corretamente substituído por inclusive.

2 – Em "Nada sei dessas coisas" (l. 3-4), "entendo alguma coisa de arquitetura urbana" (l. 4), "a primeira coisa a respeito de uma casa" (l. 7), "cemitério das coisas" (l. 11) e "coisas instrutivas" (l. 19), a palavra "coisas" (ou seu singular "coisa") está empregada com o mesmo sentido.

3 – O sentido de posição inferior, em "sob os pés da família" (l. 11) e "subconsciente" (l. 12), é expresso, respectivamente, por meio do uso de uma preposição e de um prefixo.

4 – No terceiro parágrafo, nas expressões "a sua avó" (l. 18) e "a seus olhos" (l. 20), os pronomes possessivos remetem ao referente "pessoas grandes" (l. 18).

Gabarito:

1 – Errado. A substituição de "mesmo" por INCLUSIVE gera redundância, pleonasmo, visto que o fragmento ficaria assim redigido: "incluindo, inclusive, uma certa menina de vestido branco".

2 – Errado. Os significados são distintos: Em "Nada sei dessas coisas", "coisas" significa CIÊNCIAS; em "entendo alguma coisa de arquitetura urbana", "alguma coisa" tem valor de intensificação, significando UM POUCO; em "cemitério das coisas", "coisas" significa OBJETOS; e em "coisas instrutivas", "coisas" tem valor de "fatos".

3 – Certo. SOB é preposição e tem valor de abaixo, posição inferior, o mesmo significado que possui o prefixo SUB de "subconsciente".

4 – Errado. Os pronomes possessivos referem-se às crianças e não às pessoas grandes. São as avós das crianças e aos olhos das crianças.

73. **A crônica de Rubem Braga:**

a) parafraseia as páginas de Ciro dos Anjos;

b) contém recomendações arquitetônicas dignas de profissionais;

c) exige que toda casa tenha um porão que vá da frente aos fundos do terreno;

d) confere ao porão grande relevância para as crianças;

e) define o porão como um espaço de horror e repulsa infantil.

Gabarito: D

A alternativa A é eliminada, pois parafrasear significa passar a mesma informação com outras palavras, o que não ocorreu.

A alternativa B apresenta informação absurda, até porque o próprio autor se diz amador e que os profissionais dizem que ele nada entende sobre arquitetura.

A alternativa C também não condiz com o texto, visto que lá é informado que um bom porão deve ter entrada pela frente e saída pelos fundos, não se entrando no mérito de seu espaço no terreno.

A alternativa D, apesar de não se encontrar exposta no texto, apresenta uma inferência cabível. O texto informa inicialmente que toda casa deveria ter um porão e que o porão pode fazer da criança, no futuro, um romancista introvertido. Desses dois fragmentos, é coerente deduzir que o autor pretende dar importância ao porão na vida das crianças.

A alternativa E é absurda, visto que o autor apenas aduz que convém as crianças sentirem um certo medo do porão, e não horror ou repulsa.

74. **(Cespe / UnB / IRBr / 2008)**

Origem das culturas

O soldado e o marinheiro permutaram bofetadas, mais ou menos teóricas, numa esquina de minha rua por causa da namorada comum, que devia chamar-se Marlene. O duelo durou vinte minutos e cinquenta pessoas assistiram. A dificuldade total foi reconstituir o delito, porque tanto no inquérito policial quanto na formação de culpa perante o juiz as espontâneas e numerosas testemunhas prestaram depoimentos inteiramente contraditórios. Como começara e como findara a luta foi impossível apurar. E todos tinham assistido…

Esse processo transfigurador da memória, desajustando e confundindo os elementos formadores do episódio, antecipando ou postergando a sucessão temática, interfere como autodefesa inconsciente e instintiva, perturbando a sequência lógica da narrativa. Imagine-se há milênios…

A visão do homem pré-histórico padece dessas dificuldades. Reerguer as cidades em ruínas sem a orientação do plano anterior. Paisagens de intermitências que antes eram continuidades lógicas.

Possuímos documentos da atividade humana desde o Pleistoceno, ou seja, do Paleolítico inferior, período chelense. A velha divisão de Thomsen (Chistian Jungensen Thomsen, 1788-1865) data de 1835; estudando o Homem pelas indústrias iniciais – Idade da Pedra Lascada, Idade da Pedra Polida, Idade dos Metais –, fixa a origem insofismável das culturas.

Creio que do ponto de vista didático o nascimento da cultura humana iniciou-se com os vestígios materiais da indústria lítica, enfrentando pela inteligência o complexo atordoador da natureza hostil e virgem. Articulá-la com o esforço animal, na plenitude do instinto defensivo, é apenas um exercício intelectual em favor da ditadura biológica. Essa exaltação do orgânico em detrimento do social reduz a tenacidade do esforço humano, em centenas e centenas de séculos, ao humilhante plano da causalidade ou do fatalismo, inaceitáveis ambos. Não sendo conhecida de doutrina alguma contemporânea a explicação, mesmo primária, do processo diferenciador dos primatas superiores ao Homo sapiens, porque justamente o tipo menos biologicamente resistente foi o escolhido para a vitória fisiológica de todas as forças brutas, bestiais e telúricas, ensinar-nos da aprendizagem pela observação zoológica jamais provará por que o Rei da Criação, senhor das técnicas, não conseguiu a perfeição maquinal das formigas, das abelhas e dos castores. E continua tendo problemas de organização e de acomodação no meio dos semelhantes, inquietos e desconfiados.

Creio que a cultura nasce do útil-necessário, no ambiente do real-imediato. Diante da premência da fome, frio e desabrigo, o primeiro material foi o mais próximo e a primeira técnica improvisada pela urgência vital.

Luís da Câmara Cascudo. Civilização e cultura: pesquisas e notas de etnografia geral. 2ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1983, p. 65-6 (com adaptações).

De acordo com as ideias apresentadas no texto, julgue (C ou E) os seguintes itens.

1 – Por não estarem sujeitas a testemunhos divergentes, as narrativas de episódios longínquos do passado são mais fiáveis que as de eventos mais recentes.

2 – Os estudos de Thomsen, que datam da primeira metade do século XIX, dedicam-se às culturas do início da Revolução Industrial.

3 – A explicação meramente biológica dos primórdios da cultura humana não faz jus ao engenho humano.

4 – O termo "o Rei da Criação" (l. 31) refere-se a um ente divino.

Gabarito:

1 – Errado. O texto expõe justamente o oposto. Quanto mais remoto for o fato menos fidedigno será o seu relato. Tal inferência ocorre de um pequeno

comentário do autor: "Imagine-se há milênios.". Se um fato recente já é contado de formas diferentes pelas pessoas, imagine um fato remoto.

2 – Errado. Os estudos de Thomsen abrangem as indústrias iniciais, que são o período da Pedra Lascada, da Pedra Polida, dos Metais.

3 – Certo. O comentário se encontra em conformidade com o fragmento "Essa exaltação do orgânico em detrimento do social reduz a tenacidade do esforço humano".

4 – Errado. Os termos "Rei da Criação", "senhor das Técnicas" referem-se ao próprio homem, o homo sapiens, que não conseguiu a perfeição maquinal das formigas, das abelhas e dos castores.".

75. **Acerca dos sentidos e dos elementos de coesão e de referenciação presentes no texto, julgue (C ou E) os itens subsequentes.**

1 – O substantivo "duelo" (l. 3) resume, com certa dose de ironia, o episódio narrado no primeiro período do texto.

2 – O termo "Esse processo transfigurador da memória" (l. 8) está empregado em referência a um vocábulo específico dos dois últimos períodos do primeiro parágrafo do texto.

3 – O termo "dessas dificuldades" (l. 12) sumaria os efeitos da transfiguração da memória descritos no parágrafo anterior.

4 – O termo "Essa exaltação do orgânico em detrimento do social" (l. 24) retoma e amplia a ideia de "um exercício intelectual em favor da ditadura biológica" (l. 23 e 24).

Gabarito:

1 – Certo. O termo "duelo" refere-se às bofetadas teóricas relatadas no primeiro período.

2 – Errado. A expressão não se refere a um vocábulo específico, mas a toda a situação expressa no primeiro parágrafo.

3 – Certo. A expressão sintetiza a ideia de que há um processo transfigurador da memória, desajustando e confundindo os elementos formadores dos fatos.

4 – Certo. A expressão "ditadura biológica" indica que o elemento orgânico se sobrepõe ao aspecto social, intelectual.

76. **Com relação à organização, à linguagem e aos aspectos gramaticais do texto, julgue (C ou E) os itens subsequentes.**

1 – O autor vale-se da narrativa, na introdução do texto, para captar a atenção

do leitor, conduzir-lhe o raciocínio e ilustrar a ideia a ser desenvolvida.

2 – O autor emprega linguagem precisa em "Possuímos documentos da atividade humana desde o Pleistoceno, ou seja, do Paleolítico inferior, período chelense" (l. 16) e "processo diferenciador dos primatas superiores ao Homo sapiens" (l. 27 e 28).

3 – No quinto parágrafo, o autor constrói, para a forma verbal "reduz" (l. 24), um complemento verbal composto: "a tenacidade do esforço humano" (l. 24 e 25) e "em centenas e centenas de séculos" (l. 25).

4 – Para evitar a estrutura oracional e tornar o texto mais conciso, o autor recorreu ao processo de derivação de palavras em "nasce do útil-necessário, no ambiente do real-imediato" (l. 35).

Gabarito:

Item 1 – Certo. O texto é predominantemente dissertativo, contudo o primeiro parágrafo se constitui de uma estória narrada pelo autor, que integra o processo de argumentação.

Item 2 – Certo. Não há nos fragmentos mencionados nenhum termo usado no sentido conotativo.

Item 3 – Errado. Os objetos são os complementos verbais e o termo "em centenas e centenas de séculos" funciona como adjunto adverbial de tempo.

Item 4 – Errado. O processo não é de derivação, e sim composição.

77. **Considerando os sentidos do texto, assinale a opção em que o vocábulo em negrito é sinônimo contextual do termo transcrito.**

a) "padece" (l. 12) – prescinde

b) "lítica" (l. 21) – pétrea

c) "tenacidade" (l. 25) – desvario

d) "telúricas" (l. 30) – ferozes

e) "maquinal" (l. 32) – mecânica

Gabarito: E

Na alternativa A, "padece" significa SOFRE; já "prescinde" significa dispensa, abre mão.

Na alternativa B, "lítico" significa genuíno, legítimo, puro; "pétreo" significa duro, resistente.

Na alternativa C, "tenacidade" significa afinco, constância; "desvario" significa

delírio, loucura.

Na alternativa D, "telúricas" significa relativo à Terra ou ao telúrio; "ferozes" significa selvagens, bravios.

78. **(Cespe / UnB / IRBr / 2007)**

As três almas do poeta

Ênio, poeta latino do século II a. C., falava três línguas: o grego, que ele tinha aprendido por ser, na época, a língua de cultura dominante no sul da Itália; o latim, em que escreveu suas obras; e o osco (uma língua aparentada com o latim), que era, com toda a probabilidade, sua língua nativa. O mais provável é que o latim fosse usado nas relações com as autoridades romanas; o grego, nas grandes cidades; e o osco, nas regiões rurais. E Ênio, que sabia as três, costumava dizer que tinha "três almas".

É curioso observar que ele exprimiu com isso uma coisa muito importante relativa ao conhecimento de uma língua: não se trata simplesmente de "uma outra maneira de dizer as coisas" (table em vez de mesa, te quiero em vez de eu te amo), mas de outra maneira de entender, de conceber, talvez mesmo de sentir o mundo.

A ideia de que a diferença entre as línguas se resume em maneiras distintas de se referir aos objetos do mundo natural pode ser chamada a "teoria ingênua" da relação entre a língua e a realidade. E, como a maior parte das teorias ingênuas, é, ao mesmo tempo, simples, evidente e incorreta (não é óbvio que o Sol nasce no leste? Mas não é o Sol que nasce, é a terra que gira).

Examinemos um exemplo, quanto ao significado das palavras nas línguas. Temos, em português, a palavra dedo, que nos parece muito concreta; diríamos que é simplesmente o nome que damos, em nossa língua, a um objeto que nos é dado pelo mundo real: um dedo é uma coisa, ou seja, uma parte definida do corpo, e o que pode variar é a maneira de designar essa coisa. No entanto, em inglês há duas palavras para "dedo": finger e toe, que não são a mesma coisa. Um finger é um dedo da mão, e um toe é um dedo do pé; para nós são todos dedos, mas para um inglês são coisas diferentes. Esse é um pequeno exemplo de como duas línguas recortam diferentemente a realidade. Agora podemos ver que a palavra portuguesa dedo não é simplesmente a designação de uma coisa – porque, antes de designar essa coisa, a nossa língua a definiu de certa maneira. Tanto é assim que o inglês fez uma definição diferente, e precisou de duas palavras. O exemplo das distintas

maneiras que as línguas têm de designar as cores também é bastante ilustrativo disso.

Falar uma língua é, portanto, ver o mundo de certa maneira, e falar três línguas é, até certo ponto, ter a capacidade de ver o mundo de três maneiras diferentes. Talvez fosse isso que o velho Ênio estivesse tentando dizer, quando afirmou que tinha três almas.

Perini, Mário A.. A língua do Brasil amanhã e outros mistérios. São Paulo: Parábola Editorial, 2004, p. 41-52 (com adaptações)

Acerca de fatos linguísticos do primeiro parágrafo do texto, julgue (C ou E) os itens seguintes.

1 – Há, no primeiro parágrafo, quatro orações subordinadas de natureza explicativa.

2 – No primeiro parágrafo, há mais de um aposto.

3 – Na oração "por ser, na época, a língua de cultura dominante no sul da Itália" (l.2), pode-se substituir "de" por da sem prejuízo para o sentido original do texto.

4 – No trecho "O mais provável é que o latim fosse usado nas relações com as autoridades romanas; o grego, nas grandes cidades; e o osco, nas regiões rurais" (l.6-8), utiliza-se uma forma de elipse, por meio da qual se evitam repetições.

Gabarito:

1 – Certo. No primeiro parágrafo, há quatro ocorrências do pronome relativo QUE (numa delas com preposição EM) precedido de vírgula, caracterizando uma explicação, e não uma restrição.

2 – Certo. Logo no primeiro período há dois casos de aposto. O primeiro com valor explicativo "poeta latino do século II a. C." e o segundo, com valor enumerativo, introduzido pelos dois-pontos.

3 – Errado. Há diferença semântica. O significado de "a língua de cultura dominante" é a língua que predominava na região. Já em "a língua da cultura da dominante", o sentido de língua que a cultura dominante usava.

4 – Certo. Fica implícita a seguinte estrutura "O mais provável é que… fosse usado".

79. **Julgue (C ou E) os próximos itens com relação aos sentidos do texto.**

1 – Depreende-se do texto que há dúvidas quanto aos lugares e às circunstâncias em que cada uma das três línguas mencionadas era usada por seus falantes.

2 – O autor do texto alude ao fato de o poeta latino afirmar que tinha três almas – por falar três línguas – para comprovar que o domínio de língua estrangeira compromete a autenticidade do indivíduo.

3 – A "teoria ingênua" da relação entre a língua e a realidade pressupõe que as línguas recortem a realidade, ou seja, categorizem-na, da mesma maneira.

4 – Segundo o autor do texto, a definição das coisas precede a designação delas por meio de signos linguísticos.

Gabarito:

1 – Certo. O emprego da expressão "O mais provável" já nos permite inferir que a informação não se estabelece no campo da certeza, mas sim da possibilidade.

2 – Errado. Quando o autor expressa que tem três almas por falar três línguas, ele quer referir-se ao fato de que a compreensão das línguas não se restringe ao conhecimento de seus vocábulos, mas abrange características, nuances, concepção e entendimento de mundo.

3 – Certo. Segundo o texto, duas línguas recortam de forma diferente a realidade – fato inclusive ilustrado pelo exemplo da palavra "dedo" oferecido pelo autor. Portanto, seria ingenuidade crer que "a diferença entre as línguas se resume em maneiras distintas de se referir aos objetos do mundo natural".

4 – Certo. Essa informação encontra-se exposta no seguinte fragmento: "Agora podemos ver que a palavra portuguesa dedo não é simplesmente a designação de uma coisa – porque, antes de designar essa coisa, a nossa língua a definiu de certa maneira.". Sendo assim, primeiro a língua define a coisa para depois designá-la.

80. **Julgue (C ou E) os itens subsequentes, considerando a articulação de elementos textuais, bem como aspectos semânticos e morfossintáticos do texto.**

1 – O vocábulo "simplesmente" é empregado com o mesmo sentido nas linhas 8, 19 e 26 do texto.

2 – No trecho "mas de outra maneira de entender, de conceber, talvez mesmo de sentir o mundo" (l.11), observa-se a ocorrência de um único termo como complemento de três verbos.

3 – A substituição de "Tanto é assim que" (l.27) por Tanto que prejudicaria o sentido do período em que tal expressão se insere.

4 – A posposição de "certa" na expressão "certa maneira" (l.30) prejudicaria a coerência do texto.

Gabarito:

1 – Certo. Nas três ocorrências, o vocábulo tem o sentido de "apenas", "somente.

2 – Certo. O termo "o mundo" funciona como objeto direto dos verbos "entender", "conceber" e "sentir".

3 – Errado. A substituição não gera qualquer tipo de prejuízo semântico para o texto.

4 – Certo. O sentido de "certa maneira" é de ALGUMA MANEIRA. Já em "maneira certa" o significado é DE MANEIRA CORRETA.

81. **(Cespe / UnB / IRBr / 2007)**

A imaginação foi sempre o húmus do jardim de Clio. No caso da África, antes do século XVII, é particularmente válido o definir-se a história como o adivinhar do passado. Dele, abstraídas a Etiópia, a franja sudanesa infiltrada pelo Islão e as cidades-estado do Índico, áreas que conheceram a escrita e nos deixaram alguns poucos documentos – poucos, muitas vezes tardios e também contaminados por lendas –, sabemos apenas o que nos devolve uma arqueologia que mal arranhou as imensas extensões africanas, o que anotaram, a partir do século IX, viajantes e eruditos árabes e, mais tarde, os portugueses e outros europeus, bem como o que nos chegou das tradições e das crônicas orais dos povos negros. Se, nos textos em que se profetiza às avessas, ainda que fundados sobre o registro, o depoimento e a memória escrita, o rigor de quem os compõe não afasta de todo o mito e deixa que ele frequente a narrativa e nela se imiscua, é porque é também importante contar, ao lado do que se julga ter realmente acontecido, as imaginações que se fizeram fatos e os fatos que se vestiram de imaginário, porque se incorporaram ao que um povo tem por origem e rastro, e, por isso, o marcam, definem e distinguem. Oraniã, Xangô, Tsoede, Cibinda Ilunga aparecem como personagens neste livro de história porque pertencem iniludivelmente à realidade dos iorubas, dos nupês, e dos lundas e quiocos. Eles estão aqui como Enéias e sua viagem de Tróia ao Lácio, e como Réia Sílvia, a loba, Rômulo e Remo, nos compêndios sobre História romana, cujos autores os sabem mitos, mas não ignoram que fecundaram um destino.

Silva, Alberto da Costa e.. A enxada e a lança: a África antes dos portugueses. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996, p. 3-4.

Considerando os sentidos do texto acima, julgue (C ou E) os seguintes itens.

1 – O vocábulo "abstraídas" (l. 3) pode ser substituído por consideradas conjuntamente, sem que se altere o sentido do período.

2 – A palavra "húmus" está empregada, na primeira oração do texto, com o sentido de praga. Do desdobramento dessa metáfora advém a ideia de que os documentos históricos africanos são "contaminados por lendas" (l.5-6).

3 – Na linha 12, "se imiscua", forma verbal no modo subjuntivo, tem o sentido de se intrometa.

4 – A palavra "iniludivelmente" (l.17) significa, no texto, indubitavelmente.

Gabarito:

1 – Errado. Justamente o oposto. Pois "abstraídas" significa CONSIDERADAS ISOLADAMENTE.

2 – Errado. Pois "húmus" está empregada no sentido de fundamento, princípio.

3 – Certo. São sinônimos perfeitos.

4 – Certo. No contexto, são vocábulos sinônimos, como também o seria INDISCUTIVELMENTE.

82. **Com base, exclusivamente, no texto, julgue (C ou E) os seguintes itens.**

1 – A historiografia referente à África de antes do século XVII vale-se de fontes como crônicas orais autóctones e relatos de viajantes provenientes de outros continentes.

2 – O autor do texto procura transmitir a seguinte mensagem: o historiador deve ignorar as narrativas mitológicas em benefício da objetividade e da precisão de suas pesquisas.

3 – A alusão a "textos em que se profetiza às avessas" (l.9), o autor refere-se à transcrição de mitos transmitidos oralmente pelos povos negros.

4 – Conclui-se do texto que "Tsoede" e "Cibinda Ilunga", citados na linha 16, são importantes figuras históricas pertencentes, respectivamente, aos povos lunda e quioco.

Gabarito:

1 – Certo. As principais fones sobre a África foram informações oriundas das tradições e das crônicas orais dos povos negros bem como o que anotaram, a partir do século IX, viajantes e eruditos árabes e, mais tarde, os portugueses e outros europeus.

2 – Errado. Essa informação contradiz o texto, conforme se atesta no seguinte fragmento: "o rigor de quem os compõe não afasta de todo o mito e deixa que ele frequente a narrativa e nela se imiscua".

3 – Errado. Neste fragmento do verbete, o autor se referia a textos, mesmo que fundados sobre registros. E esses textos apenas não afastavam de todo o mito. Porém isso não quer dizer que se tratava de "transcrição de mitos transmitidos oralmente pelos povos negros.".

4 – Errado. O texto não relaciona os personagens a cada povo.

83. **(Cespe / UnB / IRBr / 2011)**

Através de grossas portas,
sentem-se luzes acesas,
– e há indagações minuciosas
dentro das casas fronteiras:
olhos colados aos vidros,
mulheres e homens à espreita,
caras disformes de insônia,
vigiando as ações alheias.
Pelas gretas das janelas,
pelas frestas das esteiras,
agudas setas atiram
a inveja e a maledicência.
Palavras conjeturadas
oscilam no ar de surpresa,
como peludas aranhas
na gosma das teias densas,
rápidas e envenenadas,
engenhosas, sorrateiras.
Atrás de portas fechadas,

à luz de velas acesas,
brilham fardas e casacas,
junto com batinas pretas.
Uns são reinóis, uns, mazombos;
e pensam de mil maneiras;
mas citam Vergílio e Horácio,
e refletem, e argumentam,
falam de minas e impostos,
de lavras e de fazendas,
de ministros e rainhas
e das colônias inglesas.
Atrás de portas fechadas,
à luz de velas acesas,
entre sigilo e espionagem,
acontece a Inconfidência.
E diz o Vigário ao Poeta:
"Escreva-me aquela letra
do versinho de Vergílio…"
E dá-lhe o papel e a pena.
E diz o Poeta ao Vigário,
com dramática prudência:
"Tenha meus dedos cortados,
antes que tal verso escrevam…"
LIBERDADE, AINDA QUE TARDE,
ouve-se em redor da mesa.
E a bandeira já está viva,
e sobe, na noite imensa.
E os seus tristes inventores
já são réus – pois se atreveram
a falar em Liberdade
(que ninguém sabe o que seja).
E a vizinhança não dorme:

murmura, imagina, inventa.
Não fica bandeira escrita,
mas fica escrita a sentença.

Meireles, Cecília. Romanceiro da Inconfidência. Obra poética. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1977, p. 450-2 (com adaptações).

Com relação às ideias e às estruturas linguísticas do texto acima, julgue (C ou E) os itens a seguir.

1 – Da leitura da quarta estrofe (v.35-50) depreende-se que a palavra liberdade é o fulcro vital da bandeira dos inconfidentes e representa a finalidade do engajamento político daquele grupo.

2 – Entende-se da leitura do poema que os inconfidentes foram sentenciados por atuarem contra os interesses da Coroa portuguesa, mas não por haverem registrado, na bandeira criada, o anseio por liberdade.

3 – Nos dois primeiros versos, o eu lírico alude ao sigilo dos inconfidentes por meio de paradoxo e sinestesia.

4 – No trecho "Uns são reinóis, uns, mazombos; / e pensam de mil maneiras; / mas citam Vergílio e Horácio, / e refletem, e argumentam," (v.23-26), fica evidenciado que, independentemente da origem social, os inconfidentes compartilhavam o mesmo grau de erudição.

Gabarito:

1 – Certo. Fato confirmado inclusive pelo emprego de todas as letras maiúsculas no verso 43 e da inicial da própria palavra Liberdade no verso 49.

2 – Errado. O conector causal POIS, presente no verso 48, introduz o motivo de os inventores já serem réus: atreveram-se a falar em Liberdade.

3 – Certo. A sinestesia, de uma forma geral, leva ao paradoxo, pois a mistura de sentidos, em tese, é algo incoerente. Nós não sentimos (percepção tátil) as luzes acesas, nós as enxergamos, vemos.

4 – Errado. O texto não informa que os inconfidentes tinham o mesmo grau de erudição. Quando se diz que citavam Vergílio e Horácio, compreende-se que havia a citação realizada pelo grupo, mas não necessariamente o conhecimento e a erudição eram compartilhados por todos os membros.

84. Ainda que se soubessem todas as palavras de cada figura da Inconfidência, nem assim se poderia fazer com o seu simples registro uma composição da arte.

A obra de arte não é feita de tudo – mas apenas de algumas coisas essenciais. A busca desse essencial expressivo é que constitui o trabalho do artista. Ele poderá dizer a mesma verdade do historiador, porém de outra maneira. Seus caminhos são outros, para atingir a comunicação. Há um problema de palavras. Um problema de ritmos. Um problema de composição. Grande parte de tudo isso se realiza, decerto, sem inteira consciência do artista. É a decorrência natural da sua constituição, da sua personalidade – por isso, tão difícil se torna quase sempre a um criador explicar a própria criação. No caso, porém, de um poema de mais objetividade, como o Romanceiro, muitas coisas podem ser explicadas, porque foram aprendidas, à proporção que ele se foi compondo.

Digo "que ele se foi compondo" e não "que foi sendo composto", pois, na verdade, uma das coisas que pude observar melhor que nunca, ao realizá-lo, foi a maneira por que um tema encontra sozinho ou sozinho impõe seu ritmo, sua sonoridade, seu desenvolvimento, sua medida.

O Romanceiro foi construído tão sem normas preestabelecidas, tão à mercê de sua expressão natural que cada poema procurou a forma condizente com sua mensagem. A voz irreprimível dos fantasmas, que todos os artistas conhecem, vibra, porém, com certa docilidade, e submete-se à aprovação do poeta, como se realmente, a cada instante, lhe pedisse para ajustar seu timbre à audição do público. Porque há obras que existem apenas para o artista, desinteressadas de transmissão; outras que exigem essa transmissão e esperam que o artista se ponha a seu serviço, para alcançá-la. O Romanceiro é desta segunda espécie.

Quatro anos de quase completa solidão – numa renúncia total às mais sedutoras solicitações, entre livros de toda espécie relativos ao especializadamente século 18 –ainda pareceram curtos demais para uma obra que se desejava o menos imperfeita possível, porque se impunha, acima de tudo, o respeito por essas vozes que falavam, que se confessavam, que exigiam, quase, o registro da sua história.

E era uma história feita de coisas eternas e irredutíveis: de ouro, amor, liberdade, traições…

Mas porque esses grandiosos acontecimentos já vinham preparados de tempos mais antigos e foram o desfecho de um passado minuciosamente construído – era preciso iluminar esses caminhos anteriores, seguir o rastro do ouro que vai, a princípio como o fio de um colar, ligando cenas e personagens, até transformar-se em pesada cadeia que prende e imobiliza num destino doloroso.

Cecília Meireles. Como escrevi o Romanceiro da Inconfidência. In: Romanceiro da Inconfidência. 3ª ed., Rio de Janeiro: ova Fronteira, 2005, p. XVI-XVII (com adaptações).

Acerca das ideias e das estruturas linguísticas do texto, extraído da obra de Cecília Meireles, na qual a autora explica a criação do Romanceiro da Inconfidência, julgue (C ou E) os itens que se seguem.

1 – No trecho "o rastro do ouro que vai, a princípio como o fio de um colar, ligando cenas e personagens, até transformar-se em pesada cadeia que prende e imobiliza num destino doloroso" (l. 34-36), verifica-se gradativa intensificação das ações nele relatadas, expressa pelo emprego da locução com verbo no gerúndio e de preposição que denota limite, e, tal como ocorre no trecho "que falavam, que se confessavam, que exigiam quase, o registro da sua história" (l.29), pela ordem em que se apresentam os núcleos verbais que constituem as orações adjetivas.

2 – Depreende-se da leitura do texto que a autora colocou-se a serviço da obra, cabendo-lhe adequar a mensagem à forma, uma vez que o tema impunha seu próprio desenvolvimento.

3 – Da leitura do primeiro parágrafo do texto depreende-se que, para a autora, não foi tão difícil explicar a criação do Romanceiro da Inconfidência quanto geralmente é difícil para os artistas explicar a criação de suas obras menos objetivas. Isso se explica porque o Romanceiro da Inconfidência, dado o tema, apresenta não só o "essencial expressivo", mas também aspectos objetivos.

4 – São pertinentes as seguintes inferências a partir da pontuação e dos mecanismos de coesão empregados no período entre as linhas 18 e 20: entre todos os fantasmas, alguns são conhecidos por todos os artistas, e o poeta harmoniza, a todo momento, o timbre de sua voz à audiência.

Gabarito:

1 – Certo. O primeiro fragmento se constrói na relação MÍNIMO-MÁXIMO. A expressão "como um fio de colar" representa o atrelamento mínimo; "pesada cadeia que prende e imobiliza num destino doloroso", atrelamento máximo. Já no segundo fragmento, a sequência de verbos FALAVAM, CONFESSAVAM e EXIGIAM sugere o aumento gradativo da influência que as vozes exerciam sobre a autora.

2 – Errado. Segundo o texto, o próprio texto impunha sozinho seu ritmo, sua

sonoridade, seu desenvolvimento, sua medida.

3 – Certo. Segundo o texto, normalmente é difícil ao criador explicar sua criação, pois se trata da decorrência natural da sua constituição, da sua personalidade. No entanto, o aspecto objetividade faz com que, na criação do Romanceiro da Inconfidência, muitas coisas possam ser explicadas, porque foram aprendidas, à proporção que ele se foi compondo.

4 – Errado. O comentário é absurdo, visto que fantasma foi empregado em sentido conotativo, representando a voz, a melodia que o texto e a temática impõem.

85. **Assinale a opção em que os dois trechos extraídos do texto apresentam, respectivamente, linguagem predominantemente denotativa e linguagem predominantemente conotativa.**

a) "No caso, porém, de um poema de mais objetividade, como o Romanceiro, muitas coisas podem ser explicadas" (l.10-11) / "era preciso iluminar esses caminhos anteriores, seguir o rastro do ouro que vai, a princípio como o fio de um colar, ligando cenas e personagens, até transformar-se em pesada cadeia que prende e imobiliza num destino doloroso" (l.33-36)

b) "Quatro anos de quase completa solidão – numa renúncia total às mais sedutoras solicitações, entre livros de toda espécie relativos ao especializadamente século 18 – ainda pareceram curtos demais para uma obra que se desejava o menos imperfeita possível" (l. 25-28) / "Mas porque esses grandiosos acontecimentos já vinham preparados de tempos mais antigos e foram o desfecho de um passado minuciosamente construído" (l.32 e 33)

c) "A obra de arte não é feita de tudo – mas apenas de algumas coisas essenciais" (l. 3 e 4) / "Grande parte de tudo isso se realiza, decerto, sem inteira consciência do artista" (l. 7-8)

d) "porque se impunha, acima de tudo, o respeito por essas vozes que falavam, que se confessavam, que exigiam, quase, o registro da sua história" (l. 28 e 29) / "É a decorrência natural da sua constituição, da sua personalidade – por isso, tão difícil se torna quase sempre a um criador explicar a própria criação" (l. 9-10)

e) "A voz irreprimível dos fantasmas, que todos os artistas conhecem, vibra, porém, com certa docilidade, e submete-se à aprovação do poeta, como se

realmente, a cada instante, lhe pedisse para ajustar seu timbre à audição do público" (l. 19-22) / "E era uma história feita de coisas eternas e irredutíveis: de ouro, amor, liberdade, traições" (l. 30-31)

Gabarito: A

De acordo com a exigência feita no enunciado da questão, o primeiro fragmento deve ser estruturado com termos em sentido denotativo, oficial, havendo a mínima, ou nenhuma, participação de linguagem figurada. Já o segundo fragmento deve ser composto com elementos no sentido conotativo, ou seja, em sentido diferente do previsto pelos dicionários em face de uma imposição do contexto. A alternativa A é a única que contém essa característica, uma vez que, no primeiro fragmento, não há nenhum termo empregado em sentido figurado; já, no segundo fragmento, a presença de conotação se faz presente em várias ocorrências: "caminhos" empregado no sentido de fatos, acontecimentos; em "rastro dou ouro", o ouro não pode deixar rastro; também a personificação de "rastro do ouro", capaz de prender e imobilizar – verbos também no sentido conotativo, pois a prisão e a imobilização estariam no sentido figurado. Na alternativa B, os dois fragmentos são predominantemente denotativos, embora no segundo fragmento haja a ocorrência de um exemplo de conotação: "construir (termo usado para obras) um passado. Contudo, é de bom alvitre ressaltar que se trata de apenas um exemplo, o que descaracteriza a predominância de um estilo. Na alternativa C, os dois fragmentos são predominantemente denotativos. Na alternativa D, o primeiro fragmento possui predominância conotativa – a prosopopeia. O tema, a própria poesia terem voz já impõe a conotação, e a voz poder falar, confessar, agir corrobora ainda mais para tal caracterização; o segundo fragmento possui predominância denotativa. Na alternativa E, novamente há a prosopopeia no primeiro fragmento; já no segundo não há intervenção de linguagem figurada.

86. Poucos depoimentos eu tenho lido mais emocionantes que o artigo-reportagem de Oscar Niemeyer sobre sua experiência em Brasília. Para quem conhece apenas o arquiteto, o artigo poderá passar por uma defesa em causa própria – o revide normal de um pai que sai de sua mansidão costumeira para ir brigar por um filho em quem querem bater. Mas, para quem conhece o homem, o artigo assume proporções dramáticas. Pois Oscar é não só o avesso do causídico, como um dos seres mais antiautopromocionais que já conheci em minha vida.

Sua modéstia não é, como de comum, uma forma infame de vaidade. Ela não

tem nada a ver com o conhecimento realista – que Oscar tem – de seu valor profissional e de suas possibilidades. É a modéstia dos criadores verdadeiramente integrados com a vida, dos que sabem que não há tempo a perder, é preciso construir a beleza e a felicidade no mundo, por isso mesmo que, no indivíduo, é tudo tão frágil e precário.

Oscar não acredita em Papai do Céu, nem que estará um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso. Põe ele, como um verdadeiro homem, a felicidade do seu semelhante no aproveitamento das pastagens verdes da Terra; no exemplo do trabalho para o bem comum e na criação de condições urbanas e rurais, em estreita intercorrência, que estimulem e desenvolvam este nobre fim: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver.

Eu acredito também nisso, e quando vejo aquilo em que creio refletido num depoimento como o de Oscar Niemeyer, velho e querido amigo, como não me emocionar?

Vinicius de Moraes. Para viver um grande amor. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1982, p. 134-5 (com adaptações).

Com relação às ideias desenvolvidas no texto, assinale a opção correta.

a) Vinicius de Moraes ressalta a conduta de Niemeyer, que, fundamentada em concepção materialista e visão social de seu trabalho, está pautada na busca de condições sociais benéficas para os cidadãos.

b) Vinicius de Moraes, na condição de causídico de Oscar Niemeyer, alerta para a injusta ausência de reconhecimento da capacidade de luta do arquiteto para a implementação de projetos que visem ao bem comum, dos quais a construção de Brasília é exemplo.

c) Infere-se do texto que Oscar Niemeyer, em razão das severas críticas a seu trabalho arquitetônico realizado em Brasília, contrariou sua "mansidão costumeira" e escreveu um artigo em que faz a apologia da obra criada nessa cidade.

d) Vinicius de Moraes atribui a emoção nele despertada pela leitura do mencionado artigo-reportagem não só à forma dramática de relato dos fatos, mas, principalmente, à afinidade entre ele e Niemeyer no que concerne a crenças sobre a vida e a morte, parte delas referidas no depoimento do amigo Oscar.

e) Por ser um indivíduo consciente de sua fragilidade e da precariedade de ser

mortal, Oscar Niemeyer, segundo afirma Vinicius de Moraes, manifesta modéstia incomum, desprovida de hipocrisia.

Gabarito: A

A visão de Niemeyer é materialista, conforme se expressa no fragmento "Oscar não acredita em Papai do Céu"; possui visão social de seu trabalho, segundo o fragmento "no exemplo do trabalho para o bem comum e na criação de condições urbanas e rurais, em estreita intercorrência, que estimulem e desenvolvam este nobre fim.

A alternativa B apresenta comentário inadequado, visto que a intenção de Vinicius de Moraes não é defender – ser causídico de – Niemeyer, mas sim expor que se emocionou com o seu depoimento. A alternativa C apresenta comentário falso quando informa que o texto de Niemeyer objetivava realizar apologia da obra. A alternativa D é absurda, sobretudo pelo fato de o texto não informar sequer o posicionamento de Vinicius acerca de aspectos religiosos ou espirituais. A alternativa E apresenta falsa relação causa-efeito: a consequência de Oscar Niemeyer ser consciente de sua fragilidade e da precariedade de ser mortal é que não há tempo a perder, que é preciso construir a beleza e a felicidade no mundo, e não que manifesta modéstia incomum, desprovida de hipocrisia.

87. **Julgue (C ou E) os itens a seguir, relativos às estruturas linguísticas do texto.**

1 – No texto, a linguagem foi empregada predominantemente em suas funções emotiva e poética.

2 – Ao empregar as expressões "Papai do Céu" (l.14) e "verdes pastagens do Paraíso" (l.15), o autor do texto demonstra neutralidade em relação ao universo de crenças que elas representam.

3 – O emprego de adjetivos no grau superlativo absoluto, como "mais emocionantes" (l.1), "mais antiautopromocionais" (l.7), "tão frágil e precário" (l.13), produz o efeito de exaltação da superioridade dos atributos técnico e criativo de Oscar Niemeyer em relação a outros brasileiros notáveis.

4 – O uso da expressão "mais antiautopromocionais" (l.7) indica a opção do autor do texto por forma prolixa, dada a presença de dois prefixos no vocábulo adjetivo, em detrimento da concisão que seria proporcionada pela escolha da forma equivalente menos autopromocional, a qual manteria o efeito retórico

desejado.

Gabarito:

1 – Certo. A função emotiva é clara. A ocorrência de elementos subjetivos e da primeira pessoa do singular denotam a emotividade, a expressividade, o que claramente se denuncia na última passagem do texto: "como não me emocionar?". Apesar de o texto não ser poético, a função poética também se faz presente, dado que se observam expressões conotativas, como Papai do Céu, Brasílias, angélicas, verdes pastagens do paraíso. Além disso, as repetições de estruturas estabelecem ritmos em alguns fragmentos "É a modéstia **dos** criadores verdadeiramente integrados com a vida, **dos** que sabem que não há tempo a perder"; "Põe ele, como um verdadeiro homem, a felicidade do seu semelhante **no** aproveitamento das pastagens verdes da Terra; **no** exemplo do trabalho para o bem comum e **na** criação de condições urbanas e rurais".

2 – Errado. Justamente por não empregar tais conotações, o autor do texto já dá indícios de sua relação com a espiritualidade.

3 – Errado. Não se trata de superlativo absoluto, mas sim de superlativo relativo, que indica a comparação de um ser com a totalidade. Por exemplo, quando Vinicius de Moraes informa que Oscar Niemeyer foi um dos seres mais antiautopromocionais que já conheci em minha vida, ele o está comparando com a totalidade, mas – repita-se – não se trata de superlativo absoluto, e sim de relativo.

4 – Errado. Evidentemente o efeito retórico é diferente. Quando se diz que o ser é antiautopromocional significa que se opõe (anti) a fazer um promoção de si próprio (auto). Quando se informa que menos autopromocional, o sentido é que ele apenas não se (auto) promove, mas não chega a estabelecer relação de oposição a tal.

88. **Acerca dos mecanismos de coesão empregados no texto, julgue (C ou E) os itens subsequentes.**

1 – Dada a propriedade que assume o pronome "este" nos mecanismos coesivos empregados no trecho "que estimulem e desenvolvam este nobre fim" (l.18), não é facultada a seguinte reescrita: que estimulem este nobre fim e o desenvolvam.

2 – A elipse em "nem que estará" (l.14) e o emprego do pronome anafórico "ele"

(l.15) são mecanismos de coesão utilizados para referenciar o substantivo "Oscar" (l.21).

3 – Na linha 3, o vocábulo "arquiteto" retoma por substituição o nome próprio "Oscar Niemeyer", empregado na linha 2, mecanismo que corresponde a uma variedade de metonímia e por meio do qual se evita a repetição de vocábulo.

4 – O período que finaliza o primeiro parágrafo está na ordem inversa, como indica o emprego inicial da conjunção "Pois", que introduz uma oração subordinada anteposta à oração principal.

Gabarito:

1 – Certo. Em face de o pronome demonstrativo "este" ter valor catafórico, ou seja, referindo-se à oração seguinte "fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver.", não se pode distanciá-lo do sinal de dois-pontos.

2 – Certo. Como o sujeito "Oscar" já apareceu na oração anterior, não havia necessidade de repeti-lo, caracterizando a elipse. Depois o pronome ele refere-se novamente a Oscar, visto que era o Oscar Niemeyer que "punha felicidade do seu semelhante no aproveitamento das pastagens verdes da Terra…".

3 – Errado. Primeiramente não há metonímia. Segundo a intenção do autor do texto não era, com o termo "arquiteto", retomar "Oscar Niemeyer" e sim mostrar as duas facetas dele: a do arquiteto, profissional genial, e a do ser humano.

4 – Errado. Não há inversão. A conjunção "pois" introduz um período que funciona como uma explicação para o fato exposto no período anterior. Inclusive os fragmentos poderiam ocorrer unidos "Mas, para quem conhece o homem, o artigo assume proporções dramáticas, pois (porque) Oscar é não só o avesso do causídico, como um dos seres mais antiautopromocionais que já conheci em minha vida.".

89. **CARTA PARA ANTONIO CARLOS JOBIM**

Porto do Havre [França], 7 de setembro de 1964

Tomzinho querido,

Estou aqui num quarto de hotel que dá para uma praça que dá para toda a solidão do mundo. São dez horas da noite e não se vê viv'alma. Meu navio só sai

amanhã à tarde, e é impossível alguém estar mais triste do que eu. E, como sempre nestas horas, escrevo para você cartas que nunca mando.

Deixei Paris para trás com a saudade de um ano de amor, e pela frente tenho o Brasil, que é uma paixão permanente em minha vida de constante exilado. A coisa ruim é que hoje é 7 de setembro, a data nacional, e eu sei que em nossa embaixada há uma festa que me cairia muito bem, com o Baden Powell mandando brasa no violão. Há pouco telefonei para lá, para cumprimentar o embaixador, e veio todo mundo ao telefone.

Você já passou um 7 de setembro, Tomzinho, sozinho, num porto estrangeiro, numa noite sem qualquer perspectiva? É fogo, maestro!

MORAES, Vinicius de. Querido poeta. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, organização de Ruy Castro, p. 303-4 (com adaptações).

Julgue (C ou E) os itens seguintes, relativos às ideias do texto acima.

1 – O emprego, no texto, das expressões coloquiais "cairia muito bem" (l.8) e "mandando brasa" (l.8) indica a informalidade com que Vinicius de Moraes escreve a seu destinatário.

2 – Pelo emprego da expressão "todo mundo" (l.9-10), pressupõe-se que, além do embaixador, outros amigos e colegas de trabalho de Vinicius de Moraes, sem que se possa saber quantos, telefonaram-lhe do Brasil.

3 – Infere-se da carta de Vinicius de Moraes a Antonio Carlos Jobim que o poeta brasileiro, também diplomata, estava em missão profissional na cidade do Havre por ocasião de uma data nacional brasileira, embora manifestasse preferência por estar em outro lugar.

4 – Na carta a Antonio Carlos Jobim, a menção a correspondências que nunca eram enviadas sugere que havia temas confidenciais que só poderiam ser tratados pelo remetente e pelo destinatário da carta de 7 de setembro de 1964 em encontro pessoal.

Gabarito:

1 – Certo. O emprego de gírias, as conotações, a informalidade e a emotividade sugerem intimidade entre o autor da carta e o destinatário.

2 – Errado. Na realidade ele não recebeu o telefonema. Foi o próprio Vinicius que telefonou para a embaixada e lá todo mundo veio ao telefone.

3 – Errado. Não há elementos suficientes no texto que permitam a inferência de

que Vinicius estava em Havre a trabalho.

4 – Errado. Não necessariamente essas cartas tinham cunho político. Por exemplo, essa tinha cunho emocional, pessoal. As cartas não eram remetidas talvez por preguiça, mas não porque obrigatoriamente compreendiam temas confidenciais.

90. Deixei os braços pousarem na madeira inchada e úmida, abri um pouco a janela a pensar que isso de olhar a chuva de frente podia abrandar o ritmo dela, ouvi lá embaixo, na varanda, os passos da avó Agnette, que se ia sentar na cadeira da varanda a apanhar ar fresco, senti que despedir-me da minha casa era despedir-me dos meus pais, das minhas irmãs, da avó e era despedir-me de todos os outros: os da minha rua, senti que rua não era um conjunto de casas mas uma multidão de abraços, a minha rua, que sempre se chamou Fernão Mendes Pinto, nesse dia ficou espremida numa só palavra que quase me doía na boca se eu falasse com palavras de dizer: infância.

A chuva parou. O mais difícil era saber parar as lágrimas.

O mundo tinha aquele cheiro da terra depois de chover e também o terrível cheiro das despedidas. Não gosto de despedidas porque elas têm esse cheiro de amizades que se transformam em recordações molhadas com bué de lágrimas. Não gosto de despedidas porque elas chegam dentro de mim como se fossem fantasmas mujimbeiros* que dizem segredos do futuro que eu nunca pedi a ninguém para vir soprar no meu ouvido de criança.

Desci. Sentei-me perto, muito perto da avó Agnette.

Ficamos a olhar o verde do jardim, as gotas a evaporarem, as lesmas a prepararem os corpos para novas caminhadas. O recomeçar das coisas.

– Não sei onde é que as lesmas sempre vão, avó.

– Vão pra casa, filho.

– Tantas vezes de um lado para o outro?

– Uma casa está em muitos lugares – ela respirou devagar, me abraçou. – É uma coisa que se encontra.

*Mujimbeiro: fofoqueiro.

Ondjaki. Os da minha rua. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007, p. 145-6 (com adaptações).

Assinale a opção em que a interpretação apresentada, com relação ao

estado de espírito do narrador do texto, está de acordo com o que se pode depreender do parágrafo indicado.

a) Quarto parágrafo: insegurança por ser obrigado a se afastar da família.
b) Quinto parágrafo: entusiasmo na contemplação gratuita da natureza.
c) Primeiro parágrafo: regozijo diante do início de uma nova fase da vida.
d) Segundo parágrafo: tristeza por não conseguir conter o choro.
e) Terceiro parágrafo: desconforto ao ter de lidar com um momento de ruptura.

Gabarito: E

A alternativa é inadequada, pois ele não foi obrigado a afastar-se da família. A alternativa B também está incorreta, pois em momento algum do texto ele demonstra entusiasmo. Também a alternativa C é inviável, já que ele não demonstra regozijo – prazer – diante da situação. Na alternativa D, a tristeza é por afastar-se da família, da rua, dos amigos, e não porque chorou. A alternativa E é a única que apresenta comentário adequado, porquanto o desconforto fica explicitado sobretudo quando ele esclarece que não gosta de despedidas.

91. **A respeito do texto, julgue (C ou E) os itens que se seguem.**

1 – O fato de o texto ter sido escrito na primeira pessoa do singular justifica o emprego da linguagem sinestésica em trechos como "O mundo tinha aquele cheiro da terra depois de chover e também o terrível cheiro das despedidas" (l.10-11), recurso inviável em textos escritos na terceira pessoa.

2 – No trecho "Não gosto de despedidas porque elas chegam dentro de mim como se fossem fantasmas mujimbeiros que dizem segredos do futuro que eu nunca pedi a ninguém para vir soprar no meu ouvido de criança" (l.11-15), o narrador apresenta, por meio de uma comparação, uma das razões de não gostar de despedidas, caracterizando, de forma restritiva, o elemento com que compara as despedidas.

3 – Os sentidos e a correção gramatical do primeiro parágrafo do texto seriam mantidos e as relações sintáticas estariam bem identificadas caso o autor tivesse adotado, nesse trecho, a seguinte pontuação: Deixei os braços pousarem na madeira inchada e úmida; abri um pouco a janela, a pensar que isso de olhar a chuva de frente podia abrandar o ritmo dela; ouvi, lá embaixo, na varanda, os passos da avó Agnette, que se ia sentar na cadeira da varanda a apanhar ar fresco; senti que despedir-me da minha casa era despedir-me dos meus pais, das minhas irmãs, da avó e era despedir-me de todos os

outros: os da minha rua; senti que rua não era um conjunto de casas, mas uma multidão de abraços; a minha rua, que sempre se chamou Fernão Mendes Pinto, nesse dia, ficou espremida numa só palavra que quase me doía na boca se eu falasse com palavras de dizer: infância.

4 – Do trecho "a minha rua, que sempre se chamou Fernão Mendes Pinto, nesse dia ficou espremida numa só palavra que quase me doía na boca se eu falasse com palavras de dizer: infância" (l.7 e 8) depreende-se que a rua em que o narrador morava passou a ter, para ele, sentido mais significativo.

Gabarito:

1 – Errado. Inicialmente não houve sinestesia nesse fragmento. Há uma metáfora, com o vocábulo "cheiro" sendo utilizado com valor de "sentimento". Além disso, pode ha ver obviamente a sinestesia sendo empregada a terceira pessoa, como se pode observar no seguinte exemplo: Observou-se o som que vinha do outro povoado.

2 – Certo. O emprego da conjunção "como" estabelece a comparação entre "as despedidas no coração do autor" e os "fantasmas mujimbeiros que dizem segredos do futuro que eu nunca pedi a ninguém para vir soprar no meu ouvido de criança". O pronome relativo "que" introduz oração subordinada adjetiva que restringe o sentido de "fantasmas mujimbeiros", termo comparado às despedidas.

3 – Certo. Várias orações coordenadas assindéticas encontravam-se separadas por vírgulas. A ausência do conector permite que tal separação seja demarcada por vírgula ou por ponto-e-vírgula.

4 – Certo. Para o autor, a rua, até então, era apenas um nome. Quando se aproxima o momento em que ele vai afastar-se dela, compreende o seu significado, o seu valor, a sua importância, o que ela, enfim, representou: a sua infância.

92. **Acerca do vocabulário, das ideias e das estruturas linguísticas do texto, julgue (C ou E) os próximos itens.**

1 – Da leitura do texto depreende-se que, para o narrador, o sentido de casa, no momento da despedida, incluía a sua infância, os pais, as irmãs e a avó.

2 – Como a frase "O recomeçar das coisas" (l.18) resume o que o narrador depreendeu da situação relatada na frase anterior a ela, seriam preservados a

correção gramatical e os sentidos do trecho se o ponto final após "caminhadas" fosse substituído por dois-pontos ou por travessão, com o devido ajuste na inicial maiúscula.

3 – O vocábulo "bué" (l.12), formado a partir da reprodução aproximada do som natural do choro, evidencia uso de linguagem informal no texto.

4 – Seriam mantidos o sentido e a correção gramatical do texto se os infinitivos flexionados fossem substituídos pelas respectivas formas do infinitivo não flexionado no segmento "as gotas a evaporarem, as lesmas a prepararem os corpos para novas caminhadas" (l.17-18).

Gabarito:

1 – Certo. Fato que se expõe no seguinte fragmento "senti que despedir-me da minha casa era despedir-me dos meus pais, das minhas irmãs, da avó".

2 – Certo. O emprego de dois-pontos seria adequado, visto que a expressão "O recomeçar das coisas" funciona como uma síntese para os fatos redigidos no período anterior.

3 – Anulada. Justificativa do Cespe-UnB: A palavra "bué" tanto pode ser empregada, no texto, como vocábulo do português brasileiro de origem onomatopeica quanto pode ter sido empregado pelo autor angolano, com o sentido de "muito", "grande quantidade" (vocábulo de origem portuguesa ou, talvez, originária do quimbundo, língua falada em Angola.

4 – Como a preposição afasta o verbo do termo com que faz a concordância, tanto se pode usar o infinitivo pessoal (flexionado na terceira pessoa do plural) como o infinitivo impessoal, sem flexão.

93. Nos países novos, nas terras ainda sem tipo étnico absolutamente definido, onde o sentimento d'Arte é silvícola, local, banalizado, deve ser espantoso, estupendo o esforço, a batalha formidável de um temperamento fatalizado pelo sangue e que traz consigo, além da condição inviável do meio, a qualidade fisiológica de pertencer, de proceder de uma raça que a ditadora ciência d'hipóteses negou em absoluto para as funções do Entendimento e, principalmente, do entendimento artístico da palavra escrita.

Deus meu! Por uma questão banal de química biológica do pigmento ficam alguns mais rebeldes e curiosos fósseis preocupados, a ruminar primitivas erudições, perdidos e atropelados pelas longas galerias submarinas de uma sabedoria infinita, esmagadora, irrevogável! (...)

Ah! Esta minúscula humanidade, torcida, enroscada, assaltando as almas com a ferocidade de animais bravios, de garras aguçadas e dentes rijos de carnívoro, é que não pode compreender-me.

Sim! Tu é que não podes entender-me, não podes irradiar, convulsionar-te nestes efeitos com os arcaísmos duros da tua compreensão, com a carcaça paleontológica do Bom Senso.

Sousa, Cruz e. Emparedado. In: Obra completa. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1961, p. 659-60 (com adaptações).

Com relação às ideias desenvolvidas no texto acima, assinale a opção correta.

a) Na linha 15, o pronome pessoal "Tu" refere-se ao leitor, tratado de modo respeitoso pelo escritor com o objetivo de convencê-lo quanto à veracidade dos argumentos mencionados sobre a questão racial e aspectos do entendimento artístico.

b) Ao mencionar "a carcaça paleontológica do Bom Senso" (l.16-17), Cruz e Sousa indica que o estudo dos fósseis poderia derrubar os mitos científicos sobre a raça que vigoravam na sua época.

c) Nesse texto, Cruz e Sousa questiona o rigor das explicações científicas e menciona uma "ciência d'hipóteses" (l.5) para mostrar o relativismo do conhecimento e as distorções a que muitos analistas podem chegar ao defenderem as suas teses.

d) Cruz e Sousa demonstra que a ciência ainda não se desenvolveu plenamente nos países novos, o que impede a explicação de alguns fatos que ocorrem somente ali.

e) Ao empregar a expressão "Esta minúscula humanidade" (l.12), o poeta faz referência a um grupo específico de pessoas que, como menciona no parágrafo anterior do texto, não pode ser confundido com o grupo constituído de "alguns mais rebeldes e curiosos fósseis preocupados" (l.9).

Gabarito: C

A alternativa A é inadequada, dado que não há respeito ao interlocutor, até porque este é incapaz de compreender a visão do autor.

A alternativa B é incorreta, uma vez que a expressão "a carcaça paleontológica do Bom Senso" é usada com ironia para indicar a pouca flexibilidade de uma teoria,

a dureza de uma compreensão. Carcaça é algo duro, impenetrável. Paleontologia é uma ciência que estuda animais e vegetais fósseis. Portanto, o Bom Senso teria a dureza dos conhecimentos fossilizados.

A alternativa C é correta porquanto questiona a visão que se tem dos novos países e seus povos. Povos que já sofrem com a condição inviável do meio e que sofrem também com a imagem que possuem de serem incapazes – segundo a tal ciência d'hipóteses – para as funções de Entendimento.

A alternativa D é absurda, pois a crítica feita é o preconceito que se tem quanto aos povos presentes nesses novos países que seriam incapazes para as funções de Entendimento.

A alternativa E é errada, pois o termo "Esta minúscula humanidade" refere-se à queles que agem com preconceito, baseados em conceitos fossilizados e inflexíveis, e são os mesmos seres que os denominados em "alguns mais rebeldes e curiosos fósseis preocupados".

94. **Por que o novo presidente do FMI não pode ser europeu**

Der Spiegel

Thorsten Benner

Dominique Strauss-Kahn está na cadeia, e o debate a respeito do seu sucessor na direção do FMI já teve início. A chanceler alemã Angela Merkel quer que outro europeu ocupe o cargo. Mas isso seria um sinal fatal para potências emergentes como China e Índia.

A impressão foi que eles tinham as melhores das intenções. Em 2 de abril de 2009, europeus e norte-americanos indicaram a sua intenção de deixar de dividir entre si os cargos de liderança do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional (FMI). O acordo foi feito naquele ano na reunião do G20, em Londres. "Nós concordamos que os presidentes e líderes graduados das instituições financeiras internacionais deverão ser nomeados por meio de um processo de seleção aberto, transparente e meritocrático", dizia a declaração dos líderes na conclusão do encontro. Em outras palavras, os europeus abriram mão do privilégio de escolher o presidente do FMI.

Mas agora, com as acusações de ataque sexual contra o atual presidente da instituição, Dominique Strauss-Kahn, e a provável necessidade de substituí-lo, a chanceler alemã Angela Merkel parece ter esquecido a promessa.

Infere-se do primeiro parágrafo que:

a) o diretor do FMI está na cadeia;
b) já estão acontecendo debates sobre quem vai assumir a direção do FMI;
c) outro europeu assumir a direção do FMI seria um sinal fatal para a China e a Índia;
d) Dominique Strauss-Kahn é europeu;
e) outros países emergentes como o Brasil e o México desejam que outro europeu assuma o FMI.

Gabarito: D.

É fundamental o candidato atentar-se ao enunciado. Lá se exige algo implícito, algo que se deduz a partir do texto. A única alternativa que apresenta informação incoerente – e por isso deve ser a primeira eliminada – é a alternativa E. Em momento algum foi dito ou insinuado que o Brasil e o México desejavam que outro europeu assumisse o FMI. As alternativas A, B e C não servem como resposta, embora apresentem assertivas coerentes com o texto, uma vez que tais informações se apresentam de forma explícita e não subentendida. A alternativa D é a única coerente que o leitor efetivamente deduz. O texto não diz Dominique Strauss-Kahn é europeu. É algo que se deduz a partir da informação de que a chanceler alemã Angela Merkel quer que <u>outro europeu</u> ocupe o cargo. Portanto, se a chanceler alemã pretende que outro europeu assuma o cargo, pode-se inferir que Dominique Strauss-Kahn é europeu.

95. **O que informa o autor no segundo parágrafo?**

a) Europeus e norte-americanos possuíam as melhores intenções quando decidiram deixar de dividir entre si os cargos de liderança do Banco Mundial e do FMI.
b) Europeus e norte-americanos deixaram de dividir entre si os cargos de liderança do Banco Mundial e do FMI.
c) Que os presidentes e líderes graduados das instituições financeiras internacionais deverão ser nomeados por meio de um processo de seleção aberto, transparente e meritocrático.
d) O acordo de que europeus e norte-americanos deixariam de dividir entre si os cargos de liderança do Banco Mundial e do FMI foi feito em 2009 na reunião do G20 em Londres.
e) O processo de seleção aberto e meritocrático é o mais justo em todos os

sistemas de nomeações.

Gabarito: D.

Fundamental o candidato atentar-se ao fato de está sendo exigida uma informação explícita no texto e que tal informação provenha do autor. A alternativa A não serve como resposta, uma vez que o autor não informa que europeus e norte-americanos possuíam as melhores intenções, mas sim que **"a impressão" (a sensação, não a certeza)** era a de que eles tinham as melhores das intenções. A opção B apresenta comentário incoerente, pois europeus e norte-americanos, até o momento, ainda não deixaram de dividir entre si os cargos de liderança do Banco Mundial e do FMI. A opção C apresenta declaração não do autor, mas sim dos líderes ao fim da reunião do G20. A alternativa D é uma reprodução fiel de informação explícita em dois períodos do parágrafo: "Em 2 de abril de 2009, europeus e norte-americanos indicaram a sua intenção de deixar de dividir entre si os cargos de liderança do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional (FMI). O acordo foi feito naquele ano na reunião do G20, em Londres.". É importante ressaltar que, apesar o primeiro período falar apenas em "indicação de intenção", o segundo já expõe ter havido um acordo para europeus e norte-americanos deixarem de dividir entre si os cargos de liderança do Banco Mundial e do FMI. Já a alternativa E apresenta um comentário coerente, porém se trata de uma inferência, porquanto em momento algum é informado que esse sistema aberto e meritocrático é o mais justo.

96. **Sobre o terceiro parágrafo, julgue os seguintes itens.**

I – **O emprego de "agora" explicita a época em que o texto é redigido e sugere que, na identificação dos implícitos, há um pressuposição.**

II – **O emprego da preposição estabelece nexo causal.**

III – **Pode-se depreender do parágrafo que a chanceler alemã olvidou-se da promessa de que europeus e norte-americanos deixariam de dividir entre si os cargos de liderança do Banco Mundial e do FMI.**

Que comentários foram feitos com correção?

a) Nenhum.

b) Somente I e II.

c) Todos.

d) Somente II e III.

e) Somente I e III.

Gabarito: B.

O comentário I apresenta informação adequada, porquanto a referência de presente é sempre o momento em que o texto é confeccionado. Portanto, o "agora" não representa o momento em que lemos o texto, mas sim aquele em que escrito. Além disso, o emprego desse vocábulo permite a identificação de uma pressuposição, no campo dos implícitos: a de que antes a chanceler alemã procedia de uma forma e "agora" de outra.

O comentário II também adequado, porque existe uma relação de causa e efeito entre "com (por causa de, em virtude de) as acusações de ataque sexual contra o atual presidente da instituição, Dominique Strauss-Kahn, e a provável necessidade de substituí-lo" (causa) – a chanceler alemã Angela Merkel parece ter esquecido a promessa (consequência).

O comentário III é inadequado, uma vez que o texto trabalha no campo da possibilidade (PARECE TER ESQUECIDO) e não no campo da certeza (olvidou-se).

Da questão 97 a 100 – CARGO – TÉCNICO EM CONTABILIDADE da UFRJ – NCE

CIDADE MARAVILHOSA?

Os camelôs são pais de famílias bem pobres, e, então, merecem nossa simpatia e nosso carinho; logo eles se multiplicam por 1000. Aqui em frente à minha casa, na Praça General Osório, existe há muito tempo a feira hippie. Artistas e artesãos expõem ali aos domingos e vendem suas coisas. Uma feira um tanto organizada demais: sempre os mesmos artistas mostrando coisas quase sempre sem interesse. Sempre achei que deveria haver um canto em que qualquer artista pudesse vender um quadro; qualquer artista ou mesmo qualquer pessoa, sem alvarás nem licenças. Enfim, o fato é que a feira funcionava, muita gente comprava coisas – tudo bem. Pois de repente, de um lado e outro, na Rua Visconde de Pirajá, apareceram barracas atravancando as calçadas, vendendo de tudo – roupas, louças, frutas, miudezas, brinquedos, objetos usados, ampolas de óleo de bronzear, passarinhos, pipocas, aspirinas, sorvetes, canivetes. E as praias foram invadidas por 1000 vendedores. Na rua e na areia, uma orgia de cães. Nunca vi tantos cães no Rio, e presumo que muita gente anda com eles para se defender de assaltantes. O resultado é uma sujeira múltipla, que exige cuidado do pedestre para não pisar

naquelas coisas. E aquelas coisas secam, viram poeira, unem-se a cascas de frutas podres e dejetos de toda ordem, e restos de peixes da feira das terças, e folhas, e cusparadas, e jornais velhos; uma poeira dos três reinos da natureza e de todas as servidões humanas.

Ah, se venta um pouco o noroeste, logo ela vai-se elevar, essa poeira, girando no ar, entrar em nosso pulmão numa lufada de ar quente. Antigamente a gente fugia para a praia, para o mar. Agora há gente demais, a praia está excessivamente cheia. Está bem, está bem, o mar, o mar é do povo, como a praça é do condor – mas podia haver menos cães e bolas e pranchas e barcos e camelôs e ratos de praia e assaltantes que trabalham até dentro d'água, com um canivete na barriga alheia, e sujeitos que carregam caixas de isopor e anunciam sorvetes e quando o inocente cidadão pede picolé de manga, eis que ele abre a caixa e de lá puxa a arma. Cada dia inventam um golpe novo: a juventude é muito criativa, e os assaltantes são quase sempre muito jovens.

Rubem Braga

97. **O título do texto – cidade maravilhosa? – tem ao final um ponto de interrogação; com isso, o autor do texto expressa:**

a) uma pergunta ao leitor a fim de verificar a sua opinião;
b) um questionamento sobre o futuro da cidade do Rio de Janeiro;
c) uma dúvida sobre a qualidade de vida na cidade;
d) uma reflexão sobre as belezas da capital carioca;
e) uma opinião dos mais pobres sobre as condições de vida na cidade.

Gabarito: C.

As alternativas D e E são excluídas automaticamente, em face de haver uma interrogação, um questionamento. Elimina-se também a alternativa A, pelo fato de não ter cabimento a possibilidade de verificar-se a opinião do autor. A alternativa B também não pode ser a resposta, visto que a crítica é sobre um problema atual e não uma preocupação quanto ao futuro da cidade. A alternativa C acaba por ser a única coerente, pois os problemas listados no texto – o excesso de camelôs atravancando as ruas; o excesso de vendedores, ladrões e cães nas praias; a sujeira nas ruas e praças – implicam um prejuízo à qualidade de vida dos cariocas.

98. **"logo eles se multiplicam por 1000"; "E as praias foram invadidas por 1000 vendedores". O número 1000, nesses dois segmentos do texto:**

a) referem-se aos mesmos vendedores, em momentos diferentes;
b) indicam uma quantidade indeterminada de vendedores;
c) mostram somente uma ideia de grande quantidade;
d) representam o enorme progresso da cidade;
e) demonstram o crescimento desordenado da cidade.

Gabarito: C.

Quando o autor emprega o número 1000, objetiva demonstrar que a quantidade de camelôs e vendedores aumentou muito. Esse exagero, essa hipérbole enfatizam esse aumento.

99. **O autor critica basicamente dois tipos de poluição, que são:**
a) ambiental e visual;
b) visual e sonora;
c) sonora e marinha;
d) marinha e social;
e) social e ambiental.

Gabarito: A.

A poluição ocorre inicialmente no aspecto ambiental, visto que a crítica é feita à forma como estão as ruas, as praças, as praias. Tais problemas mencionados acabam também por comprometer o aspecto visual, pois há excesso de barracas nas ruas, as praias encontram-se extremamente cheias. É de bom alvitre observar que, em momento algum do texto, é mencionada uma crítica em relação à poluição sonora ou social. Não se fala de ruídos, música em som alto etc., como também nada se informa a respeito de que a poluição é gerada por classes sociais menos favorecidas.

100. **"os assaltantes são quase sempre muito jovens"; a maneira de reescrever-se essa mesma frase que mantém o seu sentido original é:**
a) são quase sempre bem jovens os assaltantes;
b) muitos assaltantes são quase sempre jovens;
c) os assaltantes são sempre quase jovens;
d) quase muitos jovens são sempre assaltantes;
e) são quase sempre jovens muitos assaltantes.

Gabarito: A.

É necessário atenção para fazer essa questão. Na frase original, "jovens" é

adjetivo que está intensificado pelo advérbio muito. Então os assaltantes não são apenas jovens, mas, sim, muito – excessivamente – jovens. Na alternativa B, o advérbio "muito" foi transformado em pronome indefinido atrelado a "assaltantes", e o adjetivo não está intensificado. Na C, "jovens" não está intensificado. Na D, "jovens" está substantivado, e "muitos" se torna pronome indefinido, o que gera alteração semântica; além disso, o posicionamento de "quase" faz com que a frase sequer tenha sentido. Na alternativa E, "jovens" não vem intensificado. A alternativa A é uma paráfrase, dado que a substituição de "muito" por "bem" – com valor de intensidade – conserva a ideia original.

Bibliografia

1. ALENCAR José de. O Guarani 7. ed. Minerva: São Paulo; 1965.
2. ALVES Castro. Espumas Flutuantes Record: Rio de Janeiro; 1997.
3. AQUINO Renato Monteiro de. Interpretação de Textos (Série Provas e Concursos). Campus/Elsevier: Rio de Janeiro; 2005.
4. Português para Concursos (Série Provas e Concursos). Campus/Elsevier: Rio de Janeiro; 2005.
5. ASSIS Joaquim Maria Machado de. Memórias Póstumas de Brás Cubas Edição única Abril Cultural: São Paulo; 1998.
6. Dom Casmurro. Edição única Abril Cultural: São Paulo; 1998.
7. AZEREDO, José Carlos de. Gramática Houaiss da Língua Portuguesa. Ed. Publifolha.
8. BECHARA Evanildo. Gramática Escolar da Língua Portuguesa Lucerna: Rio de Janeiro; 2003.
9. Moderna Gramática Portuguesa. 37. ed. Lucerna: Rio de Janeiro; 2001.
10. BARRETO Afonso Henriques de Lima. Triste Fim de Policarpo Quaresma 3. ed. Ática: São Paulo; 1987.
11. CÂMARA Jr Joaquim Mattoso. Estrutura da Língua Portuguesa 35. ed. Vozes: Petrópolis; 2002.
12. CAMÕES Luís Vaz de. Os Lusíadas Edição única Abril Cultural: São Paulo; 1997.
13. CARNEIRO Agostinho Dias. Redação em Construção 2. ed. Moderna: São Paulo; 2003.
14. CUNHA Euclides da Cunha. Os Sertões Edição única. Editora Abril 1969.
15. CUNHA Celso Ferreira da. Gramática da Língua Portuguesa 10. ed. FAE 1984.
16. CUNHA Celso Ferreira da, CINTRA Luís Filipe Lindley. Nova Gramática do Português Contemporâneo 3. ed. Nova Fronteira: Rio de Janeiro; 1997.
17. DUBOIS Jean. Dicionário de Linguística Cultrix: São Paulo; 1993.
18. FERREIRA Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário Aurélio. Nova Fronteira: Rio de Janeiro; 1975;.
19. FIGUEIREDO Fernando. Português no Concurso Público. 2. ed. Edição do autor 1999.
20. FURTADO Lilian, PEREIRA Vinícius Carvalho. Técnicas de Redação para Concursos. 1.ed. 2010; Editora Método.
21. GARCIA Othon Moacyr. Comunicação em Prosa Moderna. 20. ed. FGV: Rio de Janeiro; 2001.
22. GUIMARÃES Bernardo. A Escrava Isaura. Edição especial. 1998; Sociedade Comercial e Editorial Santiago. Publicações Europa América.
23. HOUAISS Antônio. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Objetiva: São Paulo; 2001.

24. IDA Manuel Said Ali. Gramática Histórica da Língua Portuguesa. 6. ed. Edições Melhoramentos: São Paulo; 1966.

25. KOCH Ingedore Villaça. Ler e Compreender: os sentidos do texto. 2. ed. Editora Contexto: São Paulo; 2006.

26. LIMA Carlos Henrique de Rocha. Gramática Normativa da Língua Portuguesa. 25. ed. José Olympio: Rio de Janeiro; 1985.

27. LUFT Celso Pedro. Moderna Gramática Brasileira. 2. ed. Globo: Rio de Janeiro; 2002.

28. MARCUSCHI Luis Antônio. Produção textual, Análise de Gêneros e compreensão. 3. ed. Parábola editorial: São Paulo; 2008.

29. NEVES Maria Helena de Moura. Texto e Gramática. Editora Contexto: São Paulo; 2006.

30. Gramática de usos do português.. Ed. UNESP.

31. OLÍVIA, Madre. Semântica e a natureza da língua. Ed. Vozes.

32. Semântica num confronto entre duas análises de português.. Ed. Maceió.

33. PAULIUKONIS Maria Aparecida Lino, SANTOS Leonor Werneck dos. Estratégias de leitura: texto e ensino Editora Lucerna: Rio de janeiro; 1998.

34. PESSOA Fernando. Poemas Escolhidos O Globo. 1997; Klick Editora.

35. POMPÉIA Raul. O Ateneu O Globo. 1997; Klick Editora.

36. QUEIRÓS Eça de. A relíquia O Globo. 1997; Klick Editora.

37. O Primo Basílio. Edição única Abril Cultural: São Paulo; 1969.

38. Ramos Graciliano. São Bernardo. 3. ed. José Olympio: Rio de Janeiro; 1947.

39. REIS Otelo. Breviário da Conjugação de Verbos. 54. ed. 2001; Editora Villa Rica.

40. RIBEIRO Manoel Pinto. Gramática Aplicada da Língua Portuguesa. 15. ed. Metáfora Editora: Rio de Janeiro; 2005.

41. ROSENTHAL Marcelo. Gramática para concursos. Editora Campus/Elsevier: Rio de Janeiro; 2006.

42. SABINO Fernando. A Mulher do Vizinho. Edição Integral Círculo do Livro: São Paulo; 1962.

43. VERISSIMO Luis Fernando. As Mentiras que os Homens Contam. Objetiva: Rio de Janeiro; 2001.

ELSEVIER

SÉRIE PROVAS E CONCURSOS

Interpretação de Textos e Semântica para concursos

TEORIA, ESQUEMAS, EXERCÍCIOS E QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Marcelo Rosenthal
Lilian Furtado
Tiago Omena
Pedro Henrique

DO MESMO AUTOR DE GRAMÁTICA PARA CONCURSOS

CAMPUS CONCURSOS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros, disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.Info*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.

Interpretação de Textos e Semântica para concursos

TEORIA, ESQUEMAS, EXERCÍCIOS E QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

SÉRIE PROVAS E CONCURSOS

Marcelo Rosenthal
Lilian Furtado
Tiago Omena
Pedro Henrique

ELSEVIER

CAMPUS
CONCURSOS

Sumário

Capa

Folha de rosto

Front Matter

Copyright

Dedicatória

Agradecimentos

Os Autores

Apresentação

Epígrafe

Prefácio

Capítulo 1. Interpretação Textual

1.1. TIPOLOGIA TEXTUAL

1.2. Tópico frasal

1.3. TIPOS DE ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS

1.4. Exercícios

Capítulo 2. Semântica de Nomes

2.1. ADJETIVO SUBJETIVO OU COM VALOR DE QUALIDADE

2.2. ADJETIVO OBJETIVO OU COM VALOR DE CARACTERÍSTICA

2.3. EXERCÍCIOS

2.4. POLISSEMIA

2.5. AMBIGUIDADE OU ANFIBOLOGIA

2.6. EXERCÍCIOS

Capítulo 3. Alteração de Funções Sintáticas em Questões de Interpretação

3.1. EXERCÍCIOS
Capítulo 4. Coesão Textual
4.1. COESÃO REFERENCIAL
4.2. COESÃO REFERENCIAL PRONOMINAL
4.3. EXERCÍCIOS
4.4. COESÃO REFERENCIAL LEXICAL
4.5. COESÃO REFERENCIAL POR ELIPSE
4.6. EXERCÍCIOS
4.7. COESÃO SEQUENCIAL
4.8. COESÃO SEQUENCIAL
Capítulo 5. Semântica dos Conectores – Preposições e Conjunções
5.1. VALORES SEMÂNTICOS DAS PREPOSIÇÕES ESSENCIAIS
5.2. VALORES SEMÂNTICOS DAS PREPOSIÇÕES ACIDENTAIS
5.3. Exercícios
Capítulo 6. Valor Semântico das Conjunções
6.1. CONJUNÇÕES COORDENATIVAS
6.2. CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS
6.3. ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS
6.4. EXERCÍCIOS
Capítulo 7. Coerência Textual
7.1. IMPLÍCITOS E EXPLÍCITOS
7.2. PRESSUPOSTOS E SUBENTENDIDOS
7.3. EXERCÍCIOS
Capítulo 8. Semântica Verbal
8.1. MODO INDICATIVO
8.2. MODO SUBJUNTIVO

8.3. MODO IMPERATIVO

8.4. OUTRAS SEMÂNTICAS VERBAIS

8.5. EXERCÍCIOS

Capítulo 9. Figuras de Linguagem

9.1. FIGURAS DE SOM OU HARMONIA

9.2. FIGURAS DE CONSTRUÇÃO OU SINTAXE

9.3. FIGURAS DE PENSAMENTO

9.4. FIGURAS DE PALAVRAS

9.5. EXERCÍCIOS

Capítulo 10. Funções da Linguagem

10.1. FUNÇÃO REFERENCIAL OU DENOTATIVA

10.2. FUNÇÃO EXPRESSIVA

10.3. FUNÇÃO CONATIVA OU APELATIVA

10.4. FUNÇÃO FÁTICA

10.5. FUNÇÃO METALINGUÍSTICA

10.6. FUNÇÃO POÉTICA

Capítulo 11. Vozes do Discurso

11.1. DISCURSO DIRETO

11.2. DISCURSO INDIRETO

11.3. DISCURSO INDIRETO LIVRE

11.4. EXERCÍCIOS

Capítulo 12. Leituras de Enunciados das Questões de Interpretação

12.1. RECORRÊNCIA TEXTUAL

12.2. INFERÊNCIA TEXTUAL

12.3. EXERCÍCIOS

Capítulo 13. Semântica dos Vocábulos Parônimos e Homônimos

13.1. PARÔNIMOS

13.2. HOMÔNIMOS

13.3. SEMÂNTICA DE FORMAS PARECIDAS

13.4. EXERCÍCIOS

Capítulo 14. Semântica de Afixos

14.1. PREFIXOS LATINOS

14.2. PREFIXOS GREGOS

14.3. RELAÇÃO DE SUFIXOS

14.4. CORRESPONDÊNCIA ENTRE PREFIXOS GREGOS E LATINOS

14.5. LATINISMOS

14.6. EXERCÍCIOS

Capítulo 15. Questões Comentadas

Bibliografia

Cadastro

Preencha a **ficha de cadastro** no final deste livro e receba gratuitamente informações sobre os lançamentos e as promoções da Elsevier.

Consulte também nosso catálogo completo, últimos lançamentos e serviços exclusivos no site **www.elsevier.com.br**

Dedicatória

Ao brilhante professor de Língua Portuguesa Marcelo Barbosa.

Agradecimentos

A nossos familiares e amigos que compreenderam a nossa ausência em muitos eventos, visto nosso envolvimento na conclusão desta obra.

Os Autores

A nossos familiares e amigos que compreenderam a nossa ausência em muitos eventos, visto nosso envolvimento na conclusão desta obra.

Marcelo Rosenthal

- Formado em Letras (Português-Alemão) pela UFRJ.
- Ex-professor de Língua Portuguesa do União Concursos.
- Ex-professor de Língua Portuguesa do Curso Gabarito.
- Ex-professor de Língua Portuguesa do Curso Metta.
- Professor de Língua Portuguesa da Academia do Concurso Público.
- Professor de Língua Portuguesa do CELP – Centro de Estudos da Língua Portuguesa.
- Professor de Língua Portuguesa do CEPAD.
- Professor de Língua Portuguesa Concurso Virtual.
- Professor de Língua Portuguesa do Canal dos Concursos.
- Técnico Judiciário do Tribunal Regional do Trabalho da Primeira Região.

Lilian Furtado

- Doutoranda em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Mestre em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Bacharel em Letras: Português-Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Licenciada em Letras: Português-Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Professora de Língua Portuguesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro.
- Professora de Língua Portuguesa e Redação do curso Damásio de Jesus.
- Professora de Língua Portuguesa e Redação do curso LFG/NTC.
- Professora de Língua Portuguesa e Redação do Curso Multiplus.
- Autora de livros para concursos da Editora Método.

Pedro Henrique

- Letras – (Português – Literatura) pela UNESA.
- Direito – (UNIVERCIDADE)
- Ex-professor de Língua Portuguesa do Curso Concursando Enfermagem.
- Ex-professor de Língua Portuguesa da FEMPERJ.
- Ex-Professor de Língua Portuguesa da Companhia dos Módulos.
- Coordenador de Língua Portuguesa e Redação do CELP (Centro de Estudos da Língua Portuguesa).
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do CELP (Centro de Estudos da Língua Portuguesa).
- Professor de Língua Portuguesa do Cláudio Borba Concursos.
- Professor de Língua Portuguesa do curso Multiplus.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do CEAV-RJ.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do CEAV-BA.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do CEJURIS.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do Curso Tamandaré.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do Concurso Virtual.
- Autor da Série Gabaritando de Questões Comentadas da Banca CESGRANRIO.
- Aprovado em diversos concursos – Colégio Naval, EPCAR, CRMV-RJ, Prefeitura do Rio de Janeiro, CEFET-RJ, entre outros.
- Ex-aluno do Colégio Naval
- Funcionário Público Federal do CEFET-RJ.

Tiago Omena

- Letras – (Português – Literatura) pela UNESA.
- Direito – (UNIABEU)
- Ex-professor de Língua Portuguesa do Curso Concursando Enfermagem.
- Ex-professor de Língua Portuguesa da FEMPERJ.
- Ex-Professor de Língua Portuguesa da Companhia dos Módulos.
- Coordenador de Língua Portuguesa e Redação do CELP (Centro de Estudos da Língua Portuguesa).
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do CELP (Centro de Estudos da Língua Portuguesa).
- Professor de Língua Portuguesa do Cláudio Borba Concursos.
- Professor de Língua Portuguesa do curso Multiplus.

- Professor de Língua Portuguesa e Redação do CEAV-RJ.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do CEAV-BA.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do CEJURIS.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do Curso Tamandaré.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do Concurso Virtual.
- Autor da Série Gabaritando de Questões Comentadas da Banca CESGRANRIO.
- Aprovado em diversos concursos – TRF-SP, TRF-AL, entre outros.

Apresentação

Essa obra foi imaginada com a intenção de oferecer ao candidato a um cargo no serviço público o máximo de ferramentas efetivas para a resolução de questões de interpretação de textos. Não pretendemos aqui discutir intelecções, mas sim tratar, de forma extremamente objetiva, o assunto. Muitas das questões de interpretação são elaboradas para deixar o aluno em dúvida entre duas alternativas, o que o leva normalmente para a marcação da errada. Qual o critério técnico para excluir essa alternativa? Qual o critério para ser a outra alternativa a resposta? Portanto, o nosso trabalho vai se pautar por esse caminho. Em vez de questionar as bancas, tentaremos mergulhar na cabeça – desculpem a conotação que demarca uma linguagem mais coloquial – dos autores dessas questões e tentar avaliar quais os argumentos que eles poderiam ter para chegar a uma resposta. Faremos um passeio pelo estudo das figuras e funções de linguagem, pela semântica dos afixos e radicais, dos nomes e verbos e sobretudo dos conectores. Nós nos aprofundaremos na tipologia textual, observaremos minuciosamente os recursos argumentativos e destacaremos a análise dos enunciados das questões (se o comando exige resposta explícita ou implícita), fator que se torna tão decisivo para se atingir a alternativa certa. O fechamento de todos os assuntos abordados se dará com um rol de questões sempre apresentado com gabarito comentado. Por fim, a cereja do nosso bolo – olhe a conotação aí novamente – é a análise de mais 100 questões, evidentemente com gabarito comentado, compreendendo todos os assuntos mencionados no livro. Pela nossa experiência, temos a convicção de que essa obra será de extrema valia a todos que pretendem ingressar no serviço público.

Epígrafe

AUTOPSICOGRAFIA

O POETA é um fingidor.

Finge tão completamente

Que chega a fingir que é dor

A dor que deveras sente.

E os que leem o que escreve,

Na dor lida sentem bem,

Não as duas que ele teve,

Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas de roda

Gira, a entreter a razão,

Esse comboio de corda

Que se chama o coração.

Fernando Pessoa

Prefácio

Realizar provas de concursos públicos é uma tarefa que exige muita interpretação não só nas questões de língua portuguesa, mas em todas as disciplinas. A interpretação é essencial para se compreender o que de fato o examinador quer. Esse ponto é muito delicado.

Como professores, percebemos que muitos alunos são reprovados por não terem sabido interpretar corretamente os enunciados da prova, embora soubessem o assunto. Erram questões que teriam plena condição de acertar, se entendessem o que se pede.

A língua portuguesa é extremamente complexa, com palavras de múltiplos sentidos e verbos com grande número de conjugações, em que um detalhe faz toda a diferença.

Esta obra apresenta, de modo objetivo e claro, o resultado de mais de 40 anos somados em experiências de sala de aula. Os autores transmitem, de forma extremamente didática e inovadora, as técnicas e os métodos de interpretação textual, demonstrando que o ato de interpretar não é algo tão "subjetivo", como muitos pensam, mas sim uma atividade que exige uma análise aprofundada e técnica do texto lido.

Ao analisarmos este trabalho, notamos que esta obra irá ajudar todo aquele que, ao primeiro contato com o texto, saberá extrair os elementos necessários para a informação, reconhecimento e interpretação do mesmo, e por isso afirmamos, sem sofisma, que se trata de um instrumento essencial para sanar as dúvidas em relação às questões de prova, bem como facilitar a comunicação no cotidiano.

É uma grande honra para nós do Concurso Virtual sermos escolhidos para escrever o prefácio da obra deste fantástico quarteto: Marcelo Rosenthal, com sua expertise; Lilian Furtado, com a sua sutileza ao passar a matéria; Pedro Henrique, com seu carisma; e Tiago Omena, com a sua objetividade.

Temos a certeza de que todos são professores de altíssima qualidade, apaixonados pelo que fazem e sempre atentos às necessidades dos candidatos a concursos públicos, pois é isso que ouvimos dos nossos alunos no dia a dia, nos enchendo de orgulho por tê-los em nosso corpo docente.

Alexandre Prado, Marcelo Marques, Raphael Vianna e Rodrigo Menezes,

diretores do Concurso Virtual

Capítulo 1

Interpretação Textual

Interpretar é entender o que está escrito no texto, em outras palavras, é explicar, é esclarecer, é reproduzir de uma outra forma algo que já foi dito. Assim, para falar em interpretação textual é fundamental saber o que é texto.

A palavra texto é originada do latim textum e significa entrelaçamento, ou seja, um texto é um entrelaçamento de ideias, por isso, um texto escrito não é apenas uma enumeração de frases e de orações e sim um conjunto de informações conectadas entre si que estabelecem a coesão e a coerência textual.

Segundo FÁVERO (1997), "O texto consiste em qualquer passagem falada ou escrita que forma um todo significativo independente de sua extensão". Dessa forma, podemos considerar que o texto é qualquer forma de comunicação oral ou escrita, verbal ou não verbal sempre direcionado ao leitor, assim, músicas, bulas de remédio, faixas, pinturas, charges, gestos recitais, shows etc. são formas diferentes de texto.

1 – O texto

Vejamos alguns exemplos:

Texto 1

Texto 2

Texto 3

Os textos acima não apresentam frases ou orações, são constituídos apenas de imagens e, ainda assim, conseguimos entender a mensagem de cada um deles. Analisando as figuras, verificamos que o texto 1 apresenta placas de sinalização utilizadas pelas normas de trânsito. Podemos observar ainda que a primeira placa mostra que é proibida circulação de bicicletas e mais ao fundo observamos uma outra placa que indica a presença de quebra-mola na pista. Já o texto 2 tem uma imagem que indica a necessidade de silêncio no estabelecimento em que ela foi fixada. O terceiro texto é uma charge da Mafalda que, ao caminhar por uma calçada, se surpreende ao pisar em um trecho alagado. Após constatar que a água não provinha de chuva, a personagem continua sua caminhada tentando saber a causa de tanta água até que num determinado momento se depara com inúmeras pessoas chorando.

Texto 4

"Renda-se, como eu me rendi. Mergulhe no que você não conhece como eu

mergulhei. Não se preocupe em entender, viver ultrapassa qualquer entendimento."

(Clarice Lispector)

Texto 5

Circuito Fechado

Chinelos, vaso, descarga. Pia, sabonete. Água. Escova, creme dental, água, espuma, creme de barbear, pincel, espuma, gilete, água, cortina, sabonete, água fria, água quente, toalha. Creme para cabelo; pente. Cueca, camisa, abotoaduras, calça, meias, sapatos, gravata, paletó. Carteira, níqueis, documentos, caneta, chaves, lenço, relógio, maços de cigarros, caixa de fósforos. Jornal. Mesa, cadeiras, xícara e pires, prato, bule, talheres, guardanapos. Quadros. Pasta, carro. Cigarro, fósforo. Mesa e poltrona, cadeira, cinzeiro, papéis, telefone, agenda, copo com lápis, canetas, blocos de notas, espátula, pastas, caixas de entrada, de saída, vaso com plantas, quadros, papéis, cigarro, fósforo. Bandeja, xícara pequena. Cigarro e fósforo. Papéis, telefone, relatórios, cartas, notas, vales, cheques, memorandos, bilhetes, telefone, papéis. Relógio. Mesa, cavalete, cinzeiros, cadeiras, esboços de anúncios, fotos, cigarro, fósforo, bloco de papel, caneta, projetos de filmes, xícara, cartaz, lápis, cigarro, fósforo, quadro-negro, giz, papel. Mictório, pia, água. Táxi. Mesa, toalha, cadeiras, copos, pratos, talheres, garrafa, guardanapo, xícara. Maço de cigarros, caixa de fósforos. Escova de dentes, pasta, água. Mesa e poltrona, papéis, telefone, revista, copo de papel, cigarro, fósforo, telefone interno, externo, papéis, prova de anúncio, caneta e papel, relógio, papel, pasta, cigarro, fósforo, papel e caneta, telefone, caneta e papel, telefone, papéis, folheto, xícara, jornal, cigarro, fósforo, papel e caneta. Carro. Maço de cigarros, caixa de fósforos. Paletó, gravata. Poltrona, copo, revista. Quadros. Mesa, cadeiras, pratos, talheres, copos, guardanapos. Xícaras, cigarro e fósforo. Poltrona, livro. Cigarro e fósforo. Televisor, poltrona. Cigarro e fósforo. Abotoaduras, camisa, sapatos, meias, calça, cueca, pijama, espuma, água. Chinelos. Coberta, cama, travesseiro.

(Ricardo Ramos)

Ao comparamos os textos 4 e 5, observamos que ambos são textos escritos, entretanto com diferenças entre si. O texto 4 é direcionado ao leitor e foi elaborado a partir da utilização de orações, conectores coesivos e pontuação. Já quando lemos o texto 5, verificamos de imediato que se trata de um tipo de texto mais atípico ao que estamos acostumados a ver e a conceber como texto. Isso pode

acontecer porque temos a sensação de que se trata apenas de um emaranhado de palavras soltas, composto principalmente de substantivos. Contudo, ao fazermos uma leitura mais atenta, constatamos que a sequência com que os substantivos foram organizados nos permite verificar a história de um homem comum vivendo sua rotina. Assim, o texto 5, apesar de ser apresentado com uma estrutura diferente do que estamos acostumados, é um texto, pois apresenta significado.

Até agora, vimos textos exclusivamente compostos de imagens e textos compostos exclusivamente de escrita. Observe abaixo o quadrinho do Calvim.

Texto 6

<u>Calvim em: Pisei no cocô</u>

http://phellippe.arteblog.com.br/77956/Cavim-em-Pisei-no-coco/

O texto acima é conhecido teoricamente como texto misto por ser composto simultaneamente por imagens e escrita. Ambos os recursos são fundamentais para o entendimento do significado. Observe que no primeiro quadrinho o fato de Calvim gritar pela mãe é composto por um detalhe primordial que não podemos deixar de observar: ele está com os pés do lado de fora da casa. No segundo e terceiro quadrinhos, verificamos que Calvim reflete e obedece à ordem da mãe. Por fim, notamos que só é possível depreender o significado de todo o texto somando a parte escrita da fala de Calvim com a imagem de desespero da mãe.

1.1. TIPOLOGIA TEXTUAL

Quando falamos em **tipo textual**, atualmente conhecido como **modo de organização do discurso** ou **modo textual**, nos referimos à forma como o texto se organiza em relação à informação que será apresentada, aos aspectos sintáticos, aos tempos dos verbos, às relações lógicas etc. Tradicionalmente os tipos textuais são classificados de três formas: **narrativo, descritivo** e **dissertativo (informativo ou argumentativo)**. Entretanto, atualmente, estudiosos defendem a existência de mais dois tipos textuais: **o injuntivo e o dialogal**.

É imprescindível lembrar que esses **modos de organização do discurso** nem sempre aparecem "puros" no texto, ou seja, dificilmente encontraremos textos com características unicamente narrativas ou descritivas. Em um romance, por exemplo, vemos a imbricação entre a narração do enredo e a descrição do espaço.

É importante ressaltar que muitas pessoas fazem confusão entre tipo textual e gênero textual. O gênero textual é um formato que se propõe a uma finalidade. Assim, uma lenda, uma ata de reunião, uma carta, uma fábula, uma receita, uma bula de remédio são diferentes gêneros textuais que possuem formatos distintos. Esses formatos permitem ao leitor identificar, por exemplo, a distinção entre a bula de remédio e a receita de um bolo, pois a forma como o texto é predisposto facilita a verificação do que o texto quer de fato comunicar. Podemos constatar, dessa forma, que temos inúmeros gêneros e que nesses gêneros podemos encontrar cinco tipos textuais. Para que fique mais fácil compreender, vamos analisar abaixo cada tipo textual.

1.1.1. Narração

A construção de um texto narrativo pressupõe a existência de um narrador, que pode ou não ser apresentado de forma explícita no texto. Este narrador tem como objetivo relatar fatos, que ocorreram em determinado tempo e lugar e que envolvem personagens. Assim, podemos entender que no texto narrativo há uma sequência de ações que ocorrem ao longo do tempo, mantendo a progressão temporal e consequentemente a sequência lógica do texto. Além disso, é possível observar a predominância de verbos de ação. Vejamos os exemplos abaixo:

Exemplo 1:

Coruja e águia, depois de muita briga, resolveram fazer as pazes.

– Basta de guerra – disse a coruja. O mundo é tão grande, e tolice maior que o mundo é andarmos a comer os filhotes uma da outra.

– Perfeitamente – respondeu a águia. – Também eu não quero outra coisa.

– Nesse caso combinemos isto: de agora em diante não comerás nunca os meus filhotes.

– Muito bem. Mas como posso distinguir os teus filhotes?

– Coisa fácil. Sempre que encontrares uns borrachos lindos, bem feitinhos de corpo, alegres, cheios de uma graça especial que não existe em filhote de nenhuma outra ave, já sabes, são os meus.

– Está feito! – concluiu a águia.

Dias depois, andando à caça, a águia encontrou um ninho com três monstrengos dentro, que piavam de bico muito aberto.

– Horríveis bichos! – disse ela. Vê-se logo que não são os filhos da coruja.

E comeu-os.

Mas eram os filhos da coruja. Ao regressar à toca a triste mãe chorou amargamente o desastre e foi justar contas com a rainha das aves.

– Quê? – disse esta, admirada. Eram teus filhos aqueles monstrenguinhos? Pois, olha, não se pareciam nada com o retrato que deles me fizeste…"

Exemplo 2:

Tragédia brasileira

Misael, funcionário da Fazenda, com 63 anos de idade.

Conheceu Maria Elvira na Lapa prostituída com sífilis, dermite nos dedos, uma aliança empenhada e os dentes em petição de miséria.

Misael tirou Maria Elvira da vida, instalou-a num sobrado no Estácio, pagou médico, dentista, manicura… Dava tudo quanto ela queria.

Quando Maria Elvira se apanhou de boca bonita, arranjou logo um namorado. Misael não queria escândalo. Podia dar urna surra, um tiro, urna facada. Não fez nada disso: mudou de casa.

Viveram três anos assim.

Toda vez que Maria Elvira arranjava namorado, Misael mudava de casa.

Os amantes moraram no Estácio, Rocha, Catete, Rua General Pedra, Olaria,

Ramos, Bom Sucesso, Vila Isabel, Rua Marquês de Sapucaí, Niterói, encantado, Rua Clapp, outra vez no Estácio, Todos os Santos, Catumbi, Lavradio, Boca do Mato, Inválidos…

Por fim na Rua da Constituição, onde Misael, privado de sentidos e inteligência, matou-a com seis tiros, e a polícia foi encontrá-la caída em decúbito dorsal, vestida de organdi azul.

Manuel Bandeira

Exemplo 3:

Eduardo e Mônica

Quem um dia irá dizer
Que existe razão
Nas coisas feitas pelo coração?
E quem irá dizer
Que não existe razão?
Eduardo abriu os olhos, mas não quis se levantar
Ficou deitado e viu que horas eram
Enquanto Mônica tomava um conhaque
No outro canto da cidade, como eles disseram.
Eduardo e Mônica um dia se encontraram sem querer
E conversaram muito mesmo pra tentar se conhecer…
Um carinha do cursinho do Eduardo que disse:
"Tem uma festa legal, e a gente quer se divertir"
Festa estranha, com gente esquisita
"Eu não tô legal", não aguento mais birita"
E a Mônica riu, e quis saber um pouco mais
Sobre o boyzinho que tentava impressionar
E o Eduardo, meio tonto, só pensava em ir pra casa
"É quase duas, eu vou me ferrar…"
Eduardo e Mônica trocaram telefone
Depois telefonaram e decidiram se encontrar
O Eduardo sugeriu uma lanchonete,
Mas a Mônica queria ver o filme do Godard

Se encontraram então no parque da cidade
A Mônica de moto e o Eduardo de "camelo"
O Eduardo achou estranho, e melhor não comentar
Mas a menina tinha tinta no cabelo
Eduardo e Mônica eram nada parecidos
Ela era de Leão e ele tinha dezesseis
Ela fazia Medicina e falava alemão
E ele ainda nas aulinhas de inglês
Ela gostava do Bandeira e do Bauhaus,
Van Gogh e dos Mutantes, de Caetano e de Rimbaud
E o Eduardo gostava de novela
E jogava futebol-de-botão com seu avô
Ela falava coisas sobre o Planalto Central
Também magia e meditação
E o Eduardo ainda tava no esquema: "escola, cinema
clube, televisão".
E mesmo com tudo diferente, veio mesmo, de repente
Uma vontade de se ver
E os dois se encontravam todo dia
E a vontade crescia, como tinha de ser…
Eduardo e Mônica fizeram natação, fotografia
Teatro, artesanato, e foram viajar
A Mônica explicava pro Eduardo
Coisas sobre o céu, a terra, a água e o ar…
Ele aprendeu a beber, deixou o cabelo crescer
E decidiu trabalhar (nããão)
E ela se formou no mesmo mês
Que ele passou no vestibular
E os dois comemoraram juntos
E também brigaram juntos, muitas vezes depois
E todo mundo diz que ele completa ela
E vice-versa, que nem feijão com arroz

Construíram uma casa há uns dois anos atrás
Mais ou menos quando os gêmeos vieram
Batalharam grana, seguraram legal
A barra mais pesada que tiveram
Eduardo e Mônica voltaram pra Brasília
E a nossa amizade dá saudade no verão
Só que nessas férias, não vão viajar
Porque o filhinho do Eduardo tá de recuperação
Ah! Ahan!
E quem um dia irá dizer
Que existe razão
Nas coisas feitas pelo coração?
E quem irá dizer
Que não existe razão!

Renato Russo

O texto do exemplo 1 é uma fábula. Esse gênero textual é organizado em uma estrutura específica, pois quase sempre seus personagens são bichos, que ganham características humanas e, além disso, tem sempre um ensinamento moral, revelado ao final da história. O texto 2 e o texto 3 também são predominantemente narrativos, embora pertençam a gêneros diferentes: o texto 2 é um romance e o texto 3 é uma música.

É importante também destacar que o texto 1 tem caráter fantástico, pois a fábula não se compromete com a veracidade dos fatos, pelo contrário, as fábulas são fantasiosas e figuradas. Já o texto 2 tem objetivo comunicativo diferente, pois é um texto com personagens bem definidos e que, principalmente, se compromete com a veracidade dos fatos relatados da mesma maneira que acontece com o texto 3.

Observe o quadro abaixo:

TEXTO 1	**TEXTO 2**	**TEXTO 3**
Gênero: Fábula Objetivo: moral	Gênero: Romance Objetivo: verossímil	Gênero: Música Objetivo: verossímil
Tipo textual	Tipo textual	Tipo textual predominante:

predominante: narração Objetivo: relatar fatos	predominante: narração Objetivo: relatar fatos	narração Objetivo: relatar fatos
Personagens: águia e coruja	Personagens: Misael e Maria Elvira	Personagens: Eduardo e Mônica
Tempo: duração até a próxima caçada da águia	Tempo: duração do relacionamento	Tempo: início do relacionamento até a reprovação do filho

Observe que utilizamos a palavra predominante para classificar a tipologia, pois, em ambos os textos, verificamos também a existência de trechos descritivos, que não são suficientes para classificarmos os textos como descritivos.

1.1.2. Descrição

O texto descritivo apresenta uma sequência de características de um indivíduo, de um objeto, de um lugar etc. Textos descritivos geralmente são ricos em adjetivos ou expressões qualificativas e têm como objetivo a construção da imagem, pois o leitor é capaz de visualizar o que é descrito apenas com os dados apresentados no texto. Tradicionalmente, é comum considerar que o texto descritivo é mais estático já que se fundamenta no espaço enquanto o texto narrativo apresenta movimento uma vez que se fundamenta no tempo.

Exemplo 1:

Trecho retirado do livro Madame Bovary

A fachada de tijolos era perfeitamente alinhada à beirada da rua, ou melhor, da estrada. Atrás da porta estavam pendurados uma capa de gola curta, um freio, um boné de oleado e, a um canto, no chão, um par de polainas ainda cobertas de lama seca. À direita era a sala, isto é, o lugar onde comiam e onde sempre ficavam. Um papel cor de canário, com cercadura de flores descoradas, tremia sobre o pano em que estava colado; cortinas de chita branca, orladas de galão vermelho, entrecruzavam-se nas janelas e na estreita pedra do fogão resplandecia um relógio com a cabeça de Hipócrates entre dois castiçais de prata lavrada, debaixo de redomas ovais. Do outro lado do corredor estava o gabinete de Carlos, pequena peça de dois metros de largura, mais ou menos, com uma mesa, três cadeiras e

uma poltrona.

Gustave Flaubert

Exemplo 2:

Anúncio de jornal

Vendo sitio 18 hectares, belíssimas cachoeiras com várias quedas, vários poços para tomar banho, o sitio é cortado por duas enormes cachoeiras, 2 lagos de peixe, pés de laranja, tangerina, caqui entre outros. Aproximadamente 1500 pés de banana, 2 casas c 2 quartos sala, cozinha e banheiro e varanda, um barracão de madeira, galinheiro. Lugar para quem gosta de tranquilidade. Também posso vender a metade do sitio com uma casa. O sítio tem cadastro no INCRA e no IBAMA, os impostos estão em dia. Tel convencional só horário comercial documentação em meu nome.

Exemplo 3:

A casa

Era uma casa
Muito engraçada
Não tinha teto
Não tinha nada
Ninguém podia
Entrar nela não
Porque na casa
Não tinha chão
Ninguém podia
Dormir na rede
Porque a casa
Não tinha parede
Ninguém podia
Fazer pipi
Porque penico
Não tinha ali
Mas era feita
Com muito esmero

Na Rua dos Bobos
Número Zero.

Vinícius de Moraes

A respeito dos textos acima, observamos que, apesar de serem de gêneros diferentes, ambos são predominantemente textos descritivos.

Observe o quadro abaixo:

TEXTO 1	**TEXTO 2**	**TEXTO 3**
Gênero: Romance Objetivo: despertar o leitor para o relato de uma história	Gênero: Anúncio de Jornal Objetivo: vender	Gênero: Música Objetivo: despertar o leitor para as características de uma casa.
Tipo textual predominante: descrição Objetivo: caracterização de objetos ou lugar	Tipo textual predominante: descrição Objetivo: caracterização de lugar	Tipo textual predominante: descrição Objetivo: caracterização de pessoa

1.1.3. Injunção

No texto injuntivo, o autor tenta fazer com que leitor tome atitudes a partir de uma sequência de comandos por meio do convencimento. O texto injuntivo geralmente apresenta ordem, pedido, conselho etc. e por isso há predominância de verbos no imperativo e a ordenação seriada das informações, especialmente sob a forma de orações coordenadas.

Exemplo 1:

Receita de pizza

1. Peneire a farinha e o sal em uma tigela grande. Adicione o fermento e misture.
2. Faça um buraco no centro dos ingredientes secos. Despeje a água e o azeite e mexa até formar uma massa mole.
3. Amasse a massa sobre uma superfície levemente enfarinhada por mais ou menos 10 minutos, até que ela fique lisa e elástica.
4. Coloque a massa em uma tigela untada e cubra com plástico transparente. Deixe-a em um local morno para crescer por mais ou menos 1 hora, até que ela tenha dobrado de tamanho.

5. Amasse novamente a massa. Coloque-a sobre uma base levemente enfarinhada e amasse por 2 a 3 minutos. Abra a massa como desejado e coloque-a em uma fôrma untada. A massa está pronta para a cobertura.

(http://www.muitomaisreceitas.com.br/receitas/tortas_paes_e_pizzas/massa_basica

Exemplo 2:

Os anjos

Pegue duas medidas de estupidez
Junte trinta e quatro partes de mentira
Coloque tudo numa forma
Untada previamente
Com promessas não cumpridas
Adicione a seguir o ódio e a inveja
Dez colheres cheias de burrice
Mexa tudo e misture bem
E não se esqueça antes de levar ao forno temperar
Com essência de espírito de porco
Duas xícaras de indiferença
e um tablete e meio de preguiça (...)

(Trecho da música os anjos de Renato Russo)

Exemplo 3:

Propagandas

Como observamos acima, os textos, apesar de serem de gêneros diferentes, apresentam a mesma tipologia: a injunção. Nos exemplos 1 e 2, percebemos a

preocupação do autor em orientar o leitor na execução de algo. No exemplo 1, temos uma sequência de ações que devem ser empregadas na ordem dada para que seja possível fazer a pizza. No exemplo 2, verificamos que o compositor Renato Russo adiciona ao gênero música um trecho do gênero receita. No exemplo 3, é possível notar que, embora os textos não apresentem uma sequência de ações a serem tomadas pelo leitor, as propagandas têm como objetivo convencer o leitor a tomar a decisão de adquirir o produto. Note que em ambos os textos verificamos a predominância de verbos no imperativo, por ser este, dentro do que considera a tradição gramatical, o modo verbal responsável pelos sentidos de ordem, pedido, conselho, sugestão ou súplica.

Observe o quadro abaixo:

TEXTO 1	**TEXTO 2**	**TEXTO 3**
Gênero: Receita Objetivo: ensinar os passos de um procedimento	Gênero: música Objetivo: criticar o comportamento da sociedade de forma geral	Gênero: propaganda Objetivo: convencer o leitor a adquirir algo
Tipo textual predominante: injunção Objetivo: dizer como fazer uma ação	Tipo textual predominante: injunção Objetivo: dizer como fazer uma ação	Tipo textual predominante: injunção Objetivo: levar à realização de uma ação

1.1.4. Diálogo

No texto dialogal, é possível observar que o texto é constituído por no mínimo dois locutores, que estabelecem um intercâmbio verbal. Este tipo de texto é organizado de forma a reproduzir uma conversa da oralidade, pois conferem realismo ao diálogo realizado pelos personagens que participam do mesmo espaço e discutem sobre o mesmo tema. Este texto se difere da narração, pois o narrador, quando aparece, tem apenas a função de apresentar o diálogo que ocorre na primeira pessoa do singular.

Exemplo 1:

Folha – Como foi voltar a filmar com Pedro Almodóvar?

Antonio Banderas – Foi como um nascimento, meu segundo nascimento. É

difícil trabalhar com ele, porque exige muito. Para mim, é caminhar num terreno desconhecido, cujo resultado me deixou muito contente.

O que mudou no período em que não trabalharam juntos?

Muita coisa mudou, mas na vida pessoal continuamos muito amigos. No terreno artístico ele se converteu em um diretor mais profundo, mais sério, mais completo quanto ao conteúdo e na forma mais minimalista, quase japonês. Em minha carreira, nesse tempo, eu interpretei muita coisa, [fiz] filmes de terror, musicais, aventura, ação, filme para crianças. Reconheço que me apetecia me envolver com um cinema mais comprometido, com Woody Allen, Pedro Almodóvar.

Que tal as brasileiras?

Não tive tempo para conhecer muitas mulheres brasileiras porque fiquei em lugares fechados concedendo entrevistas (risos). Há uma alegria inata neste país. Recordo um filme chamado "Orfeu Negro" (1959) [filme dirigido por Marcel Camus, baseado na peça "Orfeu da Conceição", de Vinicius de Moraes], que falava sobre a morte e ao mesmo tempo havia uma exaltação da alegria exatamente porque a morte é a única certeza.

Qual é a brasileira mais bonita?

A mais bela? É muito difícil porque há muitas mulheres muito belas aqui. A união de raças produz gente muito bonita aqui. A beleza das mulheres daqui não é tradicional. Há mulheres que não têm a beleza dentro das coordenadas, do padrão. Eu prefiro não intelectualizar, porque senão vou perder esse sabor, prefiro apenas observar e desfrutar.

O que acha do nosso cinema?

O Brasil está crescendo e o cinema vai junto. O trabalho de Walter Salles e Bruno Barreto são legados. Mas creio que o Rio não é uma cidade suficientemente retratada pelo cinema. Há algo muito espetacular aqui que não foi completamente retratado.

Como se envolveu com perfumes e fotografia?

Comecei minha atividade empresarial há 14 anos, mas não sou um vendedor de perfumes, sou um artista. Também me encanta a fotografia e a música.

(trecho da entrevista da Folha Online – http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/920728-banderas-diz-que-mulher-brasileira-e-para-observar-e-desfrutar.shtml)

Exemplo 2:

Ema prosseguia:

– E que música prefere o senhor?

– A música alemã, que é a que mais nos predispõe ao devaneio.

– Conhece os italianos?

– Ainda não; mas tenciono frequentá-los no ano que vem, quando for residir em Paris, para completar o meu curso de Direito.

(Trecho da obra Madame Bovary de Gustave Flaubert)

Exemplo 3:

Olá, como vai?
Eu vou indo e você, tudo bem?
Tudo bem eu vou indo correndo
Pegar meu lugar no futuro, e você?
Tudo bem, eu vou indo em busca
De um sono tranquilo, quem sabe…
Quanto tempo… pois é…
Quanto tempo…
Me perdoe a pressa
É a alma dos nossos negócios
Oh! Não tem de quê
Eu também só ando a cem
Quando é que você telefona?
Precisamos nos ver por aí
Pra semana, prometo talvez nos vejamos
Quem sabe?
Quanto tempo… pois é… (pois é… quanto tempo…)
Tanta coisa que eu tinha a dizer
Mas eu sumi na poeira das ruas
Eu também tenho algo a dizer
Mas me foge a lembrança
Por favor, telefone, eu preciso
Beber alguma coisa, rapidamente

Pra semana
O sinal…
Eu espero você
Vai abrir…
Por favor, não esqueça,
Adeus…

Paulinho da Viola

1.1.5. Dissertação

O texto dissertativo é elaborado a partir da apresentação de fatos, opiniões, pensamentos ou informações sobre determinado assunto. Geralmente, as ideias apresentadas são encadeadas utilizando-se a terceira pessoa do singular, uma das formas de marcar gramaticalmente a impessoalidade, entretanto, nas provas de interpretação, é comum observar textos dissertativos em que o autor se utiliza da primeira pessoa para expor sua opinião. A depender do objetivo do autor, a dissertação pode ser expositiva (texto informativo) ou argumentativa e geralmente dividida em introdução, desenvolvimento e conclusão. A diferença básica entre os dois tipos de texto é que, no primeiro, o autor não se propõe a convencer o leitor, fazendo apenas uma explicação sobre o assunto apresentado, relatando dados e ideias. Já na argumentação, o autor, além de tentar convencer o leitor a respeito da ideia apresentada, emprega um raciocínio lógico e coerente, utilizando como base de argumentação provas que evidenciem suas ideias.

Vejamos os textos abaixo:

1.1.5.1. Dissertação informativa (expositiva)

Lua pode conter tanta água quanto a Terra, revela estudo

A Lua poderia ter muito mais água do que o imaginado, talvez tanta quanto a Terra, uma descoberta que lança dúvidas sobre a formação do satélite, revela um estudo divulgado esta quinta-feira nos Estados Unidos.

Durante muito tempo acreditou-se que a Lua fosse um local seco e poeirento até que, há poucos anos, descobriu-se água pela primeira vez.

Agora, cientistas das universidades Case Western Reserve e Brown acreditam que no interior da Lua haja cem vezes mais água do que se pensava inicialmente.

As descobertas foram feitas com o uso de um instrumento de precisão, chamado NanoSIMS 50L –um microanalisador de íons-– para examinar o magma lunar ou pequenas quantidades de rocha derretida, coletada pela Apolo 17, a última missão americana à Lua, em 1972.

"Estas amostras são a melhor janela que temos para [calcular] a quantidade de água no interior da Lua", disse James Van Orman, coautor do estudo e professor de ciências geológicas do Case Western.

"O interior parece ser bastante similar no interior da Terra, razão pela qual sabemos sobre a abundância de água", acrescentou.

As descobertas foram publicadas na edição de 26 de maio da "Science Express".

A mesma equipe publicou um trabalho na "Nature" em 2008, descrevendo a primeira evidência da presença de água nos cristais vulcânicos trazidos pelas missões Apolo.

"O essencial é que em 2008 dissemos que o conteúdo primitivo de água no magma lunar deveria ser similar à água contida na lava proveniente da drenagem do manto superior da Terra", disse outro coautor do estudo, Alberto Saal. "Agora, provamos que este é o caso", acrescentou.

Enquanto as descobertas corroboram a teoria longamente sustentada de que a Lua e a Terra têm origens comuns, também lançam dúvidas sobre a crença de que a Lua pode ter se formado após um desprendimento da Terra, perdendo boa parte de sua umidade neste processo de alta temperatura.

Segundo esta teoria, de "enorme impacto" nos anos 1970, a Lua se formou depois que o nosso planeta colidiu com uma rocha espacial ou planeta 4,5 bilhões de anos atrás.

"Esta nova pesquisa revela que aspectos desta teoria devem ser reavaliados", destacou o estudo.

As descobertas também levantam interrogações sobre as teorias que afirmam que o gelo encontrado nas crateras dos polos lunares pode ser resultante do impacto de meteoros, sugerindo que parte do mesmo pode ter provindo da erupção de magmas lunares.

A Nasa (agência espacial americana) anunciou, em 2009, que duas naves enviadas à Lua para colidir com a superfície do satélite descobriram pela primeira vez água congelada, uma revelação considerada um enorme passo adiante na

exploração espacial.

(25/05/2011 – http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/921297-lua-pode-conter-tanta-agua-quanto-a-terra-revela-estudo.shtml)

1.1.5.2. Dissertação argumentativa

Nos últimos anos, a discussão sobre o aquecimento global e suas consequências se tornou onipresente entre governos, empresas e cidadãos. É louvável que todos queiram salvar o planeta, mas o debate sobre como fazê-lo chegou ao patamar da irracionalidade. Entre cientistas e ambientalistas, estabeleceu-se uma espécie de fervor fanático e doutrinário pelas conclusões pessimistas do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), órgão da ONU. Segundo elas, ou se tomam providências radicais para cortar as emissões de gases do efeito estufa decorrentes da atividade humana, ou o mundo chegará ao fim do século XXI à beira de uma catástrofe. Nos últimos três meses, numa reviravolta espetacular, a doutrina do aquecimento global vem se desmanchando na esteira de uma série de escândalos.

Descobriu-se que muitas das pesquisas que dão sustentação aos relatórios emitidos pelo IPCC não passam de especulação sem base científica. Pior que isso: os cientistas que conduzem esses estudos manipularam dados para amparar suas conclusões.

A reputação do IPCC sofreu um abalo tectônico no início do ano quando se descobriu um erro grosseiro numa das pesquisas que compõem seu último relatório, divulgado em 2007. O texto afirma que as geleiras do Himalaia podem desaparecer até 2035, por causa do aquecimento global. O derretimento traria consequências devastadoras para bilhões de pessoas na Ásia, que dependem da água produzida pelo degelo nas montanhas. Os próprios cientistas que compõem o IPCC reconheceram que a previsão não tem o menor fundamento científico e foi elaborada com base em uma especulação. O mais espantoso é que tal previsão tenha sido tratada como verdade incontestável por três anos, desde a publicação do documento.

Os relatórios do IPCC são elaborados por 3000 cientistas de todo o mundo e, por enquanto, formam o melhor conjunto de informações disponível para estudar os fenômenos climáticos. O erro está em considerá-lo infalível e, o que é pior, transformar suas conclusões em dogmas.

(SOUZA, Okky de.. Veja, pp. 94-95, 24 fev.2010. com adaptações)

Observe que, no texto **Lua pode conter tanta água quanto a Terra, revela estudo**, o autor do texto não tem o objetivo de convencer o leitor a respeito do assunto; é, na realidade, possível notar que sua intenção é apenas informar o leitor sobre a possibilidade de a Lua ter mais água do que a ciência imaginava até o momento. Note que a abordagem do tema é imparcial, e o autor não revela claramente seu posicionamento, seu ponto de vista, em relação ao assunto apresentado no texto. Por outro lado, no segundo texto (a dissertação argumentativa), podemos observar o posicionamento do autor do texto em várias passagens como, por exemplo, em: "**É louvável** que todos queiram salvar o planeta, mas o debate sobre como fazê-lo chegou **ao patamar da irracionalidade** (...)"; numa **reviravolta espetacular** (...); **Pior que isso** (...). Tais expressões marcam nitidamente a opinião do autor do texto, ainda que ele não tenha feito isso utilizando a primeira pessoa gramatical (eu acho, eu penso, nós sabemos...) para expor sua opinião.

1.2. Tópico frasal

Quando lemos um texto, podemos identificar que cada um dos parágrafos do desenvolvimento apresenta uma ideia principal, também chamada de pequena tese, articulada diretamente com o assunto central do texto (tese geral ou grande tese). No caso do artigo dissertativo-argumentativo que você acabou de ler, o tema é o aquecimento global e suas consequências.

Caso você leia atentamente o primeiro parágrafo do texto, irá perceber que a primeira frase sintetiza toda a ideia presente. É essa frase com informação central do parágrafo que se chama de tópico frasal.

Vale lembrar que, nas questões de interpretação, os examinadores podem pedir para identificar a ideia principal do texto e você deverá saber também que não existe obrigatoriedade de a primeira frase do parágrafo ser mesmo o tópico frasal. Isso acontece porque em alguns casos o tópico pode ser um período no meio do parágrafo, ou mesmo no final. É mais raro, mas é de bom alvitre lembrar que também não é obrigatório o tópico frasal ocorrer no primeiro parágrafo.

Vamos analisar detidamente a estrutura de cada um dos parágrafos da dissertação argumentativa:

1º parágrafo – O tópico frasal que o inicia apresenta a ideia central (grande tese) do texto: a discussão sobre o aquecimento global e suas consequências se tornou onipresente entre governos, empresas e cidadãos. Uma boa estratégia para identificar o tópico frasal é o tamanho do período; geralmente, o período do tópico frasal é menor do que os outros que o explicam. Nos períodos seguintes desse parágrafo, notaremos que o autor direciona a sua discussão e o seu posicionamento.

2º parágrafo e 3º parágrafo – As ideias principais que os abrem apresentam a informação central do próprio parágrafo que introduzem; a essa informação chamamos de pequena tese: o escândalo relacionado às pesquisas desenvolvidas pelo IPCC. As outras frases do parágrafo aprofundam essa visão geral, trazendo conhecimento objetivo acerca do assunto e o posicionamento do autor do texto em relação ao tema.

4º parágrafo – A ideia principal que o inicia traz a aceitação de que os relatórios emitidos pelo IPCC são fundamentais e que o problema é a forma como se lida com as informações contidas neles.

Outro assunto não menos importante e sempre cobrado nas questões de interpretação é o tipo de argumentação que pode ser utilizado como estratégia textual, seja para convencimento do leitor seja como mera informação. Torna-se imperioso observar que a tipologia textual será determinada pelo objetivo do autor, ou seja, predominância não significa necessariamente que o maior fragmento caracteriza a tipologia. Se um fragmento narrativo de trinta linhas foi utilizado como recurso argumentativo para a defesa de uma tese exposta em apenas uma linha, ainda assim o texto é dissertativo. Isso se esclarece pelo fato de que não é o número de linhas que caracteriza o texto como um todo, mas sim sua finalidade. Assim, podemos encontrar textos narrativos com argumentos de autoridade e textos argumentativos com trechos narrativos. Isso pode acontecer por meio de parágrafos expositivos que têm função meramente informativa; parágrafos argumentativos que explicam o porquê da tese ou tentam comprovar sua validade; e até mesmo trechos elaborados por meio de alusão histórica em que o autor cria uma ambientação situada historicamente, apresentando, por exemplo, antecedentes históricos. Lembre-se de que todas essas estratégias de argumentação são também consideradas estratégias de evidência, uma vez que a tese é defendida de forma a dar credibilidade ao texto, não apresentando dúvida

quanto à sua verdade.

1.3. TIPOS DE ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS

1.3.1. Argumentação por autoridade ou informações de terceiros

A argumentação por autoridade é realizada por meio da demonstração de opiniões de pessoas "consideradas autoridades" para a ideia proposta no tema do texto. Inclusive, podemos observar isso em um texto já utilizado em prova. Vejamos agora o texto e a utilização do argumento de autoridade. No capítulo de questões comentadas, esse texto será revisitado, com o devido aprofundamento de sua análise.

Prova: Cespe / UnB / PF / Delegado (Questão 40 do capítulo de questões comentadas)

Individualistas e comportados. E daí?

Cientistas sociais e filósofos de inúmeras correntes garantem: a geração de 90 é ambígua. Explica-se: os adolescentes dessa época buscam o bem-estar individual mas também consideram o conceito "viver dignamente" como um direito da humanidade. Só que eles não pretendem se fatigar nas lutas sociais, nem se sentem atraídos por bandeiras políticas ou cartilhas ideológicas. **Em uma pesquisa recente na França,** o item "justiça social" foi classificado como um dos menos importantes por moças e rapazes na faixa dos 14 aos 17 anos. Imediatamente, a geração que ouve Madonna, diverte-se com Steven Spielberg e devora sanduíches passou a ser chamada de "novos individualistas". **O filósofo e escritor francês Laurent Joffrin, autor do livro Um toque de Juventude, celebra com muito otimismo os "moralistas de blue jeans: "eles não são apáticos como se supõe. Seus interesses vão além do prazer imediato e da pura distração", explica Joffrin**. Mais cético, **seu colega Alain Finkelkraut acredita que os jovens dos anos 90 se apoiam em relacionamentos superficiais e valores distorcidos. "Comportam-se como se a vida fosse um grande videoclip...", lamenta.** Enquanto os intelectuais batem boca, os ingleses que cresceram ouvindo a balada conservadora de Margareth Thatcher hoje insistem que a vida comportada é muito melhor. **Em um pesquisa da revista Look Now,** moças e rapazes de 15 a 24 anos confessam gostar de boas roupas,

querem ser vistos como pessoas sensíveis e responsáveis, pretendem ter uma carreira sólida e fazer fortuna. Desnecessário dizer que a Dama de Ferro adorou os resultados da pesquisa.

Greenghalg, Laura. "Sociedade dos Poetas Vivos". Elle, p. 35, ago/1998 (com adaptações).

Observe que os trechos em negrito são todos considerados argumentos de autoridade, pois o autor tem como objetivo tornar o seu texto mais convincente e para isso não se utiliza apenas das falas de cada indivíduo citado no texto, mas também das funções que lhe conferem esta autoridade, uma vez que a pessoa citada no texto pode não ser conhecida do leitor. Assim é possível constatar que não é apenas o nome do indivíduo que caracteriza a autoridade, e sim a importância que esse individuo traz ao tema apresentado. Da mesma maneira isso acontece com o uso de pesquisas que conferem veracidade às informações apresentadas.

1.3.2. Argumentação por analogia ou por comparação

Este tipo de argumentação acontece por meio de uma comparação. Veja o exemplo:

"A vida agitada das grandes cidades aumenta os índices de doenças do coração. Imagine o leitor, por exemplo, um automóvel dirigido suavemente, com trocas de marcha em tempo exato, sem freadas bruscas ou curvas violentas. A vida desse veículo tende a prolongar-se bastante. Imagine agora o contrário: um automóvel cujo proprietário se compraz em arrancadas de "cantar pneus (...)".

Observamos nitidamente que o autor do texto se utiliza de uma estratégia de comparação para conduzir o pensamento do leitor e, para isso, compara a forma como se "dirige" a vida com a forma como se dirige um automóvel.

1.3.3. Argumentação por apresentação de dados estatísticos

Este tipo de estratégia argumentativa é feito por meio da apresentação de dados estatísticos e, assim como as outras estratégias, serve para provar aquilo que é dito no texto. Geralmente, os dados utilizados são oriundos de pesquisas de órgãos públicos habilitados para a divulgação de tais dados. Vejamos o texto abaixo:

"O ministro da Educação, Cristovam Buarque, lança hoje o Mapa da Exclusão Educacional. O estudo do Inep, feito a partir de dados do IBGE e do Censo

Educacional do Ministério da Educação, mostra o número de crianças de sete a catorze anos que estão fora das escolas em cada estado. **Segundo o mapa, no Brasil, 1,4 milhão de crianças, ou 5,5 % da população nessa faixa etária (sete a catorze anos), para a qual o ensino é obrigatório, não frequentam as salas de aula. O pior índice é do Amazonas: 16,8% das crianças do estado, ou 92,8 mil, estão fora da escola. O melhor, o Distrito Federal, com apenas 2,3% (7 200) de crianças excluídas, seguido por Rio Grande do Sul, com 2,7% (39 mil) e São Paulo, com 3,2% (168,7 mil).**"

(BERGAMO, Mônica. Folha de S. Paulo, 03 dez. 2003.)

1.3.4. Argumentação por exemplos (exemplificação)

Este tipo de argumentação é realizado por meio de exemplos que elucidam ou justificam a ideia apresentada na tese. Um bom exemplo fundamenta a argumentação, pois pode relatar casos que sustentam a tese como verdadeira. Vejamos o texto abaixo:

O Brasil das cabeças desarrumadas

Elio Gaspari (O Globo)

O resultado do referendo fez um bem ao país. Instaurou o império das cabeças desarrumadas, e o Brasil precisa delas.

Uma pessoa de cabeça desarrumada é assim: defende a pena de morte e o ensino gratuito nas universidades públicas. É a favor do aborto e se diz católico. Votou Lula em 2002 e José Serra em 2004. É contra as cotas nas universidades e milita numa ONG de defesa da Mata Atlântica. Por desarrumada, essa cabeça pode pensar tudo ao contrário e não faz a menor diferença. A desarrumação determina e incentiva o debate. Opõe-se a um mundo de ideias ordenadas no qual a pessoa deve se preocupar em "pensar direito", entendendo-se que sempre haverá alguém explicando o que vem a ser "pensar direito".

Houve uma época em que a expressão "raciocinar em bloco" designava, com alguma ironia, inteligências ou culturas privilegiadas, sacerdotes do bem-pensar. Aceitando-se as virtudes do mestre, esperava-se sua opinião e ia-se atrás. Essa atitude tanto pode colocar uma pessoa na condição de discípulo de um grande pensador como pode embalá-la na treva da ignorância. O segundo caso ocorre com maior frequência.

As cabeças arrumadas brasileiras, atraídas pela construção de modelos intelectuais harmônicos, dão pouca atenção ao funcionamento da sociedade. Preferem evitar o assunto. **Alguns exemplos.**

O bem-pensar urbano do Rio de Janeiro legislou que é proibido construir apartamentos com menos de 30 metros quadrados. Coisa de gente muito bem educada. Faltou dizer onde vai morar uma família que não tem dinheiro para essa metragem. Na favela, por certo. A discussão dessa lei de incentivo à favelização está fora do debate urbano carioca.

O bem-pensar tributário estabeleceu que os serviços de telefonia devem ser taxados com mão-de-ferro, pois vai-se tomar dinheiro do andar de cima para custear investimentos que atenderão ao de baixo. Deu no seguinte: o patrão fala com Paris de graça pelo Skype e a empregada paga R$ 5 por um telefonema de dez minutos para Bangu. Um imposto destinado a buscar justiça produz injustiça, mas o tema está fora da agenda dos teletecas.

O bem-pensar diplomático levou Lula a propor uma cruzada mundial contra a fome. Fez isso em Genebra, Paris e Nova York. Passados dois anos, contou que gostaria de arrumar recursos para combater a desnutrição da África, aumentando as taxas de embarque nos aeroportos brasileiros. Falta dizer aos usuários do Galeão que eles pagam uma das taxas mais altas do mundo, o dobro do que se cobra no Aeroporto Kennedy.

Num caso mais farisaico, tome-se o exemplo da legislação penal brasileira. Bem pensada, faz inveja a um advogado sueco. São muitos os doutores que fazem palestras pelo mundo descrevendo essa joia de modernidade. Jamais um ministro da Justiça contará que as maravilhas são parolas. O que vale mesmo é a lei da massa. O bandido que entra na prisão passa a uma nova instância judicial, a de seus pares. Maltratou a mãe? Morre. Estupro? Se não morrer, sofre o que fez. Respeito, só para os estelionatários.

No Brasil das cabeças desarrumadas cada tema poderá ser discutido e avaliado isoladamente. Muitas opiniões resultarão contraditórias, mas é esse exercício do juízo individual que enriquece o debate público.

Harmonia e nexo podem ser desejáveis, mas é preferível conviver com pessoas

de cabeça desarrumada cujas opiniões não formam um nexo final do que aturar gente que tem muito nexo mas não se responsabiliza pelas opiniões que dá.

Os trechos em negrito são argumentos exemplificativos que têm como objetivo mostrar a veracidade da tese apresentada no primeiro parágrafo (O resultado do referendo fez um bem ao país. Instaurou o império das cabeças desarrumadas, e o Brasil precisa delas.), comprovando o posicionamento do autor do texto.

1.4. Exercícios

01. **(FGV / MEC / Documentador)**

Atentado à Democracia

Um relatório da Associação Nacional de Jornais (ANJ) revelou que, nos últimos doze meses, foram registrados no Brasil 31 casos de violação à liberdade de imprensa. Destes, dezesseis são decorrentes de sentença judicial – em geral, proferida por juízes de primeira instância. Trata-se de uma anomalia e de uma temeridade. Anomalia porque há muito o Judiciário tem mostrado seu compromisso com a defesa da liberdade de imprensa e do livre pensamento, que é princípio fundamental dos regimes democráticos e cláusula pétrea da Constituição. A derrubada, pelo Supremo Tribunal Federal, da Lei de Imprensa, instrumento de intimidação criado no regime militar, é só um exemplo recente dessa convicção. Assim, um juiz que, de forma monocrática, decide impor a censura a um veículo passa a constituir uma aberração dentro do poder que ele representa. A frequência com que esse tipo de atitude tem se repetido é uma ameaça aos valores democráticos do país e tem como consequência prática e deletéria o prejuízo do interesse público, já que se priva a sociedade do direito à informação.

(Veja, 26 ago.2009.)

Os dois adjetivos que são adequados ao texto lido são:

a) informativo e narrativo;
b) narrativo e normativo;
c) normativo e descritivo;
d) descritivo e argumentativo;
e) argumentativo e informativo.

Gabarito: E

O texto lido deve ser caracterizado como 'argumentativo/informativo'. Podemos observar no texto trechos de caráter informativo como, por exemplo, "Um relatório da Associação Nacional de Jornais (ANJ) revelou que, nos últimos doze meses, foram registrados no Brasil 31 casos de violação à liberdade de imprensa. Destes, dezesseis são decorrentes de sentença judicial – em geral, proferida por juízes de primeira instância. Trata-se de uma anomalia e de uma temeridade" e trechos de caráter argumentativo: "Trata-se de uma anomalia e de uma temeridade. Anomalia porque há muito o Judiciário tem mostrado seu compromisso com a defesa da liberdade de imprensa e do livre pensamento, que é princípio fundamental dos regimes democráticos e cláusula pétrea da Constituição."

02. **(FGV / COMPANHIA DOCAS – SP / Advogado)**

Perda de oportunidades no trabalho

As empresas vinculadas ao setor de petróleo no Brasil treinaram e formaram mais de 80 mil profissionais desde 2007, em um programa de qualificação que abrange do nível básico a cursos de pós-graduação. Mesmo assim, não conseguiram atender a toda a demanda de pessoal qualificado identificada pelo setor. A exemplo do petróleo, vários outros ramos de atividade industrial, da construção ou de serviços têm se envolvido diretamente na formação e treinamento de profissionais que não estão disponíveis no mercado.

Nem por isso os índices de desemprego se tornaram irrelevantes no país. Há muitas pessoas que permanecem sem ocupação por serem inabilitadas às vagas e aos cargos que o mercado oferece. São numerosas oportunidades perdidas que se multiplicarão, se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento – e a qualidade da educação continuar baixa. Afinal, a dificuldade de se formar e qualificar profissionais na velocidade que o mercado hoje demanda se deve, em grande parte, a deficiências do sistema de ensino brasileiro.

Um enorme contingente de jovens deixa as escolas ainda com falta de capacidade de aprender. O ensino técnico profissionalizante, com honrosas exceções, passou anos sem sintonia com o mundo real. A escassez de profissionais qualificados vem forçando uma transformação nesse sistema de ensino, e algumas iniciativas inovadoras começam a apresentar resultados, o que pode motivar a reprodução dessa experiência pelo país inteiro. No caso do Estado do Rio, merecem atenção os chamados Centros de Vocação Tecnológica, mais voltados para jovens da região metropolitana.

Esses centros se diferem do ensino técnico convencional porque ministram cursos de curta duração (de dois meses a um ano, essencialmente) e buscam atender a demandas específicas de grupos de empresas localizadas em suas proximidades. Os planos das autoridades responsáveis por esses centros são de ampliar o número de vagas para 54 mil alunos ainda este ano.

O ensino técnico profissionalizante de fato precisa hoje correr contra o relógio, pois, se persistir a falta de pessoal qualificado, as oportunidades acabam definitivamente perdidas pela desistência dos potenciais empregadores.

Mas, simultaneamente a essa premência de curto prazo, espera-se que a cadeia de ensino no país, da pré-escola à universidade, acelere ou implante programas que possibilitem um substancial salto de qualidade. Educadores já contam com ferramentas pedagógicas e tecnológicas que facilitam essa aceleração. O ensino a distância, mais acessível graças às telecomunicações e aos recursos da informática, pode romper barreiras que antes impediam a universalização de um sistema educacional de boa qualidade.

O aproveitamento das oportunidades que estão surgindo é valioso porque, além da realização pessoal na vida profissional, é um atalho para melhora dos níveis de renda e de bem-estar de fatias cada vez maiores da população brasileira.

Ao lado dos indicadores macroeconômicos, precisamos acompanhar os referentes ao sistema de ensino em geral, e, especificamente, os relativos ao ensino profissionalizante. Sem melhorar a educação pública, milhões continuarão prisioneiros do assistencialismo, e as empresas, desassistidas.

(O Globo, 28 abr.2010.)

O texto classifica-se como:

a) descritivo;
b) narrativo;
c) dissertativo expositivo;
d) dissertativo argumentativo;
e) descritivo-narrativo.

Gabarito: D

O texto Perda de oportunidades no trabalho é predominantemente dissertativo argumentativo. Trata-se de um texto bem definido tipologicamente, pois apresenta de forma bem estruturada introdução, desenvolvimento e conclusão. Nos dois

primeiros parágrafos, podemos observar a presença de tese que tem como objetivo mostrar que o texto será pautado na discussão de que, mesmo com as medidas tomadas para se ter pessoal capacitado para o trabalho na área de petróleo, as oportunidades perdidas serão muitas se a qualidade de educação continuar baixa e se a economia continuar a crescer. Nos parágrafos seguintes, verificamos os argumentos utilizados para defender a tese proposta, principalmente, no que tange às críticas ao ensino técnico profissionalizante do país e, por fim, no último parágrafo, podemos destacar a sugestão do autor para os problemas levantados no decorrer do texto.

03. **(FGV / COMPANHIA ÁGUAS E ESGOTOS – RN / Agente administrativo)**

O futuro das cidades é verde

Cada vez mais humanos vivem em cidades. Somos 3,3 bilhões de pessoas em áreas urbanas – o que corresponde a 51% da população mundial, contra 49% de habitantes de áreas rurais, segundo dados da ONU. Apesar da escalada das megalópoles ao longo do século XX, essa inversão ocorreu em escala global apenas em 2008. No Brasil, o fenômeno consolidou-se já na década de 70. Hoje, apenas 16% dos 192 milhões de brasileiros vivem na zona rural, de acordo com o IBGE. Com tanta gente ocupando o mesmo espaço, agravam-se os problemas de saneamento, transporte e uso de recursos naturais, entre muitos outros. Como solucionar esses problemas é a pergunta do momento.

Durante o mês de março, o Brasil transforma-se em sede de três eventos que pretendem respondê-la. A Conferência Internacional das Cidades Inovadoras (CICI2010) recebeu especialistas e prefeitos de diversas partes do mundo entre os dias 10 e 13, em Curitiba (PR). Na sequência, acontecem a Conferência Latino-Americana de Saneamento (Latinosan 2010), de 14 a 18 em Foz do Iguaçu (PR), e a Primeira Jornada Internacional sobre Energias Renováveis, Eficiência Energética e Poder Local, em Betim (MG), entre os dias 17 e 19.

Um dos especialistas escalados para a CICI2010 é o americano Marc Weiss, presidente da organização Global Urban Development (Desenvolvimento Global Urbano). O gestor acredita que o principal desafio à nossa frente é gerar crescimento econômico sustentável e qualidade de vida para todos em todos os lugares. "Com uma combinação de inovação tecnológica e uma elevada eficiência, as cidades poderão gerar uma expansão substancial de negócios e empregos o que vai culminar em comunidades mais saudáveis e em harmonia com os ciclos da

natureza", diz. O fato de eventos como esses acontecerem por aqui não é mera coincidência. O País vem se tornando protagonista no combate às mudanças climáticas, principalmente depois da Conferência do Clima da ONU (COP-15), realizada em dezembro em Copenhague, na Dinamarca.

Na ocasião, o governo brasileiro apresentou metas ambiciosas de redução de emissões de gases do efeito estufa, um dos grandes problemas gerados pela concentração de automóveis em centros urbanos. "O Brasil está se tornando um líder mundial no trabalho de estabelecer um novo e alto padrão de desenvolvimento urbano e industrial sustentável", acredita Weiss. "O desenvolvimento sustentável é política de governo em algumas cidades, e não apenas um conjunto de medidas dirigidas a questões pontuais", diz Laura Valente de Macedo, diretora regional para América Latina e Caribe do ICLEI Governos Locais pela Sustentabilidade. Ela cita Freiburg, Bonn (ambas na Alemanha), Malmö e Växjo (as duas na Suécia) como exemplos. "Entre suas muitas iniciativas, todas têm em comum a ênfase no uso de energias renováveis, como a solar, o biogás e a eólica", afirma. Há quem esteja ousando ainda mais nesse desafio. O escritório Gale International está construindo – em parceria com a gigante de tecnologia Cisco – a cidade mais sustentável do mundo. Nova Songdo, na Coreia do Sul, deve ficar pronta em 2015 e contará com tecnologias que reduzem o consumo de energia e utilizam materiais naturais e reciclados.

Existem planos para construir mais 20 centros urbanos parecidos na China e na Índia nos próximos anos. Uma excelente oportunidade para o Brasil ter cidades que se aproximem desse sonho são os eventos esportivos que o País vai sediar nos próximos anos. Para receber a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016, os organizadores tiveram de se submeter a uma série de medidas ambientais. Coleta seletiva do lixo, uso racional de água, economia de energia e transportes que usem combustível de forma racional são algumas delas. Mesmo que não houvesse essa obrigatoriedade, até lá já viveremos um outro tempo. O Protocolo de Kyoto vence em 2012. Ou seja: o mundo terá uma nova política de emissões de gases estufa. No mesmo ano, acontece a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, no Rio de Janeiro – reedição da Rio-92. A bola está conosco.

(JULIÀO, André.. Isto É, ed. 2105, março 2010. Com adaptações)

Quanto à sua tipologia, o texto deve ser classificado como:

a) narrativo;
b) descritivo;
c) injuntivo;
d) oratório;
e) dissertativo.

Gabarito: E

O texto O futuro das cidades é verde é dissertativo e predominantemente informativo. O texto mostra que problemas com saneamento, transportes e uso de recursos humanos aumentam à medida que também aumenta o número de humanos que vivem nas cidades. Nos parágrafos de desenvolvimento observamos a existência de argumentos de autoridade que dão credibilidade aos dados apresentados pelo autor, uma vez que todos são fornecidos por órgãos ou por pessoas responsáveis pela veracidade dessas informações. Todo o desenvolvimento desemboca na conclusão proposta pelo autor de que será uma grande oportunidade de desenvolvimento sustentável para o Brasil quando o prazo do protocolo de Kyoto vencer pois será no mesmo ano da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio ambiente e Desenvolvimento.

04. **(FGV / TRE– PA / Analista judiciário)**

Financiamento de campanhas eleitorais: aspectos éticos

Além dos aspectos legais, as empresas que decidirem participar do processo eleitoral devem buscar procedimentos éticos na tomada de decisões relacionadas ao financiamento de candidatos e partidos políticos.

Tradicionalmente, os controladores das empresas são os responsáveis pela decisão de como os recursos devem ser distribuídos entre candidatos e partidos. Os sócios e colaboradores dificilmente são consultados, e muitas vezes o apoio reflete mais as posições pessoais dos controladores do que os valores e princípios das empresas.

A consulta aos sócios e colaboradores sobre candidatos e partidos que a empresa deve apoiar não implica, necessariamente, transformar a decisão desse apoio em algo coletivo. O simples fato de consultá-los ajuda a criar um ambiente socialmente responsável nas empresas. É certo que a separação dos valores e princípios pessoais dos controladores dos valores e princípios das empresas e, mais ainda, a transformação dessa dissociação em um novo critério para a tomada de decisões

sobre aspectos tão sensíveis como o apoio a determinado partido ou candidato ainda é uma atitude difícil para grande parte dos empresários. Também é certo, por outro lado, que, ao aumentarem a transparência do processo de tomada de decisões, as empresas adquirem o respeito das pessoas e comunidades que são impactadas por suas atividades e são gratificadas com o reconhecimento e engajamento dos seus colaboradores e a preferência dos consumidores, em consonância com o conceito de responsabilidade social, o qual, é sempre bom lembrar, está se tornando cada vez mais fator de sucesso empresarial e abrindo novas perspectivas para a construção de um mundo economicamente mais próspero e socialmente mais justo.

Outra iniciativa que pode ter grande impacto junto aos colaboradores, parceiros e sócios das empresas é a promoção de debates sobre o processo eleitoral e o funcionamento e atribuições das instâncias de poder em jogo nas eleições (Presidência da República, Senado, Câmara Federal e Assembleias Legislativas). As empresas podem convidar candidatos, cientistas políticos, jornalistas e administradores públicos para a discussão de ideias, propostas e conceitos. Também podem incentivar debates políticos dentro da empresa, bem como trazer matérias sobre o tema em publicações internas. É importante desmistificar a ideia de que política é uma sujeira só e sem utilidade. Essa é uma forma de contribuir para aumentar a consciência política e a qualidade do voto dentro de toda a cadeia produtiva, entre os parceiros e colaboradores. Esse procedimento ajuda a criar na sociedade ambiente ético e transparente, acentuando a democracia nas relações sociais e políticas.

Além de consultar sócios, parceiros e colaboradores e de realizar debates, as empresas podem também promover campanhas de esclarecimento junto a seus colaboradores. Um conceito útil para ser adotado é o do voto consciente.

Infelizmente, ainda hoje assistimos no Brasil a fenômenos que há muito deveriam ter sido excluídos da vida política nacional, como a compra de votos e a atitude de diversos candidatos, durante as campanhas eleitorais, de "doar" cestas básicas e toda a sorte de brindes em troca da promessa de voto dos eleitores. O conceito de voto consciente é justamente o contraponto dessas práticas, visando estabelecer critérios racionais que façam do voto um instrumento de cidadania. Voto consciente é aquele em que o cidadão pesquisa o passado dos candidatos, avalia suas histórias de vida e analisa se as promessas e programas eleitorais são

coerentes com as práticas dos candidatos e de seus partidos.

(Instituto Ethos. A Responsabilidade Social das Empresas no Processo Eleitoral. Disponível em: <www.ethos.org.br>. Com adaptações.)

O texto se classifica como:

a) narrativo;
b) injuntivo;
c) descritivo;
d) dissertativo;
e) epistolar.

Gabarito: D

O texto Financiamento de campanhas eleitorais: aspectos éticos é dissertativo. O texto apresenta de forma bem estruturada introdução, desenvolvimento e conclusão. No primeiro parágrafo, podemos observar a presença de tese: "Além dos aspectos legais, as empresas que decidirem participar do processo eleitoral devem buscar procedimentos éticos na tomada de decisões relacionadas ao financiamento de candidatos e partidos políticos." Nos parágrafos seguintes, verificamos que os argumentos utilizados para defender a tese proposta são todos direcionados aos procedimentos éticos que devem ser adotados pelas empresas, colaboradores e partidos políticos. No último parágrafo, verificamos que a conclusão do autor apresenta a importância do ato de votar e a necessidade de se ter um voto consciente.

05. **(Cesgranrio / SECAD – TO / Médico)**

A sua vez

Boa parte das brincadeiras infantis são um ensaio para a vida adulta. Criança brinca de ser mãe, pai, cozinheiro, motorista, polícia, ladrão (e isso, você sabe, não implica nenhum tipo de propensão ao crime). E, ah, quando não há ninguém por perto, brinca de médico também. É uma forma de viver todas as vidas possíveis antes de fazer uma escolha ou descoberta. Talvez seja por isso que a gente pare de brincar aos poucos – como se tudo isso perdesse o sentido quando viramos adultos de verdade. E tudo agora é para valer. Mas será que parar de brincar é, de fato, uma decisão madura?

Atividades de recreação e lazer estimulam o imaginário e a criatividade, facilitam a socialização e nos ajudam a combater o estresse. Mas, se tudo isso for o

objetivo, perde a graça, deixa de ser brincadeira. Vira mais uma atividade produtiva a cumprir na agenda. Você só brinca de verdade (ainda que de mentirinha) pelo prazer de brincar. E só. Como escreveu Rubem Alves, quem brinca não quer chegar a lugar nenhum – já chegou.

Leandro Quintanilha

Quanto à tipologia, o Texto I classifica-se como:

a) injuntivo;
b) narrativo;
c) descritivo;
d) expositivo;
e) argumentativo.

Gabarito: E

No texto, observamos a preocupação do autor em defender a tese de que é necessário brincar até mesmo quando já se é adulto e, principalmente, o texto é composto de opiniões e pensamentos do autor do texto que expressam sua opinião, características que são fundamentais a um texto dissertativo argumentativo.

06. **(Cesgranrio / PETROBRAS / Analista de sistemas júnior)**

TEMPO DE ESCOLHER

"Um homem não é grande pelo que faz, mas pelo que renuncia." (Albert Schweitzer)

Muitos amigos leitores têm solicitado minha opinião acerca de qual rumo dar às suas carreiras. Alguns apreciam seu trabalho, mas não a empresa onde estão. Outros admiram a estabilidade conquistada, mas não têm qualquer prazer no exercício de suas funções. Uns recebem propostas para mudar de emprego, financeiramente desfavoráveis, porém, desafiadoras. Outros têm diante de si um vasto leque de opções, muitas coisas para fazer, mas não conseguem abraçar tudo.

Todas estas pessoas têm algo em comum: a necessidade premente de fazer escolhas. Lembro-me de Clarice Lispector: "Entre o 'sim' e o 'não', só existe um caminho: escolher."

Acredito que quase todas as pessoas passam ao longo de sua trajetória pelo "dilema da virada". Um momento especial em que uma decisão clara, específica e irrevogável tem que ser tomada simplesmente porque a passam por isso aos 15

anos, outras, aos 50. Algumas talvez nunca tomem esta decisão, e outras o façam várias vezes no decorrer de sua existência.

Fazer escolhas implica renunciar a alguns desejos para viabilizar outros. Você troca segurança por desafio, dinheiro por satisfação, o pouco certo pelo muito duvidoso. Assim, uma companhia que oferece estabilidade com apatia pode dar lugar a outra dotada de instabilidade com ousadia. Analogamente, a aventura de uma vida de solteiro pode ceder espaço ao conforto de um casamento.

PRAZER E VOCAÇÃO

Os anos ensinaram-me algumas lições. A primeira delas vem de Leonardo da Vinci, que dizia que "A sabedoria da vida não está em fazer aquilo que se gosta, mas em gostar daquilo que se faz". Sempre imaginei que fosse o contrário, porém, refletindo, passei a compreender que quando estimamos aquilo que fazemos, po demos nos sentir completos, satisfeitos e plenos, ao passo que se apenas procurarmos fazer o que gostamos, estaremos sempre numa busca insaciável, porque o que gostamos hoje não será o mesmo que prezaremos amanhã.

Todavia, é indiscutivelmente importante aliar prazer às nossas aptidões; encontrar o talento que reside dentro de cada um de nós, ao que chamamos de vocação. Oriunda do latim vocatione e traduzida literalmente por "chamado", simboliza uma espécie de predestinação imanente a cada pessoa, algo revestido de certa magia e divindade.(…)

Escolhas são feitas com base em nossas preferências. E aí recorro novamente à etimologia das palavras para descobrir que o verbo preferir vem do latim praeferere e significa "levar à frente". Parece-me uma indicação clara de que nossas escolhas devem ser feitas com os olhos no futuro, no uso de nosso livre arbítrio.

O mundo corporativo nos guarda muitas armadilhas. Trocar de empresa ou de atribuição, por exemplo, são convites permanentes. O problema de recusá-los é passar o resto da vida se perguntando "O que teria acontecido se eu tivesse aceitado?". Prefiro não carregar comigo o benefício desta dúvida, por isso opto por assumir riscos evidentemente calculados e seguir adiante. Dizem que somos livres para escolher, porém, prisioneiros das consequências…

Para aqueles insatisfeitos com seu ambiente de trabalho, uma alternativa à mudança de empresa é postular a melhoria do ambiente interno atual. Dialogar e apresentar propostas são um bom caminho. De nada adianta assumir uma postura

meramente defensiva e crítica. Lembre-se de que as pessoas não estão contra você, mas a favor delas.

Por fim, combata a mediocridade em todas as suas vertentes. A mediocridade de trabalhos desconectados com sua vocação, de empresas que não valorizam funcionários, de relacionamentos falidos. Sob este aspecto, como diria Tolstoi, "Não se pode ser bom pela metade". Meias-palavras, meias-verdades, meias-mentiras, meio caminho para o fim.

Os gregos não escreviam obituários. Quando um homem morria, faziam uma pergunta: "Ele viveu com paixão?".

QUAL SERIA A RESPOSTA PARA VOCÊ?

COELHO, Tom. Disponível em: <http://www.catho.com.br/jcsinputer_view.phtml?id=6415>. Acesso em: 07 mai. 2008. (adaptado)

Quanto ao tipo, o texto classifica-se predominantemente, como:

a) expositivo;
b) injuntivo;
c) descritivo;
d) narrativo;
e) argumentativo.

Gabarito: E

O texto é dividido em dois momentos. O primeiro "Tempo de escolher" em que o autor justifica o motivo de elaborar o texto em questão. No segundo momento "Prazer e vocação", o autor do texto sugere aos seus leitores, principalmente para aqueles que enviaram as cartas como mostra o primeiro momento do texto, que há necessidade de escolha sem culpa. Em todo o texto observamos claramente as opiniões, pensamentos e convicções do autor, tais características nos permitem classificar o texto como dissertativo argumentativo.

07. **(Cesgranrio / BNDES / Técnico de arquivo)**

A era do tô me achando

5 "Bacanas teus óculos", falei. Leves, classudos, num tom esportivamente escuro, cada lente com uma sombra que subia de baixo para cima, tornavam misterioso o olhar do amigo, um jovem editor. Comentei que nunca o tinha visto de óculos. Ele devolveu: "Pois é, mas eu estava com a vista cada vez mais cansada, até que fui ao oculista e ele me disse que precisava usar. Dois graus de miopia.

Excesso de leitura. Fazer o quê…", compungiu-se, o olhar vago, empurrando o par de lentes nariz acima com um charme intelectualmente sofrido. Mês depois, encontrei uma amiga cujo pai é oftalmologista. Entre anedota e outra, ela me contou que um curioso cliente do pai havia pedido um modelo de óculos sem grau. É, era ele mesmo – o editor.

10 Vivemos tempos curiosos. A cada segundo, e através de todos os meios possíveis, somos expostos aos corpos mais perfeitos, às biografias mais irretocáveis, à pose generalizada de famosos e anônimos. Vaidade pura. Mas um momento: você já experimentou sair por aí todo mulambento, comparecer despenteado a uma entrevista de emprego, esconder de parentes e amigos aquele êxito nos estudos? Impossível, não? Porque, hoje, não ter vaidade – não ter o hábito de apregoar aos quatro cantos, reais e virtuais, o quanto você pode ser atraente, sensacional e único – parece ser um dos maiores pecados da nossa era, esse tempo em que todo mundo parece estar "se achando".

15

20 Por isso, os óculos de araque do meu amigo. No meio altamente intelectualizado em que ele vive, circulando entre Festas Literárias de Paraty e debates seguidos de sessões de autógrafo nas livrarias mais chiques do eixo Rio-São Paulo, ostentar uma armação bacanuda é o equivalente, em termos culturais, às pernas muito bem torneadas – horas de academia – da mocinha da novela das 8. Ou seja: tudo é vaidade.

25

(BRESSANE, Ronaldo. Vida simples. out. 2009.)

Em qual sequência é caracterizada uma descrição?

a) "Leves, classudos, num tom esportivamente escuro, cada lente com uma sombra que subia de baixo para cima," (l 1-3)

b) " 'Pois é, mas eu estava com a vista cada vez mais cansada, até que fui ao oculista…' " (l. 5-7)

c) "Mês depois, encontrei uma amiga cujo pai é oftalmologista." (l. 11-12)

d) "ela me contou que um curioso cliente do pai havia pedido um modelo de óculos sem grau." (l. 12-14)

e) "É, era ele mesmo – o editor." (l. 14)

Gabarito: A

Apenas na letra A observamos uma enumeração de adjetivos que nos fazem criar uma imagem descritiva, por isso, esse trecho deve ser classificado como descritivo.

08. **(Cespe / UERN / Técnico de nível superior)**

Como você pode ver, uma garotinha está deitada displicentemente no colo de um senhor bem velhinho e bem simpático. Ela parece um anjo. Loirinha, cabelo castanho claro, encaracolado, nariz e boca perfeitos, ar inteligente e sadio, uma dessas crianças que a gente vê em anúncios. Pelo jeito, deve ter uns três ou quatro anos, não mais que isso. Ela está vestida em um desses macaquinhos de flanela, com florezinhas azuis e vermelhas e uma malha creme por baixo. Calçando um tênis transadíssimo nas discretas cores amarelo, vermelho e azul, o que nos mostra que a mocinha não é apenas novinha, mas moderninha também. O velhinho tem um tipo bem italiano. O boné cinza é típico desses senhores que a gente vê passeando pelo Bixiga nos domingos à tarde. Estatura mediana, cabelos e bigodes branquinhos, rosto e mãos enrugadas que traem uma idade bem avançada. Paletó marrom e calça cinza, ambos de lã, malha creme, abotoada até o último botão, como faz todo senhor que se preze. Embaixo da malha, uma camisa azul, mas bem azul mesmo, que destoa de todo o conjunto. O que prova que o cavalheiro e a mocinha apreciam cores fortes. Pela roupa que os dois estão vestindo e pela carinha rosada dela, deve estar fazendo muito frio. Fato que o ar enevoado e cinzento do jardim, que está atrás deles, vem a comprovar. Os dois estão sentados em um balanço de madeira de cor verde, desses em que cabem apenas duas pessoas e que são bastante comuns em quintais, varandas e jardins de casas de classe média, classe média alta. Ela está comodamente estirada. Com a cabeça entre o ombro e a barriga do velhinho e os pés apoiados numa almofada de crochê de cor creme. Nas mãos, ela traz um livro de histórias cheio de desenhos coloridos. Livro esse que, olhando atentamente, você verá que se trata da história da Bela Adormecida. O que, aliás, é muito engraçado, porque enquanto a bela conta a história da Bela Adormecida, o velho é que adormeceu. Ele dorme a sono solto. Com uma mão envolta na dela e a outra apoiada sobre sua própria perna direita, na altura do joelho, ambos, à sua maneira, estão sonhando. Ele sonha dormindo, ela sonha acordada. A menina está divagando no colo do avô. Isso mesmo: do avô.

Porque o velho que você está vendo só pode ser o avô dela. Pela intimidade com que ela está comodamente instalada no colo dele, percebe-se que não pode ser visita, pessoa de cerimônia. E, sim, alguém bem chegado, alguém da família. Para

um estranho, ouvir essa história contada por uma criaturinha tão linda seria uma novidade excitante, que dificilmente o faria cair no sono. E, se não fosse por isso, um estranho também não cairia no sono, pelo menos por dever de educação. Resistiria bravamente até a Bela Adormecida acordar. Além disso, é só olhar para a roupa caseira que ele está usando para perceber que não é alguém que foi fazer uma visita. É pessoa da casa mesmo, pai não é. Ele é muito velhinho para ser o pai dela. E pouco provavelmente seria um tio. Tanto pela idade quanto pela disponibilidade e paciência. Tio dá doces, presentes, mas ouvir histórias intermináveis, contadas por uma narradora que de vez em quando divaga, tio não faz. Só pode ser mesmo um avô ouvindo pela milésima vez a mesma história, que para ele deve ser sempre igual e para ela deve ser sempre diferente. Ela, por sua vez, não se deve importar com que seu ouvinte durma. Afinal, ela só quer colo e aquela mão terna, enrugada e querida em volta da sua cintura pequenina. Mesmo desatento, ele está dando a ela seu tempo e seu carinho sonolento. O balanço de jardim pode ser gostoso de sentar. Mas como você pode ver não é o local mais confortável para se dormir. Principalmente em um dia frio como esse, em um descampado de uma varanda. Mas o fato é que ele não sente a dureza do balanço porque dorme, e ela, igualmente, não sente a dureza da madeira e a frieza do tempo por vários motivos: primeiro, porque sonha, e no sonho não há desconforto ou frio. E, segundo, porque ela tem a barriga do avô como travesseiro, o braço dele como edredom e uma almofada como encosto para seus pés e seu tênis multicolorido. Juntos os dois, ali na varanda, vivem um momento de que ela vai se lembrar sempre e ele não vai se lembrar de nada. Até mesmo nada da história. Por isso, é que ela vai ter de contar e recontar essa história para o avô centenas de vezes. Principalmente para reviver os trechos que ele perdeu com seus cochilos. Assim como você vai ter de ler e reler muitas vezes esse texto até conseguir enxergar toda a beleza e ternura contidas nessa cena. Ou pelo menos uma pequena parte dela.

UMA FOTO SERIA MELHOR 19 de agosto – dia do fotógrafo

("Este texto tem mil palavras". Folha de S. Paulo, 19 ago. 1988. Apud: Platão e Fiorin. Para entender o texto. São Paulo: Ática, 1999, p.378-80, com adaptações.)

Assinale a opção correta a respeito das características tipológicas predominantes no texto.

a) Predomina no texto a descrição, já que o relato feito envolve uma cena

estática, isto é, em que nenhum acontecimento pode ser considerado cronologicamente anterior a outro.

b) O texto é eminentemente narrativo, pois expõe a história da menina e do senhor.

c) O texto é essencialmente poético, tendo em vista a linguagem e os recursos de métrica utilizados.

d) Há uma ação em curso, cujo contexto é descrito em detalhes no texto; portanto, ele pode ser caracterizado tanto como descritivo quanto como narrativo.

e) A disposição em um único parágrafo denota a ausência de características narrativas e dissertativas do texto, uma vez que tais tipos textuais são estruturados a partir de parágrafos.

Gabarito: A

O texto é predominantemente descritivo uma vez que tem como objetivo principal descrever lugares e personagens, por isso, notamos a presença substancial de adjetivos.

09. **(Cespe / TRE–MT / Técnico judiciário / programador de sistemas)**

Diariamente, milhões de pessoas em todo o mundo conectam-se à Internet e mais de doze milhões de e-mails são enviados. Isso sem se mencionar o número de negócios fechados e o dinheiro movimentado. Com o advento do computador e, mais tarde, da Internet, as informações e os grandes negócios acontecem com uma velocidade impressionante. Resultado de um mundo globalizado, em que a informação se transformou na moeda corrente. E, quando o assunto é informação, ou seja, transmitir informações, nada melhor do que utilizar a tecnologia. A cada dia, mais e mais serviços são disponibilizados por empresas para que as pessoas interessadas tenham acesso à informação de maneira rápida e eficaz.

Internet: <www.caieiraspress.com.br> (com adaptações).

O texto em questão é, predominantemente:

a) narrativo;

b) descritivo;

c) dissertativo;

d) dialógico;

e) instrucional.

Gabarito: C

O texto é dissertativo pois apresenta informações sobre o avanço da Internet e seus benefícios, além disso é um texto elaborado na terceira pessoa sem características descritivas ou narrativas.

10. **(Cespe / UERN / Agente técnico administrativo)**

Único bioma de ocorrência exclusiva no Brasil, que já ocupou 10% do território nacional, a caatinga experimenta um processo acelerado de desmatamento – que pode significar a desertificação do semiárido nordestino. Com 510 espécies de aves e 148 de mamíferos, a caatinga padece da ausência de uma política clara de conservação que estanque o processo de desflorestamento e ajude a impedir a formação de um deserto em pleno Nordeste, ameaça concreta diante do aquecimento global do clima no planeta. Quase dois terços da área sob risco de desertificação no Brasil estão na caatinga, que já teve, a exemplo do cerrado, aproximadamente metade de sua extensão, que é de 826.000 km^2, destruída.

Jornal do Commercio, Pernambuco,16 mar. 2010. (com adaptações).

Assinale a opção correspondente ao tipo textual predominante no texto.

a) Narrativo.
b) Descritivo.
c) Dissertativo.
d) Dialógico.
e) Persuasivo.

Gabarito: C

O texto é dissertativo pois apresenta informações sobre o que acontece com a caatinga do Brasil, além disso é um texto elaborado na terceira pessoa sem características descritivas ou narrativas.

Capítulo 2

Semântica de Nomes

A classificação **substantivo/adjetivo** é estabelecida a partir de critério semântico estruturado na subdivisão em substantivos e adjetivos, sendo aqueles os termos determinados, e estes, os determinantes daqueles. **Substantivos – determinados; adjetivos – determinantes (dos substantivos)**.

Ex.: bandeira (determinado) brasileira (determinante)

Ex.: simpáticas (determinante) pessoas (determinado)

A principal característica dos **substantivos** é a designação de seres, é nomear elementos cuja existência é pacífica.

Televisão – substantivo que nomeia objeto que tem por fim a transmissão de imagens longínquas.

Amor – substantivo que nomeia sentimento de homens e animais.

A função precípua do **adjetivo** é a caracterização de seres, por meio de elemento qualificador – onde se expressa um juízo de valor –, ou classificador – em que se expõe apenas um traço distintivo em relação a outros seres da mesma espécie.

Obs.: Existem situações em que uma mudança de posição entre substantivo e adjetivo pode gerar alteração semântica. Tal fato pode ser fantasticamente exemplificado pela seguinte passagem de "Memórias Póstumas de Brás Cubas" de Machado de Assis: "Eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor.". Quando ele informa que não é autor defunto, isso significa dizer que não se trata de autor falecido. Depois, ao aduzir que é defunto autor, assevera que é um morto – é importante destacar, depois de morto – que se torna autor.

Dependendo do contexto, pode-se observar essa diferença semântica também nas seguintes construções: O período "Ela é uma boa funcionária." sugere que se trata de uma funcionária competente; já na frase vulgar "Ela é uma funcionária boa.", o sentido é que seria uma funcionária com atraentes atributos físicos.

2.1. ADJETIVO SUBJETIVO OU COM VALOR DE QUALIDADE

Ocorre quando a qualificação expressa a opinião de quem o utilizou, ou seja, possui nítido valor opinativo.

Ex.: boa compra, cerveja gostosa, bem valioso.

2.2. ADJETIVO OBJETIVO OU COM VALOR DE CARACTERÍSTICA

Ocorre quando o adjetivo não expõe a opinião de quem o usou. É uma qualidade inerente ao ser.

Ex.: Problemas gástricos, indicadores sociais, povo brasileiro.

2.3. EXERCÍCIOS

01. **(Cesgranrio)**

Assinale a opção em que a mudança na ordem dos termos pode alterar o sentido fundamental da expressão:

a) própria usina / usina própria;
b) eminentes físicos / físicos eminentes;
c) rápido desfecho / desfecho rápido;
d) parcelas ponderáveis / ponderáveis parcelas;
e) separação rígida / rígida separação.

Gabarito: A

Em "própria usina", o sentido é "mesma usina". Já em "usina própria", o sentido é a usina ser de propriedade de alguém.

02. **(NCE / Perito da Polícia Civil)**

Qualquer assaltante apresenta sentido diferente de um assaltante qualquer; o par abaixo que não apresenta diferença significativa de sentido é:

a) pobre homem/homem pobre;
b) funcionário competente / competente funcionário;

c) grande mulher/mulher grande;
d) folha branca/branca folha;
e) bom menino/menino bom.

Gabarito: D

Em "pobre homem", o significado é triste homem, homem cujo destino não foi bom. Já em "homem pobre", o sentido é de homem desprovido de riquezas. O sentido de "funcionário competente" é funcionário a quem compete uma atividade. Já em "competente funcionário", o sentido é funcionário eficiente, eficaz. Em "grande mulher", o sentido é de mulher com grandes realizações, empreendimentos. Em "mulher grande", trata-se de mulher de exagerada estatura. Em "bom menino", o sentido é de menino educado, obediente. Já em "menino bom", o significado é menino com bons sentimentos.

03. **(Ministério Público – RJ)**

O adjetivo abaixo de valor nitidamente subjetivo é:

a) imprensa brasileira;
b) proposta milionária;
c) incitamento racista;
d) jovem negro;
e) brilhante futuro.

Gabarito: E

O adjetivo de valor subjetivo é aquele que expressa a opinião de quem o utiliza. Os adjetivos BRASILEIRA, RACISTA e NEGRO têm caráter objetivo, pois sugerem tão somente uma característica do substantivo determinado por eles. Sendo assim, o candidato ficou em dúvida quanto às alternativas B e E. Fazendo uma análise mais minuciosa, percebe-se que o adjetivo MILIONÁRIA não é subjetivo, pois não indica opinião. Vê-se: uma proposta de dois milhões de dólares para Michael Schumacher correr na sua escuderia é milionária, mas não é boa. Proposta milionária é aquela que envolve milhões. Já o adjetivo BRILHANTE é totalmente subjetivo, visto que denuncia uma visão do autor.

04. **(NCE / IBGE)**

"...me parece <u>infundada</u> a acusação."; adjetivo sublinhado corresponde semanticamente a:

a) sem fundos;

b) sem fundações;
c) sem fundamento;
d) sem finalidade;
e) sem fingimento.

Gabarito: C

O prefixo IN sugere negação, e o radical FUND provém do verbo FUNDAR, no sentido de BASEAR-SE, FUNDAMENTAR-SE, ESTRIBAR-SE. Logo, INFUNDADA significa SEM BASE, SEM FUNDAMENTO, SEM ESTRIBO, SEM APOIO.

05. **(NCE / TJ / Auxiliar de Cartório)**

"... entorpecimento completo ou parcial..."; a relação semântica existente entre os adjetivos completo e parcial, repete-se em:

a) inverno e verão;
b) tranquilo e agitado;
c) paralisados e imóveis;
d) branco e claro;
e) amarelo e amarelado.

Gabarito: B

O candidato é induzido a marcar a opção E, no entanto é importante observar a verdadeira relação entre os adjetivos completo e parcial. Parcial significa não completo, incompleto, ou seja, a relação que existe entre os adjetivos é de oposição e não de parte e todo, como parece num primeiro instante. Os adjetivos que apresentam a mesma relação de contrariedade são tranquilo e agitado. Agitado significa não tranquilo, intranquilo. Perceba que os adjetivos parcial e agitado possuem o mesmo sentido que completo e parcial, acrescendo-se a estes o prefixo negativo. PARCIAL e IMPARCIAL, TRANQUILO e INTRANQUILO.

06. **(NCE)**

Nos segmentos torres gêmeas, manchete ruim, jornal brasileiro e filme açucarado, os adjetivos de caráter claramente objetivo são:

a) gêmeas / ruim;
b) gêmeas / brasileiro;
c) ruim / brasileiro;
d) brasileiro / açucarado;
e) ruim / açucarado.

Gabarito: B

Os adjetivos RUIM e AÇUCARADO possuem nítido valor subjetivo (opinativo). O que é ruim para uns, pode ser bom para outros. A mesma interpretação ocorre com açucarado. Já os adjetivos gêmeas e brasileiro são qualificações que independem de opiniões.

07. **(NCE / AGU)**

Os adjetivos são uma classe de palavra que determina palavras em função substantiva e indicam características ou qualidades desses substantivos; o item com um adjetivo sublinhado com valor de característica é:

a) "Há um caminho **simples**: proibir";

b) "Pois cidadãos **responsáveis** e consumidores **conscientes** se forjam com informação";

c) "Não poderia haver reivindicação mais **justa**…";

d) "Sejam elas **ilegais, perigosas** ou socialmente condenáveis;

e) Para todo problema **complicado** há uma solução…".

Gabarito: D

O adjetivo com valor de característica é o que possui um atributo objetivo, ou seja, independe da opinião de seu usuário. Perceba que os adjetivos "simples" **a)**, "responsáveis" **b),** "conscientes" **b),** "justa" **c),** "perigosas" **d)** e "complicado" **e)** possuem valor subjetivo, ou seja, ocorre adjetivação que sugere a opinião de quem o utiliza; portanto, o que pode ser simples, responsável, consciente, justo, perigoso e complicado para uns, pode não ser necessariamente para outros. Já o adjetivo "ilegais" **(opção D)** é uma adjetivação indiscutível, isto é, não há possibilidade de uma atitude ser considerada legal por uns e ilegal por outros.

08. **(NCE / ELETROBRAS)**

O item em que o adjetivo sublinhado, quando deslocado para antes ou depois do substantivo por ele determinado, NÃO apresenta possibilidade de qualquer modificação de sentido é:

a) fato <u>novo</u>;

b) mal <u>velho</u>;

c) poupanças <u>populares</u>;

d) <u>antigas</u> realizações;

e) espantosas propostas.

Gabarito: E

O significado de fato novo pode ser de fato recente, que aconteceu há pouco. Já novo fato significa fato inédito. Em mal velho, o sentido é mal recorrente, que acontece reiteradamente. Velho mal já pode significar "mal" que já acontece há bastante tempo. Em antigas realizações, cabe a leitura de realizações que remetem à antiguidade. Já "realizações antigas" passa a ideia de ultrapassadas, antiquadas. Em "espantosa proposta", a leitura só pode ser de algo que gera espanto, já "proposta espantosa" permite a leitura de algo inesperado, diferente daquilo que se esperava.

2.4. POLISSEMIA

São os vários significados que um vocábulo pode ter.

Ex.: Quem casa (verbo CASAR) quer casa (lar).

Ex.: Ele manga (debocha) quando como manga (fruta) e sujo a camisa até a manga (parte da camisa).

Ex.: Sentei-me no banco (cadeira) da praça bem em frente ao único banco (posto bancário) da cidade.

2.5. AMBIGUIDADE OU ANFIBOLOGIA

Ocorre quando a frase permite dupla interpretação.

Ex.: O candidato que estuda frequentemente passa.

Há aí a dúvida quanto ao atrelamento sintático de "frequentemente". Não se sabe exatamente se o candidato frequentemente passa ou se ele frequentemente estuda.

Ex.: A convocação de Zagallo agradou a todos.

Paira a dúvida quanto de Zagallo praticar ou sofrer a ação. Zagallo pode ter convocado ou pode ter sido convocado.

Ex.: Joana pediu ao amigo do marido para que lhe entregasse o documento.

Fica a dúvida quanto ao fato de o pronome oblíquo LHE estar fazendo referência ao marido ou a ela própria.

Ex.: O tio do meu amigo que viajou para a Europa foi nomeado assessor da

presidência.

Fica a dúvida quanto a quem viajou para a Europa. O pronome relativo QUE tanto pode fazer referência a "tio"quanto a "amigo".

Ex.: Pedro saiu com a sua irmã.

Há a dúvida quanto ao emprego do pronome possessivo. Não fica claro se "sua" refere-se a Pedro (irmã do Pedro) ou ao leitor (irmã do leitor).

2.6. EXERCÍCIOS

01. **(NCE / POLÍCIA CIVIL-RJ)**

"...e o exemplo que escolheu para ilustrar SEU comentário."; o item abaixo em que o uso do possessivo SEU gera ambiguidade é:

a) O publicitário fez comentários sobre SEU outdoor;

b) O cronista levou o cachorro em SEU automóvel;

c) O jornalista transportou as mercadorias em SEU horário de trabalho;

d) O secretário viu o professor do debate em SEU escritório;

e) O jornalista nada dizia sobre SEU texto.

Gabarito: D

Pela formulação da frase, o emprego do pronome possessivo pode ter como referente SECRETÁRIO ou PROFESSOR. Portanto, não se sabe se o escritório é do secretário ou do professor.

02. **(FCC / TRT-MA / Analista Judiciário)**

A ocorrência de ambiguidade e falta de clareza faz necessária uma revisão da seguinte frase:

a) Causa-nos revolta, a todos, o pouco interesse que ele vem demonstrando na condução desse processo – razão pela qual há quem peça a demissão dele.

b) Conquanto ele nos haja dado uma resposta inconclusiva e protelado a decisão, há quem creia que nos satisfará o desfecho deste caso.

c) Inconformados com a resposta insatisfatória que nos deu, reiteramos o pedido para que ele não deixe de tomar as providências que o caso requer.

d) Ele deu uma resposta insatisfatória à providência que lhe solicitamos, em razão da qual será preciso insistir em que não venha a repeti-la.

e) Caso não sejam tomadas as providências cabíveis, seremos obrigados a

comunicar à Direção o menoscabo com que está sendo tratado este caso.

Gabarito: D

A forma pronominal LA em “repeti-la” tanto pode se referir a “uma resposta insatisfatória” quanto a “a providência”. Cabem, portanto, as interpretações de “não venha a repetir a resposta insatisfatória” e de “não venha a repetir a providência”.

Capítulo 3

Alteração de Funções Sintáticas em Questões de Interpretação

Muitas questões de interpretação de textos são resolvidas através do conhecimento gramatical. Por exemplo, existem funções sintáticas que possuem o mesmo valor semântico, como o sujeito ativo, o agente da passiva e o adjunto adnominal. Estas três funções sintáticas possuem valor ativo (agente, de quem pratica a ação), e as bancas tão somente reescrevem as frases alterando as funções sintáticas, sem modificar, contudo, a ideia contida. Em contrapartida, há também as funções sintáticas com valor paciente: os objetos, o sujeito passivo e o complemento nominal.

Ex.: **O professor** errou e causou estranheza a todos.
O erro **do professor** causou estranheza a todos.
O erro cometido **pelo professor** causou estranheza a todos.

Observe que o termo "professor", acompanhado ou não de preposição, funciona, na primeira frase, como sujeito ativo; na segunda, como adjunto adnominal; na terceira, como agente da passiva. Mesmo este termo tendo funções sintáticas distintas, mantém o mesmo valor semântico. Nas três frases, é o professor que erra.

Ex.: Ler **jornais** é importante.
Jornais serem lidos é importante.
A leitura **de jornais** é importante.

Observe que o termo "jornais", acompanhado ou não de preposição, funciona, na primeira frase, como objeto direto; na segunda, como sujeito passivo; na terceira, como complemento nominal. Apesar de o termo possuir funções sintáticas diferentes, a ideia dos três períodos é a mesma: jornais devem ser lidos.

3.1. EXERCÍCIOS

3.1. EXERCÍCIOS

01. **(NCE / TJ / Oficial de Justiça)**

"Como conciliar a liberdade com a inevitável ação restritiva do Estado?"; nesse segmento do texto, o articulista afirma que:

a) o Estado age obrigatoriamente contra a liberdade;
b) é impossível haver liberdade e governo ditatorial;
c) ainda não se chegou a unir os cidadãos e o governo;
d) cidadãos e governo devem trabalhar juntos pela liberdade;
e) o Estado é o responsável pela liberdade da população.

Gabarito: A

Observe que o termo "do Estado" possui valor agente, funcionando como adjunto adnominal. Se você transformá-lo em sujeito ativo, o resultado será: "O Estado age inevitavelmente restringindo a liberdade. A alternativa **A** apenas substituiu "inevitavelmente" por um sinônimo: "obrigatoriamente".

02. **(NCE / TJ / Oficial de Justiça)**

"O primeiro templo da liberdade burguesa é o supermercado. Em <u>que pesem as angustiantes restrições do contracheque</u>, são as prateleiras abundantemente supridas que satisfazem a liberdade do consumo..."; o segmento sublinhado corresponde semanticamente a:

a) as despesas do supermercado são muito pesadas no orçamento doméstico;
b) os salários não permitem que se compre tudo o que se deseja;
c) as limitações de crédito impedem que se compre o necessário;
d) a inflação prejudica o acesso da população aos bens de consumo;
e) a satisfação de comprar só é permitida após o recebimento do salário.

Gabarito: B

O termo "do contracheque" possui valor agente, funcionando como adjunto adnominal. Reescrevendo-se o período, transformando o adjunto adnominal em sujeito ativo, o resultado será: "o contracheque restringe o consumo". No texto, "contracheque" está sendo utilizado como sinônimo de "salário", "restringir" e "não permitir" são equivalentes, "consumir" e "comprar" possuem o mesmo valor.

03. **(NCE / TJ / Oficial de Justiça)**

"Não houve ideal comunista que resistisse às tentações do supermercado".; com esse segmento do texto o autor quer dizer que:

a) todo ideal comunista se opõe aos ideais capitalistas;
b) a ideologia comunista sofre pressões por parte dos consumidores;
c) os supermercados socialistas são menos variados que os do mundo capitalista;
d) o ideal comunista ainda resiste à procura desenfreada por bens de consumo;
e) as tentações do supermercado abalaram as estruturas capitalistas.

Gabarito: B

É uma questão de inferência textual, pois você terá que deduzir o que o autor quis dizer neste segmento. Observe que o termo "do supermercado" tem valor agente, funcionando como adjunto adnominal. Transformando-o em sujeito de voz ativa, o resultado será: "O supermercado tentou (os consumidores) e não houve ideal comunista que resistisse a essa tentação (criada pelos supermercados). Depreende-se, então, que a tentação criada aos consumidores pelos supermercados fez com que a ideologia comunista sofresse pressões até não mais resistir.

04. **(NCE / MP)**

"...pois moedas não resgatam a dignidade."; reescrevendo-se este segmento do texto, mantendo-se o seu sentido original, a única forma INADEQUADA é:

a) visto que a dignidade não é resgatada por moedas;
b) porque moedas não são o resgate da dignidade;
c) porquanto a dignidade não se resgata com moedas;
d) já que por moedas não é resgatada a dignidade;
e) pela razão de que a dignidade não é resgatada por moedas.

Gabarito: C

Questão muito bem imaginada, levando o candidato a pensar que a resposta sairia pelo conector. As conjunções VISTO QUE, PORQUE, PORQUANTO, JÁ QUE e PELA RAZÃO DE QUE têm valor explicativo. Portanto, não se atinge a resposta por este caminho. O termo "dignidade", por possuir valor paciente, é objeto direto, podendo alterar sua função sintática para complemento nominal ou sujeito passivo. Nas opções A, D e E, "dignidade" se transforma em sujeito de voz passiva analítica; na C, em sujeito de voz passiva sintética; na B, em complemento nominal. Mais uma vez não chegamos à resposta. Partamos agora para uma última análise: "Moedas" funciona como sujeito ativo, podendo transformar-se em agente da

passiva ou adjunto adnominal. Nas alternativas A, D e E, o termo se transformou em agente da passiva. Na opção B, continuou sendo sujeito da voz ativa. Na alternativa C, o sujeito ativo (termo que praticava a ação) foi transformado em adjunto adverbial de instrumento, ou seja, o termo perdeu sua carga semântica – de praticar a ação – e passou a ter o valor de ser um instrumento utilizado para se praticar a ação.

05. **(TJ / NCE / Técnico Judiciário Juramentado)**

"...a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana."; reescrevendo-se este segmento do texto com a manutenção de seu sentido original, temos como forma adequada:

a) a natureza humana necessita da vida em sociedade;

b) a vida em sociedade necessita da natureza humana;

c) a necessidade da natureza humana é uma vida em sociedade;

d) uma necessidade da natureza humana é a vida em sociedade;

e) a natureza humana é necessária à vida em sociedade.

Gabarito: A

As alternativas B e E são absurdas, contradizendo totalmente a ideia do segmento, não merecendo grandes análises. Normalmente, o candidato fica em dúvida entre as opções A, D e E. Quando o texto diz "...a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana.", fica claro que "uma necessidade da natureza humana" está apenas qualificando "a vida em sociedade", não entrando no mérito se existem outras necessidades ou não. A simples inversão proposta na alternativa D sugere uma situação sutilmente diferente do texto, pois quando se informa que "uma necessidade da natureza humana é a vida em sociedade", torna-se evidente a existência de várias necessidades, uma delas é a vida em sociedade. Na opção C, por sua vez, sendo redigido que "a necessidade da natureza humana é uma vida em sociedade", há a sugestão de que a única necessidade da natureza é uma vida em sociedade, distanciando-se semanticamente da ideia exposta no texto. A alternativa A não altera o sentido original, modificando tão somente a função sintática de alguns elementos. O termo "da natureza humana", possuindo valor agente, funciona como adjunto adnominal e é transformado em sujeito ativo – se é uma necessidade da natureza humana, obviamente a natureza humana necessita. Por fim, fica evidente que, tal qual ocorre no segmento original, diz-se apenas que a natureza humana necessita da vida em sociedade, não sugerindo se necessita

também de mais alguma coisa ou não.

Capítulo 4

Coesão Textual

De uma visão mais ampla (genérica) para uma mais específica (particular), podemos analisar um texto como uma sequência de parágrafos; cada parágrafo, uma sequência de períodos; cada período, uma sequência de palavras. Toda essa estrutura compõe o famoso tecido textual que, bem desenvolvido, permite o entendimento da situação comunicativa. Tudo isso envolve, indiscutivelmente, união entre as partes (palavras). E neste exato momento começamos a pensar em coesão.

Um texto bem construído não permite que o leitor perca a sequência dos fatos, tampouco a relação entre os conjuntos. Em tal situação, fica configurada a coesão. Qualquer elemento que faça a ligação entre os fragmentos do texto possui função coesiva. Em outras palavras, para que seja possível o entendimento de um texto não é apenas suficiente uma sequência de frases bem escritas é, antes de tudo, necessário que elas se relacionem de forma harmônica, permitindo a compreensão do texto integralmente. Enfim, essa conexão interna entre os vários enunciados do texto denomina-se coesão. Ela pode acontecer por meio de conectores sintáticos ou por fatores semânticos. O primeiro é o que se entende por coesão sequencial e o segundo por coesão referencial.

4.1. COESÃO REFERENCIAL

Dos vários métodos de coesão textual, um destaque deve ser dado à s expressões do nosso vernáculo que têm a finalidade específica de fazer apontamentos, isto é, referenciação, remetendo a algum outro termo. Tal método coesivo recebe o nome de coesão referencial.

Na **coesão referencial**, lidaremos com as chamadas palavras fóricas (do grego "levar", "trazer"), isto é, palavras que remetem a algum outro elemento.

4.1.1. Remissão endófora

ENDO (DENTRO) E FORA (REFERENCIAÇÃO) = REFERENCIAÇÃO DENTRO.

DENTRO DE QUÊ? DO TEXTO. LOGO, REMISSÃO INTRATEXTUAL.

Essa relação semântica textual se faz com palavras referenciais. São elas: pronomes demonstrativos, pronomes possessivos, pronomes pessoais de terceira pessoa, pronomes relativos ou expressões nominais equivalentes.

A endófora se divide em duas: anáfora e catáfora.

- anáfora – quando a referência é feita a algum elemento que está na porção anterior do texto. A anáfora tem por objetivo **recuperar (atualizar)** semanticamente um elemento que já estava no texto, com todas as informações de que ele já se revestia.
- catáfora – quando a referência aponta para frente, no texto. A catáfora têm a função de sinalizar um termo que ainda vai aparecer no texto.

4.1.2. Remissão exófora

EXO (FORA) E FORA (REFERENCIAÇÃO) = REFERENCIAÇÃO FORA. FORA DE QUÊ? DO TEXTO. LOGO, REMISSÃO EXTRATEXTUAL.

Na interlocução, um falante (primeira pessoa: emissor, locutor, enunciador) se dirige a um ouvinte (segunda pessoa: receptor, interlocutor, enunciatário). Esses "agentes" da situação comunicativa são marcados por palavras ou expressões referenciais (fóricas)

Verificaremos agora que a coesão pode ser feita de três formas: coesão referencial pronominal, coesão referencial lexical e coesão referencial por elipse.

4.2. COESÃO REFERENCIAL PRONOMINAL

Ex.: Passa o candidato que estuda.

Nessa frase, há duas orações. Em ambas, o termo "candidato está presente. O recurso para evitar sua repetição foi o emprego do pronome relativo QUE em seu lugar. Repare, inclusive, que podemos substituir QUE por O QUAL. O pronome relativo O QUAL recebe a forma masculina e singular, porquanto se refere ao termo O CANDIDATO. Se o termo a que estivesse se referindo fosse A PESSOA, já receberia a forma A QUAL.

Ex:. Eu conheço os que estavam presentes.

Nesse período, o pronome relativo QUE possui como antecedente o

demonstrativo OS – que pode ser substituído pelo demonstrativo AQUELES. É fundamental não se olvidar que pronome relativo e pronome demonstrativo nunca podem estar na mesma oração, sendo que o antecedente do relativo será sempre o demonstrativo, mesmo que este esteja combinado a uma preposição.

Ex:. Os alunos devem confiar no que nós ensinamos.

Nesse período, NO é a contração da preposição EM com o pronome demonstrativo O (aquilo), podendo ser substituído por NAQUILO. Em tal situação, o antecedente do relativo QUE é somente o demonstrativo O que deve ser separado da preposição EM.

Ex.: Eu me referi ao que ele disse.

AO é a combinação da preposição A com o demonstrativo O, que pode ser substituído pelo demonstrativo ÀQUILO. Inclusive, caso se substitua AO por ÀQUILO, o demonstrativo ÀQUILO deve ocorrer com acento grave, justamente por se estar fazendo a combinação A + AQUILO. No entanto, o antecedente do relativo é apenas o demonstrativo já desmembrado da preposição. Sendo assim, o antecedente do QUE é somente o demonstrativo O.

Ex.: João e Maria eram excelentes alunos. Esta passou no concurso para a receita e aquele para o Instituto Rio Branco.

O pronome demonstrativo ESTA refere-se ao termo mais próximo (Maria); já o demonstrativo AQUELE tem como antecedente o termo mais remoto (João).

Ex.: Perguntaram se eu entreguei o material, mas não o fiz.

O pronome demonstrativo O – que pode ser substituído por ISSO – refere-se ao fato – Ã oração – de "eu entregar o material". Eu não o (entregar o material) fiz. Eu não fiz isso (entregar o material).

Ex.: Procurei o livro de Contabilidade sugerido, mas não o encontrei.

O pronome pessoal oblíquo O refere-se ao termo "o livro de Contabilidade". Não encontrei o livro de Contabilidade.

Ex.: Zico foi o meu maior ídolo. Ele iniciou a carreira quando eu comecei a acompanhar futebol.

O pronome pessoal reto ELE refere-se a Zico.

Obs.: Em todas as situações apresentadas, o elemento coesivo possuía valor anafórico, ou seja, é justamente a capacidade de fazer referência ou representar termos antecedentes expostos no contexto. Todavia, há também o emprego de

termos com valor catafórico, que anunciam termos apresentados posteriormente no contexto.

Ex.: Só direi estas palavras: não se atrase.

Repare que o termo ESTAS PALAVRAS refere-se Ã oração que vem a seguir – NÃO SE ATRASE.

Ex.: Ele nunca nos falta, quando precisamos. Deus é único.

O pronome ELE refere-se ao termo DEUS inserido posteriormente no contexto.

Obs.: Há também os elementos de caráter dêitico (dêixis), que expressam situações externas ao texto. São referências de tempo e lugar relacionadas geralmente com a época ou com o local em que o texto foi redigido. Termos como AMANHÃ, ONTEM, AQUI, LÁ… expressam relações de dêixis.

Ex.: Ocorreu ontem (dia anterior Ã confecção do texto) uma grande manifestação.

Ex.: Aqui (local onde o autor está escrevendo o texto) chove muito.

Ex.: Este livro (o livro está próximo do emissor da mensagem) é muito interessante.

Ex.: Esse livro (o livro está próximo do receptor da mensagem) é muito interessante.

Ex.: Aquele livro (o livro está próximo do terceiros – de quem se fala) é muito interessante.

BIZU

Os termos endofóricos representam a soma dos anafóricos e catafóricos. Fazem referência a elementos presentes no texto, anteriores (anafóricos) ou posteriores (catafóricos). Já os termos exofóricos sugerem relação com termos externos ao texto, equivalendo-se aos dêiticos.

4.3. EXERCÍCIOS

BIZU PARA QUESTAO

A ESAF já fez muitas provas em que era exigido do candidato a montagem ou a continuação do texto. É recomendável no caso usar primeiramente a coesão e depois a coerência. Nas questões de montagem de textos, o passo prévio é observar se há, nos tópicos, elementos remissivos (termos que façam referência a expressões anteriores). Caso isso ocorra, o tópico não pode iniciar o texto. Por exemplo: Se você se deparar

com o tópico "Entretanto, não houve tempo para resolver o problema.", já se pode ter a certeza de que não pode estar no início do texto, já que a conjunção ENTRETANTO indica uma oposição a algo outrora aludido. Caso se posicione no princípio, vai opor-se a quê? Também o tópico "Eles não indicaram a saída." Não pode postar-se no início do verbete, uma vez que o pronome pessoal ELES refere-se a pessoas já mencionadas. Outra estrutura que não pode localizar-se no início é: "Não conseguiram demonstrá-la." Aí ocorrem dois fatos que obstam o posicionamento inicial: o verbo na terceira plural referindo-se a pessoa já apresentadas no texto, e o pronome oblíquo A em DEMONSTRÁ-LA que indica a ocorrência de elemento feminino e singular antecedente. A partir de então, você deve partir para as alternativas. Há questões que, ao se vislumbrar o primeiro tópico, já se chega Ã resposta.

Considere o texto abaixo para responder ã questão 1.

De teor histórico-filosófico, os livros de M. Foucault investigam, em determinadas sociedades e em determinados períodos, quais os modos efetivos e historicamente variáveis de produção de verdade. Uma consideração que se estende para a sociedade moderna, a partir das suas instituições, diz respeito ao que podemos identificar como o traço fundamental, comum a todas elas e que, certamente, é aplicável a toda sociedade. Trata-se do princípio da visibilidade. A um tempo global e individualizante, a visibilidade constitui uma espécie de princípio de conjunto. À primeira vista sinal de transparência e de revelação da verdade, pode-se contudo questionar se o gesto de mostrar-se, de deixar-se ver, significaria uma postura despojada de desvelamento da verdade de cada um ou se o desnudamento de si mesmo não seria uma injunção, se a exposição de si não encobriria uma certa imposição decorrente das regras que regem nosso modo de produção da verdade. Acrescentemos que a investigação que quer melhor compreender nossa época não pretende apenas situá-la pela sua diferença com o que a precede, mas também, eobretudo, instigar mudanças que, a partir e do interior do nosso presente, possam inaugurar perspectivas outras na direção do que está por vir.

(Salma T. Muchail, A produção da verdade. Filosofi a especial, n. 08, p. 7, com adaptações)

01. **AGENTE DA FAZENDA – No desenvolvimento do texto, a função do pronome relativo QUE é:**

a) na linha 4, retomar "instituições"(l.4);

b) na linha 14, retomar "o"(l.13 – primeira ocorrência);

c) na linha 11, retomar “imposição”(l.12);

d) na linha 5, retomar “todas elas”(l.5);

e) na linha 15, retomar “perspectivas” (l.16).

Gabarito: B

Na alternativa A, o pronome relativo QUE tem como antecedente o demonstrativo O, que está contraído Ã preposição A.

Na alternativa B, conforme exposto na parte teórica desse capítulo, ocorre a mesma situação da alternativa A, com uma pequena diferença. Na A, o pronome demonstrativo estava contraído a uma preposição. Na B, o pronome demonstrativo ocorre sem preposição. É de bom alvitre não olvidar que, quando há demonstrativo e relativo juntos, o antecedente do relativo é o demonstrativo, mesmo que este esteja contraído a uma preposição.

Na alternativa C, o pronome relativo QUE refere-se a “as regras”.

Na alternativa D, o pronome relativo QUE tem como antecedente o demonstrativo O (linha 4), o mesmo da alternativa A. Tal fato ocorre, visto que a conjunção E estabelece um paralelismo entre as duas orações.

Na alternativa E, o pronome relativo QUE refere-se ao demonstrativo O, que se encontra contraído Ã preposição DE.

Leia o texto abaixo para responder Ã questão 2.

A segunda metade dos anos 1990 foi caracterizada por crises nos países emergentes: México, Rússia, Brasil e Argentina. Em todos os casos, os países recorreram ao Fundo Monetário Internacional (FMI) para resolver seus problemas de endividamento externo e tiveram que se submeter a rigorosos programas de ajuste fiscal (redução de gastos públicos e aumento de impostos) e das contas externas exigidos pela organização. Após o período de retração do nível de atividade e aumento do desemprego, durante o qual a relação dívida/PIB e os déficits fiscais se acomodaram em níveis compatíveis com a capacidade de financiamento, todos os países, Ã exceção da Argentina, entraram em trajetória de crescs mento, com estabilidade de preços. Como os fundamentos fiscais e monetários destes países estavam fortes, com equilíbrio fiscal, relação dívida/PIB e inflação sob controle, seus governos e bancos centrais puderam adotar políticas fiscais, monetárias, de crédito mais frouxas, que reverteram a trajetória de queda já no segundo trimestre de 2009.

(José Márcio Camargo, Tragédia grega. Istoé, 10/02/2010, com adaptações)

02. **Analista Técnico Susep – Esaf – Assinale a opção em que os três termos remetem, por coesão textual, ao mesmo referente.**

a) "países emergentes"(l.1 e 2) – "os países"(l.2) – "se"(l.4)

b) "todos os casos"(l.2) – "problemas de endividamento externo"(l.2 e 3) – "seus"(l.12)

c) "Fundo Monetário internacional"(l.2 e 3) – "seus"(l.4) – "organização"(l.7)

d) "desemprego"(l.7) – "o qual"(l.7) – "se"(l.8)

e) "equilíbrio fiscal"(l.11) – "políticas…de crédito"(l.12 e 13) – "que"(l.13)

Gabarito: A.

Na opção A, os três termos se referem a México, Rússia, Brasil e Argentina.

Na opção B, o termo "todos os casos" remete Ã crise. O segundo termo não possui referente; se o termo englobasse o possessivo, remeteria a "os países". O pronome SEUS refere-se a México, Rússia e Brasil.

Na opção C, Fundo Monetário Internacional não remete a nenhum termo, pelo contrário, termos seguintes remeterão a ele; SEUS refere-se a "os países"; ORGANIZAÇÃO refere-se a Fundo Monetário Internacional.

Na D, DESEMPREGO não remete a outros termos; O QUAL refere-se a "o período de retração do nível de atividade e aumento do desemprego"; o pronome SE tem caráter reflexivo, remetendo a "a relação dívida/PIB e os déficits fiscais".

Na E, EQUILÍBRIO FISCAL não tem referente; o segundo termo também não possui referente; QUE remete a "políticas fiscais, monetárias, de crédito mais frouxas".

03. **(FGV / BESC / Advogado)**

"Mas, enquanto isso, no mercado financeiro, os bancos pensam em como superar um dilema."

O pronome grifado na frase acima exerce uma função anafórica. Assinale a alternativa em que isso NÃO ocorra.

a) Chegamos no dia 23 às 22 horas. **Nessa** noite, as estrelas pareciam brilhar mais do que o costume.

b) Nossas dúvidas residem **nisto**: não saber equacionar problemas.

c) Os sistemas de busca estão atualizados. Em **tais** sistemas, é possível selecionar o idioma de preferência.

d) Nada há para julgar. **Isso** resolve mais facilmente o nosso problema.
e) Os amantes e os amados vivem em desencontros. **Estes** vivem, sem dúvida, mais perdidos que aqueles.

Gabarito: B

Na alternativa A, o pronome NESSA, em nessa noite, refere-se Ã noite do dia 23, elemento citado anteriormente. Na alternativa C, O pronome TAIS, em tais sistemas, refere-se a "Os sistemas de busca". Na alternativa D, ISSO remete Ã oração anterior: ao fato de não haver nada para julgar. Na alternativa E, o pronome ESTES refere-se a "os amantes e os amados". Portanto, em todas essas alternativas, o pronome tem caráter anafórico. Na alternativa B, o pronome NISTO refere-se a um termo posterior: não saber equacionar problemas. Sendo assim, o pronome NISTO possui caráter catafórico.

04. **(FGV-MS / Fiscal de Rendas)**

Nas atuais condições em que exerce a sua hegemonia, a direita "moderada" conseguiu infiltrar seus critérios no discurso da esquerda "moderada".

A palavra seus no trecho acima tem valor:

a) anafórico;
b) anastrófico;
c) catafórico;
d) hiperbólico;
e) paragramático.

Gabarito: A

O pronome SEUS refere-se a "direita moderada". Observe: são critérios da direita moderada. Sendo assim, como o pronome refere-se a um termo antecedente, possui caráter anafórico.

05. **(NCE / ANAC)**

Segundo o Ministério da Saúde, em janeiro de 2003 havia 51.760 pessoas na lista de espera para transplante. Dado o tamanho do país – e, infelizmente, o grau de violência – seria de se esperar que o auxílio viesse rápido. De certa forma, a população está mais sensibilizada para o problema. O número de doações cresce desde 1997. De lá até o ano passado, saltamos de 3.932 para 8.031 transplantes realizados.

Entre as alternativas abaixo, aquela que apresenta um termo sublinhado de valor dêitico:

a) "seria de se esperar que o auxílio viesse rápido";

b) "a população está mais sensibilizada para o problema";

c) "De lá até o ano passado…";

d) "De lá até o ano passado";

e) "mas precisa fazer mais".

Gabarito: D

Questão muito interessante, elaborada para o candidato ficar em dúvida entre as alternativas C e D. "Lá" refere-se ao ano "1997", citado anteriormente no texto, portanto tem caráter anafórico. Já o termo "o ano passado" corresponde ao ano anterior, àquele em que o texto foi redigido (elemento externo ao texto). Sendo assim, a expressão "o ano passado" (só pelo texto não há como saber exatamente o ano, pois não há qualquer tipo de menção a ele) possui caráter dêitico.

06. **(FGV-RJ / Fiscal de Rendas)**

Esse raciocínio baseia-se, contudo, numa falsa comparação. Primeiramente, porque a alocação de novos recursos nada tem a ver, em princípio, com o impacto tecnológico. O avanço deste não acarreta necessariamente impacto positivo daquela.

No trecho "O avanço deste não acarreta necessariamente impacto positivo daquela.", os demonstrativos exercem, respectivamente, função:

a) anafórica e catafórica;

b) catafórica e catafórica;

c) anafórica e anafórica;

d) catafórica e anafórica;

e) dêitica e dêitica.

Gabarito: C

O pronome DESTE refere-se a "o impacto tecnológico", termo já mencionado, portanto é anafórico. DAQUELA remete a "a alocação de novos recursos", termo também já mencionado anteriormente no texto, possuindo, portanto, valor anafórico.

07. **(FGV / MEC)**

"O movimento altermundialista se vê diante da crise da globalização

capitalista em sua fase neoliberal. Essa crise não é uma surpresa para o movimento; ela estava prevista e era anunciada há muito tempo."

Assinale a alternativa em que o termo, no trecho acima, não resgate um termo anterior.

a) sua.
b) Essa.
c) movimento.
d) ela.
e) há.

Gabarito: E

O pronome SUA, constante na alternativa A, refere-se a "a globalização capitalista". O pronome ESSA, na opção B, refere-se a "a crise da globalização capitalista em sua fase neoliberal". O termo O MOVIMENTO, na alternativa C, é remissivo a "O movimento altermundialista". O pronome ELA, na opção D, remete a "a crise". A forma verbal HÁ não se refere a qualquer elemento anterior, exprimindo valor de tempo decorrido.

08. **(FGV / Senado Federal / Técnico Administrativo)**

"Portanto, trata-se de ver aquilo que é melhor ao cidadão."

A respeito do período acima, analise os itens a seguir:

I. **O pronome aquilo tem valor catafórico.**
II. **A palavra Portanto tem valor conclusivo.**
III. **A palavra melhor classifica-se como adjetivo.**

Assinale:

a) se somente os itens I e III estiverem corretos;
b) se somente os itens II e III estiverem corretos;
c) se nenhum item estiver correto;
d) se todos os itens estiverem corretos;
e) se somente os itens I e II estiverem corretos.

Gabarito: B

No item I, o pronome AQUILO não se refere a elementos posteriores, não possuindo, por conseguinte, valor catafórico. ERRADO

No item II, PORTANTO é conjunção coordenativa conclusiva. ERRADO

No item III, MELHOR é adjetivo, podendo até ser flexionado, caso o sujeito ocorresse no plural: "ver aquelas situações que são melhores para o cidadão". CERTO

09. **(FGV / Perito da Polícia Civil)**

"Ademais, e este talvez seja o ponto principal, se o que está em tela é o modelo que possibilitou a realização da hidrelétrica de San Francisco no Equador, por meio da geração de empregos no Brasil e da exportação de bens e serviços brasileiros de alto valor agregado, longe estamos de uma situação em que o interesse nacional brasileiro não esteja sendo atendido."

"A América do Sul é nosso destino – disso já sabiam governantes brasileiros antes da atual administração. A ênfase que lhe é dada hoje tem trazido benefícios importantes."

Os pronomes grifados nos trechos acima têm papel, respectivamente:

a) catafórico e catafórico;
b) anafórico e catafórico;
c) anafórico e anafórico;
d) dêitico e anafórico;
e) dêitico e catafórico.

Gabarito: Anulada

A questão foi anulada porque o pronome demonstrativo ESTE possui valor catafórico – refere-se a todo o fragmento posterior "se o que está em tela é o modelo que possibilitou a realização da hidrelétrica de San Francisco no Equador, por meio da geração de empregos no Brasil e da exportação de bens e serviços brasileiros de alto valor agregado, longe estamos de uma situação em que o interesse nacional brasileiro não esteja sendo atendido."

Já o pronome disso possui valor anafórico, pois se refere a "A América do Sul é o nosso destino.".

Destarte, a resposta certa seria CATAFÓRICO E ANAFÓRICO.

10. **(NCE)**

"A descoberta da América pelos europeus, nos fins do século quinze, deu lugar a uma transplantação da cultura europeia para este Continente. Tal empreendimento constitui, porém, uma aventura impregnada de duplicidade."

"Proclamavam os europeus ao aqui chegarem para expandir nestas plagas o

cristianismo…”

“… movia-os o propósito de exploração e fortuna. A história do período colonial é a história desses dois objetivos a se ajudarem mutuamente na tarefa real e não confessada da espoliação continental.”

“Nascemos, assim, divididos entre propósitos reais e propósitos proclamados. A essa duplicidade da própria sociedade nascente, dividida entre senhores e escravos…”

A seguir, cada um deles é classificado, quanto Ã função textual, na ordem em que ocorrem. Assinale a opção correta.

a) dêitico; dêitico; anafórico; anafórico, anafórico.

b) dêitico; anafórico; anafórico; anafórico, dêitico.

c) anafórico; dêitico; dêitico, anafórico; dêitico.

d) dêitico; dêitico; dêitico; anafórico; dêitico.

e) anafórico; dêitico; dêitico; anafórico; anafórico.

Gabarito: E

O pronome TAL remete ao termo “A descoberta da América pelos europeus” – anafórico; o advérbio AQUI refere-se ao país de nacionalidade do autor – dêitico; O pronome demonstrativo NESTAS, em NESTAS PLAGAS, refere-se às plagas onde o autor se encontra – dêitico; O pronome demonstrativo DESSES, em desses dois objetivos, remete ao antecedente “exploração e fortuna” – anafórico; o pronome demonstrativo ESSA, em “essa duplicidade”, refere-se ao antecedente “propósitos reais e propósitos proclamados” – anafórico.

4.4. COESÃO REFERENCIAL LEXICAL

É a coesão que se estabelece pela conexão dos sentidos dos termos envolvidos no texto, assim, esse tipo de coesão se dá pelas relações de sinonímia, antonímia, hiperonímia e hiponímia.

4.4.1. Sinonímia, antonímia, hiperonímia e hiponímia

Precisamos ter em mente que, apesar de alguns termos possuírem seus sinônimos e antônimos facilmente identificáveis como acontece em ‘bonito x belo’ e ‘feio e belo’, muitas das vezes, as provas de concursos trabalham com sinônimos e antônimos que se adéquam ao contexto em que os termos estão inseridos. Por

isso, precisamos saber identificar determinado vocábulo no texto e não apenas substituí-lo como um sinônimo ou antônimo. Por exemplo, é natural que consideremos que o vocábulo 'velho' seja um antônimo perfeito para 'novo', por isso, podemos entender que o antônimo de 'encontrei um homem **velho**' é 'encontrei um homem **novo**'. Por outro lado, se temos a situação 'não coma o pão que está **velho**', utilizaríamos como antônimo o vocábulo 'fresco' em 'hoje comprei um pão **fresco**'. Percebemos assim que os vocábulos devem ser utilizados de forma adequada ao contexto em que se inserem, pois, se na primeira situação, nós utilizássemos o termo 'fresco' em vez de 'novo', não estaríamos apresentando um antônimo apropriado Ã situação.

A sinonímia nos textos acontece nas relações de hiperonímia e de hiponímia. Vejamos os vocábulos a seguir:

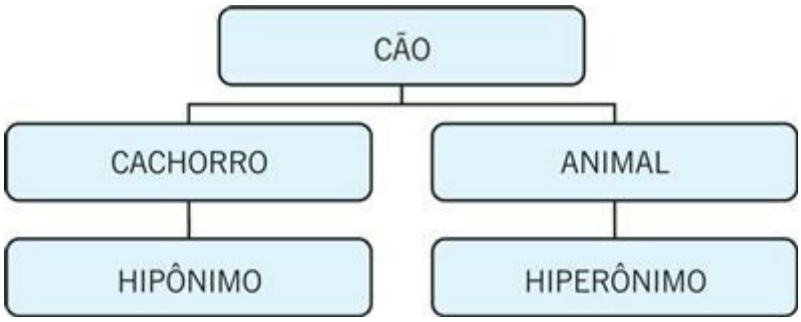

Observe que tanto 'cachorro' quanto 'animal' são termos que funcionam como sinônimos do termo 'cão', entretanto, 'cachorro' substitui 'cão' de forma mais específica do que o termo 'animal', que poderia substituir outros bichos como gato, pássaro e peixe. Assim, podemos concluir que hiperônimos são termos que substituem de forma mais genérica vocábulos que estão no mesmo campo semântico, enquanto que os hipônimos substituem de forma mais específica.

Dessa forma, podemos concluir que o hiperônimo contém as características genéricas de uma determinada classe (por exemplo, matéria); o hipônimo é um elemento específico que comunga dessas características genéricas, sem deixar de possuir os seus próprios traços diferenciadores (por exemplo, Português, Matemática, Geografia são hipônimos de matéria). Veja outros exemplos:

HIPERÔNIMOS	HIPÔNIMOS
Animal	Gato, cachorro, papagaio
Louça	Garfo, faca, colher

Profissional	Engenheiro, médico, professor
Esporte	Futebol, vôlei, basquete

Além das possibilidades de substituição acima, devemos considerar a coesão estabelecida por meio das perífrases. As expressões também servem para substituir termos antecedentes, mas não são de fato sinônimos perfeitos, como, por exemplo, no trecho:

Ex.: **Silvano Eustáquio** é o melhor presidente que um time poderia ter. O **presidente do Palmeiras**, Silvano Eustáquio, afirmou que o time tem todas as condições para ganhar o campeonato.

O nome próprio 'Silvano Eustáquio' foi substituído por 'presidente do Palmeiras' possibilitando a não repetição do termo e, principalmente, mantendo a coesão textual harmônica. O mesmo processo pode ser observado no exemplo abaixo:

Ex.: Castro Alves é autor de uma vastíssima obra literária. Não é por acaso que o **"Poeta dos Escravos"** é considerado o mais importante da geração a qual representou.

A expressão 'Poeta dos escravos' serve para substituir o nome 'Castro Alves', isso evita que o nome seja repetido e garante a manutenção da coesão textual.

4.5. COESÃO REFERENCIAL POR ELIPSE

A coesão também pode ser realizada por elipse. Elipse é um tipo de figura de linguagem que permite a supressão de um termo facilmente subentendido no texto. Vejamos:

Ex.: As crianças nunca se cansam. **Brincam** o dia inteiro e **saem** a toda hora.

Ex.: Os bandidos sempre quando são presos fazem cara de santo. Depois que a situação piora **ficam** implorando por perdão.

Ex.: Nós íamos conseguir o que desejávamos, mas **perdemos** por não **termos** paciência.

Note que antes dos verbos destacados o sujeito foi omitido, mas pode ser facilmente identificado uma vez que já foi expresso anteriormente.

4.6. EXERCÍCIOS

01. **(VUNESP / TJ – SP)**

A palavra empresa é um sinônimo genérico de Proter & Gamble, no texto. A alternativa que apresenta, também, esse tipo de sinonímia, é:

a) automóvel – veículo;
b) automóvel – carro;
c) geladeira – refrigerador;
d) fotografia – foto;
e) motocicleta – moto.

Gabarito: A

A expressão Proter & Gamble é hipônimo de empresa. Empresa é hiperônimo de Proter & Gamble. Nas alternativas B e C, os termos são sinônimos absolutos. Nas alternativas D e E, os vocábulos foto e moto são abreviaturas de fotografia e motocicleta. Na alternativa A, automóvel é hipônimo de veículo – existem vários veículos (caminhão, motocicleta, ônibus, lambreta…) –, e automóvel (hipônimo), que é apenas um deles, especifica qual veículo é.

02. **(CEPUERJ / Técnico de Enfermagem)**

"… Evite ingerir o medicamento juntamente com alimentos (…) Evite também ingerir álcool durante o tratamento, pois o uso de XXXXXX com álcool é tóxico para o fígado.."

O emprego da palavra "medicamento" em substituição a "XXXXXX" constitui caso de:

a) sinonímia;
b) hiponímia;
c) antonímia;
d) aiperonímia.

Gabarito: B

XXXXXX é hipônimo de medicamento, pois é o nome do medicamento. Medicamentos (hiperônimo) existem vários, XXXXXX é apenas um deles. XXXXXX representa uma especificação de qual medicamento se trata.

4.7. COESÃO SEQUENCIAL

É a coesão normalmente feita por conjunções, ligando termos, orações ou períodos,

estabelecendo entre eles uma relação de sentido. Torna-se imperioso esclarecer que esse tipo de coesão não tem como escopo retomar ou representar termos antecedentes, mas, sim, ligar a construção anterior Ã seguinte, estabelecendo entre elas uma relação de sentido. Quando uma oração é introduzida pela conjunção ENTRETANTO, já se sabe que o fragmento está em oposição a algo citado anteriormente. Ao observar a presença da conjunção ENQUANTO, já se imagina que dois fatos estão acontecendo simultaneamente. A ocorrência do conector JÁ QUE sugere que a ideia introduzida indicará uma causa para um fato anteriormente relatado. Já o conector PORTANTO indica que a oração em que ocorre é uma conclusão para algo citado anteriormente.

Ex.: Ele estava doente, entretanto não faltou ao trabalho.

Todos prestavam atenção, enquanto João falava.

Já que estão todos presentes, podemos começar a aula.

Pedro faltou ao trabalho, portanto deve estar doente.

4.8. COESÃO SEQUENCIAL

01. **(Esaf / CVM / Analista)**

Tradicional defensor de instrumentos ortodoxos de política econômica, o Fundo Monetário Internacional (FMI) admitiu o uso de controles de capital para combater a formação de bolhas financeiras e o fluxo exagerado de investimentos estrangeiros que valorizam excessivamente as moedas nacionais em relação ao dólar. Entre as opções, está a tributação do ingresso de recursos, caminho escolhido pelo Brasil, que elevou de 4% para 6% a alíquota do imposto de operações financeiras (IOF) nas aplicações de renda fixa. Outra possibilidade é a proibição de retirada do dinheiro por um tempo determinado, como fez o Chile. Por enquanto a equipe econômica brasileira resiste em adotar este passo, pois, para o economista americano J. L., o reforço no balanço orçamentário e as ações de caráter mais estrutural são, muitas vezes, as respostas mais adequadas para o aumento de fluxos. "Mas pode haver circunstâncias em que os controles cambiais sejam úteis, numa medida temporária, para lidar com esse crescimento de capital", afirma.

(Adaptado de Correio Braziliense, 19 out. 2010.)

Na organização das relações de coesão e coerência no texto, a

expressão

a) "caminho escolhido pelo Brasil"(l.5) retoma a ideia de "tributação do ingresso de recursos" (l.5).

b) "fluxo exagerado de investimentos estrangeiros" (l.3) retoma a ideia de "bolhas financeiras" (l.3).

c) "ações de caráter mais estrutural"(l.10) retoma a ideia de "bolhas financeiras"(l.3).

d) "controles cambiais" (l.12) retoma a ideia de "ações de caráter mais estrutural" (l.10).

e) "esse crescimento de capital" (l.13) retoma a ideia de "aplicações de renda fixa" (l.7).

Gabarito: A

Na opção A, pela construção frasal, fica que a expressão) "caminho escolhido pelo Brasil"(l.5) retoma a ideia de "tributação do ingresso de recursos".

Na opção B, o termo "fluxo exagerado de investimentos estrangeiros" não remete a qualquer outra expressão.

Na opção C, "ações de caráter mais estrutural" também não possui referente.

Na opção D, "controles cambiais" retoma a ideia de "a tributação do ingresso de recursos" e de "retirada do dinheiro por um tempo determinado".

Na opção E, a expressão "esse crescimento de capital" refere-se a "a formação de bolhas financeiras e o fluxo exagerado de investimentos estrangeiros que valorizam excessivamente as moedas nacionais em relação ao dólar.".

02. **(Esaf / RJ / Fiscal de Rendas)**

O texto abaixo serve de base para a questão 4

Com o advento do Estado Social e Democrático de Direito, ganhou força a tese que defende a necessidade de interpretar a relação jurídica tributária de forma contextualizada com o valor constitucional da solidariedade social. Isso não significa, porém, que a busca da solidariedade social prevalecerá sempre sobre todas as demais normas constitucionais, pois sempre existirão situações em que restará configurada a supremacia de outros valores, também positivados no texto constitucional.

A solidariedade de que trata a Constituição, no entanto, é a solidariedade genérica, referente Ã sociedade como um todo, em oposição Ã solidariedade de

grupos sociais homogêneos, a qual se refere a direitos e deveres de um grupo social específico. Por força da solidariedade genérica, é lógico concluir que cabe a cada cidadão brasileiro dar a sua contribuição para o financiamento do "Estado Social e Tributário de Direito".

Infelizmente, é um fato cultural e histórico o contribuinte ver na arrecadação dos tributos uma "subtração", em vez de uma contribuição a um Erário comum. Diante disso, o tema da solidariedade é fundamental, porque leva a uma reflexão sobre as razões pelas quais se pagam tributos, ou porque deva existir uma lealdade tributária.

(Daniel Prochalski, Solidariedade social e tributação. http://jus2.uol.com.br/Doutrina/texto, acesso em 9/6/2010, com adaptações)

Assinale a opção correta a respeito das relações de coesão no texto.

a) Por meio do pronome "Isso"(l.3) retoma-se a ideia de "advento do Estado Social e Democrático de Direito"(l.1).

b) O substantivo "situações"(l.5) resume e retoma as relações entre "o advento do Estado Social e Democrático de Direito"(l.1) e "o valor constitucional da solidariedade social"(l.3).

c) Por meio do pronome "a qual"(l.10), retoma-se "sociedade" (l.9)

d) A expressão "outros valores"(l.6) refere-se a valores que constam do texto constitucional.

e) É classificado como "cultural e histórico"(l.14) o fato de cada cidadão brasileiro dar sua contribuição para o financiamento do Estado.

Gabarito: D

Na alternativa A, o pronome ISSO refere-se a "ganhou força a tese que defende a necessidade de interpretar a relação jurídica tributária de forma contextualizada com o valor constitucional da solidariedade social.".

Na alternativa B, o termo situações não retoma termos antecedentes, mas aponta para "em que restará configurada a supremacia de outros valores, também positivados no texto constitucional.", redigido a seguir.

Na alternativa C, o pronome relativo A QUAL retoma a "solidariedade de grupos sociais homogêneos".

Na opção D, a expressão "outros valores" retoma "demais normas (valores) constitucionais".

Na opção E, a expressão "cultural e histórico" qualifica o fato de "o contribuinte ver na arrecadação dos tributos uma "subtração", em vez de uma contribuição a um Erário comum.".

03. **(Cespe / UnB / MPU / Analista Administrativo)**

Inovar é recriar de modo a agregar valor e incrementar a eficiência, a produtividade e a competitividade nos processos gerenciais e nos produtos e serviços das organizações. Ou seja, é o fermento do crescimento econômico e social de um país. Para isso, é preciso criatividade, capacidade de inventar e coragem para sair dos esquemas tradicionais. Inovador é o indivíduo que procura respostas originais e pertinentes em situações com as quais ele se defronta. É preciso uma atitude de abertura para as coisas novas, pois a novidade é catastrófica para os mais céticos. Pode-se dizer que o caminho da inovação é um percurso de difícil travessia para a maioria das instituições. Inovar significa transformar os pontos frágeis de um empreendimento em uma realidade duradoura e lucrativa. A inovação estimula a comercialização de produtos ou serviços e também permite avanços importantes para toda a sociedade. Porém, a inovação é verdadeira somente quando está fundamentada no conhecimento. A capacidade de inovação depende da pesquisa, da geração de conhecimento. É necessário investir em pesquisa para devolver resultados satisfatórios Ã sociedade. No entanto, os resultados desse tipo de investimento não são necessariamente recursos financeiros ou valores econômicos, podem ser também a qualidade de vida com justiça social.

Luís Afonso Bermúdez. O fermento tecnológico. In: Darcy. Revista de jornalismo científico e cultural da Universidade de Brasília, novembro e dezembro de 2009, p. 37 (com adaptações).

Considerando a organização das ideias e estruturas linguísticas do texto, julgue os seguintes itens.

1. Na linha 6, o segmento "as quais" remete a "situações" e, por isso, admite a substituição pelo pronome que; no entanto, nesse contexto, tal substituição provocaria ambiguidade.
2. O período sintático iniciado por "Inovar significa" (L.9) estabelece, com o período anterior, relação semântica que admite ser explicitada pela expressão Por conseguinte, escrevendo-se: Por conseguinte, inovar significa (…).
3. Subentende-se da argumentação do texto que o pronome demonstrativo, no

trecho “desse tipo de investimento” (L. 15), refere-se Ã ideia de “fermento do crescimento econômico e social de um país” (L.3 e 4).

4. A forma verbal “é” (L.3) está flexionada no singular porque, na oração em que ocorre, subentende-se “Inovar” (L.1) como sujeito.

Gabarito:

1 – Errado – Realmente o pronome relativo “as quais” refere-se a “situações”, todavia a substituição desse pronome relativo por QUE não gera problema relativo Ã ambiguidade.

2 – Errado – O conector POR CONSEGUINTE possui caráter conclusivo, portanto deve ser empregado para fechar uma ideia, o que não ocorre. Observe, inclusive, que outras características de INOVAR são apresentadas no período seguinte. Depois, com o emprego do conector adversativo PORÉM, ainda se estabelece uma ressalva para o que pode ser “inovação.

3 – Errado – O termo “desse tipo de investimento” remete a “investir em pesquisas”.

4 – Certo – A forma verbal É encontra-se flexionada na terceira pessoa do singular para concordar com a expressão oracional subentendida INOVAR: Inovar é o fermento do crescimento econômico e social de um país.

Capítulo 5

Semântica dos Conectores – Preposições e Conjunções

PREPOSIÇÕES

Esses elementos são responsáveis por estabelecer o nexo entre os vocábulos de uma oração e entre as orações, períodos e parágrafos em um texto. Podemos dizer que se dividem em dois grupos:

a) **Essenciais** – São as que funcionam apenas como preposição

Ex.: a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, per, perante, por, sem, sob, sobre, trás.

b) **Acidentais** – Segundo a professora Maria Helena de Moura Neves, em sua gramática "a Nomenclatura Gramatical Brasileira", são preposições acidentais certos elementos que se estão gramaticalizando como preposições e que se empregam em contextos restritos. Todos esses elementos têm origem em outra classe gramatical."

Ex.: salvo, consoante, exceto, durante, conforme, senão, segundo, entre outras.

5.1. VALORES SEMÂNTICOS DAS PREPOSIÇÕES ESSENCIAIS

5.1.1. Preposição "A"

Condição	**A** persistirem os sintomas, o médico deverá ser consultado!
Direção	Quero conhecer o Brasil de norte **a** sul.
Fim	João estudou **a** passar no concurso.
Meio	Obteve êxito **a** estudo.
Lugar	Estávamos **a**o portão do curso.

Conformidade	O professor fez a questão **a**o método prático.
Preço	Vendeu **a** um real o quilo.
Concessão	Ele nada fazia **a** não ser jogar futebol.
Tempo	**A**o encontrar a solução, fiquei aliviado.
Instrumento	Mataram a galinha **a** machado.
Modo	Falar **a**os berros.
Semelhança	João não saiu **a** vocês.
Distribuição proporcional, gradação	dia **a** dia, mês **a** mês, ano **a** ano.
Posse	Tomou o pulso **a**o doente.(= do doente)

BIZU

Uma forma de identificar a ideia "fim" que a preposição pode assumir, é substituindo-a pela preposição "para".

João estudou **a**passar no concurso.

João estudou**para**passar no concurso.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "a":**

1	**Causa**
2	**Direção**
3	**Fim**
4	**Meio**
5	**Lugar**
6	**Conformidade**
7	**Preço**
8	**Concessão**
9	**Posse**
10	**Instrumento**
11	**Modo**

12	**Semelhança**
13	**Proporção** **Gradação**
14	**Condição**

a. ( ) Escrevemos a carta **a** lápis.
b. ( ) Será bom que o mundo morra **à** fome?
c. ( ) Fui **a** Niterói.
d. ( ) Falaremos **a**o modo tradicional.
e. ( ) Do Forte de Copacabana **a**o Arpoador, a caminhada é tranquila.
f. ( ) Mantiveram-se no local **a** pedir perdão.
g. ( ) A camisa foi vendida **a** R$100,00.
h. ( ) Aprenderemos pouco **a** pouco o assunto.
i. ( ) Passear **a** camelo.
j. ( ) Matar **à** fome.
k. ( ) Esqueci-me de tudo **a** não ser do seu nome.
l. ( ) Maria puxou **a**o pai.
m. ( ) Arrancou o prazer da leitura **a**o homem.
n. ( ) **A** cumprirem suas responsabilidades, serão bem recebidos.

Gabarito:

a. (10)
b. (1)
c. (2)
d. (11)
e. (5)
f. (3)
g. (7)
h. (13)
i. (11)
j. (4)
k. (8)
l. (12)
m. (9)

n. (14)

5.1.2. Preposição "ATÉ"

Limite de lugar	Segui você **até** o final da rua.
Limite de tempo	Esperei **até** ontem.
Limite numérico	O produto custará **até** três vezes mais.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "até":**

1	**Limite de lugar**
2	**Limite de tempo**
3	**Limite numérico**

a. ( ) Capacidade **até** 10 quilos de roupa.
b. ( ) As longas e cansativas caminhadas **até** o cemitério eram desesperadoras.
c. ( ) Tenho **até** hoje para enviar os documentos.
d. ( ) Apostarei **até** R$100,00 no jogo de hoje.
e. ( ) Debruçada **até** quase os meus joelhos, ela gritou.
f. ( ) Amar-te-ei **até** o último dia de nossas vidas.

Gabarito:

a. (3)
b. (1)
c. (2)
d. (3)
e. (1)
f. (2)

5.1.3. Preposição "COM"

Companhia	Gostaria de sair mais vezes **com** você.
Soma	Uniremos as tuas **com** as nossas palavras.

Modo	Ele gritou **com** força.
Instrumento	Lavei a roupa **com** sabão de coco.
Condição	**Com** sorte, atingiremos nossos objetivos.
Causa	Os japoneses ficaram aflitos **com** o Tsunami.
Tempo	**Com** seis meses de uso, as peças começam a ficar ruins.
Conformidade	Reconhecemos, **com** o ilustre professor, que a questão deveria ser anulada.
Lugar	Talvez encontremos, **com** o fim da estrada, água.
Concessão	**Com** vinte anos de carreira, seu patrimônio se resume a dois carros modestos.
Meio	Fui **com** minha moto para os lugares mais remotos do Brasil.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1 . **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "com":**

1	**Companhia**
2	**Soma**
3	**Modo**
4	**Instrumento**
5	**Condição**
6	**Causa**
7	**Tempo**
8	**Meio**
9	**Conformidade**
10	**Lugar**
11	**Concessão**

a. ( ) Somaremos as minhas partes **com** as suas para formarmos o inteiro.

b. ( ) Sairemos **com** a mamãe para fazer compras.

c. ( ) O aluno sorriu **com** timidez.

d. ( ) Resolvemos, **com** a orientação do Doutor, todas as questões.
e. ( ) Fiz questão de realizar a prova **com** uma caneta especial.
f. ( ) Andaremos e encontraremos, **com** o fim da rua, a casa colorida.
g. ( ) **Com** esse desempenho, não passará no concurso.
h. ( ) **Com** o tempo, seu cabelo cairá.
i. ( ) Muitos ficaram aflitos **com** a notícia dos terremotos no Japão.
j. ( ) **Com** toda sua riqueza, não consegue ser feliz.
k. ( ) Só gosto de viajar **com** o meu carro.

Gabarito:

a. (2)
b. (1)
c. (3)
d. (9)
e. (4)
f. (10)
g. (5)
h. (6)
i. (6)
j. (11)
k . (8)

5.1.4. Preposição "CONTRA"

Lugar	Ele pressionou a mão **contra** o peito.
Adversidade	Tudo isso é **contra** meus princípios.
Comparação	No ano passado, o curso teve duzentas aprovações, **contra** trezentas e cinquenta que obtivemos este ano.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1 . **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "contra":**

1	Lugar

2	**Adversidade**
3	**Comparação**

a. ( ) O cavalo se coça **contra** uma cerca.
b. ( ) As pesquisas mostraram que o índice de analfabetismo aumentou 10% neste mês **contra** 5% no mês passado.
c. ( ) Os políticos falam **contra** o governo.

Gabarito:

a. (1)
b. (3)
c. (2)

BIZU

A PREPOSIÇÃO CONTRA ENTRA EM EXPRESSÕES FIXAS

Ser contra / ficar contra / ir contra → opor-se a

Sou contra os charlatões. / Ninguém pode ir contra a vontade de Deus.

5.1.5. Preposição "DE"

Modo	Os espertos vão saindo **de** fininho.
Lugar	**De** longe nada se via.
Tempo	A reunião acontec **de** manhã.
Instrumento	Devia ter feito a barba **de** gilete.
Causa	As frutas caíram do pé **de** podre.
Matéria	A casa foi feita **de** madeira.
Intensidade	Ele estudou **de** não aguentar mais o ritmo.
Negação	Não quisera regressar **de** jeito algum.
Posse	Ela bebeu com o dinheiro **de** Maria.
Finalidade	"E o coração... é instrumento **de** sopro ou de percussão?"
Assunto	Falava **de** política.
Origem	"Afirmava-se que o fogo começara **de** uma sala" (Raul Pompéia).

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "de":**

1	**Modo**
2	**Lugar**
3	**Tempo**
4	**Instrumento**
5	**Causa**
6	**Matéria**
7	**Intensidade**
8	**Negação**
9	**Posse**
10	**Finalidade**
11	**Assunto**
12	**Origem**

a. ( ) Ele vive **de** pequenos furtos.
b. ( ) Roubaram a bolsa **de** uma aluna da turma.
c. ( ) Cheguei **de** imediato.
d. ( ) Comprei uma casa **de** campo.
e. ( ) Meu coração pulou **de** saudades.
f. ( ) O fio foi feito **de** cobre.
g. ( ) Ele riu **de** todos estarem com sono.
h. ( ) A aluna falou **de** música com o professor.
i. ( ) Vamos capinar **de** enxada.
j. ( ) Sentou-se **de** frente para você.
k. ( ) Ela não acreditava **de** maneira alguma em alienígenas.
l. ( ) A manifestação começou **de** todos os escritório e foi até a praça.
m. ( ) Ele chegou **de** Paris agora

Gabarito:

a. (1)

b. (9)
c. (3)
d. (10)
e. (5)
f. (6)
g. (5)
h. (11)
i. (4)
j. (2)
k. (8)
l. (2)
m. (12)

5.1.6. Preposição "EM"

Lugar	Ele estava **em** São Paulo.
Modo	**Em** lágrimas, confessou o crime.
Tempo	A reunião acontecerá **em** trinta minutos.
Causa	Ela estava triste **em** não poder ajudar a pobre moça.
Finalidade	João acariciou **em** despedida a face de seu pai.
Matéria	O talher é feito **em** cobre.
Instrumento	Desenharam **na** máquina os projetos futuros.
Meio	O professor, **em** explicações exatas, conseguiu o gabarito.
Preço	Eu estimei **em** vinte milhões o terreno.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "em":**

1	**Lugar**
2	**Modo**
3	**Tempo**
4	**Causa**

5	**Finalidade**
6	**Matéria**
7	**Instrumento**
8	**Meio**
9	**preço**

a. ( ) O rapaz estava contente **em** conseguir estudar oito horas por dia.
b. ( ) O casaco foi feito **em** lã.
c. ( ) **Na** rua do mercado, eu a vi.
d. ( ) O corte foi feito **na** tesoura.
e. ( ) **Em** março, fui nomeado.
f. ( ) Vai taxar **em** 10% todos os saques bancários.
g. ( ) **Em** desespero, corri atrás do ônibus.
h. ( ) Machado de Assis, **em** frases curtas, demonstrava sua depressão.
i. ( ) Deixou **em** herança todos os bens.

Gabarito:

a. (4)
b. (6)
c. (1)
d. (7)
e. (3)
f. (9)
g. (2)
h. (8)
i. (5)

5.1.7. Preposição "ENTRE"

Lugar	A moto estava **entre** os dois carros no trânsito.
Tempo	**Entre** 1979 e 1985, foram vendidas três mil peças.
Quantidade	O preço vai girar **entre** oito e dez dólares.
Companhia	Vivia **entre** os mais pobres.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1 . **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "entre":**

1	**Lugar**
2	**Tempo**
3	**Quantidade**
4	**Companhia**

a. ( ) **Entre** junho e setembro, viajaremos ao nordeste.
b. ( ) **Entre** duas e três meninas, a mais bela foi a escolhida.
c. ( ) **Entre** as árvores estava uma linda mulher.
d. ( ) Eu adoro me deitar **entre** os meu cães.

Gabarito:

a. (2)
b. (3)
c.y (1)
d. (4)

5.1.8. Preposição "PARA"

Direção	Eu caminhei **para** a rua animada.
Tempo	Marcamos o encontro **para** amanhã.
Conformidade	**Para** mim, isso não é doença.
Finalidade	O aluno estuda **para** passar.
Condição	**Para** desejar cantar comigo, terá de tratar da voz.
Lugar	Havia um pouco de comida mais **para** o canto da sala.
Restrição	Proibido **para** menores.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1 . **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição**

"entre":

1	**Direção**
2	**Tempo**
3	**Conformidade**
4	**Finalidade**
5	**Condição**
6	**Lugar**
7	**Restrição**

a. ( ) **Para** o segundo semestre, deixaremos o problema.
b. ( ) Compraremos roupas **para** doar.
c. ( ) Conteúdo específico **para** maiores de dezoito anos.
d. ( ) **Para** ele, o mundo da imaginação é real.
e. ( ) Havia muito mais confete **para** a plateia do que para o palco.
f. ( ) Peguei um atalho **para** sua casa.
g. ( ) **Para** querer ficar comigo, terá de mudar seu jeito de pensar.

Gabarito:

a. (2)
b. (4)
c. (7)
d. (3)
e. (1)
f. (6)
g. (5)

5.1.9. Preposição "POR"

Meio	As casas são ligadas **por** uma escada.
Causa	Aparentava mais idade **por** seus cabelos brancos.
Modo	Resolveremos as questões **por** partes.
Lugar	Ele passou **por** baixo da ponte.

Agente	Ele foi baleado **por** uma criança.
Tempo	Na piscina, **por** muitas horas, tomou muito sol.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "por":**

1	**Meio**
2	**Causa**
3	**Modo**
4	**Lugar**
5	**Agente**
6	**Tempo**

a. ( ) O meu amor deixou de comer **por** mim.
b. ( ) Eles se comunicavam **por** cartas.
c. ( ) O resultado foi dado **por** todos da banca.
d. ( ) **Pela** manhã, você surgiu radiante.
e. ( ) **Por** onde anda, meu filho?
f. ( ) Ele estudou a matéria **por** assunto.

Gabarito:

a. (2)
b. (1)
c. (5)
d. (6)
e. (4)
f. (3)

5.1.10. Preposição "SOB"

Lugar (posição inferior)	Namoramos **sob** aquelas pedras.
Causa	Não se deve ficar aqui, **sob** o risco de ser assaltado.

Proteção	A criança estava **sob** minha custódia.
Sujeição	Bentinho foi exilado **sob** a regência severa da ditadura.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "sob":**

1	**Lugar**
2	**Causa**
3	**Proteção**
4	**Sujeição**

a. ( ) Só confessará **sob** ameaça de perder a vida.
b. ( ) Os soldados, **sob** o meu comando, ganharam a Guerra.
c. ( ) As nuvens se ondulavam **sob** o céu.
d. ( ) Estávamos **sob** o amparo da lei.

Gabarito:

a. (2)
b. (4)
c. (1)
d. (3)

5.1.11. Preposição "SOBRE"

Lugar (posição superior)	O livro estava **sobre** a mesa.
Assunto	Falávamos **sobre** o tango brasileiro.
Especificação	Houve um acréscimo de 33% **sobre** os dados do governo anterior.
Preferência (acima de)	Amar a Deus **sobre** todas as coisas.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1 . **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "sobre":**

1	**Lugar**
2	**Assunto**
3	**Especificação**
4	**Preferência**

a. ( ) Depois de ouvir a história **sobre** políticos, ficou deprimido.
b. ( ) Os funcionários foram multados em 30% **sobre** os seus salários.
c. ( ) Observou as baratas **sobre** o esgoto.
d. ( ) Os cuidados com os filhos estão **sobre** todas as outras coisas.

Gabarito:

a. (2)
b. (3)
c. (1)
d. (4)

5.1.12. Preposição "ANTE"

Lugar	João encontrou o livro **ante** o único lugar vago.
Causa	**ante** a belíssima atuação dos flamenguistas.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1 . **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "ante":**

1	**Lugar**
2	**Causa**

a. ( ) Os baderneiros parariam **ante** o guarda.
b. ( ) O marido chorou arrependido **ante** a revelação da mulher.
c. ( ) Apareciam **ante** mim as pessoas sedentas.
d. ( ) **Ante** os sinais de explosão, decidiu correr.

Gabarito:

a. (1)
b. (2)
c. (1)
d. (2)

BIZU

A PREPOSIÇÃO ANTE COM IDEIA DE LUGAR PODE SER SUBSTITUÍDA POR:

= { na frente de / diante de / perante / na presença de

A PREPOSIÇÃO ANTE COM IDEIA DE CAUSA PODE SER SUBSTITUÍDA POR:

= { por causa de / por motivo de / em decorrência de / em consequência de

5.1.13. Preposição "APÓS"

Lugar posterior	**Após** o canteiro da obra, você encontrará um buraco.
Tempo posterior	**Após** a apresentação, fomos ao restaurante.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1 . **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "após":**

1	**Lugar**
2	**Tempo**

a. ( ) **Após** o curso, situa-se o Teatro Municipal.
b. ( ) **Após** a apresentação, o professor se emocionou.
c. ( ) Chegando a minha rua, estacione **após** o orelhão.

d. ( ) Dia **<u>após</u>** dia, sonho com você.

Gabarito:

a. (1)
b. (2)
c. (1)
d. (2)

5.1.14. Preposição "DESDE"

Afastamento de um lugar	Ele caminhou **<u>desde</u>** o Leblon.
Início de um tempo	**<u>Desde</u>** seu nascimento, era esperto.
Condição	**<u>Desde</u>** que estudes, passarás.
Causa	**<u>Desde</u>** que tenho muito trabalho, não fui à festa alguma.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "desde":**

1	**Lugar**
2	**Tempo**
3	**Condição**
4	**Causa**

a. ( ) **<u>Desde</u>** que nos preocupamos com a educação, trabalhamos com zelo e atenção.
b. ( ) **<u>Desde</u>** cedo, papai me ensinava a tocar violão.
c. ( ) Acho que todo aluno deve estudar muito, **<u>desde</u>** que não atrapalhe o cuidado com a saúde.
d. ( ) Ele já acenava **<u>desde</u>** a escada rolante.

Gabarito:

a. (4)
b. (2)
c. (3)
d. (1)

5.1.15. Preposição "PERANTE"

Diante de / Na frente de / Ante	O professor, **perante** dois mil alunos, explicou.

5.1.16. Preposição "SEM"

Modo	Ele fez os exercícios **sem** pensar.
Condição	**Sem** sorte, nem podemos sair de casa.
Ausência (falta)	"**Sem** ela o que é a vida?" (Castro Alves).

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1 . **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "sem":**

1	**Modo**
2	**Condição**
3	**Ausência (falta)**

a. ( ) Chorava **sem** dar um pio.
b. ( ) **Sem** estudo, ele não era ninguém.
c. ( ) Fui para São Paulo **sem** Maria.

Gabarito:

a. (1)
b. (2)
c. (3)

BIZU

A PREPOSIÇÃO SEM ENTRA EM EXPRESSÕES FIXAS:

SEM QUÊ NEM PARA QUÊ
SEM QUÊ NEM PRA QUÊ = sem razão nenhuma
SEM QUÊ NEM PORQUÊ

Exemplo: Saía gritando pelas ruas da cidade, sem quê nem para quê.

SEM MAIS = sem que haja mais nada a acrescentar

Exemplo: Sem mais, para hoje, envio-lhe saudações.

SEM ESSA (DE) = não vem com essa

Exemplo: Sem essa, meu amor, só tenho olhos para você.

5.2. VALORES SEMÂNTICOS DAS PREPOSIÇÕES ACIDENTAIS

PREPOSIÇÕES	FORMAÇÃO
Durante, mediante, consoante, não obstante, tirante.	São formados de verbos em particípio presente (-nte).
Visto, salvo, exceto, feito	São formados de verbos em particípio passado.
Inclusive, exclusive, fora, afora, menos.	São formas de advérbios.
Incluso, excluso	São formas de adjetivos (ligadas a particípios passados).
Conforme	É forma de adjetivo.
Como	É forma de conjunção.
Senão	É conjunção condicional SE com o advérbio de negação NÃO.
Segundo	É forma de numeral ordinal.

PREPOSIÇÃO	VALOR	EXEMPLO
Durante	Tempo	**Durante** a prova, os professores observam os alunos.
Conforme	Conformidade	Telefonou-me, **conforme** o combinado.
Segundo		**Segundo** os dados do IBGE, a renda familiar aumentou.
Consoante		Nos Andes, **consoante** o mapa do local, havia muitas saliências.
Mediante	Meio	Comprei, **mediante** a orientação do professor, um bom livro.
Não obstante (= apesar de)	Concessão	A prova do concurso, **não obstante** não ter sido realizada pelos alunos, estava fácil.
Inclusive	Inclusão de	Conseguiremos tudo, **inclusive** passar pela vida.
Exclusive	Exclusão de	A matéria da prova será da página 12 até a página 48 **exclusive**.
Exceto		Todos jogavam, **exceto** o mais famoso.
Fora		**Fora** eles, há três anos, ninguém mais explodiu bombas.
Afora		**Afora** o tenente, os demais foram almoçar.
Salvo		Todos compareceram à reunião, **salvo** o diretor financeiro.
Menos		Estudei muita coisa, **menos** matemática.
Senão		Nada lhe restava fazer, **senão** prosseguir.
Tirante		**Tirante** o ciúme, tudo ia bem.

BIZU

A EXPRESSÃO NÃO OBSTANTE

A expressão não obstante pode ser uma conjunção concessiva (= embora), construindo-se, então, com forma verbal no subjuntivo.

Exemplo: Não obstante fosse o melhor atleta, ganhou todos os prêmios.

Conforme	Conformidade	Entregou o documento, **conforme** o combinado.
Segundo		**Segundo** os dados do IBGE, a população aumentou.
Consoante		**Consoante** as ideias do professor, as disciplinas variam.
Visto	Causa	Ele não trabalhou muito naquela semana, **visto** ter sido gerente temporário.
Como (= na qualidade de)	Modo	Não aceito você **como** chefe da seção.
Feito	Comparação	Falando sozinho **feito** um maluco.

BIZU

CONFORME / SEGUNDO / CONSOANTE

Os elementos acima podem ser conjunções confirmativas, construindo-se, então, com forma verbal no indicativo ou no subjuntivo.

Exemplo: **Conforme** estudava, as informações chegavam.

5.3. Exercícios

01. **(FGV – RJ / POLÍCIA CIVIL / MÉDIO)**

"...de onde mais saem órgãos humanos".

Assinale a alternativa que indique a frase de estrutura semelhante que não apresenta correção gramatical em função de uma preposição mal empregada.

a) aonde vão órgãos humanos.
b) de onde vêm órgãos humanos.
c) por onde se dirigem órgãos humanos.
d) até onde são levados órgãos humanos.
e) desde onde são exportados órgãos humanos

Gabarito: C

A forma verbal dirigir-se rege a preposição **para** e não a preposição **por.** Já as demais preposições são determinadas pelas expressões presentes em cada contexto. Na letra A, a preposição **a**, com valor semântico de movimento em direção a um lugar, foi determinada pelo verbo ir (vão). Na opção B, a preposição

de, com semântica de origem, foi regida pelo verbo vir (vêm). Na assertiva D, a preposição **até**, com ideia de limite, foi exigida por "levados" (são levados). Na última opção, letra E, a preposição **desde**, com semântica de tempo ou de lugar ligado a um ponto de origem, foi estabelecida por "exportados" (são exportados).

02. **(NCE / UFRJ / ELETROBRAS / Administração geral)**

"Recuso, COM o mesmo sorriso...": a frase em que a preposição destacada tem o mesmo sentido que possui nesse segmento do texto é:

a) O cronista visita a casa com amigos;
b) Com a chegada das férias, o cronista visita a casa antiga;
c) O cronista encontra com as mesmas pessoas de sempre;
d) O cronista fala com educação sobre as novidades;
e) A crônica é produzida com a ajuda do computador.

Gabarito: D

A relação semântica verificada no enunciado é de modo. A letra D é a única opção em que o mesmo sentido modal ocorre. Nas assertivas A e C, observa-se a semântica de companhia. Na opção B, encontra-se a ideia de causa. Na alternativa E, a semântica de instrumento prevalece.

03. **(NCE / Mesquita / Assistente Social)**

"Beethoven passeava na floresta quando voltou correndo, com a Sexta Sinfonia inteira na cabeça. Kant era metódico, todos os dias saía para seu passeio à tarde, os vizinhos podiam acertar o relógio pela hora em que ele percorria o bosque de Konigsberg. E foi assim que ele criou seu monumental sistema dedicado à razão pura."

Nos segmentos "bosque de Konigsberg" e "desvantagens do mundo virtual", o emprego da preposição DE indica, respectivamente:

a) localização e característica;
b) propriedade e localização;
c) característica e propriedade;
d) situação e localização;
e) propriedade e característica.

Gabarito: A

Na passagem "bosque **de** Konigsberg", percebe-se que a preposição destacada apresenta valor semântico de localização no espaço, pois 'Konigsberg' representa, no texto, o local onde o bosque está situado. Já a preposição **de**, na passagem "desvantagens **do** mundo virtual", apresenta a semântica de característica, ou seja, tipificação da desvantagem. Não é uma desvantagem qualquer, e sim uma desvantagem do mundo virtual. Vale a pena lembrar também que o termo **do mundo virtual** exerce a função sintática de adjunto adnominal; logo, a ideia de tipificação (característica), introduzida pela preposição **de**, surge naturalmente. Não podemos nos esquecer também de que o valor dos adjuntos adnominais é nocional, isto é, semântico, apresentando uma circunstância (noção) de tipificação (característica). Por fim, ainda que haja uma relação de posse, afinal tal relação também se associa ao adjunto adnominal, o principal é a característica, pois houve uma tipificação da desvantagem, deixando claro que não é uma desvantagem qualquer, e sim do mundo virtual.

04. **(VUNESP / CODESP – SP / Especialista Portuário I)**

Observe os trechos do texto.

... e descritos com o cuidado que imprimiram a todo o livro.

... se não for por amor.

As preposições destacadas formam, correta e respectivamente, expressões indicativas de:

a) causa e meio;

b) intensidade e consequência;

c) modo e causa;

d) consequência e modo;

e) meio e intensidade.

Gabarito: C

A passagem "**com** o cuidado que imprimiram a todo o livro." representa a maneira, isto é, o modo como o livro vai ser descrito, e essa ideia está sendo iniciada pela preposição **com.** Já a preposição POR acresce ao período valor de causa, visto que a atitude que se fará é motivada pelo amor (fiz algo por amor – fiz algo por causa do amor).

05. **(VUNESP / CODESP – SP / Guarda Portuário)**

... não se trata de miseráveis que não encontram outra forma de sobreviver.

A preposição destacada estabelece relação de:

a) lugar;

b) origem;

c) matéria;

d) posse;

e) finalidade.

Gabarito: E

A preposição **de** da passagem apresenta ideia final. Percebemos que, no contexto, os miseráveis ainda não encontraram outra forma com o intuito de sobreviver, ou seja, com o desejo, vontade, finalidade de sobreviver. Sendo assim, tal preposição estabelece uma relação de finalidade no fragmento.

06. **(VUNESP / CODESP – SP / Guarda Portuário)**

"Ele então encaixa a cabeça em um visor 3D <u>para ver imagens aumentadas do interior do corpo</u> [...]"

A oração sublinhada nessa frase tem o sentido de:

a) causalidade;

b) condicionalidade;

c) finalidade;

d) temporalidade.

Gabarito: C

A cabeça dele é encaixada no visor 3D com que intuito? Com a finalidade de ver as imagens aumentadas do interior do corpo. Sendo assim, a ideia introduzida pela preposição PARA é final.

07. **(Cesgranrio)**

Assinale a opção em que a preposição COM exprime a mesma ideia que possui em "Surge a lua cheia para chorar com os poetas".

a) O menino machucou-se com a faca.

b) Ela se afastou com um súbito choro.

c) Tinha empobrecido com as secas.

d) Deve-se rir com alguém, não de alguém.

e) Ele se confundiu com a minha resposta.

Gabarito: D

A preposição COM do enunciado transmite a ideia de companhia, ou seja, chorar na companhia dos poetas. Entre as assertivas, aquela que apresenta a mesma ideia é a opção D, rindo na companhia de alguém. Nas demais alternativas, a preposição COM apresenta sentidos diversos: a letra A passa o sentido de instrumento; a opção B, o sentido modal; a assertiva C, o sentido de causa. Já na opção E, a preposição COM surge por exigência do verbo que é transitivo indireto. Retornando à resposta, o sentido do provérbio está na oposição das preposições, ou seja, a ideia é que devemos rir em companhia das pessoas, e não transformá-las em causa (a preposição DE estabelece valor de causa) de riso.

08. **(NCE / Engepron)**

O item em que o valor da preposição está incorretamente identificado é:

a) "Foi a 23 de outubro de 1906" = tempo;

b) "reservada a essas tentativas" = finalidade;

c) "nas margens do Sena, em Neuilly" = lugar;

d) "tomava um valor suficiente para erguê-lo" = direção;

e) "foi calculada em 35 quilômetros" = aproximação.

Gabarito: D

O valor semântico verificado na opção D é final. Tomava um valor suficiente a fim de erguê-lo, isto é, com o intuito de, com a finalidade de…

09. **(NCE – PI / Administrador)**

"...presente na seringa usada pelo adolescente da periferia para viajar ao paraísopor alguns instantes"; a alternativa abaixo em que a utilização de um desses vocábulos apresenta o mesmo valor semântico presente nesse segmento destacado do texto é:

a) "se espalha **para** a multidão de gente pobre";

b) "o bacilo da tuberculose, que, **por** via aérea…";

c) "irá parar nos pulmões dos que passarem **por** perto";

d) “é provável que se organize **para** acabar com as causas”;

e) “dirigidos **por** fundações privadas”.

Gabarito: D

Para resolvermos a questão, analisaremos o valor semântico das preposições destacadas no trecho e em seguida analisaremos as preposições destacadas nas alternativas. No trecho, a valor da preposição “para” é de finalidade e o valor da preposição “por” é de tempo. Na alternativa A, o valor da preposição “para” no trecho é de direção ou destino; na alternativa B, o valor da preposição “por” no trecho é de meio; na alternativa C, o valor da preposição “por” no trecho é de lugar; na alternativa D, o valor da preposição “para” no trecho é de finalidade; e na alternativa E, o valor da preposição “por” no trecho é de agente.

10 **(NCE – PI / INPI)**

“... sob novo signo.”; nesse segmento o autor empregou corretamente a preposição sob; o item abaixo em que houve troca entre sob/sobre é:

a) Sob esse aspecto, a economia vai mudar;

b) A economia foi analisada sob vários pontos de vista;

c) A industrialização virá sob um novo governo;

d) O congresso vai discutir sob política econômica;

e) A industrialização foi feita sob pressão de grupos.

Gabarito: D

Existe uma significativa diferença entre as preposições “sob” e “sobre”.

“Sob” significa “debaixo de”. Tal preposição é muito usada em expressões do tipo: sob esse aspecto, sob uma condição, sob o domínio de, entre outras. Trazendo uma ideia de subordinação. Sobre pode significar “a respeito de” ou “acima de”.

O gabarito é a alternativa “D”, pois o congresso vai discutir a respeito de, ou seja, sobre política econômica.

11. **(NCE / ARQUIVO NACIONAL / Agente Administrativo**)

“Havia controvérsias quanto à veracidade dos fatos”; a forma abaixo que ALTERA o sentido original desse segmento do texto é:

a) quanto à veracidade dos fatos, havia controvérsias;

b) em relação à veracidade dos fatos, existiam controvérsias;
c) no que diz respeito à veracidade dos fatos, havia controvérsias;
d) afora a veracidade dos fatos, havia controvérsias;
e) quanto à veracidade dos fatos, controvérsias havia.

Gabarito: D

A expressão "afora" normalmente pode ser classificada como advérbio (Iremos viajar pelo mundo afora.) ou preposição que pode apresentar valor de "além de" (Afora os animais que encontramos na floresta, existia também uma tribo indígena.) ou valor de "salvo/exceto" (Nesse ano que passou encontrei pessoas de má índole, afora a minha esposa que está comigo nessa caminhada). Sendo assim, o uso da expressão "afora" na alternativa "d" alterou o sentido original do segmento do texto.

12. **(FGV / Fiscal de Rendas)**

Podemos ser operados com anestesia, suavizar dores com analgésicos.

As duas ocorrências da preposição com no trecho acima expressam, respectivamente, o sentido de:

a) meio e modo;
b) meio e meio;
c) modo e meio;
d) modo e modo;
e) companhia e instrumento.

Gabarito: D

A preposição "com" pode apresentar diversos valores semânticos. Na primeira ocorrência em "Podemos ser operados com anestesia" não pode ter valor de meio, pois não há a possibilidade de substituição por "por meio de". Quando se lê "podemos ser operados por meio de anestesia", percebemos que não faz sentido. Com ou sem anestesia é o modo. Na segunda, a substituição de "com" por "por meio de" fica bem coerente. Sendo assim, o valor, na segunda ocorrência é de meio.

13. **(NCE – PI / Administrador)**

A alternativa em que a preposição destacada tem valor semântico de

meio é:

a) "para acabar **com** as causas dessas epidemias";

b) "aplicados em parceria **com** instituições internacionais";

c) "passíveis de controle **com** inseticidas";

d) "mantidos **com** o esforço e a vigilância das comunidades locais";

e) Haverá milhões de pessoas **com** Aids".

Gabarito: C

Para identificar o valor de "meio" devemos substituir a preposição pela expressão "por meio de". Muitos candidatos pensaram em marcar a alternativa "d", mas a expressão introduzida pela preposição não apresenta os "meios", como seria em "mantidas com recursos do governo federal = por meio dos recursos".

O valor é de "apoio" com que os hospitais poderiam contar.

A única alternativa em que a troca é possível é a "c"– "...passíveis de controle (por meio de) inseticidas".

14. **Quem vai vencer as eleições (Ricardo Young)**

O que mais me chama a atenção neste processo eleitoral é que a maior vitória não será de nenhum candidato ou partido, mas da mobilização da sociedade civil em favor da ética e contra a corrupção.

A aprovação da Lei da Ficha Limpa, a decisão do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) de torná-la vigente já nestas eleições e o empate na votação do STF sobre a aplicação da lei ainda este ano mostram a força deste movimento.

Sem a cidadania consciente e organizada, é bem possível que esta lei que impõe critérios mínimos de integridade para candidatos a cargos eletivos nem fosse protocolada no Congresso.

A preposição "Sem" (l. 7) acrescenta ao período valor semântico de:

a) condição;

b) causa;

c) modo;

d) concessão.

Gabarito: A

Pode-se substituir a preposição SEM por conjunções de caráter condicional,

obviamente realizando adaptações: Caso não haja a cidadania consciente organizada / Se não houver a cidadania consciente e organizada, a consequência seria que lei talvez nem fosse homologada.

15. **A lição do Brasil para a China: não ignore a desigualdade**

Geoff Dyer – Tradução: George El Khouri Andolfato

Correspondente em Xangai

Vizinho ao meu escritório em Xangai se encontra um dos shopping centers mais luxuosos que já vi. O nome em inglês, Plaza 66, não significa nada, mas em chinês ele é chamado de "Próspero Para Sempre". Apenas as marcas mais exclusivas são autorizadas e nos fins de semana é preciso entrar na fila para entrar na Louis Vuitton.

5 Eu me lembrei do Plaza 66 em uma recente viagem ao Brasil, quando fui levado à Daslu, a loja mais esnobe do país. É preciso ir de carro até lá -não é possível entrar a pé vindo da rua – e um valet nos conduziu para dentro, onde as mesmas grifes estavam expostas.

10 Há apenas uma grande diferença. A Daslu frequentemente é atacada por ser um símbolo do males percebidos do Brasil, o playground de uma elite mimada. Colunistas zombam de sua clientela. Mas o Plaza 66 aparece em muitos relatos da Xangai moderna como um símbolo de sucesso, um ímã para a geração jovem endinheirada, em ascensão.

15 Talvez tenhamos entendido o Plaza 66 errado. Voltar de São Paulo para Xangai significa sentir os riscos reais que a China está correndo com seu modelo de crescimento a todo custo. Há distintamente uma sensação latino-americana em relação a alguns segmentos da sociedade chinesa que vai além da audácia dos novos ricos.

Assinale a alternativa em que a preposição destacada possui seu valor semântico erradamente apontado.

a) "**de** carro" (l. 6) – meio.

b) "vindo **da** rua" (l. 7) – origem.

c) "e um valet nos conduziu **para** dentro" (l. 7) – direção.

d) "é atacada **por** ser um símbolo" (l. 9 e 10) – causa.

e) "que a China está correndo **com** seu modelo de crescimento" (l. 15) – modo.

Gabarito: E

Em todas as alternativas, as preposições estão com seus valores semânticos corretamente indicados, exceto na alternativa E, visto que "com" exprime valor de causa. Por causa do seu modelo de crescimento, a China está correndo riscos.

16. **(TRT-RJ / Fundação José Pelúcio)**

A alternativa abaixo em que o conectivo em destaque tem seu valor semântico erradamente indicado é:

a) "...não há polícia suficiente **para** fazê-la ser cumprida" = finalidade;

b) "...uma originalidade brasileira **como** a jabuticaba." = comparação;

c) "...muita lei que não pega **por** falta dessa sintonia" = causa;

d) "...existe uma lei óbvia **segundo** a qual..." = ordenação;

e) "...**mas** raramente usam capacete" = adversidade.

Gabarito: D

Todos os conectores estão com seus valores semânticos corretamente indicados, exceto na alternativa D, em que o conector possui valor de conformidade, e não de ordenação.

Capítulo 6

Valor Semântico das Conjunções

As conjunções são vocábulos gramaticais utilizados para relacionar duas orações ou dois termos semelhantes da mesma oração. As conjunções podem ser de dois tipos: **conjunções coordenativas ou conjunções subordinativas**. O valor significativo das conjunções é definido quando se consegue compreender o caráter e o papel desempenhados por elas na estrutura oracional. As orações conectadas traduzirão por si mesmas, com a presença do conector sintático, o valor semântico do período por elas composto.

Sendo assim, as orações se relacionam umas com as outras por meio de uma palavra ou de uma locução que as liga. Essa palavra é chamada de **conjunção**. As relações que as conjunções estabelecem são um dos fatores responsáveis pela textualidade, ou seja, elas contribuem para que um texto seja coerente e coeso, e não uma sequência de palavras ou frases soltas, sem conexão entre elas.

6.1. CONJUNÇÕES COORDENATIVAS

As conjunções coordenativas possuem um caráter e um papel nas estruturas onde se inserem. Portanto, as relações de independência entre os elementos do enunciado são marcadas por essa dualidade característica. Embora sejam independentes, existe uma relação significativa entre esses elementos. Em outras palavras, no plano sintático, exatamente pelo fato de não exercerem função sintática, não há dependência entre as orações; por outro lado se relacionam semanticamente, transmitindo algum valor que é obtido no momento em que se consegue compreender o caráter e o papel desempenhados por elas na estrutura oracional. Essas orações conectadas traduzirão por si mesmas, com a presença da conjunção, o valor semântico do período por elas composto. Tais conjunções coordenativas podem ser dos seguintes tipos: **aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas, explicativas.**

6.1.1. Conjunções coordenativas aditivas

As conjunções coordenativas aditivas possuem a função de **adicionar** um termo a outro de mesma função gramatical, ou ainda adicionar uma oração ã outra de mesma função gramatical. As conjunções coordenativas gramaticais são: **e, nem, mas também, mas ainda, bem como, como também, senão também, tampouco...**

Exemplos

- As pessoas fizeram elogios **e** deram aplausos grandiosos.
- O professor não elogiou, **nem** criticou o aluno.
- O candidato **não apenas** falou, **mas também** cantou.
- **Não só** me telefonou, **como também** me convidou para a festa.

A conjunção é de valor aditivo bem como as orações que se unem transmitem adição de enunciados. Não só a conjunção aditiva está presente como também a relação semântica é de adição. O autor soma informações utilizando a conjunção **E**, por exemplo, pois une as ideias: fizeram e deram, duas ações verbais. Há soma de dois verbos, portanto tem-se o mesmo valor funcional em cada uma das palavras conectadas.

Assim como o **E**, o elemento **NEM** marca uma situação de adição entre os termos coordenados, com a diferença de que o **NEM** adiciona elementos negativos.

BIZU

Ele não só estuda, mas também trabalha. Analise que, se houver um condicionamento de que, ao observar a existência da conjunção MAS, já a considerar adversativa, o candidato estará incorrendo em um erro grave nesta frase, pois o MAS, no caso, não é sinônimo de PORÉM, CONTUDO, TODAVIA... Muito pelo contrário, MAS TAMBÉM introduz uma ideia que estabelece uma relação de soma, afinal o sujeito (ele) estuda e trabalha (faz as duas ações). As estruturas iniciadas por "não só", "não somente" e "não apenas" conduzirão a expressões aditivas. Volvendo ao exemplo, quando se diz "Ele não só estuda", o advérbio NÃO exerce a função de um elemento de negação, isto é, nega... Mas não nega a ação de estudar, e sim a restrição exposta pelo vocábulo "só". Se o "não" fosse extraído do período, "ele só estudaria e não teria mais nenhuma outra atividade". Outros sinônimos de "mas também" são: "como também" e "outrossim". Nas locuções MAS TAMBÉM e COMO TAMBÉM, o termo TAMBÉM pode ficar implícito.

Ex.: Ele não apenas nada, mas corre.

6.1.2. Conjunções coordenativas adversativas

As conjunções coordenativas adversativas possuem a função de estabelecer uma relação de contraste (oposição) entre os sentidos de dois termos ou duas orações de mesma função gramatical. As conjunções coordenativas adversativas são: **mas, contudo, no entanto, entretanto, porém, todavia, e (=mas).**

Exemplos

Não pediu coisa alguma, **mas** não deu absolutamente nada.

Estava muito frio, **entretanto** foi tomar banho nas águas geladas do Ártico.

"Tudo é mistério **e** tudo está cheio de significado." (PESSOA, 1986: 82)

A conjunção "**MAS"** estabelece uma relação de desigualdade (contraste) entre os termos coordenados. Segundo Madre Olívia, o jogo adversativo, expresso por tal conjunção, consiste em apresentar alguma coisa "adversa a outra", que apresenta uma certa oposição. Seu valor semântico apresenta as seguintes especificações:

- **Valor de inclusão**:

Ex: Não basta ler o Evangelho, **mas** temos de passá-lo ã vida.

- Valor de exclusão:

Ex: Encontrei todos os meus amigos, **mas** não os do jardim de infância.

- **Valor compensador**:

Ex: O jogador perdeu a final da Copa do Mundo, **mas** foi eleito o melhor em campo.

- **Valor descompensador**:

Ex: Foi á Disney, **mas** ficou reprovado na escola.

- **Valor justificativo/explicativo**:

Ex: Não conseguiram resolver todas as questões, **mas** o grau de dificuldade era enorme.

- **Valor superativo**:

Ex: A crise econômica mundial foi séria, **mas** o Brasil ficou firme.

- **Valor comparativo**:

Ex: Millena tem cabelos castanhos, **mas** Fernanda tem cabelos pretos.

No exemplo "Tudo é mistério **e** tudo está cheio de significado." (PESSOA, 1986: 82), a conjunção **E**, embora seja primariamente aditiva, desempenha um papel de

oposição, apresentando uma semântica de oposição ou contraste. Portanto, verifica-se que as orações se unem por oposição dos enunciados. Este fato acontece porque o autor primeiramente afirma tudo ser mistério, e em seguida diz que tudo está cheio de significado. Como tudo pode ser mistério e ao mesmo tempo estar cheio de significado? Por mais curioso que pareça, esta foi a forma que o autor empregou para criar uma expressão adversativa não muito comum, mas que o falante pode construir, uma vez que a coordenação o permite, sem que acarrete problemas na compreensão de ideias. Novamente se apresentam dois verbos: é e está, elementos de mesmo valor funcional na oração. Observa-se que as duas orações foram conectadas por uma conjunção cujo valor primário é de adição, entretanto no referido contexto expressa uma relação semântica de adversidade (oposição).

BIZU

Os conectores adversativos introduzem a informação mais importante, isto é, aquela informação que fica registrada na "cabeça" do ouvinte ou do leitor. Podemos dizer que tais conectores despertam a curiosidade do ouvinte ou do leitor, pois, ao pronunciar ou escrever uma conjunção adversativa, cria-se um frustração de determinada expectativa gerada. Sendo assim, o mais importante é o que está por vir, e não aquilo que já foi falado ou escrito. Observemos a seguinte situação comunicativa:

Uma mulher acaba de voltar do salão de beleza e encontra o seu marido que diz o seguinte: – Meu bem, como você ficou diferente, mais bonita. Notei que você pintou as unhas, arrumou o cabelo, passou pó no rosto e também passou brilho nos lábios. Realmente você está muito bem produzida, MAS…

Neste momento, a mulher já não está mais encantada com os elogios feitos pelo marido, pois ele usou o conector adversativo MAS, e mesmo sem ser plena conhecedora da Língua Portuguesa, a mulher tem ciência de que, depois do MAS, algo negativo irá surgir. Isso ocorre exatamente pelo fato de os conectores adversativos marcarem oposição, ou seja, frustração de expectativa. Como o marido começou com elogios, naturalmente depois viria algo negativo. Logo, a mulher fica curiosa para saber o que o marido vai dizer, mas no fundo ela já sabe que será algo negativo. Sendo assim, as conjunções adversativas introduzirão a informação mais importante da passagem, a informação que desperta a atenção e a curiosidade, a informação que vai ficar marcada para o ouvinte ou para o leitor.

Percebemos, dessa forma, que os conectores adversativos introduzem a ideia mais importante. Vimos também que tal ideia, em algumas ocasiões, pode ser positiva ou negativa de acordo com a intenção do autor da frase. Reparemos o exemplo abaixo:

O Brasil cresce, <u>mas</u> a reforma política não acontece.

Neste exemplo, o fato mais importante, como já sabemos, é aquele encabeçado pelo conector adversativo MAS.

6.1.3. Conjunções coordenativas alternativas

Conjunções coordenativas alternativas são as que unem orações independentes, indicando que, com a ocorrência de um dos fatos, haverá a exclusão do outro. Também podem indicar que os fatos podem ocorrer – não havendo escolha e consequentemente exclusão –, mas não simultaneamente. As conjunções coordenativas alternativas são: **ou (repetido ou não), ora...ora, quer...quer, seja...seja etc.**

Exemplos

- Tudo para aquele homem era viver **ou** morrer.
- **Seja** por ideologia, **seja** por ambição, devemos querer ser mais
- **Ora** filosofava, **ora** contava piadas.

BIZU

A conjunção OU pode ter valor de inclusão, sendo classificada como aditiva.

Ex.: Gosto de ler, de ouvir música ou de ver um bom filme. – Repare que, na frase, a conjunção OU estabelece relação de adição, soma, visto que a intenção linguística é esclarecer ao leitor que o narrador gosta das três atividades.

A conjunção OU pode ter valor aditivo e alternativo simultaneamente, correspondendo a e/ou.

Ex.: Trabalhar sem atenção ou sem vontade pode implicar falhas que gerem prejuízo para a empresa. – Observe que se a pessoa trabalhar **sem atenção** pode implicar que vá falhar; se a pessoa trabalhar **sem vontade** pode implicar falhas. É óbvio que se a pessoa trabalhar **sem atenção** e **sem vontade** mais ainda pode implicar falhas. Então, o conector OU sugere que basta uma das situações para gerar falhas, mas, evidentemente, se os dois fatos acontecerem, pode mais ainda gerar falhas. OU, então, inclui e exclui concomitantemente.

BIZU

O emprego de OU melhor, OU antes (ou equivalente), precisando o que acaba de ser dito, pode caracterizar uma retificação ou ratificação. Observe a situação comunicativa abaixo:

SITUAÇÃO 1

– Você gosta de mim?

– Eu sou apaixonada por você ou melhor, sou.

SITUAÇÃO 2

– Você gosta de mim?

– Eu sou apaixonada por você, ou melhor, pelo que você representa.

Na situação 1, podemos perceber que a expressão OU melhor confirma o que acaba de ser dito; entretanto, na situação 2, percebemos que a expressão OU melhor corrige o que foi mencionado anteriormente.

USOS PARTICULARES DA CONJUNÇÃO OU

São expressões bem usadas:

MAIS OU MENOS = aproximadamente

Quando eu comprei o carro, meu filho deveria ter MAIS OU MENOS uns dez anos.

UMA VEZ OU OUTRA = poucas vezes

Nós nos vimos UMA VEZ OU OUTRA neste ano.

ISTO/ISSO OU AQUILO = coisas diversas

Não queria fazer ISTO OU AQUILO para ajudar.

6.1.4. Conjunções coordenativas conclusivas

As conjunções coordenativas conclusivas são utilizadas para unir a uma oração anterior outra oração que exprime conclusão ou consequência. As conjunções coordenativas são: **assim, logo, pois portanto, por isso, então, por conseguinte etc.**

Exemplos

- Dedicou-se muito, **portanto** irá bem na prova
- Estudou toda a matéria; gabaritou, **pois**, a prova.

A conjunção **POIS** será considerada conclusiva somente quando estiver no "rosto" ou no meio da segunda oração, ou seja, quando vier posposta ao verbo, conforme podemos observar no exemplo dado anteriormente.

Outros conectores que também exprimem ideia de conclusão são DESTARTE e DESSARTE. Esses vocábulos se originaram das formas aglutinadas "desta parte" e "dessa parte", significando "sendo assim", "dessa forma". Normalmente introduzem

parágrafos ou períodos que estejam fechando uma ideia.

Ex.: Está chovendo ã beça. Destarte, não irei ã praia.

6.1.5. Conjunções coordenativas explicativas

Conjunções coordenativas explicativas são aquelas que unem duas orações, explicando a segunda o conteúdo da primeira. As conjunções coordenativas explicativas são: **porque, que, pois (quando anteposta ao verbo), porquanto, já que, visto que, uma vez que, dado que.**

Exemplos

- A menina está grávida, **porque** entrou na loja de gestante.
- Entre, **que** está muito frio.

EXERCÍCIO DE FIXAÇÃO

1 . **Numere as frases de acordo com o valor semântico da conjunção coordenativa destacada:**

1	**Adição**
2	**Adversidade**
3	**Alternância**
4	**Conclusão**
5	**Explicação**

a. ( ) Não só trabalha, **mas também** estuda.
b. ( ) A garota chorou, **porque** seus olhos estavam vermelhos.
c. ( ) Estudou a madrugada inteira, **logo** deve estar com sono.
d. ( ) **Ora** estuda, **ora** trabalha.
e. ( ) Diga isto **ou** aquilo.
f. ( ) Foi ao cinema, **e** não viu o filme.
g. ( ) Ele fala **que** fala.
h. ( ) Entre, **que** é noite!
i. ( ) Meu filho estudou bastante, **portanto** não está preocupado com a prova.
j. ( ) Fui ao circo **e** ao teatro.
k. ( ) Estude **ou** será reprovado.

l. ( ) **Quer** esteja feliz, **quer** esteja triste, sempre mantém o bom humor.
m. ( ) Trabalha muito, **mas** ganha pouco.
n. ( ) A professora é bonita, **mas** muito má.
o. ( ) Ele já deu o recado; devemos, **então**, aguardá-lo.
p. ( ) Você não dormiu, **porquanto** está cheio de olheiras.
q. ( ) **Ora** você está sorridente, **ora** você está angustiado.
r. ( ) O filho se machucou, **e** o pai não fez nada por ele.
s. ( ) **Ou** viaja, **ou** fica em casa.
t. ( ) Ganham pouco, **todavia** vivem muito bem.
u. ( ) Vá ao mercado, **que** a carne acabou.
v. ( ) O profissional se dedicou muito, **portanto** terá sucesso.
w. ( ) Estava muito triste, **e** sorria.
x. ( ) Não escreveu, **nem** ligou.
y. ( ) Fique calmo, **pois** voltarei logo.
z. ( ) O aluno não só é inteligente, **mas também** é muito estudioso.

Gabarito:

a. (1)
b. (5)
c. (4)
d. (3)
e. (3)
f. (2)
g. (1)
h. (5)
i. (4)
j. (1)
k. (3)
l. (3)
m. (2)
n. (2)
o. (4)
p. (5)
q. (3)
r. (2)

s. (3)
t. (2)
u. (5)
v. (4)
w. (2)
x. (1)
y. (5)
z. (1)

6.2. CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS

As conjunções subordinativas possuem a função de estabelecer uma relação entre duas orações, caracterizadas pela dependência de sentido. A oração subordinada complementa ou determina o sentido da outra, assumindo uma função sintática da principal. As conjunções subordinativas são classificadas em: **causais, concessivas, condicionais, temporais, comparativas, conformativas, consecutivas, proporcionais, finais e integrantes**.

6.2.1. Conjunções subordinativas causais

Conjunções subordinativas causais são aquelas que subordinam uma oração ã outra, iniciando uma que exprime causa da outra, ã qual se subordina. As conjunções subordinativas causais são: **porque, pois, como, porquanto, que, uma vez que, já que, desde que, visto que, por isso que etc.**

Exemplos:

Porque	Ficamos com calor, **porque** o ar-condicionado quebrou.
Pois	Estou aqui, **pois** é tarde.
Como	**Como** não me telefonou, não me arrumei.
porquanto	Um aluno se dedica ao estudo, **porquanto** pretende passar no concurso.
Que	Passou João de ano, que estudou muito.

As conjunções causais compostas, isto é, as formadoras do que denominamos locuções conjuntivas, apresentam, normalmente, o

elemento QUE ao fim.

São locuções causais → Já que, uma vez que, desde que, visto que, tanto mais que, por causa que.

Já que	Não passou, **já que** não estudou.
Uma vez que	Estamos com uma dívida, **uma vez que** gastamos muito.
Desde que	**Desde que** tenho muito trabalho hoje, não poderei sair.
Visto que	Estou de castigo, **visto que** fiz bagunça.
Por causa que	Não fomos ao show, **por causa que** estava chovendo.

BIZU

CAUSA X EXPLICAÇÃO

Estudiosos de Língua Portuguesa reconhecem a dificuldade existente no que diz respeito às diferenças entre uma oração subordinada adverbial causal e uma oração coordenada sindética explicativa.

As bancas, em geral, reconhecem tal dificuldade e abordam o que é consensual.

Organizemos:

1. É coordenada sindética explicativa a oração principiada por **que, pois, porque** (e similares) posposta a uma outra que apresente verbo no imperativo ou tal ideia.

   Ex.: Entre, **pois** estou mandando.

2. É coordenada sindética explicativa a oração principiada por **que, pois, porque** (e similares) posposta a uma outra que apresente uma tese, ou seja, uma certa conclusão a que se chega a partir de um dado da realidade, devendo ser uma afirmativa de caráter pessoal, subjetiva e, por esta razão, discutível. Também é importante observar que a segunda oração, sob hipótese alguma, pode representar uma causa para o fato exposto na primeira.

   Ex.: João bebeu água, pois o copo está na pia.

3. É subordinada adverbial causal a oração principiada por **que, pois, porque** (e similares) posposta a uma outra que apresente um acontecimento, isto é, uma afirmativa que não se discute, ou seja, um fato. É de bom alvitre perceber que o conector causal introduz efetivamente uma causa para o evento exposto na outra oração.

   Ex.: Ele tirou boas notas, **pois** estudou incansavelmente.

   O vovô deitou-se, **que** estava muito cansado.

OBSERVAÇÃO 2:

Em termos lógicos, a causa (ou o conhecimento dela) ocorre primeiro na linha do tempo.

A calçada está molhada, **porque choveu**. **(CHOVEU – CAUSA; A CALÇADA ESTAR MOLHADA – EFEITO)**

Choveu, **porque a calçada está molhada. (A CALÇADA ESTAR MOLHADA NÃO PODE SER A CAUSA DE CHOVER, POR ISSO A SEGUNDA ORAÇÃO NÃO PODE SER CAUSAL. MAS SE PODE COMPREENDER QUE A CALÇADA ESTAR MOLHADA PODE EXPLICAR – ESCLARECER – O FATO DE HAVER CHOVIDO.)**

SEMANTICAMENTE

Em termos semânticos, pode-se afirmar que explicação é hiperônimo de causa, afinal toda causa é uma explicação, mas nem toda explicação é uma causa. Em face disso, é comum algumas conjunções subordinativas causais serem classificadas como coordenativas explicativas. Já o contrário nunca ocorre. Observe:

Ex.: Comprei **porque sou gastador compulsivo.**

A segunda oração representa uma causa para o fato exposto na primeira, portanto a conjunção é subordinativa causal. Mas como toda causa é uma explicação, é possível encontrarmos a classificação para a conjunção de coordenativa explicativa.

EXERCÍCIO DE FIXAÇÃO

1. **Correlacione as duas colunas:**

1 – CAUSA

2 – EXPLICAÇÃO

a. ( ) Entre, pois estou mandando.
b. ( ) Você chorou, porque seus olhos estão vermelhos.
c. ( ) As ruas estão molhadas, pois choveu forte.
d. ( ) O carro parou, pois faltou combustível.
e. ( ) Fiquei irritado porque o cachorro me mordeu.
f. ( ) Dormimos, pois estávamos com muito sono.
g. ( ) Comeu toda a comida, porque estava faminto.
h. ( ) Meu amigo gravou todas as mensagens, pois eu pedi a ele.
i. ( ) Faltei á reunião porque estava doente.
j. ( ) Extraiu todos os dentes porque estavam cariados.
k. ( ) Entre, que a casa é sua.
l. ( ) Você mente, pois as suas mãos estão trêmulas.

m. ( ) Bati com o carro, porque não vi a árvore.
n. ( ) Desabafe, que faz bem para a mente, porém não minta, pois é pecado.
o. ( ) O Maracanã estava cheio, porque era final de campeonato.
p. ( ) Chora não, filhinho, pois a mamãe está aqui com você". (F Sabino).
q. ( ) Pensa bem, pois mais tarde te arrependerás.
r. ( ) A criança levou uma surra porque fez muitas travessuras.
s. ( ) Teve a luz cortada, porque não pagou a conta.
t. ( ) Foi para o quarto, pois estava com sono.
u. ( ) Não comprou porque quer guardar dinheiro.
v. ( ) Não me abandones, pois eu te amo muito.
w. ( ) Estudemos, pois o concurso esta aí.
x. ( ) Fi-lo, porque o quis.
y. ( ) Fique calmo, pois voltarei logo.
z. ( ) Comprei um carro, porque eu necessitei.

Gabarito:

a. (2)
b. (2)
c. (1)
d. (1)
e. (1)
f. (1)
g. (1)
h. (1)
i. (1)
j. (1)
k. (2)
l. (2)
m. (1)
n. (2)
o. (1)
p. (2)
q. (2)
r. (1)
s. (1)

t. (2)
u. (1)
v. (2)
w. (2)
x. (1)
y. (2)
z. (1)

6.2.2. Conjunções subordinativas concessivas

Conjunções subordinativas concessivas são as conjunções que, ao iniciar uma oração subordinada, se referem a uma ocorrência oposta ã ação da oração principal, não implicando essa oposição em impedimento de uma das ocorrências, ou seja, o obstáculo apresentado na oração subordinada não impedirá ou modificará a declaração da oração principal. Tais conjunções introduzem uma oração cujo fato ocorrente não altera o fato da outra oração. As conjunções subordinativas concessivas são: **embora, mesmo que, ainda que, posto que, por mais que, por menos que, mesmo quando, se bem que, conquanto, nem que etc.**

Obs.: Embora já haja registros de empregos do conector POSTO QUE como causal, as bancas tendem a não admiti-lo, aceitando apenas como conjunção concessiva, sinônima exata de AINDA QUE e MESMO QUE.

Exemplos

- Acompanhou a decisão da maioria, **embora** o tenha feito contra sua vontade.
- A mulher confiaria no rapaz, **ainda que** ele tivesse mentido.

Dentro das concessivas, podemos encontrar matizes semânticos distintos que giram em torno da ideia **factual** e **hipotética**. Observemos as situações comunicativas abaixo:

Uma mulher perguntou ao marido o seguinte: – Você me traiu?

O marido respondeu: – Isso não importa. **Embora** eu tenha traído, eu a amo.

Diante dessa situação, reparamos que, ao usar o conector concessivo **EMBORA,** a ideia **factual** está em evidência, ou seja, o marido está denunciando que

cometeu a traição, passando certeza para a interlocutora.

Observemos agora a situação **b**:

Uma mulher perguntou ao marido o seguinte: – Você me traiu?

O marido respondeu: – Isso não importa. **Ainda que** eu tenha traído, eu a amo.

Nesse caso, a ideia **hipotética** prevalece. Ao falar de tal maneira, usando a conector concessivo **AINDA QUE,** o locutor (marido) trabalha no campo da hipótese, sem afirmar que cometeu a traição.

BIZU

ADVERSIDADE X CONCESSÃO

Tanto as **adversativas** como as **concessivas** marcam oposição (contraste). Podemos até afirmar que, em termos semânticos, a oposição é hiperônimo do qual são hipônimos a adversidade e a concessão. Porém, qual é a diferença que há entre elas? Além de uma representar o grupo oracional das coordenadas (adversativas) e outra representar o grupo oracional das subordinadas (concessivas), precisamos saber que **as adversativas apresentam a ideia mais importante da oposição, e as concessivas se prendem a ideia menos importante** no interior da oposição.

Sendo assim, observemos os exemplos abaixo:

O trabalho dignifica a pessoa, **mas** a consome por completo.

Nesse exemplo, a conjunção **MAS** une duas ideias contrárias, marcando uma perspectiva negativa em relação ao trabalho. Tal oração adversativa representa a ideia (o fato) mais importante, chamando a atenção do leitor para a crítica que diz respeito ao trabalho.

O trabalho consome a pessoa, **mas** a dignifica.

Agora, nós observamos uma visão (perspectiva) positiva em relação ao trabalho. Nesse caso, a intenção do autor do texto é exatamente marcar a visão positiva na cabeça do leitor. A ideia (o fato) mais importante agora passou a ser a dignifica.

Os conectores adversativos introduzem a ideia mais importante. Fica a critério do autor do texto, em algumas ocasiões, decidir que perspectiva (positiva ou negativa) se pretende frisar na mente do leitor. No exemplo 1, como vimos, a intenção foi evidenciar a visão negativa do trabalho, já no exemplo 2, a intenção foi frisar a sua visão positiva.

Se for usada a conjunção concessiva, o período fica assim:

Embora o trabalho dignifique a pessoa, ele a consome por completo.

A concessiva se prende a ideia menos importante. Pode-se também inverter:

Embora o trabalho consuma a pessoa por completo, ele a dignifica.

Percebe-se também que as **concessivas** apresentam característica migratória, ou seja, a possibilidade de elas aparecerem na posição posposta, anteposta ou intercalada; já as **adversativas** apresentam posição fixa na estrutura oracional. Repare também que as concessivas, quando não reduzidas, ocorrem com verbos no modo subjuntivo. Já as adversativas vêm com verbos no modo indicativo.

6.2.3. Conjunções subordinativas condicionais

Conjunções subordinativas condicionais são as conjunções que, ao iniciar uma oração subordinada, exprimem uma hipótese para a realização do fato da oração principal. As conjunções subordinativas condicionais são: **se** e **caso.**

Exemplos:

Se	**Se** você me ligar, sairei com você.
Caso	Ficarei feliz, **caso** você venha.

Podemos perceber que as conjunções condicionais iniciam uma oração subordinada em que se indica uma hipótese ou uma condição necessária para que seja realizado ou não o fato expresso na principal. E elas apresentam uma ideia que é exatamente o oposto da concessão, visto que nestas há independência entre os fatos, e naquelas há dependência.

Ex.: Mesmo que chova, irei á praia. – Observe que o locutor da oraçáo irá à praia de qualquer forma, com chuva ou sem chuva. Sendo assim, o desfecho (ir ã praia) independe do evento anterior (chover), o que caracteriza a concessão.

Ex.: Caso chova, não irei ã praia. – Observe que o fato de ir ã praia depende do fato de não chover, caracterizando a ideia de condição.

As conjunções condicionais compostas, isto é, as formadoras do que denominamos locuções conjuntivas, apresentam, geralmente, o elemento QUE como final.

São locuções condicionais → desde que, contanto que, uma vez que, a menos que, sem que, a não ser que, salvo se, exceto se.

Desde que	Aceitava qualquer nota, **desde que** fosse azul.
Contanto que	**Contanto que** estudes, passarás.
Uma vez que	**Uma vez que** essa condenação seja resolvida, a contratação **poderá** acontecer.

A menos que	**A menos que** você mantenha uma carga de estudo excessiva, será reprovada na escola.
Sem que	A democracia não será exercida, **sem que** esta não esteja assegurada a todos.
A não ser que	Nunca se preocupa com os outros, **a não ser que** seja do seu interesse.
Salvo se	**Salvo se** seu cônjuge for brasileiro, o governo não implicará.
Exceto se	**Exceto se** for encontrado no próprio local, a polícia não perturbará.

BIZU

Caro candidato, ultimamente têm caído bastantes questões em concursos em que é solicitada a relação causa-efeito. E, em muitas dessas situações, a causa é representada por conectores condicionais. Tal é possível, pois há uma proximidade significativa entre as duas ideias. Ambas representam as situações anteriores e geram uma consequência, distinguindo-se apenas pelo fato de a causa ser fato prévio concreto, e a condição, hipótese, obviamente, prévia.

Ex.: Contanto que João esteja doente, não poderá faltar á aula. – Repare a relação condição-consequência. Se João estiver doente (condição), a consequência é que ele poderá faltar ã aula.

6.2.4. Conjunções subordinativas comparativas

Conjunções subordinativas comparativas são as que, ao iniciar uma oração, subordinam-na a outra por meio da comparação ou confronto de ideias. As conjunções subordinativas comparativas são: **que, do que (quando iniciadas ou antecedidas por noções comparativas como menos, mais, maior, menor, melhor, pior), qual (quando iniciada ou antecedida por tal), como (também apresentada nas formas assim como, bem como), quanto (depois de tanto), conforme, feito.**

Exemplos

- Aquilo é pior que o resultado esperado.
- A ansiedade passou como as nuvens do céu.
- Há deveres mais específicos que outros.
- Você é mais alto do que o pai.

Obs.: Nas comparações de superioridade ou de inferioridade, o vocábulo "do" é totalmente desprezível, tanto no aspecto semântico quanto no aspecto gramatical.

Ex.: Estudo mais **do** que Paulo. / Estudo mais que Paulo.

Ex.: Os brasileiros leem menos **do** que os argentinos. / Os brasileiros leem menos que os argentinos.

6.2.5. Conjunções subordinativas consecutivas

As consecutivas introduzem uma ideia de consequência. Normalmente na oração principal aparecerá um elemento que dê ideia de intensificação (tão, tal, tamanho, tanto). A conjunção mais comum é QUE.

Exemplos

- "Abraçou-me com tal ímpeto, que não pude evitá-lo" (Machado de Assis).
- "… e era tão linda, morena e dourada pelo sol, que eu ia, no silêncio do ar, atirar-lhe um beijo…" (Eça de Queirós).

Observe, nas duas frases, que apareceu a expressão de intensidade (TAL, TÃO) na oração principal e a conjunção QUE introduzindo valor de consequência, na primeira frase (não pude evitá-lo) e na segunda (eu ia, no silêncio do ar, atirar-lhe um beijo…).

6.2.6. Conjunções subordinativas finais

Conjunções subordinativas finais são as conjunções que, ao iniciar uma oração subordinada, expressam a finalidade dos atos contidos na oração principal. As conjunções subordinativas finais são: **a fim de que, para que, porque (com mesmo sentido da conjunção para que), que.**

Obs.: Todos os conectores finais podem ser substituídos pela palavra OBJETIVO.

Exemplos

- Tudo foi planejado para que (COM OBJETIVO DE QUE) não houvesse falhas.
- Fez sinal que (COM OBJETIVO DE QUE) todos se aproximassem em silêncio.
- Rezo porque (COM OBJETIVO DE QUE) tudo acabe bem.

BIZU

Você deve ficar atento ao fato de que as bancas têm relacionado, principalmente em questões de interpretação de textos, a ideia de finalidade á de consequência. Tal é efetivamente cabível visto que ambas representam fatos posteriores. Tome cuidado, pois, no primeiro momento, a finalidade passa a sensação de que se trata de fato anterior, mas é justamente o oposto, como ficará esclarecido nos exemplos a seguir.

Ex.: Vim aqui para que (com o objetivo de que) pudesse analisar o problema.

Atenção: o primeiro fato a acontecer é "vir aqui" e o segundo fato "poder analisar o problema", então "poder analisar o problema" não faz com que "eu venha aqui" e sim "vir aqui" é que faz com que "eu possa analisar o problema".

Ex.: João deve estudar a fim de que (com o objetivo de que) tenha a sua vaga assegurada no concurso.

Atenção: o fato anterior é "João dever estudar", o posterior é "ter a vaga assegurada". O posterior não leva ã ocorrência do anterior; o anterior é que leva ã ocorrência do posterior.

6.2.7. Conjunções subordinativas conformativas

Conjunções subordinativas conformativas são as que, ao iniciar uma oração subordinada, expressam sua conformidade (estar de acordo com algo já estabelecido) em relação ao fato da oração principal. As conjunções subordinativas conformativas são: **conforme, segundo, consoante, como (utilizada no mesmo sentido da conjunção conforme).**

Exemplos

- O debate se desenvolveu conforme foi planejado
- Segundo o que disseram, não haverá reunião.

6.2.8. Conjunções subordinativas proporcionais

Conjunções subordinativas proporcionais são as conjunções que expressam a simultaneidade e a proporcionalidade da evolução dos fatos contidos na oração subordinada com relação aos fatos da oração principal. As conjunções subordinativas proporcionais são: **à proporção que, à medida que, ao passo que, quanto mais... (tanto) mais, quanto mais... (tanto) menos, quanto menos... (tanto) menos, quanto menos... (tanto) mais etc.**

Exemplos

- Seu espírito se elevava á medida que se dedicava ao estudo.
- Quanto mais correres, mais ofegante ficarás
- Quanto menos as pessoas nos incomodam, tanto mais realizamos nossas obrigações.

Obs.: É de bom alvitre não confundir À MEDIDA QUE – que tem valor proporcional – com NA MEDIDA EM QUE – que tem valor causal ou explicativo, sendo sinônimo de PORQUE, JÁ QUE, VISTO QUE… Os termos À MEDIDA EM QUE e NA MEDIDA QUE simplesmente não existem.

6.2.9. Conjunções subordinativas temporais

Conjunções subordinativas temporais são as que, ao iniciar uma oração subordinada, tornam essa oração um índice da circunstância do tempo em que o fato da oração principal ocorre.

Sendo assim, a construção temporal expressa por um **período composto** é formada pela **oração principal** e uma **subordinada adverbial temporal**. Normalmente, em Português, a análise das construções temporais pode ser desenvolvida em relação às orações iniciadas pela conjunção **quando**. Tal conjunção é bem famosa no universo linguístico exatamente pelo seu valor temporal.

Exemplo

- Os professores serão surpreendidos **quando** os alunos chegarem.

Existem outras conjunções que expressam valor temporal:

ENQUANTO (tempo simultâneo) – O aluno conversava, **enquanto** o professor explicava a matéria.

APENAS – Apenas nós nos sentamos no muro, a polícia nos repreendeu.

MAL – Mal chegou ã casa, teve de sair.

Existem algumas conjunções temporais compostas, isto é, formam o que denominamos locuções conjuntivas, apresentando, geralmente, o elemento QUE como final, e que podem ser empregadas com:

a) **Advérbios → antes, depois, logo, assim.**

Antes que	Acorde antes que ele chegue.

Depois que	Vou á festa depois que ele sair.
Logo que	**Logo que** chegamos, o filme começou.
Assim que	Correu **assim que** nos viu.
Sempre que	**Sempre que** estuda, aparecem dúvidas.

b) **Preposição →até, desde.**

Até que	Ficarei aqui **até que** você me chame.
Desde que	**Desde que** o conheci, fiquei encantando com seu discernimento.

6.2.10. Conjunções subordinativas modais

Não é muito comum a relação adverbial modal por meio de uma **oração.** Ela se faz especialmente com **SEM QUE** e **verbo no subjuntivo**.

Exemplo

- Limpa-se, lavando toada a estrutura, **sem que** sujeira alguma apareça.

6.2.11. Conjunções subordinativas integrantes

Conjunções subordinativas integrantes são as conjunções que, iniciando orações subordinadas, introduzem essas orações como termos da oração principal (sujeitos, objetos diretos ou indiretos, complementos nominais, predicativos ou apostos). As conjunções integrantes são **que** e **se.**

Exemplos

- João disse que não havia problemas (a oração subordinada funciona, neste caso, como objeto direto da oração principal);
- A criança perguntou ao pai se Deus existia de verdade (a oração subordinada funciona, neste caso, como objeto direto da oração principal).

BIZU

Caro estudante, em tese a conjunção integrante não possui valor semântico. Todavia perceba que há diferença de sentido entre as conjunções integrantes **QUE** e **SE.** A distinção que há é a seguinte: a conjunção **QUE** transmite **ideia factual** e a conjunção **SE** transmite **ideia hipotética**. Observemos os exemplos:

– Eu sei que você está triste.

Na situação acima, a oração que você mentiu funciona sintaticamente como objeto direto do verbo saber. Ao fazer uso da conjunção **QUE** o autor da frase indica **certeza** em relação ã mentira. Essa ideia factual é direcionada para a segunda pessoa do discurso.

– Eu sei se você está triste.

Nesse caso, a ideia hipotética, transmitida pela oração "se você está triste", está relacionada ã percepção do autor da frase, ou seja, havendo tristeza, eu perceberei. No primeiro momento, encontra-se a certeza (eu sei…), no segundo momento, encontra-se a dúvida (se você está triste) e o período inteiro caracteriza a relação perceptiva mencionada. Artifício criado por causa da conjunção integrante **SE** que apresenta essa carga semântica.

EXERCÍCIO DE FIXAÇÃO

1 . **Numere as frases de acordo com a classificação da conjunção subordinativa:**

1	**Causal**
2	**Comparativa**
3	**Temporal**
4	**Concessiva**
5	**Final**
6	**Consecutiva**
7	**Proporcional**
8	**Condicional**
9	**Conformativa**
10	**Integrante**
11	**Modal**

a. ( ) Ele se esforçou tanto **como** o irmão.
b. ( ) **Se** você vier, será bom para todos.
c. ( ) Entrou **antes que** anoitecesse.
d. ( ) Acenou-lhe **que** viesse.
e. ( ) **À medida que** estuda, mais conhecimento adquire.
f. ( ) Estava tão cansado **que** dormiu.

g. ( ) **Segundo** me disseste, os alunos gabaritaram.
h. ( ) **Desde que** não aceitam minha opinião, calo-me.
i. ( ) **Embora** chovesse, foram á praia.
j. ( ) Admirava-o muito, **conquanto** o conhecesse pouco.
k. ( ) Tamanha foi a explosão, **que** todos correram.
l. ( ) Orou **porque** a paz voltasse.
m. ( ) **Ainda que** estivéssemos cansados, prosseguiríamos a viajem.
n. ( ) Este livro é mais interessante **que** o meu.
o. ( ) O barulho aumentava **à medida que** no aproximávamos.
p. ( ) Irei viajar, **contanto que** tenha dinheiro.
q. ( ) **Mal** cheguei, sorriu.
r. ( ) Estudou muito **para que** fizesse uma boa prova.
s. ( ) **Como** estava doente, fui ao médico.
t. ( ) **Conquanto** chovesse, íamos ao parque aquático.
u. ( ) É feio **que** dói.
v. ( ) Falem o que quiserem, **contato que** não me ofenda.
w. ( ) Ele comeu, **porque** estava com muita fome.
x. ( ) A mulher gritou tanto **que** perdeu a voz.
y. ( ) Faltei ao trabalho **porque** estava doente.
z. ( ) **Já que** insiste, aceito o emprego.
AA ( ) Agi **conforme** você agiu
AB ( ) O pai viu **que** o filho estudara.
AC ( ) Ela é tal quais as amigas.
AD ( ) O pai prepara uma surpresa, **sem que** o filho desconfie.

Gabarito:

a. (2)
b. (8)
c. (3)
d. (5)
e. (7)
f. (6)
g. (9)
h. (1)
i. (4)

j. (4)
k. (6)
l. (5)
m. (4)
n. (10)
o. (7)
p. (8)
q. (3)
r. (5)
s. (1)
t. (4)
u. (6)
v. (8)
w. (1)
x. (6)
y. (1)
z. (1)
AA (9)
AB (10)
AC (2)
AD (11)

6.3. ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS

O pronome relativo sempre introduz uma oração subordinada adjetiva. São pronomes relativos O QUAL, A QUAL, OS QUAIS, AS QUAIS ou quaisquer outros termos que possam ser substituídos por estes já mencionados. São também pronomes relativos CUJO, CUJA, CUJOS e CUJAS.

Ex.: Roubaram o relógio que (O QUAL) comprei ontem.

A oração sublinhada introduzida pelo pronome relativo QUE é subordinada adjetiva.

Ex.: O bairro onde (NO QUAL) moro é muito bonito.

ONDE MORO é uma oração subordinada adjetiva, pois ONDE é pronome relativo, fato que é constatado pela possibilidade de substituição por NO QUAL.

A oração subordinada adjetiva pode ser restritiva ou explicativa. Será restritiva quando não estiver isolada através de vírgula, travessão ou parênteses, e será explicativa se as pontuações aludidas procederem ao seu isolamento.

Ex.: Os operários que (os quais) fizeram greve foram demitidos. / Os operários – que (os quais) fizeram greve – foram demitidos.

Obs.: É fundamental lembrar que, nos atuais concursos públicos, é muito difícil as bancas solicitarem ao candidato a classificação de uma oração, o que não significa o assunto quedar-se ausente nas provas. A exigência hoje é a percepção de que a pontuação altera muito mais do que uma mera classificação de oração, modificando também o seu valor semântico. Então, retornando às duas frases, utilizadas no exemplo, tem-se: em ambas, o QUE é pronome relativo; contudo, na primeira frase, o pronome relativo não é precedido de pontuação, portanto a oração é subordinada restritiva. Sendo assim, a ideia é de restrição. As palavras que melhor expressam essa ideia são SOMENTE, SÓ, APENAS. A ideia contida na primeira frase é "somente os operários que fizeram greve serão demitidos"; já, na segunda frase, a oração adjetiva é isolada através de travessões, por conseguinte a oração é subordinada adjetiva explicativa. Portanto, o candidato deve condicionar-se á ideia de explicação, á ideia de "porquê". A frase deve ser interpretada como: Os operários foram demitidos porque fizeram greve.

Ex.: Os professores cujos alunos são bagunceiros ficam calvo mais cedo. Nem todos os professores ficam glabros mais cedo, somente aqueles que têm seus alunos bagunceiros. Portanto a oração CUJOS ALUNOS SÃO BAGUNCEIROS é subordinada adjetiva restritiva.

Ex.: Os professores, cujos alunos são bagunceiros, ficam glabros mais cedo. A interpretação desta frase é que "os professores ficam glabros mais cedo, pois seus alunos são bagunceiros".

Ex.: "O Capitão, que a tudo estava atento,

Tanto com estas se alegrou…" Camões

O sentido dos dois versos é "O Capitão, visto que a tudo estava atento, tanto com estas se alegrou…"

6.4. EXERCÍCIOS

01. **(TRF)**

Considere os períodos I, II e III, pontuados de duas maneiras diferentes:

I. Entregues os documentos pelo correio, seguirão outras informações relativas ao processo.

Entregues os documentos, pelo correio seguirão outras informações, relativas ao processo.

II. A audiência será marcada de imediato pelo advogado e o promotor conjuntamente.

A audiência será marcada, de imediato, pelo advogado e o promotor conjuntamente.

III. É bom que se arquivem os processos que estão com o prazo vencido.

É bom que se arquivem os processos, que estão com o prazo vencido.

Com a pontuação diferente, ocorreu alteração de significado em:

a) I, somente;

b) II, somente;

c) I e II;

d) I e III;

e) II e III.

Gabarito: D

Há alteração semântica no item I, visto que no primeiro período os documentos irão pelo correio; no segundo, são as outras informações que seguirão pelo correio. No item II, o fato de o adjunto adverbial, de corpo pequeno, estar isolado ou não por vírgulas, não gera alteração semântica. No item III, há alteração de sentido, visto que, quando o pronome relativo não é precedido de pontuação, introduz oração de caráter restritivo; já quando vem precedido de vírgula, introduz oração de caráter explicativo. Portanto, na primeira frase, o sentido é "não arquivar todos os processos, e sim somente aqueles que estão com o prazo vencido". Já na segunda, o sentido é "arquivar todos os processos, porque estão com o prazo vencido.".

02. **"O que me interessou foi um comentário marginal que ele fez – e o exemplo que escolheu para ilustrar seu comentário."; a forma menos adequada de reescrevermos o texto acima, respeitando-se o sentido original, é:**

a) Interessou-me um comentário marginal que ele fez – e o exemplo escolhido para ilustrar seu comentário;
b) Interessaram-me não só um comentário marginal que ele fez, como também o exemplo que escolheu para a ilustração de seu comentário;
c) O que me interessou foram um comentário marginal (que ele fez) e o exemplo (que escolheu para ilustrar seu comentário);
d) Um comentário marginal que ele fez e o exemplo que escolheu para ilustrar seu comentário foi o que me interessou;
e) Um comentário marginal feito por ele e o exemplo escolhido para a ilustração de seu comentário foi o que me interessou.

Gabarito: C

Repare que as orações adjetivas "que ele fez"e "que escolheu para ilustrar seu comentário", no texto original, não estão isoladas por pontuação, possuindo, por conseguinte, valor restritivo. Quando, na alternativa C, tais orações passam a vir isoladas por parênteses, assumem caráter explicativo. Por tal motivo – gerar alteração de sentido –, a alternativa C é a forma menos adequada para se reescrever o período.

03. **(ESAF / AFC)**

Assinale o diagnóstico correto acerca do emprego das vírgulas no trecho seguinte:

A nova disciplina das sociedades limitadas, está presente no Código Civil de 2002, que inovou em relação ao diploma anterior e tratou de matéria de cunho eminentemente comercial, revogando, assim, neste aspecto, o vetusto Código Comercial que datava do século passado.

a) O trecho está corretamente pontuado: não sobram nem faltam vírgulas.
b) O erro de pontuação está no mau emprego da vírgula colocada após a palavra "limitadas"(l.1). Sendo ela eliminada, o trecho torna-se gramaticalmente correto.
c) Para o trecho ficar corretamente pontuado, é preciso eliminar a vírgula colocada após a palavra "limitadas"(l.1) e inserir uma vírgula após a palavra "Comercial"(l.3-4).
d) Há três erros de pontuação: ausência de vírgula após a palavra "presente"(l.1), presença da vírgula depois de "2002"(l.2) e presença da

vírgula depois da palavra "revogando"(l.3).

e) Basta uma vírgula isolando a oração adjetiva explicativa "que datava do século passado"(l.4) para o trecho ficar corretamente pontuado.

Gabarito: C

Questão extremamente maliciosa, visto que há um erro gramatical grosseiro logo na linha 1, ao ser empregada uma vírgula após "limitadas", separando sujeito de verbo. Tal situação induz o candidato a marcar a alternativa B. No entanto, há mais um erro no texto: como "Código Comercial" só há um, não se pode restringir algo de apenas uma unidade. Então, essa oração só pode ter caráter explicativo, o que obriga o uso de uma pontuação antes do pronome relativo "que". O sentido da frase é:... revogar o vetusto (antiquado) Código Comercial, porque ele data do século passado. Sendo assim, a alternativa que denuncia as duas falhas é a C.

04. **(FCC / TRT-SP 2º Região / Analista Judiciário)**

Atente para as seguintes frases:

I. Caberia aos homens de hoje, que despacharam as utopias, buscar revigorá-las.

II. Os sonhos coletivos, que alimentaram tempos passados, deram lugar aos afazeres imediatos.

III. Preocupa-nos, hoje, muito mais a agenda do dia do que um projeto de longo prazo.

A supressão das vírgulas altera o sentido da frase SOMENTE em:

a) I e II;

b) I e III;

c) I;

d) II;

e) III.

Gabarito: A

Nos dois primeiros períodos, temos o emprego de vírgulas antecedendo pronomes relativos. Sendo assim, tais orações possuem caráter explicativo (porque). Sendo tais pontuações extraídas, o sentido passa a ser de restrição (somente). Já no último item, o fato de o adjunto adverbial estar isolado ou não por pontuação não implica alteração de sentido.

05. **(IBAMA / Gestão / 2010)**

Reparação duas décadas depois

Francisco Alves Mendes Filho ainda não era um mito da luta contra a devastação da Amazônia quando foi preso, em 1981, acusado de subversão e incitamento á luta de classes no Acre, em plena ditadura militar. Chico Mendes se tornaria mundialmente conhecido, dali para a frente, por comandar uma campanha contra a ação de grileiros e latifundiários, responsáveis pela destruição da floresta e pela escravização do caboclo amazônico. Por isso mesmo foi assassinado, em 22 de dezembro de 1988, na porta de casa, em Xapuri. O crime, cometido por uma dupla de fazendeiros, foi punido com uma sentença de 19 anos de cadeia para cada um. Faltava reparar a injustiça cometida pelos militares.

E ela veio na quarta-feira 10, no palco do Teatro Plácido de Castro, em Rio Branco, na forma de uma portaria assinada pelo ministro da Justiça, Tarso Genro. Antes, porém, realizou-se uma sessão de julgamento da Comissão de Anistia, cujo resultado foi o reconhecimento, por unanimidade, da perseguição política sofrida por Chico Mendes no início dos anos 80 do século passado. A viúva do líder seringueiro, Izalmar Gadelha Mendes, vai receber uma pensão vitalícia de 3 mil reais mensais, além de indenização de 337,8 mil reais.

Após assinar a portaria de anistia, Tarso Genro declarou que o assassinato de Chico Mendes está diretamente associado ã perseguição sofrida pelo seringueiro durante a ditadura. "O Estado brasileiro não soube compreender o que ele (Mendes) representava naquele momento", disse o ministro. "O Brasil pede perdão a Chico Mendes", afirmou, ao assinar o documento. Acompanhada de dois filhos, Izalmar Mendes mostrou-se satisfeita com o resultado do julgamento. "Era a hora de limpar o nome do meu marido. Mais importante do que a indenização foi o pedido de desculpas feito pelo Estado", disse a viúva.

O caso de Chico Mendes foi relatado pela conselheira Sueli Bellato. Emocionada, ela disse ter lido muito sobre o seringueiro morto para, então, encadear os argumentos que a fizeram acatar o pedido de reconhecimento e indenização interposto por Izalmar Mendes. Chico Mendes foi vereador em Xapuri, onde nasceu, e se firmou como crítico de projetos governamentais de graves consequências ambientais, como a construção de estradas na região amazônica. 31 No relatório, aprovado por unanimidade, a conselheira contou

detalhes da vida de Chico Mendes, da infância pobre nos seringais ao dia em que foi assassinado. Segundo Sueli Bellato, a atuação de Mendes contra grileiros e latifundiários rendeu, durante a ditadura, um arquivo de 71 páginas redigidas por agentes do antigo Serviço Nacional de Informações (SNI). Foi por participar de um ato público, em 1980, que Chico Mendes passou a ser fichado e perseguido pelos militares. Em Rio Branco, o seringueiro fez um discurso exaltado contra a violência no campo provocada pelos fazendeiros.

Na época, Chico Mendes foi enquadrado na Lei de Segurança Nacional, acusado de "atentado contra a paz, a prosperidade e a harmonia entre as classes sociais". Preso em diversas ocasiões, só foi definitivamente absolvido em 1º de março de 1984, quatro anos depois, portanto, de iniciadas as perseguições. De acordo com a conselheira Sueli Bellato, embora o relatório não tenha se aprofundado na questão, foi possível constatar que Chico Mendes também foi torturado enquanto estava sob custódia de policiais federais.

Leandro Fortes. Internet: <www.cartacapital.com.br> (com adaptações).

Considerando aspectos linguísticos do texto Reparação duas décadas depois, julgue os itens a seguir.

1 – Os termos "portanto" (L.41) e "enquanto" (L. 43), estabelecem idênticas relações de sentido.

2– O texto caracteriza-se como essencialmente informativo.

3– O emprego da vírgula após "latifundiários" (L. 5) justifica-se por isolar o termo explicativo.

4– O termo "onde" (L. 28) introduz oração adjetiva de sentido explicativo.

Gabarito:

1 – Errado. A conjunção "portanto" tem valor conclusivo; já a conjunção "enquanto" estabelece valor de concomitância, de tempo.

2 – Certo. O texto se estrutura pela exposição de fatos, o que demarca a caracterização da predominância do aspecto informativo.

3 – Certo. Como a vírgula precede "responsáveis", cuja classe gramatical é um adjetivo, pode-se perceber que tal adjetivo (pode-se fazer analogia com as orações adjetivas) passa a ter caráter explicativo.

4 – Certo. O vocábulo ONDE é pronome relativo, podendo, inclusive, ser substituído por NO QUAL; e como é precedido de vírgula, a oração subordinada adjetiva tem caráter explicativo.

06. **(APOFP)**

Em relação ao texto abaixo, assinale a opção correta.

A invasão israelense intensifica o ambiente de privações e ameaças ã integridade física em que vivem os habitantes de Gaza. Além dos intensos bombardeios aéreos, que mataram centenas de palestinos – entre eles várias mulheres e crianças –, faltam víveres e medicamentos, e os cortes no fornecimento de água e luz são constantes. Ao que consta, pois Israel impede a entrada da imprensa no território invadido, o objetivo inicial da ação terrestre é isolar o norte da faixa litorânea, de onde parte a maioria dos ataques com foguetes contra o sul israelense, do restante do território palestino. A cidade de Gaza, com mais de 400 mil habitantes, foi sitiada. Além dos intoleráveis danos, humanos e materiais, que impõe aos palestinos, o estrangulamento militar desfechado por Israel está repleto de incertezas quantoà sua eficácia.

(Folha de S. Paulo, Editorial, 05 jan. 2009.)

a) O sinal indicativo de crase em "á integridade"(l.1) justifica-se pela regência de "intensifica"(l.1) e pela presença de artigo definido feminino singular.

b) O segmento "de onde parte a maioria dos ataques com foguetes contra o sul israelense"(l.7) está entre vírgulas por tratar-se de oração subordinada adjetiva explicativa.

c) O emprego de vírgula após "aéreos"(l.2) justifica-se para isolar a oração de natureza restritiva subsequente.

d) A expressão "Ao que consta"(l.5) indica que os autores têm certeza absoluta da informação apresentada.

e) O pronome relativo "que"(l.2, primeira ocorrência) retoma o sentido do termo antecedente: "integridade física".

Gabarito: B

A alternativa A apresenta comentário inadequado, visto que a presença da preposição A é decorrente da regência de "ameaças". A alternativa B é a que apresenta comentário adequado, porquanto ONDE – junto com a preposição de – é pronome relativo, podendo ser substituído por DO QUAL, referindo-se a "o norte da faixa litorânea". E como esse pronome relativo é precedido de vírgula, introduz oração de caráter explicativo. O corpo da alternativa C apresenta uma contradição: a presença de pontuação 'não caracteriza uma oração restritiva. A ausência de pontuação pode caracterizar a restrição; e a presença pode caracterizar a

explicação. A alternativa D também apresenta comentário falso, pois o emprego de AO QUE CONSTA passa a sensação de a informação estar no campo da possibilidade, da hipótese. A alternativa E também apresenta comentário inadequado, visto que o antecedente do relativo QUE (junto com a preposição EM) é "o ambiente de privações e ameaças ã integridade física", sendo o núcleo "ambiente".

07. **(FCC / TRT-1ª Região / Analista Judiciário)**

... a densidade da ocupação espacial resulta na concentração de necessidades. Assim, nas cidades surgem problemas que em outras condições as pessoas nunca tiveram oportunidade de resolver.

Identifica-se entre as frases acima, respectivamente, relação de:

a) consequência e ressalva;
b) causa e consequência;
c) finalidade e temporalidade;
d) oposição e ressalva;
e) condição e oposição.

Gabarito: B

Podemos observar algumas relações na passagem acima. A densidade da ocupação é causa de concentração de necessidades, assim como tal concentração de necessidades também se torna causa para o fato de surgirem problemas que, em outras condições, as pessoas nunca tiveram oportunidade de resolver. Sendo assim, há uma nítida relação de causa e efeito na passagem do enunciado.

08. **(FUNCAB / Pref. Serra-ES / Cirurgião Dentista)**

No período "Ela estava tão aflita que, embora fizesse frio, se abanava com uma revista", além da oração principal, há duas outras orações as quais exprimem respectivamente:

a) concessão e consequência;
b) condição e consequência;
c) concessão e causa;
d) condição e causa;
e) causa e consequência.

Gabarito: A

O conector EMBORA é concessivo, e a conjunção QUE na passagem é um

conector consecutivo, introduzindo no fragmento a consequência de determinado fato: estar tão aflita.

09. **(FUNCAB / Pref. Serra-ES / Cirurgião Dentista)**

A conjunção em destaque no período "COMO a senhora não me desse mais trabalho, e o tempo fosse passando, recomecei a pensar em mim mesmo, triste e fraco assunto" pode ser substituída, sem alteração de sentido, porto das as abaixo relacionadas, EXCETO por:

a) porque;
b) conquanto;
c) dado que;
d) visto que;
e) porquanto.

Gabarito: B

O valor da conjunção em destaque é causal, e o único que não pode apresentar a mesma ideia entre as assertivas é o CONQUANTO, pois apresenta valor de concessão.

10. **(OBJETIVA / Pref. Chapecó-SC / Médico)**

Analisar os itens abaixo:

I.– "Note bem: casais. Não é o caso, <u>portanto</u>, da conhecida depressão pós-parto que acomete as..."
mulheres recém-saídas do episódio..."

II.– "Mas não leva em consideração, o que não nos impede de especular a respeito, <u>se</u> este homem aqui já tinha algum tipo de propensão ã depressão..."

Os termos sublinhados, chamados conjunções, podem ser substituídos, sem alteração semântica, por:

a) Pois – caso;
b) Logo – embora;
c) Outrossim – ainda que;
d) Porquanto – conquanto.

Gabarito: A

Primeiro, temos de identificar os valores das conjunções no enunciado. Ao verificar, percebemos que as ideias são respectivamente de CONCLUSÃO e

CONDIÇÃO. A única assertiva que apresenta a mesma relação semântica é a opção A, pelo fato de o POIS manter a noção conclusiva no contexto, além de CASO conservar a ideia de condição.

11. **"O estudo relaciona, como justificativa para o advento do transtorno, a mudança da rotina do casal..."**

A palavra "como", no fragmento, traduz ideia de:

a) Concessão;
b) Adversidade;
c) Alternância;
d) Conformidade.

Gabarito: D

O conector introduz uma informação que se encontra de acordo com a exposta na outra oração.

12. **(AOCP / CÅ, MARA DE SALVADOR-BA / Analista Legislativo)**

"Como ocorreu em 2009, para aplacar críticas, a cúpula do MEC substituiu o presidente do Inep."

A expressão destacada estabelece, no contexto, uma relação lógico-semântica de:

a) Causa;
b) Conformidade;
c) Consecução;
d) Comparação;
e) Concessão.

Gabarito: D

Na passagem acima, percebe-se uma comparação em relação ao que ocorrera em 2009, ou seja, da mesma forma que aconteceu em 2009. Logo, o valor semântico predominante é o de comparação.

13. **(VUNESP –CODESP / SP – GUARDA PORTUÁRIO)**

No trecho – As pessoas precisam ser alertadas porque o número de mendigos que agem de má fé é grande. – a conjunção porque pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:

a) mas;
b) porém;

c) todavia;
d) entretanto;
e) pois.

Gabarito: E

Os quatro primeiros conectores MAS, PORÉM, TODAVIA e ENTRETANTO são adversativos, e a conjunção PORQUE é explicativa no contexto; logo, o único conectivo que substitui o grifado sem alteração de sentido é o POIS.

14. **(Cespe / Correios / Carteiro)**

Na frase "Identificava-se, <u>portanto</u>, o responsável pelo fracasso na legitimidade das feições" (L.16-17), a palavra sublinhada expressa o sentido de:

a) condição;
b) oposição;
c) explicação;
d) conclusão;
e) finalidade.

Gabarito: D

A conjunção sublinhada introduz valor de dedução, suposição, algo que efetivamente se conclui.

15. **(Cespe / Polícia Civil-ES / Perito Criminal Especial)**

Bandos de homens armados perpetram anualmente 450 roubos a bancos e carros-fortes no Brasil. Tais episódios põem em risco a vida de clientes, agentes de segurança e policiais, mas o prejuízo financeiro é relativamente pequeno para as instituições. Para os bancos, a maior ameaça está embutida nos serviços prestados pela Internet ou por outros meios eletrônicos. As perdas resultantes de assaltos são de 50 milhões de reais anuais. Já os crimes cujas armas são os computadores devem, em 2010, ser responsáveis por perdas de 900 milhões de reais, dezoito vezes mais que nos assaltos convencionais.

QuestoesdeConcursos.com.br

A conjunção "mas" (L.3) poderia ser substituída, no texto, sem afetar o sentido ou a correção gramatical deste, por todavia ou por entretanto.

Gabarito: certo

A conjunção MAS do texto é adversativa, tendo como sinônimos TODAVIA e ENTRETANTO. Sendo assim, ficam preservadas a relação semântica e a correção gramatical, não havendo, inclusive, necessidade de qualquer alteração na estrutura frasal.

16. **(Cespe / Polícia Civil-ES / Escrivão de Polícia)**

Eu não gosto de ninguém, ele quase respondeu, refreando-se a tempo; faz sentido, ele mesmo concluía – é o pior momento da minha vida, sem a mulher, sem o filho, sem dinheiro, e desgraçadamente sem literatura. Uma letra de tango. Ou "um maneirista da própria sombra", como escreveu Eusébio de Mattos no Suplemento de Arte, demolindo-o até a última linha com o sadismo certeiro dos grandes críticos. Para um país sem crítica, aquele texto chegava a ser uma boa surpresa, ainda que deixasse entrever mais o prazer do ataque que o lamento sincero de um estudioso honesto, o tsc tsc tsc diante de um escritor que nunca "chegou lá" na corrida de cavalos letrados do panorama nacional – e Donetti sentiu a respiração opressa pelo rancor. O célebre homem brasileiro cordial é cordial não porque seja polido, o que ele nunca foi, mas porque nada nunca passa pelo cérebro antes de chegar ã vida – é só um coração batendo forte no meio da rua, que é o seu lugar.

Cristóvão Tezza. Um erro emocional. Rio de Janeiro: Record, 2010, p. 91 (com adaptações)

No trecho "ainda que deixasse entrever" (L.6-7), a locução conjuntiva "ainda que" poderia ser substituída por embora, sem que fosse alterado o sentido da oração.

Gabarito: certo

A locução conjuntiva "**ainda que**" apresenta relação semântica de concessão; a sua substituição por EMBORA conserva tal relação.

17. **(VUNESP / TJ-SP / Escrevente Técnico Judiciário)**

Em – A falta de modos dos homens da Casa de Windsor é proverbial, <u>mas</u> o príncipe Edward dizendo bobagens para estranhos no Quirguistão incomodou a embaixadora americana. – a conjunção destacada pode ser substituída por:

a) portanto;

b) como;

c) no entanto;
d) porque;
e) ou.

Gabarito: C

A conjunção NO ENTANTO é a única que apresenta a mesma ideia de adversidade, mantendo a mesma relação do MAS apresentado no texto.

18. **(VUNESP / TJ-SP / Escrevente Técnico Judiciário)**

Em – Tudo indica que 250 mil documentos secretos foram copiados por um jovem soldado num CD enquanto fingia ouvir Lady Gaga. – a palavra destacada exprime ideia de:

a) hipótese;
b) condição;
c) concessão;
d) causa;
e) tempo.

Gabarito: E

O ENQUANTO é um dos maiores representantes de tempo simultâneo que há na Língua Portuguesa, e a relação de concomitância, no contexto, é bem clara. Sendo assim, a ideia que caracteriza a resposta é temporal.

19. **(FCC / TRE-RN / Analista Judiciário)**

<u>Ainda assim,</u> provavelmente não foi a captura para o consumo pelo homem o que selou o destino do dodô, <u>pois</u> sua extinção ocorreu sobretudo pelos efeitos indiretos da perturbação humana.

Os elementos grifados na frase acima podem ser substituídos, sem prejuízo para o sentido e a correção, respectivamente, por:

a) Contudo – não obstante.
b) Conquanto – por que.
c) Em que pese isso – embora.
d) Apesar disso – visto que.
e) Por isso – porquanto.

Gabarito: D

AINDA ASSIM é concessivo, e o POIS é explicativo no texto; logo, os únicos

conectores que estabelecem a mesma relação semântica são: APESAR DISSO e VISTO QUE. Na letra A, os dois conectores marcam oposição; na opção B, o CONQUANTO, apesar de estabelecer uma ideia concessiva, não preservaria a gramaticalidade, pois geraria mudança no tempo verbal. Além disso, a grafia de POR QUE (separado) não representa explicação, o que gera falha gramatical; na letra C, os dois marcam oposição; e na opção E, POR ISSO estabelece valor de conclusão.

20. **(FGV / TRE-PA / Técnico Judiciário)**

Ficam hibernando ã espera do momento eleitoral <u>quando</u> deveriam estar em praça pública em busca de militantes e se expondo ao debate.

A conjunção <u>quando</u>, no período acima, tem valor:

a) proporcional;
b) comparativo;
c) consecutivo;
d) temporal;
e) concessivo.

Gabarito: E

Esta questão induziu muitos alunos ao erro, pois, ao observarem o QUANDO, pensaram imediatamente na ideia de tempo. Cuidado, afinal cada conector muda de acordo com o contexto. Apesar de primariamente o QUANDO transmitir semântica temporal, nesse caso a ideia prioritária é a de concessão, equivalendo a MESMO DEVENDO ESTAR, EMBORA DEVESSEM ESTAR, AINDA QUE DEVESSEM ESTAR.

21. **(COPEVE / UFAL / Bibliotecário)**

Qual palavra ou expressão preenche adequadamente a lacuna nos textos abaixo?

I. **"Pacientes crônicos terão mais qualidade de vida fora do hospital. _____, é cada vez maior o número de pacientes que continuam internados mesmo depois de superado o problema que os levou ã instituição."**

II. **"O Rio de Janeiro foi tomado por um clima de ufanismo. _____, não basta cantar vitória durante a batalha."**

III. **"_____ se discute punição a crimes do regime militar, a tortura**

continua uma prática comum no Brasil."

IV. **"Vendas disparam _____ os adeptos da boa bebida descobrem os sabores doces e complexos das variedades envelhecidas."**

a) De modo que – Portanto – Conquanto – porque;
b) Apesar disso – Porém – Enquanto – á medida que;
c) Mesmo assim – Por isso – Visto que – a fim de que;
d) Dessa forma – Todavia – Porque – quando;
e) Entretanto – Então – À proporção que – conforme;

Gabarito: B

É clara a relação de oposição no item I. Como tal relação pode ser expressa por conectores adversativos ou concessivos, podem-se excluir as alternativas A e D. No item II, há também um caráter de ressalva, cabendo, no caso, apenas conectores também de caráter adversativo, o que nos leva a eliminar a C e a E. Com isso, já se chega á resposta.

22. **(FCC / DPE-RS / Defensor Público)**

"É possível até que você use essas definições quando bate aquela dúvida sobre concordância ou regência, não é? <u>No entanto</u>, apesar de concorrentes, elas não têm fundamento científico, afinal são muito anteriores ao nascimento da ciência da linguagem (mais precisamente, 2 mil anos anteriores!)"

A expressão <u>No entanto</u> pode ser substituída, alterando o significado da frase, por:

a) entretanto;
b) porquanto;
c) todavia;
d) porém;
e) contudo.

Gabarito: B

Em todas as assertivas, exceto aquela que representa a resposta, as conjunções estabelecem relação de adversidade; logo, a única que altera o sentido original é o PORQUANTO que marca ideia CAUSAL ou EXPLICATIVA.

23. **(FCC / DPE-RS / Defensor Público)**

"Assim como em qualquer outra manifestação artística, portanto, o livro

que esteve sob ameaça de censura…"

O conetivo portanto pode ser substituído, sem alteração de sentido, por:

a) porquanto;

b) entretanto;

c) no entanto;

d) então;

e) conquanto.

Gabarito: D

"Portanto" é conector de caráter conclusivo. Entre as alternativas, a única que apresenta conjunção sinônima é a D.

24. **(CISVIR / Técnico em Enfermagem)**

Observe a frase e indique a circunstância correta da mesma:

"<u>Mesmo que ela me procurasse no dia seguinte</u>, eu não a indicaria para o cargo."

a) Condição;

b) Concessão;

c) Consequência;

d) Conformidade.

Gabarito: B

O MESMO QUE do texto pode ser facilmente substituído por AINDA QUE e EMBORA que são outros conectores concessivos. Para este tipo de questão, basta ter memorizado que o conector MESMO QUE é concessivo e saber enxergar tal relação no contexto.

25. **(FCC / DPE-RS / Defensor Público)**

"Isso porque, <u>embora</u> sejam caros, eles cortam outros gastos [...]"

A conjunção sublinhada nessa frase pode ser adequadamente classificada como:

a) alternativa;

b) concessiva;

c) conclusiva;

d) consecutiva.

Gabarito: B

Questão semelhante á anterior, modificando apenas a conjunção. O EMBORA do texto pode ser facilmente substituído por AINDA QUE e MESMO QUE que são outros conectores concessivos. Para este tipo de questão, basta ter memorizado que o conector MESMO QUE é concessivo e saber enxergar tal relação no contexto.

26. **(EXAMES / Pref. Queimadas-PB / Psicólogo)**

"E, como não temos o controle sobre a natureza, precisamos trabalhar com o imponderável e revesti-lo de cuidados compatíveis com as possibilidades do universo em convivência." (2º parágrafo)

A conjunção como introduz uma oração que estabelece com a oração seguinte a relação lógica de:

a) explicação;
b) condição;
c) finalidade;
d) causa.

Gabarito: D

Repare que a conjunção COMO pode ser substituída por PORQUE, JÁ QUE, VISTO QUE, PORQUANTO e estabelece no contexto uma ideia causal, isto é, não ter o controle sobre a natureza representa a causa de precisarmos trabalhar com o imponderável e revesti-lo de cuidados compatíveis com as possibilidades do universo.

27. **(EXAMES / Pref. Queimadas-PB / Psicólogo)**

"No entanto, as cidades vitoriosas foram aquelas que souberam ajustar suas razões á s da natureza."

Haveria significativa alteração no sentido dessa frase no contexto, caso o conectivo inicial (no entanto) fosse substituído por:

a) portanto;
b) contudo;
c) todavia;
d) entretanto.

Gabarito: A

Para este tipo de questão, basta saber que o conector NO ENTANTO representa adversidade, e o único que não mantém a mesma relação é PORTANTO, pois estabelece semântica de CONCLUSÃO.

28. **(Cespe / DFTRANS / Analista)**

linguagem. S.f. 1. o uso da palavra articulada ou escrita como meio de expressão e de comunicação entre as pessoas.

Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Novo dicionário da língua portuguesa, p. 1.035 (com adaptações).

Acho que se compreenderia melhor o funcionamento da linguagem supondo que o sentido é um efeito do que dizemos, e não algo que existe em si, independentemente da enunciação, e que envelopamos em um código também pronto. Poderiam mudar muitas perspectivas: se o sentido nunca é prévio, empregar ou não um estrangeirismo teria menos a ver com a existência ou não de uma palavra equivalente na língua do falante. O que importa é o efeito que palavras estrangeiras produzem.

Pode-se dar a entender que se viajou, que se conhecem línguas. Uma palavra estrangeira em uma placa ou em uma propaganda pode indicar desejo de ver-se associado a outra cultura e a outro país, por seu prestígio.

POSSENTI, Sírio. A cor da língua. Mercado de Letras: 2002, p.37-8 (com adaptações).

A partir da leitura dos dois textos acima, julgue o item a seguir:

No texto do verbete de dicionário, o valor de comparação da palavra "como" deixa subentender uma expressão mais complexa: assim como.

Gabarito: Errado

Podemos observar que o valor semântico da palavra "como" no trecho é de modo e não comparativo. A expressão "assim como" é comparativa. Sendo assim, não é possível a substituição.

29. **(Cespe / TSE / Técnico)**

A função da oposição em uma sociedade democrática consiste em denunciar a corrupção, acompanhar as investigações e avaliar os projetos e iniciativas governamentais, propondo alternativas. A crítica, e não a adesão, é sua tarefa primordial. Se uma sociedade cessa de ter uma verdadeira oposição, ela caminha para uma solução autoritária. A governabilidade só existe verdadeiramente com uma oposição atuante, que sinalize os problemas existentes e discuta os seus encaminhamentos.

ROSENFIELD, Denis Lerrer. O Globo, 27 nov. 2006. p. 7 (com adaptações).

Julgue o item a seguir:

Entre os dois últimos períodos do texto, subentende-se uma relação sintática que pode ser expressa por Entretanto.

Gabarito: Errado

Para resolver a questão, é preciso identificar os dois últimos períodos do texto que são:

I– Se uma sociedade cessa de ter uma verdadeira oposição, ela caminha para uma solução autoritária.

II– A governabilidade só existe verdadeiramente com uma oposição atuante, que sinalize os problemas existentes e discuta os seus encaminhamentos.

No primeiro período, afirma-se que, se não houver oposição, a sociedade caminhará para o autoritarismo. No segundo período, afirma-se que a oposição reforça a verdadeira governabilidade de um país.

Podemos perceber que as ideias são afins. A conjunção **ENTRETANTO** traz uma ideia de oposição. Sendo assim, a proposta do examinador não é boa.

30. **(Cespe / TSE / Analista)**

O terreno da ética é o próprio chão onde estão fincadas as bases de uma sociedade. Essa construção é feita todos os dias. Há algo de imaterial em todos os edifícios políticos.

Eles não estão aí por obra divina. Precisam ser reforçados permanentemente, por meio de atos significativos em que as pessoas reconheçam o interesse público. É isso que mantém a ordem pública, e não somente, nem, sobretudo, a força policial. Se as pessoas deixam de acreditar em uma ética subjacente ao dia-a-dia em um código de conduta que rege a ação dos políticos, pode-se prever que todo o edifício da sociedade estará ameaçado.

O Globo, 30 nov. 2006. p. 6 (com adaptações).

Acerca das relações lógico-sintáticas textuais, as opções seguintes apresentam propostas de associação, mediante o emprego de conjunção, entre períodos sintáticos do texto acima. Assinale a opção que apresenta proposta de associação incorreta.

PERÍODO	CONJUNÇÃO	PERÍODO
a) primeiro	e	segundo

b) terceiro c)quarto	entretanto conquanto	Quarto Quinto
d)Quinto	já que	sexto

Gabarito: C

Para resolvermos a questão, analisaremos todas as propostas até encontrar uma incorreta.

a) Efetivando a proposta, temos: O terreno da ética é o próprio chão onde estão fincadas as bases de uma sociedade é essa construção é feita todos os dias.

Podemos notar que o segundo período acrescenta uma informação ao primeiro e a conjunção coordenativa aditiva E é adequada para estabelecer a união desses períodos.

b) Efetivando a proposta, temos: Há algo de imaterial em todos os edifícios políticos, **entretanto** eles não estão aí por obra divina.

Podemos notar que no terceiro período o autor afirma ter algo imaterial e no quarto período diz que não está ali por obra divina, caracterizando uma oposição de ideias. O emprego da conjunção coordenativa adversativa ENTRETANTO é adequado para estabelecer a união desses períodos.

c) Efetivando a proposta, temos: Eles não estão aí por obra divina, **conquanto** precisam ser reforçados permanentemente, por meio de atos significativos em que as pessoas reconheçam o interesse público.

Observa-se que com o uso do "Conquanto" o verbo deveria ir para o subjuntivo e também podemos notar que o quinto período apresenta uma justificativa em relação ao que foi dito no período anterior. Com isso, podemos unir esses dois períodos usando uma conjunção explicativa (pois, porque, porquanto, entre outras).

A conjunção conquanto é concessiva, ou seja, possui uma relação de oposição. Sendo assim, não é adequada para estabelecer a união desses períodos.

d) Efetivando a proposta, temos: Precisam ser reforçados permanentemente, por meio de atos significativos em que as pessoas reconheçam o interesse público, já que é isso que mantém a ordem pública, e não somente, nem, sobretudo, a força policial.

Podemos notar que a relação existente entre os períodos é de causa e efeito.

O emprego da locução conjuntiva "já que" que tem valor de causa, assim como "visto que", é adequado.

31. **(Cespe / IPEA / Analista)**

Enquanto outros países em desenvolvimento, como China, Índia e Coréia, investem na formação de pesquisadores e se transformam em produtores de conhecimentos que dinamizam suas economias, o Brasil não consegue eliminar o fosso que separa as instituições de pesquisa das empresas privadas, nem aumentar o volume de investimentos em pesquisa e desenvolvimento. Vai ficando para trás em uma corrida decisiva para sua inserção em um mundo cada vez mais competitivo, sobretudo nos segmentos mais dinâmicos da indústria, como o da microeletrônica.

Estudo do consultor do Banco Mundial Alberto Rodríguez, publicado pela Confederação Nacional da Indústria, confirma que, apesar do conhecido diagnóstico sobre o atraso do país na área tecnológica, pouco se faz de prático para superar o problema.

Os pesquisadores brasileiros publicam seus trabalhos em um volume aceitável – eles respondem por cerca de 2% dos artigos científicos das principais publicações internacionais –, mas os resultados práticos das pesquisas são modestos.

O Brasil responde por apenas 0,18% do total de patentes registradas no mundo.

"Há a necessidade de que a pesquisa feita na universidade e nos laboratórios seja menos teórica e mais voltada para aplicações práticas", diz Rodríguez. "E o setor privado precisa investir mais em pesquisa e desenvolvimento."

O Estado de S. Paulo, Editorial, 1º/10/2008 (com adaptações).

Em relação ao texto acima, julgue o item a seguir:

Estariam preservadas a correção gramatical e o sentido original do texto se o termo "Enquanto" (l.1) fosse substituído por qualquer uma das seguintes expressões: Ao passo que, Porquanto, Dado que.

Gabarito: Errado

Para resolver a questão, é preciso identificar o valor da conjunção na construção e depois realizar as substituições uma a uma para que possamos verificar se serão preservados o sentido e a correção gramatical da frase.

A conjunção "enquanto", na frase, apresenta valor primário de concomitância e

secundário de oposição.

I– A locução conjuntiva "ao passo que" poderia ficar no lugar de "enquanto", pois estabelece uma relação de proporção, mas pode lhe ser conferida uma relação secundária de simultaneidade.

II– As conjunções "porquanto" e "dado que" podem ser causais ou explicativas. Sendo assim, não poderiam substituir a palavra "enquanto" preservando o sentido original do texto.

Diante da análise feita, podemos perceber que o item está errado.

32. **(Cespe / ES / Perito)**

Em alguns países do primeiro mundo, há uma ideia de direitos humanos apenas para consumo interno. Observa-se nesses casos uma contradição inexplicável: no âmbito interno, vigoram os direitos humanos, nas relações com os países dependentes, vigoram os interesses econômicos e militares. Esses interesses justificam a tolerância com as violações dos direitos, no campo diplomático, ou o próprio patrocínio das violações. Os mesmos interesses econômicos e militares justificam também o patrocínio da guerra, sob a bandeira de paz. Para que tais desvios não continuem a acontecer, alguns juristas italianos (Salvatore Senese, Antonio Papisca, Marco Mascia, Luigi Ferrajoli e outros) têm defendido que uma nova ordem mundial se constitua, não sob o império dos interesses dominantes, mas tendo, ao contrário, como sujeito da História a família humana presente e futura.

Outra contradição é, á s vezes, observada no interior de certas nações poderosas: a plena vigência dos direitos humanos, quando se trata de nacionais "puros" e o desrespeito aos direitos humanos, quando as pessoas envolvidas são imigrantes ou clandestinos, minorias raciais e minorias nacionais.

Idem, ibidem (com adaptações).

A respeito do texto, julgue o item que se segue.

A inserção de entretanto, seguido de vírgula, antes de "nas relações" (l.4) explicita as relações semântico-sintáticas entre os dois períodos e mantém a correção gramatical do texto.

Gabarito: Certo

Para resolver a questão, é preciso identificar a relação semântica existente entre

os períodos que serão ligados pela conjunção “entretanto”.

Nas linhas 2 e 3, temos uma dica de que teremos uma relação de oposição quando aparece a palavra contradição em: “Observa-se nesses casos uma contradição inexplicável”. Ratificando tal afirmação, temos uma oposição existente em relação aos direitos humanos no âmbito interno e externo. Podemos observar melhor nos trechos: “ no âmbito interno, vigoram os direitos humanos”, “nas relações com os países dependentes, vigoram os interesses econômicos e militares.”

Como a conjunção “entretanto” traz uma ideia de oposição, a sua inserção é perfeitamente cabível, como sugeriu o examinador.

33. **(NCE / TJ – RJ / Técnico Judiciário Juramentado)**

TEXTO – VIVER EM SOCIEDADE

A sociedade humana é um conjunto de pessoas ligadas pela necessidade de se ajudarem umas á s outras, a fim de que possam garantir a continuidade da vida e satisfazer seus interesses e desejos.

Sem vida em sociedade, as pessoas não conseguiriam sobreviver, pois o ser humano, durante muito tempo, necessita de outros para conseguir alimentação e abrigo. E no mundo moderno, com a grande maioria das pessoas morando na cidade, com hábitos que tornam necessários muitos bens produzidos pela indústria, não há quem não necessite dos outros muitas vezes por dia.

Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material, como os alimentos, a roupa, a moradia, os meios de transporte e os cuidados de saúde. Elas são também de ordem espiritual e psicológica. Toda pessoa humana necessita de afeto, precisa amar e sentir-se amada, quer sempre que alguém lhe dê atenção e que todos a respeitem. Além disso, todo ser humano tem suas crenças, tem sua fé em alguma coisa, que é a base de suas esperanças.

Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos. Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da

solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitada de dar e receber afeto. E muito provavelmente ficaria louca se continuasse sozinha por muito tempo.

Mas, justamente porque vivendo em sociedade é que a pessoa humana pode satisfazer suas necessidades, é preciso que a sociedade seja organizada de tal modo que sirva, realmente, para esse fim. E não basta que a vida social permita apenas a satisfação de algumas necessidades da pessoa humana ou de todas as necessidades de apenas algumas pessoas. A sociedade organizada com justiça é aquela em que se procura fazer com que todas as pessoas possam satisfazer todas as suas necessidades, é aquela em que todos, desde o momento em que nascem, têm as mesmas oportunidades, aquela em que os benefícios e encargos são repartidos igualmente entre todos.

Para que essa repartição se faça com justiça, é preciso que todos procurem conhecer seus direitos e exijam que eles sejam respeitados, como também devem conhecer e cumprir seus deveres e suas responsabilidades sociais.

Dalmo de Abreu Dallari

Segundo o primeiro parágrafo do texto:

a) as pessoas se ajudam mutuamente a fim de formarem uma sociedade;
b) a garantia da continuidade da vida é dada pela satisfação dos desejos das pessoas;
c) a satisfação dos interesses e desejos das pessoas leva ã vida em sociedade;
d) não seria possível a sobrevivência se não existisse sociedade;
e) sem a ajuda mútua, as pessoas levariam uma vida isenta de desejos.

Gabarito: D

Normalmente, o candidato fica em dúvida entre as opções C e D. A tendência é marcar a alternativa C. No entanto, esta opção possui uma falha técnica: houve a inversão da relação causa-efeito. Lembre-se do que foi exposto em conjunções. O conector "a fim de que" acrescenta ao período valor de finalidade (a ideia de finalidade está relacionada ã de consequência). O que ocorre anteriormente é "a existência da sociedade" e depois "a satisfação de interesses e desejos", portanto não se pode dizer que a satisfação dos interesses leva ã vida em sociedade, mas sim que a sociedade é que leva ã satisfação de interesses e desejos. Já se ouviu muito que a opção D não poderia ser a resposta, já que o enunciado (de

recorrência) exige uma resposta presente no primeiro parágrafo e a resposta estaria no segundo. Todavia, este argumento se torna insuficiente ã medida que se observa a ideia já presente no primeiro parágrafo (sociedade existe para garantir a continuidade da vida). Enfim, é fundamental perceber a organização do texto. O primeiro parágrafo apresenta dois tópicos a serem desenvolvidos (tese abrangente): a sociedade existe para garantir a continuidade da vida e a sociedade existe para satisfazer interesses e desejos. O segundo parágrafo retoma apenas o primeiro tópico (tese particular) da tese abrangente, modificando-lhe as palavras, e, somente a partir da conjunção "pois", inicia-se a argumentação.

34. **(NCE / TJ – RJ / Técnico Judiciário Juramentado)**

"Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida,..."; este segmento do texto teria redação mais clara se:

a) substituíssemos a primeira vírgula pela conjunção aditiva E;
b) repetíssemos o sujeito na segunda oração;
c) deslocássemos as ocorrências do advérbio "não" para antes de "apenas";
d) mudássemos a ordem das orações, de modo a colocar a última como primeira;
e) omitíssemos o substantivo "seres".

Gabarito: C

Primeiramente, observe a presença de reticências. Já é um indício de que se deve retornar á quele fragmento do texto. Além disso, você já leu o texto e, no primeiro parágrafo, o autor já manifestou que a sociedade existe para garantir a continuidade da vida. No início do segundo parágrafo, ele assevera que "Sem vida em sociedade, as pessoas não conseguiriam sobreviver.". Então, como as pessoas vivem juntas, vivem em sociedade, fica evidenciado que a intenção do autor não era negar o verbo VIVER. O objetivo dele era negar o elemento de restrição "apenas", pois o advérbio "não", ao negar o apenas, na realidade estaria negando o fato de haver apenas um motivo para os seres humanos viverem em sociedade – porque escolhem esse modo de vida –, indicando haver outro motivo – mas (mas também, indicando ideia de soma) porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana.

35. **(NCE / TJ – RJ / Técnico Judiciário Juramentado)**

"...ficaria louca se continuasse sozinha."; a relação entre essas duas

orações mostra que:

a) a segunda só se realiza se a primeira não realizar-se;

b) a primeira se realiza contanto que a segunda não se realize;

c) a segunda é consequência da primeira;

d) a primeira é motivada pela segunda;

e) a primeira é uma hipótese para a realização da segunda.

Gabarito: D

É fundamental lembrar que a ideia de condição está extremamente relacionada ã ideia de causa. Há duas orações: "ficaria louca" e "se continuasse sozinha". Primeiro a pessoa tem que continuar sozinha para depois ficar louca. Então a segunda oração é uma condição (hipótese) para a realização da primeira, oposto do que indica a opção E. As duas primeiras opções são absurdas. Por fim, o candidato fica em dúvida entre as opções C e D. Conforme já se esclarecera, o fato anterior é "se continuasse sozinha", o posterior é "ficaria louca", logo o fato de "continuar sozinha" motiva o fato de a pessoa enlouquecer.

36. **(Esaf / Técnico da Receita Federal)**

Assinale a opção que está de acordo com as ideias do texto.

O principal problema brasileiro, que consiste na retomada da confiança para possibilitar o crescimento, só terá solução possível a partir do momento em que houver um quadro favorável a uma redução substancial dos juros básicos da economia. Para isso, as reformas tributária e previdenciária são pré-condições estratégicas. A tributária é fundamental para desonerar a indústria e elevar o poder aquisitivo dos salários, proporcionando escala e competitividade que ajudarão na substituição das importações e no crescimento consistente dos saldos positivos na balança comercial. A previdenciária é imperiosa para construir um sistema autossustentável de seguridade social, que concomitantemente invista um grande volume de poupança em projetos produtivos de longo prazo.

(KAPAZ, Emerson "Para reverter o pessimismo" Folha de S. Paulo, 31 jul. 2002.)

a) Os juros básicos da economia, se reduzidos, impulsionariam as reformas tributária e previdenciária.

b) Um sistema autossustentável de seguridade social traria as condições para que o crescimento permita a redução dos juros.

c) A retomada da confiança para possibilitar o crescimento contribui para

promover a elevação dos salários.

d) Com a desoneração da indústria e com a elevação dos salários, há condições estratégicas para a reforma tributária e para investimentos em projetos produtivos de longo prazo.

e) As reformas tributária e previdenciária são o passo prévio para favorecer a redução dos juros básicos da economia, e, consequentemente, a retomada da confiança para que haja crescimento.

Gabarito: E

Primeiramente vamos realizar a leitura do texto para colocar os fatos em ordem cronológica. O primeiro fato mencionado é "a retomada da confiança". Em seguida, atrelada pela preposição "para", com valor de finalidade, vem a oração "para possibilitar o crescimento". É sempre bom observar que a finalidade e a consequência são ideias intimamente relacionadas, visto que ambas representam situações posteriores. Sendo assim, "a possibilidade de crescimento" seria uma finalidade/consequência de "a retomada da confiança". Anterior aos dois fatos mencionados, ocorre o "quadro favorável a uma redução substancial dos juros básicos da economia. ". Perceba que este último elemento vem atrelado pela expressão temporal com valor de anterioridade "a partir do momento em que". Ou seja, partindo desse momento que é o "quadro favorável a uma redução substancial dos juros básicos da economia", haverá posteriormente a retomada da confiança que poderá gerar o crescimento. No período seguinte, o autor novamente usa a preposição "PARA" agora com o pronome demonstrativo "ISSO" que remete a todas as ideias já citadas. Portanto, para que tudo isso que foi mencionado no texto se concretize, o fato anterior a todos (ou, como dito no texto, pré-condições) é a reforma tributária e a previdenciária. A sequência cronológica ai se estabelece. Primeiro fato: Reformas tributária e previdenciária; segundo fato: o "quadro favorável a uma redução substancial dos juros básicos da economia"; terceiro fato: a retomada da confiança; quarto fato: possibilidade de crescimento. Depois o autor desdobra: a tributária é fundamental para (finalidade/consequência) desonerar a indústria e elevar o poder aquisitivo dos salários. Sendo assim, a desoneração da indústria é corolário da reforma tributária. A previdenciária é imperiosa para (finalidade/consequência) construir um sistema autossustentável de seguridade social. Sendo assim, a construção de um sistema autossustentável de seguridade social seria um efeito da reforma previdenciária. Partamos agora para a análise das

alternativas. A alternativa A inverte a relação de causa e efeito, visto que "as reformas tributária e previdenciária" é que impulsionariam os juros básicos da economia. A opção B indica uma informação errônea, uma vez que "um sistema autossustentável de seguridade social" não é causa de nenhum fato e sim resultado da reforma previdenciária. A opção C começa bem, mas acaba mal, pois o que promove a elevação dos salários é a reforma tributária. Na opção D, há a inversão da relação causa e efeito. A preposição "com", por estabelecer relação de condição – é sempre bom lembrarmos que a condição está intimamente relacionada ã causa –, indica que os fatos anteriores seriam a desoneração da indústria e a elevação dos salários, e a consequência seria a reforma tributária. Na realidade é o oposto. Com a reforma tributária é que haveria as condições estratégicas para a desoneração da indústria e para a elevação dos salários. A opção E fica perfeita como já se expôs na sequência cronológica:

REFORMAS TRIBUTÁRIA E PREVIDENCIÁRIA

↓

QUADRO FAVORÁVEL À REDUÇÃO DOS JUROS BÁSICOS DA ECONOMIA

↓

RETOMADA DA CONFIANÇA

↓

POSSIBILIDADE DE CRESCIMENTO

37. **(Cesgranrio / BNDES)**

Na frase "Ou vai ou racha!", a conjunção OU tem o mesmo valor significativo que apresenta na seguinte frase:

a) O turista compreendia inglês ou francês com facilidade;

b) As vaias ou aplausos não perturbaram o presidente;

c) O empregado faz o que deve ou perde o emprego;

d) Na hora da premiação, chorava ou ria;

e) Morávamos no segundo ou no terceiro andar.

Gabarito: C

A ideia alternativa, na frase exposta no enunciado, é a principal da conjunção, mas como valor secundário observa-se a relação de causa e efeito. Se a pessoa for, não vai rachar; se rachou, é porque não foi. A alternativa A apresenta valor de

soma, afinal o turista compreendia as duas línguas. Na alternativa, a conjunção OU tem caráter também aditivo, pois tanto as vaias como os aplausos não perturbam o presidente. Na alternativa C, vem a relação de causa e efeito: se o empregado fizer o que deve, não perderá o emprego; se perdeu o emprego, foi porque não fez o que devia. Na alternativa D, como nas alternativas A e B, a conjunção tem valor aditivo, visto que a pessoa chorava e ria. Na alternativa E, a conjunção OU expressa uma dúvida, como se dissesse "não lembro direito se morávamos no segundo ou no terceiro andar".

38. **(Esaf / ENAP)**

Assinale a opção que não preenche corretamente a lacuna do texto.

Outra medida que promove a pequena e média empresa brasileira é a instalação pela Agência de Promoção de Exportações do Brasil – APEX de um centro de distribuição de produtos nacionais, em Miami, Estados Unidos. O centro tem espaço para armazenagem de produtos, um showroom e um escritório comercial e administrativo.

As empresas podem ficar instaladas por um período de 12 a 18 meses para a consolidação de seus produtos no mercado, _____a ideia é reduzir a distância entre as empresas e seus clientes estrangeiros. O próximo centro será instalado na Alemanha no segundo semestre deste ano.

(Adaptado de Em Questão n. 288 – Brasília, 04 de março de 2005)

a) uma vez que.
b) porquanto.
c) pois.
d) conquanto.
e) já que.

Gabarito: D

Repare que todas as alternativas vêm com conectores causais, exceto a D que apresenta a conjunção CONQUANTO de caráter concessivo. Conjunções concessivas nunca admitem verbos no modo subjuntivo, portanto a presença seguinte da forma verbal "é" inibe o emprego de tais conjunções.

39. **(NCE / Eletrobrás)**

"Se você disser ao cidadão desprevenido que o leite, por ser essencial, deve sair das mãos dos particulares para cooperativas ou entidades

estatais, se você disser que os bancos, vivendo exclusivamente das poupanças populares, não têm nenhuma razão de estar em mãos privadas, o cidadão o olhará com olhos perplexos de quem vê alguém propondo algo muito perigoso." O comentário correto a respeito deste segmento do texto é:

a) os dois segmentos iniciados pela conjunção **SE** indicam condições para que se realize a consequência citada;

b) o cidadão só olhará com espanto o autor das ideias citadas se elas já estiverem transformadas em realidade;

c) os adjetivos estatais e privadas são sinônimos no contexto em que estão inseridos;

d) o segmento poupanças populares equivale semanticamente a popularidade das poupanças;

e) o "algo muito perigoso" a que alude o texto se localiza no terreno cultural.

Gabarito: A

Essa questão é extremamente interessante, visto que, conforme já exposto neste capítulo, é possível relacionar-se a ideia de causa ã de condição. "Se (conjunção condicional) você disser..., o cidadão o olhará com olhos perplexos.". Onde há causa, há efeito. Da mesma forma, onde há condição, há efeito. O fato de "dizer" é a hipótese (causa) e a consequência é o cidadão o olhar com olhos perplexos.

40. **(Esaf / AFT)**

Em relação á s estruturas do texto, assinale a opção incorreta.

Para que a cobertura mínima oferecida pelos planos de saúde aos seus segurados inclua as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente, a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) acrescentou 73 novos procedimentos ã lista de exames, consultas, cirurgias e outros serviços que as operadoras são obrigadas a oferecer.

Criada em 2000 para "promover a defesa do interesse público na assistência suplementar ã saúde e regular as operadoras setoriais, inclusive quanto á s suas relações com prestadores (de serviços) e consumidores", a ANS opera numa corda bamba. Entre suas atribuições está a de elaborar a lista dos procedimentos de cobertura obrigatória nos planos de saúde. Ela tem de assegurar aos que buscam a proteção dos planos de saúde a cobertura mais

completa possível, o que inclui as novas tecnologias na área de medicina. Mas, muitas vezes, os novos procedimentos têm um custo tão alto que limita seu uso. Se a ANS impuser á s operadoras a obrigatoriedade do oferecimento desses procedimentos poderá levá-las ã ruína financeira, o que, no limite, destruiria o sistema de assistência suplementar ã saúde.

(O Estado de S. Paulo, Editorial, 17 jan. 2010.)

a) O termo "Para que" (l.1) confere ao período em que ocorre a ideia de finalidade.

b) O emprego do modo subjuntivo em "inclua" (l.2) justifica-se por se tratar de uma oração subordinada que apresenta um fato hipotético ou provável.

c) A expressão "numa corda bamba" (l. 8 e 9) tem significação conotativa e confere um tom de informalidade ao texto.

d) A expressão "aos que buscam a proteção dos planos de saúde" (l. 10 e 11) tem, no período, a função de objeto direto.

e) As expressões "novas tecnologias na área da medicina"(l.12), "os novos procedimentos"(l. 12 e 13), "desses procedimentos" (l. 14) formam uma cadeia coesiva que retoma a ideia inicial de "as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente"(l.2 e 3).

Gabarito: D

Na alternativa A, o emprego da locução PARA QUE, pode ser substituída, com objetivo de que possui caráter final. Na alternativa B, o emprego do modo subjuntivo em "inclua" é consequência da própria locução conjuntiva "para que". Por ser um conector que expressa finalidade, a situação ainda se encontra no campo hipotético (apenas um objetivo, intenção), mas não uma certeza. Na alternativa C, a expressão destacada está no sentido figurado. Quando se empregam termos com valor conotativo, confere-se ao texto mesmo rigor gramatical, menos formalidade. Na alternativa D, a expressão mencionada funciona como objeto indireto, completando a ideia do verbo "assegurar" com preposição "a". Já o comentário exposto na alternativa E procede, visto que todos os termos representam um único ser: as novas tecnologias.

41. **(Esaf / AFC / CGU)**

Em relação ao texto, assinale a opção correta.

Preocupados com o mau desempenho recente das exportações do Brasil para os Estados Unidos, exportadores e especialistas em comércio exterior preveem

um período de maiores dificuldades para os próximos meses. O desaquecimento da economia americana é a causa mais óbvia que apontam de um menor crescimento das compras no Brasil. O favoritismo do Partido Democrata também é citado por alguns exportadores como um fator que pode dificultar as exportações brasileiras, pois os democratas são considerados mais conservadores do que seus rivais republicanos em matéria de comércio exterior – o que, ressalve-se, nem sempre foi comprovado na prática. Qualquer que seja o efeito prático desses fatores sobre as exportações brasileiras para o mercado americano, o governo brasileiro pouco ou nada poderá fazer para contê-los.

(O Estado de S. Paulo, Editorial, 13 jan. 2008.)

a) A forma verbal "preveem"(l. 2) está no plural para concordar com "Estados Unidos".
b) A forma verbal "apontam"(l. 4) está no plural para concordar com "próximos meses".
c) O termo "pois"(l. 7) pode, sem prejuízo para a correção gramatical, ser substituído por **porque, porquanto** ou **conquanto**.
d) Em "do que seus rivais"(l. 7) a eliminação de "do" prejudica a correção gramatical do período.
e) Em "contê-los"(l. 11), "-los" retoma o antecedente "fatores".

Gabarito: E

As alternativas A e B apresentam informação inadequada, visto que as formas verbais apontadas referem-se a "exportadores e especialistas". Na alternativa C, a conjunção "pois", de caráter causal, poderia ser substituída por porque ou porquanto, mas não por conquanto, que tem caráter concessivo. Na alternativa D, como já relatada nesse capítulo, nas comparações de superioridade ou de inferioridade, o vocábulo DO, na expressão DO QUE, é totalmente dispensável. A forma pronominal LOS, conforme proposto na alternativa E, realmente se refere a uma expressão nominal, cujo núcleo é "fatores" – conter esses fatores.

42. **(Esaf / Receita Federal / Analista Tributário)**

Em relação aos elementos do texto, assinale a opção correta.

Um ano após o agravamento da crise financeira, o Brasil tem mais de US$ 230 bilhões em reservas. Tanto o Tesouro como grandes empresas voltaram a

lançar títulos no exterior, com sucesso. A valorização do real se tornou, então, um fenômeno inevitável, que reflete o enfraquecimento do dólar no mercado internacional e o fluxo positivo de capitais no país.

No entanto, dado o ritmo de crescimento projetado para o ano que vem, o mais provável é que a demanda por importações aumente e a pressão em favor do real diminua. Enquanto isso, além de uma paulatina liberalização do câmbio, o que pode ser feito no curto prazo é a continuidade da acumulação de reservas cambiais, com o Banco Central comprando no mercado excedentes de divisas. Qualquer invencionice só estimularia operações especulativas no câmbio, que acabariam provocando uma valorização ainda mais indesejável da moeda nacional.

(O Globo, Editorial, 14 out. 2009. Adaptado.)

a) A expressão "No entanto"(l. 6) estabelece, no texto, uma relação de comparação.

b) O emprego do subjuntivo em "aumente"(l. 7) e em "diminua"(l. 8) justifica-se por se tratar de fatos de realização garantida.

c) A expressão "Enquanto isso"(l. 8) estabelece no texto uma relação de condição.

d) A palavra "invencionice"(l. 11) está sendo empregada no sentido de iniciativa rotineira, previsível.

e) O emprego do futuro do pretérito em "estimularia" (l. 11) indica um acontecimento futuro em relação a um ato passado que se configura no fato relacionado aos termos "Qualquer invencionice".

Gabarito: A

A locução conjuntiva "No entanto" estabelece relação de adversidade, e não de comparação. Na alternativa B, o emprego do modo subjuntivo provoca uma ideia hipotética – não certa – corroborada, inclusive, pela presença da expressão "o mais provável". Na alternativa C, a conjunção ENQUANTO acresce ao período valor de simultaneidade, de tempo, e não de condição. Na D, o vocábulo "invencionice" sugere uma invenção, algo que foge ã rotina, não previsto. A alternativa E apresenta comentário perfeito, pois é função do futuro do pretérito indicar uma consequência "futura" (estimularia) relacionada a uma ação pretérita hipotética (qualquer invencionice).

43. **(NCE / TJ-RJ)**

TEXTO – A VERDADE E A FANTASIA

Miguel Pachá – Presidente do TJ/RJ

Um espectro ronda a Justiça brasileira neste final de ano: a Reforma do Judiciário. Espectro porque a realidade do Judiciário e a necessidade da sua reforma foram, nos últimos meses, deformados pelo "manto diáfano da fantasia".

Comemoramos o nosso dia (8 de dezembro) sob o fogo cruzado da má-vontade e da desinformação. O Judiciário não pode ser culpabilizado pelo que a mídia chama com exagero de impunidade. A polícia não prende, não investiga e nós, presos ã aplicação da lei, pagamos o pato. Além disso, há um cipoal de leis, medidas provisórias e atos normativos que acabam por atravancar nossos corredores.

Temos oferecido ã sociedade ideias e propostas de melhoria da prestação de Justiça. Um exemplo: o julgamento virtual, que acelera a tramitação, elimina papel e dispensa deslocamentos de advogados. Quanto ao apregoado controle do Judiciário, pensamos que deveria antes vir de dentro que de fora, pelo ajuste de normas e práticas processuais, bem como pela supervisão sistemática. A autonomia financeira deu ao nosso Tribunal a possibilidade de ser um dos melhores do país: um dos mais ágeis e seguros, em condições objetivas de enfrentar o descrédito geral da Justiça.

Informativo TJ/RJ e EMERJ, n.12

Entre o segundo e o terceiro parágrafos do texto, em função dos significados por eles veiculados, poderíamos inserir o conectivo:

a) apesar de;
b) porque;
c) ainda que;
d) contanto que;
e) nem.

Gabarito: A

Percebe-se claramente a ideia de oposição no início do terceiro parágrafo em relação ao segundo. No segundo parágrafo, são expostas as mazelas por que passa o Poder Judiciário. E no início do terceiro, são informados aspectos positivos acerca do que o Judiciário já vem realizando. Portanto, os únicos conectores que

estabelecem essa relação de oposição são os concessivos APESAR DE, na alternativa A, e AINDA QUE, na alternativa C. São dois conectores extremamente parecidos, porém APESAR DE apresenta um hipótese factual, e AINDA QUE, hipotética. Como no caso, o que se expõe já é um fato (Temos oferecido, ou seja, nós já oferecemos – não estamos ainda por oferecer), o conector APESAR DE é o que melhor se enquadra.

44. **Assinale a alternativa em que um conector possua o mesmo valor semântico que o do sublinhado em "Essas pessoas não vêem alternativa a pedir asilo em outra parte, <u>por mais que</u> a tentativa (de chegar lá) seja perigosa". A questão foi extraída de fragmentos do texto de Gerald Trafetter.**

a) <u>Como</u> a oposição começou a recolher assinaturas para a instalação da CPI do Apagão Aéreo no Senado, os governistas podem rever a estratégia e já admitem permitir a instalação da mesma CPI na Câmara.

b) O pedido de instalação de CPI no Senado é mais amplo e fala não só nas causas do acidente da Gol em setembro passado, <u>mas também</u> nas condições dos equipamentos de controle de vôo

c) Se aparecer denúncia de irregularidades ou desvio de verbas no curso das investigações, ele a enviará imediatamente ao Ministério Público, <u>mas</u> não aceitará desviar o rumo da CPI que é investigar as causas do apagão aéreo.

d) <u>Conquanto</u> haja o temor de que a oposição se organize com os governadores e aprove o compartilhamento dos recursos com Estados e Municípios, o governo tem a pretensão de votar o aumento dos recursos para os municípios numa mesma sessão em que seja votada a prorrogação da CPMF.

e) <u>Ao</u> receber o senador Antonio Carlos Magalhães (DEM-BA) em audiência no Palácio do Planalto, o presidente Lula deixou claro que aquele encontro seria apenas o primeiro com representantes da oposição.

Gabarito: D

No enunciado, a locução POR MAIS QUE possui valor de concessão, o mesmo ocorrendo com a conjunção CONQUANTO, presente na alternativa D. Na alternativa A, a conjunção COMO possui valor causal. Na alternativa B, MAS TAMBÉM encerra valor de adição. Na opção C, MAS possui valor adversativo. Na alternativa E, a preposição A em AO possui valor de tempo.

45. **(TRT-RJ / Fundação José Pelúcio)**

"... o Brasil é um país onde há leis que pegam e leis que não pegam, como se isso fosse uma originalidade brasileira como a jabuticaba"; a alternativa em que se expressa a mesma ideia contida nesse segmento do texto é:

a) como a jabuticaba, é uma originalidade brasileira o fato de haver leis que pegam e leis que não pegam;
b) apesar de não ser uma originalidade brasileira, como a jabuticaba, há no país leis que pegam e leis que não pegam;
c) no Brasil há leis que pegam e leis que não pegam, como a jabuticaba, mas isso não é uma originalidade brasileira;
d) como a jabuticaba, há no Brasil leis que pegam e leis que não pegam, embora isso não seja uma originalidade brasileira;
e) o Brasil é um país onde há leis que pegam e leis que não pegam e isso é marca da originalidade brasileira, como a jabuticaba.

Gabarito: B

É fundamental o candidato ler com muita atenção o período exposto no enunciado. O fragmento "como se isso fosse uma originalidade brasileira" denuncia que o fato não é uma originalidade brasileira, o que nos faz eliminar as alternativas A e E. Sobraram as alternativas C, D e E. Direcione seu olhar agora para a conjunção comparativa COMO. Tal conjunção revela exatamente o elemento comum da comparação: o fato de ser uma originalidade brasileira. A jabuticaba não é tal qual haver leis que pegam e que não pegam, como se expõe nas alternativas C e D. Mas sim Haver leis que pegam e não pegam é uma originalidade brasileira como a jabuticaba é? Portanto, a única alternativa que apresenta a comparação em conformidade com o texto original é a B.

46. (Cespe / UnB-Maceió / Fiscal de Tributos)

Para o presidente da OAB, pesou na decisão de mudança do decreto o parecer elaborado por dois advogados, que contém o seguinte trecho: "O decreto pune os bons contribuintes, deles retirando qualquer garantia, visto que sempre dependerão de humores da fiscalização, pródiga em ofertar ã lei distorcida interpretação. É que o fisco, até por dever de ofício, sempre tem por 'suspeitos' todos os cidadãos".

FREITAS, Silvana de. In: Internet: <http://www.folha.com.br>. Acesso em

28/12/2002 (com adaptações).

I – **A expressão "visto que" (l.3) pode ser corretamente substituída por porquanto, mantendo-se a correção sintática e semântica do período.**

Gabarito: Certo

São conectores sinônimos de caráter causal.

II – **As preposições "Para" (l.1) e "por" (l.5, segunda ocorrência) podem ser substituídas por Segundo e como, respectivamente, sem prejuízo ã correção gramatical das orações em que ocorrem.**

Gabarito: Certo

Para" e "segundo" são conectores de caráter conformativo, sendo totalmente cabível a substituição de um pelo outro. Já a preposição POR, no contexto, possui valor de comparação, podendo ser substituída pela conjunção COMO, sem gerar prejuízo gramatical ou semântico.

Capítulo 7

Coerência Textual

É a ocorrência de um texto que, além de apresentar-se coeso, há de fazer sentido. Um texto pode ser coeso sem ser coerente, mas nunca poderá ser coerente sem ser coeso. O autor de um texto pode fazer uso de elementos coesivos, contudo o texto pode não possuir sentido. O estudo de coerência prevê a ocorrência de uma linha de raciocínio, lógica no pensamento, harmonia entre fatos e, principalmente, não pode haver contradição.

Ex.: Lula, Pelé e Xuxa são extremamente famosos. Esse foi jogador de futebol, aquele foi Presidente do Brasil e esta é muito bonita. Observe que o texto é coeso, pois tal qual no exemplo anterior utiliza-se de pronomes demonstrativos para ligar a segunda frase à primeira. No entanto, o texto não é coerente, porquanto não houve a manutenção de uma linha de raciocínio. Enquanto os dois primeiros foram apresentados pela profissão, a referência à última diz respeito não à sua profissão, mas à beleza física.

Além disso, podemos também considerar a relação existente entre as ideias implícitas, explícitas, pressupostas e subentendidas.

7.1. IMPLÍCITOS E EXPLÍCITOS

Toda unidade informativa contém obrigatoriamente uma base linguística qualquer, a qual, por sua vez, possui em sua estrutura uma unidade de conteúdo que envolve aspectos lexicais, sintáticos e semãnticos. Essa unidade informativa é composta não apenas por conteúdos explícitos, mas também por conteúdos implícitos (pressupostos e subentendidos).

7.1.1. Informações explícitas

São aquelas gritantemente expostas no texto. Não há necessidade de se aguçar a mente para tentar compreender o excedente de informações. No caso, a interpretação deve se restringir ao que foi redigido no texto.

7.1.2. Informações implícitas

Inicialmente, é importante destacar, o termo não deveria ser "informações implícitas", pois nem há tais informações. Há elementos que o leitor pode deduzir a partir de informações explícitas. É o que se denomina "inferência". A percepção do implícito passa pela capacidade do leitor de deduzir o que o autor quis dizer no texto, mas não disse. Ou seja, provém da possibilidade de se enxergar o que não está escrito, porém está nas entrelinhas.

Exemplos

1) Na frase "A discussão sobre a reforma eleitoral avança com a criação de comissões no Congresso." (Cesar Maia), existem algumas informações explícitas.
1 – Há uma discussão sobre a reforma eleitoral.
2 – Foram criadas comissões no Congresso.

Por outro lado, há algo que não está escrito, mas que se pode depreender: antes da criação das comissões no Congresso, a discussão sobre a reforma eleitoral encontrava-se estagnada.

2) Façamos a leitura da seguinte Frase: "Todos concordam que o atual sistema eleitoral brasileiro é muito ruim, pois, na prática, o eleito se acha independente do eleitor e de seu partido." (Cesar Maia)

Informações explícitas:

1 – Há unanimidade (todos concordam) quanto ao fato de que o atual sistema eleitoral brasileiro é muito ruim.
2 – O eleito se considera independente do leitor e do seu partido.
3 – O motivo de o atual sistema eleitoral brasileiro ser muito ruim é o fato de o eleito se considerar independente do eleitor e de seu partido.

O implícito

Como o eleito se considera independente do eleitor e de seu partido, pode agir em contrariedade aos interesses destes.

3) "Crescemos 7,5% em 2010 e a conquista de sediar a Copa do Mundo e a Olimpíada ajudou no reconhecimento do Brasil como um país de grande potencial." (Charles Tang).

Informações explícitas:

1 – O crescimento do Brasil em 2010 foi de 7,5%.
2 – O Brasil é um país com grande potencial.
3 – O fato de sediar a Copa de 2014 e as Olimpíadas de 2016 colaborou para que o Brasil fosse reconhecido como um país de grande potencial.

O implícito

Nem sempre o Brasil foi reconhecido como um país de grande potencial.

4) "Um ambicioso banqueiro de investimento que lucrou 590 mil libras em um negócio envolvendo uma informação secreta de fusão, que ele obteve no trabalho, foi sentenciado a mais de três anos de prisão, naquele que o juiz descreveu como sendo o "maior processo de 'insider trading' (negócio envolvendo informação privilegiada) já impetrado" no Reino Unido." (Jane Croft)

Informações explícitas:

1 – O lucro, por meio de uma informação secreta, de um ambicioso banqueiro de investimento foi de 590 mil libras.
2 – Um banqueiro de investimento obteve informação sigilosa no ambiente de trabalho.
3 – A sentença de um banqueiro de investimento foi superior a três anos.

O implícito

Houve processos menores envolvendo informação privilegiada no Reino Unido.

5) "Pelo menos duas pessoas morreram nesta sexta-feira (8) e cerca de 20 ficaram feridas após as forças de segurança iemenitas terem dispersado as pessoas que se manifestavam na localidade de Taez, sul de Sanaa, capital do Iêmen, segundo fontes do hospital Al Safwa dessa cidade."

(http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2011/04/08/pelo-menos-2-pessoas-morrem-em-protestos-no-iemen.jhtm)

Informações explícitas:

1 – Houve uma manifestação em Taez.

2 – Taez localiza-se ao sul de Sanaa, capital do Iêmen.
3 – Nessa manifestação, houve pelo menos duas mortes.
4 – As informações sobre mortes e feridos provieram de fontes do hospital Al Safwa.
5 – As forças de segurança iemenitas dispersaram as pessoas que se manifestavam em Taez.

O implícito

É possível que haja mais óbitos na manifestação ocorrida em Taez.

6) "Toda ciência tem princípios, de que deriva o seu sistema. Um dos princípios da Economia Política é o trabalho livre. Ora, no Brasil domina o fato "impolítico e abominável" da escravidão." (Roberto Schwarz)

Informações explícitas:

1 – O sistema de todas as ciências provém de seus princípios.
2 – O trabalho livre é um dos princípios da Economia Política.
3 – Ainda há o trabalho escravo no Brasil.

Os implícitos

1 – Não é possível haver ciência sem princípios.
2 – Além do trabalho livre, a Economia Política possui outros princípios.
3 – O trabalho livre não é "impolítico e abominável".

7) Parecia não ser possível, mas a qualidade da água do rio Tietê piorou ainda mais em 2006. Segundo a Cetesb (agência ambiental paulista), o rio apresentava situação praticamente estável nos últimos anos. (Afra Balazina e José Ernesto Credencio)

Informações explícitas:

1 – Em 2006, a qualidade da água piorou em relação aos anos imediatamente anteriores.
2 – A análise da qualidade da água é realizada pela Cetesb.
3 – Nos anos anteriores a 2006, a qualidade da água do rio Tietê praticamente se

manteve inalterada.

O implícito

Antes mesmo de 2006, a qualidade da água já não era boa.

8) "Um estudo do Instituto Nacional do Câncer dos Estados Unidos divulgado nesta quinta-feira revela que a dependência de cafeína está mais vinculada ao fígado e à capacidade do órgão para processar a substância que ao efeito que o consumo da substância provoca no cérebro." (Fabiana Beltramin)

Informações explícitas:

1 – A dependência de cafeína está relacionada ao fígado e ao cérebro.
2 – A cafeína é processada pelo fígado.
3 – O consumo da cafeína provoca algum efeito no cérebro.

Os implícitos

1 – Há pessoas que creem que a dependência à cafeína está mais relacionada ao efeito que o consumo da substância provoca no cérebro que propriamente ao fígado.
2 – Dificilmente o efeito que o consumo da cafeína provocaria no cérebro seria suficiente para gerar dependência.

9) "Os problemas no trânsito de São Paulo causados pelo excesso de veículos são antigos. Diversas soluções vêm sendo apresentadas pela administração municipal durante os últimos anos.' (Fernando Mendonça)

Informações explícitas:

1 – Há excesso de veículos em São Paulo.
2 – O problema do trânsito em São Paulo já existe há bastante tempo.
3 – A administração municipal vem oferecendo soluções para o problema do trânsito.

Os implícitos

1 – As soluções apresentadas pela administração municipal não lograram êxito.

2 – A administração municipal não tem sido eficaz na solução dos problemas relativos ao trãnsito em São Paulo.

10) Brasília – Agência Estado – Vetada pela administração Lula, a destinação de 50% dos recursos do Fundo Social do pré-sal para a área de ensino pode ressuscitar na Cãmara dos Deputados, sob a forma de emenda ao novo Plano Nacional de Educação (PNE). Entidades aguardam o retorno do PNE à pauta legislativa para pressionar as autoridades a aceitar as mais de 130 sugestões ao projeto de lei, como a elevação do investimento público em educação dos atuais 5% para 10% do Produto Interno Bruto (PIB) até 2020 – o Executivo prevê 7%.

(http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia/2011/04/10/camara-reestuda-usar-fundo-do-pre-sal-para-educacao.jhtm)

Informações explícitas:

1 – A administração de Lula vetou a destinação de 50% dos recursos do Fundo do pré-sal para a educação.

2 – Há a possibilidade de destinação de 50% dos recursos do Fundo do pré-sal para a educação. (destacamos o emprego da expressão POSSIBILIDADE em face de o autor ter redigido PODE em PODE RESSUSCITAR – sendo assim, evidencia-se o campo semãntico da possibilidade e não da certeza. Se o comentário realizado fosse "Haverá a destinação de 50% dos recursos do Fundo do pré-sal para a educação.", apresentaria uma informação falsa em relação ao texto.)

3 – Poderá (campo semãntico da possibilidade) ocorrer uma emenda ao novo Plano Nacional de Educação, inserindo a destinação de recursos do Fundo do Pré-Sal para a área de ensino.

4 – As autoridades serão pressionadas a aceitar as mais de 130 sugestões ao projeto de lei.

5 – Haverá pressão sobre as autoridades para que aceitem a sugestão de elevação do Investimento público em educação dos atuais 5% para 10% do Produto Interno Bruto (PIB) até 2020.

Os implícitos

1 – A administração Lula pretendia destinar recursos do Pré-sal para outros fins, que não a educação.

2 – Para o Brasil se desenvolver, o investimento em educação é elemento crucial.
3 – Se não houver pressão de entidades, dificilmente as autoridades aceitarão as mais de 130 sugestões ao projeto de lei.

11) "Cerca de 7.000 crianças e adolescentes que estavam em abrigos de todo o país foram devolvidos a suas famílias depois que uma força-tarefa de juízes da infância e juventude reviu os processos, em seis meses de trabalho. São casos de menores que sofreram negligência ou maus-tratos, por exemplo, mas que podiam ser criados por parentes próximos. Também há crianças cujos pais se restabeleceram e puderam receber os filhos de volta." (Elida Oliveira)

Informações explícitas:

1 – A devolução das crianças às famílias decorreu em da revisão de processos.
2 – O trabalho realizado pela força-tarefa permitiu que aproximadamente 7000 crianças e adolescentes fossem devolvidos a suas famílias.
3 – Algumas crianças e alguns adolescentes estavam nos abrigos porque sofreram negligência ou maus-tratos.
4 – Há a possibilidade (campo semãntico da possibilidade – no texto PODIAM) de Parentes próximos aos menores serem incumbidos da criação de jovens e adolescentes.

Os implícitos

1 – Há um acúmulo de processos nas Varas da Infãncia e da Juventude.
2 – O fato de os pais terem cometido algum erro no passado não exclui a possibilidade de poderem criar seus filhos.

7.2. PRESSUPOSTOS E SUBENTENDIDOS

Como já visto, pressupostos e subentendidos encontram-se no campo dos implícitos. É o que nós inferimos. A distinção entre eles é a base – a partir de quê – para se proceder a tal inferência.

7.2.1. Pressupostos

O autor emprega palavras ou expressões com a intenção de que o leitor realize a

inferência. É como se o autor não passasse uma informação completa, mas o uso de tal palavra ou expressão já desse a entender qual a ideia ali presente.

Os pressupostos podem ser marcados por:

verbos – Os alunos deixaram o curso de língua inglesa, porque essa matéria não foi incluída no edital do concurso. – Com o emprego de DEIXARAM, o autor dá a entender que os alunos vinham cursando o Inglês, até a publicação do edital;

advérbios – "João também não fez o que foi solicitado." – Com o emprego do advérbio TAMBÉM, o autor da frase objetiva que os leitores inferissem que, além de João, outras pessoas não fizeram o solicitado;

adjetivos – Os candidatos estudiosos têm grandes possibilidades de aprovação. – Com o emprego do adjetivo ESTUDIOSOS, o autor almeja que o leitor perceba a existência de candidatos estudiosos e de candidatos não estudiosos. E mais: ele quis que o leitor inferisse que o candidato não estudioso tem menos possibilidades de aprovação;

orações adjetivas – Os funcionários que fizeram greve foram demitidos. – Com o emprego da oração adjetiva QUE FIZERAM GREVE com caráter restritivo, o autor pretendia que leitor percebesse também que aqueles que não fizeram greve continuaram empregados;

palavras denotativas – Mesmo João fez todos os exercícios. – Com o emprego da palavra denotativa de inclusão MESMO, o autor da frase pretende que a leitura se realize da seguinte forma: Todos fizeram os exercícios, inclusive João. Também se depreende que João era a pessoa com a menor expectativa de que fizesse os exercícios.

7.2.2. Subentendidos

Subentendidos são intelecções realizadas pelo leitor sem que o autor do texto intencionasse levá-lo a tal. A partir de uma informação, pelo menos aparentemente independente – já que o autor não usa palavra ou expressão evidenciando a intenção–, o leitor realiza uma leitura das entrelinhas, de elementos que não estão expostos, explícitos, mas que são lógicos em relação ao contexto. Às vezes, para se observar o subentendido, é necessário que se tenha ciência do contexto (momento político, social e até mesmo pessoal do autor).

Na frase "João e Maria são casados há dez anos e não possuem filhos.", não há

marcadores de pressupostos, mas uma inferência possível é que um dos dois tenha algum problema que impossibilite a gravidez. Mas, como informado, essa inferência é de responsabilidade do leitor, pois o fato de João e Maria não terem filhos poderia ser também uma opção deles.

Na frase "O salário mínimo em 2011 no Brasil passou a R$545,00.", o emprego do verbo PASSOU funciona como pressuposto. Pelo uso dessa palavra, vê-se que, antes de 2011, o salário mínimo tinha outro valor. Portanto, há esse pressuposto. Mas também pode haver um subentendido, mormente quando se conhece o contexto político-econômico do Brasil: havia a expectativa de que o valor do salário mínimo fosse maior.

Um cidadão, ao entrar num bar, pergunta: – O senhor tem água mineral? Fica subentendido que não é simplesmente para o funcionário do bar responder (Tenho ou Não tenho). Está implícito que, caso o bar tenha a água mineral, o funcionário deverá pegá-la e vendê-la para o senhor.

7.3. EXERCÍCIOS

01. **(Cespe / UnB / IBAMA / Analista Ambiental)**

Reparação duas décadas depois

Francisco Alves Mendes Filho ainda não era um mito da luta contra a devastação da Amazônia quando foi preso, em 1981, acusado de subversão e incitamento à luta de classes no Acre, em plena ditadura militar. Chico Mendes se tornaria mundialmente conhecido, dali para a frente, por comandar uma campanha contra a ação de grileiros e latifundiários, responsáveis pela destruição da floresta e pela escravização do caboclo amazônico. Por isso mesmo foi assassinado, em 22 de dezembro de 1988, na porta de casa, em Xapuri. O crime, cometido por uma dupla de fazendeiros, foi punido com uma sentença de 19 anos de cadeia para cada um. Faltava reparar a injustiça cometida pelos militares.

E ela veio na quarta-feira 10, no palco do Teatro Plácido de Castro, em Rio Branco, na forma de uma portaria assinada pelo ministro da Justiça, Tarso Genro. Antes, porém, realizou-se uma sessão de julgamento da Comissão de Anistia, cujo resultado foi o reconhecimento, por unanimidade, da perseguição política sofrida por Chico Mendes no início dos anos 80 do século passado. A viúva do líder seringueiro, Izalmar Gadelha Mendes, vai receber uma pensão vitalícia de 3 mil

reais mensais, além de indenização de 337,8 mil reais.

Após assinar a portaria de anistia, Tarso Genro declarou que o assassinato de Chico Mendes está diretamente associado à perseguição sofrida pelo seringueiro durante a ditadura. "O Estado brasileiro não soube compreender o que ele (Mendes) representava naquele momento", disse o ministro. "O Brasil pede perdão a Chico Mendes", afirmou, ao assinar o documento. Acompanhada de dois filhos, Izalmar Mendes mostrou-se satisfeita com o resultado do julgamento. "Era a hora de limpar o nome do meu marido. Mais importante do que a indenização foi o pedido de desculpas feito pelo Estado", disse a viúva.

O caso de Chico Mendes foi relatado pela conselheira Sueli Bellato. Emocionada, ela disse ter lido muito sobre o seringueiro morto para, então, encadear os argumentos que a fizeram acatar o pedido de reconhecimento e indenização interposto por Izalmar Mendes. Chico Mendes foi vereador em Xapuri, onde nasceu, e se firmou como crítico de projetos governamentais de graves consequências ambientais, como a construção de estradas na região amazônica.

No relatório, aprovado por unanimidade, a conselheira contou detalhes da vida de Chico Mendes, da infância pobre nos seringais ao dia em que foi assassinado. Segundo Sueli Bellato, a atuação de Mendes contra grileiros e latifundiários rendeu, durante a ditadura, um arquivo de 71 páginas redigidas por agentes do antigo Serviço Nacional de Informações (SNI). Foi por participar de um ato público, em 1980, que Chico Mendes passou a ser fichado e perseguido pelos militares. Em Rio Branco, o seringueiro fez um discurso exaltado contra a violência no campo provocada pelos fazendeiros.

Na época, Chico Mendes foi enquadrado na Lei de Segurança Nacional, acusado de "atentado contra a paz, a prosperidade e a harmonia entre as classes sociais". Preso em diversas ocasiões, só foi definitivamente absolvido em 1º de março de 1984, quatro anos depois, portanto, de iniciadas as perseguições. De acordo com a conselheira Sueli Bellato, embora o relatório não tenha se aprofundado na questão, foi possível constatar que Chico Mendes também foi torturado enquanto estava sob custódia de policiais federais.

Leandro Fortes.

Internet: <www.cartacapital.com.br> (com adaptações).

Ainda com base no texto de Leandro Fortes e considerando aspectos textuais e gramaticais, julgue os próximos itens.

1 – O termo “o documento” (l. 21) refere-se a “portaria de anistia” (l.17).

2 – A expressão “Na época”, no início do último parágrafo do texto, refere-se ao período em que Chico Mendes foi perseguido pela ditadura militar.

3 – Pelas opiniões apresentadas no texto, verifica-se que o ministro da Justiça e a conselheira possuem posições opostas no que se refere à atuação política de Chico Mendes.

4 – Estaria de acordo com o que estabelece a prescrição gramatical para textos escritos no nível formal da linguagem, tais como documentos oficiais, a substituição da expressão “dali para a frente” (l.4) por dali pra frente.

5 – A conjunção “E” (l.10), por ter, no período, valor adversativo, pode ser substituída pela conjunção Mas, sem prejuízo para as informações do texto.

6 – Na linha 12, o vocábulo “cujo” estabelece relação sintático-semãntica entre os termos “resultado” e “Comissão de Anistia”.

7 – Os termos “portanto” (l. 42) e “enquanto” (l.44), estabelecem idênticas relações de sentido.

8 – O termo “onde” (l.28) introduz oração adjetiva de sentido explicativo.

Gabarito:

1 –Certo. Observe que o documento que estava sendo assinado naquele momento era justamente a “portaria de anistia”.

2 –Certo. A expressão “Na época”, refere-se ao período da década de oitenta, quando Chico Mendes sofria a perseguição da ditadura militar.

3 — Errado. Justamente o oposto. Tanto o ministro da Justiça Tarso quanto a conselheira Sueli Bellato consideraram que o assassinato de Chico Mendes está associado à perseguição que ele sofrera no período da ditadura militar. Além disso, é de bom alvitre enfatizar que se realizou uma sessão de julgamento da Comissão de Anistia, cujo resultado foi o reconhecimento, por unanimidade, da perseguição política sofrida por Chico Mendes no início dos anos 80 do século passado.

4 — Errado. Em documentos oficiais ou em textos em que seja exigida a formalidade, não se pode empregar PRA.

5 — Errado. Não há oposição entre os parágrafos. O emprego de “faltava” (l. 9) no pretérito imperfeito do indicativo já dava indício de que algo não falta mais, o que foi corroborado pelo início do parágrafo seguinte: “E ela veio na quarta-feira 10…”.

6 — Errado – O pronome relativo CUJO estabelece relação de posse entre os termos "resultado" e "uma sessão de julgamento da Comissão de Anistia". A reescritura do período, substituindo-se o pronome relativo pelo antecedente, tem o seguinte resultado: O resultado da sessão de julgamento da Comissão de Anistia foi o reconhecimento, por unanimidade, da perseguição política sofrida por Chico Mendes no início dos anos 80 do século passado.

7 — Errado – A conjunção PORTANTO introduz uma conclusão para o que se expôs anteriormente. O autor deduziu que Chico Mendes somente foi absolvido quatro anos após se iniciarem as perseguições contra ele. Já a conjunção ENQUANTO estabelece relação temporal, mais especificamente de concomitância, simultaneidade – no mesmo momento em que Chico Mendes estava sob a custódia da Polícia Federal, era torturado.

8 –Certo – ONDE é pronome relativo, podendo ser substituído por NO QUAL, refere-se a Xapuri, introduz oração subordinada adjetiva, que, por estar isolada por vírgulas, possui caráter explicativo.

02. **(Cespe / UnB / TJ-RJ)**

A crescente escassez de profissionais qualificados no mercado de trabalho doméstico está obrigando a Companhia Vale do Rio Doce a lançar uma campanha global de recrutamento para arregimentar pessoal especializado nos EUA, na Inglaterra, na Austrália e no Canadá. A previsão é de 62 mil contratações nos próximos cinco anos.

O Estado de S. Paulo, 21 mar. 2008. (Com adaptações.)

Assinale a opção que constitui continuação coesa e coerente para o fragmento de texto acima.

a) Essa disputa se tornou tão acirrada que elevou o nível médio salarial. Um soldador, por exemplo, hoje tem um ordenado inicial entre R$ 1,2 mil e R$ 2,1 mil. Nas escolas do Sesi e do Senac, os formandos são disputados pelos empregadores.

b) Essa é a iniciativa mais audaciosa já tomada por uma empresa brasileira em matéria de oferta de emprego, e é mais uma das consequências da globalização da economia.

c) Entretanto, com o extraordinário crescimento da produção industrial chinesa, nos últimos anos, o preço das commodities no mercado internacional disparou, o que abriu caminho para a expansão dos setores de mineração, siderurgia,

petróleo e equipamentos de transporte pesado.

d) Desde então, as empresas mais competitivas desses setores criaram milhares de novos postos de trabalho e, de forma cada vez mais agressiva, vêm disputando trabalhadores preparados para ocupá-los.

e) Todas essas empresas vêm publicando anúncios em inglês, em busca de profissionais qualificados de nível técnico superior. As empresas também vêm contratando trabalhadores aposentados e procurando atrair profissionais qualificados da Petrobras.

Gabarito: B

O texto indica que a oferta de empregos é maior do que a demanda. Por isso, a Vale necessita buscar no mercado internacional profissionais para atenderem a essa necessidade. A alternativa B é a única que dá continuidade ao texto de forma coesa e coerente. Observe: a expressão "Essa é a iniciativa" refere-se a "uma campanha global de recrutamento para arregimentar pessoal especializado nos EUA, na Inglaterra, na Austrália e no Canadá." Há também a leitura de a procura por mão de obra em outros países acaba por representar uma das consequências da globalização.

03. **(Cespe / UnB / TJ-RJ)**

Há cinco anos, sob o comando de George W. Bush, os Estados Unidos da América (EUA) invadiam o Iraque. Já se mostrou à exaustão que a aventura foi uma catástrofe humanitária e um fracasso político que encalacrou o Pentágono numa ocupação militar sem perspectiva de solução. Verifica-se, agora, que foi também um desastre financeiro.

Folha de S. Paulo, 20 mar. 2008. (Com adaptações.)

Assinale a opção em que o fragmento constitui continuação coesa e coerente para o texto acima.

a) Entretanto, Joseph Stiglitz, Prêmio Nobel de Economia, calcula que a empreitada poderá sair por assombrosos US$ 4 trilhões ou mais, dependendo de quanto tempo a ocupação durar.

b) Mas, agora que o país se encontra numa situação de déficit fiscal, a conta da guerra contribui para a crescente desvalorização da moeda norte-americana, num movimento que dificulta o combate à crise de crédito nos EUA e agrava suas repercussões globais.

c) Às vésperas da invasão, a Casa Branca estimava que gastaria algo entre US$ 50 bilhões e US$ 60 bilhões para derrubar Saddam Hussein e instalar um novo governo no país. Hoje, a conta está em US$ 600 bilhões e continua subindo.

d) Avaliações mais conservadoras, como a do Escritório de Orçamento do Congresso, órgão que municia o Poder Legislativo com informações técnicas, concluem que a ocupação não atingirá efetivamente a economia norteamericana.

e) Portanto, nada indica que o próximo presidente dos EUA terá condições de colocar um fim rápido à aventura. Fala-se em retirar as tropas até o fim de 2009. Isso, é claro, no melhor cenário. E o problema é que, no Iraque, o melhor cenário nunca se materializa.

Gabarito: C.

O início do texto informa que a invasão dos Estados Unidos ao Iraque representou uma catástrofe humanitária, além de significativo fracasso político. No entanto, o fragmento final destaca a derrocada financeira. Portanto, a continuação, para ocorrer de forma coesa, deve esclarecer por que houve esse desastre financeiro. As duas únicas alternativas que poderiam dar sequência a essa ideia seriam A e C. No entanto, a opção A possui uma falha. A informação lá constante confirma a ideia presente no texto, então o emprego da conjunção ENTRETANTO, de caráter adversativo, não se justifica.

04. **(Esaf / MPU)**

Leia o trecho abaixo e aponte a opção que lhe dá continuidade, respeitando a coesão, a coerência e a orientação argumentativa do texto.

É verdade que já nos anos 50 numerosos estudos haviam demonstrado que fumar provoca câncer, enfisema, ataque cardíaco e muitas outras doenças, mas a estratégia de defesa adotada pela indústria do tabaco foi a do contracheque: de um lado contratava técnicos para criticar a metodologia empregada nessas pesquisas; de outro, pressionava os meios de comunicação para garantir que não fossem divulgadas.

a) Hoje, não só se divulgam as pesquisas que atenuam o impacto do tabaco no organismo, buscando o controle da venda de cigarro a menores de idade e oferecendo tratamento gratuito aos que querem abandonar o vício de fumar.

b) Qualquer jornal, emissora de rádio ou de televisão que ousasse levantar a

menor suspeita de que o cigarro pudesse trazer algum malefício à saúde sofria retaliação financeira imediata.

c) Naquela época, a indústria do tabaco acatava incondicionalmente ações judiciais de ressarcimentos milionários às famílias dos que morriam vitimados pelos efeitos nocivos da nicotina.

d) Nos anos 50, a disseminação da epidemia de tabagismo corria velozmente de encontro à forma aliciadora e atraente com que fumavam os astros e estrelas no cinema e na tevê.

e) Resultado de pesquisa conduzida pelo Ministério da Saúde em sete capitais brasileiras comprova que o número de dependentes de nicotina no país é de aproximadamente 20%.

Gabarito: B

Observe que o texto informa que já nos anos cinquenta havia muitos estudos provando que o fumo provoca doenças. Depois esclarece também que a estratégia de defesa da indústria do tabaco foi a força financeira. Alerta, por fim, que houve muita pressão para os meios de comunicação não divulgarem as tais pesquisas. A alternativa B justamente representa um exemplo dessa pressão financeira efetuada pela indústria do tabaco: "Qualquer jornal, emissora de rádio ou de televisão que ousasse levantar a menor suspeita de que o cigarro pudesse trazer algum malefício à saúde sofria retaliação financeira imediata.".

05. **(Esaf / SEFA – PA)**

Não é preciso ser adepto da tradição intelectual para reconhecer os inconvenientes da praxe de preterição do influxo interno, a que falta a convicção não só das teorias, mas também das suas implicações menos próximas, de sua relação com o movimento social conjunto, e da relevãncia do próprio trabalho e dos assuntos estudados. Percepções e teses notáveis a respeito da cultura do país são decapitadas periodicamente, e problemas a muito custo identificados e assumidos ficam sem o desdobramento que lhes poderia corresponder. O prejuízo acarretado pode se comprovar pela via contrária, lembrando a estatura isolada de uns poucos escritores como Machado de Assis, Mário de Andrade e hoje, Antônio Cãndido, cuja qualidade se prende a este ponto.

(SCHWARZ, Roberto. Cultura e política. p.110)

Assinale a opção que continua o texto de forma coesa e coerente.

a) Com aquela praxe de conciliar o estrangeiro com o autóctone, a convivência familiar e estabilizada entre concepções em princípio incompatíveis esteve no centro da inquietação ideológico-moral do Brasil desde sempre.

b) A certos intelectuais tal herança colonial de preocupar-se apenas com o que vem do próprio país parecia um resíduo que logo seria superado pela marcha desse progresso.

c) Outros intelectuais viam naquele movimento o país autêntico, o Brasil genuíno, original, o berço a ser protegido e preservado contra imitações absurdas.

d) A nenhum deles faltou informação nem abertura para a atualidade. Entretanto, souberam retomar criticamente o trabalho dos predecessores, entendido não como peso morto, mas como elemento dinãmico, subjacente às contradições contemporãneas.

e) Outros ainda desejavam harmonizar esse progresso com trabalho escravo, para não abrir mão de nenhum dos dois, e outros mais consideravam que esta conciliação já existia e era desmoralizante.

Gabarito: D

O início do texto anuncia que não se precisa ser adepto da tradição intelectual para reconhecer a inconveniência de se preterir o movimento cultural do Brasil. Depois é relatado que pesquisas notáveis a respeito da cultura do país são decapitadas e acabam não tendo desdobramento, sequência. O texto é finalizado com o elogio nominal a três autores – Machado de Assis, Mário de Andrade e Antônio Cãndido – por fazerem justamente o oposto. Relembrando que o texto, antes de ser coerente, há de ser coeso. Repita-se. A conclusão se faz na citação nominal dos autores. Então a sequência se efetiva por aí. A alternativa D a realiza com perfeição. Observe que o pronome ELES retoma os autores e explica por que a qualidade dos três se prende a esse ponto: "souberam retomar criticamente o trabalho de seus predecessores, entendido não como peso morto, mas como elemento dinãmico, subjacente às contradições contemporãneas.".

06. **Uma carga tributária irracional**

IVES GANDRA DA SILVA MARTINS

PAULO RABELLO de Castro, em estudo de natureza econométrica para a revista "Financeiro" de outubro (páginas 14 a 17), demonstra que o aumento da carga

tributária tem representado no Brasil constante perda do crescimento do PIB em percentual a cada dia maior. Assim, no denominado efeito "crowding out" (expulsão), a cada aumento de 1% na carga, o aumento do valor da perda é de 6,7%, considerando o PIB atual, o que vale dizer que, em aumentos de 1%, 2%, 3%, 4% e 5%, a perda seria de 6,7%, 13,4%, 20%, 26,7%, e 33,4% ao ano, respectivamente.

O estudo impressiona, sobretudo no anexo estatístico e na decomposição logarítmica do crescimento do produto bruto do Brasil, por demonstrar que, tendo o país uma carga tributária superior à dos países componentes dos Brics, cresce, à evidência, menos do que esses países. Prova, portanto, que a imposição fiscal atende ao interesse dos detentores do poder, mas, à evidência, não é do interesse público nem da sociedade.

Não sem razão, o Brasil caiu, no rol de competitividade entre as nações, para a 72ª posição, sendo que, dos nossos concorrentes diretos, a China ostenta a 34ª posição, a Índia, a 48ª, e a Rússia, a 58ª. Pior do que isso: o Chile ostenta a 26ª, Porto Rico, a 36ª, o México, a 52ª, e até mesmo a Colômbia aparece em posição melhor que a do Brasil (69ª), apesar dos seus indiscutíveis problemas com o narcotráfico e o governo paralelo das Farcs.

É de lembrar, ainda, que o aumento da carga tributária do ano passado para este também correspondeu à queda da 66ª posição para a 72ª, em clara demonstração de que, apesar de a imposição fiscal não ter sido o único fator para a perda de competitividade nacional, ela foi, sem dúvida alguma, elemento relevante ao lado da burocracia esclerosada, do nível de corrupção detectado por organismos internacionais nas estruturas administrativas e da regulação excessiva por meio de uma inflação legislativa.

Assinale a opção que dá continuidade ao texto de forma coesa e coerente.

a) Diante dessa realidade, à evidência, a carga tributária não tende a cair, e a economia, apesar do céu de brigadeiro da "performance" mundial, está condenada a crescer menos do que a do mundo inteiro, correndo sérios riscos quando as nuvens que surgem no horizonte econômico se transformarem em tempestades.

b) À luz desses dados negativos, insiste o governo na prorrogação da CPMF, apesar de arrecadar neste ano, segundo as próprias projeções

governamentais, 60 bilhões de reais a mais do que o projetado no Orçamento para 2007, vale dizer, um terço a mais do que o que pretende receber da CPMF em 2008!

c) Nesse quadro, em que o PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) não deslancha, a carga aumenta e o presidente permite a contratação de mais servidores, objetivando inchar suas estruturas arcaicas e inoperantes, é assustadora a revelação feita pela Folha alguns meses atrás: dos 100% dos "amigos do rei" -os contratados sem concurso para cargos e funções na administração–, 47% são sindicalistas, vale dizer, de pouca especialização na administração pública, a não ser aquela de defesa dos interesses da categoria, e 19% são filiados ao PT.

d) Essa verdadeira desidratação legislativa envergonha a maioria esmagadora dos professores de direito, obrigados a com ela conviver e a explicá-la perante seus alunos. Infelizmente, vive-se, neste cipoal incoerente, cansativo e conveniente, a falta de uma administração pública, que não privilegia as carreiras do Estado nem cria uma evolução hierárquica estimuladora no setor público.

e) Temos tudo – e, graças a isso o país ainda cresce, por força do trabalho da sociedade; só não temos governantes com visão de estadistas, razão pela qual em todos os índices internacionais o Brasil resta em posição inferior. Em tempo: estamos à frente de Burundi e do Haiti.

Gabarito: D

Perceba que o texto é concluído mencionando a inflação legislativa. A alternativa D retoma "a inflação legislativa" com a expressão ESSA VERDADEIRA DESIDRATAÇÃO LEGISLATIVA, dá sequência a essa ideia e ainda apresenta seus efeitos: "envergonha a maioria esmagadora dos professores de direito, obrigados a com ela conviver e a explicá-la perante seus alunos".

07. **(Esaf / SEP-SP)**

O texto abaixo foi adaptado do Editorial de O Estado de S. Paulo de 21/1/2009. Assinale a opção que representa continuação coesa e coerente para o texto.

O desemprego em dezembro dá uma ideia mais clara, e nada animadora, do tamanho da crise instalada no País desde o trimestre final de 2008. No mês passado, foram fechados 654.946 postos de trabalho formais, segundo informou o

governo. Foi mais que o dobro do número registrado um ano antes, quando foram demitidos, em termos líquidos, 319.414 trabalhadores com carteira assinada. O aumento das demissões é normal no fim do ano, principalmente na indústria, depois de encerrada a produção para o Natal.

a) Porquanto nas três primeiras semanas de janeiro o intercâmbio de mercadorias continuou piorando e, até dia 18, o Brasil acumulou um déficit de US$ 390 milhões.

b) Desta vez, no entanto, as dispensas foram surpreendentes, mesmo levando-se em conta a piora das condições econômicas.

c) Essas informações sobre o comércio exterior, já conhecidas, confirmaram a perda de impulso das exportações e a contínua redução do superávit comercial.

d) Mesmo que, se o presidente da República e seus ministros têm novos planos para reanimar a economia, não devem esperar muito mais tempo para iniciar sua execução.

e) Esse dado sobre as exportações é mais um indicativo da tendência de redução de emprego.

Gabarito: B

A alternativa A não pode ser a resposta, visto que o conector PORQUANTO tem caráter causal. É de bom alvitre lembrar que a causa representa fato anterior e a consequência, posterior. O fato ocorrido em janeiro de 2009 não pode ser a causa do que ocorreu no fim de 2008.

A alternativa B é a resposta, observando-se dois detalhes: o emprego da expressão "as dispensas" como sinônima de "demissões" e da conjunção adversativa "no entanto", estabelecendo uma ressalva em relação à informação anterior: já havia realmente a expectativa de demissões naquele período do ano, contudo (ressalva) não em tal quantitativo.

A alternativa C é absurda, uma vez que não há qualquer informação sobre o comércio exterior.

A alternativa D apresenta um problema: o conector concessivo MESMO QUE estabelece uma oposição. A informação seguinte poderia ser uma consequência ou uma conclusão para o que se expõe no fim do texto, nunca uma oposição. "O aumento das demissões é normal no fim do ano, principalmente na indústria,

depois de encerrada a produção para o Natal." – "Portanto" (e não "Mesmo que"), se o presidente da República e seus ministros têm novos planos para reanimar a economia, não devem esperar muito mais tempo para iniciar sua execução.". O conector apropriado seria de caráter conclusivo: portanto, logo, então, por conseguinte.

A alternativa E também é absurda, visto que não há qualquer dado sobre exportações.

08. **TCU – Perceba que o texto é concluído mencionando a inflação legislativa. A alternativa D retoma "a inflação legislativa" com a expressão ESSA VERDADEIRA DESIDRATAÇÃO LEGISLATIVA, dá sequência a essa ideia e ainda apresenta seus efeitos: "envergonha a maioria esmagadora dos professores de direito, obrigados a com ela conviver e a explicá-la perante seus alunos". Numere os trechos de modo a compor um texto coeso e coerente e assinale a sequência correta.**

( ) Esse é, sem dúvida, o grande mérito da Lei de Responsabilidade Fiscal.

( ) Alguns instrumentos jurídicos, porém, põem-se à frente de seu tempo e têm finalidade educativa.

( ) Leis e códigos não são feitos para mudar a toda hora.

( ) Servem para sinalizar o rumo que as instituições devem tomar.

( ) Não se baseiam em tendências ou modismos, mas refletem práticas e costumes cristalizaâdos na sociedade.

(Jornal do Brasil, 15/10/2000)

a) 1, 2, 4, 3, 5;
b) 5, 3, 1, 4, 2;
c) 2, 1, 3, 5, 4;
d) 1, 4, 5, 2, 3;
e) 4, 5, 2, 1, 3.

Gabarito: B

O primeiro fragmento não pode dar início ao texto, uma vez que o pronome ESSE faz referência a algo já mencionado.

O segundo fragmento não inicia o texto, uma vez que a conjunção PORÉM sugere que a ideia aí constante está em oposição a algo já citado.

O terceiro fragmento é o único que pode dar início ao texto.

No quarto parágrafo, o emprego de SERVEM sugere que a sua concordãncia se realiza com algum termo que já deveria se fazá deveria se faz presente no texto.

No quinto parágrafo, o mesmo ocorre. A forma verbal BASEIAM concorda com elemento já inserido anteriormente no texto.

Como o único fragmento que pode iniciar o texto é o terceiro, busco alternativa em que o número 1 aparece na terceira posição.

(X)

(X)

(1)

(X)

(X)

Passemos para a horizontal: (X), (X), (1), (X), (X). A alternativa C é a única que apresenta o número 1 na terceira posição.

09. **(Cespe / UnB / Polícia Federal)**

Quando o entrevistado foi questionado a respeito das dificuldades do trabalhador nessa adaptação aos novos tempos, a resposta, registrada em um parágrafo, contemplou os seguintes aspectos, aqui apresentados em tópicos.

I – **Um exemplo? Muitos operários não compreendem como uma série de comandos num teclado, exibida somente na tela de um micro, pode resultar em mudanças numa máquina industrial que não está diante deles.**

II – **O pensamento do trabalhador comum é analógico. Ele tem dificuldade para exercitar a realidade digital do computador.**

III – **É preciso reeducá-los. Não se trata de treinar o homem apenas para mexer nos equipamentos automaticamente, como se fosse um robô.**

IV – **Ensinar computação, especialmente para os operários, é ensinar a mexer na máquina, mas sobretudo a entender o que ela pode fazer.**

V – **Não se trata de transformá-lo numa peça da engrenagem da linha de montagem. Não basta saber operar uma máquina sem compreender o que está se fazendo.**

Aplicando os conhecimentos de tipologia textual à habilidade de

compreensão detalhada de uma resposta, em função da pergunta formulada, julgue os seguintes itens.

1) A ordem acima é apropriada para que os tópicos formem um parágrafo coerente.
2) Os tópicos I, III e IV, nesta sequência, são inter-relacionados e fazem parte do desenvolvimento da resposta.
3) Pela estrutura interna do tópico II, é correta a sua colocação no início da resposta à pergunta formulada.
4) Os tópicos III e V apresentam grande coesão interna, o que favorece a colocação deles, nesta sequência, dentro do desenvolvimento da resposta.
5) A organização interna do tópico IV, com o emprego do vocábulo "sobretudo', torna correto o seu uso como fechamento da resposta, por dar reforço às ideias apresentadas.

Gabarito:

1) **Errado;**
2) **Errado;**
3) **Certo;**
4) **Certo;**
5) **Certo.**

Inicialmente montemos o texto. Como o tópico I é introduzido por "Um exemplo", obviamente não pode dar início ao texto. O tópico II pode iniciar o texto, até porque o único elemento remissivo "ELE", está se referindo a um termo já presente no próprio tópico (o trabalhador). O tópico III não pode iniciar o texto, uma vez que a forma pronominal LOS refere-se a algo – masculino e plural – já mencionado. O quarto tópico possui toda a aparência de conclusão, em face da presença de dois elementos enfáticos: ESPECIALMENTE e SOBRETUDO. O último tópico também não pode dar início ao texto, porquanto a forma pronominal LO refere-se a algo já citado – masculino e singular. Por sinal, é certo que há a sequência III-V, já que a forma pronominal LO (tópico V) refere-se a HOMEM (tópico III). Além disso, justifica-se a repetição da construção NÃO SE TRATA, presente nos tópicos III e V, quando se deseja realçar uma ideia. Para que esse recurso tenha efeito, os elementos repetidos devem ocorrer próximos. Também fica bem evidente que o tópico III vem depois do I, dado que a forma pronominal LOS (III) refere-se aos

termos OPERÁRIOS (I) E DELES (I). Sendo assim, tudo indica que a sequência correta é II – I – III – V– IV:

"O pensamento do trabalhador comum é analógico. Ele tem dificuldade para exercitar a realidade digital do computador. Um exemplo? (Um exemplo dessa dificuldade) Muitos operários não compreendem como uma série de comandos num teclado, exibida somente na tela de um micro, pode resultar em mudanças numa máquina industrial que não está diante deles. É preciso reeducá-los (os operários). Não se trata de treinar o homem apenas para mexer nos equipamentos automaticamente, como se fosse um robô. Não se trata de transformá-lo (o homem) numa peça da engrenagem da linha de montagem. Não basta saber operar uma máquina sem compreender o que está se fazendo. (Enfim) Ensinar computação, especialmente para os operários, é ensinar a mexer na máquina, mas sobretudo a entender o que ela pode fazer."

Perfeita a montagem.

1 – Errado, porque a sequência correta II – I – III – V– IV.

2 – Errado, porque o item IV representa a conclusão do texto. Os tópicos inter-Ârelacionados são I-III-V.

3 – Certo. Não há elementos que remetem a elementos presentes em outros tópicos.

4 – Certo. São dois elementos coesivos: a repetição da construção NÃO SE TRATA e a presença da forma pronominal LO (tópico V) referindo ao termo HOMEM (tópico III).

5 – Certo. A ideia de ênfase não se faz presente apenas pelo emprego de SOBRETUDO, mas também pelo uso de ESPECIALMENTE.

10. **(Esaf / ANA)**

Os trechos abaixo constituem um texto adaptado de http://www.ana.gov.br/prodes/prodes.asp, mas estão desordenados. Ordene-os e assinale a opção correta.

( ) Tal incremento da carga orgãnica poluidora nos corpos dâágua leva à escassez de água com boa qualidade, fato já verificado em algumas regiões do país.

( ) Entre os maiores desafios da gestão de recursos hídricos no Brasil está a redução das cargas poluidoras que degradam os corpos d'água.

( ) Tanto é assim que menos de 20% do esgoto urbano recebe algum tipo de tratamento, o restante é lançado nos corpos dâágua "in natura", colocando em risco a saúde do ecossistema e da população local.

( ) Nesse cenário, os efluentes domésticos representam uma das principais fontes de degradação dos ecossistemas aquáticos do território nacional.

( ) Principalmente em regiões metropolitanas, essa degradação da qualidade da água vem criando situações insustentáveis do ponto de vista de desenvolvimento.

a) 2, 1, 4, 5, 3;
b) 3, 2, 4, 5, 1;
c) 3, 5, 4, 2, 1;
d) 5, 1, 4, 3, 2;
e) 4, 3, 2, 1, 5.

Gabarito: D

O primeiro fragmento não pode iniciar o texto, visto que o emprego de TAL sugere que o incremento já foi citado anteriormente.

O segundo tópico pode dar início ao texto, uma vez que não possui elementos remissivos.

O início do terceiro fragmento deixa claro não poder dar início a um texto (Tanto é assim que).

O emprego de NESSE CENÁRIO, no quarto fragmento, indica que a situação já foi mencionada.

No quinto tópico, o uso de PRINCIPALMENTE e de ESSA DEGRADAÇÃO sugere que algo já foi mencionado em outro tópico.

Como somente o segundo tópico pode dar início ao texto – ponhamos 1 no segundo fragmento.

(X)
(1)
(X)
(X)
(X)

Passando para a horizontal – (X) (1) (X) (X) (X) –, a resposta somente pode ser

A ou D. A alternativa A é eliminada porque a sequência (2) (1) (X) (X) (X) é incoerente. Vejamos: "Entre os maiores desafios da gestão de recursos hídricos no Brasil está a redução das cargas poluidoras que degradam os corpos d'água. Tal incremento da carga orgãnica poluidora nos corpos dâágua leva à escassez de água com boa qualidade, fato já verificado em algumas regiões do país.". O emprego de TAL INCREMENTO sugere que um aumento, um acréscimo deveria ocorrer anteriormente, mas nunca uma redução.

Já a sequência (X) (1) (X) (X) (2) é perfeita: "Entre os maiores desafios da gestão de recursos hídricos no Brasil está a redução das cargas poluidoras que degradam os corpos d'água. Principalmente em regiões metropolitanas, essa degradação da qualidade da água vem criando situações insustentáveis do ponto de vista de desenvolvimento.".

11. **(AFC / CGU)**

Os trechos abaixo constituem um texto (Leandro Konder, Jornal do Brasil, 12/01/2008), mas estão desordenados. Ordene-os, indique a ordem dentro dos parênteses e assinale a opção que corresponde à ordem correta.

( ) Para sublinhar sua decisão de uma recusa radical daquilo que acontecia no mundo germãnico, modificou seu nome do alemão Karpfen para o francês Carpeaux.

( ) Sua vida tinha se tornado impossível na Áustria que Hitler tinha anexado à Alemanha.

( ) Em agosto de 1939, Carpeaux chegou ao Brasil fugindo da Holanda, em companhia de sua mulher, dona Helena.

( ) Carpeaux, de fato, era católico e tinha aspectos conservadores em seu pensamento. Mas a acusação era grotesca, pois o homem tinha vindo para cá, fugindo do nazismo.

( ) Um grupo de jovens de esquerda, percebendo que Carpeaux, em seus artigos, criticava o marxismo-leninismo, acusou-o de ser um simpatizante do nazismo.

a) 3,2,1,5,4;
b) 5,4,2,1,3;
c) 4,3,2,1,5;
d) 1,5,3,2,4;
e) 4,3,1,2,5.

Gabarito: A

O primeiro tópico não pode dar início ao texto, uma vez que o emprego do pronome possessivo SUA, indica que a decisão foi de alguém já mencionado.

O segundo tópico, pelo mesmo motivo do primeiro, também não pode dar início ao texto.

O terceiro tópico pode dar início ao texto, por não possuir elementos remissivos.

O emprego da expressão DE FATO sugere que o comentário aí proferido está em aquiescência a uma opinião exposta anteriormente.

O último tópico, por não possuir elementos remissivos, poderia iniciar o texto.

Observando as alternativas, como já dito, o último fragmento poderia dar início ao texto, porém, como não há nenhuma alternativa com o número 1 na quinta posição (X) (X) (X) (X) (1), podemos excluir essa possibilidade. Ficamos então somente com a possibilidade de 1 vir na terceira posição (X) (X) (1) (X) (X), havendo como possíveis respostas A e E. A alternativa A não pode ser a resposta, visto que a sequência (X) (X) (1) (2) (X) é incoerente, como veremos: "Em agosto de 1939, Carpeaux chegou ao Brasil fugindo da Holanda, em companhia de sua mulher, dona Helena. Carpeaux, de fato, era católico e tinha aspectos conservadores em seu pensamento. Mas a acusação era grotesca, pois o homem tinha vindo para cá, fugindo do nazismo." Não há relação entre o fato de Carpeaux ser católico com o fato relatado anteriormente. Já a sequência da letra A (X) (2) (1) (X) (X) fica perfeita: "Em agosto de 1939, Carpeaux chegou ao Brasil fugindo da Holanda, em companhia de sua mulher, dona Helena. Sua vida tinha se tornado impossível na Áustria que Hitler tinha anexado à Alemanha.".

12. **Os trechos a seguir foram adaptados de um texto de Ruy Castro, mas estão desordenados. Numere-os de forma que constituam um texto coeso e coerente e assinale a opção correta correspondente.**

( ) A Cãmara aprovou medida provisória com esse objetivo, que foi considerado eleitoreiro e danoso às contas públicas pela oposição.

( ) Entre as principais regras que podem represar recursos "não obrigatórios" - chamados de "transferências voluntárias"– está a LRF.

( ) Ela veda o repasse desses recursos para Estados e municípios que não estejam em dia com o pagamento de tributos federais e dívidas com a União, que tenham descumprido o gasto mínimo em educação e saúde ou que

tenham excedido o limite para dívidas e gastos com pessoal.

( ) O governo federal poderá repassar verbas do PAC a estados e municípios no período eleitoral, além de ignorar restrições existentes na LRF (Lei de Responsabilidade Fiscal) para esse tipo de transferência.

( ) Pelo texto, de autoria do Executivo, repasses para obras do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) definidas pelo governo tornam-se "obrigatórias", ou seja, ficam livres de regras que, em determinadas situações, impedem a transferência dos recursos inscritos na categoria "não obrigatórias".

1) 4 – 2 – 3 – 5 – 1;
2) 2 – 4 – 5 – 1 – 3;
3) 2 – 1 – 4 – 3 – 2;
4) 3 – 2 – 5 – 1 – 4;
5) 1 – 4 – 3 – 2 – 5.

Gabarito: B

O primeiro tópico não pode começar o texto, visto que o termo "esse objetivo" faz remissão a termos anteriores. O segundo tópico também não pode iniciar o texto, uma vez que a sigla LRF ainda não foi apresentada ao leitor. O terceiro tópico também não pode dar início ao texto, porquanto o pronome "Ela" faz menção a algo já mencionado. O quinto tópico também não pode dar início ao texto, pois não se esclarece que texto é esse (texto de quê?). Como somente o quarto tópico não possui elementos remissivos, chega-se Ã conclusão de que a resposta somente pode ser B ou D (X-X-X-1-X).

( )
( )
( )
(1)
( )

A sequência da D é

(3)
(2)
(5)
(1)
(4)

A sequência 1-2 da alternativa D é incoerente, senão vejamos: O governo federal poderá repassar verbas do PAC a estados e municípios no período eleitoral, além de ignorar restrições existentes na LRF (Lei de Responsabilidade Fiscal) para esse tipo de transferência. (1) / Entre as principais regras que podem represar recursos "não obrigatórios" – chamados de "transferências voluntárias"– está a LRF. (2) – Perceba a incoerência: O primeiro tópico fala em ignorar restrições existentes na LRF e o segundo tópico indica que a LRF está entre as principais regras que represar recursos "não obrigatórios".

A sequência exposta na alternativa B é perfeita.

(2)

(4)

(5)

(1)

(3)

Perceba que a sequência dos dois primeiros tópicos é bastante coerente: O governo federal poderá repassar verbas do PAC a estados e municípios no período eleitoral, além de ignorar restrições existentes na LRF (Lei de Responsabilidade Fiscal) para esse tipo de transferência. (1) / A Cãmara aprovou medida provisória com esse objetivo, que foi considerado eleitoreiro e danoso Ãs contas públicas pela oposição. (2). Repare que o termo "esse objetivo" refere-se Ã transferência de verbas do PAC a estados e municípios no período eleitoral.

Chegando-se a essa sequência, não há mais necessidade de se continuar a leitura do texto.

É importante o candidato ficar atento ao fato de que, por exemplo, quando se chega à conclusão de que o terceiro fragmento é o terceiro da sequência, não se deve procurar uma resposta começando pelo algarismo 3 (3-X-X-X-X – ERRADO), mas sim buscar uma resposta em que o algarismo 3 aparece na terceira posição (X-X-1-X-X).

13. **(Esaf / AFRF)**

Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e indique a sequência correta.

( ) Principalmente porque, com recursos parcos e uma formação basicamente literária, ele anteviu o mundo em que vivemos, no qual as palavras se

evaporam e se dispersam em redes virtuais, as ideias circulam em direções caóticas e a noção de sentido, quer dizer, de uma direção e de um futuro, se perde num presente em abismo.

( ) E no qual, enfim, depois de séculos de hostilidade e de enclausuramento, o homem se veria dissolvido em uma grande colcha democrática, capaz de abrigar a todos, sem lugares fixos e sem destinos rígidos, um mundo, por fim, em que poderíamos compartilhar uma mesma experiência.

( ) Profeta da morte da imprensa e do fim de um mundo linear e geométrico, ele antecipou, já nos anos 50 e 60, a chegada de um novo mundo unificado, na forma de grande teia, e gerido por uma espécie de alma suprapessoal.

( ) Nascido em 1911, em Edmonton, Canadá, Herbert Marshall McLuhan foi, afora erros e acertos de suas hipóteses, um pensador genial.

( ) Previa McLuhan que, nesse novo mundo unificado da mídia que estava a se afirmar, os homens se veriam imersos em uma grande malha global, um mundo devassado, sobreposto e instantâneo, no qual as ideias se dissolveriam e as diferenças se anulariam – exatamente como na cultura pop que ele mesmo via nascer.

(Adaptado de José Castello http://nominimo.ibest.com.br/notitia)

a) 5º, 3º, 2º, 1º, 4º;
b) 2º, 5º, 3º, 1º, 4º;
c) 3º, 2º, 4º, 5º, 1º;
d) 4º, 1º, 5º, 3º, 2º;
e) 1º, 4º, 2º, 5º, 3º.

Gabarito: B

Questão de ordenamento de fragmentos para a formação de um texto. De todos os fragmentos, somente o quarto pode iniciar o texto, pois todos os outros contêm termos fazendo remissão a elementos antecedentes. Sendo assim, buscam-se as opções em que o numeral cardinal 1º encontra-se na quarta posição. Portanto, somente as alternativas A e B podem ser a resposta. A alternativa A é excluída apenas na última sequência: o primeiro fragmento do texto seria o último da sequência textual: (4º) Previa McLuhan que, nesse novo mundo unificado da mídia que estava a se afirmar, os homens se veriam imersos em uma grande malha global, um mundo devassado, sobreposto e instantâneo, no qual as ideias se dissolveriam e as diferenças se anulariam – exatamente como na cultura pop que

ele mesmo via nascer. (5º) Principalmente porque, com recursos parcos e uma formação basicamente literária, ele anteviu o mundo em que vivemos, no qual as palavras se evaporam e se dispersam em redes virtuais, as ideias circulam em direções caóticas e a noção de sentido, quer dizer, de uma direção e de um futuro, se perde num presente em abismo. – Observe que essa sequência não faz sentido: o fato de McLuhan, mesmo com recursos parcos e uma formação basicamente literária, ter antevisto o mundo em que vivemos não é motivo (principalmente porque) para a previsão de que os homens se veriam imersos em uma grande malha global.

Já a sequência proposta na alternativa B é deveras coerente: (1º) Nascido em 1911, em Edmonton, Canadá, Herbert Marshall McLuhan foi, afora erros e acertos de suas hipóteses, um pensador genial. (2º) Principalmente porque, com recursos parcos e uma formação basicamente literária, ele anteviu o mundo em que vivemos, no qual as palavras se evaporam e se dispersam em redes virtuais, as ideias circulam em direções caóticas e a noção de sentido, quer dizer, de uma direção e de um futuro, se perde num presente em abismo. – Repare que Herbert Marshall McLuhan, mesmo com recursos parcos e uma formação basicamente literária, conseguiu antever o mundo em que vivemos, e, por isso, pode ser considerado um pensador genial.

14. **(Esaf / TRF)**

Abaixo estão os segmentos inicial e final de uma correspondência oficial. É preciso completá-la nos espaços pontilhados, ordenando os parágrafos na ordem em que devem constar no documento. Numere os parênteses, obedecendo aos princípios de coesão, coerência e encadeamento de ideias. Assinale, a seguir, a opção que reproduz a ordem correta.

E.M. n. 122 /Interministerial MF – CGU-PR

Brasília, 26 de setembro de 2005.

Excelentíssimo Senhor Presidente da República

Respeitosamente,

MURILO PORTUGAL FILHO

Ministro de Estado da Fazenda Interino

WALDIR PIRES

Ministro de Estado do Controle e da Transparência

(....) Com o objetivo de dar fiel cumprimento àquela determinação legal, cuja finalidade precípua consiste na preservação do princípio constitucional da publicidade, submetemos a Vossa Excelência o incluso Relatório de Gestão Fiscal do Poder Executivo Federal, referente ao período de janeiro a agosto do exercício de 2005.

(....) O referido Relatório deverá ser objeto de encaminhamento ao Congresso Nacional e ao Tribunal de Contas da União, conforme dispõe o art. 116 da Lei n. 10.934, de 11 de agosto de 2004.

(....) O Relatório de Gestão Fiscal, consoante determina a supracitada Lei, deve conter informações relativas à despesa total com pessoal, dívida consolidada, concessão de garantias e operações de crédito, devendo, no último quadrimestre, ser acrescido de demonstrativos referentes ao montante das disponibilidades de caixa em 31 de dezembro, de cada exercício e das inscrições em restos a pagar.

(....) Determina a mesma Lei que o Relatório deverá ser publicado e disponibilizado ao acesso público até trinta dias após o encerramento do período a que corresponder, prazo esse que, para o segundo quadrimestre de 2005, se encerra em 30 de setembro do corrente.

(....) A Lei Complementar n. 101, de 04 de maio de 2000, que estabelece normas de finanças públicas voltadas para a responsabilidade na gestão fiscal, exige, em seu art. 54, a emissão, ao final de cada quadrimestre, pelos titulares dos Poderes e órgãos referidos no art. 20, do Relatório de Gestão Fiscal assinado pelo respectivo Chefe e pelas autoridades responsáveis pela administração financeira e pelo controle interno, bem como por outras autoridades que vierem a ser definidas por ato próprio de cada Poder ou órgão.

(http://www.fazenda.gov.br/portugues/documentos/2005/relatorioLRF2005.pdf, com adaptações)

A sequência correta é:

a) 5 4 1 3 2;

b) 4 5 2 3 1;

c) 5 2 4 3 1;

d) 1 3 2 4 5;

e) 1 2 4 3 5.

Gabarito: B

Somente o último fragmento, por não possuir elementos que façam remissão a termos antecedentes, pode dar início ao texto, então deve o candidato buscar as alternativas em que o algarismo "1" encontre-se na última posição. Com isso, são excluídas as alternativas A, D e E. As opções B e C poderiam ser as respostas. Comparemos as continuidades das duas alternativas. A sequência proposta na opção C (5-2-4-3-1) possui um problema: sendo o terceiro fragmento o quarto (destacado) da sequência, haverá uma dúvida quanto à lei referida pelo termo "a supracitada Lei". O último fragmento (primeiro da sequência) menciona a Lei Complementar nº 101, o segundo fragmento (segundo da sequência proposta) alude ao art. 116 da Lei nº 10.934. Ou seja, não se saberia se a supracitada lei seria a Complementar 101 ou a 10.934. Já a alternativa B não apresenta essa ambiguidade, porquanto sendo o terceiro fragmento o segundo da sequência proposta, a supracitada lei só poderia referir-se à Lei Complementar nº 101 que aparece no último fragmento, o primeiro da sequência proposta.

15. **(AFRF)**

Marque, em cada item, o período que inicia o respectivo texto de forma coesa e coerente. Depois, escolha a sequência correta.

(Itens baseados em Emir Sader)

I O abandono da tematização do capitalismo, do imperialismo, das relações centro-periferia, de conceitos como exploração, alienação, dominação, abriu caminho para o triunfo do liberalismo.

(X) O socialismo, em consequência desses fatores, desapareceu do horizonte histórico, em virtude de ter ganho atualidade política com a vitória da Revolução Soviética de 1917.

(Y) O triunfo do neoliberalismo se consolidou quando o pensamento social passou a ser dominado por teses conservadoras.

II Compravam um passaporte para o camarote dos vencedores. Mas, como "há uma dignidade que o vencedor não pode alcançar", como dizia Borges, o que ganharam em prestígio perderam em capacidade de análise.

(X) Os que abandonaram Marx com soltura de corpo e com alívio, como se se desvencilhassem de um peso, na verdade não trocavam um autor por outro, mas uma classe por outra.

(Y) Eles substituíram a exploração de classes e de países pela temática do

totalitarismo, aperfeiçoando suas análises políticas ao vinculá-las à dimensão social.

III No mundo contemporãneo, tais modos nos permitem compreender a etapa atual do capitalismo, em sua fase de hegemonia política norte-americana.

(X) Para atender a atualidade, são necessários modos de compreensão férteis, capazes de dar conta das relações entre a objetividade e a subjetividade, entre os homens como produtores e como produtos da história.

(Y) Trata-se de uma compreensão míope, que ignora componentes essenciais ao fenômeno do capitalismo que estamos vivendo.

IV Quem pode entender a política militarista dos EUA e do seu complexo militar-industrial sem a atualização da noção de imperialismo?

(X) Quem pode entender hoje a crise econômica internacional fora dos esquemas da superprodução, essencial ao capitalismo?

(Y) Portanto, é a unipolaridade vigente há uma década que busca impor a dicotomia livre mercado/protecionismo.

V Nunca as relações mercantis tiveram tanta universalidade, seja dentro de cada país, seja nas novas fronteiras do capitalismo.

(X) O capitalismo dá mostras de enfrentar forte declínio, que leva os especialistas a preverem profunda fragmentação na ordem econômica interna de cada nação.

(Y) Assiste-se ao capitalismo em plena fase imperialista consolidada, em que as formas de dominação se multiplicam.

a) X,X,Y,Y,X;
b) Y,X,X,X,Y;
c) Y,Y,X,X,Y;
d) X,Y,Y,X,Y;
e) X,Y,Y,X,X.

Gabarito: B

Esta questão exige que o candidato leia o enunciado com bastante calma e perceba haver a solicitação tão-somente do início do texto em cada item, ou seja, não pode haver em X ou Y elementos remissivos. Por exemplo, no item 1 o fragmento "Em consequência desses fatores" indica que os fatores já deveriam ter sido citados anteriormente. Então, o item 1 só pode ser iniciado por Y. Sobraram

apenas as opções B e C. No item 2, X não apresenta elementos remissivos, podendo iniciar o texto. Já Y é introduzido "Eles substituíram", indicando que o pronome ELES refere-se a elementos que teoricamente já deveriam ter sido mencionados. O segundo item é X. Portanto, já se chega à resposta.

16. **(Esaf / ISS-RE)**

Em cada parágrafo, da questão 78, encimado por um subtítulo, ordene os itens de modo a formar um texto coeso e coerente. Descarte o item que não for coerente e coloque nesse item um "d". Marque, depois, a sequência correta.

( ) Igualmente importante é saber como o país chegou ao atual estágio de insegurança pública.

( ) É o que constata desde o Presidente da República até o brasileiro mais humilde.

( ) A prisão perpétua significa pouco ou nada para eles

( ) Para combatê-la é preciso distribuir renda.

( ) A violência atingiu um grau insuportável, que não pode mais ser tolerado.

( ) Mas não é só: estamos propondo a criação da Cãmara de Combate à Violência, nos moldes da Cãmara de Energia.

a) 3,1,d,5,4,2;

b) 5,2,d,3,1,4;

c) 4,1,d,3,2,5;

d) d,1,5,4,2,3;

e) 2,5,3,4,1,d.

Gabarito: B

Essa questão pode ter uma solução diferente. Na realidade, o "d" é apenas um elemento para assustar o candidato, mas que não interfere na resposta. Se você for atento, perceberá, pelas alternativas, que a primeira parte do texto ou será o segundo fragmento (A, C ou D) ou o penúltimo (B ou E). Como o segundo fragmento (É o que constata desde o Presidente da República até o brasileiro mais humilde.) não pode dar início ao texto, até porque o pronome demonstrativo "o" é referente a algo que já deveria estar mencionado no texto, podem-se excluir as alternativas A, C e D. Ficamos, então, com as alternativas B e E. A sequência da E não é coerente: "A violência atingiu um grau insuportável, que não pode mais ser tolerado. Igualmente importante é saber como o país chegou ao atual estágio de

insegurança pública.". Destarte, a resposta só pode ser a B. Observemos a sequência dos dois primeiros fragmentos: "A violência atingiu um grau insuportável, que não pode mais ser tolerado. É o que constata desde o Presidente da República até o brasileiro mais humilde.". Perfeito. No frigir dos ovos, não houve a menor necessidade de fazer uso do "d" para se chegar à resposta.

17. **(AFRF)**

Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial de O Globo, de 24/8/2009, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e indique a opção que corresponde à sequência correta.

( ) Até mesmo em países com regras rígidas (França e Alemanha, por exemplo), sindicatos perceberam a gravidade desse momento e aceitaram negociar reduções temporárias de jornada de trabalho com respectiva diminuição de salários e benefícios, em contrapartida à manutenção de empregos.

( ) A recente crise econômica mundial – que por pouco não empurrou o planeta para uma depressão tão terrível como a de 1929-1934 – mostrou, na prática, a importãncia de se ter flexibilidade nos contratos de trabalho.

( ) Diante de tal experiência, a insistência em se discutir uma redução da jornada de trabalho para 40 horas semanais (sem alteração de salários) parece esdrúxula. Mudar uma das bases das regras contratuais em meio a uma conjuntura ainda nebulosa representa enorme risco para os trabalhadores.

( ) Dessa forma, o impacto da crise sobre o mercado de trabalho, especialmente no Brasil, não chegou a ter a dimensão trágica que a crise certamente causaria em outra situação, de mais rigidez nas regras contratuais. E isso sem dúvida contribuiu para abreviar o período recessivo.

( ) No Brasil ocorreu algo semelhante àqueles países. A indústria demitiu, mas, em alguns setores (mineração, siderurgia, bens de consumo duráveis), o quadro teria sido pior não fosse a possibilidade de se recorrer a férias coletivas, licenças parcialmente remuneradas, banco de horas etc.

a) 1,2,4,3,5;
b) 2,1,5,4,3;
c) 4,1,3,5,2;
d) 3,4,1,2,5;

e) 5,3,2,1,4.

Gabarito: B

O primeiro, o terceiro, o quarto e o quinto fragmento não podem dar início ao texto, porquanto os termos "desse momento", "Diante de tal experiência", "Dessa forma" e "àqueles países" indicam que algo já foi mencionado anteriormente. As possíveis respostas são B e C. Exclui-se a alternativa C, visto que a sequência proposta indica o último fragmento como o segundo, o que gera incoerência. Quando se faz menção a "àqueles países", no fragmento inicial os países teriam que ser citados. A alternativa B fica perfeita: "A recente crise econômica mundial – que por pouco não empurrou o planeta para uma depressão tão terrível como a de 1929-1934 – mostrou, na prática, a importãncia de se ter flexibilidade nos contratos de trabalho." / "Até mesmo em países com regras rígidas (França e Alemanha, por exemplo), sindicatos perceberam a gravidade desse momento e aceitaram negociar reduções temporárias de jornada de trabalho com respectiva diminuição de salários e benefícios, em contrapartida à manutenção de empregos.".

18. **(Analista Tributário)**

Os trechos a seguir constituem um texto adaptado de O Globo, Editorial, 14/10/2009, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e indique a sequência correta.

( ) Esse quadro se alterou significativamente: em volume, a produção nacional de petróleo vem se mantendo próxima aos patamares de consumo doméstico. A redução dessa dependência no campo da energia foi acompanhada por um salto expressivo nas exportações brasileiras (que cresceram uma vez e meia na última década), com razoável equilíbrio entre produtos básicos e manufaturados na pauta de vendas.

( ) Apesar de a economia brasileira ter ainda um grau de abertura relativamente pequeno para o exterior – se comparado à média internacional –, o cãmbio sempre foi apontado com um dos fatores mais vulneráveis do país. No passado, o Brasil era muito dependente de petróleo importado e de insumos essenciais para a indústria.

( ) Além desse equilíbrio, os programas de ajuste macroeconômico têm garantido uma estabilidade monetária que ampliou o horizonte de investimentos e as possibilidades de um desenvolvimento sustentável de longo prazo.

( ) Tal promoção foi reforçada pela capacidade de reação da economia brasileira à recente crise financeira, a mais grave que o mundo atravessou desde o fim da Segunda Guerra Mundial.

( ) Assim, as principais agências classificadoras de risco promoveram a economia brasileira para a categoria daquelas que não oferecem risco cambial aos investidores estrangeiros.

a) 2, 1, 3, 5, 4;
b) 5, 3, 4, 1, 2;
c) 4, 5, 2, 3, 1;
d) 3, 2, 1, 4, 5;
e) 4, 1, 2, 3, 5.

Gabarito: A

O primeiro, o terceiro, o quarto e o quinto fragmento não podem dar início ao texto, porquanto os termos "Esse quadro", "Além desse equilíbrio", "Tal promoção" e "Assim" indicam que algo já foi mencionado anteriormente. Destarte, somente o segundo fragmento pode dar início ao texto, o que nos leva a duas possíveis respostas: A ou E (X-1-X-X-X). A sequência proposta na E é incoerente, dado que o terceiro fragmento, ao se iniciar por "Além desse equilíbrio", indica que "o equilíbrio" já deveria ter sido citado no segundo fragmento. Já a sequência (2-1-X-X-X) é perfeita: "Apesar de a economia brasileira ter ainda um grau de abertura relativamente pequeno para o exterior – se comparado à média internacional –, o câmbio sempre foi apontado com um dos fatores mais vulneráveis do país. No passado, o Brasil era muito dependente de petróleo importado e de insumos essenciais para a indústria." / "Esse quadro se alterou significativamente: em volume, a produção nacional de petróleo vem se mantendo próxima aos patamares de consumo doméstico. A redução dessa dependência no campo da energia foi acompanhada por um salto expressivo nas exportações brasileiras (que cresceram uma vez e meia na última década), com razoável equilíbrio entre produtos básicos e manufaturados na pauta de vendas.".

19. **(MPOG)**

Numere em que ordem os trechos abaixo, adaptados do ensaio Lula e o mistério do desenvolvimento, de Maílson da Nóbrega (publicado em VEJA, de 26 de agosto, 2009), dão continuidade à oração inicial, numerada

como (1), de modo a formar um parágrafo coeso e coerente.

(1) Mudanças culturais estão na origem do sucesso dos atuais países ricos.

( ) De fato, as lutas mortais dos gladiadores, entre si e com as feras, divertiam os romanos; execuções públicas eram populares na Inglaterra até o século XVIII.

( ) Por isso, a alfabetização disseminada e habilidades aritméticas, antes irrelevantes, adquiriram importãncia para a Revolução Industrial.

( ) Esses instintos foram substituídos por hábitos fundamentais para o desenvolvimento: trabalho, racionalidade e valorização da educação.

( ) Elas os fizeram abandonar instintos primitivos de violência, impaciência e preguiça.

( ) Como consequência dessas mudanças, a classe média cresceu; valores como poupança, negociação e disposição para o trabalho se firmaram nas sociedades bem-sucedidas.

A sequência obtida é

a) (1) (2) (4) (5) (6) (2);
b) (1) (3) (2) (6) (4) (6);
c) (1) (4) (2) (6) (5) (3);
d) (1) (3) (5) (4) (2) (6);
e) (1) (2) (6) (4) (3) (5).

Gabarito: D

Questão interessante, em que o primeiro tópico já se encontra definido. A busca se faz pelo segundo tópico. É de bom alvitre perceber que algumas opções estão prejudicadas como a A e a B, visto que há repetição de número (2 na A e 6 na B). De qualquer forma, tal problema não chega a invalidar a questão, até porque estas alternativas não seriam a resposta. Somente o penúltimo fragmento pode ser o segundo da sequência, visto que nele há dois elementos coesivos: o pronome ELAS que faz referência ao termo MUDANÇAS CULTURAIS; e o pronome oblíquo OS que remete à expressão ATUAIS PAÍSES RICOS. Vejamos a sequência: "Mudanças culturais estão na origem do sucesso dos atuais países ricos. Elas (Mudanças culturais) os (atuais países ricos) fizeram abandonar instintos primitivos de violência, impaciência e preguiça.".

Capítulo 8

Semântica Verbal

1º PASSO. O usuário da língua deve compreender que a ideia de presente não é o momento em que se vive, ou o do recebimento da mensagem. Toda referência de tempo presente é o momento em que o texto é confeccionado, ou seja, o momento no qual o autor produz o texto.

8.1. MODO INDICATIVO

Indica, em regra, um evento real, não hipotético.

Presente – Indica um hábito presente. Não há necessidade efetiva de o fato estar ocorrendo. Podemos encontrar matizes semânticos distintos dentro deste tempo verbal, que irão desconstruir o raciocínio de que o presente representa o momento em que a ação acontece. Vejamos:

Presente Pontual – representa o momento em que a ação se desenvolve.

Ex.: Eu **estou** lendo esta frase. (A leitura acontece agora).

Presente Habitual ou Frequentativo – a essência do hábito é o intervalo entre fazer ou não determinada coisa.

Ex.: Eu **durmo** bem todos os dias. (Não estou dormindo agora, mas há um intervalo entre dormir e não dormir).

Presente Permanente – ocorre sem parar.

Ex.: A Terra **gira** em torno do Sol. (Reparemos que a Terra não para de girar, permanece a todo instante girando)

Pretérito perfeito – Indica um evento passado encerrado, finalizado. Pode-se usar o termo "ontem" para efetuar a sua conjugação. O pretérito perfeito também pode ser chamado de passado pontual.

Ex.: Você leu o jornal do último sábado?

Pretérito imperfeito – Denota um evento habitual, costumeiro no passado. Para a sua conjugação, é interessante o uso de "antigamente". Esse tempo pode ser chamado também de passado habitual, frequentativo ou impontual.

Ex.: Nós nos encontrávamos diariamente.

Pretérito mais-que-perfeito – Denota uma ação passada anterior a outro fato também passado. É importante frisar que, para o seu uso ser perfeito, é fundamental já haver outro elemento também com ideia de passado. Algumas bancas já usaram a denominação passado do passado para representar o pretérito mais-que-perfeito.

Ex.: Quando eu entrei na sala, ela já desligara a televisão.

Observe que a ação de desligar a televisão é pretérita e ainda anterior a outra ação passada: a de entrar na sala.

Futuro do presente – Indica uma ação futura em relação ao momento em que o texto foi confeccionado ou em relação a uma condição futura. Por consequência, acabará coligado ao futuro do subjuntivo. Para a sua conjugação, pode ser utilizado "amanhã". Este tempo é considerado, apesar de futuro, factual, e não hipotético.

Ex.: Na próxima semana, faremos a prova.

Se você estudar, aprenderá a matéria.

Futuro do pretérito – Indica uma consequência futura de um fato passado. É importante compreender que, nesta situação, a referência não é o momento em que o autor confeccionou o texto. Diferentemente do futuro do presente (futuro em relação ao momento presente – momento da criação do texto), o evento é um efeito futuro de um fato que não ocorreu. Sendo assim, a consequência poderia ser certa, provável ou duvidosa, em conformidade com os elementos que o texto oferecer. Torna-se, por fim, fundamental concluir que, por este tempo representar uma consequência futura de fato passado, é natural que fique coligado ao pretérito imperfeito do subjuntivo.

Ex.: Se você trouxesse uma cerveja, eu a beberia.

Preste atenção a esta explicação: a condição não ocorreu, portanto o efeito também não. Imagine a seguinte situação: o autor da frase gosta de todas as marcas de cerveja, portanto se o outro trouxesse a cerveja, ele com certeza beberia. Digamos que ele goste apenas de 50% das marcas, então se o outro trouxesse a cerveja, possivelmente (dúvida) o autor da frase beberia. Por fim, imaginemos que o texto indique que há a aprovação de quase todas as cervejas, portanto se o outro trouxesse a cerveja, o autor provavelmente a beberia. Destarte, torna-se fundamental o contexto para se concluir se a consequência é

certa, provável ou duvidosa.

Obs.: O futuro do pretérito também pode indicar uma ideia de polidez. É muito comum a resposta GOSTARIA quando alguém nos oferece algo. Este uso indica uma forma mais educada de expressão.

Os verbos no pretérito imperfeito do indicativo, mormente de segunda e terceira conjugação, tornam-se parecidos com os do futuro do pretérito. Então em várias ocasiões, percebe-se que o pretérito imperfeito acaba substituindo o futuro do pretérito. Nas questões de correlação, tal fato parece ser admitido pelo NCE, o mesmo já não ocorrendo com a Esaf.

Ex.: A consequência de tal fato é que, até mesmo quando o verbo indicar ideia de polidez, faz-se possível o verbo no pretérito imperfeito, substituindo o futuro do pretérito. Leitor, imagine a seguinte situação: se alguém perguntar se você deseja água (e você está com sede), o que você responderia? Provavelmente, "eu aceitaria" ou "eu aceitava", ambos com valor de polidez.

Obs.: Mais raro é o uso do futuro do presente do indicativo com valor de polidez. Caro candidato a um cargo público, pense na seguinte situação: você está assistindo a uma aula e percebe que o professor equivocou-se. Como chamar a atenção dele? Você poderia dizer: – Professor, o senhor está enganado! Você também poderia dizer o mesmo de forma mais polida: – Professor, o senhor não estará (estaria) enganado?

8.2. MODO SUBJUNTIVO

Indica, em geral, evento hipotético, possível, duvidoso.

Presente – Fato atual expressando possibilidade, dúvida. Pode-se utilizar MARIA QUER QUE para a sua conjugação neste tempo.

Ex.: Talvez ele venha.

Pretérito imperfeito – Mostra uma situação hipotética no passado que geraria um efeito futuro. É recomendável utilizar "se ontem" para a conjugação verbal neste tempo.

Ex.: Se ele estudasse, aprenderia a matéria.

Futuro – Indica uma condição futura anterior a uma consequência também

futura. Podem-se utilizar as estruturas "se amanhã" ou o consagrado "quando" para conjugação verbal neste tempo.

Ex.: Se ele voltar aqui, todos ficarão felizes.

BIZU

Quando negamos o presente do subjuntivo, passamos a ter uma ideia factual e não hipotética. É importante observarmos isso, pois, em regra, o modo subjuntivo é considerado hipotético.

Ex.: Não há um ser humano que **não saiba** que o uso excessivo de medicamentos sem respaldo médico pode fazer mal à saúde. (Ou seja, todos os seres humanos sabem. A ideia é factual (certeza) e não hipotética.

8.3. MODO IMPERATIVO

Indica ideia de ordem (quem recebe é obrigado a cumpri-la), solicitação (quem recebe o pedido não é o beneficiado), conselho (quem recebe a sugestão é o beneficiado).

Ex.: Por favor, pega um copo de cerveja.

Pedido, solicitação (quem pediu é o beneficiado)

Ex.: Soldado, venha aqui!

Ordem (o soldado é obrigado a cumprir a ordem)

Ex.: Não te atrases, que serás demitido.

Conselho, sugestão (quem recebe o conselho é o beneficiado pelo próprio conselho)

BIZU

Torna-se fundamental lembrar ao leitor que a Língua não é uma ciência exata. Verbos podem ser usados em um determinado tempo – mormente o presente – com valor semântico de outro.

Ex.: "Se, até amanhã à tarde, você não tiver devolvido a cadeira, a mesa e a máquina de escrever, mando um caminhão buscar em sua casa e conto para os jornais, faço um barulho louco" (Fernando Sabino). – "Mando", "conto" e "faço" estão no presente do indicativo com valor de futuro do presente.

Ex.: No dia primeiro de maio de 1994, morre o piloto Ayrton Senna.

Observe que o verbo no presente do indicativo tem ideia de pretérito perfeito.

Esta situação também foi registrada como presente histórico.

Ex.: Se eu te vejo amanhã, eu te entregarei o material.

VEJO no presente do indicativo possui gritante valor de futuro do subjuntivo.

8.4. OUTRAS SEMÂNTICAS VERBAIS

Semanticamente, existem vários ramos distintos que analisam o envolvimento dos verbos com os demais termos do período. O próprio termo semântica já é uma generalização. Mostraremos, neste tópico, a divisão verbal sintático-semântica apresentada por Borba (1996). Tal estudioso propõe a seguinte abordagem verbal:

Verbos de ação: mostram uma atividade desempenhada por um termo agente (sujeito). Para Borba (1996, p. 58), "os verbos de ação expressam uma atividade realizada por um sujeito agente. Indicam, portanto, um fazer por parte do sujeito: o pássaro voa; o garoto brinca; o sábio pensa". Essa visão é ratificada por Chafe (1979). Conforme Chafe (1979, p. 97), o verbo de ação "exige que um nome o acompanhe, que o nome se relacione com ele como um agente e que o nome se especifique como animado, talvez também como humano".

(1) Tiago andou..

Verbos de processo: representam um acontecer. De acordo com BORBA (1996, p. 58), "os verbos de processo expressam um evento ou sucessão de eventos que afetam um sujeito paciente ou experimentador". Para Neves (2000, p. 26), "os **verbos** [de processo] envolvem uma relação entre um **nome** e um **estado**, e o **nome** é **paciente** do **verbo** (**afetado**)".

(2) A água ferveu.

Percebemos, na oração (2), que o sujeito a água é paciente, pois ele é diretamente afetado pelo verbo. Na oração (1) o sujeito Tiago não é afetado pelo verbo, mas sim, ele é o indivíduo que determina a ação expressa pelo verbo.

Verbos de ação-processo: desenvolvem tanto um processo quanto uma ação. Segundo Chafe (1979, p. 100), "como processo, ele implica uma mudança na condição de um nome, seu paciente. Como ação, expressa o que alguém, seu agente, faz".

(3) Pedro destruiu o computador.

Na oração (3), há um agente que pratica a ação expressa pelo verbo destruir, há um acontecimento, o computador destruiu, e, por último, há um paciente que sofre uma transformação, o computador estava inteiro, mas não está mais.

Verbos de estado: a divisão sintático-semântica dos verbos de estado não

obedece à mesma ordem estabelecida na gramática tradicional. Em primeiro lugar, a gramática tradicional chama de verbos de estado somente a uma pequena parte dos verbos estativos. Os verbos de estado também são designados pela gramática tradicional como verbos de ligação. Em segundo lugar, muitos verbos que a gramática tradicional classifica como verbos de ação pertencem ao grupo semântico dos verbos de estado, pois não apresentam uma ação, mas sim um estado permanente. É o caso de gostar, a gramática tradicional o classifica como verbo de ação, mas não existe um agente que pratique uma ação, e sim um experienciador que experimenta uma sensação psicológica de gostar de algo. Assim sendo, a semântica classifica esse verbo como um verbo de estado, pois não há nem ação, nem agente envolvido na predicação.

Dessa forma, a semântica inclui na classe dos verbos de estado não só os tradicionais verbos de ligação, mas também, muitos dos verbos tradicionalmente classificados pela sintaxe como verbos de ação.

Segundo Borba (1996, p. 60), "os verbos de estado expressam uma propriedade (estado, condição, situação) localizada no sujeito, que é, pois, mero suporte dessas propriedades ou, então, seu experimentador ou beneficiário". Para Vilela (2001, p. 67), "os **verbos de estado** são os verbos com que se configura verbalmente a duração de um ser, a permanência de um estado, sem que, com isso, se implique a completa imutabilidade (...)". Portanto, verbos como viver, ser, estar, continuar, ter, gostar farão parte da classe dos verbos de estado.

8.5. EXERCÍCIOS

01. **(NCE / INPI)**

"As aeromoças ainda teriam tentado prendê-lo num compartimento na traseira, mas estava bloqueado". O emprego da forma verbal teriam tentado indica que a ação:

a) é uma possibilidade e não uma certeza;

b) ocorreu após largo espaço de tempo;

c) vai ocorrer num futuro próximo;

d) vai ocorrer num futuro distante;

e) ocorreu várias vezes no passado.

Gabarito: A

Reparemos que o verbo empregado está no FUTURO DO PRETÉRITO (teriam). Tal tempo e modo transmitem uma ideia de dúvida, hipótese. E o próprio contexto deixa isso bem claro, afinal "teriam tentado prendê-lo" significa que ainda não houve a prisão. A opção A representa toda a situação da forma verbal no contexto.

02. **(NCE / INPI)**

"... desses mesmos sentimentos que têm levado o Brasil à beira do abismo..." A forma verbal têm levado indica uma ação:

a) que já terminou;

b) anterior a outra ação passada;

c) habitual no passado;

d) iniciada no passado que continua no presente;

e) iniciada no presente que continua no futuro.

Gabarito: D

A forma verbal **têm levado** indica que a ação teve início no passado e se estende até o presente. Tal forma verbal não pode ser interpretada, no contexto, como algo que simplesmente começou e acabou, não existindo mais.

03. **(NCE / Engepron)**

"Os aperfeiçoamentos do aparelho, com o tempo viriam, certamente, como depois vieram..." O emprego do futuro do pretérito, no caso, se justifica porque se trata de:

a) uma ação provável;

b) uma ação futura em relação ao tempo passado;

c) uma ação completamente passada;

d) um fato hipotético;

e) um fato que é fruto da imaginação humana.

Gabarito: B

O tempo verbal está no futuro do pretérito que indica uma consequência futura de um fato passado; logo, aquela assertiva que reforça tal semântica é exatamente a opção B.

04. **(Fundec / Proderj)**

Na correlação entre os dois verbos sublinhados no trecho "Do décimo andar à rua, <u>seria</u> a vertigem, se <u>chegássemos</u> muito à janela...", o enunciador manifesta uma atitude de:

a) certeza, pois sabe que o fato não pode acontecer;
b) subjetividade, pois não sabe se o fato tem possibilidade de acontecer;
c) dúvida quanto à possibilidade de um fato acontecer, pois não há hipótese de o outro também acontecer;
d) certeza quanto à possibilidade de um fato acontecer, na condição de também o outro acontecer;
e) descrença sobre a realização do fato, pois está condicionado à realização de outro fato.

Gabarito: D

Pelo contexto, percebemos que só haveria vertigem, se houvesse aproximação da janela. Então, há certeza quanto à vertigem, porém, para que ela se concretizasse, dependíamos da realização de outro evento: aproximar-se da janela. Dessa forma, a melhor opção é exatamente a letra D.

05. **(NCE / PC)**

A CIÊNCIA

A ciência permanecerá sempre a satisfação do desejo mais alto da nossa natureza, a curiosidade; ela fornecerá sempre ao homem o único meio que ele possui para melhorar a própria sorte (Renan).

O emprego do futuro do presente do indicativo no segmento significa:

a) certeza dos fatos futuros;
b) possibilidade de fatos futuros;
c) incerteza dos fatos futuros;
d) dúvida sobre os fatos futuros;
e) desejo do autor sobre os fatos futuros.

Gabarito: A

O futuro do presente é considerado factual e, além disso, o próprio texto dá a entender, com o emprego do advérbio sempre, que a ação já acontece e que irá continuar certamente.

06. **(NCE / CNEN)**

Um programa de educação infantil encontra a sua essência na proposta da vida regida pela castidade". O uso do presente do indicativo neste segmento do texto se justifica porque:

a) enuncia um fato atual;

b) indica estados permanentes;
c) expressa uma ação habitual;
d) dá vivacidade a fatos ocorridos;
e) marca um fato futuro, mas próximo.

Gabarito: B

O programa de educação infantil nunca deixará de encontrar sua essência na proposta de vida regida pela castidade, ou seja, é algo permanente. A forma verbal ENCONTRA, apesar de estar no presente, representa uma ação que não se acaba, independentemente do momento em que tal tempo verbal esteja sendo empregado. Esse tipo de presente recebe o nome de presente permanente.

07. **(NCE)**

Qual o valor do futuro do pretérito na frase seguinte: "Quando chegamos ao colégio em 1916, a cidade teria apenas uns cinquenta mil habitantes"?

a) Fato futuro, anterior a outro fato futuro.
b) Fato futuro, relacionado com o passado.
c) Suposição, relativamente a um momento futuro.
d) Suposição, relativamente a um momento passado.
e) Configuração de um fato já passado.

Gabarito: D

O tempo verbal está no futuro do pretérito que indica uma consequência futura de um fato passado; logo, aquela assertiva que reforça tal semântica é exatamente a opção D.

08. **(MP)**

Considerando que a ação de agredir o jogador brasileiro Antonio Carlos ocorreu antes de o Lazio perder o mando do campo, ação também passada, o verbo "agredir" deveria estar no:

a) mais-que-perfeito do indicativo;
b) imperfeito do indicativo;
c) futuro do pretérito;
d) imperfeito do subjuntivo;
e) presente do subjuntivo.

Gabarito: A

Representa o passado do passado, ou seja, uma ação passada anterior a outra também passada; logo, estamos tratando do pretérito mais-que-perfeito

09. **(MP)**

RACISMO

O Globo, 13/7/2001

A imprensa brasileira vem noticiando uma proposta milionária do Lazio da Itália, que pretende adquirir o passe do zagueiro Juan por 10 milhões de dólares. Este é o time cuja torcida já agrediu o jogador brasileiro Antonio Carlos, do Roma, e perdeu o mando de campo por incitamento racista em pleno estádio.

Aqui fica uma sugestão a este jovem negro, atleta brasileiro de 22 anos, com um brilhante futuro profissional: recuse o convite e não troque o Brasil pela Itália, pois moedas não resgatam a dignidade. Diga não aos xenófobos e racistas.

"A imprensa brasileira vem noticiando..." Com a utilização do tempo verbal destacado, o autor do texto quer referir-se a uma ação que:

a) acaba de terminar;

b) acaba de começar;

c) se iniciou antes de outra ação passada;

d) se iniciou há pouco tempo e permanece no presente;

e) se repete no passado e no presente.

Gabarito: D

A forma verbal **vem noticiando** indica que a ação se iniciou no passado recente (pode-se inferir que foi há pouco tempo visto que se trata de notícia de jornal) e se estende até o presente. Tal forma verbal não pode ser interpretada, no contexto, como algo que simplesmente começou e acabou, não existindo mais. Não podemos pensar também em passado do passado, pois isso está para o pretérito mais-que-perfeito. Talvez, alguns tenham ficado na dúvida em relação à opção E, mas tal opção não pode ser a resposta pelo fato de não passar a ideia de habitualidade que a forma verbal **vem noticiando** transmite, ou seja, a letra E dá a entender que ação aconteceu no passado e parou de acontecer, depois a mesma ação volta a acontecer no futuro, eliminado a frequência, a habitualidade, como se fossem dois pontos isolados na linha do tempo. Um no passado e outro no futuro, não existindo nada mais nesse ínterim.

Capítulo 9

Figuras de Linguagem

9.1. FIGURAS DE SOM OU HARMONIA

Aliteração – Indica a repetição de fonemas (consoantes) idênticos ou semelhantes no início de palavras de uma frase ou de versos de uma poesia.

Ex.: "O rato roeu a roupa do rei de Roma."

Onomatopeia – Figura que procura representar graficamente sons.

Ex.: Zum-zum, trim, atchhhim…

Paronomásia – Figura que representa palavras com sons parecidos, mas com significados diferentes.

Ex.: "berro pelo aterro pelo desterro" (Caetano Veloso)

9.2. FIGURAS DE CONSTRUÇÃO OU SINTAXE

Anacoluto – Consiste no aparecimento de um termo no início de um período que não terá ligação sintática com o restante dos termos posteriores.

Exemplos:

"Eles, o seu único desejo é exterminar-nos." (Garret)

"O Presidente, estes cidadãos não quiseram ouvir-nos."

Anáfora – Consiste na repetição de uma ou mais palavras no início de diferentes versos ou frases.

Exemplos:

"Depois eu dou. Depois eu deixo. Depois eu levo. Depois eu conto." (F. Sabino)

Não sei, não vi, não quero saber.

Alguém falou, alguém gritou, alguém brigou.

Anástrofe ou inversão – Consiste na inversão da ordem direta da frase.

Exemplos:

Ao Flu o Fla vencerá. (a ordem natural seria O Fla vencerá o Flu.)

Sabe mortos enterrar? (João Cabral de Melo Neto) (Sabe enterrar mortos?)

Obs.: É um tipo de inversão mais brando que o HIPÉRBATO.

Assíndeto – Consiste na construção de sequência de orações coordenadas aditivas; não apresentando, contudo, conjunção.

Exemplos:

"Vim, vi, venci." (Julio César)

As mulheres hoje estudam, trabalham, disputam funções com os homens, cuidam da casa, não descansam.

Elipse – Consiste na omissão de um termo facilmente subentendido.

Exemplos:

"Ao redor, bons pastos, boa gente, terra boa para arroz." (Guimarães Rosa) – (Há) bons pastos…

"Uma de suas funções, como membro da presidência da Câmara, era a de zelar pelos móveis e demais pertences." (Fernando Sabino) -… era a (função) de zelar…

Hipálage – Consiste em atribuir a um ser ou coisa uma qualidade ou ação que logicamente pertence a outro ser que também está expresso na mesma frase.

Exemplos:

"O vôo negro dos urubus fazia… (G. Ramos) (Negro, na verdade, é qualificativo para "urubus").

O movimento pesado dos elefantes… (o movimento não é pesado, e sim os elefantes.)

Hipérbato – Indica inversão de termos dentro de orações ou versos. Esta inversão é mais significativa do que na anástrofe.

Exemplos:

"Ouviram do Ipiranga as margens plácidas

de um povo heróico o brado retumbante…"

– As margens plácidas do Ipiranga ouviram o brado retumbante de um povo heróico.

"É esta de teu querido pai a mesma barba, a mesma boca e testa." (Tomás Antônio Gonzaga)

– É esta a mesma barba, a mesma boca e testa de teu querido pai.

Pleonasmo ou Redundancia – Emprego de palavras ou expressões de significado equivalente, com a finalidade de reforçar uma ideia.

Exemplos:

Vi com meus próprios olhos a terrível cena.

Perdoe-me pelo amor divino de Deus.

Polissíndeto – Consiste na repetição intencional de conjunções, ligando palavras ou orações de período.

Exemplos:

João corre e nada e joga futebol e pedala e nunca descansa.

Ele não veio nem virá nem telefonará nem se explicará.

Prolepse ou Antecipação – Consiste na antecipação de um termo com escopo de destacá-lo.

Exemplos:

Os alunos parece que não se preocupam com as provas. – A ordem natural seria: Parece que os alunos não se preocupam com as provas.

"O próprio ministro dizem que não gostou do ato." (Machado de Assis) – A ordem natural seria: Dizem que o próprio ministro não gostou do ato.

Repetição ou reduplicação – Consiste na repetição proposital de palavras ou expressões, tanto na poesia quanto na prosa.

Exemplos:

"É pau…É pedra…É o fim do caminho…É um pedaço de toco…" (Tom Jobim)

"Cantei, Cantei, Cantei,

Como é cruel cantar assim…" (Chico Buarque)

Silepse – Também conhecida como concordância ideológica, esta figura ocorre quando a concordância se faz não com a palavra expressa na frase, mas com a ideia que esta palavra sugere.

de gênero

Exemplos:

Vossa Majestade é muito bondoso.

Sua Santidade estava abatido.

de número

Exemplos:

Coisa curiosa é aquela gente. Divertem-se com tão pouco.

A banda Flor chegou ao sucesso depois de cinco anos. Já gravaram oito discos.

de pessoa

Exemplo:

Os brasileiros somos muito desconfiados.

Sínquise – Consiste numa tão significativa inversão de termos, que dificulta a compreensão do efetivo sentido.

"Do tamarindo a flor jaz entreaberta,

Já solta o bogari mais doce aroma,

Também meu coração, como estas flores,

Melhor perfume ao pé da noite exala!"

Camões

Zeugma – É a omissão de uma palavra já expressa anteriormente na oração. Trata-se de um caso especial de elipse.

Exemplos:

"A igreja era grande e pobre. Os altares, humildes." (Carlos Drummond de Andrade) – Os altares (eram) humildes.

Eu fiz os salgados, Maria, os doces. -…Maria (fez) os doces.

9.3. FIGURAS DE PENSAMENTO

Antítese – Consiste na colocação, lado a lado, de termos opostos, mas que não causam ideias sem nexo.

Exemplos:

"Cabelos longos, ideias curtas."

Uma exposição clara para uma ideia tão complicada.

Eufemismo – Indica a atenuação ou suavização de ideias consideradas desagradáveis, cruéis ou ofensivas.

Exemplos:

Ele entregou a alma a Deus. (Em vez de: Ele morreu.)

Ela sofre de doença ruim. (Em vez de: câncer)

Hipérbole – Consiste no exagero proposital das coisas.

Exemplos:

Ele morreu de medo quando me viu.

Nós chegamos aqui há um século.

Ironia – Consiste em expressar o contrário do que se pensa, mas dando a entender o real pensamento. Normalmente, a ironia adquire traços humorísticos.

Exemplos:

Aqueles amorosos bandidos mataram a família inteira.

Os confiáveis deputados precisam receber o "mensalão", pois seus salários são muitos baixos.

Paradoxo ou oxímoro – Trata-se de uma figura que relaciona duas palavras antônimas dando conceitos contraditórios e normalmente inconciliáveis. "Aparentemente" a frase fica sem sentido.

Exemplos:

Amor é fogo que arde e não se vê
É ferida que dói e não se sente
É um contentamento descontente
É dor que desatina sem doer.

Camões

Prosopopeia, Personificação ou Animismo

Consiste em atribuir vida ou qualidades humanas a seres inanimados, irracionais, mortes ou abstratos.

Exemplos:

"As rosas não falam…" (Cartola)

Uma talhada de melancia com seus alegres caroços. (C. Lispector)

Quiasmo – Trata-se de uma espécie de antítese. Consiste no cruzamento de grupos sintáticos paralelos (dois ou quatro vocábulos), de forma que o grupo de vocábulos do primeiro se repete no segundo em ordem inversa (AB x BA).

Exemplo:

- Melhor é merecê-los [a] sem os ter
- Que possuí-los sem os merecer. [a] (Os Lusíadas, c IX, 93)

9.4. FIGURAS DE PALAVRAS

Alegoria – Consiste no acúmulo de metáforas, referindo-se ao mesmo objeto, evocando e intensificando o seu sentido.

Exemplo:

"A vida é uma ópera, é uma grande ópera. O tenor e o barítono lutam pelo soprano, em presença do baixo e dos comprimários, quando não são o soprano e o contralto que lutam pelo tenor, em presença do mesmo baixo e dos mesmos comprimários. Há coros numerosos, muitos bailados, e a orquestra é excelente…" (Machado de Assis)

Antonomásia – Indica a substituição de nome próprio por nome comum ou por expressão ligada ao termo substituído.

Exemplos:

Rei do Futebol (em lugar de Pelé)

Cidade Maravilhosa (em vez de Rio de Janeiro)

Catacrese – É uma figura que consiste no uso impróprio de vocábulo por falta de outro mais específico para a designação de um ser ou de uma ação.

Exemplos:

O pé do vaso está quebrado. (Pé – parte que serve para sustentar o corpo humano).

Embarcou naquele avião gigantesco. (Embarcar significa entrar num navio).

Comparação ou símile – Como o próprio nome indica, formaliza-se uma ideia de comparação. Contudo, é fundamental ressaltar que há a necessidade de um conectivo explicitando a comparação.

Exemplos:

"Beijou sua mulher como se fosse a única." (Chico Buarque)

Ele agiu feito os santos.

Metáfora – Atribuição a uma pessoa ou coisa uma qualidade que não lhe cabe logicamente. Essa transferência de significado de um termo para outro baseia-se na semelhança de características que o emissor da mensagem encontra entre os dois termos comparados. É uma comparação de ordem subjetiva, sem o conectivo que indica esta comparação.

Exemplos:

Maria é uma flor.

Vê-se que Carlos é uma fera enjaulada.

Metonímia – É a substituição de sentido de um termo por outro que com ele apresenta relação lógica e constante.

a) autor – obra

Ex.: Ele nunca leu Machado de Assis. (Os livros de Machado de Assis)

b) conteúdo – continente

Ex.: Comi dois pratos. (Não se comem os pratos. Come-se o conteúdo dos pratos.)

inventor – invento

Ex.: Graham Bell permitiu que a humanidade se comunicasse melhor. (Na realidade, "o invento de Graham Bell, o telefone)

símbolo – coisa simbolizada

Ex.: Nunca abandones a cruz. (cruz – símbolo da religião)

instrumento – pessoa que o utiliza

Ex.: Ele é um grande raquete. (Ele é um grande jogador de tênis).

Obs.: Existe um tipo especial de metonímia chamado sinédoque, que se baseia em outras relações.

parte – todo

Ex.: Os seus olhos espertos indicavam a porta de entrada.

matéria – objeto

Ex.: O cristal tinia sobre a mesa de jantar.

marca do produto substitui o produto.

Ex.: O Ford quase nos atropelou.

Sinestesia – Consiste na fusão de sensações percebidas por diferentes órgãos do sentido.

Exemplos:

Comia o sabor (gosto) vermelho (visão) da fruta.

Claro (visão) perfume (olfato) vagava pelo ar.

9.5. EXERCÍCIOS

01. **(FGV / TRE-PA / Técnico Judiciário)**

O Fundo Partidário será, em 2011, de R$ 301 milhões. Isso porque foi aprovado a nove dias do fim do ano o reforço de R$100 milhões. Desse valor, R$ 265 milhões são oriundos do Orçamento da União e R$ 36 milhões referentes à arrecadação de multas previstas na legislação

eleitoral. Mas, afinal, qual a razão para se aumentar de forma tão extraordinária a dotação dos partidos? Muito simples: a necessidade de eles pagarem as dívidas de campanha.

A respeito do trecho acima, analise as afirmativas a seguir:

I. **No segundo período, o pronome Isso tem valor anafórico.**

II. **No terceiro período, há um caso de zeugma.**

III. **No último período, os dois-pontos introduzem uma enumeração.**

Assinale:

a) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;

b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;

c) se nenhuma afirmativa estiver correta;

d) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;

e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

Gabarito: D

I. O pronome ISSO realmente possui valor anafórico, referindo-se a toda a ideia exposta no período anterior.

II. O comentário é correto, visto que a forma verbal "são" está implícita antes do vocábulo "referentes".

III. Errado. O emprego de dois-pontos aí se justifica para explicitar qual a razão para se aumentar de forma tão extraordinária a dotação dos partidos.

Somente os comentários I e II estão corretos.

02. **(FGV / TRE-PA / Técnico Judiciário)**

Leia o texto a seguir para responder à questão 2

Infelizmente, ainda hoje assistimos no Brasil a fenômenos que há muito deveriam ter sido excluídos da vida política nacional, como a compra de votos e a atitude de diversos candidatos, durante as campanhas eleitorais, de "doar" cestas básicas e toda a sorte de brindes em troca da promessa de voto dos eleitores.

No último parágrafo, as aspas em doar confirmam, para o vocábulo, seu aspecto de:

a) polifonia;

b) coloquialismo;

c) antonímia;

d) metáfora;

e) ironia.

Gabarito: E

O autor está empregando um escárnio, um deboche em relação ao sentido do verbo DOAR. Na realidade, não se trata de doação, mas sim de um câmbio: a troca de votos por cestas básicas. Sendo assim, fica clara a intenção do autor de ironizar o sentido do vocábulo.

03. **(PUC-SP)**

"O pavão é um arco-íris de plumas."

e

"... de tudo que ele suscita e esplende e estremece e delira..."

enquanto procedimento estilístico, temos respectivamente:

a) metáfora e polissíndeto;

b) comparação e repetição;

c) metonímia e aliteração;

d) hipérbole e anacoluto;

e) anáfora e metáfora.

Gabarito: A

O pavão está sendo comparado com o arco-íris de plumas. Mas é de bom alvitre destacar que tal comparação não está sendo realizada com conector comparativo. Pois, se houvesse, não seria metáfora e, sim, comparação. Já, na segunda construção, observa-se a presença repetida do conector E, daí o polissíndeto.

04. **(UM-SP)**

Aponte a figura: "Naquela terrível luta, muitos adormeceram para sempre.".

a) antítese;

b) eufemismo;

c) anacoluto;

d) prosopopeia;

e) pleonasmo.

Gabarito: B

O emprego da expressão "muitos adormeceram para sempre" tem por objetivo substituir MORRERAM. É uma forma mais branda de exprimir a informação.

05. **(FMU-SP)**

Em "Dizem que os cariocas somos pouco dados aos jardins públicos.", há:

a) pleonasmo;
b) hipérbato de pessoa;
c) silepse de gênero;
d) silepse de pessoa;
e) silepse de número.

Gabarito: D

O sujeito é o termo "os cariocas" – terceira pessoa do plural – e a forma verbal "somos" encontra-se flexionada na primeira pessoa do plural. Tal concordância ideológica se justifica pelo fato de o autor inserir-se entre os cariocas.

06. **Qual é a figura de linguagem presente no seguinte fragmento "Uma pessoa de cabeça desarrumada é assim: defende a pena de morte e o ensino gratuito nas universidades públicas. É a favor do aborto e se diz católico. Votou Lula em 2002 e José Serra em 2004. È contra as cotas nas universidades e milita numa Ong de defesa da Mata Atlântica."?**

a) antítese;
b) metáfora;
c) paradoxo;
d) metonímia;
e) hipérbole.

Gabarito: C

As atitudes dessa pessoa de cabeça desarrumada revelam o antagonismo, a contradição. Por exemplo: a pessoa se dizer católica e ser favorável ao aborto. Lembrando que o catolicismo não admite o aborto. Esse antagonismo é denominado de paradoxo ou oxímoro.

07. **(NCE / TRE)**

"Que paz? Não foram esses mesmos adoráveis senhores que decapitaram ou mandaram decapitar seus próprios companheiros de comunidade durante as recentes rebeliões?" – "Não foram esses mesmos adoráveis senhores..."; neste segmento ocorre um exemplo de uma figura denominada:

a) metáfora;
b) metonímia;
c) ironia;
d) eufemismo;
e) hipérbole.

Gabarito: C

Uma das características da ironia é a intenção de se passar uma informação dizendo-se justamente o oposto. É o que ocorre aí. O autor não considera tais senhores "adoráveis", muito pelo contrário, o que se evidencia pela ação atribuída a eles: "decapitaram ou mandaram decapitar seus próprios companheiros de comunidade durante as recentes rebeliões".

08. **(NCE / INPI)**

Embarcar, na sua origem, era empregado com referência a barco, mas no texto aparece com referência a avião; o item abaixo em que a palavra sublinhada também mostra desvio do sentido original é:

a) O avião vai <u>decolar</u> com o porco a bordo;
b) O porco chegou a <u>enterrar</u> as patas na comida;
c) Os passageiros <u>"humanos"</u> estranharam o fato;
d) A <u>poltrona</u> ficou estragada por causa do peso do porco;
e) A investigação do <u>incidente</u> vai demorar.

Gabarito: B

Caracteriza-se a Catacrese na alternativa B, porquanto ENTERRAR é uma ação que deveria relacionar-se com TERRA. Mas, em face de não haver vocábulo apropriado para a situação, emprega-se a mais conveniente, ou a mais próxima sob o aspecto semântico.

09. **(NCE / IBGE)**

Em "Vossa Senhoria parece preocupado com o furto da máquina de escrever" há uma figura conhecida por:

a) metáfora;
b) silepse de gênero;
c) silepse de número;
d) silepse de pessoa;
e) catacrese.

Gabarito: B

Os pronomes de tratamento Vossa Majestade, Vossa Excelência, Vossa Senhoria etc. possuem forma gramatical feminina. Como a pessoa em voga é do sexo masculino, faz-se a concordância não por aspecto gramatical, mas, sim, ideológico. Trata-se, por conseguinte, de silepse de gênero.

10. **(NCE / CFC)**

A expressão surgiu em Minas Gerais, nos tempos do Brasil colonial e designa o sujeito sonso, fingido. Naquela época, auge da mineração, eram elevadíssimos os impostos cobrados pelo rei de Portugal, nosso avozinho, tão bonzinho...

"nosso avozinho, tão bonzinho"; no contexto em que aparecem, esses segmentos são exemplo de:

a) metáfora;
b) ironia;
c) hipérbole;
d) eufemismo;
e) comparação.

Gabarito: B

Novamente ocorre aí uma ironia. O autor do texto obviamente não considera o rei de Portugal um "avozinho bonzinho", visto que a cobrança de impostos era elevadíssima.

11. **(NCE / TJ)**

"Como pode ver na entrevista, ganhar dinheiro no Brasil é sopa.". Nesta frase aparece uma figura sintática e uma figura de palavra. Assinale a alternativa que identifique essas figuras:

a) hipérbato e metáfora;
b) silepse e metonímia;
c) elipse e metonímia;
d) elipse e metáfora;
e) anacoluto e catacrese.

Gabarito: D

Na primeira oração, observa-se a ocorrência de um sujeito elíptico, por exemplo, VOCÊ. Como (você) pode ver na entrevista. Já na segunda estrutura, o emprego do

verbo SER sugere a seguinte comparação: Ganhar no Brasil é fácil como ganhar sopa. Como não há conector comparativo, caracteriza-se a metáfora.

12. **(Cesgranrio / SEPLAG)**

Entre os recursos conotativos utilizados no Texto I, destaca-se a metáfora, cuja definição apresenta-se a seguir.

"A metáfora consiste no emprego de palavras ou expressões convencionalmente identificadas com dado domínio de conhecimento para verbalizar experiências conceptuais de outro domínio."

AZEREDO, José Carlos de. Gramática Houaiss da Língua Portuguesa. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.

Um exemplo de metáfora, no Texto I, é:

a) "Tem pai que está sempre em casa, e outros, nunca."

b) "Tem pai (...) que não sabe o que fazer com suas horas de folga."

c) "Tem pai que é uma geleia, e uns que a gente nunca viu chorar na vida."

d) "Pai que nos sustenta e pai que é sustentado por nós."

e) "Que mora longe, que mora em outra casa, pai que tem outra família,".

Gabarito: C

É sempre bom lembrar que a metáfora consiste em uma comparação de ordem subjetiva, sem o conectivo que indica esta comparação. Tal situação se expõe na opção C, uma vez que o sentido da primeira estrutura é: Tem pai que é mole como geleia. Todavia, como na oração não veio redigida a conjunção comparativa, fica caracterizada a metáfora.

13. **(Cesgranrio / Eletrobrás)**

A realidade é constituída por contrastes e também por semelhanças. A metáfora é uma das formas de estabelecimento de semelhanças por comparações. Qual das sentenças do Texto I, indicadas a seguir, apresenta uma metáfora?

a) "sabe-se lá por que arcaico crime por eles cometido."

b) "O insone é um imortal de olheiras."

c) "O momento mais temido pelo insone, (...) é a hora de ficar a sós..."

d) "Escolhia um filme desinteressante..."

e) "um murmúrio indiscernível,"

Gabarito: B

O emprego do verbo SER (é) e a ideia de comparação – estando ausente o conector – caracterizam a metáfora.

14. **(Cesgranrio / Eletrobrás)**

Elipse é a omissão de um termo que o contexto ou a situação permitem facilmente suprir. Observem-se os trechos abaixo do Texto II.

I – "Parece que a medicina anda preocupada com a falta ou o excesso dele."

II – "Durmo na hora que quero, durante o tempo que preciso e à s vezes até no lugar indevido."

III – "É que um estudo acaba de revelar que dormir ou cochilar depois do almoço faz bem à saúde, principalmente a mental."

Acerca desses trechos, é correto afirmar que há elipse em:

a) I, apenas;

b) II, apenas;

c) III, apenas;

d) I e II, apenas;

e) I, II e III.

Gabarito: E

Na primeira frase, fica subentendida a expressão "anda preocupada com" – Parece que a medicina anda preocupada com a falta ou anda preocupada com o excesso dele.

Na segunda frase, a forma verbal DURMO está implícita antes da segunda e da terceira oração – Durmo na hora que quero, DURMO durante o tempo que preciso e à s vezes DURMO até no lugar indevido.

Na terceira frase, a conjunção integrante QUE está elíptica antes de "cochilar". É que um estudo acaba de revelar que dormir ou QUE cochilar depois do almoço faz bem à saúde, principalmente a mental.

15. **(Funrio / JUCERJA)**

A propósito do emprego da linguagem figurada presente no poema de Vinícius de Moraes, é correto afirmar que, nos versos "Sendo a sua liberdade / Era a sua escravidão", há:

a) antítese;

b) comparação;

c) eufemismo;

d) metáfora;
e) metonímia.

Gabarito: A

Em face de os versos representarem uma contradição de pensamentos, a melhor resposta seria PARADOXO ou OXÍMORO. Não havendo tais alternativas, a melhor resposta é ANTÍTESE, tendo em vista o emprego de vocábulos com sentidos opostos.

16. **(Funrio / CB-RJ / Médico)**

Um outro velhinho querido, 92 anos, cego, surdo, todos os esfíncteres sem controle, numa cama -de repente um acontecimento feliz! O coração parou. Ah, com certeza fora o seu anjo da guarda, que assim punha um fim à sua miséria! Mas o médico, movido pelos automatismos costumeiros, apressou-se a cumprir seu dever: debruçou-se sobre o velhinho e o fez respirar de novo. Sofreu inutilmente por mais dois dias antes de tocar de novo o acorde final.

"Sofreu inutilmente por mais dois dias antes de tocar de novo o acorde final.", no fragmento ocorre uma:

a) personificação;
b) eufemismo;
c) onomatopeia;
d) comparação;
e) metonímia.

Gabarito: B

A expressão "antes de tocar de novo o acorde final" significa MORRER. É uma forma mais branda de exprimir a informação.

17. **(CEPUERJ / UERJ / Assistente Administrativo)**

"O corpo <u>era um monte de rugas sorridentes</u>". A estrutura predicativa, do ponto de vista das figuras de linguagem, funciona como:

a) hipálage;
b) quiasmo;
c) catacrese;
d) eufemismo.

Gabarito: C

O emprego de SORRIDENTES é exclusivo para sorriso, boca, dentes. Como o autor não encontrou palavra mais adequada que pudesse expressar o pensamento que lhe vinha à mente, empregou-a.

18. **(CEPUERJ / UERJ / Assistente Administrativo)**

"Eliminara certas despesas inúteis, lavanderia, pensão.". O recurso de coesão empregado para garantir a concisão textual no fragmento acima é a:

a) elipse;
b) paráfrase;
c) reiteração;
d) substituição.

Gabarito: A

Percebe-se claramente a presença subentendida da palavra COMO. "Eliminara certas despesas inúteis, COMO lavanderia, pensão.".

19. **(CETAP / PR /Assembleia Legislativa / Analista de Sistemas)**

A figura de linguagem presente em "Durante séculos, a Inglaterra dominou os mares..." é:

a) metáfora;
b) silepse;
c) antítese;
d) metonímia;
e) ironia.

Gabarito: D

A metonímia se configura, visto que a Inglaterra não tinha domínio dos mares, mas sim das vias marítimas. Substituiu-se a parte pelo todo.

20. **(VUNESP / MPE-SP / Analista de Promotoria)**

Observe as frases, títulos de matérias da revista, e analise as afirmações.

Por que o Brasil toma tanto Rivotril

Cores que enganam seu cérebro

(Super interessante, julho de 2010)

I. **Na primeira frase, a figura de linguagem presente é a metonímia, já**

que o termo Brasil está empregado no lugar de brasileiros.

II. **Na segunda frase, a figura de linguagem presente é a hipérbole, já que o verbo enganar representa uma ação exagerada.**

III. **Na primeira frase, sem alteração da ordem dos termos, também estaria correto o uso da forma Por quê.**

Está correto o que se afirma em:

a) I, apenas;

b) III, apenas;

c) I e II, apenas;

d) II e III, apenas;

e) I, II e III.

Gabarito: A

O item I apresenta comentário adequado, porquanto não é o Brasil que toma Rivotril, mas, sim, os brasileiros.

O item II não apresenta comentário adequado, uma vez que o vocábulo ENGANAR não expressa qualquer valor de amplificação, exagero.

O item III não apresenta comentário correto, pois o emprego de POR QUÊ somente é cabível no fim de orações.

Capítulo 10

Funções da Linguagem

No ato de comunicação percebemos a existência de alguns elementos, são eles:

a) **emissor:** é aquele que envia a mensagem (pode ser uma única pessoa ou um grupo de pessoas).
b) **receptor:** é aquele a quem a mensagem é endereçada (um indivíduo ou um grupo), também conhecido como destinatário.
c) **canal de comunicação:** é o meio pelo qual a mensagem é transmitida.
d) **código:** é o conjunto de signos e de regras de combinação desses signos utilizado para elaborar a mensagem – o emissor codifica aquilo que o receptor irá descodificar.
e) **contexto:** é o objeto ou a situação a que a mensagem se refere.

Partindo desses seis elementos Roman Jakobson, linguista russo, elaborou estudos acerca das funções da linguagem, os quais são muito úteis para a análise e produção de textos. As seis funções são:

10.1. FUNÇÃO REFERENCIAL OU DENOTATIVA

Também chamada de denotativa ou informativa, ocorre quando a mensagem é centrada no referente, no assunto, sendo o principal objetivo passar uma informação objetiva e impessoal no texto. Valoriza-se o objeto ou a situação de que se trata a mensagem sem manifestações pessoais ou persuasivas. Como geralmente se fazem presentes em textos científicos ou jornalísticos, a pessoa mais comum é a terceira do singular.

Ex.: Cálculos do economista Renato Fragelli, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), estimam que o setor público brasileiro ficou com dois terços (66,8%) de todo o aumento de produção de 1991 para cá e o setor privado com apenas 33,2%.”.

10.2. FUNÇÃO EXPRESSIVA

Também chamada de emotiva, passa para o texto marcas de atitudes pessoais como emoções, opiniões, avaliações. Na função expressiva, o emissor ou destinador é o produtor da mensagem. O produtor mostra que está presente no texto mostrando aos olhos de todos seus pensamentos.

Ex.: "Eu odeio beber cerveja quente!".

10.3. FUNÇÃO CONATIVA OU APELATIVA

É quando a mensagem do texto busca seduzir, envolver o leitor levando-o a adotar um determinado comportamento. Na função conativa a presença do receptor está marcada sempre por pronomes de tratamento ou da segunda pessoa e pelo uso do imperativo e do vocativo.

Ex.: "Maria, vamos à praia!".

10.4. FUNÇÃO FÁTICA

É o canal por onde a mensagem caminha de quem a escreve para quem a recebe. Também designa algumas formas que se usa para chamar atenção.

Ex.: Psiu, aonde você vai?

10.5. FUNÇÃO METALINGUÍSTICA

Ocorre quando a linguagem fala de si própria. Predominam em análises literárias, explicações morfossintáticas, interpretações e críticas diversas.

Ex.: O que significa abáculo?

10.6. FUNÇÃO POÉTICA

É usada para despertar a surpresa e prazer estético. É elaborada de forma imprevista e inovadora.

Ex.:

"Não se perde um segundo

Segundo eu, a vida vem em primeiro

O tempo em segundo

E como só tem um mundo

É bom ir fundo
Senão você não chega nem em terceiro.”

Marthal

Capítulo 11

Vozes do Discurso

Nos textos narrativos, existe, obviamente, um narrador, responsável por contar a estória. É possível esse locutor ou narrador inserir outras vozes.

Com objetivo de inserir essas outras vozes no texto, a voz principal ou privilegiada, o narrador utiliza o discurso, que vem a ser a forma como as falas são introduzidas na narrativa.

O discurso pode ser classificado em: direto, indireto e indireto livre**.**

11.1. DISCURSO DIRETO

Reprodução fiel e literal de uma fala.

Ex.: Pedro me perguntou: – João, você irá à praia?

Ex.: Carlos foi enfático: Luiz, não adianta insistir, porque não sairei hoje.

Ex.: Renato concedeu um depoimento sobre violência que nos chocou: "Hoje em dia, eu evito sair depois de uma determinada hora.".

11.2. DISCURSO INDIRETO

O narrador, apesar de ser fiel à s ideias do que foi dito por outra pessoa, adapta as palavras desse outro. Em outras palavras, o narrador utiliza suas próprias palavras para reproduzir a fala de um personagem.

Ex.: João perguntou se eu sairia hoje.

Ex.: Na época, Pedro esclareceu que a situação estava ainda distante de um desfecho.

Ex.: Roberto questionou o preço das mesas.

Se essas frases estivessem em discurso direto, ficariam assim:

João perguntou: – Você sairá hoje?

Na época, Pedro esclareceu: – A situação ainda está distante de um desfecho.

Roberto questionou: – quanto custam essas mesas?

11.3. DISCURSO INDIRETO LIVRE

11.3. DISCURSO INDIRETO LIVRE

Consiste na mescla dos discursos. Simultaneamente à fala do narrador, também se faz presente a fala do personagem. O discurso indireto livre mantém a expressividade do discurso direto, contudo, simultaneamente, conserva as transposições de pronomes, verbos e advérbios típicos do discurso indireto. É de bom alvitre realçar que se caracteriza pelo fato de não poder ocorrer qualquer verbo de elocução (também chamado verbo dicendi): disse, informou, avisou, perguntou, questionou, falou… Também destaco que, no discurso indireto livre, há uma liberdade sintática significativa, o que pode levar o leitor a confundir as falas do narrador e do personagem.

Ex.: A criança estava andando na rua e, de repente, deparou-se com um esqueleto. Que medo!

A primeira parte do texto referia-se à fala do narrador e ao fim veio a reprodução da fala do personagem.

Ex.: Nós estávamos num país estranho, que falava uma língua totalmente desconhecida. O medo e a ansiedade tomou-lhes o coração de tal forma, que procuraram logo a embaixada brasileira.

A primeira parte reproduz a fala do personagem. A segunda parte, sem qualquer ligação sintática, é uma intervenção do narrador. Repare a mudança dos pronomes. NÓS na primeira parte e LHES na segunda.

Ex.: Manoel recebeu a notícia de que passou no concurso. Maravilha, consegui!

Repare: a primeira parte é a fala do narrador, que expressa algo sobre Manoel, inclusive empregando a terceira pessoa. Na sequência, é inserida a fala de Manoel, sem qualquer ligação sintática tampouco verbo de elocução. Observe também a mudança da pessoa do verbo (recebeu – 3ª pessoa do singular; consegui – 1ª pessoa do singular). Também chamamos a atenção para a expressividade ocorrente no emprego da interjeição "Maravilha!".

11.4. EXERCÍCIOS

01 **Correlacione as funções de linguagem em consonância com as frases a seguir.**

1) **Função referencial**

2) **Função expressiva**
3) **Função conativa**
4) **Função fática**
5) **Função metalinguística**
6) **Função poética**

( ) Vem pra Caixa você também!
( ) Todo objeto não passa de um complemento verbal.
( ) João virá, né?
( ) Petroleiro zarpa de porto líbio com primeira exportação de petróleo rebelde
( ) "Berro pelo aterro, pelo desterro Berro por seu berro, pelo seu erro" (Caetano Veloso)
( ) A dor tomou conta de todos quando Paulo Rossi fez o terceiro gol da Itália.

a) 3 – 5 – 1 – 4 – 6 – 2
b) 5 – 3 – 4 – 2 – 1 – 3
c) 4 – 2 – 1 – 6 – 5 – 3
d) 2 – 5 – 4 – 3 – 6 – 1
e) 3 – 5 – 4 – 1 – 6 – 2

Gabarito: E

Na primeira frase, configura-se a função conativa ou apelativa, caracterizada sobretudo pelo emprego do imperativo em VEM e do pronome de tratamento VOCÊ. É de bom alvitre observar o erro de concordância presente na frase: VEM encontra-se flexionado na segunda pessoa do singular do imperativo afirmativo e VOCÊ, por ser pronome de tratamento, é de terceira pessoa. As formas corretas seriam: Venha para Caixa você também! / Vem para a Caixa tu também! – A falha de concordância, na realidade, valoriza a oralidade, procurando envolver o receptor da mensagem, fato que corrobora ainda mais a função conativa.

Na segunda frase, ocorre a função metalinguística, o que se estabelece pelo fato de a frase ter o objetivo de ensinar fatos relativos à própria língua.

Na terceira frase, faz-se presente a função fática, dado que o emprego de "né?" evidencia o teste ao canal de comunicação.

Na quarta frase, observa-se a ocorrência da função referencial ou denotativa. Tal se esclarece em face da intenção de se passar uma informação de forma objetiva, não aparecendo elementos opinativos tampouco linguagem figurada.

Na quinta frase, claramente se configura a função poética, tendo em vista a presença de rimas, ritmo e grande preocupação com aspectos estéticos na confecção do texto.

Na sexta frase, há a função expressiva ou emotiva. Isso é evidenciado pela presença do sentimento do autor e até mesmo do exagero, quando se diz que a dor tomou conta de todos.

02. **(Cespe / TJ-RJ)**

O princípio de que o Estado necessita de instrumentos para agir com rapidez em situações de emergência está inscrito no arcabouço jurídico brasileiro desde a primeira Constituição, de 1824, dois anos após a Independência, ainda no Império. A figura do decreto-lei, sempre à disposição do Poder Executivo, ficou marcada no regime militar, quando a caneta dos generais foi acionada a torto e a direito, ao largo do Congresso, cujos poderes eram sufocados pela ditadura. Com a redemocratização, sacramentada pela Constituição de 1988, sepultou-se o decreto-lei, mas não o seu espírito, reencarnado na medida provisória. Não se discute a importância de o Poder Executivo contar com dispositivos legais que permitam ao governo baixar normas, sem o crivo imediato do Congresso, que preencham os requisitos da "relevância e urgência". O problema está na dosagem, que, se exagerada, como ocorre atualmente, sufoca o Poder Legislativo.

O Globo, 19/3/2008 (com adaptações)

A função da linguagem predominante no texto é:

a) metalinguística;
b) poética;
c) expressiva;
d) apelativa;
e) referencial.

Gabarito: E

Trata-se de texto informativo, com linguagem objetiva. É importante ressaltar que, mesmo havendo a presença de expressões no sentido conotativo – caneta, sepultou-se, dosagem –, fica clara a predominância da denotação.

03. Entre o sono e o sonho,
Entre mim e o que em mim
É o quem eu me suponho,

Corre um rio sem fim.

(Fernando Pessoa)

No trecho acima, predominam algumas funções da linguagem. Entre elas, estão as funções:

a) emotiva e metalinguística;

b) poética e apelativa;

c) referencial e poética;

d) fática e conativa;

e) emotiva e poética.

Gabarito: E

A função poética é óbvia, até porque a preocupação de Fernando Pessoa com a estética é clara. Observam-se as rimas, o ritmo diferente dos textos em prosa, o jogo de palavras. Mas, além da função poética, evidencia-se também a presença da função expressiva ou emotiva, porquanto a primeira pessoa se faz presente, e a opinião que o poeta tem sobre si próprio. O emissor da mensagem objetiva mostrar sua opinião: que existe grande distância em o que se supõe ser e o que efetivamente é.

04. **(PUC)**

Identifique a frase em que a função predominante da linguagem é a REFERENCIAL:

a) Dona Casemira vivia sozinha com seu cachorrinho.

b) – Vem, Dudu!

c) – Pobre Dona Casemira…

d) – O que… O que foi que você disse?

e) Um cachorro falando?

Gabarito: A

O período ocorrente na alternativa A apresenta uma informação objetiva, sem traços opinativos.

Na alternativa B, o emprego do imperativo (Vem) e do vocativo (Dudu) caracteriza a função fática.

Nas alternativas C e E, está presente a função emotiva ou expressiva, sendo a subjetividade o principal traço das construções frasais. Tal se evidencia na alternativa C pelo uso do adjetivo POBRE e na alternativa E pelo ar de

incredulidade do emissor.

Na alternativa D, ocorre o teste ao canal, formalizando a função fática.

05. **(UFVI)**

Quando uma linguagem trata de si própria – por exemplo um filme falando sobre os processos de filmagem, um poema desvendando o ato de criação poética, um romance questionando o ato de narrar – temos a metalinguagem.

Esta forma de linguagem predomina em todos os fragmentos, exceto:

a) "Amo-te como um bicho simplesmente de um amor sem mistério e sem virtude com um desejo maciço e permanente." (Vinicius de Morais)

b) "Proponho-me a que não seja complexo o que escreverei, embora obrigada a usar as palavras que vos sustentam." (Clarice Lispector)

c) "Não narro mais pelo prazer de saber. Narro pelo gosto de narrar, sopro palavras e mais palavras, componho frases e mais frases." (Silviano Santiago)

d) "Agarro o azul do poema pelo fio mais delgado de lã de seu discurso e vou traçando as linhas do relâmpago no vidro opaco da janela." (Gilberto Mendonça Teles)

e) Que é Poesia? Uma ilha cercada de palavras por todos os lados." (Cassiano Ricardo)

Gabarito: A

A presença da rima em "simplesmente" e "permanente", do ritmo e da preocupação com a estética formaliza a função poética na alternativa A.

Nas alternativas B, C e D, o uso de verbos na primeira pessoa do singular, a subjetividade e a intenção de revelar os sentimentos caracterizam a função emotiva ou expressiva.

Na alternativa E, há a preocupação do autor em definir a poesia, ou seja, é a língua a definir aspectos da própria língua, o que caracteriza a função metalinguística.

06. **(NCE)**

"Ó Mestre, fazei com que eu procure mais consolar que ser consolado, compreender que ser compreendido, amar que ser amado..."; este trecho d a Canção de São Francisco tem como função de linguagem predominante a:

a) emotiva;
b) metalinguística;
c) fática;
d) conativa;
e) referencial.

Gabarito: D

A presença do vocativo junto com a interjeição em "Ó Mestre", bem como do imperativo afirmativo, caracteriza a função conativa ou apelativa.

07. **(CEPUERJ / UERJ / Assistente Administrativo)**

Por meio da forma "não é", a personagem Mafalda "testa" o seu canal de comunicação no diálogo com o mundo, explorando a função:

a) fática;
b) poética;
c) conativa;
d) metalinguística.

Gabarito: A

O emprego de "não é?", com a nítida intenção de se saber se o outro está ouvindo, atesta a presença da função fática.

08. **(IRBR)**

Frente à tradição hindu que há 2.500 anos divide a sociedade indiana em mais de 2.000 castas, os 60 anos dos ideais liberais de Gandhi e os 10 anos da legalização do casamento entre castas revelam-se impotentes para transformar a organização hierárquica da sociedade. Em confronto direto com o costume milenar, o governo da Índia oferece uma recompensa de R$ 2.400 para homens e mulheres de diferentes grupos sociais que formalizem sua união.

O dinheiro equivale ao dobro da renda per capita anual do país. O governo justifica que a medida é um passo para a reacomodação das desigualdades. Para grande parte da sociedade, é um passo no escuro.

O governo – que já enfrenta protesto contra cotas em universidades – vê-se, agora, diante de um desafio maior. O esquema está sob ataque de todos os lados. Os conservadores alegam que a medida é gatilho para o caos social. Os liberais sustentam que poucos vão receber a oferta porque o dinheiro vai desaparecer no bolso de autoridades corruptas.

Indianos de castas mais baixas dizem que rejeitariam a recompensa, pois perderiam o acesso preferencial à s universidades, garantido pelas já controversas cotas. Hoje, o governo oferece 22,5% das vagas aos intocáveis, os últimos na hierarquia hindu, mas pretende aumentá-las para 50%.

"Sei que esta não é a única maneira de pôr um fim à discriminação, mas é preciso começar de algum lugar", defende a ministra da Justiça Social. Para a socióloga Radhika Chopra, a oferta é uma forma de sinalizar que esses casamentos não devem ser condenados. "Com a medida, o governo apóia os indivíduos que transgrediram barreiras sociais e mostra que podem funcionar como exemplos", acrescenta a socióloga.

Jornal do Brasil, 17/12/2006 (com adaptações).

No que se refere a funções da linguagem, predomina, no texto, a função

a) fática, visto que o autor do texto busca, de forma sutil, convencer os leitores dos benefícios do projeto que visa incentivar o casamento entre pessoas pertencentes a castas diferentes.

b) referencial, dado que a ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto.

c) emotiva, dado que são as falas das autoridades entrevistadas que direcionam a forma como as informações são apresentadas.

d) conativa, visto que as opiniões expressas estão devidamente referenciadas, não havendo, portanto, perda de objetividade na transmissão das informações.

e) metalinguística, haja vista o foco em aspectos intertextuais, como demonstram as diversas vozes que acompanham a informação divulgada.

Gabarito: B

O aspecto mais curioso nessa questão é o fato de as definições não corresponderem à s respectivas funções de linguagem. Por exemplo, a função fática evidencia o teste ao canal de comunicação. A função emotiva expressa as opiniões e sentimentos do emissor da mensagem, e não de terceiros. A função conativa sinaliza para o envolvimento dos leitores, havendo a presença de vocativos, pronomes de tratamento, verbos no imperativo. O foco da função metalinguística é fazer a língua analisar aspectos da própria língua. A única definição que corresponde efetivamente à função expressa na alternativa é a referencial,

justamente a que se faz presente no texto. Tal se evidencia pela presença de linguagem precisa, de caráter objetivo, com predominância da denotação.

09. **(Cespe / UnB / Itamaraty)**

Texto 6

Impostos inconstitucionais...

Ontem, ao voltar uma esquina, dei com os impostos inconstitucionais de Pernambuco. Conheceram-me logo, eu é que, ou por falta de vista, ou porque realmente eles estejam mais gordos, não os conheci imediatamente. Conheci-os pela voz, **Vox clamantis in deserto.** Disseram-me que tinham chegado no último paquete.

O mais velho acrescentou até que agora hão de repetir com regularidade estas viagens à corte.

– A gente, por mais inconstitucional que seja, concluiu ele, não há de morrer de aborrecimento na cela das probabilidades. Uma chegadinha à corte, de quando em quando, não faz mal a ninguém, exceto…

– Exceto…?

– Isso agora é querer perscrutar os nossos pensamentos íntimos. Exceto o diabo que o carregue, está satisfeito? Não há coisa nenhuma que não possa fazer mal a alguém, seja quem for. Falei de um modo geral e abstrato. (…)

– São todos inconstitucionais?

– Todos.

– Vamos aqui para calçada. E agora, que tencionam fazer?

– Agora temos de ir ao imperador, mas confesso, meu amigo, receamos perder tempo. Você conhece a velha máxima que diz que a história não se repete?

– Creio que sim.

– Ora bem, é o nosso caso. Receamos que o imperador, ao dar conosco, fique aborrecido de ver as mesmas caras e, por outro lado, como a história não se repete… Você, se fosse imperador, que é que faria?

– Eu, se fosse imperador? Isso agora é mais complicado.

Eu, se fosse imperador, a primeira coisa que faria era ser o primeiro cético do meu tempo. Quanto ao caso de que se trata, faria uma coisa singular, mas útil: suprimiria os adjetivos.

– Os adjetivos?

– Vocês não calculam como os adjetivos corrompem tudo, ou quase tudo; e,

quando não corrompem, aborrecem a gente, pela repetição que fazemos da mais ínfima galanteria. Adjetivo que nos agrada está na boca do mundo.

– Mas que temos nós outros com isso?

– Tudo; vocês como simples impostos são excelentes, gorduchos e corados, cheios de vida. O que os corrompe e faz definhar é o epíteto de inconstitucionais. Eu, abolindo por um decreto todos os adjetivos de Estado, resolvia de golpe esta velha questão, e cumpria esta máxima que é tudo o que tenho colhido da história e da política, que aí dou por dois vinténs a todos os que governam o mundo: os adjetivos passam, e os substantivos ficam.

ASSIS, Machado de. In: Gazeta de notícias (1881–1900). Balas de Estalo. Rio de Janeiro, 16/5/1885.

Acerca das ideias e dos sentidos do texto 6, assim como de suas estruturas linguísticas e organização textual, julgue (C ou E) os itens subsequentes.

1 () O narrador recorreu à função metalinguística da linguagem para formular, ao final da crônica, sua máxima, carregada de arbitrariedade.

2 () O autor valeu-se do discurso indireto livre, que consiste em dar voz e atribuir características e sentimentos humanos a seres inanimados.

3 () O trecho "Eu, se fosse imperador, a primeira coisa que faria era ser o primeiro cético do meu tempo." (l.24-25) produz efeito humorístico, por sua incongruência interna e por desviar-se do "caso de que se trata" (l.25).

4 () A frase "vox clamantis in deserto" (l.4) está em itálico, porque remete o interlocutor ao respectivo texto-fonte e faz parte da memória coletiva nacional.

Gabarito:

1 – Certo. A parte final do texto acaba por falar sobre a própria língua, sobretudo quando menciona adjetivos e substantivos, caracterizando a função metalinguística.

2 – Errado. Não há discurso indireto livre. O texto é todo estruturado em discurso direto, reproduzindo na íntegra a fala dos personagens, o que se caracteriza sobretudo pelo emprego dos travessões.

3 – Certo. O efeito humorístico se revela claramente em face de não haver qualquer relação entre ser imperador e o fato de ele próprio ser o primeiro cético de seu tempo. Por mais que um imperador tenha poder, sobre esse fato

certamente ele não teria qualquer ingerência. "O caso de que se trata" refere-se ao desejo do "imposto" de ver o fim dos adjetivos, mormente INCONSTITUCIONAIS, que o qualifica.

4 – Errado. O termo está em itálico, visto que se trata de um latinismo.

10. **Mistura linguística**

Muita gente, em vários países, fala um pouco de inglês todo dia sem perceber. Sem contar o "informatiquês", cujos verbetes – como megabyte, browser, hard disk, software – são expressões do mais puro inglês, muitas outras palavras do dia-a-dia de brasileiros, franceses, alemães e, principalmente, japoneses têm origem no idioma bretão. Futebol (football), sanduíche (sandwich) e deletar (verbo criado a partir de to delete, suprimir) são exemplos conhecidos de anglicismo (uso de expressões em inglês ou originadas dele) no português. Os alemães apertam o resetknopf (reset button ou botão de reset) para iniciar o computador. E os franceses, conhecidos por sua ojeriza a estrangeirismos, despedem-se dos colegas de trabalho na sexta-feira dizendo bon weekend.

A situação do japonês é particularmente curiosa. Estima-se que cerca de vinte mil palavras do vocabulário moderno tenham origem no inglês. Sorvete é aisukurimu, de ice cream. Ar condicionado é eacon, de air conditioner. E banheiro deixou de ser obenjyo para se tornar toiré, de toillet.

A história dessa imposição linguística certamente desperta animosidades. Na Índia, por exemplo, onde o inglês é uma das línguas oficiais, ele não é muito ouvido nas ruas. Falar inglês ainda lembra um passado de opressão.

Galileu, fev. 2002, p. 37 (com adaptações).

Julgue os itens a seguir, que se referem à s ideias e à s estruturas do texto acima.

1 – A seleção de argumentos e do vocabulário mostra o grau de engajamento do autor em face do assunto: paralelamente à s funções referencial e metalinguística, que veiculam informações objetivas, há marcadores linguísticos que deixam entrever elementos subjetivos.

2 – O autor organiza sintaticamente o período "Sem contar (...) bretão" (L.2-5) a partir da oposição regra/exceção, em que a regra é o "mais puro inglês", e a exceção, o inglês impuro ou degenerado.

3 – De acordo com a norma padrão do português, é correta a substituição de "cujos verbetes" (L.2) por do qual os verbetes.

4 – Constata-se que a expressão inglesa "reset button" (L.8) está presente tanto no vocábulo alemão como na expressão portuguesa, com a substituição de um de seus componentes.

5 – O autor empregou "bon weekend" (L.10) como um exemplo elucidativo da ideia de que os franceses têm "ojeriza a estrangeirismos" (L.9).

Gabarito:

1 – Certo – Indubitavelmente estão presentes as funções referencial e metalinguística. A referencial em face de haver explicações e dados técnicos, alguns numéricos (Estima-se que cerca de vinte mil palavras do vocabulário moderno tenham origem no inglês), sobre o tema em voga. A metalinguística também aparece quando o texto inteiro fala sobre a relação entre as línguas, a influência da língua inglesa sobre outras etc. A função expressiva ou emotiva também se faz presente, pois é exposta a opinião do autor – traço de subjetividade – no fragmento "A situação do japonês é particularmente curiosa.".

2 – Errado – O fragmento em voga não objetiva realizar uma oposição, uma argumentação baseada na relação "exceção que confirma a regra". Muito pelo contrário, o fragmento "Sem contar o "informatiquês", cujos verbetes – como megabyte, browser, hard disk, software – são expressões do mais puro inglês, muitas outras palavras do dia a dia de brasileiros, franceses, alemães e, principalmente, japoneses têm origem no idioma bretão." é mais um dado a confirmar a tese exposta no período anterior: "Muita gente, em vários países, fala um pouco de inglês todo dia sem perceber.".

3 – Certo – Embutida no pronome relativo CUJO encontra-se a preposição DE, até em função da relação de posse que aquele expressa. Observe que o texto continua coerente: "Sem contar o "informatiquês", do qual os verbetes… são expressões do mais puro inglês.". Observe, inclusive, a construção da frase com a substituição do pronome relativo pelo antecedente: Os verbetes do "informatiquês" são expressões do mais puro inglês.

4 – Certo – O componente "reset" aparece tanto na expressão alemã como na expressão portuguesa, mas o componente "button" é substituído por "knopf" no alemão e por "botão" no português.

5 – Errado – A expressão "bon weekend", dita pelos franceses, confirma a teoria de que muita gente fala um pouco de Inglês sem perceber. E esse fato é

corroborado por esse exemplo. Pois, "até mesmo" os franceses, que têm ojeriza a estrangeirismos, acabam por empregar tal expressão. Destarte, obviamente, o emprego da expressão não serve para comprovar a ojeriza a estrangeirismo.

11. **(Esan)**

"Impossível dar cabo daquela praga. Estirou os olhos pela campina, achou-se isolado.

Sozinho num mundo coberto de penas, de aves que iam comê-lo. Pensou na mulher e suspirou.

Coitada de Sinhá Vitória, novamente nos descampados, transportando o baú de folha."

O narrador desse texto mistura-se de tal forma à personagem que dá a impressão de que há diferença entre eles. A personagem fala misturada à narração. Esse discurso é chamado:

a) discurso indireto livre;
b) discurso direto;
c) discurso indireto;
d) discurso implícito;
e) discurso explícito.

Gabarito: A

O autor narra uma sequência de fatos e, de forma totalmente independente e sem qualquer ligação sintática com o restante da construção textual, reproduz uma fala do personagem, contudo sem a presença de verbos de elocução (Coitada de Sinhá Vitória, novamente nos descampados, transportando o baú de folha.)

12. **(FCC / PB / Auditor Fiscal)**

Os números do relatório da CPI dedicada originalmente aos Correios são expressivos, dos milhares de páginas de textos e documentos aos mais de cem acusados. É o tempo do espanto. Um oceano nos separa, contudo, do resultado concreto, o das absolvições e o das punições. Os dois momentos do mar imenso entre relatório e resultado estão no julgamento final, cuja tendência é pessimista, a contar de exemplos recentes.

Não deveria ser pela natureza mesma das comissões parlamentares de inquérito, cujo nome é raramente objeto de meditação até pelos operários do direito.

"Comissão", além do significado mercantil (depreciativo, no caso do Parlamento), do dinheiro pago em remuneração de serviço, é também o do agrupamento encarregado de realizar tarefa de interesse comum. Interesse comum? Não. De interesses conflituosos pela própria natureza política de seu trabalho, pois o vocábulo "parlamentares" as afirma integradas por componentes de uma das casas do Congresso ou mistas, funcionando segundo seus regimentos internos (…)

"As comissões são úteis ou necessárias?, perguntará o leitor. Sem a menor dúvida e vigorosamente, respondo sim. Há abusos. São lamentáveis, mas inerentes à vida parlamentar, no Brasil e em qualquer país onde haja comissões parlamentares. Se os legisladores devem ser a expressão média de seu povo, fica manifesto que os parlamentares sejam compostos por homens e mulheres de bem, dedicados e honestos, mas também por pilantras, patifes, cachaceiros, delinquentes e assim por diante. (…) Seria ideal que o povo escolhesse melhor seus réus representantes, dizem as elites, sem razão. O povo vota sob influência do poder econômico, após seleção dos favoritos de chefes partidários, para exclusão dos que assumam linha independente da adotada pelas lideranças e assim por diante.

Voltando à CPI dos Correios, cabe esclarecer por que há um oceano entre o relatório e o resultado. "Inquérito" é trabalho de apuração. Se bem feito, propicia bom material aos julgadores. Se malfeito, facilita a "pizza", essa maravilhosa invenção atribuída aos italianos em geral, mas que vem do sul da Itália. "Pizza" transformada em cambalacho e tapeação? Não necessariamente. Muitas vezes o defeito da distância entre a apuração e o julgamento está naquela, e não neste, principalmente se for judicial. O mal do julgamento político está em que considera seu estilo paralelo do desprestígio para o Parlamento como um todo. No caso atual, porém, não se pode negar que já houve resultados apreciáveis. Para o relatório lido nesta semana cabe esperar pela travessia do oceano e torcer para que chegue a bom porto. (W. Cenevina)

Observando-se, no texto, a intenção do autor, verifica-se o uso da função da linguagem:

a) emotiva, para criar ironia e construir a adesão do leitor;

b) metalinguística, para criar um efeito de ambiguidade e ironia;

c) referencial, para informar e criar ambiguidades;

d) fática, para criar ironia e transmitir informações;

e) poética, para transmitir informações ao leitor, por meio de ambiguidades.

Gabarito: B

Repare como a língua está sendo empregada para explicar a própria língua, sobretudo no segundo parágrafo que vêm explicações para o significado de Comissão: "Comissão", além do significado mercantil (depreciativo, no caso do Parlamento), do dinheiro pago em remuneração de serviço, é também o do agrupamento encarregado de realizar tarefa de interesse comum.". O efeito da ambiguidade e ironia ocorre na sequência do período mencionado: Interesse comum? Não. De interesses conflituosos pela própria natureza política de seu trabalho, pois o vocábulo "parlamentares" as afirma integradas por componentes de uma das casas do Congresso ou mistas, funcionando segundo seus regimentos internos (...)

13. **(FCC / PB / Auditor Fiscal)**

Leia as frases abaixo:

I – **o leitor perguntaria se as comissões são úteis e necessárias.**

II – **Com essa CPI, acabaria tudo em pizza, novamente?**

III – **Os abusos, embora lamentáveis, são frequentes na vida pública, asseverou o colunista.**

Elas se concentram

	I	II	III
a)	Direto	Direto	Indireto livre
b)	Direto	Indireto livre	indireto
c)	Indireto livre	Direto	Indireto
d)	Indireto	Indireto livre	direto
e)	Indireto	Direto	Indireto livre

Gabarito: D

Item I – O período foi redigido com a fala imaginada e adaptada do leitor, o que se evidencia principalmente pelo emprego da conjunção subordinativa integrante SE. Repare que a conjunção SE não é falada pelo personagem.

Item II – Repare que, na menção à fala de outrem, há a intervenção do autor – novamente. A fala do personagem se confunde com a fala do próprio narrador.

Item III – Aqui ocorre uma reprodução integral da fala do colunista na primeira

oração. Também é importante destacar que os itens I e III não poderiam caracterizar o discurso indireto livre em face da presença dos verbos de elocução (perguntaria no item I e asseverou no item III).

Capítulo 12

Leituras de Enunciados das Questões de Interpretação

É importante não se olvidar que as questões de interpretação são confeccionadas com a intenção de deixar o candidato em dúvida entre duas opções. São, normalmente, estas opções coerentes com texto, porém, à s vezes, não o são com as perguntas formuladas. Você terá que aprender a responder exatamente o que está sendo perguntado. O estudo a seguir é referente aos enunciados das questões.

12.1. RECORRÊNCIA TEXTUAL

Ocorre quando a banca exige algo que esteja claro no texto. Enunciados que se apresentam como "Segundo o texto", "De acordo com o texto", "O autor diz que"… impõem que as respostas estejam explícitas no texto. Sendo assim, é possível que uma opção esteja efetivamente em conformidade com as ideias expostas no texto, e a outra seja uma dedução, à s vezes até coerente, decorrente dos elementos do texto. Se o enunciado foi um daqueles mencionados, a resposta haverá de ser a primeira opção.

É importante observar que toda questão relativa a valor semântico dos vocábulos (sinonímia) é de recorrência textual, pois não se deseja saber o sinônimo da palavra isoladamente, mas sim no contexto. Por exemplo, as palavras "estranho" e "extraordinário" são sinônimas? A resposta certa é "talvez", "dependendo do contexto". Na frase "Conheci uma pessoa extraordinária.", o adjetivo "extraordinária" não é sinônimo de "estranho". No entanto, na frase "Percebi um movimento extraordinário na rua e logo voltei para caso.", o adjetivo "extraordinário" já se torna sinônimo de "estranho".

12.2. INFERÊNCIA TEXTUAL

Ocorre quando a banca exige do candidato algo que esteja além do texto.

Enunciados que se apresentam como "Deduz-se…", "Depreende-se…", "Conclui-se", "Infere-se", "O que o autor quis dizer com…" impõem que a resposta correta não seja algo que esteja explícito, mas sim algo implícito – subentendido ou pressuposto. É uma dedução. Perceba a diferença entre "O que o autor informou…? e "O que o autor pretendeu dizer com…?". No primeiro caso, a banca exige algo que o autor informou, ou seja, algo explícito no texto; já, no segundo caso, o candidato deve imaginar o que o autor pretendeu dizer.

BIZU

Como já se mencionara, o fundamental é o candidato aprender a responder o que está sendo perguntado. Portanto, se, no enunciado da questão, houver a proposição "Segundo o fragmento X", você irá se restringir a responder sobre o fragmento X, mesmo que este fragmento se oponha ao restante do texto. Se a banca expuser um fragmento finalizado com reticências (XXXX…), você deverá retornar ao texto e observar onde aquela ideia acabará. Se for proposta uma inferência acerca da totalidade do texto, e não de um fragmento, o candidato deverá procurar a resposta no tópico frasal (geralmente no início do texto), onde muito provavelmente se localizará a tese abrangente.

12.3. EXERCÍCIOS

01. **(ICMS / Fiscal)**

No Brasil, o debate sobre ética tributária só recentemente ganhou vulto em decorrência do aumento da carga tributária, da expansão da 'indústria de liminares', do visível aperfeiçoamento da administração fiscal, da estabilidade econômica e da crescente inserção do país na economia globalizada. Na maioria dos países desenvolvidos, com cultura tributária mais amadurecida, esse debate é mais limitado, porque praticamente restrito a discussões sobre a pressão fiscal e a competição fiscal nociva (ahrmfull tax competition).

Com base na análise do trecho acima, não é correto afirmar que:

a) fica subentendido que o debate sobre ética tributária no Brasil anteriormente era de pouca expressividade.
b) A noção de "países desenvolvidos" é um pressuposto para a leitura do texto.
c) Se pode inferir que, nos países ainda não desenvolvidos, a cultura tributária ainda não amadureceu.

d) Está implícito que o Brasil cada vez mais se insere na economia globalizada.
e) Se pode inferir, também por paralelismo no parágrafo, que o Brasil não está entre os países desenvolvidos.

Gabarito: Anulada

A questão foi anulada, uma vez que há duas alternativas apresentando comentários incorretos, conforme solicitado no enunciado, havendo, portanto, duas respostas.

A alternativa A apresenta comentário correto, dado que, se só recentemente o debate sobre ética tributária ganhou vulto, está implícito que ele era de pouca expressividade.

A alternativa B apresenta comentário adequado, uma vez que o leitor só realiza a perfeita intelecção do texto se conhecer o contexto político e identificar quem são os países desenvolvidos e os subdesenvolvidos.

A alternativa E apresenta comentário correto, porquanto No Brasil o debate recentemente sobre ética tributária ganhou vulto, e, nos países desenvolvidos, com cultura tributária mais amadurecida, esse debate é mais limitado, porque praticamente restrito a discussões sobre a pressão fiscal e a competição fiscal nociva.

A alternativa C apresenta comentário incorreto, pois o texto informa que, nos países mais desenvolvidos, a cultura tributária está mais amadurecida. Então, o que se pode inferir é que os países menos desenvolvidos possuem cultura tributária menos amadurecida, e não que não haja nenhum amadurecimento.

A alternativa D também apresenta comentário incorreto, pois a informação ali prestada aparece explicitamente no texto, e não implicitamente. Chamamos a atenção para o fragmento "da crescente inserção do país (Brasil) na economia globalizada.". Obviamente, está EXPLÍCITO que o Brasil cada vez mais se insere na economia globalizada.

02. **(FGV / ICMS / Fiscal)**

Com base na leitura do texto, analise os itens a seguir:

I – **Em "Portanto, a necessidade das gerações atuais preservarem recursos para as gerações futuras <u>também</u> se dá no que tange aos recursos públicos"., o termo grifado colabora com a identificação de**

um pressuposto.

II – **Em "não mais se concebe uma atuação efetiva sem uma apurada reflexão sobre os gastos públicos, seus limites e sua aplicação.", na identificação dos implícitos, observa-se um pressuposto.**

III – **Em "Enquanto o primeiro, normalmente, se adstringe a situações futuras próximas, o segundo vincula-se a situações futuras de longo prazo.", a leitura só se efetiva se o leitor identificar os subentendidos.**

Assinale:

a) se somente os itens II e III estiverem corretos;
b) se somente os itens I e II estiverem corretos;
c) se todos os itens estiverem corretos;
d) se nenhum item estiver correto;
e) se somente os itens I e III estiverem corretos.

Gabarito: B

Item I – Certo. Caracteriza-se o pressuposto, visto que o emprego de TAMBÉM sugere que existem outras necessidades das gerações atuais além daquele que se refere aos recursos públicos.

Item II – Certo. Observa-se o pressuposto no fragmento "Não mais se concebe", que dá a entender que em outras épocas já se permitiu atuação sem uma apurada reflexão sobre os gastos públicos, seus limites e sua aplicação.

Item III – Errado. Não há subentendidos. Para a leitura se efetivar, na realidade se torna necessário identificar quem são os referentes (termos constantes no texto) de primeiro e segundo.

03. Quando vemos hoje os impressionantes levantes no mundo árabe, com atos espontâneos pela democracia, é impossível não se perguntar: o que estamos fazendo gastando US$ 110 bilhões (em torno de R$ 180 bilhões) neste ano para apoiar regimes corruptos e impopulares no Afeganistão e no Paquistão que são quase idênticos aos governos que estamos aplaudindo os povos derrubarem? (Thomas L. Friedman)

Pode-se inferir do primeiro parágrafo que:

a) está havendo atos espontâneos pela democracia no mundo árabe;
b) há um oxímoro entre o investimento em alguns regimes políticos e o desejo

de ver similares serem derrubados;

c) Os governos apoiados e derrubados são os mesmos;

d) Os governos apoiados, que receberam investimentos, e os derrubados são idênticos;

e) Os governos do Afeganistão e do Paquistão também serão derrubados por forças populares.

Gabarito: B

Questão imaginada para deixar o candidato em dúvida entre as alternativas A e B, até mesmo porque as outras opções são absurdas. É fundamental se ter bastante atenção ao enunciado, visto que é um comando, e se deve respeitar ao comando. Como já se disse, é imperioso responder à quilo que efetivamente está sendo solicitado ou perguntado. A alternativa A, apesar de apresentar comentário extremamente coerente, não serve como resposta, pois a informação lá constante está explícita no texto, quando o enunciado exigia uma inferência, uma informação implícita. Já a alternativa B atende ao enunciado, porquanto o texto não informa explicitamente que existe um paradoxo (oximoro) entre o investimento em alguns regimes políticos e o desejo de ver similares serem derrubados, mas é o que se pode deduzir do questionamento acerca dos gastos realizados para apoiar regimes corruptos e impopulares idênticos à queles que hoje estamos aplaudindo os povos derrubarem.

Capítulo 13

Semântica dos Vocábulos Parônimos e Homônimos

13.1. PARÔNIMOS

Palavras com sons parecidos.

absolver	perdoar
absorver	aspirar, sorver
arrear	pôr arreios
arriar	descer
cavaleiro	que cavalga
cavalheiro	cortês
comprimento	extensão
cumprimento	saudação
cumprimento	ato de cumprir
conjuntura	oportunidades
deferir	atender
diferir	retardar, divergir
descrição	ato de descrever
discrição	qualidade de discreto
descriminar	inocentar
discriminar	distinguir, isolar
despensa	onde se guardam mantimentos
dispensa	ato de dispensar
docente	relativo a professores
discente	relativo a alunos
emigrar	deixar uma região
imigrar	entrar numa região

flagrante	evidente
fragrante	perfumado
fluir	correr
fruir	desfrutar
imergir	afundar
emergir	vir à tona
inflação	alta de preços
infração	violação
infligir	aplicar pena
infringir	violar
mandado	ordem judicial
mandato	procuração
peão	amansador de cavalgadura
pião	tipo de brinquedo
precedente	que vem antes
procedente	proveniente, que tem fundamento
prescrever	determinar
proscrever	banir, abolir
ratificar	confirmar
retificar	corrigir
soar	produzir som
suar	transpirar
sortir	abastecer

13.2. HOMÔNIMOS

Palavras com a mesma pronúncia.

acender	pôr fogo
ascender	subir
acento	sinal gráfico
assento	onde se senta, lugar
acerto	ato de acertar
asserto	afirmação
caçar	capturar animais
cassar	tornar sem efeito
decente	digno, correto
cela	quarto pequeno
sela	arreio
censo	recenseamento
senso	juízo
cerração	nevoeiro
serração	ato de serrar
cerrar	fechar
serrar	cortar
cervo	veado
servo	criado
chá	bebida
xá	soberano do irã
cheque	ordem de pagamento
xeque	lance no jogo de xadrez
ruço	grisalho
russo	natural da rússia

cito	do verbo citar
sito	situado
concertar	ajustar,combinar
consertar	reparar, corrigir
concerto	sessão musical
conserto	reparo
coser	costurar
cozer	cozinhar
descente	que desce, vazante
esperto	perspicaz
experto	perito
espiar	observar
expiar	pagar pena
espirar	soprar, exalar
expirar	terminar
estrato	camada
extrato	o que se extrai de
incerto	não certo
inserto	inserido
incipiente	principiante
insipiente	ignorante
laço	nó
lasso	cansado, fatigado
tacha	prego
taxa	imposto, tributo

BIZU

O vocábulo "sessão" possui dois homônimos: seção e cessão. Possui também um parônimo: secção. Aqui estão os significados das quatro palavras:

SESSÃO – ESPAÇO DE TEMPO EM QUE SE REALIZA UMA REUNIÃO OU UM TRABALHO.

SEÇÃO – DEPARTAMENTO

CESSÃO – ATO DE CEDER

SECÇÃO – SEÇÃO, DEPARTAMENTO

13.3. SEMÂNTICA DE FORMAS PARECIDAS

ABAIXO / A BAIXO

Abaixo:

Interjeição. Ex.: Abaixo o presidente!

Advérbio (embaixo, em categoria inferior, depois) Ex.: Abaixo de Deus, as mães.

A baixo:

contrário a "de alto" Ex.: Rasgou os lençóis de alto a baixo.

ACERCA DE/ CERCA DE/ A CERCA DE/ HÁ CERCA DE

Acerca de: a respeito de. Ex.: Falamos acerca do filme.

Cerca de: durante, aproximadamente. Ex.: Falamos cerca de dez minutos

A cerca de: ideia de distância. Ex.: Fiquei a cerca de 15 metros da porta.

Há cerca de: existe aproximadamente, aproximadamente no passado. Ex.: Há cerca de cem pessoas no estádio.

ACIMA / A CIMA

Acima:

anterior, em grau de categoria superior. Ex.: Questão acima

em grau ou categoria superior. Ex.: De dezoito anos acima.

em graduação superior. Ex.: Muito acima do general.

de preferência, em lugar superior, em cima. Ex.: Buscamos, acima de tudo, a paz.

de cima (interjeição). Ex.: Acima coração!

A cima:

contrário a "de baixo". Ex.: Costurou a saia de baixo a cima.

AFIM / A FIM DE

Afim: semelhança, parentesco, afinidade. Ex.: São duas mães afins.

A fim de: com o propósito de, com o objetivo de, com a finalidade de. Ex.: Estudou a fim de passar no concurso.

AFORA / A FORA

Afora: o mesmo que "fora", à exceção de, exceto. Ex.: Todos farão o concurso,

afora eles.

A fora: com a ideia de "para fora". Ex.: Pela rua a fora.

AO ENCONTRO DE / DE ENCONTRO A

Ao encontro de: a favor de, encontrar-se, concordar. Ex.: Nós não discutimos, visto que minhas ideias foram ao encontro das dele.

De encontro a: ir de encontro a. Ex.: Meu carro foi de encontro a um poste.

APARTE / À PARTE

Aparte:

verbo: separar. Ex.: Não aparte as provas.

substantivo: interrupção. Ex.: O padre recebeu um aparte.

À parte: locução adverbial = de lado. Ex.: O resultado será mostrado à parte.

CONQUANTO / COM QUANTO.

Conquanto: embora; mesmo que. Ex.: Conquanto João estivesse cansado, ainda saiu de casa.

Com quanto: com que quantitativo. Ex.: Com quanto dinheiro eles saíram de casa.

CONTUDO / COM TUDO

Contudo: entretanto, porém. Ex.: Maria estava cansada, contudo foi ao teatro.

Com tudo: preposição + pronome = total. Ex.: Ela saiu de casa com tudo.

DANTES / DE ANTES

Dantes: advérbio = antigamente. Ex.: Dantes se comia melhor.

De antes: preposição + advérbio = em tempo anterior. Ex.: Os problemas já vêm de antes de você chegar.

DEBAIXO/DE BAIXO

Debaixo:

em situação inferior. Ex.: Tomara que não caia quando alguém estiver debaixo.

na dependência, em decadência. Ex.: Ficamos debaixo e tivemos que nos render.

sob: Ex.: Jaz agora debaixo da terra.

no tempo de; por ocasião de. Ex.: O sucesso dessas músicas caiu debaixo desse cantor.

em situação inferior a. Ex.: Escondam-se debaixo da escada.

De baixo:

a parte inferior. Ex.: Comprei roupa de baixo.

contrário a "a cima". Ex.: Examinamos de baixo a cima.

DEMAIS / DE MAIS

Demais:

pronome indefinido = outros. Ex.: Chame os demais candidatos.

advérbio de intensidade = excessivamente. Ex.: A mulher fala demais.

palavra continuativa = além disso. Ex.: Demais quem trabalha aqui é ela.

De mais: locução adjetiva = muito. Ex.: Comi doce de mais.

DESAPERCEBIDO / DESPERCEBIDO

Desapercebido: desavisado. Ex.: Eu fui ao local errado por estar desapercebido.

Despercebido: sem ser notado, sem perceber a presença. Ex.: Passei despercebido pela frente do prédio.

DETRÁS / DE TRÁS

Detrás: pela retaguarda. Ex.: Um atleta não pode cometer uma falta por detrás.

De trás: atrás. Ex.: Esse som vem lá de trás.

DEVAGAR / DE VAGAR

Devagar: lentamente; sem pressa. Ex.: Devagar se vai ao longe.

De vagar: de descanso. Ex.: Escrevo nos momentos de vagar.

EM VEZ DE / AO INVÉS DE

Em vez de: em lugar de. Ex.: Em vez de fazer Direito, fez Letras.

Ao invés de: ao contrário de. Ex.: Ao invés de descansar, pôs-se a trabalhar a madrugada inteira.

ENFIM / EM FIM

Enfim: afinal, finalmente. Ex.: Enfim todos chegaram.

Em fim: no fim. Ex.: Eles estão em fim de carreira.

ENQUANTO / EM QUANTO

Enquanto: conjunção = ao mesmo tempo que; em concomitância com. Ex.: "Enquanto jantava, falei em voz baixa a Casimiro Lopes. (Graciliano Ramos)

Em quanto: preposição + pronome = qual, por quanto. Ex.: Em quanto tempo se faz a viagem de Rio a São Pedro?

MALGRADO / MAU GRADO

Malgrado: embora, ainda que (se não estiver seguido de preposição). Ex.: Malgrado João quase não tenha estudado, fez excelente teste.

Mau grado:

contra a vontade. Ex.: Paulo cuida do filho de mau grado.

apesar de (se estiver seguido de preposição). Ex.: Mau grado ao tempo sairei.

NENHUM / NEM UM

Nenhum: ninguém, nada. Ex.: Nenhum tem razão naquela discurso.

Nem um: um só que fosse. Ex.: Não bebemos nem uma cerveja.

PORVENTURA / POR VENTURA

Porventura: por acaso. Ex.: Se porventura não chover, irei à praia.

Por ventura: por sorte. Ex.: Como não estudei, só passarei por ventura.

PORQUANTO / POR QUANTO

Porquanto: conjunção = visto que. Ex.: Apresso-me, porquanto o tempo voa.

Por quanto: designa quantidade, preço. Ex.: Por quanto venderam o carro?

PORTANTO / POR TANTO

Portanto: então, logo. Ex.: Eles se preparam à beça para o concurso, portanto passarão..

Por tanto: por muita quantidade. Ex.: "Por tanto amor, por tanta emoção, a vida me fez assim" (Milton Nascimento)

SE NÃO / SENÃO

BIZU

Se a palavra "não" puder ser extraída da frase, alterando o seu sentido, porém não gerando erro, o termo "se não" é separado. Ex.: Se não chover, iremos à praia. – Observe que o advérbio "não" pode ser extraído, que o período continua correto gramaticalmente. Se chover, iremos à praia.

Por outro lado, se o termo "não" não puder ser suprimido, "senão" é junto. Ex.: É bom você estudar, senão será reprovado. – Observe que o termo "não" não pode ser suprimido, pois a frase ficará sem sentido: é bom você estudar, se será reprovado.

SOBRETUDO / SOBRE TUDO

Sobretudo:

especialmente, principalmente. Ex.: Deves estudar todas as matérias, sobretudo conjunções.

Casacão, capa: Ex.: O meu sobretudo está molhado.

Sobre tudo: a respeito de tudo; acerca de tudo. Ex.: Eles conversaram sobre tudo.

TAMPOUCO / TÃO POUCO

Tampouco: também não, nem. Ex.: Eles não bebem tampouco fumam.

Tão pouco: muito pouco. Ex.: Ele comeu tão pouco, que logo sentirá fome.

13.4. EXERCÍCIOS

01. **(TRE-MG)**

A palavra nos parênteses não preenche adequadamente a lacuna do enunciado em:

a) O crime foi bárbaro. Somente após a..... do assunto é que foi possível prendê-lo. (descrição)

b) Só seria possível..... o acusado, se conseguíssemos mais provas que o inocentassem. (descriminar)

c) A negociações só vão..... os resultados esperados, caso todos compareçam. (sortir)

d) O corpo estava....., apenas a cabeça estava fora da água, que subia cada vez mais. (imerso)

e) Como a mercadoria estava muito pesada, o recurso foi..... o cofre ali mesmo, na escada (arriar)

Gabarito: C

A lacuna deveria ser preenchida com SURTIR, que significa GERAR EFEITO e não com SORTIR, cujo sentido é VARIAR.

02. **(TRE-RJ)**

"Comprida" tem significado distinto de seu parônimo "cumprida". Das sentenças abaixo, aquela em que houve <u>troca</u> na escolha dos parônimos entre parênteses é:

a) O acúmulo de <u>vultosas</u> quantias era sinal de bênção divina. (vultosas / vultuosas)Â

b) Muda-se a ética antes que se <u>consuma</u> a generalização do pecado. (consuma / consume)

c) A expressão "dar um jeito" traz sempre subentendida a intenção de burlar a lei. (subentendida / subtendida)

d) O descumprimento da lei dificilmente passa despercebido na "Common Law" anglo-saxônica. (desapercebido / despercebido)

e) Antes de mais nada, faz-se necessário discriminar que leis favorecem a institucionalização do jeito. (descriminar / discriminar)

Gabarito: B

A estrutura "antes que" exige que a forma verbal se encontre no presente do subjuntivo. Sendo assim, pelo contexto, cabe apenas o verbo 'consumar" (consumar a generalização do pecado). Como foi utilizado "consuma" (verbo CONSUMIR no presente do subjuntivo), a coerência fica totalmente prejudicada.

03. **(NCE)**

A cessão de crédito não vale em relação ao devedor, senão quando a este notificada, mas por notificado [...] (Art. 1069 – Código Civil)

Assinale o item em que o vocábulo homônimo está incorretamente grafado:

a) A seção do Congresso Nacional está encerrada por hoje.

b) Dirija-se, por favor, à Seção de documentação do Ministério.

c) A cessão de terras aos índios é um problema mal resolvido no País.

d) A Seção de Pessoal é a mais frequentada no Ministério.

e) A cessão de pessoal capacitado é um problema a ser resolvido.

Gabarito: A

O vocábulo "seção" significa DEPARTAMENTO. No contexto, é pertinente o emprego de SESSÃO, cujo significado é "espaço de tempo em que se realiza uma reunião ou um trabalho.

04. **(Esaf)**

Marque a alternativa cujas palavras preenchem corretamente as respectivas lacunas, na frase seguinte: "Necessitando..... o número do cartão do PIS,..... a data de meu nascimento."

a) ratificar, proscrevi;

b) prescrever, discriminei;

c) descriminar, retifiquei;

d) proscrever, prescrevi;

e) retificar, ratifiquei.

Gabarito: E

Na alternativa A, o primeiro vocábulo se enquadra no contexto, mas o segundo, não. Vê-se: Necessitando ratificar (confirmar) o número do cartão do PIS, proscrevi (aboli) a data de meu nascimento."

Na alternativa B, o primeiro verbo PRESCREVER (determinar) já gera incoerência textual.

Na alternativa C, também a primeira forma verbal causa inconsistência – Necessitando descriminar (inocentar) o número do cartão do PIS.

Na alternativa D, mais uma vez a primeira forma verbal gera incoerência – Necessitando proscrever (abolir) o número do cartão do PIS.

A alternativa E é a única que apresenta duas formas verbais que complementam com coerência o texto. Vejamos: Necessitando retificar (corrigir) o número do cartão do PIS, ratifiquei (confirmei) a data de meu nascimento

05. **(UNISINOS)**

A frase onde os homônimos e / ou parônimos em destaque estão com significação invertida é:

a) Era <u>iminente</u> a queda do <u>eminente</u> deputado.

b) A justiça <u>infringe</u> uma pena a quem <u>inflige</u> a lei.

c) <u>Vultosa</u> quantia foi gasta para curar sua <u>vultuosa</u> face.

d) O <u>mandado</u> de segurança impediu a cassação do <u>mandato</u>.

e) O nosso <u>censo</u> depende exclusivamente do <u>senso</u> de responsabilidade do IBGE.

Gabarito: B

O verbo INFLIGIR significa COMINAR, APLICAR PENA e INFRINGIR significa VIOLAR; portanto, os verbos, no período exposto na alternativa B, estão invertidos.

06. **(MACK)**

Na oração: Em sua vida, nunca teve muito……, apresentava-se sempre……. no……. de tarefas……. As palavras adequadas para preenchimento das lacunas são:

a) censo – lasso – cumprimento – eminentes;

b) senso – lasso – cumprimento – iminentes;

c) senso – laço – comprimento – iminentes;

d) senso – laço – cumprimento – eminente;

e) censo – lasso – comprimento – iminentes.

Gabarito: B

O sentido do período é: Em sua vida, nunca teve muito juízo (SENSO), apresentava-se sempre fatigado (LASSO) na realização (CUMPRIMENTO) de tarefas urgentes, imediatas (IMINENTES).

07. **(TFC)**

Indique a letra na qual as palavras complementam, corretamente, os espaços das frases abaixo:

1) **Quem possui deficiência auditiva não consegue……. os sons com nitidez.**
2) **Hoje são muitos os governos que passaram a combater……. de entorpecentes com rigor.**
3) **O Diretor do presídio……. pesado castigo aos prisioneiros revoltosos.**

a) discriminar – tráfico – infligiu;

b) discriminar – tráfico – infringiu;

c) descriminar – tráfego – infringiu;

d) descriminar – tráfego – infligiu;

e) descriminar – tráfico – infringiu.

Gabarito: A

Quem possui deficiência auditiva não consegue DISTINGUIR (DISCRIMINAR) os sons com nitidez.

Hoje são muitos os governos que passaram a combater O NEGÓCIO, A NEGOCIATA (TRÁFICO) de entorpecentes com rigor.

O Diretor do presídio O NEGÓCIO, A NEGOCIATA (TRÁFICO) pesado castigo aos prisioneiros revoltosos.

08. **(FUVEST)**

No último……. da orquestra sinfônica, houve……. entre os convidados, apesar de ser uma festa…….

a) conserto – flagrantes descriminações – beneficente;

b) concerto – fragrantes discriminações – beneficiente;

c) conserto – flagrantes descriminações – beneficiente;
d) concerto – fragrantes discriminações – beneficente;
e) concerto – flagrantes discriminações – beneficente.

Gabarito: E

No último SESSÃO MUSICAL, SINFONIA (CONCERTO) da orquestra sinfônica, houve EVIDENTES DISTINÇÕES (FLAGRANTES DISCRIMINAÇÕES) entre os convidados, apesar de ser uma festa BENEFICENTE. É importante esclarecer que não existe a palavra BENEFICIENTE.

09. **(TRE-MG)**

A palavra sublinhada está empregada inadequadamente em:

a) Os moradores sempre o consideraram, pelas suas atitudes, um homem sério e descente.
b) Sempre foi muito místico, por isso não se cansavam de lhe chamar de ascético.
c) Comentava-se que o príncipe só poderia ascender ao trono após a maioridade.
d) Na última publicação do jornalista, a seção de esportes estava ótima.
e) Sabe apreciar uma pintura. Não há dúvida de que possui senso artístico.

Gabarito: A

O contexto indica a intenção de esclarecer que o homem agia com decência, portanto o termo deveria ser DECENTE. Já o significado de DESCENTE é ALGO QUE DESCE, VAZANTE.

10. **(NCE / TJ / Técnico Judiciário)**

"A Carta proíbe a discriminação entre o homem e a mulher...": o vocábulo sublinhado era denominado parônimo (de descriminação). O item abaixo em que houve erro porque houve troca entre parônimos é:

a) Os assertos do discurso presidencial necessitam de confirmação;
b) As conjeturas do economista português foram importantes para nossa reflexão;
c) O ministro pretendia proscrever, para o presidente, uma certa cautela nos discursos;
d) Na iminente situação de perigo, o ministro preferiu adotar uma solução mais drástica;
e) O corrupto pretendia rapar todas as contribuições da campanha eleitoral.

Gabarito: C

A intenção na alternativa C era informar que o ministro pretendia DETERMINAR (PRESCREVER), para o presidente, uma certa cautela nos discursos. Observe que o sentido de PROSCREVER (ABOLIR, BANIR), nesta frase, gera incoerência textual.

11. **(NCE)**

" E , <u>em vez das</u> simples anotações que seriam preciosas como documento..."; a frase abaixo em que em lugar de <u>em vez de</u> seria mais adequado dizer <u>ao invés de</u> é:

a) Em vez de ler, preferiu dormir;

b) Em vez de churrasco, quis feijoada;

c) Em vez de sair, entrou;

d) Em vez de um caderno, encontrou um livro.

e) Em vez de anotações, encontrou um diário completo.

Gabarito: C

É fundamental observar a diferença entre EM VEZ DE e AO INVÉS DE. Aquele significa NO LUGAR DE, e este, AO CONTRÁRIO DE. AO INVÉS DE só pode ser utilizado se houver necessariamente uma ideia de contrariedade, adversidade. É justamente o que ocorre na alternativa C, visto que os vocábulos ENTRAR e SAIR possuem opostas cargas semânticas.

Capítulo 14

Semântica de Afixos

14.1. PREFIXOS LATINOS

PREFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
Ab, abs	afastamento, separação	abusar, abster– se
Ad, a	aproximação	adjunto,abeirar
Ambi	duplicidade	ambidestro
Ante	anterioridade	antevéspera
Bene, ben	bem, muito bom	benevolência
Bis, bi	duas vezes	bisavó
Circun	movimento em torno	circunferência
Cis	posição aquém	cisalpino
Com, co	companhia	compartilhar
Contra	oposição	contradição
De	movimento para baixo	decomposição
De, dês	ação contrária, privação	defeito
Di, dis	movimento para vários lados	digerir,discordar
Ex, e, es	movimento para fora	extração,expor
Extra	fora de	extraordinário
In, i	movimento para dentro	ingerir
In, i	negação	inativo
Inter, entre	posição intermediaria	intervir
Intro, intra	movimento para dentro	introdução
Per	movimento através	perfeito
Pro	movimento para frente	progredir
Re	movimento para trás, repetição	reabrir
Retro	movimento mais para trás	retroceder
Semi	metade	semideus
Sub, sus, su	movimento de baixo para cima	submeter
	Inferioridade	subalterno
Super, supra, sobre	posição em cima, excesso	superpor, sobrepor
Trans, tras	através de,além de,	transposição
Três, tras	mudança	tresnoitar

PREFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
Ultra	posição além do limite	ultra romântico
Vice, vis	substituição	vice presidente
Soto, sota	posição inferior	soto mestre

14.2. PREFIXOS GREGOS

PREFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
A,na	negação, privação	ateu, anarquia
Ana	repetição	anagrama
Anfi	duplicidade	anfíbio
Anti	oposição	antiaéreo
Apo	afastamento	apogeu
Arqui, arce	superioridade	arcebispo
Cata	movimento para baixo	catarata
Di	duas vezes	ditongo
Dia	movimento através de	diálogo
Dis	dificuldade	disenteria
Ec, ex	movimento para fora	eczema, êxodo
Endo	movimento para dentro	endovenoso
Epi	posição superior	epiderme
Eu, ev	perfeição, excelência	eufônico
Hemi	metade	hemisfério
Hiper	posição superior, excesso	hipertenso
Hipo	posição inferior	hipotético
Meta	posterioridade, mudança	metátese
Para	proximidade, ao lado de	paradigma
Peri	posição em torno de	perímetro
Pro	anterioridade	profecia

Sim, sin	simultaneidade, companhia	simpático, sinônimo

14.3. RELAÇÃO DE SUFIXOS

SUFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
-ada, -agem, -al	coleção	boiada, ramagem, laranjal
-ame, -edo, -io	agrupamento	vasilhame, arvoredo, mulherio
-aço, -aça, -ão, -arra	aumentativo	ricaço, barcaça, bocarra
-orra, -aréu, -ázio	aumentativo	cabeçorra, povaréu, copázio
-acho, -ejo, -ela, -eta	diminutivo	riacho, lugarejo, ruela, saleta
-ete, -eto, -ico, -iço	diminutivo	artiguete, poemeto, burrico
-isco, -(z)inho	diminutivo	chuvisco, animalzinho
-ota, -ote, -c)ula	diminutivo	flâmula, gotícula
-c)ulo, -ucho	diminutivo	papelucho

SUFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
-dade, -ada, -dão	ação	paulada, maldade, escuridão
-ança, -ação, -ença	qualidade	esperança, oração, detenção
-ência, -ez, -eza	estado	imponência, altivez, beleza
-ície, -mento, -(t)ude		calvície, ferimento, quietude
-ume	quantidade, coletivo	negrume, cardume
-ario, -eiro, -dor	profissão	bibliotecário, pedreiro
-nte	agente	vendedor, ajudante
-douro	lugar	bebedouro, dormitório
-al, -ar, -eo	referência,relação	imperial, escolar, férreo
-ano, -ão,-eiro	naturalidade,origem	curitibano, alemão
-ense, -eu,-ino		paraense, europeu, florentino
-ês,-esa		chinês, chinesa
-oso, -udo	abundância	gorduroso, narigudo
-ia, -ismo	ciência,escola	astronomia, romantismo
	Sistema político	comunismo
ança (ância), ença (ência)	ação ou resultado da ação	Esperança, lembrança, importância, obediência, crença, regência
Ura	qualidade	Brancura, feiúra
-esa, -isa, -essa	título	baronesa, sacerdotisa, condessa
-ar, -ear,-entar -ficar,-izar	ação	cantar, guerrear, afugentar dignificar, civilizar
-ecer, -escer	início de ação	amanhecer, amadurecer, florescer
-icar, -itar -iscar, -inhar	ação pouco intensa	bebericar, adocicar chuviscar, escrevinhar
-ear, -ejar	ação repetitiva	espernear, apedrejar

14.4. CORRESPONDÊNCIA ENTRE PREFIXOS GREGOS E LATINOS

PREFIXO LATINO	SIGNIFICADO	PREFIXO GREGO
Ab	afastamento	apo
Ad	proximidade, ao lado	para
Ambi	duplicidade	anfi

Bene	bem, bom	eu
Bi	dois	di
Circum	em torno de	peri
Contra	ação contrária	anti
Cum	simultaneidade	sin
De	movimento de cima para baixo	cata
Des, in	privação, negação	a, na
Ex	movimento para fora	ec, ex
In	interioridade	em
Intra	posição interior	endo
Semi	metade	hemi
Sub	sob, inferior	hipo
Super	sobre, excesso	epi
Trans	através de	dia
Mudança	meta	

RADICAIS GREGOS	SIGNIFICADO	EXEMPLO
Acro	alto, elevado	acrobata, acrópole, acrofobia
aer, aero	ar	aeronave, aéreo
agogo	o que conduz	pedagogo, demagogo
agro	campo	agronomia, agrônomo
alg, algia	dor, sofrimento	analgésico, nevralgia
andro	homem, macho	andrógino, andropausa
anemo	vento	anemógrafo, anemômetro
antropo	ser humano	antropocentrismo, antropologia
arcai, arqueo	antigo, velho	arcaico, arqueologia
Aristo	ótimo, o melhor	aristocracia, aristocrata
aritmo	número	aritmética, aritmologia

arquia	governo	Monarquia, anarquia
asteno, astenia	fraqueza, debilidade	astenopia, neurastenia
astro	corpo celeste	astronomia, astrologia
atmo	gás, vapor	atmosfera, atmômetro
baro	pressão, peso	barômetro, barítono
bata	o que anda	acrobata, nefelibata
biblio	livro	biblioteca, bibliotecário
bio	vida	biologia, biografia
caco	feio, mau	cacofonia, cacoépia
cali	belo	caligrafia, calidoscópio
cardio	coração	cardíaco, cardiopatia
cefalo	cabeça	acefalia, cefaléia
ciclo	círculo	ciclovia, motocicleta
cine, cinesi	movimento	cinemática, cinema
cito	célula	citologia, citoplasma
cosmo	mundo, universo	cosmovisão, macrocosmo
cracia	poder, autoridade	democracia, tecnocracia
cromo	cor	cromogravura, cromógeno
crono	tempo	cronológico, cronômetro
Datilo	dedo	datilografia, datiloscopia
dgeca	dez	decâmetro, decalitro
Demo	povo	democracia, demográfico
derma	pele	dermatologista, dermatite
di	dois	dissílabo, ditongo
dinamo	força, potência	dinamite, dinamismo
doxo	crença, opinião	ortodoxo, paradoxo
dromo	corrida	autódromo, hipódromo

Eco	casa, domicílio, habitat	ecologia, ecônomo, ecossistema
Edro	base, face	poliedro, pentaedro
ergo	trabalho	ergofobia, ergonomia
esperma, espermato	semente	espermatologia, espermatozóide
etio, etimo	origem	etiologia, etimologia
etno	raça, nação	etnia, etnocentrismo
Fago	aquele que come	antropófago, necrófago
filo	amigo, amante	Filólogo,fílósofo,
fisio	natureza física ou moral	fisiologia, fisioterapia
Fobo	Aversão, medo	agorafobia, pantofobia
fono	som, voz	Fonoaudiólogo, fonema
fos, foto	luz	fosfeno, fotografia
gamo	casamento	gamomania, poligamia
gastro	estômago	gastronomia, gástrico
Gene	origem	gênese, genética
geo	terra	geografia, geologia
gine, gineco	mulher	Ginecologia, andrógino
gono, gonio	ângulo	polígono, goniômetro
grafia	escrita	ortografia, caligrafia
Helio	sol	heliocentrismo, heliografia
hemo	sangue	hemorragia, hemograma
hepato	fígado	hepatite, hepático
hetero	outro, diferente	heterossexual, heterogêneo
hidro	água	hidrografia, hidrófilo
Higro	umidade	higrômetro, higrófilo
Hipno	sono	hipnose, hipnotismo
Hipo	cavalo	hipódromo, hipopótamo
homeo, homo	semelhante	homeopatia, homônimo

icon, icono	imagem	iconoclasta, iconografia
ictio	peixe	ictiofagia, ictiologia
iso	igual	isóbaro, isonomia
Latria	culto	idolatria, alcoólatra
Lito	pedra	litografia, aerólito
log, logia	estudo	Psicologia, sociologia
macro	grande	macrocosmo, macrobiótica
mancia	adivinhação	quiromancia, cartomancia
mani, mania	loucura	manicômio, cleptomania
mega, megalo	grande	megalomania, megalocefalia
meso	meio	Mesopotâmia, mesóclise
metro	que mede, medição	velocímetro, termômetro
micro	pequeno	microcosmo, microfone
miso	ódio, aversão	misantropia, misossofia
mito	fábula	mitologia, mitomania
mnemo	memória	amnésia, mnemônico
mono	único, sozinho	monarquia, monobloco
morfo	forma	zoomórfico, amorfo, morfologia
Necro	morte, cadáver	necrotério, necrofilia
Neo	novo, moderno	neologismo, neoplasia
neuro	nervo	neurite, neuralgia
nomo	regra, lei	nomologia, agrônomo
odonto	dente	odontologia, odontalgia
oftalmo	olho	oftalmologista, oftalmia
Oligo	pouco	oligarquia, oligopólio
onimo	nome	ortônimo, sinônimo
onir, oniro	sonho	onírico, oniromancia)

ornito	ave	ornitologia, ornitofilia
orto	reto, correto	ortônimo, ortografia
Oxi	agudo, ácido	oxítona, oxidação
paleo	antigo	paleografia, paleontologia
pato	doença, sofrimento	patologia, patogenia
pedia	educação	ortopedia, pediatria
pole, polis	cidade	metrópole, Petrópolis
poli	muito	poligamia, politeísmo
potamo		Mesopotâmia, hipopótamo
pneumato	ar, gás, espírito	pneumatologia, pneumático
pneum(o)	pulmão	pneumonia, pneumotórax
Proto	primeiro	protozoário, protótipo
pseudo	Falso	pseudorrepresentações
psico	alma, espírito	psicografia, psiquiatria
quiro	mão	quiromancia
rino	nariz	Rinite, rinoceronte
rizo (=);	raiz	rizotônico, rizófago
scopio	o que faz ver	telescópio, microscopia
sema, semio	sinal	semáforo, semiótica
sidero	ferro, aço	siderurgia, siderografia
Sismo	terremoto	sísmico, sismógrafo
sofo	sábio	filosofia, sofomaníaco
soma, somo, somato	corpo, matéria	cromossomo, somatologia
tanato	morte	eutanásia, tanatofobia
taqui	rápido	taquicardia, taquigrafia
teca	coleção	fonoteca, filmoteca, discoteca
tecno	arte, ofício	tecnologia, tecnocracia
tele	ao longe, distância	telefone, telescópio, telégrafo

Téo	deus, divindade	teocentrismo, teocracia
termo	calor, temperatura	termômetro, térmico
topo	lugar, localidade	topografia, topologia
xeno	estranho	xenofobia, xenofilia
xer, xero	seco, secura	xerófilo, xerografia
xilo	madeira	xilogravura, xilófago
zoo	animal	zoologia, zoomorfo

RADICAIS LATINOS	SIGNIFICADO	EXEMPLO
Agri	campo	agricultura, agrícola
Ambi	ambos	ambidestro, ambíguo
ambulo	caminhar, andar	sonâmbulo, noctâmbulo
arbori	árvore	arboriforme, arboricultura
beli (=);	guerra	bélico, belicista, beligerante
bi, bis	repetição, duas vezes	bisavô, bilíngue
calori	calor	caloria, calorífero
cida	que mata	Homicida, inseticida
cola (=);	que habita, que cultiva	vinícola, citrícola
cole, colo	pescoço	colar, colarinho
color	cor, coloração	Bicolor, colorido
cordi	coração	cordial
corn(i)	chifre, antena	cornear, cornudo
crimino	crime	criminoso, criminologia
cruci	cruz	crucificado
cultura	ato de cultivar	suinocultura, piscicultura
cupr(i)	cobre	cúprico, cuprífero
curvi (=);	curvo	curvilíneo
deci (=);	décimo	decímetro, decigrama

digit(i)	dedo	digitador, digitação
dui	dois	duidade, duelo
ego	eu	egocentrismo, egoísmo
equi	igual	equivalência, equidistante
estil(i)	estilo	estilista, estilismo
evo	idade	longevidade, longevo, medievo
fero	que contém	mamífero, carbonífero
ferr(i), ferro	ferro	ferrovia, ferragem
fico	que faz, que produz	benéfico, maléfico
Fide	fé	fidelidade, fidedigno
fili	filho	filiação, filial
forme	forma	uniforme, disforme
frater	irmão	fraterno, fratricida
frig(i)	frio	frigidez, frigorífico
fugo	que foge	centrífugo, vermífugo
genito	relativo à geração	genitor
gradu	grau, passo	centígrado, graduação
herbi	erva	herbívoro, herbicida
homin(i)	homem	hominal, homicídio
igni	fogo	ignição, ígneo
lati	largo, amplo	latifúndio, latofólio
loquo (=);	que fala	ventríloquo, altíloquo
luc(i)	luz	lucidez, lúcido
mini	muito pequeno	minissaia, mínimo
multi	numeroso	multissecular, multiangular
ocul(i)	olho	oculista, óculos
Odori	odor, cheiro	odorífero, desodorante
oni	tudo, todo	onipotente, onipresente

pisci	peixe	piscicultura, pisciano
Pani	pão	panificadora
pari	igual	paridade, paritário
ped(i), pede	pé	pedestre, pedicuro, bípede
personal(i)	pessoal	personalidade, personificar
petr(i)	pedra	petrificar, petróleo
Plani	plano	planisfério, planície
Pluri	muitos	pluralizar, pluricelular
pluvio	chuva	pluviômetro, pluviosidade
popul(o)	povo	populoso, populismo
primi	primeiro	primogênito, primícias
quadr(i), quadru	quatro	quadrado, quadrangular
radic(i)	raiz	radicar, radiciação
reti	reto, direito	retificar, retilíneo
reti	rede	reticulado, retiforme
retro	movimento para trás	retroceder, retrovisor
sabat(i)	sábado	sabatina, sabatismo
sacar(i)	açúcar	sacarífero, sacarose, sacarina
sesqui	um e meio	sesquicentenário, sesquipedal
sexi, sexo	sexo	sexologia, assexuado
sideri	astro	sideral, sidério
silvi	selva	silvícola, silvicultura
sino	da China	sinologia, sino-brasileiro
sócio	sociedade	sociologia, sociolinguística
sono	som, ruído	sônico, sonoplastia
sudor(i)	suor	sudoríparo, sudoral
telur(i)	terra, solo	telúrico, telurismo
toni	tom, vigor	tônico, tonificar

toxico	veneno	toxicomania, toxina
Triti	trigo	triticultura, triticultor
veloci	veloz	velocidade, velocímetro
vermi	verme	vermífugo, vermicida
vin(i)	vinho	vinicultura, vinícola
Vitri	vidro	vitrina, vitrificar, vitral
Voto	que quer, que deseja	malévolo, benévolo
Voro	que devora	carnívoro, herbívoro

14.5. LATINISMOS

A fortiori	com tanto mais razão
Ab absurdo	por absurdo
Ab initio	desde o princípio
Ad hoc	para isso
Ad instar	à semelhança, à maneira de
Ad honores	pela honra
Ad libitum	à vontade, a seu bel prazer
Ad referendum	sujeito à aprovação
Ad usum	segundo o costume
Álibi	meio de defesa que o réu apresenta provando estar em outro local no momento do crime
A priori	antes de qualquer momento
A posteriori	após argumentação
Apud	junto de
Alter ego	outro eu
Curriculum vitae	correr da vida, conjunto de informações pessoais
Data vênia	com a devida permissão

De facto	de fato
Errata	especificação dos erros expressos
Et alii	e outros
Ex aequo	com igualdade
Ex autoritate legis	por força da lei
Ex abrupto	de súbito
Ex cathedra	em virtude de autoridade decorrente do título
Ex consensu	com o consentimento
Ex jure	segundo o direito
Ex more	conforme o costume
Ex officio	por obrigação da lei, por dever do cargo
Exempli gratia	por exemplo
Ex lege	de acordo com a lei
Ex nunc	de agora em diante
Ex tunc	desde então, com efeito retroativo
Ex-vi	por força, por efeito
Fac símile	cópia
Habeas corpus	liberdade de locomoção
Hic et nunc	aqui e agora
Honoris causa	por motivo de honra
Ibidem	no mesmo lugar
Idem	igualmente, também
In fine	no fim
In limine	preliminarmente
In albis	sem noção daquilo que deveria saber
In extenso	na íntegra
In limine	desde logo, no início

In loco	no lugar
In sito	no lugar
In totum	totalmente
Ipsis literis	pelas mesmas letras
Ipsis verbis	pelas mesmas palavras – textualmente
Ipso facto	por isso mesmo, pelo próprio fato
Ipso jure	de acordo com o direito
Lato sensu	em sentido amplo
Mutatis mutandis	mudando o que deve ser mudado
Opus	obra musical classificada e numerada
Pari passu	simultaneamente
Passim	aqui e ali, em toda parte
Prima facie	à primeira vista
Pro labore	o pagamento por serviço prestado
Quorum	número mínimo de pessoas presentes exigido por lei ou estatuto para que um órgão funcione
Res non verba	fatos, não palavras
Sic	assim mesmo, escrito desta maneira
Sine die	sem data fixa
Sine jure	sem direito
Sine qua non	indispensável
Sub judice	sob a apreciação judicial
Sui generis	peculiar, sem igual
Status quo	estado em que se encontrava certa questão
Strictu sensu	em sentido restrito
Ur et orbi	em toda parte
Ut infra	conforme abaixo

Ut retro	conforme atrás
Ut supra	conforme acima
Verbi gratia	por exemplo
Verbo ad verbum	palavra por palavra

14.6. EXERCÍCIOS

01. **(NCE / Polícia Civil / Inspetor de Polícia)**

"Inúmeros esforços publicitários não resultam em nada."; "Continuemos no campo das substâncias ilícitas"; "acho que o professor cometeu duas impropriedades.". Inúmeros, ilícita, impropriedade têm em comum:

a) o prefixo negativo;
b) a classe gramatical;
c) o gênero;
d) o número;
e) a forma gráfica.

Gabarito: A

A alternativa B deve ser excluída, visto que INÚMEROS e ILÍCITA são adjetivos e apenas IMPROPRIEDADE é substantivo. Portanto, não se pode afirmar que os três termos possuem a mesma classe gramatical.

A alternativa C também deve ser excluída, porquanto INÚMEROS é masculino, contudo ILÍCITA e IMPROPRIEDADE são femininos.

A alternativa D também deve ser eliminada, dado que INÚMEROS está no plural e ILÍCITA e IMPROPRIEDADE estão no singular.

A alternativa E apresenta um comentário absurdo, uma vez que todos os vocábulos possuem ortografia diferente.

O candidato percebe o valor de negação nos prefixos presentes em ILÍCITA e IMPROPRIEDADE, mas tem dificuldade de compreender que também há este prefixo em INÚMEROS. Normalmente, o candidato visualiza o sentido do adjetivo, que é MUITOS, GRANDE QUANTIDADE. No entanto, o adjetivo INÚMEROS só possui este valor justamente em virtude do prefixo negativo, pois o que se nega aqui é

haver números (daí INÚMEROS – SÃO TANTOS QUE NÃO É POSSÍVEL ESTIPULAR NÚMEROS) para mensurar algo.

02. **(UFF)**

A alternativa em que todos os sufixos têm, fundamentalmente, o mesmo valor que o sufixo presente no substantivo PERCUSSIONISTA é:

a) barbeiro, bancário, cantor;
b) estudante, formigueiro, vestiário;
c) jogador, noticiário, pedinte;
d) cinzeiro, poetastro, colaborador;
e) operário, fazendeiro, budismo.

Gabarito: A

Observe que a palavra PERCUSSIONISTA possui um sufixo com valor AGENTE, ou seja, de alguém que pratica algo. PERCUSSIONISTA é o indivíduo que toca percussão. A única alternativa em que o valor agente é conservado é a alternativa A. Vejamos: BARBEIRO é o profissional que faz a barba, BANCÁRIO é o profissional que trabalha em banco, e CANTOR é o cidadão que canta.

03. **(UNI-RIO)**

Numere a coluna da direita, relacionando com a da esquerda, pelo significado do prefixo, assinale a resposta correta:

1 – desesperança	**() repetição**
2 – contramarcha	**() oposição**
3 – redobra	**() privação, negação**
4 – influir	**() passar além de**
5 – translúcido	**() movimento para dentro**

a) 3-5-2-1-4;
b) 2-3-4-5-1;
c) 3-2-1-5-4;
d) 4-3-2-1-5;
e) 5-4-3-1-2.

Gabarito: C.

O prefixo RE de REDOBRA indica ideia de repetição, de reprodução; o prefixo

CONTRA de CONTRAMARCHA sugere sentido de oposição, de contrariedade; o prefixo DES de DESESPERANÇA tem valor semântico de negação; o prefixo IN de INFLUIR encerra o valor de movimento para dentro, movimento em direção a ambiente interno; por fim, o prefixo TRANS de TRANSLÚCIDO significa através de, passar além de.

04. **(UNI-RIO)**

Assinale a opção em que os prefixos têm o mesmo significado.

a) contradizer – antídoto;
b) desfolhar – epiderme;
c) decapitar – homicídio;
d) supercílio – acéfalo;
e) semimorto – perianto.

Gabarito: A

Os prefixos CONTRA e ANTI, ocorrentes na alternativa A, possuem valor de oposição, de contrariedade. Na alternativa B, o prefixo DES de DESFOLHAR tem valor de movimento para fora; já o prefixo EPI de EPIDERME, de sobre, acima. Na alternativa C, o prefixo DE de DECAPITAR significa movimento para fora; já o radical HOMI de HOMICÍDIO é o próprio homem. Na alternativa D, SUPER de SUPERCÍLIO encerra valor de posição superior, acima, sobre; já o prefixo A de ACÉFALO encerra valor de negação. Por fim, na alternativa E, o prefixo SEMI passa a ideia de meio, metade, mais ou menos; já o PERI de PERIANTO passa de em volta de, em torno de.

05. **(NCE / INPI)**

Agrário se refere a campo; o vocábulo abaixo em que esse radical tem significado diferente é:

a) agricultor;
b) agridoce;
c) agrimensor;
d) agreste;
e) agrícola.

Gabarito: B

Todas as alternativas relacionam o vocábulo à ideia de campo, lavoura – em virtude da ocorrência do radical grego AGRO –, exceto a alternativa B, que

apresenta AGRI, oriundo do radical latino vulgar ACRUM, que significa azedo, ácido.

06. **(NCE / TJ / Técnico Judiciário Juramentado)**

O vocábulo abaixo cujo prefixo apresenta o mesmo valor semântico do prefixo presente no vocábulo erradicar é:

a) discriminação;
b) admissão;
c) incapacidade;
d) redistribuição;
e) exportar.

Gabarito: E

O prefixo E de ERRADICAR possui valor de movimento para fora, movimento em direção a ambiente externo. O prefixo DIS de DISCRIMINAÇÃO significa movimento para vários sentidos; o prefixo AD de admissão tem valor de aproximação; o prefixo IN de INCAPACIDADE encerra valor de negação; o prefixo RE de REDISTRIBUIÇÃO significa repetição; o prefixo EX de EXPORTAR passa o sentido de movimento para fora, movimento em direção a ambiente externo.

07. **(NCE / Auxilar de Cartório)**

O radical grego fobia significa "medo, aversão"; o vocábulo abaixo que tem sua significação corretamente indicada é:

a) agorafobia – medo dos tempos atuais;
b) acrofobia – medo de lugares altos;
c) claustrofobia – medo de lugares religiosos;
d) hidrofobia – medo de chuva;
e) fotofobia – medo de aparecer em público.

Gabarito: B

Agorafobia significa medo de lugares públicos e grandes espaços descobertos.

Claustrofobia, medo de lugares fechados. Hidrofobia, medo de água. Fotofobia, aversão à claridade excessiva.

08. **(NCE / RJ / Ministério Público)**

Corporativismo, populismo, capitalismo mostram que o sufixo -ismo tem valor de:

a) coletivo ou grupo;
b) qualidade ou característica;

c) doutrina ou sistema;

d) quantidade ou intensidade;

e) aspecto pejorativo ou negativo.

Gabarito: C

O sufixo ISMO significa ciência, de sistema político.

09. **(NCE / RJ / Ministério Público)**

Subtributação só pode significar:

a) sonegação de impostos;

b) ausência de fiscalização no pagamento dos impostos;

c) taxação injusta, por exagerada;

d) impostos reduzidos;

e) dispensa de pagamento de impostos.

Gabarito: D

O prefixo SUB de SUBTRAÇÃO tem sentido de abaixo de, de inferior. Ou seja, o significado do vocábulo é tributação inferior, menor. Sendo assim, torna-se evidente a ideia de que a tributação é reduzida.

10. **(NCE / CPBS)**

Nos vocábulos IMPERCEPTÍVEL e SUBTERRÂNEO, os prefixos IM e SUB indicam, respectivamente:

a) dentro de – sobre;

b) negação – abaixo de;

c) proximidade – sob;

d) movimento para dentro – acima de;

e) oposição – dentro de.

Gabarito: B

O prefixo IM de IMPERCEPTÍVEL passa a ideia de negação, ou seja, algo que não pode ser percebido. Já o prefixo SUB de SUBTERRÂNEO encerra sentido de abaixo de (abaixo da terra).

11. **(NCE)**

Assinale o item que o sufixo <u>– mente</u> não apresenta o mesmo valor semântico presente na palavra lentamente.

a) rapidamente;

b) finalmente;
c) sutilmente;
d) infelizmente;
e) corajosamente.

Gabarito: B

Nas alternativas A, C, D e E, o sufixo MENTE sugere ideia de modo. Já em FINALMENTE, o sufixo possui valor de fato independente em relação a outro. Por exemplo: Todos o esperavam e finalmente ele chegou.

12. **(NCE)**

Silicose é um vocábulo que apresenta o sufixo ose indicativo de doença. Em que palavra abaixo esse mesmo sufixo tem valor diferente?

a) trombose;
b) tuberculose;
c) dermatose;
d) diagnose;
e) psicose.

Gabarito: D

O sufixo OSE em DIAGNOSE significa processo de funcionamento. Ou seja, DIAGNOSE é processo pelo qual é feito um diagnóstico.

13. **(PUC)**

Na palavra ESPANTOSA, o sufixo OSO acrescenta ao radical o valor semântico de aquilo que provoca ou produz. Assinale a palavra cujo sufixo tem este mesmo significado.

a) apetitoso;
b) medroso;
c) venenoso;
d) vaidoso;
e) gostoso.

Gabarito: A

O sufixo OSO normalmente possui valor de abundância, cheio de. No entanto, o sufixo OSO em ESPANTOSA significa aquilo que provoca ou produz em outrem. Uma coisa espantosa provoca espanto em outrem. A mesma relação semântica ocorre

em APETITOSO, pois uma comida apetitosa provoca ou produz o apetite em alguém.

14. **(NCE)**

Há evidente equívoco na indicação do valor semântico do sufixo formador das palavras em:

a) dimensionamento, questionamento (ato ou efeito de);
b) estritamente, explicitamente (modo);
c) autoritarismo; corporativismo (instrumento de ação);
d) responsabilidade, hostilidade (qualidade ou estado);
e) pesquisador, professor (agente).

Gabarito: C

O sufixo ISMO possui significa ciência ou sistema político.

15. **(COPPE)**

A opção em que os prefixos guardam entre si o mesmo tipo de relação semântica que o observado entre os prefixos de ‘’imobilismo” e “desagregador” é:

a) hemisfério / semimorto;
b) antítese / antebraço;
c) emergente / importação;
d) afonia / eufonia;
e) cisandino / translado.

Gabarito: A

Em IMOBILISMO e DESAGREGADOR, os prefixos I e DES possuem valor semântico de negação, ou seja, eles são sinônimos. Portanto, a relação ocorrente entre os prefixos é de sinonímia. A única alternativa que apresenta prefixos com o mesmo significado é a A. Os prefixos HEMI e SEMI encerram sentido de metade, também sendo sinônimos. É bom esclarecer que não são as palavras que são sinônimas, mas sim os prefixos. Na alternativa B, ANTI de ANTÍTESE passa ideia de oposição; ANTE de ANTEBRAÇO, de anterioridade. Na alternativa C, o prefixo E de EMERGENTE e IM de IMPORTAÇÃO guardam uma relação de antonímia, visto que E indica movimento para fora e IM de IMPORTAÇÃO, movimento para dentro. Na alternativa D, A de AFONIA tem valor de negação; já EU de EUFONIA, de bom, agradável. Na alternativa E, o prefixo CIS de CISANDINO encerra valor de posição

aquém; já TRANS de TRANSLADO, de através de.

16. **(FGV / Senado Federal / Analista Legislativo)**

"O relator trouxe à luz o direito inalienável e imprescritível dos índios de viver nas terras que tradicionalmente ocupam e de acordo com suas próprias culturas."

Na frase acima, o vocábulo inalienável significa "que não se pode alienar", e o vocábulo imprescritível significa "que não prescreve".

Com base em processo semelhante de formação de adjetivos, assinale a alternativa em que se tenha cometido equívoco entre o adjetivo formado e o sentido a ele atribuído.

a) imensurável – que não se pode medir;
b) imiscível – que não se pode misturar;
c) imponível – que não se pode pôr;
d) impartível – que não se pode dividir;
e) impassível – que não sofre.

Gabarito: C

Imponível significa tributável, ou seja, produto ou serviço passível de tributação.

17. **(CEPUERJ / Técnico de Enfermagem)**

"... analgésico e antipirético..."

As palavras cujos prefixos possuem significados que correspondem à queles presentes nos termos acima destacados são, respectivamente:

a) Infeliz / anfíbio;
b) Anemia / inimigo;
c) Desleal / contrapor;
d) Expulsar / ambíguo.

Gabarito: C

Analgésico – negação; antipirético – oposição

a) Infeliz – negação; anfíbio – duplicidade;
b) Anemia – negação; inimigo – negação;
c) Desleal – negação; contrapor – oposição;
d) Expulsar – movimento para fora; ambíguo – duplicidade.

18. **(CEPUERJ / Técnico de Enfermagem)**

A alternativa cujo elemento sublinhado é um prefixo grego que

significa "oposição a, contra" é:

a) Analgésico;

b) Antipirético;

c) Hemofílicos;

d) Hipersensíveis.

Gabarito: B

Analgésico – negação;

Hemofílicos – afinidade;

Hipersensíveis – excesso.

19. **(NCE)**

Curriculo é a forma portuguesa correspondente ao latinismo curriculum; o item abaixo que apresenta um latinismo de significação incorreta é:

a) a priori – antecipadamente;

b) alibi – declaração;

c) sine die – sem data certa;

d) quantum – quantidade;

e) et alii – e outros.

Gabarito: B

O significado de álibi é: meio de defesa que o réu apresenta provando estar em outro local no momento do crime.

20. **(NCE / TJ / Técnico Judiciário Juramentado)**

"...que substituem o Estado em certas regiões (vide o PCC) e com a parte corrupta da polícia,..."; vide é forma latina correspondente ao verbo "ver". O latinismo a seguir que tem seu significado corretamente indicado é:

a) sic – nunca;

b) et allii – e assim;

c) ad hoc – isto é;

d) latu sensu – em sentido restrito;

e) verbi gratia – por exemplo.

Gabarito: E

SIC – assim mesmo, escrito desta maneira; ET ALLII – e outros; AD HOC – para isso; VERBI GRATIA – por exemplo.

21. **(NCE / TJ)**

Etc. É uma expressão latina. O livro "Não perca o seu latim", de Paulo Rónai, indica vocábulos e expressões latinas bastante comuns em textos jurídicos; o item cujo latinismo tem seu significado INCORRETAMENTE indicado é:

a) alibi – ausência do acusado no lugar do crime, provada pela sua presença noutro lugar;
b) habeas corpus – garantia constitucional outorgada em favor de quem sofre ou está na iminência de sofrer coação ou violência;
c) quorum – número máximo de pessoas presentes para que um órgão funcione;
d) ad hoc – designado para executar determinada tarefa;
e) a priori – anteriormente à experiência.

Gabarito: C

QUORUM é o número "mínimo" de pessoas presentes para que um órgão funcione.

Capítulo 15

Questões Comentadas

01. **(AFC)**

Assinale a proposição correta a respeito da estrutura morfossintática do texto abaixo.

"A 'Guerra Fiscal' pertence a uma classe geral de fenômenos que emergem quando iniciativas políticas dos Governos subnacionais adquirem conotações negativas e geram efeitos econômicos perversos em decorrência do caráter insuficiente ou conjunturalmente inoperante do quadro político-institucional que regula os conflitos federativos, o qual se revela incapaz de garantir um equilíbrio mínimo entre interesses locais de forma a evitar efeitos macroeconômicos e sociais perversos."

(C. Cavalcanti & G. Prado, com adaptações)

a) A forma verbal "emergem"(l.1), flexionada no plural, constitui incorreção, pois sua concordância deve se dar com o substantivo "classe"(l.1), núcleo do grupo nominal "classe geral de fenômenos".

b) **Emergir** é verbo defectivo, ao qual faltam as formas em que ao radical se seguiria **o** ou **a**.

c) Em "subnacionais"(l.2) e "macroeconômicos"(l.6), o sentido dos prefixos está em relação antonímica.

d) O prefixo indicador de negação está presente nas formas: "insuficiente(l.3), inoperante(l.4), incapaz(l.5), interesses"(l.6).

e) O plural do adjetivo composto "político-institucional"(l.4) se faz adicionando a desinência de plural aos dois elementos.

Gabarito: B

Questão polêmica. A alternativa A apresenta comentário inadequado, porquanto não há incorreção, consoante aduzido. O antecedente do pronome relativo tanto pode ser "classe", o que levaria o verbo para o singular, como pode ser "fenômenos", levando o verbo para o plural, conforme vem redigido, diga-se de passagem, corretamente no texto original. A alternativa C apresenta incorreção,

uma vez que os prefixos SUB e MACRO, nesse contexto, não são antônimos. SUB significa abaixo; macro significa grande. Obviamente, abaixo não é antônimo de grande. A alternativa D apresenta falha, pois, embora os vocábulos INSUFICIENTE, INOPERANTE e INCAPAZ tenham prefixo indicador de negação, o mesmo não ocorre com INTERESSES. A alternativa E também não está correta, dado que o plural dos adjetivos compostos se realiza com a flexão apenas do último termo: político-institucionais. A resposta somente pode ser a alternativa B. Porém, não há como se negar que há aí uma polêmica. Segundo Evanildo Bechara, os verbos EMERGIR e IMERGIR não são defectivos, podendo ser flexionados em todos os tempos e pessoas. Celso Cunha, todavia, assevera que tais verbos são defectivos, não podendo ser conjugados na primeira pessoa do singular do presente do indicativo (EMERJO-IMERJO) e em todo o presente do subjuntivo (EMERJA-EMERJAS-EMERJA-EMERJAMOS-EMERJAIS-EMERJAM; IMERJA, IMERJAS, IMERJA, IMERJAMOS, IMERJAIS, IMERJAM). Vê-se que, na situação em voga, a Esaf seguiu o entendimento do Celso Cunha.

02. **(Cespe / UnB / PRF)**

NO TOCANTE À EMBRIGUEZ, O CTB ESTABELECE O SEGUINTE:

Capítulo XV

DAS INFRAÇÕES

Art. 161. Constitui infração de trânsito a inobservância de qualquer preceito deste Código, da legislação complementar ou das resoluções do CONTRAN, sendo o infrator sujeito às penalidades e medidas administrativas indicadas em cada artigo, além das punições previstas no Capítulo XIX.

(...)

Art. 165. Dirigir sob a influência de álcool, em nível superior a seis decigramas por litro de sangue, ou de qualquer substância entorpecente ou que determine dependência física ou psíquica:

Infração – gravíssima;

Penalidade – multa (cinco vezes) a suspensão do direito de dirigir;

Medida administrativa – retenção do veículo até a apresentação de condutor habilitado e recolhimento do documento de habilitação.

A partir do texto e considerando o CTB, julgue os itens que se seguem.

1 – As palavras "inobservância" (l.1), "indicadas" (l.4) e "influência" (l.7) apresentam o mesmo prefixo, apesar de pertencerem a classes gramaticais diferentes.

2 – A coerência do texto e as regras gramaticais seriam respeitadas, caso se inserisse às imediatamente antes de "medidas" (l.3)

3 – Para efeito de aplicação das penalidades previstas, a conjunção "ou" (l.8) deve ser entendida como também inclusiva.

Gabarito:

1 – Errado. Somente o primeiro vocábulo apresenta prefixo indicador de negação. Além disso, os vocábulos INOBSERVÂNCIA e INFLUÊNCIA possuem a mesma classe gramatical – substantivo.

2 – Certo. Observe que os termos "à s penalidades" e "medidas administrativas" estão em paralelismo sintático, complementando a ideia de "sujeito". O autor fez a opção por não repetir a contração do artigo com a preposição, e a banca propõe justamente a inserção, obtendo o seguinte resultado "… sujeito às penalidades e às medidas administrativas…".

3 – Certo. Item muito interessante. Quando o Cespe sugere que a conjunção "ou" deve ser entendida como também inclusiva, significa que o conector tanto pode incluir – tendo caráter aditivo e) –, como pode excluir – tendo caráter alternativo (ou). Ou seja, OU, neste contexto, significa E/OU. E é importante que se faça tal leitura, visto que, se houver apenas a interpretação de alternância (ou), o cidadão somente se inseriria no artigo se estivesse sob efeito de álcool OU de entorpecentes. Um ou outro. E se a pessoa estivesse sob efeito dos dois, não constituiria infração gravíssima? Óbvio que não é isso. Por isso, OU tem valor aditivo e alternativo (inclui e exclui). OU indica que bastaria uma das situações, mas evidentemente se a pessoa se inserisse em todos os casos, também constituiria infração gravíssima.

03. **(Cespe / UnB / IRBr / Diplomata)**

1 – Os vocábulos "instabilidade", "imperfeita", "inçados" e "impõe" são formados por prefixo cujo valor semântico denota privação ou negação.

2 – O vocábulo "inaturável" é formado por derivação e tem o mesmo radical do vocábulo **desnaturado**.

3 – Denomina-se prefixação o processo de formação dos seguintes vocábulos: "anomalia", "alacridade" e "arrebataram".

4 – O vocábulo "agravada" tem o mesmo radical que os vocábulos **gravidez** e **gravidade**.

Gabarito:

1 – Errado – Somente os dois primeiros vocábulos apresentam prefixo indicador de negação.

2 – Errado – Os radicais são distintos. O primeiro vocábulo deriva-se de ATURAR, sendo o radical ATUR. O segundo deriva-se de natural, natal, natureza, sendo o radical NATURA.

3 – Errado – Os dois primeiros vocábulos sofreram a derivação sufixal e o último, parassintética.

4 – Certo – Todos os vocábulos derivam-se de grave, sendo o radical GRAV. Chamamos a atenção, sobretudo, para o vocábulo gravidez, que também é cognata. Este vocábulo origina-se da própria situação feminina que, ao engravidar, aumenta o seu peso, tornando-se mais grave (pesada). Repare a ligação de gravidade (Lei da Gravidade) com o sentido em voga.

04. **Classe média em alta (Editorial – Folha de São Paulo – 4/4/2011)**

Na última década, o perfil socioeconômico do país mudou -e muito. A principal novidade foi o fortalecimento da classe C, composta por famílias que têm uma renda mensal domiciliar total (somando todas as fontes) entre R$ 1.126,00 e R$ 4.854,00.

Os números indicam que ocorreu uma considerável mobilidade social nos últimos anos: entre 2004 e 2010, 32 milhões de pessoas ascenderam à categoria de classes médias (A, B e C) e 19,3 milhões saíram da pobreza. A classe C é hoje detentora de 46,5% da renda nacional.

Não se pode dizer que o país tenha mudado da noite para o dia. A modificação resulta de múltiplos fatores, da estabilização de preços às mudanças demográficas, da educação ao mercado de trabalho.

Embora essa tendência tenha se aprofundado com a política de distribuição de renda do governo do PT, seria incorreto dizer que surgiu com ele. No início da década passada, a classe C representava 40% da população. Em 2010, essa parcela era de 52%.

Nem a elite nem a base da pirâmide social (classes D e E) decidirão eleições. A nova classe média será o fiel da balança eleitoral.

Pesquisas recentes sugerem que o novo eleitor é conservador: está mais preocupado com o bolso do que com participação política, deseja consumir, ter emprego formal e renda e conquistar espaço para provar-se empreendedor.

Considerando que as famílias da classe C não possuem renda elevada, é provável que venham a privilegiar, na agenda política, os temas da qualidade em educação, saúde e transporte. Sentirão o peso da desproporcional carga tributária e exigirão reformas voltadas a reduzi-la -não por ideologia ou convicção, mas por pragmatismo.

Não apenas as empresas precisarão redefinir suas estratégias de mercado, adaptando produtos aos gostos e demandas desse novo contingente, mas também os partidos políticos e seus estrategistas.

O PT, durante o governo Lula, arregimentou sua maior base eleitoral nas camadas pobres, entre os beneficiários da Bolsa Família. Talvez seja, hoje, a agremiação que mais tenha com que se preocupar diante da ascensão da classe média, se não conseguir dar respostas a seus anseios.

Em relação ao texto anterior, julgue os seguintes itens.

1 – Conclui-se do texto que a mudança do perfil socioeconômico gerou estabilização de preços, mudanças demográficas, mais acesso à educação e ao mercado de trabalho.

2 – Compreende-se do quarto parágrafo que a política de distribuição de renda efetuada pelo PT contribuiu para a mudança do perfil socioeconômico atual no Brasil.

3 – Em consonância com o que se expõe no antepenúltimo parágrafo, temas como educação, saúde e transporte decidirão as próximas eleições.

4 – O emprego de "mas também" (l. 26) é resultado da construção iniciada por "Não apenas" (l. 25).

Gabarito:

1 – Errado – Inverte-se a relação causa-efeito. Observe que, no terceiro parágrafo, há a informação de que a mudança do país, que não ocorreu de uma hora para a outra, resulta de múltiplos fatores, da estabilização de preços às mudanças demográficas, da educação ao mercado de trabalho. Portanto, a mudança do país representa a causa, e a estabilização de preços às mudanças demográficas, da educação ao mercado de trabalho representa a

consequência.

2 – Certo – Observe que o item não diz que a mudança do perfil socioeconômico atual no Brasil tenha se iniciado com a política de distribuição de renda efetuada pelo PT. E não começou mesmo, segundo o texto. Mas essa tendência – que já existia antes do governo PT – se aprofundou com a política implementada pelo PT. Portanto, está correta a interpretação de que a política de distribuição de renda efetuada pelo PT contribuiu para a mudança do perfil socioeconômico atual no Brasil, mesmo não dando início a ela.

3 – Errado. No texto, o autor emprega a expressão "é provável", ou seja, há o campo da possibilidade e não da certeza. É provável, e não certo, que tais temas decidam as eleições.

4 – Certo – A função do NÃO é negar o termo APENAS, ou seja, o NÃO nega a restrição. Tanto é verdade que se não houve o NÃO, o sentido da frase seria: apenas as empresas precisarão redefinir suas estratégias de mercado. Mais ninguém precisaria redefinir suas estratégias de mercado. Como o NÃO nega o apenas, a leitura passa a ser NÃO APENAS AS EMPRESAS… Sendo assim, além das empresas, outros setores também precisarão redefinir suas estratégias de mercado.

05. **(NCE / TJ – RJ / TÉCNICO JUDICIÁRIO JURAMENTADO)**

Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos. Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitada de dar e receber afeto. E muito provavelmente ficaria louca se continuasse sozinha por muito tempo.

"Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia,…"; o uso do futuro do pretérito, nesse segmento, tem valor de:

a) probabilidade;

b) certeza;

c) dúvida;

d) conclusão;
e) condição.

Gabarito: A

É fundamental perceber que o enunciado da questão já demonstra que o futuro do pretérito pode passar várias ideias. A expressão "O uso do futuro do pretérito, nesse segmento, tem valor de" indica que este mesmo tempo, em outros fragmentos, pode ter valores diferentes. O futuro do pretérito designa uma consequência futura (que pode ser certa, provável ou duvidosa) de um fato passado. Portanto, o contexto tem que oferecer algum elemento que denuncie de forma precisa esta ideia. O segmento apontado é extraído com reticências já convocando o candidato a retornar ao texto e observar onde a ideia é finalizada. No fim do mesmo parágrafo, ocorre outro verbo no futuro do pretérito (ficaria) antecedido do adjunto adverbial "provavelmente". A palavra-chave "provavelmente" esclarece que a visão do autor do texto é que muito provavelmente a pessoa ficaria louca se continuasse sozinha. Se não é uma certeza que a pessoa ficaria louca, também não é uma certeza o fato de ela estar em pouco tempo sentido falta de companhia, mas sim uma situação extremamente provável.

06. **(Cesgranrio / Petrobras / Transpetro)**

E, por falar em cortar, todo mundo já deve ter ouvido a célebre história do não menos célebre rei Salomão, mas permitam-me recontá-la, transportando os acontecimentos para uma empresa moderna. Então, está um dia o rei Salomão em seu palácio, quando duas mulheres são introduzidas na sala do trono. Aos berros e puxões de cabelo, as duas disputam a maternidade de uma criança recém-nascida. Ambas possuem argumentos sólidos: testemunhos da gravidez recente, depoimentos das parteiras, certidões de nascimento.

Mas, obviamente, uma das duas está mentindo: havia perdido o seu bebê e, para compensar a dor, surrupiara o filho da outra. Como os testes de DNA só seriam inventados dali a milênios, nenhuma das autoridades imperiais consultadas pelas litigantes havia conseguido dar uma solução satisfatória ao impasse.

Com base no período "Como os testes de DNA só seriam inventados dali

a milênios, nenhuma das autoridades imperiais consultadas pelas litigantes havia conseguido dar uma solução satisfatória ao impasse." pode-se inferir que:

a) os testes de DNA poderiam contribuir para a solução do problema;
b) as soluções encontradas pelas autoridades não satisfizeram às litigantes;
c) as supostas mães das crianças consultaram as autoridades para resolver o impasse;
d) só dali a muitos anos os cientistas inventariam os testes de DNA;
e) não havia autoridade imperial capaz de resolver o impasse.

Gabarito: A

Esta questão foi muito bem imaginada, possuindo quatro alternativas coerentes com o texto. A solução é observar o enunciado: lá a banca solicita ao candidato uma inferência textual (pode-se inferir que), não servindo como resposta algo explícito no texto. A alternativa B está explícita, visto que está presente no texto que as autoridades imperiais consultadas não deram uma solução satisfatória. A opção C também está explícita, dado que o texto fornece a informação de que houve autoridades imperiais consultadas pelas mães-litigantes. A alternativa D também é recorrente ao texto, porquanto está exposto que os testes de DNA somente seriam inventados dali a milênios. A alternativa E é a única incoerente, dado que no texto fica evidente que nenhuma das autoridades imperiais "consultadas" conseguiu dar uma solução para o impasse, o que não quer dizer que obrigatoriamente nenhuma autoridade imperial conseguiria dá-la, havendo a possibilidade de autoridades não consultadas fazerem-no. A alternativa A é a resposta, em conformidade com a exigência feita no enunciado, ou seja, uma inferência (dedução) a partir dos elementos do texto. Pode-se deduzir que o impasse, nos dias atuais, poderia ser solucionado através dos testes de DNA. É fundamental frisar que o texto não informa que os testes de DNA poderiam contribuir para a solução do problema, no entanto é uma conclusão que o leitor poderia extrair do fragmento.

07. **(NCE / TALCRIM)**

TEXTO 1: A FOME

Cerca de vinte milhões de crianças e mais de vinte milhões de adultos morrem anualmente de fome e subnutrição. A informação é do diretor-geral da Organização

das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO), Edouard Sadema, segundo o qual, se observássemos um minuto de silêncio por cada pessoa que morreu no ano passado por causas relacionadas com a fome, estaríamos em pé, calados, ainda depois de acabado o século… Ele citou, entre a lista de paradoxos que o panorama econômico mundial oferece, o ato de que os gastos militares de todo o mundo aumentaram em proporções colossais, e sua quantia foi superior vinte vezes ao total de assistência oficial ao desenvolvimento. O custo de um só porta-aviões nuclear, disse ele, é superior ao Produto Nacional Bruto (PNB) de 53 países. Os países em desenvolvimento gastam anualmente com importação de armas o equivalente a suas importações totais de alimentos. (Caderno econômico do Jornal A Tarde, Salvador)

TEXTO 2: A BOMBA SUJA

Introduzo na poesia
a palavra diarreia.
Não pela palavra fria
mas pelo que ela semeia.
Quem fala em flor não diz tudo.
Quem me fala em dor diz demais.
O poeta se torna mudo
sem as palavras reais.
No dicionário a palavra
é uma mera ideia abstrata.
Mais que palavra, diarreia
é arma que fere e mata.
Que mata mais do que faca,
mais que bala de fuzil,
homem, mulher e criança
no interior do Brasil.
Por exemplo, a diarreia,
no Rio Grande do Norte,
de cem crianças que nascem,
setenta e dois leva à morte.

(Ferreira Gullar)

Qual a oposição incorreta entre, respectivamente, o texto 2?

a) Informativo X literário.

b) Univocidade X plurivocidade.

c) Denotativo X conotativo.

d) Verdade X beleza.

e) Descritivo X narrativo.

Gabarito: E

O primeiro texto é narrativo. Não podemos considerá-lo dissertativo, visto que o autor em momento algum expõe sua opinião. Repare que, desde o primeiro até o último período, somente há informações do diretor-geral da ONU. Sendo assim, o primeiro texto é narrativo-argumentativo. A argumentação pode ocorrer mesmo sem a presença explícita da tese. Já o segundo texto é dissertativo, havendo o poeta inserido explicitamente sua tese sobre o tema.

08. **Cerca de vinte milhões de crianças e mais de vinte milhões de adultos morrem anualmente de fome e subnutrição." Assinale o comentário incorreto sobre esse período do texto 1.**

a) a expressão **cerca de** indica quantidade aproximada;

b) **fome** e **subnutrição** indicam o modo de morrer de crianças e adultos;

c) **anualmente** corresponde **a todo ano**;

d) a conjunção **e** tem, nas duas ocorrências, o mesmo valor semântico.

e) a primeira informação do texto procura surpreender o leitor.

Gabarito: B

Os termos "de fome" e "de subnutrição" são adjuntos adverbiais de causa, sendo que as preposições que antecedem os substantivos constantes na alternativa contêm valor de causa. Vale a pena chamar atenção para o fato de que, em "Morrer de fome", a preposição DE introduz uma causa, ou seja, a fome é a causa da morte. Por outro lado, em "Morrer de pé", a preposição DE introduziria valor de modo. Seria o modo como a pessoa morreu – de pé, lutando.

09. **Por que o jornalista dá, no primeiro texto, a fonte de sua informação?**

a) Porque quer demonstrar a importância do tema tratado.

b) Porque é obrigado a declarar como chegou a essa informação.

c) Porque quer dar autoridade ao que informa.

d) Porque todo texto jornalístico faz isso.

e) Porque quer provocar sensacionalismo.

Gabarito: C

Não se pode dizer que o texto seja dissertativo, pois a opinião do autor do texto não aparece de forma explícita. Aqui só há narração (o autor está narrando todos os dizeres do diretor-geral da ONU) e argumentação (O recurso utilizado foi o conjunto de informações fornecido pelo diretor-geral da ONU.) Como já se informara, ao identificar o fornecedor da informação, não se expõe a importância do tema, mas sim da informação. Quando se diz que a informação é prestada pelo diretor-geral da ONU, ganha peso, credibilidade, autoridade e se torna um significativo recurso de argumentação.

10. **A que se refere o título do segundo texto, no contexto do poema?**

a) à bomba atômica;
b) à fome;
c) à miséria;
d) à diarreia;
e) à ignorância.

Gabarito: C

O candidato, como sempre, deve ficar atento ao enunciado. A pergunta feita é "A que se refere…?", portanto "o que é o título do segundo texto (A Bomba Suja)" no contexto do poema? Outro detalhe importante é que a resposta esteja explícita no contexto do poema. Enfim, existem dois caminhos para se chegar à reposta: o primeiro caminho é o instintivo, intuitivo. O que faz a bomba? Fere e mata. O que faz a diarreia segundo o texto? É arma que fere e mata. Portanto, no contexto do poema, a bomba suja é a diarreia. O outro caminho – o técnico – exige uma resposta explícita no contexto do poema. A bomba atômica, a fome, a miséria e a ignorância não foram mencionadas explicitamente na poesia.

11. **"Introduzo na poesia / a palavra diarreia", nesses dois primeiros versos do texto 2, o poeta nos diz que:**

a) vai apresentar aos leitores a palavra diarreia;
b) vai usar no poema uma palavra incomum nos poemas;
c) vai falar de um tema já conhecido;
d) vai explorar um tema que não é belo;
e) vai abordar um problema nacional.

Gabarito: B

Questão criada para colocar o candidato em dúvida entre duas alternativas: B e D. Antes de mais nada, o candidato deve ater-se a esse fragmento do texto. Por esse motivo, já se pode excluir a opção E. Que o autor está falando na poesia sobre um problema nacional, é verdade. Mas também é verdade que nesses dois versos isso não está mencionado. Aproveitando o ensejo, podemos também excluir a alternativa A, visto que a palavra não está sendo apresentada aos leitores – até porque imagino que todos saibam o significado de "diarreia" –, e sim introduzida no campo poético. Também podemos excluir a alternativa C, pois o tema "diarreia" certamente não é comum em poesias. As opções B e D são coerentes com os dois versos. Como no enunciado consta "o poeta nos diz que", o que está exigido é algo explícito, e não uma inferência. A alternativa D é uma inferência, dedução. Se vai ser introduzida a palavra diarreia na poesia, fica implícito que um tema que não é belo – repare que, em momento algum desses versos, está dito se o tema é belo ou não – será explorado. Já a alternativa B é extremamente fiel aos versos, não há necessidade de inferência. Introduzir significa inserir algo (que não é desse ambiente) no ambiente.

12. **O poeta, no texto 2, diz que vai introduzir a palavra diarreia no poema. "Não pela palavra fria mas pelo que ela semeia", segundo o texto o que semeia a diarreia?**

a) Morte
b) Miséria.
c) Ferimentos.
d) Doença.
e) Crimes.

Gabarito: A

Questão muito bem bolada. Inicialmente chamamos a atenção dos candidatos para o fato de que na pergunta há uma ambiguidade. Não se sabe se "a diarreia" funciona como sujeito ou objeto direto, ou seja, cabem duas interpretações: a diarreia semeia algo ou algo semeia a diarreia. Inicialmente, vamos pela segunda interpretação – a diarreia sendo semeada por alguma coisa. Que coisa seria essa? Obviamente seria a miséria. Se "miséria" não pode ser a resposta, visto que, como no enunciado está redigido "Segundo o texto", é exigido algo exposto no texto. E

não está exposto no texto que miséria semeia a diarreia. Isso é algo que se depreende – implícito – até em face da exemplificação do Rio Grande do Norte, que é um dos estados mais pobres do Brasil. Enfim, então somente cabe a interpretação de que a diarreia semeia algo. Aí o texto explicita: diarreia é arma que fere e mata. Portanto ainda caberiam duas respostas: ferimento e morte. No entanto, MORTE acaba tendo mais peso, inclusive sendo a última palavra do texto.

13. **A palavra FRIA citada no texto 2 corresponde a:**

a) palavras que expressam sensações;
b) palavras usadas pelos políticos;
c) palavras usadas isoladamente;
d) palavras ditas sem pensar;
e) palavras do dicionário.

Gabarito: E

Questão imaginada para o candidato ficar em dúvida entre as alternativas C e E. São duas alternativas extremamente parecidas. Palavras usadas isoladamente são palavras no sentido oficial, ou seja, são palavras no sentido denotativo, que acabamos por encontrá-las nos dicionários. Quando se chega a tal ponto de dúvida, isto é, quando não temos mais a que recorrer, devemos marcar escolher aquela alternativa que contém o vocábulo original – palavra-chave. Nada é mais recorrente ao texto que o próprio vocábulo original.

14. **(NCE / TJ / Oficial de Justiça Avaliador)**

O que é percebido como liberdade para um pacato cidadão contemporâneo que vota, fala o que quer, vive sob o manto da lei (ainda que capenga) e tem direito de mover-se livremente?

O primeiro templo da liberdade burguesa é o supermercado. Em que pesem as angustiantes restrições do contracheque, são as prateleiras abundantemente supridas que satisfazem a liberdade do consumo (não faz muitas décadas, nas prateleiras dos nossos armazéns ora faltava manteiga, ora leite, ora feijão). Não houve ideal comunista que resistisse às tentações do supermercado. Logo depois da queda do Muro de Berlim, comer uma banana virou ícone da liberdade no Leste Europeu.

"O que é percebido como liberdade para um pacato cidadão contemporâneo que vota, fala o que quer, vive sob o manto da lei (ainda

que capenga) e tem o direito de mover-se livremente?"; segundo o texto, a resposta abaixo que é INADEQUADA é:

a) a liberdade de consumo;
b) a liberdade de movimento;
c) a liberdade de comunicação;
d) a liberdade política;
e) a liberdade religiosa.

Gabarito: E

Questão maliciosa que induz o candidato a assinalar a alternativa A. No enunciado, é mencionado um fragmento do texto, mas a pergunta não é sobre o fragmento, mas sim sobre o texto como todo – tal qual a questão 12. Se você se basear apenas no fragmento, as alternativas A (a liberdade de consumo) e E (liberdade religiosa) realmente não estão expostas. Mas, a liberdade de consumo, que não vem citada no fragmento, na continuação do texto acaba mencionada. E repito, muita atenção à pergunta.

Segundo o texto (E NÃO O FRAGMENTO), a resposta abaixo que é INADEQUADA.

15. **(Esaf / ENAP)**

As pesquisas desenvolvidas nos vários centros nacionais e internacionais, tanto em animais quanto em seres humanos, têm demonstrado que o tratamento regenerativo com células-tronco está deixando de ser uma utopia, podendo tornar-se importante recurso para o tratamento de diversas doenças. As pesquisas mostram que essas células têm potencial capaz de reparar as alterações determinadas pelas doenças que provocam perda ou diminuição da capacidade funcional de determinados órgãos do nosso corpo. Assim, especula-se que os transplantes de células-tronco possam vir a beneficiar doenças do coração, doenças neurovegetativas, degeneração celular ligada ao envelhecimento e a tratar certas formas de câncer, como as leucemias.

(BARBOSA, Roberto Benchimol; e FILHO, José Barbosa. O Globo, 11/03/2006.)

Assinale a opção que está de acordo com as ideias do texto.

a) O tratamento com células-tronco já se tornou importante recurso para o tratamento de doenças.
b) As células-tronco provocam diminuição da capacidade funcional de

determinados órgãos.

c) O tratamento com células-tronco pode vir a tornar-se recurso para reparar os danos à saúde causados por diversas doenças.

d) Os transplantes de células-tronco já beneficiam doenças do coração e doenças neurovegetativas.

e) As células-tronco já tratam, principalmente, certas formas de câncer, como as leucemias.

Gabarito: C

A alternativa C apresenta comentário coerente em relação ao texto, visto que lá se expõe que "o tratamento com células-tronco **está deixando** de ser uma utopia, **podendo tornar-se** um importante recurso para o tratamento de diversas doenças…". Repare que o texto inteiro está sendo trabalhado no campo da possibilidade e justamente a alternativa C é a única a respeitar essa linha do texto, como se evidencia também no fragmento "**Especula-se** que os tratamentos com células-tronco **possam vir a beneficiar** doenças do coração, neurovegetativas…". Destarte, como as alternativas A, B, D e E estão no campo da certeza, da afirmação, pode-se dizer que as afirmações "o tratamento com células-tronco já se tornou importante recurso para o tratamento de doenças.", "as células-tronco provocam diminuição da capacidade funcional de determinados órgãos.", "os transplantes de células-tronco já beneficiam doenças do coração e doenças neurovegetativas." e "as células-tronco já tratam, principalmente, certas formas de câncer, como as leucemias." não são verdadeiras.

16. **(Esaf / AFRF)**

Em artigo publicado na década de noventa, o professor Paul Krugman explicava que todos aqueles países que falavam inglês haviam tido um desempenho econômico acima da média de seus vizinhos e que o inglês estava se tornando rapidamente a língua franca dos negócios, do turismo e da internet. Assim, os processos de fusão de empresas, tão comuns naquele tempo, só teriam sucesso se utilizassem o inglês como língua de integração das corporações.

Essa visão nos preocupou quando resolvemos integrar todas as áreas de consultoria espalhadas pela América Latina em uma única divisão de consultoria. Mas ficou uma pergunta no ar: "que língua oficial adotar"? O espanhol ou o português acirraria a rivalidade que já era bastante grande no campo dos esportes. Adotar o inglês teria a vantagem da neutralidade e da facilidade de interação com

nossos colegas de outras regiões, mas com perda significativa na agilidade da comunicação e no andamento das reuniões. Foi adotada então uma postura única: haveria três línguas oficiais. Essa pequena sutileza significava, na verdade, que todos eram obrigados a entender as três línguas, mas poderiam se expressar no idioma em que se sentissem mais à vontade. Hoje, cinco anos depois, sentimos que essa decisão foi fundamental para o nosso processo de integração, e a lição aprendida é que muitas vezes a criatividade local pode ser mais efetiva que verdades importadas.

(ROSSI, José Luiz. 'Integração cultural na América Latina", CLASSE ESPECIAL, nº 89. 2001. Com adaptações)

Marque a opção em que, de acordo com as ideias do texto, existe uma relação de condição do tipo Se X então Y

a) X = falássemos inglês
Y = teríamos desempenho econômico acima da média.

b) X = adotássemos inglês como língua oficial
Y = agilizaríamos a comunicação.

c) X = empregássemos espanhol ou português
Y = exacerbaríamos a rivalidade

d) X = houvesse três línguas oficiais
Y = teríamos facilidade de interação com outras regiões

e) X = entendêssemos as três línguas
Y = deveríamos nos expressar nas três línguas

Gabarito: C

As alternativas B, D e E estão em oposição ao texto, ficando o candidato em dúvida entre as opções A e C. O enunciado da questão "de acordo com as ideias do texto" indica que está sendo solicitado ao candidato uma alternativa de recorrência textual. A opção A, apesar de ser coerente com o texto, é uma inferência, porquanto o texto apenas assevera que todos os países que falavam inglês tiveram desempenho econômico acima da média, não sugerindo que se outros também o falassem, também obteriam desempenho acima da média dos vizinhos. A opção C não é uma inferência, é algo que está efetivamente em consonância com as ideias do texto, alterando-se tão-somente os vocábulos. O texto informa que "o Espanhol ou o Português acirraria a rivalidade, que já era bastante grande no campo dos

esportes." Ou seja, a rivalidade já existia, apenas aumentaria (ou exacerbaria, conforme apontado na opção C).

17. **(Esaf / AFRF)**

Assinale a opção que está de acordo com as ideias do texto.

Apesar de todos os problemas relacionados à Justiça brasileira, um dos grandes avanços no país nos últimos anos foi a criação do Conselho Nacional de Justiça (CNJ). Tem sido um alento seus esforços no sentido de racionalizar e modernizar a estrutura burocrática do Poder Judiciário – quebrando focos de resistência corporativistas – e de forçar a devida celeridade aos processos que tramitam nos tribunais. A criação de um sistema de estatística, com indicadores que medem uma série de atributos – relacionados, por exemplo, aos gastos e à produtividade dos estados e das instâncias judiciais – tem derrubado um dos maiores obstáculos à reforma das práticas do Judiciário: a falta de um diagnóstico preciso. Este é o primeiro e necessário passo para que as mudanças de rota sejam feitas. Mas pôr o sistema nos eixos, atacar suas discrepâncias, requer ação.

(Jornal do Brasil, Editorial, 24/8/2009)

a) A criação do Conselho Nacional de Justiça não representou uma mudança significativa nos problemas relacionados à Justiça brasileira.

b) O desconhecimento de indicadores referentes aos gastos e à produtividade do sistema é o primeiro passo para as mudanças de rota.

c) Os esforços do Conselho Nacional de Justiça ainda não conseguiram quebrar os focos de resistências corporativas no sistema judiciário.

d) Um diagnóstico preciso referente a vários indicadores, como os que revelam gastos e produtividade do judiciário, decorre da criação de um sistema de estatística.

e) O Poder Judiciário tem procurado racionalizar e modernizar a estrutura das resistências corporativas.

Gabarito: D

Pelo enunciado, observa-se que a resposta necessariamente ocorrerá com uma informação explícita no texto. A alternativa A contradiz o fragmento "um dos grandes avanços no país nos últimos anos foi a criação do Conselho Nacional de

Justiça (CNJ)". A alternativa apresenta comentário inadequado, visto que o pronome demonstrativo "Este" em "Este é o primeiro e necessário passo para que as mudanças de rota sejam feitas.", refere-se a "criação de um sistema de estatística, com indicadores que medem uma série de atributos – relacionados, por exemplo, aos gastos e à produtividade dos estados e das instâncias judiciais" e não ao desconhecimento de indicadores. A alternativa C se opõe ao período "Tem sido um alento seus esforços no sentido de racionalizar e modernizar a estrutura burocrática do Poder Judiciário – quebrando focos de resistência corporativistas – e de forçar a devida celeridade aos processos que tramitam nos tribunais.". A alternativa E apresenta comentário inadequado, porquanto quem tem procurado racionalizar e modernizar a estrutura das resistências corporativas é o Conselho Nacional de Justiça e não o Poder Judiciário. A alternativa D é a única que apresenta comentário coerente e que se faz presente no texto. Repare que nela está sendo analisada a relação causa e efeito.

Um diagnóstico (efeito) preciso referente a vários indicadores, como os que revelam gastos e produtividade do judiciário, **DECORRE** da criação (causa) de um sistema de estatística. Observe que essa informação está exposta: "A criação de um sistema de estatística… tem derrubado um dos maiores obstáculos à reforma das práticas do Judiciário: a falta de um diagnóstico preciso.".

18. **(Esaf / AFRF)**

Assinale a opção em que a reescrita de segmento do texto não mantém as informações originais.

A demanda doméstica depende de vários fatores, e da perspectiva do seu aumento depende a produção industrial. É normal, então, dar atenção especial ao nível do emprego e à evolução da massa salarial real, sem deixar de acompanhar as receitas e despesas do governo federal. Enquanto a ligeira retomada da economia norte-americana é acompanhada por aumento do desemprego, no Brasil o quadro é diferente. Os dados de julho, nas seis principais regiões do País, mostram redução do desemprego de 8,1% para 8%, o que significa a geração de 185 mil postos de trabalho. Essa taxa de desemprego, em julho, é a menor da série desde 2002. Paralelamente, houve melhora na qualidade do emprego, e 142 mil postos foram criados com carteira de trabalho assinada.

(O Estado de S. Paulo, Editorial, 21/8/2009)

a) A demanda doméstica depende de vários fatores, e a produção industrial

depende da perspectiva do aumento dessa demanda.

b) Essa taxa de desemprego é a menor em julho de 2002. Paralelamente, em 142 mil postos, a carteira de trabalho assinada melhorou a qualidade do emprego já existente.

c) O aumento do desemprego acompanha a ligeira retomada da economia norte-Âamericana, enquanto no Brasil o quadro é diferente.

d) Nas seis principais regiões do País, os dados de julho mostram a geração de 185 mil postos de trabalho, o que significa redução do desemprego de 8,1% para 8%.

e) É normal, então, dar atenção especial tanto ao nível do emprego e à evolução da massa salarial real quanto às receitas e despesas do governo federal.

Gabarito: B

A alternativa A é coerente com o primeiro período. Observe que o pronome possessivo "seu" refere-se a "a demanda doméstica"; sendo assim, a leitura correta da segunda oração do primeiro parágrafo é "a produção industrial depende da perspectiva do aumento da demanda doméstica". Na alternativa C, a única mudança foi o deslocamento da conjunção ENQUANTO que estabelece relação de simultaneidade. Como os fatos são concomitantes, esse deslocamento acaba por não refletir em alteração semântica. Na alternativa D, o que há novamente é apenas a inversão de fragmentos, fato que não gera alteração de sentido, como se pode observar: "dados mostram redução do desemprego de 8,1% para 8%, o que significa a geração de 185 mil postos de trabalho" = "dados mostram a geração de 185 mil postos de trabalho, o que significa redução do desemprego de 8,1% para 8%". A alternativa E também apresenta comentário coerente, uma vez que expressa exatamente o que se informa no segundo período: "É normal, então, dar atenção especial ao nível do emprego e à evolução da massa salarial real, sem deixar de acompanhar as receitas e despesas do governo federal.". A alternativa B não é só incoerente em relação ao texto, como a informação nela presente não faz sentido. O período "Essa taxa de desemprego é a menor em julho de 2002." é ininteligível. Além disso, o que o texto diz é que, desde 2002, a taxa de desemprego de julho foi a menor da série.

19. **(Esaf / Analista da Receita Tributária)**

Em relação às informações do texto, assinale a opção correta.

A produção brasileira de petróleo e gás certamente dará um salto quando

estiverem em operação os campos já descobertos na chamada camada do pré-sal. Embora essa expansão só possa ser efetivamente assegurada quando forem delimitadas as reservas, e os testes de longa duração confirmarem a produtividade provável dos campos, simulações indicam que o Brasil terá um saldo positivo na balança comercial do petróleo (exportações menos importações), da ordem de 1 milhão de barris diários.

Com isso, o petróleo deverá liderar a lista dos produtos que o Brasil estará exportando mais ao fim da próxima década. O petróleo é negociado para pagamento a vista (menos de 90 dias). Então, é um volume de recursos que pode ter, de fato, forte impacto nas finanças externas do país.

Como é uma riqueza finita, a prudência e a experiência econômica recomendam que o Brasil tente poupar ao máximo essa renda adicional proveniente das exportações de petróleo. O mecanismo mais usual é conhecido como fundo soberano, por meio do qual as divisas são mantidas em aplicações seguras que proporcionem, preferencialmente, bom retorno e ainda contribuam positivamente para o desenvolvimento da economia brasileira. Os resultados dessas aplicações devem ser direcionados para investimentos internos que possibilitem avanços sociais importantes (educação, infraestrutura, meio ambiente, ciência e tecnologia).

(O Globo, Editorial, 13/10/2009)

a) É indiscutível que, quando estiverem em operação os campos da camada do pré-sal, o Brasil terá um saldo na balança comercial do petróleo da ordem de 1 milhão de barris diários.
b) É recomendável que os recursos arrecadados com a exploração do petróleo da camada do pré-sal sejam mantidos num fundo seguro, que proporcione retorno garantido e contribua favoravelmente para o desenvolvimento da economia brasileira.
c) Somente quando estiverem em operação os campos da camada do pré-sal, o petróleo será negociado para pagamento a vista.
d) Estima-se que, no final da próxima década, com os campos do pré-sal já em operação, o Brasil lidere a lista dos países importadores de petróleo, com forte impacto na balança comercial.
e) A renda adicional proveniente da exportação do petróleo da camada do pré-sal deverá ser aplicada diretamente em investimentos com repercussão na

área social.

Gabarito: B

A alternativa A trabalha no campo da certeza (É indiscutível), o que contradiz a ideia de possibilidade presente no segundo período do primeiro parágrafo (simulações indicam). A alternativa C contradiz o segundo parágrafo, visto que lá consta a informação de que "O petróleo (JÁ) é negociado para pagamento a vista (menos de 90 dias).". A alternativa D é absurda. O Brasil não será importador de petróleo e sim aumentará a exportação. O erro na alternativa E está no emprego da palavra "diretamente", pois o texto diz que as divisas provenientes do aumento da exportação do petróleo deverão ser investidas em aplicações seguras, que proporcionem, preferencialmente, bom retorno. Aí, sim, o resultado dessa aplicação é que deve ser aplicado na área social. Portanto, o dinheiro não deve ir diretamente para a área social, mas, sim, deverá ser inicialmente investido em fundos seguros, para depois, seu resultado financiar o avanço social. A alternativa B confirma exatamente o que se informou no esclarecimento para o fato de que a alternativa E não poderia ser a resposta. A alternativa B corresponde exatamente ao que se expõe no último parágrafo.

20. **(Esaf / Analista da Receita Tributária)**

Assinale a opção correta a respeito do texto.

Aferrado à valorização do aqui e agora, o sábio indiano Svâmi garante que "só o presente é real", o que equivale a considerar o passado e o futuro como puras ilusões. Viver no presente implica aceitar o primado da ação (o ato) sobre a esperança, o que equivale a trocar a passividade do estado de espera pela manifestação ativa da vontade de fazer. Em outras palavras, importa a flecha mais do que o alvo, o ato mais do que a expectativa.

Como bem acentua Comte-Sponville, a ausência pura e simples de esperança não corresponde à mágoa, traduzida na acepção comum da palavra desespero. O desespero/desesperança é, antes, o grau zero da expectativa, portanto um regime de acolhimento do real sem temor, sem desengano, sem tristeza. Esse regime, ou essa regência, pode ser chamado de beatitude ou de alegria: uma aceitação e uma experiência da plenitude do presente.

(SODRÉ, Muniz. As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006, p.206)

a) O autor do texto defende a ideia de que o ser humano, ao criar expectativas em relação ao futuro, não deve desesperar-se, mas, sim, manter-se passivo no estado de espera.
b) A ideia central desenvolvida no texto baseia-se no pressuposto de que se vive, atualmente, uma era em que predomina o desespero.
c) Uma das ideias secundárias desenvolvidas no texto é a de que os fins justificam os meios, como se depreende do trecho "importa a flecha mais do que o alvo".
d) Uma das ideias desenvolvidas no texto é a de que o real só é, de fato, apreendido quando o indivíduo compreende o passado e o futuro como ilusões.
e) Para sustentar a ideia apresentada no primeiro parágrafo, o autor do texto argumenta que é o medo do futuro que motiva os indivíduos a viverem intensamente o aqui e agora.

Gabarito: D

A alternativa A contradiz o texto, uma vez que o que se valoriza é a manifestação ativa da vontade de fazer em detrimento da passividade do estado de espera. A alternativa B apresenta um comentário absurdo. Em momento algum, é sugerido (pressuposto) que nossa era está caracterizada pelo desespero. Na alternativa C, o sentido implícito do fragmento "importa a flecha mais do que o alvo." é que importa mais o hoje (a flecha, que é o que se tem) do que o amanhã (o alvo – aquilo que porventura poderíamos atingir). A alternativa E também apresenta comentário incoerente em relação ao texto, visto que não se encontra exposto (explícito) que há medo do futuro, tampouco que esse medo levaria os indivíduos a viverem intensamente o presente. A alternativa D se explicita no primeiro período, quando há o alerta de que há equivalência na compreensão de duas ideias: "só o presente é real" e "considerar o passado e o futuro como puras ilusões".

21. **(Esaf / RJ / Fiscal de Rendas)**

A Eurostat, o organismo da União Europeia encarregado da elaboração de estatísticas econômicas, mostrou que, em abril, nada menos que 101 entre cada 1.000 cidadãos em atividade na área do euro (16 países) não conseguiram encontrar ocupação remunerada. É a pior situação em 12 anos.

Reduzir tudo a efeito natural da atual crise é simplismo. Flagelos assim são como os desastres de avião: sempre têm múltiplas causas. O crescente desemprego no mundo rico foi acentuado pela crise, mas é bem mais do que isso. É o resultado de algumas degradações acumuladas nas últimas décadas: perda de competitividade da indústria, rápido envelhecimento da população, custo elevado da mão de obra, falta de reformas políticas e econômicas.

Paradoxalmente, a crise do desemprego tende a se acentuar pelos fatores que pretendiam atenuar seu impacto. Assim como a antecipação da aposentadoria pretendia abrir vagas aos mais jovens, mas tudo o que produziu foi a deterioração das finanças dos sistemas previdenciários, os mecanismos de seguro social vêm ajudando a criar enormes rombos, que, por sua vez, atiram as finanças públicas ao endividamento e à insolvência (e não apenas à falta de liquidez), como parece ser o caso da Grécia e talvez o de Portugal e Espanha. E aí chegamos a uma situação em que os instrumentos de defesa do emprego criam mais desemprego.

(MING, Celso Ming. O Estado de S. Paulo, 2/6/2010)

Em relação às ideias do texto, assinale a opção correta.

a) Há 12 anos, a situação na União Europeia apresentava desemprego muito maior que as taxas atuais.

b) A crise econômica atual começou a provocar o desemprego na área do euro.

c) O rápido envelhecimento da população contribui para diminuir as taxas de desemprego na União Europeia.

d) A antecipação da aposentadoria e a abertura de vagas para os mais jovens fortaleceram os sistemas previdenciários.

e) Medidas que pretendiam atenuar o impacto da crise do desemprego resultaram em mais desemprego.

Gabarito: E

A alternativa A contraria o texto, visto que a informação constante no fim do primeiro parágrafo é que a situação apresentada é a pior dos últimos doze anos.

A alternativa B contradiz o texto, porquanto no segundo parágrafo é asseverado que "o crescente desemprego foi acentuado pela crise", logo a crise já existia.

O comentário presente na alternativa C também contraria o texto, sobretudo o fragmento: "O crescente desemprego no mundo rico foi acentuado pela crise, mas é bem mais do que isso. É o resultado de algumas degradações acumuladas nas

últimas décadas: perda de competitividade da indústria, rápido envelhecimento da população".

A alternativa contém informação falsa, uma vez que o último parágrafo indica que as soluções não surtiram o efeito esperado, e, em vez de abrir vagas para os mais jovens, acabou por deteriorar as finanças dos sistemas previdenciários.

A alternativa E se coaduna com o último parágrafo, quando esclarece que os fatores que pretendiam atenuar o impacto da crise do desemprego tendem a acentuá-la, inclusive esta ideia é repetida no último período: "E aí chegamos a uma situação em que os instrumentos de defesa do emprego criam mais desemprego.".

22. **(UFRJ / Assistente em Administração)**

LÍNGUA PORTUGUESA

O QUE PASSA NA CABEÇA DELES?

Quem tem um bicho de estimação sabe muito bem: seu gato, cachorro, papagaio, hamster ou o que seja é o mais esperto do mundo. Até meados do século passado, porém, a inteligência animal era considerada inexistente. Suas atitudes e ações eram descritas como simples respostas instintivas ou estratégias de sobrevivência, sem nenhuma relação com a cognição, que se acreditava ser exclusiva do ser humano. Foi só a partir dos anos 1960 que estudos de longo prazo começaram a produzir pistas de que, sim, os animais pensam, são capazes de resolver problemas, aprender com seus erros e se adaptar a novas situações, assim como os seres humanos. Mas o que se passa na cabeça deles? Algumas espécies têm autoconsciência? Quão inteligentes são os animais? Apesar dos avanços nas pesquisas, estas e outras perguntas permanecem sem resposta, gerando controvérsias entre os especialistas.

– O que existe hoje são várias linhas de entendimento do que vem a ser a inteligência animal. Há estudos feitos em ambiente natural, mas também tem muita coisa sendo feita em laboratórios – o que nos é contado pelo biólogo Salvatore Siciliano, pesquisador da Escola Nacional de Saúde da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). As pesquisas podem levar anos para chegar a conclusões bem simples, mas, à medida que aumenta o esforço de observação e amostragem, estamos passando a perceber que os animais são, sim, algo inteligentes.

Quando elaborou sua Teoria da Evolução, no século XIX, Charles Darwin a estendeu para o desenvolvimento do cérebro humano. Como outros aspectos da nossa fisiologia, a inteligência teria evoluído a partir de organismos mais simples

em resposta a desafios comuns a quase todos os animais, como as necessidades de se alimentar, reproduzir e interagir com o ambiente. Atualmente, faz parte do senso comum considerar que grandes primatas como os chimpanzés, cujo DNA é 99% igual ao dos seres humanos, apresentam um certo grau de inteligência, assim como outros mamíferos mais desenvolvidos, como cetáceos (baleias e golfinhos) e elefantes. Surpreendente, no entanto, foi verificar que mesmo espécies mais longe da escala e árvore evolutivas, como pássaros e polvos, também demonstram sinais de inteligência.

(BAIMA, César. O Globo, Planeta Terra, out. 2010. Adaptado)

Sobre o título dado ao texto, pode-se fazer, de forma adequada, a seguinte afirmação:

a) trata-se de uma questão sobre a qual a ciência ainda não apresenta todas as respostas;
b) a pergunta não é respondida no texto;
c) representa uma interrogação feita pelos proprietários de animais domésticos;
d) o pronome eles se refere exclusivamente aos animais domésticos;
e) a pergunta fala sobre as preocupações dos donos de animais.

Gabarito: B

O texto, em momento algum, informa o que se passa pela cabeça dos animais. Além disso, há um fragmento no texto que reforça essa resposta: "Mas o que se passa na cabeça deles? Algumas espécies têm autoconsciência? Quão inteligentes são os animais? Apesar dos avanços nas pesquisas, estas e outras perguntas permanecem sem resposta, gerando controvérsias entre os especialistas.". Pode-se excluir a alternativa A, pois, quando se diz que a ciência não apresentou todas as respostas, infere-se que algumas já foram concedidas o que é contradito no seguinte fragmento "estas e outras perguntas permanecem sem resposta, gerando controvérsias entre os especialistas.". Elimina-se a alternativa C, pois esse questionamento pode ser de qualquer um, e não necessariamente de donos de animais domésticos. Na alternativa D, o pronome "deles" refere-se a qualquer animal, e não necessariamente a animais domésticos. A alternativa E representa comentário absurdo, dado que o fator inteligência animal não constitui preocupação, mormente aos donos de animais.

23. **"...seu gato, cachorro, papagaio, hamster ou o que seja é o mais**

esperto do mundo"; o termo sublinhado equivale a:

a) um outro animal doméstico qualquer;
b) qualquer outro tipo de roedor;
c) um outro animal de tipo diferente;
d) qualquer animal desconhecido;
e) qualquer outro nome que se dê.

Gabarito: A

O emprego do pronome SEU é decisivo para a resposta. Esse pronome indica que o autor está falando diretamente aos leitores, portanto se trata de gato "do leitor", cachorro "do leitor"... O leitor, cidadão comum, pode ter apenas animal doméstico.

24. **"...é o mais esperto do mundo." Esse pensamento representa:**

a) uma antiga forma de pensar sobre a inteligência animal;
b) um carinhoso modo de pensar sobre animais de estimação;
c) um conceito errado sobre os animais domésticos;
d) um pensamento corrente sobre os animais selvagens;
e) um falso pensamento fundamentado apenas nas aparências.

Gabarito: B

Esse fragmento é referente aos animais domésticos. A alternativa B indica o pensamento que os donos têm acerca de seus animais, sem entrar no mérito se tal pensamento é certo ou errado – fato que exclui a possibilidade de resposta da alternativa C –, até porque o próprio texto informa que a ciência ainda não conseguiu concluir quão inteligentes são os animais.

25. **A afirmativa abaixo que é adequada ao texto é:**

a) Os estudiosos definem, hoje, vários graus de inteligência animal;
b) Os animais, com exceção dos mais distantes da escala evolutiva, possuem inteligência;
c) Estudos avançam, mas a inteligência animal ainda é alvo de controvérsia;
d) Todos os animais possuem inteligência bastante avançada;
e) Os animais dispõem de uma estrutura de DNA semelhante à dos humanos.

Gabarito: C

O comentário realizado na alternativa C se coaduna com o seguinte fragmento do texto: "Mas o que se passa na cabeça deles? Algumas espécies têm autoconsciência? Quão inteligentes são os animais? Apesar dos avanços nas

pesquisas, estas e outras perguntas permanecem sem resposta, gerando controvérsias entre os especialistas.”.

26. **Assinale a alternativa em que o conectivo destacado possui seu valor semântico corretamente indicado:**

a) “Apesar dos avanços nas pesquisas…” = concessão;

b) “Surpreendente, no entanto, foi verificar…” = conclusão;

c) “Suas atitudes e ações eram descritas como simples respostas…” = modo;

d) “Até meados do século passado, porém,…” = explicação;

e) “…para chegar a conclusões bem simples…” = direção.

Gabarito: A

Alternativa B – NO ENTANTO estabelece relação de adversidade, oposição.

Alternativa C – COMO estabelece relação de comparação, podendo ser substituído por TAIS QUAIS.

Alternativa D – PORÉM estabelece relação de adversidade, oposição.

Alternativa E – PARA estabelece relação de finalidade.

27. **“…comuns a quase todos os animais…”; o trecho abaixo em que o emprego do artigo é EQUIVOCADO é:**

a) toda a manhã eles chegavam sempre na hora;

b) todos os quatro animais de estimação sobreviveram;

c) os biólogos trabalharam todo o dia;

d) entre os animais há diversos graus de inteligência;

e) ambos os animais são dotados de alguma inteligência.

Gabarito: A

O emprego do artigo após os pronomes indefinidos TODA e TODA se justifica quando a intenção linguística é conferir à expressão a ideia de inteiro. Por exemplo, TODO O DIA significa o dia inteiro; já TODO DIA significa todos os dias. O objetivo aqui era dizer que eles chegavam na hora todos as manhãs, e não a manhã inteira, sendo descabido, pois, o uso do artigo.

28. **A alternativa em que a posição do adjetivo em relação ao substantivo ALTERA o seu significado é:**

a) “…estudos de longo prazo começaram a produzir pistas…”;

b) “como outros mamíferos mais desenvolvidos”;

c) “…considerar que grandes primatas como os chimpanzés…”;

d) "Até meados do <u>século passado</u>…";

e) "Suas atitudes e ações eram descritas como <u>simples respostas</u> instintivas…".

Gabarito: E

O significado de "simples respostas" é de singelas, meras respostas. Já em "respostas simples", a leitura passa a ser de respostas simplórias, sem complexidade ou sofisticação.

29. **A presença do biólogo no texto tem a seguinte utilidade textual:**

a) mostrar que a publicação é internacional;

b) convencer o leitor de que o tema é importante;

c) demonstrar atualização brasileira no tema estudado;

d) indicar pessoas que demonstram interesse pelo tema estudado;

e) dar mais autoridade e credibilidade ao texto.

Gabarito: E

Questão formulada para deixar o candidato em dúvida entre duas alternativas: B e E, visto que as outras são absurdas. Quando o autor utiliza como recurso de argumentação informações de terceiros sua intenção não é dar mais importância ao tema, ao assunto, mas sim conferir credibilidade à argumentação. É como se o autor informasse ao leitor que pode confiar naquela informação – utilizada como argumento –, pois ela provém de um especialista no assunto. Portanto, conforme já esclarecido na parte teórica, sempre que no texto houver informações de terceiros, pode-se dizer que o texto, a informação ou argumentação ganham peso, autoridade, credibilidade, mas nunca o tema ou o assunto.

30. **"…estamos passando a perceber…"; a forma verbal desse segmento indica:**

a) uma continuidade de pensamento;

b) uma explicação de algo dito;

c) uma correção de atitude anterior;

d) uma mudança de posição;

e) uma reafirmação de algo já feito.

Gabarito: D

Questão confeccionada para deixar o candidato em dúvida entre as alternativas C e D. São alternativas parecidas, mas há uma diferença: Na C, é dito que há uma correção, portanto haveria erro na visão anterior, fato que o texto não informa. A

forma verbal ESTAMOS PASSANDO A PERCEBER sugere que uma alteração realmente está em curso, mas não necessariamente algo que representa uma retificação do pensamento anterior, podendo ser uma visão mais complexa, mais aprofundada, mais desenvolvida do tema. Além disso, não há que se falar em correção, até porque, como o texto informa, as perguntas a respeito do tema ainda estão sem resposta.

31. **"...a inteligência <u>teria evoluído</u> a partir de organismos mais simples..."; a forma verbal sublinhada indica uma:**

a) certeza absoluta;
b) hipótese possível;
c) opinião abalizada;
d) dedução comprovada;
e) dúvida permanente.

Gabarito: B

É natural o futuro do pretérito do indicativo não se localizar no campo da certeza. Justamente tal ocorre nessa questão, inclusive quando se observa que o fragmento de onde advém a forma verbal reproduz a Teoria de Darwin. Portanto, trata-se de uma teoria, um pensamento, uma hipótese, algo que possivelmente ocorreu, e não um fato.

32. **O texto desta prova deve ser caracterizado como:**

a) descritivo de um conjunto de ideias científicas sobre os animais;
b) narrativo de uma sequência de fatos ocorridos nos últimos anos;
c) informativo sobre conhecimentos atuais no tema analisado;
d) argumentativo a respeito de prós e contras das recentes descobertas;
e) publicitário sobre os trabalhos da Fiocruz.

Gabarito: C

Trata-se de texto dissertativo, no entanto a alternativa D não pode ser a resposta, pois o recurso de argumentação utilizado não foi a comparação entre aspectos positivos e negativos. Também por tal motivo, excluem-se as alternativas A e B (o texto, repita-se, é dissertativo). A alternativa E é absurda, pois não se trata de propaganda, muito menos sobre os trabalhos desenvolvidos na Fiocruz. Portanto, sobra a alternativa C. Pode-se asseverar que o texto é informativo, com a apresentação de informações concedidas por autoridades no assunto, como recurso

de argumentação, confirmando a tese do autor.

33. **A utilização dos parênteses no último parágrafo pretende:**

a) explicar o que são cetáceos;

b) destacar os cetáceos menos conhecidos;

c) chamar a atenção para aspectos importantes do texto;

d) definir a espécie dos cetáceos;

e) enumerar animais que são denominados "cetáceos".

Gabarito: E

A intenção do autor, ao utilizar os parênteses, foi esclarecer não o que são (significa) cetáceos – por isso, fica excluída a alternativa A –, mas sim a que cetáceos ele estava se referindo.

34. **O autor do texto se apresenta textualmente como:**

a) entrevistador de cientistas experts do assunto;

b) jornalista que reproduz conhecimentos alheios;

c) cientista especializado no tema analisado;

d) jornalista conhecedor do tema explorado;

e) especialista de uma organização científica.

Gabarito: D

Inicialmente, é de bom alvitre perceber que o jornalista escreve para uma seção específica de jornal (O Globo, Planeta Terra), o que já nos faz crer que algum conhecimento sobre o tema ele tem. Além disso, o autor expõe um histórico sobre o assunto e em determinados momentos até expressa sua opinião, como no último período quando considera SURPREENDENTE o fato de "verificar que mesmo espécies mais longe da escala e árvore evolutivas, como pássaros e polvos, também demonstram sinais de inteligência.".

35. **"Quem tem um bicho de estimação..."; a forma de reescrever-se esse segmento do texto que ALTERA o seu sentido original é:**

a) Quem possui um bicho de estimação;

b) Quem tem a posse de um bicho de estimação;

c) Aqueles que possuem um bicho de estimação;

d) Aquele que tem um bicho de estimação;

e) Os que têm um bicho de estimação.

Gabarito: B

O texto original e as alternativas A, C, D e E indicam que alguém é dono, proprietário de um bicho de estimação. Quando se tem a posse de algo, significa dizer que a possibilidade de desfrute é algo passageiro, transitório. Na frase "Eu tenho (estou com) a posse de um carro.", o sentido é que, por algum tempo, posso usufruir o carro.

36. **(Cespe-UnB / FUB / Auditor – 2009)**

Confissão de Allan Poe

Cometi apenas um erro. Não 1 soube ser feliz. Nunca: nem um só dia, nem sequer uma hora. A própria criação, um prazer para os poetas mais sensíveis, foi para mim sempre mais angustiante que redentora. A causa primeira do meu infortúnio, conheço-a agora. Tive sempre medo da vida. De uma sensibilidade exacerbada e doentia desde a mais tenra infância, atormentada e mortificada até a exaustão pelo infortúnio e pela miséria, a vida banal, as realidades quotidianas constituíam para mim uma fonte constante de terror. Tinha a impressão de viver continuamente suspenso no limite de dois reinos – ser uma criança semimorta unida em laço misterioso a um espectro nostálgico. A criança tinha medo da treva; o espectro da luz. Uma e outro aspiravam à morte e, simultaneamente, receavamna. A vida era para mim aborrecimento, alucinação, condenação. Cada vez que eu tentava reconciliar-me com ela, saía maltratado, repelido. Fazia-me o efeito de um anjo que pretendesse participar num banquete de monstros. O próprio amor não logrou salvar-me porque a mulher é uma das mais perfeitas encarnações da vida, e eu tinha da vida um indizível terror. Todas as mulheres que julguei amar ou fugiram de mim, ou estão mortas. Uma vez mortas, e só então, elas pareciam realmente minhas amantes na eternidade, as únicas que poderiam amar um homem segregado da vida. Para escapar às minhas visões terrificantes, aos meus pesadelos, às tentações de minha razão delirante, um gênio forçava-me a escrever, senhor mais titânico e exigente que um demônio. Escrevi, pois, toda a minha vida poemas, narrativas, contos, tratados, ensaios. Porém, mal experimentava a ilusão de pela poesia ter exorcizado a perseguição dos meus pavores, logo outras alucinações, outros pesadelos, outras bizarrias macabras e fúnebres assaltavam sem trégua a minha pobre alma acabrunhada. Então, como última esperança do meu desespero, buscava socorro no álcool, que, aliás, abominava.

(Revista Literatura. São Paulo: Escala Editorial, 2009, nº 23, p. 45. Com adaptações).

Considerando as estruturas linguísticas do texto acima, julgue os itens de 1 a 7.

1. Confissão de Allan Poe, o título do texto, e construção de Brasília são estruturas semelhantes sintaticamente, pois são formadas por substantivo abstrato mais preposição de seguida de outro substantivo, o qual, no título do texto, desempenha papel de agente – pelo qual se entende que Allan Poe fez uma confissão – e, em construção de Brasília, desempenha papel de paciente.
2. Em "Cometi apenas um erro" (l.1) e "Tive sempre medo da vida" (l.3-4), a mudança na ordem dos termos adverbiais para Apenas cometi um erro e Sempre tive medo da vida mantém inalterado o sentido desses períodos no texto.
3. Para a palavra "quotidianas" (l.6), está também prevista, nos dicionários da língua portuguesa, a grafia cotidianas.
4. Em "Cada vez que eu tentava reconciliar-me com ela" (l.10-11), a expressão "Cada vez que" pode ser substituída por À medida que, sem alteração de sentido.
5. Com o deslocamento da conjunção "pois" para o início da oração "Escrevi, pois, toda a minha vida poemas, narrativas, contos, tratados, ensaios" (l.18-19), com os devidos ajustes de maiúsculas e minúsculas, preserva-se o sentido original do período.
6. Em "Porém, mal experimentava a ilusão (...) a minha pobre alma acabrunhada" (l.19-20), o termo "mal" é empregado com sentido temporal.

Gabarito:

1 – Certo. Allan Poe confessou, praticou a ação de confessar, portanto tem valor agente e funciona como adjunto adnominal. Já em "Construção de Brasília", Brasília foi construída, sofreu a ação de ser construída, por isso possui valor paciente, funcionando como complemento nominal. Muito interessante a visão do Cespe-UnB, pois indica que muito mais importante do que identificar a função sintática de um termo é observar o seu valor semântico – se naquela construção tem valor agente ou paciente, se está praticando ou sofrendo a ação verbal. Em face de tal visão, não entrou no mérito acerca da função sintática (se complemento ou adjunto).

2 – Errado. Na segunda frase, não gera alteração semântica a inversão dos termos. O sentido é o mesmo em "Tive sempre medo da vida." e "Sempre tive

medo da vida.”. No entanto, na primeira frase, a alteração gera mudança de sentido: Em “cometi apenas um erro.”, o significado é que não cometi nem dois nem três erros, somente um. Em “Apenas cometi um erro.”, o sentido é que não fiz mais nada além de cometer esse erro.

3 – Certo. Os vocábulos “Cotidianas” e “Quotidianas” existem e possuem o mesmo significado.

4 – Errado. O conector “Cada vez” tem o mesmo valor que SEMPRE QUE, QUANDO, portanto tem caráter temporal. Já, À MEDIDA QUE confere ao período valor de proporção.

5 – Errado. A conjunção POIS, quando está deslocada, possui valor conclusivo, tendo como sinônimos ENTÃO, PORTANTO. Ocorrendo no início do período, passa a ter valor causal, passando a ter como sinônimos PORQUE, VISTO QUE, PORQUANTO.

6 – Certo. A conjunção MAL tem valor temporal, sendo sinônimo de QUANDO, ASSIM QUE, LOGO QUE. Observe a relação de tempo existente entre as orações: “mal (Logo que, Quando, assim que) experimentava a ilusão… pavores, logo outras alucinações, outros pesadelos… assaltavam sem trégua a minha pobre alma acabrunhada.

37. **(Cespe-UnB / FUB / Auditor – 2009)**

A história dos ideais ilustrados na América Latina tem, às vezes, um sabor quase trágico de perversão dos intuitos ostensivos, porque acabaram funcionando como fatores de exclusão, não de incorporação; de sujeição, não de liberdade. O saber como salvação acabava como teoria de poucos eleitos. Na América Latina, as condições locais puseram a nu a contradição fundamental da ideologia ilustrada, que desaguava quase inevitavelmente na delegação de função às elites. O propalado bem comum ficava no limbo da utopia se os povos não lutassem pela sua realização. Nos países do Ocidente da Europa, as lutas democráticas do fim do século XVIII e século XIX, aliadas à prosperidade econômica, permitiram uma solução parcial da contradição apontada acima, com relativa difusão do saber. Em nossos países, a contradição permaneceu com toda força. Essa contradição se manifesta de vários modos e em vários níveis. No nível estrutural, é óbvio que ela corresponde a uma tendência das sociedades de classe para concentrar o saber nas camadas superiores, dosando as suas formas mais modestas ao longo da escala social dominada. No nível escolar, ela aparece tanto na política universitária quanto

na política de instrução primária. No caso do Brasil, é curiosa, depois da Independência, a relativa indiferença pela fundação de escolas superiores, além do mínimo para formar quadros dirigentes restritos. Custa crer que o Brasil só tenha tido universidades no século XX; e que, durante o período colonial, não houvesse nele escolas de nível superior.

(CANDIDO, Antonio. A perversão da Aufklärung. In: Textos de intervenção. 34. ed., São Paulo: Duas Cidades, 2002, p. 321-3. Com adaptações).

Acerca das ideias e estruturas linguísticas do texto acima, julgue os itens a seguir.

1. Infere-se do texto que os ideais ilustrados propunham, originalmente, o saber e a educação como formas de emancipação, liberdade e igualdade entre os homens.
2. Ao restringir às elites locais o acesso ao saber, a América Latina perverteu os ideais ilustrados plenamente realizados na Europa pela difusão igualitária do saber.
3. As relações sintático-semânticas do período entre as linhas 6 e 7 indicam que a realização da ideologia ilustrada como bem comum condicionava-se às lutas populares pela democratização do saber.
4. A forma verbal "dosando" (l.13) corresponde a uma ação de política educacional que, voltada para as classes dominadas, previa a democratização do saber em curto prazo.
5. Infere-se do texto que o fato de as universidades só terem surgido no Brasil, no século XX, relaciona-se à manifestação do caráter contraditoriamente restritivo da ideologia ilustrada.

Gabarito:

1 – Certo. Depreende-se dos dois primeiros períodos, mormente quando se percebe que os ideais eram a incorporação, a liberdade, o saber como salvação.

2 – Errado. Não houve difusão igualitária do poder nos países do Ocidente da Europa, como se verifica no fragmento "Nos países do Ocidente da Europa, as lutas democráticas do fim do século XVIII e século XIX, aliadas à prosperidade econômica, permitiram uma **solução parcial da contradição** apontada acima, com relativa difusão do saber.".

3 – Certo. Observe a presença da conjunção subordinativa condicional "se" (l.6-

7). “Se os povos não lutassem pela sua realização” (condição) – O propalado bem comum ficava no limbo da utopia (consequência).

4 – Errado. Justamente o contrário. O emprego de “dosando” sugere que o fato ocorria aos poucos, e não em curto prazo.

5 – Certo. Se os ideais ilustrados previam a emancipação, o saber como libertação, a existência de universidades no Brasil deveria ter ocorrido muito antes. Portanto, o fato de as universidades só terem surgido no século XX serve como exemplo (recurso argumentativo) para a tese de que esses ideais acabaram tendo um sabor quase trágico de perversão dos intuitos ostensivos, funcionando como fatores de sujeição, de exclusão.

38. **(Agente da Polícia Federal)**

Texto LP-II – questões 43 e 44

A Revolução Industrial provocou a dissociação entre dois pensamentos: o científico e tecnológico e o humanista. A partir do século XIX, a liberdade do homem começa a ser identificada com a eficiência em dominar e transformar a natureza em bens e serviços. O conceito de liberdade começa a ser sinônimo de consumo. Perde importância a prática das artes e consolidam-se a ciência e a tecnologia. Relega-se a preocupação ética. A procura da liberdade social se faz sem considerar-se sua distribuição. A militância política passa a ser tolerada, mas como opção pessoal de cada um.

Essa ruptura teve o importante papel de contribuir para a revolução do conhecimento científico e tecnológico. A sociedade humana se transformou, com a eficiência técnica e a consequente redução do tempo social necessário à produção dos bens de sobrevivência.

O privilégio da eficiência na dominação da natureza gerou, contudo, as distorções hoje conhecidas: em vez de usar o tempo livre para a prática da liberdade, o homem reorganizou seu projeto e refez seu objetivo no sentido de ampliar o consumo. O avanço técnico e científico, de instrumento da liberdade, adquiriu autonomia e passou a determinar uma estrutura social opressiva, que servisse ao avanço técnico e científico. A liberdade identificou-se com a ideia de consumo. Os meios de produção, que surgiram no avanço técnico, visam ampliar o nível dos meios de produção.

Graças a essa especialização e priorização, foi possível obter-se o elevado nível do potencial de liberdade que o final do século XX oferece à humanidade. O

sistema capitalista permitiu que o homem atingisse as vésperas da liberdade em relação ao trabalho alienado, às doenças e à escassez. Mas não consegue permitir que o potencial criado pela ciência e tecnologia seja usado com a eficiência desejada.

(BUARQUE, Cristovam. Na fronteira do futuro. Brasília: EDUnB, 1989, p. 13; com adaptações)

Julgue os itens abaixo, relativos às ideias do texto LP-II.

1. O conceito de "liberdade" é tomado como sinônimo de **consumo** e de **eficiência no domínio e na transformação da natureza em bens e serviços**.
2. O autor sugere que o sistema capitalista apresenta a seguinte correlação: quanto mais tempo livre, mais consumo, mais lazer e menos opressão.
3. Depreende-se do primeiro parágrafo que a ética foi abolida a partir do século XIX.
4. No segundo parágrafo, a expressão "Essa ruptura" retoma e resume a ideia central do parágrafo anterior.
5. O emprego da expressão "as vésperas da liberdade" (l.22) sugere que a humanidade ainda não atingiu a liberdade desejada.

Gabarito:

1 – Certo. É de bom alvitre o candidato perceber que o comentário está perfeito, contudo se apresenta em ordem inversa, o que não o invalida. Inicialmente o texto informa que "a liberdade do homem começa a ser identificada com a eficiência em dominar e transformar a natureza em bens e serviços.". Depois assevera que "O conceito de liberdade começa a ser sinônimo de consumo.".

2 – Errado. O comentário contradiz o texto, visto que no terceiro parágrafo é aduzido que "o homem reorganizou seu projeto e refez seu objetivo no sentido de ampliar o consumo.". Depois, esclarece a consequência: "O avanço técnico e científico, de instrumento da liberdade, adquiriu autonomia e passou a determinar uma estrutura social opressiva, que servisse ao avanço técnico e científico.".

3 – Errado. Inferência inadequada, visto que o texto esclarecer que a preocupação ética foi relegada, ou seja, foi posta "de lado", mas não abolida, exterminada.

4 – Certo. A expressão "Essa ruptura" refere-se ao ponto central do primeiro parágrafo: "a dissociação entre os dois pensamentos: o científico e tecnológico e o humanista.". Depois o autor passa a defender a tese da existência dessa dissociação, ruptura.

5 – Certo. Quando se está na véspera de feriado, é porque estamos no período que o antecede, ou seja, ainda não chegou o feriado. Portanto, a expressão "as vésperas da liberdade" indica que se está no período que antecede a liberdade, contudo a liberdade ainda não chegou.

39. **Quanto à organização do texto LP-II, julgue os itens a seguir.**

1 . A argumentação do texto estrutura-se em três eixos principais: ciência e tecnologia, busca da liberdade e militância política.

2 . A tese para esse texto argumentativo pode assim ser resumida: nem todo "potencial-de-liberdade" gera liberdade com a eficiência desejada.

3. Para organizar o texto, predominantemente argumentativo, o autor recorre a ilustrações temáticas e trechos descritivos sobre condições das sociedades.

4 . A ideia de melhor aproveitamento do tempo como resultado da eficiência técnica é um argumento utilizado para provar a necessidade de lazer e descanso dos homens.

5 . O fragmento a seguir, caso fosse utilizado como continuidade do texto, manteria a coerência da argumentação: **Existe, assim, uma ambiguidade entre a ampliação dos horizontes da liberdade e os resultados, de fato, alcançados pelo homem**.

Gabarito:

1 – Errado. O principal eixo do texto é a dissociação entre os dois pensamentos: o científico e tecnológico e o humanista.

2 – Certo. O comentário é uma síntese do texto. O fato de a máquina substituir o homem em muitas tarefas fez que ele atingisse as vésperas da liberdade, mas não a própria liberdade.

3 – Errado. Em momento algum do texto, há a ocorrência de ilustrações temáticas – elementos que esclareçam sobre o que o texto verso –, muito menos elementos descritivos acerca das condições das sociedades.

4 – Errado. O que ocorreu foi justamente o contrário: "em vez de usar o tempo livre para a prática da liberdade, o homem reorganizou seu projeto e refez seu objetivo no sentido de ampliar o consumo.".

5 – Certo. O comentário serviria como um fechamento do texto, funcionando como uma síntese para tudo que foi exposto, fato explicitado no último parágrafo.

40. **(Cespe / UnB / Delegado PF)**

Individualistas e comportados. E daí?

Cientistas sociais e filósofos de inúmeras correntes garantem: a geração de 90 é ambígua. Explica-se: os adolescentes dessa época buscam o bem-estar individual mas também consideram o conceito "viver dignamente" como um direito da humanidade. Só que eles não pretendem se fatigar nas lutas sociais, nem se sentem atraídos por bandeiras políticas ou cartilhas ideológicas. Em uma pesquisa recente na França, o item "justiça social" foi classificado como um dos menos importantes por moças e rapazes na faixa dos 14 aos 17 anos. Imediatamente, a geração que ouve Madonna, diverte-se com Steven Spielberg e devora sanduíches passou a ser chamada de "novos individualistas". O filósofo e escritor francês Laurent Joffrin, autor do livro Um toque de Juventude, celebra com muito otimismo os "moralistas de **blue jeans**: "eles não são apáticos como se supõe. Seus interesses vão além do prazer imediato e da pura distração", explica Joffrin. Mais cético, seu colega Alain Finkelkraut acredita que os jovens dos anos 90 se apoiam em relacionamentos superficiais e valores distorcidos. "Comportam-se como se a vida fosse um grande **videoclip**…", lamenta. Enquanto os intelectuais batem boca, os ingleses que cresceram ouvindo a balada conservadora de Margareth Thatcher hoje insistem que a vida comportada é muito melhor. Em um pesquisa da revista Look Now, moças e rapazes de 15 a 24 anos confessam gostar de boas roupas, querem ser vistos como pessoas sensíveis e responsáveis, pretendem ter uma carreira sólida e fazer fortuna. Desnecessário dizer que a Dama de Ferro adorou os resultados da pesquisa.

(Greenghalg, Laura. "Sociedade dos Poetas Vivos"**,** In: Elle, ago. 1998. p. 35; com adaptações).

Aplicando conhecimentos acerca de tipologia, estrutura e organização de um texto em parágrafos, julgue os itens a seguir, segundo as ideias desenvolvidas do Texto.

1. O texto é essencialmente dissertativo, podendo ser distribuído em parágrafos, dos quais o introdutório iria até "cartilhas ideológicas"(L.5).
2. O primeiro período (L.1 e 2) contempla a ideia geral do texto, resgatando na

palavra “ambígua” o comportamento da juventude: apático e superficial.

3. Na linha 9, inicia-se uma passagem narrativa que se estende até “lamenta” (L.15) e que conta a rotina da juventude francesa da época.
4. A pesquisa relativa aos ingleses, cujos resultados aparecem a partir do antepenúltimo período do texto, agradou a liderança conservadora porque mostra que os jovens britânicos são idealistas, consumistas, alienados e ambiciosos.
5. Ao se distribuir adequadamente em parágrafos, faltaria um fechamento que resgatasse a ideia básica desenvolvida no texto e desse caráter conclusivo ao título proposto.
6. Segundo o texto, os intelectuais europeus são unânimes na opinião de que os jovens, sedentos pelo fugaz aproveitamento da vida material, apenas se preocupam com a distração e o entretenimento, demonstrando interesse tão somente pela superfície da vida em comunidade.

Gabarito:

1 – Certo. Até “cartilhas ideológicas” está presente a tese do autor. No início do período seguinte, começa a argumentação fundada em informações de terceiros, o que justificaria o começo de um novo parágrafo.

2 – Errado. Não há ambiguidade entre apatia e superficialidade.

3 – Errado. O comentário começa correto, pois realmente se trata de uma narração. Quando o autor do texto reproduz informações de terceiros, tal fragmento é narrativo. No entanto, em momento algum deste fragmento é feito qualquer tipo de comentário acerca da rotina da juventude francesa da época.

4 – Errado. O erro ocorre no emprego do vocábulo “alienados”. O texto não contém essa informação e certamente a liderança conservadora da Inglaterra não gostaria que a juventude fosse alienada.

5 – Certo. É importante o candidato atentar-se que até a quinta linha o autor expõe sua tese. A partir daí, ele começa a usar as informações constantes em pesquisas, revistas, livros como recurso argumentativo. Observe que o último período do texto ainda está no campo argumentativo, sendo uma reprodução de informações constantes na revista Look Now. Sendo assim, o autor do texto não chegou a retomar a palavra para conferir o seu devido fechamento.

6 – Errado. Não há unanimidade. Por exemplo, a expressão “Mais cético” indica

que a visão de Alain Finkelkraut já não é exatamente a mesma de Laurent Joffrin.

41. **(TCU / Auditor)**

O termo groupthinking foi cunhado, na década de cinquenta, pelo sociólogo William H. Whyte, para explicar como grupos se tornavam reféns de sua própria coesão, tomando decisões temerárias e causando grandes fracassos. Os manuais de gestão definem groupthinking como um processo mental coletivo que ocorre quando os grupos são uniformes, seus indivíduos pensam da mesma forma e o desejo de coesão supera a motivação para avaliar alternativas diferentes das usuais. Os sintomas são conhecidos: uma ilusão de invulnerabilidade, que gera otimismo e pode levar a riscos; um esforço coletivo para neutralizar visões contrárias às teses dominantes; uma crença absoluta na moralidade das ações dos membros do grupo; e uma visão distorcida dos inimigos, comumente vistos como iludidos, fracos ou simplesmente estúpidos.

Tão antigas como o conceito são as receitas para contrapor a patologia: primeiro, é preciso estimular o pensamento crítico e as visões alternativas à visão dominante; segundo, é necessário adotar sistemas transparentes de governança e procedimentos de auditoria; terceiro, é desejável renovar constantemente o grupo, de forma a oxigenar as discussões e o processo de tomada de decisão.

JR, Thomaz Wood. "O perigo do groupthinking." In: Carta Capital, 13/5/2009, p. 51 (com adaptações).

Julgue os seguintes itens com base na organização do texto acima.

1 – A sequência narrativa inicial, relatando a origem do termo "groupthinking" (l.1), não caracteriza o texto como narrativo, pois integra a organização do texto predominantemente argumentativo.

2 – Por estar empregada como uma forma de voz passiva, a locução verbal "foi cunhado" (l.1) corresponde a cunhou-se e por esta forma pode ser substituída, sem prejuízo para a coerência ou para a correção gramatical do texto.

3 – No desenvolvimento da argumentação, o valor semântico das orações iniciadas por "tomando" e "causando", ambas na linha 3, permite interpretá-las como causa para a conceituação de Whyte; por isso correspondem a porque tomavam decisões temerárias e causavam grandes fracassos.

4 – Apesar de a definição de "groupthinking" (l.4) sugerir neutralidade do autor a respeito desse processo, o uso metafórico de palavras da área de saúde, como

"sintomas" (l.7), "receitas" (l.12) e "patologia" (l.12), orienta a argumentação para o valor negativo e indesejável de groupthinking.

5 – Na linha 4, preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se inserir uma vírgula imediatamente após o vocábulo "coletivo", mesmo que, com isso, as informações possam ser tomadas como uma explicação – e não como uma caracterização – da expressão "processo mental coletivo".

Gabarito:

1 – Certo. O texto é iniciado com uma narração, visto que o autor reproduz a definição cunhada pelo sociólogo William H. Whyte. No entanto, em vários momentos ele expressa a própria opinião, caracterizando o texto como dissertativo.

2 – Errado. Não é cabível a substituição da voz passiva analítica pela sintética porque passaria uma sensação de reflexividade (A expressão "o termo Groupthinking se cunhou" passa a sensação de que ele cunhou a si mesmo). Além disso, não fica coerente o emprego da voz passiva sintética, estando presente o agente da passiva: "O termo groupthinking cunhou-se… pelo sociólogo William H. Whyte".

3 – Errado. Justamente o contrário. O uso do gerúndio nos dois verbos encerra nexo de consequência para o fato exposto na oração anterior: Porque os grupos ficavam reféns de sua própria coesão (causa), acabavam tomando decisões temerárias e causando grandes fracassos (efeito).

4 – Certo. Ao iniciar o texto pela definição do termo conferido por um sociólogo, fica a impressão de que o texto não apresentaria a opinião do autor. Entretanto, ela se faz presente em alguns momentos do textos e isso se explicita também por esses vocábulos relacionados à medicina, revelando sutilmente o entendimento do autor em relação a Groupthinking: uma doença, uma patologia.

5 – Certo. O pronome relativo introduz oração subordinada adjetiva. No texto original, o pronome relativo não é precedido de vírgula, introduzindo valor de restrição, caracterização. Ao se inserir a vírgula antes do pronome relativo, altera-se a ideia para explicação. É fundamental ler corretamente o item. O Cespe não disse que não haveria mudança semântica (muito pelo contrário: "as informações possam ser tomadas como uma explicação – e não como uma caracterização"), mas que essa mudança não gera incoerência (apesar de o

sentido ficar diferente, o texto continua coerente) tampouco falha gramatical.

42. **(Cespe / UnB / Polícia Federal / Agente)**

FRAGMENTO A

O processo de ampliação dos direitos e de pacificação social não é neutro, nem é o caminho natural de evolução em todas as sociedades. Em geral, é fruto de um processo político, resultado de muitos conflitos e negociações. Nele se confrontam, nos diferentes períodos históricos e nas diferentes sociedades, grupos diversos – alguns mais representativos da maioria dos membros de uma sociedade, outros menos –, defendendo suas ideias e seus interesses a respeito de como organizar a sociedade.

(Andrea Buoro)

FRAGMENTO B

Isto é – Estamos às portas da Terceira Guerra Mundial?

Clóvis Brigagão – Acho que uma nova guerra se estabeleceu, que é um confronto entre grupos terroristas e o Estado. Não é uma guerra clássica, não é uma guerra de guerrilha ou de longa duração, mas um confronto de ataques tópicos, uma espécie de acupuntura. Enquanto os poderosos americanos são visíveis, os inimigos são invisíveis, utilizam ataques de surpresa que põem o sistema internacional e a convivência humana em perigo. Isso já existe no Oriente Médio, onde Israel enfrenta os palestinos. Não é Estado contra Estado, mas Estado contra terrorismo. Esse modelo de conflito se tornou um novo fator de desequilíbrio mundial. Pode inclusive restabelecer uma nova espiral armamentista não convencional.

Isto é, nº 1.668 – 19/9/2001

Julgue os itens abaixo, com o auxílio dos dois fragmentos do texto II.

1 – Da leitura dos dois fragmentos, infere-se que guerras e conflitos não respeitam fronteiras estatais.

2 – O fragmento A mostra que muitos avanços sociais causam conflitos, e mesmo guerras.

Gabarito:

1 – Certo. Fundamental nessa questão o candidato atentar-se à leitura do seguinte termo "Da leitura dos fragmentos". Essa expressão significa "Você lendo os dois fragmentos", "Do somatório de informações dos dois fragmentos". Portanto, a informação que "guerras e conflitos não respeitam

fronteiras estatais" não precisam estar presente nos dois fragmentos, bastando estar em um. É justo o que ocorre. Só é cabível inferir que guerras e conflitos não respeitam fronteiras estatais pelo segundo fragmento, onde se esclarece que é um confronto entre grupos terroristas e o estado.

1 – Errado. Há a inversão da relação de causa e efeito, o que se evidencia no seguinte período "Em geral, é fruto de um processo político, resultado de muitos conflitos e negociações.". Portanto, se o processo de ampliação dos direitos é frutos de conflitos, negociações, compreende-se que é consequência de conflitos, negociações

43. **Julgue os itens a seguir, a respeito da organização das ideias e estruturas do fragmento A do texto II.**

1 – Em suas duas ocorrências na linha 1, o verbo SER está flexionado no singular para concordar com a palavra "processo".

2 – A palavra "neutro" (l. 1) sintetiza a ideia de **livre de pressões, de tendências divergentes e conflitantes**.

3 – A conjunção "nem" (l.1) corresponde a **também não**.

4 – Os pronomes "suas" (l. 6) e "seus" (l. 6) referem-se a "sociedade" (l. 5)

5 – Mantém o sentido e a correção gramatical do fragmento, mas especifica-se mais a relação de ideias, ao se acrescentar o artigo à **preposição na expressão "a respeito de l. 6), transformando-a em ao respeito de**.

Gabarito:

1 – Certo. O núcleo do sujeito é "processo". Na primeira ocorrência do verbo SER, o sujeito está explícito. Na segunda, o sujeito está elíptico.

2 – Certo. O texto informa que "O processo de ampliação dos direitos e de pacificação social NÃO é neutro" e SIM que "O processo de ampliação dos direitos e de pacificação é fruto de um processo político, resultado de muitos conflitos e negociações.". Então, nesse contexto, NEUTRO está em oposição a "fruto de um processo político, resultado de muitos conflitos e negociações". Como "livre de pressões, de tendências divergentes e conflitantes" também se opõe a "fruto de um processo político, resultado de muitos conflitos e negociações", conclui-se que NEUTRO e "livre de pressões, de tendências divergentes e conflitantes", no caso, têm o mesmo valor.

3 – Certo. NEM é conjunção cuja função semântica é adicionar elementos negativos, sendo sinônimo de TAMBÉM NÃO. Outro conector que poderia

substituir NEM seria TAMPOUCO.

4 – Errado. Os pronomes "suas" e "seus" têm como referente "grupos diversos" (l. 4). São ideias e interesses desses grupos diversos.

5 – Errado. Simplesmente a expressão "ao respeito de" não existe, o que comprometeria a correção e o sentido.

44. **Julgue os itens seguintes, quanto à organização das ideias no fragmento B do texto II.**

1 – A expressão "nova guerra" (l.2) remete ao mesmo referente de "confronto de ataques tópicos" (l. 4), "Isso" (l. 7), "Esse modelo de conflito" (l. 8) e "novo fator de desequilíbrio" (l. 8 e 9)

2 – O conectivo "mas" (l. 4) introduz uma ideia adversativa que, em um padrão mais culto da linguagem, corresponde a destarte.

3 – Porque o conectivo "enquanto" (l. 5) está empregado com valor alternativo em "Enquanto os poderosos americanos são visíveis, os inimigos são invisíveis" (l. 5), mantêm-se as relações semânticas na ligação dessas duas orações se elas forem substituídas por Ora os poderosos americanos são visíveis, ora os inimigos são invisíveis.

4 – Nas linhas 5 e 6, as formas verbais "utilizam" e "põem" estão empregadas no plural para respeitar a concordância com "inimigos" (l. 5)

5 – Pelo sentido textual, o último período do fragmento admite a subordinação sintática ao penúltimo, expressa por oração reduzida de gerúndio, com os devidos ajustes de pontuação e letras maiúsculas.

Gabarito:

1 – Certo. Todos os termos remetem a "nova guerra". Além desses termos, também "confronto entre grupos terroristas e o Estado" e "espécie de acupuntura" são remissivos a "nova guerra".

2 – Errado. O item começa com comentário correto, visto que "mas" é conjunção adversativa. No entanto, a substituição proposta é absurda, porquanto DESTARTE possui valor conclusivo.

3 – Errado. O comentário é absurdo, visto que o conector de caráter temporal "Enquanto" confere ao período valor de simultaneidade, concomitância. Já o par ORA…ORA introduz ideia alternativa. Ou seja, são fatos que se alternam e obviamente não podem ocorrer ao mesmo tempo.

4 – Errado. Realmente a forma verbal "utilizam" encontra-se na terceira pessoa

do plural para concordar com seu sujeito (Os inimigos). A forma verbal PÕEM também se encontra na terceira pessoa do plural, todavia para concordar com o antecedente do pronome relativo QUE (ataques de surpresa).

5 – Certo. Perceba que a construção fica coerente e gramaticalmente correta: Esse modelo de conflito se tornou um novo fator de desequilíbrio mundial, podendo inclusive restabelecer uma nova espiral armamentista não convencional.

45. **A pergunta de US$ 110 bilhões: por que os EUA continuam gastando dinheiro com regimes corruptos e impopulares?**

Quando vemos hoje os impressionantes levantes no mundo árabe, com atos espontâneos pela democracia, é impossível não se perguntar: o que estamos fazendo gastando US$ 110 bilhões (em torno de R$ 180 bilhões) neste ano para apoiar regimes corruptos e impopulares no Afeganistão e no Paquistão que são quase idênticos aos governos que estamos aplaudindo os povos derrubarem?

Pode-se inferir do primeiro parágrafo que:

a) Está havendo atos espontâneos pela democracia no mundo árabe.

b) Há um paradoxo entre o investimento em alguns regimes políticos e o desejo de ver similares serem derrubados.

c) Os governos apoiados e derrubados são os mesmos.

d) Os governos apoiados, que receberam investimentos, e os derrubados são idênticos.

e) Os governos do Afeganistão e do Paquistão também serão derrubados por forças populares.

Gabarito: B

Questão feita para deixar o candidato em dúvida entre as alternativas A e B. As alternativas C, D e E apresentam comentários absurdos. Como no enunciado da questão está sendo exigida uma inferência, uma dedução. Assim, podemos excluir a alternativa A, visto que a informação lá constante não precisamos inferir, encontrando-se exposta, explícita. Está exposto no texto que está havendo atos espontâneos pela democracia no mundo árabe. Portanto, não inferimos essa informação. Já a alternativa B apresenta informação coerente, todavia não exposta no texto. Há um paradoxo? Certamente há, mas o texto não explicita isso, e sim é

algo que deduzimos, concluímos, inferimos.

46. Há duas semanas, tomei um avião da TAM, em Congonhas, de volta para o Rio. O embarque foi normal, sem estresses, mas o avião ficou 40 minutos na pista depois da hora marcada para a decolagem. Nesse espaço de tempo, os comissários se evaporaram e a TAM não deu qualquer satisfação aos passageiros. Estou sabendo que isso vive acontecendo. Às vezes, os passageiros são deixados mofando no avião depois que ele pousa.

(Ruy Castro)

O que se pode depreender do primeiro parágrafo?

a) Que o autor fez a aludida viagem há duas semanas.
b) Que se tornou comum os passageiros não obterem qualquer tipo de satisfação quanto a problemas nas viagens.
c) Que a TAM não dá satisfação aos passageiros acerca de atrasos nos voos.
d) Que, quando acontece qualquer tipo de problema nos voos, os comissários tornam-se ausentes.
e) A anormalidade refere-se aos quarenta minutos que as pessoas levaram dentro do avião após o pouso.

Gabarito: B

Exclui-se a alternativa, visto que o autor não fez a viagem há duas semanas, mas duas semanas antes de redigir esse texto. Elimina-se a alternativa C, uma vez que a informação presente no texto é que a TAM não deu qualquer satisfação aos passageiros sobre o atraso, o que não quer dizer que isso aconteça sempre. Também se exclui a alternativa D, porquanto a informação prestada foi que, naquele voo, os comissários desapareceram, o que não significa que isso aconteça em todos os voos. A anormalidade ficou por conta do tempo que o avião levou para voar e não após o pouso. A alternativa B foi a resposta, visto que o pronome ISSO refere-se aos fatos presentes no período anterior, o que nos permite fazer a seguinte leitura: Estou sabendo que isso (Nesse espaço de tempo, os comissários se evaporaram e a TAM não deu qualquer satisfação aos passageiros.) vive acontecendo. Sendo assim, compreende-se que os comissários de se "evaporarem" e a TAM não dar qualquer satisfação são fatos comuns, ou seja, vive acontecendo – expressão que o autor usou.

47. **(FCC / SP / Oficial de Defensoria Pública)**

CONHECIMENTOS GERAIS

Português

Atenção: As questões de números 47 a 52 baseiam-se no texto abaixo.

O heroísmo é um dos últimos enigmas do comportamento humano. Quando se trata de entendê-lo por meio de explicações racionais, é tão incompreensível quanto sua gêmea maligna, a brutalidade.

Os psicopatas são mais transparentes do que os heróis. Pelo menos já descobrimos o que os torna perigosos: sua incapacidade de sentir qualquer empatia pelos outros. Já o heroísmo extremo é de difícil explicação científica. Trata-se de um impulso ilógico que desafia a biologia, a psicologia e o bom senso. Charles Darwin tinha dificuldades em explicar a ideia de se expor para salvar a vida de um estranho. "Aquele disposto a sacrificar a sua vida, como muitos selvagens o fazem, em vez de trair seus companheiros, frequentemente não deixa descendentes para herdar sua nobre natureza", observou ele, que consequentemente não conseguia encaixar o heroísmo na teoria da sobrevivência do mais forte.

Morrer pelos próprios filhos? Perfeitamente lógico. De acordo com Darwin, nossa única razão de existir é passar nossos genes para a próxima geração. Mas, e morrer pelos outros? Contraproducente. Afinal, não importa quantos heróis fossem gerados, bastaria uma besta egoísta atleticamente sexual para minar toda a linhagem heroica. Os filhos dos egoístas se multiplicariam, enquanto os filhos dos super-heróis que seguissem o exemplo do superpai se sacrificariam até à extinção. Não é difícil de entender por que o comportamento heroico é raro.

Então, se todas as forças evolutivas e consequências desvantajosas conspiram contra o heroísmo, por que tal comportamento existe? Segundo o biólogo Lee Dugatkin, o heroísmo, uma forma de altruísmo, provavelmente data da época em que vivíamos em tribos nômades, onde as pessoas tinham entre si alguma conexão familiar. Ao praticar um ato heroico, elas estariam salvando uma parte de seu material genético.

Estamos cercados de situações que banalizam o mal. Segundo Hannah Arendt, teórica política alemã, a brutalidade é disseminada. Gostamos de pensar que a linha entre o bem e o mal é impermeável, que as pessoas que cometem atrocidades estão no lado mau, nós no lado bom, e que jamais cruzaremos a

fronteira. Para banalizar o bem, entretanto, precisamos construir circunstâncias contrárias à quelas que insidiosamente nos corrompem: uma sociedade detentora de sistemas que permitam a contestação, a crítica e a verdade. Quem sabe assim não precisaremos de super-heróis para garantir direitos básicos de cidadania.

(ZEH, Andrea Kauffmann. O Estado de S. Paulo, Aliás, J7, 21 de junho de 2009, com adaptações)

Justifica-se a primeira afirmativa do texto porque

a) as hipóteses que tentam explicar a agressividade de algumas pessoas ficam comprometidas pela ocorrência de atos de heroísmo.

b) o sacrifício de uma vida é sempre um exemplo notável, do ponto de vista da sobrevivência da espécie.

c) as razões que levam as pessoas a praticarem atos de heroísmo que colocam a vida em risco são de difícil explicação.

d) a percepção da banalização do mal nas sociedades modernas leva a atos de heroísmo mais constantes.

e) a oposição entre atos de heroísmo e as ações marcadas por brutalidade é insignificante para justificar certas atitudes humanas.

Gabarito: C

O cerne dessa questão está no emprego da palavra "enigma", presente no primeiro período (primeira afirmativa do texto). "Enigma", em consonância com o Dicionário do Aurélio, significa "questões propostas em termos obscuros. Algo em termos obscuros é algo de difícil explicação.

48. **O texto permite afirmar, corretamente, que:**

a) somente a ciência é capaz de oferecer explicações para os atos de heroísmo;

b) a linha que separa os conceitos de bem e de mal é tênue e quase imperceptível;

c) heróis são capazes, por vezes, de agir com lógica e discernimento em seu grupo social;

d) poucas vezes os descendentes de heróis tentam reproduzir o exemplo dado por estes;

e) a herança deixada por psicopatas a seus descendentes é muito semelhante à dos heróis.

Gabarito: B

A alternativa A contraria o texto, visto que nem os cientistas foram capazes de explicar os atos de heroísmo. A alternativa C também contraria as ideias do texto, até porque os atos de heroísmo são classificados como contraproducentes. Morrer pelos filhos seria lógico, mas não pelos outros. A alternativa D não apresenta informação coerente com o texto, pois o que se expõe é: "…. os filhos dos super-heróis que seguissem o exemplo do superpai se sacrificariam até à extinção. Não é difícil de entender por que o comportamento heroico é raro.", sendo assim, o que se depreende é que, se os filhos imitarem as atitudes dos superpais, acabarão extintos. A alternativa E também é absurda, pois a característica comum a eles não é a herança deixada para os filhos, e sim a dificuldade de se fazer uma teoria racional para as suas atitudes. A alternativa B apresenta comentário correto, porquanto relaciona o heroísmo à brutalidade classificando-os como almas gêmeas e incompreensíveis, sendo a linha tênue que os distingue o fato de que os psicopatas são mais transparentes do que os heróis.

49. **Conclui-se corretamente do texto que:**

a) o altruísmo nas sociedades modernas decorre da tentativa de manutenção dos laços familiares originados em núcleos tribais;
b) as explicações científicas são insuficientes para identificar indivíduos potencialmente perigosos para a sociedade;
c) aqueles que se dispõem a comportamentos extremos, seja para o bem, seja para o mal, se identificam com os mais fortes no grupo social;
d) a existência de atos de heroísmo numa sociedade moderna não condiz com a própria história da evolução da humanidade;
e) a prática de ações benéficas nas sociedades contemporâneas deve impor-se à força que impele os indivíduos ao mal.

Gabarito: E

A alternativa A contraria o texto, uma vez que o campo semântico do período original, o da possibilidade: "Segundo o biólogo Lee Dugatkin, o heroísmo, uma forma de altruísmo, **provavelmente** data da época em que vivíamos em tribos nômades, onde as pessoas tinham entre si alguma conexão familiar.". A informação constante na alternativa é exposta no campo factual, da certeza que o fato ocorreu. A alternativa B também contradiz o texto, pois lá está exposto que " a incapacidade de sentir qualquer empatia pelos outros já é um dado fundamental

para se identificarem pessoas perigosas na convivência social. A alternativa C é absurda, pois no texto se expõe que não há como encaixar o heroísmo na teoria da sobrevivência do mais forte. Muito pelo contrário, pessoas com essa característica tendem à extinção. A alternativa D também não é coerente, pois se depreende que a existência de super pais pode colaborar com a sobrevivência da humanidade, mesmo que sacrifique sua própria linhagem genética, ou seja, a sua descendência. A alternativa E se expõe no seguinte fragmento: "Para banalizar o bem, entretanto, precisamos construir circunstâncias contrárias à quelas que insidiosamente nos corrompem: uma sociedade detentora de sistemas que permitam a contestação, a crítica e a verdade.".

50. **Em relação ao 3º parágrafo, está INCORRETO o que se afirma em:**

a) Identifica-se opinião pessoal em Perfeitamente e Contraproducente.

b) Percebe-se intenção irônica no uso das palavras super-heróis e superpai.

c) O emprego de multiplicariam e sacrificariam denota possibilidade remota num tempo futuro, condicionada a determinada situação anterior.

d) Não há respostas possíveis e lógicas para o fato de alguém se sacrificar por pessoas desconhecidas, ou seja, pelos outros.

e) O desenvolvimento leva à conclusão coerente de que o comportamento heroico é raro.

Gabarito: D

O comentário proferido na alternativa A é perfeito, uma vez que "Perfeitamente lógico." é uma opinião do autor ao fato de "Morrer por um filho". E "Contraproducente" foi a qualificação conferida ao fato de "Morrer pelos outros". A alternativa B apresenta comentário correto, visto que o Futuro do Pretérito, como o próprio nome sugere, indica um evento futuro improvável atrelado a uma condição pretérita: Se os filhos seguissem o exemplo dos pais (condição pretérita), as consequências seriam "os filhos dos egoístas se multiplicariam, enquanto os filhos dos super-heróis se sacrificariam até à extinção.". A alternativa D apresenta comentário falso, visto que, uma resposta lógica aparentemente não há, mas possível, mesmo que ilógica, pode ser que haja. A alternativa E apresenta comentário correto, representando o último período uma conclusão para a tese de que os exemplos de heroísmo, caso seguidos pelos filhos, levariam à extinção.

51. **O assunto do texto está sintetizado em:**

a) Heroísmo é atitude sem explicação lógica quando analisado sob a ótica dos

impulsos do comportamento humano.

b) O heroísmo extremo é geralmente confundido com a brutalidade manifestada por psicopatas.

c) Heróis e psicopatas apresentam habitualmente o mesmo tipo de comportamento num mundo incompreensível.

d) Charles Darwin falhou em suas explicações para o comportamento heroico apresentado por certas pessoas.

e) A sobrevivência da espécie humana só é explicada pelo comportamento heroico de certos indivíduos.

Gabarito: A

Na questão, é exigido do candidato um resumo do texto, ou seja, sua ideia principal também chamada de tópico frasal. A tese exposta no início do texto, mais propriamente nos dois primeiros parágrafos é que o heroísmo é um enigma, uma atitude incompreensível, um impulso ilógico que desafia a biologia, a psicologia e o bom senso. A sequência do texto se estrutura na argumentação para a defesa dessa tese.

52. **... uma sociedade detentora de sistemas que permitam a contestação, a crítica e a verdade. (último parágrafo)**

O emprego da forma verbal grifada acima denota, no contexto,

a) possibilidade de realização de um fato.

b) certeza imediata a respeito de uma ação real.

c) dúvida plausível acerca da realização de um fato.

d) ação prevista em um futuro imediato.

e) fato realizado em um tempo indefinido.

Gabarito: A

O emprego do modo subjuntivo distancia a situação do campo da certeza. Isso mais se evidencia quando se observa a construção de todo o período: inicialmente há a ocorrência da preposição "para" estabelecendo relação de finalidade; depois a ocorrência da locução verbal "Precisamos construir" já indicando que as circunstâncias ainda não foram construídas. O fragmento "uma sociedade detentora de sistemas que permitam a contestação, a crítica e a verdade" representa as circunstâncias que precisam ser construídas com a finalidade de banalizar o bem.

53. **Atenção: As questões de números 56 a 62 baseiam-se no texto abaixo.**

A memória ajuda a definir quem somos. Na verdade, nada é mais essencial para a identidade de uma pessoa do que o conjunto de experiências armazenadas em sua mente. E a facilidade com que ela acessa esse arquivo é vital para que possa interpretar o que está à sua volta e tomar decisões. Cada vez que a memória decai, e conforme a idade isso ocorre em maior ou menor grau, perde-se um pouco da interação com o mundo. Mas a ciência vem avançando no conhecimento dos mecanismos da memória e de como fazer para preservá-la. Pesquisas recentes permitem vislumbrar o dia em que será uma realidade a manipulação da mente humana. Isso já está sendo feito em animais.

Cientistas brasileiros e americanos demonstraram ser possível apagar, em laboratório, certas lembranças adquiridas por cobaias. Tudo indica que as mesmas técnicas podem ser usadas também para conseguir o efeito inverso: ampliar a capacidade de reter fatos e experiências na mente. Há pouco tempo pesquisadores da Universidade da Califórnia detalharam como as proteínas estão relacionadas ao surgimento de novas lembranças nos neurônios e à modificação das já existentes.

Como ocorreu com o DNA no século passado, os códigos fisiológicos que regulam a memória estão sendo decifrados. A neurociência é um campo tão promissor que, nos Estados Unidos, nada menos que um quinto do financiamento em pesquisas médicas do governo federal vai para as tentativas de compreender os mecanismos do cérebro. Os estudos sobre a memória têm um lugar destacado nesse esforço científico.

Afinal de contas, mantê-la em perfeito funcionamento tornou-se uma preocupação central nas sociedades modernas, em que dois fenômenos a desafiam: o primeiro é a exposição a uma carga excessiva de informações, que o cérebro precisa processar, selecionar e, se relevantes, reter para uso futuro; o segundo é o aumento da expectativa de vida, que se traduz numa população mais vulnerável a distúrbios associados à perda de memória.

Um dos caminhos investigados pelos cientistas para deter as degenerações que resultam em perda mnemônica é induzir a produção de novos neurônios – a neurogênese. Até pouco tempo atrás, acreditava-se que as células do cérebro não se regeneravam. Esse mito foi derrubado e hoje se sabe que em algumas estruturas cerebrais o nascimento de células nervosas é um fenômeno comum. O experimento indica que, se os cientistas conseguirem estimular de maneira controlada a neurogênese, poderão aplicar essa técnica tanto para compensar a

morte de células causada por uma doença degenerativa como, em tese, para melhorar a capacidade de memorização de uma pessoa saudável. Esse será, certamente, um dia inesquecível.

(Schelp, Diogo. Veja. 13 jan. 2010, pp. 79-87, com adaptações)

Esse será, certamente, um dia inesquecível. (final do texto)

Pressupõe-se corretamente da afirmativa acima:

a) uma contradição intencional com o assunto que foi desenvolvido em todo o texto;
b) o uso intencional do adjetivo, por sua correlação de sentido com o assunto abordado no texto;
c) uma crítica velada a procedimentos científicos, de certa forma invasivos, de manipulação da memória de pessoas;
d) a conclusão pessimista das dificuldades apontadas em relação às pesquisas sobre a memória humana;
e) a aceitação total de que é cada vez mais difícil descobrir as razões que levam à perda de memória.

Gabarito: B

A alternativa B é a única que apresenta razoabilidade. A expressão ESSE… DIA INESQUECÍVEL refere-se à época em que poderá ocorrer o exposto no período anterior: "O experimento indica que, se os cientistas conseguirem estimular de maneira controlada a neurogênese, poderão aplicar essa técnica tanto para compensar a morte de células causada por uma doença degenerativa como, em tese, para melhorar a capacidade de memorização de uma pessoa saudável.".

54. **A neurociência é um campo tão promissor A neurociência é um campo tão promissor (3º parágrafo)**

A relação entre as orações do segmento acima é, respectivamente, de:

a) explicação de um fato e a razão para sua realização;
b) constatação de um fato real e sua condição necessária;
c) consequência de uma situação e a explicação decorrente;
d) condição de realização de um fato e a finalidade de uma ação;
e) causa que justifica uma ação e sua consequência.

Gabarito: E

Caro candidato, é fundamental não esquecer que onde há causa, há efeito; e

onde há efeito, há causa. A conjunção QUE, introduzindo a segunda oração, é subordinativa consecutiva, portanto obviamente introduz um efeito para o expresso na oração anterior. Essa é uma estrutura clássica: "A neurociência é um campo tão promissor" (causa) – "A neurociência é um campo tão promissor (efeito).". Portanto, a primeira estrutura se estabelece com uma causa a justificar uma ação; a segunda, introduzida pelo conector consecutivo, representa uma necessária atitude que é a própria consequência.

55. **... em que dois fenômenos a desafiam... (3º parágrafo)**

O pronome grifado acima substitui corretamente, considerando-se o contexto:

a) memória;
b) neurociência;
c) preocupação central;
d) carga excessiva de informações;
e) população mais vulnerável.

Gabarito: A

O pronome oblíquo refere-se à expressão "memória", presente no segundo parágrafo, tal qual a forma pronome LA em mantê-la. Tal fato se evidencia pelo sentido textual: dois fenômenos desafiam a memória.

56. **(FCC / 23ª REGIÃO / Analista Judiciário)**

Atenção: As questões de números 1 a 20 referem-se ao texto que segue.

Da ação dos justos

Em recente entrevista na TV, uma conhecida e combativa juíza brasileira citou esta frase de Disraeli*: "É preciso que os homens de bem tenham a audácia dos canalhas". Para a juíza, o sentido da frase é atualíssimo: diz respeito à frequente omissão das pessoas justas e honestas diante das manifestações de violência e de corrupção que se multiplicam em nossos dias e que, felizmente, têm chegado ao conhecimento público e vêm sendo investigadas e punidas. A frase propõe uma ética atuante, cujos valores se materializem em reação efetiva, em gestos de repúdio e medidas de combate à barbárie moral. Em outras palavras: que a desesperança e o silêncio não tomem conta daqueles que pautam sua vida por princípios de dignidade.

Como não concordar com a oportunidade da frase? Normalmente, a indignação se reduz a conversas privadas, a comentários pessoais, não indo além de um mero discurso ético. Se não transpõe o limite da queixa, a indignação é impotente, e seu efeito é nenhum; mas se ela se converte em gesto público, objetivamente dirigido contra a arrogância acanalhada, alcança a dimensão da prática social e política, e gera consequências.

A frase lembra-nos que não costuma haver qualquer hesitação entre aqueles que se decidem pela desonestidade e pelo egoísmo. Seus atos revelam iniciativa e astúcia, facilitadas pela total ausência de compromisso com o interesse público. Realmente, a falta de escrúpulo aplaina o caminho de quem não confronta o justo e o injusto; por outro lado, muitas vezes faltam coragem e iniciativa aos homens que conhecem e mantêm viva a diferença entre um e outro. Pois que estes a deixem clara, e não abram mão de reagir contra quem a ignore.

A inação dos justos é tudo o que os contraventores e criminosos precisam para continuar operando. A cada vez que se propagam frases como "Os políticos são todos iguais", "Brasileiro é assim mesmo" ou "Este país não tem jeito", promove-se a resignação diante dos descalabros. Quem vê a barbárie como uma fatalidade torna-se, ainda que não o queira, seu cúmplice silencioso.

* Benjamin Disraeli, escritor e político britânico do século XIX. (Aristides Villamar)

A frase de Disraeli, tal como é entendida e desenvolvida no texto, reporta-se à necessidade de que:

a) os homens de bem e os canalhas se congracem na mesma audácia;

b) a intempestividade dos homens honestos supere a dos desonestos;

c) a ousadia dos bons cidadãos não fique atrás da dos patifes;

d) o atrevimento dos desclassificados coíba o dos justos;

e) os cidadãos honestos e os meliantes distingam entre o bem e o mal.

Gabarito: C

A frase é "É preciso que os homens de bem tenham a audácia dos canalhas". A forma verbal "tenham" significa POSSUAM, obviamente tendo o valor de posse. Na alternativa C, o termo "dos bons cidadãos" funciona como adjunto adnominal, também com valor de posse. Antes de "audácia" subentende-se a presença do vocábulo "mesma" ("… tenham a mesma audácia"); já a alternativa sugere que a audácia dos homens de bem não fique atrás da audácia dos canalhas, ou seja, que

eles tenham no mínimo a mesma audácia.

57. **Atente para as seguintes afirmações:**

I. **Às escandalosas práticas dos canalhas deve corresponder uma reação objetiva, que tenha envergadura social e peso político.**

II. **Os homens de virtude não confrontam o que é justo e o que é injusto porque sabem relativizar o valor do bem e o do mal.**

III. **Do quarto parágrafo depreende-se que certas frases do senso comum induzem à complacência com as ações mais nefastas.**

Em relação ao texto, está correto o que se afirma em:

a) I e II, somente;
b) I e III, somente;
c) II e III, somente;
d) III, somente;
e) I, II e III.

Gabarito: B

O comentário proferido no item I é correto, constituindo-se numa síntese do texto, mormente nos dois primeiros parágrafos. Compreende-se que, se as pessoas éticas não agiram com a mesma determinação dos canalhas, suas reclamações, queixas não logram êxito. Portanto, torna-se necessária uma atuação mais significativa daqueles que possuem princípio ético, para que a indignação não se restrinja a conversas privadas, as quais acabam por não conterem efeito prático.

O comentário realizado no item II é inadequado, dado que o que se informa é que há necessidade de uma posição mais atuante daqueles que possuem valores éticos, isso não quer dizer que eles não confrontem o justo com o injusto. Além disso, a explicação dada para o fato também é absurda: não confrontam porque sabem relativizar o valor do bem e do mal???

O item III se coaduna sobretudo com o seguinte fragmento "A cada vez que se propagam frases como "Os políticos são todos iguais", "Brasileiro é assim mesmo" ou "Este país não tem jeito", promove-se a resignação diante dos descalabros. Quem vê a barbárie como uma fatalidade torna-se, ainda que não o queira, seu cúmplice silencioso.".

58. **Considerando-se o contexto, as expressões:**

a) frequente omissão e ética atuante referem-se a distintas condutas, atinentes

aos homens de bem;

b) barbárie moral e princípios de dignidade são análogas, e referem-se aos homens indignos;

c) inação dos justos e frequente omissão estabelecem entre si a oposição que se verifica entre os justos e os canalhas;

d) dimensão da prática social e política e a arrogância acanalhada representam, respectivamente, uma causa e seu efeito;

e) iniciativa e astúcia e cúmplice silencioso referem-se aos contraventores e aos criminosos.

Gabarito: A

A alternativa apresenta comentário correto, dado que duas condutas são relacionadas aos homens de bem: a frequente omissão, fato que se confirma na fala da juíza – por isso, a juíza cita que os homens de bem deveriam ter mais audácia; e a ética atuante, como deveriam ser os cidadãos de bem.

Exclui-se a alternativa B, dado que princípios de dignidade relacionam-se aos homens de bem, dignos.

Exclui-se a alternativa C, visto que os dois elementos não apresentam oposição, pelo contrário, encontram-se no mesmo campo semântico.

Exclui-se a alternativa D, visto que uma atitude objetivamente dirigida contra a arrogância acanalhada é que geraria o efeito de se alcançar uma dimensão da prática social e política.

Elimina-se a alternativa E, pois iniciativa e astúcia são características que os criminosos têm e que os homens de bem também deveriam ter na defesa desse bem. Já cúmplice silencioso refere-se aos próprios cidadãos de bem.

59. **Quem propaga frases como as citadas entre aspas no último parágrafo parece admitir que:**

a) a resignação é vencida por uma ética atuante;

b) a cumplicidade silenciosa é o mal maior;

c) o discurso ético é o primeiro passo para a moralização;

d) não se deve abrir mão de uma reação ética;

e) os descalabros fazem parte da nossa natureza.

Gabarito: E

É importantíssimo nessa questão compreender o que está sendo solicitado. A

banca não está pedindo a visão do autor quanto ao assunto. Já se sabe que o entendimento do autor é a de que os cidadãos de bem precisam ser mais atuantes, ousados. No entanto, aqui está sendo solicitada a visão das pessoas que proferem as seguintes frases: "Os políticos são todos iguais", "Brasileiro é assim mesmo" ou "Este país não tem jeito". Essas pessoas estão resignadas com esse tipo de situação – fato que o próprio autor critica. Portanto, se fosse a visão do autor, poderíamos ter as opções A, C ou E. Mas como se pede a visão dessas pessoas que já se entregaram diante dos fatos, a única alternativa cabível só pode ser a alternativa E.

60. **Considerando-se o contexto do terceiro parágrafo, na frase Pois que estes a deixem clara, os pronomes estes e a estão se referindo, respectivamente, a:**

a) um e outro / a diferença;
b) os homens / a diferença;
c) desonestidade e egoísmo / iniciativa;
d) os homens / iniciativa;
e) o justo e o injusto / iniciativa.

Gabarito: B

O período anterior ao retirado da frase é o seguinte: "Realmente, a falta de escrúpulo aplaina o caminho de quem não confronta o justo e o injusto; por outro lado, muitas vezes faltam coragem e iniciativa aos homens que conhecem e mantêm viva a diferença entre um e outro.". O pronome "Estes" refere-se ao elemento masculino e plural mais próximo: os homens. Já o pronome "a" refere-se ao termo feminino e singular mais próximo: a diferença. A leitura da frase é: Pois que os homens deixem a diferença clara.

61. **Os segmentos destacados constituem, respectivamente, uma causa e sua consequência em:**

a) Para a juíza, / o sentido da frase é atualíssimo;
b) Pois que estes a deixem clara / e não abram mão de reagir contra quem a ignore;Â
c) Normalmente, a indignação se reduz / a conversas privadas (...);
d) A frase lembra-nos / que não costuma haver qualquer hesitação (...);
e) Quem vê a barbárie como uma fatalidade / torna-se (...) seu cúmplice silencioso.Â

Gabarito: E

Alternativa A – O primeiro fragmento representa uma conformidade para o fato expresso no segundo.

Alternativa B – O segundo fragmento representa uma adição para o fato exposto no primeiro.

Alternativa C – O segundo fragmento é apenas um complemento verbal para "reduz-se" (oração subordinada substantiva objetiva indireta), sem valor semântico.

Alternativa D – O segundo fragmento é apenas um complemento verbal para "reduz-se" (oração subordinada substantiva objetiva direta), sem valor semântico.

Alternativa E – Quem age dessa maneira (Quem vê a barbárie como uma fatalidade) – causa; consequentemente torna-se seu cúmplice silencioso -efeito.

62. **Considerando-se o contexto, a palavra sublinhada em Como não concordar com a oportunidade da frase? Tem sentido equivalente ao da expressão sublinhada em:**

a) Sua colaboração chegou no momento azado.

b) Impressionou-o o indômito oportunismo com que agia seu adversário.

c) Na eventualidade de um ato ilegal, impõe-se uma sindicância.

d) Ela estranhou o extemporâneo interesse do amigo.

e) Eles sempre agiram em conformidade com a lei.

Gabarito: A

Alternativa A – Azado significa oportuno, momento propício para uma atitude.

Alternativa B – indômito significa indomável, indomesticável, bravio.

Alternativa C – eventualidade tem valor de fato que acontece casualmente, sem frequência

Alternativa D – extemporâneo é algo que acontece fora de seu tempo, depois do prazo

Alternativa E – "em conformidade de" expressa um ação de acordo, em consonância, em conformidade com algo já estabelecido.

63. **(Cespe/ UnB / STF)**

O agente ético é pensado como sujeito ético, isto é, como um ser racional e consciente que sabe o que faz, como um ser livre que escolhe o que faz e como um

ser responsável que responde pelo que faz. A ação ética é balizada pelas ideias de bem e de mal, justo e injusto, virtude e vício. Assim, uma ação só será ética se consciente, livre e responsável e será virtuosa se realizada em conformidade com o bom e o justo. A ação ética só é virtuosa se for livre e só o será se for autônoma, isto é, se resultar de uma decisão interior do próprio agente e não de uma pressão externa. Evidentemente, isso leva a perceber que há um conflito entre a autonomia da vontade do agente ético (a decisão emana apenas do interior do sujeito) e a heteronomia dos valores morais de sua sociedade (os valores são dados externos ao sujeito). Esse conflito só pode ser resolvido se o agente reconhecer os valores de sua sociedade como se tivessem sido instituídos por ele, como se ele pudesse ser o autor desses valores ou das normas morais, pois, nesse caso, ele será autônomo, agindo como se tivesse dado a si mesmo sua própria lei de ação.

Marilena Chauí. Uma ideologia perversa. In: Folhaonline, 14/3/1999 (com adaptações).

Julgue os seguintes itens, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do texto acima.

1– Depreende-se do texto que "agente" e "sujeito", ambos na linha 1, não são sinônimos, embora possam remeter ao mesmo indivíduo.

2– De acordo com as relações argumentativas do texto, se uma ação não for "virtuosa" (l.6), ela não resulta de decisão interior; se não for "ética" (l.4), ela não será consciente, livre e responsável.

3– A expressão "Esse conflito" (l.11) tem a função textual de recuperar a ideia de "heteronomia" (l.9-10).

4– A organização das ideias no texto mostra que, em suas duas ocorrências, o pronome "ele", na linha 12, refere-se textualmente a "agente" (l.11).

Gabarito:

1 – Certo. Repare que o autor do texto compara o agente ético com o sujeito ético, o que nos leva a depreender que não são o mesmo ser. No entanto, se o conflito entre a autonomia da vontade do agente ético e a heteronomia dos valores morais de sua sociedade for resolvido, os dois termos podem remeter ao mesmo indivíduo.

2 – Errado. O item inverte a relação de condição/efeito. O que o texto informa é que "uma ação só será ética se consciente". Portanto, se for consciente, livre e

responsável (condição), será ética (efeito). Se não for consciente, livre e responsável (condição), não será ética (efeito). E não "se não for "ética" (condição), ela não será consciente, livre e responsável (efeito).

3 – Errado. A expressão "Esse conflito "remete ao par "autonomia da vontade do agente ético" – "heteronomia".

4 – Certo – Não só as duas ocorrências da linha 12 como também a da linha 13. A ideia e á de que o agente ético "será autônomo, agindo como se tivesse dado a si mesmo sua própria lei de ação.".

64. **(Cespe / UnB / MMA)**

Santuário ameaçado

Iniciativa que pretende legitimar a ocupação irregular do Parque do Itatiaia põe em risco o pouco que restou da mata atlântica

O Parque Nacional do Itatiaia, paraíso ecológico no estado do Rio de Janeiro criado por Getúlio Vargas em 1937, está correndo sérios riscos. E a culpa, desta vez, não é dos 4 incêndios, tão comuns na região, que abriga maravilhas naturais como o rio Campo Belo, a Cascata do Maromba e o famoso Pico das Agulhas Negras. Hoje, para muitos especialistas, o maior problema é a ocupação irregular de áreas de preservação permanente por casas de veraneio particulares. Concentradas em uma região de 1,3 mil hectares, as cerca de 80 residências são uma pedra no sapato dos administradores da área. Essa pedra, porém, ganhou potencial para virar uma avalancha. No dia 22 de outubro de 2008, a Associação dos Amigos de Itatiaia, que desde 1951 reúne proprietários dessas terras irregulares, deu início a uma campanha para regularizar o que não é regularizável: a presença de propriedades particulares dentro de um parque nacional. Se aprovado, o projeto reclassificaria parte da área do parque, que passaria a ser um "monumento natural", e não só legitimaria os imóveis que já existem como abriria caminho para a construção de outros dentro da área de preservação.

João Lopes. Istoé, 25/2/2009, p. 52 (com adaptações).

Julgue os itens a seguir com base no texto acima.

1 – O período "Essa pedra, porém, ganhou potencial para virar uma avalancha" (l.8) inicia a argumentação do autor do texto em favor da legalização das edificações irregularmente construídas.

2 – Na linha 13, a forma verbal "legitimaria" pode ser substituída pela forma legalizaria, sem prejuízo para o sentido do período.

3 – A área do Parque Nacional do Itatiaia está ameaçada, porque os administradores do parque apresentaram proposta de decreto que regularizou as casas de veraneio cujos terrenos ainda se encontram em situação irregular.

4 – Atualmente, segundo o texto, o maior problema ecológico no Parque Nacional do Itatiaia, atingido frequentemente por incêndios, é o da ocupação irregular por proprietários de casas particulares em áreas protegidas pelo poder público desde 1937.

5 – De acordo com o texto, o governo Getúlio Vargas criou áreas de preservação ambiental em toda a mata atlântica, em especial o Parque do Itatiaia, que abrange território de 1,3 mil hectares e encontra-se ameaçado por algumas ocupações desde 1951.

Gabarito:

1 – Errado – Em momento algum, o autor se posicionou favoravelmente à legalização dessas construções na área. Muito pelo contrário. Depreende-se da frase em voga que o temor do autor é que tal situação ilegal se regularize e, a partir daí, muitas outras construções ocorram.

2 – Certo. Melhora a frase. Uma situação absurda como o autor relata, por motivos também absurdos, pode se transformar em legal, mas legítima ela nunca será. Sendo assim, a substituição de "legitimaria" por "legalizaria" corrige o período, obviamente não gerando prejuízo para o sentido.

3 – Errado. Os administradores do parque são contrários à legalização. Quem deu início para regularizar o que não é regularizável – a presença de propriedades particulares dentro de um parque nacional – foi a Associação de Amigos de Itatiaia.

4 – Certo. Quando se cria um parque, determina-se que aquelas terras passem a ser de proteção do poder público. Foi o que ocorreu em 1937, no governo de Getúlio Vargas. Então, a partir de 1937, aquelas terras transformadas em parque ficaram sob a égide do governo.

5 – Errado. Inicialmente não se disse no texto que toda a área da mata atlântica tornou-se parque. E o território de 1,3 mil hectares refere-se às cerca de 80 residências instaladas no Parque Nacional de Itatiaia.

65. **(Cespe / UnB / MMA)**

Tal é o rio [Amazonas]; tal a sua história: revolta, desordenada, incompleta.

A Amazônia selvagem sempre teve o dom de impressionar a civilização distante. Desde os primeiros tempos da Colônia, as mais imponentes expedições e solenes visitas pastorais rumavam de preferência às suas plagas desconhecidas. Para lá os mais veneráveis bispos, os mais garbosos capitães-generais, os mais lúcidos cientistas. E do amanho do solo que se tentou afeiçoar a exóticas especiarias, à cultura do aborígine que se procurou erguer aos mais altos destinos, a metrópole longínqua demasiara-se em desvelos à terra que sobre todas lhe compensaria o perdimento da Índia portentosa.

Esforços vãos. As partidas demarcadoras, as missões apostólicas, as viagens governamentais, com as suas frotas de centenas de canoas, e os seus astrônomos comissários apercebidos de luxuosos instrumentos, e os seus prelados, e os seus guerreiros, chegavam, intermitentemente, à queles rincões solitários e armavam rapidamente no altiplano das "barreiras" as tendas suntuosas da civilização em viagem. Regulavam as culturas; poliam as gentes; aformoseavam a terra. Prosseguiam a outros pontos, ou voltavam – e as malocas, num momento transfiguradas, decaíam de chofre, volvendo à bruteza original.

Cunha, Euclides da. À margem da história. Obra Completa, v. 1, p. 256 (com adaptações).

Com relação ao texto acima, julgue os seguintes itens.

1 – Como a oração "E do amanho (...) portentosa" (l.5-8) expressa uma explicação do termo "terra" (l.7), o autor do texto poderia ter optado pelo emprego da vírgula após esse termo.

2 – De acordo com o texto, impressionados com a região amazônica, representantes da Igreja, do Estado e da Ciência tentaram dominar a terra e a cultura indígena, mas não foram bem-sucedidos.

3 – Segundo o texto, a história do rio Amazonas é incompleta, porque a natureza é indomável, apesar dos esforços da "civilização em viagem" (l.13-14) representada por missões apostólicas, por expedições governamentais e por cientistas.

4 – No primeiro parágrafo, "suas" (l.3) refere-se a "Colônia" (l.2) e "lá" (l.4), ao "rio [Amazonas]" (l.1).

5 – No trecho "os seus astrônomos comissários apercebidos de luxuosos instrumentos" (l.11), o vocábulo "apercebidos" tem o sentido de providos.

Gabarito:

1 – Errado. A oração em voga representa uma adição ao período anterior, e não uma explicação para um termo presente na própria frase. Além disso, a inserção de vírgula após a palavra "terra" (l. 8) faria com que a oração seguinte (que se tentou afeiçoar a exóticas especiarias…) passasse a ter caráter explicativa, mas não o período inteiro.

2 – Certo. A frase "Esforços vãos." (l. 9) é uma síntese para expressar o fracasso na tentativa de domínio da natureza e da cultura indígena.

3 – Certo. O primeiro período já confere a ideia de incompletude para o rio Amazonas. Foram missões apostólicas, viagens governamentais, com as suas frotas de centenas de canoas (expedições governamentais) e astrônomas comissários (cientistas) para o Amazonas. Esforços vãos (não lograram êxito) e a natureza (desordena, revolta – l. 1) volvia á bruteza original.

4 – Errada. O referente de "suas" está corretos: colônia: A Amazônia constituía as terras desconhecidas da colônia. No entanto, "Lá" refere-se às plagas desconhecidas" quais sejam, a Amazônia e não o rio Amazonas.

5 – Certo. No contexto, as palavras possuem o mesmo valor semântico, também cabendo a substituição por abastecidos, munidos.

66. **(Cespe / UnB / IRBr / 2009)**

Canção do Ver (fragmento)

Por viver muitos anos
dentro do mato
Moda ave
O menino pegou
um olhar de pássaro –
Contraiu visão fontana.
Por forma que ele enxergava
as coisas
Por igual
como os pássaros enxergam.
As coisas todas inominadas.
Água não era ainda a palavra água.
Pedra não era ainda a palavra pedra. E tal.

As palavras eram livres de gramáticas e
Podiam ficar em qualquer posição.
Por forma que o menino podia inaugurar.
Podia dar às pedras costumes de flor.
Podia dar ao canto formato de sol.
E, se quisesse caber em uma abelha, era só abrir a
[palavra abelha e entrar dentro dela.
Como se fosse infância da língua.

BARROS, Manoel de. Poemas rupestres. Rio de Janeiro: Record, 2004.

A respeito do vocabulário do texto acima, assinale a opção incorreta.

a) "Moda" (v.3) significa conjunto de opiniões, gostos e apreciações críticas, assim como modos de agir, viver e sentir coletivos, aceitos por determinado grupo humano em um dado momento histórico.

b) O sentido do vocábulo "Contraiu" (v.6) restringe as possibilidades semânticas de "pegou" (v.4).

c) Na expressão "visão fontana" (v.6), o vocábulo sublinhado, adjetivo derivado de **fonte**, foi metaforicamente empregado com sentido de originário, gerador, causal, seminal.

d) Em "As palavras eram livres de gramáticas" (v.14), o vocábulo sublinhado alude a regras gramaticais.

e) O vocábulo "posição" (v.15) refere-se à sintaxe, entendida como disposição harmoniosa de partes ou elementos da frase.

Gabarito: A

O vocábulo "Moda" foi empregado no texto com valor comparativo, podendo ser substituído por COMO, FEITO.

67. **Com base no texto, julgue (C ou E) os itens seguintes.**

1 () Em "Por viver muitos anos/dentro do mato" (v.1-2) e "ele enxergava/as coisas/Por igual" (v.7-9), a preposição "Por", nas duas ocorrências, introduz uma circunstância de modo nos períodos em que se insere.

2 () No trecho "era só abrir a palavra abelha e entrar dentro dela" (v.19-20), verifica-se redundância de efeito estilístico.

3 () As ideias expressas nos versos de 17 a 19 ilustram o sentido de "inaugurar" (v.16).

4 () O verso final – "Como se fosse infância da língua" – equivale semanticamente a: Como se fosse reinvenção da língua.

Gabarito:

1 – Errado. Realmente a segunda ocorrência da preposição POR encerra valor de modo, admitindo inclusive a substituição de "por igual" por IGUALMENTE. No entanto, na primeira ocorrência, a preposição expressa a ideia de causa: "Porque vivia muitos anos dentro do mato…".

2 – Certo. Observa-se a redundância, o pleonasmo na expressão entrar dentro. Torna-se admissível por se tratar de uma poesia por ter o autor a intenção de conferir ao verso valor enfático.

3 – Certo. Quando algo é inaugurado, depreende-se que antes não existia. Compreende-se do texto que as coisas existiam, porém inominadas para o menino, que vivia dentro do mato. Portanto, como as coisas ainda não tinham nome, o menino podia inaugurar. Os versos seguintes são exemplificações para esse fato.

4 – Errado. O emprego conotativo de "infância" sugere não uma reinvenção, mas sim o nascimento, o surgimento, a criação, algo que teve início e não reinício.

68. **A diferença na linguagem**

"Para os gramáticos, a arte da palavra quase se esgota na arte da escrita, o que se vê ainda pelo uso que fazem dos acentos, muitos dos quais fazem alguma distinção ou evitam algum equívoco para os olhos mas não para os ouvidos." Neste texto Rousseau nos sugere que, para ler bem, é preciso prestar ouvidos à voz original, adivinhar as diferenças de acento que a articulam e que se tornaram imperceptíveis no espaço homogêneo da escrita. Na leitura, o olho treinado do Gramático ou do Lógico deve subordinar-se a um ouvido atento à melodia que dá vida aos signos: estar surdo à modulação da voz significa estar cego às modalidades do sentido. Na oposição que o texto faz entre a arte de falar e a arte de escrever, podemos encontrar não apenas as razões da desqualificação da concepção gramatical da linguagem, mas também a indicação do estatuto que Rousseau confere à linguagem. O que é importante notar aqui é que a oposição entre falar e escrever não se funda mais na oposição entre **presença** e **ausência**: não é a ausência do sujeito falante que desqualifica a escrita, mas a atonia ou a homogeneidade dos signos visuais. Se a essência da linguagem escapa à Gramática, é porque esta desdobra a linguagem num elemento essencialmente

homogêneo.

JR, Bento Prado. A retórica de Rousseau. São Paulo: Cosac Naify, 2008, p. 129-130.

Com relação às ideias do texto 3, julgue (C ou E) os itens a seguir.

1 () O autor do texto afirma que Rousseau valoriza o caráter melódico da palavra falada, mas considera que a palavra escrita é mais apta a desvendar as sutilezas do sentido.

2 () A palavra "acentos" (l.2) refere-se a sinais gráficos, ao passo que "acento" (l.5) designa qualidades como inflexão ou modulação.

3 () Segundo o texto, na fala, a altura e a intensidade da voz contribuem, no entender de Rousseau, para as possibilidades de sentido.

4 () Ao caracterizar como "treinado" (l. 6) o olho do "Gramático" ou do "Lógico", o autor dá a entender que estes consideram a leitura como decodificação mecânica.

Gabarito:

1 – Errado. O texto informa que, para ler bem, é preciso prestar ouvidos à voz original, adivinhar as diferenças de acento que a articulam e que se tornaram imperceptíveis no espaço homogêneo da escrita.

2 – Certo. A palavra "acento" está empregada em sentidos distintos no texto. No primeiro caso, relaciona-se aos ocorrentes na escrita, signos gramaticais de leitura. Na segunda ocorrência, a palavra se refere ao fato de prestar ouvidos à voz original, perceber a entonação que se torna imperceptível no espaço homogêneo da escrita.

3 – Certo. Como exposto no texto: "estar surdo à modulação da voz significa estar cego às modalidades do sentido.".

4 – Certo. Pois "treinado" tem sentido de "leitura técnica, mecânica do gramática". Justamente essa leitura deve subordinar-se aos acentos da melodia, às possibilidades de alteração de significado advindas da percepção de uma voz original.

69. **(Cespe / UnB / IRBr / 2008)**

As primeiras cartas

O importante não é a casa onde moramos. Mas onde, em nós, a casa mora.

Avô Mariano

Escapo-me dali, me apressando entre os atalhos. Quando reentro em casa não encontro vivalma. Todos foram para o caminho da areia assistir à desgraça, consolando Ultímio. De soslaio, parece-me ouvir um ruído. Entro na sala fúnebre e nada vejo, senão o aquietado corpo do velho Mariano. Lá está o desfinado, entre flores e velas. Subo para o quarto. De novo, sobre a cabeceira, uma outra carta. A tremência em minhas mãos não me ajuda a ler:

Estas cartas, Mariano, não são escritos. São falas. Sente-se, se deixe em bastante sossego e escute. Você não veio a esta Ilha para comparecer perante um funeral. Muito ao contrário, Mariano. Você cruzou essas águas por motivo de um nascimento. Para colocar o nosso mundo no devido lugar. Não veio salvar o morto. Veio salvar a vida, a nossa vida. Todos aqui estão morrendo não por doença, mas por desmérito do viver.

É por isso que visitará estas cartas e encontrará não a folha escrita mas um vazio que você mesmo irá preencher, com suas caligrafias. Como se diz aqui: feridas da boca se curam com a própria saliva. Esse é o serviço que vamos cumprir aqui, você e eu, de um e outro lado das palavras. Eu dou as vozes, você dá a escritura. Para salvarmos Luar-do-Chão, o lugar onde ainda vamos nascendo. E salvarmos nossa família, que é o lugar onde somos eternos.

Comece em seu pai, Fulano Malta. Você nunca lhe ensinou modos de ele ser pai. Entre no seu coração, entenda aquela rezinguice dele, amoleça os medos dele. Ponha um novo entendimento em seu velho pai. Às vezes, seu pai lhe tem raiva? Pois lhe digo: aquilo não é raiva, é medo. Lhe explico: você despontou-se, saiu da Ilha, atravessou a fronteira do mundo. Os lugares são bons e ai de quem não tenha o seu, congênito e natural. Mas os lugares nos aprisionam, são raízes que amarram a vontade da asa.

A Ilha de Luar-do-Chão é uma prisão. A pior prisão, sem muros, sem grades. Só o medo do que há lá fora nos prende ao chão. E você saltou essa fronteira. Se afastou não em distância, mas se alonjou da nossa existência.

Antes, seu pai estava bem consigo mesmo, aceitava o tamanho que você lhe dava. Desde a sua partida ele se tornou num estranho, alheio e distante. Seu velhote passou a destratá-lo? Pois ele se defende de si mesmo. Você, Mariano, lhe lembra que ele ficou, deste lado do rio, amansado, sem brilho de viver nem lustro de sonhar.

Companhia das Letras, 2003, p. 64-5

Julgue (C ou E) os itens a seguir, de acordo com o texto.

1 – Assim que voltou a Luar-do-Chão para o funeral do pai, ao reentrar na casa, Mariano deparou com os mortos.

2 – Mariano encontrou cartas, que mais pareciam relatos e comentários orais do que mensagens escritas, e cuja leitura lhe causou assombro.

3 – Quando voltou para a Ilha, Mariano percebeu que a saudade do pai havia-se transformado em tristeza e desapontamento.

4 – Na Ilha de Luar-do-Chão, a prisão psicológica vivenciada pelos habitantes os tornava impotentes para dali saírem, por medo do desconhecido.

Gabarito:

1 – Errado. Mariano, protagonista, ao regressar Luar do Chão entra no quarto onde está seu avô, também Mariano. Ele não dá com os mortos, apenas foi ao velório do avô.

2 – Anulado. O comentário sobre as cartas e comentários encontra-se correto, contudo não há no texto referência ao fato de que tais relatos lhe causaram assombro – sentimento que possivelmente ele teve –, não se podendo aduzir que tal informação é correta ou incorreta. Por isso, o item acabou anulado.

3 – Errado. Em momento algum do texto, é exposto que Mariano tinha saudades do pai, tampouco que tal sentimento foi alterado.

4 – Certo. Tal informação se ratifica na carta do avô, quando informa que o pai não tinha raiva de Mariano, tinha medo explicitado mormente no penúltimo parágrafo: a ilha de Luar do Chão é uma prisão. A pior prisão, sem muros, sem grades. Só o medo do que há lá fora nos prende ao chão.”.

70. **A propósito dos componentes semântico e estilístico do texto, julgue (C ou E) os itens seguintes.**

1 – A epígrafe do texto estrutura-se em um jogo de palavras.

2 – No texto, a oposição ou contraste como estratégia argumentativa pode ser exemplificada em vários enunciados, entre eles: “Não veio salvar o morto. Veio salvar a vida, a nossa vida.” (l. 10 e 11) e “encontrará não a folha escrita mas um vazio que você mesmo irá preencher” (l. 13 e 14).

3 – O sentido do trecho “feridas da boca se curam com a própria saliva” (l. 14 e 15) equivale ao do clássico provérbio Amor com amor se paga.

4 – É exemplo de paralelismo sintático o estilo de construção do trecho "você e eu, de um e outro lado das palavras. Eu dou as vozes, você dá a escritura" (l. 16).

Gabarito:

1 – Certo. A epígrafe "O importante não é a casa onde moramos. Mas onde, em nós, a casa mora." faz um jogo de palavras, procedendo à inversão do sujeito em adjunto adverbial de lugar e vice-versa. Na primeira frase, o pronome relativo onde, que se refere à casa, funciona como adjunto adverbial de lugar e NÓS, como sujeito. Na segunda frase, A CASA funciona como sujeito e NÓS (em nós) é o núcleo do adjunto adverbial de lugar.

2 – Certo. No segundo caso, fica explícito o valor de oposição, adversidade, sobretudo pela presença do conector MAS. No primeiro caso, a mesma conjunção está subentendida, podendo ser inserida sem gerar qualquer prejuízo semântico "Não veio salvar o morto, mas veio salvar a vida, a nossa vida.".

3 – Errado. O provérbio original passa valor meramente reflexivo. Algo de si para si. Da sua saliva para sua boca. No segundo caso, há valor de reciprocidade. Algo de um para outro, de outro para um. João dá amor para Maria que dá da o amor para João.

4 – Certo. Repare que em situações de paralelismo é comum o vocábulo repetido ser retirado do período. Repare que, no primeiro período, o autor optou por não repetir o termo. "Você e eu, de um **lado** e **de** outro lado das palavras.". Já, no segundo período, o autor fez a opção por repetir o verbo DAR, nas formas "dou" e "dá".

71. **(Cespe / UnB / IRBr / 2008)**

Receita de casa

Ciro dos Anjos escreveu, faz pouco tempo, uma de suas páginas mais belas sobre as antigas fazendas mineiras. Ele dá os requisitos essenciais a uma fazenda bastante lírica, incluindo, mesmo, uma certa menina de vestido branco. Nada sei dessas coisas, mas juro que entendo alguma coisa de arquitetura urbana, embora Caloca, Aldari, Jorge Moreira e Ernâni, pobres arquitetos profissionais, achem que não.

Assim vos direi que a primeira coisa a respeito de uma casa é que ela deve ter

um porão, um bom porão com entrada pela frente e saída pelos fundos. Esse porão deve ser habitável porém inabitado; e ter alguns quartos sem iluminação alguma, onde se devem amontoar móveis antigos, quebrados, objetos desprezados e baús esquecidos. Deve ser o cemitério das coisas. Ali, sob os pés da família, como se fosse no subconsciente dos vivos, jazerão os leques, as cadeiras, as fantasias do carnaval do ano de 1920, as gravatas manchadas, os sapatos que outrora andaram em caminhos longe.

Quando acaso descerem ao porão, as crianças hão de ficar um pouco intrigadas; e como crianças são animais levianos, é preciso que se intriguem um pouco, tenham uma certa perspectiva histórica, meditem que, por mais incrível e extraordinário que pareça, as pessoas grandes também já foram crianças, a sua avó já foi a bailes, e outras coisas instrutivas que são um pouco tristes mas hão de restaurar, a seus olhos, a dignidade corrompida das pessoas adultas.

Convém que as crianças sintam um certo medo do porão; e embora pensem que é medo do escuro, ou de aranhas caranguejeiras, será o grande medo do Tempo, esse bicho que tudo come, esse monstro que irá tragando em suas fauces negras os sapatos da criança, sua roupinha, sua atiradeira, seu canivete, as bolas de vidro, e afinal a própria criança.

O único perigo é que o porão faça da criança, no futuro, um romancista introvertido, o que se pode evitar desmoralizando periodicamente o porão com uma limpeza parcial para nele armazenar gêneros ou utensílios ou mais facilmente tijolo, por exemplo; ou percorrendo-o com uma lanterna elétrica bem possante que transformará hienas em ratos e cadafalsos em guarda-louças.

Ao construir o porão deve o arquiteto obter um certo grau de umidade, mas providenciar para que a porta de uma das entradas seja bem fácil de arrombar, porque um porão não tem a menor utilidade se não supomos que dentro dele possa estar escondido um ladrão assassino, ou um cachorro raivoso, ou ainda anarquistas búlgaros de passagem por esta cidade.

Um porão supõe um alçapão aberto na sala de jantar. Sobre a tampa desse alçapão deve estar um móvel pesado, que fique exposto ao sol ao menos duas horas por dia, de tal modo que à noite estale com tanto gosto que do quarto das crianças dê a impressão exata de que o alçapão está sendo aberto, ou o terrível meliante já esteja no interior da casa.

Rubem Braga. Um pé de milho. 4ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1982, p. 129-31 (com

adaptações).

Julgue (C ou E) os itens a seguir, que se referem à compreensão, à interpretação e aos aspectos sintático-semânticos do texto.

1 – No segundo parágrafo, tanto o emprego da palavra "cemitério" (l. 11) quanto a comparação entre o porão e o "subconsciente dos vivos" (l. 12) evidenciam que o sentido produzido, nesse trecho do texto, é o de fim completo das coisas.

2 – Na linha 15, a substituição do vocábulo "acaso" por caso prejudicaria o sentido do período, mas a substituição do mesmo vocábulo por porventura manteria a coerência textual do trecho.

3 – Conclui-se da leitura do texto que nenhuma criança que more em casa sem porão se transformará em um romancista introvertido.

4 – Depreende-se do texto que moralizar o porão significa mantê-lo razoavelmente limpo e iluminado.

Gabarito:

1 – Errado. O sentido das duas expressões nesse contexto não é exatamente de morte, de fim completo, mas de algo que não mais se usa ou, pelo menos, que no momento não está sendo usado. O que está no subconsciente não está morto, mas é como se fosse um depósito de informações que se encontram disponíveis no cérebro que quando delas se precisa.

2 – Certo. O período não ficaria coerente, pois com a substituição por "caso", haveria duas conjunções seguidas: quando (temporal) e caso (condicional). Além disso, o significado de "acaso" é "porventura", como mencionado nesse próprio item.

3 – Errado. Comentário absurdo. O que se assevera no texto é "O único perigo é que o porão faça da criança, no futuro, um romancista introvertido". Mas, obviamente, crianças que moram em casas sem porão também podem se tornar escritoras.

4 – Errado. O comentário expõe uma situação oposta. Segundo o autor, no antepenúltimo parágrafo, a limpeza e a iluminação com lanternas possantes são elementos que desmoralizam o porão.

72. **Acerca da organização, da linguagem e dos aspectos gramaticais do texto, julgue (C ou E) os itens subsequentes.**

1 – Em "incluindo, mesmo, uma certa menina de vestido branco" (l.3), o

vocábulo sublinhado pode ser corretamente substituído por inclusive.

2 – Em "Nada sei dessas coisas" (l. 3-4), "entendo alguma coisa de arquitetura urbana" (l. 4), "a primeira coisa a respeito de uma casa" (l. 7), "cemitério das coisas" (l. 11) e "coisas instrutivas" (l. 19), a palavra "coisas" (ou seu singular "coisa") está empregada com o mesmo sentido.

3 – O sentido de posição inferior, em "sob os pés da família" (l. 11) e "subconsciente" (l. 12), é expresso, respectivamente, por meio do uso de uma preposição e de um prefixo.

4 – No terceiro parágrafo, nas expressões "a sua avó" (l. 18) e "a seus olhos" (l. 20), os pronomes possessivos remetem ao referente "pessoas grandes" (l. 18).

Gabarito:

1 – Errado. A substituição de "mesmo" por INCLUSIVE gera redundância, pleonasmo, visto que o fragmento ficaria assim redigido: "incluindo, inclusive, uma certa menina de vestido branco".

2 – Errado. Os significados são distintos: Em "Nada sei dessas coisas", "coisas" significa CIÊNCIAS; em "entendo alguma coisa de arquitetura urbana", "alguma coisa" tem valor de intensificação, significando UM POUCO; em "cemitério das coisas", "coisas" significa OBJETOS; e em "coisas instrutivas", "coisas" tem valor de "fatos".

3 – Certo. SOB é preposição e tem valor de abaixo, posição inferior, o mesmo significado que possui o prefixo SUB de "subconsciente".

4 – Errado. Os pronomes possessivos referem-se às crianças e não às pessoas grandes. São as avós das crianças e aos olhos das crianças.

73. **A crônica de Rubem Braga:**

a) parafraseia as páginas de Ciro dos Anjos;

b) contém recomendações arquitetônicas dignas de profissionais;

c) exige que toda casa tenha um porão que vá da frente aos fundos do terreno;

d) confere ao porão grande relevância para as crianças;

e) define o porão como um espaço de horror e repulsa infantil.

Gabarito: D

A alternativa A é eliminada, pois parafrasear significa passar a mesma informação com outras palavras, o que não ocorreu.

A alternativa B apresenta informação absurda, até porque o próprio autor se diz amador e que os profissionais dizem que ele nada entende sobre arquitetura.

A alternativa C também não condiz com o texto, visto que lá é informado que um bom porão deve ter entrada pela frente e saída pelos fundos, não se entrando no mérito de seu espaço no terreno.

A alternativa D, apesar de não se encontrar exposta no texto, apresenta uma inferência cabível. O texto informa inicialmente que toda casa deveria ter um porão e que o porão pode fazer da criança, no futuro, um romancista introvertido. Desses dois fragmentos, é coerente deduzir que o autor pretende dar importância ao porão na vida das crianças.

A alternativa E é absurda, visto que o autor apenas aduz que convém as crianças sentirem um certo medo do porão, e não horror ou repulsa.

74. **(Cespe / UnB / IRBr / 2008)**

Origem das culturas

O soldado e o marinheiro permutaram bofetadas, mais ou menos teóricas, numa esquina de minha rua por causa da namorada comum, que devia chamar-se Marlene. O duelo durou vinte minutos e cinquenta pessoas assistiram. A dificuldade total foi reconstituir o delito, porque tanto no inquérito policial quanto na formação de culpa perante o juiz as espontâneas e numerosas testemunhas prestaram depoimentos inteiramente contraditórios. Como começara e como findara a luta foi impossível apurar. E todos tinham assistido…

Esse processo transfigurador da memória, desajustando e confundindo os elementos formadores do episódio, antecipando ou postergando a sucessão temática, interfere como autodefesa inconsciente e instintiva, perturbando a sequência lógica da narrativa. Imagine-se há milênios…

A visão do homem pré-histórico padece dessas dificuldades. Reerguer as cidades em ruínas sem a orientação do plano anterior. Paisagens de intermitências que antes eram continuidades lógicas.

Possuímos documentos da atividade humana desde o Pleistoceno, ou seja, do Paleolítico inferior, período chelense. A velha divisão de Thomsen (Chistian Jungensen Thomsen, 1788-1865) data de 1835; estudando o Homem pelas indústrias iniciais – Idade da Pedra Lascada, Idade da Pedra Polida, Idade dos Metais –, fixa a origem insofismável das culturas.

Creio que do ponto de vista didático o nascimento da cultura humana iniciou-se com os vestígios materiais da indústria lítica, enfrentando pela inteligência o complexo atordoador da natureza hostil e virgem. Articulá-la com o esforço animal, na plenitude do instinto defensivo, é apenas um exercício intelectual em favor da ditadura biológica. Essa exaltação do orgânico em detrimento do social reduz a tenacidade do esforço humano, em centenas e centenas de séculos, ao humilhante plano da causalidade ou do fatalismo, inaceitáveis ambos. Não sendo conhecida de doutrina alguma contemporânea a explicação, mesmo primária, do processo diferenciador dos primatas superiores ao Homo sapiens, porque justamente o tipo menos biologicamente resistente foi o escolhido para a vitória fisiológica de todas as forças brutas, bestiais e telúricas, ensinar-nos da aprendizagem pela observação zoológica jamais provará por que o Rei da Criação, senhor das técnicas, não conseguiu a perfeição maquinal das formigas, das abelhas e dos castores. E continua tendo problemas de organização e de acomodação no meio dos semelhantes, inquietos e desconfiados.

Creio que a cultura nasce do útil-necessário, no ambiente do real-imediato. Diante da premência da fome, frio e desabrigo, o primeiro material foi o mais próximo e a primeira técnica improvisada pela urgência vital.

Luís da Câmara Cascudo. Civilização e cultura: pesquisas e notas de etnografia geral. 2ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1983, p. 65-6 (com adaptações).

De acordo com as ideias apresentadas no texto, julgue (C ou E) os seguintes itens.

1 – Por não estarem sujeitas a testemunhos divergentes, as narrativas de episódios longínquos do passado são mais fiáveis que as de eventos mais recentes.

2 – Os estudos de Thomsen, que datam da primeira metade do século XIX, dedicam-se às culturas do início da Revolução Industrial.

3 – A explicação meramente biológica dos primórdios da cultura humana não faz jus ao engenho humano.

4 – O termo "o Rei da Criação" (l. 31) refere-se a um ente divino.

Gabarito:

1 – Errado. O texto expõe justamente o oposto. Quanto mais remoto for o fato menos fidedigno será o seu relato. Tal inferência ocorre de um pequeno

comentário do autor: "Imagine-se há milênios.". Se um fato recente já é contado de formas diferentes pelas pessoas, imagine um fato remoto.

2 – Errado. Os estudos de Thomsen abrangem as indústrias iniciais, que são o período da Pedra Lascada, da Pedra Polida, dos Metais.

3 – Certo. O comentário se encontra em conformidade com o fragmento "Essa exaltação do orgânico em detrimento do social reduz a tenacidade do esforço humano".

4 – Errado. Os termos "Rei da Criação", "senhor das Técnicas" referem-se ao próprio homem, o homo sapiens, que não conseguiu a perfeição maquinal das formigas, das abelhas e dos castores.".

75. **Acerca dos sentidos e dos elementos de coesão e de referenciação presentes no texto, julgue (C ou E) os itens subsequentes.**

1 – O substantivo "duelo" (l. 3) resume, com certa dose de ironia, o episódio narrado no primeiro período do texto.

2 – O termo "Esse processo transfigurador da memória" (l. 8) está empregado em referência a um vocábulo específico dos dois últimos períodos do primeiro parágrafo do texto.

3 – O termo "dessas dificuldades" (l. 12) sumaria os efeitos da transfiguração da memória descritos no parágrafo anterior.

4 – O termo "Essa exaltação do orgânico em detrimento do social" (l. 24) retoma e amplia a ideia de "um exercício intelectual em favor da ditadura biológica" (l. 23 e 24).

Gabarito:

1 – Certo. O termo "duelo" refere-se às bofetadas teóricas relatadas no primeiro período.

2 – Errado. A expressão não se refere a um vocábulo específico, mas a toda a situação expressa no primeiro parágrafo.

3 – Certo. A expressão sintetiza a ideia de que há um processo transfigurador da memória, desajustando e confundindo os elementos formadores dos fatos.

4 – Certo. A expressão "ditadura biológica" indica que o elemento orgânico se sobrepõe ao aspecto social, intelectual.

76. **Com relação à organização, à linguagem e aos aspectos gramaticais do texto, julgue (C ou E) os itens subsequentes.**

1 – O autor vale-se da narrativa, na introdução do texto, para captar a atenção

do leitor, conduzir-lhe o raciocínio e ilustrar a ideia a ser desenvolvida.

2 – O autor emprega linguagem precisa em "Possuímos documentos da atividade humana desde o Pleistoceno, ou seja, do Paleolítico inferior, período chelense" (l. 16) e "processo diferenciador dos primatas superiores ao Homo sapiens" (l. 27 e 28).

3 – No quinto parágrafo, o autor constrói, para a forma verbal "reduz" (l. 24), um complemento verbal composto: "a tenacidade do esforço humano" (l. 24 e 25) e "em centenas e centenas de séculos" (l. 25).

4 – Para evitar a estrutura oracional e tornar o texto mais conciso, o autor recorreu ao processo de derivação de palavras em "nasce do útil-necessário, no ambiente do real-imediato" (l. 35).

Gabarito:

Item 1 – Certo. O texto é predominantemente dissertativo, contudo o primeiro parágrafo se constitui de uma estória narrada pelo autor, que integra o processo de argumentação.

Item 2 – Certo. Não há nos fragmentos mencionados nenhum termo usado no sentido conotativo.

Item 3 – Errado. Os objetos são os complementos verbais e o termo "em centenas e centenas de séculos" funciona como adjunto adverbial de tempo.

Item 4 – Errado. O processo não é de derivação, e sim composição.

77. **Considerando os sentidos do texto, assinale a opção em que o vocábulo em negrito é sinônimo contextual do termo transcrito.**

a) "padece" (l. 12) – prescinde

b) "lítica" (l. 21) – pétrea

c) "tenacidade" (l. 25) – desvario

d) "telúricas" (l. 30) – ferozes

e) "maquinal" (l. 32) – mecânica

Gabarito: E

Na alternativa A, "padece" significa SOFRE; já "prescinde" significa dispensa, abre mão.

Na alternativa B, "lítico" significa genuíno, legítimo, puro; "pétreo" significa duro, resistente.

Na alternativa C, "tenacidade" significa afinco, constância; "desvario" significa

delírio, loucura.

Na alternativa D, "telúricas" significa relativo à Terra ou ao telúrio; "ferozes" significa selvagens, bravios.

78. **(Cespe / UnB / IRBr / 2007)**

As três almas do poeta

Ênio, poeta latino do século II a. C., falava três línguas: o grego, que ele tinha aprendido por ser, na época, a língua de cultura dominante no sul da Itália; o latim, em que escreveu suas obras; e o osco (uma língua aparentada com o latim), que era, com toda a probabilidade, sua língua nativa. O mais provável é que o latim fosse usado nas relações com as autoridades romanas; o grego, nas grandes cidades; e o osco, nas regiões rurais. E Ênio, que sabia as três, costumava dizer que tinha "três almas".

É curioso observar que ele exprimiu com isso uma coisa muito importante relativa ao conhecimento de uma língua: não se trata simplesmente de "uma outra maneira de dizer as coisas" (table em vez de mesa, te quiero em vez de eu te amo), mas de outra maneira de entender, de conceber, talvez mesmo de sentir o mundo.

A ideia de que a diferença entre as línguas se resume em maneiras distintas de se referir aos objetos do mundo natural pode ser chamada a "teoria ingênua" da relação entre a língua e a realidade. E, como a maior parte das teorias ingênuas, é, ao mesmo tempo, simples, evidente e incorreta (não é óbvio que o Sol nasce no leste? Mas não é o Sol que nasce, é a terra que gira).

Examinemos um exemplo, quanto ao significado das palavras nas línguas. Temos, em português, a palavra dedo, que nos parece muito concreta; diríamos que é simplesmente o nome que damos, em nossa língua, a um objeto que nos é dado pelo mundo real: um dedo é uma coisa, ou seja, uma parte definida do corpo, e o que pode variar é a maneira de designar essa coisa. No entanto, em inglês há duas palavras para "dedo": finger e toe, que não são a mesma coisa. Um finger é um dedo da mão, e um toe é um dedo do pé; para nós são todos dedos, mas para um inglês são coisas diferentes. Esse é um pequeno exemplo de como duas línguas recortam diferentemente a realidade. Agora podemos ver que a palavra portuguesa dedo não é simplesmente a designação de uma coisa – porque, antes de designar essa coisa, a nossa língua a definiu de certa maneira. Tanto é assim que o inglês fez uma definição diferente, e precisou de duas palavras. O exemplo das distintas

maneiras que as línguas têm de designar as cores também é bastante ilustrativo disso.

Falar uma língua é, portanto, ver o mundo de certa maneira, e falar três línguas é, até certo ponto, ter a capacidade de ver o mundo de três maneiras diferentes. Talvez fosse isso que o velho Ênio estivesse tentando dizer, quando afirmou que tinha três almas.

Perini, Mário A.. A língua do Brasil amanhã e outros mistérios. São Paulo: Parábola Editorial, 2004, p. 41-52 (com adaptações)

Acerca de fatos linguísticos do primeiro parágrafo do texto, julgue (C ou E) os itens seguintes.

1 – Há, no primeiro parágrafo, quatro orações subordinadas de natureza explicativa.

2 – No primeiro parágrafo, há mais de um aposto.

3 – Na oração "por ser, na época, a língua de cultura dominante no sul da Itália" (l.2), pode-se substituir "de" por da sem prejuízo para o sentido original do texto.

4 – No trecho "O mais provável é que o latim fosse usado nas relações com as autoridades romanas; o grego, nas grandes cidades; e o osco, nas regiões rurais" (l.6-8), utiliza-se uma forma de elipse, por meio da qual se evitam repetições.

Gabarito:

1 – Certo. No primeiro parágrafo, há quatro ocorrências do pronome relativo QUE (numa delas com preposição EM) precedido de vírgula, caracterizando uma explicação, e não uma restrição.

2 – Certo. Logo no primeiro período há dois casos de aposto. O primeiro com valor explicativo "poeta latino do século II a. C." e o segundo, com valor enumerativo, introduzido pelos dois-pontos.

3 – Errado. Há diferença semântica. O significado de "a língua de cultura dominante" é a língua que predominava na região. Já em "a língua da cultura da dominante", o sentido de língua que a cultura dominante usava.

4 – Certo. Fica implícita a seguinte estrutura "O mais provável é que… fosse usado".

79. **Julgue (C ou E) os próximos itens com relação aos sentidos do texto.**

1 – Depreende-se do texto que há dúvidas quanto aos lugares e às circunstâncias em que cada uma das três línguas mencionadas era usada por seus falantes.

2 – O autor do texto alude ao fato de o poeta latino afirmar que tinha três almas – por falar três línguas – para comprovar que o domínio de língua estrangeira compromete a autenticidade do indivíduo.

3 – A "teoria ingênua" da relação entre a língua e a realidade pressupõe que as línguas recortem a realidade, ou seja, categorizem-na, da mesma maneira.

4 – Segundo o autor do texto, a definição das coisas precede a designação delas por meio de signos linguísticos.

Gabarito:

1 – Certo. O emprego da expressão "O mais provável" já nos permite inferir que a informação não se estabelece no campo da certeza, mas sim da possibilidade.

2 – Errado. Quando o autor expressa que tem três almas por falar três línguas, ele quer referir-se ao fato de que a compreensão das línguas não se restringe ao conhecimento de seus vocábulos, mas abrange características, nuances, concepção e entendimento de mundo.

3 – Certo. Segundo o texto, duas línguas recortam de forma diferente a realidade – fato inclusive ilustrado pelo exemplo da palavra "dedo" oferecido pelo autor. Portanto, seria ingenuidade crer que "a diferença entre as línguas se resume em maneiras distintas de se referir aos objetos do mundo natural".

4 – Certo. Essa informação encontra-se exposta no seguinte fragmento: "Agora podemos ver que a palavra portuguesa dedo não é simplesmente a designação de uma coisa – porque, antes de designar essa coisa, a nossa língua a definiu de certa maneira.". Sendo assim, primeiro a língua define a coisa para depois designá-la.

80. **Julgue (C ou E) os itens subsequentes, considerando a articulação de elementos textuais, bem como aspectos semânticos e morfossintáticos do texto.**

1 – O vocábulo "simplesmente" é empregado com o mesmo sentido nas linhas 8, 19 e 26 do texto.

2 – No trecho "mas de outra maneira de entender, de conceber, talvez mesmo de sentir o mundo" (l.11), observa-se a ocorrência de um único termo como complemento de três verbos.

3 – A substituição de "Tanto é assim que" (l.27) por Tanto que prejudicaria o sentido do período em que tal expressão se insere.

4 – A posposição de "certa" na expressão "certa maneira" (l.30) prejudicaria a coerência do texto.

Gabarito:

1 – Certo. Nas três ocorrências, o vocábulo tem o sentido de "apenas", "somente.

2 – Certo. O termo "o mundo" funciona como objeto direto dos verbos "entender", "conceber" e "sentir".

3 – Errado. A substituição não gera qualquer tipo de prejuízo semântico para o texto.

4 – Certo. O sentido de "certa maneira" é de ALGUMA MANEIRA. Já em "maneira certa" o significado é DE MANEIRA CORRETA.

81. **(Cespe / UnB / IRBr / 2007)**

A imaginação foi sempre o húmus do jardim de Clio. No caso da África, antes do século XVII, é particularmente válido o definir-se a história como o adivinhar do passado. Dele, abstraídas a Etiópia, a franja sudanesa infiltrada pelo Islão e as cidades-estado do Índico, áreas que conheceram a escrita e nos deixaram alguns poucos documentos – poucos, muitas vezes tardios e também contaminados por lendas –, sabemos apenas o que nos devolve uma arqueologia que mal arranhou as imensas extensões africanas, o que anotaram, a partir do século IX, viajantes e eruditos árabes e, mais tarde, os portugueses e outros europeus, bem como o que nos chegou das tradições e das crônicas orais dos povos negros. Se, nos textos em que se profetiza às avessas, ainda que fundados sobre o registro, o depoimento e a memória escrita, o rigor de quem os compõe não afasta de todo o mito e deixa que ele frequente a narrativa e nela se imiscua, é porque é também importante contar, ao lado do que se julga ter realmente acontecido, as imaginações que se fizeram fatos e os fatos que se vestiram de imaginário, porque se incorporaram ao que um povo tem por origem e rastro, e, por isso, o marcam, definem e distinguem. Oraniã, Xangô, Tsoede, Cibinda Ilunga aparecem como personagens neste livro de história porque pertencem iniludivelmente à realidade dos iorubas, dos nupês, e dos lundas e quiocos. Eles estão aqui como Enéias e sua viagem de Tróia ao Lácio, e como Réia Sílvia, a loba, Rômulo e Remo, nos compêndios sobre História romana, cujos autores os sabem mitos, mas não ignoram que fecundaram um destino.

Silva, Alberto da Costa e.. A enxada e a lança: a África antes dos portugueses. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996, p. 3-4.

Considerando os sentidos do texto acima, julgue (C ou E) os seguintes itens.

1 – O vocábulo "abstraídas" (l. 3) pode ser substituído por consideradas conjuntamente, sem que se altere o sentido do período.

2 – A palavra "húmus" está empregada, na primeira oração do texto, com o sentido de praga. Do desdobramento dessa metáfora advém a ideia de que os documentos históricos africanos são "contaminados por lendas" (l.5-6).

3 – Na linha 12, "se imiscua", forma verbal no modo subjuntivo, tem o sentido de se intrometa.

4 – A palavra "iniludivelmente" (l.17) significa, no texto, indubitavelmente.

Gabarito:

1 – Errado. Justamente o oposto. Pois "abstraídas" significa CONSIDERADAS ISOLADAMENTE.

2 – Errado. Pois "húmus" está empregada no sentido de fundamento, princípio.

3 – Certo. São sinônimos perfeitos.

4 – Certo. No contexto, são vocábulos sinônimos, como também o seria INDISCUTIVELMENTE.

82. **Com base, exclusivamente, no texto, julgue (C ou E) os seguintes itens.**

1 – A historiografia referente à África de antes do século XVII vale-se de fontes como crônicas orais autóctones e relatos de viajantes provenientes de outros continentes.

2 – O autor do texto procura transmitir a seguinte mensagem: o historiador deve ignorar as narrativas mitológicas em benefício da objetividade e da precisão de suas pesquisas.

3 – A alusão a "textos em que se profetiza às avessas" (l.9), o autor refere-se à transcrição de mitos transmitidos oralmente pelos povos negros.

4 – Conclui-se do texto que "Tsoede" e "Cibinda Ilunga", citados na linha 16, são importantes figuras históricas pertencentes, respectivamente, aos povos lunda e quioco.

Gabarito:

1 – Certo. As principais fones sobre a África foram informações oriundas das tradições e das crônicas orais dos povos negros bem como o que anotaram, a partir do século IX, viajantes e eruditos árabes e, mais tarde, os portugueses e outros europeus.

2 – Errado. Essa informação contradiz o texto, conforme se atesta no seguinte fragmento: "o rigor de quem os compõe não afasta de todo o mito e deixa que ele frequente a narrativa e nela se imiscua".

3 – Errado. Neste fragmento do verbete, o autor se referia a textos, mesmo que fundados sobre registros. E esses textos apenas não afastavam de todo o mito. Porém isso não quer dizer que se tratava de "transcrição de mitos transmitidos oralmente pelos povos negros.".

4 – Errado. O texto não relaciona os personagens a cada povo.

83. **(Cespe / UnB / IRBr / 2011)**

Através de grossas portas,
sentem-se luzes acesas,
– e há indagações minuciosas
dentro das casas fronteiras:
olhos colados aos vidros,
mulheres e homens à espreita,
caras disformes de insônia,
vigiando as ações alheias.
Pelas gretas das janelas,
pelas frestas das esteiras,
agudas setas atiram
a inveja e a maledicência.
Palavras conjeturadas
oscilam no ar de surpresa,
como peludas aranhas
na gosma das teias densas,
rápidas e envenenadas,
engenhosas, sorrateiras.
Atrás de portas fechadas,

à luz de velas acesas,
brilham fardas e casacas,
junto com batinas pretas.
Uns são reinóis, uns, mazombos;
e pensam de mil maneiras;
mas citam Vergílio e Horácio,
e refletem, e argumentam,
falam de minas e impostos,
de lavras e de fazendas,
de ministros e rainhas
e das colônias inglesas.
Atrás de portas fechadas,
à luz de velas acesas,
entre sigilo e espionagem,
acontece a Inconfidência.
E diz o Vigário ao Poeta:
"Escreva-me aquela letra
do versinho de Vergílio…"
E dá-lhe o papel e a pena.
E diz o Poeta ao Vigário,
com dramática prudência:
"Tenha meus dedos cortados,
antes que tal verso escrevam…"
LIBERDADE, AINDA QUE TARDE,
ouve-se em redor da mesa.
E a bandeira já está viva,
e sobe, na noite imensa.
E os seus tristes inventores
já são réus – pois se atreveram
a falar em Liberdade
(que ninguém sabe o que seja).
E a vizinhança não dorme:

murmura, imagina, inventa.
Não fica bandeira escrita,
mas fica escrita a sentença.

Meireles, Cecília. Romanceiro da Inconfidência. Obra poética. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1977, p. 450-2 (com adaptações).

Com relação às ideias e às estruturas linguísticas do texto acima, julgue (C ou E) os itens a seguir.

1 – Da leitura da quarta estrofe (v.35-50) depreende-se que a palavra liberdade é o fulcro vital da bandeira dos inconfidentes e representa a finalidade do engajamento político daquele grupo.

2 – Entende-se da leitura do poema que os inconfidentes foram sentenciados por atuarem contra os interesses da Coroa portuguesa, mas não por haverem registrado, na bandeira criada, o anseio por liberdade.

3 – Nos dois primeiros versos, o eu lírico alude ao sigilo dos inconfidentes por meio de paradoxo e sinestesia.

4 – No trecho "Uns são reinóis, uns, mazombos; / e pensam de mil maneiras; / mas citam Vergílio e Horácio, / e refletem, e argumentam," (v.23-26), fica evidenciado que, independentemente da origem social, os inconfidentes compartilhavam o mesmo grau de erudição.

Gabarito:

1 – Certo. Fato confirmado inclusive pelo emprego de todas as letras maiúsculas no verso 43 e da inicial da própria palavra Liberdade no verso 49.

2 – Errado. O conector causal POIS, presente no verso 48, introduz o motivo de os inventores já serem réus: atreveram-se a falar em Liberdade.

3 – Certo. A sinestesia, de uma forma geral, leva ao paradoxo, pois a mistura de sentidos, em tese, é algo incoerente. Nós não sentimos (percepção tátil) as luzes acesas, nós as enxergamos, vemos.

4 – Errado. O texto não informa que os inconfidentes tinham o mesmo grau de erudição. Quando se diz que citavam Vergílio e Horácio, compreende-se que havia a citação realizada pelo grupo, mas não necessariamente o conhecimento e a erudição eram compartilhados por todos os membros.

84. Ainda que se soubessem todas as palavras de cada figura da Inconfidência, nem assim se poderia fazer com o seu simples registro uma composição da arte.

A obra de arte não é feita de tudo – mas apenas de algumas coisas essenciais. A busca desse essencial expressivo é que constitui o trabalho do artista. Ele poderá dizer a mesma verdade do historiador, porém de outra maneira. Seus caminhos são outros, para atingir a comunicação. Há um problema de palavras. Um problema de ritmos. Um problema de composição. Grande parte de tudo isso se realiza, decerto, sem inteira consciência do artista. É a decorrência natural da sua constituição, da sua personalidade – por isso, tão difícil se torna quase sempre a um criador explicar a própria criação. No caso, porém, de um poema de mais objetividade, como o Romanceiro, muitas coisas podem ser explicadas, porque foram aprendidas, à proporção que ele se foi compondo.

Digo "que ele se foi compondo" e não "que foi sendo composto", pois, na verdade, uma das coisas que pude observar melhor que nunca, ao realizá-lo, foi a maneira por que um tema encontra sozinho ou sozinho impõe seu ritmo, sua sonoridade, seu desenvolvimento, sua medida.

O Romanceiro foi construído tão sem normas preestabelecidas, tão à mercê de sua expressão natural que cada poema procurou a forma condizente com sua mensagem. A voz irreprimível dos fantasmas, que todos os artistas conhecem, vibra, porém, com certa docilidade, e submete-se à aprovação do poeta, como se realmente, a cada instante, lhe pedisse para ajustar seu timbre à audição do público. Porque há obras que existem apenas para o artista, desinteressadas de transmissão; outras que exigem essa transmissão e esperam que o artista se ponha a seu serviço, para alcançá-la. O Romanceiro é desta segunda espécie.

Quatro anos de quase completa solidão – numa renúncia total às mais sedutoras solicitações, entre livros de toda espécie relativos ao especializadamente século 18 –ainda pareceram curtos demais para uma obra que se desejava o menos imperfeita possível, porque se impunha, acima de tudo, o respeito por essas vozes que falavam, que se confessavam, que exigiam, quase, o registro da sua história.

E era uma história feita de coisas eternas e irredutíveis: de ouro, amor, liberdade, traições…

Mas porque esses grandiosos acontecimentos já vinham preparados de tempos mais antigos e foram o desfecho de um passado minuciosamente construído – era preciso iluminar esses caminhos anteriores, seguir o rastro do ouro que vai, a princípio como o fio de um colar, ligando cenas e personagens, até transformar-se em pesada cadeia que prende e imobiliza num destino doloroso.

Cecília Meireles. Como escrevi o Romanceiro da Inconfidência. In: Romanceiro da Inconfidência. 3ª ed., Rio de Janeiro: ova Fronteira, 2005, p. XVI-XVII (com adaptações).

Acerca das ideias e das estruturas linguísticas do texto, extraído da obra de Cecília Meireles, na qual a autora explica a criação do Romanceiro da Inconfidência, julgue (C ou E) os itens que se seguem.

1 – No trecho "o rastro do ouro que vai, a princípio como o fio de um colar, ligando cenas e personagens, até transformar-se em pesada cadeia que prende e imobiliza num destino doloroso" (l. 34-36), verifica-se gradativa intensificação das ações nele relatadas, expressa pelo emprego da locução com verbo no gerúndio e de preposição que denota limite, e, tal como ocorre no trecho "que falavam, que se confessavam, que exigiam quase, o registro da sua história" (l.29), pela ordem em que se apresentam os núcleos verbais que constituem as orações adjetivas.

2 – Depreende-se da leitura do texto que a autora colocou-se a serviço da obra, cabendo-lhe adequar a mensagem à forma, uma vez que o tema impunha seu próprio desenvolvimento.

3 – Da leitura do primeiro parágrafo do texto depreende-se que, para a autora, não foi tão difícil explicar a criação do Romanceiro da Inconfidência quanto geralmente é difícil para os artistas explicar a criação de suas obras menos objetivas. Isso se explica porque o Romanceiro da Inconfidência, dado o tema, apresenta não só o "essencial expressivo", mas também aspectos objetivos.

4 – São pertinentes as seguintes inferências a partir da pontuação e dos mecanismos de coesão empregados no período entre as linhas 18 e 20: entre todos os fantasmas, alguns são conhecidos por todos os artistas, e o poeta harmoniza, a todo momento, o timbre de sua voz à audiência.

Gabarito:

1 – Certo. O primeiro fragmento se constrói na relação MÍNIMO-MÁXIMO. A expressão "como um fio de colar" representa o atrelamento mínimo; "pesada cadeia que prende e imobiliza num destino doloroso", atrelamento máximo. Já no segundo fragmento, a sequência de verbos FALAVAM, CONFESSAVAM e EXIGIAM sugere o aumento gradativo da influência que as vozes exerciam sobre a autora.

2 – Errado. Segundo o texto, o próprio texto impunha sozinho seu ritmo, sua

sonoridade, seu desenvolvimento, sua medida.

3 – Certo. Segundo o texto, normalmente é difícil ao criador explicar sua criação, pois se trata da decorrência natural da sua constituição, da sua personalidade. No entanto, o aspecto objetividade faz com que, na criação do Romanceiro da Inconfidência, muitas coisas possam ser explicadas, porque foram aprendidas, à proporção que ele se foi compondo.

4 – Errado. O comentário é absurdo, visto que fantasma foi empregado em sentido conotativo, representando a voz, a melodia que o texto e a temática impõem.

85. **Assinale a opção em que os dois trechos extraídos do texto apresentam, respectivamente, linguagem predominantemente denotativa e linguagem predominantemente conotativa.**

a) "No caso, porém, de um poema de mais objetividade, como o Romanceiro, muitas coisas podem ser explicadas" (l.10-11) / "era preciso iluminar esses caminhos anteriores, seguir o rastro do ouro que vai, a princípio como o fio de um colar, ligando cenas e personagens, até transformar-se em pesada cadeia que prende e imobiliza num destino doloroso" (l.33-36)

b) "Quatro anos de quase completa solidão – numa renúncia total às mais sedutoras solicitações, entre livros de toda espécie relativos ao especializadamente século 18 – ainda pareceram curtos demais para uma obra que se desejava o menos imperfeita possível" (l. 25-28) / "Mas porque esses grandiosos acontecimentos já vinham preparados de tempos mais antigos e foram o desfecho de um passado minuciosamente construído" (l.32 e 33)

c) "A obra de arte não é feita de tudo – mas apenas de algumas coisas essenciais" (l. 3 e 4) / "Grande parte de tudo isso se realiza, decerto, sem inteira consciência do artista" (l. 7-8)

d) "porque se impunha, acima de tudo, o respeito por essas vozes que falavam, que se confessavam, que exigiam, quase, o registro da sua história" (l. 28 e 29) / "É a decorrência natural da sua constituição, da sua personalidade – por isso, tão difícil se torna quase sempre a um criador explicar a própria criação" (l. 9-10)

e) "A voz irreprimível dos fantasmas, que todos os artistas conhecem, vibra, porém, com certa docilidade, e submete-se à aprovação do poeta, como se

realmente, a cada instante, lhe pedisse para ajustar seu timbre à audição do público" (l. 19-22) / "E era uma história feita de coisas eternas e irredutíveis: de ouro, amor, liberdade, traições" (l. 30-31)

Gabarito: A

De acordo com a exigência feita no enunciado da questão, o primeiro fragmento deve ser estruturado com termos em sentido denotativo, oficial, havendo a mínima, ou nenhuma, participação de linguagem figurada. Já o segundo fragmento deve ser composto com elementos no sentido conotativo, ou seja, em sentido diferente do previsto pelos dicionários em face de uma imposição do contexto. A alternativa A é a única que contém essa característica, uma vez que, no primeiro fragmento, não há nenhum termo empregado em sentido figurado; já, no segundo fragmento, a presença de conotação se faz presente em várias ocorrências: "caminhos" empregado no sentido de fatos, acontecimentos; em "rastro dou ouro", o ouro não pode deixar rastro; também a personificação de "rastro do ouro", capaz de prender e imobilizar – verbos também no sentido conotativo, pois a prisão e a imobilização estariam no sentido figurado. Na alternativa B, os dois fragmentos são predominantemente denotativos, embora no segundo fragmento haja a ocorrência de um exemplo de conotação: "construir (termo usado para obras) um passado. Contudo, é de bom alvitre ressaltar que se trata de apenas um exemplo, o que descaracteriza a predominância de um estilo. Na alternativa C, os dois fragmentos são predominantemente denotativos. Na alternativa D, o primeiro fragmento possui predominância conotativa – a prosopopeia. O tema, a própria poesia terem voz já impõe a conotação, e a voz poder falar, confessar, agir corrobora ainda mais para tal caracterização; o segundo fragmento possui predominância denotativa. Na alternativa E, novamente há a prosopopeia no primeiro fragmento; já no segundo não há intervenção de linguagem figurada.

86. Poucos depoimentos eu tenho lido mais emocionantes que o artigo-reportagem de Oscar Niemeyer sobre sua experiência em Brasília. Para quem conhece apenas o arquiteto, o artigo poderá passar por uma defesa em causa própria – o revide normal de um pai que sai de sua mansidão costumeira para ir brigar por um filho em quem querem bater. Mas, para quem conhece o homem, o artigo assume proporções dramáticas. Pois Oscar é não só o avesso do causídico, como um dos seres mais antiautopromocionais que já conheci em minha vida.

Sua modéstia não é, como de comum, uma forma infame de vaidade. Ela não

tem nada a ver com o conhecimento realista – que Oscar tem – de seu valor profissional e de suas possibilidades. É a modéstia dos criadores verdadeiramente integrados com a vida, dos que sabem que não há tempo a perder, é preciso construir a beleza e a felicidade no mundo, por isso mesmo que, no indivíduo, é tudo tão frágil e precário.

Oscar não acredita em Papai do Céu, nem que estará um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso. Põe ele, como um verdadeiro homem, a felicidade do seu semelhante no aproveitamento das pastagens verdes da Terra; no exemplo do trabalho para o bem comum e na criação de condições urbanas e rurais, em estreita intercorrência, que estimulem e desenvolvam este nobre fim: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver.

Eu acredito também nisso, e quando vejo aquilo em que creio refletido num depoimento como o de Oscar Niemeyer, velho e querido amigo, como não me emocionar?

Vinicius de Moraes. Para viver um grande amor. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1982, p. 134-5 (com adaptações).

Com relação às ideias desenvolvidas no texto, assinale a opção correta.

a) Vinicius de Moraes ressalta a conduta de Niemeyer, que, fundamentada em concepção materialista e visão social de seu trabalho, está pautada na busca de condições sociais benéficas para os cidadãos.

b) Vinicius de Moraes, na condição de causídico de Oscar Niemeyer, alerta para a injusta ausência de reconhecimento da capacidade de luta do arquiteto para a implementação de projetos que visem ao bem comum, dos quais a construção de Brasília é exemplo.

c) Infere-se do texto que Oscar Niemeyer, em razão das severas críticas a seu trabalho arquitetônico realizado em Brasília, contrariou sua "mansidão costumeira" e escreveu um artigo em que faz a apologia da obra criada nessa cidade.

d) Vinicius de Moraes atribui a emoção nele despertada pela leitura do mencionado artigo-reportagem não só à forma dramática de relato dos fatos, mas, principalmente, à afinidade entre ele e Niemeyer no que concerne a crenças sobre a vida e a morte, parte delas referidas no depoimento do amigo Oscar.

e) Por ser um indivíduo consciente de sua fragilidade e da precariedade de ser

mortal, Oscar Niemeyer, segundo afirma Vinicius de Moraes, manifesta modéstia incomum, desprovida de hipocrisia.

Gabarito: A

A visão de Niemeyer é materialista, conforme se expressa no fragmento "Oscar não acredita em Papai do Céu"; possui visão social de seu trabalho, segundo o fragmento "no exemplo do trabalho para o bem comum e na criação de condições urbanas e rurais, em estreita intercorrência, que estimulem e desenvolvam este nobre fim.

A alternativa B apresenta comentário inadequado, visto que a intenção de Vinicius de Moraes não é defender – ser causídico de – Niemeyer, mas sim expor que se emocionou com o seu depoimento. A alternativa C apresenta comentário falso quando informa que o texto de Niemeyer objetivava realizar apologia da obra. A alternativa D é absurda, sobretudo pelo fato de o texto não informar sequer o posicionamento de Vinicius acerca de aspectos religiosos ou espirituais. A alternativa E apresenta falsa relação causa-efeito: a consequência de Oscar Niemeyer ser consciente de sua fragilidade e da precariedade de ser mortal é que não há tempo a perder, que é preciso construir a beleza e a felicidade no mundo, e não que manifesta modéstia incomum, desprovida de hipocrisia.

87. **Julgue (C ou E) os itens a seguir, relativos às estruturas linguísticas do texto.**

1 – No texto, a linguagem foi empregada predominantemente em suas funções emotiva e poética.

2 – Ao empregar as expressões "Papai do Céu" (l.14) e "verdes pastagens do Paraíso" (l.15), o autor do texto demonstra neutralidade em relação ao universo de crenças que elas representam.

3 – O emprego de adjetivos no grau superlativo absoluto, como "mais emocionantes" (l.1), "mais antiautopromocionais" (l.7), "tão frágil e precário" (l.13), produz o efeito de exaltação da superioridade dos atributos técnico e criativo de Oscar Niemeyer em relação a outros brasileiros notáveis.

4 – O uso da expressão "mais antiautopromocionais" (l.7) indica a opção do autor do texto por forma prolixa, dada a presença de dois prefixos no vocábulo adjetivo, em detrimento da concisão que seria proporcionada pela escolha da forma equivalente menos autopromocional, a qual manteria o efeito retórico

desejado.

Gabarito:

1 – Certo. A função emotiva é clara. A ocorrência de elementos subjetivos e da primeira pessoa do singular denotam a emotividade, a expressividade, o que claramente se denuncia na última passagem do texto: "como não me emocionar?". Apesar de o texto não ser poético, a função poética também se faz presente, dado que se observam expressões conotativas, como Papai do Céu, Brasílias, angélicas, verdes pastagens do paraíso. Além disso, as repetições de estruturas estabelecem ritmos em alguns fragmentos "É a modéstia **dos** criadores verdadeiramente integrados com a vida, **dos** que sabem que não há tempo a perder"; "Põe ele, como um verdadeiro homem, a felicidade do seu semelhante **no** aproveitamento das pastagens verdes da Terra; **no** exemplo do trabalho para o bem comum e **na** criação de condições urbanas e rurais".

2 – Errado. Justamente por não empregar tais conotações, o autor do texto já dá indícios de sua relação com a espiritualidade.

3 – Errado. Não se trata de superlativo absoluto, mas sim de superlativo relativo, que indica a comparação de um ser com a totalidade. Por exemplo, quando Vinicius de Moraes informa que Oscar Niemeyer foi um dos seres mais antiautopromocionais que já conheci em minha vida, ele o está comparando com a totalidade, mas – repita-se – não se trata de superlativo absoluto, e sim de relativo.

4 – Errado. Evidentemente o efeito retórico é diferente. Quando se diz que o ser é antiautopromocional significa que se opõe (anti) a fazer um promoção de si próprio (auto). Quando se informa que menos autopromocional, o sentido é que ele apenas não se (auto) promove, mas não chega a estabelecer relação de oposição a tal.

88. **Acerca dos mecanismos de coesão empregados no texto, julgue (C ou E) os itens subsequentes.**

1 – Dada a propriedade que assume o pronome "este" nos mecanismos coesivos empregados no trecho "que estimulem e desenvolvam este nobre fim" (l.18), não é facultada a seguinte reescrita: que estimulem este nobre fim e o desenvolvam.

2 – A elipse em "nem que estará" (l.14) e o emprego do pronome anafórico "ele"

(l.15) são mecanismos de coesão utilizados para referenciar o substantivo "Oscar" (l.21).

3 – Na linha 3, o vocábulo "arquiteto" retoma por substituição o nome próprio "Oscar Niemeyer", empregado na linha 2, mecanismo que corresponde a uma variedade de metonímia e por meio do qual se evita a repetição de vocábulo.

4 – O período que finaliza o primeiro parágrafo está na ordem inversa, como indica o emprego inicial da conjunção "Pois", que introduz uma oração subordinada anteposta à oração principal.

Gabarito:

1 – Certo. Em face de o pronome demonstrativo "este" ter valor catafórico, ou seja, referindo-se à oração seguinte "fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver.", não se pode distanciá-lo do sinal de dois-pontos.

2 – Certo. Como o sujeito "Oscar" já apareceu na oração anterior, não havia necessidade de repeti-lo, caracterizando a elipse. Depois o pronome ele refere-se novamente a Oscar, visto que era o Oscar Niemeyer que "punha felicidade do seu semelhante no aproveitamento das pastagens verdes da Terra…".

3 – Errado. Primeiramente não há metonímia. Segundo a intenção do autor do texto não era, com o termo "arquiteto", retomar "Oscar Niemeyer" e sim mostrar as duas facetas dele: a do arquiteto, profissional genial, e a do ser humano.

4 – Errado. Não há inversão. A conjunção "pois" introduz um período que funciona como uma explicação para o fato exposto no período anterior. Inclusive os fragmentos poderiam ocorrer unidos "Mas, para quem conhece o homem, o artigo assume proporções dramáticas, pois (porque) Oscar é não só o avesso do causídico, como um dos seres mais antiautopromocionais que já conheci em minha vida.".

89. **CARTA PARA ANTONIO CARLOS JOBIM**

Porto do Havre [França], 7 de setembro de 1964

Tomzinho querido,

Estou aqui num quarto de hotel que dá para uma praça que dá para toda a solidão do mundo. São dez horas da noite e não se vê viv'alma. Meu navio só sai

amanhã à tarde, e é impossível alguém estar mais triste do que eu. E, como sempre nestas horas, escrevo para você cartas que nunca mando.

Deixei Paris para trás com a saudade de um ano de amor, e pela frente tenho o Brasil, que é uma paixão permanente em minha vida de constante exilado. A coisa ruim é que hoje é 7 de setembro, a data nacional, e eu sei que em nossa embaixada há uma festa que me cairia muito bem, com o Baden Powell mandando brasa no violão. Há pouco telefonei para lá, para cumprimentar o embaixador, e veio todo mundo ao telefone.

Você já passou um 7 de setembro, Tomzinho, sozinho, num porto estrangeiro, numa noite sem qualquer perspectiva? É fogo, maestro!

MORAES, Vinicius de. Querido poeta. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, organização de Ruy Castro, p. 303-4 (com adaptações).

Julgue (C ou E) os itens seguintes, relativos às ideias do texto acima.

1 – O emprego, no texto, das expressões coloquiais "cairia muito bem" (l.8) e "mandando brasa" (l.8) indica a informalidade com que Vinicius de Moraes escreve a seu destinatário.

2 – Pelo emprego da expressão "todo mundo" (l.9-10), pressupõe-se que, além do embaixador, outros amigos e colegas de trabalho de Vinicius de Moraes, sem que se possa saber quantos, telefonaram-lhe do Brasil.

3 – Infere-se da carta de Vinicius de Moraes a Antonio Carlos Jobim que o poeta brasileiro, também diplomata, estava em missão profissional na cidade do Havre por ocasião de uma data nacional brasileira, embora manifestasse preferência por estar em outro lugar.

4 – Na carta a Antonio Carlos Jobim, a menção a correspondências que nunca eram enviadas sugere que havia temas confidenciais que só poderiam ser tratados pelo remetente e pelo destinatário da carta de 7 de setembro de 1964 em encontro pessoal.

Gabarito:

1 – Certo. O emprego de gírias, as conotações, a informalidade e a emotividade sugerem intimidade entre o autor da carta e o destinatário.

2 – Errado. Na realidade ele não recebeu o telefonema. Foi o próprio Vinicius que telefonou para a embaixada e lá todo mundo veio ao telefone.

3 – Errado. Não há elementos suficientes no texto que permitam a inferência de

que Vinicius estava em Havre a trabalho.

4 – Errado. Não necessariamente essas cartas tinham cunho político. Por exemplo, essa tinha cunho emocional, pessoal. As cartas não eram remetidas talvez por preguiça, mas não porque obrigatoriamente compreendiam temas confidenciais.

90. Deixei os braços pousarem na madeira inchada e úmida, abri um pouco a janela a pensar que isso de olhar a chuva de frente podia abrandar o ritmo dela, ouvi lá embaixo, na varanda, os passos da avó Agnette, que se ia sentar na cadeira da varanda a apanhar ar fresco, senti que despedir-me da minha casa era despedir-me dos meus pais, das minhas irmãs, da avó e era despedir-me de todos os outros: os da minha rua, senti que rua não era um conjunto de casas mas uma multidão de abraços, a minha rua, que sempre se chamou Fernão Mendes Pinto, nesse dia ficou espremida numa só palavra que quase me doía na boca se eu falasse com palavras de dizer: infância.

A chuva parou. O mais difícil era saber parar as lágrimas.

O mundo tinha aquele cheiro da terra depois de chover e também o terrível cheiro das despedidas. Não gosto de despedidas porque elas têm esse cheiro de amizades que se transformam em recordações molhadas com bué de lágrimas. Não gosto de despedidas porque elas chegam dentro de mim como se fossem fantasmas mujimbeiros* que dizem segredos do futuro que eu nunca pedi a ninguém para vir soprar no meu ouvido de criança.

Desci. Sentei-me perto, muito perto da avó Agnette.

Ficamos a olhar o verde do jardim, as gotas a evaporarem, as lesmas a prepararem os corpos para novas caminhadas. O recomeçar das coisas.

– Não sei onde é que as lesmas sempre vão, avó.

– Vão pra casa, filho.

– Tantas vezes de um lado para o outro?

– Uma casa está em muitos lugares – ela respirou devagar, me abraçou. – É uma coisa que se encontra.

*Mujimbeiro: fofoqueiro.

Ondjaki. Os da minha rua. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007, p. 145-6 (com adaptações).

Assinale a opção em que a interpretação apresentada, com relação ao

estado de espírito do narrador do texto, está de acordo com o que se pode depreender do parágrafo indicado.

a) Quarto parágrafo: insegurança por ser obrigado a se afastar da família.
b) Quinto parágrafo: entusiasmo na contemplação gratuita da natureza.
c) Primeiro parágrafo: regozijo diante do início de uma nova fase da vida.
d) Segundo parágrafo: tristeza por não conseguir conter o choro.
e) Terceiro parágrafo: desconforto ao ter de lidar com um momento de ruptura.

Gabarito: E

A alternativa é inadequada, pois ele não foi obrigado a afastar-se da família. A alternativa B também está incorreta, pois em momento algum do texto ele demonstra entusiasmo. Também a alternativa C é inviável, já que ele não demonstra regozijo – prazer – diante da situação. Na alternativa D, a tristeza é por afastar-se da família, da rua, dos amigos, e não porque chorou. A alternativa E é a única que apresenta comentário adequado, porquanto o desconforto fica explicitado sobretudo quando ele esclarece que não gosta de despedidas.

91. **A respeito do texto, julgue (C ou E) os itens que se seguem.**

1 – O fato de o texto ter sido escrito na primeira pessoa do singular justifica o emprego da linguagem sinestésica em trechos como "O mundo tinha aquele cheiro da terra depois de chover e também o terrível cheiro das despedidas" (l.10-11), recurso inviável em textos escritos na terceira pessoa.

2 – No trecho "Não gosto de despedidas porque elas chegam dentro de mim como se fossem fantasmas mujimbeiros que dizem segredos do futuro que eu nunca pedi a ninguém para vir soprar no meu ouvido de criança" (l.11-15), o narrador apresenta, por meio de uma comparação, uma das razões de não gostar de despedidas, caracterizando, de forma restritiva, o elemento com que compara as despedidas.

3 – Os sentidos e a correção gramatical do primeiro parágrafo do texto seriam mantidos e as relações sintáticas estariam bem identificadas caso o autor tivesse adotado, nesse trecho, a seguinte pontuação: Deixei os braços pousarem na madeira inchada e úmida; abri um pouco a janela, a pensar que isso de olhar a chuva de frente podia abrandar o ritmo dela; ouvi, lá embaixo, na varanda, os passos da avó Agnette, que se ia sentar na cadeira da varanda a apanhar ar fresco; senti que despedir-me da minha casa era despedir-me dos meus pais, das minhas irmãs, da avó e era despedir-me de todos os

outros: os da minha rua; senti que rua não era um conjunto de casas, mas uma multidão de abraços; a minha rua, que sempre se chamou Fernão Mendes Pinto, nesse dia, ficou espremida numa só palavra que quase me doía na boca se eu falasse com palavras de dizer: infância.

4 – Do trecho "a minha rua, que sempre se chamou Fernão Mendes Pinto, nesse dia ficou espremida numa só palavra que quase me doía na boca se eu falasse com palavras de dizer: infância" (l.7 e 8) depreende-se que a rua em que o narrador morava passou a ter, para ele, sentido mais significativo.

Gabarito:

1 – Errado. Inicialmente não houve sinestesia nesse fragmento. Há uma metáfora, com o vocábulo "cheiro" sendo utilizado com valor de "sentimento". Além disso, pode ha ver obviamente a sinestesia sendo empregada a terceira pessoa, como se pode observar no seguinte exemplo: Observou-se o som que vinha do outro povoado.

2 – Certo. O emprego da conjunção "como" estabelece a comparação entre "as despedidas no coração do autor" e os "fantasmas mujimbeiros que dizem segredos do futuro que eu nunca pedi a ninguém para vir soprar no meu ouvido de criança". O pronome relativo "que" introduz oração subordinada adjetiva que restringe o sentido de "fantasmas mujimbeiros", termo comparado às despedidas.

3 – Certo. Várias orações coordenadas assindéticas encontravam-se separadas por vírgulas. A ausência do conector permite que tal separação seja demarcada por vírgula ou por ponto-e-vírgula.

4 – Certo. Para o autor, a rua, até então, era apenas um nome. Quando se aproxima o momento em que ele vai afastar-se dela, compreende o seu significado, o seu valor, a sua importância, o que ela, enfim, representou: a sua infância.

92. **Acerca do vocabulário, das ideias e das estruturas linguísticas do texto, julgue (C ou E) os próximos itens.**

1 – Da leitura do texto depreende-se que, para o narrador, o sentido de casa, no momento da despedida, incluía a sua infância, os pais, as irmãs e a avó.

2 – Como a frase "O recomeçar das coisas" (l.18) resume o que o narrador depreendeu da situação relatada na frase anterior a ela, seriam preservados a

correção gramatical e os sentidos do trecho se o ponto final após "caminhadas" fosse substituído por dois-pontos ou por travessão, com o devido ajuste na inicial maiúscula.

3 – O vocábulo "bué" (l.12), formado a partir da reprodução aproximada do som natural do choro, evidencia uso de linguagem informal no texto.

4 – Seriam mantidos o sentido e a correção gramatical do texto se os infinitivos flexionados fossem substituídos pelas respectivas formas do infinitivo não flexionado no segmento "as gotas a evaporarem, as lesmas a prepararem os corpos para novas caminhadas" (l.17-18).

Gabarito:

1 – Certo. Fato que se expõe no seguinte fragmento "senti que despedir-me da minha casa era despedir-me dos meus pais, das minhas irmãs, da avó".

2 – Certo. O emprego de dois-pontos seria adequado, visto que a expressão "O recomeçar das coisas" funciona como uma síntese para os fatos redigidos no período anterior.

3 – Anulada. Justificativa do Cespe-UnB: A palavra "bué" tanto pode ser empregada, no texto, como vocábulo do português brasileiro de origem onomatopeica quanto pode ter sido empregado pelo autor angolano, com o sentido de "muito", "grande quantidade" (vocábulo de origem portuguesa ou, talvez, originária do quimbundo, língua falada em Angola.

4 – Como a preposição afasta o verbo do termo com que faz a concordância, tanto se pode usar o infinitivo pessoal (flexionado na terceira pessoa do plural) como o infinitivo impessoal, sem flexão.

93. Nos países novos, nas terras ainda sem tipo étnico absolutamente definido, onde o sentimento d'Arte é silvícola, local, banalizado, deve ser espantoso, estupendo o esforço, a batalha formidável de um temperamento fatalizado pelo sangue e que traz consigo, além da condição inviável do meio, a qualidade fisiológica de pertencer, de proceder de uma raça que a ditadora ciência d'hipóteses negou em absoluto para as funções do Entendimento e, principalmente, do entendimento artístico da palavra escrita.

Deus meu! Por uma questão banal de química biológica do pigmento ficam alguns mais rebeldes e curiosos fósseis preocupados, a ruminar primitivas erudições, perdidos e atropelados pelas longas galerias submarinas de uma sabedoria infinita, esmagadora, irrevogável! (...)

Ah! Esta minúscula humanidade, torcida, enroscada, assaltando as almas com a ferocidade de animais bravios, de garras aguçadas e dentes rijos de carnívoro, é que não pode compreender-me.

Sim! Tu é que não podes entender-me, não podes irradiar, convulsionar-te nestes efeitos com os arcaísmos duros da tua compreensão, com a carcaça paleontológica do Bom Senso.

Sousa, Cruz e. Emparedado. In: Obra completa. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1961, p. 659-60 (com adaptações).

Com relação às ideias desenvolvidas no texto acima, assinale a opção correta.

a) Na linha 15, o pronome pessoal "Tu" refere-se ao leitor, tratado de modo respeitoso pelo escritor com o objetivo de convencê-lo quanto à veracidade dos argumentos mencionados sobre a questão racial e aspectos do entendimento artístico.

b) Ao mencionar "a carcaça paleontológica do Bom Senso" (l.16-17), Cruz e Sousa indica que o estudo dos fósseis poderia derrubar os mitos científicos sobre a raça que vigoravam na sua época.

c) Nesse texto, Cruz e Sousa questiona o rigor das explicações científicas e menciona uma "ciência d'hipóteses" (l.5) para mostrar o relativismo do conhecimento e as distorções a que muitos analistas podem chegar ao defenderem as suas teses.

d) Cruz e Sousa demonstra que a ciência ainda não se desenvolveu plenamente nos países novos, o que impede a explicação de alguns fatos que ocorrem somente ali.

e) Ao empregar a expressão "Esta minúscula humanidade" (l.12), o poeta faz referência a um grupo específico de pessoas que, como menciona no parágrafo anterior do texto, não pode ser confundido com o grupo constituído de "alguns mais rebeldes e curiosos fósseis preocupados" (l.9).

Gabarito: C

A alternativa A é inadequada, dado que não há respeito ao interlocutor, até porque este é incapaz de compreender a visão do autor.

A alternativa B é incorreta, uma vez que a expressão "a carcaça paleontológica do Bom Senso" é usada com ironia para indicar a pouca flexibilidade de uma teoria,

a dureza de uma compreensão. Carcaça é algo duro, impenetrável. Paleontologia é uma ciência que estuda animais e vegetais fósseis. Portanto, o Bom Senso teria a dureza dos conhecimentos fossilizados.

A alternativa C é correta porquanto questiona a visão que se tem dos novos países e seus povos. Povos que já sofrem com a condição inviável do meio e que sofrem também com a imagem que possuem de serem incapazes – segundo a tal ciência d'hipóteses – para as funções de Entendimento.

A alternativa D é absurda, pois a crítica feita é o preconceito que se tem quanto aos povos presentes nesses novos países que seriam incapazes para as funções de Entendimento.

A alternativa E é errada, pois o termo "Esta minúscula humanidade" refere-se à queles que agem com preconceito, baseados em conceitos fossilizados e inflexíveis, e são os mesmos seres que os denominados em "alguns mais rebeldes e curiosos fósseis preocupados".

94. **Por que o novo presidente do FMI não pode ser europeu**

Der Spiegel

Thorsten Benner

Dominique Strauss-Kahn está na cadeia, e o debate a respeito do seu sucessor na direção do FMI já teve início. A chanceler alemã Angela Merkel quer que outro europeu ocupe o cargo. Mas isso seria um sinal fatal para potências emergentes como China e Índia.

A impressão foi que eles tinham as melhores das intenções. Em 2 de abril de 2009, europeus e norte-americanos indicaram a sua intenção de deixar de dividir entre si os cargos de liderança do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional (FMI). O acordo foi feito naquele ano na reunião do G20, em Londres. "Nós concordamos que os presidentes e líderes graduados das instituições financeiras internacionais deverão ser nomeados por meio de um processo de seleção aberto, transparente e meritocrático", dizia a declaração dos líderes na conclusão do encontro. Em outras palavras, os europeus abriram mão do privilégio de escolher o presidente do FMI.

Mas agora, com as acusações de ataque sexual contra o atual presidente da instituição, Dominique Strauss-Kahn, e a provável necessidade de substituí-lo, a chanceler alemã Angela Merkel parece ter esquecido a promessa.

Infere-se do primeiro parágrafo que:

a) o diretor do FMI está na cadeia;
b) já estão acontecendo debates sobre quem vai assumir a direção do FMI;
c) outro europeu assumir a direção do FMI seria um sinal fatal para a China e a Índia;
d) Dominique Strauss-Kahn é europeu;
e) outros países emergentes como o Brasil e o México desejam que outro europeu assuma o FMI.

Gabarito: D.

É fundamental o candidato atentar-se ao enunciado. Lá se exige algo implícito, algo que se deduz a partir do texto. A única alternativa que apresenta informação incoerente – e por isso deve ser a primeira eliminada – é a alternativa E. Em momento algum foi dito ou insinuado que o Brasil e o México desejavam que outro europeu assumisse o FMI. As alternativas A, B e C não servem como resposta, embora apresentem assertivas coerentes com o texto, uma vez que tais informações se apresentam de forma explícita e não subentendida. A alternativa D é a única coerente que o leitor efetivamente deduz. O texto não diz Dominique Strauss-Kahn é europeu. É algo que se deduz a partir da informação de que a chanceler alemã Angela Merkel quer que <u>outro europeu</u> ocupe o cargo. Portanto, se a chanceler alemã pretende que outro europeu assuma o cargo, pode-se inferir que Dominique Strauss-Kahn é europeu.

95. **O que informa o autor no segundo parágrafo?**

a) Europeus e norte-americanos possuíam as melhores intenções quando decidiram deixar de dividir entre si os cargos de liderança do Banco Mundial e do FMI.
b) Europeus e norte-americanos deixaram de dividir entre si os cargos de liderança do Banco Mundial e do FMI.
c) Que os presidentes e líderes graduados das instituições financeiras internacionais deverão ser nomeados por meio de um processo de seleção aberto, transparente e meritocrático.
d) O acordo de que europeus e norte-americanos deixariam de dividir entre si os cargos de liderança do Banco Mundial e do FMI foi feito em 2009 na reunião do G20 em Londres.
e) O processo de seleção aberto e meritocrático é o mais justo em todos os

sistemas de nomeações.

Gabarito: D.

Fundamental o candidato atentar-se ao fato de está sendo exigida uma informação explícita no texto e que tal informação provenha do autor. A alternativa A não serve como resposta, uma vez que o autor não informa que europeus e norte-americanos possuíam as melhores intenções, mas sim que **"a impressão" (a sensação, não a certeza)** era a de que eles tinham as melhores das intenções. A opção B apresenta comentário incoerente, pois europeus e norte-americanos, até o momento, ainda não deixaram de dividir entre si os cargos de liderança do Banco Mundial e do FMI. A opção C apresenta declaração não do autor, mas sim dos líderes ao fim da reunião do G20. A alternativa D é uma reprodução fiel de informação explícita em dois períodos do parágrafo: "Em 2 de abril de 2009, europeus e norte-americanos indicaram a sua intenção de deixar de dividir entre si os cargos de liderança do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional (FMI). O acordo foi feito naquele ano na reunião do G20, em Londres.". É importante ressaltar que, apesar o primeiro período falar apenas em "indicação de intenção", o segundo já expõe ter havido um acordo para europeus e norte-americanos deixarem de dividir entre si os cargos de liderança do Banco Mundial e do FMI. Já a alternativa E apresenta um comentário coerente, porém se trata de uma inferência, porquanto em momento algum é informado que esse sistema aberto e meritocrático é o mais justo.

96. **Sobre o terceiro parágrafo, julgue os seguintes itens.**

I – **O emprego de "agora" explicita a época em que o texto é redigido e sugere que, na identificação dos implícitos, há um pressuposição.**

II – **O emprego da preposição estabelece nexo causal.**

III – **Pode-se depreender do parágrafo que a chanceler alemã olvidou-se da promessa de que europeus e norte-americanos deixariam de dividir entre si os cargos de liderança do Banco Mundial e do FMI.**

Que comentários foram feitos com correção?

a) Nenhum.

b) Somente I e II.

c) Todos.

d) Somente II e III.

e) Somente I e III.

Gabarito: B.

O comentário I apresenta informação adequada, porquanto a referência de presente é sempre o momento em que o texto é confeccionado. Portanto, o "agora" não representa o momento em que lemos o texto, mas sim aquele em que escrito. Além disso, o emprego desse vocábulo permite a identificação de uma pressuposição, no campo dos implícitos: a de que antes a chanceler alemã procedia de uma forma e "agora" de outra.

O comentário II também adequado, porque existe uma relação de causa e efeito entre "com (por causa de, em virtude de) as acusações de ataque sexual contra o atual presidente da instituição, Dominique Strauss-Kahn, e a provável necessidade de substituí-lo" (causa) – a chanceler alemã Angela Merkel parece ter esquecido a promessa (consequência).

O comentário III é inadequado, uma vez que o texto trabalha no campo da possibilidade (PARECE TER ESQUECIDO) e não no campo da certeza (olvidou-se).

Da questão 97 a 100 – CARGO – TÉCNICO EM CONTABILIDADE da UFRJ – NCE

CIDADE MARAVILHOSA?

Os camelôs são pais de famílias bem pobres, e, então, merecem nossa simpatia e nosso carinho; logo eles se multiplicam por 1000. Aqui em frente à minha casa, na Praça General Osório, existe há muito tempo a feira hippie. Artistas e artesãos expõem ali aos domingos e vendem suas coisas. Uma feira um tanto organizada demais: sempre os mesmos artistas mostrando coisas quase sempre sem interesse. Sempre achei que deveria haver um canto em que qualquer artista pudesse vender um quadro; qualquer artista ou mesmo qualquer pessoa, sem alvarás nem licenças. Enfim, o fato é que a feira funcionava, muita gente comprava coisas – tudo bem. Pois de repente, de um lado e outro, na Rua Visconde de Pirajá, apareceram barracas atravancando as calçadas, vendendo de tudo – roupas, louças, frutas, miudezas, brinquedos, objetos usados, ampolas de óleo de bronzear, passarinhos, pipocas, aspirinas, sorvetes, canivetes. E as praias foram invadidas por 1000 vendedores. Na rua e na areia, uma orgia de cães. Nunca vi tantos cães no Rio, e presumo que muita gente anda com eles para se defender de assaltantes. O resultado é uma sujeira múltipla, que exige cuidado do pedestre para não pisar

naquelas coisas. E aquelas coisas secam, viram poeira, unem-se a cascas de frutas podres e dejetos de toda ordem, e restos de peixes da feira das terças, e folhas, e cusparadas, e jornais velhos; uma poeira dos três reinos da natureza e de todas as servidões humanas.

Ah, se venta um pouco o noroeste, logo ela vai-se elevar, essa poeira, girando no ar, entrar em nosso pulmão numa lufada de ar quente. Antigamente a gente fugia para a praia, para o mar. Agora há gente demais, a praia está excessivamente cheia. Está bem, está bem, o mar, o mar é do povo, como a praça é do condor – mas podia haver menos cães e bolas e pranchas e barcos e camelôs e ratos de praia e assaltantes que trabalham até dentro d'água, com um canivete na barriga alheia, e sujeitos que carregam caixas de isopor e anunciam sorvetes e quando o inocente cidadão pede picolé de manga, eis que ele abre a caixa e de lá puxa a arma. Cada dia inventam um golpe novo: a juventude é muito criativa, e os assaltantes são quase sempre muito jovens.

Rubem Braga

97. **O título do texto – cidade maravilhosa? – tem ao final um ponto de interrogação; com isso, o autor do texto expressa:**

a) uma pergunta ao leitor a fim de verificar a sua opinião;
b) um questionamento sobre o futuro da cidade do Rio de Janeiro;
c) uma dúvida sobre a qualidade de vida na cidade;
d) uma reflexão sobre as belezas da capital carioca;
e) uma opinião dos mais pobres sobre as condições de vida na cidade.

Gabarito: C.

As alternativas D e E são excluídas automaticamente, em face de haver uma interrogação, um questionamento. Elimina-se também a alternativa A, pelo fato de não ter cabimento a possibilidade de verificar-se a opinião do autor. A alternativa B também não pode ser a resposta, visto que a crítica é sobre um problema atual e não uma preocupação quanto ao futuro da cidade. A alternativa C acaba por ser a única coerente, pois os problemas listados no texto – o excesso de camelôs atravancando as ruas; o excesso de vendedores, ladrões e cães nas praias; a sujeira nas ruas e praças – implicam um prejuízo à qualidade de vida dos cariocas.

98. **"logo eles se multiplicam por 1000"; "E as praias foram invadidas por 1000 vendedores". O número 1000, nesses dois segmentos do texto:**

a) referem-se aos mesmos vendedores, em momentos diferentes;
b) indicam uma quantidade indeterminada de vendedores;
c) mostram somente uma ideia de grande quantidade;
d) representam o enorme progresso da cidade;
e) demonstram o crescimento desordenado da cidade.

Gabarito: C.

Quando o autor emprega o número 1000, objetiva demonstrar que a quantidade de camelôs e vendedores aumentou muito. Esse exagero, essa hipérbole enfatizam esse aumento.

99. **O autor critica basicamente dois tipos de poluição, que são:**
a) ambiental e visual;
b) visual e sonora;
c) sonora e marinha;
d) marinha e social;
e) social e ambiental.

Gabarito: A.

A poluição ocorre inicialmente no aspecto ambiental, visto que a crítica é feita à forma como estão as ruas, as praças, as praias. Tais problemas mencionados acabam também por comprometer o aspecto visual, pois há excesso de barracas nas ruas, as praias encontram-se extremamente cheias. É de bom alvitre observar que, em momento algum do texto, é mencionada uma crítica em relação à poluição sonora ou social. Não se fala de ruídos, música em som alto etc., como também nada se informa a respeito de que a poluição é gerada por classes sociais menos favorecidas.

100. **"os assaltantes são quase sempre muito jovens"; a maneira de reescrever-se essa mesma frase que mantém o seu sentido original é:**
a) são quase sempre bem jovens os assaltantes;
b) muitos assaltantes são quase sempre jovens;
c) os assaltantes são sempre quase jovens;
d) quase muitos jovens são sempre assaltantes;
e) são quase sempre jovens muitos assaltantes.

Gabarito: A.

É necessário atenção para fazer essa questão. Na frase original, "jovens" é

adjetivo que está intensificado pelo advérbio muito. Então os assaltantes não são apenas jovens, mas, sim, muito – excessivamente – jovens. Na alternativa B, o advérbio "muito" foi transformado em pronome indefinido atrelado a "assaltantes", e o adjetivo não está intensificado. Na C, "jovens" não está intensificado. Na D, "jovens" está substantivado, e "muitos" se torna pronome indefinido, o que gera alteração semântica; além disso, o posicionamento de "quase" faz com que a frase sequer tenha sentido. Na alternativa E, "jovens" não vem intensificado. A alternativa A é uma paráfrase, dado que a substituição de "muito" por "bem" – com valor de intensidade – conserva a ideia original.

Bibliografia

1. ALENCAR José de. O Guarani 7. ed. Minerva: São Paulo; 1965.
2. ALVES Castro. Espumas Flutuantes Record: Rio de Janeiro; 1997.
3. AQUINO Renato Monteiro de. Interpretação de Textos (Série Provas e Concursos). Campus/Elsevier: Rio de Janeiro; 2005.
4. Português para Concursos (Série Provas e Concursos). Campus/Elsevier: Rio de Janeiro; 2005.
5. ASSIS Joaquim Maria Machado de. Memórias Póstumas de Brás Cubas Edição única Abril Cultural: São Paulo; 1998.
6. Dom Casmurro. Edição única Abril Cultural: São Paulo; 1998.
7. AZEREDO, José Carlos de. Gramática Houaiss da Língua Portuguesa. Ed. Publifolha.
8. BECHARA Evanildo. Gramática Escolar da Língua Portuguesa Lucerna: Rio de Janeiro; 2003.
9. Moderna Gramática Portuguesa. 37. ed. Lucerna: Rio de Janeiro; 2001.
10. BARRETO Afonso Henriques de Lima. Triste Fim de Policarpo Quaresma 3. ed. Ática: São Paulo; 1987.
11. CÂMARA Jr Joaquim Mattoso. Estrutura da Língua Portuguesa 35. ed. Vozes: Petrópolis; 2002.
12. CAMÕES Luís Vaz de. Os Lusíadas Edição única Abril Cultural: São Paulo; 1997.
13. CARNEIRO Agostinho Dias. Redação em Construção 2. ed. Moderna: São Paulo; 2003.
14. CUNHA Euclides da Cunha. Os Sertões Edição única. Editora Abril 1969.
15. CUNHA Celso Ferreira da. Gramática da Língua Portuguesa 10. ed. FAE 1984.
16. CUNHA Celso Ferreira da, CINTRA Luís Filipe Lindley. Nova Gramática do Português Contemporâneo 3. ed. Nova Fronteira: Rio de Janeiro; 1997.
17. DUBOIS Jean. Dicionário de Linguística Cultrix: São Paulo; 1993.
18. FERREIRA Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário Aurélio. Nova Fronteira: Rio de Janeiro; 1975;.
19. FIGUEIREDO Fernando. Português no Concurso Público. 2. ed. Edição do autor 1999.
20. FURTADO Lilian, PEREIRA Vinícius Carvalho. Técnicas de Redação para Concursos. 1.ed. 2010; Editora Método.
21. GARCIA Othon Moacyr. Comunicação em Prosa Moderna. 20. ed. FGV: Rio de Janeiro; 2001.
22. GUIMARÃES Bernardo. A Escrava Isaura. Edição especial. 1998; Sociedade Comercial e Editorial Santiago. Publicações Europa América.
23. HOUAISS Antônio. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Objetiva: São Paulo; 2001.

24. IDA Manuel Said Ali. Gramática Histórica da Língua Portuguesa. 6. ed. Edições Melhoramentos: São Paulo; 1966.

25. KOCH Ingedore Villaça. Ler e Compreender: os sentidos do texto. 2. ed. Editora Contexto: São Paulo; 2006.

26. LIMA Carlos Henrique de Rocha. Gramática Normativa da Língua Portuguesa. 25. ed. José Olympio: Rio de Janeiro; 1985.

27. LUFT Celso Pedro. Moderna Gramática Brasileira. 2. ed. Globo: Rio de Janeiro; 2002.

28. MARCUSCHI Luis Antônio. Produção textual, Análise de Gêneros e compreensão. 3. ed. Parábola editorial: São Paulo; 2008.

29. NEVES Maria Helena de Moura. Texto e Gramática. Editora Contexto: São Paulo; 2006.

30. Gramática de usos do português.. Ed. UNESP.

31. OLÍVIA, Madre. Semântica e a natureza da língua. Ed. Vozes.

32. Semântica num confronto entre duas análises de português.. Ed. Maceió.

33. PAULIUKONIS Maria Aparecida Lino, SANTOS Leonor Werneck dos. Estratégias de leitura: texto e ensino Editora Lucerna: Rio de janeiro; 1998.

34. PESSOA Fernando. Poemas Escolhidos O Globo. 1997; Klick Editora.

35. POMPÉIA Raul. O Ateneu O Globo. 1997; Klick Editora.

36. QUEIRÓS Eça de. A relíquia O Globo. 1997; Klick Editora.

37. O Primo Basílio. Edição única Abril Cultural: São Paulo; 1969.

38. Ramos Graciliano. São Bernardo. 3. ed. José Olympio: Rio de Janeiro; 1947.

39. REIS Otelo. Breviário da Conjugação de Verbos. 54. ed. 2001; Editora Villa Rica.

40. RIBEIRO Manoel Pinto. Gramática Aplicada da Língua Portuguesa. 15. ed. Metáfora Editora: Rio de Janeiro; 2005.

41. ROSENTHAL Marcelo. Gramática para concursos. Editora Campus/Elsevier: Rio de Janeiro; 2006.

42. SABINO Fernando. A Mulher do Vizinho. Edição Integral Círculo do Livro: São Paulo; 1962.

43. VERISSIMO Luis Fernando. As Mentiras que os Homens Contam. Objetiva: Rio de Janeiro; 2001.

ELSEVIER

SÉRIE PROVAS E CONCURSOS

Interpretação de Textos e Semântica para concursos

TEORIA, ESQUEMAS, EXERCÍCIOS E QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Marcelo Rosenthal
Lilian Furtado
Tiago Omena
Pedro Henrique

DO MESMO AUTOR DE GRAMÁTICA PARA CONCURSOS

CAMPUS CONCURSOS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros, disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.Info*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.

Interpretação de Textos e Semântica para concursos

TEORIA, ESQUEMAS, EXERCÍCIOS E QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

SÉRIE PROVAS E CONCURSOS

Marcelo Rosenthal
Lilian Furtado
Tiago Omena
Pedro Henrique

ELSEVIER

CAMPUS
CONCURSOS

Sumário

Capa

Folha de rosto

Front Matter

Copyright

Dedicatória

Agradecimentos

Os Autores

Apresentação

Epígrafe

Prefácio

Capítulo 1. Interpretação Textual

1.1. TIPOLOGIA TEXTUAL

1.2. Tópico frasal

1.3. TIPOS DE ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS

1.4. Exercícios

Capítulo 2. Semântica de Nomes

2.1. ADJETIVO SUBJETIVO OU COM VALOR DE QUALIDADE

2.2. ADJETIVO OBJETIVO OU COM VALOR DE CARACTERÍSTICA

2.3. EXERCÍCIOS

2.4. POLISSEMIA

2.5. AMBIGUIDADE OU ANFIBOLOGIA

2.6. EXERCÍCIOS

Capítulo 3. Alteração de Funções Sintáticas em Questões de Interpretação

3.1. EXERCÍCIOS
Capítulo 4. Coesão Textual
4.1. COESÃO REFERENCIAL
4.2. COESÃO REFERENCIAL PRONOMINAL
4.3. EXERCÍCIOS
4.4. COESÃO REFERENCIAL LEXICAL
4.5. COESÃO REFERENCIAL POR ELIPSE
4.6. EXERCÍCIOS
4.7. COESÃO SEQUENCIAL
4.8. COESÃO SEQUENCIAL
Capítulo 5. Semântica dos Conectores – Preposições e Conjunções
5.1. VALORES SEMÂNTICOS DAS PREPOSIÇÕES ESSENCIAIS
5.2. VALORES SEMÂNTICOS DAS PREPOSIÇÕES ACIDENTAIS
5.3. Exercícios
Capítulo 6. Valor Semântico das Conjunções
6.1. CONJUNÇÕES COORDENATIVAS
6.2. CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS
6.3. ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS
6.4. EXERCÍCIOS
Capítulo 7. Coerência Textual
7.1. IMPLÍCITOS E EXPLÍCITOS
7.2. PRESSUPOSTOS E SUBENTENDIDOS
7.3. EXERCÍCIOS
Capítulo 8. Semântica Verbal
8.1. MODO INDICATIVO
8.2. MODO SUBJUNTIVO

8.3. MODO IMPERATIVO

8.4. OUTRAS SEMÂNTICAS VERBAIS

8.5. EXERCÍCIOS

Capítulo 9. Figuras de Linguagem

9.1. FIGURAS DE SOM OU HARMONIA

9.2. FIGURAS DE CONSTRUÇÃO OU SINTAXE

9.3. FIGURAS DE PENSAMENTO

9.4. FIGURAS DE PALAVRAS

9.5. EXERCÍCIOS

Capítulo 10. Funções da Linguagem

10.1. FUNÇÃO REFERENCIAL OU DENOTATIVA

10.2. FUNÇÃO EXPRESSIVA

10.3. FUNÇÃO CONATIVA OU APELATIVA

10.4. FUNÇÃO FÁTICA

10.5. FUNÇÃO METALINGUÍSTICA

10.6. FUNÇÃO POÉTICA

Capítulo 11. Vozes do Discurso

11.1. DISCURSO DIRETO

11.2. DISCURSO INDIRETO

11.3. DISCURSO INDIRETO LIVRE

11.4. EXERCÍCIOS

Capítulo 12. Leituras de Enunciados das Questões de Interpretação

12.1. RECORRÊNCIA TEXTUAL

12.2. INFERÊNCIA TEXTUAL

12.3. EXERCÍCIOS

Capítulo 13. Semântica dos Vocábulos Parônimos e Homônimos

13.1. PARÔNIMOS

13.2. HOMÔNIMOS

13.3. SEMÂNTICA DE FORMAS PARECIDAS

13.4. EXERCÍCIOS

Capítulo 14. Semântica de Afixos

14.1. PREFIXOS LATINOS

14.2. PREFIXOS GREGOS

14.3. RELAÇÃO DE SUFIXOS

14.4. CORRESPONDÊNCIA ENTRE PREFIXOS GREGOS E LATINOS

14.5. LATINISMOS

14.6. EXERCÍCIOS

Capítulo 15. Questões Comentadas

Bibliografia

Cadastro

Preencha a **ficha de cadastro** no final deste livro e receba gratuitamente informações sobre os lançamentos e as promoções da Elsevier.

Consulte também nosso catálogo completo, últimos lançamentos e serviços exclusivos no site **www.elsevier.com.br**

Dedicatória

Ao brilhante professor de Língua Portuguesa Marcelo Barbosa.

Agradecimentos

A nossos familiares e amigos que compreenderam a nossa ausência em muitos eventos, visto nosso envolvimento na conclusão desta obra.

Os Autores

A nossos familiares e amigos que compreenderam a nossa ausência em muitos eventos, visto nosso envolvimento na conclusão desta obra.

Marcelo Rosenthal

- Formado em Letras (Português-Alemão) pela UFRJ.
- Ex-professor de Língua Portuguesa do União Concursos.
- Ex-professor de Língua Portuguesa do Curso Gabarito.
- Ex-professor de Língua Portuguesa do Curso Metta.
- Professor de Língua Portuguesa da Academia do Concurso Público.
- Professor de Língua Portuguesa do CELP – Centro de Estudos da Língua Portuguesa.
- Professor de Língua Portuguesa do CEPAD.
- Professor de Língua Portuguesa Concurso Virtual.
- Professor de Língua Portuguesa do Canal dos Concursos.
- Técnico Judiciário do Tribunal Regional do Trabalho da Primeira Região.

Lilian Furtado

- Doutoranda em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Mestre em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Bacharel em Letras: Português-Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Licenciada em Letras: Português-Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Professora de Língua Portuguesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro.
- Professora de Língua Portuguesa e Redação do curso Damásio de Jesus.
- Professora de Língua Portuguesa e Redação do curso LFG/NTC.
- Professora de Língua Portuguesa e Redação do Curso Multiplus.
- Autora de livros para concursos da Editora Método.

Pedro Henrique

- Letras – (Português – Literatura) pela UNESA.
- Direito – (UNIVERCIDADE)
- Ex-professor de Língua Portuguesa do Curso Concursando Enfermagem.
- Ex-professor de Língua Portuguesa da FEMPERJ.
- Ex-Professor de Língua Portuguesa da Companhia dos Módulos.
- Coordenador de Língua Portuguesa e Redação do CELP (Centro de Estudos da Língua Portuguesa).
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do CELP (Centro de Estudos da Língua Portuguesa).
- Professor de Língua Portuguesa do Cláudio Borba Concursos.
- Professor de Língua Portuguesa do curso Multiplus.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do CEAV-RJ.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do CEAV-BA.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do CEJURIS.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do Curso Tamandaré.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do Concurso Virtual.
- Autor da Série Gabaritando de Questões Comentadas da Banca CESGRANRIO.
- Aprovado em diversos concursos – Colégio Naval, EPCAR, CRMV-RJ, Prefeitura do Rio de Janeiro, CEFET-RJ, entre outros.
- Ex-aluno do Colégio Naval
- Funcionário Público Federal do CEFET-RJ.

Tiago Omena

- Letras – (Português – Literatura) pela UNESA.
- Direito – (UNIABEU)
- Ex-professor de Língua Portuguesa do Curso Concursando Enfermagem.
- Ex-professor de Língua Portuguesa da FEMPERJ.
- Ex-Professor de Língua Portuguesa da Companhia dos Módulos.
- Coordenador de Língua Portuguesa e Redação do CELP (Centro de Estudos da Língua Portuguesa).
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do CELP (Centro de Estudos da Língua Portuguesa).
- Professor de Língua Portuguesa do Cláudio Borba Concursos.
- Professor de Língua Portuguesa do curso Multiplus.

- Professor de Língua Portuguesa e Redação do CEAV-RJ.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do CEAV-BA.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do CEJURIS.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do Curso Tamandaré.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do Concurso Virtual.
- Autor da Série Gabaritando de Questões Comentadas da Banca CESGRANRIO.
- Aprovado em diversos concursos – TRF-SP, TRF-AL, entre outros.

Apresentação

Essa obra foi imaginada com a intenção de oferecer ao candidato a um cargo no serviço público o máximo de ferramentas efetivas para a resolução de questões de interpretação de textos. Não pretendemos aqui discutir intelecções, mas sim tratar, de forma extremamente objetiva, o assunto. Muitas das questões de interpretação são elaboradas para deixar o aluno em dúvida entre duas alternativas, o que o leva normalmente para a marcação da errada. Qual o critério técnico para excluir essa alternativa? Qual o critério para ser a outra alternativa a resposta? Portanto, o nosso trabalho vai se pautar por esse caminho. Em vez de questionar as bancas, tentaremos mergulhar na cabeça – desculpem a conotação que demarca uma linguagem mais coloquial – dos autores dessas questões e tentar avaliar quais os argumentos que eles poderiam ter para chegar a uma resposta. Faremos um passeio pelo estudo das figuras e funções de linguagem, pela semântica dos afixos e radicais, dos nomes e verbos e sobretudo dos conectores. Nós nos aprofundaremos na tipologia textual, observaremos minuciosamente os recursos argumentativos e destacaremos a análise dos enunciados das questões (se o comando exige resposta explícita ou implícita), fator que se torna tão decisivo para se atingir a alternativa certa. O fechamento de todos os assuntos abordados se dará com um rol de questões sempre apresentado com gabarito comentado. Por fim, a cereja do nosso bolo – olhe a conotação aí novamente – é a análise de mais 100 questões, evidentemente com gabarito comentado, compreendendo todos os assuntos mencionados no livro. Pela nossa experiência, temos a convicção de que essa obra será de extrema valia a todos que pretendem ingressar no serviço público.

Epígrafe

AUTOPSICOGRAFIA

O POETA é um fingidor.

Finge tão completamente

Que chega a fingir que é dor

A dor que deveras sente.

E os que leem o que escreve,

Na dor lida sentem bem,

Não as duas que ele teve,

Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas de roda

Gira, a entreter a razão,

Esse comboio de corda

Que se chama o coração.

Fernando Pessoa

Prefácio

Realizar provas de concursos públicos é uma tarefa que exige muita interpretação não só nas questões de língua portuguesa, mas em todas as disciplinas. A interpretação é essencial para se compreender o que de fato o examinador quer. Esse ponto é muito delicado.

Como professores, percebemos que muitos alunos são reprovados por não terem sabido interpretar corretamente os enunciados da prova, embora soubessem o assunto. Erram questões que teriam plena condição de acertar, se entendessem o que se pede.

A língua portuguesa é extremamente complexa, com palavras de múltiplos sentidos e verbos com grande número de conjugações, em que um detalhe faz toda a diferença.

Esta obra apresenta, de modo objetivo e claro, o resultado de mais de 40 anos somados em experiências de sala de aula. Os autores transmitem, de forma extremamente didática e inovadora, as técnicas e os métodos de interpretação textual, demonstrando que o ato de interpretar não é algo tão "subjetivo", como muitos pensam, mas sim uma atividade que exige uma análise aprofundada e técnica do texto lido.

Ao analisarmos este trabalho, notamos que esta obra irá ajudar todo aquele que, ao primeiro contato com o texto, saberá extrair os elementos necessários para a informação, reconhecimento e interpretação do mesmo, e por isso afirmamos, sem sofisma, que se trata de um instrumento essencial para sanar as dúvidas em relação às questões de prova, bem como facilitar a comunicação no cotidiano.

É uma grande honra para nós do Concurso Virtual sermos escolhidos para escrever o prefácio da obra deste fantástico quarteto: Marcelo Rosenthal, com sua expertise; Lilian Furtado, com a sua sutileza ao passar a matéria; Pedro Henrique, com seu carisma; e Tiago Omena, com a sua objetividade.

Temos a certeza de que todos são professores de altíssima qualidade, apaixonados pelo que fazem e sempre atentos às necessidades dos candidatos a concursos públicos, pois é isso que ouvimos dos nossos alunos no dia a dia, nos enchendo de orgulho por tê-los em nosso corpo docente.

Alexandre Prado, Marcelo Marques, Raphael Vianna e Rodrigo Menezes,

diretores do Concurso Virtual

Capítulo 1

Interpretação Textual

Interpretar é entender o que está escrito no texto, em outras palavras, é explicar, é esclarecer, é reproduzir de uma outra forma algo que já foi dito. Assim, para falar em interpretação textual é fundamental saber o que é texto.

A palavra texto é originada do latim textum e significa entrelaçamento, ou seja, um texto é um entrelaçamento de ideias, por isso, um texto escrito não é apenas uma enumeração de frases e de orações e sim um conjunto de informações conectadas entre si que estabelecem a coesão e a coerência textual.

Segundo FÁVERO (1997), "O texto consiste em qualquer passagem falada ou escrita que forma um todo significativo independente de sua extensão". Dessa forma, podemos considerar que o texto é qualquer forma de comunicação oral ou escrita, verbal ou não verbal sempre direcionado ao leitor, assim, músicas, bulas de remédio, faixas, pinturas, charges, gestos recitais, shows etc. são formas diferentes de texto.

1 – O texto

Vejamos alguns exemplos:

Texto 1

Texto 2

Texto 3

Os textos acima não apresentam frases ou orações, são constituídos apenas de imagens e, ainda assim, conseguimos entender a mensagem de cada um deles. Analisando as figuras, verificamos que o texto 1 apresenta placas de sinalização utilizadas pelas normas de trânsito. Podemos observar ainda que a primeira placa mostra que é proibida circulação de bicicletas e mais ao fundo observamos uma outra placa que indica a presença de quebra-mola na pista. Já o texto 2 tem uma imagem que indica a necessidade de silêncio no estabelecimento em que ela foi fixada. O terceiro texto é uma charge da Mafalda que, ao caminhar por uma calçada, se surpreende ao pisar em um trecho alagado. Após constatar que a água não provinha de chuva, a personagem continua sua caminhada tentando saber a causa de tanta água até que num determinado momento se depara com inúmeras pessoas chorando.

Texto 4

"Renda-se, como eu me rendi. Mergulhe no que você não conhece como eu

mergulhei. Não se preocupe em entender, viver ultrapassa qualquer entendimento."

(Clarice Lispector)

Texto 5

Circuito Fechado

Chinelos, vaso, descarga. Pia, sabonete. Água. Escova, creme dental, água, espuma, creme de barbear, pincel, espuma, gilete, água, cortina, sabonete, água fria, água quente, toalha. Creme para cabelo; pente. Cueca, camisa, abotoaduras, calça, meias, sapatos, gravata, paletó. Carteira, níqueis, documentos, caneta, chaves, lenço, relógio, maços de cigarros, caixa de fósforos. Jornal. Mesa, cadeiras, xícara e pires, prato, bule, talheres, guardanapos. Quadros. Pasta, carro. Cigarro, fósforo. Mesa e poltrona, cadeira, cinzeiro, papéis, telefone, agenda, copo com lápis, canetas, blocos de notas, espátula, pastas, caixas de entrada, de saída, vaso com plantas, quadros, papéis, cigarro, fósforo. Bandeja, xícara pequena. Cigarro e fósforo. Papéis, telefone, relatórios, cartas, notas, vales, cheques, memorandos, bilhetes, telefone, papéis. Relógio. Mesa, cavalete, cinzeiros, cadeiras, esboços de anúncios, fotos, cigarro, fósforo, bloco de papel, caneta, projetos de filmes, xícara, cartaz, lápis, cigarro, fósforo, quadro-negro, giz, papel. Mictório, pia, água. Táxi. Mesa, toalha, cadeiras, copos, pratos, talheres, garrafa, guardanapo, xícara. Maço de cigarros, caixa de fósforos. Escova de dentes, pasta, água. Mesa e poltrona, papéis, telefone, revista, copo de papel, cigarro, fósforo, telefone interno, externo, papéis, prova de anúncio, caneta e papel, relógio, papel, pasta, cigarro, fósforo, papel e caneta, telefone, caneta e papel, telefone, papéis, folheto, xícara, jornal, cigarro, fósforo, papel e caneta. Carro. Maço de cigarros, caixa de fósforos. Paletó, gravata. Poltrona, copo, revista. Quadros. Mesa, cadeiras, pratos, talheres, copos, guardanapos. Xícaras, cigarro e fósforo. Poltrona, livro. Cigarro e fósforo. Televisor, poltrona. Cigarro e fósforo. Abotoaduras, camisa, sapatos, meias, calça, cueca, pijama, espuma, água. Chinelos. Coberta, cama, travesseiro.

(Ricardo Ramos)

Ao comparamos os textos 4 e 5, observamos que ambos são textos escritos, entretanto com diferenças entre si. O texto 4 é direcionado ao leitor e foi elaborado a partir da utilização de orações, conectores coesivos e pontuação. Já quando lemos o texto 5, verificamos de imediato que se trata de um tipo de texto mais atípico ao que estamos acostumados a ver e a conceber como texto. Isso pode

acontecer porque temos a sensação de que se trata apenas de um emaranhado de palavras soltas, composto principalmente de substantivos. Contudo, ao fazermos uma leitura mais atenta, constatamos que a sequência com que os substantivos foram organizados nos permite verificar a história de um homem comum vivendo sua rotina. Assim, o texto 5, apesar de ser apresentado com uma estrutura diferente do que estamos acostumados, é um texto, pois apresenta significado.

Até agora, vimos textos exclusivamente compostos de imagens e textos compostos exclusivamente de escrita. Observe abaixo o quadrinho do Calvim.

Texto 6

<u>Calvim em: Pisei no cocô</u>

http://phellippe.arteblog.com.br/77956/Cavim-em-Pisei-no-coco/

O texto acima é conhecido teoricamente como texto misto por ser composto simultaneamente por imagens e escrita. Ambos os recursos são fundamentais para o entendimento do significado. Observe que no primeiro quadrinho o fato de Calvim gritar pela mãe é composto por um detalhe primordial que não podemos deixar de observar: ele está com os pés do lado de fora da casa. No segundo e terceiro quadrinhos, verificamos que Calvim reflete e obedece à ordem da mãe. Por fim, notamos que só é possível depreender o significado de todo o texto somando a parte escrita da fala de Calvim com a imagem de desespero da mãe.

1.1. TIPOLOGIA TEXTUAL

Quando falamos em **tipo textual**, atualmente conhecido como **modo de organização do discurso** ou **modo textual**, nos referimos à forma como o texto se organiza em relação à informação que será apresentada, aos aspectos sintáticos, aos tempos dos verbos, às relações lógicas etc. Tradicionalmente os tipos textuais são classificados de três formas: **narrativo, descritivo** e **dissertativo (informativo ou argumentativo)**. Entretanto, atualmente, estudiosos defendem a existência de mais dois tipos textuais: **o injuntivo e o dialogal**.

É imprescindível lembrar que esses **modos de organização do discurso** nem sempre aparecem "puros" no texto, ou seja, dificilmente encontraremos textos com características unicamente narrativas ou descritivas. Em um romance, por exemplo, vemos a imbricação entre a narração do enredo e a descrição do espaço.

É importante ressaltar que muitas pessoas fazem confusão entre tipo textual e gênero textual. O gênero textual é um formato que se propõe a uma finalidade. Assim, uma lenda, uma ata de reunião, uma carta, uma fábula, uma receita, uma bula de remédio são diferentes gêneros textuais que possuem formatos distintos. Esses formatos permitem ao leitor identificar, por exemplo, a distinção entre a bula de remédio e a receita de um bolo, pois a forma como o texto é predisposto facilita a verificação do que o texto quer de fato comunicar. Podemos constatar, dessa forma, que temos inúmeros gêneros e que nesses gêneros podemos encontrar cinco tipos textuais. Para que fique mais fácil compreender, vamos analisar abaixo cada tipo textual.

1.1.1. Narração

A construção de um texto narrativo pressupõe a existência de um narrador, que pode ou não ser apresentado de forma explícita no texto. Este narrador tem como objetivo relatar fatos, que ocorreram em determinado tempo e lugar e que envolvem personagens. Assim, podemos entender que no texto narrativo há uma sequência de ações que ocorrem ao longo do tempo, mantendo a progressão temporal e consequentemente a sequência lógica do texto. Além disso, é possível observar a predominância de verbos de ação. Vejamos os exemplos abaixo:

Exemplo 1:

Coruja e águia, depois de muita briga, resolveram fazer as pazes.

– Basta de guerra – disse a coruja. O mundo é tão grande, e tolice maior que o mundo é andarmos a comer os filhotes uma da outra.

– Perfeitamente – respondeu a águia. – Também eu não quero outra coisa.

– Nesse caso combinemos isto: de agora em diante não comerás nunca os meus filhotes.

– Muito bem. Mas como posso distinguir os teus filhotes?

– Coisa fácil. Sempre que encontrares uns borrachos lindos, bem feitinhos de corpo, alegres, cheios de uma graça especial que não existe em filhote de nenhuma outra ave, já sabes, são os meus.

– Está feito! – concluiu a águia.

Dias depois, andando à caça, a águia encontrou um ninho com três monstrengos dentro, que piavam de bico muito aberto.

– Horríveis bichos! – disse ela. Vê-se logo que não são os filhos da coruja.

E comeu-os.

Mas eram os filhos da coruja. Ao regressar à toca a triste mãe chorou amargamente o desastre e foi justar contas com a rainha das aves.

– Quê? – disse esta, admirada. Eram teus filhos aqueles monstrenguinhos? Pois, olha, não se pareciam nada com o retrato que deles me fizeste…"

Exemplo 2:

Tragédia brasileira

Misael, funcionário da Fazenda, com 63 anos de idade.

Conheceu Maria Elvira na Lapa prostituída com sífilis, dermite nos dedos, uma aliança empenhada e os dentes em petição de miséria.

Misael tirou Maria Elvira da vida, instalou-a num sobrado no Estácio, pagou médico, dentista, manicura… Dava tudo quanto ela queria.

Quando Maria Elvira se apanhou de boca bonita, arranjou logo um namorado. Misael não queria escândalo. Podia dar urna surra, um tiro, urna facada. Não fez nada disso: mudou de casa.

Viveram três anos assim.

Toda vez que Maria Elvira arranjava namorado, Misael mudava de casa.

Os amantes moraram no Estácio, Rocha, Catete, Rua General Pedra, Olaria,

Ramos, Bom Sucesso, Vila Isabel, Rua Marquês de Sapucaí, Niterói, encantado, Rua Clapp, outra vez no Estácio, Todos os Santos, Catumbi, Lavradio, Boca do Mato, Inválidos…

Por fim na Rua da Constituição, onde Misael, privado de sentidos e inteligência, matou-a com seis tiros, e a polícia foi encontrá-la caída em decúbito dorsal, vestida de organdi azul.

Manuel Bandeira

Exemplo 3:

Eduardo e Mônica

Quem um dia irá dizer
Que existe razão
Nas coisas feitas pelo coração?
E quem irá dizer
Que não existe razão?
Eduardo abriu os olhos, mas não quis se levantar
Ficou deitado e viu que horas eram
Enquanto Mônica tomava um conhaque
No outro canto da cidade, como eles disseram.
Eduardo e Mônica um dia se encontraram sem querer
E conversaram muito mesmo pra tentar se conhecer…
Um carinha do cursinho do Eduardo que disse:
"Tem uma festa legal, e a gente quer se divertir"
Festa estranha, com gente esquisita
"Eu não tô legal", não aguento mais birita"
E a Mônica riu, e quis saber um pouco mais
Sobre o boyzinho que tentava impressionar
E o Eduardo, meio tonto, só pensava em ir pra casa
"É quase duas, eu vou me ferrar…"
Eduardo e Mônica trocaram telefone
Depois telefonaram e decidiram se encontrar
O Eduardo sugeriu uma lanchonete,
Mas a Mônica queria ver o filme do Godard

Se encontraram então no parque da cidade
A Mônica de moto e o Eduardo de "camelo"
O Eduardo achou estranho, e melhor não comentar
Mas a menina tinha tinta no cabelo
Eduardo e Mônica eram nada parecidos
Ela era de Leão e ele tinha dezesseis
Ela fazia Medicina e falava alemão
E ele ainda nas aulinhas de inglês
Ela gostava do Bandeira e do Bauhaus,
Van Gogh e dos Mutantes, de Caetano e de Rimbaud
E o Eduardo gostava de novela
E jogava futebol-de-botão com seu avô
Ela falava coisas sobre o Planalto Central
Também magia e meditação
E o Eduardo ainda tava no esquema: "escola, cinema
clube, televisão".
E mesmo com tudo diferente, veio mesmo, de repente
Uma vontade de se ver
E os dois se encontravam todo dia
E a vontade crescia, como tinha de ser…
Eduardo e Mônica fizeram natação, fotografia
Teatro, artesanato, e foram viajar
A Mônica explicava pro Eduardo
Coisas sobre o céu, a terra, a água e o ar…
Ele aprendeu a beber, deixou o cabelo crescer
E decidiu trabalhar (nããão)
E ela se formou no mesmo mês
Que ele passou no vestibular
E os dois comemoraram juntos
E também brigaram juntos, muitas vezes depois
E todo mundo diz que ele completa ela
E vice-versa, que nem feijão com arroz

Construíram uma casa há uns dois anos atrás
Mais ou menos quando os gêmeos vieram
Batalharam grana, seguraram legal
A barra mais pesada que tiveram
Eduardo e Mônica voltaram pra Brasília
E a nossa amizade dá saudade no verão
Só que nessas férias, não vão viajar
Porque o filhinho do Eduardo tá de recuperação
Ah! Ahan!
E quem um dia irá dizer
Que existe razão
Nas coisas feitas pelo coração?
E quem irá dizer
Que não existe razão!

Renato Russo

O texto do exemplo 1 é uma fábula. Esse gênero textual é organizado em uma estrutura específica, pois quase sempre seus personagens são bichos, que ganham características humanas e, além disso, tem sempre um ensinamento moral, revelado ao final da história. O texto 2 e o texto 3 também são predominantemente narrativos, embora pertençam a gêneros diferentes: o texto 2 é um romance e o texto 3 é uma música.

É importante também destacar que o texto 1 tem caráter fantástico, pois a fábula não se compromete com a veracidade dos fatos, pelo contrário, as fábulas são fantasiosas e figuradas. Já o texto 2 tem objetivo comunicativo diferente, pois é um texto com personagens bem definidos e que, principalmente, se compromete com a veracidade dos fatos relatados da mesma maneira que acontece com o texto 3.

Observe o quadro abaixo:

TEXTO 1	**TEXTO 2**	**TEXTO 3**
Gênero: Fábula Objetivo: moral	Gênero: Romance Objetivo: verossímil	Gênero: Música Objetivo: verossímil
Tipo textual	Tipo textual	Tipo textual predominante:

predominante: narração Objetivo: relatar fatos	predominante: narração Objetivo: relatar fatos	narração Objetivo: relatar fatos
Personagens: águia e coruja	Personagens: Misael e Maria Elvira	Personagens: Eduardo e Mônica
Tempo: duração até a próxima caçada da águia	Tempo: duração do relacionamento	Tempo: início do relacionamento até a reprovação do filho

Observe que utilizamos a palavra predominante para classificar a tipologia, pois, em ambos os textos, verificamos também a existência de trechos descritivos, que não são suficientes para classificarmos os textos como descritivos.

1.1.2. Descrição

O texto descritivo apresenta uma sequência de características de um indivíduo, de um objeto, de um lugar etc. Textos descritivos geralmente são ricos em adjetivos ou expressões qualificativas e têm como objetivo a construção da imagem, pois o leitor é capaz de visualizar o que é descrito apenas com os dados apresentados no texto. Tradicionalmente, é comum considerar que o texto descritivo é mais estático já que se fundamenta no espaço enquanto o texto narrativo apresenta movimento uma vez que se fundamenta no tempo.

Exemplo 1:

Trecho retirado do livro Madame Bovary

A fachada de tijolos era perfeitamente alinhada à beirada da rua, ou melhor, da estrada. Atrás da porta estavam pendurados uma capa de gola curta, um freio, um boné de oleado e, a um canto, no chão, um par de polainas ainda cobertas de lama seca. À direita era a sala, isto é, o lugar onde comiam e onde sempre ficavam. Um papel cor de canário, com cercadura de flores descoradas, tremia sobre o pano em que estava colado; cortinas de chita branca, orladas de galão vermelho, entrecruzavam-se nas janelas e na estreita pedra do fogão resplandecia um relógio com a cabeça de Hipócrates entre dois castiçais de prata lavrada, debaixo de redomas ovais. Do outro lado do corredor estava o gabinete de Carlos, pequena peça de dois metros de largura, mais ou menos, com uma mesa, três cadeiras e

uma poltrona.

Gustave Flaubert

Exemplo 2:

Anúncio de jornal

Vendo sitio 18 hectares, belíssimas cachoeiras com várias quedas, vários poços para tomar banho, o sitio é cortado por duas enormes cachoeiras, 2 lagos de peixe, pés de laranja, tangerina, caqui entre outros. Aproximadamente 1500 pés de banana, 2 casas c 2 quartos sala, cozinha e banheiro e varanda, um barracão de madeira, galinheiro. Lugar para quem gosta de tranquilidade. Também posso vender a metade do sitio com uma casa. O sítio tem cadastro no INCRA e no IBAMA, os impostos estão em dia. Tel convencional só horário comercial documentação em meu nome.

Exemplo 3:

A casa

Era uma casa
Muito engraçada
Não tinha teto
Não tinha nada
Ninguém podia
Entrar nela não
Porque na casa
Não tinha chão
Ninguém podia
Dormir na rede
Porque a casa
Não tinha parede
Ninguém podia
Fazer pipi
Porque penico
Não tinha ali
Mas era feita
Com muito esmero

Na Rua dos Bobos
Número Zero.

Vinícius de Moraes

A respeito dos textos acima, observamos que, apesar de serem de gêneros diferentes, ambos são predominantemente textos descritivos.

Observe o quadro abaixo:

TEXTO 1	**TEXTO 2**	**TEXTO 3**
Gênero: Romance Objetivo: despertar o leitor para o relato de uma história	Gênero: Anúncio de Jornal Objetivo: vender	Gênero: Música Objetivo: despertar o leitor para as características de uma casa.
Tipo textual predominante: descrição Objetivo: caracterização de objetos ou lugar	Tipo textual predominante: descrição Objetivo: caracterização de lugar	Tipo textual predominante: descrição Objetivo: caracterização de pessoa

1.1.3. Injunção

No texto injuntivo, o autor tenta fazer com que leitor tome atitudes a partir de uma sequência de comandos por meio do convencimento. O texto injuntivo geralmente apresenta ordem, pedido, conselho etc. e por isso há predominância de verbos no imperativo e a ordenação seriada das informações, especialmente sob a forma de orações coordenadas.

Exemplo 1:

Receita de pizza

1. Peneire a farinha e o sal em uma tigela grande. Adicione o fermento e misture.
2. Faça um buraco no centro dos ingredientes secos. Despeje a água e o azeite e mexa até formar uma massa mole.
3. Amasse a massa sobre uma superfície levemente enfarinhada por mais ou menos 10 minutos, até que ela fique lisa e elástica.
4. Coloque a massa em uma tigela untada e cubra com plástico transparente. Deixe-a em um local morno para crescer por mais ou menos 1 hora, até que ela tenha dobrado de tamanho.

5. Amasse novamente a massa. Coloque-a sobre uma base levemente enfarinhada e amasse por 2 a 3 minutos. Abra a massa como desejado e coloque-a em uma fôrma untada. A massa está pronta para a cobertura.

(http://www.muitomaisreceitas.com.br/receitas/tortas_paes_e_pizzas/massa_basica

Exemplo 2:

Os anjos

Pegue duas medidas de estupidez
Junte trinta e quatro partes de mentira
Coloque tudo numa forma
Untada previamente
Com promessas não cumpridas
Adicione a seguir o ódio e a inveja
Dez colheres cheias de burrice
Mexa tudo e misture bem
E não se esqueça antes de levar ao forno temperar
Com essência de espírito de porco
Duas xícaras de indiferença
e um tablete e meio de preguiça (...)

(Trecho da música os anjos de Renato Russo)

Exemplo 3:

Propagandas

Como observamos acima, os textos, apesar de serem de gêneros diferentes, apresentam a mesma tipologia: a injunção. Nos exemplos 1 e 2, percebemos a

preocupação do autor em orientar o leitor na execução de algo. No exemplo 1, temos uma sequência de ações que devem ser empregadas na ordem dada para que seja possível fazer a pizza. No exemplo 2, verificamos que o compositor Renato Russo adiciona ao gênero música um trecho do gênero receita. No exemplo 3, é possível notar que, embora os textos não apresentem uma sequência de ações a serem tomadas pelo leitor, as propagandas têm como objetivo convencer o leitor a tomar a decisão de adquirir o produto. Note que em ambos os textos verificamos a predominância de verbos no imperativo, por ser este, dentro do que considera a tradição gramatical, o modo verbal responsável pelos sentidos de ordem, pedido, conselho, sugestão ou súplica.

Observe o quadro abaixo:

TEXTO 1	**TEXTO 2**	**TEXTO 3**
Gênero: Receita Objetivo: ensinar os passos de um procedimento	Gênero: música Objetivo: criticar o comportamento da sociedade de forma geral	Gênero: propaganda Objetivo: convencer o leitor a adquirir algo
Tipo textual predominante: injunção Objetivo: dizer como fazer uma ação	Tipo textual predominante: injunção Objetivo: dizer como fazer uma ação	Tipo textual predominante: injunção Objetivo: levar à realização de uma ação

1.1.4. Diálogo

No texto dialogal, é possível observar que o texto é constituído por no mínimo dois locutores, que estabelecem um intercâmbio verbal. Este tipo de texto é organizado de forma a reproduzir uma conversa da oralidade, pois conferem realismo ao diálogo realizado pelos personagens que participam do mesmo espaço e discutem sobre o mesmo tema. Este texto se difere da narração, pois o narrador, quando aparece, tem apenas a função de apresentar o diálogo que ocorre na primeira pessoa do singular.

Exemplo 1:

Folha – Como foi voltar a filmar com Pedro Almodóvar?

Antonio Banderas – Foi como um nascimento, meu segundo nascimento. É

difícil trabalhar com ele, porque exige muito. Para mim, é caminhar num terreno desconhecido, cujo resultado me deixou muito contente.

O que mudou no período em que não trabalharam juntos?

Muita coisa mudou, mas na vida pessoal continuamos muito amigos. No terreno artístico ele se converteu em um diretor mais profundo, mais sério, mais completo quanto ao conteúdo e na forma mais minimalista, quase japonês. Em minha carreira, nesse tempo, eu interpretei muita coisa, [fiz] filmes de terror, musicais, aventura, ação, filme para crianças. Reconheço que me apetecia me envolver com um cinema mais comprometido, com Woody Allen, Pedro Almodóvar.

Que tal as brasileiras?

Não tive tempo para conhecer muitas mulheres brasileiras porque fiquei em lugares fechados concedendo entrevistas (risos). Há uma alegria inata neste país. Recordo um filme chamado "Orfeu Negro" (1959) [filme dirigido por Marcel Camus, baseado na peça "Orfeu da Conceição", de Vinicius de Moraes], que falava sobre a morte e ao mesmo tempo havia uma exaltação da alegria exatamente porque a morte é a única certeza.

Qual é a brasileira mais bonita?

A mais bela? É muito difícil porque há muitas mulheres muito belas aqui. A união de raças produz gente muito bonita aqui. A beleza das mulheres daqui não é tradicional. Há mulheres que não têm a beleza dentro das coordenadas, do padrão. Eu prefiro não intelectualizar, porque senão vou perder esse sabor, prefiro apenas observar e desfrutar.

O que acha do nosso cinema?

O Brasil está crescendo e o cinema vai junto. O trabalho de Walter Salles e Bruno Barreto são legados. Mas creio que o Rio não é uma cidade suficientemente retratada pelo cinema. Há algo muito espetacular aqui que não foi completamente retratado.

Como se envolveu com perfumes e fotografia?

Comecei minha atividade empresarial há 14 anos, mas não sou um vendedor de perfumes, sou um artista. Também me encanta a fotografia e a música.

(trecho da entrevista da Folha Online – http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/920728-banderas-diz-que-mulher-brasileira-e-para-observar-e-desfrutar.shtml)

Exemplo 2:

Ema prosseguia:

– E que música prefere o senhor?

– A música alemã, que é a que mais nos predispõe ao devaneio.

– Conhece os italianos?

– Ainda não; mas tenciono frequentá-los no ano que vem, quando for residir em Paris, para completar o meu curso de Direito.

(Trecho da obra Madame Bovary de Gustave Flaubert)

Exemplo 3:

Olá, como vai?
Eu vou indo e você, tudo bem?
Tudo bem eu vou indo correndo
Pegar meu lugar no futuro, e você?
Tudo bem, eu vou indo em busca
De um sono tranquilo, quem sabe…
Quanto tempo… pois é…
Quanto tempo…
Me perdoe a pressa
É a alma dos nossos negócios
Oh! Não tem de quê
Eu também só ando a cem
Quando é que você telefona?
Precisamos nos ver por aí
Pra semana, prometo talvez nos vejamos
Quem sabe?
Quanto tempo… pois é… (pois é… quanto tempo…)
Tanta coisa que eu tinha a dizer
Mas eu sumi na poeira das ruas
Eu também tenho algo a dizer
Mas me foge a lembrança
Por favor, telefone, eu preciso
Beber alguma coisa, rapidamente

Pra semana
O sinal…
Eu espero você
Vai abrir…
Por favor, não esqueça,
Adeus…

Paulinho da Viola

1.1.5. Dissertação

O texto dissertativo é elaborado a partir da apresentação de fatos, opiniões, pensamentos ou informações sobre determinado assunto. Geralmente, as ideias apresentadas são encadeadas utilizando-se a terceira pessoa do singular, uma das formas de marcar gramaticalmente a impessoalidade, entretanto, nas provas de interpretação, é comum observar textos dissertativos em que o autor se utiliza da primeira pessoa para expor sua opinião. A depender do objetivo do autor, a dissertação pode ser expositiva (texto informativo) ou argumentativa e geralmente dividida em introdução, desenvolvimento e conclusão. A diferença básica entre os dois tipos de texto é que, no primeiro, o autor não se propõe a convencer o leitor, fazendo apenas uma explicação sobre o assunto apresentado, relatando dados e ideias. Já na argumentação, o autor, além de tentar convencer o leitor a respeito da ideia apresentada, emprega um raciocínio lógico e coerente, utilizando como base de argumentação provas que evidenciem suas ideias.

Vejamos os textos abaixo:

1.1.5.1. Dissertação informativa (expositiva)

Lua pode conter tanta água quanto a Terra, revela estudo

A Lua poderia ter muito mais água do que o imaginado, talvez tanta quanto a Terra, uma descoberta que lança dúvidas sobre a formação do satélite, revela um estudo divulgado esta quinta-feira nos Estados Unidos.

Durante muito tempo acreditou-se que a Lua fosse um local seco e poeirento até que, há poucos anos, descobriu-se água pela primeira vez.

Agora, cientistas das universidades Case Western Reserve e Brown acreditam que no interior da Lua haja cem vezes mais água do que se pensava inicialmente.

As descobertas foram feitas com o uso de um instrumento de precisão, chamado NanoSIMS 50L –um microanalisador de íons-– para examinar o magma lunar ou pequenas quantidades de rocha derretida, coletada pela Apolo 17, a última missão americana à Lua, em 1972.

"Estas amostras são a melhor janela que temos para [calcular] a quantidade de água no interior da Lua", disse James Van Orman, coautor do estudo e professor de ciências geológicas do Case Western.

"O interior parece ser bastante similar no interior da Terra, razão pela qual sabemos sobre a abundância de água", acrescentou.

As descobertas foram publicadas na edição de 26 de maio da "Science Express".

A mesma equipe publicou um trabalho na "Nature" em 2008, descrevendo a primeira evidência da presença de água nos cristais vulcânicos trazidos pelas missões Apolo.

"O essencial é que em 2008 dissemos que o conteúdo primitivo de água no magma lunar deveria ser similar à água contida na lava proveniente da drenagem do manto superior da Terra", disse outro coautor do estudo, Alberto Saal. "Agora, provamos que este é o caso", acrescentou.

Enquanto as descobertas corroboram a teoria longamente sustentada de que a Lua e a Terra têm origens comuns, também lançam dúvidas sobre a crença de que a Lua pode ter se formado após um desprendimento da Terra, perdendo boa parte de sua umidade neste processo de alta temperatura.

Segundo esta teoria, de "enorme impacto" nos anos 1970, a Lua se formou depois que o nosso planeta colidiu com uma rocha espacial ou planeta 4,5 bilhões de anos atrás.

"Esta nova pesquisa revela que aspectos desta teoria devem ser reavaliados", destacou o estudo.

As descobertas também levantam interrogações sobre as teorias que afirmam que o gelo encontrado nas crateras dos polos lunares pode ser resultante do impacto de meteoros, sugerindo que parte do mesmo pode ter provindo da erupção de magmas lunares.

A Nasa (agência espacial americana) anunciou, em 2009, que duas naves enviadas à Lua para colidir com a superfície do satélite descobriram pela primeira vez água congelada, uma revelação considerada um enorme passo adiante na

exploração espacial.

(25/05/2011 – http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/921297-lua-pode-conter-tanta-agua-quanto-a-terra-revela-estudo.shtml)

1.1.5.2. Dissertação argumentativa

Nos últimos anos, a discussão sobre o aquecimento global e suas consequências se tornou onipresente entre governos, empresas e cidadãos. É louvável que todos queiram salvar o planeta, mas o debate sobre como fazê-lo chegou ao patamar da irracionalidade. Entre cientistas e ambientalistas, estabeleceu-se uma espécie de fervor fanático e doutrinário pelas conclusões pessimistas do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), órgão da ONU. Segundo elas, ou se tomam providências radicais para cortar as emissões de gases do efeito estufa decorrentes da atividade humana, ou o mundo chegará ao fim do século XXI à beira de uma catástrofe. Nos últimos três meses, numa reviravolta espetacular, a doutrina do aquecimento global vem se desmanchando na esteira de uma série de escândalos.

Descobriu-se que muitas das pesquisas que dão sustentação aos relatórios emitidos pelo IPCC não passam de especulação sem base científica. Pior que isso: os cientistas que conduzem esses estudos manipularam dados para amparar suas conclusões.

A reputação do IPCC sofreu um abalo tectônico no início do ano quando se descobriu um erro grosseiro numa das pesquisas que compõem seu último relatório, divulgado em 2007. O texto afirma que as geleiras do Himalaia podem desaparecer até 2035, por causa do aquecimento global. O derretimento traria consequências devastadoras para bilhões de pessoas na Ásia, que dependem da água produzida pelo degelo nas montanhas. Os próprios cientistas que compõem o IPCC reconheceram que a previsão não tem o menor fundamento científico e foi elaborada com base em uma especulação. O mais espantoso é que tal previsão tenha sido tratada como verdade incontestável por três anos, desde a publicação do documento.

Os relatórios do IPCC são elaborados por 3000 cientistas de todo o mundo e, por enquanto, formam o melhor conjunto de informações disponível para estudar os fenômenos climáticos. O erro está em considerá-lo infalível e, o que é pior, transformar suas conclusões em dogmas.

(SOUZA, Okky de.. Veja, pp. 94-95, 24 fev.2010. com adaptações)

Observe que, no texto **Lua pode conter tanta água quanto a Terra, revela estudo**, o autor do texto não tem o objetivo de convencer o leitor a respeito do assunto; é, na realidade, possível notar que sua intenção é apenas informar o leitor sobre a possibilidade de a Lua ter mais água do que a ciência imaginava até o momento. Note que a abordagem do tema é imparcial, e o autor não revela claramente seu posicionamento, seu ponto de vista, em relação ao assunto apresentado no texto. Por outro lado, no segundo texto (a dissertação argumentativa), podemos observar o posicionamento do autor do texto em várias passagens como, por exemplo, em: "**É louvável** que todos queiram salvar o planeta, mas o debate sobre como fazê-lo chegou **ao patamar da irracionalidade** (...)"; numa **reviravolta espetacular** (...); **Pior que isso** (...). Tais expressões marcam nitidamente a opinião do autor do texto, ainda que ele não tenha feito isso utilizando a primeira pessoa gramatical (eu acho, eu penso, nós sabemos...) para expor sua opinião.

1.2. Tópico frasal

Quando lemos um texto, podemos identificar que cada um dos parágrafos do desenvolvimento apresenta uma ideia principal, também chamada de pequena tese, articulada diretamente com o assunto central do texto (tese geral ou grande tese). No caso do artigo dissertativo-argumentativo que você acabou de ler, o tema é o aquecimento global e suas consequências.

Caso você leia atentamente o primeiro parágrafo do texto, irá perceber que a primeira frase sintetiza toda a ideia presente. É essa frase com informação central do parágrafo que se chama de tópico frasal.

Vale lembrar que, nas questões de interpretação, os examinadores podem pedir para identificar a ideia principal do texto e você deverá saber também que não existe obrigatoriedade de a primeira frase do parágrafo ser mesmo o tópico frasal. Isso acontece porque em alguns casos o tópico pode ser um período no meio do parágrafo, ou mesmo no final. É mais raro, mas é de bom alvitre lembrar que também não é obrigatório o tópico frasal ocorrer no primeiro parágrafo.

Vamos analisar detidamente a estrutura de cada um dos parágrafos da dissertação argumentativa:

1º parágrafo – O tópico frasal que o inicia apresenta a ideia central (grande tese) do texto: a discussão sobre o aquecimento global e suas consequências se tornou onipresente entre governos, empresas e cidadãos. Uma boa estratégia para identificar o tópico frasal é o tamanho do período; geralmente, o período do tópico frasal é menor do que os outros que o explicam. Nos períodos seguintes desse parágrafo, notaremos que o autor direciona a sua discussão e o seu posicionamento.

2º parágrafo e 3º parágrafo – As ideias principais que os abrem apresentam a informação central do próprio parágrafo que introduzem; a essa informação chamamos de pequena tese: o escândalo relacionado às pesquisas desenvolvidas pelo IPCC. As outras frases do parágrafo aprofundam essa visão geral, trazendo conhecimento objetivo acerca do assunto e o posicionamento do autor do texto em relação ao tema.

4º parágrafo – A ideia principal que o inicia traz a aceitação de que os relatórios emitidos pelo IPCC são fundamentais e que o problema é a forma como se lida com as informações contidas neles.

Outro assunto não menos importante e sempre cobrado nas questões de interpretação é o tipo de argumentação que pode ser utilizado como estratégia textual, seja para convencimento do leitor seja como mera informação. Torna-se imperioso observar que a tipologia textual será determinada pelo objetivo do autor, ou seja, predominância não significa necessariamente que o maior fragmento caracteriza a tipologia. Se um fragmento narrativo de trinta linhas foi utilizado como recurso argumentativo para a defesa de uma tese exposta em apenas uma linha, ainda assim o texto é dissertativo. Isso se esclarece pelo fato de que não é o número de linhas que caracteriza o texto como um todo, mas sim sua finalidade. Assim, podemos encontrar textos narrativos com argumentos de autoridade e textos argumentativos com trechos narrativos. Isso pode acontecer por meio de parágrafos expositivos que têm função meramente informativa; parágrafos argumentativos que explicam o porquê da tese ou tentam comprovar sua validade; e até mesmo trechos elaborados por meio de alusão histórica em que o autor cria uma ambientação situada historicamente, apresentando, por exemplo, antecedentes históricos. Lembre-se de que todas essas estratégias de argumentação são também consideradas estratégias de evidência, uma vez que a tese é defendida de forma a dar credibilidade ao texto, não apresentando dúvida

quanto à sua verdade.

1.3. TIPOS DE ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS

1.3.1. Argumentação por autoridade ou informações de terceiros

A argumentação por autoridade é realizada por meio da demonstração de opiniões de pessoas "consideradas autoridades" para a ideia proposta no tema do texto. Inclusive, podemos observar isso em um texto já utilizado em prova. Vejamos agora o texto e a utilização do argumento de autoridade. No capítulo de questões comentadas, esse texto será revisitado, com o devido aprofundamento de sua análise.

Prova: Cespe / UnB / PF / Delegado (Questão 40 do capítulo de questões comentadas)

Individualistas e comportados. E daí?

Cientistas sociais e filósofos de inúmeras correntes garantem: a geração de 90 é ambígua. Explica-se: os adolescentes dessa época buscam o bem-estar individual mas também consideram o conceito "viver dignamente" como um direito da humanidade. Só que eles não pretendem se fatigar nas lutas sociais, nem se sentem atraídos por bandeiras políticas ou cartilhas ideológicas. **Em uma pesquisa recente na França,** o item "justiça social" foi classificado como um dos menos importantes por moças e rapazes na faixa dos 14 aos 17 anos. Imediatamente, a geração que ouve Madonna, diverte-se com Steven Spielberg e devora sanduíches passou a ser chamada de "novos individualistas". **O filósofo e escritor francês Laurent Joffrin, autor do livro Um toque de Juventude, celebra com muito otimismo os "moralistas de blue jeans: "eles não são apáticos como se supõe. Seus interesses vão além do prazer imediato e da pura distração", explica Joffrin**. Mais cético, **seu colega Alain Finkelkraut acredita que os jovens dos anos 90 se apoiam em relacionamentos superficiais e valores distorcidos. "Comportam-se como se a vida fosse um grande videoclip...", lamenta.** Enquanto os intelectuais batem boca, os ingleses que cresceram ouvindo a balada conservadora de Margareth Thatcher hoje insistem que a vida comportada é muito melhor. **Em um pesquisa da revista Look Now,** moças e rapazes de 15 a 24 anos confessam gostar de boas roupas,

querem ser vistos como pessoas sensíveis e responsáveis, pretendem ter uma carreira sólida e fazer fortuna. Desnecessário dizer que a Dama de Ferro adorou os resultados da pesquisa.

Greenghalg, Laura. "Sociedade dos Poetas Vivos". Elle, p. 35, ago/1998 (com adaptações).

Observe que os trechos em negrito são todos considerados argumentos de autoridade, pois o autor tem como objetivo tornar o seu texto mais convincente e para isso não se utiliza apenas das falas de cada indivíduo citado no texto, mas também das funções que lhe conferem esta autoridade, uma vez que a pessoa citada no texto pode não ser conhecida do leitor. Assim é possível constatar que não é apenas o nome do indivíduo que caracteriza a autoridade, e sim a importância que esse individuo traz ao tema apresentado. Da mesma maneira isso acontece com o uso de pesquisas que conferem veracidade às informações apresentadas.

1.3.2. Argumentação por analogia ou por comparação

Este tipo de argumentação acontece por meio de uma comparação. Veja o exemplo:

"A vida agitada das grandes cidades aumenta os índices de doenças do coração. Imagine o leitor, por exemplo, um automóvel dirigido suavemente, com trocas de marcha em tempo exato, sem freadas bruscas ou curvas violentas. A vida desse veículo tende a prolongar-se bastante. Imagine agora o contrário: um automóvel cujo proprietário se compraz em arrancadas de "cantar pneus (...)".

Observamos nitidamente que o autor do texto se utiliza de uma estratégia de comparação para conduzir o pensamento do leitor e, para isso, compara a forma como se "dirige" a vida com a forma como se dirige um automóvel.

1.3.3. Argumentação por apresentação de dados estatísticos

Este tipo de estratégia argumentativa é feito por meio da apresentação de dados estatísticos e, assim como as outras estratégias, serve para provar aquilo que é dito no texto. Geralmente, os dados utilizados são oriundos de pesquisas de órgãos públicos habilitados para a divulgação de tais dados. Vejamos o texto abaixo:

"O ministro da Educação, Cristovam Buarque, lança hoje o Mapa da Exclusão Educacional. O estudo do Inep, feito a partir de dados do IBGE e do Censo

Educacional do Ministério da Educação, mostra o número de crianças de sete a catorze anos que estão fora das escolas em cada estado. **Segundo o mapa, no Brasil, 1,4 milhão de crianças, ou 5,5 % da população nessa faixa etária (sete a catorze anos), para a qual o ensino é obrigatório, não frequentam as salas de aula. O pior índice é do Amazonas: 16,8% das crianças do estado, ou 92,8 mil, estão fora da escola. O melhor, o Distrito Federal, com apenas 2,3% (7 200) de crianças excluídas, seguido por Rio Grande do Sul, com 2,7% (39 mil) e São Paulo, com 3,2% (168,7 mil).**"

(BERGAMO, Mônica. Folha de S. Paulo, 03 dez. 2003.)

1.3.4. Argumentação por exemplos (exemplificação)

Este tipo de argumentação é realizado por meio de exemplos que elucidam ou justificam a ideia apresentada na tese. Um bom exemplo fundamenta a argumentação, pois pode relatar casos que sustentam a tese como verdadeira. Vejamos o texto abaixo:

O Brasil das cabeças desarrumadas

Elio Gaspari (O Globo)

O resultado do referendo fez um bem ao país. Instaurou o império das cabeças desarrumadas, e o Brasil precisa delas.

Uma pessoa de cabeça desarrumada é assim: defende a pena de morte e o ensino gratuito nas universidades públicas. É a favor do aborto e se diz católico. Votou Lula em 2002 e José Serra em 2004. É contra as cotas nas universidades e milita numa ONG de defesa da Mata Atlântica. Por desarrumada, essa cabeça pode pensar tudo ao contrário e não faz a menor diferença. A desarrumação determina e incentiva o debate. Opõe-se a um mundo de ideias ordenadas no qual a pessoa deve se preocupar em "pensar direito", entendendo-se que sempre haverá alguém explicando o que vem a ser "pensar direito".

Houve uma época em que a expressão "raciocinar em bloco" designava, com alguma ironia, inteligências ou culturas privilegiadas, sacerdotes do bem-pensar. Aceitando-se as virtudes do mestre, esperava-se sua opinião e ia-se atrás. Essa atitude tanto pode colocar uma pessoa na condição de discípulo de um grande pensador como pode embalá-la na treva da ignorância. O segundo caso ocorre com maior frequência.

As cabeças arrumadas brasileiras, atraídas pela construção de modelos intelectuais harmônicos, dão pouca atenção ao funcionamento da sociedade. Preferem evitar o assunto. **Alguns exemplos.**

O bem-pensar urbano do Rio de Janeiro legislou que é proibido construir apartamentos com menos de 30 metros quadrados. Coisa de gente muito bem educada. Faltou dizer onde vai morar uma família que não tem dinheiro para essa metragem. Na favela, por certo. A discussão dessa lei de incentivo à favelização está fora do debate urbano carioca.

O bem-pensar tributário estabeleceu que os serviços de telefonia devem ser taxados com mão-de-ferro, pois vai-se tomar dinheiro do andar de cima para custear investimentos que atenderão ao de baixo. Deu no seguinte: o patrão fala com Paris de graça pelo Skype e a empregada paga R$ 5 por um telefonema de dez minutos para Bangu. Um imposto destinado a buscar justiça produz injustiça, mas o tema está fora da agenda dos teletecas.

O bem-pensar diplomático levou Lula a propor uma cruzada mundial contra a fome. Fez isso em Genebra, Paris e Nova York. Passados dois anos, contou que gostaria de arrumar recursos para combater a desnutrição da África, aumentando as taxas de embarque nos aeroportos brasileiros. Falta dizer aos usuários do Galeão que eles pagam uma das taxas mais altas do mundo, o dobro do que se cobra no Aeroporto Kennedy.

Num caso mais farisaico, tome-se o exemplo da legislação penal brasileira. Bem pensada, faz inveja a um advogado sueco. São muitos os doutores que fazem palestras pelo mundo descrevendo essa joia de modernidade. Jamais um ministro da Justiça contará que as maravilhas são parolas. O que vale mesmo é a lei da massa. O bandido que entra na prisão passa a uma nova instância judicial, a de seus pares. Maltratou a mãe? Morre. Estupro? Se não morrer, sofre o que fez. Respeito, só para os estelionatários.

No Brasil das cabeças desarrumadas cada tema poderá ser discutido e avaliado isoladamente. Muitas opiniões resultarão contraditórias, mas é esse exercício do juízo individual que enriquece o debate público.

Harmonia e nexo podem ser desejáveis, mas é preferível conviver com pessoas

de cabeça desarrumada cujas opiniões não formam um nexo final do que aturar gente que tem muito nexo mas não se responsabiliza pelas opiniões que dá.

Os trechos em negrito são argumentos exemplificativos que têm como objetivo mostrar a veracidade da tese apresentada no primeiro parágrafo (O resultado do referendo fez um bem ao país. Instaurou o império das cabeças desarrumadas, e o Brasil precisa delas.), comprovando o posicionamento do autor do texto.

1.4. Exercícios

01. **(FGV / MEC / Documentador)**

Atentado à Democracia

Um relatório da Associação Nacional de Jornais (ANJ) revelou que, nos últimos doze meses, foram registrados no Brasil 31 casos de violação à liberdade de imprensa. Destes, dezesseis são decorrentes de sentença judicial – em geral, proferida por juízes de primeira instância. Trata-se de uma anomalia e de uma temeridade. Anomalia porque há muito o Judiciário tem mostrado seu compromisso com a defesa da liberdade de imprensa e do livre pensamento, que é princípio fundamental dos regimes democráticos e cláusula pétrea da Constituição. A derrubada, pelo Supremo Tribunal Federal, da Lei de Imprensa, instrumento de intimidação criado no regime militar, é só um exemplo recente dessa convicção. Assim, um juiz que, de forma monocrática, decide impor a censura a um veículo passa a constituir uma aberração dentro do poder que ele representa. A frequência com que esse tipo de atitude tem se repetido é uma ameaça aos valores democráticos do país e tem como consequência prática e deletéria o prejuízo do interesse público, já que se priva a sociedade do direito à informação.

(Veja, 26 ago.2009.)

Os dois adjetivos que são adequados ao texto lido são:

a) informativo e narrativo;
b) narrativo e normativo;
c) normativo e descritivo;
d) descritivo e argumentativo;
e) argumentativo e informativo.

Gabarito: E

O texto lido deve ser caracterizado como 'argumentativo/informativo'. Podemos observar no texto trechos de caráter informativo como, por exemplo, "Um relatório da Associação Nacional de Jornais (ANJ) revelou que, nos últimos doze meses, foram registrados no Brasil 31 casos de violação à liberdade de imprensa. Destes, dezesseis são decorrentes de sentença judicial – em geral, proferida por juízes de primeira instância. Trata-se de uma anomalia e de uma temeridade" e trechos de caráter argumentativo: "Trata-se de uma anomalia e de uma temeridade. Anomalia porque há muito o Judiciário tem mostrado seu compromisso com a defesa da liberdade de imprensa e do livre pensamento, que é princípio fundamental dos regimes democráticos e cláusula pétrea da Constituição."

02. **(FGV / COMPANHIA DOCAS – SP / Advogado)**

Perda de oportunidades no trabalho

As empresas vinculadas ao setor de petróleo no Brasil treinaram e formaram mais de 80 mil profissionais desde 2007, em um programa de qualificação que abrange do nível básico a cursos de pós-graduação. Mesmo assim, não conseguiram atender a toda a demanda de pessoal qualificado identificada pelo setor. A exemplo do petróleo, vários outros ramos de atividade industrial, da construção ou de serviços têm se envolvido diretamente na formação e treinamento de profissionais que não estão disponíveis no mercado.

Nem por isso os índices de desemprego se tornaram irrelevantes no país. Há muitas pessoas que permanecem sem ocupação por serem inabilitadas às vagas e aos cargos que o mercado oferece. São numerosas oportunidades perdidas que se multiplicarão, se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento – e a qualidade da educação continuar baixa. Afinal, a dificuldade de se formar e qualificar profissionais na velocidade que o mercado hoje demanda se deve, em grande parte, a deficiências do sistema de ensino brasileiro.

Um enorme contingente de jovens deixa as escolas ainda com falta de capacidade de aprender. O ensino técnico profissionalizante, com honrosas exceções, passou anos sem sintonia com o mundo real. A escassez de profissionais qualificados vem forçando uma transformação nesse sistema de ensino, e algumas iniciativas inovadoras começam a apresentar resultados, o que pode motivar a reprodução dessa experiência pelo país inteiro. No caso do Estado do Rio, merecem atenção os chamados Centros de Vocação Tecnológica, mais voltados para jovens da região metropolitana.

Esses centros se diferem do ensino técnico convencional porque ministram cursos de curta duração (de dois meses a um ano, essencialmente) e buscam atender a demandas específicas de grupos de empresas localizadas em suas proximidades. Os planos das autoridades responsáveis por esses centros são de ampliar o número de vagas para 54 mil alunos ainda este ano.

O ensino técnico profissionalizante de fato precisa hoje correr contra o relógio, pois, se persistir a falta de pessoal qualificado, as oportunidades acabam definitivamente perdidas pela desistência dos potenciais empregadores.

Mas, simultaneamente a essa premência de curto prazo, espera-se que a cadeia de ensino no país, da pré-escola à universidade, acelere ou implante programas que possibilitem um substancial salto de qualidade. Educadores já contam com ferramentas pedagógicas e tecnológicas que facilitam essa aceleração. O ensino a distância, mais acessível graças às telecomunicações e aos recursos da informática, pode romper barreiras que antes impediam a universalização de um sistema educacional de boa qualidade.

O aproveitamento das oportunidades que estão surgindo é valioso porque, além da realização pessoal na vida profissional, é um atalho para melhora dos níveis de renda e de bem-estar de fatias cada vez maiores da população brasileira.

Ao lado dos indicadores macroeconômicos, precisamos acompanhar os referentes ao sistema de ensino em geral, e, especificamente, os relativos ao ensino profissionalizante. Sem melhorar a educação pública, milhões continuarão prisioneiros do assistencialismo, e as empresas, desassistidas.

(O Globo, 28 abr.2010.)

O texto classifica-se como:

a) descritivo;
b) narrativo;
c) dissertativo expositivo;
d) dissertativo argumentativo;
e) descritivo-narrativo.

Gabarito: D

O texto Perda de oportunidades no trabalho é predominantemente dissertativo argumentativo. Trata-se de um texto bem definido tipologicamente, pois apresenta de forma bem estruturada introdução, desenvolvimento e conclusão. Nos dois

primeiros parágrafos, podemos observar a presença de tese que tem como objetivo mostrar que o texto será pautado na discussão de que, mesmo com as medidas tomadas para se ter pessoal capacitado para o trabalho na área de petróleo, as oportunidades perdidas serão muitas se a qualidade de educação continuar baixa e se a economia continuar a crescer. Nos parágrafos seguintes, verificamos os argumentos utilizados para defender a tese proposta, principalmente, no que tange às críticas ao ensino técnico profissionalizante do país e, por fim, no último parágrafo, podemos destacar a sugestão do autor para os problemas levantados no decorrer do texto.

03. **(FGV / COMPANHIA ÁGUAS E ESGOTOS – RN / Agente administrativo)**

O futuro das cidades é verde

Cada vez mais humanos vivem em cidades. Somos 3,3 bilhões de pessoas em áreas urbanas – o que corresponde a 51% da população mundial, contra 49% de habitantes de áreas rurais, segundo dados da ONU. Apesar da escalada das megalópoles ao longo do século XX, essa inversão ocorreu em escala global apenas em 2008. No Brasil, o fenômeno consolidou-se já na década de 70. Hoje, apenas 16% dos 192 milhões de brasileiros vivem na zona rural, de acordo com o IBGE. Com tanta gente ocupando o mesmo espaço, agravam-se os problemas de saneamento, transporte e uso de recursos naturais, entre muitos outros. Como solucionar esses problemas é a pergunta do momento.

Durante o mês de março, o Brasil transforma-se em sede de três eventos que pretendem respondê-la. A Conferência Internacional das Cidades Inovadoras (CICI2010) recebeu especialistas e prefeitos de diversas partes do mundo entre os dias 10 e 13, em Curitiba (PR). Na sequência, acontecem a Conferência Latino-Americana de Saneamento (Latinosan 2010), de 14 a 18 em Foz do Iguaçu (PR), e a Primeira Jornada Internacional sobre Energias Renováveis, Eficiência Energética e Poder Local, em Betim (MG), entre os dias 17 e 19.

Um dos especialistas escalados para a CICI2010 é o americano Marc Weiss, presidente da organização Global Urban Development (Desenvolvimento Global Urbano). O gestor acredita que o principal desafio à nossa frente é gerar crescimento econômico sustentável e qualidade de vida para todos em todos os lugares. "Com uma combinação de inovação tecnológica e uma elevada eficiência, as cidades poderão gerar uma expansão substancial de negócios e empregos o que vai culminar em comunidades mais saudáveis e em harmonia com os ciclos da

natureza", diz. O fato de eventos como esses acontecerem por aqui não é mera coincidência. O País vem se tornando protagonista no combate às mudanças climáticas, principalmente depois da Conferência do Clima da ONU (COP-15), realizada em dezembro em Copenhague, na Dinamarca.

Na ocasião, o governo brasileiro apresentou metas ambiciosas de redução de emissões de gases do efeito estufa, um dos grandes problemas gerados pela concentração de automóveis em centros urbanos. "O Brasil está se tornando um líder mundial no trabalho de estabelecer um novo e alto padrão de desenvolvimento urbano e industrial sustentável", acredita Weiss. "O desenvolvimento sustentável é política de governo em algumas cidades, e não apenas um conjunto de medidas dirigidas a questões pontuais", diz Laura Valente de Macedo, diretora regional para América Latina e Caribe do ICLEI Governos Locais pela Sustentabilidade. Ela cita Freiburg, Bonn (ambas na Alemanha), Malmö e Växjo (as duas na Suécia) como exemplos. "Entre suas muitas iniciativas, todas têm em comum a ênfase no uso de energias renováveis, como a solar, o biogás e a eólica", afirma. Há quem esteja ousando ainda mais nesse desafio. O escritório Gale International está construindo – em parceria com a gigante de tecnologia Cisco – a cidade mais sustentável do mundo. Nova Songdo, na Coreia do Sul, deve ficar pronta em 2015 e contará com tecnologias que reduzem o consumo de energia e utilizam materiais naturais e reciclados.

Existem planos para construir mais 20 centros urbanos parecidos na China e na Índia nos próximos anos. Uma excelente oportunidade para o Brasil ter cidades que se aproximem desse sonho são os eventos esportivos que o País vai sediar nos próximos anos. Para receber a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016, os organizadores tiveram de se submeter a uma série de medidas ambientais. Coleta seletiva do lixo, uso racional de água, economia de energia e transportes que usem combustível de forma racional são algumas delas. Mesmo que não houvesse essa obrigatoriedade, até lá já viveremos um outro tempo. O Protocolo de Kyoto vence em 2012. Ou seja: o mundo terá uma nova política de emissões de gases estufa. No mesmo ano, acontece a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, no Rio de Janeiro – reedição da Rio-92. A bola está conosco.

(JULIÀO, André.. Isto É, ed. 2105, março 2010. Com adaptações)

Quanto à sua tipologia, o texto deve ser classificado como:

a) narrativo;
b) descritivo;
c) injuntivo;
d) oratório;
e) dissertativo.

Gabarito: E

O texto O futuro das cidades é verde é dissertativo e predominantemente informativo. O texto mostra que problemas com saneamento, transportes e uso de recursos humanos aumentam à medida que também aumenta o número de humanos que vivem nas cidades. Nos parágrafos de desenvolvimento observamos a existência de argumentos de autoridade que dão credibilidade aos dados apresentados pelo autor, uma vez que todos são fornecidos por órgãos ou por pessoas responsáveis pela veracidade dessas informações. Todo o desenvolvimento desemboca na conclusão proposta pelo autor de que será uma grande oportunidade de desenvolvimento sustentável para o Brasil quando o prazo do protocolo de Kyoto vencer pois será no mesmo ano da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio ambiente e Desenvolvimento.

04. **(FGV / TRE– PA / Analista judiciário)**

Financiamento de campanhas eleitorais: aspectos éticos

Além dos aspectos legais, as empresas que decidirem participar do processo eleitoral devem buscar procedimentos éticos na tomada de decisões relacionadas ao financiamento de candidatos e partidos políticos.

Tradicionalmente, os controladores das empresas são os responsáveis pela decisão de como os recursos devem ser distribuídos entre candidatos e partidos. Os sócios e colaboradores dificilmente são consultados, e muitas vezes o apoio reflete mais as posições pessoais dos controladores do que os valores e princípios das empresas.

A consulta aos sócios e colaboradores sobre candidatos e partidos que a empresa deve apoiar não implica, necessariamente, transformar a decisão desse apoio em algo coletivo. O simples fato de consultá-los ajuda a criar um ambiente socialmente responsável nas empresas. É certo que a separação dos valores e princípios pessoais dos controladores dos valores e princípios das empresas e, mais ainda, a transformação dessa dissociação em um novo critério para a tomada de decisões

sobre aspectos tão sensíveis como o apoio a determinado partido ou candidato ainda é uma atitude difícil para grande parte dos empresários. Também é certo, por outro lado, que, ao aumentarem a transparência do processo de tomada de decisões, as empresas adquirem o respeito das pessoas e comunidades que são impactadas por suas atividades e são gratificadas com o reconhecimento e engajamento dos seus colaboradores e a preferência dos consumidores, em consonância com o conceito de responsabilidade social, o qual, é sempre bom lembrar, está se tornando cada vez mais fator de sucesso empresarial e abrindo novas perspectivas para a construção de um mundo economicamente mais próspero e socialmente mais justo.

Outra iniciativa que pode ter grande impacto junto aos colaboradores, parceiros e sócios das empresas é a promoção de debates sobre o processo eleitoral e o funcionamento e atribuições das instâncias de poder em jogo nas eleições (Presidência da República, Senado, Câmara Federal e Assembleias Legislativas). As empresas podem convidar candidatos, cientistas políticos, jornalistas e administradores públicos para a discussão de ideias, propostas e conceitos. Também podem incentivar debates políticos dentro da empresa, bem como trazer matérias sobre o tema em publicações internas. É importante desmistificar a ideia de que política é uma sujeira só e sem utilidade. Essa é uma forma de contribuir para aumentar a consciência política e a qualidade do voto dentro de toda a cadeia produtiva, entre os parceiros e colaboradores. Esse procedimento ajuda a criar na sociedade ambiente ético e transparente, acentuando a democracia nas relações sociais e políticas.

Além de consultar sócios, parceiros e colaboradores e de realizar debates, as empresas podem também promover campanhas de esclarecimento junto a seus colaboradores. Um conceito útil para ser adotado é o do voto consciente.

Infelizmente, ainda hoje assistimos no Brasil a fenômenos que há muito deveriam ter sido excluídos da vida política nacional, como a compra de votos e a atitude de diversos candidatos, durante as campanhas eleitorais, de "doar" cestas básicas e toda a sorte de brindes em troca da promessa de voto dos eleitores. O conceito de voto consciente é justamente o contraponto dessas práticas, visando estabelecer critérios racionais que façam do voto um instrumento de cidadania. Voto consciente é aquele em que o cidadão pesquisa o passado dos candidatos, avalia suas histórias de vida e analisa se as promessas e programas eleitorais são

coerentes com as práticas dos candidatos e de seus partidos.

(Instituto Ethos. A Responsabilidade Social das Empresas no Processo Eleitoral. Disponível em: <www.ethos.org.br>. Com adaptações.)

O texto se classifica como:

a) narrativo;
b) injuntivo;
c) descritivo;
d) dissertativo;
e) epistolar.

Gabarito: D

O texto Financiamento de campanhas eleitorais: aspectos éticos é dissertativo. O texto apresenta de forma bem estruturada introdução, desenvolvimento e conclusão. No primeiro parágrafo, podemos observar a presença de tese: "Além dos aspectos legais, as empresas que decidirem participar do processo eleitoral devem buscar procedimentos éticos na tomada de decisões relacionadas ao financiamento de candidatos e partidos políticos." Nos parágrafos seguintes, verificamos que os argumentos utilizados para defender a tese proposta são todos direcionados aos procedimentos éticos que devem ser adotados pelas empresas, colaboradores e partidos políticos. No último parágrafo, verificamos que a conclusão do autor apresenta a importância do ato de votar e a necessidade de se ter um voto consciente.

05. **(Cesgranrio / SECAD – TO / Médico)**

A sua vez

Boa parte das brincadeiras infantis são um ensaio para a vida adulta. Criança brinca de ser mãe, pai, cozinheiro, motorista, polícia, ladrão (e isso, você sabe, não implica nenhum tipo de propensão ao crime). E, ah, quando não há ninguém por perto, brinca de médico também. É uma forma de viver todas as vidas possíveis antes de fazer uma escolha ou descoberta. Talvez seja por isso que a gente pare de brincar aos poucos – como se tudo isso perdesse o sentido quando viramos adultos de verdade. E tudo agora é para valer. Mas será que parar de brincar é, de fato, uma decisão madura?

Atividades de recreação e lazer estimulam o imaginário e a criatividade, facilitam a socialização e nos ajudam a combater o estresse. Mas, se tudo isso for o

objetivo, perde a graça, deixa de ser brincadeira. Vira mais uma atividade produtiva a cumprir na agenda. Você só brinca de verdade (ainda que de mentirinha) pelo prazer de brincar. E só. Como escreveu Rubem Alves, quem brinca não quer chegar a lugar nenhum – já chegou.

Leandro Quintanilha

Quanto à tipologia, o Texto I classifica-se como:

a) injuntivo;
b) narrativo;
c) descritivo;
d) expositivo;
e) argumentativo.

Gabarito: E

No texto, observamos a preocupação do autor em defender a tese de que é necessário brincar até mesmo quando já se é adulto e, principalmente, o texto é composto de opiniões e pensamentos do autor do texto que expressam sua opinião, características que são fundamentais a um texto dissertativo argumentativo.

06. **(Cesgranrio / PETROBRAS / Analista de sistemas júnior)**

TEMPO DE ESCOLHER

"Um homem não é grande pelo que faz, mas pelo que renuncia." (Albert Schweitzer)

Muitos amigos leitores têm solicitado minha opinião acerca de qual rumo dar às suas carreiras. Alguns apreciam seu trabalho, mas não a empresa onde estão. Outros admiram a estabilidade conquistada, mas não têm qualquer prazer no exercício de suas funções. Uns recebem propostas para mudar de emprego, financeiramente desfavoráveis, porém, desafiadoras. Outros têm diante de si um vasto leque de opções, muitas coisas para fazer, mas não conseguem abraçar tudo.

Todas estas pessoas têm algo em comum: a necessidade premente de fazer escolhas. Lembro-me de Clarice Lispector: "Entre o 'sim' e o 'não', só existe um caminho: escolher."

Acredito que quase todas as pessoas passam ao longo de sua trajetória pelo "dilema da virada". Um momento especial em que uma decisão clara, específica e irrevogável tem que ser tomada simplesmente porque a passam por isso aos 15

anos, outras, aos 50. Algumas talvez nunca tomem esta decisão, e outras o façam várias vezes no decorrer de sua existência.

Fazer escolhas implica renunciar a alguns desejos para viabilizar outros. Você troca segurança por desafio, dinheiro por satisfação, o pouco certo pelo muito duvidoso. Assim, uma companhia que oferece estabilidade com apatia pode dar lugar a outra dotada de instabilidade com ousadia. Analogamente, a aventura de uma vida de solteiro pode ceder espaço ao conforto de um casamento.

PRAZER E VOCAÇÃO

Os anos ensinaram-me algumas lições. A primeira delas vem de Leonardo da Vinci, que dizia que "A sabedoria da vida não está em fazer aquilo que se gosta, mas em gostar daquilo que se faz". Sempre imaginei que fosse o contrário, porém, refletindo, passei a compreender que quando estimamos aquilo que fazemos, po demos nos sentir completos, satisfeitos e plenos, ao passo que se apenas procurarmos fazer o que gostamos, estaremos sempre numa busca insaciável, porque o que gostamos hoje não será o mesmo que prezaremos amanhã.

Todavia, é indiscutivelmente importante aliar prazer às nossas aptidões; encontrar o talento que reside dentro de cada um de nós, ao que chamamos de vocação. Oriunda do latim vocatione e traduzida literalmente por "chamado", simboliza uma espécie de predestinação imanente a cada pessoa, algo revestido de certa magia e divindade.(…)

Escolhas são feitas com base em nossas preferências. E aí recorro novamente à etimologia das palavras para descobrir que o verbo preferir vem do latim praeferere e significa "levar à frente". Parece-me uma indicação clara de que nossas escolhas devem ser feitas com os olhos no futuro, no uso de nosso livre arbítrio.

O mundo corporativo nos guarda muitas armadilhas. Trocar de empresa ou de atribuição, por exemplo, são convites permanentes. O problema de recusá-los é passar o resto da vida se perguntando "O que teria acontecido se eu tivesse aceitado?". Prefiro não carregar comigo o benefício desta dúvida, por isso opto por assumir riscos evidentemente calculados e seguir adiante. Dizem que somos livres para escolher, porém, prisioneiros das consequências…

Para aqueles insatisfeitos com seu ambiente de trabalho, uma alternativa à mudança de empresa é postular a melhoria do ambiente interno atual. Dialogar e apresentar propostas são um bom caminho. De nada adianta assumir uma postura

meramente defensiva e crítica. Lembre-se de que as pessoas não estão contra você, mas a favor delas.

Por fim, combata a mediocridade em todas as suas vertentes. A mediocridade de trabalhos desconectados com sua vocação, de empresas que não valorizam funcionários, de relacionamentos falidos. Sob este aspecto, como diria Tolstoi, "Não se pode ser bom pela metade". Meias-palavras, meias-verdades, meias-mentiras, meio caminho para o fim.

Os gregos não escreviam obituários. Quando um homem morria, faziam uma pergunta: "Ele viveu com paixão?".

QUAL SERIA A RESPOSTA PARA VOCÊ?

COELHO, Tom. Disponível em: <http://www.catho.com.br/jcsinputer_view.phtml?id=6415>. Acesso em: 07 mai. 2008. (adaptado)

Quanto ao tipo, o texto classifica-se predominantemente, como:

a) expositivo;
b) injuntivo;
c) descritivo;
d) narrativo;
e) argumentativo.

Gabarito: E

O texto é dividido em dois momentos. O primeiro "Tempo de escolher" em que o autor justifica o motivo de elaborar o texto em questão. No segundo momento "Prazer e vocação", o autor do texto sugere aos seus leitores, principalmente para aqueles que enviaram as cartas como mostra o primeiro momento do texto, que há necessidade de escolha sem culpa. Em todo o texto observamos claramente as opiniões, pensamentos e convicções do autor, tais características nos permitem classificar o texto como dissertativo argumentativo.

07. **(Cesgranrio / BNDES / Técnico de arquivo)**

A era do tô me achando

5 "Bacanas teus óculos", falei. Leves, classudos, num tom esportivamente escuro, cada lente com uma sombra que subia de baixo para cima, tornavam misterioso o olhar do amigo, um jovem editor. Comentei que nunca o tinha visto de óculos. Ele devolveu: "Pois é, mas eu estava com a vista cada vez mais cansada, até que fui ao oculista e ele me disse que precisava usar. Dois graus de miopia.

Excesso de leitura. Fazer o quê…", compungiu-se, o olhar vago, empurrando o par de lentes nariz acima com um charme intelectualmente sofrido. Mês depois, encontrei uma amiga cujo pai é oftalmologista. Entre anedota e outra, ela me contou que um curioso cliente do pai havia pedido um modelo de óculos sem grau. É, era ele mesmo – o editor.

10 Vivemos tempos curiosos. A cada segundo, e através de todos os meios possíveis, somos expostos aos corpos mais perfeitos, às biografias mais irretocáveis, à pose generalizada de famosos e anônimos. Vaidade pura. Mas um momento: você já experimentou sair por aí todo mulambento, comparecer despenteado a uma entrevista de emprego, esconder de parentes e amigos aquele êxito nos estudos? Impossível, não? Porque, hoje, não ter vaidade – não ter o hábito de apregoar aos quatro cantos, reais e virtuais, o quanto você pode ser atraente, sensacional e único – parece ser um dos maiores pecados da nossa era, esse tempo em que todo mundo parece estar "se achando".

15

20 Por isso, os óculos de araque do meu amigo. No meio altamente intelectualizado em que ele vive, circulando entre Festas Literárias de Paraty e debates seguidos de sessões de autógrafo nas livrarias mais chiques do eixo Rio-São Paulo, ostentar uma armação bacanuda é o equivalente, em termos culturais, às pernas muito bem torneadas – horas de academia – da mocinha da novela das 8. Ou seja: tudo é vaidade.

25

(BRESSANE, Ronaldo. Vida simples. out. 2009.)

Em qual sequência é caracterizada uma descrição?

a) "Leves, classudos, num tom esportivamente escuro, cada lente com uma sombra que subia de baixo para cima," (l 1-3)

b) " 'Pois é, mas eu estava com a vista cada vez mais cansada, até que fui ao oculista…' " (l. 5-7)

c) "Mês depois, encontrei uma amiga cujo pai é oftalmologista." (l. 11-12)

d) "ela me contou que um curioso cliente do pai havia pedido um modelo de óculos sem grau." (l. 12-14)

e) "É, era ele mesmo – o editor." (l. 14)

Gabarito: A

Apenas na letra A observamos uma enumeração de adjetivos que nos fazem criar uma imagem descritiva, por isso, esse trecho deve ser classificado como descritivo.

08. **(Cespe / UERN / Técnico de nível superior)**

Como você pode ver, uma garotinha está deitada displicentemente no colo de um senhor bem velhinho e bem simpático. Ela parece um anjo. Loirinha, cabelo castanho claro, encaracolado, nariz e boca perfeitos, ar inteligente e sadio, uma dessas crianças que a gente vê em anúncios. Pelo jeito, deve ter uns três ou quatro anos, não mais que isso. Ela está vestida em um desses macaquinhos de flanela, com florezinhas azuis e vermelhas e uma malha creme por baixo. Calçando um tênis transadíssimo nas discretas cores amarelo, vermelho e azul, o que nos mostra que a mocinha não é apenas novinha, mas moderninha também. O velhinho tem um tipo bem italiano. O boné cinza é típico desses senhores que a gente vê passeando pelo Bixiga nos domingos à tarde. Estatura mediana, cabelos e bigodes branquinhos, rosto e mãos enrugadas que traem uma idade bem avançada. Paletó marrom e calça cinza, ambos de lã, malha creme, abotoada até o último botão, como faz todo senhor que se preze. Embaixo da malha, uma camisa azul, mas bem azul mesmo, que destoa de todo o conjunto. O que prova que o cavalheiro e a mocinha apreciam cores fortes. Pela roupa que os dois estão vestindo e pela carinha rosada dela, deve estar fazendo muito frio. Fato que o ar enevoado e cinzento do jardim, que está atrás deles, vem a comprovar. Os dois estão sentados em um balanço de madeira de cor verde, desses em que cabem apenas duas pessoas e que são bastante comuns em quintais, varandas e jardins de casas de classe média, classe média alta. Ela está comodamente estirada. Com a cabeça entre o ombro e a barriga do velhinho e os pés apoiados numa almofada de crochê de cor creme. Nas mãos, ela traz um livro de histórias cheio de desenhos coloridos. Livro esse que, olhando atentamente, você verá que se trata da história da Bela Adormecida. O que, aliás, é muito engraçado, porque enquanto a bela conta a história da Bela Adormecida, o velho é que adormeceu. Ele dorme a sono solto. Com uma mão envolta na dela e a outra apoiada sobre sua própria perna direita, na altura do joelho, ambos, à sua maneira, estão sonhando. Ele sonha dormindo, ela sonha acordada. A menina está divagando no colo do avô. Isso mesmo: do avô.

Porque o velho que você está vendo só pode ser o avô dela. Pela intimidade com que ela está comodamente instalada no colo dele, percebe-se que não pode ser visita, pessoa de cerimônia. E, sim, alguém bem chegado, alguém da família. Para

um estranho, ouvir essa história contada por uma criaturinha tão linda seria uma novidade excitante, que dificilmente o faria cair no sono. E, se não fosse por isso, um estranho também não cairia no sono, pelo menos por dever de educação. Resistiria bravamente até a Bela Adormecida acordar. Além disso, é só olhar para a roupa caseira que ele está usando para perceber que não é alguém que foi fazer uma visita. É pessoa da casa mesmo, pai não é. Ele é muito velhinho para ser o pai dela. E pouco provavelmente seria um tio. Tanto pela idade quanto pela disponibilidade e paciência. Tio dá doces, presentes, mas ouvir histórias intermináveis, contadas por uma narradora que de vez em quando divaga, tio não faz. Só pode ser mesmo um avô ouvindo pela milésima vez a mesma história, que para ele deve ser sempre igual e para ela deve ser sempre diferente. Ela, por sua vez, não se deve importar com que seu ouvinte durma. Afinal, ela só quer colo e aquela mão terna, enrugada e querida em volta da sua cintura pequenina. Mesmo desatento, ele está dando a ela seu tempo e seu carinho sonolento. O balanço de jardim pode ser gostoso de sentar. Mas como você pode ver não é o local mais confortável para se dormir. Principalmente em um dia frio como esse, em um descampado de uma varanda. Mas o fato é que ele não sente a dureza do balanço porque dorme, e ela, igualmente, não sente a dureza da madeira e a frieza do tempo por vários motivos: primeiro, porque sonha, e no sonho não há desconforto ou frio. E, segundo, porque ela tem a barriga do avô como travesseiro, o braço dele como edredom e uma almofada como encosto para seus pés e seu tênis multicolorido. Juntos os dois, ali na varanda, vivem um momento de que ela vai se lembrar sempre e ele não vai se lembrar de nada. Até mesmo nada da história. Por isso, é que ela vai ter de contar e recontar essa história para o avô centenas de vezes. Principalmente para reviver os trechos que ele perdeu com seus cochilos. Assim como você vai ter de ler e reler muitas vezes esse texto até conseguir enxergar toda a beleza e ternura contidas nessa cena. Ou pelo menos uma pequena parte dela.

UMA FOTO SERIA MELHOR 19 de agosto – dia do fotógrafo

("Este texto tem mil palavras". Folha de S. Paulo, 19 ago. 1988. Apud: Platão e Fiorin. Para entender o texto. São Paulo: Ática, 1999, p.378-80, com adaptações.)

Assinale a opção correta a respeito das características tipológicas predominantes no texto.

a) Predomina no texto a descrição, já que o relato feito envolve uma cena

estática, isto é, em que nenhum acontecimento pode ser considerado cronologicamente anterior a outro.

b) O texto é eminentemente narrativo, pois expõe a história da menina e do senhor.

c) O texto é essencialmente poético, tendo em vista a linguagem e os recursos de métrica utilizados.

d) Há uma ação em curso, cujo contexto é descrito em detalhes no texto; portanto, ele pode ser caracterizado tanto como descritivo quanto como narrativo.

e) A disposição em um único parágrafo denota a ausência de características narrativas e dissertativas do texto, uma vez que tais tipos textuais são estruturados a partir de parágrafos.

Gabarito: A

O texto é predominantemente descritivo uma vez que tem como objetivo principal descrever lugares e personagens, por isso, notamos a presença substancial de adjetivos.

09. **(Cespe / TRE–MT / Técnico judiciário / programador de sistemas)**

Diariamente, milhões de pessoas em todo o mundo conectam-se à Internet e mais de doze milhões de e-mails são enviados. Isso sem se mencionar o número de negócios fechados e o dinheiro movimentado. Com o advento do computador e, mais tarde, da Internet, as informações e os grandes negócios acontecem com uma velocidade impressionante. Resultado de um mundo globalizado, em que a informação se transformou na moeda corrente. E, quando o assunto é informação, ou seja, transmitir informações, nada melhor do que utilizar a tecnologia. A cada dia, mais e mais serviços são disponibilizados por empresas para que as pessoas interessadas tenham acesso à informação de maneira rápida e eficaz.

Internet: <www.caieiraspress.com.br> (com adaptações).

O texto em questão é, predominantemente:

a) narrativo;

b) descritivo;

c) dissertativo;

d) dialógico;

e) instrucional.

Gabarito: C

O texto é dissertativo pois apresenta informações sobre o avanço da Internet e seus benefícios, além disso é um texto elaborado na terceira pessoa sem características descritivas ou narrativas.

10. **(Cespe / UERN / Agente técnico administrativo)**

Único bioma de ocorrência exclusiva no Brasil, que já ocupou 10% do território nacional, a caatinga experimenta um processo acelerado de desmatamento – que pode significar a desertificação do semiárido nordestino. Com 510 espécies de aves e 148 de mamíferos, a caatinga padece da ausência de uma política clara de conservação que estanque o processo de desflorestamento e ajude a impedir a formação de um deserto em pleno Nordeste, ameaça concreta diante do aquecimento global do clima no planeta. Quase dois terços da área sob risco de desertificação no Brasil estão na caatinga, que já teve, a exemplo do cerrado, aproximadamente metade de sua extensão, que é de 826.000 km^2, destruída.

Jornal do Commercio, Pernambuco,16 mar. 2010. (com adaptações).

Assinale a opção correspondente ao tipo textual predominante no texto.

a) Narrativo.
b) Descritivo.
c) Dissertativo.
d) Dialógico.
e) Persuasivo.

Gabarito: C

O texto é dissertativo pois apresenta informações sobre o que acontece com a caatinga do Brasil, além disso é um texto elaborado na terceira pessoa sem características descritivas ou narrativas.

Capítulo 2

Semântica de Nomes

A classificação **substantivo/adjetivo** é estabelecida a partir de critério semântico estruturado na subdivisão em substantivos e adjetivos, sendo aqueles os termos determinados, e estes, os determinantes daqueles. **Substantivos – determinados; adjetivos – determinantes (dos substantivos)**.

Ex.: bandeira (determinado) brasileira (determinante)

Ex.: simpáticas (determinante) pessoas (determinado)

A principal característica dos **substantivos** é a designação de seres, é nomear elementos cuja existência é pacífica.

Televisão – substantivo que nomeia objeto que tem por fim a transmissão de imagens longínquas.

Amor – substantivo que nomeia sentimento de homens e animais.

A função precípua do **adjetivo** é a caracterização de seres, por meio de elemento qualificador – onde se expressa um juízo de valor –, ou classificador – em que se expõe apenas um traço distintivo em relação a outros seres da mesma espécie.

Obs.: Existem situações em que uma mudança de posição entre substantivo e adjetivo pode gerar alteração semântica. Tal fato pode ser fantasticamente exemplificado pela seguinte passagem de "Memórias Póstumas de Brás Cubas" de Machado de Assis: "Eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor.". Quando ele informa que não é autor defunto, isso significa dizer que não se trata de autor falecido. Depois, ao aduzir que é defunto autor, assevera que é um morto – é importante destacar, depois de morto – que se torna autor.

Dependendo do contexto, pode-se observar essa diferença semântica também nas seguintes construções: O período "Ela é uma boa funcionária." sugere que se trata de uma funcionária competente; já na frase vulgar "Ela é uma funcionária boa.", o sentido é que seria uma funcionária com atraentes atributos físicos.

2.1. ADJETIVO SUBJETIVO OU COM VALOR DE QUALIDADE

Ocorre quando a qualificação expressa a opinião de quem o utilizou, ou seja, possui nítido valor opinativo.

Ex.: boa compra, cerveja gostosa, bem valioso.

2.2. ADJETIVO OBJETIVO OU COM VALOR DE CARACTERÍSTICA

Ocorre quando o adjetivo não expõe a opinião de quem o usou. É uma qualidade inerente ao ser.

Ex.: Problemas gástricos, indicadores sociais, povo brasileiro.

2.3. EXERCÍCIOS

01. **(Cesgranrio)**

Assinale a opção em que a mudança na ordem dos termos pode alterar o sentido fundamental da expressão:

a) própria usina / usina própria;
b) eminentes físicos / físicos eminentes;
c) rápido desfecho / desfecho rápido;
d) parcelas ponderáveis / ponderáveis parcelas;
e) separação rígida / rígida separação.

Gabarito: A

Em "própria usina", o sentido é "mesma usina". Já em "usina própria", o sentido é a usina ser de propriedade de alguém.

02. **(NCE / Perito da Polícia Civil)**

Qualquer assaltante apresenta sentido diferente de um assaltante qualquer; o par abaixo que não apresenta diferença significativa de sentido é:

a) pobre homem/homem pobre;
b) funcionário competente / competente funcionário;

c) grande mulher/mulher grande;
d) folha branca/branca folha;
e) bom menino/menino bom.

Gabarito: D

Em "pobre homem", o significado é triste homem, homem cujo destino não foi bom. Já em "homem pobre", o sentido é de homem desprovido de riquezas. O sentido de "funcionário competente" é funcionário a quem compete uma atividade. Já em "competente funcionário", o sentido é funcionário eficiente, eficaz. Em "grande mulher", o sentido é de mulher com grandes realizações, empreendimentos. Em "mulher grande", trata-se de mulher de exagerada estatura. Em "bom menino", o sentido é de menino educado, obediente. Já em "menino bom", o significado é menino com bons sentimentos.

03. **(Ministério Público – RJ)**

O adjetivo abaixo de valor nitidamente subjetivo é:

a) imprensa brasileira;
b) proposta milionária;
c) incitamento racista;
d) jovem negro;
e) brilhante futuro.

Gabarito: E

O adjetivo de valor subjetivo é aquele que expressa a opinião de quem o utiliza. Os adjetivos BRASILEIRA, RACISTA e NEGRO têm caráter objetivo, pois sugerem tão somente uma característica do substantivo determinado por eles. Sendo assim, o candidato ficou em dúvida quanto às alternativas B e E. Fazendo uma análise mais minuciosa, percebe-se que o adjetivo MILIONÁRIA não é subjetivo, pois não indica opinião. Vê-se: uma proposta de dois milhões de dólares para Michael Schumacher correr na sua escuderia é milionária, mas não é boa. Proposta milionária é aquela que envolve milhões. Já o adjetivo BRILHANTE é totalmente subjetivo, visto que denuncia uma visão do autor.

04. **(NCE / IBGE)**

"...me parece <u>infundada</u> a acusação."; adjetivo sublinhado corresponde semanticamente a:

a) sem fundos;

b) sem fundações;
c) sem fundamento;
d) sem finalidade;
e) sem fingimento.

Gabarito: C

O prefixo IN sugere negação, e o radical FUND provém do verbo FUNDAR, no sentido de BASEAR-SE, FUNDAMENTAR-SE, ESTRIBAR-SE. Logo, INFUNDADA significa SEM BASE, SEM FUNDAMENTO, SEM ESTRIBO, SEM APOIO.

05. **(NCE / TJ / Auxiliar de Cartório)**

"... entorpecimento completo ou parcial..."; a relação semântica existente entre os adjetivos completo e parcial, repete-se em:

a) inverno e verão;
b) tranquilo e agitado;
c) paralisados e imóveis;
d) branco e claro;
e) amarelo e amarelado.

Gabarito: B

O candidato é induzido a marcar a opção E, no entanto é importante observar a verdadeira relação entre os adjetivos completo e parcial. Parcial significa não completo, incompleto, ou seja, a relação que existe entre os adjetivos é de oposição e não de parte e todo, como parece num primeiro instante. Os adjetivos que apresentam a mesma relação de contrariedade são tranquilo e agitado. Agitado significa não tranquilo, intranquilo. Perceba que os adjetivos parcial e agitado possuem o mesmo sentido que completo e parcial, acrescendo-se a estes o prefixo negativo. PARCIAL e IMPARCIAL, TRANQUILO e INTRANQUILO.

06. **(NCE)**

Nos segmentos torres gêmeas, manchete ruim, jornal brasileiro e filme açucarado, os adjetivos de caráter claramente objetivo são:

a) gêmeas / ruim;
b) gêmeas / brasileiro;
c) ruim / brasileiro;
d) brasileiro / açucarado;
e) ruim / açucarado.

Gabarito: B

Os adjetivos RUIM e AÇUCARADO possuem nítido valor subjetivo (opinativo). O que é ruim para uns, pode ser bom para outros. A mesma interpretação ocorre com açucarado. Já os adjetivos gêmeas e brasileiro são qualificações que independem de opiniões.

07. **(NCE / AGU)**

Os adjetivos são uma classe de palavra que determina palavras em função substantiva e indicam características ou qualidades desses substantivos; o item com um adjetivo sublinhado com valor de característica é:

a) "Há um caminho **simples**: proibir";

b) "Pois cidadãos **responsáveis** e consumidores **conscientes** se forjam com informação";

c) "Não poderia haver reivindicação mais **justa**…";

d) "Sejam elas **ilegais, perigosas** ou socialmente condenáveis;

e) Para todo problema **complicado** há uma solução…".

Gabarito: D

O adjetivo com valor de característica é o que possui um atributo objetivo, ou seja, independe da opinião de seu usuário. Perceba que os adjetivos "simples" **a)**, "responsáveis" **b),** "conscientes" **b),** "justa" **c),** "perigosas" **d)** e "complicado" **e)** possuem valor subjetivo, ou seja, ocorre adjetivação que sugere a opinião de quem o utiliza; portanto, o que pode ser simples, responsável, consciente, justo, perigoso e complicado para uns, pode não ser necessariamente para outros. Já o adjetivo "ilegais" **(opção D)** é uma adjetivação indiscutível, isto é, não há possibilidade de uma atitude ser considerada legal por uns e ilegal por outros.

08. **(NCE / ELETROBRAS)**

O item em que o adjetivo sublinhado, quando deslocado para antes ou depois do substantivo por ele determinado, NÃO apresenta possibilidade de qualquer modificação de sentido é:

a) fato <u>novo</u>;

b) mal <u>velho</u>;

c) poupanças <u>populares</u>;

d) <u>antigas</u> realizações;

e) espantosas propostas.

Gabarito: E

O significado de fato novo pode ser de fato recente, que aconteceu há pouco. Já novo fato significa fato inédito. Em mal velho, o sentido é mal recorrente, que acontece reiteradamente. Velho mal já pode significar "mal" que já acontece há bastante tempo. Em antigas realizações, cabe a leitura de realizações que remetem à antiguidade. Já "realizações antigas" passa a ideia de ultrapassadas, antiquadas. Em "espantosa proposta", a leitura só pode ser de algo que gera espanto, já "proposta espantosa" permite a leitura de algo inesperado, diferente daquilo que se esperava.

2.4. POLISSEMIA

São os vários significados que um vocábulo pode ter.

Ex.: Quem casa (verbo CASAR) quer casa (lar).

Ex.: Ele manga (debocha) quando como manga (fruta) e sujo a camisa até a manga (parte da camisa).

Ex.: Sentei-me no banco (cadeira) da praça bem em frente ao único banco (posto bancário) da cidade.

2.5. AMBIGUIDADE OU ANFIBOLOGIA

Ocorre quando a frase permite dupla interpretação.

Ex.: O candidato que estuda frequentemente passa.

Há aí a dúvida quanto ao atrelamento sintático de "frequentemente". Não se sabe exatamente se o candidato frequentemente passa ou se ele frequentemente estuda.

Ex.: A convocação de Zagallo agradou a todos.

Paira a dúvida quanto de Zagallo praticar ou sofrer a ação. Zagallo pode ter convocado ou pode ter sido convocado.

Ex.: Joana pediu ao amigo do marido para que lhe entregasse o documento.

Fica a dúvida quanto ao fato de o pronome oblíquo LHE estar fazendo referência ao marido ou a ela própria.

Ex.: O tio do meu amigo que viajou para a Europa foi nomeado assessor da

presidência.

Fica a dúvida quanto a quem viajou para a Europa. O pronome relativo QUE tanto pode fazer referência a "tio"quanto a "amigo".

Ex.: Pedro saiu com a sua irmã.

Há a dúvida quanto ao emprego do pronome possessivo. Não fica claro se "sua" refere-se a Pedro (irmã do Pedro) ou ao leitor (irmã do leitor).

2.6. EXERCÍCIOS

01. **(NCE / POLÍCIA CIVIL-RJ)**

"...e o exemplo que escolheu para ilustrar SEU comentário."; o item abaixo em que o uso do possessivo SEU gera ambiguidade é:

a) O publicitário fez comentários sobre SEU outdoor;

b) O cronista levou o cachorro em SEU automóvel;

c) O jornalista transportou as mercadorias em SEU horário de trabalho;

d) O secretário viu o professor do debate em SEU escritório;

e) O jornalista nada dizia sobre SEU texto.

Gabarito: D

Pela formulação da frase, o emprego do pronome possessivo pode ter como referente SECRETÁRIO ou PROFESSOR. Portanto, não se sabe se o escritório é do secretário ou do professor.

02. **(FCC / TRT-MA / Analista Judiciário)**

A ocorrência de ambiguidade e falta de clareza faz necessária uma revisão da seguinte frase:

a) Causa-nos revolta, a todos, o pouco interesse que ele vem demonstrando na condução desse processo – razão pela qual há quem peça a demissão dele.

b) Conquanto ele nos haja dado uma resposta inconclusiva e protelado a decisão, há quem creia que nos satisfará o desfecho deste caso.

c) Inconformados com a resposta insatisfatória que nos deu, reiteramos o pedido para que ele não deixe de tomar as providências que o caso requer.

d) Ele deu uma resposta insatisfatória à providência que lhe solicitamos, em razão da qual será preciso insistir em que não venha a repeti-la.

e) Caso não sejam tomadas as providências cabíveis, seremos obrigados a

comunicar à Direção o menoscabo com que está sendo tratado este caso.

Gabarito: D

A forma pronominal LA em “repeti-la” tanto pode se referir a “uma resposta insatisfatória” quanto a “a providência”. Cabem, portanto, as interpretações de “não venha a repetir a resposta insatisfatória” e de “não venha a repetir a providência”.

Capítulo 3

Alteração de Funções Sintáticas em Questões de Interpretação

Muitas questões de interpretação de textos são resolvidas através do conhecimento gramatical. Por exemplo, existem funções sintáticas que possuem o mesmo valor semântico, como o sujeito ativo, o agente da passiva e o adjunto adnominal. Estas três funções sintáticas possuem valor ativo (agente, de quem pratica a ação), e as bancas tão somente reescrevem as frases alterando as funções sintáticas, sem modificar, contudo, a ideia contida. Em contrapartida, há também as funções sintáticas com valor paciente: os objetos, o sujeito passivo e o complemento nominal.

Ex.: **O professor** errou e causou estranheza a todos.
O erro **do professor** causou estranheza a todos.
O erro cometido **pelo professor** causou estranheza a todos.

Observe que o termo "professor", acompanhado ou não de preposição, funciona, na primeira frase, como sujeito ativo; na segunda, como adjunto adnominal; na terceira, como agente da passiva. Mesmo este termo tendo funções sintáticas distintas, mantém o mesmo valor semântico. Nas três frases, é o professor que erra.

Ex.: Ler **jornais** é importante.
Jornais serem lidos é importante.
A leitura **de jornais** é importante.

Observe que o termo "jornais", acompanhado ou não de preposição, funciona, na primeira frase, como objeto direto; na segunda, como sujeito passivo; na terceira, como complemento nominal. Apesar de o termo possuir funções sintáticas diferentes, a ideia dos três períodos é a mesma: jornais devem ser lidos.

3.1. EXERCÍCIOS

3.1. EXERCÍCIOS

01. **(NCE / TJ / Oficial de Justiça)**

"Como conciliar a liberdade com a inevitável ação restritiva do Estado?"; nesse segmento do texto, o articulista afirma que:

a) o Estado age obrigatoriamente contra a liberdade;
b) é impossível haver liberdade e governo ditatorial;
c) ainda não se chegou a unir os cidadãos e o governo;
d) cidadãos e governo devem trabalhar juntos pela liberdade;
e) o Estado é o responsável pela liberdade da população.

Gabarito: A

Observe que o termo "do Estado" possui valor agente, funcionando como adjunto adnominal. Se você transformá-lo em sujeito ativo, o resultado será: "O Estado age inevitavelmente restringindo a liberdade. A alternativa **A** apenas substituiu "inevitavelmente" por um sinônimo: "obrigatoriamente".

02. **(NCE / TJ / Oficial de Justiça)**

"O primeiro templo da liberdade burguesa é o supermercado. Em <u>que pesem as angustiantes restrições do contracheque</u>, são as prateleiras abundantemente supridas que satisfazem a liberdade do consumo..."; o segmento sublinhado corresponde semanticamente a:

a) as despesas do supermercado são muito pesadas no orçamento doméstico;
b) os salários não permitem que se compre tudo o que se deseja;
c) as limitações de crédito impedem que se compre o necessário;
d) a inflação prejudica o acesso da população aos bens de consumo;
e) a satisfação de comprar só é permitida após o recebimento do salário.

Gabarito: B

O termo "do contracheque" possui valor agente, funcionando como adjunto adnominal. Reescrevendo-se o período, transformando o adjunto adnominal em sujeito ativo, o resultado será: "o contracheque restringe o consumo". No texto, "contracheque" está sendo utilizado como sinônimo de "salário", "restringir" e "não permitir" são equivalentes, "consumir" e "comprar" possuem o mesmo valor.

03. **(NCE / TJ / Oficial de Justiça)**

"Não houve ideal comunista que resistisse às tentações do supermercado".; com esse segmento do texto o autor quer dizer que:

a) todo ideal comunista se opõe aos ideais capitalistas;
b) a ideologia comunista sofre pressões por parte dos consumidores;
c) os supermercados socialistas são menos variados que os do mundo capitalista;
d) o ideal comunista ainda resiste à procura desenfreada por bens de consumo;
e) as tentações do supermercado abalaram as estruturas capitalistas.

Gabarito: B

É uma questão de inferência textual, pois você terá que deduzir o que o autor quis dizer neste segmento. Observe que o termo "do supermercado" tem valor agente, funcionando como adjunto adnominal. Transformando-o em sujeito de voz ativa, o resultado será: "O supermercado tentou (os consumidores) e não houve ideal comunista que resistisse a essa tentação (criada pelos supermercados). Depreende-se, então, que a tentação criada aos consumidores pelos supermercados fez com que a ideologia comunista sofresse pressões até não mais resistir.

04. **(NCE / MP)**

"...pois moedas não resgatam a dignidade."; reescrevendo-se este segmento do texto, mantendo-se o seu sentido original, a única forma INADEQUADA é:

a) visto que a dignidade não é resgatada por moedas;
b) porque moedas não são o resgate da dignidade;
c) porquanto a dignidade não se resgata com moedas;
d) já que por moedas não é resgatada a dignidade;
e) pela razão de que a dignidade não é resgatada por moedas.

Gabarito: C

Questão muito bem imaginada, levando o candidato a pensar que a resposta sairia pelo conector. As conjunções VISTO QUE, PORQUE, PORQUANTO, JÁ QUE e PELA RAZÃO DE QUE têm valor explicativo. Portanto, não se atinge a resposta por este caminho. O termo "dignidade", por possuir valor paciente, é objeto direto, podendo alterar sua função sintática para complemento nominal ou sujeito passivo. Nas opções A, D e E, "dignidade" se transforma em sujeito de voz passiva analítica; na C, em sujeito de voz passiva sintética; na B, em complemento nominal. Mais uma vez não chegamos à resposta. Partamos agora para uma última análise: "Moedas" funciona como sujeito ativo, podendo transformar-se em agente da

passiva ou adjunto adnominal. Nas alternativas A, D e E, o termo se transformou em agente da passiva. Na opção B, continuou sendo sujeito da voz ativa. Na alternativa C, o sujeito ativo (termo que praticava a ação) foi transformado em adjunto adverbial de instrumento, ou seja, o termo perdeu sua carga semântica – de praticar a ação – e passou a ter o valor de ser um instrumento utilizado para se praticar a ação.

05. **(TJ / NCE / Técnico Judiciário Juramentado)**

"...a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana."; reescrevendo-se este segmento do texto com a manutenção de seu sentido original, temos como forma adequada:

a) a natureza humana necessita da vida em sociedade;

b) a vida em sociedade necessita da natureza humana;

c) a necessidade da natureza humana é uma vida em sociedade;

d) uma necessidade da natureza humana é a vida em sociedade;

e) a natureza humana é necessária à vida em sociedade.

Gabarito: A

As alternativas B e E são absurdas, contradizendo totalmente a ideia do segmento, não merecendo grandes análises. Normalmente, o candidato fica em dúvida entre as opções A, D e E. Quando o texto diz "...a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana.", fica claro que "uma necessidade da natureza humana" está apenas qualificando "a vida em sociedade", não entrando no mérito se existem outras necessidades ou não. A simples inversão proposta na alternativa D sugere uma situação sutilmente diferente do texto, pois quando se informa que "uma necessidade da natureza humana é a vida em sociedade", torna-se evidente a existência de várias necessidades, uma delas é a vida em sociedade. Na opção C, por sua vez, sendo redigido que "a necessidade da natureza humana é uma vida em sociedade", há a sugestão de que a única necessidade da natureza é uma vida em sociedade, distanciando-se semanticamente da ideia exposta no texto. A alternativa A não altera o sentido original, modificando tão somente a função sintática de alguns elementos. O termo "da natureza humana", possuindo valor agente, funciona como adjunto adnominal e é transformado em sujeito ativo – se é uma necessidade da natureza humana, obviamente a natureza humana necessita. Por fim, fica evidente que, tal qual ocorre no segmento original, diz-se apenas que a natureza humana necessita da vida em sociedade, não sugerindo se necessita

também de mais alguma coisa ou não.

Capítulo 4

Coesão Textual

De uma visão mais ampla (genérica) para uma mais específica (particular), podemos analisar um texto como uma sequência de parágrafos; cada parágrafo, uma sequência de períodos; cada período, uma sequência de palavras. Toda essa estrutura compõe o famoso tecido textual que, bem desenvolvido, permite o entendimento da situação comunicativa. Tudo isso envolve, indiscutivelmente, união entre as partes (palavras). E neste exato momento começamos a pensar em coesão.

Um texto bem construído não permite que o leitor perca a sequência dos fatos, tampouco a relação entre os conjuntos. Em tal situação, fica configurada a coesão. Qualquer elemento que faça a ligação entre os fragmentos do texto possui função coesiva. Em outras palavras, para que seja possível o entendimento de um texto não é apenas suficiente uma sequência de frases bem escritas é, antes de tudo, necessário que elas se relacionem de forma harmônica, permitindo a compreensão do texto integralmente. Enfim, essa conexão interna entre os vários enunciados do texto denomina-se coesão. Ela pode acontecer por meio de conectores sintáticos ou por fatores semânticos. O primeiro é o que se entende por coesão sequencial e o segundo por coesão referencial.

4.1. COESÃO REFERENCIAL

Dos vários métodos de coesão textual, um destaque deve ser dado à s expressões do nosso vernáculo que têm a finalidade específica de fazer apontamentos, isto é, referenciação, remetendo a algum outro termo. Tal método coesivo recebe o nome de coesão referencial.

Na **coesão referencial**, lidaremos com as chamadas palavras fóricas (do grego "levar", "trazer"), isto é, palavras que remetem a algum outro elemento.

4.1.1. Remissão endófora

ENDO (DENTRO) E FORA (REFERENCIAÇÃO) = REFERENCIAÇÃO DENTRO.

DENTRO DE QUÊ? DO TEXTO. LOGO, REMISSÃO INTRATEXTUAL.

Essa relação semântica textual se faz com palavras referenciais. São elas: pronomes demonstrativos, pronomes possessivos, pronomes pessoais de terceira pessoa, pronomes relativos ou expressões nominais equivalentes.

A endófora se divide em duas: anáfora e catáfora.

- anáfora – quando a referência é feita a algum elemento que está na porção anterior do texto. A anáfora tem por objetivo **recuperar (atualizar)** semanticamente um elemento que já estava no texto, com todas as informações de que ele já se revestia.
- catáfora – quando a referência aponta para frente, no texto. A catáfora têm a função de sinalizar um termo que ainda vai aparecer no texto.

4.1.2. Remissão exófora

EXO (FORA) E FORA (REFERENCIAÇÃO) = REFERENCIAÇÃO FORA. FORA DE QUÊ? DO TEXTO. LOGO, REMISSÃO EXTRATEXTUAL.

Na interlocução, um falante (primeira pessoa: emissor, locutor, enunciador) se dirige a um ouvinte (segunda pessoa: receptor, interlocutor, enunciatário). Esses "agentes" da situação comunicativa são marcados por palavras ou expressões referenciais (fóricas)

Verificaremos agora que a coesão pode ser feita de três formas: coesão referencial pronominal, coesão referencial lexical e coesão referencial por elipse.

4.2. COESÃO REFERENCIAL PRONOMINAL

Ex.: Passa o candidato que estuda.

Nessa frase, há duas orações. Em ambas, o termo "candidato está presente. O recurso para evitar sua repetição foi o emprego do pronome relativo QUE em seu lugar. Repare, inclusive, que podemos substituir QUE por O QUAL. O pronome relativo O QUAL recebe a forma masculina e singular, porquanto se refere ao termo O CANDIDATO. Se o termo a que estivesse se referindo fosse A PESSOA, já receberia a forma A QUAL.

Ex:. Eu conheço os que estavam presentes.

Nesse período, o pronome relativo QUE possui como antecedente o

demonstrativo OS – que pode ser substituído pelo demonstrativo AQUELES. É fundamental não se olvidar que pronome relativo e pronome demonstrativo nunca podem estar na mesma oração, sendo que o antecedente do relativo será sempre o demonstrativo, mesmo que este esteja combinado a uma preposição.

Ex:. Os alunos devem confiar no que nós ensinamos.

Nesse período, NO é a contração da preposição EM com o pronome demonstrativo O (aquilo), podendo ser substituído por NAQUILO. Em tal situação, o antecedente do relativo QUE é somente o demonstrativo O que deve ser separado da preposição EM.

Ex.: Eu me referi ao que ele disse.

AO é a combinação da preposição A com o demonstrativo O, que pode ser substituído pelo demonstrativo ÀQUILO. Inclusive, caso se substitua AO por ÀQUILO, o demonstrativo ÀQUILO deve ocorrer com acento grave, justamente por se estar fazendo a combinação A + AQUILO. No entanto, o antecedente do relativo é apenas o demonstrativo já desmembrado da preposição. Sendo assim, o antecedente do QUE é somente o demonstrativo O.

Ex.: João e Maria eram excelentes alunos. Esta passou no concurso para a receita e aquele para o Instituto Rio Branco.

O pronome demonstrativo ESTA refere-se ao termo mais próximo (Maria); já o demonstrativo AQUELE tem como antecedente o termo mais remoto (João).

Ex.: Perguntaram se eu entreguei o material, mas não o fiz.

O pronome demonstrativo O – que pode ser substituído por ISSO – refere-se ao fato – Ã oração – de "eu entregar o material". Eu não o (entregar o material) fiz. Eu não fiz isso (entregar o material).

Ex.: Procurei o livro de Contabilidade sugerido, mas não o encontrei.

O pronome pessoal oblíquo O refere-se ao termo "o livro de Contabilidade". Não encontrei o livro de Contabilidade.

Ex.: Zico foi o meu maior ídolo. Ele iniciou a carreira quando eu comecei a acompanhar futebol.

O pronome pessoal reto ELE refere-se a Zico.

Obs.: Em todas as situações apresentadas, o elemento coesivo possuía valor anafórico, ou seja, é justamente a capacidade de fazer referência ou representar termos antecedentes expostos no contexto. Todavia, há também o emprego de

termos com valor catafórico, que anunciam termos apresentados posteriormente no contexto.

Ex.: Só direi estas palavras: não se atrase.

Repare que o termo ESTAS PALAVRAS refere-se Ã oração que vem a seguir – NÃO SE ATRASE.

Ex.: Ele nunca nos falta, quando precisamos. Deus é único.

O pronome ELE refere-se ao termo DEUS inserido posteriormente no contexto.

Obs.: Há também os elementos de caráter dêitico (dêixis), que expressam situações externas ao texto. São referências de tempo e lugar relacionadas geralmente com a época ou com o local em que o texto foi redigido. Termos como AMANHÃ, ONTEM, AQUI, LÁ… expressam relações de dêixis.

Ex.: Ocorreu ontem (dia anterior Ã confecção do texto) uma grande manifestação.

Ex.: Aqui (local onde o autor está escrevendo o texto) chove muito.

Ex.: Este livro (o livro está próximo do emissor da mensagem) é muito interessante.

Ex.: Esse livro (o livro está próximo do receptor da mensagem) é muito interessante.

Ex.: Aquele livro (o livro está próximo do terceiros – de quem se fala) é muito interessante.

BIZU

Os termos endofóricos representam a soma dos anafóricos e catafóricos. Fazem referência a elementos presentes no texto, anteriores (anafóricos) ou posteriores (catafóricos). Já os termos exofóricos sugerem relação com termos externos ao texto, equivalendo-se aos dêiticos.

4.3. EXERCÍCIOS

BIZU PARA QUESTAO

A ESAF já fez muitas provas em que era exigido do candidato a montagem ou a continuação do texto. É recomendável no caso usar primeiramente a coesão e depois a coerência. Nas questões de montagem de textos, o passo prévio é observar se há, nos tópicos, elementos remissivos (termos que façam referência a expressões anteriores). Caso isso ocorra, o tópico não pode iniciar o texto. Por exemplo: Se você se deparar

com o tópico "Entretanto, não houve tempo para resolver o problema.", já se pode ter a certeza de que não pode estar no início do texto, já que a conjunção ENTRETANTO indica uma oposição a algo outrora aludido. Caso se posicione no princípio, vai opor-se a quê? Também o tópico "Eles não indicaram a saída." Não pode postar-se no início do verbete, uma vez que o pronome pessoal ELES refere-se a pessoas já mencionadas. Outra estrutura que não pode localizar-se no início é: "Não conseguiram demonstrá-la." Aí ocorrem dois fatos que obstam o posicionamento inicial: o verbo na terceira plural referindo-se a pessoa já apresentadas no texto, e o pronome oblíquo A em DEMONSTRÁ-LA que indica a ocorrência de elemento feminino e singular antecedente. A partir de então, você deve partir para as alternativas. Há questões que, ao se vislumbrar o primeiro tópico, já se chega Ã resposta.

Considere o texto abaixo para responder ã questão 1.

De teor histórico-filosófico, os livros de M. Foucault investigam, em determinadas sociedades e em determinados períodos, quais os modos efetivos e historicamente variáveis de produção de verdade. Uma consideração que se estende para a sociedade moderna, a partir das suas instituições, diz respeito ao que podemos identificar como o traço fundamental, comum a todas elas e que, certamente, é aplicável a toda sociedade. Trata-se do princípio da visibilidade. A um tempo global e individualizante, a visibilidade constitui uma espécie de princípio de conjunto. À primeira vista sinal de transparência e de revelação da verdade, pode-se contudo questionar se o gesto de mostrar-se, de deixar-se ver, significaria uma postura despojada de desvelamento da verdade de cada um ou se o desnudamento de si mesmo não seria uma injunção, se a exposição de si não encobriria uma certa imposição decorrente das regras que regem nosso modo de produção da verdade. Acrescentemos que a investigação que quer melhor compreender nossa época não pretende apenas situá-la pela sua diferença com o que a precede, mas também, eobretudo, instigar mudanças que, a partir e do interior do nosso presente, possam inaugurar perspectivas outras na direção do que está por vir.

(Salma T. Muchail, A produção da verdade. Filosofi a especial, n. 08, p. 7, com adaptações)

01. **AGENTE DA FAZENDA – No desenvolvimento do texto, a função do pronome relativo QUE é:**

a) na linha 4, retomar "instituições"(l.4);

b) na linha 14, retomar "o"(l.13 – primeira ocorrência);

c) na linha 11, retomar “imposição”(l.12);

d) na linha 5, retomar “todas elas”(l.5);

e) na linha 15, retomar “perspectivas” (l.16).

Gabarito: B

Na alternativa A, o pronome relativo QUE tem como antecedente o demonstrativo O, que está contraído Ã preposição A.

Na alternativa B, conforme exposto na parte teórica desse capítulo, ocorre a mesma situação da alternativa A, com uma pequena diferença. Na A, o pronome demonstrativo estava contraído a uma preposição. Na B, o pronome demonstrativo ocorre sem preposição. É de bom alvitre não olvidar que, quando há demonstrativo e relativo juntos, o antecedente do relativo é o demonstrativo, mesmo que este esteja contraído a uma preposição.

Na alternativa C, o pronome relativo QUE refere-se a “as regras”.

Na alternativa D, o pronome relativo QUE tem como antecedente o demonstrativo O (linha 4), o mesmo da alternativa A. Tal fato ocorre, visto que a conjunção E estabelece um paralelismo entre as duas orações.

Na alternativa E, o pronome relativo QUE refere-se ao demonstrativo O, que se encontra contraído Ã preposição DE.

Leia o texto abaixo para responder Ã questão 2.

A segunda metade dos anos 1990 foi caracterizada por crises nos países emergentes: México, Rússia, Brasil e Argentina. Em todos os casos, os países recorreram ao Fundo Monetário Internacional (FMI) para resolver seus problemas de endividamento externo e tiveram que se submeter a rigorosos programas de ajuste fiscal (redução de gastos públicos e aumento de impostos) e das contas externas exigidos pela organização. Após o período de retração do nível de atividade e aumento do desemprego, durante o qual a relação dívida/PIB e os déficits fiscais se acomodaram em níveis compatíveis com a capacidade de financiamento, todos os países, Ã exceção da Argentina, entraram em trajetória de crescs mento, com estabilidade de preços. Como os fundamentos fiscais e monetários destes países estavam fortes, com equilíbrio fiscal, relação dívida/PIB e inflação sob controle, seus governos e bancos centrais puderam adotar políticas fiscais, monetárias, de crédito mais frouxas, que reverteram a trajetória de queda já no segundo trimestre de 2009.

(José Márcio Camargo, Tragédia grega. Istoé, 10/02/2010, com adaptações)

02. **Analista Técnico Susep – Esaf – Assinale a opção em que os três termos remetem, por coesão textual, ao mesmo referente.**

a) "países emergentes"(l.1 e 2) – "os países"(l.2) – "se"(l.4)

b) "todos os casos"(l.2) – "problemas de endividamento externo"(l.2 e 3) – "seus"(l.12)

c) "Fundo Monetário internacional"(l.2 e 3) – "seus"(l.4) – "organização"(l.7)

d) "desemprego"(l.7) – "o qual"(l.7) – "se"(l.8)

e) "equilíbrio fiscal"(l.11) – "políticas…de crédito"(l.12 e 13) – "que"(l.13)

Gabarito: A.

Na opção A, os três termos se referem a México, Rússia, Brasil e Argentina.

Na opção B, o termo "todos os casos" remete Ã crise. O segundo termo não possui referente; se o termo englobasse o possessivo, remeteria a "os países". O pronome SEUS refere-se a México, Rússia e Brasil.

Na opção C, Fundo Monetário Internacional não remete a nenhum termo, pelo contrário, termos seguintes remeterão a ele; SEUS refere-se a "os países"; ORGANIZAÇÃO refere-se a Fundo Monetário Internacional.

Na D, DESEMPREGO não remete a outros termos; O QUAL refere-se a "o período de retração do nível de atividade e aumento do desemprego"; o pronome SE tem caráter reflexivo, remetendo a "a relação dívida/PIB e os déficits fiscais".

Na E, EQUILÍBRIO FISCAL não tem referente; o segundo termo também não possui referente; QUE remete a "políticas fiscais, monetárias, de crédito mais frouxas".

03. **(FGV / BESC / Advogado)**

"Mas, enquanto isso, no mercado financeiro, os bancos pensam em como superar um dilema."

O pronome grifado na frase acima exerce uma função anafórica. Assinale a alternativa em que isso NÃO ocorra.

a) Chegamos no dia 23 às 22 horas. **Nessa** noite, as estrelas pareciam brilhar mais do que o costume.

b) Nossas dúvidas residem **nisto**: não saber equacionar problemas.

c) Os sistemas de busca estão atualizados. Em **tais** sistemas, é possível selecionar o idioma de preferência.

d) Nada há para julgar. **Isso** resolve mais facilmente o nosso problema.
e) Os amantes e os amados vivem em desencontros. **Estes** vivem, sem dúvida, mais perdidos que aqueles.

Gabarito: B

Na alternativa A, o pronome NESSA, em nessa noite, refere-se Ã noite do dia 23, elemento citado anteriormente. Na alternativa C, O pronome TAIS, em tais sistemas, refere-se a "Os sistemas de busca". Na alternativa D, ISSO remete Ã oração anterior: ao fato de não haver nada para julgar. Na alternativa E, o pronome ESTES refere-se a "os amantes e os amados". Portanto, em todas essas alternativas, o pronome tem caráter anafórico. Na alternativa B, o pronome NISTO refere-se a um termo posterior: não saber equacionar problemas. Sendo assim, o pronome NISTO possui caráter catafórico.

04. **(FGV-MS / Fiscal de Rendas)**

Nas atuais condições em que exerce a sua hegemonia, a direita "moderada" conseguiu infiltrar seus critérios no discurso da esquerda "moderada".

A palavra seus no trecho acima tem valor:

a) anafórico;
b) anastrófico;
c) catafórico;
d) hiperbólico;
e) paragramático.

Gabarito: A

O pronome SEUS refere-se a "direita moderada". Observe: são critérios da direita moderada. Sendo assim, como o pronome refere-se a um termo antecedente, possui caráter anafórico.

05. **(NCE / ANAC)**

Segundo o Ministério da Saúde, em janeiro de 2003 havia 51.760 pessoas na lista de espera para transplante. Dado o tamanho do país – e, infelizmente, o grau de violência – seria de se esperar que o auxílio viesse rápido. De certa forma, a população está mais sensibilizada para o problema. O número de doações cresce desde 1997. De lá até o ano passado, saltamos de 3.932 para 8.031 transplantes realizados.

Entre as alternativas abaixo, aquela que apresenta um termo sublinhado de valor dêitico:

a) "seria de se esperar que o auxílio viesse rápido";

b) "a população está mais sensibilizada para o problema";

c) "De lá até o ano passado…";

d) "De lá até o ano passado";

e) "mas precisa fazer mais".

Gabarito: D

Questão muito interessante, elaborada para o candidato ficar em dúvida entre as alternativas C e D. "Lá" refere-se ao ano "1997", citado anteriormente no texto, portanto tem caráter anafórico. Já o termo "o ano passado" corresponde ao ano anterior, àquele em que o texto foi redigido (elemento externo ao texto). Sendo assim, a expressão "o ano passado" (só pelo texto não há como saber exatamente o ano, pois não há qualquer tipo de menção a ele) possui caráter dêitico.

06. **(FGV-RJ / Fiscal de Rendas)**

Esse raciocínio baseia-se, contudo, numa falsa comparação. Primeiramente, porque a alocação de novos recursos nada tem a ver, em princípio, com o impacto tecnológico. O avanço deste não acarreta necessariamente impacto positivo daquela.

No trecho "O avanço deste não acarreta necessariamente impacto positivo daquela.", os demonstrativos exercem, respectivamente, função:

a) anafórica e catafórica;

b) catafórica e catafórica;

c) anafórica e anafórica;

d) catafórica e anafórica;

e) dêitica e dêitica.

Gabarito: C

O pronome DESTE refere-se a "o impacto tecnológico", termo já mencionado, portanto é anafórico. DAQUELA remete a "a alocação de novos recursos", termo também já mencionado anteriormente no texto, possuindo, portanto, valor anafórico.

07. **(FGV / MEC)**

"O movimento altermundialista se vê diante da crise da globalização

capitalista em sua fase neoliberal. Essa crise não é uma surpresa para o movimento; ela estava prevista e era anunciada há muito tempo."

Assinale a alternativa em que o termo, no trecho acima, não resgate um termo anterior.

a) sua.
b) Essa.
c) movimento.
d) ela.
e) há.

Gabarito: E

O pronome SUA, constante na alternativa A, refere-se a "a globalização capitalista". O pronome ESSA, na opção B, refere-se a "a crise da globalização capitalista em sua fase neoliberal". O termo O MOVIMENTO, na alternativa C, é remissivo a "O movimento altermundialista". O pronome ELA, na opção D, remete a "a crise". A forma verbal HÁ não se refere a qualquer elemento anterior, exprimindo valor de tempo decorrido.

08. **(FGV / Senado Federal / Técnico Administrativo)**

"Portanto, trata-se de ver aquilo que é melhor ao cidadão."

A respeito do período acima, analise os itens a seguir:

I. **O pronome aquilo tem valor catafórico.**
II. **A palavra Portanto tem valor conclusivo.**
III. **A palavra melhor classifica-se como adjetivo.**

Assinale:

a) se somente os itens I e III estiverem corretos;
b) se somente os itens II e III estiverem corretos;
c) se nenhum item estiver correto;
d) se todos os itens estiverem corretos;
e) se somente os itens I e II estiverem corretos.

Gabarito: B

No item I, o pronome AQUILO não se refere a elementos posteriores, não possuindo, por conseguinte, valor catafórico. ERRADO

No item II, PORTANTO é conjunção coordenativa conclusiva. ERRADO

No item III, MELHOR é adjetivo, podendo até ser flexionado, caso o sujeito ocorresse no plural: "ver aquelas situações que são melhores para o cidadão". CERTO

09. **(FGV / Perito da Polícia Civil)**

"Ademais, e este talvez seja o ponto principal, se o que está em tela é o modelo que possibilitou a realização da hidrelétrica de San Francisco no Equador, por meio da geração de empregos no Brasil e da exportação de bens e serviços brasileiros de alto valor agregado, longe estamos de uma situação em que o interesse nacional brasileiro não esteja sendo atendido."

"A América do Sul é nosso destino – disso já sabiam governantes brasileiros antes da atual administração. A ênfase que lhe é dada hoje tem trazido benefícios importantes."

Os pronomes grifados nos trechos acima têm papel, respectivamente:

a) catafórico e catafórico;
b) anafórico e catafórico;
c) anafórico e anafórico;
d) dêitico e anafórico;
e) dêitico e catafórico.

Gabarito: Anulada

A questão foi anulada porque o pronome demonstrativo ESTE possui valor catafórico – refere-se a todo o fragmento posterior "se o que está em tela é o modelo que possibilitou a realização da hidrelétrica de San Francisco no Equador, por meio da geração de empregos no Brasil e da exportação de bens e serviços brasileiros de alto valor agregado, longe estamos de uma situação em que o interesse nacional brasileiro não esteja sendo atendido."

Já o pronome disso possui valor anafórico, pois se refere a "A América do Sul é o nosso destino.".

Destarte, a resposta certa seria CATAFÓRICO E ANAFÓRICO.

10. **(NCE)**

"A descoberta da América pelos europeus, nos fins do século quinze, deu lugar a uma transplantação da cultura europeia para este Continente. Tal empreendimento constitui, porém, uma aventura impregnada de duplicidade."

"Proclamavam os europeus ao aqui chegarem para expandir nestas plagas o

cristianismo…”

“… movia-os o propósito de exploração e fortuna. A história do período colonial é a história desses dois objetivos a se ajudarem mutuamente na tarefa real e não confessada da espoliação continental.”

“Nascemos, assim, divididos entre propósitos reais e propósitos proclamados. A essa duplicidade da própria sociedade nascente, dividida entre senhores e escravos…”

A seguir, cada um deles é classificado, quanto Ã função textual, na ordem em que ocorrem. Assinale a opção correta.

a) dêitico; dêitico; anafórico; anafórico, anafórico.

b) dêitico; anafórico; anafórico; anafórico, dêitico.

c) anafórico; dêitico; dêitico, anafórico; dêitico.

d) dêitico; dêitico; dêitico; anafórico; dêitico.

e) anafórico; dêitico; dêitico; anafórico; anafórico.

Gabarito: E

O pronome TAL remete ao termo “A descoberta da América pelos europeus” – anafórico; o advérbio AQUI refere-se ao país de nacionalidade do autor – dêitico; O pronome demonstrativo NESTAS, em NESTAS PLAGAS, refere-se às plagas onde o autor se encontra – dêitico; O pronome demonstrativo DESSES, em desses dois objetivos, remete ao antecedente “exploração e fortuna” – anafórico; o pronome demonstrativo ESSA, em “essa duplicidade”, refere-se ao antecedente “propósitos reais e propósitos proclamados” – anafórico.

4.4. COESÃO REFERENCIAL LEXICAL

É a coesão que se estabelece pela conexão dos sentidos dos termos envolvidos no texto, assim, esse tipo de coesão se dá pelas relações de sinonímia, antonímia, hiperonímia e hiponímia.

4.4.1. Sinonímia, antonímia, hiperonímia e hiponímia

Precisamos ter em mente que, apesar de alguns termos possuírem seus sinônimos e antônimos facilmente identificáveis como acontece em ‘bonito x belo’ e ‘feio e belo’, muitas das vezes, as provas de concursos trabalham com sinônimos e antônimos que se adéquam ao contexto em que os termos estão inseridos. Por

isso, precisamos saber identificar determinado vocábulo no texto e não apenas substituí-lo como um sinônimo ou antônimo. Por exemplo, é natural que consideremos que o vocábulo 'velho' seja um antônimo perfeito para 'novo', por isso, podemos entender que o antônimo de 'encontrei um homem **velho**' é 'encontrei um homem **novo**'. Por outro lado, se temos a situação 'não coma o pão que está **velho**', utilizaríamos como antônimo o vocábulo 'fresco' em 'hoje comprei um pão **fresco**'. Percebemos assim que os vocábulos devem ser utilizados de forma adequada ao contexto em que se inserem, pois, se na primeira situação, nós utilizássemos o termo 'fresco' em vez de 'novo', não estaríamos apresentando um antônimo apropriado Ã situação.

A sinonímia nos textos acontece nas relações de hiperonímia e de hiponímia. Vejamos os vocábulos a seguir:

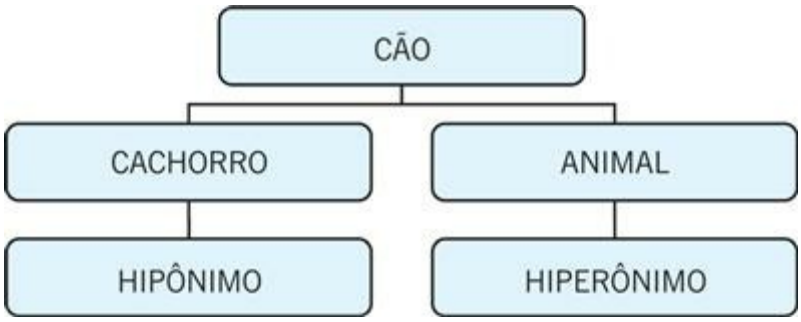

Observe que tanto 'cachorro' quanto 'animal' são termos que funcionam como sinônimos do termo 'cão', entretanto, 'cachorro' substitui 'cão' de forma mais específica do que o termo 'animal', que poderia substituir outros bichos como gato, pássaro e peixe. Assim, podemos concluir que hiperônimos são termos que substituem de forma mais genérica vocábulos que estão no mesmo campo semântico, enquanto que os hipônimos substituem de forma mais específica.

Dessa forma, podemos concluir que o hiperônimo contém as características genéricas de uma determinada classe (por exemplo, matéria); o hipônimo é um elemento específico que comunga dessas características genéricas, sem deixar de possuir os seus próprios traços diferenciadores (por exemplo, Português, Matemática, Geografia são hipônimos de matéria). Veja outros exemplos:

HIPERÔNIMOS	HIPÔNIMOS
Animal	Gato, cachorro, papagaio
Louça	Garfo, faca, colher

Profissional	Engenheiro, médico, professor
Esporte	Futebol, vôlei, basquete

Além das possibilidades de substituição acima, devemos considerar a coesão estabelecida por meio das perífrases. As expressões também servem para substituir termos antecedentes, mas não são de fato sinônimos perfeitos, como, por exemplo, no trecho:

Ex.: **Silvano Eustáquio** é o melhor presidente que um time poderia ter. O **presidente do Palmeiras**, Silvano Eustáquio, afirmou que o time tem todas as condições para ganhar o campeonato.

O nome próprio 'Silvano Eustáquio' foi substituído por 'presidente do Palmeiras' possibilitando a não repetição do termo e, principalmente, mantendo a coesão textual harmônica. O mesmo processo pode ser observado no exemplo abaixo:

Ex.: Castro Alves é autor de uma vastíssima obra literária. Não é por acaso que o **"Poeta dos Escravos"** é considerado o mais importante da geração a qual representou.

A expressão 'Poeta dos escravos' serve para substituir o nome 'Castro Alves', isso evita que o nome seja repetido e garante a manutenção da coesão textual.

4.5. COESÃO REFERENCIAL POR ELIPSE

A coesão também pode ser realizada por elipse. Elipse é um tipo de figura de linguagem que permite a supressão de um termo facilmente subentendido no texto. Vejamos:

Ex.: As crianças nunca se cansam. **Brincam** o dia inteiro e **saem** a toda hora.

Ex.: Os bandidos sempre quando são presos fazem cara de santo. Depois que a situação piora **ficam** implorando por perdão.

Ex.: Nós íamos conseguir o que desejávamos, mas **perdemos** por não **termos** paciência.

Note que antes dos verbos destacados o sujeito foi omitido, mas pode ser facilmente identificado uma vez que já foi expresso anteriormente.

4.6. EXERCÍCIOS

01. **(VUNESP / TJ – SP)**

A palavra empresa é um sinônimo genérico de Proter & Gamble, no texto. A alternativa que apresenta, também, esse tipo de sinonímia, é:

a) automóvel – veículo;
b) automóvel – carro;
c) geladeira – refrigerador;
d) fotografia – foto;
e) motocicleta – moto.

Gabarito: A

A expressão Proter & Gamble é hipônimo de empresa. Empresa é hiperônimo de Proter & Gamble. Nas alternativas B e C, os termos são sinônimos absolutos. Nas alternativas D e E, os vocábulos foto e moto são abreviaturas de fotografia e motocicleta. Na alternativa A, automóvel é hipônimo de veículo – existem vários veículos (caminhão, motocicleta, ônibus, lambreta…) –, e automóvel (hipônimo), que é apenas um deles, especifica qual veículo é.

02. **(CEPUERJ / Técnico de Enfermagem)**

"… Evite ingerir o medicamento juntamente com alimentos (…) Evite também ingerir álcool durante o tratamento, pois o uso de XXXXXX com álcool é tóxico para o fígado.."

O emprego da palavra "medicamento" em substituição a "XXXXXX" constitui caso de:

a) sinonímia;
b) hiponímia;
c) antonímia;
d) aiperonímia.

Gabarito: B

XXXXXX é hipônimo de medicamento, pois é o nome do medicamento. Medicamentos (hiperônimo) existem vários, XXXXXX é apenas um deles. XXXXXX representa uma especificação de qual medicamento se trata.

4.7. COESÃO SEQUENCIAL

É a coesão normalmente feita por conjunções, ligando termos, orações ou períodos,

estabelecendo entre eles uma relação de sentido. Torna-se imperioso esclarecer que esse tipo de coesão não tem como escopo retomar ou representar termos antecedentes, mas, sim, ligar a construção anterior Ã seguinte, estabelecendo entre elas uma relação de sentido. Quando uma oração é introduzida pela conjunção ENTRETANTO, já se sabe que o fragmento está em oposição a algo citado anteriormente. Ao observar a presença da conjunção ENQUANTO, já se imagina que dois fatos estão acontecendo simultaneamente. A ocorrência do conector JÁ QUE sugere que a ideia introduzida indicará uma causa para um fato anteriormente relatado. Já o conector PORTANTO indica que a oração em que ocorre é uma conclusão para algo citado anteriormente.

Ex.: Ele estava doente, entretanto não faltou ao trabalho.

Todos prestavam atenção, enquanto João falava.

Já que estão todos presentes, podemos começar a aula.

Pedro faltou ao trabalho, portanto deve estar doente.

4.8. COESÃO SEQUENCIAL

01. **(Esaf / CVM / Analista)**

Tradicional defensor de instrumentos ortodoxos de política econômica, o Fundo Monetário Internacional (FMI) admitiu o uso de controles de capital para combater a formação de bolhas financeiras e o fluxo exagerado de investimentos estrangeiros que valorizam excessivamente as moedas nacionais em relação ao dólar. Entre as opções, está a tributação do ingresso de recursos, caminho escolhido pelo Brasil, que elevou de 4% para 6% a alíquota do imposto de operações financeiras (IOF) nas aplicações de renda fixa. Outra possibilidade é a proibição de retirada do dinheiro por um tempo determinado, como fez o Chile. Por enquanto a equipe econômica brasileira resiste em adotar este passo, pois, para o economista americano J. L., o reforço no balanço orçamentário e as ações de caráter mais estrutural são, muitas vezes, as respostas mais adequadas para o aumento de fluxos. "Mas pode haver circunstâncias em que os controles cambiais sejam úteis, numa medida temporária, para lidar com esse crescimento de capital", afirma.

(Adaptado de Correio Braziliense, 19 out. 2010.)

Na organização das relações de coesão e coerência no texto, a

expressão

a) "caminho escolhido pelo Brasil"(l.5) retoma a ideia de "tributação do ingresso de recursos" (l.5).

b) "fluxo exagerado de investimentos estrangeiros" (l.3) retoma a ideia de "bolhas financeiras" (l.3).

c) "ações de caráter mais estrutural"(l.10) retoma a ideia de "bolhas financeiras"(l.3).

d) "controles cambiais" (l.12) retoma a ideia de "ações de caráter mais estrutural" (l.10).

e) "esse crescimento de capital" (l.13) retoma a ideia de "aplicações de renda fixa" (l.7).

Gabarito: A

Na opção A, pela construção frasal, fica que a expressão) "caminho escolhido pelo Brasil"(l.5) retoma a ideia de "tributação do ingresso de recursos".

Na opção B, o termo "fluxo exagerado de investimentos estrangeiros" não remete a qualquer outra expressão.

Na opção C, "ações de caráter mais estrutural" também não possui referente.

Na opção D, "controles cambiais" retoma a ideia de "a tributação do ingresso de recursos" e de "retirada do dinheiro por um tempo determinado".

Na opção E, a expressão "esse crescimento de capital" refere-se a "a formação de bolhas financeiras e o fluxo exagerado de investimentos estrangeiros que valorizam excessivamente as moedas nacionais em relação ao dólar.".

02. **(Esaf / RJ / Fiscal de Rendas)**

O texto abaixo serve de base para a questão 4

Com o advento do Estado Social e Democrático de Direito, ganhou força a tese que defende a necessidade de interpretar a relação jurídica tributária de forma contextualizada com o valor constitucional da solidariedade social. Isso não significa, porém, que a busca da solidariedade social prevalecerá sempre sobre todas as demais normas constitucionais, pois sempre existirão situações em que restará configurada a supremacia de outros valores, também positivados no texto constitucional.

A solidariedade de que trata a Constituição, no entanto, é a solidariedade genérica, referente Ã sociedade como um todo, em oposição Ã solidariedade de

grupos sociais homogêneos, a qual se refere a direitos e deveres de um grupo social específico. Por força da solidariedade genérica, é lógico concluir que cabe a cada cidadão brasileiro dar a sua contribuição para o financiamento do "Estado Social e Tributário de Direito".

Infelizmente, é um fato cultural e histórico o contribuinte ver na arrecadação dos tributos uma "subtração", em vez de uma contribuição a um Erário comum. Diante disso, o tema da solidariedade é fundamental, porque leva a uma reflexão sobre as razões pelas quais se pagam tributos, ou porque deva existir uma lealdade tributária.

(Daniel Prochalski, Solidariedade social e tributação. http://jus2.uol.com.br/Doutrina/texto, acesso em 9/6/2010, com adaptações)

Assinale a opção correta a respeito das relações de coesão no texto.

a) Por meio do pronome "Isso"(l.3) retoma-se a ideia de "advento do Estado Social e Democrático de Direito"(l.1).

b) O substantivo "situações"(l.5) resume e retoma as relações entre "o advento do Estado Social e Democrático de Direito"(l.1) e "o valor constitucional da solidariedade social"(l.3).

c) Por meio do pronome "a qual"(l.10), retoma-se "sociedade" (l.9)

d) A expressão "outros valores"(l.6) refere-se a valores que constam do texto constitucional.

e) É classificado como "cultural e histórico"(l.14) o fato de cada cidadão brasileiro dar sua contribuição para o financiamento do Estado.

Gabarito: D

Na alternativa A, o pronome ISSO refere-se a "ganhou força a tese que defende a necessidade de interpretar a relação jurídica tributária de forma contextualizada com o valor constitucional da solidariedade social.".

Na alternativa B, o termo situações não retoma termos antecedentes, mas aponta para "em que restará configurada a supremacia de outros valores, também positivados no texto constitucional.", redigido a seguir.

Na alternativa C, o pronome relativo A QUAL retoma a "solidariedade de grupos sociais homogêneos".

Na opção D, a expressão "outros valores" retoma "demais normas (valores) constitucionais".

Na opção E, a expressão "cultural e histórico" qualifica o fato de "o contribuinte ver na arrecadação dos tributos uma "subtração", em vez de uma contribuição a um Erário comum.".

03. **(Cespe / UnB / MPU / Analista Administrativo)**

Inovar é recriar de modo a agregar valor e incrementar a eficiência, a produtividade e a competitividade nos processos gerenciais e nos produtos e serviços das organizações. Ou seja, é o fermento do crescimento econômico e social de um país. Para isso, é preciso criatividade, capacidade de inventar e coragem para sair dos esquemas tradicionais. Inovador é o indivíduo que procura respostas originais e pertinentes em situações com as quais ele se defronta. É preciso uma atitude de abertura para as coisas novas, pois a novidade é catastrófica para os mais céticos. Pode-se dizer que o caminho da inovação é um percurso de difícil travessia para a maioria das instituições. Inovar significa transformar os pontos frágeis de um empreendimento em uma realidade duradoura e lucrativa. A inovação estimula a comercialização de produtos ou serviços e também permite avanços importantes para toda a sociedade. Porém, a inovação é verdadeira somente quando está fundamentada no conhecimento. A capacidade de inovação depende da pesquisa, da geração de conhecimento. É necessário investir em pesquisa para devolver resultados satisfatórios Ã sociedade. No entanto, os resultados desse tipo de investimento não são necessariamente recursos financeiros ou valores econômicos, podem ser também a qualidade de vida com justiça social.

Luís Afonso Bermúdez. O fermento tecnológico. In: Darcy. Revista de jornalismo científico e cultural da Universidade de Brasília, novembro e dezembro de 2009, p. 37 (com adaptações).

Considerando a organização das ideias e estruturas linguísticas do texto, julgue os seguintes itens.

1. Na linha 6, o segmento "as quais" remete a "situações" e, por isso, admite a substituição pelo pronome que; no entanto, nesse contexto, tal substituição provocaria ambiguidade.
2. O período sintático iniciado por "Inovar significa" (L.9) estabelece, com o período anterior, relação semântica que admite ser explicitada pela expressão Por conseguinte, escrevendo-se: Por conseguinte, inovar significa (…).
3. Subentende-se da argumentação do texto que o pronome demonstrativo, no

trecho “desse tipo de investimento” (L. 15), refere-se Ã ideia de “fermento do crescimento econômico e social de um país” (L.3 e 4).

4. A forma verbal “é” (L.3) está flexionada no singular porque, na oração em que ocorre, subentende-se “Inovar” (L.1) como sujeito.

Gabarito:

1 – Errado – Realmente o pronome relativo “as quais” refere-se a “situações”, todavia a substituição desse pronome relativo por QUE não gera problema relativo Ã ambiguidade.

2 – Errado – O conector POR CONSEGUINTE possui caráter conclusivo, portanto deve ser empregado para fechar uma ideia, o que não ocorre. Observe, inclusive, que outras características de INOVAR são apresentadas no período seguinte. Depois, com o emprego do conector adversativo PORÉM, ainda se estabelece uma ressalva para o que pode ser “inovação.

3 – Errado – O termo “desse tipo de investimento” remete a “investir em pesquisas”.

4 – Certo – A forma verbal É encontra-se flexionada na terceira pessoa do singular para concordar com a expressão oracional subentendida INOVAR: Inovar é o fermento do crescimento econômico e social de um país.

Capítulo 5

Semântica dos Conectores – Preposições e Conjunções

PREPOSIÇÕES

Esses elementos são responsáveis por estabelecer o nexo entre os vocábulos de uma oração e entre as orações, períodos e parágrafos em um texto. Podemos dizer que se dividem em dois grupos:

a) **Essenciais** – São as que funcionam apenas como preposição

Ex.: a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, per, perante, por, sem, sob, sobre, trás.

b) **Acidentais** – Segundo a professora Maria Helena de Moura Neves, em sua gramática "a Nomenclatura Gramatical Brasileira", são preposições acidentais certos elementos que se estão gramaticalizando como preposições e que se empregam em contextos restritos. Todos esses elementos têm origem em outra classe gramatical."

Ex.: salvo, consoante, exceto, durante, conforme, senão, segundo, entre outras.

5.1. VALORES SEMÂNTICOS DAS PREPOSIÇÕES ESSENCIAIS

5.1.1. Preposição "A"

Condição	**A** persistirem os sintomas, o médico deverá ser consultado!
Direção	Quero conhecer o Brasil de norte **a** sul.
Fim	João estudou **a** passar no concurso.
Meio	Obteve êxito **a** estudo.
Lugar	Estávamos **a**o portão do curso.

Conformidade	O professor fez a questão **a**o método prático.
Preço	Vendeu **a** um real o quilo.
Concessão	Ele nada fazia **a** não ser jogar futebol.
Tempo	**A**o encontrar a solução, fiquei aliviado.
Instrumento	Mataram a galinha **a** machado.
Modo	Falar **a**os berros.
Semelhança	João não saiu **a** vocês.
Distribuição proporcional, gradação	dia **a** dia, mês **a** mês, ano **a** ano.
Posse	Tomou o pulso **a**o doente.(= do doente)

BIZU

Uma forma de identificar a ideia "fim" que a preposição pode assumir, é substituindo-a pela preposição "para".

João estudou **a**passar no concurso.

João estudou**para**passar no concurso.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "a":**

1	**Causa**
2	**Direção**
3	**Fim**
4	**Meio**
5	**Lugar**
6	**Conformidade**
7	**Preço**
8	**Concessão**
9	**Posse**
10	**Instrumento**
11	**Modo**

12	**Semelhança**
13	**Proporção** **Gradação**
14	**Condição**

a. ( ) Escrevemos a carta **a** lápis.
b. ( ) Será bom que o mundo morra **à** fome?
c. ( ) Fui **a** Niterói.
d. ( ) Falaremos **a**o modo tradicional.
e. ( ) Do Forte de Copacabana **a**o Arpoador, a caminhada é tranquila.
f. ( ) Mantiveram-se no local **a** pedir perdão.
g. ( ) A camisa foi vendida **a** R$100,00.
h. ( ) Aprenderemos pouco **a** pouco o assunto.
i. ( ) Passear **a** camelo.
j. ( ) Matar **à** fome.
k. ( ) Esqueci-me de tudo **a** não ser do seu nome.
l. ( ) Maria puxou **a**o pai.
m. ( ) Arrancou o prazer da leitura **a**o homem.
n. ( ) **A** cumprirem suas responsabilidades, serão bem recebidos.

Gabarito:

a. (10)
b. (1)
c. (2)
d. (11)
e. (5)
f. (3)
g. (7)
h. (13)
i. (11)
j. (4)
k. (8)
l. (12)
m. (9)

n. (14)

5.1.2. Preposição "ATÉ"

Limite de lugar	Segui você **até** o final da rua.
Limite de tempo	Esperei **até** ontem.
Limite numérico	O produto custará **até** três vezes mais.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "até":**

1	**Limite de lugar**
2	**Limite de tempo**
3	**Limite numérico**

a. ( ) Capacidade **até** 10 quilos de roupa.
b. ( ) As longas e cansativas caminhadas **até** o cemitério eram desesperadoras.
c. ( ) Tenho **até** hoje para enviar os documentos.
d. ( ) Apostarei **até** R$100,00 no jogo de hoje.
e. ( ) Debruçada **até** quase os meus joelhos, ela gritou.
f. ( ) Amar-te-ei **até** o último dia de nossas vidas.

Gabarito:

a. (3)
b. (1)
c. (2)
d. (3)
e. (1)
f. (2)

5.1.3. Preposição "COM"

Companhia	Gostaria de sair mais vezes **com** você.
Soma	Uniremos as tuas **com** as nossas palavras.

Modo	Ele gritou **com** força.
Instrumento	Lavei a roupa **com** sabão de coco.
Condição	**Com** sorte, atingiremos nossos objetivos.
Causa	Os japoneses ficaram aflitos **com** o Tsunami.
Tempo	**Com** seis meses de uso, as peças começam a ficar ruins.
Conformidade	Reconhecemos, **com** o ilustre professor, que a questão deveria ser anulada.
Lugar	Talvez encontremos, **com** o fim da estrada, água.
Concessão	**Com** vinte anos de carreira, seu patrimônio se resume a dois carros modestos.
Meio	Fui **com** minha moto para os lugares mais remotos do Brasil.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1 . **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "com":**

1	**Companhia**
2	**Soma**
3	**Modo**
4	**Instrumento**
5	**Condição**
6	**Causa**
7	**Tempo**
8	**Meio**
9	**Conformidade**
10	**Lugar**
11	**Concessão**

a. ( ) Somaremos as minhas partes **com** as suas para formarmos o inteiro.

b. ( ) Sairemos **com** a mamãe para fazer compras.

c. ( ) O aluno sorriu **com** timidez.

d. ( ) Resolvemos, **com** a orientação do Doutor, todas as questões.
e. ( ) Fiz questão de realizar a prova **com** uma caneta especial.
f. ( ) Andaremos e encontraremos, **com** o fim da rua, a casa colorida.
g. ( ) **Com** esse desempenho, não passará no concurso.
h. ( ) **Com** o tempo, seu cabelo cairá.
i. ( ) Muitos ficaram aflitos **com** a notícia dos terremotos no Japão.
j. ( ) **Com** toda sua riqueza, não consegue ser feliz.
k. ( ) Só gosto de viajar **com** o meu carro.

Gabarito:

a. (2)
b. (1)
c. (3)
d. (9)
e. (4)
f. (10)
g. (5)
h. (6)
i. (6)
j. (11)
k . (8)

5.1.4. Preposição "CONTRA"

Lugar	Ele pressionou a mão **contra** o peito.
Adversidade	Tudo isso é **contra** meus princípios.
Comparação	No ano passado, o curso teve duzentas aprovações, **contra** trezentas e cinquenta que obtivemos este ano.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1 . **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "contra":**

1	Lugar

2	**Adversidade**
3	**Comparação**

a. ( ) O cavalo se coça **contra** uma cerca.
b. ( ) As pesquisas mostraram que o índice de analfabetismo aumentou 10% neste mês **contra** 5% no mês passado.
c. ( ) Os políticos falam **contra** o governo.

Gabarito:

a. (1)
b. (3)
c. (2)

BIZU

A PREPOSIÇÃO CONTRA ENTRA EM EXPRESSÕES FIXAS

Ser contra / ficar contra / ir contra → opor-se a

Sou contra os charlatões. / Ninguém pode ir contra a vontade de Deus.

5.1.5. Preposição "DE"

Modo	Os espertos vão saindo **de** fininho.
Lugar	**De** longe nada se via.
Tempo	A reunião acontec **de** manhã.
Instrumento	Devia ter feito a barba **de** gilete.
Causa	As frutas caíram do pé **de** podre.
Matéria	A casa foi feita **de** madeira.
Intensidade	Ele estudou **de** não aguentar mais o ritmo.
Negação	Não quisera regressar **de** jeito algum.
Posse	Ela bebeu com o dinheiro **de** Maria.
Finalidade	"E o coração... é instrumento **de** sopro ou de percussão?"
Assunto	Falava **de** política.
Origem	"Afirmava-se que o fogo começara **de** uma sala" (Raul Pompéia).

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "de":**

1	**Modo**
2	**Lugar**
3	**Tempo**
4	**Instrumento**
5	**Causa**
6	**Matéria**
7	**Intensidade**
8	**Negação**
9	**Posse**
10	**Finalidade**
11	**Assunto**
12	**Origem**

a. ( ) Ele vive **de** pequenos furtos.
b. ( ) Roubaram a bolsa **de** uma aluna da turma.
c. ( ) Cheguei **de** imediato.
d. ( ) Comprei uma casa **de** campo.
e. ( ) Meu coração pulou **de** saudades.
f. ( ) O fio foi feito **de** cobre.
g. ( ) Ele riu **de** todos estarem com sono.
h. ( ) A aluna falou **de** música com o professor.
i. ( ) Vamos capinar **de** enxada.
j. ( ) Sentou-se **de** frente para você.
k. ( ) Ela não acreditava **de** maneira alguma em alienígenas.
l. ( ) A manifestação começou **de** todos os escritório e foi até a praça.
m. ( ) Ele chegou **de** Paris agora

Gabarito:

a. (1)

b. (9)
c. (3)
d. (10)
e. (5)
f. (6)
g. (5)
h. (11)
i. (4)
j. (2)
k. (8)
l. (2)
m. (12)

5.1.6. Preposição "EM"

Lugar	Ele estava **em** São Paulo.
Modo	**Em** lágrimas, confessou o crime.
Tempo	A reunião acontecerá **em** trinta minutos.
Causa	Ela estava triste **em** não poder ajudar a pobre moça.
Finalidade	João acariciou **em** despedida a face de seu pai.
Matéria	O talher é feito **em** cobre.
Instrumento	Desenharam **na** máquina os projetos futuros.
Meio	O professor, **em** explicações exatas, conseguiu o gabarito.
Preço	Eu estimei **em** vinte milhões o terreno.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "em":**

1	**Lugar**
2	**Modo**
3	**Tempo**
4	**Causa**

5	**Finalidade**
6	**Matéria**
7	**Instrumento**
8	**Meio**
9	**preço**

a. ( ) O rapaz estava contente **em** conseguir estudar oito horas por dia.
b. ( ) O casaco foi feito **em** lã.
c. ( ) **Na** rua do mercado, eu a vi.
d. ( ) O corte foi feito **na** tesoura.
e. ( ) **Em** março, fui nomeado.
f. ( ) Vai taxar **em** 10% todos os saques bancários.
g. ( ) **Em** desespero, corri atrás do ônibus.
h. ( ) Machado de Assis, **em** frases curtas, demonstrava sua depressão.
i. ( ) Deixou **em** herança todos os bens.

Gabarito:

a. (4)
b. (6)
c. (1)
d. (7)
e. (3)
f. (9)
g. (2)
h. (8)
i. (5)

5.1.7. Preposição "ENTRE"

Lugar	A moto estava **entre** os dois carros no trânsito.
Tempo	**Entre** 1979 e 1985, foram vendidas três mil peças.
Quantidade	O preço vai girar **entre** oito e dez dólares.
Companhia	Vivia **entre** os mais pobres.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1 . **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "entre":**

1	**Lugar**
2	**Tempo**
3	**Quantidade**
4	**Companhia**

a. ( ) **Entre** junho e setembro, viajaremos ao nordeste.
b. ( ) **Entre** duas e três meninas, a mais bela foi a escolhida.
c. ( ) **Entre** as árvores estava uma linda mulher.
d. ( ) Eu adoro me deitar **entre** os meu cães.

Gabarito:

a. (2)
b. (3)
c.y (1)
d. (4)

5.1.8. Preposição "PARA"

Direção	Eu caminhei **para** a rua animada.
Tempo	Marcamos o encontro **para** amanhã.
Conformidade	**Para** mim, isso não é doença.
Finalidade	O aluno estuda **para** passar.
Condição	**Para** desejar cantar comigo, terá de tratar da voz.
Lugar	Havia um pouco de comida mais **para** o canto da sala.
Restrição	Proibido **para** menores.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1 . **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição**

"entre":

1	**Direção**
2	**Tempo**
3	**Conformidade**
4	**Finalidade**
5	**Condição**
6	**Lugar**
7	**Restrição**

a. ( ) **Para** o segundo semestre, deixaremos o problema.
b. ( ) Compraremos roupas **para** doar.
c. ( ) Conteúdo específico **para** maiores de dezoito anos.
d. ( ) **Para** ele, o mundo da imaginação é real.
e. ( ) Havia muito mais confete **para** a plateia do que para o palco.
f. ( ) Peguei um atalho **para** sua casa.
g. ( ) **Para** querer ficar comigo, terá de mudar seu jeito de pensar.

Gabarito:

a. (2)
b. (4)
c. (7)
d. (3)
e. (1)
f. (6)
g. (5)

5.1.9. Preposição "POR"

Meio	As casas são ligadas **por** uma escada.
Causa	Aparentava mais idade **por** seus cabelos brancos.
Modo	Resolveremos as questões **por** partes.
Lugar	Ele passou **por** baixo da ponte.

Agente	Ele foi baleado **por** uma criança.
Tempo	Na piscina, **por** muitas horas, tomou muito sol.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "por":**

1	**Meio**
2	**Causa**
3	**Modo**
4	**Lugar**
5	**Agente**
6	**Tempo**

a. ( ) O meu amor deixou de comer **por** mim.
b. ( ) Eles se comunicavam **por** cartas.
c. ( ) O resultado foi dado **por** todos da banca.
d. ( ) **Pela** manhã, você surgiu radiante.
e. ( ) **Por** onde anda, meu filho?
f. ( ) Ele estudou a matéria **por** assunto.

Gabarito:

a. (2)
b. (1)
c. (5)
d. (6)
e. (4)
f. (3)

5.1.10. Preposição "SOB"

Lugar (posição inferior)	Namoramos **sob** aquelas pedras.
Causa	Não se deve ficar aqui, **sob** o risco de ser assaltado.

Proteção	A criança estava **sob** minha custódia.
Sujeição	Bentinho foi exilado **sob** a regência severa da ditadura.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "sob":**

1	**Lugar**
2	**Causa**
3	**Proteção**
4	**Sujeição**

a. ( ) Só confessará **sob** ameaça de perder a vida.
b. ( ) Os soldados, **sob** o meu comando, ganharam a Guerra.
c. ( ) As nuvens se ondulavam **sob** o céu.
d. ( ) Estávamos **sob** o amparo da lei.

Gabarito:

a. (2)
b. (4)
c. (1)
d. (3)

5.1.11. Preposição "SOBRE"

Lugar (posição superior)	O livro estava **sobre** a mesa.
Assunto	Falávamos **sobre** o tango brasileiro.
Especificação	Houve um acréscimo de 33% **sobre** os dados do governo anterior.
Preferência (acima de)	Amar a Deus **sobre** todas as coisas.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1 . **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "sobre":**

1	**Lugar**
2	**Assunto**
3	**Especificação**
4	**Preferência**

a. ( ) Depois de ouvir a história **sobre** políticos, ficou deprimido.
b. ( ) Os funcionários foram multados em 30% **sobre** os seus salários.
c. ( ) Observou as baratas **sobre** o esgoto.
d. ( ) Os cuidados com os filhos estão **sobre** todas as outras coisas.

Gabarito:

a. (2)
b. (3)
c. (1)
d. (4)

5.1.12. Preposição "ANTE"

Lugar	João encontrou o livro **ante** o único lugar vago.
Causa	**ante** a belíssima atuação dos flamenguistas.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1 . **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "ante":**

1	**Lugar**
2	**Causa**

a. ( ) Os baderneiros parariam **ante** o guarda.
b. ( ) O marido chorou arrependido **ante** a revelação da mulher.
c. ( ) Apareciam **ante** mim as pessoas sedentas.
d. ( ) **Ante** os sinais de explosão, decidiu correr.

Gabarito:

a. (1)
b. (2)
c. (1)
d. (2)

BIZU

A PREPOSIÇÃO ANTE COM IDEIA DE LUGAR PODE SER SUBSTITUÍDA POR:

= { na frente de / diante de / perante / na presença de

A PREPOSIÇÃO ANTE COM IDEIA DE CAUSA PODE SER SUBSTITUÍDA POR:

= { por causa de / por motivo de / em decorrência de / em consequência de

5.1.13. Preposição "APÓS"

Lugar posterior	**Após** o canteiro da obra, você encontrará um buraco.
Tempo posterior	**Após** a apresentação, fomos ao restaurante.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1 . **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "após":**

1	**Lugar**
2	**Tempo**

a. ( ) **Após** o curso, situa-se o Teatro Municipal.
b. ( ) **Após** a apresentação, o professor se emocionou.
c. ( ) Chegando a minha rua, estacione **após** o orelhão.

d. ( ) Dia **<u>após</u>** dia, sonho com você.

Gabarito:

a. (1)
b. (2)
c. (1)
d. (2)

5.1.14. Preposição "DESDE"

Afastamento de um lugar	Ele caminhou **<u>desde</u>** o Leblon.
Início de um tempo	**<u>Desde</u>** seu nascimento, era esperto.
Condição	**<u>Desde</u>** que estudes, passarás.
Causa	**<u>Desde</u>** que tenho muito trabalho, não fui à festa alguma.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "desde":**

1	**Lugar**
2	**Tempo**
3	**Condição**
4	**Causa**

a. ( ) **<u>Desde</u>** que nos preocupamos com a educação, trabalhamos com zelo e atenção.
b. ( ) **<u>Desde</u>** cedo, papai me ensinava a tocar violão.
c. ( ) Acho que todo aluno deve estudar muito, **<u>desde</u>** que não atrapalhe o cuidado com a saúde.
d. ( ) Ele já acenava **<u>desde</u>** a escada rolante.

Gabarito:

a. (4)
b. (2)
c. (3)
d. (1)

5.1.15. Preposição "PERANTE"

Diante de / Na frente de / Ante	O professor, **perante** dois mil alunos, explicou.

5.1.16. Preposição "SEM"

Modo	Ele fez os exercícios **sem** pensar.
Condição	**Sem** sorte, nem podemos sair de casa.
Ausência (falta)	"**Sem** ela o que é a vida?" (Castro Alves).

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1 . **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "sem":**

1	**Modo**
2	**Condição**
3	**Ausência (falta)**

a. ( ) Chorava **sem** dar um pio.
b. ( ) **Sem** estudo, ele não era ninguém.
c. ( ) Fui para São Paulo **sem** Maria.

Gabarito:

a. (1)
b. (2)
c. (3)

BIZU

A PREPOSIÇÃO SEM ENTRA EM EXPRESSÕES FIXAS:

SEM QUÊ NEM PARA QUÊ
SEM QUÊ NEM PRA QUÊ = sem razão nenhuma
SEM QUÊ NEM PORQUÊ

Exemplo: Saía gritando pelas ruas da cidade, sem quê nem para quê.

SEM MAIS = sem que haja mais nada a acrescentar

Exemplo: Sem mais, para hoje, envio-lhe saudações.

SEM ESSA (DE) = não vem com essa

Exemplo: Sem essa, meu amor, só tenho olhos para você.

5.2. VALORES SEMÂNTICOS DAS PREPOSIÇÕES ACIDENTAIS

PREPOSIÇÕES	FORMAÇÃO
Durante, mediante, consoante, não obstante, tirante.	São formados de verbos em particípio presente (-nte).
Visto, salvo, exceto, feito	São formados de verbos em particípio passado.
Inclusive, exclusive, fora, afora, menos.	São formas de advérbios.
Incluso, excluso	São formas de adjetivos (ligadas a particípios passados).
Conforme	É forma de adjetivo.
Como	É forma de conjunção.
Senão	É conjunção condicional SE com o advérbio de negação NÃO.
Segundo	É forma de numeral ordinal.

PREPOSIÇÃO	VALOR	EXEMPLO
Durante	Tempo	**Durante** a prova, os professores observam os alunos.
Conforme	Conformidade	Telefonou-me, **conforme** o combinado.
Segundo		**Segundo** os dados do IBGE, a renda familiar aumentou.
Consoante		Nos Andes, **consoante** o mapa do local, havia muitas saliências.
Mediante	Meio	Comprei, **mediante** a orientação do professor, um bom livro.
Não obstante (= apesar de)	Concessão	A prova do concurso, **não obstante** não ter sido realizada pelos alunos, estava fácil.
Inclusive	Inclusão de	Conseguiremos tudo, **inclusive** passar pela vida.
Exclusive	Exclusão de	A matéria da prova será da página 12 até a página 48 **exclusive**.
Exceto		Todos jogavam, **exceto** o mais famoso.
Fora		**Fora** eles, há três anos, ninguém mais explodiu bombas.
Afora		**Afora** o tenente, os demais foram almoçar.
Salvo		Todos compareceram à reunião, **salvo** o diretor financeiro.
Menos		Estudei muita coisa, **menos** matemática.
Senão		Nada lhe restava fazer, **senão** prosseguir.
Tirante		**Tirante** o ciúme, tudo ia bem.

BIZU

A EXPRESSÃO NÃO OBSTANTE

A expressão não obstante pode ser uma conjunção concessiva (= embora), construindo-se, então, com forma verbal no subjuntivo.

Exemplo: Não obstante fosse o melhor atleta, ganhou todos os prêmios.

Conforme	Conformidade	Entregou o documento, **conforme** o combinado.
Segundo		**Segundo** os dados do IBGE, a população aumentou.
Consoante		**Consoante** as ideias do professor, as disciplinas variam.
Visto	Causa	Ele não trabalhou muito naquela semana, **visto** ter sido gerente temporário.
Como (= na qualidade de)	Modo	Não aceito você **como** chefe da seção.
Feito	Comparação	Falando sozinho **feito** um maluco.

BIZU

CONFORME / SEGUNDO / CONSOANTE

Os elementos acima podem ser conjunções confirmativas, construindo-se, então, com forma verbal no indicativo ou no subjuntivo.

Exemplo: **Conforme** estudava, as informações chegavam.

5.3. Exercícios

01. **(FGV – RJ / POLÍCIA CIVIL / MÉDIO)**

"...de onde mais saem órgãos humanos".

Assinale a alternativa que indique a frase de estrutura semelhante que não apresenta correção gramatical em função de uma preposição mal empregada.

a) aonde vão órgãos humanos.
b) de onde vêm órgãos humanos.
c) por onde se dirigem órgãos humanos.
d) até onde são levados órgãos humanos.
e) desde onde são exportados órgãos humanos

Gabarito: C

A forma verbal dirigir-se rege a preposição **para** e não a preposição **por.** Já as demais preposições são determinadas pelas expressões presentes em cada contexto. Na letra A, a preposição **a**, com valor semântico de movimento em direção a um lugar, foi determinada pelo verbo ir (vão). Na opção B, a preposição

de, com semântica de origem, foi regida pelo verbo vir (vêm). Na assertiva D, a preposição **até**, com ideia de limite, foi exigida por "levados" (são levados). Na última opção, letra E, a preposição **desde**, com semântica de tempo ou de lugar ligado a um ponto de origem, foi estabelecida por "exportados" (são exportados).

02. **(NCE / UFRJ / ELETROBRAS / Administração geral)**

"Recuso, COM o mesmo sorriso...": a frase em que a preposição destacada tem o mesmo sentido que possui nesse segmento do texto é:

a) O cronista visita a casa com amigos;
b) Com a chegada das férias, o cronista visita a casa antiga;
c) O cronista encontra com as mesmas pessoas de sempre;
d) O cronista fala com educação sobre as novidades;
e) A crônica é produzida com a ajuda do computador.

Gabarito: D

A relação semântica verificada no enunciado é de modo. A letra D é a única opção em que o mesmo sentido modal ocorre. Nas assertivas A e C, observa-se a semântica de companhia. Na opção B, encontra-se a ideia de causa. Na alternativa E, a semântica de instrumento prevalece.

03. **(NCE / Mesquita / Assistente Social)**

"Beethoven passeava na floresta quando voltou correndo, com a Sexta Sinfonia inteira na cabeça. Kant era metódico, todos os dias saía para seu passeio à tarde, os vizinhos podiam acertar o relógio pela hora em que ele percorria o bosque de Konigsberg. E foi assim que ele criou seu monumental sistema dedicado à razão pura."

Nos segmentos "bosque de Konigsberg" e "desvantagens do mundo virtual", o emprego da preposição DE indica, respectivamente:

a) localização e característica;
b) propriedade e localização;
c) característica e propriedade;
d) situação e localização;
e) propriedade e característica.

Gabarito: A

Na passagem "bosque **de** Konigsberg", percebe-se que a preposição destacada apresenta valor semântico de localização no espaço, pois 'Konigsberg' representa, no texto, o local onde o bosque está situado. Já a preposição **de**, na passagem "desvantagens **do** mundo virtual", apresenta a semântica de característica, ou seja, tipificação da desvantagem. Não é uma desvantagem qualquer, e sim uma desvantagem do mundo virtual. Vale a pena lembrar também que o termo **do mundo virtual** exerce a função sintática de adjunto adnominal; logo, a ideia de tipificação (característica), introduzida pela preposição **de**, surge naturalmente. Não podemos nos esquecer também de que o valor dos adjuntos adnominais é nocional, isto é, semântico, apresentando uma circunstância (noção) de tipificação (característica). Por fim, ainda que haja uma relação de posse, afinal tal relação também se associa ao adjunto adnominal, o principal é a característica, pois houve uma tipificação da desvantagem, deixando claro que não é uma desvantagem qualquer, e sim do mundo virtual.

04. **(VUNESP / CODESP – SP / Especialista Portuário I)**

Observe os trechos do texto.

... e descritos com o cuidado que imprimiram a todo o livro.

... se não for por amor.

As preposições destacadas formam, correta e respectivamente, expressões indicativas de:

a) causa e meio;

b) intensidade e consequência;

c) modo e causa;

d) consequência e modo;

e) meio e intensidade.

Gabarito: C

A passagem "**com** o cuidado que imprimiram a todo o livro." representa a maneira, isto é, o modo como o livro vai ser descrito, e essa ideia está sendo iniciada pela preposição **com.** Já a preposição POR acresce ao período valor de causa, visto que a atitude que se fará é motivada pelo amor (fiz algo por amor – fiz algo por causa do amor).

05. **(VUNESP / CODESP – SP / Guarda Portuário)**

... não se trata de miseráveis que não encontram outra forma de sobreviver.

A preposição destacada estabelece relação de:

a) lugar;

b) origem;

c) matéria;

d) posse;

e) finalidade.

Gabarito: E

A preposição **de** da passagem apresenta ideia final. Percebemos que, no contexto, os miseráveis ainda não encontraram outra forma com o intuito de sobreviver, ou seja, com o desejo, vontade, finalidade de sobreviver. Sendo assim, tal preposição estabelece uma relação de finalidade no fragmento.

06. **(VUNESP / CODESP – SP / Guarda Portuário)**

"Ele então encaixa a cabeça em um visor 3D <u>para ver imagens aumentadas do interior do corpo</u> [...]"

A oração sublinhada nessa frase tem o sentido de:

a) causalidade;

b) condicionalidade;

c) finalidade;

d) temporalidade.

Gabarito: C

A cabeça dele é encaixada no visor 3D com que intuito? Com a finalidade de ver as imagens aumentadas do interior do corpo. Sendo assim, a ideia introduzida pela preposição PARA é final.

07. **(Cesgranrio)**

Assinale a opção em que a preposição COM exprime a mesma ideia que possui em "Surge a lua cheia para chorar com os poetas".

a) O menino machucou-se com a faca.

b) Ela se afastou com um súbito choro.

c) Tinha empobrecido com as secas.

d) Deve-se rir com alguém, não de alguém.

e) Ele se confundiu com a minha resposta.

Gabarito: D

A preposição COM do enunciado transmite a ideia de companhia, ou seja, chorar na companhia dos poetas. Entre as assertivas, aquela que apresenta a mesma ideia é a opção D, rindo na companhia de alguém. Nas demais alternativas, a preposição COM apresenta sentidos diversos: a letra A passa o sentido de instrumento; a opção B, o sentido modal; a assertiva C, o sentido de causa. Já na opção E, a preposição COM surge por exigência do verbo que é transitivo indireto. Retornando à resposta, o sentido do provérbio está na oposição das preposições, ou seja, a ideia é que devemos rir em companhia das pessoas, e não transformá-las em causa (a preposição DE estabelece valor de causa) de riso.

08. **(NCE / Engepron)**

O item em que o valor da preposição está incorretamente identificado é:

a) "Foi a 23 de outubro de 1906" = tempo;

b) "reservada a essas tentativas" = finalidade;

c) "nas margens do Sena, em Neuilly" = lugar;

d) "tomava um valor suficiente para erguê-lo" = direção;

e) "foi calculada em 35 quilômetros" = aproximação.

Gabarito: D

O valor semântico verificado na opção D é final. Tomava um valor suficiente a fim de erguê-lo, isto é, com o intuito de, com a finalidade de…

09. **(NCE – PI / Administrador)**

"...presente na seringa usada pelo adolescente da periferia para viajar ao paraísopor alguns instantes"; a alternativa abaixo em que a utilização de um desses vocábulos apresenta o mesmo valor semântico presente nesse segmento destacado do texto é:

a) "se espalha **para** a multidão de gente pobre";

b) "o bacilo da tuberculose, que, **por** via aérea…";

c) "irá parar nos pulmões dos que passarem **por** perto";

d) “é provável que se organize **para** acabar com as causas”;

e) “dirigidos **por** fundações privadas”.

Gabarito: D

Para resolvermos a questão, analisaremos o valor semântico das preposições destacadas no trecho e em seguida analisaremos as preposições destacadas nas alternativas. No trecho, a valor da preposição “para” é de finalidade e o valor da preposição “por” é de tempo. Na alternativa A, o valor da preposição “para” no trecho é de direção ou destino; na alternativa B, o valor da preposição “por” no trecho é de meio; na alternativa C, o valor da preposição “por” no trecho é de lugar; na alternativa D, o valor da preposição “para” no trecho é de finalidade; e na alternativa E, o valor da preposição “por” no trecho é de agente.

10 **(NCE – PI / INPI)**

“... sob novo signo.”; nesse segmento o autor empregou corretamente a preposição sob; o item abaixo em que houve troca entre sob/sobre é:

a) Sob esse aspecto, a economia vai mudar;

b) A economia foi analisada sob vários pontos de vista;

c) A industrialização virá sob um novo governo;

d) O congresso vai discutir sob política econômica;

e) A industrialização foi feita sob pressão de grupos.

Gabarito: D

Existe uma significativa diferença entre as preposições “sob” e “sobre”.

“Sob” significa “debaixo de”. Tal preposição é muito usada em expressões do tipo: sob esse aspecto, sob uma condição, sob o domínio de, entre outras. Trazendo uma ideia de subordinação. Sobre pode significar “a respeito de” ou “acima de”.

O gabarito é a alternativa “D”, pois o congresso vai discutir a respeito de, ou seja, sobre política econômica.

11. **(NCE / ARQUIVO NACIONAL / Agente Administrativo**)

“Havia controvérsias quanto à veracidade dos fatos”; a forma abaixo que ALTERA o sentido original desse segmento do texto é:

a) quanto à veracidade dos fatos, havia controvérsias;

b) em relação à veracidade dos fatos, existiam controvérsias;
c) no que diz respeito à veracidade dos fatos, havia controvérsias;
d) afora a veracidade dos fatos, havia controvérsias;
e) quanto à veracidade dos fatos, controvérsias havia.

Gabarito: D

A expressão "afora" normalmente pode ser classificada como advérbio (Iremos viajar pelo mundo afora.) ou preposição que pode apresentar valor de "além de" (Afora os animais que encontramos na floresta, existia também uma tribo indígena.) ou valor de "salvo/exceto" (Nesse ano que passou encontrei pessoas de má índole, afora a minha esposa que está comigo nessa caminhada). Sendo assim, o uso da expressão "afora" na alternativa "d" alterou o sentido original do segmento do texto.

12. **(FGV / Fiscal de Rendas)**

Podemos ser operados com anestesia, suavizar dores com analgésicos.

As duas ocorrências da preposição com no trecho acima expressam, respectivamente, o sentido de:

a) meio e modo;
b) meio e meio;
c) modo e meio;
d) modo e modo;
e) companhia e instrumento.

Gabarito: D

A preposição "com" pode apresentar diversos valores semânticos. Na primeira ocorrência em "Podemos ser operados com anestesia" não pode ter valor de meio, pois não há a possibilidade de substituição por "por meio de". Quando se lê "podemos ser operados por meio de anestesia", percebemos que não faz sentido. Com ou sem anestesia é o modo. Na segunda, a substituição de "com" por "por meio de" fica bem coerente. Sendo assim, o valor, na segunda ocorrência é de meio.

13. **(NCE – PI / Administrador)**

A alternativa em que a preposição destacada tem valor semântico de

meio é:

a) "para acabar **com** as causas dessas epidemias";

b) "aplicados em parceria **com** instituições internacionais";

c) "passíveis de controle **com** inseticidas";

d) "mantidos **com** o esforço e a vigilância das comunidades locais";

e) Haverá milhões de pessoas **com** Aids".

Gabarito: C

Para identificar o valor de "meio" devemos substituir a preposição pela expressão "por meio de". Muitos candidatos pensaram em marcar a alternativa "d", mas a expressão introduzida pela preposição não apresenta os "meios", como seria em "mantidas com recursos do governo federal = por meio dos recursos".

O valor é de "apoio" com que os hospitais poderiam contar.

A única alternativa em que a troca é possível é a "c"– "...passíveis de controle (por meio de) inseticidas".

14. **Quem vai vencer as eleições (Ricardo Young)**

O que mais me chama a atenção neste processo eleitoral é que a maior vitória não será de nenhum candidato ou partido, mas da mobilização da sociedade civil em favor da ética e contra a corrupção.

A aprovação da Lei da Ficha Limpa, a decisão do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) de torná-la vigente já nestas eleições e o empate na votação do STF sobre a aplicação da lei ainda este ano mostram a força deste movimento.

Sem a cidadania consciente e organizada, é bem possível que esta lei que impõe critérios mínimos de integridade para candidatos a cargos eletivos nem fosse protocolada no Congresso.

A preposição "Sem" (l. 7) acrescenta ao período valor semântico de:

a) condição;

b) causa;

c) modo;

d) concessão.

Gabarito: A

Pode-se substituir a preposição SEM por conjunções de caráter condicional,

obviamente realizando adaptações: Caso não haja a cidadania consciente organizada / Se não houver a cidadania consciente e organizada, a consequência seria que lei talvez nem fosse homologada.

15. **A lição do Brasil para a China: não ignore a desigualdade**

Geoff Dyer – Tradução: George El Khouri Andolfato

Correspondente em Xangai

Vizinho ao meu escritório em Xangai se encontra um dos shopping centers mais luxuosos que já vi. O nome em inglês, Plaza 66, não significa nada, mas em chinês ele é chamado de "Próspero Para Sempre". Apenas as marcas mais exclusivas são autorizadas e nos fins de semana é preciso entrar na fila para entrar na Louis Vuitton.

5 Eu me lembrei do Plaza 66 em uma recente viagem ao Brasil, quando fui levado à Daslu, a loja mais esnobe do país. É preciso ir de carro até lá -não é possível entrar a pé vindo da rua – e um valet nos conduziu para dentro, onde as mesmas grifes estavam expostas.

10 Há apenas uma grande diferença. A Daslu frequentemente é atacada por ser um símbolo do males percebidos do Brasil, o playground de uma elite mimada. Colunistas zombam de sua clientela. Mas o Plaza 66 aparece em muitos relatos da Xangai moderna como um símbolo de sucesso, um ímã para a geração jovem endinheirada, em ascensão.

15 Talvez tenhamos entendido o Plaza 66 errado. Voltar de São Paulo para Xangai significa sentir os riscos reais que a China está correndo com seu modelo de crescimento a todo custo. Há distintamente uma sensação latino-americana em relação a alguns segmentos da sociedade chinesa que vai além da audácia dos novos ricos.

Assinale a alternativa em que a preposição destacada possui seu valor semântico erradamente apontado.

a) "**de** carro" (l. 6) – meio.

b) "vindo **da** rua" (l. 7) – origem.

c) "e um valet nos conduziu **para** dentro" (l. 7) – direção.

d) "é atacada **por** ser um símbolo" (l. 9 e 10) – causa.

e) "que a China está correndo **com** seu modelo de crescimento" (l. 15) – modo.

Gabarito: E

Em todas as alternativas, as preposições estão com seus valores semânticos corretamente indicados, exceto na alternativa E, visto que "com" exprime valor de causa. Por causa do seu modelo de crescimento, a China está correndo riscos.

16. **(TRT-RJ / Fundação José Pelúcio)**

A alternativa abaixo em que o conectivo em destaque tem seu valor semântico erradamente indicado é:

a) "...não há polícia suficiente **para** fazê-la ser cumprida" = finalidade;

b) "...uma originalidade brasileira **como** a jabuticaba." = comparação;

c) "...muita lei que não pega **por** falta dessa sintonia" = causa;

d) "...existe uma lei óbvia **segundo** a qual..." = ordenação;

e) "...**mas** raramente usam capacete" = adversidade.

Gabarito: D

Todos os conectores estão com seus valores semânticos corretamente indicados, exceto na alternativa D, em que o conector possui valor de conformidade, e não de ordenação.

Capítulo 6

Valor Semântico das Conjunções

As conjunções são vocábulos gramaticais utilizados para relacionar duas orações ou dois termos semelhantes da mesma oração. As conjunções podem ser de dois tipos: **conjunções coordenativas ou conjunções subordinativas**. O valor significativo das conjunções é definido quando se consegue compreender o caráter e o papel desempenhados por elas na estrutura oracional. As orações conectadas traduzirão por si mesmas, com a presença do conector sintático, o valor semântico do período por elas composto.

Sendo assim, as orações se relacionam umas com as outras por meio de uma palavra ou de uma locução que as liga. Essa palavra é chamada de **conjunção**. As relações que as conjunções estabelecem são um dos fatores responsáveis pela textualidade, ou seja, elas contribuem para que um texto seja coerente e coeso, e não uma sequência de palavras ou frases soltas, sem conexão entre elas.

6.1. CONJUNÇÕES COORDENATIVAS

As conjunções coordenativas possuem um caráter e um papel nas estruturas onde se inserem. Portanto, as relações de independência entre os elementos do enunciado são marcadas por essa dualidade característica. Embora sejam independentes, existe uma relação significativa entre esses elementos. Em outras palavras, no plano sintático, exatamente pelo fato de não exercerem função sintática, não há dependência entre as orações; por outro lado se relacionam semanticamente, transmitindo algum valor que é obtido no momento em que se consegue compreender o caráter e o papel desempenhados por elas na estrutura oracional. Essas orações conectadas traduzirão por si mesmas, com a presença da conjunção, o valor semântico do período por elas composto. Tais conjunções coordenativas podem ser dos seguintes tipos: **aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas, explicativas.**

6.1.1. Conjunções coordenativas aditivas

As conjunções coordenativas aditivas possuem a função de **adicionar** um termo a outro de mesma função gramatical, ou ainda adicionar uma oração ã outra de mesma função gramatical. As conjunções coordenativas gramaticais são: **e, nem, mas também, mas ainda, bem como, como também, senão também, tampouco...**

Exemplos

- As pessoas fizeram elogios **e** deram aplausos grandiosos.
- O professor não elogiou, **nem** criticou o aluno.
- O candidato **não apenas** falou, **mas também** cantou.
- **Não só** me telefonou, **como também** me convidou para a festa.

A conjunção é de valor aditivo bem como as orações que se unem transmitem adição de enunciados. Não só a conjunção aditiva está presente como também a relação semântica é de adição. O autor soma informações utilizando a conjunção **E**, por exemplo, pois une as ideias: fizeram e deram, duas ações verbais. Há soma de dois verbos, portanto tem-se o mesmo valor funcional em cada uma das palavras conectadas.

Assim como o **E**, o elemento **NEM** marca uma situação de adição entre os termos coordenados, com a diferença de que o **NEM** adiciona elementos negativos.

BIZU

Ele não só estuda, mas também trabalha. Analise que, se houver um condicionamento de que, ao observar a existência da conjunção MAS, já a considerar adversativa, o candidato estará incorrendo em um erro grave nesta frase, pois o MAS, no caso, não é sinônimo de PORÉM, CONTUDO, TODAVIA... Muito pelo contrário, MAS TAMBÉM introduz uma ideia que estabelece uma relação de soma, afinal o sujeito (ele) estuda e trabalha (faz as duas ações). As estruturas iniciadas por "não só", "não somente" e "não apenas" conduzirão a expressões aditivas. Volvendo ao exemplo, quando se diz "Ele não só estuda", o advérbio NÃO exerce a função de um elemento de negação, isto é, nega... Mas não nega a ação de estudar, e sim a restrição exposta pelo vocábulo "só". Se o "não" fosse extraído do período, "ele só estudaria e não teria mais nenhuma outra atividade". Outros sinônimos de "mas também" são: "como também" e "outrossim". Nas locuções MAS TAMBÉM e COMO TAMBÉM, o termo TAMBÉM pode ficar implícito.

Ex.: Ele não apenas nada, mas corre.

6.1.2. Conjunções coordenativas adversativas

As conjunções coordenativas adversativas possuem a função de estabelecer uma relação de contraste (oposição) entre os sentidos de dois termos ou duas orações de mesma função gramatical. As conjunções coordenativas adversativas são: **mas, contudo, no entanto, entretanto, porém, todavia, e (=mas).**

Exemplos

Não pediu coisa alguma, **mas** não deu absolutamente nada.

Estava muito frio, **entretanto** foi tomar banho nas águas geladas do Ártico.

"Tudo é mistério **e** tudo está cheio de significado." (PESSOA, 1986: 82)

A conjunção "**MAS"** estabelece uma relação de desigualdade (contraste) entre os termos coordenados. Segundo Madre Olívia, o jogo adversativo, expresso por tal conjunção, consiste em apresentar alguma coisa "adversa a outra", que apresenta uma certa oposição. Seu valor semântico apresenta as seguintes especificações:

- **Valor de inclusão**:

Ex: Não basta ler o Evangelho, **mas** temos de passá-lo ã vida.

- Valor de exclusão:

Ex: Encontrei todos os meus amigos, **mas** não os do jardim de infância.

- **Valor compensador**:

Ex: O jogador perdeu a final da Copa do Mundo, **mas** foi eleito o melhor em campo.

- **Valor descompensador**:

Ex: Foi á Disney, **mas** ficou reprovado na escola.

- **Valor justificativo/explicativo**:

Ex: Não conseguiram resolver todas as questões, **mas** o grau de dificuldade era enorme.

- **Valor superativo**:

Ex: A crise econômica mundial foi séria, **mas** o Brasil ficou firme.

- **Valor comparativo**:

Ex: Millena tem cabelos castanhos, **mas** Fernanda tem cabelos pretos.

No exemplo "Tudo é mistério **e** tudo está cheio de significado." (PESSOA, 1986: 82), a conjunção **E**, embora seja primariamente aditiva, desempenha um papel de

oposição, apresentando uma semântica de oposição ou contraste. Portanto, verifica-se que as orações se unem por oposição dos enunciados. Este fato acontece porque o autor primeiramente afirma tudo ser mistério, e em seguida diz que tudo está cheio de significado. Como tudo pode ser mistério e ao mesmo tempo estar cheio de significado? Por mais curioso que pareça, esta foi a forma que o autor empregou para criar uma expressão adversativa não muito comum, mas que o falante pode construir, uma vez que a coordenação o permite, sem que acarrete problemas na compreensão de ideias. Novamente se apresentam dois verbos: é e está, elementos de mesmo valor funcional na oração. Observa-se que as duas orações foram conectadas por uma conjunção cujo valor primário é de adição, entretanto no referido contexto expressa uma relação semântica de adversidade (oposição).

BIZU

Os conectores adversativos introduzem a informação mais importante, isto é, aquela informação que fica registrada na "cabeça" do ouvinte ou do leitor. Podemos dizer que tais conectores despertam a curiosidade do ouvinte ou do leitor, pois, ao pronunciar ou escrever uma conjunção adversativa, cria-se um frustração de determinada expectativa gerada. Sendo assim, o mais importante é o que está por vir, e não aquilo que já foi falado ou escrito. Observemos a seguinte situação comunicativa:

Uma mulher acaba de voltar do salão de beleza e encontra o seu marido que diz o seguinte: – Meu bem, como você ficou diferente, mais bonita. Notei que você pintou as unhas, arrumou o cabelo, passou pó no rosto e também passou brilho nos lábios. Realmente você está muito bem produzida, MAS…

Neste momento, a mulher já não está mais encantada com os elogios feitos pelo marido, pois ele usou o conector adversativo MAS, e mesmo sem ser plena conhecedora da Língua Portuguesa, a mulher tem ciência de que, depois do MAS, algo negativo irá surgir. Isso ocorre exatamente pelo fato de os conectores adversativos marcarem oposição, ou seja, frustração de expectativa. Como o marido começou com elogios, naturalmente depois viria algo negativo. Logo, a mulher fica curiosa para saber o que o marido vai dizer, mas no fundo ela já sabe que será algo negativo. Sendo assim, as conjunções adversativas introduzirão a informação mais importante da passagem, a informação que desperta a atenção e a curiosidade, a informação que vai ficar marcada para o ouvinte ou para o leitor.

Percebemos, dessa forma, que os conectores adversativos introduzem a ideia mais importante. Vimos também que tal ideia, em algumas ocasiões, pode ser positiva ou negativa de acordo com a intenção do autor da frase. Reparemos o exemplo abaixo:

O Brasil cresce, <u>mas</u> a reforma política não acontece.

Neste exemplo, o fato mais importante, como já sabemos, é aquele encabeçado pelo conector adversativo MAS.

6.1.3. Conjunções coordenativas alternativas

Conjunções coordenativas alternativas são as que unem orações independentes, indicando que, com a ocorrência de um dos fatos, haverá a exclusão do outro. Também podem indicar que os fatos podem ocorrer – não havendo escolha e consequentemente exclusão –, mas não simultaneamente. As conjunções coordenativas alternativas são: **ou (repetido ou não), ora...ora, quer...quer, seja...seja etc.**

Exemplos

- Tudo para aquele homem era viver **ou** morrer.
- **Seja** por ideologia, **seja** por ambição, devemos querer ser mais
- **Ora** filosofava, **ora** contava piadas.

BIZU

A conjunção OU pode ter valor de inclusão, sendo classificada como aditiva.

Ex.: Gosto de ler, de ouvir música ou de ver um bom filme. – Repare que, na frase, a conjunção OU estabelece relação de adição, soma, visto que a intenção linguística é esclarecer ao leitor que o narrador gosta das três atividades.

A conjunção OU pode ter valor aditivo e alternativo simultaneamente, correspondendo a e/ou.

Ex.: Trabalhar sem atenção ou sem vontade pode implicar falhas que gerem prejuízo para a empresa. – Observe que se a pessoa trabalhar **sem atenção** pode implicar que vá falhar; se a pessoa trabalhar **sem vontade** pode implicar falhas. É óbvio que se a pessoa trabalhar **sem atenção** e **sem vontade** mais ainda pode implicar falhas. Então, o conector OU sugere que basta uma das situações para gerar falhas, mas, evidentemente, se os dois fatos acontecerem, pode mais ainda gerar falhas. OU, então, inclui e exclui concomitantemente.

BIZU

O emprego de OU melhor, OU antes (ou equivalente), precisando o que acaba de ser dito, pode caracterizar uma retificação ou ratificação. Observe a situação comunicativa abaixo:

SITUAÇÃO 1

– Você gosta de mim?

– Eu sou apaixonada por você ou melhor, sou.

SITUAÇÃO 2

– Você gosta de mim?

– Eu sou apaixonada por você, ou melhor, pelo que você representa.

Na situação 1, podemos perceber que a expressão OU melhor confirma o que acaba de ser dito; entretanto, na situação 2, percebemos que a expressão OU melhor corrige o que foi mencionado anteriormente.

USOS PARTICULARES DA CONJUNÇÃO OU

São expressões bem usadas:

MAIS OU MENOS = aproximadamente

Quando eu comprei o carro, meu filho deveria ter MAIS OU MENOS uns dez anos.

UMA VEZ OU OUTRA = poucas vezes

Nós nos vimos UMA VEZ OU OUTRA neste ano.

ISTO/ISSO OU AQUILO = coisas diversas

Não queria fazer ISTO OU AQUILO para ajudar.

6.1.4. Conjunções coordenativas conclusivas

As conjunções coordenativas conclusivas são utilizadas para unir a uma oração anterior outra oração que exprime conclusão ou consequência. As conjunções coordenativas são: **assim, logo, pois portanto, por isso, então, por conseguinte etc.**

Exemplos

- Dedicou-se muito, **portanto** irá bem na prova
- Estudou toda a matéria; gabaritou, **pois**, a prova.

A conjunção **POIS** será considerada conclusiva somente quando estiver no "rosto" ou no meio da segunda oração, ou seja, quando vier posposta ao verbo, conforme podemos observar no exemplo dado anteriormente.

Outros conectores que também exprimem ideia de conclusão são DESTARTE e DESSARTE. Esses vocábulos se originaram das formas aglutinadas "desta parte" e "dessa parte", significando "sendo assim", "dessa forma". Normalmente introduzem

parágrafos ou períodos que estejam fechando uma ideia.

Ex.: Está chovendo ã beça. Destarte, não irei ã praia.

6.1.5. Conjunções coordenativas explicativas

Conjunções coordenativas explicativas são aquelas que unem duas orações, explicando a segunda o conteúdo da primeira. As conjunções coordenativas explicativas são: **porque, que, pois (quando anteposta ao verbo), porquanto, já que, visto que, uma vez que, dado que.**

Exemplos

- A menina está grávida, **porque** entrou na loja de gestante.
- Entre, **que** está muito frio.

EXERCÍCIO DE FIXAÇÃO

1 . **Numere as frases de acordo com o valor semântico da conjunção coordenativa destacada:**

1	**Adição**
2	**Adversidade**
3	**Alternância**
4	**Conclusão**
5	**Explicação**

a. ( ) Não só trabalha, **mas também** estuda.
b. ( ) A garota chorou, **porque** seus olhos estavam vermelhos.
c. ( ) Estudou a madrugada inteira, **logo** deve estar com sono.
d. ( ) **Ora** estuda, **ora** trabalha.
e. ( ) Diga isto **ou** aquilo.
f. ( ) Foi ao cinema, **e** não viu o filme.
g. ( ) Ele fala **que** fala.
h. ( ) Entre, **que** é noite!
i. ( ) Meu filho estudou bastante, **portanto** não está preocupado com a prova.
j. ( ) Fui ao circo **e** ao teatro.
k. ( ) Estude **ou** será reprovado.

l. ( ) **Quer** esteja feliz, **quer** esteja triste, sempre mantém o bom humor.
m. ( ) Trabalha muito, **mas** ganha pouco.
n. ( ) A professora é bonita, **mas** muito má.
o. ( ) Ele já deu o recado; devemos, **então**, aguardá-lo.
p. ( ) Você não dormiu, **porquanto** está cheio de olheiras.
q. ( ) **Ora** você está sorridente, **ora** você está angustiado.
r. ( ) O filho se machucou, **e** o pai não fez nada por ele.
s. ( ) **Ou** viaja, **ou** fica em casa.
t. ( ) Ganham pouco, **todavia** vivem muito bem.
u. ( ) Vá ao mercado, **que** a carne acabou.
v. ( ) O profissional se dedicou muito, **portanto** terá sucesso.
w. ( ) Estava muito triste, **e** sorria.
x. ( ) Não escreveu, **nem** ligou.
y. ( ) Fique calmo, **pois** voltarei logo.
z. ( ) O aluno não só é inteligente, **mas também** é muito estudioso.

Gabarito:

a. (1)
b. (5)
c. (4)
d. (3)
e. (3)
f. (2)
g. (1)
h. (5)
i. (4)
j. (1)
k. (3)
l. (3)
m. (2)
n. (2)
o. (4)
p. (5)
q. (3)
r. (2)

s. (3)
t. (2)
u. (5)
v. (4)
w. (2)
x. (1)
y. (5)
z. (1)

6.2. CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS

As conjunções subordinativas possuem a função de estabelecer uma relação entre duas orações, caracterizadas pela dependência de sentido. A oração subordinada complementa ou determina o sentido da outra, assumindo uma função sintática da principal. As conjunções subordinativas são classificadas em: **causais, concessivas, condicionais, temporais, comparativas, conformativas, consecutivas, proporcionais, finais e integrantes**.

6.2.1. Conjunções subordinativas causais

Conjunções subordinativas causais são aquelas que subordinam uma oração ã outra, iniciando uma que exprime causa da outra, ã qual se subordina. As conjunções subordinativas causais são: **porque, pois, como, porquanto, que, uma vez que, já que, desde que, visto que, por isso que etc.**

Exemplos:

Porque	Ficamos com calor, **porque** o ar-condicionado quebrou.
Pois	Estou aqui, **pois** é tarde.
Como	**Como** não me telefonou, não me arrumei.
porquanto	Um aluno se dedica ao estudo, **porquanto** pretende passar no concurso.
Que	Passou João de ano, que estudou muito.

As conjunções causais compostas, isto é, as formadoras do que denominamos locuções conjuntivas, apresentam, normalmente, o

elemento QUE ao fim.

São locuções causais → Já que, uma vez que, desde que, visto que, tanto mais que, por causa que.

Já que	Não passou, **já que** não estudou.
Uma vez que	Estamos com uma dívida, **uma vez que** gastamos muito.
Desde que	**Desde que** tenho muito trabalho hoje, não poderei sair.
Visto que	Estou de castigo, **visto que** fiz bagunça.
Por causa que	Não fomos ao show, **por causa que** estava chovendo.

BIZU

CAUSA X EXPLICAÇÃO

Estudiosos de Língua Portuguesa reconhecem a dificuldade existente no que diz respeito às diferenças entre uma oração subordinada adverbial causal e uma oração coordenada sindética explicativa.

As bancas, em geral, reconhecem tal dificuldade e abordam o que é consensual.

Organizemos:

1. É coordenada sindética explicativa a oração principiada por **que, pois, porque** (e similares) posposta a uma outra que apresente verbo no imperativo ou tal ideia.

   Ex.: Entre, **pois** estou mandando.

2. É coordenada sindética explicativa a oração principiada por **que, pois, porque** (e similares) posposta a uma outra que apresente uma tese, ou seja, uma certa conclusão a que se chega a partir de um dado da realidade, devendo ser uma afirmativa de caráter pessoal, subjetiva e, por esta razão, discutível. Também é importante observar que a segunda oração, sob hipótese alguma, pode representar uma causa para o fato exposto na primeira.

   Ex.: João bebeu água, pois o copo está na pia.

3. É subordinada adverbial causal a oração principiada por **que, pois, porque** (e similares) posposta a uma outra que apresente um acontecimento, isto é, uma afirmativa que não se discute, ou seja, um fato. É de bom alvitre perceber que o conector causal introduz efetivamente uma causa para o evento exposto na outra oração.

   Ex.: Ele tirou boas notas, **pois** estudou incansavelmente.

   O vovô deitou-se, **que** estava muito cansado.

OBSERVAÇÃO 2:

Em termos lógicos, a causa (ou o conhecimento dela) ocorre primeiro na linha do tempo.

A calçada está molhada, **porque choveu**. **(CHOVEU – CAUSA; A CALÇADA ESTAR MOLHADA – EFEITO)**

Choveu, **porque a calçada está molhada. (A CALÇADA ESTAR MOLHADA NÃO PODE SER A CAUSA DE CHOVER, POR ISSO A SEGUNDA ORAÇÃO NÃO PODE SER CAUSAL. MAS SE PODE COMPREENDER QUE A CALÇADA ESTAR MOLHADA PODE EXPLICAR – ESCLARECER – O FATO DE HAVER CHOVIDO.)**

SEMANTICAMENTE

Em termos semânticos, pode-se afirmar que explicação é hiperônimo de causa, afinal toda causa é uma explicação, mas nem toda explicação é uma causa. Em face disso, é comum algumas conjunções subordinativas causais serem classificadas como coordenativas explicativas. Já o contrário nunca ocorre. Observe:

Ex.: Comprei **porque sou gastador compulsivo.**

A segunda oração representa uma causa para o fato exposto na primeira, portanto a conjunção é subordinativa causal. Mas como toda causa é uma explicação, é possível encontrarmos a classificação para a conjunção de coordenativa explicativa.

EXERCÍCIO DE FIXAÇÃO

1. **Correlacione as duas colunas:**

1 – CAUSA

2 – EXPLICAÇÃO

a. ( ) Entre, pois estou mandando.
b. ( ) Você chorou, porque seus olhos estão vermelhos.
c. ( ) As ruas estão molhadas, pois choveu forte.
d. ( ) O carro parou, pois faltou combustível.
e. ( ) Fiquei irritado porque o cachorro me mordeu.
f. ( ) Dormimos, pois estávamos com muito sono.
g. ( ) Comeu toda a comida, porque estava faminto.
h. ( ) Meu amigo gravou todas as mensagens, pois eu pedi a ele.
i. ( ) Faltei á reunião porque estava doente.
j. ( ) Extraiu todos os dentes porque estavam cariados.
k. ( ) Entre, que a casa é sua.
l. ( ) Você mente, pois as suas mãos estão trêmulas.

m. ( ) Bati com o carro, porque não vi a árvore.
n. ( ) Desabafe, que faz bem para a mente, porém não minta, pois é pecado.
o. ( ) O Maracanã estava cheio, porque era final de campeonato.
p. ( ) Chora não, filhinho, pois a mamãe está aqui com você". (F Sabino).
q. ( ) Pensa bem, pois mais tarde te arrependerás.
r. ( ) A criança levou uma surra porque fez muitas travessuras.
s. ( ) Teve a luz cortada, porque não pagou a conta.
t. ( ) Foi para o quarto, pois estava com sono.
u. ( ) Não comprou porque quer guardar dinheiro.
v. ( ) Não me abandones, pois eu te amo muito.
w. ( ) Estudemos, pois o concurso esta aí.
x. ( ) Fi-lo, porque o quis.
y. ( ) Fique calmo, pois voltarei logo.
z. ( ) Comprei um carro, porque eu necessitei.

Gabarito:

a. (2)
b. (2)
c. (1)
d. (1)
e. (1)
f. (1)
g. (1)
h. (1)
i. (1)
j. (1)
k. (2)
l. (2)
m. (1)
n. (2)
o. (1)
p. (2)
q. (2)
r. (1)
s. (1)

t. (2)
u. (1)
v. (2)
w. (2)
x. (1)
y. (2)
z. (1)

6.2.2. Conjunções subordinativas concessivas

Conjunções subordinativas concessivas são as conjunções que, ao iniciar uma oração subordinada, se referem a uma ocorrência oposta ã ação da oração principal, não implicando essa oposição em impedimento de uma das ocorrências, ou seja, o obstáculo apresentado na oração subordinada não impedirá ou modificará a declaração da oração principal. Tais conjunções introduzem uma oração cujo fato ocorrente não altera o fato da outra oração. As conjunções subordinativas concessivas são: **embora, mesmo que, ainda que, posto que, por mais que, por menos que, mesmo quando, se bem que, conquanto, nem que etc.**

Obs.: Embora já haja registros de empregos do conector POSTO QUE como causal, as bancas tendem a não admiti-lo, aceitando apenas como conjunção concessiva, sinônima exata de AINDA QUE e MESMO QUE.

Exemplos

- Acompanhou a decisão da maioria, **embora** o tenha feito contra sua vontade.
- A mulher confiaria no rapaz, **ainda que** ele tivesse mentido.

Dentro das concessivas, podemos encontrar matizes semânticos distintos que giram em torno da ideia **factual** e **hipotética**. Observemos as situações comunicativas abaixo:

Uma mulher perguntou ao marido o seguinte: – Você me traiu?

O marido respondeu: – Isso não importa. **Embora** eu tenha traído, eu a amo.

Diante dessa situação, reparamos que, ao usar o conector concessivo **EMBORA,** a ideia **factual** está em evidência, ou seja, o marido está denunciando que

cometeu a traição, passando certeza para a interlocutora.

Observemos agora a situação **b**:

Uma mulher perguntou ao marido o seguinte: – Você me traiu?

O marido respondeu: – Isso não importa. **Ainda que** eu tenha traído, eu a amo.

Nesse caso, a ideia **hipotética** prevalece. Ao falar de tal maneira, usando a conector concessivo **AINDA QUE,** o locutor (marido) trabalha no campo da hipótese, sem afirmar que cometeu a traição.

BIZU

ADVERSIDADE X CONCESSÃO

Tanto as **adversativas** como as **concessivas** marcam oposição (contraste). Podemos até afirmar que, em termos semânticos, a oposição é hiperônimo do qual são hipônimos a adversidade e a concessão. Porém, qual é a diferença que há entre elas? Além de uma representar o grupo oracional das coordenadas (adversativas) e outra representar o grupo oracional das subordinadas (concessivas), precisamos saber que **as adversativas apresentam a ideia mais importante da oposição, e as concessivas se prendem a ideia menos importante** no interior da oposição.

Sendo assim, observemos os exemplos abaixo:

O trabalho dignifica a pessoa, **mas** a consome por completo.

Nesse exemplo, a conjunção **MAS** une duas ideias contrárias, marcando uma perspectiva negativa em relação ao trabalho. Tal oração adversativa representa a ideia (o fato) mais importante, chamando a atenção do leitor para a crítica que diz respeito ao trabalho.

O trabalho consome a pessoa, **mas** a dignifica.

Agora, nós observamos uma visão (perspectiva) positiva em relação ao trabalho. Nesse caso, a intenção do autor do texto é exatamente marcar a visão positiva na cabeça do leitor. A ideia (o fato) mais importante agora passou a ser a dignifica.

Os conectores adversativos introduzem a ideia mais importante. Fica a critério do autor do texto, em algumas ocasiões, decidir que perspectiva (positiva ou negativa) se pretende frisar na mente do leitor. No exemplo 1, como vimos, a intenção foi evidenciar a visão negativa do trabalho, já no exemplo 2, a intenção foi frisar a sua visão positiva.

Se for usada a conjunção concessiva, o período fica assim:

Embora o trabalho dignifique a pessoa, ele a consome por completo.

A concessiva se prende a ideia menos importante. Pode-se também inverter:

Embora o trabalho consuma a pessoa por completo, ele a dignifica.

Percebe-se também que as **concessivas** apresentam característica migratória, ou seja, a possibilidade de elas aparecerem na posição posposta, anteposta ou intercalada; já as **adversativas** apresentam posição fixa na estrutura oracional. Repare também que as concessivas, quando não reduzidas, ocorrem com verbos no modo subjuntivo. Já as adversativas vêm com verbos no modo indicativo.

6.2.3. Conjunções subordinativas condicionais

Conjunções subordinativas condicionais são as conjunções que, ao iniciar uma oração subordinada, exprimem uma hipótese para a realização do fato da oração principal. As conjunções subordinativas condicionais são: **se** e **caso.**

Exemplos:

Se	**Se** você me ligar, sairei com você.
Caso	Ficarei feliz, **caso** você venha.

Podemos perceber que as conjunções condicionais iniciam uma oração subordinada em que se indica uma hipótese ou uma condição necessária para que seja realizado ou não o fato expresso na principal. E elas apresentam uma ideia que é exatamente o oposto da concessão, visto que nestas há independência entre os fatos, e naquelas há dependência.

Ex.: Mesmo que chova, irei á praia. – Observe que o locutor da oraçáo irá à praia de qualquer forma, com chuva ou sem chuva. Sendo assim, o desfecho (ir ã praia) independe do evento anterior (chover), o que caracteriza a concessão.

Ex.: Caso chova, não irei ã praia. – Observe que o fato de ir ã praia depende do fato de não chover, caracterizando a ideia de condição.

As conjunções condicionais compostas, isto é, as formadoras do que denominamos locuções conjuntivas, apresentam, geralmente, o elemento QUE como final.

São locuções condicionais → desde que, contanto que, uma vez que, a menos que, sem que, a não ser que, salvo se, exceto se.

Desde que	Aceitava qualquer nota, **desde que** fosse azul.
Contanto que	**Contanto que** estudes, passarás.
Uma vez que	**Uma vez que** essa condenação seja resolvida, a contratação **poderá** acontecer.

A menos que	**A menos que** você mantenha uma carga de estudo excessiva, será reprovada na escola.
Sem que	A democracia não será exercida, **sem que** esta não esteja assegurada a todos.
A não ser que	Nunca se preocupa com os outros, **a não ser que** seja do seu interesse.
Salvo se	**Salvo se** seu cônjuge for brasileiro, o governo não implicará.
Exceto se	**Exceto se** for encontrado no próprio local, a polícia não perturbará.

BIZU

Caro candidato, ultimamente têm caído bastantes questões em concursos em que é solicitada a relação causa-efeito. E, em muitas dessas situações, a causa é representada por conectores condicionais. Tal é possível, pois há uma proximidade significativa entre as duas ideias. Ambas representam as situações anteriores e geram uma consequência, distinguindo-se apenas pelo fato de a causa ser fato prévio concreto, e a condição, hipótese, obviamente, prévia.

Ex.: Contanto que João esteja doente, não poderá faltar á aula. – Repare a relação condição-consequência. Se João estiver doente (condição), a consequência é que ele poderá faltar ã aula.

6.2.4. Conjunções subordinativas comparativas

Conjunções subordinativas comparativas são as que, ao iniciar uma oração, subordinam-na a outra por meio da comparação ou confronto de ideias. As conjunções subordinativas comparativas são: **que, do que (quando iniciadas ou antecedidas por noções comparativas como menos, mais, maior, menor, melhor, pior), qual (quando iniciada ou antecedida por tal), como (também apresentada nas formas assim como, bem como), quanto (depois de tanto), conforme, feito.**

Exemplos

- Aquilo é pior que o resultado esperado.
- A ansiedade passou como as nuvens do céu.
- Há deveres mais específicos que outros.
- Você é mais alto do que o pai.

Obs.: Nas comparações de superioridade ou de inferioridade, o vocábulo "do" é totalmente desprezível, tanto no aspecto semântico quanto no aspecto gramatical.

Ex.: Estudo mais **do** que Paulo. / Estudo mais que Paulo.

Ex.: Os brasileiros leem menos **do** que os argentinos. / Os brasileiros leem menos que os argentinos.

6.2.5. Conjunções subordinativas consecutivas

As consecutivas introduzem uma ideia de consequência. Normalmente na oração principal aparecerá um elemento que dê ideia de intensificação (tão, tal, tamanho, tanto). A conjunção mais comum é QUE.

Exemplos

- "Abraçou-me com tal ímpeto, que não pude evitá-lo" (Machado de Assis).
- "… e era tão linda, morena e dourada pelo sol, que eu ia, no silêncio do ar, atirar-lhe um beijo…" (Eça de Queirós).

Observe, nas duas frases, que apareceu a expressão de intensidade (TAL, TÃO) na oração principal e a conjunção QUE introduzindo valor de consequência, na primeira frase (não pude evitá-lo) e na segunda (eu ia, no silêncio do ar, atirar-lhe um beijo…).

6.2.6. Conjunções subordinativas finais

Conjunções subordinativas finais são as conjunções que, ao iniciar uma oração subordinada, expressam a finalidade dos atos contidos na oração principal. As conjunções subordinativas finais são: **a fim de que, para que, porque (com mesmo sentido da conjunção para que), que.**

Obs.: Todos os conectores finais podem ser substituídos pela palavra OBJETIVO.

Exemplos

- Tudo foi planejado para que (COM OBJETIVO DE QUE) não houvesse falhas.
- Fez sinal que (COM OBJETIVO DE QUE) todos se aproximassem em silêncio.
- Rezo porque (COM OBJETIVO DE QUE) tudo acabe bem.

BIZU

Você deve ficar atento ao fato de que as bancas têm relacionado, principalmente em questões de interpretação de textos, a ideia de finalidade á de consequência. Tal é efetivamente cabível visto que ambas representam fatos posteriores. Tome cuidado, pois, no primeiro momento, a finalidade passa a sensação de que se trata de fato anterior, mas é justamente o oposto, como ficará esclarecido nos exemplos a seguir.

Ex.: Vim aqui para que (com o objetivo de que) pudesse analisar o problema.

Atenção: o primeiro fato a acontecer é "vir aqui" e o segundo fato "poder analisar o problema", então "poder analisar o problema" não faz com que "eu venha aqui" e sim "vir aqui" é que faz com que "eu possa analisar o problema".

Ex.: João deve estudar a fim de que (com o objetivo de que) tenha a sua vaga assegurada no concurso.

Atenção: o fato anterior é "João dever estudar", o posterior é "ter a vaga assegurada". O posterior não leva ã ocorrência do anterior; o anterior é que leva ã ocorrência do posterior.

6.2.7. Conjunções subordinativas conformativas

Conjunções subordinativas conformativas são as que, ao iniciar uma oração subordinada, expressam sua conformidade (estar de acordo com algo já estabelecido) em relação ao fato da oração principal. As conjunções subordinativas conformativas são: **conforme, segundo, consoante, como (utilizada no mesmo sentido da conjunção conforme).**

Exemplos

- O debate se desenvolveu conforme foi planejado
- Segundo o que disseram, não haverá reunião.

6.2.8. Conjunções subordinativas proporcionais

Conjunções subordinativas proporcionais são as conjunções que expressam a simultaneidade e a proporcionalidade da evolução dos fatos contidos na oração subordinada com relação aos fatos da oração principal. As conjunções subordinativas proporcionais são: **à proporção que, à medida que, ao passo que, quanto mais... (tanto) mais, quanto mais... (tanto) menos, quanto menos... (tanto) menos, quanto menos... (tanto) mais etc.**

Exemplos

- Seu espírito se elevava á medida que se dedicava ao estudo.
- Quanto mais correres, mais ofegante ficarás
- Quanto menos as pessoas nos incomodam, tanto mais realizamos nossas obrigações.

Obs.: É de bom alvitre não confundir À MEDIDA QUE – que tem valor proporcional – com NA MEDIDA EM QUE – que tem valor causal ou explicativo, sendo sinônimo de PORQUE, JÁ QUE, VISTO QUE… Os termos À MEDIDA EM QUE e NA MEDIDA QUE simplesmente não existem.

6.2.9. Conjunções subordinativas temporais

Conjunções subordinativas temporais são as que, ao iniciar uma oração subordinada, tornam essa oração um índice da circunstância do tempo em que o fato da oração principal ocorre.

Sendo assim, a construção temporal expressa por um **período composto** é formada pela **oração principal** e uma **subordinada adverbial temporal**. Normalmente, em Português, a análise das construções temporais pode ser desenvolvida em relação às orações iniciadas pela conjunção **quando**. Tal conjunção é bem famosa no universo linguístico exatamente pelo seu valor temporal.

Exemplo

- Os professores serão surpreendidos **quando** os alunos chegarem.

Existem outras conjunções que expressam valor temporal:

ENQUANTO (tempo simultâneo) – O aluno conversava, **enquanto** o professor explicava a matéria.

APENAS – Apenas nós nos sentamos no muro, a polícia nos repreendeu.

MAL – Mal chegou ã casa, teve de sair.

Existem algumas conjunções temporais compostas, isto é, formam o que denominamos locuções conjuntivas, apresentando, geralmente, o elemento QUE como final, e que podem ser empregadas com:

a) **Advérbios → antes, depois, logo, assim.**

Antes que	Acorde antes que ele chegue.

Depois que	Vou á festa depois que ele sair.
Logo que	**Logo que** chegamos, o filme começou.
Assim que	Correu **assim que** nos viu.
Sempre que	**Sempre que** estuda, aparecem dúvidas.

b) **Preposição →até, desde.**

Até que	Ficarei aqui **até que** você me chame.
Desde que	**Desde que** o conheci, fiquei encantando com seu discernimento.

6.2.10. Conjunções subordinativas modais

Não é muito comum a relação adverbial modal por meio de uma **oração.** Ela se faz especialmente com **SEM QUE** e **verbo no subjuntivo**.

Exemplo

- Limpa-se, lavando toada a estrutura, **sem que** sujeira alguma apareça.

6.2.11. Conjunções subordinativas integrantes

Conjunções subordinativas integrantes são as conjunções que, iniciando orações subordinadas, introduzem essas orações como termos da oração principal (sujeitos, objetos diretos ou indiretos, complementos nominais, predicativos ou apostos). As conjunções integrantes são **que** e **se.**

Exemplos

- João disse que não havia problemas (a oração subordinada funciona, neste caso, como objeto direto da oração principal);
- A criança perguntou ao pai se Deus existia de verdade (a oração subordinada funciona, neste caso, como objeto direto da oração principal).

BIZU

Caro estudante, em tese a conjunção integrante não possui valor semântico. Todavia perceba que há diferença de sentido entre as conjunções integrantes **QUE** e **SE.** A distinção que há é a seguinte: a conjunção **QUE** transmite **ideia factual** e a conjunção **SE** transmite **ideia hipotética**. Observemos os exemplos:

– Eu sei que você está triste.

Na situação acima, a oração que você mentiu funciona sintaticamente como objeto direto do verbo saber. Ao fazer uso da conjunção **QUE** o autor da frase indica **certeza** em relação ã mentira. Essa ideia factual é direcionada para a segunda pessoa do discurso.

– Eu sei se você está triste.

Nesse caso, a ideia hipotética, transmitida pela oração "se você está triste", está relacionada ã percepção do autor da frase, ou seja, havendo tristeza, eu perceberei. No primeiro momento, encontra-se a certeza (eu sei…), no segundo momento, encontra-se a dúvida (se você está triste) e o período inteiro caracteriza a relação perceptiva mencionada. Artifício criado por causa da conjunção integrante **SE** que apresenta essa carga semântica.

EXERCÍCIO DE FIXAÇÃO

1 . **Numere as frases de acordo com a classificação da conjunção subordinativa:**

1	**Causal**
2	**Comparativa**
3	**Temporal**
4	**Concessiva**
5	**Final**
6	**Consecutiva**
7	**Proporcional**
8	**Condicional**
9	**Conformativa**
10	**Integrante**
11	**Modal**

a. ( ) Ele se esforçou tanto **como** o irmão.
b. ( ) **Se** você vier, será bom para todos.
c. ( ) Entrou **antes que** anoitecesse.
d. ( ) Acenou-lhe **que** viesse.
e. ( ) **À medida que** estuda, mais conhecimento adquire.
f. ( ) Estava tão cansado **que** dormiu.

g. ( ) **Segundo** me disseste, os alunos gabaritaram.
h. ( ) **Desde que** não aceitam minha opinião, calo-me.
i. ( ) **Embora** chovesse, foram á praia.
j. ( ) Admirava-o muito, **conquanto** o conhecesse pouco.
k. ( ) Tamanha foi a explosão, **que** todos correram.
l. ( ) Orou **porque** a paz voltasse.
m. ( ) **Ainda que** estivéssemos cansados, prosseguiríamos a viajem.
n. ( ) Este livro é mais interessante **que** o meu.
o. ( ) O barulho aumentava **à medida que** no aproximávamos.
p. ( ) Irei viajar, **contanto que** tenha dinheiro.
q. ( ) **Mal** cheguei, sorriu.
r. ( ) Estudou muito **para que** fizesse uma boa prova.
s. ( ) **Como** estava doente, fui ao médico.
t. ( ) **Conquanto** chovesse, íamos ao parque aquático.
u. ( ) É feio **que** dói.
v. ( ) Falem o que quiserem, **contato que** não me ofenda.
w. ( ) Ele comeu, **porque** estava com muita fome.
x. ( ) A mulher gritou tanto **que** perdeu a voz.
y. ( ) Faltei ao trabalho **porque** estava doente.
z. ( ) **Já que** insiste, aceito o emprego.
AA ( ) Agi **conforme** você agiu
AB ( ) O pai viu **que** o filho estudara.
AC ( ) Ela é tal quais as amigas.
AD ( ) O pai prepara uma surpresa, **sem que** o filho desconfie.

Gabarito:

a. (2)
b. (8)
c. (3)
d. (5)
e. (7)
f. (6)
g. (9)
h. (1)
i. (4)

j. (4)
k. (6)
l. (5)
m. (4)
n. (10)
o. (7)
p. (8)
q. (3)
r. (5)
s. (1)
t. (4)
u. (6)
v. (8)
w. (1)
x. (6)
y. (1)
z. (1)
AA (9)
AB (10)
AC (2)
AD (11)

6.3. ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS

O pronome relativo sempre introduz uma oração subordinada adjetiva. São pronomes relativos O QUAL, A QUAL, OS QUAIS, AS QUAIS ou quaisquer outros termos que possam ser substituídos por estes já mencionados. São também pronomes relativos CUJO, CUJA, CUJOS e CUJAS.

Ex.: Roubaram o relógio que (O QUAL) comprei ontem.

A oração sublinhada introduzida pelo pronome relativo QUE é subordinada adjetiva.

Ex.: O bairro onde (NO QUAL) moro é muito bonito.

ONDE MORO é uma oração subordinada adjetiva, pois ONDE é pronome relativo, fato que é constatado pela possibilidade de substituição por NO QUAL.

A oração subordinada adjetiva pode ser restritiva ou explicativa. Será restritiva quando não estiver isolada através de vírgula, travessão ou parênteses, e será explicativa se as pontuações aludidas procederem ao seu isolamento.

Ex.: Os operários que (os quais) fizeram greve foram demitidos. / Os operários – que (os quais) fizeram greve – foram demitidos.

Obs.: É fundamental lembrar que, nos atuais concursos públicos, é muito difícil as bancas solicitarem ao candidato a classificação de uma oração, o que não significa o assunto quedar-se ausente nas provas. A exigência hoje é a percepção de que a pontuação altera muito mais do que uma mera classificação de oração, modificando também o seu valor semântico. Então, retornando às duas frases, utilizadas no exemplo, tem-se: em ambas, o QUE é pronome relativo; contudo, na primeira frase, o pronome relativo não é precedido de pontuação, portanto a oração é subordinada restritiva. Sendo assim, a ideia é de restrição. As palavras que melhor expressam essa ideia são SOMENTE, SÓ, APENAS. A ideia contida na primeira frase é "somente os operários que fizeram greve serão demitidos"; já, na segunda frase, a oração adjetiva é isolada através de travessões, por conseguinte a oração é subordinada adjetiva explicativa. Portanto, o candidato deve condicionar-se á ideia de explicação, á ideia de "porquê". A frase deve ser interpretada como: Os operários foram demitidos porque fizeram greve.

Ex.: Os professores cujos alunos são bagunceiros ficam calvo mais cedo. Nem todos os professores ficam glabros mais cedo, somente aqueles que têm seus alunos bagunceiros. Portanto a oração CUJOS ALUNOS SÃO BAGUNCEIROS é subordinada adjetiva restritiva.

Ex.: Os professores, cujos alunos são bagunceiros, ficam glabros mais cedo. A interpretação desta frase é que "os professores ficam glabros mais cedo, pois seus alunos são bagunceiros".

Ex.: "O Capitão, que a tudo estava atento,

Tanto com estas se alegrou…" Camões

O sentido dos dois versos é "O Capitão, visto que a tudo estava atento, tanto com estas se alegrou…"

6.4. EXERCÍCIOS

01. **(TRF)**

Considere os períodos I, II e III, pontuados de duas maneiras diferentes:

I. Entregues os documentos pelo correio, seguirão outras informações relativas ao processo.

Entregues os documentos, pelo correio seguirão outras informações, relativas ao processo.

II. A audiência será marcada de imediato pelo advogado e o promotor conjuntamente.

A audiência será marcada, de imediato, pelo advogado e o promotor conjuntamente.

III. É bom que se arquivem os processos que estão com o prazo vencido.

É bom que se arquivem os processos, que estão com o prazo vencido.

Com a pontuação diferente, ocorreu alteração de significado em:

a) I, somente;

b) II, somente;

c) I e II;

d) I e III;

e) II e III.

Gabarito: D

Há alteração semântica no item I, visto que no primeiro período os documentos irão pelo correio; no segundo, são as outras informações que seguirão pelo correio. No item II, o fato de o adjunto adverbial, de corpo pequeno, estar isolado ou não por vírgulas, não gera alteração semântica. No item III, há alteração de sentido, visto que, quando o pronome relativo não é precedido de pontuação, introduz oração de caráter restritivo; já quando vem precedido de vírgula, introduz oração de caráter explicativo. Portanto, na primeira frase, o sentido é "não arquivar todos os processos, e sim somente aqueles que estão com o prazo vencido". Já na segunda, o sentido é "arquivar todos os processos, porque estão com o prazo vencido.".

02. **"O que me interessou foi um comentário marginal que ele fez – e o exemplo que escolheu para ilustrar seu comentário."; a forma menos adequada de reescrevermos o texto acima, respeitando-se o sentido original, é:**

a) Interessou-me um comentário marginal que ele fez – e o exemplo escolhido para ilustrar seu comentário;
b) Interessaram-me não só um comentário marginal que ele fez, como também o exemplo que escolheu para a ilustração de seu comentário;
c) O que me interessou foram um comentário marginal (que ele fez) e o exemplo (que escolheu para ilustrar seu comentário);
d) Um comentário marginal que ele fez e o exemplo que escolheu para ilustrar seu comentário foi o que me interessou;
e) Um comentário marginal feito por ele e o exemplo escolhido para a ilustração de seu comentário foi o que me interessou.

Gabarito: C

Repare que as orações adjetivas "que ele fez"e "que escolheu para ilustrar seu comentário", no texto original, não estão isoladas por pontuação, possuindo, por conseguinte, valor restritivo. Quando, na alternativa C, tais orações passam a vir isoladas por parênteses, assumem caráter explicativo. Por tal motivo – gerar alteração de sentido –, a alternativa C é a forma menos adequada para se reescrever o período.

03. **(ESAF / AFC)**

Assinale o diagnóstico correto acerca do emprego das vírgulas no trecho seguinte:

A nova disciplina das sociedades limitadas, está presente no Código Civil de 2002, que inovou em relação ao diploma anterior e tratou de matéria de cunho eminentemente comercial, revogando, assim, neste aspecto, o vetusto Código Comercial que datava do século passado.

a) O trecho está corretamente pontuado: não sobram nem faltam vírgulas.
b) O erro de pontuação está no mau emprego da vírgula colocada após a palavra "limitadas"(l.1). Sendo ela eliminada, o trecho torna-se gramaticalmente correto.
c) Para o trecho ficar corretamente pontuado, é preciso eliminar a vírgula colocada após a palavra "limitadas"(l.1) e inserir uma vírgula após a palavra "Comercial"(l.3-4).
d) Há três erros de pontuação: ausência de vírgula após a palavra "presente"(l.1), presença da vírgula depois de "2002"(l.2) e presença da

vírgula depois da palavra "revogando"(l.3).

e) Basta uma vírgula isolando a oração adjetiva explicativa "que datava do século passado"(l.4) para o trecho ficar corretamente pontuado.

Gabarito: C

Questão extremamente maliciosa, visto que há um erro gramatical grosseiro logo na linha 1, ao ser empregada uma vírgula após "limitadas", separando sujeito de verbo. Tal situação induz o candidato a marcar a alternativa B. No entanto, há mais um erro no texto: como "Código Comercial" só há um, não se pode restringir algo de apenas uma unidade. Então, essa oração só pode ter caráter explicativo, o que obriga o uso de uma pontuação antes do pronome relativo "que". O sentido da frase é:... revogar o vetusto (antiquado) Código Comercial, porque ele data do século passado. Sendo assim, a alternativa que denuncia as duas falhas é a C.

04. **(FCC / TRT-SP 2º Região / Analista Judiciário)**

Atente para as seguintes frases:

I. Caberia aos homens de hoje, que despacharam as utopias, buscar revigorá-las.

II. Os sonhos coletivos, que alimentaram tempos passados, deram lugar aos afazeres imediatos.

III. Preocupa-nos, hoje, muito mais a agenda do dia do que um projeto de longo prazo.

A supressão das vírgulas altera o sentido da frase SOMENTE em:

a) I e II;

b) I e III;

c) I;

d) II;

e) III.

Gabarito: A

Nos dois primeiros períodos, temos o emprego de vírgulas antecedendo pronomes relativos. Sendo assim, tais orações possuem caráter explicativo (porque). Sendo tais pontuações extraídas, o sentido passa a ser de restrição (somente). Já no último item, o fato de o adjunto adverbial estar isolado ou não por pontuação não implica alteração de sentido.

05. **(IBAMA / Gestão / 2010)**

Reparação duas décadas depois

Francisco Alves Mendes Filho ainda não era um mito da luta contra a devastação da Amazônia quando foi preso, em 1981, acusado de subversão e incitamento á luta de classes no Acre, em plena ditadura militar. Chico Mendes se tornaria mundialmente conhecido, dali para a frente, por comandar uma campanha contra a ação de grileiros e latifundiários, responsáveis pela destruição da floresta e pela escravização do caboclo amazônico. Por isso mesmo foi assassinado, em 22 de dezembro de 1988, na porta de casa, em Xapuri. O crime, cometido por uma dupla de fazendeiros, foi punido com uma sentença de 19 anos de cadeia para cada um. Faltava reparar a injustiça cometida pelos militares.

E ela veio na quarta-feira 10, no palco do Teatro Plácido de Castro, em Rio Branco, na forma de uma portaria assinada pelo ministro da Justiça, Tarso Genro. Antes, porém, realizou-se uma sessão de julgamento da Comissão de Anistia, cujo resultado foi o reconhecimento, por unanimidade, da perseguição política sofrida por Chico Mendes no início dos anos 80 do século passado. A viúva do líder seringueiro, Izalmar Gadelha Mendes, vai receber uma pensão vitalícia de 3 mil reais mensais, além de indenização de 337,8 mil reais.

Após assinar a portaria de anistia, Tarso Genro declarou que o assassinato de Chico Mendes está diretamente associado ã perseguição sofrida pelo seringueiro durante a ditadura. "O Estado brasileiro não soube compreender o que ele (Mendes) representava naquele momento", disse o ministro. "O Brasil pede perdão a Chico Mendes", afirmou, ao assinar o documento. Acompanhada de dois filhos, Izalmar Mendes mostrou-se satisfeita com o resultado do julgamento. "Era a hora de limpar o nome do meu marido. Mais importante do que a indenização foi o pedido de desculpas feito pelo Estado", disse a viúva.

O caso de Chico Mendes foi relatado pela conselheira Sueli Bellato. Emocionada, ela disse ter lido muito sobre o seringueiro morto para, então, encadear os argumentos que a fizeram acatar o pedido de reconhecimento e indenização interposto por Izalmar Mendes. Chico Mendes foi vereador em Xapuri, onde nasceu, e se firmou como crítico de projetos governamentais de graves consequências ambientais, como a construção de estradas na região amazônica. 31 No relatório, aprovado por unanimidade, a conselheira contou

detalhes da vida de Chico Mendes, da infância pobre nos seringais ao dia em que foi assassinado. Segundo Sueli Bellato, a atuação de Mendes contra grileiros e latifundiários rendeu, durante a ditadura, um arquivo de 71 páginas redigidas por agentes do antigo Serviço Nacional de Informações (SNI). Foi por participar de um ato público, em 1980, que Chico Mendes passou a ser fichado e perseguido pelos militares. Em Rio Branco, o seringueiro fez um discurso exaltado contra a violência no campo provocada pelos fazendeiros.

Na época, Chico Mendes foi enquadrado na Lei de Segurança Nacional, acusado de "atentado contra a paz, a prosperidade e a harmonia entre as classes sociais". Preso em diversas ocasiões, só foi definitivamente absolvido em 1º de março de 1984, quatro anos depois, portanto, de iniciadas as perseguições. De acordo com a conselheira Sueli Bellato, embora o relatório não tenha se aprofundado na questão, foi possível constatar que Chico Mendes também foi torturado enquanto estava sob custódia de policiais federais.

Leandro Fortes. Internet: <www.cartacapital.com.br> (com adaptações).

Considerando aspectos linguísticos do texto Reparação duas décadas depois, julgue os itens a seguir.

1 – Os termos "portanto" (L.41) e "enquanto" (L. 43), estabelecem idênticas relações de sentido.

2– O texto caracteriza-se como essencialmente informativo.

3– O emprego da vírgula após "latifundiários" (L. 5) justifica-se por isolar o termo explicativo.

4– O termo "onde" (L. 28) introduz oração adjetiva de sentido explicativo.

Gabarito:

1 – Errado. A conjunção "portanto" tem valor conclusivo; já a conjunção "enquanto" estabelece valor de concomitância, de tempo.

2 – Certo. O texto se estrutura pela exposição de fatos, o que demarca a caracterização da predominância do aspecto informativo.

3 – Certo. Como a vírgula precede "responsáveis", cuja classe gramatical é um adjetivo, pode-se perceber que tal adjetivo (pode-se fazer analogia com as orações adjetivas) passa a ter caráter explicativo.

4 – Certo. O vocábulo ONDE é pronome relativo, podendo, inclusive, ser substituído por NO QUAL; e como é precedido de vírgula, a oração subordinada adjetiva tem caráter explicativo.

06. **(APOFP)**

Em relação ao texto abaixo, assinale a opção correta.

A invasão israelense intensifica o ambiente de privações e ameaças ã integridade física em que vivem os habitantes de Gaza. Além dos intensos bombardeios aéreos, que mataram centenas de palestinos – entre eles várias mulheres e crianças –, faltam víveres e medicamentos, e os cortes no fornecimento de água e luz são constantes. Ao que consta, pois Israel impede a entrada da imprensa no território invadido, o objetivo inicial da ação terrestre é isolar o norte da faixa litorânea, de onde parte a maioria dos ataques com foguetes contra o sul israelense, do restante do território palestino. A cidade de Gaza, com mais de 400 mil habitantes, foi sitiada. Além dos intoleráveis danos, humanos e materiais, que impõe aos palestinos, o estrangulamento militar desfechado por Israel está repleto de incertezas quantoà sua eficácia.

(Folha de S. Paulo, Editorial, 05 jan. 2009.)

a) O sinal indicativo de crase em "á integridade"(l.1) justifica-se pela regência de "intensifica"(l.1) e pela presença de artigo definido feminino singular.

b) O segmento "de onde parte a maioria dos ataques com foguetes contra o sul israelense"(l.7) está entre vírgulas por tratar-se de oração subordinada adjetiva explicativa.

c) O emprego de vírgula após "aéreos"(l.2) justifica-se para isolar a oração de natureza restritiva subsequente.

d) A expressão "Ao que consta"(l.5) indica que os autores têm certeza absoluta da informação apresentada.

e) O pronome relativo "que"(l.2, primeira ocorrência) retoma o sentido do termo antecedente: "integridade física".

Gabarito: B

A alternativa A apresenta comentário inadequado, visto que a presença da preposição A é decorrente da regência de "ameaças". A alternativa B é a que apresenta comentário adequado, porquanto ONDE – junto com a preposição de – é pronome relativo, podendo ser substituído por DO QUAL, referindo-se a "o norte da faixa litorânea". E como esse pronome relativo é precedido de vírgula, introduz oração de caráter explicativo. O corpo da alternativa C apresenta uma contradição: a presença de pontuação 'não caracteriza uma oração restritiva. A ausência de pontuação pode caracterizar a restrição; e a presença pode caracterizar a

explicação. A alternativa D também apresenta comentário falso, pois o emprego de AO QUE CONSTA passa a sensação de a informação estar no campo da possibilidade, da hipótese. A alternativa E também apresenta comentário inadequado, visto que o antecedente do relativo QUE (junto com a preposição EM) é "o ambiente de privações e ameaças ã integridade física", sendo o núcleo "ambiente".

07. **(FCC / TRT-1ª Região / Analista Judiciário)**

... a densidade da ocupação espacial resulta na concentração de necessidades. Assim, nas cidades surgem problemas que em outras condições as pessoas nunca tiveram oportunidade de resolver.

Identifica-se entre as frases acima, respectivamente, relação de:

a) consequência e ressalva;
b) causa e consequência;
c) finalidade e temporalidade;
d) oposição e ressalva;
e) condição e oposição.

Gabarito: B

Podemos observar algumas relações na passagem acima. A densidade da ocupação é causa de concentração de necessidades, assim como tal concentração de necessidades também se torna causa para o fato de surgirem problemas que, em outras condições, as pessoas nunca tiveram oportunidade de resolver. Sendo assim, há uma nítida relação de causa e efeito na passagem do enunciado.

08. **(FUNCAB / Pref. Serra-ES / Cirurgião Dentista)**

No período "Ela estava tão aflita que, embora fizesse frio, se abanava com uma revista", além da oração principal, há duas outras orações as quais exprimem respectivamente:

a) concessão e consequência;
b) condição e consequência;
c) concessão e causa;
d) condição e causa;
e) causa e consequência.

Gabarito: A

O conector EMBORA é concessivo, e a conjunção QUE na passagem é um

conector consecutivo, introduzindo no fragmento a consequência de determinado fato: estar tão aflita.

09. **(FUNCAB / Pref. Serra-ES / Cirurgião Dentista)**

A conjunção em destaque no período "COMO a senhora não me desse mais trabalho, e o tempo fosse passando, recomecei a pensar em mim mesmo, triste e fraco assunto" pode ser substituída, sem alteração de sentido, porto das as abaixo relacionadas, EXCETO por:

a) porque;
b) conquanto;
c) dado que;
d) visto que;
e) porquanto.

Gabarito: B

O valor da conjunção em destaque é causal, e o único que não pode apresentar a mesma ideia entre as assertivas é o CONQUANTO, pois apresenta valor de concessão.

10. **(OBJETIVA / Pref. Chapecó-SC / Médico)**

Analisar os itens abaixo:

I.– "Note bem: casais. Não é o caso, <u>portanto</u>, da conhecida depressão pós-parto que acomete as..."
mulheres recém-saídas do episódio..."

II.– "Mas não leva em consideração, o que não nos impede de especular a respeito, <u>se</u> este homem aqui já tinha algum tipo de propensão ã depressão..."

Os termos sublinhados, chamados conjunções, podem ser substituídos, sem alteração semântica, por:

a) Pois – caso;
b) Logo – embora;
c) Outrossim – ainda que;
d) Porquanto – conquanto.

Gabarito: A

Primeiro, temos de identificar os valores das conjunções no enunciado. Ao verificar, percebemos que as ideias são respectivamente de CONCLUSÃO e

CONDIÇÃO. A única assertiva que apresenta a mesma relação semântica é a opção A, pelo fato de o POIS manter a noção conclusiva no contexto, além de CASO conservar a ideia de condição.

11. **"O estudo relaciona, como justificativa para o advento do transtorno, a mudança da rotina do casal..."**

A palavra "como", no fragmento, traduz ideia de:

a) Concessão;
b) Adversidade;
c) Alternância;
d) Conformidade.

Gabarito: D

O conector introduz uma informação que se encontra de acordo com a exposta na outra oração.

12. **(AOCP / CÅ, MARA DE SALVADOR-BA / Analista Legislativo)**

"Como ocorreu em 2009, para aplacar críticas, a cúpula do MEC substituiu o presidente do Inep."

A expressão destacada estabelece, no contexto, uma relação lógico-semântica de:

a) Causa;
b) Conformidade;
c) Consecução;
d) Comparação;
e) Concessão.

Gabarito: D

Na passagem acima, percebe-se uma comparação em relação ao que ocorrera em 2009, ou seja, da mesma forma que aconteceu em 2009. Logo, o valor semântico predominante é o de comparação.

13. **(VUNESP –CODESP / SP – GUARDA PORTUÁRIO)**

No trecho – As pessoas precisam ser alertadas porque o número de mendigos que agem de má fé é grande. – a conjunção porque pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:

a) mas;
b) porém;

c) todavia;
d) entretanto;
e) pois.

Gabarito: E

Os quatro primeiros conectores MAS, PORÉM, TODAVIA e ENTRETANTO são adversativos, e a conjunção PORQUE é explicativa no contexto; logo, o único conectivo que substitui o grifado sem alteração de sentido é o POIS.

14. **(Cespe / Correios / Carteiro)**

Na frase "Identificava-se, <u>portanto</u>, o responsável pelo fracasso na legitimidade das feições" (L.16-17), a palavra sublinhada expressa o sentido de:

a) condição;
b) oposição;
c) explicação;
d) conclusão;
e) finalidade.

Gabarito: D

A conjunção sublinhada introduz valor de dedução, suposição, algo que efetivamente se conclui.

15. **(Cespe / Polícia Civil-ES / Perito Criminal Especial)**

Bandos de homens armados perpetram anualmente 450 roubos a bancos e carros-fortes no Brasil. Tais episódios põem em risco a vida de clientes, agentes de segurança e policiais, mas o prejuízo financeiro é relativamente pequeno para as instituições. Para os bancos, a maior ameaça está embutida nos serviços prestados pela Internet ou por outros meios eletrônicos. As perdas resultantes de assaltos são de 50 milhões de reais anuais. Já os crimes cujas armas são os computadores devem, em 2010, ser responsáveis por perdas de 900 milhões de reais, dezoito vezes mais que nos assaltos convencionais.

QuestoesdeConcursos.com.br

A conjunção "mas" (L.3) poderia ser substituída, no texto, sem afetar o sentido ou a correção gramatical deste, por todavia ou por entretanto.

Gabarito: certo

A conjunção MAS do texto é adversativa, tendo como sinônimos TODAVIA e ENTRETANTO. Sendo assim, ficam preservadas a relação semântica e a correção gramatical, não havendo, inclusive, necessidade de qualquer alteração na estrutura frasal.

16. **(Cespe / Polícia Civil-ES / Escrivão de Polícia)**

Eu não gosto de ninguém, ele quase respondeu, refreando-se a tempo; faz sentido, ele mesmo concluía – é o pior momento da minha vida, sem a mulher, sem o filho, sem dinheiro, e desgraçadamente sem literatura. Uma letra de tango. Ou "um maneirista da própria sombra", como escreveu Eusébio de Mattos no Suplemento de Arte, demolindo-o até a última linha com o sadismo certeiro dos grandes críticos. Para um país sem crítica, aquele texto chegava a ser uma boa surpresa, ainda que deixasse entrever mais o prazer do ataque que o lamento sincero de um estudioso honesto, o tsc tsc tsc diante de um escritor que nunca "chegou lá" na corrida de cavalos letrados do panorama nacional – e Donetti sentiu a respiração opressa pelo rancor. O célebre homem brasileiro cordial é cordial não porque seja polido, o que ele nunca foi, mas porque nada nunca passa pelo cérebro antes de chegar ã vida – é só um coração batendo forte no meio da rua, que é o seu lugar.

Cristóvão Tezza. Um erro emocional. Rio de Janeiro: Record, 2010, p. 91 (com adaptações)

No trecho "ainda que deixasse entrever" (L.6-7), a locução conjuntiva "ainda que" poderia ser substituída por embora, sem que fosse alterado o sentido da oração.

Gabarito: certo

A locução conjuntiva "**ainda que**" apresenta relação semântica de concessão; a sua substituição por EMBORA conserva tal relação.

17. **(VUNESP / TJ-SP / Escrevente Técnico Judiciário)**

Em – A falta de modos dos homens da Casa de Windsor é proverbial, <u>mas</u> o príncipe Edward dizendo bobagens para estranhos no Quirguistão incomodou a embaixadora americana. – a conjunção destacada pode ser substituída por:

a) portanto;

b) como;

c) no entanto;
d) porque;
e) ou.

Gabarito: C

A conjunção NO ENTANTO é a única que apresenta a mesma ideia de adversidade, mantendo a mesma relação do MAS apresentado no texto.

18. **(VUNESP / TJ-SP / Escrevente Técnico Judiciário)**

Em – Tudo indica que 250 mil documentos secretos foram copiados por um jovem soldado num CD enquanto fingia ouvir Lady Gaga. – a palavra destacada exprime ideia de:

a) hipótese;
b) condição;
c) concessão;
d) causa;
e) tempo.

Gabarito: E

O ENQUANTO é um dos maiores representantes de tempo simultâneo que há na Língua Portuguesa, e a relação de concomitância, no contexto, é bem clara. Sendo assim, a ideia que caracteriza a resposta é temporal.

19. **(FCC / TRE-RN / Analista Judiciário)**

<u>Ainda assim,</u> provavelmente não foi a captura para o consumo pelo homem o que selou o destino do dodô, <u>pois</u> sua extinção ocorreu sobretudo pelos efeitos indiretos da perturbação humana.

Os elementos grifados na frase acima podem ser substituídos, sem prejuízo para o sentido e a correção, respectivamente, por:

a) Contudo – não obstante.
b) Conquanto – por que.
c) Em que pese isso – embora.
d) Apesar disso – visto que.
e) Por isso – porquanto.

Gabarito: D

AINDA ASSIM é concessivo, e o POIS é explicativo no texto; logo, os únicos

conectores que estabelecem a mesma relação semântica são: APESAR DISSO e VISTO QUE. Na letra A, os dois conectores marcam oposição; na opção B, o CONQUANTO, apesar de estabelecer uma ideia concessiva, não preservaria a gramaticalidade, pois geraria mudança no tempo verbal. Além disso, a grafia de POR QUE (separado) não representa explicação, o que gera falha gramatical; na letra C, os dois marcam oposição; e na opção E, POR ISSO estabelece valor de conclusão.

20. **(FGV / TRE-PA / Técnico Judiciário)**

Ficam hibernando ã espera do momento eleitoral <u>quando</u> deveriam estar em praça pública em busca de militantes e se expondo ao debate.

A conjunção <u>quando</u>, no período acima, tem valor:

a) proporcional;
b) comparativo;
c) consecutivo;
d) temporal;
e) concessivo.

Gabarito: E

Esta questão induziu muitos alunos ao erro, pois, ao observarem o QUANDO, pensaram imediatamente na ideia de tempo. Cuidado, afinal cada conector muda de acordo com o contexto. Apesar de primariamente o QUANDO transmitir semântica temporal, nesse caso a ideia prioritária é a de concessão, equivalendo a MESMO DEVENDO ESTAR, EMBORA DEVESSEM ESTAR, AINDA QUE DEVESSEM ESTAR.

21. **(COPEVE / UFAL / Bibliotecário)**

Qual palavra ou expressão preenche adequadamente a lacuna nos textos abaixo?

I. **"Pacientes crônicos terão mais qualidade de vida fora do hospital. _____, é cada vez maior o número de pacientes que continuam internados mesmo depois de superado o problema que os levou ã instituição."**

II. **"O Rio de Janeiro foi tomado por um clima de ufanismo. _____, não basta cantar vitória durante a batalha."**

III. **"_____ se discute punição a crimes do regime militar, a tortura**

continua uma prática comum no Brasil."

IV. **"Vendas disparam _____ os adeptos da boa bebida descobrem os sabores doces e complexos das variedades envelhecidas."**

a) De modo que – Portanto – Conquanto – porque;
b) Apesar disso – Porém – Enquanto – á medida que;
c) Mesmo assim – Por isso – Visto que – a fim de que;
d) Dessa forma – Todavia – Porque – quando;
e) Entretanto – Então – À proporção que – conforme;

Gabarito: B

É clara a relação de oposição no item I. Como tal relação pode ser expressa por conectores adversativos ou concessivos, podem-se excluir as alternativas A e D. No item II, há também um caráter de ressalva, cabendo, no caso, apenas conectores também de caráter adversativo, o que nos leva a eliminar a C e a E. Com isso, já se chega á resposta.

22. **(FCC / DPE-RS / Defensor Público)**

"É possível até que você use essas definições quando bate aquela dúvida sobre concordância ou regência, não é? <u>No entanto</u>, apesar de concorrentes, elas não têm fundamento científico, afinal são muito anteriores ao nascimento da ciência da linguagem (mais precisamente, 2 mil anos anteriores!)"

A expressão <u>No entanto</u> pode ser substituída, alterando o significado da frase, por:

a) entretanto;
b) porquanto;
c) todavia;
d) porém;
e) contudo.

Gabarito: B

Em todas as assertivas, exceto aquela que representa a resposta, as conjunções estabelecem relação de adversidade; logo, a única que altera o sentido original é o PORQUANTO que marca ideia CAUSAL ou EXPLICATIVA.

23. **(FCC / DPE-RS / Defensor Público)**

"Assim como em qualquer outra manifestação artística, portanto, o livro

que esteve sob ameaça de censura…"

O conetivo portanto pode ser substituído, sem alteração de sentido, por:

a) porquanto;

b) entretanto;

c) no entanto;

d) então;

e) conquanto.

Gabarito: D

"Portanto" é conector de caráter conclusivo. Entre as alternativas, a única que apresenta conjunção sinônima é a D.

24. **(CISVIR / Técnico em Enfermagem)**

Observe a frase e indique a circunstância correta da mesma:

"<u>Mesmo que ela me procurasse no dia seguinte</u>, eu não a indicaria para o cargo."

a) Condição;

b) Concessão;

c) Consequência;

d) Conformidade.

Gabarito: B

O MESMO QUE do texto pode ser facilmente substituído por AINDA QUE e EMBORA que são outros conectores concessivos. Para este tipo de questão, basta ter memorizado que o conector MESMO QUE é concessivo e saber enxergar tal relação no contexto.

25. **(FCC / DPE-RS / Defensor Público)**

"Isso porque, <u>embora</u> sejam caros, eles cortam outros gastos [...]"

A conjunção sublinhada nessa frase pode ser adequadamente classificada como:

a) alternativa;

b) concessiva;

c) conclusiva;

d) consecutiva.

Gabarito: B

Questão semelhante á anterior, modificando apenas a conjunção. O EMBORA do texto pode ser facilmente substituído por AINDA QUE e MESMO QUE que são outros conectores concessivos. Para este tipo de questão, basta ter memorizado que o conector MESMO QUE é concessivo e saber enxergar tal relação no contexto.

26. **(EXAMES / Pref. Queimadas-PB / Psicólogo)**

"E, como não temos o controle sobre a natureza, precisamos trabalhar com o imponderável e revesti-lo de cuidados compatíveis com as possibilidades do universo em convivência." (2º parágrafo)

A conjunção como introduz uma oração que estabelece com a oração seguinte a relação lógica de:

a) explicação;
b) condição;
c) finalidade;
d) causa.

Gabarito: D

Repare que a conjunção COMO pode ser substituída por PORQUE, JÁ QUE, VISTO QUE, PORQUANTO e estabelece no contexto uma ideia causal, isto é, não ter o controle sobre a natureza representa a causa de precisarmos trabalhar com o imponderável e revesti-lo de cuidados compatíveis com as possibilidades do universo.

27. **(EXAMES / Pref. Queimadas-PB / Psicólogo)**

"No entanto, as cidades vitoriosas foram aquelas que souberam ajustar suas razões á s da natureza."

Haveria significativa alteração no sentido dessa frase no contexto, caso o conectivo inicial (no entanto) fosse substituído por:

a) portanto;
b) contudo;
c) todavia;
d) entretanto.

Gabarito: A

Para este tipo de questão, basta saber que o conector NO ENTANTO representa adversidade, e o único que não mantém a mesma relação é PORTANTO, pois estabelece semântica de CONCLUSÃO.

28. **(Cespe / DFTRANS / Analista)**

linguagem. S.f. 1. o uso da palavra articulada ou escrita como meio de expressão e de comunicação entre as pessoas.

Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Novo dicionário da língua portuguesa, p. 1.035 (com adaptações).

Acho que se compreenderia melhor o funcionamento da linguagem supondo que o sentido é um efeito do que dizemos, e não algo que existe em si, independentemente da enunciação, e que envelopamos em um código também pronto. Poderiam mudar muitas perspectivas: se o sentido nunca é prévio, empregar ou não um estrangeirismo teria menos a ver com a existência ou não de uma palavra equivalente na língua do falante. O que importa é o efeito que palavras estrangeiras produzem.

Pode-se dar a entender que se viajou, que se conhecem línguas. Uma palavra estrangeira em uma placa ou em uma propaganda pode indicar desejo de ver-se associado a outra cultura e a outro país, por seu prestígio.

POSSENTI, Sírio. A cor da língua. Mercado de Letras: 2002, p.37-8 (com adaptações).

A partir da leitura dos dois textos acima, julgue o item a seguir:

No texto do verbete de dicionário, o valor de comparação da palavra "como" deixa subentender uma expressão mais complexa: assim como.

Gabarito: Errado

Podemos observar que o valor semântico da palavra "como" no trecho é de modo e não comparativo. A expressão "assim como" é comparativa. Sendo assim, não é possível a substituição.

29. **(Cespe / TSE / Técnico)**

A função da oposição em uma sociedade democrática consiste em denunciar a corrupção, acompanhar as investigações e avaliar os projetos e iniciativas governamentais, propondo alternativas. A crítica, e não a adesão, é sua tarefa primordial. Se uma sociedade cessa de ter uma verdadeira oposição, ela caminha para uma solução autoritária. A governabilidade só existe verdadeiramente com uma oposição atuante, que sinalize os problemas existentes e discuta os seus encaminhamentos.

ROSENFIELD, Denis Lerrer. O Globo, 27 nov. 2006. p. 7 (com adaptações).

Julgue o item a seguir:

Entre os dois últimos períodos do texto, subentende-se uma relação sintática que pode ser expressa por Entretanto.

Gabarito: Errado

Para resolver a questão, é preciso identificar os dois últimos períodos do texto que são:

I– Se uma sociedade cessa de ter uma verdadeira oposição, ela caminha para uma solução autoritária.

II– A governabilidade só existe verdadeiramente com uma oposição atuante, que sinalize os problemas existentes e discuta os seus encaminhamentos.

No primeiro período, afirma-se que, se não houver oposição, a sociedade caminhará para o autoritarismo. No segundo período, afirma-se que a oposição reforça a verdadeira governabilidade de um país.

Podemos perceber que as ideias são afins. A conjunção **ENTRETANTO** traz uma ideia de oposição. Sendo assim, a proposta do examinador não é boa.

30. **(Cespe / TSE / Analista)**

O terreno da ética é o próprio chão onde estão fincadas as bases de uma sociedade. Essa construção é feita todos os dias. Há algo de imaterial em todos os edifícios políticos.

Eles não estão aí por obra divina. Precisam ser reforçados permanentemente, por meio de atos significativos em que as pessoas reconheçam o interesse público. É isso que mantém a ordem pública, e não somente, nem, sobretudo, a força policial. Se as pessoas deixam de acreditar em uma ética subjacente ao dia-a-dia em um código de conduta que rege a ação dos políticos, pode-se prever que todo o edifício da sociedade estará ameaçado.

O Globo, 30 nov. 2006. p. 6 (com adaptações).

Acerca das relações lógico-sintáticas textuais, as opções seguintes apresentam propostas de associação, mediante o emprego de conjunção, entre períodos sintáticos do texto acima. Assinale a opção que apresenta proposta de associação incorreta.

PERÍODO	CONJUNÇÃO	PERÍODO
a) primeiro	e	segundo

b) terceiro c)quarto	entretanto conquanto	Quarto Quinto
d)Quinto	já que	sexto

Gabarito: C

Para resolvermos a questão, analisaremos todas as propostas até encontrar uma incorreta.

a) Efetivando a proposta, temos: O terreno da ética é o próprio chão onde estão fincadas as bases de uma sociedade é essa construção é feita todos os dias.

Podemos notar que o segundo período acrescenta uma informação ao primeiro e a conjunção coordenativa aditiva E é adequada para estabelecer a união desses períodos.

b) Efetivando a proposta, temos: Há algo de imaterial em todos os edifícios políticos, **entretanto** eles não estão aí por obra divina.

Podemos notar que no terceiro período o autor afirma ter algo imaterial e no quarto período diz que não está ali por obra divina, caracterizando uma oposição de ideias. O emprego da conjunção coordenativa adversativa ENTRETANTO é adequado para estabelecer a união desses períodos.

c) Efetivando a proposta, temos: Eles não estão aí por obra divina, **conquanto** precisam ser reforçados permanentemente, por meio de atos significativos em que as pessoas reconheçam o interesse público.

Observa-se que com o uso do "Conquanto" o verbo deveria ir para o subjuntivo e também podemos notar que o quinto período apresenta uma justificativa em relação ao que foi dito no período anterior. Com isso, podemos unir esses dois períodos usando uma conjunção explicativa (pois, porque, porquanto, entre outras).

A conjunção conquanto é concessiva, ou seja, possui uma relação de oposição. Sendo assim, não é adequada para estabelecer a união desses períodos.

d) Efetivando a proposta, temos: Precisam ser reforçados permanentemente, por meio de atos significativos em que as pessoas reconheçam o interesse público, já que é isso que mantém a ordem pública, e não somente, nem, sobretudo, a força policial.

Podemos notar que a relação existente entre os períodos é de causa e efeito.

O emprego da locução conjuntiva "já que" que tem valor de causa, assim como "visto que", é adequado.

31. **(Cespe / IPEA / Analista)**

Enquanto outros países em desenvolvimento, como China, Índia e Coréia, investem na formação de pesquisadores e se transformam em produtores de conhecimentos que dinamizam suas economias, o Brasil não consegue eliminar o fosso que separa as instituições de pesquisa das empresas privadas, nem aumentar o volume de investimentos em pesquisa e desenvolvimento. Vai ficando para trás em uma corrida decisiva para sua inserção em um mundo cada vez mais competitivo, sobretudo nos segmentos mais dinâmicos da indústria, como o da microeletrônica.

Estudo do consultor do Banco Mundial Alberto Rodríguez, publicado pela Confederação Nacional da Indústria, confirma que, apesar do conhecido diagnóstico sobre o atraso do país na área tecnológica, pouco se faz de prático para superar o problema.

Os pesquisadores brasileiros publicam seus trabalhos em um volume aceitável – eles respondem por cerca de 2% dos artigos científicos das principais publicações internacionais –, mas os resultados práticos das pesquisas são modestos.

O Brasil responde por apenas 0,18% do total de patentes registradas no mundo.

"Há a necessidade de que a pesquisa feita na universidade e nos laboratórios seja menos teórica e mais voltada para aplicações práticas", diz Rodríguez. "E o setor privado precisa investir mais em pesquisa e desenvolvimento."

O Estado de S. Paulo, Editorial, 1º/10/2008 (com adaptações).

Em relação ao texto acima, julgue o item a seguir:

Estariam preservadas a correção gramatical e o sentido original do texto se o termo "Enquanto" (l.1) fosse substituído por qualquer uma das seguintes expressões: Ao passo que, Porquanto, Dado que.

Gabarito: Errado

Para resolver a questão, é preciso identificar o valor da conjunção na construção e depois realizar as substituições uma a uma para que possamos verificar se serão preservados o sentido e a correção gramatical da frase.

A conjunção "enquanto", na frase, apresenta valor primário de concomitância e

secundário de oposição.

I– A locução conjuntiva "ao passo que" poderia ficar no lugar de "enquanto", pois estabelece uma relação de proporção, mas pode lhe ser conferida uma relação secundária de simultaneidade.

II– As conjunções "porquanto" e "dado que" podem ser causais ou explicativas. Sendo assim, não poderiam substituir a palavra "enquanto" preservando o sentido original do texto.

Diante da análise feita, podemos perceber que o item está errado.

32. **(Cespe / ES / Perito)**

Em alguns países do primeiro mundo, há uma ideia de direitos humanos apenas para consumo interno. Observa-se nesses casos uma contradição inexplicável: no âmbito interno, vigoram os direitos humanos, nas relações com os países dependentes, vigoram os interesses econômicos e militares. Esses interesses justificam a tolerância com as violações dos direitos, no campo diplomático, ou o próprio patrocínio das violações. Os mesmos interesses econômicos e militares justificam também o patrocínio da guerra, sob a bandeira de paz. Para que tais desvios não continuem a acontecer, alguns juristas italianos (Salvatore Senese, Antonio Papisca, Marco Mascia, Luigi Ferrajoli e outros) têm defendido que uma nova ordem mundial se constitua, não sob o império dos interesses dominantes, mas tendo, ao contrário, como sujeito da História a família humana presente e futura.

Outra contradição é, á s vezes, observada no interior de certas nações poderosas: a plena vigência dos direitos humanos, quando se trata de nacionais "puros" e o desrespeito aos direitos humanos, quando as pessoas envolvidas são imigrantes ou clandestinos, minorias raciais e minorias nacionais.

Idem, ibidem (com adaptações).

A respeito do texto, julgue o item que se segue.

A inserção de entretanto, seguido de vírgula, antes de "nas relações" (l.4) explicita as relações semântico-sintáticas entre os dois períodos e mantém a correção gramatical do texto.

Gabarito: Certo

Para resolver a questão, é preciso identificar a relação semântica existente entre

os períodos que serão ligados pela conjunção “entretanto”.

Nas linhas 2 e 3, temos uma dica de que teremos uma relação de oposição quando aparece a palavra contradição em: “Observa-se nesses casos uma contradição inexplicável”. Ratificando tal afirmação, temos uma oposição existente em relação aos direitos humanos no âmbito interno e externo. Podemos observar melhor nos trechos: “ no âmbito interno, vigoram os direitos humanos”, “nas relações com os países dependentes, vigoram os interesses econômicos e militares.”

Como a conjunção “entretanto” traz uma ideia de oposição, a sua inserção é perfeitamente cabível, como sugeriu o examinador.

33. **(NCE / TJ – RJ / Técnico Judiciário Juramentado)**

TEXTO – VIVER EM SOCIEDADE

A sociedade humana é um conjunto de pessoas ligadas pela necessidade de se ajudarem umas á s outras, a fim de que possam garantir a continuidade da vida e satisfazer seus interesses e desejos.

Sem vida em sociedade, as pessoas não conseguiriam sobreviver, pois o ser humano, durante muito tempo, necessita de outros para conseguir alimentação e abrigo. E no mundo moderno, com a grande maioria das pessoas morando na cidade, com hábitos que tornam necessários muitos bens produzidos pela indústria, não há quem não necessite dos outros muitas vezes por dia.

Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material, como os alimentos, a roupa, a moradia, os meios de transporte e os cuidados de saúde. Elas são também de ordem espiritual e psicológica. Toda pessoa humana necessita de afeto, precisa amar e sentir-se amada, quer sempre que alguém lhe dê atenção e que todos a respeitem. Além disso, todo ser humano tem suas crenças, tem sua fé em alguma coisa, que é a base de suas esperanças.

Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos. Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da

solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitada de dar e receber afeto. E muito provavelmente ficaria louca se continuasse sozinha por muito tempo.

Mas, justamente porque vivendo em sociedade é que a pessoa humana pode satisfazer suas necessidades, é preciso que a sociedade seja organizada de tal modo que sirva, realmente, para esse fim. E não basta que a vida social permita apenas a satisfação de algumas necessidades da pessoa humana ou de todas as necessidades de apenas algumas pessoas. A sociedade organizada com justiça é aquela em que se procura fazer com que todas as pessoas possam satisfazer todas as suas necessidades, é aquela em que todos, desde o momento em que nascem, têm as mesmas oportunidades, aquela em que os benefícios e encargos são repartidos igualmente entre todos.

Para que essa repartição se faça com justiça, é preciso que todos procurem conhecer seus direitos e exijam que eles sejam respeitados, como também devem conhecer e cumprir seus deveres e suas responsabilidades sociais.

Dalmo de Abreu Dallari

Segundo o primeiro parágrafo do texto:

a) as pessoas se ajudam mutuamente a fim de formarem uma sociedade;
b) a garantia da continuidade da vida é dada pela satisfação dos desejos das pessoas;
c) a satisfação dos interesses e desejos das pessoas leva ã vida em sociedade;
d) não seria possível a sobrevivência se não existisse sociedade;
e) sem a ajuda mútua, as pessoas levariam uma vida isenta de desejos.

Gabarito: D

Normalmente, o candidato fica em dúvida entre as opções C e D. A tendência é marcar a alternativa C. No entanto, esta opção possui uma falha técnica: houve a inversão da relação causa-efeito. Lembre-se do que foi exposto em conjunções. O conector "a fim de que" acrescenta ao período valor de finalidade (a ideia de finalidade está relacionada ã de consequência). O que ocorre anteriormente é "a existência da sociedade" e depois "a satisfação de interesses e desejos", portanto não se pode dizer que a satisfação dos interesses leva ã vida em sociedade, mas sim que a sociedade é que leva ã satisfação de interesses e desejos. Já se ouviu muito que a opção D não poderia ser a resposta, já que o enunciado (de

recorrência) exige uma resposta presente no primeiro parágrafo e a resposta estaria no segundo. Todavia, este argumento se torna insuficiente ã medida que se observa a ideia já presente no primeiro parágrafo (sociedade existe para garantir a continuidade da vida). Enfim, é fundamental perceber a organização do texto. O primeiro parágrafo apresenta dois tópicos a serem desenvolvidos (tese abrangente): a sociedade existe para garantir a continuidade da vida e a sociedade existe para satisfazer interesses e desejos. O segundo parágrafo retoma apenas o primeiro tópico (tese particular) da tese abrangente, modificando-lhe as palavras, e, somente a partir da conjunção "pois", inicia-se a argumentação.

34. **(NCE / TJ – RJ / Técnico Judiciário Juramentado)**

"Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida,..."; este segmento do texto teria redação mais clara se:

a) substituíssemos a primeira vírgula pela conjunção aditiva E;
b) repetíssemos o sujeito na segunda oração;
c) deslocássemos as ocorrências do advérbio "não" para antes de "apenas";
d) mudássemos a ordem das orações, de modo a colocar a última como primeira;
e) omitíssemos o substantivo "seres".

Gabarito: C

Primeiramente, observe a presença de reticências. Já é um indício de que se deve retornar á quele fragmento do texto. Além disso, você já leu o texto e, no primeiro parágrafo, o autor já manifestou que a sociedade existe para garantir a continuidade da vida. No início do segundo parágrafo, ele assevera que "Sem vida em sociedade, as pessoas não conseguiriam sobreviver.". Então, como as pessoas vivem juntas, vivem em sociedade, fica evidenciado que a intenção do autor não era negar o verbo VIVER. O objetivo dele era negar o elemento de restrição "apenas", pois o advérbio "não", ao negar o apenas, na realidade estaria negando o fato de haver apenas um motivo para os seres humanos viverem em sociedade – porque escolhem esse modo de vida –, indicando haver outro motivo – mas (mas também, indicando ideia de soma) porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana.

35. **(NCE / TJ – RJ / Técnico Judiciário Juramentado)**

"...ficaria louca se continuasse sozinha."; a relação entre essas duas

orações mostra que:

a) a segunda só se realiza se a primeira não realizar-se;

b) a primeira se realiza contanto que a segunda não se realize;

c) a segunda é consequência da primeira;

d) a primeira é motivada pela segunda;

e) a primeira é uma hipótese para a realização da segunda.

Gabarito: D

É fundamental lembrar que a ideia de condição está extremamente relacionada ã ideia de causa. Há duas orações: "ficaria louca" e "se continuasse sozinha". Primeiro a pessoa tem que continuar sozinha para depois ficar louca. Então a segunda oração é uma condição (hipótese) para a realização da primeira, oposto do que indica a opção E. As duas primeiras opções são absurdas. Por fim, o candidato fica em dúvida entre as opções C e D. Conforme já se esclarecera, o fato anterior é "se continuasse sozinha", o posterior é "ficaria louca", logo o fato de "continuar sozinha" motiva o fato de a pessoa enlouquecer.

36. **(Esaf / Técnico da Receita Federal)**

Assinale a opção que está de acordo com as ideias do texto.

O principal problema brasileiro, que consiste na retomada da confiança para possibilitar o crescimento, só terá solução possível a partir do momento em que houver um quadro favorável a uma redução substancial dos juros básicos da economia. Para isso, as reformas tributária e previdenciária são pré-condições estratégicas. A tributária é fundamental para desonerar a indústria e elevar o poder aquisitivo dos salários, proporcionando escala e competitividade que ajudarão na substituição das importações e no crescimento consistente dos saldos positivos na balança comercial. A previdenciária é imperiosa para construir um sistema autossustentável de seguridade social, que concomitantemente invista um grande volume de poupança em projetos produtivos de longo prazo.

(KAPAZ, Emerson "Para reverter o pessimismo" Folha de S. Paulo, 31 jul. 2002.)

a) Os juros básicos da economia, se reduzidos, impulsionariam as reformas tributária e previdenciária.

b) Um sistema autossustentável de seguridade social traria as condições para que o crescimento permita a redução dos juros.

c) A retomada da confiança para possibilitar o crescimento contribui para

promover a elevação dos salários.

d) Com a desoneração da indústria e com a elevação dos salários, há condições estratégicas para a reforma tributária e para investimentos em projetos produtivos de longo prazo.

e) As reformas tributária e previdenciária são o passo prévio para favorecer a redução dos juros básicos da economia, e, consequentemente, a retomada da confiança para que haja crescimento.

Gabarito: E

Primeiramente vamos realizar a leitura do texto para colocar os fatos em ordem cronológica. O primeiro fato mencionado é "a retomada da confiança". Em seguida, atrelada pela preposição "para", com valor de finalidade, vem a oração "para possibilitar o crescimento". É sempre bom observar que a finalidade e a consequência são ideias intimamente relacionadas, visto que ambas representam situações posteriores. Sendo assim, "a possibilidade de crescimento" seria uma finalidade/consequência de "a retomada da confiança". Anterior aos dois fatos mencionados, ocorre o "quadro favorável a uma redução substancial dos juros básicos da economia. ". Perceba que este último elemento vem atrelado pela expressão temporal com valor de anterioridade "a partir do momento em que". Ou seja, partindo desse momento que é o "quadro favorável a uma redução substancial dos juros básicos da economia", haverá posteriormente a retomada da confiança que poderá gerar o crescimento. No período seguinte, o autor novamente usa a preposição "PARA" agora com o pronome demonstrativo "ISSO" que remete a todas as ideias já citadas. Portanto, para que tudo isso que foi mencionado no texto se concretize, o fato anterior a todos (ou, como dito no texto, pré-condições) é a reforma tributária e a previdenciária. A sequência cronológica ai se estabelece. Primeiro fato: Reformas tributária e previdenciária; segundo fato: o "quadro favorável a uma redução substancial dos juros básicos da economia"; terceiro fato: a retomada da confiança; quarto fato: possibilidade de crescimento. Depois o autor desdobra: a tributária é fundamental para (finalidade/consequência) desonerar a indústria e elevar o poder aquisitivo dos salários. Sendo assim, a desoneração da indústria é corolário da reforma tributária. A previdenciária é imperiosa para (finalidade/consequência) construir um sistema autossustentável de seguridade social. Sendo assim, a construção de um sistema autossustentável de seguridade social seria um efeito da reforma previdenciária. Partamos agora para a análise das

alternativas. A alternativa A inverte a relação de causa e efeito, visto que "as reformas tributária e previdenciária" é que impulsionariam os juros básicos da economia. A opção B indica uma informação errônea, uma vez que "um sistema autossustentável de seguridade social" não é causa de nenhum fato e sim resultado da reforma previdenciária. A opção C começa bem, mas acaba mal, pois o que promove a elevação dos salários é a reforma tributária. Na opção D, há a inversão da relação causa e efeito. A preposição "com", por estabelecer relação de condição – é sempre bom lembrarmos que a condição está intimamente relacionada ã causa –, indica que os fatos anteriores seriam a desoneração da indústria e a elevação dos salários, e a consequência seria a reforma tributária. Na realidade é o oposto. Com a reforma tributária é que haveria as condições estratégicas para a desoneração da indústria e para a elevação dos salários. A opção E fica perfeita como já se expôs na sequência cronológica:

REFORMAS TRIBUTÁRIA E PREVIDENCIÁRIA

↓

QUADRO FAVORÁVEL À REDUÇÃO DOS JUROS BÁSICOS DA ECONOMIA

↓

RETOMADA DA CONFIANÇA

↓

POSSIBILIDADE DE CRESCIMENTO

37. **(Cesgranrio / BNDES)**

Na frase "Ou vai ou racha!", a conjunção OU tem o mesmo valor significativo que apresenta na seguinte frase:

a) O turista compreendia inglês ou francês com facilidade;

b) As vaias ou aplausos não perturbaram o presidente;

c) O empregado faz o que deve ou perde o emprego;

d) Na hora da premiação, chorava ou ria;

e) Morávamos no segundo ou no terceiro andar.

Gabarito: C

A ideia alternativa, na frase exposta no enunciado, é a principal da conjunção, mas como valor secundário observa-se a relação de causa e efeito. Se a pessoa for, não vai rachar; se rachou, é porque não foi. A alternativa A apresenta valor de

soma, afinal o turista compreendia as duas línguas. Na alternativa, a conjunção OU tem caráter também aditivo, pois tanto as vaias como os aplausos não perturbam o presidente. Na alternativa C, vem a relação de causa e efeito: se o empregado fizer o que deve, não perderá o emprego; se perdeu o emprego, foi porque não fez o que devia. Na alternativa D, como nas alternativas A e B, a conjunção tem valor aditivo, visto que a pessoa chorava e ria. Na alternativa E, a conjunção OU expressa uma dúvida, como se dissesse "não lembro direito se morávamos no segundo ou no terceiro andar".

38. **(Esaf / ENAP)**

Assinale a opção que não preenche corretamente a lacuna do texto.

Outra medida que promove a pequena e média empresa brasileira é a instalação pela Agência de Promoção de Exportações do Brasil – APEX de um centro de distribuição de produtos nacionais, em Miami, Estados Unidos. O centro tem espaço para armazenagem de produtos, um showroom e um escritório comercial e administrativo.

As empresas podem ficar instaladas por um período de 12 a 18 meses para a consolidação de seus produtos no mercado, _____a ideia é reduzir a distância entre as empresas e seus clientes estrangeiros. O próximo centro será instalado na Alemanha no segundo semestre deste ano.

(Adaptado de Em Questão n. 288 – Brasília, 04 de março de 2005)

a) uma vez que.
b) porquanto.
c) pois.
d) conquanto.
e) já que.

Gabarito: D

Repare que todas as alternativas vêm com conectores causais, exceto a D que apresenta a conjunção CONQUANTO de caráter concessivo. Conjunções concessivas nunca admitem verbos no modo subjuntivo, portanto a presença seguinte da forma verbal "é" inibe o emprego de tais conjunções.

39. **(NCE / Eletrobrás)**

"Se você disser ao cidadão desprevenido que o leite, por ser essencial, deve sair das mãos dos particulares para cooperativas ou entidades

estatais, se você disser que os bancos, vivendo exclusivamente das poupanças populares, não têm nenhuma razão de estar em mãos privadas, o cidadão o olhará com olhos perplexos de quem vê alguém propondo algo muito perigoso." O comentário correto a respeito deste segmento do texto é:

a) os dois segmentos iniciados pela conjunção **SE** indicam condições para que se realize a consequência citada;

b) o cidadão só olhará com espanto o autor das ideias citadas se elas já estiverem transformadas em realidade;

c) os adjetivos estatais e privadas são sinônimos no contexto em que estão inseridos;

d) o segmento poupanças populares equivale semanticamente a popularidade das poupanças;

e) o "algo muito perigoso" a que alude o texto se localiza no terreno cultural.

Gabarito: A

Essa questão é extremamente interessante, visto que, conforme já exposto neste capítulo, é possível relacionar-se a ideia de causa ã de condição. "Se (conjunção condicional) você disser..., o cidadão o olhará com olhos perplexos.". Onde há causa, há efeito. Da mesma forma, onde há condição, há efeito. O fato de "dizer" é a hipótese (causa) e a consequência é o cidadão o olhar com olhos perplexos.

40. **(Esaf / AFT)**

Em relação á s estruturas do texto, assinale a opção incorreta.

Para que a cobertura mínima oferecida pelos planos de saúde aos seus segurados inclua as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente, a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) acrescentou 73 novos procedimentos ã lista de exames, consultas, cirurgias e outros serviços que as operadoras são obrigadas a oferecer.

Criada em 2000 para "promover a defesa do interesse público na assistência suplementar ã saúde e regular as operadoras setoriais, inclusive quanto á s suas relações com prestadores (de serviços) e consumidores", a ANS opera numa corda bamba. Entre suas atribuições está a de elaborar a lista dos procedimentos de cobertura obrigatória nos planos de saúde. Ela tem de assegurar aos que buscam a proteção dos planos de saúde a cobertura mais

completa possível, o que inclui as novas tecnologias na área de medicina. Mas, muitas vezes, os novos procedimentos têm um custo tão alto que limita seu uso. Se a ANS impuser á s operadoras a obrigatoriedade do oferecimento desses procedimentos poderá levá-las ã ruína financeira, o que, no limite, destruiria o sistema de assistência suplementar ã saúde.

(O Estado de S. Paulo, Editorial, 17 jan. 2010.)

a) O termo "Para que" (l.1) confere ao período em que ocorre a ideia de finalidade.

b) O emprego do modo subjuntivo em "inclua" (l.2) justifica-se por se tratar de uma oração subordinada que apresenta um fato hipotético ou provável.

c) A expressão "numa corda bamba" (l. 8 e 9) tem significação conotativa e confere um tom de informalidade ao texto.

d) A expressão "aos que buscam a proteção dos planos de saúde" (l. 10 e 11) tem, no período, a função de objeto direto.

e) As expressões "novas tecnologias na área da medicina"(l.12), "os novos procedimentos"(l. 12 e 13), "desses procedimentos" (l. 14) formam uma cadeia coesiva que retoma a ideia inicial de "as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente"(l.2 e 3).

Gabarito: D

Na alternativa A, o emprego da locução PARA QUE, pode ser substituída, com objetivo de que possui caráter final. Na alternativa B, o emprego do modo subjuntivo em "inclua" é consequência da própria locução conjuntiva "para que". Por ser um conector que expressa finalidade, a situação ainda se encontra no campo hipotético (apenas um objetivo, intenção), mas não uma certeza. Na alternativa C, a expressão destacada está no sentido figurado. Quando se empregam termos com valor conotativo, confere-se ao texto mesmo rigor gramatical, menos formalidade. Na alternativa D, a expressão mencionada funciona como objeto indireto, completando a ideia do verbo "assegurar" com preposição "a". Já o comentário exposto na alternativa E procede, visto que todos os termos representam um único ser: as novas tecnologias.

41. **(Esaf / AFC / CGU)**

Em relação ao texto, assinale a opção correta.

Preocupados com o mau desempenho recente das exportações do Brasil para os Estados Unidos, exportadores e especialistas em comércio exterior preveem

um período de maiores dificuldades para os próximos meses. O desaquecimento da economia americana é a causa mais óbvia que apontam de um menor crescimento das compras no Brasil. O favoritismo do Partido Democrata também é citado por alguns exportadores como um fator que pode dificultar as exportações brasileiras, pois os democratas são considerados mais conservadores do que seus rivais republicanos em matéria de comércio exterior – o que, ressalve-se, nem sempre foi comprovado na prática. Qualquer que seja o efeito prático desses fatores sobre as exportações brasileiras para o mercado americano, o governo brasileiro pouco ou nada poderá fazer para contê-los.

(O Estado de S. Paulo, Editorial, 13 jan. 2008.)

a) A forma verbal "preveem"(l. 2) está no plural para concordar com "Estados Unidos".
b) A forma verbal "apontam"(l. 4) está no plural para concordar com "próximos meses".
c) O termo "pois"(l. 7) pode, sem prejuízo para a correção gramatical, ser substituído por **porque, porquanto** ou **conquanto**.
d) Em "do que seus rivais"(l. 7) a eliminação de "do" prejudica a correção gramatical do período.
e) Em "contê-los"(l. 11), "-los" retoma o antecedente "fatores".

Gabarito: E

As alternativas A e B apresentam informação inadequada, visto que as formas verbais apontadas referem-se a "exportadores e especialistas". Na alternativa C, a conjunção "pois", de caráter causal, poderia ser substituída por porque ou porquanto, mas não por conquanto, que tem caráter concessivo. Na alternativa D, como já relatada nesse capítulo, nas comparações de superioridade ou de inferioridade, o vocábulo DO, na expressão DO QUE, é totalmente dispensável. A forma pronominal LOS, conforme proposto na alternativa E, realmente se refere a uma expressão nominal, cujo núcleo é "fatores" – conter esses fatores.

42. **(Esaf / Receita Federal / Analista Tributário)**

Em relação aos elementos do texto, assinale a opção correta.

Um ano após o agravamento da crise financeira, o Brasil tem mais de US$ 230 bilhões em reservas. Tanto o Tesouro como grandes empresas voltaram a

lançar títulos no exterior, com sucesso. A valorização do real se tornou, então, um fenômeno inevitável, que reflete o enfraquecimento do dólar no mercado internacional e o fluxo positivo de capitais no país.

No entanto, dado o ritmo de crescimento projetado para o ano que vem, o mais provável é que a demanda por importações aumente e a pressão em favor do real diminua. Enquanto isso, além de uma paulatina liberalização do câmbio, o que pode ser feito no curto prazo é a continuidade da acumulação de reservas cambiais, com o Banco Central comprando no mercado excedentes de divisas. Qualquer invencionice só estimularia operações especulativas no câmbio, que acabariam provocando uma valorização ainda mais indesejável da moeda nacional.

(O Globo, Editorial, 14 out. 2009. Adaptado.)

a) A expressão "No entanto"(l. 6) estabelece, no texto, uma relação de comparação.

b) O emprego do subjuntivo em "aumente"(l. 7) e em "diminua"(l. 8) justifica-se por se tratar de fatos de realização garantida.

c) A expressão "Enquanto isso"(l. 8) estabelece no texto uma relação de condição.

d) A palavra "invencionice"(l. 11) está sendo empregada no sentido de iniciativa rotineira, previsível.

e) O emprego do futuro do pretérito em "estimularia" (l. 11) indica um acontecimento futuro em relação a um ato passado que se configura no fato relacionado aos termos "Qualquer invencionice".

Gabarito: A

A locução conjuntiva "No entanto" estabelece relação de adversidade, e não de comparação. Na alternativa B, o emprego do modo subjuntivo provoca uma ideia hipotética – não certa – corroborada, inclusive, pela presença da expressão "o mais provável". Na alternativa C, a conjunção ENQUANTO acresce ao período valor de simultaneidade, de tempo, e não de condição. Na D, o vocábulo "invencionice" sugere uma invenção, algo que foge ã rotina, não previsto. A alternativa E apresenta comentário perfeito, pois é função do futuro do pretérito indicar uma consequência "futura" (estimularia) relacionada a uma ação pretérita hipotética (qualquer invencionice).

43. **(NCE / TJ-RJ)**

TEXTO – A VERDADE E A FANTASIA

Miguel Pachá – Presidente do TJ/RJ

Um espectro ronda a Justiça brasileira neste final de ano: a Reforma do Judiciário. Espectro porque a realidade do Judiciário e a necessidade da sua reforma foram, nos últimos meses, deformados pelo "manto diáfano da fantasia".

Comemoramos o nosso dia (8 de dezembro) sob o fogo cruzado da má-vontade e da desinformação. O Judiciário não pode ser culpabilizado pelo que a mídia chama com exagero de impunidade. A polícia não prende, não investiga e nós, presos ã aplicação da lei, pagamos o pato. Além disso, há um cipoal de leis, medidas provisórias e atos normativos que acabam por atravancar nossos corredores.

Temos oferecido ã sociedade ideias e propostas de melhoria da prestação de Justiça. Um exemplo: o julgamento virtual, que acelera a tramitação, elimina papel e dispensa deslocamentos de advogados. Quanto ao apregoado controle do Judiciário, pensamos que deveria antes vir de dentro que de fora, pelo ajuste de normas e práticas processuais, bem como pela supervisão sistemática. A autonomia financeira deu ao nosso Tribunal a possibilidade de ser um dos melhores do país: um dos mais ágeis e seguros, em condições objetivas de enfrentar o descrédito geral da Justiça.

Informativo TJ/RJ e EMERJ, n.12

Entre o segundo e o terceiro parágrafos do texto, em função dos significados por eles veiculados, poderíamos inserir o conectivo:

a) apesar de;
b) porque;
c) ainda que;
d) contanto que;
e) nem.

Gabarito: A

Percebe-se claramente a ideia de oposição no início do terceiro parágrafo em relação ao segundo. No segundo parágrafo, são expostas as mazelas por que passa o Poder Judiciário. E no início do terceiro, são informados aspectos positivos acerca do que o Judiciário já vem realizando. Portanto, os únicos conectores que

estabelecem essa relação de oposição são os concessivos APESAR DE, na alternativa A, e AINDA QUE, na alternativa C. São dois conectores extremamente parecidos, porém APESAR DE apresenta um hipótese factual, e AINDA QUE, hipotética. Como no caso, o que se expõe já é um fato (Temos oferecido, ou seja, nós já oferecemos – não estamos ainda por oferecer), o conector APESAR DE é o que melhor se enquadra.

44. **Assinale a alternativa em que um conector possua o mesmo valor semântico que o do sublinhado em "Essas pessoas não vêem alternativa a pedir asilo em outra parte, <u>por mais que</u> a tentativa (de chegar lá) seja perigosa". A questão foi extraída de fragmentos do texto de Gerald Trafetter.**

a) <u>Como</u> a oposição começou a recolher assinaturas para a instalação da CPI do Apagão Aéreo no Senado, os governistas podem rever a estratégia e já admitem permitir a instalação da mesma CPI na Câmara.

b) O pedido de instalação de CPI no Senado é mais amplo e fala não só nas causas do acidente da Gol em setembro passado, <u>mas também</u> nas condições dos equipamentos de controle de vôo

c) Se aparecer denúncia de irregularidades ou desvio de verbas no curso das investigações, ele a enviará imediatamente ao Ministério Público, <u>mas</u> não aceitará desviar o rumo da CPI que é investigar as causas do apagão aéreo.

d) <u>Conquanto</u> haja o temor de que a oposição se organize com os governadores e aprove o compartilhamento dos recursos com Estados e Municípios, o governo tem a pretensão de votar o aumento dos recursos para os municípios numa mesma sessão em que seja votada a prorrogação da CPMF.

e) <u>Ao</u> receber o senador Antonio Carlos Magalhães (DEM-BA) em audiência no Palácio do Planalto, o presidente Lula deixou claro que aquele encontro seria apenas o primeiro com representantes da oposição.

Gabarito: D

No enunciado, a locução POR MAIS QUE possui valor de concessão, o mesmo ocorrendo com a conjunção CONQUANTO, presente na alternativa D. Na alternativa A, a conjunção COMO possui valor causal. Na alternativa B, MAS TAMBÉM encerra valor de adição. Na opção C, MAS possui valor adversativo. Na alternativa E, a preposição A em AO possui valor de tempo.

45. **(TRT-RJ / Fundação José Pelúcio)**

"... o Brasil é um país onde há leis que pegam e leis que não pegam, como se isso fosse uma originalidade brasileira como a jabuticaba"; a alternativa em que se expressa a mesma ideia contida nesse segmento do texto é:

a) como a jabuticaba, é uma originalidade brasileira o fato de haver leis que pegam e leis que não pegam;
b) apesar de não ser uma originalidade brasileira, como a jabuticaba, há no país leis que pegam e leis que não pegam;
c) no Brasil há leis que pegam e leis que não pegam, como a jabuticaba, mas isso não é uma originalidade brasileira;
d) como a jabuticaba, há no Brasil leis que pegam e leis que não pegam, embora isso não seja uma originalidade brasileira;
e) o Brasil é um país onde há leis que pegam e leis que não pegam e isso é marca da originalidade brasileira, como a jabuticaba.

Gabarito: B

É fundamental o candidato ler com muita atenção o período exposto no enunciado. O fragmento "como se isso fosse uma originalidade brasileira" denuncia que o fato não é uma originalidade brasileira, o que nos faz eliminar as alternativas A e E. Sobraram as alternativas C, D e E. Direcione seu olhar agora para a conjunção comparativa COMO. Tal conjunção revela exatamente o elemento comum da comparação: o fato de ser uma originalidade brasileira. A jabuticaba não é tal qual haver leis que pegam e que não pegam, como se expõe nas alternativas C e D. Mas sim Haver leis que pegam e não pegam é uma originalidade brasileira como a jabuticaba é? Portanto, a única alternativa que apresenta a comparação em conformidade com o texto original é a B.

46. (Cespe / UnB-Maceió / Fiscal de Tributos)

Para o presidente da OAB, pesou na decisão de mudança do decreto o parecer elaborado por dois advogados, que contém o seguinte trecho: "O decreto pune os bons contribuintes, deles retirando qualquer garantia, visto que sempre dependerão de humores da fiscalização, pródiga em ofertar ã lei distorcida interpretação. É que o fisco, até por dever de ofício, sempre tem por 'suspeitos' todos os cidadãos".

FREITAS, Silvana de. In: Internet: <http://www.folha.com.br>. Acesso em

28/12/2002 (com adaptações).

I – **A expressão "visto que" (l.3) pode ser corretamente substituída por porquanto, mantendo-se a correção sintática e semântica do período.**

Gabarito: Certo

São conectores sinônimos de caráter causal.

II – **As preposições "Para" (l.1) e "por" (l.5, segunda ocorrência) podem ser substituídas por Segundo e como, respectivamente, sem prejuízo ã correção gramatical das orações em que ocorrem.**

Gabarito: Certo

Para" e "segundo" são conectores de caráter conformativo, sendo totalmente cabível a substituição de um pelo outro. Já a preposição POR, no contexto, possui valor de comparação, podendo ser substituída pela conjunção COMO, sem gerar prejuízo gramatical ou semântico.

Capítulo 7

Coerência Textual

É a ocorrência de um texto que, além de apresentar-se coeso, há de fazer sentido. Um texto pode ser coeso sem ser coerente, mas nunca poderá ser coerente sem ser coeso. O autor de um texto pode fazer uso de elementos coesivos, contudo o texto pode não possuir sentido. O estudo de coerência prevê a ocorrência de uma linha de raciocínio, lógica no pensamento, harmonia entre fatos e, principalmente, não pode haver contradição.

Ex.: Lula, Pelé e Xuxa são extremamente famosos. Esse foi jogador de futebol, aquele foi Presidente do Brasil e esta é muito bonita. Observe que o texto é coeso, pois tal qual no exemplo anterior utiliza-se de pronomes demonstrativos para ligar a segunda frase à primeira. No entanto, o texto não é coerente, porquanto não houve a manutenção de uma linha de raciocínio. Enquanto os dois primeiros foram apresentados pela profissão, a referência à última diz respeito não à sua profissão, mas à beleza física.

Além disso, podemos também considerar a relação existente entre as ideias implícitas, explícitas, pressupostas e subentendidas.

7.1. IMPLÍCITOS E EXPLÍCITOS

Toda unidade informativa contém obrigatoriamente uma base linguística qualquer, a qual, por sua vez, possui em sua estrutura uma unidade de conteúdo que envolve aspectos lexicais, sintáticos e semãnticos. Essa unidade informativa é composta não apenas por conteúdos explícitos, mas também por conteúdos implícitos (pressupostos e subentendidos).

7.1.1. Informações explícitas

São aquelas gritantemente expostas no texto. Não há necessidade de se aguçar a mente para tentar compreender o excedente de informações. No caso, a interpretação deve se restringir ao que foi redigido no texto.

7.1.2. Informações implícitas

Inicialmente, é importante destacar, o termo não deveria ser "informações implícitas", pois nem há tais informações. Há elementos que o leitor pode deduzir a partir de informações explícitas. É o que se denomina "inferência". A percepção do implícito passa pela capacidade do leitor de deduzir o que o autor quis dizer no texto, mas não disse. Ou seja, provém da possibilidade de se enxergar o que não está escrito, porém está nas entrelinhas.

Exemplos

1) Na frase "A discussão sobre a reforma eleitoral avança com a criação de comissões no Congresso." (Cesar Maia), existem algumas informações explícitas.
1 – Há uma discussão sobre a reforma eleitoral.
2 – Foram criadas comissões no Congresso.

Por outro lado, há algo que não está escrito, mas que se pode depreender: antes da criação das comissões no Congresso, a discussão sobre a reforma eleitoral encontrava-se estagnada.

2) Façamos a leitura da seguinte Frase: "Todos concordam que o atual sistema eleitoral brasileiro é muito ruim, pois, na prática, o eleito se acha independente do eleitor e de seu partido." (Cesar Maia)

Informações explícitas:

1 – Há unanimidade (todos concordam) quanto ao fato de que o atual sistema eleitoral brasileiro é muito ruim.
2 – O eleito se considera independente do leitor e do seu partido.
3 – O motivo de o atual sistema eleitoral brasileiro ser muito ruim é o fato de o eleito se considerar independente do eleitor e de seu partido.

O implícito

Como o eleito se considera independente do eleitor e de seu partido, pode agir em contrariedade aos interesses destes.

3) "Crescemos 7,5% em 2010 e a conquista de sediar a Copa do Mundo e a Olimpíada ajudou no reconhecimento do Brasil como um país de grande potencial." (Charles Tang).

Informações explícitas:

1 – O crescimento do Brasil em 2010 foi de 7,5%.
2 – O Brasil é um país com grande potencial.
3 – O fato de sediar a Copa de 2014 e as Olimpíadas de 2016 colaborou para que o Brasil fosse reconhecido como um país de grande potencial.

O implícito

Nem sempre o Brasil foi reconhecido como um país de grande potencial.

4) "Um ambicioso banqueiro de investimento que lucrou 590 mil libras em um negócio envolvendo uma informação secreta de fusão, que ele obteve no trabalho, foi sentenciado a mais de três anos de prisão, naquele que o juiz descreveu como sendo o "maior processo de 'insider trading' (negócio envolvendo informação privilegiada) já impetrado" no Reino Unido." (Jane Croft)

Informações explícitas:

1 – O lucro, por meio de uma informação secreta, de um ambicioso banqueiro de investimento foi de 590 mil libras.
2 – Um banqueiro de investimento obteve informação sigilosa no ambiente de trabalho.
3 – A sentença de um banqueiro de investimento foi superior a três anos.

O implícito

Houve processos menores envolvendo informação privilegiada no Reino Unido.

5) "Pelo menos duas pessoas morreram nesta sexta-feira (8) e cerca de 20 ficaram feridas após as forças de segurança iemenitas terem dispersado as pessoas que se manifestavam na localidade de Taez, sul de Sanaa, capital do Iêmen, segundo fontes do hospital Al Safwa dessa cidade."

(http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2011/04/08/pelo-menos-2-pessoas-morrem-em-protestos-no-iemen.jhtm)

Informações explícitas:

1 – Houve uma manifestação em Taez.

2 – Taez localiza-se ao sul de Sanaa, capital do Iêmen.
3 – Nessa manifestação, houve pelo menos duas mortes.
4 – As informações sobre mortes e feridos provieram de fontes do hospital Al Safwa.
5 – As forças de segurança iemenitas dispersaram as pessoas que se manifestavam em Taez.

O implícito

É possível que haja mais óbitos na manifestação ocorrida em Taez.

6) "Toda ciência tem princípios, de que deriva o seu sistema. Um dos princípios da Economia Política é o trabalho livre. Ora, no Brasil domina o fato "impolítico e abominável" da escravidão." (Roberto Schwarz)

Informações explícitas:

1 – O sistema de todas as ciências provém de seus princípios.
2 – O trabalho livre é um dos princípios da Economia Política.
3 – Ainda há o trabalho escravo no Brasil.

Os implícitos

1 – Não é possível haver ciência sem princípios.
2 – Além do trabalho livre, a Economia Política possui outros princípios.
3 – O trabalho livre não é "impolítico e abominável".

7) Parecia não ser possível, mas a qualidade da água do rio Tietê piorou ainda mais em 2006. Segundo a Cetesb (agência ambiental paulista), o rio apresentava situação praticamente estável nos últimos anos. (Afra Balazina e José Ernesto Credencio)

Informações explícitas:

1 – Em 2006, a qualidade da água piorou em relação aos anos imediatamente anteriores.
2 – A análise da qualidade da água é realizada pela Cetesb.
3 – Nos anos anteriores a 2006, a qualidade da água do rio Tietê praticamente se

manteve inalterada.

O implícito

Antes mesmo de 2006, a qualidade da água já não era boa.

8) "Um estudo do Instituto Nacional do Câncer dos Estados Unidos divulgado nesta quinta-feira revela que a dependência de cafeína está mais vinculada ao fígado e à capacidade do órgão para processar a substância que ao efeito que o consumo da substância provoca no cérebro." (Fabiana Beltramin)

Informações explícitas:

1 – A dependência de cafeína está relacionada ao fígado e ao cérebro.
2 – A cafeína é processada pelo fígado.
3 – O consumo da cafeína provoca algum efeito no cérebro.

Os implícitos

1 – Há pessoas que creem que a dependência à cafeína está mais relacionada ao efeito que o consumo da substância provoca no cérebro que propriamente ao fígado.
2 – Dificilmente o efeito que o consumo da cafeína provocaria no cérebro seria suficiente para gerar dependência.

9) "Os problemas no trânsito de São Paulo causados pelo excesso de veículos são antigos. Diversas soluções vêm sendo apresentadas pela administração municipal durante os últimos anos.' (Fernando Mendonça)

Informações explícitas:

1 – Há excesso de veículos em São Paulo.
2 – O problema do trânsito em São Paulo já existe há bastante tempo.
3 – A administração municipal vem oferecendo soluções para o problema do trânsito.

Os implícitos

1 – As soluções apresentadas pela administração municipal não lograram êxito.

2 – A administração municipal não tem sido eficaz na solução dos problemas relativos ao trãnsito em São Paulo.

10) Brasília – Agência Estado – Vetada pela administração Lula, a destinação de 50% dos recursos do Fundo Social do pré-sal para a área de ensino pode ressuscitar na Cãmara dos Deputados, sob a forma de emenda ao novo Plano Nacional de Educação (PNE). Entidades aguardam o retorno do PNE à pauta legislativa para pressionar as autoridades a aceitar as mais de 130 sugestões ao projeto de lei, como a elevação do investimento público em educação dos atuais 5% para 10% do Produto Interno Bruto (PIB) até 2020 – o Executivo prevê 7%.

(http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia/2011/04/10/camara-reestuda-usar-fundo-do-pre-sal-para-educacao.jhtm)

Informações explícitas:

1 – A administração de Lula vetou a destinação de 50% dos recursos do Fundo do pré-sal para a educação.

2 – Há a possibilidade de destinação de 50% dos recursos do Fundo do pré-sal para a educação. (destacamos o emprego da expressão POSSIBILIDADE em face de o autor ter redigido PODE em PODE RESSUSCITAR – sendo assim, evidencia-se o campo semãntico da possibilidade e não da certeza. Se o comentário realizado fosse "Haverá a destinação de 50% dos recursos do Fundo do pré-sal para a educação.", apresentaria uma informação falsa em relação ao texto.)

3 – Poderá (campo semãntico da possibilidade) ocorrer uma emenda ao novo Plano Nacional de Educação, inserindo a destinação de recursos do Fundo do Pré-Sal para a área de ensino.

4 – As autoridades serão pressionadas a aceitar as mais de 130 sugestões ao projeto de lei.

5 – Haverá pressão sobre as autoridades para que aceitem a sugestão de elevação do Investimento público em educação dos atuais 5% para 10% do Produto Interno Bruto (PIB) até 2020.

Os implícitos

1 – A administração Lula pretendia destinar recursos do Pré-sal para outros fins, que não a educação.

2 – Para o Brasil se desenvolver, o investimento em educação é elemento crucial.
3 – Se não houver pressão de entidades, dificilmente as autoridades aceitarão as mais de 130 sugestões ao projeto de lei.

11) "Cerca de 7.000 crianças e adolescentes que estavam em abrigos de todo o país foram devolvidos a suas famílias depois que uma força-tarefa de juízes da infância e juventude reviu os processos, em seis meses de trabalho. São casos de menores que sofreram negligência ou maus-tratos, por exemplo, mas que podiam ser criados por parentes próximos. Também há crianças cujos pais se restabeleceram e puderam receber os filhos de volta." (Elida Oliveira)

Informações explícitas:

1 – A devolução das crianças às famílias decorreu em da revisão de processos.
2 – O trabalho realizado pela força-tarefa permitiu que aproximadamente 7000 crianças e adolescentes fossem devolvidos a suas famílias.
3 – Algumas crianças e alguns adolescentes estavam nos abrigos porque sofreram negligência ou maus-tratos.
4 – Há a possibilidade (campo semãntico da possibilidade – no texto PODIAM) de Parentes próximos aos menores serem incumbidos da criação de jovens e adolescentes.

Os implícitos

1 – Há um acúmulo de processos nas Varas da Infãncia e da Juventude.
2 – O fato de os pais terem cometido algum erro no passado não exclui a possibilidade de poderem criar seus filhos.

7.2. PRESSUPOSTOS E SUBENTENDIDOS

Como já visto, pressupostos e subentendidos encontram-se no campo dos implícitos. É o que nós inferimos. A distinção entre eles é a base – a partir de quê – para se proceder a tal inferência.

7.2.1. Pressupostos

O autor emprega palavras ou expressões com a intenção de que o leitor realize a

inferência. É como se o autor não passasse uma informação completa, mas o uso de tal palavra ou expressão já desse a entender qual a ideia ali presente.

Os pressupostos podem ser marcados por:

verbos – Os alunos deixaram o curso de língua inglesa, porque essa matéria não foi incluída no edital do concurso. – Com o emprego de DEIXARAM, o autor dá a entender que os alunos vinham cursando o Inglês, até a publicação do edital;

advérbios – "João também não fez o que foi solicitado." – Com o emprego do advérbio TAMBÉM, o autor da frase objetiva que os leitores inferissem que, além de João, outras pessoas não fizeram o solicitado;

adjetivos – Os candidatos estudiosos têm grandes possibilidades de aprovação. – Com o emprego do adjetivo ESTUDIOSOS, o autor almeja que o leitor perceba a existência de candidatos estudiosos e de candidatos não estudiosos. E mais: ele quis que o leitor inferisse que o candidato não estudioso tem menos possibilidades de aprovação;

orações adjetivas – Os funcionários que fizeram greve foram demitidos. – Com o emprego da oração adjetiva QUE FIZERAM GREVE com caráter restritivo, o autor pretendia que leitor percebesse também que aqueles que não fizeram greve continuaram empregados;

palavras denotativas – Mesmo João fez todos os exercícios. – Com o emprego da palavra denotativa de inclusão MESMO, o autor da frase pretende que a leitura se realize da seguinte forma: Todos fizeram os exercícios, inclusive João. Também se depreende que João era a pessoa com a menor expectativa de que fizesse os exercícios.

7.2.2. Subentendidos

Subentendidos são intelecções realizadas pelo leitor sem que o autor do texto intencionasse levá-lo a tal. A partir de uma informação, pelo menos aparentemente independente – já que o autor não usa palavra ou expressão evidenciando a intenção–, o leitor realiza uma leitura das entrelinhas, de elementos que não estão expostos, explícitos, mas que são lógicos em relação ao contexto. Às vezes, para se observar o subentendido, é necessário que se tenha ciência do contexto (momento político, social e até mesmo pessoal do autor).

Na frase "João e Maria são casados há dez anos e não possuem filhos.", não há

marcadores de pressupostos, mas uma inferência possível é que um dos dois tenha algum problema que impossibilite a gravidez. Mas, como informado, essa inferência é de responsabilidade do leitor, pois o fato de João e Maria não terem filhos poderia ser também uma opção deles.

Na frase "O salário mínimo em 2011 no Brasil passou a R$545,00.", o emprego do verbo PASSOU funciona como pressuposto. Pelo uso dessa palavra, vê-se que, antes de 2011, o salário mínimo tinha outro valor. Portanto, há esse pressuposto. Mas também pode haver um subentendido, mormente quando se conhece o contexto político-econômico do Brasil: havia a expectativa de que o valor do salário mínimo fosse maior.

Um cidadão, ao entrar num bar, pergunta: – O senhor tem água mineral? Fica subentendido que não é simplesmente para o funcionário do bar responder (Tenho ou Não tenho). Está implícito que, caso o bar tenha a água mineral, o funcionário deverá pegá-la e vendê-la para o senhor.

7.3. EXERCÍCIOS

01. **(Cespe / UnB / IBAMA / Analista Ambiental)**

Reparação duas décadas depois

Francisco Alves Mendes Filho ainda não era um mito da luta contra a devastação da Amazônia quando foi preso, em 1981, acusado de subversão e incitamento à luta de classes no Acre, em plena ditadura militar. Chico Mendes se tornaria mundialmente conhecido, dali para a frente, por comandar uma campanha contra a ação de grileiros e latifundiários, responsáveis pela destruição da floresta e pela escravização do caboclo amazônico. Por isso mesmo foi assassinado, em 22 de dezembro de 1988, na porta de casa, em Xapuri. O crime, cometido por uma dupla de fazendeiros, foi punido com uma sentença de 19 anos de cadeia para cada um. Faltava reparar a injustiça cometida pelos militares.

E ela veio na quarta-feira 10, no palco do Teatro Plácido de Castro, em Rio Branco, na forma de uma portaria assinada pelo ministro da Justiça, Tarso Genro. Antes, porém, realizou-se uma sessão de julgamento da Comissão de Anistia, cujo resultado foi o reconhecimento, por unanimidade, da perseguição política sofrida por Chico Mendes no início dos anos 80 do século passado. A viúva do líder seringueiro, Izalmar Gadelha Mendes, vai receber uma pensão vitalícia de 3 mil

reais mensais, além de indenização de 337,8 mil reais.

Após assinar a portaria de anistia, Tarso Genro declarou que o assassinato de Chico Mendes está diretamente associado à perseguição sofrida pelo seringueiro durante a ditadura. "O Estado brasileiro não soube compreender o que ele (Mendes) representava naquele momento", disse o ministro. "O Brasil pede perdão a Chico Mendes", afirmou, ao assinar o documento. Acompanhada de dois filhos, Izalmar Mendes mostrou-se satisfeita com o resultado do julgamento. "Era a hora de limpar o nome do meu marido. Mais importante do que a indenização foi o pedido de desculpas feito pelo Estado", disse a viúva.

O caso de Chico Mendes foi relatado pela conselheira Sueli Bellato. Emocionada, ela disse ter lido muito sobre o seringueiro morto para, então, encadear os argumentos que a fizeram acatar o pedido de reconhecimento e indenização interposto por Izalmar Mendes. Chico Mendes foi vereador em Xapuri, onde nasceu, e se firmou como crítico de projetos governamentais de graves consequências ambientais, como a construção de estradas na região amazônica.

No relatório, aprovado por unanimidade, a conselheira contou detalhes da vida de Chico Mendes, da infância pobre nos seringais ao dia em que foi assassinado. Segundo Sueli Bellato, a atuação de Mendes contra grileiros e latifundiários rendeu, durante a ditadura, um arquivo de 71 páginas redigidas por agentes do antigo Serviço Nacional de Informações (SNI). Foi por participar de um ato público, em 1980, que Chico Mendes passou a ser fichado e perseguido pelos militares. Em Rio Branco, o seringueiro fez um discurso exaltado contra a violência no campo provocada pelos fazendeiros.

Na época, Chico Mendes foi enquadrado na Lei de Segurança Nacional, acusado de "atentado contra a paz, a prosperidade e a harmonia entre as classes sociais". Preso em diversas ocasiões, só foi definitivamente absolvido em 1º de março de 1984, quatro anos depois, portanto, de iniciadas as perseguições. De acordo com a conselheira Sueli Bellato, embora o relatório não tenha se aprofundado na questão, foi possível constatar que Chico Mendes também foi torturado enquanto estava sob custódia de policiais federais.

Leandro Fortes.

Internet: <www.cartacapital.com.br> (com adaptações).

Ainda com base no texto de Leandro Fortes e considerando aspectos textuais e gramaticais, julgue os próximos itens.

1 – O termo “o documento” (l. 21) refere-se a “portaria de anistia” (l.17).

2 – A expressão “Na época”, no início do último parágrafo do texto, refere-se ao período em que Chico Mendes foi perseguido pela ditadura militar.

3 – Pelas opiniões apresentadas no texto, verifica-se que o ministro da Justiça e a conselheira possuem posições opostas no que se refere à atuação política de Chico Mendes.

4 – Estaria de acordo com o que estabelece a prescrição gramatical para textos escritos no nível formal da linguagem, tais como documentos oficiais, a substituição da expressão “dali para a frente” (l.4) por dali pra frente.

5 – A conjunção “E” (l.10), por ter, no período, valor adversativo, pode ser substituída pela conjunção Mas, sem prejuízo para as informações do texto.

6 – Na linha 12, o vocábulo “cujo” estabelece relação sintático-semãntica entre os termos “resultado” e “Comissão de Anistia”.

7 – Os termos “portanto” (l. 42) e “enquanto” (l.44), estabelecem idênticas relações de sentido.

8 – O termo “onde” (l.28) introduz oração adjetiva de sentido explicativo.

Gabarito:

1 –Certo. Observe que o documento que estava sendo assinado naquele momento era justamente a “portaria de anistia”.

2 –Certo. A expressão “Na época”, refere-se ao período da década de oitenta, quando Chico Mendes sofria a perseguição da ditadura militar.

3 — Errado. Justamente o oposto. Tanto o ministro da Justiça Tarso quanto a conselheira Sueli Bellato consideraram que o assassinato de Chico Mendes está associado à perseguição que ele sofrera no período da ditadura militar. Além disso, é de bom alvitre enfatizar que se realizou uma sessão de julgamento da Comissão de Anistia, cujo resultado foi o reconhecimento, por unanimidade, da perseguição política sofrida por Chico Mendes no início dos anos 80 do século passado.

4 — Errado. Em documentos oficiais ou em textos em que seja exigida a formalidade, não se pode empregar PRA.

5 — Errado. Não há oposição entre os parágrafos. O emprego de “faltava” (l. 9) no pretérito imperfeito do indicativo já dava indício de que algo não falta mais, o que foi corroborado pelo início do parágrafo seguinte: “E ela veio na quarta-feira 10…”.

6 — Errado – O pronome relativo CUJO estabelece relação de posse entre os termos "resultado" e "uma sessão de julgamento da Comissão de Anistia". A reescritura do período, substituindo-se o pronome relativo pelo antecedente, tem o seguinte resultado: O resultado da sessão de julgamento da Comissão de Anistia foi o reconhecimento, por unanimidade, da perseguição política sofrida por Chico Mendes no início dos anos 80 do século passado.

7 — Errado – A conjunção PORTANTO introduz uma conclusão para o que se expôs anteriormente. O autor deduziu que Chico Mendes somente foi absolvido quatro anos após se iniciarem as perseguições contra ele. Já a conjunção ENQUANTO estabelece relação temporal, mais especificamente de concomitância, simultaneidade – no mesmo momento em que Chico Mendes estava sob a custódia da Polícia Federal, era torturado.

8 –Certo – ONDE é pronome relativo, podendo ser substituído por NO QUAL, refere-se a Xapuri, introduz oração subordinada adjetiva, que, por estar isolada por vírgulas, possui caráter explicativo.

02. **(Cespe / UnB / TJ-RJ)**

A crescente escassez de profissionais qualificados no mercado de trabalho doméstico está obrigando a Companhia Vale do Rio Doce a lançar uma campanha global de recrutamento para arregimentar pessoal especializado nos EUA, na Inglaterra, na Austrália e no Canadá. A previsão é de 62 mil contratações nos próximos cinco anos.

O Estado de S. Paulo, 21 mar. 2008. (Com adaptações.)

Assinale a opção que constitui continuação coesa e coerente para o fragmento de texto acima.

a) Essa disputa se tornou tão acirrada que elevou o nível médio salarial. Um soldador, por exemplo, hoje tem um ordenado inicial entre R$ 1,2 mil e R$ 2,1 mil. Nas escolas do Sesi e do Senac, os formandos são disputados pelos empregadores.

b) Essa é a iniciativa mais audaciosa já tomada por uma empresa brasileira em matéria de oferta de emprego, e é mais uma das consequências da globalização da economia.

c) Entretanto, com o extraordinário crescimento da produção industrial chinesa, nos últimos anos, o preço das commodities no mercado internacional disparou, o que abriu caminho para a expansão dos setores de mineração, siderurgia,

petróleo e equipamentos de transporte pesado.

d) Desde então, as empresas mais competitivas desses setores criaram milhares de novos postos de trabalho e, de forma cada vez mais agressiva, vêm disputando trabalhadores preparados para ocupá-los.

e) Todas essas empresas vêm publicando anúncios em inglês, em busca de profissionais qualificados de nível técnico superior. As empresas também vêm contratando trabalhadores aposentados e procurando atrair profissionais qualificados da Petrobras.

Gabarito: B

O texto indica que a oferta de empregos é maior do que a demanda. Por isso, a Vale necessita buscar no mercado internacional profissionais para atenderem a essa necessidade. A alternativa B é a única que dá continuidade ao texto de forma coesa e coerente. Observe: a expressão "Essa é a iniciativa" refere-se a "uma campanha global de recrutamento para arregimentar pessoal especializado nos EUA, na Inglaterra, na Austrália e no Canadá." Há também a leitura de a procura por mão de obra em outros países acaba por representar uma das consequências da globalização.

03. **(Cespe / UnB / TJ-RJ)**

Há cinco anos, sob o comando de George W. Bush, os Estados Unidos da América (EUA) invadiam o Iraque. Já se mostrou à exaustão que a aventura foi uma catástrofe humanitária e um fracasso político que encalacrou o Pentágono numa ocupação militar sem perspectiva de solução. Verifica-se, agora, que foi também um desastre financeiro.

Folha de S. Paulo, 20 mar. 2008. (Com adaptações.)

Assinale a opção em que o fragmento constitui continuação coesa e coerente para o texto acima.

a) Entretanto, Joseph Stiglitz, Prêmio Nobel de Economia, calcula que a empreitada poderá sair por assombrosos US$ 4 trilhões ou mais, dependendo de quanto tempo a ocupação durar.

b) Mas, agora que o país se encontra numa situação de déficit fiscal, a conta da guerra contribui para a crescente desvalorização da moeda norte-americana, num movimento que dificulta o combate à crise de crédito nos EUA e agrava suas repercussões globais.

c) Às vésperas da invasão, a Casa Branca estimava que gastaria algo entre US$ 50 bilhões e US$ 60 bilhões para derrubar Saddam Hussein e instalar um novo governo no país. Hoje, a conta está em US$ 600 bilhões e continua subindo.

d) Avaliações mais conservadoras, como a do Escritório de Orçamento do Congresso, órgão que municia o Poder Legislativo com informações técnicas, concluem que a ocupação não atingirá efetivamente a economia norteamericana.

e) Portanto, nada indica que o próximo presidente dos EUA terá condições de colocar um fim rápido à aventura. Fala-se em retirar as tropas até o fim de 2009. Isso, é claro, no melhor cenário. E o problema é que, no Iraque, o melhor cenário nunca se materializa.

Gabarito: C.

O início do texto informa que a invasão dos Estados Unidos ao Iraque representou uma catástrofe humanitária, além de significativo fracasso político. No entanto, o fragmento final destaca a derrocada financeira. Portanto, a continuação, para ocorrer de forma coesa, deve esclarecer por que houve esse desastre financeiro. As duas únicas alternativas que poderiam dar sequência a essa ideia seriam A e C. No entanto, a opção A possui uma falha. A informação lá constante confirma a ideia presente no texto, então o emprego da conjunção ENTRETANTO, de caráter adversativo, não se justifica.

04. **(Esaf / MPU)**

Leia o trecho abaixo e aponte a opção que lhe dá continuidade, respeitando a coesão, a coerência e a orientação argumentativa do texto.

É verdade que já nos anos 50 numerosos estudos haviam demonstrado que fumar provoca câncer, enfisema, ataque cardíaco e muitas outras doenças, mas a estratégia de defesa adotada pela indústria do tabaco foi a do contracheque: de um lado contratava técnicos para criticar a metodologia empregada nessas pesquisas; de outro, pressionava os meios de comunicação para garantir que não fossem divulgadas.

a) Hoje, não só se divulgam as pesquisas que atenuam o impacto do tabaco no organismo, buscando o controle da venda de cigarro a menores de idade e oferecendo tratamento gratuito aos que querem abandonar o vício de fumar.

b) Qualquer jornal, emissora de rádio ou de televisão que ousasse levantar a

menor suspeita de que o cigarro pudesse trazer algum malefício à saúde sofria retaliação financeira imediata.

c) Naquela época, a indústria do tabaco acatava incondicionalmente ações judiciais de ressarcimentos milionários às famílias dos que morriam vitimados pelos efeitos nocivos da nicotina.

d) Nos anos 50, a disseminação da epidemia de tabagismo corria velozmente de encontro à forma aliciadora e atraente com que fumavam os astros e estrelas no cinema e na tevê.

e) Resultado de pesquisa conduzida pelo Ministério da Saúde em sete capitais brasileiras comprova que o número de dependentes de nicotina no país é de aproximadamente 20%.

Gabarito: B

Observe que o texto informa que já nos anos cinquenta havia muitos estudos provando que o fumo provoca doenças. Depois esclarece também que a estratégia de defesa da indústria do tabaco foi a força financeira. Alerta, por fim, que houve muita pressão para os meios de comunicação não divulgarem as tais pesquisas. A alternativa B justamente representa um exemplo dessa pressão financeira efetuada pela indústria do tabaco: "Qualquer jornal, emissora de rádio ou de televisão que ousasse levantar a menor suspeita de que o cigarro pudesse trazer algum malefício à saúde sofria retaliação financeira imediata.".

05. **(Esaf / SEFA – PA)**

Não é preciso ser adepto da tradição intelectual para reconhecer os inconvenientes da praxe de preterição do influxo interno, a que falta a convicção não só das teorias, mas também das suas implicações menos próximas, de sua relação com o movimento social conjunto, e da relevãncia do próprio trabalho e dos assuntos estudados. Percepções e teses notáveis a respeito da cultura do país são decapitadas periodicamente, e problemas a muito custo identificados e assumidos ficam sem o desdobramento que lhes poderia corresponder. O prejuízo acarretado pode se comprovar pela via contrária, lembrando a estatura isolada de uns poucos escritores como Machado de Assis, Mário de Andrade e hoje, Antônio Cãndido, cuja qualidade se prende a este ponto.

(SCHWARZ, Roberto. Cultura e política. p.110)

Assinale a opção que continua o texto de forma coesa e coerente.

a) Com aquela praxe de conciliar o estrangeiro com o autóctone, a convivência familiar e estabilizada entre concepções em princípio incompatíveis esteve no centro da inquietação ideológico-moral do Brasil desde sempre.

b) A certos intelectuais tal herança colonial de preocupar-se apenas com o que vem do próprio país parecia um resíduo que logo seria superado pela marcha desse progresso.

c) Outros intelectuais viam naquele movimento o país autêntico, o Brasil genuíno, original, o berço a ser protegido e preservado contra imitações absurdas.

d) A nenhum deles faltou informação nem abertura para a atualidade. Entretanto, souberam retomar criticamente o trabalho dos predecessores, entendido não como peso morto, mas como elemento dinãmico, subjacente às contradições contemporãneas.

e) Outros ainda desejavam harmonizar esse progresso com trabalho escravo, para não abrir mão de nenhum dos dois, e outros mais consideravam que esta conciliação já existia e era desmoralizante.

Gabarito: D

O início do texto anuncia que não se precisa ser adepto da tradição intelectual para reconhecer a inconveniência de se preterir o movimento cultural do Brasil. Depois é relatado que pesquisas notáveis a respeito da cultura do país são decapitadas e acabam não tendo desdobramento, sequência. O texto é finalizado com o elogio nominal a três autores – Machado de Assis, Mário de Andrade e Antônio Cãndido – por fazerem justamente o oposto. Relembrando que o texto, antes de ser coerente, há de ser coeso. Repita-se. A conclusão se faz na citação nominal dos autores. Então a sequência se efetiva por aí. A alternativa D a realiza com perfeição. Observe que o pronome ELES retoma os autores e explica por que a qualidade dos três se prende a esse ponto: "souberam retomar criticamente o trabalho de seus predecessores, entendido não como peso morto, mas como elemento dinãmico, subjacente às contradições contemporãneas.".

06. **Uma carga tributária irracional**

IVES GANDRA DA SILVA MARTINS

PAULO RABELLO de Castro, em estudo de natureza econométrica para a revista "Financeiro" de outubro (páginas 14 a 17), demonstra que o aumento da carga

tributária tem representado no Brasil constante perda do crescimento do PIB em percentual a cada dia maior. Assim, no denominado efeito "crowding out" (expulsão), a cada aumento de 1% na carga, o aumento do valor da perda é de 6,7%, considerando o PIB atual, o que vale dizer que, em aumentos de 1%, 2%, 3%, 4% e 5%, a perda seria de 6,7%, 13,4%, 20%, 26,7%, e 33,4% ao ano, respectivamente.

O estudo impressiona, sobretudo no anexo estatístico e na decomposição logarítmica do crescimento do produto bruto do Brasil, por demonstrar que, tendo o país uma carga tributária superior à dos países componentes dos Brics, cresce, à evidência, menos do que esses países. Prova, portanto, que a imposição fiscal atende ao interesse dos detentores do poder, mas, à evidência, não é do interesse público nem da sociedade.

Não sem razão, o Brasil caiu, no rol de competitividade entre as nações, para a 72ª posição, sendo que, dos nossos concorrentes diretos, a China ostenta a 34ª posição, a Índia, a 48ª, e a Rússia, a 58ª. Pior do que isso: o Chile ostenta a 26ª, Porto Rico, a 36ª, o México, a 52ª, e até mesmo a Colômbia aparece em posição melhor que a do Brasil (69ª), apesar dos seus indiscutíveis problemas com o narcotráfico e o governo paralelo das Farcs.

É de lembrar, ainda, que o aumento da carga tributária do ano passado para este também correspondeu à queda da 66ª posição para a 72ª, em clara demonstração de que, apesar de a imposição fiscal não ter sido o único fator para a perda de competitividade nacional, ela foi, sem dúvida alguma, elemento relevante ao lado da burocracia esclerosada, do nível de corrupção detectado por organismos internacionais nas estruturas administrativas e da regulação excessiva por meio de uma inflação legislativa.

Assinale a opção que dá continuidade ao texto de forma coesa e coerente.

a) Diante dessa realidade, à evidência, a carga tributária não tende a cair, e a economia, apesar do céu de brigadeiro da "performance" mundial, está condenada a crescer menos do que a do mundo inteiro, correndo sérios riscos quando as nuvens que surgem no horizonte econômico se transformarem em tempestades.

b) À luz desses dados negativos, insiste o governo na prorrogação da CPMF, apesar de arrecadar neste ano, segundo as próprias projeções

governamentais, 60 bilhões de reais a mais do que o projetado no Orçamento para 2007, vale dizer, um terço a mais do que o que pretende receber da CPMF em 2008!

c) Nesse quadro, em que o PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) não deslancha, a carga aumenta e o presidente permite a contratação de mais servidores, objetivando inchar suas estruturas arcaicas e inoperantes, é assustadora a revelação feita pela Folha alguns meses atrás: dos 100% dos "amigos do rei" -os contratados sem concurso para cargos e funções na administração–, 47% são sindicalistas, vale dizer, de pouca especialização na administração pública, a não ser aquela de defesa dos interesses da categoria, e 19% são filiados ao PT.

d) Essa verdadeira desidratação legislativa envergonha a maioria esmagadora dos professores de direito, obrigados a com ela conviver e a explicá-la perante seus alunos. Infelizmente, vive-se, neste cipoal incoerente, cansativo e conveniente, a falta de uma administração pública, que não privilegia as carreiras do Estado nem cria uma evolução hierárquica estimuladora no setor público.

e) Temos tudo – e, graças a isso o país ainda cresce, por força do trabalho da sociedade; só não temos governantes com visão de estadistas, razão pela qual em todos os índices internacionais o Brasil resta em posição inferior. Em tempo: estamos à frente de Burundi e do Haiti.

Gabarito: D

Perceba que o texto é concluído mencionando a inflação legislativa. A alternativa D retoma "a inflação legislativa" com a expressão ESSA VERDADEIRA DESIDRATAÇÃO LEGISLATIVA, dá sequência a essa ideia e ainda apresenta seus efeitos: "envergonha a maioria esmagadora dos professores de direito, obrigados a com ela conviver e a explicá-la perante seus alunos".

07. **(Esaf / SEP-SP)**

O texto abaixo foi adaptado do Editorial de O Estado de S. Paulo de 21/1/2009. Assinale a opção que representa continuação coesa e coerente para o texto.

O desemprego em dezembro dá uma ideia mais clara, e nada animadora, do tamanho da crise instalada no País desde o trimestre final de 2008. No mês passado, foram fechados 654.946 postos de trabalho formais, segundo informou o

governo. Foi mais que o dobro do número registrado um ano antes, quando foram demitidos, em termos líquidos, 319.414 trabalhadores com carteira assinada. O aumento das demissões é normal no fim do ano, principalmente na indústria, depois de encerrada a produção para o Natal.

a) Porquanto nas três primeiras semanas de janeiro o intercâmbio de mercadorias continuou piorando e, até dia 18, o Brasil acumulou um déficit de US$ 390 milhões.

b) Desta vez, no entanto, as dispensas foram surpreendentes, mesmo levando-se em conta a piora das condições econômicas.

c) Essas informações sobre o comércio exterior, já conhecidas, confirmaram a perda de impulso das exportações e a contínua redução do superávit comercial.

d) Mesmo que, se o presidente da República e seus ministros têm novos planos para reanimar a economia, não devem esperar muito mais tempo para iniciar sua execução.

e) Esse dado sobre as exportações é mais um indicativo da tendência de redução de emprego.

Gabarito: B

A alternativa A não pode ser a resposta, visto que o conector PORQUANTO tem caráter causal. É de bom alvitre lembrar que a causa representa fato anterior e a consequência, posterior. O fato ocorrido em janeiro de 2009 não pode ser a causa do que ocorreu no fim de 2008.

A alternativa B é a resposta, observando-se dois detalhes: o emprego da expressão "as dispensas" como sinônima de "demissões" e da conjunção adversativa "no entanto", estabelecendo uma ressalva em relação à informação anterior: já havia realmente a expectativa de demissões naquele período do ano, contudo (ressalva) não em tal quantitativo.

A alternativa C é absurda, uma vez que não há qualquer informação sobre o comércio exterior.

A alternativa D apresenta um problema: o conector concessivo MESMO QUE estabelece uma oposição. A informação seguinte poderia ser uma consequência ou uma conclusão para o que se expõe no fim do texto, nunca uma oposição. "O aumento das demissões é normal no fim do ano, principalmente na indústria,

depois de encerrada a produção para o Natal." – "Portanto" (e não "Mesmo que"), se o presidente da República e seus ministros têm novos planos para reanimar a economia, não devem esperar muito mais tempo para iniciar sua execução.". O conector apropriado seria de caráter conclusivo: portanto, logo, então, por conseguinte.

A alternativa E também é absurda, visto que não há qualquer dado sobre exportações.

08. **TCU – Perceba que o texto é concluído mencionando a inflação legislativa. A alternativa D retoma "a inflação legislativa" com a expressão ESSA VERDADEIRA DESIDRATAÇÃO LEGISLATIVA, dá sequência a essa ideia e ainda apresenta seus efeitos: "envergonha a maioria esmagadora dos professores de direito, obrigados a com ela conviver e a explicá-la perante seus alunos". Numere os trechos de modo a compor um texto coeso e coerente e assinale a sequência correta.**

( ) Esse é, sem dúvida, o grande mérito da Lei de Responsabilidade Fiscal.

( ) Alguns instrumentos jurídicos, porém, põem-se à frente de seu tempo e têm finalidade educativa.

( ) Leis e códigos não são feitos para mudar a toda hora.

( ) Servem para sinalizar o rumo que as instituições devem tomar.

( ) Não se baseiam em tendências ou modismos, mas refletem práticas e costumes cristalizaâdos na sociedade.

(Jornal do Brasil, 15/10/2000)

a) 1, 2, 4, 3, 5;
b) 5, 3, 1, 4, 2;
c) 2, 1, 3, 5, 4;
d) 1, 4, 5, 2, 3;
e) 4, 5, 2, 1, 3.

Gabarito: B

O primeiro fragmento não pode dar início ao texto, uma vez que o pronome ESSE faz referência a algo já mencionado.

O segundo fragmento não inicia o texto, uma vez que a conjunção PORÉM sugere que a ideia aí constante está em oposição a algo já citado.

O terceiro fragmento é o único que pode dar início ao texto.

No quarto parágrafo, o emprego de SERVEM sugere que a sua concordãncia se realiza com algum termo que já deveria se fazá deveria se faz presente no texto.

No quinto parágrafo, o mesmo ocorre. A forma verbal BASEIAM concorda com elemento já inserido anteriormente no texto.

Como o único fragmento que pode iniciar o texto é o terceiro, busco alternativa em que o número 1 aparece na terceira posição.

(X)

(X)

(1)

(X)

(X)

Passemos para a horizontal: (X), (X), (1), (X), (X). A alternativa C é a única que apresenta o número 1 na terceira posição.

09. **(Cespe / UnB / Polícia Federal)**

Quando o entrevistado foi questionado a respeito das dificuldades do trabalhador nessa adaptação aos novos tempos, a resposta, registrada em um parágrafo, contemplou os seguintes aspectos, aqui apresentados em tópicos.

I – **Um exemplo? Muitos operários não compreendem como uma série de comandos num teclado, exibida somente na tela de um micro, pode resultar em mudanças numa máquina industrial que não está diante deles.**

II – **O pensamento do trabalhador comum é analógico. Ele tem dificuldade para exercitar a realidade digital do computador.**

III – **É preciso reeducá-los. Não se trata de treinar o homem apenas para mexer nos equipamentos automaticamente, como se fosse um robô.**

IV – **Ensinar computação, especialmente para os operários, é ensinar a mexer na máquina, mas sobretudo a entender o que ela pode fazer.**

V – **Não se trata de transformá-lo numa peça da engrenagem da linha de montagem. Não basta saber operar uma máquina sem compreender o que está se fazendo.**

Aplicando os conhecimentos de tipologia textual à habilidade de

compreensão detalhada de uma resposta, em função da pergunta formulada, julgue os seguintes itens.

1) A ordem acima é apropriada para que os tópicos formem um parágrafo coerente.
2) Os tópicos I, III e IV, nesta sequência, são inter-relacionados e fazem parte do desenvolvimento da resposta.
3) Pela estrutura interna do tópico II, é correta a sua colocação no início da resposta à pergunta formulada.
4) Os tópicos III e V apresentam grande coesão interna, o que favorece a colocação deles, nesta sequência, dentro do desenvolvimento da resposta.
5) A organização interna do tópico IV, com o emprego do vocábulo "sobretudo', torna correto o seu uso como fechamento da resposta, por dar reforço às ideias apresentadas.

Gabarito:

1) **Errado;**
2) **Errado;**
3) **Certo;**
4) **Certo;**
5) **Certo.**

Inicialmente montemos o texto. Como o tópico I é introduzido por "Um exemplo", obviamente não pode dar início ao texto. O tópico II pode iniciar o texto, até porque o único elemento remissivo "ELE", está se referindo a um termo já presente no próprio tópico (o trabalhador). O tópico III não pode iniciar o texto, uma vez que a forma pronominal LOS refere-se a algo – masculino e plural – já mencionado. O quarto tópico possui toda a aparência de conclusão, em face da presença de dois elementos enfáticos: ESPECIALMENTE e SOBRETUDO. O último tópico também não pode dar início ao texto, porquanto a forma pronominal LO refere-se a algo já citado – masculino e singular. Por sinal, é certo que há a sequência III-V, já que a forma pronominal LO (tópico V) refere-se a HOMEM (tópico III). Além disso, justifica-se a repetição da construção NÃO SE TRATA, presente nos tópicos III e V, quando se deseja realçar uma ideia. Para que esse recurso tenha efeito, os elementos repetidos devem ocorrer próximos. Também fica bem evidente que o tópico III vem depois do I, dado que a forma pronominal LOS (III) refere-se aos

termos OPERÁRIOS (I) E DELES (I). Sendo assim, tudo indica que a sequência correta é II – I – III – V– IV:

"O pensamento do trabalhador comum é analógico. Ele tem dificuldade para exercitar a realidade digital do computador. Um exemplo? (Um exemplo dessa dificuldade) Muitos operários não compreendem como uma série de comandos num teclado, exibida somente na tela de um micro, pode resultar em mudanças numa máquina industrial que não está diante deles. É preciso reeducá-los (os operários). Não se trata de treinar o homem apenas para mexer nos equipamentos automaticamente, como se fosse um robô. Não se trata de transformá-lo (o homem) numa peça da engrenagem da linha de montagem. Não basta saber operar uma máquina sem compreender o que está se fazendo. (Enfim) Ensinar computação, especialmente para os operários, é ensinar a mexer na máquina, mas sobretudo a entender o que ela pode fazer."

Perfeita a montagem.

1 – Errado, porque a sequência correta II – I – III – V– IV.

2 – Errado, porque o item IV representa a conclusão do texto. Os tópicos inter-Ârelacionados são I-III-V.

3 – Certo. Não há elementos que remetem a elementos presentes em outros tópicos.

4 – Certo. São dois elementos coesivos: a repetição da construção NÃO SE TRATA e a presença da forma pronominal LO (tópico V) referindo ao termo HOMEM (tópico III).

5 – Certo. A ideia de ênfase não se faz presente apenas pelo emprego de SOBRETUDO, mas também pelo uso de ESPECIALMENTE.

10. **(Esaf / ANA)**

Os trechos abaixo constituem um texto adaptado de http://www.ana.gov.br/prodes/prodes.asp, mas estão desordenados. Ordene-os e assinale a opção correta.

( ) Tal incremento da carga orgãnica poluidora nos corpos dâágua leva à escassez de água com boa qualidade, fato já verificado em algumas regiões do país.

( ) Entre os maiores desafios da gestão de recursos hídricos no Brasil está a redução das cargas poluidoras que degradam os corpos d'água.

( ) Tanto é assim que menos de 20% do esgoto urbano recebe algum tipo de tratamento, o restante é lançado nos corpos dâágua "in natura", colocando em risco a saúde do ecossistema e da população local.

( ) Nesse cenário, os efluentes domésticos representam uma das principais fontes de degradação dos ecossistemas aquáticos do território nacional.

( ) Principalmente em regiões metropolitanas, essa degradação da qualidade da água vem criando situações insustentáveis do ponto de vista de desenvolvimento.

a) 2, 1, 4, 5, 3;
b) 3, 2, 4, 5, 1;
c) 3, 5, 4, 2, 1;
d) 5, 1, 4, 3, 2;
e) 4, 3, 2, 1, 5.

Gabarito: D

O primeiro fragmento não pode iniciar o texto, visto que o emprego de TAL sugere que o incremento já foi citado anteriormente.

O segundo tópico pode dar início ao texto, uma vez que não possui elementos remissivos.

O início do terceiro fragmento deixa claro não poder dar início a um texto (Tanto é assim que).

O emprego de NESSE CENÁRIO, no quarto fragmento, indica que a situação já foi mencionada.

No quinto tópico, o uso de PRINCIPALMENTE e de ESSA DEGRADAÇÃO sugere que algo já foi mencionado em outro tópico.

Como somente o segundo tópico pode dar início ao texto – ponhamos 1 no segundo fragmento.

(X)
(1)
(X)
(X)
(X)

Passando para a horizontal – (X) (1) (X) (X) (X) –, a resposta somente pode ser

A ou D. A alternativa A é eliminada porque a sequência (2) (1) (X) (X) (X) é incoerente. Vejamos: "Entre os maiores desafios da gestão de recursos hídricos no Brasil está a redução das cargas poluidoras que degradam os corpos d'água. Tal incremento da carga orgãnica poluidora nos corpos dâágua leva à escassez de água com boa qualidade, fato já verificado em algumas regiões do país.". O emprego de TAL INCREMENTO sugere que um aumento, um acréscimo deveria ocorrer anteriormente, mas nunca uma redução.

Já a sequência (X) (1) (X) (X) (2) é perfeita: "Entre os maiores desafios da gestão de recursos hídricos no Brasil está a redução das cargas poluidoras que degradam os corpos d'água. Principalmente em regiões metropolitanas, essa degradação da qualidade da água vem criando situações insustentáveis do ponto de vista de desenvolvimento.".

11. **(AFC / CGU)**

Os trechos abaixo constituem um texto (Leandro Konder, Jornal do Brasil, 12/01/2008), mas estão desordenados. Ordene-os, indique a ordem dentro dos parênteses e assinale a opção que corresponde à ordem correta.

( ) Para sublinhar sua decisão de uma recusa radical daquilo que acontecia no mundo germãnico, modificou seu nome do alemão Karpfen para o francês Carpeaux.

( ) Sua vida tinha se tornado impossível na Áustria que Hitler tinha anexado à Alemanha.

( ) Em agosto de 1939, Carpeaux chegou ao Brasil fugindo da Holanda, em companhia de sua mulher, dona Helena.

( ) Carpeaux, de fato, era católico e tinha aspectos conservadores em seu pensamento. Mas a acusação era grotesca, pois o homem tinha vindo para cá, fugindo do nazismo.

( ) Um grupo de jovens de esquerda, percebendo que Carpeaux, em seus artigos, criticava o marxismo-leninismo, acusou-o de ser um simpatizante do nazismo.

a) 3,2,1,5,4;
b) 5,4,2,1,3;
c) 4,3,2,1,5;
d) 1,5,3,2,4;
e) 4,3,1,2,5.

Gabarito: A

O primeiro tópico não pode dar início ao texto, uma vez que o emprego do pronome possessivo SUA, indica que a decisão foi de alguém já mencionado.

O segundo tópico, pelo mesmo motivo do primeiro, também não pode dar início ao texto.

O terceiro tópico pode dar início ao texto, por não possuir elementos remissivos.

O emprego da expressão DE FATO sugere que o comentário aí proferido está em aquiescência a uma opinião exposta anteriormente.

O último tópico, por não possuir elementos remissivos, poderia iniciar o texto.

Observando as alternativas, como já dito, o último fragmento poderia dar início ao texto, porém, como não há nenhuma alternativa com o número 1 na quinta posição (X) (X) (X) (X) (1), podemos excluir essa possibilidade. Ficamos então somente com a possibilidade de 1 vir na terceira posição (X) (X) (1) (X) (X), havendo como possíveis respostas A e E. A alternativa A não pode ser a resposta, visto que a sequência (X) (X) (1) (2) (X) é incoerente, como veremos: "Em agosto de 1939, Carpeaux chegou ao Brasil fugindo da Holanda, em companhia de sua mulher, dona Helena. Carpeaux, de fato, era católico e tinha aspectos conservadores em seu pensamento. Mas a acusação era grotesca, pois o homem tinha vindo para cá, fugindo do nazismo." Não há relação entre o fato de Carpeaux ser católico com o fato relatado anteriormente. Já a sequência da letra A (X) (2) (1) (X) (X) fica perfeita: "Em agosto de 1939, Carpeaux chegou ao Brasil fugindo da Holanda, em companhia de sua mulher, dona Helena. Sua vida tinha se tornado impossível na Áustria que Hitler tinha anexado à Alemanha.".

12. **Os trechos a seguir foram adaptados de um texto de Ruy Castro, mas estão desordenados. Numere-os de forma que constituam um texto coeso e coerente e assinale a opção correta correspondente.**

( ) A Cãmara aprovou medida provisória com esse objetivo, que foi considerado eleitoreiro e danoso às contas públicas pela oposição.

( ) Entre as principais regras que podem represar recursos "não obrigatórios" - chamados de "transferências voluntárias"– está a LRF.

( ) Ela veda o repasse desses recursos para Estados e municípios que não estejam em dia com o pagamento de tributos federais e dívidas com a União, que tenham descumprido o gasto mínimo em educação e saúde ou que

tenham excedido o limite para dívidas e gastos com pessoal.

( ) O governo federal poderá repassar verbas do PAC a estados e municípios no período eleitoral, além de ignorar restrições existentes na LRF (Lei de Responsabilidade Fiscal) para esse tipo de transferência.

( ) Pelo texto, de autoria do Executivo, repasses para obras do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) definidas pelo governo tornam-se "obrigatórias", ou seja, ficam livres de regras que, em determinadas situações, impedem a transferência dos recursos inscritos na categoria "não obrigatórias".

1) 4 – 2 – 3 – 5 – 1;
2) 2 – 4 – 5 – 1 – 3;
3) 2 – 1 – 4 – 3 – 2;
4) 3 – 2 – 5 – 1 – 4;
5) 1 – 4 – 3 – 2 – 5.

Gabarito: B

O primeiro tópico não pode começar o texto, visto que o termo "esse objetivo" faz remissão a termos anteriores. O segundo tópico também não pode iniciar o texto, uma vez que a sigla LRF ainda não foi apresentada ao leitor. O terceiro tópico também não pode dar início ao texto, porquanto o pronome "Ela" faz menção a algo já mencionado. O quinto tópico também não pode dar início ao texto, pois não se esclarece que texto é esse (texto de quê?). Como somente o quarto tópico não possui elementos remissivos, chega-se Ã conclusão de que a resposta somente pode ser B ou D (X-X-X-1-X).

( )
( )
( )
(1)
( )

A sequência da D é

(3)
(2)
(5)
(1)
(4)

A sequência 1-2 da alternativa D é incoerente, senão vejamos: O governo federal poderá repassar verbas do PAC a estados e municípios no período eleitoral, além de ignorar restrições existentes na LRF (Lei de Responsabilidade Fiscal) para esse tipo de transferência. (1) / Entre as principais regras que podem represar recursos "não obrigatórios" – chamados de "transferências voluntárias"– está a LRF. (2) – Perceba a incoerência: O primeiro tópico fala em ignorar restrições existentes na LRF e o segundo tópico indica que a LRF está entre as principais regras que represar recursos "não obrigatórios".

A sequência exposta na alternativa B é perfeita.

(2)

(4)

(5)

(1)

(3)

Perceba que a sequência dos dois primeiros tópicos é bastante coerente: O governo federal poderá repassar verbas do PAC a estados e municípios no período eleitoral, além de ignorar restrições existentes na LRF (Lei de Responsabilidade Fiscal) para esse tipo de transferência. (1) / A Cãmara aprovou medida provisória com esse objetivo, que foi considerado eleitoreiro e danoso Ãs contas públicas pela oposição. (2). Repare que o termo "esse objetivo" refere-se Ã transferência de verbas do PAC a estados e municípios no período eleitoral.

Chegando-se a essa sequência, não há mais necessidade de se continuar a leitura do texto.

É importante o candidato ficar atento ao fato de que, por exemplo, quando se chega à conclusão de que o terceiro fragmento é o terceiro da sequência, não se deve procurar uma resposta começando pelo algarismo 3 (3-X-X-X-X – ERRADO), mas sim buscar uma resposta em que o algarismo 3 aparece na terceira posição (X-X-1-X-X).

13. **(Esaf / AFRF)**

Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e indique a sequência correta.

( ) Principalmente porque, com recursos parcos e uma formação basicamente literária, ele anteviu o mundo em que vivemos, no qual as palavras se

evaporam e se dispersam em redes virtuais, as ideias circulam em direções caóticas e a noção de sentido, quer dizer, de uma direção e de um futuro, se perde num presente em abismo.

( ) E no qual, enfim, depois de séculos de hostilidade e de enclausuramento, o homem se veria dissolvido em uma grande colcha democrática, capaz de abrigar a todos, sem lugares fixos e sem destinos rígidos, um mundo, por fim, em que poderíamos compartilhar uma mesma experiência.

( ) Profeta da morte da imprensa e do fim de um mundo linear e geométrico, ele antecipou, já nos anos 50 e 60, a chegada de um novo mundo unificado, na forma de grande teia, e gerido por uma espécie de alma suprapessoal.

( ) Nascido em 1911, em Edmonton, Canadá, Herbert Marshall McLuhan foi, afora erros e acertos de suas hipóteses, um pensador genial.

( ) Previa McLuhan que, nesse novo mundo unificado da mídia que estava a se afirmar, os homens se veriam imersos em uma grande malha global, um mundo devassado, sobreposto e instantâneo, no qual as ideias se dissolveriam e as diferenças se anulariam – exatamente como na cultura pop que ele mesmo via nascer.

(Adaptado de José Castello http://nominimo.ibest.com.br/notitia)

a) 5º, 3º, 2º, 1º, 4º;
b) 2º, 5º, 3º, 1º, 4º;
c) 3º, 2º, 4º, 5º, 1º;
d) 4º, 1º, 5º, 3º, 2º;
e) 1º, 4º, 2º, 5º, 3º.

Gabarito: B

Questão de ordenamento de fragmentos para a formação de um texto. De todos os fragmentos, somente o quarto pode iniciar o texto, pois todos os outros contêm termos fazendo remissão a elementos antecedentes. Sendo assim, buscam-se as opções em que o numeral cardinal 1º encontra-se na quarta posição. Portanto, somente as alternativas A e B podem ser a resposta. A alternativa A é excluída apenas na última sequência: o primeiro fragmento do texto seria o último da sequência textual: (4º) Previa McLuhan que, nesse novo mundo unificado da mídia que estava a se afirmar, os homens se veriam imersos em uma grande malha global, um mundo devassado, sobreposto e instantâneo, no qual as ideias se dissolveriam e as diferenças se anulariam – exatamente como na cultura pop que

ele mesmo via nascer. (5º) Principalmente porque, com recursos parcos e uma formação basicamente literária, ele anteviu o mundo em que vivemos, no qual as palavras se evaporam e se dispersam em redes virtuais, as ideias circulam em direções caóticas e a noção de sentido, quer dizer, de uma direção e de um futuro, se perde num presente em abismo. – Observe que essa sequência não faz sentido: o fato de McLuhan, mesmo com recursos parcos e uma formação basicamente literária, ter antevisto o mundo em que vivemos não é motivo (principalmente porque) para a previsão de que os homens se veriam imersos em uma grande malha global.

Já a sequência proposta na alternativa B é deveras coerente: (1º) Nascido em 1911, em Edmonton, Canadá, Herbert Marshall McLuhan foi, afora erros e acertos de suas hipóteses, um pensador genial. (2º) Principalmente porque, com recursos parcos e uma formação basicamente literária, ele anteviu o mundo em que vivemos, no qual as palavras se evaporam e se dispersam em redes virtuais, as ideias circulam em direções caóticas e a noção de sentido, quer dizer, de uma direção e de um futuro, se perde num presente em abismo. – Repare que Herbert Marshall McLuhan, mesmo com recursos parcos e uma formação basicamente literária, conseguiu antever o mundo em que vivemos, e, por isso, pode ser considerado um pensador genial.

14. **(Esaf / TRF)**

Abaixo estão os segmentos inicial e final de uma correspondência oficial. É preciso completá-la nos espaços pontilhados, ordenando os parágrafos na ordem em que devem constar no documento. Numere os parênteses, obedecendo aos princípios de coesão, coerência e encadeamento de ideias. Assinale, a seguir, a opção que reproduz a ordem correta.

E.M. n. 122 /Interministerial MF – CGU-PR

Brasília, 26 de setembro de 2005.

Excelentíssimo Senhor Presidente da República

Respeitosamente,

MURILO PORTUGAL FILHO

Ministro de Estado da Fazenda Interino

WALDIR PIRES

Ministro de Estado do Controle e da Transparência

(....) Com o objetivo de dar fiel cumprimento àquela determinação legal, cuja finalidade precípua consiste na preservação do princípio constitucional da publicidade, submetemos a Vossa Excelência o incluso Relatório de Gestão Fiscal do Poder Executivo Federal, referente ao período de janeiro a agosto do exercício de 2005.

(....) O referido Relatório deverá ser objeto de encaminhamento ao Congresso Nacional e ao Tribunal de Contas da União, conforme dispõe o art. 116 da Lei n. 10.934, de 11 de agosto de 2004.

(....) O Relatório de Gestão Fiscal, consoante determina a supracitada Lei, deve conter informações relativas à despesa total com pessoal, dívida consolidada, concessão de garantias e operações de crédito, devendo, no último quadrimestre, ser acrescido de demonstrativos referentes ao montante das disponibilidades de caixa em 31 de dezembro, de cada exercício e das inscrições em restos a pagar.

(....) Determina a mesma Lei que o Relatório deverá ser publicado e disponibilizado ao acesso público até trinta dias após o encerramento do período a que corresponder, prazo esse que, para o segundo quadrimestre de 2005, se encerra em 30 de setembro do corrente.

(....) A Lei Complementar n. 101, de 04 de maio de 2000, que estabelece normas de finanças públicas voltadas para a responsabilidade na gestão fiscal, exige, em seu art. 54, a emissão, ao final de cada quadrimestre, pelos titulares dos Poderes e órgãos referidos no art. 20, do Relatório de Gestão Fiscal assinado pelo respectivo Chefe e pelas autoridades responsáveis pela administração financeira e pelo controle interno, bem como por outras autoridades que vierem a ser definidas por ato próprio de cada Poder ou órgão.

(http://www.fazenda.gov.br/portugues/documentos/2005/relatorioLRF2005.pdf, com adaptações)

A sequência correta é:

a) 5 4 1 3 2;

b) 4 5 2 3 1;

c) 5 2 4 3 1;

d) 1 3 2 4 5;

e) 1 2 4 3 5.

Gabarito: B

Somente o último fragmento, por não possuir elementos que façam remissão a termos antecedentes, pode dar início ao texto, então deve o candidato buscar as alternativas em que o algarismo "1" encontre-se na última posição. Com isso, são excluídas as alternativas A, D e E. As opções B e C poderiam ser as respostas. Comparemos as continuidades das duas alternativas. A sequência proposta na opção C (5-2-4-3-1) possui um problema: sendo o terceiro fragmento o quarto (destacado) da sequência, haverá uma dúvida quanto à lei referida pelo termo "a supracitada Lei". O último fragmento (primeiro da sequência) menciona a Lei Complementar nº 101, o segundo fragmento (segundo da sequência proposta) alude ao art. 116 da Lei nº 10.934. Ou seja, não se saberia se a supracitada lei seria a Complementar 101 ou a 10.934. Já a alternativa B não apresenta essa ambiguidade, porquanto sendo o terceiro fragmento o segundo da sequência proposta, a supracitada lei só poderia referir-se à Lei Complementar nº 101 que aparece no último fragmento, o primeiro da sequência proposta.

15. **(AFRF)**

Marque, em cada item, o período que inicia o respectivo texto de forma coesa e coerente. Depois, escolha a sequência correta.

(Itens baseados em Emir Sader)

I O abandono da tematização do capitalismo, do imperialismo, das relações centro-periferia, de conceitos como exploração, alienação, dominação, abriu caminho para o triunfo do liberalismo.

(X) O socialismo, em consequência desses fatores, desapareceu do horizonte histórico, em virtude de ter ganho atualidade política com a vitória da Revolução Soviética de 1917.

(Y) O triunfo do neoliberalismo se consolidou quando o pensamento social passou a ser dominado por teses conservadoras.

II Compravam um passaporte para o camarote dos vencedores. Mas, como "há uma dignidade que o vencedor não pode alcançar", como dizia Borges, o que ganharam em prestígio perderam em capacidade de análise.

(X) Os que abandonaram Marx com soltura de corpo e com alívio, como se se desvencilhassem de um peso, na verdade não trocavam um autor por outro, mas uma classe por outra.

(Y) Eles substituíram a exploração de classes e de países pela temática do

totalitarismo, aperfeiçoando suas análises políticas ao vinculá-las à dimensão social.

III No mundo contemporãneo, tais modos nos permitem compreender a etapa atual do capitalismo, em sua fase de hegemonia política norte-americana.

(X) Para atender a atualidade, são necessários modos de compreensão férteis, capazes de dar conta das relações entre a objetividade e a subjetividade, entre os homens como produtores e como produtos da história.

(Y) Trata-se de uma compreensão míope, que ignora componentes essenciais ao fenômeno do capitalismo que estamos vivendo.

IV Quem pode entender a política militarista dos EUA e do seu complexo militar-industrial sem a atualização da noção de imperialismo?

(X) Quem pode entender hoje a crise econômica internacional fora dos esquemas da superprodução, essencial ao capitalismo?

(Y) Portanto, é a unipolaridade vigente há uma década que busca impor a dicotomia livre mercado/protecionismo.

V Nunca as relações mercantis tiveram tanta universalidade, seja dentro de cada país, seja nas novas fronteiras do capitalismo.

(X) O capitalismo dá mostras de enfrentar forte declínio, que leva os especialistas a preverem profunda fragmentação na ordem econômica interna de cada nação.

(Y) Assiste-se ao capitalismo em plena fase imperialista consolidada, em que as formas de dominação se multiplicam.

a) X,X,Y,Y,X;
b) Y,X,X,X,Y;
c) Y,Y,X,X,Y;
d) X,Y,Y,X,Y;
e) X,Y,Y,X,X.

Gabarito: B

Esta questão exige que o candidato leia o enunciado com bastante calma e perceba haver a solicitação tão-somente do início do texto em cada item, ou seja, não pode haver em X ou Y elementos remissivos. Por exemplo, no item 1 o fragmento "Em consequência desses fatores" indica que os fatores já deveriam ter sido citados anteriormente. Então, o item 1 só pode ser iniciado por Y. Sobraram

apenas as opções B e C. No item 2, X não apresenta elementos remissivos, podendo iniciar o texto. Já Y é introduzido "Eles substituíram", indicando que o pronome ELES refere-se a elementos que teoricamente já deveriam ter sido mencionados. O segundo item é X. Portanto, já se chega à resposta.

16. **(Esaf / ISS-RE)**

Em cada parágrafo, da questão 78, encimado por um subtítulo, ordene os itens de modo a formar um texto coeso e coerente. Descarte o item que não for coerente e coloque nesse item um "d". Marque, depois, a sequência correta.

( ) Igualmente importante é saber como o país chegou ao atual estágio de insegurança pública.

( ) É o que constata desde o Presidente da República até o brasileiro mais humilde.

( ) A prisão perpétua significa pouco ou nada para eles

( ) Para combatê-la é preciso distribuir renda.

( ) A violência atingiu um grau insuportável, que não pode mais ser tolerado.

( ) Mas não é só: estamos propondo a criação da Cãmara de Combate à Violência, nos moldes da Cãmara de Energia.

a) 3,1,d,5,4,2;

b) 5,2,d,3,1,4;

c) 4,1,d,3,2,5;

d) d,1,5,4,2,3;

e) 2,5,3,4,1,d.

Gabarito: B

Essa questão pode ter uma solução diferente. Na realidade, o "d" é apenas um elemento para assustar o candidato, mas que não interfere na resposta. Se você for atento, perceberá, pelas alternativas, que a primeira parte do texto ou será o segundo fragmento (A, C ou D) ou o penúltimo (B ou E). Como o segundo fragmento (É o que constata desde o Presidente da República até o brasileiro mais humilde.) não pode dar início ao texto, até porque o pronome demonstrativo "o" é referente a algo que já deveria estar mencionado no texto, podem-se excluir as alternativas A, C e D. Ficamos, então, com as alternativas B e E. A sequência da E não é coerente: "A violência atingiu um grau insuportável, que não pode mais ser tolerado. Igualmente importante é saber como o país chegou ao atual estágio de

insegurança pública.". Destarte, a resposta só pode ser a B. Observemos a sequência dos dois primeiros fragmentos: "A violência atingiu um grau insuportável, que não pode mais ser tolerado. É o que constata desde o Presidente da República até o brasileiro mais humilde.". Perfeito. No frigir dos ovos, não houve a menor necessidade de fazer uso do "d" para se chegar à resposta.

17. **(AFRF)**

Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial de O Globo, de 24/8/2009, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e indique a opção que corresponde à sequência correta.

( ) Até mesmo em países com regras rígidas (França e Alemanha, por exemplo), sindicatos perceberam a gravidade desse momento e aceitaram negociar reduções temporárias de jornada de trabalho com respectiva diminuição de salários e benefícios, em contrapartida à manutenção de empregos.

( ) A recente crise econômica mundial – que por pouco não empurrou o planeta para uma depressão tão terrível como a de 1929-1934 – mostrou, na prática, a importãncia de se ter flexibilidade nos contratos de trabalho.

( ) Diante de tal experiência, a insistência em se discutir uma redução da jornada de trabalho para 40 horas semanais (sem alteração de salários) parece esdrúxula. Mudar uma das bases das regras contratuais em meio a uma conjuntura ainda nebulosa representa enorme risco para os trabalhadores.

( ) Dessa forma, o impacto da crise sobre o mercado de trabalho, especialmente no Brasil, não chegou a ter a dimensão trágica que a crise certamente causaria em outra situação, de mais rigidez nas regras contratuais. E isso sem dúvida contribuiu para abreviar o período recessivo.

( ) No Brasil ocorreu algo semelhante àqueles países. A indústria demitiu, mas, em alguns setores (mineração, siderurgia, bens de consumo duráveis), o quadro teria sido pior não fosse a possibilidade de se recorrer a férias coletivas, licenças parcialmente remuneradas, banco de horas etc.

a) 1,2,4,3,5;
b) 2,1,5,4,3;
c) 4,1,3,5,2;
d) 3,4,1,2,5;

e) 5,3,2,1,4.

Gabarito: B

O primeiro, o terceiro, o quarto e o quinto fragmento não podem dar início ao texto, porquanto os termos "desse momento", "Diante de tal experiência", "Dessa forma" e "àqueles países" indicam que algo já foi mencionado anteriormente. As possíveis respostas são B e C. Exclui-se a alternativa C, visto que a sequência proposta indica o último fragmento como o segundo, o que gera incoerência. Quando se faz menção a "àqueles países", no fragmento inicial os países teriam que ser citados. A alternativa B fica perfeita: "A recente crise econômica mundial – que por pouco não empurrou o planeta para uma depressão tão terrível como a de 1929-1934 – mostrou, na prática, a importãncia de se ter flexibilidade nos contratos de trabalho." / "Até mesmo em países com regras rígidas (França e Alemanha, por exemplo), sindicatos perceberam a gravidade desse momento e aceitaram negociar reduções temporárias de jornada de trabalho com respectiva diminuição de salários e benefícios, em contrapartida à manutenção de empregos.".

18. **(Analista Tributário)**

Os trechos a seguir constituem um texto adaptado de O Globo, Editorial, 14/10/2009, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e indique a sequência correta.

( ) Esse quadro se alterou significativamente: em volume, a produção nacional de petróleo vem se mantendo próxima aos patamares de consumo doméstico. A redução dessa dependência no campo da energia foi acompanhada por um salto expressivo nas exportações brasileiras (que cresceram uma vez e meia na última década), com razoável equilíbrio entre produtos básicos e manufaturados na pauta de vendas.

( ) Apesar de a economia brasileira ter ainda um grau de abertura relativamente pequeno para o exterior – se comparado à média internacional –, o cãmbio sempre foi apontado com um dos fatores mais vulneráveis do país. No passado, o Brasil era muito dependente de petróleo importado e de insumos essenciais para a indústria.

( ) Além desse equilíbrio, os programas de ajuste macroeconômico têm garantido uma estabilidade monetária que ampliou o horizonte de investimentos e as possibilidades de um desenvolvimento sustentável de longo prazo.

( ) Tal promoção foi reforçada pela capacidade de reação da economia brasileira à recente crise financeira, a mais grave que o mundo atravessou desde o fim da Segunda Guerra Mundial.

( ) Assim, as principais agências classificadoras de risco promoveram a economia brasileira para a categoria daquelas que não oferecem risco cambial aos investidores estrangeiros.

a) 2, 1, 3, 5, 4;
b) 5, 3, 4, 1, 2;
c) 4, 5, 2, 3, 1;
d) 3, 2, 1, 4, 5;
e) 4, 1, 2, 3, 5.

Gabarito: A

O primeiro, o terceiro, o quarto e o quinto fragmento não podem dar início ao texto, porquanto os termos "Esse quadro", "Além desse equilíbrio", "Tal promoção" e "Assim" indicam que algo já foi mencionado anteriormente. Destarte, somente o segundo fragmento pode dar início ao texto, o que nos leva a duas possíveis respostas: A ou E (X-1-X-X-X). A sequência proposta na E é incoerente, dado que o terceiro fragmento, ao se iniciar por "Além desse equilíbrio", indica que "o equilíbrio" já deveria ter sido citado no segundo fragmento. Já a sequência (2-1-X-X-X) é perfeita: "Apesar de a economia brasileira ter ainda um grau de abertura relativamente pequeno para o exterior – se comparado à média internacional –, o câmbio sempre foi apontado com um dos fatores mais vulneráveis do país. No passado, o Brasil era muito dependente de petróleo importado e de insumos essenciais para a indústria." / "Esse quadro se alterou significativamente: em volume, a produção nacional de petróleo vem se mantendo próxima aos patamares de consumo doméstico. A redução dessa dependência no campo da energia foi acompanhada por um salto expressivo nas exportações brasileiras (que cresceram uma vez e meia na última década), com razoável equilíbrio entre produtos básicos e manufaturados na pauta de vendas.".

19. **(MPOG)**

Numere em que ordem os trechos abaixo, adaptados do ensaio Lula e o mistério do desenvolvimento, de Maílson da Nóbrega (publicado em VEJA, de 26 de agosto, 2009), dão continuidade à oração inicial, numerada

como (1), de modo a formar um parágrafo coeso e coerente.

(1) Mudanças culturais estão na origem do sucesso dos atuais países ricos.

( ) De fato, as lutas mortais dos gladiadores, entre si e com as feras, divertiam os romanos; execuções públicas eram populares na Inglaterra até o século XVIII.

( ) Por isso, a alfabetização disseminada e habilidades aritméticas, antes irrelevantes, adquiriram importãncia para a Revolução Industrial.

( ) Esses instintos foram substituídos por hábitos fundamentais para o desenvolvimento: trabalho, racionalidade e valorização da educação.

( ) Elas os fizeram abandonar instintos primitivos de violência, impaciência e preguiça.

( ) Como consequência dessas mudanças, a classe média cresceu; valores como poupança, negociação e disposição para o trabalho se firmaram nas sociedades bem-sucedidas.

A sequência obtida é

a) (1) (2) (4) (5) (6) (2);
b) (1) (3) (2) (6) (4) (6);
c) (1) (4) (2) (6) (5) (3);
d) (1) (3) (5) (4) (2) (6);
e) (1) (2) (6) (4) (3) (5).

Gabarito: D

Questão interessante, em que o primeiro tópico já se encontra definido. A busca se faz pelo segundo tópico. É de bom alvitre perceber que algumas opções estão prejudicadas como a A e a B, visto que há repetição de número (2 na A e 6 na B). De qualquer forma, tal problema não chega a invalidar a questão, até porque estas alternativas não seriam a resposta. Somente o penúltimo fragmento pode ser o segundo da sequência, visto que nele há dois elementos coesivos: o pronome ELAS que faz referência ao termo MUDANÇAS CULTURAIS; e o pronome oblíquo OS que remete à expressão ATUAIS PAÍSES RICOS. Vejamos a sequência: "Mudanças culturais estão na origem do sucesso dos atuais países ricos. Elas (Mudanças culturais) os (atuais países ricos) fizeram abandonar instintos primitivos de violência, impaciência e preguiça.".

Capítulo 8

Semântica Verbal

1º PASSO. O usuário da língua deve compreender que a ideia de presente não é o momento em que se vive, ou o do recebimento da mensagem. Toda referência de tempo presente é o momento em que o texto é confeccionado, ou seja, o momento no qual o autor produz o texto.

8.1. MODO INDICATIVO

Indica, em regra, um evento real, não hipotético.

Presente – Indica um hábito presente. Não há necessidade efetiva de o fato estar ocorrendo. Podemos encontrar matizes semânticos distintos dentro deste tempo verbal, que irão desconstruir o raciocínio de que o presente representa o momento em que a ação acontece. Vejamos:

Presente Pontual – representa o momento em que a ação se desenvolve.

Ex.: Eu **estou** lendo esta frase. (A leitura acontece agora).

Presente Habitual ou Frequentativo – a essência do hábito é o intervalo entre fazer ou não determinada coisa.

Ex.: Eu **durmo** bem todos os dias. (Não estou dormindo agora, mas há um intervalo entre dormir e não dormir).

Presente Permanente – ocorre sem parar.

Ex.: A Terra **gira** em torno do Sol. (Reparemos que a Terra não para de girar, permanece a todo instante girando)

Pretérito perfeito – Indica um evento passado encerrado, finalizado. Pode-se usar o termo "ontem" para efetuar a sua conjugação. O pretérito perfeito também pode ser chamado de passado pontual.

Ex.: Você leu o jornal do último sábado?

Pretérito imperfeito – Denota um evento habitual, costumeiro no passado. Para a sua conjugação, é interessante o uso de "antigamente". Esse tempo pode ser chamado também de passado habitual, frequentativo ou impontual.

Ex.: Nós nos encontrávamos diariamente.

Pretérito mais-que-perfeito – Denota uma ação passada anterior a outro fato também passado. É importante frisar que, para o seu uso ser perfeito, é fundamental já haver outro elemento também com ideia de passado. Algumas bancas já usaram a denominação passado do passado para representar o pretérito mais-que-perfeito.

Ex.: Quando eu entrei na sala, ela já desligara a televisão.

Observe que a ação de desligar a televisão é pretérita e ainda anterior a outra ação passada: a de entrar na sala.

Futuro do presente – Indica uma ação futura em relação ao momento em que o texto foi confeccionado ou em relação a uma condição futura. Por consequência, acabará coligado ao futuro do subjuntivo. Para a sua conjugação, pode ser utilizado "amanhã". Este tempo é considerado, apesar de futuro, factual, e não hipotético.

Ex.: Na próxima semana, faremos a prova.

Se você estudar, aprenderá a matéria.

Futuro do pretérito – Indica uma consequência futura de um fato passado. É importante compreender que, nesta situação, a referência não é o momento em que o autor confeccionou o texto. Diferentemente do futuro do presente (futuro em relação ao momento presente – momento da criação do texto), o evento é um efeito futuro de um fato que não ocorreu. Sendo assim, a consequência poderia ser certa, provável ou duvidosa, em conformidade com os elementos que o texto oferecer. Torna-se, por fim, fundamental concluir que, por este tempo representar uma consequência futura de fato passado, é natural que fique coligado ao pretérito imperfeito do subjuntivo.

Ex.: Se você trouxesse uma cerveja, eu a beberia.

Preste atenção a esta explicação: a condição não ocorreu, portanto o efeito também não. Imagine a seguinte situação: o autor da frase gosta de todas as marcas de cerveja, portanto se o outro trouxesse a cerveja, ele com certeza beberia. Digamos que ele goste apenas de 50% das marcas, então se o outro trouxesse a cerveja, possivelmente (dúvida) o autor da frase beberia. Por fim, imaginemos que o texto indique que há a aprovação de quase todas as cervejas, portanto se o outro trouxesse a cerveja, o autor provavelmente a beberia. Destarte, torna-se fundamental o contexto para se concluir se a consequência é

certa, provável ou duvidosa.

Obs.: O futuro do pretérito também pode indicar uma ideia de polidez. É muito comum a resposta GOSTARIA quando alguém nos oferece algo. Este uso indica uma forma mais educada de expressão.

Os verbos no pretérito imperfeito do indicativo, mormente de segunda e terceira conjugação, tornam-se parecidos com os do futuro do pretérito. Então em várias ocasiões, percebe-se que o pretérito imperfeito acaba substituindo o futuro do pretérito. Nas questões de correlação, tal fato parece ser admitido pelo NCE, o mesmo já não ocorrendo com a Esaf.

Ex.: A consequência de tal fato é que, até mesmo quando o verbo indicar ideia de polidez, faz-se possível o verbo no pretérito imperfeito, substituindo o futuro do pretérito. Leitor, imagine a seguinte situação: se alguém perguntar se você deseja água (e você está com sede), o que você responderia? Provavelmente, "eu aceitaria" ou "eu aceitava", ambos com valor de polidez.

Obs.: Mais raro é o uso do futuro do presente do indicativo com valor de polidez. Caro candidato a um cargo público, pense na seguinte situação: você está assistindo a uma aula e percebe que o professor equivocou-se. Como chamar a atenção dele? Você poderia dizer: – Professor, o senhor está enganado! Você também poderia dizer o mesmo de forma mais polida: – Professor, o senhor não estará (estaria) enganado?

8.2. MODO SUBJUNTIVO

Indica, em geral, evento hipotético, possível, duvidoso.

Presente – Fato atual expressando possibilidade, dúvida. Pode-se utilizar MARIA QUER QUE para a sua conjugação neste tempo.

Ex.: Talvez ele venha.

Pretérito imperfeito – Mostra uma situação hipotética no passado que geraria um efeito futuro. É recomendável utilizar "se ontem" para a conjugação verbal neste tempo.

Ex.: Se ele estudasse, aprenderia a matéria.

Futuro – Indica uma condição futura anterior a uma consequência também

futura. Podem-se utilizar as estruturas "se amanhã" ou o consagrado "quando" para conjugação verbal neste tempo.

Ex.: Se ele voltar aqui, todos ficarão felizes.

BIZU

Quando negamos o presente do subjuntivo, passamos a ter uma ideia factual e não hipotética. É importante observarmos isso, pois, em regra, o modo subjuntivo é considerado hipotético.

Ex.: Não há um ser humano que **não saiba** que o uso excessivo de medicamentos sem respaldo médico pode fazer mal à saúde. (Ou seja, todos os seres humanos sabem. A ideia é factual (certeza) e não hipotética.

8.3. MODO IMPERATIVO

Indica ideia de ordem (quem recebe é obrigado a cumpri-la), solicitação (quem recebe o pedido não é o beneficiado), conselho (quem recebe a sugestão é o beneficiado).

Ex.: Por favor, pega um copo de cerveja.

Pedido, solicitação (quem pediu é o beneficiado)

Ex.: Soldado, venha aqui!

Ordem (o soldado é obrigado a cumprir a ordem)

Ex.: Não te atrases, que serás demitido.

Conselho, sugestão (quem recebe o conselho é o beneficiado pelo próprio conselho)

BIZU

Torna-se fundamental lembrar ao leitor que a Língua não é uma ciência exata. Verbos podem ser usados em um determinado tempo – mormente o presente – com valor semântico de outro.

Ex.: "Se, até amanhã à tarde, você não tiver devolvido a cadeira, a mesa e a máquina de escrever, mando um caminhão buscar em sua casa e conto para os jornais, faço um barulho louco" (Fernando Sabino). – "Mando", "conto" e "faço" estão no presente do indicativo com valor de futuro do presente.

Ex.: No dia primeiro de maio de 1994, morre o piloto Ayrton Senna.

Observe que o verbo no presente do indicativo tem ideia de pretérito perfeito.

Esta situação também foi registrada como presente histórico.

Ex.: Se eu te vejo amanhã, eu te entregarei o material.

VEJO no presente do indicativo possui gritante valor de futuro do subjuntivo.

8.4. OUTRAS SEMÂNTICAS VERBAIS

Semanticamente, existem vários ramos distintos que analisam o envolvimento dos verbos com os demais termos do período. O próprio termo semântica já é uma generalização. Mostraremos, neste tópico, a divisão verbal sintático-semântica apresentada por Borba (1996). Tal estudioso propõe a seguinte abordagem verbal:

Verbos de ação: mostram uma atividade desempenhada por um termo agente (sujeito). Para Borba (1996, p. 58), "os verbos de ação expressam uma atividade realizada por um sujeito agente. Indicam, portanto, um fazer por parte do sujeito: o pássaro voa; o garoto brinca; o sábio pensa". Essa visão é ratificada por Chafe (1979). Conforme Chafe (1979, p. 97), o verbo de ação "exige que um nome o acompanhe, que o nome se relacione com ele como um agente e que o nome se especifique como animado, talvez também como humano".

(1) Tiago andou..

Verbos de processo: representam um acontecer. De acordo com BORBA (1996, p. 58), "os verbos de processo expressam um evento ou sucessão de eventos que afetam um sujeito paciente ou experimentador". Para Neves (2000, p. 26), "os **verbos** [de processo] envolvem uma relação entre um **nome** e um **estado**, e o **nome** é **paciente** do **verbo** (**afetado**)".

(2) A água ferveu.

Percebemos, na oração (2), que o sujeito a água é paciente, pois ele é diretamente afetado pelo verbo. Na oração (1) o sujeito Tiago não é afetado pelo verbo, mas sim, ele é o indivíduo que determina a ação expressa pelo verbo.

Verbos de ação-processo: desenvolvem tanto um processo quanto uma ação. Segundo Chafe (1979, p. 100), "como processo, ele implica uma mudança na condição de um nome, seu paciente. Como ação, expressa o que alguém, seu agente, faz".

(3) Pedro destruiu o computador.

Na oração (3), há um agente que pratica a ação expressa pelo verbo destruir, há um acontecimento, o computador destruiu, e, por último, há um paciente que sofre uma transformação, o computador estava inteiro, mas não está mais.

Verbos de estado: a divisão sintático-semântica dos verbos de estado não

obedece à mesma ordem estabelecida na gramática tradicional. Em primeiro lugar, a gramática tradicional chama de verbos de estado somente a uma pequena parte dos verbos estativos. Os verbos de estado também são designados pela gramática tradicional como verbos de ligação. Em segundo lugar, muitos verbos que a gramática tradicional classifica como verbos de ação pertencem ao grupo semântico dos verbos de estado, pois não apresentam uma ação, mas sim um estado permanente. É o caso de gostar, a gramática tradicional o classifica como verbo de ação, mas não existe um agente que pratique uma ação, e sim um experienciador que experimenta uma sensação psicológica de gostar de algo. Assim sendo, a semântica classifica esse verbo como um verbo de estado, pois não há nem ação, nem agente envolvido na predicação.

Dessa forma, a semântica inclui na classe dos verbos de estado não só os tradicionais verbos de ligação, mas também, muitos dos verbos tradicionalmente classificados pela sintaxe como verbos de ação.

Segundo Borba (1996, p. 60), "os verbos de estado expressam uma propriedade (estado, condição, situação) localizada no sujeito, que é, pois, mero suporte dessas propriedades ou, então, seu experimentador ou beneficiário". Para Vilela (2001, p. 67), "os **verbos de estado** são os verbos com que se configura verbalmente a duração de um ser, a permanência de um estado, sem que, com isso, se implique a completa imutabilidade (...)". Portanto, verbos como viver, ser, estar, continuar, ter, gostar farão parte da classe dos verbos de estado.

8.5. EXERCÍCIOS

01. **(NCE / INPI)**

"As aeromoças ainda teriam tentado prendê-lo num compartimento na traseira, mas estava bloqueado". O emprego da forma verbal teriam tentado indica que a ação:

a) é uma possibilidade e não uma certeza;

b) ocorreu após largo espaço de tempo;

c) vai ocorrer num futuro próximo;

d) vai ocorrer num futuro distante;

e) ocorreu várias vezes no passado.

Gabarito: A

Reparemos que o verbo empregado está no FUTURO DO PRETÉRITO (teriam). Tal tempo e modo transmitem uma ideia de dúvida, hipótese. E o próprio contexto deixa isso bem claro, afinal "teriam tentado prendê-lo" significa que ainda não houve a prisão. A opção A representa toda a situação da forma verbal no contexto.

02. **(NCE / INPI)**

"... desses mesmos sentimentos que têm levado o Brasil à beira do abismo..." A forma verbal têm levado indica uma ação:

a) que já terminou;

b) anterior a outra ação passada;

c) habitual no passado;

d) iniciada no passado que continua no presente;

e) iniciada no presente que continua no futuro.

Gabarito: D

A forma verbal **têm levado** indica que a ação teve início no passado e se estende até o presente. Tal forma verbal não pode ser interpretada, no contexto, como algo que simplesmente começou e acabou, não existindo mais.

03. **(NCE / Engepron)**

"Os aperfeiçoamentos do aparelho, com o tempo viriam, certamente, como depois vieram..." O emprego do futuro do pretérito, no caso, se justifica porque se trata de:

a) uma ação provável;

b) uma ação futura em relação ao tempo passado;

c) uma ação completamente passada;

d) um fato hipotético;

e) um fato que é fruto da imaginação humana.

Gabarito: B

O tempo verbal está no futuro do pretérito que indica uma consequência futura de um fato passado; logo, aquela assertiva que reforça tal semântica é exatamente a opção B.

04. **(Fundec / Proderj)**

Na correlação entre os dois verbos sublinhados no trecho "Do décimo andar à rua, <u>seria</u> a vertigem, se <u>chegássemos</u> muito à janela...", o enunciador manifesta uma atitude de:

a) certeza, pois sabe que o fato não pode acontecer;
b) subjetividade, pois não sabe se o fato tem possibilidade de acontecer;
c) dúvida quanto à possibilidade de um fato acontecer, pois não há hipótese de o outro também acontecer;
d) certeza quanto à possibilidade de um fato acontecer, na condição de também o outro acontecer;
e) descrença sobre a realização do fato, pois está condicionado à realização de outro fato.

Gabarito: D

Pelo contexto, percebemos que só haveria vertigem, se houvesse aproximação da janela. Então, há certeza quanto à vertigem, porém, para que ela se concretizasse, dependíamos da realização de outro evento: aproximar-se da janela. Dessa forma, a melhor opção é exatamente a letra D.

05. **(NCE / PC)**

A CIÊNCIA

A ciência permanecerá sempre a satisfação do desejo mais alto da nossa natureza, a curiosidade; ela fornecerá sempre ao homem o único meio que ele possui para melhorar a própria sorte (Renan).

O emprego do futuro do presente do indicativo no segmento significa:

a) certeza dos fatos futuros;
b) possibilidade de fatos futuros;
c) incerteza dos fatos futuros;
d) dúvida sobre os fatos futuros;
e) desejo do autor sobre os fatos futuros.

Gabarito: A

O futuro do presente é considerado factual e, além disso, o próprio texto dá a entender, com o emprego do advérbio sempre, que a ação já acontece e que irá continuar certamente.

06. **(NCE / CNEN)**

Um programa de educação infantil encontra a sua essência na proposta da vida regida pela castidade". O uso do presente do indicativo neste segmento do texto se justifica porque:

a) enuncia um fato atual;

b) indica estados permanentes;
c) expressa uma ação habitual;
d) dá vivacidade a fatos ocorridos;
e) marca um fato futuro, mas próximo.

Gabarito: B

O programa de educação infantil nunca deixará de encontrar sua essência na proposta de vida regida pela castidade, ou seja, é algo permanente. A forma verbal ENCONTRA, apesar de estar no presente, representa uma ação que não se acaba, independentemente do momento em que tal tempo verbal esteja sendo empregado. Esse tipo de presente recebe o nome de presente permanente.

07. **(NCE)**

Qual o valor do futuro do pretérito na frase seguinte: "Quando chegamos ao colégio em 1916, a cidade teria apenas uns cinquenta mil habitantes"?

a) Fato futuro, anterior a outro fato futuro.
b) Fato futuro, relacionado com o passado.
c) Suposição, relativamente a um momento futuro.
d) Suposição, relativamente a um momento passado.
e) Configuração de um fato já passado.

Gabarito: D

O tempo verbal está no futuro do pretérito que indica uma consequência futura de um fato passado; logo, aquela assertiva que reforça tal semântica é exatamente a opção D.

08. **(MP)**

Considerando que a ação de agredir o jogador brasileiro Antonio Carlos ocorreu antes de o Lazio perder o mando do campo, ação também passada, o verbo "agredir" deveria estar no:

a) mais-que-perfeito do indicativo;
b) imperfeito do indicativo;
c) futuro do pretérito;
d) imperfeito do subjuntivo;
e) presente do subjuntivo.

Gabarito: A

Representa o passado do passado, ou seja, uma ação passada anterior a outra também passada; logo, estamos tratando do pretérito mais-que-perfeito

09. **(MP)**

RACISMO

O Globo, 13/7/2001

A imprensa brasileira vem noticiando uma proposta milionária do Lazio da Itália, que pretende adquirir o passe do zagueiro Juan por 10 milhões de dólares. Este é o time cuja torcida já agrediu o jogador brasileiro Antonio Carlos, do Roma, e perdeu o mando de campo por incitamento racista em pleno estádio.

Aqui fica uma sugestão a este jovem negro, atleta brasileiro de 22 anos, com um brilhante futuro profissional: recuse o convite e não troque o Brasil pela Itália, pois moedas não resgatam a dignidade. Diga não aos xenófobos e racistas.

"A imprensa brasileira vem noticiando..." Com a utilização do tempo verbal destacado, o autor do texto quer referir-se a uma ação que:

a) acaba de terminar;

b) acaba de começar;

c) se iniciou antes de outra ação passada;

d) se iniciou há pouco tempo e permanece no presente;

e) se repete no passado e no presente.

Gabarito: D

A forma verbal **vem noticiando** indica que a ação se iniciou no passado recente (pode-se inferir que foi há pouco tempo visto que se trata de notícia de jornal) e se estende até o presente. Tal forma verbal não pode ser interpretada, no contexto, como algo que simplesmente começou e acabou, não existindo mais. Não podemos pensar também em passado do passado, pois isso está para o pretérito mais-que-perfeito. Talvez, alguns tenham ficado na dúvida em relação à opção E, mas tal opção não pode ser a resposta pelo fato de não passar a ideia de habitualidade que a forma verbal **vem noticiando** transmite, ou seja, a letra E dá a entender que ação aconteceu no passado e parou de acontecer, depois a mesma ação volta a acontecer no futuro, eliminado a frequência, a habitualidade, como se fossem dois pontos isolados na linha do tempo. Um no passado e outro no futuro, não existindo nada mais nesse ínterim.

Capítulo 9

Figuras de Linguagem

9.1. FIGURAS DE SOM OU HARMONIA

Aliteração – Indica a repetição de fonemas (consoantes) idênticos ou semelhantes no início de palavras de uma frase ou de versos de uma poesia.

Ex.: "O rato roeu a roupa do rei de Roma."

Onomatopeia – Figura que procura representar graficamente sons.

Ex.: Zum-zum, trim, atchhhim…

Paronomásia – Figura que representa palavras com sons parecidos, mas com significados diferentes.

Ex.: "berro pelo aterro pelo desterro" (Caetano Veloso)

9.2. FIGURAS DE CONSTRUÇÃO OU SINTAXE

Anacoluto – Consiste no aparecimento de um termo no início de um período que não terá ligação sintática com o restante dos termos posteriores.

Exemplos:

"Eles, o seu único desejo é exterminar-nos." (Garret)

"O Presidente, estes cidadãos não quiseram ouvir-nos."

Anáfora – Consiste na repetição de uma ou mais palavras no início de diferentes versos ou frases.

Exemplos:

"Depois eu dou. Depois eu deixo. Depois eu levo. Depois eu conto." (F. Sabino)

Não sei, não vi, não quero saber.

Alguém falou, alguém gritou, alguém brigou.

Anástrofe ou inversão – Consiste na inversão da ordem direta da frase.

Exemplos:

Ao Flu o Fla vencerá. (a ordem natural seria O Fla vencerá o Flu.)

Sabe mortos enterrar? (João Cabral de Melo Neto) (Sabe enterrar mortos?)

Obs.: É um tipo de inversão mais brando que o HIPÉRBATO.

Assíndeto – Consiste na construção de sequência de orações coordenadas aditivas; não apresentando, contudo, conjunção.

Exemplos:

"Vim, vi, venci." (Julio César)

As mulheres hoje estudam, trabalham, disputam funções com os homens, cuidam da casa, não descansam.

Elipse – Consiste na omissão de um termo facilmente subentendido.

Exemplos:

"Ao redor, bons pastos, boa gente, terra boa para arroz." (Guimarães Rosa) – (Há) bons pastos…

"Uma de suas funções, como membro da presidência da Câmara, era a de zelar pelos móveis e demais pertences." (Fernando Sabino) -… era a (função) de zelar…

Hipálage – Consiste em atribuir a um ser ou coisa uma qualidade ou ação que logicamente pertence a outro ser que também está expresso na mesma frase.

Exemplos:

"O vôo negro dos urubus fazia… (G. Ramos) (Negro, na verdade, é qualificativo para "urubus").

O movimento pesado dos elefantes… (o movimento não é pesado, e sim os elefantes.)

Hipérbato – Indica inversão de termos dentro de orações ou versos. Esta inversão é mais significativa do que na anástrofe.

Exemplos:

"Ouviram do Ipiranga as margens plácidas

de um povo heróico o brado retumbante…"

– As margens plácidas do Ipiranga ouviram o brado retumbante de um povo heróico.

"É esta de teu querido pai a mesma barba, a mesma boca e testa." (Tomás Antônio Gonzaga)

– É esta a mesma barba, a mesma boca e testa de teu querido pai.

Pleonasmo ou Redundancia – Emprego de palavras ou expressões de significado equivalente, com a finalidade de reforçar uma ideia.

Exemplos:

Vi com meus próprios olhos a terrível cena.

Perdoe-me pelo amor divino de Deus.

Polissíndeto – Consiste na repetição intencional de conjunções, ligando palavras ou orações de período.

Exemplos:

João corre e nada e joga futebol e pedala e nunca descansa.

Ele não veio nem virá nem telefonará nem se explicará.

Prolepse ou Antecipação – Consiste na antecipação de um termo com escopo de destacá-lo.

Exemplos:

Os alunos parece que não se preocupam com as provas. – A ordem natural seria: Parece que os alunos não se preocupam com as provas.

"O próprio ministro dizem que não gostou do ato." (Machado de Assis) – A ordem natural seria: Dizem que o próprio ministro não gostou do ato.

Repetição ou reduplicação – Consiste na repetição proposital de palavras ou expressões, tanto na poesia quanto na prosa.

Exemplos:

"É pau…É pedra…É o fim do caminho…É um pedaço de toco…" (Tom Jobim)

"Cantei, Cantei, Cantei,

Como é cruel cantar assim…" (Chico Buarque)

Silepse – Também conhecida como concordância ideológica, esta figura ocorre quando a concordância se faz não com a palavra expressa na frase, mas com a ideia que esta palavra sugere.

de gênero

Exemplos:

Vossa Majestade é muito bondoso.

Sua Santidade estava abatido.

de número

Exemplos:

Coisa curiosa é aquela gente. Divertem-se com tão pouco.

A banda Flor chegou ao sucesso depois de cinco anos. Já gravaram oito discos.

de pessoa

Exemplo:

Os brasileiros somos muito desconfiados.

Sínquise – Consiste numa tão significativa inversão de termos, que dificulta a compreensão do efetivo sentido.

"Do tamarindo a flor jaz entreaberta,

Já solta o bogari mais doce aroma,

Também meu coração, como estas flores,

Melhor perfume ao pé da noite exala!"

Camões

Zeugma – É a omissão de uma palavra já expressa anteriormente na oração. Trata-se de um caso especial de elipse.

Exemplos:

"A igreja era grande e pobre. Os altares, humildes." (Carlos Drummond de Andrade) – Os altares (eram) humildes.

Eu fiz os salgados, Maria, os doces. -…Maria (fez) os doces.

9.3. FIGURAS DE PENSAMENTO

Antítese – Consiste na colocação, lado a lado, de termos opostos, mas que não causam ideias sem nexo.

Exemplos:

"Cabelos longos, ideias curtas."

Uma exposição clara para uma ideia tão complicada.

Eufemismo – Indica a atenuação ou suavização de ideias consideradas desagradáveis, cruéis ou ofensivas.

Exemplos:

Ele entregou a alma a Deus. (Em vez de: Ele morreu.)

Ela sofre de doença ruim. (Em vez de: câncer)

Hipérbole – Consiste no exagero proposital das coisas.

Exemplos:

Ele morreu de medo quando me viu.

Nós chegamos aqui há um século.

Ironia – Consiste em expressar o contrário do que se pensa, mas dando a entender o real pensamento. Normalmente, a ironia adquire traços humorísticos.

Exemplos:

Aqueles amorosos bandidos mataram a família inteira.

Os confiáveis deputados precisam receber o "mensalão", pois seus salários são muitos baixos.

Paradoxo ou oxímoro – Trata-se de uma figura que relaciona duas palavras antônimas dando conceitos contraditórios e normalmente inconciliáveis. "Aparentemente" a frase fica sem sentido.

Exemplos:

Amor é fogo que arde e não se vê
É ferida que dói e não se sente
É um contentamento descontente
É dor que desatina sem doer.

Camões

Prosopopeia, Personificação ou Animismo

Consiste em atribuir vida ou qualidades humanas a seres inanimados, irracionais, mortes ou abstratos.

Exemplos:

"As rosas não falam…" (Cartola)

Uma talhada de melancia com seus alegres caroços. (C. Lispector)

Quiasmo – Trata-se de uma espécie de antítese. Consiste no cruzamento de grupos sintáticos paralelos (dois ou quatro vocábulos), de forma que o grupo de vocábulos do primeiro se repete no segundo em ordem inversa (AB x BA).

Exemplo:

- Melhor é merecê-los [a] sem os ter
- Que possuí-los sem os merecer. [a] (Os Lusíadas, c IX, 93)

9.4. FIGURAS DE PALAVRAS

Alegoria – Consiste no acúmulo de metáforas, referindo-se ao mesmo objeto, evocando e intensificando o seu sentido.

Exemplo:

"A vida é uma ópera, é uma grande ópera. O tenor e o barítono lutam pelo soprano, em presença do baixo e dos comprimários, quando não são o soprano e o contralto que lutam pelo tenor, em presença do mesmo baixo e dos mesmos comprimários. Há coros numerosos, muitos bailados, e a orquestra é excelente…" (Machado de Assis)

Antonomásia – Indica a substituição de nome próprio por nome comum ou por expressão ligada ao termo substituído.

Exemplos:

Rei do Futebol (em lugar de Pelé)

Cidade Maravilhosa (em vez de Rio de Janeiro)

Catacrese – É uma figura que consiste no uso impróprio de vocábulo por falta de outro mais específico para a designação de um ser ou de uma ação.

Exemplos:

O pé do vaso está quebrado. (Pé – parte que serve para sustentar o corpo humano).

Embarcou naquele avião gigantesco. (Embarcar significa entrar num navio).

Comparação ou símile – Como o próprio nome indica, formaliza-se uma ideia de comparação. Contudo, é fundamental ressaltar que há a necessidade de um conectivo explicitando a comparação.

Exemplos:

"Beijou sua mulher como se fosse a única." (Chico Buarque)

Ele agiu feito os santos.

Metáfora – Atribuição a uma pessoa ou coisa uma qualidade que não lhe cabe logicamente. Essa transferência de significado de um termo para outro baseia-se na semelhança de características que o emissor da mensagem encontra entre os dois termos comparados. É uma comparação de ordem subjetiva, sem o conectivo que indica esta comparação.

Exemplos:

Maria é uma flor.

Vê-se que Carlos é uma fera enjaulada.

Metonímia – É a substituição de sentido de um termo por outro que com ele apresenta relação lógica e constante.

a) autor – obra

Ex.: Ele nunca leu Machado de Assis. (Os livros de Machado de Assis)

b) conteúdo – continente

Ex.: Comi dois pratos. (Não se comem os pratos. Come-se o conteúdo dos pratos.)

inventor – invento

Ex.: Graham Bell permitiu que a humanidade se comunicasse melhor. (Na realidade, "o invento de Graham Bell, o telefone)

símbolo – coisa simbolizada

Ex.: Nunca abandones a cruz. (cruz – símbolo da religião)

instrumento – pessoa que o utiliza

Ex.: Ele é um grande raquete. (Ele é um grande jogador de tênis).

Obs.: Existe um tipo especial de metonímia chamado sinédoque, que se baseia em outras relações.

parte – todo

Ex.: Os seus olhos espertos indicavam a porta de entrada.

matéria – objeto

Ex.: O cristal tinia sobre a mesa de jantar.

marca do produto substitui o produto.

Ex.: O Ford quase nos atropelou.

Sinestesia – Consiste na fusão de sensações percebidas por diferentes órgãos do sentido.

Exemplos:

Comia o sabor (gosto) vermelho (visão) da fruta.

Claro (visão) perfume (olfato) vagava pelo ar.

9.5. EXERCÍCIOS

01. **(FGV / TRE-PA / Técnico Judiciário)**

O Fundo Partidário será, em 2011, de R$ 301 milhões. Isso porque foi aprovado a nove dias do fim do ano o reforço de R$100 milhões. Desse valor, R$ 265 milhões são oriundos do Orçamento da União e R$ 36 milhões referentes à arrecadação de multas previstas na legislação

eleitoral. Mas, afinal, qual a razão para se aumentar de forma tão extraordinária a dotação dos partidos? Muito simples: a necessidade de eles pagarem as dívidas de campanha.

A respeito do trecho acima, analise as afirmativas a seguir:

I. **No segundo período, o pronome Isso tem valor anafórico.**

II. **No terceiro período, há um caso de zeugma.**

III. **No último período, os dois-pontos introduzem uma enumeração.**

Assinale:

a) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;

b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;

c) se nenhuma afirmativa estiver correta;

d) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;

e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

Gabarito: D

I. O pronome ISSO realmente possui valor anafórico, referindo-se a toda a ideia exposta no período anterior.

II. O comentário é correto, visto que a forma verbal "são" está implícita antes do vocábulo "referentes".

III. Errado. O emprego de dois-pontos aí se justifica para explicitar qual a razão para se aumentar de forma tão extraordinária a dotação dos partidos.

Somente os comentários I e II estão corretos.

02. **(FGV / TRE-PA / Técnico Judiciário)**

Leia o texto a seguir para responder à questão 2

Infelizmente, ainda hoje assistimos no Brasil a fenômenos que há muito deveriam ter sido excluídos da vida política nacional, como a compra de votos e a atitude de diversos candidatos, durante as campanhas eleitorais, de "doar" cestas básicas e toda a sorte de brindes em troca da promessa de voto dos eleitores.

No último parágrafo, as aspas em doar confirmam, para o vocábulo, seu aspecto de:

a) polifonia;

b) coloquialismo;

c) antonímia;

d) metáfora;

e) ironia.

Gabarito: E

O autor está empregando um escárnio, um deboche em relação ao sentido do verbo DOAR. Na realidade, não se trata de doação, mas sim de um câmbio: a troca de votos por cestas básicas. Sendo assim, fica clara a intenção do autor de ironizar o sentido do vocábulo.

03. **(PUC-SP)**

"O pavão é um arco-íris de plumas."

e

"... de tudo que ele suscita e esplende e estremece e delira..."

enquanto procedimento estilístico, temos respectivamente:

a) metáfora e polissíndeto;

b) comparação e repetição;

c) metonímia e aliteração;

d) hipérbole e anacoluto;

e) anáfora e metáfora.

Gabarito: A

O pavão está sendo comparado com o arco-íris de plumas. Mas é de bom alvitre destacar que tal comparação não está sendo realizada com conector comparativo. Pois, se houvesse, não seria metáfora e, sim, comparação. Já, na segunda construção, observa-se a presença repetida do conector E, daí o polissíndeto.

04. **(UM-SP)**

Aponte a figura: "Naquela terrível luta, muitos adormeceram para sempre.".

a) antítese;

b) eufemismo;

c) anacoluto;

d) prosopopeia;

e) pleonasmo.

Gabarito: B

O emprego da expressão "muitos adormeceram para sempre" tem por objetivo substituir MORRERAM. É uma forma mais branda de exprimir a informação.

05. **(FMU-SP)**

Em "Dizem que os cariocas somos pouco dados aos jardins públicos.", há:

a) pleonasmo;
b) hipérbato de pessoa;
c) silepse de gênero;
d) silepse de pessoa;
e) silepse de número.

Gabarito: D

O sujeito é o termo "os cariocas" – terceira pessoa do plural – e a forma verbal "somos" encontra-se flexionada na primeira pessoa do plural. Tal concordância ideológica se justifica pelo fato de o autor inserir-se entre os cariocas.

06. **Qual é a figura de linguagem presente no seguinte fragmento "Uma pessoa de cabeça desarrumada é assim: defende a pena de morte e o ensino gratuito nas universidades públicas. É a favor do aborto e se diz católico. Votou Lula em 2002 e José Serra em 2004. È contra as cotas nas universidades e milita numa Ong de defesa da Mata Atlântica."?**

a) antítese;
b) metáfora;
c) paradoxo;
d) metonímia;
e) hipérbole.

Gabarito: C

As atitudes dessa pessoa de cabeça desarrumada revelam o antagonismo, a contradição. Por exemplo: a pessoa se dizer católica e ser favorável ao aborto. Lembrando que o catolicismo não admite o aborto. Esse antagonismo é denominado de paradoxo ou oxímoro.

07. **(NCE / TRE)**

"Que paz? Não foram esses mesmos adoráveis senhores que decapitaram ou mandaram decapitar seus próprios companheiros de comunidade durante as recentes rebeliões?" – "Não foram esses mesmos adoráveis senhores..."; neste segmento ocorre um exemplo de uma figura denominada:

a) metáfora;
b) metonímia;
c) ironia;
d) eufemismo;
e) hipérbole.

Gabarito: C

Uma das características da ironia é a intenção de se passar uma informação dizendo-se justamente o oposto. É o que ocorre aí. O autor não considera tais senhores "adoráveis", muito pelo contrário, o que se evidencia pela ação atribuída a eles: "decapitaram ou mandaram decapitar seus próprios companheiros de comunidade durante as recentes rebeliões".

08. **(NCE / INPI)**

Embarcar, na sua origem, era empregado com referência a barco, mas no texto aparece com referência a avião; o item abaixo em que a palavra sublinhada também mostra desvio do sentido original é:

a) O avião vai <u>decolar</u> com o porco a bordo;
b) O porco chegou a <u>enterrar</u> as patas na comida;
c) Os passageiros <u>"humanos"</u> estranharam o fato;
d) A <u>poltrona</u> ficou estragada por causa do peso do porco;
e) A investigação do <u>incidente</u> vai demorar.

Gabarito: B

Caracteriza-se a Catacrese na alternativa B, porquanto ENTERRAR é uma ação que deveria relacionar-se com TERRA. Mas, em face de não haver vocábulo apropriado para a situação, emprega-se a mais conveniente, ou a mais próxima sob o aspecto semântico.

09. **(NCE / IBGE)**

Em "Vossa Senhoria parece preocupado com o furto da máquina de escrever" há uma figura conhecida por:

a) metáfora;
b) silepse de gênero;
c) silepse de número;
d) silepse de pessoa;
e) catacrese.

Gabarito: B

Os pronomes de tratamento Vossa Majestade, Vossa Excelência, Vossa Senhoria etc. possuem forma gramatical feminina. Como a pessoa em voga é do sexo masculino, faz-se a concordância não por aspecto gramatical, mas, sim, ideológico. Trata-se, por conseguinte, de silepse de gênero.

10. **(NCE / CFC)**

A expressão surgiu em Minas Gerais, nos tempos do Brasil colonial e designa o sujeito sonso, fingido. Naquela época, auge da mineração, eram elevadíssimos os impostos cobrados pelo rei de Portugal, nosso avozinho, tão bonzinho...

"nosso avozinho, tão bonzinho"; no contexto em que aparecem, esses segmentos são exemplo de:

a) metáfora;
b) ironia;
c) hipérbole;
d) eufemismo;
e) comparação.

Gabarito: B

Novamente ocorre aí uma ironia. O autor do texto obviamente não considera o rei de Portugal um "avozinho bonzinho", visto que a cobrança de impostos era elevadíssima.

11. **(NCE / TJ)**

"Como pode ver na entrevista, ganhar dinheiro no Brasil é sopa.". Nesta frase aparece uma figura sintática e uma figura de palavra. Assinale a alternativa que identifique essas figuras:

a) hipérbato e metáfora;
b) silepse e metonímia;
c) elipse e metonímia;
d) elipse e metáfora;
e) anacoluto e catacrese.

Gabarito: D

Na primeira oração, observa-se a ocorrência de um sujeito elíptico, por exemplo, VOCÊ. Como (você) pode ver na entrevista. Já na segunda estrutura, o emprego do

verbo SER sugere a seguinte comparação: Ganhar no Brasil é fácil como ganhar sopa. Como não há conector comparativo, caracteriza-se a metáfora.

12. **(Cesgranrio / SEPLAG)**

Entre os recursos conotativos utilizados no Texto I, destaca-se a metáfora, cuja definição apresenta-se a seguir.

"A metáfora consiste no emprego de palavras ou expressões convencionalmente identificadas com dado domínio de conhecimento para verbalizar experiências conceptuais de outro domínio."

AZEREDO, José Carlos de. Gramática Houaiss da Língua Portuguesa. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.

Um exemplo de metáfora, no Texto I, é:

a) "Tem pai que está sempre em casa, e outros, nunca."

b) "Tem pai (...) que não sabe o que fazer com suas horas de folga."

c) "Tem pai que é uma geleia, e uns que a gente nunca viu chorar na vida."

d) "Pai que nos sustenta e pai que é sustentado por nós."

e) "Que mora longe, que mora em outra casa, pai que tem outra família,".

Gabarito: C

É sempre bom lembrar que a metáfora consiste em uma comparação de ordem subjetiva, sem o conectivo que indica esta comparação. Tal situação se expõe na opção C, uma vez que o sentido da primeira estrutura é: Tem pai que é mole como geleia. Todavia, como na oração não veio redigida a conjunção comparativa, fica caracterizada a metáfora.

13. **(Cesgranrio / Eletrobrás)**

A realidade é constituída por contrastes e também por semelhanças. A metáfora é uma das formas de estabelecimento de semelhanças por comparações. Qual das sentenças do Texto I, indicadas a seguir, apresenta uma metáfora?

a) "sabe-se lá por que arcaico crime por eles cometido."

b) "O insone é um imortal de olheiras."

c) "O momento mais temido pelo insone, (...) é a hora de ficar a sós..."

d) "Escolhia um filme desinteressante..."

e) "um murmúrio indiscernível,"

Gabarito: B

O emprego do verbo SER (é) e a ideia de comparação – estando ausente o conector – caracterizam a metáfora.

14. **(Cesgranrio / Eletrobrás)**

Elipse é a omissão de um termo que o contexto ou a situação permitem facilmente suprir. Observem-se os trechos abaixo do Texto II.

I – "Parece que a medicina anda preocupada com a falta ou o excesso dele."

II – "Durmo na hora que quero, durante o tempo que preciso e à s vezes até no lugar indevido."

III – "É que um estudo acaba de revelar que dormir ou cochilar depois do almoço faz bem à saúde, principalmente a mental."

Acerca desses trechos, é correto afirmar que há elipse em:

a) I, apenas;

b) II, apenas;

c) III, apenas;

d) I e II, apenas;

e) I, II e III.

Gabarito: E

Na primeira frase, fica subentendida a expressão "anda preocupada com" – Parece que a medicina anda preocupada com a falta ou anda preocupada com o excesso dele.

Na segunda frase, a forma verbal DURMO está implícita antes da segunda e da terceira oração – Durmo na hora que quero, DURMO durante o tempo que preciso e à s vezes DURMO até no lugar indevido.

Na terceira frase, a conjunção integrante QUE está elíptica antes de "cochilar". É que um estudo acaba de revelar que dormir ou QUE cochilar depois do almoço faz bem à saúde, principalmente a mental.

15. **(Funrio / JUCERJA)**

A propósito do emprego da linguagem figurada presente no poema de Vinícius de Moraes, é correto afirmar que, nos versos "Sendo a sua liberdade / Era a sua escravidão", há:

a) antítese;

b) comparação;

c) eufemismo;

d) metáfora;
e) metonímia.

Gabarito: A

Em face de os versos representarem uma contradição de pensamentos, a melhor resposta seria PARADOXO ou OXÍMORO. Não havendo tais alternativas, a melhor resposta é ANTÍTESE, tendo em vista o emprego de vocábulos com sentidos opostos.

16. **(Funrio / CB-RJ / Médico)**

Um outro velhinho querido, 92 anos, cego, surdo, todos os esfíncteres sem controle, numa cama -de repente um acontecimento feliz! O coração parou. Ah, com certeza fora o seu anjo da guarda, que assim punha um fim à sua miséria! Mas o médico, movido pelos automatismos costumeiros, apressou-se a cumprir seu dever: debruçou-se sobre o velhinho e o fez respirar de novo. Sofreu inutilmente por mais dois dias antes de tocar de novo o acorde final.

"Sofreu inutilmente por mais dois dias antes de tocar de novo o acorde final.", no fragmento ocorre uma:

a) personificação;
b) eufemismo;
c) onomatopeia;
d) comparação;
e) metonímia.

Gabarito: B

A expressão "antes de tocar de novo o acorde final" significa MORRER. É uma forma mais branda de exprimir a informação.

17. **(CEPUERJ / UERJ / Assistente Administrativo)**

"O corpo <u>era um monte de rugas sorridentes</u>". A estrutura predicativa, do ponto de vista das figuras de linguagem, funciona como:

a) hipálage;
b) quiasmo;
c) catacrese;
d) eufemismo.

Gabarito: C

O emprego de SORRIDENTES é exclusivo para sorriso, boca, dentes. Como o autor não encontrou palavra mais adequada que pudesse expressar o pensamento que lhe vinha à mente, empregou-a.

18. **(CEPUERJ / UERJ / Assistente Administrativo)**

"Eliminara certas despesas inúteis, lavanderia, pensão.". O recurso de coesão empregado para garantir a concisão textual no fragmento acima é a:

a) elipse;
b) paráfrase;
c) reiteração;
d) substituição.

Gabarito: A

Percebe-se claramente a presença subentendida da palavra COMO. "Eliminara certas despesas inúteis, COMO lavanderia, pensão.".

19. **(CETAP / PR /Assembleia Legislativa / Analista de Sistemas)**

A figura de linguagem presente em "Durante séculos, a Inglaterra dominou os mares..." é:

a) metáfora;
b) silepse;
c) antítese;
d) metonímia;
e) ironia.

Gabarito: D

A metonímia se configura, visto que a Inglaterra não tinha domínio dos mares, mas sim das vias marítimas. Substituiu-se a parte pelo todo.

20. **(VUNESP / MPE-SP / Analista de Promotoria)**

Observe as frases, títulos de matérias da revista, e analise as afirmações.

Por que o Brasil toma tanto Rivotril

Cores que enganam seu cérebro

(Super interessante, julho de 2010)

I. **Na primeira frase, a figura de linguagem presente é a metonímia, já**

que o termo Brasil está empregado no lugar de brasileiros.

II. **Na segunda frase, a figura de linguagem presente é a hipérbole, já que o verbo enganar representa uma ação exagerada.**

III. **Na primeira frase, sem alteração da ordem dos termos, também estaria correto o uso da forma Por quê.**

Está correto o que se afirma em:

a) I, apenas;

b) III, apenas;

c) I e II, apenas;

d) II e III, apenas;

e) I, II e III.

Gabarito: A

O item I apresenta comentário adequado, porquanto não é o Brasil que toma Rivotril, mas, sim, os brasileiros.

O item II não apresenta comentário adequado, uma vez que o vocábulo ENGANAR não expressa qualquer valor de amplificação, exagero.

O item III não apresenta comentário correto, pois o emprego de POR QUÊ somente é cabível no fim de orações.

Capítulo 10

Funções da Linguagem

No ato de comunicação percebemos a existência de alguns elementos, são eles:

a) **emissor:** é aquele que envia a mensagem (pode ser uma única pessoa ou um grupo de pessoas).
b) **receptor:** é aquele a quem a mensagem é endereçada (um indivíduo ou um grupo), também conhecido como destinatário.
c) **canal de comunicação:** é o meio pelo qual a mensagem é transmitida.
d) **código:** é o conjunto de signos e de regras de combinação desses signos utilizado para elaborar a mensagem – o emissor codifica aquilo que o receptor irá descodificar.
e) **contexto:** é o objeto ou a situação a que a mensagem se refere.

Partindo desses seis elementos Roman Jakobson, linguista russo, elaborou estudos acerca das funções da linguagem, os quais são muito úteis para a análise e produção de textos. As seis funções são:

10.1. FUNÇÃO REFERENCIAL OU DENOTATIVA

Também chamada de denotativa ou informativa, ocorre quando a mensagem é centrada no referente, no assunto, sendo o principal objetivo passar uma informação objetiva e impessoal no texto. Valoriza-se o objeto ou a situação de que se trata a mensagem sem manifestações pessoais ou persuasivas. Como geralmente se fazem presentes em textos científicos ou jornalísticos, a pessoa mais comum é a terceira do singular.

Ex.: Cálculos do economista Renato Fragelli, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), estimam que o setor público brasileiro ficou com dois terços (66,8%) de todo o aumento de produção de 1991 para cá e o setor privado com apenas 33,2%.”.

10.2. FUNÇÃO EXPRESSIVA

Também chamada de emotiva, passa para o texto marcas de atitudes pessoais como emoções, opiniões, avaliações. Na função expressiva, o emissor ou destinador é o produtor da mensagem. O produtor mostra que está presente no texto mostrando aos olhos de todos seus pensamentos.

Ex.: "Eu odeio beber cerveja quente!".

10.3. FUNÇÃO CONATIVA OU APELATIVA

É quando a mensagem do texto busca seduzir, envolver o leitor levando-o a adotar um determinado comportamento. Na função conativa a presença do receptor está marcada sempre por pronomes de tratamento ou da segunda pessoa e pelo uso do imperativo e do vocativo.

Ex.: "Maria, vamos à praia!".

10.4. FUNÇÃO FÁTICA

É o canal por onde a mensagem caminha de quem a escreve para quem a recebe. Também designa algumas formas que se usa para chamar atenção.

Ex.: Psiu, aonde você vai?

10.5. FUNÇÃO METALINGUÍSTICA

Ocorre quando a linguagem fala de si própria. Predominam em análises literárias, explicações morfossintáticas, interpretações e críticas diversas.

Ex.: O que significa abáculo?

10.6. FUNÇÃO POÉTICA

É usada para despertar a surpresa e prazer estético. É elaborada de forma imprevista e inovadora.

Ex.:

"Não se perde um segundo

Segundo eu, a vida vem em primeiro

O tempo em segundo

E como só tem um mundo

É bom ir fundo
Senão você não chega nem em terceiro.”

Marthal

Capítulo 11

Vozes do Discurso

Nos textos narrativos, existe, obviamente, um narrador, responsável por contar a estória. É possível esse locutor ou narrador inserir outras vozes.

Com objetivo de inserir essas outras vozes no texto, a voz principal ou privilegiada, o narrador utiliza o discurso, que vem a ser a forma como as falas são introduzidas na narrativa.

O discurso pode ser classificado em: direto, indireto e indireto livre**.**

11.1. DISCURSO DIRETO

Reprodução fiel e literal de uma fala.

Ex.: Pedro me perguntou: – João, você irá à praia?

Ex.: Carlos foi enfático: Luiz, não adianta insistir, porque não sairei hoje.

Ex.: Renato concedeu um depoimento sobre violência que nos chocou: "Hoje em dia, eu evito sair depois de uma determinada hora.".

11.2. DISCURSO INDIRETO

O narrador, apesar de ser fiel à s ideias do que foi dito por outra pessoa, adapta as palavras desse outro. Em outras palavras, o narrador utiliza suas próprias palavras para reproduzir a fala de um personagem.

Ex.: João perguntou se eu sairia hoje.

Ex.: Na época, Pedro esclareceu que a situação estava ainda distante de um desfecho.

Ex.: Roberto questionou o preço das mesas.

Se essas frases estivessem em discurso direto, ficariam assim:

João perguntou: – Você sairá hoje?

Na época, Pedro esclareceu: – A situação ainda está distante de um desfecho.

Roberto questionou: – quanto custam essas mesas?

11.3. DISCURSO INDIRETO LIVRE

11.3. DISCURSO INDIRETO LIVRE

Consiste na mescla dos discursos. Simultaneamente à fala do narrador, também se faz presente a fala do personagem. O discurso indireto livre mantém a expressividade do discurso direto, contudo, simultaneamente, conserva as transposições de pronomes, verbos e advérbios típicos do discurso indireto. É de bom alvitre realçar que se caracteriza pelo fato de não poder ocorrer qualquer verbo de elocução (também chamado verbo dicendi): disse, informou, avisou, perguntou, questionou, falou… Também destaco que, no discurso indireto livre, há uma liberdade sintática significativa, o que pode levar o leitor a confundir as falas do narrador e do personagem.

Ex.: A criança estava andando na rua e, de repente, deparou-se com um esqueleto. Que medo!

A primeira parte do texto referia-se à fala do narrador e ao fim veio a reprodução da fala do personagem.

Ex.: Nós estávamos num país estranho, que falava uma língua totalmente desconhecida. O medo e a ansiedade tomou-lhes o coração de tal forma, que procuraram logo a embaixada brasileira.

A primeira parte reproduz a fala do personagem. A segunda parte, sem qualquer ligação sintática, é uma intervenção do narrador. Repare a mudança dos pronomes. NÓS na primeira parte e LHES na segunda.

Ex.: Manoel recebeu a notícia de que passou no concurso. Maravilha, consegui!

Repare: a primeira parte é a fala do narrador, que expressa algo sobre Manoel, inclusive empregando a terceira pessoa. Na sequência, é inserida a fala de Manoel, sem qualquer ligação sintática tampouco verbo de elocução. Observe também a mudança da pessoa do verbo (recebeu – 3ª pessoa do singular; consegui – 1ª pessoa do singular). Também chamamos a atenção para a expressividade ocorrente no emprego da interjeição "Maravilha!".

11.4. EXERCÍCIOS

01 **Correlacione as funções de linguagem em consonância com as frases a seguir.**

1) **Função referencial**

2) **Função expressiva**
3) **Função conativa**
4) **Função fática**
5) **Função metalinguística**
6) **Função poética**

( ) Vem pra Caixa você também!
( ) Todo objeto não passa de um complemento verbal.
( ) João virá, né?
( ) Petroleiro zarpa de porto líbio com primeira exportação de petróleo rebelde
( ) "Berro pelo aterro, pelo desterro Berro por seu berro, pelo seu erro" (Caetano Veloso)
( ) A dor tomou conta de todos quando Paulo Rossi fez o terceiro gol da Itália.

a) 3 – 5 – 1 – 4 – 6 – 2
b) 5 – 3 – 4 – 2 – 1 – 3
c) 4 – 2 – 1 – 6 – 5 – 3
d) 2 – 5 – 4 – 3 – 6 – 1
e) 3 – 5 – 4 – 1 – 6 – 2

Gabarito: E

Na primeira frase, configura-se a função conativa ou apelativa, caracterizada sobretudo pelo emprego do imperativo em VEM e do pronome de tratamento VOCÊ. É de bom alvitre observar o erro de concordância presente na frase: VEM encontra-se flexionado na segunda pessoa do singular do imperativo afirmativo e VOCÊ, por ser pronome de tratamento, é de terceira pessoa. As formas corretas seriam: Venha para Caixa você também! / Vem para a Caixa tu também! – A falha de concordância, na realidade, valoriza a oralidade, procurando envolver o receptor da mensagem, fato que corrobora ainda mais a função conativa.

Na segunda frase, ocorre a função metalinguística, o que se estabelece pelo fato de a frase ter o objetivo de ensinar fatos relativos à própria língua.

Na terceira frase, faz-se presente a função fática, dado que o emprego de "né?" evidencia o teste ao canal de comunicação.

Na quarta frase, observa-se a ocorrência da função referencial ou denotativa. Tal se esclarece em face da intenção de se passar uma informação de forma objetiva, não aparecendo elementos opinativos tampouco linguagem figurada.

Na quinta frase, claramente se configura a função poética, tendo em vista a presença de rimas, ritmo e grande preocupação com aspectos estéticos na confecção do texto.

Na sexta frase, há a função expressiva ou emotiva. Isso é evidenciado pela presença do sentimento do autor e até mesmo do exagero, quando se diz que a dor tomou conta de todos.

02. **(Cespe / TJ-RJ)**

O princípio de que o Estado necessita de instrumentos para agir com rapidez em situações de emergência está inscrito no arcabouço jurídico brasileiro desde a primeira Constituição, de 1824, dois anos após a Independência, ainda no Império. A figura do decreto-lei, sempre à disposição do Poder Executivo, ficou marcada no regime militar, quando a caneta dos generais foi acionada a torto e a direito, ao largo do Congresso, cujos poderes eram sufocados pela ditadura. Com a redemocratização, sacramentada pela Constituição de 1988, sepultou-se o decreto-lei, mas não o seu espírito, reencarnado na medida provisória. Não se discute a importância de o Poder Executivo contar com dispositivos legais que permitam ao governo baixar normas, sem o crivo imediato do Congresso, que preencham os requisitos da "relevância e urgência". O problema está na dosagem, que, se exagerada, como ocorre atualmente, sufoca o Poder Legislativo.

O Globo, 19/3/2008 (com adaptações)

A função da linguagem predominante no texto é:

a) metalinguística;
b) poética;
c) expressiva;
d) apelativa;
e) referencial.

Gabarito: E

Trata-se de texto informativo, com linguagem objetiva. É importante ressaltar que, mesmo havendo a presença de expressões no sentido conotativo – caneta, sepultou-se, dosagem –, fica clara a predominância da denotação.

03. Entre o sono e o sonho,
Entre mim e o que em mim
É o quem eu me suponho,

Corre um rio sem fim.

(Fernando Pessoa)

No trecho acima, predominam algumas funções da linguagem. Entre elas, estão as funções:

a) emotiva e metalinguística;

b) poética e apelativa;

c) referencial e poética;

d) fática e conativa;

e) emotiva e poética.

Gabarito: E

A função poética é óbvia, até porque a preocupação de Fernando Pessoa com a estética é clara. Observam-se as rimas, o ritmo diferente dos textos em prosa, o jogo de palavras. Mas, além da função poética, evidencia-se também a presença da função expressiva ou emotiva, porquanto a primeira pessoa se faz presente, e a opinião que o poeta tem sobre si próprio. O emissor da mensagem objetiva mostrar sua opinião: que existe grande distância em o que se supõe ser e o que efetivamente é.

04. **(PUC)**

Identifique a frase em que a função predominante da linguagem é a REFERENCIAL:

a) Dona Casemira vivia sozinha com seu cachorrinho.

b) – Vem, Dudu!

c) – Pobre Dona Casemira…

d) – O que… O que foi que você disse?

e) Um cachorro falando?

Gabarito: A

O período ocorrente na alternativa A apresenta uma informação objetiva, sem traços opinativos.

Na alternativa B, o emprego do imperativo (Vem) e do vocativo (Dudu) caracteriza a função fática.

Nas alternativas C e E, está presente a função emotiva ou expressiva, sendo a subjetividade o principal traço das construções frasais. Tal se evidencia na alternativa C pelo uso do adjetivo POBRE e na alternativa E pelo ar de

incredulidade do emissor.

Na alternativa D, ocorre o teste ao canal, formalizando a função fática.

05. **(UFVI)**

Quando uma linguagem trata de si própria – por exemplo um filme falando sobre os processos de filmagem, um poema desvendando o ato de criação poética, um romance questionando o ato de narrar – temos a metalinguagem.

Esta forma de linguagem predomina em todos os fragmentos, exceto:

a) "Amo-te como um bicho simplesmente de um amor sem mistério e sem virtude com um desejo maciço e permanente." (Vinicius de Morais)

b) "Proponho-me a que não seja complexo o que escreverei, embora obrigada a usar as palavras que vos sustentam." (Clarice Lispector)

c) "Não narro mais pelo prazer de saber. Narro pelo gosto de narrar, sopro palavras e mais palavras, componho frases e mais frases." (Silviano Santiago)

d) "Agarro o azul do poema pelo fio mais delgado de lã de seu discurso e vou traçando as linhas do relâmpago no vidro opaco da janela." (Gilberto Mendonça Teles)

e) Que é Poesia? Uma ilha cercada de palavras por todos os lados." (Cassiano Ricardo)

Gabarito: A

A presença da rima em "simplesmente" e "permanente", do ritmo e da preocupação com a estética formaliza a função poética na alternativa A.

Nas alternativas B, C e D, o uso de verbos na primeira pessoa do singular, a subjetividade e a intenção de revelar os sentimentos caracterizam a função emotiva ou expressiva.

Na alternativa E, há a preocupação do autor em definir a poesia, ou seja, é a língua a definir aspectos da própria língua, o que caracteriza a função metalinguística.

06. **(NCE)**

"Ó Mestre, fazei com que eu procure mais consolar que ser consolado, compreender que ser compreendido, amar que ser amado..."; este trecho d a Canção de São Francisco tem como função de linguagem predominante a:

a) emotiva;
b) metalinguística;
c) fática;
d) conativa;
e) referencial.

Gabarito: D

A presença do vocativo junto com a interjeição em "Ó Mestre", bem como do imperativo afirmativo, caracteriza a função conativa ou apelativa.

07. **(CEPUERJ / UERJ / Assistente Administrativo)**

Por meio da forma "não é", a personagem Mafalda "testa" o seu canal de comunicação no diálogo com o mundo, explorando a função:

a) fática;
b) poética;
c) conativa;
d) metalinguística.

Gabarito: A

O emprego de "não é?", com a nítida intenção de se saber se o outro está ouvindo, atesta a presença da função fática.

08. **(IRBR)**

Frente à tradição hindu que há 2.500 anos divide a sociedade indiana em mais de 2.000 castas, os 60 anos dos ideais liberais de Gandhi e os 10 anos da legalização do casamento entre castas revelam-se impotentes para transformar a organização hierárquica da sociedade. Em confronto direto com o costume milenar, o governo da Índia oferece uma recompensa de R$ 2.400 para homens e mulheres de diferentes grupos sociais que formalizem sua união.

O dinheiro equivale ao dobro da renda per capita anual do país. O governo justifica que a medida é um passo para a reacomodação das desigualdades. Para grande parte da sociedade, é um passo no escuro.

O governo – que já enfrenta protesto contra cotas em universidades – vê-se, agora, diante de um desafio maior. O esquema está sob ataque de todos os lados. Os conservadores alegam que a medida é gatilho para o caos social. Os liberais sustentam que poucos vão receber a oferta porque o dinheiro vai desaparecer no bolso de autoridades corruptas.

Indianos de castas mais baixas dizem que rejeitariam a recompensa, pois perderiam o acesso preferencial à s universidades, garantido pelas já controversas cotas. Hoje, o governo oferece 22,5% das vagas aos intocáveis, os últimos na hierarquia hindu, mas pretende aumentá-las para 50%.

"Sei que esta não é a única maneira de pôr um fim à discriminação, mas é preciso começar de algum lugar", defende a ministra da Justiça Social. Para a socióloga Radhika Chopra, a oferta é uma forma de sinalizar que esses casamentos não devem ser condenados. "Com a medida, o governo apóia os indivíduos que transgrediram barreiras sociais e mostra que podem funcionar como exemplos", acrescenta a socióloga.

Jornal do Brasil, 17/12/2006 (com adaptações).

No que se refere a funções da linguagem, predomina, no texto, a função

a) fática, visto que o autor do texto busca, de forma sutil, convencer os leitores dos benefícios do projeto que visa incentivar o casamento entre pessoas pertencentes a castas diferentes.

b) referencial, dado que a ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto.

c) emotiva, dado que são as falas das autoridades entrevistadas que direcionam a forma como as informações são apresentadas.

d) conativa, visto que as opiniões expressas estão devidamente referenciadas, não havendo, portanto, perda de objetividade na transmissão das informações.

e) metalinguística, haja vista o foco em aspectos intertextuais, como demonstram as diversas vozes que acompanham a informação divulgada.

Gabarito: B

O aspecto mais curioso nessa questão é o fato de as definições não corresponderem à s respectivas funções de linguagem. Por exemplo, a função fática evidencia o teste ao canal de comunicação. A função emotiva expressa as opiniões e sentimentos do emissor da mensagem, e não de terceiros. A função conativa sinaliza para o envolvimento dos leitores, havendo a presença de vocativos, pronomes de tratamento, verbos no imperativo. O foco da função metalinguística é fazer a língua analisar aspectos da própria língua. A única definição que corresponde efetivamente à função expressa na alternativa é a referencial,

justamente a que se faz presente no texto. Tal se evidencia pela presença de linguagem precisa, de caráter objetivo, com predominância da denotação.

09. **(Cespe / UnB / Itamaraty)**

Texto 6

Impostos inconstitucionais...

Ontem, ao voltar uma esquina, dei com os impostos inconstitucionais de Pernambuco. Conheceram-me logo, eu é que, ou por falta de vista, ou porque realmente eles estejam mais gordos, não os conheci imediatamente. Conheci-os pela voz, **Vox clamantis in deserto.** Disseram-me que tinham chegado no último paquete.

O mais velho acrescentou até que agora hão de repetir com regularidade estas viagens à corte.

– A gente, por mais inconstitucional que seja, concluiu ele, não há de morrer de aborrecimento na cela das probabilidades. Uma chegadinha à corte, de quando em quando, não faz mal a ninguém, exceto…

– Exceto…?

– Isso agora é querer perscrutar os nossos pensamentos íntimos. Exceto o diabo que o carregue, está satisfeito? Não há coisa nenhuma que não possa fazer mal a alguém, seja quem for. Falei de um modo geral e abstrato. (…)

– São todos inconstitucionais?

– Todos.

– Vamos aqui para calçada. E agora, que tencionam fazer?

– Agora temos de ir ao imperador, mas confesso, meu amigo, receamos perder tempo. Você conhece a velha máxima que diz que a história não se repete?

– Creio que sim.

– Ora bem, é o nosso caso. Receamos que o imperador, ao dar conosco, fique aborrecido de ver as mesmas caras e, por outro lado, como a história não se repete… Você, se fosse imperador, que é que faria?

– Eu, se fosse imperador? Isso agora é mais complicado.

Eu, se fosse imperador, a primeira coisa que faria era ser o primeiro cético do meu tempo. Quanto ao caso de que se trata, faria uma coisa singular, mas útil: suprimiria os adjetivos.

– Os adjetivos?

– Vocês não calculam como os adjetivos corrompem tudo, ou quase tudo; e,

quando não corrompem, aborrecem a gente, pela repetição que fazemos da mais ínfima galanteria. Adjetivo que nos agrada está na boca do mundo.

– Mas que temos nós outros com isso?

– Tudo; vocês como simples impostos são excelentes, gorduchos e corados, cheios de vida. O que os corrompe e faz definhar é o epíteto de inconstitucionais. Eu, abolindo por um decreto todos os adjetivos de Estado, resolvia de golpe esta velha questão, e cumpria esta máxima que é tudo o que tenho colhido da história e da política, que aí dou por dois vinténs a todos os que governam o mundo: os adjetivos passam, e os substantivos ficam.

ASSIS, Machado de. In: Gazeta de notícias (1881–1900). Balas de Estalo. Rio de Janeiro, 16/5/1885.

Acerca das ideias e dos sentidos do texto 6, assim como de suas estruturas linguísticas e organização textual, julgue (C ou E) os itens subsequentes.

1 () O narrador recorreu à função metalinguística da linguagem para formular, ao final da crônica, sua máxima, carregada de arbitrariedade.

2 () O autor valeu-se do discurso indireto livre, que consiste em dar voz e atribuir características e sentimentos humanos a seres inanimados.

3 () O trecho "Eu, se fosse imperador, a primeira coisa que faria era ser o primeiro cético do meu tempo." (l.24-25) produz efeito humorístico, por sua incongruência interna e por desviar-se do "caso de que se trata" (l.25).

4 () A frase "vox clamantis in deserto" (l.4) está em itálico, porque remete o interlocutor ao respectivo texto-fonte e faz parte da memória coletiva nacional.

Gabarito:

1 – Certo. A parte final do texto acaba por falar sobre a própria língua, sobretudo quando menciona adjetivos e substantivos, caracterizando a função metalinguística.

2 – Errado. Não há discurso indireto livre. O texto é todo estruturado em discurso direto, reproduzindo na íntegra a fala dos personagens, o que se caracteriza sobretudo pelo emprego dos travessões.

3 – Certo. O efeito humorístico se revela claramente em face de não haver qualquer relação entre ser imperador e o fato de ele próprio ser o primeiro cético de seu tempo. Por mais que um imperador tenha poder, sobre esse fato

certamente ele não teria qualquer ingerência. "O caso de que se trata" refere-se ao desejo do "imposto" de ver o fim dos adjetivos, mormente INCONSTITUCIONAIS, que o qualifica.

4 – Errado. O termo está em itálico, visto que se trata de um latinismo.

10. **Mistura linguística**

Muita gente, em vários países, fala um pouco de inglês todo dia sem perceber. Sem contar o "informatiquês", cujos verbetes – como megabyte, browser, hard disk, software – são expressões do mais puro inglês, muitas outras palavras do dia-a-dia de brasileiros, franceses, alemães e, principalmente, japoneses têm origem no idioma bretão. Futebol (football), sanduíche (sandwich) e deletar (verbo criado a partir de to delete, suprimir) são exemplos conhecidos de anglicismo (uso de expressões em inglês ou originadas dele) no português. Os alemães apertam o resetknopf (reset button ou botão de reset) para iniciar o computador. E os franceses, conhecidos por sua ojeriza a estrangeirismos, despedem-se dos colegas de trabalho na sexta-feira dizendo bon weekend.

A situação do japonês é particularmente curiosa. Estima-se que cerca de vinte mil palavras do vocabulário moderno tenham origem no inglês. Sorvete é aisukurimu, de ice cream. Ar condicionado é eacon, de air conditioner. E banheiro deixou de ser obenjyo para se tornar toiré, de toillet.

A história dessa imposição linguística certamente desperta animosidades. Na Índia, por exemplo, onde o inglês é uma das línguas oficiais, ele não é muito ouvido nas ruas. Falar inglês ainda lembra um passado de opressão.

Galileu, fev. 2002, p. 37 (com adaptações).

Julgue os itens a seguir, que se referem à s ideias e à s estruturas do texto acima.

1 – A seleção de argumentos e do vocabulário mostra o grau de engajamento do autor em face do assunto: paralelamente à s funções referencial e metalinguística, que veiculam informações objetivas, há marcadores linguísticos que deixam entrever elementos subjetivos.

2 – O autor organiza sintaticamente o período "Sem contar (...) bretão" (L.2-5) a partir da oposição regra/exceção, em que a regra é o "mais puro inglês", e a exceção, o inglês impuro ou degenerado.

3 – De acordo com a norma padrão do português, é correta a substituição de "cujos verbetes" (L.2) por do qual os verbetes.

4 – Constata-se que a expressão inglesa "reset button" (L.8) está presente tanto no vocábulo alemão como na expressão portuguesa, com a substituição de um de seus componentes.

5 – O autor empregou "bon weekend" (L.10) como um exemplo elucidativo da ideia de que os franceses têm "ojeriza a estrangeirismos" (L.9).

Gabarito:

1 – Certo – Indubitavelmente estão presentes as funções referencial e metalinguística. A referencial em face de haver explicações e dados técnicos, alguns numéricos (Estima-se que cerca de vinte mil palavras do vocabulário moderno tenham origem no inglês), sobre o tema em voga. A metalinguística também aparece quando o texto inteiro fala sobre a relação entre as línguas, a influência da língua inglesa sobre outras etc. A função expressiva ou emotiva também se faz presente, pois é exposta a opinião do autor – traço de subjetividade – no fragmento "A situação do japonês é particularmente curiosa.".

2 – Errado – O fragmento em voga não objetiva realizar uma oposição, uma argumentação baseada na relação "exceção que confirma a regra". Muito pelo contrário, o fragmento "Sem contar o "informatiquês", cujos verbetes – como megabyte, browser, hard disk, software – são expressões do mais puro inglês, muitas outras palavras do dia a dia de brasileiros, franceses, alemães e, principalmente, japoneses têm origem no idioma bretão." é mais um dado a confirmar a tese exposta no período anterior: "Muita gente, em vários países, fala um pouco de inglês todo dia sem perceber.".

3 – Certo – Embutida no pronome relativo CUJO encontra-se a preposição DE, até em função da relação de posse que aquele expressa. Observe que o texto continua coerente: "Sem contar o "informatiquês", do qual os verbetes… são expressões do mais puro inglês.". Observe, inclusive, a construção da frase com a substituição do pronome relativo pelo antecedente: Os verbetes do "informatiquês" são expressões do mais puro inglês.

4 – Certo – O componente "reset" aparece tanto na expressão alemã como na expressão portuguesa, mas o componente "button" é substituído por "knopf" no alemão e por "botão" no português.

5 – Errado – A expressão "bon weekend", dita pelos franceses, confirma a teoria de que muita gente fala um pouco de Inglês sem perceber. E esse fato é

corroborado por esse exemplo. Pois, "até mesmo" os franceses, que têm ojeriza a estrangeirismos, acabam por empregar tal expressão. Destarte, obviamente, o emprego da expressão não serve para comprovar a ojeriza a estrangeirismo.

11. **(Esan)**

"Impossível dar cabo daquela praga. Estirou os olhos pela campina, achou-se isolado.

Sozinho num mundo coberto de penas, de aves que iam comê-lo. Pensou na mulher e suspirou.

Coitada de Sinhá Vitória, novamente nos descampados, transportando o baú de folha."

O narrador desse texto mistura-se de tal forma à personagem que dá a impressão de que há diferença entre eles. A personagem fala misturada à narração. Esse discurso é chamado:

a) discurso indireto livre;
b) discurso direto;
c) discurso indireto;
d) discurso implícito;
e) discurso explícito.

Gabarito: A

O autor narra uma sequência de fatos e, de forma totalmente independente e sem qualquer ligação sintática com o restante da construção textual, reproduz uma fala do personagem, contudo sem a presença de verbos de elocução (Coitada de Sinhá Vitória, novamente nos descampados, transportando o baú de folha.)

12. **(FCC / PB / Auditor Fiscal)**

Os números do relatório da CPI dedicada originalmente aos Correios são expressivos, dos milhares de páginas de textos e documentos aos mais de cem acusados. É o tempo do espanto. Um oceano nos separa, contudo, do resultado concreto, o das absolvições e o das punições. Os dois momentos do mar imenso entre relatório e resultado estão no julgamento final, cuja tendência é pessimista, a contar de exemplos recentes.

Não deveria ser pela natureza mesma das comissões parlamentares de inquérito, cujo nome é raramente objeto de meditação até pelos operários do direito.

"Comissão", além do significado mercantil (depreciativo, no caso do Parlamento), do dinheiro pago em remuneração de serviço, é também o do agrupamento encarregado de realizar tarefa de interesse comum. Interesse comum? Não. De interesses conflituosos pela própria natureza política de seu trabalho, pois o vocábulo "parlamentares" as afirma integradas por componentes de uma das casas do Congresso ou mistas, funcionando segundo seus regimentos internos (…)

"As comissões são úteis ou necessárias?, perguntará o leitor. Sem a menor dúvida e vigorosamente, respondo sim. Há abusos. São lamentáveis, mas inerentes à vida parlamentar, no Brasil e em qualquer país onde haja comissões parlamentares. Se os legisladores devem ser a expressão média de seu povo, fica manifesto que os parlamentares sejam compostos por homens e mulheres de bem, dedicados e honestos, mas também por pilantras, patifes, cachaceiros, delinquentes e assim por diante. (…) Seria ideal que o povo escolhesse melhor seus réus representantes, dizem as elites, sem razão. O povo vota sob influência do poder econômico, após seleção dos favoritos de chefes partidários, para exclusão dos que assumam linha independente da adotada pelas lideranças e assim por diante.

Voltando à CPI dos Correios, cabe esclarecer por que há um oceano entre o relatório e o resultado. "Inquérito" é trabalho de apuração. Se bem feito, propicia bom material aos julgadores. Se malfeito, facilita a "pizza", essa maravilhosa invenção atribuída aos italianos em geral, mas que vem do sul da Itália. "Pizza" transformada em cambalacho e tapeação? Não necessariamente. Muitas vezes o defeito da distância entre a apuração e o julgamento está naquela, e não neste, principalmente se for judicial. O mal do julgamento político está em que considera seu estilo paralelo do desprestígio para o Parlamento como um todo. No caso atual, porém, não se pode negar que já houve resultados apreciáveis. Para o relatório lido nesta semana cabe esperar pela travessia do oceano e torcer para que chegue a bom porto. (W. Cenevina)

Observando-se, no texto, a intenção do autor, verifica-se o uso da função da linguagem:

a) emotiva, para criar ironia e construir a adesão do leitor;

b) metalinguística, para criar um efeito de ambiguidade e ironia;

c) referencial, para informar e criar ambiguidades;

d) fática, para criar ironia e transmitir informações;

e) poética, para transmitir informações ao leitor, por meio de ambiguidades.

Gabarito: B

Repare como a língua está sendo empregada para explicar a própria língua, sobretudo no segundo parágrafo que vêm explicações para o significado de Comissão: "Comissão", além do significado mercantil (depreciativo, no caso do Parlamento), do dinheiro pago em remuneração de serviço, é também o do agrupamento encarregado de realizar tarefa de interesse comum.". O efeito da ambiguidade e ironia ocorre na sequência do período mencionado: Interesse comum? Não. De interesses conflituosos pela própria natureza política de seu trabalho, pois o vocábulo "parlamentares" as afirma integradas por componentes de uma das casas do Congresso ou mistas, funcionando segundo seus regimentos internos (...)

13. **(FCC / PB / Auditor Fiscal)**

Leia as frases abaixo:

I – **o leitor perguntaria se as comissões são úteis e necessárias.**

II – **Com essa CPI, acabaria tudo em pizza, novamente?**

III – **Os abusos, embora lamentáveis, são frequentes na vida pública, asseverou o colunista.**

Elas se concentram

	I	II	III
a)	Direto	Direto	Indireto livre
b)	Direto	Indireto livre	indireto
c)	Indireto livre	Direto	Indireto
d)	Indireto	Indireto livre	direto
e)	Indireto	Direto	Indireto livre

Gabarito: D

Item I – O período foi redigido com a fala imaginada e adaptada do leitor, o que se evidencia principalmente pelo emprego da conjunção subordinativa integrante SE. Repare que a conjunção SE não é falada pelo personagem.

Item II – Repare que, na menção à fala de outrem, há a intervenção do autor – novamente. A fala do personagem se confunde com a fala do próprio narrador.

Item III – Aqui ocorre uma reprodução integral da fala do colunista na primeira

oração. Também é importante destacar que os itens I e III não poderiam caracterizar o discurso indireto livre em face da presença dos verbos de elocução (perguntaria no item I e asseverou no item III).

Capítulo 12

Leituras de Enunciados das Questões de Interpretação

É importante não se olvidar que as questões de interpretação são confeccionadas com a intenção de deixar o candidato em dúvida entre duas opções. São, normalmente, estas opções coerentes com texto, porém, à s vezes, não o são com as perguntas formuladas. Você terá que aprender a responder exatamente o que está sendo perguntado. O estudo a seguir é referente aos enunciados das questões.

12.1. RECORRÊNCIA TEXTUAL

Ocorre quando a banca exige algo que esteja claro no texto. Enunciados que se apresentam como "Segundo o texto", "De acordo com o texto", "O autor diz que"… impõem que as respostas estejam explícitas no texto. Sendo assim, é possível que uma opção esteja efetivamente em conformidade com as ideias expostas no texto, e a outra seja uma dedução, à s vezes até coerente, decorrente dos elementos do texto. Se o enunciado foi um daqueles mencionados, a resposta haverá de ser a primeira opção.

É importante observar que toda questão relativa a valor semântico dos vocábulos (sinonímia) é de recorrência textual, pois não se deseja saber o sinônimo da palavra isoladamente, mas sim no contexto. Por exemplo, as palavras "estranho" e "extraordinário" são sinônimas? A resposta certa é "talvez", "dependendo do contexto". Na frase "Conheci uma pessoa extraordinária.", o adjetivo "extraordinária" não é sinônimo de "estranho". No entanto, na frase "Percebi um movimento extraordinário na rua e logo voltei para caso.", o adjetivo "extraordinário" já se torna sinônimo de "estranho".

12.2. INFERÊNCIA TEXTUAL

Ocorre quando a banca exige do candidato algo que esteja além do texto.

Enunciados que se apresentam como "Deduz-se…", "Depreende-se…", "Conclui-se", "Infere-se", "O que o autor quis dizer com…" impõem que a resposta correta não seja algo que esteja explícito, mas sim algo implícito – subentendido ou pressuposto. É uma dedução. Perceba a diferença entre "O que o autor informou…? e "O que o autor pretendeu dizer com…?". No primeiro caso, a banca exige algo que o autor informou, ou seja, algo explícito no texto; já, no segundo caso, o candidato deve imaginar o que o autor pretendeu dizer.

BIZU

Como já se mencionara, o fundamental é o candidato aprender a responder o que está sendo perguntado. Portanto, se, no enunciado da questão, houver a proposição "Segundo o fragmento X", você irá se restringir a responder sobre o fragmento X, mesmo que este fragmento se oponha ao restante do texto. Se a banca expuser um fragmento finalizado com reticências (XXXX…), você deverá retornar ao texto e observar onde aquela ideia acabará. Se for proposta uma inferência acerca da totalidade do texto, e não de um fragmento, o candidato deverá procurar a resposta no tópico frasal (geralmente no início do texto), onde muito provavelmente se localizará a tese abrangente.

12.3. EXERCÍCIOS

01. **(ICMS / Fiscal)**

No Brasil, o debate sobre ética tributária só recentemente ganhou vulto em decorrência do aumento da carga tributária, da expansão da 'indústria de liminares', do visível aperfeiçoamento da administração fiscal, da estabilidade econômica e da crescente inserção do país na economia globalizada. Na maioria dos países desenvolvidos, com cultura tributária mais amadurecida, esse debate é mais limitado, porque praticamente restrito a discussões sobre a pressão fiscal e a competição fiscal nociva (ahrmfull tax competition).

Com base na análise do trecho acima, não é correto afirmar que:

a) fica subentendido que o debate sobre ética tributária no Brasil anteriormente era de pouca expressividade.
b) A noção de "países desenvolvidos" é um pressuposto para a leitura do texto.
c) Se pode inferir que, nos países ainda não desenvolvidos, a cultura tributária ainda não amadureceu.

d) Está implícito que o Brasil cada vez mais se insere na economia globalizada.
e) Se pode inferir, também por paralelismo no parágrafo, que o Brasil não está entre os países desenvolvidos.

Gabarito: Anulada

A questão foi anulada, uma vez que há duas alternativas apresentando comentários incorretos, conforme solicitado no enunciado, havendo, portanto, duas respostas.

A alternativa A apresenta comentário correto, dado que, se só recentemente o debate sobre ética tributária ganhou vulto, está implícito que ele era de pouca expressividade.

A alternativa B apresenta comentário adequado, uma vez que o leitor só realiza a perfeita intelecção do texto se conhecer o contexto político e identificar quem são os países desenvolvidos e os subdesenvolvidos.

A alternativa E apresenta comentário correto, porquanto No Brasil o debate recentemente sobre ética tributária ganhou vulto, e, nos países desenvolvidos, com cultura tributária mais amadurecida, esse debate é mais limitado, porque praticamente restrito a discussões sobre a pressão fiscal e a competição fiscal nociva.

A alternativa C apresenta comentário incorreto, pois o texto informa que, nos países mais desenvolvidos, a cultura tributária está mais amadurecida. Então, o que se pode inferir é que os países menos desenvolvidos possuem cultura tributária menos amadurecida, e não que não haja nenhum amadurecimento.

A alternativa D também apresenta comentário incorreto, pois a informação ali prestada aparece explicitamente no texto, e não implicitamente. Chamamos a atenção para o fragmento "da crescente inserção do país (Brasil) na economia globalizada.". Obviamente, está EXPLÍCITO que o Brasil cada vez mais se insere na economia globalizada.

02. **(FGV / ICMS / Fiscal)**

Com base na leitura do texto, analise os itens a seguir:

I – **Em "Portanto, a necessidade das gerações atuais preservarem recursos para as gerações futuras <u>também</u> se dá no que tange aos recursos públicos"., o termo grifado colabora com a identificação de**

um pressuposto.

II – **Em "não mais se concebe uma atuação efetiva sem uma apurada reflexão sobre os gastos públicos, seus limites e sua aplicação.", na identificação dos implícitos, observa-se um pressuposto.**

III – **Em "Enquanto o primeiro, normalmente, se adstringe a situações futuras próximas, o segundo vincula-se a situações futuras de longo prazo.", a leitura só se efetiva se o leitor identificar os subentendidos.**

Assinale:

a) se somente os itens II e III estiverem corretos;
b) se somente os itens I e II estiverem corretos;
c) se todos os itens estiverem corretos;
d) se nenhum item estiver correto;
e) se somente os itens I e III estiverem corretos.

Gabarito: B

Item I – Certo. Caracteriza-se o pressuposto, visto que o emprego de TAMBÉM sugere que existem outras necessidades das gerações atuais além daquele que se refere aos recursos públicos.

Item II – Certo. Observa-se o pressuposto no fragmento "Não mais se concebe", que dá a entender que em outras épocas já se permitiu atuação sem uma apurada reflexão sobre os gastos públicos, seus limites e sua aplicação.

Item III – Errado. Não há subentendidos. Para a leitura se efetivar, na realidade se torna necessário identificar quem são os referentes (termos constantes no texto) de primeiro e segundo.

03. Quando vemos hoje os impressionantes levantes no mundo árabe, com atos espontâneos pela democracia, é impossível não se perguntar: o que estamos fazendo gastando US$ 110 bilhões (em torno de R$ 180 bilhões) neste ano para apoiar regimes corruptos e impopulares no Afeganistão e no Paquistão que são quase idênticos aos governos que estamos aplaudindo os povos derrubarem? (Thomas L. Friedman)

Pode-se inferir do primeiro parágrafo que:

a) está havendo atos espontâneos pela democracia no mundo árabe;
b) há um oxímoro entre o investimento em alguns regimes políticos e o desejo

de ver similares serem derrubados;

c) Os governos apoiados e derrubados são os mesmos;

d) Os governos apoiados, que receberam investimentos, e os derrubados são idênticos;

e) Os governos do Afeganistão e do Paquistão também serão derrubados por forças populares.

Gabarito: B

Questão imaginada para deixar o candidato em dúvida entre as alternativas A e B, até mesmo porque as outras opções são absurdas. É fundamental se ter bastante atenção ao enunciado, visto que é um comando, e se deve respeitar ao comando. Como já se disse, é imperioso responder à quilo que efetivamente está sendo solicitado ou perguntado. A alternativa A, apesar de apresentar comentário extremamente coerente, não serve como resposta, pois a informação lá constante está explícita no texto, quando o enunciado exigia uma inferência, uma informação implícita. Já a alternativa B atende ao enunciado, porquanto o texto não informa explicitamente que existe um paradoxo (oximoro) entre o investimento em alguns regimes políticos e o desejo de ver similares serem derrubados, mas é o que se pode deduzir do questionamento acerca dos gastos realizados para apoiar regimes corruptos e impopulares idênticos à queles que hoje estamos aplaudindo os povos derrubarem.

Capítulo 13

Semântica dos Vocábulos Parônimos e Homônimos

13.1. PARÔNIMOS

Palavras com sons parecidos.

absolver	perdoar
absorver	aspirar, sorver
arrear	pôr arreios
arriar	descer
cavaleiro	que cavalga
cavalheiro	cortês
comprimento	extensão
cumprimento	saudação
cumprimento	ato de cumprir
conjuntura	oportunidades
deferir	atender
diferir	retardar, divergir
descrição	ato de descrever
discrição	qualidade de discreto
descriminar	inocentar
discriminar	distinguir, isolar
despensa	onde se guardam mantimentos
dispensa	ato de dispensar
docente	relativo a professores
discente	relativo a alunos
emigrar	deixar uma região
imigrar	entrar numa região

flagrante	evidente
fragrante	perfumado
fluir	correr
fruir	desfrutar
imergir	afundar
emergir	vir à tona
inflação	alta de preços
infração	violação
infligir	aplicar pena
infringir	violar
mandado	ordem judicial
mandato	procuração
peão	amansador de cavalgadura
pião	tipo de brinquedo
precedente	que vem antes
procedente	proveniente, que tem fundamento
prescrever	determinar
proscrever	banir, abolir
ratificar	confirmar
retificar	corrigir
soar	produzir som
suar	transpirar
sortir	abastecer

13.2. HOMÔNIMOS

Palavras com a mesma pronúncia.

acender	pôr fogo
ascender	subir
acento	sinal gráfico
assento	onde se senta, lugar
acerto	ato de acertar
asserto	afirmação
caçar	capturar animais
cassar	tornar sem efeito
decente	digno, correto
cela	quarto pequeno
sela	arreio
censo	recenseamento
senso	juízo
cerração	nevoeiro
serração	ato de serrar
cerrar	fechar
serrar	cortar
cervo	veado
servo	criado
chá	bebida
xá	soberano do irã
cheque	ordem de pagamento
xeque	lance no jogo de xadrez
ruço	grisalho
russo	natural da rússia

cito	do verbo citar
sito	situado
concertar	ajustar,combinar
consertar	reparar, corrigir
concerto	sessão musical
conserto	reparo
coser	costurar
cozer	cozinhar
descente	que desce, vazante
esperto	perspicaz
experto	perito
espiar	observar
expiar	pagar pena
espirar	soprar, exalar
expirar	terminar
estrato	camada
extrato	o que se extrai de
incerto	não certo
inserto	inserido
incipiente	principiante
insipiente	ignorante
laço	nó
lasso	cansado, fatigado
tacha	prego
taxa	imposto, tributo

BIZU

O vocábulo "sessão" possui dois homônimos: seção e cessão. Possui também um parônimo: secção. Aqui estão os significados das quatro palavras:

SESSÃO – ESPAÇO DE TEMPO EM QUE SE REALIZA UMA REUNIÃO OU UM TRABALHO.

SEÇÃO – DEPARTAMENTO

CESSÃO – ATO DE CEDER

SECÇÃO – SEÇÃO, DEPARTAMENTO

13.3. SEMÂNTICA DE FORMAS PARECIDAS

ABAIXO / A BAIXO

Abaixo:

Interjeição. Ex.: Abaixo o presidente!

Advérbio (embaixo, em categoria inferior, depois) Ex.: Abaixo de Deus, as mães.

A baixo:

contrário a "de alto" Ex.: Rasgou os lençóis de alto a baixo.

ACERCA DE/ CERCA DE/ A CERCA DE/ HÁ CERCA DE

Acerca de: a respeito de. Ex.: Falamos acerca do filme.

Cerca de: durante, aproximadamente. Ex.: Falamos cerca de dez minutos

A cerca de: ideia de distância. Ex.: Fiquei a cerca de 15 metros da porta.

Há cerca de: existe aproximadamente, aproximadamente no passado. Ex.: Há cerca de cem pessoas no estádio.

ACIMA / A CIMA

Acima:

anterior, em grau de categoria superior. Ex.: Questão acima

em grau ou categoria superior. Ex.: De dezoito anos acima.

em graduação superior. Ex.: Muito acima do general.

de preferência, em lugar superior, em cima. Ex.: Buscamos, acima de tudo, a paz.

de cima (interjeição). Ex.: Acima coração!

A cima:

contrário a "de baixo". Ex.: Costurou a saia de baixo a cima.

AFIM / A FIM DE

Afim: semelhança, parentesco, afinidade. Ex.: São duas mães afins.

A fim de: com o propósito de, com o objetivo de, com a finalidade de. Ex.: Estudou a fim de passar no concurso.

AFORA / A FORA

Afora: o mesmo que "fora", à exceção de, exceto. Ex.: Todos farão o concurso,

afora eles.

A fora: com a ideia de "para fora". Ex.: Pela rua a fora.

AO ENCONTRO DE / DE ENCONTRO A

Ao encontro de: a favor de, encontrar-se, concordar. Ex.: Nós não discutimos, visto que minhas ideias foram ao encontro das dele.

De encontro a: ir de encontro a. Ex.: Meu carro foi de encontro a um poste.

APARTE / À PARTE

Aparte:

verbo: separar. Ex.: Não aparte as provas.

substantivo: interrupção. Ex.: O padre recebeu um aparte.

À parte: locução adverbial = de lado. Ex.: O resultado será mostrado à parte.

CONQUANTO / COM QUANTO.

Conquanto: embora; mesmo que. Ex.: Conquanto João estivesse cansado, ainda saiu de casa.

Com quanto: com que quantitativo. Ex.: Com quanto dinheiro eles saíram de casa.

CONTUDO / COM TUDO

Contudo: entretanto, porém. Ex.: Maria estava cansada, contudo foi ao teatro.

Com tudo: preposição + pronome = total. Ex.: Ela saiu de casa com tudo.

DANTES / DE ANTES

Dantes: advérbio = antigamente. Ex.: Dantes se comia melhor.

De antes: preposição + advérbio = em tempo anterior. Ex.: Os problemas já vêm de antes de você chegar.

DEBAIXO/DE BAIXO

Debaixo:

em situação inferior. Ex.: Tomara que não caia quando alguém estiver debaixo.

na dependência, em decadência. Ex.: Ficamos debaixo e tivemos que nos render.

sob: Ex.: Jaz agora debaixo da terra.

no tempo de; por ocasião de. Ex.: O sucesso dessas músicas caiu debaixo desse cantor.

em situação inferior a. Ex.: Escondam-se debaixo da escada.

De baixo:

a parte inferior. Ex.: Comprei roupa de baixo.

contrário a "a cima". Ex.: Examinamos de baixo a cima.

DEMAIS / DE MAIS

Demais:

pronome indefinido = outros. Ex.: Chame os demais candidatos.

advérbio de intensidade = excessivamente. Ex.: A mulher fala demais.

palavra continuativa = além disso. Ex.: Demais quem trabalha aqui é ela.

De mais: locução adjetiva = muito. Ex.: Comi doce de mais.

DESAPERCEBIDO / DESPERCEBIDO

Desapercebido: desavisado. Ex.: Eu fui ao local errado por estar desapercebido.

Despercebido: sem ser notado, sem perceber a presença. Ex.: Passei despercebido pela frente do prédio.

DETRÁS / DE TRÁS

Detrás: pela retaguarda. Ex.: Um atleta não pode cometer uma falta por detrás.

De trás: atrás. Ex.: Esse som vem lá de trás.

DEVAGAR / DE VAGAR

Devagar: lentamente; sem pressa. Ex.: Devagar se vai ao longe.

De vagar: de descanso. Ex.: Escrevo nos momentos de vagar.

EM VEZ DE / AO INVÉS DE

Em vez de: em lugar de. Ex.: Em vez de fazer Direito, fez Letras.

Ao invés de: ao contrário de. Ex.: Ao invés de descansar, pôs-se a trabalhar a madrugada inteira.

ENFIM / EM FIM

Enfim: afinal, finalmente. Ex.: Enfim todos chegaram.

Em fim: no fim. Ex.: Eles estão em fim de carreira.

ENQUANTO / EM QUANTO

Enquanto: conjunção = ao mesmo tempo que; em concomitância com. Ex.: "Enquanto jantava, falei em voz baixa a Casimiro Lopes. (Graciliano Ramos)

Em quanto: preposição + pronome = qual, por quanto. Ex.: Em quanto tempo se faz a viagem de Rio a São Pedro?

MALGRADO / MAU GRADO

Malgrado: embora, ainda que (se não estiver seguido de preposição). Ex.: Malgrado João quase não tenha estudado, fez excelente teste.

Mau grado:

contra a vontade. Ex.: Paulo cuida do filho de mau grado.

apesar de (se estiver seguido de preposição). Ex.: Mau grado ao tempo sairei.

NENHUM / NEM UM

Nenhum: ninguém, nada. Ex.: Nenhum tem razão naquela discurso.

Nem um: um só que fosse. Ex.: Não bebemos nem uma cerveja.

PORVENTURA / POR VENTURA

Porventura: por acaso. Ex.: Se porventura não chover, irei à praia.

Por ventura: por sorte. Ex.: Como não estudei, só passarei por ventura.

PORQUANTO / POR QUANTO

Porquanto: conjunção = visto que. Ex.: Apresso-me, porquanto o tempo voa.

Por quanto: designa quantidade, preço. Ex.: Por quanto venderam o carro?

PORTANTO / POR TANTO

Portanto: então, logo. Ex.: Eles se preparam à beça para o concurso, portanto passarão..

Por tanto: por muita quantidade. Ex.: "Por tanto amor, por tanta emoção, a vida me fez assim" (Milton Nascimento)

SE NÃO / SENÃO

BIZU

Se a palavra "não" puder ser extraída da frase, alterando o seu sentido, porém não gerando erro, o termo "se não" é separado. Ex.: Se não chover, iremos à praia. – Observe que o advérbio "não" pode ser extraído, que o período continua correto gramaticalmente. Se chover, iremos à praia.

Por outro lado, se o termo "não" não puder ser suprimido, "senão" é junto. Ex.: É bom você estudar, senão será reprovado. – Observe que o termo "não" não pode ser suprimido, pois a frase ficará sem sentido: é bom você estudar, se será reprovado.

SOBRETUDO / SOBRE TUDO

Sobretudo:

especialmente, principalmente. Ex.: Deves estudar todas as matérias, sobretudo conjunções.

Casacão, capa: Ex.: O meu sobretudo está molhado.

Sobre tudo: a respeito de tudo; acerca de tudo. Ex.: Eles conversaram sobre tudo.

TAMPOUCO / TÃO POUCO

Tampouco: também não, nem. Ex.: Eles não bebem tampouco fumam.

Tão pouco: muito pouco. Ex.: Ele comeu tão pouco, que logo sentirá fome.

13.4. EXERCÍCIOS

01. **(TRE-MG)**

A palavra nos parênteses não preenche adequadamente a lacuna do enunciado em:

a) O crime foi bárbaro. Somente após a..... do assunto é que foi possível prendê-lo. (descrição)

b) Só seria possível..... o acusado, se conseguíssemos mais provas que o inocentassem. (descriminar)

c) A negociações só vão..... os resultados esperados, caso todos compareçam. (sortir)

d) O corpo estava....., apenas a cabeça estava fora da água, que subia cada vez mais. (imerso)

e) Como a mercadoria estava muito pesada, o recurso foi..... o cofre ali mesmo, na escada (arriar)

Gabarito: C

A lacuna deveria ser preenchida com SURTIR, que significa GERAR EFEITO e não com SORTIR, cujo sentido é VARIAR.

02. **(TRE-RJ)**

"Comprida" tem significado distinto de seu parônimo "cumprida". Das sentenças abaixo, aquela em que houve <u>troca</u> na escolha dos parônimos entre parênteses é:

a) O acúmulo de <u>vultosas</u> quantias era sinal de bênção divina. (vultosas / vultuosas)Â

b) Muda-se a ética antes que se <u>consuma</u> a generalização do pecado. (consuma / consume)

c) A expressão "dar um jeito" traz sempre subentendida a intenção de burlar a lei. (subentendida / subtendida)

d) O descumprimento da lei dificilmente passa despercebido na "Common Law" anglo-saxônica. (desapercebido / despercebido)

e) Antes de mais nada, faz-se necessário discriminar que leis favorecem a institucionalização do jeito. (descriminar / discriminar)

Gabarito: B

A estrutura "antes que" exige que a forma verbal se encontre no presente do subjuntivo. Sendo assim, pelo contexto, cabe apenas o verbo 'consumar" (consumar a generalização do pecado). Como foi utilizado "consuma" (verbo CONSUMIR no presente do subjuntivo), a coerência fica totalmente prejudicada.

03. **(NCE)**

A cessão de crédito não vale em relação ao devedor, senão quando a este notificada, mas por notificado [...] (Art. 1069 – Código Civil)

Assinale o item em que o vocábulo homônimo está incorretamente grafado:

a) A seção do Congresso Nacional está encerrada por hoje.

b) Dirija-se, por favor, à Seção de documentação do Ministério.

c) A cessão de terras aos índios é um problema mal resolvido no País.

d) A Seção de Pessoal é a mais frequentada no Ministério.

e) A cessão de pessoal capacitado é um problema a ser resolvido.

Gabarito: A

O vocábulo "seção" significa DEPARTAMENTO. No contexto, é pertinente o emprego de SESSÃO, cujo significado é "espaço de tempo em que se realiza uma reunião ou um trabalho.

04. **(Esaf)**

Marque a alternativa cujas palavras preenchem corretamente as respectivas lacunas, na frase seguinte: "Necessitando..... o número do cartão do PIS,..... a data de meu nascimento."

a) ratificar, proscrevi;

b) prescrever, discriminei;

c) descriminar, retifiquei;

d) proscrever, prescrevi;

e) retificar, ratifiquei.

Gabarito: E

Na alternativa A, o primeiro vocábulo se enquadra no contexto, mas o segundo, não. Vê-se: Necessitando ratificar (confirmar) o número do cartão do PIS, proscrevi (aboli) a data de meu nascimento."

Na alternativa B, o primeiro verbo PRESCREVER (determinar) já gera incoerência textual.

Na alternativa C, também a primeira forma verbal causa inconsistência – Necessitando descriminar (inocentar) o número do cartão do PIS.

Na alternativa D, mais uma vez a primeira forma verbal gera incoerência – Necessitando proscrever (abolir) o número do cartão do PIS.

A alternativa E é a única que apresenta duas formas verbais que complementam com coerência o texto. Vejamos: Necessitando retificar (corrigir) o número do cartão do PIS, ratifiquei (confirmei) a data de meu nascimento

05. **(UNISINOS)**

A frase onde os homônimos e / ou parônimos em destaque estão com significação invertida é:

a) Era <u>iminente</u> a queda do <u>eminente</u> deputado.

b) A justiça <u>infringe</u> uma pena a quem <u>inflige</u> a lei.

c) <u>Vultosa</u> quantia foi gasta para curar sua <u>vultuosa</u> face.

d) O <u>mandado</u> de segurança impediu a cassação do <u>mandato</u>.

e) O nosso <u>censo</u> depende exclusivamente do <u>senso</u> de responsabilidade do IBGE.

Gabarito: B

O verbo INFLIGIR significa COMINAR, APLICAR PENA e INFRINGIR significa VIOLAR; portanto, os verbos, no período exposto na alternativa B, estão invertidos.

06. **(MACK)**

Na oração: Em sua vida, nunca teve muito……, apresentava-se sempre……. no……. de tarefas……. As palavras adequadas para preenchimento das lacunas são:

a) censo – lasso – cumprimento – eminentes;

b) senso – lasso – cumprimento – iminentes;

c) senso – laço – comprimento – iminentes;

d) senso – laço – cumprimento – eminente;

e) censo – lasso – comprimento – iminentes.

Gabarito: B

O sentido do período é: Em sua vida, nunca teve muito juízo (SENSO), apresentava-se sempre fatigado (LASSO) na realização (CUMPRIMENTO) de tarefas urgentes, imediatas (IMINENTES).

07. **(TFC)**

Indique a letra na qual as palavras complementam, corretamente, os espaços das frases abaixo:

1) **Quem possui deficiência auditiva não consegue……. os sons com nitidez.**
2) **Hoje são muitos os governos que passaram a combater……. de entorpecentes com rigor.**
3) **O Diretor do presídio……. pesado castigo aos prisioneiros revoltosos.**

a) discriminar – tráfico – infligiu;

b) discriminar – tráfico – infringiu;

c) descriminar – tráfego – infringiu;

d) descriminar – tráfego – infligiu;

e) descriminar – tráfico – infringiu.

Gabarito: A

Quem possui deficiência auditiva não consegue DISTINGUIR (DISCRIMINAR) os sons com nitidez.

Hoje são muitos os governos que passaram a combater O NEGÓCIO, A NEGOCIATA (TRÁFICO) de entorpecentes com rigor.

O Diretor do presídio O NEGÓCIO, A NEGOCIATA (TRÁFICO) pesado castigo aos prisioneiros revoltosos.

08. **(FUVEST)**

No último……. da orquestra sinfônica, houve……. entre os convidados, apesar de ser uma festa…….

a) conserto – flagrantes descriminações – beneficente;

b) concerto – fragrantes discriminações – beneficiente;

c) conserto – flagrantes descriminações – beneficiente;
d) concerto – fragrantes discriminações – beneficente;
e) concerto – flagrantes discriminações – beneficente.

Gabarito: E

No último SESSÃO MUSICAL, SINFONIA (CONCERTO) da orquestra sinfônica, houve EVIDENTES DISTINÇÕES (FLAGRANTES DISCRIMINAÇÕES) entre os convidados, apesar de ser uma festa BENEFICENTE. É importante esclarecer que não existe a palavra BENEFICIENTE.

09. **(TRE-MG)**

A palavra sublinhada está empregada inadequadamente em:

a) Os moradores sempre o consideraram, pelas suas atitudes, um homem sério e descente.
b) Sempre foi muito místico, por isso não se cansavam de lhe chamar de ascético.
c) Comentava-se que o príncipe só poderia ascender ao trono após a maioridade.
d) Na última publicação do jornalista, a seção de esportes estava ótima.
e) Sabe apreciar uma pintura. Não há dúvida de que possui senso artístico.

Gabarito: A

O contexto indica a intenção de esclarecer que o homem agia com decência, portanto o termo deveria ser DECENTE. Já o significado de DESCENTE é ALGO QUE DESCE, VAZANTE.

10. **(NCE / TJ / Técnico Judiciário)**

"A Carta proíbe a discriminação entre o homem e a mulher...": o vocábulo sublinhado era denominado parônimo (de descriminação). O item abaixo em que houve erro porque houve troca entre parônimos é:

a) Os assertos do discurso presidencial necessitam de confirmação;
b) As conjeturas do economista português foram importantes para nossa reflexão;
c) O ministro pretendia proscrever, para o presidente, uma certa cautela nos discursos;
d) Na iminente situação de perigo, o ministro preferiu adotar uma solução mais drástica;
e) O corrupto pretendia rapar todas as contribuições da campanha eleitoral.

Gabarito: C

A intenção na alternativa C era informar que o ministro pretendia DETERMINAR (PRESCREVER), para o presidente, uma certa cautela nos discursos. Observe que o sentido de PROSCREVER (ABOLIR, BANIR), nesta frase, gera incoerência textual.

11. **(NCE)**

" E , <u>em vez das</u> simples anotações que seriam preciosas como documento..."; a frase abaixo em que em lugar de <u>em vez de</u> seria mais adequado dizer <u>ao invés de</u> é:

a) Em vez de ler, preferiu dormir;

b) Em vez de churrasco, quis feijoada;

c) Em vez de sair, entrou;

d) Em vez de um caderno, encontrou um livro.

e) Em vez de anotações, encontrou um diário completo.

Gabarito: C

É fundamental observar a diferença entre EM VEZ DE e AO INVÉS DE. Aquele significa NO LUGAR DE, e este, AO CONTRÁRIO DE. AO INVÉS DE só pode ser utilizado se houver necessariamente uma ideia de contrariedade, adversidade. É justamente o que ocorre na alternativa C, visto que os vocábulos ENTRAR e SAIR possuem opostas cargas semânticas.

Capítulo 14

Semântica de Afixos

14.1. PREFIXOS LATINOS

PREFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
Ab, abs	afastamento, separação	abusar, abster– se
Ad, a	aproximação	adjunto,abeirar
Ambi	duplicidade	ambidestro
Ante	anterioridade	antevéspera
Bene, ben	bem, muito bom	benevolência
Bis, bi	duas vezes	bisavó
Circun	movimento em torno	circunferência
Cis	posição aquém	cisalpino
Com, co	companhia	compartilhar
Contra	oposição	contradição
De	movimento para baixo	decomposição
De, dês	ação contrária, privação	defeito
Di, dis	movimento para vários lados	digerir,discordar
Ex, e, es	movimento para fora	extração,expor
Extra	fora de	extraordinário
In, i	movimento para dentro	ingerir
In, i	negação	inativo
Inter, entre	posição intermediaria	intervir
Intro, intra	movimento para dentro	introdução
Per	movimento através	perfeito
Pro	movimento para frente	progredir
Re	movimento para trás, repetição	reabrir
Retro	movimento mais para trás	retroceder
Semi	metade	semideus
Sub, sus, su	movimento de baixo para cima	submeter
	Inferioridade	subalterno
Super, supra, sobre	posição em cima, excesso	superpor, sobrepor
Trans, tras	através de,além de,	transposição
Três, tras	mudança	tresnoitar

PREFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
Ultra	posição além do limite	ultra romântico
Vice, vis	substituição	vice presidente
Soto, sota	posição inferior	soto mestre

14.2. PREFIXOS GREGOS

PREFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
A,na	negação, privação	ateu, anarquia
Ana	repetição	anagrama
Anfi	duplicidade	anfíbio
Anti	oposição	antiaéreo
Apo	afastamento	apogeu
Arqui, arce	superioridade	arcebispo
Cata	movimento para baixo	catarata
Di	duas vezes	ditongo
Dia	movimento através de	diálogo
Dis	dificuldade	disenteria
Ec, ex	movimento para fora	eczema, êxodo
Endo	movimento para dentro	endovenoso
Epi	posição superior	epiderme
Eu, ev	perfeição, excelência	eufônico
Hemi	metade	hemisfério
Hiper	posição superior, excesso	hipertenso
Hipo	posição inferior	hipotético
Meta	posterioridade, mudança	metátese
Para	proximidade, ao lado de	paradigma
Peri	posição em torno de	perímetro
Pro	anterioridade	profecia

Sim, sin	simultaneidade, companhia	simpático, sinônimo

14.3. RELAÇÃO DE SUFIXOS

SUFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
-ada, -agem, -al	coleção	boiada, ramagem, laranjal
-ame, -edo, -io	agrupamento	vasilhame, arvoredo, mulherio
-aço, -aça, -ão, -arra	aumentativo	ricaço, barcaça, bocarra
-orra, -aréu, -ázio	aumentativo	cabeçorra, povaréu, copázio
-acho, -ejo, -ela, -eta	diminutivo	riacho, lugarejo, ruela, saleta
-ete, -eto, -ico, -iço	diminutivo	artiguete, poemeto, burrico
-isco, -(z)inho	diminutivo	chuvisco, animalzinho
-ota, -ote, -c)ula	diminutivo	flâmula, gotícula
-c)ulo, -ucho	diminutivo	papelucho

SUFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
-dade, -ada, -dão	ação	paulada, maldade, escuridão
-ança, -ação, -ença	qualidade	esperança, oração, detenção
-ência, -ez, -eza	estado	imponência, altivez, beleza
-ície, -mento, -(t)ude		calvície, ferimento, quietude
-ume	quantidade, coletivo	negrume, cardume
-ario, -eiro, -dor	profissão	bibliotecário, pedreiro
-nte	agente	vendedor, ajudante
-douro	lugar	bebedouro, dormitório
-al, -ar, -eo	referência,relação	imperial, escolar, férreo
-ano, -ão,-eiro	naturalidade,origem	curitibano, alemão
-ense, -eu,-ino		paraense, europeu, florentino
-ês,-esa		chinês, chinesa
-oso, -udo	abundância	gorduroso, narigudo
-ia, -ismo	ciência,escola	astronomia, romantismo
	Sistema político	comunismo
ança (ância), ença (ência)	ação ou resultado da ação	Esperança, lembrança, importância, obediência, crença, regência
Ura	qualidade	Brancura, feiúra
-esa, -isa, -essa	título	baronesa, sacerdotisa, condessa
-ar, -ear,-entar -ficar,-izar	ação	cantar, guerrear, afugentar dignificar, civilizar
-ecer, -escer	início de ação	amanhecer, amadurecer, florescer
-icar, -itar -iscar, -inhar	ação pouco intensa	bebericar, adocicar chuviscar, escrevinhar
-ear, -ejar	ação repetitiva	espernear, apedrejar

14.4. CORRESPONDÊNCIA ENTRE PREFIXOS GREGOS E LATINOS

PREFIXO LATINO	SIGNIFICADO	PREFIXO GREGO
Ab	afastamento	apo
Ad	proximidade, ao lado	para
Ambi	duplicidade	anfi

Bene	bem, bom	eu
Bi	dois	di
Circum	em torno de	peri
Contra	ação contrária	anti
Cum	simultaneidade	sin
De	movimento de cima para baixo	cata
Des, in	privação, negação	a, na
Ex	movimento para fora	ec, ex
In	interioridade	em
Intra	posição interior	endo
Semi	metade	hemi
Sub	sob, inferior	hipo
Super	sobre, excesso	epi
Trans	através de	dia
Mudança	meta	

RADICAIS GREGOS	SIGNIFICADO	EXEMPLO
Acro	alto, elevado	acrobata, acrópole, acrofobia
aer, aero	ar	aeronave, aéreo
agogo	o que conduz	pedagogo, demagogo
agro	campo	agronomia, agrônomo
alg, algia	dor, sofrimento	analgésico, nevralgia
andro	homem, macho	andrógino, andropausa
anemo	vento	anemógrafo, anemômetro
antropo	ser humano	antropocentrismo, antropologia
arcai, arqueo	antigo, velho	arcaico, arqueologia
Aristo	ótimo, o melhor	aristocracia, aristocrata
aritmo	número	aritmética, aritmologia

arquia	governo	Monarquia, anarquia
asteno, astenia	fraqueza, debilidade	astenopia, neurastenia
astro	corpo celeste	astronomia, astrologia
atmo	gás, vapor	atmosfera, atmômetro
baro	pressão, peso	barômetro, barítono
bata	o que anda	acrobata, nefelibata
biblio	livro	biblioteca, bibliotecário
bio	vida	biologia, biografia
caco	feio, mau	cacofonia, cacoépia
cali	belo	caligrafia, calidoscópio
cardio	coração	cardíaco, cardiopatia
cefalo	cabeça	acefalia, cefaléia
ciclo	círculo	ciclovia, motocicleta
cine, cinesi	movimento	cinemática, cinema
cito	célula	citologia, citoplasma
cosmo	mundo, universo	cosmovisão, macrocosmo
cracia	poder, autoridade	democracia, tecnocracia
cromo	cor	cromogravura, cromógeno
crono	tempo	cronológico, cronômetro
Datilo	dedo	datilografia, datiloscopia
dgeca	dez	decâmetro, decalitro
Demo	povo	democracia, demográfico
derma	pele	dermatologista, dermatite
di	dois	dissílabo, ditongo
dinamo	força, potência	dinamite, dinamismo
doxo	crença, opinião	ortodoxo, paradoxo
dromo	corrida	autódromo, hipódromo

Eco	casa, domicílio, habitat	ecologia, ecônomo, ecossistema
Edro	base, face	poliedro, pentaedro
ergo	trabalho	ergofobia, ergonomia
esperma, espermato	semente	espermatologia, espermatozóide
etio, etimo	origem	etiologia, etimologia
etno	raça, nação	etnia, etnocentrismo
Fago	aquele que come	antropófago, necrófago
filo	amigo, amante	Filólogo,fílósofo,
fisio	natureza física ou moral	fisiologia, fisioterapia
Fobo	Aversão, medo	agorafobia, pantofobia
fono	som, voz	Fonoaudiólogo, fonema
fos, foto	luz	fosfeno, fotografia
gamo	casamento	gamomania, poligamia
gastro	estômago	gastronomia, gástrico
Gene	origem	gênese, genética
geo	terra	geografia, geologia
gine, gineco	mulher	Ginecologia, andrógino
gono, gonio	ângulo	polígono, goniômetro
grafia	escrita	ortografia, caligrafia
Helio	sol	heliocentrismo, heliografia
hemo	sangue	hemorragia, hemograma
hepato	fígado	hepatite, hepático
hetero	outro, diferente	heterossexual, heterogêneo
hidro	água	hidrografia, hidrófilo
Higro	umidade	higrômetro, higrófilo
Hipno	sono	hipnose, hipnotismo
Hipo	cavalo	hipódromo, hipopótamo
homeo, homo	semelhante	homeopatia, homônimo

icon, icono	imagem	iconoclasta, iconografia
ictio	peixe	ictiofagia, ictiologia
iso	igual	isóbaro, isonomia
Latria	culto	idolatria, alcoólatra
Lito	pedra	litografia, aerólito
log, logia	estudo	Psicologia, sociologia
macro	grande	macrocosmo, macrobiótica
mancia	adivinhação	quiromancia, cartomancia
mani, mania	loucura	manicômio, cleptomania
mega, megalo	grande	megalomania, megalocefalia
meso	meio	Mesopotâmia, mesóclise
metro	que mede, medição	velocímetro, termômetro
micro	pequeno	microcosmo, microfone
miso	ódio, aversão	misantropia, misossofia
mito	fábula	mitologia, mitomania
mnemo	memória	amnésia, mnemônico
mono	único, sozinho	monarquia, monobloco
morfo	forma	zoomórfico, amorfo, morfologia
Necro	morte, cadáver	necrotério, necrofilia
Neo	novo, moderno	neologismo, neoplasia
neuro	nervo	neurite, neuralgia
nomo	regra, lei	nomologia, agrônomo
odonto	dente	odontologia, odontalgia
oftalmo	olho	oftalmologista, oftalmia
Oligo	pouco	oligarquia, oligopólio
onimo	nome	ortônimo, sinônimo
onir, oniro	sonho	onírico, oniromancia)

ornito	ave	ornitologia, ornitofilia
orto	reto, correto	ortônimo, ortografia
Oxi	agudo, ácido	oxítona, oxidação
paleo	antigo	paleografia, paleontologia
pato	doença, sofrimento	patologia, patogenia
pedia	educação	ortopedia, pediatria
pole, polis	cidade	metrópole, Petrópolis
poli	muito	poligamia, politeísmo
potamo		Mesopotâmia, hipopótamo
pneumato	ar, gás, espírito	pneumatologia, pneumático
pneum(o)	pulmão	pneumonia, pneumotórax
Proto	primeiro	protozoário, protótipo
pseudo	Falso	pseudorrepresentações
psico	alma, espírito	psicografia, psiquiatria
quiro	mão	quiromancia
rino	nariz	Rinite, rinoceronte
rizo (=);	raiz	rizotônico, rizófago
scopio	o que faz ver	telescópio, microscopia
sema, semio	sinal	semáforo, semiótica
sidero	ferro, aço	siderurgia, siderografia
Sismo	terremoto	sísmico, sismógrafo
sofo	sábio	filosofia, sofomaníaco
soma, somo, somato	corpo, matéria	cromossomo, somatologia
tanato	morte	eutanásia, tanatofobia
taqui	rápido	taquicardia, taquigrafia
teca	coleção	fonoteca, filmoteca, discoteca
tecno	arte, ofício	tecnologia, tecnocracia
tele	ao longe, distância	telefone, telescópio, telégrafo

Téo	deus, divindade	teocentrismo, teocracia
termo	calor, temperatura	termômetro, térmico
topo	lugar, localidade	topografia, topologia
xeno	estranho	xenofobia, xenofilia
xer, xero	seco, secura	xerófilo, xerografia
xilo	madeira	xilogravura, xilófago
zoo	animal	zoologia, zoomorfo

RADICAIS LATINOS	SIGNIFICADO	EXEMPLO
Agri	campo	agricultura, agrícola
Ambi	ambos	ambidestro, ambíguo
ambulo	caminhar, andar	sonâmbulo, noctâmbulo
arbori	árvore	arboriforme, arboricultura
beli (=);	guerra	bélico, belicista, beligerante
bi, bis	repetição, duas vezes	bisavô, bilíngue
calori	calor	caloria, calorífero
cida	que mata	Homicida, inseticida
cola (=);	que habita, que cultiva	vinícola, citrícola
cole, colo	pescoço	colar, colarinho
color	cor, coloração	Bicolor, colorido
cordi	coração	cordial
corn(i)	chifre, antena	cornear, cornudo
crimino	crime	criminoso, criminologia
cruci	cruz	crucificado
cultura	ato de cultivar	suinocultura, piscicultura
cupr(i)	cobre	cúprico, cuprífero
curvi (=);	curvo	curvilíneo
deci (=);	décimo	decímetro, decigrama

digit(i)	dedo	digitador, digitação
dui	dois	duidade, duelo
ego	eu	egocentrismo, egoísmo
equi	igual	equivalência, equidistante
estil(i)	estilo	estilista, estilismo
evo	idade	longevidade, longevo, medievo
fero	que contém	mamífero, carbonífero
ferr(i), ferro	ferro	ferrovia, ferragem
fico	que faz, que produz	benéfico, maléfico
Fide	fé	fidelidade, fidedigno
fili	filho	filiação, filial
forme	forma	uniforme, disforme
frater	irmão	fraterno, fratricida
frig(i)	frio	frigidez, frigorífico
fugo	que foge	centrífugo, vermífugo
genito	relativo à geração	genitor
gradu	grau, passo	centígrado, graduação
herbi	erva	herbívoro, herbicida
homin(i)	homem	hominal, homicídio
igni	fogo	ignição, ígneo
lati	largo, amplo	latifúndio, latofólio
loquo (=);	que fala	ventríloquo, altíloquo
luc(i)	luz	lucidez, lúcido
mini	muito pequeno	minissaia, mínimo
multi	numeroso	multissecular, multiangular
ocul(i)	olho	oculista, óculos
Odori	odor, cheiro	odorífero, desodorante
oni	tudo, todo	onipotente, onipresente

pisci	peixe	piscicultura, pisciano
Pani	pão	panificadora
pari	igual	paridade, paritário
ped(i), pede	pé	pedestre, pedicuro, bípede
personal(i)	pessoal	personalidade, personificar
petr(i)	pedra	petrificar, petróleo
Plani	plano	planisfério, planície
Pluri	muitos	pluralizar, pluricelular
pluvio	chuva	pluviômetro, pluviosidade
popul(o)	povo	populoso, populismo
primi	primeiro	primogênito, primícias
quadr(i), quadru	quatro	quadrado, quadrangular
radic(i)	raiz	radicar, radiciação
reti	reto, direito	retificar, retilíneo
reti	rede	reticulado, retiforme
retro	movimento para trás	retroceder, retrovisor
sabat(i)	sábado	sabatina, sabatismo
sacar(i)	açúcar	sacarífero, sacarose, sacarina
sesqui	um e meio	sesquicentenário, sesquipedal
sexi, sexo	sexo	sexologia, assexuado
sideri	astro	sideral, sidério
silvi	selva	silvícola, silvicultura
sino	da China	sinologia, sino-brasileiro
sócio	sociedade	sociologia, sociolinguística
sono	som, ruído	sônico, sonoplastia
sudor(i)	suor	sudoríparo, sudoral
telur(i)	terra, solo	telúrico, telurismo
toni	tom, vigor	tônico, tonificar

toxico	veneno	toxicomania, toxina
Triti	trigo	triticultura, triticultor
veloci	veloz	velocidade, velocímetro
vermi	verme	vermífugo, vermicida
vin(i)	vinho	vinicultura, vinícola
Vitri	vidro	vitrina, vitrificar, vitral
Voto	que quer, que deseja	malévolo, benévolo
Voro	que devora	carnívoro, herbívoro

14.5. LATINISMOS

A fortiori	com tanto mais razão
Ab absurdo	por absurdo
Ab initio	desde o princípio
Ad hoc	para isso
Ad instar	à semelhança, à maneira de
Ad honores	pela honra
Ad libitum	à vontade, a seu bel prazer
Ad referendum	sujeito à aprovação
Ad usum	segundo o costume
Álibi	meio de defesa que o réu apresenta provando estar em outro local no momento do crime
A priori	antes de qualquer momento
A posteriori	após argumentação
Apud	junto de
Alter ego	outro eu
Curriculum vitae	correr da vida, conjunto de informações pessoais
Data vênia	com a devida permissão

De facto	de fato
Errata	especificação dos erros expressos
Et alii	e outros
Ex aequo	com igualdade
Ex autoritate legis	por força da lei
Ex abrupto	de súbito
Ex cathedra	em virtude de autoridade decorrente do título
Ex consensu	com o consentimento
Ex jure	segundo o direito
Ex more	conforme o costume
Ex officio	por obrigação da lei, por dever do cargo
Exempli gratia	por exemplo
Ex lege	de acordo com a lei
Ex nunc	de agora em diante
Ex tunc	desde então, com efeito retroativo
Ex-vi	por força, por efeito
Fac símile	cópia
Habeas corpus	liberdade de locomoção
Hic et nunc	aqui e agora
Honoris causa	por motivo de honra
Ibidem	no mesmo lugar
Idem	igualmente, também
In fine	no fim
In limine	preliminarmente
In albis	sem noção daquilo que deveria saber
In extenso	na íntegra
In limine	desde logo, no início

In loco	no lugar
In sito	no lugar
In totum	totalmente
Ipsis literis	pelas mesmas letras
Ipsis verbis	pelas mesmas palavras – textualmente
Ipso facto	por isso mesmo, pelo próprio fato
Ipso jure	de acordo com o direito
Lato sensu	em sentido amplo
Mutatis mutandis	mudando o que deve ser mudado
Opus	obra musical classificada e numerada
Pari passu	simultaneamente
Passim	aqui e ali, em toda parte
Prima facie	à primeira vista
Pro labore	o pagamento por serviço prestado
Quorum	número mínimo de pessoas presentes exigido por lei ou estatuto para que um órgão funcione
Res non verba	fatos, não palavras
Sic	assim mesmo, escrito desta maneira
Sine die	sem data fixa
Sine jure	sem direito
Sine qua non	indispensável
Sub judice	sob a apreciação judicial
Sui generis	peculiar, sem igual
Status quo	estado em que se encontrava certa questão
Strictu sensu	em sentido restrito
Ur et orbi	em toda parte
Ut infra	conforme abaixo

Ut retro	conforme atrás
Ut supra	conforme acima
Verbi gratia	por exemplo
Verbo ad verbum	palavra por palavra

14.6. EXERCÍCIOS

01. **(NCE / Polícia Civil / Inspetor de Polícia)**

"Inúmeros esforços publicitários não resultam em nada."; "Continuemos no campo das substâncias ilícitas"; "acho que o professor cometeu duas impropriedades.". Inúmeros, ilícita, impropriedade têm em comum:

a) o prefixo negativo;
b) a classe gramatical;
c) o gênero;
d) o número;
e) a forma gráfica.

Gabarito: A

A alternativa B deve ser excluída, visto que INÚMEROS e ILÍCITA são adjetivos e apenas IMPROPRIEDADE é substantivo. Portanto, não se pode afirmar que os três termos possuem a mesma classe gramatical.

A alternativa C também deve ser excluída, porquanto INÚMEROS é masculino, contudo ILÍCITA e IMPROPRIEDADE são femininos.

A alternativa D também deve ser eliminada, dado que INÚMEROS está no plural e ILÍCITA e IMPROPRIEDADE estão no singular.

A alternativa E apresenta um comentário absurdo, uma vez que todos os vocábulos possuem ortografia diferente.

O candidato percebe o valor de negação nos prefixos presentes em ILÍCITA e IMPROPRIEDADE, mas tem dificuldade de compreender que também há este prefixo em INÚMEROS. Normalmente, o candidato visualiza o sentido do adjetivo, que é MUITOS, GRANDE QUANTIDADE. No entanto, o adjetivo INÚMEROS só possui este valor justamente em virtude do prefixo negativo, pois o que se nega aqui é

haver números (daí INÚMEROS – SÃO TANTOS QUE NÃO É POSSÍVEL ESTIPULAR NÚMEROS) para mensurar algo.

02. **(UFF)**

A alternativa em que todos os sufixos têm, fundamentalmente, o mesmo valor que o sufixo presente no substantivo PERCUSSIONISTA é:

a) barbeiro, bancário, cantor;
b) estudante, formigueiro, vestiário;
c) jogador, noticiário, pedinte;
d) cinzeiro, poetastro, colaborador;
e) operário, fazendeiro, budismo.

Gabarito: A

Observe que a palavra PERCUSSIONISTA possui um sufixo com valor AGENTE, ou seja, de alguém que pratica algo. PERCUSSIONISTA é o indivíduo que toca percussão. A única alternativa em que o valor agente é conservado é a alternativa A. Vejamos: BARBEIRO é o profissional que faz a barba, BANCÁRIO é o profissional que trabalha em banco, e CANTOR é o cidadão que canta.

03. **(UNI-RIO)**

Numere a coluna da direita, relacionando com a da esquerda, pelo significado do prefixo, assinale a resposta correta:

1 – desesperança	**() repetição**
2 – contramarcha	**() oposição**
3 – redobra	**() privação, negação**
4 – influir	**() passar além de**
5 – translúcido	**() movimento para dentro**

a) 3-5-2-1-4;
b) 2-3-4-5-1;
c) 3-2-1-5-4;
d) 4-3-2-1-5;
e) 5-4-3-1-2.

Gabarito: C.

O prefixo RE de REDOBRA indica ideia de repetição, de reprodução; o prefixo

CONTRA de CONTRAMARCHA sugere sentido de oposição, de contrariedade; o prefixo DES de DESESPERANÇA tem valor semântico de negação; o prefixo IN de INFLUIR encerra o valor de movimento para dentro, movimento em direção a ambiente interno; por fim, o prefixo TRANS de TRANSLÚCIDO significa através de, passar além de.

04. **(UNI-RIO)**

Assinale a opção em que os prefixos têm o mesmo significado.

a) contradizer – antídoto;
b) desfolhar – epiderme;
c) decapitar – homicídio;
d) supercílio – acéfalo;
e) semimorto – perianto.

Gabarito: A

Os prefixos CONTRA e ANTI, ocorrentes na alternativa A, possuem valor de oposição, de contrariedade. Na alternativa B, o prefixo DES de DESFOLHAR tem valor de movimento para fora; já o prefixo EPI de EPIDERME, de sobre, acima. Na alternativa C, o prefixo DE de DECAPITAR significa movimento para fora; já o radical HOMI de HOMICÍDIO é o próprio homem. Na alternativa D, SUPER de SUPERCÍLIO encerra valor de posição superior, acima, sobre; já o prefixo A de ACÉFALO encerra valor de negação. Por fim, na alternativa E, o prefixo SEMI passa a ideia de meio, metade, mais ou menos; já o PERI de PERIANTO passa de em volta de, em torno de.

05. **(NCE / INPI)**

Agrário se refere a campo; o vocábulo abaixo em que esse radical tem significado diferente é:

a) agricultor;
b) agridoce;
c) agrimensor;
d) agreste;
e) agrícola.

Gabarito: B

Todas as alternativas relacionam o vocábulo à ideia de campo, lavoura – em virtude da ocorrência do radical grego AGRO –, exceto a alternativa B, que

apresenta AGRI, oriundo do radical latino vulgar ACRUM, que significa azedo, ácido.

06. **(NCE / TJ / Técnico Judiciário Juramentado)**

O vocábulo abaixo cujo prefixo apresenta o mesmo valor semântico do prefixo presente no vocábulo erradicar é:

a) discriminação;
b) admissão;
c) incapacidade;
d) redistribuição;
e) exportar.

Gabarito: E

O prefixo E de ERRADICAR possui valor de movimento para fora, movimento em direção a ambiente externo. O prefixo DIS de DISCRIMINAÇÃO significa movimento para vários sentidos; o prefixo AD de admissão tem valor de aproximação; o prefixo IN de INCAPACIDADE encerra valor de negação; o prefixo RE de REDISTRIBUIÇÃO significa repetição; o prefixo EX de EXPORTAR passa o sentido de movimento para fora, movimento em direção a ambiente externo.

07. **(NCE / Auxilar de Cartório)**

O radical grego fobia significa "medo, aversão"; o vocábulo abaixo que tem sua significação corretamente indicada é:

a) agorafobia – medo dos tempos atuais;
b) acrofobia – medo de lugares altos;
c) claustrofobia – medo de lugares religiosos;
d) hidrofobia – medo de chuva;
e) fotofobia – medo de aparecer em público.

Gabarito: B

Agorafobia significa medo de lugares públicos e grandes espaços descobertos.

Claustrofobia, medo de lugares fechados. Hidrofobia, medo de água. Fotofobia, aversão à claridade excessiva.

08. **(NCE / RJ / Ministério Público)**

Corporativismo, populismo, capitalismo mostram que o sufixo -ismo tem valor de:

a) coletivo ou grupo;
b) qualidade ou característica;

c) doutrina ou sistema;

d) quantidade ou intensidade;

e) aspecto pejorativo ou negativo.

Gabarito: C

O sufixo ISMO significa ciência, de sistema político.

09. **(NCE / RJ / Ministério Público)**

Subtributação só pode significar:

a) sonegação de impostos;

b) ausência de fiscalização no pagamento dos impostos;

c) taxação injusta, por exagerada;

d) impostos reduzidos;

e) dispensa de pagamento de impostos.

Gabarito: D

O prefixo SUB de SUBTRAÇÃO tem sentido de abaixo de, de inferior. Ou seja, o significado do vocábulo é tributação inferior, menor. Sendo assim, torna-se evidente a ideia de que a tributação é reduzida.

10. **(NCE / CPBS)**

Nos vocábulos IMPERCEPTÍVEL e SUBTERRÂNEO, os prefixos IM e SUB indicam, respectivamente:

a) dentro de – sobre;

b) negação – abaixo de;

c) proximidade – sob;

d) movimento para dentro – acima de;

e) oposição – dentro de.

Gabarito: B

O prefixo IM de IMPERCEPTÍVEL passa a ideia de negação, ou seja, algo que não pode ser percebido. Já o prefixo SUB de SUBTERRÂNEO encerra sentido de abaixo de (abaixo da terra).

11. **(NCE)**

Assinale o item que o sufixo <u>– mente</u> não apresenta o mesmo valor semântico presente na palavra lentamente.

a) rapidamente;

b) finalmente;
c) sutilmente;
d) infelizmente;
e) corajosamente.

Gabarito: B

Nas alternativas A, C, D e E, o sufixo MENTE sugere ideia de modo. Já em FINALMENTE, o sufixo possui valor de fato independente em relação a outro. Por exemplo: Todos o esperavam e finalmente ele chegou.

12. **(NCE)**

Silicose é um vocábulo que apresenta o sufixo ose indicativo de doença. Em que palavra abaixo esse mesmo sufixo tem valor diferente?

a) trombose;
b) tuberculose;
c) dermatose;
d) diagnose;
e) psicose.

Gabarito: D

O sufixo OSE em DIAGNOSE significa processo de funcionamento. Ou seja, DIAGNOSE é processo pelo qual é feito um diagnóstico.

13. **(PUC)**

Na palavra ESPANTOSA, o sufixo OSO acrescenta ao radical o valor semântico de aquilo que provoca ou produz. Assinale a palavra cujo sufixo tem este mesmo significado.

a) apetitoso;
b) medroso;
c) venenoso;
d) vaidoso;
e) gostoso.

Gabarito: A

O sufixo OSO normalmente possui valor de abundância, cheio de. No entanto, o sufixo OSO em ESPANTOSA significa aquilo que provoca ou produz em outrem. Uma coisa espantosa provoca espanto em outrem. A mesma relação semântica ocorre

em APETITOSO, pois uma comida apetitosa provoca ou produz o apetite em alguém.

14. **(NCE)**

Há evidente equívoco na indicação do valor semântico do sufixo formador das palavras em:

a) dimensionamento, questionamento (ato ou efeito de);
b) estritamente, explicitamente (modo);
c) autoritarismo; corporativismo (instrumento de ação);
d) responsabilidade, hostilidade (qualidade ou estado);
e) pesquisador, professor (agente).

Gabarito: C

O sufixo ISMO possui significa ciência ou sistema político.

15. **(COPPE)**

A opção em que os prefixos guardam entre si o mesmo tipo de relação semântica que o observado entre os prefixos de ‘’imobilismo” e “desagregador” é:

a) hemisfério / semimorto;
b) antítese / antebraço;
c) emergente / importação;
d) afonia / eufonia;
e) cisandino / translado.

Gabarito: A

Em IMOBILISMO e DESAGREGADOR, os prefixos I e DES possuem valor semântico de negação, ou seja, eles são sinônimos. Portanto, a relação ocorrente entre os prefixos é de sinonímia. A única alternativa que apresenta prefixos com o mesmo significado é a A. Os prefixos HEMI e SEMI encerram sentido de metade, também sendo sinônimos. É bom esclarecer que não são as palavras que são sinônimas, mas sim os prefixos. Na alternativa B, ANTI de ANTÍTESE passa ideia de oposição; ANTE de ANTEBRAÇO, de anterioridade. Na alternativa C, o prefixo E de EMERGENTE e IM de IMPORTAÇÃO guardam uma relação de antonímia, visto que E indica movimento para fora e IM de IMPORTAÇÃO, movimento para dentro. Na alternativa D, A de AFONIA tem valor de negação; já EU de EUFONIA, de bom, agradável. Na alternativa E, o prefixo CIS de CISANDINO encerra valor de posição

aquém; já TRANS de TRANSLADO, de através de.

16. **(FGV / Senado Federal / Analista Legislativo)**

"O relator trouxe à luz o direito inalienável e imprescritível dos índios de viver nas terras que tradicionalmente ocupam e de acordo com suas próprias culturas."

Na frase acima, o vocábulo inalienável significa "que não se pode alienar", e o vocábulo imprescritível significa "que não prescreve".

Com base em processo semelhante de formação de adjetivos, assinale a alternativa em que se tenha cometido equívoco entre o adjetivo formado e o sentido a ele atribuído.

a) imensurável – que não se pode medir;
b) imiscível – que não se pode misturar;
c) imponível – que não se pode pôr;
d) impartível – que não se pode dividir;
e) impassível – que não sofre.

Gabarito: C

Imponível significa tributável, ou seja, produto ou serviço passível de tributação.

17. **(CEPUERJ / Técnico de Enfermagem)**

"... analgésico e antipirético..."

As palavras cujos prefixos possuem significados que correspondem à queles presentes nos termos acima destacados são, respectivamente:

a) Infeliz / anfíbio;
b) Anemia / inimigo;
c) Desleal / contrapor;
d) Expulsar / ambíguo.

Gabarito: C

Analgésico – negação; antipirético – oposição

a) Infeliz – negação; anfíbio – duplicidade;
b) Anemia – negação; inimigo – negação;
c) Desleal – negação; contrapor – oposição;
d) Expulsar – movimento para fora; ambíguo – duplicidade.

18. **(CEPUERJ / Técnico de Enfermagem)**

A alternativa cujo elemento sublinhado é um prefixo grego que

significa "oposição a, contra" é:

a) Analgésico;

b) Antipirético;

c) Hemofílicos;

d) Hipersensíveis.

Gabarito: B

Analgésico – negação;

Hemofílicos – afinidade;

Hipersensíveis – excesso.

19. **(NCE)**

Curriculo é a forma portuguesa correspondente ao latinismo curriculum; o item abaixo que apresenta um latinismo de significação incorreta é:

a) a priori – antecipadamente;

b) alibi – declaração;

c) sine die – sem data certa;

d) quantum – quantidade;

e) et alii – e outros.

Gabarito: B

O significado de álibi é: meio de defesa que o réu apresenta provando estar em outro local no momento do crime.

20. **(NCE / TJ / Técnico Judiciário Juramentado)**

"...que substituem o Estado em certas regiões (vide o PCC) e com a parte corrupta da polícia,..."; vide é forma latina correspondente ao verbo "ver". O latinismo a seguir que tem seu significado corretamente indicado é:

a) sic – nunca;

b) et allii – e assim;

c) ad hoc – isto é;

d) latu sensu – em sentido restrito;

e) verbi gratia – por exemplo.

Gabarito: E

SIC – assim mesmo, escrito desta maneira; ET ALLII – e outros; AD HOC – para isso; VERBI GRATIA – por exemplo.

21. **(NCE / TJ)**

Etc. É uma expressão latina. O livro "Não perca o seu latim", de Paulo Rónai, indica vocábulos e expressões latinas bastante comuns em textos jurídicos; o item cujo latinismo tem seu significado INCORRETAMENTE indicado é:

a) alibi – ausência do acusado no lugar do crime, provada pela sua presença noutro lugar;
b) habeas corpus – garantia constitucional outorgada em favor de quem sofre ou está na iminência de sofrer coação ou violência;
c) quorum – número máximo de pessoas presentes para que um órgão funcione;
d) ad hoc – designado para executar determinada tarefa;
e) a priori – anteriormente à experiência.

Gabarito: C

QUORUM é o número "mínimo" de pessoas presentes para que um órgão funcione.

Capítulo 15

Questões Comentadas

01. **(AFC)**

Assinale a proposição correta a respeito da estrutura morfossintática do texto abaixo.

"A 'Guerra Fiscal' pertence a uma classe geral de fenômenos que emergem quando iniciativas políticas dos Governos subnacionais adquirem conotações negativas e geram efeitos econômicos perversos em decorrência do caráter insuficiente ou conjunturalmente inoperante do quadro político-institucional que regula os conflitos federativos, o qual se revela incapaz de garantir um equilíbrio mínimo entre interesses locais de forma a evitar efeitos macroeconômicos e sociais perversos."

(C. Cavalcanti & G. Prado, com adaptações)

a) A forma verbal "emergem"(l.1), flexionada no plural, constitui incorreção, pois sua concordância deve se dar com o substantivo "classe"(l.1), núcleo do grupo nominal "classe geral de fenômenos".

b) **Emergir** é verbo defectivo, ao qual faltam as formas em que ao radical se seguiria **o** ou **a**.

c) Em "subnacionais"(l.2) e "macroeconômicos"(l.6), o sentido dos prefixos está em relação antonímica.

d) O prefixo indicador de negação está presente nas formas: "insuficiente(l.3), inoperante(l.4), incapaz(l.5), interesses"(l.6).

e) O plural do adjetivo composto "político-institucional"(l.4) se faz adicionando a desinência de plural aos dois elementos.

Gabarito: B

Questão polêmica. A alternativa A apresenta comentário inadequado, porquanto não há incorreção, consoante aduzido. O antecedente do pronome relativo tanto pode ser "classe", o que levaria o verbo para o singular, como pode ser "fenômenos", levando o verbo para o plural, conforme vem redigido, diga-se de passagem, corretamente no texto original. A alternativa C apresenta incorreção,

uma vez que os prefixos SUB e MACRO, nesse contexto, não são antônimos. SUB significa abaixo; macro significa grande. Obviamente, abaixo não é antônimo de grande. A alternativa D apresenta falha, pois, embora os vocábulos INSUFICIENTE, INOPERANTE e INCAPAZ tenham prefixo indicador de negação, o mesmo não ocorre com INTERESSES. A alternativa E também não está correta, dado que o plural dos adjetivos compostos se realiza com a flexão apenas do último termo: político-institucionais. A resposta somente pode ser a alternativa B. Porém, não há como se negar que há aí uma polêmica. Segundo Evanildo Bechara, os verbos EMERGIR e IMERGIR não são defectivos, podendo ser flexionados em todos os tempos e pessoas. Celso Cunha, todavia, assevera que tais verbos são defectivos, não podendo ser conjugados na primeira pessoa do singular do presente do indicativo (EMERJO-IMERJO) e em todo o presente do subjuntivo (EMERJA-EMERJAS-EMERJA-EMERJAMOS-EMERJAIS-EMERJAM; IMERJA, IMERJAS, IMERJA, IMERJAMOS, IMERJAIS, IMERJAM). Vê-se que, na situação em voga, a Esaf seguiu o entendimento do Celso Cunha.

02. **(Cespe / UnB / PRF)**

NO TOCANTE À EMBRIGUEZ, O CTB ESTABELECE O SEGUINTE:

Capítulo XV

DAS INFRAÇÕES

Art. 161. Constitui infração de trânsito a inobservância de qualquer preceito deste Código, da legislação complementar ou das resoluções do CONTRAN, sendo o infrator sujeito às penalidades e medidas administrativas indicadas em cada artigo, além das punições previstas no Capítulo XIX.

(...)

Art. 165. Dirigir sob a influência de álcool, em nível superior a seis decigramas por litro de sangue, ou de qualquer substância entorpecente ou que determine dependência física ou psíquica:

Infração – gravíssima;

Penalidade – multa (cinco vezes) a suspensão do direito de dirigir;

Medida administrativa – retenção do veículo até a apresentação de condutor habilitado e recolhimento do documento de habilitação.

A partir do texto e considerando o CTB, julgue os itens que se seguem.

1 – As palavras "inobservância" (l.1), "indicadas" (l.4) e "influência" (l.7) apresentam o mesmo prefixo, apesar de pertencerem a classes gramaticais diferentes.

2 – A coerência do texto e as regras gramaticais seriam respeitadas, caso se inserisse às imediatamente antes de "medidas" (l.3)

3 – Para efeito de aplicação das penalidades previstas, a conjunção "ou" (l.8) deve ser entendida como também inclusiva.

Gabarito:

1 – Errado. Somente o primeiro vocábulo apresenta prefixo indicador de negação. Além disso, os vocábulos INOBSERVÂNCIA e INFLUÊNCIA possuem a mesma classe gramatical – substantivo.

2 – Certo. Observe que os termos "à s penalidades" e "medidas administrativas" estão em paralelismo sintático, complementando a ideia de "sujeito". O autor fez a opção por não repetir a contração do artigo com a preposição, e a banca propõe justamente a inserção, obtendo o seguinte resultado "… sujeito às penalidades e às medidas administrativas…".

3 – Certo. Item muito interessante. Quando o Cespe sugere que a conjunção "ou" deve ser entendida como também inclusiva, significa que o conector tanto pode incluir – tendo caráter aditivo e) –, como pode excluir – tendo caráter alternativo (ou). Ou seja, OU, neste contexto, significa E/OU. E é importante que se faça tal leitura, visto que, se houver apenas a interpretação de alternância (ou), o cidadão somente se inseriria no artigo se estivesse sob efeito de álcool OU de entorpecentes. Um ou outro. E se a pessoa estivesse sob efeito dos dois, não constituiria infração gravíssima? Óbvio que não é isso. Por isso, OU tem valor aditivo e alternativo (inclui e exclui). OU indica que bastaria uma das situações, mas evidentemente se a pessoa se inserisse em todos os casos, também constituiria infração gravíssima.

03. **(Cespe / UnB / IRBr / Diplomata)**

1 – Os vocábulos "instabilidade", "imperfeita", "inçados" e "impõe" são formados por prefixo cujo valor semântico denota privação ou negação.

2 – O vocábulo "inaturável" é formado por derivação e tem o mesmo radical do vocábulo **desnaturado**.

3 – Denomina-se prefixação o processo de formação dos seguintes vocábulos: "anomalia", "alacridade" e "arrebataram".

4 – O vocábulo "agravada" tem o mesmo radical que os vocábulos **gravidez** e **gravidade**.

Gabarito:

1 – Errado – Somente os dois primeiros vocábulos apresentam prefixo indicador de negação.

2 – Errado – Os radicais são distintos. O primeiro vocábulo deriva-se de ATURAR, sendo o radical ATUR. O segundo deriva-se de natural, natal, natureza, sendo o radical NATURA.

3 – Errado – Os dois primeiros vocábulos sofreram a derivação sufixal e o último, parassintética.

4 – Certo – Todos os vocábulos derivam-se de grave, sendo o radical GRAV. Chamamos a atenção, sobretudo, para o vocábulo gravidez, que também é cognata. Este vocábulo origina-se da própria situação feminina que, ao engravidar, aumenta o seu peso, tornando-se mais grave (pesada). Repare a ligação de gravidade (Lei da Gravidade) com o sentido em voga.

04. **Classe média em alta (Editorial – Folha de São Paulo – 4/4/2011)**

Na última década, o perfil socioeconômico do país mudou -e muito. A principal novidade foi o fortalecimento da classe C, composta por famílias que têm uma renda mensal domiciliar total (somando todas as fontes) entre R$ 1.126,00 e R$ 4.854,00.

Os números indicam que ocorreu uma considerável mobilidade social nos últimos anos: entre 2004 e 2010, 32 milhões de pessoas ascenderam à categoria de classes médias (A, B e C) e 19,3 milhões saíram da pobreza. A classe C é hoje detentora de 46,5% da renda nacional.

Não se pode dizer que o país tenha mudado da noite para o dia. A modificação resulta de múltiplos fatores, da estabilização de preços às mudanças demográficas, da educação ao mercado de trabalho.

Embora essa tendência tenha se aprofundado com a política de distribuição de renda do governo do PT, seria incorreto dizer que surgiu com ele. No início da década passada, a classe C representava 40% da população. Em 2010, essa parcela era de 52%.

Nem a elite nem a base da pirâmide social (classes D e E) decidirão eleições. A nova classe média será o fiel da balança eleitoral.

Pesquisas recentes sugerem que o novo eleitor é conservador: está mais preocupado com o bolso do que com participação política, deseja consumir, ter emprego formal e renda e conquistar espaço para provar-se empreendedor.

Considerando que as famílias da classe C não possuem renda elevada, é provável que venham a privilegiar, na agenda política, os temas da qualidade em educação, saúde e transporte. Sentirão o peso da desproporcional carga tributária e exigirão reformas voltadas a reduzi-la -não por ideologia ou convicção, mas por pragmatismo.

Não apenas as empresas precisarão redefinir suas estratégias de mercado, adaptando produtos aos gostos e demandas desse novo contingente, mas também os partidos políticos e seus estrategistas.

O PT, durante o governo Lula, arregimentou sua maior base eleitoral nas camadas pobres, entre os beneficiários da Bolsa Família. Talvez seja, hoje, a agremiação que mais tenha com que se preocupar diante da ascensão da classe média, se não conseguir dar respostas a seus anseios.

Em relação ao texto anterior, julgue os seguintes itens.

1 – Conclui-se do texto que a mudança do perfil socioeconômico gerou estabilização de preços, mudanças demográficas, mais acesso à educação e ao mercado de trabalho.

2 – Compreende-se do quarto parágrafo que a política de distribuição de renda efetuada pelo PT contribuiu para a mudança do perfil socioeconômico atual no Brasil.

3 – Em consonância com o que se expõe no antepenúltimo parágrafo, temas como educação, saúde e transporte decidirão as próximas eleições.

4 – O emprego de "mas também" (l. 26) é resultado da construção iniciada por "Não apenas" (l. 25).

Gabarito:

1 – Errado – Inverte-se a relação causa-efeito. Observe que, no terceiro parágrafo, há a informação de que a mudança do país, que não ocorreu de uma hora para a outra, resulta de múltiplos fatores, da estabilização de preços às mudanças demográficas, da educação ao mercado de trabalho. Portanto, a mudança do país representa a causa, e a estabilização de preços às mudanças demográficas, da educação ao mercado de trabalho representa a

consequência.

2 – Certo – Observe que o item não diz que a mudança do perfil socioeconômico atual no Brasil tenha se iniciado com a política de distribuição de renda efetuada pelo PT. E não começou mesmo, segundo o texto. Mas essa tendência – que já existia antes do governo PT – se aprofundou com a política implementada pelo PT. Portanto, está correta a interpretação de que a política de distribuição de renda efetuada pelo PT contribuiu para a mudança do perfil socioeconômico atual no Brasil, mesmo não dando início a ela.

3 – Errado. No texto, o autor emprega a expressão "é provável", ou seja, há o campo da possibilidade e não da certeza. É provável, e não certo, que tais temas decidam as eleições.

4 – Certo – A função do NÃO é negar o termo APENAS, ou seja, o NÃO nega a restrição. Tanto é verdade que se não houve o NÃO, o sentido da frase seria: apenas as empresas precisarão redefinir suas estratégias de mercado. Mais ninguém precisaria redefinir suas estratégias de mercado. Como o NÃO nega o apenas, a leitura passa a ser NÃO APENAS AS EMPRESAS… Sendo assim, além das empresas, outros setores também precisarão redefinir suas estratégias de mercado.

05. **(NCE / TJ – RJ / TÉCNICO JUDICIÁRIO JURAMENTADO)**

Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos. Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitada de dar e receber afeto. E muito provavelmente ficaria louca se continuasse sozinha por muito tempo.

"Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia,…"; o uso do futuro do pretérito, nesse segmento, tem valor de:

a) probabilidade;

b) certeza;

c) dúvida;

d) conclusão;
e) condição.

Gabarito: A

É fundamental perceber que o enunciado da questão já demonstra que o futuro do pretérito pode passar várias ideias. A expressão "O uso do futuro do pretérito, nesse segmento, tem valor de" indica que este mesmo tempo, em outros fragmentos, pode ter valores diferentes. O futuro do pretérito designa uma consequência futura (que pode ser certa, provável ou duvidosa) de um fato passado. Portanto, o contexto tem que oferecer algum elemento que denuncie de forma precisa esta ideia. O segmento apontado é extraído com reticências já convocando o candidato a retornar ao texto e observar onde a ideia é finalizada. No fim do mesmo parágrafo, ocorre outro verbo no futuro do pretérito (ficaria) antecedido do adjunto adverbial "provavelmente". A palavra-chave "provavelmente" esclarece que a visão do autor do texto é que muito provavelmente a pessoa ficaria louca se continuasse sozinha. Se não é uma certeza que a pessoa ficaria louca, também não é uma certeza o fato de ela estar em pouco tempo sentido falta de companhia, mas sim uma situação extremamente provável.

06. **(Cesgranrio / Petrobras / Transpetro)**

E, por falar em cortar, todo mundo já deve ter ouvido a célebre história do não menos célebre rei Salomão, mas permitam-me recontá-la, transportando os acontecimentos para uma empresa moderna. Então, está um dia o rei Salomão em seu palácio, quando duas mulheres são introduzidas na sala do trono. Aos berros e puxões de cabelo, as duas disputam a maternidade de uma criança recém-nascida. Ambas possuem argumentos sólidos: testemunhos da gravidez recente, depoimentos das parteiras, certidões de nascimento.

Mas, obviamente, uma das duas está mentindo: havia perdido o seu bebê e, para compensar a dor, surrupiara o filho da outra. Como os testes de DNA só seriam inventados dali a milênios, nenhuma das autoridades imperiais consultadas pelas litigantes havia conseguido dar uma solução satisfatória ao impasse.

Com base no período "Como os testes de DNA só seriam inventados dali

a milênios, nenhuma das autoridades imperiais consultadas pelas litigantes havia conseguido dar uma solução satisfatória ao impasse." pode-se inferir que:

a) os testes de DNA poderiam contribuir para a solução do problema;
b) as soluções encontradas pelas autoridades não satisfizeram às litigantes;
c) as supostas mães das crianças consultaram as autoridades para resolver o impasse;
d) só dali a muitos anos os cientistas inventariam os testes de DNA;
e) não havia autoridade imperial capaz de resolver o impasse.

Gabarito: A

Esta questão foi muito bem imaginada, possuindo quatro alternativas coerentes com o texto. A solução é observar o enunciado: lá a banca solicita ao candidato uma inferência textual (pode-se inferir que), não servindo como resposta algo explícito no texto. A alternativa B está explícita, visto que está presente no texto que as autoridades imperiais consultadas não deram uma solução satisfatória. A opção C também está explícita, dado que o texto fornece a informação de que houve autoridades imperiais consultadas pelas mães-litigantes. A alternativa D também é recorrente ao texto, porquanto está exposto que os testes de DNA somente seriam inventados dali a milênios. A alternativa E é a única incoerente, dado que no texto fica evidente que nenhuma das autoridades imperiais "consultadas" conseguiu dar uma solução para o impasse, o que não quer dizer que obrigatoriamente nenhuma autoridade imperial conseguiria dá-la, havendo a possibilidade de autoridades não consultadas fazerem-no. A alternativa A é a resposta, em conformidade com a exigência feita no enunciado, ou seja, uma inferência (dedução) a partir dos elementos do texto. Pode-se deduzir que o impasse, nos dias atuais, poderia ser solucionado através dos testes de DNA. É fundamental frisar que o texto não informa que os testes de DNA poderiam contribuir para a solução do problema, no entanto é uma conclusão que o leitor poderia extrair do fragmento.

07. **(NCE / TALCRIM)**

TEXTO 1: A FOME

Cerca de vinte milhões de crianças e mais de vinte milhões de adultos morrem anualmente de fome e subnutrição. A informação é do diretor-geral da Organização

das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO), Edouard Sadema, segundo o qual, se observássemos um minuto de silêncio por cada pessoa que morreu no ano passado por causas relacionadas com a fome, estaríamos em pé, calados, ainda depois de acabado o século… Ele citou, entre a lista de paradoxos que o panorama econômico mundial oferece, o ato de que os gastos militares de todo o mundo aumentaram em proporções colossais, e sua quantia foi superior vinte vezes ao total de assistência oficial ao desenvolvimento. O custo de um só porta-aviões nuclear, disse ele, é superior ao Produto Nacional Bruto (PNB) de 53 países. Os países em desenvolvimento gastam anualmente com importação de armas o equivalente a suas importações totais de alimentos. (Caderno econômico do Jornal A Tarde, Salvador)

TEXTO 2: A BOMBA SUJA

Introduzo na poesia
a palavra diarreia.
Não pela palavra fria
mas pelo que ela semeia.
Quem fala em flor não diz tudo.
Quem me fala em dor diz demais.
O poeta se torna mudo
sem as palavras reais.
No dicionário a palavra
é uma mera ideia abstrata.
Mais que palavra, diarreia
é arma que fere e mata.
Que mata mais do que faca,
mais que bala de fuzil,
homem, mulher e criança
no interior do Brasil.
Por exemplo, a diarreia,
no Rio Grande do Norte,
de cem crianças que nascem,
setenta e dois leva à morte.

(Ferreira Gullar)

Qual a oposição incorreta entre, respectivamente, o texto 2?

a) Informativo X literário.

b) Univocidade X plurivocidade.

c) Denotativo X conotativo.

d) Verdade X beleza.

e) Descritivo X narrativo.

Gabarito: E

O primeiro texto é narrativo. Não podemos considerá-lo dissertativo, visto que o autor em momento algum expõe sua opinião. Repare que, desde o primeiro até o último período, somente há informações do diretor-geral da ONU. Sendo assim, o primeiro texto é narrativo-argumentativo. A argumentação pode ocorrer mesmo sem a presença explícita da tese. Já o segundo texto é dissertativo, havendo o poeta inserido explicitamente sua tese sobre o tema.

08. **Cerca de vinte milhões de crianças e mais de vinte milhões de adultos morrem anualmente de fome e subnutrição." Assinale o comentário incorreto sobre esse período do texto 1.**

a) a expressão **cerca de** indica quantidade aproximada;

b) **fome** e **subnutrição** indicam o modo de morrer de crianças e adultos;

c) **anualmente** corresponde **a todo ano**;

d) a conjunção **e** tem, nas duas ocorrências, o mesmo valor semântico.

e) a primeira informação do texto procura surpreender o leitor.

Gabarito: B

Os termos "de fome" e "de subnutrição" são adjuntos adverbiais de causa, sendo que as preposições que antecedem os substantivos constantes na alternativa contêm valor de causa. Vale a pena chamar atenção para o fato de que, em "Morrer de fome", a preposição DE introduz uma causa, ou seja, a fome é a causa da morte. Por outro lado, em "Morrer de pé", a preposição DE introduziria valor de modo. Seria o modo como a pessoa morreu – de pé, lutando.

09. **Por que o jornalista dá, no primeiro texto, a fonte de sua informação?**

a) Porque quer demonstrar a importância do tema tratado.

b) Porque é obrigado a declarar como chegou a essa informação.

c) Porque quer dar autoridade ao que informa.

d) Porque todo texto jornalístico faz isso.

e) Porque quer provocar sensacionalismo.

Gabarito: C

Não se pode dizer que o texto seja dissertativo, pois a opinião do autor do texto não aparece de forma explícita. Aqui só há narração (o autor está narrando todos os dizeres do diretor-geral da ONU) e argumentação (O recurso utilizado foi o conjunto de informações fornecido pelo diretor-geral da ONU.) Como já se informara, ao identificar o fornecedor da informação, não se expõe a importância do tema, mas sim da informação. Quando se diz que a informação é prestada pelo diretor-geral da ONU, ganha peso, credibilidade, autoridade e se torna um significativo recurso de argumentação.

10. **A que se refere o título do segundo texto, no contexto do poema?**

a) à bomba atômica;
b) à fome;
c) à miséria;
d) à diarreia;
e) à ignorância.

Gabarito: C

O candidato, como sempre, deve ficar atento ao enunciado. A pergunta feita é "A que se refere…?", portanto "o que é o título do segundo texto (A Bomba Suja)" no contexto do poema? Outro detalhe importante é que a resposta esteja explícita no contexto do poema. Enfim, existem dois caminhos para se chegar à reposta: o primeiro caminho é o instintivo, intuitivo. O que faz a bomba? Fere e mata. O que faz a diarreia segundo o texto? É arma que fere e mata. Portanto, no contexto do poema, a bomba suja é a diarreia. O outro caminho – o técnico – exige uma resposta explícita no contexto do poema. A bomba atômica, a fome, a miséria e a ignorância não foram mencionadas explicitamente na poesia.

11. **"Introduzo na poesia / a palavra diarreia", nesses dois primeiros versos do texto 2, o poeta nos diz que:**

a) vai apresentar aos leitores a palavra diarreia;
b) vai usar no poema uma palavra incomum nos poemas;
c) vai falar de um tema já conhecido;
d) vai explorar um tema que não é belo;
e) vai abordar um problema nacional.

Gabarito: B

Questão criada para colocar o candidato em dúvida entre duas alternativas: B e D. Antes de mais nada, o candidato deve ater-se a esse fragmento do texto. Por esse motivo, já se pode excluir a opção E. Que o autor está falando na poesia sobre um problema nacional, é verdade. Mas também é verdade que nesses dois versos isso não está mencionado. Aproveitando o ensejo, podemos também excluir a alternativa A, visto que a palavra não está sendo apresentada aos leitores – até porque imagino que todos saibam o significado de "diarreia" –, e sim introduzida no campo poético. Também podemos excluir a alternativa C, pois o tema "diarreia" certamente não é comum em poesias. As opções B e D são coerentes com os dois versos. Como no enunciado consta "o poeta nos diz que", o que está exigido é algo explícito, e não uma inferência. A alternativa D é uma inferência, dedução. Se vai ser introduzida a palavra diarreia na poesia, fica implícito que um tema que não é belo – repare que, em momento algum desses versos, está dito se o tema é belo ou não – será explorado. Já a alternativa B é extremamente fiel aos versos, não há necessidade de inferência. Introduzir significa inserir algo (que não é desse ambiente) no ambiente.

12. **O poeta, no texto 2, diz que vai introduzir a palavra diarreia no poema. "Não pela palavra fria mas pelo que ela semeia", segundo o texto o que semeia a diarreia?**

a) Morte
b) Miséria.
c) Ferimentos.
d) Doença.
e) Crimes.

Gabarito: A

Questão muito bem bolada. Inicialmente chamamos a atenção dos candidatos para o fato de que na pergunta há uma ambiguidade. Não se sabe se "a diarreia" funciona como sujeito ou objeto direto, ou seja, cabem duas interpretações: a diarreia semeia algo ou algo semeia a diarreia. Inicialmente, vamos pela segunda interpretação – a diarreia sendo semeada por alguma coisa. Que coisa seria essa? Obviamente seria a miséria. Se "miséria" não pode ser a resposta, visto que, como no enunciado está redigido "Segundo o texto", é exigido algo exposto no texto. E

não está exposto no texto que miséria semeia a diarreia. Isso é algo que se depreende – implícito – até em face da exemplificação do Rio Grande do Norte, que é um dos estados mais pobres do Brasil. Enfim, então somente cabe a interpretação de que a diarreia semeia algo. Aí o texto explicita: diarreia é arma que fere e mata. Portanto ainda caberiam duas respostas: ferimento e morte. No entanto, MORTE acaba tendo mais peso, inclusive sendo a última palavra do texto.

13. **A palavra FRIA citada no texto 2 corresponde a:**

a) palavras que expressam sensações;
b) palavras usadas pelos políticos;
c) palavras usadas isoladamente;
d) palavras ditas sem pensar;
e) palavras do dicionário.

Gabarito: E

Questão imaginada para o candidato ficar em dúvida entre as alternativas C e E. São duas alternativas extremamente parecidas. Palavras usadas isoladamente são palavras no sentido oficial, ou seja, são palavras no sentido denotativo, que acabamos por encontrá-las nos dicionários. Quando se chega a tal ponto de dúvida, isto é, quando não temos mais a que recorrer, devemos marcar escolher aquela alternativa que contém o vocábulo original – palavra-chave. Nada é mais recorrente ao texto que o próprio vocábulo original.

14. **(NCE / TJ / Oficial de Justiça Avaliador)**

O que é percebido como liberdade para um pacato cidadão contemporâneo que vota, fala o que quer, vive sob o manto da lei (ainda que capenga) e tem direito de mover-se livremente?

O primeiro templo da liberdade burguesa é o supermercado. Em que pesem as angustiantes restrições do contracheque, são as prateleiras abundantemente supridas que satisfazem a liberdade do consumo (não faz muitas décadas, nas prateleiras dos nossos armazéns ora faltava manteiga, ora leite, ora feijão). Não houve ideal comunista que resistisse às tentações do supermercado. Logo depois da queda do Muro de Berlim, comer uma banana virou ícone da liberdade no Leste Europeu.

"O que é percebido como liberdade para um pacato cidadão contemporâneo que vota, fala o que quer, vive sob o manto da lei (ainda

que capenga) e tem o direito de mover-se livremente?"; segundo o texto, a resposta abaixo que é INADEQUADA é:

a) a liberdade de consumo;
b) a liberdade de movimento;
c) a liberdade de comunicação;
d) a liberdade política;
e) a liberdade religiosa.

Gabarito: E

Questão maliciosa que induz o candidato a assinalar a alternativa A. No enunciado, é mencionado um fragmento do texto, mas a pergunta não é sobre o fragmento, mas sim sobre o texto como todo – tal qual a questão 12. Se você se basear apenas no fragmento, as alternativas A (a liberdade de consumo) e E (liberdade religiosa) realmente não estão expostas. Mas, a liberdade de consumo, que não vem citada no fragmento, na continuação do texto acaba mencionada. E repito, muita atenção à pergunta.

Segundo o texto (E NÃO O FRAGMENTO), a resposta abaixo que é INADEQUADA.

15. **(Esaf / ENAP)**

As pesquisas desenvolvidas nos vários centros nacionais e internacionais, tanto em animais quanto em seres humanos, têm demonstrado que o tratamento regenerativo com células-tronco está deixando de ser uma utopia, podendo tornar-se importante recurso para o tratamento de diversas doenças. As pesquisas mostram que essas células têm potencial capaz de reparar as alterações determinadas pelas doenças que provocam perda ou diminuição da capacidade funcional de determinados órgãos do nosso corpo. Assim, especula-se que os transplantes de células-tronco possam vir a beneficiar doenças do coração, doenças neurovegetativas, degeneração celular ligada ao envelhecimento e a tratar certas formas de câncer, como as leucemias.

(BARBOSA, Roberto Benchimol; e FILHO, José Barbosa. O Globo, 11/03/2006.)

Assinale a opção que está de acordo com as ideias do texto.

a) O tratamento com células-tronco já se tornou importante recurso para o tratamento de doenças.
b) As células-tronco provocam diminuição da capacidade funcional de

determinados órgãos.

c) O tratamento com células-tronco pode vir a tornar-se recurso para reparar os danos à saúde causados por diversas doenças.

d) Os transplantes de células-tronco já beneficiam doenças do coração e doenças neurovegetativas.

e) As células-tronco já tratam, principalmente, certas formas de câncer, como as leucemias.

Gabarito: C

A alternativa C apresenta comentário coerente em relação ao texto, visto que lá se expõe que "o tratamento com células-tronco **está deixando** de ser uma utopia, **podendo tornar-se** um importante recurso para o tratamento de diversas doenças…". Repare que o texto inteiro está sendo trabalhado no campo da possibilidade e justamente a alternativa C é a única a respeitar essa linha do texto, como se evidencia também no fragmento "**Especula-se** que os tratamentos com células-tronco **possam vir a beneficiar** doenças do coração, neurovegetativas…". Destarte, como as alternativas A, B, D e E estão no campo da certeza, da afirmação, pode-se dizer que as afirmações "o tratamento com células-tronco já se tornou importante recurso para o tratamento de doenças.", "as células-tronco provocam diminuição da capacidade funcional de determinados órgãos.", "os transplantes de células-tronco já beneficiam doenças do coração e doenças neurovegetativas." e "as células-tronco já tratam, principalmente, certas formas de câncer, como as leucemias." não são verdadeiras.

16. **(Esaf / AFRF)**

Em artigo publicado na década de noventa, o professor Paul Krugman explicava que todos aqueles países que falavam inglês haviam tido um desempenho econômico acima da média de seus vizinhos e que o inglês estava se tornando rapidamente a língua franca dos negócios, do turismo e da internet. Assim, os processos de fusão de empresas, tão comuns naquele tempo, só teriam sucesso se utilizassem o inglês como língua de integração das corporações.

Essa visão nos preocupou quando resolvemos integrar todas as áreas de consultoria espalhadas pela América Latina em uma única divisão de consultoria. Mas ficou uma pergunta no ar: "que língua oficial adotar"? O espanhol ou o português acirraria a rivalidade que já era bastante grande no campo dos esportes. Adotar o inglês teria a vantagem da neutralidade e da facilidade de interação com

nossos colegas de outras regiões, mas com perda significativa na agilidade da comunicação e no andamento das reuniões. Foi adotada então uma postura única: haveria três línguas oficiais. Essa pequena sutileza significava, na verdade, que todos eram obrigados a entender as três línguas, mas poderiam se expressar no idioma em que se sentissem mais à vontade. Hoje, cinco anos depois, sentimos que essa decisão foi fundamental para o nosso processo de integração, e a lição aprendida é que muitas vezes a criatividade local pode ser mais efetiva que verdades importadas.

(ROSSI, José Luiz. 'Integração cultural na América Latina", CLASSE ESPECIAL, nº 89. 2001. Com adaptações)

Marque a opção em que, de acordo com as ideias do texto, existe uma relação de condição do tipo Se X então Y

a) X = falássemos inglês
Y = teríamos desempenho econômico acima da média.

b) X = adotássemos inglês como língua oficial
Y = agilizaríamos a comunicação.

c) X = empregássemos espanhol ou português
Y = exacerbaríamos a rivalidade

d) X = houvesse três línguas oficiais
Y = teríamos facilidade de interação com outras regiões

e) X = entendêssemos as três línguas
Y = deveríamos nos expressar nas três línguas

Gabarito: C

As alternativas B, D e E estão em oposição ao texto, ficando o candidato em dúvida entre as opções A e C. O enunciado da questão "de acordo com as ideias do texto" indica que está sendo solicitado ao candidato uma alternativa de recorrência textual. A opção A, apesar de ser coerente com o texto, é uma inferência, porquanto o texto apenas assevera que todos os países que falavam inglês tiveram desempenho econômico acima da média, não sugerindo que se outros também o falassem, também obteriam desempenho acima da média dos vizinhos. A opção C não é uma inferência, é algo que está efetivamente em consonância com as ideias do texto, alterando-se tão-somente os vocábulos. O texto informa que "o Espanhol ou o Português acirraria a rivalidade, que já era bastante grande no campo dos

esportes." Ou seja, a rivalidade já existia, apenas aumentaria (ou exacerbaria, conforme apontado na opção C).

17. **(Esaf / AFRF)**

Assinale a opção que está de acordo com as ideias do texto.

Apesar de todos os problemas relacionados à Justiça brasileira, um dos grandes avanços no país nos últimos anos foi a criação do Conselho Nacional de Justiça (CNJ). Tem sido um alento seus esforços no sentido de racionalizar e modernizar a estrutura burocrática do Poder Judiciário – quebrando focos de resistência corporativistas – e de forçar a devida celeridade aos processos que tramitam nos tribunais. A criação de um sistema de estatística, com indicadores que medem uma série de atributos – relacionados, por exemplo, aos gastos e à produtividade dos estados e das instâncias judiciais – tem derrubado um dos maiores obstáculos à reforma das práticas do Judiciário: a falta de um diagnóstico preciso. Este é o primeiro e necessário passo para que as mudanças de rota sejam feitas. Mas pôr o sistema nos eixos, atacar suas discrepâncias, requer ação.

(Jornal do Brasil, Editorial, 24/8/2009)

a) A criação do Conselho Nacional de Justiça não representou uma mudança significativa nos problemas relacionados à Justiça brasileira.

b) O desconhecimento de indicadores referentes aos gastos e à produtividade do sistema é o primeiro passo para as mudanças de rota.

c) Os esforços do Conselho Nacional de Justiça ainda não conseguiram quebrar os focos de resistências corporativas no sistema judiciário.

d) Um diagnóstico preciso referente a vários indicadores, como os que revelam gastos e produtividade do judiciário, decorre da criação de um sistema de estatística.

e) O Poder Judiciário tem procurado racionalizar e modernizar a estrutura das resistências corporativas.

Gabarito: D

Pelo enunciado, observa-se que a resposta necessariamente ocorrerá com uma informação explícita no texto. A alternativa A contradiz o fragmento "um dos grandes avanços no país nos últimos anos foi a criação do Conselho Nacional de

Justiça (CNJ)". A alternativa apresenta comentário inadequado, visto que o pronome demonstrativo "Este" em "Este é o primeiro e necessário passo para que as mudanças de rota sejam feitas.", refere-se a "criação de um sistema de estatística, com indicadores que medem uma série de atributos – relacionados, por exemplo, aos gastos e à produtividade dos estados e das instâncias judiciais" e não ao desconhecimento de indicadores. A alternativa C se opõe ao período "Tem sido um alento seus esforços no sentido de racionalizar e modernizar a estrutura burocrática do Poder Judiciário – quebrando focos de resistência corporativistas – e de forçar a devida celeridade aos processos que tramitam nos tribunais.". A alternativa E apresenta comentário inadequado, porquanto quem tem procurado racionalizar e modernizar a estrutura das resistências corporativas é o Conselho Nacional de Justiça e não o Poder Judiciário. A alternativa D é a única que apresenta comentário coerente e que se faz presente no texto. Repare que nela está sendo analisada a relação causa e efeito.

Um diagnóstico (efeito) preciso referente a vários indicadores, como os que revelam gastos e produtividade do judiciário, **DECORRE** da criação (causa) de um sistema de estatística. Observe que essa informação está exposta: "A criação de um sistema de estatística… tem derrubado um dos maiores obstáculos à reforma das práticas do Judiciário: a falta de um diagnóstico preciso.".

18. **(Esaf / AFRF)**

Assinale a opção em que a reescrita de segmento do texto não mantém as informações originais.

A demanda doméstica depende de vários fatores, e da perspectiva do seu aumento depende a produção industrial. É normal, então, dar atenção especial ao nível do emprego e à evolução da massa salarial real, sem deixar de acompanhar as receitas e despesas do governo federal. Enquanto a ligeira retomada da economia norte-americana é acompanhada por aumento do desemprego, no Brasil o quadro é diferente. Os dados de julho, nas seis principais regiões do País, mostram redução do desemprego de 8,1% para 8%, o que significa a geração de 185 mil postos de trabalho. Essa taxa de desemprego, em julho, é a menor da série desde 2002. Paralelamente, houve melhora na qualidade do emprego, e 142 mil postos foram criados com carteira de trabalho assinada.

(O Estado de S. Paulo, Editorial, 21/8/2009)

a) A demanda doméstica depende de vários fatores, e a produção industrial

depende da perspectiva do aumento dessa demanda.

b) Essa taxa de desemprego é a menor em julho de 2002. Paralelamente, em 142 mil postos, a carteira de trabalho assinada melhorou a qualidade do emprego já existente.

c) O aumento do desemprego acompanha a ligeira retomada da economia norte-Âamericana, enquanto no Brasil o quadro é diferente.

d) Nas seis principais regiões do País, os dados de julho mostram a geração de 185 mil postos de trabalho, o que significa redução do desemprego de 8,1% para 8%.

e) É normal, então, dar atenção especial tanto ao nível do emprego e à evolução da massa salarial real quanto às receitas e despesas do governo federal.

Gabarito: B

A alternativa A é coerente com o primeiro período. Observe que o pronome possessivo "seu" refere-se a "a demanda doméstica"; sendo assim, a leitura correta da segunda oração do primeiro parágrafo é "a produção industrial depende da perspectiva do aumento da demanda doméstica". Na alternativa C, a única mudança foi o deslocamento da conjunção ENQUANTO que estabelece relação de simultaneidade. Como os fatos são concomitantes, esse deslocamento acaba por não refletir em alteração semântica. Na alternativa D, o que há novamente é apenas a inversão de fragmentos, fato que não gera alteração de sentido, como se pode observar: "dados mostram redução do desemprego de 8,1% para 8%, o que significa a geração de 185 mil postos de trabalho" = "dados mostram a geração de 185 mil postos de trabalho, o que significa redução do desemprego de 8,1% para 8%". A alternativa E também apresenta comentário coerente, uma vez que expressa exatamente o que se informa no segundo período: "É normal, então, dar atenção especial ao nível do emprego e à evolução da massa salarial real, sem deixar de acompanhar as receitas e despesas do governo federal.". A alternativa B não é só incoerente em relação ao texto, como a informação nela presente não faz sentido. O período "Essa taxa de desemprego é a menor em julho de 2002." é ininteligível. Além disso, o que o texto diz é que, desde 2002, a taxa de desemprego de julho foi a menor da série.

19. **(Esaf / Analista da Receita Tributária)**

Em relação às informações do texto, assinale a opção correta.

A produção brasileira de petróleo e gás certamente dará um salto quando

estiverem em operação os campos já descobertos na chamada camada do pré-sal. Embora essa expansão só possa ser efetivamente assegurada quando forem delimitadas as reservas, e os testes de longa duração confirmarem a produtividade provável dos campos, simulações indicam que o Brasil terá um saldo positivo na balança comercial do petróleo (exportações menos importações), da ordem de 1 milhão de barris diários.

Com isso, o petróleo deverá liderar a lista dos produtos que o Brasil estará exportando mais ao fim da próxima década. O petróleo é negociado para pagamento a vista (menos de 90 dias). Então, é um volume de recursos que pode ter, de fato, forte impacto nas finanças externas do país.

Como é uma riqueza finita, a prudência e a experiência econômica recomendam que o Brasil tente poupar ao máximo essa renda adicional proveniente das exportações de petróleo. O mecanismo mais usual é conhecido como fundo soberano, por meio do qual as divisas são mantidas em aplicações seguras que proporcionem, preferencialmente, bom retorno e ainda contribuam positivamente para o desenvolvimento da economia brasileira. Os resultados dessas aplicações devem ser direcionados para investimentos internos que possibilitem avanços sociais importantes (educação, infraestrutura, meio ambiente, ciência e tecnologia).

(O Globo, Editorial, 13/10/2009)

a) É indiscutível que, quando estiverem em operação os campos da camada do pré-sal, o Brasil terá um saldo na balança comercial do petróleo da ordem de 1 milhão de barris diários.
b) É recomendável que os recursos arrecadados com a exploração do petróleo da camada do pré-sal sejam mantidos num fundo seguro, que proporcione retorno garantido e contribua favoravelmente para o desenvolvimento da economia brasileira.
c) Somente quando estiverem em operação os campos da camada do pré-sal, o petróleo será negociado para pagamento a vista.
d) Estima-se que, no final da próxima década, com os campos do pré-sal já em operação, o Brasil lidere a lista dos países importadores de petróleo, com forte impacto na balança comercial.
e) A renda adicional proveniente da exportação do petróleo da camada do pré-sal deverá ser aplicada diretamente em investimentos com repercussão na

área social.

Gabarito: B

A alternativa A trabalha no campo da certeza (É indiscutível), o que contradiz a ideia de possibilidade presente no segundo período do primeiro parágrafo (simulações indicam). A alternativa C contradiz o segundo parágrafo, visto que lá consta a informação de que "O petróleo (JÁ) é negociado para pagamento a vista (menos de 90 dias).". A alternativa D é absurda. O Brasil não será importador de petróleo e sim aumentará a exportação. O erro na alternativa E está no emprego da palavra "diretamente", pois o texto diz que as divisas provenientes do aumento da exportação do petróleo deverão ser investidas em aplicações seguras, que proporcionem, preferencialmente, bom retorno. Aí, sim, o resultado dessa aplicação é que deve ser aplicado na área social. Portanto, o dinheiro não deve ir diretamente para a área social, mas, sim, deverá ser inicialmente investido em fundos seguros, para depois, seu resultado financiar o avanço social. A alternativa B confirma exatamente o que se informou no esclarecimento para o fato de que a alternativa E não poderia ser a resposta. A alternativa B corresponde exatamente ao que se expõe no último parágrafo.

20. **(Esaf / Analista da Receita Tributária)**

Assinale a opção correta a respeito do texto.

Aferrado à valorização do aqui e agora, o sábio indiano Svâmi garante que "só o presente é real", o que equivale a considerar o passado e o futuro como puras ilusões. Viver no presente implica aceitar o primado da ação (o ato) sobre a esperança, o que equivale a trocar a passividade do estado de espera pela manifestação ativa da vontade de fazer. Em outras palavras, importa a flecha mais do que o alvo, o ato mais do que a expectativa.

Como bem acentua Comte-Sponville, a ausência pura e simples de esperança não corresponde à mágoa, traduzida na acepção comum da palavra desespero. O desespero/desesperança é, antes, o grau zero da expectativa, portanto um regime de acolhimento do real sem temor, sem desengano, sem tristeza. Esse regime, ou essa regência, pode ser chamado de beatitude ou de alegria: uma aceitação e uma experiência da plenitude do presente.

(SODRÉ, Muniz. As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006, p.206)

a) O autor do texto defende a ideia de que o ser humano, ao criar expectativas em relação ao futuro, não deve desesperar-se, mas, sim, manter-se passivo no estado de espera.
b) A ideia central desenvolvida no texto baseia-se no pressuposto de que se vive, atualmente, uma era em que predomina o desespero.
c) Uma das ideias secundárias desenvolvidas no texto é a de que os fins justificam os meios, como se depreende do trecho "importa a flecha mais do que o alvo".
d) Uma das ideias desenvolvidas no texto é a de que o real só é, de fato, apreendido quando o indivíduo compreende o passado e o futuro como ilusões.
e) Para sustentar a ideia apresentada no primeiro parágrafo, o autor do texto argumenta que é o medo do futuro que motiva os indivíduos a viverem intensamente o aqui e agora.

Gabarito: D

A alternativa A contradiz o texto, uma vez que o que se valoriza é a manifestação ativa da vontade de fazer em detrimento da passividade do estado de espera. A alternativa B apresenta um comentário absurdo. Em momento algum, é sugerido (pressuposto) que nossa era está caracterizada pelo desespero. Na alternativa C, o sentido implícito do fragmento "importa a flecha mais do que o alvo." é que importa mais o hoje (a flecha, que é o que se tem) do que o amanhã (o alvo – aquilo que porventura poderíamos atingir). A alternativa E também apresenta comentário incoerente em relação ao texto, visto que não se encontra exposto (explícito) que há medo do futuro, tampouco que esse medo levaria os indivíduos a viverem intensamente o presente. A alternativa D se explicita no primeiro período, quando há o alerta de que há equivalência na compreensão de duas ideias: "só o presente é real" e "considerar o passado e o futuro como puras ilusões".

21. **(Esaf / RJ / Fiscal de Rendas)**

A Eurostat, o organismo da União Europeia encarregado da elaboração de estatísticas econômicas, mostrou que, em abril, nada menos que 101 entre cada 1.000 cidadãos em atividade na área do euro (16 países) não conseguiram encontrar ocupação remunerada. É a pior situação em 12 anos.

Reduzir tudo a efeito natural da atual crise é simplismo. Flagelos assim são como os desastres de avião: sempre têm múltiplas causas. O crescente desemprego no mundo rico foi acentuado pela crise, mas é bem mais do que isso. É o resultado de algumas degradações acumuladas nas últimas décadas: perda de competitividade da indústria, rápido envelhecimento da população, custo elevado da mão de obra, falta de reformas políticas e econômicas.

Paradoxalmente, a crise do desemprego tende a se acentuar pelos fatores que pretendiam atenuar seu impacto. Assim como a antecipação da aposentadoria pretendia abrir vagas aos mais jovens, mas tudo o que produziu foi a deterioração das finanças dos sistemas previdenciários, os mecanismos de seguro social vêm ajudando a criar enormes rombos, que, por sua vez, atiram as finanças públicas ao endividamento e à insolvência (e não apenas à falta de liquidez), como parece ser o caso da Grécia e talvez o de Portugal e Espanha. E aí chegamos a uma situação em que os instrumentos de defesa do emprego criam mais desemprego.

(MING, Celso Ming. O Estado de S. Paulo, 2/6/2010)

Em relação às ideias do texto, assinale a opção correta.

a) Há 12 anos, a situação na União Europeia apresentava desemprego muito maior que as taxas atuais.

b) A crise econômica atual começou a provocar o desemprego na área do euro.

c) O rápido envelhecimento da população contribui para diminuir as taxas de desemprego na União Europeia.

d) A antecipação da aposentadoria e a abertura de vagas para os mais jovens fortaleceram os sistemas previdenciários.

e) Medidas que pretendiam atenuar o impacto da crise do desemprego resultaram em mais desemprego.

Gabarito: E

A alternativa A contraria o texto, visto que a informação constante no fim do primeiro parágrafo é que a situação apresentada é a pior dos últimos doze anos.

A alternativa B contradiz o texto, porquanto no segundo parágrafo é asseverado que "o crescente desemprego foi acentuado pela crise", logo a crise já existia.

O comentário presente na alternativa C também contraria o texto, sobretudo o fragmento: "O crescente desemprego no mundo rico foi acentuado pela crise, mas é bem mais do que isso. É o resultado de algumas degradações acumuladas nas

últimas décadas: perda de competitividade da indústria, rápido envelhecimento da população".

A alternativa contém informação falsa, uma vez que o último parágrafo indica que as soluções não surtiram o efeito esperado, e, em vez de abrir vagas para os mais jovens, acabou por deteriorar as finanças dos sistemas previdenciários.

A alternativa E se coaduna com o último parágrafo, quando esclarece que os fatores que pretendiam atenuar o impacto da crise do desemprego tendem a acentuá-la, inclusive esta ideia é repetida no último período: "E aí chegamos a uma situação em que os instrumentos de defesa do emprego criam mais desemprego.".

22. **(UFRJ / Assistente em Administração)**

LÍNGUA PORTUGUESA

O QUE PASSA NA CABEÇA DELES?

Quem tem um bicho de estimação sabe muito bem: seu gato, cachorro, papagaio, hamster ou o que seja é o mais esperto do mundo. Até meados do século passado, porém, a inteligência animal era considerada inexistente. Suas atitudes e ações eram descritas como simples respostas instintivas ou estratégias de sobrevivência, sem nenhuma relação com a cognição, que se acreditava ser exclusiva do ser humano. Foi só a partir dos anos 1960 que estudos de longo prazo começaram a produzir pistas de que, sim, os animais pensam, são capazes de resolver problemas, aprender com seus erros e se adaptar a novas situações, assim como os seres humanos. Mas o que se passa na cabeça deles? Algumas espécies têm autoconsciência? Quão inteligentes são os animais? Apesar dos avanços nas pesquisas, estas e outras perguntas permanecem sem resposta, gerando controvérsias entre os especialistas.

– O que existe hoje são várias linhas de entendimento do que vem a ser a inteligência animal. Há estudos feitos em ambiente natural, mas também tem muita coisa sendo feita em laboratórios – o que nos é contado pelo biólogo Salvatore Siciliano, pesquisador da Escola Nacional de Saúde da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). As pesquisas podem levar anos para chegar a conclusões bem simples, mas, à medida que aumenta o esforço de observação e amostragem, estamos passando a perceber que os animais são, sim, algo inteligentes.

Quando elaborou sua Teoria da Evolução, no século XIX, Charles Darwin a estendeu para o desenvolvimento do cérebro humano. Como outros aspectos da nossa fisiologia, a inteligência teria evoluído a partir de organismos mais simples

em resposta a desafios comuns a quase todos os animais, como as necessidades de se alimentar, reproduzir e interagir com o ambiente. Atualmente, faz parte do senso comum considerar que grandes primatas como os chimpanzés, cujo DNA é 99% igual ao dos seres humanos, apresentam um certo grau de inteligência, assim como outros mamíferos mais desenvolvidos, como cetáceos (baleias e golfinhos) e elefantes. Surpreendente, no entanto, foi verificar que mesmo espécies mais longe da escala e árvore evolutivas, como pássaros e polvos, também demonstram sinais de inteligência.

(BAIMA, César. O Globo, Planeta Terra, out. 2010. Adaptado)

Sobre o título dado ao texto, pode-se fazer, de forma adequada, a seguinte afirmação:

a) trata-se de uma questão sobre a qual a ciência ainda não apresenta todas as respostas;
b) a pergunta não é respondida no texto;
c) representa uma interrogação feita pelos proprietários de animais domésticos;
d) o pronome eles se refere exclusivamente aos animais domésticos;
e) a pergunta fala sobre as preocupações dos donos de animais.

Gabarito: B

O texto, em momento algum, informa o que se passa pela cabeça dos animais. Além disso, há um fragmento no texto que reforça essa resposta: "Mas o que se passa na cabeça deles? Algumas espécies têm autoconsciência? Quão inteligentes são os animais? Apesar dos avanços nas pesquisas, estas e outras perguntas permanecem sem resposta, gerando controvérsias entre os especialistas.". Pode-se excluir a alternativa A, pois, quando se diz que a ciência não apresentou todas as respostas, infere-se que algumas já foram concedidas o que é contradito no seguinte fragmento "estas e outras perguntas permanecem sem resposta, gerando controvérsias entre os especialistas.". Elimina-se a alternativa C, pois esse questionamento pode ser de qualquer um, e não necessariamente de donos de animais domésticos. Na alternativa D, o pronome "deles" refere-se a qualquer animal, e não necessariamente a animais domésticos. A alternativa E representa comentário absurdo, dado que o fator inteligência animal não constitui preocupação, mormente aos donos de animais.

23. **"...seu gato, cachorro, papagaio, hamster ou o que seja é o mais**

esperto do mundo"; o termo sublinhado equivale a:

a) um outro animal doméstico qualquer;
b) qualquer outro tipo de roedor;
c) um outro animal de tipo diferente;
d) qualquer animal desconhecido;
e) qualquer outro nome que se dê.

Gabarito: A

O emprego do pronome SEU é decisivo para a resposta. Esse pronome indica que o autor está falando diretamente aos leitores, portanto se trata de gato "do leitor", cachorro "do leitor"... O leitor, cidadão comum, pode ter apenas animal doméstico.

24. **"...é o mais esperto do mundo." Esse pensamento representa:**

a) uma antiga forma de pensar sobre a inteligência animal;
b) um carinhoso modo de pensar sobre animais de estimação;
c) um conceito errado sobre os animais domésticos;
d) um pensamento corrente sobre os animais selvagens;
e) um falso pensamento fundamentado apenas nas aparências.

Gabarito: B

Esse fragmento é referente aos animais domésticos. A alternativa B indica o pensamento que os donos têm acerca de seus animais, sem entrar no mérito se tal pensamento é certo ou errado – fato que exclui a possibilidade de resposta da alternativa C –, até porque o próprio texto informa que a ciência ainda não conseguiu concluir quão inteligentes são os animais.

25. **A afirmativa abaixo que é adequada ao texto é:**

a) Os estudiosos definem, hoje, vários graus de inteligência animal;
b) Os animais, com exceção dos mais distantes da escala evolutiva, possuem inteligência;
c) Estudos avançam, mas a inteligência animal ainda é alvo de controvérsia;
d) Todos os animais possuem inteligência bastante avançada;
e) Os animais dispõem de uma estrutura de DNA semelhante à dos humanos.

Gabarito: C

O comentário realizado na alternativa C se coaduna com o seguinte fragmento do texto: "Mas o que se passa na cabeça deles? Algumas espécies têm autoconsciência? Quão inteligentes são os animais? Apesar dos avanços nas

pesquisas, estas e outras perguntas permanecem sem resposta, gerando controvérsias entre os especialistas.”.

26. **Assinale a alternativa em que o conectivo destacado possui seu valor semântico corretamente indicado:**

a) “Apesar dos avanços nas pesquisas…” = concessão;

b) “Surpreendente, no entanto, foi verificar…” = conclusão;

c) “Suas atitudes e ações eram descritas como simples respostas…” = modo;

d) “Até meados do século passado, porém,…” = explicação;

e) “…para chegar a conclusões bem simples…” = direção.

Gabarito: A

Alternativa B – NO ENTANTO estabelece relação de adversidade, oposição.

Alternativa C – COMO estabelece relação de comparação, podendo ser substituído por TAIS QUAIS.

Alternativa D – PORÉM estabelece relação de adversidade, oposição.

Alternativa E – PARA estabelece relação de finalidade.

27. **“…comuns a quase todos os animais…”; o trecho abaixo em que o emprego do artigo é EQUIVOCADO é:**

a) toda a manhã eles chegavam sempre na hora;

b) todos os quatro animais de estimação sobreviveram;

c) os biólogos trabalharam todo o dia;

d) entre os animais há diversos graus de inteligência;

e) ambos os animais são dotados de alguma inteligência.

Gabarito: A

O emprego do artigo após os pronomes indefinidos TODA e TODA se justifica quando a intenção linguística é conferir à expressão a ideia de inteiro. Por exemplo, TODO O DIA significa o dia inteiro; já TODO DIA significa todos os dias. O objetivo aqui era dizer que eles chegavam na hora todos as manhãs, e não a manhã inteira, sendo descabido, pois, o uso do artigo.

28. **A alternativa em que a posição do adjetivo em relação ao substantivo ALTERA o seu significado é:**

a) “…estudos de longo prazo começaram a produzir pistas…”;

b) “como outros mamíferos mais desenvolvidos”;

c) “…considerar que grandes primatas como os chimpanzés…”;

d) "Até meados do <u>século passado</u>…";

e) "Suas atitudes e ações eram descritas como <u>simples respostas</u> instintivas…".

Gabarito: E

O significado de "simples respostas" é de singelas, meras respostas. Já em "respostas simples", a leitura passa a ser de respostas simplórias, sem complexidade ou sofisticação.

29. **A presença do biólogo no texto tem a seguinte utilidade textual:**

a) mostrar que a publicação é internacional;

b) convencer o leitor de que o tema é importante;

c) demonstrar atualização brasileira no tema estudado;

d) indicar pessoas que demonstram interesse pelo tema estudado;

e) dar mais autoridade e credibilidade ao texto.

Gabarito: E

Questão formulada para deixar o candidato em dúvida entre duas alternativas: B e E, visto que as outras são absurdas. Quando o autor utiliza como recurso de argumentação informações de terceiros sua intenção não é dar mais importância ao tema, ao assunto, mas sim conferir credibilidade à argumentação. É como se o autor informasse ao leitor que pode confiar naquela informação – utilizada como argumento –, pois ela provém de um especialista no assunto. Portanto, conforme já esclarecido na parte teórica, sempre que no texto houver informações de terceiros, pode-se dizer que o texto, a informação ou argumentação ganham peso, autoridade, credibilidade, mas nunca o tema ou o assunto.

30. **"…estamos passando a perceber…"; a forma verbal desse segmento indica:**

a) uma continuidade de pensamento;

b) uma explicação de algo dito;

c) uma correção de atitude anterior;

d) uma mudança de posição;

e) uma reafirmação de algo já feito.

Gabarito: D

Questão confeccionada para deixar o candidato em dúvida entre as alternativas C e D. São alternativas parecidas, mas há uma diferença: Na C, é dito que há uma correção, portanto haveria erro na visão anterior, fato que o texto não informa. A

forma verbal ESTAMOS PASSANDO A PERCEBER sugere que uma alteração realmente está em curso, mas não necessariamente algo que representa uma retificação do pensamento anterior, podendo ser uma visão mais complexa, mais aprofundada, mais desenvolvida do tema. Além disso, não há que se falar em correção, até porque, como o texto informa, as perguntas a respeito do tema ainda estão sem resposta.

31. **"...a inteligência <u>teria evoluído</u> a partir de organismos mais simples..."; a forma verbal sublinhada indica uma:**

a) certeza absoluta;
b) hipótese possível;
c) opinião abalizada;
d) dedução comprovada;
e) dúvida permanente.

Gabarito: B

É natural o futuro do pretérito do indicativo não se localizar no campo da certeza. Justamente tal ocorre nessa questão, inclusive quando se observa que o fragmento de onde advém a forma verbal reproduz a Teoria de Darwin. Portanto, trata-se de uma teoria, um pensamento, uma hipótese, algo que possivelmente ocorreu, e não um fato.

32. **O texto desta prova deve ser caracterizado como:**

a) descritivo de um conjunto de ideias científicas sobre os animais;
b) narrativo de uma sequência de fatos ocorridos nos últimos anos;
c) informativo sobre conhecimentos atuais no tema analisado;
d) argumentativo a respeito de prós e contras das recentes descobertas;
e) publicitário sobre os trabalhos da Fiocruz.

Gabarito: C

Trata-se de texto dissertativo, no entanto a alternativa D não pode ser a resposta, pois o recurso de argumentação utilizado não foi a comparação entre aspectos positivos e negativos. Também por tal motivo, excluem-se as alternativas A e B (o texto, repita-se, é dissertativo). A alternativa E é absurda, pois não se trata de propaganda, muito menos sobre os trabalhos desenvolvidos na Fiocruz. Portanto, sobra a alternativa C. Pode-se asseverar que o texto é informativo, com a apresentação de informações concedidas por autoridades no assunto, como recurso

de argumentação, confirmando a tese do autor.

33. **A utilização dos parênteses no último parágrafo pretende:**

a) explicar o que são cetáceos;

b) destacar os cetáceos menos conhecidos;

c) chamar a atenção para aspectos importantes do texto;

d) definir a espécie dos cetáceos;

e) enumerar animais que são denominados "cetáceos".

Gabarito: E

A intenção do autor, ao utilizar os parênteses, foi esclarecer não o que são (significa) cetáceos – por isso, fica excluída a alternativa A –, mas sim a que cetáceos ele estava se referindo.

34. **O autor do texto se apresenta textualmente como:**

a) entrevistador de cientistas experts do assunto;

b) jornalista que reproduz conhecimentos alheios;

c) cientista especializado no tema analisado;

d) jornalista conhecedor do tema explorado;

e) especialista de uma organização científica.

Gabarito: D

Inicialmente, é de bom alvitre perceber que o jornalista escreve para uma seção específica de jornal (O Globo, Planeta Terra), o que já nos faz crer que algum conhecimento sobre o tema ele tem. Além disso, o autor expõe um histórico sobre o assunto e em determinados momentos até expressa sua opinião, como no último período quando considera SURPREENDENTE o fato de "verificar que mesmo espécies mais longe da escala e árvore evolutivas, como pássaros e polvos, também demonstram sinais de inteligência.".

35. **"Quem tem um bicho de estimação..."; a forma de reescrever-se esse segmento do texto que ALTERA o seu sentido original é:**

a) Quem possui um bicho de estimação;

b) Quem tem a posse de um bicho de estimação;

c) Aqueles que possuem um bicho de estimação;

d) Aquele que tem um bicho de estimação;

e) Os que têm um bicho de estimação.

Gabarito: B

O texto original e as alternativas A, C, D e E indicam que alguém é dono, proprietário de um bicho de estimação. Quando se tem a posse de algo, significa dizer que a possibilidade de desfrute é algo passageiro, transitório. Na frase "Eu tenho (estou com) a posse de um carro.", o sentido é que, por algum tempo, posso usufruir o carro.

36. **(Cespe-UnB / FUB / Auditor – 2009)**

Confissão de Allan Poe

Cometi apenas um erro. Não 1 soube ser feliz. Nunca: nem um só dia, nem sequer uma hora. A própria criação, um prazer para os poetas mais sensíveis, foi para mim sempre mais angustiante que redentora. A causa primeira do meu infortúnio, conheço-a agora. Tive sempre medo da vida. De uma sensibilidade exacerbada e doentia desde a mais tenra infância, atormentada e mortificada até a exaustão pelo infortúnio e pela miséria, a vida banal, as realidades quotidianas constituíam para mim uma fonte constante de terror. Tinha a impressão de viver continuamente suspenso no limite de dois reinos – ser uma criança semimorta unida em laço misterioso a um espectro nostálgico. A criança tinha medo da treva; o espectro da luz. Uma e outro aspiravam à morte e, simultaneamente, receavamna. A vida era para mim aborrecimento, alucinação, condenação. Cada vez que eu tentava reconciliar-me com ela, saía maltratado, repelido. Fazia-me o efeito de um anjo que pretendesse participar num banquete de monstros. O próprio amor não logrou salvar-me porque a mulher é uma das mais perfeitas encarnações da vida, e eu tinha da vida um indizível terror. Todas as mulheres que julguei amar ou fugiram de mim, ou estão mortas. Uma vez mortas, e só então, elas pareciam realmente minhas amantes na eternidade, as únicas que poderiam amar um homem segregado da vida. Para escapar às minhas visões terrificantes, aos meus pesadelos, às tentações de minha razão delirante, um gênio forçava-me a escrever, senhor mais titânico e exigente que um demônio. Escrevi, pois, toda a minha vida poemas, narrativas, contos, tratados, ensaios. Porém, mal experimentava a ilusão de pela poesia ter exorcizado a perseguição dos meus pavores, logo outras alucinações, outros pesadelos, outras bizarrias macabras e fúnebres assaltavam sem trégua a minha pobre alma acabrunhada. Então, como última esperança do meu desespero, buscava socorro no álcool, que, aliás, abominava.

(Revista Literatura. São Paulo: Escala Editorial, 2009, nº 23, p. 45. Com adaptações).

Considerando as estruturas linguísticas do texto acima, julgue os itens de 1 a 7.

1. Confissão de Allan Poe, o título do texto, e construção de Brasília são estruturas semelhantes sintaticamente, pois são formadas por substantivo abstrato mais preposição de seguida de outro substantivo, o qual, no título do texto, desempenha papel de agente – pelo qual se entende que Allan Poe fez uma confissão – e, em construção de Brasília, desempenha papel de paciente.
2. Em "Cometi apenas um erro" (l.1) e "Tive sempre medo da vida" (l.3-4), a mudança na ordem dos termos adverbiais para Apenas cometi um erro e Sempre tive medo da vida mantém inalterado o sentido desses períodos no texto.
3. Para a palavra "quotidianas" (l.6), está também prevista, nos dicionários da língua portuguesa, a grafia cotidianas.
4. Em "Cada vez que eu tentava reconciliar-me com ela" (l.10-11), a expressão "Cada vez que" pode ser substituída por À medida que, sem alteração de sentido.
5. Com o deslocamento da conjunção "pois" para o início da oração "Escrevi, pois, toda a minha vida poemas, narrativas, contos, tratados, ensaios" (l.18-19), com os devidos ajustes de maiúsculas e minúsculas, preserva-se o sentido original do período.
6. Em "Porém, mal experimentava a ilusão (...) a minha pobre alma acabrunhada" (l.19-20), o termo "mal" é empregado com sentido temporal.

Gabarito:

1 – Certo. Allan Poe confessou, praticou a ação de confessar, portanto tem valor agente e funciona como adjunto adnominal. Já em "Construção de Brasília", Brasília foi construída, sofreu a ação de ser construída, por isso possui valor paciente, funcionando como complemento nominal. Muito interessante a visão do Cespe-UnB, pois indica que muito mais importante do que identificar a função sintática de um termo é observar o seu valor semântico – se naquela construção tem valor agente ou paciente, se está praticando ou sofrendo a ação verbal. Em face de tal visão, não entrou no mérito acerca da função sintática (se complemento ou adjunto).

2 – Errado. Na segunda frase, não gera alteração semântica a inversão dos termos. O sentido é o mesmo em "Tive sempre medo da vida." e "Sempre tive

medo da vida.”. No entanto, na primeira frase, a alteração gera mudança de sentido: Em “cometi apenas um erro.”, o significado é que não cometi nem dois nem três erros, somente um. Em “Apenas cometi um erro.”, o sentido é que não fiz mais nada além de cometer esse erro.

3 – Certo. Os vocábulos “Cotidianas” e “Quotidianas” existem e possuem o mesmo significado.

4 – Errado. O conector “Cada vez” tem o mesmo valor que SEMPRE QUE, QUANDO, portanto tem caráter temporal. Já, À MEDIDA QUE confere ao período valor de proporção.

5 – Errado. A conjunção POIS, quando está deslocada, possui valor conclusivo, tendo como sinônimos ENTÃO, PORTANTO. Ocorrendo no início do período, passa a ter valor causal, passando a ter como sinônimos PORQUE, VISTO QUE, PORQUANTO.

6 – Certo. A conjunção MAL tem valor temporal, sendo sinônimo de QUANDO, ASSIM QUE, LOGO QUE. Observe a relação de tempo existente entre as orações: “mal (Logo que, Quando, assim que) experimentava a ilusão… pavores, logo outras alucinações, outros pesadelos… assaltavam sem trégua a minha pobre alma acabrunhada.

37. **(Cespe-UnB / FUB / Auditor – 2009)**

A história dos ideais ilustrados na América Latina tem, às vezes, um sabor quase trágico de perversão dos intuitos ostensivos, porque acabaram funcionando como fatores de exclusão, não de incorporação; de sujeição, não de liberdade. O saber como salvação acabava como teoria de poucos eleitos. Na América Latina, as condições locais puseram a nu a contradição fundamental da ideologia ilustrada, que desaguava quase inevitavelmente na delegação de função às elites. O propalado bem comum ficava no limbo da utopia se os povos não lutassem pela sua realização. Nos países do Ocidente da Europa, as lutas democráticas do fim do século XVIII e século XIX, aliadas à prosperidade econômica, permitiram uma solução parcial da contradição apontada acima, com relativa difusão do saber. Em nossos países, a contradição permaneceu com toda força. Essa contradição se manifesta de vários modos e em vários níveis. No nível estrutural, é óbvio que ela corresponde a uma tendência das sociedades de classe para concentrar o saber nas camadas superiores, dosando as suas formas mais modestas ao longo da escala social dominada. No nível escolar, ela aparece tanto na política universitária quanto

na política de instrução primária. No caso do Brasil, é curiosa, depois da Independência, a relativa indiferença pela fundação de escolas superiores, além do mínimo para formar quadros dirigentes restritos. Custa crer que o Brasil só tenha tido universidades no século XX; e que, durante o período colonial, não houvesse nele escolas de nível superior.

(CANDIDO, Antonio. A perversão da Aufklärung. In: Textos de intervenção. 34. ed., São Paulo: Duas Cidades, 2002, p. 321-3. Com adaptações).

Acerca das ideias e estruturas linguísticas do texto acima, julgue os itens a seguir.

1. Infere-se do texto que os ideais ilustrados propunham, originalmente, o saber e a educação como formas de emancipação, liberdade e igualdade entre os homens.
2. Ao restringir às elites locais o acesso ao saber, a América Latina perverteu os ideais ilustrados plenamente realizados na Europa pela difusão igualitária do saber.
3. As relações sintático-semânticas do período entre as linhas 6 e 7 indicam que a realização da ideologia ilustrada como bem comum condicionava-se às lutas populares pela democratização do saber.
4. A forma verbal "dosando" (l.13) corresponde a uma ação de política educacional que, voltada para as classes dominadas, previa a democratização do saber em curto prazo.
5. Infere-se do texto que o fato de as universidades só terem surgido no Brasil, no século XX, relaciona-se à manifestação do caráter contraditoriamente restritivo da ideologia ilustrada.

Gabarito:

1 – Certo. Depreende-se dos dois primeiros períodos, mormente quando se percebe que os ideais eram a incorporação, a liberdade, o saber como salvação.

2 – Errado. Não houve difusão igualitária do poder nos países do Ocidente da Europa, como se verifica no fragmento "Nos países do Ocidente da Europa, as lutas democráticas do fim do século XVIII e século XIX, aliadas à prosperidade econômica, permitiram uma **solução parcial da contradição** apontada acima, com relativa difusão do saber.".

3 – Certo. Observe a presença da conjunção subordinativa condicional "se" (l.6-

7). “Se os povos não lutassem pela sua realização” (condição) – O propalado bem comum ficava no limbo da utopia (consequência).

4 – Errado. Justamente o contrário. O emprego de “dosando” sugere que o fato ocorria aos poucos, e não em curto prazo.

5 – Certo. Se os ideais ilustrados previam a emancipação, o saber como libertação, a existência de universidades no Brasil deveria ter ocorrido muito antes. Portanto, o fato de as universidades só terem surgido no século XX serve como exemplo (recurso argumentativo) para a tese de que esses ideais acabaram tendo um sabor quase trágico de perversão dos intuitos ostensivos, funcionando como fatores de sujeição, de exclusão.

38. **(Agente da Polícia Federal)**

Texto LP-II – questões 43 e 44

A Revolução Industrial provocou a dissociação entre dois pensamentos: o científico e tecnológico e o humanista. A partir do século XIX, a liberdade do homem começa a ser identificada com a eficiência em dominar e transformar a natureza em bens e serviços. O conceito de liberdade começa a ser sinônimo de consumo. Perde importância a prática das artes e consolidam-se a ciência e a tecnologia. Relega-se a preocupação ética. A procura da liberdade social se faz sem considerar-se sua distribuição. A militância política passa a ser tolerada, mas como opção pessoal de cada um.

Essa ruptura teve o importante papel de contribuir para a revolução do conhecimento científico e tecnológico. A sociedade humana se transformou, com a eficiência técnica e a consequente redução do tempo social necessário à produção dos bens de sobrevivência.

O privilégio da eficiência na dominação da natureza gerou, contudo, as distorções hoje conhecidas: em vez de usar o tempo livre para a prática da liberdade, o homem reorganizou seu projeto e refez seu objetivo no sentido de ampliar o consumo. O avanço técnico e científico, de instrumento da liberdade, adquiriu autonomia e passou a determinar uma estrutura social opressiva, que servisse ao avanço técnico e científico. A liberdade identificou-se com a ideia de consumo. Os meios de produção, que surgiram no avanço técnico, visam ampliar o nível dos meios de produção.

Graças a essa especialização e priorização, foi possível obter-se o elevado nível do potencial de liberdade que o final do século XX oferece à humanidade. O

sistema capitalista permitiu que o homem atingisse as vésperas da liberdade em relação ao trabalho alienado, às doenças e à escassez. Mas não consegue permitir que o potencial criado pela ciência e tecnologia seja usado com a eficiência desejada.

(BUARQUE, Cristovam. Na fronteira do futuro. Brasília: EDUnB, 1989, p. 13; com adaptações)

Julgue os itens abaixo, relativos às ideias do texto LP-II.

1. O conceito de "liberdade" é tomado como sinônimo de **consumo** e de **eficiência no domínio e na transformação da natureza em bens e serviços**.
2. O autor sugere que o sistema capitalista apresenta a seguinte correlação: quanto mais tempo livre, mais consumo, mais lazer e menos opressão.
3. Depreende-se do primeiro parágrafo que a ética foi abolida a partir do século XIX.
4. No segundo parágrafo, a expressão "Essa ruptura" retoma e resume a ideia central do parágrafo anterior.
5. O emprego da expressão "as vésperas da liberdade" (l.22) sugere que a humanidade ainda não atingiu a liberdade desejada.

Gabarito:

1 – Certo. É de bom alvitre o candidato perceber que o comentário está perfeito, contudo se apresenta em ordem inversa, o que não o invalida. Inicialmente o texto informa que "a liberdade do homem começa a ser identificada com a eficiência em dominar e transformar a natureza em bens e serviços.". Depois assevera que "O conceito de liberdade começa a ser sinônimo de consumo.".

2 – Errado. O comentário contradiz o texto, visto que no terceiro parágrafo é aduzido que "o homem reorganizou seu projeto e refez seu objetivo no sentido de ampliar o consumo.". Depois, esclarece a consequência: "O avanço técnico e científico, de instrumento da liberdade, adquiriu autonomia e passou a determinar uma estrutura social opressiva, que servisse ao avanço técnico e científico.".

3 – Errado. Inferência inadequada, visto que o texto esclarecer que a preocupação ética foi relegada, ou seja, foi posta "de lado", mas não abolida, exterminada.

4 – Certo. A expressão "Essa ruptura" refere-se ao ponto central do primeiro parágrafo: "a dissociação entre os dois pensamentos: o científico e tecnológico e o humanista.". Depois o autor passa a defender a tese da existência dessa dissociação, ruptura.

5 – Certo. Quando se está na véspera de feriado, é porque estamos no período que o antecede, ou seja, ainda não chegou o feriado. Portanto, a expressão "as vésperas da liberdade" indica que se está no período que antecede a liberdade, contudo a liberdade ainda não chegou.

39. **Quanto à organização do texto LP-II, julgue os itens a seguir.**

1 . A argumentação do texto estrutura-se em três eixos principais: ciência e tecnologia, busca da liberdade e militância política.

2 . A tese para esse texto argumentativo pode assim ser resumida: nem todo "potencial-de-liberdade" gera liberdade com a eficiência desejada.

3. Para organizar o texto, predominantemente argumentativo, o autor recorre a ilustrações temáticas e trechos descritivos sobre condições das sociedades.

4 . A ideia de melhor aproveitamento do tempo como resultado da eficiência técnica é um argumento utilizado para provar a necessidade de lazer e descanso dos homens.

5 . O fragmento a seguir, caso fosse utilizado como continuidade do texto, manteria a coerência da argumentação: **Existe, assim, uma ambiguidade entre a ampliação dos horizontes da liberdade e os resultados, de fato, alcançados pelo homem**.

Gabarito:

1 – Errado. O principal eixo do texto é a dissociação entre os dois pensamentos: o científico e tecnológico e o humanista.

2 – Certo. O comentário é uma síntese do texto. O fato de a máquina substituir o homem em muitas tarefas fez que ele atingisse as vésperas da liberdade, mas não a própria liberdade.

3 – Errado. Em momento algum do texto, há a ocorrência de ilustrações temáticas – elementos que esclareçam sobre o que o texto verso –, muito menos elementos descritivos acerca das condições das sociedades.

4 – Errado. O que ocorreu foi justamente o contrário: "em vez de usar o tempo livre para a prática da liberdade, o homem reorganizou seu projeto e refez seu objetivo no sentido de ampliar o consumo.".

5 – Certo. O comentário serviria como um fechamento do texto, funcionando como uma síntese para tudo que foi exposto, fato explicitado no último parágrafo.

40. **(Cespe / UnB / Delegado PF)**

Individualistas e comportados. E daí?

Cientistas sociais e filósofos de inúmeras correntes garantem: a geração de 90 é ambígua. Explica-se: os adolescentes dessa época buscam o bem-estar individual mas também consideram o conceito "viver dignamente" como um direito da humanidade. Só que eles não pretendem se fatigar nas lutas sociais, nem se sentem atraídos por bandeiras políticas ou cartilhas ideológicas. Em uma pesquisa recente na França, o item "justiça social" foi classificado como um dos menos importantes por moças e rapazes na faixa dos 14 aos 17 anos. Imediatamente, a geração que ouve Madonna, diverte-se com Steven Spielberg e devora sanduíches passou a ser chamada de "novos individualistas". O filósofo e escritor francês Laurent Joffrin, autor do livro Um toque de Juventude, celebra com muito otimismo os "moralistas de **blue jeans**: "eles não são apáticos como se supõe. Seus interesses vão além do prazer imediato e da pura distração", explica Joffrin. Mais cético, seu colega Alain Finkelkraut acredita que os jovens dos anos 90 se apoiam em relacionamentos superficiais e valores distorcidos. "Comportam-se como se a vida fosse um grande **videoclip**…", lamenta. Enquanto os intelectuais batem boca, os ingleses que cresceram ouvindo a balada conservadora de Margareth Thatcher hoje insistem que a vida comportada é muito melhor. Em um pesquisa da revista Look Now, moças e rapazes de 15 a 24 anos confessam gostar de boas roupas, querem ser vistos como pessoas sensíveis e responsáveis, pretendem ter uma carreira sólida e fazer fortuna. Desnecessário dizer que a Dama de Ferro adorou os resultados da pesquisa.

(Greenghalg, Laura. "Sociedade dos Poetas Vivos"**,** In: Elle, ago. 1998. p. 35; com adaptações).

Aplicando conhecimentos acerca de tipologia, estrutura e organização de um texto em parágrafos, julgue os itens a seguir, segundo as ideias desenvolvidas do Texto.

1. O texto é essencialmente dissertativo, podendo ser distribuído em parágrafos, dos quais o introdutório iria até "cartilhas ideológicas"(L.5).
2. O primeiro período (L.1 e 2) contempla a ideia geral do texto, resgatando na

palavra “ambígua” o comportamento da juventude: apático e superficial.

3. Na linha 9, inicia-se uma passagem narrativa que se estende até “lamenta” (L.15) e que conta a rotina da juventude francesa da época.
4. A pesquisa relativa aos ingleses, cujos resultados aparecem a partir do antepenúltimo período do texto, agradou a liderança conservadora porque mostra que os jovens britânicos são idealistas, consumistas, alienados e ambiciosos.
5. Ao se distribuir adequadamente em parágrafos, faltaria um fechamento que resgatasse a ideia básica desenvolvida no texto e desse caráter conclusivo ao título proposto.
6. Segundo o texto, os intelectuais europeus são unânimes na opinião de que os jovens, sedentos pelo fugaz aproveitamento da vida material, apenas se preocupam com a distração e o entretenimento, demonstrando interesse tão somente pela superfície da vida em comunidade.

Gabarito:

1 – Certo. Até “cartilhas ideológicas” está presente a tese do autor. No início do período seguinte, começa a argumentação fundada em informações de terceiros, o que justificaria o começo de um novo parágrafo.

2 – Errado. Não há ambiguidade entre apatia e superficialidade.

3 – Errado. O comentário começa correto, pois realmente se trata de uma narração. Quando o autor do texto reproduz informações de terceiros, tal fragmento é narrativo. No entanto, em momento algum deste fragmento é feito qualquer tipo de comentário acerca da rotina da juventude francesa da época.

4 – Errado. O erro ocorre no emprego do vocábulo “alienados”. O texto não contém essa informação e certamente a liderança conservadora da Inglaterra não gostaria que a juventude fosse alienada.

5 – Certo. É importante o candidato atentar-se que até a quinta linha o autor expõe sua tese. A partir daí, ele começa a usar as informações constantes em pesquisas, revistas, livros como recurso argumentativo. Observe que o último período do texto ainda está no campo argumentativo, sendo uma reprodução de informações constantes na revista Look Now. Sendo assim, o autor do texto não chegou a retomar a palavra para conferir o seu devido fechamento.

6 – Errado. Não há unanimidade. Por exemplo, a expressão “Mais cético” indica

que a visão de Alain Finkelkraut já não é exatamente a mesma de Laurent Joffrin.

41. **(TCU / Auditor)**

O termo groupthinking foi cunhado, na década de cinquenta, pelo sociólogo William H. Whyte, para explicar como grupos se tornavam reféns de sua própria coesão, tomando decisões temerárias e causando grandes fracassos. Os manuais de gestão definem groupthinking como um processo mental coletivo que ocorre quando os grupos são uniformes, seus indivíduos pensam da mesma forma e o desejo de coesão supera a motivação para avaliar alternativas diferentes das usuais. Os sintomas são conhecidos: uma ilusão de invulnerabilidade, que gera otimismo e pode levar a riscos; um esforço coletivo para neutralizar visões contrárias às teses dominantes; uma crença absoluta na moralidade das ações dos membros do grupo; e uma visão distorcida dos inimigos, comumente vistos como iludidos, fracos ou simplesmente estúpidos.

Tão antigas como o conceito são as receitas para contrapor a patologia: primeiro, é preciso estimular o pensamento crítico e as visões alternativas à visão dominante; segundo, é necessário adotar sistemas transparentes de governança e procedimentos de auditoria; terceiro, é desejável renovar constantemente o grupo, de forma a oxigenar as discussões e o processo de tomada de decisão.

JR, Thomaz Wood. "O perigo do groupthinking." In: Carta Capital, 13/5/2009, p. 51 (com adaptações).

Julgue os seguintes itens com base na organização do texto acima.

1 – A sequência narrativa inicial, relatando a origem do termo "groupthinking" (l.1), não caracteriza o texto como narrativo, pois integra a organização do texto predominantemente argumentativo.

2 – Por estar empregada como uma forma de voz passiva, a locução verbal "foi cunhado" (l.1) corresponde a cunhou-se e por esta forma pode ser substituída, sem prejuízo para a coerência ou para a correção gramatical do texto.

3 – No desenvolvimento da argumentação, o valor semântico das orações iniciadas por "tomando" e "causando", ambas na linha 3, permite interpretá-las como causa para a conceituação de Whyte; por isso correspondem a porque tomavam decisões temerárias e causavam grandes fracassos.

4 – Apesar de a definição de "groupthinking" (l.4) sugerir neutralidade do autor a respeito desse processo, o uso metafórico de palavras da área de saúde, como

"sintomas" (l.7), "receitas" (l.12) e "patologia" (l.12), orienta a argumentação para o valor negativo e indesejável de groupthinking.

5 – Na linha 4, preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se inserir uma vírgula imediatamente após o vocábulo "coletivo", mesmo que, com isso, as informações possam ser tomadas como uma explicação – e não como uma caracterização – da expressão "processo mental coletivo".

Gabarito:

1 – Certo. O texto é iniciado com uma narração, visto que o autor reproduz a definição cunhada pelo sociólogo William H. Whyte. No entanto, em vários momentos ele expressa a própria opinião, caracterizando o texto como dissertativo.

2 – Errado. Não é cabível a substituição da voz passiva analítica pela sintética porque passaria uma sensação de reflexividade (A expressão "o termo Groupthinking se cunhou" passa a sensação de que ele cunhou a si mesmo). Além disso, não fica coerente o emprego da voz passiva sintética, estando presente o agente da passiva: "O termo groupthinking cunhou-se… pelo sociólogo William H. Whyte".

3 – Errado. Justamente o contrário. O uso do gerúndio nos dois verbos encerra nexo de consequência para o fato exposto na oração anterior: Porque os grupos ficavam reféns de sua própria coesão (causa), acabavam tomando decisões temerárias e causando grandes fracassos (efeito).

4 – Certo. Ao iniciar o texto pela definição do termo conferido por um sociólogo, fica a impressão de que o texto não apresentaria a opinião do autor. Entretanto, ela se faz presente em alguns momentos do textos e isso se explicita também por esses vocábulos relacionados à medicina, revelando sutilmente o entendimento do autor em relação a Groupthinking: uma doença, uma patologia.

5 – Certo. O pronome relativo introduz oração subordinada adjetiva. No texto original, o pronome relativo não é precedido de vírgula, introduzindo valor de restrição, caracterização. Ao se inserir a vírgula antes do pronome relativo, altera-se a ideia para explicação. É fundamental ler corretamente o item. O Cespe não disse que não haveria mudança semântica (muito pelo contrário: "as informações possam ser tomadas como uma explicação – e não como uma caracterização"), mas que essa mudança não gera incoerência (apesar de o

sentido ficar diferente, o texto continua coerente) tampouco falha gramatical.

42. **(Cespe / UnB / Polícia Federal / Agente)**

FRAGMENTO A

O processo de ampliação dos direitos e de pacificação social não é neutro, nem é o caminho natural de evolução em todas as sociedades. Em geral, é fruto de um processo político, resultado de muitos conflitos e negociações. Nele se confrontam, nos diferentes períodos históricos e nas diferentes sociedades, grupos diversos – alguns mais representativos da maioria dos membros de uma sociedade, outros menos –, defendendo suas ideias e seus interesses a respeito de como organizar a sociedade.

(Andrea Buoro)

FRAGMENTO B

Isto é – Estamos às portas da Terceira Guerra Mundial?

Clóvis Brigagão – Acho que uma nova guerra se estabeleceu, que é um confronto entre grupos terroristas e o Estado. Não é uma guerra clássica, não é uma guerra de guerrilha ou de longa duração, mas um confronto de ataques tópicos, uma espécie de acupuntura. Enquanto os poderosos americanos são visíveis, os inimigos são invisíveis, utilizam ataques de surpresa que põem o sistema internacional e a convivência humana em perigo. Isso já existe no Oriente Médio, onde Israel enfrenta os palestinos. Não é Estado contra Estado, mas Estado contra terrorismo. Esse modelo de conflito se tornou um novo fator de desequilíbrio mundial. Pode inclusive restabelecer uma nova espiral armamentista não convencional.

Isto é, nº 1.668 – 19/9/2001

Julgue os itens abaixo, com o auxílio dos dois fragmentos do texto II.

1 – Da leitura dos dois fragmentos, infere-se que guerras e conflitos não respeitam fronteiras estatais.

2 – O fragmento A mostra que muitos avanços sociais causam conflitos, e mesmo guerras.

Gabarito:

1 – Certo. Fundamental nessa questão o candidato atentar-se à leitura do seguinte termo "Da leitura dos fragmentos". Essa expressão significa "Você lendo os dois fragmentos", "Do somatório de informações dos dois fragmentos". Portanto, a informação que "guerras e conflitos não respeitam

fronteiras estatais" não precisam estar presente nos dois fragmentos, bastando estar em um. É justo o que ocorre. Só é cabível inferir que guerras e conflitos não respeitam fronteiras estatais pelo segundo fragmento, onde se esclarece que é um confronto entre grupos terroristas e o estado.

1 – Errado. Há a inversão da relação de causa e efeito, o que se evidencia no seguinte período "Em geral, é fruto de um processo político, resultado de muitos conflitos e negociações.". Portanto, se o processo de ampliação dos direitos é frutos de conflitos, negociações, compreende-se que é consequência de conflitos, negociações

43. **Julgue os itens a seguir, a respeito da organização das ideias e estruturas do fragmento A do texto II.**

1 – Em suas duas ocorrências na linha 1, o verbo SER está flexionado no singular para concordar com a palavra "processo".

2 – A palavra "neutro" (l. 1) sintetiza a ideia de **livre de pressões, de tendências divergentes e conflitantes**.

3 – A conjunção "nem" (l.1) corresponde a **também não**.

4 – Os pronomes "suas" (l. 6) e "seus" (l. 6) referem-se a "sociedade" (l. 5)

5 – Mantém o sentido e a correção gramatical do fragmento, mas especifica-se mais a relação de ideias, ao se acrescentar o artigo à **preposição na expressão "a respeito de l. 6), transformando-a em ao respeito de**.

Gabarito:

1 – Certo. O núcleo do sujeito é "processo". Na primeira ocorrência do verbo SER, o sujeito está explícito. Na segunda, o sujeito está elíptico.

2 – Certo. O texto informa que "O processo de ampliação dos direitos e de pacificação social NÃO é neutro" e SIM que "O processo de ampliação dos direitos e de pacificação é fruto de um processo político, resultado de muitos conflitos e negociações.". Então, nesse contexto, NEUTRO está em oposição a "fruto de um processo político, resultado de muitos conflitos e negociações". Como "livre de pressões, de tendências divergentes e conflitantes" também se opõe a "fruto de um processo político, resultado de muitos conflitos e negociações", conclui-se que NEUTRO e "livre de pressões, de tendências divergentes e conflitantes", no caso, têm o mesmo valor.

3 – Certo. NEM é conjunção cuja função semântica é adicionar elementos negativos, sendo sinônimo de TAMBÉM NÃO. Outro conector que poderia

substituir NEM seria TAMPOUCO.

4 – Errado. Os pronomes "suas" e "seus" têm como referente "grupos diversos" (l. 4). São ideias e interesses desses grupos diversos.

5 – Errado. Simplesmente a expressão "ao respeito de" não existe, o que comprometeria a correção e o sentido.

44. **Julgue os itens seguintes, quanto à organização das ideias no fragmento B do texto II.**

1 – A expressão "nova guerra" (l.2) remete ao mesmo referente de "confronto de ataques tópicos" (l. 4), "Isso" (l. 7), "Esse modelo de conflito" (l. 8) e "novo fator de desequilíbrio" (l. 8 e 9)

2 – O conectivo "mas" (l. 4) introduz uma ideia adversativa que, em um padrão mais culto da linguagem, corresponde a destarte.

3 – Porque o conectivo "enquanto" (l. 5) está empregado com valor alternativo em "Enquanto os poderosos americanos são visíveis, os inimigos são invisíveis" (l. 5), mantêm-se as relações semânticas na ligação dessas duas orações se elas forem substituídas por Ora os poderosos americanos são visíveis, ora os inimigos são invisíveis.

4 – Nas linhas 5 e 6, as formas verbais "utilizam" e "põem" estão empregadas no plural para respeitar a concordância com "inimigos" (l. 5)

5 – Pelo sentido textual, o último período do fragmento admite a subordinação sintática ao penúltimo, expressa por oração reduzida de gerúndio, com os devidos ajustes de pontuação e letras maiúsculas.

Gabarito:

1 – Certo. Todos os termos remetem a "nova guerra". Além desses termos, também "confronto entre grupos terroristas e o Estado" e "espécie de acupuntura" são remissivos a "nova guerra".

2 – Errado. O item começa com comentário correto, visto que "mas" é conjunção adversativa. No entanto, a substituição proposta é absurda, porquanto DESTARTE possui valor conclusivo.

3 – Errado. O comentário é absurdo, visto que o conector de caráter temporal "Enquanto" confere ao período valor de simultaneidade, concomitância. Já o par ORA…ORA introduz ideia alternativa. Ou seja, são fatos que se alternam e obviamente não podem ocorrer ao mesmo tempo.

4 – Errado. Realmente a forma verbal "utilizam" encontra-se na terceira pessoa

do plural para concordar com seu sujeito (Os inimigos). A forma verbal PÕEM também se encontra na terceira pessoa do plural, todavia para concordar com o antecedente do pronome relativo QUE (ataques de surpresa).

5 – Certo. Perceba que a construção fica coerente e gramaticalmente correta: Esse modelo de conflito se tornou um novo fator de desequilíbrio mundial, podendo inclusive restabelecer uma nova espiral armamentista não convencional.

45. **A pergunta de US$ 110 bilhões: por que os EUA continuam gastando dinheiro com regimes corruptos e impopulares?**

Quando vemos hoje os impressionantes levantes no mundo árabe, com atos espontâneos pela democracia, é impossível não se perguntar: o que estamos fazendo gastando US$ 110 bilhões (em torno de R$ 180 bilhões) neste ano para apoiar regimes corruptos e impopulares no Afeganistão e no Paquistão que são quase idênticos aos governos que estamos aplaudindo os povos derrubarem?

Pode-se inferir do primeiro parágrafo que:

a) Está havendo atos espontâneos pela democracia no mundo árabe.

b) Há um paradoxo entre o investimento em alguns regimes políticos e o desejo de ver similares serem derrubados.

c) Os governos apoiados e derrubados são os mesmos.

d) Os governos apoiados, que receberam investimentos, e os derrubados são idênticos.

e) Os governos do Afeganistão e do Paquistão também serão derrubados por forças populares.

Gabarito: B

Questão feita para deixar o candidato em dúvida entre as alternativas A e B. As alternativas C, D e E apresentam comentários absurdos. Como no enunciado da questão está sendo exigida uma inferência, uma dedução. Assim, podemos excluir a alternativa A, visto que a informação lá constante não precisamos inferir, encontrando-se exposta, explícita. Está exposto no texto que está havendo atos espontâneos pela democracia no mundo árabe. Portanto, não inferimos essa informação. Já a alternativa B apresenta informação coerente, todavia não exposta no texto. Há um paradoxo? Certamente há, mas o texto não explicita isso, e sim é

algo que deduzimos, concluímos, inferimos.

46. Há duas semanas, tomei um avião da TAM, em Congonhas, de volta para o Rio. O embarque foi normal, sem estresses, mas o avião ficou 40 minutos na pista depois da hora marcada para a decolagem. Nesse espaço de tempo, os comissários se evaporaram e a TAM não deu qualquer satisfação aos passageiros. Estou sabendo que isso vive acontecendo. Às vezes, os passageiros são deixados mofando no avião depois que ele pousa.

(Ruy Castro)

O que se pode depreender do primeiro parágrafo?

a) Que o autor fez a aludida viagem há duas semanas.
b) Que se tornou comum os passageiros não obterem qualquer tipo de satisfação quanto a problemas nas viagens.
c) Que a TAM não dá satisfação aos passageiros acerca de atrasos nos voos.
d) Que, quando acontece qualquer tipo de problema nos voos, os comissários tornam-se ausentes.
e) A anormalidade refere-se aos quarenta minutos que as pessoas levaram dentro do avião após o pouso.

Gabarito: B

Exclui-se a alternativa, visto que o autor não fez a viagem há duas semanas, mas duas semanas antes de redigir esse texto. Elimina-se a alternativa C, uma vez que a informação presente no texto é que a TAM não deu qualquer satisfação aos passageiros sobre o atraso, o que não quer dizer que isso aconteça sempre. Também se exclui a alternativa D, porquanto a informação prestada foi que, naquele voo, os comissários desapareceram, o que não significa que isso aconteça em todos os voos. A anormalidade ficou por conta do tempo que o avião levou para voar e não após o pouso. A alternativa B foi a resposta, visto que o pronome ISSO refere-se aos fatos presentes no período anterior, o que nos permite fazer a seguinte leitura: Estou sabendo que isso (Nesse espaço de tempo, os comissários se evaporaram e a TAM não deu qualquer satisfação aos passageiros.) vive acontecendo. Sendo assim, compreende-se que os comissários de se "evaporarem" e a TAM não dar qualquer satisfação são fatos comuns, ou seja, vive acontecendo – expressão que o autor usou.

47. **(FCC / SP / Oficial de Defensoria Pública)**

CONHECIMENTOS GERAIS

Português

Atenção: As questões de números 47 a 52 baseiam-se no texto abaixo.

O heroísmo é um dos últimos enigmas do comportamento humano. Quando se trata de entendê-lo por meio de explicações racionais, é tão incompreensível quanto sua gêmea maligna, a brutalidade.

Os psicopatas são mais transparentes do que os heróis. Pelo menos já descobrimos o que os torna perigosos: sua incapacidade de sentir qualquer empatia pelos outros. Já o heroísmo extremo é de difícil explicação científica. Trata-se de um impulso ilógico que desafia a biologia, a psicologia e o bom senso. Charles Darwin tinha dificuldades em explicar a ideia de se expor para salvar a vida de um estranho. "Aquele disposto a sacrificar a sua vida, como muitos selvagens o fazem, em vez de trair seus companheiros, frequentemente não deixa descendentes para herdar sua nobre natureza", observou ele, que consequentemente não conseguia encaixar o heroísmo na teoria da sobrevivência do mais forte.

Morrer pelos próprios filhos? Perfeitamente lógico. De acordo com Darwin, nossa única razão de existir é passar nossos genes para a próxima geração. Mas, e morrer pelos outros? Contraproducente. Afinal, não importa quantos heróis fossem gerados, bastaria uma besta egoísta atleticamente sexual para minar toda a linhagem heroica. Os filhos dos egoístas se multiplicariam, enquanto os filhos dos super-heróis que seguissem o exemplo do superpai se sacrificariam até à extinção. Não é difícil de entender por que o comportamento heroico é raro.

Então, se todas as forças evolutivas e consequências desvantajosas conspiram contra o heroísmo, por que tal comportamento existe? Segundo o biólogo Lee Dugatkin, o heroísmo, uma forma de altruísmo, provavelmente data da época em que vivíamos em tribos nômades, onde as pessoas tinham entre si alguma conexão familiar. Ao praticar um ato heroico, elas estariam salvando uma parte de seu material genético.

Estamos cercados de situações que banalizam o mal. Segundo Hannah Arendt, teórica política alemã, a brutalidade é disseminada. Gostamos de pensar que a linha entre o bem e o mal é impermeável, que as pessoas que cometem atrocidades estão no lado mau, nós no lado bom, e que jamais cruzaremos a

fronteira. Para banalizar o bem, entretanto, precisamos construir circunstâncias contrárias à quelas que insidiosamente nos corrompem: uma sociedade detentora de sistemas que permitam a contestação, a crítica e a verdade. Quem sabe assim não precisaremos de super-heróis para garantir direitos básicos de cidadania.

(ZEH, Andrea Kauffmann. O Estado de S. Paulo, Aliás, J7, 21 de junho de 2009, com adaptações)

Justifica-se a primeira afirmativa do texto porque

a) as hipóteses que tentam explicar a agressividade de algumas pessoas ficam comprometidas pela ocorrência de atos de heroísmo.

b) o sacrifício de uma vida é sempre um exemplo notável, do ponto de vista da sobrevivência da espécie.

c) as razões que levam as pessoas a praticarem atos de heroísmo que colocam a vida em risco são de difícil explicação.

d) a percepção da banalização do mal nas sociedades modernas leva a atos de heroísmo mais constantes.

e) a oposição entre atos de heroísmo e as ações marcadas por brutalidade é insignificante para justificar certas atitudes humanas.

Gabarito: C

O cerne dessa questão está no emprego da palavra "enigma", presente no primeiro período (primeira afirmativa do texto). "Enigma", em consonância com o Dicionário do Aurélio, significa "questões propostas em termos obscuros. Algo em termos obscuros é algo de difícil explicação.

48. **O texto permite afirmar, corretamente, que:**

a) somente a ciência é capaz de oferecer explicações para os atos de heroísmo;

b) a linha que separa os conceitos de bem e de mal é tênue e quase imperceptível;

c) heróis são capazes, por vezes, de agir com lógica e discernimento em seu grupo social;

d) poucas vezes os descendentes de heróis tentam reproduzir o exemplo dado por estes;

e) a herança deixada por psicopatas a seus descendentes é muito semelhante à dos heróis.

Gabarito: B

A alternativa A contraria o texto, visto que nem os cientistas foram capazes de explicar os atos de heroísmo. A alternativa C também contraria as ideias do texto, até porque os atos de heroísmo são classificados como contraproducentes. Morrer pelos filhos seria lógico, mas não pelos outros. A alternativa D não apresenta informação coerente com o texto, pois o que se expõe é: "…. os filhos dos super-heróis que seguissem o exemplo do superpai se sacrificariam até à extinção. Não é difícil de entender por que o comportamento heroico é raro.", sendo assim, o que se depreende é que, se os filhos imitarem as atitudes dos superpais, acabarão extintos. A alternativa E também é absurda, pois a característica comum a eles não é a herança deixada para os filhos, e sim a dificuldade de se fazer uma teoria racional para as suas atitudes. A alternativa B apresenta comentário correto, porquanto relaciona o heroísmo à brutalidade classificando-os como almas gêmeas e incompreensíveis, sendo a linha tênue que os distingue o fato de que os psicopatas são mais transparentes do que os heróis.

49. **Conclui-se corretamente do texto que:**

a) o altruísmo nas sociedades modernas decorre da tentativa de manutenção dos laços familiares originados em núcleos tribais;
b) as explicações científicas são insuficientes para identificar indivíduos potencialmente perigosos para a sociedade;
c) aqueles que se dispõem a comportamentos extremos, seja para o bem, seja para o mal, se identificam com os mais fortes no grupo social;
d) a existência de atos de heroísmo numa sociedade moderna não condiz com a própria história da evolução da humanidade;
e) a prática de ações benéficas nas sociedades contemporâneas deve impor-se à força que impele os indivíduos ao mal.

Gabarito: E

A alternativa A contraria o texto, uma vez que o campo semântico do período original, o da possibilidade: "Segundo o biólogo Lee Dugatkin, o heroísmo, uma forma de altruísmo, **provavelmente** data da época em que vivíamos em tribos nômades, onde as pessoas tinham entre si alguma conexão familiar.". A informação constante na alternativa é exposta no campo factual, da certeza que o fato ocorreu. A alternativa B também contradiz o texto, pois lá está exposto que " a incapacidade de sentir qualquer empatia pelos outros já é um dado fundamental

para se identificarem pessoas perigosas na convivência social. A alternativa C é absurda, pois no texto se expõe que não há como encaixar o heroísmo na teoria da sobrevivência do mais forte. Muito pelo contrário, pessoas com essa característica tendem à extinção. A alternativa D também não é coerente, pois se depreende que a existência de super pais pode colaborar com a sobrevivência da humanidade, mesmo que sacrifique sua própria linhagem genética, ou seja, a sua descendência. A alternativa E se expõe no seguinte fragmento: "Para banalizar o bem, entretanto, precisamos construir circunstâncias contrárias à quelas que insidiosamente nos corrompem: uma sociedade detentora de sistemas que permitam a contestação, a crítica e a verdade.".

50. **Em relação ao 3º parágrafo, está INCORRETO o que se afirma em:**

a) Identifica-se opinião pessoal em Perfeitamente e Contraproducente.

b) Percebe-se intenção irônica no uso das palavras super-heróis e superpai.

c) O emprego de multiplicariam e sacrificariam denota possibilidade remota num tempo futuro, condicionada a determinada situação anterior.

d) Não há respostas possíveis e lógicas para o fato de alguém se sacrificar por pessoas desconhecidas, ou seja, pelos outros.

e) O desenvolvimento leva à conclusão coerente de que o comportamento heroico é raro.

Gabarito: D

O comentário proferido na alternativa A é perfeito, uma vez que "Perfeitamente lógico." é uma opinião do autor ao fato de "Morrer por um filho". E "Contraproducente" foi a qualificação conferida ao fato de "Morrer pelos outros". A alternativa B apresenta comentário correto, visto que o Futuro do Pretérito, como o próprio nome sugere, indica um evento futuro improvável atrelado a uma condição pretérita: Se os filhos seguissem o exemplo dos pais (condição pretérita), as consequências seriam "os filhos dos egoístas se multiplicariam, enquanto os filhos dos super-heróis se sacrificariam até à extinção.". A alternativa D apresenta comentário falso, visto que, uma resposta lógica aparentemente não há, mas possível, mesmo que ilógica, pode ser que haja. A alternativa E apresenta comentário correto, representando o último período uma conclusão para a tese de que os exemplos de heroísmo, caso seguidos pelos filhos, levariam à extinção.

51. **O assunto do texto está sintetizado em:**

a) Heroísmo é atitude sem explicação lógica quando analisado sob a ótica dos

impulsos do comportamento humano.

b) O heroísmo extremo é geralmente confundido com a brutalidade manifestada por psicopatas.

c) Heróis e psicopatas apresentam habitualmente o mesmo tipo de comportamento num mundo incompreensível.

d) Charles Darwin falhou em suas explicações para o comportamento heroico apresentado por certas pessoas.

e) A sobrevivência da espécie humana só é explicada pelo comportamento heroico de certos indivíduos.

Gabarito: A

Na questão, é exigido do candidato um resumo do texto, ou seja, sua ideia principal também chamada de tópico frasal. A tese exposta no início do texto, mais propriamente nos dois primeiros parágrafos é que o heroísmo é um enigma, uma atitude incompreensível, um impulso ilógico que desafia a biologia, a psicologia e o bom senso. A sequência do texto se estrutura na argumentação para a defesa dessa tese.

52. **... uma sociedade detentora de sistemas que permitam a contestação, a crítica e a verdade. (último parágrafo)**

O emprego da forma verbal grifada acima denota, no contexto,

a) possibilidade de realização de um fato.

b) certeza imediata a respeito de uma ação real.

c) dúvida plausível acerca da realização de um fato.

d) ação prevista em um futuro imediato.

e) fato realizado em um tempo indefinido.

Gabarito: A

O emprego do modo subjuntivo distancia a situação do campo da certeza. Isso mais se evidencia quando se observa a construção de todo o período: inicialmente há a ocorrência da preposição "para" estabelecendo relação de finalidade; depois a ocorrência da locução verbal "Precisamos construir" já indicando que as circunstâncias ainda não foram construídas. O fragmento "uma sociedade detentora de sistemas que permitam a contestação, a crítica e a verdade" representa as circunstâncias que precisam ser construídas com a finalidade de banalizar o bem.

53. **Atenção: As questões de números 56 a 62 baseiam-se no texto abaixo.**

A memória ajuda a definir quem somos. Na verdade, nada é mais essencial para a identidade de uma pessoa do que o conjunto de experiências armazenadas em sua mente. E a facilidade com que ela acessa esse arquivo é vital para que possa interpretar o que está à sua volta e tomar decisões. Cada vez que a memória decai, e conforme a idade isso ocorre em maior ou menor grau, perde-se um pouco da interação com o mundo. Mas a ciência vem avançando no conhecimento dos mecanismos da memória e de como fazer para preservá-la. Pesquisas recentes permitem vislumbrar o dia em que será uma realidade a manipulação da mente humana. Isso já está sendo feito em animais.

Cientistas brasileiros e americanos demonstraram ser possível apagar, em laboratório, certas lembranças adquiridas por cobaias. Tudo indica que as mesmas técnicas podem ser usadas também para conseguir o efeito inverso: ampliar a capacidade de reter fatos e experiências na mente. Há pouco tempo pesquisadores da Universidade da Califórnia detalharam como as proteínas estão relacionadas ao surgimento de novas lembranças nos neurônios e à modificação das já existentes.

Como ocorreu com o DNA no século passado, os códigos fisiológicos que regulam a memória estão sendo decifrados. A neurociência é um campo tão promissor que, nos Estados Unidos, nada menos que um quinto do financiamento em pesquisas médicas do governo federal vai para as tentativas de compreender os mecanismos do cérebro. Os estudos sobre a memória têm um lugar destacado nesse esforço científico.

Afinal de contas, mantê-la em perfeito funcionamento tornou-se uma preocupação central nas sociedades modernas, em que dois fenômenos a desafiam: o primeiro é a exposição a uma carga excessiva de informações, que o cérebro precisa processar, selecionar e, se relevantes, reter para uso futuro; o segundo é o aumento da expectativa de vida, que se traduz numa população mais vulnerável a distúrbios associados à perda de memória.

Um dos caminhos investigados pelos cientistas para deter as degenerações que resultam em perda mnemônica é induzir a produção de novos neurônios – a neurogênese. Até pouco tempo atrás, acreditava-se que as células do cérebro não se regeneravam. Esse mito foi derrubado e hoje se sabe que em algumas estruturas cerebrais o nascimento de células nervosas é um fenômeno comum. O experimento indica que, se os cientistas conseguirem estimular de maneira controlada a neurogênese, poderão aplicar essa técnica tanto para compensar a

morte de células causada por uma doença degenerativa como, em tese, para melhorar a capacidade de memorização de uma pessoa saudável. Esse será, certamente, um dia inesquecível.

(Schelp, Diogo. Veja. 13 jan. 2010, pp. 79-87, com adaptações)

Esse será, certamente, um dia inesquecível. (final do texto)

Pressupõe-se corretamente da afirmativa acima:

a) uma contradição intencional com o assunto que foi desenvolvido em todo o texto;
b) o uso intencional do adjetivo, por sua correlação de sentido com o assunto abordado no texto;
c) uma crítica velada a procedimentos científicos, de certa forma invasivos, de manipulação da memória de pessoas;
d) a conclusão pessimista das dificuldades apontadas em relação às pesquisas sobre a memória humana;
e) a aceitação total de que é cada vez mais difícil descobrir as razões que levam à perda de memória.

Gabarito: B

A alternativa B é a única que apresenta razoabilidade. A expressão ESSE… DIA INESQUECÍVEL refere-se à época em que poderá ocorrer o exposto no período anterior: "O experimento indica que, se os cientistas conseguirem estimular de maneira controlada a neurogênese, poderão aplicar essa técnica tanto para compensar a morte de células causada por uma doença degenerativa como, em tese, para melhorar a capacidade de memorização de uma pessoa saudável.".

54. **A neurociência é um campo tão promissor A neurociência é um campo tão promissor (3º parágrafo)**

A relação entre as orações do segmento acima é, respectivamente, de:

a) explicação de um fato e a razão para sua realização;
b) constatação de um fato real e sua condição necessária;
c) consequência de uma situação e a explicação decorrente;
d) condição de realização de um fato e a finalidade de uma ação;
e) causa que justifica uma ação e sua consequência.

Gabarito: E

Caro candidato, é fundamental não esquecer que onde há causa, há efeito; e

onde há efeito, há causa. A conjunção QUE, introduzindo a segunda oração, é subordinativa consecutiva, portanto obviamente introduz um efeito para o expresso na oração anterior. Essa é uma estrutura clássica: "A neurociência é um campo tão promissor" (causa) – "A neurociência é um campo tão promissor (efeito).". Portanto, a primeira estrutura se estabelece com uma causa a justificar uma ação; a segunda, introduzida pelo conector consecutivo, representa uma necessária atitude que é a própria consequência.

55. **... em que dois fenômenos a desafiam... (3º parágrafo)**

O pronome grifado acima substitui corretamente, considerando-se o contexto:

a) memória;
b) neurociência;
c) preocupação central;
d) carga excessiva de informações;
e) população mais vulnerável.

Gabarito: A

O pronome oblíquo refere-se à expressão "memória", presente no segundo parágrafo, tal qual a forma pronome LA em mantê-la. Tal fato se evidencia pelo sentido textual: dois fenômenos desafiam a memória.

56. **(FCC / 23ª REGIÃO / Analista Judiciário)**

Atenção: As questões de números 1 a 20 referem-se ao texto que segue.

Da ação dos justos

Em recente entrevista na TV, uma conhecida e combativa juíza brasileira citou esta frase de Disraeli*: "É preciso que os homens de bem tenham a audácia dos canalhas". Para a juíza, o sentido da frase é atualíssimo: diz respeito à frequente omissão das pessoas justas e honestas diante das manifestações de violência e de corrupção que se multiplicam em nossos dias e que, felizmente, têm chegado ao conhecimento público e vêm sendo investigadas e punidas. A frase propõe uma ética atuante, cujos valores se materializem em reação efetiva, em gestos de repúdio e medidas de combate à barbárie moral. Em outras palavras: que a desesperança e o silêncio não tomem conta daqueles que pautam sua vida por princípios de dignidade.

Como não concordar com a oportunidade da frase? Normalmente, a indignação se reduz a conversas privadas, a comentários pessoais, não indo além de um mero discurso ético. Se não transpõe o limite da queixa, a indignação é impotente, e seu efeito é nenhum; mas se ela se converte em gesto público, objetivamente dirigido contra a arrogância acanalhada, alcança a dimensão da prática social e política, e gera consequências.

A frase lembra-nos que não costuma haver qualquer hesitação entre aqueles que se decidem pela desonestidade e pelo egoísmo. Seus atos revelam iniciativa e astúcia, facilitadas pela total ausência de compromisso com o interesse público. Realmente, a falta de escrúpulo aplaina o caminho de quem não confronta o justo e o injusto; por outro lado, muitas vezes faltam coragem e iniciativa aos homens que conhecem e mantêm viva a diferença entre um e outro. Pois que estes a deixem clara, e não abram mão de reagir contra quem a ignore.

A inação dos justos é tudo o que os contraventores e criminosos precisam para continuar operando. A cada vez que se propagam frases como "Os políticos são todos iguais", "Brasileiro é assim mesmo" ou "Este país não tem jeito", promove-se a resignação diante dos descalabros. Quem vê a barbárie como uma fatalidade torna-se, ainda que não o queira, seu cúmplice silencioso.

* Benjamin Disraeli, escritor e político britânico do século XIX. (Aristides Villamar)

A frase de Disraeli, tal como é entendida e desenvolvida no texto, reporta-se à necessidade de que:

a) os homens de bem e os canalhas se congracem na mesma audácia;

b) a intempestividade dos homens honestos supere a dos desonestos;

c) a ousadia dos bons cidadãos não fique atrás da dos patifes;

d) o atrevimento dos desclassificados coíba o dos justos;

e) os cidadãos honestos e os meliantes distingam entre o bem e o mal.

Gabarito: C

A frase é "É preciso que os homens de bem tenham a audácia dos canalhas". A forma verbal "tenham" significa POSSUAM, obviamente tendo o valor de posse. Na alternativa C, o termo "dos bons cidadãos" funciona como adjunto adnominal, também com valor de posse. Antes de "audácia" subentende-se a presença do vocábulo "mesma" ("… tenham a mesma audácia"); já a alternativa sugere que a audácia dos homens de bem não fique atrás da audácia dos canalhas, ou seja, que

eles tenham no mínimo a mesma audácia.

57. **Atente para as seguintes afirmações:**

I. **Às escandalosas práticas dos canalhas deve corresponder uma reação objetiva, que tenha envergadura social e peso político.**

II. **Os homens de virtude não confrontam o que é justo e o que é injusto porque sabem relativizar o valor do bem e o do mal.**

III. **Do quarto parágrafo depreende-se que certas frases do senso comum induzem à complacência com as ações mais nefastas.**

Em relação ao texto, está correto o que se afirma em:

a) I e II, somente;
b) I e III, somente;
c) II e III, somente;
d) III, somente;
e) I, II e III.

Gabarito: B

O comentário proferido no item I é correto, constituindo-se numa síntese do texto, mormente nos dois primeiros parágrafos. Compreende-se que, se as pessoas éticas não agiram com a mesma determinação dos canalhas, suas reclamações, queixas não logram êxito. Portanto, torna-se necessária uma atuação mais significativa daqueles que possuem princípio ético, para que a indignação não se restrinja a conversas privadas, as quais acabam por não conterem efeito prático.

O comentário realizado no item II é inadequado, dado que o que se informa é que há necessidade de uma posição mais atuante daqueles que possuem valores éticos, isso não quer dizer que eles não confrontem o justo com o injusto. Além disso, a explicação dada para o fato também é absurda: não confrontam porque sabem relativizar o valor do bem e do mal???

O item III se coaduna sobretudo com o seguinte fragmento "A cada vez que se propagam frases como "Os políticos são todos iguais", "Brasileiro é assim mesmo" ou "Este país não tem jeito", promove-se a resignação diante dos descalabros. Quem vê a barbárie como uma fatalidade torna-se, ainda que não o queira, seu cúmplice silencioso.".

58. **Considerando-se o contexto, as expressões:**

a) frequente omissão e ética atuante referem-se a distintas condutas, atinentes

aos homens de bem;

b) barbárie moral e princípios de dignidade são análogas, e referem-se aos homens indignos;

c) inação dos justos e frequente omissão estabelecem entre si a oposição que se verifica entre os justos e os canalhas;

d) dimensão da prática social e política e a arrogância acanalhada representam, respectivamente, uma causa e seu efeito;

e) iniciativa e astúcia e cúmplice silencioso referem-se aos contraventores e aos criminosos.

Gabarito: A

A alternativa apresenta comentário correto, dado que duas condutas são relacionadas aos homens de bem: a frequente omissão, fato que se confirma na fala da juíza – por isso, a juíza cita que os homens de bem deveriam ter mais audácia; e a ética atuante, como deveriam ser os cidadãos de bem.

Exclui-se a alternativa B, dado que princípios de dignidade relacionam-se aos homens de bem, dignos.

Exclui-se a alternativa C, visto que os dois elementos não apresentam oposição, pelo contrário, encontram-se no mesmo campo semântico.

Exclui-se a alternativa D, visto que uma atitude objetivamente dirigida contra a arrogância acanalhada é que geraria o efeito de se alcançar uma dimensão da prática social e política.

Elimina-se a alternativa E, pois iniciativa e astúcia são características que os criminosos têm e que os homens de bem também deveriam ter na defesa desse bem. Já cúmplice silencioso refere-se aos próprios cidadãos de bem.

59. **Quem propaga frases como as citadas entre aspas no último parágrafo parece admitir que:**

a) a resignação é vencida por uma ética atuante;

b) a cumplicidade silenciosa é o mal maior;

c) o discurso ético é o primeiro passo para a moralização;

d) não se deve abrir mão de uma reação ética;

e) os descalabros fazem parte da nossa natureza.

Gabarito: E

É importantíssimo nessa questão compreender o que está sendo solicitado. A

banca não está pedindo a visão do autor quanto ao assunto. Já se sabe que o entendimento do autor é a de que os cidadãos de bem precisam ser mais atuantes, ousados. No entanto, aqui está sendo solicitada a visão das pessoas que proferem as seguintes frases: "Os políticos são todos iguais", "Brasileiro é assim mesmo" ou "Este país não tem jeito". Essas pessoas estão resignadas com esse tipo de situação – fato que o próprio autor critica. Portanto, se fosse a visão do autor, poderíamos ter as opções A, C ou E. Mas como se pede a visão dessas pessoas que já se entregaram diante dos fatos, a única alternativa cabível só pode ser a alternativa E.

60. **Considerando-se o contexto do terceiro parágrafo, na frase Pois que estes a deixem clara, os pronomes estes e a estão se referindo, respectivamente, a:**

a) um e outro / a diferença;
b) os homens / a diferença;
c) desonestidade e egoísmo / iniciativa;
d) os homens / iniciativa;
e) o justo e o injusto / iniciativa.

Gabarito: B

O período anterior ao retirado da frase é o seguinte: "Realmente, a falta de escrúpulo aplaina o caminho de quem não confronta o justo e o injusto; por outro lado, muitas vezes faltam coragem e iniciativa aos homens que conhecem e mantêm viva a diferença entre um e outro.". O pronome "Estes" refere-se ao elemento masculino e plural mais próximo: os homens. Já o pronome "a" refere-se ao termo feminino e singular mais próximo: a diferença. A leitura da frase é: Pois que os homens deixem a diferença clara.

61. **Os segmentos destacados constituem, respectivamente, uma causa e sua consequência em:**

a) Para a juíza, / o sentido da frase é atualíssimo;
b) Pois que estes a deixem clara / e não abram mão de reagir contra quem a ignore;Â
c) Normalmente, a indignação se reduz / a conversas privadas (...);
d) A frase lembra-nos / que não costuma haver qualquer hesitação (...);
e) Quem vê a barbárie como uma fatalidade / torna-se (...) seu cúmplice silencioso.Â

Gabarito: E

Alternativa A – O primeiro fragmento representa uma conformidade para o fato expresso no segundo.

Alternativa B – O segundo fragmento representa uma adição para o fato exposto no primeiro.

Alternativa C – O segundo fragmento é apenas um complemento verbal para "reduz-se" (oração subordinada substantiva objetiva indireta), sem valor semântico.

Alternativa D – O segundo fragmento é apenas um complemento verbal para "reduz-se" (oração subordinada substantiva objetiva direta), sem valor semântico.

Alternativa E – Quem age dessa maneira (Quem vê a barbárie como uma fatalidade) – causa; consequentemente torna-se seu cúmplice silencioso -efeito.

62. **Considerando-se o contexto, a palavra sublinhada em Como não concordar com a oportunidade da frase? Tem sentido equivalente ao da expressão sublinhada em:**

a) Sua colaboração chegou no momento azado.

b) Impressionou-o o indômito oportunismo com que agia seu adversário.

c) Na eventualidade de um ato ilegal, impõe-se uma sindicância.

d) Ela estranhou o extemporâneo interesse do amigo.

e) Eles sempre agiram em conformidade com a lei.

Gabarito: A

Alternativa A – Azado significa oportuno, momento propício para uma atitude.

Alternativa B – indômito significa indomável, indomesticável, bravio.

Alternativa C – eventualidade tem valor de fato que acontece casualmente, sem frequência

Alternativa D – extemporâneo é algo que acontece fora de seu tempo, depois do prazo

Alternativa E – "em conformidade de" expressa um ação de acordo, em consonância, em conformidade com algo já estabelecido.

63. **(Cespe/ UnB / STF)**

O agente ético é pensado como sujeito ético, isto é, como um ser racional e consciente que sabe o que faz, como um ser livre que escolhe o que faz e como um

ser responsável que responde pelo que faz. A ação ética é balizada pelas ideias de bem e de mal, justo e injusto, virtude e vício. Assim, uma ação só será ética se consciente, livre e responsável e será virtuosa se realizada em conformidade com o bom e o justo. A ação ética só é virtuosa se for livre e só o será se for autônoma, isto é, se resultar de uma decisão interior do próprio agente e não de uma pressão externa. Evidentemente, isso leva a perceber que há um conflito entre a autonomia da vontade do agente ético (a decisão emana apenas do interior do sujeito) e a heteronomia dos valores morais de sua sociedade (os valores são dados externos ao sujeito). Esse conflito só pode ser resolvido se o agente reconhecer os valores de sua sociedade como se tivessem sido instituídos por ele, como se ele pudesse ser o autor desses valores ou das normas morais, pois, nesse caso, ele será autônomo, agindo como se tivesse dado a si mesmo sua própria lei de ação.

Marilena Chauí. Uma ideologia perversa. In: Folhaonline, 14/3/1999 (com adaptações).

Julgue os seguintes itens, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do texto acima.

1– Depreende-se do texto que "agente" e "sujeito", ambos na linha 1, não são sinônimos, embora possam remeter ao mesmo indivíduo.

2– De acordo com as relações argumentativas do texto, se uma ação não for "virtuosa" (l.6), ela não resulta de decisão interior; se não for "ética" (l.4), ela não será consciente, livre e responsável.

3– A expressão "Esse conflito" (l.11) tem a função textual de recuperar a ideia de "heteronomia" (l.9-10).

4– A organização das ideias no texto mostra que, em suas duas ocorrências, o pronome "ele", na linha 12, refere-se textualmente a "agente" (l.11).

Gabarito:

1 – Certo. Repare que o autor do texto compara o agente ético com o sujeito ético, o que nos leva a depreender que não são o mesmo ser. No entanto, se o conflito entre a autonomia da vontade do agente ético e a heteronomia dos valores morais de sua sociedade for resolvido, os dois termos podem remeter ao mesmo indivíduo.

2 – Errado. O item inverte a relação de condição/efeito. O que o texto informa é que "uma ação só será ética se consciente". Portanto, se for consciente, livre e

responsável (condição), será ética (efeito). Se não for consciente, livre e responsável (condição), não será ética (efeito). E não "se não for "ética" (condição), ela não será consciente, livre e responsável (efeito).

3 – Errado. A expressão "Esse conflito "remete ao par "autonomia da vontade do agente ético" – "heteronomia".

4 – Certo – Não só as duas ocorrências da linha 12 como também a da linha 13. A ideia e á de que o agente ético "será autônomo, agindo como se tivesse dado a si mesmo sua própria lei de ação.".

64. **(Cespe / UnB / MMA)**

Santuário ameaçado

Iniciativa que pretende legitimar a ocupação irregular do Parque do Itatiaia põe em risco o pouco que restou da mata atlântica

O Parque Nacional do Itatiaia, paraíso ecológico no estado do Rio de Janeiro criado por Getúlio Vargas em 1937, está correndo sérios riscos. E a culpa, desta vez, não é dos 4 incêndios, tão comuns na região, que abriga maravilhas naturais como o rio Campo Belo, a Cascata do Maromba e o famoso Pico das Agulhas Negras. Hoje, para muitos especialistas, o maior problema é a ocupação irregular de áreas de preservação permanente por casas de veraneio particulares. Concentradas em uma região de 1,3 mil hectares, as cerca de 80 residências são uma pedra no sapato dos administradores da área. Essa pedra, porém, ganhou potencial para virar uma avalancha. No dia 22 de outubro de 2008, a Associação dos Amigos de Itatiaia, que desde 1951 reúne proprietários dessas terras irregulares, deu início a uma campanha para regularizar o que não é regularizável: a presença de propriedades particulares dentro de um parque nacional. Se aprovado, o projeto reclassificaria parte da área do parque, que passaria a ser um "monumento natural", e não só legitimaria os imóveis que já existem como abriria caminho para a construção de outros dentro da área de preservação.

João Lopes. Istoé, 25/2/2009, p. 52 (com adaptações).

Julgue os itens a seguir com base no texto acima.

1 – O período "Essa pedra, porém, ganhou potencial para virar uma avalancha" (l.8) inicia a argumentação do autor do texto em favor da legalização das edificações irregularmente construídas.

2 – Na linha 13, a forma verbal "legitimaria" pode ser substituída pela forma legalizaria, sem prejuízo para o sentido do período.

3 – A área do Parque Nacional do Itatiaia está ameaçada, porque os administradores do parque apresentaram proposta de decreto que regularizou as casas de veraneio cujos terrenos ainda se encontram em situação irregular.

4 – Atualmente, segundo o texto, o maior problema ecológico no Parque Nacional do Itatiaia, atingido frequentemente por incêndios, é o da ocupação irregular por proprietários de casas particulares em áreas protegidas pelo poder público desde 1937.

5 – De acordo com o texto, o governo Getúlio Vargas criou áreas de preservação ambiental em toda a mata atlântica, em especial o Parque do Itatiaia, que abrange território de 1,3 mil hectares e encontra-se ameaçado por algumas ocupações desde 1951.

Gabarito:

1 – Errado – Em momento algum, o autor se posicionou favoravelmente à legalização dessas construções na área. Muito pelo contrário. Depreende-se da frase em voga que o temor do autor é que tal situação ilegal se regularize e, a partir daí, muitas outras construções ocorram.

2 – Certo. Melhora a frase. Uma situação absurda como o autor relata, por motivos também absurdos, pode se transformar em legal, mas legítima ela nunca será. Sendo assim, a substituição de "legitimaria" por "legalizaria" corrige o período, obviamente não gerando prejuízo para o sentido.

3 – Errado. Os administradores do parque são contrários à legalização. Quem deu início para regularizar o que não é regularizável – a presença de propriedades particulares dentro de um parque nacional – foi a Associação de Amigos de Itatiaia.

4 – Certo. Quando se cria um parque, determina-se que aquelas terras passem a ser de proteção do poder público. Foi o que ocorreu em 1937, no governo de Getúlio Vargas. Então, a partir de 1937, aquelas terras transformadas em parque ficaram sob a égide do governo.

5 – Errado. Inicialmente não se disse no texto que toda a área da mata atlântica tornou-se parque. E o território de 1,3 mil hectares refere-se às cerca de 80 residências instaladas no Parque Nacional de Itatiaia.

65. **(Cespe / UnB / MMA)**

Tal é o rio [Amazonas]; tal a sua história: revolta, desordenada, incompleta.

A Amazônia selvagem sempre teve o dom de impressionar a civilização distante. Desde os primeiros tempos da Colônia, as mais imponentes expedições e solenes visitas pastorais rumavam de preferência às suas plagas desconhecidas. Para lá os mais veneráveis bispos, os mais garbosos capitães-generais, os mais lúcidos cientistas. E do amanho do solo que se tentou afeiçoar a exóticas especiarias, à cultura do aborígine que se procurou erguer aos mais altos destinos, a metrópole longínqua demasiara-se em desvelos à terra que sobre todas lhe compensaria o perdimento da Índia portentosa.

Esforços vãos. As partidas demarcadoras, as missões apostólicas, as viagens governamentais, com as suas frotas de centenas de canoas, e os seus astrônomos comissários apercebidos de luxuosos instrumentos, e os seus prelados, e os seus guerreiros, chegavam, intermitentemente, à queles rincões solitários e armavam rapidamente no altiplano das "barreiras" as tendas suntuosas da civilização em viagem. Regulavam as culturas; poliam as gentes; aformoseavam a terra. Prosseguiam a outros pontos, ou voltavam – e as malocas, num momento transfiguradas, decaíam de chofre, volvendo à bruteza original.

Cunha, Euclides da. À margem da história. Obra Completa, v. 1, p. 256 (com adaptações).

Com relação ao texto acima, julgue os seguintes itens.

1 – Como a oração "E do amanho (...) portentosa" (l.5-8) expressa uma explicação do termo "terra" (l.7), o autor do texto poderia ter optado pelo emprego da vírgula após esse termo.

2 – De acordo com o texto, impressionados com a região amazônica, representantes da Igreja, do Estado e da Ciência tentaram dominar a terra e a cultura indígena, mas não foram bem-sucedidos.

3 – Segundo o texto, a história do rio Amazonas é incompleta, porque a natureza é indomável, apesar dos esforços da "civilização em viagem" (l.13-14) representada por missões apostólicas, por expedições governamentais e por cientistas.

4 – No primeiro parágrafo, "suas" (l.3) refere-se a "Colônia" (l.2) e "lá" (l.4), ao "rio [Amazonas]" (l.1).

5 – No trecho "os seus astrônomos comissários apercebidos de luxuosos instrumentos" (l.11), o vocábulo "apercebidos" tem o sentido de providos.

Gabarito:

1 – Errado. A oração em voga representa uma adição ao período anterior, e não uma explicação para um termo presente na própria frase. Além disso, a inserção de vírgula após a palavra "terra" (l. 8) faria com que a oração seguinte (que se tentou afeiçoar a exóticas especiarias…) passasse a ter caráter explicativa, mas não o período inteiro.

2 – Certo. A frase "Esforços vãos." (l. 9) é uma síntese para expressar o fracasso na tentativa de domínio da natureza e da cultura indígena.

3 – Certo. O primeiro período já confere a ideia de incompletude para o rio Amazonas. Foram missões apostólicas, viagens governamentais, com as suas frotas de centenas de canoas (expedições governamentais) e astrônomas comissários (cientistas) para o Amazonas. Esforços vãos (não lograram êxito) e a natureza (desordena, revolta – l. 1) volvia á bruteza original.

4 – Errada. O referente de "suas" está corretos: colônia: A Amazônia constituía as terras desconhecidas da colônia. No entanto, "Lá" refere-se às plagas desconhecidas" quais sejam, a Amazônia e não o rio Amazonas.

5 – Certo. No contexto, as palavras possuem o mesmo valor semântico, também cabendo a substituição por abastecidos, munidos.

66. **(Cespe / UnB / IRBr / 2009)**

Canção do Ver (fragmento)

Por viver muitos anos
dentro do mato
Moda ave
O menino pegou
um olhar de pássaro –
Contraiu visão fontana.
Por forma que ele enxergava
as coisas
Por igual
como os pássaros enxergam.
As coisas todas inominadas.
Água não era ainda a palavra água.
Pedra não era ainda a palavra pedra. E tal.

As palavras eram livres de gramáticas e
Podiam ficar em qualquer posição.
Por forma que o menino podia inaugurar.
Podia dar às pedras costumes de flor.
Podia dar ao canto formato de sol.
E, se quisesse caber em uma abelha, era só abrir a
[palavra abelha e entrar dentro dela.
Como se fosse infância da língua.

BARROS, Manoel de. Poemas rupestres. Rio de Janeiro: Record, 2004.

A respeito do vocabulário do texto acima, assinale a opção incorreta.

a) "Moda" (v.3) significa conjunto de opiniões, gostos e apreciações críticas, assim como modos de agir, viver e sentir coletivos, aceitos por determinado grupo humano em um dado momento histórico.

b) O sentido do vocábulo "Contraiu" (v.6) restringe as possibilidades semânticas de "pegou" (v.4).

c) Na expressão "visão fontana" (v.6), o vocábulo sublinhado, adjetivo derivado de **fonte**, foi metaforicamente empregado com sentido de originário, gerador, causal, seminal.

d) Em "As palavras eram livres de gramáticas" (v.14), o vocábulo sublinhado alude a regras gramaticais.

e) O vocábulo "posição" (v.15) refere-se à sintaxe, entendida como disposição harmoniosa de partes ou elementos da frase.

Gabarito: A

O vocábulo "Moda" foi empregado no texto com valor comparativo, podendo ser substituído por COMO, FEITO.

67. **Com base no texto, julgue (C ou E) os itens seguintes.**

1 () Em "Por viver muitos anos/dentro do mato" (v.1-2) e "ele enxergava/as coisas/Por igual" (v.7-9), a preposição "Por", nas duas ocorrências, introduz uma circunstância de modo nos períodos em que se insere.

2 () No trecho "era só abrir a palavra abelha e entrar dentro dela" (v.19-20), verifica-se redundância de efeito estilístico.

3 () As ideias expressas nos versos de 17 a 19 ilustram o sentido de "inaugurar" (v.16).

4 () O verso final – "Como se fosse infância da língua" – equivale semanticamente a: Como se fosse reinvenção da língua.

Gabarito:

1 – Errado. Realmente a segunda ocorrência da preposição POR encerra valor de modo, admitindo inclusive a substituição de "por igual" por IGUALMENTE. No entanto, na primeira ocorrência, a preposição expressa a ideia de causa: "Porque vivia muitos anos dentro do mato…".

2 – Certo. Observa-se a redundância, o pleonasmo na expressão entrar dentro. Torna-se admissível por se tratar de uma poesia por ter o autor a intenção de conferir ao verso valor enfático.

3 – Certo. Quando algo é inaugurado, depreende-se que antes não existia. Compreende-se do texto que as coisas existiam, porém inominadas para o menino, que vivia dentro do mato. Portanto, como as coisas ainda não tinham nome, o menino podia inaugurar. Os versos seguintes são exemplificações para esse fato.

4 – Errado. O emprego conotativo de "infância" sugere não uma reinvenção, mas sim o nascimento, o surgimento, a criação, algo que teve início e não reinício.

68. **A diferença na linguagem**

"Para os gramáticos, a arte da palavra quase se esgota na arte da escrita, o que se vê ainda pelo uso que fazem dos acentos, muitos dos quais fazem alguma distinção ou evitam algum equívoco para os olhos mas não para os ouvidos." Neste texto Rousseau nos sugere que, para ler bem, é preciso prestar ouvidos à voz original, adivinhar as diferenças de acento que a articulam e que se tornaram imperceptíveis no espaço homogêneo da escrita. Na leitura, o olho treinado do Gramático ou do Lógico deve subordinar-se a um ouvido atento à melodia que dá vida aos signos: estar surdo à modulação da voz significa estar cego às modalidades do sentido. Na oposição que o texto faz entre a arte de falar e a arte de escrever, podemos encontrar não apenas as razões da desqualificação da concepção gramatical da linguagem, mas também a indicação do estatuto que Rousseau confere à linguagem. O que é importante notar aqui é que a oposição entre falar e escrever não se funda mais na oposição entre **presença** e **ausência**: não é a ausência do sujeito falante que desqualifica a escrita, mas a atonia ou a homogeneidade dos signos visuais. Se a essência da linguagem escapa à Gramática, é porque esta desdobra a linguagem num elemento essencialmente

homogêneo.

JR, Bento Prado. A retórica de Rousseau. São Paulo: Cosac Naify, 2008, p. 129-130.

Com relação às ideias do texto 3, julgue (C ou E) os itens a seguir.

1 () O autor do texto afirma que Rousseau valoriza o caráter melódico da palavra falada, mas considera que a palavra escrita é mais apta a desvendar as sutilezas do sentido.

2 () A palavra "acentos" (l.2) refere-se a sinais gráficos, ao passo que "acento" (l.5) designa qualidades como inflexão ou modulação.

3 () Segundo o texto, na fala, a altura e a intensidade da voz contribuem, no entender de Rousseau, para as possibilidades de sentido.

4 () Ao caracterizar como "treinado" (l. 6) o olho do "Gramático" ou do "Lógico", o autor dá a entender que estes consideram a leitura como decodificação mecânica.

Gabarito:

1 – Errado. O texto informa que, para ler bem, é preciso prestar ouvidos à voz original, adivinhar as diferenças de acento que a articulam e que se tornaram imperceptíveis no espaço homogêneo da escrita.

2 – Certo. A palavra "acento" está empregada em sentidos distintos no texto. No primeiro caso, relaciona-se aos ocorrentes na escrita, signos gramaticais de leitura. Na segunda ocorrência, a palavra se refere ao fato de prestar ouvidos à voz original, perceber a entonação que se torna imperceptível no espaço homogêneo da escrita.

3 – Certo. Como exposto no texto: "estar surdo à modulação da voz significa estar cego às modalidades do sentido.".

4 – Certo. Pois "treinado" tem sentido de "leitura técnica, mecânica do gramática". Justamente essa leitura deve subordinar-se aos acentos da melodia, às possibilidades de alteração de significado advindas da percepção de uma voz original.

69. **(Cespe / UnB / IRBr / 2008)**

As primeiras cartas

O importante não é a casa onde moramos. Mas onde, em nós, a casa mora.

Avô Mariano

Escapo-me dali, me apressando entre os atalhos. Quando reentro em casa não encontro vivalma. Todos foram para o caminho da areia assistir à desgraça, consolando Ultímio. De soslaio, parece-me ouvir um ruído. Entro na sala fúnebre e nada vejo, senão o aquietado corpo do velho Mariano. Lá está o desfinado, entre flores e velas. Subo para o quarto. De novo, sobre a cabeceira, uma outra carta. A tremência em minhas mãos não me ajuda a ler:

Estas cartas, Mariano, não são escritos. São falas. Sente-se, se deixe em bastante sossego e escute. Você não veio a esta Ilha para comparecer perante um funeral. Muito ao contrário, Mariano. Você cruzou essas águas por motivo de um nascimento. Para colocar o nosso mundo no devido lugar. Não veio salvar o morto. Veio salvar a vida, a nossa vida. Todos aqui estão morrendo não por doença, mas por desmérito do viver.

É por isso que visitará estas cartas e encontrará não a folha escrita mas um vazio que você mesmo irá preencher, com suas caligrafias. Como se diz aqui: feridas da boca se curam com a própria saliva. Esse é o serviço que vamos cumprir aqui, você e eu, de um e outro lado das palavras. Eu dou as vozes, você dá a escritura. Para salvarmos Luar-do-Chão, o lugar onde ainda vamos nascendo. E salvarmos nossa família, que é o lugar onde somos eternos.

Comece em seu pai, Fulano Malta. Você nunca lhe ensinou modos de ele ser pai. Entre no seu coração, entenda aquela rezinguice dele, amoleça os medos dele. Ponha um novo entendimento em seu velho pai. Às vezes, seu pai lhe tem raiva? Pois lhe digo: aquilo não é raiva, é medo. Lhe explico: você despontou-se, saiu da Ilha, atravessou a fronteira do mundo. Os lugares são bons e ai de quem não tenha o seu, congênito e natural. Mas os lugares nos aprisionam, são raízes que amarram a vontade da asa.

A Ilha de Luar-do-Chão é uma prisão. A pior prisão, sem muros, sem grades. Só o medo do que há lá fora nos prende ao chão. E você saltou essa fronteira. Se afastou não em distância, mas se alonjou da nossa existência.

Antes, seu pai estava bem consigo mesmo, aceitava o tamanho que você lhe dava. Desde a sua partida ele se tornou num estranho, alheio e distante. Seu velhote passou a destratá-lo? Pois ele se defende de si mesmo. Você, Mariano, lhe lembra que ele ficou, deste lado do rio, amansado, sem brilho de viver nem lustro de sonhar.

Companhia das Letras, 2003, p. 64-5

Julgue (C ou E) os itens a seguir, de acordo com o texto.

1 – Assim que voltou a Luar-do-Chão para o funeral do pai, ao reentrar na casa, Mariano deparou com os mortos.

2 – Mariano encontrou cartas, que mais pareciam relatos e comentários orais do que mensagens escritas, e cuja leitura lhe causou assombro.

3 – Quando voltou para a Ilha, Mariano percebeu que a saudade do pai havia-se transformado em tristeza e desapontamento.

4 – Na Ilha de Luar-do-Chão, a prisão psicológica vivenciada pelos habitantes os tornava impotentes para dali saírem, por medo do desconhecido.

Gabarito:

1 – Errado. Mariano, protagonista, ao regressar Luar do Chão entra no quarto onde está seu avô, também Mariano. Ele não dá com os mortos, apenas foi ao velório do avô.

2 – Anulado. O comentário sobre as cartas e comentários encontra-se correto, contudo não há no texto referência ao fato de que tais relatos lhe causaram assombro – sentimento que possivelmente ele teve –, não se podendo aduzir que tal informação é correta ou incorreta. Por isso, o item acabou anulado.

3 – Errado. Em momento algum do texto, é exposto que Mariano tinha saudades do pai, tampouco que tal sentimento foi alterado.

4 – Certo. Tal informação se ratifica na carta do avô, quando informa que o pai não tinha raiva de Mariano, tinha medo explicitado mormente no penúltimo parágrafo: a ilha de Luar do Chão é uma prisão. A pior prisão, sem muros, sem grades. Só o medo do que há lá fora nos prende ao chão.”.

70. **A propósito dos componentes semântico e estilístico do texto, julgue (C ou E) os itens seguintes.**

1 – A epígrafe do texto estrutura-se em um jogo de palavras.

2 – No texto, a oposição ou contraste como estratégia argumentativa pode ser exemplificada em vários enunciados, entre eles: “Não veio salvar o morto. Veio salvar a vida, a nossa vida.” (l. 10 e 11) e “encontrará não a folha escrita mas um vazio que você mesmo irá preencher” (l. 13 e 14).

3 – O sentido do trecho “feridas da boca se curam com a própria saliva” (l. 14 e 15) equivale ao do clássico provérbio Amor com amor se paga.

4 – É exemplo de paralelismo sintático o estilo de construção do trecho "você e eu, de um e outro lado das palavras. Eu dou as vozes, você dá a escritura" (l. 16).

Gabarito:

1 – Certo. A epígrafe "O importante não é a casa onde moramos. Mas onde, em nós, a casa mora." faz um jogo de palavras, procedendo à inversão do sujeito em adjunto adverbial de lugar e vice-versa. Na primeira frase, o pronome relativo onde, que se refere à casa, funciona como adjunto adverbial de lugar e NÓS, como sujeito. Na segunda frase, A CASA funciona como sujeito e NÓS (em nós) é o núcleo do adjunto adverbial de lugar.

2 – Certo. No segundo caso, fica explícito o valor de oposição, adversidade, sobretudo pela presença do conector MAS. No primeiro caso, a mesma conjunção está subentendida, podendo ser inserida sem gerar qualquer prejuízo semântico "Não veio salvar o morto, mas veio salvar a vida, a nossa vida.".

3 – Errado. O provérbio original passa valor meramente reflexivo. Algo de si para si. Da sua saliva para sua boca. No segundo caso, há valor de reciprocidade. Algo de um para outro, de outro para um. João dá amor para Maria que dá da o amor para João.

4 – Certo. Repare que em situações de paralelismo é comum o vocábulo repetido ser retirado do período. Repare que, no primeiro período, o autor optou por não repetir o termo. "Você e eu, de um **lado** e **de** outro lado das palavras.". Já, no segundo período, o autor fez a opção por repetir o verbo DAR, nas formas "dou" e "dá".

71. **(Cespe / UnB / IRBr / 2008)**

Receita de casa

Ciro dos Anjos escreveu, faz pouco tempo, uma de suas páginas mais belas sobre as antigas fazendas mineiras. Ele dá os requisitos essenciais a uma fazenda bastante lírica, incluindo, mesmo, uma certa menina de vestido branco. Nada sei dessas coisas, mas juro que entendo alguma coisa de arquitetura urbana, embora Caloca, Aldari, Jorge Moreira e Ernâni, pobres arquitetos profissionais, achem que não.

Assim vos direi que a primeira coisa a respeito de uma casa é que ela deve ter

um porão, um bom porão com entrada pela frente e saída pelos fundos. Esse porão deve ser habitável porém inabitado; e ter alguns quartos sem iluminação alguma, onde se devem amontoar móveis antigos, quebrados, objetos desprezados e baús esquecidos. Deve ser o cemitério das coisas. Ali, sob os pés da família, como se fosse no subconsciente dos vivos, jazerão os leques, as cadeiras, as fantasias do carnaval do ano de 1920, as gravatas manchadas, os sapatos que outrora andaram em caminhos longe.

Quando acaso descerem ao porão, as crianças hão de ficar um pouco intrigadas; e como crianças são animais levianos, é preciso que se intriguem um pouco, tenham uma certa perspectiva histórica, meditem que, por mais incrível e extraordinário que pareça, as pessoas grandes também já foram crianças, a sua avó já foi a bailes, e outras coisas instrutivas que são um pouco tristes mas hão de restaurar, a seus olhos, a dignidade corrompida das pessoas adultas.

Convém que as crianças sintam um certo medo do porão; e embora pensem que é medo do escuro, ou de aranhas caranguejeiras, será o grande medo do Tempo, esse bicho que tudo come, esse monstro que irá tragando em suas fauces negras os sapatos da criança, sua roupinha, sua atiradeira, seu canivete, as bolas de vidro, e afinal a própria criança.

O único perigo é que o porão faça da criança, no futuro, um romancista introvertido, o que se pode evitar desmoralizando periodicamente o porão com uma limpeza parcial para nele armazenar gêneros ou utensílios ou mais facilmente tijolo, por exemplo; ou percorrendo-o com uma lanterna elétrica bem possante que transformará hienas em ratos e cadafalsos em guarda-louças.

Ao construir o porão deve o arquiteto obter um certo grau de umidade, mas providenciar para que a porta de uma das entradas seja bem fácil de arrombar, porque um porão não tem a menor utilidade se não supomos que dentro dele possa estar escondido um ladrão assassino, ou um cachorro raivoso, ou ainda anarquistas búlgaros de passagem por esta cidade.

Um porão supõe um alçapão aberto na sala de jantar. Sobre a tampa desse alçapão deve estar um móvel pesado, que fique exposto ao sol ao menos duas horas por dia, de tal modo que à noite estale com tanto gosto que do quarto das crianças dê a impressão exata de que o alçapão está sendo aberto, ou o terrível meliante já esteja no interior da casa.

Rubem Braga. Um pé de milho. 4ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1982, p. 129-31 (com

adaptações).

Julgue (C ou E) os itens a seguir, que se referem à compreensão, à interpretação e aos aspectos sintático-semânticos do texto.

1 – No segundo parágrafo, tanto o emprego da palavra "cemitério" (l. 11) quanto a comparação entre o porão e o "subconsciente dos vivos" (l. 12) evidenciam que o sentido produzido, nesse trecho do texto, é o de fim completo das coisas.

2 – Na linha 15, a substituição do vocábulo "acaso" por caso prejudicaria o sentido do período, mas a substituição do mesmo vocábulo por porventura manteria a coerência textual do trecho.

3 – Conclui-se da leitura do texto que nenhuma criança que more em casa sem porão se transformará em um romancista introvertido.

4 – Depreende-se do texto que moralizar o porão significa mantê-lo razoavelmente limpo e iluminado.

Gabarito:

1 – Errado. O sentido das duas expressões nesse contexto não é exatamente de morte, de fim completo, mas de algo que não mais se usa ou, pelo menos, que no momento não está sendo usado. O que está no subconsciente não está morto, mas é como se fosse um depósito de informações que se encontram disponíveis no cérebro que quando delas se precisa.

2 – Certo. O período não ficaria coerente, pois com a substituição por "caso", haveria duas conjunções seguidas: quando (temporal) e caso (condicional). Além disso, o significado de "acaso" é "porventura", como mencionado nesse próprio item.

3 – Errado. Comentário absurdo. O que se assevera no texto é "O único perigo é que o porão faça da criança, no futuro, um romancista introvertido". Mas, obviamente, crianças que moram em casas sem porão também podem se tornar escritoras.

4 – Errado. O comentário expõe uma situação oposta. Segundo o autor, no antepenúltimo parágrafo, a limpeza e a iluminação com lanternas possantes são elementos que desmoralizam o porão.

72. **Acerca da organização, da linguagem e dos aspectos gramaticais do texto, julgue (C ou E) os itens subsequentes.**

1 – Em "incluindo, mesmo, uma certa menina de vestido branco" (l.3), o

vocábulo sublinhado pode ser corretamente substituído por inclusive.

2 – Em "Nada sei dessas coisas" (l. 3-4), "entendo alguma coisa de arquitetura urbana" (l. 4), "a primeira coisa a respeito de uma casa" (l. 7), "cemitério das coisas" (l. 11) e "coisas instrutivas" (l. 19), a palavra "coisas" (ou seu singular "coisa") está empregada com o mesmo sentido.

3 – O sentido de posição inferior, em "sob os pés da família" (l. 11) e "subconsciente" (l. 12), é expresso, respectivamente, por meio do uso de uma preposição e de um prefixo.

4 – No terceiro parágrafo, nas expressões "a sua avó" (l. 18) e "a seus olhos" (l. 20), os pronomes possessivos remetem ao referente "pessoas grandes" (l. 18).

Gabarito:

1 – Errado. A substituição de "mesmo" por INCLUSIVE gera redundância, pleonasmo, visto que o fragmento ficaria assim redigido: "incluindo, inclusive, uma certa menina de vestido branco".

2 – Errado. Os significados são distintos: Em "Nada sei dessas coisas", "coisas" significa CIÊNCIAS; em "entendo alguma coisa de arquitetura urbana", "alguma coisa" tem valor de intensificação, significando UM POUCO; em "cemitério das coisas", "coisas" significa OBJETOS; e em "coisas instrutivas", "coisas" tem valor de "fatos".

3 – Certo. SOB é preposição e tem valor de abaixo, posição inferior, o mesmo significado que possui o prefixo SUB de "subconsciente".

4 – Errado. Os pronomes possessivos referem-se às crianças e não às pessoas grandes. São as avós das crianças e aos olhos das crianças.

73. **A crônica de Rubem Braga:**

a) parafraseia as páginas de Ciro dos Anjos;

b) contém recomendações arquitetônicas dignas de profissionais;

c) exige que toda casa tenha um porão que vá da frente aos fundos do terreno;

d) confere ao porão grande relevância para as crianças;

e) define o porão como um espaço de horror e repulsa infantil.

Gabarito: D

A alternativa A é eliminada, pois parafrasear significa passar a mesma informação com outras palavras, o que não ocorreu.

A alternativa B apresenta informação absurda, até porque o próprio autor se diz amador e que os profissionais dizem que ele nada entende sobre arquitetura.

A alternativa C também não condiz com o texto, visto que lá é informado que um bom porão deve ter entrada pela frente e saída pelos fundos, não se entrando no mérito de seu espaço no terreno.

A alternativa D, apesar de não se encontrar exposta no texto, apresenta uma inferência cabível. O texto informa inicialmente que toda casa deveria ter um porão e que o porão pode fazer da criança, no futuro, um romancista introvertido. Desses dois fragmentos, é coerente deduzir que o autor pretende dar importância ao porão na vida das crianças.

A alternativa E é absurda, visto que o autor apenas aduz que convém as crianças sentirem um certo medo do porão, e não horror ou repulsa.

74. **(Cespe / UnB / IRBr / 2008)**

Origem das culturas

O soldado e o marinheiro permutaram bofetadas, mais ou menos teóricas, numa esquina de minha rua por causa da namorada comum, que devia chamar-se Marlene. O duelo durou vinte minutos e cinquenta pessoas assistiram. A dificuldade total foi reconstituir o delito, porque tanto no inquérito policial quanto na formação de culpa perante o juiz as espontâneas e numerosas testemunhas prestaram depoimentos inteiramente contraditórios. Como começara e como findara a luta foi impossível apurar. E todos tinham assistido…

Esse processo transfigurador da memória, desajustando e confundindo os elementos formadores do episódio, antecipando ou postergando a sucessão temática, interfere como autodefesa inconsciente e instintiva, perturbando a sequência lógica da narrativa. Imagine-se há milênios…

A visão do homem pré-histórico padece dessas dificuldades. Reerguer as cidades em ruínas sem a orientação do plano anterior. Paisagens de intermitências que antes eram continuidades lógicas.

Possuímos documentos da atividade humana desde o Pleistoceno, ou seja, do Paleolítico inferior, período chelense. A velha divisão de Thomsen (Chistian Jungensen Thomsen, 1788-1865) data de 1835; estudando o Homem pelas indústrias iniciais – Idade da Pedra Lascada, Idade da Pedra Polida, Idade dos Metais –, fixa a origem insofismável das culturas.

Creio que do ponto de vista didático o nascimento da cultura humana iniciou-se com os vestígios materiais da indústria lítica, enfrentando pela inteligência o complexo atordoador da natureza hostil e virgem. Articulá-la com o esforço animal, na plenitude do instinto defensivo, é apenas um exercício intelectual em favor da ditadura biológica. Essa exaltação do orgânico em detrimento do social reduz a tenacidade do esforço humano, em centenas e centenas de séculos, ao humilhante plano da causalidade ou do fatalismo, inaceitáveis ambos. Não sendo conhecida de doutrina alguma contemporânea a explicação, mesmo primária, do processo diferenciador dos primatas superiores ao Homo sapiens, porque justamente o tipo menos biologicamente resistente foi o escolhido para a vitória fisiológica de todas as forças brutas, bestiais e telúricas, ensinar-nos da aprendizagem pela observação zoológica jamais provará por que o Rei da Criação, senhor das técnicas, não conseguiu a perfeição maquinal das formigas, das abelhas e dos castores. E continua tendo problemas de organização e de acomodação no meio dos semelhantes, inquietos e desconfiados.

Creio que a cultura nasce do útil-necessário, no ambiente do real-imediato. Diante da premência da fome, frio e desabrigo, o primeiro material foi o mais próximo e a primeira técnica improvisada pela urgência vital.

Luís da Câmara Cascudo. Civilização e cultura: pesquisas e notas de etnografia geral. 2ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1983, p. 65-6 (com adaptações).

De acordo com as ideias apresentadas no texto, julgue (C ou E) os seguintes itens.

1 – Por não estarem sujeitas a testemunhos divergentes, as narrativas de episódios longínquos do passado são mais fiáveis que as de eventos mais recentes.

2 – Os estudos de Thomsen, que datam da primeira metade do século XIX, dedicam-se às culturas do início da Revolução Industrial.

3 – A explicação meramente biológica dos primórdios da cultura humana não faz jus ao engenho humano.

4 – O termo "o Rei da Criação" (l. 31) refere-se a um ente divino.

Gabarito:

1 – Errado. O texto expõe justamente o oposto. Quanto mais remoto for o fato menos fidedigno será o seu relato. Tal inferência ocorre de um pequeno

comentário do autor: "Imagine-se há milênios.". Se um fato recente já é contado de formas diferentes pelas pessoas, imagine um fato remoto.

2 – Errado. Os estudos de Thomsen abrangem as indústrias iniciais, que são o período da Pedra Lascada, da Pedra Polida, dos Metais.

3 – Certo. O comentário se encontra em conformidade com o fragmento "Essa exaltação do orgânico em detrimento do social reduz a tenacidade do esforço humano".

4 – Errado. Os termos "Rei da Criação", "senhor das Técnicas" referem-se ao próprio homem, o homo sapiens, que não conseguiu a perfeição maquinal das formigas, das abelhas e dos castores.".

75. **Acerca dos sentidos e dos elementos de coesão e de referenciação presentes no texto, julgue (C ou E) os itens subsequentes.**

1 – O substantivo "duelo" (l. 3) resume, com certa dose de ironia, o episódio narrado no primeiro período do texto.

2 – O termo "Esse processo transfigurador da memória" (l. 8) está empregado em referência a um vocábulo específico dos dois últimos períodos do primeiro parágrafo do texto.

3 – O termo "dessas dificuldades" (l. 12) sumaria os efeitos da transfiguração da memória descritos no parágrafo anterior.

4 – O termo "Essa exaltação do orgânico em detrimento do social" (l. 24) retoma e amplia a ideia de "um exercício intelectual em favor da ditadura biológica" (l. 23 e 24).

Gabarito:

1 – Certo. O termo "duelo" refere-se às bofetadas teóricas relatadas no primeiro período.

2 – Errado. A expressão não se refere a um vocábulo específico, mas a toda a situação expressa no primeiro parágrafo.

3 – Certo. A expressão sintetiza a ideia de que há um processo transfigurador da memória, desajustando e confundindo os elementos formadores dos fatos.

4 – Certo. A expressão "ditadura biológica" indica que o elemento orgânico se sobrepõe ao aspecto social, intelectual.

76. **Com relação à organização, à linguagem e aos aspectos gramaticais do texto, julgue (C ou E) os itens subsequentes.**

1 – O autor vale-se da narrativa, na introdução do texto, para captar a atenção

do leitor, conduzir-lhe o raciocínio e ilustrar a ideia a ser desenvolvida.

2 – O autor emprega linguagem precisa em "Possuímos documentos da atividade humana desde o Pleistoceno, ou seja, do Paleolítico inferior, período chelense" (l. 16) e "processo diferenciador dos primatas superiores ao Homo sapiens" (l. 27 e 28).

3 – No quinto parágrafo, o autor constrói, para a forma verbal "reduz" (l. 24), um complemento verbal composto: "a tenacidade do esforço humano" (l. 24 e 25) e "em centenas e centenas de séculos" (l. 25).

4 – Para evitar a estrutura oracional e tornar o texto mais conciso, o autor recorreu ao processo de derivação de palavras em "nasce do útil-necessário, no ambiente do real-imediato" (l. 35).

Gabarito:

Item 1 – Certo. O texto é predominantemente dissertativo, contudo o primeiro parágrafo se constitui de uma estória narrada pelo autor, que integra o processo de argumentação.

Item 2 – Certo. Não há nos fragmentos mencionados nenhum termo usado no sentido conotativo.

Item 3 – Errado. Os objetos são os complementos verbais e o termo "em centenas e centenas de séculos" funciona como adjunto adverbial de tempo.

Item 4 – Errado. O processo não é de derivação, e sim composição.

77. **Considerando os sentidos do texto, assinale a opção em que o vocábulo em negrito é sinônimo contextual do termo transcrito.**

a) "padece" (l. 12) – prescinde

b) "lítica" (l. 21) – pétrea

c) "tenacidade" (l. 25) – desvario

d) "telúricas" (l. 30) – ferozes

e) "maquinal" (l. 32) – mecânica

Gabarito: E

Na alternativa A, "padece" significa SOFRE; já "prescinde" significa dispensa, abre mão.

Na alternativa B, "lítico" significa genuíno, legítimo, puro; "pétreo" significa duro, resistente.

Na alternativa C, "tenacidade" significa afinco, constância; "desvario" significa

delírio, loucura.

Na alternativa D, "telúricas" significa relativo à Terra ou ao telúrio; "ferozes" significa selvagens, bravios.

78. **(Cespe / UnB / IRBr / 2007)**

As três almas do poeta

Ênio, poeta latino do século II a. C., falava três línguas: o grego, que ele tinha aprendido por ser, na época, a língua de cultura dominante no sul da Itália; o latim, em que escreveu suas obras; e o osco (uma língua aparentada com o latim), que era, com toda a probabilidade, sua língua nativa. O mais provável é que o latim fosse usado nas relações com as autoridades romanas; o grego, nas grandes cidades; e o osco, nas regiões rurais. E Ênio, que sabia as três, costumava dizer que tinha "três almas".

É curioso observar que ele exprimiu com isso uma coisa muito importante relativa ao conhecimento de uma língua: não se trata simplesmente de "uma outra maneira de dizer as coisas" (table em vez de mesa, te quiero em vez de eu te amo), mas de outra maneira de entender, de conceber, talvez mesmo de sentir o mundo.

A ideia de que a diferença entre as línguas se resume em maneiras distintas de se referir aos objetos do mundo natural pode ser chamada a "teoria ingênua" da relação entre a língua e a realidade. E, como a maior parte das teorias ingênuas, é, ao mesmo tempo, simples, evidente e incorreta (não é óbvio que o Sol nasce no leste? Mas não é o Sol que nasce, é a terra que gira).

Examinemos um exemplo, quanto ao significado das palavras nas línguas. Temos, em português, a palavra dedo, que nos parece muito concreta; diríamos que é simplesmente o nome que damos, em nossa língua, a um objeto que nos é dado pelo mundo real: um dedo é uma coisa, ou seja, uma parte definida do corpo, e o que pode variar é a maneira de designar essa coisa. No entanto, em inglês há duas palavras para "dedo": finger e toe, que não são a mesma coisa. Um finger é um dedo da mão, e um toe é um dedo do pé; para nós são todos dedos, mas para um inglês são coisas diferentes. Esse é um pequeno exemplo de como duas línguas recortam diferentemente a realidade. Agora podemos ver que a palavra portuguesa dedo não é simplesmente a designação de uma coisa – porque, antes de designar essa coisa, a nossa língua a definiu de certa maneira. Tanto é assim que o inglês fez uma definição diferente, e precisou de duas palavras. O exemplo das distintas

maneiras que as línguas têm de designar as cores também é bastante ilustrativo disso.

Falar uma língua é, portanto, ver o mundo de certa maneira, e falar três línguas é, até certo ponto, ter a capacidade de ver o mundo de três maneiras diferentes. Talvez fosse isso que o velho Ênio estivesse tentando dizer, quando afirmou que tinha três almas.

Perini, Mário A.. A língua do Brasil amanhã e outros mistérios. São Paulo: Parábola Editorial, 2004, p. 41-52 (com adaptações)

Acerca de fatos linguísticos do primeiro parágrafo do texto, julgue (C ou E) os itens seguintes.

1 – Há, no primeiro parágrafo, quatro orações subordinadas de natureza explicativa.

2 – No primeiro parágrafo, há mais de um aposto.

3 – Na oração "por ser, na época, a língua de cultura dominante no sul da Itália" (l.2), pode-se substituir "de" por da sem prejuízo para o sentido original do texto.

4 – No trecho "O mais provável é que o latim fosse usado nas relações com as autoridades romanas; o grego, nas grandes cidades; e o osco, nas regiões rurais" (l.6-8), utiliza-se uma forma de elipse, por meio da qual se evitam repetições.

Gabarito:

1 – Certo. No primeiro parágrafo, há quatro ocorrências do pronome relativo QUE (numa delas com preposição EM) precedido de vírgula, caracterizando uma explicação, e não uma restrição.

2 – Certo. Logo no primeiro período há dois casos de aposto. O primeiro com valor explicativo "poeta latino do século II a. C." e o segundo, com valor enumerativo, introduzido pelos dois-pontos.

3 – Errado. Há diferença semântica. O significado de "a língua de cultura dominante" é a língua que predominava na região. Já em "a língua da cultura da dominante", o sentido de língua que a cultura dominante usava.

4 – Certo. Fica implícita a seguinte estrutura "O mais provável é que… fosse usado".

79. **Julgue (C ou E) os próximos itens com relação aos sentidos do texto.**

1 – Depreende-se do texto que há dúvidas quanto aos lugares e às circunstâncias em que cada uma das três línguas mencionadas era usada por seus falantes.

2 – O autor do texto alude ao fato de o poeta latino afirmar que tinha três almas – por falar três línguas – para comprovar que o domínio de língua estrangeira compromete a autenticidade do indivíduo.

3 – A "teoria ingênua" da relação entre a língua e a realidade pressupõe que as línguas recortem a realidade, ou seja, categorizem-na, da mesma maneira.

4 – Segundo o autor do texto, a definição das coisas precede a designação delas por meio de signos linguísticos.

Gabarito:

1 – Certo. O emprego da expressão "O mais provável" já nos permite inferir que a informação não se estabelece no campo da certeza, mas sim da possibilidade.

2 – Errado. Quando o autor expressa que tem três almas por falar três línguas, ele quer referir-se ao fato de que a compreensão das línguas não se restringe ao conhecimento de seus vocábulos, mas abrange características, nuances, concepção e entendimento de mundo.

3 – Certo. Segundo o texto, duas línguas recortam de forma diferente a realidade – fato inclusive ilustrado pelo exemplo da palavra "dedo" oferecido pelo autor. Portanto, seria ingenuidade crer que "a diferença entre as línguas se resume em maneiras distintas de se referir aos objetos do mundo natural".

4 – Certo. Essa informação encontra-se exposta no seguinte fragmento: "Agora podemos ver que a palavra portuguesa dedo não é simplesmente a designação de uma coisa – porque, antes de designar essa coisa, a nossa língua a definiu de certa maneira.". Sendo assim, primeiro a língua define a coisa para depois designá-la.

80. **Julgue (C ou E) os itens subsequentes, considerando a articulação de elementos textuais, bem como aspectos semânticos e morfossintáticos do texto.**

1 – O vocábulo "simplesmente" é empregado com o mesmo sentido nas linhas 8, 19 e 26 do texto.

2 – No trecho "mas de outra maneira de entender, de conceber, talvez mesmo de sentir o mundo" (l.11), observa-se a ocorrência de um único termo como complemento de três verbos.

3 – A substituição de "Tanto é assim que" (l.27) por Tanto que prejudicaria o sentido do período em que tal expressão se insere.

4 – A posposição de "certa" na expressão "certa maneira" (l.30) prejudicaria a coerência do texto.

Gabarito:

1 – Certo. Nas três ocorrências, o vocábulo tem o sentido de "apenas", "somente.

2 – Certo. O termo "o mundo" funciona como objeto direto dos verbos "entender", "conceber" e "sentir".

3 – Errado. A substituição não gera qualquer tipo de prejuízo semântico para o texto.

4 – Certo. O sentido de "certa maneira" é de ALGUMA MANEIRA. Já em "maneira certa" o significado é DE MANEIRA CORRETA.

81. **(Cespe / UnB / IRBr / 2007)**

A imaginação foi sempre o húmus do jardim de Clio. No caso da África, antes do século XVII, é particularmente válido o definir-se a história como o adivinhar do passado. Dele, abstraídas a Etiópia, a franja sudanesa infiltrada pelo Islão e as cidades-estado do Índico, áreas que conheceram a escrita e nos deixaram alguns poucos documentos – poucos, muitas vezes tardios e também contaminados por lendas –, sabemos apenas o que nos devolve uma arqueologia que mal arranhou as imensas extensões africanas, o que anotaram, a partir do século IX, viajantes e eruditos árabes e, mais tarde, os portugueses e outros europeus, bem como o que nos chegou das tradições e das crônicas orais dos povos negros. Se, nos textos em que se profetiza às avessas, ainda que fundados sobre o registro, o depoimento e a memória escrita, o rigor de quem os compõe não afasta de todo o mito e deixa que ele frequente a narrativa e nela se imiscua, é porque é também importante contar, ao lado do que se julga ter realmente acontecido, as imaginações que se fizeram fatos e os fatos que se vestiram de imaginário, porque se incorporaram ao que um povo tem por origem e rastro, e, por isso, o marcam, definem e distinguem. Oraniã, Xangô, Tsoede, Cibinda Ilunga aparecem como personagens neste livro de história porque pertencem iniludivelmente à realidade dos iorubas, dos nupês, e dos lundas e quiocos. Eles estão aqui como Enéias e sua viagem de Tróia ao Lácio, e como Réia Sílvia, a loba, Rômulo e Remo, nos compêndios sobre História romana, cujos autores os sabem mitos, mas não ignoram que fecundaram um destino.

Silva, Alberto da Costa e.. A enxada e a lança: a África antes dos portugueses. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996, p. 3-4.

Considerando os sentidos do texto acima, julgue (C ou E) os seguintes itens.

1 – O vocábulo "abstraídas" (l. 3) pode ser substituído por consideradas conjuntamente, sem que se altere o sentido do período.

2 – A palavra "húmus" está empregada, na primeira oração do texto, com o sentido de praga. Do desdobramento dessa metáfora advém a ideia de que os documentos históricos africanos são "contaminados por lendas" (l.5-6).

3 – Na linha 12, "se imiscua", forma verbal no modo subjuntivo, tem o sentido de se intrometa.

4 – A palavra "iniludivelmente" (l.17) significa, no texto, indubitavelmente.

Gabarito:

1 – Errado. Justamente o oposto. Pois "abstraídas" significa CONSIDERADAS ISOLADAMENTE.

2 – Errado. Pois "húmus" está empregada no sentido de fundamento, princípio.

3 – Certo. São sinônimos perfeitos.

4 – Certo. No contexto, são vocábulos sinônimos, como também o seria INDISCUTIVELMENTE.

82. **Com base, exclusivamente, no texto, julgue (C ou E) os seguintes itens.**

1 – A historiografia referente à África de antes do século XVII vale-se de fontes como crônicas orais autóctones e relatos de viajantes provenientes de outros continentes.

2 – O autor do texto procura transmitir a seguinte mensagem: o historiador deve ignorar as narrativas mitológicas em benefício da objetividade e da precisão de suas pesquisas.

3 – A alusão a "textos em que se profetiza às avessas" (l.9), o autor refere-se à transcrição de mitos transmitidos oralmente pelos povos negros.

4 – Conclui-se do texto que "Tsoede" e "Cibinda Ilunga", citados na linha 16, são importantes figuras históricas pertencentes, respectivamente, aos povos lunda e quioco.

Gabarito:

1 – Certo. As principais fones sobre a África foram informações oriundas das tradições e das crônicas orais dos povos negros bem como o que anotaram, a partir do século IX, viajantes e eruditos árabes e, mais tarde, os portugueses e outros europeus.

2 – Errado. Essa informação contradiz o texto, conforme se atesta no seguinte fragmento: "o rigor de quem os compõe não afasta de todo o mito e deixa que ele frequente a narrativa e nela se imiscua".

3 – Errado. Neste fragmento do verbete, o autor se referia a textos, mesmo que fundados sobre registros. E esses textos apenas não afastavam de todo o mito. Porém isso não quer dizer que se tratava de "transcrição de mitos transmitidos oralmente pelos povos negros.".

4 – Errado. O texto não relaciona os personagens a cada povo.

83. **(Cespe / UnB / IRBr / 2011)**

Através de grossas portas,
sentem-se luzes acesas,
– e há indagações minuciosas
dentro das casas fronteiras:
olhos colados aos vidros,
mulheres e homens à espreita,
caras disformes de insônia,
vigiando as ações alheias.
Pelas gretas das janelas,
pelas frestas das esteiras,
agudas setas atiram
a inveja e a maledicência.
Palavras conjeturadas
oscilam no ar de surpresa,
como peludas aranhas
na gosma das teias densas,
rápidas e envenenadas,
engenhosas, sorrateiras.
Atrás de portas fechadas,

à luz de velas acesas,
brilham fardas e casacas,
junto com batinas pretas.
Uns são reinóis, uns, mazombos;
e pensam de mil maneiras;
mas citam Vergílio e Horácio,
e refletem, e argumentam,
falam de minas e impostos,
de lavras e de fazendas,
de ministros e rainhas
e das colônias inglesas.
Atrás de portas fechadas,
à luz de velas acesas,
entre sigilo e espionagem,
acontece a Inconfidência.
E diz o Vigário ao Poeta:
"Escreva-me aquela letra
do versinho de Vergílio…"
E dá-lhe o papel e a pena.
E diz o Poeta ao Vigário,
com dramática prudência:
"Tenha meus dedos cortados,
antes que tal verso escrevam…"
LIBERDADE, AINDA QUE TARDE,
ouve-se em redor da mesa.
E a bandeira já está viva,
e sobe, na noite imensa.
E os seus tristes inventores
já são réus – pois se atreveram
a falar em Liberdade
(que ninguém sabe o que seja).
E a vizinhança não dorme:

murmura, imagina, inventa.
Não fica bandeira escrita,
mas fica escrita a sentença.

Meireles, Cecília. Romanceiro da Inconfidência. Obra poética. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1977, p. 450-2 (com adaptações).

Com relação às ideias e às estruturas linguísticas do texto acima, julgue (C ou E) os itens a seguir.

1 – Da leitura da quarta estrofe (v.35-50) depreende-se que a palavra liberdade é o fulcro vital da bandeira dos inconfidentes e representa a finalidade do engajamento político daquele grupo.

2 – Entende-se da leitura do poema que os inconfidentes foram sentenciados por atuarem contra os interesses da Coroa portuguesa, mas não por haverem registrado, na bandeira criada, o anseio por liberdade.

3 – Nos dois primeiros versos, o eu lírico alude ao sigilo dos inconfidentes por meio de paradoxo e sinestesia.

4 – No trecho "Uns são reinóis, uns, mazombos; / e pensam de mil maneiras; / mas citam Vergílio e Horácio, / e refletem, e argumentam," (v.23-26), fica evidenciado que, independentemente da origem social, os inconfidentes compartilhavam o mesmo grau de erudição.

Gabarito:

1 – Certo. Fato confirmado inclusive pelo emprego de todas as letras maiúsculas no verso 43 e da inicial da própria palavra Liberdade no verso 49.

2 – Errado. O conector causal POIS, presente no verso 48, introduz o motivo de os inventores já serem réus: atreveram-se a falar em Liberdade.

3 – Certo. A sinestesia, de uma forma geral, leva ao paradoxo, pois a mistura de sentidos, em tese, é algo incoerente. Nós não sentimos (percepção tátil) as luzes acesas, nós as enxergamos, vemos.

4 – Errado. O texto não informa que os inconfidentes tinham o mesmo grau de erudição. Quando se diz que citavam Vergílio e Horácio, compreende-se que havia a citação realizada pelo grupo, mas não necessariamente o conhecimento e a erudição eram compartilhados por todos os membros.

84. Ainda que se soubessem todas as palavras de cada figura da Inconfidência, nem assim se poderia fazer com o seu simples registro uma composição da arte.

A obra de arte não é feita de tudo – mas apenas de algumas coisas essenciais. A busca desse essencial expressivo é que constitui o trabalho do artista. Ele poderá dizer a mesma verdade do historiador, porém de outra maneira. Seus caminhos são outros, para atingir a comunicação. Há um problema de palavras. Um problema de ritmos. Um problema de composição. Grande parte de tudo isso se realiza, decerto, sem inteira consciência do artista. É a decorrência natural da sua constituição, da sua personalidade – por isso, tão difícil se torna quase sempre a um criador explicar a própria criação. No caso, porém, de um poema de mais objetividade, como o Romanceiro, muitas coisas podem ser explicadas, porque foram aprendidas, à proporção que ele se foi compondo.

Digo "que ele se foi compondo" e não "que foi sendo composto", pois, na verdade, uma das coisas que pude observar melhor que nunca, ao realizá-lo, foi a maneira por que um tema encontra sozinho ou sozinho impõe seu ritmo, sua sonoridade, seu desenvolvimento, sua medida.

O Romanceiro foi construído tão sem normas preestabelecidas, tão à mercê de sua expressão natural que cada poema procurou a forma condizente com sua mensagem. A voz irreprimível dos fantasmas, que todos os artistas conhecem, vibra, porém, com certa docilidade, e submete-se à aprovação do poeta, como se realmente, a cada instante, lhe pedisse para ajustar seu timbre à audição do público. Porque há obras que existem apenas para o artista, desinteressadas de transmissão; outras que exigem essa transmissão e esperam que o artista se ponha a seu serviço, para alcançá-la. O Romanceiro é desta segunda espécie.

Quatro anos de quase completa solidão – numa renúncia total às mais sedutoras solicitações, entre livros de toda espécie relativos ao especializadamente século 18 –ainda pareceram curtos demais para uma obra que se desejava o menos imperfeita possível, porque se impunha, acima de tudo, o respeito por essas vozes que falavam, que se confessavam, que exigiam, quase, o registro da sua história.

E era uma história feita de coisas eternas e irredutíveis: de ouro, amor, liberdade, traições…

Mas porque esses grandiosos acontecimentos já vinham preparados de tempos mais antigos e foram o desfecho de um passado minuciosamente construído – era preciso iluminar esses caminhos anteriores, seguir o rastro do ouro que vai, a princípio como o fio de um colar, ligando cenas e personagens, até transformar-se em pesada cadeia que prende e imobiliza num destino doloroso.

Cecília Meireles. Como escrevi o Romanceiro da Inconfidência. In: Romanceiro da Inconfidência. 3ª ed., Rio de Janeiro: ova Fronteira, 2005, p. XVI-XVII (com adaptações).

Acerca das ideias e das estruturas linguísticas do texto, extraído da obra de Cecília Meireles, na qual a autora explica a criação do Romanceiro da Inconfidência, julgue (C ou E) os itens que se seguem.

1 – No trecho "o rastro do ouro que vai, a princípio como o fio de um colar, ligando cenas e personagens, até transformar-se em pesada cadeia que prende e imobiliza num destino doloroso" (l. 34-36), verifica-se gradativa intensificação das ações nele relatadas, expressa pelo emprego da locução com verbo no gerúndio e de preposição que denota limite, e, tal como ocorre no trecho "que falavam, que se confessavam, que exigiam quase, o registro da sua história" (l.29), pela ordem em que se apresentam os núcleos verbais que constituem as orações adjetivas.

2 – Depreende-se da leitura do texto que a autora colocou-se a serviço da obra, cabendo-lhe adequar a mensagem à forma, uma vez que o tema impunha seu próprio desenvolvimento.

3 – Da leitura do primeiro parágrafo do texto depreende-se que, para a autora, não foi tão difícil explicar a criação do Romanceiro da Inconfidência quanto geralmente é difícil para os artistas explicar a criação de suas obras menos objetivas. Isso se explica porque o Romanceiro da Inconfidência, dado o tema, apresenta não só o "essencial expressivo", mas também aspectos objetivos.

4 – São pertinentes as seguintes inferências a partir da pontuação e dos mecanismos de coesão empregados no período entre as linhas 18 e 20: entre todos os fantasmas, alguns são conhecidos por todos os artistas, e o poeta harmoniza, a todo momento, o timbre de sua voz à audiência.

Gabarito:

1 – Certo. O primeiro fragmento se constrói na relação MÍNIMO-MÁXIMO. A expressão "como um fio de colar" representa o atrelamento mínimo; "pesada cadeia que prende e imobiliza num destino doloroso", atrelamento máximo. Já no segundo fragmento, a sequência de verbos FALAVAM, CONFESSAVAM e EXIGIAM sugere o aumento gradativo da influência que as vozes exerciam sobre a autora.

2 – Errado. Segundo o texto, o próprio texto impunha sozinho seu ritmo, sua

sonoridade, seu desenvolvimento, sua medida.

3 – Certo. Segundo o texto, normalmente é difícil ao criador explicar sua criação, pois se trata da decorrência natural da sua constituição, da sua personalidade. No entanto, o aspecto objetividade faz com que, na criação do Romanceiro da Inconfidência, muitas coisas possam ser explicadas, porque foram aprendidas, à proporção que ele se foi compondo.

4 – Errado. O comentário é absurdo, visto que fantasma foi empregado em sentido conotativo, representando a voz, a melodia que o texto e a temática impõem.

85. **Assinale a opção em que os dois trechos extraídos do texto apresentam, respectivamente, linguagem predominantemente denotativa e linguagem predominantemente conotativa.**

a) "No caso, porém, de um poema de mais objetividade, como o Romanceiro, muitas coisas podem ser explicadas" (l.10-11) / "era preciso iluminar esses caminhos anteriores, seguir o rastro do ouro que vai, a princípio como o fio de um colar, ligando cenas e personagens, até transformar-se em pesada cadeia que prende e imobiliza num destino doloroso" (l.33-36)

b) "Quatro anos de quase completa solidão – numa renúncia total às mais sedutoras solicitações, entre livros de toda espécie relativos ao especializadamente século 18 – ainda pareceram curtos demais para uma obra que se desejava o menos imperfeita possível" (l. 25-28) / "Mas porque esses grandiosos acontecimentos já vinham preparados de tempos mais antigos e foram o desfecho de um passado minuciosamente construído" (l.32 e 33)

c) "A obra de arte não é feita de tudo – mas apenas de algumas coisas essenciais" (l. 3 e 4) / "Grande parte de tudo isso se realiza, decerto, sem inteira consciência do artista" (l. 7-8)

d) "porque se impunha, acima de tudo, o respeito por essas vozes que falavam, que se confessavam, que exigiam, quase, o registro da sua história" (l. 28 e 29) / "É a decorrência natural da sua constituição, da sua personalidade – por isso, tão difícil se torna quase sempre a um criador explicar a própria criação" (l. 9-10)

e) "A voz irreprimível dos fantasmas, que todos os artistas conhecem, vibra, porém, com certa docilidade, e submete-se à aprovação do poeta, como se

realmente, a cada instante, lhe pedisse para ajustar seu timbre à audição do público" (l. 19-22) / "E era uma história feita de coisas eternas e irredutíveis: de ouro, amor, liberdade, traições" (l. 30-31)

Gabarito: A

De acordo com a exigência feita no enunciado da questão, o primeiro fragmento deve ser estruturado com termos em sentido denotativo, oficial, havendo a mínima, ou nenhuma, participação de linguagem figurada. Já o segundo fragmento deve ser composto com elementos no sentido conotativo, ou seja, em sentido diferente do previsto pelos dicionários em face de uma imposição do contexto. A alternativa A é a única que contém essa característica, uma vez que, no primeiro fragmento, não há nenhum termo empregado em sentido figurado; já, no segundo fragmento, a presença de conotação se faz presente em várias ocorrências: "caminhos" empregado no sentido de fatos, acontecimentos; em "rastro dou ouro", o ouro não pode deixar rastro; também a personificação de "rastro do ouro", capaz de prender e imobilizar – verbos também no sentido conotativo, pois a prisão e a imobilização estariam no sentido figurado. Na alternativa B, os dois fragmentos são predominantemente denotativos, embora no segundo fragmento haja a ocorrência de um exemplo de conotação: "construir (termo usado para obras) um passado. Contudo, é de bom alvitre ressaltar que se trata de apenas um exemplo, o que descaracteriza a predominância de um estilo. Na alternativa C, os dois fragmentos são predominantemente denotativos. Na alternativa D, o primeiro fragmento possui predominância conotativa – a prosopopeia. O tema, a própria poesia terem voz já impõe a conotação, e a voz poder falar, confessar, agir corrobora ainda mais para tal caracterização; o segundo fragmento possui predominância denotativa. Na alternativa E, novamente há a prosopopeia no primeiro fragmento; já no segundo não há intervenção de linguagem figurada.

86. Poucos depoimentos eu tenho lido mais emocionantes que o artigo-reportagem de Oscar Niemeyer sobre sua experiência em Brasília. Para quem conhece apenas o arquiteto, o artigo poderá passar por uma defesa em causa própria – o revide normal de um pai que sai de sua mansidão costumeira para ir brigar por um filho em quem querem bater. Mas, para quem conhece o homem, o artigo assume proporções dramáticas. Pois Oscar é não só o avesso do causídico, como um dos seres mais antiautopromocionais que já conheci em minha vida.

Sua modéstia não é, como de comum, uma forma infame de vaidade. Ela não

tem nada a ver com o conhecimento realista – que Oscar tem – de seu valor profissional e de suas possibilidades. É a modéstia dos criadores verdadeiramente integrados com a vida, dos que sabem que não há tempo a perder, é preciso construir a beleza e a felicidade no mundo, por isso mesmo que, no indivíduo, é tudo tão frágil e precário.

Oscar não acredita em Papai do Céu, nem que estará um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso. Põe ele, como um verdadeiro homem, a felicidade do seu semelhante no aproveitamento das pastagens verdes da Terra; no exemplo do trabalho para o bem comum e na criação de condições urbanas e rurais, em estreita intercorrência, que estimulem e desenvolvam este nobre fim: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver.

Eu acredito também nisso, e quando vejo aquilo em que creio refletido num depoimento como o de Oscar Niemeyer, velho e querido amigo, como não me emocionar?

Vinicius de Moraes. Para viver um grande amor. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1982, p. 134-5 (com adaptações).

Com relação às ideias desenvolvidas no texto, assinale a opção correta.

a) Vinicius de Moraes ressalta a conduta de Niemeyer, que, fundamentada em concepção materialista e visão social de seu trabalho, está pautada na busca de condições sociais benéficas para os cidadãos.

b) Vinicius de Moraes, na condição de causídico de Oscar Niemeyer, alerta para a injusta ausência de reconhecimento da capacidade de luta do arquiteto para a implementação de projetos que visem ao bem comum, dos quais a construção de Brasília é exemplo.

c) Infere-se do texto que Oscar Niemeyer, em razão das severas críticas a seu trabalho arquitetônico realizado em Brasília, contrariou sua "mansidão costumeira" e escreveu um artigo em que faz a apologia da obra criada nessa cidade.

d) Vinicius de Moraes atribui a emoção nele despertada pela leitura do mencionado artigo-reportagem não só à forma dramática de relato dos fatos, mas, principalmente, à afinidade entre ele e Niemeyer no que concerne a crenças sobre a vida e a morte, parte delas referidas no depoimento do amigo Oscar.

e) Por ser um indivíduo consciente de sua fragilidade e da precariedade de ser

mortal, Oscar Niemeyer, segundo afirma Vinicius de Moraes, manifesta modéstia incomum, desprovida de hipocrisia.

Gabarito: A

A visão de Niemeyer é materialista, conforme se expressa no fragmento "Oscar não acredita em Papai do Céu"; possui visão social de seu trabalho, segundo o fragmento "no exemplo do trabalho para o bem comum e na criação de condições urbanas e rurais, em estreita intercorrência, que estimulem e desenvolvam este nobre fim.

A alternativa B apresenta comentário inadequado, visto que a intenção de Vinicius de Moraes não é defender – ser causídico de – Niemeyer, mas sim expor que se emocionou com o seu depoimento. A alternativa C apresenta comentário falso quando informa que o texto de Niemeyer objetivava realizar apologia da obra. A alternativa D é absurda, sobretudo pelo fato de o texto não informar sequer o posicionamento de Vinicius acerca de aspectos religiosos ou espirituais. A alternativa E apresenta falsa relação causa-efeito: a consequência de Oscar Niemeyer ser consciente de sua fragilidade e da precariedade de ser mortal é que não há tempo a perder, que é preciso construir a beleza e a felicidade no mundo, e não que manifesta modéstia incomum, desprovida de hipocrisia.

87. **Julgue (C ou E) os itens a seguir, relativos às estruturas linguísticas do texto.**

1 – No texto, a linguagem foi empregada predominantemente em suas funções emotiva e poética.

2 – Ao empregar as expressões "Papai do Céu" (l.14) e "verdes pastagens do Paraíso" (l.15), o autor do texto demonstra neutralidade em relação ao universo de crenças que elas representam.

3 – O emprego de adjetivos no grau superlativo absoluto, como "mais emocionantes" (l.1), "mais antiautopromocionais" (l.7), "tão frágil e precário" (l.13), produz o efeito de exaltação da superioridade dos atributos técnico e criativo de Oscar Niemeyer em relação a outros brasileiros notáveis.

4 – O uso da expressão "mais antiautopromocionais" (l.7) indica a opção do autor do texto por forma prolixa, dada a presença de dois prefixos no vocábulo adjetivo, em detrimento da concisão que seria proporcionada pela escolha da forma equivalente menos autopromocional, a qual manteria o efeito retórico

desejado.

Gabarito:

1 – Certo. A função emotiva é clara. A ocorrência de elementos subjetivos e da primeira pessoa do singular denotam a emotividade, a expressividade, o que claramente se denuncia na última passagem do texto: "como não me emocionar?". Apesar de o texto não ser poético, a função poética também se faz presente, dado que se observam expressões conotativas, como Papai do Céu, Brasílias, angélicas, verdes pastagens do paraíso. Além disso, as repetições de estruturas estabelecem ritmos em alguns fragmentos "É a modéstia **dos** criadores verdadeiramente integrados com a vida, **dos** que sabem que não há tempo a perder"; "Põe ele, como um verdadeiro homem, a felicidade do seu semelhante **no** aproveitamento das pastagens verdes da Terra; **no** exemplo do trabalho para o bem comum e **na** criação de condições urbanas e rurais".

2 – Errado. Justamente por não empregar tais conotações, o autor do texto já dá indícios de sua relação com a espiritualidade.

3 – Errado. Não se trata de superlativo absoluto, mas sim de superlativo relativo, que indica a comparação de um ser com a totalidade. Por exemplo, quando Vinicius de Moraes informa que Oscar Niemeyer foi um dos seres mais antiautopromocionais que já conheci em minha vida, ele o está comparando com a totalidade, mas – repita-se – não se trata de superlativo absoluto, e sim de relativo.

4 – Errado. Evidentemente o efeito retórico é diferente. Quando se diz que o ser é antiautopromocional significa que se opõe (anti) a fazer um promoção de si próprio (auto). Quando se informa que menos autopromocional, o sentido é que ele apenas não se (auto) promove, mas não chega a estabelecer relação de oposição a tal.

88. **Acerca dos mecanismos de coesão empregados no texto, julgue (C ou E) os itens subsequentes.**

1 – Dada a propriedade que assume o pronome "este" nos mecanismos coesivos empregados no trecho "que estimulem e desenvolvam este nobre fim" (l.18), não é facultada a seguinte reescrita: que estimulem este nobre fim e o desenvolvam.

2 – A elipse em "nem que estará" (l.14) e o emprego do pronome anafórico "ele"

(l.15) são mecanismos de coesão utilizados para referenciar o substantivo "Oscar" (l.21).

3 – Na linha 3, o vocábulo "arquiteto" retoma por substituição o nome próprio "Oscar Niemeyer", empregado na linha 2, mecanismo que corresponde a uma variedade de metonímia e por meio do qual se evita a repetição de vocábulo.

4 – O período que finaliza o primeiro parágrafo está na ordem inversa, como indica o emprego inicial da conjunção "Pois", que introduz uma oração subordinada anteposta à oração principal.

Gabarito:

1 – Certo. Em face de o pronome demonstrativo "este" ter valor catafórico, ou seja, referindo-se à oração seguinte "fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver.", não se pode distanciá-lo do sinal de dois-pontos.

2 – Certo. Como o sujeito "Oscar" já apareceu na oração anterior, não havia necessidade de repeti-lo, caracterizando a elipse. Depois o pronome ele refere-se novamente a Oscar, visto que era o Oscar Niemeyer que "punha felicidade do seu semelhante no aproveitamento das pastagens verdes da Terra…".

3 – Errado. Primeiramente não há metonímia. Segundo a intenção do autor do texto não era, com o termo "arquiteto", retomar "Oscar Niemeyer" e sim mostrar as duas facetas dele: a do arquiteto, profissional genial, e a do ser humano.

4 – Errado. Não há inversão. A conjunção "pois" introduz um período que funciona como uma explicação para o fato exposto no período anterior. Inclusive os fragmentos poderiam ocorrer unidos "Mas, para quem conhece o homem, o artigo assume proporções dramáticas, pois (porque) Oscar é não só o avesso do causídico, como um dos seres mais antiautopromocionais que já conheci em minha vida.".

89. **CARTA PARA ANTONIO CARLOS JOBIM**

Porto do Havre [França], 7 de setembro de 1964

Tomzinho querido,

Estou aqui num quarto de hotel que dá para uma praça que dá para toda a solidão do mundo. São dez horas da noite e não se vê viv'alma. Meu navio só sai

amanhã à tarde, e é impossível alguém estar mais triste do que eu. E, como sempre nestas horas, escrevo para você cartas que nunca mando.

Deixei Paris para trás com a saudade de um ano de amor, e pela frente tenho o Brasil, que é uma paixão permanente em minha vida de constante exilado. A coisa ruim é que hoje é 7 de setembro, a data nacional, e eu sei que em nossa embaixada há uma festa que me cairia muito bem, com o Baden Powell mandando brasa no violão. Há pouco telefonei para lá, para cumprimentar o embaixador, e veio todo mundo ao telefone.

Você já passou um 7 de setembro, Tomzinho, sozinho, num porto estrangeiro, numa noite sem qualquer perspectiva? É fogo, maestro!

MORAES, Vinicius de. Querido poeta. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, organização de Ruy Castro, p. 303-4 (com adaptações).

Julgue (C ou E) os itens seguintes, relativos às ideias do texto acima.

1 – O emprego, no texto, das expressões coloquiais "cairia muito bem" (l.8) e "mandando brasa" (l.8) indica a informalidade com que Vinicius de Moraes escreve a seu destinatário.

2 – Pelo emprego da expressão "todo mundo" (l.9-10), pressupõe-se que, além do embaixador, outros amigos e colegas de trabalho de Vinicius de Moraes, sem que se possa saber quantos, telefonaram-lhe do Brasil.

3 – Infere-se da carta de Vinicius de Moraes a Antonio Carlos Jobim que o poeta brasileiro, também diplomata, estava em missão profissional na cidade do Havre por ocasião de uma data nacional brasileira, embora manifestasse preferência por estar em outro lugar.

4 – Na carta a Antonio Carlos Jobim, a menção a correspondências que nunca eram enviadas sugere que havia temas confidenciais que só poderiam ser tratados pelo remetente e pelo destinatário da carta de 7 de setembro de 1964 em encontro pessoal.

Gabarito:

1 – Certo. O emprego de gírias, as conotações, a informalidade e a emotividade sugerem intimidade entre o autor da carta e o destinatário.

2 – Errado. Na realidade ele não recebeu o telefonema. Foi o próprio Vinicius que telefonou para a embaixada e lá todo mundo veio ao telefone.

3 – Errado. Não há elementos suficientes no texto que permitam a inferência de

que Vinicius estava em Havre a trabalho.

4 – Errado. Não necessariamente essas cartas tinham cunho político. Por exemplo, essa tinha cunho emocional, pessoal. As cartas não eram remetidas talvez por preguiça, mas não porque obrigatoriamente compreendiam temas confidenciais.

90. Deixei os braços pousarem na madeira inchada e úmida, abri um pouco a janela a pensar que isso de olhar a chuva de frente podia abrandar o ritmo dela, ouvi lá embaixo, na varanda, os passos da avó Agnette, que se ia sentar na cadeira da varanda a apanhar ar fresco, senti que despedir-me da minha casa era despedir-me dos meus pais, das minhas irmãs, da avó e era despedir-me de todos os outros: os da minha rua, senti que rua não era um conjunto de casas mas uma multidão de abraços, a minha rua, que sempre se chamou Fernão Mendes Pinto, nesse dia ficou espremida numa só palavra que quase me doía na boca se eu falasse com palavras de dizer: infância.

A chuva parou. O mais difícil era saber parar as lágrimas.

O mundo tinha aquele cheiro da terra depois de chover e também o terrível cheiro das despedidas. Não gosto de despedidas porque elas têm esse cheiro de amizades que se transformam em recordações molhadas com bué de lágrimas. Não gosto de despedidas porque elas chegam dentro de mim como se fossem fantasmas mujimbeiros* que dizem segredos do futuro que eu nunca pedi a ninguém para vir soprar no meu ouvido de criança.

Desci. Sentei-me perto, muito perto da avó Agnette.

Ficamos a olhar o verde do jardim, as gotas a evaporarem, as lesmas a prepararem os corpos para novas caminhadas. O recomeçar das coisas.

– Não sei onde é que as lesmas sempre vão, avó.

– Vão pra casa, filho.

– Tantas vezes de um lado para o outro?

– Uma casa está em muitos lugares – ela respirou devagar, me abraçou. – É uma coisa que se encontra.

*Mujimbeiro: fofoqueiro.

Ondjaki. Os da minha rua. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007, p. 145-6 (com adaptações).

Assinale a opção em que a interpretação apresentada, com relação ao

estado de espírito do narrador do texto, está de acordo com o que se pode depreender do parágrafo indicado.

a) Quarto parágrafo: insegurança por ser obrigado a se afastar da família.
b) Quinto parágrafo: entusiasmo na contemplação gratuita da natureza.
c) Primeiro parágrafo: regozijo diante do início de uma nova fase da vida.
d) Segundo parágrafo: tristeza por não conseguir conter o choro.
e) Terceiro parágrafo: desconforto ao ter de lidar com um momento de ruptura.

Gabarito: E

A alternativa é inadequada, pois ele não foi obrigado a afastar-se da família. A alternativa B também está incorreta, pois em momento algum do texto ele demonstra entusiasmo. Também a alternativa C é inviável, já que ele não demonstra regozijo – prazer – diante da situação. Na alternativa D, a tristeza é por afastar-se da família, da rua, dos amigos, e não porque chorou. A alternativa E é a única que apresenta comentário adequado, porquanto o desconforto fica explicitado sobretudo quando ele esclarece que não gosta de despedidas.

91. **A respeito do texto, julgue (C ou E) os itens que se seguem.**

1 – O fato de o texto ter sido escrito na primeira pessoa do singular justifica o emprego da linguagem sinestésica em trechos como "O mundo tinha aquele cheiro da terra depois de chover e também o terrível cheiro das despedidas" (l.10-11), recurso inviável em textos escritos na terceira pessoa.

2 – No trecho "Não gosto de despedidas porque elas chegam dentro de mim como se fossem fantasmas mujimbeiros que dizem segredos do futuro que eu nunca pedi a ninguém para vir soprar no meu ouvido de criança" (l.11-15), o narrador apresenta, por meio de uma comparação, uma das razões de não gostar de despedidas, caracterizando, de forma restritiva, o elemento com que compara as despedidas.

3 – Os sentidos e a correção gramatical do primeiro parágrafo do texto seriam mantidos e as relações sintáticas estariam bem identificadas caso o autor tivesse adotado, nesse trecho, a seguinte pontuação: Deixei os braços pousarem na madeira inchada e úmida; abri um pouco a janela, a pensar que isso de olhar a chuva de frente podia abrandar o ritmo dela; ouvi, lá embaixo, na varanda, os passos da avó Agnette, que se ia sentar na cadeira da varanda a apanhar ar fresco; senti que despedir-me da minha casa era despedir-me dos meus pais, das minhas irmãs, da avó e era despedir-me de todos os

outros: os da minha rua; senti que rua não era um conjunto de casas, mas uma multidão de abraços; a minha rua, que sempre se chamou Fernão Mendes Pinto, nesse dia, ficou espremida numa só palavra que quase me doía na boca se eu falasse com palavras de dizer: infância.

4 – Do trecho "a minha rua, que sempre se chamou Fernão Mendes Pinto, nesse dia ficou espremida numa só palavra que quase me doía na boca se eu falasse com palavras de dizer: infância" (l.7 e 8) depreende-se que a rua em que o narrador morava passou a ter, para ele, sentido mais significativo.

Gabarito:

1 – Errado. Inicialmente não houve sinestesia nesse fragmento. Há uma metáfora, com o vocábulo "cheiro" sendo utilizado com valor de "sentimento". Além disso, pode ha ver obviamente a sinestesia sendo empregada a terceira pessoa, como se pode observar no seguinte exemplo: Observou-se o som que vinha do outro povoado.

2 – Certo. O emprego da conjunção "como" estabelece a comparação entre "as despedidas no coração do autor" e os "fantasmas mujimbeiros que dizem segredos do futuro que eu nunca pedi a ninguém para vir soprar no meu ouvido de criança". O pronome relativo "que" introduz oração subordinada adjetiva que restringe o sentido de "fantasmas mujimbeiros", termo comparado às despedidas.

3 – Certo. Várias orações coordenadas assindéticas encontravam-se separadas por vírgulas. A ausência do conector permite que tal separação seja demarcada por vírgula ou por ponto-e-vírgula.

4 – Certo. Para o autor, a rua, até então, era apenas um nome. Quando se aproxima o momento em que ele vai afastar-se dela, compreende o seu significado, o seu valor, a sua importância, o que ela, enfim, representou: a sua infância.

92. **Acerca do vocabulário, das ideias e das estruturas linguísticas do texto, julgue (C ou E) os próximos itens.**

1 – Da leitura do texto depreende-se que, para o narrador, o sentido de casa, no momento da despedida, incluía a sua infância, os pais, as irmãs e a avó.

2 – Como a frase "O recomeçar das coisas" (l.18) resume o que o narrador depreendeu da situação relatada na frase anterior a ela, seriam preservados a

correção gramatical e os sentidos do trecho se o ponto final após "caminhadas" fosse substituído por dois-pontos ou por travessão, com o devido ajuste na inicial maiúscula.

3 – O vocábulo "bué" (l.12), formado a partir da reprodução aproximada do som natural do choro, evidencia uso de linguagem informal no texto.

4 – Seriam mantidos o sentido e a correção gramatical do texto se os infinitivos flexionados fossem substituídos pelas respectivas formas do infinitivo não flexionado no segmento "as gotas a evaporarem, as lesmas a prepararem os corpos para novas caminhadas" (l.17-18).

Gabarito:

1 – Certo. Fato que se expõe no seguinte fragmento "senti que despedir-me da minha casa era despedir-me dos meus pais, das minhas irmãs, da avó".

2 – Certo. O emprego de dois-pontos seria adequado, visto que a expressão "O recomeçar das coisas" funciona como uma síntese para os fatos redigidos no período anterior.

3 – Anulada. Justificativa do Cespe-UnB: A palavra "bué" tanto pode ser empregada, no texto, como vocábulo do português brasileiro de origem onomatopeica quanto pode ter sido empregado pelo autor angolano, com o sentido de "muito", "grande quantidade" (vocábulo de origem portuguesa ou, talvez, originária do quimbundo, língua falada em Angola.

4 – Como a preposição afasta o verbo do termo com que faz a concordância, tanto se pode usar o infinitivo pessoal (flexionado na terceira pessoa do plural) como o infinitivo impessoal, sem flexão.

93. Nos países novos, nas terras ainda sem tipo étnico absolutamente definido, onde o sentimento d'Arte é silvícola, local, banalizado, deve ser espantoso, estupendo o esforço, a batalha formidável de um temperamento fatalizado pelo sangue e que traz consigo, além da condição inviável do meio, a qualidade fisiológica de pertencer, de proceder de uma raça que a ditadora ciência d'hipóteses negou em absoluto para as funções do Entendimento e, principalmente, do entendimento artístico da palavra escrita.

Deus meu! Por uma questão banal de química biológica do pigmento ficam alguns mais rebeldes e curiosos fósseis preocupados, a ruminar primitivas erudições, perdidos e atropelados pelas longas galerias submarinas de uma sabedoria infinita, esmagadora, irrevogável! (...)

Ah! Esta minúscula humanidade, torcida, enroscada, assaltando as almas com a ferocidade de animais bravios, de garras aguçadas e dentes rijos de carnívoro, é que não pode compreender-me.

Sim! Tu é que não podes entender-me, não podes irradiar, convulsionar-te nestes efeitos com os arcaísmos duros da tua compreensão, com a carcaça paleontológica do Bom Senso.

Sousa, Cruz e. Emparedado. In: Obra completa. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1961, p. 659-60 (com adaptações).

Com relação às ideias desenvolvidas no texto acima, assinale a opção correta.

a) Na linha 15, o pronome pessoal "Tu" refere-se ao leitor, tratado de modo respeitoso pelo escritor com o objetivo de convencê-lo quanto à veracidade dos argumentos mencionados sobre a questão racial e aspectos do entendimento artístico.

b) Ao mencionar "a carcaça paleontológica do Bom Senso" (l.16-17), Cruz e Sousa indica que o estudo dos fósseis poderia derrubar os mitos científicos sobre a raça que vigoravam na sua época.

c) Nesse texto, Cruz e Sousa questiona o rigor das explicações científicas e menciona uma "ciência d'hipóteses" (l.5) para mostrar o relativismo do conhecimento e as distorções a que muitos analistas podem chegar ao defenderem as suas teses.

d) Cruz e Sousa demonstra que a ciência ainda não se desenvolveu plenamente nos países novos, o que impede a explicação de alguns fatos que ocorrem somente ali.

e) Ao empregar a expressão "Esta minúscula humanidade" (l.12), o poeta faz referência a um grupo específico de pessoas que, como menciona no parágrafo anterior do texto, não pode ser confundido com o grupo constituído de "alguns mais rebeldes e curiosos fósseis preocupados" (l.9).

Gabarito: C

A alternativa A é inadequada, dado que não há respeito ao interlocutor, até porque este é incapaz de compreender a visão do autor.

A alternativa B é incorreta, uma vez que a expressão "a carcaça paleontológica do Bom Senso" é usada com ironia para indicar a pouca flexibilidade de uma teoria,

a dureza de uma compreensão. Carcaça é algo duro, impenetrável. Paleontologia é uma ciência que estuda animais e vegetais fósseis. Portanto, o Bom Senso teria a dureza dos conhecimentos fossilizados.

A alternativa C é correta porquanto questiona a visão que se tem dos novos países e seus povos. Povos que já sofrem com a condição inviável do meio e que sofrem também com a imagem que possuem de serem incapazes – segundo a tal ciência d'hipóteses – para as funções de Entendimento.

A alternativa D é absurda, pois a crítica feita é o preconceito que se tem quanto aos povos presentes nesses novos países que seriam incapazes para as funções de Entendimento.

A alternativa E é errada, pois o termo "Esta minúscula humanidade" refere-se à queles que agem com preconceito, baseados em conceitos fossilizados e inflexíveis, e são os mesmos seres que os denominados em "alguns mais rebeldes e curiosos fósseis preocupados".

94. **Por que o novo presidente do FMI não pode ser europeu**

Der Spiegel

Thorsten Benner

Dominique Strauss-Kahn está na cadeia, e o debate a respeito do seu sucessor na direção do FMI já teve início. A chanceler alemã Angela Merkel quer que outro europeu ocupe o cargo. Mas isso seria um sinal fatal para potências emergentes como China e Índia.

A impressão foi que eles tinham as melhores das intenções. Em 2 de abril de 2009, europeus e norte-americanos indicaram a sua intenção de deixar de dividir entre si os cargos de liderança do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional (FMI). O acordo foi feito naquele ano na reunião do G20, em Londres. "Nós concordamos que os presidentes e líderes graduados das instituições financeiras internacionais deverão ser nomeados por meio de um processo de seleção aberto, transparente e meritocrático", dizia a declaração dos líderes na conclusão do encontro. Em outras palavras, os europeus abriram mão do privilégio de escolher o presidente do FMI.

Mas agora, com as acusações de ataque sexual contra o atual presidente da instituição, Dominique Strauss-Kahn, e a provável necessidade de substituí-lo, a chanceler alemã Angela Merkel parece ter esquecido a promessa.

Infere-se do primeiro parágrafo que:

a) o diretor do FMI está na cadeia;
b) já estão acontecendo debates sobre quem vai assumir a direção do FMI;
c) outro europeu assumir a direção do FMI seria um sinal fatal para a China e a Índia;
d) Dominique Strauss-Kahn é europeu;
e) outros países emergentes como o Brasil e o México desejam que outro europeu assuma o FMI.

Gabarito: D.

É fundamental o candidato atentar-se ao enunciado. Lá se exige algo implícito, algo que se deduz a partir do texto. A única alternativa que apresenta informação incoerente – e por isso deve ser a primeira eliminada – é a alternativa E. Em momento algum foi dito ou insinuado que o Brasil e o México desejavam que outro europeu assumisse o FMI. As alternativas A, B e C não servem como resposta, embora apresentem assertivas coerentes com o texto, uma vez que tais informações se apresentam de forma explícita e não subentendida. A alternativa D é a única coerente que o leitor efetivamente deduz. O texto não diz Dominique Strauss-Kahn é europeu. É algo que se deduz a partir da informação de que a chanceler alemã Angela Merkel quer que <u>outro europeu</u> ocupe o cargo. Portanto, se a chanceler alemã pretende que outro europeu assuma o cargo, pode-se inferir que Dominique Strauss-Kahn é europeu.

95. **O que informa o autor no segundo parágrafo?**

a) Europeus e norte-americanos possuíam as melhores intenções quando decidiram deixar de dividir entre si os cargos de liderança do Banco Mundial e do FMI.
b) Europeus e norte-americanos deixaram de dividir entre si os cargos de liderança do Banco Mundial e do FMI.
c) Que os presidentes e líderes graduados das instituições financeiras internacionais deverão ser nomeados por meio de um processo de seleção aberto, transparente e meritocrático.
d) O acordo de que europeus e norte-americanos deixariam de dividir entre si os cargos de liderança do Banco Mundial e do FMI foi feito em 2009 na reunião do G20 em Londres.
e) O processo de seleção aberto e meritocrático é o mais justo em todos os

sistemas de nomeações.

Gabarito: D.

Fundamental o candidato atentar-se ao fato de está sendo exigida uma informação explícita no texto e que tal informação provenha do autor. A alternativa A não serve como resposta, uma vez que o autor não informa que europeus e norte-americanos possuíam as melhores intenções, mas sim que **"a impressão" (a sensação, não a certeza)** era a de que eles tinham as melhores das intenções. A opção B apresenta comentário incoerente, pois europeus e norte-americanos, até o momento, ainda não deixaram de dividir entre si os cargos de liderança do Banco Mundial e do FMI. A opção C apresenta declaração não do autor, mas sim dos líderes ao fim da reunião do G20. A alternativa D é uma reprodução fiel de informação explícita em dois períodos do parágrafo: "Em 2 de abril de 2009, europeus e norte-americanos indicaram a sua intenção de deixar de dividir entre si os cargos de liderança do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional (FMI). O acordo foi feito naquele ano na reunião do G20, em Londres.". É importante ressaltar que, apesar o primeiro período falar apenas em "indicação de intenção", o segundo já expõe ter havido um acordo para europeus e norte-americanos deixarem de dividir entre si os cargos de liderança do Banco Mundial e do FMI. Já a alternativa E apresenta um comentário coerente, porém se trata de uma inferência, porquanto em momento algum é informado que esse sistema aberto e meritocrático é o mais justo.

96. **Sobre o terceiro parágrafo, julgue os seguintes itens.**

I – **O emprego de "agora" explicita a época em que o texto é redigido e sugere que, na identificação dos implícitos, há um pressuposição.**

II – **O emprego da preposição estabelece nexo causal.**

III – **Pode-se depreender do parágrafo que a chanceler alemã olvidou-se da promessa de que europeus e norte-americanos deixariam de dividir entre si os cargos de liderança do Banco Mundial e do FMI.**

Que comentários foram feitos com correção?

a) Nenhum.

b) Somente I e II.

c) Todos.

d) Somente II e III.

e) Somente I e III.

Gabarito: B.

O comentário I apresenta informação adequada, porquanto a referência de presente é sempre o momento em que o texto é confeccionado. Portanto, o "agora" não representa o momento em que lemos o texto, mas sim aquele em que escrito. Além disso, o emprego desse vocábulo permite a identificação de uma pressuposição, no campo dos implícitos: a de que antes a chanceler alemã procedia de uma forma e "agora" de outra.

O comentário II também adequado, porque existe uma relação de causa e efeito entre "com (por causa de, em virtude de) as acusações de ataque sexual contra o atual presidente da instituição, Dominique Strauss-Kahn, e a provável necessidade de substituí-lo" (causa) – a chanceler alemã Angela Merkel parece ter esquecido a promessa (consequência).

O comentário III é inadequado, uma vez que o texto trabalha no campo da possibilidade (PARECE TER ESQUECIDO) e não no campo da certeza (olvidou-se).

Da questão 97 a 100 – CARGO – TÉCNICO EM CONTABILIDADE da UFRJ – NCE

CIDADE MARAVILHOSA?

Os camelôs são pais de famílias bem pobres, e, então, merecem nossa simpatia e nosso carinho; logo eles se multiplicam por 1000. Aqui em frente à minha casa, na Praça General Osório, existe há muito tempo a feira hippie. Artistas e artesãos expõem ali aos domingos e vendem suas coisas. Uma feira um tanto organizada demais: sempre os mesmos artistas mostrando coisas quase sempre sem interesse. Sempre achei que deveria haver um canto em que qualquer artista pudesse vender um quadro; qualquer artista ou mesmo qualquer pessoa, sem alvarás nem licenças. Enfim, o fato é que a feira funcionava, muita gente comprava coisas – tudo bem. Pois de repente, de um lado e outro, na Rua Visconde de Pirajá, apareceram barracas atravancando as calçadas, vendendo de tudo – roupas, louças, frutas, miudezas, brinquedos, objetos usados, ampolas de óleo de bronzear, passarinhos, pipocas, aspirinas, sorvetes, canivetes. E as praias foram invadidas por 1000 vendedores. Na rua e na areia, uma orgia de cães. Nunca vi tantos cães no Rio, e presumo que muita gente anda com eles para se defender de assaltantes. O resultado é uma sujeira múltipla, que exige cuidado do pedestre para não pisar

naquelas coisas. E aquelas coisas secam, viram poeira, unem-se a cascas de frutas podres e dejetos de toda ordem, e restos de peixes da feira das terças, e folhas, e cusparadas, e jornais velhos; uma poeira dos três reinos da natureza e de todas as servidões humanas.

Ah, se venta um pouco o noroeste, logo ela vai-se elevar, essa poeira, girando no ar, entrar em nosso pulmão numa lufada de ar quente. Antigamente a gente fugia para a praia, para o mar. Agora há gente demais, a praia está excessivamente cheia. Está bem, está bem, o mar, o mar é do povo, como a praça é do condor – mas podia haver menos cães e bolas e pranchas e barcos e camelôs e ratos de praia e assaltantes que trabalham até dentro d'água, com um canivete na barriga alheia, e sujeitos que carregam caixas de isopor e anunciam sorvetes e quando o inocente cidadão pede picolé de manga, eis que ele abre a caixa e de lá puxa a arma. Cada dia inventam um golpe novo: a juventude é muito criativa, e os assaltantes são quase sempre muito jovens.

Rubem Braga

97. **O título do texto – cidade maravilhosa? – tem ao final um ponto de interrogação; com isso, o autor do texto expressa:**

a) uma pergunta ao leitor a fim de verificar a sua opinião;
b) um questionamento sobre o futuro da cidade do Rio de Janeiro;
c) uma dúvida sobre a qualidade de vida na cidade;
d) uma reflexão sobre as belezas da capital carioca;
e) uma opinião dos mais pobres sobre as condições de vida na cidade.

Gabarito: C.

As alternativas D e E são excluídas automaticamente, em face de haver uma interrogação, um questionamento. Elimina-se também a alternativa A, pelo fato de não ter cabimento a possibilidade de verificar-se a opinião do autor. A alternativa B também não pode ser a resposta, visto que a crítica é sobre um problema atual e não uma preocupação quanto ao futuro da cidade. A alternativa C acaba por ser a única coerente, pois os problemas listados no texto – o excesso de camelôs atravancando as ruas; o excesso de vendedores, ladrões e cães nas praias; a sujeira nas ruas e praças – implicam um prejuízo à qualidade de vida dos cariocas.

98. **"logo eles se multiplicam por 1000"; "E as praias foram invadidas por 1000 vendedores". O número 1000, nesses dois segmentos do texto:**

a) referem-se aos mesmos vendedores, em momentos diferentes;
b) indicam uma quantidade indeterminada de vendedores;
c) mostram somente uma ideia de grande quantidade;
d) representam o enorme progresso da cidade;
e) demonstram o crescimento desordenado da cidade.

Gabarito: C.

Quando o autor emprega o número 1000, objetiva demonstrar que a quantidade de camelôs e vendedores aumentou muito. Esse exagero, essa hipérbole enfatizam esse aumento.

99. **O autor critica basicamente dois tipos de poluição, que são:**
a) ambiental e visual;
b) visual e sonora;
c) sonora e marinha;
d) marinha e social;
e) social e ambiental.

Gabarito: A.

A poluição ocorre inicialmente no aspecto ambiental, visto que a crítica é feita à forma como estão as ruas, as praças, as praias. Tais problemas mencionados acabam também por comprometer o aspecto visual, pois há excesso de barracas nas ruas, as praias encontram-se extremamente cheias. É de bom alvitre observar que, em momento algum do texto, é mencionada uma crítica em relação à poluição sonora ou social. Não se fala de ruídos, música em som alto etc., como também nada se informa a respeito de que a poluição é gerada por classes sociais menos favorecidas.

100. **"os assaltantes são quase sempre muito jovens"; a maneira de reescrever-se essa mesma frase que mantém o seu sentido original é:**
a) são quase sempre bem jovens os assaltantes;
b) muitos assaltantes são quase sempre jovens;
c) os assaltantes são sempre quase jovens;
d) quase muitos jovens são sempre assaltantes;
e) são quase sempre jovens muitos assaltantes.

Gabarito: A.

É necessário atenção para fazer essa questão. Na frase original, "jovens" é

adjetivo que está intensificado pelo advérbio muito. Então os assaltantes não são apenas jovens, mas, sim, muito – excessivamente – jovens. Na alternativa B, o advérbio "muito" foi transformado em pronome indefinido atrelado a "assaltantes", e o adjetivo não está intensificado. Na C, "jovens" não está intensificado. Na D, "jovens" está substantivado, e "muitos" se torna pronome indefinido, o que gera alteração semântica; além disso, o posicionamento de "quase" faz com que a frase sequer tenha sentido. Na alternativa E, "jovens" não vem intensificado. A alternativa A é uma paráfrase, dado que a substituição de "muito" por "bem" – com valor de intensidade – conserva a ideia original.

Bibliografia

1. ALENCAR José de. O Guarani 7. ed. Minerva: São Paulo; 1965.
2. ALVES Castro. Espumas Flutuantes Record: Rio de Janeiro; 1997.
3. AQUINO Renato Monteiro de. Interpretação de Textos (Série Provas e Concursos). Campus/Elsevier: Rio de Janeiro; 2005.
4. Português para Concursos (Série Provas e Concursos). Campus/Elsevier: Rio de Janeiro; 2005.
5. ASSIS Joaquim Maria Machado de. Memórias Póstumas de Brás Cubas Edição única Abril Cultural: São Paulo; 1998.
6. Dom Casmurro. Edição única Abril Cultural: São Paulo; 1998.
7. AZEREDO, José Carlos de. Gramática Houaiss da Língua Portuguesa. Ed. Publifolha.
8. BECHARA Evanildo. Gramática Escolar da Língua Portuguesa Lucerna: Rio de Janeiro; 2003.
9. Moderna Gramática Portuguesa. 37. ed. Lucerna: Rio de Janeiro; 2001.
10. BARRETO Afonso Henriques de Lima. Triste Fim de Policarpo Quaresma 3. ed. Ática: São Paulo; 1987.
11. CÂMARA Jr Joaquim Mattoso. Estrutura da Língua Portuguesa 35. ed. Vozes: Petrópolis; 2002.
12. CAMÕES Luís Vaz de. Os Lusíadas Edição única Abril Cultural: São Paulo; 1997.
13. CARNEIRO Agostinho Dias. Redação em Construção 2. ed. Moderna: São Paulo; 2003.
14. CUNHA Euclides da Cunha. Os Sertões Edição única. Editora Abril 1969.
15. CUNHA Celso Ferreira da. Gramática da Língua Portuguesa 10. ed. FAE 1984.
16. CUNHA Celso Ferreira da, CINTRA Luís Filipe Lindley. Nova Gramática do Português Contemporâneo 3. ed. Nova Fronteira: Rio de Janeiro; 1997.
17. DUBOIS Jean. Dicionário de Linguística Cultrix: São Paulo; 1993.
18. FERREIRA Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário Aurélio. Nova Fronteira: Rio de Janeiro; 1975;.
19. FIGUEIREDO Fernando. Português no Concurso Público. 2. ed. Edição do autor 1999.
20. FURTADO Lilian, PEREIRA Vinícius Carvalho. Técnicas de Redação para Concursos. 1.ed. 2010; Editora Método.
21. GARCIA Othon Moacyr. Comunicação em Prosa Moderna. 20. ed. FGV: Rio de Janeiro; 2001.
22. GUIMARÃES Bernardo. A Escrava Isaura. Edição especial. 1998; Sociedade Comercial e Editorial Santiago. Publicações Europa América.
23. HOUAISS Antônio. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Objetiva: São Paulo; 2001.

24. IDA Manuel Said Ali. Gramática Histórica da Língua Portuguesa. 6. ed. Edições Melhoramentos: São Paulo; 1966.

25. KOCH Ingedore Villaça. Ler e Compreender: os sentidos do texto. 2. ed. Editora Contexto: São Paulo; 2006.

26. LIMA Carlos Henrique de Rocha. Gramática Normativa da Língua Portuguesa. 25. ed. José Olympio: Rio de Janeiro; 1985.

27. LUFT Celso Pedro. Moderna Gramática Brasileira. 2. ed. Globo: Rio de Janeiro; 2002.

28. MARCUSCHI Luis Antônio. Produção textual, Análise de Gêneros e compreensão. 3. ed. Parábola editorial: São Paulo; 2008.

29. NEVES Maria Helena de Moura. Texto e Gramática. Editora Contexto: São Paulo; 2006.

30. Gramática de usos do português.. Ed. UNESP.

31. OLÍVIA, Madre. Semântica e a natureza da língua. Ed. Vozes.

32. Semântica num confronto entre duas análises de português.. Ed. Maceió.

33. PAULIUKONIS Maria Aparecida Lino, SANTOS Leonor Werneck dos. Estratégias de leitura: texto e ensino Editora Lucerna: Rio de janeiro; 1998.

34. PESSOA Fernando. Poemas Escolhidos O Globo. 1997; Klick Editora.

35. POMPÉIA Raul. O Ateneu O Globo. 1997; Klick Editora.

36. QUEIRÓS Eça de. A relíquia O Globo. 1997; Klick Editora.

37. O Primo Basílio. Edição única Abril Cultural: São Paulo; 1969.

38. Ramos Graciliano. São Bernardo. 3. ed. José Olympio: Rio de Janeiro; 1947.

39. REIS Otelo. Breviário da Conjugação de Verbos. 54. ed. 2001; Editora Villa Rica.

40. RIBEIRO Manoel Pinto. Gramática Aplicada da Língua Portuguesa. 15. ed. Metáfora Editora: Rio de Janeiro; 2005.

41. ROSENTHAL Marcelo. Gramática para concursos. Editora Campus/Elsevier: Rio de Janeiro; 2006.

42. SABINO Fernando. A Mulher do Vizinho. Edição Integral Círculo do Livro: São Paulo; 1962.

43. VERISSIMO Luis Fernando. As Mentiras que os Homens Contam. Objetiva: Rio de Janeiro; 2001.

FLÁVIA RITA

INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

ELABORAÇÃO: PROFESSORA FLÁVIA RITA
1/2015

RUA MATO GROSSO 306- SL101
BARRO PRETO
(31) 3296-0590 - (31) 3272-6678
BELO HORIZONTE - MG

FOCALIZAÇÃO DISCURSIVA		
PRIMEIRA PESSOA DO SINGULAR	**PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL**	**TERCEIRA PESSOA (SING./PLURAL)**
• Texto muito subjetivo. • Intensa carga emocional. • Baixa credibilidade social: o simples fato de o texto estar escrito em 1º pessoa o torna com baixa credibilidade social. • O autor se projeta explicitamente no texto por meio de pronomes e verbos. • Argumentação pessoal, intimista, particular.	• O texto possui traços de subjetividade, ou seja, ainda não é totalmente objetivo. Está entre a objetividade e a subjetividade. • Tende à objetividade. • Argumentação compartilhada/adesão do leitor/interação com o leitor/insere o leitor no texto, compartilhando a argumentação. Assim, o autor responsabiliza o leitor pelo conteúdo. É uma argumentação social, ou seja, divide a argumentação entre autor e leitor. Convida o leitor a participar ativamente do texto. • Alta credibilidade argumentativa: apresenta uma perspectiva socializadora, ao incluir o leitor na argumentação.	• Objetividade: não há traços de subjetividade. • Impessoalidade. • O autor não se manifesta explicitamente no texto. • Alta credibilidade argumentativa. • Maior nível de formalidade linguística. OBSERVAÇÃO: Entre a 3ª e a 1ª do plural, há equivalência argumentativa. Ocorre apenas oscilação no nível de formalidade.

OBSERVAÇÕES SOBRE FOCALIZAÇÃO DISCURSIVA
2ª pessoa- interação com o leitor: o uso da 2ª pessoa, de formas imperativas, de vocativos ou de pronomes de tratamento aproxima o texto do leitor. Diminui a formalidade do texto, tornando-o mais acessível aos leitores.
Uso de adjetivos: adjetivos conferem subjetividade ao texto e marcam intensa carga emocional. A opinião sempre marca um traço de subjetividade.
Uso de perguntas no texto: perguntas diminuem o nível de formalidade no texto. Marcam interação com o leitor. Ademais, o uso de perguntas no texto confere efeito retórico, ou seja, as perguntas não precisam ser respondidas explicitamente, são mencionadas apenas como reforço (retórica), pois implicitamente já estão respondidas no contexto.
Repetição vocabular ou de ideias: as repetições intencionais conferem ênfase à produção de texto.
Escolha vocabular (seleção lexical): léxico é palavra, vocabulário. O vocabulário escolhido pelo autor pode alterar o sentido básico do texto.
Equivalência: há formas argumentativas que são equivalentes. 3ª pessoa e 1ª pessoa do plural mantêm o mesmo nível de credibilidade argumentativa. Ocorre apenas uma oscilação no nível de formalidade, pois a 3ª pessoa é mais formal que a 1ª do plural. 1ª pessoa do plural e 3ª pessoa são formas equivalentes de argumentação, pois ambas têm alta credibilidade social. O valor de credibilidade argumentativa é o mesmo, mas o nível de formalidade varia.

FIGURAS DE LINGUAGEM
FIGURAS DE CONSTRUÇÃO: DIFERENCIAM A BASE SINTÁTICA DO TEXTO
Elipse: omissão de termo facilmente identificável pelo contexto. - Somos felizes. (omissão do termo "Nós")
Zeugma: é um tipo de elipse. É a omissão de termo explícito anteriormente, em geral verbo. Pedro me ama; José, também. (me ama)
Pleonasmo: repetição de uma ideia. Obs.: Toda repetição tem valor enfático. O pleonasmo não deve ser usado na norma culta. - Entra para dentro agora, menino!
Inversão ou hipérbato (ou sintaxe complexa): é a alteração da ordem canônica (ou ordem direta) da frase: sujeito + verbo + complemento verbal. - Novidade havia. O verbo haver com o sentido de existir forma uma oração sem sujeito. Portanto, o verbo na frase é VTD e o termo "novidade" é o OD.)
Silepse: consiste na concordância com o que está implícito. - A criançada chegou bem cedo. Às dez horas, já estavam na cama. (silepse de número) Todos somos felizes. (silepse de pessoa).
Polissíndeto: consiste na repetição de conectivos ligando termos da oração ou elementos do período. – Ela entrou, e chorou, e pediu, e reclamou...
Anacoluto: consiste em deixar um termo solto na estrutura da frase. Normalmente, isso ocorre porque se inicia uma determinada construção sintática e depois se opta por outra. O termo solto na frase não tem função sintática. Geralmente, marca a mudança da estrutura da frase. - A vida, não sei como aproveitá-la.
Anáfora: consiste na repetição de uma mesma palavra no início de versos, frases ou parágrafos. - É pau, é pedra, é o fim do caminho. Toda repetição tem valor enfático. Obs.: não confunda com anafórico, que é um termo de retomada.
FIGURAS DE PENSAMENTO: SÃO RECURSOS ESTILÍSTICOS DE IDEIA
Antítese: consiste na aproximação de termos/palavras contrárias. São palavras que se opõem pelo sentido. Termos antônimos. - "Os jardins tem vida e morte".
Ironia: usar uma palavra com sentido oposto ao real. *Sacarmos: confere efeito de humor negro ao texto, pode ser confundido com ironia. - Ela tem um pé de lancha.
Hipérbole: exagero. - O mundo inteiro está unido pela paz.
Eufemismo: consiste em suavizar uma expressão que se evita na língua. Confere polidez ao texto. - O governo faltou com a verdade. (o governo mentiu).
Prosopopeia (ou personificação): consiste em atribuir características humanas a seres inanimados (inclui os animais). – Baleia, a cachorrinha, sonhava em uma vida melhor para sua família.
Gradação (ou clímax): é a apresentação de ideias em progressão ascendente (clímax) ou decrescente (anticlímax). É uma hierarquia de termos. É uma enumeração hierarquizada de termos. -Um mês, um ano, uma vida não bastaria.
Apóstrofe: consiste na interpelação enfática a alguém (ou alguma coisa personificada). É como se fosse um vocativo. - Deus, olhai por nós.
Paradoxo: consiste em uma oposição no plano das ideias. É a apresentação de uma ideia contraditória. - Ela era uma boa pessoa, mas tinha atitudes ruins (Há antítese e paradoxo.). Ela era uma boa pessoa, mas não fazia o bem (Há apenas paradoxo. Não há antítese.)
Alegoria: é um conjunto de metáforas, utilização de uma linguagem metafórica, associada a outras figuras de linguagem. - A vida nos oferece portas e janelas, mas nunca sabemos o que abrir, onde entrar, ou como sair. (metáfora: a vida é como portas e janelas. / nunca: hipérbole. / entrar e sair: antítese)

FIGURAS DE LINGUAGEM
FIGURAS DE SOM: CONFEREM AO TEXTO MUSICALIDADE
Aliteração: é a repetição de sons consonantais. – Vai, vento, vai, voar vadio.
Assonância: é a repetição de sons vocálicos. - Amanhã há de ser alegre.
Paronomásia: é aproximação e a repetição de palavras com sons parecidos, mas de significados distintos. É a ocorrência simultânea de aliteração e assonância. – Há tanto tempo tento tanto.
Cacofonia: som desagradável. Não é propriamente uma figura de linguagem, trata-se de um vício de linguagem (defeito de construção). - Vou-me já.
Onomatopeia: é a reprodução de sons de animais, ruídos ou coisas. Trata-se, pois, da reprodução de sons de seres inanimados. - tic-tac, kkkkkkk...
FIGURAS DE PALAVRAS: TRABALHAM A COMBINAÇÃO DE PALAVRAS
Polissíndeto: é a repetição do mesmo conector. - Ou você estuda, ou você arruma um marido rico, ou não há solução. *Assíndeto: trata-se da ausência de conectores. - Choveu, fez sol, nada mudou.
Catacrese: é uma personificação cristalizada pelo uso. – O pé da mesa está quebrado.
Metáfora: comparação implícita. É uma relação subjetiva entre termos. De uma maneira geral, não tem conectores. - A vida é um mar de ilusões.
Comparação (ou símile): é a relação entre termos utilizando conectores. Nem toda comparação apresenta efeito figurado. - Ela é bonita como a irmã.
Perífrase: substituição de um termo por outro equivalente (igual). - Rainha dos Baixinhos (Xuxa); Estádio Governador Magalhães Pinto (Mineirão). A professora de português chegou. (a Flávia chegou). *Antonomásia é o nome dado à perífrase relativa a nome de pessoa. Toda antonomásia é um tipo de perífrase. Pelé (rei do futebol).
Metonímia: substituição de um termo por outro relacionado. Representa um encurtamento da frase. - A sala aplaudiu o professor.
Sinestesia: mistura de sentidos (exploração de sentidos). - Perfume doce.
Obs.: Pode haver mais de uma figura de linguagem em uma mesma frase. Obs.: Analogia não é propriamente uma figura de linguagem. Analogia é uma forma de estruturação de texto, ou seja, uma estratégia de argumentação. Analogia é uma comparação inusitada, ou seja, esdrúxula.

INTERTEXTUALIDADE
INTERTEXTUALIDADE É O DIÁLOGO ENTRE TEXTOS. É FAZER REFERÊNCIA A UM TEXTO DENTRO DE OUTRO.
Todo processo intertextual é uma referenciação entre texto primário e texto secundário: A interpretação adequada do texto secundário depende de conhecimento das referências do texto primário. O leitor pode atribuir sentido ao texto secundário, sem garantia de adequação. A interpretação de um texto intertextual depende de conhecimento prévio do leitor.
TIPOS DE INTERTEXTUALIDADE
Há seis tipos de intertextualidade: as três primeiras modalidades representam a intertextualidade em um trecho de texto. As demais, em geral, se aplicam ao texto como um todo.
Citação: transcrição fiel de trecho de outro texto. Geralmente, aumenta a credibilidade do texto. É considerada um argumento de autoridade.
Alusão ou citação indireta: o produtor secundário reproduz as ideias do produtor primário ou faz referência ao texto, ao seu autor, a personagens...
Epígrafe: é uma citação inicial, fora do corpo do texto, que se relaciona com o seu conteúdo.
Paráfrase: consiste em reescrever o texto, mantendo-se o seu sentido. Pode-se acrescer ou retirar ideias, só não pode alterar o sentido básico.
Paródia: reescrever o texto, alterando o seu sentido básico. Pode ter conotação humorística, mas nem sempre terá.
Pastiche: consiste em reproduzir o estilo do autor de um determinado texto. Não se copia o texto, mas sim o estilo do escritor. Pode ter uma conotação agressiva ou somente plástica.

TIPOS DE DISCURSO	
TIPOS DE DISCURSO	**CARACTERÍSTICAS**
DISCURSO DIRETO	Não apresenta narrador. As falas dos personagens são literais, ou seja, sem adaptações. Possui marcas gráficas como itálico, aspas, dois-pontos e travessão. Confere à cena narrada maior vivacidade.
DISCURSO INDIRETO	É intermediado pelo narrador. Vem introduzido por conjunção integrante (que, se). Apresenta verbo dicente (dizer, responder, falar, murmurar...). Todas as frases são declarativas e se apresentam em 3ª. pessoa.
DISCURSO DIRETO E INDIRETO	Trata-se da oscilação do discurso direto e do indireto ao longo do texto.
DISCURSO INDIRETO LIVRE	Trata-se da fusão entre narrador e personagem na abordagem narrativa. Do ponto de vista gramatical, o narrador assume o discurso. Semanticamente, o discurso é atribuído ao personagem. Existe sempre um certo nível de ambiguidade na utilização do discurso indireto livre. Não apresenta marcas gráficas, nem partículas introdutórias.

TIPOS DE LINGUAGEM

TIPOS DE LINGUAGEM	CARACTERÍSTICAS
VERBAL	Utiliza a língua como código. É representada por meio de palavras, expressões ou letras. Pode ser oral (fala espontânea), oralizada (fala não-espontânea) ou escrita (texto monitorado).
NÃO-VERBAL	Utiliza códigos alternativos: cores, imagens, símbolos etc.
MISTA	Trata-se da associação da linguagem verbal à linguagem não-verbal.

COESÃO TEXTUAL

Trata-se do encadeamento lógico-discursivo das ideias apresentadas em um texto.

Lexical: diz respeito ao uso de vocabulário (sinônimos, antônimos, hipônimos e hiperônimos). Quando um termo de outra classe é transformado em substantivo, a coesão lexical pode ser chamada de coesão nominal.

Amava *a vida. O* ***amor*** *era o motivo de tudo.* ⇒ o verbo amar foi transformado em nome.

O ***medo*** *de amar paralisa o homem. Esse* ***temor*** *nem sempre é positivo.* ⇒ coesão por sinônimo.

Amava ouvir ***bem-te-vi*** *pela manhã. O* ***passarinho*** *lhe trazia sorte.* ⇒ coesão por hiperônimo.

Tinha um ***pássaro*** *da sorte. O* ***bem-te-vi*** *lhe fazia bem.* ⇒ coesão por hipônimo.

Sequencial: diz respeito ao uso de conectores (conjunções).

As pessoas são boas, ***mas*** *o mundo é ruim.* ⇒ coesão sequencial, vez que utiliza de conector.

Referencial: diz respeito ao uso de pronomes ou advérbios para o encadeamento das ideias. Há dois tipos de referentes: anafóricos ou catafóricos.

- ***Anafórico*** *- relacionado com o que foi dito antes.*
- ***Catafórico*** *- relacionado ao que foi falado depois do pronome ou fora do texto.*

Portugal *é um bom lugar para se viver, mas* ***lá*** *as pessoas não são felizes como* ***aqui****.* ⇒ "lá"= advérbio (anafórico). "aqui" = advérbio (catafórico). Ambos evidenciam o uso de coesão referencial.

VÍCIOS DE LINGUAGEM

Barbarismo: consiste em grafar ou pronunciar uma palavra em desacordo com a norma culta.

Solecismo: consiste em desviar-se da norma culta na construção sintática.

Pleonasmo: consiste na repetição desnecessária de uma ideia.

Ambiguidade ou anfibologia: trata-se de construir a frase de um modo tal que ela apresente mais de um sentido.

Cacófato: consiste no mau som produzido pela junção de palavras.

Neologismo: é a criação de palavras novas com função semântica específica.

Arcaísmo: consiste na utilização de palavras que já caíram em desuso.

Eco: trata-se da repetição de palavras terminadas pelo mesmo som.

POLIFONIA

Trata-se da utilização de várias vozes dentro do texto. O autor utiliza a polifonia, em geral, para marcar sua isenção em relação ao discurso ou para ampliar a credibilidade do texto.

*A notícia **divulgada pela mídia** comoveu a população.*

***Segundo o Ministério da Educação**, o problema foi resolvido.*

*A mulher, que **teria matado** o marido, fugiu.*

FUNÇÕES DE LINGUAGEM

FUNÇÃO REFERENCIAL
- Centrada na informação.
- Em geral, o texto é escrito de modo impessoal.
- Apresenta natureza informativa.
- É típica de textos jornalísticos formais.

FUNÇÃO EMOTIVA
- Centrada no emissor.
- Há carga semântica com base subjetiva na exposição das ideias.
- Normalmente, o texto está escrito em primeira pessoa.

FUNÇÃO CONATIVA
- Trata-se de um texto com função persuasiva.
- Objetiva convencer o leitor.
- Faz uso constante de imperativos e outras estratégias argumentativas.

FUNÇÃO FÁTICA
- Visa a iniciar ou manter a comunicação.
- A função fática está embasada em ruídos para a manutenção do discurso.
- Não há propriamente uma mensagem no texto, mas apenas a abertura ou continuidade do canal.

FUNÇÃO POÉTICA
- Trata-se de uma combinação estética de palavras.
- Ocorrem arranjos lexicais, sonoros ou semânticos que contribuem para a construção do texto.

FUNÇÃO METALINGUÍSTICA
- Os elementos da comunicação tentam explicar a si mesmos.
- Trata-se de um texto falando de seus elementos constitutivos.
- Termos de natureza explicativa ou de síntese também apresentam função metalinguística.

EXERCÍCIOS
Treinando por Bancas

QUESTÕES DA FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

ATENÇÃO: Para responder às questões de números **1** a **10**, considere o texto abaixo.

As indústrias culturais, e mais especificamente a do cinema, **criaram** uma nova figura, "mágica", absolutamente moderna: a estrela. Depressa ela desempenhou um papel importante no sucesso de massa que o cinema **alcançou**. E isso **continua**. Mas o sistema, por muito tempo restrito apenas à tela grande, estendeu-se progressivamente, com o desenvolvimento das indústrias culturais, a outros domínios, ligados primeiro aos setores do espetáculo, da televisão, do show business. Mas alguns sinais já demonstravam que o sistema estava prestes a se espalhar e a invadir todos os domínios: imagens como as de Gandhi ou Che Guevara, indo de fotos a pôsteres, no mundo inteiro, **anunciavam** a planetarização de um sistema que o capitalismo de hiperconsumo hoje **vê triunfar**.

O que caracteriza o star-system em uma era hipermoderna é, de fato, sua expansão para todos os domínios. Em todo o domínio da cultura, na política, na religião, na ciência, na arte, na imprensa, na literatura, na filosofia, até na cozinha, tem-se uma economia do estrelato, um mercado do nome e do renome. A própria literatura consagra escritores no mercado internacional, os quais negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema que prevalece nas indústrias do espetáculo. Todas as áreas da cultura valem-se de paradas de sucesso (hit-parades), dos mais vendidos (best-sellers), de prêmios e listas dos mais populares, assim como de recordes de venda, de frequência e de audiência destes últimos.

A extensão do star-system não se dá sem uma forma de banalização ou mesmo de degradação – da figura pura da estrela, trazendo consigo uma imagem de eternidade, chega-se à vedete do momento, à figura fugidia da celebridade do dia; do ícone único e insubstituível, passa-se a uma comunidade internacional de pessoas conhecidas, "celebrizadas", das quais revistas especializadas divulgam as fotos, contam os segredos, perseguem a intimidade. Da glória, própria dos homens ilustres da Antiguidade e que era como o horizonte resplandecente da grande cultura clássica, passou-se às estrelas – forma ainda heroicizada pela sublimação de que eram portadoras –, depois, com a rapidez de duas ou três décadas de hipermodernidade, às pessoas célebres, às personalidades conhecidas, às "pessoas". Deslocamento progressivo que não é mais que o sinal de

um novo triunfo da forma moda, conseguindo tornar efêmeras e consumíveis as próprias estrelas da notoriedade.

(Adap. de Gilles Lipovetsky e Jean Serroy. Uma cultura de celebridades: a universalização do estrelato. In A cultura – mundo: resposta a uma sociedade desorientada. Trad: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p.81 a 83)

1 No texto, os autores

a) tecem elogios às indústrias culturais, assinalando como positivo o desempenho delas na constituição de sociedades modernas.
b) advogam o reconhecimento do papel exclusivo do cinema na criação e disseminação da figura da estrela.
c) atribuem às estrelas do cinema a massificação dessa arte, em um sistema que permanece unicamente por força da atuação das atrizes de alta categoria.
d) condenam a expansão do sistema que equivocadamente se constituiu no passado em torno da figura da estrela, porque ele tornou obrigatória a figura intermediária do agente.
e) apontam a hipermodernidade como era que adota, de modo generalizante, práticas que na modernidade mais se associavam às indústrias do espetáculo.

2 Os autores referem-se a Gandhi ou Che Guevara com o objetivo de

a) insinuar que, na modernidade, a imagem independe do valor que efetivamente um homem representa.
b) recriminar, em aparte irrelevante para a argumentação principal, a falta de critério na exposição da figura de um líder, que acarreta o uso corriqueiro de sua imagem – numa foto ou pôster.
c) comprovar que o sistema associado à figura da estrela estava ligado aos setores do espetáculo, da televisão, do show business.
d) conferir dignidade à indústria cultural, demonstrando que essa indústria tem também a função de dar visibilidade à imagem de grandes líderes.
e) demonstrar, por meio de particularização, que antes da era hipermoderna já havia sinais de que o starsystem invadiria todos os domínios.

3 Mas o sistema, **por muito tempo restrito apenas à tela grande**, estendeu-se progressivamente, com o desenvolvimento das indústrias culturais, a outros domínios, ligados primeiro aos setores do espetáculo, da televisão, do show business.

Na frase acima, o segmento destacado equivale a

a) por conta de ter ficado muito tempo restrito.
b) ainda que tenha ficado muito tempo restrito.
c) em vez de ter ficado muito tempo restrito.
d) ficando há muito tempo restrito.
e) conforme tendo ficado muito tempo restrito.

4 A extensão do star-system não se dá sem uma forma de banalização ou mesmo de degradação – da figura pura da estrela, trazendo consigo uma imagem de eternidade, chega-se à vedete do momento, à figura fugidia da celebridade do dia; do ícone único e insubstituível, passa-se a uma comunidade internacional de pessoas conhecidas, "celebrizadas", das quais revistas especializadas divulgam as fotos, contam os segredos, perseguem a intimidade.

Considerado o fragmento acima, em seu contexto, é **CORRETO** afirmar

a) A expressão **ou mesmo** indica que os autores atribuem à palavra degradação um sentido de rebaixamento mais intenso do que atribuem à palavra banalização.
b) A substituição de **não se dá sem uma forma de banalização** por "procede de um tipo de atitude trivial" mantém o sentido original.
c) A forma **trazendo** expressa, na frase, sentido

de condicionalidade, equivalendo a "se trouxer".

d) O contexto exige que se compreendam os segmentos **da figura pura da estrela** e **do ícone único e insubstituível** como expressões de sentidos opostos.

e) A substituição de **das quais** por "cujas" mantém a correção e o sentido originais.

5 Da glória, própria dos homens ilustres da Antiguidade e que era como o horizonte resplandecente da grande cultura clássica, passou-se às estrelas – forma ainda heroicizada pela sublimação de que eram portadoras – , depois, com a rapidez de duas ou três décadas de hipermodernidade, às pessoas célebres, às personalidades conhecidas, às "pessoas". Deslocamento progressivo que não é mais que o sinal de um novo triunfo da formamoda, conseguindo tornar efêmeras e consumíveis as próprias estrelas da notoriedade.

Levando em conta o acima transcrito, em seu contexto, assinale a afirmação **CORRETA**.

a) No segmento que se encontra entre vírgulas, imediatamente depois de Da glória, somente uma das declarações destina-se a caracterizar "glória".

b) É legítimo entender-se do fragmento: as estrelas ostentavam, e pelas mesmas razões, a aura de heroísmo que representava a glória dos homens ilustres da Antiguidade.

c) No segmento que descreve a segunda parte do processo de deslocamento, introduzida por depois, a expressão que está subentendida é Da glória.

d) As aspas, em "pessoas", chamam a atenção para o particular sentido em que a palavra foi usada: como sinônimo das duas expressões imediatamente anteriores.

e) A forma efêmeras e consumíveis obtém sua força expressiva pela repetição de uma mesma ideia, repetição que se dá sem acréscimo de traço de sentido.

6 Em certas passagens do primeiro parágrafo, os autores referem-se a certas ações pretéritas que consideravam contínuas. A forma verbal que demonstra essa atitude é

a) criaram.
b) alcançou.
c) continua.
d) anunciavam.
e) vê triunfar.

7 Considere as afirmações que seguem.

I. A sequência **na política, na religião, na ciência, na arte, na imprensa, na literatura, na filosofia, até na cozinha** constitui elenco de profissões que tiveram de se associar ao domínio da cultura para atingir a economia do estrelato.

II. Em A própria literatura consagra escritores no mercado internacional, **os quais** negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema que prevalece nas indústrias do espetáculo, a expressão em destaque foi obrigatoriamente empregada para evitar a ambiguidade que ocorreria se, em seu lugar, fosse usado o pronome "que".

III. Em A própria literatura consagra escritores no mercado internacional, os quais negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema **que prevalece** nas indústrias do espetáculo, o segmento destacado poderia ser substituído por "prevalecente", sem prejuízo do sentido e da correção originais.

O texto legitima

a) I, somente.
b) II, somente.
c) III, somente.
d) I e III, somente.
e) I, II e III.

8 ...imagens como as de Gandhi ou Che Guevara, indo de fotos a pôsteres, no mundo inteiro, anunciavam a planetarização de um sistema

que o capitalismo de hiperconsumo hoje vê triunfar.

Outra redação, **CLARA** e **CORRETA**, para o segmento acima é

a) ...no mundo inteiro, Gandhi ou Che Guevara em imagens de fotos ou pôsteres, anunciavam a planetarização do sistema que hoje se vê triunfar segundo o capitalismo de hiperconsumo.
b) ...tanto Gandhi e também Che Guevara, com imagens indo de fotos a pôsteres no mundo inteiro anunciavam aquilo que o capitalismo de hiperconsumo chama planetarização de um sistema.
c) ...indo de fotos a pôsteres, no mundo inteiro, imagens tais como a de Gandhi ou Che Guevara anunciavam que havia se planetarizado o sistema que o capitalismo de hiperconsumo, hoje, vê triunfar.
d) ...planetarizou-se o sistema – aquele que o capitalismo de consumo hoje vê o triunfo – o que foi anunciado com as imagens de Gandhi e Che Guevara indo pelo mundo com fotos a pôsteres.
e) ...um sistema que o capitalismo de hiperconsumo hoje vê seu triunfo teve anunciado sua planetarização por Gandhi ou também Che Guevara, com sua ida pelo mundo, por fotos e pôsteres.

9 Está **CORRETA** a seguinte frase:

a) Ainda que os méritos pela execução do projeto não coubessem àquele engenheiro, foram-lhe logo atribuídos, mas ele, com humildade, não hesitou em recusá-los.
b) Parecia haver muitas razões para que seus estudos de metereologia não convencesse, mas a mais excêntrica era inventar pretextos inverossímeis para seus erros.
c) Devem fazer mais de seis meses que ele não constroe nenhuma maquete, talvez por estresse; por isso, muitos são a favor de que lhe seja concedido as férias acumuladas.
d) Ele é especialista em vegetais euros-siberianos, motivo das suas análizes serem feitas em extensa faixa da Europa e dele viajar tão à vontade.
e) Ao que me disseram, tratam-se de questões totalmente irrelevante para o pesquisador, mas, mesmo assim, jornalistas tentam assessorá-lo na divulgação delas.

10 A alternativa que apresenta frase **CORRETA** é

a) – Senhor Ministro, peço sua licença para advertir que Vossa Excelência se equivocais no julgamento dessa lei tão polêmica.
b) Seus companheiros, até os recém-contratados, não lhe atribuem nenhum deslize e creem que esse é mais um injusto empecilho entre tantos com que ele já se defrontou.
c) Se eles não satisfazerem todas as exigências, não se têm como contratá-los sem enveredar pelo caminho da irregularidade.
d) O traumático episódio gerou grande ansiedade, excitação desmedida que lhe fez xingar e investir contra a pessoa mais cumpridora com seus deveres.
e) Caso ele venha a se opor, será uma compulsão a que ninguém deve compartilhar, sob perigo de todos os envolvidos se virem em situação de risco na empresa.

ATENÇÃO: As questões de números **11** a **16** referem-se ao texto abaixo.

Nas ilhas Mascarenhas – Maurício, Reunião e Rodriguez –, localizadas a leste de Madagáscar, no oceano Índico, muitas espécies de pássaros desapareceram como resultado direto ou indireto da atividade humana. Mas aquela que é o protótipo e a tataravó de todas as extinções também ocorreu nessa localidade, com a morte de todas as espécies de uma família singular de pombos que não voavam – o solitário da ilha Rodriguez, visto pela última vez na década de 1790; o solitário da ilha Reunião, desaparecido por volta de 1746; e o célebre dodô da ilha Maurício, encontrado pela última vez no início da década de 1680 e quase certamente extinto antes

de 1690.

Os volumosos dodôs pesavam mais de vinte quilos. Uma plumagem cinza-azulada cobria seu corpo quadrado e de pernas curtas, em cujo topo se alojava uma cabeça avantajada, sem penas, com um bico grande de ponta bem recurvada. As asas eram pequenas e, ao que tudo indica, inúteis (pelo menos no que diz respeito a qualquer forma de voo). Os dodôs punham apenas um ovo de cada vez, em ninhos construídos no chão.

Que presa poderia revelar-se mais fácil do que um pesado pombo gigante incapaz de voar? Ainda assim, provavelmente não foi a captura para o consumo pelo homem o que selou o destino do dodô, pois sua extinção ocorreu sobretudo pelos efeitos indiretos da perturbação humana. Os primeiros navegadores trouxeram porcos e macacos para as ilhas Mascarenhas, e ambos se multiplicaram de maneira prodigiosa. Ao que tudo indica, as duas espécies se regalaram com os ovos do dodô, alcançados com facilidade nos ninhos desprotegidos no chão – e muitos naturalistas atribuem um número maior de mortes à chegada desses animais do que à ação humana direta. De todo modo, passados os primeiros anos da década de 1680, ninguém jamais voltou a ver um dodô vivo na ilha Maurício. Em 1693, o explorador francês Leguat, que passou vários meses no local, empenhou-se na procura dos dodôs e não encontrou nenhum.

(Extraído de Stephen Jay Gould. "O Dodô na corrida de comitê", A montanha de moluscos de Leonardo da Vinci. São Paulo, Cia. das Letras, 2003, pp. 286-8)

11 Mas aquela que é o protótipo e a tataravó de todas as extinções também ocorreu nessa localidade... (1° parágrafo)

A frase acima transcrita deve ser entendida como indicação de que a extinção das espécies de pombos que não voavam das ilhas Mascarenhas

a) seria um modelo a ser utilizado pelos homens no futuro, quando decididos a erradicar espécies inúteis ou prejudiciais.
b) é uma das primeiras extinções de animais vinculadas à ação direta ou indireta dos homens de que se tem notícia.
c) teria ocorrido muito tempo antes do verdadeiro início da extinção de espécies por conta de ações humanas diretas ou indiretas.
d) é um episódio tão antigo na história das relações entre homens e animais que pode ser considerado singular e ultrapassado.
e) deu origem a um padrão para as futuras extinções de animais, que estariam sempre ligadas à colonização humana de novas terras.

12 As asas eram pequenas e, <u>ao que tudo indica</u>, inúteis... (2° parágrafo)
<u>Ao que tudo indica</u>, as duas espécies se regalaram com os ovos do dodô, alcançados com facilidade nos ninhos desprotegidos no chão... (último parágrafo)

A expressão grifada nas frases acima transcritas deixa transparecer, em relação às afirmações feitas,

a) a sua comprovação científica irrefutável.
b) a certeza absoluta que o autor quer partilhar com o leitor.
c) o receio do autor ao formular um paradoxo.
d) a sua pequena probabilidade.
e) o seu caráter de hipótese bastante provável.

13 Estão empregados no texto com idêntica regência os verbos grifados em

a) Os dodôs <u>punham</u>... (2° parágrafo) / ... sua extinção <u>ocorreu</u>... (último parágrafo)
b) ... muitas espécies de pássaros <u>desapareceram</u>... (1° parágrafo) / Os primeiros navegadores <u>trouxeram</u>... (último parágrafo)
c) Uma plumagem cinza-azulada <u>cobria</u>... (2° parágrafo) / ... e não <u>encontrou</u> nenhum. (último parágrafo)
d) Os volumosos dodôs <u>pesavam</u> ... (2° parágrafo) / ... não <u>foi</u> a captura... (último parágrafo)
e) ... a tataravó de todas as extinções também <u>ocorreu</u>... (1° parágrafo) / ... e muitos naturalistas <u>atribuem</u>... (último parágrafo)

14 Ainda assim, provavelmente não foi a captura para o consumo pelo homem o que selou o destino do dodô, pois sua extinção ocorreu sobretudo pelos efeitos indiretos da perturbação humana.

Os elementos grifados na frase acima podem ser substituídos, sem prejuízo para o sentido e a correção, respectivamente, por
a) Contudo – não obstante.
b) Conquanto – por que.
c) Em que pese isso – embora.
d) Apesar disso – visto que.
e) Por isso – porquanto.

15 O segmento cujo sentido está **CORRETAMENTE** expresso em outras palavras é:
a) se multiplicaram de maneira prodigiosa = cresceram ilusoriamente.
b) as duas espécies se regalaram = os dois gêneros se empanturraram.
c) uma família singular = um conjunto variegado.
d) que selou o destino = que indigitou a fatalidade.
e) empenhou-se na procura = dedicou-se com afinco à busca.

16 Leia as afirmações abaixo sobre a pontuação utilizada no texto.
I. Em **– Maurício, Reunião e Rodriguez –**, os travessões poderiam ser substituídos por parênteses, sem prejuízo para o sentido e a coesão da frase.
II. O travessão empregado imediatamente depois de **voavam** (1o parágrafo) pode ser substituído por dois pontos, sem prejuízo para o sentido e a coesão da frase.
III. Em o **explorador francês Leguat, que passou vários meses no local, empenhou-se na procura dos dodôs**, a retirada das vírgulas não implica prejuízo para o sentido e a correção da frase.

Está **CORRETO** o que se afirma em
a) I, apenas.
b) I e II, apenas.
c) II e III, apenas.
d) III, apenas.
e) I, II e III.

ATENÇÃO: As questões de números **17** a **19** referem-se ao texto abaixo.

Lavadeiras de Moçoró

As lavadeiras de Moçoró, cada uma tem sua pedra no rio; cada pedra é herança de família, passando de mãe a filha, de filha a neta, como vão passando as águas no tempo. As pedras têm um polimento que revela a ação de muitos dias e muitas lavadeiras. Servem de espelho a suas donas. E suas formas diferentes também correspondem de certo modo à figura física de quem as usa. Umas são arredondadas e cheias, aquelas magras e angulosas, e todas têm ar próprio, que não se presta a confusão.

A lavadeira e a pedra formam um ente especial, que se divide e se unifica ao sabor do trabalho. Se a mulher entoa uma canção, percebe-se que a pedra a acompanha em surdina. Outras vezes, parece que o canto murmurante vem da pedra, e a lavadeira lhe dá volume e desenvolvimento.

Na pobreza natural das lavadeiras, as pedras são uma fortuna, jóias que elas não precisam levar para casa. Ninguém as rouba, nem elas, de tão fiéis, se deixariam seduzir por estranhos.

Obs.: manteve-se a grafia original, constante da obra citada.

(Carlos Drummond de Andrade.
Contos plausíveis, in Prosa Seleta.
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003, p.128)

17 Evidencia-se no texto
a) a presença da pedra como símbolo da rotina pesada de uma vida sem perspectivas de melhora da maioria das mulheres brasileiras.

b) o primitivismo das condições de trabalho em alguns lugares, que impede a necessária alteração dos costumes familiares.
c) a extrema pobreza em que vivem muitas famílias brasileiras, sem qualquer condição de sobrevivência mais digna.
d) a associação íntima e até mesmo afetiva entre ser humano e elemento da natureza, identificados por um tipo de trabalho diário.
e) a identificação entre o rio e a pedra, prefigurando os obstáculos sociais que impedem a ascensão econômica de muitos brasileiros.

18 Umas são **arredondadas e cheias**, **aquelas magras e angulosas**, e todas têm ar próprio, que não se presta a confusão. (1° parágrafo)
A relação semântica existente entre as expressões grifadas na afirmativa acima é percebida também entre os dois elementos grifados em:
a) que revela a ação de muitos dias e muitas lavadeiras.
b) um ente especial, que se divide e se unifica ao sabor do trabalho.
c) a pedra a acompanha em surdina... parece que o canto murmurante vem da pedra.
d) e a lavadeira lhe dá volume e desenvolvimento.
e) as pedras são uma fortuna, jóias que elas não precisam levar para casa.

19 Considere as observações seguintes sobre a associação de palavras no texto e o sentido decorrente dessa associação:
I. No segmento **passando de mãe a filha, de filha a neta, como vão passando as águas no tempo** há uma comparação, que associa a transmissão de costumes ao fluxo das águas do rio.
II. As referências às pedras, especialmente no 2° parágrafo, atribuem a elas qualidades humanas.
III. Na frase **Servem de espelho a suas donas** é possível entender o sentido literal, como referência ao reflexo da água sobre as pedras, e o sentido contextual, como identidade e cumplicidade entre a mulher e a pedra.

Está **CORRETO** o que se afirma em:
a) II, apenas.
b) I e II, apenas.
c) I e III, apenas.
d) II e III, apenas.
e) I, II e III.

ATENÇÃO: As questões de números **20** a **23** referem-se ao texto abaixo.

Gesso

Esta minha estatuazinha de gesso, quando nova
– O gesso muito branco, as linhas muito puras –
Mal sugeria imagem de vida
(Embora a figura chorasse).

Há muitos anos tenho-a comigo.
O tempo envelheceu-a, carcomeu-a, manchou-a de pátina
[amarelo-suja.

Os meus olhos, de tanto a olharem,
Impregnaram-na da minha humanidade irônica de tísico.

Um dia mão estúpida
Inadvertidamente a derrubou e partiu.
Então ajoelhei com raiva, recolhi aqueles tristes fragmentos,
[recompus a figurinha que chorava.
E o tempo sobre as feridas escureceu ainda mais o sujo
[mordente da pátina...

Hoje este gessozinho comercial
É tocante e vive, e me fez agora refletir
Que só é verdadeiramente vivo o que já sofreu.

Manuel Bandeira

20 A ação do tempo sobre a estátua de gesso é vista pelo poeta como
a) o que acabou por torná-la mais vivaz e expressiva, pelo menos até que um acidente a fizesse perder essa vivacidade.
b) responsável por danos que levaram uma obra de arte a perder sua pureza e vivacidade originais.
c) um elemento que, juntamente com os danos causados por um acidente, dá vida e singularidade ao que era inexpressivo e vulgar.
d) o causador irremediável do envelhecimento das coisas e da consequente desvalorização dos objetos pessoais mais valiosos.
e) capaz de transformar um simples objeto comercial em uma obra de arte que parece ter sido criada por um escultor genial.

21 Mal sugeria imagem de vida
(Embora a figura chorasse).

É **CORRETO** afirmar que a frase entre parênteses tem sentido
a) adversativo.
b) concessivo.
c) conclusivo.
d) condicional.
e) temporal.

22 Um dia mão estúpida
Inadvertidamente a derrubou e partiu.
Então ajoelhei com raiva, recolhi aqueles tristes fragmentos, [recompus a figurinha que chorava.
E o tempo sobre as feridas escureceu ainda mais o sujo [mordente da pátina...

Sobre os versos acima transcritos é **INCORRETO** afirmar:
a) **mão estúpida** pode ser alusão do poeta a si próprio e carregaria assim algum matiz da raiva que o teria acometido quando derrubou a estátua.
b) **Inadvertidamente** tem o sentido de "de modo descuidado", indicando o caráter acidental do episódio.
c) em **recompus a figurinha que chorava**, o poeta se vale de uma ambiguidade para sugerir o sofrimento da estátua com a queda.
d) com a alusão às feridas causadas à estátua, o poeta se refere aos sinais visíveis da junção dos pedaços dela depois de reconstituída.
e) com a expressão o **sujo mordente da pátina**, o poeta alude à transformação da estátua de sofredora em causadora de sofrimento.

23 O valor que atribuímos ..... coisas é resultado, não raro, de uma história pessoal e intransferível, de uma relação construída em meio a acidentes e percalços fundamentais. Assim, nosso apreço por elas não corresponde absolutamente ..... valorização que alcançariam no mercado, esse deus todo-poderoso, que, no entanto, resta impotente quando ao valor econômico se superpõe ..... afeição.

Preenchem **CORRETAMENTE** as lacunas da frase acima, na ordem dada,
a) às - à - a
b) as - à - a
c) as - a - à
d) às - a - a
e) às - à - à

24 Embora pudesse estar na primeira página de um jornal, a manchete fictícia que traz deslize quanto à concordância verbal é
a) Economistas afirmam que em 2011 haverá ainda mais oportunidades de emprego na indústria e no comércio do que em 2010.
b) "Os que insistem na minha culpa haverão de se arrepender pela injustiça cometida", declara o secretário exonerado.
c) Expectativas em relação ao aumento da inflação faz bolsas caírem ao menor nível este ano.
d) Crescem no Brasil a venda e o comércio de produtos importados ilegalmente.

e) "Ergueram-se mais edifícios nos últimos dois anos do que nos cinco anos anteriores", constata estudo sobre o mercado imobiliário.

ATENÇÃO: As questões de números **25** a **27** referem-se ao texto abaixo.

De volta à Antártida

A Rússia planeja lançar cinco novos navios de pesquisa polar como parte de um esforço de US$ 975 milhões para reafirmar a sua presença na Antártida na próxima década. Segundo o blog Science Insider, da revista Science, um documento do governo estabelece uma agenda de prioridades para o continente gelado até 2020. A principal delas é a reconstrução de cinco estações de pesquisa na Antártida, para realizar estudos sobre mudanças climáticas, recursos pesqueiros e navegação por satélite, entre outros. A primeira expedição da extinta União Soviética à Antártida aconteceu em 1955 e, nas três décadas seguintes, a potência comunista construiu sete estações de pesquisa no continente. A Rússia herdou as estações em 1991, após o colapso da União Soviética, mas pouco conseguiu investir em pesquisa polar depois disso. O documento afirma que Moscou deve trabalhar com outras nações para preservar a "paz e a estabilidade" na Antártida, mas salienta que o país tem de se posicionar para tirar vantagem dos recursos naturais caso haja um desmembramento territorial do continente.

(Pesquisa Fapesp, dezembro de 2010, no 178, p. 23)

25 A principal delas é a reconstrução de cinco estações de pesquisa na Antártida, <u>para realizar</u> estudos sobre mudanças climáticas, recursos pesqueiros e navegação por satélite, entre outros.
O segmento grifado na frase acima tem sentido
a) adversativo.
b) de consequência.
c) de finalidade.
d) de proporção.
e) concessivo.

26 Em "paz e a estabilidade", na última frase do texto, o emprego das aspas
a) indica que esse segmento é transcrição literal do documento do governo russo mencionado no início do texto.
b) sugere a desconfiança do autor do artigo com relação aos supostos propósitos da Rússia de manter a paz na Antártida.
c) revela ser esse o principal objetivo do governo russo ao reconstruir estações de pesquisa na Antártida que datam do período soviético.
d) aponta para o sentido figurado desses vocábulos, que não devem ser entendidos em sentido literal, como o constante dos dicionários.
e) justifica-se pela sinonímia existente entre paz e estabilidade, o que torna impensável a existência de uma sem a outra.

27 Há exemplos de palavras ou expressões empregadas no texto para retomar outras já utilizadas sem repeti-las literalmente, como ocorre em:
I. o continente gelado = a Antártida
II. Moscou = a Rússia
III. a revista Science = o blog Science Insider
IV. a potência comunista = a União Soviética
Atende **CORRETAMENTE** ao enunciado da questão o que está em
a) I e III, apenas.
b) I e IV, apenas.
c) II e III, apenas.
d) I, II e IV, apenas.
e) I, II, III e IV.

ATENÇÃO: As questões de números **28** a **30** referem-se ao texto abaixo.

Quando eu sair daqui, vamos começar vida nova numa cidade antiga, onde todos se cumprimentam e ninguém nos conheça. Vou lhe ensinar a fa-

lar direito, a usar os diferentes talheres e copos de vinho, escolherei a dedo seu guarda-roupa e livros sérios para você ler. Sinto que você leva jeito porque é aplicada, tem meigas mãos, não faz cara ruim nem quando me lava, em suma, parece uma moça digna apesar da origem humilde. Minha outra mulher teve uma educação rigorosa, mas mesmo assim mamãe nunca entendeu por que eu escolhera justamente aquela, entre tantas meninas de uma família distinta.

(Chico Buarque. Leite derramado, São Paulo, Cia. das Letras,2009, p. 29)

28 Leia atentamente as afirmações abaixo sobre o texto.

I. Ao expressar o desejo de viver numa cidade onde todos se cumprimentam e ninguém nos conheça, o narrador incorre numa evidente e insolúvel contradição.

II A afirmação de que a outra mulher teve uma educação rigorosa é reafirmação, por contraste, de que aquela a quem o narrador se dirige não a teve, o que já estava implícito no propósito de lhe ensinar a falar direito, a usar os diferentes talheres e copos de vinho etc.

III. Ao dizer que sua interlocutora parece uma moça digna apesar da origem humilde, o narrador sugere, por meio da concessiva, que a dignidade não costuma ser característica daqueles cuja origem é humilde.

Está **CORRETO** o que se afirma em

a) I, II e III.
b) II e III, apenas.
c) I e III, apenas.
d) I e II, apenas.
e) II, apenas.

29 ... escolherei <u>a dedo</u> seu guarda-roupa e livros sérios para você ler.

A expressão grifada na frase acima pode ser substituída, sem prejuízo para o sentido original, por

a) pessoalmente.
b) de modo incisivo.
c) apontando.
d) entre outras coisas.
e) cuidadosamente.

30 Minha outra mulher teve uma educação rigorosa, mas mesmo assim mamãe nunca entendeu por que eu <u>escolhera</u> justamente aquela, entre tantas meninas de uma família distinta.

O verbo grifado na frase acima pode ser substituído, sem que se altere o sentido e a correção originais, e o modo verbal, por:

a) escolheria.
b) havia escolhido.
c) houvera escolhido.
d) escolhesse.
e) teria escolhido.

ATENÇÃO: As questões de números **31** a **34** referem-se ao texto abaixo.

Cartão de Natal

Pois que reinaugurando essa criança
pensam os homens
reinaugurar a sua vida
e começar novo caderno,
fresco como o pão do dia;
pois que nestes dias a aventura
parece em ponto de voo, e parece
que vão enfim poder
explodir suas sementes:

que desta vez não perca esse caderno
sua atração núbil para o dente;
que o entusiasmo conserve vivas
suas molas,
e possa enfim o ferro
comer a ferrugem
o sim comer o não.

João Cabral de Melo Neto

31 No poema, João Cabral
a) critica o egoísmo, e manifesta o desejo de que na passagem do Natal as pessoas se tornem generosas e façam o sim comer o não.
b) demonstra a sua aversão às festividades natalinas, pois nestes dias a aventura parece em ponto de voo, mas depois a rotina segue como sempre.
c) critica a atração núbil para o dente daqueles que transformam o Natal em uma apologia ao consumo e se esquecem do seu caráter religioso.
d) observa com otimismo que o Natal é um momento de renovação em que os homens se transformam para melhor e fazem o ferro comer a ferrugem.
e) manifesta a esperança de que o Natal traga, de fato, uma transformação, e que, ao contrário de outros natais, seja possível começar novo caderno.

32 É **CORRETO** perceber no poema uma equivalência entre
a) ferrugem e aventura.
b) dente e entusiasmo.
c) caderno e vida.
d) sementes e pão do dia.
e) ferro e atração núbil.

33 **"**<u>Pois que</u> reinaugurando essa criança..."

O segmento grifado acima pode ser substituído, no contexto, por
a) Mesmo que estejam.
b) Apesar de estarem.
c) Ainda que estejam.
d) Como estão.
e) Mas estão.

34 "...que desta vez não perca esse caderno..."

Com a frase acima, o poeta
a) alude a uma impossibilidade.
b) exprime um desejo.
c) demonstra estar confuso.
d) revela sua hesitação.
e) manifesta desconfiança.

ATENÇÃO: As questões de números **35** a **44** referem-se ao texto seguinte.

Pensando os blogs

Há não muito tempo, falava-se em imprensa escrita, falada e televisada quando se desejava abarcar todas as possibilidades da comunicação jornalística. Os jornais e as revistas, o rádio e a televisão constituíam o pleno espaço público das informações. Tinham em comum o que se pode chamar de "autoria institucional": dizia-se, por exemplo, que tal notícia "deu no Diário Popular", ou "foi ouvida na rádio Cacique", ou "passou no telejornal da TV Excelsior". Funcionava como prova de veracidade do fato.

Hoje a autoria institucional enfrenta séria concorrência dos autores anônimos, ou semi- anônimos, que se valem dos recursos da internet, entre eles os incontáveis blogs. Considerados uma espécie de cadernos pessoais abertos, os blogs possibilitam intervenção imediata do público e exploram em seu espaço virtual as mais distintas formas de linguagem: textos, desenhos, gravuras, fotos, músicas, vídeos, ilustrações, reportagens, entrevistas, arquivos importados etc. etc. A novidade maior dos blogs está nessa imediata conexão que podem realizar entre o que seria essencialmente privado e o que seria essencialmente público. Até mesmo alguns velhos jornalistas mantêm com regularidade esses espaços abertos da internet, sem prejuízo para suas colunas nos jornais tradicionais. A diferença é que, em seus blogs, eles se permitem depoimentos subjetivos e apreciações pessoais que não teriam lugar numa Folha de S. Paulo ou num O Globo, por exemplo. São capazes de narrar a cerimônia de posse do presidente da República incluindo os apartes e as impressões dos filhos pequenos que também acompanhavam e comentavam o evento.

Qualquer cidadão pode resolver sair da casca e dizer ao mundo o que pensa da seleção brasileira, ou da mulher que o abandonou, ou da falta de oportu-

nidades no seu ramo de negócio. Artistas plásticos trocam figurinhas em seus blogs diante de um largo público de espectadores, escritores adiantam um capítulo do próximo romance, um músico resolve divulgar sua nova canção já acompanhada de cifras para acompanhamento no violão. É só abrir um espaço na internet.

Outro dia, num blog de algum sucesso, o autor gabavase de promover democraticamente, entre os incontáveis seguidores seus, uma discussão sobre as mesmas questões que preocupavam a roda fechada e cerimoniosa dos filósofos companheiros de Platão. Isso sim, argumentava ele, é que é um diálogo verdadeiro. Tal atrevimento supõe que quantidade implicaria qualidade, e que democracia é uma soma infinita das impressões e opiniões de todo mundo...

Não importa a extensão das descobertas tecnológicas, sempre será imprescindível a atuação do nosso espírito crítico diante de cada fato novo que se imponha à nossa atenção.

(Belarmino Braga, inédito)

35 Considerando-se o contexto, deve-se entender por "autoria institucional" uma atribuição que se aplica a

a) grupos de pessoas que participam regularmente de um mesmo blog.
b) informações publicadas em conhecidos órgãos da imprensa.
c) linguagens jornalísticas criadas para concorrer com as dos blogs.
d) matérias publicadas em série sucessiva num mesmo órgão da imprensa.
e) reportagens assinadas por jornalistas devidamente credenciados.

36 De acordo com texto, os blogs têm como característica

I. a abertura para participação autoral de leitores interessados em se manifestar num espaço virtual já constituído;
II. a reversão de matérias que seriam, a princípio, de interesse público em matérias de interesse exclusivamente privado;
III. a exploração de diferentes gêneros literários e linguagens outras que não a verbal, além da plena liberdade na eleição dos temas a serem tratados.

Em relação ao texto, é **CORRETO** depreender o que se afirma em

a) I, II e III.
b) I e II, apenas.
c) I e III, apenas.
d) II e III, apenas.
e) I, apenas.

37 Ao final do texto, o autor desaprova, precisamente, o fácil entusiasmo de quem considera os blogs

a) irrefutáveis evidências das vantagens tecnológicas de que muitos podem usufruir.
b) exemplos incontestes da superioridade da inteligência artificial em relação à humana.
c) válidos desafios, que podem e devem estimular a nossa reação e análise críticas.
d) diálogos espontâneos e, por isso, verdadeiros, em consonância com a tradição dos diálogos platônicos.
e) espaços generosos que multiplicam debates de nível superior aos diálogos dos pensadores clássicos.

38 Considerando-se o contexto, traduz-se adequadamente o sentido de um segmento em:

a) abarcar todas as possibilidades (1° parágrafo) = incrementar todas as hipóteses.
b) prova de veracidade do fato (1° parágrafo) = aprovação da verossimilhança da ocorrência.
c) possibilitam intervenção imediata do público (2° parágrafo) = consignam o imediatismo do público participante.
d) a roda fechada e cerimoniosa dos filósofos (4° parágrafo) = o círculo restrito e solene dos pensadores.

e) atuação do nosso espírito crítico (5° parágrafo) = apropriação de nossa sensibilidade intuitiva.

39 A expressão cadernos pessoais abertos (2° parágrafo), no contexto,

a) assinala a conexão que os blogs promovem entre a esfera do privado e a esfera pública.
b) refere-se ao caráter acidental e transitório que marca a vigência dos blogs como espaço virtual.
c) indica o primarismo um tanto escolar que costuma caracterizar as linguagens exploradas nos blogs.
d) enfatiza a contradição que impede os blogs de constituírem um espaço de discussão democrática.
e) ressalta o improviso e a superficialidade das confidências que habitualmente se fazem nos blogs.

40 As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na frase

a) No passado, com as qualificações escrita, falada e televisada pretendiam-se designar toda a abrangência das formas de comunicação jornalística.
b) A multiplicação de tantos autores anônimos de blogs acabaram por representar uma séria concorrência para os profissionais da comunicação.
c) Em nossos dias, cabem a quaisquer cidadãos tomar a iniciativa de criar um blog para neles desenvolverem seus temas e pontos de vista.
d) Já não se opõem, num blog, a instância do que seja de interesse privado e a instância do que seja de interesse público.
e) Permitem-se aos seguidores de um blog levantar discordância quanto às linhas de argumentação desenvolvidas por seu autor.

41 Está **CLARA** e **CORRETA** a redação deste livre comentário sobre o texto

a) Nos blogs há uma subjetividade da qual os outros meios de comunicação jornalística se ressentem, uma vez que não é de sua característica contemplála.
b) O autor do texto exime-se ao diferenciar autoria institucional de outras modalidades autorais, presumindo que a primeira obtém maior crédito.
c) Para muitos, os blogs são um recurso de comunicação de eficácia nunca antes alcançada, suplantando em extensão e profundidade os diálogos platônicos.
d) Ainda que possam ser benvindos, os blogs não devem constituir uma obcessão tal que remova seus usuários de diligenciarem outras formas de linguagem.
e) A democratização do pensamento não pode ficar presa à uma forma de comunicação, visto que são os conteúdos que determinam sua consumação.

42 No contexto do 3o parágrafo, a frase final **É só abrir um espaço na internet** tem como sentido implícito o que enuncia este segmento

a) e assim se comprovará como é possível superar Platão.
b) para corporificar essas iniciativas na linguagem de um blog.
c) e advirão as reações que costuma provocar a autoria institucional.
d) para se comprovar a efemeridade das informações de um blog.
e) para que um blog passe a enfrentar severa reação crítica.

43 Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase

a) Os recursos da internet, <u>dos quais</u> podemos nos valer a qualquer momento, permitem veicular mensagens <u>por cujo</u> conteúdo seremos responsáveis.
b) Artistas plásticos, <u>que</u> suas obras lhes interessa divulgar, frequentam os espaços da

internet, mediante aos quais promovem a divulgação de seu trabalho.

c) Jornalistas veteranos, de cujas colunas tantos leitores já frequentaram, passaram a criar seus próprios blogs, pelos quais acrescentam uma dose de subjetivismo.

d) É comum que, num blog, os assuntos públicos, a cujo interesse social ninguém duvida, coabitem aos assuntos particulares, que a poucos interessará.

e) As múltiplas formas de linguagem com que o autor de um blog pode lançar mão obrigam-no a se familiarizar com técnicas de que jamais cogitou dominar.

44 Transpondo-se para a voz passiva a frase *Hoje a autoria institucional enfrenta séria concorrência dos autores anônimos,* obter-se-á a seguinte forma verbal:

a) são enfrentados.
b) tem enfrentado.
c) tem sido enfrentada.
d) têm sido enfrentados.
e) é enfrentada.

ATENÇÃO: As questões de números **45** a **49** referem-se ao texto seguinte.

Leis religiosas e leis civis

As leis religiosas têm mais sublimidade; as leis civis dispõem de mais extensão.

As leis de perfeição, extraídas da religião, têm por objeto mais a bondade do homem que as segue do que a da sociedade na qual são observadas; ao contrário, as leis civis versam mais sobre a bondade moral dos homens em geral do que sobre a dos indivíduos.

Deste modo, por respeitáveis que sejam os ideais que nascem imediatamente da religião, não devem sempre servir de princípio às leis civis, porque é outro o princípio destas, que é o bem geral da sociedade.

(Montesquieu, Do espírito das leis)

45 Atentando-se para a primeira frase e considerando-se o conjunto do texto, os termos **sublimidade** e **extensão** dizem respeito, respectivamente, ao caráter

a) místico dos evangelhos canônicos e materialista dos textos da jurisprudência.
b) de espiritualidade das normas religiosas e de abrangência social do direito civil.
c) dogmático das convicções de fé e libertário das legislações constitucionais.
d) divino dos postulados cristãos e humanista da declaração dos direitos humanos.
e) de profundidade das certezas místicas e de superficialidade da ordem jurídica.

46 Atente para as seguintes afirmações

I. A bondade do indivíduo e as virtudes coletivas são instâncias que se ligam entre si, de modo inextricável e em recíproca dependência.
II. A diferença de princípios permite distinguir entre o que há de respeitável nos ideais religiosos e o que se elege como um bem comum nas leis civis.
III. Tanto no âmbito das leis civis quanto no das religiosas, o objetivo último é o mesmo: o aprimoramento moral do indivíduo.

Em relação ao texto, está **CORRETO** o que se afirma em

a) I, II e III.
b) I e II, apenas.
c) II e III, apenas.
d) I e III, apenas.
e) II, apenas.

47 As leis religiosas têm mais sublimidade; as leis civis dispõem de mais extensão.

A respeito da construção da frase acima, é **CORRETO** afirmar que

a) o verbo dispor foi empregado no mesmo sentido que assume na frase A solidão dispõe o homem à melancolia.
b) da comparação entre leis civis e leis religio-

sas, expressa pelo termo mais, resulta a superioridade inconteste de uma delas.

c) entre os dois segmentos separados pelo ponto e vírgula estabelece-se uma relação de sentido equivalente ao da expressão ao passo que.

d) entre os dois segmentos separados por ponto e vírgula estabelece-se uma relação de sentido equivalente ao da expressão por conseguinte.

e) o verbo dispor foi empregado no mesmo sentido que assume na frase O sacristão dispôs o altar para a missa.

48 Está plenamente adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase

a) As leis de perfeição teriam por objeto mais a bondade do homem que as seguisse do que a da sociedade na qual fossem observadas.

b) As leis de perfeição tinham por objeto mais a bondade dos homens que as seguir do que a da sociedade na qual serão observadas.

c) As leis de perfeição terão por objeto mais a bondade dos homens que as tivessem seguido do que a da sociedade na qual terão sido observadas.

d) As leis de perfeição teriam por objeto mais a bondade do homem que as siga do que a da sociedade na qual têm sido observadas.

e) As leis de perfeição terão tido por objeto mais a bondade do homem que viesse a segui-las do que a da sociedade na qual fossem observadas.

49 O verbo indicado entre parênteses deverá ser flexionado numa forma do plural para preencher de modo **CORRETO** a lacuna da frase

a) Às bondades individuais ..... (dever) seguir um benefício que se estenda ao conjunto de uma sociedade.

b) Nem sempre ..... (haver) de respeitar as leis da religião quem se curva às leis civis.

c) Não se ..... (respeitar) as leis civis por bondade, nem as religiosas por espírito cívico.

d) Não se ..... (opor) o princípio da religião ao da ordem civil, embora as instâncias de uma e outra sejam distintas.

e) ..... (ser) de se notar, entre as leis civis e as religiosas, a diferença dos princípios que as regem.

50 As normas de concordância estão inteiramente respeitadas na frase

a) Muitos julgam imprescindíveis que se consulte os especialistas para que se avalie com precisão os livros de uma velha biblioteca.

b) Qualquer um dos que entram desprevenidos numa velha biblioteca podem se defrontar com surpresas de que jamais se esquecerá.

c) Mesmo que hajam passado cem anos, as fotos revelam instantâneos de um presente perdido, no qual não se contava com os efeitos do tempo.

d) Nada do que se lê nos grandes livros, mesmo quando extinta a época em que foram escritos, parecem envelhecidos para quem os compreende.

e) Lá estão, como se fosse hoje, a imagem das jovens e sorridentes senhorinhas daqueles tempos, inteiramente alheias ao passar do tempo.

GABARITO

1E	2E	3B	4A	5D
6D	7C	8C	9A	10B
11B	12E	13C	14D	15E
16B	17D	18B	19E	20C
21B	22E	23A	24C	25C
26A	27D	28B	29E	30B
31E	32C	33D	34B	35B
36C	37E	38D	39A	40D
41C	42B	43A	44E	45B
46E	47C	48A	49C	50C

G. Mauger

Grammaire pratique du français d'aujourd'hui

langue parlée
langue écrite

LIBRAIRIE HACHETTE

collection publiée sous le patronage de l'Alliance française

G. Mauger

Agrégé de l'Université
Directeur honoraire de l'École internationale de l'Alliance Française

Grammaire pratique du français d'aujourd'hui

langue parlée
langue écrite

Septième édition revue

LIBRAIRIE HACHETTE
PARIS

tion publiée sous le patronage de l'Alliance Française

C'est avec le concours de Jacques Lamaison *qu'avait été entreprise la rédaction de cette grammaire, et plusieurs chapitres lui devaient leur forme initiale.*
Un mal sans pitié est venu l'arracher à une tâche qu'il avait abordée avec enthousiasme et qu'il eût, jusqu'au bout, honorée de son riche savoir.

G. Mauger

Langue et civilisation françaises

Tome I : Méthode 1er et 2e degrés ● ⊙
Tome II : Méthode 3e et 4e degrés ●
Tome III : Méthode 5e degré (PARIS)
Tome IV : Civilisation, littérature

G. Mauger et G. Gougenheim

Le français élémentaire : 2 livrets ●

G. Mauger et M. Bruézière

Le français accéléré
Le Français et la Vie ⊙ (Nouvelle méthode de langue)

G. Mauger

Contes et récits en français facile

● *Disques de l'Encyclopédie Sonore*
⊙ *Adaptation audio-visuelle*

© *Librairie Hachette 1968.*

Avertissement

C'est une fin essentiellement pratique que nous avons cherchée en rédigeant cette grammaire. Nous avons essayé de résoudre les difficultés particulières que rencontre un étranger à propos de notre langue : « *Que signifie* telle tournure, lue ou entendue? — *Quelle expression* donner à telle idée, de cause ou de conséquence? — *Comment employer*, dans telle situation, les formes du pronom personnel ou de l'article? » Mais nous n'avons point perdu de vue que, chaque fois, l'étranger est soucieux de connaître ce qui se dit et s'écrit couramment, plutôt que les règles strictes de la grammaire traditionnelle. Il désire ne pas se singulariser aux yeux des Français qui l'entendront ou le liront.

Aussi, en lui offrant une description des divers procédés d'expression dans la langue d'aujourd'hui, avons-nous tenté de le guider et de l'orienter discrètement. Nous avons donc été amené, d'abord, à ne traiter que du français actuellement vivant (ne citant un tour ancien que rarement, et s'il garde encore quelque survivance); ensuite, à insister sur certains problèmes particulièrement épineux : la postposition du sujet, par exemple, la place de l'adjectif épithète. Le même souci, tout pratique, explique pourquoi nous n'hésitons point à rappeler un fait déjà évoqué précédemment, ou à multiplier les renvois d'un paragraphe à un autre.

Nous ne cacherons pas que la rédaction d'une grammaire — aujourd'hui, et pour les étrangers — nous a semblé, à maintes reprises, au cours de notre travail, une tâche ambitieuse et peut-être vaine, du moins pour nos forces.

Dans un temps où la langue parlée et la langue écrite évoluent très rapidement; où l'école n'est plus le conservatoire du *bon français* qu'elle fut pendant un siècle et demi; où la presse, la radio, la télévision passent de plus en plus aux mains des jeunes, appelés à se faire entendre d'un immense public, c'est déjà une étrange entreprise que d'oser faire un manuel pour les écoliers de nos lycées; mais entreprise plus étrange encore, si l'on s'adresse à des lecteurs qui ne sont pas français, dont l'attention critique reste en éveil et qui pourront trouver chaque jour, à la radio, dans le journal, dans un roman, le démenti sans réplique de ce que le manuel aura prétendu leur enseigner. Quelle peut être l'attitude du grammairien devant des problèmes tels que l'emploi du subjonctif avec *après que* ou le non-accord du participe passé au féminin? S'il adopte une position de pure description linguistique, inclinant ainsi ses lecteurs à suivre une tendance encore discutée, ne va-t-il pas les désarmer devant les reproches, non seulement des doctes, mais de ceux qui tiennent tout simplement au respect des grandes œuvres?

En fait, l'étranger a besoin de conseils; il attend de nous des solutions qui satisfassent en même temps à la correction et à l'usage. Seulement, pour étayer sa confiance, il faut qu'il nous sente à même de lui expliquer les pressions qui s'exercent sur la langue et les motifs profonds qui les animent : par exemple, dans les deux cas que nous venons de signaler, le besoin, plus ou moins conscient, d'économie. On ne saurait, ici, se contenter de parler de *fautes*. Si instante est la remise en question de certains faits, que l'intransigeance conduirait à l'isolement en face d'une langue — c'est-à-dire d'une société — qui vit et qui change, d'une littérature qui traduit le monde contemporain avec des moyens qu'on peut analyser et justifier.

D'ailleurs, cette langue retrouve souvent, dans ses « incorrections », des tours qui jadis existèrent. C'est le cas de constructions comme : « Il est à craindre qu'il *serait* mécontent » ou : « Quoiqu'on *devrait* s'en féliciter » ou encore : « Il est possible qu'il *refusera* ». Tours choquants? Mais le XVIIe siècle et même le XVIIIe nous en offrent, à côté d'un subjonctif très usuel, maint exemple autorisé. Ce qui signifie que de grands auteurs (Corneille, Fénelon, Chateaubriand) ont écrit dans cette langue-là, et que c'était, alors, du bon français. Seulement, comme ce n'est plus, ou pas encore, du français courant, et que notre lecteur désire, répétons-le, s'exprimer correctement, sans se faire remarquer, il faut lui fournir une réponse. Peut-être la solution sortira-t-elle des termes mêmes du problème : s'il s'agit d'un tour archaïque et propre à faire sourire (par exemple, « la feue reine », ou même « un mien ami »), nous conseillerons l'abstention. Mais si le tour est encore vivant, et s'il a pour lui des avantages de clarté (par exemple l'emploi des divers temps de l'indicatif avec *après que*), nous conseillerons à notre lecteur d'observer une règle que suivent encore beaucoup de bons écrivains et qui ne singularise personne. Il contribuera, pour sa part, à maintenir des nuances précieuses et à retarder le moment où l'*économie* matérielle obtenue par l'uniformité du mode et du temps (passé du subjonctif) sera balancée par l'obscurcissement du discours[1].

Notre livre, on le voit voudrait garder le contact avec la réalité linguistique. Est-ce à dire qu'il ait pu, dans tous les cas, se conformer aux démarches de la science contemporaine? Des maîtres éminents ont évoqué, mieux que nous ne saurions le faire, les perspectives ouvertes à la grammaire par les travaux des structuralistes. Mais il faut bien reconnaître que la pédagogie ne peut tirer de ces recherches qu'un profit encore limité. Sans doute, nous dirons utilement à l'étudiant étranger : « L'article est incompatible avec les adjectifs possessifs, démonstratifs, interrogatifs, et la plupart des indéfinis »; ou encore : « C'est un fait de structure que vous devez dire : la ville *de* Paris et : le poète Valéry»; ou encore : « La place du pronom personnel dans la phrase obéit à telles et telles servitudes. » On n'empêchera pas que les frontières du structural et de l'arbitraire ne soient parfois mal définies et que le domaine de la liberté, du choix, ne demeure très vaste : « Subjonctif, ou indicatif, après : il semble, il est exact que...? » — « Répétition, ou non, des pronoms relatifs, des pronoms personnels? » — En vérité, on ne saurait oublier que l'étranger porte intérêt aux problèmes de nuance et de justesse, surtout si sa culture atteint un

1. En fait, le subjonctif passé avec *après que* semble bien une acquisition irréversible du F. P. (*Note de la 4e édition*).

certain niveau. Remarque d'autant plus importante, croyons-nous, que la langue écrite étend constamment son domaine[1]. Il est peu d'hommes, aujourd'hui, à qui il n'importe pas de savoir lire. Et qui veut, en pays étranger, vivre dans un certain confort d'esprit, doit comprendre les innombrables avis concernant la police de la rue et de la route, et surtout comprendre le journal. Non moins que la radio, et de façon plus souple, il tiendra le visiteur en contact avec le pays où il séjourne et, concurremment avec la conversation, étendra et enrichira son expérience linguistique.

La langue parlée et la langue écrite seront donc, ensemble, la matière de cet ouvrage.
Mais, alors, nous nous heurtons aux difficultés soulevées par leur constante interpénétration, la poussée s'exerçant surtout du parlé vers l'écrit. Ainsi apparaissent assez mouvantes les limites entre les différents niveaux ou tranches linguistiques, assez capricieuse toute division.
Nous avons, cependant, pour la commodité du lecteur, considéré qu'on pouvait définir quatre tranches, allant de la langue la moins populaire à la plus populaire :

1. **Un français écrit,** essentiellement littéraire (représenté dans ce livre par le sigle **F. E.**). Ce fut, en général, celui des écrivains d'avant 1940, et il a constitué la substance des grammaires traditionnelles.

2. **Une langue courante,** qui se placerait entre le français écrit littéraire et le français parlé familier : celle qu'emploie le Parisien de moyenne culture dans une conversation avec un interlocuteur qu'il ne connaît pas intimement, avec un de ses supérieurs ou un de ses chefs.
C'est à cette **langue courante** que se réfère le plus souvent notre ouvrage. Elle n'y est affectée d'aucun sigle particulier. On saura donc que lorsque nous citons : *J'ai très soif*, sans autre symbole, il s'agit d'une expression usitée aujourd'hui dans la langue écrite quotidienne, comme dans la langue parlée.

3. **Un français parlé familier (F. P. fam.).** Il suppose des rapports plus étroits avec l'interlocuteur. C'est à ce niveau que vous vous placez par exemple, quand vous causez avec le mécanicien qui répare votre voiture, ou avec un ami d'enfance. La langue courante s'alimente constamment à cette source.
Voici un exemple comparatif, tiré des phrases conditionnelles :

(F. E.)	(Langue courante)	(F. P. fam.)
Il se mettrait en route si le ciel était clair et que la température fût douce.	Il se mettrait en route si le ciel était clair et que la température soit douce,	Il se mettrait en route si le ciel était clair et que la température était douce.
(Emploi littéraire du ***subjonctif imparfait.***)	(Emploi usuel du ***subjonctif présent.***)	(Emploi d'un ***imparfait de l'indicatif*** qui tend à passer dans la langue courante.)

1. L'observation est de M. Aurélien Sauvageot, dans *Français écrit, français parlé* (Larousse).

4. Un quatrième niveau concerne **le français parlé populaire (F. P. pop.)**. Ce sera la langue pratiquée en général par les ouvriers entre eux.
Enfin nous ne citons que pour mémoire le français parlé vulgaire **(F. P. vulg.)** auquel appartiennent les expressions basses ou grossières.

Mais notre lecteur ne doit pas ignorer qu'une autre perspective, très importante, est ouverte par la presse d'information, la radio-télévision, et, dans une certaine mesure, la partie narrative des romans. On y relève des formes grammaticales que l'on croyait reléguées dans un français littéraire ou désuet : passé simple, plus-que-parfait du subjonctif employé comme conditionnel passé, participe présent directement apposé au nom, etc. Cette langue des journaux et de la radio joue un rôle très important en animant, dans un circuit actif, des tours qui passaient pour irrévocablement condamnés, et qui demeurent ainsi disponibles.
Si l'on veut représenter matériellement et de façon approximative l'ensemble de ces divers niveaux, on obtient un diagramme de ce genre :

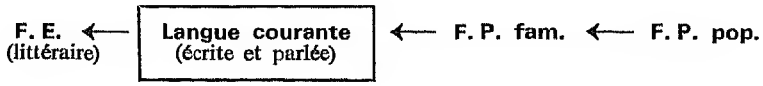

Presse et radio — Récit des romans

Et maintenant, quels conseils donner, pour l'usage de ce tableau? Nous pourrions les formuler ainsi :
— Pour l'écrit : La rédaction d'un texte d'une certaine tenue (rapport, conférence, essai) demanderait qu'on s'en tienne à la substance embrassée par le français écrit littéraire **(F. E.)** et la langue courante.
S'il s'agit de rédiger un dialogue (roman ou théâtre), une lettre à un ami, les tours de la langue courante et du français parlé familier devraient convenir.
— Pour la conversation : Dans la conversation quotidienne, la langue courante permettra de concilier le naturel et la bonne tenue. Mais les expressions du français parlé familier, et même populaire, ne seront pas toujours déplacées. Tout dépendra des circonstances, de la culture de l'interlocuteur et du ton qu'il confère à l'entretien. Dans tous les cas, il faudra éviter les expressions du français parlé vulgaire et celles qui seront indiquées comme archaïques ou affectées.

Il nous est agréable d'exprimer notre gratitude à MM. Georges Gougenheim, professeur à la Sorbonne, et Charles Muller, professeur à la faculté des Lettres de Strasbourg, qui ont bien voulu lire notre manuscrit; à M. Michel Forget, agrégé de l'Université, professeur honoraire, qui a accepté la tâche d'examiner l'ouvrage sur épreuves; et à Mme Mercier, Directrice des études de phonétique à l'Alliance Française, qui a contrôlé l'Introduction. Nous souhaiterions que ce livre fût moins indigne des nombreux et clairvoyants conseils, des utiles rectifications dont ils nous ont favorisé.

G. M.

Introduction

LES SONS DU FRANÇAIS

1. voyelles orales simples

[i] si, pyjama
[e] (fermé), été
[ɛ] (ouvert) être, crème, mais
[a] (antérieur) patte
[ɑ] (postérieur) pâte
[ɔ] (ouvert) or
[o] (fermé) zéro, au
[u] ou

2. voyelles orales composées

[y] (= [u] pour les lèvres, [i] pour la langue) tu
[ø] (= [o] pour les lèvres, [e] pour la langue) bleu
[œ] (= [ɔ] pour les lèvres, [ɛ] pour la langue) heure

3. e dit « muet » (intermédiaire entre [ø] et [œ] et très rapide) :

[ə] premier

4. voyelles orales nasales

[ɛ̃] (avec voyelle orale simple [ɛ]) vin
[ɑ̃] (— — — [ɑ]) an
[ɔ̃] (— — — [ɔ]) on
[œ̃] (— — composée [œ]) brun

5. semi-voyelles

[w] oui
[ɥ] lui
[j] pied

6. consonnes

[b] bas
[d] dur
[f] fort, phare
[g] gant
[ʒ] jeune, gigot, mangeons
[k] corps, cinq, qui, kilo (écho)
[l] le
[m] me
[n] ni
[p] papa
[R] or
[s] se, ce, commençons (dix)
[t] tu, théâtre
[v] vous
[z] disons, zéro (dixième)
[ʃ] chat (schéma)
[ɲ] peigne

LA PRONONCIATION

Observations élémentaires

A part l'articulation même des sons, la difficulté, pour les étrangers, est de reconnaître dans quels cas sont ouverts ou fermés les sons représentés par *e*, *o*, *eu*; quand un *a* est antérieur ou postérieur; quand un *e* dit muet se prononce, ou non. On aura intérêt à consulter le *Traité de prononciation française* de Pierre Fouché, qui présente un inventaire très complet de ces divers cas.
On y constatera, par exemple, que :

- l'ouverture ou la fermeture dépendent souvent de l'accentuation de la syllabe;
- en syllabe accentuée, *E* suivi d'une consonne prononcée est toujours ouvert : mer [mɛR], veste [vɛst];
- *Eu* accentué, non suivi d'une consonne prononcée, est toujours fermé : Monsieur [məsjø], etc.

e **dit muet.**

Voici quelques remarques importantes concernant la prononciation de *e* en prose française[1] :

Sauf le cas d'élision (v. ci-dessous) *e* est maintenu dans l'écriture, mais non pas toujours dans la prononciation.
Il tombe en général à la fin d'un mot, et toujours à la fin d'un groupe rythmique :
Jeann(e) rêv(e) de voyag(es).

Mais il se maintient :

a) lorsque joue la loi des trois consonnes (v. n° 131), c'est-à-dire dans la plupart des cas où l'*e*, suivi d'une consonne prononcée, est précédé de deux autres :
appart*e*ment — quelqu*e*fois — l'autr*e* livr*e*[2].

b) lorsque *e* porte un accent tonique, après l'impératif affirmatif :
dis-l*e*.

On notera que, toujours, *e* se prononce :
dans : *que* de *parce que*, s'il n'est pas élidé : parc(e) qu*e* j(e) vois...
dans : *ceci* : c*e*ci est vrai; est-c(e) vrai, c*e*ci ?

[Jamais il ne se prononce dans le *ce* de :
est-c(e) que, quand est-c(e) que, etc.]

Il se prononce dans : *je n(e)...* :
j*e* n(e) sais pas;

et dans la plupart des finales en *-elier* : le chap*e*lier — Mais le bourr(e)lier.

L'*e* se maintient volontiers dans la première syllabe d'un groupe rythmique :
J*e* vois cet homme — C*e* garçon est sympathique.
On dira donc plutôt : j*e* l(e) sais, que : j(e) l*e* sais.

Dans les séries, il y a, en général, alternance des e prononcés et des e muets :
J*e* n(e) l*e* r(e)d*e*mand(e) pas.

Les liaisons

La liaison intéresse la langue parlée seulement. Elle consiste à faire entendre, dans un groupe, une consonne finale devant une voyelle ou un *h* « muet » : les amis [lezami]. Souvent il y a une modification du timbre de la consonne : s > z, d > t, et (fait plus rare) g > k :
Les amis [lezami] — attend-il? [atãtil] — suer sang et eau [sũkeo].

1. Dans la versification traditionnelle *e* se prononce devant consonne ou h *aspiré* :
« Herb (e), use notre seuil ; ronce, cache nos pas ! » (V. Hugo).
2. La même loi explique l'apparition fautive d'un *e* prononcé dans des expressions comme : le strict[ə] minimum.

Aujourd'hui, certaines liaisons tendent à se raréfier. Mais on entend souvent, dans un français peu surveillé ou populaire, la liaison devant l'*h* « aspiré » : il est‿Hongrois, elle est‿hors de danger. Et les enfants disent couramment : c'est‿honteux. Ces prononciations semblent progresser[1] ; il sera bon, pour déterminer la valeur de *h*, de consulter un dictionnaire.

Liaisons couramment pratiquées.

Après un **nom** : la liaison n'est obligatoire que si ce nom est le premier terme d'un groupe figé ou d'un nom composé : Les Ponts‿et Chaussées — un guet-‿apens — suer sang‿et eau [sũkeo].

On distinguera ainsi : les États-‿Unis et : les Éta(ts) unis par ce traité — ou: faire des châteaux‿en Espagne, et : il‿possède des château(x) en Espagne. Remarquer qu'on doit dire : les Nor(d)-Africains — de par(t) en part, et, de préférence, Nor(d)-ouest... (Voir plus bas : un for(t) encombrement.)

Après un **adjectif qualificatif**, devant un nom : Un heureux‿homme — ce petit‿inconvénient. On pourra ainsi faire la distinction d'un‿adjectif et d'un nom : un savant‿aveugle (savant, adjectif); un savan(t) aveugle (savant, nom) — Saint-‿Honoré (saint, adjectif); un sain(t) honoré (saint, nom). (Mais la liaison ne se‿fait pas en général, au singulier, si l'adjectif se termine par *r* suivi d'une consonne normalement non prononcée : un for(t) encombrement — ce cour(t) intervalle — un lour(d) héritage.)

Après un **adjectif numéral cardinal**, devant un nom ou un adjectif : trois‿enfants — trois‿heureux‿enfants.

N. B. Devant les dates du mois, pas de liaison, en général : le deu(x) avril.

Les adjectifs numéraux ordinaux, au pluriel, admettent plutôt la liaison : les premiers‿éléments (on trouvera, n° 196, quelques détails supplémentaires sur la prononciation des consonnes finales des nombres).

Après un **déterminant**, devant un nom ou un adjectif : les‿enfants — ces‿enfants — mon‿avion — quels‿avions? — aucun‿ami — quelques‿autres — tout‿homme — tous‿autres projets.

Après un **pronom personnel** (et après **on**) devant un verbe : ils‿arrivent — vous‿entendez — on vous‿entend — tu les‿as vus — vous‿y allez — on‿arrive.

Après un **verbe**, devant les pronoms : il, ils, elle, elles, on : vient-‿il? — vient-‿on? — prend-‿il?

Remarquer l'adjonction d'un *t* (analogique des verbes des 2e et 3e groupes) dans : pense-*t*-il? — pense-*t*-on? — va-*t*-il? — vainc-*t*-il? — aima-*t*-il?

Après *est* la liaison, en bonne langue, est obligatoire devant toute voyelle : c'est‿un acteur — elle est‿au cinéma.

Après *sont*, on entend parfois, par exemple : i(ls) son(t) arrivés — Il faut dire : ils sont‿arrivés.

1. En revanche, on entend souvent : « un || hiatus » (au lieu de : « un‿hiatus », avec liaison de l'n, ce qui est la prononciation correcte.)

Après un **adverbe de quantité**, la liaison est obligatoire en bonne langue :
plus utile — très utile — trop entreprendre — tant essayer.

Après **bien, mieux**, il en est de même :
bien accueillie — pour mieux entendre.

Après les prépositions **chez, dans, en, sans, sous**, même obligation :
chez un camarade — dans une heure — en une heure — sans y voir — sous aucun prétexte.

Remarque : **quant à** est toujours prononcé avec liaison. Mais l'adverbe interrogatif quand ? est très rarement lié : quan(d) aura-t-il fini ? (mais : quand est-ce que...? où *d* sonne comme *t*).

Après les conjonctions **donc, quand**, enchaînement ou liaison obligatoires :
Je pense, donc je suis — quand Ernest le voudra.

En revanche, si *donc* est une particule exclamative, le *c* ne se prononce pas, en général : venez don(c)!

L'élision

L'élision est l'effacement d'une des voyelles **finales** *a, e, i* devant une voyelle ou un *h* « muet ».

La liaison (v. ci-dessus) et l'élision ont d'étroits rapports. En général, là où il y a liaison, il y a chance d'élision, et inversement. Comparez : les habits et l'habit — le(s) hachoirs et : le hachoir.

L'élision concerne la langue écrite aussi bien que la langue parlée.

Dans l'écriture, l'élision se marque généralement, mais non pas toujours, par une apostrophe (v. plus loin), qui remplace la voyelle élidée : l'encrier — l'auto — l'habit.

On élide *e* et *a* dans l'article défini et dans les pronoms personnels atones :
L'auto — j'ai dit — il m'a vu — je l'entends — ils s'observent.

Remarque : Les possessifs féminins *ma, ta, sa* deviennent *mon, ton, son* devant un nom commençant par une voyelle ou un *h* « muet » : mon auto — son influence.

On élide encore *e*, à la fin des mots suivants :

ce : (pronom) : C'est vrai ; Ç'a été difficile.
de : Le prix d'une voiture.
ne : Il n'a rien fait.
que : Qu'il est beau! — je crois qu'en ce cas on doit agir — l'homme qu'on a vu...
jusque : Jusqu'à trois heures — Jusqu'où ? — Jusqu'ici.

e final de certaines conjonctions composées, comme : **lorsque, parce que, puisque, quoique, pour que**, ne s'élide obligatoirement dans l'écriture que devant *un* (article), *une, il, ils, elle, elles, on* :
Lorsqu'on viendra... Parce qu'elle s'en va... Pour qu'on sache...

e final de **quelque** ne s'élide obligatoirement dans l'écriture que devant *un, une* :
Quelqu'un — (mais : quelque affaire)

e final de **presque** ne s'élide obligatoirement que dans : *presqu'île*.
(Mais on écrit : presque aveugle).

e final de **entre** n'est pas toujours remplacé par une apostrophe :

S'entr'aimer — (mais : s'entraider).

i de **si** s'élide devant il et ils :

s'ils veulent.

(En fait, c'est d'un ancien *e* qu'il s'agit. *Se* est, en ancien français, la forme primitive de si.)

N. B. Il n'y a pas d'élision (donc il y a un **hiatus**) :

en général devant les nombres : **un, huit, huitième, onze, onzième** :

le un — le onzième — messe de onze heures.

devant les noms des **lettres** :

le a — *le* o — *le* i.

(mais on peut dire, comme naguère : l'a, l'o, etc.)

devant certains mots commençant par *u* [y] :

le uhlan — *le* ululement.

devant certains mots commençant par *ou* [w] :

le ouistiti — *la* ouate (on peut dire encore aujourd'hui l'ouate).

devant certains mots commençant par *y* [j] :

le yacht — *le* Yang-tsé-Kiang — *le* yatagan — *le* Yankee — *le* Yémen[1] — *le* yoga — *le* Yougoslave — *le* Yukon.

(mais on dit : l'yeuse — maladie d'yeux — l'Yonne — le duc d'York — et : l'université d'Yale ou de Yale).

devant toute citation d'un fait de langue employé comme nom :

le « oh! » — *le* « ah! » — *le* « encore! »

L'accent tonique et l'intonation

Accent tonique.

Normalement (et sans parler des accents d'émotion ou d'insistance), le mot français isolé est frappé, sur la dernière voyelle prononcée, d'un accent d'intensité, assez faible d'ailleurs :

infin*ǐ* — vérit*ă*ble.

Mais, dans une phrase parlée, certains de ces accents disparaissent, pour laisser la place à un ou plusieurs accents de groupe :

Un grand h*ŏ*mme — Il m'a d*ǐ*t — Le brave h*ŏ*mme m'a d*ǐ*t.

1. Alors que Chateaubriand écrivait encore, dans *Les Martyrs* . l'Yémen.

Intonation.

Dans l'énoncé courant (et mises à part les phrases interrogatives ou exclamatives), une phrase française présente en général une partie montante (qui se termine sur une note plus haute) suivie d'une partie descendante (qui se termine sur une note plus basse) :

L'armée a défilé — Il viendra après son travail — J'ai répondu à sa lettre.

On voit que, dans les phrases ci-dessus, le clivage s'est opéré soit après le nom-sujet (quand le verbe n'avait pas de complément), soit après le verbe (quand il était suivi d'un complément). L'intonation prend en effet des formes très variées, surtout dans les phrases d'une certaine longueur.

SIGNES ET ACCENTS

Principaux signes de ponctuation

L'emploi des signes de ponctuation n'obéit pas à des règles absolument strictes; et l'écrivain jouit, à cet égard, d'une certaine liberté. On peut cependant donner quelques indications de principe :

Le **point** (.) marque une pause importante après une phrase (qui peut être réduite à une proposition) :

L'enfant avait de la fièvre ce jour-là. Le lendemain, il allait mieux.

Le **point et virgule** (;) marque une pause plus brève : Je t'interroge; réponds.

La **virgule** (,) marque une légère séparation (souvent pour l'œil seulement) entre des sujets, des compléments, des membres de phrase, des propositions :

« Voici des fruits, des fleurs, des feuilles et des branches (...) »

(Verlaine).

On remarquera que la virgule ne se place pas, en principe, devant *et*, *ou*, coordonnant des termes de la proposition. Ajoutons qu'elle ne se place pas devant une subordonnée sujet ou complément d'objet : Il est douteux qu'il revienne — Je crois que tu as raison.

La virgule sert souvent à la mise en relief : Moi, j'accepte — Le chauffeur, qui était dans son tort, se vit retirer son permis.

Les **guillemets** (« ») encadrent les paroles du style direct :

Tu m'as dit : « Oui, je viendrai. »

Les **deux points** (:) annoncent une citation ou un développement explicatif :

Il dit : « non » — Voici mon avis : retarde ton départ — Il a pris son parapluie : il pleuvait.

Les **parenthèses** ( ) encadrent une fraction de phrase non indispensable à la structure du discours : Cette réponse (et vous serez de mon avis) était décevante.

Le **tiret** joue parfois le même rôle — ou met en relief, pour l'œil, les éléments de la phrase — ou désigne les interlocuteurs dans le style direct :

« — Qu'en penses-tu?
« — Rien. »

Les **points de suspension** (...) traduisent l'inachèvement du discours ou du récit : Apportez votre... comment appelez-vous ça?
Ils servent aussi, placés généralement entre parenthèses ou entre crochets, à marquer une coupure dans la citation d'un auteur : La Fontaine a écrit :

« Rien ne pèse tant qu'un secret :
Le porter loin est difficile aux dames (...) »

Ici, il y a coupure dans la citation, qui doit être ainsi complétée :

« Et je sais même sur ce fait
Bon nombre d'hommes qui sont femmes. »

Le **point d'interrogation** (?) se place après une expression interrogative :
Viens-tu? Quand?

Le **point d'exclamation** (!) se place après une expression exclamative :
Que c'est beau!

Les accents et signes orthographiques

L'**accent aigu** (´) se place généralement sur *e* fermé :
l'été (mais crémerie se prononce [kʀemʀi]).

L'**accent grave** (`) se place généralement sur *e* ouvert : lève-toi. Il distingue aussi la préposition *à* du verbe *il a*; les adverbes *où, où?* de la conjonction *ou* (= ou bien); l'adverbe *là* de l'article défini *la*.

L'**accent circonflexe** (^) se place en principe sur une voyelle longue, souvent pour marquer la disparition du son *s* : être (anciennement estre) — ôter (anc. oster). Mais, parfois, il n'est qu'une survivance graphique, sans allongement. Comparez : la pâte (*a* long, accentué) et : le pâtissier (*a* bref, inaccentué). Dans les mots *dû* (du v. devoir) et *crû* (du v. croître), il permet la distinction de *du* (article) et de *cru* (adjectif ou participe de croire).

Le **tréma** (¨) marque en principe la séparation de deux voyelles en deux syllabes. Il se place sur la seconde voyelle (e, i ou u) : la ciguë — haïr — ambiguïté.

L'**apostrophe** (') marque l'élision de *a, e, i* (v. p. XII) : l'épée, l'ami, s'il veut.

La **cédille**, sous le *c* (*ç*) marque le son [s] devant *a, o, u* :
çà et là — un hameçon — un reçu.
(Il joue ainsi le même rôle que *e* placé après *g* pour lui donner le son [ʒ] :
Nous mangeons — il mangea — un esturgeon — une gageure [gaʒyːʀ].)

Le **trait d'union** (-) unit deux éléments d'un nom composé ou d'un groupe :
arc-en-ciel — dit-il.
Il devient de plus en plus rare dans les noms composés.

LA PHRASE ET LES PROPOSITIONS

Une phrase est l'expression, plus ou moins complexe, mais offrant un sens complet, d'une pensée, d'un sentiment, d'une volonté.

La phrase peut être constituée d'une ou de plusieurs propositions. On appelle proposition un ensemble de termes liés par la grammaire et le sens, généralement autour d'un verbe. Voici une phrase composée de deux propositions :

Je *crois* | que tu *as* raison.

La proposition que tu as raison est dite proposition subordonnée parce qu'elle dépend, grammaticalement, de je crois, proposition principale.

Il y a cinq espèces de propositions subordonnées :

1. La proposition subordonnée conjonctionnelle, introduite par une conjonction de subordination (v. n° 850) :

Je crois | *que* tu as raison.

2. La proposition subordonnée relative, introduite par un pronom relatif :

Je te donne un conseil | *qui* vaut de l'or.

3. La proposition subordonnée interrogative (ou interrogative indirecte) introduite par un mot interrogatif :

Dis-moi | *pourquoi* tu agis ainsi.

4. La proposition subordonnée infinitive, dont le verbe est à l'infinitif :

J'entends | Paul *entrer*.

5. La proposition subordonnée participe (ou participiale) dont le verbe est au participe :

La ville *prise* |, l'ennemi proposa la paix.

Une proposition est dite indépendante quand elle peut former, à elle seule, une phrase :

Tu as bien agi.

Enfin les propositions de même fonction peuvent être associées entre elles, soit par une conjonction de coordination (v. n° 847) ; on les dit alors propositions coordonnées :

Il va |*et* il vient — Je vois la souris |qui va|*et* qui vient;

soit par simple juxtaposition ; on les dit alors propositions juxtaposées :

Il va, |il vient.

LA SPHÈRE DU NOM

LE NOM (ou substantif)

1 **Le nom[1] désigne (ou nomme) les êtres animés (personnes, animaux) et les choses (objets, actions, idées, sentiments). Il donne la réponse à : « qu'est-ce que c'est? »** (— C'est *une table*).

Nom propre, nom commun

2 **Le nom propre appartient en propre (= en privé) à tel homme, telle femme, tel enfant, tel animal. C'est par ce nom qu'on les appelle; c'est à ce nom qu'ils répondent :**

« Écoutez-moi, *Henri*. » — « *Madame Lefèvre*, où êtes-vous? »
« Ici, *Dick*! »

Il désigne aussi, en propre : tel peuple, tel pays, telle province, telle ville, tel fleuve, telle montagne, etc. :

les Français, la France, la Bretagne, Paris, la Seine, les Alpes.

Le nom commun, lui, désigne tous les êtres, toutes les choses de la même espèce :

Henri est un *homme* parmi d'autres hommes — Mme Lefèvre est une *femme* parmi d'autres femmes — Dick est un *chien* parmi d'autres chiens.

RÈGLE GÉNÉRALE : Écrivez les noms propres avec une initiale majuscule :

la France.

Écrivez les noms communs avec une initiale minuscule :

une femme, la table.

3 **Écrivez de préférence avec une majuscule : les noms ou expressions désignant une institution officielle, un grand organisme administratif :**

la Comédie-Française — la Légion d'honneur — le Conseil d'État — la République française — l'Assemblée nationale.

- **Les noms désignant telle rue, tel boulevard, etc. :**

  la rue de la Paix — le boulevard des Invalides.

- **Les noms de fêtes :**

  la Toussaint — la Fête nationale.

1. Les linguistes disent plutôt : le *substantif* quand il s'agit d'un nom commun. Mais nous pensons que *nom*, dans une grammaire pratique, se justifie par les termes qui en dérivent : *nommer, nom propre, pronom, nominaux*.

- **Les noms de bateaux, d'avions, d'automobiles, d'engins spatiaux :**

  le « Titanic » — la Caravelle — une Peugeot — un Spoutnik.

- **Le premier terme dans le titre d'une œuvre, ainsi que l'article s'il fait partie du titre :**

  le « Dictionnaire de la langue française » — les « Mémoires d'outre-tombe » — « La Légende des siècles ».

- **L'adjectif (ou le participe) qui caractérise un nom géographique :**

  La mer Rouge — les monts Maudits.

- **Dans certains cas, distinguez par une majuscule le nom propre du nom commun :**

  « Soyez béni, *mon Dieu* » **mais :** *les dieux romains* — *la Bourgogne* (province) **mais :** *le bourgogne* (vin connu) — *la Champagne* (province) **mais :** *le champagne*, etc.

Noms concrets, noms abstraits

4 **Les noms concrets désignent les êtres, les objets qu'on peut voir, entendre, toucher :** Un livre — un chien.

Les noms abstraits désignent des qualités : la force; **des idées; des sentiments :** La paix, l'amitié.

Les noms concrets peuvent être employés dans un sens abstrait. Sens concret :

« Faites un *nœud* à votre mouchoir pour ne pas oublier. »

Sens abstrait :

« Savoir s'il acceptera, voilà le *nœud* de l'affaire. »

Inversement les noms abstraits peuvent devenir concrets : la prise a d'abord signifié l'action de prendre, puis : ce qui a été pris[1].

Soyez très prudent dans cette sorte de transformations. Consultez un dictionnaire.

Noms collectifs

5 **Ils ont la forme d'un singulier, mais désignent un groupe, une collection d'individus de même espèce :**

le peuple, la foule, une troupe, la main-d'œuvre, la vaisselle, le linge, la tuyauterie, une douzaine, et **(F. P. fam.[2])** une kyrielle, une ribambelle. — Et l'on dira : la pomme est chère cette année.

Les noms collectifs posent parfois un problème d'accord (voir n° 583).

1. Concret et abstrait sont d'ailleurs des notions très relatives. Ainsi le mot *chat* dans : le *chat* est un animal domestique, apparaît avec un sens plus abstrait que dans : tu vois le *chat* de la concierge.
2. Rappelons que **F. E.** signifie, dans cet ouvrage, français écrit **littéraire** — **F. P. fam.** français parlé familier — **F. P. pop.** français parlé populaire — **F. P. vulg.** français parlé vulgaire (voir notre Avertissement).

LE GENRE DES NOMS : LE MASCULIN ET LE FÉMININ

6 **Les noms français appartiennent soit au genre masculin, soit au genre féminin[1].**

Genre des noms communs

7 **Noms de personnes : en règle générale, les noms désignant des personnes du sexe masculin ou qui exercent des professions uniquement masculines (il y en a de moins en moins) sont du genre masculin :** le père, un chirurgien. **Mais :** la mère, une aviatrice.

Noms de choses : pas de règle. Le genre n'est pas « motivé ». Notez pourtant quelques séries (avec des exceptions!) :

8 **Sont généralement féminins les noms :**

- **des maladies :**
  la grippe, la typhoïde, la bronchite, **etc. (sauf :** le choléra, le croup, le diabète, l'emphysème, le rhume **et les noms en** *-isme* : l'arthritisme aigu).
- **des sciences :**
  la médecine, la politique, les mathématiques, **etc. (sauf :** le calcul, le droit).
- **des fêtes :**
  la Toussaint, la Saint-André **(pour** Noël, Pâques, **v. n°s 26 et 232).**
- **les noms abstraits en -eur :**
  la candeur, la valeur.

Exceptions : le bonheur, le malheur, l'honneur, le labeur.

9 **Sont généralement masculins les noms :**

- **d'arbres[2] :**
  le chêne, le tilleul, **etc. (sauf :** une yeuse = **chêne vert).**
- **de métaux ou de corps chimiques :**
  le fer, le cuivre, **etc. (sauf :** la fonte, l'alumine **et la plupart des noms en -ite).**
- **des jours, des mois, des saisons, des points cardinaux :**
  le lundi; un avril pluvieux; un été chaud **(N. B. — : dites plutôt** *un* automne, **bien que** *une* **soit admis);** le nord, le sud-ouest.
- **des vents :**
  le zéphyr, le noroît, le mistral **(sauf :** la bise, la brise, la tramontane, **vent soufflant du nord sur la Méditerranée).**

1. Mais les pronoms connaissent le genre neutre, par exemple : *cela* me convient; *que* veux-tu? *il* est bon de donner.
2. Mais non de **plantes.**

• **des chiffres, des lettres et des notes de musique :**
le *huit* a gagné; écrivez un *B*; un *do*, un mi bémol.

• **formés d'adjectifs :**
le bleu, le rouge, le vrai; le beau; le français, l'anglais (= **la langue française, la langue anglaise). (Sauf :** l'anglaise, la ronde = **sortes d'écritures** — une polonaise, une allemande = **sortes de danses ou de rythmes; et des expressions telles que :** être assis *à la turque* = **à la manière turque;** riz *à la milanaise*, ou riz *milanaise*.)

• **formés d'infinitifs :**
le dîner, le souvenir.

• **formés de mots invariables (adverbes, prépositions, conjonctions, interjections) ou d'expressions figées :**
le bien, le mal — le devant de l'armoire — le « *mais* » que vous objectez — le « *ale!* » que j'ai entendu — Je me moque du *qu'en-dira-t-on*.

10 **Le genre identifié par le moyen des suffixes.**

La connaissance des suffixes permet d'identifier plus sûrement le genre des noms. Malheureusement il est souvent difficile à un étranger de distinguer un vrai suffixe (par exemple : -age, dans bavardage, **masculin) et une simple terminaison venue directement du latin (comme dans :** image, **féminin). Le dictionnaire est ici le recours le plus sûr. Voici cependant des suffixes qui, avec une signification déterminée, accompagnent un genre déterminé :**

-ade f. = action : la bousculade; **collectif :** la colonnade.
-age m. = action ou résultat de l'action : un assemblage.
-aie f. = plantation d'arbres : la chênaie.
-ail m. = s'applique à divers objets : un épouvantail, le vitrail.
-aille f. = collectif (plutôt péjoratif[1]) : la ferraille.
-ailles f. pl. = action : de joyeuses fiançailles, épousailles, retrouvailles.
-aison (-oison, -ison, -sion, -ation, -ition- -otion, -ution) f. = action : la pendaison, la pâmoison, la guérison, la confusion, la passion, la fondation, la finition, une émotion, la parution.
-ance f. = action, état : la brillance, la vaillance.
-ard m. = objet : le brassard, le poignard.
-as m. = collectif ou péjoratif : le plâtras, le coutelas.
-asse f. = collectif (souvent péjoratif) : la paillasse.
-at m. = collectif social : le patronat, le salariat.
-eau m. = diminutif[2] : le moineau.
-ée (-etée) f. = contenu : la potée, la pelletée.
-elle (-erelle) f. = diminutif : la poutrelle **(masculin :** le libelle, **directement venu du latin).**

1. Le terme péjoratif comporte une idée défavorable (de laideur, de méchanceté, de faiblesse, etc.)
2. Le diminutif introduit une idée de *petitesse*.

-er (-ier) m. = **arbres fruitiers** : un oranger; **profession d'homme** : le pompier.
-esse f. = **être animé** : la poétesse, l'ânesse; **qualité** : la finesse.
-et m. = **diminutif** : le coffret, le garçonnet.
-ette f. = **diminutif** : la starlette, la fillette
-ie (-rie) f. = **maladie** : la leucémie; **action** : la causerie.
-ière f. = **profession de femme** : une lavandière; **récipient** : une soupière.
-ine f. = **diminutif** : la bécassine, la tartine.
-is m. = **action, état (souvent péjoratif)** : le cliquetis, le fouillis.
-ise f. = **qualité, état, action** : la maîtrise, la prêtrise, la hantise.
-isme m. = **doctrine** : le socialisme; **maladie** : l'arthritisme.
-itude f. = **état, qualité** : l'exactitude.
-ment m. = **action** : un écrasement — **résultat de l'action** : un bâtiment.
-oir m. = **instrument** : le semoir.
-ose f. = **maladie** : la tuberculose.
(Masculins : mois du calendrier républicain (1793) : nivôse, pluviôse, ventôse.)
-ot m. = **diminutif** : un angelot.
-otte f. = **diminutif** : la menotte.
-ron (-eron) m. = **diminutif** : le moucheron.
-té f. = **qualité, état** : la saleté, l'émotivité.
-ure f. = **action, résultat** : la brûlure.

Genre des noms propres

11 **Noms de personnes : le genre suit le sexe :**

Jean est *grand*, Jeanne est *grande*.

12 **Noms de pays :**

Sont féminins : les noms de pays terminés par e :

la France; la Russie. **Mais** : le Caucase du Nord (U.R.S.S.); le Cambodge; le Mozambique; le Maine (État des U.S.A. et ancienne province française), le Mexique, le Tennessee (U.S.A.).

Sont généralement masculins les autres noms :

l'Angola, le Congo, le Ghana, le Nigéria, le Vietnam (mais on peut dire : la Nigéria).

N. B. — On dit naturellement (à cause du nom commun initial) : la Côte-d'Ivoire, la République centre-africaine; **et** : la Réunion.

13 **Noms de villes :**

Ils tendent à devenir masculins, du moins **dans le français parlé.**

New York est *étendu*. Marseille est *actif*.

On n'écrirait plus comme Pascal *(Pensées)* :

« Il y a des lieux où il faut appeler Paris Paris et d'autres où il *la* faut appeler capitale du royaume. »

Rome, Athènes, Sparte, Alexandrie, **du fait d'une longue tradition, resteront plutôt féminins** : Rome est *glorieuse*. **Mais, dans le sens**

spécial de : la ville avec son district, on dira : le Grand Rome, **comme :** le Grand Paris.

Les noms de ville qui comportant un article gardent le genre de l'article :

La Rochelle est encore *active*. Le Havre est *reconstruit* depuis 1950.

Si vous êtes embarrassé, vous pourrez toujours dire, par exemple : *La ville* de Rome est chargée d'histoire.

14 Noms de bateaux :

Suivez l'usage des marins eux-mêmes :

Navires de guerre et bateaux de pêche : ils prennent généralement le genre du nom qui les baptise :

Le « Jaguar », la « Jeanne d'Arc », la « Rose-Marie ».

Navires de commerce, transatlantiques — dites plutôt :

Le « France », le « Flandre[1] ».

Bien entendu, si le nom comporte un article, suivez le genre de cet article :

« La Belle Poule » fut *chargée* de rapporter en France la dépouille de Napoléon.

Mais vous pourrez toujours dire :

Le paquebot « France »; *l'aviso* « Meuse », etc.

15 Noms d'avions :

Formés d'un nom commun français, ils gardent le genre de ce nom si c'est un nom de véhicule : la Caravelle. **Mais :** le Concorde.

Formés d'un nom étranger, ou d'un symbole, ils sont du masculin :

Un Boeing; un DC4 — « L'Ilyouchine *polonais* qui devait emmener le chanteur... » (*Le Figaro* du 16 novembre 1963.)

15 bis Noms d'engins spatiaux :

Ils sont généralement du masculin :

Un Spoutnik — les *premiers* Surveyor — les *précédents* Luna (*Le Monde* du 5 février 1966.)

16 Noms d'automobiles :

Les voitures sont du féminin : une Jaguar; une Citroën; une 404.
Les camions sont du masculin : un Berliet; un Citroën.

Genre des noms composés

17 Formés de deux noms opposés : l'ensemble suit ordinairement le genre du premier nom :

Un chou-fleur, une pêche abricot.

1. Vous lirez aussi : « Voyagez sur *France* ». Mais cette construction n'est pas naturelle aux Français, qui, d'instinct, cherchent un article (voir n° 211).

18 **Composés d'un nom et d'un adjectif : l'ensemble suit le genre du nom :**

La chauve-*souris*; *le* jeune *homme*; *la* jeune *fille*. **Sauf** : *le rouge-gorge* **(oiseau).**

N. B. — On dit : la mi-temps **(football)**; la mi-carême, la mi-août; la mi-juin, **etc. Mais, dans ces mots, la valeur adjective de mi n'est plus perceptible.**

19 **Composés d'un verbe et d'un nom :**

a) noms de personnes : le sexe détermine le genre :

Le garde-barrière[1] **(si c'est un homme)**; la garde-barrière **(si c'est une femme).**

b) noms d'animaux : généralement masculins :

Le hoche-queue **(oiseau)**; le perce-oreille **(insecte).**

c) noms de choses : généralement masculins :

Le presse-purée; le porte-cigarettes; le garde-boue **Sauf** : la garde-robe. **Et vous direz :** la perce-neige **(fleur).**

20 **Composés de deux verbes : noms masculins :**

Le savoir-faire; un ouï-dire.

21 **Composés d'une préposition (ou d'un adverbe) et d'un nom :**

a) noms de personnes : le sexe détermine le genre :

Un sans-sou, une sans-sou; un sans-culotte **(révolutionnaire de 1792, qui portait le pantalon et non la culotte courte)**; un sans-cœur, une sans-cœur; un hors-la-loi, une hors-la-loi.

22 **b) noms de choses :**

1. Le composé prend généralement le genre du nom, si le premier élément a plutôt valeur d'adverbe que de préposition :

avant (= en avant) : un avant-poste; une avant-garde; une avant-cour.
contre (= en opposition) : un contrordre; une contre-proposition.
sous (= au-dessous) : un sous-produit; la sous-production.

23 **2. Le composé est le plus souvent masculin si le premier élément est une vraie préposition :**

à : un à-propos; un à-côté.
après : l'immédiat après-guerre.
en : un en-cas; un en-tête. **N. B. — :** *une* encaisse.
hors, hors de : un hors-bord; un hors-d'œuvre.
sans : le sans-façon, le sans-gêne.
Dites plutôt *un* après-midi; **mais** *une* après-midi **est correct et notez :** *une* avant-scène.

1. Où « garde » est sans doute une forme de *verbe*. Pour le pluriel, voir n° 59.

24 **Noms composés d'expressions figées, phrases ou parties de phrases, raccourcis : noms masculins.**

Ce n'est qu'*un on-dit*; il craint *le qu'en-dira-t-on*; *le sauve-qui-peut* fut affreux; avoir *un tête-à-tête* **(une entrevue particulière) avec quelqu'un**; *un pied-à-terre* est un petit logement, pour un bref séjour; *le va-et-vient* de ces camions me fatigue.

25 **S'il s'agit d'êtres humains, ici encore le sexe détermine le genre :**

Un couche-tard — un lève-tôt — une rien-du-tout[1] — un (ou une) ci-devant **(= naguère** aristocrate, **expression courante en 1792) — Remarquez :** un vaurien **(= qui ne vaut rien)**, une vaurienne.

CAS PARTICULIERS

26 **1. Noms dont le genre varie, suivant le nombre :**

amour : masculin au singulier ; — féminin, généralement, au pluriel (F.E.[2]), signifie alors : aspects (émouvants, cruels, etc.) de l'amour :

L'amour *filial* impose toujours le respect — Les amours de Musset et de George Sand furent *orageuses*.

délice : masculin au singulier ; féminin au pluriel (F.E.) :

Ce gâteau est *un délice* — On peut trouver de *singulières* délices dans la tristesse. **(Les deux termes n'ont pas tout à fait la même origine.)**

gent : féminin au singulier (signifie alors « peuple », « clan », souvent avec valeur péjorative) ; féminin ou masculin au pluriel (écrit gens**), suivant que l'adjectif précède immédiatement ou suit le nom :**

La gent *ailée* **(les oiseaux)** ; l'*odieuse* gent des bellicistes — Voilà de *curieuses* gens ; je connais *toutes* ces *curieuses* gens[3] — **Mais :** *tous* ces gens sont *étonnants*.

hymne (chant collectif en l'honneur de Dieu ou de la patrie) : féminin dans le premier cas, masculin dans le second :

Les hymnes *nationaux;* une hymne *sacrée* **(on dit plutôt en ce dernier sens :** un cantique).

orgue : masculin au singulier et s'il désigne plusieurs instruments ; féminin au pluriel, s'il a un sens noble :

Cette église a trois orgues *différents* — Sa femme tient le *petit* orgue; lui, tient les *grandes* orgues.

1. « C'est *une pas-grand-chose* avec *un rien-du-tout.* » (*La Fille de Madame Angot*, opérette célèbre.)
2. Rappelons que **F. E.** désignere le français écrit **littéraire.**
3. Mais on dit : *tous* ces braves gens, parce que l'adjectif *brave* n'a pas de forme distincte pour le féminin.

Pâques : écrit avec « s » : a) est masculin singulier s'il désigne la date de la fête; b) est féminin pluriel s'il désigne la fête elle-même, ou les actes de dévotion :

Nous nous reverrons à Pâques *prochain* — « *Joyeuses* Pâques! » — Faire de *bonnes* Pâques — On appelle Pâques *fleuries* la fête des Rameaux.

Écrit : Pâque, le nom est féminin singulier et désigne la fête solennelle et particulière, des juifs, des orthodoxes (parfois des catholiques) :

La Pâque *juive* dure sept jours — Rimsky-Korsakov a composé « *La Grande* Pâque russe ».

27 **2. Noms dont le genre varie, suivant le sens. (Les homonymes qui ne remontent pas à une même origine seront marqués du signe *.)**

Aide : Cet architecte a engagé *un bon aide*, et *une aide meilleure* encore. Tous deux lui apportent *une aide* précieuse.

Aigle : De jeunes agneaux peuvent être enlevés par *un aigle*... **(ou** *une aigle*). L'*aigle noir* de Prusse était une décoration militaire — *Les aigles impériales* ornaient les étendards des armées de Rome et de Napoléon.

Cartouche : Le nom du pharaon est gravé dans *un cartouche* **(= un encadrement)** — Avant de se rendre, les soldats brûlèrent *leurs dernières cartouches.*

Chèvre : *Le chèvre* est le fromage fait avec le lait de *la chèvre.*

Crêpe : Les hommes en deuil mettent *un crêpe noir* au revers de leur veston — Je vous ai fait *de bonnes crêpes*, avec de la farine et du lait.

Critique : Sainte-Beuve fut *un grand critique* littéraire — « *La critique* est aisée, et l'art est difficile. » (Destouches).

Enseigne : Un *enseigne de vaisseau* a le même grade qu'un lieutenant d'infanterie — L'épicier a suspendu *une belle enseigne* au-dessus de sa boutique.

Espace : Laissez *un espace* entre vos voitures — *Une espace* est une petite pièce de métal que le typographe place entre les mots.

***Foudre :** Cet homme n'est ni *un foudre de guerre* **(= un héros)** ni *un foudre d'éloquence* **(= un orateur prestigieux).**
**Un foudre* est aussi un vaste tonneau.
Le paratonnerre attire *la foudre.*

Garde : J'ai trouvé *un bon garde* pour assurer *la garde* de ma propriété — On paiera *une garde* pour surveiller la malade.

Greffe : Les pièces du procès sont déposées *au greffe* du tribunal — *La greffe* des arbres améliore les fruits.

Guide : Conduit par *un guide expérimenté*, vous ne vous égarerez pas — J'ai acheté *de bonnes guides* pour ma carriole.

***Livre** : Lisez *ce livre* — Achetez-moi *une livre* de sel.

Manche : *Le manche* de ma pioche est fendu — *La manche* droite de ce veston est trouée.

Manœuvre : *Un manœuvre* est moins payé qu'un ouvrier qualifié — Par *une fausse manœuvre*, il a jeté sa voiture sur un arbre.

Mémoire : *Les mémoires* de Chateaubriand sont intéressants (= **les souvenirs rédigés**) — Pour m'aider à retenir tous ces chiffres, faites-moi *un mémoire* (= **un exposé écrit**) : cela soulagera *ma mémoire*.

Mode : Avant d'utiliser cet instrument, lisez *le mode* d'emploi — *La mode* est aux jupes courtes, cette année.

***Moule** : Quel gâteau préparez-vous dans *ce moule* à pâtisserie? — Parmi les coquillages, je préfère l'huître à *la moule*.

***Mousse** : *Un mousse* est un apprenti marin ou un apprenti ouvrier — L'écorce de cet arbre est couverte d'*une mousse épaisse* — Sur certains liquides se forme *une mousse blanchâtre*.

Œuvre : Quel musée possède *tout l'œuvre gravé* de Rembrandt? (= **l'ensemble de ses estampes**) — « Elle n'avait pas l'idée de lire *l'œuvre entier* de cet homme. » (H. de Montherlant, *Le Démon du bien*) — *Le gros œuvre* de l'édifice est achevé (= **les gros murs**) — La Joconde est *une œuvre* fameuse.

Office : Il existe en France *un office national* de la main-d'œuvre — Déposez le sac de pommes de terre dans *la petite office*, près de la cuisinière.

***Ombre** : *Un ombre* est une variété de poisson — Ce chêne donne *une ombre épaisse*.

***Page** : Le jeune Ronsard fut *un des pages* du prince royal François — *Une page* de ce cahier est restée blanche.

Parallèle : « Quatorze raids ont été exécutés au-dessus du *17e parallèle*. » (*Télé-midi* du 8 février 1966.) — On a souvent établi *un parallèle* entre Corneille et Racine (= **une comparaison point par point**) — Le professeur de mathématiques trace *une parallèle à la droite* AB.

Pendule : *Le pendule* sert à régulariser le mouvement des horloges — Ne mettez pas *une pendule* Empire sur une cheminée Louis XV.

Physique : Dans certaines carrières *un beau physique* est avantageux — *La physique* est une science exacte.

***Poêle** : *Le poêle* n'a pas cédé partout la place au chauffage central — Aux obsèques du roi les cordons *du poêle* (= **drap noir qui recouvre le cercueil**) *étaient tenus par des princes* — Faites frire le poisson dans *une poêle*.

Solde : Payez tout de suite la moitié de cette somme, et vous paierez *le solde* dans trois mois — *La solde* d'un capitaine est supérieure à celle d'un lieutenant.

***Somme** : Je vais me reposer une demi-heure, en faisant *un somme* — *La somme* de vos dépenses atteint dix mille francs.

Statuaire : *Le statuaire* fait des statues; il pratique ainsi *la statuaire*, qui est un art.

***Tour** : Allons faire *un tour* en ville — *La tour Eiffel* date de 1889.

Trompette : *Le trompette* est un soldat qui sonne de *la trompette*[1].

Vapeur : *Un vapeur* est un bateau mû par *la vapeur*.

***Vase** : Mettez ces fleurs dans *un vase* — Au XIIe siècle les rues de Paris étaient couvertes d'*une vase épaisse*.

Voile : La jeune mariée couvre sa tête d'un *léger voile* blanc — Ce bateau marche *à la voile*.

28 **Noms sur le genre desquels les Français ne sont pas toujours d'accord.**
Il vous est conseillé de suivre la tendance aujourd'hui dominante :

Après-midi (la tendance est au masculin) : un après-midi ensoleillé.

Automne (même remarque) : un automne pluvieux.

Effluves (donné comme masculin par les dictionnaires; mais le féminin semble l'emporter) : des effluves printanières.

Entrecôte (décidément passé au féminin) : une savoureuse entrecôte.

Interview (f.) : une *interview intéressante* **(c'est le français** entrevue).

Orge (f.) : de *la belle orge*. (Orge mondé **(= nettoyé) et** orge perlé **sont des expressions techniques figées.)**

Palabres (plutôt f.) : après de *longues palabres*, on décida... **(= entretien, conversation) F.P. fam.**

Steppe (f.) : la steppe sibérienne.

Notez qu'on trouve encore (dans d'anciens noms de rues, par exemple) des termes dotés d'un genre archaïque : rue *de la Duché* — **cf. l'ancienne province** : la Franche-Comté.

Les expressions (F.P. fam.) : « c'est la belle âge » — « une grosse légume » **(= un important personnage) n'ont plus qu'un caractère de plaisanterie.**

1. Celui qui **joue** de la trompette (dans un orchestre) s'appelle un trompettiste (comme on dit clarinettiste, violoniste, etc.).

COMMENT FORMER LE FÉMININ DES NOMS

(êtres animés ; noms propres et noms communs)

29 **RÈGLE GÉNÉRALE : dans l'écriture on ajoute un e au masculin singulier ; dans le français parlé, les consonnes devenues intervocaliques se prononcent :**

-ais : un Anglais, *une Anglaise.*

-ain : un châtelain, *une châtelaine* **(mais :** un sacristain, *une sacristine,* **dans un couvent de religieuses)** — un copain, *une copine* **(F.P. pop.)**

-al : un rival, *une rivale.*

-an : un sultan, *une sultane* **(mais :** un paysan, *une paysanne*; Jean, *Jeanne*).

-and : un marchand, *une marchande.*

-er, -ier : un boucher **(prononcez** *é* fermé) [buʃe], *une bouchère* **(pron.** *è* ouvert) [buʃɛʀ] — un épicier, *une épicière.*

-in : un cousin, *une cousine.*

-is : un marquis, *une marquise.*

-ois : un bourgeois, *une bourgeoise.*

-ol : un Espagnol, *une Espagnole.*

Il en est de même de tous les noms d'êtres animés, formés de participes présents en -ant, ou passés en -é, -i, -u, -it, -ut, -is, -us :

Le commerçant, *la commerçante* — faire l'étonné, faire *l'étonnée* — la liste des reçus, la liste *des reçues* — le proscrit, *la proscrite* — le reclus, *la recluse.* **Mais :** le favori **(qui fut jadis participe) a pour féminin** *la favorite.*

Rem. Salaud, **F.P. très vulg., écrit parfois, chez Sartre p. ex.,** salop, **a pour féminin** salope — Saligaud, **de même radical (= sale) et un peu moins vulgaire, n'a pas de féminin.**

PARTICULARITÉS IMPORTANTES :

30 **Noms en -en, -on[1] : redoublent l'n, et la voyelle précédente perd sa nasalité :** le pharmacien, la pharmacienne [fɑʀmasjɛ̃, fɑʀmasjɛn] — un baron, une baronne [bɑʀɔ̃, bɑʀɔn]. **(Pour les noms en -an, voir ci-dessus, n° 29.)**

-el, -eau : Marcel, Marcelle — le jumeau, la jumelle.

en **-at, -et, -ot :** le chat, la chatte — le cadet, la cadette — un sot, une sotte.

1. Pour Lapon, Letton, Nippon, vous pouvez écrire, comme font d'excellents écrivains : une Laponne, une Lettonne, une Nipponne — A démon donnez pour féminin... un démon (v. n° 38).

Mais : un soldat, une soldate (**Armée du Salut**[1]) — un avocat, une avocate — un candidat, une candidate — un bigot, une bigote — un dévot, une dévote — un huguenot, une huguenote — un idiot, une idiote — un manchot, une manchote — un mendigot (**F.P. pop.**), une mendigote — un nabot, une nabote.

La préfète, la sous-préfète **désignent (plutôt plaisamment) l'épouse du préfet, du sous-préfet,** comme la maréchale, la générale, la colonelle **désignent (sérieusement) l'épouse du maréchal, du général, du colonel.**

31 **Noms en -eur (à l'exclusion de certains noms en -teur) : donnent -euse :**

Un danseur, *une danseuse* — un nageur, *une nageuse*. **Sauf :** un pécheur (**celui qui commet des péchés**), *une pécheresse* — (**mais :** un pêcheur, *une pêcheuse*) — un enchanteur, *une enchanteresse* — le demandeur, *la demanderesse*, le défendeur, *la défenderesse*, **termes juridiques** — le supérieur (**d'un collège religieux**), *la supérieure* — le prieur (= **le premier d'un couvent**), *la prieure* — un mineur (**âgé de moins de vingt et un ans**), *une mineure*.

Noms en -teur : donnent -trice :

Un instituteur, *une institutrice* — un directeur, *une directrice* — un préparateur, *une préparatrice*.

Mais les noms français provenant de verbes en -ter donnent -teuse :

Un porteur (de porter), *une porteuse* — un flatteur, *une flatteuse* — un ergoteur, *une ergoteuse*. **On dit aussi** : un menteur, *une menteuse* (**v. n°s 79-80**).

Chanteur a deux féminins : *une chanteuse*, **au sens « ordinaire »**, — *une cantatrice*, **au sens « noble ». Mais, bien entendu,** *cantatrice* **tend à s'imposer dans tous les cas!**

Le docteur[2] **fait au féminin, très couramment :** *la doctoresse*. **Sauf dans l'énoncé des titres: les cartes de visite, par exemple, porteront :** « Docteur Henriette Dupont. » — **De même, pour une avocate :** « Claire Martin, avocat à la Cour. » — **Et l'on dira :** Maître Claire Martin.

32 **Noms en -f donnent -ve :** Un veuf, *une veuve* — un Juif, *une Juive*[3].

en -x donnent -se (pron.-ze) : Un époux, *une épouse* (**mais :** un roux, *une rousse*).

pour les noms en -c (Grec, Turc, laïc), **voir n° 71.**

Hébreu, comme nom, n'a pas de féminin (v. n° 69). Dites : une Juive, ou une Israélite (*Israélienne* **est un terme de nationalité moderne**).

1. Comme on dit : une officière de l'Armée du Salut.
2. Au sens de docteur en médecine — mais on dira : ma fille est docteur ès lettres, ès sciences — *médecin* n'a pas de féminin.
3. En fait, *veuf* est tiré de *veuve*, *juif* de *juive*.

33 Féminins en -esse (noms de personnes et d'animaux) :

Un abbé, *une abbesse* — un âne, *une ânesse* — un bonze, *une bonzesse* — un chanoine, *une chanoinesse* — un comte, *une comtesse* (un vicomte, *une vicomtesse*) — un devin, *une devineresse* — un diable, *une diablesse* — un dieu, *une déesse* — un duc, *une duchesse* (un archiduc, *une archiduchesse*[1]) — un hôte **(celui qui accueille ou qui est accueilli)**, *une hôtesse* **(seulement dans le sens de :** celle qui **accueille,** qui **donne** l'hospitalité) — un ivrogne, *une ivrognesse* — un maître, *une maîtresse* — un mulâtre, *une mulâtresse* — un nègre[2], *une négresse* — un ogre, *une ogresse* — un pauvre, *une pauvresse* — un poète, *une poétesse* — un prêtre, *une prêtresse* — un prince, *une princesse* — un prophète, *une prophétesse* — un Suisse, *une Suissesse* **(seulement comme nom. On dira donc :** une jeune fille suisse, **adj.)** — un tigre, *une tigresse* — un traître, *une traîtresse* **(plutôt adjectif). Pour doctoresse, voir n° 31.**

Le tsar **donne au féminin** *la tsarine* — le speaker **(pron. spikeur) donne** *la speakerine*[3].

Autres formes du féminin

34 a) Noms de parenté :

Le beau-fils, *la belle-fille* — le beau-frère, *la belle-sœur* — le beau-père, *la belle-mère* — l'époux, *l'épouse* — le frère, *la sœur* — le gendre, *la bru* **(ou plutôt** *la belle-fille*) — le grand-père, *la grand-mère* — le mari, *la femme* — le neveu, *la nièce* — l'oncle, *la tante* — le papa, *la maman* — le père, *la mère* — le petit-fils, *la petite-fille*.

35 b) Noms divers de personnes et d'animaux (formant généralement des couples) : Quand il s'agit d'animaux, l'expression particulière du féminin s'explique souvent par l'intérêt que présente la femelle pour l'éleveur :

Le bélier, *la brebis* — le bœuf, *la vache* — le bouc, *la chèvre* — le canard, *la cane* — le cerf, *la biche* — le compagnon, *la compagne* — le copain **F.P. fam.**, *la copine* **F.P. fam.** — le coq, *la poule* — le dindon, *la dinde* — l'empereur, *l'impératrice* — l'étalon, *la jument* — le garçon (le gars[4]), *la fille* (*la garce* **F.P. pop. n'a qu'un sens péjoratif : fille méchante**) — l'homme, *la femme* — le jars[5], *l'oie* — le jeune homme, *la jeune fille* — le lièvre, *la hase* — le loup, *la louve* — le mâle, *la femelle* — monsieur, *madame* — le mulet, *la mule* — le roi, *la reine* — le sanglier, *la laie* — le serviteur, *la servante* — le singe, *la guenon* — le taureau, *la génisse* — le verrat, *la truie* — le vieux, *la vieille*.

1. Devineresse, déesse, duchesse, archiduchesse sont de formation plus complexe.
2. On dit plutôt : un Noir, une Noire, ou, si possible, un Africain, une Africaine.
3. Ces termes ont pour concurrents : présentateur, présentatrice.
4. Pron. le *gâ*
5. Pron. le *jar*.

36 Noms de personnes s'appliquant aux deux sexes (forme unique pour le masculin et le féminin, article différencié) :

Un adversaire, *une adversaire* — un aide diplômé, *une aide* diplômée — un artiste, *une artiste* — un camarade, *une camarade* — un collègue, *une collègue* — un complice, *une complice* — un concierge, *une concierge* — un dentiste, *une dentiste* — un élève, *une élève* — un enfant, *une enfant* — un esclave, *une esclave* — un garde, *une garde* — un locataire, *une locataire* — un novice, *une novice* (= **qui vient de prendre l'habit de moine ou de religieuse**) — un partenaire, *une partenaire* — un patriote, *une patriote* — un pensionnaire, *une pensionnaire* — un propriétaire, *une propriétaire* — un pupille, *une pupille* — un touriste, *une touriste* (**et les noms propres de nationalités, si le masculin est en** *-e* : un Belge, *une Belge* — un Russe, *une Russe*, etc. Les noms de musiciens en *-iste* : un pianiste, *une pianiste*, etc.)

N. B. — : Ange est parfois employé au féminin s'il désigne une femme (H. de Montherlant, *Les Jeunes Filles*, **passim**). — *Souillon* **est masculin ou féminin** : ce garçon, quel petit *souillon!* — cette fille est *une souillon* (**ou** *un souillon*) — *Laideron* **qui s'applique toujours à une femme reste plutôt au masculin** : cette femme, *quel laideron!*

37 Noms de personnes, de genre uniquement masculin, mais qui désignent aussi des femmes (ce sont notamment des termes administratifs) :

Ambassadeur[1] — *auditeur* au Conseil d'État (**mais** *auditrice* d'un concert) — *auteur* — *avocat*[2] (**v. n° 31**) — *chauffeur* (de taxi) — *chef* (de service) — *censeur* (de lycée : **celui ou celle qui surveille la discipline générale**) — *conseiller* (d'État, à la Cour) — *conservateur* (dans un musée, une bibliothèque) — *député* — *docteur* (**v. n° 31**) — *écrivain* — *graveur* — *juge* — *magistrat* — *maire* (la *mairesse*, la *notairesse* **désignent, de façon plaisante,** l'*épouse* du maire, du notaire [**v. n° 30**]) — *mannequin* (**ne s'applique guère qu'aux femmes, dans un atelier de couture**) — *ministre* — *modèle* (d'atelier de peinture) — *peintre* — *procureur de la République* — *professeur* — *sculpteur* — *témoin*, etc.

On dira donc : Elle est faite comme *un modèle* — Mme Durand est *le professeur* de ma fille — Mlle Lambert est *le seul témoin* de l'accident.

On peut d'ailleurs ajouter le nom « femme » **aux termes ci-dessus** : *une femme auteur, un professeur femme*. **On dit** *un* **ou** *une contralto, un* **ou** *une soprano*.

1. *Ambassadrice* tend à se répandre dans la langue courante.
2. On distinguera : « Je m'adresserai à une avocate plutôt qu'à un avocat. » Mais on dira volontiers : « Mme Martin est *un bon avocat.* »

38 **Beaucoup de termes masculins (généralemant péjorstifs) peuvant d'silleurs être sppliqués à des femmes, surtout si on facilite cet emploi par un adjectif comme :** « vrai », « véritable » :

Cette femme est *un vrai tyran, un véritable bourreau, un petit démon,* etc.

Et l'homme peut dire à ss femme F.P. fam. :

« *Mon chéri, mon petit chat* », **etc.**

Inversement, des noms féminins peuvsnt s'appliquer à des hommes, soit par mépris F.P. fam. :

Cet homme est *une oie*; *cette commère* de Marcel;

soit psr amitié F.P. fam. : « Comment vas-tu, *ma vieille*? »;

soit psrce que le nom n'a que ce genre :

Il a été la dupe, la victime de son imagination — M. Leclerc est une vedette de cinéma — Ce garçon est une canaille, une fripouille.

39 **Enfin, certains noms da personnes, de genre uniquamant féminin, désignent seulement des hommes (vocabulaire militaire) :**

Une sentinelle — une vigie (= **sentinelle**) — une vedette (= **sentinelle**[1]) — une recrue — une estafette.

39 bis **De nombreux noms d'animsux n'ont qu'une forme pour le mâle et pour la femelle (articla non différencié) :** *la souris, le zèbre,* **eto. On dira donc :** la souris mâle, la souris femelle.

LE NOMBRE DANS LES NOMS : LE SINGULIER ET LE PLURIEL

Le nombre dans les noms communs

40 **RÈGLE GÉNÉRALE : Le pluriel des noms communs sa marque, en général, dans l'écriture, psr l'addition d'un s final :** (un) livre, (des) livres.

On ne prononca pas cet s, seuf dsns les cas de « liaison », où il a la vsleur d'un Z :

Garçons et filles étaient là.

41 **Si le nom, au singulier, est terminé par** s, x, z, **il reste** tel **au pluriel :**

Le bois, *les bois* — la voix, *les voix* — le nez, *les nez.*

1. En ce sens le nom est tombé en désuétude. Il ne s'applique plus guère qu'aux artistes en renom, en vue, en vedette, et désigne alors aussi bien les femmes que les hommes.

Pluriel des noms terminés en -l, ou -eau, -eu, -ou (tous masculins)

42 **a) Noms en -al. Ils forment leur pluriel en -aux :**

Le cheval, *les chevaux*[1] [ʃəvo.] — l'idéal, *les idéaux*[2].

Une douzaine de noms en -al, dont certains sont entrés plus tard dans la langue, ont un pluriel en -s :

Le bal, *les bals* — le cal, *les cals* — le carnaval, *les carnavals* — le cérémonial, *les cérémonials* — le chacal, *les chacals* — le choral, *les chorals* — le festival, *les festivals* — le narval, *les narvals* **(sorte de cétacés)** — le pal, *les pals* **(rare au pluriel)** — le récital, *les récitals* — le régal, *les régals*.

Évitez d'employer « val » **au pluriel, sauf dans l'expression figée :** galoper par monts et *par vaux*, **et dans les noms propres** (Les Vaux-de-Cernay — Vaux-le-Vicomte); **dites plutôt :** les vallées — **Dites et écrivez de préférence :** l'étal, *les étals* **(= table de travail des bouchers) pour éviter la confusion avec le pluriel de** étau **(instrument qui maintient immobile l'objet qu'on veut limer). Et notez, en architecture,** le matériau **(pierre, bois, fer), terme technique qui sert de singulier à** matériaux — **enfin, dans la langue ancienne de le cavalerie :** un chevau-léger, des chevau-légers.

43 **b) Noms en -ail. On les a prononcés, un certain temps, comme les noms en -al. C'est pourquoi quelques-uns d'entre eux ont gsrdé un pluriel en -aux :**

Le bail, *les baux* — le corail, *les coraux* — l'émail, *les émaux* — le soupirail, *les soupiraux* — le travail, *les travaux*[3] — le vantail, *les vantaux* **(= doubles battants d'une porte, d'une fenêtre)** — le vitrail, *les vitraux*.

Les autres noms en -ail, forment leur pluriel en -s ; par ex. : les chandails, les éventails, les rails.

N. B. — : le bétail **est un collectif (v. n° 5) sans pluriel. L'expression :** les bestiaux **(= les animaux de gros bétail) n'a pas, elle, de singulier**[4].

44 **c) Noms en -au, -eau : pluriel -aux, -eaux :**

Le tuyau, *les tuyaux* — le chapeau, *les chapeaux* — **Seuf :** le landau, *les landaus*; le sarrau, *les sarraus* (sarraux **se lit chez quelques écrivains contemporains).**

1. Anciennement **chevals,** devenu **chevaus** et écrit dans les manuscrits du Moyen Age chevax (x = signe abréviatif pour *us*). L'*u* a été rétabli, mais on a bizarrement gardé l'*x* final. C'est là l'origine des pluriels en *x*.
2. Plutôt que **idéals.**
3. Le pluriel travails (= machines maintenant les chevaux qu'on ferre) est très rare.
4. De même le matériel est un collectif, sans pluriel. L'expression les matériaux n'a que le singulier matériau, au sens de : matière de construction.

d) Noms en -eu : pluriel -eux :

Le cheveu, *les cheveux* — le jeu, *les jeux*. **Sauf :** le bleu, *les bleus* **(combinaisons portées par les mécaniciens, ou marques bleues produites par des chocs sur la peau)** — le pneu, *les pneus*.

e) Noms en -ou : pluriel -ous :

Le clou, *les clous* — le trou, *les trous*... **Sauf sept noms :** le bijou, *les bijoux* — le caillou, *les cailloux* — le chou, *les choux* — le genou, *les genoux* — le hibou, *les hiboux* — le joujou, *les joujoux* — le pou, *les poux*.

Pluriels doubles

45 Aïeul **fait** *aïeuls* **si le mot désigne les grands-parents :** Mes quatre aïeuls[1] vivent encore **(forme rare).** Aïeux **ne désigne que les** *ancêtres lointains* **: Qui sert bien son pays n'a pas besoin d'aïeux** (Voltaire, *Mérope*).

Ciel **fait** *cieux*, **sauf dans l'expression (rare aujourd'hui)** les ciels de lit **(sortes de dais au-dessus des lits) et au sens de** *peintures* **représentant le ciel :** « Aimez-vous les *ciels* de ce peintre? » **ou de :** *aspects* **du ciel :** Les poètes ont chanté *les beaux ciels* de l'Italie.

Œil **fait** *yeux*[2] : Ses ennemis ne lui ont laissé que *les yeux* pour pleurer. **Sauf dans les expressions :** des œils-de-perdrix **(douloureuses excroissances entre les doigts de pied)** — des œils-de-bœuf **(fenêtres rondes dans les frontons, les tourelles)** — **et :** des œils-de-chat **(pierres précieuses).**

Pluriel des noms d'origine étrangère

46 Ici, l'usage est parfois hésitant. Nous vous conseillons de suivre, autant que possible, la règle générale des pluriels français, et d'écrire tout bonnement :

Des *accessits*, des *barmans* **(le mot n'est plus senti comme anglais)**, des *concertos*, des *contraltos*, des *déficits*, des *extras* **(domestiques engagés exceptionnellement, pour un dîner, par exemple)**, des *forums*, des *intérims*, des *lieds*, des *matchs*, des *maximums* (et des *minimums*), des *mémentos*, des *mercantis*, des *récépissés*, des *référendums*, des *sanatoriums*, des *scénarios*, des *solos*, des *sopranos* **(et :** des *visas*, des *vivats*).

En revanche, les gentlemen, les policemen **tiennent bon : le caractère étranger de ces mots est toujours sensible; de même** les errata **et** les duplicata, **qui appartiennent, le premier uniquement**

1. Et de même les bisaïeuls, les trisaïeuls.
2. La liaison les yeux a donné naissance, dans le F. P. pop., à un pluriel prononcé zieu : Je lui dirai ça entre quatre (z) yeux (en tête à tête) — une femme à [z] yeux bleus — cf. aussi le verbe pop. zieuter (= regarder). Même origine du z dans l'expression pop. quatre [z] officiers (chanson de « Malbrough »).

au français écrit, le second à la langue administrative; condottiere **fait toujours** condottieri; **et les noms latins ou grecs de la liturgie catholique gardent encore leur forme invariable :** des ave, des credo, des amen, des kyrie.
Pour macaroni, **l'usage est plutôt de dire en toute circonstance :** le macaroni — **Écrivez :** un confetti, des *confetti*. **Mais** confettis **n'est pas sans exemple.**

Pluriel ayant une valeur particulière

47 **a) Une valeur concrète :**

Les noms de matière (cuivre, or, per ex.) prennent au pluriel le sens de : objets, ornements en cuivre, en or :

La bonne fera *les cuivres* de la cuisine — Dans cette réception, *les ors* des uniformes jetaient un vif éclat.

Le blé, le foin, le raisin désignent un produit de la terre, au sens général. Mais on dira, dans un sens plus concret :

Ces blés sont mûrs — Rentrons *nos foins* avant l'orage — Voyez *ces raisins* dorés.

En outre, beaucoup de noms abstraits expriment, au pluriel, des actions, ou des œuvres :

Votre bonté est bien connue; *toutes vos bontés* m'ont touché — Que préférez-vous, la peinture ou la sculpture? Ce musée est riche de *peintures* et de *sculptures modernes*.

Ajoutons que certains pluriels ont une valeur augmentative ou poétique :

Notre Père, qui es *aux cieux*...
La fleur fut emportée dans *les airs*.
Cela coûte *des prix fous*, il dépense *des argents* fous **(cité par** M. Cressot, *Le style et ses techniques*).
Moustaches **(au pluriel) prend parfois un sens emphatique ou légèrement comique :** *Les moustaches* donnaient un air terrible au brave douanier.

48 **b) Un sens différent du singulier :**

Les *Assises* de la Seine ont sévèrement condamné le malfaiteur — Ce mur a *une assise* solide **(= une base solide)** — *Le ciseau* est un outil de métal, qui sert à tailler le bois ou la pierre — *Les ciseaux* de la couturière coupent l'étoffe — La foudre peut avoir *un effet* curieux — Mettez *vos effets* dans la malle — Ma présence à vos côtés est *un gage* **(= une garantie)** de notre accord — *Les gages* **(= le salaire)** des domestiques **(ou gens de maison)** sont plus élevés à Paris qu'en province — *La lumière* de cette lampe est faible — Aidez-moi de *vos lumières* pour que je comprenne ce texte — *La lunette* permet d'observer les astres — *Les lunettes* corrigent la vue — Zola a raconté l'histoire d'*une noce* perdue dans les salles du Louvre.

Les noces d'argent se célèbrent au bout de 25 ans de mariage, *les noces* d'or au bout de 50 ans — *La vacance* de ce poste vous permet d'y poser votre candidature — En été les écoliers ont *de longues vacances.*

Caleçon, pantalon **(et naguère,** lorgnon) **s'emploient, sans changement de sens, au singulier ou au pluriel. Employez plutôt le singulier** : un caleçon de nylon, un pantalon de tergal.

49 Noms sans singulier

Noter en particulier :

Les agrès (m.); *les annales* (f.); *les archives* (f.); *les armoiries* (f.); *les arrhes* (f.); *les entrailles* (f.); *les épousailles* (f.); *les fiançailles* (f.); *les frais* (m.); *les funérailles* (f.); *les mœurs* (f.); *les munitions* (f.); *les obsèques* (f.); *les préliminaires* (m.) (de paix); *les ténèbres*[1] (f.); *les victuailles* (f.); *les vivres* (m.). **Mais on dit :** le vivre et le couvert **(= la nourriture et le logement).**

50 Noms sans pluriel

Certains noms abstraits, par exemple :

La foi **(bien que Michelet, par exemple, ait écrit :** « guerre de deux dogmes et de deux *fois*[2]. » **Mais l'équivoque avec** « une fois » **est gênante** — *la grandeur d'âme* — *la paix* — *la patience*, etc.

N'ont pas de pluriel non plus, en général, les mots « invariables[3] **» employés comme noms. Pourtant Verlaine a pu écrire :**

« Si *ces hiers* allaient manger *nos beaux demains*? » (*Sagesse.*)

50 bis **Les nombres cardinaux appelés parfois noms de nombre ne prennent pas la marque du pluriel, sauf vingt et cent multipliés :** quatre-vingts — les Quinze-vingts — deux cents. **(N. B. — Il est toléré d'écrire** : quatre-vingts mille, deux cents un.)

Pluriel des noms propres[4]

51 **Ici encore, l'usage est assez incertain. Nous vous conseillons, en règle générale, de laisser invariables les noms propres, et d'écrire :**

Les Martin, les Durand, les Bonaparte, les Hohenzollern, les Borgia, les Corneille, les Hugo — Achetez-moi *deux* « *Figaro* » **(= journaux)** — Je possède *deux Peugeot* **(= automobiles),** *trois Manet* **(tableaux du peintre Manet)** — *Les Luna, les Surveyor* furent les premiers engins destinés à se poser sur la lune.

1. Mais le singulier a été assez fréquent du XIIIe au XVIe siècle. Et l'on trouve encore : « Chasse de moi *la double ténèbre* dans laquelle je suis né » (A. D. Sertillanges, traduction de *La Prière de saint Thomas avant l'étude*), et « *Aucune ténèbre* ne recouvrait la terre » (F. Mauriac cité par M. Grevisse).
2. *Les Femmes de la Révolution* (préface).
3. Adverbes, prépositions, conjonctions, interjections.
4. Lecteurs de langue anglaise, allemande, espagnole, attention!

Toutefois écrivez : *les Tarquins, les Césars, les Antonins, les Bourbons, les Tudors,* **et, s'il s'agit de personnages comparables à tel homme célèbre :** *Les Molières* sont rares aujourd'hui. — **On écrit :** — *Médicis,* **au singulier comme au pluriel**[1]**; et, s'il s'agit d'***œuvres* **représentant** Apollon, Diane... : des *Apollons,* des *Dianes.*

Enfin, à propos de géographie, écrivez : *les trois Amériques — les deux Carolines — les trois Guyanes.* — **Noté dans** *Le Monde* du 13 novembre 1965 : « Ce sont deux *Frances* qui sont aux prises. » **Mais les noms de villes resteront plutôt invariables :** Les U.S.A. comptent *trois Moscou.*

Pluriel des noms composés

52 **Écrits en un seul mot : pluriel normal :** le pourboire, *les pourboires* — le portemanteau, *les portemanteaux.*

Notez aussi :

Monsieur, *Messieurs* — Madame, *Mesdames* — Mademoiselle, *Mesdemoiselles* — *Monseigneur* l'Évêque, *Nosseigneurs* les Évêques. (*Messeigneurs* **est aujourd'hui une expression plaisante, qu'on entend parfois dans les cabarets de chensonniers.)**

le bonhomme, *les bonshommes* (**pron.** bonzom) — le gentilhomme (**pron.** genti-yom), *les gentilshommes* (**pron.** genti-zom).

53 **Formés de mots séparés :**

a) Nom et adjectif qualificatif : les deux termes varient.

Le coffre-fort, *les coffres-forts* — la carte postale, *les cartes postales.*

avec l'adjectif placé en tête : le blanc-seing, *les blancs-seings* (**papiers signés d'avance, « en blanc »**) — le haut fourneau, *les hauts fourneaux.*

On écrit : les haut-parleurs, **parce que** haut **a ici une valeur d'adverbe : des appareils qui « parlent haut » ; et** des demi-heures, des demi-mesures, des mi-carêmes.

On peut écrire : les grands-mères, les grands-tantes, **aussi légitimement, semble-t-il, que :** les grand-mères, les grand-tantes — **Et, bien entendu, on écrira :** les grands-pères.

54 **b) Deux noms apposés : les deux termes varient.**

Le bateau-mouche, *les bateaux-mouches* — le chou-fleur, *les choux-fleurs.*

Toutefois, dans des composés récents où est encore vive l'idée de comparaison, on écrit : des arguments massue — des pêches abricot.

1. En prononçant l'**s** (dur).

55 **c) Deux noms, dont le second est complément du premier[1] : le premier, seul, varie :**

Le chef de gare, *les chefs de gare* — l'arc-en-ciel, *les arcs-en-ciel*[2] — le sac à main, *les sacs à main* — le croc-en-jambe, *les crocs-en-jambe* — le ver à soie, *les vers à soie* — le timbre-poste, *les timbres-poste.*

Mais on pourra écrire, indifféremment : des habits *d'homme*, ou d'*hommes* (*de femme* ou *de femmes*).

56 **d) Deux adjectifs : les deux termes varient :**

Le sourd-muet, *les sourds-muets* — le clair-obscur, *les clairs-obscurs*[3] **de Rembrandt.**

57 **Pour les noms de couleur composés, on distingue deux cas : ou bien les deux termes sont tirés d'adjectifs de couleur (ou de nuance) : alors ils varient tous deux en général (cas de 53 a) :**

Les bleus clairs, les bruns foncés; **et même :** les bleus verts.

Ou bien le deuxième terme est un nom, servant de comparaison : le premier terme seul varie :

Les rouges brique, les verts d'eau.

(Usage différent pour les adjectifs de couleur composés, voir n° 160.)

58 **Dans les noms formés d'un participe passé précédé de nouveau, premier, dernier** (nouveau-venu, premier-né, etc.), **le plus simple est de suivre l'exemple de bons écrivains comme** Colette[4], **en faisant toujours varier les deux termes :**

Les nouveaux-venus, les premiers-nés, les nouveaux-mariés; **donc aussi** les nouveaux-nés[5] **(v. n° 158).**

59 **e) Un verbe et un nom, complément d'objet du verbe.**

Si ce nom est déjà au pluriel, pas de problème : le nom composé garde la même forme : le compte-gouttes, *les compte-gouttes.*

Si le nom complément est au singulier :

1. il désigne des choses qui peuvent être dénombrées. Alors, en général, il varie :

Un cure-dent, *des cure-dents* — un tire-bouchon, *des tire-bouchons* — un garde-magasin, *des garde-magasins*[6].

1. Et non, comme dans pied-à-terre, coq-à-l'âne, complément d'un verbe sous-entendu, voir n° 61.
2. On ne prononce pas l'**s** de arcs, ni l'**s** de sacs, ni l'**s** de crocs, ni l'**s** de vers — De même, dites, plutôt : **les rayon (s) X.**
3 On ne prononce pas l'**s** de clairs.
4. Citée par M. Grevisse (*Le Bon Usage*).
5. Rien ne vous empêche, bien sûr, de suivre le conseil des grammaires et des dictionnaires qui recommandent d'écrire : les nouveau-nés, parce que nouveau a valeur d'adverbe (= nouvellement). Mais l'argument devrait s'appliquer aussi à : nouveaux-mariés (admis par les grammaires) et à premiers-nés. En fait, les Français ont de plus en plus conscience que « nouveau » a ici la valeur d'un qualificatif — Le choix de Colette est donc justifié; et vous direz, bien entendu : les nouvelles-mariées, les nouvelles-nées.
6. Comme le conseille Littré, il vaut mieux laisser toujours **garde** invariable (c'est un verbe), que la fonction s'applique à des personnes (des garde-barrières) ou à des choses (des garde-robes).

Cependant les dictionnaires donnent comme invariables : les coupe-file, **et les noms composés avec le verbe porter :** les porte-plume.

2. il désigne soit une idée abstraite, soit une matière qui n'est pas nombrable. L'ensemble reste invariable :

Un abat-jour, *des abat-jour* — un faire-part, *des faire-part* — un traîne-misère **(= malheureux vagabond),** *des traîne-misère* — un cache-poussière **(sorte de manteau léger),** *des cache-poussière.*

60 **f) Un mot invariable et un nom : ce nom varie généralement, dans les cas prévus au n° 22 :**

Un avant-poste, *des avant-postes* — une contre-allée, *des contre-allées.*

Mais on écrit : des sans-façon, des sans-gêne, des sans-souci, des sans-soin, des hors-d'œuvre, des sous-main, des après-midi. **Si le nom est composé d'un adverbe et d'un participe, ce dernier varie, bien entendu :** un tard-venu, *des tard-venus* — un non-combattant, *des non-combattants.*

61 **g) Une expression figée : phrase ou partie de phrase, raccourci, mot invariable : ne varient pas :**

Des pied-à-terre — des tête-à-tête — des va-et-vient — des ouï-dire — des laissez-passer — des on-dit — des oui et des non, **etc. — Mais on écrit :** des vauriens.

FORMATION DE NOMS NOUVEAUX DANS LE FRANÇAIS D'AUJOURD'HUI[1]

Par suffixes

62 **Voici les suffixes les plus vivants (= les plus « formateurs[2] »).**

A) En particulier dans les langues techniques :

-age m. (action) : le téléguidage — le bruitage.
-aire m. (profession) : le disquaire.
-aste m. (profession) : le cinéaste — le téléaste.
-at m. (collectif social ou fonction) : l'assistanat.
-ation -isation -fication f. (action) : — la motorisation — la plastification.
-ateur m. -atrice f. (agent) : un réalisateur; **(machine) :** une excavatrice.

1. A l'exclusion des emprunts étrangers.
2. V. J. Dubois, L. Guilbert, H. Mitterand, J. Pignon, dans *Le Français moderne,* 1960.

-bus m. (automobile collective et publique) : un bibliobus, un trolleybus.
-crate m. -cratie f. (puissance) : un technocrate, la technocratie.
-eur m. -euse f. (profession) : un bruiteur; **(appareil)** : un attendrisseur.
-ette f. (diminutif) : une starlette, une cosmonette.
-graphe (instrument) : un oscillographe.
-graphie (action, résultat, science) : une radiographie.
-ie (maladie) : la leucémie.
-ien (-éen) m. -ienne (-éenne) f. (profession) : une esthéticienne; **(habitant ou participant)** : un Malien, un Ghanéen, un Onusien **(membre ou soldat de l'ONU** — *Paris-Match* du 3 juin 1967).
-ique f. (science ou technique) : l'électronique, l'informatique.
-isme m. (action ou propagande, politique ou sociale — résultat de cette action) : le colonialisme, le jusqu'auboutisme **(F.P. fam.)** — **(attitude, comportement)** : l'abstentionnisme, le confusionnisme.
-iste m. ou f. (celui, celle qui se livre à ces actions, à ces comportements) : un colonialiste, un abstentionniste; **(profession)** : un documentaliste, un maquettiste.
-isant m. -isante f. (qui a des complaisances pour un groupe politique, surtout adjectif) : les communisants, les gaullisants.
-ite f. (maladie) : la poliomyélite.
-ité f. : l'émotivité.
-logie f. -logue m. (science — savant qui pratique cette science) : la spéléologie — le spéléologue.
-ment m. (action, état) : l'apparentement.
-ose f. (maladie) : la myxomatose.
-phone m. -phonie f. (instrument, action) : un magnétophone — la stéréophonie.
-scope m. -scopie f. (instrument, action, résultat) : le cinémascope — la radioscopie.

B) Dans le français parlé, souvent populaire, ou vulgaire :

63 **-ade f. (action ou résultat)** : une attrapade.
-ard m. (professionnel de, familier de) : un motard, un pistard **(cyclisme)** — un comitard **(qui ne sait que fréquenter les comités politiques).**
-rie f. (action, résultat) : une vacherie.
-is m. (action ou état confus) : le bafouillis, le cafouillis, le barbouillis.

Par préfixes

64 **Voici les préfixes les plus vivants aujourd'hui (les préfixes grecs dominent) :**

a- (privatif) : l'apesanteur **(f.)** — **On a même écrit plaisamment :** l'alittérature.

aéro- (qui concerne l'air ou l'aviation) : un aéroport, un aéro-club.
anti- ou **contre** (opposition) : un antigel, l'antialcoolisme (m) — le contre-terrorisme.
auto- (qui agit da soi-même) : l'autodétermination (f.), un auto-vaccin.
(concernant l'automobile) : un autorail, une autoroute, l'autostop (m.).
bi-, tri-, quadri- (multiplicité) : un quadriréacteur.
cosmo- (qui concerne le « cosmos ») : un cosmonaute.
dé- ou **des-** (action ou agent qui détruisent) : la déchristianisation, la désintoxication.
demi- (qui concerne la moitié) : une demi-mesure.
électro- (qui concerna l'électricité) : un électrochoc, un électrocardiogramme.
géo- (qui concerne la terre) : la géophysique.
hélico- héli- (qui concerne l'hélice) : un hélicoptère, un héliport.
hyper- (qui surpasse, ou dépasse) : l'hyperémotivité (f.).
super- : une superproduction.
sur- : une surproduction.
hypo- (qui reste inférieur) : l'hypotension (f.).
aous- : une sous-production, la sous-alimentation.
in- im- (absence de) : l'impréparation (f.).
inter- (placé entre) : un intertitre (titre secondaire, placé au milieu d'un texte par un autre que l'auteur).
mal- (eccompagne de nombreux participes smployés comme noms) : les mal-logés, *Les Mal-aimés* (drame de Mauriac).
méga- (grand) : une mégatonne.
micro- (petit) : un microphone (qui retransmet les plus petits sons), un microsillon.
mini- (diminutif) : la minijupe, un minithéâtre, un minibus.
mono- (seul, consecré à un saul objet) : la monoculture (culture du blé seul, par exemple).
multi- (multiplié) : un multimilliardaire.
poly- : la polyculture.
néo- (renouvelé) : le néo-fascisme.
non- (négation) : la non-dissémination des armes nucléaires.
pan- (qui concerne une totalité) : le panaméricanisme, le panarabisme.
para- (voisin de, semblable à) : une paraphlébite; (opposition) : un parachute — d'où : les parachutistes.
phono- (qui concerne le voix, la son) : une phonothèque, la phonologie.
photo- (qui concarna la photographie) : une photocopie.
pré- (fait à l'avance, ou qui devence) : la préfabrication.
presque (à peu près) : la presque totalité.
quasi- : la quasi-totalité.
psycho- (qui concerna la vie psychique) : la psychothérapie (science médicale qui traite las psychoaes).
re- ré- (recommencement) : la repopulation, la réadaptation. Il s'agit

de noms d'action. Mais l'emploi de re devant un nom de chose n'est pas sens exemple : « un re-gilet ! » (déjà dans Labiche, *L'affaire de la rue de Lourcine*), re-pipe, re-cigarette (narretion familière), le redoux (météo).

télé- (au loin) : les télécommunications (f.), le téléguidage, le téléski — (qui concerne la télévision) : le téléspectateur.

thermo- (qui concerne le chaleur) : la thermo-électricité, la thermo-propulsion.

ultra- (qui est au-delà) : les ultra-sons, un ultravirus.

Autres moyens de formation

65 Avec les mots où le préfixe peut être considéré comme ayant déjà la valeur d'un nom (téléspectateur), nous sommes en présence de composés par **juxtaposition.** Ce moyen est aussi très vivant : la mondovision, l'anarcho-syndicalisme.

En outre, la « **dérivation impropre**[1] », eu moyen d'un article plecé devant un mot quelconque, forme toutes sortes de noms :

- article et adjactif : le bleu (du mécanicien) — le plus beau (de l'effaire). L'adverbe de manière paut demeurer auprès de l'edjectif : les économiquement faibles.
- article et participa (surtout pluriel) : les possédants, les enseignants, les sous-alimentés, etc.
- article et partioipe féminin eingulier (procédé très ancien et très populaire) : recevoir une dégelée de coups ou une tripotée — une dénivelée de 300 m (langue des skieurs).
- article et adverba ou préposition. On a dit en 1792 : les ci-devant — On dit aujourd'hui : un extra (serviteur engagé excaptionnellemant pour une réception) — les ultras (fanatiquas d'un parti politique, comme en 1815) — un contre de l'avant-centre (football), ou un contre du gauche (boxe), etc.

Le radical d'un verbe en -er fournit aussi des noms : la casse (la destruction des eutos hors d'usage) — la gambille F.P. pop. (= la danse, du v. « gambiller ») — avoir les mains à la retourne F.P. pop. (retournées comme celles d'un homme qui ne veut pas travailler) etc.

— Souvent le nouveeu nom est dû à la réduction (pour plus de brièvaté) d'un nom composé : les paras (= parachutistes) — la télé (la télévision), comma on a dit, très tôt, le métro.

1. La **dérivation impropre** forme des mots nouveaux non plus à l'aide d'un suffixe (dérivation proprement dite) mais en modifiant *la catégorie* grammaticale du mot : ainsi l'adjectif *bleu* devient un *nom* par l'adjonction de l'article = *le bleu.*

L'ADJECTIF QUALIFICATIF

66 **L'adjectif qualificatif exprime une qualité, une manière d'être (physique ou morale) de la personne, de l'animal, ou de la chose représentés par le nom. On dit que cet adjectif qualifie le nom :**

La *grande* femme — un cheval *fougueux* — ces jardins *verdoyants*[1].

67 **On écrit l'adjectif qualificatif avec une minuscule, même s'il est tiré du nom d'un peuple :** la nation *française*.

- **Écrivez cependant avec une majuscule, parce que l'adjectif fait corps avec le nom propre :**

les États-Unis — les Nations Unies — la Comédie-Française, etc.

L'adjectif de certains termes géographiques :

le mont *Blanc* — la mer *Rouge* — l'océan *Atlantique*, etc.

Celui des titres d'ouvrages, s'il vient en premier :

« *Nouveau* Traité de psychologie » — « La *Divine* Comédie » —

Mais : « Lexique de l'*ancien* français » **(l'adjectif** ancien **n'est pas ici le premier terme).**

Adjectifs concrets, adjectifs abstraits

68 **Comme les noms, les adjectifs peuvent être concrets, c'est-à-dire exprimer une qualité saisie par les sens :** un livre *rouge* — **ou abstraits, c'est-à-dire exprimer une qualité saisie seulement par l'asprit :** un homme *bon*.

Mais leur valeur peut passer du concret à l'abstrait : entrer dans une colère *noire* — une *lourde* responsabilité — des idées *nettes*.

FORMATION DU FÉMININ DES ADJECTIFS

69 **Comme on le verra plus loin (nos 152 et suiv.), l'adjectif s'accorde en genre et en nombre avec le nom auquel il se rapporte. Il faut donc savoir former le féminin et le pluriel des adjectifs, non moins que le féminin et le pluriel des noms. A cet égard, d'ailleurs, adjectifs et noms appartiennent à la même espèce de mots.**

1 L'adjectif qualificatif se distingue des adjectifs dits déterminatifs (ou déterminants) (voir nos 211 et suiv.), en ce que ceux-ci appartiennent à la structure même de la phrase, placés en général devant le nom, les déterminatifs n'ont pas la souplesse de construction du qualificatif. Comparez : *le* récit, *ce* récit, *mon* récit, et : un récit *intéressant* — un *intéressant* récit — un récit des plus *intéressants* — ce récit est *intéressant* — *intéressant*, ce récit, etc.

RÈGLE GÉNÉRALE :

Dans l'écriture, on forme le féminin d'un adjectif qualificatif en ajoutant un e au masculin singulier :

Il est *petit*, elle est *petite*.

Dans la prononciation, cat e de l'écriture correspond à une prononciation effective de la consonne précédente (si consonne il y a) :

Il est peti(t), elle est petit(e) **(mais :** un veston bleu, une robe bleu(e)**).**

N. B. — Favori **donne** *favorite* — frais, *fraîche* — hébreu, *hébraïque* **(dans : langue, écriture, littérature** ***hébraïques*** **— Mais on dit aussi :** littérature *juive* — *Hébraïque* **est parfois employé au masculin :** caractères hébraïques). — Pour *beau, nouveau, fou, vieux*, v. n° 75.

70 **PARTICULARITÉS (Adjectifs classés suivant la lettre finale du masculin) :**

Adjectifs en -c

71 **a) Ou bien ils conservent au féminin le son c (pron. k) sous la forme écrite que :**

Un accord caduc **(= qui ne vaut plus),** une convention *caduque*; **de même :** turc, *turque* — laïc **(le masculin** laïque **existe aussi),** *laïque* (l'école laïque = **non confessionnelle)** — fran(c) **(nom d'un peuple de l'ancienne Germanie) :** les invasions *franques* — public, *publique*.

N. B. — Le féminin de grec **s'écrit** *grecque*.

72 **b) ou bien ils passent à -cha :**

Blan(c), *blanche* — fran(c)[1] **(qui parle comme il pense),** *franche*. Sec **donne** *sèche*.

Adjectifs en -f

73 **Ils ont leur féminin en ve :**

Actif, *active* — bref, *brève* — captif, *captive* — neuf, *neuve* — sauf, *sauve* — veuf, *veuve* — vif, *vive*.

Adjectifs en -g

74 Long **fait** *longue* — oblong **(= plus long que large),** *oblongue*.

1. Franc signifiait à l'origine : libre. Ce sens premier de l'adjectif a survécu dans les expressions : paquet *franc* de port (libre de taxe postale), *affranchir* un esclave, *affranchir* une lettre, la *franchise* postale, *franchir* un obstacle (= s'en libérer).

Adjectifs en -l

75 **a) -al : ne redoublent pas la lettre l :** amical, *amicale.*

b) -el, ul : redoublent la lettre l sans changement de prononciation :

Cruel, *cruelle* — individuel, *individuelle* — nul, *nulle.*

c) -eil : redoublent aussi cet l, sans changement de prononciation :

Pareil, *pareille* — vermeil, *vermeille.*

d) -il : les adjectifs en -il ne redoublent pas la lettre l :

Civil, *civile* — puéril, *puérile.*

Mais genti(l) [ʒɑ̃ti] **fait :** *gentille* **(pron. gentiy)** [ʒɑ̃tij].

Les féminins *belle, folle, jumelle, molle, nouvelle, vieille* **correspondent aux masculins :** beau, fou, jumeau, mou, nouveau, vieux, **qui, sauf** jumeau, **ont gardé au singulier une forme ancienne en l, employée encore aujourd'hui devant une voyelle ou un h muet :**

Un *bel* enfant — un *fol* espoir — un *mol* oreiller — le *nouvel* an — un *vieil* homme.

Mais les écrivains tirent parfois un effet de la forme vieux, **au lieu de** vieil **:**

« Un *vieux* appartement » (Barbey d'Aurevilly, *Le Chevalier des Touches*) **: par sa rareté relative, ce tour donne plus de force à l'adjectif — On ne peut dire d'ailleurs, en redoublant l'adjectif, que : « un** *vieux, vieux* **homme ».**

Adjectifs en -n

76 **Les voyelles nasales se dénasalisent :** fin **donne** fine, **c'est-à-dire** fi-*n*(e) [fɛ̃, fin] — brun **donne** brune **c'est-à-dire** bru-*n*(e) — persan **donne** persane : persa-*n*(e) — **De même,** certain **donne** certai-*ne* — romain **donne** romai-*ne* — serein **donne** serei-*ne.*

Mais notez qu'on écrit *paysanne* **avec deux n, ainsi que le féminin de tous les adjectifs en -ien :** italien, *italienne* — païen, *païenne.* **De même pour les adjectifs en -on :** bon, bonne **(pron. bo-ne). En dépit des controverses, tenez-vous à la même règle pour :** lapon, *laponne* — letton, *lettonne* — mormon, *mormonne* — nippon, *nipponne.*

N. B. — Le féminin de bénin **est** *bénigne* [beniɲ]; **de** malin **:** *maligne* [maliɲ].

Adjectifs en -r

77 **a) Adjectifs en -er (r non prononcé, é fermé) : féminin -ère (avec è ouvert) :**

Lége(r), *légère* [leʒe, leʒɛ:R] — premie(r), *première.*

N. B. — L'r est prononcé au masculin dans amer **(féminin** *amère*) — cher, *chère* — et fier, *fière.*

b) Adjectifs en -eur (r articulé). Il faut distinguer :

78 • **ceux dans lesquels la finale -eur est précédée d'une voyelle ou d'une consonne autre que t. Leur féminin est en -euse[1] :**

Un visage rieur, une physionomie *rieuse* — un esprit frondeur (= **volontiers rebelle**), une nature *frondeuse* — un aspect trompeur, une apparence *trompeuse* — un tempérament voyageur, une humeur *voyageuse*.

Ces adjectifs ont le même radical que le participe présent du verbe qui sert généralement de base :

Riant, frondant, trompant.

Exceptions : pécheur **fait** *pécheresse* **(termes plutôt employés comme noms, mais on peut dire :** âme pécheresse[2]) — vengeur, *vengeresse* — vainqueur **a pour féminin** *victorieuse* — **et** avant-coureur **n'a guère qu'***avant-courrière* : un signe *avant-coureur* de la tempête — la lueur *avant-courrière* de l'aurore.

79 • **ceux dans lesquels la finale est en -teur. On les divisera eux-mêmes en deux groupes :**

a) Les adjectifs tirés d'un verbe en -ter ont leur féminin en -teuse :

un propos flatteur, une parole *flatteuse* — l'axe porteur, la fusée *porteuse*.

N. B. — A ce groupe, il convient d'ajouter menteur, *menteuse*. **Mais** enchanteur **fait** *enchanteresse* : une voix *enchanteresse*.

0 **b) Les autres adjectifs en -teur (en particulier les adjectifs en -ateur) forment leur féminin en -trice. Ce sont pour la plupart des adjectifs techniques, de formation savante[3] (v. n° 62).**
En voici quelques-uns :

accusateur, accusatrice : un document accusateur — une lettre *accusatrice*.

conducteur, conductrice : le fil conducteur de Thésée — la voiture *conductrice* **(dans un cortège).**

conservateur, conservatrice : un député conservateur — une politique *conservatrice*.

corrupteur, corruptrice : un procédé corrupteur — des manœuvres *corruptrices*.

1. Au cours du XVIe siècle, l'*r* final ayant cessé d'être prononcé, on disait, par exemple, *menteu* — d'où formation d'un féminin analogue à celui des adjectifs en *eux* (*-eus*) : *menteuse* comme *heureuse*. La prononciation *menteux* vivait encore naguère dans les campagnes du Nord-Ouest (cf. Maupassant, *La Ficelle*).
2. De ces adjectifs féminins en *-esse* on peut rapprocher *traîtresse* (féminin de traître), en notant que Victor Hugo, avec d'autres, a écrit : « Je n'ai jamais fait une chose *traître* » (Manuscrit de la Bibl. Nationale) — Le féminin *traître* tend à s'imposer.
3. Et se rattachant à la forme des verbes latins qu'on appelle supin.

créateur, créatrice : les génies créateurs du XVIIe siècle — l'imagination *créatrice*.
destructeur, destructrice : les effets destructeurs de la bombe — une action *destructrice*.
détenteur, détentrice : le pays détenteur, la nation *détentrice* d'un record.
directeur, directrice : faire partie du Comité directeur — les roues *directrices* de la voiture.
distributeur, distributrice : organe distributeur — société *distributrice*.
générateur, génératrice : un acte générateur de discorde — une action *génératrice* de discorde.
interrogateur, interrogatrice : un air interrogateur — une expression **(de visage)** *interrogatrice*[1].
moteur, motrice : les organes moteurs — les pièces *motrices*.
persécuteur, persécutrice : les princes persécuteurs — une mentalité *persécutrice*.
protecteur, protectrice : un air protecteur — une attitude *protectrice*.
tuteur, tutrice : surtout au féminin : la nation, la puissance *tutrices*.

81 **Enfin certains adjectifs en eur, issus de comparatifs latins, ont un féminin en -eure :**

antérieur (≠ postérieur) : les faits antérieurs; les actions *antérieures*.
intérieur (≠ extérieur) : un verrou intérieur; une serrure *extérieure*.
majeur (≠ mineur) : un fils majeur **(= de vingt et un ans ou plus)**. Il avait une raison *majeure* pour agir ainsi **(= plus forte que toute considération)**.
meilleur : un meilleur rendement — une *meilleure* conduite.
supérieur (≠ inférieur) : un air supérieur — une production *inférieure*.
ultérieur : la réunion est remise à une date *ultérieure*.
Le contraire de *ultérieur*, citérieur, **ne s'emploie que dans un sens géographique** : l'Inde *citérieure* **(en deçà du Gange, pour un Romain de l'Antiquité; expression vieillie).**

Adjectifs en -s

82 **Pour le féminin, on ajoute, dans l'écriture, un -e — Mais attention à la prononciation : au masculin, l's n'est pas prononcé — au féminin, il est sonorisé en Z après une voyelle; il devient S dur après un r :**

Un costume gri(s) — une robe grise **(pron. Z)** [gRi, gRiz] — des débris épar(s) **(= éparpillés)** — des armes éparses **(pron. S)**.

1. Très différente d'*une expression interrogative* (en grammaire) : *pour quelle raison?* est une expression *interrogative*.

N. B. — Tier(s) (= **troisième**) **fait** *tierce* : une *tierce* personne (**une personne non intéressée à l'affaire, au procès**).

Frais **donne** *fraîche* (**v. n° 69**).

83 **Quelques adjectifs redoublent, au féminin, l's écrit, qui se prononce alors S dur :**

Ba(s), *basse* — gra(s), *grasse* — gro(s), *grosse* — la(s), *lasse* — épai(s), *épaisse* — exprè(s), *expresse* (= **formelle, absolue**) : défense *expresse* de fumer — **ou : acheminée très rapidement :** envoyer une lettre *expresse*[1] — métis, *métisse* (toile métisse = **tissée fil et coton**). — profè(s) *professe* (**religieux, religieuse qui ont prononcé des vœux**).

Adjectifs en -t

84 **a) en -et : redoublent, dans l'écriture, au féminin, le t qui, au masculin, n'est pas articulé (sauf dans** net) :

muet, *muette* [mɥɛ, mɥɛt] — coquet, *coquette*.

Les dix adjectifs suivants prennent un accent grave sur l'e du féminin :

Complet, *complète* — incomplet, *incomplète* — concret, *concrète* — désuet, *désuète* — discret, *discrète* — indiscret *indiscrète* — inquiet, *inquiète* — quiet, *quiète*[2] — replet, *replète* — secret, *secrète* — (prêt **fait** *prête*.)

5 **b) en -ot font généralement leur féminin en -ote, sans redoublement :** idio(t), *idiote* — mancho(t), *manchote*.

Exceptions : boulot **F.P. fam.** = **gras et court sur jambes, pareil à une boule, ne s'emploie guère qu'au féminin :** une petite femme *boulotte* — maigriot, *maigriotte* — pâlot, *pâlotte* — sot, *sotte* — vieillot, *vieillotte* (**un peu vieux — se dit surtout de choses, d'idées, d'expressions de langage**). **L'o final, dans ces masculins, est toujours fermé. Au féminin, cet o, non final, devient ouvert.**

Adjectifs en -x

86 **Les adjectifs terminés par -eux, -oux (x non articulé) forment leur féminin en -euse, -ouse (au Moyen Age ces adjectifs s'écrivaient -eus, -ous) :**

Peureux, *peureuse* — jaloux, *jalouse*. **Mais** roux **fait** *rousse* — doux, *douce* — faux, *fausse*.

N. B. — **Le féminin de** hindou est *hindoue*, **de** bantou, *bantoue*, **de** flou, *floue* — **mais** andalou **fait** *andalouse*.

1. Dans : train *express*, on a une forme masculine, venue au français par le détour de l'anglais.
2. Rarement employé : appartement *quiet* et confortable (silencieux, reposant) : la chaleur *quiète* de la maison — Une autre forme (doublet) de quiet est *coi* (se tenir coi = calme et silencieux) qui fait au féminin (archaïque) *coite* : une petite chambre *coite*.

Présentent un féminin identique au masculin

87 **a) les adjectifs terminés par -e :**

Un instrument *pratique*, une installation *pratique*.

88 **b) les adjectifs** *grand* **et** *fort*, **figés dans certaines expressions anciennes :**

La *grand*-croix **(de la Légion d'honneur, par exemple)**, la *grand*-mère, la *grand*-tante, la *grand*-messe, la *grand*-route, la *grand*-rue; **et aussi** avoir *grand*-faim, *grand*-soif[1], *grand*-pitié, *grand*-peur — marcher à *grand*-peine — ne pas faire *grand*-chose; **de là aussi les noms de** *Granville* **(nom de ville et nom de famille)**, de *Rochefort* **(nom de ville et nom de famille), et** : Elle se fait *fort* de réussir **(elle se prétend capable de réussir). On dit aussi maintenant** : Elle se fait *forte* de réussir.

Toutes ces formes remontent à des adjectifs latins dont le masculin et le féminin étaient identiques, et dont on trouve des traces dans certains adverbes de manière en -mment (v. n° 787).

89 **c) les adjectifs :**

angora : un chat angora, une chatte *angora*.

bougon : un guichetier bougon, une vieille tante *bougon* **(on dit aussi** *bougonne*).

camaïeu : les tons camaïeu d'une étoffe, une étoffe *camaïeu*.

châtain : avoir le cheveu châtain; une barbe *châtain* **(ou** une barbe *châtaine*).

chic : un chapeau très chic, une robe *chic* **(pour le pluriel, v. n° 97).**

gnangnan F.P. pop. (= sans énergie, mollasse) : un grand garçon gnangnan, une mère *gnangnan*.

grognon : un enfant grognon, une humeur *grognon* **(ou** *grognonne*).

kaki : un uniforme kaki, une casquette *kaki*. **(Certains auteurs écrivent** *kakie*.)

marron : un costume marron, une robe *marron*.

mastoc F.P. fam. (= massif et sans élégence) : un édifice mastoc. « Il a épousé une femme *mastoc*. »

rococo (= style d'architecture et de mobilier en faveur dans la deuxième moitié du XVIIIe siècle et caractérisé par des rocailles, des lignes courbes, des coquilles — pris ensuite au sens de : démodé et de mauvais goût) : le style rococo — une robe *rococo*.

snob (= qui affecte les airs distants et les goûts des gens « chics ») : Il est trop snob (elle est trop *snob*) pour que nous l'invitions.

1. On dit plutôt, dans la langue courente, avoir *très faim*, *très soif*, et même *très pitié*, comme on dit aussi *très froid*, *très chaud*.

souillon (= **très sale sur soi**) : un enfant souillon, une servante *souillon* (**s'emploie surtout comme nom invariable en genre**) : *un petit souillon* (**homme ou femme**), **ou féminin pour les femmes** : *une vraie souillon* (**v. n° 36**).

90 **Sont parfois donnés comme n'ayant pas de féminin, mais, en fait, tendent de plus en plus à en admettre un, surtout dans le F.P. :**

cabochard (= **entêté**) : il est cabochard — elle est *cabocharde*.

dispos : il s'est levé frais et dispos (**physiquement à l'aise, « en forme »**) — elle est peu *dispose*, ce matin.

pantois (= **stupéfait et penaud**). **Cet adjectif eut jadis et retrouve aujourd'hui, pour féminin,** *pantoise* : à ces mots elle est restée *pantoise*.

Adjectifs ne s'appliquant qu'à des noms féminins

91 Une *accorte* servante (= **vive et aimable**) — Rester bouche *bée* (= **ouverte d'étonnement — vieux participe**) — Une porte *cochère* (= **à deux battants, faite pour laisser passer les « coches », les grendes voitures**) — Une ignorance *crasse*, une paresse *crasse* (= **épaisse ; a la même origine que gras**). — La *dive* bouteille (= **divine ; vieux mot popularisé par Rabelais**) — Une femme *enceinte* — La soie *grège* (= **soie brute, telle qu'on la tire du cocon**) — Chercher la pierre *philosophale* (= **qui changerait les métaux en or**) — Faire œuvre *pie*[1] (= **pieuse, chère à Dieu**) — Jument *poulinière* (= **destinée à la reproduction, à donner des poulains**) — La fièvre *scarlatine*[2] — Une jument *suitée* (= **suivie, accompagnée de son poulain**) — Les trois vertus *théologales* (= **qui ont Dieu pour objet ; la foi, l'espérance, la charité**) — Des roses *trémières* (= **d'outre-mer ; appelées aussi de Damas ou passeroses**) — La noix *vomique* (= **qui favorise le vomissement ; c'est un poison violent**).

Adjectifs ne s'appliquant qu'à des noms masculins

92 Un nez *aquilin* — Un garçon très *fat* (**le t final est souvent articulé**) = **un garçon très sûr de ses mérites. (Il n'y a sans doute pas de femmes de cette sorte.)** — Minerve, la déesse aux yeux *pers* (= **bleu-vert**) — Les signes *précurseurs* de l'orage — Les marais *salants* (= **d'où l'on extrait le sel marin**) — Un hareng *saur* (= **salé et fumé**).

N. B. — **On dit** courant (électrique) *monophasé, triphasé* — **Mais aussi** : une prise *triphasée*.

1. Ne pas confondre avec l'adjectif de cheval pie (blanc et noir, comme *la pie*) !
2. Un rhumatisme *scarlatin* appartient à la langue technique de la médecine.

FORMATION DU PLURIEL

RÈGLE GÉNÉRALE :

93 **Le pluriel des adjectifs est généralement caractérisé, dans l'écriture, pour le masculin, par un s final ajouté au masculin singulier; et, pour le féminin, toujours par un s ajouté au féminin singulier. Dans la prononciation, cet s n'est pas articulé, sauf liaison de le finale, devant un nom commençant par une voyelle ou un h muet. Dans ce cas, l'a se prononce z.**

Les petits enfants — les petites entreprises.

94 **Adjectifs en -al. Pluriel (masculin) -aux :**

Un signe amical, des signes *amicaux* **(mais, naturellement :** une voix amicale, des voix *amicales*).

Attention! Certains adjectifs ont le masculin pluriel en -als :

Des compliments *banals*[1] — des fauteuils *bancals* — des heurts *fatals* — les bravos *finals* — des combats *navals*.

Pour d'autres, les Français seraient parfois en peine de s'accorder. Ce qu'on peut constater, c'est une tendance, dans le F. P., à employer le pluriel en -aux : des engins *spatiaux*.

95 **Adjectifs en eau- : Masculin pluriel -eaux :**

Beau, *beaux*.

96 **Adjectifs en -eu :**

Bleu **fait** *bleus* — hébreu, *hébreux* — et camaïeu **(v. n° 89) est invariable. Quant à** *feu* (= défunt; **v. n° 185) il ne s'emploie plus au pluriel.**

Adjectifs en -s, -x, -z.

Ils restent invariables au masculin pluriel :

Un bœuf gras, des bœufs *gras* — un faux rapport, de *faux* rapports — il est *gaz* **F.P.arg. (= ivre),** ils sont *gaz*.

97 **Remarque relative aux adjectifs du n° 89**

Bougon, châtain, chic, grognon, mastoc, snob, souillon, **admettent, aans les exiger absolument, des pluriels masculins en -s :**

Des vieillards *bougons* et *grognons* — de *chics* garçons — des édifices *mastocs* — des garçons très *snobs* — des gosses *souillons* — des cheveux *châtains*.

Kakis **ast écrit par certains auteurs :** « Noirs, roses et *kakis* ensemble sur la grappe [ces fruits] offrent... (F. Ponge, *Le Parti pris des choses*).

1. Mais, dans la langue du Moyen Age : des fours banaux = relevant du « ban » (de l'autorité) du seigneur, et que les paysens étaient contraints d'utiliser, tout en payant redevance.

Les autres demeurent invariables au masculin pluriel. Quand ils sont appliqués à un féminin pluriel, nous vous conseillons de laisser tous ces adjectifs invariables :

Des chattes *angora* — des vieilles femmes *grognon* — de *chic* filles — des maisons *mastoc* — des robes *marron*.

Pour les règles générales de l'accord de l'adjectif épithète et attribut, voir n°s 152 et suivants.

FORMATION D'ADJECTIFS NOUVEAUX DANS LE FRANÇAIS D'AUJOURD'HUI[1]

Par suffixes

98 **Les suffixes encore vivants, c'est-à-dire formateurs, sont surtout les suivants :**

-able (possibilité, souvent avec le préfixe -in) : éjectable — invivable[2].

-ais (nationalité) : *pakistanais*.

-al (qui concerne) : *spatial, maximal*.

-ard (péjoratif) F.P. pop. : *patriotard*.

-atif, -if (qui permet, qui produit) : *bourratif* **(F.P. fam.) :** la marmelade, c'est *bourratif* — *contraceptif*.

-gène (= qui produit) : *cancérigène* — *fumigène*.

-iel (= qui permet, qui produit) : prix *concurrentiels* — tarifs *préférentiels*.

-ien, -éen (nationalité) : *irakien* — *ghanéen*.

-ique (catégorie) : bombe *atomique* **(adjectif déjà ancien, sens récent)** — centrale *thermique* **(même remarque).**

-isant (tendance, aptitude) : politique *gauchisante* **(qui incline vers la gauche, politique libérale).**

-iste (catégorie) : savant *atomiste*.

Par préfixes

99 **Voici les préfixes les plus vivants, pour les adjectifs :**

aéro- (qui se rapporte à l'air) : *aéronaval* — *aéroporté*.

anti- (opposition) : canon *antichar* — fusée *antichar* — phare *antibrouillard* — artillerie *antiaérienne* — politique *anticolonialiste*.

auto- (= de soi-même) : soudure *autogène* **(produite par le métal en fusion lui-même)** — engin *autopropulsé* **(qui se propulse lui-même).**

auto- (réduction de automobile) : troupes *autoportées*.

extra- (superlatif) : *extra-souple*.

1. V. n°s 62 à 65.
2. M. Marcel Cohen (*Le français moderne* de janvier 1960) a remarqué que l'adjectif composé n'est pas toujours le contraire du simple : désirable (= qui éveille le désir) n'est pas le contraire de indésirable (= dont on n'accepte plus la présence) — Et comparable (= qui peut être comparé) admet un complément (avec...) que n'admet pas incomparable (= supérieur à tout)

hyper- (superlatif) (≠ hypo) : *hypertendu* (qui a de l'hypertension) ≠ hypotendu.
in- (négation) : *inactuel* — *increvable.*
inter- (rapports réciproques ou position intermédiaire) : *interdépendant* — frontière *interallemande* (entre l'Allemagne de l'Ouest et l'Allemagne de l'Est).
néo- (= nouvellement) : groupes *néo-fascistes.*
non- (négation) : *non récupérable.*
pan- (qui concerne un tout) : congrès *panasiatique.*

post- (= postérieurement) : films *postsynchronisés.*
pré- (= antérieurement) : maison *préfabriquée.*
sous- (diminutif) : pays *sous-développé, sous-alimenté.*
sur- (augmentatif) : pays *surpeuplé.*
} Le deuxième élément est un participe

ultra- (superlatif) : *ultramoderne.*

Autres moyens de formation

100 **Adjectifs composés, se rapportant surtout aux nations :**
Conférence *israélo-arabe* — relations *africano-asiatiques* — théories *anarcho-syndicalistes* (l'élément en -o est invariable).

Dérivation impropre (v. n° 65, note)

101 **a) Participes devenant adjectifs :**
Une situation affolante.

b) Noms devenant adjectifs. Le cas est extrêmement fréquent : Il est *très professeur* (= très professoral) — un chapeau *mode* — « Prenez ce manteau : c'est *tout à fait mode.* » « Les Stadistes sont *lanterne rouge.* » (Télévision du 3 novembre 1963 : les joueurs du « Stade français » sont les derniers dans le classement, comme le dernier wagon d'un train, qui porte une lanterne rouge.)

101 bis **Expressions formées d'une préposition et d'un nom et ayant valeur qualificative :** *Rester en forme* (dispos) — « l'Algérie *de papa* » (Général de Gaulle) = administrée selon les traditions colonialistes ; on dira de même : le téléphone *de papa* — un secrétaire *à la page* (= bien informé de ce qu'il doit faire) — Le manteau *en vitrine* va attirer l'attention de ma femme, etc. Nous retrouvons ici beaucoup de compléments de nom (v. n°s 254 et suivants, 186 et suivants et 192).

Pour la **place** et l'**accord** des adjectifs, v. n°s 116 et suivants, 152 et suivants.

LE NOM EN APPOSITION
L'ADJECTIF ÉPITHÈTE

102 Les mots « **apposition** » et « **épithète** » ont, étymologiquement, la même signification. L'un et l'autre (le premier étant d'origine latine, le second d'origine grecque) signifient : terme placé auprès d'un autre terme, pour en préciser le sens.

Nous réserverons le terme d'**apposition** au nom, celui d'**épithète** à l'**adjectif**[1]. Mais nous ferons une distinction :

1. entre l'apposition **non détachée du nom**, que nous appellerons **conjointe** (le roi *Louis*, la ville *de Paris*) — et l'apposition **détachée du nom**, que nous appellerons **disjointe** (Louis IX, *un roi glorieux*);

2. entre l'épithète **conjointe** (la nation *française*) — et l'épithète **disjointe** (*résolue*, la nation fit face au danger).

L'apposition et l'épithète **disjointes** sont séparées du nom par une pause, elle-même souvent marquée dans l'écriture par un signe de ponctuation.

L'APPOSITION

103 **L'APPOSITION CONJOINTE**

Juxtaposée au nom, parfois à l'aide d'une préposition, elle souligne le plus souvent une **identité** entre les deux termes (nom et apposition) :

ainsi l'expression « la ville de Paris » comprend deux termes désignant **un seul** « être » et contient une **apposition** (Paris) tandis que l'expression « une rue de Paris » comprend un nom de partie (rue) et un nom d'ensemble (Paris), associés par le moyen d'un **complément de nom**. On a pu dire plaisamment que la formule de l'apposition est : un + un = un[2].

Même remarque pour l'expression « le roi René ».

I) L'apposition sans préposition

104 On la trouve :

soit avec un nom de personne (identité entre les deux termes) : le roi *René*, soit avec une valeur proche de l'adjectif qualificatif dans des expressions comme :

> le roi-*Soleil* — un argument *massue* — la voiture *balai* (qui ferme un cortège et « ramasse » les traînards) — une pêche *abricot*.

Cette construction est à l'origine de certains noms composés. (Dans : la rue Pasteur, il s'agit d'un complément de nom, devenu une sorte d'étiquette ; voir n° 191.)

1. Les divergences étant ici nombreuses entre linguistes, nous essayons de nous en tenir à des appellations simples et pratiques.
2. V. *Le Français moderne*, octobre 1963.

II. L'apposition avec préposition « de » ; ce sont des noms de villes, de montagnes, de mois ; plus rarement de cours d'eau :

105 La ville *de Paris*, les monts *des Pyrénées*, le mois *de juin*, le fleuve *du Pô*.

A l'origine, de a pu introduire ici un complément de nom[1]. Aujourd'hui il ne joue plus que le rôle d'une particule de soutien (rôle d'ailleurs très important dans la structure de la phrase française, v. n° 837) ; c'est une préposition « vide ».

Quant à la discussion, encore ouverte entre linguistes, pour savoir si c'est *Paris*, ou *ville*, qui est l'apposition, elle n'a guère de portée, en pratique. Disons, avec M. J.-C. Chevalier (*Le Français moderne*, juillet 1962), que l'apposition est le terme qui restreint l'extension d'un genre, d'une espèce : donc *Paris*, dans : la ville *de Paris* — *juin* **dans :** le mois *de juin* — **Tel est bien, croyons-nous, le sentiment du Français parlant.**

106 **D'un type différent sont les tours :** un *maladroit de chauffeur*, la *sotte de fille*, une *drôle d'idée*, ce *voleur de commerçant*, ce *menteur de Marcel*, un *amour d'enfant*, un *brave homme de pompier*, un *saint homme de chat* (La Fontaine).
Ici le Français a nettement conscience que *maladroit*, *sotte*, *amour*, etc., **ont une valeur qualificative. On peut les considérer comme les vraies appositions.**

Ce tour est particulièrement vivant en F.P. pop. ou vulg. Il y crée toutes sortes d'expressions injurieuses :

Cet idiot de Jean — *Ce cochon de Morin* (titre d'une nouvelle de Maupassant).

107 **On notera alors :**

- **quand le terme est un adjectif, la nécessité de le substantiver, d'en faire un nom. Les adjectifs comme « intelligent », « remarquable », qui ne peuvent guère être substantivés, n'entrent pas dans les expressions du n° 106.**
- **l'absence d'article devant le second terme (à la différence de certaines langues étrangères).**

L'APPOSITION DISJOINTE

108 **Elle est séparée du nom par une pause, généralement marquée dans l'écriture par une virgule, un tiret, ou des parenthèses :**

M. Legris, *médecin*, est tenu de porter secours.

1. Comme le croirait volontiers M. Gougenheim (*Le Français moderne*, janvier 1959) et comme le suggère le latin tardif.

Alors l'apposition traduit souvent une nuance de cause, ou d'opposition, ou d'hypothèse :

M. Legris, *médecin*, est tenu de porter secours (= *parce qu'*il est médecin).
M. Legris, *pourtant médecin*, a refusé ses secours (= *quoiqu'*il soit médecin).
Pierre, *médecin*, aurait le droit d'intervenir. Simple étudiant, il ne le peut pas (= *s'il était* médecin...).

109 L'apposition disjointe peut suivre ou précéder le nom : le deuxième cas est très fréquent. Et, comme il advient pour nombre de compléments circonstanciels, cette antéposition confère à la phrase plus d'aisance, surtout dans le F.E.

Médecin, M. Legris est tenu de secourir...
Médecin, M. Legris a pourtant refusé ses secours.
Médecin, Jean aurait le droit d'intervenir; *étudiant*, non.

N. B. — Un singulier collectif peut être apposé à un pluriel :

« Vieux *peuple* rompu aux vicissitudes de l'Histoire, *ils* savaient combien il est cruel de remonter la pente des abîmes » (De Gaulle, *Discours du 18 juin 1944*).

110 Pour l'emploi de l'article, voir n°s 241 et suivants.
Disons seulement que l'article indéfini met en relief l'être désigné par l'apposition parmi des êtres de la même espèce :

Un homme s'approcha, *un médecin*.

Il peut aussi exprimer, dans un certain contexte, la considération, l'admiration :

Lefèvre, *un artiste*, n'aurait jamais peint ça.

L'article défini souligne que l'être est bien connu (v. n°s 212, 214) :

Des deux Martin, Pierre, *le médecin*, sera là.

111 L'apposition peut se trouver aussitôt après certains pronoms :

Lui, médecin, ne peut accepter... — *Celui-là, un bon garçon*, sera félicité — *La mienne, la voiture grise*, est garée là-bas.

Si le pronom personnel est atone (v. n°s 420 et suiv.), l'apposition le précède :

Médecin, il ne peut accepter... **Ou encore (surtout dans le F. P. fam.) elle suit le verbe :** Ils ont tout pris, *les bandits*.

Dans l'expression archaïque figée : « *Je, soussigné*, docteur en médecine, certifie... » *Je* **est demeuré accentué. D'où la place de l'apposition** *docteur*.

Un infinitif et même une **proposition entière** admettent aussi l'apposition :

Tuer un homme, crime irréparable,...
Si l'on tue un homme, crime irréparable,...

112 **Inversement : l'apposition peut être :**

un pronom : Mon frère, *lui*, viendra — La voiture grise, *la mienne*, a été endommagée.

ou un infinitif : Il a commis cette faute : *pardonner!*

ou une proposition : Il caressait cet espoir, *que la mauvaise nouvelle était fausse* **(subordonnée conjonctionnelle).**
Nos amis ne viendront pas, *ce qui me peine* **(subordonnée relative).**

L'ÉPITHÈTE

L'ÉPITHÈTE CONJOINTE

113 **Qu'elle suive ou précède le nom, elle exprime généralement une qualité étroitement associée, parfois même inhérente à l'être :**
Le cheval *blanc* — un *beau* visage.

Comme l'apposition, elle peut être juxtaposée à l'aide de la préposition de, qui joue encore ici le rôle d'une particule de soutien, pure et simple :

Après : quelque chose, quelqu'un, personne, rien, quoi? :
Quelque chose *de beau* — « Quelqu'un *de grand* va naître » (Victor Hugo, *Mil huit cent onze*) — Il n'y a personne *de malade* — Rien *de meilleur* — Quoi *de neuf*?

Après : ceci, cela : Pierre a ceci *de bon* qu'il est travailleur.

Dans les expressions : Il y a dix spectateurs *de blessés*, je n'ai pas une heure *de libre*, **il s'agit plutôt d'attributs (voir n° 141 bis).**

114 **Peuvent jouer le rôle d'une épithète qualificative :**

a) F.P. fam. les adverbes *bien, mal, mieux,* **la locution** *comme ça :*
Un jeune homme *bien* — Un homme *bien* sous tous les rapports — Il a épousé une femme plutôt *mal* — Une femme *mieux* que son mari — Des gens *comme ça*, on devrait les fouetter.

b) toutes sortes de locutions complétant un nom :
Un départ *à contrecœur* — un entretien *à la dérobée* — un voyage *gratis*, **etc. (v. les compléments du nom, n° 186).**

c) une proposition comparative ou relative :
Un garçon *comme il faut* — un fonctionnaire *comme on n'en fait plus* — Achetez la peinture *qui convient* **(= la peinture convenable).**

L'ÉPITHÈTE DISJOINTE

115 **Séparée du nom par une pause, l'épithète disjointe, au lieu d'exprimer une qualité inhérente à l'être, lui est associée accidentellement, en vertu des circonstances.**

Ainsi, dans : un homme *aimable*, **l'épithète conjointe exprime une qualité permanente de bonne grâce, de courtoisie.**
Mais dans : aimable, il accepta (= **aimablement, il accepta), l'épithète disjointe exprime une attitude de circonstance.**

De même on distinguera :
J'aime les élèves *attentifs* **(épithète conjointe : il s'agit d'une qualité permanente) —**
et : *Attentifs*, les élèves notent (notaient, noteront) l'énoncé du problème **(épithète disjointe = les élèves alors pleins d'attention).**

Certains grammairiens voient dans cette épithète disjointe un véritable attribut à valeur d'adverbe (= Attentivement, les élèves notent...).
Pratiquement, pour parler ou écrire le français, on négligera dans des phrases de ce genre la distinction entre épithète disjointe et attribut.

PLACE DE L'ÉPITHÈTE CONJOINTE

116 **En ancien français l'épithète se plaçait très souvent avant le nom, sous l'influence, peut-être, de la syntaxe germanique.**
Aujourd'hui c'est après le nom que, normalement, se place l'adjectif.
Mais, dans bien des cas, l'antéposition est encore pratiquée.

I. Prennent place généralement après le nom en prose française

117 **Les adjectifs qui définissent ou identifient; c'est-à-dire qui se rapportent :**

a) à une qualité physique, couleur, forme, aspect, etc. (au sens propre) :

un toit *rouge*, une planche *carrée*, une table *ronde*, une pente *raide*, etc. **(sauf** *double, triple... :* un *double* saut**).**

b) à la géographie, à la nationalité : la zone *tropicale*, la nation *française*.

c) à la religion : la morale *chrétienne*, la morale *laïque*.

d) aux sciences et aux techniques : l'acide *sulfurique*, la désintégration *atomique*.

e) à l'administration, à la politique : une circulaire *ministérielle*, le parti *socialiste*.

f) à l'art (littérature et beaux-arts) : un texte *poétique*, la musique *dodécaphonique*, le style *roman*.

118 **Employés comme adjectifs, les participes passés et certains participes présents ne se placent guère qu'après le nom :**

Une chevelure *frisée*, une conférence *assommante*.

119 **Enfin, c'est la construction normale pour les adjectifs suivis de compléments :**

Une soupe *bonne pour les chiens*.

II. Se placent avant le nom

120 **Certains adjectifs très usuels (généralement courts) qui n'ont guère cessé d'être antéposés, depuis les origines[1] ; en particulier :**

beau : le *beau* chapeau, une *belle* robe.

bon : un *bon* outil, cette *bonne* pioche (**mais on dit :** un homme *bon*).

grand : ce *grand* arbre, une *grande* ville.

gros : un *gros* caillou, une *grosse* pierre.

haut : ce *haut* édifice, une *haute* tour (**mais on dit :** à marée *haute*).

N. B. — Dans : marcher la *tête haute*, porter l'*épée haute*, **l'adjectif a plutôt valeur d'attribut.**

joli : un *joli* pays, une *jolie* maison.

long : un *long* voyage, cette *longue* table.

mauvais : le *mauvais* chemin, la *mauvaise* route.

petit : un *petit* homme, une *petite* femme[2].

vilain : un *vilain* quartier, une *vilaine* couleur.

121 **N. B. — 1. Modifiés par les adverbes courts, comme très, peu, ces adjectifs se placent plus aisément après le nom :** un homme *très grand* — un enfant *trop jeune*. **Si l'adverbe est plus long, cette construction devient quasi obligatoire :** un homme *plutôt gros* — un garçon *vraiment petit* — une planche *démesurément longue*.

122 **2. Certains de ces adjectifs, surtout lorsqu'ils sont appliqués à des êtres humains, ou à des faits qui intéressent les hommes, abandonnent souvent leur sens premier : en effet, et c'est un fait vrai pour tous les adjectifs antéposés, ils tendent à faire corps avec le nom qui suit et prennent alors une valeur affective ou expressive, plutôt qu'explicative :**

« Un *grand homme* », « les *grands hommes* » **désignent le plus souvent ceux qui ont bien servi l'humanité** — « Un *gros mangeur* » **peut être mince : il frappe surtout par sa capacité d'absorption —**

1. Ce sont des adjectifs anciens et « improductifs » (qui ne composent pas d'autres adjectifs, à la différence de *faisable*, par exemple, qui a donné *infaisable*).
2. Barbusse (*L'Enfer*) a donné une valeur morale à cet adjectif en le plaçant après le nom : « L'idée de patrie est une idée petite, et qui doit rester petite. »

« Les *vieux amis* » sont ceux, même jeunes, sur qui l'on peut compter — « C'est *un petit imbécile* », appliqué à un adulte, signifie : un imbécile particulièrement maladroit. « Nos *petits soldats* », « Ma *petite maman* », au contraire, ont un sens affectueux. Pierre Daninos s'est amusé à citer quelques expressions de ce genre chères aux Français (F.P. fam.) : « un *petit coin* tranquille » « de *bons petits plats* », etc. (*Les Carnets du Major Thompson.*)

123 D'où la nécessité, parfois, de placer ces adjectifs en postposition pour leur restituer le sens premier ainsi mis en relief :

Dites : « un *homme grand* », pour éviter une confusion avec « un grand homme » — « un *homme jeune* », pour éviter la confusion avec « un jeune homme ». (De 15 à 25 ans, par exemple, on est un jeune homme — mais on est un *homme jeune*... sans limite d'âge.) Dites « un *ami vieux* » (ou plutôt *âgé*) pour insister sur sa vieillesse.

124 D'autres adjectifs, aujourd'hui normalement postposés, sont restés cependant antéposés dans des expressions figées et anciennes comme : faire *la sourde oreille*, un *rond-point*, un *rouge-gorge*.

Ou dans des noms propres, anciens aussi : *Neufchâteau* — *Noirmoutier* (= monastère noir), rue des *Blancs-Manteaux*.

En Picardie, en Artois, en Lorraine, on pourra encore entendre dire : une *noire robe*, un *noir merle*[1].

III. Cas de beaucoup d'adjectifs courts :

125 Les adjectifs normalement antéposés (n° 120) ne sont pas seuls à connaître le passage du sens premier (explicatif) au sens second (expressif, souvent intensif) — Beaucoup d'adjectifs courts (d'une ou deux syllabes prononcées), normalement postposés, offrent aussi cette variation.
En voici quelques-uns parmi les plus employés (on remarquera que, souvent, l'antéposition introduit un sens figuré ou intensif :

126 **Amer :**
1. des pommes *amères* (par opposition à pommes *douces*).
2. d'*amers* reproches (des reproches sévères et irrités, sens figuré intensif) — une *amère* expérience (= pénible, mais on peut dire aussi : une expérience amère).

Ancien :
1. une maison *ancienne* : construite depuis longtemps. un capitaine *ancien* : ancien dans son grade.
2. mon *ancienne* maison : la maison qui était la mienne autrefois.
l'*ancien* capitaine de Jean : celui qui fut autrefois le capitaine de Jean.

1. V. A. Dauzat, *Le génie de la langue française.*

Antique : 1. des monuments *antiques* : **datant de l'Antiquité.**
une vertu *antique* : **digne de l'Antiquité.**
2. d'*antiques* monuments : **respectables à cause de leur ancienneté, ou, au contraire, délabrés, croulants.**
Les « Humanités » ont perdu leur *antique* vertu : **leur vertu de jadis, maintenant un peu démodée.**

Bas : 1. un siège *bas* — une porte *basse*.
2. une *basse* vengeance (= **lâche**) — une *basse* flatterie (= **servile**).
(**Mais on dit, dans un sens technique,** les *bas* salaires, les *bas* morceaux, les *bas*-côtés, le *bas*-ventre.)

Brave : 1. un homme *brave* : **courageux devant le dsnger physique. Msis on dit aussi, en ce sens, avec, peut-être, une nuence de sympathie, d'affection :** un *brave* soldat.
2. un *brave* homme, une *brave* femme, de *braves* gens (= **honnêtes et simples**).

Certain : 1. Éviter un mal douteux pour un mal *certain* (= **sûr**).
2. J'ai un *certain* mal à vous suivre (= **quelque mal — sens indéfini, plutôt intenaif**).
Vous avez un *certain* toupet! (**intensif**).

Chaud : 1. un plat *chaud*, une boisson *chaude*.
2. Nous avons eu une *chaude* alarme (**intensif**).
C'est un *chaud* partisan de votre père (**intensif**).

Cher : 1. un manteau *cher* : **qui coûte baaucoup d'argent.**
un ami *cher* : **qua l'on aime bien.**
2. « mon *cher* ami » — **souvent simple formule de politesse, sbondamment répandue dans les milieux politiques, artistiques, etc.**
« *ce cher* garçon » **peut être ironique. De même :** « *Le cher* homme n'a pas encore compris ».

Doux : 1. une pomme *douce*, du cidre *doux* — de l'eau *douce* — une heure de musique *douce* — le Livre de la mort *douce*.
2. votre *douce* fiancée (= **tendre pour vous — ssns figuré**) — une *douce* perspective.
Mais on dira : Cette dame fait les *doux* yeux, **ou** les yeux *doux* à mon frère. Il va lui répondre par un billet *doux* (**un message galant**).

Dur : 1. coucher sur un lit *dur;* manger du pain *dur;* un cœur *dur* (**sans bonté**).
2. súbir une *dure* épreuve (**intensif**).

Fameux : 1. C'est un écrivain *fameux* : **réputé.**
2. C'est un *fameux* écrivain : **un écrivsin puisssnt, mais peut-être ignoré du public (sens intensif).**
une *fameuse* canaille **F. P. fam. (inteneif).**

Faux : 1. **Placé après le nom, l'adjectif signifie en général que l'être désigné par le nom existe, mais que son comportement n'est pas sincère :** une femme *fausse* : **elle ment** — un camarade *faux* : **il vous trahit** — une pensée *fausse* : **une pensée non conforme à la vérité, trompeuse.**

2. **Placé avant le nom, l'adjectif signifie en général que l'être n'existe pas :** une *fausse* femme **(c'est, par exemple, un homme travesti en femme)** — un *faux* ami **(il n'a jamais eu les sentiments d'un ami)** — une *fausse* pensée **(elle n'a que les apparences, les prétentions d'une pensée)** — un *faux* problème **(une difficulté sans portée, dont on n'a pas à chercher la solution) ;**

Pourtant on dira : un *faux* rapport **(= mensonger)** — une *fausse* nouvelle **(= inexacte), expressions où** « faux » **a gardé le sens 1. même en antéposition.**

Placé avant le nom, *faux* **signifie aussi** *maladroit* : un *faux* pas, une *fausse* démarche, une *fausse* manœuvre.

Fier : 1. Les gens *fiers* évitent les relations douteuses **(ils ont un sens juste de leur dignité).**

2. Vous êtes un *fier* insolent **(intensif — ce sens remonte sans doute au temps où** *fier*, **étymologiquement, signifiait** « sauvage », « **intraitable** ») — **de même :** livrer une *fière* bataille — **On dira aussi :** Je vous dois une *fière* chandelle **F. P. fam. (infiniment de gratitude — intensif).**

Fin : 1. une aiguille *fine* — une perle *fine* **(pure, véritable)** — l'or *fin* **(l'or pur)** — passer au peigne *fin* **(pris souvent au sens figuré, en parlant d'une enquête, d'opérations militaires destinées à traquer l'adversaire).**

2. un *fin* connaisseur : **un homme qui s'y connaît parfaitement (intensif). De même :** le *fin* fond de l'affaire — la *fine* fleur de la chevalerie, **etc.**

Fort : 1. un garçon *fort* — une âme *forte.*

2. une *forte* odeur de brûlé **(intensif)** — on a de *fortes* présomptions contre cet accusé **(intensif)** — un *fort* mangeur **(= qui mange beaucoup).**

Fou : 1. Il est absurde de confier sa voiture à un conducteur *fou* — les vierges *folles* de l'Écriture. **(Mais :** Il y avait un monde *fou* = **énormément de gens.)**

2. une *folle* aventure : **extraordinaire, extravagante** — un *fol* espoir : **que rien ne justifie** — avoir le *fou* rire : **un rire incoercible (intensif).**

Franc : 1. une personne *franche* : **qui dit la vérité, spontanément, librement.**
une zone *franche* : **où les marchandises sont libres de taxe.**
2. Il a dit une *franche* sottise : **évidente (intensif).**

Froid : 1. une pierre *froide* — un repas *froid.*
2. Ces gens ont la *froide* audace de vous contredire **(intensif). Dans** : faire *froide* mine à quelqu'un **(l'accueillir sans empressement), l'adjectif prend le sens figuré.**

Furieux : 1. un client *furieux.*
2. J'ai une *furieuse* envie de dormir **(intensif).**

Gris : 1. du papier *gris.*
2. faire *grise* mine à quelqu'un (**cf.** froide mine : un accueil peu aimable).

Léger : 1. **sens propre** : un vêtement *léger* — un vent *léger* — prendre une nourriture *légère* : **facile à digérer.**
2. **sens figuré diminutif** : une *légère* amélioration — de *légers* progrès — prendre une *légère* nourriture : **peu abondante** — avoir une *légère* notion de quelque chose.

Maigre : 1. un chat *maigre* — des jambes *maigres* — un repas *maigre* : **sans aliments « gras », sans viande.**
2. un *maigre* repas : **peu abondant (diminutif)** — une *maigre* consolation — une *maigre* indemnité : **sans consistance, sans valeur (diminutifs).**

Méchant: 1. un homme *méchant.* **Mais on peut dire aussi, survivance ancienne** : un *méchant* homme, une *méchante* femme **pour** : un homme *méchant*, une femme *méchante.*
2. un *méchant* auteur : **sans talent** — un *méchant* roman : **sans valeur.**

Mince : 1. une tartine *mince* : **peu épaisse.**
2. un *mince* avantage **(sens figuré).**

Mortel : 1. Ce breuvage est un poison *mortel* : **qui fait mourir** — L'homme est un être *mortel* : **qui doit mourir.**
2. une *mortelle* inquiétude — de *mortelles* frayeurs : **capables, ou presque, de tuer (intensif)** — **Mais** : inquiétude *mortelle*, frayeurs *mortelles* **se disent aussi.**

Mou : 1. un sol *mou* (≠ **dur**) — du fromage *mou* — un oreiller *mou* **et** : un temps *mou*, un style *mou* **(au sens figuré).**
2. avoir pour quelqu'un de *molles* complaisances : **des complaisances qui n'ont même pas le courage de s'affirmer.**

Noble : 1. une famille *noble* : **qui appartient à la classe appelée « noblesse ».**

2. une *noble* famille, de *nobles* sentiments : **qui cultivent, qui expriment la noblesse du cœur** — Il entra dans une *noble* colère **(ironique).**

Nouveau : 1. le vin *nouveau* : **jus récent, non encore fermenté** — la saison *nouvelle* : **le printemps, F.E.**

2. J'ai un *nouvel* habit : **autre que celui d'hier** — un *nouveau* directeur **(même s'il a 75 ans!).**

Pâle : 1. une lumière *pâle* — un teint *pâle*.

2. un *pâle* voyou **F.P. fam. : un voyou qui n'a même pas l'apparence énergique (intensif, en somme).**

Pauvre : 1. Il a épousé une fille *pauvre* — une langue *pauvre* : **dont le vocabulaire n'est pas très abondant** — une rime *pauvre* : **qui n'a pas la consonne d'appui**[1].

2. Ému par la *pauvre* fille, il l'a épousée — un *pauvre* homme : **digne de pitié, ou de mépris** — ce *pauvre* Durand : **désigne un disparu, qu'on a l'air de regretter.**
Dans : « les *pauvres* blancs d'Amérique », **traduction littérale de l'anglais (= les blancs pauvres) l'antéposition fait équivoque.**

Pieux : 1. un enfant *pieux* : **qui a beaucoup de piété** — une fondation *pieuse* : **faite par piété.**

2. Je me suis fait un *pieux* devoir de recueillir ses enfants **(sens figuré : un devoir moral)** — Ce *pieux* mensonge m'indigne : **ce mensonge que l'on veut faire passer pour généreux.**

Plaisant : 1. un voyage *plaisant* : **agréable.**

2. une *plaisante* réponse : **amusante, ou ridicule, ou impertinente** — de *plaisants* moralistes : **qui se mêlent, sans être qualifiés pour cela, de donner des leçons de vertu.**

Plat : 1. un pays *plat* — une assiette *plate*[2].

2. le *plat* pays **(noter l'article défini) s'oppose à la partie montagneuse d'une région** — Il m'a fait de *plates* excuses, ou ses plates excuses : **très obséquieuses (intensif).**

Propre : 1. Voici une assiette *propre* (≠ **sale**).

1. Exemple de rimes riches : dormir/émir — de rimes pauvres : subit/fin.
2. Mais la *vaisselle plate* est la vaisselle *d'argent* (cf. : l'espagnol *plata*).

2. Ne vous mêlez pas de cela : ce sont mes *propres* affaires **(possessif renforcé)** — Telles furent ses *propres* paroles : **ses paroles *à lui*, c'est-à-dire ses paroles *exactes* — Mais, soit par un goût de nouveauté, soit parce qu'en effet l'expression est ancienne, on peut dire en F.E. :** Ce sont mes affaires *propres*; **et l'on oppose le nom propre au nom commun (v. n° 2)** — le sens *propre* d'un mot : **son sens originel.**

Rare : 1. des fleurs *rares* : **qu'on ne trouve pas communément.**

2. Vous avez une *rare* audace **(intensif).**

Riche : 1. Il a épousé une fille *riche.*

2. Vous me faites un *riche* cadeau **(intensif)** — Elle a une *riche* nature : **pleine de vitalité et de sensibilité.**

Royal : 1. le trône *royal* : **du roi.**

2. un *royal* présent, ce *royal* pourboire : **magnifiques comme ceux d'un roi** — une *royale* indifférence : **totale (ce sont des intensifs).**

Rude : 1. une étoffe *rude*; une voix *rude*; une vie *rude*; des mœurs *rudes.*

2. C'est un *rude* travailleur **(intensif)** — **F.P. fam. :** Il a fait une *rude* sottise **(intensif) ou :** C'est un *rude* imbécile **(intensif).**

Sacré : (voir saint) 1. les livres *sacrés* **(la Bible, le Coran, par exemple).**

2. **F.P. pop. :** Il a une *sacrée* audace — C'est un *sacré* menteur **(intensif) — Sans idée injurieuse, mais toujours intensif :** Ah! tu y tiens, à ta *sacrée* liberté! **(intensif de possession)** — C'est un *sacré* gaillard! **(nuance admirative).**

N. B. — Le sens 1. s'est maintenu dans : le *Sacré* Collège, la *Sacrée* Congrégation des Rites — **expressions figées de la langue catholique.**

Saint : 1. l'Histoire *sainte* — l'Écriture *sainte* — les Livres *saints.*

2. **Antéposé, désigne : a) les grands personnages honorés sur les autels de l'Église catholique :** *saint* Michel — *sainte* Jeanne d'Arc; **b) les fêtes de ces saints :** *la Saint-Michel* — **d'où, communément :** C'est un *saint* homme — **(F.P. fam.) (intensif de possession) :** Il y tient, à sa *sainte* liberté! **(v. sacré) — et :** Il a une *sainte* terreur de l'eau **(F.P. vulg.** = une sainte frousse) — **intensif pur et simple.**

Sale : 1. Des mains *sales* (≠ **propres**) — Un travail *sale* exige des vêtements de rechange.

2. **F.P. pop. :** *un sale* travail : **pénible, ou odieux moralement** — un *sale* individu : **dangereux, sans scrupules** — avoir une *sale* histoire : **être compromis dans une affaire désagréable et peu glorieuse. Dans :** Tu es *un sale* menteur **F.P. vulg., « sale » prend une valeur intensive.**

Seul : (voir unique)

1. Compartiment de dames *seules* : **isolées des hommes** — Les gens seuls **(isolés de leurs semblables)** ont souvent une pénible existence.
2. C'est *le seul* fils qui me reste : **l'unique fils** — *Un seul* Dieu adoreras : **un Dieu seulement.**

Simple :

1. Un corps *simple* : **qu'on ne peut décomposer : l'oxygène par exemple** — le passé *simple* des verbes français — un homme *simple* : **qui répugne aux manières compliquées ou prétentieuses** — un cœur simple[1] : **sans détours, sincère et modeste.**
2. Il est vêtu d'un *simple* pyjama : **d'un pyjama seulement** — *un simple* soldat : **sans aucun grade.**

Triste :

1. Je n'aime pas les convives *tristes* : **qui ont et inspirent de la tristesse.**
2. C'est un *triste* convive : **il mange et boit peu, paraît absent du repas** — un *triste* écrivain : **sans valeur** — un *triste* individu : **particulièrement odieux** — mener une *triste* existence **(= pénible)** — faire *triste* figure dans une soirée : **y paraître sans éclat et quelque peu dédaigné.**

Unique :

1. Il est fils *unique* : **n'a eu ni frère ni sœur** — Voilà une occasion *unique* : **exceptionnelle, qu'on ne retrouvera pas.**
2. C'est l'*unique* fils qui me reste **(de ceux que j'ai eus).**

Vague :

1. un terrain *vague* : **où l'on peut vagabonder; non bâti et même laissé à l'abandon** — une description *vague* : **sans précision** — une promesse *vague* : **qui se tient dans les généralités.**
2. Dans le bureau il y avait deux ou trois *vagues* secrétaires : **étaient-ce seulement des secrétaires?** — Il m'a fait de *vagues* promesses : **des promesses peu appuyées (diminutifs).**

Vrai :

1. **postposé, l'adjectif signifie généralement : qui parle ou agit conformément à la vérité ou qui est conforme à la vérité** : femme *vraie* : **sincère** — une pensée *vraie* : **qui correspond à la réalité.**

1. C'est le titre d'un conte de Flaubert.

2. **antéposé, il signifie que la réalité correspond à la dénomination (même avec quelque hyperbole, quelque exagération voulue)** : du *vrai* bois (≠ **du faux bois)** — un *vrai succès* : **un succès qui mérite ce nom** — une *vraie* pensée : **une pensée qui mérite d'être appelée ainsi** — le *vrai* problème : **le problème essentiel** — « C'est une *vraie* femme », **appliqué à un homme, signifie qu'il mériterait d'être ainsi qualifié. De même, appliqué à une femme** : C'est un *vrai* tyran.

Vert :

1. Une feuille *verte* — du bois *vert* : **fraîchement coupé sur l'arbre.**
2. Une *verte* vieillesse **(sens figuré : vigoureuse)** — les *vertes* années : **les années de jeunesse** — une *verte* réprimande : **une sévère réprimande (intensif).**

Vif :

1. Une haie *vive* : **faite de plantes vivantes** — l'eau *vive* **(celle de la rivière, par exemple, vivante et fraîche)** — une couleur *vive* : **si intense qu'elle paraît vivre** — des manières *vives* : **un peu brusques. (Du Moyen Age, où l'adjectif se plaçait avant le nom, il reste, par exemple** : de *vive* force : **par la violence** — le *vif-argent* : **le mercure — se dit aussi d'un enfant très remuant.)**
2. De *vifs* reproches : **vigoureux (intensif)** — **de même** une *vive* inquiétude — une *vive* attaque.

IV. Les adjectifs « longs[1] » (trois syllabes et davantage)

127 **Qu'ils soient (comme il est normal) postposés, ou, surtout dans le F.E., antéposés, ils ne connaissent pas, de telles variations de sens. La nuance qui sépare les deux constructions est parfois peu sensible : on dira aussi bien :** une *intéressante* conférence **qu'une** conférence *intéressante*, une conversation *ennuyeuse* **qu'une** *ennuyeuse* conversation[2]. **C'est surtout à propos de ces adjectifs que jouere la liberté de l'écrivain, mais, antéposé, l'adjectif est plus accentué.**

128 **Cependant, ici encore, la postposition confère essentiellement une valeur explicative — l'antéposition une valeur plus expressive et parfois intensive.**
On dira donc : un ambassadeur *extraordinaire* : **chargé d'une mission exceptionnelle — mais** : Vous avez une *extraordinaire* audace **(valeur intensive).**
On notera, d'ailleurs, certains abus dans la prose contemporaine. M. Aurélien Sauvageot cite (*Français écrit, français parlé)* : « un *prometteur* duel Saint-Étienne-Nancy » (*Le Figaro* du 5 janvier 1957).

1. Pris hors du groupe I (n° 117).
2. Le deuxième tour appartient plutôt au F. E.

129 **Ajoutons que, dans le F.P., un accent d'intensité frappe souvent la consonne initiale de l'adjectif (ou, s'il commence par une voyelle, la consonne initiale de la seconde syllabe). Alors, même en postposition, l'adjectif souligne la part que prend à l'énoncé le sujet parlant, et joue le rôle d'une sorte d'intensif :**

Il a un talent *r*emarquable — C'est un crime a*b*ominable.

V. Cas des adjectifs et des noms monosyllabiques :

C'est une question particulièrement délicate, où interviennent l'accent tonique, l'harmonie, l'usage.
On peut distinguer trois cas :

130 **1. Seul l'adjectif est monosyllabique :**

Alors, en principe, il se place soit après, soit avant le nom, selon les observations de I, II, III (nos 117 et suiv.) :

Un *grand* terrain — un tapis *rond* — un garçon *fier* — un *fier* insolent.

131 **2. Le nom seul est monosyllabique :**
Le français répugne à antéposer l'adjectif (sauf n° 120) et dit :

Un cas *difficile* — un air *satisfait* — un mot *sonore*.

Mais cette observation ne vaut pas pour les adjectifs dont la finale dégagera, par nécessité phonétique (loi des trois consonnes par exemple[1]), un e sonore, séparant ainsi l'accent du nom et l'accent de l'adjectif :

Un horri*ble* cri — un quadru*ple* saut.

132 **3. Le nom et l'adjectif sont tous deux monosyllabiques :**
Là encore (sauf n° 120) le français répugne à antéposer l'adjectif :

Un cri *bref* — un pas *vif* — un temps *sec* — un train *lent*.

L'antéposition n'est acceptable, généralement, que si la première syllabe (en l'espèce, l'adjectif) comporte un certain allongement[2] (par exemple : un long cri, de grands mots) — « Le *héron au long bec emmanché d'un long cou* » (La Fontaine, *Le Héron*).
Ou, bien entendu, si cette syllabe se termine par deux consonnes dégageant un e articulé (v. n° 131), qui transforme l'adjectif en dissyllabe : un sim*ple* mot — une tris*te* fin.

132 bis **VI. Cas du nom accompagné de plusieurs épithètes :**

Les habitudes de construction sont en général les mêmes qu'en I, II, III, IV, V :

Une planche *longue* et *étroite* — un *bon gros* homme — une *petite* rue *étroite* — un *bon petit* diable — une table *ovale ancienne* — l'*ancienne* table *ovale* (= **qu'on a transformée et qui n'est plus ovale**) — une *jolie* maison, *fraîche* et *accueillante*.

1. A l'intérieur d'un groupe, tout « e » muet s'articule en général, s'il est **précédé** de *deux consonnes* différentes, prononcées, et suivi d'une *troisième*, également prononcée.
2. V. Bally : *Linguistique générale et linguistique française* p. 223.

L'ATTRIBUT

133 **Nous avons vu que l'apposition disjointe et l'épithète disjointe expriment généralement une qualité de circonstance, située dans le temps, donc justifiée par un verbe — Si le verbe « être » sert de ligament entre le nom et la qualité en question, on a, non plus une apposition ou une épithète, mais un attribut, en l'espèce un attribut du sujet :**

comparez : *Médecin,* M. Martin ne pouvait refuser ses soins **(apposition disjointe) et :** M. Martin était *médecin* **(attribut du sujet Martin)**
ou : *Attentive,* la classe notait l'énoncé du problème **(épithète disjointe) et :** La classe était *attentive* **(attribut du sujet classe).**

Il y a des attributs du sujet, notamment, après les verbes dont le sens se ramène à celui de être : 1° rester, devenir, passer pour — 2° certains verbes passifs : être nommé, être réputé, etc.

134 **Il existe aussi des attributs de l'objet direct.**
Comparez : La classe est attentive **(attribut du sujet classe) et :** *Je crois* la classe *attentive* **(attribut de l'objet direct classe).**

135 **En étudiant chacun des deux cas (sujet, objet) nous observerons les aspects suivants :**

l'état { La classe est *attentive* **(attribut du sujet).**
Je crois la classe *attentive* **(attribut de l'objet).**

le devenir { La classe devient *attentive* **(attribut du sujet).**
Je rends la classe *attentive* **(attribut de l'objet).**

ATTRIBUTS DU SUJET

I. L'état (ou l'apparence de l'état)

136 Il est *heureux* — il est *directeur,* il est *le directeur,* c'est *un directeur* **(pour l'emploi de l'article, voir n°s 246 et suivants).**
De même :
il semble ... il paraît ... il a l'air ... il passe pour ... il est tenu pour ... il est considéré comme[1] *... il est dit ... il reste ... il demeure ...*

Cette viande est reconnue (déclarée, dite) *bonne* pour la consommation — Il sera reconnu *comme héritier, comme l'héritier.*

1. Ne pas oublier **comme** ni **pour** : « Il est considéré *heureux* » n'est pas d'un français très sûr. Ce tour s'explique par des motifs *d'économie,* et par une influence de l'anglais.

Ce paquet est déclaré *comme lettre.*
Il est qualifié *de bienfaiteur*, traité *de lâche* (**« Il est traité en lâche, comme un lâche » implique une comparaison, non une appellation).**

N. B. — Les verbes constituer, faire, former, ont souvent un sens voisin de celui du verbe être : Ces deux textes forment un tout **= sont un tout — Dans :** Il *s'est trouvé* seul **(= il est resté seul), on aura un attribut du sujet. Mais dans :** Il *se trouve* malheureux **(= il se juge malheureux) on a un attribut de l'objet se (v. n° 138).**

II. Le devenir

137 Il est devenu *honnête.* — Il est devenu *le directeur, directeur* — Il a été nommé, appelé, fait *directeur*, choisi *comme directeur*; sacré *roi*; élu *président;* proclamé *empereur.*

Je me fais *vieux* **(= je deviens vieux). (Dans :** Le solliciteur se fait tout petit **(volontairement), l'expression garde plutôt le caractère d'un attribut de l'objet** = il fait soi tout petit.)

L'eau { se change *en glace.*
se transforme *en glace.*

(On peut voir également ici un complément circonstanciel de matière.)

ATTRIBUTS DE L'OBJET DIRECT

I. L'état

138 Je sais (je crois, je vois) Jeanne *heureuse*; je la sais (je la crois, je la vois) *heureuse* — Je le sais (je le crois, je le vois) *employé* aux Nouvelles Galeries; je le sais (je le crois, je le vois) *l'ami* de Pierre.

Je le devine (je le sens, je le pressens) *heureux — bon directeur — l'ami* de Pierre.

On dit (on prétend, on assure) Jeanne *heureuse;* on la dit (on la prétend, on l'assure) *heureuse* — On le dit (on le prétend, on l'assure) *employé;* on le dit (prétend, assure) *l'ami* de Pierre.

Je le tiens *pour heureux — pour le directeur — pour un sot.*

Je le regarde, le considère *comme heureux*[1] *— comme le directeur, comme un directeur.*

Je le trouve (le juge, l'estime) *heureux* — Je le trouve (le juge, l'estime) *bon directeur* — Je le reconnais *honnête — bon directeur.*

On le traite *de lâche — de bandit.*

1. Voir n° 136, note.

II. Le devenir

139 On le nomme, on l'élit **(etc., v. n° 137)** *directeur, roi, président.*
On le choisit *comme directeur.*
Ne le faites pas *plus méchant* qu'il n'est.
Vous les rendrez *fous.*

139 bis Prendre une femme *à témoin* **(invariable)** d'un incident.
Prendre les gens *à partie* **(invariable)** : les interpeller comme des adversaires.
Prendre quelqu'un *pour un directeur, pour le directeur* : le confondre avec un directeur. *Prendre pour directeur* **signifie choisir comme diracteur.**

140 **N. B. — Beaucoup de verbes peuvent introduire un attribut :**

1. du sujet : Il *agit* en directeur — *en tant que* directeur — comme directeur, comme *le* directeur de la maison.
Il *arrive* employé, il *part* directeur.
Il s'*endort* soldat, il *se réveille* roi — Il *est mort* académicien.
Il *sourit,* en homme bienveillant.

Dans l'expression *tomber* malade, **le verbe a perdu son sens propre.**

141 **2. de l'objet :** *Apportez* les plats bien chauds — Il *a* les cheveux longs.
Ce livre, je te le *prête* intact, tu me le *rends* déchiré!
Laissez-le tranquille — *Laissons*-le simple employé.
Tenez la tête droite — *Gardez* les mains libres.

Dans des expressions comme : Il *a* les deux jambes coupées, **il ne peut être question, sous peine d'absurdité, que d'attributs : ici le verbe *avoir* n'implique évidemment pas la possession.**

141 bis **Nous avons encore des attributs dans les axpressions du F.P. :** Il y a eu dix spectateurs *de blessés* **(attribut du sujet :** Dix spectateurs se sont trouvés blessés) — Je n'ai pas une heure *de libre* **(attribut da l'objat haure) — Ici, de joue le rôle d'une particule de soutien.**

PEUVENT ÊTRE ATTRIBUTS

142 **Un nom :** Pierre est *architecte.*

Un adjectif ou un adjectif verbal :
Paul est *petit* — Il est *accommodant.*

Toute expression équivalant à un adjectif :
Je suis *debout, dans l'embarras* — La table est *en bois* — Le livre est *en bon état* — Cette maison est *à vendre,* **etc.**

Un pronom démonstratif :
Je serai *celui-là* — Nous restons *ceux* que nous étions.

Un pronom possessif :
Ce livre est *le mien.*

Un adjectif possessif :

Cette idée est *mienne* **(F.E.)**

Un pronom personnel :

Êtes-vous peintre? — Je *le* suis.
Êtes-vous **le** peintre? — (Je *le* suis) **ou plutôt :** Oui, c'*est moi*.
Êtes-vous **les** peintres? — Oui, c'*est nous*.

Attention au féminin :

Êtes-vous dactylo? — Je *le* suis.
Êtes-vous **la** dactylo? — Oui, *c'est moi*[1].

Le F.P. pop. tend à confondre ici l'attribut et un complément circonstanciel d'état, de situation, et à dire : Peintre, j'*y suis*. **Employez** *le* **en pareil cas, même pour représenter des expressions complexes équivalant à dea adjectifs :**

En proie à des terreurs, il *l'*est — A bout de forces, ils *le* sont.

On trouve même (construction discutable ici, car il semble s'agir plutôt d'un complément circonstanciel) :

« Les troupes canadiennes ne sont pas sous le commandement d'un autre pays, et ne *le* seront pas. » (*Le Monde*, 24 fév. 1966.)

Un pronom indéfini :

A dix-sept ans, Victor Hugo voulait être Chateaubriand, ou *rien*.

Un pronom relatif :

Mon enfant, l'homme *que* tu deviendras aura de lourdes charges[2].

Un pronom ou adjectif interrogatifs :

Qui êtes-vous? — *Quels* sont ses parents?

Un adjectif exclamatif :

F.E. : *Quel* fut son étonnement!

Un adjectif numéral cardinal :

Nous serons *six*.

ou ordinal :

Pierre est *second* — Il est le *second* **(notez ici l'emploi de** *il est*, **et non de** *c'est*).

Un infinitif :

Souffler n'est pas *jouer* — Agir ainsi s'appelle *trahir* — **F. P. fsm. :** ça s'appelle trahir — Espérer, c'est *vivre* **(pour l'emploi de** *c'est*, **v. n° 296).**

Un psrticipe :

Je l'ai vu *tremblant* de rage — Je l'ai vu *traîné* par les pieds.

1. *Je le suis*, expression qui fut correcte, tombe en désuétuds. Rappelons l'anecdote (vraie) de ce conseiller municipal qui s'écriait au cours d'una séance : « *Après tout, la République, c'est nous qui la sommes!* » et à qui un de ses collègues répliqua parmi les rires : « *La République, c'est toi qui l'assommes!* »

2. Remarquez que le français n'a qu'une forme pour les pronoms sttributs et les pronoms objets directs : Je *le* vois, vous *l'*êtes — l'homme *que* je vois, l'homme *que* vous êtes.

Aveo les verbes exprimant une opération des sens (*voir, entendre*), on peut employer l'infinitif au lieu du participe :

Je l'ai vu *trembler* de rage — Je l'ai vu *traîner* par les pieds.

Toute une proposition :

Mon espoir est *que vous réussirez* — Sa volonté est *que vous partiez.*

L'ATTRIBUT PEUT QUALIFIER OU CARACTÉRISER

143 **Un nom :**

Seul, le *silence* est *grand.*

Un pronom :

Cela n'est pas *rien* — *Personne* n'est *sûr* du lendemain.

Un infinitif :

Partir n'est pas *mourir.*

Une proposition :

Qu'il revienne n'est pas *certain* **(F.E.)** — Qu'il revienne, *ce* n'est pas *certain* **(langue courante).**

144 REMARQUE IMPORTANTE. **On dira obligatoirement :**
La nourriture du lion, *ce sont* les gazelles, les zèbres... **jamais** *sont,* **ou** *est* — (« *c'est* les gazelles » **appartient plutôt au F. P. fam.) De même :** Les coupables, *ce sont* eux (« *c'est* eux » : **F.P. fam.). Mais (à la différence de l'ancienne langue), on dira, en employant le singulier :** *c'est* nous, *c'est* vous — **Et aussi :** Le coupable, *c'est* moi.

N. B. — Dans ces diverses expressions, le mot qui suit *c'est* **ou** *ce sont* **peut être considéré comme un sujat mis en relief.**

REMARQUES SUR LA CONSTRUCTION DE L'ATTRIBUT

Emploi des prépositions

145 **Les prépositions qui introduisent l'attribut sont les suivantas :**

A, exprimant la direction, l'aboutissement :

Prendre *à témoin.*

Comme[1], exprimant au sens propre la comparaison :

Agir *comme roi.*

1. Nous classons ici « comme » parmi les prépositions. Il est vraiment difficile de voir un adverbe dans : *traiter comme roi,* quand on voit une préposition dans : *traiter en roi.*

De, qui semble bien avoir ici son caractère de préposition vide, de particule de soutien (v. n° 837) :

Traiter *de lâche.*

Et surtout :

En, exprimant la situation morale (= dans le personnage de, dans les sentiments de) :

Agir *en roi.*

Pour, exprimant à l'origine la substitution (= à la place de) :

Prendre *pour un roi.* **D'où :** prendre *pour roi.*

146 • **Enfin, dans un très grand nombre de cas, le français introduit l'attribut sans préposition. C'est que, pour le locuteur comme pour l'écoutant, le sens, dans ce raccourci, est parfaitement clair** (il se réveille roi, on le fait roi). **Cette clarté jointe au désir d'économie explique l'usage, de plus en plus fréquent, de « considérer » employé sans comme (v. n° 136, note).**

PLACE DE L'ATTRIBUT

Attribut du sujet

147 **Il se place, normalement, après le verbe :**

Si j'étais *jeune...* — Si j'étais *roi...* — Il se réveille *roi.*

Mais on trouve l'attribut du sujet avant le verbe dans les cas suivants :

- **en F.E. dans certaines inversions de l'adjectif et du verbe :**
  Grande fut sa surprise — *Délicate* est l'opération.
- **en F.E. dans certains tours figés :**
  Si *bon* me semble (= **si (cela) me semble bon**) — *Tels* sont ses mérites (= **voilà ses mérites**) — *Telle* est sa bonté que...
- **lorsque l'attribut doit être repris par un pronom personnel :**
  Jalouse, elle *l'*est.
- **enfin, obligatoirement :**

a) si l'attribut est un pronom relatif, un pronom ou un adjectif interrogatifs, ou un adjectif exclamatif :

Restez l'homme *que* vous êtes devenu — *Qui* est-il? — *Que* devenez-vous? — *Quel* est votre nom?

F.E. *Quel* devint son étonnement!

b) si l'attribut est un pronom personnel de la 3e personne :

Il est député, et il *le* restera — Député, il *l'*est devenu — Ils sont dévoués; oui, ils *le* sont.

● **Le F.E. et le F.P. emploient l'attribut sans verbe exprimé :**

Bienheureux les pacifiques — *Libre* à vous de partir — *Fameux*, ce vin — Pas *folle*, la guêpe **F.P. pop. — Dans :** Napoléon fondit sur l'ennemi, *telle* la foudre, **le tour équivaut à...** la foudre *étant telle*, **d'où l'accord avec le féminin foudre**[1] **— Dans :** « La belle chose *qu*'un soleil d'aurore », **que est une particule de soutien.**

● **quand l'attribut est une exclamation, un adverbe à valeur d'adjectif, notant le plus souvent un ordre :**

Assis, là-bas! — *Debout*, mes enfants!

Attribut de l'objet

148 **Normalement, sa place est après l'objet si cet objet est un nom :**

Je crois ce garçon *honnête* — Je considère ce garçon *comme honnête*.
« Je crois honnête ce garçon » **appartient plutôt au F.E.**

Mais des raisons d'harmonie peuvent modifier cet ordre.
Ainsi, même dans le F.P. Tu rendras ces pauvres enfants *fous* **sera volontiers remplacé (pour des raisons d'équilibre et d'harmonie) par le tour :** Tu rendras *fous* ces pauvres enfants.

Si l'objet est un pronom personnel atone, donc placé lui-même devant le verbe, l'attribut suit le verbe :

Je le crois *honnête* — Tu me laisseras *tranquille*.

Si le pronom est tonique, l'attribut suit le pronom :

Laisse-*moi tranquille*.

149 **N. B. — Quand l'adjectif est plutôt épithète disjointe qu'attribut (v. n° 115), sa place est soit avant le verbe (F.E.), soit après (F.E. et F.P.)**

F.E. *Furieux*, il sortit.
F.E. F.P. Il est sorti, *furieux*.

REMARQUE : **Il est rare que les verbes attributifs proprement dits ne soient pas accompagnés de leur attribut. Cependant vous trouverez :**

Être et *paraître* sont choses bien différentes.

1 On écrit aussi, et de plus en plus, par attraction avec le sujet: *tel* la foudre. Cf. Georges Duhamel : Toute la nappe, *telle* un aveuglant Sahara » *(Fables de mon jardin)*. Mais il écrit, plus loin : « Elles s'arrêtent, *tels* des fauves. »

ACCORD DE L'APPOSITION ET DE L'ÉPITHÈTE ACCORD DE L'ATTRIBUT

LE NOM EN APPOSITION OU ATTRIBUT

150 **Il suit le genre et le nombre des noms qu'il détermine, à moins que sa nature ne s'y oppose :**

Jean, *épicier* — Jeanne, *épicière*.
Jean est *épicier* — Jeanne est *épicière* — Les Durand sont *épiciers*, etc.

151 **Mais vous trouverez obligatoirement :**

Ce chauffeur est *une* canaille **(pas de masculin)** — Votre fille est bon *médecin* **(pas de féminin)** — Elle est le seul *témoin* **(même remarque)** — Les braves gens sont *légion* **(nom collectif), etc.**

L'ADJECTIF QUALIFICATIF ÉPITHÈTE OU ATTRIBUT

I. RÈGLE GÉNÉRALE

152 **L'adjectif qualificatif[1] s'accorde en genre et en nombre avec le ou les noms, le ou les pronoms auxquels il se rapporte.**

Un *charmant* garçon — une fille *charmante* — des filles *charmantes* **(épithètes).**

Paul est *franc* — Jeanne est *franche* — Paul et Pierre sont *francs* — Ils sont *francs*
(attributs).

Les noms : *témoin, partie* et *preuve* restent invariables dans des expressions comme · prendre une femme *à témoin* — prendre des passants *à témoin, à partie* — L'impression générale est bonne; *à preuve*, ces lettres de félicitations (tour vieilli, mais encore vivant — on dira plutôt (langue courante) : la preuve, ces lettres; ou : ces lettres en sont la preuve.)

1. Et le participe passé ou les participes présents à valeur d'adjectifs (*intéressant, ressemblant*, etc.).

153 Si l'adjectif se rapporte à des noms de genre différent, le masculin l'emporte :

J'aime Paul et Jeanne, *gentils* à croquer — Paul et Jeanne sont *francs*.

Mais quand les épithètes se prononcent très différemment au masculin et au féminin (et surtout s'il s'agit d'adjectifs à nasales, ou en -eau -elle; -eux -euse; -eur -euse; -teur -trice), évitez, dans un texte écrit, de placer l'adjectif masculin pluriel auprès d'un nom féminin. Il vaut mieux éviter de dire : des bâtiments et des constructions nouveaux **(et surtout :** de nouveaux constructions et bâtiments). **Dites plutôt :**

des constructions et *des bâtiments nouveaux*.
de nouveaux bâtiments et constructions.

de même, dites plutôt :

des filles et *des garçons menteurs*.
des pensées et *des actes humains*[1], **etc.**

Quelques écrivains modernes ont repris, de la langue classique, l'accord, par voisinage, avec le nom le plus rapproché de l'adjectif :

« Armez-vous d'un courage et d'une foi *nouvelle*. » (Racine, *Athalie*); **accord de** « nouveau » **avec** « foi », **bien qu'il se rapporte aussi à** « courage ». **Mais il faut, pour pratiquer cette construction, un sens très sûr de la langue.**

II. ADJECTIFS COMPOSÉS (épithètes ou attributs)

154 Si les deux termes qualifient également le nom (p. ex. sourd-muet) les deux s'accordent :

Une fille *sourde-muette*, des enfants *sourds-muets* — une saveur *aigre-douce*, des fruits *aigres-doux*.

155 Quand le premier adjectif se réduit à une forme en -o, ou -i, il reste invariable :

Les rapports *franco-allemands* — les relations *italo-turques* — les zones *pluvio-orageuses* — la démocratie *socio-chrétienne* — une scène *tragi-comique* — des histoires *héroï-comiques*.

156 Si le premier terme est un mot « invariable » (adverbe, préposition) il garde partout la même forme, bien entendu :

Les *avant-dernières* troupes — une conséquence *quasi certaine*.

157 Pour l'adjectif *bas-breton*, **à côté de :** les chansons *bas-bretonnes*, **vous trouverez :** des chansons *basses-bretonnes*. **Et l'on dit :** les mœurs *petites-russiennes* — des habitudes *petites-bourgeoises*.

1. On constatera que souvent, comme ci-dessus la construction de la phrase française obéit à des lois formelles et que le voisinage exerce une forte attraction. Pour l'attribut, en revanche, vous pourrez dire : « Les garçons et les filles sont menteurs » aussi bien que : « Les filles et les garçons sont menteurs ».

Cependant, la plupart des composés de cette sorte semblent plus fidèles à la règle de l'invariabilité :

Les vaches *bas-normandes* — les fêtes *franc-comtoises*. **Ou encore :** les dignités *franc-maçonniques* — « la politique *moyen-orientale* » (*Le Monde*, 13 fév. 1965); **et, bien entendu :** les aspirations *nord-africaines*, *sud-américaines*, **où nord, sud, pris à part, sont des noms.**

158 **Varient, bien qu'ayant valeur adverbiale, les premiers termes de certains adjectifs[1] :**

Vous arrivez *bons premiers* (= **vraiment les premiers**) — fenêtres *grandes ouvertes* — fleurs *fraîches cueillies* — *Nouveaux-venus*, *nouvelles-venues* — Je vous présenterai ces jeunes gens, *nouveaux-mariés*, et ma fille, *nouvelle-mariée* aussi — *Premiers-nés*, Pierre et Jean sont les plus chéris — Ils *eurent encore une fille*, *dernière-née*.

Il y a là un fait d'attraction très légitime, que renforce le sentiment, éprouvé par le Français, d'avoir affaire à deux adjectifs variables. Pourtant les puristes maintiennent :

Des enfants *nouveau-nes*, *mort-nés* (**v. n° 58**).

Quant à *fin prêt*, **les garagistes ou les sportifs disent généralement :** La voiture est *fin prête*. — Les coureurs sont *fin prêts* — **Mais il y a aussi des exemples où** *fin* **s'accorde en genre et en nombre.**

III. ADJECTIFS DE COULEUR (épithètes ou attributs)

159 • **Simples, ils s'accordent normalement :**

Un corsage *vert* — des jupes *vertes*.

Mais si c'est un nom qui sert d'adjectif, il est, en principe, invariable :

Des tons *ivoire* — des satins *prune* — des chevaux *pie* (= **qui ont une robe noire et blanche, rappelant les couleurs de la pie — Les gens qui écrivent** chevaux pies **risquent une plaisante équivoque.**)

Cependant on accorde, car ils sont adjectivés depuis longtemps : *écarlate*, *fauve*, *mauve*, *pourpre*, *rose* : des lueurs *fauves*, *des étoffes pourpres*; **la violette a donné** *violet*, **variable dès la XIVe siècle.**

Marron **est invariable, en principe :**

Une robe *marron* — des yeux *marron*.

La châtaigne a donné *châtain*, **qui s'accorde, le plus souvent, au masculin pluriel :** des cheveux *châtains* — **Au féminin on dira :** une barbe *châtain* — **Mais** *châtaine* **n'est pas sans exemples. Pour** *kaki*, **voir n° 97.**

1. Dont le second élément peut être un participe.

160 • **Composés, les adjectifs de couleur restent invariables : en effet l'expression** « des yeux *bleu clair* » **signifie** « des yeux *d'un* bleu clair ».
On écrira donc :

Des yeux *brun foncé* — La cassette d'Harpagon était *gris-rouge*.

Même stabilité si le second terme est un nom marquant la comparaison :

Des robes *rouge cerise* — une nuance *vert bouteille* — des rideaux *bleu ciel* — une teinte *gris souris*.

161 **S'il s'agit de couleurs mêlées, on dira :**
ou bien une robe *noire et blanche*
ou bien une robe *noir et blanc* (= **en noir et en blanc).**

IV. PARTICULARITÉS

Adjectifs ou participes qualifiant des noms unis par « ou » (épithètes ou attributs).

162 **On peut négliger les distinctions que fait de moins en moins la langue courante entre éléments « exclusifs » l'un de l'autre (cas où l'accord ne pourrait se faire qu'avec un seul des deux éléments) et éléments « non exclusifs » (qui seuls permettraient l'accord avec l'ensemble). Écrivez donc tout simplement, selon la règle générale (v. n° 152) :** Paul a le bras *ou* la jambe cassés **(éléments « non exclusifs » : Paul peut avoir, à la fois, le bras et la jambe cassés).** L'Écossais portera un kilt *ou* un pantalon *tissés* aux couleurs de son clan **(éléments « exclusifs » pourtant, puisque notre Écossais ne peut porter, à la fois, un kilt et un pantalon![1]).**

163 **Adjectifs qualifiant des noms unis par « ni » (épithètes ou attributs).**
Même observation. Faites l'accord selon la règle générale (accord avec l'ensemble) : Paul n'a *ni* le pied *ni* la jambe *cassés* **(éléments « non exclusifs »).** — Avec ce garçon, *ni* la violence *ni* la douceur ne sont *efficaces* **(éléments pourtant « exclusifs » l'un de l'autre) [v. aussi n°s 581 et 582].**

Série de noms formant gradation :
164 **L'adjectif épithète s'accorde soit avec l'ensemble[2], soit avec le dernier nom de la série, qui doit alors être le plus expressif :**

Cet homme a montré une fermeté, un courage, une sérénité *admirables* — Il a montré une fermeté, un courage, une sérénité *étonnante*.

1. Littré écrivait déjà, il y a un siècle, à propos de *ou* : « En général, c'est l'idée de conjonction qui domine. »
2. Si un nom *féminin* termine la série, la forme de cet adjectif doit être *la même* aux deux genres (v. n° 153).

165 **Si la série est résumée par des expressions comme :** *tout, tout le monde, tout cela, tout l'auditoire, toute l'assistance, l'assistance en un mot,* **etc., le verbe se met au singulier et l'adjectif, épithète ou attribut, prend le genre du pronom ou du nom qui résument :**

Les voyages, les explorations, les aventures, tout cela est *exaltant* — Enfants, adolescents, adultes, toute l'assistance, *ravie,* acclama les acteurs.

166 **Si plusieurs adjectifs épithètes qualifient, chacun pour leur compte, un nom impliqué dans un ensemble pluriel, chaque adjectif se met au singulier :**

Les *dix-septième* et *dix-huitième* siècles — Les langues *française* et *allemande.*

167 **Si un adjectif épithète accompagne un ensemble formé d'un nom et d'un complément de nom, l'accord se fait (selon le sens) soit avec le nom, soit avec son complément; on écrira donc :**

Un chemisier de laine *écossaise*; **mais :**
un chemisier de laine *élégant,*
un groupe de *spectateurs enthousiastes,*
un groupe de spectateurs *très dense.*

Si l'adjectif est attribut d'un terme collectif comme *une multitude, une foule de, un grand nombre (de),* **son accord se conforme à celui du verbe (v. n° 585) :**

Une multitude *était présente* — Une foule de gens *sont présents* — Un grand nombre *étaient présents.*

168 **Après des expressions vagues ou dédaigneuses introduites par :** *une sorte de..., une espèce de..., une manière de..., un genre de...* **ou franchement péjoratives comme :** *cette canaille de..., cette crapule de...* **ou** *ce monstre de...,* **accordez l'adjectif épithète ou attribut avec le second terme de l'expression :**

Une sorte de *singe, laid* à faire peur[1]... — Cette manière de *singe* est *laid* à faire peur — Cette canaille de *Paul, faux* comme un jeton... — C'est un genre de *femme assommante* — Ce monstre de *femme, méchante* au possible... — Ce monstre de *femme* est *méchante* au possible[2].

169 **Adjectif qualifiant certains pronoms personnels (épithète ou attribut).**

Il reste au singulier :

après le « vous » de politesse :

« Vous, madame, *heureuse* du succès de vos enfants... » « Vous êtes *satisfait,* monsieur ? »

1. L'attraction du deuxième nom est si forte que dans le F.P. pop. il en vient à imposer son genre à *l'article* : *un* espèce de singe.
2. Pour les expressions comprenant *terme masculin* et *terme féminin* (ce monstre de femme), il semble que l'accord masculin soit aussi en usage : Ce monstre de femme est *méchant* au possible.

et après le « nous » : a) de majesté (= chefa d'État, hauts fonctionnaires, etc.) — b) de modestie (= dens la préface d'un livre, l'auteur parlant de lui-même) :

a) « Nous, Président de la République, *conscient* de nos hautes responsabilités... », etc.

b) « Dans cette grammaire que nous présentons aux étrangers, nous ne sommes pas *sûr* d'avoir résolu tous les problèmes importants que pose la langue française... »

Comme attribut après « nous », désignant, dans le F.P. fam., une seule personne, et signifiant « tu » ou « vous » de politesse :

« Alors mon petit, nous sommes un peu *fatigué*, ce matin? » « Eh! mais nous sommes *profonde* » (Montherlant, *Les Jeunes Filles*.)

N. B. — « Nous » peut aussi tenir la place d'un « vous » appliqué à plusieurs personnes. Dans ce cas, naturellement, l'adjectif est au pluriel :

« Alors, les enfants, nous sommes *fatigués*? »

Après « on », qui peut, notamment dans le F.P. fam., ae substituer à toutes les personnes, l'accord se fait, suivant le contexte, de la manière suivante :

169 bis On = *je* **(assez rare)** — Déjà levé? — Oui, on est *matinal* **(singulier).**

On = *tu*—Alors, on fait de la rébellion ? on est *brutal ?* **(aingulier).**

On = *il, elle* — Ah! on n'était pas *contente*, ce matin... Il a fallu la dorloter... **(singulier).**

On = *nous* **F.P. pop.** — Vous n'êtes pas égaux? Eh bien, nous, on est égaux **(pluriel).**

On = *vous* **(F.P. pop. et rare)** — Alors, on n'est pas encore *contents*? **(pluriel).**

N. B. — On = *ils, elles* — **l'adjectif reste au singulier :** « Chez *les* Durand, on est *loyal.* » **Ici, « on » s une valeur d'indéfini, qui exige le singulier.**

170 L'adjectif est au superlatif relatif (épithète ou attribut)

En règle générale, l'accord se fait avec le complément du superlatif; on dire, on écrira :

L'éléphant est *le* plus intelligent *des animaux* **(= l'animal le plus intelligent) — Mais :** L'éléphant est *la* plus intelligente *des bêtes* **(= la bête la plus intelligente).**

171 **Si le superlatif n'a pas de complément, il est parfois difficile, même pour les Français, de décider quelle forme doit prendre l'article** (*le* plus...).

Par exemple, il convient de dire et d'écrire, selon la grammaire traditionnelle :

a) Elle est *la* plus courageuse (= la plus courageuse par rapport aux autres femmes).

b) C'est aujourd'hui qu'elle a été *le* plus courageuse (= qu'elle a montré le maximum de courage par rapport à toute sa vie).

Ici, « le plus » est une sorte de tour nautre signifiant : au plus haut degré.
Si l'on disait : C'est là qu'elle a été *la* plus courageuse, on voudrait dire : la plus courageuse *des femmes*, en cette circonstance (aens a).

Telle du moins est la règle de principe. Il n'y a aucun inconvénient à l'appliquar — Mais vous entendrez et lirez souvent, dans le sens b : C'est là qu'elle a été *la* plus courageuse, parce que, ici encore, l'attraction de la forme est la plus forte.

Si un adverbe s'interpose entre « le plus » et « l'adjectif » (et dans ce cas c'est en réalité l'adverbe qui est au superlatif), cette attraction s'exerce encore :

« Les ouvrages les plus *longuement* médités »

Surtout si l'adjectif a un féminin différent, phonétiquement du masculin :

« Vous êtes la femme *la* plus *sincèrement* et *la* plus *simplement* grande qu'il y ait » (Barbey d'Aurevilly, cité par R. Le Bidois. *Le Monde* du 28 mars 1962).

172 Adjectif (épithète ou attribut) précédé de « des plua », « des moins » :

Un voyage *des plus intéressants* (= un voyage parmi les plus intéressants, un voysge extrêmsment intéressant).
Normslement, vous mettez l'adjectif au pluriel.

Mais comme « des plus » s fini psr signifier « extrêmsment », vous entendrez parfois (et vous lirez!) : Il n'a pas un caractère *des plus égal* (ou *de ces plus égal*, F. P. fam.).
Tenez-vous-en à l'accord normal (un caractère *des plus égaux*), sauf dans certains cas :

a) Quand aucun nom ne permet l'accord formal :

Il (= neutre) m'est *des plus agréable* d'avoir à vous féliciter.

b) Quand l'accord serait absurde : ainsi Émile Henriot (cité par M. Grevisse) a raison d'écrire, dans *Aricie Brun* :

« M. Coutre était *des plus satisfat* de sa femme »,

c'est-à-dire extrêmement satisfait — S'il avait écrit : « des plus satisfaits », cette comperaison implicite eût fait sourire...

173 Les plus... possible.

Avec un adjectif intercalé, laissez « possible » invariable en nombre, malgré une tendance (par attraction) à le régler sur l'adjectif intercalé; écrivez :

Avoir les avions les plus rapides *possible* (= **les plus rapides qu'il soit possible) plutôt que :**

les plus rapides possibles.

(Bien entendu, « possible », simple épithète ou attribut, suit la règle d'accord : Il m'a fait tous *les ennuis possibles* — « Le meilleur des mondes *possibles* » **signifiera :** le meilleur parmi les *mondes possibles*.)

174 REMARQUE : **Adjectifs employés comme adverbes :**

En principe, ils sont invariables :

Vous chantez *juste*, ils crient *fort*, elles voient *clair*, ces fleurs sentent *bon* — « [La prise de la religion] s'exerçait plus *profond* » (Daniel-Rops, *La Réforme protestante*).

On peut rattacher à la même construction :

Quand on parle de pardonner, ils voient *rouge* (= **ils se sentent pris de fureur)** — Nous votons blanc : vous votez socialiste[1].

Court, employé comme adverbe, est invariable aussi :

Elle resta *court*, s'arrêta *court* (= **brusquement silencieuse, sans pouvoir répliquer)** — L'affaire tourne *court* **(s'arrête sans aboutir)** — Vous avez pris ces virages trop *court* — Couper *court* à une tentative — Ils furent pendus haut et *court* **(à une haute potence, mais avec une corde courte)** — « Ne nous appelez plus messieurs Dupont; dites-nous Henri et Marcel, tout *court*. »

175 Avoir l'air content.

a) Elle a l'air *content*; b) Elle a l'air *contente*.

Les deux formes correspondent à des sens très voisins : mais : en a) *content* **est un attribut de** *air* **(= aspect) : elle a l'aspect content;**

en b) *contente* **est l'attribut de** *elle*, **sujet de l'expression verbale « avoir l'air » qui prend le sens global de : sembler, paraître.**

Dans le F.E., il n'y a aucun inconvénient à pratiquer l'accord avec air (*content*), bien que *contente* **y soit fréquent.**

Dans le F.P., vous serez plus fidèle à l'usage en faisant l'accord avec elle (*contente*).

Mais si l'on n'a plus affaire à une expression globale (*air* étant déterminé), respectez la règle générale d'accord :

Elle a *un air* satisfait — Elle a l'*air* satisfait que donne le succès[2].

1. Tour qui s'emploie même avec des noms : Roulez Azur. Souriez Gibbs (influence de l'américain).
2. On notera que ce double tour ne convient qu'à des adjectifs de sens *moral* ou *intellectuel*. On ne dira pas : cette porte a l'air bas, mais seulement : cette porte a l'air basse.

176 A quoi bon? — Rien de bon. — Quelque chose de bon.

Dans ces expressions, l'adjectif reste invariable, ayant une valeur neutre :

A quoi *bon* ces crises de colère? — Rien de *bon* — Il y a quelque chose de *bon* dans cette lettre (de = **particule de soutien**).

177 Il y en a trois de bons, plusieurs de bons.

Ici, accord avec le nom désigné par le contexte :

« Vos fruits? il y en a tout juste trois *de bons* » **(v. n° 141 bis).**

Sans égal.

178 Dans ce tour, accordez égal avec le nom :

Une *félicité* sans *égale* — des *félicités* sans *égales* — un *succès* sans *égal*.

Au masculin pluriel, mieux vaut tourner autrement (« sans égaux » est « barbare ») et dire, par exemple : des succès *incomparables*.

179 Elle se fait fort de...

Dans : « Elle se fait *fort* de réussir » (= **elle se prétend capable de réussir) l'adjectif garde un féminin sans e, remontant à l'époque où, de par son étymologie latine, il n'avait qu'une forme pour le masculin et le féminin.**

Mais « Elle se fait *forte* de... » **est devenu courant. Vous pouvez donc faire l'accord, puisque, aussi bien, le premier tour n'est plus qu'un archaïsme.**

Caractère invariable de certains adjectifs placés devant le nom

180 Placés devant le nom, certains adjectifs ou anciens adjectifs, formant une expression figée, demeurent généralement invariables :

a) demi-, mi-.

Écrivez : une *demi-heure* — les *demi-litres* de vin — les *demi-douzaines* de poires — une *demi-mesure*.

Le cortège de *la mi-carême* — Le magasin sera fermé à la *mi-août* (**pron. mi-ou**) — Je n'ai trouvé que des *mi-bas* en coton — S'arrêter à *mi-côte*.

Mais : une heure *et demie*, huit heures *et demie*, deux douzaines *et demie*.

Dans : avoir les yeux *mi-clos*, des mets *demi-cuits* (*à demi cuits*) — *mi, demi*, **ont valeur d'adverbes.**

181 **b) Ci-joint, ci-inclus :**

Ils demeurent invariables, en principe, quand ils précèdent le nom : Vous trouverez, *ci-joint*, deux pièces...

Placés après le nom, ils varient : Vous trouverez deux pièces *ci-jointes* — **Mais personne ne sera vraiment choqué de lire :** Vous trouverez, ci-jointes, les pièces — **Et la plupart des secrétaires notent tout simplement au bas de la page :** « deux pièces *jointes*... ».

y compris, non compris précèdent généralement le nom et restent alors invariables : douze livres, *y compris* les grammaires, *non compris* les grammaires.

182 **c) Franc de port (= exempt de taxe postale) est dans le même cas :**

Je vous enverrai, *franc de port*, ces deux colis — Je vous enverrai ces deux colis *francs de port*.

Mais on écrit plus simplement : *franco*, **invariable en toute circonstance.**

183 **d) Certains participes, antéposés au nom, ont pris la valeur de prépositions, et demeurent généralement invariables :**

Attendu, ou *vu*, les articles 14 et 17 de la loi du 10 août 1960...
Excepté les infirmes, tous les hommes furent mobilisés **(de même l'adjectif** *sauf* **:** *Sauf* les infirmes...)
Étant donné votre imprudence, on ne vous excusera pas. **(Ici, l'accord est fréquent.)**
Passé huit heures, la porte sera fermée.

184 **e) Quelques adjectifs restent invariables devant le groupe article + nom (*plein*, *haut*, *bas*) — ou le nom sans article (*nu*) :**

Le meurtrier avait du sang *plein* les mains — La police cria : « *Haut* les mains! » — Il l'a emporté sur ses concurrents *haut* la main (*avec aisance*, **terme d'équitation)** — Allons, mon chien, *bas* les pattes! — Ne sors pas *nu*-tête **(mais :** tête *nue*[1]**).**

185 **f) Feu (signifiant défunt[2]) est un adjectif aujourd'hui bien archaïque, défunt lui-même — Généralement placé devant le nom, il s'accordait ou ne s'accordait pas, selon qu'il était, ou non, précédé de l'article (ou du possessif) :**

La feue reine, *ma feue* grand-mère — mais : *feu la* reine.

1. L'arrêté ministériel du 26 février 1901 tolère l'accord de *nu* dans tous les cas.
2. Aucun rapport avec *le feu* Cet adjectif vient du latin et signifie : qui a accompli sa destinée (*fatum*).

LES COMPLÉMENTS DU NOM

186 **Le sens du nom peut être précisé :**

a) sans préposition,

par un nom en apposition : le roi *Louis*,
par un adjectif qualificatif épithète : un voyage *intéressant*,
ou par l'équivalent d'un adjectif : un voyage *gratis*,
par un adjectif numéral : il a *deux* fils — le *deuxième* fils,
par un article, un adjectif démonstratif, possessif, interrogatif, exclamatif ou indéfini : *la* maison — *cette* maison — *ma* maison — *quelle* maison? — *quelle* maison! — *certaine* maison,
enfin par une proposition apposée : Les parents s'abandonnent à l'espoir *qu'un miracle sauvera leur enfant.*

187 **b) avec préposition (outre les cas de nom apposé :** la ville *de* Paris**),**

par un nom : le livre *de* l'étudiant,
par un pronom : une maison *à* moi,
par un adverbe : les femmes *d'*aujourd'hui,
par un infinitif : la volonté *de* réussir — terrain *à* bâtir.
Ce sont ces quatre emplois que traditionnellement on appelle compléments du nom.

SENS ET CONSTRUCTION DES COMPLÉMENTS DU NOM AVEC PRÉPOSITION

188

SENS DU COMPLÉMENT	EXEMPLES
l'appartenance, la possession	Le magasin *de la commerçante* — une maison *à moi**[1] C'est une maison *à moi* — **F.P. pop. :** la bague *à Jules*[2], la maison *au fermier* **(expression figée :** *un fils à papa***)**
l'origine	Un vase *de Chine**, un vase *du Japon** **(pour l'article, v. n° 271)**
l'époque, le point de départ	Une maison *du Moyen Age** — la mode *d'hier** Le train *de Milan* — **(mais voir aussi : la direction vers)** Un saut *du haut de la tour*[3]

1. Le signe * affecte les compléments qui peuvent, tout au moins en **F. P.**, se construire aussi comme attributs : Cette maison *est* à moi — Cette mode *est* d'hier, etc.
2. Tour ancien, demeuré très vivant.
3. L'emploi de *depuis* pour indiquer le lieu de départ est aujourd'hui très répandu. On peut le discuter mais il permet parfois d'éviter une équivoque : parler *depuis* Londres est plus clair que : parler *de* Londres.

l'ensemble dont on considère une partie	Une part *de gâteau* — le bras *de la statue* — un kilo *de raisin* — **F.P. fam. :** un gars *de la marine*
la matière	**Au sens propre : de, ou en :** une table *de* bois* **(plus courant)** — une table *en* bois* **(insiste davantage sur la matière)** **Au sens figuré : de :** Une énergie *de fer** **(mais :** un caractère *en or** **F.P. fam.)**
la couleur	Un teint *d'ivoire** — des lèvres *de corail**
l'auteur, l'agent	Ce tableau *de Rembrandt** — « Les Misérables » *de Victor Hugo** — « Concordances », *par* Paul Leblanc **(dans le titre d'un volume, pour présenter l'auteur)** **N. B. On dira :** cette statue *par Rodin* — la statue de Balzac, *par Rodin* **(pour éviter l'équivoque d'un de ou une répétition)** — l'assassinat d'Henri IV *par Ravaillac*
la cause	Des cris *de colère* Une plaie *par balle* — un meurtre *par imprudence* Un procès *pour dettes*
la direction vers	Le retour *à Paris, à la vie civile,* le chemin *du village,* le train *de Milan* **(v. aussi : le point de départ)**
la destination, le but	Un sac *à charbon* — une vache *à lait* Une machine *à calculer; à laver* — un maillot *de bain* — un tuyau *d'échappement* La lutte *pour la vie* — un voyage *pour information** — une robe *pour fillette** — une histoire *pour rire**
l'objet	Son dévouement *à* la *patrie* — son dévouement *pour toi* — La chasse[1] *au sanglier* — la pêche *au saumon,* **ou parfois :** *du saumon*
le contenu	Un sac *de charbon*
l'accompagnement	Une robe *à volants**
l'élément caractéristique	La route *aux dix-sept tournants* — La Vallée *aux loups* — l'omelette *au fromage** — **F.P. fam. :** une robe *avec des volants**

1. Toujours *à* avec chasse; *à* ou *de* avec pêche.

l'habillement	Une dame *en manteau noir** — la guerre *en dentelles* **F.P. fam. :** une dame *avec un manteau noir*
la qualité	Un garçon *à principes* (≠ un garçon *sans principes*) — un type *à histoires* **F.P. pop.** une femme *de mérite*[1] — un lieu *de sainteté* — un regard *de prière* (P. Loti)
le valeur	Un livre *de prix** — une voiture *de 20 000 F** — un homme *de peu*, des gens *de rien* — des stylos *à 5 F**
la mesure	Une salle *de 200 mètres carrés** — un camion *de 15 tonnes**
l'instrument, le moyen, le véhicule	Un orgue *à manivelle* — un moulin *à vent* — un bateau *à vapeur* — une promenade *à cheval, en auto*
la manière	L'escroquerie *au mariage* — le vol *à la tire* — le saut *à la corde* — le saut *à ski* Un coup *de pied* — signe *de la main* — un voyage *en bateau*
la comparaison, la manière	Le thé *à la russe** — une sortie *à l'anglaise* (= **discrète**) — un voyage *à la papa* (= **sans hâte — F.P. pop.**)
le rapport, le point de vue	Des camarades *d'enfance* — les invalides *du travail*[2] — un problème *de physique* Le sermon *sur la mort** Mon rival *en poésie* Mon concurrent *dans le cent mètres* Un programme *selon mes goûts**
l'opposition, la réciprocité	Une course *contre la montre** Une arrestation *au mépris de la loi* Un envoi *contre remboursement**
le lieu, l'emplacement	La vie *à Paris* — la vie *en France* Une promenade *dans la campagne* Une victoire *sur le papier** La bataille *de Poitiers*
le temps	Un voyage *au printemps* — un voyage *en été* Un voyage *de trois jours** Le tour du monde *en 80 jours* Un départ *pour trois jours* Une promenade *avant, pendant, après le dîner*

1. Souvent le complément est lui-même qualifié : une femme d'un *grand* mérite, de *beaucoup* de mérite.
2. Ces deux compléments ont été d'abord des compléments d'origine.

189 **Signalons enfin que le complément des noms d'action peut représenter :**

a) le sujet de cette action : l'accueil *du père* fut généreux

b) l'objet direct : l'assassinat d'*Henri IV*

c) l'objet indirect : l'obéissance *aux lois*.

N. B. — 1. Les deux premiers compléments peuvent être remplacés par un adjectif possessif : *mon* accueil — *son* assassinat.
Le troisième, non. On ne peut dire : leur obéissance, **pour :** l'obéissance *aux lois*.

2. Il faut éviter certaines équivoques, favorisées par les emplois multiples de la préposition de : la peur *des ennemis* **peut signifier :** la peur *qu'on a* des ennemis **(les ennemis sont l'objet de cette peur) — ou** celle *qu'ils éprouvent* **(les ennemis sont le sujet) [voir plus haut :** le train *de* Milan **(= origine ou destination)].**

LA PRÉPOSITION EST ABSENTE

190 **a) De certains noms composés, récents aussi bien qu'anciens :**

L'hôtel-*Dieu* **(l'hospice de Dieu)** — le timbre-*poste* **(le timbre pour la poste),**

et, dans le F. P. fam. :

La question *santé*, le côté *succès*.

souvent, même, sous forme d'un complément global :

Question principes vous serez satisfait — *Côté succès*[1], on est plutôt déçu — *Au point de vue santé*, ça va.

N'abusez pas de ces tours, rapides sans doute, mais qui sentent la négligence. Dites plutôt :

Au point de vue *de la* santé... — Du côté *du* succès...

191 **b) Devant les noms propres d'hommes, dans l'appellation des rues, des places, etc.**

La rue *Pasteur*, la place *Georges-Clemenceau*.

Mais ici, la préposition reparaît, en principe, si le nom propre est apposé à un nom commun, lui-même complément du nom rue, avenue, etc. : l'avenue *du* Maréchal-Leclerc **(Il y a une tendance populaire à dire, là aussi :** l'avenue Maréchal-Leclerc**) ou, si le nom propre est celui d'un pays, d'une ville :** rue *de* Lisbonne.

1. *Côté cour* (du côté droit de la scène, aux yeux du spectateur), *côté jardin* (du côté gauche) appartiennent depuis longtemps à la langue technique du théâtre. « *Réalisation Pierre Martin* » (à la Télévision) est aussi une expression technique *figée* — de même : lainage *grand teint* — boîte *carton* — robe *laine et coton* (abréviations commerciales)

COMPLÉMENT DE NOM REMPLACÉ PAR UN ADJECTIF

192 **On devra — les étrangers en particulier — se garder de substituer sans contrôle un adjectif à un complément de nom.**

En général, la substitution est possible avec un complément exprimant :

la possession :

la maison *paternelle* (= **du père**) — le palais *royal* (= **du roi**)

le lieu d'origine :

un vase *grec* = (**de Grèce**) — des oranges *maltaises* (= **de Malte**)

le sujet :

l'amour *filial* — le voyage *présidentiel.*

Mais les autres catégories de compléments n'ont pas toujours d'adjectif équivalent : car les sens de l'adjectif et du nom de même radical peuvent ne pas coïncider — Cela est vrai surtout des adjectifs qui ont une valeur plus abstraite (morale, poétique, etc.), comme *enfantin, théâtral, vespéral,* etc.

On ne dira pas : un camarade enfantin **pour :** un camarade *d'enfance ;*
la rentrée théâtrale d'un acteur **pour :** son retour *au théâtre ;*
la presse vespérale **pour :** la presse (= **les journaux**) *du soir.*

La prudence s'impose aussi à propos des adjectifs tirés de noms propres. Évitez de dire : la surface parisienne **pour** *la surface de Paris.*
On n'oubliera pas que rabelaisien signifie : débordant de joyeuse vie, un peu grossier, à la manière des personnages de Rabelais et non : écrit par Rabelais — voltairien, spirituel et sceptique à la manière de Voltaire et non : écrit par Voltaire, etc.

En revanche les adjectifs formés d'un radical savant et qui n'ont guère qu'une valeur technique se substituent plus facilement au nom complément : éducation *sanitaire,* témoin *oculaire,* tarifs *ferroviaires,* réforme *agraire,* exposition *canine* **sont courants — Et certaines expressions, difficilement remplaçables, peuvent être considérées comme figées :** des blessés *graves,* des blessés *légers.*

LES COMPLÉMENTS DE L'ADJECTIF QUALIFICATIF

193 **Comme le nom, l'adjectif peut être complété ou caractérisé, très diversement :**

Soit sans préposition :

par un adverbe : *sincèrement* modeste;
par une proposition : je suis content *qu'il accepte.*

194 **Soit à l'aide d'une préposition :**

par un nom : un homme riche *en terres*, riche *de terres;*
par un pronom : il est content *de lui;*
par un infinitif : il est content *de partir.*

COMPLÉMENTS DE L'ADJECTIF INTRODUITS PAR UNE PRÉPOSITION

195

SENS DU COMPLÉMENT	EXEMPLES
la richesse, la pauvreté, la plénitude	Une terre riche (pauvre) *en blé* (ou fertile *en blé*) riche *de* **peut avoir le même sens, mais qualifie plutôt un nom de personne :** *Paul* est riche de terres La salle est pleine *de spectateurs* (vide *de spectateurs*) — **F.P. arg. : il est plein** *aux as* **(= il est riche d'argent)**
le désir, l'objet, l'aptitude	Une âme avide *de gloire* — une âme avide *de dominer* — il est soucieux *du succès* — soucieux *de réussir*, capable *de réussir* Il est passionné *pour la peinture* — passionné *de peinture* — ardent *à l'ouvrage* Ardent *à poursuivre* la gloire — nous sommes confiants *en l'avenir* — un homme confiant *en lui* Un malade sujet *à des crises* fréquentes — un enfant sensible *au froid* — une décision favorable *à mes intérêts*
l'intérêt	Soyez bon *pour les animaux*

LA QUANTITÉ, LES DEGRÉS

QUANTITÉ ET DEGRÉS APPLIQUÉS AUX NOMS

I. QUANTITÉS CHIFFRÉES, OU NOMBRES

196 a) Nombres cardinaux (ou adjectifs numéraux cardinaux)

Emploi et prononciation (les parenthèses encadrent les lettres qui ne se prononcent pas) :

zéro[1]	:	Vous avez fait *zéro* faute — Combien étaient-ils ? — *Zéro*.
un[2]	:	*Un* arbre, *un* homme.
deux	:	*Deu(x)* livres, *deux* arbres (x **pron.** Z) — ils sont *deu(x)*.
trois	:	*Troi(s)* livres, *trois* arbres (s **pron.** Z) — ils sont *troi(s)*.
quatre	:	*Quatre* livres.
cinq	:	*Cin(q)* livres ou *cinq* livres[3] (q **pron.** K) — *cin(q)* francs[3] — ils sont *cinq* (q **pron.** K).
six	:	*Si(x)* livres — six arbres (x **pron.** Z) — ils sont *six* (x **pron.** S).
sept	:	*Se(p)t* livres — *se(p)t* francs — *se(p)t* arbres — ils sont *se(p)t* (t **toujours prononcé**).
huit	:	*Hui(t)* livres — *hui(t)* francs — *huit* arbres — ils sont *huit*.
neuf	:	*Neuf* livres — *neuf* francs — *neuf* arbres. **Mais** *neuf heures* (f **pron.** V) — *neuf ans* (f **pron.** V) — *neuf hommes* (f **pron.** V) — ils sont *neuf*.
dix	:	*Di(x)* livres — *di(x)* francs — *dix* arbres (x **pron.** Z) — ils sont *dix* (x **pron.** S) — *dix-se(p)t* (**mais souvent** : *dix-se(pt)* livres) — *dix-huit* (**mais** *dix-hui(t)* livres) — *dix-neuf* (x **pron.** Z) — *dix-neuf* hommes (f **pron.** V).

1. Équivalents : **adjectifs** : *aucun, nul, pas un* — **pronoms** : *personne* (*aucun, nul, pas un*), *rien* (v nos 389-390).
2. Ou pour souligner le caractère unique : *un seul, un tout seul* (pour un numéro de téléphone par exemple : *Lourdes* 00 01 se dit : *un tout saul*).
3. On tend à prononcer le **q** final (= K).

la destination	Un caractère enclin *à la mélancolie* Un garçon né *pour les affaires*
le contact	Un pansement adhérent *à la plaie*
la conséquence	Mon âme est triste *à mourir* — cet enfant est gentil *à croquer* **(valeur intensive du complément)**
la séparation	Je suis détaché *de tout*; exempt *de soucis*; libre *d'occupations*
la privation	Privé *de mon collaborateur*
la différence	Différent *de vous*
l'origine	Il est originaire (natif) *de Caen* Elle est riche *par sa mère* **F.P. fam.** riche *du côté de sa mère*
la cause	Je suis honteux *de cette négligence* — il entra rouge *de colère* — un père fier *de son fils* Les Grecs sont célèbres, fameux *par leur génie artistique*, **ou plutôt :** Les Grecs sont célèbres, fameux *pour leur génie artistique*
la comparaison	**(N. B. — Le complément de couleur se construit normalement sans préposition :** Bleu *roi* — rouge *cerise* — vert *olive*, **etc.)** Méchant *en diable* Nous sommes égaux, supérieurs, inférieurs *à nos adversaires*
le point de vue	Large *d'épaules* — remarquable *de sang-froid* Supérieur *en intelligence* — fort *en calcul* Grand *par le cœur* Homme habile *à parler* **(le verbe est intransitif)** Chose facile *à dire*[1] **(le verbe est transitif)**
la mesure	Un mur haut *de 6 mètres*
la mesure d'une différence	Un mur *plus* bas *de 2 mètres* — *plus* bas *de cela* **(avec un geste)** Vous êtes en retard *de 5 minutes*

On voit que, pour la formation des compléments de l'adjectif comme pour celle des compléments du nom, les prépositions les plus employées sont de et à.

1. Bien distinguer : il est facile *de* dire cela (où *dire* est le sujet de *est*) et : cela est facile *à* dire (où *dire* est le complément de *facile*) — v. n° 542, N. B.

vingt	:	*Vin(gt)* livres — *vin(g)t* arbres — ils sont *vin(gt)* — *vin(g)t et un* — *vin(g)t et une pommes* — *vin(g)t-deux*[1], **etc.**
soixante	:	(x **pron.** S) — *Soixante et un* — *soixante-deux*, **etc.** — *soixante-dix*[2] — *soixante et onze soixante-douze*, **etc.**
quatre-vingts	:	*Quatre-vin(gts)* livres — *quatre-vin(gt)s* arbres (s **pron.** Z) — ils sont *quatre-vin(gts)* **attention : on écrit et on prononce** *quatre-vin(gt)-un* — *quatre-vin(gt)-deux*, **etc.** *quatre-vin(gt)-dix*, *quatre-vin(gt)-onze*, **etc.** **A la différence de** *vingt* (ving*t*-deux, ving*t*-trois, **etc.) le** *t* **de** quatre-vingts **n'est jamais prononcé — Il importera donc de bien distinguer :** quatre-vin(gt)-cinq soldats **et :** ces fruits coûtent quatre francs vin(g)*t*-cinq (4,25 F).
cent	:	*Cen(t)* livres — *cent* arbres — ils sont *cen(t)* — *cen(t) un* — *cen(t) deux*, **etc.**
deux cen(ts)	:	*Deux cen(ts)* livres — *deux cen(t)s* arbres (s **pron.** Z) — ils sont *deux cen(ts)*. *deux cen(t) un*, *deux cen(t)*[3] *deux*, **etc.**
mille	:	*Mille un*[4], *mille deux*, **etc.**
un million de	:	*Un million de* francs.
un milliard de	:	*Deux milliards de* francs.

N. B. — Un billion équivaut à un *million de millions*.
Un trillion **à un** *milliard de milliards*.

REMARQUES

197 **1. Pour nommer les nombres, on dit :** *le un*, *le deux*, *le onze*, **etc.**

2. *Vingt*, *cent*, **multipliés, restent en principe invariables s'ils équivalent à un adjectif numéral ordinal :** la page *quatre-vingt*, l'an mil *huit cent*. **Mais cette règle, ignorée de la plupart des Français, ne s'impose plus guère.**

3. On écrit *deux mille* hommes **(mille est invariable, c'est un adjectif numéral). Mais : une distance de** *deux milles* **(mille est un nom de mesure (**mille *marin*), **représentant environ 1 850 m**[5]**).**

1. Prononcez ving*t*-deux mais non ving*te*-deux comme on l'entend trop souvent à la radio.
2. *Septante* (= 70), et *nonante* (= 90), quelquefois *octante*, *huitante* (= 80) sont d'anciennes appellations, encore usitées en Belgique wallonne et en Suisse romande.
3. En principe on laisse **invariables** *vingt* et *cent* suivis d'un autre adjectif numéral ; mais le pluriel est toléré. Bien entendu, on écrira *deux cents millions* (million est un nom).
4. Si l'on énonce une série de nombres. Mais si le nombre est isolé on dira toujours : Il m'a causé *mille et un soucis* — Vous avez *mille et une occasions* de le rencontrer — Les contes des *Mille et une Nuits*.
5. La langue des sports a introduit aussi le mot anglais *mile* (pron. maïl), soit 1 600 m environ : courir le mile.

Dans les actes juridiques on écrit encore : dix juillet *mil* neuf cent soixante-cinq.

4. Mais pour les nombres de la série du millier on dit : *dix-neuf* cents, **etc., plutôt que** mille neuf cents.

5. Écrivez de préférence en lettres les nombres énoncés dans un récit, dans une page littéraire, surtout si ces nombres sont peu élevés ou imprécis :

Les manifestants furent d'abord *dix* ou *douze*, puis *cinquante*, puis *deux cents*.

Employez les chiffres pour les heures, les dates, les pages : en *1914*, le *2* novembre, page *18*; **les énoncés scientifiques** : La température du soleil est d'environ *6 000* degrés.

Si l'on écrit un prix en chiffres on le présente ainsi :

pommes à *2,50* F.

Mais l'on continue à dire : pommes à *deux francs cinquante*.

b) Nombres ordinaux

198 **Premier — deuxième** (x pron. Z) **ou second :**
on dira : les *deuxièmes* classes, **ou** les *secondes* classes **(train, avion, bateau), avec une préférence pour « secondes classes ». Mais, sans le nom « classes »** : les *secondes*; voyager en *seconde* — **D'un élève, on dira plutôt** : Il est élève de *seconde* — **D'un soldat, on dira** : Il est *deuxième* classe **(= simple soldat).**

dans sixième, et dixième, x **est pron.** Z.
vin(g)t et unième, vin(g)t[1]-deuxième, etc.
soixante-dixième, soixante et onzième, soixante-douzième, etc.
quatre-vin(gt)[2]- unième, quatre-vin(gt)-deuxième, etc.
quatre-vin(gt)-dixième, quatre-vin(gt)-onzième.
centième, cen(t) unième, cen(t) deuxième, etc.
deux centième, deux cen(t) unième, etc.
millième, deux millième, cent millième.
millionième, si(x) millionième.
milliardième, si(x) milliardième.
(billion et trillion n'ont guère de correspondant ordinal.)

En parlant de siècles, dites : au *dix-septième* siècle **plutôt que** : au dix-septième : **façon de parler trop répandue.**
Dans le *dix-septième* **signifie** : dans le dix-septième *arrondissement*[3]. *Au premier*, *au second* **(ou** *au deuxième*), *au troisième*, **etc., désignent l'étage.**

Rappelons que le nombre cardinal remplace l'ordinal pour la page, le tome, l'heure, le numéro d'un fauteuil, le rang d'accession au trône : page *18* — tome *VI* — à *quatre* heures — fauteuil *24* — Henri *IV* **(mais** : François Ier).

1. On prononce le *t*.
2. On ne prononce pas le *t*.
3. Lu sur une affiche publicitaire pour les billets de la Loterie Nationale : « Avec son *dixième* (de billet) ce monsieur s'est acheté un *troisième* (étage) dans le *VIe* (arrondissement) »

c) Fractions

199 **Si le nom qui suit la fraction est une unité de mesure, dites, pour énoncer la quantité :**

une *demi*-tonne — *un tiers de* litre — *deux tiers de* tonne — *un quart de* tour.

S'il désigne un objet, dites, suivant le cas :

un demi-gâteau (**ou** *une moitié de* gâteau, *la moitié du* gâteau) — *un tiers de* gâteau, *le tiers du* gâteau — *deux tiers de* gâteau, *les deux tiers du* gâteau, *les deux tiers d'un* gâteau.

S'il est un nom de matière :

la moitié du charbon, *le tiers de* l'eau, *les deux tiers du* sable.

d) Multiples

200 **S'il s'agit de multiplier une unité-mesure :**

un double (*triple, quadruple, quintuple, sextuple*) rang de perles — un *double* tour — un *double* litre.

S'il s'agit de multiplier une quantité de matière :

le double (*le triple, le quadruple, le quintuple, le sextuple, le décuple, le centuple*) *du* charbon, *de* ce que tu gagnes (**ou** *deux* fois autant de charbon, *deux* fois ce que tu gagnes, **ce qui devient souvent en F.P. :** *deux fois plus de* charbon; *deux fois* plus que tu ne gagnes).

(**Notez aussi les termes composés :** *tri*cycle — avion *bi*moteur, avion *bi*place, *quadri*moteur, **etc., et les expressions :** *trois volumes* d'eau, *un volume* de lait).

N. B. — : Pour les fractions (ou sous-multiples) et les multiples, le système métrique est d'un usage constant : un *milligramme* (= **un millième de gramme)** — un *kilogramme* (= **mille grammes)** — La *tonne* **vaut généralement 1 000 kilogrammes. Et l'on a introduit :** bombe d'une *kilotonne* (**bombe thermo-nucléaire équivalant à 1 000 tonnes de trinitrotoluène**), bombe d'une *mégatonne* (= **un million de tonnes de trinitrotoluène**).

e) Distributifs

201 **Ne dites pas :** Il vient chaque troisième année — Plantez un arbre chaque dixième mètre. **Mais :** Il vient *tous les trois ans* **ou :** Il vient *une année sur trois* — Plantez un arbre *tous les dix mètres* — **De même :** Il passe ici *deux années sur trois* — *Un soldat sur quatre* fut blessé.

Pour désigner des êtres, des choses qui se présentent régulièrement par quantités égales :

Ils s'avancent *quatre par quatre* — **ou :** *quatre à la fois* — J'*ai acheté* ces œufs 30 centimes *pièce*, **ou** *la pièce*; trois francs *la douzaine* (**de même :** *la demi-douzaine, la dizaine, le cent, le mille*) — **Mais :** Ces œufs *se vendent à la pièce, à la douzaine, au cent, au mille.*

f) La totalité

202 Ils viendront *tous deux* (ou tous *les* deux), *tous trois* (tous *les* trois); **mais, ensuite** : tous *les* quatre, tous *les* cinq..., tous *les* dix...

(Sans nombre : Ils viendront *tous*[1] **: l's se prononce** — Ces disques, vous les entendrez *tous;* **ou :** en *totalité* — *jusqu'au dernier.*)

g) Quantités approximatives

203 **1. Nombres cardinaux.** *Dizaine, vingtaine, trentaine... millier,* **qui sont des noms, indiquent des quantités approximatives. Il en est de même, souvent, de** *douzaine, demi-douzaine.*

Combien étaient-ils? — Oh! *une demi-douzaine,* au plus (*une centaine, deux ou trois centaines, un millier, quelques milliers*).

On dit aussi : cinquante *à peu près* (*environ, peut-être*); *dans les* cinquante (il a *dans les* cinquante ans), quinze *ou* vingt, quinze *à* vingt, dix *à* quinze mille (= 10 000 à 15 000).

(N. B. — *Quelque*[2] cinquante [= **environ cinquante**] **appartient au F. E.)**

Autres tours, très courants : *cent et quelques* — Combien gagne-t-il? C'est *de l'ordre du* million par année.

Son cheval a gagné d'*une tête,* d'*une courte tête,* à *deux longueurs* — **et l'on notera les expressions du vocabulaire maritime** : *une brasse, une encablure.*

Pour exprimer une quantité supérieure ou inférieure à un nombre donné :

Ils étaient *plus* **de** *dix* — *moins* **de** cinquante — ils étaient *au moins dix* — ils étaient *bien dix* — cinquante *au plus.*

204 **2. Nombres ordinaux. On écrira :**

Il est *dans les* premiers. **Mais** : Il est *dans les* huitième **(= le huitième environ). Noter aussi l'expression F.P. fam. :** « Je lui ai dit ça pour la n^{ième} fois. »

II. QUANTITÉS NON CHIFFRÉES (voir n° 210 bis : Tableaux des adverbes de quantité)

205 **a) Le nom est un pluriel (êtres ou choses que l'on pourrait compter)**

Quantité élevée :

Beaucoup de visiteurs[3], *un grand nombre de..., bien des...* (*force* visiteurs **est du F.E. un peu archaïque)**

1. Jamais *tous* pour : tous les deux, tous deux.
2. Maintenant adverbe invariable.
3. Le français utilise aussi certains nombres **approximatifs** : « *Vingt* fois sur le métier remettez votre ouvrage » (Boileau, *Art poétique*). Je te l'ai dit *cent* fois (et **F.P. fam.** : J'en ai vu *trente-six* chandelles [après un coup, un choc violent] — Je ne vais pas attendre *cent sept* ans!)

un très grand[1] *nombre de..., quantité de..., des quantités de..., énormément de..., une foule de... excessivement de*[2]... — **F.P. fam. :** une *masse* de..., un *tas* de[3]...
On dit aussi : des visiteurs *en quantité, en foule* — **F.P. fam. :** des visiteurs, *en veux-tu en voilà* — **Notez encore :** j'ai attendu *des* mois; *des* mois *et des* mois; *de longs* mois.

Quantité faible :

Peu de visiteurs, *un petit nombre de..., quelques* visiteurs **(et même, avec des nombres de valeur approximative :** *un ou deux..., deux ou trois* visiteurs). *Très peu de..., fort peu de..., un très petit nombre de..., infiniment peu de..., extrêmement peu de..., excessivement*[2] *peu de...,* un *nombre infime de...* **(F.P. fam. :** presque rien, *comme* visiteurs) — Il n'y avait *pas trop* de visiteurs. *Guère* **ne s'emploie que dans le sens de quantité faible :** il n'y a *guère de* visiteurs. « Combien y en a-t-il ? — *Guère.* » — **(ou :** *à peine* quelques-uns**).**

Quantité moyenne :

Assez, un assez grand nombre de..., suffisamment de visiteurs.

N. B. — *Assez* **prend souvent, dans le F.P., le sens d'une quantité élevée — de même on dira :** *pas mal de* ... **pour :** beaucoup de...

Totalité :

Tou(s) les visiteurs sont là. Ils sont *tous là* — *La totalité* des visiteurs est là — *Tout le monde* est là — Vous avez *toute la somme* — Vous avez *tout* — Emportez *le tout.*

Néant :

Aucun visiteur n'est là — *aucun n'*est là — *personne n'*est là — vous *n'*avez *rien* — **F.P. fam.,** avec un geste : *pas ça.*

Excès :

Trop de visiteurs, *un trop grand nombre de..., un nombre excessif de...*

(N. B. — F.P. fam. : ils sont *par* trop; *par* trop nombreux.**)**

Insuffisance :

Trop peu de visiteurs, *un trop petit nombre de..., insuffisamment de* visiteurs — *un nombre insuffisant de...*

Comparaison[4] **:**

(Comparatifs de supériorité) *Plus de* visiteurs, *davantage de...*
(Comparatif d'infériorité) *Moins de...*
(Comparatifs d'égalité) *Autant de...* **(mais :** il *n'*y a *pas tant de...,* ou *autant de...*) — Y en a-t-il *tellement* ? **F.P. fam.** Y en a-t-il *tant que ça* ?

1. Superlatif absolu (v. n° 208).
2. En **F. P.** cet adverbe a perdu le sens de *trop* pour prendre celui de *beaucoup, très.*
3. Le **F. P.,** et même la langue courante sont riches de ces équivalents : *un torrent de* larmes, *une bordée d'*injures, *une avalanche de* coups.
4. Pour les compléments de comparaison, voir n°s 764 et suivants : la comparaison.

(Superlatifs relatifs : ils impliquent une comparaison)

Le plus de visiteurs, *le plus grand nombre de...*, *la majorité des...* *la plupart des*[1]... (mais avec un pron. personnel : la plupart *d'entre* nous, *d'entre* eux).

Le moins de..., *le plus petit nombre de...*, *la minorité des...*

Degrés dans la comparaison :

Beaucoup plus de..., *bien plus de...*, *un peu plus de...*

F.P. fam.) : il y avait *autrement de* visiteurs **(= beaucoup plus)**

F.P. pop. : des visiteurs *rudement* plus nombreux.

Beaucoup moins de..., **etc.** *Les plus nombreux de beaucoup*, *de beaucoup les plus nombreux* (*les moins nombreux*).

Pour renchérir : *Encore plus de* visiteurs. **(Pour le tour** : *D'autant plus de* **v. n° 781.)**

Exclamation :

Que de visiteurs! *Que de* visiteurs il y a! — *Combien de* visiteurs se sont présentés! — **F. P. fam.** : *Ce qu'*il y a *de* visiteurs! **et** : *Qu'est-ce qu'*il y a *comme* visiteurs!

Il y a *tant de* visiteurs! — il y a *tellement de* visiteurs!

Je n'ai pu approcher, *tellement* il y avait *de* visiteurs[2].

Il y avait *si peu de* visiteurs! — Tellement il y a *peu de* visiteurs.

Combien plus de visiteurs! *Tellement plus* de visiteurs!

Interrogation :

Combien de visiteurs? (*Combien de* visiteurs y a-t-il? **ou** : *Combien* y a-t-il *de* visiteurs?)

Y a-t-il *tant* (*tellement*) de visiteurs?

206 b) Le nom est un singulier (nom de matière ou nom abstrait)

Quantité ou intensité élevées :

*Beaucoup d'*eau — *beaucoup de* prudence — *bien de la* prudence — *une grande* prudence — *une très grande* prudence[3]. **(F.P. fam. :** *énormément* d'eau, de prudence.)

Quantité ou intensité faibles :

*Peu d'*eau, *de* prudence — *un peu d'*eau, *de* prudence — *quelque* prudence — *Très peu d'*eau, *de* prudence — *infiniment peu de*, *extrêmement peu de...*, *excessivement peu de* **(v. n° 205)** il *n'*y a *guère d'*eau. Tu *n'*as *guère de* prudence.

Quantité ou intensité moyennes :

*Assez d'*eau, *de* prudence — *suffisamment d'*eau, *de* prudence — **F.P. fam.** : *pas mal d'*eau, *de* prudence — *Assez peu d'*eau, *de* prudence — *Bien assez d'*eau : quantité au-delà de laquelle il y aurait excès.

1. *La plupart* ne peut plus être suivi d'un nom singulier, sauf dans : *la plupart du temps*.
2. On notera dès maintenant que tellement s'emploie avec un nom, un adjectif, un verbe — tant s'emploie seulement avec un nom et un verbe — si seulement avec un adjectif (*si* grand) et certaines locutions verbales : il a *si* peur.
3. Pour les tours : j'ai très peur, très faim, voir degrés du verbe, n° 609.

Totalité :

*La totalité de l'*eau, *toute la* prudence.

Néant :

*Pas d'*eau *du tout*, *aucune* prudence — **F.P. pop. :** *rien comme* eau, *rien comme* prudence.

Pour renchérir : encore plus d'eau.

N. B. — : Pour le tour : D'autant plus d'eau, **voir n° 781.**

Excès :

*Trop d'*eau, *de* prudence — *une* prudence *excessive* — **F.P. fam. :** Il montre *par trop de* prudence.

Insuffisance :

*Trop peu d'*eau, *de* prudence — *insuffisamment d'*eau, *de* prudence — une prudence *insuffisante.*

Comparaison :

*Plus d'*eau, *de* prudence — *davantage d'*eau[1], *de* prudence — une plus *grande* prudence.
*Moins d'*eau, *de* prudence.
*Autant d'*eau, *de* prudence **(mais avec négation :** il n'y a *pas tant d'*eau, *de* prudence, **ou :** il n'y a *pas autant d'*eau, *de* prudence).

(Superlatifs relatifs) :
*Le plus d'*eau, *de* prudence.
*Le moins d'*eau, *de* prudence.

Degrés dans la comparaison :

*Beaucoup plus, bien plus d'*eau, *de* prudence — **F.P. fam. :** Il a *autrement de* prudence **(= bien plus de).** *Un peu plus* de...
Beaucoup moins, bien moins de...

Exclamation :

*Que d'*eau, *de* prudence! *Combien d'*eau, *de* prudence! **(F.P. fam. :** *Ce qu'il y a d'*eau!) — *Ce qu'il a de* prudence! — **(F.P. pop. :** *Qu'est-ce qu'il y a comme* eau!) — Il y a *tant d'*eau! — *Tellement d'*eau! — Il y a *si peu* d'eau!
*Combien plus d'*eau, *de* prudence! *Tellement plus d'*eau, *de* prudence!

Interrogation :

Combien y a-t-il *d'*eau?
Y a-t-il *tant* (*tellement*) *d'*eau? A-t-il *tant* (*tellement*) *de* prudence?
Il y a *si peu d'*eau? Il a *si peu de* prudence?

1. Pour l'emploi de davantage, voir n° 771.

207 **Expressions particulières du degré ou de l'intensité dsns les noms :**

Avec un préfixe :

l'*hyper*tension — l'*hypo*tension — une *demi*-obscurité — une *semi*-ignorance.

Avec un suffixe :

diminutif : un *coffret*, une *fillette*, un *corpuscule*, une *particule*.

augmentatif : viande *extra*.

Avec un complément de mesure:

Savant *au petit pied* (= **médiocre**).
« Mystiques *à la petite semaine* » (H. Bazin, *Vipère au poing*).

Avec un complément de nom exprimant la comparaison :

Une faim *de loup*, un feu *d'enfer*, une lenteur *de tortue*, **etc.**

Avec le redoublement du nom, pour marquer la plus haute valeur, l'extrême degré :

Le roi *des rois*, la ville *des villes*, le cantique *des cantiques*, à la *fin des fins*[1].

Avec certains adjectifs :

Une *bonne* douzaine (= **plus de douze**) — Le *fin* fond des choses — Une *vraie* mégère — Une *pure* merveille — A *toute* vitesse — Voilà les faits, dans *toute* leur éloquence — Je lui parlerai en *toute* confiance.

(Voir aussi nos 125 et suivants : les adjectifs intensifs.)

Avec un terme de comparaison marqusnt l'approximation :

Il a commis *une sorte de* lâcheté — J'ai *comme* un voile devant les yeux.

Tour exclamatif de la phrase (F.P. fam.) :

Ça, *c'est du* vin! — Tu m'*en* fais, *une* peine!

On notera enfin l'emploi courant de trèe, un peu :

J'ai *très* faim, *un peu* soif, *très* peur (**v. n° 609**).

DEGRÉS APPLIQUÉS AUX ADJECTIFS
(et aux participes à valeur d'adjectifs)

208 **Intensité forte :**

(euperlatifs absolus)

très bon, *fort* bon, *bien* bon, *tout à fait* bon — Adroit, il l'est *beaucoup* — **F.P. fam.** : « Est-il adroit? — *Très.* »

1. Il y a aussi des cas de redoublement du pronom : « Non, *rien de rien*, non je ne regrette rien... » Chanson d'Edith Piaf.

Remarquez le tour : Adroit, il *l'*est *beaucoup*. **(Beaucoup au lieu de très, si l'adverbe ne doit pas précéder l'adjectif.)**

(Beaucoup d'adverbes peuvent traduire l'intensité : *vraiment* bon — *affreusement* laid, **etc. Surtout dans le F.P. fam. et pop. :** *joliment* intéressant, *richement* utile, *rudement* bête, *drôlement* intéressant.) — **F. P. pop. :** Il est *vachement* sympa.

Noter aussi l'emploi fréquent de tout : Ils sont *tout* pâles **(voir plus loin n° 385).**

D'eutres edjectifs peuvent être employés edverbialement dans le même sens (v. n° 174) :

La voiture est *fin* prête. Ils sont *fin* prêts **(v. n° 158).** Il arriva *bon* premier, *bon* dernier.

L'intensité se traduit aussi per un complément de comparaison :

fort *comme un Turc*, riche *comme Crésus*, pauvre *comme Job*, gai *comme un pinson*, jaloux *comme un tigre*, entêté *comme une mule*, **etc. — F.P. fam. :** Gentil *comme tout*.

ou par un infinitif de conséquence :

laid *à faire* peur, fou *à lier*, gentil *à croquer*, **etc.**

Autres tours (F.P. surtout) :

Ce film est *des plus* bêtes, *du dernier* bête, *on ne peut plus* bête, *tout ce qu'il y a de* bête — Ce film est *d'un bête*! — Il est *bête, bête*... — Il est bête, *mais* bête... — Cette histoire est triste *au possible*.

F.P. pop. : Adroit, lui? *Et comment!* — **Ou :** *Un peu!*

Enfin csrteins adjectifs ont par eux-mêmes una valeur ebsolue et expriment le plus haut degré dens la qualité :

excellent, *détestable*, *affreux*, *parfait*, *infini*, *immense*, *énorme*, *minuscule*, **etc.**

Leurs comparatife et leurs superlatifs sont plutôt rares.

Intensité faible :

Peu intelligent, *très peu* intelligent.

(N. B. — Peu ne s'emploie pas avec tous les adjectifs, surtout s'ils sont monosyllebiques. Il est inusité, en particulier, devant les adjectifs de couleur.)

Un peu[1] inquiet — **(F.P. fem. :** *un brin*, *un rien*, *un tantinet* inquiet) — *Médiocrement*, *modérément*, *faiblement*, *vaguement* curieux, pas *tellement* curieux — *assez peu* curieux — *pas très* curieux — *pas trop* curieux.

Il est *à peine* curieux — Il *n'*est *guère* curieux.

Intensité moyenne :

Assez grand — *Moyennement*, *passablement* attentif.

1. On dit aussi parfois : *tant soit peu*, ou *un tant soit peu* (= un peu, quelque peu) — Si vous étiez *tant soit peu* attentif...

N. B. — *Bien assez, suffisamment* **(comme parfois** *assez***) impliquent le degré au-delà duquel il y aurait excès :** Il est *bien assez* riche comme cela.

Intensité totale :

Tout à fait (*absolument, parfaitement*) *heureux, tout* heureux **(pour la construction, v. n° 385).**

Intensité nulle :

Il *n'*est *nullement* satisfait, *pas du tout* inquiet, *en rien* désireux de venir.

F.P. fam. : Lui inquiet? *Vous voulez rire.*

Excès :

Il est *trop* grand, bon *à l'excès* (*excessivement* bon a, **en F.P. fam., une valeur de superlatif absolu, v. n° 205).**

Insuffisance :

Il est *trop peu* intelligent — *insuffisamment* curieux.

Comparaison :

Comparatifs de supériorité[1] **:** Il est *plus* grand *que* son frère.
Comparatifs d'infériorité : Il est *moins* bon *que...*
Comparatifs d'égalité : Il est *aussi* bon *que...* (notez le *que*).
Dans une phrase négative, on dit : Il n'est pas *aussi* grand *que...* **ou :** Il n'est pas *si* grand *que...*

N. B. — Le complément est une proposition :

Il est *plus* grand *qu'il ne paraissait.* **(Pour le** *ne***, v. n° 782.)**
Il est *plus* riche *qu'hier* **(ou** qu'il *n'*était hier).

Le complément est un adjectif :

Il est *plus* brave *que prudent.*

Degré d'écart entre les deux termes :

Je suis *plus* vieux que lui *de* trois ans.

Les superlatifs relatifs impliquent une comparaison :

Voici *le plus grand* livre, le livre *le plus grand.*
Pour l'article, voir n° 250.
Voici *le plus grand des* deux livres, *de tous les* livres.
Voici *le plus grand qui soit* **(v. n° 416 bis).**

N. B. — Pour : C'est aujourd'hui qu'elle est *le* plus heureuse, *la* plus heureuse, **v. n° 171.**

209 **Degrés dans la comparaison :**

Beaucoup plus sérieux — *bien plus* sérieux — *un peu plus* sérieux. *Plus* riche *de beaucoup* — *plus* riche *de peu* — *Le plus* sérieux *de beaucoup, de beaucoup le plus* sérieux — **Pour renchérir :** *encore plus* sérieux.

1. Pour les formes spéciales voir n° 210.

Exclamation :

*Qu'*il est bon! — *Comme* il est bon! — **F.P. fam. :** *Ce qu'*il est bon! — **et :** Il est d'*un bête*!
Il est *si* bon! — Il est *tellement* bon!
Il ne refusera pas, *tellement* il est bon!
Combien plus sérieux est Henri! (**F.E.**) — *Comme* Henri est *plus* sérieux! — Henri est *tellement plus* sérieux!

Interrogation :

Jusqu'à quel point est-il renseigné? *En quoi* est-il informé?

Formes spéciales de comparatif et de superlatif

210 **bon :** *meilleur, le meilleur*[1].

mauvais : *pire, le pire* **(au sens moral) — Mais, au sens concret :**
Cette étoffe est *de plus mauvaise* qualité.

pis, forme neutre de pire, ne s'emploie que dans les expressions suivantes (où il est tantôt adjectif, tantôt adverbe, tantôt nom) :
Il va *de mal en pis, de pis en pis* **(de plus en plus mal).**
Dire de quelqu'un *pis que pendre* **(toutes sortes de médisances).**
Ce fut *encore pis.*
Tant pis! (≠ **tant mieux!**)
Il a provoqué un accident, et, *qui pis est* (= **ce qui est pis),** il n'a pas son permis de conduire.
Le pis fut que...
Ne mettez pas tout au pis (= **ne désespérez pas totalement).**
Au pis aller (= **en supposant les pires conditions).**

petit : *moindre, le moindre* **(surtout au sens moral ou abstrait) :**
Préparez-le à cette mauvaise nouvelle. Sa déception sera *moindre* — **Et** *plus petit, le plus petit,* **surtout au sens concret :**
Cette clef est *plus petite.*

Notez aussi les comparatifs suivants (v. n° 81).
Supérieur à, inférieur à — antérieur à, postérieur à — extérieur à, intérieur à.
Ultérieur à (citérieur, **sans complément).**
Mineur, majeur **(sans complément; mais voir n° 771).**

et les superlatifs récents :
Températures *minimales* — températures *maximales* — « Pour assurer une stabilisation *optimale* à l'engin... » (*Le Monde,* 8 février 1966.)

Expressions particulières de l'intensité dans les adjectifs :

Suffixes diminutifs : pâl*ot* — faibl*ard* — bleu*âtre* — noir*aud.*

augmentatifs : rich*issime* — rar*issime.*

Préfixes : *archi*-fou — *ultra*-royaliste — *sur*fin — *super*fin — *extra*-fin.

1. Mais on dit fort bien : Ce sera *plus ou moins bon.*

210 bis TABLEAU DES ADVERBES DE QUANTITÉ

I Devant un nom

Beaucoup d'eau (de visiteurs) — *bien* **des** visiteurs. V. n° 226
Un peu d'eau (de visiteurs)
Peu d'eau (de visiteurs)
Très peu d'eau (de visiteurs)
Pas du tout d'eau (de visiteurs)

Assez d'eau (de visiteurs)
Trop d'eau (de visiteurs)

Combien d'eau ? (de visiteurs ?)
Combien d'eau ! (de visiteurs !)
Que d'eau ! (de visiteurs !)
Tant, tellement d'eau ! (de visiteurs !)

Plus d'eau (de visiteurs)
Le plus d'eau (de visiteurs)
Moins d'eau (de visiteurs)
Le moins d'eau (de visiteurs)
Autant d'eau (de visiteurs)
Tant, possible avec une négation : Il n'y a pas *tant* d'eau (de visiteurs)
D'autant plus d'eau (de visiteurs)
D'autant moins d'eau (de visiteurs)

N. B. — Pour modifier un verbe ordinaire (voir n° 609), on emploie les mêmes adverbes.

II Devant un adjectif

Très courageux, *tout-à-fait* courageux
Un peu courageux
Peu courageux
Très peu courageux
Nullement, pas du tout courageux.

Assez courageux
Trop courageux
Jusqu'à quel point courageux ?
Combien courageux !
Comme (il est) courageux !
Qu'(il est) courageux !
Si, tellement courageux !

Plus courageux
Le plus courageux
Moins courageux
Le moins courageux
Aussi courageux
Si, **possible avec une négation** : Il n'est pas *si* courageux
D'autant plus courageux
D'autant moins courageux.

N. B. — Pour modifier des adverbes, on emploie les mêmes formes.

LES DÉTERMINANTS DU NOM

210 ter **On appelle ainsi des termes, ayant valeur d'adjectifs non qualificatifs, qui ont pour rôle d'introduire le nom en lui conférant une nuance soit de notoriété (article défini : *le* livre) — soit de désignation (adjectif démonstratif : *ce* livre) — soit de possession (adjectif possessif : *mon* livre) — soit d'interrogation ou d'exclamation (adjectif interrogatif ou exclamatif : *quel* livre ? *quel* livre !) — soit d'imprécision ou de généralité (adjectif indéfini : un livre *quelconque*).**

• Les déterminants ont pour caractère commun d'être étroitement associés au nom, avec lequel ils ont une liaison phonétique (v. Introduction. Les liaisons) :

Les arbres — mon image — certains hommes.

• En outre, les adjectifs démonstratifs, possessifs, interrogatifs, exclamatifs (et souvent les adjectifs indéfinis) sont employés sans article ; mais l'article, à lui seul, est le déterminant le plus courant du nom.

• A ces adjectifs correspondent des pronoms qui équivalent à un nom déterminé, et exercent les différentes fonctions du nom dans la phrase :

Ne prenez pas sa voiture, prenez *la mienne*.

• Le nom dont l'idée est incluse dans le pronom peut avoir été, ou non, déjà exprimé.
Dans le premier cas, le pronom est dit représentant (du nom) ; dans le second cas, il est dit nominal (= équivalent d'un nom). Ainsi, dans l'exemple ci-dessus, *la mienne* est représentant (du nom *voiture*, déjà exprimé) ; dans : *ceci* est bon, *ceci* est nominal (= cette chose, cette idée).

• Une règle importante pour la clarté du discours veut que le pronom représentant ne se rapporte qu'à un nom déterminé ; il est peu correct de dire : Il m'a fait perdre *confiance* et la tienne est ébranlée, **parce que le nom *confiance* n'est pas déterminé. On doit dire plutôt :** Il m'a fait perdre *ma* confiance et la tienne est ébranlée. **Mais, comme la langue classique, la langue d'aujourd'hui déroge souvent à cette règle.**

L'ARTICLE

211 **L'article est un des éléments les plus remarquables du français. Précédant le nom (ou l'adjectif épithète), il constitue le support, souvent indispensable, de ce nom ; il lui permet de se manifester dans la phrase ; il en marque ou en précise :**

le genre : *le* manche, *un* manche (d'outil) — *la* manche, *une* manche (d'habit).
le nombre : *l'*abus, *un* abus — *les* abus, *des* abus[1].

Il permet de former toutes sortes de noms :
On a entendu *des oh! et des ah!* — Je n'aime pas les gens qui pratiquent l'*ôte-toi-de-là-que-je-m'y-mette.* **F. P. fam.**

Surtout, l'article insère dans la réalité (actualisée) un être, qui, sans lui, ne serait présenté qu'avec une valeur abstraite, virtuelle.

Comparez : 1. *Paysan* : homme de la campagne **(dictionnaire Larousse) et 2.** *Tu vois* la maison *du* paysan, *d'un* paysan.

212 **On distingue l'article défini, l'article indéfini, l'article partitif. Disons dès maintenant que l'article défini s'applique à des êtres ou des choses connus de celui qui parle et de ses interlocuteurs[2] :**
Apprenez-lui *la* nouvelle.
L'article indéfini s'applique à des êtres introduits dans l'instant même, et non encore totalement identifiés :
Voici *un* livre.
L'article partitif, au sens vrai du terme, marque un prélèvement :
Prenez *du* pain qui est sur la table;
mais, comme on le verra, dans bien des cas il est passé du sens partitif au sens indéfini ou quantitatif.

N. B. — : L'article ne se combine ni avec l'adjectif possessif (du type mon) **ni avec un adjectif démonstratif** (ce), **ni avec un adjectif interrogatif** (quel?) **ou exclamatif** (quel!) **— Mais il peut se combiner avec l'adjectif numéral ordinal** (*le deuxième*) **ou cardinal** (*les deux* hommes) **et avec certains adjectifs indéfinis** (*un* homme *quelconque*).

1. L'article joue aussi un rôle comme signe extérieur de la prononciation : les singuliers : le][homard, l'homme, permettent de prononcer correctement les pluriels : les][homards, les hommes.
2. L'article défini est un **indice de notoriété** (Damourette et Pichon, *Des mots à la pensée*) — A l'origine, il est un *démonstratif*, tandis que l'article indéfini est, à l'origine, un *nombre* (= unité indéterminée).

L'ARTICLE DÉFINI

Ses formes

213 **ARTICLE SIMPLE**

singulier	pluriel
le : masculin **la** : féminin **l'** : masculin et féminin	**les** : masculin et féminin

N. B. — : le, la s'emploient devant les noms commençant par une **consonne,** ou un **h aspiré** : *le* pain, *la* halle. **l'** s'emploie devant les noms commençant par une **voyelle,** ou un **h muet** : *l'*animal, *l'*épée, *l'*homme.

ARTICLE CONTRACTÉ (formé avec une préposition) :
du : masculin singulier = **de le,**
des : masculin et féminin pluriel = **de les,**
au : masculin singulier = **à le,**
aux : masculin et féminin pluriel = **à les.**

N. B. — : de l' et **à l'** subsistent (devant un nom commençant par une voyelle ou un h muet) :

*de l'*étudiant, *à l'*étudiant; *de l'*homme, *à l'*homme (en face de : *du* livre, *au* livre; *du* Hongrois, *au* Hongrois).

Aux formes contractées on peut ajouter la vieille forme **ès** (= en les, dans les) qui doit être toujours suivie du pluriel, et ne subsiste que dans quelques formules :

licence *ès lettres* — doctorat *ès sciences* — bachelier *ès arts* — le ministre décidera *ès qualités* (= en qualité de ministre) — Baudelaire a dédié *Les Fleurs du Mal* à Théophile Gautier, « parfait magicien *ès lettres* françaises ».

Emploi de l'article défini

214 D'une manière générale, l'article défini est, nous l'avons dit (v. n° 212, note), une marque de **notoriété.**
On l'applique par conséquent :

- à des choses considérées comme **uniques** en leur genre, donc parfaitement connues : le soleil, la lune, la terre, le ciel, la mer.
- à des êtres ou des choses pris dans un sens **général** et formant **unité** :

L'homme est mortel — *La littérature* me passionne — Défendons *la liberté* — *Le fer, le bois* sont des matériaux — *Le vin* sera cher cette année.

- à des êtres ou des choses particulièrement connus de ceux qui parlent :

« Où avez-vous mis *le vin*? » — « Servez *les fruits.* » — « *La maison* a-t-elle le chauffage? » — « *Le directeur* sera absent. »

• à des êtres ou des choses qui sont ou vont être définis par le contexte :

Le livre de Pierre — *Le livre* blanc est à vous — Parlez-moi *du voyage* que vous avez fait — Voici un stylo et un crayon; je prends *le crayon* — Il entre dans sa chambre et ouvre *la fenêtre.*

Valeurs particulières de l'article défini

215 **Comme démonstratif :**

Pour *le moment* il est absent (= **en ce moment**) — Il sort *à l'instant* — Je ne veux pas être traité *de la sorte* — Vous voyez d'ici *le tableau* (= **la scène dont je parle**).

216 **De là, comme exclamatif (exprimant l'étonnement, l'admiration, l'indignation, etc.) :**

Avec adjectif :

La jolie voiture! — Peuh! *la belle affaire!*

Sans adjectif :

Oh! *le toupet!* (**ici le démonstratif peut aussi être employé :** *ce toupet!*)

217 **Sans exclamation, comme terme péjoratif (F. P.) :**

Je ne veux rien avoir de commun avec *le monsieur* — Vous connaissez *le personnage.*

Ou, au contraire, comme terme amélioratif[1] :

Spécialité de restaurant : *la sole* au gratin — **publicité commerciale :** X..., *le chausseur* sachant chausser — Y.... *le fourreur* qui fait fureur (**v. aussi n° 263 bis**).

218 **Comme distributif (= chaque) :**

Avec un chiffre de prix :

Carottes à 1 F *le kilo* (**mais on dira :** à 15 centimes *pièce* **ou** *la pièce* — **et, avec un verbe :** payer les carottes 2 F *le kilo*).

Sans chiffre :

Etre payé *à l'heure, à la journée,* **etc.** — vendre le pain *à la livre* — le vin *au litre.*

On dit aussi : fermé *le lundi* (= **tous les lundis**).

219 **Comme possessif :**

En français, quand le « possesseur » est évident, on remplace souvent l'adjectif possessif par l'article défini :

« Ceux qui pieusement sont morts pour *la patrie...* » (**V. Hugo**).

1. On dit aussi : emphatique.

L'emploi de l'article est courant :

- **s'il s'agit de parties du corps :**
  J'ai mal *à la tête* — Donne-moi *la main* — Tournez *la tête*. **(Notez qu'on dit de même :** rendre *l'âme*, perdre *la vie*, *la mémoire*.**)**

- **avec un pronom indirect marquant le possesseur :**
  « Un glaive *te* percera *le cœur*. » — Elle *se* lave *les mains* — Sa chute *lui* a brisé *les jambes*. **(On dit même :** Une pierre *lui* a crevé *l'œil*, **aussi bien que :** *un œil*. **Notez le singulier** — Il *m'*a pris *le bras*.**)**

L'emploi du possessif dans l'un des cas ci-dessus prendrait une valeur particulière :
Elle a encore mal *à sa tête* **(elle a son mal de tête habituel) — Une mère dira à son enfant :** « Ne remue donc pas *tes pieds* comme ça! » **(= tu fais avec tes pieds un bruit insupportable).**

Dans : « Prends l'éloquence et tords-lui *son cou* » (Verlaine, *Art poétique*), **le tour populaire met en relief la brutalité du geste.**

Dans : Il a *les yeux bleus*, **« bleus » est attribut de l'objet « yeux ». Mais les Français disent aussi :** Il a *des yeux bleus*[1] **et, si l'adjectif épithète précède couramment le nom, on dira :** Il a *de beaux yeux* — « Oh! grand-mère, que vous avez *de grands bras*! » (*Le Petit Chaperon Rouge*).

Mais la construction avec adjectif attribut permet de distinguer : J'ai *des* cheveux blancs **(= quelques-uns sont blancs) et :** J'ai *les* cheveux blancs **(tous mes cheveux sont blancs). Et l'on dira, avec d'autres verbes :** Il *porte* les cheveux longs — Il *tient* le bras levé.

Pour les vêtements, on dira :
Otez *votre manteau* — mettez *vos gants* — gardez *votre chapeau*[2].

Mais, d'une manière générale, on emploie l'article s'il s'agit d'un complément de manière construit directement, sans préposition :
Il marchait *les yeux mi-clos*, *la tête basse*, *le manteau sur le bras*, *la pipe à la bouche*, *une fleur à la boutonnière*.
Ou, s'il s'agit d'un complément d'objet avec attribut :
Il a *le* chapeau de travers.

Pour la parenté, l'article est rare : J'en parlerai *à mon père*.
Si la mère dit : « *Le père* décidera » **elle donne au nom une valeur surtout affective (de respect, p. ex.) (v. n° 217).**
Avec l'adjectif « propre » (= personnel, privé), le possessif est obligatoire, à moins qu'il n'y ait un complément de nom : Apportez *vos propres livres* — **Mais :** C'est *le propre livre* du maître.

1. Cf. F. Brunot : *La Pensée et la Langue*, p. 629 — Grevisse, *Le Bon Usage*, p. 234.
2. L'expression « tombez la veste », très familière, appartient surtout au français du Midi.

L'ARTICLE INDÉFINI

Ses formes

220 **singulier** — **pluriel**

un : masculin
une : féminin } **des : masculin et féminin.**

Un est, à l'origine, le nombre un — des est, à l'origine, un partitif, formé de l'article défini contracté : ainsi apparaît dès maintenant le rapport étroit qui unit l'indéfini et le partitif.
Mais il importe parfois de distinguer un (nombre) qui s'oppose à deux, trois, plusieurs, beaucoup, de un (article) qui s'oppose à des.
Ne pas confondre, non plus : 1. des, article indéfini, qu'on peut remplacer par quelquee, et 2. des, article défini contracté (= de les).

1. Article indéfini :

Des fleurs ornent la maison **(sujet)** — Ces taches sont *des fleurs* **(attribut du sujet)** — Je vois *des fleurs* **(objet direct)** — Je pense *à des fleurs* **(objet indirect)** — La maison est égayée *par des fleurs* **(complément d'egent), toutes expressions dont le singulier sera :** *une* fleur.

2. Article défini contrecté :

L'odeur *des fleurs* parfume la maison **(complément de nom)** — La maison est pleine *des fleurs* que vous avez cueillies **(oomplément d'adjectif)** — La maison est parfumée *des fleurs* que vous avez cueillies **(complément d'agent), toutes expressions dont le singulier sera :** *de la fleur.*

Emploi de l'article indéfini

221 **L'article indéfini, avons-nous dit, s'oppose à l'article défini en ce qu'il n'eet pas indice de notoriété. Il introduit un objet ou un être pris dans un ensemble de même espèce, et non encore totalement précisé ou identifié.**
Comparez : « Avez-vous rencontré *le facteur*? **» (= le facteur qui vient chaque jour) et : «** *Un nouveau facteur* fera la levée **» (= un facteur parmi d'autres[1]).**

1. L'article indéfini a une « valeur de *soudaineté*, d'*inattendu* » qui l'oppose au caractère *statique*, « *fond de tableau* », de l'article défini (v. I. Vildé Lot dans *Le Français moderne*, janvier 1960) — On peut dire aussi que *l'individualité* de l'article indéfini l'oppose parfois au caractère *général* de l'article défini. Un film d'abord intitulé : « *La* femme mariée » a dû s'appeler ensuite « *Une* femme mariée » pour ne pas paraître mettre en cause *toutes* les épouses.

Valeurs particulières de l'article indéfini

222 **Un** = un grand..., un étonnant..., **sens fréquant dans les exclamations de la langue familière F.P. :**

Tu as *un appétit*! j'ai *une soif*! il a eu *une peur*! **(et, plus familièrement encore :** tu *en* as, *un appétit*! — j'*en* ai, *une soif*! — il *en* a eu, *une peur*!) — il était dans *une colère*! — « ... Et nous avons ici des gens d'*une adresse*! ... » (Beaumarchais, *Le Barbier de Séville*).

Sans exclamation, les romanciers du XIXe siècle ont employé l'article indéfini devant un nom abstrait pour évoquar, par l'indétermination même, un sentiment diffus :

Et elle demeurait dans *une adoration*, jouissant de la fraîcheur des murs et de la tranquillité de l'église » (Flaubert, *Un Cœur simple*).

Avec un sccent d'indignation (F. P. fem.) :

Et ce gosse rentre à *des* onze heures, *des* minuit, *des* une heure du matin!

Un... = *un vrai...* — **des...** = *de vrais...*

L'article indéfini sert souvent à présenter plus vigoureusement une appréciation, flatteuse ou non :

Ça, c'est *un homme* — Vous êtes *un père*! — Raphaël, voilà *un peintre*. **Et, en F.P. pop. :** Tu parles *d'un as*! **(ou** d'*un idiot*!).

223 **On dira aussi dans un sens admiratif :** Un Corneille, un Racine (des Corneille, des Racine) ont créé la tragédie classique **(v. n° 263 bis).**

224 **Des associé aux noms : heures, jours, semaines, années, dizaines, pages, etc., pour indiquer l'ampleur, la durée, etc.**

Je t'ai attendu *pendant des heures* — Il y a *des années* que je ne l'ai vu — J'en achète *des douzaines* **(ou :** J'en achète *par douzaines*).

Parfois, pour insister sur le nombre, on redouble l'expression :

Il a été absent *des jours et des jours* — J'ai lu *des pages et des pages* — Il gagne *des mille et des mille*.

Des remplacé par de

225 **Dans le français écrit et, généralement, dans le français parlé un peu surveillé, de remplace des devant un adjectif pluriel :**

On voyait *de grands* navires, *d'assez grands* navires, *de très grands navires*; on en voyait aussi *de petits*.

La langue parlée (et même la langue écrite) prennent d'ailleurs ici beaucoup de libertés :

Quelle sorte de carottes voulez-vous? J'en ai *des* grosses et *des* petites. « Ils auraient (...) *de* chauds pantalons de velours, *des* gros souliers... » (G. Perec, *Les Choses*).

Et, même en français écrit, des reparaît, si le groupe adjectif-nom forme un tout, et notamment un nom composé, où l'adjectif a pris une valeur spéciale (on fera bien de consulter un dictionnaire) :

Des bas-côtés — des bas-reliefs — des jeunes gens et des jeunes filles — des grands-parents et des petits-enfants — des petits-fours — des petits pois — des bons mots — des bons points — des courts-bouillons — des simples soldats (= **non gradés**) — des faux pas — des fausses notes — « Des faux billets de 50 F sont en circulation » (*Le Monde*, 26 décembre 1965) — des grosses légumes (**F.P. fam., v. n° 28**), etc.

De restituerait à l'adjectif sa valeur première, son autonomie :

De *grands* enfants.

Écrivez et dites toujours : d'autres (**adjectif et pronom**) : Prenez d'*autres livres;* prenez-en d'*autres* — *De certains* (**pour :** certains) **est aujourd'hui archaïque; mais Victor Hugo, par exemple, l'employait régulièrement :** « *De certains* cerveaux sont des abîmes » *(Histoire d'un crime)* — **Avec** « pareil » **on pourra dire :** *De pareilles* erreurs sont étonnantes **ou :** *Pareilles* erreurs sont étonnantes (**plutôt F.E.**) — **Mais avec** « tel », **on dira toujours :** *De telles* erreurs sont étonnantes, **c'est-à-dire : des erreurs comme celles-là.** (Il a commis *telles erreurs* que je regrette **signifierait :** *certaines* erreurs que je pourrais préciser.)

226 **De s'emploie après une expression de quantité :**

Assez de soucis, *trop de* soucis, *beaucoup de* soucis, *une foule de* soucis, *quantité de* soucis, *guère de* soucis (il n'a *guère de soucis*[1]).

Après ces expressions, des s'appliquerait à des êtres connus :

Beaucoup des électeurs inscrits n'ont pas voté. (**des : art. défini**).

Mais du, de la, des sont obligatoires, et de est impossible, dans tous les cas, après bien (= **beaucoup**), la plupart :

Bien des soucis vous seront épargnés — La *plupart des* soucis vous seront épargnés — Il dort *la plupart du* temps.

227 **Enfin de s'emploie correctement au lieu de** un, du, de la, des, **dans les phrases négatives :**

Je ne mange pas *de* pain — Il ne vient pas *de* visiteurs.

1. Voir aussi **article partitif**, n°s 273 et suivants. — Il est souvent difficile et sans grand intérêt pratique de distinguer **partitif** — et d'autre part **indéfini** ou expression de **quantité**.

Mais si la négation porte seulement sur le nom en question, ou sur un complément de ce nom, on mettra du, de la, des : Ce pot ne contient *pas* **du lait,** il contient de l'eau[1] — Je ne mange pas *de la viande* **tous les jours (= j'en mange, mais pas tous les jours)** — Je n'achète pas *des fruits* **avariés** — Il n'accepte pas *des amis* **de rencontre** — « Si on demande du pain, on ne reçoit pas *des pierres* » (Simone Weil, *Attente de Dieu*) — **De même, on dira :** Il agit sans espérer *de récompense* **(sans est une préposition négative) — Mais :** Il agit sans espérer *une* récompense **autre que votre bonheur.**

On emploie encore des pour suggérer une idée d'abondance :

« Il n'avait pas *des* outils à revendre » **(La Fontaine, cité par M. Cressot).**

Enfin, après « ce n'est pas », « ce ne sont pas », des, du, de la se maintiennent généralement :

Ce ne sont pas *des* cavaliers
Ce n'est pas *de la* fumée
Ces objets ne sont pas *des* livres.

Remarques pratiques concernant la préposition « de », devant un nom complément

228 **« De », immédiatement suivi d'un nom pluriel, est une préposition qui forme avec ce nom, et sans article, un complément d'une valeur indéfinie et générale. Le tour *de des* (= préposition *de* + article indéfini pluriel) n'existe pas — On dira donc :**

de + complément de nom :
J'attends l'arrivée **de** *voyageurs* = **de certains voyageurs (au sing. :** l'arrivée **d'un** voyageur).

De + complément d'adjectif :
Ce sol est riche **de** *nombreux fossiles* **(au sing. :** Je suis riche **d'une** maison).

De + complément d'objet :
Parlez de *choses* sérieuses **(eu sing. : d'une** chose sérieuse).

De + complément d'agent :
Le Président, suivi **de** *ministres*... **(au sing. :** suivi **d'un** ministre).

De + complément circonstanciel :
Entourez votre maison **de** *murs* **(au sing. : d'un** mur) — Ils viennent **de** *points* très éloignés **(au sing. :** Il vient **d'un** point très éloigné).

229 **On dira aussi, avec un complément au singulier, pris dans un sens très général :**

« Parlez-moi **d'***amour*, ah! dites-moi des choses tendres... » **(chanson fameuse des années 1930)** — « Occupez-vous **de** *littérature*. »

1. « Ce pot ne contient pas *de* lait » pourra signifier : il ne contient rien.

ABSENCE ET PRÉSENCE DE L'ARTICLE

230 **En français, l'absence d'article est plutôt l'exception que la règle. Nous venons de voir, cependant, que l'article indéfini disparaît généralement, remplacé par de :**

1. Devant l'adjectif pluriel : *de* beaux livres **(v. n° 225).**

2. Après beaucoup, trop, **etc. (v. n° 226).**

3. Dans la plupart des tours négatifs :
Je ne fais pas *de* mal **(v. n° 227).**

4. Dans les tours signifiant : de (préposition) + certains :
Parlons *de* voyages **(v. n° 228).**

5. Ajoutons les cas où il a une valeur très générale, voisine de celle d'un adjectif :
Un casque *de* soldat **(v. n° 255 bis).**

En outre, l'article (défini ou indéfini) disparaît :

231 **Quand le nom est déjà déterminé (v. n° 212 N. B.) :**

- **par un adjectif possessif :**
  Mon livre **(mais :** *un mien* cousin, **v. n° 337).**
- **par un adjectif démonstratif :** *ce* livre.
- **par certains adjectifs, dits indéfinis :**
  Si j'ai *quelque* influence... — *tout* homme qui... — en *tous* lieux... **(Mais :** *l'autre* livre — *un certain* Durand — *les quelques amis* que tu as encore — *un travail quelconque* — *les divers, les différents* modèles — *tous les* citoyens — *toute la* terre).
- **par un adjectif interrogatif ou exclamatif :**
  Quel succès? — *quel* succès!
- **par un adjectif numéral cardinal :** *deux* livres.

Mais, pour marquer la « notoriété », on dira : *les deux* livres, *tous les deux*[1] — **De même :** *les* Quarante académiciens — *Les* Mille et une Nuits.

Fractions : *le* tiers d'*un* litre (ou *un* tiers *de* litre) — **Notez surtout :** *une* demi-heure (« Attendez-moi demi-heure » **est méridional).**

Expressions de temps (v. n°s 642 et suivants).

Noms de fêtes.

232 **Le nom des fêtes proprement dites prend généralement l'article :**
Fêtons *la* Sainte-Irène, *l'*Ascension, *la* Noël **(ou Noël),** *les* Rois, *la* Pâque juive **(v. n° 26).**

S'il s'agit plutôt d'une date, on dira :
Venez me voir *à Noël, à Pâques.* **Mais :** *à la Toussaint, à l'Ascension,* etc.

Pour les échéances de loyers, on dit encore maintenant :
« Termes payables *à la Saint-Jean* et *à la Saint-Michel.* »

1. Tous deux est également possible.

Les jours.

233 **Habituellement, dans les dates mises en apposition, l'article disparaît :**

Aujourd'hui, *2 novembre* — le samedi *3 novembre*.

Mais on dira obligatoirement : Il viendra *le 2 novembre* — **en tête d'une lettre :** *le 2 novembre* (*ce* 2 novembre **est un peu affecté).**

Notez en outre les expressions : *tous les trois jours* **(répétition)** — *dans les trois jours* **(dans moins de trois jours)** — *dans trois jours* **(le troisième jour à partir de maintenant)** — Il viendra *lundi, lundi prochain* **(mais : Il vint** *le* **lundi,** *le* **lundi suivant)** — Magasin fermé *le lundi* **ou :** *chaque* lundi. *tous les* lundis — Cette année, la Fête nationale tombe *un vendredi*, **ou** *le* vendredi — **Et, si le nom du jour est suivi d'un complément :** fermé *le lundi de Pâques*.

Les semaines et les mois.

234 Venez *la* semaine prochaine — *dans une* semaine[1] **(= au bout des sept jours qui viennent)** — *dans la* semaine **(= avant la fin de la semaine) — avec les mêmes différences de sens :** *la* quinzaine prochaine, *dans une* quinzaine, *dans la* quinzaine; *le* mois prochain, *dans un* mois, *dans le* mois; *l'*année prochaine, *dans un* an, *dans l'*année.

Notez la formule fréquente dans la langue des tribunaux :

Jugement *à huitaine, à quinzaine*.

Le nom des mois n'est généralement pas accompagné d'article :

Janvier sera froid — La première quinzaine *de décembre* a été pluvieuse — *Décembre* de l'an dernier a été brumeux — Venez *en décembre, dès octobre*.

Les saisons.

235 *Le* printemps, *l'*été, **etc.**

Comme complément de temps :

Au printemps; **mais :** *en* été, *en* automne, *en* hiver.

Et, naturellement, si le nom a une valeur générale d'adjectif, pas d'article :

La mode *de printemps* — manteaux *d'hiver*.

Indication de l'heure.

236 Il est *une heure, dix heures* — rentrer à *une heure*, à *dix heures*.

Mais on dira (dans un sens approximatif et toujours au pluriel) :

Rentrer vers *les une heure*, vers *les midi*, vers *les minuit*, vers *les dix heures* **ou :** sur *les une heure*, sur *les midi*, **etc.**

1. Ici **une** est un nombre.

Indication de l'âge.

237 *A* dix ans, *à* quarante ans — Il a *quarante* ans — Un homme *de quarante* ans. **Mais, avec idée d'approximation :** Un homme *dans les quarante* ans, *dans la quarantaine* — Il va *sur les quarante* ans (ou *sur quarante* ans), *sur la quarantaine.*

238 **Le tome d'un livre, la page, la ligne — la place, l'adresse, etc., comme compléments de lieu :**

Lisez ce récit, *tome I, page 18, ligne 4* — Prenez le dossier *armoire 5, rayon 3* — La conférence aura lieu *salle 23* — Il habite *rue de Médicis*; *3, rue de Médicis* (**plus rarement :** Il habite dans la rue de Médicis; au 3, rue de Médicis) — Cela s'est passé *boulevard* de la Chapelle, *place* des Vosges.

Dans les adresses de lettres ne mettez pas l'article :

Monsieur Durand, *4*, rue Escarpée, Lyon, *III*e arrondissement; **ou :** Monsieur Martin, *château* de Saint-Charles (*Eure-et-Loir*).

Le titre des œuvres.

239 **L'article est souvent absent de la couverture du livre :**

Voyages de Gulliver — Pascal, *Pensées.*

Mais, parlant de l'œuvre, vous direz :

« Avez-vous lu *les* « Voyages de Gulliver » ? — *les* « Pensées » de Pascal ? »

Dites :

Le succès *du* « Soulier de Satin »,

et, s'il s'agit de titres plus complexes :

Le succès de la pièce « *Le* Diable et *le* bon Dieu » **ou :** le succès *du* « Diable et le bon Dieu[1] ».

Il serait ridicule de dire : le succès du « Diable et du bon Dieu » : **par l'effet du deuxième article** « du », **le Diable et le bon Dieu sembleraient associés pour un succès commun.**

Le prix.

240 On vend, on achète, on paie un livre *dix francs.*

Mais (avec une nuance d'approximation) :

Ce livre vaut *dans les dix francs*, vous l'avez payé *dans les cent francs.*

Et, avec un complément, l'article défini s'impose (v. n° 214) :

Les dix francs *que vaut ce livre.*

1. Simone de Beauvoir : *La Force des choses* : « la centième du *Diable et le bon Dieu.* »

L'ARTICLE DEVANT LES NOMS EN APPOSITION ET LES ATTRIBUTS

241 **On notera que, d'une manière générale, l'article laisse au nom son autonomie, son relief.**

Nom en apposition

a) Apposition conjointe (v. n° 103).

L'article est généralement absent :

Une borne-*fontaine*, la voiture *balai* (= **la dernière d'un cortège)** — le doux nom *de liberté*. **(Dans :** le nom *de la* liberté, **nous avons un complément de nom.)**

Mais on dira : le mont Caucase **ou** le mont *du* Caucase, les monts *des* Pyrénées.

Dans des expressions comme : un fripon *d'*enfant, **le deuxième terme n'a pas d'article (v. nos 106, 107).**

242 **b) Apposition disjointe (v. n° 108). Elle est séparée, dans l'écriture, par une virgule, et parfois placée en avant du nom.**

L'article est souvent absent :

- **S'il s'agit d'indiquer une qualité, une profession ou une définition :**
  M. Lefèvre, *transporteur*, habite place Victor-Hugo — Le triangle isocèle, *figure* à deux côtés égaux.
- **Sur une carte de visite :**
  André David, *avocat* à la Cour.
- **Dans le titre d'un ouvrage :**
  « La Peste », *roman* d'Albert Camus.
- **Après un pronom personnel :**
  « Nous, *Français*... »

Mais on peut dire aussi : « Nous *les Français*... ». **Ce tour est moins solennel et plutôt explicatif[1] — Et l'on dira en détachant l'apposition en avant :** « *Avocat*, je ne puis trahir mon serment » **(tour solennel, soulignant la cause : *parce que je suis* avocat...) — Ou au contraire :** « *Avocat*, il a trahi son serment! » **(tour solennel, soulignant l'opposition : *bien qu'il soit* avocat...).**

Les écrivains tirent des effets de la suppression de l'article :

« En lui (= **Gilliatt)** l'ignorance, *infirmité;* hors de lui, le mystère, *immensité*. » (Victor Hugo, *Les Travailleurs de la Mer*.)

1 Pour l'article devant les noms propres, v. nos 263 et suivants

243 **Mais pour souligner la notoriété, on emploiera l'article défini :**

M. Lefèvre, *le transporteur*, chargera nos caisses — J'ai invité maître David, *l'avocat* des grands éditeurs (maître David, qui est, vous le savez, *l'avocat...*) — Avez-vous lu « La Peste », *le roman* d'Albert Camus ? — Vous, *l'homme de toutes les bassesses*, on vous connaît trop...

On l'emploiera avec les surnoms :

Pierrot *le fou* — Jo *la terreur*.

244 **L'apposition disjointe admet aussi l'article indéfini : il met en relief un être au milieu d'un ensemble d'une même espèce :**

J'ai consulté le docteur Leblanc, *un oculiste* de l'hôpital.

Dire : J'ai consulté le docteur Leblanc, *oculiste* de l'hôpital **serait plutôt annoncer une profession, une qualité.**

245 **L'article indéfini peut aussi donner un sens emphatique à l'apposition. Mais généralement, celle-ci n'est plus détachée en avant :**

Toi, *un avocat*, tu as pu trahir ton serment ! — Victor, *un dur*, a foncé sur les agents **F.P. pop.** — Je te présenterai André, *un as* de la belote **F.P. pop.**

Nom attribut (voir nos 133 et suivants)

246 **a) Absence d'article, si le nom attribut exprime une profession, une qualité sociale :**

M. Lefèvre *est transporteur* — Alexandre Durel *est mécanicien*.

On dira donc aussi : Il devient, il reste *mécanicien* — Il passe *pour mécanicien*. **Et, avec l'attribut de l'objet (v. nos 138 et suivants) :**

On l'a élu *président* — On l'a choisi *comme président* — On le traite *d'âne*.

247 Le nom attribut du sujet peut, dans ces conditions, être traité comme un véritable adjectif :

M. Legris est *très professeur* (= très professoral).

248 **b) Présence de l'article. Il rend au nom son autonomie, son relief (v. no 244) :**

Article indéfini.

Ainsi vous direz : M. Lefèvre est *un transporteur* de Paris — Vous êtes avocat : **simple qualification.** Vous êtes *un* avocat : **mise en relief.** Je suis soldat : **c'est mon métier ;** je suis *un* soldat : **j'en ai les caractères moraux.**

D'où, avec sens emphatique : « Je cherchais à devenir *un* menuisier » (= **un vrai**), Perdiguier, *Mémoires d'un compagnon* **(v. aussi no 222).**

N. B. — Avec un pronom de la 3e personne : au lieu de : *il (elle) est un... (une...)* **et de** *ils (elles) sont des...*, **dites :** *C'est un* mécanicien, *ce sont des* mécaniciens — *C'est un* avocat réputé, **etc.**

En résumé, vous direz, suivant le cas :

Je suis mécanicien, ou *un* mécanicien
tu es mécanicien, ou *un* mécanicien
{ *il* est mécanicien
{ *c'*est *un* mécanicien.

249 **Article défini.**

Il introduit, ici encore, une idée de notoriété ou de précision :

Maître Legrand est *l'avocat* de Jean;

ou d'unicité : Tu es *le chef.*

L'article défini permet de dire *il est* **ou** *c'est :*

*Il est l'*avocat de Jean **(ou :** *C'est l'*avocat de Jean**).**

On l'emploie également pour donner à l'attribut la valeur d'un surnom (v. n° 243) :

On appela Henri IV *le Béarnais* — On la surnomme *la Folle.*

Si l'attribut traduit l'idée d'une matière (au sens propre ou au sens figuré), dites : C'est *du vin* — L'eau devient *de la glace* — Cela, c'est *de la littérature*; **mais (F.E.) :** C'est pure littérature.

Après les verbes « se changer », « se transformer », **on emploie en, sans article :** L'eau *se transforme en* glace.

Mais si l'attribut reçoit une précision, l'article apparaît :

« Comment *en un plomb vil* l'or pur s'est-il changé ? »
(Racine, *Athalie.*)

Superlatif

250 **L'article défini est nécessaire à la formation du superlatif dit relatif et il doit précéder immédiatement l'adjectif : il faut donc dire, non seulement** *le plus beau* livre, **mais :** le livre *le* plus beau[1].

Cet article subsiste quand le nom est apposition ou attribut :

Ce livre, le plus beau de tous — *Ce livre* est *le* plus beau de tous.

N. B. — : Mais avec l'adjectif possessif, on dira : *mon plus beau* livre.

251 **Nom en apostrophe (v. n° 629)**

Pas d'article, en général :

« *Soldats*, du haut de ces Pyramides, quarante siècles vous contemplent. » (Bonaparte) — Tenez bon, *camarades*!

On dit : « Oui, *Monsieur le* Directeur », « *Monsieur le* Professeur », « *Monsieur le* Président ».

Mais non pas : « Oui, Directeur », « Oui, Président »; **cependant** « Oui, Professeur » **s'entend quelquefois.**

On dit, suivant le cas (v. n° 327) : « Mon Général », ou « Général », **etc.**

1. On trouve cependant, abusivement, le superlatif sans l'article, dans certaines appositions : « L'iode, *meilleur* lubrifiant du titane » (titre d'un article du *Monde*, 20 janvier 1966).

Certains emplois de l'article défini appartiennent à la langue familière ou populaire :

« Hé *les* copains! » — « Bonjour *la* petite mère » **(à une marchande des quatre-saisons, par exemple)** — « Vous, *le* numéro 4, sortez du rang » **(un officier à un soldat)** — « Parlez, *le* 17 » **(une standardiste, à quelqu'un qui obtient la communication téléphonique).**

Locutions verbales

252 **L'article est absent d'un grand nombre de locutions verbales, où le verbe et son complément forment un tout, équivalant à un verbe seul :**

Tenir tête à quelqu'un = **résister à quelqu'un.**

- **Si le complément est déterminé, l'article est obligatoire :**

Avoir *l'*air de rire — avoir *l'*air fâché. **On dit aussi :** avoir *un* air fâché **(v. n° 219)** — avoir *l'*habitude de travailler **(mais, sans complément associé, F.P. fam. :** Vous riez? — J'ai *l'*air, mais je ne ris pas — Vous travaillez encore? — Oh! j'ai *l'*habitude).

- **Dans d'autres cas, la présence d'un article modifie le sens général, en rendant au nom son autonomie, son relief.**

On opposera : *faire part* d'une nouvelle **(l'annoncer)** — *faire la* part du feu **(réserver une part à l'incendie, pour mieux le combattre)** — *faire feu* sur quelqu'un **(tirer un coup de fsu sur lui)** — *faire un* feu d'enfer **(allumer at entretenir un feu intense).**

C'est l'usage surtout qui, à la longue, enseigne les distinctions à faire.

Voici les verbes le plus souvent employés :

Avoir

253 *Avoir faim, très faim* **(langue courante),** *grand-faim* **F.E.,** *une* grande faim, *une* faim *de loup* **F.P.** — *avoir soif, très soif* **(langue courante),** *grand-soif* **F.E.,** *une* grande soif — J'avais *une* de ces soifs! **F.P. fam.** — *avoir raison* de faire quelque chose **(= faire è bon droit)** — avoir *une* raison de faire (avoir un motif particulier de faire), **etc.**

Donner

Donner raison (tort) à quelqu'un **(approuver, ou désapprouver quelqu'un)** — donner *la* raison d'une chose **(expliquer pourquoi cette chose se fait), etc.**

Faire

Faire peur à quelqu'un **(l'effrayer)** — lui faire *très peur.*
Mais : lui faire *une* peur bleue **(une peur extrêms) F.P. fam., etc.**

Mettre

Mettre à jour ses affaires **(= régler celles qui avaient du retard).**
Mettre au jour une poterie **(= la découvrir au cours de fouilles), etc.**

Parler

Parler *le* français **(savoir, d'uns manière générale, s'exprimer en français), etc.** — *parler français* **(s'exprimer en français, dans une circonstance détarminée)** — « Je *parle français*, il me semble! » **(= ce que je dis est pourtant clair!)**

Perdre

Perdre confiance en ses amis — Perdre *la* confiance de ses chefs.

Porter

Porter tort à quelqu'un — Porter *les* torts d'une action **(= en être tenu pour responsable).**

Prsndre

Prendre garde de tomber **(= éviter de tomber)** — Prendre *la* garde **(en parlant d'un soldat qui va veiller), etc.**

Rendre

Rendre service à quelqu'un — Lui rendre *un* service **(lui être utile dans une circonstance).**

L'article et les compléments de nom (v. n°s 186 et suiv.)

254 **Il disparaît souvent, nctamment après les prépositions à, de, et surtout en.**

a) à :

Une tasse *à café*, une cabane *à lapins*, un pot *à lait*, un chapeau *à plumes*, une robe *à volants*. **(Mais on dit :** une boîte *aux lettres*.**)**

N. B. — Pour les expressions non figées[1], accompagnées ou non d'un adjectif, vous pouvez vous conformer au tableau de corrspondance ci-dessous, où l'article un commande généralement un complément sans article :

LE	*la* maison *aux* volets	**ou :** *la* maison *à* volets
	la maison *aux* volets *verts*	**ou :** *la* maison *à* volets *verts*
UN	*une* maison *à* volets	**(*aux* est exclu)[2]**
	une maison *à* volets *verts*	**(plus rarement :** *une* maison *aux* volets *verts*)

Dans les noms de **mets,** le nom complément est généralement introduit par : *au, à la, aux* : omelette *au* fromage — gigot *aux* flageolets — tarte *à la* crème. Mais la langue parlée et la langue commerciale abrègent volontiers; et l'on commande au garçon : « Un poulet froid *mayonnaise* — un steack *frites*. »

255 **b) de :**

Une échelle *de* fer **(v. n° 188)** — une tasse *de* porcelaine — le professeur *d'*histoire, *de* français — un écrivain *de* langue allemande — des adverbes *de* temps, *de* lieu, *de* manière — une rage *de* dents **(pour les fractures, de ; pour les blessures, à :** une fracture *du* bras, une blessure *au* pied), **etc.**

1. C'est-à-dire qui ne constituent pas, depuis longtemps, un nom composé, comme : une tasse *à* café, une retraite *aux* flambeaux, une boîte *aux* lettres.
2. Sauf dans certains **noms composés,** comme : une tarte *aux* fraises.

N. B. — L'absence d'article peut conférer aux compléments de nom introduits par de une valeur générale, indéfinie : celle, par exemple, d'une matière, d'une science. Mais si ce complément de nom évoque un personnage ou une chose connus ou déterminés, l'article (défini généralement) reparaît :

Connaissez-vous M. Delamain, *chef d'orchestre*? M. Delamain, chef *de l'orchestre* du Grand Théâtre? — Je voudrais voir le *chef de bureau*, le chef *du premier bureau* — Voici un *professeur de faculté*, un professeur *de la faculté des lettres*.

255 bis

le, un commandant des compléments de nom précédés de du, d'un, des, de[1]

au singulier	**au pluriel**
Le casque *du* soldat Martin...	*Les* casques *des* soldats Martin et Dupont...
(Les soldats sont déterminés ou connus.)	
Le casque *d'un* soldat...	*Les* casques *de certains* soldats...
(Les soldats ne sont pas connus.)	
Un casque *de* soldat...	*Des* casques *de* soldats...
Le casque *de* soldat que j'ai trouvé...	*Les* casques *de* soldat(s) que j'ai trouvés...

(Soldat désigne ici l'espèce en général : valeur d'adjectif.)
Un casque *du* soldat **supposerait une pluralité de casques (= un de ses casques).**

256 c) **en** : Une boîte *en* carton — la vie *en* rose.

L'article et les compléments circonstanciels

257 **L'article est souvent absent de certains compléments circonstanciels où entre une préposition.**

a) Il est toujours absent après : à force de, pour cause de, pour raison de :

Réussir *à force de* patience — Fermé *pour cause de* décès — Se démettre *pour raison* (ou *raisons*) *de* santé.

b) Il est très souvent absent après la préposition en, quelle que soit la valeur de celle-ci :

Aller *en prison*, être *en prison* — être *en Angleterre*, *en Allemagne de l'Ouest* (*Le Monde*, 22 juillet 1963) — rouler *en auto*, voyager *en été*, *en automne*, *en hiver* — *en janvier*, *en mars*, **etc**[2].

1. On notera que, ici encore, *un* commande généralement un complément sans article.
2. Il est à remarquer que le français contemporain tend à préférer l'expression synthétique en... à l'expression articulée, et à dire : *En* démocratie, le citoyen a le droit d'être informé — Je vous écrirai *en* fin de semaine (au lieu de : *dans une* démocratie, *à la* fin *de la* semaine).

Cependant on dit avec l'article défini :

Regarder *en l'*air — Donner une réception *en l'*honneur de quelqu'un — La soirée sera donnée *en l'*hôtel de la Présidence — **On dit** : *en l'*absence de, **mais** : *en* présence de — *en la* personne de — Il n'y a pas de péril *en la* demeure (= **à attendre**). **Evitez d'employer** « en le », « en les » —. **Pour** *ès*, **v. n° 213).**

Et l'article s'emploie encore dans de nombreuses expressions figées où *le* = *ce* **(v. n° 215) :**

*En l'*espèce, *en la* matière, *en la* circonstance, *en l'*occurrence. (« *En l'*occurrence, la voiture des pompiers est autorisée à prendre le sens interdit. ») — Laisser les choses *en l'*état.

L'article indéfini s'emploie aussi après en, peut-être avec plus de souplesse :

En des temps comme les nôtres... — Je l'ai rencontré *en une* curieuse circonstance, *en de* nombreux endroits — *En un* sens, il a raison.

258 **c) L'article est souvent absent après les autres prépositions :**

à :

Se mettre *à genoux* — être *à terre* — rouler *à toute vitesse* — voyager *à petites journées, à petites étapes* — marcher *à grands pas* — parler *à haute voix, à voix basse* — suer *à grosses gouttes*, etc. **Mais on dit (compléments de lieu) :** être, ou aller *à la* maison, *à la* messe, *à l'*école, *à la* chasse, *au* concert, *au* théâtre.

après :

Après enquête, nous avons appris que... — Il m'a informé, mais *après coup* — Les difficultés d'*après guerre* — Se retirer des affaires *après fortune faite*.

avant :

Ne décidez pas *avant réception* de ma lettre — Les prix d'*avant guerre*.

avec : (absence très fréquente de l'article) :

Vous serez accueilli *avec honneur* — Je le ferai *avec joie* (= **valeur d'adverbe de manière**).

contre :

Envoyez-moi ce livre *contre remboursement*.

de :

Sortir *de prison, de table* — Pleurer *de chagrin, de colère, de rage* — « Le sort, dit le vieillard, n'est pas toujours *de fer*. » (André Chénier, *L'Aveugle*.)

faute de :

Échouer *faute d'argent* — Faute *de grives* on mange des merles.

hors :

Un numéro *hors programme* — Destins *hors série* — Être classé *hors concours*.

jusqu'à :

Restez au lit *jusqu'à guérison.*

par :

Prenez un manteau, *par prudence* — Agir *par ambition, par jalousie, par bonté* — *Par ordre* du gouverneur... — Payer cent francs *par jour* (*par mois, par an*) — Ce sera dix francs *par personne* — Voyager *par mer, par avion.*

par-devant :

Dans l'expression juridique : acte signé *par-devant notaire.*

par suite de :

Être absent *par suite de maladie.*

pour :

Qu'a-t-il reçu *pour prix* de son travail? — Je viens vous voir *pour affaires* — Il a été remercié *pour négligence* dans le service — Cette observation ne figure dans le document que *pour ordre* (pour le bon ordre), *pour mémoire* (pour le souvenir).

Dicton : Œil *pour œil,* dent *pour dent.*

sans : (l'article est souvent absent) :

Agir *sans prudence, sans générosité* — Être *sans argent.* **(Mais :** *sans le sou*), etc.

selon :

Prix *selon grosseur* **(au restaurant; écrit souvent :** *s. g.*)

sauf :

Tout est là, *sauf erreur* — A lundi, *sauf contrordre.*

sous :

Mettre une gravure *sous verre* — Vivre *sous terre.*

sur :

Prisonnier *sur parole* — Complet *sur mesure.*

N. B. — Mais, en général, si le complément circonstanciel est lui-même déterminé, l'article reparaît :

Être *aux* genoux de quelqu'un — Vous serez accueilli avec *les* honneurs de la guerre.

259 L'article est encore absent de certaines expressions anciennes se présentant souvent comme des couples :

Croire *dur comme fer* que... **(croire obstinément)** — Sortir d'un procès *blanc comme neige* **(parfaitement innocenté)** — Vivre *comme chien et chat* **(vivre en désaccord)** — *Entre chien et loup* **(au crépuscule, à l'heure où l'on distinguerait mal un chien d'un loup)** — *Avoir barres* (ou *barre*) sur quelqu'un **(avoir avantage sur lui, locution empruntée au jeu de barres)** — *A malin, malin et demi* **(à un adversaire subtil on oppose un adversaire plus subtil encore)** — *Montrer patte blanche* **(fournir la preuve qu'on peut être admis dans un groupe)** — Jeter *feu et flamme* **(manifester un violent comportement)** — Suer *sang et eau* **(se donner une peine infinie)** — Proclamer *à cor et à cri* **(en faisant beaucoup de bruit), etc.**

260 **L'article est absent de nombreux proverbes (souvent à la forme négative), qui gagnent ainsi en concision et en généralité :**

Bonne renommée vaut mieux que *ceinture dorée* — *Abondance* de biens ne nuit pas — *Ventre affamé* n'a point d'oreilles, **etc.**

de certaines énumérations (F.E.), avec le même effet de concision et de généralité :

« *Femmes, moine, vieillards*, tout était descendu. » (La Fontaine, *Le Coche et la Mouche.*)

« Et je verrais mourir *père, enfants, mère et femme,*
Que je m'en soucierais autant que de cela. » (Molière, *Tartuffe.*)

de certaines phrases (le plus souvent négatives ou interrogatives, F.E.) où le nom a une valeur générale :

Il n'accepte *ni excuses ni compromis* — *Jamais homme* ne fut plus déraisonnable — Connaissez-vous *femme plus élégante*?

261 **du style dit télégraphique, où l'économie de mots s'impose :**

« Reçu *colis. Lettre* suit. » **Dans un agenda :** « Mettre *antigel* dans *radiateur auto* ».

262 **Avec l'infinitif de narration, le sujet est souvent sans article, surtout si c'est un nom pluriel F.E. :**

« *Grenouilles* aussitôt *de sauter* dans les ondes,
Grenouilles de rentrer en leurs grottes profondes. »
(La Fontaine, *Le Lièvre et les Grenouilles.*)

L'ARTICLE ET LES NOMS PROPRES

Noms de peuples et d'habitants

263 **Mettez l'article :** *les* Français, *un* Français; **sauf, souvent, avec l'apposition, l'attribut, l'apostrophe (v. nos 241 à 251).**

Noms de personnes

Noms de famille et prénoms : sans article en général :

Pierre est venu — Le roi *Édouard* — Monsieur *Durand* — **(familièrement :** *Martin et Dupont* sont prévenus.)

Mais on dira : *les* Goncourt **(= les deux frères Goncourt)** — *les* Durand **(= la famille Durand)** — C'est *un* Durand, *une* Durand **(un membre de la famille Durand) — Et, pour les dynasties, les familles princières ou célèbres :** *les* Bourbons, *les* Habsbourg **(v. n° 51),** *les* Estienne **(famille d'imprimeurs français du XVIe siècle).**

263 bis • **Le, la, emphatiques.** **L'article défini accompagne, à l'imitation de l'italien, certains noms célèbres d'écrivains italiens :** *l'*Arioste, *le* Tasse[1];
de peintres italiens : *le* Corrège. **(Mais :** Raphaël, Michel-Ange). **On dit aussi** *le* Poussin **(il travailla longtemps en Italie).**

Des noms de cantatrices, ou d'actrices, surtout italiennes, soit de naissance, soit d'éducation :

La Patti, *la* Duse, *la* Tebaldi, *la* Callas.

Pour certaines artistes françaises on a dit :

La Champmeslé, *la* Duparc (XVIIe s.), *la* Clairon (XVIIIe s.), *la* Malibran (XIXe s.).

• **Le, et surtout la, péjoratifs.** **L'article prend une valeur péjorative dans :** *la* Montespan **(Mme de Montespan)** — *la* Pompadour — *la* Thénardier **(personnage des** *Misérables***). Aujourd'hui ce tour est F.P. vulgaire :** « *la* Dupont et son Dupont de mari. »

N. B. — *Un harpagon, un tartuffe* **sont devenus des noms communs.**

L'article accompagne le nom de personne si celui-ci est déterminé ou qualifié :

Le Parmentier *que je connais* habite à Neuilly — Celui dont vous parlez est *un autre Parmentier.*

L'expression à la + nom propre signifie : à la [manière de]. On l'emploie surtout en cuisine : turbot *à la Vatel* — **mais aussi en matière d'art :** un poème *à la Mallarmé* — un nocturne *à la Chopin.*

• **Les (quelquefois des) évoque, en particulier :**

1. **un personnage célèbre, dans une énumération :**
Les Corneille, *les* Racine, *les* Molière font la gloire du XVIIe siècle. **(ou :** *Des* Corneille, *des* Racine...) **v. aussi n° 223.**

2. **des personnages comparables à tel grand homme :**
Les Molières sont rares aujourd'hui.

3. **les œuvres des artistes :**
Venez voir *les* Matisse et *les* Rouault de ma collection **(et, au singulier : :** Je possède *un* Balzac complet).

Noms géographiques

264 • **Noms de mers, de lacs, de rivières, de caps, de montagnes :**

S'emploient avec l'article défini :

La Méditerranée — *la* mer Caspienne **ou** *la* Caspienne — *le* lac Léman **ou** *le* Léman — *la* Tamise — *le* cap Horn — *le* Caucase.

1. Le Dante est une expression fautive — Dites : Dante (c'est un prénom).

● **Noms d'îles :**

— **archipels : article pluriel :** *les* Hawaii, *les* Lofoten.
— **« grandes » îles d'Europe : article singulier :** *la* Sicile, *la* Crète. **Mais :** Chypre.
— **« petites » îles d'Europe : pas d'article :** Délos, Samos, Rhodes.
— **îles hors d'Europe : pas d'article en général :** Madagascar — Bornéo — Sumatra — **Mais :** *la* Guadeloupe, *la* Martinique, *la* Jamaïque — **Et, parce que le nom contient l'adjectif antéposé « nouvelle », on dit :** *la Nouvelle*-Zélande — *la Nouvelle*-Guinée.

● **Noms de villes :**

Pas d'article (sauf, bien entendu, s'il est inclus dans le nom, ou s'il y a détermination) :

Rouen, Marseille — *Le* Havre.

Et l'on dira : *le* Paris *du XVIII*e *siècle* — *le vieux* Nice (= **les vieux quartiers de Nice**) — *le grand* Paris (= **Paris et son district**) — *le Tout*-Paris (= **la partie la plus « mondaine » de la population parisienne).**

● **Noms de pays, de provinces :**

S'emploient avec l'article défini, même si ce sont des noms étrangers :

La France — *la* Bourgogne — *le* Kentucky — *le* Se-Tchouan.

Mais on dit : Israël, **sans article. Le mot existait avant la nation. (Pour le genre des noms, v. n**os **12, 13).**

N. B. — Les emplois ci-dessus concernent les noms sujets, attributs du sujet, compléments d'objet direct — ou compléments de lieu construits avec « par ».

265 ● **Noms géographiques employés comme compléments avec les prépositions « à », « dans », « en » et « de ».**

I. Compléments de lieu

a) Question : où?

1. Noms de ville : à, sans article, à moins que le nom de la ville n'en comporte un :

Je réside à Paris[1] — à la Havane — au Havre.

La mode s'est répandue de dire : en Avignon, **provençalisme (?) favorisé par la crainte de l'hiatus : à/Avignon — Certaines gens en viennent même à dire :** en Arles, en Haïti, en Alger[2].

1. **Dans** ne s'emploie avec un nom de ville que s'il est déterminé ou caractérisé : *dans tout* Paris, *dans* le Paris *de Louis XIII*, ou si l'on veut souligner l'idée de contenance concrète : « Rome n'est plus *dans Rome*, elle est toute où je suis » (Corneille, *Sertorius*).
2. La langue du Moyen Age offre, il est vrai, de nombreux exemples de l'emploi de **en** devant un nom de ville, même commençant par une consonne — La langue classique a dit : *en Alger* (Molière, *Fourberies de Scapin*) — *en Argos* (Racine, *Iphigénie*).

266 **2. Noms de départements français : dans le, dans la, dans les :**
dans *le* Nord, dans *la* Manche, dans *les* Ardennes.

Mais vous entendez quelquefois (s'il s'agit de noma qui furent ceux d'anciennes provinces ou de deux termes unis par et) :
En Charente, *en* Vendée, *en* Côte-d'Or, *en* Eure-et-Loir, etc.

267 **3. Noms de provinces françaises. En général, en devant les noms féminins, et devant les noms masculins commençant par une voyelle ; en, quelquefois au ou dans le, devant les noms masculins commençant par une consonne :**
En Bourgogne, *en* Auvergne, *en* Anjou, *en* Artois, *en* Berry (quelquefois *dans le* Berry), etc.

268 **4. Noms de pays : dites en, s'il s'agit :**
de noms féminins, ou de noms de grandes îles situées en Europe (v. n° 264) :
En Chine, *en* Suède — *en* Sicile, *en* Crète — (mais : *à* Délos, *à* Ouessant et même *à* Chypre — *à* Cuba, *à* Bornéo, *à* Terre-Neuve, *à la* Martinique).

de noms masculins commençant par une voyelle :
En Iran, *en* Azerbaïdjan.

269 **5. Mettez au devant les noms de pays masculins commençant par une consonne :**
Au Japon, *au* Brésil.

aux devant les noms du pluriel :
Aux États-Unis (m.), *aux* Antilles (f.).

Si les noms de pays ou de ville sont accompagnés d'un adjectif ou d'une détermination, mettez : dans le, dans la :
Dans la Hollande *maritime* — *dans le* Mexique *d'aujourd'hui* — *dans le vieux* Toulon.

270 **b) Question : d'où?**

Mettez du, de la, des devant les noms des paragraphes 2. 3. 5. :
Je viens *du* Pas-de-Calais, *de la* Bretagne[1], *des* États-Unis, *du* Japon.

Mettez de, d' devant les noms des paragraphes 1. et 4. :
Je viens *de* Rome, *de* Chine, *de* Sicile, *de* Crète, *de* Bornéo, *d'*Iran, *d'*Azerbaïdjan. (On peut dire : *de* Nouvelle-Zélande ou *de la* Nouvelle-Zélande.)

1. Mais **de** est fréquent devant les noms féminins de province : Nous arrivons *de* Bretagne, *d'*Alsace.

271 **II. S'il s'agit d'autres compléments que des compléments de lieu**

a) Compléments de nom :

1. De introduit une expression comparable à un adjectif :
L'empereur *d'*Éthiopie — les côtes *d'*Angleterre (ou anglaises) — l'histoire *de* France — le fromage *de* Hollande.

Mais du, des reparaissent souvent si le complément est un masculin commençant par une consonne, ou un pluriel :
L'empereur *du* Japon — l'histoire *du* Japon, *des* États-Unis.

2. De la laisse au complément sa valeur individuelle :
Les vicissitudes *de la* France — l'étude *de l'*Angleterre.

272 **b) Compléments d'objet indirects :**

Mettez du, de la, des, au, à la, aux :
Dans vos recherches, occupez-vous *du* Mexique — Pensez *au* Canada.

...Sauf s'il s'agit de petites îles européennes, ou d'îles non européennes, auquel cas on mettra de :
Il se désintéresse *de* Délos, *de* Cuba, *de* Bornéo, etc.

L'ARTICLE DIT PARTITIF

Ses formes

273

singulier	pluriel
du (masculin) **de la (féminin)**	**des (masculin et féminin)**

274 **Il n'y a véritablement terme partitif que lorsqu'il y a prélèvement d'une partie.**

Comparez : Je prends *le pain* (= **tout le pain**) — Je prends *un pain* (= **un pain entier**) **et :** Je prends **du** pain *qui est sur la table* (= **une partie de ce pain qui est...**), **des** confitures *qui sont dans le pot* (= **une partie de ces confitures qui sont...**).

Il y a encore un vrai complément partitif (mais sans article) dans :
Le régiment a perdu *de ses hommes* (= **quelques-uns de ses hommes**) — Je ne veux pas prendre *de votre temps* (= **une part de votre temps**).

Par extension, on voit un partitif dans les expressions suivantes :

Je mange *de la viande*[1], je bois *du vin*, je prends *des confitures* — Pêchons ici : il y a *de la sardine* — Vous avez *de la patience*, *du courage* — Faire *de la musique* — Lire *du Camus*. Il n'y verra que *du feu* **F.P. fem. (= il ne s'apercevra de rien).**

après beaucoup, peu, etc. (v. n° 226) :

Il y a *beaucoup de* neige; *peu de* spectateurs[2].

et dans des phrases négatives (v. n° 227) :

Je ne vends *pas de* légumes — Ici, il n'y a *pas de* sardine.

Ce qui est certain, c'est que, dans tous les exemples ci-dessus, il ne s'agit jamais de totalité, laquelle s'exprimerait par tout (Je bois *tout le vin* — J'ai lu *tout Camus*) **ou par l'article simple :** J'ai bu *le* vin.

L'appellation de « partitifs » donnée à ces termes n'est donc pas illogique. Mais elle ne correspond plus que rarement à la conscience du Français parlant.

PLACE DE L'ARTICLE

275 **L'article se place immédiatement devant le nom ou devant l'adjectif épithète si celui-ci précède le nom :** *le* livre — *un* livre *intéressant* — *un beau* livre.

Dans les appellations où entrent soit un titre, soit un surnom, l'article se place devant le titre :

Monsieur *le Député* — Madame *la Duchesse*.

ou devant le surnom (v. n° 243) :

Louis *le Germanique* — Guillaume *le Taciturne*.

Place de l'article accompagnant certains indéfinis

276 **Notez :** *toute la* ville, *tous les* citoyens — **mais :** *la toute* fin **F.P. = la fin extrême,** *le Tout*-Paris **(l'ensemble des notabilités).**

et : *tout homme* est mortel; *l'homme même* **(= lui-même) ou :** *même l'homme* — **Mais :** *les mêmes* hommes **(= les hommes dont nous avons déjà parlé)** — *un tel* homme — **Mais :** *un homme tel que* lui... — *Tel un homme* épuisé **(= comme un homme épuisé),** il s'effondre.

1. Mais on peut y voir un article de **matière** (cf. G Gougenheim, *Système grammatical de la langue française*).
2. Ce sont, si l'on veut, des expressions de **quantité** — En revanche, si l'on dit : Peu *des spectateurs* furent satisfaits, on a un vrai partitif, équivalant à : peu, *parmi* les spectateurs.

RÉPÉTITION DE L'ARTICLE

I. Nom sans adjectif épithète

277 **a) L'article se répète dans les énumérations dont les termes s'appliquent à des espèces différentes :**

Alors défilèrent *les* artilleurs, *les* cavaliers, *les* fantassins — **Mais voir n° 260.**

278 **b) Dans certaines expressions globales (juridiques ou administratives, généralement) l'article s'exprime *une seule fois*, par un pluriel (les, eux, etc.) :**

Les dommages et intérêts — *les* us et coutumes — *les* Eaux et Forêts — *les* Ponts et Chaussées — *les* Arts et Métiers — *les* officiers, sous-officiers et soldats — Indiquer *les* nom[1], prénoms[1] et date[1] de naissance de l'enfant — Magasin fermé *les* lundi, mardi et mercredi.

279 **c) Dans d'autres expressions globales, l'article s'exprime une seule fois, par un singulier, parce qu'il n'est question que d'un seul et même être :**

Le conseiller *et* âme damnée du roi[2] **(= celui qui était à la fois son conseiller et son diabolique inspirateur)** — X..., *le* fournisseur *et* ami de Sa Majesté — *Le* frère *et* collaborateur de l'architecte.

... en particulier, si la conjonction ou annonce une deuxième appellation du même objet, une définition :

Le plantain, *ou herbe* aux blessures — le tamier, *ou herbe* de la femme battue — le coffre, *ou malle* arrière des voitures.

II. Noms accompagnés d'un adjectif épithète

280 **• Plusieurs noms qualifiés chacun par un adjectif différent : autant d'articles que de noms.**

Les petits profits et *les* grands succès.

• Un seul nom pluriel, représentant plusieurs catégories, qualifiées chacune par un adjectif différent (épithètes incompatibles entre elles) : répétez l'article :

Les bons et *les* mauvais camarades.

N. B. — Si chaque catégorie ne renferme qu'une unité, dites : *Les* langues grecque et latine — *Les* dix-septième et dix-huitième siècles.

1. Remarquez l'emploi, logique, du singulier, ou du pluriel, suivant le cas.
2. Voir pour l'emploi du possessif (*son* conseiller et âme damnée) n° 334.

● **Un seul nom, qualifié par plusieurs épithètes compatibles entre elles : ne répétez pas l'article :**

Les jeunes et jolis enfants de mon frère — *Le* grand et gros homme que voici.

N. B. — En répétant l'article, on souligne l'expressivité des épithètes :

Les jeunes, *les* jolis enfants de mon frère — *Le* grand, *le* gros homme que voici — « *Le* vierge, *le* vivace et *le* bel aujourd'hui » (Mallarmé, *Poésies*).

ARTICLES PRIVÉS DE LEUR NOM

81 **L'article peut maintenir la structure de la phrase, même en l'absence du nom qu'il devrait normalement introduire :**

● **Soit qu'il forme alors avec un groupe de mots une expression nominale parfaitement claire :**

Le 2e chasseurs **(2e régiment de chasseurs)** — *la* Saint-Louis **(la fête de saint Louis)** — *la* Française des pétroles **(la Compagnie française des pétroles)** — *une* Royal Dutch **(une action de la Compagnie Royal Dutch)** — *le* Maine-et-Loire **(le département formé par la Maine et la Loire).**

● **Soit qu'il donne lui-même la valeur d'un nom à toute espèce de terme ou d'expression :**

On a entendu *des* oh! et *des* ah! — Je n'aime pas les gens qui pratiquent « *l'*ôte-toi-de-là-que-je-m'y-mette » **F.P. fam.**

L'ADJECTIF DÉMONSTRATIF

282 **L'adjectif démonstratif se place devant le nom pour désigner, pour montrer un être, une chose (parfois avec geste à l'appui) :**

Ce couteau est très pratique — *Cette* fleur-là sent bon.

Formes des adjectifs démonstratifs

	Simples		Composés	
	Masculin	Féminin	Masculin	Féminin
Sing.	ce, cet	cette	ce... -ci, cet... -ci ce... -là, cet... -là	cette... -ci cette... -là
Plur.	ces		ces... -ci ces... -là	

Cet, forme du masculin singulier, ne s'emploie que devant les noms commençant par une voyelle ou un h muet :

Cet animal — *cet* homme; **mais :** *ce* livre — *ce* héros.

283 **Ne confondez pas ce, adjectif démonstratif masculin singulier, avec ce, pronom démonstratif « neutre », sujet ou objet d'un verbe :** *ce* soldat **(adjectif)** — *ce* n'est pas vrai **(pronom).**

Dans : *cet* homme-*ci*, *cet* homme-*là*, **-ci et -là sont des formes des adverbes de lieu ici et là. (Pour l'emploi des adjectifs démonstratifs ainsi composés, v. n° 286.)**

Placez -ci et -là (sans oublier le trait d'union) après le nom déterminé par le démonstratif. Le groupe ainsi constitué n'admet, comme épithètes conjointes (v. n°s 102 et 113), que les adjectifs qui précèdent le nom :

Ce beau livre-*ci*.

(On ne peut dire ni : ce livre bleu-ci, ni : ce livre-ci bleu, alors qu'on dit : *ce* livre *bleu*.**)**

ADJECTIFS DÉMONSTRATIFS SIMPLES

284 **Le sens primitif de démonstration s'est largement étendu :**

a) soit pour rappeler une personne ou une chose déjà nommées :

Vous m'avez annoncé un visiteur; où est *ce* visiteur?

b) soit pour annoncer une personne ou une chose dont il n'a pas encore été question :

Écoutez *cette* histoire; elle vous amusera[1].

1. Expressions équivalentes : pour a) le visiteur *en question*; pour b) l'histoire *que voici*, l'histoire *suivante* (parfois, en F.E. ou dans la langue administrative pour a) : *ledit* visiteur, le visiteur *susdit*, *susnommé*). En outre l'article a parfois aussi sens de démonstretif : *la* proposition est intéressante; ou l'adj. relatif : *auquel* cas..; ou un indéfini : dans *une telle* situation...

Le démonstratif sert, dans le F.E. surtout, à présenter avec plus d'insistance un terme abstrait dont le sens va être développé par un infinitif ou une proposition :

Il a *cette manie de* toujours vous *interrompre* (= **la manie de...**). J'ai sur vous *cet* avantage, *que j'habite* à Paris (= **l'avantage que...**).

285 **Valeur affective de l'adjectif démonstratif :**

Il peut exprimer :

l'étonnement, l'indignation (surtout en F.P. fam.) :

Cette idée! (= **quelle drôle d'idée!**) — oh! *ce* chapeau! — voyez *cette* audace!

le mépris :

Ce petit sot n'a rien su répondre.

l'admiration :

Corneille, Pascal, *ces* génies qui illustrèrent le XVIIe siècle...

le respect, la courtoisie :

« *Ces* messieurs de la famille... », **dira l'ordonnateur des Pompes funèbres pour former le convoi du défunt.**

la tendresse ou la pitié :

Ce pauvre ami, quel chagrin pour lui!

l'ironie légère :

Ces dames sont à papoter dans le salon.

parfois la possession :

L'injustice est intolérable au peuple de *ce* pays (**anglicisme, sans doute, pour :** notre pays).

ADJECTIFS DÉMONSTRATIFS COMPOSÉS

286 **En principe, les composés avec -ci indiquent la proximité d'un être dans l'espace ou le temps.**

Les composés avec -là indiquent l'éloignement :

Je prends *ce* livre-*ci*. Je vous laisse *ce* livre-*là* — Nous viendrons vous voir *ces* jours-*ci* (= **un des jours prochains**) — A *cette* époque-*là* (**qui est du passé**) vous n'étiez pas né.

Mais le F.P. emploie volontiers -là dans tous les cas, comme il dit : là pour ici, voilà pour : voici. Il emploie d'ailleurs voici pour voilà (en conclusion d'un exposé, notamment à la radio-télévision[1]). Nous vous recommandons de maintenir la distinction notée au paragraphe précédent : elle est parfaitement admise de tous les Français et favorise la clarté de l'exposé.

1. Déjà, dans Bossuet, en conclusion d'une exhortation : « *Voici* un article de conséquence, pensez-y, mes filles. » (*Ordonnances notifiées aux Ursulines de Meaux*)

Ce... -là a souvent une valeur admirative :

Cet homme-là, quelle force de la nature!

ou péjorative :

Je n'ai rien de commun avec *ces gens-là.*

Adjectifs démonstratifs dans les compléments de temps

287 Ici l'emploi de l'adjectif simple et de l'adjectif composé est assez capricieux et varie selon les noms qu'ils accompagnent. Voici quelques expressions à retenir :

a) Expressions relatives à aujourd'hui et qui n'admettent guère *-ce... -ci :*

Il fait beau, il fera beau : *ce* matin, *ce* midi, *cet* après-midi, *ce* soir.

b) On dit et on écrit :

Ces jours-*ci*, *ces* temps-*ci*, *à cette* heure-*ci*, *ce* mois-*ci*.

Mais on dira et on écrira : *tous ces* jours, *tous ces* temps, *tous ces* mois **presque aussi souvent que** *tous ces* jours-*ci*, *tous ces* temps-*ci*, *tous ces* mois-*ci*[1].

c) On dit et on écrit :

En ce moment **ou** *en ce* moment-*ci*; *cette* semaine **ou** *cette* semaine-*ci*; *cette* année **ou** *cette* année-*ci*.

Et dans un récit :

Il faisait beau *ce* matin-*là*, *ce* midi-*là*, *cet* après-midi-*là*, *ce* soir-*là*, *ce* jour-*là*, *cette* semaine-*là*, *ce* mois-*là*, *cette* année-*là*; *à cette* heure-*là*, *à ce* moment-*là*, *à cette* époque-*là*, *en ce* temps-*là*.

De même : Il fera beau *ce* jour-*là*.

1 *Ce jour* est parfois employé dans la correspondance commerciale : « votre lettre reçue ce jour » Ailleurs cette expression est effectée. Dites et écrivez : *aujourd'hui.*

LE PRONOM DÉMONSTRATIF

288 **Comme l'adjectif démonstratif, le pronom démonstratif sert à montrer. Mais en même temps, il joue le rôle d'un nom, a) soit qu'il remplace ou représente un nom déjà exprimé[1], b) soit qu'il exerce les fonctions d'un nom, sans référence précise[2] (valeur démonstrative affaiblie) :**

a) Voici deux livres. Prenez *celui-ci.*

b) Honte à *celui qui* ment.

289 **Formes des pronoms démonstratifs**

	Simples			Composés		
	Masc.	Fém.	N.	Masc.	Fém.	Neutre
Sing.	Celui { de / qui	Celle { de / qui	Ce	Celui-ci Celui-là	Celle-ci Celle-là	Ceci Cela (ça)
Plur.	Ceux { de / qui	Celles { de / qui		Ceux-ci Ceux-là	Celles-ci Celles-là	

N. B. — Aux formes composées, ceci et cela s'écrivent en un seul mot.

EMPLOI DES PRONOMS DÉMONSTRATIFS SIMPLES

I. Celui, celle, ceux, celles

290 **En principe, ces pronoms doivent être suivis :**

a) d'un pronom relatif : qui, que, à qui, auquel, etc.

Celui qui prendra l'épée périra par l'épée.

b) ou de la préposition « de » :

Son cœur est aussi pur que *celui d'*un enfant.

291 **A éviter : le démonstratif celui, celle, etc., suivi d'un adjectif en épithète conjointe :**

Dites : De ces deux chapeaux, je choisis *le* rouge (ou *celui qui* est rouge).

1. Les pronoms de cette sorte, rappelons-le (voir n° 210 *ter*), sont appelés des **représentants.**
2. Les pronoms de cette sorte sont appelés des **nominaux.**

Cependant, avec une pause (épithète disjointe), on pourra dire et écrire :

Parmi toutes mes excursions, je me rappelle, surtout, *celles, si agréables*, que j'ai faites dans les Pyrénées.

L'emploi d'un participe est, en revanche, de plus en plus admis :

Avec ma lettre, je vous adresse *celle écrite* par votre fils —

Et la préposition *de* **n'est plus la seule qui se rencontre après le démonstratif :**

« ... Les horlogers, surtout *ceux en boutique...* » (Giraudoux, cité par G. Gougenheim, *Système grammatical de la langue française.*) **Cf. aussi :** « Le message aux intellectuels a été lu par le cardinal Léger, *celui aux artistes* par le cardinal Suenens » (*La France catholique*, 17 décembre 1965).

Accord en genre et en nombre. N'oubliez pas de donner au pronom démonstratif le genre et le nombre du nom qu'il représente réellement :

Aucun souvenir n'est aussi vivace que *ceux* (= **les souvenirs**) de l'enfance.

II. Ce (pronom neutre)

292 **Ce n'a pas de forme du pluriel. Il signifie, selon les circonstances : cela, cette chose, ces choses, etc. Il peut même évoquer des êtres vivants comme nous le verrons plus loin (n° 300) — On élide l'e devant les formes du verbe être commençant par e ou a :**

*C'*est facile — *Ç'*a été facile — **F.P. pop. :** *Ça a été* facile.

293 **En principe, on ne peut employer ce, aujourd'hui, que suivi :**

a) d'un pronom relatif :

Ce qui me plaît, c'est sa franchise — J'aime tout *ce que* tu aimes — **en apposition :** Il est franc, *ce qui* me plaît. **V. n° 401 bis.**

b) des verbes être, pouvoir être, devoir être :

C'est vrai, *ce n'est* pas vrai — *ce peut être* vrai — *ce doit être* vrai — *Ce* nous *fut* une grande joie.

Mais c'est par une affectation d'archaïsme aussi bien que par souci d'élégance que le poète Moréas a écrit :

... Et la Dame dit : « *Ce* me plaît. » (*Tidogolain*)

On ne dit pas : « il est bon » pour « c'est bon » au sens de : *cela* — que j'ai dit — est bon). **Mais on dit « il est vrai » :** Nous hésitons, *il* est vrai — (Pour : *il est beau de...*, **voir n° 303).**

294 **Cependant, en dehors de son emploi avec être ou un pronom relatif, ce survit :**

a) dans quelques expressions, vieillies, du F.E. où il est représentant :

Ce disant (= **en disant cela**) il prit congé de ses hôtes.
Ce faisant (= **en faisant cela**) vous aurez raison.
« Un épervier aimait une fauvette
Et, *ce dit-on*, il en était aimé » (Chateaubriand, *Mémoires d'outre-tombe*) = **et, dit-on....**

b) dans quelques expressions que, même en français parlé, on emploie encore (avec quelque affectation il est vrai) et où ce est représentant :

Il refuse de m'aider, *et ce* (= **et cela**) après m'avoir fait les plus belles promesses.
Allons, *sur ce* je vous quitte (= **sur ces mots**).
Il vous raille, *ce me* semble.

c) enfin, et surtout, dans des locutions conjonctionnelles, où il a perdu toute valeur propre et ne peut s'analyser séparément :

Travaille *jusqu'à ce que* je t'appelle.
Je m'inquiète *de ce qu'*il n'est pas arrivé (**ou : Je m'inquiète qu'il ne soit pas arrivé, v. n° 639**).
Je m'attends *à ce qu'*il pleuve[1].
Je consens *à ce qu'*il revienne ici.
La différence consiste *en ce que* l'un est jeune et l'autre vieux.

N. B. — Ainsi a été formée la conjonction parce que; aujourd'hui, elle forme un tout.

Pour tous les exclamatifs du F.P. fam. : *ce qu'*il mange! *ce qu'*il est grand! **v. n° 821.**

295 **Principaux emplois de « ce » devant le verbe être.**

Il l'introduit, en le soulignant :

a) toute espèce de sujet :

Sujet nom : Le coupable, *c'est l'instigateur* — Les coupables, *ce sont les instigateurs.*
Sujet pronom : Le coupable, *c'est moi, c'est lui* — Qui a fait cela? *C'est nous, c'est vous, ce sont eux, ce sont elles* (**F.P. fam. :** *c'est* eux, *c'est* elles).
Sujet infinitif : La difficulté, *c'est de décider.*
Sujet proposition : Le plus étonnant, *c'est que je ne l'ai pas reconnu*[2].

1. Les puristes ont réagi contre cet emploi de ce, recommandant le tour : Je m'attends qu'il pleuve, ou qu'il pleuvra. Mais le **F.P.** ne les suit pas, ni même toujours le **F.E.** (v. n° 638).
2. Le plus étonnant est que... — La difficulté est de... sont possibles, mais en **F.E.** seulement.

Noter les tours : *ce qui... c'est; celui qui... c'est* :

Ce qui me plaît, *c'est* la liberté — *Ce dont* j'ai besoin, *c'est* la liberté (**ou** : c'est de la liberté) — *Ce à quoi* je pense, *c'est* mon pays (**ou plutôt** : c'est à mon pays) — *Celui que* j'appelle, *c'est* mon frère — *Ceux qui* arrivent, *ce sont* mes frères — *Ce qui* m'amuse, *c'est que tout le monde s'y est trompé.*

296 **b) Ce introduit toute espèce d'attribut du sujet :**

un nom : Mourir pour la liberté, c'est *une belle mort.*

un adjectif : Mourir pour la liberté, *c'est beau*[1] — Un tel héroïsme, *c'est rare.*

un infinitif : Partir, *c'est mourir un peu.* (**Ce disparaît souvent si le verbe être est négatif** : Partir *n'est pas* toujours mourir.)

N. B. — On peut antéposer, dans la plupart de ces tournures :

- **le sujet nom** : *C'est l'instigateur* le coupable.

ou pronom : *C'est moi* le coupable — *C'est vous, ce sont eux* les coupables.

- **l'attribut** : *C'est un beau pays,* la France (**ou plutôt** : *C'est un beau pays que* la France — **que** = **particule de soutien**).

C'est une belle mort, de mourir pour la liberté (**ou** : *que de* mourir...).

C'est beau, de mourir pour la liberté — *C'est rare,* un tel héroïsme.

C'est mourir un peu, que partir (**ou plutôt, surtout en F.P.** : *que de* partir) — *Ce n'est pas toujours mourir que de* partir.

297 **c) Ce introduit toutes sortes de compléments :**

Celui que je choisis, *c'est toi.*

Si tu dois partir, *c'est aujourd'hui.*

Où habitez-vous? — *C'est ici.*

Il a attendu. *C'est pour être sûr de vous rencontrer.*

On dit couramment : *C'est parce que* (C'est parce que je ne savais pas) — **En F.E.** : *C'est que* je ne savais pas.

298 **d) Gallicismes : c'est... qui, que (pronoms relatifs), c'est que... (conjonction).**

Ces expressions encadrent un terme que l'on veut mettre particulièrement en relief :

C'est *la liberté* qui me plaît (= **seule, la liberté me plaît**) — C'est *mon père* qui a dit cela (= **mon père et non le tien**) —

Avec que conjonction :

C'est *de la France* que je parle — C'est *à toi* que je pense — C'est *avec joie* que je pense au retour — C'est *là* que je voudrais vivre, **etc**[2].

1 Pour les tours : *c'est* beau de..., *il* est beau *de* , voir n° 303.
2 Les étrangers feront bien de ne pas recourir imprudemment à l'inversion si fréquente dans certaines langues et d'éviter des tours comme : De la France je parle.

299 Variations de c'est... qui... avec des noms :

C'est *ce livre* que je préfère — Ce sont *ces livres* que je préfère.
Ce sont *ces livres* qui me plaisent.
C'est *Pierre et Paul* qui ont dit cela.
C'est *l'orgueil et les gaspillages* qui l'ont ruiné.
Ce sont *les gaspillages et l'orgueil* qui l'ont ruiné.

En somme, on emploie ce sont devant un nom pluriel[1] — c'est devant un aingulier, même, souvent, si un pluriel lui est coordonné.

Variations de c'est... qui avec des pronoms personnels :

C'est moi, c'est toi, c'est lui, c'est elle qui... **ou** que...
C'est nous, c'est vous qui... **ou** que...
Ce sont **(ou en F.P. :** *c'est*) *eux, elles* qui... **ou** que...

Pour le tour : C'est *à* toi *à* qui je parle, **voir n° 407.**

300 Emploi de « il » et de « ce » :

a) Comme pronoms représentants, c'est il, elle, ils, elles que normalement on emploiera.

Les enfants, *ils* sont étonnants — *Ils* sont étonnants, les enfants.

Msis « ce » peut (surtout en F.P. fam.) représenter un nom, même de personne, dans son acception la plua générale, ou la plus vegue, avec veleur neutre en quelque sorte :

Les enfants, *c*'est étonnant — *C*'est étonnant, les enfants **(= cette espèce)** — Votre histoire, dit le commissaire, *c*'est trop facile[2] **(= ce moyen de défense)** — Regardez ce coucher de soleil, *c*'est étonnant[2] **(= ce spectecle).**

Et l'on notera les tours (nominaux) :

Vous serez *ce que* nous sommes — Il est supérieur *à ce qu*'il **éteit (et non :** à celui qu'il était).

301 b) Pour répondre aux questions :

1. sur l'identité :

On sonne : *qui* est-*ce*? — *C*'est Pierre — *c*'est le médecin.
Ce visiteur, *qui* est-*il*? — *C*'est Pierre — *c*'est le médecin.
Quelle est cette maison? — *C*'est la mienne.

2. sur la manière d'être ou la profession, employez *il* **ou** *ce*, **suivant le css :**

(manière d'être) : *Comment* est-il? — *Il* est petit et mince — **Mais, svec un nom sttribut :** *C*'est un petit homme.

(profession) : Ce garçon, *qu*'est-il devenu? — *Il* est médecin **(pour l'emploi de l'article, v. n° 248).**

1. Mais si le nom est complément indirect (précédé d'une préposition), on emploie toujours **c'est** : *C'est à* mes amis que je pense (et non : ce sont à mes amis...).
2. Exemples donnés par Denis O'Mahony et J.-Cl. Chevalier dans *Le Français dans le Monde*, n° 19.

302 **c) On notera les tours :**

Il est cinq heures — **Mais :** *C'*est jeudi —
Nous sommes jeudi, nous sommes en janvier.

et, dans le sens de : il y a, il y avait :

Il était une fois... **(début des contes de fées).**
Il est des cas où...
« Pour le repos, le plaisir du militaire,
Il est là-bas, à deux pas de la forêt,
Une maison aux murs tout couverts de lierre... »
(*La Madelon*, chanson de la guerre 1914-1918).

Ces tours, qui ont souvent une valeur poétique[1], appartiennent surtout au F.E.

303 **d) Emploi de ce, il, neutres devant l'attribut de l'infinitif : c'est..., il est...**

En principe, on emploie il, et non ce :

Il est beau de soulager la misère d'autrui.

Mais ce est nécesssire si l'infinitif est antéposé :

Soulager la misère, *c'*est beau.

Alors ce reprend se valeur démonstretive, en rappelant l'idée déjà exprimée : soulager la misère.

Dans la langue courante, on emploie « c'est » très communément : *C'*est beau de soulager la misère. **Ce tour a une valeur plus concrète et plus affective que :** Il est beau de....

Devent d'autres verbes que « être », l'emploi de il est un peu suranné (F.E.) :

Il me coûte de voir ce spectacle — *Il nous étonne* d'apprendre....

Le français courant dit alors : *cela* me coûte **(ou :** *ça* me coûte**)...**
cela m'étonne **(ou** *ça* m'étonne**)...**

304 **e) Enfin, c'est entre dans la composition d'un grand nombre d'expressions de le lengue courente[2] :**

Est-ce que...? — **et :** Où *est-ce qu'*il est? — Quand *est-ce qu'*il viendra? — Pourquoi *est-ce que* tu as fait ça? — Comment *est-ce qu'*il s'y prendra?

Noter encore : Sais-tu *ce que c'est que de* souffrir? **(= sn quoi consiste la souffrance.)**

Voilà *ce que c'est que de* mentir **(= voilà à quoi on s'expose quand on ment).**

1. Voir R.-L. Wagner, *Le Français dans le Monde*, n° 29.
2. On notera là une multiplicité de pléonasmes fevorisés par l'affaiblissement de **c'est**, devenu simple particule.

EMPLOI DES PRONOMS DÉMONSTRATIFS COMPOSÉS

Emploi de « -ci » et « -là »

Celui-ci, celui-là, etc., représentent des noms :

Tu veux un livre? Prends *celui-là.*

Ceci, cela (F.P. fam. ça) représentent en général des idées :

Avez-vous noté *cela*?

Mais souvent aussi des noms concrets :

Emportez *cela.*

305 **Les formes composées avec -ci marquent, en principe, la proximité dans l'espace ou le temps — les composés avec -là marquent l'éloignement :**

De ces deux maisons, *celle-là* (= **la plus éloignée**) ne me plaît pas. Je préfère *celle-ci* (= **la plus proche**) — Jean qui pleure et Jean qui rit sont deux symboles, *celui-ci* (= **Jean qui rit**) de la bonne humeur; *celui-là* (= **Jean qui pleure**) de la mauvaise humeur — Maintenant que vous avez lu *cela* (= **ce qui précède**), lisez *ceci* (= **ce qui suit**).

Nous avons vu (n° 286) que le F.P. ne fait pas toujours cette distinction et emploie de plus en plus les composés avec -là dans tous les cas — On notera cependant l'expression « ceci dit », qui semble plus fréquente, en F.P., que « cela dit » :

Ceci dit, examinons votre affaire.

On remarquera les emplois suivents :

306 **1. Celui-là — emphatique ou péjoratif :**

« ... Et s'il n'en reste qu'un, je serai *celui-là* » (Victor Hugo, *Ultima verba*).

Pierre a refusé ta proposition — Oh! *celui-là*!... (= **Ça ne m'étonne pas d'un tel garçon.**)

Si je m'attendais à *celle-là*! (= **à cette mésaventure.**)

307 **2. Pronoms démonstratifs au sens de : un tel ou un tel; telle ou telle chose.**

Un jour il s'en prend à *celui-ci;* le lendemain, à *celui-là.*

Il ne s'agit pas de raconter *ceci* ou *cela,* mais de répondre par oui ou par non.

308 **3. Emploi abusif de celui-ci pour : il.**

Vous lirez parfois, ou vous entendrez, par exemple :

Nous ne pouvons diffuser le bulletin météorologique : celui-ci ne nous est pas parvenu.

Le pronom personnel ne risquant pas, ici, d'être équivoque, on doit dire : *il* ne nous est point parvenu.

309 **4.** F. Brunot (*La Pensée et la Langue*) **fait remarquer les tours suivants :**

Une *chose* a disparu; *et elle* me manque. **(Le nom** *chose* **est représenté par** *elle.***)**

Quelque chose a disparu; et *cela* me manque. **(Le pronom indéfini** *quelque chose* **est représenté par** *cela.***)**

310 **5. Dans le F.E. vous trouverez parfois le tour : celui-là... qui, ceux-là... qui, au lieu de : celui qui, ceux qui (v. n° 404). Il a pour effet de mettre en relief attribut et relative :**

Celui-là est riche, *qui* reçoit plus qu'il ne consomme; *celui-là* est pauvre, *dont* la dépense excède la recette.

311 **6. Parfois le pronom cela se dit ou s'écrit en deux mots (ce... là) entre lesquels s'intercale le verbe être. C'est un tour propre surtout au F.E., qui met un accent grave sur là :**

*C'*est *là* ce qui t'irrite (= **voilà ce qui t'irrite).**

Ce doit être *là* ce qui t'irrite (= **voilà sans doute ce qui t'irrite).**

Emploi de ça

312 **Ça est sans doute une altération de cela — On l'emploie très couramment en F.P. fam.**

Ça ne me plaît pas (= **cela**) — *Ça* sera gai! (= **cela, ce).**

Voici quelques locutions de ce type :

a) avec préposition initiale, ou un terme équivalent :

Fais attention, *sans ça* tu auras affaire à moi.

Pierre aide beaucoup sa mère — Oh! *pour ça* (= **à cet égard),** c'est un fils irréprochable.

Et *avec ça,* madame? — Ça sera tout pour aujourd'hui.

Avec ça, qu'il dort! (= **mais non, il ne dort pas!)**

Prenez l'outil *comme ça* **(v. n° 765).**

Alors, *comme ça* (= **ainsi donc),** il vous a chassé?

Malgré ça, on ne s'est pas ennuyé **(F.P. pop. : quoique ça).**

A part ça, quoi de nouveau?

b) autres locutions :

Ça va-t-il? Comment *ça va?* (= **ellez-vous bien?)** — Oui, *ça va* (*ça va* comme *ça*; *ça va* comme ci, comme *ça*).

Ça se dit (= **cette expression est courante)** — *Ça ne se fait pas* (= **cette conduite est incorrecte).**

Oh! *ça m'est égal!*

Il ne manquait *plus que ça!* (= **c'est un comble!)**

Ça y est : tu es reçu!

Quand je l'ai connu, il n'était *pas plus haut que ça* — **(avec un geste).**

Il est intelligent, n'est-ce pas? — Oh! *pas tant que ça!*

Péjoratif : *Et ça* fait le malin!

ou affectueux : Les mères, *ça* vous comprend toujours.

L'ADJECTIF POSSESSIF

313 **L'adjectif possessif désigne le possesseur d'un objet qu'il peut ainsi déterminer :**

Mon livre = **le livre qui est** *à moi.*

Les adjectifs possessifs ont des formes différentes :

a) selon la personne du possesseur :

Mon livre (à *moi*) — *ton* livre (à *toi*);

b) selon le nombre du possesseur :

Mon livre (à *moi*) — *notre* livre (à *nous*);

c) selon le genre de l'objet possédé :

Mon livre — *ma* grammaire;

d) selon le nombre de l'objet possédé :

Mon livre — *mes* livres.

N. B. — Le genre du possesseur n'a pas, en français, de conséquence sur la forme du possessif : *son* livre (à *lui*) — *son* livre (à *elle*) — **D'où équivoques possibles :** M. Cressot *(Le Style)* **cite Sacha Guitry :** « Elle m'a même dit qu'elle aurait été heureuse de le revoir avant *sa* mort. — Avant sa mort *à elle*... ou avant sa mort *à lui ?* »

314 LES ADJECTIFS POSSESSIFS ATONES[1]

		un seul possesseur			plusieurs possesseurs		
		de la			de la		
		1re personne	2e personne	3e personne	1re personne	2e personne	3e personne
un seul objet possédé	M	mon	ton	son	notre	votre	leur
	F	ma	ta	sa	notre	votre	leur
plusieurs objets possédés	M et F	mes	tes	ses	nos	vos	leurs

315 **Mon, ton, son s'emploient devant tous les noms ou adjectifs masculins :**

Mon cheval.

et, au sens féminin, devant un groupe nominal commençant par une voyelle ou un h muet :

Mon auto, mon horloge, mon horrible aventure.

1. N'ayant pas **d'accent** propre, ils **s'appuient** sur le nom qui suit.

Dans l'ancienne langue, l'adjectif possessif féminin ma s'élidait devant une voyelle : (ma amie) *m'amie*; **aujourd'hui :** mon amie — (ma amour[1]) *m'amour*; **aujourd'hui :** mon amour.

Ces deux expressions, coupées de façon erronée, ont abouti dans la langue familière à ma mie, sa mie : Il est allé se promener *avec sa mie*; **et à l'expression :** *faire des mamours* à quelqu'un : **l'accabler de gentillesses excessives.**

Ma, ta, sa ne s'emploient aujourd'hui que devant un groupe nominal féminin commençant per une consonne ou un h aspiré :

Ma femme, ma hache, ma première voiture.

Comme on a pu le remarquer (n° 313), à moi, à toi, etc., renforcent parfois le possessif :

C'est mon livre *à moi.*

REMARQUES concernant le nombre du possesseur

316 **a) Pluriel de politesse ou de distance sociale.**

Votre, vos indique très souvent un seul possesseur et prend le sens de ton, ta, tes quand il s'agit de personnes qui se disent habituellement vous (v. n° 452) : relations de déférence, relations professionnelles, enfants parlant à des adultes et, dans certains milieux traditionalistes, enfants parlant à leurs parents, ou mari et femme se parlant entre eux.

317 **b) Pluriel officiel ou « de majesté » : notre, nos.**

C'est la forme employée par les souverains, les chefs d'État, certains personnages officiels, même les maires de petites communes :

« *Notre* attention a été attirée sur un cas grave... »

318 **c) Pluriel de modestie : notre, nos.**

C'est celui qu'emploie parfois l'écrivain dans la préface de ses ouvrages :

« *Notre* but, *nos* intentions, en composant ce livre, ont été de... »

319 **d) Possesseur indéfini.**

Il s'agit de tours comportant : on, personne, tout le monde (comme sujets), ou un verbe impersonnel : il faut, il est bon de..., etc.

Dans ce cas :

1. Si la « chose possédée » est dans la même proposition que on, personne, tout le monde, ou que l'infinitif dépendant du verbe impersonnel, on emploie son :

Comme *on* fait *son* lit on se couche — *Il faut* laver *son* linge sale en famille — *Il est doux* de revoir *sa* patrie.

1. Dans l'ancienne langue, *amour* était du féminin, ou du masculin.

2. Si la « chose possédée » est dans une autre proposition que on, on emploie votre :

On perd sa peine à obliger certaines gens : *votre* aide les irrite.

320 **e) Le possesseur est représenté par « chacun ».**

1. Si « chacun » est sujet ou complément, employez son, sa, ses :

Chacun des pompiers a fait *son* devoir — A *chacun* selon *ses* mérites.

2. Si « chacun » est apposition à un sujet ou un complément pluriels :

- **Employez notre, votre quand il s'agit d'une 1re ou d'une 2e personnes[1] :**

Nous rentrons *chacun* dans *notre* maison, dans *nos* appartements.
Vous rentrez *chacun* dans *votre* maison, dans *vos* appartements.
Donnez-*nous* à *chacun notre* dû.

- **Employez son ou plutôt leur quand il s'agit d'une 3e personne :**

Ils rentrent chacun dans *sa* maison, dans *ses* appartements.
Ils rentrent chacun dans *leur* maison, dans *leurs* appartements.

321 **f) On notera les emplois suivants, où, à chaque « possesseur », correspond un seul « objet possédé » :**

1. Si l'expression est concrète :

Messieurs, déposez *votre* canne (ou *vos* cannes) au vestiaire.
Donnez-moi *votre* chapeau (ou *vos* chapeaux).

2. Si l'expression est abstraite :

Messieurs, accordez-moi *votre* confiance — Otez *votre* chapeau **(sens figuré)** devant cet héroïsme **(le singulier est ici nécessaire).**

Le réfléchi

322 **Le possessif français n'a pas de forme spéciale (dite réfléchie, v. n° 438) pour indiquer que le possesseur est en même temps sujet de la proposition :**

Comparez : *Nous* avons bâti *sa* maison **et :** *Il* a bâti *sa* maison.

Mais pour souligner l'idée de réfléchi, vous pouvez ajouter au sujet le pronom lui-même ou au possessif l'adjectif « propre », précédant le nom.

Cet homme a bâti *lui-même* sa maison.

ou : Il a bâti sa *propre* maison.

1. L'emploi de *son*, dans ce cas, n'est pas sans exemples : Nous sommes tous partis, chacun de *son* côté (G. Duhamel, cité par M. Grevisse). Mais alors une pause assez nette sépare l'apposition du sujet.

Son propre s'emploie d'ailleurs avec toute espèce de sujets ou compléments pour souligner, non plus l'idée de réfléchi, mais celle d'identité :

Ses propres amis le blâmèrent — On l'a combattu avec *ses propres* arguments (= **ses amis à lui, ses arguments à lui).**

La possession au sens large

323 **L'adjectif possessif désigne souvent des choses ou des êtres qu'on ne possède pas vraiment, mais qui sont dans des relations particulières avec la personne considérée :**

a) **Parenté, amitié, profession, etc. :**

Mon père, *vos* professeurs, *ses* employés.

b) **Sentiments, idées, etc. :**

Ta colère, *nos* pensées, *leurs* soucis.

Possessif d'habitude, ou de préoccupation

324 **Très souvent, le possessif met en relief un fait habituel ou une préoccupation :**

As-tu pris *ton* café? — Aujourd'hui elle a *sa* migraine — Il est éloquent à *ses* heures — Il veille à *ses* petits intérêts — J'ai tout *mon* temps — Il vérifie *son* addition — Je gagne *mes* 3 000 francs par mois — C'est demain que je passe *mon* concours — Mon fils fait *son* droit (*sa* médecine, etc.) — Sais-tu *ta* leçon?

Possessif d'amitié, d'intérêt

325 **Aux diverses personnes, le possessif évoque souvent l'affection éprouvée pour un être ou un objet :**

Mon Jean est reçu au baccalauréat.

ou l'intérêt, plus ou moins ironique : Voilà *mon* homme pris.

ou le dédain, le mépris : J'en ai assez de *ton* Ernest!

Possessif dans les appellations et les apostrophes

326 **mon, ma ont servi et servent encore, dans certains cas, d'appellations de politesse ou de respect.**

mon + sieur (= seigneur) a donné : monsieur[1]; **de même :** madame, mademoiselle — **D'où, au pluriel :** messieurs[2], mesdames, mesdemoiselles; *monsieur* Dumont; *monsieur le* Préfet **(notez la présence de l'article et sa place).**

1. Messi e est une forme analogue, plus ancienne, où *mes* est un cas sujet du singulier.
2. Devenu nom, *un monsieur* fait au pluriel *des messieurs; ce monsieur* devient : *ces messieurs* — *une (belle) madame* ne s'emploie guère que dans la langue enfantine. Le pluriel est alors : *de belles madames* — Le coiffeur affiche : Coiffeur pour *dames* et pour *messieurs*.

N. B. — Dans la langue juridique, le sieur, la dame, la demoiselle sont encore souvent employés, devant le nom propre :

Le sieur Dumont comparaît, assisté de son avocat.

En dehors de cet emploi, ce sont des appellations méprisantes.

327 Si l'on adresse la parole à quelqu'un en l'interpellant, il y a apostrophe (v. n° 629).

Apostrophe précédée de mon.

Dans les apostrophes familiales, le nom est tantôt seul :

Oui, *papa* (*maman*, *père*, *mère*, *grand-père*, *grand-mère*),

tantôt accompagné d'un mon affectueux. On dira obligatoirement :

Oui, *ma* fille, *mon* fils (*ma* petite fille, *mon* petit) **et :** Oui, *mon* oncle.

(Mais on entend : oui, *ma* tante, **ou :** oui, tante; **et :** *oncle* Jean, **ou :** *tonton* Jean.)

Dans l'armée, mon exprime le respect (à partir du grade d'adjudant) :

Mon lieutenant, *mon* général[1].

(Mais un civil pourra dire : lieutenant, général; **et jamais une femme n'emploiera « mon ».)**

Dans la marine, on dit : commandant, amiral, **etc.**

Les dignités civiles ne comportent jamais « mon » :

Monsieur le Président (*Mon* président, **dit à un juge de tribunal, est du F.P. pop.)** — *Monsieur* le Professeur.

Autres appellations : Monseigneur **(à un évêque)** — Éminence **(à un cardinal)** — Très Saint Père **(au pape)** — Sire **(à un roi)** — Votre Altesse **(à un prince royal)** — Madame, **s'il s'agit d'une reine ou d'une princesse (ou :** Votre Majesté, Votre Altesse) — Docteur (à un médecin seulement).

Le possessif et l'action

328 Le possessif désigne souvent : ou le sujet de l'action impliquée dans le nom qu'il accompagne :

Mon arrivée a surpris **(= le fait que j'arrivais)** — *Votre* chute **(le fait que vous tombez).**

ou l'objet de cette action :

Son expulsion **(le fait qu'on l'expulse)** — *Ta* condamnation **(le fait qu'on t'a condamné).**

1. Maréchal étant non un grade mais une dignité, on dit : *Monsieur le* Maréchal.

Pour comprendre certaines locutions anciennes il est bon de se reporter à la distinction ci-dessus :

Le règlement de l'affaire s'est fait à *mes* dépens (= **j'ai payé**) — en *votre* honneur (= **pour vous honorer**) — sauf *votre* respect (= **le respect que j'ai de vous étant intact, étant sauf = sans oublier le respect que je vous dois**).

329 **Parfois deux sens seraient possibles et il conviendra d'éviter les équivoques :**

J'ai entendu *ton* éloge (celui qu'on a fait *de toi* : **objet**) — J'ai été sensible à *ton éloge* (celui que *tu as fait* de moi : **sujet**) — Allons à *son* aide (**objet**) — *Son* aide t'a tiré d'affaire (**sujet**).

330 **Le possessif remplacé par l'article défini : voir n° 219**

Son et en

331 **En principe[1], son est remplacé par en, placé devant le verbe, quand le « possesseur » est une chose, et que ce possesseur se trouve dans un membre de phrase précédent. Cela se produit :**

a) Quand la chose possédée est sujet du verbe être ou d'un autre verbe de sens voisin :

J'ai visité *le château*. Les pièces *en* sont (paraissent, restent) belles.

b) Quand la chose possédée est complément d'objet direct :

Le grand *château*! J'*en* admire les pièces.

Par contre, si le possesseur est une chose personnifiée, on emploie le possessif :

Je me suis fait l'apôtre de la Liberté, et partout j'écris *son* nom.

332 **On emploie obligatoirement le possessif si la chose « possesseur » est dans la même proposition, soit comme sujet, soit comme complément, que la chose « possédée » :**

Sujet : Le *château* est beau dans toutes *ses* parties.
Complément : Portez cette *lettre* à *son* adresse — Remettez *son* couvercle à cette *théière*[2].

332 bis **On emploie encore son si le nom de la chose possédée est construit indirectement, c'est-à-dire introduit par une préposition :**

Le grand *château*! Je suis émerveillée *de ses* pièces.

Répétition du possessif

333 **En règle générale, on répète l'adjectif possessif (comme l'article : v. n°s 278, 279, 280) devant chaque nom de « chose possédée » :** Il admire *son* frère et *sa* sœur.

1. Mais c'est un principe souvent négligé aujourd'hui.
2. Notez cette construction, où le possessif est énoncé *avant* le possesseur. Elle se trouve (surtout en **F.E.**) avec des verbes signifiant : *donner à, appliquer à*.

334 **Mais on notera les constructions suivantes, encore vivantes :**

Noms au singulier, formant un groupe :

Tes père et mère honoreras — En *mon* âme et conscience, je déclare...

Noms au pluriel, formant un groupe :

Je connais tous *ses* faits et gestes — Vous viendrez à *vos* risques et périls — On épie *leurs* allées et venues.

Deux noms représentant le même personnage :

Voici *mon* cousin et ami — *mon* tuteur et conseiller — *mon* oncle et parrain.

Si plusieurs adjectifs qualifient une même chose possédée, il faut distinguer :

a) adjectifs exprimant des qualités compatibles entre elles :

J'ai été sensible à *votre* généreux et cordial accueil **(on emploie un seul possessif à moins qu'on ne veuille insister :** à *votre* généreux, à *votre* cordial accueil),

b) adjectifs exprimant des qualités incompatibles entre elles :

Je connais *ses* bons et *ses* mauvais côtés **(on emploie plusieurs possessifs).**

ADJECTIFS POSSESSIFS TONIQUES

335 **A côté des adjectifs, mon, ton, son, etc., toujours placés avant le nom, il y en a d'autres, venus des mêmes mots latins, mais dont l'évolution phonétique a été différente.**
Ils ne s'appuient pas, comme les précédents, directement sur un nom. Ils ont leur accent propre — on les dit toniques.

Leurs formes

336

		Un seul possesseur			Plusieurs possesseurs		
		de la 1re personne	de la 2e personne	de la 3e personne	de la 1re personne	de la 2e personne	de la 3e personne
un seul objet possédé	M	mien	tien	sien	nôtre	vôtre	leur
	F	mienne	tienne	sienne	nôtre	vôtre	leur
plusieurs objets possédés	M	miens	tiens	siens	nôtres	vôtres	leurs
	F	miennes	tiennes	siennes	nôtres	vôtres	leurs

N. B. — Remarquer les accents circonflexes (nôtre, vôtre) et l'allongsment de l'o qui distinguant les adjactifs toniquee des adjectifs etones.
Les possessifs toniques sont beaucoup plus rares aujourd'hui que les possessifs atones. On les emplois encore en F.E. :

a) comme épithètes,

337 **dans des tours un peu désuets :**

Un *mien* frère, un *mien* ami, **auxquels vous préférerez :** *un de mes* frères, *un de mes* amis **ou (plus familièrement) :** *un* frère, *un* ami *à moi.*

N. B. — Seul l'article indéfini est admis ici. N'écrivez pas, ne dites pas : *le mien ami* ni *ce mien ami.* Mais :

L'ami *qui est le mien* — *mon* ami *que voici.*

b) comme attributs,

après des verbes tels que être, regarder comme, faire (plutôt F.E.) :

Faites comme chez vous. Ici tout est *vôtre* **(plus naturellament :** tout est *à vous*) — Je considère comme *mien* votre succès — Il a fait *sienne* cette proposition.

Ou, en formule de politesse, à la fin d'une lettre :

Croyez-moi bien *vôtre.* Respectueusement *vôtre.*

N. B. — Leur. Ce mot, qui a pour origine un démonstratif latin signifiant : *de ceux-là, d'eux,* est, en français :

tantôt adjectif possessif atone :

Leur livre.

tantôt adjectif possessif tonique :

Ils regardent cette terre comme *leur.*

tantôt pronom personnel, objet indirect :

Ne *leur* reprochez rien.

LE PRONOM POSSESSIF

338 **Les pronoms possessifs représentent en principe un être, un objet déjà nommés. Ce sont en général des *représentants*. Ils sont constitués de l'adjectif tonique (v. n° 336) évoquant la possession, précédé de l'article défini évoquant le nom :**

Voici mon livre; voilà *le tien.*

Leurs formes

Un seul possesseur

		de la 1re pers.	de la 2e pers.	de la 3e pers.
un seul objet	M	le mien	le tien	le sien
	F	la mienne	la tienne	la sienne
plusieurs objets	M	les miens	les tiens	les siens
	F	les miennes	les tiennes	les siennes

Plusieurs possesseurs

		de la 1re pers.	de la 2e pers.	de la 3e pers.
un seul objet	M	le nôtre	le vôtre	le leur
	F	la nôtre	la vôtre	la leur
plusieurs objets	M F	les nôtres	les vôtres	les leurs

Valeur et emploi des pronoms possessifs

339 **Comme les adjectifs, ils indiquent la possession proprement dite :**

Voici mon livre; voilà *le tien.*

Ou la possession au sens large :

Mes pensées s'accordent avec *les tiennes.*

Nombre du possesseur

340 **Comme pour les adjectifs possessifs (v. n° 316 à 319) :**

a) Il existe pour les pronoms :

un pluriel de politesse :

Voici ma place. Monsieur, voilà *la vôtre.*

un pluriel de majesté :

L'intérêt des Français se confond avec *le nôtre.*

un pluriel de modestie :

D'autres traités sont historiques; *le nôtre* essaie de décrire l'état présent du pays.

341 **b) Quand le possesseur est un sujet indéfini (on, personne, tout le monde, ou dans une tournure impersonnelle :** il *faut*, il *est bon de...*, **etc.), employez son :**

Il faut aimer les enfants et particulièrement *les siens* **(ou, plus clairement :** *les siens propres*, **voir n° 322).**

342 **c) Quand le possesseur se rapporte à chacun, apposition à un sujet ou un complément pluriels, nous vous conseillons d'employer le nôtre, le vôtre si chacun évoque une 1re ou une 2e personne :**

Rentrez à la maison, *chacun* dans *la vôtre*.
Donnez-nous notre dû, à *chacun le nôtre*.

Employez le sien ou le leur, s'il s'agit d'une 3e personne :

Ils rentrent à la maison, *chacun* dans *la sienne* **(ou** *chacun* dans *la leur*).

Pronoms possessifs à valeur de nom (= nominaux)

343 **Les pronoms possessifs ne représentent pas toujours des noms précédemment énoncés; ils prennent parfois par eux-mêmes le sens d'un nom particulier et désignent :**

Au masculin pluriel : des parents; des amis; des soldats :

Le père travaille dur pour nourrir *les siens* — Devant ces assauts répétés *les nôtres* tenaient bon.

Au féminin pluriel (comme objet du verbe faire): de mauvais tours, de mauvaises plaisanteries :

Ce garçon a encore fait *des siennes* : il m'a cassé une vitre.

Au singulier neutre : ce qui appartient à chacun; l'effort de chacun :

Il faut parfois distinguer *le tien du mien* — Que chacun y mette *du sien* **(= que chacun fasse des efforts),** et tout ira bien.

LES INTERROGATIFS ET EXCLAMATIFS

(V. nos 817 à 822 bis).

L'ADJECTIF INTERROGATIF

344 **L'adjectif interrogatif quel? (féminin quelle? pluriel quels? quelles?) permet d'interroger :**

a) sur le nom ou l'identité d'un être ou d'une chose, ou sur sa nature :

Quel chauffeur conduira le car? — Émile.

(Ne dites pas : Quel chauffeur *conduira-t-il* le car? **tour qui se répand en F.P. et même en F.E.).**

Quel est cet animal? (Cet animal, *quel* est-il?) — Un léopard.
Quelle est cette tache dans la verdure? — Une maison blanche.
Celui que vous avez vu, *quel* homme est-ce? — C'est un grand gaillard au teint clair. *Quel* livre choisissez-vous? — Le rouge.

b) sur le rang, le quantième, la mesure :

Quelle est votre place dans le classement[1]? — Sixième.
Quel jour sommes-nous[2]? — Le 8.
Quelle heure est-il? — 10 heures.
Quelle est la hauteur (la longueur) de ce mur? **etc.**

L'ADJECTIF EXCLAMATIF

345 **Le même adjectif (quel, quelle, quels, quelles) s'emploie aussi avec une valeur exclamative (d'étonnement, de joie, de peur, etc.).**

Quel artiste le monde va perdre!
Vous viendrez avec nous? *Quelle* chance[3]!

N. B. — Souvent un adjectif qualificatif détermine le sens de l'exclamation. Comparez :

Quelle nouvelle! — Quelle *bonne* nouvelle! — Quelle *mauvaise* nouvelle! — Quelle nouvelle *tardive*!

L'emploi de quel exclamatif comme attribut (*quel* est, *quel* fut, **etc.) appartient au F.E. :** *Quel* fut alors son étonnement!

1. **F.P. fam. :** Le combien êtes-vous?
2. Ou **F.P. fam. :** Le combien sommes-nous aujourd'hui? ou même : On est le combien aujourd'hui?
3. Notez que le français n'ajoute pas d'article à l'adjectif exclamatif.

CONSTRUCTION DE L'ADJECTIF INTERROGATIF-EXCLAMATIF

346 **Elle offre quelques difficultés :**

Adjectif interrogatif

a) S'il est épithète du sujet, il n'y a pas inversion de ce sujet :
Quel chauffeur conduira le car?

b) S'il est épithète d'un complément, il y a inversion du sujet :
Quel chauffeur *aurez-vous*?

c) S'il est attribut (quel est...?) il y a inversion du sujet, ou, si le sujet est mis en tête, reprise de ce sujet par un pronom personnel inversé : *Quelle* est *votre place*? — Votre place, *quelle est-elle*?

Adjectif exclamatif

347 **Si le nom en exclamation est sujet ou objet, ne faites pas l'inversion du sujet :** *Quelle chance* l'a favorisé! — *Quelle chance* il a!

Si quel est attribut, ou accompagne un nom attribut, le sujet est inversé : *Quel* fut son bonheur! — *Quelle* chance fut la sienne!

On trouve aussi avec le même sens : *Quel ne* fut *pas* son bonheur!

Mais ces tours appartiennent plutôt au F.E. — En F.P. on dira :
Il en a de la chance!

et en F.P. pop. : *Qu'est-ce qu'il* a comme chance!

Parfois, il n'y a pas de verbe : *Quelle chance!*

348 **N. B. — Si l'interrogation ou l'exclamation sont placées dans une subordonnée (interrogation indirecte, et exclamation indirecte, v. n° 641), les formes de l'adjectif restent les mêmes. Mais, en général, il n'y a plus d'inversion :**

interrogation indirecte :

J'ignore *quel chauffeur* conduira le car — J'ignore *quel chauffeur vous aurez* — **F.E. :** Votre place? Je demande *quelle elle est...* **(Mais, avec être, devenir, on inverse le sujet, s'il est un nom :** Je demande *quelle est votre place.*)

exclamation indirecte :

349 Vous voyez *quelle chance* l'a favorisé — Vous voyez *quelle chance* il a — **F.E. :** Son bonheur, vous voyez *quel il est.* **(Mais on inverse le sujet de être et de devenir, s'il est un nom :** Vous voyez *quel fut* (*quel devint*) son bonheur.)

En F.P. fam. on trouve souvent : Vous voyez *s'il en a de la chance*!

LE PRONOM INTERROGATIF

POUR INTERROGER SUR L'IDENTITÉ OU LA QUALITÉ (NOMINAUX)

350 **Les formes sont :**
Qui? que? quoi? Qui est-ce qui? qui est-ce que? Qu'est-ce qui? qu'est-ce que?

Sujet

351 **a) pour les personnes : qui? (accord presque toujours au masculin) :**
Qui vient? — Lui (elle, Jean, Jeanne) — **(On dit plutôt, en F.P. :** *Qui est-ce qui* vient?) — *Qui* de vous mesdames, est *venu?*

b) pour les choses : qu'est-ce qui?
Qu'est-ce qui l'empêche de parler? — La honte.

Sujet de certains verbes impersonnels : que :
Que se passe-t-il[1]? *Que* se dit-il d'intéressant? (**F.P.** *qu'est-ce qui se...*) — *Qu'*arrive-t-il? (**F.P.** *qu'est-ce qui* arrive?)

Sans verbe : quoi?
Quoi de neuf[2]? — Une chose me gêne... — *Quoi?*

(Pour les animaux, le sujet est tantôt *qui est-ce qui*, **tantôt** *qu'est-ce qui.*)

Attribut du sujet

352 **a) pour les personnes (identité) : qui?**
Qui êtes-vous? — Le père de l'enfant. **(On dit aussi en F.P. :** *Qui est-ce que* vous êtes?)

b) pour les personnes et les choses (idée de qualité) : que?
*Qu'*êtes-vous donc? un petit sot! — *Que* deviendrai-je seul? (*que* est neutre).

— **parfois (F.P. fam.) : quoi?** Vous êtes *quoi?* — C'est *quoi?*

(On emploie aussi qu'est-ce que : *Qu'est-ce que* vous êtes donc? *Qu'est-ce que* (sont) vos ennuis auprès des miens?)

Objet direct

353 **a) pour les personnes (et parfois les animaux) : qui?**
Qui voyez-vous? **(On dit aussi :** *Qui est-ce que* vous voyez?)

1. Ici **que** est sujet réel ; *Il*, sujet grammatical. (La réponse sera : *Il* se passe *quelque chose* de grave.)
2. Verlaine a écrit (*Charleroi*) : *Quoi* donc se sent? tour absolument contreire à l'usage mais très intentionnel. (Wallonisme ?)

b) pour les choses et parfois pour les animaux : quoi? généralement disjoint, et que, atone conjoint :

Je vois... — *quoi?* **F.P. fam. :** Tu lui as dit *quoi?*

Que voyez-vous? Une maison — *Que* fait ton frère? Il lit.

(On dit plutôt en F.P. : *Qu'est-ce que* vous voyez[1]?)

N. B. — Les formes qui est-ce que et qu'est-ce que permettent d'éviter certaines inversions[2] (v. n° 617) :

Qu'est-ce que j'entends?

Complément indirect (avec préposition)

354 **a) pour les personnes et pour les animaux : à qui? pour qui? avec qui? de qui? etc.**

Pour qui travaille-t-il? *De qui* est cette chanson? *Avec qui* chasseras-tu, avec Dick ou Follette?

On dit aussi en F.P. fam. : à qui (pour qui, avec qui) est-ce que?

Avec qui est-ce que tu viendras?

b) pour les choses : à quoi? avec quoi? etc.

A quoi penses-tu? — A mon prochain voyage.

(On dit aussi en F.P. fam. : à quoi est-ce que? *A quoi est-ce que* tu penses?)

N. B. — Que a parfois en F.E. (et seulement dans l'interrogation directe) le sens de en quoi? et, avec une négation, de pourquoi?

Que m'importe? — *Que* ne l'appelles-tu? **(v. n° 818).**

Inversions — On remarque qu'avec les formes qui? que? l'inversion du sujet est de rigueur, sauf si qui? est lui-même sujet : Qui vient? — **Mais le F.P. fam. emploie très souvent les tours sans inversion :**

Tu as rencontré *qui?* — Il sort *avec qui?*

POUR INTERROGER SUR DES ÊTRES DÉJA NOMMÉS OU DÉFINIS PAR LE CONTEXTE

355 **On emploie les représentants : lequel? laquelle?**

De ces fillettes, *lesquelles* sont les tiennes? — *lesquelles* as-tu adoptées?

1. Devant l'infinitif on dit : *Que* faire? et (moins élégamment) : *Quoi* faire? voir aussi n° 359.
2. On doit reconnaître qu'il est incorrect d'écrire : « *Qu'est-ce que* le rédacteur de la rubrique des chats écrasés *entend-il* par un pachyderme? » (Ionesco, *Le Rhinocéros*, acte II)

356

	Masculin	Féminin
(Sujet, objet direct)	S. lequel? Pl. lesquels?	laquelle? lesquelles?
(Complément indirect)	S. auquel? duquel? par lequel? etc. Pl. auxquels? desquels? par lesquels? etc.	à laquelle? par laquelle? etc. auxquelles? par lesquelles? etc.

357 **a) Ne dites pas, comme vous l'entendrez trop souvent :**

De ces fillettes, lesquelles sont-*elles* les tiennes?

Lesquelles est ici sujet. Il est contraire à la correction traditionnelle d'ajouter un pronom inversé.

b) Le renforcement des pronoms (... est-ce que) s'étend parfois à lequel? F.P. fam. :

De ces livres, *lequel est-ce que* vous choisissez?

Ce tour permet d'échapper à l'inversion.

Mais le F.P. dit aussi : Lequel vous choisissez?

LE PRONOM EXCLAMATIF

358 **Il est d'un emploi plus rare que l'adjectif exclamatif.**

Je n'ai trouvé qu'un adversaire; mais *lequel!*

Qui! est plus rare encore :

Ils trouvèrent un intrus installé chez eux. *Et qui!*

Quoi! est devenu une interjection courante :

Quoi! ils sont encore là! — **F.P. fam. :** Je fais de mon mieux, *quoi!*

LE PRONOM DANS L'INTERROGATION INDIRECTE (v. aussi n° 617 bis et 641)

359 **Si l'interrogation porte sur une subordonnée (interrogation indirecte) on évitera (dans le F.E.) les formes qui est-ce qui, qui est-ce que, qu'est-ce qui, qu'est-ce que[1].**

Qui et quoi restent employés. Mais, pour les neutres sujets ou objets directs, quoi, que deviennent : (sujet) ce qui; (objet direct) ce que.

J'ignore *qui* viendra, *à quoi* tu penses — **Mais :** Je ne sais *ce qui* t'empêche de parler, *ce qui* se passe, *ce que* vous voyez.

N. B. — Dans une phrase négative, devant l'infinitif, que et quoi demeurent :

Je ne sais *que* faire — En **F.P.** plutôt : Je ne sais *quoi* faire.

Quant à l'inversion, elle disparaît généralement, sauf avec ce que, objet direct, quoi objet indirect, si le sujet est un nom. Elle est alors facultative :

J'ignore *ce que* fait *Pierre* — *ce que Pierre* fait.

J'ignore *à quoi* peut tendre *ce propos*, *à quoi ce propos* peut tendre.

Mais on dira, avec un pronom personnel sujet :

J'ignore *ce qu'il* fait, *à quoi* il pense.

359 bis

FORMES COMMUNES A L'INTERROGATION DIRECTE ET A L'INTERROGATION INDIRECTE

M et F	**qui** sujet, attribut, objet direct (à) **qui** complément indirect	N (à) **quoi** complément indirect

FORMES DISTINCTES (neutre seulement)

	Interrogation directe	Interrogation indirecte
N	**Qu'est-ce qui** sujet	**Ce qui** sujet
	Que attribut, objet direct	**Ce que** attribut, objet direct

1. C'est du **F.P.** que de dire : Je veux savoir qui est-ce qui vient, à qui est-ce que tu parles. — Mais on trouve ces tours dans le **F.E.** classique (v. Fénelon : *Lettre à Louis XIV*).

359 ter ● **La distinction n'est pas toujours nette entre l'interrogatif indirect et le relatif, notamment quand il s'agit des expressions commençant par ce (voir n° 401 bis).**

Comparez : Il conserve *ce que* je lui apporte (**relatif neutre** : *les choses que*) **et** : Dis-moi *ce qui* te ferait plaisir (**interrogetif neutre** : *quelle chose*).

La confusion semble avoir commencé dès le Moyen Age.

Il arrive même, en F.P., qu'on emploie, pour l'interrogation indirecte, ce avec un quoi indirect (*ce à quoi, ce pour quoi*) :

J'ignore *ce à quoi* tu penses.

Dites plutôt :

J'ignore *à quoi* tu penses, *de quoi* tu parles.

● **On notera les tours où l'interrogation indirecte est liée à une conjonction (surtout F.P.) :**

A qui crois-tu *que* je pense ?

● **On remarquera aussi cette construction d'une proposition interrogative comme complément indirect :**

« Tout eût tourné plus rond si Lobel avait eu la moindre idée *de qui était Costals* » (Montherlant, *Les Lépreuses*), **c'est-à-dire** : la moindre idée *de la personnalité* de Costals.

LE PRONOM DANS L'EXCLAMATION INDIRECTE

360 **On trouve surtout lequel**

Il y a un intrus chez toi, et tu verras *lequel*!

parfois qui :

... tu verras *qui*!

ADJECTIFS ET PRONOMS DITS INDÉFINIS

On range sous cs nom des adjectifs et des pronoms qui ont pour caractère commun de ne pas comporter de précision explicite, ce qui ne veut pas dire qu'ils soient toujours indéfinis au sens absolu du mot.
Ainsi : *le même*, *tout*, *chacun* sont définis par leur contexte.

Nous répartirons ces adjectifs et ces pronoms en deux groupes :

Premier groupe : indéfinis impliquant l'imprécision de l'être ou de la chose : Un visiteur *quelconque*.

Deuxième groupe : indéfinis impliquant une certaine quantité d'êtres ou de choses : *Quelques* visiteurs.

INDÉFINIS IMPLIQUANT GÉNÉRALEMENT L'IMPRÉCISION DE L'ÊTRE OU DE LA CHOSE

361 **Un, uns, des,** article indéfini, prend souvent la valeur de : un (être) indéterminé, un certain, quelque :

Un jour viendra, où vous pardonnerez — Nous quittons le pays pour *un* temps.

On paut rapprocher les pronoms : **l'un... l'autre — les uns... les autres.**

De tous ces livres, *les uns* seront vendus, *les autres* seront donnés.

N. B. — a) Comme équivalent de **les uns... les autres,** le F.E. emploie parfois **qui... qui...** surtout en **apposition au sujet** (voir n° 408) :

On accourut, *qui* avec des haches, *qui* avec des pioches[1] (= les uns avec des haches, les autres avec des pioches).

b) Les expressions **l'un l'autre, les uns les autres** ont un sena **réciproque** :

Aimez-vous *les uns les autres* — Ils se sont nui *l'un à l'autre.*
(Quelques-uns implique la quantité, voir n° 380.)

1 Il s'agit là peut-être de relatifs employés avec une valeur expressive — Cf. la conjonction *que*, dans la vieille langue — et encore chez La Fontaine (*Les deux pigeons*) : *que bien que mal* (= tant bien que mal).

Certain

362 **Plutôt archaïque au singulier, l'adjectif certain a la même valeur que un, mais il s'applique en principe à des êtres ou des choses qui existent réellement :**

J'ai vu dans une armoire *certain* gâteau doré **(chanson d'enfants)** — *Certaines* gens vous en voudront.

Le singulier un certain s'emploie encore, même en F.P. fam., dans l'expression : *un certain* monsieur Durand **(= un monsieur Durand que je ne connais pas autrement), dans les expressions :** *un certain temps, une certaine distance,* **etc. — et avec une valeur plutôt intensive :** Vous avez *un certain toupet!*
Pour l'expression : *de certains,* **voir n° 225.**

363 **Comme pronom pluriel (nominal ou représentant), certains est aussi très vivant, mais plutôt en F.E. :**

Certains l'aiment chaud[1] **(titre d'un film).**
Parmi ses amis, *certains* le désapprouvent.

N. B. — Placé après un nom de chose ou après le verbe être, *certain* est un simple adjectif qualificatif et signifie : sûr, dont on ne peut douter :

Affronter une mort *certaine* — « Peut-être jamais, peut-être demain; mais pas aujourd'hui, c'est *certain* » (Carmen, opéra-comique).

On distinguera plaisamment : une dame d'un *certain âge* **(d'un âge indéterminé, mais assez avancé) et :** une dame d'un *âge certain* **(dont on ne peut, hélas! douter).**

Quelque

364 **Adjectif singulier, quelque appartient surtout au F.E. littéraire et désigna, d'une façon vague, un être ou une chose qui peuvent ne pas exister réellement. Il s'emploie souvent après si... quand...**

Si *quelque* importun vient me déranger...

Il peut s'employer avec un nom abstrait :

Si vous avez encore *quelque* pudeur, vous devez vous repentir.

Le F.P. dira plutôt :

Si vous avez *un peu de pudeur.*

Au pluriel, quelques implique la quantité (v. n° 380).

N. B. — Quelque a une valeur adverbiale, et reste invariable aujourd'hui dans les expressions du F.E. : Ils firent encore *quelque* **(= environ)** cinquante pas — Ils paraissent *quelque* peu étonnés **(= un peu étonnés).**
(Pour les expressions : *quelque* généreux qu'ils soient... *quelques* torts que vous ayez, **voir : la concession, n° 728.)**

1. En **F.P. fam.** on dira : (Il) y en a qui l'aiment chaud.

365 **Les pronoms (nominaux) correspondant à quelque sont : quelqu'un (rarement quelqu'une), quelque chose.**

« *Quelqu'un* de grand va naître » (V. Hugo, *Mil huit cent onze*). Dites *quelque chose*, quelque chose *de vrai*, quelque chose *d'autre*.

Quelqu'un, quelque chose sont parfois suppléés par je ne sais qui, je ne sais quoi :

Il est venu *je ne sais qui* — Son regard a *je ne sais quoi* d'intelligent.

- **On notera l'emploi de quelqu'un, quelque chose comme exclamation :**

Cet homme *c'est quelqu'un!* — Une pareille somme, *c'est quelque chose!*

- **quelqu'un, quelqu'une peuvent s'employer avec un complément partitif :**

Si vous rencontrez *quelqu'une* de ces difficultés... (plutôt **F.E.**)

- **Enfin on se rappellera que quelques-uns est quantitatif (voir n° 380).**

On

366 **Ce pronom (= nominal) est l'équivalent, comme sujet, de quelqu'un :** *On* vient.
ou de : les gens, certains : *On* dit que...

Il a pour représentant, dans la même proposition : soi, se :

On a souvent besoin d'un plus petit que *soi* — *On se* nuit en agissant ainsi.

367 **Dans une proposition différente, vous représente *on* :**

Si *on* lui demande cela, il *vous* répond que...

Pour l'emploi du possessif, voir n° 319.

N. B. — a) On, dans le F.P. fam., peut être :

une 1re personne du pluriel :

Nous, *on* veut bien — *On* n'a pas gardé les cochons ensemble! — **En F.P. pop. :** *On* prend notre café tous les midis.

une 2e personne du singulier ou du pluriel :

Alors, *on* est content(s)?

une 3e personne du singulier ou du pluriel :

Voilà ce que j'ai demandé. Mais *on* s'est contenté de sourire. **(On = il, elle ou ils, elles[1]).**

1. On voit que **on** peut, légitimement, être classé parmi les **pronoms personnels**, dont il partage souvent la construction.

b) On peut être remplacé par l'on en F.E. et même parfois en F.P. :

L'on n'y comprend plus rien.

On trouve cette forme surtout après :

Si : *Si l'on* veut.

Ou : *Ou l'on* accepte, *ou l'on* refuse.

Et : ... *et l'on* vous dira que...

Où : L'endroit *où l'on* va.

368 **Substituts de « on » :**

a) Vous (plutôt que nous) :

Vous marchez parfois des heures dans ce pays, sans rencontrer âme qui vive (= **on marche...**).

b) F.P. fam. ils :

Ils ont encore augmenté les cigarettes!

les gens :

Les gens savent si bien vous remettre à votre place!

c) La forme pronominale à valeur passive :

Il se dit bien des sottises — *Il se vend* beaucoup de livres (= **on dit... — on vend...**).

368 bis **Normalement, on se répète, surtout dans le F.P. :**

On va et *on* vient — *On* dit et *on* écrit.

Quelconque, n'importe quel

369 **Ces adjectifs signifient que la détermination serait indifférente à celui qui parle. *Quelconque* se place généralement après un nom précédé lui-même de l'article indéfini :**

Ouvrez *un journal quelconque.*

Devant le nom il a plutôt la valeur d'un diminutif.

Si vous éprouvez *une quelconque* frayeur...

N'importe quel, placé devant le nom, sans article, est plus courant, dans le F.P. : Ouvrez *n'importe quel* journal.

N. B. — Dans la langue courante d'aujourd'hui, quelconque, épithète ou attribut, a pris souvent le sens de médiocre. Ainsi employé, il est un véritable adjectif qualificatif :

Cet homme me paraît *quelconque*. Je le trouve *très quelconque.*

370 **Le pronom est n'importe qui (ou : le premier venu[1]) comme nominal :**

N'importe qui vous dira que vous avez tort.

N'importe lequel, comme représentant :

Prenez un livre, *n'importe lequel.*

N. B. — Pour quel qu'il soit : v. n° 727. Pour quiconque : v. n° 410.

1. Quelquefois aussi : *l'homme de la rue*, ou : *le Français moyen* : L'homme de la rue s'intéresse aux vedettes de cinéma.

371 **Une sorte de, une espèce de, une manière de, comme un, impliquent une ressemblance approximative.**

J'ai entendu *une sorte de* grondement, *comme un* grondement.

de même : Je ne sais quel, Dieu sait quel :

Ce garçon a contre moi *je ne sais quelle* hostilité.

Tel (= démonstratif)

372 **a) Il a le sens de pareil :**

Le fils est *tel* que le père[1]. **(Voir la comparaison, n° 768.)** — Les enfants, *telles* des souris[2], couraient dans la chambre — Je n'ai jamais vu *une telle* audace. **(L'article est placé devant *tel*, qui comporte ici une valeur intensive [v. n° 374].)**

Employé comme attribut, devant : être, devenir, rester etc., tel rappelle ce qui précède :

Telles furent ses paroles **(= voilà ses paroles).**

Tel quel signifie : dans l'état où il est.

Emportez ce paquet *tel quel*[3].

373 **La valeur d'indéfini domine dans certains emplois :**

Si vous lui demandez *telle ou telle* chose **(= n'importe quelle chose)**, il refuse.

Le pronom correspondant est tel (nominal) :

Tel dit oui, *tel* dit non **(F.E.)** = **L'un dit oui, l'autre dit non.**

(Ce tour est vieilli ; le français d'aujourd'hui emploie plutôt : un tel).

Tel qui signifie : quelqu'un qui (proverbes) : *Tel qui* rit vendredi dimanche pleurera — ou : *Tel* rit vendredi, *qui* dimanche pleurera.

Le pronom un Tel désigne aussi une personne qu'on ne veut pas, ou qu'on ne peut pas nommer :

Adressez-vous à *un Tel*; il vous rira au nez.

374 **b) Souvent tel, devenu une sorte d'adjectif qualificatif, marque l'intensité (voir n° 372) :**

Il faisait une chaleur *telle* **(ou :** une *telle* chaleur) que l'on dut ouvrir toutes les fenêtres.

Comme attribut :

On dut ouvrir les fenêtres : *telle* était la chaleur! **(Voir la cause, n° 687 bis.)**

1. En **F.E.** : Tel père, tel fils (*inversion* des termes, répétition de *tel*).
2. Notez l'accord : = des souris sont telles. Mais de plus en plus on trouve : tels des souris. V. n° 147, note.
3. La **F.P.** pop. dit souvent : tel que — Emportez ce paquet tel que.

Même (= terme d'identité)

375 **Le même (adjectif ou pronom) a trois emplois distincts dans le sens de l'identité :**

a) Il s'applique à plusieurs êtres ou objets, semblables entre eux, appartenant chacun à un seul « possesseur » (il est alors généralement précédé de l'article) :

J'ai acheté *la même* grammaire que toi **(Il y a, en fait, plusieurs livres, mais ils sont semblables entre eux).**

Pronom (représentant) :

J'ai *la même* que toi **(= la même grammaire).**

b) Il s'applique à un ou plusieurs êtres ou objets communs à plusieurs possesseurs :

Nous avons *le même père* **(ou :** *un même père,* **avec une nuance affective) (= un seul père, un seul et même père).** Nous avons *les mêmes joies, les mêmes peines.*

Pronom (représentant) :

Quant aux joies et aux peines, nous avons *les mêmes.*

c) Il s'applique à un ou plusieurs êtres ou objets déjà mentionnés :

Les mêmes gens sont revenus.

Pronom (représentant) :

Les mêmes sont revenus.

D'où par extension, comme nominal :

Ce sont toujours *les mêmes* qui se font tuer.

375 bis **Moi-même, toi-même, lui-même, signifient moi, toi, lui en personne :**

N'envoyez pas votre adjoint; venez *vous-même.*

On peut dire : *lui-même* viendra; **ou :** il viendra *lui-même.*

Lui-même s'emploie aussi avec un nom :

Le père *lui-même.*

Plus rare (F.E.) est l'expression : *le père même* — **Mais on dit couramment :** Il est *la bonté même, le courage même* **(valeur intensive).**

En revanche, on ne dirait plus, comme Corneille (*Le Cid*) :
« Sais-tu que ce vieillard fut *la même vertu ?* » **pour :** la vertu même.

En effet, si l'article précède immédiatement même, l'expression prend les sens du n° 375 (identité). Cet article peut d'ailleurs être absent (F.E.), d'où plus de force dans l'expression (voir n° 260) :

Nous avons *mêmes joies, mêmes peines.*

N. B. — Le même peut être suivi de que : *les mêmes qu'*hier — **ou du relatif :**

Les mêmes qui étaient venus hier. **(Voir nos 412, 768.)**

376 **Employé comme adverbe, même signifie et aussi :**

Les femmes, les vieillards, *même* les enfants **(ou :** les enfants *même*[1]**)** furent emprisonnés.

Autre

377 **exprime, au contraire, la différence.**

a) Après l'article indéfini et précédant un nom (le nom reste alors vraiment indéterminé) :

Prenez *un autre* livre; *d'autres* livres.

b) Après l'article défini (il détermine un nom en l'opposant à des êtres ou des choses déjà nommés) :

Prenez plutôt *l'autre* livre, *les autres livres* (= **tous les autres).**

Nous autres, vous autres renforcent parfois le pronom de la 1re et celui de la 2e personne du pluriel dans le F.P. fam. :

Venez, *vous autres.*

Eux autres (= eux) **est plus franchement populaire. Mieux vaut l'éviter.**

378 **Les pronoms correspondants sont : un autre, nominal (***Un autre* vous approuvera peut-être) — **ou représentant** (Votre cigare est humide; prenez-en *un autre*) — **L'autre, nominal** (Il faut penser *aux autres* — **et, F.P. pop.** : Écoute *l'autre!* Comme dit *l'autre*) — **ou représentant** (Mon œil droit voit mal; *l'autre* est bon).

N. B. — Sans article : autre chose (Choisissez *autre chose*) — **et l'adverbe autre part** (= **ailleurs** : Il habite *autre part*).

Autrui

379 **Le pronom autrui (F.E.) est une ancienne forme de complément s'appliquant aux personnes. En principe il ne faut pas l'employer comme sujet[2] :**

Le bien d'*autrui* tu ne prendras.

1. Une orthographe déjà ancienne admet encore : les enfants **mêmes,** à cause de la confusion de sens avec eux-mêmes.
2. Mais Sartre a écrit dans « L'Être et le Néant » : « *Autrui* a barre sur moi. » — Et Simone de Beauvoir dans « La Force de l'Age » : « *Autrui* la fascinait. » Le premier exemple est difficilement condamnable. Il se justifie par le voisinage de tours sartriens comme : **l'être pour autrui.**

N. B. — On dit : personne d'autre, rien d'autre, quelqu'un d'autre, quelque chose d'autre. Voyez-vous quelque chose *d'autre*[1] à lui dire?

Autre se construit alors comme un adjectif qualificatif (cf. rien de neuf).

Pour l'un... l'autre, voir n° 361.

Pour l'accord du verbe avec l'un et l'autre, l'un ou l'autre, voir n°s 579 et 581.

INDÉFINIS IMPLIQUANT UNE IDÉE DE QUANTITÉ

I. QUANTITÉS POSITIVES

Quelques

380 **Cet adjectif signifie : un petit nombre de.**

Faisons *quelques* pas ensemble.

On emploie aussi : plusieurs, ou maints ou maint (F.E.); divers, différents (sens quantitatif et qualitatif).

Tous ces « indéfinis » se placent avant le nom :

Plusieurs personnes vous diront que... — Il répéta *maintes* fois (*mainte* fois) — Je l'ai vu en *diverses* circonstances, en *différentes* circonstances.

Quelques, divers, différents peuvent être précédés de l'article ou de : ces... mes...

Les quelques personnes que j'ai aperçues... — Il m'a pris *mes quelques* sous.

Seul, plusieurs est à la fois adjectif et pronom (représentant et nominal).

Le pronom qui correspond à quelques est quelques-uns, généralement représentant, mais parfois nominal :

« Le monde sera sauvé par *quelques-uns*. » (A. Gide).

N. B. — Plus d'un est suivi, normalement, du singulier : *Plus d'un* me l'a dit. **Plus de deux, de trois, etc., sont suivis du pluriel :** *Plus de deux* me l'ont dit.

Tout

Tout, adjectif pluriel.

381 **Il exprime la pluralité totale et s'accompagne de l'article défini ou du démonstratif, ou du possessif :**

Tous les hommes, *tous ces* hommes, *tous mes* hommes, ont droit à la vie. **(= les hommes, ces hommes, mes hommes sans exception).**

1. **Quelque autre chose** appartient au **F.E.**

Remarquez que l'article est absent de beaucoup d'expressions anciennes, de cette valeur :

Travaux en *tous* genres, vêtements de *toutes* sortes — Courir de *tous* côtés.

De l'ancienne langue nous vient l'adverbe composé toujours, qui s'écrivit d'abord *tous jours (tuz jurs)*. — **Un tour comme :** être prêt *à tous événements* **(ou :** *à tout événement***) est plus concis et plus vigoureux que : à tous les événements.**

Dans : *tous les dix ans*, *tous* **a une valeur de distributif (= chaque dixième année, tour qui ne s'emploie pas).**

382 **Tout adjectif singulier. Il signifie alors :**

a) Chaque, n'importe quel (sans article, ni adj. démonstratif, ni adj. possessif) :

Tout homme a droit à la vie.

Le tour est plus vigoureux que : Tous les hommes...

N. B. — On écrit : de *toute* sorte **ou** de *toutes* sortes. **Mais seulement au singulier :** *De toute* façon, je refuse — *A tout* hasard, je viendrai demain — *En toute* saison.

b) Seul, seule, dans certaines expressions encore vivantes :

Pour *tout* salaire, pour *toute* récompense, pour *tout* potage. C'est *tout* mon bagage — C'est *tout* ce que je sais.

c) Tout entier — Tout est alors généralement suivi de l'article défini, ou indéfini, ou du démonstratif, ou du possessif :

Toute la ville en parle — Vous avez scandalisé *toute une* ville, *toute cette* ville.

S'il s'agit d'un titre d'ouvrage, tout s'accorde aujourd'hui, le plus souvent, au féminin singulier et au féminin pluriel :

J'ai lu *toute* l'« Odyssée », *toutes* les « Confessions » de Rousseau.

Plus rarement au masculin pluriel ; on écrira donc :

Tout « Les Martyrs » de Chateaubriand.

Si le nom n'est pas précédé de l'article, tout reste invariable[1] :

Tout « Phèdre », *tout* « Émaux et Camées ».

S'il s'agit du nom de l'auteur, employé pour désigner l'œuvre, il vaut mieux laisser tout invariable :

J'ai lu *tout* Madame de Sévigné.

1. Comme le fait remarquer M. Grevisse.

383 **On retiendra, d'autre part, l'expression inveriable le tout... suivie d'un nom de ville pour désigner aujourd'hui la partie « distinguée » d'une populetion :**

Le tout-Paris assistait à cette brillante soirée.

Et les expressions du F.P. fam. : *A la toute fin* **(= tout à fait à la fin)** — *Dans sa toute jeunesse* **(= dans les premiers temps da sa jeunesse).**

L'article indéfini se trouve dans des tours du F.P. fam., mais il est placé devant le nom :

C'est *tout un* travail — Évitez cette démarche : ça ferait *toute une* histoire.

De ces expressions où tout prend valeur d'un superlatif, on peut rapprocher celles-ci, sans article (F.P. fam.) :

A toute vitesse, *à toute* allure.

N. B. — Pour tous les deux, tous les trois, voir n° 202.

384 **Tout pronom.**

Au singulier, tout signifie :

a) la totalité de cela, de l'ensemble en question :

Voici dix kilos de pommes; prenez *tout*, si vous voulez.

b) N'importe quoi, en général :

Tout l'ennuie.

Au pluriel, tous signifie :

a) les êtres ou les choses dont il s'agit, sans exception.

Tous répondront oui — Ces livres sont *tous* pour vous.

b) N'importe qui, en général : *Tous* te le diront.

Mais il est plutôt rare dans cet emploi et l'on trouve couramment : *Tous* les gens te le diront **(quelquefois :** *Tout un chacun* te le dira — **expression vieillie).**

N. B. — Dans « tous » pronom, l' s est articulé. Dans « tous » adjeotif, il ne l'est pas : *tou (s)* les hommes.

Tout le monde (verbe au singulier) remplace très souvent tous :

Tout le monde est présent.

N. B. — Tout comme nom.

Précédé d'un article, tout (singulier) signifie : la totalité d'un ensemble :

Ces trois livres forment *un tout* — Jouer *le tout* pour *le tout*.

Au pluriel, on écrit : plusieurs *touts* distincts les uns des autres (cité par Littré).

385 Valeur adverbiale de « tout ».

Tout s'emploie au sens de tout à fait, et reste invariable, en principe :

Ils sont *tout* contents — Ils étaient *tout* feu *tout* flammes — Une robe *tout* laine.

Devant un adjectif féminin commençant par une consonne ou un h aspiré, l'accord se fait :

Elle est *toute contente*, elles sont *toutes contentes, toutes honteuses.*

Mais devent un adjectif féminin commençant par une voyelle ou un h muet, l'accord est facultatif :

Elle est *toute étonnée, toute heureuse*; **ou :** *tout étonnée, tout heureuse.*

Si tout est suivi d'un nom abetrait, il s'accorde avec le nom.

Il est *toute bravoure, toute bonté.*

386 Tout autre.

a) Si tout signifie n'importe quelle (cf. 382 a) il s'accorde :

Toute autre difficulté provoquerait mon refus.

b) S'il signifie tout à fait, il reste invariable :

C'est *une tout autre* difficulté — Il m'a parlé de *tout autre* chose.

Tout à.

Dans : Elle est *toute* à vous, **toute est adjectif. Mais on peut écrire, dans le même sens, avec tout adverbe :** Elle est *tout* à vous.
Au pluriel, tout reste invariable (Elles sont *tout à vous*). **Sinon, il aurait le sens de : toutes sans exception** (Elles sont *toutes* à vous).

Tout en.

On écrit : Des tissus, des robes *tout* en laine; elles sont *tout* en larmes. **(Le pluriel aurait le même sens que ci-dessus.)**
Devant un gérondif (voir n° 559 bis) tout reste invariable :

Tout en m'aidant ils (elles) m'ont gêné.

Chaque

387 C'est un adjectif indéfini qui n'a qu'une forme et s'emploie toujours au singulier. Il se place toujours avant le nom.

Chaque garçon (*chaque* fille) reçut une récompense.

La langue courante dit, de plus en plus : Ces oranges m'ont coûté 2 F *chaque*. **Mieux vaut dire :** Elles m'ont coûté 2 F *chacune.*

388 Chacun, en effet, est le pronom correspondent à chaque :

Chacun pour soi, voilà un principe égoïste.

(Pour l'emploi de son, leur, etc., après chacun, voir le n° 320.)

II. QUANTITÉS NÉGATIVES (VALEUR ZÉRO)

Adjectifs

389 **Nul, nulle, placés devant un nom, appartiennent aujourd'hui plutôt au F.E. littéraire. Assez rarement employés au pluriel[1], ils s'accompagnent de la négation ne ou de la préposition sans :**

Nul citoyen *n'*a le droit d'ignorer la loi — *Sans nulle* crainte.

Employé après un nom, ou comme attribut, nul est un adjectif qualificatif qui signifie sans valeur :

Voilà un travail *nul* — Cette autorisation est *nulle.*

Aucun, aucune ont pris, à la longue, la place de nul dans la langue courante. Plus rares encore, au pluriel, que nul[2], ils sont, au singulier, d'un usage fréquent et s'accompagnent de ne ou de sans :

Vous *n'*avez *aucune* patience — Vous êtes *sans aucune* patience.

On dit aussi, avec quelque affectation :

Vous êtes *sans* patience *aucune.*

Aucun s'emploie seul (donc sans ne) dans les phrases elliptiques :

De tes amis qui viendra? — *Aucun.*

N. B. — En F.P. pas un, pas une remplacent très souvent aucun, aucune, mais avec plus d'énergie :

Pas un camarade *ne* voudrait être à ta place.

Pronoms

390 **Nul ne... (nominal, ou représentant)** — Pars : *nul ne* t'en empêche **(nominal)** — De ses amis, *nul n'*est plus qualifié pour l'aider **(représentant).**

Aucun ne..., aucune ne..., pas un ne... (généralement pour représenter un nom antécédent) — Parmi tes amis, *aucun ne* viendra.

Parmi tes amis, qui viendra? — *Aucun* (ou *pas un;* **jamais** *nul,* **tout seul).**

Pas un peut, parfois, être nominal :

Pas un ne t'en voudra (= **personne).**

Personne ne..., rien ne... sont les pronoms les plus courants.

Je *ne* vois *personne* — Je *ne* vois *rien* — *Personne ne* te voit — *Rien ne* te presse — Je *n'*ai vu *personne* — Je *n'*ai *rien* vu. (v. n° 809)

Et, dans les phrases elliptiques :

Qui m'appelle? *Personne* — Hier, *rien!* Aujourd'hui, *rien!*

1. Pluriel qui est obligatoire si le nom n'a pas de singulier : sans *nuls* frais.
2. Mais on écrit : sans *aucuns* frais aussi bien que : sans *nuls* frais.

Pour renforcer la négation, on dit : *rien du tout*, **ou, plus rarement :** *personne du tout* (S. de Beauvoir, *Les Belles Images*).

Parfois on emploie quiconque :

Ne le dites à *quiconque* (= **à personne, à qui que ce soit).**

Notez que les indéfinis négatifs peuvent, dans divers cas, avoir grammaticalement une valeur affirmative (= quelqu'un, quelque chose) :

1. Après sans :

Il parla *sans aucune gêne* (= **sans une gêne quelconque).**

2. Dans certaines interrogations du F.E. :

Est-il *personne* (= **quelqu'un)** qui vous approuve? Est-il *rien* (= **quelque chose)** qui vous presse?

3. Dans le deuxième terme d'une comparaison :

Je ferai cela aussi bien que *personne*, mieux qu'*aucun* autre.

Aucun, personne, rien, tirent cette valeur affirmative de leur étymologie même. Nul admet des constructions semblables :

Il parle sans *nulle gêne* — Est-il *nulle chose* qui vous presse? **(F.E. un peu archaïque)** — Je ferai cela mieux que *nul* au monde **(même remarque).**

En revanche, rien, employé comme nom, garde une valeur négative:

« *Ce rien* qu'on nomme science. » (Bernis, cité par Littré).

ou presque négative :

« Une ombre, un souffle, *un rien*, tout lui donnait la fièvre. »
(La Fontaine, *le Lièvre et les Grenouilles*.)

— Mozart a composé le ballet des « Petits *riens* ».

Pour les relatifs indéfinis, voir les nos 410; et 727 et suivants.

LE PRONOM RELATIF

391 **Dans la phrase : J'ai retrouvé le livre qui me manquait, qui représente livre (= ce livre me manquait). C'est donc là un pronom. Au nom livre, déjà objet de « j'ai retrouvé », dans la première proposition, il fait jouer, peut-on dire, un autre rôle, celui de sujet dans la deuxième proposition. Il met livre en rapport, en relation avec la deuxième proposition : on l'appelle un pronom relatif[1].**

FORMES SIMPLES DU PRONOM RELATIF

qui (généralement sujet)
que (généralement objet direct)
dont (qui assume toutes les fonctions introduites par de).
On peut y ajouter le relatif adverbiel où.

Qui

392 **Comme sujet, il représente les trois genres (y compris le neutre) et les deux nombres :**

L'*homme qui* travaille beaucoup est laborieux.
Les *femmes qui* travaillent beaucoup sont laborieuses.
Il n'y a là *rien qui* me plaise[2].

Précédé d'une préposition[3], il est complément indirect (d'objet ou circonstanciel). Dans ce cas, il représente presque toujours maintenant :

a) des personnes :

C'est *un garçon à qui* le travail ne fait pas peur.

Pourtant, Paul Valéry a écrit, selon la syntaxe classique :

« Une lueur mourante, *à qui* le jour naissant se substitua peu à peu » *(Cahiers)*.

A laquelle **eût sans doute paru lourd et gauche à l'écrivain. D'autres auteurs ont pratiqué cette construction légère, malheureusement taxée aujourd'hui d'archaïsme.**

1. On dit parfois, et l'appellation est très claire, pronom *conjonctif* (= qui joint) — Le nom (ou le pronom) que représente le pronom relatif s'appelle *antécédent* (= qui *précède* le relatif). Le tour suivant de Paul Fort, où le relatif précède l'antécédent, est plutôt exceptionnel : « L'énorme Brocéliande, d'où sortaient, *qui* vers l'or des sables se perdaient, l'Aven, l'Odet, l'Elorn... » *(Ballades Cornouaillaises)*.
2. Pour les *modes* du verbe de la proposition relative, voir n°s 415 et suivants
3. *Dans qui* n'existe pas — On dit : *en qui*.

b) des choses personnifiées :

La République à qui ils ont donné leur vie ne les oubliera pas.

c) souvent des animaux :

Ce chien, à qui vous faites tant de caresses, est dangereux.

N. B. — Pour l'emploi de lequel, v. le n° 402.

393 **Qui sans antécédent : tour fréquent dans les proverbes, les dictons et certaines expressions figées, où les deux verbes ont même sujet. Qui équivaut alors à celui (sujet) qui (sujet) :**

Qui va à la chasse perd sa place — *Qui* m'aime me suive! — *Qui* vivra verra — Sauve *qui* peut!

Qui peut même être équivalent à : celui (objet) qui (sujet) :

Choisis *qui* te plaira — Tout est facile *à qui* se porte bien.

ou à : celui (objet) que (objet) :

Embrassez *qui* vous voudrez **(chanson enfantine)** — J'ai répondu *à qui* vous savez.

Qui, sujet, sans antécédent peut avoir une valeur neutre (= chose qui, ce qui) dans des expressions figées :

Voilà qui va bien — Il a tout avoué, et, *qui mieux est*, par écrit **(cf. aussi : *qui pis* est, *qui plus* est)**

Pour : ce qui, qui, en apposition, voir n° 401 bis.

F.P. pop. : Dans le français parlé populaire, le pronom relatif sujet est souvent réduit à qu', devant une voyelle :

C'est lui *qu'a* dit ça **(= qui a dit).**

Il faut voir là, peut-être, une élision, non de « qui », mais d'une ancienne forme sujet que, qui subsiste dans de vieilles chansons :

« Une perdriole (petite perdrix), *que* va, *que* vient, *que* vole... »

Dans des dictons on trouve *que* comme sujet neutre :

Advienne *que* pourra **(= ce qui pourra arriver).**
Je fais ce *que* bon me semble.

N. B. — Pour l'accord du verbe avec qui, voir n° 585 ter.

Que

394 **Que représente les trois genres et les deux nombres. Il est le plus souvent objet direct du verbe subordonné :**

Il y a des lieux *que* l'on admire.

Grâce à l'identité de construction de l'objet direct et de l'attribut, que a souvent la valeur d'un attribut :

Malheureux *que* je suis! — Le bon garçon *que* c'est!

Dans le F. E. : « *Innocent qu'*il était = **(comme il était innocent)** il a protesté contre cette accusation, **que est attribut (l'antécédent étant ici l'adjectif « innocent »).**

395 **Que est une sorte de relatif (ou un conjonctif) encore très employé pour former des compléments circonstanciels de temps (héritage de la langue classique) :**

L'année, l'été *qu'*il a fait si chaud .. **(= où il a fait si chaud).**
La dernière fois *que* je l'ai rencontré — Du temps *que* mon père vivait...
« Ce serait une singulière aberration que des chrétiens voulussent revenir [aux impuretés du régime médiéval] dans l'instant *qu'*elles ont perdu leur occasion historique d'exister. »
(J. Maritain, *Les Juifs parmi les nations*).

De même : *dès* l'instant *que* **(dès que est devenu une franche conjonction).**

N. B. — Mais on dit, on écrit généralement :

A l'heure *où* je parle... Au temps, à l'époque, à la saison *où*...
Au cas *où* il viendrait... De la façon *dont* il parle... De l'œil *dont* il me voit...

Le F.P. pop. a gardé le tour ancien :

Du train *qu'*il y va, i' fera la culbute.

Quoi

396 **Quoi est neutre. Il a pour antécédent rien, quelque chose, ce (= cela) ou toute une proposition — Il est toujours amené par une préposition et s'emploie surtout en F.E.**

Il n'y a *rien à quoi* je pense plus souvent qu'à la mort — *Ce à quoi* je m'intéresse, c'est [à] votre avenir — Faites d'abord votre devoir, *après quoi* nous parlerons de récompense — **(voir n° 401 bis).**

Notez le tour, malheureusement vieilli, où l'antécédent est un nom :

C'est une chose *à quoi* il ne s'attendait pas.
Couramment, on dit aujourd'hui : ... une chose *à laquelle*[1]...

1. **Comme quoi** signifie : *cela prouve que* : J'ai bien fait de différer ma réponse; *comme quoi* il faut toujours être prudent. Ou, moins heureusement, *selon quoi :* Un avis *comme quoi* vous êtes autorisé... **Comme quoi** peut être aussi **interrogatif** : Raconte-lui *comme quoi* tu as été surpris (= comment).

Dont

397 **Dont est un ancien adverbe relatif (et interrogatif) de lieu[1]. Il exprimait l'origine, et on trouve encore en F. P. et en F. E. au sens figuré surtout :** La famille *dont* il est sorti, *dont* il est né... — L'idée *dont* je suis parti... **Et au sens propre (F. P. pop.) :** le lieu *dont* tu viens... **(En ce dernier sens, on emploie plutôt le relatif adverbial : d'où[2].)**

Aujourd'hui, et d'une manière générale, dont absorbe toutes les valeurs de la préposition de, comme complément d'un nom, d'un verbe, d'un adjectif, d'une expression de quantité placés dans la proposition relative :

- **Complément de nom :**

  Voici le professeur, *dont les élèves* ont si bien réussi, *dont* je suis *l'élève*, *dont* je connais *les élèves* **(on dit en effet :** l'élève *du* professeur).

- **Complément d'adjectif :**

  C'est une voiture *dont* je suis content **(on dit :** *content de*).

- **Complément de verbe :**

  Quel est le mal *dont* vous vous plaignez? **(on dit :** *se plaindre de*).

- **Complément d'une quantité (partitif) :**

  J'ai là des livres *dont* je peux vous prêter quelques-uns **(on dit :** *quelques-uns des livres*).

N. B. — Dans ce sens de partitif, dont s'emploie assez souvent sans le verbe être :

Voici dix livres, *dont* quatre reliés.

Dont peut avoir pour antécédent le pronom neutre ce :

C'est *ce dont* je me plains (= c'est *de cela que* je me plains; **ou :** c'est *de quoi* je me plains).

Ce est aujourd'hui employé pour introduire une relative apposée à une autre proposition :

Il m'a évincé, *ce dont* je me plains (= **acte dont je me plains**). **(Mais voir n° 401 bis.)**

398 **Remarque importante : Lorsque le nom que complète le relatif est lui-même complément indirect, dont doit être remplacé par : de qui, duquel (de laquelle, desquels, desquelles) si l'antécédent est une personne ou un animal ; par duquel, de laquelle, etc., si l'antécédent est une chose.**

Et le complément indirect en question doit se placer, avec sa préposition, entre l'antécédent et le relatif.

1. Du latin populaire **de unde** = d'où.
2. La langue classique a connu cet emploi de *dont*.

Evitez de dire :

Le garçon dont je m'intéresse *à l'avenir*[1]... **Mais :** Le garçon à l'avenir *de qui* je m'intéresse... (**F.P.** : à l'avenir duquel...).

Et de même :

Le livre à la rédaction *duquel* je travaille.
Le parc dans les allées *duquel* je me promène...

Si pourtant il s'agit d'une locution verbale, le F.P. fam. emploie parfois dont :

Les honneurs *dont* il est à l'écart (**être à l'écart de** = **être exclu de**).

Cette construction gagne du terrain, même en F.E.

Si le nom que complète le relatif est sujet ou objet direct, ou attribut, c'est dont qui sera employé, et ainsi construit :

Nom sujet : Un parc *dont* les *allées* sont droites.
Objet direct : Le parc *dont* j'ai sablé les *allées*.
Attribut : Cet enfant *dont* Jean est le *père*.

Mais la construction de l'objet direct et de l'attribut est délicate. On peut tomber dans l'équivoque : Un homme dont la science remplit la vie... Cet enfant dont le directeur est le père... **sont des phrases obscures ou ridicules.**

Mieux vaut dire :

Un homme dont la vie est consacrée à la science — Cet enfant qui a le directeur pour père.

Dont complément de plusieurs noms ayant des fonctions différentes : cette construction est normale, si les noms sont sujets et objets directs :

Un garçon *dont* la réputation (**sujet**) dépasse le mérite (**objet direct**).

Mais on trouve :

« Le film *dont* le metteur en scène a veillé scrupuleusement *sur* l'authenticité » (*Le Monde*) [**ou :** sur *son* authenticité.]

399 **Dans un autre ordre, si l'on peut dire correctement :** Un homme *dont* l'honnêteté *le* recommande à notre estime, **on dira, avec plus d'élégance :** Un homme *que son* honnêteté recommande...

1. Relevé à la Télévision du 23 janvier 1965 : « ... un poète *dont* je parlerai des œuvres ». Le cas est de plus en plus fréquent.

400 **Dont est aussi un moyen d'introduire une proposition subordonnée d'objet en évitant une cascade de que et de qui : Au lieu de** : Un garçon *que* je sais *qui* vous respecte — **ou** : *que* je sais *que* l'on estime, **tours archaïques**[1], **on pourra dire** :

Un garçon *dont* je sais (= **au sujet duquel je sais**) *qu'*il vous respecte.
Un garçon *dont* je sais *qu'*on l'estime[2].

N. B. — **Sont incorrects des tours comme** : L'homme *qu'*on croit *qu'*il est allé... **F.P. populaire**[3].

401 **Où (d'où, par où, jusqu'où)**

Est un adverbe relatif de lieu et de temps, qui, aujourd'hui, n'a pour antécédent qu'un nom de chose :

Viens me rejoindre *au bureau où* je travaille.
L'été est *la saison où* les enfants ont leurs grandes vacances.

On dit, on écrit : Le jour *où* je l'ai vu **ou** : Le jour *que* je l'ai vu. **Mais le F.P. fam. préfère** : le jour *que* ... **et** la fois *que*... **à** : le jour *ou*..., la fois *où*... **(v. n° 395)**

Remarque : L'antécédent de où peut être un adverbe de lieu :

Ton livre est *là où* tu l'as mis.

401 bis **Nous avons noté (nos 359, 359 bis, 359 ter) l'emploi des neutres : ce qui, ce que (et même, moins correctement, ce à quoi, ce pour. quoi...) dans l'interrogation indirecte.**

Les mêmes formes composent aussi des pronoms relatifs, où le démonstratif ce a perdu sa valeur particulière, pour se fondre dans une même expression avec qui, que, quoi.

On distinguera par conséquent : Je demande *ce que* tu fais (**ce que : interrogatif = quelle chose? quoi?**) **et** : Je te donne *ce que* j'ai (**ce que : relatif = la chose que**), *ce à quoi* tu prétends (= **la chose à laquelle...**).

- **Ces formes peuvent précéder l'expression c'est (mise en relief)** :

  *Ce qu'*il veut, *c'est* votre démission — *Ce à quoi* il aspire, *c'est* à dominer.

- **Elles peuvent être apposées à une proposition** :

  Il est franc, *ce qui* me plaît — Tu réussiras, *ce dont* personne ne doute — Le temps s'est gâté, *ce à quoi* tu n'avais pas pensé.

A l'exemple du français classique, certains écrivains emploient ces relatifs sans le démonstratif ce. Ainsi, chez H. de Montherlant :

« M. Dandillot était assez vivant pour se contredire furieusement, *qui* est la vie même » (*Pitié pour les femmes*) = **ce qui est...** — « Il s'en pavane un peu, dont il a honte » (*Les Lépreuses*) = **ce dont...**

1. Mais qui avaient leur commodité ...
2. Ou encore : que je sais estimé.
3. Mais on pourra dire : ...*dont* on croit *qu'*il est allé, ou, avec une proposition infinitive (**F. E.**, v. n° 550) : L'homme *qu'*on croit *être alle* ..

C'est une construction archaïque, qui exige pour être maniée un sens très sûr de la langue, sinon on risque l'équivoque.

Mais le F.E. utilise assez volontiers **à quoi, par quoi, de quoi :**

Il me demande *de* l'aider; *à quoi* je m'emploierai.

FORMES COMPOSÉES DU PRONOM RELATIF

402

Masculin		Féminin	
Singulier	**Pluriel**	**Singulier**	**Pluriel**
lequel	lesquels	laquelle	lesquelles
duquel	desquels	de laquelle	desquelles
auquel	auxquels	à laquelle	auxquelles

Ce pronom a **toujours un antécédent**, d'après lequel il varie en genre et en nombre.

a) Dans le frsnçeis d'aujourd'hui, c'est, en règle générele, ce pronom que l'on emploie, quand l'antécédent est un nom de **chose** ou d'**animal**, après une préposition **autre** que « de » (car alors on emploie plutôt **dont**) :

J'aurai enfin une maison *dans laquelle* je serai à l'aise.

Voilà un outil *avec lequel* je pourrai travailler.

b) On peut aussi employer le relatif composé, en **F.P.** notamment, eprès un antécédent nom de personne, complément **indirect** :

L'homme *à qui* ou *auquel* j'ai parlé.

c) Après un antécédent quelconque, **duquel, desquels**, etc., s'emploient là où **dont** n'est pas possible (v. n° 398).

403 d) Comme sujet ou objet direct, le pronom composé n'est plus employé aujourd'hui, sauf :

1. dans certains textas **juridiques** :

Ont comparu trois témoins, *lesquels* ont affirmé...

2. dans le français écrit, pour éviter une **équivoque** entre deux antécédents possibles, de genre ou de nombre différents :

« Vous savez qu'il y a une édition contrefaite de mon livre, *laquelle* doit paraître bientôt » (J.-J. Rousseau, *Correspondance*).

... et pour éviter la répétition de *qui* : « ... les changements radicaux qui sont absolument imprévisibles, sinon dans un avenir lointain, *lequel* ne relève pas de la politique » (*Le Monde*, 29 janvier 1965).

[**Lequel** permet ici l'ouverture d'une sorte de parenthèse sur un antécédent différent.]

Pour les accords du verbe avec le pronom relatif, voir n° 585 bis.

PLACE DU PRONOM RELATIF

404 **En règle générale, il suit immédiatement l'antécédent[1].**
Exceptions :

1. Si le relatif complète un nom lui-même complément indirect (v. n° 398) :

Elle porte des *bijoux*, sur la valeur *desquels* on peut hésiter.

2. Si l'antécédent est un pronom personnel atone (le, la, les) objet direct d'un verbe comme voir, entendre :

Je *le* vois *qui* court (= **je le vois courir**).

3. De même après le voilà, la voilà, les voilà :

La voilà qui sort.

4. Après un interrogatif :

Que voyez-vous *qui* vous plaise?

5. Quand l'antéposition du verbe principal allège, clarifie ou équilibre la construction de la phrase :

« *Ma grand-mère* le comprenait ainsi, *qui* déménageait deux fois par an » (H. Bazin, *Vipère au poing*).
Un jour vient, *où* l'on se tourne vers le passé.
Tel est pris *qui* croyait prendre.
Celui-là pardonne mal, *qui* pardonne seulement des lèvres.
« Comment *cela* s'est-il fait, *qui* est si contraire à sa mesure? » (M. Jouhandeau, *L'Imposteur*).

RÉPÉTITION DU PRONOM RELATIF

405 **a) Le F.P. tend à répéter le relatif simple, même s'il a formes et fonctions identiques :**

Les ennuis *qui* me tourmentent et *qui* m'angoissent...
Les affaires *que* je crée et *que* je dirige...

b) Le F.E. tolère mieux la non-répétition du relatif :

Les soucis *qui* l'assaillent et le tourmentent.
Les affaires *qu'*il crée et dirige.

Mais la répétition permet souvent de mettre en relief la 2e proposition, sous forme de gradation ou d'opposition.

Voilà un fait *qui* étonnera et *qui* scandalisera.
Voilà un fait *qui* étonnera, *qui* scandalisera.
Voilà un fait *qui* scandalisera les uns, *mais qui* amusera les autres.

405 bis **c) Avec la conjonction ni, la non-répétition est la construction correcte :** Voilà un fait *qui* n'étonna, *ni* ne scandalisa.

1 Les équivoques résultant de l'inobservation de cette règle ont été l'occasion de plaisanteries en française : Je suis allé chercher du beurre pour ma grand-mère qui est dans un petit pot. Cette faute s'appelle *janotisme*.

N. B. — La répétition est obligatoire, en F.P. et en F.E., avec des relatifs de même forme, mais de fonctions différentes :

L'homme *que* tu es devenu **(attribut)** et *que* je connais bien **(objet).**

Celui *dont* je vous ai parlé **(objet indirect)** et *dont* je vous ai montré la photo **(complément de nom).**

CE QUI... ET CE QU'IL...

406 **Avec certains verbes tantôt personnels, tantôt impersonnels, on dit et on écrit indifféremment :**

Fais *ce qui* te plaît **(qui, sujet du verbe personnel)**

ou Fais *ce qu'il* te plaît **(verbe impersonnel = ce qu'il te plaît de faire[1]).**

de même : Je m'étonne *de ce qui* arrive **(verbe personnel** arriver)

ou Je m'étonne *de ce qu'il* arrive **(verbe impersonnel** il arrive)

Nous dirons *tout ce qui* conviendra **(verbe personnel** convenir)

Nous dirons *tout ce qu'il* conviendra **(= ce qu'il** conviendra de **dire, verbe impersonnel).**

Mais il est des cas où il faut absolument faire la distinction. Ainsi : Détruis *ce qu'il* te plaît **(de détruire) est seul clair et correct.** (Détruis *ce qui* te plaît **serait absurde.**)

De même on dira, on écrira : En avril ne te découvre pas d'un fil; en mai, ôte *ce qu'il* te plaît **(proverbe).**

LE RELATIF ET LA MISE EN RELIEF

407 **L'expression C'est... qui (ou que, à qui, dont) + un verbe sert à mettre en relief un terme quelconque, jouant le rôle d'un sujet, d'un attribut, d'un complément :**

C'est Pierre *qui* a fait cela — *C'est* lui *que* je préfère — *C'est* premier *que* je voudrais être — *C'est* accepter *qu'*il faut.

(On voit que le relatif, ou conjonctif, en vient à se confondre avec la conjonction que, très nette dans : *C'est* demain *que* je viendrai.)

C'est à toi à qui...

La langue classique disait volontiers : *C'est à toi à qui* je parle, **là où nous disons et écrivons :** *C'est à toi que* je parle **(ou, à la rigueur :** *C'est toi à qui* je parle) — *C'est à toi à qui* je parle, **qu'on entend encore quelquefois, appartient plutôt au F.P. pop.**

Nous avons donc le tableau suivant :

Sujet : *C'est toi qui* parles.

Objet direct ou attribut : *C'est toi que* je vois — C'est mécontent *qu'*il est.

1. Mais : « ce qui te plaît de faire » est incorrect.

Complément indirect : *C'est à toi que* je parle[1].

Une autre mise en relief consiste à détacher, sous forme exclamative, l'antécédent du relatif (F.P. fam.) :

Ma clef, que j'oublie! — *Mon lait*, qui se sauve!

EMPLOIS SPÉCIAUX DES RELATIFS « QUI, QUE »

408 **a) Qui... qui... F.E.**

Ils se dispersèrent, *qui* à droite, *qui* à gauche (= **les uns à droite, les autres à gauche — sujet).**

On les a avertis, *qui* par lettre, *qui* par téléphone (= **objet direct, plus rare).**

Dans cet emploi, « qui » a perdu, pour un Français d'aujourd'hui, toute valeur de relatif; il a la valeur d'un indéfini (v. n° 361).

b) A qui mieux mieux (F.E.)

Ils criaient *à qui mieux mieux* (= **plus fort les uns que les autres).**

L'ancien français disait : Ils criaient *qui mieux mieux.*

c) « Qui » au sens de « si on » :

Tout vient à point *qui sait* attendre **(dicton).**

Construction courante encore au XVIIe siècle. Elle n'est plus claire pour les Français d'aujourd'hui, et devient souvent : Tout vient à point *à qui sait* attendre.

409 **d) F.P. fam.** Il fera beau demain, *que je crois.*

« Nous serons arrivés dans une heure. — Oh! *que vous croyez.* »

Il s'agit d'emplois populaires de que objet, représentant la proposition précédente[2].

F.E. — Elle n'est pas encore là, *que je sache* (= **à ma connaissance). Même tour sans doute, mais avec un subjonctif ancien[3] à valeur d'affirmation atténuée.**

S'écrit encore, mais toujours avec une principale négative (ou, plus rarement, interrogative) :

Est-il venu, *que vous sachiez?* (= **est-il venu, à votre connaissance?) voir n° 522.**

1. Ici, **que** est conjonction.
2. Ce fut un tour de la langue classique
3. Probablement emprunté tel quel au latin par les humanistes du XVIe siècle.

LES RELATIFS INDÉFINIS

410 **Avec l'indicatif** (ou le conditionnel de supposition) : **quiconque...** (tout homme qui...)

Quiconque est un pronom relatif contenant en quelque sorte son antécédent. Il doit donc, comme tel, être en rapport avec deux verbes.

Quiconque *prie sera* exaucé. (= [Celui] qui prie sera exaucé.)

Ce pronom, toujours du singulier, est généralement masculin.

Remarque : « Quiconque » est assez souvent employé comme pronom indéfini avec la valeur de : personne ou n'importe qui :

Je ne le dirai à *quiconque* — Si vous le dites à *quiconque*... — Je le sais mieux que *quiconque*.

Tous ceux qui, tout ce qui, ce qui sont aussi des pronoms relatifs indéfinis dont il serait peu pratique d'analyser les différents éléments.

411 **Tel qui signifie quelqu'un qui, celui-là qui, l'ensemble de la phrase ayant une valeur de possibilité; on ne trouve plus guère cette expression que dans des dictons ou proverbes :**

Tel qui rit vendredi, dimanche pleurera.
Tel est pris *qui* croyait prendre.

412 **Le même qui :**

Le relatif qui peut avoir pour antécédent le même :

Le même qui était venu hier est revenu aujourd'hui.
J'ai rencontré *le même homme que* j'avais déjà remarqué **(voir aussi la comparaison, n° 768).**

Avec le subjonctif :

Qui que vous soyez — **quel qu'il** soit... **voir n°s 727-728.**

L'ADJECTIF RELATIF (F.E.)

413 Il a les mêmes formes que le pronom composé lequel, laquelle, etc.

On répète après lui le nom qui, dans la construction courante, serait l'antécédent d'un pronom relatif :

> Il s'empara d'*un poulet, lequel poulet* fut bientôt plumé et rôti (... d'un poulet qui fut bientôt... — **mais l'emploi de lequel permet une pause, qui peut répondre à une intention de l'auteur).**

L'adjectif relatif est archaïque et rare, sauf dans certains textes juridiques et, surtout, dans le cas où l'on veut éviter une équivoque (cf. l'emploi de lequel, pronom, n° 402).
Ainsi, le passage de Rousseau, cité au n° 403, pourrait s'écrire (moins bien) :

> Vous savez qu'il y a une édition contrefaite de mon livre, *laquelle édition* doit paraître bientôt.

Enfin l'adjectif relatif subsiste aujourd'hui dans l'expression figée auquel cas :

> Si la route est bonne, *auquel cas* notre voiture roulera vite, nous arriverons vers midi.

Mais on préférera dire, couramment :

> Si la route est bonne, *et dans ce cas* notre voiture roulera vite...

N. B. — Quel, dans : tel quel (voir n° 372) et sans doute dans : quel qu'il soit (voir n° 727), est un ancien adjectif relatif.

LES PROPOSITIONS RELATIVES

414 **Remarque préliminaire : les paragraphes précédents contiennent déjà mainte observation importante sur la construction des propositions relatives.**

Ces propositions peuvent :

(I) être simplement déterminatives

(II) traduire une circonstance de cause, de conséquence, etc.

I PROPOSITIONS SIMPLEMENT DÉTERMINATIVES

415 **Elles servent à préciser le sens ou la valeur du nom (ou du pronom), de l'adjectif, de la proposition entière qui sont les antécédents :**

J'ai vendu les tableaux *qui étaient dans mon salon.*

L'identité de ces tableaux est précisée par la proposition relative (qu'annonce justement l'article défini).

Dans ce cas la relative a souvent une valeur d'adjectif :

L'heure *qui conviendra,* l'heure *qui conviendrait* = **l'heure convenable.**

(Mais on constate, par les exemples ci-dessus, que l'emploi d'une relative apporte, grâce au temps ou au mode du verbe, une précision utile.)

Le mode des propositions relatives à valeur d'adjectif est l'indicatif.

II PROPOSITIONS RELATIVES EXPRIMANT UNE CIRCONSTANCE

416. **a) Cause : le mode est l'indicatif.**

Cède ta place à ce monsieur, *qui est âgé* (= **parce qu'il est âgé).**

b) Opposition, concession : le mode est l'indicatif après qui, que, dont.

Paul, *qui a mal travaillé,* a pourtant été récompensé.

N. B. — Pour l'emploi de qui que ce soit, quel qu'il soit, voir n° 727.

c) **Conséquence** (ou plutôt : qualité, aptitude à quelque effet) : le mode est, en principe, le **subjonctif** ou le **conditionnel.**

Je cherche quelqu'un *qui puisse m'aider* (ou *qui m'aiderait*). C'est un des bons livres *qui soient faits* sur la question (exemple proposé par Ch. Bruneau, *Grammaire historique de la langue française*).

Mais **l'indicatif** peut être associé à l'idée de conséquence :

J'ai heurté le verre, *qui s'est brisé.*

416 bis Après un pronom relatif dont l'antécédent comprend : le premier, le dernier, le seul, ou un superlatif (le plus grand, le meilleur, etc.), le subjonctif est en principe le mode correct.

Mais, outre que le **F.P. fam.** tend de plus en plus à employer l'indicatif en pareil cas, ce dernier mode est régulier s'il s'agit d'énoncer un fait pur et simple du récit :

Le premier qui les *a vus* a éclaté de rire.

En revanche, le subjonctif est tout indiqué s'il s'agit d'exprimer vraiment une **qualité**, une **aptitude** :

Voilà le seul article (le plus bel article) que nous *ayons* en magasin.

On notera, toujours dans le même ordre d'idées (= qualité, aptitude), l'emploi de l'**infinitif** après un relatif complément indirect :

Tu trouveras à qui *parler* (= un adversaire résolu) — Je n'ai vu personne à qui *parler* (= à qui j'aurais pu parler).

416 ter d) **Supposition, condition** :

Celui *qui t'entendrait* te prendrait pour un insensé.

(les deux verbes sont alors au **conditionnel**).

417 **Subjonctif d'attraction:**

Si la relative est en connexion avec une phrase exprimant la supposition, le doute, ou si elle dépend d'une proposition dont le verbe soit au **subjonctif**, le verbe de la relative, en **F.E.** sera souvent au **subjonctif** :

S'il connaissait un endroit *qui convînt* mieux, il le choisirait — « *Quelles que soient* les circonstances *qui puissent* expliquer son erreur... » (de Gaulle, *Mémoires*) — « Pensez-vous que *je ne sache pas* ce *qu'il veuille* dire? » (Claudel, *Tête d'Or*).

Le **F.P.** dira plutôt: S'il connaissait un endroit *qui conviendrait* mieux... (ou *qui convienne*, sans concordance des temps) — Quelles que soient les circonstances *qui pourraient* expliquer son erreur... — Pensez-vous que je ne sache pas ce qu'il *veut* dire?

Le mode est normalement le subjonctif, si l'**antécédent** de la relative, ayant une valeur **indéfinie**, est affecté d'une **négation** :

Je ne vois *pas de livre* qui vous *convienne* mieux — Il n'y a *aucun livre* qui vous *convienne* mieux.

(Mais, avec un antécédent de valeur définie : Je n'ai pas trouvé *le livre* que vous *cherchez*.)

Si l'antécédent (indéfini) est inclus dans une interrogation, le subjonctif est seul correct en F.E. :

Avez-vous trouvé *un* livre qui vous *convienne* mieux ?

(On rejoint par là le paragraphe c) du n° 416.)

Mais le F.P. fam. dira souvent :

Avez-vous trouvé un livre *qui vous convient* mieux ?

417 bis **Dans le tour :** « ... depuis plus de sept mille ans qu'il y a des hommes, *et qui* pensent » (La Bruyère) **la conjonction « et » met en relief la proposition relative.**

417 ter **Le pronom relatif peut être le complément d'un terme placé loin dans la proposition relative :**

A côté de :

« ... manœuvre *qu'*il *déjouera* »,

on peut avoir :

« ... manœuvre *qu'*il est prêt *à déjouer* » — « ... manœuvre *qu'*il a les moyens *de déjouer* » — « ... manœuvre *qu'*il a toute qualité *pour déjouer* ».

Mais le français n'est pas à cet égard aussi souple que l'anglais, par exemple.

LES PRONOMS PERSONNELS

418 **Les pronoms personnels désignent les personnes du discours :**

1re personne, celle qui parle : je, moi; nous
2e personne, celle à qui on parle : tu, toi; vous
3e personne, celle dont on parle : il, elle; lui, eux, etc.

Les pronoms des deux premières personnes ne représentent pas un nom déjà exprimé. Au contraire, les pronoms de la 3e personne, issus des démonstratifs latins, ont pour mission, le plus souvent, de représenter un nom ou un pronom énoncés précédemment :

Où est *Pierre*? — *Il* est dans sa chambre. Je vais *l'*appeler.

Du latin, les pronoms personnels ont conservé des formes différentes selon le nombre, le genre et la fonction grammaticale.

TABLEAU DES PRONOMS PERSONNELS

419

Singulier	1re personne		2e personne
	M et F		M et F
Sujet	je (moi[1])		tu (toi)
Objet direct	me (moi)		te (toi)
Objet indirect	me (à moi)		te (à toi)
Autres compl.	(avec) moi, etc.		(avec) toi, etc.
	3e personne		**3e personne forme réfléchie**
	M	F	M et F
Sujet	il (lui)	elle (elle)	
Objet direct	le (lui)	la (elle)	se (soi)
Objet indirect	lui (à lui)	lui (à elle)	se (à soi)
Autres compl.	(avec) lui	(avec) elle	(avec) soi

1. Sont soulignés dans ce tableau les pronoms personnels en principe **toniques** (= qui portent un accent d'intensité). Ces pronoms sont généralement **disjoints** (= **séparés** du verbe par un autre terme ou une pause; voir nos 428 et suivants).
Les autres sont généralement **atones** (= non accentués) et toujours **conjoints** au verbe (= placés **immédiatement** avant ou après le verbe).

Remarque importante : A l'**impératif affirmatif,** les pronoms compléments d'objet **suivent** immédiatement le verbe et en général sont ou deviennent **accentués :**
Suis-*moi*, regarde-*toi*, — suis-*nous*, regardez-*vous*, — prends-*le*, écoute-*la*, achète-*les*, réponds-*lui*, réponds-*leur*. (A l'impératif négatif, la construction des pronoms est conforme à celle de la phrase énonciative; voir nos 420, 424 et 445 à 450.)

Pluriel	1re personne	2e personne
	M et F	M et F
Sujet	nous (nous)	vous (vous)
Objet direct	nous (nous)	vous (vous)
Objet indirect	nous (à nous)	vous (à vous)
Autres compl.	(avac) nous	(avec) vous

	3e personne		3e personne forme réfléchie
	M	F	M et F
Sujet	ils (eux)	elles (elles)	
Objet direct	les (eux)	les (alles)	se [soi (rare)]
Objet indirect	leur (à aux)	leur (à ellas)	se [à soi (rare)]
Autree compl.	(avec) eux	(evec) ellas	[avec soi etc. (rare)]

N. B. — Formes élidées. Les pronoms atones, terminés en e ou en a : je, me, te, le, se, la, **élident cet e ou cet a devant une voyelle ou un h muet :**

*j'*honore, je *t'*honore, tu *l'*honores (= **le, ou la**), il *s'*amuse.

EMPLOI DES PRONOMS PERSONNELS[1]

I. Pronoms toujours atones et toujours conjoints (compléments)

420 **Me, te sont toujours atones et généralement placés devant le verbe, comme compléments d'objet directs ou indirects :**

Tu *me* revois (**objet direct : revoir quelqu'un**).
Tu *me* nuis (**objet indirect : nuire à quelqu'un**).
Ne *me* nuis pas (**impér. négatif**).
Mais : dis-*moi* (**impér. affirm.**).

N. B. — A l'impératif affirmatif, ils se placent devant en (ou, plus rarement, y) et après le verbe : Donnez-*m'en*.

II. Pronoms généralement atones et toujours conjoints[2] (sujets)

421 **Je, tu, il, ils sont toujours sujets ; ils précèdent immédiatement le verbe. Dans l'ancienne langue, voisine du latin, où les terminaisons verbales étaient articulées et suffisaient à indiquer la personne, ils n'étaient que rarement exprimés. Nous conservons de cet usage quelques expressions consecréas :**

Fais ce que *dois* — Tes père et mère *honoreras*.

1. Les réfléchis **se, soi**, et l'emploi de **lui, eux, elle, elles**, dans un sens réfléchi, seront étudiés aux nos 438 à 439 bis.
2. Sauf pour : Je, soussigné,... (v. N. B.)

Je, tu, il, ils[1] **sont das formes atones. Mais, dans l'invarsion interrogative et dans certaines constructions, tu, il, ils, rejetés après le verbe, supportent l'accent s'ils ferment un groupe rythmique**[2] : Parles-*tu*? Parlent-*ils*? — Peut-être viendra-t-*il*.

En revancha, je reste etone et on évite son inversion au présent de l'indicatif, sauf pour quelques verbes très usités et courts :

Ai-*je*, dis-*je*, dois-*je*, fais-*je*, puis-*je*, sais-*je*, suis-*je*, vais-*je*, vois-*je*. **(On dira donc :** Lequel *est-ce que* je prends?)

N. B. — Retenez l'usage juridique ou administratif d'un je exceptionnellement toniqua dans l'expression : *Je*, soussigné, certifie... **(=** moi qui ai signé ci-dessous, je certifie...**) — C'est une survivanca de l'ancienne langue.**

Valeurs de « il ».

422 **En français, le pronom de la 3e personne du singulier masculin peut représenter des choses, aussi bien que des pereonnes :**

Où est ton père? *Il* est là — Où est ton livre? *Il* est là.

Il perd toute valeur de mssculin dans les tours impersonnels :

Il pleut — *Il* est vrai que... — *Il* est venu des visiteurs.

Le pronom prend alors une valeur neutre, ou plutôt devient une particula qui cristallise cas verbes à la 3e personne du singulier.

On trouve aussi cette construction, surtout en F.E., avec des verbas pessifs :

Il fut vendu beaucoup de livres — *Il fut procédé* au vote **(passif impersonnel, v. n° 597)**

ou avec des verbes réfléchis à valeur passive :

Il se vendait beaucoup de livres — *Il se peut* que je vienne.

Notez que il (neutre) reste inexprimé dans d'assez nombreuses expressions impersonnalles :

Peu *importe* — N'*importe* — *Suffit*! — Ainsi *fut fait* — Bien lui en *a pris* — *Reste* à savoir si... — *Plaise* au Ciel! — Si bon me *semble*. **(P. les tours c'est, il est, voir nos 300 et suiv.)**

Emploi indéfini de ils.

423 **Dans le F.P. fam. on use de ils sans le rapporter à une personne ou à un objet déjà énoncés, et par allusion souvent dédaigneuse à des parsonnalités vaguas :**

Ils nous écrasent d'impôts. *Ils* ont encore augmenté les cigarettes!

Dites plutôt : L'État nous écrase d'impôts. On nous écrase d'impôts.

1. **F. P. fam.** — Devant **consonne, et** à la fin d'une phrasa interrogative, *il, ils* se prononcent très fréquemment *i* : i (l) vient, i (ls) viennent; vient-i (l)? viennent-i (ls)? — De même, *elle, elles* se prononcent *è* : e (lle) vient, e (lles) viennent — Devant **voyelle,** *ils, elles* se prononcent *iz, ez* : ils ont, elles ont : izont, èzont (v. C. K. Datta, *Indian linguistics*, 1965).
2. C'est-à-dire si le pronom est *immédiatement* suivi d'une pause. Mais dans : parle-t-il *donc? il* est atone.

423 bis **Elle, elles atones et conjoints devant le verbe sont sujets :**

Elle vient, *elles* viennent.

Dans l'inversion interrogative, rejetés après le verbe, ces pronoms supportent l'accent et sont toniques :

Vient-*elle ?* viennent-*elles ?*

Mais, à la différence de il, ils, les pronoms elle, elles ont d'autres emplois, disjoints et toniques : voir n°s 428 at suivants.

III. Pronoms atones (sauf à l'impératif affirmatif) et toujours conjoints (compléments)

424 **Le, la, les, placés immédiatement devent le verbe, sont des compléments d'objet directs :**

Je *le* regarde — Je *la* regarde — Je *les* appelle.

Ces formes sont placéas après le verbe, s'il s'agit d'un impératif affirmatif. Elles sont alors toniques, si elles ferment le groupe rythmique :

Regarde-*le* — Regarde-*la* — Appelle-*les*.

Mais : Ne *le* regarde pas, ne *la* regarde pas, ne *les* appelle pas.

425 **Le peut être un pronom neutre.**

a) Il représente l'idée exprimée par un verbe ou par toute une proposition et signifie à peu près : cela :

Il fait beau, je *le* vois — Je désire partir et même je *le* veux, il *le* faut.

b) Il représente toutes sortes d'attributs (construits comme les objets) :

Vous êtes courageux; vous *l'*êtes même beaucoup — Médecin, je *le* suis — Médecins, nous *le* sommes (= **nous sommes cela**). — « Ou vous étiez d'accord, ou vous ne *l'*étiez pas » (*Aux Écoutes*, 29 novembre 1963) **(v. n° 142).**

Le français d'aujourd'hui tend même à employer le dans des cas où un y, complément de lieu, semblerait s'imposer :

« Henri Michaux s'est toujours tenu à l'écart de la vie littéraire, et entend *le* rester » (*Le Monde*, 2 déc. 1965).

c) Il accompagne souvent les expressions telles que : plus que, autre que, moins que, mieux que suivies d'un verbe :

Tu vas mieux que je ne *le* pensais. Il est plus gai qu'il ne *l'*était hier.

(Mais le est naturellement impossible avec être suivi d'un adjectif : Tu travailles plus qu'il *n'est nécessaire.*)

D'ailleurs, ce le disparaît généralement en F.P. :

Tu vas mieux *que je ne pensais.* Il est plus gai *qu'il n'était hier.*

A cet égard, notez les tours courants à la forme négative : A-t-il raison? *Je ne sais pas, je ne crois pas.*
et même parfois à la forme affirmative : A-t-il raison? Oui, *je crois* — *Je sais*, il est mécontent.

425 bis **Le, la n'a pas de valeur précise dans certaines locutions courantes :** Il *le* prend de haut (= **il se montre arrogant**) — Je me *le* tiendrai pour dit (= **je considérerai cela comme un avertissement définitif**) — L'équipe de Rouen *l'*emporte sur celle de Caen (= **triomphe de**) — Nous *l'*avons échappé belle (= **nous avons, de peu, échappé à une catastrophe**) — Celui-là, il *la* connaît (= **c'est un vieux malin, F.P. pop.**) — Je *la* trouve mauvaise (= **je suis mécontent du procédé, F.P. fam.**) — On ne me *la* fait pas (= **on ne me trompe pas ainsi, F.P. fam.**) — Ah! vous me *la* baillez belle! (= **vous me racontez là une belle histoire, F.P. fam.**) — Tu me *la* copieras (= **tu as de singuliers procédés, F.P. pop.**)

426 **Lui, leur, atones, placés immédiatement devant le verbe, sont compléments d'objet indirects :** Je *lui* ai parlé — Je *leur* ai parlé.
Dans cet emploi atone, lui, leur peuvent représenter un masculin ou un féminin.

426 bis **Après un impératif affirmatif, à la fin d'un groupe rythmique, lui et leur portent l'accent tonique :** Parle-*lui* — Parle-*leur*.
Mais : Ne *lui* parle pas, ne *leur* parle pas (**impératifs négatifs**).

N. B. — N'imitez pas le F.P. pop. qui dit lui au lieu de : le lui; leur au lieu de : le leur[1]**; ne dites pas, à propos d'un paquet que vous voulez envoyer à votre frère :** « Je lui enverrai demain. » **Mais :** « Je *le* lui enverrai demain. »
Lui (comme elle, elles) peut être disjoint et tonique (v. n°s 428 et suiv.).

IV. Nous, vous, employés comme conjoints

427 **Nous, vous, conjoints, sont sujets, ou compléments d'objet directs ou indirects, atones s'ils précèdent immédiatement le verbe :**
Nous arrivons — Il *nous* voit — Il *vous* nuit;
mais toniques s'ils le suivent, à la fin d'un groupe rythmique :
Arrivons-*nous*? Aidez-*nous*.

N. B. — Nous, vous peuvent embrasser plusieurs personnes :
Nous peut signifier : moi + toi — ou moi + vous — ou moi + vous + lui (eux, elles), etc.
Vous peut signifier : toi + toi — ou toi + lui (eux, elles, etc.).
Moi ne peut donc être inclus que dans le 1er groupe (= nous).
Nous, vous peuvent être disjoints et toniques (v. n°s 428 et suiv.).

1. Ici encore, le **F.P. pop.** suit les habitudes de l'ancienne langue.

V. Emplois importants de certains pronoms, comme toniques, généralement disjoints

Les pronoms moi/nous — toi/vous — lui, elle/eux, elles (et soi, que nous étudierons à part, nos 438, 439) sont employés, toniques :

428 **a) Comme appositions :**

- **au sujet, exprimé ou non :**

  Moi, je viens. *Moi-même*, je viendrai — Va-t'en, *toi*! — Pierre, *lui*, ne viendra pas.

- **à l'objet direct :**

  On te cherche, *toi* — On la cherche, *elle*.

- **à l'objet indirect :**

  On lui donne, *à lui* — On leur donne, *à eux*.

Le pronom est parfois mis en relief par : quant à, pour :

Quant à moi, je viens — *Pour toi*, va-t'en!

N. B. — Moi, toi, nous, vous, elle(s) toniques, employés devant le verbe, sont repris par les pronoms je, tu, me, te, nous, vous elle(s) :

Toi, tu partiras — *Nous*, ses amis, *nous* l'aiderons[1].

Au contraire, lui, eux, sujets, peuvent se passer de la répétition des pronoms : il, ils :

Lui n'a rien fait — *Eux* ne viendront pas.

Et l'on peut dire, s'il s'agit de compléments indirects :

A toi (*à elle, à eux, à elles*), je ne refuserai rien.

Pour nous autres, vous autres, voir n° 377.

429 **b) Pour ajouter un pronom à un autre sujet ou complément :**

Ma mère *et moi*, nous espérons... — Ta mère *et toi*, vous... — Sa mère *et lui*, ils... — Leur mère *et eux*, ils... — Toi *et moi*, nous... — Eux *et moi*, nous... — Toi *et lui*, vous... — Toi, *lui et nous*, nous... — Vous, *elle et lui*, vous[2]... — Jean *et lui*, je les vois.

430 **c) Comme sujets ou compléments d'un verbe non répété (notamment dans les réponses) :**

Qui parle? — *Moi, toi, lui, eux*, **etc.**
Qui appelle-t-on? — *Moi, toi, lui, eux*, **etc.**
Il part, *et moi* avec lui.

431 **d) Comme exclamatifs :**

Toi ici! — *Lui*, faire ça!

432 **e) Comme compléments de comparaison :**

Il est plus grand *que moi*.

433 **f) Comme sujets d'infinitifs de narration (F.E.) :**

Voilà ce qu'il a dit. *Eux*, de se moquer.

1. Cependant, on trouve, dans le style « officiel » : *Nous*, préfet de la Manche, *ordonnons*...
2. Notez que, dans ces énumérations, le **moi** devra, si l'on veut parler poliment, venir en dernier lieu.

434 **g) Comme sujets d'un participe absolu :**

Lui parti, la réunion fut plus gaie.

435 **h) Enfin, comme compléments d'une préposition :**

Viens *avec moi* — Partez *sans elles* — Cette lettre est bien *de lui*.

436 **N. B. — On emploie ces pronoms après : c'est, ce sera, il reste, il y a, il n'y a que :**

C'est *moi*; *il y a* moi; *il reste, il y a* eux, toi; *il n'y a qu'eux*[1].

Moi, toi, etc., sont parfois attributs : Je suis toujours *moi*.

Rappelons qu'on emploie : moi/nous — toi/nous — le/la/les — lui/leur **après un impératif affirmatif :**

Regarde-*moi*, regarde-*le*, regarde-*les*, donne-*leur* une réponse.

437 **Remarques sur l'emploi de me, te, lui, leur, etc. : (indirects atones) et de à moi, à toi, à lui, à eux, etc. (indirects toniques) :**

Normalement, les pronoms compléments d'objet indirects sont atones, et précèdent immédiatement le verbe :

Tu *m'*obéis — Nous *leur* donnons congé.

Mais certains verbes, de sens intellectuel ou moral, exigant les formes toniques à moi, à toi, à lui, à eux, etc. placées après le verbe :

Je pense *à toi* — Je songe *à vous* — Je crois *à lui* — Je tiens *à elle* — Je renonce *à eux*[2].

C'est la construction obligatoire après tout verbe pronominal :

Je *m'*adresse *à lui* — Je *me* fie *à lui*.

Pour l'emploi de y représentant des personnes, voir n° 443.

Observations :

1. Si le pronom doit avoir une valeur de représentant (et notamment dans les réponses) on trouve souvent, surtout en F.P. fam., y, même avec des verbes pronominaux (voir n° 443 bis) :

Penses-tu à Pierre ? — Oui, j'*y* pense souvent.
Croyez-vous à l'immortalité de l'âme ? — J'*y* crois.
Et moi, tu *y* penses ?
Lui, je ne m'*y* fie pas.

2. On dit au sens propre : Elle *vient à lui;* **mais, au sens figuré :** Il *lui vient* une idée **(forme impersonnelle).**

VI. Pronom personnel réfléchi

438 **Ce pronom, employé comme complément, représente un sujet dont l'action se réfléchit, revient sur lui-même. Il n'a de formes particulières qu'à la 3e personne.**

1. Voir G. Gougenheim, *Système grammatical de la langue française.*
2. On dit : Personne ne fit attention *à elle* — Mais plutôt : « Personne ne *leur* prêta attention. » (H. Troyat, *Les Eygletière*).

Pour la 1re et la 2e personne on emploie :

Me, te, moi, toi, nous, vous, dans les mêmes conditions que lorsqu'ils sont non réfléchis (v. nos 420, 427, 428 et suiv.) :

Je *me* rase — Vous *vous* nuisez — Je t'emmène *avec moi* — Rase-*toi* — Ne *te* rase pas.

Pronom réfléchi de la 3e personne. Les formes sont :

Se (atone, conjoint, objet direct ou objet indirect, singulier et pluriel) :

Paul *se* rase — Ils *se* rasent.

Soi (tonique, disjoint, complément ou apposition généralement au singulier) :

Chacun pour *soi* **(voir n° 439).**

L'adverbe même renforce parfois ces pronoms; mais il s'ajoute à une forme tonique (qui redouble la forme atone) :

Je *me* reprochais à *moi-même* ce grave accident.
On *se* dupe parfois volontairement *soi-même*[1].

439 Remarques sur l'emploi des réfléchis de la 3e personne.

Se donne souvent une valeur passive au verbe pronominal, avec un nom de chose pour sujet :

Ce château *se voit* de loin (= **il est vu, on le voit), v. n° 604.**

Soi, et lui.

D'une manière générale, on emploie lui, eux, elle, elles pour renvoyer à des êtres déterminés :

Il s'attribue la meilleure part, à *lui* — Ce garçon ne pense qu'à *lui* — Ces filles ne pensent qu'à *elles*.

Soi ne renvoie plus guère, aujourd'hui, qu'à un être indéterminé :

Il est honteux de ne penser qu'*à soi* — Il faut parfois penser *à soi* — Le respect *de soi* est toujours nécessaire.

De là son emploi obligatoire pour représenter : on, personne, tout le monde et, moins strictement : chacun, quiconque :

On a souvent besoin d'un plus petit que *soi*.

Après quelqu'un, on trouve souvent lui :

« Si quelqu'un[2] ne voit pas clair en *lui*, c'est toi »
(R. Martin du Gard, *Les Thibault*).

De même après : aucun homme :

Aucun homme ne pense à *lui* en pareil cas.

1. Dans des expressions comme : Il faut faire son lit soi-même; Paul se rase lui-même, le pronom apposé renforce le **sujet**, plutôt que le complément.
2. Si ce quelqu'un désigne une femme on dira : Si quelqu'un ne voit pas clair en soi... (ou : Si une femme ne voit pas clair en elle, ou en elle-même ..)

Avec des indéfinis au pluriel, eux redavient nécessaire : *Quelques-uns, certains* pensent à *eux*, d'abord **(ou plutôt :** *à eux-mêmes*).

Comme représentant de cela, on emploiera soi :

Cela est pénible en *soi* **(Mais :** *La chose* est pénible *en soi*, **ou :** *en elle-même.*) — *Cela* va de *soi.* **(Mais on dit, on écrit :** *La chose* va *de soi* **ou :** va *d'elle-même. Le refus* va *de soi.*)

En dehors de ces cas, l'emploi de soi, au lieu de lui, pour renvoyer à un être déterminé, ou à un pluriel, appartient à un F.E. archaïque et parfois affecté :

Ce joli garçon traîne tous les cœurs *après soi.*

Dans : « Il était enfermé *en soi* » (G. Duhamel. Cité par L. Spitzer, *Le Français moderne*, **oct. 1940), le réfléchi évoque l'idée du Moi, et se justifie par là**[1].

Dans les verbes pronominaux à l'infinitif, dépendant de l'auxiliaire faire, le pronom réfléchi est souvent omis :

Faites-le *asseoir* — Il m'a fait *asseoir.*

De même, en F.P. fam., dans l'expression : Je l'ai envoyé *promener.*
Mais si le verbe à l'infinitif est normalement transitif et non réfléchi, on emploie se pour éviter une équivoque :
Comparez : Il *l'a fait arrêter* (par la police) et : Il *l'a* fait *s'arrêter* (sur la route)[2].

N. B. — Soi-disant signifie, correctement : *se disant, se prétendant* : un visiteur, *soi-disant votre ami* — **Il a pris le sens de :** *prétendu*, **appliqué même aux choses :** votre soi-disant succès.

439 bis **Soi ou soi-même peuvent être sujets :**

Cela semble licite quand c'est *soi* qui le fait.

ou appositions au sujet :

« On est là, *soi* et pas un autre, sur la plate-forme » (Jules Romains, cité par M. Cressot).

Ils peuvent aussi être attributs du sujet :

L'important est de rester *soi-même.*

VII. Pronoms réciproques (nous — vous — se)

440 **Dans :** Nous *nous* battons — Les enfants *se* battent, **les réfléchis ont une valeur réciproque.**

Pour renforcer l'idée de réciprocité, le français ajoute aussi les pronoms : l'un l'autre, les uns les autres, en apposition aux réfléchis :

Ils s'injurient *l'un l'autre* — Ils s'aident *les uns les autres.*

Ou les adverbes mutuellement, réciproquement :

Ils s'aident *mutuellement.*

Enfin, dans certains cas, le verbe pronominal est muni du préfixe entre : Il faut *s'entraider* — Les fils de l'étoffe *s'entrecroisent.*

1. Voir A. Dauzat, *Le Génie de la langue française.*
2. Noté par A.-V. Thomas, *Dictionnaire des difficultés de la langue française.*

VIII. Pronoms adverbiaux : en, y

441 **En, selon son origine latine, a la valeur d'un adverbe de lieu :**

J'étais là-bas; j'*en* viens **(= de là).**

Mais, peu à peu, son emploi s'est largement étendu; il en est venu à représenter un nom de chose (ou même de personne), ou une idée. Placé généralement en position atone, c'est-à-dire devant le verbe, il joue le rôle d'un pronom complément précédé de de : de lui, d'elle, d'eux, de cela.

En peut alors compléter un verbe :

Parler d'un voyage; *en* parler **(objet indirect).**
Jouer du piano; *en* jouer **(instrument).**
Être aimé de ses camarades; *en* être aimé **(agent — voir n° 600).**
Tuer des corbeaux; *en* tuer **(partitif).**

En peut compléter un adjectif :

Être digne de louanges; *en* être digne.
Je suis content que tu sois là; j'*en* suis content **(ici en représente une proposition).**

En peut compléter un adverbe de quantité, un nombre :

Combien as-tu tué de corbeaux? Combien *en* as-tu tué? — J'*en* ai tué dix[1].

Notez à ce propos que en est obligatoire dans les tours :

As-tu un stylo? — Oui, j'*en* ai un. As-tu des livres? — Oui, j'*en* ai — *En* as-tu de plus récents?

La possession exprimée par en ou son, sa, ses. Voir à ce sujet le n° 331.

442 **En sans valeur précise. Voici des locutions courantes où en n'a plus aujourd'hui valeur analysable de pronom ou d'adverbe :**

En vouloir à quelqu'un **(= être fâché contre lui)** — S'*en* prendre à quelqu'un **(= tourner sa colère contre lui)** — S'*en* remettre à quelqu'un **(= lui faire toute confiance pour agir à votre place)** — *En* imposer à quelqu'un **(= l'influencer par le respect ou la crainte[2])** — Je n'*en* puis plus **(= je suis à bout de forces)** — Il *en* tient pour elle **(= il a pour elle un penchant certain)**; mais elle lui *en* fait voir! ou : elle lui *en* fait voir de toutes les couleurs **(= elle l'abuse, le malmène de toutes les façons)** — Je m'*en* vais — Il *en* va de même pour vous et moi **(= notre situation est la même)** — Ne t'*en* fais pas **(= ne te fais pas de souci — F.P. pop.), etc.**

1. De même : *Il en est venu beaucoup* — *Il en reste deux* — Mais on dira (si **beaucoup** ou le **nombre** sont construits comme sujets) : *Beaucoup* sont venus — *deux* restent.
2. L'Académie recommande en ce sens : *imposer* à quelqu'un (cf. l'adj. *imposant*) — *En imposer à* signifie, dit-elle, tromper (cf. l'*imposteur*) — Mais le **F.P.** et même le **F. E.** ignorent aujourd'hui la première construction, devenue archaïque.

443 **Y, comme en, vient d'un adverbe de lieu latin et signifie là :**

Vas-tu là-bas? — J'*y* vais.

Il joue aussi le rôle d'un pronom complément précédé de à. Mais il ne représente guère que des choses ou des idées :

Et ton roman? — J'*y* travaille — Cette lettre, il faut *y* répondre. Pensez-vous à me remettre votre rapport? — Oui, j'*y* pense — La foi de mes pères, j'*y* suis fidèle.

On distinguera donc : Cette entreprise, j'*y* prêterai la main; **et :** Cet enfant, je *lui* donnerai la main.

Cependant, on emploie souvent lui pour y; ainsi Montherlant, dans son discours de réception à l'Académie française, a écrit : « Je ferais bien de *lui* mettre au moins une péroraison », *lui* **représentant ici le discours.**

Et, d'autre part, on trouve (dans les réponses, par exemple) y représentant les personnes, dans des cas où la construction ne permet pas un lui atone : Pensez-vous à votre mère? — Oui, j'*y* pense.

Y sans valeur précise.

444 **Voici quelques locutions courantes où y a perdu toute valeur précise de pronom ou d'adverbe :**

Il y a des gens dévoués — *Il y va* de ta vie (= **ta vie est en danger**) — J'y vois; j'*y* vois clair — Il s'*y* entend, il s'*y* connaît (= **il est habile, compétent**) — Vous vous *y* prenez bien, ou mal (= **vous procédez avec adresse, ou maladresse**) — N'*y* revenez pas (= **ne recommencez pas ce mauvais tour**) — Regardez-*y* à deux fois avant d'agir (= **réfléchissez bien**) — Je n'*y* suis pour rien (= **je ne suis pas responsable de cela**) etc.

PLACE DES PRONOMS PERSONNELS MULTIPLES, COMPLÉMENTS

445 **Le tableau suivant rend compte des places respectives occupées, dans une même proposition, par deux pronoms atones, selon leurs fonctions :**

1. dans une phrase affirmative, à un mode autre que l'impératif;
2. dans une phrase négative, à tous les modes.

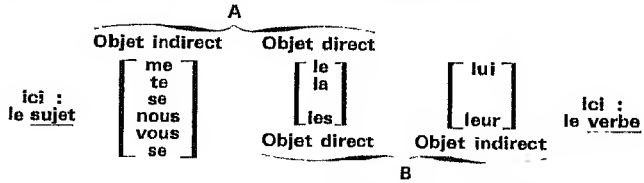

Exemples : A. Jean *te les* donne — **B.** Jean *les leur* donne.

On peut ajouter au tableau ci-dessus quelques remarquee :

1er cas :

446 **Il y a un seul pronom de la 3e parsonne, non réfléchi.**

a) S'il est objet direct (A), on le met juste devant le verbe, et l'autre pronom le précède. Les deux pronoms sont atones :

On *te le* présente — Ne *me le* présente pas.
On *nous les* présente — Ne *nous les* présente pas.

b) S'il est objet indirect, le pronom de la 3e personne est mis après le verbe et devient tonique :

On *te* présente *à lui* — Ne *te* présente pas *à lui.*
On *nous* présente *à eux* — Ne *vous* présentez pas *à eux.*

2e cas :

447 **Les deux pronoms (non réfléchis) sont de la 3e personne (B).**

Ils sont tous deux atones devant le verbe. L'objet direct vient le premier. L'objet indirect est placé le plus près du verbe :

On *le lui* présente — Ne *le lui* présente pas.
On *les leur* présente[1] — Ne *les leur* présente pas.

(N. B. — Y et en viennent toujours à la fin de la série, immédietement avant le verbe : Elle *lui en* donnera — « Pour moi je n'*y en* attache aucune » (= **eucune impcrtance, à ces affaires de bourse).** [Napoléon Ier, lettre à Savary].
Alors les pronoms de la 1re colonne peuvent être objets directs :
Elle *t*'en prie — Nous *nous* y appliquons.)

3e cas :

448 **Il n'y a pas de pronom de la 3e personne :**

Le pronom objet direct est atone, devant le verbe; l'objet indirect, tonique, prend place après le verbe :

On *te* présente *à moi* — On *vous* présente *à nous.*

449 **N. B. — Dans une phrase à l'impératif affirmatif, les deux pronoms sont mis après le verbe dans l'ordre : objet direct, objet indirect. Le dernier porte l'eccent :**

a) Présente-*le-moi.* b) Présente-*le-lui.* c) Présente-*toi à moi.*

4e cas :

449 bis **se (réfléchi) :**

Objet indirect : Il *se le* représente.
Objet direct : Il *se* présente *à moi, à lui.*

449 ter **N. B. — Avec en, on dira :** J'aime les confitures; donnez-*m'en*[2]. Ils veulent des confitures? Donnez-*leur-en.*

1. Vous entendrez, dans le **F.P. très pop. :** Je *lui le* présente. Construction **à éviter** absolument.
2. Le **F.P. très pop.** tend, ici, à accentuer le premier pronom en disant : *Donnez-moi*-z'en

450 **N. B. — a) On dit parfois en F.P. fam. :** Présente-*nous-le*, **aussi bien que :** Présente-*le-nous*. **Mais on évitera de dire :** Présente-*moi-le*.

b) Cas de l'infinitif amené par l'un des verbes laisser, faire, envoyer, ou par des verbes exprimant une opération des sens : voir, entendre, etc. — Les pronoms compléments se placent non pas avant l'infinitif, mais avant le verbe qui amène cet infinitif :

Je *le fais* venir — Je *le leur fais* donner — Je ne *le leur fais* pas donner — Je *les vois* passer.

Mais à l'impératif affirmetif on dira : *Fais-le* venir — *Fais-le-leur* donner — *Entends-le* crier.

EXTENSION D'EMPLOI DES PRONOMS PERSONNELS

451 « Vous » dans un sens général (v. n° 367)

Ces gens-là, si *vous* les rencontrez sur votre chemin, *vous* n'avez qu'à fuir bien vite — « Je ne connais rien de plus ennuyeux que de sentir la pluie *vous* dégouliner dans le dos. » (R. Nimier, *Le Hussard bleu*) — On l'aide, il *vous* en veut.

Le « vous » de politesse

452 **Comme nous l'avons vu, n° 316, votre, vos s'emploient souvent par politesse ou pour marquer la distance sociale, au lieu de ton, ta, tes — Vous s'emploie dans les mêmes conditions, au lieu de tu[1] ; l'adjectif attribut se met alors au singulier :**

Vous êtes *satisfait*, *satisfaite*.

L'emploi de la 3e personne (avec un nom sujet, pour désigner celui ou calle à qui l'on parle) est plus rare — il est réservé :

a) dans certaines meisons, au maître, à la maîtresse, à un visiteur, auxquels s'adresse le domestique : Si *Monsieur* veut me donner son manteau... — *Madame* est servie.

b) à des princes, à des monarques, ou au pape :

Votre Majesté permet-*Elle*...? — J'implore *Votre Sainteté* pour qu'*Elle* m'accorde *Sa* bénédiction apostolique.

Le « nous » de « majesté » ou de « modestie »

453 **Nous avons vu encore, au n° 317, que la première personne du pluriel peut représenter :**

a) un personnage ayant autorité :

Nous, Président de la République, décrétons...

1. C'est ce qu'on appelle, en **F.P.**, le **vouvoiement**, par analogie avec **tutoiement** — En **F.E.** on dit aussi **vousoiement**.

b) ou un auteur présentant son ouvrage :

Nous avons tenté, dans ce livre...

Comme après le vous de politesse, l'adjectif attribut se met au singulier, dans les deux cas :

Nous sommes *décidé* à ... — Nous sommes *prêt* à accueillir....

N. B. — On trouve parfois le nom propre employé pour « je », comme sujet d'un verbe à la 3e personne. C'est une sorte de formule d'autorespect. Langue classique : « Pauline a l'âme noble et parle à cœur ouvert » (Corneille, *Polyeucte*); **et, de nos jours :** « Ce qui arrivera quand de Gaulle aura disparu ... » (Général de Gaulle, *Conférence du 25 mai 1962*).

454 **Nous, pour : tu (vous), il ou elle, ils ou elles, F.P. fam.**

Avons-*nous* été sage? **dira-t-on à un petit garçon ou à une petite fille (= tu).**

Il faut se montrer sévère, car *nous* n'avons pas été sages, **dira-t-on en parlant des enfants (= il, ils).**

455 **On, pour : tu (vous), nous, il ou elle, ils ou elles, F.P. fam. (v. n° 367) :**

Alors, *on* est content, contente, contents, contentes? **(= tu, vous)**

J'ai puni, car *on* n'a pas été sage (sages) **(= il, ils).**

Nous, *on* n'est pas contents **(F.P. pop.) (= nous).**

Pronoms compléments d'intérêt (ou explétifs)

456 **On les trouve dans des phrases comme :** Pour faire cet entremets, vous *me* prenez deux œufs bien frais, vous *me* les battez en neige... **ou :** On a jugé le malheureux et on *vous* l'a condamné à la prison perpétuelle — **ou (F.P. pop.) :** Je *te* l'ai pris par la peau du cou et je *te* l'ai mis dehors.

Les pronoms me, vous, te soulignent l'action plus vigoureusement, comme si les personnes qu'ils représentent y prenaient un intérêt particulier.

N. B. — Dans le F.P. du Midi, vous entendrez parfois : Il *se* mange une orange, **tour que le français commun ignore.**

RÉPÉTITION DU PRONOM PERSONNEL SUJET

457 **Elle obéit à des usages semblables à ceux qui règlent la répétition des relatifs (voir n° 405) :**

a) Le F.P. tend à répéter le pronom sujet ou complément :

Nous accueillerons, *nous* logerons et *nous* habillerons les réfugiés.

Nous les accueillerons, *nous* les logerons et *nous* les habillerons.

b) Le F.E. tolère mieux la non-répétition du pronom personnel :

Ils *les* accueillirent, *les* logèrent, *les* habillèrent.

Et même : Ils *les* accueillirent, logèrent et habillèrent. **Mais la répétition permet souvent de mettre en relief les propositions coordonnées ou juxtaposées :**

Ils les accueillirent, *ils les* logèrent, *ils les* habillèrent — **Surtout avec mais :** *Ils les* blâmèrent, *mais ils les* protégèrent.

458 **c) Avec ni, la non-répétition du pronom sujet est, dans la langue courante, la construction correcte :** Il *ne* boit *ni* ne mange.

Mais, en F.E., plusieurs ni peuvent être symétriquement employés :

Ni il ne l'approuva, *ni* il ne le défendit.

INVERSION DU PRONOM PERSONNEL (615 et suiv.).

Inversion a) du pronom sujet (postposition).

459 **Elle est régulière :**

1. dans l'interrogation directe simple : Vient-*il*? **ou complexe (si le sujet est un nom) :** Paul vient-*il*? **(v. n°s 817, 818 et *Remarque* p. 381).**

2. après ainsi, à peine, aussi (= c'est pourquoi), du moins, encore (= mais je dois préciser que), en vain, peut-être[1], toujours (dans : *toujours est-il que* **= en tout cas) surtout en F.E. :**

A peine eut-il accepté qu'il le regretta — Les enfants étaient en retard; *aussi la mère était-elle* inquiète — Je veux bien vous aider; *encore faut-il* que vous y mettiez du vôtre[2] — Je ne sais s'il est fâché ou malade; *toujours est-il* que je ne le vois plus.

3. dans les propositions intercalées (ou incises) :

Oui, dit-*il*[3], j'y serai.

b) du pronom tonique complément (antéposition)

460 **L'antéposition n'est possible, sans reprise par un autre pronom personnel, qu'avec un complément indirect :** *A lui* je donne un livre.

Mais on dira, après un objet direct antéposé, en reprenant le pronom sous sa forme atone : *Lui*, je *le* récompense **(v. n° 428).**

Un tour notable[4] est l'emploi du pronom tonique placé entre une préposition (surtout à) et un participe :

« Son lit — c'est-à-dire la bande de paille *à lui* réservée... » (Barbusse, *Le Feu*) — Cette mission, *à moi* confiée par mes supérieurs... — Cette erreur, *par moi* découverte dans vos comptes...

C'est un tour du F.E. qui permet de rapprocher le verbe du complément d'agent ou du complément circonstanciel. Tour plus fréquent dans le style administratif ou juridique.

1. **Peut-être que, F. P.** n'entraîne pas l'inversion : Peut-être qu'il viendra.
2. Et non : faut-il encore, tour où l'inversion n'est plus justifiée.
3. Le **F. P.** répugne à ce genre d'inversion.
4. Etudié par R. Le Bidois (*Le Monde*, 12 septembre 1962).

LA SPHÈRE DU VERBE

461 AVOIR

INDICATIF ET CONDITIONNEL[1]

Présent	Passé composé	Présent	Passé
J'ai	J'ai eu	J'aurais	J'aurais eu[2]
Tu as	Tu as eu	Tu aurais	Tu aurais eu
Il a	Il a eu	Il aurait	Il aurait eu
Nous avons	Nous avons eu	Nous aurions	Nous aurions eu
Vous avez	Vous avez eu	Vous auriez	Vous auriez eu
Ils ont	Ils ont eu	Ils auraient	Ils auraient eu
Futur	**Futur antérieur**		
J'aurai	J'aurai eu		
Tu auras	Tu auras eu		
Il aura	Il aura eu		
Nous aurons	Nous aurons eu		
Vous aurez	Vous aurez eu		
Ils auront	Ils auront eu		
Imparfait	**Plus-que-parfait**		
J'avais	J'avais eu		
Tu avais	Tu avais eu		
Il avait	Il avait eu		
Nous avions	Nous avions eu		
Vous aviez	Vous aviez eu		
Ils avaient	Ils avaient eu		
Passé simple	**Passé antérieur**		
J'eus	J'eus eu		
Tu eus	Tu eus eu		
Il eut	Il eut eu		
Nous eûmes	Nous eûmes eu		
Vous eûtes	Vous eûtes eu		
Ils eurent	Ils eurent eu		

SUBJONCTIF

Présent	Passé
Que j'aie	Que j'aie eu
Que tu aies	Que tu aies eu
Qu'il ait	Qu'il ait eu
Que nous ayons	Que nous ayons eu
Que vous ayez	Que vous ayez eu
Qu'ils aient	Qu'ils aient eu
Imparfait	**Plus-que-parfait**
Que j'eusse	Que j'eusse eu
Que tu eusses	Que tu eusses eu
Qu'il eût	Qu'il eût eu
Que nous eussions	Que nous eussions eu
Que vous eussiez	Que vous eussiez eu
Qu'ils eussent	Qu'ils eussent eu

IMPÉRATIF

Présent

Aie
Ayons
Ayez

INFINITIF

Présent	Passé
Avoir	Avoir eu

PARTICIPE

Présent	Passé
Ayant	Ayant eu

1. Le conditionnel est souvent classé aujourd'hui parmi les formes de l'indicatif (voir n° 470, note).
2. ou : j'eusse eu (**F. E.**) ; voir le plus-que-parfait du subjonctif.

462 ÊTRE

INDICATIF ET

Présent	Passé composé
Je suis	J'ai été
Tu es	Tu as été
Il est	Il a été
Nous sommes	Nous avons été
Vous êtes	Vous avez été
Ils sont	Ils ont été

Futur	Futur antérieur
Je serai	J'aurai été
Tu seras	Tu auras été
Il sera	Il aura été
Nous serons	Nous aurons été
Vous serez	Vous aurez été
Ils seront	Ils auront été

Imparfait	Plus-que-parfait
J'étais	J'avais été
Tu étais	Tu avais été
Il était	Il avait été
Nous étions	Nous avions été
Vous étiez	Vous aviez été
Ils étaient	Ils avaient été

Passé simple	Passé antérieur
Je fus	J'eus été
Tu fus	Tu eus été
Il fut	Il eut été
Nous fûmes	Nous eûmes été
Vous fûtes	Vous eûtes été
Ils furent	Ils eurent été

CONDITIONNEL

Présent	Passé
Je serais	J'aurais été[1]
Tu serais	Tu aurais été
Il serait	Il aurait été
Nous serions	Nous aurions été
Vous seriez	Vous auriez été
Ils seraient	Ils auraient été

SUBJONCTIF

Présent	Passé
Que je sois	Que j'aie été
Que tu sois	Que tu aies été
Qu'il soit	Qu'il ait été
Que nous soyons	Que nous ayons été
Que vous soyez	Que vous ayez été
Qu'ils soient	Qu'ils aient été

Imparfait	Plus-que-parfait
Que je fusse	Que j'eusse été
Que tu fusses	Que tu eusses été
Qu'il fût	Qu'il eût été
Que nous fussions	Que nous eussions été
Que vous fussiez	Que vous eussiez été
Qu'ils fussent	Qu'ils eussent été

IMPÉRATIF

Présent

Sois
Soyons
Soyez

INFINITIF

Présent	Passé
Être	Avoir été

PARTICIPE

Présent	Passé
Étant	Ayant été

1. ou : j'eusse été **(F. E.)** ; voir le plus-que-parfait du subjonctif.

463 PARLER (Verbe type du 1er groupe)

INDICATIF ET CONDITIONNEL

Présent	Passé composé[1]	Présent	Passé
Je parle	J'ai parlé	Je parlerais	J'aurais parlé[2]
Tu parles	Tu as parlé	Tu parlerais	Tu aurais parlé
Il parle	Il a parlé	Il parlerait	Il aurait parlé
Nous parlons	Nous avons parlé	Nous parlerions	Nous aurions parlé
Vous parlez	Vous avez parlé	Vous parleriez	Vous auriez parlé
Ils parlent	Ils ont parlé	Ils parleraient	Ils auraient parlé

Futur	Futur antérieur
Je parlerai	J'aurai parlé
Tu parleras	Tu auras parlé
Il parlera	Il aura parlé
Nous parlerons	Nous aurons parlé
Vous parlerez	Vous aurez parlé
Ils parleront	Ils auront parlé

Imparfait	Plus-que-parfait
Je parlais	J'avais parlé
Tu parlais	Tu avais parlé
Il parlait	Il avait parlé
Nous parlions	Nous avions parlé
Vous parliez	Vous aviez parlé
Ils parlaient	Ils avaient parlé

Passé simple	Passé antérieur
Je parlai	J'eus parlé
Tu parlas	Tu eus parlé
Il parla	Il eut parlé
Nous parlâmes	Nous eûmes parlé
Vous parlâtes	Vous eûtes parlé
Ils parlèrent	Ils eurent parlé

SUBJONCTIF

Présent	Passé
Que je parle	Que j'aie parlé
Que tu parles	Que tu aies parlé
Qu'il parle	Qu'il ait parlé
Que nous parlions	Que nous ayons parlé
Que vous parliez	Que vous ayez parlé
Qu'ils parlent	Qu'ils aient parlé

Imparfait	Plus-que-parfait
Que je parlasse	Que j'eusse parlé
Que tu parlasses	Que tu eusses parlé
Qu'il parlât	Qu'il eût parlé
Que nous parlassions	Que nous eussions parlé
Que vous parlassiez	Que vous eussiez parlé
Qu'ils parlassent	Qu'ils eussent parlé

IMPÉRATIF

Présent	Passé
Parle	Aie parlé
Parlons	Ayons parlé
Parlez	Ayez parlé

INFINITIF

Présent	Passé
Parler	Avoir parlé

PARTICIPE

Présent	Passé
Parlant	Ayant parlé Parlé

1 Il existe aussi des **temps surcomposés** : (quand) j'ai eu parlé, j'aurais eu parlé, etc.; voir nos 493 à 495.
2 ou : j'eusse parlé (**F. E.**); voir le plus-que-parfait du subjonctif

464 FINIR (verbe type du 2e groupe)

INDICATIF ET CONDITIONNEL

Présent	Passé composé[1]	Présent	Passé
Je finis	J'ai fini	Je finirais	J'aurais fini[2]
Tu finis	Tu as fini	Tu finirais	Tu aurais fini
Il finit	Il a fini	Il finirait	Il aurait fini
Nous finissons	Nous avons fini	Nous finirions	Nous aurions fini
Vous finissez	Vous avez fini	Vous finiriez	Vous auriez fini
Ils finissent	Ils ont fini	Ils finiraient	Ils anraient fini
Futur	**Futur antérieur**		
Je finirai	J'aurai fini		
Tu finiras	Tu auras fini		
Il finira	Il aura fini		
Nous finirons	Nous aurons fini		
Vous finirez	Vous aurez fini		
Ils finiront	Ils auront fini		
Imparfait	**Plus-que-parfait**		
Je finissais	J'avais fini		
Tu finissais	Tu avais fini		
Il finissait	Il avait fini		
Nous finissions	Nous avions fini		
Vous finissiez	Vous aviez fini		
Ils finissaient	Ils avaient fini		
Passé simple	**Passé antérieur**		
Je finis	J'eus fini		
Tu finis	Tu eus fini		
Il finit	Il eut fini		
Nous finîmes	Nous eûmes fini		
Vous finîtes	Vous eûtes fini		
Ils finirent	Ils eurent fini		

SUBJONCTIF

Présent	Passé
Que je finisse	Que j'aie fini
Que tu finisses	Que tu aies fini
Qu'il finisse	Qu'il ait fini
Que nous finissions	Que nous ayons fini
Que vous finissiez	Que vous ayez fini
Qu'ils finissent	Qu'ils aient fini
Imparfait	**Plus-que-parfait**
Que je finisse	Que j'eusse fini
Que tu finisses	Que tu eusses fini
Qu'il finît	Qu'il eût fini
Que nous finissions	Que nous eussions fini
Que vous finissiez	Que vous eussiez fini
Qu'ils finissent	Qu'ils eussent fini

IMPÉRATIF

Présent	Passé
Finis	Aie fini
Finissons	Ayons fini
Finissez	Ayez fini

INFINITIF

Présent	Passé
Finir	Avoir fini

PARTICIPE

Présent	Passé
Finissant	Ayant fini Fini

1. Pour les **temps surcomposés** (quand j'ai eu fini, etc.) voir nos 493 à 495.
2. ou . j'eusse fini **(F. E.)**; voir le plus-que-parfait du subjonctif.

AFFIRMATION — NÉGATION — INTERROGATION

465

PARLER (voix active)			SE LAVER (voix pronominale)		
Présent	**Passé composé**	**Impératif**	**Présent**	**Passé composé**	**Impératif**
AFFIRMATION					
Je parle	J'ai parlé	Parle	*Je me* lave	*Je me* suis lavé	Lave-*toi*
Tu parles	Tu as parlé	Parlons	*Tu te* laves	*Tu t'*es lavé	Lavons-*nous*
etc.	etc.	Parlez	etc.	etc.	Lavez *vous*
NÉGATION					
Je *ne* parle *pas*	Je *n'*ai *pas* parlé	*Ne* parle *pas*	Je *ne* me lave *pas*	Je *ne* me suis *pas* lavé	*Ne* te lave *pas*
Tu *ne* parles *pas*	Tu *n'*as *pas* parlé	*Ne* parlez *pas*	Tu *ne* te laves *pas*	Tu *ne* t'es *pas* lavé	*Ne* nous lavons *pas*
etc.	etc.	*Ne* parlons *pas*	etc.	etc.	*Ne* vous lavez *pas*
INTERROGATION					
Est-ce que je parle?*	Ai-*je* parlé?		*Est-ce que* je me lave?	*Me* suis-*je* lavé?	
Parles-*tu?*	As-*tu* parlé?		Te laves-*tu?*	*T'*es-*tu* lavé?	
Parle-*t-il?*	A-*t-il* parlé?		Se lave-t-*il?*	*S'*est-*il* lavé?	
Parlons-*nous?*	Avons-*nous* parlé?		Nous lavons-*nous?*	*Nous* sommes-*nous* lavés?	
Parlez-*vous?*	Avez-*vous* parlé?		Vous lavez-*vous?*	*Vous* êtes-*vous* lavés?	
Parlent-*ils?*	Ont-*ils* parlé?		Se lavent-*ils?*	*Se* sont-*ils* lavés?	
*La forme *parlé-je?* est très rare.					
INTERROGATION NÉGATIVE					
Est-ce que je ne parle pas?	*N'*ai-je *pas* parlé?		*Est-ce que* je *ne* me lave *pas?*	*Ne* me suis-je *pas* lavé?	
Ne parles-tu *pas?* etc.	*N'*as-tu *pas* parlé? etc.		*Ne* te laves-tu *pas?* etc.	*Ne* t'es-tu *pas* lavé? etc.	

466

VOIX PASSIVE

Le passif se forme, pour tous les temps, au moyen :
a) de l'auxiliaire être que l'on met lui-même au temps voulu — b) du participe passé du verbe à conjuguer :
Présent de l'indicatif : Je *suis* aimé — **Imparfait de l'indicatif :** J'*étais* aimé — **Passé composé :** J'*ai été* aimé — **Subjonctif présent :** Que je *sois* aimé — **Infinitif passé :** *Avoir été* aimé, **etc.**

467 CONJUGAISON DE QUELQUES VERBES PARTICULIERS EN -ER[1]

Remarques sur la conjugaison de ces verbes

I. **Les verbes contenant un e muet à l'avant-dernière syllabe de l'infinitif changent cet e muet en e ouvert (marqué par un eccent grave) devant une syllabe muette** : il mène; il mènera.

II. **Les verbes en -eler, -eter offrent un cas perticulier. Certains d'entre eux marquent l'ouverture de l'e devant une syllabe muette par un accent grave (j'achète — je pèlerai) — D'autres, plus nombreux, redoublent l ou t (je jette, j'appellerai). Consulter un dictionnaire.**

N. B. — Lss verbes dont l'avant-dernière syllebe (à l'infinitif) contient un é fermé ouvrent cet é en è devant une syllebe finale contenant un e muet : répéter — il répète. Mais : il répétera.

III. **Les verbes en -ayer peuvent maintenir l'y à toutes les formee — Les verbes en -oyer, -uyer le remplecent toujours par i devent un e muet :** je paye ou je paie — je nettoie, j'essuie.

IV. **Les verbes en -cer prennent une cédille devant a et o pour maintenir le son s à la lettre c** : nous commençons.

Les verbes en -ger prennent un e devant a et o pour maintenir le son j [ʒ] à le lettre g : nous mangeons.

	Indicatif présent		Futur	Imparfait	Passé composé	Passé simple	Subjonctif présent	Part. présent
MENER	Je mène Tu mènes Il mène	Nous menons Vous menez Ils mènent	Je mènerai...	Je menais...	J'ai mené	Je menai...	Que je mène... Que nous menions...	Menant
ACHETER	J'achète Tu achètes Il achète	Nous achetons Vous achetez Ils achètent	J'achèterai...	J'achetais...	J'ai acheté	J'achetai ...	Que j'achète... Que nous achetions...	Achetant
JETER	Je jette Tu jettes Il jette	Nous jetons Vous jetez Ils jettent	Je jetterai...	Je jetais...	J'ai jeté	Je jetai...	Que je jette... Que nous jetions...	Jetant
PELER	Je pèle Tu pèles Il pèle	Nous pelons Vous pelez Ils pèlent	Je pèlerai...	Je pelais..	J'ai pelé	Je pelai...	Que je pèle... Que nous pelions...	Pelant
APPELER	J'appelle Tu appelles Il appelle	Nous appelons Vous appelez Ils appellent	J'appellerai...	J'appelais...	J'ai appelé	J'appelai...	Que j'appelle... Que nous appelions...	Appelant
BALAYER	Je balaie Tu balaies Il balaie ou : Je balaye Tu balayes Il balaye, etc.	Nous balayons Vous balayez Ils balaient	Je balaierai... ou Je balayerai...	Je balayais...	J'ai balayé	Je balayai...	Que je balaie... (ou Que je balaye) Que nous balayions...	Balayant
NETTOYER	Je nettoie Tu nettoies Il nettoie	Nous nettoyons Vous nettoyez Ils nettoient	Je nettoierai...	Je nettoyais...	J'ai nettoyé	Je nettoyai...	Que je nettoie... Que nous nettoyions...	Nettoyant
ESSUYER	J'essuie Tu essuies Il essuie	Nous essuyons Vous essuyez Ils essuient	J'essuierai...	J'essuyais...	J'ai essuyé	J'essuyai...	Que j'essuie... Que nous essuyions...	Essuyant
COMMENCER	Je commence Tu commences Il commence	Nous commençons Vous commencez Ils commencent	Je commencerai...	Je commençais...	J'ai commencé	Je commençai	Que je commence... Que nous commencions	Commençant
MANGER	Je mange Tu manges Il mange	Nous mangeons Vous mangez Ils mangent	Je mangerai...	Je mangeais...	J'ai mangé	Je mangeai...	Que je mange... Que nous mangions...	Mangeant

1. Rappelons que, pratiquement, le **condit. présent** se forme à partir du **futur**; le **subjonctif imparfait**, à partir du **passé simple**; et **l'impératif**, généralement, à partir de **l'indicatif présent**.

468 3e GROUPE — VERBES DITS IRRÉGULIERS

(Voir aussi pages 228 à 230).

	Indicatif présent	Futur	Imparfait	Passé composé	Passé simple	Subjonctif présent	Perticipe présent
ABSOUDRE[1] (comme *résoudre*)				(Lui, je l'ai absous*) (Elle, je l'ai absoute*)	Inusité		
ACCROÎTRE (comme *croître*)				(J'ai accr*u**... sans accent circonflexe)			
ACQUÉRIR	J'acquiers... Il acquiert Nous acquérons... Ils acquièrent	J'acquerrai...	J'acquérais...	J'ai acquis...	J'acquis...	Que j'acquière... Que nous acquérions Qu'ils acquièrent	Acquérant
ALLER[2]	Je vais Tu vas Il va Nous allons Vous allez Ils vont	J'irai...	J'allais...	Je suis allé	J'allai...	Que j'aille... Que nous allions Qu'ils aillent	Allant
APPARAÎTRE (comme *paraître*)				(Plutôt : Je *suis* apparu*)			
ASSAILLIR	J'assaille Nous assaillons Ils assaillent	J'assaillirai...	J'assaillais...	J'ai assailli...	J'assaillis...	Que j'assaille...	Assaillant
ASSEOIR (voir *seoir*)	J'assieds... Il assied Nous asseyons Ils asseyent	J'assiérai...	J'asseyais...	J'ai assis...	J'assis...	Que j'asseye...	Asseyant
ou	J'assois... ou Il assoit Nous assoyons Ils assoient	J'assoirai.. ou	J'assoyais		ou	Que j'assoie... ou	Assoyant

* Forme différente du verbe type.
1. N'a pas de passé simple.
2. Pour l'impératif, voir n° 476.

	Indicatif présent	Futur	Imparfait	Passé composé	Passé simple	Subjonctif présent	Participe présent
BATTRE	Je bats Il bat Nous battons...	Je battrai...	Je battais...	J'ai battu...	Je battis...	Que je batte...	Battant
BOIRE	Je bois... Il boit Nous buvons Ils boivent	Je boirai...	Je buvais...	J'ai bu...	Je bus...	Que je boive... Que nous buvions Que vous buviez Qu'ils boivent	Buvant
BOUILLIR	Je bous... Il bout Nous bouillons Ils bouillent	Je bouillirai ...	Je bouillais...	J'ai bouilli...	Je bouillis...	Que je bouille...	Bouillant
BRAIRE	Il brait Ils braient	Il braira...	Il brayait...	Il a brait...		Qu'il braie...	Brayant
BRUIRE	Il bruit Ils bruissent		Il bruissait...				Bruissant (*Bruyant* est adjectif)
CHOIR[1]	Il choit...	Il choira (ou cherra... forme archaïque)			Il chut...		
CIRCONCIRE	Je circoncis Nous circoncisons...	Je circoncirai...	Je circoncisais	J'ai circoncis...	Je circoncis...	Que je circoncise...	Circoncisant
CIRCONVENIR (comme *venir*)				(J'*ai* circonvenu*...)			
CLORE	Je clos Il clôt Nous closons...	Je clorai...		J'ai clos...		Que je close...	

* Forme différente du verbe type.
1. Beaucoup de formes de ce verbe sont inusitées; le participe *chu* (= tombé) se lit encore quelquefois

	Indicatif présent	Futur	Imparfait	Passé composé	Passé simple	Subjonctif présent	Participe présent
CONCLURE	Je conclus Il conclut Nous concluons...	Je conclurai...	Je concluais...	J'ai conclu...	Je conclus...	Que je conclue...	Concluant
CONDUIRE	Je conduis... Il conduit... Nous conduisons...	Je conduirai...	Je conduisais...	J'ai conduit...	Je conduisis...	Que je conduise...	Conduisant
CONFIRE	Je confis Il confit Nous confisons...	Je confirai...	Je confisais...	J'ai confit...	Je confis...	Que je confise...	Confisant
CONNAÎTRE	Je connais Il connaît Nous connaissons...	Je connaîtrai...	Je connaissais...	J'ai connu...	Je connus...	Que je connaisse...	Connaissant
CONTREDIRE (comme *dire*)	(Vous contredisez*...)						
CONTREVENIR (comme *venir*)				(J'*ai* contrevenu*...)			
CONVENIR (comme *venir*)				(Ce livre m'*a* convenu* Nous *sommes* convenus de nous consulter)			
COUDRE	Je couds Il coud Nous cousons...	Je coudrai...	Je cousais...	J'ai cousu...	Je cousis...	Que je couse...	Cousant

* Forme différente du verbe type.

	Indicatif présent	Futur	Imparfait	Passé composé	Passé simple	Subjonctif présent	Participe présent
COURIR (mais : chasse à *courre*[1])	Je cours Il court Nous courons...	Je courrai...	Je courais...	J'ai couru...	Je courus...	Que je coure...	Courant
CRAINDRE	Je crains Il craint Nous craignons...	Je craindrai...	Je craignais...	J'ai craint...	Je craignis...	Que je craigne...	Craignant
CROIRE	Je crois Il croit Nous croyons Ils croient	Je croirai...	Je croyais...	J'ai cru...	Je crus Il crut...	Que je croie...	Croyant
CROÎTRE	Je *crois* Il *croît* Nous croissons...	Je croîtrai...	Je croissais	J'ai *crû*...	Je crûs...	Que je croisse...	Croissant
CUEILLIR	Je cueille Il cueille Nous cueillons...	Je cueillerai...	Je cueillais...	J'ai cueilli...	Je cueillis...	Que je cueille...	Cueillant
DÉCHOIR	Je déchois Il déchoit Nous déchoyons...	Je déchoirai...		J'*ai* déchu... (action) Je *suis* déchu... (état)	Je déchus...	Que je déchoie...	
DÉCROÎTRE (comme *croître*)				(J'ai *décru**... sans accent circonflexe)			
DEVOIR	Je dois Il doit Nous devons...	Je devrai...	Je devais...	J'ai *dû*...	Je dus...	Que je doive Que nous devions Que vous deviez Qu'ils doivent	Devant

* Forme différente du verbe type.
1. Infinitif archaïque.

	Indicatif présent	Futur	Imparfait	Passé composé	Passé simple	Subjonctif présent	Participe présent
DIRE	Je dis... Nous disons... Vous dites...	Je dirai...	Je disais...	J'ai dit...	Je dis...	Que je dise...	Disant
DISCONVENIR[1] (comme *venir*)				(Je n'*ai* pas disconvenu*...)			
DISSOUDRE[2] (comme *résoudre*)				(Je l'ai *dissous**, Je l'ai *dissoute**)	inusité		
DORMIR	Je dors Il dort Nous dormons Ils dorment	Je dormirai...	Je dormais...	J'ai dormi...	Je dormis...	Que je dorme...	Dormant
ÉCHOIR[3]	Il échoit Ils échoient	Il échoira (ou : il écherra)		Il est échu	Il échut	Qu'il échoie	Échéant (*le cas échéant*)
ÉCLORE	Il éclôt Ils éclosent	Il éclora		Il est éclos		Qu'il éclose...	
ÉCRIRE	J'écris Il écrit Nous écrivons Ils écrivent	J'écrirai...	J'écrivais...	J'ai écrit...	J'écrivis...	Que j'écrive...	Écrivant
ÉMOUVOIR (comme *mouvoir*)				(J'ai ém*u**... sans accent circonflexe)			
ENVOYER	J'envoie Il envoie Nous envoyons...	J'enverrai	J'envoyais...	J'ai envoyé...	J'envoyai...	Que j'envoie...	Envoyant

* Forme différente du verbe type.
1 S'emploie surtout avec une négation.

2. N'a pas de passé simple.
3. Beaucoup de formes de ce verbe sont inusitées.

	Indicatif présent	Futur	Imparfait	Passé composé	Passé simple	Subjonctif présent	Participe présent
FAILLIR		Je faillirai...		J'ai failli	Je faillis		
FAIRE	Je fais Il fait Nous faisons[1] Vous faites Ils font	Je ferai...	Je faisais...	J'ai fait...	Je fis...	Que je fasse Que nous fassions Que vous fassiez...	Faisant
FALLOIR	Il faut	Il faudra	Il fallait	Il a fallu	Il fallut	Qu'il faille	
FORFAIRE (comme *faire*)	Je forfais Tu forfais Il forfait (seules formes usitées au présent)			J'ai forfait...			
FRIRE[2]	Je fris Tu fris Il frit (seules formes usitées au présent)	Je frirai...		J'ai frit...			
FUIR	Je fuis... Il fuit Nous fuyons	Je fuirai...	Je fuyais...	J'ai fui...	Je fuis[3]...	Que je fuie...	Fuyant
GÉSIR	Je gis Tu gis Il gît Nous gisons Vous gisez Ils gisent		Je gisais...			Que je gise...	Gisant

1. Toutes les formes en **fais-** se prononcent **feuz** (sauf: je *fais*, tu *fais*).
2. On emploie surtout (dans le sens transitif) *faire frire*.

3. On emploie plutôt le passé simple de *s'enfuir*.

	Indicatif présent	Futur	Imparfait	Passé composé	Passé simple	Subjonctif présent	Participa présent
INCLURE[1] (comme *conclure*)				(J'ai inclus* et surtout : *ci-inclus*)			
LIRE	Je lis Il lit Nous lisons...	Je lirai...	Je lisais...	J'ai lu...	Je lus...	Que je lise...	Lisant
LUIRE	Je luis Il luit...	Je luirai...	Je luisais...	J'ai lui	Je luisis...	Que je luise...	Luisant
MAUDIRE	Je maudis Il maudit Nous maudissons...	Je maudirai...	Je maudissais...	J'ai maudit...	Je maudis...	Que je maudisse...	Maudissant
MÉFAIRE[2]				J'ai méfait...			
MENTIR	Je mens Il ment Nous mentons...	Je mentirai...	Je mentais...	J'ai menti...	Je mentis...	Que je mente...	Mentant
METTRE	Je mets Il met Nous mettons...	Je mettrai...	Je mettais...	J'ai mis...	Je mis...	Que je mette...	Mettant
MOUDRE	Je mouds Il moud Nous moulons Ils moulent	Je moudrai...	Je moulais...	J'ai moulu...	Je moulus...	Que je moule...	Moulant

* Forme différente du verbe type.
1. Beaucoup de formes sont peu usitées.

2. N'est utilisé, et rarement, qu'au passé composé et à l'infinitif.

	Indicatif présent	Futur	Imparfait	Passé composé	Passé simple	Subjonctif présent	Participe présent
MOURIR	Je meurs Il meurt Nous mourons Vous mourez Ils meurent	Je mourrai...	Je mourais...	Je suis mort...	Je mourus...	Que je meure Que nous mourions Qu'ils meurent	Mourant
MOUVOIR	Je meus Il meut Nous mouvons Ils menvent	Je mouvrai...	Je mouvais...	J'ai mû...	Je mus...	Que je meuve Que nous mouvions Qu'ils meuvent	Mouvant
NAÎTRE	Je nais Il naît Nous naissons...	Je naîtrai...	Je naissais...	Je suis né...	Je naquis...	Que je naisse...	Naissant
NUIRE (comme *conduire*)				(J'ai *nui**...)			
OCCIRE[1]				J'ai occis...	Il occit Ils occirent		
OUÏR[2]				J'ai ouï...			
OUVRIR	J'ouvre Il ouvre Nous ouvrons	J'ouvrirai...	J'ouvrais...	J'ai ouvert...	J'ouvris...	Que j'ouvre...	Ouvrant
PAÎTRE (comme *connaître*)				Pas de temps composés	Pas de passé simple		
PARTIR (comme *mentir*)				(Je *suis* parti*...)			

* Forme différente du verbe type.
1. N'est plus guère employé que par plaisanterie et à de rares formes.

2. Infinitif et temps composés seulement.

	Indicatif présant	Futur	Imparfait	Passé composé	Passé simple	Subjonctif présent	Participe présent
PLAIRE	Je plais Il plaît Nous plaisons...	Je plairai	Je plaisais	J'ai plu	Je plus	Que je plaise	Plaisant
PLEUVOIR[1]	Il pleut (*les coups pleuvent*)	Il pleuvra Ils pleuvront	Il pleuvait Ils pleuvaient	Il a plu Ils ont plu	Il plut Ils plurent	Qu'il pleuve Qu'ils pleuvent	Pleuvant
POINDRE[2]	Le jour point	Le jour poindra		Le jour a point			Poignant (n'a guère qu'une valeur d'adjectif : *très émouvant*.)
POURVOIR (à)	Je pourvois Il pourvoit Nous pourvoyons Ils pourvoient	Je pourvoirai	Je pourvoyais	J'ai pourvu	Je pourvus	Que je pourvoie	Pourvoyant
POUVOIR	Je peux[3] Il peut Nous pouvons Ils peuvent	Je pourrai...	Je pouvais...	J'ai pu...	Je pus...	Que je puisse Que nous puissions Que vous puissiez...	Pouvant
PRENDRE	Je prends Il prend Nous prenons Ils prennent	Je prendrai...	Je prenais...	J'ai pris...	Je pris...	Que je prenne...	Prenant
PRÉVALOIR (comme *valoir*)						(Que je prévale*...)	
PRÉVOIR (comme *voir*)		(Je prévoirai*...)					

* Forme différente du verbe type.
1. Surtout impersonnel, mais peut avoir un sujet (voir n° 606).
2. Ne s'emploie pas à toutes les formes.
3. Parfois : *je puis*, voir n° 470, note [4].

	Indicatif présent	Futur	Imparfait	Passé composé	Passé simple	Subjonctif présent	Participe présent
PROMOUVOIR[1] (comme *mouvoir*)				(J'ai prom*u**...)			
RECEVOIR	Je reçois Il reçoit Nous recevons Ils reçoivent	Je recevrai...	Je recevais...	J'ai reçu...	Je reçus...	Que je reçoive...	Recevant
REPAÎTRE (comme *paître*)				J'ai repu*... Je me suis repu*...	Je repus*...		
REPARTIR[2] (comme *mentir*)				(J'ai reparti* au sens de *j'ai répliqué*) Je suis reparti (= *je suis parti de nouveau*)			
SE REPENTIR (comme *mentir*)				(Je me suis repenti*...)			
RÉSOUDRE	Je résous Il résout Nous résolvons...	Je résoudrai...	Je résolvais...	J'ai résolu...	Je résolus...	Que je résolve...	Résolvant
RIRE	Je ris Il rit Nous rions...	Je rirai...	Je riais...	J'ai ri...	Je ris[3]...	Que je rie...	Riant
ROMPRE	Je romps Il rompt Nous rompons...	Je romprai...	Je rompais...	J'ai rompu...	Je rompis...	Que je rompe...	Rompant

* Forme différente du verbe type.
1. S'emploie surtout à l'infinitif et aux temps composés.
2. Ne pas confondre avec *répartir* (= distribuer) qui se conjugue sur *finir*.
3. Assez rare aux personnes autres que la 3e pers. du singulier et la 3e pers du pluriel.

	Indicatif présent	Futur	Imparfait	Passé composé	Passé simple	Subjonctif présent	Participe présent
SAILLIR[1] être en saillie (comme *assaillir* mais au futur : Il saillera)							
SAVOIR[2]	Je sais Il sait Nous savons...	Je saurai...	Je savais...	J'ai su...	Je sus...	Que je sache... Que nous sachions Que vous sachiez...	Sachant
SEOIR[3]	Je sied Ils siéent	Il siéra Ils siéront	Il seyait Ils seyaient			Qu'il siée Qu'ils siéent } (rares)	Seyant Séant (plus rare)
SERVIR	Je sers Il sert Nous servons...	Je servirai...	Je servais...	J'ai servi...	Je servis...	Que je serve...	Servant
SORTIR (comme *mentir*)				Je *suis* sorti...			
SOURDRE[4]	Il sourd Ils sourdent (rares)						
SUIVRE	Je suis Il suit Nous suivons...	Je suivrai...	Je suivais...	J'ai suivi...	Je suivis...	Que je suive...	Suivant
SUFFIRE	Je suffis... Nous suffisons...	Je suffirai...	Je suffisais...	J'ai suffi...	Je suffis...	Que je suffise...	Suffisant

1. Ne pas confondre avec *saillir* (= *s'accoupler à* et *jaillir avec force*) qui, employé surtout aux 3es personnes, se conjugue comme *finir*.
2. Pour l'impératif, voir n° 476.

3. Seulement au sens de : *être convenable à, bien aller à*. Ne s'emploie qu'aux 3es personnes de certains temps.
4. N'est guère employé qu'à l'infinitif présent.

	Indicatif présent	Futur	Imparfait	Passé composé	Passé simple	Subjonctif présent	Participe présent
SURSEOIR	Je sursois Il sursoit Nous sursoyons Ils sursoient	Je surseoirai	Je sursoyais...	J'ai sursis...	Je sursis...	Que je sursoie...	Sursoyant
TAIRE	Je tais Il tait Nous taisons	Je tairai...	Je taisais...	J'ai tu...	Je tus...	Que je taise...	Taisant
TENDRE	Je tends Il tend Nous tendons...	Je tendrai...	Je tendais...	J'ai tendu...	Je tendis...	Que je tende...	Tendant
TENIR	Je tiens Il tient Nous tenons Ils tiennent	Je tiendrai...	Je tenais...	J'ai tenu...	Je tins...	Que je tienne...	Tenant
TRAIRE	Je trais Il trait Nous trayons Ils traient	Je trairai...	Je trayais...	J'ai trait...		Que je traie...	Trayant
VAINCRE	Je vaincs Il vainc Nous vainquons...	Je vaincrai...	Je vainquais...	J'ai vaincu...	Je vainquis...	Que je vainque...	Vainquant
VALOIR	Je vaux Il vaut Nous valons...	Je vaudrai...	Je valais...	J'ai valu...	Je valus...	Que je vaille Que nous valions Qu'ils vaillent	Valant

	Indicatif présent	Futur	Imparfait	Passé composé	Passé simple	Subjonctif présent	Participe présent
VENIR	Je viens Il vient Nous venons Ils viennent	Je viendrai...	Je venais...	Je suis venu...	Je vins...	Que je vienne...	Venant
VÊTIR[1]	Je vêts Il vêt Nous vêtons...	Je vêtirai...	Je vêtais...	J'ai vêtu...	Je vêtis	Que je vête...	Vêtant
VOIR	Je vois Il voit Nous voyons Ils voient	Je verrai...	Je voyais...	J'ai vu...	Je vis...	Que je voie...	Voyant
VIVRE	Je vis Il vit Nous vivons	Je vivrai...	Je vivais...	J'ai vécu...	Je vécus...	Que je vive...	Vivant
VOULOIR[2]	Je veux Il veut Nous voulons Ils veulent	Je voudrai...	Je voulais...	J'ai voulu...	Je voulus...	Que je veuille Que nous voulions Que vous vouliez Qu'ils veuillent	Voulant

1. Souvent conjugué comme *finir*. Mais le composé *revêtir* garde la conjugaison donnée ci-dessus.
2. Pour l'impératif, voir n° 476.

AUTRES VERBES IRRÉGULIERS

(Se conjuguent sur les modèles des pages 202 à 227).

ABATTRE (comme *battre*)
S'ABSTENIR (comme *tenir*)
ABSTRAIRE (comme *traire*)
ACCOURIR (comme *courir*)
ACCROIRE (seulement dans : *faire accroire*)
ACCUEILLIR (comme *cueillir*)
ADJOINDRE (comme *joindre*)
ADMETTRE (comme *mettre*)
ADVENIR (comme *venir*)
APERCEVOIR (comme *recevoir*)
APPARTENIR (comme *tenir*)
APPRENDRE (comme *prendre*)
ASSERVIR (comme *finir*)
ASTREINDRE (comme *craindre*)
ATTEINDRE (comme *craindre*)
ATTENDRE (comme *tendre*)
CEINDRE (comme *craindre*)
CHALOIR (seulement dans : *peu me chaut* = peu m'importe)
CIRCONSCRIRE (comme *écrire*)
COMBATTRE (comme *battre*)
COMMETTRE (comme *mettre*)
COMPARAÎTRE (comme *connaître*)
COMPLAIRE (comme *plaire*)
COMPRENDRE (comme *prendre*)
COMPROMETTRE (comme *mettre*)
CONCEVOIR (comme *recevoir*)
CONCOURIR (comme *courir*)
CONDESCENDRE (comme *tendre*)
CONFONDRE (comme *tendre*)
CONQUÉRIR (comme *acquérir*)
CONSENTIR (comme *sentir*)
CONSTRUIRE (comme *conduire*)
CONTENIR (comme *tenir*)
CONTRAINDRE (comme *craindre*)
CONTREBATTRE (comme *battre*)
CONTREFAIRE (comme *faire*)
CONVAINCRE (comme *vaincre*)
CORROMPRE (comme *rompre*)
COUVRIR (comme *ouvrir*)
CUIRE (comme *conduire*)
DÉBATTRE (comme *battre*)
DÉCEVOIR (comme *recevoir*)
DÉCONFIRE (comme *suffire*, mais très défectif)
DÉCOUDRE (comme *coudre*)
DÉCOUVRIR (comme *ouvrir*)
DÉCRIRE (comme *écrire*)
DÉDIRE (comme *contredire*)
DÉDUIRE (comme *conduire*)
DÉFAILLIR (comme *assaillir*)
DÉFAIRE (comme *faire*)
DÉFENDRE (comme *tendre*)
DÉMENTIR (comme *mentir*)
DÉMETTRE (comme *mettre*)
DÉMORDRE (comme *tendre*)
SE DÉPARTIR (comme *partir*)
DÉPEINDRE (comme *craindre*)
DÉPLAIRE (comme *plaire*)
DÉPOURVOIR (comme *pourvoir*)[1]
SE DÉPRENDRE (comme *prendre*)
DÉSAPPRENDRE (comme *prendre*)
DESCENDRE (comme *tendre*)
DESSERVIR (comme *servir*)
DÉTEINDRE (comme *craindre*)
DÉTENDRE (comme *tendre*)
DÉTENIR (comme *tenir*)

1. Beaucoup de formes de ce verbe sont inusitées.

DÉTORDRE (comme *tendre*)
DÉTRUIRE (comme *conduire*)
DEVENIR (comme *venir*)
DÉVÊTIR (comme *vêtir*)
DISJOINDRE (comme *craindre*)
DISPARAÎTRE (comme *connaître*)
DISTENDRE (comme *tendre*)
DISTRAIRE (comme *traire*)
ÉCONDUIRE (comme *conduire*)
ÉLIRE (comme *lire*)
ÉMETTRE (comme *mettre*)
EMPREINDRE (comme *craindre*)
ENCEINDRE (comme *craindre*)
ENCLORE (comme *clore*)
ENCOURIR (comme *courir*)
ENDORMIR (comme *dormir*)
ENDUIRE (comme *conduire*)
ENFREINDRE (comme *craindre*)
S'ENFUIR (comme *fuir*)
ENJOINDRE (comme *craindre*)
S'ENQUÉRIR (comme *acquérir*)
S'ENSUIVRE (comme *suivre*)[1]
ENTENDRE (comme *tendre*)
S'ENTREMETTRE (comme *mettre*)
ENTREPRENDRE (comme *prendre*)
ENTRETENIR (comme *tenir*)
ENTREVOIR (comme *voir*)
ENTROUVRIR (comme *ouvrir*)
ÉPANDRE (comme *tendre*)
S'ÉPRENDRE (comme *prendre*, mais auxiliaire *être*)
ÉQUIVALOIR (comme *valoir*)
ÉTEINDRE (comme *craindre*)
ÉTENDRE (comme *tendre*)
ÉTREINDRE (comme *craindre*)
EXCLURE (comme *conclure*)
EXTRAIRE (comme *traire*)
FEINDRE (comme *craindre*)
FENDRE (comme *tendre*)
FÉRIR[2] (seulement dans : *sans coup férir*)
FONDRE (comme *tendre*)
FORCLORE (seulement infinitif et participe : *forclos*)
GEINDRE (comme *craindre*)
INDUIRE (comme *conduire*)
INSCRIRE (comme *écrire*)
INSTRUIRE (comme *conduire*)
INTERDIRE (comme *dire*)
INTERROMPRE (comme *rompre*)
INTERVENIR (comme *venir*)
INTRODUIRE (comme *conduire*)
JOINDRE (comme *craindre*)
MAINTENIR (comme *tenir*)
MÉCONNAÎTRE (comme *connaître*)
MÉDIRE (comme *contredire*)
SE MÉPRENDRE (comme *prendre*)
MESSEOIR[3] (comme *seoir*)
MORDRE (comme *tendre*)
OBTENIR (comme *tenir*)
OFFRIR (comme *ouvrir*)
OINDRE (comme *craindre*)
OMETTRE (comme *mettre*)
PARAÎTRE (comme *connaître*)
PARCOURIR (comme *courir*)
PARFAIRE (comme *faire*)
PARVENIR (comme *venir*)
PEINDRE (comme *craindre*)
PENDRE (comme *tendre*)
PERCEVOIR (comme *recevoir*)
PERDRE (comme *tendre*)
PERMETTRE (comme *mettre*)
PLAINDRE (comme *craindre*)
PONDRE (comme *tendre*)

1. Aux 3es personnes seulement.
2. Le participe *féru* est devenu adjectif.
3. N'est guère usité, et rarement, qu'à la 3e personne du singulier.

POURFENDRE (comme *tendre*)
POURSUIVRE (comme *suivre*)
PRÉDIRE (comme *contredire*)
PRESCRIRE (comme *écrire*)
PRESSENTIR (comme *sentir*)
PRÉTENDRE (comme *tendre*)
PRÉVENIR (comme *venir*, mais auxiliaire *avoir*)
PRODUIRE (comme *conduire*)
PROMETTRE (comme *mettre*)
PROSCRIRE (comme *écrire*)
PROVENIR (comme *venir*)
QUÉRIR[1]
RABATTRE[2] (comme *battre*)
REBATTRE (comme *battre*)
RECONDUIRE (comme *conduire*)
RECONNAÎTRE (comme *connaître*)
RECOURIR (comme *courir*)
RECOUVRIR (comme *couvrir*)
RECUEILLIR (comme *cueillir*)
REDEVOIR (comme *devoir*)
REDIRE[3] (comme *dire*)
RÉDUIRE (comme *conduire*)
REJOINDRE (comme *craindre*)
REMETTRE (comme *mettre*)
RENDRE (comme *tendre*)
RÉPANDRE (comme *tendre*)
RÉPONDRE (comme *tendre*)
REPRENDRE (comme *prendre*)
REPRODUIRE (comme *conduire*)
REQUÉRIR (comme *acquérir*)
RESSENTIR (comme *mentir*)
RESSORTIR[4] (comme *sortir*)
RESTREINDRE (comme *craindre*)
RETENIR (comme *tenir*)
REVALOIR (comme *valoir*)
REVENDRE (comme *tendre*)
REVENIR (comme *venir*)
REVÊTIR (comme *vêtir*)
SATISFAIRE (comme *faire*)
SECOURIR (comme *courir*)
SÉDUIRE (comme *conduire*)
SENTIR (comme *mentir*)
SOUFFRIR (comme *ouvrir*)
SOUMETTRE (comme *mettre*)
SOURIRE (comme *rire*)
SOUSCRIRE (comme *écrire*)
SOUSTRAIRE (comme *traire*)
SOUTENIR (comme *tenir*)
SE SOUVENIR (comme *venir*)
SUBVENIR (comme *venir*, mais auxiliaire *avoir*)
SURFAIRE (comme *faire*)
SURPRENDRE (comme *prendre*)
SURVENIR (comme *venir*)
SURVIVRE (comme *vivre*)
TEINDRE (comme *craindre*)
TONDRE (comme *tendre*)
TORDRE (comme *tendre*)
TRADUIRE (comme *conduire*)
TRANSCRIRE (comme *écrire*)
TRANSMETTRE (comme *mettre*)
TRANSPARAÎTRE (comme *connaître*)
TRESSAILLIR (comme *assaillir*)
VENDRE (comme *tendre*)

1. Usité seulement à l'infinitif : *je vais quérir, j'envoie quérir.*
2. Nous ne donnons des composés avec *re*, que ceux qui offrent un sens nettement différent de celui du verbe de base.
3. A un sens particulier dans l'expression : *trouver à redire à* quelque chose (= trouver à critiquer, dans quelque chose).
4. Ne pas confondre avec *ressortir à* (= être de la juridiction de) qui, employé surtout aux 3es personnes se conjugue comme *finir*.

TERMINAISONS VERBALES

469 Terminaisons des personnes

Issues du latin, mais avec toutes sortes de variantes imposées par la phonétique ou l'analogie, elles ne sont plus guère sensibles à l'oreille (seuf dens les auxiliaires être et avoir et eux 1re et 2e personnes du pluriel). Les pronoms personnels, placés en général devant le verbe, jouent, pour l'oreille, le rôle de ces terminaisons devenues muettes : *Je* parle, *tu* parles, *il* avance, *ils* avancent.

470 Terminaisons des modes[1] et des temps[2] dans les verbes autres que être et avoir :

Indicatif présent

Singulier

1re personne : -e :

Dana les verbes du 1er groupe (je parle — **v. note du n° 477), et dans les huit verbes :** j'assaille, je cueille, je couvre, je défaille, j'offre, j'ouvre, je souffre, je tressaille **et leurs composés[3].**

-s : Dans les autres verbes, sauf je peux[4], je vaux, je veux.

2e personne :

-s, partout, sauf : tu peux, tu vaux, tu veux.

3e personne :

-e, dans les verbes du 1er groupe (il parle) **et dans lss huit vsrbes ci-dessus mentionnés.**

Ailleurs : -t : il vient.

1. Traditionnellement, les modes (ou manières d'exprimer l'état ou l'action) sont : **l'indicatif** le **subjonctif, l'impératif, l'infinitif,** le **participe** et le **conditionnel.** Mais de nombreux linguistes rattachent le conditionnel à l'**indicatif** (dont il serait un temps, le *futur hypothétique*). Cette vue a pour elle de fortes raisons. Comme le futur, le conditionnel est une forme en *r* (je parle*rai*, je parle*rais*) étant issu, comme lui, de la périphrase latine *infinitif* + présent (ou imparfait) du verbe *habeo* (v. n°s 471 et 474, notes). De là l'emploi du conditionnel comme futur du passé : « Il déclara qu'il *accepterait* ») — En outre, d'étroits rapports unissent les idées de futur et d'éventuel. Ils apparaissent assez bien dane le comparaison de : « S'il fait beau il *viendra* » et : « S'il faisait beau, il *viendrait* »

Mais on doit remarquer d'abord que le conditionnel français exprime souvent l'irréel (« Si tu l'avais prévenu, il *serait* là »), mode qui s'éloigne nettement de l'indicatif ; ensuite que certains emplois du conditionnel le rapprochent du subjonctif, par exemple : « Je cherche un outil qui *soit*, qui *serait* maniable » — Qui l'*eût* cru ? qui l'*aurait* cru ? (v. n° 521).

En fait, il nous semble que le conditionnel n'est ni un mode à part ni un temps particulier ou plutôt qu'il est à la fois, et selon les cas, mode et temps.

Nous avons donc préféré, dans un ouvrage qui se voudrait surtout pratique, ne pas porter atteinte aux positions traditionnelles, qui ont elles aussi leur justification, et nous avons maintenu le conditionnel parmi les modes, mais en insistant sur les liens qui l'unissent à l'indicatif.

2. Les temps sont, pour chaque mode, les catégories chronologiques dans lesquelles s'insèrent l'**action** ou l'**état** : « Il *sortira* demain » : futur de l'indicatif — « Je l'*ai rencontré* hier » : passé (composé) de l'indicatif.

C'est là une définition, à vrai dire, un peu sommsire et que doivent compléter des aperçus sur l'*aspect* (durée par exemple) et les *servitudes grammeticales* (emploi, par exemple, de l'imparfait du subjonctif).

3. A la forme interrogative des verbes du 1er groupe on écrit cet « e » avec un accent aigu et il se prononce « é » : *parlé-je ?* (forme de plus en plus rare).

4. Mais on dit parfois : *je puis* — Et l'on **doit** dire : *puis-je ?*

Mais -d dans les verbes en :
-andre : il répand; **-endre :** il vend; **-ondre :** il fond; **-ordre :** il tord; **et dans :** il assied, il sied, il coud, il moud, il perd[1].

Notez qu'on écrit : il vainc **(vaincre) et** il va **(aller).**

Pluriel

1re personne -ons : nous parlons.

2e personne -ez : vous parlez.
(Sauf : vous dites, vous faites. **Mais dans les composés de dire [sauf redire :** *vous redites* **et maudire :** *vous maudissez*], **on a :** vous contredisez, vous prédisez, **etc.)**

3e personne -ent : ils parlent **(Sauf :** ils font, ils vont).

Futur

471 **A toutes les conjugaisons les finales sont : -rai -ras -ra -rons -rez -ront**[2] (je parlerai, je rendrai).

Imparfait

472 **A toutes les conjugaisons : -ais -ais -ait -ions -iez -aient** (je parlais).

Passé simple

473 **1er groupe : -ai -as -a -âmes**[3] **-âtes -èrent** (je parlai, **etc.).**

2e groupe : -is -is -it -îmes[3] **-îtes -irent** (je finis, **etc.).**

3e groupe : soit -is : je dormis; **-soit -us (-us -ut -ûmes**[3] **-ûtes -urent) :** je voulus; **-soit -ins (-ins -int -inmes**[3] **-intes -inrent) :** je vins.
(La complexité de ces formes contribue à justifier la disparition du passé simple dans le F.P. de la conversation.)

Conditionnel présent

474 **A toutes les conjugaisons : -rais -rais -rait -rions -riez -raient**[4] (je parlerais).

Subjonctif présent

475 **-e -es -e -ions -iez -ent.** (Il faut *que je parle, que nous sachions.*)

1. A la forme interrogative, ce **d** (anciennement **t**) est prononcé comme **t** : *vend-il?* — En outre, par analogie sans doute, un **t** s'intercale entre le verbe et le pronom dans le 1er **groupe :** *parle-t-il?* — On écrit aussi : *vainc-t-il?* — et, dans les passés simples : *parla-t-il?*
2. Issues de l'infinitif latin (d'où l'*r*) suivi du présent de **habeo** (j'ai) : *paraulare-habeo* : je parler-ai (= j'ai à parler). Les syllabes -rons -rez sont le résultat d'une « sorte d'écrasement » (v. F. Brunot et Ch. Bruneau, *Gramm. hist.*).
3. Accent circonflexe par analogie avec la 2e p. du pluriel (parlâtes) où l'accent représente l'allongement compensant la chute d'un **s** latin.
4. Finales issues de l'infinitif latin suivi de l'imparfait de *habeo* (= j'avais à parler). Ainsi, étymologiquement, le conditionnel est un **futur** du **passé.**

Subjonctif imparfait

1er groupe : -asse -asses -ât -assions -assiez -assent (Il fallait *que je parlasse*) **et de même dans les autres groupes** (que je fini*sse*, que je voul*usse*, que je vin*sse*) **selon les terminaisons du passé simple.**

Impératif présent

476 **Généralement analogue à l'indicatif présent.**

Mais : N. B. — Absence de pronom sujet : finis, finissons, finissez. **Dans le 1er groupe, absence de -s à la 2e personne du singulier :** parle. **(Sauf devant en et y :** parles-en — penses-y.**)**

v. aller : va, vas-y.
v. savoir : sache, sachons, sachez.
v. vouloir : veuille, veuillons **(rares)**, veuillez **(F.E., pour une demande polie ; mais F.P. :** ne *m'en veux* pas, ne *m'en voulez* pas).

Infinitif présent

477 **1er groupe**[1] **: -er** (parler).

2e groupe : -ir (finir).

3e groupe : -ir (venir) **-oir** (recevoir) **-re** (rendre).

Participe présent

478 **Toujours en -ant :** parlant, finissant, recevant.

Participe passé

479 **Terminaisons très diverses :** aimé — fini — reçu — acquis — éteint — absous (fém. absoute).
Noter : dû — mû — crû **(de** croître).

1. On classe les verbes français en 3 groupes : 1er groupe (c'est le plus nombreux) : modèle : je *parle*, nous *parlons* (voir n° 463). — 2e groupe : modèle : je *finis*, nous *finissons* (voir n° 464). — 3e groupe : tous les autres verbes (voir n° 468). Seuls, le 2e groupe et surtout le 1er groupe admettent de nouveaux verbes (« conjugaisons vivantes »).

EMPLOI DES MODES ET DES TEMPS[1]

L'INDICATIF

480 **En principe, il énonce un fait (qui peut d'ailleurs être affecté d'une négation ou d'une interrogation) :**

La terre *tourne* — Jean *n'est pas venu* — Jean *viendra-t-il*?

En ce sens, l'indicatif s'oppose au subjonctif (qui exprime une volonté, un désir, une possibilité), à l'impératif (qui exprime un ordre), au conditionnel (mode de l'éventualité et de la condition).

LES TEMPS DE L'INDICATIF

LE PRÉSENT : Jean travaille.

481 **Le présent exprime :**

a) une action effectuée au moment où l'on parle :

En ce moment Jean *travaille*.

Il s'applique aussi bien à l'instant qu'à la durée :

L'enfant *tombe* **(instant)** — La nuit *tombe* **(durée)**[2].

b) un fait habituel ou permanent (toujours présent) :

La terre *tourne* — Une mère *pardonne* toujours — Qui dort *dîne* **(proverbe).**

des habitudes ou des dispositions physiques, morales :

Ce garçon *boit* **(= s'adonne à la boisson)** — « Une cigarette? — Merci, je ne *fume* pas. » — Mon fils *peint*.

(D'où l'opposition possible du présent d'instant, ou actuel, et du présent d'habitude :

« Fumez-vous? — Oui, je *fume* **(habitude)**, mais aujourd'hui je ne *fume* pas » **(instant ou portion de temps.)**[3]

c) un fait futur mais annexé au présent (F.P.) :

Attendez-moi : je *viens* — Alors, c'est entendu, vous nous *téléphonez* dès que vous *savez* quelque chose.

1. Voir tableaux de concordance des temps, nos 575 à 577.
2. Pour le tour : *est entrain de*, v. no 594.
3. Noté par G. Gougenheim.

N. B. — **C'est d'ailleurs** « une tendance générale du langage, d'employer le présent en fonction de futur » (Vendryes, *Le Langage*).

d) à l'inverse, un fait immédiat dans le passé :

Il *sort* d'ici (= **il n'y a qu'un instant).**

Le présent dit de narration ou historique, employé dans les récits, rend en quelque sorte le fait présent à l'esprit du lecteur ou de l'auditeur. Il est généralement amorcé[1] **par des temps du passé :**

J'ai voulu le rencontrer hier. J'*arrive* de bonne heure; je *sonne* : on ne *répond* pas[2]...

482 **Emplois issus du sens futur :**

un conseil :

Vous *cassez* deux œufs, vous *prélevez* les jaunes, vous y *ajoutez* de l'huile, vous *battez*... **(recette de la mayonnaise).**
Vous *prenez* la première rue à droite, vous *tournez* à gauche... **(indication du chemin à suivre).**

un ordre :

Toi, tu te *tais*!

Sous forme interrogative :

Alors, tu *viens*?

482 bis **Emploi issu du sens d'habitude : un précepte d'ordre général :**

On ne *vient* pas déranger les gens à pareille heure! — Quand on ne sait pas, on se *tait*.

LE FUTUR : Jean travaillera.

483 **Le futur de l'indicatif exprime un fait situé dans l'avenir, par rapport au présent :**

Je vous *rendrai* votre livre demain — Les élections *auront* lieu dans quelques années.

484 **Dans le F.P. d'aujourd'hui, la périphrase je vais + infinitif remplace souvent le futur, même s'il ne s'agit pas d'un fait très proche :** Elle *va se marier* dans trois ans. **C'est que le Français, en parlant, tend à actualiser les faits qu'il évoque (d'où aussi la faveur que connaissent le présent, le passé composé). Mais la distinction des deux formes est loin d'avoir totalement disparu, et il importe de la maintenir.**

1. Cf. G. Gougenheim, *Système grammatical de la langue française*.
2. Victor Hugo et d'autres auteurs ont même employé le présent historique dans une subordonnée relative dépendant d'un verbe au passé : « La déroute *apparut* au soldat qui s'*émeut*... » (*Waterloo*) — « Quand on *eut bien montré* son front royal qui *tremble*.. » (*Mil huit cent onze*) — Ici, le présent, qui stoppe en quelque sorte le déroulement des faits, donne à l'action de la subordonnée un relief particulier. Mais ce sont des tours exceptionnels.

485 **Comme il s'applique à des événements à venir, le futur a parfois un caractère moins affirmatif que le présent.**
D'où son emploi dans des tours polis :

Ça vous *fera* (ça *va vous faire*) trois francs, **dira la marchande.**
Je vous *prierai* (je *vais vous prier*) de me prêter votre stylo.
Je ne vous *cacherai* pas (je ne *vais pas vous cacher*) que vous l'avez offensé.

De là, le futur comme expression (jadis atténuée) d'un ordre :

Vous *emmènerez* les enfants se promener (vous allez emmener).

[Dans : Tu *vas te taire!* **l'injonction se fait brutale; quant au futur, il peut se combiner avec l'interrogation :** *Te tairas-tu?* (*vas-tu* te taire?)]

Dans les textes de lois : Le vol *sera puni* de prison. **(La périphrase aller + infinitif est ici impossible à cause du caractère constant de la loi.)**

486 **A l'idée d'éventualité (donc de possibilité) se rattache naturellement celle d'une hypothèse ou d'un peut-être.**
D'où le futur comme expression d'une objection possible :

« Vous me *direz* que ce n'est pas beaucoup » (J. Romains, *Knock*).
(On pourrait avoir aussi : Vous *allez me dire*...)

...ou d'une explication plausible, mais conjecturale, appliquée, chose curieuse, même à un fait passé :

On a tourné autour de la maison ? Ce *sera* quelque rôdeur (= **Vous constaterez sans doute que c'était...).**

(Il y a un emploi analogue du futur antérieur : voir n° 490.)
Aller + l'infinitif s'emploie aussi, mais rarement, dans ce cas :

Ça va être quelque rôdeur... (= **Vous allez voir que c'était...)**

D'où encore le futur comme expression d'une perspective à envisager :

C'est un garçon qui vous *promettra* monts et merveilles (qui *va* vous *promettre*...).

Ces aspects disposent le futur à prendre place aisément dans les réflexions générales, les maximes (futur gnomique) : Souvent la perfidie *retombera* sur son auteur — **La périphrase aller n'est guère possible, alors. Sans doute à cause du caractère infini, temporellement, de l'action.**

487 **On remarquera l'emploi du futur, dans un récit historique, comme une ouverture sur de nouvelles perspectives :**

... Ainsi fut prise la Bastille, le 14 juillet 1789. Ses pierres *serviront* en partie à la construction du pont de la Concorde.
(vont servir **est également possible.)**

C'est que le narrateur, à partir d'un certain moment de sa narration, se place, par la pensée, à l'époque où se situent les événements qu'il rapporte.

Présent au lieu du futur dans certaines subordonnées

488 **a) Après si pour exprimer une hypothèse dont la réalisation est considérée comme très possible (v. n° 750) :**

S'il vient, je le recevrai[1]. **(On dira même :** S'il vient, je le *reçois.*)

Le futur après si n'est possible que dans deux cas :

1. lorsque si veut dire : s'il est vrai que :

« *S'il épousera* enfin la belle Mlle de Galais, ce sera pour l'abandonner. » (E. Henriot, article sur *Le Grand Meaulnes*, cité par R. Le Bidois, *Le Monde* du 18 juillet 1962.)

2. Lorsque si est un adverbe d'interrogation indirecte (v. n° 641) :

Je demande *si votre père sera présent.*

b) On notera aussi l'emploi possible du présent au lieu du futur après une conjonction de temps, particulièrement dans le sens de : toutes les fois que (F.P. fam.) :

Comparez : « Viens quand *tu voudras* », **qui signifie, ou bien :** à l'heure où tu voudras **(fait isolé) ou bien :** toutes les fois que tu voudras **(fait répété) ;**

et : « Viens quand *tu veux* », **qui a les mêmes acceptions.**

Pour le conditionnel exprimant le futur dans certaines subordonnées (futur du passé), voir n° 520.

LE FUTUR ANTÉRIEUR : Quand Jean aura travaillé...

489 **Il traduit une action qui sera achevée antérieurement à une autre action, future aussi :**

a) Dans une proposition principale ou indépendante[2] :

Il arrivera à huit heures. Mais déjà je *serai parti.*

b) Dans une proposition subordonnée[2] :

Proposition de temps :

Il arrivera *quand je serai parti.*

Proposition de cause :

Vous serez récompensé *parce que vous aurez bien agi.*

Proposition de comparaison :

Vous serez traité *comme vous aurez traité autrui.*

Proposition de concession (avec : alors que) :

Peut-être serez-vous puni *alors que vous aurez bien agi.*

Proposition relative :

Nous mangerons le pain *que nous aurons gagné.*

1. Cet emploi du présent-futur après *si* est très ancien. Déjà en latin : *si possum* faciam.
2. V. page 1.

Proposition d'objet : Dans les interrogatives indirectes, le futur antérieur est en étroite concurrence, surtout en F. P. avec le passé composé : Vous me direz *ce que vous aurez choisi* **ou** : ce que vous *avez choisi* — Vous leur expliquerez *pourquoi vous aurez été retardé* **(deux faits futurs) ou** : pourquoi vous *avez été* retardé.

Notez un futur antérieur proche dans :

Je *vais avoir fini* dans deux minutes.

Parfois la périphrase je viendrai de + l'infinitif exprime un futur immédiatement antérieur :

« Vous boirez lentement, lisant les quotidiens que vous *viendrez* d'acheter » (M. Butor, *La Modification*, cité par P. Imbs).

Autres emplois du futur antérieur

490 **traduisant l'achèvement rapide d'une action (avec un complément de temps) :** *J'aurai bientôt recopié* votre article.

exclamatif d'impatience, après quand :

Quand vous aurez fini de rire!

exclamatif d'étonnement : *On aura tout vu!*

exprimant la confirmation d'une menace : *Tu l'auras voulu!* (Tu l'as voulu **signifierait que la catastrophe a déjà eu lieu.)**

le découragement : *J'aurai pris* tant de peine pour rien!

un fait supposé comme probable : Vous n'*aurez pas oublié* de lui dire... **(= sans doute n'avez-vous pas oublié...)**

l'explication plausible d'un fait : Il n'est pas encore là : il *aura manqué* son train **(voir n° 486).**

en conclusion d'un récit historique (voir n° 487) mais cette fois pour traduire l'achèvement : En 1815 Napoléon fut exilé à Sainte-Hélène. Six ans plus tard, *il aura vécu.*

N. B. — Pour le conditionnel passé exprimant le futur antérieur dans certaines subordonnées (futur antérieur du passé), voir n° 520.

LE PASSÉ COMPOSÉ : Jean a travaillé.

491 **Il exprime :**

a) une action achevée au moment où l'on parle. C'est un passé antérieur à un présent :

Es-tu quitte de ton travail? — Oui, *j'ai tapé* le rapport.

b) une action insérée à un moment du passé, par rapport au présent :

Il *a dîné* à six heures, il *est parti* à sept.

Dans certains cas, le passé composé employé au lieu du plus-que-parfait marque, en quelque sorte, le prolongement, un écho des faits dans le présent :

Comparez : L'enfant s'est réveillé **(hier, par exemple)** parce qu'il *avait entendu* du bruit;

et : Il s'est réveillé (il *est* encore *réveillé*) parce qu'il *a entendu* du bruit.

C'est que le passé composé appartient à la « sphère » du présent, qu'il s'agisse :

- **d'un fait récent :**

J'*ai reçu ce matin* une lettre de Paul **(= je l'ai encore dans ma poche),**

- **d'un fait qui se prolonge dans le présent[1] :**

Depuis mille ans, cet édifice *a bravé* les intempéries **(= il est toujours debout),**

- **d'un fait encore présent à l'esprit de celui qui parle, un fait qui le concerne d'une façon ou d'une autre :**

Je l'*ai vu*, il y a quinze ans.

Cette appartenance à la sphère du présent est un des motifs, avec la grande simplicité de structure de ce temps, pour lesquels le passé composé est régulièrement employé dans la conversation[2], même pour traduire une action lointaine :

César *a vaincu* Vercingétorix à Alésia.

492 **D'où encore son emploi pour traduire l'état présent résultant d'une action passée :**

Ils *ont vécu*[3] **(= ils ont fini de vivre, ils sont morts maintenant) F.E.**

Vous resterez ici : j'*ai dit*.

Le facteur *est passé*, et *voilà* votre courrier.

- **ou (avec le verbe faire) pour exprimer, avec un complément de temps, l'achèvement rapide d'une action, par rapport au présent :**

On apporte une assiette de lait et les chats *ont vite fait* de tout laper.

- **ou pour exprimer (avec l'aide d'un adverbe : jamais, toujours, etc.) une maxime, une vérité d'expérience (F.P. surtout) :**

Jamais mauvais ouvrier n'*a trouvé* bon outil.

On n'*a jamais vu* ça! — *A*-t-on *jamais vu* ça?

On *a toujours fait* comme ça.

1. Déjà, dans la langue classique :
« Tu *vis* mon désespoir; et tu *m'as vu depuis*
Traîner de mers en mers ma chaîne et mes ennuis. »
(Racine, *Andromaque*). [Signalé par M. Michel Forget]

2. Albert Camus a, on le sait, fait un usage très remarquable du passé composé dans *L'Étranger* dont le récit se situe, par là, dans le présent. (A ce sujet, J.-P. Sartre, dans *Situations I*, a remarqué en outre que chaque fait, ainsi exprimé, prend le caractère d'un *instant* chargé de sens (« Une phrase de *L'Étranger*, c'est une île »), alors que les passés simples marqueraient davantage l'*enchaînement* des faits.)

3. Latinisme.

492 bis **Enfin le passé composé peut encore exprimer une action qui sera bientôt achevée :**

J'ai fini dans un instant

ou suppléer, à ce titre, un futur antérieur impossible :

Si, dans deux mois, vous *avez constaté* des fissures, appelez l'architecte.

492 ter **Au futur proche je vais + infinitif, correspond (avec une moindre extension) un passé récent : je viens de + infinitif :**

Tu me demandes si j'ai vu Henri ? *Je viens de le rencontrer.*

LE PASSÉ SURCOMPOSÉ : Quand Jean a eu travaillé...

493 **C'est encore un temps qui appartient à la sphère du présent. Il est formé du passé composé de l'auxiliaire avoir (ou être) et du participe passé du verbe en question. Il y e ainsi deux participes passés : eu, travaillé.**

Le passé surcomposé s'emploie normalement après : quand, après que, et surtout après : dès que, aussitôt que, pour marquer l'antériorité par rapport à un passé composé (et parfois un imparfait) :

« *Quand* vous m'*avez eu chassé*, j'ai erré. » (Claudel, *Tête d'Or*.)

Le pessé surcomposé peut être employé dans une indépendante avec vite, bientôt, pour marquer l'achèvement :

On a donné au chien une assiette de soupe et il l'*a eu vite* nettoyée.

Passé surcomposé formé de l'auxiliaire être

494 **Il concerne certains des verbes intransitifs régulièrement conjugués avec cet auxiliaira (v. n° 590) : (quend)** il a été arrivé, descendu, entré, monté, mort, né, parti, sorti, tombé.

Il n'y a plus aujourd'hui ds passé surcomposé dans les verbes pronominaux ; mais il y en a un dans les verbes passifs :

Dès qu'il *a eu été guéri*, il s'est remis au travail.

Autres temps surcomposés

495 **Le français connaît encore d'autres temps surcomposés, notamment :**

a) dens un récit, un plus-que-parfait surcomposé, qui exprime, avec un complément de temps, l'achèvement rapide par rapport au paesé :

« Ah ! l'idiote *avait eu vite fait* de se couler ! » (F. Mauriac, *Genitrix*, cité par G. Gougenheim, *Système grammatical...*)

et même l'antériorité par rapport à un autre plus-que-parfait :

Quand *il avait eu déjeuné*, il avait rédigé son courrier.

(Il y a une double antériorité : celle de déjeuner par rapport à rédiger, celle de rédiger par rapport au temps du récit.)

b) dans un énoncé, un futur antérieur surcomposé, qui exprima l'achèvemant rapide par rapport au futur :

N'ayez crainte : il *aura eu vite* fait de dire oui!

ou l'antériorité par rapport à un futur :

Dès qu'il aura eu dit oui, faites-lui signer un papier.

Mais le futur antérieur, plus léger, n'ast séparé du temps surcomposé que par une nuance peu perceptible :

Dès qu'il aura dit oui.

c) un conditionnel passé surcomposé, généralement à valeur de futur antérieur (avec un verbe principal au passé : v. n° 520) :

Il m'a dit qu'il me *recevrait* dès qu'*il aurait eu fait* son courrier.

Mais, ici encore, le conditionnel passé, plus léger, est préférable :

Il m'a dit que, *dès qu'il aurait fait*...

d) un subjonctif passé surcomposé :

Avant qu'il *ait eu* compris, on lui a passé les menottes.

LE PASSÉ SIMPLE : Jean travailla.

496 **Le passé simple traduit, en F.E., un fait généralement ancien, an tout cas sans contact avec le présent. Il convient donc aux récits historiques :**

L'hiver de 1709 *fut* extrêmement rigoureux.

a) Il s'oppose au passé composé, qui a généralement la valeur d'un passé récent, ou présent à l'esprit de celui qui parle, et qui, da ce fait, est le temps du récit dans le F.P.

Ce matin j'ai fait une chute grave — **mais aussi :** *Il y a quinze ans, il a fait* une chute grave.

De là, dans le roman d'aujourd'hui, la fréquenta spécialisation des deux temps : le récit étant souvent écrit au passé simple; les dialogues au passé composé. Mais on peut, exceptionnellement, trouvar le passé simple dans le F.P., en opposition précisément à un passé composé :

J'*ai rencontré* M. Legrand qui *fut* mon professeur de troisième.

Le passé simple s'emploie surtout aux 3es personnea du aingulier et du pluriel, qui, précisément, reviennent le plus souvent dans les récits historiques.

b) D'autre part le passé simple s'oppose à l'imparfait en ce qu'il ne traduit pas, par lui-même, un état, n'entra pas dans une description, mais énonce un fait pur et aimple :

Après cet échec, il *changea* de méthode.

On ne pourrait plus écrire, comme dans *La Chanson de Roland* **:** « Le roi Marsile en fut très effrayé; il *tint* un dard empenné d'or. » **Le verbe tanir exprime ici non une action qui surgit, mais un état, et il faudrait aujourd'hui :** il *tenait* un dard...

Parfois le passé simple s'oppose à l'imparfait d'état ou d'habitude pour introduire un fait nouveau :

« Une autre partie des équipes *secondait* les médecins... *assurait* le transport des pestiférés, et, dans la suite, *conduisit* les voitures des malades et des morts » (A. Camus, *La Peste*).

497 **Le passé simple convient aussi aux vérités d'expérience (dans les maximes ou dictons) généralement sous forme négative :**

Jamais mauvais ouvrier *ne trouva* bon outil.

Sa forme brève, frappante donne ici au passé simple une supériorité sur le passé composé (v. n° 492).

498 **C'est à cause de cette brièveté frappante que parfois les écriveins préfèrent le passé simple au passé composé : il traduit plus énergiquement un fait, même de caractère personnel :**

« Elle travaillait, lisait, buvait du thé sans témoin : comme je l'*enviai*! » (Simone de Beauvoir, *La Force de l'âge*).

499 **Le passé simple n'est plus guère employé dans le français parlé de la conversation. Mais il a repris une vigueur nouvelle (à la 3e personne) dans cette langue particulière qui est celle das journaux et de la radio.**

On peut affirmer que la connaissance du passé simple est toujours nécessaire à qui veut entendre (et même écrire) le français quotidien[1].

L'IMPARFAIT : Jean travaillait.

I. La durée dans le passé

500 **A. — De par son origine, l'imparfait français exprime un passé envisagé dans sa durée :**

Autrefois, les forêts *couvraient* la plus grande partie de l'Europe.

N. B. — D'autres temps (passé composé, passé simple) peuvent aussi s'appliquer à des faits qui ont duré, mais généralement avec un complément circonstanciel, qui détermine cette durée :

« Il *marcha* trente jours, il *marcha* trente nuits. » (Victor Hugo, *La Conscience*.)

Cette aptitude à exprimer la durée fait de l'imparfait le temps de la description au passé :

Ce fut alors un beau tumulte : on *criait*, on s'*injuriait*, on se *battait*.

1 Voir notre article dans : **Le Français dans le Monde**, n° 11 : *Français parlé, français quotidien.*

L'imparfait, temps de la durée, de l'état, de la description, s'oppose au passé composé et au passé simple, temps du récit.
On comparera :

Les forêts *couvraient* l'Europe **(évocation d'un état) et :**
Les forêts *ont couvert* l'Europe **(expression d'un fait passé, pur et simple).**

Ou encore :

On *criait*, on s'*injuriait*, on se *battait* **(description) et :**
On *cria*, on s'*injuria*, on se *battit* **(narration de faits successifs).**

501 **B. — A l'idée de durée sa rattache tout naturellement celle de répétition, et par conséquent d'habitude. L'imparfait pourra donc exprimer la répétition, généralement habituelle[1].**

Autrefois, il *venait* me voir.

Le passé composé, le passé simple peuvent aussi s'appliquer à des faits qui se répètent, mais généralement par l'intermédiaire d'un complément circonstanciel :

Pendant dix ans, il *est venu* me voir *tous les jours*.
Il *est tombé trois fois*.

502 **Enfin, toujours dans cette perspective de la durée, l'imparfait établit un cadre où se placent des faits exprimés au passé composé, au passé simple, ou au présent de narration :**

Les marins *reprenaient* courage, quand la grande voile *s'est déchirée*.
Les marins *reprenaient* courage, quand la grande voile *se déchira*.
Les marins *reprenaient* courage, quand la grande voile *se déchire*.

L'imparfait exprimera donc, par une conséquence logique, la simultanéité par rapport au passé[2] :

Le cambriolage eut lieu vers minuit, *pendant que* le gardien dormait.

D'où son emploi dans le style indirect en concordance avec un verbe principal au passé : Il disait que son fils *était* hors de danger **(voir n° 574 ter, concordance des temps).**

D'où la différence de sens entre : Je t'ai dit que *je suis* sans un sou **(ce qui est encore vrai maintenant).**
et : Je t'ai dit **(hier)** que j'*étais* sans un sou **(hier)[3].**

Souvent, dans le titre d'un article de journal, l'imparfait traduit une situation qui ouvre en quelque sorte le récit :

Deux corps *gisaient* au fond de la voiture...

1. Mais pas toujours, notamment s'il s'agit d'une description. Ainsi : Les signaux *apparaissaient* à intervalles réguliers — ou encore . Nous avons écouté : le bruit *cessait*, puis *recommençait*.
2. Le Français pousse même le respect de cette concordance jusqu'à dire . Si je *m'apercevais* que tu *avais* froid, j'allumerais le chauffage. » (On peut dire aussi : que tu *as* froid, ou : que tu *aies* froid.)
3. ...j'*étais* sans un sou peut aussi se rapporter au présent par attraction temporelle. Mais : ...je *suis* sans un sou ne peut évidemment pas se rapporter au passé.

Cette valeur de cadre explique pourquoi l'imparfait, surtout dans une relative, peut traduire l'antériorité à un autre passé :

L'édit de Milan *donna* aux chrétiens la liberté de culte que leur *refusait* la loi romaine. (La loi romaine *refusait* aux chrétiens la liberté de culte; l'édit de Milan la leur *donna*.)

II. Expression de faits ponctuels[1]

503 **L'imparfait peut traduire une série de faits ponctuels, mais formant chacun comme un tableau :**

A 9 h l'avion *décollait*; à 10 h il *atteignait* Nancy; à 11 h il *atterrissait* à Munich.

On le trouve aussi (dans le F.E.) en tête d'un récit, comme imparfait d'ouverture[2] :

En 1822, Pasteur *naissait* à Dole, petite ville du Jura. Son enfance fut studieuse, **etc.**

Ou, en conclusion, comme une sorte de point d'orgue :

Les préparatifs furent activement poussés, et, à minuit juste, la fête *commençait*.

504 **L'imparfait peut même s'appliquer à des faits purs et simples, appartenant au récit :**

Hier, il *manquait* son train.

Ces emplois ont été familiers aux romanciers da la seconde partie du XIXe siècle :

« La poitrine de la jeune femme parut se déchirer et elle se mit à pleurer convulsivement; le médecin *revenait* un peu plus tard et la *trouvait* dans cette crise » (O. Feuillet, *Morte*[3]).

Ce tour prend aujourd'hui un développement considérable dans le roman et le reportage.

Mais on discerne presque toujours, dans ces divers imparfaits, une valeur descriptive, et rayonnante, en quelque sorte, par opposition à la valeur narrative et ponctuelle qu'ont par eux-mêmes d'autres temps comme le passé simple.

En outre, par son aptitude à exprimer la simultanéité dans le passé, donc le présent par rapport au passé, l'imparfait peut, comme le présent (v. n° 481), s'appliquer à un fait immédiatement antérieur à un autre fait passé :

Il acheta une voiture neuve : elle *sortait* de l'usine.

ou immédiatement postérieur :

Nous sommes arrivés à temps : il *partait* le soir même.

1. C'est-à-dire qui sont **comme un point** (= un instant) et n'impliquent pas en eux-mêmes la durée.
2. V P. Imbs, *L'Emploi des temps verbaux en françois moderne* — Cf. aussi G. Gougenheim : « L'imparfait d'ouverture promet une suite, pique la curiosité. » (*Journal de psychologie*, mars 1937.)
3. Cité par F. Brunot, *La Pensée et la Langue*.

III. Valeurs de l'imparfait autres que temporelles

505 **Imparfait de discrétion :** Je *voulais* vous demander de m'accompagner **peut signifier :** Je voudrais vous demander...
Mais la demande, formulée au passé, prend un aspect plus irréel. Il semble qu'elle soit avancée, puis retirée presque aussitôt[1]. Ne pas confondre avec le passé positif, qui s'exprime par exemple dans : Si je suis venu vous trouver, c'est que je *voulais* vous être agréable.

506 **Imparfait équivalant à un conditionnel passé (= fait qui a été possible à un moment du passé, mais qui ne s'est pas réalisé, donc, là encore, irréel) avec certains auxiliaires :**

Tu *pouvais* avertir ton frère **(= tu aurais pu...)** — Elle *devait* vous aider **(= elle aurait dû...)** — Il *fallait* insister, voyons! **(= il aurait fallu...)**

Ne pas confondre avec les mêmes imparfaits traduisant des faits réels :

Il t'a prêté cette somme; il le *pouvait* bien, après les services que tu lui as rendus — Si elle vous a aidé, c'est qu'elle le *devait* — J'ai accepté cette proposition : il le *fallait*.

507 • **En revanche on rapprochera de ces emplois l'imparfait exprimant la conséquence inévitable d'un fait qu'on imagine réalisé :**

Si tu avais persévéré dans cette voie, tu *te ruinais* **(= tu te serais ruiné)** — Un peu plus, je *tombais* **(= je serais tombé).**

508 • **L'imparfait s'emploie après si, en concordance avec le conditionnel, pour exprimer :**

a) une supposition, soit irréalisable, se rapportant au présent :

Si j'étais plus jeune, je vous accompagnerais.

soit grevée d'un doute (alors elle se rapporte à l'avenir) :

Si, demain, je *recevais* sa réponse, je vous la transmettrais. **(hypothèse plus douteuse qua dans :** Si je reçois...**)**

b) une condition :

Je ne partirais que *s'il m'accompagnait* **(v. nos 738 et suivants).**

L'imparfait s'emploie après comme si pour exprimer une comparaison reposant sur une supposition, ou une cause apparente :

Il ferme les yeux *comme s'il dormait.*

• **Il exprime encore, après si (F.P. fam.) :**
le souhait : *S'il pouvait* revenir sain et sauf! **(fait réalisable).**
le regret : Ah! *Si j'avais* dix ans de moins!... **(fait irréalisable).**
la peur, l'inquiétude : Oh! *Si on me voyait!...*
l'invitation, la suggestion : *Si tu allais* te reposer un peu?
l'invitation impatiente : *Si tu te taisais!*

1. F. Brunot, *La Pensée et la Langue.*

509 **Un cas particulièrement curieux est celui de l'imparfait dit hypocoristique[1] employé par la mère française parlant à son bébé, comme si elle racontait l'histoire de cet enfant à une tierce personne :**

« Mais oui, madame, c'*était* le plus joli bébé du monde, et comme il *était* bien sage, il *avait* un bon gâteau. »

On notera ici, d'abord, que l'imparfait, avec sa terminaison en -ait, et le nombre de ses syllabes, a plus de corps que le présent, donc se prête mieux à un effet d'insistance ; ensuite, que c'est la transposition des faits au passé qui leur confère l'intérêt d'une histoire.

LE PLUS-QUE-PARFAIT : Jean avait travaillé.

C'est, avec le passé antérieur, un des deux temps qui expriment l'antériorité dans le passé.

I. Dans une subordonnée de temps

510 **La conjonction employée (donc la structure de la phrase) joue un rôle important :**

Depuis que, suivi du plus-que-parfait, exprime un fait antérieur à un état, lui-même traduit par l'imparfait :

Depuis qu'*il avait reçu* cette lettre, *il restait* songeur.

Après que, quand, suivis du plus-que-parfait, expriment généralement la répétition. Le verbe principal est alors à l'imparfait de répétition :

Quand il *avait bien déjeuné*, il *était* de bonne humeur.

Mais la valeur de répétition s'efface tout naturellement :

a) avec après que, si le verbe principal est à l'imparfait d'état :

« Le lien fédéral *demeurait* fort, 500 ans *après que* l'Étrurie *avait cessé* d'exister » (L. Heurgon, *Les Étrusques*).

b) avec quand, lorsque, si le verbe principal lui-même est au plus-que-parfait :

« Quand j'*avais aperçu* cette montagne de compétence, *j'avais songé*... » (Montherlant, *Disc. de réception à l'Ac. française*).

Autres mots subordonnants

Le plus-que-parfait s'emploie très couramment, pour exprimer l'antériorité, après parce que, comme (sens causal et sens comparatif), ainsi que, si interrogatif et après le pronom relatif. Le verbe principal peut alors être à l'imparfait, au passé composé, au passé simple, au plus-que-parfait :

Parce qu'il n'avait pas reçu de nouvelles de son père, il était inquiet, il a été inquiet trois jours, il fut inquiet trois jours, il avait été inquiet trois jours — Elle lui demanda *s'il avait reçu*... etc. — Ce garçon, *qui n'avait pas reçu*... etc.

1. C'est-à-dire d'affection, de gentillesse.

Il arrive que, surtout en liaison avec une relative au plus-que-parfait, le verbe principal soit au présent :

« Dans ces naufrages d'une foi dont *on avait fait* le centre de sa vie, on *s'accroche* aux moyens de sauvetage les plus invraisemblables » (Renan, *Souvenirs d'enfance et de jeunesse*).

C'est que le plus-que-parfait recule davantage dans le passé le fait en question, et lui confère un caractère irréel. Il en est de même dans des tours comme : Vous ne tenez pas ce que *vous aviez promis*. Ce n'est pas ce que *j'avais espéré*.

On rencontre ce plus-que-parfait « de déception » dans les propositions principales ou indépendantes :

Jean arrive? Je lui *avais écrit* de ne pas se déranger.

On notera enfin l'emploi fréquent du plus-que-parfait en concordance avec un verbe principal au passé, dans le style indirect, parallèlement à celui de l'imparfait :

Il demanda si elle *allait* mieux, si elle *avait* bien *dormi*. Elle répondit qu'elle *avait* dormi cinq heures **(voir n° 575 B).**

II. Dans une proposition indépendante ou principale

510 bis **Le plus-que-parfait exprime une action, un état antérieurs à un fait passé :**

L'orage *avait cessé*. Le soleil reparut **(ou :** a reparu).

L'orage *avait cessé* quand sonna **(ou :** a sonné) l'heure du départ.

D'où l'emploi du plus-que-parfait dans le titre d'un article de journal pour exprimer un fait qui sert de point de départ au récit :

Le voleur *avait trop bien combiné* son affaire...

L'achèvement peut être présenté, à l'aide d'un complément de durée, comme très vite réalisé :

On a apporté aux chats une assiette de lait; et, *en cinq minutes*, ils *avaient tout lapé*.

Cet emploi s'accorde fort bien avec l'idée de répétition :

Tous les jours, on *apportait*... et en cinq minutes, ils *avaient tout lapé*.

III. Valeurs du plus-que-parfait autres que temporelles

511 **Plus-que-parfait de discrétion :** J'*étais venu* vous demander...

(Venir est peut-être le seul verbe susceptible de cet emploi. On ne dit pas, dans ce sens, j'avais voulu, mais je voulais... v. n° 505.)

Le plus-que-parfait s'emploie après si, en concordance avec le conditionnel passé, pour exprimer un irréel du passé :

A ce moment-là, *si j'avais été plus jeune*, je vous aurais accompagné.

...ou une supposition relative à l'avenir mais traduisant une antériorité, et grevée d'un doute :

Si j'avais retrouvé votre livre *à 7 heures*, je vous l'apporterais.

De même que l'imparfait, le plus-que-parfait exprime, au moyen de comme si, une cause hypothétique, mais alors cette cause apparente se rapporte au passé :

Vous hésitez *comme si j'avais posé* une question obscure — Vous avez hésité *comme si j'avais posé...*

Comme l'imparfait encore, il exprime, après si (F.P.) : le souhait : *Si vous aviez pu* m'expliquer un passage de ce texte... **(= Je voudrais bien que vous m'expliquiez...)**
le regret : Ah! *Si j'avais su!...*
la peur (rétrospective) : Oh! *Si on m'avait vu!...*
l'invitation, le conseil : *Et si tu étais allé* te reposer un peu? **(= Tu devrais aller te reposer...)**

N. B. — Comme il y a un imparfait hypocoristique (v. n° 509) il y a un plus-que-parfait hypocoristique : « Mais oui, parce qu'on *avait été* bien sage, on avait un bon gâteau. »
Pour le plus-que-parfait surcomposé, voir n° 495.

LE PASSÉ ANTÉRIEUR : Quand Jean eut travaillé...

I. Dans une subordonnée (essentiellement F.E.)

512 **Après : quand, après que, dès que... (mais plus rarement après depuis que) le passé antérieur exprime l'antériorité d'un fait passé par rapport à un autre fait traduit par le passé simple :**

Dès que Louis XIV *eut rendu* le dernier soupir, la cour *se sentit* plus libre.

Comparaz avec la construction du passé composé et du passé surcomposé, en F.P. :

Dès qu'il *a eu rendu* le dernier soupir, la cour s'*est sentie* plus libre. **Voir n° 493.**

On trouve aussi (F.E.) le passé antérieur avec un verbe principal au passé composé, surtout si le verbe subordonné, employé à la forme pronominale, n'admet point le passé surcomposé :

La mère *a repris* espoir *dès que l'enfant se fut endormi.*

N. B. — La langue courante dira plutôt : dès que l'enfant *s'est endormi.*

Le verbe principal peut encore parfois, en F.E. littéraire, être à l'imparfait de description :

« Dès qu'*on eut* sur son front *fermé* le souterrain,
L'œil *était* dans la tombe et regardait Caïn. »
(Victor Hugo, *La Conscience.*)

ou au plus-que-parfait exprimant l'achèvement :

« Un mois à peine *après que* les éléments avancés *eurent touché* la terre ferme, l'armée de Patch *avait fait* sa jonction avec celle de Patton » (*Le Monde*, 11 août 1964).

II. Dans une indépendante

513 **(et toujours accompagné de : en un instant, bientôt, etc.), le passé antérieur marque l'achèvement rapide de l'action, dans un contexte au passé simple (F.E.) :**

On apporta une assiette de lait; et bientôt le chat *eut tout lapé.*

En F.P.: On a apporté une assiette de lait, et le chat *a eu vite fait* de tout laper.

LE CONDITIONNEL

Jean travaillerait si... — Jean aurait travaillé si... — On savait que Jean travaillerait (plus tard).

Le conditionnel traduit essentiellement un fait éventuel : aussi de nombreux linguistes le rapprochent-ils du futur[1].

514 **Ce fait éventuel est lié, en principe, à la réalisation, soit :**

a) d'une vraie condition :

Je vous *téléphonerais s'*il y avait nécessité.
Je vous *aurais téléphoné s'*il y avait eu nécessité.

515 **b) soit d'une simple supposition :**

Si (par hasard) *il y avait* nécessité, je vous téléphonerais.
Si (par hasard) *il y avait eu* nécessité, je vous aurais téléphoné[2].

N. B. — Le français emploie très souvent l'indicatif dans ces deux cas, mais avec une nuance de plus grande probabilité[3] :

1. Je ne vous *téléphonerai que s'il y a* nécessité.
Elle ne lui *a téléphoné que s'il y a eu* nécessité.

2. *S'il y a* nécessité, je vous *téléphonerai.*
S'il y a eu nécessité, elle lui *a téléphoné.*

EMPLOI DES TEMPS DU CONDITIONNEL

Le conditionnel présent

516 **Il est lié :**

- **à un fait réalisable dans l'avenir (= le possible) :**

Si le temps le permettait **(demain)**, je vous *accompagnerais.*

1. V. n° 470, note 1) : le conditionnel est-il un mode?
2. On remarque que la condition proprement dite se place le plus souvent en deuxième position. L'accent est mis ainsi sur cette partie de la phrase. Au contraire, quand il s'agit d'une simple supposition, c'est la principale qui normalement vient en deuxième place.
3. Voir, pour l'expression de la condition et de la supposition, les n°s 738 à 763.

- **à un fait qui n'est pas réalisé dans le présent (= l'irréal) :** Si j'avais vingt ans de moins **(maintenant)**, je vous *accompagnerais*.
- **à un fait qui ne s'est pas réalisé dans le passé (= l'irréel) :** Si j'avais obtenu son accord **(hier)**, je *saurais* comment agir.

Le conditionnel passé

517 **Il est lié à un fait qui ne s'est pas réalisé dans le passé :**
Si j'avais obtenu son accord, *j'aurais su* **(hier)** comment agir.

N. B. — Le conditionnel passé peut, cependant, se rapporter au présent ou à l'avenir : Si j'avais eu vingt ans de moins, je vous *aurais accompagné* **(maintenant ou demain) — Ici, c'est un irréel. Il peut encore se rapporter à l'avenir, en exprimant le possible, s'il est lié à un fait lui-même éventuel :** Si l'on me *confiait* (un jour) cette affaire, je l'*aurais* vite réglée.

A l'irréel du passé, on trouve souvent (en F.E.) ce qu'on appelle encore parfois la 2e forme du conditionnel passé, c'est-à-dire le subjonctif plus-que-parfait. Les combinaisons suivantes sont possibles :

S'il *eût su*, il *eût agi* autrement.
S'il *eût su*, il *aurait agi* autrement **(combinaison plus rare).**
S'il *avait su*, il *eût agi* autrement.
S'il *avait su*, il *aurait agi* autrement **(combinaison la plus courante).**

518 **Dans le sens de même si, on trouve souvent le conditionnel, sans conjonction :** *Accepterais-tu* (*qu'*) il serait trop tard **et aussi, surtout en F.E., l'imparfait ou le plus-que parfait du subjonctif :**

Le méchant, *fût-il* prince, n'est qu'un gueux.
Eût-il vaincu à Waterloo, Napoléon était voué à une chute prochaine **(voir nos 755 bis-755 ter).**

Le conditionnel proprement dit est également possible, même en F.P. : Le méchant, *serait-il* un prince... *Aurait-il* vaincu... **Mais le F.P. dira plutôt :** Quand même il *serait* un prince... **ou :** Même s'il *était*...

519 **Le conditionnel, exprimant un fait éventuel, peut s'inscrire dans une subordonnée, dépendant elle-même d'une éventualité. C'est là un emploi très étendu, surtout en F.P., du conditionnel présent ou passé.**

Si vous agissiez de telle façon que vos amis *seraient* satisfaits... **(F.E. : ...** *fussent* satisfaits.)
Il peut partir à dix heures, mais, *dans ces conditions*, il partirait après que l'autre *serait arrivé*.

Futur du passé et futur antérieur du passé

520 **Du fait de son origine, et de sa valeur d'éventuel, le conditionnel présent (ou passé) remplace le futur (ou le futur antérieur) dans une subordonnée dépendant d'un verbe au passé**[1] : On savait qu'il *pardonnerait* un jour — qu'il *aurait pardonné* d'abord.

Mais, après un verbe principal au passé composé, cette substitution n'est obligatoire que si l'action exprimée par la subordonnée se situe elle-même au passé, ou au présent, per rapport au narrateur :

Il a dit, avant hier, qu'il *reviendrait le lendemain* — Il a dit qu'il *serait revenu le lendemain soir* — Il a dit qu'il *serait ici en ce moment.*

Si, en revanche, l'action exprimée par la subordonnée se situe dans l'avenir par rapport au narrateur, on peut avoir : Il a dit qu'il *reviendrait demain,* **ou :** qu'il *reviendra demain.*

Ce futur du passé peut prendre place dans beaucoup de subordonnées, par exemple :

dans une relative :

On décida de récompenser celui *qui arriverait* le premier.

dans une interrogetive indirecte :

Ils demandèrent *s'ils pourraient* recommencer les épreuves.

ou dans le style indirect libre (v. n° 574 bis.) :

On lui accorda une satisfaction : *il recommencerait* l'épreuve.

Rappelons qu'il existe un conditionnel passé surcomposé (v. n° 495) : Il m'a dit qu'il me recevrait dès qu'il *aurait eu fini* son courrier. **Mais cette forme est rare et n'ajoute qu'une nuance assez faible au conditionnel passé.**

Le conditionnel dans une proposition indépendante

521 **Il peut exprimer :**

- **une éventualité liée à une suppcsition plus ou moins explicite :**

  Ne faites pas de bruit : l'enfant s'*éveillerait.*

  Venez dès 8 heures. A 9 heures, ce *serait* trop tard.

- **une affirmation nuancée d'une sorte de réserve :**

  Je *voudrais* vous parler — On *dirait* qu'il a peur.

- **particulièrement, un renseignement qu'on ne prend pas à son compte :**

  Aux dernières nouvelles, le blessé *serait* hors de danger; il *aurait été* ramené chez lui.

[En ce sens on n'emploie pas le subjonctif plus-que-parfait[2]**:** *il eût été ramené.*]

1. C'est, en fait, l'emploi le plus ancien du conditionnel : *je parlerais* était, étymologiquement (v. n° 474, note 3) : *j'avais à parler.* C'est pourquoi le subjonctif plus-que-parfait, qui n'a rien d'un futur, **ne peut être employé en ce sens.**
2. Pourtant nous en avons relevé un cas chez Daniel-Rops, mais en coordination avec un premier verbe au conditionnel.

- **l'étonnement** : Quoi! vous me *céderiez* votre tour? (vous *m'auriez cédé...*)
- **la protestation indignée** : Moi, j'*aurais trahi* ma parole!
- **un rêve, un plaisir qu'on imagine** : Voici comme je vois ma maison : elle *aurait* un toit rouge et des volets verts.
- **particulièrement, dans les jeux des enfants** : Je *serais* le cocher, tu *serais* le cheval.

LE SUBJONCTIF

522 **Par opposition à l'indicatif, qui est le mode du fait posé comme tel, le subjonctif est le mode de ce qui est seulement pensé, senti ou voulu. Il traduit essentiellement un mouvement de l'âme[1].**

D'où l'emploi courant du subjonctif pour exprimer :

- **l'ordre ou la défense, concurremment avec l'impératif, mais seulement à la troisième personne[2] :**
  Qu'il sorte! — *Qu'on ne me réplique pas*!
- **le souhait :**
  Ainsi *soit-il*! — Le diable *l'emporte*! — *Que je meure* si je mens!

Le souhait peut, à la 1re personne, impliquer une défense :
« Et *que je ne vous revoie point* dans le pays, ou bien vous aurez de mes nouvelles. » (Maupassant, *Le Vagabond.*)

Dans : « *Plût* au Ciel qu'il fût encore vivant! », l'imparfait du subjonctif exprime le regret (F.E.).

- **la protestation indignée** : Moi, *que je fasse* ça!
- **le désir qu'on va réaliser :**
  Ah! *que je vous dise* une nouvelle! (= je veux vous dire).
- **la supposition** : *Qu'il dise* un seul mot *et* je le mets dehors!
- **la réserve, introduite par autant que, qui atténue une affirmation :**
  Autant qu'on sache (qu'*on puisse* l'espérer), c'est la paix.

[Noter ici les expressions anciennes (formées du subjonctif de savoir) employées dans une subordonnée avec une principale généralement négative :
Il n'est pas venu, *que je sache*, *autant que je sache*
ou dans la principale elle-même : *Je ne sache pas* qu'il soit venu.]

- **la concession en forme d'hypothèse** : Le méchant, *fût-il* un prince, est un gueux.

1. Selon l'expression de R. Le Bidois (*Le Monde*, 27 mai 1964).
2. Cependant sois, soyons, soyez; aie, ayons, ayez, sache, sont des formes du subjonctif employées pour les 1re et 2e personnes de l'impératif.

523 [Pour l'emploi du subjonctif dans les propositions **sujet** ou **objet**, voir n°s 627 et suivants et 637 et suivants.]

524 **Le subjonctif est, en bonne langue, une nécessité grammaticale après certaines conjonctions exprimant :**

• le temps : avant que, jusqu'à ce que. — Jusqu'à ce que est aujourd'hui rarement suivi de l'indicatif, alors que ce mode était courant dans la langue du XVIIe siècle, pour rapporter un fait réel (voir n° 682).

N. B. — Le passé du subjonctif se répand de plus en plus avec après que. Il y a là une influence analogique de avant que. Ce subjonctif (qu'on trouve dans l'ancienne langue) est justifié quand la phrase a une signification d'éventualité (Si tu pars *après qu'on ait dîné*...); **il l'est moins quand la phrase a valeur de fait.**
Et des nuances temporelles précieuses sont ainsi perdues : futur antérieur, passé composé, plus-que-parfait, passé antérieur[1].

Nous conseillons donc de continuer à dire ou à écrire :

Il partira après qu'*on aura dîné* — il part après qu'*on a dîné*.
Il partait après qu'*on avait dîné* — il partit après qu'*on eut dîné*.

525 **• la concession : bien que, quoique :**

Bien qu'il soit malade...

Mais de plus en plus, pour des raisons de clarté et de facilité, apparaissent, surtout en F.P. fam., le futur, l'imparfait de l'indicatif, le conditionnel :

Bien qu'il *sera* content; qu'il *était* content; qu'il *serait* content... **(voir n° 724).**

526 **• le but : pour que, afin que, de peur que (et que après un impératif** : Donne donc un bonbon au petit, *qu'*il se taise).

• la conséquence voulue : de (telle) sorte que :

J'ai agi de *sorte que vous ayez* satisfaction — **Comparez (conséquence non voulue)** : Les faits ont évolué *de sorte que vous avez* satisfaction **(voir n° 701).**

527 **• la cause niée : non que (F. E.) :**

La Bastille fut détruite, *non qu'elle fût* encore bien redoutable, mais [parce qu']elle était le symbole du despotisme **(v. n° 694).**

528 **• la supposition, la condition : à supposer que, pour peu que, à condition que, pourvu que, à moins que :**

Il viendra, *à condition que* le temps le permette.

1. Le sens de la phrase peut même devenir tout à fait obscur. C'est le cas, notamment, quand la proposition après que... se rattache à un groupe sans marque temporelle; par exemple : « Ce qui complique les choses, c'est son arrivée après que Paul *soit parti* » On ne sait si *l'arrivée* s'applique à un futur, à un présent ou à un passé Les formes : sera parti, était parti, est parti, fut parti, éclaireraient toute la phrase.

et après un que équivalant à si :

Si tu donnes ta parole et *qu'*ensuite *tu la trahisses...*

(Mais l'indicatif tend à se répandre, voir n°s 760-761).

Pour le mode après le **pronom relatif**, voir n°s 416-417.

529 **N. B. — 1. Ici prennent place les faits d'attraction : dans le F.E. (et même dans le F.P.) une proposition au subjonctif (et parfois au conditionnel) commande souvent le subjonctif dans une proposition qui lui est subordonnée :**

« Quelles que *soient* les circonstances qui *puissent* expliquer son erreur... » (voir n° 417). De même : « Je me souviendrais qu'elle m'*ait parlé bas.* » (R. Pinget, *Quelqu'un.*)

Les subjonctifs s'opposent nettement à des indicatifs qui exposeraient ou nieraient des faits positifs.

2. On constatera souvent que dans le français d'aujourd'hui le subjonctif obéit à un double mouvement d'extension ou de recul, selon, semble-t-il, que l'accent tend à se mettre sur le sentiment ou sur le fait.

Ainsi le subjonctif est en extension après : j'espère que — il est probable que — il est exact que.

Il est en recul, si l'on considère le progrès de l'indicatif dans les tours comme : je ne doute pas que — il est à craindre que — il est possible que — quoique, bien que, **etc. (dans bien des cas, le souci ou la nécessité de préciser une nuance de temps favorisent l'indicatif).**

Mais, une fois de plus, nous vous conseillons de rester fidèles aux règles et usages traditionnels. En les respectant, vous n'étonnerez personne (voir n°s 627 et suivants et n° 638).

530 **Dès maintenant notons qu'après certains verbes, subjonctif et indicatif sont, respectivement et suivant le sens, des nécessités grammaticales :**

Comprendre : Je comprends qu'il ne *viendra* pas (= **De ce que vous dites, je conclus que...**).
Je comprends qu'il ne *vienne* pas (= **Je comprends son désir de ne pas venir — je trouve naturel qu'il ne vienne pas**).

Dire (écrire, etc.) : Je dis (j'écris) qu'il *est* imprudent (**c'est un fait**).
Je lui dis (lui écris) qu'il *soit* prudent[1] (**c'est un conseil**).

Entendre : J'entends qu'on *vient* (**opération des sens**).
J'entends qu'on *vienne* (= **Je veux qu'on vienne**).

Prétendre : Je prétends qu'il *a* tort (= **J'affirme que...**).
Il prétend que son fils *soit* le premier en tout (= **Il exige, par une volonté abusive, que...**).

1. On préfère l'infinitif (v. n° 636) : Je lui dis (lui écris) d'*être* prudent.

Sembler (impersonnel) : Il semble que l'occasion *soit* favorable (ou *est* favorable).
Il *me semble* que l'occasion *est* favorable **(il me semble = je crois).**

Supposer : Je suppose que vous *avez* l'intention de nous aider **(= Je crois que vous avez... Sans doute avez-vous...).**
Je suppose **(ou :** Supposons) que vous *ayez* l'intention de nous aider : dans ce cas, vous devrez apporter vos outils **(il s'agit seulement d'une hypothèse).**

Tenir : Je tiens que le roman *est* aujourd'hui le « genre » universel **(= J'affirme que...).**
Je tiens à *ce que* vous *soyez* prudent **(= Je désire fermement que...).**

LES TEMPS DU SUBJONCTIF

LE SUBJONCTIF PRÉSENT : Il faut que Jean travaille, comprenne...

531 **Il exprime une idée, un sentiment qui se placent dans le présent :**
Autant qu'on *sache*, ce meuble est ancien — Bien que la température *soit* fraîche, nous dînons au jardin.

Mais très souvent le présent du subjonctif se rapporte à l'avenir :
Qu'il sorte! — Il faut que vous *alliez* le voir — Je souhaite qu'il *réussisse.*

LE SUBJONCTIF PASSÉ (OU PARFAIT) : Il faut qu'il ait travaillé.

532 **Il exprime l'achèvement, par rapport à un moment de l'avenir :**
Qu'il *ait fini* dans une heure — Je ferai en sorte qu'il *ait accepté* quand vous reviendrez — Attendez qu'il *ait fini* de parler.

Mais il peut marquer aussi l'antériorité par rapport au présent :
Pour qu'il *ait agi* ainsi, il faut qu'il *ait été* bien imprudent.

L'IMPARFAIT ET LE PLUS-QUE-PARFAIT : Il fallait qu'il comprît... qu'il eût compris...

533 **L'imparfait et le plus-que-parfait du subjonctif sont, en F.E., les substituts respectifs du présent et du passé du subjonctif quand le verbe principal est à un vrai passé[1] (imparfait, passé simple, passé antérieur, plus-que-parfait).**
Comparez : On *souhaite* qu'il *vienne* — On *souhaite* qu'il *soit venu.*
et : On *souhaitait* qu'il *vînt* — On *souhaitait* qu'il *fût venu.*

1. Voir les tableaux de concordance des temps, nos 576, 577 *c* et 577 *bis*

534 **Toutefois, même dans le F.E., cette règle de concordance ne s'applique plus strictement si le verbe principal est un passé composé (= passé en contact avec le présent) :**

On *a souhaité* qu'il *vienne*.

Et, surtout, si le fait exprimé par le verbe de la subordonnée est, soit considéré comme en dehors du temps, soit envisagé par rapport au moment présent, ou à l'avenir :

La nature *a voulu* que l'homme *ait* l'usage de la parole.
Cette décision, si grave qu'elle *puisse* paraître aujourd'hui (ou : un jour), se justifiait alors.

On notera d'ailleurs que, même dans le F.E., l'imparfait et le plus-que-parfait du subjonctif deviennent rares et ne s'emploient guère qu'à la 3e personne du singulier, surtout aux formes monosyllabiques : qu'il fût, qu'il eût, qu'il pût, qu'il fît, etc.

Quant au F.P., il évite, dans tous les cas, l'imparfait et le plus-que-parfait du subjonctif :

On *souhaitait* qu'il *vienne*, qu'il *soit venu*.

535 **Emplois particuliers dans le F.E.**

Dans le F.E. surveillé, ces deux formes remplacent un imparfait et un plus-que-parfait de l'indicatif, là où le subjonctif est nécessaire, même si le verbe principal est au présent :

(Il venait chaque jour) : Qu'*il vînt* chaque jour, c'est certain.
(Il était arrivé depuis le matin) : Qu'*il fût* arrivé depuis le matin, c'est vrai.

De là des tours comme : « Il n'est pas douteux que chaque homme n'*envisageât* **(alors)...** » (Pierre Gaxotte, *Histoire des Français*).

Dans tous ces cas, la langue courante dira, par exemple : Qu'il *soit venu* chaque jour, c'est certain — Il *était arrivé* depuis le matin, c'est vrai.

536 **Le F.E. emploie encore l'imparfait du subjonctif :**

- **avec une valeur de conditionnel, au sens de même si...**

  Le méchant, *fût-il* un prince, n'est qu'un gueux (= ***serait-il*** **un prince — *même s'il était...*)** — Le *voulût-il*, il ne le pourrait pas (= ***même s'il le voulait*).**

- **pour exprimer un souhait non réalisable :**

  Plût au Ciel qu'il *fût* encore vivant. Elle voudrait qu'il *fût* encore vivant **(langue courante :** qu'il *soit*...).

Mais si le souhait est réalisable, le F.E. lui-même n'hésite plus à employer le présent du subjonctif :

Elle voudrait qu'il *vienne* de bonne heure.

537 **Enfin dans une proposition (et que...) coordonnée à un si introduisant une supposition douteuse à l'imparfait de l'indicatif, le F.E. emploie, en stricte correction, l'imparfait du subjonctif :**

Comparez : Si le temps le permet, et que la mer *soit* belle, le bateau sortira **et** : Si le temps le *permettait* et que la mer *fût* belle, le bateau sortirait. **Mais voir nos 761 et 761 bis.**

N. B. — Pour la concordance des temps avec jusqu'à ce que, avant que, voir n° 577.

537 bis **Il existe un passé du subjonctif surcomposé (voir n° 495) :**

On l'a condamné avant qu'il *ait eu répondu.*

C'est une forme rare.

L'IMPÉRATIF : Travaille, travaillons, travaillez.

L'impératif a deux temps, qui tous deux se rapportent à l'avenir :

IMPÉRATIF PRÉSENT

538 **A la 2e personne du singulier ou du pluriel, il exprime :**

un ordre : *Sors! — Sortez!* — une défense : *Ne sors pas!*

un conseil : *Refusez* cette offre, *croyez*-moi — *N'allez pas* le contredire!

une invitation : *Asseyez-vous,* Monsieur.

un souhait : *Dormez* bien.

une prière : *Donne-nous* aujourd'hui notre pain de ce jour.

Il a parfois une valeur ironique ou d'indignation : Oui, *compte* là-dessus! — *Allez* donc leur demander ça! — *Dormez, ne* vous *gênez pas!*

539 **A la 1re personne du pluriel, il exprime une exhortation, un encouragement adressés à tout un groupe** : *Poussons! — Allons-y!*

Mais il peut s'appliquer essentiellement à un seul acteur :

Voyons votre affaire.
Je donnerai, *disons* vingt francs.

L'impératif exprime encore la supposition : *Chassez* le naturel, il revient au galop (= **Si vous chassez...**).

Enfin il entre dans un grand nombre d'expressions figées, ou d'exclamations : *Veuillez* agréer... — *Daignez* accepter[1] — Il te pardonnera, *va...* — *Allons,* ne te fâche pas — *Tiens,* la tache a disparu, **etc.**

IMPÉRATIF PASSÉ

540 **On l'emploie (assez rarement) pour ordonner ou conseiller une action qui devra être achevée à un certain moment du futur:**

Ayez fini pour ce soir.

La langue courante dira plutôt : *Tâchez d'avoir fini* ce soir.

1. Veuillez et daignez sont devenus des sortes d'*auxiliaires* de l'impératif.

L'INFINITIF : Travailler — Comprendre

541 **L'infinitif a, peut-on dire, deux valeurs[1] :**
Celle d'un nom, généralement au présent :
La joie de *vivre* (= de la vie)
Celle d'un verbe, dans ses divers temps :
Que lui *dire*? — Lui, *avoir* trahi!

L'INFINITIF-NOM PEUT ÊTRE

542 **Sujet :** *Étudier* est toujours profitable. Il est beau de *pardonner*.
Attribut : Souffler n'est pas *jouer*.
Objet direct : J'aime *lire*.
Objet indirect : On l'oblige *à chanter*. Nous parlons *de revenir*.
Complément circonstanciel : Il reçut le choc *sans trembler*.
Complément de nom : Les enfants sont tout à la joie *de partir*.
Complément d'adjectif : Elle est heureuse *de donner*.
Apposition : Il n'a qu'une idée, *mourir*.

L'infinitif peut être formellement substantivé, grâce à l'article :
On lui refuse le *boire* et le *manger*.

N. B. — L'infinitif se construit avec la préposition à après certains adjectifs. C'est une sorte de complément de point de vue :
Une chose *facile à dire* — Vêtements *prêts à porter* — Villa *prête à habiter*.

543 **On notera que, dans les divers cas du n° 542, l'infinitif n'a point de sujet propre. Ce sujet doit être très clairement impliqué dans la phrase :**
Tu aimes lire — On *les* oblige *à chanter* — Le journalisme mène à tout, à condition d'en *sortir*.

On voit que ce sujet est généralement celui du verbe (à un mode personnel) dont l'infinitif dépend (Tu aimes lire) **ou qu'il est représenté par un complément de ce verbe :** On *les* oblige *à chanter*, **même si ce complément n'est qu'implicite :**
Le journalisme mène à tout... **(mène les gens à tout...).**

D'une manière générale, on veillera à ce que l'infinitif prépositionnel ait implicitement le même sujet que le verbe dont il dépend :
Dans : Tu me le diras avant de *partir*, **l'infinitif signifie seulement :**
avant *ton* départ.
Si l'on veut donner à partir un autre sujet que toi, il faudra tourner de manière à bien dégager cet autre sujet :
Tu me le diras avant que *je* ne *parte*, avant qu'*il* ne *parte* — avant *mon* départ, *avant son* départ, **etc.**

1. Elles sont parfois difficiles à discerner, l'infinitif étant essentiellement la forme du *concept* de l'état ou de l'action (M. Cressot). C'est ce qui explique l'emploi de l'infinitif dans certains titres : « Traduire Dante » *(Le Monde* du 5 février 1965*)* — Lire, Écrire (J-P. Sartre, *Les Mots*, titres de chapitres).

Emploi des prépositions de et à devant l'infinitif

544 **Dans bien des cas, ces prépositions, vidées de leur sens premier, jouent, devant l'infinitif, le rôle de particules de soutien :**

• infinitif sujet :

De : souvent devant un infinitif précédant le verbe principal :

De travailler [ça] lui a fait oublier son chagrin. **(En F. E.** *Travailler* lui fit oublier...)

Et il faudra dire, quand il y aura postposition de l'infinitif-sujet : Il est agréable *de* lire — C'est une belle chose *d'*étudier (*que d'*étudier) — Mon intention est *d'*étudier — C'est à lui *de* répondre.

• infinitif objet :

De et à : seul l'usage peut enseigner ici les diverses constructions (voir n° 636).

VALEURS PROPREMENT VERBALES DE L'INFINITIF

Propositions infinitives (ayant généralement un sujet).

545 **Elle dépendent surtout : a) de verbes exprimant une opération des sens — b) des verbes faire, laisser.**

— Les constructions sont les suivantes si l'infinitif n'a pas de complément d'objet :

a) verbes exprimant une opération des sens :

J'*entends* le chien *aboyer*[1] — Je les *vois sortir*.

On peut construire avec inversion (postposition) du sujet de l'infinitif et dire :

J'entends aboyer *un chien* — Je vois sortir les *enfants*, **aussi bien que :** J'entends *un chien* aboyer — Je vois les *enfants* sortir.

Dans les exemples ci-dessus, les verbes à l'infinitif sont intransitifs. Avec les verbes transitifs, le sujet est toujours antéposé : J'ai entendu *Pierre appeler*.

b) verbes faire, laisser :

546 Je fais *entrer* les enfants **(avec faire, le sujet-nom est postposé à l'infinitif.)**[2] — Je *les* fais *entrer*.
Je laisse *entrer* les enfants — Je laisse les enfants *entrer* — Je *les* laisse *entrer*.

547 **— Mais quand l'infinitif dépendant des verbes de perception ou de faire, laisser, présente, à la fois un sujet et un complément d'objet, les constructions sont plus délicates :**

1. Le Français d'aujourd'hui a le sentiment que *le chien* est complément d'objet, *aboyer* représentant une sorte de qualificatif **(v. 549 bis).**
2. Exemples de l'autre construction chez Gide, en particulier.

a) Verbes de perception :

Je vois *Pierre* donner une aumône **(tour obligatoire).** Je *le* vois donner une aumône **ou (plus rarement, et surtout en F.P. fam.) :** Je *lui* vois donner une aumône (= *lui* **équivaut à un vrai sujet de** *donner*[1]) — Je *l'*entends dire des sottises **ou :** Je *lui* entends dire des sottises.

Remarquer que dans : J'ai entendu dire *à mon père* que... J'ai vu faire *à mon père* des choses extraordinaires, **à signifie le plus souvent par (que l'on peut d'ailleurs employer).**

548 **b) Verbe faire :**

1. Je *lui* fais écrire une lettre **a deux sens possibles :** c'est lui *qui écrit* cette lettre — **ou** c'est à lui *qu'on écrit* cette lettre.

On tournere donc de façon non équivoque ; par exemple : Je *l'engage* à écrire une lettre, **ou :** J'obtiens *qu'on lui écrive* une lettre.

De même : Je fais écrire une lettre *à Pierre* **peut avoir deux sens. On dira donc plutôt, dens le 1er sens :** Je fais écrire une lettre par Pierre.

On notera à cette occasion l'expression figée : *Je ne le lui fais pas dire — Je ne vous le fais pas dire.* **(Il a dit cela, vous avez dit cele spontanément.)**

2. Le tour : Vous *le faites* dire des bêtises **s'entend en F.P. très fam. Il est sans équivoque, mais nous vous conseillons de l'éviter car, en principa, si l'infinitif accompagnant faire a un complément d'objet direct, c'est le pronom lui qu'on emploie, pour exprimer le sujet de l'infinitif :**

Vous *lui* faites dire des bêtises.

On trouve même lui avec un complément d'objet indirect :

« L'aspect buté de l'enfant *lui* fit changer de manière. » (R. Martin du Gard, *Les Thibault.*)

Si l'infinitif est un verbe réfléchi, on emploie le :

Vous *le* faites *se tromper.*

549 **c) Verbe laisser. Il n'offre guère que les tours suivants :**

Je *le* laisse écrire une lettre — Je laisse *Pierre* écrire une lettre. **Ou F.P. fam. :** Je *lui* laisse écrire une lettre[2] — Je laisse écrire une lettre *à* Pierre (deux sens : *pour* Pierre; *par* Pierre).

549 bis **N. B. — Les verbes exprimant une sensation particulièrement fine ou précise, comme apercevoir, distinguer, percevoir, se construisent le plus souvent evec un participe. Du fait de leur valeur très concrète, c'est le nom qui devient ainsi leur objet :**

J'aperçois nos amis *montant* la côte.

Meis on trouve des exemples de l'infinitif :

« Il *distingue* sur le perron *s'avancer* sa mère » (Gide, *Le Retour de l'enfant prodigue*), construction que Claudel approuve dans une lettre à Gide, du 3 mars 1908.

1. Il est construit comme certains compléments d'agent (voir n° 601).
2. On notera que cette construction est sncienne : Voir Bossuet : « Laissons-*lui* mépriser tous les états de cette vie » (*Oraison funèbre d'Henriette d'Angleterre*).

550 **Verbes d'opinion et verbes décleratifs :**

Avec ces verbes (dire, croire, espérer, etc.) et avec savoir, la proposition infinitive evec sujet ne se rencontre qu'à l'intérieur d'une proposition relative. Encore est-ce une tournure assez rare, eppartenant au F.E.

J'ai interrogé un voisin, *que* je savais *avoir fait* ce voyage[1], *préparer* ce voyage, *devoir faire* ce voyage. **(Variantes de la langue courante :** ... un voisin *dont* je savais *qu'*il avait fait ce voyage — ... un voisin *que* je savais *qui* avait fait ce voyage.**)**

550 bis **Mais on trouve fréquemment avec ces verbes un infinitif sans sujet exprimé ; ce sujet est, en fait, le même que celui du verbe principal (v. n° 636) :**

Il dit *être* satisfait. Il prétend t'*avoir écrit*.

Autres emplois de l'infinitif

551 **L'infinitif connaît encore toutes sortes d'emplois pour exprimer :**

le fait paeeé, dans un récit du F.E. : c'est l'infinitif de narration, qui introduit une péripétie soudaine, avec ou sans sujet, et toujours soue le forme du présent :

Il fit une bonne plaisanterie, et tout le monde *de rire*.

l'ordre, la défense, la prescription, ayent le plus souvent une veleur générale :

Ralentir — *Ne pas se pencher* au-dehors — *Faire* cuire à feu doux — *Prendre* trois gouttes matin et soir.

l'avertissement d'avoir à se souvenir. On notera dans un agenda :

Écrire à Jean — *Penser* aux impôts.

le souhait : Ah! *dormir* seulement deux heures!

l'indignation, la protestation : Lui, *avoir fait* ça!

le délibération, l'hésitation (avec un mot interrogatif) :

Que *faire*? — Je ne sais que *faire*, où *aller*.

une supposition ou une ceuse :

« *A vaincre* sans péril, on triomphe sans gloire. » (Corneille, *Le Cid*.)

la destination, la conséquence (avec un pronom relatif) :

Je n'ai pas d'endroit où *me retirer* — Je cherche quelqu'un avec qui *voyager* **(v. n° 416 bis) ou, comme complément d'un edjectif :** C'est bête *à pleurer* **(= au point de pleurer)** — Un enfant gentil *à croquer*.

Ces constructions sont différentes des tours : un repas facile à préparer, un garçon agréable à fréquenter, **où l'infinitif exprime non une destination, une conséquence, mais une simple précision apportée eu sens de l'adjectif (voir n° 542 N. B.).**

1. Ne pas confondre avec un tour comme : Pierre, que je veux être le premier à féliciter, où que est objet de féliciter.

Noter encore les expressions : Il met du temps *à venir* — J'ai de la peine *à marcher* — Il a du plaisir *à vous voir* — **où l'infinitif complète une locution verbale.**

Enfin l'infinitif, dans le sens d'une destination, peut compléter un verbe :

J'ai *à écrire* un rapport — **ou un nom :** Voilà *un travail à recommencer.*

552 **On ne confondra pas ce dernier emploi avec celui de l'infinitif construit comme un nom complément d'un autre nom. Dans :** une *scie à découper,* **l'infinitif a la valeur d'un nom (= une scie pour le découpage) ; dans :** *une silhouette à découper,* **il a une valeur plus nettement verbale (= une silhouette qui doit être découpée.)**

LES TEMPS DE L'INFINITIF

Infinitif présent : travailler

553 **Il a une très grande extension. Non seulement il peut exprimer diverses valeurs du présent (v. n° 481) :**

Souffler n'est pas *jouer* — Elle est heureuse de vous *donner*

mais encore il peut exprimer diverses sortes de temps :

le futur : Il espère *réussir* (= **plus tard).**

ou le passé (très rarement) : Après *boire,* il est irritable.

N. B. — Après entraîne obligatoirement l'infinitif passé, si cet infinitif a un complément : Après t'*avoir* consulté.

Un adverbe suffit à conférer la valeur future à l'infinitif présent :

Accepter aujourd'hui, c'est *regretter demain.*

554 ### Infinitif passé : Avoir travaillé

Il exprime l'antériorité par rapport au verbe à un mode personnel :

Il croit *t'avoir vu* — *D'avoir mal agi* t'empêche de dormir — Il part, il partit, il partira après *avoir déjeuné.*

Parfois l'infinitif passé exprime plus précisément l'action accomplie :

Il faut *avoir vu* cela — Ne partez pas avant d'*avoir réglé* votre note (avant de régler votre note **est possible également, mais sans la nuance d'achèvement).**

Infinitif futur

555 **Il n'existe que dans la périphrase : devoir être, devoir faire, etc., et ne s'emploie que lorsqu'on veut marquer expressément le futur :**

Cette situation semble *devoir durer* quelque temps — ... un voisin que je savais *devoir faire* ce voyage **(n° 550).**

LE PARTICIPE

Le participe est, comme l'infinitif, une forme nominale du verbe; plus précisément, il participe à la fois du verbe (il peut exprimer l'action) et de l'adjectif (il peut qualifier un nom).

LE PARTICIPE PRÉSENT : Travaillant.

I. Participes devenus essentiellement adjectifs, ou adjectifs verbaux

556 **A la façon des adjectifs ordinaires, ils qualifient le nom, soit comme épithètes, soit comme attributs, et s'accordent avec lui en genre et en nombre. Ils traduisent une manière d'être (durable ou non) plutôt qu'une action déterminée :**

> Ses yeux *brillants* disent la convoitise — Je l'ai trouvée toute *tremblante* — Nous avons attendu avec une impatience *grandissante* — « La bourrasque *gémissante* battait les vitres » (Maupassant, *Une Vie*).

La valeur adjective de ces participes est si bien établie, que l'orthographe de certains s'est différenciée :

> **participe** *convainquant*; **adjectif** : des arguments *convaincants*.
> **participe** *fatiguant*; **adjectif** : un travail *fatigant*.
> **participe** *adhérant*; **adjectif** : un tronc d'arbre avec les branches *adhérentes*.

Dans certaines expressions figées, l'adjectif verbal équivaut à une relative dont le sujet serait on :
Une séance *payante* (où l'on paie) — Une collation *soupante* **(au cours de laquelle on soupe, si copieuse qu'elle tient lieu de souper, c'est-à-dire de dîner).**

Parfois l'adjectif prend une valeur intensive : une couleur *voyante* **(= que l'on voit bien)** — une rue *passante* **(= où l'on passe beaucoup).**

II. Participes à valeur essentiellement verbale

556 bis **En tant que verbes, ils admettent normalement des compléments, d'objet ou circonstanciels; en outre, ils ont un sujet. En tant qu'adjectifs, ils qualifient ce sujet. Mais ils restent invariables, du moins en principe. F. Brunot et Ch. Bruneau notent dans leur** *Précis de Grammaire historique* **:**
« C'est un procédé habituel aux écrivains modernes d'accorder certains participes pour marquer une nuance de sens. Flaubert écrit :

> « Ils se voyaient *mourants* par les fièvres dans des régions farouches » (*L'Éducation sentimentale*);

mourants, **qui évoque une mort lente, est beaucoup plus expressif que** *mourant* **qui indiquerait une mort instantanée. »**

Nous distinguerons les participes conjoints (construits comme des épithètes immédiates) ; type :

Un portefeuille *contenant* deux mille francs,

et les participes disjoints, qu'une pause plus ou moins longue sépare du nom, ce qui confère au participe la valeur d'une circonstance ; type :

Voyant l'embarras de l'étranger, l'agent se fit plus aimable.

557 **A — Participes conjoints ; type :**

Un portefeuille *contenant* deux mille francs.

a) En F.P. cette construction se rencontre.

Mais la préférence va nettement à la proposition relative : s'articulant sur le nom, elle assure facilement le jeu des temps et des modes.

Si donc le français parlé admet volontiers le participe lorsque la nuance qualificative est encore sensible (Un portefeuille *contenant* deux mille francs), **en revanche il donne le pas à la relative s'il s'agit surtout de souligner l'action : le français parlé ne dira pas :** « Ils ont l'air de gens pêchant », **mais plutôt** « Ils ont l'air de gens *qui pêchent* » — **ni :** « Les autos allant vers la frontière sont nombreuses » **mais plutôt :** « Les autos *qui vont...* »

557 bis **b) En F.E. le participe en « ant » a une fâcheuse réputation de monotonie et de lourdeur, à cause de sa finale.**

Pourtant, les écrivains les plus sourcilleux admettent fort bien ce participe conjoint :

soit parce que précisément sa « lourdeur » concourt à produire un effet :

« ... Le claquement d'une charrette *roulant* au loin dans les ornières » (Flaubert, *Madame Bovary*).

soit parce qu'il permet, par la redondance même, une manière d'insistance :

« Et tout cela *grouillant*, *criant*, tumultueux et furieux, l'étourdit » (Flaubert, *Tentation de saint Antoine*).

soit parce qu'il permet, tout simplement, de varier le tour, et, en particulier, d'éviter la répétition des *qui* **:**

« Le cortège, d'abord uni comme une seule écharpe de couleur, qui ondulait dans la campagne, le long de l'étroit sentier *serpentant* entre les blés verts... » (*Madame Bovary*).

On notera que, parfois, le participe semble l'emporter sur la relative : c'est que celle-ci, en imposant un temps ou un mode trop précis, risquerait de gêner l'énoncé. Lorsque *Le Monde* **du 1er avril 1965 imprime :** « Les organisateurs espèrent une recette supplémentaire d'au moins 100 000 dollars *provenant* de la télévision », **il esquive ainsi la difficulté d'énoncer une précision** (qui *proviendra ?* qui *proviendront ?* qui *proviendraient ?*)

Enfin, nous croyons devoir insister sur l'usage que fait un certain français écrit du participe conjoint, type : « Un portefeuille *contenant* deux mille francs ».

A la façon d'un adjectif, ce participe introduit ainsi une caractéristique, une précision essentielle, une définition. D'où le retour fréquent des formes : *ayant, contenant, concernant, touchant, portant sur, définissant, réglementant, montrant, tendant à, visant à.*

On les rencontre dans les légendes explicatives :

Dessin *montrant* le passage du liquide de A en B.

ou dans la langue de l'administration :

Les personnes *désirant* parler au directeur sont priées de remplir une fiche.

Bien entendu, on ne saurait établir de lois rigoureuses à l'égard du participe conjoint. Dans l'ordre littéraire, par exemple, les écrivains réagissent chacun selon la liberté que requiert la création artistique. Et si certains se laissent aller à multiplier ces participes, d'autres, eu contraire, semblent les éviter soigneusement.

558 B — **Participes disjoints (séparés, par une pause, du nom auquel ils se rapportent) ; type :**

Voyant l'embarras de l'étranger, l'agent se fit plus aimable.

Le participe peut alors, soit précéder le nom, soit le suivre, soit prendre place à la fin de la proposition principale dont ce nom est sujet :

Construction 1 : *Voyant* son embarras, l'agent se fit plus aimable.
Construction 2 : L'agent, *voyant* son embarras, se fit plus aimable.
Construction 3 : L'agent se fit plus aimable, *voyant* son embarras.

Dans le F.P. ces emplois du participe sont plutôt rares. La langue écrite littéraire, en revanche, les admet fort bien, parce qu'ils permettent d'associer une grande variété de valeurs à une certaine concision de forme.

Le participe ainsi employé, peut exprimer :

558 bis a) **La cause,** comme dans l'exemple ci-dessus (« Voyant son embarras... »). **Alors les constructions 1 et 2 sont plus fréquentes en F.E. Le F.P. fam. introduit parfois** *parce que* **devant le participe, en construction 3 :**

Il a refusé, *parce que craignant* d'être trompé.

b) **L'opposition-concession :**

Il est parti en mer, *sachant* [pourtant] la tempête imminente.

La construction 3 est usuelle, même en français écrit — Le F.P. fam. introduit souvent : *bien que, quoique* **devant le participe :**

Il est parti, *quoique sachant* la tempête imminente.

c) **La supposition, la condition :**

Elle réussirait mieux, *s'y prenant* autrement.

Ici, la langue courante utilise plutôt le gérondif (voir n° 559) :

... en s'y prenant...

d) La simultanéité :

Lui *prenant* la main, il le regarda affectueusement. **(Surtout F.E.)**

Ce dernier emploi offre une riche gemme de nuances qui développent les circonstances d'un fait donné, souvent pour le décomposer en ses divers aspects, toujours pour l'éclairer. Les exemples sont extrêmement nombreux dans le français moderne et contemporain :

« Elle biffa à coups de crayon les quatre premières colonnes, *rayant* chaque nom de saint jusqu'au 2 mai... » (Maupassant, *Une Vie*) — « *Refusant* depuis son arrestation de répondre aux questions des enquêteurs, il avait entrepris une grève de la faim » (*Le Monde*, 1er avril 1965) — « Un parti de soldats de l'armée de Condé envahit l'abbaye, dévasta la basilique, *violant* les sépultures, *brisant* les autels. » (A. Chagny, *Cluny et son Empire*.)

On le voit, nous touchons à l'expression de la manière. Mais ici le participe rencontre un concurrent heureux : le gérondif.

C — Le gérondif : En voyant...

559 **A l'origine, cette forme, constituée du participe présent précédé de « en », signifie, à la manière du letin *in videndo*, qu'un fait a lieu *dans le cadre* d'un autre fait, en même temps que lui. Puis, très vite, il a exprimé aussi la manière, le moyen[1]. Jusqu'au XVIIe siècle, le participe sans « en » a souvent été employé dans le sens d'un gérondif :** « Gagnez une maîtresse *accusant* un rival » **(Corneille,** *Cinna*) — **Encore aujourd'hui :** Chemin *faisant*, je lui ai raconté la chose. **Avec un sens progressif :** Le malade va *s'affaiblissant*. **Mais la forme du gérondif avec « en », tend à l'emporter, surtout en français parlé; c'est une tournure ferme, bien articulée, et riche de sens :**

- **La cause :**

En voyant son embarras, l'agent se fit plus aimable.

Cet emploi convient au français écrit comme au français parlé.

- **La condition, la supposition :**

Elle réussirait mieux, *en s'y prenant* autrement.

Emploi très fréquent, dans la langue courante.

- **La simultanéité :**

Ne lis pas *en mangeant* — **Fréquent en F.E. comme en F.P.**

- **La manière, le moyen :**

En forgeant on devient forgeron — **Très usuel, F.E. et F.P.**

Dans l'expression de la simultanéité et de la manière, le participe s'est effacé en F.P. devant le gérondif, demeuré ici seul vivant.

1. Le latin de la période romane utilisait aussi la préposition *ad*. D'où l'emploi de *à* (concurremment d'ailleurs avec *par* et *sur*) en ancien français, pour former le gérondif. Il en est resté l'expression : *à son corps défendant* (= *en se défendant*).
Il ne sera question ici que du participe précédé de *en*. Mais il existe aussi des emplois de l'infinitif auxquels on donne parfois le nom de gérondif, par ex. : *à vous entendre, on croirait*... (v. n° 793).

559 bis **Tout en...** C'est un tour très employé, surtout dans la langue écrite. Il associe plus étroitement les deux actions, celle du verbe principal et celle du gérondif :

Elle lit *tout en mangeant.*

Mais, généralement, il introduit une sorte de dissonance entre elles.

Ce tour devient plus rare dès qu'il y a parfaite convenance entre les deux actions.

On ne dira pas : Il écrit tout en faisant des lignes bien droites, mais : Il écrit *en faisant* des lignes bien droites, ou (dissonance) :

Il écrit *tout en regardant* ailleurs.

Voici des passages où *tout en...* est bien à sa place :

« Qu'y a-t-il pour votre service, monsieur le curé? demanda la maîtresse d'auberge *tout en atteignant*, sur la cheminée, un des flambeaux de cuivre. » (Flaubert, *Madame Bovary*) — « Tout *en boitant* de son pied bot il les conduisit sous le porche du Lion-d'or. » (*ibid.*) — ou encore : « *Tout en souhaitant* conserver la place de leader du continent noir, Le Caire semble désireux en ce moment de ménager l'Occident » (*Le Monde*, 3 avril 1965).

Mais la dissonance peut être plus sensible encore, et prendre la force d'un contraste :

Tout en prétendant m'aider, il a organisé mon échec.

Ici, l'accent est mis, non sur la simultanéité, comme dans les exemples précédents, mais sur l'opposition (v. n° 721).

Rien qu'en... S'emploie pour souligner que tel ou tel moyen, exprimé par le gérondif, suffit pour obtenir le résultat :

Rien qu'en l'écoutant, vous serez fixé.

REMARQUE **importante :**

Comme lorsqu'il s'agit d'infinitifs prépositionnels (voir n° 543), le sujet implicite des participes (B) et des gérondifs (C) doit être, en principe, le même que celui du verbe principal :

Tout en prétendant m'aider, il a organisé mon échec (C'est *lui qui* prétendait... c'est *lui qui* a organisé...).

Il convient de respecter cette règle de clarté, souvent oubliée dans la langue parlée. « *En partant*, tu m'as dit... » signifie en bon français : Quand *tu* es parti... et non : Quand je suis parti...

Il y a cependant des cas où, l'équivoque n'étant pas à craindre, le besoin de brièveté l'emporte. On dira et on écrira très bien :

« L'appétit vient *en mangeant* » — « La fortune vient *en dormant* » — « Ça s'apprend *en travaillant* » — « *En déjeunant*, une arête lui est restée dans le gosier » — « Le chemin est plus court *en passant* par la forêt ».

D — **Participes construits absolument.**

560 **Ils ont alors un sujet particulier et forment une véritable proposition; type :** *Le train ralentissant*, les malfaiteurs purent sauter sur le ballast.

Le français écrit utilise cette construction beaucoup plus souvent que le français parlé.

Nous retrouverons ici les divers emplois de (B) et de (C) :

a) **La cause (voir l'exemple ci-dessus).**

b) **L'opposition-concession :**
La tempête menaçant, il est néanmoins parti.

N. B. — Dans ces deux cas, la proposition participe précède généralement la principale.

c) **La supposition, la condition :**
Ses affaires prenant un autre cours, on aurait pu l'aider.

d) **La simultanéité :** « Ce monument fut érigé en 1840, *Louis-Philippe Ier étant* roi des Français. »

La manière ne s'exprime guère par le participe absolu. Et les emplois (b) et (d) sont rares, même en F.E.

En revanche l'emploi absolu d'un participe développant les circonstances d'un fait (voir 558 bis, d) est fréquent :

« Le printemps éclatait, mais sous forme de fleurs, les *œillets de Nice se mêlant* aux arums, aux lilas, aux jonquilles » (*Nice-Matin*, 30 mars 1965).

On trouve même des participes absolus sans sujet dans certaines expressions, de la langue administrative notamment :

S'agissant de la circulation automobile, le contrôle sera sévère — *Concernant* votre demande d'indemnité, nous vous prions de passer à notre bureau.

Mais ces expressions vivent ailleurs que dans la langue administrative; par exemple :

« On peut dire, sans exagération, que l'on assiste là à une transformation capitale des perspectives auxquelles l'esprit humain était habitué *touchant*[1] l'autorité et l'exercice du pouvoir » (A. Latreille, *Le Monde*, 28 mars 1965) — **Et même, pour : *Il y a* :** « ... *N'y ayant plus* une opinion stable et générale, toute critique deviendra combattante. » (P.-H. Simon, *Le Monde*, 23 novembre 1966 [= « **Comme il n'y a plus...** »].

560 bis **Disons un mot du participe attribut, type :**

Je considère son cas *comme relevant* de la psychiatrie.

Ce genre de construction existe en F.P. comme en F.E. :

« Le 1er avril 1965 sera retenu *comme marquant* le véritable point de départ de l'ère nouvelle » (*Nice-Matin*, **30 mars 1965**).

On l'a acquitté *comme n'ayant* pas toute sa raison.

1. La fréquence de cet emploi a fait de *touchant* une véritable préposition.

Il arrive même qu'à la façon de *parce que* **(B) a) et de** *bien que* **(B) b) [voir n° 558 bis], le participe** *étant* **vienne s'intercaler après** *comme*, **quand l'adjectif qualificatif suffirait :**

On l'a condamné *comme* (*étant*) responsable de l'accident.

Le participe attribut de l'objet après des verbes de sensation est souvent remplacé par l'infinitif :

Je le vois *revenir*... (revenant...).

L'infinitif note le fait sans plus. Le participe superpose un aspect duratif et une note descriptive (M. Cressot, *Le style et ses techniques*) — **Mais l'on dira :**

Il semble, il paraît revenir... **et non** revenant.

LE PARTICIPE PASSÉ : Ayant travaillé — (Ayant été) vu.

Participes-adjectifs, ou adjectifs verbaux

561 **Employés sans auxiliaire, avec valeur d'adjectifs, les participes passés sont innombrables. La plupart sont d'anciens participes passifs :**

Des souliers *ferrés* — une chevelure *fournie* — un interrogatoire *serré* — une voix *couverte* — des avis *partagés*, **etc.**

Quelques-uns ont un sens ectif à valeur de présent :

Votre fils *affectionné* **(qui vous affectionne)** — un air *entendu* **(l'air de quelqu'un qui s'y entend)** — une fillette *dissimulée* **(qui dissimule)** — un chef *décidé* **(qui sait décider)** — un ami *attentionné* **(qui a des attentions pour vous)** — des gens *obstinés* **(qui s'obstinent).**

Des verbes intransitifs à auxiliaire être, et certains verbes pronominaux peuvent aussi avoir des participes-adjectifs :

a) Voici une fleur *éclose* — Je pleure mes amis *morts* — Il trouva sa fille *partie*, la concierge *sortie*.
b) Un prisonnier *évadé* — Les enfants *réveillés*, *endormis* — Une femme *évanouie*, **etc.**

Participes-verbes

561 bis **Ils sont souvent accompagnés de leur auxiliaire : par exemple :** *ayant* pris **(actif)** — *ayant été* vu **(passif)** — *s'étant* réveillé **(pronominal) :**

Ayant pris un somnifère, il s'endormit — *Ayant été aperçus* de l'ennemi, ils réussirent pourtant à s'enfuir — *S'étant réveillée* dès l'aube, elle put partir à 7 heures.

Mais, en F.E., les participes passés des verbes passifs sont fréquemment employés sans auxiliaire (avec souvent une valeur de présent) :

Poursuivis par l'ennemi, ils réussissent à s'enfuir.
(voir aussi n° 574 n° 1).

C'est plus rarement le cas des participes passés des verbes pronominaux : *Réveillée* dès l'aube, elle partit à 7 heures.

Ce n'est jamais celui des participes passés de sens actif, à moins que leur auxiliaire ne soit être :

Partis dès l'aube, nous sommes arrivés à midi — *Arrivés* à midi, nous sommes repartis à 2 heures — **Encore le verbe aller exige-t-il la présence de l'auxilieire :** étant allé[1].

(Pour le tour : *Abandonné qu'il fut* de ses amis ..., **v. n° 688.)**

Souvent dans le style télégraphique, ou le F.P. fam., le participa passé raprésente à lui seul un temps compoaé de la voix active :

dans un télégramme : *Reçu* argent, lettre suit (= **J'ai reçu...**).

dans un agenda : *Vu* le médecin — A 7 heures, *dîné* avec André. *Promené* deux heures.

dans une assemblée : Bravo! Bien *parlé*!

après un rapport administratif : *Pris* connaissance, l'intéressé : Dubois.

à la radio (compta rendu des courses) : Troisième course : 16 chevaux, tous *couru*.

561 ter **On retrouva, pour les participes passés, las mêmas fonctions qui ont été exprimées pour las participes présents.**

Un portefeuille *ayant appartenu* à mon père... **(v. n° 557).**
Ayant vu mon embarras, l'agent se fit plus aimable **(v. n° 558).**
Ses affaires *ayant pris* mauvaise tournure, il fit faillite.
Le marché *conclu*, nous avons éprouvé une vive satisfaction **(Participe absolu v. n° 560).**

Accord du participe passé

562 **Auxiliaire <u>être</u> : le participe s'accorde comme un adjectif[2] :**

Ils sont *nés* — Elle fut *arrêtée*.

563 **Auxiliaire <u>avoir</u> : la participe reste invariable, sauf si un objet direct féminin ou pluriel précède le verbe dont il fait partie, auquel cas il s'accorde en ganre et en nombre avec ce complément d'objet.**

Ils ont *applaudi* — **Mais :** les cantatrices *qu'*ils ont *applaudies*... — *Que de films* j'ai *vus*! — Combien de *films* as-tu *vus*? — Je *les* ai tous *vus*.

N. B. — Dans les tamps aurcomposés, seul le 2e participe doit s'accorder : Cette lettre, il l'a eu bientôt *écrite*...

1. Pour *en allé*, voir n° 605.
2. Pour tous les cas où le participe a la valeur d'adjectif, on pourra se reporter au chapitre **Accord de l'adjectif** (nos 150 à 185).

564 **Verbe à la forme pronominale (auxiliaire être) : Ici encore, il faut distinguer le cas où un complément d'objet direct, féminin ou pluriel, précède la verbe :**

Elle *s'*est *lavée* **(se = objet direct).** Elle s'est *lavé les mains* **(sa = objet indirect. L'objet direct, les mains, suit le verba, donc pas d'accord).**
La canne *qu'*il s'est *fabriquée*... **(que = objet direct féminin).**
Ces rois se sont *succédé* **(se = les uns aux autres = objet indirect, donc pas d'accord).**

565 **Les participes des verbes pronominaux sans valeur réfléchia s'accordent avec le pronom réfléchi (ou, si l'cn préfère, avec le sujet[1]) :**

Elle *s'*est *évanouie* — Ils *se* sont *enfuis* — Ils *se* sont *aperçus* du vol — Elles *se* sont *saisies* du manteau — Elle *s'*en est *prise* à moi — Ils *se* sont réjouis — Ils *se* sont *refusés* à venir.

Et, avec un sens passif : Ma voiture *s'est* bien *vendue.*

566 **Mais on écrit sans accord (le pronom réfléchi est en aomme objet indirect) :** Elles *se* sont *imaginé* que... — Elles *se* sont *figuré* des choses... — **Laissez le participe invariable aussi dans :** Elle *s'*est *plu* à dire... — Ils *se* sont *complu* dans ces subtilités — Elle *s'*est *ri* de vos menaces — Elle *s'*est *arrogé* tous les droits.

567 **Si l'objet direct est une expression de quantité accompagnée de en (= de cela), on écrit, sans accord :**

Des films, j'en ai *vu beaucoup* — J'en ai *vu trois* **(l'objet suit le verbe composé).**

Si en accompagne combien ou tant, placés avant le participe, nous vous conseillons de laisser le participe invariable :

Des films, *combien* en as-tu *vu*? — *Combien* j'en ai *vu*! — J'en ai *tant vu*!

Si an est seul à représenter l'objet, laissez la participe invariable :

Des films, j'en ai *vu*[2]. **(Car en, équivalant à de cela, est une sorte de partitif neutre singulier.)**

568 **On écrira de même :** Elle est plus courageuse qu'on ne l'aurait *cru* : **l' = cela, neutra singulier qui représente la première proposition.**

569 **Laisaez tcujours invariable la participe d'un verbe imperaonnel :**

Les chaleurs qu'il a *fait*... — Les pluies qu'il y a *eu*... — Les efforts qu'il a *fallu*...

1. Comme c'était le cas dès le Moyen Age.
2. Pourtant V. Hugo a écrit : « Cherchez des attentats tels que la voix des hommes
N'en ait point encor *racontés* » (*Quiberon*).

570 **Laissez invariable le participe complété par un infinitif (exprimé ou non) :**

Les ennemis que j'*ai eu* à *combattre*... **(que est l'objet de combattre)** — Il n'a pas versé la somme qu'il aurait *dû verser* — Il n'a pas versé la somme qu'il aurait *dû* — Les achats que nous avons *pensé à faire*... — La robe que tu as *fait couper*, *laissé couper*... — La cantatrice que tu as *entendu* chanter...

N.B. — Dans le dernier exemple, que peut être considéré comme l'objet du participe (et non, comme précédemment, de l'infinitif). L'accord, jadis, était exigé. Mais l'arrêté ministériel du 26 février 1901 tolère, dans tous les cas, l'invariabilité du participe suivi d'un infinitif, ce qui va dans le sens de la langue (voir n° 573).

571 **En revanche, le F.E. respecte encore les distinctions entre :** Les dangers que j'ai *courus* **(que est un véritable objet) et :** Les trois heures que j'ai *couru* **(que = pendant lesquelles, complément de durée)** — Les heures terribles que nous avons *vécues* **et :** Les quelques heures qu'il a *vécu* **(complément de durée)** — Les efforts que ce travail m'a *coûtés* **et :** Les dix francs que ce livre m'a *coûté* **(complément de prix)** — Les récompenses que son dévouement lui a *values* **et :** Les millions que cette maison a *valu* **(complément de prix)** — Les poissons que j'ai *pesés* **et :** Les cent kilos que j'ai *pesé* autrefois **(complément de poids).**

572 **Plus subtiles sont les distinctions, encore observées parfois (mais pour combien de temps?), en F.E., entre :** *Le peu de gens* que j'ai *rencontrés* m'*ont* été d'un grand secours **et :** *Le peu de gens* qu'il *a appelé* à son aide *a* été la cause de sa mort. **Dans le premier cas l'accent est mis sur les gens (d'où le pluriel) — Dans le second l'accent est mis sur le peu (d'où le singulier).**

Distinction subtile encore (et de moins en moins respectée) entre :

Le colis de pommes que j'ai *reçu;* **et :** *Le colis de pommes* que j'ai *mangées.*

572 bis **Après un relatif objet direct, ayant pour antécédent un des suivi d'un superlatif, on peut écrire :** C'est *un des plus beaux* paysages que j'aie *vus*, **ou :** que j'aie *vu.*

573 **Il faut d'ailleurs souligner la tendance très nette du F.P. (et parfois du F.E.) à négliger l'accord du participe avec le compl. d'objet. Cette invariabilité (qui n'est pas uniquement un fait contemporain) se remarque surtout dans les formes pronominales et quand le participe n'est pas en fin de phrase. On entend de plus en plus (et on lit parfois) :** L'idée qu'il s'est *fait* de l'affaire... — Les citations qu'il a *extrait* de ce livre...

Mais comme l'application des règles d'accord des n°s 563, 564 n'a rien d'insolite, même en F.P., nous conseillerons de continuer à les pratiquer, puisque, aussi bien, elles sont respectées de la très grande majorité des écrivains.

N. B. — Pour l'accord de certains participes-adjectifs, ci-joint, vu excepté, etc., voir n°s 181 à 183.

Pour l'accord des participes-adjectifs se rapportant à des termes coordonnés par ou, par ni, voir n°s 162, 163 ;
se rapportant à nous, vous, on, voir n° 169.

LE PARTICIPE FUTUR

574 **Il est formé du participe présent du verbe devoir :**
Devant achever mon rapport, je me suis levé très tôt.

Sa structure lui confère une certaine gaucherie. Aussi est-il plutôt rare, sauf avec comme : On le présenta (le présente, le présentera) *comme devant succéder* au premier ministre[1].

STYLE DIRECT, STYLE INDIRECT

574 bis **I.** Elle lui demanda : « *Souffres-tu ?* » Il répondit : « *Je souffre.* »

Ici, les phrases placées entre guillemets représentent les paroles elles-mêmes. Les verbes de ces phrases sont aux temps réellement employés par ceux qui parlent. Cette façon de présenter directement le discours est appelé : style direct.

II. Elle lui demande *s'il souffre.* Il répond qu'*il souffre.*
Elle lui demanda *s'il souffrait.* Il répondit *qu'il souffrait.*

Ici, le discours est introduit par une conjonction (que) ou un adverbe interrogatif (si).

Il n'y a plus de guillemets — Le verbe du discours a changé de personne, passant de la 1re ou de la 2e, à la 3e personne.

Enfin, il a pu changer de temps, passant du présent à l'imparfait. Cette façon de présenter le discours s'appelle style indirect — La proposition s'*il souffrait* **forme une interrogation indirecte.**

III. Elle s'informa : « *souffrait-il ?* » Il donna sa réponse : « *il souffrait.* »

Ici, les paroles rapportées sont placées entre guillemets. En outre, les personnes et les temps des verbes sont ceux du style indirect. Mais il n'y a ni « que », ni « si ». Cette forme de discours qui supprime les mots subordonnants, meis garde les personnes et les temps du style indirect s'appelle style indirect libré.

1. Le participe passé sans auxiliaire a pu parfois, grâce à sa valeur imprécise, représenter un futur, même avec un verbe au présent : « *Inauguré* le 16 juillet par les deux chefs d'Etat, le tunnel sous le Mont-Blanc *est* le résultat d'une intelligente coopération. » (*Le Monde* du **10 juillet** 1965). Cette phrase est, à première vue, obscure. Il convenait d'écrire : « Le tunnel... qui *sera inauguré* le 16 juillet etc. ».

PRINCIPES DE LA CONCORDANCE DES TEMPS

574 ter **Nous venons de constater que, dans le style indirect, le temps du verbe subordonné est dans un étroit rapport avec celui du verbe principal :** Elle lui demanda : « *Souffres-tu ?* » **devient en style indirect :** Elle lui demanda s'*il souffrait*. **On dit qu'il y a concordance entre le temps du verbe subordonné et celui du verbe principal. Cette concordance a été signalée aux n°s 493 (passé surcomposé), 502 (imparfait de l'indicatif), 510 (plus-que-parfait de l'indicatif), 512 (passé antérieur), 520 (futur du passé), 514-521 (temps du conditionnel). 531-534 (temps du subjonctif).**

Voici sur quels principes repose la « concordance des temps » :

I. La subordonnée est à l'indicatif

Quand le verbe principal est mis à un temps passé, le verbe subordonné passe :

du présent à l'imparfait :

Je crois qu'il dort — *Je croyais* / J'*ai cru* } qu'il *dormait*.

Je l'aperçois qui passe — Je l'*ai aperçu* qui *passait*.

Je l'aperçois quand il passe — Je l'*ai aperçu* quand il *passait*.

Je l'aperçois parce qu'il passe — Je l'*ai aperçu* parce qu'il *passait*.

du passé composé au plus-que-parfait :

Je crois qu'il a dormi — Je *croyais* qu'il *avait dormi*.

Il corrige le chat qui a mangé du fromage — Il *corrigea* le chat qui *avait mangé* du fromage.

Il corrige le chat parce qu'il a mangé... — Il *corrigea* le chat parce qu'il *avait mangé*...

du passé composé au passé antérieur (après quand... en concordance avec un passé simple) :

Il le reconnaît quand il a disparu — Il le *reconnut* quand il *eut disparu*.

du passé composé au passé surcomposé (après quand... en concordance avec un passé composé) :

Je me sens à l'aise quand j'ai dormi — Je me *suis senti* à l'aise quand j'*ai eu dormi*.

du futur au conditionnel (= futur du passé) :

Je crois qu'il viendra — Je *croyais* qu'il *viendrait*.

II. La subordonnée est au subjonctif

a) Ici, la stricte concordance voudrait qu'après un verbe principal au passé, le verbe subordonné soit mis :

du présent à l'imparfait du subjonctif :

Il souhaite qu'elle vienne — Il *souhaitait* qu'elle *vînt*.

du passé au plus-que-parfait du subjonctif :

Il souhaite qu'elle soit arrivée — Il *souhaitait* qu'elle *fût arrivée.*

Mais, aujourd'hui, en F.P. et très souvent en F.E., le présent ou le passé du subjonctif sont appliqués uniformément à tout verbe subordonné, que le verbe principal soit, ou non, au passé :

Il *souhaitait* qu'elle *vienne*, qu'elle *soit arrivée.*

b) Si le verbe principal est au conditionnel (Je voudrais que...), **on emploie couramment aujourd'hui (F.P. et F.E.) le présent ou le passé du subjonctif, là où l'imparfait ou le plus-que-parfait du subjonctif étaient de règle il y a quelques années :**

Je *voudrais* qu'il *vienne*, qu'il *soit arrivé.*
J'*aurais voulu* qu'il *vienne*, qu'il *soit arrivé.*

III. Propositions conditionnelles (si...)

On a les types suivants :

Si tu *acceptes*, { il refuse. / il refusera.

Si tu *acceptais*, il *refuserait* (maintenant ou demain).

Si tu *avais accepté*, { il *refuserait* (maintenant). / il *aurait refusé* (hier).

au sens de même si :

Accepterais-tu, il *refuserait* **(voir n° 755 bis).**
Aurais-tu accepté, il *aurait refusé.*

Voir, ci-après, les tableaux de concordance des temps dans les subordonnées compléments d'objet ou sujets, et, dans les subordonnées compléments de temps, n°s 575 à 577.

TABLEAUX DE CONCORDANCE DES TEMPS

575 **I. Subordonnées compléments d'objet (ou sujets) à l'indicatif (= style indirect)**

A. L'action de la principale est contemporaine de celle de la subordonnée.	Elle apprend qu'il dort (maintenant) Elle apprendra qu'il dort (à ce moment-là de l'avenir) Elle apprenait Elle a appris Elle avait appris Elle apprit (quand) elle eut appris } qu'il dormait (à ce moment-là du passé[1])
B. L'action de la principale est postérieure à celle de la subordonnée.	Elle apprend qu'il a dormi [qu'il dormait] (hier) Elle apprendra qu'il a dormi [qu'il dormait] (auparavant) Elle apprenait Elle a appris Elle avait appris Elle apprit (quand) elle eut appris } qu'il avait dormi (auparavant[2])
C. L'action de la principale est antérieure à celle de la subordonnée.	Elle apprend qu'il dormira, qu'il aura dormi (demain) Elle apprendra qu'il dormira, qu'il aura dormi (plus tard) Elle apprenait Elle a appris Elle avait appris Elle apprit (Quand) elle eut appris } qu'il dormirait[3], qu'il aurait dormi (plus tard)

1. Parfois on a le **présent** dans la subordonnée si l'action qu'elle exprime a une valeur toujours **présente** : Galilée *affirma* que la terre *tourne* autour du soleil.
2. Parfois on a le **passé composé** dans la subordonnée, si l'action qu'elle exprime est envisagée comme antérieure au moment **présent** : Vous ne *compreniez* pas, vous n'*avez* pas *compris* que les découvertes atomiques *ont changé* la face du monde.
3. Si l'action de la subordonnée se situe dans l'avenir du point de vue du narrateur, on peut avoir le **futur** : Il *a dit* qu'il *viendra* demain (voir n° 520).

II. Subordonnées compléments d'objet ou sujets au subjonctif

A. L'action de la principale est **contemporaine** de celle de la subordonnée.	Elle souhaite qu'il dorme (maintenant) Elle souhaitera qu'il dorme (à ce moment-là de l'avenir) Elle souhaitait qu'il dormît F.E. (qu'il dorme F.P.-F.E.) Elle a souhaité qu'il dormît F.E. (qu'il dorme F.P.-F.E.) Elle avait souhaité qu'il dormît F.E. (qu'il dorme F.P.-F.E.) Elle souhaita qu'il dormît F.E. Quand elle eut souhaité qu'il dormît F.E. (à ce moment-là du passé)
B. L'action de la principale est **postérieure** à celle de la subordonnée.	Elle souhaite qu'il ait dormi (hier) Elle souhaitera qu'il ait dormi (auparavant) Elle souhaitait qu'il eût dormi F.E. (qu'il ait dormi F.P.-F.E.) (auparavant) Elle a souhaité qu'il eût dormi F.E. (qu'il ait dormi F.P.-F.E.) (auparavant) Elle avait souhaité qu'il eût dormi F.E. (qu'il ait dormi F.P.-F.E.) (auparavant) Elle souhaita qu'il eût dormi F.E. (auparavant) (Quand) elle eut souhaité qu'il eût dormi F.E. (auparavant)
C. L'action de la principale est **antérieure** à celle de la subordonnée.	Elle souhaite qu'il dorme (demain) Elle souhaitera qu'il dorme (plus tard) Elle souhaitait qu'il dormît F.E. (qu'il dorme F.P.-F.E.) (plus tard) Elle a souhaité qu'il dormît F.E. (qu'il dorme F.P.-F.E.) (plus tard) Elle avait souhaité qu'il dormît F.E. (qu'il dorme F.P.-F.E.) (plus tard) Elle souhaita qu'il dormît F.E. (plus tard) (Quand) elle eut souhaité qu'il dormît F.E. (plus tard)

577 **III. Subordonnées compléments de temps.**

A. L'action de la principale est *contemporaine* de celle de la subordonnée.	**Au moment où, quand, lorsque, alors que** (Indicatif). Elle entre au moment où il sort (quand il sort, lorsqu'il sort expriment plutôt la répétition). Elle entrera au moment où il sortira. Elle entrait au moment où il sortait (quand il sortait exprime plutôt la répétition). Elle est entrée au moment où il est sorti (au moment où il sortait accuse la simultanéité). Elle était entrée au moment où il était sorti (au moment où il sortait accuse la simultanéité). Elle entra au moment où il sortit (au moment où il sortait accuse la simultanéité).
	Comme (Indicatif). **En concordance** aujourd'hui avec un temps au **passé** seulement. Elle entrait comme il sortait. Elle est entrée comme il sortait. Elle était entrée comme il sortait. Elle entra comme il sortait.
	Pendant que, tandis que (Indicatif). (**N. B.** — **Tant que** postule le **même** temps dans les deux propositions.) Elle lit pendant qu'il travaille. Elle lira pendant qu'il travaillera. Elle lisait pendant qu'il travaillait. Elle a lu pendant qu'il travaillait (pendant qu'il a travaillé est plus narratif que descriptif). Elle avait lu pendant qu'il travaillait. Elle lut pendant qu'il travaillait (pendant qu'il travailla est plus narratif que descriptif).

B. L'action de la principale est **postérieure** à celle de la subordonnée.	**Quand, après que, dès que, aussitôt que, à peine... que...** (Indicatif[1]). Après qu'il a joué, l'artiste est applaudi — à peine a-t-il joué que l'artiste est applaudi. Après qu'il aura joué, l'artiste sera applaudi — à peine aura-t-il joué que l'artiste sera applaudi. Après qu'il a eu joué, l'artiste a été applaudi — à peine a-t-il eu joué que l'artiste a été applaudi. Après qu'il avait joué, l'artiste était applaudi — à peine avait-il joué que l'artiste était applaudi. Après qu'il eut joué, l'artiste fut applaudi — à peine eut-il joué que l'artiste fut applaudi. **Depuis que** (Indicatif — très rarement le futur ou le passé simple). Depuis qu'il dort sa fièvre tombe [mais : à partir du moment où il dormira, sa fièvre tombera]. Depuis qu'il dormait, sa fièvre tombait. Depuis qu'il a dormi, sa fièvre tombe, est tombée. Depuis qu'il avait dormi, sa fièvre était tombée.
C. L'action de la principale est **antérieure** à celle de la subordonnée.	**Avant que, jusqu'à ce que, en attendant que** (Subjonctif). Elle travaille avant qu'il revienne. Elle travaillera avant qu'il revienne. Elle travaillait avant qu'il revînt F.E. [avant qu'il revienne F.P.-F.E.][2] Elle a travaillé avant qu'il revînt F.E. [avant qu'il revienne F.P.-F.E.] Elle avait travaillé avant qu'il revînt F.E. [avant qu'il revienne F.P.-F.E.] Elle travailla avant qu'il revînt F.E.

577 bis **IV. Autres subordonnées au subjonctif** (but, conséquence, concession, cause [non que...], condition [à condition que...] Voir n°s 524 et suivants, et 533.

1. Avec **après que,** le subjonctif passé (construction uniforme qui se répand de plus en plus) efface les nuances, parfois importantes, que marquent le passé composé, le futur antérieur, etc. Vous ne courrez aucun risque à respecter des constructions claires que pratiquent encore d'excellents écrivains Voir n° 524.

2. ... Avant qu il *soit revenu,* qu'il *fût revenu* expriment l'*achèvement* (v n° 532).

ACCORD DU VERBE (A UN MODE PERSONNEL)

ACCORD EN PERSONNE

578 **Le verbe s'accorde avec la pereonne représentée par le sujet :**

Je suis — *Vous* irez — *Pierre* reviendra.

On notera que, dans le cas où il y a plusieurs sujets, de personnes différentes, la 1re personne l'emporte sur la 2e et la 3e; la 2e sur le 3e; le verbe est au pluriel.

Toi et *moi* (nous) *irons*... — Paul et *toi*, vous *irez*...

Pour le vous de politesse et le nous emphatique, voir nos 452, 453.
Pour l'accord avec le relatif, voir ne 585 ter.
Pour l'accord du participe passé, voir nos 562-573.

ACCORD EN NOMBRE

Normalement, le verbe prend le nombre du sujet :

Le cheval hennit; *les chevaux* hennissent.

S'il y a plusieurs sujets, le verbe se met au pluriel :

Le père et la mère *sont* là.

Sujets coordonnés par « et »

579 **Si les sujets sont sentis comme étroitement associés, on peut encore trouver, dans le français d'aujourd'hui, le verbe au singulier, à la manière de l'époque classique :**

« Le bien *et* le mal *est* en ses mains » (La Bruyère).

Ainsi François Mauriac (*De Gaulle*) : « Le comte de Paris *et* ce qu'il incarne *fait* partie du jeu français. »

Avec l'un et l'autre, mettez le pluriel : L'un et l'autre *sont* là.

Si les sujets sont des pronoms neutres, le verbe se met au singulier :

Ceci et *cela* lui *est* indifférent.

Comme, ainsi que, de même que, aussi bien que perdent souvent leur valeur comparative pour signifiar et, et aussi. Dans ce cas le verbe est au singulier ou au pluriel : Pierre ainsi que Paul *sera* récompensé — Pierre ainsi que Paul *seront* récompensés[1].

579 bis **Quand plusieurs sujets sont chacun précédés de tout (= chaque), le verbe est au singulier :** *Tout* homme de troupe, *tout* officier *sera* tenu de respecter ce règlement.

1. Cet accord valait aussi autrefois pour **avec** au sens de **et** : Le singe *avec* le léopard *Gagnaient* de l'argent à la foire. (La Fontaine, *Le singe et le léopard*). Mais aujourd'hui **avec** est peu employé en ce sens.

580 **Après une énumération de sujets, le verbe est au singulier si l'énumération est résumée par tout, tout le monde, toute l'assistance, chacun, etc. :**

Les jeunes, les vieux, les riches, les pauvres, *chacun* est sujet à la mort.

Il peut même srriver que, en dehors du css précédent, le verbe reste au singulier, si le dernier terme de l'énumération a plus de relief :

Un mot, un geste, un *simple coup d'œil suffit* à lui donner l'éveil.

Quand le verbe précède plusieurs sujets au singulier, si l'auteur considère séparément chacun d'eux, le verbe peut rester au singulier :

« Demain *viendra* l'orage, et le soir, et la nuit » (V. Hugo, *Les Feuilles d'automne*[1]).

Sujets coordonnés par « ou »

581 **Les grammairiens français enseignent, traditionnellement, que le verbe est au singulier si les sujets sont exclusifs l'un de l'autre, au pluriel dans le cas contraire. En fait, il semble bien que pour des motifs de structure (sujets multiples) la pluriel soit accepté aujourd'hui dans tous les cas :**

La paresse *ou* le zèle de son fils le *laissent* indifférent.

La même construction est possible avec soit... soit... :

Soit l'ami, *soit* l'ennemi *peuvent être utiles.*

Après l'un ou l'autre, le verbe reste généralement au singulier :

L'un ou l'autre *viendra.*

Sujets coordonnés par « ni »

582 **Même observstion. On tend à dire, dans tous les cas :** Ni la paresse ni le zèle n'*ont* d'effet sur lui — Ni l'un ni l'autre ne *sont* là.

Remarque. Si l'énumération de sujets coordonnés par ni est résumée psr personne, rien, le verbe est obligatoirement au singulier :

Ni les menaces ni les coups, *rien* n'a pu le décider.

Sujets collectifs

583 **Vous devez mettre le pluriel après : beaucoup, la plupart, peu, tro combien, avec ou sans complément :**

Beaucoup *sont partis* — Parmi les élèves, la plupart *ont échoué.* Combien (de soldats) *ont péri* !

On met très souvent le pluriel après une foule de, une multitude de, une quantité de[2] **(et F.P. fam. : une masse de, un tas de) :**

Une multitude de soldats *ont* péri — Une quantité de soldats *ont* péri.

Mettez le singulier après : la foule des :

La foule des visiteurs *fut admise* au compte-gouttes.

1 Cité par O. Bloch et R. Georgin, *Grammaire française* (Hachette).

2. Après **quantité de, nombre de, force,** le pluriel est obligatoire : Quantité de gens *ont* péri - - Force gens *ont* péri. (C'est qu'alors *quantité* et *force* sont sentis non plus comme des noms, mais comme des *adverbes* de pluralité.)

583 bis De même, après des **noms collectifs** comme : l'assistance, l'auditoire, la classe, l'armée, le gouvernement.

Avec **beaucoup de, peu de, tant de, trop de**, il faut parfois examiner si le vrai sujet du verbe n'est pas un nom comme : **l'abondance de, le manque de, l'excès de**, etc., auquel cas, le verbe reste plutôt au singulier :

Tant de prévenances m'*a* séduit — *Beaucoup* de précautions *peut* nuire (= *l'abondance* de précautions *peut* nuire. Tandis que : beaucoup de précautions *peuvent* nuire signifierait : certaines précautions, nombreuses, peuvent...) (Voir aussi n° 572.)

Après **une dizaine, une douzaine, une vingtaine, une centaine, un millier**, etc., et les fractions accompagnant un pluriel : **la moitié, un tiers**, etc., le singulier et le pluriel sont employés :

Un tiers des soldats *ont* péri, ou *a* péri — Un tiers *ont* péri, *a* péri — Une centaine *a* péri, *ont* péri.

Mais vous devez mettre le singulier après : **douzaine, cent, mille**, comme unités commerciales :

La douzaine d'œufs *vaut* 3 francs — Le cent *vaut* 25 F.

Après **plus d'un**, le verbe est au singulier, en général.

Plus d'un savant s'y *est* trompé.

Après **plus de deux, plus de trois**, etc., le verbe est au pluriel :

Si plus de deux sociétaires *étaient* absents, la séance n'aurait pas lieu.

C'est...

584 Si le sujet (réel) est **nous** ou **vous**, le verbe reste toujours au **singulier** :

Qui a fait cela ? C'*est* nous ; c'*est* vous.

Si le sujet est **eux** ou **elles**, le verbe se met soit au **singulier**, soit (et de préférence, dans le **F.E.**) au **pluriel** :

C'*est* eux. C'*est* elles — Ce *sont* eux. Ce *sont* elles — Mais on dit toujours, à la forme négative : Ce n'*est* pas eux — Si ce n'*est* eux.

Si le sujet est un **nom pluriel**, le verbe, en bonne langue, se met au **pluriel** :

Ce sont des visiteurs, *ce ne sont pas* des visiteurs.

S'il y a plusieurs noms sujets, dont le 1er soit au singulier, mettez **c'est**, qui est plus courant, du moins en **F.P.**

Le partage de l'homme, *c'est* la douleur et les maux.

« Il » impersonnel

585 Quand le verbe est construit à la forme impersonnelle, il reste toujours au **singulier** :

Il *vient des visiteurs* — Il *se trouve des cas...* — Il *y a des mécontents* — Il *tombe des grêlons*, etc.

Titre d'une œuvre

585 bis **Mettez le verbe au pluriel si les, ou des, ou ces introduisent le titre.**

La Guerre et la Paix est un roman de Tolstoï — *Mémoires d'un fou* est une œuvre de Flaubert — Mais : les *Mémoires d'un fou* parurent en 1900; *Les Faux-monnayeurs* sont un roman de Gide.

585 ter

Accord du verbe avec le relatif qui

En règle générale, qui, sujet, impose au verbe de la relative le nombre et la personne de l'antécédent (nom ou pronom) :

Je n'ai aucun appui, *moi* qui *suis* orphelin — C'est *toi* qui *as* gagné — Vous êtes l'*homme* qui *convient.*

Après une apostrophe (voir n° 629), l'accord se fait à la 2e personne : Amis, qui m'*avez secouru*, merci!

On distinguera donc :

« Foule qui *répands* sur nos rêves
Le doute et l'ironie à flots » (Victor Hugo, *Fonction du poète*),

où foule est apostrophe — et : Je fuis la multitude, foule qui *répand...* **où foule est apposition à multitude — ou encore :** Je fuis la foule qui *répand...*, **où foule est complément d'objet.**

Règles particulières

a) Quand le relatif a pour antécédents : le seul qui, le premier qui, le dernier qui, le meilleur qui, l'homme qui, etc., employés comme attributs d'un pronom à la 1re ou à la 2e personne, on emploie le plus souvent (surtout en F.P.) la 3e personne :

« Vous êtes le seul qui *puisse* provoquer le retrait de tous les candidats » (*Le Monde*, 16 septembre 1965).

Mais en F.E. on trouve l'accord avec le pronom personnel :

Vous êtes le premier qui vous *plaignez*, le meilleur qui *ayez* paru. **ou encore :** « Gaston Defferre et moi sommes *les deux* hommes qui, avant de Gaulle, *avons* joué un rôle décisif dans l'évolution politique de tout un continent » (*Nouvel Observateur*, 29 septembre 1965).

b) Après : je suis celui qui, nous sommes ceux qui, on emploie couramment la 3e personne :

Je suis celui qui vous *a* écrit. **L'expression biblique : « Je suis celui qui *suis* » est une traduction littérale du latin.**

c) Après : un des... qui, un de ceux qui, c'est la 3e personne du pluriel qui est le plus employée :

Vous êtes un de ceux qui *ont eu* le plus de succès.

Mais la 3e personne du singulier se rencontre, surtout en F.P. :

Vous êtes un de ceux qui *a eu* le plus de succès.

et en F.E., parfois la 2e personne :

Vous êtes un de ceux qui *avez eu* le plus de succès.

Pour le mode du verbe après : le seul, le premier, etc., voir n° 416 bis

VERBES TRANSITIFS, VERBES INTRANSITIFS

586 **On appelle verbes transitifs ceux qui peuvent avoir un complément d'objet :** *Je vois* la maison, **intransitifs ceux qui ne peuvent pas avoir de complément d'objet :** *Je viens.*
Beaucoup de verbes sont tantôt intransitifs, tantôt transitifs :
Il *rougit* de plaisir. Le vin *rougit* l'eau — *Sortez!* Je *sors* ma voiture.

587 **En outre on distinguera :**
a) Les transitifs directs qui ont un objet direct :
Je vois *la maison* — Je connais *ce garçon.* **(v. pour le passif, n° 596).**

(Il arrive souvent que ces verbes soient employés absolument, sans objet : Le docteur *reçoit* sur rendez-vous — Ne *tirez* pas!)

588 **b) Les transitifs indirects, qui ne peuvent avoir qu'un objet indirect :**
Il nuit *à notre cause* — On s'apercevra *de votre absence.*

Certains verbes sont tantôt transitifs directs, tantôt transitifs indirects, avec des nuances ou même des sens différents :
Pensez *à moi.* Pensez *un nombre* — J'aspire l'*air* frais avec bonheur. Il aspire *aux honneurs.*

Parfois l'objet passe du sens concret au sens abstrait.
Applaudir *quelqu'un*, applaudir *à une décision.*
Atteindre *le rayon* d'une armoire, atteindre *aux honneurs.*

N. B. — Dites plutôt : aider *quelqu'un*; aider *au* succès d'une affaire.

Très nombreux sont les verbes qui peuvent avoir simultanément un objet direct et un objet indirect : Donne *la main à ton frère.*

En principe, il est incorrect de construire avec un seul objet deux verbes exigeant, l'un une construction directe, l'autre, une construction indirecte — On ne dira pas : Il écoute et il obéit *à son père*[1] — **Mais :** Il écoute *son père* et *lui* obéit.

588 bis **Certains verbes généralement intransitifs peuvent être construits avec un objet se rattachant au sens même du verbe (objet interne) :**
Vivre *sa vie* — Dormir *son dernier sommeil* — Pleurer *de vraies larmes.*

N. B. — Dans : Ça fait *jeune* (elle fait *toute jeune*); achetez *français*; votez *socialiste*; roulez *Azur*, **le complément peut être considéré comme un complément de manière (voir n° 633 bis).**

1. Mais on trouve des exemples de cette construction, avec le verbe transitif en tête : « J'aime et je ne crois qu'à l'action » (*Le Monde*, 22 juin 1965). Le F.P. va plus loin encore.

LES AUXILIAIRES FONDAMENTAUX : avoir — être

Ils entrent dans la formation des temps composés et surcomposés (temps du passé et temps de la forme passive).

Se conjuguent avec l'auxiliaire avoir :

589 • **Les verbes transitifs directs ou indirects (sauf à la forme pronominale) :**

Ils *ont obtenu* leur libération — Vous *avez nui* à vous-mêmes.

(Mais :

Vous vous êtes nui à vous-mêmes.)

• **Certains verbes intransitifs, exprimant l'action et même le mouvement :**

Nous *avons couru.*

Ainsi pour : atterrir — amerrir — alunir — décoller (en parlant d'un avion) — foncer sur — charger sur — marcher — trotter — galoper — nager — voler — sauter — ramper.

Se conjuguent avec l'auxiliaire être :

590 **a) Plusieurs verbes intransitifs exprimant :**
un déplacement d'un point à un autre :

Nous *sommes allés* — nous *sommes arrivés* — nous *sommes partis, repartis* — nous *sommes tombés* — nous *sommes venus, revenus, survenus* — il *est accouru* **(on dira et on écrira aussi :** il *a accouru*).

Ou un changement d'état :

Il *est né* — il *est éclos* — il *est mort*, il *est décédé* — il *est devenu.*

Ou la permanence : il *est resté*, il *est demeuré.*

On dit et on écrit, en parlant de phénomènes météorologiques : La pluie *a tombé* toute la nuit — **au sens de habiter :** Mon frère *a demeuré* vingt ans dans cette maison.

Convenir, au sens de se mettre d'accord, se conjugue avec être et souvent, surtout en F.P., avoir : Nous *sommes convenus* de nous revoir — nous *avons convenu* de nous revoir.
Au sens de plaire à, être agréable à, il se conjugue toujours avec avoir : Cette chambre m'*a convenu.*

591 **b) Tous les verbes à la forme pronominale :**

Elle *s'est évanouie* — Elle *s'est lavé* les mains — Elle *s'est vu* classer première.

c) Tous les verbes à la voix passive :

Les champs *ont été vendus* un bon prix.

Se conjuguent tantôt avec avoir, tantôt avec être :

592 • **Certains verbes de mouvement, selon qu'ils sont employés ou non avec un objet :**

Je *suis sorti;* j'*ai sorti* la voiture du garage — Mon fils *est entré*[1] à l'École des Mines; vous *avez entré* votre bicyclette chez moi — Je *suis descendu* (*monté*) à 5 heures[2]; j'*ai descendu* (*monté*) l'escalier; j'*ai descendu* (*monté*) vos valises — Je *suis passé* le voir; j'*ai passé* un bâton par le trou.

593 • **Certains verbes intransitifs, selon qu'on veut insister sur l'action (avoir) ou sur le résultat (être) :**

Il *a* beaucoup *vieilli* en deux ans. Comme il *est vieilli!* — Ce peuple *a dégénéré* depuis deux siècles. Maintenant, il *est dégénéré* — **De même :** Ce livre *a paru* en novembre. Mon livre n'*est* pas encore *paru* **(mais le F.P. emploie très souvent l'auxiliaire avoir dans les deux cas)** — Le facteur *a passé* à 9 heures. Maintenant il *est passé.* **(Mais au sens de être considéré comme, on dira :** Il *a* passé longtemps pour riche.**)**

AUXILIAIRES SECONDAIRES

Les uns sont des auxiliaires de temps. Ils expriment :

594 **Le futur proche :** Je *vais* vous apporter ce texte — Je *suis sur le point* de sortir — *Elle doit* revenir demain.

Le passé récent : Je *viens de* vous le dire **(de là, F.P. pop :** Il *sort de* me le dire — Je *sors* d'en prendre!**).**

Le développement de l'action : Nous sommes *en train de* faire nos comptes — **F.P. fam. :** Nous *sommes à* faire nos comptes.

Les autres sont des auxiliaires de mode.

595 **Ils expriment par exemple :**

• **L'obligation :**

Tu *dois* t'excuser — Il *faut* lui pardonner — Tu *as à* t'excuser.

1. A propos de ce verbe on ne saurait trop regretter son remplacement (maintenant courant) par **rentrer.** Il n'y a d'ailleurs aucun inconvénient à parler et écrire correctement et à employer **entrer,** sauf s'il s'agit d'une action réitérée : Il est sorti à 9 heures et *rentré* à 10, ou d'un renforcement de sens : Ces chevilles sont faites pour *rentrer* à force, ou de l'expression : Cela *rentre* dans vos attributions.
2. Mais on trouve avoir, au sens intransitif, dès l'ancienne langue :
« J'*ai descendu* dans mon jardin / Pour y cueillir du romarin » (chanson du « *Gentil coquelicot* »).

- **La possibilité, l'éventualité :**
  Le vent *peut* s'élever d'ici ce soir — Que votre ami *peut* être désagréable! — Quelle heure *peut*-il être? — Il *se peut* qu'il convienne de ses torts — Vous *avez dû* faire erreur — Ces feuillets *viennent* parfois *à* se perdre.
- **La cause décisive :** Il *faut* qu'elle ait mal entendu.
- **Un fait évité de peu :**
  Nous *avons failli* réussir — Il s'*en faut* de peu (peu *s'en faut*, **F. E.**) que nous n'ayons réussi — J'*ai été pour* le chasser, *sur le point de* le chasser.
- **Le souhait :** *Puisse-t-il* dire vrai!
- **L'action commandée ou provoquée :** Je le *fais* sortir.

  ou tolérée : Je le *laisse* sortir.
- **L'invitation polie, la prière :**
  Veuillez vous asseoir — Mon Dieu, *daignez* m'exaucer.
- **La volonté, le désir, l'intention, le besoin :**
  Je *veux* savoir — Je *tiens à* savoir — Je *désire* savoir — Je *pense*, *je songe à* déménager — J'*ai besoin de* déménager.
- **Le conseil ironique ou négatif :**
  Allez donc lui dire ça! — *N'allez pas* lui dire ça, surtout!
- **L'apparence :**
  Le temps *semble*, *paraît* s'améliorer (*semble vouloir*, *paraît vouloir* se gâter) — Vous *faites semblant* d'approuver.
- **Le début, l'achèvement de l'action :**
  Commencez à dîner — *Il se mit* (il *se prit* **F.E.**) *à* rire — Nous *achevons*, nous *finissons de* dîner.

Ne pas confondre : Il commence *à*, il finit *de* dîner **(actions qui sont à leur début ou à leur fin) et :** Il commence, il finit *par* dîner **(actions qui ouvrent ou terminent une série).**

N. B. — On trouve au passif, dans le F.P. fam. .
Le blé *est fini de* battre — La salle *est commencée de* nettoyer.

- **L'action progressive :**
  Il *va dépérissant* **(F.E.)** — L'affaire *est en voie* d'aboutir.
- **L'habitude :**
  Les poules *ont l'habitude de* se coucher tôt — Ce plat *aime* (ou *demande*) *à* être servi chaud.
- **Le renforcement d'une affirmation (F.E.) :**
  Ces faits *ne laissent pas* d'être inquiétants **(voir n° 807).**

N. B. — On remarquera l'emploi de voir et entendre, de sentir à la forme pronominale, pour remplacer certains passifs :
Il *s'est entendu*, *il s'est vu condamner* à la prison — Elle *s'est vu offrir* un beau cadeau — *Je me sens saisir* par la main.

LA VOIX PASSIVE (voir n° 466)

596 • Voix active : Pierre *conduira* la voiture.

• Voix passive : La voiture *sera conduite* par Pierre **(par introduit le complément d'agent).**

Le français n'a pas de forme passive spécifique — C'est l'auxiliaire être accompagné du participe passé qui en tient lieu :

L'affaire *est décidée, a été décidée* en cinq minutes.

• Les verbes rester, demeurer, sembler, paraître, passer pour, accompagnés du participe passé peuvent être considérés comme des auxiliaires du passif :

Tu *resteras* aimé de tous tes enfants (= **toujours tu seras aimé**) — Il *semble* aimé de tous (= **apparemment il est aimé).**

• Jamais le verbe devenir ne joue ce rôle. Le français dit : venir à, suivi de l'infinitif passif :

S'il *vient à* être aimé...

• Seuls, en principe, les verbes transitifs directs (v. n^os^ **586, 587), sauf avoir et pouvoir, peuvent être mis au passif**[1]**. Toutefois on dit et on écrit :**

Tu *seras obéi, pardonné.*

(**Pour** : Il *s'entendit condamner*; **voir n° 595, N.-B.).**

Dans le tour : « *J'ai eu* le doigt arraché par la machine » le verbe *avoir* prend une valeur d'auxiliaire introducteur d'un passif (= mon doigt a été arraché) mais le tour insiste davantage sur l'intérêt que prend la personne à l'action.

Passif impersonnel

597 **Quelques verbes transitifs indirects ou intransitifs ont un passif, avec pour sujet le pronom neutre il ; ces tours équivalent à on, suivi de la forme active : ils appartiennent surtout au F.E., en particulier à la langue administrative.**

Il fut remédié à cet inconvénient (= **on remédia à...**) — *Il sera mis fin* à de tels agissements — Il va *être statué* sur votre cas — *Il fut procédé* au vote.

N. B. — Ne pas confondre avec les tours impersonnels, où le sujet réel d'un verbe transitif direct est en inversion :

Il a été dit *beaucoup de choses.*

1. Pourtant, en **F.P. argotique, le verbe** *avoir*, au sens de tromper, dominer, admet un passif : « J'ai été *eue* » (Simone de Beauvoir, *Les Belles Images.*)

598 **La forme passive s'applique, en principe, à tous les temps et modes. Cependant une distinction doit parfois être faite entre le passif d'action et le passif de résultat, où le participe a une valeur d'adjectif : le premier seul est susceptible d'avoir un complément d'agent ou un complément du type : « en combien de temps? » :**

Passif d'action

Cette maison *est construite par deux ouvriers* seulement.
Cette maison *sera construite en dix jours*.

Passif de résultat

La maison *est construite* (= **la construction en est achevée**) —
Demain la maison *sera construite* (= **sera achevée**).

De même, on distinguera : A 10 heures la porte est *fermée par le concierge* **(action) et :** Maintenant la porte *est fermée* **(résultat).**

599 **Quelle est la fréquence du passif en français? — D'une manière générale, le F.E. et le F.P. préfèrent la forme active ou pronominale à la forme passive, qui a parfois un aspect lourd ou gauche — On dira donc :** Jean *conduit* la voiture — **et, sans sujet précis :** *On lit* beaucoup cet auteur **ou :** Cet auteur *se lit* beaucoup.

Cependant, en dehors du passif de résultat, très fréquent, mais ayant valeur d'adjectif, la forme passive proprement dite est loin d'avoir disparu, surtout lorsqu'on veut mettre l'agent en relief :

Ce carreau *a été cassé par Pierre* — « Le monde ne peut être sauvé que par *quelques-uns* » (A. Gide).

Si, employant la forme active, on voulait mettre le sujet en relief, il faudrait dire, par exemple :

C'est Pierre qui a cassé ce carreau.

Le complément d'agent : « par » ou « de »?

600 **En règle générale, c'est par qui introduit le complément d'agent :**

La voiture sera conduite *par* Jean.

Par introduit un agent, un être actif à proprement parler.

Mais on emploie de :

a) Plus fréquemment après des verbes de sentiment ou d'intelligence (un sentiment, et même une pensée, ne sont pas des actes à proprement parler) :

Il est aimé *de* ses camarades, compris *de* tous.

b) Très fréquemment si l'agent est une idée, une chose abstraite :

Il fut saisi *de peur, d'étonnement* — (**Mais :** Il fut saisi *par* une main ferme[1].)

c) Après des verbes d'accompagnement marquant plutôt une situation qu'une action intentionnelle :

Le chasseur est suivi *de* son chien. **Mais :** La petite fille est suivie *par* un chien hargneux — **De même :** Le prince était accompagné *de* ses gardes. **Mais :** Il fut accompagné *par* les gendarmes jusqu'à la frontière.

On constate que, si des compléments de lieu, de temps, sont associés au verbe, c'est-à-dire si l'action est nettement localisée dans le temps ou l'espace, si elle a une certaine « épaisseur », c'est per qui est plutôt employé.

Aussi de convient-il aux participes n'indiquant plus qu'une sorte d'état, ayant valeur d'adjectifs :

L'étoffe *est bordée* d'un galon — *ornée* de dentelles.

N. B. — Tous les compléments d'agent par de ont pour représentant en : L'étoffe *en* est bordée. — **Et l'on dira (pronom relatif) :**

Le galon *dont* l'étoffe est bordée.

601 **La préposition à introduit l'agent dans :** Un habit mangé *aux* mites.

602 **Un complément d'agent (par...) se trouve parfois aussi après certains infinitifs de forme active :** On enverra des patrouilles, en vue de l'attaque *à mener par* le régiment (= **l'attaque qui sera menée par le régiment**) — Je le fais *recevoir par* vous... **ou après un nom d'action :** Son *arrestation par* les gendarmes.

Les adjectifs en -ble tirés d'un verbe trensitif, de même que le tour : facile à... aont parfois accompagnés en F.P. de la préposition par :

Cela est *acceptable par* vous, *facile* à régler *par* vous.

Ici, le F.E. construit aussi le complément avec pour : Ce n'est pas *acceptable pour* vous, **à moins que ce complément ne risque de faire équivoque avec un complément indirect d'objet :** C'est *explicable par* vous **est plus clair que :** C'est *explicable pour* vous, **qui peut avoir deux sens : 1)** explicable *par* vous — **2)** explicable *à vos yeux*, de votre point de vue.

Quand l'adjectif n'ast paa dérivé d'un verbe transitif et n'a donc pas de valeur passive, par est à proscrire absolument, et on dira :

Route *carrossable pour* des voitures légères — Voie *navigable pour* des bateaux à faible tirant d'eau.

1. Dans : Il fut saisi *d'une main ferme* par son frère, on a : 1) un complément de manière. 2) un complément d'agent.

LA VOIX PRONOMINALE

603 **Un verbe est à la voix pronominale quand il a pour complément d'objet formel un pronom renvoyant au aujet :**

Avec valeur réfléchie : Elle *se voit;* tu *te* nuis.
Sana valeur réfléchie : Il s'aperçoit de son erreur.

Le passé composé de ces verbes se conjugue avec l'auxiliaire être :

Elle *s'est vue;* elle s'*est nui* **(pour l'accord du participe, voir nos 562 et suiv.).**

On distingue :

a) Les verbes exclusivement pronominaux, qui n'ont pas à proprement parler de valeur réfléchie et ne possèdent pas de correspondant à la forme active : s'évanouir, s'emparer de, s'arroger, se repentir, s'envoler, s'enfuir, **etc.**

b) Les verbes occasionnellement pronominaux, formés avec des verbes transitifs directs ou indirects, qui prennent alors généralement un sens réfléchi : Il *se lave*, elle *se nuit.*

Souvent ces verbes, au pluriel, ont une vsleur réciproque : Voltaire, interrogé sur ses rapporta avec Dieu, répondit : « Nous *nous saluons*, mais nous ne *nous parlons pas.* »

La réciprocité peut être soulignée par certains compléments :

Ils se nuisent l'*un à l'autre, les uns aux autres, réciproquement.*

Et, pour quelques verbes, au moyen de : s'entre... :

Ils s'*entredéchirent.*

Le F.P. connaît aussi le tour : se rencontrer *avec* quelqu'un, **et de même :** *se rejoindre, se compléter, se réunir* — **Montherlant a écrit :** « *S'accrochera-t-elle avec* Brunet ? » (*Le Démon du bien*).

604 **On notera :**

a) que plusieurs verbes, au lieu de prendre à cette forme une valeur proprement réfléchie, revêtent un sens tout particulier :

J'*aperçois* votre fils. Je m'*aperçois* de mon erreur — Nous *battons* l'ennemi. Nous *nous battons* avec lui — On a *dépêché* un messager. *Dépêchez-vous* donc! — Vous m'*ennuyez* avec cette insistance. Je *me suis beaucoup ennuyé* à cette réunion[1].

b) que, en principe, tout verbe transitif direct peut, à la forme pronominale, prendre le aens d'un passif :

Ces arbres s'*aperçoivent* de loin — Ma maison s'*est bien vendue.*

1. On ajoutera le verbe *amener*, qui en **F.P. pop.** (et chez Sartre, Simone de Beauvoir) prend, à la forme pronominale *(s'amener)*, le sens de *venir, s'approcher* — Remarquer en outre un emploi très fréquent et parfois abusif, même en **F.E.**, de *se sortir* pour: *sortir, se tirer de* · Il ne *se sortira* pas de ses difficultés.

On dit même : Il *se peut* qu'il vienne — Elle vous a cordialement reçu, comme *il se doit.*

N. B. — Parfois (en F.P. fam. et surtout avec une négation) la forme active d'un verbe transitif sans objet prend un sens passif :

Voilà des habits qui jamais ne *brossent.*

D'autre part, on dit couramment :

La corde va *casser* — Cette étoffe ne *lave* pas.

(Il s'agit peut-être de formes pronominales qui pour des raisons d'abrègement (principe d'économie) ont perdu leur pronom réfléchi [voir n° 605]. Mais c'est un type de construction très ancien.)

Certains verbes occasionnellement pronominaux correspondent, avec des nuances différentes, à des verbes intransitifs :

Mourir. *se mourir* (lentement) — rire. *se rire* de (= se moquer de, mépriser) — **et surtout (différence entre l'action continue et l'action commencée) :** aller. *s'en aller* — venir. *s'en venir* — dormir. *s'endormir* **et, F.P. pop.,** trotter. *se trotter.*

604 bis **Aux temps composés de s'en aller et s'en venir, l'adverbe « en » doit, en bonne langue, précéder tout le groupe verbal.**

Il s'*en est allé* — Il s'*en est venu* — **Mais le F.P. fam. dit de plus en plus :** Il s'*est en allé*[1].

605 **Après certains auxiliaires (notamment faire et laisser) plusieurs verbes pronominaux perdent, à l'infinitif, leur pronom réfléchi. Cela est vrai surtout du F.P. :**

Se taire : Faites-le *taire* — **s'asseoir :** Faites-le *asseoir* — **se rencontrer :** Je l'ai fait *rencontrer* avec mon ami — **s'envoler :** L'oiseau, tu l'as laissé *envoler.*

Ce sont là, soit des survivances d'un français ancien, où certains verbes pouvaient s'employer indifféremment à la forme pronominale ou non[2], soit des exemples de cet abrègement que le français pratiqua de plus en plus.

Et les participes passés (sans auxiliaire) n'admettent jamais le pronom réfléchi : des gens *agenouillés* — des souvenirs *évanouis* — des prisonniers *évadés.* **Verlaine a écrit :**

« Que nous veut ce piège
D'être présents bien qu'exilés
Encore que loin *en allés*? » (*Romances sans paroles.*)

Et Péguy : « Le docteur *en allé* revint sur ses pas. »
(*Toujours de la grippe.*)

1. L'ancien français a dit : Il s'*en* est fui, et nous disons : Il s'est *en*fui. Il y a donc là une évolution qui remonte loin.
2. Par exemple : *sourire* et *se sourire.*

LES VERBES IMPERSONNELS

606 **On les appelle ainsi, bien qu'ils se conjuguent formellement à la 3e personne du singulier, parce que leur sujet apparent il (p. ex. il faut) n'est qu'une particule dépourvue de signification personnelle. Certains grammairiens les appellent d'ailleurs verbes unipersonnels.**

On remarquera que cet « il » cristallise toujours le verbe au singulier :

Il tombe *des* grêlons — *Il* est venu *plusieurs* personnes.

Il est à noter que le terme appelé naguère sujet réel n'est plus toujours senti comme tel, et que sa construction est celle d'un objet :

Il y a *du monde*, il faut *du monde* — *Que* faut-il ?

On peut distinguer :

a) **Les verbes exclusivement impersonnels,** comme il faut, **et, pour les phénomènes atmosphériques :** il neige, il grêle, il vente, il bruine, il crachine.
(Mais non pleuvoir **et** tonner, **qui peuvent avoir des sujets normaux :** Les coups *pleuvent* — Sa voix *tonne* dans le silence).

b) **Les constructions occasionnellement impersonnelles. Ainsi :**

Avoir :

Il y a des visiteurs — *Il n'y a qu'à* refuser (**F.P** pop. : *nyaka, yaka*).

Être : *Il est* des circonstances où...

Faire : *Il fait* froid — *Il fait* du vent.

Venir : *Il viendra* beaucoup de monde.

Convenir : *Il convient* de dire.

Sembler :

Il semble utile de la prévenir, **etc.**
et, à la forme pronominale : *Il se peut...* — *Il se vend* des livres.

Très souvent le F.P. pop. ou fam. remplace « il » par ça ou ce :

Ça pleut, Ça crachine, Ça tonne encore — *Ça me fait froid* d'imaginer ces horreurs — *C'*est utile d'aller le voir.

(Pour : *Il* est beau de, *c'*est beau de, **voir n° 303).**

ABSENCE DE VERBE

607 **Souvent, et notamment en F.P., la forme personnelle d'un verbe est absente de la proposition :**

a) Après un mot interrogatif, dans l'interrogation indirecte :
Devinez *qui* — Dites-moi *où*.

et dans le second terme d'une comparaison :
Il travaille mieux que *son frère*.

b) Dans les proverbes et dictons : *Affaire* sans soin, *affaire* de rien.

c) Dans les titres des articles de journal. Le nom est alors généralement un nom d'action :
Rencontre au sommet — *Cambriolage* à la prison.

d) Dans les descriptions en notations rapides :
« Pas un geste. Bras collés aux hanches. Visage complètement figé. Prunelle atone. Un masque » (J.-L. Curtis, *Les Justes Causes*).

e) Dans quantité d'expressions de la langue quotidienne, figées ou non :
A qui *le tour?* — Encore *vous?* — A demain les *affaires* sérieuses — *Entendu!* — Garçon, *un demi!* — *Raison de plus* — *Le temps* de mettre un manteau, je vous accompagne.

Avec un attribut en tête de l'expression :
Coupable, lui? — *Fameux*, ce vin!

et dans les ordres : *En avant!* — *Debout!* — *Chapeau!* etc.

f) Souvent, notamment en F.P. fam., après si, parce que, quoique, comme :
Vous paierez *si* satisfait (si *vous êtes* satisfait) — *parce que* satisfait — *quoique* mécontent — *comme* convenu.

FAIRE, SUPPLÉANT D'AUTRES VERBES

608 **Dans la langue classique, faire pouvait remplacer tout verbe transitif, en se chargeant de ses compléments d'objet directs :**
« Dieu continuera de l'instruire comme *il a fait Joseph et Salomon* » (Bossuet, *Oraison funèbre d'Anne de Gonzague*).

Aujourd'hui, cette construction n'est plus possible, et le complément d'objet direct devient un complément indirect précédé de pour ou avec (noms de personne) ou de (noms de choses) :
a) Aide Pierre comme je *fais avec* Jean (*pour* Jean).
b) Si je déchirais ton livre, comme tu *as fait du* mien?

Très souvent (surtout si faire est employé sans complément), comme je fais **devient** comme je *le* fais :
Tiens ta pioche *comme je le fais*.

INTENSITÉ ET DEGRÉS APPLIQUÉS AUX VERBES[1]

VERBES ORDINAIRES

609 **Intensité forte** : Il aime *beaucoup*, il aime *bien*, il aime *fort* les jardins[2], il aime *extrêmement*, *infiniment*. (**F.P. fam.** : Il l'aime *énormément*, **pop.** : Il l'aime *tout plein*).

N. B. — Très, avec les locutions verbales : J'ai *très faim*, *très soif*, *très froid*[3], tu m'as fait *très mal*, **etc.** — J'ai *grand*-faim, j'ai *grand*-peur **appartiennent plutôt au F.E.**

Autres tours du F.P. pop. : Et je *te* frotte le parquet! — **ou** : « *Astique que j'astique!* » (Bernanos, *Journal d'un curé de campagne*).

Intensité faible : Il aime *peu*, *très peu*, *fort peu* — Il n'aime *guère* — Il aime *un peu*.

N. B. — Il est *quelque peu* surpris **est plus intense que** : Il est *un peu* surpris.

Intensité moyenne : Il aime *assez*, *suffisamment*.

Intensité totale : Il aime *tout à fait*, *on ne peut plus*.

Intensité nulle : Il *n'*aime *pas du tout*, *nullement*, *en rien*.

Excès : Il aime *trop*.

Insuffisance : Il aime *trop peu* — Il n'aime *pas assez*.

Comparaison : supériorité : Il aime *plus*, il aime *mieux*, *davantage*.

Pour la comparaison de deux verbes : *plutôt* :
(Il court *plutôt* qu'il ne marche).

Infériorité : Il aime *moins*.

Égalité : Il aime *autant*, il *n'*aime *pas tant*.

Superlatif relatif : Il aime *le plus*, *le moins*.

Degrés dans la comparaison : Il aime *beaucoup plus*, *bien plus*, *un peu plus*, *d'autant plus*.

Exclamation : *Qu'*il l'aime! — *Comme* il l'aime! (**F.E.** : *Combien* il l'aime! **F.P. fam.** : *Ce qu'il* l'aime!) — *Comme* il l'aime *peu*! — Il l'aime *tant*, il l'aime *tellement*[4]! — Il l'aime *si peu*! — *Il l'aime! il l'aime!* — Ah! *l'aime-t-il!* **F.P. pop.** : L'aime-*ti*! — Je l'aime-*ti*!

Et (plutôt en F.E.) : *Combien* il l'aime *plus*! Il l'aime *tellement plus*!

Exclamation indirecte : Tu vois *comme* il l'aime!
et F.E. : *combien* il l'aime!

Interrogation : *Jusqu'à quel point* l'aime-t-il? — *Jusqu'où* l'aime-t-il?

1. Voir Tableaux des adverbes de quantité, n° 210 *bis*, tableau I et le N. B.
2. Mais attention : il parle fort ne signifie pas : il parle beaucoup, mais : il parle avec force.
3. **Très** tend à se multiplier aussi avec des verbes : Il s'est fait *très remarquer*. Ces derniers tours, sans élément nominal, sont à éviter.
4. Et en F.P. (cf. il a *très* faim) : il a *si* faim, *si* froid — et même : il s'est fait *si* remarquer (mais il convient d'éviter **si** avec un verbe, sans élément nominal).

VERBES DE SUPÉRIORITÉ

610 **(Vaincre, dominer, l'emporter sur)**

Il l'emporte *de beaucoup, de peu, d'autant.*
Il l'emporte *totalement, absolument, du tout au tout.*
Il *ne* l'emporte *nullement, en rien.*
Il l'emporte *trop, de trop peu.*
Il l'emporte *davantage, moins.*
Comme il l'emporte! Il l'emporte *tellement*!
Jusqu'où l'emporte-t-il?

VERBES DE PRIX, DE VALEUR

611 **a) Coûter, valoir :**

Cela coûte *cher*, cela coûte *peu*, vaut *peu* — Cela coûte *aussi cher, autant.*
Cela coûte *plus cher, davantage, moins cher* — Cela *ne* coûte *rien.*
Comme cela coûte *cher*! — *Comme* cela coûte *peu*!
Cela coûte *si cher*! — Cela coûte *tellement*! — Cela coûte *si peu*!

b) Acheter, vendre, payer :

J'achète *cher*, un *bon prix* — *bon marché* — *plus cher, moins cher, aussi cher* — Acheter, vendre *pour rien.*
J'achète *trop cher.*
Comme je paie *cher*! etc.

N. B. — L'expression c'est cher (C'est *plus cher* — *Comme* c'est cher! **etc.) s'emploie aussi très souvent, au lieu d'un verbe de prix. On se reportera aux degrés dans les adjectifs (voir n°s 208 et suivants).**

FORMATION DE VERBES NOUVEAUX DANS LE FRANÇAIS D'AUJOURD'HUI

• Avec désinences verbales

612 **-ir est encore vivant :** *alunir*[1].

-er l'est davantage :

Joint au radical d'un nom : baratin : baratin*er* **F.P. pop. — vision :** visionn*er* — **solution :** solutionn*er* — **photocopie :** photocopi*er*.

Joint à un radical étranger : kidnapp*er* — shoot*er* **(football).**

1. Condamné en 1966 par l'Académie des Sciences et l'Académie française, mais souvent employé...

Sous la forme -iser (formation très vivante) : américan*iser* — atom*iser* — polit*iser* — La seule poudre qui javell*ise* en moussant **(formule publicitaire), etc.**
Sous la forme -fier : plani*fier*.
Sous les formes -ailler, -ouiller (péjoratifs) -oter (diminutif) : mâch*ouiller* — crach*ouiller* — *vivoter* — *toussoter*.

• Avec préfixes

613 **Les préfixes les plus vivants sont :**
post- *post*synchroniser **un film.**
pré- *pré*fabriquer **(surtout au participe :** *pré*fabriqué**).**
sous- *sous*-alimenter.

et surtout :
dé- dés- *dé*politiser — *dés*embourgeoiser.
re- ré- *re*calcifier — *ré*ajuster.

Des préfixes savants (grecs notamment) servent aussi à former des verbes nouveaux : *télé*guider, *télé*commander.

LE SUJET

614 **Le sujet est le terme qui, généralement par sa place devant le verbe, désigne l'auteur de l'action, ou la personne, l'animal, la chose qui se trouvent dans telle ou telle situation :**

Jean conduit la voiture — *Ta place* reste vide.

Le sujet peut être :

a) un nom : *Une femme* conduit la voiture.

(Ce nom peut être précédé de l'article partitif :

Voulez-vous aussi des confitures? — Merci, *du beurre* me suffit.)

un pronom personnel : *Nous* sommes attendus.
un pronom possessif : Votre fils a réussi; *le mien* a échoué.
un pronom démonstratif : *Cela* me plaît.
un pronom interrogatif : *Qui* a sonné?
un pronom indéfini : *Quelqu'un* vient.
un pronom relatif : J'aime les gens *qui* disent la vérité.

b) un verbe à l'infinitif : *Souffler* n'est pas jouer.

c) une proposition subordonnée : *Qu'elle ait refusé* ne m'étonne pas — *Qui a bu* boira.

REMARQUE 1 : **Le complément d'agent est, pour le sens, un vrai sujet, puisqu'il désigne l'auteur de l'action (v. n° 600).**

REMARQUE 2 : **Absence de sujet** — Le sujet est absent devant l'impératif *(Pars)*, souvent devant l'infinitif (Le moment de *décider* est venu), ainsi que dans certaines expressions figées : Fais ce que *dois* — *N'importe* — *N'empêche* que...

LE SUJET EST UN NOM OU UN PRONOM

Place du sujet

615 **En règle générale il est placé avant le verbe. Mais les inversions, c'est-à-dire les postpositions du sujet, sont nombreuses en prose (pour ne point parler de la poésie).**

I. Dans une proposition intercalée (ou incise)

616 **L'inversion est obligatoire :**

Non, répondit *son frère* — Les prix vont, dit-*on*, baisser.

Le F.P. pop. use ici de la relative : Oui, qu'*il dit* **(prononcé** kidi**).**

REMARQUE : **Les verbes ainsi intercalés sont des verbes d'opinion ou déclaratifs. Mais on trouve aujourd'hui, chez de nombreux écrivains, la même inversion après des verbes exprimant un sentiment ou une attitude, lorsqu'une idée de déclaration s'y trouve associée :**

Non, *refusa-t-il* — Comment? *s'étonna mon frère.*

Il y a parfois abus, notamment quand le verbe exprime un geste, une attitude ou quand il a un complément d'objet.

Déjà, *sourit-il* — « Oui, *humâmes-nous* notre bock » (A. Allais; **mais ici il y a charge, certainement...)**

En revanche, il est toujours correct d'employer ces verbes sans intercalation :

Mon *frère s'étonna* : « Comment? »
Il sourit : « Déjà! »

II. Dans les interrogations

617 **a) Interrogation directe :**

Irons-*nous*? Où êtes-*vous*? Pourquoi as-*tu* fait cela?

Il faut remarquer que je n'est couramment inversé à la 1re personne du présent de l'indicatif que dans les verbes suivants : *ai*-je? *dis*-je? *dois*-je? *fais*-je? *puis*-je? *sais*-je? *suis*-je? *vais*-je? *vois*-je?

Avec les autres verbes on dit, par ex. : *est-ce que* je donne?
N. B. — Les formes *donné-je, aimé-je,* **etc., appartiennent au F.E. archaïque (voir n° 470, note) — Mais** *puissé-je* **(= souhait),** *dussé-je, eussé-je* **(= supposition) sont encore employés en F.E. et (pour** *dussé-je, eussé-je***) parfois dans un F.P. surveillé :** Je n'irai pas, *dussé*-je en pâtir **(= même si je devais...).**

Cette inversion simple ne se pratique guère que si le sujet est un pronom personnel ou bien on ou ce, qui sont des sortes de pronoms personnels :

Vient-*on*? — Où est-*ce*?

Si le sujet est un nom, un pronom démonstratif (rarement ce), un pronom possessif, ou un pronom indéfini autre que on, le français use de l'inversion dite « complexe », le nom restant à sa place normale, et un pronom personnel redoublant le sujet :

Pierre est-*il* ici[1]? — *Celui-ci* se rappelle-t-*il*?

Cependant, si l'interrogatif est quand? où? comment? l'inversion peut être simple ou complexe :

Où va *Pierre*? — Où *Pierre* va-t-*il*?

Après que (interrogatif neutre) l'inversion simple est seule admise :
Que fait *Pierre*?

1. Tour issu sans doute d'une double question : Pierre? Est-il ici? (voir G. Gougenheim, *Structure et économie en linguistique*).

Avec combien le tour correct est, en principe :

Combien de gens *viendront*?

Mais de plus en plus on entend et on lit (comme d'ailleurs dans l'ancienne langue) : Combien de gens viendront-ils[1]?

(Pour l'inversion peu correcte de il avec quel, voir n° 344.)

Le F.P. évite l'inversion — soit qu'il emploie « est-ce que? » : *Est-ce que* tu viendras? — **soit qu'il use de l'ordre normal :** *Il est* malade? **disent même (F.P. pop.) :** Combien *ils sont*? Pourquoi *il a fait ça*?

617 bis **b) Interrogation indirecte (dans une subordonnée d'objet) :**

L'ordre normal reparaît :

Dis-moi si *je fais* bien — Explique-moi pourquoi *tu es* en retard.

Mais, si le sujet est un nom, un pronom démonstratif (sauf ce), un pronom possessif, ou un pronom indéfini (sauf on), l'inversion simple est possible avec où? quand? comment? Encore faut-il qu'il n'y ait pas de nom complément d'objet :

Dis-moi où *est mon père*, quand *viendra le tien*, comment *va celui-ci*.

Dans l'interrogation indirecte, l'inversion complexe est incorrecte. On ne peut pas dire ou écrire : Dis-moi où mon père est-il. **(v. aussi, pour les pronoms interrogatifs, le n° 359).**

III. Dans les tours exclamatifs

618 **On a des constructions semblables à celles de l'interrogation :**

Discours direct :

Est-il généreux! Pierre *est-il* généreux! Quel *fut son étonnement*! Combien de gens *s'y sont trompés*!

Discours indirect :

Tu sais combien *il est* généreux, quel *fut* son étonnement.

IV. Après certains adverbes

619 **L'inversion est de règle, en principe, pour le F.E., après : aussi (= c'est pourquoi) — à peine — du moins — encore (encore faut-il... — Faut-il encore, très répandu en F.P., est contraire au bon usage) — en vain — peut-être — toujours (toujours est-il que...) tout au plus.**

Peut-être acceptera-t-*il*.

Si le sujet est un nom, un pronom démonstratif (rarement ce), un pronom possessif, ou un pronom indéfini (sauf on), l'inversion complexe apparaît :

Peut-être *ce temps* viendra-t-*il*.

On notera que l'inversion est assez fréquente après : ainsi, de même.

1. En revanche, est irréprochable l'expression : Combien viendront-ils? sans nom complément, et signifiant : Combien seront-ils à venir? (Combien = attribut).

Mais le F.P. (et souvent le F.E.) reprend volontiere l'ordre direct après ces adverbes (sauf encore et toujours dans les emplois ci-deseus) :

Peut-être *il acceptera* — Peut-être *qu'il acceptera.*

V. Après certains compléments circonstanciels de lieu ou de temps

620 **Il y a souvent inversion simple lorsque le verbe exprime le mouvement ou l'état :**

Alors *se répandit la nouvelle* de son retour — Au fond de la cour *restait une vieille échelle* toute vermoulue.

Cette élégante inversion permet de dégager le verbe, surtout si le sujet est alourdi de compléments, et de mettre en relief ce sujet — Même invereicn facultative après quand, lorsque, les comparatifs : comme, ainsi que, plue que, etc.

Quand vient la belle saison, je me mets en route.

Comme disait avec sagesse Victor Hugo :
« Couché à dix, levé à six,
Fait vivre l'homme dix fois dix. »

VI. Après un attribut jeté en tête de la phrase

621 **L'inversicn est de règle :**

Rares seront les absents — *Tel* était l'homme que... **(mise en valeur des attributs.)**

VII. Après le pronom relatif objet direct « que »

622 **L'inversion est facultative, toujcurs avec le même effet de dégagement du verbe et de relief du sujet :**

Je suis heureux de vos succès que *justifient de grandes qualités* d'esprit et de cœur.

Les sujets ne peuvent pas être, alors, des pronoms personnels (ni *on* **ou** *ce*).

VIII. Dans les expressions de concession : pour... que soit... — si... que soit... (vcir n° 728)

623 **L'inversicn simple est ncrmale :**

Pour tenaces *que soient les ambitions* de l'homme, elles accusent sa faiblesse. **Meis, avec un pronom personnel, on, ce :** Pour tenaces qu'*elles soient*... — Si tenace qu'*on soit*... — Si vrai que *ce soit*...

N. B. — Mais on dit également, evec si et un pronom personnel ou on : *Si* tenaces *soient-elles*, les ambitions accusent... — Si tenace *soit-on*...

IX. Avec certains verbes suivis de l'infinitif (vcir n°s 545 à 549)

624 Il *laisse son frère entrer*, **cu :** Il *laisse entrer son frère* — Il *entend chanter* les oiseaux, **ou :** Il *entend* les *oiseaux chanter.*

Mais, avec faire :

Il *fit entrer son frère* **(inversion obligatoire).**

N. B. — Le pronom personnel se place avant l'auxiliaire :

Il *la laissa, la fit* entrer — Il *les entend* chanter.

X. Enfin il existe des inversions (expressions figées, tours littéraires) justifiées par l'usage ou la mise en relief :

625 Deux ôtés de trois, *reste un*[1] — *Soit une droite* AB... **(= supposition)** — *Vivent les vacances* **(écrit souvent : *Vive* les vacances, car le verbe n'est plus senti comme tel)** — *Fasse le Ciel* qu'il survive! — *Puissent-ils* revenir! — **On trouve même des inversions très artificielles :** « *S'impose davantage le dialogue* de M. Sartre avec le parti communiste » (Max-Pol Fouchet, *L'Express*, 1er nov. 1964).

On évitera toute inversion du sujet quand le verbe en cause a un complément d'objet (autre que le pronom relatif ou le pronom personnel). Et l'on ne dira plus, comme Corneille, dans *Polyeucte* :

« Allons fouler aux pieds ce foudre ridicule,
Dont arme *un bois pourri* **(objet)** *ce peuple* trop crédule **(sujet)** ».

En revanche on dira très bien avec un pronom personnel objet :

Comme *le* veut *ta mère*...

LE SUJET EST UN INFINITIF

626 **Il s'agit de tours comme :** *Partir*, c'est mourir un peu — *Partir* n'est pas toujours mourir.

Parfois de précède l'infinitif :

« *De* déduire froidement les conséquences de son amour ne l'empêcha pas d'aimer avec exaltation » (Roger Vaillant, *La Loi*).

Si l'infinitif est postposé, ce « de » est obligatoire :

Cela me chagrine *de* refuser — Il me coûte *d'*accepter[2].

LE SUJET EST UNE PROPOSITION SUBORDONNÉE

I. Une proposition conjonctionnelle[3]

627 Il est certain *que la paix est un bien fragile* **(postposition du sujet : c'est le cas le plus fréquent).**

1. Le verbe rester est très souvent antéposé au sujet : « *Restait* cette redoutable infanterie de l'armée d'Espagne... » (Bossuet, *Oraison funèbre de Louis de Bourbon*) — *Restent* trois livres qui n'ont pas trouvé d'amateurs — *Reste* à savoir si...
2. Certains impersonnels comme : *il faut, il convient de, il importe de, il me tarde de*, admettent aussi la construction avec un infinitif. On peut discuter pour savoir si ces infinitifs ont encore fonction de sujet, ou si l'évolution de la langue leur confère fonction d'objet.
3. Voir, nº 850 — Nous dirons subordonnée conjonctionnelle plutôt que « subordonnée conjonctive ».

Le mode est l'indicatif après les verbes ou locutions verbales exprimant une constatation ou une probabilité :

Il est certain, il est *notoire* que ses affaires *ont* mal tourné — Il est *probable* que le temps s'*est* gâté.

(Cependant le subjonctif marque des points, surtout en F.P., après des expressions où la constatation peut prendre un caractère vigoureux : Il est *exact* que vous *soyez* fautif[1].)

Après il est décidé, entendu que, on emploie l'indicatif :

Il est décidé qu'on *ira*...

Après les verbes exprimant une apparence, l'indicatif gagne du terrain :

Il *semble* que le temps s'*est* gâté **(mais :** Il semble que le temps *se soit* gâté **reste très correct).**

Avec il me semble (= je crois) on doit employer l'indicatif :

Il *me semble* que le temps *s'est* gâté.

De même on dira : *Il apparaît, il paraît* que nos affaires *vont* mal.

627 bis **Le subjonctif est employé, normalement, après ces verbes ou locutions verbales, s'ils sont à la forme négative ou interrogative :**

Il *n'*est *pas* certain que la paix *soit* durable — *Est-il* certain que la paix *soit* durable? — Il *ne* semble *pas* que le temps *se soit* gâté.

Mais, même en F.E., on trouve l'indicatif (surtout s'il s'agit de traduire un futur) :

Il *n'*est *pas* certain que le temps *se gâtera*;

ou le conditionnel :

Il *n'*est *pas* certain que le temps *se gâterait* si le vent tournait au sud.

Le subjonctif est encore employé normalement avec les mêmes verbes, si la subordonnée est en tête :

Que la paix soit durable (ce) n'est pas certain.

Il est obligatoire, en général, après les verbes ou locutions impliquant nécessité, convenance, sentiment : il faut[2], il est nécessaire, il convient, il est pénible, il est bon, il est juste, il est normal, naturel, fréquent, exceptionnel, qu'il en *soit* ainsi.

Mais après il arrive que, on emploie soit l'indicatif, soit le subjonctif.

Il arrive que l'on *comprend* mal; il arrive que l'on *comprenne* mal.

627 ter **Enfin, avec les verbes et locutions exprimant le doute, la crainte, la possibilité, le français, depuis le XVIe siècle au moins, a hésité entre le subjonctif et l'indicatif. Au XIXe siècle, le subjonctif l'a emporté.**

1. Voir G. Gougenheim, *Structure et économie en linguistique.*
2. Le tour . Il faut *qu'il aille* est parfois remplacé, en **F.E.,** par : Il *lui* faut aller. Vous ne l'entendrez plus guère en **F.P.,** et c'est dommage : il se recommandait par l'élégance.

L'OBJET

631 **Si nous disons :** Pierre est l'*objet* d'un compliment, **cela signifie que quelqu'un complimente Pierre. C'est pourquoi on appelle objet du verbe le terme désignant l'être ou la chose sur lesquels s'exerce l'action.**

On distinguera les objets directs unis au verbe sans préposition :

Je complimente *Pierre*,

et les objets indirects introduits par une préposition :

Tu obéis *à ton père* — Fiez-vous *à votre chance* — Parlons *de ce voyage*.

Un verbe peut être pourvu de plusieurs objets, l'un direct, l'autre indirect :

Donnez *ce paquet au commissionnaire*.

N. B. — La distinction de l'objet direct et de l'objet indirect est nécessaire, en particulier, quand il s'agit de construire les pronoms personnels (v. n° 445).

Absence d'objet. Voir n° 587.

632 **Le complément d'objet peut être :**

un nom, ou un pronom (personnel, démonstratif, possessif, interrogatif, exclamatif, indéfini, relatif) :

Que dis-tu? — J'accepte *tout*, etc.

Le nom peut être précédé de l'article partitif :

Je prends *du beurre*.

un infinitif :

Je veux *dormir*.

une proposition subordonnée :

Je veux *que tu dormes* **(prop. conjonctionnelle)** — Je demande *si ce train est un express* **(prop. interrogative)** — Je vois *les feuilles s'agiter sous le vent* **(prop. infinitive)** — J'aimerai *qui m'aimera* **(proposition relative).**

L'OBJET EST UN NOM OU UN PRONOM

633 **Beaucoup de verbes admettent un objet direct ou un objet indirect, suivant le sens. Ainsi :**

Applaudir *quelqu'un* **(en frappant des mains) et :** applaudir *à un succès* **(au sens figuré).**

Assister *quelqu'un* **(l'aider) et :** assister *à un spectacle* **(le voir).**

Croire *quelqu'un* **(croire qu'il dit la vérité),** croire *une chose* **(la croire vraie) et :** croire *en Dieu, au diable* **(à leur existence).**

633 bis **Dans des expressions comme :** Achetez *français*, Votez *socialiste*, **on a, plutôt qu'un complément d'objet, un complément adverbial de manière.**

Place de l'objet

634 **En prose française, les noms objets directs et objets indirects se placent généralement après le verbe; l'ordre type est alors le suivant : sujet, verbe, objet direct, objet indirect, complément circonstanciel :**

Pierre prête *son livre à Paul* avec empressement.

Mais, outre les inversions qu'amènent la mise en relief, le souci des nuances, et, en poésie, les lois de la versification, il faut noter que l'cbjet précède le verbe :

a) En principe, quand il s'agit du pronom personnel atone :
Tu *me* flattes.

b) Quand il s'agit d'un pronom relatif, et, en principe, d'un tcúr interrogatif ou exclamatif :
L'homme *à qui* je parle... — *Quelle décision* as-tu prise ? — *Quelle décision* il a prise!

c) Dans certaines expressions figées :
Qui *terre* a *guerre* a — Il gèle à *pierre* fendre — Acquérir sans *bourse* délier — Grand *bien* vous fasse! — A *Dieu* ne plaise!

Tout et rien se placent le plus souvent avant l'infinitif et le participe :
Il faut dire *tout* — **Mais :** Pour *tout* dire — Ne *rien* dire — Il a *tout* dit — Il n'a *rien* dit.

635 [**Pour l'objet « interne »** (vivre sa vie), **voir n° 588 bis.**
Pour les compléments de coûter, valoir, courir, peser, voir n° 571.
Pour l'ellipse de l'objet : (Le docteur ne *reçoit* plus), **voir n° 587.**]

L'OBJET EST UN INFINITIF

636 **Voici quelques verbes usuels accompagnés d'un infinitif objet direct ou indirect (généralement, mais non toujours infinitif présent : Je crois *lire* — Je crois *avoir lu*) :**

J'aime		**J'aime**		**J'accepte**	
Je compte		**Je m'amuse**		**Je l'accuse**	
Je crois		**J'apprends**		**J'aime (rare)**	
Je désire	**lire**	**Je m'attends**	**à lire**	**Je m'arrête**	**de lire**
Je déteste		**Je l'autorise**		**Je cesse**	
Je dois		**Je commence**		**Je commence**	
J'espère		**Je me complais**		(plus rare)	

Je me figure
Je m'imagine
J'ose
Je pense
(= J'ai l'intention de, ou Je crois)
Je préfère
Je prétends
Je sais
Je souhaite
Je veux

(N. B. — Je me rappelle avoir lu, inf. passé)

} **lire**

Je consens
Je continue
Je me décide
Je demande
(= Je sollicite l'autorisation de)
Je me dispose
J'enseigne
Je m'entends
Je m'essaie
Je m'habitue
Je me mets
Je m'oblige
Je m'occupe
Je pense
(= L'idée me vient de)
Je me plais
Je me prépare
Je me refuse
Je renonce
Je me résigne
Je me résous
Je réussis
Je me risque
Je songe
Je tâche (F.E.)
Je tarde
Je tiens

} **à lire**

Je lui commande
Je lui conseille
Je me contente
Je continue
(plus rare)
Il convient
Je crains
Je décide
Je lui demande
(= Je le prie)
Je déteste
Je le détourne
Je lui dis
Je le dispense
Je le dissuade
Je doute
Je lui écris
Je lui enjoins
J'essaie
Je finis
Je me flatte
Il importe
Je mérite
Je néglige
J'omets
Je lui ordonne
J'oublie
Je lui permets
Je le (ou lui) persuade
Je lui prescris
Je prévois
Je le prie
Je projette
Je lui promets
Je lui propose
Je refuse
Je risque
Je souhaite
Je le soupçonne
Je tâche
Il me tarde
(N. B. — Je me souviens d'avoir lu)

} **de lire**

N. B. — 1° On constate que quelques verbes (imprimés en **gras**) admettent plusieurs constructions.
2° La préposition **de** tend aujourd'hui à s'imposer devant beaucoup d'infinitifs (voir n° 837).

L'OBJET EST UNE PROPOSITION SUBORDONNÉE

I. Une proposition conjonctionnelle

Je sais *qu'il dort* — Je veux *qu'il dorme.*

637 **Le mode est en principe 1° l'indicatif ou 2° le subjonctif, selon que le verbe principal est : 1° un verbe exprimant une constatation, une déclaration, une opinion, une sensation ; ou 2° un verbe exprimant une volonté, une émotion ou un sentiment, un doute. Voir n° 627 ter. (Pour les constructions doubles, voir n° 530.)**

638 **AVEC L'INDICATIF**

J'annonce que ...
J'apprends que ...
(= J'annonce ou Je viens à savoir que)
Je constate que ...
Je crois que ...
Je décide que[1] **...**
Je dis que ...
Je me doute que...
J'écris que ...
J'entends que ... (de mes oreilles)
J'espère que[2] **...**
J'ignore que[3] **...**
Je le (ou lui) persuade que...
Je prétends que (= J'affirme que)
Je promets que ...
Je me rappelle que ...
Je répète que ...
Je sais que ...
Je sens que ...
Je me souviens que ...
Je tiens que... (= J'affirme que)

AVEC LE SUBJONCTIF

J'accepte que ...
J'aime que ...
J'ai peur que ... ne* **...**
J'admets que (= J'accepte que)
Je m'attends à ce que* **...**
Je conçois que (= Je trouve légitime que)
Je consens à ce que* **...**
Je crains que ... ne* **...**
Je défends que ...
Je demande que ...
Je déplore que ...
Je dis que ...
(= J'ordonne que...)
Je doute que ...
Je ne doute pas que ... ne*[4] **...**

*Ce **ne** (qui s'explique, en fait, par l'idée négative contenue dans la subordonnée) est parfois appelé à tort « explétif » Noter qu'on dit Je *ne* crains pas qu'il vienne (sans **ne**) Pour exprimer la crainte d'un fait négatif, on dit : Je crains qu'il *ne* vienne *pas*, qu'il *ne* vienne *personne*, etc.

** **S'attendre que** + le futur est redevenu fréquent en **F. E.** Mais s'attendre **à ce que**, consentir **à ce que** (+ subjonctif) sont employés non seulement par l'immense majorité des Français dans le **F.P.** quotidien, mais encore par des écrivains nombreux et imposants.

1. Bien que ce verbe puisse être rangé parmi les verbes de volonté, il s'accompagne le plus souvent de l'indicatif futur comme dans l'expression : il est décidé que... (v. n° 627). L'idée d'une évocation de l'avenir l'emporte sur l'idée de volonté.
2. Après j'espère et surtout après il faut espérer, une tendance se manifeste parfois à employer le subjonctif. Mais l'indicatif reste le mode vraiment correct.
3. Au passé : J'ignorais qu'il était... et **F. E.** : *qu'il fût...*
4. Souvent l'indicatif (notamment futur) ou le conditionnel — et surtout en **F. P.** mais sans **ne** : Je ne doute pas qu'il viendra (= Je suis sûr qu'il viendra), voir n° 627 ter.

J'écris que ...
(= J'ordonne que...)
Je me félicite que ...
J'empêche que ... (ou : J'empêche que ... ne*...)
J'entends que ...
(= Je veux que...)
Je m'étonne que...
J'évite que ... (quelquefois : J'évite que ... ne*... F.P.)
J'interdis que ...
Je m'irrite que...
J'obtiens que[1] ...
Je m'oppose à ce que ...
J'ordonne que ...
Je me plains que ...
Je prends garde que ...
(pour un résultat *à atteindre*)

Je prends garde que ... ne[2] ...
(pour un résultat *à éviter*)
Je prétends que...
(= J'exige que...)
Je propose que ...
Je redoute que ...
Je refuse que ...
Je regrette que ...
Je souhaite que ...
Je suis heureux (mécontent) que ...
Je tâche que ...
Je tiens à ce que ...
Je veille à ce que ...
Je veux que[3] ...,

etc.

N. B. — On constate que certains verbes, comme dire, prétendre, écrire peuvent exprimer soit une déclaration, soit une volonté, selon que le verbe complément est soit à l'indicatif, soit au subjonctif (ou à l'infinitif, v. n° 636) :

Je dis qu'il *vient*, je dis qu'il *vienne*, je lui dis de *venir*.

Il est généralement incorrect d'employer une proposition au subjonctif, introduite par que après les verbes qui admettent l'infinitif : a) lorsque le sujet des deux verbes est le même. On dira, on écrira donc : Je veux *lire*, je mérite de *lire*; **b) lorsque le sujet du second verbe est déjà représenté par un objet du premier. On dira, on écrira donc :** Je *lui* demande de *lire*.

639 **On notera ici encore (v. n° 627 bis) que la forme négative ou interrogative conférée aux verbes d'opinion entraîne en principe le subjonctif dans la subordonnée. Mais l'indicatif est de plus en plus fréquent en F.P., surtout s'il s'agit de marquer le futur ou le conditionnel :**

Je ne crois pas *qu'il viendra* — Je ne crois pas *qu'il viendrait*, même si tu le lui demandais — Je ne crois pas qu'il *aurait accepté* (*qu'il eût accepté* **est spécial, sans être nécessaire, au F.E.).**

1. Mais aussi : J'obtiens que l'accord *sera* signé.
2. Comparez (résultat à obtenir) : Prends garde que l'enfant soit bien assis et (résultat à éviter) : Prends garde que l'enfant *ne* tombe.
3. Mais après : Le malheur veut que, la malchance veut que, l'indicatif se rencontre depuis le français classique : « Le malheur veut que qui veut faire l'ange *fait* la bête. » (Pascal, *Pensées*) — « La tradition veut qu'un mois après tous ces serpents *périrent* » (Alexandre Dumas, *Mémoires*).

Et l'indicatif reste normal après les verbes de connaissance ou de déclaration à la forme négative :

Il ne sait pas que son frère *est parti* — Tu ne me dis pas que tu *as écrit* — On n'ignore pas que la terre *est* ronde.

Après : Je nie, on emploie, en bonne langue, le subjonctif. Après : Je ne nie pas que (comme après : Je ne doute pas que), l'indicatif est de plus en plus fréquent, surtout en F.P.

Je m'étonne *que*, je m'inquiète *que* **sont suivis du subjonctif :** Je m'étonne *qu'*il *soit* parti — **Mais :** Je m'étonne *de ce que*, je m'inquiète *de ce que* **sont normalement suivis de l'indicatif, qui souligne la réalité du fait :** Je m'inquiète de ce qu'il *est* absent.

Le subjonctif est de bonne langue, en tout cas, s'il y a inversion des propositions : *Qu'il soit honnête homme*, je le crois.
— **Le F.P. fam. emploie parfois quand (plus rarement si) pour introduire une sorte d'objet :** J'aime *quand tu te montres* gai.

II. Une proposition infinitive

640 **Il s'agit d'infinitifs pourvus d'un sujet qui leur est propre :**
soit après un verbe de sensation, ou faire, laisser (J'entends *les oiseaux chanter* — Je laisse *entrer la chaleur*),
soit, F.E., après un verbe de déclaration ou d'opinion, par le moyen d'une relative : C'étaient des oiseaux *qu'il savait avoir été achetés* à Paris **(v. n° 550).**

Pour le tour : « L'aspect buté de l'enfant *lui* fit changer de manière » (R. Martin du Gard, *Les Thibault*), **voir nos 547 et suiv.**

III. Une proposition interrogative

641 **(appelées aussi : interrogatives indirectes) :**

On voudrait savoir *pourquoi il agit ainsi*[1].

On notera que, dans les interrogatives portant sur l'action, le terme introductif devient si :

Viendras-tu ? — Je demande *si tu* viendras.

Rappelons que les pronoms sujets ou objets restent qui pour les personnes :

Qui va là ? — Je me demande *qui* va là.

Mais qu'est-ce qui (sujet neutre) et que (objet ou sujet neutres) de l'interrogation directe deviennent ce qui, ce que :

Qu'est-ce qui se passe ? Dis-moi *ce qui* se passe — Qu'est-ce que tu fais ? Je demande *ce que* tu fais — *Qu'*arrive-t-il ? Dis-moi *ce qui* arrive — *Que* veux-tu ? Dis-moi *ce que* tu veux.

1. Les exclamatives indirectes ont la même construction que les interrogatives indirectes : Tu vois *comme il est fort, combien* il est fort.

Le F.P. pop. conserve souvent le tour adverbe interrogatif + est-ce que de l'interrogation directe :

Quand est-ce que tu viens? Je demande *quand est-ce que* tu viens.

Pour les inversions du sujet, voir n° 617 bis.

L'absence d'inversion permet, dans un titre, de constater qu'il va s'agir d'une explication :

Pourquoi *le chauffeur a perdu* la tête (= **Nous allons dire pourquoi...**) — Pourquoi le chauffeur *a-t-il perdu* la tête? **poserait la question au lecteur.**

Les modes de l'interrogation indirecte sont l'indicatif ou le conditionnel suivant le cas, et parfois l'infinitif s'il s'agit d'une délibération :

Il se demande *où aller* — Je ne sais *où aller* — Je ne sais *que faire* — **F.P. :** *quoi faire.*

IV. Une proposition relative (sans antécédent)

J'aimerai *qui m'aimera.*

Le mode est l'indicatif ou le conditionnel suivant le cas.
Notez l'emploi que fait souvent le F.P. d'une proposition relative au lieu d'une interrogative indirecte :

Je ne te demande pas *l'heure qu'il est* — Dites-moi *la route qu'il a prise.*

---

641 bis REMARQUES SUR LES PROPOSITIONS COMPLÉMENTS DE NOM OU D'ADJECTIF

Les propositions subordonnées qui jouent le rôle d'un complément de nom, d'une apposition, d'un attribut du nom, ou d'un complément d'adjectif s'apparentent, pour le mode, aux subordonnées sujets et objets.

Ce mode est, en principe : a) l'indicatif — ou b) le subjonctif, selon que le nom en question ou cet adjectif expriment : a) une constatation, une déclaration, une opinion — ou b) une volonté, une émotion ou un sentiment, un doute.

a) **Avec l'indicatif : complément de nom ou apposition :** J'ai la certitude *qu'il guérira.*
attribut : Ma certitude est *qu'il guérira.*
complément d'adjectif : Je suis sûr *qu'il guérira.*

b) **Avec le subjonctif : complément de nom ou apposition :**
La crainte *que vous ne soyez irrité* le tourmente.
attribut : Sa volonté est *que vous fassiez ce voyage.*
complément d'adjectif : Je suis content *que vous reveniez.*

COMPLÉMENTS CIRCONSTANCIELS
COMPLÉMENTS DE TEMPS

LE MOMENT OU L'ÉPOQUE D'UNE ACTION

Un nom (v. nos 232 et suivants)

642 **L'heure : Préposition à, sans article :**

Nous dînons *à 8 heures;* nous déjeunons *à midi.*

N. B. — Formules imprécises :

Venez *vers 8 heures,* ou *vers les 8 heures, vers les midi, sur les minuit — A 8 heures et quelques* (H. Troyat, *La Faim des lionceaux*).

643 **La partie de la journée (matin, midi, etc.) : Pas de préposition en général, article défini ou adjectif démonstratif :**

Je travaille, je travaillerai, j'ai travaillé *le* matin, *le* midi, *l'*après-midi, *le* soir, *ce* matin, *ce* midi, etc.

Pour une action lointaine :

Je travaillerai, il travailla *ce* matin-*là, ce* midi-*là, cet* après-midi-*là, ce* soir-*là, cette* nuit-*là.*

644 **Le jour de la semaine : Pas de préposition, pas d'article :**

Le magasin sera fermé *lundi, lundi prochain.* **Mais dans un récit :** Le magasin fut fermé *le lundi, le lundi suivant.*

N. B. — S'il s'agit d'un état ou d'une action qui se répètent, employez l'article défini :

Le magasin est ouvert *le* samedi, *le* samedi matin, *tous les* samedis.

La date chiffrée : Pas de préposition, mais article défini :

Nous sommes *le 14 juin.* Nous partirons *le lundi 16, le 16.* **Mais on dit :** Aujourd'hui, *14 juin.*

N. B. — Ordonnances médicales : Gouttes à prendre *matin, midi et soir* (= **tous les matins, etc.**)

Et l'on peut dire : Je travaille *le* jour et *la* nuit **ou :** *jour et nuit,* **ou :** *de jour et de nuit* — **Pour** *demain soir, hier soir,* **etc., voir** n° **653-2.**

645 **La semaine, la quinzaine : Pas de préposition, article défini ou adjectif démonstratif :**

Je viendrai *la* semaine prochaine, *la* quinzaine prochaine, *cette* semaine, *cette* quinzaine, *cette* semaine-*ci, cette* quinzaine-*ci* — Je suis venu *la* semaine dernière.

Pour une action lointaine :

Je viendrai, il vint *cette* semaine-*là,* la semaine *suivante.*

N. B. — On peut dire : Le magasin est ouvert *sur* semaine (= **pendant la semaine**).

646 **Le mois : Préposition en, sans article :** *en* janvier, *en* avril.

647 **La saison :** *Au* printemps — mais *en* été, *en* automne, *en* hiver. **(Avec un adjectif, pas de préposition :** *L'hiver* prochain — *Cet hiver*-là et l'*hiver* d'après — **S'il s'agit d'une action habituelle, on peut dire :** *l'été, l'hiver.*

648 **L'année : Préposition en suivie seulement du nombre cardinal :** *En 1968.*

Avec un adjectif, le nom, sans préposition :

L'année prochaine, *l'année* suivante — **et :** l'*année* d'après.

Les expressions (*en*) *l'an de grâce* 1204, *l'an I* de la République **sont des archaïsmes.**

649 Quand emploie-t-on **an** et **année**?

a) S'il s'agit d'un **complément circonstanciel,** on dira :

Il viendra l'*an* prochain ou l'*année* prochaine. Il est venu l'*an* dernier ou l'*année* dernière — il a vécu cent *ans*.

Mais on dira seulement :

- l'*année* suivante, cette *année*-là, en quelle *année*? (et: dans quelques *années* — quelques *années* après — il y a un million d'*années*).
- Venez tous les *ans*, tous les cinq *ans*, trois fois par *an* (et : dans quatre *ans*, pour quatre *ans* — Restez quatre *ans*).

b) **S'il ne s'agit pas** d'un complément circonstanciel, employez **année :**

L'*année* dernière a été pleine de catastrophes (*année* est sujet du verbe) — L'*année* 1822 a vu naître Pasteur — Ce vin est de l'*année* 1963 — Je vous souhaite une bonne et heureuse *année* — Comme les *années* passent!

Mais notez les expressions : Le petit Pierre a six *ans* — Le nouvel *an*, le jour de l'*an* — Bon *an*, mal *an* (= en moyenne, que l'année soit bonne ou mauvaise) — Je m'en moque comme de l'*an* 40 — L'an 2000 — et, expressions toujours vivantes depuis La Fontaine : « Je suis sourd, les *ans* en sont la cause »; depuis Racine : « Pour réparer des *ans* l'irréparable outrage... »

N B. — **Année a,** généralement, une valeur plus **concrète** et désigne, à proprement parler, la durée, le contenu d'un an .

Nous avons fait une bonne *année*.

650 **L'époque, dans un sens plus ou moins précis :**

Beaucoup de noms, précédés ou non d'une préposition, pauvent être compléments de temps :

Les jours de neige, je reste à la maison — Il a souffert *toute sa vie* — *Aux premiers froids* je protège mes pêchers — Ils se mirent en route *par une effroyable tempête* — *Lors de mon séjour* en Hollande, j'ai beaucoup aimé la ville de Delft — *A la saison des pluies*, le pays est bien triste — *Du temps de nos grands-parents*, on se chauffait au bois; *de* nos jours le chauffage central se trouve partout — Rome, *sous les Césars*, était encore respectée.

N. B. — On dit : *à* Pâques, *à la* Pentecôte, *à la* Toussaint, *à* Noël **(quelquefois :** *à la* Noël**).**

651 **Pour exprimer que l'action se place dans un certain intervalle de temps, on dit :** *dans l'intervalle, entre-temps*[1]. (*Sur ces entrefaites* **signifie :** *à ce moment-là.*)

Un adverbe (ou locution adverbiale)

652 Aujourd'hui, demain, après-demain, hier, avant-hier, autrefois, dernièrement, à présent, maintenant, alors, aussitôt, *en* même temps, *en* ce moment[2] **(employé pour le présent)**, *à* ce moment **(employé pour le passé ou le futur)**, *au* même moment, toujours, jamais[3], etc.

Il y a parenté entre les compléments de temps et les compléments de lieu. *Ici, là* **peuvent signifier :** *alors;* **et l'on construit :** *au même* moment **comme :** *au même* endroit; *à ce* moment **comme :** *à cet* endroit.

653 **N. B. — 1. Certains adverbes, propres à l'énoncé du présent, sont obligatoirement remplacés par d'autres compléments circonstanciels dans un récit qui ne se situe pas dans le présent :**

Tu viendras *demain* — **Mais :** Il est venu *le lendemain* — Il viendra *le lendemain.*
Tu viendras *après-demain* — **Mais :** Il est venu, il viendra le *surlendemain.*
Tu es venu *hier* — **Mais :** Il est venu, il viendra *la veille.*
Tu es venu *avant-hier* — **Mais :** Il est venu, il viendra *l'avant-veille.*
Il est venu *dernièrement* — **Mais :** Il vint, il viendra *peu auparavant.*
Tu es présent *aujourd'hui* — **Mais :** Il était présent, il sera présent *ce jour-là.*
Tu es présent *maintenant* — **Mais :** Il était présent, il sera présent *alors.*
Tu es présent *en* ce moment — **Mais :** Il était présent, il sera présent *à* ce moment-*là.*

2. On dit : hier *soir* **(plus rarement** *hier au soir***)** — hier *matin,* hier *midi,* hier *après-midi* — demain *matin* (*midi, soir,* **etc.**),
le lendemain (le surlendemain) *matin, soir* — *dans l'après-midi du lendemain,*
la veille (l'avant-veille) *au* matin, *au* soir — la veille *à* midi — *dans l'après-midi de la veille.*

653 bis **Une place particulière doit être faite à l'adverbe déjà :**
a) Il souligne la rapidité d'une réalisation :

Il est *déjà* levé — C'est *déjà* mieux.

1. Qui s'écrivait en ancien français : entre *tant.*
2. *Dans* ce moment est plus rare et appartient plutôt au **F. E.** « Il a l'air heureux, il ne souffre pas *dans* ce moment » (J. Chardonne.)
3. Les adverbes à valeur de passé peuvent se classer ainsi (du passé le plus lointain au passé le plus proche) : autrefois (jadis, **F. E.**), naguère (**F. E.**), il y a peu, dernièrement, récemment, tout récemment — Les adverbes à valeur de futur (du futur le plus proche au futur le plus lointain) : immédiatement, dans un instant, dans un moment, sous peu, prochainement, bientôt, dans quelque temps.

b) Il souligne un fait comme ayant été réalisé une première fois :

J'ai *déjà* fait cet exercice.

c) Dans le F.P. fam., il accompagne une question pour souligner un léger désarroi de celui qui interroge :

[Ce tableau] « c'était de qui, *déjà*? » (H. Troyat, *L'Araigne*). C'est-à-dire : « Je l'ai su, mais je l'ai *déjà* oublié. »

Le gérondif ou l'infinitif

654 **a) Le gérondif (voir n° 559) :**

« *En passant* par la Lorraine, j'ai rencontré trois capitaines » **(chanson de France).**

Sans en (expressions figées) : Chemin *faisant*, nous avons trouvé la solution du problème.

655 **b) L'infinitif présent :**

« *A vaincre* sans péril on triomphe sans gloire » (= *Quand* on vainc...).

Ici, les idées de temps, de supposition et de cause sont associées.

N. B. — *Au moment de* partir **signifie** : immédiatement *avant* de partir.

Une proposition subordonnée conjonctionnelle[1] (mode indicatif ou conditionnel)

656 **Au moment où :**

Elle est entrée *au moment où* il est sorti.

(Pour la concordance des temps, voir n° 577 A.)

N. B. — Avec *du temps que* **(expression archaïque) le verbe est toujours à l'imparfait :** *Du temps que* les bêtes *parlaient*...

657 **Quand, lorsque : Attention aux valeurs de répétition (en construction notamment, avec l'imparfait ou le plus-que-parfait, voir n° 577 A).**

On notera aussi que ces deux conjonctions peuvent introduire une péripétie interrompant le cours des faits :

Nous nous disposions à écouter la radio, *quand* l'électricité *manqua*.

ou une sorte d'opposition (voir n°s 725 et 735) :

Il achevait de dîner *quand* j'en *étais* encore aux hors-d'œuvre (= *alors que* j'en étais...).

658 **Que, dans certains cas, a une valeur analogue :**

Il n'était pas dehors *que* déjà je le rappelais — Il achevait de dîner *que* j'en étais encore aux hors-d'œuvre.

1. Introduite par une conjonction de subordinstion, voir n° 850.

Et l'on peut encore écrire, comme La Bruyère :

« La vie s'achève, *que* l'on a à peine ébauché son ouvrage. »

658 bis **Alors que** est de plus en plus employé (comme au XVIIe siècle) avec la valeur temporelle de au moment où :

Je l'ai rencontré *alors qu'il sortait.*

659 **Comme,** temporel, est surtout suivi de l'imparfait (v. n° 577 A) :

Comme il sortait, elle entra.

660 **Si** n'a le sens de quand, lorsque, qu'avec idée de répétition et souvent de cause :

S'il sort, elle entre.
S'il sortait, elle entrait.

LA POSTÉRIORITÉ (de l'action du verbe principal)

Un nom ou un pronom

661 Au moyen d'une **préposition** : après, à la suite de, dès, etc. :

Après le dîner, une réception a eu lieu — *Après* moi, le déluge!
Sur ces mots (*sur ce*), il me quitta.

Ensuite de quoi (avec une idée de conséquence) est une locution encore vivante en F.E., quoique rare. On trouve surtout : *à la suite de quoi* :

Il a bien bu, bien mangé, bien fumé; *à la suite de quoi* il a été malade.

On trouve parfois *aussitôt* dans le sens de : *aussitôt après* (plutôt F.P. fam.) :

J'irai *aussitôt le déjeuner.*

Pour exprimer au bout de combien de temps se placent un état ou une action, on dit :
a) au futur : *Dans* trois ans, *d'ici* trois ans il sera libre[1].
b) au passé : Trois ans *après*, *au bout de* trois ans il fut libre ou, avec un futur à sens de passé (v. n° 487) : Il fut emprisonné en 1819 ; trois ans *après* il sera libre.

Un adverbe

662 Ensuite, après, aussitôt, là-dessus, etc. :

Il dit : « Non! » et *là-dessus* il partit.

662 bis Une proposition juxtaposée

J'entre, il *sort* (= et aussitôt, il sort).

1. Quelquefois, surtout dans la langue administrative, *sous* : Remettez-moi votre rapport *sous huit jours, sous huitaine.*

Participe ou infinitif

663 a) **Le participe passé** (plutôt en F.E.).

Ayant sujet commun avec le verbe principal :

Ayant réuni les officiers, le général leur exposa son plan —
Couché de bonne heure, je lis des romans policiers.

Ayant son sujet propre (participe absolu) :

« *Les devoirs faits*, légers comme de jeunes daims,
Nous fuyions à travers les immenses jardins. »
(Victor Hugo, *Aux Feuillantines.*)

L'idée de cause est assez sensible dans cet emploi.

Dès, aussitôt, sitôt, une fois peuvent souligner la postériorité immédiate (F.E. et F.P.) :

Dès la nuit tombée... *Aussitôt* (sitôt) la nuit tombée... *Une fois* la nuit tombée...

664 b) **L'infinitif** (voir n° 661, un nom).

Passé : *Après avoir* bien *travaillé*, on mérite quelque repos.

Présent, très exceptionnellement dans : *Après boire*, il est méchant.

Notez aussi la construction : Le moteur tourna *pour s'arrêter* aussitôt (deux actions étroitement consécutives, voir n° 699).

Une proposition subordonnée conjonctionnelle (mode indicatif)

665 **Après que** (voir concordance des temps, n° 577 B. Pour le mode subjonctif, voir n° 524).

Dans le français d'aujourd'hui, le verbe subordonné est à un temps composé — On ne dirait plus guère, comme au XVIIe siècle :

« Vous savez les honneurs qu'on fit faire à son ombre
*Après qu'*entre les morts on ne le *put* trouver » (Corneille, *Polyeucte*).

Pour indiquer une postériorité plus immédiate, on emploie : dès que, aussitôt que, une fois que.

Pour indiquer une postériorité moins immédiate : quand, lorsque (avec, au sens de toutes les fois que, exclusion du passé antérieur et emploi du plus-que-parfait dans la subordonnée) :

Quand il *eut rédigé* son rapport, il le fit taper.
Quand il *avait rédigé* son rapport, il le faisait taper (*toutes les fois qu'*il avait rédigé...).

666 **Notez le tour du F.E., pour indiquer une suite immédiate :**

a) Avec inversion du sujet du 1er verbe :
*A peine a-t-il avoué, qu'*on le jette en prison[1] **(v. n° 619).**

b) Sans inversion : Il *n'a pas plus tôt avoué qu'*on le jette en prison.

Quelquefois on écrit plutôt (comme au XVIIe siècle) : « Nous n'aurions pas *plutôt* acheté cette bête, que tu me supplierais de nous en défaire » (J. Borel, *L'Adoration*).

N. B. — Quand le 2e verbe (qui exprime en fait l'action principale) est au passé simple (F.E.), le 1er peut être au passé antérieur ou au plus-que-parfait :

A peine *eut-il avoué* } qu'on le *jeta...*
A peine *avait-il avoué* }

L'ANTÉRIORITÉ (de l'action du verbe principal)

Un nom ou un pronom précédés d'une préposition

667 **Avant :** *Avant* cette affreuse nouvelle, il m'avait paru très gai — Vous gonflerez mes pneus; mais *avant* cela, vous allez me mettre vingt litres d'essence.

Dès avant (F.E.) = déjà avant, tout-à-fait avant :
Dès avant sa demande je lui avais donné bon espoir.

(Dans le proverbe ancien : La poule ne doit point chanter *devant* le coq, devant **signifie** avant.**)**

A l'expression dans trois ans **correspond, pour l'antériorité,** il y a trois ans[2]. **Et, si le verbe est au passé ou au futur, on dit :** trois ans *avant* **comme on dit :** trois ans *après*.

Un adverbe

668 **Auparavant, avant, d'abord, antérieurement, etc.**
Nous partirons à 9 heures; mais *auparavant* nous aurons déjeuné.

Un infinitif (voir n° 667, un nom)

669 **Présent :** *Avant de commander*, apprenez à obéir.

Passé (achèvement) : Ne parlez pas *avant d'avoir réfléchi*.

On emploie encore parfois avant que de (F.E.) :
Aujourd'hui, la nouveauté, *avant* même *que d'*être consacrée par le succès, bénéficie d'un préjugé favorable.

1. Mettez toujours (malgré quelques exemples contraires) *à peine a-t-il avoué* **en tête de** la phrase.
2. On distingue : Il *est venu* il y a trois ans, **et :** Il y a trois ans qu'il *n'est venu*, expression qui met en relief **l'absence.**

Une proposition subordonnée conjonctionnelle

670 **Avant que (mode subjonctif) :**

Cueillez quelques fleurs *avant qu'*il *fasse* nuit. **(Pour la concordance des temps, voir n° 577 C.)**

N. B. — Avant que... ne est très fréquent, avec le même sens (avant qu'il *ne* fasse nuit). **Ce ne, parfois appelé explétif, s'explique par l'idée de négation contenue dans la subordonnée; c'est comme si l'on disait :**

Il *ne* fait *pas* encore nuit; profitez-en pour cueillir quelques fleurs.

Que... ne... (subjonctif) surtout F.E. — Alors le verbe principal doit être à la forme négative ou interrogative :

« Il m'a dit qu'il *ne* faut *jamais*/Vendre la peau de l'ours *qu'*on *ne* l'ait mis par terre » **(= avant qu'on ne l'ait mis... —** La Fontaine, *L'ours et les deux compagnons*).

A-t-on jamais vendu la peau de l'ours *qu'*on *ne* l'ait mis par terre? **(voir aussi sans que, n°s 704, 789).**

671 **Avant le moment où (indicatif) s'applique généralement à un fait réalisé, ou considéré comme tel. Comparez :**

Avant que, subjonctif :

Des hommes résolus enlevèrent le ministre *avant que* son escorte *fût alertée* **(le fut-elle? on ne le dit pas).**

Avant le moment où, indicatif :

Des hommes résolus enlevèrent le ministre *avant le moment où* son escorte *fut* alertée **(et elle le fut, réellement).**

LA DURÉE

Durée et simultanéité

672 **Un nom, à l'aide d'une préposition (pendant, durant, tout le temps de, tout le long de, depuis (ou : de)... jusqu'à (ou : à)...**

Pendant le défilé, les ministres restèrent debout — Nous avons attendu *depuis* 8 heures *jusqu'à* 11 heures (*de* 8 h *à* 11 h...).

Souvent (avec un nombre) sans préposition : J'ai attendu *dix ans*.

Très fréquemment : tout le, toute la, tous les ou l'adjectif entier :

Toute la nuit, j'ai veillé — J'ai attendu *toute l'année*, l'année *entière*.

Et, avec durant postposé (retrouvant ainsi son ancienne valeur de participe) :

Ce contrat est valable la vie *durant*.

Avec une négation, on écrira, on dira volontiers :

De tout son séjour à Paris, il *n'*est *pas* venu me voir une fois.

N. B. — Après le verbe durer on emploie rarement la préposition pendant :

Cela *dura deux heures.*

673 **Le temps pendant lequel une action doit continuer à s'exercer (= durée à prévoir) s'exprime par pour :**

Il est venu, il s'installe ici *pour dix jours.*

Un adverbe : cependant[1], pendant ce temps, pendant tout ce temps.

Faites les valises; *pendant ce temps* j'irai payer la note.

Noter ces emplois de toujours :

Il est *toujours* là (= **encore**) — Il *n'*est *toujours* pas là (= **pas encore**) — Il n'est *pas toujours* là (= **Il n'est pas là continuellement, il est quelquefois absent**).

674 **Un gérondif :**

Il n'est pas bon de lire *en dînant* (**pour souligner la dissonance :** *tout en dînant*, **voir n° 559 bis**).

Quelquefois le participe absolu (v. n° 560) :

« Vous vous accroupissez, les pieds *demeurant* en place » (**leçon d'éducation physique, à la radio**).

Mais ici des nuances d'opposition, de manière s'ajoutent à l'idée de temps.

675 **Une proposition subordonnée conjonctionnelle :**

Les ministres restèrent debout *pendant que* (*tandis que*) les troupes défilaient (**v. n° 577 A**).

Durée et postériorité

676 **Un nom ou un pronom, précédés d'une préposition :**

Depuis son succès, il se montre partout.

De, tout seul, au sens de depuis, ne s'emploie que dans les expressions : *de* ce jour (**F.E.**), *du jour de...* **et dans :** aveugle *de* naissance.

677 **Un adverbe : dès lors, désormais, depuis (pour le passé); dorénavant, désormais (pour l'avenir) :**

On oublia d'inviter les Durand. *Dès lors* ils se montrèrent très froids — *Dorénavant* vous rentrerez à 6 heures.

678 **Une proposition subordonnée conjonctionnelle :**

Depuis que : *Depuis que* la télévision est entrée dans les foyers français, les marchands de pantoufles ont doublé leur chiffre d'affaires.

1. En ce sens, **cependant** appartient au **F.E.** — Il a plus souvent (en **F.E.** et **F.P.**) la valeur de **pourtant** (v. n° 719).

N. B. — Après depuis que, le futur est inusité ; et le futur antérieur, le passé antérieur sont rarement employés.

En revanche, tous les temps sont admis après :
Depuis (dès) le moment où... A partir du moment où...

Après que peut s'associer à une idée de durée. Mais alors la conjonction est généralement précédée d'un complément de temps déterminant cette durée (v. n° 510) :

Longtemps après qu'on leur avait fait cet affront, leur rancune *restait* tenace.
« *Vingt-quatre* ans après que la lutte commença, le plus faible *continue* de se montrer le plus fort » (F. Mauriac, *De Gaulle*).

Durée et antériorité

679 **Un nom, ou un pronom, précédés d'une préposition :**

Je vous ai attendu *jusqu'à* la nuit — *En attendant*[1] votre tour, voulez-vous lire un journal? — *D'ici* mon arrivée[2], surveillez bien la maison.

On écrit : jusqu'sujourd'hui — Mais on dit couramment : jusqu'à aujourd'hui.

680 **Une locution adverbiale : Jusque-là, d'ici là, en attendant.**

Je reviens dans une heure. *En attendant*, voici un livre.

N. B. — Jusqu'alors (jusque-là) s'applique à un fait éloigné dans le temps. Pour le présent, on emploie : jusqu'à maintenant, jusqu'ici.

681 **Un infinitif (voir n° 679, un nom).**

Présent : *En attendant de passer* à table, voulez-vous prendre un verre de porto?
Passé (achèvement) : *En attendant d'avoir lu* sa lettre, évitez tout commentaire.

682 **Une proposition subordonnée conjonctionnelle :**

Jusqu'à ce que (subjonctif en général, même s'il s'agit d'un fait réalisé) :

Le peuple assiégea la Bastille *jusqu'à ce que* le gouverneur *capitulât*.

(Pour la concordance des temps, voir n° 577 C.)
Cependant, on trouve encore, quelquefois, à la manière de la syntaxe classique, jusqu'à ce que suivi de l'indicatif, s'il s'agit d'une réalité, d'un fait :

« ... jamais satisfaits, jusqu'à ce qu'ils *obtinrent* le titre » (Dauzat, *Génie de la langue française*, cité par M. Cohen, *Le subjonctif en français contemporain*[3].)

1. Ce gérondif a pris valeur de préposition.
2. Plus fréquent aujourd'hui que : *D'ici à* mon arrivée...
3. Voir aussi H. Glättli (*Revue de linguistique romane, n°s 93-94*).

D'ici que (subjonctif) est d'un emploi assez familier, souvent ironique :

Le fils vous dédommagera un jour — Bon, mais d'*ici qu'il ait grandi*, il passera de l'eau sous les ponts!

Jusqu'à tant que (subjonctif ou indicatif) n'est plus employé qu'en F.P. pop. (avec l'indicatif ou le subjonctif) ou par des écrivains (avec le subjonctif) attachés aux tournures anciennes :

Restez, *jusqu'à tant qu'il revienne.*

Juequ'au moment où (toujours avec l'indicatif) introduit un fait :

Les prodigues dépensent sans compter *jusqu'au moment où* ils n'*ont* plus le sou.

663 **N. B. — ... et que, ... ou que introduisent une subordonnée conjonctionnelle coordonnée à une première proposition conjonctionnelle de temps, et de même valeur. Le mode de cette proposition coordonnée est celui de le première :**

*Pendant qu'*il lit *et que* je *couds*... — *Avant qu'*il revienne *et que* je *sois* prêt à l'accueillir...

684 **Le temps nécessaire pour achever une ection s'exprime par en (idée de moyen) :**

La ville fut prise *en* trois jours.

Pour la réalisation instantanée on emploie : en un instent, en un clin d'œil, en un tournemain et (F.P. fam.) : *le temps de dire ouf!*

Le temps de dire ouf! il avait disparu.

684 bis

Compléments de temps impliquant la durée

I. Durée ferme :

Pendant : Il *sera* là (pendant) trois jours. Il *fut* là (pendant) trois jours.

De (avec négation) : *De tout* son séjour il *ne viendra pas* me voir, il *n'est pas venu* me voir.

II. Durée à prévoir :

Pour : *Je viens, je viendrai, pour* trois jours.

III. Durée inachevée :

Depuis : Il *est* ici *depuis* trois jours (Il y a trois jours, cela fait trois jours, qu'il *est* ici) — Je *ne l'ai pas vu depuis* trois jours (il y a trois jours, cela fait trois jours *que je ne l'ai vu*).

A partir de : Il *sera* ici *à partir de* demain.

IV. Temps nécessaire pour qu'une action e'achève (= moyen) :

En : L'ennemi *a pris* la ville *en* trois jours.

COMPLÉMENTS DE CAUSE

685 REMARQUE : **On peut distinguer la cause initiale, exprimée par : parce que... et la cause finale (ou but), exprimée par : pour que... C'est essentiellement de la cause initiele qu'il sera question ici. La cause finale sera étudiée aux nos 712-716).**

MOYENS D'EXPRESSION

Un nom ou un pronom précédés d'une préposition

685 bis **Prépositions exprimant uniquement la cause :**

- **avec un complément de personne ou de chose :**

A cause de : *A cause de* leur négligence (*à cause d'*eux) l'affaire est manquée.

On peut ajouter « grâce à » : *Grâce à* votre obligeance (*grâce à* vous) nous sommes admis[1]. **F.P. très populaire : « rapport à » :** Je n'ai pas pu venir, *rapport à* mon frère, qui n'a pas permis.

- **avec un complément de chose seulement :**

Pour cause de, par suite de : Fermé *pour cause de* décès.

Mise en relief d'un motif logique :
en raison de, compte tenu de, étant donné (F.E., plus rare : eu égard à) : *En raison de* vos bons services, je double vos appointements.

Pour raison (s) de :
Il a donné sa démission *pour raison (s) de* santé.

F.P. fam. et F.E. juridique : vu, — F.E. juridique : attendu.
Il y a peu de clients, *vu* la saison — *Attendu* la bonne foi du prévenu, le tribunal lui octroie le sursis.

Cause intensive :
A force de : *A force de* ténacité, on réussit toujours.

Éventualité à éviter : par crainte de, de peur de.

Souvent, et depuis le XVIIe siècle, la première expression se réduit à : crainte de, surtout en F.P. : *Crainte d'*un échec, il a renoncé.

686 **Prépositions exprimant occasionnellement la cause :**

Par : Il agit *par* bonté, plus que *par* calcul.
Pour : Condamner *pour* vol.

1. En bonne langue, *grâce à* ne doit se dire que d'une cause favorable : Grâce à ses conseils *j'ai gagné* (et non : j'ai perdu de l'argent) — En revanche, signalons ici l'emploi abusif de *risquer de*, dans un sens non défavorable : Vous risquez de *réussir*.

De : Tu es rouge *de* colère.

Dans : *Dans* son désir de vous être agréable, il souscrit à votre proposition.

Sous : Il a pâli *sous* l'outrage.

Devant : *Devant* tant de naïveté, on ne peut que sourire.

Avec : *Avec* mes mauvais yeux, je ne distingue rien.

On peut joindre à ces prépositions celles qui expriment à la fois la cause et le temps (après, à la suite de, à) :

Après tant d'efforts, vous tomberez malade — *A* ces mots, j'ai compris.

687 **N. B. — a) L'absence peut être une cause. D'où l'emploi de :**

Faute de : *Faute de* prudence, il s'est perdu.

Manque de[1] **:** « Mais, *manque de* coordination, le fort de Douaumont est occupé par surprise le 25. » (*Le Monde*, 20 février 1966.)

On rapprochera l'expression argotique, très répandue : *Manque de pot* **(= faute de chance, par malchance).**

b) Cause faussement alléguée :

Sous prétexte de, sous couleur de : *Sous prétexte d'*aide, on peut nuire.

c) Cause sans effet (v. concession, n° 717) :

Malgré : *Malgré* leurs belles promesses, ils n'ont rien fait.

Pour : Il n'est pas plus content *pour* cela **(F.E. pour autant; voir n° 720).**

687 bis Une proposition juxtaposée, ou coordonnée par une conjonction (voir n° 846) ou un adverbe

Le chien s'est enfui : *la corde a cassé.*

Le chien s'est enfui : *car* (ou *en effet*) la corde a cassé.

Avec tant, tellement, tel (cause intensive) placés en tête de la seconde proposition :

Le chien s'est enfui, *tellement* vous l'avez effrayé, *tant* il était effrayé — **F.E.** : Il s'est enfui, *telle* était sa frayeur.

Aussi bien exprime une cause accessoire, et a souvent le sens de : d'ailleurs, du reste :

Laissez cette affaire; *aussi bien*, je la connais mieux que vous.

Aussi (suivi généralement d'une inversion) n'exprime plus guère, à la différence de la langue classique, qu'une conséquence (v. n° 698) :

Vous êtes souvent en retard; *aussi* ne vous ai-je pas attendu.

Pourtant on le trouve parfois dans le sens de : aussi bien :

« Elle le fait exprès, sais-tu. *Aussi* tu la soutiens toujours. » (Maupassant, *En famille*).

1. Tour à rapprocher de : *crainte de* (voir n° 685 bis)

Un gérondif, un participe ou un infinitif
(voir nos 541 à 574)

688 **Gérondif** : *En voulant* déboucher cette bouteille, il s'est blessé.

Participe exprimé ou non : *étant* trop vieux (ou : *trop vieux*), il fut congédié.

(On notera aussi le tour : Trop vieux qu'*il était*... **ou, avec un participe** : *Abandonné qu'il fut* de ses amis, il ne tarda pas à se ruiner.)

Avec un sujet propre au participe (participe absolu) : *Les offres n'étant pas* suffisantes, nous avons dû baisser les prix — *L'aéroport occupé* (ou *une fois occupé*), la prise de la ville fut facile.

689 **Infinitif précédé d'une préposition (voir n° 686 : un nom)** :

Pour (aujourd'hui surtout avec l'infinitif passé) : L'enfant est récompensé *pour avoir bien étudié*.

Mais l'infinitif présent reste correct, bien que rare : « Les conférences de presse, que j'abomine *pour en concevoir* le danger. » (*Le Figaro*, 1961.)

De : *D'avoir tant crié*, j'ai la voix brisée — Enchanté, monsieur, *de vous connaître*.

A : *A trop oser*, on finit par tout perdre — Qu'as-tu *à rire*?

De crainte de, crainte de, de peur de : (*De*) *crainte de* manquer, l'avare amasse sans cesse **(voir n° 685 bis)**.

Cause intensive :

690 **A force de** : *A force de crier* (ou *d'avoir crié*) j'ai la voix brisée.

Cause par absence :

Faute de : *Faute d'*avoir réfléchi, tu t'es trompé.

Cause faussement alléguée :

Sous prétexte de, sous couleur de : *Sous prétexte de* m'aider, il m'a nui.

Cause sans effet (concession), avec une principale négative :

Pour : *Pour* être riche il n'en est pas plus généreux.

Une proposition subordonnée conjonctionnelle
à l'indicatif (ou au conditionnel s'il y a lieu)

691 **Parce que, étant donné que, du fait que — (F.P. ou langue juridique : vu que — langue juridique : attendu que — F.E. archaïque : à cause que)** :

L'or est précieux *parce qu'il* est rare.

Parce que peut être employé sans verbe :

Il est seul, *parce que* méchant.

N. B. — Par ce que (en trois mots) contient un pronom relatif : *Par ce que* je sais de l'affaire, je l'estime avantageuse (D'après ce *que* je sais...).

Comme introduit une subordonnée qui précède la principale :
Comme je suis sans collaborateurs, mon travail n'avance pas vite.

Puisque introduit, en tant que cause, un fait déjà évoqué :
Eh bien, *puisque vous le voulez*, je cède la place.

692 **N. B. — Ne pas confondre puisque avec depuis que, qui est temporel (v. n° 678).**

Du moment que (même emploi que pour puisque) :
Du moment que vous le voulez, je cède la place.

Ont une valeur à la fois temporelle et causale : dès le moment où, dès lors que, maintenant que :
Maintenant que tu vas mieux, tu pourrais bien quitter ton lit!

693 **Si a parfois un sens voisin de puisque, surtout après une principale interrogative :**
Où irai-je, *si* vous m'interdisez votre foyer?
Il en est de même pour que (F.P. fam). :
Tu es donc un lâche, *que* tu t'enfuis?

694 **Nuances diverses dans la cause.**

Avec l'indicatif :

● **Cause et comparaison (comparaisons proportionnelles ou variables) :**
Ces fruits sont *d'autant plus* appréciés *qu'*ils sont *moins* chers.
Dans : *Moins* ces fruits sont chers, *plus* ils sont appréciés, **la cause est placée en tête.**

● **Cause mise en relief ou prépondérante :**
D'autant que, d'autant plus que : Vous avez bien fait de lui parler ainsi; *d'autant que* c'est un insolent.
En F.P. pop. : surtout que : Vous avez bien fait de lui dire ça; *surtout que* c'est un insolent.

● **Cause faussement alléguée :**
Sous prétexte que : Les Athéniens condamnèrent Socrate *sous prétexte qu'*il corrompait la jeunesse.

Avec le subjonctif :

● **Hésitation entre deux causes possibles : Soit que... soit que... Soit que... ou que... Que... ou que...**
*Soit qu'*il ait été imprudent, *soit qu'*on l'ait mal informé, il est tombé dans le piège — *Qu'*il ait été imprudent, *ou qu'*on l'ait mal informé...

N. B. — Un excellent raccourci consiste à employer deux noms :
Imprudence ou *ignorance*, il est tombé dans le piège.

● **Cause par absence :** « Bien des hôtels neufs sont encore bruyants; *faute*, sans doute, *que* l'isolation phonique ait été bien étudiée » (*Le Monde*, 24 mars 1968).

● **Une cause non retenue s'exprime par :**

1. Non parce que (indicatif) : le fait est le plus souvent réel.

2. Non que, ou ce n'est pas que (subjonctif) : le fait est généralement présenté comme faux :

1. On le fuit *non parce qu'il est* laid, mais parce qu'il est méchant.
2. On le fuit, *non qu'il soit* laid, mais il est méchant.
   On le fuit : *ce n'est pas qu'il soit* laid, mais il est méchant.

Le F.P. fam. emploie volontiers l'indicatif après : ce n'est pas que :

Ce n'est pas que je ne veux pas répondre **(une interview à la Télévision, 14 mai 1966).**

REMARQUE : **Une cause apparente est incluse dans comme si :**

Il tremble *comme s'*il avait froid.

Pour les tours : « Je m'étonne que » ou « ... de ce que », v. n° 639.

695 **...et que, ou que introduisent une proposition conjonctionnelle coordonnée à une première proposition de cause :**

Tu agiras ainsi parce que je le veux *et qu'*il le *faut* — On le fuit, non qu'il soit laid *ou qu'*il *soit* bête, mais il est méchant.

Une proposition relative (à l'indicatif)

696 Cède ta place à ce monsieur, *qui est âgé* **(= parce qu'il est âgé).**

COMPLÉMENTS DE CONSÉQUENCE

MOYENS D'EXPRESSION

Un nom précédé d'une préposition

697 **À** : Rire *aux* larmes — Le malheureux était blessé *à* mort — Boire *à* satiété (=**de façon à être rassasié**) — *A* notre grande surprise, le match a été perdu par Reims.

Jusqu'à : Insister *jusqu'à* satisfaction — Boire *jusqu'à* plus soif — Mon âme est triste *jusqu'à* la mort (= **si triste que je peux ou je vais en mourir**).

Pour : *Pour* le malheur de la France, Charles VI devint fou.

Avec : Travailler *avec* fruit.

Sans : Travailler *sans* succès (= **conséquence niée ou évitée**).

(Assez pour... trop pour..., voir n°s 706 et suivants.)

Une proposition juxtaposée ou coordonnée

Je l'approuve : *il rougit d'aise* (ou : il *en* rougit d'aise) — Je le blâme, *et il est furieux* (ou : il *en* est furieux).

698 **Les mots coordonnants (conjonctions et adverbes) peuvent être : et (v. n° 848), par conséquent, en conséquence, par suite, partant, c'est pourquoi, aussi (suivi généralement de l'inversion du sujet[1], surtout en F.E.), donc, et maintenant, ainsi, ainsi donc, alors, et alors.**

Nous sommes en été { *par conséquent* les jours allongent. / *aussi* les jours allongent-*ils*.

N. B. — En conséquence s'applique plutôt à une conséquence d'ordre logique :

Il y a eu beaucoup de réclamations. *En conséquence*, l'administration a décidé...

Un infinitif (voir n° 697, un nom)

699 **Un nom + à + l'infinitif :**

Il est *homme à nous trahir* (= **conséquence au sens large : homme capable de...**) — Voilà un *remède à tuer* le malade.

1. Il a bien travaillé, *aussi est-il* reçu (= conséquence) — Ton fils est reçu; ma fille *est reçue aussi* (= addition).

F. P. fam. : Ils font une *noce à tout casser* (ils mènent une extraordinaire existence de plaisirs et de débauche) — Un *vacarme à ne plus s'entendre.*

Un adjectif + à + l'infinitif :

Une histoire *bête à pleurer* — Il est *laid à faire peur* — Il est *malade à en mourir.* **On trouve aussi jusqu'à, avec une nuance parfois plus positive (= jusqu'à en mourir réellement).**

Un verbe + à + l'infinitif :

C'est à vous décourager d'être généreux — *C'est à n'y rien* comprendre — Il *gèle à pierre fendre* — *Courir à perdre haleine.*

Pour + l'infinitif :

Trois heures de marche ne sont pas *pour me faire peur.*

Pour peut introduire une action étroitement consécutive à celle du verbe principal : Il sortit *pour rentrer aussitôt* (*et aussitôt* il rentra) — J'ai travaillé *pour être plus pauvre qu'auparavant.*

(Assez pour..., trop pour..., voir nos 706 et suivants.)

De manière à, de façon à : On ne peut agir *de manière à* contenter tout le monde.

Conséquence niée ou évitée : Sans : Il sortit *sans réveiller personne.*

Une proposition subordonnée conjonctionnelle

700 **si... que...** : Il est *si* bon qu'*il* pardonne tout (le mode normal est *l'indicatif*).

700 bis **De (telle) manière que, de (telle) sorte que, de (telle) façon que, si bien que ; à tel point que, tellement que, tel que (v. n° 374).**

Le verbe subordonné est généralement :

701 **a) Au mode indicatif s'il s'agit d'une conséquence constatée ;**

b) Au mode subjonctif s'il s'agit d'une conséquence voulue :

a) Le train avait du retard, *de sorte que j'ai manqué* mon rendez-vous **(fait réel indépendant de ma volonté, simplement constaté).**

b) Je veux agir *de telle façon que tous aient* confiance en moi **(fait souhaité, voulu).**

Le tour (fréquent en F.P. fam.) de manière à ce que[1] introduit toujours une conséquence souhaitée ; il est donc normalement suivi du subjonctif.

1. Les puristes évitent cette expression, en effet assez lourde. Pourtant on la trouve déjà chez Victor Hugo : « Placer cette commission très haut, de *manière à ce qu'*on l'aperçoive du pays tout entier. » *(Discours à l'Assemblée législative du 9 juillet 1849,* cité par J.-B. Barrère : *Victor Hugo).*

702 **Pour que : peut exprimer la conséquence (idée voisine de celle de but) :**

Que t'a-t-il dit, *pour que tu sois* ainsi bouleversé?

(Assez pour que..., trop pour que..., voir nos 709 et suivants.)

703 **Notez un emploi de que tout seul (surtout F.P. fam.) indicatif :**

Vous faites un vacarme, *qu'*on ne s'entend pas.

... et particulièrement, après une proposition interrogative :

Que s'est-il passé, *que* vous êtes en retard?

Ici, on peut analyser de deux façons :

a) Que introduit une conséquence de « ce qui s'est passé ».

b) Que introduit la cause de mon étonnement (= Je vous demande cela, parce que je vous vois en retard).

Ce ne sont que deux aspects d'une même situation.

REMARQUE : **A cause du tour interrogatif de la principale, on peut avoir le subjonctif :**

Que s'est-il passé, que vous *soyez* en retard?

704 **Conséquence niée ou évitée :**

Sans que : Sortez *sans qu'on* vous entende[1].

Alors la coordination s'exprime plutôt, en F.E., par ni que... :

Sans qu'on vous entende *ni qu'*on vous voie;

en F.P. par et, ou :

Sans qu'on vous entende *ou* qu'on vous voie.

Pour l'emploi de ne après sans que, voir n° 810.

Après une principale négative, on trouve, en F.E., que... ne :

Personne n'entre, *qu'*on ne s'en aperçoive aussitôt.

(Voir les compléments de manière, n° 789).

705 **Et que, ou que introduisent une seconde proposition de conséquence coordonnée à la précédente :**

Le soleil chauffe au point que le macadam s'amollit *et que les pieds s'y enfoncent.*

Assez... pour..., trop... pour...

706 **Ici, pour introduit soit un nom :**

a) Conséquence réalisable :

Le convalescent est *assez* vigoureux *pour une longue promenade* (si vigoureux, qu'il *peut* faire une longue promenade).

b) Conséquence irréalisable :

Le convalescent est encore *trop* faible *pour une longue promenade* (si faible qu'il *ne peut pas* faire...).

1. On peut analyser aussi *sans qu'on vous entende* comme un complément de manière (voir n° 789).

707 **Soit un infinitif :**

a) ... *assez* vigoureux *pour faire...*

b) ... *trop* faible *pour faire...*

708 **Soit une subordonnée conjonctionnelle (au subjonctif) :**

a) ... *assez* vigoureux *pour qu'on lui permette* une promenade.

b) ... *trop* faible *pour qu'on lui permette* une promenade.

Le français d'aujourd'hui présente parfois les tours suivants, hérités de la langue classique :

Assez ... de ... (F.P. fam.) :
Soyez *assez* aimable *de* m'apporter ce dossier.

Si... que de... après une négation ou une interrogation F.E. :
« Il n'était pas *si* naïf *que de* croire à une illusion objective créée par le diable » (Dom Nesmy, *Saint-Benoît*) [**ou :** *était-il* si naïf que de croire[1] ?].

708 bis **La conjonction que est absente dans :**
« Ils étaient si nombreux, si bons, elle défaillait de tendresse » (B. Pingaud, *L'Amour triste*).
Ce tour appartient plutôt au F.P. fam.

Une proposition relative

709 **Verbe à l'indicatif :**
J'ai appris la nouvelle à Pierre, *qui a été étonné* (= **fait réel**).

710 **Verbe au subjonctif :**
Nous cherchons un remède *qui lui rende la santé* (tel qu'il lui *rende*, **fait possible, souhaité**).

On peut dire que la proposition relative, exprimant ici une aptitude à un certain effet, introduit par là une conséquence :
Pour le seul qui, le premier qui, le meilleur qui, etc., voir n° 416 bis.

711 **Verbe à l'infinitif (si le relatif est complément de moyen ou de lieu) :**
On leur apporta *de quoi se vêtir* — Je n'ai pas de maison *où me réfugier* (= **où, dans laquelle je puisse me réfugier**).

N. B. — Si la subordonnée dépend d'un verbe comme : je ne sais, je me demande, il s'agit d'une interrogative, non d'une relative :
Je ne sais *à qui parler* (= **A qui parler? Je ne le sais**).

1. On peut avoir ici une conjonctionnelle au subjonctif (**F.E.**) : Il n'était pas si naïf *qu'il crût...*

COMPLÉMENTS DE BUT, D'INTENTION, DE DESTINATION (CAUSES FINALES, voir n° 685)

MOYENS D'EXPRESSION

Un nom (ou un pronom, notamment « cela »)

712 **Préposition :**

Pour : Je m'impose des sacrifices *pour* l'acquisition d'une maison — C'est *pour* cela que je m'impose des sacrifices.
Des *habits pour* le travail — D'*autres pour* le voyage.

En vue de : *en vue de* l'acquisition...

À : Travailler *à* des fins lucratives (= **pour gagner de l'argent**). — Une seringue *à injection*. **(complément de destination, voir compléments du nom, n° 188).**

De : un appareil *de* signalisation.

Dans : J'ai agi *dans* votre intérêt, *dans* un but désintéressé[1].

N. B. — Pour exprimer une intention seulement apparente :

Comme pour : Il est entré chez moi *comme pour* une vérification.

Sous prétexte de : *Sous prétexte de* vérification.

Pour exprimer une fin à éviter :

De peur de, par crainte de, crainte de : Rentrer tôt chez soi *de peur des* mauvaises rencontres **(v. n° 685 bis).**

Contre : Prendre des précautions *contre* les accidents.

Une proposition juxtaposée ou coordonnée

713 Marquée par : **dans cette intention, à cette fin, dans cette vue, et (F.P. fam. et parfois F.E.) dans ce but[1] :**

Il fallait empêcher leur rupture; *à cette fin*, je les ai convoqués chez moi.

Un infinitif (voir n° 712, un nom)

714 **Pour :** Il économise *pour* acheter une maison[2].

En vue de, dans le but de[2] : *en vue d'*acheter... *dans le but d'*acheter...

À : une machine *à* écrire, un fer *à* repasser **(on dira plutôt qu'il y a ici des compléments de destination).**

1. *Dans un but, dans le but de*, tour discutable peut-être, est *très vivace*. Pratiquement, il s'est imposé.
2. *Rien que pour...* exprime un but visé à l'exclusion de tout autre : « Il refusera, rien que pour me contrarier. » (A. Troyat, *Les Eygletière*). Le tour est un peu familier. Une langue plus soutenue dire : *uniquement pour...*

Afin de, à l'effet de : Économiser *afin d'*acheter.
De façon à, de manière à : voir n° 699. [conséquence voulue].
Histoire de (F.P. fam.), question de (F.P. pop.) :
Je lui disais ça, *histoire de* rire, *question de* l'embêter.
Infinitif directement joint à un verbe de mouvement :
Il est venu me *saluer.*

N. B. — Pour préciser une intention :
À seule fin de (autrefois : à celle fin = à cette fin de).
(Tout) exprès pour : Il est revenu *exprès pour* te rencontrer.

Pour exprimer une intention seulement apparente :
Comme pour, sous prétexte de: *Sous prétexte de* vérifier.
Pour exprimer une fin à éviter :
De peur de, (de) crainte de, pour ne pas (F.P. vulg. : pour pas) :
Pour ne pas le fatiguer, ne prolongez pas l'entretien.

Une proposition subordonnée conjonctionnelle, toujours
715 **au subjonctif**

Pour que, afin que : *Pour que* les passagers fussent à l'aise, le capitaine *réduisit* la vitesse du bateau.
Que : Viens, *que je te donne* mes instructions.
De façon que, de manière que, de sorte que (v. n° 701) [conséquence voulue].

Pour exprimer une fin à éviter :
Pour que ... ne ... pas : *Pour que* la pluie *ne* vous mouille *pas,* mettez-vous à l'abri.

[**N. B. — Ne dites pas :** Pour ne pas que la pluie... **(F.P. pop.), ni surtout :** Pour pas que ... **(F.P. vulg.)**].
Pour éviter que, pour empêcher que, de peur que... Ici, on ajoute généralement ne devant le verbe, même en F.P. :
De peur que vous *ne manquiez* l'avion, je vous emmènerai moi-même à l'aéroport.

N. B. — Pour exprimer une intention seulement apparente, on emploie : Comme s'(il) voulait... comme s'(il) avait (eût) voulu... **(v. n° 756 ter) :**
Tu me serres la main *comme si tu voulais* la broyer.

715 bis **... et que, ou que introduisent une seconde conjonctionnelle de but, coordonnée à la précédente :**
Pour que tout soit prêt à l'heure, *et que vous ayez* moins de fatigue, je vous ferai aider.

Une proposition relative (intention et conséquence associées)

716 **a) Au subjonctif :**
Je veux quelqu'un *qui me soit une compagnie.*
b) A l'infinitif :
Donnez-moi un coin *où me reposer.*

COMPLÉMENTS D'OPPOSITION ET DE CONCESSION

717 **Il y a deux types d'opposition :**

a) *Malgré* ses défauts, je l'aime (= **je concède qu'il a des défauts, mais ils sont sans effet** sur mon affection.)

Cette opposition qui implique une cause sans effet, brisée[1]**, s'appelle concession.**

b) Pierre est travailleur, *tandis que* Paul est paresseux **(deux faits sont opposés parallèlement).**

Nous appellerons ce tour : opposition parallèle.

CONCESSION

MOYENS D'EXPRESSION

Un nom ou un pronom précédés d'une préposition

718 **Malgré :** *Malgré le mauvais temps,* le bateau est arrivé à l'heure — Le temps était mauvais. *Malgré cela,* le bateau est arrivé...

En dépit de : *En dépit de ma bonne volonté,* je lui ai déplu.

Pour cela, pour autant (le verbe étant négatif ou interrogatif) : L'Europe se coalisa contre Napoléon. Il ne perdit pas courage *pour cela* **(voir n° 698 bis).**

(« Pour cela » signifie, en principe : « à cause de cela ». On voit, par cet exemple, comment l'expression qui traduit une cause sans effet, en vient par là même à signifier : malgré cela.)

Avec (tout) : *Avec toute sa fortune,* le voilà ruiné.

(N. B. — C'est la même suite logique : l'existence d'une grande fortune a été sans effet.)

F.P. fam. : Voilà de bonnes raisons pour le congédier... *Mais avec tout ça,* il perd son gagne-pain.

Sans : *Sans fortune,* il vit à l'aise (= **Malgré l'absence de fortune...**) **(Ici, c'est l'absence qui est sans effet.)**

1. Selon la qualification de P. Guberina (*Valeur logique et valeur stylistique des propositions complexes*). — Montherlant a mis plaisamment en relief cet effet manqué : « On aime une femme d'amitié *parce que,* mais on l'aime d'amour **bien que** » *(Pitié pour les femmes).*

N. B. — La préposition ancienne **nonobstant** (expression d'origine latine qui signifie : ne faisant pas obstacle) n'a plus guère cours que dans la langue juridique :

L'accord restera valable, *nonobstant toute réclamation.*

Certaines prépositions mettent en lumière la **contradiction**, le **risque**, plus que la concession :

Au mépris de (= contrairement à, sans tenir compte de, en bravant...) :

Risquer l'aventure *au mépris de toute prudence* — Exporter des capitaux *au mépris de la loi.*

Au risque de :

S'avancer sur la glace, *au risque d'une chute.*

Une proposition juxtaposée ou coordonnée

719 Le marchand *vantait* à sa cliente les avantages de cette étoffe : elle restait indécise. Ou, en marquant plus nettement la concession :

Le marchand *avait beau vanter* à sa cliente..., elle restait indécise.

C'est-à-dire : il avait belle occasion (beau est une sorte de neutre) de vanter... toute liberté de vanter...

Mais on trouve généralement, dans la seconde proposition, les mots coordonnants : **pourtant, cependant**[1], **néanmoins**[2], **toutefois, en tout cas, tout de même, quand même, quelquefois et** :

Cet herbage est de bonne qualité, *pourtant* mes vaches ont maigri. Ou inversement : Mes vaches ont maigri, *pourtant* cet herbage est de bonne qualité — Mes vaches ont maigri, *et* cet herbage est de bonne qualité!

720 À **pourtant**, correspond, avec le même sens : **pour autant**, qui n'est plus employé qu'avec un verbe négatif ou interrogatif.

Pour exprimer la concession :

Il est bourru, mais il n'est *pas* méchant *pour autant* (= pour cela = malgré cela.) — Il est bourru, mais *est-il* méchant *pour autant*?

C'est ce qui explique que **pourtant** serve seulement, aujourd'hui, à exprimer la concession :

Il est bourru, *pourtant* il est bon (= malgré cela il est bon).

Pourtant, cependant peuvent s'insérer dans la phrase pour colorer d'une valeur de concession à peu près n'importe quel terme :

Ce garçon, *pourtant gai*, a des soucis — Ce garçon, *soucieux pourtant*, se montre gai.

1. **Cependant** (v. n° 673) a, originairement, une valeur temporelle : **pendant ce temps.** De la simultanéité, le sens est naturellement passé à l'**opposition** puis à la **concession.**

2. **Néanmoins** (F.E., assez rare) : néant + moins = en rien moins — *Néanmoins* elles ont maigri = elles *n'*ont *pas moins* maigri (pour cela), elles *n'en ont pas moins maigri.*

Autres tours associés à la concession : Toujours est-il que + indicatif (= ce qu'il y a de sûr, c'est que), F.E. : Vous *m'annoncez son retour* : *toujours est-il que* je ne l'ai pas encore vu. **On rapprochera, dans le même sens :** Prenez *toujours* ça — Ce sera *toujours* ça **(F.P. fam.).**

Il n'empêche que (+ l'indicatif), et n'empêche que, qui est plutôt du F.P. fam.

« Peut-être, mais n'*empêche qu'il* y a là un langage, déclara Bernard » (J.-L. Curtis, *Les Justes Causes*).

En tout cas est un tour équivalent, mais bien plus léger :

Vous m'annoncez son retour; *en tout cas*, je ne l'ai pas encore vu.

Soit renforce parfois la première proposition (celle qui porte en fait l'idée de concession) :

Il a de bonnes intentions, *soit*; mais il fait le mal.

C'est égal est une locution couramment employée pour souligner qu'on n'accepte pas aisément tel fait :

Tu étais pressé; *c'est égal*, tu aurais dû prendre le temps de m'avertir.

Le F.P. pop. a une assez riche gamme d'exclamations, de tours stéréotypés, pour exprimer un rapport de concession :

Il m'a fait des promesses : *Ah! oui! aucun résultat! — Pensez-vous, aucune suite! — Je vous crois!... Belles promesses! — Et, pour finir, rien — Total, zéro.*

(Et) Tout ça pour... traduit une idée de déception :

Il m'a fait les plus belles promesses, *et tout ça pour m'abandonner* **(voir n° 699).**

Un participe, un gérondif ou un infinitif

721 **Le participe, absolu ou non :**

Voulant bien faire, j'ai provoqué une catastrophe.

Les moindres détails *étant réglés*, il y a toujours des surprises à craindre.

Ou le gérondif, généralement précédé de tout :

Tout en faisant des progrès, cet élève n'atteint pas la moyenne.

(Pour : bien qu'ayant, quoique étant, v. n° 723.)

722 **L'infinitif :**

Pour (verbe principal négatif ou interrogatif) :

Pour avoir été condamné, il n'est pas forcément un bandit.

Pour être son père, je n'en suis pas moins sévère à son égard.

(voir n° 718, pour cela).

Sans : *Sans avoir* une grande fortune, il vit à l'aise.

Au risque de (opposition-concession hypothétique) :

S'avancer sur la glace, *au risque de tomber*.

Une proposition subordonnée conjonctionnelle
(normalement avec le subjonctif)

723 **Bien que** : *Bien que j'aie* rencontré cet homme deux fois, je ne me rappelle plus ses traits.

N. B. — On trouve aussi « bien que » avec un participe :
Bien qu'étant pauvre, je vous aiderai.

Et, sans le verbe « être » : *Bien que pauvre,* je vous aiderai.

« Quoique » (en un seul mot), moins rare dans le F.P. que « bien que », a le même sens (pour l'origine, voir n° 727, note p. 340) :
Quoique l'or soit toujours un métal précieux, il n'a plus la même importance qu'autrefois.

Et, avec un participe, ou sans verbe :
Quoique étant pauvre... *Quoique* pauvre...

724 **N. B. — 1. Dans le F.P. et même, de plus en plus, en F.E., quoique et bien que sont employés avec l'indicatif ou le conditionnel[1] :** Quoiqu'il *était*... — quoiqu'il *sera*... — quoiqu'il *aurait préféré*... **Ainsi H. Troyat, traduisant Tolstoï :**

« Nous n'empêchons pas l'ennemi de consolider son camp, bien que ce *serait* très facile » (*Tolstoï*).

Mais nous vous conseillons d'employer le subjonctif là où il est possible :

Il a refusé, bien qu'il *ait eu* envie d'accepter — Il est là, quoi qu'il *doive* aller demain à Paris....

ou de tourner par une proposition indépendante avec pourtant :

Il a refusé, *pourtant il avait* envie d'accepter — Il est là, *pourtant il ira* à Paris — Il refuse, *pourtant il aurait* préféré accepter.

2. Dans l'expression F.P. pop., quoique ça (= malgré cela), il y a une influence de malgré ça — La conjonction est construite comme une préposition.

725 **Encore que (F.E.) a le même sens que bien que, quoique :**
Elle lui pardonne, *encore qu'il l'ait* beaucoup déçue.

Encore que tend aussi à s'employer avec l'indicatif ou le conditionnel. Ainsi Georges Duhamel a écrit :

« Encore qu'on ne *saurait*, je crois, relever dans mon ouvrage un détail entaché d'inexactitude... » (*Géographie cordiale de l'Europe*).

On trouve « encore que » sans le verbe être :
Je veux espérer, *encore que très inquiet.*

1. Et cela, dès l'ancienne langue.

Malgré que mérite une mention à part : cette forme ne s'emploie, en principe, que dans l'expression : malgré qu'(il) en ait, c'est-à-dire : *si* mauvais gré *qu'*il en ait; *malgré toute* sa répugnance. Mais à cause du sens très clair de la préposition **malgré**, la conjonction **malgré que** (*malgré que je veuille* vous aider), très employée dans le F.P., gagne chaque jour du terrain. Dès maintenant, on ne peut plus prétendre que l'emploi en soit incorrect.

Les expressions, trop répandues : **quoiqu'il en ait, quoi qu'il en ait, bien qu'il en ait,** semblent dues à une confusion avec **malgré qu'il en ait**[1].

Que ... que ... peut exprimer la concession :

*Qu'*il vente, *qu'*il pleuve, je fais une promenade quotidienne.

N. B. — Quand, alors que et surtout **alors même que,** avec l'indicatif, s'emploient aussi pour exprimer l'opposition ou la concession :

Vous me nuisez *quand je cherche* à vous aider (... *alors que je cherche*...) — voir n°s 657 et 734-735.

De là : quand, quand même, quand bien même + **conditionnel,** avec la valeur de **même si** (v. n° 755 bis) :

Quand (*même*) *ils seraient cent*, je les attends de pied ferme.

Si peut exprimer l'opposition-concession :

Si je suis bon, je ne suis pas faible.

Après une subordonnée conjonctionnelle de concession, sauf les subordonnées par **si**, on coordonne une autre subordonnée par **et que,** suivi généralement du même mode que dans la première subordonnée :

Quoique vous ayez fait de votre mieux *et que* les résultats *soient* bons, votre directeur n'est pas satisfait — Vous me nuisez *alors que je vous aide* et *que* je *veux* vous sauver.

Une proposition relative

726 **Relatifs ordinaires : indicatif.**

Pierre, *qui a bien travaillé*, est récompensé
(la relative exprime la cause) ;
Paul, *qui a mal travaillé*, est récompensé aussi
(la relative exprime l'opposition-concession).

727 **Relatifs indéfinis (qui que... quoi que... quel que...) : subjonctif.**

a) *Qui que vous soyez*, entrez (= **vous pouvez être tel ou tel, n'importe qui, pourtant je vous accepte chez moi**)[2].

1. L'expression **en dépit qu'(on) en ait** (= malgré (soi)), beaucoup moins répandue, a pour elle les meilleurs auteurs classiques (cf. Molière, *Le Misanthrope* I. 1).
2. On distinguera avec soin : *quoi que* (en deux mots), relatif de concession, et *quoique* (en un mot), conjonction de concession :
Quoi que vous fassiez, vous aurez toujours tort.
Quoique vous ayez beaucoup travaillé, votre directeur n'est pas satisfait.

b) Je l'admets chez moi, *quel qu'il soit; quel que soit* celui qui l'envoie.

L'histoire de ces tours est obscure, ou du moins très confuse. Le premier contient un pronom (qui); le second un adjectif (quel, peut-être substitué à un « lequel » primitif)[1].

728 Autres emplois de relatifs indéfinis :

a) Un adverbe relatif :

Où que j'aille, je ne rencontre que des amis.

b) Expressions formées de quelque :

Quelque... que encadrant un nom (F.E.) :

Quelques efforts que vous fassiez... *Quelques grands efforts que* vous fassiez... (*quelque* **s'accorde alors avec le nom pluriel).**

Mais on trouve aussi : Si... que :

« *Si* grande *responsabilité* qu'il faille reconnaître aux chrétiens... » (J. Maritain *Le Mystère d'Israël.*)

Quelque... que encadrant un adjectif (F.E.) : alors quelque a le sens de : à quelque degré, et reste invariable :

Quelque bons que vous soyez tous deux, on vous craint.

On dit, on écrit : *Si bons* que vous soyez **(qui cède la place, aujourd'hui, à** *aussi* bons que **ou même à :** *pour si* bons, *pour aussi* bons que...).

On dira très correctement : *Si* bons *soyez-vous*... — **ou :** *Pour* bons *que vous soyez*... — *Tout* bons *que vous êtes*...

N. B. — On trouve aussi autant que (+ subjonctif) au sens de quelle que soit la quantité que (F.E.) :

« Nous lui demandons infiniment plus que ce qu'il nous donne, *autant* qu'il nous *ait* donné. »

(F. Mauriac.)

En revanche, comment que (= de quelque manière que) est malheureusement très archaïque :

« Toutes ces gardes, *comment qu'*elles soient établies, ne sont point difficiles à passer. » (Paul-Louis Courier, cité par Littré.)

1. Sans doute sont-ils le résultat de l'association de plusieurs tours, par exemple : **Quel... que** et **quelque** (voir L. Foulet, *Petite Syntaxe de l'ancien français*).

Qui que vous soyez permet d'expliquer la conjonction **quoique** : Originairement (Moyen Age) **qui qui...** ou **qui que...** + subjonctif, signifiaient : malgré tous ceux qui... tous ceux que. Par exemple : *Qui qu'en grogne* = malgré tous ceux qui en grognent, malgré tous les grognons, tous les mécontents.

De même on disait au sens neutre : **que que...** : *Que que vous disiez*, vous aurez tort.

« Que que... » est devenu **quoi que,** très vivant aujourd'hui en **F.E.** et même en **F.P.** : *Quoi que vous fassiez*, vous serez toujours blâmé par quelqu'un.

Enfin « quoi que » aboutit à **quoique,** conjonction : *Quoi que je lise*, on me croit ignorant, *quoique je lise*, on me croit ignorant.

Quant à **bien que,** son origine est sans doute dans un emploi concessif de l'adverbe **bien,** analogue à celui de **beau** dans : *avoir beau.*

OPPOSITION PARALLÈLE

Elle se traduit essentiellement dans des phrases de ce genre :

Paul travaille, *tandis que Pierre se repose.*

Il y a opposition, mais sans qu'il y ait nécessairement concession.

729 MOYENS D'EXPRESSION : un nom, ou un pronom, avec préposition

En face de, au lieu de :

En face de mes succès, on voit tes échecs — *Au lieu du* succès espéré, c'est un échec!

A côté de, auprès de, quelquefois (F.E.) au prix de, expriment une comparaison qui oppose :

Qu'est-ce qu'une puce, *auprès d'*un éléphant?

730 **Un pronom personnel tonique, toujours mis en relief (disjoint) :**

J'ai du mal à joindre les deux bouts; *lui, quant à lui, pour lui,* il se paie des vacances en Grèce.

Propositions juxtaposées ou coordonnées

L'un des plateaux s'abaisse; *l'autre s'élève.*
L'un des plateaux s'abaisse, *et l'autre s'élève.*

731 **On trouve aussi, pour insister sur l'idée de symétrie ou d'échange :**

Prêtez-moi votre auto { *en échange* / *en contrepartie* / *en revanche* } je vous prêterai ma maison.

Pour exprimer une opposition accentuée : au contraire :

Tu as réussi; j'ai échoué, *au contraire.*

Un participe ou un infinitif

732 **a) Un participe présent :**

L'un *entrant,* l'autre sort.

733 **b) Un infinitif (voir n° 729, un nom) :**

Au lieu de :

Au lieu d'être complimenté, j'ai été blâmé.

(Bien) loin de :

(*Bien*) *loin de nuire* à votre santé, ce voyage vous fera grand bien.

Une subordonnée conjonctionnelle

734 **Pendant que, et, surtout : tandis que, alors que + l'indicatif.**

Un des plateaux de la balance s'abaisse, *tandis que l'autre s'élève.*

N. B. — Il y a, ici, à la fois idée de simultanéité (v. n° 675) et idée d'opposition.

Mais voici l'opposition pure et simple :

Que de jeunes gens tournent mal, *alors que leurs parents étaient si honnêtes!*

735 **Quand :**

Nous attendions l'ennemi au nord, *quand il vint nous attaquer par le sud.*

Là est l'origine de l'expression si usuelle pour marquer une péripétie :

Je me disposais à écrire, *quand soudain* l'électricité a manqué.

L'avion avait disparu *qu'*on l'entendait encore **(voir n° 657).**

Si :

Si Pierre travaille mal, Paul travaille bien.

736 **Au lieu que (très courant dans la langue classique, l'est moins aujourd'hui).**

Mon père était officier, *au lieu que moi,* je suis devenu cultivateur.

(Bien) loin que + subjonctif (F.E.) est aussi moins employé qu'au XVIIe siècle :

(*Bien*) *loin que je veuille vous nuire,* mon dévouement vous est acquis.

Tant s'en faut que (subjonctif), que... est à peu près hors d'usage :

« *Tant s'en faut qu'il consente, qu'*au contraire il fera tout pour l'empêcher » (Voltaire). (*Bien loin de* consentir[1], il fera tout pour l'empêcher.)

Mais on trouve parfois cette expression sous une forme réduite (F.E.) :

Il fera tout pour l'empêcher, *tant s'en faut qu'il consente.*

Il ne l'aide pas, *tant s'en faut.* (= Au contraire!)

Une proposition relative

737 **Avec l'adverbe relatif là où, le français exprime une opposition assez semblabla à celle que traduit au lieu que :**

Là où les pères étaient officiers, les enfants sont cultivateurs.

737 bis **... at que ou que introduisent une subordonnée conjonctive coordonnée à une première subordonnée conjonctive de concassion : sauf dans le cas de quand et de si (n° 735) :**

Bien loin que je veuille vous nuire *et que* je vous desserve...

1. Littéralement : « On est *si loin* de son consentement *que,* au contraire, il fera tout pour l'empêcher. »

COMPLÉMENTS DE CONDITION ET COMPLÉMENTS DE SUPPOSITION

738 **Il y a condition quand la réalisation d'un fait A est nécessaire pour qu'un autre fait B se réslise.**

Question : *A quelle condition* quitteriez-vous votre appartement ?
(A) **(B)**

Réponse : *A condition de* recevoir une indemnité **(A)**.
ou : *Si je recevais* une indemnité **(A)**.

739 **Quend la réalisation d'un fait A' est envisagée non plus comme nécessaire mais comme suffisente pour la réalisation d'un fait B', il n'y a pas condition mais supposition :**

Si vous pardonnez cela, vous êtes généreux.
(A') **(B')**

N. B. — Souvent condition et supposition sont étroitement associées, ou confondues.

MOYENS D'EXPRESSION de la condition et de le supposition

Un nom avec préposition

740 **I. La condition :**

Elle s'exprime dans toute sa force à l'aide d'une expression soulignant la nécessité, par exemple : seulement en cas de...

Vous serez remboursé des frais médicaux *seulement en cas d'accident.*

A cherge de signifie : à condition de :

Je vous ai rendu service, mais *à charge de revanche!* (ou *de réciprocité*).

A moins de exprime une condition négative :

Restez, à *moins d'*un contrordre (*à condition qu'il n'y ait pas* contrordre, *sauf* s'il y a contrordre).

741 **II. La supposition :**

En cas de pluie (= **supposons qu'il pleuve**), je me réfugierai, je me réfugierais sous cet abri.

742 **Avec et sans introduisent parfois des compléments à valeur de condition, ou de supposition :**

Avec lui, on serait sûr de réussir — *Sans toi*, je me rompais le cou.

(Pour cet emploi de l'imparfait de l'indicatif, voir n° 507.)

743 **Un adverbe** (voir n° 759)

743 bis **Propositions juxtaposées ou coordonnées**

Il s'agit alors de suppositions, plutôt que de conditions : *Tu recules*, il avance — *Recules-tu*, il avance — *Recule et* il avancera — *Tu reculerais*, il avancerait — *Tu reculerais qu'*il avancerait.
(Ici, que, fréquent en F.P., est une particule de soutien.)

744 **Un gérondif, un participe ou un infinitif**

● **Gérondif — Participe.**

I. La condition :

Là encore, la force de la condition doit être mise en relief :

On *ne* digère bien *qu'*en *marchant* (= **que si on marche**).
C'est (seulement) *en marchant qu'*on digère bien.

745 **II. La supposition :**

Son fils mort, que deviendrait-elle ? — *En enseignant*, on s'instruit.

746 ● **L'infinitif, précédé de à condition de :**

Le journalisme mène à tout, *à condition d'en sortir*.

...ou de à :

A l'en croire, il est le plus honnête homme du monde (= **si on l'en croit**) — *A t'entendre*, on jurerait que tu as tout fait — *A proprement parler*, nous ne nous fréquentons plus.

747 **Nous retrouvons ici à moins de** (v. n° 740) **:**

On ne le contentera pas, *à moins de tout lui accorder* (= **sauf si on lui accorde tout**).
Faute de répondre à temps, vous manquerez cette affaire.

Une proposition subordonnée conjonctionnelle

748 **I. La condition :**

A condition que — pourvu que[1], **suivies en règle générale du subjonctif :**

Il est très aimable { *à condition qu'on fasse* / *pourvu qu'on fasse* } ses quatre volontés.

1. **Pourvu que** exprime aussi le souhait (voir n° 824).

Après « à condition que », l'indicatif futur est fréquent dans le F.P. : ... *À condition qu'on fera* ses quatre volontés; **ou le conditionnel présent (= futur du passé), si le verbe principal est à un temps passé (v. n° 520) :** Il *promettait* d'être aimable, à condition qu'on *ferait* ses quatre volontés.

Si (et, plus nettement, seulement si, ne... que si) :

Certaines personnes *ne* dorment bien *que si* elles ont la tête tournée vers le nord.

Si tant est que (+ subjonctif) exprime une réserve, une restriction :

La paix est proche, *si tant est que* les nouvelles *soient* vraies.

Sauf si, excepté si (et d'une manière générale si... ne... pas) introduisent un cas dans lequel le fait exprimé par la proposition principale cesse d'être vrai :

L'accord { *prendra* / *prendrait* } fin dans un an, sauf s'il { *est* / *était* } renouvelé un mois avant son expiration.

Même sens avec à moins que... ne (suivi du subjonctif) :

L'accord prendra fin dans un an, *à moins qu'il ne soit* renouvelé un mois avant son expiration.

749 **II. La supposition :**

La conjonction la plus employée est si. Mais il est à noter que, dans ce sens, la proposition subordonnée se place très souvent avant la principale[1] :

Si vous partez, je pars — *Si vous étiez* parti, je serais parti.

750 **Emploi des modes et des temps avec si : condition ou supposition (voir aussi n°s 516 et suiv.).**

a) L'indicatif dans la principale signifie que la condition (ou la supposition) exprimée par si a de fortes chances de se réaliser, ou même se réalise ou s'est déjà réalisée :

1. Mon moteur *tire* bien *si* je *mets* du supercarburant.
2. Mon moteur *tirera* bien *si* je *mets*[2]...
3. Mon moteur *tirait* bien *si* je *mettais*...
4. Mon moteur *a* bien *tiré si j'ai mis*...

On voit que si avec une principale à l'indicatif exprime souvent la répétition : toutes les fois que... Aussi quand est-il très souvent employé ici (mais en 2, il est suivi du futur [...tirera... quand je *mettrai*...]).

1. Voir n° 515, note 2.
2. Noter l'emploi du présent (v. n° 488).

751 b) **Le conditionnel** dans la principale exprime toujours un fait imaginé et signifie que la condition est d'une réalisation plus douteuse, ou même n'est pas ou n'a pas été réalisée.

1. **Réalisation possible mais douteuse (dans le futur) :**

Mon moteur *tirerait* bien (demain) si je mettais...

(Voir aussi certains faits de concordance, avec l'imparfait, n° 502, note.)

2. **Irréel du présent :**

Mon moteur *tirerait* bien (maintenant) si j'avais mis du supercarburant.

3. **Irréel du passé :**

Mon moteur *aurait* bien *tiré* (hier) si j'avais mis...

F.E. : Ponce Pilate eût été bien surpris si on lui eût dit (si on lui avait dit) comment son nom passerait à la postérité (voir n° 517).

Que si n'est plus guère employé que pour un effet oratoire :

Que si l'on vient m'opposer la loi, je réponds en invoquant les droits de l'homme[1].

752 **Si**, au sens de **s'il est vrai que**, peut être suivi, comme dans la langue classique, d'un **conditionnel** :

Si vous auriez du plaisir à le recevoir, la réciproque n'est pas vraie.

Ou d'un **futur** :

« Qui donc attendrons-nous s'ils *ne reviendront pas*[2] ? » (Victor Hugo, *Les Contemplations*.)

753 (**Si** peut encore être suivi du **futur** ou du **conditionnel**, dans l'interrogation indirecte ; mais alors il s'agit d'un **adverbe d'interrogation** :

Dis-moi *s'*il *viendra* — Dis-moi *s'*il *protesterait* au cas où je m'abstiendrais.)

Seuls les enfants, dans leur logique, emploient si de condition avec le mode **conditionnel** :

Si je *serais* premier, tu me récompenserais.

754 **Si** peut encore exprimer une **opposition** parallèle :

Si Pierre *travaille* mal, Paul travaille bien.

Ou même une **concession** :

Si je veux bien être bon, je ne veux pas être faible.

1. Ne pas confondre avec le **que si** employé dans le français parlé pour **souligner** une réplique affirmative : Il ne viendra pas? — Oh! *que si* (v. n° 807).
2. Cité par R. Le Bidois (*Le Monde*, 18 juillet 1962).

755 **Autres conjonctions introduisant la supposition :**

Que (+ subjonctif) :

Que le temps *vienne* à se gâter et voilà la moisson compromise.

Souvent avec une valeur d'opposition : *Qu'*il *dise* oui, toi, tu dis non.

Pour peu que, si peu que (avec le subjonctif) expriment que le fait supposé sera suffisant, quelle qu'en soit l'intensité, pour produire la conséquence (= si seulement) :

Pour peu que vous *paraissiez* l'approuver, il sentira croître son audace.

Si... tant soit peu... a la même valeur, avec l'indicatif :

Si vous avez *tant soit peu* de bon sens, vous parlerez autrement.

Au cas où est suivi du conditionnel :

Au cas où il y *aurait* du verglas, je retarderais mon départ en voiture.

(Ne pas confondre avec pour le cas où qui exprime surtout une précaution :

Prenez un parapluie, *pour le cas où* il *pleuvrait.*)

La langue classique connaissait les tours :

En cas que } (avec le subjonctif), que certains puristes emploient
Au cas que } encore :

Prenez un parapluie *au cas qu'il pleuve.*

755 bis **Supposé que, à supposer que, en supposant que, en admettant que (avec le subjonctif) expriment généralement (surtout la dernière locution) une supposition extrême, proche de la concession :**

En admettant que vous ayez raison, il faut garder la mesure.

La même valeur de concession se retrouve dans :

Même si (pour les temps et modes, voir nos 750 et 751).

Quand même (plus rarement quand, quand bien même), lors même que (vieilli) :

Même si tu { *avais* / *as* } raison, il { *faudrait* / *faudra* } garder la mesure.

Quand même tu *aurais* raison (*quand* tu *aurais... quand bien même* tu *aurais...*), il *faudrait* garder la mesure.
« *Lors même que* Mgr le Marquis *mourrait*, la Vendée de Dieu et du roi ne mourra pas » (Victor Hugo, *Quatre vingt-treize*).

On trouve, très couramment (surtout en F.P.), le conditionnel sans conjonction, avec postposition d'un pronom personnel sujet :

L'emporterais-tu, il faudrait te montrer modeste — *L'emporterais-tu qu'*il faudrait te montrer modeste.

Sans postposition du pronom sujet :

Tu l'emporterais (qu')il faudrait te montrer modeste.

755 ter **Le F.E. emploie également en ce sens, sans conjonction, certains verbes : avoir, être, devoir, vouloir, au subjonctif imparfait ou plus-que-parfait. Il y a postposition du pronom sujet.**

Eût-il raison, il devrait garder la mesure — *Fût-il* riche, il ne donnerait rien — *Eût-il* protesté, cela n'aurait servi à rien — *Dussé-je* m'en repentir, je refuserai — *Le voulût-il,* il ne pourrait vous aider.

(Pour les expressions concessives se rattachant plus ou moins à l'idée de supposition (avoir beau..., si grand qu'il soit, **etc.), voir n°s 719, 728.)**

756 **Pour exprimer l'équivalence entre deux suppositions : les expressions : soit que... soit que... — soit que... ou que... — que... (ou) que... — que... ou... suivies du subjonctif introduisent des suppositions différentes, mais ayant la même conséquence, exprimée par la principale :**

*Soit qu'*il pleuve, *soit qu'*il fasse beau, le pêcheur doit sortir en mer — *Qu'*il pleuve, (*ou*) *qu'*il fasse beau... — *Qu'*il pleuve ou fasse beau...

On préférera employer les deux dernières tournures, comme plus légères.

Souvent des noms, des adjectifs unis par ou remplissent le même rôle, sans verbe exprimé :

Adresse ou hasard, il atteignit le centre de la cible.
Courageux ou imprudent, le chef ne doit pas s'exposer en vain.

756 bis **Dans la langue classique : sans que (+ indicatif) s'employait au sens de si... ne... pas (+ conditionnel passé) :**

« C'était fait de leur nombreuse armée (= **leur armée eût été perdue**), sans que le comte de Souches *plaça* des troupes... » (Racine.)

(On dirait aujourd'hui : « ... sans le comte de Souches, *qui* plaça... » ou : « *si* le comte de Souches n'avait placé... »)

Le F.P. pop. n'ignore pas ce tour de la langue classique. Mais, en bonne langue, sans que (+ subjonctif) signifie aujourd'hui que l'action de la principale n'entraîne pas avec elle l'action exprimée par la subordonnée (v. n° 789) :

Il *entre sans qu'*on *s'en aperçoive.*

756 ter **Comme si contient une comparaison et introduit soit une cause supposée (voir n° 779) :**

Il tremble *comme s'il avait froid.*

soit une véritable comparaison :

Parlez-lui *comme si vous lui pardonniez tout.*

Quelquefois comme si traduit une exclamation indignée :

Comme si je mentais!

757 REMARQUES

a) Si peut n'être pas exprimé, lorsque le verbe de la subordonnée est le verbe être, employé au sens de exister et à la forme négative (ces tours appartiennent au F.E.). On notera l'emploi obligatoire de l'indicatif dans le premier des exemples ci-dessous, du subjonctif dans le second :

N'était cette difficulté, tout *serait* déjà réglé (si cette difficulté *n'existait* pas).

N'eût été votre sang-froid, nous { *périssions* tous. / *aurions* tous *péri*.
(si vous n'*aviez gardé* votre sang-froid).

b) Le verbe dépendant de « si » peut n'être pas exprimé (tour plus rare aujourd'hui qu'à l'époque classique) :

Si vous venez demain, je serai encore là; *si* après-demain, ce sera trop tard.

758 De là sinon, qui a plusieurs sens :

a) Après une proposition commençant par si, il exprime la supposition inverse :

S'il accepte, c'est bien; *sinon*, tant pis pour lui[1].

b) Inséré dans une proposition quelconque, sinon exclut de l'affirmation le terme qui le suit : Il est, *sinon* courageux, *du moins* adroit **(= Il n'est peut-être pas courageux, mais il est adroit).**

c) Mais souvent (surtout placé à la fin de la proposition) sinon a le sens de peut-être même : Il a du talent, *sinon* du génie.

759 Un adverbe ou une locution adverbiale (dans ce cas : alors, mais alors, autrement) ou même un nom, un adjectif peuvent, sans verbe, représenter toute une proposition commençant par si :

Il peut tomber malade, *alors* on devrait lui nommer un successeur (et *s'il tombait* malade...) — Venez de bonne heure; *autrement*, vous n'auriez pas de places — *Plus jeune*, il obtenait ce poste.

N. B. — Alors seulement exprime une sorte de condition :
Laissez-le répondre. *Alors seulement* vous lui parlerez.

760 Mode après... et que — ... et que, ou que... introduisent une subordonnée de condition ou de supposition coordonnée à la première : le mode correct est le subjonctif :

Si le temps le permet *et que* ma voiture *soit* réparée, nous partirons pour la campagne.

Mais les exemples de l'indicatif se multiplient dans le F.P. fam. et même dans le F.E. (voir tableau n° 761 bis).

1. On peut dire aussi : *sans quoi*, tant pis pour lui; mais *ou sinon*, *ou sans quoi* sont des tours incorrects du **F.P.**

761 **Temps après... et que — En outre, après un verbe subordonné par si, à l'imparfait de l'indicatif, la correction exigeait jadis l'imparfait du subjonctif pour le verbe dépendant de : et que...**

a) *Si* le ciel *était* clair *et que* la température *fût* douce, mon père *venait* lire au jardin **(répétition).**

b) *Si* le ciel *était* clair *et que* la température *fût* douce, mon père *viendrait* lire au jardin **(conditionnel).**

Mais la défaveur de l'imparfait du subjonctif a entraîné (voir n° 534) son remplacement par le présent du subjonctif en F.P. et souvent en F.E. :

Si le ciel *était* clair et que la température *soit* douce...

... ou même (F.P. fam.) par l'imparfait de l'indicatif (... et que la température *était* douce ..), **tout au moins dans les phrases du type a).**

De même, le plus-que-parfait du subjonctif a cédé la place au passé du subjonctif ou même au plus-que-parfait de l'indicatif :

S'il m'avait compris et qu'il *ait accepté* (et qu'il *avait accepté*) ma proposition...

Nous conseillons, après et que :
en F.P., d'user du présent et du passé du subjonctif
en F.E., de n'employer l'imparfait ou le plus-que-parfait du subjonctif qu'à la 3e personne du singulier, et dans les formes brèves de la 2e et de la 3e conjugaisons : fût, vînt, fût venu, etc.

761 bis Tableau de la construction de : Si... et que...

Chaque année, s'il *fait* beau, et que le foin	*soit* sec **(F.E. F.P.)** *est* sec **(F.P. fam.)**	nous le *coupons.*
Demain, s'il *fait* beau, et que le foin	*soit* sec **(F.E. F.P.)** *est* sec **(F.P. fam.)**	nous le *couperons.*
Demain, s'il *fatsait* beau, et que le foin	*fût* sec **(F.E.)** *soit* sec **(F.E. F.P.)** *était* sec **(F.P. fam.)**	nous le *couperions.*
Hier, s'il *avait fait* beau, et que le foin	*eût séché* **(F.E.)** *ait séché* **(F.E. F.P.)** *avait séché* **(F.P. fam.)**	nous l'*aurions coupé.*

762 **... et que, représentant un comme si, est suivi, en stricte correction, de l'imparfait ou du plus-que-parfait du subjonctif. Mais on trouve, naturellement, même en F.E., l'imparfait ou le plus-que-parfait de l'indicatif :**

« Il continuait à se conduire comme si le monde extérieur n'existait pas *et que* seules *comptaient* les âmes » (H. Troyat, *Tolstoï*).

Propositions relatives

763 a) **Condition** : avec adjonction de **seul, seulement** (v. n° **740**) :

Seul, celui qui { *est passé* / *serait passé* } par ces angoisses me { *comprendra.* / *comprendrait.* }

N. B. — **La subordonnée relative se met au conditionnel, si le verbe principal doit être lui-même à ce mode.**

b) **Supposition** : **même emploi des temps et modes** :

Celui qui { *est* passé... me *comprendra.* / *serait* passé. . me *comprendrait.* }

L'expression populaire comme qui dirait[1], **équivaut à : dirait-on, ou à : pour ainsi dire :**

Il est *comme qui dirait* assommé. **F.P.**

1 Rapprochée — comme il est légitime — par M. Grevisse du tour : Tout vient à point *qui* sait attendre (= si l'on sait) Voir n° 408 c

COMPLÉMENTS DE COMPARAISON[1]

764 **La comparaison s'exprime soit par un rapport d'égalité ou de ressemblance** : blanc *comme* neige; **soit par un rapport d'inégalité on de différence** : *plus* blanc *que* neige

Nous observerons cette double répartition au cours du présent chapitre.

LE SECOND TERME DE LA COMPARAISON EST UN NOM OU UN PRONOM

Comparaisons impliquant l'égalité, la ressemblance

765 **Elles sont introduites par comme, ainsi que, de même que.**

Je suis malheureux, je souffre *comme* vous[2] — « *Ainsi que* la vertu, le crime a ses degrés. » (Racine, *Phèdre*.)

Pour comparer l'intensité : autant... que, aussi... que :

Aussi... que... encadre un adjectif ou un adverbe de manière :

Je suis *aussi content que* vous.

Autant modifie en principe un verbe :

Je *travaille autant que* vous.

Il peut modifier un adjectif (ou plus rarement un adverbe). Mais alors, dans la langue d'aujourd'hui, l'adjectif précède *autant* **:**

Content, je le suis *autant que* vous.

Autant de... que de... encadre un nom. Si ce nom est singulier, la comparaison porte sur des masses — Si ce nom est pluriel, elle porte sur des êtres qui se comptent (voir n°s 205 et suiv.) :

Dans ce verre il y a *autant d'eau que de vin* — Le fermier possède *autant de bœufs que de chevaux*.

Tant... que... ne s'emploie qu'en apposition et marque une répartition, sans qu'il y ait nécessairement égalité :

J'ai 250 têtes de bétail, *tant* vaches *que* moutons.

Dans une proposition négative, aussi... que, autant... que sont très souvent remplacés per si... que, tant... que :

Il *n'*est *pas si* bon *que* son père — Il *ne* travaille *pas tant que* son camarade — Complaisant, il *ne* l'est *pas tant que* son prédécesseur.

Ces tours sont répandus aussi (F.P. et même F.E.) dans les propositions interrogatives :

Est-il si bon *que* son père?

1. La comparaison n'est pas toujours exprimée par un complément circonstanciel v. n°s 765. et 768 à 771.

2 Dans l'analyse on peut admettre que **vous** est le sujet de **souffrez** non exprimé — Mais le Français parlant sent, dans **comme**, une sorte de **préposition** introduisant un **complément de comparaison.**

On notera, en F.P. fam., l'expression tant que ça :

Travaille-t-il *tant que ça?* Si tu travailles *tant que ça*, tu tomberas malade.

On notera surtout l'emploi très étendu, dans le F.P. fam., de comme ça, constituant des expressions aux nuances variées :

Comparaison : Un fauteuil large *comme ça* **(avec un geste)** — Restez *comme ça* **(= ainsi)**, sans bouger — Tenez votre pelle *comme ça* **(= ainsi)** — Il s'est mis en colère? Oui, il est *comme ça* **(= ainsi)**.
Appréciation vague : Vous allez mieux, j'espère? — *Comme ça...*
Désignation péjorative : Des gens *comme ça*, j'en ai trop vu.
Intensité : Il est bête *comme ça*? — Faut pas pleurer *comme ça*!
Conséquence : Économisez votre argent. *Comme ça* **(ainsi)**, vous en aurez quand vous serez vieux.
Conclusion d'un récit, formulée par l'interlocuteur : *Comme ça*, il vous a mis dehors? **(= ainsi donc...)**

766 REMARQUE : **le sens de ainsi que, de même que s'affaiblit parfois au point d'être celui d'une simple conjonction de coordination (= et, et aussi) — Dans le F.E., ainsi que, de même que sont alors souvent précédés d'une virgule :**

Les femmes furent évacuées d'abord, *ainsi que* les enfants.

Comme peut evoir cette valeur affeiblie. Il est alors souvent suivi de d'ailleurs ou aussi :

Madame est absente, *comme d'ailleurs* monsieur.

Pour rendre, eu contraire, à de même que sa valeur primitive, certains puristes contemporains ont ressuscité la vieille expression tout de même que, au sens où l'employait, par exemple, Mme de Sévigné :

« Vous m'avez vue me repentir, m'agiter, et m'inquiéter *tout de même qu*'une autre » **(= exactement comme une autre, tout autant qu'une eutre).**

Mais la langue populaire n'a point accepté ce tour, car elle a cristallisé tout de même dans le sens de pourtant (v. n° 719).

767 **A la façon de, à la manière de sont des locutions prépositives de comparaison :**

Elle avait un chapeau qui lui emboîtait la tête *à la façon d'*un casque.

(De là les tours : habit *à la* française; macaroni *à l'*italienne; des traits spirituels *à la* Voltaire.)

768 **[Notons que le nom ou le pronom, peuvent être aussi compléments d'adjectifs ou d'adverbes :**

a) Égal à, pareil à, pareillement à :

Le nombre des cavaliers est *égal au* nombre des fantassins.
L'amour maternel n'est point *pareil à* l'amour paternel[1].

b) Le même que (= identité), tel que (= ressemblance) :

Mon stylo est *le même que* le tien **(pour le même qui, introduisant une proposition relative, voir n° 412).**

Je n'ai jamais vu une paresse *telle que* la sienne.

Tel quel (plus rarement tel, tout seul) signifie : ainsi qu'il est, dans l'état où il est :

Emportez la marchandise *telle quelle*, sans l'envelopper.

Le F.P. pop. dit souvent ici : telle que.

Pour l'accord, dans le tour : Il fondit sur l'ennemi, *telle* la foudre, **voir les n°s 147 et 372, et les notes.]**

769 **Expressions inversées, avec répétition du terme de comparaison : Le Français dit volontiers, au lieu de :**

[Il y a *autant* d'eau *que* de vin] — Autant de vin, *autant d'eau.*
[Le fils est *tel que* le père...] — Tel père, *tel fils*[2] **(dicton).**

La comparaison ou plus exactement la conformité peuvent encore s'exprimer, dans un sens large, au moyen des prépositions d'après, suivant, selon, conformément à, sur :

Soyez sans inquiétude : il a agi *conformément à* vos instructions, *sur* vos instructions.

770 **Si le nom qui les suit évoque le changement, les degrés dans l'action, dans la qualité, etc., ces expressions traduisent une comparaison proportionnelle ou variable (v. n° 694 et, plus loin, n° 781) :**

Le mercure monte, ou descend dans le tube, *suivant* les changements de pression atmosphérique (ou *selon* la pression atmosphérique).

Les épreuves seront plus ou moins difficiles, *selon* l'âge des concurrents.

Ajoutons à ces emplois celui de au fur et à mesure de :

Au fur et à mesure des inscriptions, vous répartirez les concurrents en plusieurs catégories.

A la mesure de, à la hauteur de n'expriment pas une comparaison variable, mais statique :

Votre talent n'est pas *à la mesure* (*à la hauteur*) *de* vos prétentions.

N. B. — Les comparaisons variables sont en rapport étroit avec l'idée de cause (v. n° 694).

1 **Pareil que** est une incorrection pratiquée couramment par les enfants .. et par nombre d'adultes, et qui tend à s'imposer Elle a des exemples dans l'ancienne langue
2. On remarquera l'absence fréquente de verbe dans l'expression inversée.

Comparaisons impliquant l'inégalité, la différence

771 **Ici, les expressions les plus courantes sont faites d'adjectifs ou d'adverbes au comparatif (v. n° 208) ; ils ont alors des compléments propres, qui ne sont plus des compléments circonstanciels.**

Comparatifs de supériorité :

Paul est *plus grand que* Pierre — Il court *plus vite que* Pierre.

Comparatifs d'infériorité :

Paul est *moins grand que* Jean — Il court *moins vite que* Jean.

On notera le tour : les moins *de* dix-huit ans, les moins *de* vingt et un ans **et (dans le même sens) les expressions juridiques :** les mineurs *de* seize ans, les mineurs *de* vingt et un ans.

N. B. — On dit : Il a vécu *plus de* cent ans — Ils sont *moins d'*un millier, **mais :** Il est autre *que*, différent *de*, dissemblable *de*, supérieur *à*, inférieur *à*, antérieur *à*, postérieur *à*, préférable *à*, inégal *à*.

Certains grammairiens proscrivent les expressions davantage que et même davantage de, qui ont cependant pour elles des écriveins comme Pascal, Molière, Bossuet, Proust, Montherlant — et connaissent une large diffusion dans le F.P. :

Je gagne *davantage que* toi — J'ai eu *davantage de* succès.

(Mais davantage, employé seul, ne soulève aucune difficulté :

Tu gagnes beaucoup. Je gagne *davantage*.)

Autre pouvait avoir dans la langue classique, et peut avoir encore aujourd'hui le sens de : plus grand, plus fort, meilleur, aussi bien que celui de : différent :

« Les exemples vivants sont d'un *autre* pouvoir » (Corneille, *Le Cid*) **(= d'un plus grand pouvoir).**

De même on peut entendre aujourd'hui :

Ma nouvelle voiture est *autrement* rapide que l'ancienne.

771 bis **La mesure de la différence s'exprime par la préposition de :**

Plus grand *de* dix centimètres — Il est plus vieux que moi *de* deux ans — Plus grand *de* beaucoup.

Ou par un adverbe qui précède : *Bien* plus grand, *un peu* plus petit.

772 **N. B. — Le tour appelé superlatif relatif[1] implique une comparaison :**

Voilà *le plus indépendant* des hommes **signifie :** voilà celui qui, *comparé* à tous les autres hommes, *l'emporte* en indépendance.

Le complément de ce superlatif (ou second terme de la comparaison) s'exprime de plusieurs façons :

La plus belle *des maisons*. **(Construction la plus fréquente.)**
Le plus heureux *d'entre vous*.

1 Rappelons que le *superlatif absolu* (sans complément) s'exprime au moyen de *très fort, extrêmement*, etc. : un cheval *très rapide*

On peut dire aussi, sans superlatif relatif :

Vous êtes bête *entre toutes les femmes.*
Estimé *sur tous* les professeurs de cette université.
Estimé *par-dessus tous.*

773 **Les principaux verbes exprimant la comparaison dans l'inégalité sont : aimer mieux... que, préférer... à, qui impliquent un choix, et l'emporter sur ; dépasser, surpasser, surclasser, qui impliquent la supériorité de fait.**

Le sage *préfère* la méditation *à* la turbulence — On dit que les femmes *l'emportent* en imagination *sur* les hommes — Notre usine *surclasse* les autres *par* la qualité des produits, sinon *par* leur quantité.

N. B. — Préférer une chose *qu'*une autre **est une incorrection, pratiquée seulement par le F.P. pop.**

773 bis **Pour un choix entre deux appellations, on dira, par exemple :**

C'est un sourire *plutôt qu'un rire*

Pour un choix entre deux comportements :

Plutôt la mort *que* l'esclavage!

(Pour la construction de préférer, aimer mieux, avec des verbes, voir n°s 777 et 782.)

LE SECOND TERME DE LA COMPARAISON EST UN ADJECTIF OU UN ADVERBE

Comparaisons impliquant l'égalité, la ressemblance

774 **Le second terme peut être :**

a) un adjectif :

Le style de Flaubert est *aussi précis* que *pittoresque.*

Ou, en plaçant le premier adjectif en tête :

précis autant que *pittoresque* **(voir n° 765).**

b) Un adverbe de manière :

Maupassant écrivait *aussi vite* que *facilement.*

c) Un autre adverbe :

J'hésite *autant aujourd'hui qu'hier* — Arrêtons-nous *autant* ici qu'ailleurs.

Noter l'expression figée : tant bien que mal (= avec de la peine) :

Tant bien que mal nous sommes arrivés à dépanner l'auto.

On trouve des expressions inversées, surtout avec des adjectifs :

Autant il est *brave, autant* il est *prudent.*

(Mais jamais aussi... aussi...)

Comparaison impliquant l'inégalité, la différence

5 **Adjectifs :**

Le style des classiques est *moins* pittoresque que *précis*.

Adverbes de manière :

Maupassant écrivait *plus vite* que *soigneusement*.

Le tour : Il est *plus brave* que *prudent* **exprime une différence de degré entre deux qualités, la deuxième étant assez faible.**

Il est prudent *plutôt* que méfiant **traduit un choix du sujet parlant entre deux qualifications voisines et souligne une nuance.**

'5 **Une simplification remarquable consiste à dire :**

s « *Meilleur* diplomate *que* général » (Caulaincourt, *Mémoires*), **pour dire :** *bon* diplomate *plutôt que bon* général.

LE SECOND TERME DE LA COMPARAISON EST UN GÉRONDIF OU UN INFINITIF

Gérondif

76 **Égalité :** Il nuira autant en s'abstenant qu'*en intervenant*.

Inégalité : Il nuira moins en s'abstenant qu'*en intervenant*.

Pour un choix, une préférence, entre deux comportements :

Aidez-moi *plutôt* en vous abstenant qu'*en intervenant*.

Infinitif

77 **Quand un premier infinitif sert de complément à un verbe, à un adjectif, à un nom :**

Égalité : Il se réjouissait autant d'avoir humilié son adversaire *que de triompher*.

Inégalité : Ce qui le pousse, c'est le désir de dominer plus *que de s'enrichir*.

Quand il s'agit d'exprimer un choix, une préférence entre deux comportements :

Autant[1] mourir que *de vivre ruiné* (J'aime autant[1] mourir *que de vivre ruiné*) — Plutôt mourir que *d'être esclaves*! (Nous aimons mieux mourir que *d'être esclaves*. Nous préférons mourir plutôt que *d'être esclaves*.) **En F.P. pop. et parfois en F.P. fam. :** Nous préférons mourir *que d'être* esclaves.

On distinguera donc (voir n° 782) : J'ai laissé faire *plutôt que je n'ai approuvé* **(choix entre deux appellations) et :** J'ai laissé faire *plutôt que d'approuver* **(choix entre deux comportements).**

Certains écrivains ont employé préférer à avec deux infinitifs. Ainsi Montherlant : « Toutes les femmes préfèrent être dévorées *à être dédaignées*. » (*Les Jeunes Filles*.) **C'est une construction délicate à manier — Employez plutôt :** *aimer mieux... que de...*

1. Ici *autant* marque en fait une *préférence*.

LE SECOND TERME DE LA COMPARAISON EST UNE SUBORDONNÉE CONJONCTIONNELLE

Comparaisons impliquant l'égalité, la ressemblance

778 **Comme, ainsi que, de même que, autant que, aussi... que.**

Le mode de la subordonnée est l'indicatif ou, si le sens l'exige, le conditionnel :

Paul travaille *comme* son père *travaillait* — *comme travaillerait* son père, s'il était encore de ce monde.

On trouve aussi, l'idée de manière étant mise davantage en relief, de la manière dont[1], de la façon dont, à la manière dont, à la façon dont — (et, plus anciennement : de la manière que, de la façon que).

Paul travaille *de la façon dont* son père travaillait.

779 **a) Pour l'expression :** Paul travaille *comme faisait* son père, **voir n° 608.**

b) L'adjectif qualificatif suivi de comme il est a pris un sens causal :

Fatigué comme il est, il ne peut vous recevoir **(on dit aussi :** *fatigué qu'il est...* — **mais :** *fatigué comme il est* **comporte une idée d'intensité).**

c) La comparaison fondée sur une supposition s'exprime au moyen de comme si : Il crie *comme si* on l'écorchait.

780 **Aux expressions, suivies d'un nom ou d'un pronom, selon, d'après, etc. (v. n° 770), correspond l'expression conjonctionnelle selon que. Mais elle a toujours valeur de comparaison variable :**

Je vous traiterai amicalement ou non, *selon que* vous me traiterez en ami, ou non.

On peut ajouter à selon que :

Dans la mesure où :

Il est aimable *dans la mesure où* l'on fait ses quatre volontés.

(Au fur et) à mesure que :

A mesure que l'homme avance en âge, devient-il plus sage?

Expriment une idée voisine, impliquant une supposition vraisemblable, autant que, pour autant que (souvent suivis du subjonctif) :

*Autant qu'*on *puisse* s'en rendre compte, ce sont bien nos enfants qui arrivent.

(*Pour*) *autant* que je *sache*, l'avion a du retard.

1. **Dont** est certes un pronom relatif. Mais on sait le lien étroit entre ce pronom (appelé parfois **conjonctif**) et la conjonction Dans ces expressions il s'agit bien de conjonctions.

Mais on entend, et on lit aussi, avec l'indicatif :

(Pour) autant que *je m'en souviens*, il m'a donné rendez-vous.

Que, tout seul, dans l'expression que je sache, est un pronom relatif (voir n° 522) : Les enfants ne sont pas rentrés, *que je sache*.

N. B. — autant qu'on peut, autant que possible expriment une sorte de superlatif (= le plus possible) :

« Il faut, *autant qu'on peut*, obliger tout le monde » (La Fontaine).

A ce que je sais, à ce que je vois, sont aussi très employés.

Comparaisons proportionnelles ou variables.

781 **d'autant** { **plus...** / **moins...** } **que...** { **plus...** / **moins...** }

La mer s'agite d'*autant plus que* le vent est *plus fort*.

Ou, en inversant les termes, surtout F.E. :

Plus le vent est fort, *plus* la mer s'agite. **Quelquefois :** Plus le vent est fort, *et* plus la mer s'agite.

On peut rapprocher, pour le sens, à mesure que :

La mer se calme *à mesure que* le vent faiblit **(v. n° 780).**

On constate que les comparaisons proportionnelles impliquent très souvent une idée de cause.

Comparaisons impliquant l'inégalité, la différence

782 **a) Emploi courant des comparatifs :**

La vie est plus chère *qu'elle n'était* l'an dernier (que l'an dernier).

Il est meilleur ingénieur *que vous ne pensez*.

Remarque : ne (devant le verbe subordonné) est devenu ici quasi obligatoire, en F.P. et en F.E.[1] : il est en tout cas beaucoup plus fréquent après un comparatif qu'après avant que (v n° 670).

b) Autre que est normalement accompagné de ne :

La vie est autre *qu'elle n'était* il y a cent ans.

c) Plutôt que :

1. L'emploi de cette conjonction est facile si la phrase exprime une comparaison pure et simple (choix entre deux appellations) :

Il somnole *plutôt qu'*il *ne* dort.

2. Mais on emploie l'infinitif s'il s'agit, non d'une comparaison, mais d'un choix entre deux comportements :

Mourons plutôt que d'*être* esclaves — Je mourrai plutôt que *de trahir* **(l'absence d'un de est archaïque).**

1. H. Glattli (*Idioma*, 2/69) a apporté à cette règle d'heureuses nuances. Rappelons que ce **ne** s'explique, du moins à l'origine, par un sentiment d'une négation incluse dans la subordonnée : La vie *n'était pas* aussi chère il y a un an — *Ne* pensez *pas* qu'il soit aussi bon ingénieur — Le *ne* n'existe pas, bien entendu, dans le 2e terme des comparaisons d'égalité : Il est aussi bon ingénieur *que vous pensez*

Il est à souhaiter qu'il renonce, plutôt que *de courir* ce risque (et non : plutôt *que qu'*il coure, **qui ne se dit pas.)**

3. Mais le tour plutôt que + infinitif n'est possible qu'à la condition que l'infinitif ait le même sujet que son verbe principal.

Si le verbe de l'expression comparative a un sujet propre, on emploiera, par une simplification analogue à celle de la langue classique, plutôt que + le subjonctif.

J'aime mieux que Pierre se retire, *plutôt que* Paul *ne* le surprenne; ou mieux : plutôt que de *voir* Paul le surprendre. **(On rentre alors dans le cas 2.)**

On trouve aussi (F.P. fam.) : J'aimerais mieux que Pierre se retire *plutôt que si* Paul le surprenait.

Enfin on remarquera une autre simplification dans le F.P. :

Je ne demande pas mieux *qu'il reste* (ou que de le *voir* rester). « Que qu'il reste » **est impossible.**

Emplois de « plutôt que »

782 bis

choix entre deux **appellations** :	choix entre deux **comportements** :
— C'est un sourire *plutôt qu'un rire.* — Il somnole *plutôt qu'il ne dort.*	— Plutôt la mort *que l'esclavage*! — Plutôt mourir *que d'être* esclaves! — Je préfère que Pierre se retire, plutôt que Paul *ne* le surprenne. (Je préfère que Pierre se retire, *plutôt que de voir* Paul le surprendre.)

783 N. B. — Remplacement de diverses conjonctions par et que :

La substitution de et que à un second comme exprimant la comparaison est assez rare. On en trouve pourtant des exemples, qui suivent d'ailleurs une tradition de la langue classique :

« Dans vingt ans on parlera de Bécaud *comme* on parle aujourd'hui de Trenet *et que* l'on parlera encore demain de Piaf[1]. »

(*Noir et Blanc*, 30 mars 1962.)

UNE PROPOSITION RELATIVE

784 Les propositions relatives n'expriment pas, par elles-mêmes, la comparaison. Remarquons seulement un emploi du relatif après le même :

Voilà *le même* homme *qui* m'a déjà aidé **(voir n° 412).**

1. Mais, bien entendu, lorsque **comme** a un sens **causal,** la substitution est courante : Comme j'avais manqué mon train *et que* j'étais en retard, j'ai pris un taxi

COMPLÉMENTS DE MANIÈRE

785 **Les idées de comparaison et de manière peuvent s'associer :**
Jean-Jacques Rousseau vécut *comme un persécuté.*

Nous retrouverons donc, dans l'expression de la manière, des tours appartenant aussi à l'expression de la comparaison.

LE COMPLÉMENT DE MANIÈRE EST UN NOM OU UN PRONOM

Conjonctions à valeur de prépositions

Comme, ainsi que, de même que :
Il travaille *comme* son père, *ainsi que* moi.

Prépositions proprement dites

786 **À : Avec un adjectif qualificatif :** marcher *à pas lents*, dormir *à poings fermés*, voir *à grand-peine.*

Sans adjectif qualificatif : acheter *à crédit*, vendre *à perte*, décider à *ses risques et périls*, filer *à l'anglaise.*

Avec : appeler *avec* des gestes désespérés — répondre *avec* colère, avec *la* colère d'une femme indignée.

Dans : accepter *dans* un élan d'enthousiasme **(sens voisin de celui de cause)** — agir *dans* une bonne intention **(sens voisin de celui de but).**

De : boire *d'*un trait — interroger *d'*un air furieux — réussir *d'*un seul coup.

En : agir *en* secret — se déplacer *en* silence — marcher *en* ordre **et aussi, avec un attribut équivalant à un adverbe de manière (v. n° 140) :** se comporter *en honnête* homme.

Par : procéder *par* ordre (= **de façon ordonnée**).

Sans : parler *sans* gestes — répondre *sans* colère.

N. B. — Ces compléments peuvent accompagner un nom d'action :
Une *marche à* pas lents — une *réponse sans* colère — une *réussite d'*un seul coup — un *déplacement en* silence — une *attaque par* surprise.

LE COMPLÉMENT DE MANIÈRE EST UN ADVERBE

Il répond *mal* — Nous agissons *ainsi* — J'irai *volontiers* — *Comment* ferez-vous ? — Cela sent *bon*[1].

787 **Un très grand nombre d'adverbes dérivent d'adjectifs, au féminin desquels s'est ajouté le suffixe -ment (dérivé lui-même d'un nom latin féminin signifiant d'une manière...)** : lent : *lentement* — heureux : *heureusement*.

Mais les particularités sont nombreuses. On notera que :

Si l'adjectif se termine par -ai, -é, -i, -u, l'e féminin, peu audible, disparaît dans l'écriture : vrai : *vraiment* — poli : *poliment* — éperdu : *éperdument*.

Mais on écrit : gaiement **et** : assidûment, dûment, crûment, goulûment, **adverbes où l'allongement compensant la chute de l'***e* **se marque par un accent circonflexe.**

Si l'adjectif se termine par -ant ou -ent, il dérive d'un adjectif latin qui avait même forme au féminin qu'au masculin. D'où les adverbes savamm*ent* **(= savant -ment)** — prudemm*ent*, **etc.**
La finale de ces adverbes se prononce : -a-ment.

Quelques exceptions : adverbes plus récents (véhémentement) ou reformés sur des féminins distincts (fortement, grandement).
Les adverbes tirés de certains participes comme exagérément **ont servi de modèles à d'autres, tirés d'adjectifs dont le masculin est surtout en -e :** uniformément, énormément, intensément, **mais aussi :** obscurément, précisément, communément.
Pour les adjectifs employés comme adverbes de manière, voir n° 174.

Pour les expressions : *Votez* socialiste, *roulez* Azur, **voir n°s 174, 588 bis, 633 bis.**

LE COMPLÉMENT DE MANIÈRE EST UN GÉRONDIF OU UN INFINITIF

788 **a) gérondif :** Ne demande pas *en menaçant*.

Dans : Il l'a fait *à son corps défendant*, **le gérondif est employé avec à** = Il l'a fait *en se défendant*, malgré lui.

b) Sans + l'infinitif (qui s'oppose ici au gérondif de manière) : Demande *sans menacer*.

788 bis **La manière s'exprime aussi par le construction directe de certains compléments :** Il entre *le chapeau sur la tête* **(voir n° 219)** — J'irais *les yeux fermés*.

1. Au comparatif : cela sent *meilleur*.

LE COMPLÉMENT DE MANIÈRE EST UNE SUBORDONNÉE CONJONCTIONNELLE

En fait, il n'y a pas de vraies subordonnées de manière.

Mais l'idée de manière est parfois associée à celle de **comparaison** (voir n° **778**) :

Paul travaille *comme son père travaillait.*

789 Ou bien elle est parfois incluse dans une proposition exprimant la **conséquence** (v. n° **701**) :

Refusons, *de* (*telle*) *sorte qu*'ils soient contents de nous.

On trouve encore avec un sens contraire, **sans que...** :

Refusons *sans qu*'ils soient mécontents de nous.

Pour l'absence de ne : Sans que personne *soit mécontent...*, voir n° **810 bis**.

Ou, après une **principale négative**, **F.E.**, **que... ne...** (v. n° **704**) :

Il *n*'est *jamais* sorti *que* son fils *ne* l'ait accompagné (= sans que son fils l'ait accompagné).

COMPLÉMENTS DE MOYEN, D'INSTRUMENT

De la manière au moyen et à l'instrument, le rapport est très étroit. Nous allons donc retrouver certaines prépositions du chapitre précédent.

LE COMPLÉMENT DE MOYEN EST UN NOM OU UN PRONOM

790 **À** : démolir un mur *à* la pioche — frapper *à* coups redoublés — venir *à* bicyclette, *à* moto (**F.P. fam.** *en* bicyclette, *en* moto), *à* cheval, *à* âne (ou *sur* un âne), *à* dos de chameau.

Avec : creuser *avec* une pioche. (**Le contraire : sans** : creuser *sans* pioche.)

De : frapper *du* poing — menacer *de* mort.

En : voyager, se promener *en* voiture[1], *en* bateau, *en* avion, *en* chemin de fer — payer *en* billets, *en* or — venir *en* cinq jours — se rapprocher *en* deux bonds.

Par : voyager *par* bateau, *par* avion, *par* chemin de fer — payer *par* chèque — détruire *par* le fer et *par* le feu — commencer *par* des compliments, finir *par* des injures (**voir n° 793**).

Et la série des locutions prépositives :

A l'aide de, au moyen de (le complément est une chose) — avec l'aide de, par l'entremise de, par l'intermédiaire de (le complément est une personne) — grâce à (le complément est une personne ou une chose) :

Il pénétra dans la maison *au moyen d'*une fausse clef — *à l'aide d'*une... — *grâce à* une...
Par l'entremise de mon frère, vous obtiendrez facilement ce rendez-vous.

791 **Les noms d'action admettent également des compléments de moyen prépositionnels :**

Une promenade *à bicyclette, en voiture* — *un* déplacement *par chemin de fer* — *le* paiement *par chèque, en billets* — *la* destruction *par le feu* — *l'*entrée *à l'aide d'une fausse clef* — *un* accord *par l'entremise de mon frère.*

1. Ici, la notion de lieu, traduite en principe par **en**, s'est aujourd'hui effacée de la conscience du Français parlant pour ne laisser place qu'à celle de moyen de transport. On constatera d'ailleurs que si (le nom étant complété) l'article doit apparaître, **en** est remplacé par **dans** : venir *dans une voiture neuve, dans un avion spécialement affrété*

LE COMPLÉMENT DE MOYEN EST UN ADVERBE OU UNE LOCUTION ADVERBIALE

792 **Ainsi, de cette façon, par là, par ce moyen :**

J'ai violemment poussé la porte. *Ainsi*, j'ai pu ouvrir (v. n° **765**).

LE COMPLÉMENT DE MOYEN EST UN GÉRONDIF OU UN INFINITIF

793 a) **Un gérondif :** On s'instruit *en enseignant*.

b) **Un infinitif :** A *enseigner*, on s'instruit.

On voit ici la relation avec l'idée de cause.

A l'idée de moyen on peut rapporter les tours :

Il *commence par refuser*, il *finit par refuser*.

Mais les verbes commencer, finir tendent à prendre ici valeur d'auxiliaires (cf., avec un sens tout différent, commencer *à*, finir *de*, **n° 595).**

COMPLÉMENTS DE LIEU[1]

LE COMPLÉMENT DE LIEU EST UN NOM OU UN PRONOM

794 **Il s'exprime avec une des prépositions de lieu : dans, en, sur, sous, etc.**

Pierre est *dans sa chambre* — Tu as mis ton livre *sur le mien* — Nous sortons *de France*[2].

795 **N. B. — Le français emploie ces prépositions (sauf celles qui signifient séparation ou passage) aussi bien pour marquer a) l'accès à un lieu, que b) l'action ou l'état en ce lieu.**

a) *J'entre dans* ma chambre — **b)** *Je vais et viens dans* ma chambre.

a) *Place* le cahier *sous* le livre — **b)** Le cahier *est sous* le livre, etc.

LE COMPLÉMENT DE LIEU EST UN ADVERBE

796 **Ici, là, par ici — adverbes relatifs : où, d'où, etc. — interrogatifs : où? d'où? etc. — adverbes indéfinis : quelque part — nulle part — ailleurs — autre part.**

Ici désigne en principe un endroit **rapproché** de celui qui parle — **là**, un endroit **plus éloigné** — mais souvent, en **F.P.**, **là** est dit pour **ici** :

Où est cette aiguille? — *Là*, à mes pieds.

On emploie là-dessus, là-dedans, etc., pour signifier sur cela, dans cet objet... :

Mettez votre argent *là-dedans*.

797 **Adverbes de rappel (ou pronoms adverbiaux) : en et y. Ils représentent un lieu déjà exprimé :**

Londres, j'*y* suis; Paris, j'*en* viens.

UNE PROPOSITION RELATIVE

798 **Après un adverbe relatif (où, d'où, par où), avec ou sans antécédent :**

Je vais *là* où tu vas — Je vais *où* tu vas.

1. Pour la parenté entre les compléments de lieu et les compléments de temps, voir n° 652.
2. Pour l'emploi de *depuis*, voir n° 837, note

AUTRES COMPLÉMENTS CIRCONSTANCIELS

799 **Les compléments circonstanciels[1] sont d'une variété presque infinie. Ils comprennent tout ce qui précise les conditions particulières dans lesquelles a lieu une action.**

(On notera que les compléments circonstanciels sont moins souvent nécessaires à la structure de la phrase que les compléments d'objet.)

Peuvent être considérés comme des compléments circonstanciels :

Les compléments de prix
(apparentés aux compléments de moyen)

800 **Un nom :**

J'ai acheté, payé ce livre *dix francs* — Pour combien en voulez-vous? — Pour *deux francs.*

Un adverbe :

Cela ne coûte pas *cher.*

Les compléments de mesure

801 Ce sac pèse *cinquante kilos;* il pèse *lourd* — La table mesure *deux mètres sur quatre* — Le salon fait *soixante mètres carrés.*

N. B. — On voit que certains de ces compléments s'apparentent, par la structure, aux compléments d'objet directs.

Les compléments de différence

802 Mon fils est plus âgé *de* trois ans; ma fille est *un peu* plus jeune — plus jeune *de beaucoup* — Reculez *de* dix mètres — Vous l'emportez *de* trois longueurs — Ma montre avance *de* dix minutes — Il s'en faut *de* beaucoup.

1. Dont la plupart ont déja été étudiés à partir du n° 642

Les compléments de point de vue

803 En *matière de* géographie, je ne crains personne — *Au point de vue du* cœur, le mieux persiste — *Quant au* cœur, le mieux persiste.

N. B. — Du point de vue de tend à remplacer au point de vue (de), qui reste très vivant dans le F.P. : *Au point de vue des* poumons, ou même (moins bien) : *au point de vue* poumons.

Les compléments de destination, d'intérêt

804 Il travaille *pour* ses enfants.

LES MODALITÉS DE L'ÉNONCÉ

L'AFFIRMATION

805 On qualifie d'**affirmative** toute énonciation d'un fait sous une forme positive : Je viendrai.

L'affirmation se rencontre en particulier dans les réponses.

Alors elle s'exprime au moyen d'**adverbes** : Viendra-t-il ? — *Oui.*

Ou par une **phrase** : *Est-ce que ça se demande ?* (= bien sûr !)

Ou par l'**intonation** :

Comparez :

Il viendra (le ton de la dernière syllabe est descendant : **affirmation**)

et : *Il viendra ?* (le ton de la dernière syllabe est ascendant : **interrogation**)

ou : *Il viendra !* (le ton de la dernière syllabe est légèrement ascendant et porte un fort accent tonique : **exclamation**).

806 On peut distinguer plusieurs types d'affirmation, selon l'**intensité** de l'affirmation :

AFFIRMATION NORMALE

Pour **répondre** à une question : Viendrez-vous ? — *Oui.*

Pour répondre à une question négative : Tu ne viens pas ? — *Si*, mais *si*.

Pour **approuver** ce qui vient d'être dit : *Oui* (*entendu* — *d'accord*[1] — *bien* — *bon* — *soit*, etc.).

AFFIRMATION RENFORCÉE

807 Viendrez-vous ? — *Oui, oui* — *Mais oui !* — *Que oui !* — *Ça oui !* — *Certainement* — *Bien sûr !* — *Bien sûr que oui*[2] — *Naturellement !* — *Évidemment.*

Pour détruire un doute possible : *Parfaitement !* ou encore : *Ça ne se demande pas* — *Ça va sans dire* — *Ça va de soi* — *Quelle question !* — *Dame !* — *Tiens !* (tonalité grave).

Pour marquer qu'on approuve une affirmation : *Oh ! ça...*

Pour marquer la coincidence : *Justement !* — *Précisément !*

L'affirmation-réponse peut encore s'exprimer avec fermeté par la **répétition**, sous forme affirmative, de la phrase interrogative :

Vous viendrez ? — *Je viendrai.*

1. On notera la multiplication parfois abusive de « *d'accord* et : *exactement*, pour dire « oui », et de : *bien sûr !* pour dire : bien entendu : « Son père qui, bien sûr, l'aime. »
2. Et, de même : Mais si ! — Que si ! — Bien sûr que si !

Une double négation peut équivaloir à une affirmation renforcée : Il *ne* peut pas *ne* pas venir — Je *ne* peux *m'empêcher* de rire — Vous *n'*êtes *pas sans* savoir que..., vous *n'ignorez* pas que... (= **vous savez sûrement que...**) — **et, en F.E. :** Il *ne* se peut pas qu'elle *ne* vienne — « Toute puissance nouvelle *ne* peut qu'elle *ne* complique notre morale » (J. Rostand, *Ce que je crois*).

On rapprochera :

« Il *n'*y eut pas jusqu'aux Augustins qui *ne* se relevèrent » (Daniel-Rops, *La Réforme catholique*).

On notera le tour du F.E. :

Ces faits *ne laissent pas* d'être inquiétants (ou que d'être...) = **sont assurément inquiétants, voir n° 595.**

Même que (F.P. pop.) introduit un fait qui appuie une affirmation : J'y avais pensé, *même que* j'avais fait un nœud à mon mouchoir.

AFFIRMATION ATTÉNUÉE

808 *Sans doute, probablement, vraisemblablement, il y a des chances* — *Je crois* que oui — *Il paraît* qu'il viendra... — *On dit* qu'il viendra — *Le bruit court* qu'il viendra — Il viendra, *à ce qu'il paraît, paraît-il* — Il ne viendra pas, *que je sache* **(voir n° 522) et, avec une probabilité moindre :** peut-être (peut-être *viendra-t*-il — **F.P. :** peut-être qu'il *viendra*).

On atténue encore une affirmation par : *presque, pour ainsi dire, autant dire, à peu près, peu s'en faut, quasi* (**F.P. pop. :** *quasiment*). « La rébellion est, *autant dire*, vaincue. » (*Le Monde*, 28 septembre 1966.)

Si l'affirmation ou l'approbation sont nuancées d'un regret partagé avec l'interlocuteur : « Que voulez-vous ? »

Sauf que, si ce n'est que introduisent un fait qui restreint l'affirmation : Nous sommes d'accord, *sauf que* j'exige des arrhes.

(Pour l'affirmation restreinte avec ne... que... : Il *ne* lit *que* des romans, il *ne fait que de* sortir, **voir n° 813.)**

LA NÉGATION

MOYENS D'EXPRESSION

809 **Ne... pas — ne... point (plus rare en F.P., et plus énergique) — ne... guère (= ne... pas beaucoup) — ne... plus[1] — ne... jamais[2] — ne... personne, etc.**

Modes personnels et participe

Aux temps simples des modes autres que l'infinitif, le verbe (précédé ou non d'un pronom personnal atone) se place entre le 1er et le 2e termes de la négation (pour personne et rien, voir n° 390) :

Nous *ne* le savons *pas* — Nous *ne* savons *rien* — Il *ne* veut *plus*.
Je *ne* vois *personne* — Je *ne* sais *rien* — *Ne* sachant *rien*.

Aux temps composés, c'est l'auxiliaire qui, généralement, se place entre les deux termes :

Il *n'a pas* voulu — Il *n'a rien* vu — **Mais avec personne, aucun, nul :** il *n'a* vu *personne* (*aucun* homme).

Infinitif

809 bis **A l'infinitif présent, les deux termes de la négation précèdent le verbe :**

L'idée de *ne pas* venir — *Ne pas* le récompenser serait une injustice — Pour *ne rien* dire des autres...

Mais avec personne, aucun, nul : Pour *ne* voir *personne*, il reste chez lui.

Remarquons que le F.E. place quelquefois, avec une certaine affectation, l'infinitif entre les deux termes négatifs, à l'exemple de l'ancienne langue :

« L'art de dire et de *ne* dire *pas* » (La Fontaine).

A l'infinitif passé, le F.E. suit les règles des temps composés de l'indicatif (voir n° 809) :

Pour *n'*avoir *pas* fait sa tâche — Pour *n'*avoir *jamais* dit... — *N'*être *jamais* descendu — **et :** Pour *n'*avoir vu *personne*...

Le F.P. tend à bloquer les deux termes négatifs : Pour *ne pas* avoir fait... **Mais il dit toujours :** *N'*avoir vu *personne*... *aucun*... *nul*...

1. Au sens de *désormais ne... pas*. — On distinguait naguère dans la prononciation : il *n'a plus* d'argent (plus = long) — et : il a *plus* d'argent (plus = bref). Aujourd'hui, la différence tend à se marquer par un « S » non articulé (il n'a plu(s) d'argent) ou articulé, surtout en fin de phrase (il en a plus).
2. L'expression **ne... goutte** ne s'emploie plus que dans : *n'entendre goutte, n'y entendre goutte* (= n'y rien comprendre), *n'y voir goutte*.

Emplois de ne[1]

810 **On n'emploie pas ne tout seul sauf :**

dans certaines expressions plus ou moins figées : Je *ne* sais — Je *ne* puis — Il *n'*ose — Si je *ne* me trompe — Si ce *n'*est — Il y a dix jours que je *ne* l'ai vu — **Obligatoirement dans :** *N'*importe — *N'*empêche que **(F.P. fam.)** — On *ne* saurait (dire).

souvent avec l'adjectif et le pronom interrogatifs : Qui *ne* serait ému? quel homme *ne* serait ému? que *ne* donnerait-on pour...? — Que *ne* le disiez-vous? **(= pourquoi?).**

Pour la coordination avec ni — voir n° 812.

Pour le ne dit « explétif », voir les paragraphes :

n° 638 : Je *crains* qu'il *ne* vienne — J'*empêche* qu'il *ne* vienne — J'*évite* qu'il *ne* vienne — Je *ne doute pas* qu'il *ne* vienne.

(N. B. — Je crains qu'il *ne* vienne (je crains *sa venue*) **a pour contraire :** Je crains qu'il *ne* vienne *pas*).

n° 670 Cueillez quelques fleurs *avant qu'*il *ne* fasse nuit.

n° 684 bis Il y a trois jours que je *ne* l'ai vu.

n° 715 *De peur que* vous *ne* manquiez l'avion... — *Pour éviter que... ne* — *Pour empêcher que... ne.*

n° 748 ... *à moins qu'*il *ne* soit...

n° 782 La vie est *plus chère qu'*elle *n'*était il y a un an — La vie est *autre qu'*elle *n'*était il y a cent ans — ... *plutôt que* Paul *ne* le surprenne.

Après sans qua, ne est, en principe, à exclure : Il entre *sans qu'on l'annonce* — **Mais le conscience qu'ont les Français d'une négation (portant ici sur le verbe** *annoncer***) fait que ne, avec sans que, est aujourd'hui abondamment répandu, surtout si eans que est suivi d'un mot généralement négatif :**

« Elle entrait au salon *sans qu'aucun* craquement *n'*eût annoncé sa venue » (F. Mauriac, *La Pharisienne*[2])...

ou construit evec una principale négative :

« *Jamais* Liane et Robert *ne* sont descendus dans un village de la vallée... sans qu'un notable *ne* s'avance à leur rencontre. » (Marc Blancpain, *Les demoiselles de Flanfolie*[3]) **[Voir n° 789].**

Emplois particuliers des négations autres que « ne »

810 bis **Les indéfinia paraonne, rien, aucun, nul — et les edverbes jamais, aucunement, nullement, nulle part sont, en principe, eccompagnés de ne placé devant le verbe ou la pronom atone :**

Personne *ne* vous aidera — Je *ne* l'ai rencontré nulle part.

1. Dans le **F.P. fam.** *ne* disparaît souvent : J'l'ai pas vu, j'ai pas dit.
2. Cité par R. Le Bidois (*Le Monde*, 26-11-58).
3. Cité par H. Glättli (article de *Vox Romanica*).

Mais, à l'exception du pronom nul, ils peuvent porter à eux seuls toute la négation (sans ne) :

Je veux tout ou *rien* — Agissons maintenant ou *jamais* — Ce sera ici ou *nulle part* — C'est un homme *de rien* — Nous sommes faits de *rien* — *Nullement* inquiet, il garde le sourire — « Vu de *personne* » (Victor Hugo) — « Attendant tout le monde et *personne* » (H. Bazin, *Au nom du fils*) — « Et je voyais, *nulle part*, un grand barbu en loques se promener dans un enclos. » (J-P. Sartre, *Les Mots*). **Ici, *nulle part* constitue une sorte de parenthèse à** : je voyais — **Dans les réponses** : Quels amis as-tu rencontrés? — *Aucun*.

N. B. 1 — A l'origine, personne, rien, aucun, jamais sont des termes affirmatifs (= quelqu'un, quelque chose, quelque, un jour). D'où leur emploi, encore aujourd'hui, dans un sens affirmatif; emploi qui, bien entendu, exclut ne.

- **Subordonnées de condition** : Si *jamais* tu me trahis...
- **Second terme de comparaison** :
  Il connaît son métier mieux que *personne*.
- **Interrogation** : A-t-on *rien* vu de plus étrange?

De là, précisément, l'emploi de sans avec les mêmes termes affirmatifs pour constituer une expression négative :

Venir *sans rien* dans les poches, *sans aucun* bagage.

Et, par extension : *Sans nulle* crainte.

N. B. 2 — Le Français éprouve si vivement le besoin d'exprimer toute idée négative, même implicite, qu'il écrira, et dira, par exemple :

« *Moins que jamais* ces pays *ne* sont prêts à renoncer à une intégration nucléaire » (*Le Monde*, 30 mars 1965),

ce qui, en analyse littérale, est peu correct, mais, du point de vue du génie de la langue, s'explique aussi bien que : Il mange moins qu'il *ne* boit[1].

810 ter **Pas, point, plus, jamais s'emploient souvent seuls, surtout en F. P. :**

Non, *pas* toi — *Pas* vu, *pas* pris — *Plus* un *sou*! — Poussez *pas*!

Et, à cause de leur brièveté expressive, dans les proverbes :

Jamais deux sans trois — *Point* de roses sans épines.

Emploi de non

811 **La négation simple non s'emploie comme une sorte de préfixe : devant :**

- **un adjectif et surtout un participe :**
  Une lettre *non reçue* peut avoir de graves conséquences.

1 L'expression *rien moins que* signifie, au sens strict : *nullement* : C'est un homme *rien moins que* prudent (= nullement prudent : il n'est *aucune* qualité qu'il possède *moins* que la prudence) — *Rien de moins* s'emploie avec le sens opposé (affirmatif) : Qu'as-tu reçu? *Rien de moins que* des injures. Mais, en fait, beaucoup d'écrivains, parmi les meilleurs, confondent les deux tours

• **un adverbe :** Ma maison est *non loin* de la vôtre.
(**Dans ces deux cas le F.P. fam. emploie pas :**
Une lettre *pas* reçue... — ...*pas* loin de la vôtre).
• **ou un nom :**
Cet homme est une *non-valeur* — Vous commettez un *non-sens* — En cas de *non-exécution*...
Ce tour se répand de plus en plus, au détriment du préfixe in- (inexécution[1]).

Non s'emploie encore dans des tours marquant l'opposition :
Il faut manger pour vivre *et non* vivre pour manger (**on dit aussi :** ...*et non pas* vivre, **comme Molière lui-même**).
De là l'emploi de non dans : non seulement (des hommes) mais aussi, mais encore (des femmes).
• **Devant pas et plus, au sens de : désormais... ne... pas (l's de plus n'est pas articulé) :**
On entendait *non pas* (*non plus*) des appels *mais* des gémissements.

• **Dans non plus (s non articulé) au sens de pareillement, en coordination avec une première phrase négative :**
Jean ne viendra pas, Paul *non plus*.

• **Dans non plus que (s non articulé) au sens de : ne pas... plus que :**
La force n'est pas de mise ici, *non plus* que la menace (**le tour appartient surtout au F.E. ; le F.P. dit plutôt** *pas plus que*).
• **Dans non que (suivi du subjonctif), pour exprimer une cause non retenue (v. n° 694).**

• **Après ou, en opposition à une affirmation :**
Battu *ou non* aux élections, je ne renoncerai pas à la politique — Il acceptera, *ou non* — Viendra-t-il, *ou non?* — Qu'il accepte *ou non*... — **le F.P. dit souvent,** battu *ou pas*... qu'il accepte *ou pas*...
• **Enfin dans les réponse négatives (v. n° 816).**

Emploi de ni

812 La difficulté tient à l'emploi, ou non, de ne.

La négation porte
a) **sur le verbe :** Il ne boit *ni ne* mange — **Parfois :** Il ne boit pas, *ni ne* mange. Il reste assis, ne buvant *ni ne* mangeant.
Mais avec sans : Rester sans boire *ni* manger.

Sous la forme ni... ni... (avec un mode personnel) :
« Un de Gaulle *ni ne* s'en indigne, *ni ne* le déplore » (F. Mauriac, *De Gaulle*).

1. On ferait la même remarque à propos des adjectifs : **faisable** a pour négatif **infaisable.** Mais J.-P. Sartre a préféré **non récupérable** à **irrécupérable** dans *Les Mains sales*

b) sur le sujet :

Ni le vent *ni* la pluie *ne* m'arrêtent **(ou, plus rare, mais plus expressif**[1] : *Ni* vent *ni* pluie...).

c) sur l'attribut du sujet :

Il *n*'est *ni* gras *ni* maigre — Comment est-il ? — *Ni* gras *ni* maigre.

d) sur l'épithète :

Un homme *ni* gras *ni* maigre.

e) sur un participe :

Voilà une lettre *ni* signée *ni* datée **(surtout F.P. fam.** — Dites plutôt : Une lettre *qui n'est* ni signée ni datée).

f) sur l'objet :

Je *n*'aime *ni* les romans *ni* les poèmes — Je *ne* bois *ni* vin *ni* bière.

g) sur un complément circonstanciel :

Elle *ne* voyage *ni* en auto *ni* en avion.

N. B. — Des tours comme : Il *ne* craint *pas* la pluie, *ni* le vent, **qui détachent le deuxième membre de phrase, appartiennent plutôt au F.P. — On en rapprochera celui-ci :**

Tu n'as pas entendu, *ni* moi **(= moi non plus).**

Emploi de ne ... que

813 **Ne... que, encadrant le verbe, exprime une affirmation restreinte qui équivaut à : seulement — Que est suivi du terme sur lequel porte la restriction :**

Nous *ne* mangeons *que* des *légumes* — Il *n*'est *que* l'*employé*.

Il n'y a pas que, je n'ai pas que au sens de : il n'y a *pas seulement*, je n'ai *pas seulement*, **sont très vivants en F.P. et en F.E., et justifiés par le fait que la particule que a pris, à elle seule, le sens de seulement. On dit même (F.P. pop.) :**

Qu'est-ce que j'ai eu ? *Que* des coups.

- Il *ne fait que sortir*, il ne fait que *de* sortir.

On distinguait autrefois la première expression comme signifiant : il sort *sans cesse* (il *ne* fait *que* cela) **et la seconde :** il *vient seulement* de sortir. **Aujourd'hui le premier sens est souvent attribué aux deux expressions. Mais il semble que le second sens ne convienne qu'à la deuxième.**

Ce n'est *jamais* que du carton **signifie : ce n'est jamais autre chose que du carton ; c'est du carton, tout simplement.**

814 **Ne... pas même — Cette expression peut recevoir les constructions les plus diverses. Elle porte :**

a) sur le verbe :

Il est accablé ; il *ne* mange *même pas*.

1. Plus rarement encore **(F.E.)** *ni* disparaît devant le premier terme : « *Père* ni mère il n'a connu » (A. Le Braz, *La chanson de Bretagne*).

b) sur le sujet :

Pas même la lecture *ne* le distrait (**ou** : *Même* la lecture *ne* le distrait *pas*).

c) sur l'attribut du sujet :

Il *n'*est *même pas* résigné **ou** : Il *n'*est *pas même* résigné[1].

d) sur l'épithète :

Un pardessus, *pas même* assez grand pour moi (*même pas* assez grand).

e) sur l'objet :

Il *ne* lit *même pas* de romans (même pas *des* romans).

f) sur le complément circonstanciel :

Je *ne* voyage *même pas* en auto.

POUR RÉPONDRE NÉGATIVEMENT

815 **On dit : Non — ou : Merci (Voulez-vous du thé? — Merci).**

Négation renforcée :

Non, non — Mais non — Certainement non — Certainement pas — Bien sûr que non — Oh! que non — Nullement — Pas du tout (**qui tend à être remplacé par** absolument pas) — Jamais de la vie! — Pas le moins du monde! — Quelle question! — Merci bien!

Appartiennent plutôt au F.E. : *Non pas, non point.*

Négation atténuée :

Non, sans doute — Sans doute que non — Probablement pas — Il y a peu de chances — Je crois que non.

Guère s'emploie parfois, dans une réponse, avec le sens de : pas beaucoup :

Vous écrit-il? — *guère.*

816 **Pour constituer une réponse négative, les pronoms ou adverbes personne, aucun, rien, jamais, nulle part sont employés sans l'adjonction de ne :**

Qui frappe? *Personne* — Où est-il? *Nulle part.*

1. Une expression comme *Il n'est pas même content* signifie aussi en **F.P.** : *Et même,* il n'est pas content.

L'INTERROGATION

L'INTERROGATION PORTE SUR L'ACTION OU L'ÉTAT — la réponse est oui ou non

817 **I. Interrogation directe, c'est-à-dire exprimée par une proposition indépendante ou principale :**

Avec inversion du sujet[1] :

Viens-tu ? — Pierre vient-*il ?* **(prononcé** *vien ti* -[vjɛ̃tɪ]) **(v. n° 617).**

Ce t-il a donné naissance, depuis longtemps, à la particule ti du F.P. pop. et du langage enfantin : j'peux-ti venir ?

Sans inversion du sujet, surtout F.P. :

Est-ce que tu viens ? — *Tu viens ?* **(avec plus d'insistance, ou lorsqu'on s'attend à un « oui »).**

Interrogation et négation :

Ne viens-tu *pas ?* — *Est-ce que* tu *ne* viens *pas ?* **(espoir d'un « oui »)**

— Tu *ne* viens *pas ?* **(étonnement et attente d'un « non »).**

Interrogation double :

Viens-tu *ou* ne viens-tu pas ? — Est-ce que tu viens, *ou non ?* — Tu viens, *oui* ou *non ?* **(plus impatient) — F.P. pop. : déjà dans le F.E. classique :** Est-il fou *ou si* c'est moi qui rêve ?

Pour souligner l'impatience :

Tu viens, *oui ?* **et plus souvent :**

Tu viens, *non ?*

Comme pour éliminer une objection possible :

Celle-là est bien bonne. *Non ?*

Le sens est proche de n'est-ce pas ? Mais le tour appartient au F.P.[2]

Non ? s'emploie aussi, sous forme de fausse question, pour exprimer l'incrédulité ou la surprise :

Tu sais, je suis reçu — *Non ?* **(= Pas possible ?)**

817 bis **II. Interrogation indirecte, c'est-à-dire exprimée par une subordonnée ; le terme introductif est si (voir n°s 617 bis et 641).**

1 Pour les inversions du sujet, voir n°s 617 et 617 bis

2 « Non ? » est fréquent dans le roman d'aujourd'hui, pour renforcer l'affirmation : « Huit jours là-bas, tous les deux, ce serait passionnant, *non ?* » (H. Troyat, *Une extrême amitié.*)

L'INTERROGATION PORTE SUR LES MODALITÉS DE L'ACTION

818 **On emploie des adverbes :**

• De temps :

Interrogation directe :

Quand pars-*tu?* — *Jusqu'à quand* resteras-*tu?* — *Depuis quand* es-*tu* arrivé? **etc.** — *Quand* Pierre part-*il?*
Quand partira *Pierre?* **(tour employé surtout si le verbe n'a pas d'autre complément)** — *Quand est-ce que* tu pars? — *Quand est-ce que* Pierre part? — **F.P. fam.** : Tu pars *quand?*

Interrogation indirecte :

Dis-moi quand tu pars... *quand* Pierre partira... *quand* partira Pierre — **F.P. fam.** : ...*quand est-ce que* Pierre partira.

• De lieu :

Interrogation directe :

Où vas-*tu?* — *D'où* viens-*tu?* **etc.** — *Où* Pierre va-t-*il?* — *Où* va *Pierre?* **(le nom peut être postposé, si le verbe n'a pas de complément d'objet)** — *Où est-ce que* tu vas? *Où est-ce que* Pierre va? — **F.P. pop.** : Où *tu vas?* — **F.P. fam.** : *Tu* vas *où?*

Interrogation indirecte :

Dis-moi où tu vas... *où* Pierre va (*où* va Pierre) — **F.P. fam.** : Dis-moi *où est-ce que* Pierre va.

• De manière :

Interrogation directe :

Comment a-t-*il* réagi? — *Comment* Pierre a-t-*il* réagi? — *Comment* a réagi *Pierre?* — *Comment est-ce qu'*il a réagi? — **F.P. pop.** : Comment *il a réagi?* — **F.P. fam.** : Il a réagi *comment?*

Interrogation indirecte :

Dis-moi comment il a réagi — ... *comment* Pierre a réagi. ... *Comment* a réagi *Pierre* — **F.P. fam.** : Dis-moi *comment est-ce qu'*il a réagi. **Avec** comme **(F.E. F.P.)** : Montre-lui *comme* il faut s'y prendre — **(Comme s'emploie aussi pour exprimer l'exclamation : voir n°s 609 et 821).**

• De cause :

Interrogation directe :

Pourquoi fais-*tu* cela? *Pourquoi* Pierre fait-*il* cela? *Pourquoi est-ce que* tu fais cela? — **F.P. pop.** : Pourquoi *tu fais* ça? — **F.P. fam.** : Tu fais ça *pourquoi?* — **Avec une négation, en F.E. et seulement pour l'interrogation directe :** *Que* ne vient-il pas? *Que* ne vient-il?

Interrogation indirecte :

Dis-moi pourquoi tu viens... *pourquoi* Pierre vient **(l'inversion est impossible)** — **F.P. fam.** : Dis-moi *pourquoi est-ce que* Pierre vient.

819 **N. B. — Pour interroger sur le but, on emploie :**

Pourquoi? — Dans quelle intention? — *Dans* quel *but*[1] *?* **Plus rarement, F.E. :** A quelle *fin?*

sur la conséquence :

Quel a été le *résultat? — Et alors..? — De sorte que?...*

sur la condition :

A quelle *condition?* — **Plus rarement :** *Sous* quelle *condition?* (*Dans* quelles *conditions?* **interroge sur les circonstances générales de l'action, non sur la condition mise à une action.)**

L'INTERROGATION PORTE SUR L'IDENTITÉ OU LA QUALITÉ DU SUJET, DU COMPLÉMENT

820 *Qui* a fait cela? *Qui* vois-tu? *Quel* livre choisis-tu? *Que* veut Pierre? **ou :** *Qu'est-ce que veut* Pierre? *Qu'est-ce que* Pierre *veut?*

(Jamais que, objet ou attribut, n'amène l'inversion complexe du sujet :

Que veut Pierre? — *Que devient* Pierre?)

(Voir les adjectifs-pronoms interrogatifs n°s 344 à 359 ter.)

On notera en F.P. pop. la préférence, ici encore, pour les phrases sans inversion :

Il a vu *qui?* Il vient pour dire *quoi?*

Pour l'interrogation indirecte, v. n° 641.

REMARQUE. — **Il faut noter, en F. P., une tendance du locuteur à souligner l'idée d'interrogation par une inversion — superflue — du pronom sujet, après est-ce que :**

« *Est-ce que* demain les sauveteurs pourront-*ils* s'approcher des alpinistes en détresse? »

(Télévision, 24 février 1971).

Ce tour apparaît au moins comme une négligence. En F.E., il serait incorrect. (A rapprocher de : *lequel* viendra-t-*il?*, **v. n°s 344, 353 note 2 et 357).**

1. Voir n° 712, note.

L'EXCLAMATION

MOYENS D'EXPRESSION

821 **L'exclamation se traduit soit par une simple intonation marquée dans l'écriture par le point d'exclamation, soit par un terme exclamatif :**

Il refuse! — *Voir Naples et mourir!* — *Si* j'avais su! — *C'est là que vous avez vécu!* — *Comme* il tremble! (**F.P. fam.** : *Ce qu'*il tremble!) — *Qu'*il est cruel! — Il tremble *tant!* (*tellement!* **etc.**) — **F.P. pop.** : *Qu'est-ce qu'il y a comme* monde! — *Que voilà* de belles paroles! — *Voilà-t-il pas* de belles paroles[1]! (**pron.** *voilatipa*) — *Est-il* intelligent[1]! (**pron.** *éti*).

822 **Au moyen d'adjectifs déterminatifs :**

Quel homme[1]! (**voir n° 345**) — *Quelle* fut sa colère! — **F.E.** : *Quelle ne* fut *pas* sa colère! — « *Cette* petite crapule, dit-elle lentement. » (S. de Beauvoir, *L'Invitée*.)

822 bis **Tout mot, à la rigueur, peut être employé comme exclamation :**

Courage! — Jamais! — Il vient sans moi... *Sans!* — Voilà le manteau... *Le!* Il n'y en a donc pas d'autres?

Certaines exclamations brèves, parfois faites d'un simple cri, sont destinées à mettre en relief un sentiment ou un geste. On en fait parfois une classe grammaticale, celle des interjections.
Les principales traduisent :

L'admiration : *Oh!* que c'est beau! — *Oh! là là!* — *Ah!* que c'est beau!
F.P. pop. : *Pardon!* **ou** : *Chapeau!* — « Ça rate souvent, mais quand ça touche, *pardon!* » (*Le Monde*, 4 août 1966).
Noter aussi l'ancien subjonctif *vive* **devenu interjection** : *Vive* la République[2]!
L'appel : Hé! — Hé là-bas! — Hep! — Psst! — Attention! — Gare!
L'approbation : Bon! — Bien! — Bravo! — Parfait! — Tant mieux! Ça va!
L'arrêt : Halte! — Stop!
Le choc : Paf! — **F.P.** : Bing! — Vlan!
La chute : Paf! — Patatras!

1. Le rapport est étroit, nous l'avons vu, entre l'**exclamation** et l'**interrogation** — Par exemple encore : « *Y a-t-il* des gens qui sont canailles! » (Maupassant, *Le crime du père Boniface*)
2. En bonne langue on doit écrire (avec l'accord de l'ancien verbe) : « *Vivent* les vacances! » Mais *vive* tend à rester invariable. On a même entendu : « Vive *vous-même*, Monseigneur! » (De Gaulle, *discours* du 31 août 1966) — La question exclamative d'une sentinelle : *Qui vive?* pour réclamer le mot de passe, est équivalente à : « *Vive qui?* »

Le bruit d'un déchirement : Crac!
Le dégoût : Pouah! (Fi! **très rare**).
La douleur : Ah! — Oh! — Aïe (Ouille!) — Hélas!
L'encouregement : Va! Allez! Allons!
L'étonnement : Ah! — Comment! — Tiens! — Ah! ça! — **F.P. fam.** : Ça, alors! — **F.P. vulg.** : Mince alors! — Sans blague! **etc.**
L'explosion : Boum! — Bang! **(avion supersonique).**
L'hésitation : Euh! — Hmm! — Bouh!
L'impatience : Allons bon! — Encore! — Et après! — **F.P. pop.** : Oh! ça va!
L'indignation : Oh!
Le mépris : Bah! — Pff! — Ah! là là!
L'opposition : Non, mais! — Non mais, dites donc! — Qu'est-ce que tu crois!
Le regret : Ah!
La résignation : Bah! — Tant pis!
Le souhait : Espérons!
Le soulagement : Ouf! — Enfin! — Ah! enfin!
N.B. — Pour : quoi exclamatif, v. n° 358.

LE DOUTE, LA POSSIBILITÉ, L'ÉVENTUALITÉ

MOYENS D'EXPRESSION

823 **Le doute et le simple possibilité s'expriment essentiellement par l'edverbe peut-être[1] :**

Il viendra *peut-être* **(F.E. F.P.)** — *Peut-être* viendra-t-*il* **(plutôt F.E.)** — *Peut-être qu'*il viendra **(F.P.)** — *Peut-être il* viendra **(F.P.).**

On peut encore exprimer le doute par de courtes propoaitions indépendantes :

Viendra-t-il? *C'est possible — Je ne sais pas.*

Ou, avec un sens de doute plus accusé :

J'en doute — C'est douteux — C'est très douteux.

Qui sait? **s'emploie généralement associé à** *peut-être* :

Il viendra *peut-être : qui sait?*

L'objet du doute peut aussi être exprimé dans une subordonnée :

Je ne sais *s'il viendra* — Qui sait *s'il viendra?* — Il n'est pas sûr *qu'il vienne* (*viendra*) — Peut-on dire *qu'il viendra?* — Il y a peu de chances (*pour*) *qu'il vienne.*

N. B. — Les formes verbales de l'éventuel sont : le futur (n°s 483 et suiv.), le conditionnel (n°s 514 et suiv.) — Voir aussi l'expression de la supposition (n°s 738 et suiv.)

1. Le **F.P.** pop. remplace souvent **peut-être** par : **Si ça se trouve** placé en tête de la phrase : *Si ça se trouve,* il est déjà parti

LE SOUHAIT, LE REGRET

MOYENS D'EXPRESSION

824 **Propositions indépendantes**

Un subjonctif (v. n° 522)

Souhait : Oh! *qu'il vienne bien vite!* **(F.E.-F.P.)**
Puisse-t-il réussir! **(F.E).**

Ragret : Plût au Ciel *qu'il eût réussi!* **(F.E.).**
Que n'ai-je la foi des premiers âges! **(v. n°s 354, 818).**

- **Si + imparfait ou plus-que-parfait de l'indicatif.**

Souhait : *S'il pouvait* réussir! — *Si seulement il réussissait!* **(souhait d'une réalisation plus douteuse).**

Regret : Ah! *s'il avait pu* réussir! — *Si seulement il avait pu* essayer! **ou** : *Si encore il avait pu* essayer! **(sorte de concession).**

- **Pourvu que + subjonctif**

Souhait : *Pourvu qu'il réussisse!* — **Quelquefois** : *pourvu...* **tout seul** : Il réussira peut-être — *Oui, pourvu...*

Un conditionnel

Souhait : *Je recevrais volontiers* ce prix (*J'aimerais* recevoir...).

Regret : *J'aurais volontiers reçu* ce prix (*J'aurais aimé* recevoir...).

Un infinitif

Souhait : *Voir* Naples et *mourir!*

Regret : *Mourir* sans avoir vu Naples!

Phrases contenant des subordonnées d'objet

824 bis **Souhait** : Je souhaite, je voudrais bien *qu'il vienne.*

Regret : Je regrette *qu'il soit venu.*

Emploi d'un nom

825 **Souhait** :

« Oh! seulement *un peu d'espoir!* et je garde la force de vivre.... »
— *Bon voyage!*

Souhait accompagné d'un choix :

Plutôt la mort qu'une victoire douteuse!

L'ORDRE, LA DÉFENSE

MOYENS D'EXPRESSION

826 **De l'ordre formel, ou de la défense absolue, à la simple invitation, il y a toutes sortes de nuances souvent marquées seulement par le ton. Mais les moyens d'expression se remènent essentiellement à ceux-ci :**

Verbe d'ordre (ou de défense) suivi de son complément d'objet :

ORDRE	DÉFENSE
Je vous ordonne de partir.	*Je vous défends* de partir.
J'ordonne que vous partiez.	*Je défends que* vous partiez.

Ordre et défense atténués :

Je vous *invite* à partir.	Je vous *invite à ne pas* partir.

Avec un nom complément :

J'ordonne votre *départ*.	J'interdis votre *départ*.

827 **Impératif et subjonctif :**

Sortez!	*Ne répliquez pas!*
Qu'il sorte!	*Qu'il ne réplique pas!*

Ordre et défense atténués :

Sortez, *s'il vous plaît* (*je vous en prie*[1]).	Ne sortez pas, *je vous en prie*.

828 **Futur ou présent de l'indicatif :**

Toi, *tu te tairas* (*tu vas te taire*).	Toi, *tu ne diras rien*.
Toi, *tu te tais*.	Toi, *tu ne dis rien*.

A la forme interrogative :

Te *tairas-tu?*
Vas-tu te taire?

Ordre et défense très atténués (= conseils) :

Vous prenez la première rue à droite (vous *prendrez*).	*Vous n'allez pas* jusqu'à l'église (vous *n'irez pas*...).
Vous faites cuire à feu doux (vous *ferez* cuire).	*Vous ne laissez pas bouillir* (vous *ne laisserez pas* bouillir).

1 *Je vous en prie* est généralement une invitation déférente — *Je vous prie* implique le plus souvent l'ordre formel.

829 Infinitif présent (prescriptions de portée générale) :

Prescriptions administratives :

S'adresser au guichet 12. — *Prière de ne pas fumer.*

Prescriptions médicales :

Prendre 2 à 3 comprimés par jour. — *Ne pas dépasser* la dose prescrite.

Recettes de cuisine :

Faire cuire à feu doux. — *Ne pas laisser* bouillir.

Modes d'emploi :

Déchirer suivant le pointillé. — *Ne pas exposer* à l'humidité.

L'ordre et la défense peuvent encore prendre toutes sortes de formes, qui sont affaire de style plus que de grammaire :

Veuillez sortir — *Vous pouvez* vous retirer — *Je ne vous retiens pas*, etc.

LES MOTS INVARIABLES

LES ADVERBES

830 On désigne sous le nom d'adverbes des termes invariables, **simples** ou **composés (locutions** adverbiales), de valeur très diverse, mais qui ont ceci de commun qu'ils affectent d'une **modalité** : soit le **verbe** (qu'ils qualifient en quelque sorte) : travailler *courageusement* — soit l'**adjectif** : *étonnamment* généreux — soit l'**adverbe** lui-même : *plus* loin.

N. B. — L'adjectif invariable peut être employé comme adverbe (v. n° 174).

Les divers types d'adverbes ont été étudiés à l'occasion de leur emploi, et selon qu'ils expriment :
le temps, la manière, le lieu, l'affirmation, la négation, l'interrogation, le doute.

N. B. — La **négation** et l'**interrogation** peuvent affecter en particulier les adverbes de **manière** (*nullement* — *comment*?), de **lieu** (*nulle part* — *où*?), de **temps** (*jamais* — *quand*?).

831 On mettra à part les adverbes de **quantité**, qui sont plutôt des marques du **degré** (v. n°s 205 et suivants) et prennent parfois une valeur de **nom** ou d'**adjectif** :

Peu sont venus — Ils sont *beaucoup*.

832 On notera qu'il y a des **degrés (comparatifs, superlatifs)** dans les adverbes, comme dans les adjectifs :

Pour les adverbes de **manière** (voir 210 bis) : *plus* doucement (le comparatif de bien est *mieux*). Mal a deux comparatifs : *plus mal* — et *pis* qui ne s'emploie que dans certaines expressions :

Aller *de mal en pis* — *au pis*-aller — tant *pis!*

Pour quelques adverbes d'**affirmation** :

Il viendra *plus* probablement (*très* probablement) demain.

Pour quelques adverbes de **quantité** :

Très peu — *très* suffisamment — *bien* assez.

PLACE DES ADVERBES

833 Il est difficile d'énoncer ici des règles absolues. Mais on pourra noter que, d'une manière générale (et à part les adverbes d'**interrogation** ainsi que : **ne, ni**), l'adverbe se place après le verbe aux modes personnels :

Nous marchons *doucement*.

Toutefois, dans de nombreux cas, il peut se placer **avant le sujet** du verbe :

Certainement Henri viendra — *Toujours* elle a protesté.

Très souvent il précède l'infinitif présent, le participe passé, l'adjectif qualificatif.

Toujours *espérer* — *Entièrement écoulé* — *Très heureux.*

834 **Voici quelques observations propres à chaque catégorie d'adverbes. (Remarques s'appliquant aux temps simples des verbes.)**

Adverbes de **manière** :

Dans la langue courante ils sont presque toujours devant l'adjectif qualificatif (ou un autre adverbe) : surtout si l'adverbe a une valeur intensive :

Elle est *affreusement* pâle — Il répond *étonnamment* bien.

Bien, mal **précèdent souvent l'infinitif présent et normalement le participe passé :**

Pour *bien* faire — Un paquet *mal* ficelé.

Adverbes de **quantité** :

Ils sont presque toujours devant le participe passé :

Peu aidé — *Suffisamment* averti — **(Mais non devant le participe présent :** mangeant *peu*).

et devant l'adjectif qualificatif :

Peu intelligent — *Trop* beau.

Mais ils sont postposés au verbe à un mode personnel : il dort *peu.*

Adverbes de **lieu** :

On place obligatoirement avant le verbe en et y :

J'*en* viens, j'*y* vais (**mais** : j'irai, je n'irai pas, *sans* y)

(Sauf à l'impératif affirmatif : sors-*en*; vas-*y*.)

l'adverbe relatif où : Le lieu *où* tu vas;

l'adverbe interrogatif où :

Où dort-il? **(Noter cependant que le F.P. fam. dit souvent :** Il dort *où?*)

En outre, ici, là, partout, ailleurs précèdent quelquefois le participe passé (F.E.) :

Les mots *ici* ajoutés — Cette réflexion *partout* entendue.

ci est placé obligatoirement devant le participe :

La note *ci*-jointe, *ci*-incluse.

Adverbes de **temps** :

Ceux qui expriment la date se placent avant ou, plus souvent, après le verbe :

Aujourd'hui je me repose — Nous viendrons *demain* — Une réflexion entendue *hier* — Pour te recevoir *demain.*

Mais toujours, longtemps, encore, déjà précèdent souvent l'infinitif, le participe passé, l'adjectif :

Toujours aimer, *toujours* souffrir — Une offre *longtemps* refusée — Un garçon *encore* jeune.

N. B. — Jamais, qui est négatif, précède naturellement le terme qu'il modifie :

Une réflexion *jamais* faite.

Adverbes d'affirmation et de doute :

Sans doute, peut-être (et plus rarement probablement, apparemment) peuvent précéder le verbe, même à un mode personnel. Alors le sujet est souvent inversé en F.E. :

Sans doute acceptera-t-*il* — *Apparemment* était-*il* fatigué **(plus rare).**

Adverbes de négation (v. n°s 809) et suiv.) :

Rappelons seulement ici que les deux termes de la négation française encadrent le verbe à un mode personnel : Il *ne* rit *pas*, il *ne* rit *jamais* — **(et :** Il *ne* fait *rien*) — **mais non le verbe à l'infinitif présent**[1] **:** *ne pas* rire — *ne jamais* rire — **(et :** *ne rien* faire).

Adverbes d'interrogation (comment? quand? pourquoi? où?) :

Ils précèdent le verbe avec postposition du sujet en bonne langue (voir n° 617).

Mais en F.P. fam. ils suivent souvent le verbe :

Tu viendras *comment?* — Tu viendras *quand?*

835 REMARQUES **concernant les temps composés.**

Aux temps composés, l'adverbe est souvent intercalé entre l'auxiliaire et le participe, sauf en ce qui concerne les adverbes de lieu[2] **et ceux d'interrogation.**

Adverbes de manière :

Il *a* éloquemment *parlé* **(ou :** Il *a parlé* éloquemment).

Adverbes de quantité :

Vous *avez* beaucoup *maigri* — Vous *avez* trop *travaillé* — Vous avez maigri pour *avoir* trop *travaillé*.

Adverbes de temps :

L'enfant a dormi *hier* — **Mais :** Il *a* toujours *dormi* — Il *a* longtemps *déliré* — Il *a* déjà *fini* — *Avoir* déjà *fini*.

Adverbes d'affirmation, de doute :

Il *a* certainement *entendu* — Il *a entendu* certainement **est plutôt du F.P.** — Il *a* peut-être *entendu*.

Adverbes de négation (voir n°s 809 et suivants).

1 Sauf chez certains écrivains affectant l'archaïsme (voir n° 809 bis).
2. Encore dit-on presque aussi bien : Il *a* partout *cherché*, que : Il *a cherché* partout.

LES PRÉPOSITIONS

836 **Les prépositions sont des termes invariables, simples ou composés (locutions prépositives), qui introduisent surtout des compléments du nom, du pronom, de l'adjectif, du verbe, de l'adverbe. Ces compléments présentent une extrême variété :**

Le livre *de Pierre* — Un livre *à moi* — Un gâteau *d'hier* — Il était rouge *de colère* — Je parle *à la concierge* — Beaucoup *de soin*, etc.

A la différence de l'adverbe, qui constitue à lui seul un complément (Tu cours *vite*), la préposition exige d'être associée à un terme qui la suit[1].

Les emplois des prépositions ont été étudiés dans le cours de ce livre, à propos de l'article, de l'apposition, de l'attribut, des compléments du nom, des compléments de l'adjectif, des verbes auxiliaires, du sujet, de l'objet, des compléments circonstanciels.

Nous rappellerons ici les emplois de quelques prépositions parmi les plus usuelles.

De :

837 **Cette préposition exprime, dans le principe, la séparation :**

Aller *de* Paris à Rouen[2] — Cette étoffe, *de* bleue est devenue verte.

Certains emplois se rattachent encore plus ou moins à ce sens premier :

Complément d'origine :

Son acte est *d'*un lâche.

Complément partitif :

Je serai *de* ceux qui obéiront — Lequel, *de* toi ou *de* lui, a menti ?

Complément de cause :

De colère, il a brisé son bâton — Je le croyais blessé, *de* crier comme ça — C'est *de* ma faute **(à côté de : c'est *ma* faute, ancien et plus affecté).**

Complément d'agent :

Il est aimé *de* tous.

1 Remarquer que certaines prépositions, toutefois, ont dès l'origine une valeur adverbiale, par exemple : être placé *avant*, *après* — Je suis *contre*. En outre, on notera les expressions du **F. P. fam.** sans compléments : C'est pour *aider à* (= pour faciliter les choses) — C'est *fait pour* (= c'est fait exprès, dans cette intention)

2 Pour insister sur la *longueur* du trajet on dira : aller *depuis* Paris *jusqu'à* Rouen (ou même : *de* Paris *jusqu'à* Rouen)

De... à... et *depuis . jusqu'à .* sont employés aussi pour exprimer le temps (*depuis* est même essentiellement temporel) : *de* lundi *à* samedi — *depuis* lundi *jusqu'à* samedi

N.B. *Depuis*, au sens local, remplace de plus en plus *de* après des verbes comme parler, écrire, ouvrir, entendre, voir — Lorsqu'il s'agit d'éviter une équivoque (on vous parle *depuis* Paris) cette substitution peut, à la rigueur, se justifier.

Mais, dans beaucoup de cas, de a perdu toute valeur discernable (p. ex. : Il y a trois soldats de blessés), et n'est plus qu'une particule vide de sens, mais nécessaire à la structure de la phrase[1]. D'où, souvent, la préférence qui lui est donnée :

François Mauriac a écrit (sur l'exemple de nombreux écrivains classiques) :

« Il me reste *de* le lui demander »,

alors que l'usage aujourd'hui serait plutôt d'écrire :

Il me reste *à* le lui demander.

Et l'usage hésite entre : *de* nouveau et : *à* nouveau —

S'efforcer *à* faire **et :** s'efforcer *de* faire — commencer *à* faire **et :** commencer *de* faire — cela ne sert *à* rien **et :** cela ne sert *de* rien.

Voici encore quelques emplois de la préposition de :

Une tasse *de* lait (= **une tasse pleine de lait ou le contenu d'une tasse.)**

(à garde un sens plus précis dans : une tasse *à* lait **: destination).**

Un garçon *de* mérite **(valeur d'adjectif).**
La ville *de* Paris, l'appellation *de* père **(apposition).**
Traiter quelqu'un *d'*insolent **(attribut de l'objet).**
De pleurer, ça soulage **(ou :** *Pleurer*, ça soulage**).**
C'est une honte *de* dire ça.
Je trouve bon *de* refuser.
Je souhaite *de* vous rencontrer **(ou :** Je souhaite vous rencontrer**)**
Quoi *de* nouveau ?
Eux *de* courir **(infinitif de narration).**
Sortir *de* nuit **(ou** sortir la nuit**), etc.**

REMARQUE : **De est absent de certains compléments de nom :**

L'Hôtel-*Dieu* — timbres-*poste* — **F.P. fam. :** question *appointements*, côté *succès*, **etc.**

De par : voir par (n° 843).

À :

838 **Mieux que de, à garde sa valeur fondamentale (application à un point donné) :** vivre *à* Paris — aller *à* Paris — s'adresser *à* quelqu'un[2].

1 Voir G. Gougenheim, « Y a-t-il des prépositions vides en français? » (*Le Français moderne*, janvier 1959)

2 C'est cette valeur ponctuelle qui explique la faveur populaire du tour : partir à Paris, où partir a pris le sens *d'aller* (au lieu du sens premier de : « se mettre en route »)

Proust écrivait déjà : « J'ai bien envie de profiter de ce que je suis levé pour *partir à* Brest » (*Contre Sainte-Beuve*) — Nous vous conseillons de continuer à dire : « Il part *pour* Paris », (mais, bien entendu, si la personne est déjà arrivée, le verbe étant au passé composé, dites « Il est parti *à* Paris ») Et vous direz, dans tous les cas : « *partir en voyage* », et : « *s'en aller à Paris* ».

On dit, dans une acception encore très voisine :

À ce moment-là **(du passé ou de l'avenir)** — *à* trois heures — la veille *au* soir — *à* l'automne **qui marque plus nettement un point dans l'année que :** *en* automne **(= au cours de l'automne).**

Boire *à* la bouteille.
Un livre *à* moi.
Apte, disposé, destiné *à* servir dans l'armée.
Il y a contradiction *à* associer...
J'ai attendu *à* vous répondre **(pour vous répondre)** que l'intéressé m'ait écrit.
Écrire mot *à* mot **(un mot s'ajoutant à un mot)** — S'avancer pas *à* pas. **On comparera encore :** atteindre un objet **et :** atteindre *aux* honneurs **(idée d'effort vers).**

Mais voici des cas où à présente surtout une valeur structurale :

C'est facile *à* comprendre — Un visage agréable *à* regarder — Je demande *à* lire **(moi-même), opposé à :** Je lui demande *de* lire **(lui-même).**

Dans :

839 **Signifie à l'intérieur de — Il est plus concret que en → Il a un caractère plus strictement local et, surtout, il s'accompagne toujours, en principe, de l'article ou d'un autre déterminatif (ce, mon, etc.) alors que en s'emploie généralement sans article (sauf dans quelques expressions, voir n° 257 b).**

On dira donc au sens propre : Vivre *dans* une belle maison **alors que :** vivre *à* la maison **(par opposition à : dehors) implique surtout un mode de vie.**

Mais on dit aussi, par extension :

Vivre *dans* le péché — Être *dans* la misère — Il est *dans* votre nature d'hésiter **(ou :** il est *de* votre nature **: voir de).**
Dans le doute, abstiens-toi — *Dans* sa colère, il l'a chassé — *Dans* son esprit, vous avez tort.
J'ai agi *dans* une bonne intention, **d'où, sans doute :** *dans* un but louable **(voir n° 712, note).**
Revenez *dans* une heure **(au bout d'une heure).**

En :

840 **C'est, comme à, une variante de dans, en moins concret. Elle n'est pas suivie de l'article défini seuf parfois *la* ou *l'* :** *en* l'air, *en* la circonstance, *en* l'espèce, *en* la personne de **(voir n° 257).**
On l'utilise aussi . devant les autres déterminants : *en* ce cas, *en* son for

Devant les noms propres géographiques : Vivre *en*

On dit, on écrit : J'ai récompensé *en* vous le bon citoyen.

Voyager *en* été — *en* automne — *en* hiver — **mais :** *au* printemps — Être *en* bonne santé — *En* deux ans il a fait des progrès **(voir n° 684).**

Être *en* habit de soirée, sortir *en* veston — S'habiller *en* gendarme — Parler *en* soldat.

Le froid change l'eau *en* glace — Ses belles intentions s'en vont *en* fumée.

Diviser, partager un gâteau *en* quatre.

L'outil est *en* fer.

D'aujourd'hui *en* huit **(dans huit jours)** — *En* partant il m'a embrassé.

On peut dire : *à* la fin de la semaine, **ou** (plus fréquemment en **F. P.**) : *en* fin de semaine, *au* haut de la page, **ou** *en* haut de page.

J'ai confiance **est généralement suivi de en, si le complément est une** *personne* :

J'ai confiance *en* mes amis, *en* lui — Vous, *en* qui j'ai confiance...

Il est suivi de dans, ou de en, si le complément est une chose :

J'ai confiance *en* son talent, *dans* l'avenir.

Toutefois, même avec un nom de personne, on emploie dans le, dans les au lieu de en le, en les :

J'ai confiance *dans le* chef, *dans les* chefs.

Se résumer en **cède peu à peu la place à :** *se résumer à*, **dont la construction, admettant l'article, est plus facile :** « La crise se résume *à* une épreuve de force » (*Le Monde*, 7 décembre 1966) — **Et l'on dit, couramment :** « Voilà *à quoi* se résume l'affaire. » **Il y a influence de** *se réduire à*.

On notera que en, opposé à dans, traduit souvent une situation qui confère une certaine qualité :

Comparez : Être *en* prison (= **prisonnier) et :** être dans la prison — Être *en* feu (= **enflammé), et :** être dans le feu.

De même, quand on dit : Chasser *en* plaine, *en* forêt, pêcher *en* rivière, **il s'agit surtout d'un certain mode de chasse ou de pêche.**

Sur :

841 **Au sens premier : « marque la situation d'une chose à l'égard d'une autre qui la soutient » (Littré) :** Votre gant est *sur* mon livre.

D'où : *Sur* terre et *sur* mer **(moins concrètement déterminé que :** sur *la* mer, sur *la* terre).

Les aigles planent *sur* l'abîme **(au-dessus de).**

Mettre une faute *sur* le dos **(sur le compte)** d'un autre — Avoir autorité *sur* quelqu'un.

Assez *sur* ce sujet.

Accumuler déception *sur* déception.

Ouvrir une fenêtre *sur* la rue. Marcher *sur* les pas de quelqu'un.

Les troupes marchent *sur* Paris.
Comptez *sur* moi — Prêter *sur* gages — Jurer *sur* la tête de son fils.
Sur mon honneur, je n'ai pas trahi — Prélever mille francs *sur* une somme donnée — Vous êtes troisième *sur* quatre.
Composez un dessin *sur* ce modèle — Restez *sur* la défensive — Tenez-vous *sur* la réserve — Vous tournerez *sur* la droite (ou : à droite).
Il était *sur* son départ — *Sur* ce, je vous quitte — Partez *sur* l'heure.
Sur la fin, j'étais fatigué.

On dit : *Sur l'exemple de* **et (plutôt)** : *à l'exemple de*

Sous :

842 **« Marque la situation d'une chose à l'égard d'une autre qui est par-dessus » (Littré) :**

Votre stylo est *sous* mon sac.

D'où : Être *sous* le feu de l'ennemi — Se placer *sous* la protection des lois.
J'ai *sous* la main un rapport circonstancié — L'ennemi fut défait *sous* les murs de la ville.
Mon fils est *sous* les drapeaux — Nous travaillons *sous* votre direction.
Sous Charles X les ultras accédèrent au pouvoir.
Mes livres sont *sous* clef — Le voleur est *sous* les verrous — Il se fait inscrire *sous* un faux nom.
Promettre *sous* serment — C'est interdit *sous* peine d'amende.
Vous avez passé *sous* silence mon intervention.
Voilà un homme sympathique *sous* tous les rapports.

Emploi de à, dans, en, sur, avec divers noms de lieu

842 bis **Devant les noms de voies ou de places, la préposition est souvent absente :**

L'accident a eu lieu *rue de Rome, boulevard du Temple, route de Versailles, place des Vosges.*

On dit :

Dans une rue, une allée, une avenue — **(mais couramment :** *sur* les Champs-Élysées).
Sur une route, un chemin, un boulevard, la chaussée, le trottoir, une place.
Sur le fleuve, *sur* la rivière, *en* mer : « L'homme est *en* mer » (V. Hugo, *Les pauvres gens*).

Mais, pour préciser la surface physique :

Pas une ride *sur* la mer

comme cri d'alarme :

Un homme *à* la mer! — **Noter aussi** : Les fleuves vont *à* la mer[1]

1. Rimbaud a écrit (*Le bateau ivre*) : « O que ma quille éclate! O que j'aille *à la mer!* » Exceptionnellement, le sens est ici : *dans* (= *au fond de*) la mer.

pour désigner l'intérieur :

Les poissons vivent *dans* la mer.

On distingue : *dans* l'air (dans l'*atmosphère* — **ou, au sens figuré :** ces *idées* étaient *dans* l'air = **prêtes à prendre corps)** — **et** *en* l'air (*au-dessus* du sol — **ou, au sens figuré :** des *idées en l'air* = **des idées sans fondement).**

On dit : *Dans* la terre **ou** *dans* le sol **(le nom a son sens physique) :**

Il y a de nombreux filons *dans* la terre **(ou** *dans* le sol).

En terre **s'emploie avec certaines expressions :**

Planter en terre[1]

À terre **et** *par* terre **signifient tous deux** *sur le sol.* **Mais le second peut impliquer chute brutale :**

« O ciel! toute la Chine est *par terre en* morceaux » (V. Hugo, *l'Art d'être grand-père*),

et, d'autre part, le premier exprime souvent l'idée d'une défaite (sens propre ou sens figuré) : Voilà votre ennemi *à terre.*

Sous terre, **moins analytique que** *sous* la terre, **entre dans la composition de certaines expressions techniques :**

Mettre des fils électriques *sous* terre.

Dans un champ **(le nom a son sens physique) :**

L'avare a enfoui son trésor *dans* un champ.

Sur-le-champ **signifie aussitôt, tout de suite :**

Il est sorti *sur-le-champ.*

Sur la montagne **exprime l'idée d'un lieu élevé :**

Observatoire construit *sur* la montagne.

Dans la montagne, **l'idée d'un espace plus ou moins clos :**

Il s'est perdu *dans* la montagne.

On dit : vivre *à* la montagne, *à* la campagne, *à* la ville. (*Dans* la ville **a un sens physique précis :** L'inondation se répandit *dans la* ville.)

En ville **peut signifier :**

a) hors de sa maison :

Il n'est pas chez lui, il est *en ville.*

b) parmi les gens de la ville :

En ville, les commentaires allaient bon train.

Noter qu'on dit, en parlant d'un comédien :

X... s'habille, *à* la ville, chez tel tailleur.

On dit : *sur* un siège, *sur* une chaise, *sur* un banc (*dans* un banc, **s'il s'agit d'un siège monumental).**

Dans un fauteuil — **Mais :** M. Dupont était *au* fauteuil présidentiel — Elle est assise *aux* fauteuils d'orchestre.

1. Dans : *genou en terre* (et *casque en tête*), en = *sur*

On lit quelque chose *dans* un livre, *dans* un journal (*sur* un journal **est F.P. pop.**), *sur* une affiche.

On peut dire : *à* cet endroit **(tour le plus courant) ou :** *dans* cet endroit **(pour marquer plus nettement la limite qui circonscrit).**

En cet endroit **à une valeur stylistique (F.E.).**

On dit : *dans* ce lieu **(à est impossible ici)** — *en* ce lieu **a une valeur stylistique (F.E.). Avec** « place » **on n'emploie guère que** *à* :

à cette place.

Enfin, on ne peut dire que : *à* la place de..., *à ma* place.

Par :

843 **Au sens propre : à travers :** Passer *par* la fenêtre.

D'où : Le mal s'étend *par* toute la terre.

Sortir *par* beau temps.

Le navire est *par* 20° de latitude nord, 10° de longitude ouest.

et encore :

Jurer *par* tous les diables.

Contraindre *par* la famine — Être frappé *par* quelqu'un, *par* un bâton.

Voir les choses *par* le beau côté — Prendre quelqu'un *par* la main.

Diviser *par* chapitres **(mais aussi : diviser en chapitres).**

N. B. — De par signifie :

a) de la part de, au nom de :

Je vous arrête *de par* le roi.

b) dans l'étendue de :

J'ai voyagé *de par* le monde.

c) du fait de :

Ce procédé connaît un grand succès, *de par* sa facilité même.

On distinguera soigneusement : commencer *à* lire **(action en son commencement) et :** commencer *par* lire **(première action d'une série). De même :** finir *de* lire **(action en son achèvement) et :** finir *par* lire **(dernière action d'une série).**

Pour :

844 **Marque la destination, le but (v. nos 685 et 712 et suiv.).**

Cette lettre est *pour* lui — Travailler *pour* la gloire — Payer 500 francs *pour* un chapeau.

D'où : Ce remède est bon *pour* les rages de dents — J'ai pris cette peine *pour* vous — Être *pour* ou contre quelqu'un — Nous étions *pour* partir, quand un télégramme est arrivé — Trop *pour*... assez *pour*... **(v. n° 709)** — Ils partent *pour* deux jours.

Œil *pour* œil, dent *pour* dent — Prendre quelqu'un *pour* un autre — *Pour* un de perdu, dix de retrouvés **(échange, substitution)** — *Pour* moi, je suis satisfait (*quant* à moi). **Voir n° 730.**

N. B. — 1. On remarquera les sens variés de pour + infinitif :
Cause : Être puni *pour* avoir ri, **voir n° 689.**
Concession : *Pour* être riche, il n'est pas moins généreux **(voir n° 722).**
Conséquence : Il est assez intelligent *pour* comprendre **(voir n° 709).**
Sucession de deux faits : Il entre *pour* sortir aussitôt **(voir n° 699).**
— 2. Parti *pour* Paris : **voir n° 838 note.**

Répétition des prépositions

845 **Il n'y a pas de règles à ce sujet; le besoin de précision, le style, le rythme, l'harmonie jouent ici un rôle important.**

Il semble cependant que (sauf dans les expressions figées : *sur* terre *et sur* mer; *par* le fer *et par* le feu, **etc.) les prépositions se répètent d'autant plus volontiers qu'elles sont plus vides, particulièrement de et à :**

Les livres *de* Jean *et de* Pierre — Parler *à* Jean *et à* Pierre.

On y ajoutera en, la plus synthétique des prépositions :

Voyager *en* Belgique *et en* Allemagne.

Au contraire, on dira très bien :

Ceci est *pour* Jean *et* Pierre — Rejeter la faute *sur* Jean *et* Pierre (*sur* Jean *et sur* Pierre **distinguera mieux les torts particuliers de chacun)** — Vivre *dans* sa maison *et* son jardin, *parmi* les fleurs *et* les fontaines.

LES CONJONCTIONS

846 **On distingue, traditionnellement, les conjonctions de coordination (qui coordonnent, unissent des termes de même fonction) et les conjonctions de subordination, qui subordonnent une proposition à une autre (voir p. 1).**
Les conjonctions sont invariables.

CONJONCTIONS DE COORDINATION

847 **Les principales conjonctions de coordination (conjonctions simples et locutions conjonctives) sont :**

Et, ou, ni, mais, car, or, donc, auxquelles il faut ajouter **les adverbes** jouant un rôle de coordination entre deux propositions : **en effet**[1], **alors, puis, aussi** (= **c'est pourquoi,** mais avec inversion du sujet en F.E.), **par conséquent, ainsi** (= par conséquent et de cette manière), **cependant, pourtant, néanmoins, autrement** (= sinon).

Il a gelé cette nuit, *aussi* la terre est-*elle* dure — Mets ce document dans une enveloppe; *ainsi* tu ne le perdras pas — J'ai cru le satisfaire; *cependant*, il est mécontent — Gardez votre calme; *autrement* vous aurez tous les torts.

Remarques sur l'emploi de et[2]

848 **Outre l'addition, et peut marquer :**

a) la succession :

« Demain viendra l'orage, *et* le soir, *et* la nuit. » (V. Hugo, *Les Feuilles d'automne.*)

b) la conséquence :

Tu as mis le verre au bord de la table *et* il est tombé — Que tu le mettes au bord de la table, *et* il tombera (**v. n° 698**).

c) la concession, l'opposition :

Tu avais promis, *et* maintenant tu refuses.

d) l'indignation :

Et tu oses me dire ça!

e) La mise en relief :

Il est entré chez moi, *et* à trois heures du matin!

ou : *et cela* à trois heures...

848 bis **Généralement, dans une addition de termes, et ne s'exprime que devant le dernier :**

Évacuez d'abord les enfants, les femmes *et* les vieillards.

1. Évitez d'associer *car* et *en effet* qui formeraient *pléonasme.*
2. Pour l'emploi de **ni**, voir n° 812.

La répétition de et devant chaque terme produit un effet d'insistance (surtout F.E.) :

« *Et* le riche *et* le pauvre *et* le faible *et* le fort
Vont tous également des douleurs à la mort. »
(Voltaire, *Premier Discours sur l'égalité des conditions.*)

En particulier et répété deux fois (et... et...) s'emploie dans le sens de non seulement, mais encore :

Tu satisferas ainsi *et* le fils *et* le père.

Ce tour correspond, dans l'ordre de l'affirmation, à ni... ni... dans l'ordre de la négation :

Tu ne satisferas *ni* le fils *ni* le père.

Il peut arriver que le dernier terme d'une addition soit placé hors de la phrase, après une forte ponctuation : effet de surprise ou de rectification, F.E. :

Sa mère le veut. *Et* son père (= et aussi son père).

Enfin et s'emploie :

1. **devant** demi, demie, **et quelquefois devant** quart :
   Midi *et* demi — une heure *et* demie — midi *et* quart (ou midi un quart) — deux livres *et* demie (mais deux livres trois quarts).
2. **devant un dans la numération de vingt à soixante inclus :**
   vingt *et un*, etc., soixante *et un* — et l'on dit soixante *et onze*.

Remarques sur l'emploi de ou

849 **Comme et, cette conjonction peut se placer à part, après une forte ponctuation :**

Sa mère acceptera. *Ou* son père.

Comme et, elle peut être répétée, pour insister sur l'alternative, devant chaque terme de l'énumération :

Je viendrai *ou* demain, *ou* après-demain (= *soit* demain, *soit* après-demain).

N. B. — L'emploi de et, ou, ni exige que les termes coordonnés soient logiquement associables.

On ne dira pas sans ridicule : Il prit son chapeau et la fuite — **Ni :**

Un enfant d'une piété filiale et visible.

Juxtaposition, au lieu de coordination

Pour produire un effet de renforcement, souvent les termes, au lieu d'être coordonnés, sont juxtaposés sans conjonction :

Opposition :

Moi je dis oui Toi tu dis non — « Le tigre déchire sa proie et dort. L'homme devient homicide et veille. » (Chateaubriand.)

Cause :

Pas étonnant si le moteur ne marche pas : tu n'as plus d'essence.

Conséquence :

Je lui ai donné ton nom. Il s'est précipité chez toi.

CONJONCTIONS DE SUBORDINATION

850 **Elles mettent en dépendance grammaticale (pour introduire une idée de cause, de but, etc.) une proposition dite subordonnée conjonctionnelle par rapport à une autre, dite principale :**

Nous agirons ainsi *parce qu'*il le faut.

Les conjonctions ou locutions conjonctives de subordination sont :

quand, si, comme, que et les composés de que : lorsque, depuis que, pour que, de sorte que, parce que, à condition que, quoique, ainsi que, etc. Leur emploi a été étudié avec le sujet, l'objet, les compléments circonstanciels.

On peut ajouter : si ce n'est que, sauf que, qui expriment une restriction (v. n° 808) :

On est d'accord, *si ce n'est que* la date paraît trop éloignée.

Outre que, qui exprime une addition :

Outre que vous êtes arrivé en retard, vous avez gêné vos camarades.

(Le F.P. pop. même que exprime un renforcement, une aggravation (v. n° 807) :

Je l'avais averti; *même que* je lui avais écrit.)

851 **D'autre part, la conjonction que sert de substitut aux autres conjonctions de subordination, pour introduire une deuxième proposition, de temps, de but, de conséquence, de cause, de concession, de condition, de supposition, de comparaison :**

... pour qu'il se soumette *ou qu'*il se démette.

Parfois le deuxième que est supprimé : pour qu'il se soumette *ou se démette.*

Le mot que a d'autres emplois : il est devenu particule de soutien :

Que oui! *que* non! — Peut-être *qu'*il viendra — C'est un crime *que* d'agir ainsi — Voilà *que* le temps se gâte.

Il est encore pronom relatif (Lui *que* j'admire), **pronom neutre interrogatif** (*Que* fais-tu?), **adverbe interrogatif** (*Que* ne lui parle-t-il pas?), **adverbe exclamatif** (*Que* je suis malheureux!).

Il entre dans la composition de ne... que (= seulement) :

Je *n'*ai mangé *qu'*une bouchée de pain — **expression réduite parfois à que en F.P. fam. :** Tu as pris quelque chose? — Oh! *que* deux petits poissons.

Index

Les chiffres *arabes* renvoient aux numéros des *paragraphes*.
Les chiffres *romains* renvoient aux premières *pages* du livre.

A

à (divers emplois) 838
à (complément d'agent) 601
à (conséquence) 551, 699
à, en, dans devant un nom géographique 265 à 269
absolument pas 815
acheter français 633 bis
à, de devant l'infinitif 544, 551, 636
à dire (facile) 195, note, et 542 NB
à la française 767
a passé (il) — **il est passé** 593
à raboter (instrument) / **à raboter (planche)** \ 552
à pleurer (bête) 699
à (se résume) 840, note
à vaincre sans péril... 793
-able par... 602

ACCENT TONIQUE et INTONATION XI

ACCENTS (orthographiques) page 1

ACCORD
- du nom apposition ou attribut 150, 151
- de certains noms composés : **arguments massue** 104
- du verbe 578 à 585 ter

aide (genre) 27
aigle (genre) 27
aïeul (pluriel) 45
- accord de l'adj. qualif. épithète ou attribut 152 à 185
- des adjectifs composés 154 à 158
- des adjectifs de couleur 159 à 161
- des adjectifs de couleur composés 160
- des adj. coordonnés par **ou** 162
- des adj coordonnés par **ni** 163
- adjectif au singulier après **vous, nous** 169
- accord de l'adjectif avec une série de noms 164, 165
- accord avec un terme collectif 167
- de l'adjectif se rapportant à **on** 169 bis
- de l'adjectif au superlatif relatif 170, 171
- adjectif employé comme adverbe 174
- accord du verbe avec le sujet .
- en personne 578
- en nombre 579 à 585
- sujets coordonnés par **et** 579
- — — **ou** 581
- — — **ni** 582
- sujets collectifs 583
- après **douzaine** 583 bis
- après **plus d'un, plus de deux** 583 bis
- **c'est, ce sont** 584
- verbes impersonnels 585, 585 bis
- avec le relatif 585 ter
- accord du participe passé 562 à 573

à ce que (je m'attends) 638**, 704
achetez français 633 bis, 787

ADJECTIFS : voir aussi démonstratifs, possessifs, etc.

ADJECTIF QUALIFICATIF 66 à 132 bis
- majuscule à l'adjectif 67
- adj concrets, adj. abstraits 68
- féminin (formation) 69 à 92
- — identique au masculin 87 à 89
- en **-eresse** 78
- en **-euse** 78
- en **-ette -ète** 84
- en **-eure** 81
- en **-trice** 80
- adj. ne s'appliquant qu'à des noms féminins 91
- adj. ne s'appliquant qu'à des noms masculins 92
- formation d'adj. nouveaux, 98 à 101 bis
- pluriel des adj (formation) 93 à 97
- pluriel des adj (formation) 93 à 97
- adj. invariables au pluriel 97
- pluriel des adj. en al 94
- adj épithète 102
- épithète conjointe 113, 114

- épithète disjointe 115
- — (place) 116 à 132 bis
- — (valeur intensive) 126
- adjectif (compléments de l') 193 à 195
- propositions compléments d'adjectifs
- (mode) 641 bis
- degrés de l'adjectif 208 à 210 bis
- adjectif (compléments de l') 193 à 195
- adjectifs numéraux 196 à 204

ADVERBE 830 à 835
- espèces d'adverbes 830 à 832
- adv. d'affirmation 806 à 808
- adv de négation 809 à 816
- adv. d'interrogation 818
- edv. de lieu 796, 797
- adv. de manière 787
- adv. de quantité (tableau) 210 bis
- adv de temps 652, 653
- degrés des adverbes 210 bis et 832
- adv. (place des) 833 à 835

AFFIRMATION (expression de l') 805 à 808

AGENT (complément d') 600 à 602
- agent (compl d') **par** ou **de?** 600
- agent (compl. d') par **à** 601

aïeuls 45
aimé-je 470 note, 617
aime (j') quand... si... 639
air content (elle a l') 175
ainsi : divers sens 765
alors que (temps) 658 bis
(opposition) 734
ambassadrice 37 note
s'amener 604 note
amour (genre) 26
an et **année** 649
à peine a-t-il... que... 666
apercevoir / s'apercevoir, etc. 604-a
applaudir quelqu'un,
applaudir à qq chose 633

APOSTROPHE (fonction) 629, 630

APOSTROPHE (signe orthogr.) page 1

APPOSITION. Voir **NOM**
- propositions en apposition (mode) 641 bis

après + l'infinitif 553, 554, 664
après-midi (genre) 23, 28
après que + subjonctif 524
après que + plus-que-parfait indicatif 510
à qui (antécédent : nom de chose) 392
archi-, extra-, ultra-, sur- 210

ARTICLE 211 à 281
- défini 213 à 219
- — = démonstratif 215
- — = exclamatif 216
- — = péjoratif 217
- défini = distributif 218
- — = possessif 219
- indéfini 220 à 229
- — valeurs particulières 222 à 224
- partitif 273, 274
- présence, absence de l'article 230 à 240
- article dans l'indication de l'âge 237
- art. dans l'indication du jour 233
- art. dans l'indication de la semaine, du mois 234
- art. dans l'indication de l'heure 236
- art. dans les noms de fêtes 232
- art. dans les noms de saisons 235
- article dans le titre d'une œuvre 239
- art dans l'indication du tome d'un livre 238
- art dans l'indication du prix 240
- article devant l'apposition et l'attribut 241 à 249
- — dans le superlatif 250
- — dans l'apostrophe 251
- — dans certaines locutions verbales 252, 253
- — dans le complément de nom 254 à 256
- — dans le complément circonstanciel 257, 258
- — absent des énumérations, des proverbes 260
- — absent du style télégraphique 261
- — absent de l'infinitif de narration 262
- — dans les n. propres de personne 263
- — et les noms propres géographiques 264 à 272
- — partitif 273, 274
- — (place de l') 275, 276
- — (répétition de l') 277 à 280
- — privé de son nom 281

assez pour, trop pour 706 à 708
attendu, vu (accord) 183

ATTRIBUT 133 à 149
- du sujet 136, 137
- — construit comme un objet direct 142, note
- attribut de l'objet direct 188 à 141 bis
- accord de l'attribut 150 à 185
- attribut (place de l') 147 à 149
- — (diverses sortes d') 142
- — (termes qualifiés par l') 143, 144
- — construit avec préposition 145, 146
- — construit sans préposition 146
- propositions attributs (mode) 641 bis

aucun, adjectif 389
aucun, pronom 390
aucun, affirmatif 810 bis, NB
au point de vue santé 190
aussi bien, aussi = du reste (cause accessoire) 687 bis
aussi (bons) que... }
pour aussi (bons) que... } 728
aussi, exprimant la cause 687 bis

aussitôt le déjeuner 661
autant, modifiant un adjectif 765
autant mourir que de... 777
autant dire 808
autant que je sache 522
autant qu'on puisse... 780
d'autant plus que 781
automne (genre) 9, 28
autre 377, 378
autre que... ne... 782
autre = meilleur, plus fort 771
autrement rapide 771
autrui 379
aux mites (mangé) 601

AUXILIAIRES (VERBES) 589 à 595

AUXILIAIRES SECONDAIRES 594, 595
- auxiliaires de temps 594
- auxiliaires de mode 595

avant (que) de... 669
avant que... ne... 670
avec toute sa fortune...
(= concession) 718
avocate 31, 37
avoir (conjugaison) 461
avoir, être dans les temps composés 589 à 593
avoir beau 719
-ayer, -oyer, -uyer (v en) 467, 467 bis

B

banals 94 et note
basse-bretonne 157
beau (avoir) 719
beaucoup (modif. adj qualif.) 208 et note
beaucoup de, peu de
(accord du verbe) 583 bis
bel 75
bête à pleurer 551, 699
bien (adv. d'intensité) 205, 206, 208, 609
bien que, quoique 723, 724
bien sûr 807
bien (un jeune homme) 114

BUT (expression du)
- compléments de but, d'intention, de destination 712 à 716
- prépositions de but 712, 714
- conjonctions de but 715
- locutions adverbiales de but 713
- relatives d'intention 716

but de (dans le) 712 note

C

ça (emplois) 312
ça (tant que, comme) 765
ça oui! 807
cantatrice 31
cartouche (genre) 27
cas (en **tout cas**) = concessif 720
cas que, où (en, au) 755

CAUSE (expression de la) 685 à 696
- cause initiale, cause finale 685
- prépositions de cause 685 bis à 687 689, 690
- adverbes de cause 687 bis
- gérondif (ou participe) de cause 688
- infinitif expr. la cause 689
- conjonctions de cause 691 à 695
- relatives de cause 696

ce, cet 282 à 287
ce livre-ci, ce livre-là 286, 287
ce (emplois du pronom) 293 à 304
ce faisant 294
ce : et ce... 294
ce : sur ce... 294
ce, devant le v être **(c'est)** 295 à 304
cet homme-là (admir ou péjor) 286
ce jour 287, note
celle écrite 291
celui-là (admir ou péj.) 306
celui-là... qui... 310
celui qui, celui de 290
ce matin, ces jours-ci 287
ce que tu es bon! 209
ce qui ou **ce qu'il** arrive 406
ce qui, ce que, ce à quoi :
- relatifs 401 bis
- interrogatifs 359 à 359 ter

certain (indéfini) 362
c'est eux, ce sont eux, etc 584
c'est, il est 300 et suiv , 606
c'est nous 584
c'est ici 297
c'est jeudi 207
c'est beau de... 303
c'est à toi que... c'est (à) toi à qui, etc. 407
c'est... qui... (mise en relief) 298 et 299, 407
c'est agréable, quand... 628
c'est un miracle, si... 628
chapeau! (admiratif) 822 bis
chaque, chacun 387, 388
châtain (accord) 159
chemisier de laine élégant (accord) 167
chèvre (genre) 27
chic (accord) 87, 97
-ci et **-là** 286
ciel (pluriels) 45
ci-joint, ci-inclus, y compris 181

CIRCONSTANCIELS (compléments) 642 à 804
colte 84, note

COLLECTIFS (noms) 5, 583
comme (temporel) 669
comme si 508, 511, 756 ter, 779
comme qui dirait 763
commencer, à finir de 595
COMPARAISON (expression de la) 764 à 784
- conjonctions de comparaison 765, 771, 778, 782
- comparaisons proportionnelles ou variables 694, 770, 781
- différents termes de la comparaison .
- un nom 765 à 773 bis
- un adj 774 à 775 bis
- un gérondif 776
- un infinitif 777
- une subordonnée conjonctionnelle 778 à 783
- une subordonnée relative 784

COMPARATIF, SUPERLATIF
(v. QUANTITÉ et DEGRÉS) 196 à 210 bis, 609 à 611, 765, 771 bis
COMPLÉMENTS (v adjectif, agent, circonstanciels, nom, objet)
COMPOSITION (par préfixes) 64-99-613
comprends que (je) + subjonctif 530
CONCESSION — OPPOSITION 717 à 737 bis
- adverbes de concession 719, 720
- conjonctions de concession 723 à 725
- prépositions de concession 718, 722
- relatives de concession 726, 727
- gérondif de concession 721
- opposition parallèle 729 à 737
- prépositions d'opposition 729, 732
- locutions adv d'opposition 731
- gérondif (participe) d'opposition 559 bis et 732
- conjonctions d'opposition 734 à 736
- relatives d'opposition 737

CONCORDANCE des TEMPS
- exposé 574 ter
- concordance des temps (sub. d'objet) 575, 576
- concordance des temps (sub. de temps) 577
  (autres subordonnées) 577 bis

CONDITION, SUPPOSITION 738 à 763
- condition : définition 738
- supposition : définition 739
- prépositions de condition, supposition 740 à 742
- prépositions de supposition 741, 742, 743 bis, 746
- adverbes de condition, supposition 759
- **à** + infinitif = supposition 746
- gérondif (participe) de condition, supposition 744 et 745
- conjonction de condition, supposition 748 à 762
- si, et que, . (= et si) mode 537 760 a 762
- adverbe, nom, adjectif représentant une prop conditionnelle 759
- relatives de condition, de supposition 763

à condition que, de 738, 746, 748

CONDITIONNEL
- est-ce un mode? 470 note
- conditionnel (valeurs) 514 à 521
- — lié à une condition 514
- — — supposition 515
- — équivalant à .
- — **si** + indicatif 755 bis
- — présent (valeurs) 516
- — passé (valeurs) 517
- — passé se rapportant au présent et à l'avenir 517 NB
- — passé en forme de subj plus-que-parfait 517
- — en forme de subj. **même si...** 518
- — de concordance 519
- futur du passé 520
- futur antérieur du passé 520
- condit dans une prop. indépendante 521
- — traduisant un renseignement douteux ou une réserve 521
- — d'étonnement 521
- — d'indignation 521
- — de rêve 521
- — dans les jeux d'enfants 521

confiance (j'ai) en, dans 840

CONJONCTIONS 846 à 851
- de coordination 847 à 849
- de subordination 850 à 851

CONJUGAISONS
- v. avoir 461
- — être 462
- — parler 463
- — finir 464
- formes affirmative, négative, interrogative (interro-négative) 465
- voix passive 466
- v. en -eler, -eter, -yer -cer -ger 467
- — irréguliers 468
- terminaisons verbales 469 à 479

CONSÉQUENCE (expression de la) 697 à 716
- prépositions de conséquence 697, 699
- adverbes — 698 et 698 bis
- conjonctions — 700 à 705, 711
- relatives — 706 à 708

considérer (comme) heureux 136, 138
considérer comme relevant de... 560 bis

vous contredisez, vous prédisez, etc 470
convenir (auxiliaire **être** ou **avoir**) 590
court (elle s'arrêta) 174
craindre que (il est à) + l'indicatif 529-2°
+ le conditionnel 627 ter
craindre que... ne... 638
craindre que + indicatif 627 ter
(de) **crainte que...** 685

D

d'accord 806, note
dans (divers emplois) 839
dans le but de 712, note
dans trois ans 661, 684 bis
d'autant que 694
d'autant plus... que 781
davantage que 771
de (divers emplois) 837
de (extension, aux dépens de **à**) 837
de, particule de soutien 105, 106, 113, 141 bis, 176, 177, 544, 626, 837
de dix centimètres (plus grand) 771 bis
de, devant l'infinitif 542, 544, 626
de introd. un compl. de valeur indéfinie 228, 229
de introd. un compl. d'agent 600
de remplaçant **des** 225 à 227
de, du, de la devant un nom propre géographique 270 à 272
de bon (quelque chose) 176, 177
de chauffeur (maladroit) 106
défenderesse 31
• degrés dans les noms 196 à 207, 210
• — dans les adj 208 à 210
• — dans les verbes 609
• — dans les adverbes 832
déjà (divers sens) 653 bis
délice (genre) 26
de grands navires 225
de la viande (je ne mange pas) 227
demanderesse 31
demande pas mieux qu'il reste (je ne) 782-2°
demain, le lendemain 653
demi-, mi- 180

DÉMONSTRATIFS
• adjectifs 282 à 287
• — démonstratifs au sens large 284
• — — de valeur affective 285
• — — composés 286
• pronom 288 à 312
• — dém. composés 305 à 312
de par 843 NB
dépit qu'il en ait (en) 725, note
depuis (temporel) 676
depuis (spatial) 188, note 837, note
depuis que + le pl.-que-parfait de l'ind 510
de qui, duquel, au lieu de **dont** 398

DÉRIVATION 62, 63-98-612-787

DESTINATION, INTÉRÊT (compléments) 804
dès avant 667
des plus intéressant(s) 172

DÉTERMINANTS du NOM 210 ter et suiv.
de tout son séjour, il n'a... 672, 684 bis
d'ici trois ans 661
d'ici (à)... 679

DIFFÉRENCE (compléments de) 802
dirait que (on) 521
dis que + subj. (je) 530

DISTRIBUTIFS (nombres) 201
de blessés (dix spectateurs) 212 bis
doctoresse 31
donc XII
dont (emplois) 397 à 400
dont (ce) 397 et 401 bis
dont (ce) 397 et 401 bis
dont je sais qu'il... (un garçon) 400
dont : constructions fautives 398
dont, remplacé par **de qui** 398

DOUTE (expression du) 823
doute (je) **qu'il viendra, qu'il viendrait** 627 ter
doute pas (je ne) **que... ne...** 638
d'idée (drôle) 106, 107
du « Diable et le bon Dieu » (le succès) 239

E

e (muet) VIII
effluves (genre) 28
égal (c'est) = concession 720
égal (sans) 178

ÉLISION X
elle, elles, atones : **elle vient** 423
elle, elles, toniques :
on la cherche, elle 428
en (adv. de lieu) 797
en allé 605
en (préposition) 266, 684, 840
en Avignon 265
en (prép. avec ou sans l'art.) 257, 840
en trois jours 684
en (pronom) 441, 442
en (pron. au lieu de **son**) 331, 332
en (sans valeur précise) 442
enchanteresse 31, 79
encore que 725
en la circonstance, en l'espèce 840
en milieu de semaine 840
enseigne (genre) 27
• énumération (accord du verbe après) 579 bis et 580

j'en ai vu beaucoup (accord) 567
combien j'en ai vu (accord) 567
ensuite de quoi, à la suite de quoi 661
j'entends que + subjonctif 530
en train de 594
entrecôte (genre) 28

ÉPITHÈTE v. ADJECTIF
- place de l'épithète 116 à 132 bis

ès lettres 213
j'espère (il est probable, etc.) que
— le subjonctif 529-2°
et (emplois) 848, 848 bis
et (sujets coordonnés par) 579
(et) tous de rire 551
étant donné 183
eux, lui 428 à 435
excessivement 205, note

EXCLAMATION (expression de l') 821, 822
- adjectif exclamatif 345 à 349
- pronom exclamatif 358
- exclamation indirecte 349, 360, 641, note
- explétif (pronom) 456

F

facile à dire (chose) 195, note
facile de dire (il est) 542, NB
faillir + infinitif 595
faire, suppléant des autres verbes 608
fais parler (je le) 546, 548, 595
fais dire cela (je lui) 548
fait que sortir, que de sortir (il ne) 813
faites-le taire 605
fameuse canaille 126
fatiguant, fatigant 556
faut aller (il lui) 627 bis, note
faute de, faute que 687 et 694

FÉMININ
- noms 29 à 39 bis
- adjectifs 69 à 92
- fém des adj. en -t 84, 85
- — — en -eur 78, 81
- — — en -x 86

feue reine (la) 185
fier insolent 126
figuré des choses (elles se sont) 566
fin de (à seule) 714, NB
fin prête (voiture) 158
fin fond (le) — **fin des fins** (la) 207
fini de battre (le blé est) 595
fol 75
- formation de noms nouveaux 62 à 65
- formation d'adj nouveaux 98 à 101 bis
- formation de verbes nouveaux 612 et 613
- formation d'adv nouveaux 174, 787

fort de (elle se fait) 179
foudre (genre) 27
- fractions (nombres) 199

franc de port (accord) 182
franco-allemand 155
futur du passé (conditionnel) 520

G

garce 35
garde (genre) 27

GÉRONDIF 559 et 664
gent (genre) 26
grâce à 685 bis, note
grand-soif 88
greffe (genre) 27
grecque 71
guère 205, 809, 815
guide (genre) 27

H

hébraïque 69
hier, la veille 653
hiatus IX
histoire de rire 714
homme à... 699
hymne (genre) 26

I

idéaux 42
ignorais qu'il fût (j'). 638, note
il (valeurs diverses) 422
il (non exprimé) 242
il (impersonnel) . accord du verbe 585
il et ce (il est..., c'est) 300 à 303
ils (valeur indéfinie) 423
il vient des visiteurs 422, 585
il fut procédé au vote 422 et 597

IMPÉRATIF 538 à 540
- — présent — diverses valeurs 538
- — passé — — 540
- **parles-en** (impératif en -es) 476
- **toi, tu te tais!** (prés. ind.) 482

IMPERSONNELS (verbes) 606
- verbes impersonnels avec sujet pluriel 606

INDÉFINIS 361 à 390
- article indéfini 212, 220 à 229
- adjectifs et pronoms indéf 361 à 390

INDICATIF 480 à 513
- présent 481 à 482 bis
- — au sens du futur 481-c
- — — passé 481-d
- — de narration 481
- — expr. un conseil 482
- — — un précepte général 482 bis

- futur 483 à 488
- — expr. la politesse 485
- — — un ordre 482, 485
- — — une objection possible 486
- — — une explication plausible 486
- — — une perspective à envisager 486
- — — une maxime 486
- — dans un récit historique 487
- — au lieu du présent 488
- futur « proche » 484, 594
- futur antérieur 489, 490
- futur immédiatement antérieur 489
- — antérieur expr. une explication plausible 490
- — — — l'achèvement rapide 490
- — — en concurr. avec passé composé 489
- — — dans récit historique 490
- — du pessé 474 note, 520
- — antérieur du passé 520
- passé composé 491 à 492 ter
- — — expr l'achèvement rapide 492, 492 bis
- — — — une vérité d'expérience 492
- — — — un fait encore actuel 491
- passé récent 492 ter
- passé surcomposé 493, 494
- passé simple 496 à 499
- — opposé au passé comp 496-a
- — — à l'imparf. 496-b
- — expr. une vérité d'expérience 497
- — son rôle aujourd'hui 499
- imparfait 500 à 509
- — expr la durée 500
- — opposé au passé composé et au passé simple 500
- — expr. la répétition, ou l'habitude 501
- — cadre d'un récit au passé 502
- — expr des faits ponctuels 603
- — d'ouverture 503
- — de conclusion 503
- — de simultanéité 502
- — de narration 504
- — expr. un irréel du passé 506, 507
- — de discrétion 505
- — équivalant à un conditionnel passé 506, 507
- — dans une phrase conditionnelle 508
- — hypocoristique 509
- — dans le titre d'un article de journal 502
- plus-que-parfait 510, 511
- — d'état 510 bis
- plus-que-parfait de répétition 510, 510 bis
- — de discrétion 511
- — en rapports avec le passé antérieur 512 NB 666 NB
- — dans le titre d'un article de journal 510 bis
- — de déception 510
- — de discrétion 511
- — dans une phrase conditionnelle 511
- — dans une supposition relative à l'avenir 511
- — hypocoristique 511
- passé antérieur 512, 513
- — expr. l'achèvement rapide 513
- indicatif opposé au subjonctif : voir subordonnée sujet, objet, de conséquence

INFINITIF 541 à 555
- infinitif — nom (diverses fonctions) 542
- infinitif (son sujet doit être clairement exprimé ou impliqué) 543
- inf. sujet 626
- inf objet 636
- proposition infinitive 545 à 550
- constr de l'infinitf après **faire, laisser** 546 à 550
- inf. en concurrence avec le participe 142, 549 bis
- infinitif inclus dans une relative 550
- — de narration 262, 433, 551
- — exprimant l'ordre, la défense 551
- — de mémento 551
- — de souhait 551
- — d'indignation 551
- — de délibération 551
- — destination, de but, de conséquence 551
- — (temps de l') 553 à 555
- — présent 553
- — passé 554
- — futur 555

après boire 553, 664

scie à découper, silhouette à découper 552

INTERROGATION (expression de l') 817 à 820
- interrogation : postposition du sujet 617, 617 bis, 818
- interrogatif (adjectif) 344
- interrogation indirecte 348, 359 à 359 ter, 574 bis, 641
- interrogatif (pronom) 350 à 357

interview (genre) 28

INVERSION
- du sujet 616 à 625

- de l'objet 634
- du pronom personnel 459, 460

INVARIABLES (les mots) 830 à 851

J

j'ai dit 492
jamais (affirmatif) 810 bis-NB
jamais (ce n'est jamais qu'un...) 813
jamsis homme ne fut... 260
je, tu, il, ils (emploi) 421
je, soussigné 111, 421 NB
juive 32
jusqu'à, expr. la conséquence 697
jusqu'à ce que (mode) 682

JUXTAPOSITION des propositions 849

K

kaki : accord 97

L

là-dessus (temporel) 662
laideron 36 NB
laïque 71
laisser (je le laisse parler, je lui laisse dire cela) 549
laisse pas [que] de (ne) 595 et 807
langues française et allemande (accord) 166
là où (opposition) 737
Laponne 30, note
le (pron neutre) 425
le, la sans valeur précise (**il le prend de haut,** etc.) 425 bis
le, la, les, pronoms (emploi) 424 à 425 bis
le, le, les, pronoms (place) 445 à 447
le représentant toutes sortes d'attributs 425-b
le, la suis (je) 142
le absent dans : **mieux que je ne pensais.** — dans : **oui, je crois.** 425-c
légume (genre) 28
le Paris de Louis XIII 265, note
le plus courageuse (c'est là qu'elle a été) 171
le livre le plus beau 250
lequel, pronom relatif 402, 403
lequel (adj. relatif) 413
lequel (interrogatif) 355
les yeux bleus (il a) 219
(lui) leur pr toniques, après impératif affirmatif 426 bis

LIAISONS VIII

LIEU (compléments de) 794 à 798, 842 bis
livre (genre) 27
loin de, que 733, 736
lors même que 755 bis
lui, à lui : je lui obéis
je pense à lui 437
lui, leur, atones 426
lui, tonique 428
lui et y 443
je lui fais écrire une lettre : double sens 548
l'un... l'autre 361
l'un l'autre (sens réciproque) 361
l'un et l'autre (accord) 579
l'un ou l'autre (accord) 581

M

- majuscule, minuscule 2, 3, 67

maint 380
malgré que 725
m'amie 315
manche (genre) 27

MANIÈRE (expression de la) 785 à 789
- adverbes de manière
  - en **-ument** 787
  - en **-ément** 787

mangé aux mites 601
manœuvre (genre) 27
manque de pot 687
marron (invariable) 97 et 159
maximal 210
me, te (emploi) 420
(place) 446 à 448
médisez (vous) 229
meilleur, le meilleur 210
meilleur (cela sent) 787, note
meilleur diplomate que général 775 bis
même les enfants 376
même (le) 375
même qui (le) 412, 784
même (moi-) 375 bis
même pas 814
même que (renforçent l'affirmation) 807
même si 755 bis
mémoire (genre) 27
messire, monsieur, messieurs 326 et note

MESURE (expression de la) 801
mi-, demi- 180
mien (adj. possessif tonique) 335 à 337
mien frère (un) 337
miens (les) = ma famille 343
mille (orthographe) 197
minimal 209

MODES des verbes 470, n. 1, 480 à 574 ter

MODE dans les subordonnées conjonctionnelles :
- sujet 627-628 bis
- objet 637-640

mode (genre) 27

moi, toi (emploi) 428 à 437
moindre, le moindre 210
moins de 18 ans (les) et **mineurs de 18 ans** 771
moins de, que ne... (à) 747, 748
moi (adj.) 75
moment de partir (au) 655
mon, de respect 326, 327
monter, descendre (auxiliaires de) 592
mourir, se mourir 604
MOYEN (expression du) 790 à 793
MULTIPLES 200

N

ne (emplois) 810, 810 bis
ne, dit explétif 810
ne, après « sans que » 810
ne non exprimé 810 ter
ne... pas... que 813
ne... que... 813
NÉGATION (expression de la) 809 à 816
n'empêche que (+ indicatif) 720
n'était, n'eût été 757
ni (emplois) 812
ni accord du verbe 582
accord de l'adjectif 163
ni l'un ni l'autre (accord) 582
n'importe (sans **il**) 422
n'importe quel, n'importe qui 369 et 370
Noël (la) 232
NOM 1 à 65
- noms collectifs 5
- — accord du verbe 583
- nom (complément du) 186, 187-190
- — — divers sens 188-189
- — — remplacé par un adjectif 192
- — — expr. par une proposition 186, 641 bis
- noms concrets, noms abstraits 4
- — diminutifs 10, note
- — péjoratifs 10, note
- nom propre, nom commun 2
- — — emploi des initiales 3
- — — et l'article 263 à 272
- noms propres (genre) 11 à 16
- — — personne 11
- — — pays 12
- — — villes 13
- — — de bateaux 14
- — — d'engins spatiaux 15 bis
- — d'avions 15
- — d'automobiles 16
- noms nouveaux (formation) 62 à 65
- genre des noms 6 à 39 bis
- noms communs (genre) 7 à 10
- noms généralement féminins 8
- — masculins 9
- genre identifié par le suffixe 10
- noms composés (genre) 17 à 25
- genre variable :
  suivant le nombre 26
  suivant le sens 27
- cas douteux 28
- genre : féminin des êtres animés 29 à 39
- — : êtres animés formant un couple 35
- noms de personnes s'appliquant aux deux sexes 36
- — masculins désignant aussi des femmes 37
- — féminins — seulement des hommes 39
- féminin en -euse 31
- — en -esse 33
- — en -te, -tte 30
- — en -trice 31
- nombre des noms 40 à 61
- pluriel des noms communs 40 à 50
- pluriels doubles (**aïeux, aïeuls,** etc.) 45
- pluriel des noms d'origine étrangère 46
- — ayant une valeur particulière 47, 48
- noms sans singulier 49
- — pluriel 50
- pluriel des noms propres 51
- — — composés 52 à 61
- — — de couleurs composés 57
- nom en apposition 102
- apposition conjointe 103 à 107
- — disjointe 108 à 112
- — emploi de l'article 110, 242 à 245
- degrés appliqués au nom 196 à 207
- nombre dans les noms 40 à 61
- nominal (pronom) 210 ter
non (emploi comme négation simple) 811
non? (tu viens, non?) 817 et note
non pas 811
non plus 811
nonobstant 718
non que... mais parce que... 694
notre (et **le nôtre**) de majesté 317
— de modestie 318 et 340
nous, vous (emploi comme atones) 427
— (emploi comme toniques) 428
— (place) 445 à 449
nous de majesté 453-a
— de modestie 453-b
nous, pour **tu, il, elle,** etc. 179, 454
nouvel 75
nouveau(x) nés 58, 158
nouvelles mariées (nom) 58
(adjectif) 158
nul, aucun (adjectifs) 389
nul, aucun (pronoms) 390

O

OBJET (complément d') 631 à 641 bis
- objets directs ou indirects d'un même verbe 633

plus tôt et **plutôt (il n'a pas plutôt avoué que...)** 666

POINT DE VUE (compléments de) 803
du point de vue des poumons 803
au point de vue des poumons 803
au point de vue poumons 803
poêle (genre) 27

POSSESSIFS 313 à 343
- adjectif possessif 313 à 337
- possessif après **on** 319 et 341
- — — **chacun** 320 et 342
- — au sens large 323
- — d'habitude ou de préoccupation 324
- — d'amitié 325
- — de politesse 326, 327
- — dans les appellations de respect 326, 327
- **ton éloge** (possessif équivoque) 329
- répétition du possessif 333, 334
- adj possessifs toniques 335 à 337
- pronom possessif 338 à 343
- possesseur indéfini 319

possible (il est) que, mode 529-2°-627 ter
possible (les plus...) 173
pour (divers emplois) 844
pour moi, je... 428, 730, 844
pour + infinitif, introduisant une action immédiate 699
pour, pour que (but) 712, 715
pour... (concession) 718, 722
pour autant 720
pour que (conséquence) 699, 702
pour ne pas que... 715 NB
pour peu que, si peu que 755
vous prédisez, etc. 470 (p 230)
préfère (il) être... à être... 777

PRÉFIXES
- dans les noms 64
- — adjectifs 99
- — verbes 613

PRÉPOSITIONS 836 à 845
à 838
dans 839
de 837
en 840
par 843
pour 844
sous 842
sur 841
- prépositions avec les noms de rues, de places, etc 842 bis
- répétition des prépositions 845

prétends (je) que + subjonctif 530
preuve (à) 152

PRIX (compléments de) 800

probable (il est) que, mode 529-2°, 627
professeur (nom de femme) 37

PRONOMS : v démonstratifs, interrogatifs, etc

PRONOMS PERSONNELS 418 à 460
- pronoms personnels toniques, atones 419, note
- — disjoints 428 à 436, 730
- — sujets 421, 423 bis, 427
- — compl d'objet directs 420, 424, 425, 438, 439
- — — indirects 420, 426, 427, 438
- — — de l'impératif affirmatif 419, note-424, 435, 449
- — réfléchis 438 à 439 bis
- — réciproques 440
- pronom de politesse 452
- pron de majesté 453
- pron de modestie 453
- pronoms adverbiaux 441 à 444
- répétition du pronom person. 457, 458
- postposition du pron sujet 459, 460
- place des pron person. multiples 445 à 450
- pronom dit explétif 456
- inversion du pronom personnel 459, 460

PRONOMINALE (VOIX) 465, 603 à 605
- voix pronominale réciproque 603

PRONONCIATION DU FRANÇAIS (aperçu) VII

PROPOSITIONS (les) page 2
propre (son) 322
puis (je) 470, note
puisque 691
puissé-je, dussé-je 595, 617

Q

quand, lorsque, introduisant une péripétie 657
— — introduisant une opposition 725 NB
— — intr une condition 750
quand bien même 755 bis
quand il a eu travaillé 493, 494
quand tu veux (viens), quand tu voudras 488 b
quant à moi 428, 730

QUALIFICATIFS v adjectifs

QUANTITÉ, DEGRÉS
- appliqués au nom 196 à 207
- — à l'adjectif 208 à 210
- — à l'adverbe 210 bis, 831

- compléments d'objet : place 634, 635
- absence de compl d'objet 587
- subordonnée, compl. d'obj 627 ter, 637 à 641
- compl. d'objet (infinitif) 636
- — (proposition infinitive) 640
- infinitive compl d'objet subordonnée à une relative 550, 640
- compl d'objet (proposition interrogative) 641
- — (proposition relative) 641

œil (pluriel) 45
œuvre (genre) 27
office (genre) 27
ombre (genre) 27
on 366 à 368
on (valeurs particulières) 367
on (substituts de) 368
on pour **tu, nous, il,** etc. 169, 455
on aura tout vu! 490
ont vécu (ils) 492

OPPOSITION v **CONCESSION** 717 à 737 bis
optimal 210

ORDRE et **DÉFENSE** (expression) 826 à 829
- indicatif expr l'ordre, la défense 482
- infinitif — — — 551 et 829

orge (genre) 28
orgue : genre 26
ou 162, 849
ou (sujets unis par) 581
où (adv relatif) 401
outre que 850

P

page (genre) 27
palabres (genre) 28
Pâques (genre) 26
par (divers emplois) 843
par ou **de?** (introduisant un compl d'agent, après un passif) 600 à 602
parallèle (genre) 27
paraître (auxiliaires de) 593
parce que et **par ce que** 681
pardon! (admiratif) 822 bis
pareil à 768

PARTICIPE 556 à 574
- participe présent 556 à 558 bis
- — à valeur d'adjectif 556
- à valeur de verbe 556 bis à 560 bis
- — en -ant (conjoint) 557
- — en -ant (disjoint) 558
- — ses divers sens 558 bis
- — dit gérondif **(en faisant, tout en faisant)** 559, 559 bis
- participe dit passé 561 à 573
- — à valeur d'adjectif 561
- — (accord) 562 à 573
- — invariable, complété par un infinitif 570
- participe passé **couru, vécu, coûté, pesé** (accord) 571
- — tendance à l'invariabilité 573
- participe ou infinitif? **(je l'ai vu traîné ou traîner)** 142
- participe futur 574
- participe construit absolument 560 et 561 ter

partie (prendre à) 152
partir à 838 note
passer (auxiliaires de) 593

PASSIVE (VOIX) 596 à 602
- passif impersonnel **(il fut remédié à .)** 597
- passif de résultat **(maintenant, la maison est construite)** 598

se voir, s'entendre + infinitif = passif 595
- passif (fréquence du) 599

pécheresse 31, 78
pendule (genre) 27
personne (pronom) 390, 809
personne négatif, affirmatif 810 bis NB
- personnels (pronoms) 418 à 460

peu de gens que j'ai rencontrés (le) 572
peur que... ne... (de) 715
peut-être 823
peut pas qu'elle ne vienne (il ne se) 807
physique (genre) 27

PHRASE (la) page 2
pire, pis 210
- place de l'adj. épithète 116 à 132 bis
- place de l'adverbe 833 à 835
- place de l'attribut 147 à 149
- place de l'article 275, 276
- place des pronoms personnels 445 à 450

plein les mains 184
pleut (il), les coups pleuvent 606
la plupart + complément 205 (p. 87 et note 1)

PLURIELS v noms et adjectifs
- pluriels, ayant valeur particulière 47, 48
- pluriel de politesse, etc. 316 à 318

plus (davantage) **ne... plus, non plus** : prononciation 809 note, 811
plus... que... ne 782-a
plus rapides possible (les) 173
plus de dix 203
plus... plus..., moins... moins... 781
plus d'un, plus de deux (accord) 583 bis
plût au Ciel que... 824
plutôt... que... 773 bis, 777, 782-c, 782 bis

- appliqués au verbe 609 à 611
- adverbes de quantité (tableau) 210 bis
- nombres cardinaux (adject numéraux) 196, 197
- **mille,** orthographe 197
- **vingt, cent,** orthographe 197
- nombres ordinaux 198
- — exprimant des fractions 199
- — multiples 200
- — distributifs 201
- quantités non chiffrées
- (noms au pluriel) 205
- quantités non chiffrées (noms au singulier) 206
- quantités approximatives 203
- degré et intensité dans les noms (expr. particulières) 207
- comparatif et superlatif 205 à 210 bis 771 à 772, 774, 775

que (relatif, emplois) 394, 395
que je savais avoir fait... (l'homme)
dont je savais qu'il avait fait...
que je savais qui avait fait... 400, 550
que je sache 409, 522, 780
que je suis (malheureux que je suis) 394
que pourra (advienne) 393
qu'il a fait (les chaleurs) 569
qu'il fut... (abandonné) 688
que? (interrogatif, emplois) 352, 353
que faire? quoi faire? 353, n.
que faire, quoi faire (je ne sais) 359, 641
que n'importe? 354, NB
que (conjonction) 850
que (le jour), la jour où 401
que (particule de soutien) 147, 296-NB, 743 bis, 807, 851
que employé seul, exprimant la conséquence 703
que + subjonctif = **pour que** 522 et 715
que signifiant **puisque** 693
que ou **de ce que** 639
que je vous dise une bonne nouvelle 522
que je ne vous revoie pas! 522
que je ne sois jamais séparé de vous! 522
que je l'ai rencontré (la dernière fois) 395
que oui! 807
que... ne... = sans que... avant que. . 670, 704, 789
que... que... (= soit que... soit que...) 725, 756
que si... (conj. de supposition) 751
que si! (affirmation) 751, note
quelconque 369
quelque (adverbe) 203
quelque peu 364
quelque (adjectif indéfini) 364
quelqu'un 365
quelques, plusieurs, etc. 380
quel qu'il soit 727
quelques efforts que je fasse 728
quelque bons que vous soyez 728
qu'est-ce que? 353
qu'est-ce qu'il y a comme eau! 206, 347, 821
qu'est-ce qui 351
question de... 174
question santé (la) 190
qui (relatif, emplois) 392, 393
à qui renvoyant à un nom de chose ou à un nom d'animal 392
qui (sans antécédent) 393
qui... qui... (= les uns... les autres) 361, 408
qui... (le premier) mode 416 bis
qui court (je le vois, le voilà) 404
quiconque 410
qui va bien (voilà) 393
qui... (c'est lui) 407
qu'a dit (c'est lui) 393
qui mieux mieux (à) 408
ce qui, ce qu'il 406
qui... qui... (indéfini) 361 NB
qui (ce) 359, 401 bis
qui que vous soyez 727
qui vivra verra 628 bis
qui m'aimera (j'aimerai) 641-d
qui vous voudrez (embrassez) 393
qui suis (je suis celui) 585
qui? (interrogatif, emplois) 351 à 353
à qui? de qui? (emplois) 354
qui est-ce que? qui est-ce qui, etc. 352 à 354
qui! exclamatif 360
quoi (relatif neutre) 396
à quoi (une chose) 396
quoi? (inter emplois) 351, 353, 354
quoi? (tu lui as dit) 354
quoi! (exclamatif) 358, 822 bis
quoique (conjonction) 723, 724
quoique (indicatif ou conditionnel) 724
quoi que vous disiez 727, note
quoi qu'il en ait 725

R

RELATIF (PRONOM et ADJECTIF) 391 à 417 bis
- pronom relatif sujet 392, 393
- — sujet · accord du verbe 585 ter
- — compl indirect 392, 396
- — attribut du sujet 394
- — compl d'objet 394
- — (place du) 391 n° 1, 404
- — (répétition du) 405, 405 bis
- — sans l'antécédent **ce** 401 bis

- pronom relatif. formes composées 402, 403
- adjectif relatif 413
- relatifs indéfinis 410 à 412, 727, 728
- relatives (propos) 414 à 417 bis 551, 696, 709, 716, 726 737, 763, 784, 798
- — déterminatives 415
- — circonstancielles 416, 417 bis
- — (mode du v.) 416, 417 bis
- prop relative équivalant à une exclamation 407
- — — — — une interrogation 641

RELIEF (MISE EN) 407, 428, 730
- représentant (pronom) 210 ter

rentrer (pour **entrer**) 592, n. 1
rien, négatif 390
rien, affirmatif 390, 810 bis NB
rien comme nom 390
rien moins que / **rien de moins que** 810 bis, note
rien qu'en (l'écoutant) 559 bis
rien que pour... 714, note
risquer de réussir 685 bis, note
roi des rois (le) 207
rudement bête 208

S

sache pas (je ne) 522
salaud, salope 29
sans égale (félicité) 178
sans que + indicatif 756 bis
sans que... ne... 810
sauf 183
sauf que 808
se rase (il) et **il prend son frère avec lui** 438
se voient de loin (ils) = passif 439, 604 b
semble que (il) et **il me semble que...** (mode) 530, 627
se mourir, se rire 604
seul qui (le) (accord du v.) 585
seule fin de (à) 714
si grand que (pas) 208, 765
si, conditionnel — temps et modes 750 à 755 760 à 761 bis
si expr. le temps 660
si expr la cause 693
si affirmatif 806
si + le futur 488
si + le conditionnel 752, 753
si j'avais su! 411
si j'avais dix ans de moins... 508
s'il pouvait revenir! 508
si on me voyait! 508
si tu allais te reposer? 508
si tu avais pu m'expliquer (souhait) 511
si on m'avait vu! 511
si tu étais allé te reposer? 511
si tant est que... 748
si ça se trouve 823, note
si ce n'est que... 808, 850
si bon que (+ conséquence) 700
si bon que, pour si bon que, etc. 728
si naïf que de croire (il n'est pas) 708

SIGNES ORTHOGRAPHIQUES page 1

SIGNES DE PONCTUATION XII
sinon : divers sens 758
sitôt, aussitôt + participe 663
snob : accord 97
soi et **lui** 439, 439 bis
soi-disant 439
soit... soit... 849
soit que 694
solde (genre) 27
somme (genre) 27

SONS du FRANÇAIS VII
Son et **en** 331, 332
son couvercle à cette théière (remettez) 332
sorte de (une)... (accord de l'adjectif qualificatif) 168
sorte que (de), de telle façon que (mode) 701
sortir (auxiliaires) 592
sortir, entrer, transitifs 592

SOUHAIT, REGRET 824 à 825
souillon 36 NB
steppe (genre) 28
sourit-il... 616
sous (divers emplois) 842
speaker, speakerine 33

STYLE DIRECT 574 bis

STYLE INDIRECT 574 bis

STYLE INDIRECT LIBRE 574 bis
- l'interrogation indirecte 574 bis

suer sang et eau 259
Suissesse 33

SUBJONCTIF 522 à 537 bis
- les temps du subjonctif 531 à 537 bis
- subjonctif présent 531
- — passé ou parfait 532
- — imparfait et plus-que-parfait 533 à 537

imparfait et plus-que-parfait remplacés par le subj. prés. et le subj. passé 534
- — emplois particuliers dans le **F. E.** 535, 536
- — d'ordre ou de défense 522
- — de souhait 522
- — de protestation 522
- — de supposition 522
- — d'atténuation 522

- subjonctif de concession 522
- — d'indignation 522
- — de désir 522
- — dans les prop subord sujet et objet 627 à 627 ter, 637 à 639
- — après : **après que** 524
- — dans les subordonnées de temps 524

imparfait et plus-que parfait remplacés par le subj prés et le subj passé .

- subordonnées de concession 525
- — — but 526
- — — cause niée 527
- — — supposition,
- — — condition 528
- — après le pronom rel. 416, 417
- — par attraction 529-1°
- — en concurrence avec l'indicatif (**j'espère... il est probable je comprends**, etc.) 529 à 530

- subj après **je voudrais que** 547 ter, II b

SUFFIXES

- dans le nom 62
- — l'adjectif 98
- — le verbe 612

SUJET 614

- absence de sujet 421, 422, 614
- accord du verbe avec le sujet 578 à 585 bis
- sujets collectifs (accord du verbe 583 bis
- place du sujet 615 à 625
- — — dans l'interr. directe 617
- — — dans l'interr. indirecte 617 bis
- — — dans les tours exclamatifs 618
- — — après **peut-être, aussi, à peine**, etc. 619
- — — après cert compl. circ. 620
- — — après un attribut 621
- — — après le relatif **que** 622
- — — dans les expr de concession 623
- — — dans certaines prop. infinitives 624
- — — dans la mise en relief 625
- infinitif sujet précédé de **de**, de **que de** 544, 626
- subordonnées sujet (modes) 627 à 628
- sujet (proposition relative) 628 bis

SUPERLATIF ABSOLU 205, 206, 208, 210 bis

SUPERLATIF RELATIF 205, 206, 208, 210, 210 bis, 772

- — (accord) 170 à 173

le livre le plus beau 250

suppose que (je) + subjonctif 530

SUPPOSITION v. condition

sur (divers emplois) 841

SURCOMPOSÉS (TEMPS)

- passé surcomposé 493, 494
- plus-que-parfait — 495 a
- futur antérieur — 495 b
- conditionnel passé — 495 c
- subj. passé — 495 d, 537 bis
- temps surcomposés accord du participe 563 NB

surtout que 694

T

taire (faites-le) 605

tandis que, alors que :

expr le temps 658 bis, 675

— l'opposition 734

tant s'en faut que 736

tant soit peu 208, note, 755

tel 372 à 374

tel quel 372 et note, 768

tel qui... 373, 411

tel que... (comparaison) 372, 768

tel que... (intensité, conséquence) 374, 700

telle la foudre 147

tel, tant exprimant la cause 687 bis

témoin 37, 151, 152

TEMPS (expression du) 642 à 684

- le moment de l'action 642 à 660
- l'heure 642
- la partie de la journée 643
- le jour et la date 644
- la semaine, la quinzaine 645
- le mois 646

an et **année** 649

- la saison 647
- l'époque 650
- parenté du temps et du lieu 652 (v. aussi 401)
- la postériorité 661 à 666
- l'antériorité 667 à 671
- emploi du gérondif et de l'infinitif 654, 655
- adverbes de temps 652 à 653 bis
- conjonctions de temps 656 à 660, 665 à 666, 670, 671, 675, 678, 683
- adverbes de temps 652 à 653, 662, 668, 673, 677, 680
- prépositions de temps 642 à 651, 661 664, 667, 669, 676, 679, 681
- la durée 672 à 684 bis
- terminaisons verbales 469 à 479

tiens (je) que + indicatif

— **à ce que** + subjonctif 530

tiens! la tache a disparu 539

titre d'une œuvre (accord du verbe) 585 bis

tomber (auxiliaires de) 590

toujours là (il est), il n'est toujours pas là 673

toujours est-il que... 720
tour (genre) 27
tout 381 à 386
tous les hommes 381
tous les trois ans 201
tous trois, tous les trois 202
tout (= tout entier) 382
tout homme 382
tout-Paris (le) 383
toute une histoire 383
tout (adj. se rapp au titre d'une œuvre) 382
tout (nom) 384 NB
tout (pronom) 384
tout (adverbe) 385
tout autre, toute autre 386
il faut dire tout, pour tout dire 635
tout bon qu'il est 728
tout de même que 766
tout en mangeant... 559 bis, 721
traitresse 78, note
très faim, très peur (j'ai) 207, 609
trop pour 706 à 708
TRANSITIFS, INTRANSITIFS (verbes) 586 à 593
- v transitif à sens passif 604

TROIS CONSONNES (loi dite des) p VIII et n° 131
trompette (m), **trompettiste** (m.) 27, note
trop... pour... 709 à 711
turque 71

U

un des plus beaux paysages que j'aie vus, (que j'ai vus) 572 bis
un des... qui, un de ceux qui... (accord du verbe) 585 ter

V

vengeresse 78
vachement sympa 208
vais lire (je) : futur proche 484
vais avoir lu (je) 489
vapeur (genre) 27
vase (genre) 27

VERBE 461 à 614
- conjugaisons 461 à 468
- absence de verbe 607
- accord du verbe 578 a 585 ter
- auxiliaires du verbe · **avoir, être** 589 à 593
- auxiliaires secondaires 594
- formation de verbes nouveaux 612, 613
- groupes de conjugaisons 477 et note
- intensité et degrés appliqués aux verbes 609 à 611
- verbes transitifs, intransitifs 586 a 588 bis
- terminaisons verbales 469 à 479

vers les huit heures, sur les huit heures 642
veuillez, daignez 539, note et 595
veut que (le malheur) 638, note 3
veuve 32
vieil 75
viens (je) de... (passé récent) 492 ter et 594
vingt, cent (orthographe) 197
vivent les vacances 625, 822 bis, note
voici, voilà 286
voile (genre) 27
voit récompenser (il se) 595
votez socialiste 633 bis
votre (le vôtre), de politesse 316 et 340
vôtre (respectueusement) 337
votre chapeau (prenez) ou · **vos chapeaux?** 321
vous, dans un sens général 451
vous, de politesse 452
voyante (couleur) — sens passif et intensif 556
voyons votre affaire 539
vu, étant donné (accord) 183

Y

y, pronom personnel 443, 444
j'y pense (— je pense à lui) 443
y, adverbe de lieu 797, 834
y, sans valeur précise **(il y va de,** etc) 444
il y a trois jours que... ne... 684 bis

Table des matières

INTRODUCTION

Les sons du français . . . VII

La prononciation VII
L' « e » dit muet VIII
Les liaisons VIII
L'élision X
L'accent tonique et l'intonation XI

Principaux signes de ponctuation XII

Accents et signes orthographiques 1

LA PHRASE ET LES PROPOSITIONS p. 1.

La sphère du nom.

Le nom (ou substantif) . . . 5
L'adjectif qualificatif 31
L'apposition, l'épithète . . . 42
place de l'épithète . . . 46
L'attribut . . 57
Accord de l'apposition, de l'épithète, de l'attribut . 64
Les compléments du nom 74
Les compléments de l'adjectif qualificatif . . . 79
La quantité et les degrés 81
appliqués au nom (adjectifs numéraux) 81
appliqués à l'adjectif (comparatifs et superlatifs) 89
Les déterminants du nom . . 94
L'article 95
Les adjectifs (et pronoms) démonstratifs 122
Les adjectifs (et pronoms) possessifs 133
Les adjectifs (et pronoms) interrogatifs 143
Les adjectifs (et pronoms) exclamatifs 148
Les adjectifs (et pronoms) indéfinis 150
Les adjectifs (et pronoms) relatifs . . 163
Les pronoms personnels. . . 178

La sphère du verbe

Le verbe ses formes . . 195
Emploi des modes et des temps 234
L'indicatif . . . 234
présent . . . 234
futur 235
futur antérieur . 237
passé composé . . 238
passé surcomposé . . 240
passé simple . . 241
imparfait . . 242
plus-que-parfait . . 246
passé antérieur 248
Le conditionnel 249
présent . . . 249
passé 250
Le futur et le futur antérieur du passé . . 251
Le subjonctif 252
les temps du subjonctif 255
L'impératif . . 257
L'infinitif 258
l'infinitif-nom 258
valeurs verbales de l'infinitif . . 259
les temps de l'infinitif . . 262
Le participe 263
présent 263
gérondif 266
passé 269
l'accord du participe passé 270

Style direct, style indirect . . 273
Principes de la concordance des temps 274
tableaux de concordance des temps 276
L'accord du verbe 280
Verbes transitifs, verbes intransitifs 284
Les auxiliaires 285
La voix passive 288
La voix pronominale . . . 291
Les verbes impersonnels. . . 293
L'absence de verbe 294
« Faire », suppléant d'autres verbes 294
Intensité et degrés appliqués au verbe 295
Le sujet 298
L'apostrophe 305
L'objet 306
Les compléments circonstanciels 313
de temps 313
de cause 324
de conséquence 329
de but, d'intention, de destination 333
d'opposition, de concession 335
de condition, de supposition 343
de comparaison[1] 352
de manière 361
de moyen, d'instrument . . 364
de lieu 366
autres compléments circonstanciels 367

Les modalités de l'énoncé

L'affirmation 371
La négation 373
L'interrogation 379
L'exclamation 382
Le doute, la possibilité, l'éventualité 383
Le souhait, le regret 384
L'ordre, la défense 385

Les mots invariables

Les adverbes 389
place des adverbes 389
Les prépositions 392
Les conjonctions 400
de coordination 400
de subordination 402

INDEX p. 403.

1. V note 1, page 352

Imprimé en France par BRODARD-TAUPIN — Coulommiers-Paris 30/3651/2
Dépôt légal n° 9547, 1 1975 -- Collection n° 11 — Édition n° 07

15/1741/6

I S B N 2 01 002134 7

SUMÁRIO

Agradecimentos 9
Plano detalhado da obra 13
Introdução 21

1. O alfabeto hebraico 23
2. As vogais 41
3. Princípios básicos da formação e divisão das sílabas 49
4. O artigo 55
5. O *waw* conjuntivo 61
6. Preposições e o ה de direção 65
7. Gênero e número dos substantivos e dos adjetivos 73
8. O construto e o absoluto 79
9. O adjetivo 85
10. Os pronomes pessoais 91
11. Os sufixos pronominais 97
12. Outros pronomes e o ה interrogativo 107
13. Graus do adjetivo 115
14. Os numerais hebraicos 121
15. O verbo — *qal* completo 129
16. O verbo — *nifal* completo 135
17. O verbo — *piel* completo 141

18. O verbo — *pual* completo 145
19. O verbo — *hifil* completo 151
20. O verbo — *hofal* e *hitpael* completos 155
21. O verbo — uso e formas do incompleto 165
22. O verbo fraco 177
23. Funções e formas do *waw* consecutivo 185
24. Outras modalidades do verbo 191
25. A prática da tradução 199
26. Noções gerais de exegese do Antigo Testamento 215

Apêndice 1: Tradução de exercícios 227
Apêndice 2: Modelos dos verbos 237
Apêndice 3: Léxico analítico 255

Bibliografia 319

PLANO DETALHADO DA OBRA

INTRODUÇÃO

1. O ALFABETO HEBRAICO
1.1 Primeiras onze letras do alfabeto hebraico
1.1.1 Transliteração das onze primeiras letras
1.1.2 Exercícios para memorização das onze primeiras letras
1.2 Segundo grupo de onze letras do alfabeto hebraico
1.2.1 Transliteração das onze letras do segundo grupo
1.2.2 Exercícios para memorização das onze letras do segundo grupo
1.3 Letras hebraicas que possuem mais de uma forma
1.3.1 Quadro das letras importantes que possuem mais de uma forma
1.3.2 Exercício para memorização das letras com mais de uma forma
1.4 Valor numérico das letras hebraicas
1.4.1 Quadro geral do alfabeto hebraico com o valor numérico das letras
1.4.2 Utilização de letras como numerais
1.4.3 Exercício com o valor numérico das letras

2. AS VOGAIS
2.1 Tipos de vogais
2.1.1 Vogais longas
2.1.2 Vogais breves
2.1.3 Semivogais
2.1.4 Consoantes vocálicas
2.1.5 Quadro geral das vogais, semivogais e consoantes vocálicas
2.1.6 Quadro resumo das vogais, semivogais e consoantes vocálicas, para auxílio na leitura

2.2 Posições das vogais
2.3 Exercícios de transliteração

3. PRINCÍPOS BÁSICOS DA FORMAÇÃO E DIVISÃO DAS SÍLABAS
3.1 Quantidade de sílabas nas palavras
3.2 Composição da sílaba
3.3 Outras características gerais da sílaba
3.4 Exercício de transliteração, separação de sílabas e tradução de palavras
3.5 Texto para cópia, leitura e transliteração (Sf 3.8)

4. O ARTIGO
4.1 Posição do artigo definido
4.2 Formas do artigo definido
4.2.1 Forma básica do artigo definido
4.2.2 Artigo definido na forma הַ
4.2.3 Artigo definido na forma הָ
4.2.4 Artigo definido na forma הֶ
4.3 Artigo indefinido
4.4 Pontos mais importantes a respeito do artigo
4.5 Exercício de transliteração, separação de sílabas e tradução
4.6 Texto para cópia, transliteração, leitura e futura tradução (Sl 100)

5. O *WAW* CONJUNTIVO
5.1 Forma básica do *waw* conjuntivo
5.2 *Waw* conjuntivo antes de palavra iniciada com sílaba tônica
5.3 *Waw* conjuntivo antes de *shewa* composto
5.4 *Waw* conjuntivo antes de בְ, מְ, פְ e *shewa* vocálico
5.5 *Waw* conjuntivo antes de *yodh* acompanhado de *shewa* vocálico
5.6 Observações finais sobre o *waw* conjuntivo
5.7 Texto para ler, meditar e memorizar (Sl 50.15)

6. PREPOSIÇÕES E O ה DE DIREÇÃO
6.1 Preposições inseparáveis
6.1.1 Formas básicas das preposições inseparáveis
6.1.2 Posição das preposições inseparáveis
6.1.3 Outras formas das preposições inseparáveis

6.1.3.1 Preposição com palavra que tem *shewa* simples na primeira sílaba
6.1.3.2 Preposição com palavra iniciada com *yodh* e *shewa* simples
6.1.3.3 Preposição antes de guturais com *shewa* composto
6.1.3.4 Preposição antes de sílaba tônica
6.1.3.5 Preposição antes de artigo definido
6.2 Preposições autônomas
6.2.1 Preposição מִן־
6.2.2 Preposição אֶל
6.2.3 Preposição עַל
6.3 Resumo das preposições
6.4 O ה de direção ou paragógico
6.5 Texto para copiar, ler e meditar (Sl 37.3-5)

7. GÊNERO E NÚMERO DOS SUBSTANTIVOS E DOS ADJETIVOS
7.1 Gênero dos substantivos e dos adjetivos
7.1.1 Forma do masculino
7.1.2 Forma do feminino
7.2 Número dos substantivos e dos adjetivos
7.2.1 Masculino plural
7.2.2 Feminino plural
7.2.3 Dual
7.3 Resumo sobre gênero e número
7.4 Texto para cópia, leitura e futura tradução (Sl 23)

8. O CONSTRUTO E O ABSOLUTO
8.1 Definição dos termos
8.2 Posição do construto e do absoluto
8.3 Formas básicas dos substantivos no construto
8.3.1 Forma do masculino singular
8.3.2 Forma do feminino singular
8.3.3 Forma do masculino plural
8.3.4 Forma do feminino plural
8.3.5 Forma do dual
8.4 Outras características gerais do construto e do absoluto
8.5 Resumo das principais mudanças nas terminações do construto
8.6 Alguns substantivos com formas irregulares no construto

9. O ADJETIVO
9.1 Definição do termo
9.2 Função atributiva
9.3 Função predicativa

10. OS PRONOMES PESSOAIS
10.1 Definição do termo
10.2 Pronomes pessoais do singular
10.3 Exemplo de uso dos pronomes pessoais do singular
10.4 Pronomes pessoais do plural
10.5 Exemplos de uso dos pronomes pessoais do plural
10.6. Texto para cópia, leitura e futura tradução (Êx 3.13-15)

11. OS SUFIXOS PRONOMINAIS
11.1 Definição do termo
11.2 Possíveis formas dos sufixos pronominais
11.3 Substantivos com sufixos pronominais
11.3.1 Substantivos masculinos com sufixos pronominais do singular
11.3.2 Substantivos masculinos com sufixos pronominais do plural
11.3.3 Substantivos femininos com sufixos pronominais do singular
11.3.4 Substantivos femininos com sufixos pronominais do plural
11.4 Resumo geral dos sufixos pronominais

12. OUTROS PRONOMES E O ה INTERRROGATIVO
12.1 Pronomes demonstrativos
12.1.1 Pronome demonstrativo masculino singular
12.1.2 Pronome demonstrativo feminino singular
12.1.3 Pronome demonstrativo comum plural
12.1.4 Pronomes demonstrativos הוּא הִיא הֵמָּה הֵנָּה
12.2 Pronomes interrogativos
12.2.1 Interrogativo מִי
12.2.2 Interrogativos מָה מָה e מַה
12.2.3 Interrogativo אֵי
12.3 ה interrogativo
12.4 Pronome relativo
12.4.1 Forma completa do pronome relativo
12.4.2 Forma abreviada do pronome relativo

13. GRAUS DO ADJETIVO
13.1 Comparativo
13.1.1 Comparativo de superioridade
13.1.2 Comparativo de inferioridade
13.1.3 Comparativo de igualdade
13.2 Superlativo
13.2.1 Superlativo relativo
13.2.2 Superlativo absoluto

14. OS NUMERAIS HEBRAICOS
14.1 Numerais cardinais de um a dez
14.2 Numerais cardinais de onze a dezenove
14.3 Numerais cardinais de vinte a noventa e nove
14.4 Centenas
14.5 Milhares
14.6 Numerais ordinais

15. O VERBO — *QAL* COMPLETO
15.1 Uso do completo
15.1.1 Tempo
15.1.2 Graus
15.1.3 Vozes
15.1.4 Ordem das palavras nas orações verbais
15.2 Modelo do *qal* completo

16. O VERBO — *NIFAL* COMPLETO
16.1 Características gerais do *nifal* completo
16.2 Modelo do *nifal* completo

17. O VERBO — *PIEL* COMPLETO
17.1 Características gerais do *piel* completo
17.2 Modelo do *piel* completo

18. O VERBO — *PUAL* COMPLETO
18.1 Características gerais do *pual* completo
18.2 Modelo do *pual* completo

19. O VERBO — *HIFIL* COMPLETO
19.1 Características gerais do *hifil* completo
19.2 Modelo do *hifil* completo

20. O VERBO — *HOFAL* E *HITPAEL* COMPLETOS
20.1 O *hofal completo*
20.1.1 Características gerais do *hofal* completo
20.1.2 Modelo do *hofal* completo
20.2 O *hitpael* completo
20.2.1 Características gerais do *hitpael* completo
20.2.2 Modelo do *hitpael* completo
20.3 Quadro geral das formas do completo do verbo forte
20.4 Quadro resumo para auxílio da tradução do completo

21. O VERBO — USO E FORMAS DO INCOMPLETO
21.1 Uso do incompleto
21.1.1 Tempo
21.1.2 Graus
21.1.3 Vozes
21.2 Quadro geral das formas do incompleto do verbo forte
21.3 Quadro resumo para auxílio da tradução do completo e do incompleto utilizando como exemplo o verbo קָטַל

22. O VERBO FRACO
22.1 Verbos guturais
22.1.1 Verbo *pe*-gutural (I-gutural)
22.1.2 Verbo *'ayin*-gutural (II-gutural)
22.1.3 Verbo *lamedh*-gutural (III-gutural)
22.1.4 Verbo *pe-'aleph* (I-*'aleph*)
22.2 Verbos contratos ou assimilantes
22.2.1 Verbo *pe-nun* (I-*nun*)
22.2.2 Verbo duplo-*'ayin* (geminado)
22.3 Verbos quiescentes
22.3.1 Verbo *pe-yodh* (I-*yodh*)
22.3.2 Verbo *'ayin-yodh* (II-*yodh*)
22.3.3 Verbo *pe-waw* (I-*waw*)

22.3.4 Verbo *'ayin-waw* (II-*waw*)
22.3.5 Verbo *lamedh-'aleph* (III-*'aleph*)
22.3.6 Verbo *lamedh-he* (III-*he*)

23. FUNÇÕES E FORMAS DO *WAW* CONSECUTIVO

23.1 Funções do *waw* consecutivo
23.1.1 Função do *waw* consecutivo com o verbo no completo
23.1.2 Função do *waw* consecutivo com o verbo no incompleto
23.1.3 *Waw* consecutivo na função de conjuntivo
23.2 Formas do *waw* consecutivo
23.2.1 Formas no completo
23.2.2 Formas no incompleto

24. OUTRAS MODALIDADES DO VERBO

24.1 Jussivo
24.2 Coortativo
24.3 Imperativo
24.4 Particípio
24.4.1 Particípio como adjetivo
24.4.2 Particípio como verbo
24.4.3 Particípio como substantivo
24.5 Infinitivo
24.6 Graus de menor frequência

25. A PRÁTICA DA TRADUÇÃO

25.1 Diferentes formas de tradução
25.1.1 Tradução ultraliteral
25.1.2 Tradução formal
25.1.3 Tradução idiomática
25.1.4 Tradução livre
25.2 Textos para análise e tradução
25.2.1 Salmos 1.1-6
25.2.2 Êxodo 20.1-17
25.2.3 Rute 1.1-22
25.2.4 Isaías 6.1-13
25.2.5 Gênesis 3

26. NOÇÕES GERAIS DE EXEGESE DO ANTIGO TESTAMENTO
26.1 Definição de exegese
26.2 Alguns passos para uma boa exegese
26.2.1 Busca de orientação divina
26.2.2 Delimitação do texto de interesse
26.2.3 Análise gramatical de cada palavra do texto hebraico
26.2.4 Tradução do texto hebraico
26.2.5 Verificação dos textos variantes
26.2.6 Comparação entre versões
26.2.7 Análise histórica
26.2.8 Análise do contexto geográfico
26.2.9 Análise do gênero literário
26.2.10 Análise teológica
26.2.11 Análise do significado de palavras e frases importantes
26.2.12 Acertos de tradução
26.2.13 Comentário explicativo
26.2.14 Aplicação da mensagem para a atualidade
26.3 Textos para análise, tradução e exegese
26.3.1 Amós 4.6-13
26.3.2 Jeremias 7.1-15

APÊNDICES
Apêndice 1: Tradução dos exercícios
Apêndice 2: Modelos dos verbos
Apêndice 3: Léxico analítico

BIBLIOGRAFIA

INTRODUÇÃO

Será possível perceber, logo de início, que não temos a intenção de discutir aqui, ou mesmo de apresentar, os pormenores da gramática hebraica. Existem várias obras sobre esses assuntos, e os interessados poderão encontrar algumas delas na Bibliografia. O objetivo de *Gramática instrumental do hebraico* é destacar as questões principais da língua hebraica relacionadas à Bíblia, sem entrar em pormenores importantes, mas desnecessários para o momento. Além disso, a obra busca orientar os estudantes sobre o manuseio dos instrumentos disponíveis hoje para que os textos do Antigo Testamento possam ser traduzidos com relativa facilidade. Em especial, ela foi escrita para os estudantes brasileiros, tendo muitas de suas partes adaptadas para estes, a fim de que sua compreensão fique mais acessível.

A execução de cada exercício, na ordem encontrada neste livro, bem como a memorização das palavras apresentadas no vocabulário são tarefas que não podem ser negligenciadas. Os exercícios estão em ordem crescente; normalmente, o posterior depende de elementos do anterior. Assim, para que possa haver melhor aproveitamento de qualquer capítulo, o aluno só deve passar a estudá-lo depois de ter domínio do anterior. Ou seja, o capítulo 2 deve ser estudado depois de todas as dúvidas do capítulo 1 terem sido dirimidas; o capítulo 3, após o estudante ter compreendido bem o capítulo 2, e assim por diante.

Desde logo, o estudante deve dedicar tempo ao aprendizado do vocabulário hebraico; isto facilitará seu trabalho de tradução. A técnica da utilização de cartões, nos quais são escritas de um lado as palavras hebraicas e do outro as equivalentes portuguesas, sempre é de grande ajuda. Também a gravação das palavras do vocabulário para que o estudante as ouça mais tarde e sempre que possível, enquanto caminha, dirige, etc., pode ser um auxílio excelente. Fica aqui a sugestão de utilização das duas formas de estudo.

Esta é a terceira edição da *Gramática instrumental do hebraico*, que foi ampliada e corrigida em alguns pontos. Desde sua primeira edição, em 2005, a obra tem sido aprimorada levando-se em conta os bons comentários de alunos e as observações inteligentes de vários professores que atuam em faculdades teológicas brasileiras e a utilizam como base para suas aulas. Sem dúvida, ela tem se mostrado um instrumento eficiente para o aprendizado do hebraico bíblico.

O estudo do hebraico, ou de qualquer outra língua, exige muito esforço por parte do interessado, mas a recompensa é certa, como é possível constatar com vários dos que já utilizaram este método. Com um pouco de disciplina e dedicação, seguindo-se fielmente as orientações apresentadas, ao final do trabalho será possível, com o auxílio de instrumentos adequados, traduzir de forma razoável qualquer texto hebraico da Palavra de Deus. Sem dúvida, este será um grande recurso para quem atua no ministério do ensino teológico e da pregação e deseja descobrir o significado real das Escrituras Sagradas.

Na parte final do livro localiza-se o léxico analítico de todas as palavras utilizadas nos exercícios propostos ao longo da obra. A razão para utilizá-lo é que o aluno, depois de conhecer os passos necessários para a tradução, esteja capacitado a consultar um léxico analítico completo — um recurso muito útil no trabalho de tradução de outros textos da Bíblia Hebraica.

Um trabalho difícil mas muito importante está à sua espera, e não há razão para adiá-lo. Siga em frente pedindo o auxílio, a graça e a sabedoria que vêm do Senhor. Mãos à obra!

CAPÍTULO 1

O ALFABETO HEBRAICO

O hebraico é um idioma muito diferente do português. Por isso, é necessário começar do zero, ou seja, de seu alfabeto aparentemente estranho, para poder entender posteriormente seu funcionamento.

As letras que formam o alfabeto hebraico são chamadas quadráticas, ou caracteres quadráticos, devido às suas formas mais ou menos quadradas. Existem também as letras cursivas, utilizadas ainda hoje na escrita manual. Neste livro, contudo, serão utilizadas apenas as quadráticas, pois são empregadas na literatura normalmente disponível em nosso país. Elas aparecem nos livros, na imprensa de forma geral e, o mais importante para os estudantes de teologia, nos textos impressos da Bíblia Hebraica.

O alfabeto hebraico, diferentemente do português, não possui vogais. É formado apenas por consoantes, com o total de 22 letras básicas. Algumas delas, em determinadas ocasiões, podem assumir até quatro formas diferentes, como, por exemplo, a letra *kaph*:

כ כ ך ך

São quatro símbolos diferentes, ainda que com algumas semelhanças, para representar a mesma letra, possuindo também o mesmo valor numérico, como será visto mais adiante.

1.1. Primeiras onze letras do alfabeto hebraico

Procure decorar as onze primeiras letras a seguir, copiando-as ao lado dos modelos apresentados e lendo-as, várias vezes em voz alta, como indicado na coluna que apresenta o nome de cada uma.

Nome	Forma	Cópia	Cópia	Cópia	Cópia	Cópia	Cópia	Cópia
'aleph	א							
beth	ב							
gimel	ג							
daleth	ד							
he	ה							
waw	ו							
zayin	ז							
heth	ח							
teth	ט							
yodh	י							
kaph	כ							

1.1.1. Transliteração das onze primeiras letras

Veja a seguir as letras do alfabeto português ou os símbolos correspondentes ao alfabeto hebraico que são adotados neste livro para uma possível transliteração.

Nome da letra hebraica	Forma hebraica da letra	Transliteração
'aleph	א	'
beth	ב	*b*
gimel	ג	*g*
daleth	ד	*d*
he	ה	*h*
waw	ו	*w*
zayin	ז	*z*
heth	ח	*ḥ*
teth	ט	*ṭ*
yodh	י	*y*
kaph	כ	*k*

Esclarecimentos sobre transliteração e pronúncia:

a) O *'aleph* (א) não possui correspondente em português. Utiliza-se em sua transliteração[1] apenas um sinal de aspiração branda ('), como se vê no quadro. Ele não possui som e não deve ser confundido com a vogal *a*, pois é uma consoante. Parece estranho uma letra não ter som, mas também na língua portuguesa ocorre algo semelhante quando se utiliza a letra *h* em palavras como "homem" ou "hora". O *h* figura nessas palavras, mas não é pronunciado.

b) O *gimel* (ג) tem o som de *g* como na palavra *ga*to e *nunca* é pronunciado como em *gi*rafa. Em algumas ocasiões pode ser transliterado *gh*, mas este detalhe não deve nos preocupar agora.

[1]Transliterar é representar letras de uma palavra com caracteres equivalentes de outra língua. Devido à falta de padrão para a transliteração do hebraico em português e à multiplicidade de propostas, sugerimos neste livro que, em trabalhos diversos em que sejam utilizadas palavras hebraicas, para que não haja confusão de termos, elas sejam sempre empregadas na forma hebraica mesmo, seguidas de uma transliteração como simples auxílio de leitura para quem não conhece a língua original. Aqui estamos adotando a transliteração utilizada em R. Laird Harris; Gleason L. Archer Jr.; Bruce K. Waltke, orgs., *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento* (São Paulo: Vida Nova, 1998).

Ernani Pimentel

Gramática pela Prática

15ª edição

SEGUNDO A NOVA ORTOGRAFIA

Vestcon

Gramática pela Prática

Ernani Pimentel

Gramática pela Prática

Escritor, gramático e professor com formação em Língua Portuguesa, Latim, Linguística, Análise de Texto, Teoria e Análise Literária. Ernani Pimentel é pesquisador de Língua Portuguesa há quarenta e oito anos, autor de mais de 10 mil páginas didáticas e de livros que são *best-sellers* nessa área. Já teve mais de quinhentos e cinquenta mil alunos presenciais nos estados de Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, Goiás, Tocantins e Distrito Federal. Hoje leciona para milhares de alunos na internet, via www.vestcon.com.br.

Contempla antiga e nova ortografias. Ambas em vigor até 31 de dezembro de 2012.

15ª edição
Revista e Ampliada
Adota a Nova Ortografia

Vestcon

Brasília
2012

© 2012 Vestcon Editora Ltda.

Todos os direitos autorais desta obra são reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/2/1998. Proibida a reprodução de qualquer parte deste livro, sem autorização prévia expressa por escrito do autor e da editora, por quaisquer meios empregados, sejam eletrônicos, mecânicos, videográficos, fonográficos, reprográficos, microfílmicos, fotográficos, gráficos ou outros. Essas proibições aplicam-se também à editoração da obra, bem como às suas características gráficas.

Pimentel, Ernani.
Gramática pela prática / Ernani Pimentel. – 15. ed. – Brasília : Vestcon, 2012.
442 p. : il. ; 21 cm.

ISBN 978-85-381-0671-5

1. Língua portuguesa – gramática. I. Título.

CDU 81'36

DIRETORIA EXECUTIVA
Norma Suely A. P. Pimentel

PRODUÇÃO EDITORIAL
Fabrícia de Oliveira Gouveia

EDIÇÃO DE TEXTO
Isabel Cristina Aires Lopes
Cláudia Freires

ASSISTENTE EDITORIAL
Gabriela Tayná Moura de Abreu

AUXILIAR DE PRODUÇÃO
Geane Rodrigues Rocha

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA
Marcos Aurélio Pereira

REVISÃO
Fábio Marques Rezende
Liv Chamma
Naiane B. Francischetto

CAPA
Agnelo Pacheco
Bertoni Design

EDITORA FILIADA

Vestcon

SEPN 509 Ed. Contag 3° andar CEP 70750-502 Brasília/DF
SAC: (61) 3034 9588 Tel.: (61) 3034 9576 Fax: (61) 3347 4399

www.vestcon.com.br

Atualizado até 4/2011
Publicado em 4/2012
(LLP14)

Situe-se

Este livro faz parte do **Curso de Língua Portuguesa do Professor Ernani Pimentel**, constituído por uma trilogia:

1. GRAMÁTICA PELA PRÁTICA
2. ANÁLISE SINTÁTICA VISUAL
3. INTELECÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

GRAMÁTICA PELA PRÁTICA (LIVRO E CURSO *ONLINE*)
Desenvolvimento racional e fixação pela prática dos conceitos de Fonologia, Morfologia, Estrutura e Formação de Palavras, Ortografia, Regência Verbal e Nominal, Crase, Concordância Verbal e Nominal, Colocação Pronominal, Pontuação e Semântica, com o intuito de proporcionar ao interessado uma visão objetiva, clara e segura da Língua Portuguesa, que o tornará, em pouco tempo, apto a entender e escrever corretamente, inclusive para prestar exames e concursos, sem a necessidade de conhecer profundamente Análise Sintática.

ANÁLISE SINTÁTICA VISUAL (LIVRO E CURSO *ONLINE*)
Apresentação e treino, de maneira profunda, sintética e fácil, dos fundamentos da Análise Sintática para os que pretendem conquistar um conhecimento mais consistente da nossa estrutura linguística, ou que querem passar em provas e concursos que exigem essa matéria.

INTELECÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS (LIVRO E CURSO *ONLINE*)
Exposição e treinamento, em linguagem clara e sucinta, de conceitos como Linguagem, Língua, Fala, Tipos de Signo, Elementos da Comunicação, Funções da Linguagem, Prosa, Poema, Poesia, Sincronia, Diacronia, Narração, Descrição, Dissertação, Níveis de Fala, Tipos de Norma, Tipos de Discurso, Tipos de Narrador, Figuras de Linguagem, Qualidades e Vícios de Linguagem, Coesão e Coerência... ferramentas necessárias a uma abordagem consciente e racional de textos informativos e literários, cujo conhecimento, direta ou indiretamente, é cobrado nas provas de intelecção e interpretação de textos. Mais de 480 exercícios propostos, corrigidos e/ou comentados, findos os quais o estudioso se sentirá competente e capaz no que se refere à construção e leitura de qualquer tipo de texto.

Apresentação Rápida

Destinação
Professores, universitários, concursandos, vestibulandos, profissionais liberais, comunicadores e você que, de vez em quando, tem dúvida.

Assunto
Fonologia, Ortografia, Morfologia, Estrutura e Formação de Palavras, Concordância, Regência, Colocação, Crase, Pontuação e princípio estrutural das frases. Tudo de que se necessita para escrever e falar corretamente o Português de hoje, no Brasil, e para passar em concursos de nível médio e superior, vestibulares, ENEM, PAS, OAB...
Cuidado prévio: foram estudados, comparados e coligidos os autores nacionais mais respeitados pelas universidades brasileiras e pelos mais avançados órgãos elaboradores de concursos.

Diferencial
A prática como caminho da teoria. O interessado pratica, entende, conclui e fixa a estrutura das frases e seus significados. Absorve o uso da Norma Culta, ou Padrão, do idioma pelo raciocínio conduzido passo a passo e pela repetição das fórmulas consagradas e oficializadas.

Motivação
Eliminação do mito de que é preciso saber muita teoria além de toda a Análise Sintática para escrever e falar bem. Demonstração de que se pode saber Sintaxe com apenas uns mínimos rudimentos de Análise Sintática.

Técnica de Abordagem
Variável de acordo com o assunto, de forma a facilitar o aprendizado. As técnicas escolhidas foram consagradas ao longo de mais de trinta e cinco mil horas-aula e mais de quinhentos e cinquenta mil alunos. A teoria, exposta com um mínimo de palavras em relação às gramáticas tradicionais, transmite-se de maneira prática, direta e consistente.

Orientação de Uso
O interessado deve fazer a lápis os exercícios de cada comando, conferir com o gabarito e refazer os errados. Assim que os exercícios estiverem corretos, ir adiante. Terminado um capítulo, voltar ao início do livro e ler, no sumário, os assuntos estudados, para mais tarde saber localizar onde esclarecer suas dúvidas. Pronto? Passar ao capítulo seguinte.

Recurso Extra
Videoaulas com o autor na internet.
Visite o *site* **www.vestcon.com.br** e assista às aulas ministradas pelo próprio autor, com direito a desconto pela aquisição deste livro.

Palavras do Autor

Caro estudioso,

Este livro é resultado de muitos anos de carinho e dedicação à tarefa de simplificar o estudo da Língua Portuguesa, sob o enfoque da profundidade e da abrangência.

Separe de duas a três horas por dia – você consegue – e dois ou três meses bastam para mudar e ampliar, de uma vez, sua visão e conhecimento a respeito da Língua Portuguesa.

Ao término desse tempo, você terá conquistado confiança em sua própria capacidade de escrever bem, além de poder sair-se vitorioso em provas e concursos de nível médio e superior, vestibulares, PAS, ENEM, OAB...

Antecipadamente, agradeço, de coração, as sugestões que queira enviar, ou dúvidas e questões que constituam desafio para alunos e professores.

Ernani Pimentel
linguaportuguesa@vestcon.com.br

Sumário

1 FONOLOGIA, DIVISÃO SILÁBICA E TRANSLINEAÇÃO

Estudo dos fonemas ____ 25
Sílaba ____ 25
Fonema ____ 25
Fonema ≠ Grafema ____ 26
Tipos de fonemas ____ 26
Vogal ____ 26
Semivogal ____ 27
Consoante ____ 28
Encontros Vocálicos ____ 29
Ditongo crescente ____ 29
Ditongo decrescente ____ 29
Tritongo ____ 29
Hiato ____ 29
Encontros Consonantais ____ 30
Descontínuos ou separáveis ____ 30
Contínuos, reais ou inseparáveis ____ 30
Dífono ____ 30
Dígrafo ____ 30
Divisão Silábica ____ 30
Translineação ____ 31

2 ESTRUTURA E FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Palavra, Fonema, Morfema, Semantema, Unidade Mórfica ____ 37
Palavra Primitiva, Derivada, Cognata, Família de Palavras ____ 38
Palavra Primitiva ____ 38
Palavra Derivada ____ 38
Palavra Cognata ____ 39
Família de Palavra ____ 39
Radical, Prefixo, Sufixo ____ 39
Raiz ≠ Radical ____ 40
Raiz ____ 40
Radical ____ 40
Tema, Vogal Temática, Afixo (prefixo e sufixo) e Desinência ____ 41
Tema ____ 41
Vogal Temática ____ 41
Desinência ____ 42
Afixo ____ 42
Prefixo ____ 42
Sufixo ____ 42
Vogal e Consoante de Ligação ____ 43
Formação de Palavras: Derivação, Composição, Hibridismo ____ 44
Derivação ____ 45
Derivação Prefixal ____ 45
Derivação Sufixal ____ 45
Derivação Prefixal e Sufixal ____ 45

Derivação Parassintética ou Circunfixal 45
Derivação Regressiva 45
Derivação Imprópria ou Conversão 46
Derivação por Abreviação ou Redução 46
Derivação por Reduplicação 46
Derivação por Combinação 46
Derivação por Intensificação 47
Composição 47
Composição por Justaposição 47
Composição por Aglutinação 47
Hibridismo 47

3 ORTOGRAFIA

Alfabeto 52
Uso de K, W, Y 52
Uso do H, h 53
Uso das Letras 54
Uso do Hífen (norma antiga) 59
Uso do Hífen (norma nova) 66
Não se Usa Hífen 74
Hífen Repetido 76
Uso dos Porquês 77
Mal ≠ Mau 79
Onde ≠ Aonde 80
Abreviaturas, Siglas, Símbolos 80
Acentuação Gráfica (norma antiga) 81
Acentuação Gráfica (norma nova) 89

4 SUBSTANTIVO

Definição 97
Locução substantiva 97
Classificação 97
Concreto 97
Abstrato 97
Próprio 98
Comum 98
Coletivo 98
Flexão 98
Flexão de gênero 99
Masculino 99
Feminino 99
Comum de dois 99
Sobrecomum 99
Epiceno 99
Formação do feminino 100
Femininos especiais 102
Flexão de número 104
Singular 104
Plural 104
Pluralia tantum 104

Formação do plural 104
Plural com metafonia 109
Plural dos compostos ligados por hífen 112
Flexão de grau 116
Aumentativo 116
Diminutivo 116
Sentidos afetivo e pejorativo 116

5 ARTIGO

Definição 121
Classificação 121
Definido 121
Indefinido 121
Uso do Artigo 121

6 ADJETIVO

Definição 125
Adjetivo Restritivo 125
Adjetivo Explicativo 126
Adjetivo Antes ou Depois de Substantivo 126
Locução Adjetiva 126
Flexão 127
Flexão de gênero 127
Adjetivo biforme 127
Adjetivo uniforme 127
Flexão de número 128
Flexão de grau 129
Grau comparativo 129
Grau superlativo 130
Como diferençar adjetivo de substantivo 133

7 PRONOME

Definição 135
Papel dos Pronomes 135
Pronome substantivo 135
Pronome adjetivo 135
Classificação e Emprego dos Pronomes 136
Pronomes pessoais 136
Pronomes de tratamento 141
Pronomes demonstrativos 143
Pronomes relativos 146
Pronomes relativos e ambiguidade 149
Pronomes interrogativos 149
Pronomes possessivos 150
Pronomes indefinidos 151
Locução Pronominal Indefinida 151

8 NUMERAL

Definição e Classificação 157
Papel dos Numerais 157

Numeral substantivo 157
Numeral adjetivo 157
Emprego dos Numerais 158
O e UM: artigo, pronome, ou numeral? 164

9 VERBO

Definição Provisória 165
Estrutura dos Verbos – Conjugações (1ª, 2ª e 3ª) 165
Números e Pessoas Verbais – Desinências 166
Quadro de desinências número-pessoais 167
Modos Verbais 167
Indicativo, subjuntivo, imperativo 167
Subjuntivo não subordinado 168
Tempos Verbais 168
Presente, pretérito e futuro 168
Presente e pretérito (passado) do indicativo 169
Presente e futuro do presente do modo indicativo 169
Correlação de Tempos ou *Consecutio Temporum* 170
Quadro de Desinências Modo-temporais e Número-pessoais 171
Vozes Verbais 172
Voz ativa 174
Voz passiva 174
Voz passiva e passividade 174
Voz passiva analítica 175
Voz passiva sintética 175
Voz reflexiva 175
Voz reflexiva recíproca 175
Mudança de voz 176
Passagem da ativa para a passiva analítica 176
Passagem da ativa para a passiva sintética 177
Aspectos Verbais 178
Paradigmas das Três Conjugações Regulares – Tempos Simples: **amar**, **vender**, **partir** 179
Infinitivo impessoal 179
Modo indicativo 179
Presente 179
Pretérito perfeito 180
Pretérito imperfeito 180
Pretérito mais-que-perfeito 181
Futuro do presente 181
Futuro do pretérito 182
Modo subjuntivo 182
Presente 182
Pretérito imperfeito 183
Futuro 183
Modo imperativo 184
Imperativo afirmativo 184
Imperativo negativo 184
Formas nominais do verbo 185
Infinitivo: impessoal e pessoal 186

Gerúndio 186
Particípio 186
Conjugação dos Verbos **ter**, **haver**, **ser** e **estar** 187
Uso de **ter**, **haver**, **ser** e **estar** como auxiliares 190
Paradigmas das Três Conjugações Regulares – Tempos Compostos: **ter amado**, **ter vendido**, **ter partido** 191
Paradigma da Voz Passiva 192
Formas Rizotônicas e Arrizotônicas 195
Definição Abrangente de Verbo 196
Locução Verbal 196
Verbo auxiliar e verbo principal 196
Formação de Tempos e Modos 197
Derivado do presente do indicativo 197
Presente do subjuntivo 197
Derivados dos presentes do indicativo e subjuntivo 198
Imperativos afirmativo e negativo 198
Derivados do pretérito perfeito 199
Mais-que-perfeito do indicativo 199
Futuro do subjuntivo 199
Imperfeito do subjuntivo 199
Derivados do infinitivo impessoal 201
Imperfeito do indicativo 201
Futuro do presente 201
Futuro do pretérito 201
Particípio 201
Gerúndio 201
Infinitivo pessoal 201
Classificação do Verbo quanto ao Modelo de Conjugação 202
Verbo regular 202
Verbo irregular 202
Irregularidade e variação gráfica 202
Metafonia ou alteração de timbre vocálico 203
Como saber se um verbo é regular 203
Verbo anômalo 203
Verbo defectivo 203
Verbo unipessoal 204
Verbo impessoal 204
A respeito de defectivos, unipessoais e impessoais 204
Verbo abundante 205
A respeito de abundantes 205
Relação de verbos abundantes no particípio 205
Verbo Pronominal e Voz Reflexiva 208
Paradigma de Conjugação Pronominal e Reflexiva 209
Classificação do Verbo quanto à Função 214
Verbo principal 214
Verbo auxiliar 214
Uso dos Particípios: Regular e Irregular 215
Conjugação de Verbos Regulares, Irregulares, Defectivos, Anômalos e Abundantes que Requerem Atenção 215

1ª Conjugação

Abalroar 220
Abençoar 220
Abotoar 220
Abreviar 218
Acarear 217
Acariciar 218
Aceitar 205
Adequar(-se) 221
Adiar 218
Afiar 218
Afoguear 217
Agoniar 218
Agraciar 218
Aguar 221
Alardear 217
Aliar 218
Aliviar 218
Amaciar 218
Ampliar 218
Amuar 221
Anexar 206
Angariar 218
Ansiar 219
Antiquar 221
Anunciar 218
Apaniguar 221
Apaziguar 221
Apear 217
Aperrear 217
Apiadar(-se) 220
Apiedar(-se) 220
Apreciar 218
Apropinquar(-se) 221
Arear 217
Arrear 217
Arrepiar 218
Assediar 218
Assentar 206
Assoar 220
Assobiar 218
Associar 218
Assoviar 218
Ataviar 218
Atear 217
Atuar 221
Autuar 221
Avaliar 218
Averiguar 221
Aviar 218
Balbuciar 218
Baquear 217
Beneficiar 218
Bloquear 217
Caçoar 220
Caluniar 218
Cambalear 217
Capitanear 217
Cear 217
Chiar 218
Circundar 216
Clarear 217
Coar 220
Confiar 218
Consignar 223
Constar 216
Continuar 221
Contrariar 218
Coxear 217
Criar 218
Cultuar 221
Dar 216
Deliciar 218
Delinqüir/delinquir 221
Desaguar 221
Desdar 216
Desfiar 218
Desnortear 217
Despertar 206
Dignar(-se) 223
Dispersar 206
Doar 220
Eclipsar 223
Encruar 221
Enfiar 218
Ensaboar 220
Entregar 206
Enunciar 218
Enviar 218
Enxaguar 221
Enxugar 206
Esfriar 218
Espiar 218
Estagnar 223
Estar 187
Estrear 218
Evidenciar 218
Expiar 218
Expressar 206
Expulsar 206
Extasiar 218
Falsear 217
Fartar 206
Fiar 218
Findar 206
Folhear 217
Frear 217
Galantear 217
Ganhar 206
Gastar 206
Golpear 217
Graduar 221
Granjear 217
Grassar 216
Guerrear 217
Habituar 221
Hastear 217
Historiar 218
Idear 218
Impugnar 223
Incendiar 219
Indignar(-se) 223
Injuriar 218
Insertar 206
Isentar 206
Jejuar 221
Juntar 206
Limpar 206
Magoar 220
Matar 206
Mediar 219
Menear 217
Miar 218
Minguar 221
Mobilar 219
Mobilhar 219
Mobiliar 219
Negociar 218/219
Nomear 217
Nortear 217
Obliquar(-se) 221
Obstar 223
Obviar 220
Odiar 219
Oficiar 218
Optar 223
Pagar 206
Palmear 217

Passear 217
Patentear 217
Pegar 206
Pentear 217
Persignar(-se) 223
Piar 218
Planear 217
Porfiar 218
Precatar(-se) 217
Premiar 218/219
Prenunciar 218
Prestar 216
Principiar 218
Procriar 218
Pronunciar 218
Propugnar 223
Pugnar 223
Raptar 223
Reboar 220
Recear 217
Recrear 217
Recriar 218
Refrear 217
Regatear 217
Relampaguear 217
Relampear 217
Relampejar 216
Remediar 219
Renunciar 218
Repugnar 223
Resfolegar 222
Resfolgar 223
Resignar(-se) 223
Restar 216
Ritmar 223
Rodear 217
Saborear 217
Saciar 218
Salvar 206
Saquear 217
Sediar 218
Semear 217
Sepultar 206
Serpear 217
Serpentear 217
Soar 220
Sobestar 216
Sobrestar 216
Soltar 207
Suar 221
Sustar 216
Tosquiar 218
Tracejar 216
Vadiar 218
Vangloriar(-se) 218
Variar 218
Voar 220

2ª Conjugação

Absolver 205
Abster(-se) 224
Acender 205
Adjazer 225
Adscrever 228
Afazer 224
Antepor 231
Antever 234
Apor 231
Aprazer 226
Ater(-se) 224
Bem-fazer 224
Bendizer 228
Benquerer 233
Benzer 206
Caber 227
Circumpor 231
Circunjazer 225
Circunscrever 228
Compor 231
Comprazer 225
Condizer 227
Condoer-se 230
Conter 224
Contradizer 228
Contrafazer 224
Contrapor 231
Corroer 230
Crer 227
Decompor 231
Depor 231
Desafazer 224
Desaprazer 226
Descaber 227
Descompor 231
Descomprazer 225
Descrer 227
Descrever 228
Desdizer 228
Desfazer 224
Desprazer 226
Desprover 232
Desquerer 233
Desvaler 234
Deter 224
Dispor 231
Dizer 228
Doer(-se) 230
Eleger 206
Entredizer 228
Entrepor 231
Entreter 224
Entrever 234
Envolver 206
Equivaler 234
Escrever 228
Esfazer 224
Esmoer 230
Estupefazer 224
Expor 231
Fazer 224
Feder 228
Haver(-se) 229
Impor 231
Incorrer 206
Indispor 231
Inscrever 228
Interdizer 228
Interpor 231
Jazer 225
Justapor 231
Ler 227
Liqüefazer/Liquefazer 224
Maldispor 231
Maldizer 228
Malfazer 224
Malquerer 233
Manter 224
Moer 230
Morrer 206
Nascer 206
Obter 224
Opor 231
Perder 230

Perfazer 224
Poder 231
Pôr 231
Pospor 231
Prazer 226
Precatar(-se) 217
Precaver(-se) 232
Predispor 231
Predizer 228
Prender 206
Prepor 231
Prescrever 228
Pressupor 231
Prever 234
Propor 231
Proscrever 228
Prover 232
Putrefazer 224
Querer 233
Rarefazer 224
Reaver 229
Recompor 231
Redizer 228
Reescrever 228
Refazer 224
Reler 227
Remoer 230
Repor 231
Requerer 233
Reter 224
Rever 1 234
Rever 2 234
Roer 230
Romper 202
Saber 233
Satisfazer 224
Sobrepor 231
Sobrescrever 228
Soer 230
Sotopor 231
Subjazer 205
Subscrever 228
Superpor 231
Supor 231
Surpreender 207
Suspender 207
Suster 224
Ter 224
Torrefazer 224
Transcrever 228
Transfazer 224
Transpor 231
Trazer 226
Tresler 227
Tumefazer 224
Valer 234
Ver 234
Viger 235

3ª Conjugação

Abolir 235
Abrir 238
Abstrair 236
Acudir 239
Aderir 242
Adir 241
Advertir 242
Advir 246
Aferir 242
Agredir 236
Aguerrir 241
Anuir 237
Argüir/Arguir 237
Aspergir 242
Assumir 239
Atingir 245
Atrair 236
Aturdir 243
Auferir 242
Avir(-se) 246
Banir 235
Bramir 235
Brandir 235
Brunir 243
Bulir 239
Cair 236
Carpir 235
Cerzir 239
Cingir 245
Cobrir 240
Colorir 235
Combalir 241
Comedir 235
Compelir 242
Competir 242
Concernir 242
Concluir 237
Conduzir 241
Conseguir 242
Consentir 243
Constituir 237
Constringir 245
Construir 236
Consumir 239
Contrair 236
Contundir 206
Convergir 242
Convir 246
Cuspir 239
Decair 236
Deferir 242
Defluir 237
Delinqüir/delinquir 238
Delir 235
Demolir 235
Denegrir 236
Desabrir 238
Desavir(-se) 246
Descair 236
Descobrir 240
Desconstruir 236
Desentupir 239
Desimpedir 244
Desmentir 243
Despedir 244
Despir 242
Despolir 245
Desservir 242
Destingir 245
Destituir 237
Destruir 236
Detrair 236
Diferir 242
Digerir 242
Discernir 243
Distinguir 245
Distrair 236
Divergir 242
Divertir 242
Dormir 240
Embair 241

Emergir 242
Emolir 235
Empedernir 241
Encobrir 240
Engolir 240
Entreabrir 238
Entupir 239
Erigir 206
Esbaforir-se 241
Escapulir 239
Esculpir 241
Espargir 243
Espavorir 241
Estruir 237
Esvair 236
Exaurir 243
Exinanir 241
Expedir 244
Expelir 241
Explodir 241
Exprimir 206
Extinguir 245
Extorquir 235
Extrair 236
Falir 241
Ferir 242
Florir 241
Foragir-se 243
Fornir 241
Fremir 235
Frigir 243
Fruir 237
Fugir 239
Fulgir 243
Garrir 241
Gerir 242
Haurir 243
Imergir 242
Impedir 244
Impelir 242
Impingir 243
Imprimir 206
Inanir 241
Incluir 206
Induzir 241
Influir 237
Infringir 245
Ingerir 242
Inserir 241
Instruir 237
Intervir 246
Ir 244
Jungir 243
Luzir 241
Medir 244
Mentir 243
Obstruir 237
Omitir 206
Ouvir 244
Pedir 244
Perseguir 242
Polir 245
Possuir 237
Pressentir 243
Presumir 239
Preterir 242
Prevenir 236
Progredir 236
Prosseguir 242
Protrair 236
Provir 246
Pruir 238
Puir 238
Reabrir 238
Reassumir 239
Recair 236
Reconstruir 236
Redargüir/redarguir 237
Reduzir 241
Refletir 242
Refluir 237
Regredir 236
Reluzir 241
Remir 241
Renhir 241
Repelir 242
Repetir 242
Ressair 236
Ressarcir 241
Ressentir 243
Ressequir 241
Restituir 237
Resumir 239
Retorquir 235
Retrair 236
Retribuir 237
Retrotrair 236
Revelir 241
Revestir 242
Rir 245
Ruir 238
Sacudir 239
Seduzir 241
Sair 236
Seguir 242
Sentir 243
Servir 242
Sobressair 236
Sobrevir 246
Sorrir 245
Sortir 245
Subir 239
Submergir 242
Subtrair 236
Sugerir 242
Sumir 239
Suprimir 207
Surtir 245
Tingir 245
Tinir 245
Tossir 240
Trair 236
Transgredir 236
Transir 241
Ungir 243
Vagir 235/245
Vestir 242
Vir 246
Zunir 239

10 ADVÉRBIO

Definição 259
Circunstâncias Expressas 261
Locução Adverbial 262

11 PREPOSIÇÃO
Definição 267
Preposições Essenciais 267
Locuções Prepositivas 268
Preposições Acidentais 268

12 CONJUNÇÃO
Definição 271
Locução Conjuntiva (exercícios 16 a 18) 272
Classificação 272
Conjunções coordenativas 272
Aditivas 272
Adversativas 272
Alternativas 273
Conclusivas 273
Explicativas 273
Conjunções subordinativas adverbiais 273
Causais 273
Concessivas 274
Condicionais 274
Conformativas 274
Finais 274
Consecutivas 274
Temporais 274
Comparativas 274
Proporcionais 275
Conjunções subordinativas substantivas 275
Integrantes 275

13 INTERJEIÇÃO
Classificação 279
Definição 279
Locução Interjetiva 279

14 SEMÂNTICA
Definição 281
Denotação 281
Conotação 281
Homonímia 281
Sinonímia 281
Antonímia 281
Paronímia 282
Hiperonímia 284
Hiponímia 285

15 CONCORDÂNCIA NOMINAL
Do Adjunto com o Núcleo Substantivo 289
Do Predicativo com o Núcleo Substantivo 291

Anexo, Bastante, Incluso, Junto, Leso, Meio, Muito, Nenhum,
Pouco, Próprio, Só, Dado, Visto, Obrigado, Quite ____ 292
Adjuntos de Antropônimos (Nomes de Pessoas) ____ 293
Dois ou Mais Adjetivos para um Mesmo Substantivo ____ 294
Um ou outro, Um e outro, Nem um nem outro ____ 294
Tal ... qual, Tais ... quais ____ 294
Menos, Pseudo, Monstro, Alerta ____ 295
O mais ... possível, O melhor possível ____ 295
É bom... É proibido... É necessário... ____ 296
A olhos vistos, A olhos vistas ____ 297
Nós = Eu, Vós = Tu ____ 297
Santo e São ____ 298
Concordância Sintática e Concordância Semântica ____ 298

16 CONCORDÂNCIA VERBAL

Definição ____ 301
Concordância Sintática e Concordância Semântica ____ 301
Com Sujeito Simples ____ 301
Com Sujeito Composto Anteposto ____ 302
Com Sujeito com Pessoas Diferentes ____ 302
Com Sujeito Composto Posposto ____ 303
Com Sujeito com Aposto Resumitivo ____ 303
Com Sujeito com Núcleos Sinônimos ou Quase ____ 304
Com Sujeito com Núcleos em Gradação ____ 304
Com Sujeito com *Ou* ____ 305
Com Sujeito com *Nem* ____ 306
Com Sujeito com *Com* ou *Como* ____ 307
Com Sujeito com *Não Só ... mas também, Tanto ... quanto* ____ 307
Com Sujeito com *Mais de um ... Mais de dois... Mais de três...* ____ 308
Com Sujeito com *Um e outro, Nem um nem outro* ____ 308
Um ou outro ____ 309
Com Sujeito *Que* ____ 309
Com Sujeito *Quem* ____ 310
Com Sujeito *Um dos que* ____ 310
Com Sujeito *Quais de vós, Quantos de nós* ____ 310
Com Sujeito *Qual de nós, Nenhum de nós* ____ 311
Com Sujeito com *A maioria de... Grande parte de... Um enxame de...* ____ 311
Com Sujeito com *Cada, Nenhum, Qualquer* ____ 312
Com Sujeito com *Um por cento, Vinte por cento* ____ 312
Com Sujeito com *Cerca de... Perto de... Obra de...* + Numeral ____ 313
Com Sujeito Plural Aparente ____ 313
De Haja vista ou Hajam vista ____ 314
De Aluga-se casa, Alugam-se casas ____ 314
De Gosta-se de fruta, Gosta-se de frutas ____ 315
Com Vossa Senhoria está... Vossas Senhorias estão... ____ 316
Com Sujeito de Dar, Bater, Soar ____ 316
Com Sujeito Composto com Ideia Única ____ 317
Com Sujeito Oracional ____ 317
Com Parecem sorrir ou Parece sorrirem ____ 318
Com Infinitivo ____ 318

Infinitivo invariável 318
Infinitivo variável ou flexionado 319
Infinitivo como complemento de verbos permissivos, causativos e sensitivos 320
Dos Verbos só de 3ª Pessoa 320
Do Verbo Ser nas Interrogações 321
Do Verbo Ser com *Isto, Isso, Aquilo...* 321
Do Verbo Ser com Pronome Reto 322
Do Verbo Ser com Medida ou Quantidade 322
Do Verbo Ser com Distância, Data ou Hora 323
Do Verbo Ser entre Dois Substantivos Comuns, de Números Diferentes 323
Do Verbo Ser com Gente 324
Do Verbo Ser na Expressão *É que* 324
Do Verbo Ser em *Era uma vez ... Eram dois caminheiros* 325

17 REGÊNCIA

Definição 335
Regência Verbal 335
Regência dos verbos mais frequentes 335
- Agradar 336
- Ansiar 336
- Aspirar 337
- Assistir 337
- Atender 337
- Chamar 338
- Chegar 338
- Custar 338
- Esquecer 339
- Implicar 339
- Ir/vir 340
- Lembrar, avisar, prevenir 340
- Morar, residir, situar-se, estabelecer-se 341
- Namorar 341
- Obedecer, desobedecer, suceder e obstar 341
- Pagar 342
- Perdoar 342
- Preferir 342
- Presidir 342
- Querer 343
- Responder 343
- Visar 343

Isto é para eu fazer. Isto é para mim 344
Está na hora de a onça beber água 344
Pedir para ~~que~~ 344
Não disse o em que acreditava/Não disse no que acreditava 345
Ter de ≠ ter que 345
Onde ≠ Aonde 345
Sintaxe do verbo haver 346

Uso de *o* ou *lhe* 346
Complementos de regências diferentes 347
Pronome relativo – complemento verbal 348
Regência Nominal 348
Um mesmo regido para mais de um regente 349
Um mesmo regente para mais de um regido 349
Regência dos substantivos e adjetivos mais frequentes 350

18 COLOCAÇÃO OU TOPOLOGIA PRONOMINAL

Próclise, Mesóclise, Ênclise 355
Com Um só Verbo 355
Com Infinitivo 360
Com Locução Verbal 361

19 CRASE

Conceituação 367
Método Prático 368
Casos Especiais 369
Em locuções 369
Em lugares 370
Com distância 370
Com horas 371
Paralelismo e quebra do paralelismo 371
Com pronomes relativos 372
Com *casa* 372
Com *terra* 373
Com *até* ou *até a* 373
Com pronomes possessivos 374
Com antropônimos femininos 374
Em *à moda de* 375
Não há Crase 375
Uso do Paralelismo 378
Há ≠ A 379

20 PONTUAÇÃO

Visão Geral 383
Visão Detalhada 383
Uso da Vírgula 383
Dentro de uma oração 383
Entre orações 387
Vírgulas permutáveis por parênteses ou travessões 386
Dois-pontos 389
Ponto e vírgula 389
Reticências 390
Travessão, Aspas Duplas e Simples 391

21 GABARITO 401

Fonologia, Divisão Silábica e Translineação

ESTUDO DOS FONEMAS

Uma frase é uma linha melódica composta de palavra(s), que, por sua vez, compõe(m)-se de **sílaba(s)**.

Sílaba

Quando falamos, produzimos "arrancos sonoros".

Eu que ri a sa ber se vo cê me en ten deu.

Cada um desses "arrancos" chama-se **sílaba**.

Quais sílabas há na seguinte frase?

A conquista do sucesso é questão de vontade.

Resposta: (Escreva como você pronuncia cada sílaba.)

1 ___ 2 ___ 3 ___ 4 ___ 5 ___ 6 ___ 7 ___ 8 ___ 9 ___ 10 ___ 11 ___ 12 ___ 13 ___ 14 ___ 15 ___

Você notou que as sílabas são conjuntos de sons mínimos? Esses sons mínimos são os **fonemas**.

Fonema

Chama-se **fonema** o som mínimo usado na língua para distinguir o significado de uma palavra do significado de outras.

/r/ato /m/ato /p/ato /f/ato	r/a/to r/e/to r/i/to r/o/to	ra/t/o ra/l/o ra/r/o ra/b/o
/r/-/m/-/p/-/f/ são fonemas	/a/-/e/-/i/-/o/ são fonemas	/t/-/l/-/r/-/b/ são fonemas

Observação:

Fonema não é letra, é som. Letra ou grafema é desenho que representa o som. Fala-se e ouve-se o fonema. Escreve-se e enxerga-se o grafema ou letra.

Tipos de Fonemas

Vogal

A vogal é o fonema em que a sílaba se apoia.
A vogal é o apoio da sílaba.

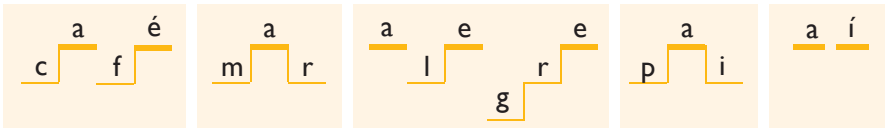

Observe que toda sílaba tem uma vogal que a apoia e que só há um ponto de apoio em cada sílaba.
Portanto, **só há uma vogal em cada sílaba**.

Prática

■ Distribua os fonemas nos gráficos. Ouça como você os pronuncia para não errar.

1. mãe
2. pão
3. mão
4. pau
5. pais
6. país

■ Compare agora as palavras **pais** e **país** e marque **C** ou **E** nos parênteses.

7. ( ) Nas duas o **i** é o apoio da sílaba.
8. ( ) Só em **pais** o **i** é o apoio da sílaba.
9. ( ) Só em **país** o **i** é apoio de sílaba.
10. ( ) Só em **país** o **i** é vogal, porque vogal é apoio da sílaba.

■ Compare **mãe** e **pai**, **pão** e **pau**. Agora marque **C** ou **E** nos parênteses.

11. ( ) Em **mãe** e **pai**, as letras **e** e **i** representam o mesmo som ou fonema: **i**.
12. ( ) Em **pão** e **pau**, as letras **o** e **u** representam o mesmo fonema: **u**.
13. ( ) Em **mãe** e **pai**, o fonema **i** é o apoio da sílaba.
14. ( ) Em **pão** e **pau**, os fonemas **o** e **u** são vogais.
15. ( ) Em **pão** e **pau**, as vogais são **ã** e **a**.
16. ( ) Em **mãe** e **pai**, as vogais são **ã** e **a**.
17. ( ) Em **país**, o **i** é vogal (apoio de sílaba) como o **a**.

Importante:

Na escrita, as cinco **letras** a, e, i, o, u representam doze vogais da língua falada:
- **sete vogais orais**: a, é, ê, i, ó, ô, u;
- **cinco vogais nasais**: ã, ẽ, ĩ, õ, ũ.

A vogal nasal pode ser escrita de três maneiras diferentes:
- **com til**: m**ã**o, p**õ**e, c**ã**s, ím**ã**, maç**ã**;
- **com m**: **âm**bar, **sem**pre, **tim**bre, **com**pra, **Jum**bo;
- **com n**: **an**tes, **en**te, **cin**to, **con**to, **jun**ta.

Prática

- Reescreva as vogais que distinguem os significados dos seguintes pares:

18. Ele havia **lido** um **lindo** artigo. _____
19. Ela não foi **boba**, percebeu que era uma **bomba**._____
20. **Vede** como ele **vende** bem._____
21. Ele vive **mudo** num **mundo** loquaz._____
22. **Lá** se fabrica **lã** de primeira._____
23. Já **leste** as notícias do **leste** europeu?_____
24. Ontem ele não **pôde**, mas hoje **pode** falar. _____

Semivogal

Semivogal são os fonemas **i** e **u**, quando apoiados em uma vogal. Como você já viu, as semivogais **i** e **u** podem também ser representadas pelas letras **e** e **o** (mã**e**, pã**o**).

Prática

- Distribua nos gráficos.

25. cai
26. caí
27. louro
28. lua

- Agora julgue as afirmações e coloque **C** ou **E** nos parênteses.

29. ( ) Em **cai**, o **i** é semivogal.
30. ( ) Em **caí**, o **a** é vogal.
31. ( ) Em **caí**, o **i** é vogal.
32. ( ) Em **louro**, o **u** é vogal.
33. ( ) Em **lua**, o **u** é vogal.
34. ( ) Em **lua**, há duas vogais.
35. ( ) Em **cai**, há duas vogais.

Consoante

Consoante é qualquer fonema que se apoie em vogal e que não seja semivogal.

Prática

■ Distribua nos gráficos os fonemas.

36. bonde

37. ombro

38. Marte

39. norte

■ Agora, julgue as afirmações.

40. ( ) Em **bonde** e **norte**, o **n** é consoante.
41. ( ) Em **norte**, o **n** é consoante.
42. ( ) Em **Marte** e **ombro**, o **m** é consoante.
43. ( ) Em **Marte**, o **M** é consoante.
44. ( ) Em **ombro**, **om** é uma vogal nasal.
45. ( ) Em **bonde**, **on** é uma vogal nasal.

Importante:

Você sabia que as semivogais **i** e **u** podem ser representadas pela letra **m**? Veja:

iam

bem 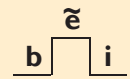

Em ambos os casos, a letra **m** serviu para nasalar as vogais (ã, ẽ) e representar as semivogais (u, i).

Prática

■ Distribua nos gráficos a frase.

46. Ela passou bem o vestido.

■ Assinale **C** ou **E** nos parênteses.

47. ( ) O **ss** representa um som só, por isso é um só fonema, consoante.
48. ( ) Em **bem**, o **m** é consoante.
49. ( ) Em **bem**, o **m** é semivogal (i) e marca a nasalização da vogal (ẽ).

50. ( ) Há dez vogais na frase apresentada.
51. ( ) Há duas semivogais na frase citada.
52. ( ) Há nove consoantes.
53. ( ) Há oito consoantes.
54. ( ) Há nove vogais.
55. ( ) Se há nove vogais, há nove sílabas.

ENCONTROS VOCÁLICOS (orais ou nasais)

Ditongo crescente

Semivogal + vogal, na mesma sílaba.

série: r i e / sv v

quanto: k u ã / sv v

sério: r i u / sv v

Ditongo decrescente

Vogal + semivogal, na mesma sílaba.

mau: m a u / v sv

botão: t ã u / v sv

bem: b ẽ i / v sv

Tritongo

Semivogal + vogal + semivogal, na mesma sílaba.

quão: k u ã u / sv v sv

quais: k u a i s / sv v sv

Hiato

Vogal + vogal.

saída: s a í / v v

caaba: c a a / v v

baús: b a ú s / v v

ENCONTROS CONSONANTAIS

Descontínuos ou separáveis

Cada consoante numa sílaba.

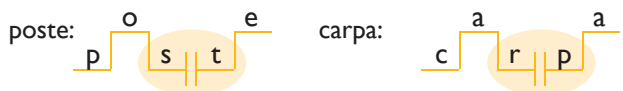

Contínuos, reais ou inseparáveis

Consoantes juntas na mesma sílaba.

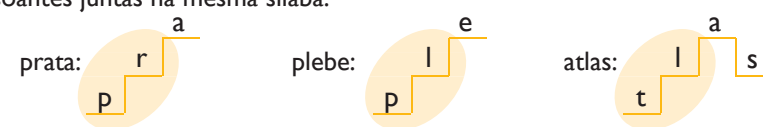

blusa, **br**aço, **cl**aro, **cr**uz, **dr**ama, **fl**auta, **fr**aco, **gl**úten, **gr**osa, **pr**ana, a**tl**ântico, **tr**ena, la**vr**a...

Dífono

Uma letra = dois fonemas.

táxi	x = ks	/t/á/k/s/i/.
ônix	x = ks	/ô/n/i/k/s/.

DÍGRAFO

Duas letras = um só fonema.

onde (= õ), **ch**apéu (= x).

ja**rr**a, ca**lh**a, u**nh**a, **lon**ge, **gen**te, cre**sc**er, cre**sç**a, e**xc**itar, pa**ss**ar, **ch**ave, **gu**iso, **qu**ilo, n**im**bo, m**an**ga, **jum**bo...

DIVISÃO SILÁBICA

A separação de uma palavra em sílabas depende da pronúncia.
Observe as seguintes regras:

Não se separam

Ditongos e tritongos

m**ai**s m**ai**-ô q**ua**-se sa-g**uão** q**uai**s

Os dígrafos lh – nh – ch – gu – qu – am – an – em – en – im – in – om – on – um – un

a-**lh**o bu-**ch**a **gu**ei-xa **lim**-po
ni-**nh**o **qu**e-ro **sem**-pre **con**-to

Encontros consonantais no início das palavras

gno-mo **ps**i-co-lo-gi-a **gn**o-se **pn**eu

Separam-se

As vogais do hiato

r**e**-**u**-ni-do c**o**-**o**-pe-rar p**o**-**é**-ti-co r**u**-**a** b**i**-**o**-lo-g**i**-**a**

As letras dos dígrafos rr – ss – sc – sç – xc

ga**r**-**r**o-te a**s**-**s**e**s**-**s**or su**s**-**c**i-tar cre**s**-**ç**a e**x**-**c**e-ção

Os encontros consonantais descontínuos (antes da última consoante)

o**c**-**c**i-pi-tal su**bs**-**t**an-ti-vo pa**c**-**t**o fel**ds**-**p**a-to

Os encontros que contêm s separam-se após o s

a**bs**-**tr**a-to pe**rs**-**p**i-caz su**bs**-**cr**e-ver

Atenção:

Em sílaba átona final, hiato pode ser lido como ditongo ou vice-versa.
his-tó-r**i**-**a** ou his-tó-r**ia**; sé-r**i**-**e** ou sé-r**ie**.
Mas, na escrita, não se separam: his-tó-ria, sé-rie.

TRANSLINEAÇÃO

bi-	giras-		fac-
savô	sol		ção

Translineação é a divisão de palavras no final de uma linha e começo de outra. Normalmente, obedece à divisão silábica.

1. Evite escrever uma letra isolada no fim ou início de uma linha.

o-
ceano

Capara-
ó

2. Evite separar as sílabas de nomes próprios personativos.

Joa-
quim

Angé-
lica

3. Evite deixar em uma das linhas parte de palavra que possa ser lida como chula, de calão ou grosseira.

ocu-
pado

após-
tolo

vaga-
bunda

4. Evite separar o hiato em final de palavra.

vali-
as

ja-
ós

5. Quando a translineação acontece onde há hífen, este se repete:

disse-
-lhe

auto-
-observação

pré-
-histórico

Prática Geral

56. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Indique a alternativa em que há **erro(s)** de divisão silábica.
a) res-sur-gir / a-ve-ri-gueis / vo-o / po-e-ta / quais-quer.
b) ca-í-ram / co-o-pe-ra-ção / pig-meu / op-ção / cons-ti-tu-in-tes.
c) tu-a / ai-ro-so / e-gí-pcio / su-bs-tan-ti-vo / pneu-má-ti-co.
d) ab-di-ca-ção / o-ci-den-tal / sor-rin-do / sou-bes-te / mne-mô-ni-ca.
e) a-do-les-cen-te / mai-o-res / sub-ju-gar / me-lan-co-li-a / cir-cui-to.

57. (PRF/N.M./ANP) A divisão silábica **não** está correta em:
a) car-rei-ra. b) des-i-lu-são. c) nas-cer. d) rá-dio.

58. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa que apresenta divisão silábica **incorreta**.
a) mne-mô-ni-ca / ét-ni-co / op-ção / ab-di-car.
b) fi-lho / ma-nhã / cons-ci-en-te / des-cer.
c) per-ce-pção / a-ni-mais / sa-ú-de / in-ter-stí-cio.
d) pres-cin-dir / res-ci-são / e-xér-ci-to / guer-ra.

59. Assinale a opção em que **todas** as palavras estão corretamente separadas em sílabas.
a) pa-pe-lei-ro / te-rre-no / re-co-lhe-dor.
b) ter-ri-tó-ri-o / in-dis-pen-sá-ve-is / pro-me-ssas.
c) con-qu-is-tou / au-xí-lios / com-pa-nh-ei-ra.
d) des-gre-nha-da / in-sis-ten-te / en-som-bra-do.
e) ar-mis-tí-cio / es-cas-sos / e-xclu-si-vi-da-de.

60. As palavras **carrossel** e **corrupção** têm as sílabas corretamente divididas em:
a) car-ros-sel / cor-rup-ção.
b) ca-rro-ssel / co-rru-pção.
c) ca-rro-ssel / co-rru-p-ção.
d) car-ro-ssel / cor-rup-ção.
e) ca-rros-sel / co-rrup-ção.

61. Assinale a alternativa que apresenta as duas palavras com as sílabas **corretamente** divididas.
a) poe-ta / a-bso-lu-to.
b) bo-lin-ha / pa-cto.
c) de-sci-da / mi-lha.
d) ri-t-mo / a-d-je-ti-vo.
e) Pa-ra-guai / Pi-au-í.

62. A alternativa que apresenta a divisão silábica **correta** de todas as palavras é:
a) as-pec-to / fic-ção / pês-se-go / sal-si-cha.
b) ri-tmo / ass-eio / di-scu-ssão / as-sar.
c) de-zes-seis / admis-ão / ma-chu-car / ca-rro.
d) chei-a / sub-stan-ti-vo / i-deal / fas-ci-na-ção.
e) ma-cio / ba-i-xo / dis-ten-são / guer-ra.

63. Entre as palavras abaixo, há uma que apresenta **semivogal**. Assinale-a.
a) tapioca. b) saúde. c) hiato. d) goleada. e) feito.

64. A palavra cuja separação de sílabas está **incorreta** é:
a) co-or-de-nar.
b) sub-ju-gar.
c) sub-trair.
d) pneu-má-ti-co.
e) e-qui-va-len-te.

65. Marque a opção em que todas as palavras são **substantivos** separados corretamente em sílabas.
a) in-dig-na-ção / a-do-le-scen-te / ad-mi-nis-trar.
b) rea-gir / tra-bal-ho / in-di-gna-da.

c) a-tro-pe-la-men-to / coi-bir / res-sar-ci-men-to.
d) con-ces-são / ab-di-ca-ção / ir-res-pon-sa-bi-li-da-de.
e) ma-dri-nha / con-ti-nu-ar / atro-pe-la-men-to.

66. No vocábulo **brasileiríssimo**, há
a) 13 fonemas; nenhum encontro consonantal; 1 hiato; 2 dígrafos; 7 vogais; nenhuma semivogal.
b) 14 fonemas; 1 encontro consonantal; 1 ditongo decrescente oral; 1 dígrafo; 7 vogais; nenhuma semivogal.
c) 14 fonemas; 1 encontro consonantal; 1 ditongo decrescente oral; 1 dígrafo; 6 vogais; 1 semivogal.
d) 15 fonemas; 1 encontro consonantal; 1 ditongo crescente oral; 1 dígrafo; 3 vogais; 4 semivogais.

67. Apresentam o **mesmo** fonema inicial os vocábulos:
a) cheguei / certos / cima.
b) ciência / sossego / canção.
c) quem / cultivar / cravei.
d) geologia / grandeza / gente.

68. Assinale a alternativa em que há **erro** na divisão silábica das palavras.
a) tran-so-ce-â-ni-co / o-blí-quo / pneu-má-ti-co.
b) a-ve-ri-guou / pe-rí-o-do / bi-sa-vô.
c) subs-cri-tar / u-ru-gu-ai-o / su-bli-nhar.
d) es-pé-cie / a-poi-o / trans-por-te.

69. Assinale a palavra cuja separação de sílabas está **errada**.
a) ma-tri-cu-lou.
b) re-ssen-ti-men-to.
c) hu-mi-lha-ção.
d) ver-go-nha.
e) sim-ples-men-te.

70. Indique a opção em que o fonema /s/ se realiza em todas as palavras da série que está em **ordem alfabética**.
a) intercessor / intervencionismo / introspecção / introversão.
b) ociosidade / reposição / rescisão / repressão.
c) ferocíssimo / litisconsórcio / hortaliça / insucesso.
d) homologação / isenção / ficção / fossilização.
e) cansaço / forçoso / formoso / fosforescência.

71. Marque a opção em que todas as palavras são **adjetivos** e estão separadas, corretamente, em sílabas.
a) as-sis-tên-cia / dig-no / hu-mi-lha-ção.
b) con-stran-gi-do / a-rro-gan-tes / re-a-lis-ta.
c) in-te-lec-tual / e-fe-ti-vo / cor-ru-pto.
d) ad-mi-ra-dís-si-mo / res-pei-tá-veis / i-nin-ter-rup-to.
e) a-dmi-ti-mos / sub-me-ti-dos / con-vin-ha.

72. Em qual alternativa se encontra uma palavra **errada** quanto à separação de sílabas?
   a) poe-ti-sa.
   b) co-lhe-res.
   c) ra-í-zes.
   d) fe-ro-zes.
   e) seis-cen-tos.

■ Assinale **C** ou **E**.

73. ( ) Joia, apoio, joio, Irineia são exemplos de tritongos.
74. ( ) Separam-se as sílabas assim: jo-ia, a-po-io, jo-io, I-ri-ne-ia.
75. ( ) A divisão silábica correta é: joi-a, a-poi-o, joi-o, I-ri-nei-a.
76. ( ) Essa mesma divisão silábica pode ser usada para translineação.

■ Assinale **C** ou **E** considerando a separação silábica para **translineação**.

77. ( ) separa-ção / se-paração.
78. ( ) coi-va-ra / dis-puta.
79. ( ) Jo-sé / Eustá-quio.
80. ( ) a-notar / i-lação.

Estrutura e Formação de Palavras

PALAVRA, FONEMA, MORFEMA, SEMANTEMA, UNIDADE MÓRFICA

Prática

■ Leia o texto, relacionando-o ao quadro abaixo, e responda **C** ou **E**:

	Coluna A	Coluna B	Coluna C	Coluna D	Coluna E
1	palavra	m e n i n i n h a s			
2	fonema	/m/ /e/ /n/ /in/	/in/ /nh/	/a/	/s/
3	morfema	menin	inh	a	s
4	semantema	filhote humano	pequeno	fêmea	mais de um
5	unidade mórfica	radical	sufixo	desinên. gênero	desinên. número

Uma palavra, como "menininhas", observada sua morfologia (morfo = forma, logia = estudo), é constituída por **unidades de som** mínimas, capazes de alterar significado, ou seja, constrói-se com **fonemas** (Capítulo 1, Fonologia). Pode também ser analisada quanto aos seus menores **componentes dotados de significado**, que se chamam **morfemas**. Um morfema pode ser estudado sob o ponto de vista do significante (conjunto de sons e letras) ou do significado (imagem mental que se desperta no cérebro do falante/ouvinte – IIT, Capítulo 2, Signo Linguístico).

Semântica é o estudo dos significados, e o morfema, visto por esse prisma, recebe também o nome de **semantema**.

O **semantema** pode trazer um significado relacionado à vida real, ao mundo extralinguístico – **pão**, **chuva**, **horizonte**... – e recebe o nome de morfema ou semantema **lexical**, **extralinguístico** ou **exofórico**, como os radicais das palavras.

Por outro lado, o semantema pode referir-se a um significado pertencente não ao mundo externo, mas ao mundo interno da língua – como os morfemas **ão** e **ázio** que significam aumentativo; **inho** e **ico**, diminutivo; **isa** e **esa**, feminino; **o** e **or**, masculino; ausência e presença de **s**, denotando singular ou plural –, sendo chamados de morfemas ou semantemas **gramaticais**, **intralinguísticos** ou **endofóricos,** representados por prefixos, sufixos, desinências etc.

1. ( ) Uma palavra pode decompor-se em várias partes e sob visões diferentes.
2. ( ) Fonema é uma unidade de significado.
3. ( ) Fonema é uma unidade mínima de som, distintiva de significado.
4. ( ) Morfema é, na palavra, uma unidade mínima dotada de significado.
5. ( ) Semantema é uma unidade de significado que compõe uma palavra.
6. ( ) Semantema pode expressar um significado puramente gramatical ou intralinguístico, como gênero, número, grau (morfemas gramaticais), ou pode despertar um significado extralinguístico, como fé, mar, céu... (morfemas lexicais ou referentes ao mundo real).
7. ( ) Unidade mórfica é unidade de significado.
8. ( ) Mórfico é um adjetivo derivado do radical "morfos" que em grego significa "forma".
9. ( ) No morfema radical **menin**, as letras **i** e **n** representam o fonema **i nasal**.
10. ( ) No morfema sufixo diminutivo **inh**, fonologicamente a letra **n** tem duas funções: marca a nasalidade do **i** que a antecede e forma dígrafo com o **h** que a sucede, por isso está repetida na Coluna C do quadro supra, representando fonema.
11. ( ) Sufixo é o significado-base de uma palavra.
12. ( ) O radical contém o significado-base de uma palavra.
13. ( ) Sufixo é elemento caracterizador de gênero e número.
14. ( ) Sufixo é morfema que propicia derivar-se uma palavra de outra: bel**eza**, bon**dade**, cord**ão**.
15. ( ) Desinência é morfema que define flexão de gênero e número no substantivo; e número e pessoa, no verbo: canta**mos** (1ª pessoa do plural).

PALAVRA PRIMITIVA, DERIVADA, COGNATA, FAMÍLIA DE PALAVRAS

Há palavras constituídas apenas de radical (mar, ar, pó) e outras que se formam a partir dele (**mar**esia, **mar**ítmo, **aér**eo, **ar**ejado, **po**eira, em**po**ar). Em função disso, tem-se a seguinte distinção:

Palavra Primitiva

É a que dá origem a outra(s):

café, cipó, Amazonas.

Palavra Derivada

É a que se origina de outra:

cafezal, cipoal, Amazonense.

Palavra Cognata [co(m) = em companhia + gnata = nascida]

É a palavra nascida em companhia de outra, irmã de outra, pertencente à mesma família de outra. **Cruz**ada, **cruc**ificar, **cruz**eiro... são palavras cognatas porque nasceram da palavra **cruz**.

Família de Palavra

É o conjunto das palavras que têm o mesmo radical primário, ou seja, a mesma raiz.

RADICAL, PREFIXO, SUFIXO

Prática

■ Associe o quadro à leitura e responda **C** ou **E**.

Palavra	d e s c a p i t a l i z a r		
morfemas	des	capital	izar
extralinguístico		radical	
intralinguísticos	prefixo		sufixo

Observando-se a palavra "descapitalizar" e comparando-a com outras da mesma família (capitalizar, recapitalizar, capitalização, descapitalizado, capitalismo, capitalista...), é fácil perceber que o morfema permanente, em torno do qual se criaram essas palavras, é **capital**. Essa constatação permite dizer que esse morfema é o **radical** da palavra, porque tem relação com a raiz dela. Então, **radical** é, da palavra, a parte que mantém o **significado-base** e que **aponta para a raiz**.

16. ( ) Radical significa que tem relação com raiz.
17. ( ) O radical concentra a base da significação da palavra.
18. ( ) O radical classifica-se como morfema endofórico, ou de significado intralinguístico.
19. ( ) Prefixo é morfema de significado extralinguístico, ou exofórico.
20. ( ) Radical é componente formal da palavra, da qual constitui a base de significação externa, podendo seu significado ter referente extralinguístico (cavalo, capim) ou linguístico (vírgula, til).
21. ( ) O morfema **capital** classifica-se como lexical e não como gramatical.
22. ( ) O prefixo **des** traz à palavra um significado de ausência ou negação.
23. ( ) Ele existe só no mundo extralinguístico.
24. ( ) O sufixo **izar** é formador de verbo e sua existência se limita ao universo gramatical.
25. ( ) Prefixos e sufixos são morfemas gramaticais, por não terem referente extralinguístico.

RAIZ ≠ RADICAL

Raiz

É um substantivo que significa origem, início mais profundo. Há quem a chame de radical primário.

Radical

É palavra originariamente adjetiva que significa aquilo **que tem relação com RAIZ.**

Achar a **raiz** não é tão fácil. Leia as frases:

> "O capataz da fazenda perdeu a cabeça e fez um movimento tão brusco que traumatizou o bíceps do capitão, tendo este sido levado urgentemente para a capital".

Perceba que o conjunto fonêmico **capital** (cidade principal) tem um significado muito diferente do que o que se encontra em des**capital**izar, embora sejam iguais na forma. Engano, porque tanto o **capital** (dinheiro) quanto a **capital** (cidade) são oriundos da mesma raiz latina *"cáput, cápitis"*, que significa **cabeça**, **parte superior**, **parte mais importante**, **bico**, **ponta**. A partir daí, vejam-se, na frase dada, as outras palavras pertencentes a uma mesma família, porque apresentam a mesma raiz, embora modificada pelo uso e pelo tempo: **cap**ataz (chefe, o cabeça dos trabalhadores), **cab**eça (parte mais alta), bí**ceps** (que tem bi = duas + ceps = cabeças), **cap**itão (chefe, o cabeça de um grupo militar), a **cap**ital (cidade principal), o **cap**ital (o principal do dinheiro, excluídos os juros). Querendo-se ir adiante com o mesmo radical, há **cap**itel, **cap**ítulo, **cab**edal, **cap**itólio, **cap**otar, pre**cip**ício, per **cap**ita.

Contudo, a dificuldade de se achar a raiz da palavra não se deve apenas à metamorfose que ela sofre ao longo do tempo (cap, cab, cep, cip), mas às transformações que outras raízes de outras palavras também experimentam e com ela se confundem. Por exemplo, raízes que se confundem com **cap**, **cab**, **cep**, **cip**, de *"caput"*:

1. A palavra *"cappa"*, do latim tardio, que significava "certo tipo de casaco com capuz, capa", originou o diminutivo "cappella" e as palavras portuguesas **cap**a, **cap**ela (esta, no século VII, designava o local onde se venerava a capa de são Martinho, e daí se estendeu o significado para "oratório"), **cap**elo, **cap**ote, **chap**éu, **cap**ucho, **cap**uz, de**cap**ar, de**cap**ê, **quep**e...

2. A palavra *"cápus"*, do latim clássico, que significava "galo castrado", gerou em Português **cap**ar, **cap**ão, **cap**ado...

3. O verbo latino *"cápìo,is, cépi, cáptum, cápere"*, que era extremamente plurissignificativo, derivou na Língua Portuguesa **cab**o, **cab**az, **cab**ear, **cab**er, **cap**acidade, **cap**acitor, **cap**az, **capc**iosidade, **capc**ioso, **capt**ação, **capt**ar, **capt**ura, **cat**ador, **cat**ar, **cat**ivar, **cat**iveiro, a**cep**ção, a**cep**tar, a**cei**tar, con**ceb**er, con**cei**ção, con**cep**ção, ex**cep**to, ex**ce**to, ex**cip**iente, ex**cep**cional, en**ce**tar, o**cup**ar.

Achar a **raiz** é, portanto, bem mais difícil do que encontrar o radical de uma palavra. Por quê? Porque exige uma observação bem mais profunda, mais afastada, mais distante no tempo, o qual, com o seu passar e com as alterações das circunstâncias sociais e históricas, modificou o significante e o significado, a forma e o conteúdo, a grafia e a ideia da **raiz**, de várias maneiras.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, com base no texto acima.

26. ( ) É mais fácil encontrar o radical que a raiz, numa família de palavras.
27. ( ) A raiz e o radical se apresentam sempre com a mesma forma gráfica.
28. ( ) A raiz e o radical podem mostrar alterações, quer tenham origem culta, quer popular, como acontece com cátedra/cadeira, concepção/conceição, regular/regrar, sacratíssimo, sagradíssimo.
29. ( ) São cognatos: capitão, capote, capacidade, capado.
30. ( ) Uma maneira de ajudar a distinguir radicais é atentar para o significado.
31. ( ) Capa, capela, capelo, capote, capuz, capucho, chapéu e quepe são cognatos.

TEMA, VOGAL TEMÁTICA, AFIXO (prefixo e sufixo) E DESINÊNCIA

Tema

É o radical ou raiz acrescido da vogal temática, pronto, portanto, para receber a(s) desinência(s): cab + o = **cabo**, têmper + a = **têmpera**.

Vogal Temática

É a vogal que prepara o radical ou raiz, tanto para se tornar uma palavra independente, como para receber a(s) desinência(s) ou o(s) sufixo(s): cab + **o**, têmper + **a**.

Desinência

É elemento mórfico, ou componente formal, que se pospõe à raiz, ao radical ou ao tema de verbos, substantivos, adjetivos ou pronomes para marcar flexão nominal (de gênero, número, grau) e verbal (de modo, tempo, número, pessoa). Por isso, também são conhecidos por **morfemas flexionais**: cabo + **s**, têmpera + **s**, tempera + **r**.

Afixo

É elemento mórfico que se junta ao radical para criação de nova palavra, que se chamará **derivada**. Por esse motivo os afixos também se chamam **morfemas derivacionais**.

Prefixo

É afixo que **se antepõe ao radical** somando-lhe um novo significado, ligado ao de uma preposição: **des**temor, **contra**por, **sobre**ssair, **a**moral, **i**rregular...

Sufixo

É afixo que **se pospõe ao radical**, acrescentando-lhe nova ideia e definindo-lhe a categoria gramatical como adjetivo (amor**oso**, embeleza**do**), substantivo (utili**dade**, armazen**agem**), advérbio (feliz**mente**, grata**mente**)... ou somando-lhe sentido de agente ou profissão (cant**or**, livr**eiro**, dent**ista**, estud**ante**, secret**ário**), ação (cumpri**mento**, doa**ção**, toler**ância**, nivel**ar**, folh**ear**), aumentativo (fog**aréu**, barc**aça**, canec**ão**, grand**alhão**), diminutivo (papel**ucho**, sal**eta**, chuv**isco**, part**ícula**), coletivo (boi**ada**, dinheir**ama**, pluma**gem**), origem ou nacionalidade (brasil**eiro**, paulist**ano**, brasili**ense**)...

Prática

■ Tendo como ponto de partida o quadro a seguir e o texto recém-lido, responda **C** ou **E**:

	Prefixo	Radical	Vogal temática	Sufixo	Desinência mod./temp.	Desinência núm./pes.	Desinência gên./núm.	
1	des	temper	a		va	s		
2	re	corr	ê		ra	mos		
3	com	part	i		r	eis		
4	a	noit	e	ece	r			
6	a	clar	a		r			
7	in	util		mente				
8	des	temper	a	mento				s
8	sub	nutr	i		d		o	s
9		am	a	dor			a	s

32. ( ) Os elementos linguísticos presentes nas oito colunas verticais chamam-se morfemas.
33. ( ) Todos eles são morfemas gramaticais.
34. ( ) Radical e raiz são os únicos morfemas lexicais ou de significação externa à língua.
35. ( ) Prefixo, sufixo , vogal temática e desinência são morfemas gramaticais ou de significação interna à língua.
36. ( ) Prefixos são morfemas flexionais.
37. ( ) Morfemas flexionais são as desinências que, nos nomes, indicam flexão de gênero e número; e, nos verbos, número, pessoa, modo, tempo e gênero.
38. ( ) Até a linha 6, só há desinências verbais (modo-temporais e número-pessoais).
39. ( ) Na linha 4, há um sufixo verbal, formador de verbo; na 7, adverbial, formador de advérbio; na 8, nominal, formador de substantivo; e na 9, nominal, formador de adjetivo.
40. ( ) As vogais temáticas, na terceira coluna, juntam-se aos radicais, para que estes possam receber os sufixos ou as desinências.
41. ( ) Os sufixos sempre antecedem as desinências, assim como os prefixos em relação aos radicais.

VOGAL E CONSOANTE DE LIGAÇÃO

Observe-se a formação das seguintes palavras: pá + ada = pa**z**ada, cha + eira = cha**l**eira, gás + metro = gas**ô**metro, limão + inho = limão**z**inho, em que apareceram automaticamente os elementos mórficos **z**, **l**, **ô**, **z**, respectivamente, sem qualquer contribuição no significado e sem outra função que não seja a de facilitar a pronúncia. Às vogais e consoantes que se intercalam entre dois morfemas com a finalidade única de facilitar a prolação (pronúncia) da palavra dá-se o nome de vogais e consoantes de ligação.

Prática

- Olhando o parágrafo anterior e o quadro a seguir, pense e responda **C** ou **E**:

	Radical	Letra de ligação	Sufixo/ radical	Vogal temática	Desin. gên.		Desin. núm.	
					Masc.	Fem.	Sing.	Pl.
1	feliz		mente		/	/	/	/
2	carr			o	/	/	∅	s
3	carroç			a	/	/	∅	s
4	menin			o	o	a	∅	s
5	trist			e	/	/	∅	s
6	lápis				/	/	/	/
7	gas	o	duto		/	/	∅	s
8	pau	l	ada		/	/	∅	s
9	café	t	eira		/	/	∅	s
10	lan	i	fer	o	o	a	∅	s

42. ( ) Na linha 1, a palavra é formada apenas de radical e sufixo; sem qualquer desinência, porque advérbio é invariável.
43. ( ) Nas linhas 2, 3 e 5, não há desinência de gênero porque as desinências só existem quando justificadas pelo par opositivo (menin**o**/**a**). Carr**o**, carroç**a**, trist**e** não apresentam morfemas (nem masculinos nem femininos), só porque inexistem os opostos carr**a**, carroç**o**, trist**o** ou trist**a**. Na morfologia dos nomes (substantivos, adjetivos, certos pronomes), só existem três vogais temáticas e todas estão aqui representadas: e, o, a.
44. ( ) Nas linhas 4 e 10, o **o** é vogal temática, porque prepara o radical para ser uma palavra independente (menin**o**, lanífer**o**) e acumula a função de desinência de gênero, por causa da oposição (menin**o**/menin**a**, lanífer**o**/lanífer**a**).
45. ( ) Em **chute**, **cavalo**, **cavaleiro**, **bomba**, o fonema final é uma vogal temática, mas em **cipó**, **rapé**, **pá**, não há vogal temática, porque ela nunca é tônica. Como se vê, há nomes que não têm vogal temática, por isso não podem ter tema, mas têm apenas radical ou raiz, sendo, então, chamados de **atemáticos**.
46. ( ) O **o** e o **a** no final de certos substantivos não marcam masculino ou feminino (vo**o**, telefonem**a**, dram**a**, carr**o**, carroç**a**), o que lhes aponta o gênero são os seus determinantes: **o** voo, noss**o** telefonema, carroça conhecid**a**.
47. ( ) Em "Ele comeu o bol**o** e chutou a bol**a**", os elementos sublinhados e negritados são desinências de gênero.
48. ( ) Na linha 6, não há desinência de gênero, nem de número, porque o **s** final de palavras como **lápis**, **oásis**, **ônibus** não é marca de plural. O plural de tais palavras se mostra por um determinante: o**s** ônibus, lápis amarelo**s**, meus óculo**s**.
49. ( ) **Nos nomes**, o que marca singular não é a presença de uma letra, mas sua ausência, ou seja, a ausência do marcador de plural **s** é que indica estar a palavra no singular. Essa ausência do morfema plural **s** é o que se chama **morfema zero**. Por isso, no quadro, só há **desinência zero**, de número singular, quando a palavra tem plural formado por **s**.
50. ( ) "duto" (l.7) e "fero" (l.10) são sufixos latinos originários de verbos com significado de **conduzir**.
51. ( ) "duto" (l.7) e "fero" (l.10) são radicais latinos originários de verbos com significado de **conduzir**, enquanto "ada" e "eira" (l.8 e 9) são sufixos formadores de substantivos.
52. ( ) Nas linhas 7, 8, 9 e 10, há **vogais e consoantes de ligação**, que não contribuem para o significado, e existem apenas para facilitar a pronúncia.

FORMAÇÃO DE PALAVRAS: DERIVAÇÃO, COMPOSIÇÃO, HIBRIDISMO

Em Português, formam-se palavras por dois processos básicos: derivação e composição.

Derivação

É o processo pelo qual se formam palavras a partir de um radical, ao qual se acrescentam afixos.

Derivação Prefixal

Uso de prefixo como em **des**crença, **intro**versão, **super**feliz, **con**ter.

Derivação Sufixal

Uso de sufixo como em arroz**al**, arroz**eiro**, barc**aça**, barqu**inho**, fam**oso**.

Derivação Prefixal e Sufixal

É o acréscimo de outro afixo (prefixo ou sufixo) a uma palavra já constituída de radical e afixo. Com a eliminação de um dos afixos, a palavra continua existindo.

inutil**mente**, pois existe tanto **in**útil quanto util**mente**;
descumpri**mento**, pois existe tanto **des**cumprir como cumpri**mento**;
incomunicá**vel**, pois existe tanto **in**comunicar como comunicá**vel**.

Derivação Parassintética ou Circunfixal

Uso de prefixo e sufixo simultaneamente, ou seja, ambos se juntam ao radical no momento exato da criação da palavra, o que se prova pela tentativa inútil de se retirar o prefixo, porque a palavra sem ele inexiste, como em

embarc**ar**, pois não existe barcar;
anoit**ecer**, pois não existe noitecer;
repatri**ar**, pois não existe patriar.

Derivação Regressiva

É formada pela perda de elemento fônico da palavra primitiva, de tal maneira que a derivada fica menor em tamanho que a primitiva. Chama-se também derivação deverbal, porque a derivada é um substantivo que provém de um verbo como em:

pescar > a pesca	afagar > o afago	atacar > o ataque
perder > a perda	apelar > o apelo	enlaçar > o enlace
censurar > a censura	chorar > o choro	debater > o debate

Dica:

Como saber se **âncora** é primitiva ou derivada em relação a **ancorar**? E **venda** em relação a **vender**? O **substantivo deverbal contém em si a noção de ação** que herdou

do verbo, por isso observe não o verbo, mas o substantivo. Âncora, por não ter ideia de ação, não proveio de ancorar; então, âncora é primitiva e ancorar derivada.
Já o substantivo venda significa ação de vender e, por trazer ideia de ação, originou-se de um verbo, o que permite concluir que venda é derivada e vender é primitiva.

Derivação Imprópria ou Conversão

É a criação de uma palavra pela alteração de sua categoria gramatical:

Ele era um estudante **caxias**.	(antropônimo virando adjetivo)
Não li essa **circular**.	(adjetivo virando substantivo)
Deixa de ser **borboleta**, menina.	(substantivo virando adjetivo)
Que teremos para o **jantar**?	(verbo virando substantivo)
Pudera! **Bravo**!	(verbo e adjetivo virando interjeição)
Analisando **prós** e **contras**...	(advérbio e preposição virando substantivo)

Derivação por Abreviação ou Redução

Encurtamento da palavra primitiva:

motocicleta > moto	automóvel > auto
fotografia > foto	quilograma > quilo
logomarca > logo	Teresópolis > Terê
pneumático > pneu	Flamengo > Mengo

Cabem aqui as **Siglas**:

Organização dos Estados Americanos	>	OEA
Organização das Nações Unidas	>	ONU
Academia Brasileira de Letras	>	ABL
Transportes Aéreos Portugueses	>	TAP

PT, PMDM, DEM, PSB, PCB, PDT, PSOL, PSC,TCU, TJDFT...

Derivação por Reduplicação

Formação de palavra por repetição silábica, havendo ou não alteração sonora:

pingue-pongue	to-tó	lambe-lambe
tique-taque	reco-reco	bate-bate

Derivação por Combinação

A palavra derivada combina elementos de duas ou mais outras:

português + espanhol	>	portunhol
brasileiro + uruguaio	>	brasiguaio
Flamengo + Fluminense	>	Fla-Flu

Derivação por Intensificação

Alargamento ou alongamento do sufixo de uma palavra, quase sempre usando-se o **izar**, em substituição a um mais curto já existente:

digitar	>	digitalizar
agir	>	agilizar
protocolar	>	protocolizar
culpar	>	culpabilizar

Composição

É a criação de uma nova palavra pela aproximação de dois ou mais radicais. As palavras compostas podem classificar-se como justapostas ou como aglutinadas.

Composição por Justaposição

Os radicais mantêm sua integridade sonora intocável, sem alteração sequer de um fonema, podendo ou não haver uso de hífen:

guarda-chuva	mand**ac**huva
finca-pé	pont**ap**é
couve-flor	min**iss**aia
mal-aventurado	ma**ln**ascido
super-regular	extr**arr**egular

Composição por Aglutinação

Na junção dos radicais acontece a queda ou alteração de fonema(s):

filho de algo	>	fidalgo	perna alta	>	pernalta
em boa hora	>	embora	água ardente	>	aguardente
grande eloquência	>	grandiloquência	vinho acre	>	vinagre

Hibridismo

É a junção de componentes mórficos, oriundos de línguas diferentes, na mesma palavra, não importando se ela foi formada por composição ou por derivação, ou seja, se tem dois ou mais radicais, ou se apenas um radical mais afixo(s):

*auto*móvel	(*grego* + latim)	bi*cicleta*	(latim + *grego*)
*endo*venoso	(*grego* + latim)	bi*gamia*	(latim + *grego*)
socio*logia*	(latim + *grego*)	oleo*grafia*	(vern. + *grego*)

Prática

■ Leia atentamente e responda **C** ou **E**:

53. ( ) pôr, transpor, posto, posição, imposição, impostor, postura, posicionado... pertencem à mesma família de palavras.
54. ( ) vida, viver, vivaz, vivacidade, vital, vitalidade, vitalício, vitaliciedade, pós-vida, vivo, vivenciar... são cognatos.
55. ( ) A palavra neologismo é um bom exemplo de hibridismo.
56. ( ) Neologismo significa palavra nova. É um vocábulo derivado com dois radicais de origem grega.
57. ( ) A palavra neologismo é composta por dois radicais (neo + logos), ambos de origem grega, que significam respectivamente novo e palavra.
58. ( ) Ambidestro, bicombustível, dicotomia, anfíbio, bienal, bíblico: todas essas palavras têm em sua constituição um morfema com significado ligado a **dois**.
59. ( ) Todas as palavras do item anterior são formadas por derivação prefixal, exceto a última, que é derivada por sufixação.
60. ( ) Superfície, suprarrenal, superlotar, epiderme, epígrafe, hipermercado: todos esses vocábulos são derivados por prefixação e seus prefixos latinos (super, supra) e gregos (epi, hiper) apresentam entre si correspondência semântica.
61. ( ) Todas as palavras a seguir exemplificam derivação sufixal: amoroso, barrigudo, latino, diário, enfermiço, medonho, róseo, datilografia.
62. ( ) Do exercício anterior, a última palavra não é derivada, mas composta por dois radicais gregos que significam respectivamente dedo e escrita.
63. ( ) São exemplos de derivação regressiva ou deverbal os seguintes substantivos: desembarque, festejo, grita, renúncia, entrega, chute, agito, esfrega, troca, arquivo, barco, apelido.
64. ( ) Do exercício anterior, arquivo, barco e apelido não são derivados regressivos ou deverbais porque semanticamente não trazem ideia de ação, mas denotam objeto ou substância.
65. ( ) Exemplificam a derivação parassintética os seguintes vocábulos: abotoar, amanhecer, anoitecer, aterrorizar, embainhar, embrutecer, envelhecer, escurecer, esvaziar, esburacar, introduzir.
66. ( ) Do exercício anterior, introduzir é, em Português, palavra primitiva. No latim, constitui derivação prefixal (intro + dúcere = para dentro + levar).
67. ( ) Em gasômetro e geografia constata-se a existência de vogal de ligação.
68. ( ) A aglutinação pode ser encontrada em: lobisomem (lobo e homem), vinicultura (cultura da vinha), agridoce (acre e doce), monocórdio (uma corda), silvícola ou selvícola (morador da selva).
69. ( ) São exemplos de derivação por conversão, ou derivação imprópria, substantivos comuns transformados em nomes próprios: Pereira, Coelho, Pimenta, Vargem Grande.

70. ( ) "Analise o protótipo, avalie prós e contras, e me dê urgentemente uma resposta". Nessa frase, pela ordem, encontra-se uma composição de palavra, duas derivações impróprias, uma sufixação adverbial e uma derivação prefixal.
71. ( ) Na questão anterior, só há um erro: a última palavra, que é **resposta**, formou-se por derivação regressiva e não prefixal.
72. ( ) "Os anjolescentes obstaculizavam a portaria onde o donjuan passaria". Há, nessa frase, pela ordem em que aparecem, exemplos de composição por combinação, derivação intensificada, derivação sufixal, derivação imprópria.
73. ( ) Na frase "Que teremos para jantar?" há uma derivação imprópria, ou conversão.
74. ( ) Em "A CBF resolveu promover treinos no Rio", há duas palavras formadas por abreviação, duas por prefixação e uma por regressão. Todas compostas.
75. ( ) Na questão anterior, só o último período apresenta informação errada.
76. ( ) Nas palavras **ambi**destro, **bi**combustível, **bí**blico, **di**cotomia, **anfí**bio, e **bi**enal, os prefixos em negrito trazem significado ligado ao número dois.

Ortografia

Uso das Letras

Uso do Hífen

Uso dos Porquês

Mal e Mau

Onde e Aonde

Acentuação Gráfica

Do grego (**orto** = certo, correto + **grafia** = escrita), ortografia significa escrita correta.

É capítulo que, indiscutivelmente, ainda precisa de conscientização e reparos por parte das comunidades linguísticas e educacionais, tarefa que já abraçamos.

Em setembro de 2008, a Presidência da República do Brasil promulgou o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, assinado em Lisboa, em dezembro de 1990, por oito países lusófonos (*vide* Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, Vestcon Editora).

O Decreto de promulgação implementou as novas regras ortográficas a partir de 1° de janeiro de 2009, devendo valer tanto a antiga quanto a nova ortografia até 31 de dezembro de 2012, a partir de quando passará a viger apenas a última regulamentação.

Para atender a esse período de transição, este capítulo usa as seguintes cores:

verde:	indica novas regras;
laranja:	indica o que não sofreu alteração;
azul:	indica regras antigas.

Ajustes estão sendo esperados durante um período de adaptação e observação e, à medida que necessários, serão divulgados no site **www.vestcon.com.br**.

É oportuno pedir ao leitor que conheça o movimento **www.acordarmelhor.com.br** e que o ajude com seu apoio, para a racionalização e simplificação das regras ortográficas, visando inclusive, à eliminação de exceções.

ALFABETO (norma nova)

O alfabeto português, com a introdução de K, k (cá ou capa); W, w (dáblio) e Y, y (ípsilon), passou a ter 26 letras ou grafemas:

A a	B b	C c	D d	E e	F f
G g	H h	I i	J j	**K k (cá)**	L l
M m	N n	O o	P p	Q q	R r
S s	T t	U u	V v	**W w (dáblio)**	X x
Y y (ípsilon)	Z z				

USO DE K, W, Y

Essas três novas letras ou grafemas são destinadas ao seguinte uso:

1	Em antropônimos (nomes de pessoas) originários de outras línguas e seus derivados: *Byron, byroniano; Darwin, darwinismo; Franklin, frankliniano; Kant, kantista, kantismo; Kardec, kardecista, kardecismo...*
2	Em topônimos (nomes de lugares) de outras línguas e seus derivados: *Kwuanza, kwanzaniano; Kuwait, kuwaitiano; Malawi, malawiano...*
3	Em siglas internacionais (TWA, KLM) e em símbolos internacionais (K de potássio, *kalium* em latim; W de oeste, *West* em inglês; kg de quilograma; km de quilômetro; kW de quilowatt; kV de quilovolt; yd de jarda, *yard* em inglês...).

Observações:

a) Antropônimos estrangeiros e seus derivados: respeita-se a grafia, inclusive das demais letras e do trema: Garrett, garrettiano; Müller, mülleriano; Shakespeare, shakespeariano... Muitos têm mais de uma grafia: Baruch, Baruc; Loth, Lot; Ziph, Zif; Joseph, José; Nazareth, Nazaré; Judith, Judite; Jacob, Jacó; Isaac, Isac; David, Davi; Josafat, Josafá; Madrid, Madri; Calecut, Calicut, Calcutá, Cid...

b) Topônimos estrangeiros e seus derivados: vernaculizam-se, ou seja, devem ser adaptados, aportuguesados, sempre que possível: Calicut > Calcutá; Cherbourg > Cherburgo; Finland > Finlândia; Torino > Turim; Zürich > Zurique...

USO DO *H, h*

USA-SE H INICIAL	
1	Por respeito à etimologia (origem das palavras): haver, hélice, hera, hoje, hora, homem, humor...
2	Por convenção: hã?, hem?, hum!

Observações:

a) Várias palavras já se modernizaram (**e**rva, **e**rvaçal, **e**rvanário, **e**rvoso...) e convivem com formas eruditas, mais tradicionais (herbáceo, herbanário, herboso...).
b) Quando deixa de ser inicial, o h pode desaparecer (hebdomadário > biebdomadário; harmônico > desarmônico; homem > lobisomem...) ou ser antecedido por hífen (anti-horário, pré-história, sobre-humano).

USA-SE O H FINAL
Em interjeições: Ah! Oh! Ih! Uh!

Observação:

Não se usa o h final na interjeição de vocativo: "Ó jardineira, por que estás tão triste?..."; Ó menino, venha cá.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

1. ( ) No Brasil, preferem-se as formas Calcutá, Cid, Davi, Josafá, Jó, Jacó, Madri, Nazaré.
2. ( ) Continuam existindo **ç** (c cedilhado) e os dígrafos **rr**, **ss**, **ch**, **lh**, **nh**, **gu**, **qu**...
3. ( ) Corretas as grafias Malawi, malawiano, Müller, mülleriano, shakespeariano, Kubitschek.
4. ( ) Preferem-se as grafias: uísque, drinque, vodca, vermute e não whisky, whiskey, drink, vodka, vermouth...
5. ( ) Preferem-se as grafias Garona, Jutlândia, Milão, Munique, Turim, Zurique e não Garonne, Jutland, Milano, München, Torino, Zürich...
6. ( ) Em haver, hélice, hera, hoje, hora, homem, humor... o **h** (agá) se mantém com base na etimologia.
7. ( ) O mesmo acontece com herbáceo, herbanário, herbicida, herbícola, herbático, herbívoro, que se originam, por via culta, da palavra latina **herba**.
8. ( ) Porém erva, ervaçal, ervoso, ervica, ervicida escrevem-se **sem h** (agá) porque essa grafia já foi consagrada pelo uso.
9. ( ) Usa-se **h** (agá) final em interjeições: Oh! Ah!
10. ( ) O **h** (agá) permanece no interior de palavras ligado por hífen (anti-higiênico, pré-história, sobre-humano, contra-haste), mas desaparece quando antecedido de **in**, **an**, **des** ou do **som "z"** (inábil < in+hábil; desumano < des+humano; exaurir < ex+haurir).

USO DAS LETRAS

Em cada item, siga o modelo e pratique.

Observe:

monte – mont**ês**; Escócia – esco**cês**; Portugal – portugu**ês**...

Adjetivos derivados de substantivos escrevem-se com **s**: **(ês, esa)**.

Prática

11. França: francê__
12. Japão: japone__a
13. corte: cortê__
14. burgo: burguê__
15. montanha: montanhê__
16. campo: campone__a

Observe:

prior – prior**esa**; duque – duqu**esa**; sacerdote – sacerdot**isa**...

Os sufixos **-esa** e **-isa**, formadores de feminino, escrevem-se com **s**.

Prática

17. barão: barone__a
18. príncipe: prince__a
19. cônsul: consule__a
20. papa: papi__a
21. poeta: poeti__a
22. profeta: profeti__a

Observe:

metást**ase**, anáf**ase**; diur**ese**, gên**ese**, sínt**ese**; diál**ise**, anál**ise**; diagn**ose**, metamorf**ose**, hipn**ose**...

Grafam-se com **s** as terminações **-ase**, **-ese**, **-ise**, **-ose**.

Prática

23. cateque__e
24. anáfa__e
25. hemopti__e
26. meio__e
27. hidróli__e
28. simbio__e
29. neuro__e
30. psico__e
31. sínte__e

Observe:

pre**s**o – apre**s**ar; va**z**io – esva**z**iar; rai**z** – enrai**z**ar, catáli**s**e – catali**s**ar...

Radicais com **z** originam palavras com **z**. Radicais com **s** originam palavras com **s**.

Prática

32. baliza: bali__ar
33. vez: reve__ar
34. trás: atra__o
35. vaso: enva__ar

Observe:

moral – moral**izar**; rubor – rubor**izar**; tranquilo – tranquil**izar**...

Verbos de radicais não terminados em **s** ou **z** recebem o sufixo **-izar**, com **z**.

Prática

36. profeta: profeti__ar
37. civil: civili__ar
38. concreto: concreti__ar
39. anarquia: anarqui__ar
40. drama: dramati__ar
41. banal: banali__ar

Atenção:

sífilis – sifil(i)-izar

Observe:

pôr – pu**s**; querer – qui**s**er; relu**z**ir – relu**z**...

As formas dos verbos **pôr** e **querer** (e seus derivados) escrevem-se com **s**. As formas dos verbos que já têm **z** escrevem-se com **z**.

Prática

42. querer: qui__, qui__esse
43. pôr: pô__, pu__esse, pu__er
44. trazer: tra__
45. dizer: di__
46. fazer: fi__, fi__esse, fi__er
47. cozer: co__i

Observe:

l**ous**a; N**eus**a; p**aus**a...

Depois de **ditongo**, escreve-se **s**, e não z.

Prática

48. cau__a
49. gêi__er
50. mai__ena
51. náu__ea
52. Sou__a
53. pou__ar

Observe:

compree**nd**er – compreen**s**ão; subme**rg**ir – submer**s**o, subme**rs**ão; conver**rt**er – conver**s**ão...

Palavras derivadas de radicais com **nd**, **rg**, **rt** grafam-se com **s** (**ns, rs**).

Prática

54. apreender: apreen__ão
55. pretender: preten__ão
56. aspergir: asper__ão
57. imergir: imer__ão
58. inverter: inver__ão
59. divertir: diver__ão

Observe:

puro – pur**eza**; honrado – honrad**ez**; nu – nud**ez**...

Substantivos derivados de adjetivo escrevem-se com **z** (**ez, eza**).

Prática

60. árido: aride__
61. áspero: aspere__a
62. avaro: avare__a
63. claro: clare__a
64. cúpido: cupide__
65. estúpido: estupide__

Observe:

pro**ceder** – proce**ss**o; a**gredir** – agre**ss**ão; re**primir** – repre**ss**ão; ad**mitir** – admi**ss**ão...

Palavras derivadas dos radicais **-ceder**, **-gredir**, **-primir**, **-mitir** escrevem-se com **ss**.

Prática

66. ceder: ce__ão
67. aceder: ace__o
68. exceder: exce__o
69. progredir: progre__o
70. regredir: regre__o
71. imprimir: impre__ão
72. oprimir: opre__ão
73. deprimir: depre__ão
74. omitir: omi__ão
75. demitir: demi__ão
76. permitir: permi__ão

Observe:

sindética – a**ss**indética; **s**afra – entre**ss**afra...

Palavras iniciadas por **s** escrevem-se com **ss** quando recebem prefixos terminados em vogal.

Prática

77. sílaba: a__ilábico
78. sossego: a__ossegar
79. surgir: re__urgir
80. supor: pre__upor
81. sair: sobre__air
82. semelhante: de__emelhante

Observe:

jun**to** – jun**ç**ão; perfei**to** – perfei**ç**ão...

Radicais terminados em **to** geram **c**, **ç**.

Prática

83. atento: aten__ioso
84. projeto: proje__ão
85. exceto: exce__ão
86. isento: isen__ão
87. distinto: distin__ão
88. ereto: ere__ão

Observe:

f**oic**e; Conc**ei**ção; t**ouc**eira...

Depois de **ditongo**, escrevem-se as letras **c** ou **ç**, e não ss.

Prática

89. cau__ão
90. lou__a
91. bei__o
92. arcabou__o
93. coi__e
94. fei__ão

Observe:

mu**ç**ulmano, alfa**c**e; Igua**ç**u; mu**ç**um...

Escrevem-se com **c** ou **ç** palavras de origem árabe, indígena ou africana.

Prática

95. a__afrão
96. a__ucena
97. alma__o
98. pa__oca
99. ca__anje
100. a__aí

Observe:

s**eix**o; c**aix**a; fr**oux**o...

Depois de **ditongo**, usa-se **x**, e não ch.

Prática

101. fai__a
102. amei__a
103. madei__a
104. trou__a
105. bai__o
106. pei__e

Exceções:

c**auch**o, c**auch**al, rec**auch**utagem.

Observe:

mexer; **Méx**ico; **enx**ada; **enx**ó...

Usa-se **x** após os grupos iniciais **me-** e **en-**.

Exceções:

charco – **ench**arcar
cheio – **ench**er
chumaço – **ench**umaçar
an**ch**ova ou **ench**ova

Prática

107. me__icano
108. me__ilhão
109. me__erico
110. en__aguar
111. en__ergão
112. en__erido
113. en__urrada
114. en__uto

Observe:

xá; ara**x**á, **X**angô...

Escrevem-se com **x** palavras de origem árabe, indígena ou africana.

Prática

115. almo__arife
116. o__alá
117. __adrez
118. ca__ambu
119. mu__o__o
120. __avante

Observe:

vadio – vadi**agem**; lã – lan**ugem**; vert**igem**...

Escreve-se a letra **g** nas terminações **-agem**, **-igem**, **-ugem**.

Prática

121. ara__em
122. fuli__em
123. malandra__em
124. ferru__em
125. selva__em
126. penu__em

Exceção:

a vi**agem**; que eles vi**ajem**

Observe:
ágio; privil**égio**; prest**ígio**...

Escreve-se a letra **g** nas terminações **-ágio**, **-égio**, **-ígio**, **-ógio**, **-úgio**.

Prática
127. adá__io
128. está__io
129. plá__io
130. egré__io
131. reló__io
132. refú__io

Observe:
pa**j**é; alfan**j**e; acara**j**é...

Grafam-se com **j** palavras de origem indígena, árabe ou africana.

Prática
133. __ê
134. __enipapo
135. __erimum
136. __irau
137. alfor__e
138. caçan__e

Exceções:
álgebra, algema, algeroz

USO DO HÍFEN (norma antiga)

O hífen, ou traço-de-união, é um sinal (-) com várias funções na escrita.

Hífen usado na composição de palavras novas por justaposição

Têm sentidos diferentes:

amor perfeito	≠	amor-perfeito
copo de leite	≠	copo-de-leite
segunda feira	≠	segunda-feira
sem vergonha	≠	sem-vergonha
sempre viva	≠	sempre-viva

Atenção:
Nem toda palavra composta por justaposição é ligada por hífen:
girassol, madressilva, mandachuva, pontapé, rodapé, vaivém...

Prática

■ Escreva nos parênteses os significados.

139. copo de leite (_____)
140. sempre viva (_____)
141. sócio econômico (_____)
142. copo-de-leite (_____)
143. sempre-viva (_____)
144. socioeconômico (_____)

Hífen nos compostos sem elemento de ligação

luso-brasileiro
histórico-geográfico
médico-cirúrgico
sino-japonês

Prática

■ Reescreva **corretamente**.

145. luso africano _____
146. nipoamericano _____
147. anglo americano _____
148. sinosoviético _____
149. greco romano _____
150. afro brasileiro _____

Hífen usado para separar elementos sufixados

-mor — sempre
-açu
-guaçu
-mirim
— só após vogal tônica, inclusive nasal

altar-mor
guarda-mor
maracanã-guaçu
ingá-açu
socó-mirim

Exceções:

O nome das cidades de Manhuaçu, Manhumirim, Mojiguaçu e Mojimirim está registrado sem hífen.

Prática

■ Reescreva **corretamente**.

151. capitão mor _____
152. ingá açu _____
153. Manhu-açu _____
154. Moji guaçu _____
155. altar mor _____
156. capim mirim _____
157. Manhu-mirim _____
158. Moji mirim _____

Hífen usado para separar elementos prefixados

O hífen separa dos radicais os seguintes prefixos tônicos:

aquém- além- recém-	pró- pré- pós-	sem- bem-	sota-, soto- vice-, vizo-	nuper- ex- co- pára-	grão- grã- bel-

além-mar	bem-amado	co-autor
recém-casado	soto-ministro	pára-choque
pré-escola	vice-reitor	grão-duque
pós-graduação	vizo-rei	bel-prazer
sem-vergonha	ex-aluno	

Exceção:

Sr. Benvindo (antropônimo), seja bem-vindo!

Prática

■ Reescreva **corretamente**.

159. aquém fronteiras _____
160. aquém mar _____
161. além túmulo _____
162. além mar _____
163. recém vindo _____
164. pró leite _____
165. pro-por _____
166. pró educação _____
167. pro rogar _____
168. pré natal _____
169. pré escola _____
170. pre tender _____
171. pós operatório _____
172. pos por _____
173. senvergonha _____
174. sem terra _____
175. bem querer _____
176. bem educado _____
177. bem falante _____
178. sotogovernador _____
179. vice governador _____
180. vizo governador _____
181. nuper vindo _____
182. examante _____
183. co seno _____
184. co autor _____
185. pára lama _____
186. pára choque _____
187. grão vizir _____
188. grã cruz _____
189. bel prazer _____

■ Leia e compare.
José é um sem-terra. Os vasos estão sem terra.
O bem-educado e o mal-educado comportam-se diferente.
Ele é um sem-vergonha. Sorria sem vergonha e sem medo.
Sorria, sem-vergonha. Ele chorava sem vergonha.

O hífen separa os prefixos dos seus radicais quando ocorrem os casos discriminados a seguir

auto- contra- extra- infra- intra- neo- prot(o)- pseud(o)- semi- supra- ultra-	diante de	vogal H R S	usam o hífen.

Exceção:

extraordinário.

Prática

■ Reescreva **corretamente**.

190. auto confiante _____
191. auto defesa _____
192. auto avaliação _____
193. auto reconhecimento _____
194. contra dizer _____
195. contra indicar _____
196. contra regra _____
197. extra regimental _____
198. extra-ordinário _____
199. intra hepático _____
200. infra vermelho _____
201. infra som _____
202. neo clássico _____
203. neo simbólico _____
204. proto histórico _____
205. pseudo etimologia _____
206. pseudo sábio _____
207. pseudo ciência _____
208. semi árido _____
209. semi desértico _____
210. supra renal _____
211. supra-partidário _____
212. ultra humano _____
213. ultra correto _____

ante- sobre- ant(i)- arqui-	diante de	H R S	usam o hífen.

Exceções:

antissepsia; antisséptico; sobressair; sobressaltar; sobressalto; sobressaltear; sobressalente; sobresselente; sobressaliente, embora o VOLP registre, também, que deve ser: anti-sepsia; anti-séptico; sobre-sair; sobre-saltar...

Prática

■ Reescreva **corretamente**.

214. ante diluviano _____
215. ante rosto _____
216. ante sala _____
217. anti herói _____
218. anti democrata _____
219. anti social _____
220. arqui milionário _____
221. arqui secular _____
222. sobre humano _____
223. sobre salente _____
224. sobre sair _____
225. sobre saltar _____
226. sobre saltear _____

Pare aqui! Antes de seguir, refaça num papel à parte o que já foi feito deste capítulo.

inter- super- hiper-	diante de	H R	usam o hífen.

Exceções:

interregno, hiperepatia.

Prática

■ Se já refez todos os exercícios de hífen, continue.

227. super homem _____
228. super humano _____
229. super resistente _____
230. inter resistente _____
231. super ativo _____
232. super dotado _____
233. hiper hedônico _____ *
234. hiper hidrose _____ *
235. hiper rugoso _____
236. hiper rancoroso _____

* O VOLP registra também: hiperedônico, hiperidrose.

pan- circum- mal-	diante de	H vogal	usam o hífen.

Prática

■ Reescreva.

237. circum ambiente _____
238. circum hospitalar _____
239. circum navegar _____
240. pan hispânico _____
241. pan americano _____
242. mal humorado _____
243. malagradecido _____
244. mal ajambrado _____ *
245. pan harmônico _____ *
246. pan africano _____

* Registram-se também: malajambrado e panarmônico.

ad-	diante de	R ou D	usa(m) o hífen.
sub-	diante de	R ou B	
ab- ob- sob-	diante de	R	

Exceções:

ab-rupto ou abrupto, sob-bosque ou sobosque, sub-bosque ou subosque, subumano ou sub-humano, subepático ou sub-hepático.

Prática

■ Continue.

247. ad referendar _____
248. ad digital _____
249. ad rogar _____
250. sub raça _____
251. sub região _____
252. sub rogar _____
253. sub base _____
254. sub borato _____
255. sub entender _____
256. sub secretário _____
257. sub hepático _____ *
258. sub área _____ **
259. sub humano _____ *
260. sub oficial _____ **

* Existem oficialmente: subepático e subumano.

** Fogem à pronúncia geral, mas são as formas oficiais.

Curioso...

1. Existem subaluguel e subaluguer.
2. Prefixo **sub-** seguido de palavra iniciada por l: escrevem-se juntos, lêem-se separados:
   - **escrita**: subliminar, sublingual, subliterato;
   - **pronúncia**: sub liminar, sub lingual, sub literato.
3. O VOLP admite dupla pronúncia para: sublevar e sublinhar.

■ Mais um pouco.

261. ab reação _____
262. ab rogar _____
263. ob rogar _____
264. ob reptício _____
265. sob roda _____
266. sob rojar _____
267. ab rupção _____ *
268. ab rupto _____ *
269. ab ruptela _____ *
270. ab ruptipenado _____ *

* O VOLP registra também com hífen: ab-rupção, ab-rupto, ab-ruptela, ab-ruptipenado. Devem-se pronunciar separadamente o **b** e o **r**, mesmo nas formas escritas sem hífen.

Prefixos ou radicais que não usam hífen

aero	cis	etno	hipo	mega	neuro	socio
agri	cromo	filo	homo	meta	odonto	tele
ambi	crono	fisio	in	micro	oni	termo
anfi	des	geo	iso	midi	orto	trans
audio	dis	hemi	justa	mini	pluri	tri
auri	ego	hetero	linguo	mono	poli	uni
bi	endo	hexa	macro	moto	quilo	video
bio	epi	hidro	maxi	multi	retro	

Prática

■ Agora, termine.

271. agri doce _____
272. ambi destro _____
273. audio visual _____
274. auri verde _____
275. bi sexual _____
276. homo sexual _____
277. hetero sexual _____
278. orto molecular _____
279. mini mercado _____
280. mono fásico _____
281. odonto pediatra _____
282. pluri anual _____
283. poli esportivo _____
284. iso térmico _____
285. neuro cirurgião _____
286. tele vendas _____
287. mono motorizado _____

USO DO HÍFEN (norma nova)

Hífen nos compostos sem elemento de ligação

Observe:

afro-brasileiro ≠ afrodisíaco, afrogenia, afrofilia...
anglo-brasileiro ≠ anglofalante, anglomaníaco, anglofilia...
euro-asiático ≠ eurorresidente, eurodescendente, euromania...
franco-germânico ≠ francofilia, francófilo, francodescendente...

Conclusão:

Compostos formados por mais de um radical pátrio (afro, anglo, euro, franco, indo, luso, sino...), locativo ou gentílico, grafam-se com hífen.

Prática

■ Reescreva corretamente:

288. luso americano _____ 289. afro descendente _____
290. teuto mania _____ 291. teuto germânico _____
292. euro canal _____ 293. euro asiático _____
294. luso fonia _____ 295. luso moçambiquense _____
296. franco angolano _____ 297. franco maçonaria _____

Observe:

A nova ortografia apresenta, como exceções do uso do hífen, girassol, madressilva, mandachuva, pontapé, paraquedas, paraquedista, paraquedismo, entre outras.

Conclusão e prática

■ Complete:

298. Os demais compostos iniciados pelas formas verbais **para** e **manda** _____

_____

Prática

■ Reescreva corretamente:

299. gira mundo _____ 300. gira discos _____
301. gira sol _____ 302. para brisa _____
303. para lama _____ 304. para-choque _____
305. manda tudo _____ 306. manda brasa _____
307. busca pé _____ 308. ponta pé _____
309. manda chuva _____ 310. guarda chuva _____
311. madre pérola _____ 312. madre caprina _____

Hífen nos topônimos e gentílicos

Observe:

Grã-Bretanha, Grão-Pará ≠ Belo Horizonte
Passa-Quatro, Quebra-Costas ≠ Boa Vista
Albergaria-a-Velha ≠ América do Sul

Conclusão:

Topônimos compostos usam hífen quando iniciados por Grã, Grão, por forma verbal e quando tenham internamente um artigo. Exceções: Guiné-Bissau e Timor-Leste.

Prática

■ Reescreva corretamente:

313. Abre Campo _____
314. Rio de Janeiro _____
315. Quebra Frasco _____
316. Todos os Santos _____
317. Três Rios _____
318. Entre os Rios _____
319. Trás os Montes _____
320. Trinca Fortes _____
321. Pendura Saia _____
322. Timor Leste _____
323. Santa Cruz _____
324. Guiné Bissau _____
325. América do Sul _____
326. Nova Guiné _____

Observe:

África do Sul ≠ sul-africano, africano-do-sul
Rio Grande do Norte ≠ norte-rio-grandense, rio-grandense-do-norte

Conclusão:

Mesmo que os topônimos compostos sejam escritos sem hífen, os seus gentílicos são hifenizados.

Prática

■ Escreva os gentílicos correspondentes aos topônimos.

327. Rio Grande do Sul _____
328. América do Norte _____
329. Porto Alegre _____
330. Belo Horizonte _____
331. Cruzeiro do Sul _____
332. da Índia e da China _____
333. da Indochina _____
334. do centro da África _____
335. da República Centroafricana _____

■ Assinale **C** ou **E**:

336. ( ) Topônimos e gentílicos se escrevem com inicial maiúscula.
337. ( ) Topônimos e antropônimos se escrevem com inicial maiúscula.
338. ( ) Gentílicos escrevem-se com inicial minúscula, a não ser que comecem a frase.

Observe:

mula-sem-cabeça > mula sem cabeça pé-de-moleque > pé de moleque

Conclusão:

Os compostos com elemento de ligação, na nova ortografia, perderam o hífen.

Prática

■ Reescreva convenientemente.

339. pé-de-pato _____
340. baba-de-moça (doce) _____
341. papo-de-anjo (doce) _____
342. ponta-de-lança (futebol) _____

Hífen nos encadeamentos vocabulares

Observe:

O lema de Liberdade, Igualdade e Fraternidade ≠ o lema Liberdade-Igualdade-Fraternidade.
O percurso de Rio para Brasília ≠ o percurso Rio-Brasília.

Conclusão:

Encadear palavras é um recurso econômico propiciado pelo uso do hífen.

Prática

■ Crie encadeamento, se possível.

343. Foi de Florianópolis a Brasília, passando por Curitiba e Uberlândia.
Fez o percurso _____.
344. Estava na divisa entre Brasil, Argentina e Paraguai.
Estava na divisa _____.

Hífen nas espécies botânicas e zoológicas

Observe:

abóbora-menina, banana-menina, banana-d'água, couve-flor;
andorinha-do-mar, formiga-branca, bem-te-vi, joão-de-barro;
azeite-de-dendê, água-de-coco, bálsamo-do-Canadá.

Conclusão:

Nomes de espécies botânicas e zoológicas, produtos afins e derivados escrevem-se com hífen, tendo ou não elemento de ligação. Exceção: girassol, madressilva, malmequer (*vide* a regra de mal).

Prática

■ Corrija, se preciso.

345. bálsamo coral _____
346. bálsamo de cheiro _____
347. bico de papagaio (planta) _____
348. bico de papagaio (nariz adunco, problema de coluna) _____
349. bem me quer _____
350. mal me quer _____
351. mata pasto (planta) _____
352. mata borrão _____
353. não me toques (planta) _____
354. não me toques (melindres) _____
355. bola de neve (planta) _____
356. bola de neve (situação que cresce) _____
357. Colheu o copo de leite _____
358. Bebeu um copo de leite _____

Hífen antes de h

Observe:

anti-higiênico, circum-hospitalar, contra-harmônico...
arqui-hipérbole, eletro-higrômetro, semi-histeria...
reaver, coerdeiro, deserdado, inumano, anistórico...

Conclusão:

Prefixos e falsos prefixos usam hífen antes de h, exceto **re**, **co**, **des**, **in**, **an**.

Prática

■ Corrija, se necessário.

359. coherdeiro _____
360. desherdar _____
361. antihumano _____
362. préhistória _____
363. contraharmônico _____
364. inharmônico _____
365. desharmonia _____
366. superharmonia _____
367. cohabitar _____
368. deshabitar _____
369. anhistórico _____
370. anhepático _____

371. ahistórico _____ 372. anhidro _____
373. eletrohigrometria _____ 374. geohistória _____
375. inhabilidoso _____ 376. ultrahabilidoso _____
377. cohabilidade _____ 378. arquihipérbole _____
379. rehaver _____ 380. rehouvera _____
381. rehumanizar _____ 382. rehidratar _____

■ Preencha:
383. Usa-se hífen antes de h, exceto quando precedido de ____, ____, ____, ____, ____.

Atenção:

bi-hebdomadário e biebdomadário, carbo-hidrato e carboidrato, porque o primeiro elemento não perdeu fonema vocálico (justaposição). Porém **cloridrato**, **clorídrico**, por ter o primeiro elemento perdido fonema vocálico (aglutinação).

Observe:

contra-almirante, infra-axilar, semi-interno, semi-irado, auto-observação, auto-olhar...
coopositor, reeducar, preencher, proótico.

Conclusão:

Quando prefixo ou falso prefixo terminam com a mesma letra vogal que inicia o segundo elemento, usa-se hífen (exceto ree, pree, coo, proo).

Prática

■ Corrija, se necessário.
384. supraauricular _____ 385. contraatestar _____
386. reeducar _____ 387. cooperação _____
388. antiibérico _____ 389. arquiirmão _____
390. preexistir _____ 391. autoobservação _____
392. microonda _____ 393. semiinconstante _____

■ Preencha:
394. Usa-se hífen para separar letras vogais iguais em palavra composta, exceto nos encontros ____, ____, ____, ____.

Observe:

Circum-ambiente, pan-amazônico, circum-murar, pan-mestiço, circum-nadar, pan-negro, pan-paulista, pan-britânico, circum-habitar...
Circuncisão, panteísmo...

Conclusão:

Circum e **pan** recebem hífen antes de **vogal**, **m**, **n**.

Prática

■ Corrija, se necessário.

395. circum navegar _____
396. pan hemisférico _____
397. circum adjacência _____
398. Circum vagar _____
399. pan mágico _____
400. Pan americano _____
401. pan psiquismo _____
402. Pan nigeriano _____
403. pan brasileiro _____
404. Circum volução _____
405. circum lóquio _____
406. Pan harmônico _____

■ Preencha:

407. Pan e circum recebem hífen antes de _____, _____, _____.

Observe:

Inte**r-r**esistente, su**b-b**ase, a**d-d**igital, su**b-r**esistente, a**d-r**ogar.

Conclusão:

Separam-se com hífen r-r, b-b, d-d, b-r, d-r.

Prática

■ Corrija, se necessário.

408. hiperrequinte _____
409. superrevista _____
410. subbloco _____
411. sub-bosque _____
412. subreitor _____
413. addsoniano _____
414. abrupto _____
415. adrenalina _____
416. adrenalite _____
417. adrenal _____
418. subrogar _____
419. subresfriar _____

■ Preencha:

420. São exceções: _____, _____, _____, _____.

Observe:

Além-Atlântico, além-fronteira, aquém-montanha, recém-vindo, sem-fim, bem-vindo.

Conclusão:

Recebem hífen os compostos iniciados por **além**, **aquém**, **recém**, **sem**, **bem**.

Prática

■ Corrija, se necessário.

421. além mar _____ 422. aquém divisa _____
423. além pireneus _____ 424. recém casado _____
425. recém nascido _____ 426. o sem cerimônia _____
427. um sem vergonha _____ 428. um sem número _____
429. bem aventurado _____ 430. bem criado _____

■ Preencha:

431. São exceções: _____, _____, _____, _____, _____, _____.

Observe:

ex-ator, ex-professor, soto-capitão, sota-capitão, vice-rei, vizo-rei.

Conclusão:

ex (cessamento), **soto**/**sota** (= sub), **vice**/**vizo** antecedem hífen.

Prática

■ Corrija, se necessário.

432. ex padre _____ 433. ex portar _____
434. ex presidente _____ 435. ex patriar _____
436. soto piloto _____ 437. sota pitoto _____
438. vizo monarca _____ 439. vice presidente _____

Observe:

pós-graduação, pré-átono, pró-africano.

Conclusão:

pós, **pré**, **pró** (abertos e tônicos) antecedem hífen.

Prática

■ Corrija, se necessário.

440. pré natal _____ 441. pós parto _____
442. pos por _____ 443. pós textual _____
444. postergar _____ 445. pró europeu _____
446. propor _____ 447. pró soviético _____
448. pré gravação _____ 449. pré embrião _____

450. pré eleger _____ 451. pré esclerose _____
452. pré esclerótico _____ 453. pre existir _____
454. pré eleição _____ 455. Pré eleito _____
456. pré eleitoral _____ 457. Pré embrionário _____

■ Preencha:
458. São anormais: _____, _____.

Observe:

Mal-aventurado, mal-educado, mal-humorado, malditoso, malfalante.

Conclusão:

Mal (advérbio) tem hífen antes de **vogal** e **h**.

Prática

■ Corrija, se necessário.
459. mal criado _____ 460. Mal falante _____
461. mal amado _____ 462. Mal afamado _____
463. mal ajambrado _____ 464. Mal entendido _____
465. mal olhado _____ 466. Mal visto _____

Observe:

Mal-americano (sífilis) mal-germânico (sífilis) mal-napolitano (sífilis)

Conclusão:

Mal (substantivo, significando doença), sem elemento de ligação, usa hífen.

Prática

■ Corrija, se necessário.
467. mal-bruto (hanseníase) _____ 468. mal-caduco (epilepsia) _____
469. mal-céltico (sífilis) _____ 470. mal-canadense (sífilis) _____
471. mal-morfético (hanseníase) _____ 472. mal-francês (sífilis) _____
473. mal da nuca _____ 474. mal de Alzheimer _____
475. mal de Parkinson _____

Atenção!

São anormais: mal-andança (infortúnio), mal-assombro (fantasma), malconceito (má fama), malcriação, porque, apesar de registrado no VOLP, o **mal** está indevidamente usado como adjetivo. Deveria ser má-andança, mau-assombro, mau-conceito, má-criação.

Observe:

andá-açu, amoré-guaçu, anajá-mirim, Manhuaçu, Mojimirim.

Conclusão:

Sufixos tupis **açu** (grande), **guaçu** (grande), **mirim** (pequeno) ligam-se por hífen quando antecedidos de vogal acentuada graficamente, ou para preservar a pronúncia.

Prática

■ Corrija, se necessário.

476. Manhu mirim _____ 477. Moji guaçu _____
478. Ceará mirim _____ 479. capim açu _____
480. socó açu _____ 481. tatu açu _____
482. cupim açu _____ 483. tuim açu _____

NÃO SE USA HÍFEN

Observe:

Locuções substantivas: *cão de guarda, sala de estar, água de cheiro...*
Locuções adjetivas: *cor de café, cor de bonina, cor de abacate, à toa...*
Locuções pronominais: *cada um, qualquer um, quem quer que...*
Locuções adverbiais: *à toa, depois de amanhã, à vontade, em cima, por isso...*
Locuções prepositivas: *abaixo de, em cima de, junto a, quanto a...*
Locuções conjuntivas: *logo que, uma vez que, ao passo que...*
Frases nominalizadas: Era um *deus nos acuda*. Foi um *salve-se quem puder*. Era a *casa da mãe Joana*. É um *Maria vai com as outras...*

Conclusão:

Locuções e frases nominalizadas não usam hífen.

Prática

■ Corrija, se necessário.

O *arco-da-velha* (484) que vivera *ao-deus-dará* (485) era *água-de-colônia* (486) lançada *à-queima-roupa* (487) no *pé-de-meia* (488) *cor-de-rosa* (489) preso ao caule do *dois-por-dois* (490), conhecida palmeira da Região Norte. Vivera está no *mais-que-perfeito* (491).

_____
_____
_____

Observe:

não proliferação... não violência... quase perfeito... quase mordida...

Conclusão:

Não e **quase**, mesmo usados como prefixos, não usam hífen.

Prática

■ Corrija, se necessário.

Houve um *quase-entendimento* (492) naquele tratado de *não-agressão* (493) e *não-vingança* (494).

_____

Observe:

agridoce, auriverde, contradizer, contrafação, contralateral, ortomolecular...

Conclusão:

Em palavras cujo primeiro elemento (prefixo ou radical interno) termina em vogal e o segundo começa com consoante que não permite alteração fonética, unem-se os dois sem hífen.

Prática

■ Corrija, se necessário.

495. agro negócio _____ 496. agro mania _____
497. auri céfalo _____ 498. auro ferrífero _____
499. contra vento _____ 500. contra verdade _____
501. contra fluxo _____ 502. orto fotografia _____
503. orto morfismo _____ 504. retro carregar _____
505. proto plama _____ 506. proto vértebra _____

Observe:

anti**aé**reo, c**oe**educar, estr**ae**scolar, aut**oa**prendiz, agr**oi**ndustrial, supr**ai**nventivo.

Conclusão:

Na união de vogais com letras diferentes, não se usa hífen.

Prática

■ Corrija, se necessário.

507. aero espacial _____ 508. supra inventivo _____

509. auto investigação _____ 510. termo elétrica _____
511. endo estesia _____ 512. hidro avião _____

Observe:

Anti**rr**eligioso, contr**arr**egra, ant**iss**emita, c**oss**eno.

Conclusão:

r ou **s**, antecedidos de vogal, transformam-se em **rr** e **ss**, para preservar o som original.

Prática

■ Corrija, se necessário.

513. extra regular _____ 514. infra som _____
515. mini saia _____ 516. bio ritmo _____
517. bio satélite _____ 518. bi secular _____
519. micro sistema _____ 520. micro radiografia _____

HÍFEN REPETIDO

Observe:

recém-	bem-
-nascido	-mandado

Conclusão:

Repete-se o hífen quando a translineação acontece exatamente onde ele está.

Prática

■ Corrija, se necessário.

521. ... circum-
navegar

522. ... super-
rádio

523. ... vice-
prefeito

524. ... soto-
mestre

525. ... bem-
humorado

526. ... pós-
graduado

Observação final:

Expressões latinas e de outras línguas não se alteram, quando não aportuguesadas: *Ad augusta per angusta. Ab ovo. Carpe diem. Ad valorem. Verbi gratia. Ad immortalitatem. To be or not to be.*

USO DOS PORQUÊS

Observe:

Queremos saber **por que** (motivo) não nos convocaram.
A razão **por que** (pela qual) estão agindo assim não foi esclarecida.

POR QUE	1. Quando se subentende a palavra **motivo**. Pode ocorrer nas interrogações diretas ou indiretas. 2. Quando substituível pelo pronome relativo preposicionado **pelo qual** e suas flexões, **pela qual**, **pelos quais**, **pelas quais**.

Prática

527. _____ não são tomadas providências concretas?
528. Muito se falou, mas ninguém explicou _____ as mudanças foram adiadas.
529. São justos os ideais _____ lutamos.
530. Desconhecemos o motivo _____ ele não compareceu.

Observe:

São perceptíveis mudanças no clima, **por quê** (motivo)?

POR QUÊ	Quando se subentende a palavra **motivo** e está **seguido de pausa**. As pausas são marcadas por: **, ; : . ? ! – ...**

Prática

531. Acentua-se o conflito na fronteira, resta saber _____ .
532. Foram feitas críticas a esse modelo econômico, _____?
533. Houve nova desvalorização da moeda _____?
534. Não sabia _____ , mas estava confiante.
535. Ela saiu e você imagina _____...

Observe:

O **porquê** de tanto esforço só você pode entender.

PORQUÊ	Emprega-se quando for um **substantivo**.

Prática

536. Explique-nos o _____ dessa atitude precipitada.
537. Desconhecemos _____ e consequências da ausência de tantos condôminos.
538. Resta-lhes explicar pelo menos um _____ dessa desvalorização da moeda.
539. _____ interessantes nos esperam.

Observe:

Ele voltou para a mulher **porque** detestava silêncio.

PORQUE	1. Conjunção causal. 2. Conjunção explicativa. → Resposta a perguntas. 3. Conjunção final (= para que). 4. Pergunta com resposta implícita.

Prática

540. Os servidores fizeram cursos de aperfeiçoamento _____ a chefia os obrigou.
541. Os jovens são os melhores empreendedores, até _____ aceitam riscos que os mais velhos não assumiriam.
542. Gritava a plenos pulmões _____ fosse de longe ouvido.
543. Você está feliz. Não será _____ o namorado chegou?

■ Preencha conscientemente em relação ao uso dos porquês.

544. _____ você está rindo?
545. Estou rindo _____ fui bem na prova. Eis _____ estou rindo.
546. Você continua rindo! _____?
547. Não lhe posso dizer o _____.
548. Então ria de lábios fechados, _____ seus dentes estão sujos.

■ Continue.

549. _____ você errou?
550. Errei _____ não estudei.
551. Não estudou _____?
552. Vou-lhe dizer _____ não estudei. Mas _____ você quer saber o _____ de eu não ter estudado? Só _____ você é curioso?
553. Não. É _____ eu quero ajudá-lo.

■ Continue.

554. Qual o motivo _____ ela me ama? Talvez _____ tenha mostrado a ela os sentimentos _____ fui envolvido.
555. Os _____ do coração humano são indecifráveis.

MAU ≠ MAL

MAU	É **adjetivo**. Fala de um substantivo. Pode ir para o plural e para o feminino.

Josias era um **mau jogador**, passou por **maus momentos**,
adjet. subst. adjet. subst.

porém não tinha **más intenções**.
adjet. subst.

MAL	Pode ser **substantivo**: Conheça o bem e **o mal**. art. subst.
	Pode ser **advérbio**: Ela **falava mal**. José era **mal educado**. verbo adv. adv. adjet.
	Pode ser **conjunção temporal**: **Mal** chegou, sorriu. (mal = quando)

Prática

Use **mal** se no seu lugar couber **bem**.
Use **mau** (má, maus, más) no lugar de **bom** (boa, bons, boas).

■ Reveja os exemplos e reescreva.

556. bom jogador: _____ jogador
557. bons momentos: _____ momentos
558. boas intenções: _____ intenções
559. o bem: o _____
560. falava bem: falava _____
561. bem educado: _____ educado

ONDE ≠ AONDE

Veja Capítulo 17, Regência, p. 345.

ABREVIATURAS, SIGLAS, SÍMBOLOS

Abreviatura

Abreviatura é a grafia reduzida de palavra(s), terminada com um ponto: Dra. (Doutora), Dr. (Doutor), Sra. (Senhora), Sr. (Senhor), a.C. ou A.C. (antes de Cristo), a.D. ou A.D. (*Anno Domini*, ou no ano do Senhor), P.S. (*Post Scriptum*), abrev. (abreviatura).

Sigla

Sigla é a união das letras iniciais das palavras que nomeiam instituições, associações, órgãos, empresas etc. A sigla difere da abreviatura porque não apresenta ponto final: OMC (Organização Mundial do Comércio), ONU (Organização das Nações Unidas), FMI (Fundo Monetário Internacional), AGU (Advocacia Geral da União).

Sigla pronunciável letra a letra deve ter todas as letras em formato maiúsculo: BB, TCU, INSS, IGPM, BNDES.

Sigla com até três letras grafa-se com todas maiúsculas:
a) quer pronunciável letra a letra: CBF (cê bê efe), STF (esse tê efe), AGU (a, gê, u).
b) quer pronunciável como palavra: ONU (ônu), PIS (pis), PAS (pas).

Sigla com mais de três letras, pronunciável como uma palavra, deve ter a primeira letra maiúscula e as seguintes, minúsculas: Alerj, Bacen, Petrobras, Enem.

Símbolo

Símbolo é um tipo de abreviação convencionado e padronizado no âmbito de determinado campo de conhecimento. Não termina por ponto, nem tem plural: **g**, grama(s); **h**, hora(s); **m**, metro(s) ou minuto(s); **l**, litro(s); **kl**, quilolitro(s); **km**, quilômetro(s); **min**, minuto(s); **K**, potássio; **Au**, *aurum*, nome latino do ouro; **Ag**, *argentum*, nome latino da prata; **Cu**, *cuprum*, nome latino do cobre.

Prática

■ Assinale C (certo) ou E (errado) nos parênteses, para as seguintes afirmações.

562. ( ) Abreviatura não usa ponto.

563. ( ) Sigla usa ponto.
564. ( ) Símbolo e sigla não usam ponto.
565. ( ) Abreviatura usa ponto.
566. ( ) Redução de uma palavra com as letras iniciais, terminadas com ponto, chama-se abreviatura.
567. ( ) Infere-se dos exemplos dados na definição de abreviatura que o uso de inicial maiúscula é sempre obrigatório.
568. ( ) Redução de várias palavras com a letra inicial de cada uma, sem uso de ponto ao final, chama-se sigla.
569. ( ) Dos exemplos apresentados na definição de sigla, deduz-se que elas sempre começam com letra maiúscula.
570. ( ) Pelos exemplos dados na definição de símbolo, conclui-se que os símbolos químicos apresentam inicial maiúscula.

571. Corrija, dentre as seguintes, as três siglas mal grafadas:
ABI (Associação Brasileira de Imprensa), AGU (Advocacia-Geral da União), ANPAC (Associação Nacional de Proteção e Apoio aos Concursos), CBF (Confederação Brasileira de Futebol), FMI (Fundo Monetário Internacional), OAB (Ordem dos Advogados do Brasil), Onu (Organização das Nações Unidas), Pis (Programa de Integração Social), STF (Supremo Tribunal Federal).

572. Preencha os parênteses com a sigla de cada Estado brasileiro.
Acre ( ), Alagoas ( ), Amapá ( ), Amazonas ( ), Bahia ( ), Ceará ( ), Distrito Federal ( ), Espírito Santo ( ), Goiás ( ), Maranhão ( ), Mato Grosso ( ), Mato Grosso do Sul ( ), Minas Gerais ( ), Pará ( ), Paraíba ( ), Paraná ( ), Pernambuco ( ), Piauí ( ), Rio de Janeiro ( ), Rio Grande do Norte ( ), Rio Grande do Sul ( ), Rondônia ( ), Roraima ( ), Santa Catarina ( ), São Paulo ( ), Sergipe ( ), Tocantins ( )

573. Corrija, se necessário:
Em 2h. e 20min., ele percorreu 250 kms.

ACENTUAÇÃO GRÁFICA (norma antiga)

Casos específicos

Monossílabos tônicos: acentuam-se os terminados em:

a(s), **e(s)**, **o(s)**: pá(s), pé(s), vê(s), tê-lo, nó(s), pô-lo.

Prática

■ Acentue, se necessário, as palavras dos grupos abaixo.

574.

no (subst.)	po (subst.)	vos (pron. reto)	mas (adj.)	vi
le-lo	nos (subst.)	cos	voz	nu
ri	fi-lo	noz	cor	ma
cru	fa-lo	po-lo	vez	ves

Oxítonos: acentuam-se os terminados em:

a(s), **e(s)**, **o(s)**, **em**, **ens**: está(s), prevê(s), café(s), cipó(s), robô(s), (ele) retém, (eles) retêm, reféns.

Prática

■ Acentue, se necessário, as palavras dos grupos abaixo.

575.

atras	atraves	contem (pl.)	marca-lo	decidi-lo
maio	apos (verbo)	camelo	dete-lo	recem
buriti	voce	cara	impo-lo	porem

Paroxítonos: acentuam-se os terminados em:

i(s), **us**: júri(s), vírus;
um, **uns**: álbum, álbuns;
on, **ons**: íon(s), próton(s);
ôo, **ôos**: vôo(s), enjôo(s);
r, **x**, **n**, **l** (RouXiNoL): éter, ônix, éden, sêmen, amável;
ditongo: água, mágoa, série, ciência, órgão;
ps, **ã(s)**: bíceps, órfã(s).

Prática

576. Por que éden, hífen, sêmen (**com acento**) e edens, hifens, semens (**sem acento**)?
Resp.: _____

■ Acentue, se necessário.

577.

caqui (cor)	pensil	hifen	faceis	ciencia
item	polen	hifens	orfão	imã
itens	tenis	triceps	policia (subst.)	neutron

Proparoxítonos: acentuam-se todos.

Prática

■ Acentue as seguintes proparoxítonas:

578.

camara	eramos	interim	edito
calculo	medico	veiculo	umido
falassemos	transito	fotografo	abobada

Observação:

Não há padronização quanto às palavras que mantêm a forma latina. No *Aurélio*, paroxítonos como *quantum*, *primum*, *princeps* não estão acentuados, embora apareçam com acento: *quórum*, *déficit*, *superávit*, *fórum*.

Casos gerais

Acentuam-se os ditongos **éi, ói, éu**, abertos e tônicos.

Prática

579.

roi	paranoia	aldeia	seu
doi	sequoia	apoio	reuzinho
moi	geleia	chapeu	assembleia

Observação:

Pasteizinhos, aneizinhos, anzoizinhos, chapeuzinhos não são acentuados porque os ditongos **éu**, **éi** e **ói** saíram da sílaba tônica.

Acentuam-se

i / u	tônicos e 2ª diferente vogal de hiato e sozinhos na sílaba ou com **s** e não seguidos de **nh**	caído, caíste, Emaús, reúne
		Mas: sucuuba, caindo, Saul rainha, xiita

Prática

■ Acentue as palavras dos grupos abaixo, optando por hiato.

580.

cai	cair	juiz	Raul	conclui
caido	caindo	alaude	reune	construi-lo
caiste	juizo	balaustre	tainha	proibe
gratuito	fluido	distribui	rainha	ateismo

G > U < E Q > U < I	**u** pronunciado átono = **ü**: ag**ü**entar
	u pronunciado tônico = **ú**: arg**ú**is

Usa-se o trema no **U** dos encontros **GU** e **QU** quando seguidos de **E** ou **I**, se o **U** for átono. Se o **U** for tônico, recebe acento agudo.

Prática

■ Use corretamente o trema.

581. aguentas, enxaguei, arguem, apaziguei, tranquilo, argui, oblique, cinquenta, averigue, equino, linguiças, sequestro, delinquir, frequentemente, arguimos, apazigue

Verbos com plural especial

		crer	dar	ler e ver		(com ou sem prefixo)
êem	(ele)	crê	dê	lê	vê	(regra dos monossílabos tônicos, p. 81 e 89)
	(eles)	crêem	dêem	lêem	vêem	ESPECIAL
	(ele)	descrê	desdê	relê	revê	(regra dos oxítonos, p. 82 e 89)
	(eles)	descrêem	desdêem	relêem	revêem	ESPECIAL

		ter e vir		(sem prefixo)
êm	(ele)	tem	vem	(regra dos monossílabos tônicos, p. 81 e 89)
	(eles)	têm	vêm	ESPECIAL

		ter e vir (com prefixo)				
ém/êm	(ele)	retém	contém	provém	advém	(regra dos oxítonos, p. 82 e 89)
	(eles)	retêm	contêm	provêm	advêm	ESPECIAL

Prática

■ Corrija, se necessário.

582. Ele provem do sul, mas seus pais provem do leste.
583. Cada qual diz as coisas que lhe convem.
584. Ele faz aquilo que lhe convem.
585. O que contem estas caixas?
586. Os teóricos, agora, revem os conceitos.
587. Eles proveem a despensa do necessário para uma semana.
588. Eles não descreem sistematicamente.

Acentos diferenciais de intensidade

côa(s) – verbo coar
pára – verbo parar
pélo, péla(s) – verbo pelar; péla (bola, jogo)
pêlo(s) – cabelo
pêra – (substantivo)
péra (pedra) – em péra-fita
póla(s) – pancadaria
pôla(s) – rebento, broto de árvore
pólo(s) – extremidade, jogo
pôlo(s) – gavião ou falcãozinho
pôr – verbo
pôde – perfeito do indicativo

Prática

■ Acentue.

589 Ele para a todo instante para olhar o mapa.
590. Veja se você para para pensar.
591. Por ordem médica, ela vai por um marca-passo por mês.
592. Passava a mão pelo pelo do animal.
593. Ele se pela de medo pela amiga.

Prática Geral

594. (PRF/N.M./ANP) Assinale o vocábulo escrito **incorretamente**.
a) colisão.
b) necessidade.
c) estranjeiro.
d) experiência.

595. (PRF/N.M./ANP) Assinale a opção em que há **erro** no emprego de **mau** ou **mal**:
a) Saiu-se mal na prova.
b) Não faça mau a ninguém.
c) Ele mal adivinha o que o espera.
d) Ele sempre foi mau aluno.

596. (ITA/VEST.) Assinale a opção em que todas as palavras estejam **corretamente** grafadas.
a) homilia, tepidez, revezar, reveses, paisinho.
b) pôr, pêlo, véns, provejai, averigüem.
c) sequer, assimetria, descensão, suscinto, avidês.
d) caístes, amá-la-íeis, bemdisseram, prazeiroso, coalizão.
e) requesitar, rivalizar, fascínora, emurchecer, extravazar.

597. (BRB/N.M./IDR) Indique a alternativa em que todas as palavras estão grafadas **corretamente**.
a) "Cheque pré-datado não existe", irrita-se o advogado. "É um crime de extorção indireta, um convite ao descomprimento de normas vingentes".
b) Aqueles que se sentirem prejudicados devem procurar as instituições financeiras que domissiliavam sua conta, apresentando os documentos comprovatórios dos acrécimos indevidos.
c) Se ele cochilasse, o ajiota não exitaria em dobrar os juros acertados previamente.
d) Antigamente os brasileiros enfileiravam-se para comprar feijão na entressafra; mais recentemente, encontram empecilhos para pegar guia de atendimento no INSS.

598. (ALCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **incorreta**.
a) Maria se indigna por que não obteve a classificação?
b) Por que haveria de se ocupar daquele assunto, se não era sua a obrigação?
c) O princípio de que o réu é inocente até prova em contrário é uma conquista da civilização; daí por que não tem ele que se preocupar.
d) Depois de suas explicações foi fácil entender por que tomara aquela decisão.

599. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **correta**.
a) Mecanismos de contrôle do Orçamento do DF – o projeto de lei orgânica estabelece uma prestação de conta trimestral, por parte do Executivo, à Câmara Legislativa.
b) Atrelado à idéia de independência política das cidades-satélite, o dispositivo também deverá causar polêmica, pois entra em choque novamente com princípios constitucionais, de caracterizar a divizibilidade do DF.
c) Autonomia financeira para as Administrações Regionais – O artigo 153 do capítulo II do Orçamento destina verbas a serem administradas com autonomia pelas administrações regionais.
d) Este dispositivo deverá ser combatido pelo GDF, através de sua bancada na casa, uma vez que já existem mecanismos de contrôle através da programação de envestimento, estipulada no Orçamento anual, somados à Lei de Diretrizes Orçamentárias e ao Plano Plurianual.

600. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **incorreta**.
a) Existe ainda uma série de outros pontos de menor importância que sucitam controvérsias.
b) Tais pontos deverão exigir dos deputados muita discussão quanto à interpretação da constitucionalidade.
c) É o caso da participação de servidores na diretoria de empresas públicas e autarquias; permissão para reunião em local de trabalho; a participação popular na elaboração da lei orçamentária anual, bem como vários pontos do capítulo da Comunicação Social, do Transporte, da Segurança, da Saúde e da Educação.

d) Muitos dispositivos são considerados de competência exclusiva da União e deverão ser retirados do projeto de lei orgânica.

601. Assinale a seqüência que completa **corretamente** as lacunas do texto seguinte.
Não sabemos _____ greves e mais greves se sucedem na área educacional. Aliás, ninguém parece saber o _____ disso tudo. A situação é muito grave, principalmente _____ está associada ao crescente descrédito em relação à escola pública.
a) porquê / por que / por quê.
b) por quê / porquê / por que.
c) por que / porquê / porque.
d) porque / por quê / por que.

602. (ATCL-DF/N.S./IDR) Quanto ao emprego das iniciais maiúsculas e minúsculas, é **incorreto** afirmar que
a) os nomes dos meses, dias, semanas e estações do ano devem ser escritos com inicial maiúscula.
b) os nomes dos pontos cardeais escrevem-se com inicial minúscula quando designam direções ou limites geográficos.
c) as iniciais maiúsculas são usadas nos nomes de fatos históricos e importantes, de atos solenes e de grandes eventos públicos.
d) os nomes que designam altos cargos, dignidades ou postos devem ser escritos com iniciais maiúsculas quando acompanhados do nome ou quando o cargo o substituir.

603. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a seqüência em que todas as palavras estão **corretamente** grafadas.
a) admissão / admirar / adivinhar / adiminículo.
b) privilégio / táboa / monje / óbolo.
c) choviscar / estripolia / extasiar / inexorável.
d) majestade / herege / adstringente / inexaurível.

604. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a seqüência que apresenta **erro** de grafia.
a) ascensão / expenças / extensivo / ressuscitar.
b) batizar / repisar / extenso / exceção.
c) quisesse / enviesar / envernizar / cortês.
d) paralisar / turquesa / revés / desazado.

605. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a seqüência que preenche **corretamente** as lacunas.
Todos os cidadãos devem saber_____ o Poder Legislativo está assim. Estamos instalando novos computadores, é um momento de transição, eis o _____.
a) por que / porquê.
b) porque / por quê.
c) porquê / por que.
d) por que / porque.

606. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **correta** quanto à ortografia.
a) A cultura não prezume, não pode almejar, nem à uniformisação, nem à unidade sem diversidade.
b) A linguagem administrativa e legal, em qualquer sociedade organizada, apresenta um hiato em relação aos usos correntes da língua.
c) O fenômeno da inteleção da linguagem jurídica apresenta uma série de problemas ao cidadão leigo.
d) É necessário consiliar a tecnisidade dos textos legais com a comunicação do povo, que é o principal destinatário da lei.

607. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **correta** quanto à ortografia.
a) A rescisão do contrato depende do acordo entre empregador e empregado.
b) O parecer legislativo deve ser suscinto, claro e conciso.
c) A campanha publicitária pode sucitar falsas expectativas junto ao público menos consciente.
d) Não se pode precindir das ordenações sociais formuladas em conjunto e consolidadas em forma de lei.

608. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **correta** quanto à ortografia.
a) As leis precisam ser ezeqüíveis para que possam aperfeiçoar objetivamente a sociedade.
b) A pespicácia em relação às aspirações da sociedade é essencial para um político.
c) Os subcídios ainda são insuficientes para fundamentar o voto do ilustre Deputado.
d) O interstício entre uma votação e outra deve corresponder ao que preceitua o regimento.

609. (Ag. Adm./TRT/N.M./ACCESS) Só está **correta** a grafia da palavra destacada em:
a) Talvez ele não **esteje** à altura do cargo.
b) O povo **reinvindicou** seus direitos.
c) Os **empecilhos** da privatização ainda não foram superados.
d) Ele expôs com clareza a sua **pretenção**.
e) Não consigo **advinhar** a causa da sua tristeza.

ACENTUAÇÃO GRÁFICA (norma nova)

Monossílabos tônicos	
a(s), e(s), o(s)	Continuam-se acentuando os monossílabos tônicos terminados em a(s), e(s), o(s): pá(s), pé(s), vê(s), pó(s), Jô, Jó, pôs (verbo), dá-lo, vê-lo, pô-lo, fá-lo-ás, trá-las-iam (trariam+as), trá-lo-á (trará+o), trá-las-á (trará+as)...
	^ ou **´**, conforme pronúncia brasileira ou portuguesa: rô/ró (letra grega).
ter/vir/pôr	Ele tem, eles **têm**; ele vem, eles **vêm**; **pôr** (verbo), por (preposição).

Oxítonos	
a(s), e(s), o(s), em, ens	Continuam-se acentuando os oxítonos terminados em a(s), e(s), o(s), ém, éns: cajá(s), café(s), dendê(s), avó(s), avô(s), adorá-lo, entrevê-los, sobrepô-las, detê-lo, repô-la...
	^ ou **´**, conforme pronúncia brasileira ou portuguesa: bebê/bebé, bidê/bidé, caratê/caraté, crochê/croché, guichê/guiché... ou metrô/metro, judô/judo...
ter e vir	Continuam exatamente iguais: **ele** tem, retém, mantém, vem, advém, convém...; **tu** tens, reténs, manténs...; **eles** têm, retêm, mantêm, vêm, advêm, convêm...

Monossílabos tônicos e oxítonos		
éi(s), ói(s), éu(s), abertos	Eram acentuados todos: réis, sóis, anéis, chapéu(s)...	– **éi**(s), **ói**(s), **éu**(s), **em final de palavra**, continuam acentuados: réis, anéis, dói, corrói(s), chapéu(s), véu(s)...
	idéia, jibóia, paranóico...	– **Não finais, perdem o acento**: id**ei**a, jib**oi**a, paran**oi**co, prot**ei**co... (ver nos paroxítonos: Méier, destróier...).

Paroxítonos		
Não terminados em: a(s), e(s), o(s), em, ens	Continuam-se acentuando os paroxítonos terminados em **i**(s), **u** – júri(s), oásis, vírus, húmus; em **om**, **on**, **ons** – iândom, rádom, rádon(s), fóton(s), herôon(s); em **um**, **uns** – álbum, álbuns, fórum, fóruns; em **r**, **x**, **n**, **l** – éter, âmbar, Méier, destróier, blêizer, gêiser; ônix, Fênix, bórax; éden(s); amável, útil; em **ditongo** – jóquei(s), pódio(s); em **ps** – bíceps, fórceps; em **ã** – ímã(s), órfã(s).	
	^ ou **´**, conforme pronúncia brasileira ou portuguesa: pênis/pénis, tênis/ténis, bônus/bónus, Vênus/Vénus; fêmur/fémur; sêmen/sémen; fêmea/fémea...	
oo, eem	Eram acentuados: vôo(s), crêem, dêem...	**Não mais se acentuam**: voo(s), creem/descreem, deem, desdeem, leem, releem, veem, reveem...
i/u, tônico	Pós-ditongo, acentua-vam-se nos paroxítonos: b**ai**úca, b**oi**úno, f**ei**úra...	– **Perderam o acento nos paroxítonos**: baiuca, boiuno, cauila, feiura, bocaiuva (coco-de-catarro), cheiinho, feiinho, maoismo, maoista, taoismo, taoista... – **nos oxítonos, acentuam-se**: teiú(s), tuiuiú(s), bocaiú(s)...
	Continuam sendo acentuados i/u, segunda diferente vogal tônica de hiato, sozinha na sílaba ou com s, não seguida de nh: aí, arguí(s), arguía(s), arguíste(s), arguímos, arguíra(m), baú(s), Alaíde, alaúde, faísca, juízes, sanduíche... Porém: juiz, paul, ruim, ainda, triunfo, rainha, arguiu, fuinha...	

e/o/a em homografia	Acentuavam-se: pêlo, pêra, pôlo, pólo, pára, pôr, pôde...	Agora, obrigatório só: **pôr** e **pôde** (verbo). Facultativos: – **subjuntivo**: que nós **dêmos**. – **pretérito: amamos**, **louvamos**... – **pronúncia fechada**: **forma**.

Proparoxítonos	
	Continuam-se acentuando todos os proparoxítonos: árabe, cáustico, Cleópatra...
	^ ou ´, conforme pronúncia brasileira ou portuguesa: acadêmico/académico, anatômico/anatómico, cênico/cénico, gênero/género.

Trema		
	gue/gui, que/qui tinham acento agudo ou trema: argúi(s), seqüestro...	gue, gui, que, qui não têm mais trema nem acento agudo: águem, delinquir, ele argui, tu arguis, sequestro, aquífero, frequente, linguiça, aguentas...
	Atenção: 1. palavras estrangeiras: Hübner(iano), Müller(iano)... 2. arguí (veja oxítonos da regra "i/u, tônico").	

Prática

■ Corrija pela nova ortografia.

Ele tem (610) o direito, mas elas não o tem (611). O juiz (612) e a juiza (613) tambem (614) consideraram paranoica (615) a atitude de empafia (616) do sequestrador (617). Eles arguem (618) hoje exatamente o que argui (619) ontem e Ataide (620) argui (621) agora. O voo (622) frequente (623) do tuiuiu (624) entretem (625) os turistas proximos (626) ao agueiro (627). Ela poderia ama-los (628), prende-los (629)... e fa-lo-a (630) assim que a geleia (631) os tornar doceis (632). Vou por (633) por (634) perto da claraboia (635) os chapeus (636) dos herois (637). No passado ela nunca pode (638) instrui-lo (639) porem (640) agora pode (641). Qual a forma (642) da ultima (643) forma (644)?

O plural de foton (645) é fotons (646), de iandom (647) é iandons (648), de radom (649) ou radon (650) é radons (651), de heroon (652) é heroons (653), de destroier (654), geiser (655) e bleizer (656) é destroieres (657), geiseres (658) e bleizeres (659). Enquanto o taoismo (660), para os taoistas (661), é uma doutrina filosófica e transcendental, o maoismo (662) é, para os maoistas (663), uma teoria política, diferente do hinduismo (664).

Prática

665. (TFC-RJ/N.S.) Indique a opção em que **não** há **erro** de grafia.

a) Porque chegou atrazado perdeu grande parte do explêndido espetáculo.
b) Pediu-lhe que ascendesse a luz, pois a claridade não era impecilho a seu repouso.
c) Ele não é uma exceção, também é muito ambicioso.

d) Quizera eu que todas as espécies animais estivessem livres da estinsão.
e) Não poderia advinhar que sua música viesse a ter tanto hêsito.

666. (TFC-RJ/N.S.) Identifique o segmento inteiramente **correto** quanto à grafia.
a) Há intensão de se alcançar um consenso para evitar as divergências entre os parlamentares.
b) É preciso cessarem as disensões para se obter a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação.
c) Um aquário pode ser tido como um ecossistema, no qual os escrementos dos peixes, depois de decompostos, fornecerão elementos essenciais à vida das plantas.
d) O Sol é o responsável pela emissão de luz, indispensável para a fotossíntese, processo pelo qual as plantas produzem o alimento orgânico primário assim como praticamente todo o oxigênio disponível na atmosfera.
e) Pesquizas recentes têm atribuído a choques meteóricos a súbita extinção dos dinossauros da face da Terra.

667. (AFRE-SP/N.S.) Assinale a seqüência que preenche **corretamente** as lacunas.
Era um homem _____, daí seu _____ comportamento.
a) frustado / extranho.
b) frustado / estranho.
c) frustrado / estranho.
d) frustrado / extranho.

668. (AFRE-SP/N.S.) Assinale a seqüência que preenche **corretamente** a lacuna.
Essa foi a _____.
a) estensão dos prejuisos.
b) extensão dos prejuízos.
c) extensão dos prejuizos.
d) estenção dos prejuísos.

669. (Sold. Pol. Milit.) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da frase a seguir.
____ muito tempo, ele vivia ____ juntar papéis velhos, ____ não tinha outra ocupação.
a) A / a / porque.
b) À / à / por que.
c) Há / a / porque.
d) Há / à / por quê.
e) A / há / porquê.

670. Assinale a opção em que todas as palavras estão escritas **corretamente**.
a) O principal refugio do sujeito era uma muntueira de papéis.
b) A Polícia, às vezes, se faz de cega frente ao problema da mendicância.
c) A opreção deixa muitos individuos à margem da sociedade.
d) O papeleiro não adimitia discursão na defesa do seu território.
e) Baixinha era um apilido, porque ela era baichinha.

671. Assinale a opção em que as palavras completam **corretamente** a frase seguinte.
Na _____ da última quinta-feira, a Prefeitura planejou a _____ do terreno baldio em duas partes, para fazer a _____ de uma delas aos catadores de lixo.
a) sessão / secção / cessão.
b) secção / cessão / sessão.
c) cessão / sessão / secção.
d) sessão / cessão / secção.
e) cessão / secção / sessão.

672. Assinale a alternativa em que as palavras estão escritas **incorretamente**.
a) presente / caule / lenços.
b) enrijando / miúdas / adeus.
c) cheirosa / transparente / cajus.
d) rezina / treis / flôres.
e) pequenino / lembranças / agitado.

673. A alternativa em que **as duas palavras** devem ser escritas com "g" é
a) gor___eta / in___eção.
b) cere___eira / berin___ela.
c) ti___ela / mar___em.
d) ___iló / la___e.
e) sar___eta / ultra___e.

674. As palavras estão **corretamente** escritas na alternativa
a) xuxu e moscila.
b) sessenta e seiscentos.
c) braza e ofenza.
d) querozene e gasolina.
e) crusado e cruseiro.

675. Há **erro** de ortografia na alternativa:
a) velocidade.
b) capaz.
c) compreensão.
d) inesplicável.
e) atração.

676. A frase: "Eis a razão _____ a maçã caiu" completa-se com a palavra:
a) porque. b) porquê. c) por que. d) por quê. e) com que.

677. As palavras que são escritas com **ss** encontram-se na alternativa:
a) a___istir, pa___ivo, promi___ória.
b) a___ enção, di___iplina, sei___entos.
c) desgra___a, corrup___ão, promo___ão.
d) esque___er, aten___ioso, finan___eiro.
e) man___o, remor___o, fal___idade.

678. Escolha a alternativa que preencha adequadamente os espaços.
Iniciada a _____ parlamentar, foi discutida a _____ das terras aos índios.
a) seção / cessão.
b) seção / sessão.
c) cessão / seção.
d) sessão / seção.
e) sessão / cessão.

679. Escolha a alternativa que preencha adequadamente os espaços.
Eu _____ o que você _____, portanto não _____ triste.
a) fiz / quis / fiques.
b) fis / quiz / fique.
c) fiz / quis / fique.
d) fiz / quiz / fiques.
e) fiz / quiz / fique.

680. Assinale a opção em que o fonema **/z/** é representado pela letra **x** em todas as palavras.
a) e__oneração / e__orbitante / e__igüidade.
b) e__ecutante / de__erção / apra__ível.
c) resci__ão / ra__oável / ane__ação.
d) e__igibilidade / e__tintivo / cláu__ula.
e) má__imo / e__clusão / pre__unção.

681. Assinale a alternativa **incorreta** quanto à ortografia.
a) gasolina.
b) estrangeiro.
c) atrazado.
d) atualizar.
e) chuvoso.

682. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Em todas as alternativas, as palavras foram acentuadas corretamente, **exceto** em:
a) Eles têm muita coisa a dizer.
b) Estude os dois primeiros ítens do programa.
c) Afinal, o que contém este embrulho?
d) Foi agradável ouvir aquele orador.
e) Por favor, dêem-lhe uma nova chance!

683. (PRF/N.M./ANP) Assinale o vocábulo **indevidamente** acentuado.
a) lápis.
b) inquérito.
c) pessôa.
d) notícia.

684. (BRB/N.M./IDR) Assinale a alternativa em que todos os vocábulos devam ser acentuados e, respectivamente, pelas mesmas regras que **hipócrita**, **ingênuo**, **ninguém**, **café** e **faísca**.
a) compulsorio / textil / tambem sera / aneis.
b) debentures / desperdicio / parabens / voce / atraido.
c) rubrica / exito / recem / guiche / juizo.
d) apolices / bonus / itens / mes / saida.

685. (ALCL-DF/N.S./IDR). Assinale a alternativa **correta**.
a) O júri foi ágil e determinou que, em tempo hábil, o Estado amparasse os órfãos da cátastrofe.
b) A nova legislação pôs em destaque as vantagens a que os aposentados faziam jús há muitos anos.

c) A consciência tranqüila é uma bênção que os políticos devem alcançar por meio de um contínuo exercício de caráter.
d) A linha tenue que divide a justiça da injustiça é uma espécie de cristal que se pode estilhaçar com o vento.

686. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **incorreta** quanto à acentuação gráfica.
a) destroem / vêem / instruí-lo / partí-los-ão.
b) tórax / hinduísmo / tênis / jabuti.
c) itens / psíquico / fúteis / geléia.
d) caíram / vírus / éter / acórdãos.

687. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a seqüência em que todas as palavras são acentuadas em obediência à **mesma regra**.
a) alguém / afável / açúcar / também.
b) chapéu / heróico / último / próximo.
c) egoísta / faísca / cafeína / viúvo.
d) estréia / família / imóvel / espontâneo.

688. (ATCL-DF/N.S./IDR) Marque a alternativa **correta** quanto à acentuação gráfica.
a) Os polos agrícolas do sul são ferteis e prosperos.
b) O parlamentar pôde participar da assembléia anterior e vai emitir agora um juízo sobre o tema.
c) Louvaríamos a iniciativa se tivessemos participado democraticamente de sua formulação.
d) O país tem muitos contribuíntes e, portanto, muita renda, mas é preciso distribuí-la.

689. (Ag. Adm./TRT/N.M./ACCESS) Algumas palavras não seguem as regras gerais de acentuação. Foi mantido, de um certo modo, um **acento diferencial**. Estão nesse caso as palavras da seguinte alternativa:
a) alguém, parabéns, convém.
b) pólo, pára, pôde.
c) açúcar, hífen, cânon.
d) ágeis, jóquei, faríeis.
e) paranóico, rouxinóis, jibóia.

690. (Ag. Adm./TRT/N.M./ACCESS) Há um **erro** na grafia do plural do verbo na alternativa:
a) ele detém / eles detêm.
b) (que) ele dê / (que) eles dêem.
c) (que) ele conte / (que) eles contem.
d) ele tem / eles têm.
e) ele vê / eles vêm.

691. Assinale a alternativa em que as palavras estão acentuadas **incorretamente**.
a) constituínte / embóra / senadôr.
b) flexível / receberás / pântano.
c) porém / miúdas / até.
d) ofício / São Luís / ninguém.
e) ignorância / fácil / avô.

692. Em qual alternativa as palavras são **paroxítonas**?
a) ótimo / maiúsculas.
b) condução / período.
c) freguês / cômodo.
d) bênção / repórter.
e) André / parabéns.

693. Assinale a alternativa em que **todas** as palavras podem ser acentuadas.
a) vigia / proa.
b) governo / caju.
c) aqui / fusil.
d) taxi / revolver.
e) juiz / nuvem.

694. Assinale a alternativa que está de acordo com a regra "Todas as **proparoxítonas** são acentuadas."
a) saída / faísca.
b) melancólico / ridículo.
c) rês / mês.
d) caberá / poderá.
e) Suíça / cuíca.

695. Em qual alternativa encontra-se a **única** palavra que deve ser graficamente acentuada?
a) corpos. b) força. c) vezes. d) planeta. e) saisse.

696. Assinale a alternativa constituída de palavras **oxítonas**.
a) laje / saco / água / subúrbio.
b) fotografia / pilha / ruído / noite.
c) história / fácil / açúcar / lápis.
d) urubu / reféns / aqui / atrás.
e) idéia / ódio / vida / saída.

697. Assinale a alternativa em que as palavras obedecem à **mesma regra** de acentuação.
a) egoísmo / dívida.
b) será / freqüência.
c) vírus / belíssimo.
d) mês / baú.
e) açúcar / agradável.

698. Assinale a **única** alternativa em que todas as palavras estão corretamente acentuadas.
a) chuchú / querê-lo / Luís / rubi.
b) bíceps / Afrânio / dá-la / café.
c) César / partí-la / ítem / tabú.
d) bau / atrás / túnel / urubú.
e) rapé / também / água / viuva.

699. Nas frases seguintes, a que apresenta **erro(s)** quanto à acentuação gráfica é:
a) Vocês tem que colocar sua rúbrica aqui.
b) Ele fez o cálculo da alíquota.
c) Os países limítrofes participaram da conferência.
d) A nova alfândega será construída proximamente.
e) É considerável este ônus financeiro.

700. A palavra que obedece à mesma regra de acentuação que **corroído** é:
a) ataúde. b) sapé. c) corróis. d) láurea. e) crédulo.

701. De acordo com a acentuação de palavras, marque a série **errada**.
a) pedagio / trânsito / véiculos.
b) incêndio / câmbio / óleo.
c) ré / faróis / pára-brisa.
d) mecânicos / distância / alguém.
e) automóveis / painéis / triângulo.

702. Acentua-se a forma destacada em "**pô-la** na cadeia" porque se trata de
a) forma tônica em hiato.
b) paroxítona terminada em **o** fechado.
c) forma verbal em que, depois de **o**, assimilou-se o **r** ao **l** do pronome.
d) homografia com a preposição **por**.
e) acento distintivo de timbre.

703. A **única** palavra que deve ser acentuada é:
a) abacaxi. b) abacate. c) caju. d) morango. e) maracuja.

Substantivo

DEFINIÇÃO

Substantivo é a palavra com que se nomeiam seres e conceitos.

Exemplos: Maria, cavalo, peroba, Brasil, aragem, beleza, chuva.

Locução substantiva é um conjunto de palavras, com elemento de ligação, equivalentes a um substantivo.

Exemplos: mula sem cabeça, pé de pato (nadadeira), sala de aula, quarto de dormir...

CLASSIFICAÇÃO

Classificam-se os substantivos em:

Concreto

É o que nomeia seres com existência autônoma, independente, ou que são assim imaginados:

pessoas: José, Júlia;
ocupantes de cargos: tesoureiro, professor;
animais: tigre, lesma;
vegetais: árvore, bambu;
minerais: água, ouro;
fenômenos: chuva, relâmpago;
lugares: continente, Piauí;
objetos: caneta, livro;
imaginados: saci, fada, Deus.

Abstrato

É o que nomeia seres ou conceitos que só existem dependentes de outros seres; não existem por si sós:

ações: o chute, a entrega;
sentimentos: amor, compreensão;
qualidades: dureza, feiura;
estado: desonra, glória.

Só existem em função de outros seres.

Próprio

É o que nomeia um ser específico dentro de um grupo:

José, Brasil, Vestcon.

Comum

É o que nomeia um ser como pertencente a uma classe:

homem, país, editora.

Coletivo

É o substantivo comum que nomeia um conjunto de seres:

cardume, esquadra, time.

Coletivos numéricos são os que definem a quantidade de seres ou conceitos: par, dezena, dúzia, centena, grosa, milheiro, biênio, triênio, quadriênio, lustro, década, século, milênio...

Prática

■ Marque as classificações correspondentes a cada substantivo.

		a) Concreto	b) Abstrato	c) Próprio	d) Comum	e) Coletivo
1	inteligência					
2	vento					
3	Juraci					
4	arquipélago					
5	alcateia					
6	rouxinol					
7	Dumbo					
8	saudade					

FLEXÃO

Chama-se flexão a mudança que se pode fazer numa palavra sem alterar seu significado essencial. Exemplificando: **livro** e **livros** apresentam uma diferença, que indica quantidade, mas o objeto que nomeiam é o mesmo.

Os substantivos flexionam-se em gênero, número e grau.

Flexão de gênero

Quanto ao **gênero**, pode o substantivo ser classificado como:

Masculino

O que aceita apenas o artigo masculino:

o cinzeiro, o profeta, o enigma.

Feminino

O que aceita apenas o artigo feminino:

a harpa, a profetisa, a profecia.

Comum de dois

O que aceita tanto o artigo masculino como o feminino, sem mudança de forma:

o amante	**a** amante
o colega	**a** colega
o pianista	**a** pianista

Sobrecomum

Só aceita um artigo (masculino ou feminino), embora se refira a seres de qualquer dos sexos:

o algoz = para homem ou mulher;
o cônjuge = para homem ou mulher;
a vítima = para homem ou mulher;
a testemunha = para homem ou mulher.

Epiceno

Só se refere a animais e só aceita um artigo (masculino ou feminino). Quando se quer definir-lhe o sexo, usa-se a palavra macho ou fêmea:

a águia macho ou o macho da águia;
o jacaré fêmea ou a fêmea do jacaré.

Observação 1:

Como as palavras macho e fêmea são adjetivos biformes, também é correto:

a águia macha – o jacaré fêmeo

Observação 2:

Alguns substantivos mudam o significado quando mudam de gênero:

o cabeça (chefe)	a cabeça (parte do corpo)
o cabra (homem corajoso)	a cabra (animal)
o caixa (trabalhador)	a caixa (objeto)
o cisma (separação)	a cisma (desconfiança)
o crisma (óleo)	a crisma (sacramento)
o grama (unidade de medida)	a grama (vegetal)
o guarda (soldado)	a guarda (vigilância)
o guia (cicerone)	a guia (documento)
o lente (professor)	a lente (vidro de aumento)
o moral (ânimo)	a moral (código de conduta)

Formação do feminino

O **feminino** de um substantivo se faz de quatro maneiras:

a) por substituição ou acréscimo na terminação da palavra, isto é, na desinência:
gat**o**, gat**a**; pintor, pintor**a**; rapaz, rapa**riga**;

b) pela mudança no gênero do artigo:
o colega, **a** colega; **o** jovem, **a** jovem; **o** cliente, **a** cliente;

c) pela mudança completa do radical:
homem, mulher; bode, cabra; pai, mãe;

d) pelo acréscimo de "**macho**" ou "**fêmea**":
a pulga macho, a pulga fêmea.

Prática

■ Ponha nos parênteses **a**, **b**, **c** ou **d**, conforme a norma vista acima.

9. ( ) cavalo / cavalheiro / marido.
10. ( ) rouxinol / besouro / tatu.
11. ( ) artista / imigrante / selvagem.
12. ( ) barão / pombo / ladrão.

■ Assinale certo ou errado. Se estiver errado, indique a correção.

13. ( ) Substantivo uniforme só tem uma forma, que tanto serve para o masculino como para o feminino.
Correção: _____

14. ( ) As letras **a** e **b** do quadro anterior são exemplos de uniformes.
Correção: _____

15. ( ) Os exemplos das letras **a** e **c** do quadro anterior correspondem a substantivos biformes.
Correção: _____

■ Estabeleça a correta correspondência para os seguintes substantivos uniformes.

a) Epicenos b) Sobrecomuns c) Comuns de dois gêneros

16. ( ) dentista / colegial / camarada / pianista / intérprete.
17. ( ) albatroz / besouro / tartaruga / badejo / condor.
18. ( ) apóstolo / indivíduo / testemunha / pessoa / verdugo.

Os substantivos terminados em **-or** fazem o feminino com acréscimo das desinências **-a**, **-eira**, **-triz**.

Prática

■ Realize seus femininos optando pelas desinências **-a**, **-eira**, **-triz** ou outras.

19. leitor _____
20. pintor _____
21. ator _____
22. governador _____
23. imperador _____
24. cerzidor _____
25. remador _____
26. aviador _____

■ Continue.

27. cantador _____ ou _____
28. cantor _____, _____ ou _____
29. embaixador _____ ou _____

O feminino dos **títulos eclesiásticos** ou **de previlégio social** se faz com **-esa**, **-essa** ou **-isa**.

Prática

■ Realize os femininos dos títulos eclesiásticos ou de privilegiados socialmente optando por **-esa**, **-essa** ou **-isa**.

30. abade _____
31. diácono _____
32. sacerdote _____
33. bispo _____
34. papa _____
35. profeta _____
36. píton _____
37. cônego _____
38. druida _____
39. barão _____
40. conde _____
41. duque _____
42. cônsul _____
43. oficial _____

44. alcaide _____ ou _____
45. prior _____ ou _____

Femininos especiais

Prática

■ Realize os **femininos**.

46. bacharel _____
47. cachorro _____
48. cão _____
49. general _____
50. gigante _____
51. hóspede _____
52. elefante _____
53. pardal _____
54. rapaz _____
55. monge _____
56. raja ou rajá _____
57. doge _____
58. silfo _____
59. marajá _____
60. varão _____
61. sandeu _____
62. tabaréu _____

■ Aponte os masculinos de **radicais** diferentes.

63. cabra _____
64. ovelha _____
65. arará _____
66. gironda _____
67. amazona _____
68. dama _____
69. cerva _____
70. besta _____
71. abelha _____
72. abada _____

■ Escreva os **femininos** de:

73. infante _____
74. governante _____
75. presidente _____
76. parente _____
77. doente _____

Os substantivos terminados em **-ão** fazem o feminino em **-ã**, **-oa**, **-ona** e outras terminações.

Prática

■ Escreva os femininos nas colunas corretas.

	MASCULINO	Ã	OA	ONA	OUTRAS
78.	aldeão				
79.	alemão				

	MASCULINO	Ã	OA	ONA	OUTRAS
80.	anfitrião				
81.	beirão				
82.	bretão				
83.	ermitão				
84.	figurão				
85.	lebrão				
86.	maganão				
87.	perdigão				
88.	respondão				
89.	sultão				
90.	tecelão				
91.	valentão				
92.	vilão				

93. Qual das terminações de feminino é usada para **aumentativos** e **adjetivos substantivados**?
a) -ã. b) -oa. c) -ona. d) outra.

■ Assinale **C** ou **E**.

94. ( ) leoa / patroa / pavoa / tabelioa / leitoa.
95. ( ) anciã / coimbrã / faisã / peã / catalã.
96. ( ) **ladra** tem também as variantes **ladroa** e **ladrona**.
97. ( ) **alfaiata** é feminino de **alfaiate**.

Flexão de número

Quanto ao **número**, os substantivos flexionam-se em **singular** e **plural**, normalmente:

o boi	os bois
a manada	as manadas

Alguns só existem no plural (*pluralia tantum*)

afazeres	óculos
alvíssaras	pêsames
anais	parênteses
arredores	víveres
condolências	

Outros mudam de sentido ao mudar de número

dama (senhora)	damas (jogo)
ouro (metal)	ouros (naipe do baralho)
pau (madeira)	paus (naipe do baralho)
honra (probidade)	honras (homenagens)
bem (virtude)	bens (riquezas)
féria (ganho financeiro ou repouso)	férias (repouso)

Formação do plural

Para pluralizar os substantivos, usa-se a desinência **s** quando terminam em **ditongo** ou **vogal** (oral ou nasal).

Prática

■ Pluralize corretamente.

98. mesa _____
99. café _____
100. degrau _____
101. refém _____
102. álbum _____
103. jasmim _____

Aos terminados em **-r** ou **-z**, acrescenta-se **-es**.

Prática

■ Pluralize corretamente.

104. mar _____
105. colher _____
106. gestor _____
107. xadrez _____
108. raiz _____
109. cruz _____

Atenção:

caráter – caracteres

Os terminados em **-il**, se oxítonos, trocam o **l** por **s**.

Prática

■ Pluralize corretamente.

110. ardil _____
111. barril _____

Os terminados em **-il**, se paroxítonos, trocam o **il** por **eis**.

Prática

■ Pluralize corretamente.

112. fóssil _____
113. míssil _____

Atenção:

projetil – projetis
reptil – reptis
projétil – projéteis
réptil – répteis

Os terminados em **-al**, **-el**, **-ol**, **-ul** trocam o **l** por **is**.

Prática

■ Pluralize corretamente.

114. animal _____
115. sol _____
116. papel _____
117. paul _____

Atenção:

mal – males	real – reais ou réis
aval – avales	cônsul – cônsules (e seus derivados)

Os terminados em **-ão**, quase sempre, flexionam-se em **-ãos**, **-ões**, **-ães**.

Prática

■ Pluralize corretamente.

118. cidadão _____
119. irmão _____
120. cristão _____
121. coração _____
122. fração _____
123. balão _____
124. pão _____
125. capelão _____
126. cão _____

Os aumentativos têm sempre o plural em **-ões**.

Prática

■ Pluralize corretamente.

127. bolão _____
128. filhão _____
129. verdão _____

Os paroxítonos têm o plural em **-ãos**.

Prática

■ Pluralize corretamente.

130. órfão _____
131. sótão _____
132. órgão _____

Observação:

Há substantivos que admitem mais de um plural correto.

Prática

■ Escreva nas colunas certas os plurais certos.

		ões	ãos	ães
133.	alão (cão de fila)			
134.	alazão			
135.	alcorão			
136.	aldeão			
137.	anão			
138.	ancião			
139.	bastião (baluarte)			
140.	bênção			
141.	capelão			
142.	capitão			
143.	castelão			
144.	charlatão			
145.	cidadão			
146.	corrimão			
147.	deão (decano)			
148.	ermitão			
149.	escrivão			
150.	feijão			
151.	fuão (fulano)			
152.	guardião			
153.	hortelão			
154.	mão			
155.	opinião			
156.	órgão			
157.	pagão			
158.	peão			
159.	pião			
160.	questão			
161.	rufião			
162.	sacristão			
163.	sultão			
164.	tabelião			
165.	verão			
166.	vilão			
167.	vulcão			

Prática

168. Das três terminações de plural (ões, ãos, ães), qual a mais frequente?
Resp.: _____

■ Assinale **C** ou **E** para certo ou errado.

169. ( ) Os substantivos concretos terminados em **-ão** são masculinos. Exs.: o agrião, o balcão, o algodão.

170. ( ) Os substantivos abstratos terminados em **-ão** são femininos. Exs.: a emoção, a opinião, a aceitação.

171. ( ) O vocábulo **mão** foge às regras anteriores por ser concreto e feminino.

Os oxítonos terminados em **-s** recebem **-es**.

Prática

■ Pluralize corretamente.

172. ananás _____
173. inglês _____
174. ilhós _____

Os paroxítonos e proparoxítonos terminados em **-s** são invariáveis.

Prática

■ Pluralize corretamente.

175. o lápis _____
176. o oásis _____
177. o ônibus _____

Substantivos formados de **radical** + **zinho** ou **zito**: pluralizam-se os dois componentes separadamente.

cãe**s**+zitos papéi**s**+zinhos

Para uni-los, retira-se o **s** intermediário.

cãe zitos papei zinhos

↓ ↓

cãezitos papeizinhos

Prática

■ Pluralize corretamente, seguindo os passos certos.

	colarzinho	➔	colares + zinhos	➔	colarezinhos
178.	peãozinho	➔	+	➔	
179.	papelzinho	➔	+	➔	
180.	cãozito	➔	+	➔	
181.	balãozinho	➔	+	➔	

Plural com metafonia

Quando passam do singular para o plural, alguns substantivos com a vogal tônica "o" fechada trocam essa vogal por "o" aberto. Essa alteração de timbre chama-se **metafonia**.

(ô)	(ó)
aposto	apostos
corpo	corpos
esforço	esforços
fogo	fogos

Quando há metafonia no feminino, há também no plural, com exceção de **sogra** (´) e **tolda** (´), sogros (^) e toldos (^).

Prática

■ Ponha nos parênteses ´ ou ^ para indicar timbre aberto ou fechado.

	masculino	feminino	plural
182.	aposto (^)	aposta ( )	apostos ( )
183.	porco (^)	porca ( )	porcos ( )
184.	sogro (^)	sogra ( )	sogros ( )

Os substantivos **femininos** apresentam o mesmo timbre no singular e no plural.

Prática

■ Ponha nos parênteses ´ ou ^ para indicar timbre aberto ou fechado.

185.	sogra (´)	sogras ( )
186.	bolha (^)	bolhas ( )
187.	roda (´)	rodas ( )

■ Escreva na coluna adequada o plural dos substantivos.

SINGULAR		PLURAL	
		(^)	(´)
188.	abrolho (^)		
189.	adorno (^)		
190.	almoço (^)		
191.	arroba (^)		
192.	bolha (^)		
193.	bolso (^)		
194.	cachorro (^)		
195.	caroço (^)		
196.	cebola (^)		
197.	choco (^)		
198.	coco (^)		
199.	consolo (^)		
200.	contorno (^)		
201.	corno (^)		
202.	coro (^)		
203.	corpo (^)		
204.	corvo (^)		
205.	cota (´)		
206.	dorso (^)		
207.	esforço (^)		
208.	esposa (^)		
209.	esposo (^)		
210.	estorvo (^)		
211.	fogo (^)		

SINGULAR		PLURAL	
		(^)	(´)
212.	folha (^)		
213.	forno (^)		
214.	foro (^)		
215.	fosso (^)		
216.	globo (^)		
217.	imposto (^)		
218.	jogo (^)		
219.	miolo (^)		
220.	moda (´)		
221.	molho (´) (de chaves)		
222.	molho (^) (de tomate)		
223.	morro (^)		
224.	namoro (^)		
225.	olho (^)		
226.	osso (^)		
227.	ovo (^)		
228.	peroba (´)		
229.	pescoço (^)		
230.	piloto (^)		
231.	piolho (^)		
232.	poço (^)		
233.	polvo (^)		
234.	porto (^)		
235.	potro (^)		
236.	povo (^)		

	SINGULAR	PLURAL	
		(^)	(´)
237.	reboco (^)		
238.	reforço (^)		
239.	repolho (^)		
240.	roda (´)		
241.	rogo (^)		
242.	rolha (^)		
243.	rolo (^)		
244.	rosto (^)		
245.	senhora (´)		
246.	socorro (^)		
247.	sogra (´)		
248.	sogro (^)		
249.	sopa (^)		
250.	sopro (^)		
251.	sova (´)		
252.	suborno (^)		
253.	tijolo (^)		
254.	toco (^)		
255.	toldo (^)		
256.	topo (^)		
257.	tremoço (^)		
258.	troco (^)		

Plural dos substantivos compostos ligados por hífen

Substantivo composto por **verbo** + **substantivo** ou **verbo** + **adjetivo**: somente o **segundo elemento varia**.

Veja: guarda-roupa – guarda-roupas
beija-flor – beija-flores
porta-estandarte – porta-estandartes
abaixo-assinado – abaixo-assinados

Prática

■ Complete as lacunas com o plural correspondente.

259. furta-cor _____
260. quebra-mar _____
261. porta-bandeira _____
262. pára-choque (nova ortografia: para-choque) _____
263. guarda-chuva _____

Em substantivos compostos formados por:

substantivo + substantivo | **adjetivo + substantivo**
substantivo + adjetivo | **numeral + substantivo**

ambos variam

Veja: redator-chefe – redatores-chefes
baixo-relevo – baixos-relevos
meio-termo – meios-termos

Prática

■ Pluralize corretamente.

264. cirurgião-dentista _____
265. tenente-coronel _____
266. couve-flor _____
267. amor-perfeito _____
268. cabra-cega _____
269. guarda-civil _____
270. guarda-noturno _____
271. segunda-feira _____
272. terça-feira _____
273. meio-fio _____

Substantivo composto por dois substantivos em que o segundo indica **tipo**, **limitação**, **semelhança** ou **finalidade** do primeiro: somente o **primeiro varia**.

Veja: manga-espada – mangas-espada
navio-tanque – navios-tanque
decreto-lei – decretos-lei

Prática

■ Pluralize corretamente.

274. banana-maçã _____
275. caneta-tinteiro _____
276. navio-escola _____
277. peixe-boi _____
278. manga-rosa _____

Substantivo composto **ligado por preposição** clara ou oculta: somente o **primeiro vocábulo varia**.

Veja: ama-de-leite – amas-de-leite (nova ortografia: ama de leite – amas de leite)
limão-de-cheiro – limões-de-cheiro (nova ortografia: limão de cheio – limões de cheiro)
mula-sem-cabeça – mulas-sem-cabeça (nova ortografia: mula sem cabeça – mulas sem cabeça)
cavalo-vapor (= de, a vapor) – cavalos-vapor

Prática

279. pão-de-ló (nova ortografia: pão de ló) _____
280. estrela-do-mar _____
281. papo-de-anjo _____
282. baba-de-moça (nova ortografia: baba de moça) _____
283. grão-de-bico _____

Substantivo composto em que o primeiro vocábulo é uma palavra **invariável**: somente o **segundo varia**.

Veja: grão-vizir – grão-vizires
auto-escola – auto-escolas (nova ortografia: autoescola – autoescolas)
vice-rei – vice-reis

Prática

■ Pluralize corretamente.

284. vice-presidente _____
285. ex-diretor _____

286. ave-maria _____
287. grão-duque _____
288. sempre-viva _____
289. abaixo-assinado _____

Substantivo composto formado por **onomatopeia** (imitação de som) ou por **palavras repetidas**: somente o **segundo vocábulo varia**. Se houver verbos **repetidos**, também é correto **variarem os dois**.

Veja: pingue-pongue – pingue-pongues
treme-treme – treme-tremes ou tremes-tremes

Prática

■ Pluralize corretamente.

290. tico-tico _____
291. tique-taque _____
292. reco-reco _____
293. corre-corre _____ ou _____
294. pisca-pisca _____ ou _____
295. pega-pega _____ ou _____

■ Estes substantivos compostos admitem mais de uma forma no plural:

296. fruta-pão _____ ou _____
297. guarda-marinha _____ ou _____
298. padre-nosso _____ ou _____
299. salvo-conduto _____ ou _____
300. ruge-ruge_____ ou _____

São invariáveis as expressões **substantivadas** e os **substantivos compostos** por verbos antônimos.

Veja: a maria-vai-com-as-outras – as maria-vai-com-as-outras

Prática

■ Pluralize corretamente.

301. o bota-fora _____
302. o louva-a-Deus _____
303. o disse-me-disse (nova ortografia: o disse me disse) _____
304. o leva-e-traz (nova ortografia: o leva e traz) _____
305. o pisa-mansinho _____

Flexão de grau

Os substantivos flexionam-se em grau: **aumentativo** e **diminutivo**.

normal	**aumentativo**	**diminutivo**
barco	barcaça	barquinho
boca	bocarra	boquinha
copo	copázio	copinho
homem	homenzarrão	homenzinho
fogo	fogaréu	fogacho
corpo	corpanzil	corpúsculo
rapaz	rapagão	rapazote

Conforme o uso, os sufixos de grau podem acrescentar uma ideia **afetiva** ou **pejorativa** às palavras:

amigão, sabichão, gentalha, homenzinho, povinho, gentinha, livreco...

Há palavras que aparentam ter sufixo de grau, mas têm significado distinto de sua primitiva:

cartão, calção, casebre...

Prática Geral

306. (PRF/N.M./ANP) Assinale a palavra com gênero **errado**.
a) a vítima.
b) o testemunha.
c) a jovem.
d) o agente.

307. (PRF/N.M./ANP) A forma de plural **errada** é
a) papel / papéis.
b) difícil / difíceis.
c) chapéu / chapéus.
d) cidadão / cidadões.

308. (PRF/N.M./ANP) Assinale a opção em que a significação do nome varia com a mudança de **gênero**.
a) o dentista / a dentista.
b) o turista / a turista.
c) o atendente / a atendente.
d) o capital / a capital.

309. Na frase: "Há **duas** vagas debaixo da **ponte**", as palavras destacadas classificam-se como
a) numeral e substantivo.
b) numeral e adjetivo.
c) artigo e substantivo.
d) artigo e advérbio.
e) numeral e verbo.

310. Os plurais de **escrivão** e **pagão** são
a) escrivões e pagões.
b) escrivões e pagães.
c) escrivãos e pagãos.
d) escrivães e pagões.
e) escrivães e pagãos.

311. A alternativa que contém o emprego correto do feminino das palavras **cidadão** e **ancião** é
a) cidadona e anciã.
b) cidadã e ancioa.
c) cidadona e ancioa.
d) cidadã e anciã.
e) cidadoa e ancioa.

312. Na frase "Então **o** homem descobriu o Bem e o **Mal**", as palavras destacadas são, respectivamente,
a) pronome demonstrativo e advérbio.
b) pronome oblíquo e adjetivo.
c) pronome relativo e numeral.
d) preposição e verbo.
e) artigo definido e substantivo.

313. A palavra **talão** forma o plural da mesma maneira que:
a) alemão.
b) cidadão.
c) ação.
d) capital.
e) órgão.

314. O plural de **sexta-feira** e **abaixo-assinado** é
a) sextas-feiras e abaixo-assinados.
b) sextas-feiras e abaixos-assinados.
c) sexta-feiras e abaixo-assinados.
d) sextas-feira e abaixos-assinados.
e) sextas-feira e abaixos-assinado.

315. Marque a alternativa que aparece com o plural **errado**.
a) para-lama / para-lamas.
b) sinal / sinais.
c) herói / heróis.
d) veículo / veículos.
e) farol / farols.

316. A frase em que há um **substantivo próprio** é:
   a) No fim da rua Monte Alegre estava a escola pública.
   b) Lá fiz todo o curso primário.
   c) Minha família era pobre.
   d) Eu gosto de banana.
   e) Comi um sanduíche gostoso.

■ Assinale **C** ou **E** para certo ou errado, respectivamente.

317. ( ) Substantivos como **anais**, **arredores**, **condolências**, **esponsais** e **óculos** só se usam no plural e são chamados de *pluralia tantum* (pronuncia-se plurália tântum).
318. ( ) O plural **avôs** refere-se a mais de um avô (masc.).
319. ( ) O plural **avós** tanto se refere a mais de uma avó, quanto ao conjunto de avô e avó.
320. ( ) Havia dois **oitos**, três **noves** e dois **agás** na sua camisa.
321. ( ) **cais** é invariável, mas **cós** pode ficar invariável ou fazer o plural **coses**.
322. ( ) Os substantivos paroxítonos terminados em **s** são invariáveis: o pires, os pires; o oásis, os oásis.
323. ( ) Também o são os terminados em **x**: o tórax, os tórax; a fênix, as fênix; o ônix, os ônix.
324. ( ) **Os projéteis atingiram os répteis**. **Os projetis atingiram os reptis**. O singular das duas frases é exatamente o mesmo.
325. ( ) **flautim** e **atum** terminam em vogal nasal; **bem** e **som**, em ditongo nasal. Por isso, fazem plural com um simples acréscimo de **s**, como os vocábulos **boné** e **boi**.

■ Identifique os coletivos.

326. alavão _____
327. alcateia _____
328. cardume _____
329. cáfila _____
330. cacho _____
331. concílio _____
332. congregação _____
333. corja _____
334. esquadra _____
335. fato _____
336. banda _____
337. bandeira _____
338. boana _____
339. choldra (ô) _____
340. clero _____
341. conclave _____
342. consistório _____
343. elenco _____
344. esquadrilha _____
345. legião _____

■ Nos seguintes sobrecomuns, marque **F** para feminino e **M** para masculino.

346. ( ) algoz
347. ( ) membro
348. ( ) criança
349. ( ) ídolo
350. ( ) vítima
351. ( ) testemunha

■ Ponha nos parênteses **o** ou **a** para masculino ou feminino.

352. ( ) clã
353. ( ) dó
354. ( ) formicida
355. ( ) libido
356. ( ) sósia
357. ( ) preá
358. ( ) trema
359. ( ) axioma
360. ( ) cal
361. ( ) cataplasma
362. ( ) dinamite
363. ( ) elipse
364. ( ) telefonema
365. ( ) diadema
366. ( ) dilema
367. ( ) cólera
368. ( ) champanha
369. ( ) eclipse
370. ( ) jângal
371. ( ) proclama
372. ( ) estratagema
373. ( ) edema
374. ( ) coma (estado de)
375. ( ) coma (vírgula, cabeleira)

Fixe com atenção:

o cólera morbo	a cólera morbo
o personagem	a personagem
o crisma	a crisma
o íris	a íris
o lama ou lhama (monge)	a lama (lodo), a lhama (animal dos Andes)
o tapa (palmada)	a tapa (palmada)
o víspora (loto)	a víspora (loto)

Aconselha-se a usar no masculino:

o ágape	o antílope	o caudal	o contralto
o soprano	o diabete(s)	o praça (soldado)	o sabiá

Recomenda-se o feminino para:

a abusão (abuso, engano)	a alcíone (ave)	o alcíon (ave)
a aluvião (depósito da erosão)	a áspide (réptil)	a ordenança
a sentinela	a omoplata	a sucuri
a jaçanã (ave)		

376. Aponte três femininos para **diabo**.
Resp.: _____

377. Aponte três femininos para **deus**.
Resp.: _____

Artigo

DEFINIÇÃO

Artigo são as palavras variáveis **o** e **um** que antecedem o substantivo, servindo para definir ou indefinir seu sentido.

o dentista – **a** dentista	**um** livro	**umas** fitas
o lápis – **os** lápis	**uns** óculos	**as** fitas

CLASSIFICAÇÃO

Em Português só existem um artigo definido – **o** – e um artigo indefinido – **um**. Ambos são variáveis em gênero e número: **a**, **os**, **as**; **uma**, **uns**, **umas**.

O artigo definido serve para:
a) indicar um ser definido entre os demais;
b) indicar toda a espécie ou conjunto de seres.

O artigo indefinido serve para:
c) indicar um ser indefinido entre os demais;
d) indicar um subconjunto indefinido de seres;
e) indicar reforço de uma ideia.

Ocorre, portanto, mudança de sentido se o substantivo vem acompanhado pelo artigo definido – **o** (**a**, **os**, **as**) – ou pelo artigo indefinido – **um** (**uma**, **uns**, **umas**).

Prática

■ Nos parênteses das frases, coloque **a**, **b**, **c**, **d** ou **e**, relacionados no quadro anterior, conforme o sentido que o artigo sublinhado propõe.

1. Uma professora de Português indicou esse livro. ( )
2. A professora de Português indicou esse livro. ( )
3. O professor precisa sempre estar atualizado. ( )
4. Um rapaz comprou o apartamento dela. ( )
5. Umas bactérias desenvolveram resistência a certas substâncias. ( )
6. Estava com uma fome! ( )

Observações:

1. Quando se quer generalizar uma ideia, é possível suprimir-se o artigo.

   Exemplos: Mudanças são necessárias para o aperfeiçoamento do trabalho. (genérico)
   As mudanças (já sabidas) devem ser implantadas. (específico)
   Festas não me atraem. (genérico)
   As festas que ela promove não me atraem. (específico)
   Especializou-se em várias áreas de política. (genérico)
   Especializou-se n**as** várias áreas d**a** política. (específico)

2. Quando se usa nome próprio de personagem histórica ou pessoa célebre, suprime-se o artigo.

   Exemplos: Rui Barbosa lutou por seus ideais. (personagem histórica)
   O Rui parecia alheio à discussão. (pessoa íntima ou conhecida)

3. Antes de pronomes de tratamento iniciados por pronome possessivo, omite-se o artigo.

   Exemplo: Vossa Senhoria não me entendeu.

4. Ordinariamente, não se usa artigo com a palavra "casa" quando designa "própria morada", nem com a palavra "terra" na acepção de "terra firme", em oposição ao sentido "a bordo".

   Exemplos: Em casa, não se discute às refeições.
   Agora estou vindo de casa.
   Os viajantes abandonaram o barco e seguiram por terra.

5. Qualquer tipo de palavra transforma-se num substantivo se se lhe antepõe um artigo.

   Exemplos: O bom e o justo; o querer e o poder.
   O hoje, o ontem e o amanhã; o aqui e o agora.
   O tudo e o nada...Viver é um sem-fim!

Prática Geral

7. A frase que apresenta um artigo indefinido destacado é:
   a) Ele só tem **um** filho.
   b) **Ninguém** imagina minha alegria.
   c) Este fato **me** impressionou.
   d) **Os** garotos olhavam a banana.
   e) **Um** lindo sanduíche surgiu do embrulho.

■ Assinale **C** ou **E** conforme a afirmação seja certa ou errada, com relação à seguinte frase.

O aqui e o agora são os parâmetros do realista.

8. ( ) Só há três artigos.
9. ( ) Existem quatro artigos.
10. ( ) Por isso, há também quatro substantivos.
11. ( ) **aqui** e **agora**, que noutros contextos são advérbios, nessa frase são substantivos, por força do artigo.
12. ( ) **realista**, que noutras frases é **adjetivo**, tornou-se também substantivo, pela antecipação do artigo.
13. ( ) O artigo, definido ou indefinido, substantiva a palavra a que se refere.
14. ( ) Em **do** há uma contração da preposição **de** com o artigo definido **o**.

■ Estabeleça a correta correspondência sobre o uso do artigo.

a) Assinala o gênero do substantivo.
b) Indica o número do substantivo.
c) Indica que o substantivo é conhecido entre outros da espécie, tanto pelo emissor quanto pelo receptor.
d) Indica que o substantivo é um ser qualquer de sua espécie; nem o ouvinte nem o leitor saberão precisar quem seja.
e) Não há artigo na frase. Há numeral.

15. ( ) ( ) O Presidente virá visitar-nos.
16. ( ) ( ) O colega e a colega chegaram.
17. ( ) Uma administradora virá falar conosco.
18. ( ) Ele comprou duas canetas e só um estojo.
19. ( ) ( ) ( ) O oásis, os oásis.
20. ( ) Ele falou de uns índios que aqui estiveram.

Adjetivo

DEFINIÇÃO

Palavra que qualifica o substantivo.

Os seres nomeados por um substantivo apresentam diferenças entre si.
Essas diferenças são explicitadas pelos **adjetivos** – os qualificadores dos substantivos.

ADJETIVO RESTRITIVO E ADJETIVO EXPLICATIVO

O adjetivo, ao se referir a um substantivo, pode ser classificado de dois modos:

Adjetivo restritivo

Exprime atributo que distingue um substantivo dos outros da mesma espécie:

O homem inteligente. (nem todo homem é inteligente)

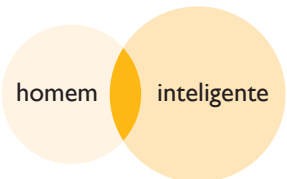

- Os círculos representam o campo de significado (ou campo semântico) do substantivo **homem** e do adjetivo **inteligente**.
- O adjetivo tem um campo semântico maior que o do substantivo, o que está representado pelo círculo maior.
- Isso, porque pode abranger outros seres (macaco, cão, elefante, golfinho...) além de todos os homens.
- No desenho, o **inteligente** abrange apenas uma parte dos homens, representada pela interseção, de cor mais escura.
- Por isso, o adjetivo está limitando, restringindo o campo semântico do substantivo e se chama "adjetivo restritivo".
- Entre o adjetivo restritivo e seu substantivo não há vírgula.

Adjetivo explicativo

Exprime uma **qualidade inerente** ao substantivo; exprime **uma característica própria** do substantivo:

O homem , mortal. (todo homem é mortal)

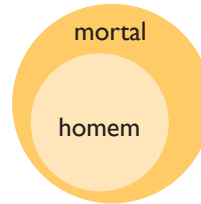

- A vírgula, colocada entre o adjetivo e o substantivo, determina uma pausa na leitura.
- Essa pausa introduz uma entonação explicativa, ou seja, considera que **(todo) homem** está inserido no conjunto **mortal**.
- O adjetivo explicativo mantém inalterado o campo semântico do substantivo, isto é, não o restringe.
- Lembre-se, então: entre adjetivo e substantivo há vírgula; vírgula é pausa, pausa é explicação.

O **adjetivo explicativo** vem separado do substantivo a que se refere por uma vírgula, para representar a mudança do tom de voz que a explicação requer:

O leite , branco , agrada a vista. O homem , mortal , é diferente do mineral.
subst. adj. expl. subst. adj. expl.

ADJETIVO ANTES OU DEPOIS DE SUBSTANTIVO

O adjetivo posposto ao substantivo tem uma carga semântica mais objetiva: Homem **pobre**, mulher **boa**.

Anteposto ao substantivo, o adjetivo traz uma carga semântica mais subjetiva: **Pobre** homem, **boa** mulher.

LOCUÇÃO ADJETIVA

homem de ontem árvore sem folhas

Quando a qualidade é expressa por mais de uma palavra, tem-se **locução adjetiva**, que sempre começa com preposição.

Observação:

É importante lembrar que o adjetivo existe para **qualificar o substantivo**; caso não se refira a um substantivo, **não** é adjetivo ou locução adjetiva.

Prática

■ Observe o **feio** nestas frases e classifique-o, relacionando as colunas.

1. ( ) Cometeu um erro *feio*. a) advérbio
2. ( ) Quem ama o *feio*, bonito lhe parece. b) substantivo
3. ( ) O carro derrapou *feio* na curva. c) adjetivo

FLEXÃO

Os adjetivos podem variar em gênero e número para acompanhar os substantivos a que se referem.

Flexão de gênero

Veja: documento **incluso** nota **inclusa**
caso **estranho** casa **estranha**
homem **certo** mulher **certa**

Os adjetivos que mudam a terminação, do masculino para o feminino, dependendo do gênero do substantivo, são os **adjetivos biformes** ou variáveis.

Prática

■ Flexione corretamente.

4. ofício *anexo* – carta _____
5. trabalho *publicado* – obra _____
6. ingresso *proibido* – entrada _____

Veja: homem **elegante** mulher **elegante**
trabalho **notável** obra **notável**
diretor **capaz** diretora **capaz**

Os adjetivos que não mudam de forma, quer o substantivo seja masculino ou feminino, são os **adjetivos uniformes** ou invariáveis.

Prática

■ Flexione corretamente.

7. candidato *quite* – pessoa _____
8. relatório *final* – palavra _____
9. problema *grave* – ameaça _____

Flexão de número

Veja:	gráfico **anexo**	gráficos **anexos**
	revista **nova**	revistas **novas**
	cirurgia **complexa**	cirurgias **complexas**

Os **adjetivos simples** (de uma só palavra) variam do singular para o plural para combinar com os substantivos a que se referem.

Prática

■ Flexione corretamente.

10. ofício *penoso* – ofícios _____
11. candidato *quite* – candidatos _____
12. carnê *quitado* – carnês _____
13. *velho* amigo – _____ amigos

Veja:	roupa **azul-escura**	roupas **azul-escuras**
	guerra **sino-japonesa**	guerras **sino-japonesas**
	instrumento **médico-cirúrgico**	instrumentos **médico-cirúrgicos**

Adjetivo composto, formado por **adjetivo** + **adjetivo**: só o último se pluraliza.

Prática

■ Flexione corretamente.

14. tratado *luso-brasileiro* – tratados _____
15. produção *hispano-americana* – produções _____
16. reunião *lítero-musical* (nova ortografia: *literomusicais)* – reuniões _____
17. saia *verde-clara* – saias _____
18. olho *castanho-claro* – olhos _____

Exceções:

São invariáveis os adjetivos compostos **azul-marinho** e **azul-celeste**.
O adjetivo composto **surdo-mudo** sofre variação nas duas palavras: surdos-mudos, surdas-mudas.

Veja:	gravata azul-topázio	gravatas azul-topázio ou azuis-topázios
	tecido amarelo-ouro	tecidos amarelo-ouro ou amarelos-ouros
	laço vermelho-sangue	laços vermelho-sangue ou vermelhos-sangues

Adjetivo composto, com segundo elemento substantivo, nenhum se pluraliza ou ambos se pluralizam.

Prática

■ Flexione corretamente.

19. camiseta *azul-piscina* – camisetas _____
20. gravata *grafite-fosca* – gravatas _____
21. lenço *cinza-pérola* – lenços _____
22. olho *verde-mar* – olhos _____

Flexão de grau

Grau comparativo

Pode-se comparar a qualidade de dois ou mais seres:

A **cadeira** é mais alta que o **banco**.

Ou qualidades de um mesmo ser:

Ela é mais simpática que bonita.

Para fazer isso, a Língua Portuguesa utiliza o grau comparativo dos adjetivos.

Prática

Leia os exemplos e relacione as colunas.

a) Grau comparativo de igualdade
b) Grau comparativo de inferioridade
c) Grau comparativo de superioridade

23. ( ) O problema daquele senhor parecia MAIS *complicado* QUE o meu.
24. ( ) Percebi que este navio parecia TÃO *luxuoso* QUANTO aquele.
25. ( ) A atual situação econômica do país é MENOS *caótica* QUE a anterior.

Observação:

GRAU COMPARATIVO DE SUPERIORIDADE	
ANALÍTICO	**SINTÉTICO**
Mais BOM	Ele é MELHOR que ela.
Mais MAU	Ele é PIOR que ela.
Mais GRANDE	Ele é MAIOR que ela.
Mais PEQUENO	Ele é MENOR que ela.

Usa-se o comparativo sintético para comparação entre dois seres.
Ele é melhor que ela.
Ela dança melhor que ele.

Usa- se o comparativo analítico:

1. Para comparar duas qualidades de um mesmo ser:
   Ele é **mais bom** que **mau**.
   Ele é **mais grande** que **pequeno**.

2. Para comparar maneiras de um mesmo sujeito praticar ações:
   Ele fala **mais bem** que **mal**.
3. Antes de particípio:
   Ele passou a ser **mais bem ouvido**.
4. Quando bem e mal pertencem a adjetivo composto:
   Ela era **mais bem-educada**, e ele, **mais mal-informado**.

Grau superlativo

Usa-se o superlativo para enfatizar ou exagerar uma qualidade de um substantivo:

Jovem **muito estudioso**. Jovem **estudiosíssimo**.

Chama-se **superlativo sintético** o formado pelo acréscimo de sufixo ao adjetivo: notabilíssimo, paupérrimo, humílimo.

Chama-se **superlativo analítico** o formado por acréscimo de um advérbio ou locução adverbial ao adjetivo:

Jovem **muito esperto**.
adv. adj.

Jovem **esperto demais**.
adj. adv.

...era um garoto **feio à beça**.
adj. loc. advl.

...era uma guria **bonita pra chuchu**.
adj. loc. adverbial

Leia os exemplos e escreva: a) para o superlativo que se refere a um único substantivo;
b) para o superlativo que se refere a um ser entre os demais.

26. ( ) O conflito entre sérvios e bósnios é *gravíssimo*.
27. ( ) A explosão da bomba atômica foi considerada a atitude *MAIS insensata* entre todas tomadas por aquele presidente.
28. ( ) O professor mantinha os alunos *ocupadíssimos*.
29. ( ) O processo será examinado pelo juiz *MAIS rigoroso* do Tribunal.

É possível enfatizar ou exagerar uma qualidade considerando o ser sozinho (**superlativo absoluto**), ou um ser entre os demais de sua classe (**superlativo relativo**).

Prática

■ Responda **C** ou **E**.

30. ( ) Superlativo absoluto é o que está nas frases 26 e 28.
31. ( ) Superlativo relativo está nas frases 27 e 29.

Prática Geral

32. (PRF/N.M./ANP) Assinale a forma **errada** de superlativo erudito.
    a) feliz / felicíssimo.
    b) geral / generalíssimo.
    c) simples / simplicíssimo.
    d) amigo / amiguíssimo.

33. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa que completa **corretamente** as lacunas da frase "Os _____ vestiam casacos _____."
a) grão-duques / verde-garrafa.
b) grãos-duques / verde-garrafa.
c) grão-duques / verde-garrafas.
d) grão-duques / verdes-garrafa.

34. (Ag. Adm./TRT/N.M./ACCESS) Nas alternativas abaixo, a que contém **erro** no emprego do plural é:
a) O governo está estudando novas medidas econômico-financeiras.
b) Ao dar prioridade à educação, teremos cidadãos mais conscientes.
c) Havia provas bastantes do crime.
d) Quaisquer soluções seriam bem recebidas.
e) A reunião iria examinar os pró e os contra da questão.

35. Marque o adjetivo que equivale à expressão destacada na frase. Era um amor **de irmãos** que os unia.
a) paterno.
b) materno.
c) filial.
d) fraterno.
e) puro.

■ Assinale **C** ou **E**, consultando a observação da página 129.
36. ( ) Joaquina é mais má que o irmão.
37. ( ) João é mais bom que Flávio.
38. ( ) Teresa é mais tímida que Paula.
39. ( ) E Paula é mais boa que ruim.
40. ( ) Antonio é mais mau que bom.
41. ( ) Antônio é mais mau que Flávio.
42. ( ) Ela é mais grande que ele.
43. ( ) Ela é mais grande que gorda.

■ Estabeleça a correspondência correta.
a) comparativo de **superioridade**
b) comparativo de **inferioridade**
c) comparativo de **igualdade**
d) superlativo absoluto **sintético**
e) superlativo absoluto **analítico**

44. ( ) Todos achavam que ele era paupérrimo, mas
45. ( ) era dotado de incredibilíssima sensibilidade;
46. ( ) além disso, era muito próspero,
47. ( ) porém era menos vaidoso que o irmão,
48. ( ) menor que a própria mãe,
49. ( ) pior que o pai
50. ( ) e tão educado quanto o tio.

■ Escreva os superlativos **absolutos sintéticos** (eruditos, não populares) de:

51. agudo _____
52. amargo _____
55. célebre _____
56. cruel _____
57. doce _____
58. dócil _____
59. fiel _____
60. frio _____
61. incrível _____
62. íntegro _____
53. antigo _____
54. áspero _____
63. livre _____
64. miúdo _____
65. negro _____
66. nobre _____
67. pródigo _____
68. público _____
69. soberbo _____
70. tetro _____

■ Substitua as locuções adjetivas por adjetivos de origem erudita.

71. nariz **de águia** _____
72. torre **de marfim** _____
73. físico **de gafanhoto** _____
74. amor **de fogo** _____
75. lábios **de lebre** _____
76. golpe **de morte** _____
77. comportamento **de bode** _____
78. tratamento **de cabelo** _____
79. armas **de guerra** _____
80. agilidade **de rato** _____
81. comportamento **da alma** _____
82. arrulhar **de pombo** _____
83. sensibilidade **de pele** _____
84. corpo **de professores** _____
85. grupo **de alunos** _____
86. energia **do vento** _____
87. águas **da chuva** _____
88. águas **dos rios** _____
89. morada **do bispo** _____
90. frio **de gelo** _____
91. dor **de estômago** e **de rins** _____
92. brilho **de ouro** e **de prata** _____
93. influência **do sul** _____
94. vento **do norte** _____

■ Escreva os adjetivos **gentílicos** ou **pátrios** referentes a:

95. Bahia e Salvador _____
96. Jerusalém _____
97. China _____
98. Judeia _____
99. Egito _____

ADJETIVO ≠ SUBSTANTIVO
(dica prática)

Para quem está começando e para quem acha que aprender português é difícil, basta prestar atenção a pequenos detalhes básicos. Temos percebido que grande parte dos jovens e adultos estudantes da língua não sabe diferenciar no texto um adjetivo de um substantivo, dúvida que, não sendo imediatamente sanada, impede a compreensão de tudo o que a isso se segue. Por exemplo, responda você agora, em voz alta: beleza é adjetivo ou substantivo? Em voz alta, sim, para se conscientizar de sua resposta. Beleza é adjetivo ou substantivo? Se tem alguma dúvida, continue lendo para eliminá-la de uma vez por todas.

1 Substantivo representa uma ideia-base, nomeia seres (homem, pedra, água, rio, comida...) e características ou qualidades de seres, vistas como ideia-base (utilidade, amabilidade, largura, beleza, feiúra, amizade).

2 Adjetivo representa uma ideia acompanhante, caracteriza o substantivo e com ele concorda em gênero e número, com exceção dos adjetivos uniformes (útil, amável), que só concordam em número.

3 Como saber se as palavras "altura", "largura", "beleza", que designam características de seres, são substantivos ou adjetivos?

4 Sabendo você que as palavras "homem" e "mulher" são substantivos, tome-as no plural "homens" e "mulheres" e veja se "altura" concorda com elas: "homens altura, mulheres altura". Como "altura" não concorda com os substantivos "homens" e "mulheres", sabe-se que "altura" é também substantivo, **porque substantivo não casa** (não concorda) **com substantivo**. Qual, então, o adjetivo correspondente ao substantivo "altura"? Pode ser "alto"? Vejamos, "homens altos"," mulheres altas", isso mesmo! "alto" **casa com o substantivo, portanto é adjetivo**.

5 Veja agora se "largura" e "beleza" são substantivos ou adjetivos: "homens larguras", "mulheres larguras", "homens belezas", "mulheres belezas". A conclusão é que "largura" e "beleza" não podem concordar com o substantivo, por isso são também substantivos, **porque substantivo não casa** (não concorda) **com substantivo**. Quais os adjetivos correspondentes a largura e beleza? Faça você o teste e responda, em voz alta, antes de continuar esta leitura.

Se você disse "homens largos", "mulheres largas", "homens belos", "mulheres belas" e concluiu que os adjetivos procurados são "largo" e "belo", acertou.

6 Conclusão, em gramática não há casamento homo, substantivo não casa com substantivo, só casamento hetero, machista e tradicional: sem ferir o respeito devido, assim diz o antigo testamento gramatical: **o adjetivo foi feito da costela do substantivo, para com ele casar e concordar**.

7 Teste agora com: fidelidade, fiel; harmonia, harmonioso; gentileza, gentil; equilíbrio, equilibrado; consciência, consciente; amor, amoroso; crença, crente.

Resposta do item 7:
substantivos: fidelidade, harmonia, gentileza, equilíbrio, consciência, amor, crença; **adjetivos:** fiel, harmonioso, gentil, equilibrado, consciente, amoroso, crente.

Pronome

DEFINIÇÃO

Observe:

Para os diretores, a situação parecia sob controle. Para resolvê-**la** definitivamente, seria necessário que **eles** tivessem uma atuação mais enérgica.

eles — **substitui "diretores"**

la — **substitui "situação"**

Este **livro** não é **aquele** premiado.
subst.

Este — **acompanha** o subst. **livro**

aquele — **substitui** o subst. **livro**

Aquele **menino** de que você falou não é **este**.
subst.

Aquele — **acompanha o substantivo**

este — **substitui o substantivo**

Essas palavras são pronomes.

Pronomes são palavras que substituem ou podem substituir o substantivo.

PAPEL DOS PRONOMES

Pronomes substantivos e pronomes adjetivos

Quando o pronome é usado com o papel de substituir o substantivo, é denominado **pronome substantivo**:

A casa não é **minha**.

Quando o pronome é usado com o papel de acompanhante de um substantivo, é denominado **pronome adjetivo**:

Sua casa não é minha.

O país **cujas** crianças não têm escola não tem futuro.

Prática

■ Escreva dentro dos parênteses relativamente aos pronomes em negrito: PA = pronome adjetivo; PS = pronome substantivo.

1. **Nossas** intenções não são **as** que **você** entendeu.
   ( ) ( ) ( )
2. **Estas** são as **minhas** palavras.
   ( ) ( )
3. As **mesmas** perguntas foram feitas por **aquela** menina e por **esta**.
   ( ) ( ) ( )

CLASSIFICAÇÃO E EMPREGO DOS PRONOMES

Pronomes pessoais

Referem-se às pessoas do discurso, ou seja, às pessoas que participam de uma conversa. O **falante** é a primeira pessoa; o **ouvinte** é a segunda pessoa; e o **assunto** é a terceira pessoa.

Conforme seu uso na frase, os pronomes pessoais classificam-se como retos ou oblíquos.

Nº	Pessoa do discurso	Pron. reto	Pronome oblíquo	
		tônico	átono	tônico
Singular	primeira segunda terceira	eu tu ele, ela	me* te* se, lhe, o*, a*	mim, comigo ti, contigo si, consigo, ele, ela
Plural	primeira segunda terceira	nós vós eles, elas	nos* vos* se, lhes, os*, as*	nós, conosco vós, convosco si, consigo, eles, elas
		PARA SUJEITO	**PARA OUTRAS FUNÇÕES**	

Prática

■ Escreva dentro dos parênteses **R** ou **O**, se o pronome em negrito for **reto** ou **oblíquo**.

4. **Ela** disse a **ele** que iria sair sem **mim**.
   ( ) ( ) ( )

* Esses pronomes podem exercer função de sujeito. *Vide*, em *Análise Sintática Visual*, Período: Análise de períodos com verbos permissivos, causativos e sensitivos em que o pronome oblíquo funciona como sujeito.

5. **Eu** disse a **mim** que iria sem **ela**.
( ) ( ) ( )
6. **Ele** disse a **nós** que iria sem **ti**.
( ) ( ) ( )
7. **Tu me** disseste que irias sem **eles**.
( )( ) ( )
8. **Tu te** maltratas demais, sem **nós**.
( )( ) ( )
9. **Eu** disse que **ela** iria sem **vós**.
( ) ( ) ( )

Conclusão:
Os pronomes **eu** e **tu** são retos. **Nós**, **vós**, **ele(s)** serão retos ou oblíquos, dependendo de seu emprego na frase.

Pronomes oblíquos

Observe:
pagar a dívida **aos credores** = pagar-**lhes** a dívida
avisar algo **aos amigos** = avisar-**lhes** algo
ser útil **a alguém** = ser-**lhe** útil
pagar **a conta** ao garçom = pagá-**la** ao garçom
ver **os amigos** = vê-**los**

O pronome **lhe (lhes)** completa verbos ou nomes que exigem preposição **a** e refere-se a seres animados; o pronome **o** (**a**, **os**, **as**) completa verbos que não pedem preposição.

Prática
■ Preencha as lacunas com um dos pronomes que estão dentro dos parênteses.
10. Os pais da moça deram-_____ seu apoio, por isso ela ____ admirava muito. (**na/lhe**) (**lhes/os**)
11. Quando o presidente estava saindo, alguém _____ avisou de que precisava voltar. (**o/lhe**)
12. Fui visitar minha amiga, porém não pude vê-_____. (**lhe/la/a**)
13. Sou responsável pelos alunos; mantenho-_____ informados. (**os/lhes**)
14. Fomos os primeiros a encontrar a diretora e informamos-_____ o acidente. (**ela/lhe/a**)

Observe:

entregar **a ti**	ajudar-**te**
avisar **a nós**	auxiliar-**nos**
lutar **por ela**	conhecê-**la**
gostar **de mim**	amar-**me**

Os pronomes oblíquos tônicos são usados após preposição; os oblíquos átonos ocupam as posições que não vierem precedidas de preposição.

Prática

■ Preencha as lacunas com um dos pronomes que estão dentro dos parênteses.

15. Eu resolvi que sem _____ você não sai. (**eu/mim**)
16. Tu sabes que quero muito bem a _____, por isso _____ apoiarei. (**tu/te/ti**)
17. O ator tinha excelente opinião de _____ mesmo, ele _____ julgava ótimo. (**si/se/ele**)
18. Nós resolvemos investigar o caso; contra _____ você não pode lutar; cedo vai descobrir que não _____ engana. (**nós, nos**)

Observe:

amar + o	➜	ama(r)-lo	➜	amá-lo
fiz + o	➜	fi(z)-lo	➜	fi-lo
nos + o	➜	no(s)-lo	➜	no-lo

As letras **r**, **s** ou **z** que antecedem o oblíquo **o** (**a**, **os**, **as**) transformam-se em **l** e mudam de sílaba.

Prática

19. Amas **o menino**. Am_____-_____.
20. Fez **os trabalhos**. F_____-_____.
21. Ela quer **o livro**. Ela qué-_____.

Observe:

As respostas, ela **mas** deu ontem à tarde. (mas = me + as)
As respostas, ela **no-las** deu ontem à tarde. (no-las = nos + as)

Os pronomes oblíquos **se combinam entre si**.

Prática

■ Estabeleça as combinações conforme o modelo.

Modelo: me + (o, a, os, as) = mo (ma, mos, mas)

22. te + o (a, os, as) = _____
23. lhe + o (a, os, as) = _____
24. lhes + o (a, os, as) = _____
25. nos + o (a, os, as) = _____
26. vos + o (a, os, as) = _____

Observe:

Dão + o = Dão-**no**. Dizem + as = Dizem-**nas**. Põe + os = Põe-**nos**.

O pronome oblíquo **o** (**a**, **os**, **as**), depois de uma terminação nasal, transforma-se em **no** (**na**, **nos**, **nas**).

Prática

27. Dizem **a verdade**. Dizem-_____.
28. Cumprem **as promessas**. Cumprem-_____.
29. Põe **o casaco**. Põe-_____.
30. Põem **os casacos**. Põem-_____.

Observe:

O professor indicou um livro **para eu** ler.
Ele pensava **em eu** representá-lo.
Existe a possibilidade **de tu** resolveres.

Mesmo após preposição, a função de sujeito do infinitivo é ocupada por pronome pessoal reto.

Prática

■ Preencha as lacunas com um dos pronomes que estão dentro dos parênteses.

31. Fiquei com a casa para _____ vender em troca da comissão. (eu/mim)
32. Eu sei que o trabalho foi trazido para _____ corrigir. (eu/mim)
33. Eu já lhe avisei que sem ____ aprovar, a campanha não irá ao ar. (mim/eu)
34. Sem _____ permitir, ninguém sairá. (eu/mim)

Observação:

Há orações em que o pronome parece ser sujeito, mas não é:
Será benéfico **para mim** deixar de fumar. = Deixar de fumar será benéfico **para mim**.
Nesse caso, houve inversão da ordem dos termos da oração.

Observe:

Ele pensava **consigo** se haveria motivo para tanta confusão.
Carregue (você) **consigo** seus documentos.
Ele falava de **si**.

Os pronomes **si** e **consigo** só podem ser usados quando se referem à mesma pessoa do sujeito, ou seja, quando são reflexivos.

Prática

■ Preencha as lacunas com um dos pronomes que estão dentro dos parênteses.

35. Meu amigo, venha a minha casa e traga _____ seus filhos. (consigo, contigo)
36. Ele parece carregar _____ toda a tristeza do mundo. (consigo, com nós)
37. Amigo, gostaria de falar _____ sobre um importante assunto. (com você, consigo)
38. Meu pai, você pode falar de _____. (ti, si)

Observe:

Tu estavas falando ~~**consigo**~~. **Tu** estavas falando **contigo**.
2ª 3ª 2ª 2ª

Digo a **você** que ~~**estás**~~ bonita. Digo a **você** que **está** bonita.
3ª 2ª 3ª 3ª

Referindo-se a um mesmo ser, não se misturam os pronomes **tu** e **você**. Use o **tu** apenas, ou o **você** apenas.

Prática

■ Marque **C** para certo, **E** para errado.

39. ( ) Quero (eu) falar comigo.
40. ( ) Queres (tu) falar comigo?
41. ( ) Quer (você/ele) falar comigo?
42. ( ) Quero (eu) falar contigo.
43. ( ) Queres (tu) falar contigo.
44. ( ) Quer (ele) falar contigo.
45. ( ) Quer (você) falar contigo.
46. ( ) Quero (eu) falar consigo.
47. ( ) Queres (tu) falar consigo.
48. ( ) Quer (você/ele) falar consigo.
49. ( ) Queremos falar contigo.
50. ( ) Queremos falar consigo.
51. ( ) Queremos falar conosco.
52. ( ) Queremos falar convosco.

53. ( ) Quereis falar comigo?
54. ( ) Quereis falar consigo?
55. ( ) Elas querem falar comigo.
56. ( ) Elas querem falar contigo.
57. ( ) Elas querem falar consigo mesmas.

Observe:

Ela falou ~~**conosco**~~ **mesmos**. Ela falou **com nós mesmos**.

Eu contava ~~**convosco**~~ **todos**. Eu contava **com vós todos**.

Não se usam **conosco** e **convosco** acompanhados de determinantes.

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

58. ( ) Ela falou conosco.
59. ( ) Ela falou convosco mesmos.
60. ( ) Contava conosco todos.
61. ( ) Ela falou com nós três.
62. ( ) Ela falou com vós mesmos.
63. ( ) Contava com nós todos.

Pronomes de tratamento

Os pronomes de tratamento correspondem ao modo como se tratam as pessoas, formal (cerimoniosamente) ou informalmente (intimamente). Substituem os pronomes pessoais retos de 1ª, 2ª e 3ª pessoas, mas levam o verbo e o possessivo sempre para a 3ª.

Substituindo a primeira pessoa: eu, nós:

A gente briga, diz tanta coisa.

Substituindo a segunda pessoa: tu, vós:

Você está louco! **Vossa Excelência** agiu certo.

Substituindo a terceira pessoa: ele, eles:

Sua Excelência agiu certo. **Sua Alteza** virá.

Os mais usados são:

Pronomes de tratamento	Abreviatura		Usados para:
	singular	plural	
Você	v.	vv.	Pessoas familiares, íntimas.
Senhor, Senhora	Sr., Sr^{a}.	Srs., Sras.	Pessoas com as quais se mantém um certo distanciamento respeitoso.
Vossa Senhoria	V. S^{a}.	V. S^{as}.	Pessoas de cerimônia, principalmente em textos escritos, como: correspondências comerciais, ofícios, requerimentos etc.
Vossa Excelência	V. Exª.	V. Ex^{as}.	Altas autoridades: presidente da República e vice, ministros, governadores e vice, secretários estaduais, prefeitos, membros dos tribunais regionais, dos tribunais de justiça, juízes, desembargadores, senadores, deputados, embaixadores etc.
Vossa Magnificência	V. Mag^{a}.	V. Mag^{as}.	Reitores de universidades.
Vossa Reverendíssima	V. Revm^{a}.	V. Revm^{as}.	Sacerdotes e religiosos em geral.
Vossa Excelência Reverendíssima	V. Exª. Revm^{a}.	V. Ex^{as}. Revm^{as}.	Arcebispos e bispos.
Vossa Paternidade	V. P.	VV. PP.	Superiores de ordens religiosas.
Vossa Eminência	V. Em^{a}.	V. Em^{as}.	Cardeais.
Vossa Santidade	V. S.	—	Papa.
Vossa Alteza	V. A.	VV. AA.	Príncipes e duques.
Vossa Majestade	V. M.	VV. MM.	Reis e rainhas.

Observações:

Vossa Eminência: os pronomes de tratamento iniciados por "Vossa" substituem a pessoa com quem se fala.
Sua Excelência: os pronomes de tratamento iniciados por "Sua" substituem a pessoa de quem se fala.
Nas altas esferas, as abreviaturas dos pronomes de tratamento estão sendo desaconselhadas.

Prática

■ Indique o pronome de tratamento usado para se dirigir a:

64. amigo _____
65. diretor de escola _____
66. senador _____
67. bispo _____
68. reitor de universidade _____

■ Indique o pronome de tratamento usado para se falar de:

69. diretor de escola _____
70. padre _____
71. reitor de universidade _____
72. bispo _____
73. presidente da República _____

■ Corrija os erros.

Vossa Senhoria entendeis bem nossos problemas.
74. _____
Vossa Excelência tens todos os vossos argumentos válidos.
75. _____

Pronomes demonstrativos

Os pronomes demonstrativos são os que indicam o lugar que o substantivo ocupa no espaço ou no tempo, em relação às três pessoas do discurso.

Observe os quadros:

Pronomes demonstrativos		
Pessoa	**Variáveis**	**Invariáveis**
1ª	este (esta, estes, estas)	isto
2ª	esse (essa, esses, essas)	isso
3ª	aquele (aquela, aqueles, aquelas)	aquilo

Eles demonstram:

	ESPAÇO	TEMPO	TEXTO	REFERÊNCIA AO JÁ DITO
este/isto	próximo à 1ª pessoa	presente	palavras ou ideias que serão citadas	refere-se à palavra mais próxima
esse/isso	próximo à 2ª pessoa	futuro ou passado próximos	palavras ou ideias que já foram citadas	refere-se à palavra intermediária
aquele/aquilo	distante da 1ª e da 2ª pessoa	futuro ou passado distantes	—	refere-se à palavra mais distante

Prática

NO ESPAÇO

Preencha adequadamente as lacunas com os pronomes demonstrativos, prestando atenção no significado dos advérbios e pronomes possessivos em negrito.

76. _____ livro que está **aqui** nas **minhas** mãos...
77. _____ livro que está **aí** nas **tuas** mãos...
78. _____ livro que está **aí** nas **suas** mãos...
79. _____ livro que está **lá** nas **mãos** dele...

NO TEMPO

Preencha as lacunas com os pronomes demonstrativos adequados, obedecendo às indicações de tempo.

80. Referindo-se a um passado distante:
_____ anos foram ótimos para a lavoura.

81. Referindo-se a um passado recente.
_____ ano que passou vai deixar saudade.

82. Referindo-se ao presente.
_____ ano está sendo melhor que os anteriores.

Lembre-se **disto**: "Quem espera muito, cansa".

"Quem espera muito, cansa". Lembre-se **disso**.

Prática

NO TEXTO

83. Quando se quer indicar o que se vai dizer, usa-se o demonstrativo _____, ou as variações _____, _____, _____, _____.

84. Quando se quer indicar algo que já foi dito, usa-se o demonstrativo _____ ou as variações _____, _____, _____, _____.

_____ _____ ... este ... aquele
1 2

Prática

REFERÊNCIA AO JÁ DITO

As montanhas e o céu, no horizonte, se destacavam. **Este**, azul e rosa; **aquelas**, verde cinza.

85. **Este** se refere a _____ e **aquelas** a_____.

Com três elementos

_____, _____, _____ ... este ... esse ... aquele

Prática

"As árvores, a piscina e o alpendre incluem-se no cenário que estamos visitando. **As árvores**(1), verdes, fortes, viçosas; **a piscina**(2), azul, límpida, transparente; **o alpendre**(3), ensolarado e florido..."

86. Substitua os termos numerados pelos demonstrativos compatíveis. A sequência correta é:

_____ _____ _____
1 2 3

São também usados como pronomes demonstrativos:

mesmo*	O delegado deve chamar a **mesma** testemunha.
próprio	O **próprio** partido escolherá os candidatos.
tal	Não admitirei **tal** comportamento.
semelhante	Não aceito **semelhante** resposta.
o, **a**, **os**, **as** (quando significam aquele, aquela, aquilo)	Entre todos os brinquedos, ela escolheu **o** mais caro. (**aquele** mais caro) Vi as candidatas e falei com **a** que chegou primeiro. (**aquela** que chegou primeiro) **Os** que não estudam têm mais dificuldade. (**Aqueles** que não estudam...)

***Mesmo**: para alguns gramáticos, só deve ser usado para acompanhar o substantivo,

A mesma **pessoa**... (subst.) O **assunto** mesmo... (subst.)

e não para substituir o substantivo, como em:

Encontrei a **chave**. A ~~mesma~~ estava enferrujada. Limei a ~~mesma~~.

Pronomes relativos

São os pronomes que substituem os nomes que os antecedem na frase, evitando que seja repetida uma palavra da oração anterior.

Observe os modelos:

– Comprei o livro. Você recomendou **o livro**.
  Comprei o livro **que** você recomendou.

– Voltei à cidade. Nasci **nessa cidade**.
  Voltei à cidade **onde** nasci.

– O escritor escondeu-se. A obra **desse escritor** foi condenada.
  O escritor **cuja** obra foi condenada escondeu-se.

Considere o quadro abaixo para o uso correto dos pronomes relativos.

COISA	PESSOA	LUGAR	POSSE	QUANTIDADE
que o qual	que quem o qual	onde em que	cujo	quanto

Prática

■ Construa períodos compostos com o uso dos pronomes relativos adequados.

87. Desta vez serei eu. Eu decidirei meu futuro.

_____

88. O crítico elogiou o filme. Paulo Autran participou do filme.

_____

89. O autor vive na clandestinidade. A obra desse autor foi condenada.

_____

90. Passaram as férias na praia. Eles se conheceram nessa praia.

_____

91. As tribos foram dizimadas por doenças. As tribos tiveram contato com a civilização.

_____

Observe as construções.

A menina **que** chegou primeiro foi premiada.
(a menina)

A menina de **quem** eu gosto foi premiada.
de (a menina)

A menina com **quem** eu falei foi premiada.
com (a menina)

A menina contra **a qual** eu lutei foi premiada.

contra (a menina)

A **menina** **cujo** filho esteve aqui foi premiada.

de (a menina)

Prática

O rapaz **ORAÇÃO 2** sagrou-se campeão.

■ Escreva, no lugar da oração 2, as seguintes ideias, usando adequadamente os pronomes relativos **que**, **quem** ou **cujo**.

92. Eu vi o rapaz.
O rapaz _____ sagrou-se campeão.

93. Eu falei do rapaz.
O rapaz _____ sagrou-se campeão.

94. Eu procurava pelo rapaz.
O rapaz _____ sagrou-se campeão.

95. Eu pensava no rapaz.
O rapaz _____ sagrou-se campeão.

96. Eu conheço o filho do rapaz.
O rapaz _____ sagrou-se campeão.

Pronomes Relativos e Ambiguidade

Observe:

Chegou a mãe do rapaz **a quem** devemos agradecer.
– A quem devemos agradecer? Ao rapaz ou à mãe dele?

Os primos da Ester, **de quem** Paulo nos falou, acabaram de telefonar.
– Paulo nos falou de quem? Da Ester ou dos primos dela?

Prática:

■ Reescreva, a seguir, duas vezes cada frase ambígua, uma para cada sentido, substituindo os relativos **que** e **quem** por **o qual** e suas variantes (a qual, os quais, as quais).

Chegou a mãe do rapaz que encontramos no cinema.

97. Chegou a mãe do rapaz _____ encontramos no cinema.
98. Chegou a mãe do rapaz _____ encontramos no cinema.

Este é o quarto da casa com que Julieta sonha.

99. Este é o quarto da casa _____.
100. Este é o quarto da casa _____.

A filha de Paulo, que fugiu ontem, está sem paradeiro definido.

101. A filha de Paulo, _____, está sem paradeiro definido.
102. A filha de Paulo, _____, está sem paradeiro definido.

Pronomes interrogativos

Os pronomes interrogativos aparecem nas orações interrogativas diretas e indiretas. São eles: **que**, **quem**, **qual**, **quanto**.

Prática

Interrogativa indireta: Quero saber **quem** viu o acidente.
Interrogativa direta: Quem viu o acidente?

103. Interrogativa indireta: Você não me disse **qual** o seu nome.
Interrogativa direta: _____

104. Interrogativa indireta: Indagaram **quem** os apoiaria.
Interrogativa direta: _____

105. Interrogativa indireta: A cozinheira quer saber **quantos** virão para o jantar.
Interrogativa direta: _____

106. Interrogativa indireta: Pergunto o **que** procuras aqui.
Interrogativa direta: _____

Pronomes possessivos

Pronomes possessivos referem-se às pessoas do discurso, indicando-as como possuidoras, responsáveis ou autoras de algo.

Prática

■ Faça a correspondência, segundo a ideia da palavra destacada.

107. ( ) **Minha** casa é grande.
108. ( ) Já devolveram **teus** livros?
109. ( ) Essa é a **sua** opinião.
110. ( ) Preparamos o **nosso** futuro.

(a) o possuidor é a 1ª pessoa do singular
(b) o possuidor é a 1ª pessoa do plural
(c) o possuidor ou autor é a 2ª pessoa do singular
(d) o possuidor ou responsável é a 3ª pessoa do singular

Observe os casos abaixo.
A moça pisou o **meu** pé. = pisou-**me** o pé.
Eu penteava os **seus** cabelos. = penteava-**lhe** os cabelos.
Eu deveria puxar as **tuas** orelhas. = puxar-**te** as orelhas.

O papel de pronome possessivo pode ser exercido pelos **pronomes oblíquos átonos**.

Prática

■ Ele beijou a **minha** mão. / Ele beijou-**me** a mão.

111. Rasgaram a **minha** roupa. / _____

112. Confiscaram os **seus** bens. / _____

113. Isso roubou a **nossa** vontade. / _____

■ Os possessivos podem ter outros significados. Estabeleça a correspondência adequada.

114. ( ) Manuela beirava **seus** setenta anos.
115. ( ) Ela está num dos **seus** dias. Deixe-a quieta.
116. ( ) Ele não podia envergonhar **os seus**, nem eu podia trair **os meus**.

a) Parentes, companheiros, compatriotas
b) Cálculo aproximado
c) Situação habitual

117. ( ) **Meu** caro Antônio.
118. ( ) Pode falar, **meu** general.

d) Deferência, respeito, polidez
e) Intimidade

Pronomes indefinidos

Pronomes indefinidos referem-se à terceira pessoa do discurso, de modo vago, impreciso.

Exemplos: Alguém testemunhou o acidente.

Empregados no lugar de um nome que não se pode, ou não se quer definir.

A criança quer algo.

São **pronomes indefinidos**:

INVARIÁVEIS	VARIÁVEIS	
quem	algum(a)(s)	nenhum(a)(s)
alguém	muito(a)(s)	pouco(a)(s)
ninguém	outro(a)(s)	vário(a)(s)
algo	certo(a)(s)	tanto(a)(s)
tudo	quanto(a)(s)	todo(a)(s)
nada	qualquer (quaisquer)	
cada		
outrem		

■ Sublinhe os pronomes indefinidos.

119. Quem tudo quer, tudo perde.
120. Alguns alunos acertaram várias questões.
121. Muitas crianças comem pouco.
122. Certas pessoas não falam certo.
123. Cada pessoa sabe de quanto precisa.

Locução Pronominal Indefinida

Locução pronominal indefinida é o conjunto com mais de uma palavra, funcionando como um pronome indefinido.

Prática

■ Sublinhe, a seguir, as locuções pronominais indefinidas:

124. Cada qual com seu rival.
125. Quem quer que faça isso, merecerá o apoio de cada um.
126. Pedirei desculpas a seja quem for.
127. A gente fala tanto sem pensar, que todo mundo ri antes de a gente terminar.

Prática Geral

128. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) O pronome pessoal está empregado **incorretamente** em
   a) Não consegui entendê-lo naquela confusão.
   b) É para mim fiscalizar aqueles volumes.
   c) Tudo ficou esclarecido entre mim e ti.
   d) Por favor, mande-o entrar e sentar-se.
   e) Fizeram-no esperar demais hoje.

129. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Com relação aos pronomes destacados em "ao prestar-**nos** as informações" e "ficando responsabilizado pelo que **nos** adiantar", é **incorreto** afirmar que
   a) ambos são pronomes pessoais subjetivos.
   b) ambos são formas pronominais átonas.
   c) ambos desempenham a função sintática de objeto indireto.
   d) ambos podem ser substituídos, sem alterar semanticamente a frase, por "a nós".
   e) ambos estão vinculados à mesma pessoa do discurso.

130. (PRF/N.M./ANP) A forma destacada que deve ser **evitada** é
   a) Conversou muito **com nós**.
   b) Jogaram bola **comigo**.
   c) Pensamos muito **em ti**.
   d) Meu irmão já sabe cuidar **de si**.

131. (ITA/Vest.) Qual das opções substitui corretamente as palavras destacadas?
   1. Foi-lhes fácil **fazer os exercícios**.
   2. Não obstante seja parco de recursos, **mantém as aparências**.
   3. **Expões as ideias** com lucidez.
   4. **Faz os deveres** rapidamente.
   5. Se não pretendes gastar, **põe o dinheiro** na poupança.

   a) fazerem-nos / mantenha-os / Expô-las / Fá-los-á / ponha-o.
   b) fazerem-nos / mantém-as / Expõe-nas / Faze-os / põe-lo.
   c) fazê-los / mantém-las / Expõe-as / Faça-os / põe-no.
   d) fazê-los / mantém-nas / Expõe-las / Fá-los / põe-no.
   e) fazer-los / mantém-nas / Expõe-nas / Faze-os / põe-lo.

132. (BRB/N.M./IDR) Assinale a alternativa em que os pronomes pessoais estão **corretamente** empregados.
a) Tentou, mais uma vez, remetendo o documento para mim, acabar com o clima hostil entre nós.
b) O rapaz confirmou que entregou para tu o comprovante de depósito.
c) Mandei ele aguardar até que o gerente chegasse para atendê-lhe.
d) Hoje à tarde vou encontrar ela para fecharmos o negócio.

133. (BRB/N.M./IDR) Indique a sentença em que todas as formas pronominais estão **corretas**.
a) Vossa Senhoria tem justos motivos para preocupar-se com os débitos de vossa esposa.
b) Sua Excelência sinta-se à vontade para propor-nos os termos do contrato.
c) Vossa Excelência pode viajar tranquilo, que cuidaremos de seus investimentos.
d) O chefe mandou você avisar ao assessor do Sr. Ministro que a bagagem de Vossa Excelência já foi despachada.

134. (ALCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **correta**.
a) Refiro-me ao estudo de cujo o autor não se conhece a nacionalidade.
b) Dessas questões não se tratou, as quais merecem exame acurado.
c) Esse é o escritor de que todos admiramos as obras que foram feitas as melhores referências.
d) Apenas as pessoas que concernem essas palavras devem sentir o peso de tanta indignação.

135. (ATCL-DF/N.S./IDR) De acordo com a práxis consagrada do uso dos pronomes de tratamento, assinale a alternativa **correta**.
a) Pela presente, enviamos a V. Sª a relação de seus débitos e solicitamos-lhe a gentileza de saldá-los com urgência. (correspondência comercial)
b) Vossa Alteza Real, o Príncipe de Gales, virá ao Brasil para participar da ECO-92. (nota de jornal)
c) Sua Santidade pode ter a certeza de que sua presença entre nós é motivo de júbilo e de místico fervor. (discurso pronunciado em recepcão diplomática ao Sumo Pontífice)
d) Solicito a V. Exª dignar-vos aceitar as homenagens devidas, por justiça, a quem tanto engrandeceu a pátria. (ofício dirigido a Ministro do Supremo Tribunal)

136. (ATCL-DF/N.S./IDR) Marque a opção em que houve substituição **incorreta** do termo destacado.
a) Daria **a eles** uma resposta adequada.
Dar-lhes-ia uma resposta adequada.
b) Enviamos o presente **a nossos amigos**.
Enviamos-lhes o presente.
c) Mandamos **as crianças** saírem.
Mandamos-as saírem.
d) Não pediria **isso a você** em hipótese alguma.
Não lho pediria em hipótese alguma.

137. (ATCL-DF/N.S./IDR) Se, em "... milhares de jovens e adultos que precisam frequentar, movidos pela sobrevivência, **um posto de trabalho** ou que estão impossibilitados de abandonar **suas comunidades**...", tivéssemos que substituir os segmentos destacados por pronomes, o fragmento ficaria assim redigido:
a) ... milhares de jovens e adultos que, movidos pela sobrevivência, precisam frequentá-la ou que estão impossibilitados de abandoná-las...
b) ... milhares de jovens e adultos que, movidos pela sobrevivência, precisam frequentá-lo ou que estão impossibilitados de abandoná-las...
c) ... milhares de jovens e adultos que, movidos pela sobrevivência, precisam frequentá-lo ou que estão impossibilitados de abandoná-la....
d) ... milhares de jovens e adultos que, movidos pela sobrevivência, precisam frequentá-la ou que estão impossibilitados de abandoná-la...

138. (Ag. Adm./TRT/N.M./ACCESS) Ela conhecera o poeta, _____ versos gostava e _____ estava apaixonada, na cidade _____ nascera.
As lacunas da frase acima são completadas, respectivamente, por:
a) dos quais / por quem / que.
b) de quem / por que / onde.
c) por cujos / com quem / em que.
d) de cujos / por quem / onde.
e) os quais / pelo qual / em que.

139. (AFRE-SP/N.S./92) Todos _____, Senhor Diretor, que Vossa Senhoria _____ bastante _____.
a) crêem / será / compreensivo.
b) creem / sereis / compreensiva.
c) crêm / sereis / compreensiva.
d) creem / será / compreensivo.

140. Assinale a frase que apresenta pronome pessoal oblíquo no **feminino plural**.
a) Ela apodrece ao contato com a terra.
b) Algumas gralhas morrem, outras esquecem onde enterraram os pinhões.
c) Hoje se sabe que é obra de um pássaro.
d) Durante muito tempo, não se soube explicar o fato.
e) As espingardas explodem quando eles as apontam para as gralhas azuis.

141. As formas de tratamento usadas para **cardeais** e **príncipes** são, respectivamente,
a) Alteza e Excelência.
b) Majestade e Eminência.
c) Eminência e Alteza.
d) Senhoria e Excelência.
e) Santidade e Senhoria.

142. Assinale a alternativa cuja palavra destacada é **pronome de tratamento**.
a) Oficialmente não é lugar onde **se** more.
b) A ponte é de **todos**.
c) **V. Sª** não come carne?
d) Vinha trazer-**lhe** carne.
e) **Esta** carne não está boa.

143. Na frase: "Ninguém **a** jogou ao solo", a palavra destacada é
a) substantivo.
b) pronome pessoal oblíquo.
c) preposição.
d) artigo definido.
e) pronome demonstrativo.

144. Há **erro** no emprego do pronome demonstrativo na frase:
a) Esta mesa não é nova.
b) Esse livro, aí, é muito interessante.
c) Esse papel, aqui, não serve para isso.
d) Vi aquele filme tão comentado.
e) Ouça isto: fortes chuvas deverão cair nesta tarde.

145. Assinale a alternativa que apresenta o emprego **correto** do pronome de tratamento.
a) Senhor Ministro, apresento a V. Sª a relação dos aprovados.
b) Ilustríssimo Senhor Diretor, solicitamos a V. Exª o empréstimo de microfones.
c) Sua Excelência, o chefe da seção, autorizou minha liberação.
d) Sua Alteza, a rainha da Inglaterra, compareceu à cerimônia.
e) Senhor Coordenador, é do conhecimento de V. Sª a reivindicação do pessoal.

146. Assinale a frase que se completaria com o pronome **eu**.
a) O mestre deixou os desenhos para ___ fazer.
b) ___ poderá ensaiar o desenho total da figura humana.
c) O mestre ficou entre ___ e o modelo.
d) Entre ___ e ele, você deverá escolher com quem fará o trabalho.
e) Você será atendido depois de ___.

147. A palavra **que**, no período "Os truques, que desempenham papel fundamental na realização rítmica, são de três espécies (...)" é
a) conjunção.
b) preposição.
c) pronome relativo.
d) interjeição.
e) pronome indefinido.

148. Complete as lacunas do texto abaixo e, em seguida, assinale a alternativa correspondente.
"Tenho a honra de apresentar a V. Sª a servidora MARESIA FLUTUANTE, _____ Departamento, que, em atenção ao seu ofício nº 302, de 18 de maio corrente, foi colocada à disposição _____ órgão, sem prejuízo de _____ vencimento".
a) desse / deste / teu.
b) deste / desse / seu.
c) do / deste / vosso.
d) daquele / do / teu.
e) desse / deste / meu.

149. Na frase "S. S. visitou vários países", o pronome de tratamento refere-se
a) a um sacerdote.
b) a um rei.
c) a um príncipe.
d) ao papa.
e) a um governante.

■ Use os **pronomes demonstrativos** adequados a cada caso.

150. Ser indicado para o prêmio Nobel. Por _____ ele não esperava.
151. Por _____ ele não esperava: ser indicado para o prêmio Nobel.
152. O mundo se moderniza. Num tempo como _____, é preciso estar preparado.
153. _____ livros são muito pesados. Vou largá-los aqui mesmo.
154. Brasília e Goiânia foram cidades planejadas. No entanto _____ cidades apresentam os mesmos problemas de outras capitais.
155. O problema parece ser _____: a certeza da impunidade.
156. Não houve acordo entre patrões e empregados; _____ não estavam dispostos a pagar o que _____ exigiam.
157. Deixe-me ver _____ livro que você está lendo.

■ Preencha as lacunas com os demonstrativos adequados (**este**, **esse**, **aquele** e suas variáveis).

158. Graciliano Ramos e Gilberto Gil representam épocas distintas. _____ se enquadra no regionalismo nordestino dos anos trinta, _____ pertence à atualidade.
159. As Guerras Púnicas e a Guerra das Malvinas chamaram a atenção do mundo. _____ recentemente; _____ antigamente.
160. Há três anéis. Um na minha mão, outro na sua, Maria; o terceiro está na mão da Daniela. _____ (o da Daniela) é de ouro; _____ (meu) é de prata; _____ (o que está na sua mão) é de platina.
161. Júlia e Ernesto foram ao cinema. _____ (Ernesto) saiu desiludido, enquanto _____ (Júlia) ficou maravilhada.

■ Assinale **C** ou **E**.

162. ( ) Olha, José. Preciso falar consigo.
163. ( ) Atenção, meu amigo. Tenho que conversar consigo.
164. ( ) Olha, José. Quero falar contigo.
165. ( ) Olhe, José. Quero falar contigo.
166. ( ) Olhe, José. Quero falar com você.
167. ( ) Venha, meu caro. Quero abraçar-te.
168. ( ) Venha, meu caro. Quero abraçá-lo.
169. ( ) Vem, meu caro. Quero abraçar-te.

■ Ofício de uma escola para a Secretaria de Fazenda – Use o demonstrativo **correto**.

170. Informamos que _____ Secretaria foi avisada do que ocorreu _____ escola, em fax da semana passada.

Numeral

DEFINIÇÃO E CLASSIFICAÇÃO

Prática

Assinale **C** ou **E**.

1. ( ) Numeral, palavra que tem como referente um número.
2. ( ) Numeral cardinal denota quantidade: um, dez, cem...
3. ( ) Numeral ordinal denota quantidade.
4. ( ) Numeral ordinal denota ordem, posição numa sequência: primeiro, décimo...
5. ( ) Numeral multiplicativo indica multiplicação: dobro, quíntuplo...
6. ( ) Numeral fracionário indica parte ou fração: meio, terço, onze avos...

Conclusão:

Numeral é a palavra que se refere a número.
Classificam-se os numerais em: cardinais, ordinais, multiplicativos e fracionários.

PAPEL DOS NUMERAIS

Numeral substantivo e *numeral adjetivo*

Quando o numeral é usado com o **papel de substituir o substantivo**, chama-se **numeral substantivo**.

Havia muitas camisas. Comprei **cinco** (camisas).

Quando o numeral é usado com o **papel de acompanhar o substantivo**, chama-se **numeral adjetivo**.

Escolhi **dois** sapatos.

EMPREGO DOS NUMERAIS

Escreva na coluna adequada os ordinais, multiplicativos e fracionários.

	Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
7.	um		_____	_____
8.	dois			
9.	três			
10.	quatro			
11.	cinco			
12.	seis			
13.	sete			
14.	oito			
15.	nove			
16.	dez			
17.	onze			
18.	doze			
19.	treze		_____	
20.	catorze		_____	
21.	quinze		_____	
22.	dezesseis		_____	
23.	dezessete		_____	
24.	dezoito		_____	
25.	dezenove		_____	
26.	vinte		_____	*
27.	trinta		_____	*
28.	quarenta		_____	*
29.	cinquenta		_____	*
30.	sessenta		_____	*
31.	setenta		_____	*
32.	oitenta		_____	*
33.	noventa		_____	*
34.	cem			*
35.	duzentos		_____	*
36.	trezentos		_____	*
37.	quatrocentos		_____	*
38.	quinhentos		_____	*
39.	seiscentos		_____	*
40.	setecentos		_____	*
41.	oitocentos		_____	*
42.	novecentos		_____	*
43.	mil		_____	*
44.	milhão		_____	*
45.	bilhão		_____	*
46.	trilhão		_____	*

Observação:

Os fracionários que no quadro da página anterior têm asterisco (*) devem usar a forma igual à dos ordinais quando são múltiplos exatos de 10 ou 100: **vigésimo**, **trigésimo**, **centésimo**, **quingentésimo**...
Se não são múltiplos exatos de 10 ou 100, usam a forma igual à dos cardinais seguida da expressão **avos**: **vinte e três avos**, **cento e cinco avos**, **quinhentos e quatro avos**...

Prática

■ Assinale **C** ou **E** para os ordinais correspondentes aos seguintes números:

47. ( ) 1886 – Ele chegou no milésimo octingentésimo octagésimo sexto lugar.
48. ( ) 999 – Ela ocupava a noningentésima nonagésima nona cadeira.
49. ( ) 777 – Ele foi o setingentésimo setuagésimo sétimo a entrar.
50. ( ) 444 – Ela comprou o quatringentésimo quadragésimo quarto bilhete.

■ Assinale **C** ou **E**.

51. ( ) Octagésimo é variante de octogésimo.
52. ( ) Quatorze é variante de catorze.
53. ( ) Quatorzeno e terzeno são variantes pouco usadas de décimo quarto e décimo terceiro.
54. ( ) Novena, dezena, década, dúzia, trezena, quinzena, vintena, centena, cento, lustro, milhar, milheiro, par,... funcionam como substantivos coletivos, mas, por denotarem quantidade exata de seres, são também chamados de numerais coletivos.
55. ( ) Os numerais coletivos são invariáveis.

Para responder às questões de 56 a 59, observe este quadro:

3		3	.	2		2		4	.	1		2		3
														três
												vinte	**e**	três
										cento	**e**	vinte	**e**	três
								quatro mil	,	cento	**e**	vinte	**e**	três
						vinte	**e**	quatro mil	,	cento	**e**	vinte	**e**	três
				duzentos	**e**	vinte	**e**	quatro mil	,	cento	**e**	vinte	**e**	três
trinta	**e**	três milhões	,	duzentos	**e**	vinte	**e**	quatro mil	,	cento	**e**	vinte	**e**	três
dezena de milhão		unidade de milhão		centena de milhar		dezena de milhar		unidade de milhar		centena		dezena		unidade

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

56. ( ) Centenas, dezenas e unidades separam-se com **e**.
57. ( ) Milhares, milhões, bilhões separam-se com vírgula.
58. ( ) Ponto no número transforma-se em vírgula no numeral.
59. ( ) Usa-se a conjunção **e** para separar as centenas das dezenas; as dezenas das unidades; as unidades dos decimais...

■ Escreva por extenso.

60. 24.132.436 _____
_____

61. 22.333.432.123 _____
_____
_____

Atenção:

1.001 mil **e** um
1.200 mil **e** duzentos
8.096 oito mil **e** noventa e seis.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

62. ( ) Quando a última centena começa com zero, a vírgula que se seguiria ao milhar é substituída por **e**.
63. ( ) Quando a última centena termina com dois zeros, a vírgula que se seguiria ao milhar é substituída por **e**.

■ Escreva os numerais correspondentes aos seguintes algarismos.

64. 9.056 _____
65. 9.006 _____
66. 9.156 _____
67. 9.320 _____
68. 9.300 _____

■ Escreva nos espaços os fracionários dos algarismos que estão entre parênteses.

69. Ela comprou (1/3) _____ da fazenda.
70. Ela comprou (2/3) _____ da fazenda.
71. Ela comprou (5/8) _____ da fazenda.
72. Ela comprou (1/8) _____ da fazenda.
73. Ela comprou (3/11) _____ da fazenda.

74. Ela comprou (1/20) _____ da fazenda.
75. Ela comprou (7/30) _____ da fazenda.
76. Ela comprou (4/33) _____ da fazenda.
77. Ela comprou (11/200) _____ da fazenda.
78. Ela comprou (13/220) _____ da fazenda.

■ Quanto à flexão dos numerais, assinale **C** ou **E**.

79. ( ) Variam em gênero: **um**, **dois**, **três**.
80. ( ) Variam em gênero: **um**, **dois** e as centenas de duzentos em diante.
81. ( ) Variam em gênero as dezenas.
82. ( ) Os ordinais variam em gênero e número, normalmente.
83. ( ) **terçã** e **quartã** (formas em desuso) só variam em número (singular e plural).
84. ( ) Os ordinais variam em gênero e número.
85. ( ) Os cardinais terminados em **-lhão** admitem plural.
86. ( ) **bilhão** tem como variante **bilião**.
87. ( ) **milhão** tem como variante **milião**.
88. ( ) **trilhão** tem como variante **trilião**.
89. ( ) Em abril, chuvas **mil**. A expressão em destaque deixa de ser numeral para ser indefinida.

Atenção:

No *Manual de Redação da Presidência da República*, há as seguintes recomendações:

– "Os numerais devem ser escritos por extenso quando constituírem uma única palavra ('quinze'; 'trezentos'; 'mil' etc.); quando constituírem mais de uma, devem ser grafados em algarismos ('25', '142' etc.)";

– "Os numerais que indiquem porcentagem seguem a mesma regra: a expressão 'por cento' será grafada por extenso se o numeral constituir uma única palavra ('**quinze** por cento', '**cem** por cento'), e na forma numérica seguida do símbolo '%' se o numeral constituir mais de uma palavra ('142%', '57%' etc.)";

– "Valores monetários devem ser expressos em algarismos seguidos da indicação, por extenso, entre parênteses: R$1.000.000,00 (um milhão de reais). Se o valor a ser mencionado estiver localizado no final de uma linha, não o separe; coloque o cifrão em uma linha e os algarismos na seguinte"; (texto adaptado)

– "Nas datas, o mês deve ser grafado por extenso, e o dia, sem o algarismo **0** à esquerda: '3 de setembro de 2006' e não '03 de setembro de 2006' ". (texto adaptado)

Designando papas, soberanos, séculos, partes de uma obra, usam-se os **ordinais** até **décimo**; daí em diante, **os cardinais**. Porém, se o numeral antecede o substantivo, emprega-se o ordinal: **vigésimo** século, **décimo sexto** capítulo, **décimo primeiro** canto.

Prática

■ Escreva como devem ser lidos os numerais correspondentes aos algarismos romanos.

90. Pio XI _____
91. Pedro II _____
92. Canto VI _____
93. Século XX _____
94. Século X _____
95. Capítulo X _____
96. Capítulo XI _____
97. Pio X _____
98. Canto XI _____

Na numeração de artigos de leis, decretos e portarias, usa-se o **ordinal** até **nono**; daí em diante, os **cardinais**.

Prática

■ Continue.

99. Art. (1) _____
100. Art. (9) _____
101. Art. (10) _____
102. Art. (25) _____

Na referência aos dias do mês, usam-se os cardinais, exceto para o **primeiro**.

Prática

■ Continue.

103. ...no dia (1) _____ de maio...
104. ...no dia (2) _____ de fevereiro...
105. ...no dia (25) _____ de junho...
106. ...no dia (31) _____ de janeiro...

Com referência a páginas e folhas, a apartamentos, quartos de hotelaria, cabines de navio, poltronas de casas de espetáculo, veículos de transporte... usam-se os cardinais. Porém, se o numeral vier anteposto, usa-se o ordinal: terceira poltrona, oitava cabine, vigésima folha.

Prática

■ Continue.

107. Casa (1) _____
108. Folha (1) _____
109. Quarto (1) _____
110. Apartamento (1) _____
111. Cabine (1) _____
112. Folha (2) _____
113. Cabine (9) _____
114. Casa (22) _____
115. Quarto (10) _____

■ Continue.

116. Ela hoje completa o (1757) _____ _____ ano de existência.
117. Eu cheguei em (486) _____ _____ lugar.
118. R$ 8.723.846.123,35 (_____ _____)
119. Comprei (5/200) _____ daquela área.
120. Ele vendeu (18%) _____ de suas ações.

■ Assinale **C** ou **E**.

121. ( ) O novo sócio adquiriu mil trezentos e vinte e duas cotas.
122. ( ) Gênova, 05 de outubro de 1999.
123. ( ) Nem um de vocês conseguiu alcançar a meta?
124. ( ) Nenhum de vocês conseguiu alcançar a meta?
125. ( ) Comprei um dez avos da boiada.
126. ( ) Ocorria isso por volta do século dez depois de Cristo.
127. ( ) Para que andar o senhor vai? — Para o dezoito andar.
128. ( ) Estamos aqui na quarenta e dois DP.
129. ( ) Aos dezenove dias do mês de fevereiro do ano de mil novecentos e quarenta e dois...

■ Responda.

130. Se as frases 123 e 124 estão certas, há diferença de sentido entre elas?
Resp.: _____

O e UM: artigo, pronome, ou numeral?

Artigos só existem dois: o definido **o** (a, os, as) e o indefinido **um** (uma, uns, umas).

O (artigo definido, ou pronome)

Como o artigo só existe antes de um substantivo, toda vez que **o** (a, os, as) não anteceder um substantivo, será pronome.

Exemplos de artigo definido, com os seus substantivos sublinhados:
O bom menino sonhava com ***a*** muitas vezes amada Julieta...
Os quatro irmãos analisavam ***as*** oportunidades...

Exemplos de pronomes:
Chamei-***o(s)***, mas não sei ***o*** que queres com eles.
As moças vieram, exceto ***as*** que não foram convidadas.

UM (artigo indefinido, ou pronome indefinido, ou numeral)

Toda vez que o indefinido **um** (uma, uns, umas) não anteceder um substantivo, será pronome:

Exemplos de artigo indefinido, com os seus substantivos sublinhados:
Era ***uma*** vez ***um*** calmo estudante que achou ***umas*** pérolas barrocas e ***uns*** interessantes gravetos.

Exemplos de pronome indefinido:
Ei! meninos, quero ***um*** que me ajude...
Havia ***várias*** meninas, ***umas*** alegres, ***outras*** tristes...
Uns acreditam, ***outros***, não.

Quando **um** (uma, uns, umas) não for indefinido, dará ideia de número preciso, então não pode ser artigo ou pronome indefinido, mas numeral.

Exemplos de numeral:
Quero só ***um*** exemplo.
Das três moças, ***uma*** se retirou.

Atenção:

O numeral **um** não tem plural. Sempre **uns** é indefinido.

Verbo

DEFINIÇÃO PROVISÓRIA

Observe as palavras em negrito:

Nós **confiamos** no presente.
Ele **chegou** à fazenda de madrugada.
Elas **estão** felizes.
Choverá muito à noite.

Prática

Assinale **C** ou **E** para as afirmações acerca das palavras em negrito.

1. ( ) São variáveis em **tempo**.
2. ( ) São **invariáveis**.
3. ( ) Variam em **gênero** (masculino/feminino).
4. ( ) Variam em **número** (singular/plural).
5. ( ) Variam em **pessoa** (1ª/2ª/3ª).
6. ( ) **Chegou** traduz ideia de ação.
7. ( ) **Estão** indica fenômeno da natureza.
8. ( ) **Estão** traduz ação.
9. ( ) **Choverá** traduz fenômeno da natureza.
10. ( ) **Estão** traduz ideia de estado.

Verbo é a palavra, variável em tempo, que exprime **ideia de ação**, **estado ou fenômeno**.

ESTRUTURA DOS VERBOS – CONJUGAÇÕES

	TEMA		
	RADICAL	VOGAL TEMÁTICA	DESINÊNCIA
1ª conj.	am	a	r
2ª conj.	vend	e	r
3ª conj.	part	i	r

Prática

■ Assinale **C** ou **E** para certo ou errado.

11. ( ) O **radical** contém a base da significação.
12. ( ) A vogal temática determina a **conjugação** (1ª, 2ª, 3ª).
13. ( ) Para achar-se o radical, tira-se **-ar**, **-er**, **-ir** do infinitivo dos verbos regulares.
14. ( ) Radical + vogal temática = **tema**.
15. ( ) Nos verbos regulares, tirando-se o **r** do infinitivo obtém-se o tema.
16. ( ) O verbo **pôr** pertence à quarta conjugação.
17. ( ) O verbo **pôr** é uma anomalia da segunda conjugação. Antigamente era **poer**, por isso a existência de palavras como **poedeira**, **poente**.

NÚMEROS E PESSOAS VERBAIS – DESINÊNCIAS

PESSOA	NÚMERO	
	SINGULAR	PLURAL
1ª	eu FAL**O**	nós FALA**MOS**
2ª	tu FALA**S**	vós FALA**IS**
3ª	ele FALA Ø	eles FALA**M**

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

18. ( ) A parte do verbo assinalada em **negrito** indica se o verbo está no singular ou plural (**número**).
19. ( ) Indica também se o verbo está conjugado na 1ª, 2ª ou 3ª **pessoa**.
20. ( ) Por isso se chama **desinência número-pessoal**.
21. ( ) Na terceira pessoa do singular, nesse tempo, a desinência número-pessoal é Ø.

O verbo varia em número (singular e plural) e pessoa (primeira, segunda, terceira). O que indica essas variações são as desinências.

Quadro de desinências número-pessoais

		INDICATIVO		
número	pessoa	presente	pretérito perfeito	futuro do presente
singular	1ª	o	i	ei
	2ª	s	ste	ás
	3ª	∅	u	á
plural	1ª	mos	mos	-emos
	2ª	is/des	stes	-eis
	3ª	m	ram	ão

■ Observe o quadro acima e responda **C** ou **E**.

22. ( ) Esse quadro se refere a três tempos do modo indicativo: presente, pretérito perfeito e futuro do presente.
23. ( ) Tais desinências se chamam número-pessoais, porque indicam a pessoa verbal e informam seu número (singular ou plural).
24. ( ) As desinências verbais **s** e **ás** (amas, amarás) indicam 2ª pessoa do plural.
25. ( ) As desinências verbais **s**, **ste** e **ás** indicam 2ª pessoa do singular.
26. ( ) As formas verbais terminadas em **m** e **ão** indicam 3ª pessoa do plural.

MODOS VERBAIS

Indicativo, subjuntivo, imperativo

Prática

■ Observe os sentidos dos verbos destacados e responda **C** ou **E**.

a) Juliana **chega** hoje à noite.
b) Espero que Juliana **chegue** hoje à noite.
c) **Chegue** cedo, Juliana!

27. ( ) Em *a*, o sentido é de afirmação, certeza, convicção.
28. ( ) Em *b*, o sentido é de possibilidade, dúvida.
29. ( ) O modo verbal que denota convicção, certeza, chama-se **indicativo**.
30. ( ) O modo verbal que denota dúvida, possibilidade, chama-se **imperativo**.
31. ( ) O modo verbal que denota possibilidade, dúvida, chama-se **subjuntivo**.
32. ( ) **Subjuntivo** (que se junta sob) permite concluir que normalmente se encontra em orações subordinadas.

33. ( ) Em *c*, dependendo da entonação, o verbo pode expressar um pedido, uma súplica ou uma ordem.
34. ( ) Em *c*, o verbo está no modo **imperativo**.

35. Correlacione corretamente as colunas quanto a sentido e modo verbais.

a) certeza	( ) indicativo
b) dúvida	( ) imperativo
c) ordem ou pedido	( ) subjuntivo

Subjuntivo não subordinado

O subjuntivo pode ser usado sozinho sem depender de outra oração.

Prática

36. Correlacione as colunas adequadamente.

a) subjuntivo em frase optativa*	( ) Talvez não se chegue a esse ponto.
b) subjuntivo expressando dúvida	( ) Deus a abençoe, minha filha.
	( ) Que a felicidade seja sempre sua companheira.

O verbo é variável também em modo. São três os modos verbais:
Modo Indicativo: exprime certeza, convicção;
Modo Subjuntivo: usado para orações subordinadas, para frases optativas, ou para expressar dúvida;
Modo Imperativo: denota pedido, súplica, ou imposição.

TEMPOS VERBAIS

Presente, pretérito e futuro

Antes			Agora	Depois
Pretérito	←		**Presente**	→ Futuro
perfeito amei			amo estou amando	amarei vou amar
imperfeito ...amava... ...estava amando...				
mais-que-perf.	←	→	fut. do pret.	
amara	←	→	amaria...	
tinha amado	←	→	ia amar...	

* *Vide*, em *Análise Sintática Visual*, Frase, Oração, Período: Frase quanto ao sentido.

Presente e pretérito (passado) do indicativo

Prática

a) Hoje me **sinto** bem neste local.
b) Quando me **mudei** para cá, **vim** a convite de minha tia, que **morava** aqui e **chegara** três anos antes.
c) Nem eu nem ela **sabíamos** que a minha vinda transformaria por completo a aparência do lugar em menos de um ano.

■ Assinale **C** ou **E**.

37. ( ) Em *a*, o verbo refere-se ao tempo presente, isto é, a ação acontece enquanto o emissor fala.
38. ( ) Em *b* e *c*, os verbos fazem referência ao tempo pretérito (passado), ou seja, as ações aconteceram antes do momento em que o emissor fala.
39. ( ) **morava** e **sabíamos** indicam que essas ações estavam em andamento dentro do passado (pretérito).
40. ( ) **mudei** e **vim** referem-se a ações passadas e concluídas.
41. ( ) *Perfectus*, em latim, significa "terminado", "concluído", "acabado".
42. ( ) Por isso, **mudei** e **vim** situam-se no **pretérito perfeito**.
43. ( ) Se "perfeito" significa "terminado", "concluído", "imperfeito" significa "em andamento", "não terminado".
44. ( ) **morava** e **sabíamos** situam-se, então, no **pretérito imperfeito**.

■ Atente agora para o verbo **chegara** em relação a **mudei** e **vim**.

45. ( ) **chegara** faz referência a uma ação já pretérita em relação a outro pretérito (**mudei** e **vim**).
46. ( ) Trata-se, então, de um pretérito anterior a um pretérito perfeito.
47. ( ) Por isso, **chegara** exemplifica o tempo verbal que se chama **pretérito mais-que--perfeito**, pois indica uma ação concluída antes de outra também já concluída.

■ Observe, ainda, **transformaria** em relação a **sabíamos**.

48. ( ) Nem um dos dois se encontra no pretérito.
49. ( ) Ambos situam-se no pretérito.
50. ( ) **transformaria** refere-se a um futuro dentro do pretérito.
51. ( ) A indicação de tempo de **transformaria** é exemplo do que se chama **futuro do pretérito**, porque denota uma ação futura dentro do passado.

Presente e futuro do presente do modo indicativo

Prática

a) Judite **gosta** de Gustavo e **quererá** ir com ele ao teatro.
b) Judite **está gostando** de Gustavo e **vai querer** ir com ele ao teatro.
c) Judite **gosta** de estudar.

■ Assinale **C** ou **E**.

52. ( ) Em *a*, **gosta** é um verbo flexionado no **presente**, porque denota um sentimento que acontece no **momento em que se fala**.
53. ( ) Em *a*, **quererá** é um verbo articulado no **futuro**, porque denota um sentimento, uma vontade que só vai acontecer **depois do momento em que se fala**.
54. ( ) Em *b*, **está gostando** é uma locução verbal no presente do indicativo, enquanto **vai querer** é uma locução verbal no futuro.
55. ( ) O presente do indicativo em **gosta**, **está gostando** transmite também uma ideia de ação contínua.

O verbo ainda varia em tempo:
Tempo presente: acontece quando se fala. Pode denotar ação momentânea ou contínua;
Tempo pretérito: aconteceu antes do momento em que se fala. Subdivide-se em **Pretérito perfeito**, **pretérito imperfeito**, **pretérito mais-que-perfeito** e **futuro do pretérito**;
Tempo futuro: acontecerá depois do momento em que se fala.

CORRELAÇÃO DE TEMPOS OU *CONSECUTIO TEMPORUM*

Atenção:

Futuro do pretérito pertence ao pretérito, como o nome sugere, por isso, relaciona-se bem com a oração subordinada no **pretérito** imperfeito do subjuntivo: **iria, se pudesse**.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, conforme convenha.

56. ( ) Se nós podemos, compraríamos.
57. ( ) Se vocês podem, comprarão.
58. ( ) Se eles quisessem, compraríam.

Já, o futuro do presente adéqua-se bem com o futuro do subjuntivo: **irei, se puder**.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, conforme convenha.

59. ( ) Se eles poderão, comprarão.
60. ( ) Quando eles podem, comprarão.
61. ( ) Quando eles puderem, comprarão.

A *consecutio temporum* (pronúncia: consecúcio têmporum), ou *correlação de tempos* da norma culta da Língua Portuguesa, acontece em outros tempos e modos.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, conforme convenha.

62. ( ) Todos ficamos absolutamente tranquilos porque eles tivessem chegado bem cedo.
63. ( ) Ninguém podia comentar, sequer em voz baixa, pois os outros podiam estar ouvindo.
64. ( ) Todos resolveram combinar a compra dos ingressos com antecedência, porque deveria esgotar-se logo a venda.
65. ( ) É muito possível, na opinião da maioria dos presentes, que Maria, embora sem convite, chega mais cedo.
66. ( ) Ela estaria certíssima se estivesse falado antes com o irmão.
67. ( ) Se me ouvisses, como todos te aconselharam, chegarias primeiro.
68. ( ) Se me ouves, não tenho a menor dúvida, chegas primeiro.
69. ( ) Se me tivesses ouvido, terias chegado primeiro.
70. ( ) Se me tivesses ouvido, chegaste primeiro.
71. ( ) Por me teres ouvido, chegaste primeiro.

■ Corrija a correlação de tempos, se necessário.

72. O pai aconselhou que o menino saía de casa.

_____

73. No dia em que não me sinta mais feliz, vou mudar de vida.

_____

74. No dia em que não me sentir mais feliz, vou mudar de vida.

_____

75. Todos os dias, chova ou faça sol, eu ia à cachoeira mais perto de casa.

_____

76. Pena era que os meninos estejam tão mal vestidos quando eu os visitei.

_____

77. Pena será se os meninos estejam mal vestidos quando eu os visitar.

_____

QUADRO DE DESINÊNCIAS MODO-TEMPORAIS E NÚMERO-PESSOAIS

Infinitivo impessoal	Gerúndio	Particípio
r	ndo	do/to/so

Número	Pessoa	Infinitivo Pessoal	Imperfeito do Indicativo	Imperfeito do Subjuntivo	Mais-q.-perf. do Indicativo	Futuro do Pretérito	Futuro do Subjuntivo
SING.	1ª	r	va ia	sse	ra	ia	r
	2ª	r es	va ia s	sse s	ra s	ia s	r es
	3ª	r	va ia	sse	ra	ia	r
PLUR.	1ª	r mos	va ia mos	sse mos	ra mos	ía mos	r mos
	2ª	r des	ve ie is	sse is	re is	íe is	r des
	3ª	r em	va ia m	sse m	ra m	ia m	r em

Prática

■ Observe as desinências no quadro anterior e responda **C** ou **E**.

78. ( ) **amado**, **coberto** e **aceso** são exemplos de particípio.
79. ( ) O particípio é variável em gênero (amada, coberta, acesa) e número (amados, cobertos, acesas).
80. ( ) A desinência **s**, no particípio, marca plural, como nos adjetivos: **belos**, **ricos**.
81. ( ) A terminação **s** sempre marca plural, tanto nos verbos, como nos nomes (substantivo, adjetivo...)
82. ( ) O gerúndio é variável em número e pessoa, porque é uma forma verbal.
83. ( ) O gerúndio é invariável em número e pessoa.
84. ( ) Existe um infinitivo variável em número e pessoa, e outro infinitivo invariável.
85. ( ) **Quando eu amar**... tem o verbo no infinitivo.
86. ( ) As formas verbais **amar**, **amardes** podem indicar infinitivo pessoal ou futuro do subjuntivo.
87. ( ) As formas verbais **quiser**, **quiserdes** podem indicar também infinitivo pessoal ou futuro do subjuntivo.
88. ( ) **Querer**, **quererdes** estão no infinitivo, assim como **quiser**, **quiserem** estão no futuro.
89. ( ) As desinências fixas **-r**, **-ndo**, **-va**, **-ia**, **-sse**, **-ra** indicam número (singular e plural) e pessoa (1ª, 2ª, 3ª).
90. ( ) As desinências fixas **-r**, **-ndo**, **-va**, **-ia**, **-sse**, **-ra** são modo-temporais, pois indicam modo e/ou tempo.
91. ( ) A desinência modo-temporal do imperfeito do indicativo pode ser **-va** (amá**va**mos) ou **-ia** (faz**ia**m).
92. ( ) Na 2ª pessoa do plural, o **-a** das desinências modo-temporais, por ser átono, transforma-se em **e** ao se juntar ao **i** da desinência número-pessoal **is**.
93. ( ) Amá**va**mos, amá**ve**is; puder**as**, pudé**re**is; pod**ia**m, pod**íe**is são exemplos que justificam a afirmação anterior.

VOZES VERBAIS

Veja esta cena:

Qualquer observador pode comunicar a ação que nela se passa. Se, inconscientemente, ele enfatiza a planta, possivelmente dirá:

— A **planta** está sendo regada pelo homem.

Se, contudo, ressalta o ser humano, provavelmente dirá:

— O **homem** está regando a planta.

O falante coloca como sujeito o que lhe parece ser mais importante, extrai-se daí que sujeito é posição de destaque psicológico. Quando se escolhe para sujeito o agente da ação, usa-se a **voz ativa** do verbo. Quando se emprega como sujeito o alvo ou paciente da ação, tem-se a **voz passiva**.

Prática

■ Compare estas cenas e responda:

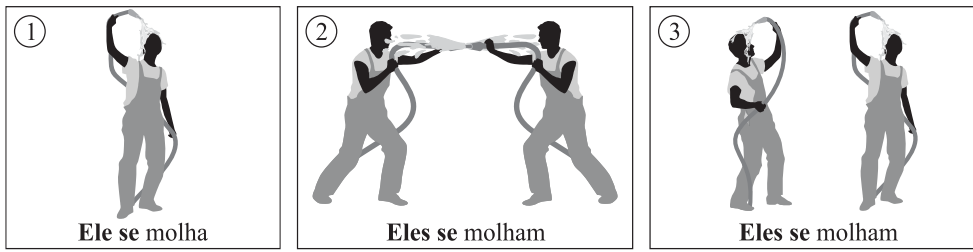

94. Em que cena(s) os pronomes **ele(s)** e **se** têm o mesmo referente, isto é, se referem ao mesmo indivíduo? Resp.: _____.
95. Em que cena(s) os pronomes **ele(s)** e **se** representam reciprocidade de ações, troca de ações? Resp.: _____.
96. Você classifica como **voz reflexiva recíproca** o verbo que se encontra na frase da cena número: _____.
97. Você denomina simplesmente **voz reflexiva** a do(s) verbo(s) que se encontra(m) na(s) cena(s) número: _____.
98. As frases 2 e 3 são iguais e ambíguas. Se dissermos "José e João se molham", ocorrerá novamente ambiguidade. Qual é o duplo sentido? Resp.: _____ _____.
99. Como se deve fazer para evitar ambiguidade com uso do verbo na voz reflexiva? Resp.: _____.

Observe os gráficos e assinale **C** ou **E** nos parênteses das afirmações a seguir.

Voz ativa

Sujeito só pratica a ação.

Voz passiva

Sujeito só recebe a ação.

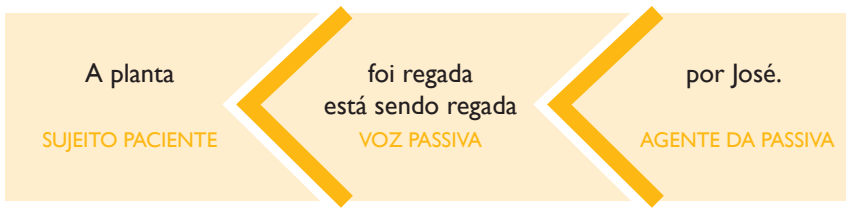

100. ( ) Voz ativa e passiva dizem exatamente a mesma coisa.
101. ( ) Voz ativa e passiva são visões diferentes de um mesmo fato.
102. ( ) Na voz ativa, o sujeito é agente da ação verbal.
103. ( ) Na voz passiva, o sujeito é paciente.
104. ( ) O verbo **ser** é usado como auxiliar da voz passiva.
105. ( ) Na passiva, o verbo **ser** assume o tempo e o modo do verbo principal da ativa.
106. ( ) O verbo principal da ativa, na passiva, vai para o particípio.

Voz passiva e passividade

Prática

■ Observe os exemplos de verbos destacados e responda **C** ou **E**.

Quando se fala em passividade, fala-se que o sujeito recebe e não pratica a ação verbal. Há, porém, verbos que denotam passividade mesmo na voz ativa:

I – Ele **recebeu** um presente.
II – Ele **doou** um presente.
III – Um presente **foi recebido** por ele.
IV – Um presente **foi doado** por ele.

107. ( ) Em I, o verbo denota passividade do sujeito.
108. ( ) Em II, o verbo denota atividade do sujeito.
109. ( ) Em III e IV, os sujeitos são pacientes e não agentes da ação verbal.
110. ( ) Os verbos de I, III e IV estão, portanto, na voz passiva.
111. ( ) Voz passiva não é a ideia de passividade, mas uma **forma** que o verbo assume.
112. ( ) O verbo assume a forma de voz passiva com a partícula apassivadora **se** ou com o auxiliar **ser**. (Alguns gramáticos aceitam também o verbo **estar** como auxiliar de voz passiva.)
113. ( ) Os verbos dos exemplos I e II estão na voz ativa, enquanto os das frases III e IV estão na voz passiva.

Voz passiva é uma **forma** verbal. Passividade é ideia. "Ele **recebeu** um presente" tem o verbo na forma ativa, embora traga ideia de passividade.

Voz passiva analítica

v. auxiliar + v. principal
ser no particípio

A casa **foi derrubada**.
ser + particípio

Voz passiva sintética

verbo + se *(apassivador)* **+ sujeito paciente**

Derrubou-se a casa.
sujeito paciente
apassivador

Voz reflexiva

Sujeito agente e objeto paciente representam a mesma pessoa.

José	feriu	-se.
SUJEITO AGENTE	VOZ REFLEXIVA	OBJETO PACIENTE

se representa José.

Voz reflexiva recíproca ou apenas recíproca

O sujeito representa dois ou mais seres que trocam ação entre si, por isso o verbo tem de estar no plural.

José e Daniela se beijaram.
Eles se beijaram.

O verbo tem capacidade de variar em voz:
Voz Ativa: o sujeito pratica a ação verbal;
Voz Passiva: o sujeito sofre a ação verbal;
Voz Reflexiva: o sujeito e o alvo da ação são o mesmo ser;
Voz Recíproca: há troca de ação entre dois ou mais seres.

Mudança de voz

Na mudança de voz, só se alteram o sujeito, o verbo e o objeto direto. Sublinhe-os e trabalhe só com eles. Todos os outros termos permanecem inalterados.

Passagem da ativa para a passiva analítica

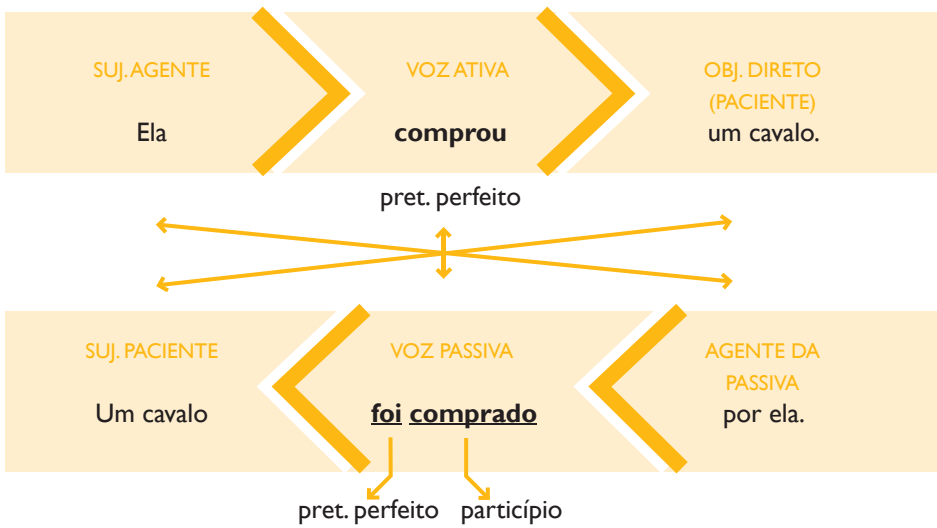

Prática

■ Julgue **C** ou **E**.

114. ( ) O objeto direto paciente da **ativa** (sem preposição) vira sujeito da **passiva**.
115. ( ) O sujeito agente (sem preposição) recebe a preposição **por** e vira agente da passiva.
116. ( ) O verbo da ativa vai para o **particípio** (comprado) tendo como auxiliar o verbo **ser**. O verbo **ser** acompanha o tempo do verbo da ativa (comprou = foi).

■ Transforme em **passiva analítica**.

117. Ele traz um presente. _____

118. Ela trará soluções. _____
119. Ela trazia perfume _____
120. Ela traria perfumes. _____

■ Siga o modelo.
Ela está trazendo um perfume.
Um presente está sendo trazido por ela.
121. Ela esteve trazendo uns presentes.
_____
122. Ela estará trazendo um presente.
_____
123. Ela estaria trazendo uns presentes.
_____
124. Ela deverá estar trazendo um presente.
_____

Conclusão:

Quando a locução verbal ativa termina em **gerúndio**, na passiva esse gerúndio vira particípio antecedido pelo gerúndio do verbo ser.

Passagem da ativa para a passiva sintética

SUJ. INDET.	VOZ ATIVA	OBJ. DIRETO (PACIENTE)
?	**Compraram**	um cavalo.

SUJ. PACIENTE	VOZ PASSIVA	AGENTE INDETERMINADO
Um cavalo	**comprou-se**	?

■ Observe e continue.

OBJ. DIRETO PACIENTE	→	**SUJEITO PACIENTE**
Trouxeram **um presente**.	→	Trouxe **um presente**.

125. Procuravam solução. → _____
126. Pediram um favor. → _____
127. Fabricarão barco aqui. → _____

OBJ. DIRETO PACIENTE	→	SUJEITO PACIENTE
Trouxeram **dois presentes**.	→	Trouxeram-se **dois presentes**.

128. Procuravam soluções. → _____
129. Pediriam uns presentes. → _____
130. Fabricarão barcos aqui. → _____

■ Observe e responda **C** ou **E**.

a. Falaram **de** você.
b. Alugam **por** centavos.
c. Pensam **em** reformas.
d. Falou-se **de** você.
e. Aluga-se **por** centavos.
f. Pensa-se **em** reformas.

131. ( ) No esquema anterior, só admite **voz passiva** a frase que na ativa tem objeto (direto) paciente.
132. ( ) Só existe **voz passiva** se existe sujeito paciente.
133. ( ) Os exemplos **c**, **d** e **e** estão na **voz passiva**.
134. ( ) Sujeito não começa por **preposição**.
135. ( ) Os exemplos **a**, **b** e **c** estão na **voz passiva**.
136. ( ) **a**, **b** e **c** não podem estar na voz passiva porque não têm **sujeito paciente**.
137. ( ) "**de** você", "**por** centavos", "**em** reformas" não podem ser objeto direto nem sujeito por causa das preposições.
138. ( ) Todas as frases, de **a** a **f**, têm, portanto, **sujeito indeterminado** e não têm voz passiva.

■ Quais as frases que estão na **voz passiva**? Se houver erro, corrija-o, fazendo o verbo concordar com o sujeito paciente.

139. Procura-se por líderes.
140. Procura-se líderes.
141. Não se falava em verdades.
142. Não se falava verdades.
143. Sacou-se da caneta.
144. Sacou-se a caneta.
145. Focou-se dois tatus.
146. Focou-se ao leão.

ASPECTOS VERBAIS

Incoativo, **inceptivo**: aspecto verbal que acrescenta ao significado do verbo a ideia de "início de ação".
... amanhecer, **entardecer...**

Frequentativo: acrescenta ao significado verbal a ideia de repetitividade.
Ela **costuma** vir aqui.
Saltitar.
Chorava **volta e meia**.

Atenção:

O aspecto frequentativo pode ser indicado por uma locução adverbial.

Causativos: verbos que denotam causa ou motivo da existência das orações que o seguem.
Deixava que o acariciassem.
Mandei-o sair.
Pedi que ela viesse.
Fizemos que ele concordasse.

Sensitivos: referem-se a um dos sentidos humanos (visão, audição...).
Eu a **vi** chorando.
Ouvimos a menina rezar.
Sentimos seu coração bater.

PARADIGMAS DAS TRÊS CONJUGAÇÕES REGULARES – TEMPOS SIMPLES

Infinitivo impessoal

1ª Amar 2ª Vender 3ª Partir

Modo indicativo

Presente do indicativo								
am		**o**	vend		**o**	part		**o**
am	**a**	**s**	vend	**e**	**s**	part	**e**	**s**
am	**a**		vend	**e**		part	**e**	
am	**a**	**mos**	vend	**e**	**mos**	part	**i**	**mos**
am	**a**	**is**	vend	**e**	**is**	part	**i**	**s**
am	**a**	**m**	vend	**e**	**m**	part	**e**	**m**

Prática

■ Leia três vezes em voz alta o quadro acima, observe-o atentamente e responda **C** ou **E**.

147. ( ) No presente do indicativo, a terminação da 1ª pessoa do singular é igual nas três conjugações.

148. ( ) Na 1ª e 2ª conjugação, as vogais temáticas se mantêm **a** e **e**, respectivamente, exceto na 1ª pessoa do singular.

149. ( ) Na terceira conjugação, a vogal temática, tirando-se a primeira pessoa do singular, aparece em forma de **e** ou **i**.

Pretérito perfeito do indicativo

am	**e**	**i**	vend		**i**	part		**i**
am	**a**	**ste**	vend	**e**	**ste**	part	**i**	**ste**
am	**o**	**u**	vend	**e**	**u**	part	**i**	**u**
am	(´) **á**	**mos**	vend	**e**	**mos**	part	**i**	**mos**
am	**a**	**stes**	vend	**e**	**stes**	part	**i**	**stes**
am	**a**	**ram**	vend	**e**	**ram**	part	**i**	**ram**

Prática

■ Leia três vezes em voz alta o quadro acima, observe-o atentamente e responda **C** ou **E**.

150. ( ) No pretérito perfeito do indicativo, as desinências pessoais são iguais nas três conjugações: **i**, **ste**, **u**, **mos**, **stes**, **ram**.

151. ( ) A vogal temática da 1ª conjugação, **a**, aparece alterada para **e** e **o** na 1ª e na 3ª pessoa do singular, respectivamente.

152. ( ) Na 2ª e na 3ª conjugação, as vogais temáticas **e** e **i**, na primeira pessoa do singular, desaparecem, pela proximidade da desinência **i**.

153. ( ) Nas outras pessoas da 2ª e da 3ª conjugação, as vogais temáticas se mantêm inalteradas.

154. ( ) Amamos ou amámos, no pretérito perfeito, são grafias e pronúncias corretas.

Pretérito imperfeito do indicativo

ama	**va**		vend	**ia**		part	**ia**	
ama	**va**	**s**	vend	**ia**	**s**	part	**ia**	**s**
ama	**va**		vend	**ia**		part	**ia**	
amá	**va**	**mos**	vend	**ía**	**mos**	part	**ía**	**mos**
amá	**ve**	**is**	vend	**íe**	**is**	part	**íe**	**is**
ama	**va**	**m**	vend	**ia**	**m**	part	**ia**	**m**

Prática

■ Leia três vezes em voz alta o quadro acima, observe-o atentamente e responda **C** ou **E**.

155. ( ) No pretérito imperfeito do indicativo, as desinências pessoais são iguais nas três conjugações: ∅, **s**, ∅, **mos**, **is**, **m**.

156. ( ) As desinências temporais são **va** para 1ª conjugação e **ia** para 2ª e 3ª conjugações.

157. ( ) As desinências temporais se mantêm inalteradas.
158. ( ) As desinências temporais antes de **i** trocam o **a** por **e**.
159. ( ) A desinência temporal **va** indica ação concluída no passado.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

ama	**ra**		vende	**ra**		parti	**ra**	
ama	**ra**	**s**	vende	**ra**	**s**	parti	**ra**	**s**
ama	**ra**		vende	**ra**		parti	**ra**	
amá	**ra**	**mos**	vendê	**ra**	**mos**	partí	**ra**	**mos**
amá	**re**	**is**	vendê	**re**	**is**	partí	**re**	**is**
ama	**ra**	**m**	vende	**ra**	**m**	parti	**ra**	**m**

Prática

■ Leia três vezes em voz alta o quadro acima, observe-o atentamente e responda **C** ou **E**.

160. ( ) No pretérito mais-que-perfeito do indicativo, as desinências pessoais são iguais nas três conjugações: ∅, **s**, ∅, **mos**, **is**, **m**.
161. ( ) As desinências temporais são as mesmas nas três conjugações (**ra**), e trocam o **a** por **e** apenas antes de **i**.
162. ( ) A desinência temporal **ra** indica que a ação foi praticada antes de outra ação praticada no passado.
163. ( ) O pretérito mais-que-perfeito se forma tirando-se o **m** final da 3ª pessoa do plural do pretérito perfeito (amara~~m~~, vendera~~m~~, partira~~m~~).

Futuro do presente do indicativo

amar	**ei**	vender	**ei**	partir	**ei**
amar	**ás**	vender	**ás**	partir	**ás**
amar	**á**	vender	**á**	partir	**á**
amar	**emos**	vender	**emos**	partir	**emos**
amar	**eis**	vender	**eis**	partir	**eis**
amar	**ão**	vender	**ão**	partir	**ão**

Prática

■ Leia três vezes em voz alta o quadro acima, observe-o atentamente e responda **C** ou **E**.

164. ( ) No futuro do presente do indicativo, as terminações são exatamente iguais nas três conjugações: **ei**, **ás**, **á**, **emos**, **eis**, **ão**.
165. ( ) Antigamente conjugava-se o verbo haver assim: **hei**, **hás**, **há**, **hemos**, **heis**, **hão**.
166. ( ) Pode-se perceber que o futuro do presente é infinitivo seguido do verbo haver no presente: **amar+hei**, **amar+hás**, **amar+há**, ... **amar+hão**, não se escrevendo o **h** porque não é pronunciado.

167. ( ) Também hoje se constrói o futuro com o presente do verbo haver + o infinitivo de outro verbo: **hei de amar**, **hás de amar**, **há de amar**...

168. ( ) O verbo **ir** também auxilia na formação de futuro: **vou** amar, **vais** amar, **vai** amar...

Futuro do pretérito do indicativo								
amar	**ia**		vender	**ia**		partir	**ia**	
amar	**ia**	**s**	vender	**ia**	**s**	partir	**ia**	**s**
amar	**ia**		vender	**ia**		partir	**ia**	
amar	**ía**	**mos**	vender	**ía**	**mos**	partir	**ía**	**mos**
amar	**íe**	**is**	vender	**íe**	**is**	partir	**íe**	**is**
amar	**ia**	**m**	vender	**ia**	**m**	partir	**ia**	**m**

Prática

■ Leia três vezes em voz alta o quadro acima, observe-o atentamente e responda **C** ou **E**.

169. ( ) No futuro do pretérito, após o **r** do infinitivo, as terminações são exatamente iguais nas três conjugações: **ia**, **ias**, **ia**, **íamos**, **íeis**, **iam**.

170. ( ) Só antes de **i** é que o **a** das terminações se transforma em **e**.

171. ( ) As terminações do futuro do pretérito se confundem com o imperfeito do verbo ir: **ia**, **ias**, **ia**, **íamos**, **íeis**, **iam**.

172. ( ) Pode-se fazer o futuro do pretérito com o imperfeito do verbo ir, antes do infinitivo: ia amar, ias amar, ia amar... (= amaria, amarias, amaria...).

O modo indicativo tem seis tempos:

Pretérito Perfeito	Presente	Futuro do Presente
Pretérito Imperfeito		
Pretérito Mais-que-perfeito		
Futuro do Pretérito		

Modo subjuntivo

Presente do subjuntivo (que eu...)								
am	**e**		vend	**a**		part	**a**	
am	**e**	**s**	vend	**a**	**s**	part	**a**	**s**
am	**e**		vend	**a**		part	**a**	
am	**e**	**mos**	vend	**a**	**mos**	part	**a**	**mos**
am	**e**	**is**	vend	**a**	**is**	part	**a**	**is**
am	**e**	**m**	vend	**a**	**m**	part	**a**	**m**

Prática

■ Sobre o presente do subjuntivo, assinale **C** ou **E**.

173. ( ) Na primeira conjugação, forma-se o presente do subjuntivo trocando-se o **o** da primeira pessoa do singular do presente do indicativo (am-**o**) por **e** (am**e**), que se repete em todas as pessoas.

174. ( ) Na segunda e na terceira conjugações, o presente do subjuntivo se forma trocando-se o **o** da primeira pessoa do presente do indicativo (vend**o**, part**o**) por **a**, (vend**a**, part**a**), que se mantém em todas as demais pessoas.

175. ( ) Nas três conjugações, as desinências pessoais são as mesmas (∅, **s**, ∅, **mos**, **is**, **m**).

176. ( ) O fato de a conjugação do presente do subjuntivo começar com **que eu...** significa que é usado como ideia secundária ou subordinada.

Pretérito imperfeito do subjuntivo (se eu...)		
ama **sse**	vende **sse**	parti **sse**
ama **sse s**	vende **sse s**	parti **sse s**
ama **sse**	vende **sse**	parti **sse**
amá **sse mos**	vendê **sse mos**	partí **sse mos**
amá **sse is**	vendê **sse is**	partí **sse is**
ama **sse m**	vende **sse m**	parti **sse m**

Prática

■ Relativamente ao pretérito imperfeito do subjuntivo, assinale **C** ou **E**.

177. ( ) Indica ação concluída do passado.

178. ( ) Nas três conjugações, é representado pela desinência temporal **sse**, que se mantém em todas as pessoas.

179. ( ) Nas três conjugações, as desinências pessoais são as mesmas (∅, **s**, ∅, **mos**, **is**, **m**).

180. ( ) É derivado da 3ª pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo, trocando-se o **ram** por **sse** (amar~~am~~ + sse; vender~~am~~ + sse; partir~~am~~ + sse).

181. ( ) O fato de começar com um **se** (se eu amasse...) pressupõe pertencer a uma oração subordinada.

Futuro do subjuntivo (quando eu...)		
ama **r**	vende **r**	parti **r**
ama **r es**	vende **r es**	parti **r es**
ama **r**	vende **r**	parti **r**
ama **r mos**	vende **r mos**	parti **r mos**
ama **r des**	vende **r des**	parti **r des**
ama **r em**	vende **r em**	parti **r em**

Prática

■ Em relação ao futuro do subjuntivo, assinale **C** ou **E**.

182. ( ) É também derivado da 3ª pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo, de que se tira a terminação **am** (amar~~am~~, vender~~am~~, partir~~am~~).

183. ( ) Nas três conjugações, usam-se as mesmas desinências pessoais (∅, **s**, ∅, **mos**, **des**, **em**).

184. ( ) Sua conjugação começa com um **quando** (quando eu chegar...), o que indica pertencer a uma ideia subordinada, e não principal.

185. ( ) É sempre igual ao infinitivo (**amar**: quando eu amar; **vender**: quando eu vender; **partir**: quando eu partir).

Modo imperativo

Afirmativo											
am	**a**		(tu)	vend	**e**		(tu)	part	**e**		(tu)
am	**e**		(você)	vend	**a**		(você)	part	**a**		(você)
am	**e**	**mos**	(nós)	vend	**a**	**mos**	(nós)	part	**a**	**mos**	(nós)
am	**a**	**i**	(vós)	vend	**e**	**i**	(vós)	part	**i**		(vós)
am	**e**	**m**	(vocês)	vend	**a**	**m**	(vocês)	part	**a**	**m**	(vocês)

Negativo											
não ame	**s**		(tu)	não venda	**s**		(tu)	não parta	**s**		(tu)
não ame			(você)	não venda			(você)	não parta			(você)
não ame	**mos**		(nós)	não venda	**mos**		(nós)	não parta	**mos**		(nós)
não ame	**is**		(vós)	não venda	**is**		(vós)	não parta	**is**		(vós)
não ame	**m**		(vocês)	não venda	**m**		(vocês)	não parta	**m**		(vocês)

Prática

■ Em referência ao imperativo, assinale **C** ou **E**.

186. ( ) Não possui 1ª pessoa do singular.

187. ( ) No quadro anterior, os sujeitos aparecem entre parênteses, porque, na verdade, não são pronunciados. Estão normalmente subentendidos.

188. ( ) Os sujeitos são sempre receptores.

189. ( ) O sujeito de **amemos** é o emissor.

Os sujeitos de **estudemos** nas frases seguintes referem-se a diferentes pessoas do discurso.

I – Ela quer que estudemos.

II – Estudemos, para saber.

■ Assinale **C** ou **E**.

190. ( ) Em I, o verbo está no presente do subjuntivo e refere-se a emissor (eu) e receptor (tu, vós, você...), podendo até incluir o referente (ela).
191. ( ) Em II, o verbo está no imperativo e coloca o emissor (eu) junto com o receptor (tu, vós, você...), mas não inclui o referente (ele, ela...)
192. ( ) No imperativo, o sujeito é sempre o receptor (a pessoa com quem se fala), pois, mesmo quando se usa o **nós**, é para convencer o receptor a tomar alguma atitude: "Estudemos para saber."

FORMAS NOMINAIS DO VERBO

Observe o quadro, leia as frases a seguir e responda **C** ou **E**.

INFINITIVO Funciona como substantivo	**IMPESSOAL** (sem sujeito)	**Viver** é **lutar**.
	PESSOAL (com sujeito)	Flexionado: É bom **estudares** (tu). Não flexionado: Estudamos para **vencer** (nós).
GERÚNDIO Funciona como adjetivo ou advérbio		Usava um pano **cobrindo** o rosto. ↳ que cobria... (oração adjetiva) **Lutando**, conseguiremos. ↳ se lutarmos (oração adverbial)
PARTICÍPIO Funciona como adjetivo ou forma tempo composto como verbo principal		O rapaz, **apaixonado**, confessou ↳ adjetivo que **tinha escrito** a poesia. ↳ particípio do verbo principal (tempo composto)

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

193. ( ) **Infinitivo**, **gerúndio** e **particípio** são formas nominais dos verbos.
194. ( ) **Indicativo**, **subjuntivo** e **imperativo**, consequentemente, são formas verbais.
195. ( ) As formas nominais do verbo são assim chamadas porque podem funcionar como **nomes** (substantivo, adjetivo, advérbio).
196. ( ) O **particípio** é usado na formação dos tempos compostos.
197. ( ) "Ela foi **escolhida**". A palavra destacada é um adjetivo.
198. ( ) A palavra destacada no item anterior é um **particípio** formando uma voz passiva com o verbo auxiliar **ser**.

Prática

■ Leia em voz alta três vezes o quadro a seguir, para treinar o ouvido, e assinale **C** ou **E** nas afirmações seguintes.

Formas nominais

Infinitivo impessoal					
ama	**r**	vende	**r**	parti	**r**

Infinitivo pessoal					
ama	**r**	vende	**r**	parti	**r**
ama	**r es**	vende	**r es**	parti	**r es**
ama	**r**	vende	**r**	parti	**r**
ama	**r mos**	vende	**r mos**	parti	**r mos**
ama	**r des**	vende	**r des**	parti	**r des**
ama	**r em**	vende	**r em**	parti	**r em**

Gerúndio					
ama	**ndo**	vende	**ndo**	parti	**ndo**

Particípio					
ama	**do**	vendi	**do**	parti	**do**

"**Amar**, **vender** e **partir** é sempre bom."

199. ( ) Os verbos em negrito da frase acima estão no infinitivo impessoal.
200. ( ) O infinitivo sugere ações desvinculadas da ideia de tempo (presente, pretérito, futuro), isto é, as ações são postas na atemporalidade.
201. ( ) Quando se diz que o infinitivo é impessoal, é porque não indica o sujeito da ação.

"**Partires** é bom."

202. ( ) O verbo em negrito da frase acima está no infinitivo pessoal.
203. ( ) Infinitivo, porque não delimita a ação no tempo.
204. ( ) **Pessoal**, porque indica o sujeito (tu).

205. ( ) No infinitivo pessoal, nas três conjugações, as desinências pessoais são as mesmas.
206. ( ) A desinência que marca o infinitivo, nas três conjugações, é **r**, em todos os verbos, regulares e irregulares.

"Ele encontrou os rapazes **chorando**."

207. ( ) O verbo em negrito está no gerúndio.
208. ( ) O gerúndio indica um tempo definido e estático.
209. ( ) O gerúndio, como o infinitivo, indica tempo em desenvolvimento, em andamento.
210. ( ) A desinência que marca o gerúndio é **ndo**, para as três conjugações, em todos os verbos, regulares ou irregulares.

"Ele encontrou os inimigos **reunidos**."

211. ( ) O verbo negritado está no particípio.
212. ( ) A desinência indicadora de particípio, nos verbos regulares, é **do**.
213. ( ) O particípio funciona como adjetivo e varia em gênero e número.
214. ( ) Trata-se da única forma do verbo que varia em gênero.

CONJUGAÇÃO DOS VERBOS TER, HAVER, SER E ESTAR

Antes de estudar os tempos compostos, é importantíssimo saber a conjugação de quatro verbos que costumam aparecer como auxiliares: **ter**, **haver**, **ser** e **estar**. Conjugue-os em voz alta três vezes para educar o ouvido.

Modo indicativo

Presente do indicativo			
tenho	hei	sou	estou
tens	hás	és	estás
tem	há	é	está
temos	havemos	somos	estamos
tendes	haveis	sois	estais
têm	hão	são	estão

Pretérito imperfeito do indicativo			
tinha	havia	era	estava
tinhas	havias	eras	estavas
tinha	havia	era	estava
tínhamos	havíamos	éramos	estávamos
tínheis	havíeis	éreis	estáveis
tinham	haviam	eram	estavam

Pretérito perfeito do indicativo			
tive	houve	fui	estive
tiveste	houveste	foste	estiveste
teve	houve	foi	esteve
tivemos	houvemos	fomos	estivemos
tivestes	houvestes	fostes	estivestes
tiveram	houveram	foram	estiveram

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo			
tivera	houvera	fora	estivera
tiveras	houveras	foras	estiveras
tivera	houvera	fora	estivera
tivéramos	houvéramos	fôramos	estivéramos
tivéreis	houvéreis	fôreis	estivéreis
tiveram	houveram	foram	estiveram

Futuro do pretérito do indicativo			
teria	haveria	seria	estaria
terias	haverias	serias	estarias
teria	haveria	seria	estaria
teríamos	haveríamos	seríamos	estaríamos
teríeis	haveríeis	seríeis	estaríeis
teriam	haveriam	seriam	estariam

Futuro do presente do indicativo			
terei	haverei	serei	estarei
terás	haverás	serás	estarás
terá	haverá	será	estará
teremos	haveremos	seremos	estaremos
tereis	havereis	sereis	estareis
terão	haverão	serão	estarão

Modo subjuntivo

Presente do subjuntivo			
tenha	haja	seja	esteja
tenhas	hajas	sejas	estejas
tenha	haja	seja	esteja
tenhamos	hajamos	sejamos	estejamos
tenhais	hajais	sejais	estejais
tenham	hajam	sejam	estejam

Pretérito imperfeito do subjuntivo			
tivesse	houvesse	fosse	estivesse
tivesses	houvesses	fosses	estivesses
tivesse	houvesse	fosse	estivesse
tivéssemos	houvéssemos	fôssemos	estivéssemos
tivésseis	houvésseis	fôsseis	estivéssseis
tivessem	houvessem	fossem	estivessem

Futuro do subjuntivo			
tiver	houver	for	estiver
tiveres	houveres	fores	estiveres
tiver	houver	for	estiver
tivermos	houvermos	formos	estivermos
tiverdes	houverdes	fordes	estiverdes
tiverem	houverem	forem	estiverem

Modo imperativo

Afirmativo			
tem (tu)	(desusado)	sê (tu)	está (tu)
tenha (você)	haja (você)	seja (você)	esteja (você)
tenhamos (nós)	hajamos (nós)	sejamos (nós)	estejamos (nós)
tende (vós)	havei (vós)	sede (vós)	estai (vós)
tenham (vocês)	hajam (vocês)	sejam (vocês)	estejam (vocês)

Negativo	
não tenhas (tu)	não sejas (tu)
não tenha (você)	não seja (você)
não tenhamos (nós)	não sejamos (nós)
não tenhais (vós)	não sejais (vós)
não tenham (vocês)	não sejam (vocês)
não hajas (tu)	não estejas (tu)
não haja (você)	não esteja (você)
não hajamos (nós)	não estejamos (nós)
não hajais (vós)	não estejais (vós)
não hajam (vocês)	não estejam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal			
ter	haver	ser	estar

Infinitivo pessoal			
ter	haver	ser	estar
teres	haveres	seres	estares
ter	haver	ser	estar
termos	havermos	sermos	estarmos
terdes	haverdes	serdes	estardes
terem	haverem	serem	estarem

Gerúndio			
tendo	havendo	sendo	estando

Particípio			
tido	havido	sido	estado

Uso de ter, haver, ser e estar como auxiliares

Prática

■ Observe as frases e responda **C** ou **E**.

I – Ele havia adquirido um belo relógio.
II – Ele tem escrito belos poemas.
III – Ela foi cercada pelos colegas.
IV – Ela estava cercada pelos colegas.

215. ( ) Em I e II, os auxiliares **haver** e **ter** são formadores de voz passiva, porque os sujeitos recebem a ação verbal.
216. ( ) Em III e IV, os auxiliares **ser** e **estar** formam voz passiva.
217. ( ) **ter** e **haver** são auxiliares de voz ativa; **ser** auxilia na formação de voz passiva.
218. ( ) O auxiliar **estar** não forma voz passiva, mas pode conferir à frase noção de passividade: **Ela estava cercada**.

Ter e **haver** auxiliam a formação de tempos compostos de voz ativa. **Ser** é o verbo escolhido para auxiliar a formação da voz passiva. O verbo **estar**, quando auxiliar, introduz noção de passividade na frase.

PARADIGMA DAS TRÊS CONJUGAÇÕES REGULARES – TEMPOS COMPOSTOS

Modelos: **ter amado; ter vendido; ter partido**.

Modo indicativo

Perfeito *(pres. + particípio)*		
tenho amado	tenho vendido	tenho partido

Mais-que-perfeito *(imperf. + particípio)*		
tinha amado	tinha vendido	tinha partido

Futuro do presente *(fut. + particípio)*		
terei amado	terei vendido	terei partido

Futuro do pretérito *(fut. pret. + particípio)*		
teria amado	teria vendido	teria partido

Modo subjuntivo

Mais-que-perfeito *(imperf. + particípio)*		
tivesse amado	tivesse vendido	tivesse partido

Futuro *(fut. + particípio)*		
tiver amado	tiver vendido	tiver partido

Prática

■ Observe os dois quadros anteriores e responda **C** ou **E**.

219. ( ) Os tempos compostos de voz ativa constroem-se com o verbo auxiliar **ter** seguido do particípio do verbo principal.

220. ( ) **Tenho vendido** é exemplo de pretérito perfeito composto, mas sugere uma ação que se repete até o presente.

221. ( ) "Quando cheguei, você **tinha saído**." "Quando eu cheguei, você **saíra**." Os dois verbos destacados estão no mais-que-perfeito.
222. ( ) O mais-que-perfeito composto se constrói com o auxiliar no imperfeito.
223. ( ) **Tinha saído** é hoje muito mais usado que **saíra**.
224. ( ) Os futuros compostos têm o auxiliar no futuro: o futuro do presente apresenta auxiliar no futuro do presente; o futuro do pretérito usa o auxiliar no futuro do pretérito.

PARADIGMA DA VOZ PASSIVA

Modelo: **ser amado**

Modo Indicativo

Presente	Pretérito imperfeito
sou amado(a)	era amado(a)
és amado(a)	eras amado(a)
é amado(a)	era amado(a)
somos amados(as)	éramos amados(as)
sois amados(as)	éreis amados(as)
são amados(as)	eram amados(as)

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

225. ( ) A voz passiva se faz com o verbo auxiliar **ser** e o particípio do verbo principal.
226. ( ) Os tempos da voz passiva, quando formados com mais de um verbo, são tempos compostos.
227. ( ) Na voz passiva, define-se o tempo pelo verbo auxiliar.
228. ( ) Na voz passiva, o particípio varia em gênero e número (amado/a/s) para concordar com o sujeito.

Continue a observar a formação dos tempos na voz passiva, que podem ter o verbo auxiliar em tempo simples ou composto.

Modo Indicativo

Pretérito perfeito (auxiliar simples)	Pretérito perfeito (auxiliar composto)
fui amado(a)	tenho sido amado(a)
foste amado(a)	tens sido amado(a)
foi amado(a)	tem sido amado(a)
fomos amados(as)	temos sido amados(as)
fostes amados(as)	tendes sido amados(as)
foram amados(as)	têm sido amados(as)

Pretérito mais-que-perfeito (auxiliar simples)	Pretérito mais-que-perfeito (auxiliar composto)
fora amado(a)	tinha sido amado(a)
foras amado(a)	tinhas sido amado(a)
fora amado(a)	tinha sido amado(a)
fôramos amados(as)	tínhamos sido amados(as)
fôreis amados(as)	tínheis sido amados(as)
foram amados(as)	tinham sido amados(as)

Futuro do pretérito (auxiliar simples)	Futuro do pretérito (auxiliar composto)
seria amado(a)	teria sido amado(a)
serias amado(a)	terias sido amado(a)
seria amado(a)	teria sido amado(a)
seríamos amados(as)	teríamos sido amados(as)
seríeis amados(as)	teríeis sido amados(as)
seriam amados(as)	teriam sido amados(as)

Futuro do presente (auxiliar simples)	Futuro do presente (auxiliar composto)
serei amado(a)	terei sido amado(a)
serás amado(a)	terás sido amado(a)
será amado(a)	terá sido amado(a)
seremos amados(as)	teremos sido amados(as)
sereis amados(as)	tereis sido amados(as)
serão amados(as)	terão sido amados(as)

Modo Subjuntivo

Presente	Pretérito imperfeito
seja amado(a)	fosse amado(a)
sejas amado(a)	fosses amado(a)
seja amado(a)	fosse amado(a)
sejamos amados(as)	fôssemos amados(as)
sejais amados(as)	fôsseis amados(as)
sejam amados(as)	fossem amados(as)

Pretérito perfeito	Pretérito mais-que-perfeito
tenha sido amado(a)	tivesse sido amado(a)
tenhas sido amado(a)	tivesses sido amado(a)
tenha sido amado(a)	tivesse sido amado(a)
tenhamos sido amados(as)	tivéssemos sido amados(as)
tenhais sido amados(as)	tivésseis sido amados(as)
tenham sido amados(as)	tivessem sido amados(as)

Futuro (auxiliar simples)	Futuro (auxiliar composto)
for amado(a)	tiver sido amado(a)
fores amado(a)	tiveres sido amado(a)
for amado(a)	tiver sido amado(a)
formos amados(as)	tivermos sido amados(as)
fordes amados(as)	tiverdes sido amados(as)
forem amados(as)	tiverem sido amados(as)

Formas nominais

Infinitivo impessoal presente	Infinitivo impessoal pretérito
ser amado(a)	ter sido amado(a)

Infinitivo pessoal presente	Infinitivo pessoal pretérito
ser amado(a)	ter sido amado(a)
seres amado(a)	teres sido amado(a)
ser amado(a)	ter sido amado(a)
sermos amados(as)	termos sido amados(as)
serdes amados(as)	terdes sido amados(as)
serem amados(as)	terem sido amados(as)

Gerúndio presente	Gerúndio pretérito
sendo amado(a)(os)(as)	tendo sido amado(a)(os)(as)

Particípio
amado(a)(os)(as)

Prática

■ Observando o paradigma visto de conjugação da voz passiva, responda **C** ou **E**.

229. ( ) A única forma simples da voz passiva analítica é o particípio.
230. ( ) Em todas as demais formas, a voz passiva analítica é composta por dois ou mais verbos.

■ Compare as duas formas seguintes e responda **C** ou **E**.

I – É melhor **ser amado** que **estar sendo amado**.
II – Eu não **estou sendo amado**, eu **sou amado**.

231. ( ) Em todas as formas, o verbo **ser** é responsável pela formação da voz passiva.
232. ( ) Em II, as ações estão sendo consideradas no presente.
233. ( ) Em II, **estou sendo** e **sou** têm o mesmo sentido.
234. ( ) **Sou amado** traz noção de continuidade, enquanto **estou sendo amado** conota transitoriedade.
235. ( ) Em I, acontece a mesma ideia. O verbo **estar** contribui com a noção de transitoriedade, momentaneidade, e o **ser** transmite continuidade, permanência.

FORMAS RIZOTÔNICAS E ARRIZOTÔNICAS

Prática

■ Compare os quadros e assinale **C** ou **E**.

RADICAL	DESINÊNCIA	RADICAL	DESINÊNCIA
est**u**d	o	estud	**a**mos
est**u**d	as	estud	**a**is
est**u**d	a/am		
RIZOTÔNICAS		ARRIZOTÔNICAS	

236. ( ) **riz(o)** significa **raiz**, **radical**.
237. ( ) **Radical**, ou **raiz**, é onde reside o significado-base da palavra.
238. ( ) **Tônico** significa **forte**.
239. ( ) **Rizotônica** significa que a **vogal tônica está dentro do radical**.
240. ( ) **Arrizotônica** é a forma que tem a **vogal tônica fora do radical**.

Formas rizotônicas são as que apresentam vogal tônica no radical (**a**m-o, **a**m-as). Formas arrizotônicas são as que têm a vogal tônica fora do radical (am-**e**i, am-**a**mos).

DEFINIÇÃO ABRANGENTE DE VERBO

Verbo é a palavra que apresenta o maior número de variações (pessoa, número, tempo, modo, voz) e exprime ideia de ação, estado ou fenômeno.

LOCUÇÃO VERBAL

Verbos auxiliares e verbo principal

VERBOS AUXILIARES	+	VERBO PRINCIPAL	
Vou		amando	gerúndio
Estarei		chegando	
Vais		entender	infinitivo
Teria	de	aprender	
Fiquei	a	observar	
Deverei ter		passado	particípio
Podemos ter sido		aprovados	

Prática

Assinale **C** ou **E** em relação ao quadro anterior.

241. ( ) "Vou amando", "Teria de aprender", "Podemos ter sido aprovados": cada um desses conjuntos de dois ou mais verbos funciona como se fosse um verbo só.
242. ( ) Cada locução verbal apresenta uma só palavra (verbo) como principal.
243. ( ) Na locução verbal, pode haver um ou mais verbo(s) auxiliar(es).
244. ( ) As locuções verbais podem ter ou não a presença de preposição.
245. ( ) Em locução verbal, o verbo principal estará no gerúndio, no infinitivo ou no particípio.
246. ( ) Em "Podemos ter **sido** aprovados", o verbo em negrito é o verbo principal.
247. ( ) O verbo **ser** na locução verbal é indicador de voz passiva.
248. ( ) São locuções verbais: começou a chorar, andou falando, deixou de falar, acabou-se convencendo, voltou a incomodar, podia supor, pôs-se a cantar, tornou a sorrir, vai começar a amar.

Locução verbal: dois ou mais verbos com ideia de um só verbo.

FORMAÇÃO DOS TEMPOS E MODOS

Derivado do presente do indicativo

Presente do subjuntivo

TEMPO PRIMITIVO	→	TEMPO DERIVADO
PRESENTE DO INDICATIVO		PRESENTE DO SUBJUNTIVO

1ª pessoa do singular			
~~o~~	→	**e** 1ª conj.	**a** 2ª e 3ª conj.

Prática

■ Preencha as lacunas.

		am**ar**	**ler**	fug**ir**
		eu amo	eu leio	eu fujo
249.	que eu	am _____	lei _____	fuj _____
250.	que tu	am _____	lei _____	fuj _____
251.	que ele	am _____	lei _____	fuj _____
252.	que nós	am _____	lei _____	fuj _____
253.	que vós	am _____	lei _____	fuj _____
254.	que eles	am _____	lei _____	fuj _____

O presente do subjuntivo se forma do presente do indicativo. Na primeira conjugação, o **o** do presente do indicativo se transforma em **e** (cont**o** → cont**e**); na segunda e na terceira conjugação, o **o** do indicativo vira **a** (tenh**o** → tenh**a**; sai**o** → sai**a**).

Derivados dos presentes do indicativo e do subjuntivo

Imperativos afirmativo e negativo

	Primitivo	Modo derivado		Primitivo
		Imperativo		
	Presente do indicativo	Afirmativo	Negativo	Presente do subjuntivo
1ª	eu amo	———	———	ame
2ª	tu amas (~~s~~)	ama (tu)	não ames (tu)	ames
3ª	ele ama	ame (você)	não ame (você)	ame
1ª	nós amamos	amemos (nós)	não amemos (nós)	amemos
2ª	vós amais (~~s~~)	amai (vós)	não ameis (vós)	ameis
3ª	eles amam	amem (vocês)	não amem (vocês)	amem

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, em relação ao quadro anterior.

255. ( ) O **imperativo afirmativo** deriva do presente do indicativo e do presente do subjuntivo.
256. ( ) No **imperativo**, não há 1ª pessoa.
257. ( ) No **imperativo**, não há 1ª pessoa do singular, porque ninguém dá ordem a si mesmo.
258. ( ) No imperativo, o **nós** representa o(s) receptor(es) e inclui o emissor. "Comecemos por aqui".
259. ( ) No imperativo, **não existe sujeito ele(s)**, porque não se dá ordem diretamente à pessoa de quem se fala.
260. ( ) Os sujeitos do imperativo são sempre **receptores**.
261. ( ) O **imperativo negativo** deriva do presente do indicativo e do presente do subjuntivo.
262. ( ) **Tu** e **vós** do **imperativo afirmativo** se originam de **tu** e **vós** do presente do indicativo, eliminado-se o **s** final.
263. ( ) As demais pessoas do **imperativo afirmativo** (**você**, **nós**, **vocês**) são iguais ao **presente do subjuntivo**.
264. ( ) Todo o **imperativo negativo** é igualzinho ao presente do subjuntivo.

No imperativo, não há primeira pessoa do singular.
No **imperativo afirmativo**, **tu** e **vós** são iguais ao tu e vós do presente do indicativo, sem os **s** finais: amas~~s~~ → ama; amais~~s~~ → amai.
No **imperativo negativo**, todas as pessoas são iguais às do presente do subjuntivo.

■ Forme o imperativo do verbo.

	correr			
265. (tu)	_____	não	_____	(tu)
266. (você)	_____	não	_____	(você)
267. (nós)	_____	não	_____	(nós)
268. (vós)	_____	não	_____	(vós)
269. (vocês)	_____	não	_____	(vocês)

270. Passe para a **3ª do singular**.
Namora, vibra, corre, pula, diverte-te à vontade.
Resp.: _____

271. Passe a frase anterior para o **negativo** (2ª pessoa do singular).
Resp.: _____

272. Passe para a 2ª do **plural**.
Divirta-se, mas não se esgote.
Resp.: _____

Derivados do pretérito perfeito

Mais-que-perfeito do indicativo, futuro e imperfeito do subjuntivo

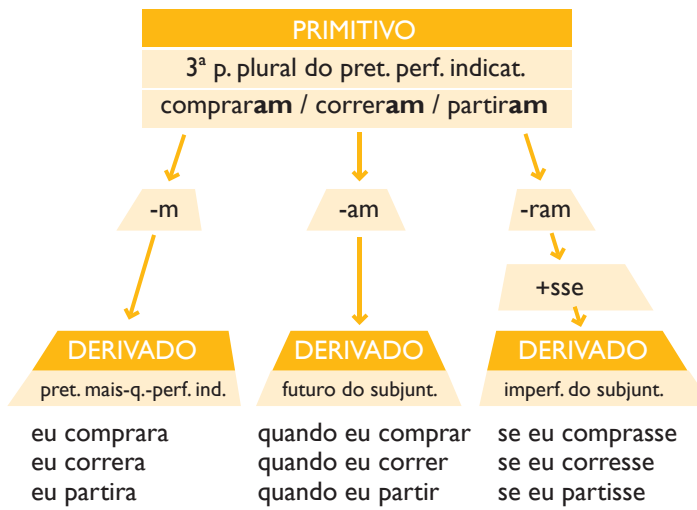

Prática

■ Observe o quadro anterior e conjugue o verbo **poder** nos seguintes tempos e modos.

	Pret. mais-que-perf. ind.	Futuro do subjuntivo	Imperf. do subjuntivo
273. eu	_____	_____	_____
274. tu	_____	_____	_____
275. ele	_____	_____	_____
276. nós	_____	_____	_____
277. vós	_____	_____	_____
278. eles	_____	_____	_____

■ Conjugue os verbos relacionados na **primeira pessoa do singular**.

	Pret. mais-que-perf. ind.	Futuro do subjuntivo	Imperf. do subjuntivo
279. querer	_____	_____	_____
280. ver	_____	_____	_____
281. vir	_____	_____	_____
282. haver	_____	_____	_____
283. caber	_____	_____	_____

Tempos derivados da 3ª pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo:
Mais-que-perfeito do indicativo: forma-se com a queda do **m** da 3ª p. plural (amaram ➜ amara);
Futuro do subjuntivo: forma-se com a queda do **am** da 3ª p. plural (amaram ➜ quando eu amar);
Imperfeito do subjuntivo: forma-se trocando o **ram** da 3ª p. plural por **-sse** (amaram ➜ ama**sse**).

Derivados do infinitivo impessoal

PRIMITIVO	Processo de derivação			DERIVADOS
INFINITIVO IMPESSOAL comprar/correr/partir	**RADICAL**			IMPERF. (indicativo)
	compr	+ ava	=	1ª conj. compr**ava**
	corr part	+ ia	=	2ª conj. corr**ia** 3ª conj. part**ia**
	+ ei	=		FUT. DO PRESENTE (indicativo) compraré**i** / correre**i** / partire**i**
	+ ia	=		FUT. DO PRETÉRITO (indicativo) compra**ria** / corre**ria** / parti**ria**
	RADICAL			PARTICÍPIO
	compr	+ ado	=	1ª conj. compr**ado**
	corr part	+ ido	=	2ª conj. corr**ido** 3ª conj. part**ido**
	TEMA			GERÚNDIO
	compra corre parti	+ ndo	=	compra**ndo** corre**ndo** parti**ndo**
	+ Desinência número-pessoal		=	INFINITIVO PESSOAL comprar (eu) compra**res** (tu) comprar (ele) compra**rmos** (nós) compra**rdes** (vós) compra**rem** (eles)

Prática

■ Conjugue em voz alta os verbos **estudar**, **entender** e **suprir** nos tempos:

1) PRET. IMPERFEITO DO INDICATIVO	4) PARTICÍPIO
2) FUTURO DO PRESENTE DO INDICATIVO	5) GERÚNDIO
3) FUTURO DO PRETÉRITO	6) INFINITIVO PESSOAL

CLASSIFICAÇÃO DO VERBO QUANTO AO MODELO DE CONJUGAÇÃO

Verbo regular

Segue o modelo ou paradigma de sua conjugação: **amar**, **vender**, **partir**.

Verbo irregular

Foge ao modelo de sua conjugação: **ouvir**: ou**ço**; **estar**: est**ou**; **ir**: **vou**.

Irregularidade e variação gráfica

Prática

■ Observe e responda **C** ou **E**.

Fiquei sem poder ficar.
Cheguei sem poder chegar.
Extingo sem poder extiguir.

284. ( ) No verbo **ficar**, o **c** se transforma em **qu** antes de **e**, para mostrar que a pronúncia não muda.
285. ( ) No verbo **chegar**, o **g** se transforma em **gu** antes de **e**, para representar a mesma pronúncia.
286. ( ) No verbo **extinguir**, o **gu** se transforma em **g** antes de **o** ou **a**, porque a pronúncia não se altera.
287. ( ) Nos casos vistos, a variação gráfica serve para confirmar a regularidade da pronúncia de verbos regulares.
288. ( ) É o mesmo que acontece com **atiçar**, que perde a cedilha em **aticemos**.

Na 1ª conjugação, radicais terminados em **c**, **ç** e **g** transformam essas letras em **qu**, **c** e **gu** antes de **e**.
Na 2ª e na 3ª conjugação, radicais terminados em **c**, **g** e **qu** trocam essas letras por **qu**, **gu** e **c** antes de **a** e **o**.
Tais variações gráficas existem para comprovar a regularidade desses verbos.

Metafonia ou alteração de timbre vocálico

Prática

■ Observe a pronúncia das vogais destacadas e responda **C** ou **E**.
l**e**vo, l**e**vais;
f**e**rvo, f**e**rves.

289. ( ) Em **levo** e **fervo**, as vogais do radical são abertas.
290. ( ) Em **levo** e **ferves**, as vogais dos radicais são abertas.
291. ( ) Em **levais** e **levo**, a vogal **e** do radical altera timbre fechado com timbre aberto.
292. ( ) Não há alteração de timbre vocálico entre as formas **fervo** e **ferves**.
293. ( ) **levas**, **levo**, **fervo**, **ferves** são formas rizotônicas.
294. ( ) Nas formas rizotônicas, a variação de timbre vocálico é comum em Português e se chama **metafonia**.
295. ( ) A metafonia não é considerada irregularidade verbal.

Metafonia é alternância de timbre vocálico que ocorre nas formas rizotônicas: t**o**car: t**o**co; d**e**ver: d**e**ves; qu**e**rer: qu**e**ro.

Como saber se um verbo é regular

Para saber se um verbo é regular, basta conjugá-lo na 1ª pessoa do singular do presente e do pretérito perfeito do indicativo. Se nessas pessoas ele seguir o paradigma da sua conjugação, é um verbo regular.

Verbo anômalo

Apresenta mais de um radical: **ser**: sou, fui, era; **ir**: vou, fui, ia.

Há autores que consideram anômalos qualquer verbo que apresente fortes mudanças em seu radical. Por exemplo:

dar: **de**i, **dav**a, **dar**ei, **dad**o
ter: **tenh**o, **tiv**e, **ter**ei, **tid**o
haver: **he**i, **hav**ia, **hou**ve
poder: **poss**o, **pod**ia, **pud**e
vir: **venh**o, **vir**ei, **vi**er
ver: **vej**o, **v**i, verei, **vis**to
caber: **caib**o, **coub**e, **cab**ia
dizer: **dig**o, **diss**e, **diz**ia, **dit**o
saber: **sab**ia, **soub**e, saiba
pôr: **ponh**o, **pus**er, **por**ei

Verbo defectivo

Não tem todas as formas: **reaver**, **colorir**, **precaver-se**, **abolir**...

Verbo unipessoal

Só se conjuga na 3ª pessoa (singular e plural), como no caso das **vozes de animais: coaxa(m), crocita(m)**.

Verbo impessoal

Só se conjuga na 3ª pessoa, mas não tem sujeito:
Fenômenos naturais: **chove**, **amanhece**.
Haver com ideia de **existir**: **Há** soluções para tudo.
Alguns verbos relacionados a tempo: **Faz** dezoito anos que...

A respeito de defectivos, unipessoais e impessoais

Defectivos

São verbos em cuja conjugação faltam formas, por várias razões, entre as quais, cacofonia, modismo, significação. As listas desses verbos variam entre os autores, em função da época em que se constituíram os registros falados, do nível sociocultural e até econômico dos falantes, inclusive da visão política do gramático. Costumam ser divididos em cinco grupos:

1. **os que não aceitam o ou a após o radical**, por isso não têm a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, não têm todo o presente do subjuntivo, não têm a(s) pessoa(s) **você(s)** do imperativo afirmativo, não têm todo o imperativo negativo (*vide* **abolir**, **carpir**, **demolir**);

2. **os arrizotônicos da 3ª conjugação**, que só se conjugam nas formas em que ao radical se segue a letra **i**. Por isso, no presente do indicativo só têm as pessoas **nós** e **vós**; não têm todo o presente do subjuntivo; não têm imperativo negativo; do imperativo afirmativo, só têm a pessoa **vós** (*vide* **falir**, **florir**, **adir)**;

3. os que, pelo significado, **não podem ter imperativo** (*vide* **acontecer**, **caber**, **poder**);

4. os que, pelo significado, **só se conjugam na voz recíproca**, tendo, portanto, só as pessoas do plural: **entreolhamo-nos**, **entreolhais-vos**, **entreolham-se**;

5. **os que têm particularidades especiais** (*vide* **adequar**, **precaver-se**, **reaver**, **grassar**).

Unipessoais

São verbos conjugáveis só nas 3as pessoas, como as onomatopeias referentes às vozes dos animais, porque normalmente os animais são **referentes**, isto é, **seres de que se fala**.

Impessoais

São verbos que, conforme o prefixo **im** sugere, não têm pessoa, ou seja, não se referem a um sujeito. *Vide Análise Sintática Visual*, Quadro das Orações sem Sujeito.

As fronteiras entre esses três tipos de classificação são instáveis e polêmicas, o que evidencia certa postura subjetiva. A verdade é que a gramática, mesmo a normativa, deve estar atenta para não limitar ou tentar cercear a linguagem figurada, a licença poética, a criatividade de expressão, que podem reverter ou modificar a situação do verbo e até conjugá-lo em todos os tempos e modos:

O menino **choveu** na cama.
Eu **miei** de medo.
Caiba você nos nossos moldes, ou será demitido.

Verbo abundante

Tem, pelo menos, duas formas equivalentes:
aceitar: aceitado, aceito, aceite.
haver: havemos, hemos.
construir: constrói, construi.

A respeito de abundantes

1. A abundância acontece com mais frequência no particípio, com vários verbos apresentando um particípio regular (terminado em ado/ido) e um ou mais irregulares.
2. O particípio regular é invariável (**ele** tinha aceit**ado**; **elas** haviam aceit**ado**).
3. O particípio irregular varia em gênero e número: **ele** foi aceit**o**; **elas** foram aceit**as**.
4. O particípio irregular funciona como adjetivo também: regra **aceita**.
5. Quanto ao uso do particípio regular e do irregular, *vide* pág. 215.
6. Autores modernos têm dado preferência ao uso do particípio irregular, por ser mais sucinto, e têm-no usado indiferentemente para voz passiva ou ativa.

Relação de verbos abundantes no particípio

Não há unanimidade em relação às formas entre parênteses, que são vistas por alguns gramáticos como **adjetivos**.

absolver _____ absolvido, (absolto)
aceitar _____ aceitado, aceito, aceite
acender _____ acendido, aceso

anexar _____ anexado, (anexo)
assentar _____ assentado, assento, assente
benzer _____ benzido, bento
concluir _____ concluído, concluso
contundir _____ contundido, (contuso)
despertar _____ despertado, desperto
dispersar _____ dispersado, disperso
eleger _____ elegido, eleito
emergir _____ emergido, emerso
entregar _____ entregado, entregue
envolver _____ envolvido, envolto
enxugar _____ enxugado, enxuto
erigir _____ erigido, (ereto)
expelir _____ expelido, (expulso)
expressar _____ expressado, expresso
exprimir _____ exprimido, expresso
expulsar _____ expulsado, (expulso)
extinguir _____ extinguido, extinto
fartar _____ fartado, farto
findar _____ findado, findo
frigir _____ frigido, frito
ganhar _____ ganhado, ganho
gastar _____ gastado, gasto
imergir _____ imergido, imerso
imprimir _____ imprimido, impresso
incluir _____ incluído, (incluso)
incorrer _____ incorrido, (incurso)
inserir _____ inserido, inserto
insertar _____ insertado, (inserto)
isentar _____ isentado, isento
juntar _____ juntado, junto
limpar _____ limpado, limpo
matar _____ matado, morto
morrer _____ morrido, morto
nascer _____ nascido, (nado), (nato)
omitir _____ omitido, omisso
pagar _____ pagado, pago
pegar _____ pegado, pego (ê)
prender _____ prendido, preso
romper _____ rompido, (roto)
salvar _____ salvado, salvo
sepultar _____ sepultado, (sepulto)

soltar _____ soltado, solto
submergir _____ submergido, submerso
suprimir _____ suprimido, (supresso)
surpreender _____ surpreendido, surpreso
suspender _____ suspendido, suspenso
tingir _____ tingido, (tinto)

Prática

■ Qual a **1ª pessoa do singular** dos seguintes tempos dos verbos numerados? Na última coluna, ponha R, se for regular, e I, se irregular. Se o verbo for anômalo, considere-o irregular.

	INDICATIVO			
	Presente	Pretérito perfeito	Futuro do pretérito	R/I
296. agir				
297. caber				
298. crer				
299. enxaguar				
300. ir				
301. fazer				
302. mobiliar				
303. polir				
304. pular				
305. possuir				
306. poder				
307. querer				
308. requerer				
309. ser				
310. sumir				

Prática

■ Compare.

	PRES. INDICAT.	PRET. PERF. INDICAT.
1ª conj.	amo ≠ esto**u**	amei ≠ est**ive**
2ª conj.	corro ≠ tra**go**	corri ≠ tr**ouxe**
3ª conj.	parto ≠ pe**ço**	parti = pedi

■ Assinale **C** ou **E**, com base no quadro anterior.

311. ( ) **amar**, **correr** e **partir** são paradigmas das 1ª, 2ª e 3ª conjugações, respectivamente.
312. ( ) **estar** foge do paradigma, no presente e no perfeito do indicativo, por isso é irregular.
313. ( ) A irregularidade do verbo **estar**, no presente e no perfeito do indicativo, aparece no radical.
314. ( ) Em **estou** e **estive**, as desinências fogem do paradigma am**o**, am**ei**, e elas é que acusam a irregularidade.
315. ( ) Em **trazer**, **trago**, a mudança **z/g** mostra irregularidade no radical.
316. ( ) Em **trouxe**, há irregularidade no radical e na desinência. Se o verbo fosse regular, seria **trazi**.
317. ( ) **trarei** é forma regular.
318. ( ) **pedir** é irregular no pretérito perfeito.
319. ( ) **pedir** é irregular no futuro do presente.
320. ( ) Para saber se um verbo é **regular** ou **irregular**, não se precisa conjugá-lo todo. Basta conjugar, no indicativo, a 1ª do singular do presente e do pretérito perfeito.
321. ( ) **ser** e **ir** são anômalos porque têm mais de um radical primário ou raiz.
322. ( ) Alguns gramáticos consideram anômalos também verbos como **haver**, **vir** porque apresentam fortes mudanças nos seus radicais.
323. ( ) **Defectivo** é o verbo a que falta(m) forma(s).
324. ( ) **Abundante** é o verbo a que sobra(m) forma(s).
325. ( ) Nos tempos **compostos** ou **locuções verbais**, há dois ou mais verbos com valor de um só.
326. ( ) O verbo que, nas locuções verbais ou nos tempos compostos, mantém o seu significado-base chama-se **verbo principal**.

VERBO PRONOMINAL E VOZ REFLEXIVA

Prática

■ Compare os dois verbos e marque **C** ou **E**.

1. Eu me arrependi.
2. Eu me molhei.
3. Eu arrependi você.
4. Eu molhei você.

327. ( ) Em 1 e 2, as formas verbais parecem estar na voz reflexiva.
328. ( ) Em 2, o sujeito **eu** e o alvo **me** representam casualmente o mesmo ser; já em 4, o mesmo verbo molhar tem o sujeito **eu** e o alvo **você** representando seres diferentes.
329. ( ) O verbo **molhar** pode ser conjugado com pronome oblíquo átono, como em 2; mas também pode ser conjugado sem o oblíquo átono, como em 3.

330. ( ) O verbo **molhar**, em 2, está na voz reflexiva; em 4, na voz ativa.
331. ( ) O exemplo 3 foge à norma culta da Língua Portuguesa, porque o verbo **arrepender-se** só pode ser conjugado com o pronome oblíquo átono.
332. ( ) Deduz-se, dos exemplos 3 e 4, que **arrepender-se** é um verbo pronominal por essência, enquanto o **molhar** só tem a aparência de pronominal quando está conjugado na voz reflexiva ou recíproca (ex. 2).

■ Compare agora os exemplos e marque **C** ou **E**.

Eu **molho** a flor – Voz Ativa
Eu **sou molhado** por alguém – Voz Passiva
Eu **me molho** – Voz Reflexiva
Eu **arrependo** – Não existe
Eu **sou arrependido** por alguém – Não existe
Eu **me arrependo**.

333. ( ) Em **Eu me molho**, o verbo está na **voz reflexiva**, porque ele tem também as vozes **ativa** e **passiva**; e uma voz se define por oposição a outra.
334. ( ) Em **Eu me arrependo**, o verbo está numa forma única, que não pressupõe voz ativa, passiva ou reflexiva, por isso é um verbo pronominal.

Verbo Pronominal é o que **só** se conjuga acompanhado dos pronomes oblíquos átonos, na mesma pessoa do seu sujeito: **arrepender-se**, **ater-se**, **suicidar-se**.
Não confunda verbo pronominal com **voz reflexiva** de qualquer verbo: **cortar**, **ver**, **ferir**...

PARADIGMA DE CONJUGAÇÃO PRONOMINAL E REFLEXIVA

Modo indicativo

Presente do indicativo		
lavo-me	arrependo-me	saio-me
lavas-te	arrependes-te	sais-te
lava-se	arrepende-se	sai-se
lavamo-nos	arrependemo-nos	saímo-nos
lavais-vos	arrependeis-vos	saís-vos
lavam-se	arrependem-se	saem-se

Pretérito perfeito do indicativo

lavei-me	arrependi-me	saí-me
lavaste-te	arrependeste-te	saíste-te
lavou-se	arrependeu-se	saiu-se
lavamo-nos	arrependemo-nos	saímo-nos
lavastes-vos	arrependeis-vos	saístes-vos
lavaram-se	arrependem-se	saíram-se

tenho-me
tens-te
tem-se
temo-nos
tendes-vos
têm-se

lavado, arrependido, saído...

Pretérito imperfeito do indicativo

lavava-me	arrependia-me	saía-me
lavavas-te	arrependias-te	saías-te
lavava-se	arrependia-se	saía-se
lavávamo-nos	arrependíamo-nos	saíamo-nos
laváveis-vos	arrependíeis-vos	saíeis-vos
lavavam-se	arrependiam-se	saíam-se

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

lavara-me	arrependera-me	saíra-me
lavaras-te	arrependeras-te	saíras-te
lavara-se	arrependera-se	saíra-se
laváramo-nos	arrependêramo-nos	saíramo-nos
laváreis-vos	arrependêreis-vos	saíreis-vos
lavaram-se	arrependeram-se	saíram-se

tinha-me
tinhas-te
tinha-se
tínhamo-nos
tínheis-vos
tinham-se

lavado, arrependido, saído...

Futuro do pretérito do indicativo

lavar-me-ia	arrepender-me-ia	sair-me-ia
lavar-te-ias	arrepender-te-ias	sair-te-ias
lavar-se-ia	arrepender-se-ia	sair-se-ia
lavar-nos-íamos	arrepender-nos-íamos	sair-nos-íamos
lavar-vos-íeis	arrepender-vos-íeis	sair-vos-íeis
lavar-se-iam	arrepender-se-iam	sair-se-iam

ter-me-ia
ter-te-ias
ter-se-ia
ter-nos-íamos
ter-vos-íeis
ter-se-iam

lavado, arrependido, saído...

Futuro do presente do indicativo

lavar-me-ei	arrepender-me-ei	sair-me-ei
lavar-te-ás	arrepender-te-ás	sair-te-ás
lavar-se-á	arrepender-se-á	sair-se-á
lavar-nos-emos	arrepender-nos-emos	sair-nos-emos
lavar-vos-eis	arrepender-vos-eis	sair-vos-eis
lavar-se-ão	arrepender-se-ão	sair-se-ão

ter-me-ei
ter-te-ás
ter-se-á
ter-nos-emos
ter-vos-eis
ter-se-ão

lavado, arrependido, saído...

Prática

■ Observando a conjugação pronominal e reflexiva do indicativo, assinale **C** ou **E**.

335. ( ) A desinência **mos**, da 1ª pessoa do plural, perde o **s** ao receber o oblíquo átono **nos**.
336. ( ) O verbo **lavar** não é um verbo pronominal, mas assume a conjugação pronominal para fazer a voz reflexiva.
337. ( ) O verbo **sair** não é pronominal: **Ela sai cedo**.
338. ( ) O verbo **sair-se** é pronominal no sentido de obter resultado (**sair-se bem ou mal**) e no sentido de desvencilhar-se.

339. ( ) Não é possível construir-se a forma **havia-me lavado**.
340. ( ) Os tempos compostos da voz ativa podem ser construídos com o auxiliar **ter** ou **haver**: **tinha-me** ou **havia-me lavado**; **ter-me-ei** ou **haver-me-ei lavado**.
341. ( ) Atualmente, o auxiliar **haver** está em desuso, o que traz um tom de arcaísmo à frase. Ainda é usado para evitar a repetição do **ter** ou para obtenção de efeito estilístico.

Modo subjuntivo

Presente do subjuntivo

...que eu me lave	...me arrependa	...me saia
...que tu te laves	...te arrependas	...te saias
...que ele se lave	...se arrependa	...se saia
...que nós nos lavemos	...nos arrependamos	...nos saiamos
...que vós vos laveis	...vos arrependais	...vos saiais
...que eles se lavem	...se arrependam	...se saiam

Pretérito imperfeito do subjuntivo

se eu me lavasse	...me arrependesse	...me saísse
se tu te lavasses	...te arrependesses	...te saísses
se ele se lavasse	...se arrependesse	...se saísse
se nós nos lavássemos	...nos arrependêssemos	...nos saíssemos
se vós vos lavásseis	...vos arrependêsseis	...vos saísseis
se eles se lavassem	...se arrependessem	...se saíssem

se eu me tivesse
se tu te tivesses
se ele se tivesse
se nós nos tivéssemos
se vós vos tivésseis
se eles se tivessem

> lavado, arrependido, saído...

Futuro do subjuntivo

quando eu me lavar	...me arrepender	...me sair
quando tu te lavares	...te arrependeres	...te saíres
quando ele se lavar	...se arrepender	...se sair
quando nós nos lavarmos	...nos arrependermos	...nos sairmos
quando vós vos lavardes	...vos arrependerdes	...vos sairdes
quando eles se lavarem	...se arrependerem	...se saírem

quando eu me tiver
quando tu te tiveres
quando ele se tiver
quando nós nos tivermos
quando vós vos tiverdes
quando eles se tiverem

lavado, arrependido, saído...

Prática

■ Observando a conjugação pronominal e reflexiva do subjuntivo, assinale **C** ou **E**.

342. ( ) Os pronomes oblíquos átonos são colocados antes do verbo porque são atraídos pelas conjunções subordinativas **que**, **se**, **quando**...

343. ( ) Na frase "Lave-me a culpa a Sua misericórdia", a forma verbal é igual à do subjuntivo (**lave**), e o pronome átono **me** vem depois do verbo porque este não está precedido de conjunção subordinativa.

344. ( ) Em "Lave-me a culpa", tem-se exemplo de oração optativa, constituída de forma verbal igual à do subjuntivo, mas com ênclise obrigatória.

Modo imperativo

Afirmativo		
lava-te	arrepende-te	sai-te
lave-se (você)	arrependa-se (você)	saia-se (você)
lavemo-nos	arrependamo-nos	saiamo-nos
lavai-vos	arrependei-vos	saí-vos
lavem-se (vocês)	arrependam-se (vocês)	saiam-se (vocês)

Negativo		
Não te laves	Não te arrependas	Não te saias
Não se lave (você)	Não se arrependa (você)	Não se saia (você)
Não nos lavemos	Não nos arrependamos	Não nos saiamos
Não vos laveis	Não vos arrependais	Não vos saiais
Não se lavem (vocês)	Não se arrependam (vocês)	Não se saiam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal		
lavar-se	arrepender-se	sair-se

Infinitivo pessoal		
lavar-me	arrepender-me	sair-me
lavares-te	arrependeres-te	saíres-te
lavar-se	arrepender-se	sair-se
lavarmo-nos	arrependermo-nos	sairmo-nos
lavardes-vos	arrependerdes-vos	sairdes-vos
lavarem-se	arrependerem-se	saírem-se

Gerúndio		
lavando-se	arrependendo-se	saindo-se

Particípio		
lavado	arrependido	saído

Prática

■ Observe as formas nominais da conjugação pronominal e reflexiva e responda **C** ou **E**.

345. ( ) O quadro apresenta erro porque o particípio deveria ser **lavado-se**, **arrependido-se**, **saído-se**.

346. ( ) O quadro está correto. O particípio não aceita pronome átono.

347. ( ) Em todo o quadro, só há três formas acentuadas graficamente: **saíres-te**, **saírem-se**, **saído**.

348. ( ) Em **saíres-te**, **saírem-se**, **saído**, o **i** é acentuado graficamente por ser 2ª vogal de hiato e estar sozinho na sílaba.

CLASSIFICAÇÃO DO VERBO QUANTO À FUNÇÃO

Verbo principal

Mantém o significado próprio:
Tenho **estudado**. Estou sendo **amado**.
Vou **amar**.

Verbo auxiliar

Perde seu significado próprio para ajudar a conjugar o principal:
Tenho sido amado. **Estou** amando.
Vou amar.

USO DOS PARTICÍPIOS: REGULAR E IRREGULAR

Observe:

I – Ele **havia matado** o inimigo.
II – O inimigo **foi morto**.
III – Ele **tinha matado** o inimigo.
IV – O inimigo **está morto**.
V – Inimigo bom é inimigo **morto**.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

349. ( ) I e III estão na **voz ativa** (auxiliares: haver e ter).
350. ( ) II e IV estão na **voz passiva** (auxiliares: ser e estar).
351. ( ) "matado" é particípio regular; "morto", irregular.
352. ( ) Na frase V, "morto" é **adjetivo**.

Os **particípios regulares** (**ado**, **ido**) são usados com os auxiliares **ter** e **haver** e formam a voz ativa.
Os **particípios irregulares** são usados para função de adjetivo e para fazer a voz passiva, com os auxiliares **ser** e **estar**.

■ Assinale **C** ou **E**.

353. ( ) Esse livro foi imprimido no Brasil.
354. ( ) A editora tinha impresso esse livro no Brasil.
355. ( ) Esse livro foi impresso no Brasil.
356. ( ) A editora tinha imprimido esse livro no Brasil.
357. ( ) Foi impressa enorme velocidade ao carro.
358. ( ) **imprimir**, na acepção de "produzir movimento", "infundir", tem apenas o particípio regular (imprimido).
359. ( ) Foi imprimida enorme velocidade ao carro.

CONJUGAÇÃO DE VERBOS REGULARES, IRREGULARES, DEFECTIVOS, ANÔMALOS E ABUNDANTES QUE REQUEREM ATENÇÃO

As formas verbais a seguir relacionadas são dignas de nota. Todas as não relacionadas são regulares. Destacamos, por serem primitivas e gerarem outras: o **infinitivo**, no título do verbo; e, do indicativo, o **presente** e o **pretérito perfeito**, conjugados em todas as pessoas. Para esclarecer dúvidas, apresentamos as pessoas do **presente do subjuntivo** e o **imperativo afirmativo**. O imperativo negativo tem as pessoas iguais ao presente do subjuntivo, por isso não as relacionamos. Sob a denominação **outras**, registramos a

1ª pessoa do singular dos seguintes tempos, sempre na mesma ordem: do indicativo, o **imperfeito**, o **futuro do presente**, o **futuro do pretérito** e o **mais-que-perfeito**; do subjuntivo, o **imperfeito** e o **futuro**; além desses, o **gerúndio** e o **particípio**. Quando se define um verbo como regular, ele segue o paradigma da sua conjugação (*vide* página 179). Em alguns casos, negritamos as sílabas ou vogais tônicas para evitar dúvidas quanto à pronúncia.

1ª conjugação

circundar, relampejar, tracejar (Regulares.)
Conjugam-se como **amar**.

constar, prestar, restar, sustar (Regulares.)
Não seguem **estar**. Conjugam-se como **amar**.

Ind. pres.:	consto, constas, consta, constamos, constais, constam.
Pret. perf.:	constei, constaste, constou, constamos, constastes, constaram.
Subj. pres.:	conste, constes, conste, constemos, consteis, constem.
Imperat. afirm.:	consta, conste, constemos, constai, constem.
Outras:	constava, constarei, constaria, constara, constasse, constar, constando, constado.

dar, desdar (Irregulares.)

Ind. pres.:	dou, dás, dá, damos, dais, dão.
Pret. perf.:	dei, deste, deu, demos, destes, deram.
Subj. pres.:	dê, dês, dê, demos, deis, dêem (nova ortografia: deem).
Imperat. afirm.:	dá, dê, demos, dai, dêem (nova ortografia: deem).
Outras:	dava, darei, daria, dera, desse, der, dando, dado.

sobestar, sobrestar (Irregulares.)
Conjugam-se como **estar**. *Vide* pág. 187.

grassar (Defectivo, unipessoal.)

Ind. pres.:	–, –, grassa, –, –, grassam.
Pret. perf.:	–, –, grassou, –, –, grassaram.
Subj. pres.:	–, –, grasse, –, –, grassem.
Imperat. afirm.:	–, grasse, –, – grassem.
Outras:	grassava(m), grassará(ão), grassaria(m), grassara(m), grassasse(m), grassar(em), grassando, grassado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** a respeito de **grassar**.

360. ( ) **grassar** significa **espalhar-se**.
361. ( ) Só se conjuga nas 3as pessoas. Por só dispor de uma pessoa, a terceira, é chamado de unipessoal.
362. ( ) Há autores que consideram o **unipessoal** como uma espécie de **defectivo**.
363. ( ) Consideram-se também unipessoais os verbos que designam vozes de animais: **uivar**, **crocitar**.

Terminados em ear

acarear, afoguear, alardear, apear, aperrear, arear, arrear, atear, baquear, bloquear, cambalear, capitanear, cear, clarear, coxear, desnortear, falsear, folhear, frear, galantear, golpear, granjear, guerrear, hastear, menear, nomear, nortear, palmear, passear, patentear, planear, recear, recrear, refrear, regatear, relampaguear, relampear, rodear, saborear, saquear, semear, serpear, serpentear... (Irregulares; seguem o modelo de **pentear**.)

Ind. pres.:	penteio, penteias, penteia, penteamos, penteais, penteiam.
Pret. perf.:	penteei, penteaste, penteou, penteamos, penteastes, pentearam.
Imperat. afirm.:	penteia, penteie, penteemos, penteai, penteiem.
Subj. pres.:	penteie, penteies, penteie, penteemos, penteeis, penteiem.
Outras:	penteava, pentearei, pentearia, penteara, penteasse, pentear, penteando, penteado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos em **ear**.

364. ( ) Nas formas rizotônicas, aparece um **i** depois do **e**: pente**i**o, pente**i**e, pente**i**am.
365. ( ) Nas formas arrizotônicas, são conjugados normalmente: penteamos, penteemos, penteei, penteaste, penteastes, pentearam.
366. ( ) A 1ª pessoa do plural do presente e a do pretérito perfeito do indicativo são iguais, como em muitos outros verbos.
367. ( ) **relampaguear** tem outras duas variantes corretas: **relampear** e **relampejar**; esta última, regular.

precatar(-se) (Regular.)

Ind. pres.:	precato, precatas, precata, precatamos, precatais, precatam.
Pret. perf.:	precatei, precataste, precatou, precatamos, precatastes, precataram.
Subj. pres.:	precate, precates, precate, precatemos, precateis, precatem.
Imperat. afirm.:	precata, precate, precatemos, precatai, precatem.
Outras:	precatava, precatarei, precataria, precatara, precatasse, precatar, precatando, precatado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

368. ( ) **precatar(-se)** significa **acautelar(-se)**, **prevenir(-se)**, **precaver(-se)**.
369. ( ) São verbos característicos do registro popular.
370. ( ) A norma culta os aconselha para suprir as pessoas que faltam ao defectivo **precaver-se**.

idear, estrear (Irregulares.)

Ind. pres.:	idéio, idéias, idéia, ideamos, ideais, idéiam. (nova ortografia: ideio, ideias, ideia, ideamos, ideais, ideiam)
Pret. perf.:	ideei, ideaste, ideou, ideamos, ideastes, idearam.
Subj. pres.:	idéie, idéies, idéie, ideemos, ideeis, idéiem. (nova ortografia: ideie, ideies, ideie, ideemos, ideeis, ideiem)
Imperat. afirm.:	idéia, idéie, ideemos, ideai, idéiem. (nova ortografia: ideia, ideie, ideemos, ideai, ideiem)
Outras:	ideava, idearei, idearia, ideara, ideasse, idear, ideando, ideado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos acima.

371. ( ) Após o **e**, aparece o **i** nas formas rizotônicas, como acontece com os outros verbos terminados em **ear**.
372. ( ) São também, por isso, irregulares.
373. ( ) Diferentemente dos outros terminados em **ear**, apresentam o ditongo aberto **éi** no presente do indicativo e no presente do subjuntivo, só nas formas rizotônicas.
374. ( ) Nos imperativos afirmativo e negativo, que derivam dos presentes do indicativo e do subjuntivo, as formas arrizotônicas devem também ter o ditongo aberto **éi**.
375. ( ) Explica-se o ditongo aberto nos verbos **idear**, **estrear**, pela existência de seus substantivos cognatos **idéia** e **estréia**.

Terminados em iar

acariciar, adiar, afiar, agoniar, agraciar, aliar, aliviar, amaciar, ampliar, angariar, ansiar, anunciar, apreciar, arrepiar, assediar, assobiar, associar, assoviar, ataviar, avaliar, aviar, balbuciar, beneficiar, caluniar, chiar, confiar, contrariar, criar, deliciar, desfiar, enfiar, enunciar, enviar, esfriar, espiar, evidenciar, expiar, extasiar, fiar, historiar, incendiar, injuriar, mediar, miar, negociar, odiar, oficiar, piar, porfiar, premiar, prenunciar, principiar, procriar, pronunciar, recriar, remediar, renunciar, saciar, sediar, tosquiar, vadiar, vangloriar, variar...
(Regulares; seguem o modelo de **abreviar**, com exceções, no próximo quadro.)

Ind. pres.:	abrevio, abrevias, abrevia, abreviamos, abreviais, abreviam.
Pret. perf.:	abreviei, abreviaste, abreviou, abreviamos, abreviastes, abreviaram.
Subj. pres.:	abrevie, abrevies, abrevie, abreviemos, abrevieis, abreviem.
Imperat. afirm.:	abrevia, abrevie, abreviemos, abreviai, abreviem.
Outras:	abreviava, abreviarei, abreviaria, abreviara, abreviasse, abreviar, abreviando, abreviado.

ansiar, incendiar, mediar, odiar, remediar (Irregulares.) **premiar, negociar** (Regulares ou iregulares.)

Ind. pres.:	anseio, anseias, anseia, ansiamos, ansiais, anseiam.
Pret. perf.:	ansiei, ansiaste, ansiou, ansiamos, ansiastes, ansiaram.
Subj. pres.:	anseie, anseies, anseie, ansiemos, ansieis, anseiem.
Imperat. afirm.:	anseia, anseie, ansiemos, ansiai, anseiem.
Outras:	ansiava, ansiarei, ansiaria, ansiara, ansiasse, ansiar, ansiando, ansiado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos em **iar**.

376. ( ) Os verbos terminados em **iar** são todos regulares.

377. ( ) Os regulares seguem a conjugação de **amar** e são a grande maioria.

378. ( ) Há, pelo menos, cinco verbos terminados em **iar**, irregulares, que se conjugam com um **e**, nas formas rizotônicas: **mediar**, **ansiar**, **remediar**, **incendiar** e **odiar**, como se terminassem em **ear**: **medeio**, **anseio**...

379. ( ) No Brasil se fala "eu negocio", "eu premio"; em Portugal e outros países, também se fala "eu negoceio", "eu premeio".

Observação:

Para lembrar esses cinco verbos irregulares terminados em **iar**, que se conjugam como os terminados em **ear**, lembre-se da palavra MÁRIO:

Mediar, **A**nsiar, **R**emediar, **I**ncendiar, **O**diar.

mobiliar, mobilar, mobilhar (Regulares.)

Ind. pres.:	– mo**bí**lio, mo**bí**lias, mo**bí**lia, mobili**a**mos, mobili**ais**, mo**bí**liam.
	– mo**bi**lo, mo**bi**las, mo**bi**la, mobi**la**mos, mobi**lais**, mo**bi**lam.
	– mo**bi**lho, mo**bi**lhas, mo**bi**lha, mobi**lha**mos, mobi**lhais**, mo**bi**lham.
Pret. perf.:	– mobili**ei**, mobili**as**te, mobili**ou**, mobili**a**mos, mobili**as**tes, mobili**a**ram.
	– mobil**ei**, mobil**as**te, mobil**ou**, mobil**a**mos, mobil**as**tes, mobil**a**ram.
	– mobilh**ei**, mobilh**as**te, mobilh**ou**, mobilh**a**mos, mobilh**as**tes, mobilh**a**ram.
Subj. pres.:	– mo**bí**lie, mo**bí**lies, mo**bí**lie, mobili**e**mos, mobili**eis**, mo**bí**liem.
	– mo**bi**le, mo**bi**les, mo**bi**le, mobil**e**mos, mobil**eis**, mo**bi**lem.
	– mo**bi**lhe, mo**bi**lhes, mo**bi**lhe, mobilh**e**mos, mobilh**eis**, mo**bi**lhem.

Imperat. afirm.: – mo**bí**lia, mo**bí**lie, mobili**e**mos, mobili**ai**, mo**bí**liem.
– mo**bi**la, mo**bi**le, mobil**e**mos, mobil**ai**, mo**bi**lem.
– mo**bi**lha, mo**bi**lhe, mobilh**e**mos, mobilh**ai**, mo**bi**lhem.

Outras: – mobili**a**va, mobiliar**e**i, mobiliar**i**a, mobili**a**ra, mobili**a**sse, mobili**a**r, mobili**an**do, mobili**a**do.
– mobil**a**va, mobilar**e**i, mobilar**i**a, mobil**a**ra, mobil**a**sse, mobil**a**r, mobil**an**do, mobil**a**do.
– mobilh**a**ra, mobilhar**e**i, mobilhar**i**a, mobilh**a**ra, mobilh**a**sse, mobilh**a**r, mobilh**an**do, mobilh**a**do.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

380. ( ) A variante **mobilar** é lusitanismo.
381. ( ) Na variante **mobiliar**, a sílaba **bi** passa a ter acento agudo nas formas arrizotônicas.
382. ( ) Toda paroxítona terminada em ditongo deve ser acentuada graficamente. É por isso que em **mobiliar**, as formas rizotônicas recebem o acento agudo.
383. ( ) No subjuntivo presente, estão certas as formas: mobíle, mobílhes, mobílhem, mobílem...
384. ( ) No subjuntivo presente, estão certas as formas: mobile, mobilhes, mobilhem, mobilem...

apiedar-se, apiadar-se (Regulares.)

eu me apiedo	eu me apiado
tu te apiedas	tu te apiadas
ele se apieda	ele se apiada
nós nos apiedamos	nós nos apiadamos
vós vos apiedais	vós vos apiadais
eles se apiedam	eles se apiadam

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

385. ( ) Em Portugal, **piedade** e **piadade**, na pronúncia, confundem-se.
386. ( ) A forma **apiadar-se** relaciona-se com **piadade** e é considerada arcaísmo.
387. ( ) Ambos os verbos são pronominais e regulares.

Terminados em <u>oar</u>

abençoar, abalroar, abotoar, assoar, caçoar, coar, doar, ensaboar, magoar, reboar, soar, voar... (Regulares; seguem o modelo de **voar**.)

Ind. pres.: vôo (nova ortografia: voo), voas, voa, voamos, voais, voam.
Pret. perf.: voei, voaste, voou, voamos, voastes, voaram.
Subj. pres.: voe, voes, voe, voemos, voeis, voem.

Imperat. afirm.:	voa, voe, voemos, voai, voem.
Outras:	voava, voarei, voaria, voara, voasse, voar, voando, voado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos em **oar**.

388. ( ) **ensabôo**, **abotôo**, **magôo**, **vôo** eram acentuadas, mas deixaram de sê-lo pela nova ortografia.
389. ( ) **abalrôas**, **abotôas**, **caçôas** não são acentuadas, nem pela antiga, nem pela nova ortografia.
390. ( ) **côa**, **côas** eram acentuadas para diferençar de **coa**, **coas**, contração de **com** + **a**(**s**), mas perderam o acento pela nova ortografia.
391. ( ) Os grupos **oo**, **oa**, **oe**, pela nova ortografia, não se acentuam, exceto em **côa**, **côas**.

Terminados em uar

amuar, atuar, autuar, continuar, cultuar, encruar, graduar, habituar, jejuar... (Regulares; seguem o modelo de **suar**.)

Ind. pres.:	suo, suas, sua, suamos, suais, suam.
Pret. perf.:	suei, suaste, suou, suamos, suastes, suaram.
Subj. pres.:	sue, sues, sue, suemos, sueis, suem.
Imperat. afirm.:	sua, sue, suemos, suai, suem.
Outras:	suava, suarei, suaria, suara, suasse, suar, suando, suado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

392. ( ) **soar** e **suar** são regulares, e é comum confundi-los.
393. ( ) Soamos muito no calor.
394. ( ) Naquele ambiente úmido e fechado, o tambor soava e suava.
395. ( ) O bolo encroou.

Terminados em guar, quar, quir

aguar, apaniguar, apaziguar, apropinquar, adequar(-se), antiquar, averiguar, desaguar, enxaguar, minguar, obliquar, delinqüir/delinquir (nova ortografia)**...** (Regulares.)

Ind. pres.:	1 – **á**guo, **á**guas, **á**gua, agu**a**mos, agu**a**is, **á**guam.
	2 – ag**u**o, ag**u**as, ag**u**a, agu**a**mos, agu**a**is, ag**u**am.
Pret. perf.:	agüei (nova ortografia: agu**e**i), agu**a**ste, agu**o**u, agu**a**mos, agu**a**stes, agu**a**ram.
Subj. pres.:	1 – **á**güe, **á**gües, **á**güe, agü**e**mos, agü**e**is, **á**güem (nova ortografia: **á**gue, **á**gues, **á**gue, agu**e**mos, agu**e**is, **á**guem).
	2 – ag**u**e, ag**u**es, ag**u**e, agu**e**mos, agu**e**is, ag**u**em.

Imperat. afirm.: 1 – água, ágüe, agüemos, aguai, ágüem (nova ortografia: água, águe, aguemos, aguai, águem).
2 – ag**u**a, ag**ue**, agu**e**mos, agu**a**i, ag**u**em.
Outras: aguava, aguarei, aguaria, aguara, aguasse, aguar, aguando, aguado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos acima.

396. ( ) As formas rizotônicas recebem acento agudo porque são paroxítonas terminadas em ditongo.
397. ( ) Na antiga ortografia, o **u** recebe trema antes de **e** por ser pronunciado e átono. Nas novas regras ortográficas, o **u** perdeu o trema.
398. ( ) Observando-se as letras em negrito que marcam a vogal tônica, constata-se que há duas pronúncias possíveis.
399. ( ) Nos presentes do indicativo e do subjuntivo, há duas pronúncias e grafias consagradas.
400. ( ) Por isso, nos imperativos afirmativo e negativo, há também duas pronúncias e grafias consagradas.
401. ( ) O **u** é sempre pronunciado tônico.
402. ( ) O **u** é sempre pronunciado. Na antiga ortografia, quando átono, tem trema; quando tônico, tem acento agudo.
403. ( ) Agora, pela nova ortografia, devem-se eliminar todos os tremas.
404. ( ) O **u** é sempre pronunciado tônico nas formas rizotônicas. Nas arrizotônicas, é pronunciado átono.
405. ( ) O dicionário Houaiss classifica todos esses verbos como regulares.
406. ( ) As formas rizotônicas apresentam acento agudo por serem proparoxítonas.
407. ( ) As formas rizotônicas apresentam acento agudo por serem paroxítonas terminadas em ditongo.
408. ( ) **Apropinguar(-se)** é muito usado, mas a forma pronominal não o é.
409. ( ) Esse verbo, que significa **aproximar**, **aproximar-se**, é de uso raro.

resfolegar (Regular.)

Ind. pres.: resfólego, resfólegas, resfólega, resfolegamos, resfolegais, resfólegam.
Pret. perf.: resfoleguei, resfolegaste, resfolegou, resfolegamos, resfolegastes, resfolegaram.
Subj. pres.: resfólegue, resfólegues, resfólegue, resfoleguemos, resfolegueis, resfóleguem.
Imperat.: afirm.: resfólega, resfólegue, resfoleguemos, resfolegai, resfóleguem.
Outras: resfolegava, resfolegarei, resfolegaria, resfolegara, resfolegasse, resfolegar, resfolegando, resfolegado.

resfolgar (Regular.)

Ind. pres.:	resfolgo, resfolgas, resfolga, resfolgamos, resfolgais, resfolgam.
Pret. perf.:	resfolguei, resfolgaste, resfolgou, resfolgamos, resfolgastes, resfolgaram.
Subj. pres.:	resfolgue, resfolgues, resfolgue, resfolguemos, resfolgueis, resfolguem.
Imperat. afirm.:	resfolga, resfolgue, resfolguemos, resfolgai, resfolguem.
Outras:	resfolgava, resfolgarei, resfolgaria, resfolgara, resfolgasse, resfolgar, resfolgando, resfolgado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os quadros anteriores.

"No intervalo, os jogadores resfolgavam (ou resfolegavam) no vestiário."

410. ( ) **resfolegar** ou **resfolgar** significa **recuperar o fôlego**, **descansar**.
411. ( ) **resfolgar** é derivado de **resfolegar** pela síncope do **e** (queda do **e**).
412. ( ) **resfolegar** e **resfolgar** são, pois, sinônimos.
413. ( ) **resfolegar** conjuga-se regularmente nas formas arrizotônicas.

Terminados em gnar, bstar, psar, ptar e tmar

dignar-se, indignar-se, consignar, estagnar, persignar-se, resignar-se, impugnar, propugnar, repugnar, obstar, eclipsar, optar, raptar, ritmar... (Regulares; conjugam-se como **pugnar**.)

Ind. pres.:	p**u**gno, p**u**gnas, p**u**gna, pugn**a**mos, pugn**a**is, p**u**gnam.
Pret. perf.:	pugn**e**i, pugn**a**ste, pugn**o**u, pugn**a**mos, pugn**a**stes, pugn**a**ram.
Subj. pres.:	p**u**gne, p**u**gnes, p**u**gne, pugn**e**mos, pugn**e**is, p**u**gnem.
Imperat. afirm.:	p**u**gna, p**u**gne, pugn**e**mos, pugn**a**i, p**u**gnem.
Outras:	pugn**a**va, pugnar**e**i, pugnar**i**a, pugn**a**ra, pugn**a**sse, pugn**a**r, pugn**a**ndo, pugn**a**do.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre o quadro anterior.

414. ( ) Na pronúncia, o encontro consonantal **gn** é inseparável.
415. ( ) O **g** se apoia na vogal que lhe vem antes; o **n**, na que se lhe segue (p**u**g-n**o**).
416. ( ) O mesmo acontece com **o**bs-t**o**, **o**bs-t**a**s, **o**p-t**o**, **o**p-t**a**s, r**a**p-t**o**, r**a**p-t**a**s, r**i**t-m**o**, r**i**t-m**a**s...
417. ( ) No presente do indicativo, do subjuntivo e no imperativo é que aparecem formas rizotônicas, excetuando-se **nós** e **vós**.
418. Sublinhe as letras que representam as vogais tônicas, pronunciando as palavras, em voz alta, para educar o ouvido.
indigno-me, indigna-se, indignam-se, indignamo-nos, indignai-vos, indignas-te.

obviar (Regular.)

Ind. pres.:	obv**i**o, obv**i**as, obv**i**a, obv**i**amos, obv**i**ais, obv**i**am.
Pret. perf.:	obv**i**ei, obv**i**aste, obv**i**ou, obv**i**amos, obv**i**astes, obv**i**aram.
Subj. pres.:	obv**i**e, obv**i**es, obv**i**e, obv**i**emos, obv**i**eis, obv**i**em.
Imperat. afirm.:	obv**i**a, obv**i**e, obv**i**emos, obv**i**ai, obv**i**em.
Outras:	obv**i**ava, obviar**á**, obviar**i**a, obv**i**ara, obv**i**asse, obv**i**ar, obv**i**ando, obv**i**ado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre o quadro visto.

419. ( ) O encontro consonantal **bv** é separável, ficando cada consoante numa sílaba.
420. ( ) Nenhuma de suas formas apresenta acento gráfico no **i** ou **e**.
421. ( ) **obviar** conjuga-se com a mesma pronúncia de **optar**.
422. ( ) Em **obviar**, a tônica está sempre depois do encontro consonantal, o que não acontece com **optar**.

2ª conjugação

abster-se, ater-se, conter, deter, entreter, manter, obter, reter, suster... (Irregulares; conjugam-se como **ter**.) *Vide* pág. 187.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** em relação ao presente do indicativo do verbo **ter**.

423. ( ) A 3ª pessoa do plural tem circunflexo para não ser confundida com a 3ª pessoa do singular (eles têm ≠ ele tem).
424. ( ) Nos derivados, isso também acontece: eles detêm, mantêm, obtêm...
425. ( ) Nos derivados, a 3ª pessoa do singular também segue a grafia de **ter**: ele tem, detem, mantem, se abstem...
426. ( ) A 3ª pessoa do singular de **ter** escreve-se sem acento, mas a de seus derivados, por ter mais de uma sílaba, segue a regra de acentuação das oxítonas e recebem acento agudo: tem ≠ retém, detém, abstém-se, ou se abstém, entretém...

Terminados em azer*

afazer, bem-fazer, contrafazer, desafazer, desfazer, esfazer, estupefazer, liqüefazer ou liquefazer, malfazer, perfazer, putrefazer, rarefazer, refazer, satisfazer, torrefazer, transfazer, tumefazer... (Irregulares e abundantes; conjugam-se como **fazer**.)

Ind. pres.:	faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem.

Pret. perf.:	fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram.
Subj. pres.:	faça, faças, faça, façamos, façais, façam.
Imperat. afirm.:	faz(e), faça, façamos, fazei, façam.
Outras:	fazia, farei, faria, fizera, fizesse, fizer, fazendo, feito.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

427. ( ) **faz-**, **faç-**, **fiz-**, **fez-**, **far-**, **fei-** ... tantos radicais num mesmo verbo levam gramáticos a classificarem-no como anômalo.
428. ( ) **faço**, **faz**, **fiz**, **faça** são formas irregulares.
429. ( ) **farei**, **faria**, **feito** são formas regulares.
430. ( ) No imperativo afirmativo, **faz** (tu) ou **faze** (tu) são formas abundantes.

jazer, adjazer, circunjazer, subjazer (Irregulares e abundantes.)

Ind. pres.:	subjazo, subjazes, subjaz, subjazemos, subjazeis, subjazem.
Pret. perf.:	subjazi, subjazeste, subjazeu, subjazemos, subjazestes, subjazeram.
Subj. pres.:	subjaza, subjazas, subjaza, subjazamos, subjazais, subjazam.
Imperat. afirm.:	subjaz(e), subjaza, subjazamos, subjazei, subjazam.
Outras:	subjazia, subjazerei, subjazeria, subjazera, subjazesse, subjazer, subjazendo, subjazido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

431. ( ) A irregularidade desses verbos acontece só na 3ª pessoa do singular: **jaz**, **subjaz**, **adjaz**, **circunjaz**.
432. ( ) No imperativo afirmativo, são abundantes: **jaze** (tu) ou **jaz** (tu)...

comprazer, descomprazer (Irregulares e abundantes.)

Ind. pres.:	comprazo, comprazes, compraz, comprazemos, comprazeis, comprazem.
Pret. perf.:	comprazi, comprazeste, comprazeu, comprazemos, comprazestes, comprazeram (moderno). comprouve, comprouveste, comprouve, comprouvemos, comprouvestes, comprouveram (antigo).
Subj. pres.:	compraza, comprazas, compraza, comprazamos, comprazais, comprazam.
Imperat. afirm.:	compraz(e), compraza, comprazamos, comprazei, comprazam.
Outras:	comprazia, comprazerá, comprazeria, comprazera, comprazesse ou comprouvesse, comprazer ou comprouver, comprazendo, comprazido.

**Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*

prazer, aprazer, desaprazer, desprazer (Irregulares, defectivos e abundantes.)

Ind. pres.:	–, –, praz, –, –, prazem.
Pret. perf.:	–, –, prouve, –, –, prouveram.
Subj. pres.:	–, –, praza, –, –, prazam.
Imperat. afirm.:	–, praza, –, prazam.
Outras:	prazia(am), prazerá(ão), prazeria(am), prouvera(am), prouvesse(em), prouver(em), prazendo, prazido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

433. ( ) Esses verbos são irregulares na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo: **praz**, **compraz**...

434. ( ) Alguns gramáticos já consideram o verbo **prazer** com conjugação completa, como a de **comprazer**.

435. ( ) **comprazer** e **descomprazer** conjugam-se em todas as pessoas e tempos.

436. ( ) **aprazer**, **desaprazer**, **desprazer** normalmente só são usados nas 3as pessoas, porém **aprazer-se**, **desaprazer-se**, **desprazer-se** conjugam-se em todas as pessoas e tempos.

437. ( ) No pretérito perfeito do indicativo, convive a forma moderna regular **prazi**, **prazeste**, **prazeu**... **prazeram** com a antiga **prouve**, **prouveste, prouve, prouveram**.

438. ( ) Trata-se, portanto, de verbo abundante nas formas: aprazeu/aprouve, aprazesse/aprouvesse, aprazer/aprouver...

439. ( ) Algumas pessoas de **aprazer**, fora do contexto da frase, podem confundir-se com pessoas de **aprazar**.

trazer e derivados (Irregulares e abundantes.)

Ind. pres.:	trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem.
Pret. perf.:	trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram.
Subj. pres.:	traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam.
Imperat. afirm.:	traz(e), traga, tragamos, trazei, tragam.
Outras:	trazia, trarei, traria, trouxera, trouxesse, trouxer, trazendo, trazido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

440. ( ) **traz**, **trago**, **trazemos**, **trazia** são formas irregulares.

441. ( ) **trago**, **traz**, **trarei**, **traria**, **trouxe**, **trouxera**, **trouxesse**, **trouxer** são formas irregulares.

442. ( ) A forma **traz**, irregular, resulta do mesmo processo que aconteceu com **faz**, **diz** e **traduz**.
443. ( ) **trazer** e derivados são abundantes no imperativo afirmativo: traze ou traz (tu).

caber, descaber (Irregulares.)

Ind. pres.:	caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem.
Pret. perf.:	coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam.
Subj. pres.:	caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam.
Imperat. afirm.:	cabe, caiba, caibamos, cabei, caibam.
Outras:	cabia, caberei, caberia, coubera, coubesse, couber, cabendo, cabido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

444. ( ) As formas **cabia**, **caberei**, **caberia**, **cabendo** e **cabido** são irregulares.
445. ( ) As formas **caibo**, **caibamos**, **coube**, **coubesse**, **couber** são irregulares.
446. ( ) Pelo seu sentido, dizem alguns gramáticos, o imperativo não se coaduna com o verbo caber, e o consideram defectivo no imperativo.
447. ( ) Para alguns gramáticos, o verbo **descaber** só é usado no infinitivo e no particípio, por isso, também é considerado defectivo.

crer, ler, descrer, reler, tresler (Irregulares.)

Ind. pres.:	creio, crês, crê, cremos, credes, crêem (nova ortografia: creem).
Pret. perf.:	cri, creste, creu, cremos, crestes, creram.
Subj. pres.:	creia, creias, creia, creiamos, creiais, creiam.
Imperat. afirm.:	crê, creia, creiamos, crede, creiam.
Outras:	cria, crerei, creria, crera, cresse, crer, crendo, crido.

Ind. pres.:	leio, lês, lê, lemos, ledes, lêem (nova ortografia: leem).
Pret. perf.:	li, leste, leu, lemos, lestes, leram.
Subj. pres.:	leia, leias, leia, leiamos, leiais, leiam.
Imperat. afirm.:	lê, leia, leiamos, lede, leiam.
Outras:	lia, lerei, leria, lera, lesse, ler, lendo, lido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

448. ( ) São formas irregulares: creio, creia, cri, leio, li, creste, leste.
449. ( ) São formas irregulares: creio, leio, creia, leia.
450. ( ) Creem, leem, descreem e releem, no recente Acordo Ortográfico, perderam o circunflexo, assim como deem, veem e derivados.

dizer, bendizer, condizer, contradizer, desdizer, entredizer, interdizer, maldizer, predizer, redizer (Irregulares e abundantes.)

Ind. pres.:	digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem.
Pret. perf.:	disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram.
Subj. pres.:	diga, digas, diga, digamos, digais, digam.
Imperat. afirm.:	diz(e), diga, digamos, dizei, digam.
Outras:	dizia, direi, diria, dissera, dissesse, disser, dizendo, dito.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

451. ( ) São formas regulares: dizes, diz, dizemos.

452. ( ) Constituem-se como formas irregulares: diz, disse, dissemos, digo, digas, direi, diremos, diria, dissera, dito.

453. ( ) Diz e dize: formas abundantes do imperativo afirmativo.

escrever, circunscrever, adscrever, descrever, inscrever, prescrever, proscrever, reescrever, sobrescrever, subscrever, transcrever... (Irregulares.)

Ind. pres.:	escrevo, escreves, escreve, escrevemos, escreveis, escrevem.
Pret. perf.:	escrevi, escreveste, escreveu, escrevemos, escrevestes, escreveram.
Subj. pres.:	escreva, escrevas, escreva, escrevamos, escrevais, escrevam.
Imperat. afirm.:	escreve, escreva, escrevamos, escrevei, escrevam.
Outras:	escrevia, escreverei, escreveria, escrevera, escrevesse, escrever, escrevendo, escrito.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

454. ( ) A única irregularidade de **escrever** e de seus derivados acontece no particípio: escrito, adscrito, subscrito, circunscrito, transcrito...

feder (Regular, ex-defectivo.)

Ind. pres.:	(fedo), fedes, fede, fedemos, fedeis, fedem.
Pret. perf.:	fedi, fedeste, fedeu, fedemos, fedestes, federam.
Subj. pres.:	(feda), (fedas), (feda), fedamos, fedais, fedam.
Imperat. afirm.:	fede, (feda), (fedamos), fedei, fedam.
Outras:	fedia, federei, federia, federa, fedesse, feder, fedendo, fedido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre o quadro anterior.

455. ( ) Usado predominantemente na linguagem popular.

456. ( ) Tradicionalmente era classificado como defectivo, não tendo conjugação de todas as formas que estão entre parênteses.
457. ( ) É característico da norma culta.
458. ( ) Atualmente é considerado regular, conjugável em todas as formas.

haver(-se) (Irregular e abundante.)

Ind. pres.:	hei, has, há, havemos (ou hemos), haveis (ou heis), hão.
Pret. perf.:	houve, houveste, houve, houvemos, houvestes, houveram.
Subj. pres.:	haja, hajas, haja, hajamos, hajais, hajam.
Imperat. afirm.:	há, haja, hajamos, havei, hajam.
Outras:	havia, haverei, haveria, houvera, houvesse, houver, havendo, havido.

Obs.: veja toda sua conjugação a partir da pág. 187.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

459. ( ) No presente do indicativo, o verbo **haver** é abundante na 1ª e 2ª pessoa do plural.
460. ( ) As formas **hemos** e **heis** não são hoje usadas.
461. ( ) O verbo **haver**, na linguagem moderna, vem sendo substituído pelo verbo ter.

1. haja(s) ≠ aja(s)
2. havia(s) ≠ avia(s)
3. heis ≠ eis
4. houve ≠ ouve

462. ( ) Os pares de homônimos acima comparam formas do verbo **haver** com outras dos verbos **agir**, **aviar**, **ouvir** e com a palavra **eis**.
463. ( ) Ele se houve bem na prova. Nessa frase, empregou-se o verbo **haver-se**, que significa **sair-se**.

reaver (Irregular e defectivo.)

Ind. pres.:	–, –, –, reavemos, reaveis, –.
Pret. perf.:	reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram.
Subj. pres.:	–, –, –, –, –, –.
Imperat. afirm.:	–, –, –, reavei, –.
Outras:	reavia, reaverei, reaveria, reouvera, reouvesse, reouver, reavendo, reavido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

464. ( ) **reouve**, **reouvera** e **reouver** são formas irregulares.
465. ( ) **reaver** conjuga-se pelo verbo **haver**, mas só se conjuga nas formas em que aparece a letra **v**.
466. ( ) **reaver** é defectivo nas formas em que **haver** não tem a letra **v**.

Terminados em oer

condoer-se, corroer, doer(-se), esmoer, remoer, roer (Irregulares; conjugam-se como **moer**.)

Ind. pres.:	môo (nova ortografia: moo), móis, mói, moemos, moeis, moem.
Pret. perf.:	moí, moeste, moeu, moemos, moestes, moeram.
Subj. pres.:	moa, moas, moa, moamos, moais, moam.
Imperat. afirm.:	mói, moa, moamos, moei, moam.
Outras:	moía, moerei, moeria, moera, moesse, moer, moendo, moído.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

467. ( ) **ôo** é terminação dos verbos em **oar** e **oer**, na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo.
468. ( ) **móis**, **mói** têm acento agudo pela presença do ditongo aberto **ói**.
469. ( ) **moí**, **moía**, **moíamos**, **moído** têm o **i** acentuado por ser tônico e segunda vogal de hiato.
470. ( ) **móis** e **mói** são formas irregulares.

soer (Irregular e defectivo.)

Ind. pres.:	–, sóis, sói, soemos, soeis, soem.
Pret. perf.:	soí, soeste, soeu, soemos, soestes, soeram.
Subj. pres.:	–, –, –, –, –, –.
Imperat. afirm.:	sói –, –, soei, –.
Outras:	soía, soerei, soeria, soera, soesse, soer, soendo, soído.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre **soer**.

471. ( ) É defectivo na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo.
472. ( ) Por isso, é também defectivo no presente do subjuntivo e nas pessoas do imperativo negativo.
473. ( ) Tem todas as pessoas do imperativo afirmativo.
474. ( ) No imperativo afirmativo só se conjuga nas pessoas **tu** e **vós**, porque são derivadas do presente do indicativo. Nas outras, é defectivo.
475. ( ) É irregular nas formas **sóis**, **sói**.

perder (Irregular.)

Ind. pres.:	perco, perdes, perde, perdemos, perdeis, perdem.
Pret. perf.:	perdi, perdeste, perdeu, perdemos, perdestes, perderam.
Subj. pres.:	perca, percas, perca, percamos, percais, percam.
Imperat. afirm.:	perde, perca, percamos, perdei, percam.
Outras:	perdia, perderei, perderia, perdera, perdesse, perder, perdendo, perdido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

476. ( ) **perco**, **perca**, **percamos** são formas irregulares.
477. ( ) Se a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo é irregular, também o serão suas formas derivadas, como o presente do subjuntivo e, consequentemente, todo o imperativo negativo e as pessoas **você**, **nós** e **vocês** do imperativo afirmativo.
478. ( ) As formas escritas com **c** apresentam o **e** aberto.
479. ( ) As formas escritas com **c** têm o **e** fechado.

poder (Irregular.)

Ind. pres.:	posso, podes, pode, podemos, podeis, podem.
Pret. perf.:	pude, pudeste, pôde, pudemos, pudestes, puderam.
Subj. pres.:	possa, possas, possa, possamos, possais, possam.
Imperat. afirm.:	pode, possa, possamos, podei, possam.
Outras:	podia, poderei, poderia, pudera, pudesse, puder, podendo, podido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

480. ( ) São irregulares todas as formas do verbo **poder** que apresentam **ss** e **pu**: posso, possamos, puder, pudesse...
481. ( ) **pôde** é pretérito perfeito, **pode** é presente.
482. ( ) Há gramáticos que consideram este verbo defectivo no imperativo, alegando que **não se manda alguém poder**.
483. ( ) Mas cabe usá-lo no imperativo quando se quer incutir ênfase: Você só não pode se não quiser tentar, então **queira**-o e **possa**.

pôr, antepor, apor, circumpor, compor, contrapor, decompor, depor, descompor, dispor, entrepor, expor, impor, indispor, interpor, justapor, maldispor, opor, pospor, predispor, prepor, pressupor, propor, recompor, repor, sobrepor, sotopor, superpor, supor, transpor (Irregulares ou anômalos.)

Ind. pres.:	ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem.
Pret. perf.:	pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram.
Subj. pres.:	ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham.
Imperat. afirm.:	põe, ponha, ponhamos, ponde, ponham.
Outras:	punha, porei, poria, pusera, pusesse, puser, pondo, posto.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos anteriores.

484. ( ) São os únicos que apresentam irregularidade no infinitivo.
485. ( ) Esse acontecimento faz alguns gramáticos considerarem-nos anômalos (mais que irregulares).

486. ( ) Alguns, inclusive, sugerem classificá-los como representantes de uma quarta conjugação: a dos verbos com infinitivo em **or**.
487. ( ) Normalmente, por sua derivação a partir do verbo **poer**, é considerado como irregularidade ou anomalia da 2ª conjugação.

precaver(-se) (Regular e defectivo.)

Ind. pres.:	–, –, –, precavemos, precaveis, –.
Pret. perf.:	precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram.
Subj. pres.:	–, –, –, –, –, –.
Imperat. afirm.:	–, –, –, precavei, –.
Outras:	precavia, precaverei, precaveria, precavera, precavesse, precaver, precavendo, precavido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre **precaver** e **precaver-se**.

488. ( ) São defectivos em algumas pessoas do presente do indicativo, do imperativo afirmativo e em todas do presente do subjuntivo e do imperativo negativo.
489. ( ) Esses verbos só se conjugam nas formas arrizotônicas.
490. ( ) Hoje só se usa a forma pronominal.
491. ( ) **precavejo**, **precaveem**, **precaviste**, **precaviu**... são formas que não existem porque são referentes a verbos que não são derivados de **ver**.
492. ( ) **precavenho**, **precavéns**, **precavenha**, **precavim** são também inexistentes na norma culta, porque não derivam os verbos **precaver** e **precaver-se** de **vir**.
493. ( ) Como são defectivos, suas formas inexistentes podem-se suprir pelas dos verbos **prevenir(-se)**, **precatar-se** ou **cuidar-se**.

prover, desprover (Irregulares.)

Ind. pres.:	provejo, provês, provê, provemos, provedes, provêem (nova ortografia: proveem).
Pret. perf.:	provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram.
Subj. pres.:	proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam.
Imperat. afirm.:	provê, proveja, provejamos, provede, provejam.
Outras:	provia, proverei, proveria, provera, provesse, prover, provendo, provido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

494. ( ) Derivado de **ver**, **prover** ora se conjuga como **ver**, ora não.
495. Todas as formas a seguir são corretas. Sublinhe as que fogem à conjugação de **ver**.
provê, provia, proviam, provi, proveste, proveu, provera, proveras, provesse, provesses, proverei, proveria, provejamos, provido.

querer, benquerer, desquerer, malquerer (Irregulares e abundantes.)

Ind. pres.:	quero, queres, quer(e), queremos, quereis, querem.
Pret. perf.:	quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram.
Subj. pres.:	queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram.
Imperat. afirm.:	quer(e), queira, queiramos, querei, queiram.
Outras:	queria, quererei, quereria, quisera, quisesse, quiser, querendo, querido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

496. ( ) No presente do indicativo, a forma **quere** é só usada em Portugal; no Brasil, só se usa a irregular **quer**.
497. ( ) **benquerer** e **malquerer** são abundantes em particípio: benquerido, malquerido, benquisto, malquisto.
498. ( ) **quis**, **queira**, **quisesse**, **quiser** são formas irregulares.
499. ( ) **Quer/quere**: formas abundantes no presente do indicativo e no imperativo afirmativo.

requerer (Irregular e abundante.)

Ind. pres.:	requeiro, requeres, requer(e), requeremos, requereis, requerem.
Pret. perf.:	requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram.
Subj. pres.:	requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram.
Imperat. afirm.:	requer(e), requeira, requeiramos, requerei, requeiram.
Outras:	requeria, requererei, requereria, requerera, requeresse, requerer, requerendo, requerido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

500. ( ) A forma regular **requere** é usada ainda em Portugal, e no Brasil, prefere-se a irregular **requer**.
501. ( ) **requere** e **requer** são formas abundantes desse verbo.
502. ( ) O **i** de **requeiro** caracteriza irregularidade que se repetirá no presente do subjuntivo, no imperativo negativo e em algumas pessoas do imperativo afirmativo.
503. ( ) A conjugação de **requerer** foge, portanto, à do verbo **querer**.

saber (Irregular.)

Ind. pres.:	sei, sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem.
Pret. perf.:	soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, souberam.
Subj. pres.:	saiba, saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam.
Imperat. afirm.:	sabe, saiba, saibamos, sabei, saibam.
Outras:	sabia, saberei, saberia, soubera, soubesse, souber, sabendo, sabido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** a respeito do verbo **saber**.

504. ( ) No presente do indicativo, só a 1ª pessoa do singular é irregular.
505. ( ) O pretérito perfeito e o subjuntivo presente apresentam todas as pessoas irregulares.
506. ( ) São regulares: sabia, saberei, saberia, sabendo, sabido.
507. ( ) São irregulares: souber, soubesse, saiba, sei, soube.

valer, desvaler, equivaler (Irregulares.)

Ind. pres.:	valho, vales, vale, valemos, valeis, valem.
Pret. perf.:	vali, valeste, valeu, valemos, valestes, valeram.
Subj. pres.:	valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham.
Imperat. afirm.:	vale, valha, valhamos, valei, valham.
Outras:	valia, valerei, valeria, valera, valesse, valer, valendo, valido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

508. ( ) São irregulares: valho, valha, valhamos, valham.
509. ( ) São regulares: vali, valia, valerei, valeria, valesse.

antever, entrever, prever, rever* (Irregulares; conjugam-se como **ver****.)

Ind. pres.:	vejo, vês, vê, vemos, vedes, vêem (nova ortografia: veem).
Pret. perf.:	vi, viste, viu, vimos, vistes, viram.
Subj. pres.:	veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam.
Imperat. afirm.:	vê, veja, vejamos, vede, vejam.
Outras:	via, verei, veria, vira, visse, vir, vendo, visto.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

510. ( ) Vemos hoje o que vimos ontem.
511. ( ) Quando você ver o que nós víramos...
512. ( ) Eu me entretive pensando que se ele previsse ou antevisse, não reveria o trato.
513. ( ) Viste bem do que proveste a nossa despensa.
514. ( ) Tenho visto que você não tem provido os cargos abertos.
515. ( ) O Acordo Ortográfico aboliu o circunflexo de veem, reveem...

* Rever: existe, derivado do latim *repere*, um outro verbo **rever**, que significa "transudar", 'verter', 'deixar transpirar', mas que também se conjuga como o verbo **ver**: O suor **revê** de seus poros. Sua fala ao telefone **revia** descontrole.

** O verbo **prover** foge à conjugação de **ver**. Estude-o na página 232.

viger (Regular.)

Ind. pres.:	(vijo), viges, vige, vigemos, vigeis, vigem.
Pret. perf.:	vigi, vigeste, vigeu, vigemos, vigestes, vigeram.
Subj. pres.:	(vija), (vijas), (vija), (vijamos), (vijais), (vijam).
Imperat. afirm.:	vige, (vija), (vijamos), vigei, (vijam).
Outras:	vigia, vigerei, vigeria, vigera, vigesse, viger, vigendo, vigido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre o verbo **viger**.

516. ( ) Significa "ter vigor", "estar em vigor", "vigorar".
517. ( ) Alguns gramáticos ainda o consideram defectivo na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo.
518. ( ) Portanto, não há, para esses autores, todo o presente do subjuntivo e, consequentemente, o imperativo negativo e as pessoas **você(s)** e **nós** do imperativo afirmativo.
519. ( ) Modernamente vem sendo conjugado em todas as pessoas, como verbo regular.
520. ( ) Antes de **o** e **a**, o **g** vira **j**, para não se perder a pronúncia regular.

3ª conjugação

abolir, banir, bramir, brandir, carpir, colorir, comedir, delir, demolir, emolir, extorquir, fremir, retorquir, vagir... (Regulares e defectivos.)

Ind. pres.:	–, aboles, abole, abolimos, abolis, abolem.
Pret. perf.:	aboli, aboliste, abolui, abolimos, abolistes, aboliram.
Subj. pres.:	–, –, –, –, –, –.
Imperat. afirm.:	abole, –, –, aboli, –.
Outras:	abolia, abolirei, aboliria, abolira, abolisse, abolir, abolindo, abolido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

521. ( ) São defectivos na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, portanto não têm o presente do subjuntivo e, consequentemente, o imperativo negativo e as pessoas **você**(**s**) e **nós** do imperativo afirmativo.
522. ( ) Trocam o **i** por **e** nas formas rizotônicas.
523. ( ) Eu coloro com as cores do céu.
524. ( ) O **coloro** da frase anterior pertence ao verbo **colorar**, sinônimo de "colorir" e pronuncia-se com a vogal tônica aberta como **demoro**.

agredir, denegrir, prevenir, progredir, regredir, transgredir (Irregulares.)

Ind. pres.:	agrido, agrides, agride, agredimos, agredis, agridem.
Pret. perf.:	agredi, agrediste, agrediu, agredimos, agredistes, agrediram.
Subj. pres.:	agrida, agridas, agrida, agridamos, agridais, agridam.
Imperat. afirm.:	agride, agrida, agridamos, agredi, agridam.
Outras:	agredia, agredirei, agrediria, agredira, agredisse, agredir, agredindo, agredido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro anterior.

525. ( ) Trocam o **gre** por **gri** nas formas rizotônicas do presente do indicativo, inclusive na 1ª pessoa do singular.

526. ( ) Por isso, o presente do subjuntivo e as formas do imperativo dele derivadas também trocam o **gre** por **gri**.

527. ( ) Para progredirdes mais facilmente, não agridais nem transgridais as normas do bom convívio.

Terminados em air

abstrair, atrair, cair, contrair, decair, descair, detrair, distrair, esvair, extrair, protrair, recair, ressair, retrair, retrotrair, sobressair, subtrair, trair... (Regulares; conjugam-se como **sair**.)

Ind. pres.:	saio, sais, sai, saímos, saís, saem.
Pret. perf.:	saí, saíste, saiu, saímos, saístes, saíram.
Subj. pres.:	saia, saias, saia, saiamos, saiais, saiam.
Imperat. afirm.:	sai, saia, saiamos, saí, saiam.
Outras:	saía, sairei, sairia, saíra, saísse, sair, saindo, saído.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro anterior.

528. ( ) Todos esses verbos resumem-se em **esvair**, **cair**, **trair**, **sair** e derivados.

529. ( ) Abstrai-te e não te retraias para sobressaíres.

530. ( ) Não destraias, nem traiais vossos eleitores, para não cairdes em descrédito.

Terminados em uir

construir, desconstruir, destruir, reconstruir (Irregulares e abundantes.)

Ind. pres.:	construo, constróis/truis, constrói/trui, construímos, construís, constroem/truem.
Pret. perf.:	construí, construíste, construiu, construímos, construístes, construíram.
Subj. pres.:	construa, construas, construa, construamos, construais, construam.
Imperat. afirm.:	constrói/trui, construa, construamos, construí, construam.
Outras:	construía, construirei, construiria, construíra, construísse, construir, construindo, construído.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

531. ( ) As formas tu **construis**, ele **construi** e eles **construem** são usadas em Portugal e em outros países lusófonos.

532. ( ) As formas tu **constróis**, ele **constrói** e eles **constroem** são usadas no Brasil, embora também aceitas em Portugal e em outros países lusófonos.

533. ( ) São verbos abundantes no presente do indicativo e imperativo afirmativo.

anuir, concluir, constituir, defluir, destituir, estruir, fruir, influir, instruir, obstruir, possuir, refluir, restituir, retribuir (Regulares.)

Ind. pres.:	influo, influis, influi, influímos, influís, influem.
Pret. perf.:	influí, influíste, influiu, influímos, influístes, influíram.
Subj. pres.:	influa, influas, influa, influamos, influais, influam.
Imperat. afirm.:	influi, influa, influamos, influí, influam.
Outras:	influía, influirei, influiria, influíra, influísse, influir, influindo, influído.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

534. ( ) No presente do indicativo, **influis** e **influi** graficamente têm **ui** e não **ue**, porque se trata de ditongo.

535. ( ) Trata-se de pronúncia regular, portanto de verbo regular.

argüir, redargüir/arguir, redarguir (nova ortografia) (Regulares.)

Ind. pres.:	arg**u**o, argúis, argúi, argü**i**mos, argü**i**s, argúem (nova ortografia: arg**u**o, arg**u**is, arg**u**i, arguímos, arguís, arg**u**em).
Pret. perf.:	argü**i**, argü**i**ste, argü**i**u, argü**i**mos, argü**i**stes, argü**i**ram (nova ortografia: arguí, arguíste, argu**i**u, arguímos, arguístes, arguíram).
Subj. pres.:	arg**u**a, arg**u**as, arg**u**a, arg**u**amos, arg**u**ais, arg**u**am.
Imperat. afirm.:	argúi (nova ortografia: arg**u**i), arg**u**a, arg**u**amos, argü**i** (nova ortografia: arguí), arg**u**am.
Outras:	argüia, argüirei, argüiria, argüira, argüisse, argüir, argüindo, argüido. (nova ortografia: arguía, arguirei, arguiria, arguíra, arguísse, arguir, arguindo, arguído.)

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

536. ( ) O uso do trema, pela nova ortografia, foi abolido em todos os tempos, modos e pessoas.

537. ( ) Pela nova ortografia, na sílaba **gui**, o **u** não se acentua, acentua-se o **i** quando tônico, sozinho na sílaba ou com **s**: arguí, arguís, arguímos, arguístes, arguía, arguíra, arguísse, arguído.

delinqüir/delinquir (nova ortografia) (Regular ou irregular ou defectivo.)

Ind. pres.:	1 – (delínquo), delínqües, delínqüe, delinqüimos, delinqüis, delínqüem.
	2 – delinq**u**o, delinq**u**es, delinq**u**e, delinqüimos, delinqüis, delinquem.
Pret. perf.:	delinqüi, delinqüiste, delinqüiu, delinqüimos, delinqüistes, delinqüiram.
Subj. Pres.:	1 – (delínqua), (delínquas), (delínqua), (delinquamos), (delinquais), (delínquam).
	2 – delinq**u**a, delinq**u**as, delinq**u**a, delinquamos, delinquais, delinq**u**am.
Imperat. afirm.:	1 – delínqüe, (delínqua), (delinquamos), delinqüi, (delínquam).
	2 – delinq**ú**e, delinq**u**a, delinqu**a**mos, delinqü**i**, delinq**u**am.
Outras:	delinqüia, delinqüirei, delinqüiria, delinqüira, delinqüisse, delinqüir, delinqüindo, delinqüido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

538. ( ) Nos presentes do indicativo, do subjuntivo e no imperativo, há duas conjugações diferentes.

539. ( ) Pela nova ortografia, o trema e o acento agudo no **u** foram abolidos, sem prejuízo das pronúncias.

540. ( ) Conjugam-se igualmente os verbos terminados em -guar, -quar, -quir, terminações de infinitivo em que o **u** é pronunciado átono.

541. ( ) Pela nova ortografia, tais verbos, por oferecerem dois paradigmas, ou têm o **u** como vogal tônica, mas sem acento gráfico [enxag**u**a(s), delinq**u**e(s)], ou são paroxítonos terminados em ditongo, tendo acento gráfico [enxágue(s), delínque(s)].

puir, pruir, ruir (Regulares e defectivos.)

Ind. pres.:	–, p**u**is, p**u**i, puímos, puís, p**u**em.
Pret. perf.:	puí, puíste, pu**i**u, puímos, puístes, puíram.
Subj. pres.:	–, –, –, –, –, –.
Imperat. afirm.:	p**u**i, –, –, puí, –.
Outras:	puía, puirei, puiria, puíra, puísse, puir, puindo, puído.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro anterior.

542. ( ) São defectivos nas formas em que o **u** seria seguido de **o** ou **a**.

543. ( ) São regulares nas outras formas.

abrir, desabrir, entreabrir, reabrir (Irregulares.)

Ind. pres.:	abro, abres, abre, abrimos, abris, abrem.
Pret. perf.:	abri, abriste, abriu, abrimos, abristes, abriram.
Subj. pres.:	abra, abras, abra, abramos, abrais, abram.
Imperat. afirm.:	abre, abra, abramos, abri, abram.
Outras:	abria, abrirei, abriria, abrira, abrisse, abrir, abrindo, aberto.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

544. ( ) **abro**, **abri**, **abra** são formas irregulares.
545. ( ) A única irregularidade está no particípio: aberto, desaberto, entreaberto, reaberto.

acudir, bulir, consumir, cuspir, desentupir, entupir, escapulir, fugir, sacudir, subir, sumir, zunir (Irregulares.)

Ind. pres.:	acudo, acodes, acode, acudimos, acudis, acodem.
Pret. perf.:	acudi, acudiste, acudiu, acudimos, acudistes, acudiram.
Subj. pres.:	acuda, acudas, acuda, acudamos, acudais, acudam.
Imperat. afirm.:	acode, acuda, acudamos, acudi, acudam.
Outras:	acudia, acudirei, acudiria, acudira, acudisse, acudir, acudindo, acudido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos anteriores.

546. ( ) A irregularidade se baseia na mudança do **u** por **o**.
547. ( ) Só existem quatro pessoas irregulares: **tu**, **ele**, **eles** do presente do indicativo e **tu** do imperativo afirmativo.
548. ( ) f**ug**o, f**oge**s, f**oge**, fu**gi**mos, fu**gi**s, fo**ge**m.
549. ( ) f**uga**, f**uga**s, f**uga**, fu**ga**mos, f**uga**is, f**uga**m.
550. ( ) f**ujo**, f**uja**, fu**jam**os, f**uja**is, f**uja**m, f**uja**s.
551. ( ) Antes de **o** e **a**, trocam o **g** por **j** para manter a pronúncia. Esse fato não caracteriza irregularidade.
552. ( ) **entupir** e **desentupir**, dessa lista, são os únicos abundantes no presente do indicativo (entupe(s) ou entope(s), entupem ou entopem) e no imperativo afirmativo (entupe ou entope).

assumir, presumir, reassumir, resumir (Regulares.)

Ind. pres.:	assumo, assumes, assume, assumimos, assumis, assumem.
Pret. perf.:	assumi, assumiste, assumiu, assumimos, assumistes, assumiram.
Subj. pres.:	assuma, assumas, assuma, assumamos, assumais, assumam.
Imperat. afirm.:	assume, assuma, assumamos, assumi, assumam.
Outras:	assumia, assumirei, assumiria, assumira, assumisse, assumir, assumindo, assumido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

553. ( ) Como regulares, mantêm o **u** em todas as pessoas: resumo, resumes, resume, resumimos, resumis, resumem, resumi, resumia, resumirei, resumiria, resumindo...

cerzir (Irregular e abundante.)

Ind. pres.:	cirzo, cirzes/cerzes, cirze/cerze, cerzimos, cerzis, cirzem/cerzem.

Pret. perf.:	cerzi, cerziste, cerziu, cerzimos, cerzistes, cerziram.
Subj. pres.:	cirza, cirzas, cirza, cirzamos, cirzais, cirzam.
Imperat. afirm.:	cirze/cerze, cirza, cirzamos, cerzi, cirzam.
Outras:	cerzia, cerzirei, cerziria, cerzira, cerzisse, cerzir, cerzindo, cerzido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre o verbo **cerzir**.

554. ( ) É irregular na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, portanto, também no subjuntivo presente e, consequentemente, no imperativo negativo e nas pessoas **você(s)** e **nós** do imperativo afirmativo.

555. ( ) No presente do indicativo (tu e ele) e no imperativo afirmativo (tu), coexistem no uso as formas regulares e irregulares.

556. ( ) Pela afirmação anterior, conclui-se ser verbo abundante.

cobrir, encobrir, descobrir (Irregulares.)

Ind. pres.:	cubro, cobres, cobre, cobrimos, cobris, cobrem.
Pret. perf.:	cobri, cobriste, cobriu, cobrimos, cobristes, cobriram.
Subj. pres.:	cubra, cubras, cubra, cubramos, cubrais, cubram.
Imperat. afirm.:	cobre, cubra, cubramos, cobri, cubram.
Outras:	cobria, cobrirei, cobriria, cobrira, cobrisse, cobrir, cobrindo, coberto.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

557. ( ) Todas as pessoas em que o **o** se troca por **u** são irregulares.

558. ( ) O particípio é também irregular.

559. ( ) Todas as outras formas são regulares.

dormir, engolir, tossir (Irregulares.)

Ind. pres.:	durmo, dormes, dorme, dormimos, dormis, dormem.
Pret. perf.:	dormi, dormiste, dormiu, dormimos, dormistes, dormiram.
Subj. pres.:	durma, durmas, durma, durmamos, durmais, durmam.
Imperat. afirm.:	dorme, durma, durmamos, dormi, durmam.
Outras:	dormia, dormirei, dormiria, dormira, dormisse, dormir, dormindo, dormido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

560. ( ) Conjugam-se inteiramente como os verbos **cobrir** e derivados.

561. ( ) Conjugam-se como **cobrir** e derivados, com uma única diferença: o particípio é regular: **dormido**, **engolido**, **tossido**.

Terminados em uzir

conduzir, induzir, luzir, reduzir, seduzir, reluzir (Irregulares e abundantes.)

Ind. pres.:	conduzo, conduzes, conduz, conduzimos, conduzis, conduzem.
Pret. perf.:	conduzi, conduziste, conduziu, conduzimos, conduzistes, conduziram.
Subj. pres.:	conduza, conduzas, conduza, conduzamos, conduzais, conduzam.
Imperat. afirm.:	conduz(e), conduza, conduzamos, conduzi, conduzam.
Outras:	conduzia, conduzirei, conduziria, conduzira, conduzisse, conduzir, conduzindo, conduzido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro anterior.

562. ( ) São inteiramente irregulares.
563. ( ) No presente do indicativo, **conduz** é uma forma irregular. A regular deveria ter um **e** final.
564. ( ) No imperativo afirmativo, **conduze** ou **conduz** (tu) são formas abundantes.
565. ( ) Todas as outras formas são perfeitamente regulares.

esculpir, explodir (Regulares; *vide* **partir**, pág. 179.)

expelir, inserir (Irregulares e abundantes.)

Ind. pres.:	expilo, expeles, expele, expelimos, expelis, expelem.
Pret. perf.:	expeli, expeliste, expeliu, expelimos, expelistes, expeliram.
Subj. pres.:	expila, expilas, expila, expilamos, expilais, expilam.
Imperat. afirm.:	expele, expila, expilamos, expeli, expilam.
Outras.:	expelia, expelirei, expeliria, expelira, expelisse, expelir, expelindo, expelido/expulso.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

566. ( ) Irregulares na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, pela troca do **e** por **i** (exp**e**lir ➜ exp**i**lo).

adir, aguerrir, combalir, embair, empedernir, esbaforir-se, espavorir, exinanir, florir, fornir, garrir, inanir, remir, renhir, ressarcir, ressequir, revelir, transir (Regulares e defectivos; seguem o modelo de **falir**.)

Ind. pres.:	–, –, –, falimos, falis, –.
Pret. perf.:	fali, faliste, faliu, falimos, falistes, faliram.
Subj. pres.:	–, –, –, –, –, –.
Imperat. afirm.:	–, –, –, fali, –.
Outras:	falia, falirei, faliria, falira, falisse, falir, falindo, falido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro anterior.

567. ( ) São conjugados só nas formas rizotônicas.
568. ( ) Somente têm as formas arrizotônicas, e nessas são regulares.
569. ( ) **revelir** e **ressarcir** já são considerados regulares, sendo conjugados em todas as formas.

Terminados em eguir, elir, erir, etir, ergir, ertir, ervir, espir, estir

aderir, advertir, aferir, aspergir, auferir, compelir, competir, conseguir, convergir, deferir, despir, desservir, diferir, digerir, divergir, divertir, ferir, gerir, impelir, ingerir, perseguir, preterir, prosseguir, refletir, repelir, repetir, revestir, seguir, servir, sugerir, vestir (Irregulares.)

Ind. pres.:	adiro, aderes, adere, aderimos, aderis, aderem.
Pret. perf.:	aderi, aderiste, aderiu, aderimos, aderistes, aderiram.
Subj. pres.:	adira, adiras, adira, adiramos, adirais, adiram.
Imperat. afirm.:	adere, adira, adiramos, aderi, adiram.
Outras:	aderia, aderirei, aderiria, aderira, aderisse, aderir, aderindo, aderido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

570. ( ) Na primeira pessoa do singular do presente do indicativo, sua irregularidade consiste na troca do **e** por **i**: aderir > ad**i**ro.
571. ( ) Essa irregularidade afeta, portanto, o presente do subjuntivo e os imperativos afirmativo e negativo.
572. ( ) Todas as outras formas são regulares.

emergir, imergir, submergir (Regulares e abundantes.)

Ind. pres.:	emerjo, emerges, emerge, emergimos, emergis, emergem.
Pret. perf.:	emergi, emergiste, emergiu, emergimos, emergistes, emergiram.
Subj. pres.:	emerja, emerjas, emerja, emerjamos, emerjais, emerjam.
Imperat. afirm.:	emerge, emerja, emerjamos, emergi, emerjam.
Outras:	emergia, emergirei, emergiria, emergira, emergisse, emergindo, emergido/imerso.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

573. ( ) A pronúncia da vogal tônica é: emerjo(ê), emerges(é), emergem(é).
574. ( ) A permuta do **g** por **j** só ocorre antes de **o** e **a**, para manter a pronúncia original, por isso não constitui irregularidade.

concernir

Para uns autores, conjuga-se como **aderir**; para outros, só se conjuga nas 3as pessoas: concerne(m), concernia(m)...

discernir
Para uns autores, conjuga-se como **aderir**; para outros, conjuga-se como **aderir**, porém, só nas formas arrizotônicas:

Ind. pres.:	–, –, –, discernimos, discernis, –.
Pret. perf.:	discerni, discerniste, discerniu, discernimos, discernistes, discerniram.
Subj. pres.:	–, –, –, –, –, –.
Imperat. afirm.:	–, –, –, discerni, –.
Outras:	discernia, discernirei, discerniria, discernira, discernisse, discernir, discernindo, discernido.

aturdir, brunir, espargir, exaurir, foragir-se, fulgir, impingir, jungir, ungir (Regulares, ex-defectivos; seguem o modelo de **haurir**.)

Ind. pres.:	(hauro), haures, haure, haurimos, hauris, haurem.
Pret. perf.:	hauri, hauriste, hauriu, haurimos, hauristes, hauriram.
Subj. pres.:	(haura), (hauras), (haura), (hauramos), (haurais), (hauram).
Imperat. afirm.:	haure, (haura), (hauramos), hauri, (hauram).
Outras:	hauria, haurirei, hauriria, haurira, haurisse, haurir, haurindo, haurido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

575. ( ) Para alguns, conjugam-se como **abolir**, defectivos na primeira pessoa do singular do presente do indicativo e, portanto, também não conjugáveis no presente do subjuntivo, no imperativo negativo e nas pessoas **você(s)** e **nós** do imperativo afirmativo – as formas entre parênteses.

576. ( ) Para autores mais modernos, trata-se de verbos regulares, dotados de todas as pessoas, tempos e modos.

Terminados em entir

consentir, desmentir, mentir, pressentir, ressentir, sentir (Irregulares.)

Ind. pres.:	sinto, sentes, sente, sentimos, sentis, sentem.
Pret. perf.:	senti, sentiste, sentiu, sentimos, sentistes, sentiram.
Subj. pres.:	sinta, sintas, sinta, sintamos, sintais, sintam.
Imperat. afirm.:	sente, sinta, sintamos, senti, sintam.
Outras:	sentia, sentirei, sentiria, sentira, sentisse, sentir, sentindo, sentido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

577. ( ) Sua irregularidade aparece na troca do **en** por **in**: **sen**tir, **sin**to.

578. ( ) Todos os verbos terminados em **entir** conjugam-se como **sentir**.

frigir (Irregular e abundante.)

Ind. pres.:	frijo, freges, frege, frigimos, frigis, fregem.

Pret. perf.:	frigi, frigiste, frigiu, frigimos, frigistes, frigiram.
Subj. pres.:	frija, frijas, frija, frijamos, frijais, frijam.
Imperat. afirm.:	frege, frija, frijamos, frigi, frija.
Outras:	frigia, frigirei, frigiria, frigira, frigisse, frigir, frigindo, frigido/frito.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre o verbo **frigir**.

579. ( ) A irregularidade se mostra na troca de **fri** por **fre**.
580. ( ) Outra irregularidade está na troca do **g** por **j**.
581. ( ) Permuta-se o **g** por **j** antes de **o** e **a**, para manter-se a regularidade da prosódia, isto é, da pronúncia.
582. ( ) A abundância ocorre no particípio, com duas formas: **frigido** e **frito**.

ir (Anômalo.)

Ind. pres.:	vou, vais, vai, vamos, ides, vão.
Pret. perf.:	fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.
Subj. pres.:	vá, vás, vá, vamos, vades, vão.
Imperat. afirm.:	vai, vá, vamos, ide, vão.
Outras:	ia, irei, iria, fora, fosse, ir, indo, ido.

Prática

■ Assinale **C** o **E** sobre o verbo **ir**.

583. ( ) Sua conjugação incorpora radicais de três verbos latinos: *ire*, *esse* e *vadere*.
584. ( ) A presença de vários radicais (vai, foi, ia) justifica sua classificação como anômalo.
585. ( ) Anômalo é um irregular mais forte.
586. ( ) **ia**, **irei**, **iria**, **indo**, **ido**: nessas formas, sua conjugação é regular, mantendo o mesmo radical do infinitivo.

desimpedir, despedir, expedir, impedir, ouvir, pedir (Irregulares; seguem o modelo de **medir.**)

Ind. pres.:	meço, medes, mede, medimos, medis, medem.
Pret. perf.:	medi, mediste, mediu, medimos, medistes, mediram.
Subj. pres.:	meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam.
Imperat. afirm.:	mede, meça, meçamos, medi, meçam.
Outras:	media, medirei, mediria, medira, medisse, medindo, medido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

587. ( ) Na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e nos tempos e pessoas dela derivados, aparece um **ç** no radical (pe**ç**, ou**ç**, me**ç**).
588. ( ) Nas outras formas, são regulares.

rir, sorrir (Irregulares.)

Ind. pres.:	rio, ris, ri, rimos, rides, riem.
Pret. perf.:	ri, riste, riu, rimos, ristes, riram.
Subj. pres.:	ria, rias, ria, riamos, riais, riam.
Imperat. afirm.:	ri, ria, riamos, ride, riam.
Outras:	ria, rirei, riria, rira, risse, rir, rindo, rido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

589. ( ) **ríamos** é imperfeito do indicativo e **riamos** é subjuntivo presente.

590. ( ) O verbo **sorrir**, para alguns gramáticos, na 2ª pessoa do plural do presente do indicativo, conjuga-se **vós sorris**; para outros, segue o **rir**: **vós sorrides**.

polir, sortir, despolir (Irregulares.)

Ind. pres.:	pulo, pules, pule, polimos, polis, pulem.
Pret. perf.:	poli, poliste, poliu, polimos, polistes, poliram.
Subj. pres.:	pula, pulas, pula, pulamos, pulais, pulam.
Imperat. afirm.:	pule, pula, pulamos, poli, pulam.
Outras:	polia, polirei, poliria, polira, polisse, polir, polindo, polido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** a respeito de **polir**, **sortir**, **despolir**.

591. ( ) São irregulares nas formas rizotônicas, em que trocam o **o** por **u**.

592. ( ) **sortir** significa **abastecer**, **fazer sortimento**.

surtir (Regular).

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

593. ( ) **surtir** significa **originar** e é regular: surto, surtes, surte, surtimos, surtis, surtem, surtia, surtirei, surtiria, surtira, surtisse, surtindo, surtido.

atingir, cingir, constringir, destingir, destinguir, extinguir, infringir, tingir, tinir e outros terminados em **-ingir** e **inguir** (Regulares, *vide* **partir**, pág. 179.)

vagir (Defectivo.)

Ind. pres.:	–, (vages), (vage), vagimos, vagis, (vagem).
Pret. perf.:	vagi, vagiste, vagiu, vagimos, vagistes, vagiram.
Subj. pres.:	–, –, –, –, –, –.
Imperat. afirm.:	–, (vage), –, –, vagi, –.
Outras:	vagia, vagirei, vagiria, vagira, vagisse, vagir, vagindo, vagido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre **vagir**.

594. ( ) Para uns gramáticos, só se conjuga nas formas em que o radical vem seguido da letra **i**; portanto, para eles, as formas entre parênteses não existem.

595. ( ) Para outros, não se conjugam apenas as formas em que ao radical se seguiriam as letras **a** e **o**.

596. ( ) Ou seja, para uns, pertence o verbo **vagir** a um grupo de defectivos; para outros, continua sendo defectivo, porém pertencente a outro grupo. (*Vide* pág. 235.)

advir, avir(-se), convir, desavir(-se), intervir, provir, sobrevir (Irregulares; seguem o modelo de **vir**.)

Ind. pres.:	venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm.
Pret. perf.:	vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.
Subj. pres.:	venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham.
Imperat. afirm.:	vem, venha, venhamos, vinde, venham.
Outras:	vinha, virei, viria, viera, viesse, vindo, vindo.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

597. ( ) Os derivados de **vir**, por terem mais de uma sílaba, têm acentos gráficos diferentes de **vir**: **vens**, **vem** / **advéns**, **advém**.

598. ( ) O particípio e o gerúndio têm a mesma forma.

599. ( ) **desavindo**, além de particípio, é adjetivo: pares **desavindos**.

Prática Geral

■ Passe para a **2ª pessoa do singular** e **2ª pessoa do plural**.

Vão com Deus, sejam felizes e, quando saírem, fechem a porta.

600. _____

_____

_____

_____

■ Use o verbo **reaver** nas formas indicadas ou, se impossível, use um sinônimo.

601. Eu _____ (pres. indicat.) o tempo perdido e já _____ (pret. perf.) o que me tiraram.

602. Nós _____ (pret. perf.) nossos créditos. Ela não _____ (pres. indicat.) os dela.

■ Escreva os **particípios** dos seguintes verbos:

603. expressar _____ – exprimir _____
604. extinguir _____ – suspender _____
605. frigir _____ – abrir _____

606. Dos verbos dos três últimos exercícios, só não é abundante o _____.

■ **Corrija**, se for preciso.

607. Se eu o ver, dizerei que te procure.

_____

608. Ele interviu logo, porque não quiz fazer o que eu propora.

_____

609. É bom que você averigüe como eu mobilio os pavimentos.

_____

610. Quando ele vir de férias, se poder, vou esperá-lo.

_____

611. O vice sobestá ao prefeito.

_____

■ (UFPR – adaptado). Preencha as lacunas com os verbos **ver** ou **vir**.

612. Quando _____ a Brasília, traga sua mãe.
613. Se _____ o Pedro, avise-o da minha chegada.
614. Ontem nós _____ um peixe enorme no lago.
615. Se tu _____ com mentiras, verás o que é bom!
616. Entregue-lhe isto, se o _____ amanhã.
617. Quando _____ o lago e o sol _____ nascendo...
618. Nós sempre _____ aqui pelo mesmo caminho.
619. Se _____ à escola, terá uma surpresa.
620. Peça-lhe para _____ aqui quando puder.
621. Se _____ à escola, terás uma surpresa.
622. Se _____ à escola, tereis uma surpresa.
623. Se você e Tiago os _____, nada comentem com eles.
624. Se você e Renan _____, vou buscá-los no aeroporto.

■ Nas frases de 625 a 635, assinale nos parênteses as letras correspondentes ao **indicativo**.

a) presente
b) pretérito perfeito
c) pretérito imperfeito
d) pretérito mais-que-perfeito
e) futuro do presente
f) futuro do pretérito

625. ( ) "A cantiga que eu **cantava**,
626. ( ) por ser cantada **morreu**.
627. ( ) Nunca **hei de dizer** o nome
628. ( ) daquilo que **há de ser** meu."
(Cecília Meireles)

"**Gostaríamos** de ser retos em nossos julgamentos, mas não **queremos** fazer sofrer os nossos semelhantes. Então **abrimos** mão de toda justiça e **sofremos** nós mesmos com as fraudes de nossa balança." (Carlos Drummond de Andrade)

629. ( ) gostaríamos.
630. ( ) queremos.
631. ( ) abrimos.
632. ( ) sofremos.

"Foi com esta impressão profunda que **cheguei** ao hospital onde Marcela **entrara** na véspera, e onde a **vi** expirar meia hora depois, feia, magra, decrépita..." (Machado de Assis)

633. ( ) cheguei.
634. ( ) entrara.
635. ( ) vi.

■ Classifique as **formas verbais** do seguinte texto de Carlos Drummond de Andrade (com adaptação).

"De sua poltrona, o moço **reclamava**:
– **Botem** esse ventilador para **funcionar**! Não aguento mais de calor.
Como ninguém **providenciasse**, ele **insistia**, **declarando** o fato uma falta de consideração com os passageiros. Mas nós não nos **sentimos** pessoalmente desconsiderados.
O rapaz insistia sempre, até que **apareceu** o chefe do trem e lançou um plebiscito.
– O motor está fraco. Se **quiserem** que o ventilador **funcione**, **ficarão** sem luz. Que preferem os senhores: ar ou claridade?
Olhamos com reprovação o reclamante, e ele emudeceu."

636. reclamava: _____
637. botem: _____
638. funcionar: _____

639. providenciasse: _____
640. insistia: _____
641. declarando: _____
642. sentimos: _____
643. apareceu: _____
644. quiserem: _____
645. funcione: _____
646. ficarão: _____
647. olhamos: _____

A – Ela **dorme** cedo.
B – **Durma** logo, menino.
C – Talvez ela **durma** logo.
D – Quero que você **dorme** logo.
E – Talvez ela **dorme** logo.

■ Assinale **C** ou **E**, para quer se trate de afirmação certa ou errada.

648. ( ) Em A, o verbo está no **imperativo**.
649. ( ) Em A, o verbo está no **indicativo**.
650. ( ) Em B, o verbo está no **subjuntivo**.
651. ( ) Em B, o verbo está no **imperativo**.
652. ( ) Em C, o verbo está no **subjuntivo**.
653. ( ) Em D, o verbo em negrito deveria estar no **subjuntivo** (durma).
654. ( ) Em E, o verbo está errado porque a dúvida requer **subjuntivo** (durma).
655. ( ) O nome **subjuntivo** vem de **sub + juntar** (que se junta por baixo) devido a ser o modo das orações subordinadas.

■ (FEMPAR) Que frases terão suas lacunas corretamente preenchidas pelas formas colocadas entre parênteses? Marque-as com um **C**.

656. Para não acentuar a discórdia, não _____ na discussão. (intervim)
657. O tempo todo _____ -me em silêncio. (manti)
658. Seria oportuno que ele se _____. (contesse)
659. Apesar da insistência, não _____ seus pertences. (reaveu)
660. Da minha janela, _____ tudo o que se passa na rua. (presencio)
661. Olho ao redor e _____ que todos os amigos se foram. (averiguo)

■ (U.E.MARINGÁ-PR) Assinale com **C** toda vez que os verbos do imperativo, em cada dupla, se referirem à mesma pessoa.

662. a) **Enxágua** a louça, mana.
b) Filha, **seja** mais otimista!

663. a) **Crede** sempre no bem!
b) Não **digais** tudo o que vem à mente.

664. a) **Sigamos** nosso caminho.
b) **Criemos** nosso destino!

665. a) Papai, **descola** uma grana aí.
b) Psiu, **vem** mais perto, vem.

■ Preencha as lacunas corretamente seguindo o modelo.
Vir, talvez eu venha. Se eu não vier...
666. Valer, talvez eu _____. Se eu não _____...
667. Poder, talvez eu _____. Se eu não _____...
668. Querer, talvez eu _____. Se eu não _____...
669. Requerer, talvez eu _____. Se eu não _____...
670. Pôr, talvez eu _____. Se eu não _____...
671. Ver, talvez eu _____. Se eu não _____...
672. Caber, talvez eu _____. Se eu não _____...
673. Ter, talvez eu _____. Se eu não _____...
674. Tragar, talvez eu _____. Se eu não _____...
675. Trazer, talvez eu _____. Se eu não _____...
676. Saber, talvez eu _____. Se eu não _____...
677. Remediar, talvez eu _____. Se eu não _____...

■ Corrija as frases.
678. Quando irmos, encontraremos os que se oporam.

_____

679. Enquanto não verdes a placa, não dobre à direita.

_____

680. Quando vires ao Brasil, mostra-me os presentes que trouxes.

_____

681. Quando ele propor, quero que você não interveja na conversa.

_____

682. Se eles reverem o texto e manterem o erro...

_____

683. Ela interviu porque eles não se comporam.

_____

684. Vá em frente e serás recompensado.

_____

685. Eles se desaviram, mas pode ser que ainda se avenham.

_____

686. (FUVEST-SP) "Se ele _____ (ver) o nosso trabalho _____ (fazer) um elogio."
Assinale a alternativa em que as formas dos verbos **ver** e **fazer** preenchem corretamente as lacunas da frase acima:
a) ver / fará.
b) visse / fará.
c) ver / fazerá.
d) vir / fará.
e) vir / faria.

687. (FESP-SP) Assinale a alternativa em que todas as formas estejam na **segunda pessoa do plural do imperativo afirmativo**.
a) ouvi / vinde / ide / traze.
b) ouvi / vinde / ide / trazei.
c) ouvi / venhas / ide / trazei.
d) ouça / vinde / vá / tragais.
e) ouça / venhas / vás / tragais.

688. (VUNESP-SP) Observe a frase abaixo.
"A grosseria de Deus me feria e insultava-me."
Transcreva-a no:
a) pretérito perfeito do indicativo:

_____

b) pretérito mais-que-perfeito do indicativo:

_____

689. (FUVEST-SP) Preencha os claros da frase transformada com as formas adequadas dos verbos assinalados na frase original.
Original:
Para você **vir** à Cidade Universitária, é preciso **virar** à direita ao **ver** a ponte da Alvarenga.
Para tu _____ à Cidade Universitária, é preciso que _____ à direita quando _____ a ponte da Alvarenga.

690. (UM-SP) Indique a oração em que há um **erro** quanto à flexão verbal.
a) A mãe previu no filho aquela personalidade marcante.
b) O próprio garoto precaviu-se contra aquele mal.
c) Missão sublime o detivera aqui neste universo humano.
d) O mestre não interveio a tempo na solução daquele problema.
e) Mesmo com a mente iludida, o jovem reouve a consciência da trágica situação.

691. (UNIMEP-SP) "Não fales! Não bebas! Não fujas!"
Passando tudo para a forma **afirmativa**, teremos:

a) Fala! Bebe! Foge!
b) Fala! Bebe! Fuja!
c) Fala! Beba! Fuja!
d) Fale! Beba! Fuja!
e) Fale! Bebe! Foge!

692. (F. C. Chagas-PR) Mesmo que você lhe _____ um acordo amigável, ele não _____.
a) proponha / aceitará.
b) propor / aceitava.
c) proporia / aceitaria.
d) proporá / aceitará.
e) propôs / aceitava.

693. (ITA-SP) Vi, mas não _____; o policial viu, e também não _____; dois agentes secretos viram, e não _____. Se todos nós _____, talvez _____ tantas mortes.
a) intervim / interviu / interviram / tivéssemos intervido / teríamos evitado.
b) me precavi / se precaveio / se precaveram / nos precavíssemos / não teria havido.
c) me contive / se conteve / contiveram / houvéssemos contido / tivéssemos impedido.
d) me precavi / se precaveu / precaviram / precavêssemo-nos / não houvesse.
e) intervim / interveio / intervieram / tivéssemos intervindo / houvéssemos evitado.

694. (F. C. Chagas) Se você _____ chegado a tempo _____ visto o que _____.
a) tem / tenha / acontece.
b) tiver / terá / acontecesse.
c) teria / tinha / aconteça.
d) tivesse / teria / aconteceu.
e) tinha / tem / acontecia.

695. (F. C. Chagas) Transpondo para a voz **ativa** a frase: "O filme ia ser dirigido por um cineasta ainda desconhecido", obtém-se a forma verbal:
a) dirigirá.
b) dirigir-se-á.
c) vai dirigir.
d) será dirigido.
e) ia dirigir.

696. (UF Londrina) Transpondo para a voz **ativa** a frase: "Os livros seriam postos em um líquido desinfetante", obtém-se a forma verbal:
a) vão pôr.
b) íamos pôr.
c) põem-se.
d) vão ser postos.
e) poriam.

697. (UNESP) Explicou que *aprendera aquilo de ouvido*.
Transpondo a oração em destaque para a **voz passiva**, temos a seguinte forma verbal:
a) tinha sido aprendido.
b) era aprendido.
c) fora aprendido.
d) tinha aprendido.
e) aprenderia.

698. (UM-SP) Assinale a alternativa em que há **erro** na forma verbal ou no pronome enclítico.
a) tem + o = tem-no.
b) faz + o = fá-lo.
c) fez + o = fê-lo.
d) tens + o = ten-lo.
e) pões + o = põe-lo.

699. (FCMSCSP) Transpondo para a **voz ativa** a frase: "Solicita-se a atenção de V. Sª. para um dado importante", obtém-se a forma verbal:
a) é solicitado.
b) solicitam.
c) foi solicitada.
d) solicitaram.
e) solicitou-se.

700. (FCMSCSP) Transpondo para a **voz passiva** a frase: "Os mutuários devem continuar a seguir essa orientação", obtém-se a forma verbal:
a) deve continuar a ser seguida.
b) deve ser continuada a seguir.
c) deve ser continuada a ser seguida.
d) é devida continuar a seguir.
e) é devida ser continuada a seguir.

701. (FCMSCSP) Caso você _____ viajar no sábado, com certeza _____ necessário reservar as passagens.
a) quer / fosse.
b) quisesse / seja.
c) queira / será.
d) queria / é.
e) quiser / fosse.

702. (UF Londrina) Transpondo para a **voz passiva** a frase: "Os cavalinhos de pau despertavam a fantasia das crianças", obtém-se a forma verbal:
a) fora despertada.
b) despertou-se.
c) ia sendo despertada.
d) foi despertada.
e) era despertada.

703. (FCMSCSP) Mesmo que a direção o _____ para o lugar e ele _____ nomeado, duvido que _____ a exercer o cargo.
a) indicar / for / chega.
b) indicaria / seja / chega.
c) indique / for / chega.
d) indique / seja / chegue.
e) indicar / ser / chegue.

704. (FIUbe) Transpondo para a **voz passiva** a oração: "A pedidos, a orquestra tocaria fado e modinha", obtém-se a forma verbal:
a) se tocaria.
b) será tocado.
c) seriam tocados.
d) serão tocados.
e) iam ser tocados.

705. (FIUbe) Caso eu não _____ mais aqui e não nos _____ outra vez, telefone-me.
a) vier / vermos.
b) venho / virmos.
c) virei / veremos.
d) venha / vejamos.
e) viesse / vimos.

706. (EEM-SP) Siga o modelo.
Provo que tenho direito. Se tens direito, prova-o.
a) Juro que não comprei a máquina.

_____

b) Digo que compus um poema.

_____

707. (ITA-SP) Dadas as afirmações de que os verbos:
a. requerer b. prover c. aprazer
têm, respectivamente, como primeira pessoa do singular do presente do indicativo:
1. requero 2. provejo 3. aprazo
constatamos que está (estão) **correta(s)**:
a) apenas a afirmação nº 1.
b) apenas a afirmação nº 2.
c) apenas a afirmação nº 3.
d) todas as afirmações.
e) n.d.a.

708. (FUVEST-SP) _____ em ti, mas nem sempre _____ dos outros.
a) Creias / duvides.
b) Crê / duvidas.
c) Creias / duvidas.
d) Creia / duvide.
e) Crê / duvides.

709. (FUVEST-SP) Ele _____ a seca e _____ a casa de mantimentos.
a) preveu / proveu.
b) prevera / provira.
c) previra / proviera.
d) preveu / provera.
e) previu / proveu.

710. (FUVEST-SP) Passe o texto para a forma **negativa**.
"Sai daqui! Foge! Abandona o que é teu e esquece-me."

_____

_____

711. (FUVEST-SP) Escreva as formas dos verbos indicados que preencham **corretamente** as lacunas.
a) Quando eu _____ os livros, nunca mais os emprestarei. (reaver)
b) Quando ele _____ uma canção de paz, poderá descansar. (compor)

712. (F. C. Chagas) Não _____ diante de nenhum sacrifício que você de mim _____.
a) recuei / exija.
b) recuo / exigisse.
c) recuo / exija.
d) recuara / exigiu.
e) recuei / exigir.

713. (F. C. Chagas) Para que você _____ isso, precisa ser ambicioso; quem _____ sem que _____, certamente é ambicioso.
a) deseja / deseja / estima.
b) deseje / deseja / estime.
c) deseje / deseja / estima.
d) deseja / deseje / estime.
e) deseje / deseje / estima.

714. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Assinale a alternativa que apresenta um verbo **incorretamente** flexionado.
a) O enxoval conviria às noivas dos bairros mais pobres.
b) Não despeças os carregadores antes do desembarque.
c) Os policiais interviram nos protestos dos grevistas.
d) A noiva precaveu-se contra os prejuízos da mudança.

715. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Assinale o trecho que **não** contém oração na voz passiva.
a) Lamentamos que o pouco tempo disponível venha a prejudicar o processo que foi iniciado de forma tão incorreta.
b) No quarto, já tinham sido espalhados vários colchões pelo chão, para acomodar os parentes que vinham de longe.
c) À distância, viam-se pequenos pontos de luz, a denunciar a presença de casas por ali.
d) Assim que começou a cursar medicina, sentiu-se atraído para a área de neurologia.
e) A lembrança de sua convivência conosco ia sendo afastada à medida que os afazeres da rotina iam nos absorvendo.

716. (PRF/N.M./ANP) Assinale a opção em que o tempo do verbo está empregado **erradamente**.
a) Quem terminar pode entregar a prova.
b) Eu começarei de novo, se fosse preciso.
c) Quando ela passou, todos aplaudiram.
d) Até ontem eles não tinham chegado.

717. (ITA/VEST) Assinale a opção que preenche corretamente os espaços.
"Mesmo que _____ outros imprevistos, haja vista que já _____ alguns, _____ todas as necessidades se _____ tranquilos."
a) haja / ocorreram / proviremos / nos mantermos.
b) advenham / sobrevieram / proveremos a / nos mantivermos.

c) advissem / sobreviram / proviríamos / mantivéssemo-nos.
d) adviessem / têm sobrevindo / proviremos / mantermo-nos.
e) advierem / têm havido / supriremos a / mantivermo-nos.

718. (BRB/N.M./IDR) Assinale a alternativa **correta**.
a) Só irei festejar o prêmio, quando eu vir a cor do dinheiro, e, nesse momento, você, com certeza, quererá ficar comigo para sempre.
b) A Constituição proibi as discriminações, mas parece que alguns bancos ignoram isso ao manterem caixas à disposição exclusiva de clientes de muitas estrelas.
c) Se ele repor a quantia retirada ontem, não será necessário que o gerente intervenha a seu favor.
d) Só ficará calmo quando perfazer todos os pontos exigidos para a sua ascensão funcional.

719. (BRB/N.M./IDR) Assinale a alternativa **correta**.
a) Quando o líder propor mudanças na lei, certamente os demais encontrarão no documento pontos que transgridam a lei.
b) Será necessário que as empresas falham para que os juros baixassem? E quantas ainda precisarão anunciar falência?
c) Se o presidente muda sua rotina, busca-se imediatamente explicação. Se as informações conflitam, especula-se.
d) Se o computador caber naquela mesa, cancele a encomenda feita ontem. Afinal, é hora de conter despesas.

720. (ALCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **correta**.
a) Se você não requerer logo, é possível que lhe digam amanhã que o documento não valhe nada.
b) Se o vir, diga-lhe que eu me precavejo contra possíveis aborrecimentos.
c) Se eles se mantiverem irredutíveis e não se proporem a conversar nada se resolverá.
d) Quando ele obtiver aquilo por que tanto anseia, será tarde demais.

721. (ALCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa que corresponde, na **voz passiva**, ao período abaixo.
"Os deputados estavam sempre discutindo a mesma questão."
a) A mesma questão vinha sempre sendo discutida pelos deputados.
b) A mesma questão estava sempre sendo discutida pelos deputados.
c) A mesma questão ia sendo sempre discutida pelos deputados.
d) A mesma questão era sempre discutida pelos deputados.

722. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale o período **incorreto** quanto à conjugação verbal.
a) Ao propordes tal solução, não vos esqueçais de que vos tornareis responsáveis pelo sucesso ou fracasso da empreitada.

b) Ele reaveu todos os documentos desaparecidos; para obtê-los novamente ateve-se a publicar um anúncio no jornal.
c) Esperando que se contradissessem, propuseram questões sutis, e, enquanto lhes aprouve, mantiveram o interrogatório.
d) Caberem todos não é difícil; o problema é manterem-se quietos para não comprometer a estabilidade do barco.

723. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale o período **incorreto** quanto à conjugação verbal.
a) Ninguém creu no que disseste: tua imagem não é das melhores.
b) Após a queda, por longo tempo jazeram ali, exânimes, quase mortos.
c) Não tinham prazido aos credores as garantias que lhes tinham sido oferecidas.
d) Muitas empresas já faliram este ano. Espero, contudo, que a nossa não falha.

724. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale o período que corresponde, na **voz passiva**, ao período abaixo.
"A construtora deverá demolir, em breve, todas as casas, e, em seu lugar, os operários vão erguer um edifício."
a) Em breve, todas as casas serão demolidas pela construtora, e, em seu lugar, um edifício será erguido pelos operários.
b) Em breve, a construtora terá demolido todas as casas, e, em seu lugar, um edifício deverá ser erguido pelos operários.
c) Em breve, todas as casas deverão ser demolidas pela construtora, e, em seu lugar, um edifício vai ser erguido pelos operários.
d) Em breve, todas as casas deverão ser demolidas pela construtora, e, em seu lugar, um edifício será erguido pelos operários.

725. (TFC-RJ/N.S.) A forma passiva correspondente ao enunciado "Vi, no claro azul do céu, um papagaio de papel, alto e largo", é:
a) O garoto viu, no claro azul do céu, um papagaio de papel, alto e largo.
b) Um papagaio de papel, alto e largo, estava sendo visto pelo menino, no claro azul do céu.
c) No claro azul do céu, era visto um papagaio de papel, alto e largo, por mim.
d) Alto e largo, um papagaio de papel foi visto por mim no claro azul do céu.
e) Foi visto pelo menino, no claro azul do céu, um papagaio de papel.

726. (TFC-RJ/N.S.) Assinale a opção cujo período apresenta **erro** na sintaxe ou morfologia das formas verbais.
a) É necessário que se intermedeiem os conflitos étnicos para que a paz seja preservada.
b) Segundo pressupuseram especialistas, novas bactérias, de extraordinária resistência, estão surgindo nos hospitais.

c) Ao não se aterem aos limites previstos para a pesquisa, correram o risco de falsear os resultados.
d) Sem que se transgridam os modelos convencionais, os prejuízos jamais poderão ser reavidos.
e) Se não sobrevirem novos problemas, serão satisfeitas todas as exigências do contrato assinado.

727. (TFC-RJ/N.S.) Assinale a opção cujo período apresenta **erro** na sintaxe ou morfologia das formas verbais.
a) Se não provessem os estoques do governo com a necessária antecedência, dificuldades maiores adviriam na entressafra.
b) Se eles interporem um novo recurso contra a decisão do diretor, é possível que seja aceita a argumentação que apresentaram.
c) Exige-se que as amostras não difiram significativamente do padrão oficial e que se expeça o respectivo laudo de fiscalização.
d) Por não se preverem as consequências do novo decreto, deixaram de ser tomadas medidas que contivessem o aumento de custos.
e) O governo não interveio nem pretende intervir no mercado, embora as informações de alguns empresários se contradissessem.

728. (TFC-RJ/N.S.) Assinale a opção cujo período apresenta **erro** na sintaxe ou morfologia das formas verbais.
a) Havia, entre os meses de outubro e dezembro, ocorrido pancadas de chuva tão violentas que as estradas estavam em péssimas condições.
b) Se houver desistências, as vagas não poderão ser preenchidas por candidatos sem habilitação legal.
c) Embora muitas dificuldades houvessem surgido, os trabalhos foram concluídos em tempo hábil.
d) Todas as opiniões que houvesse entre os participantes do encontro seriam debatidas democraticamente.
e) Ninguém sabe se vão haver ou não novas inscrições para o concurso anunciado há duas semanas.

729. Avalie a correlação dos tempos verbais e assinale C ou E no parêntese.
( ) Em "Quando se **somam** salários, retiradas e outras remunerações, alguns setores **apresentaram** diferenças não justificadas".

Advérbio

DEFINIÇÃO

Advérbio é uma palavra invariável que se refere a um adjetivo, advérbio ou verbo, atribuindo-lhes uma circunstância.

Observe:

O menino alto cantava alto.
subst. adj. verbo adv.

Prática

1. Passe a frase acima para o **feminino**.

_____

2. Passe a frase acima para o **plural**.

_____

Conclusão:

O **alto** que se refere a um substantivo é um **adjetivo** e varia em gênero e número.
O **alto** que se refere a um verbo é um **advérbio**, por isso é invariável.

Observe:

Era muito problema ...
adj. subst.

Era problema muito fácil.
subst. adv. adj.

Prática

■ Passe as frases acima para o **plural**.

3. _____
4. _____

Conclusão:

O **muito** que se refere a um substantivo é **pronome indefinido** e varia em gênero e número.
O **muito** que se refere a um adjetivo é **advérbio**, por isso é invariável.

Observe:

Júlio tinha muito (adv.) pouco (adj.) conhecimento (subst.) e era muito (adv.) pouco (adv.) admirado (adj.).

Prática

■ Preencha as lacunas.

5. Júlia tinha _____ _____ prática e era _____ _____ _____.

Conclusão:

Os adjetivos são variáveis para concordar com os substantivos a que se referem.
Os advérbios também podem se referir a adjetivos ou a outros advérbios, mas são sempre invariáveis.
Os advérbios nunca se referem a substantivos.

Prática

A. Ela estava mal.
B. Ela estava bem.
C. Ela estava bem mal.
D. Felizmente, agora não há barreiras entre nós.

■ Assinale **C** ou **E**.

6. ( ) Em A, **mal** é adjetivo.
7. ( ) Em A, **mal** não é adjetivo, porque é invariável: Elas estavam mal.
8. ( ) Em A, **mal** é advérbio de modo, referindo-se ao verbo **estava**.
9. ( ) Em B, **bem** é adjetivo.
10. ( ) Em B, **bem** é advérbio, porque é invariável.
11. ( ) Em B, **bem** é advérbio de modo, referindo-se ao verbo.
12. ( ) Em C, **mal** é adjetivo.
13. ( ) Em C, **bem** é advérbio de modo, referindo-se ao advérbio **mal**.
14. ( ) Em C, **bem** é advérbio de intensidade, referindo-se a outro advérbio.
15. ( ) Um advérbio se refere a outro advérbio, estabelecendo sentido de intensidade e se chama advérbio de intensidade.
16. ( ) Em D, **Felizmente** é advérbio e se refere a toda uma oração.
17. ( ) Quando o advérbio se refere a toda uma oração, normalmente vem separado desta por vírgula.
18. ( ) O advérbio serve para atribuir qualidade aos seres.
19. ( ) **Advérbio** é palavra invariável que se refere a um adjetivo, verbo ou outro advérbio, exprimindo uma circunstância.

CIRCUNSTÂNCIAS EXPRESSAS PELO ADVÉRBIO

Prática

■ Estabeleça a correlação adequada.

a) afirmação c) dúvida e) tempo g) intensidade
b) negação d) lugar f) modo

20. ( ) não.
21. ( ) jamais, nunca, logo, hoje, já, cedo, antes, depois, agora, outrora...
22. ( ) efetivamente, sim, realmente, certamente...
23. ( ) bastante, muito, pouco, bem, mais, demais, menos...
24. ( ) assim, bem, mal, depressa, devagar, debalde, melhor...
25. ( ) geralmente os terminados em -mente: fielmente, facilmente, ricamente...
26. ( ) acaso, porventura, talvez, provavelmente.
27. ( ) aqui, aí, ali, além, abaixo, acima, adiante, além, aquém, fora...

■ Continue correlacionando os **advérbios interrogativos**.

a) de causa b) de tempo c) de modo d) de lugar

28. ( ) Quando você chegou?
29. ( ) Como conseguiste chegar?
30. ( ) Onde você guardou minha cenoura?
31. ( ) Por que não veio mais cedo?
32. ( ) Quero saber como você aprendeu o caminho.
33. ( ) Não sei onde você se esconde.
34. ( ) Diga-me quando você chegou.

Observe:

E. Como você cresceu? F. Como você cresceu!
G. Ela usa bastante batom. H. Ele nunca voltou.

■ Responda **C** ou **E**.

35. ( ) Em E e F, existe **advérbio interrogativo**.
36. ( ) Em E e F, existe **advérbio de modo**.
37. ( ) Em E, **como** é **advérbio interrogativo de modo**.
38. ( ) Em F, **como** é **advérbio de intensidade**.
39. ( ) Em G, há um **advérbio de intensidade**.
40. ( ) Em G, **bastante** não é advérbio, porque se refere ao substantivo **batom**.
41. ( ) Em G, **bastante** é pronome indefinido, como **muito** e **pouco** quando se referem a substantivo.
42. ( ) Em H, **nunca** é advérbio de tempo e negação.

LOCUÇÃO ADVERBIAL

Prática

Observe:

I. Ela sorriu **novamente**.
J. Ela sorriu **de novo**.
K. Ele **não** se comprometeu.
L. **De modo nenhum** ele se comprometeu.
M. Ele virá, **sim**.
N. Ele virá, **com certeza**.
O. – Onde está o Ivan? – Não sei. **Com certeza** está numa dessas exposições que frequenta.
P. Renato cortava legumes **com Teresa**.
Q. Teresa se cortou **com o canivete** de Renato.

■ Assinale **C** ou **E**.

43. ( ) **novamente** e **de novo** são circunstâncias do verbo sorrir.
44. ( ) **novamente** é um advérbio que atribui ao verbo sorrir uma circunstância de **repetitividade**.
45. ( ) **não** e **De modo nenhum** atribuem circunstância de negação ao verbo comprometer-se.
46. ( ) Em J, L e N, vê-se que duas ou mais palavras podem fazer as vezes de um advérbio.
47. ( ) Duas ou mais palavras que funcionam no lugar de um advérbio chamam-se **locução adverbial**.
48. ( ) Em N e O, encontram-se locuções adverbiais de **afirmação**.
49. ( ) Em N, **Com certeza** é uma locução adverbial de **afirmação**.
50. ( ) Em O, **Com certeza** é uma locução adverbial de **dúvida**.
51. ( ) Em P, há uma locução adverbial de **companhia**.
52. ( ) Em Q, há uma locução adverbial de **instrumento** ou **meio**.

Observe:

R. Ela estava **perto**.
advérbio

S. Ela estava **por perto**.
prep. + adv.
locução adverbial

T. Ela estava **em casa**.
prep. + subst.
locução adverbial

U. Ela estava **com você**.
prep. + pron.
locução adverbial

■ Assinale **C** ou **E**.

53. ( ) Em R, **perto** é advérbio de lugar.
54. ( ) Em S, **por perto** é locução adverbial de lugar, constituída de preposição e advérbio juntos.
55. ( ) Em T, **em casa** é advérbio de **lugar**.
56. ( ) Em T, **em casa** é locução adverbial de **lugar**, formada por uma preposição e um substantivo.
57. ( ) Em U, **com você** é uma locução adverbial de **companhia**.

Observe:

V. Ela estava (**locução adverbial**: **com** (prep.) + **você**. (pron.))

W. Ela estava (**locução adverbial**: **perto de** (**adv. + prep.** loc. prepositiva) **você**. (pron.))

X. Ela estava (**locução adverbial**: **em** (prep.) **casa**. (subst.))

Y. Ela estava (**locução adverbial**: **em cima de** (**prep.+ adv.+ prep.** locução prepositiva) **sua casa**. (subst.))

A **locução adverbial** pode ter a seguinte estrutura: preposição + advérbio; preposição + substantivo; preposição + pronome. A preposição vem sempre antes.
Advérbio + preposição = **locução prepositiva**.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

58. ( ) Observando V e W, conclui-se que a locução prepositiva equivale na frase a uma **preposição**.
59. ( ) Observando W e Y, conclui-se que, na construção da frase, a locução prepositiva pode ter duas ou mais palavras.
60. ( ) A locução adverbial sempre começa com preposição, ou locução prepositiva.
61. ( ) A locução adverbial nunca termina com preposição.
62. ( ) O núcleo da locução adverbial é a preposição.
63. ( ) A locução prepositiva sempre termina com preposição.
64. ( ) Toda locução que termina em preposição é locução prepositiva.
65. ( ) A locução prepositiva pode ter preposição no início e no fim (**em** cima **de**).

Observe:

Ela está meio / menos / mais / muito / pouco **tonta**. adjet.

advérbio de intensidade

Ela está **tonta** adjet. de verdade. / à beça. / p'ra chuchu.

locução adverbial de intensidade

Ela está mais / menos / meio / muito / pouco / bastante **perto**. adv.

advérbio de intensidade

Ela está **perto** adv. de verdade. / p'ra chuchu. / à beça.

locução adverbial de intensidade

O **advérbio** ou **locução adverbial** que se referem a adjetivo ou a advérbio são, quase sempre, de intensidade.

Prática

Naquela época, com rara felicidade, as famílias conversavam em volta da mesa, em tom normal, após o sono dos menores.

■ Assinale **C** ou **E**.

66. ( ) **Naquela época** é locução adverbial de **tempo**.
67. ( ) Na oração há cinco locuções adverbiais.
68. ( ) Todas começam com preposição.
69. ( ) **em volta de** é uma locução prepositiva.
70. ( ) Há duas locuções adverbiais de **tempo**.
71. ( ) Há só duas ocorrências da preposição **em** no texto.

■ Sublinhe e classifique os **advérbios** ou **locuções adverbiais**.

72. Nunca vi olhos tão meigos.
73. Quanta alegria havia lá!
74. Por que vieste tão cedo?
75. Não me disseste onde ou como eles estão.
76. Talvez não saibam quando chegaremos.
77. Chegou da Espanha o jovem do Brasil.
78. Muitos homens e muitas mulheres pensam muito pouco.
79. Bastantes estudiosos nos ajudam bastante.
80. Ele era de meias-palavras. Meio calado.

Preposição

DEFINIÇÃO

Observe:

Preposição é a **palavra** que liga **dois termos**, subordinando o segundo ao primeiro e estabelecendo uma relação semântica (relação de significado) com o subordinado ou regido.

A preposição é escolhida pelo termo regente e pertence sintaticamente ao termo regido.

Prática

■ Estabeleça a carga semântica da preposição.

Regente	Prep.	Regido	Núcleo	
1.	em	casa.	( )	a) companhia
2.	com	ela.	( )	b) posição superior
3.	de	cama.	( )	c) posição inferior
4.	sob	a mesa.	( )	d) lugar
5.	sobre	o fogão.	( )	e) estado

São **preposições essenciais**, isto é, funcionam sempre como preposições:

a, ante, até, após,
com, contra,

de, desde,
em, entre,
para, por, perante,
sem, sob, sobre,
trás.

Locuções prepositivas: são constituídas por duas ou mais palavras, sendo a última sempre uma preposição:

além de, antes de, até a, apesar de, acerca de, em vez de, dentro de, depois de, devido a, fora de, junto a, junto de, junto com...

Isoladas, as preposições não têm sentido, mas podem adquirir diversos significados dependendo do contexto.

Exemplos: O orador olhava **à** frente (direção).
Todos os anos, a família vai **a** Paris (lugar).
A amazona saiu **a** galope (modo).
O desenho era todo feito **a** lápis (instrumento).

Prática

■ Faça a correlação entre a forma destacada e o significado que ela cria.

6. ( ) estar **ante** o portão
7. ( ) parar **após** o obstáculo
8. ( ) beber **com** os amigos
9. ( ) pagar **com** cheque
10. ( ) lutar **contra** o vício
11. ( ) trabalhar **para** a sobrevivência
12. ( ) provir **de** Uruguaiana
13. ( ) cadeira **de** vime
14. ( ) morrer **de** frio
15. ( ) doce **com** leite
16. ( ) doce **sem** leite

(a) finalidade
(b) oposição
(c) instrumento
(d) companhia
(e) causa
(f) matéria
(g) origem
(h) posterioridade
(i) anterioridade
(j) inclusão
(k) exclusão

São **preposições acidentais** aquelas que podem ligar termos de uma oração ou ter outras funções:

conforme, consoante, durante, exceto, fora, mediante, menos, salvo, segundo...

Prática

■ Faça a correlação, considerando a preposição destacada.

(a) liga termos de uma oração (é preposição)
(b) liga orações com verbo flexionado (é conjunção)
(c) acompanha verbo, adjetivo ou advérbio (é advérbio)

17. ( ) Montou o aparelho **conforme** as especificações.
18. ( ) O trabalho será feito **conforme** você pediu.
19. ( ) As pessoas agem **segundo** seus impulsos.
20. ( ) O aparelho será montado amanhã, **segundo** disseram os técnicos.
21. ( ) Irá toda minha família **menos** eu.
22. ( ) Os inquilinos estavam **menos** preocupados após a reunião.

As preposições **a**, **em**, **por**, **de** podem combinar-se ou contrair-se com os artigos definidos ou com os pronomes demonstrativos.

por + o, a, os, as	➜	pelo, pela, pelos, pelas
de + o, a, os, as	➜	do, da, dos, das
em + o, a, os, as	➜	no, na, nos, nas
a + o, a, os, as	➜	ao, à, aos, às
de + este, aquele	➜	deste, daquele
em + esta, aquilo	➜	nesta, naquilo
a + aquela, aquele, aquilo	➜	àquela, àquele, àquilo
em + um, uma uns, uma	➜	num, numa, nuns, numa

Prática

■ Complete as lacunas com a forma preposicional adequada.

23. Ele voltou _____ o caminho mais difícil.
24. Saiu _____ a porta _____ a cabeça erguida.
25. Acreditamos _____ o valor da vida humana.
26. Os moradores precisam _____ essa segurança.
27. O ex-presidente referia-se _____ aquelas sobras de campanha.

Observação:

As preposições podem substituir as conjunções, quando a oração subordinada for reduzida:
Ele voltou **para** trabalhar.

Prática

■ Substitua adequadamente a conjunção por uma **preposição**.

28. O poeta trouxe o livro **para que** eu o lesse e corrigisse.
_____ eu ler e corrigir.

29. As crianças não poderão sair, **se** o pai não der sua autorização.
_____ o pai dar sua autorização.

30. O médico ficou chateado **porque** causou muita preocupação a todos.
_____ causar muita preocupação a todos.

31. (PRF/N.M./ANP) Assinale a frase em que a preposição está empregada **indevidamente**.
a) Era rigoroso com as infrações na estrada.
b) Severas responsabilidades lhe pesavam sobre os ombros.
c) Já leu algo sob este assunto?
d) Espero ter o prazer de apertar-lhe a mão.

32. (PRF/N.M./ANP) Assinale a opção em que a ideia da preposição destacada **não** está indicada corretamente entre parênteses.
a) Moro **em** Copacabana há muitos anos. (lugar)
b) Viajou **de** São Paulo a Recife. (procedência)
c) Saíram **em** um dia chuvoso. (tempo)
d) Tiritavam **de** frio pelas ruas da capital. (modo)

Conjunção

DEFINIÇÃO

Observe:

COORDENADO	CONJUNÇÃO COORDENATIVA	COORDENADO
Paulo TERMO	e	Cristina TERMO
Ele chegou ORAÇÃO	e	ela saiu ORAÇÃO

SUBORDINANTE		
Ele chegou ORAÇÃO	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA	
		SUBORDINADO
	quando	
		ela saiu ORAÇÃO

Prática

■ Observe o gráfico e responda **C** ou **E**.

1. ( ) A conjunção pode ligar dois termos.
2. ( ) A conjunção pode ligar duas orações.
3. ( ) A conjunção pode coordenar dois termos.
4. ( ) A conjunção pode coordenar duas orações.
5. ( ) A conjunção pode subordinar um termo a outro.
6. ( ) A conjunção pode subordinar uma oração a outra.
7. ( ) A conjunção pode ser, então, classificada como coordenativa ou como subordinativa.
8. ( ) Se a conjunção liga dois termos de uma oração, necessariamente tem papel coordenativo.
9. ( ) Se a conjunção liga duas orações, pode assumir um papel coordenativo ou subordinativo.

Agora veja a definição de Evanildo Bechara:

> "**Conjunção** é a expressão que liga orações, ou, dentro da mesma oração, palavras que tenham o mesmo valor ou função."

Prática

■ Leia as frases seguintes e responda **C** ou **E**.

A) **Visto que** estava com medo, calou-se.
B) **Porque** estava com medo, calou-se.
C) **Quando** estava com medo, calou-se.

10. ( ) Em A, a primeira oração determina a causa do fato expresso na segunda.
11. ( ) Em B, a primeira oração determina a causa do fato expresso na segunda.
12. ( ) Em C, a primeira oração determina a causa do fato expresso na segunda.
13. ( ) Em C, a primeira oração explicita uma circunstância de tempo relacionada ao fato expresso na segunda.
14. ( ) Em A, B e C, as circunstâncias de causa ou tempo são declaradas pelas expressões **Visto que**, **Porque** e **Quando**, respectivamente.
15. ( ) **Porque** e **Quando** são, portanto, conjunções, por ligarem orações.
16. ( ) **Visto que** também funciona como conjunção, por ligar orações.
17. ( ) Duas ou mais palavras com valor de uma recebem o nome de locução.
18. ( ) **Visto que** é, por isso, uma locução conjuntiva, isto é, duas palavras que funcionam como uma conjunção.

CLASSIFICAÇÃO

Leia com atenção o quadro dos cinco tipos de conjunções coordenativas.

	CONJUNÇÕES COORDENATIVAS
1	**ADITIVAS**: somam informações de natureza semelhante. positiva + positiva: Ela estudou **e** aprendeu. negativa + negativa: Ela não estudou **e** não aprendeu. Ela não estudou **nem** aprendeu.
	São elas: **e**, **nem (= e não)**, **não só... mas também**, **não só... mas até** etc.
2	**ADVERSATIVAS**: opõem informações, aproximam informações contrárias. positiva + negativa: Estudou, **mas** não aprendeu. Estudou, **e** não aprendeu. negativa + positiva: Não estudou, **porém** aprendeu. Não estudou, **contudo** aprendeu.
	São elas: **e**, **mas**, **porém**, **todavia**, **contudo**, **no entanto**, **entretanto** etc.

3	**ALTERNATIVAS**: interligam orações cujas ideias se excluem, que não acontecem juntas. Estudava, **ou** se divertia. **Ora** estudava, **ora** se divertia.
	São elas: **ou**, **ou ... ou**, **já ... já**, **ora ... ora**, **quer ... quer**, **seja ... seja** etc.
4	**CONCLUSIVAS**: interligam duas ideias, fazendo da segunda uma conclusão da primeira. Teu combustível está no fim; **portanto**, não conseguirás chegar. Está na hora da decolagem; deves, **pois**, apressar-te.
	São elas: **logo**, **portanto**, **por isso**, **por conseguinte**, **consequentemente**, **então**, **pois** (quando não começa frase) etc.
5	**EXPLICATIVAS**: interligam orações fazendo, numa, justificativa ou explicação do que se disse noutra. Venha logo, **porque** já é tarde. Sorria, **pois** a vida é bela.
	São elas: **pois** (começando oração), **porque**, **que**, **porquanto** etc.

Prática

■ Nas orações a seguir, sublinhe as conjunções e classifique-as conforme a ideia que introduzem.
a) aditiva b) adversativa c) alternativa d) conclusiva e) explicativa.

19. ( ) A lua está nascendo, ou se pondo?
20. ( ) A lua está nascendo, mas o dia está claro ainda.
21. ( ) O sol se põe cedo, porque estamos no inverno.
22. ( ) P'ra frente, que atrás vem gente.
23. ( ) Não só tremia, mas também chorava.
24. ( ) Doía, e ele não chorava.
25. ( ) Ora chorava, ora sorria.
26. ( ) Penso; portanto, insisto.

Estude agora o quadro dos dez tipos de conjunções subordinativas.

CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS	
	ADVERBIAIS
1	**CAUSAIS**: introduzem oração, com uma ideia de causa. **Como** não choveu, o poço secou. Ele caiu **porque** tropeçou.
	São elas: **que**, **porque**, **porquanto**, **como**, **já que**, **desde que**, **pois que**, **visto que**, **visto como**, **uma vez que...**

2	**CONCESSIVAS**: introduzem oração, com ideia contrária à da oração principal. **Embora** tentasse, não conseguiu esconder. Trabalhava, **por mais que** a perna doesse.
	São elas: **embora**, **conquanto**, **ainda que**, **mesmo que**, **posto que**, **se bem que**, **por mais que**, **por menos que**, **apesar de que**, **nem que**, **que**, **de todo modo...** Todas essas conjunções levam o verbo para o subjuntivo.
3	**CONDICIONAIS**: introduzem oração, com ideia de hipótese ou condição. **Se** quiser, eu vou. Ela seria feliz, **caso** o destino quisesse.
	São elas: **se**, **caso**, **contanto que**, **salvo se**, **sem que (= se não)**, **dado que**, **desde que**, **a menos que**, **a não ser que** etc.
4	**CONFORMATIVAS**: introduzem oração, exprimindo a conformidade de uma ideia com a da oração principal. **Conforme** eu previra, ela mentiu. Vai chover, **segundo** anunciou a meteorologia.
	São elas: **como**, **conforme**, **segundo**, **consoante** etc.
5	**FINAIS**: introduzem oração, com ideia de finalidade. Gritava **para que** todos o ouvissem. Chorou, **a fim de que** eu me comovesse.
	São elas: **para que**, **a fim de que**, **que (= para que)**, **porque (= para que)** etc.
6	**CONSECUTIVAS**: introduzem oração, com ideia de consequência. Falava tanto, **que** o marido fugiu. Era de tal beleza **que** nos ofuscava.
	Conjunções: **que** associado a **tal**, **tanto**, **tão**, **tamanho** (expressos ou subentendidos na oração anterior); de forma **que**, de maneira **que**, de modo **que**, de sorte **que** etc.
7	**TEMPORAIS**: introduzem oração, com ideia de tempo. **Logo que** me viu, sorriu. **Desde que** chegou, todos a cercam.
	São elas: **quando**, **antes que**, **depois que**, **logo que**, **assim que**, **desde que** etc.
8	**COMPARATIVAS**: introduzem oração, comparando ações. Normalmente têm o verbo subentendido. Igualdade: Ela dança tanto **quanto** Carlos (dança). Inferioridade: Ela dança menos (do) **que** Júlia (dança). Superioridade: Ela dança mais (do) **que** Renata (dança).
	São elas: **(do) que** (relacionado a mais, menos, melhor, pior, maior, menor), **tal ... qual**, **tanto ... quanto**, **como**, **assim como**, **bem como** etc.

9	**PROPORCIONAIS**: introduzem oração, com ideia de proporcionalidade. Indiretamente: **Quanto** mais gritava, menos era entendido. Diretamente: la aprendendo, **à medida que** convivia com ela.
	São elas: **à proporção que**, **ao passo que**, **quanto mais**, **quanto menos** etc.

SUBSTANTIVAS

10	**INTEGRANTES**: introduzem orações permutáveis pelo pronome substantivo ISSO. Quero **que** venhas. (Quero **isso**.) Gostaria de **que** me entendessem. (Gostaria **disso**.) A verdade é **que** ele saiu. (A verdade é **isso**.) Veja **se** ele concorda. (Veja **isso**.)
	São elas: **que** e **se**. Podem vir elípticas: gostaria me entendessem.

Prática

■ Classifique as conjunções destacadas e numere-as de 1 a 10, de acordo com o quadro que acabou de estudar.

27. **Se** ( ) ela quiser, eu vou; mas não sei **se** ( ) ela quer.
28. Trouxe-lhe uma rosa **para que** ( ) ela não brigasse com ele.
29. **Como** ( ) não queria ser visto, ficou a um canto **como** ( ) vassoura esquecida.
30. **Embora** ( ) tentasse, não conseguia fazer melhor **que** ( ) o irmão.
31. Dance **como** ( ) o ritmo pede, **porque** ( ) todos a aplaudam.
32. Tanto fez **que** ( ) conseguiu **que** ( ) o vizinho lhe vendesse o terreno.
33. **Assim que** ( ) chegou, começou a gesticular **para que** ( ) a vissem.
34. **Quanto** ( ) mais gesticulava, mais cansada ficava.

A. Ele ensinou **para que** todos aprendessem.
B. Ele ensinou **para** todos aprenderem.

■ Assinale **C** ou **E**.

35. ( ) Em A, a segunda oração é introduzida pela locução conjuntiva **para que**.
36. ( ) A locução conjuntiva, no caso, é formada por duas conjunções.
37. ( ) A locução conjuntiva, no caso, é formada por uma preposição (para) e uma conjunção (que).
38. ( ) Em A, a oração subordinada acrescenta à principal uma ideia de finalidade.
39. ( ) Em B, a segunda oração é introduzida só pela preposição (para) e também acrescenta à principal uma ideia de finalidade.
40. ( ) Pode-se concluir que a ideia de finalidade nasce da conjunção.
41. ( ) Pode-se concluir que a ideia de finalidade nasce da preposição.

Observe:

Constroem-se sem conjunção as orações reduzidas.*

Antes de discutido o assunto, ninguém o entendia.

locução prepositiva — verbo no particípio

Para evoluir, todos estudamos.

preposição — verbo no infinitivo

Em se falando de negócios...

preposição — verbo no gerúndio

RESUMO FINAL

CONJUNÇÕES

- COORDENATIVAS
  - a) aditivas
  - b) adversativas
  - c) alternativas
  - d) conclusivas
  - e) explicativas
- SUBORDINATIVAS
  - f) causais
  - g) concessivas
  - h) condicionais
  - i) conformativas
  - j) finais
  - k) consecutivas
  - l) temporais
  - m) comparativas
  - n) proporcionais
  - o) integrantes

Prática

■ Use as letras que precedem, no resumo final, a classificação das conjunções, para preencher os parênteses relacionados às conjunções ou preposições dos exercícios seguintes.

42. **Segundo** Schopenhawer, as ideias encurtam à medida **que** crescem os cabelos.
( ) ( )

* *Vide*, em *Análise Sintática Visual*, Período: Orações reduzidas de infinitivo, de gerúndio, de particípio.

43. Logo **que** ele nasceu, pareceu-me mais feio **que** um sapo.
( ) ( )

44. Não sei **se** vou **ou** **se** fico.
( ) ( ) ( )

45. Ela disse **que** viria, **mas** não falou **se** viria só.
( ) ( ) ( )

46. O ruído atingiu tal intensidade **que** quase nos ensurdeceu.
( )

47. **Se** Júlia concordasse **e** nos ajudasse, **como** você havia previsto, seria fácil para nós
( ) ( ) ( )
convencer aos restantes.

48. **Apesar de** nada ter dito, **porque** foi ameaçada, a testemunha despertou a atenção
( ) ( )
dos jurados.

49. Vá logo, **que** estão esperando. Fale pouco **para** não ser mal entendido.
( ) ( )

50. És inteligente. **Por isso**, não te deves preocupar **quando** tentarem confundir-te.
( ) ( )

Interjeição

CLASSIFICAÇÃO

Prática

■ Estabeleça a correspondência entre as expressões da segunda coluna e o que se pede na primeira.

1. Dor física	( )	a) Psit! Psiu! (rápido)
2. Surpresa	( )	b) Ai! Ui!
3. Silêncio	( )	c) Ora!...
4. Incredulidade	( )	d) Nossa! Puxa! Oh!
5. Animação	( )	e) Psiu! (demorado)
6. Aplauso	( )	f) Bravo!
7. Chamamento	( )	g) Eia!
8. Desejo	( )	h) Tomara! Oxalá!
9. Repetição	( )	i) Oh! Ah!
10. Dor moral	( )	j) Bis!

■ Assinale **C** ou **E** sobre as interjeições.

11. ( ) Exprimem racionalidade.
12. ( ) Exprimem emoção.
13. ( ) Elementos afetivos da linguagem.
14. ( ) Valem por frases inteiras.
15. ( ) São instrumentos de comunicação precisa e indiscutível.
16. ( ) Seu sentido pode variar conforme a entonação e o contexto.
17. ( ) **Ai de mim! Ora bolas!** são locuções interjetivas.
18. ( ) São uma espécie de grito, com que traduzimos estados emotivos.
19. ( ) Normalmente vêm acompanhadas de ponto de exclamação.
20. ( ) Após o ponto exclamativo da interjeição, usa-se sempre letra maiúscula.

DEFINIÇÃO

Interjeição é uma espécie de grito que exprime emotividade, de maneira não racional: Puxa!

Locução interjetiva: duas ou mais palavras com valor de uma interjeição: Nossa senhora! Puxa vida!

Semântica

DEFINIÇÃO

Semântica é o estudo do significado das palavras.

DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO

O sentido usual das palavras, descrito nos dicionários, é o que se denomina **denotativo**.
O sentido figurado, que as palavras adquirem na dependência do contexto em que são usadas, é o que se denomina **conotativo**.

Prática

■ Utilize o código **d** para o sentido denotativo das palavras em negrito e **c** para o sentido conotativo.

1. ( ) Li com cuidado **página** por **página**.
2. ( ) "És **página** virada, descartada do meu folhetim." (C.B.)
3. ( ) Surgiu uma **onda** de boatos.
4. ( ) As **ondas** do mar nos encantam.
5. ( ) Os preços ficarão **congelados** durante um certo período.
6. ( ) Comida **congelada** é uma opção prática.

HOMONÍMIA, SINONÍMIA, ANTONÍMIA

Homônimos são palavras iguais.
Homônimos homófonos são palavras iguais no som.
Homônimos homógrafos são palavras iguais na escrita.
Sinônimos são palavras diferentes com sentidos semelhantes.
Antônimos são palavras diferentes com sentidos opostos.

Prática

■ Faça a correspondência.

a) pronúncia igual / escrita igual / sentido diferente
b) pronúncia igual / escrita diferente / sentido diferente
c) pronúncia diferente / escrita igual / sentido diferente
d) pronúncia diferente / escrita diferente / sentido semelhante
e) pronúncia diferente / escrita diferente / sentido oposto

7. ( ) renda **líquida** / substância **líquida**.
8. ( ) **acento** gráfico / **assento** confortável.
9. ( ) **olho** azul / eu **olho** as fotos.
10. ( ) fazer **cara** de mau / ter **rosto** de anjo.
11. ( ) peso **bruto** / homem **bruto**.
12. ( ) **quarto** arrumado / **dormitório** grande.
13. ( ) **sede** de viver / **sede** da empresa.
14. ( ) **concerto** sinfônico / **conserto** do carro.
15. ( ) pessoa **calma** / homem **nervoso**.
16. ( ) calcular as **perdas** / comemorar os **ganhos**.

■ Estabeleça a correta correspondência.
a) Homônimos perfeitos (homógrafo e homófono)
b) Homônimos homógrafos
c) Homônimos homófonos
d) Parônimos
e) Sinônimos
f) Antônimos

17. ( ) renda **líquida** / substância **líquida**.
18. ( ) Eu **conserto** para não mais se falar em **conserto**.
19. ( ) Ela era um misto de **intimorata** e **intemerata**.
20. ( ) A **sessão** sobre a **cessão** de terras vai começar.
21. ( ) Não se exceda em **silêncio** ou **gritarias**.
22. ( ) É melhor **morrer** que **perder a vida**.

PARONÍMIA

Parônimas são palavras **parecidas**, ou seja, não são iguais, mas guardam alguma semelhança de forma.

Alguns casos de parônimos:
desapercebido (desprevenido) _____ despercebido (não notado)
descrição (ato de descrever) _____ discrição (ser discreto)
descriminar (retirar o crime) _____ discriminar (diferençar)
infringir (transgredir) _____ infligir (aplicar penalidade)
iminente (próximo) _____ eminente (ilustre)
intimorato (destemido) _____ intemerato (puro)
prever (antever) _____ prover (abastecer)
ratificar (confirmar) _____ retificar (corrigir)
vultuoso (inchado) _____ vultoso (de grande vulto)

Prática

■ Preencha as lacunas com as palavras dos parênteses.

23. O _____ conferencista previu o perigo _____. (iminente/eminente)
24. Esse detalhe passou _____. (desapercebido/despercebido)
25. Sua maior qualidade é a _____. (descrição/discrição)
26. O médico _____ a medicação que lhe parecia adequada. (proscreveu, prescreveu)
27. O Ministério da Saúde _____ os remédios que tinham horríveis efeitos colaterais. (proscreveu/prescreveu)
28. O _____ de caminhões aumentou naquela rodovia. (tráfego/tráfico)

■ Classifique os pares de acordo com o código.

1) Sinônimos
2) Antônimos
3) Homógrafos heterófonos
4) Homófonos heterógrafos
5) Homônimos perfeitos
6) Parônimos

29. ( ) cumprimentar / saudar.
30. ( ) ( ) emergir / imergir.
31. ( ) proeminente / preeminente.
32. ( ) ( ) proeminente / prominente.
33. ( ) comprido / curto.
34. ( ) manga (fruta) / manga (da blusa).
35. ( ) lima (fruta) / lima (ferramenta).
36. ( ) despercebido / desapercebido.
37. ( ) comedido / imoderado.
38. ( ) açodadamente / apressadamente.

■ Indique o número, entre parênteses, que completa corretamente a lacuna.

39. O requerimento do pai ainda não foi _____.
    (1) deferido (2) diferido
40. O herói chega sempre no momento _____.
    (1) azado (2) asado
41. O excesso de carga de energia elétrica fez com que o _____ se interrompesse.
    (1) fúsil (2) fusível (3) fuzil
42. Os alunos precisavam de _____ junto ao corpo de professores.
    (1) intercessão (2) intersecção
43. Tenho certeza de que haveremos de encontrar uma _____ entre nossos interesses.
    (1) intercessão (2) intersecção

44. Principiante é _____, enquanto desconhecedor é _____.
(1) insipiente (2) incipiente
45. Dos meus ancestrais, sou _____; ao passo que dos meus filhos, sou _____.
(1) descendente (2) ascendente
46. Em _____ solene, decidiu-se pela _____ dos lotes aos moradores.
(1) secção (2) cessão (3) sessão
47. Um círculo pode representar uma _____ de uma esfera.
(1) cessão (2) secção
48. Aos monges se associa _____; aos cavalos, _____.
(1) sela (2) cela
49. Destemido é _____; imaculo é _____.
(1) intemerato (2) intimorato
50. Ele _____ ao céu e _____ em nós a esperança.
(1) acendeu (2) ascendeu
51. Um rosto carrancudo é um rosto _____, enquanto um fato de grande importância é um fato _____.
(1) vultoso (2) vultuoso
52. Apesar de ele ter feito uma _____ exagerada da cena, todos se portaram com _____.
(1) descrição (2) discrição
53. Era _____ a confirmação da chegada do _____ visitante.
(1) eminente (2) iminente
54. O que aconteceu na véspera é um fato _____.
(1) esterno (2) externo (3) hesterno
55. Osso situado na parte vertebral do tórax chama-se _____.
(1) esterno (2) externo (3) hesterno
56. Um fator de fora é um fato _____.
(1) esterno (2) externo (3) hesterno
57. Relativo a assessor é _____, mas o que se junta ao principal é o _____.
(1) acessório (2) assessório
58. Depois da quinta vem _____. Hora de repouso é hora de _____. Balaio é _____.
(1) cesta (2) sesta (3) sexta

HIPERONÍMIA

Hiperônimas são palavras cujo significado abrange o de outra(s).
Árvore é hiperônimo de **mangueira**, **cajueiro**, **ipê**...

HIPONÍMIA

Hipônimas são palavras cujo significado é abrangido pelo de outra(s).
Amendoeira é hipônimo de **árvore** e de **vegetal**.

Prática Geral

59. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Assinale a alternativa que apresenta palavras antônimas.
a) inédito / original.
b) incauto / precavido.
c) intrépido / resoluto.
d) inexorável / rigoroso.
e) incisivo / categórico.

60. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Assinale a alternativa que substitui, **sem alteração de sentido**, a expressão destacada no seguinte trecho:
"Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus. Tempo de **absoluta depuração**."
a) inteira corrupção.
b) relativa perversão.
c) irrestrita purificação.
d) ilimitada depravação.
e) condicional apuração.

61. (Aux. Jud/TRF/N.M./Esaf) Marque a alternativa cujas palavras preenchem **corretamente** as respectivas lacunas, na frase seguinte:
"Necessitando _____ o número do cartão do PIS, _____ a data de meu nascimento."
a) ratificar / proscrevi.
b) prescrever / discriminei.
c) descriminar / retifiquei.
d) proscrever / prescrevi.
e) retificar / ratifiquei.

62. (PRF/N.M./ANP) Assinale a frase que **não** pode ser completada com a palavra entre parênteses.
a) Os funcionários impetraram _____ de segurança. (mandado)
b) Ameaçava-os um perigo _____. (eminente)
c) Anualmente chegam muitos _____ nordestinos a São Paulo. (imigrantes)
d) O policial fez minuciosa _____ do acidente. (descrição)

63. (ALCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **incorreta**.
"Os riscos envolvidos no **afazer** (1) legislativo exigem peculiar cautela de todos aqueles que se ocupam do difícil processo de elaboração normativa. Eles estão obrigados a colher variada gama de informações sobre a matéria que deve ser regulada, pesqui-

sa esta que não pode ficar limitada a aspectos estritamente jurídicos. É certo que se faz mister realizar **minuciosa** (2) investigação no âmbito legislativo, doutrinário e jurisprudencial. **Imprescindível** (3) revela-se, igualmente, a análise da **repercussão** (4) econômica, social e política do ato legislativo."

(Adaptação do *Manual de Redação da Presidência da República*)

a) 1. b) 2. c) 3. d) 4.

64. (ATCLDF/N.S./IDR) Assinale a alternativa em que a palavra destacada deve ser substituída pela que aparece entre parênteses para dar sentido lógico à frase.
a) Eles pararam **incontinente**. (incontinênti)
b) O governo gastou **vultosa** soma na construção do metrô. (vultuosa)
c) Ele **distratou** o que havia combinado. (destratou)
d) O bombardeio **infligiu** graves danos à cidade. (infringiu)

65. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a sequência que preenche **corretamente** as lacunas.
Era ___ a ___ do conflito, pois as partes ___ nos erros já cometidos.
a) iminente / defraglação / reincidiram.
b) eminente / confraglação / incidiram.
c) inevitável / defraglação / reicindiam.
d) iminente / deflagração / reincidiram.

66. (TFC-RJ/N.S.) Assinale o segmento que pode substituir, sem prejuízo da significação original, o trecho: "**Ardia por andar lá fora**".
a) Queimava de raiva por estar preso.
b) Ansiava por estar lá fora.
c) Fervia-me para caminhar pelas ruas.
d) Recapitulava para saltar para a rua.
e) Almejava dirigir-me para o refeitório.

67. (TFC-RJ/N.S.) Indique a letra na qual as palavras completam, **corretamente**, os espaços das frases abaixo.
1) Quem possui deficiência auditiva não consegue _____ os sons com nitidez.
2) Hoje são muitos os governos que passaram a combater o _____ de entorpecentes com rigor.
3) O Diretor do presídio _____ pesado castigo aos prisioneiros revoltosos.

a) discriminar / tráfico / infligiu.
b) discriminar / tráfico / infringiu.
c) descriminar / tráfego / infringiu.
d) descriminar / tráfego / infligiu.
e) descriminar / tráfico / infringiu.

68. (AFRE-SP/N.S.) Assinale a alternativa **correta**.
_____, recorreu a_____ jurisconsulto.
a) Autuado em flagrante / eminente.
b) Atuado em flagrante / iminente.
c) Autuado em flaglante / iminente.
d) Atuado em flagrante / eminente.

69. Em "tarefas sórdidas", o adjetivo significa
a) ocupações.
b) fedorentas.
c) labores.
d) mórbidas.
e) imundas.

70. Indique o item em que há palavra(s) empregada(s) em sentido **figurado**.
a) "Uma semana depois, o professor mandou que nós todos escrevêssemos sobre a Bandeira Nacional."
b) "Não me lembro do resto, mas era divino."
c) "Tremi de emoção ao ver essas palavras impressas."
d) "O professor de Português passara uma composição: 'A lágrima'."
e) "Quando a alma vibra, atormentada, às pulsações de um coração amargurado, pelo peso da desgraça."

71. Marque a alternativa que apresenta palavras em sentido **figurado**.
a) "Ouro Preto é a cidade que não mudou."
b) "A criança tem dentro da alma seu sino de ouro."
c) No sertão de Goiás há um sino de ouro.
d) Os homens procuram ouro em Serra Pelada.
e) "... de ouro catado e fundido na própria terra."

72. O sinônimo que substitui a palavra destacada na frase:
"Não **apreciava** o canto de pássaros" é
a) estimava.
b) detestava.
c) julgava.
d) avaliava.
e) depreciava.

73. O antônimo da palavra destacada na frase: "... o capitão ficou mais **exigente**" é
a) incontestável.
b) tolerante.
c) intransigente.
d) impertinente.
e) intolerável.

74. O contrário de "trabalho bruto" é trabalho
a) inteligente.
b) rude.
c) grosseiro.
d) delicado.
e) duro.

75. Na frase "A luta contra a poluição vem ganhando muitos **adeptos**", a palavra destacada significa
a) reprovados.
b) materiais bélicos.
c) condionadores.
d) partidários.
e) discursos.

Na Amazônia, as águas se manifestam sob forma de rios, igarapés, igapós, neblina e vapor. O açaí, o tucumã, o buriti, o murici são vegetais onipresentes na floresta, bem como os papagaios, maritacas, araras e uma centena de outros pássaros em convívio diuturno com antas, capivaras, quatis, e um sem número de animais terrestres, aquáticos e anfíbios.

■ Assinale **C** ou **E**.

76. ( ) No primeiro período, **águas** é hiperônimo de **rios**, **igarapés**, **igapós**, **neblina** e **vapor**.
77. ( ) No segundo período, **açaí**, **tucumã** e **vegetais** são, entre si, hipônimos.
78. ( ) **florestas** e **vegetais** constituem hiperônimos em relação a **açaí**, **murici**, **buriti**...
79. ( ) **capivaras** e **quatis** são hipônimos em relação a **animais**.

80. O grande hiperônimo do texto, o que abrange todos os demais significados é _____ _____.

Concordância Nominal

Observe:

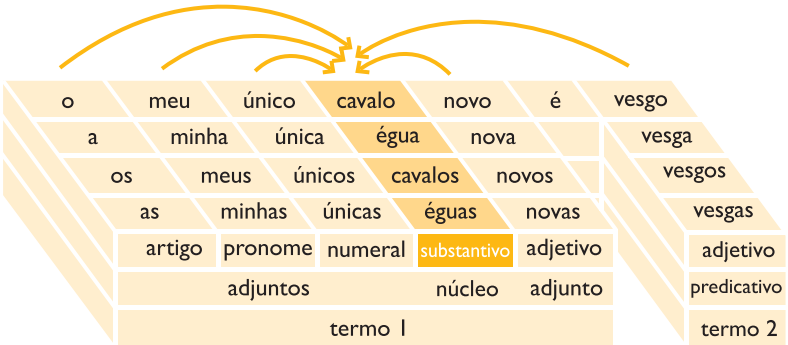

Conclusão:

Artigo, pronome, numeral e adjetivo concordam em gênero e número com o substantivo a que se referem.

Prática

Assinale **C** ou **E**.

1. ( ) Artigo, pronome, numeral e adjetivo funcionam como adjuntos de um **substantivo**.
2. ( ) O adjunto está junto de um substantivo fazendo com ele parte de **um só termo**.
3. ( ) Adjunto é um tipo de **satélite de um núcleo**.
4. ( ) Os adjuntos de um substantivo concordam com ele em **gênero e número**.
5. ( ) Predicativo e adjunto são a **mesma coisa**.
6. ( ) O predicativo é diferente do adjunto, porque o predicativo é um termo **separado** do núcleo a que se refere.
7. ( ) O predicativo é **invariável**.
8. ( ) O predicativo também **concorda** em gênero e número com o núcleo substantivo.
9. ( ) Artigo, pronome, numeral e adjetivo são **invariáveis**.

Observe:

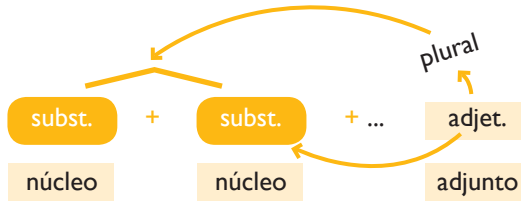

Conclusão:

Adjetivo (adjunto) posposto a mais de um núcleo substantivo concorda com todos, indo para o plural no gênero predominante*, ou concorda só com o núcleo mais próximo.

* Gênero predominante: se houver pelo menos um núcleo masculino, este predomina.

Prática

■ Com base no esquema acima, estabeleça a concordância correta.

10. ...cachorro e gato amig_____/_____
11. ...pato, gata e sapa amig_____/_____
12. ...gata e pata amig_____/_____
13. ...cachorro e gatos amig_____/_____
14. ...gatas e gatos amig_____/_____
15. ...cachorro ou gato amig_____/_____

Observe:

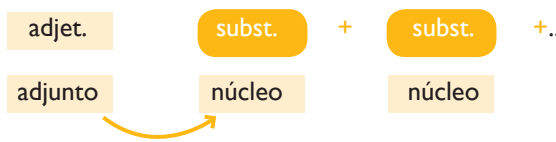

Conclusão:

Adjetivo (adjunto) anteposto a mais de um núcleo substantivo concorda com o núcleo mais próximo.

Prática

■ Com base no esquema acima, estabeleça a concordância correta.

16. ...cheiros_____ cravo e rosa...
17. ...cheiros_____ rosa e cravo...

18. ...cheiros_____ rosas e cravo...
19. ...cheiros_____ cravos e rosa...

Observe:

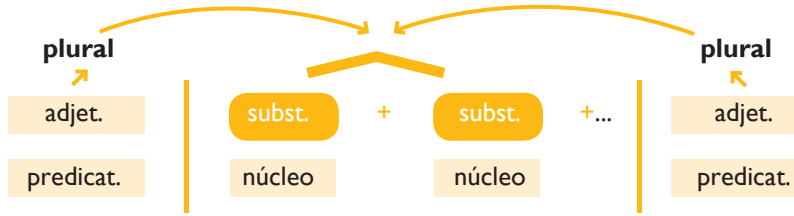

Conclusão:

Adjetivo (predicativo), quando se refere a mais de um núcleo substantivo, concorda com todos, indo para o plural, no gênero predominante.

Prática

■ Com base no esquema acima, estabeleça a concordância correta.

20. O rapaz e a menina estavam aces_____.
21. Os rapazes e a menina estavam aces_____.
22. O rapaz e as meninas estavam aces_____.
23. Encontrei aces_____ a menina e o rapaz.
24. Encontrei aces_____ o rapaz e as meninas.
25. Encontrei aces_____ as meninas e o rapaz.
26. Encontrei aces_____ a menina e a filha.

Observe:

Conclusão:

O núcleo substantivo pode ser substituído por um pronome que continua havendo a concordância.

Prática

■ Com base no esquema anterior, estabeleça a concordância correta.

27. Encontrei o artista, alegre. — Encontrei-__, alegre. (o, a, os, as)
28. Os convidados chegaram sós. — ____ chegaram sós. (Estes, Estas)
29. As possibilidades são muitas. — ____ são muitas. (Ela, Elas)

Observe:

Ele mesm**o**

Elas mesm**as**

núcleo subst.

anexo, **bastante**, **incluso**, **junto**, **leso**, **meio**, **muito**, **nenhum**, **pouco**, **próprio**, **só**, **dado**, **visto**, **obrigado**, **quite** e qualquer outro particípio.

Conclusão:

As expressões em destaque concordam com o núcleo substantivo a que se referem. Pronome substantivo é também núcleo substantivo.

Prática

- Estamos encaminhando anex_____ (30) as correspondências, com bastant_____ (31) informações inclus_____ (32) e nenhum_____ (33) críticas.
- O estudante e o atleta foram vist_____ (34), junt_____ (35) e s_____ (36).
- Elas mesm_____ (37) compraram coisas pouc_____ (38) com muit_____ (39) precauções porque o dinheiro sairia de suas própri_____ (40) contas.
- Dad_____ (41) essas circunstâncias, vist_____ (42) estes últimos argumentos e qua_____ (43) quer outros já aprovad_____ (44), só nos resta concordar.

Observe:

A. Eles mesmos saíram.

B. Elas estavam meio tristes.

C. Eles saíram mesmo.

D. Era pessoa de meias palavras.

E. Elas choraram, só.

F. Elas choraram, sós.

G. As notas vinham anexas.

H. As notas vinham em anexo.

Conclusão:

Advérbios e locuções adverbiais são invariáveis. Adjuntos variáveis, só os que se referem a um núcleo substantivo.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, para afirmação certa ou errada.

45. ( ) Em A, a palavra **mesmo** é pronome; em C, ela é advérbio.
46. ( ) Em B, a palavra **meio** é numeral; em D, ela é advérbio.
47. ( ) Em B, a palavra **meio** é advérbio; em D, ela é numeral.
48. ( ) Em E, **só** é advérbio e significa **somente**.
49. ( ) Em F, **sós** é adjetivo e significa **sozinhas**.
50. ( ) Em G, **anexas** é advérbio.
51. ( ) Em H, **em anexo** é locução adverbial.

Observe:

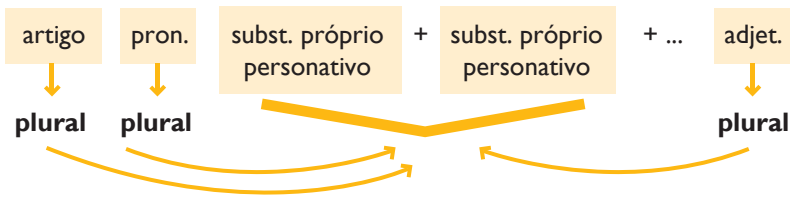

Conclusão:

Dois ou mais antropônimos (nomes de pessoas) levam seus adjuntos para o plural.

Prática

■ Com base no esquema acima, estabeleça a concordância correta.

52. O_____ mesm_____ Paulo e Jurandir corintian_____...
53. A_____ própri_____ Judite e Esther bíblic_____...
54. O_____ lépid_____ José e Antônia...

Observe:

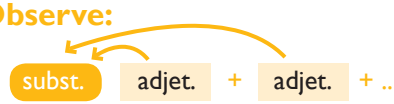

as línguas nova e velha...
a língua nova e velha...
a língua nova e a velha...

Conclusão:

Quando dois ou mais adjetivos se referem a um mesmo substantivo, este pode ficar no plural ou no singular. Se ficar no singular, pode-se repetir o **o** (**a**, **os**, **as**).

Prática

■ Com base no esquema anterior, estabeleça a concordância correta.

55. Os estandartes austríac_____ e suíç_____.
56. O estandarte austríac_____ e suíç_____.
57. O estandarte austríac_____ e o suíç_____.

Observe:

um ou outro um e outro nem um nem outro	+	subst. ↓ **singular**	+	adjet. ↓ **plural**

Conclusão:

As expressões **um ou outro**, **um e outro**, **nem um nem outro**, seguidas de substantivo acompanhado de adjetivo, deixam o substantivo no singular, mas levam o adjetivo para o plural.

Prática

■ Com base no esquema acima, estabeleça a concordância correta.

58. Discorria sobre um e outro problema___.
59. Falava sobre um___ e outr___ estratégia___.
60. Discorria sobre um e outro problema___ sério___.
61. Falava sobre um___ e outr___ estratégia___ combinad___.

Observe:

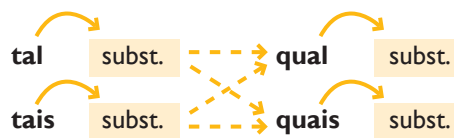

Conclusão:

tal e **qual** se referem a substantivos e com eles concordam.

Prática

■ Com base no esquema anterior, estabeleça a concordância correta.

62. Ta_____ pai, ta_____ filho.
63. Ta_____ pai, ta_____ filhos.
64. Ta_____ pergunta, qua_____ respostas.
65. Os frutos eram ta_____ qua_____ as árvores.
66. Os frutos são ta_____ qua_____ a árvore.

Observe:

men**os** → filho, filha, filhos, filhas

pseud**o-** → homem, mulher, homens, mulheres

comício, festa, comícios, festas ← monstr**o**

homem, mulher, homens, mulheres ← alert**a**

Conclusão:

menos, **pseudo** e **alerta** são invariáveis. **Monstro** e qualquer outro substantivo usado como adjetivo também ficam invariáveis.

Prática

■ Com base no esquema acima, estabeleça a concordância correta.

67. Aqui há men_____ medo que coragem.
68. Havia men_____ moças que rapazes.
69. A pseud_____ mulher e os pseud_____ meninos não se entendiam.
70. Organizou-se uma carreata-monstr_____.
71. Eles se mantiveram alert_____ como eu sempre estou alert_____.

Observe:

o	mais	**possível**
o	menos	
o	pior	
o	melhor	

os	mais	**possíveis**
os	menos	
as	piores	
as	melhores	

Conclusão:

possível fica no singular ou plural, concordando com o **o** (**a**, **os**, **as**) que o antecede.

Prática

■ Com base no esquema anterior, estabeleça a concordância correta.

72. Eram pessoas o mais educadas possív_____.
73. Eram pessoas as mais educadas possív_____.
74. Trata-se de pinturas o mais possív_____ amenas.
75. Trata-se de pinturas o mais belas possív_____.
76. Encontrei amigas as mais simpáticas possív_____.
77. Eles eram o pior possív_____ lutadores.
78. Eles eram os piores lutadores possív_____.
79. Eles eram os piores possív_____ lutadores.

Observe:

A. Est**a** cerveja é bo**a**.

B. Cerveja é bom.

C. É proibid**a** **a** entrada.

D. É proibido entrada.

E. É necessári**a** **a** bondade.

F. É necessário bondade.

Conclusão:

As expressões **é bom...**, **é proibido...**, **é necessário...** ficam invariáveis se o substantivo a que se referem não vier antecedido de artigo ou pronome, sendo usado em sentido vago, geral.
Concordam com o substantivo a que se referem quando este vem antecedido de artigo, demonstrativo ou outro indicador de sentido específico e não genérico.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

80. ( ) Em A, C e E, os adjetivos (boa, proibida, necessária) concordam com os substantivos a que se referem (cerveja, entrada e bondade).
81. ( ) Em B, D e F, os adjetivos (bom, proibido, necessário) ficaram invariáveis, não concordando com os substantivos femininos a que se referem (cerveja, entrada, bondade).
82. ( ) Nos exemplos em que houve a concordância (A, C, E), os três substantivos (cerveja, entrada, bondade) estão antecedidos de artigo feminino (a) ou de pronome.
83. ( ) Nos exemplos em que não houve concordância, os substantivos estão sem artigo ou pronome.

84. ( ) Em A, C e E, os substantivos estão usados em sentido vago, distante, enquanto em B, D e F, em sentido determinado, próximo.
85. ( ) Em A, C e E, os substantivos estão usados em sentido determinado, próximo; em B, D e F, em sentido vago, geral.

Observe:

A menina progredia **a olhos vistos**. (expressão fixa)
A menin**a** progredia a olhos **vist**a. (particípio variável)

As meninas progrediam **a olhos vistos**. (expressão fixa)
As menin**as** progrediam a olhos **vist**as. (particípio variável)

Conclusão:

A expressão **a olhos vistos** pode ser considerada expressão fixa ou pode ter o particípio variável (visto/a/os/as), concordando com o núcleo substantivo a que se refere.

Prática

■ Com base no esquema acima, estabeleça a concordância correta.

86. José foi-se recuperando a olhos _____.
87. Paula está se transformando a olhos _____.
88. José e Paula estão mudando a olhos _____.
89. Elas estão mudando a olhos _____.

Observe:

NÓS = EU

nós pode ser usado no lugar de **eu**. Chama-se plural majestático ou plural de modéstia. Nesse caso, o adjetivo que se refere ao pronome pode ficar no singular ou no plural.

Esta**mos** (eu) fe**liz** ou feli**zes**.

VÓS = TU

vós pode ser usado no lugar de **tu**, referindo-se a uma só pessoa. Chama-se plural de respeito. Nesse caso, o adjetivo a que se refere o pronome fica no singular.

Percebo que **sois** razoá**vel**.

SANTO e SÃO

Usa-se **Santo** antes de vogal: Santo Antônio
Usa-se **São** antes de consoante: São José

Obs.: Jó, Tirso e Tomás aceitam ambas as formas.

CONCORDÂNCIA SINTÁTICA E CONCORDÂNCIA SEMÂNTICA

Sintaxe é estudo das funções dos termos ou das frases. Semântica é a visão do significado.

Na frase "As amazonas eram guerreiras", o artigo "as" e o adjetivo "guerreiras" estão no feminino plural para concordar com o núcleo substantivo "amazonas", que é feminino plural. Essa **concordância de palavra para palavra** é o que se chama **concordância sintática**.

Na frase "O Amazonas é profundo e largo", o artigo "o" e os adjetivos "profundo" e "largo", no masculino singular, deixam de concordar com a palavra feminina plural "Amazonas", para fazê-lo com a **ideia** subentendida de "rio". Essa **concordância com a ideia**, em detrimento da concordância sintática, é o que se denomina **concordância semântica**, ou ideológica, ou figurada, ou irregular, ou siléptica (veja Silepse, em *Intelecção e Interpretação de Textos*, Figuras de Linguagem).

Prática Geral

(Se necessário, consulte o plural dos adjetivos no Capítulo 6)

■ Nas frases a seguir, use as palavras entre parênteses para estabelecer a(s) concordância(s) correta(s).

- Os olhos de Renata são _____ (azul); os meus, _____ (cinza).
  90 91
- Ruth tem olhos _____ (azul-claro).
  92
- Na sala havia tecidos _____ (azul-marinho), _____ (verde-mar), _____ (verde-garrafa), _____ (cor de safira) e _____ (azul-celeste).
  93 94 95 96 97

98. Sentaram-se em bancos e cadeiras _____. (novo)
99. Era um desfile do exército e marinha _____. (brasileiro)
100. Procurava uma saída e um recuo _____. (tático)
101. Eram mulheres e rapazes _____. (honesto)
102. Comiam apenas alface e carne _____. (bovino)
103. Muito _____ a aurora e o crepúsculo. (belo)
104. Pimenta em dose certa é _____ para o paladar. (bom)
105. É _____ gritaria. (proibido)
106. É _____ a saída, dez minutos antes. (permitido)
107. Todos acharam a secretária e o embaixador muito _____. (claro)
108. Considero _____ do crime o jardineiro e o guarda. (autor)
109. Compreensão com o próximo é _____. (necessário)
110. Comprei um terno e um chapéu _____. (ovalado)
111. Era meio-dia e _____. (meio)
112. Falava por _____ palavras. (meio)
113. Estava _____ tonta. (meio)
114. Vão _____ os protocolos requisitados. (anexo)
115. Vossa Excelência, governadora, é _____ de nossos agradecimentos. (merecedor)
116. As duas caminhavam esquecidas de si _____. (mesmo)
117. As duas caminhavam esquecidas _____ de si. (mesmo)
118. As duas caminhavam esquecidas de si, _____. (mesmo)
119. Eles viveram _____ e morreram também sozinhos. (só)
120. Eles estavam _____ olhando. (só)
121. Estou _____ com você, mas você não pode dizer que estamos _____. (quite)
122. Não era apenas um crime de _____-patrimônio, mas um verdadeiro crime de _____-pátria. (leso)
123. Os netos são _____ o avô. (tal qual)
124. Todos fomos _____ ao passeio, mas as crianças só puderam sair do ônibus _____ com o professor. (junto)
125. As fichas foram _____ ao relatório. (anexo)
126. Todos ficamos _____. (alerta)
127. Mais amor e _____ confiança. (menos)

128. Todos vieram, _____ vocês. (menos)
129. Todos vieram, _____ elas. (salvo)
130. Todos foram _____. (salvo)
131. Os _____ utópicos é que defendem a _____ utopia. (pseudo)
132. As casas eram _____. Foram vendidas _____. (barato)
133. As lanchas eram _____. Foram vendidas _____. (caro)
134. Elas procuraram os argumentos mais claros _____. (possível)
135. Ele relacionou argumentos o mais _____ _____. (claro possível)
136. Um e outro _____ foram premiados. (funcionário competente)
137. Ela disse alguma coisa _____. (maravilhoso)
138. Ela disse algo de _____. (maravilhoso)
139. O menino crescia a olhos _____. (visto)
140. Percorri _____ terras. Fui _____ demais. (longe)
141. E, na qualidade de responsável, sempre fomos _____. (cauteloso)
142. E, na qualidade de mestres, sempre fomos _____. (cauteloso)
143. Sempre será _____ a humildade. (necessário)
144. Aquela _____ afirmação deixou Rosa _____ decepcionada. (meio)
145. Julieta parecia _____ simpática. Possuía _____ virtudes. (bastante)
146. Vocês precisam ficar _____. (alerta)
147. Aquela menina é _____ _____ os tios. (tal qual)
148. Tinha fé em _____ Elesbão. (São)

Concordância Verbal

DEFINIÇÃO

Concordância verbal é a que se processa entre o verbo e o núcleo do sujeito, ou entre o verbo e a expressão que o comanda.

CONCORDÂNCIA SINTÁTICA E CONCORDÂNCIA SEMÂNTICA

Sintaxe é estudo das funções dos termos ou das frases. Semântica é a visão do significado.

Na frase "Quais de nós chegarão?", o sujeito é "Quais de nós" e o seu núcleo é "Quais" (veja *Análise Sintática Visual*). O verbo está na 3ª pessoa do plural, "chegarão", concordando com o núcleo do sujeito "Quais chegarão?". A concordância do verbo com o núcleo do sujeito é o que se chama **concordância sintática**.

Na frase "Quais de nós chegaremos?", o verbo deixou de concordar com o núcleo do sujeito, preferindo fazê-lo com o "nós", enfatizando **a ideia** de o falante incluir-se na ação. O "nós", então, que é apenas um satélite sintático do núcleo do sujeito, pois está subordinado pela preposição "de" que o antecede, passou a ser o núcleo semântico do sujeito, também chamado de sujeito semântico. A **concordância semântica**, ou ideológica, ou figurada, ou irregular, ou siléptica, em outras palavras, é a **concordância com a ideia** e não com o núcleo sintático (veja Silepse, em *Intelecção e Interpretação de Textos*, Figuras de Linguagem).

SUJEITO SIMPLES

VERBO → concorda com SUJEITO

em → número
e
pessoa

Conclusão:

O verbo concorda com o sujeito simples em número e pessoa.

Prática

■ Complete as lacunas.

1. Nós cant_____ enquanto vocês danç_____.
2. Tu cant_____ enquanto eu danç_____.
3. Vós cant_____ enquanto ele danç_____.

SUJEITO COMPOSTO ANTEPOSTO

Paulo e Tereza	chegar**am**
suj. composto antes do verbo	verbo: plural

Conclusão:

Sujeito composto anteposto: o verbo vai para o plural.

Prática

■ Complete as lacunas.

4. Júlia e Cláudia fal_____ a verdade.
5. O livro e a caneta sumir_____.

SUJEITO COM PESSOAS DIFERENTES

Ele, tu e **eu** **Tu** e **ele**	chega**mos** chega**stes/aram**
SUJEITO COMPOSTO DE PESSOAS DIFERENTES	VERBO NO PLURAL NA PESSOA PREFERENCIAL
3ª + 2ª + 1ª = ... 3ª + 2ª = ...	... 1ª do plural ... 2ª ou 3ª do plural

Conclusão:

Se houver 1ª pessoa, o verbo vai para a 1ª do plural (nós).
Se houver 2ª e 3ª pessoas apenas, é preferível o verbo na 2ª do plural (vós). Aceita-se, contudo, a 3ª do plural, como se o sujeito fosse "vocês".

Prática

■ Complete as lacunas.

6. Eu e tu ir_____ amanhã.
7. Ela e eu ir_____ amanhã.
8. Ela e tu ir_____ amanhã.
9. Ela e ele ir_____ amanhã.

SUJEITO COMPOSTO POSPOSTO

Chegar**am** Cheg**ou**	**Paulo** e **Teresa** **Paulo** e Teresa
VERBO NO PLURAL OU CONCORDA C/ O MAIS PRÓXIMO	SUJEITO COMPOSTO DEPOIS DO VERBO

Conclusão:

Sujeito composto posposto: o verbo vai para o plural ou concorda com o mais próximo, para enfatizá-lo.

Prática

■ Complete as lacunas.

10. Chorav_____ a menina e o irmão. (a/am)
11. Miav_____ a gata e o gato. (a/am)
12. Viajav_____ os estudantes e o carteiro. (a/am)

SUJEITO COM APOSTO RESUMITIVO

Festas, flores,	tudo nada ninguém	atraí**a** a menina.
SUJEITO	APOSTO RESUMITIVO	VERBO

Conclusão:

Quando os núcleos do sujeito são resumidos por expressões como **tudo**, **nada**, **ninguém**..., o verbo concorda com a expressão resumitiva.

Prática

■ Complete as lacunas.

13. Alegrias, tristezas, saudade, nada o far_____ chorar. (á/ão)
14. Júlia, José, Adão, ninguém o convencer_____. (á/ão)

SUJEITO COM NÚCLEOS SINÔNIMOS OU QUASE

A **paz** e a **tranquilidade** > comoveu / comoveram o visitante.

Conclusão:

Quando os núcleos do sujeito são sinônimos ou quase sinônimos, o verbo vai para o plural ou pode ficar no singular.

Prática

■ Complete as lacunas.

15. A música e a sonoridade envolvi_____ os presentes. (a/am)
16. Aquele desejo carnal e aquela febre os uni_____. (a/am)

SUJEITO COM NÚCLEOS EM GRADAÇÃO

Um **gesto**, um **sussurro**, uma **palavra** > pod**ia** / pod**iam** despertá-lo.

Conclusão:

Quando o sujeito é composto por núcleos em gradação, o verbo concorda com todos, ou com o mais próximo.

Prática

■ Complete as lacunas.

17. A mesma coisa, o mesmo ato, a mesma palavra provocav_____ risadas. (a/am)
18. A saúde, a força, a vitalidade fazi_____ bem a mim. (a/am)

SUJEITO COM NÚCLEOS LIGADOS POR OU

Observe:

O **calor** extremo ou o **frio** excessivo prejudicar**am**-no.
adição — PLURAL

Seus **sucessores** ou o próprio **São Pedro** disser**am**...
PLURAL — SINGULAR — PLURAL

Conclusão:

Se o **ou** trouxer ideia de **adição/inclusão**, ou se um dos núcleos do sujeito estiver no plural, o verbo vai para o plural.

Prática

■ Complete as lacunas.

19. A alegria ou a tristeza _____ parte da vida. (faz/em)
20. As festas ou o funeral _____ a todos. (impressionou/aram)

Observe:

O **poder** ou **poderes** do homem er**am**...
retificação

Nenhum vestígio deix**ou** o **autor** ou **autores** do crime.
retificação

Conclusão:

Se o **ou** trouxer ideia de **retificação**, o verbo concorda com o núcleo mais próximo.

Prática

■ Complete as lacunas.

21. O candidato, ou melhor, os candidatos _____. (aproxime-se/em-se)
22. _____-me depois o réu ou réus para esclarecimentos. (Procure/m)

Observe:

Ele pensava que **Júlia** ou **Teresa** estive**sse** morta.

exclusão

Um **jogador** ou **técnico** preci**sa** respeitar as regras.

equivalência

Conclusão:

Se o **ou** trouxer ideia de **exclusão** ou **equivalência** entre dois ou mais núcleos no singular, o verbo fica no singular, concordando com apenas um dos núcleos.

Prática

■ Complete as lacunas.

23. Sei que Ana ou Cláudia se _____ com Flávio. (casará/ão)
24. Um presidente ou ministro, na qualidade de cidadão, _____ responsável. (é/são)

SUJEITO COM NÚCLEOS LIGADOS POR NEM

Nem a **virtude**, nem a **preguiça** o abandonar**am**.

Nem o **elogio**, nem a **crítica**, nem a **recomendação** bast**ou** para...

sucessividade, em momentos diferentes, cada um de per si.

Conclusão:

Sujeitos ligados por **nem**: o verbo vai normalmente para o plural. Só fica no singular quando se quer informar que as ações acontecem de per si, em momentos diferentes, sucessivos.

Prática

■ Complete as lacunas.

25. Concomitantemente:
    Nem o grito, nem o palavrão, nem o tiro o _____. (amedrontou/aram)
26. Sucessivamente:
    Nem o grito, nem o palavrão, nem o tiro o _____. (amedrontou/aram)

SUJEITO COM NÚCLEOS LIGADOS POR COM / COMO

O **capitão** com o **sargento** organizar**am** o grupo.

O **capitão** **,** **com o sargento**, organiz**ou**.
adj. adverbial

Conclusão:

Quando os núcleos estão ligados por **com** ou **como** sem vírgula, o verbo vai para o plural, porque se trata de sujeito composto.
Se antes do **com** ou **como** há vírgula, o verbo fica no singular, porque o sujeito é simples seguido de uma expressão adverbial de companhia ou comparação.

Prática

■ Complete as lacunas.

27. O mestre com o boleeiro _____ a emenda. (J. L. Rego) (fez/fizeram)
28. Eu com os outros _____ bem cedo. (vim/emos)
29. O mestre, com o boleeiro, _____ a emenda. (fez/fizeram)
30. Eu, com os outros, _____ bem cedo. (vim/emos)

NÃO SÓ... MAS TAMBÉM, TANTO... QUANTO...

Não só o **grande**, mas também o **pequeno** compreend**em.**
compreend**e**

Tanto **José** como **Antônio** sabi**am** a verdade.
sabi**a**

Conclusão:

Sujeitos ligados por expressões correlativas, do tipo **não só** ... **mas também**, **não só** ... **mas ainda**, **tanto** ... **como** permitem o verbo no plural, ou concordando com o mais próximo.

Prática

■ Complete as lacunas.

31. Não só Eduardo mas até Roberta _____. (acertou/aram)
32. Tanto força quanto amor nos _____. (atinge/em)

MAIS DE UM, MAIS DE DOIS, MAIS DE TRÊS

Mais de um ... chegou
Mais de dois ... chegaram

Quando o sujeito se constrói com as expressões **mais de um**, **mais de dois**..., o verbo concorda com o numeral.

Prática

■ Complete as lacunas.

33. Mais de um correspondente _____. (noticiou/aram)
34. Mais de cinco pessoas _____. (pediu/ram)

Observações:

Sempre que houver reciprocidade, o verbo irá para o plural:
Mais de um amigo se abraçaram.
Se **mais de um** vier repetido, o verbo irá para o plural:
Mais de um soldado, **mais de um** general foram mortos.

UM E OUTRO, NEM UM NEM OUTRO

Um e **outro** falav**am**. falav**a**

Nem um nem outro ajudante saí**ram**. sai**u**

Um e **outro** prêmio const**am** da lista. const**a**

Conclusão:

As expressões **um e outro**, **nem um nem outro**, seguidas ou não de substantivo, permitem o verbo no singular ou no plural. Mas o substantivo sempre estará no singular. *Vide* Sujeito com núcleos ligados por nem, pág. 306.

Prática

■ Complete as lacunas.

35. Uma e outra menina _____. (sorria/am)
36. Uma e outra se _____. (calou/aram)
37. Nem um nem outro vizinho _____. (entendeu/eram)

UM OU OUTRO

Um ou outro ajudante reclam**ou**.
reclam**aram**

Conclusão:

Um ou outro normalmente leva o verbo para o singular, pois, geralmente, o **ou** tem ideia de exclusão. Porém, quando o **ou** trouxer ideia de inclusão, terá o verbo no plural.

Prática

■ Complete as lacunas.

38. Um ou outro se casar_____ amanhã com Ernestina. (casará/ão)
39. Um ou outro aluno reclam_____ de sua decisão. (reclamou/aram)

SUJEITO QUE

Ele foi o **candidato** (ANTECEDENTE) | **que** (PRONOME RELATIVO SUJEITO) | pass**ou**.

Eis as **candidatas** (ANTECEDENTE) | **que** (PRONOME RELATIVO SUJEITO) | passar**am**.

Conclusão:

Quando o sujeito é o pronome relativo **que**, o verbo concorda com o antecedente.

Prática

■ Complete as lacunas.

40. Encontramos os concorrentes que _____. (venceu/ram)
41. Fomos nós que _____. (venceu/emos)
42. Fostes vós que _____. (venceu/estes)

Observação:

Veja expressão **é que** na página 324.

SUJEITO QUEM

Foram eles quem **disse**.
disser**am**

Conclusão:

Quando o sujeito é o pronome relativo **quem**, o verbo, de preferência, fica na 3ª pessoa do singular. Contudo, há quem aceite sua concordância com o antecedente.

Prática

■ Complete as lacunas.

43. Fui eu quem te _____. (chamou/ei)
44. Foste tu quem me _____. (chamou/aste)
45. Fomos nós quem te _____. (chamou/amos)
46. Fostes vós quem nos _____. (chamou/astes)

SUJEITO UM DOS QUE

Ele era **um** d**os** candidatos **que** sabi**a**.
sabi**am**

Conclusão:

Quando o verbo se refere à expressão **um dos ... que**, pode concordar com **um**, no singular, ou com **os** do **dos**, no plural.

Prática

■ Complete as lacunas.

47. Eu sou um dos que te _____. (convidou/ei/aram)
48. Tu és uma das que _____. (cantou/aste/aram)

SUJEITO QUAIS DE VÓS, QUANTOS DE NÓS

Quais **Quantos** **Muitos** **Poucos** **Vários**... PLURAL	de dentre	**nós** **vós**	vencere**mos**/vencer**ão**. vencer**eis**/vencer**ão**.

Conclusão:

Com as expressões **quais de nós**, **quais de vós**..., se o primeiro pronome está no plural, o verbo concorda com ele. Mas também pode concordar com o pessoal (nós, vós).

Prática

■ Complete as lacunas.

49. Muitos dentre vós _____ felizes. (sairá/ão/eis)
50. Poucos de nós _____ o caso. (compreende/emos/em)

SUJEITO QUAL DE NÓS, NENHUM DE NÓS

Qual
Quem
Nenhum
Ninguém...
SINGULAR

de
dentre

nós
vós

chegar**á**.

Conclusão:

Se o primeiro elemento dessas locuções pronominais está no singular, o verbo obrigatoriamente concorda com ele.

Prática

■ Complete as lacunas.

51. Qual dentre vós _____ a oferta? (fará/eis)
52. Ninguém de nós _____ a oferta. (fará/eis)

A MAIORIA DE... GRANDE PARTE DE... UM ENXAME DE...

A maior parte dos **interessados** compareceu.
QUANTITATIVA PLURAL comparecer**am**

Conclusão:

Sujeito constituído por expressões quantitativas, seguidas de um nome no plural, admite o verbo no singular ou no plural.

Prática

■ Complete as lacunas.

53. Grande parte dos homens _____ o sigilo. (quebrou/aram)
54. Um monte de soldados _____ do outro lado. (surgiu/iram)

CADA... NENHUM... QUALQUER...

Cada verme, **cada** molusco, **cada** ameba com**põe** este universo.
SING.

Conclusão:

Sujeito com indefinidos (cada, nenhum, qualquer...) repetidos deixa o verbo no singular, a não ser que os indefinidos estejam no plural.

Prática

■ Complete as lacunas.

55. Qualquer homem, qualquer senhora _____ observar. (pode/em)
56. Nenhum inimigo, nenhum amigo _____. (duvida/am)
57. Nenhuns inimigos, nenhuns amigos _____. (duvida/am)

UM POR CENTO... VINTE POR CENTO...

Um por cento **das vítimas** chegou / chegaram ao abrigo.

Vinte por cento **da sala** estudaram. / estudou

Conclusão:

Sujeito constituído de percentual seguido de substantivo determinante: o verbo concorda com o numeral ou com o determinante.

Prática

■ Complete as lacunas.

58. Quinze por cento dos alunos _____. (passou/aram)
59. Um por cento da turma _____. (estudou/aram)
60. Treze por cento do time _____ bem. (atuou/aram)

Observação:

Se o numeral vem antecedido de artigo ou pronome adjetivo, o verbo só concorda com o numeral.

Os quinze por cento do grupo que for**am** chamados...

Aqueles três por cento da turma for**am** aplaudidos.

CERCA DE... PERTO DE... OBRA DE... + NUMERAL

Cerca de **vinte** pessoas gritav**am**.

Obra de **quatro mil** soldados ocupar**am** o porto.

Conclusão:

Expressão aproximativa seguida de numeral: o verbo concorda com o numeral.

Prática

■ Complete as lacunas.

61. _____ no cinema perto de duzentos convidados. (Entrou/aram)
62. Perto de sete séculos se _____. (passou/aram)

SUJEITO PLURAL APARENTE

Memórias de Agapito Goiaba foi pouco lido.

As **Memórias de Agapito Goiaba** for**am** pouco lidas.

Conclusão:

Nomes plurais de lugares e obras artísticas são tratados como singular se não vêm antecedidos por artigo. Se lhes antecede artigo, o verbo acompanha o artigo.

Prática

■ Complete as lacunas.

63. Campos _____ por sua economia. (surpreende/em)
64. As Minas Gerais que nos _____. (enfeitiça/am)
65. Minas Gerais que nos _____. (enfeitiça/am)
66. O Amazonas _____ a região Norte. (atravessa/am)

HAJA VISTA OU HAJAM VISTA

Haja vist**a** seus méritos...

Hajam vist**a** seus méri**tos**...

Haja vist**a** **a** seus méritos...
prep.

Haja em vist**a** seus méritos...
prep.

Conclusão:

Na expressão **haja vista**, o verbo pode ficar invariável ou concordar com o substantivo que se lhe segue. Havendo preposição antes ou depois da palavra **vista**, o verbo fica no singular.

Prática

■ Complete as lacunas.

67. Ele é bom batedor, _____ vista seus chutes. (haja/am)
68. Ele é bom batedor, _____ vista seu chute. (haja/am)
69. Ele é bom batedor, _____ em vista seus chutes. (haja/am)

ALUGA-SE CASA, ALUGAM-SE CASAS

Alu**ga**	-se	ca**sa**
VERBO	+ SE	SUBSTANTIVO SEM PREP.

Alug**am**	-se	cas**as**
VERBO	+ SE	SUBSTANTIVO SEM PREP.

Conclusão:

Quando um verbo seguido de **se** se refere a um núcleo substantivo não preposicionado, concorda com ele.

Prática

■ Complete as lacunas.

70. _____-se gravatas. (Conserta/am)
71. _____-se botões. (Cobre/em)
72. _____-se faca. (Afia/am)

GOSTA-SE DE FRUTA, GOSTA-SE DE FRUTAS

Gosta	-se	de fruta.
VERBO	+ SE	+ PREP. + SUBSTANT.

→ 3ª DO SINGULAR

Gosta	-se	de frutas.
VERBO	+ SE	+ PREP. + SUBSTANT.

→ 3ª DO SINGULAR

Vive	-se	bem.
VERBO	+ SE	+ ADV.

→ 3ª DO SINGULAR

Conclusão:

Verbo + **se** referindo-se a núcleo substantivo preposicionado, ou a advérbio, fica sempre no singular.
Verbo + **se** só vai para o plural quando se refere a núcleo substantivo plural, sem preposição (*Vide* item anterior).

Prática

■ Complete as lacunas.

73. _____-se em mudanças. (Fala/m)
74. _____-se por ajudantes. (Procurava/m)
75. _____-se muito aqui. (Discute/m)
76. _____-se feliz e não se _____. (Era/m; sabia/m)

Observação:

Observação: Já há teóricos que sugerem aceitar-se como portadoras de sujeito indeterminado frases como: *Aluga-se casa. Aluga-se casas. Conserta-se pneu. Conserta-se pneus.* E justificam com o argumento de que, na atualidade, tais construções perderam o significado passivo.

VOSSA SENHORIA ESTÁ... VOSSAS SENHORIAS ESTÃO...

Vossa Excelência ficou embaraçada, governadora.
3ª p. 3ª p.

Sua Santidade virá ao Brasil.
3ª p. 3ª p.

Conclusão:

Os pronomes de tratamento levam o verbo para a terceira pessoa (singular ou plural).

Prática

■ Complete as lacunas.

77. Vossa Alteza _____. (chegou/astes)
78. Vossas Reverendíssimas _____ . (entenderam/eis)
79. Sua Excelência _____. (virá/eis)

DAR, BATER, SOAR...

A torre da igreja SUJEITO SINGULAR	d**eu** bat**eu** so**ou**	**duas horas**. OBJETO DIRETO
Na torre da igreja ADJUNTO ADVERBIAL	der**am** bater**am** soar**am**	**duas horas**. SUJEITO PLURAL

Conclusão:

Os verbos **dar**, **bater**, **soar**, **repicar** e sinônimos concordam com o sujeito (a torre, o relógio, o sino...). Se não houver essas palavras como sujeito, as horas se transformam em sujeito.

Prática

■ Complete as lacunas.

80. Nos campanários _____ uma hora. (soou/aram)

81. O relógio _____ cinco horas. (batia/m)
82. Ao lado, devagar _____ dez horas, solenemente, o sino da matriz. (deu/deram)

SUJEITO COMPOSTO COM IDEIA ÚNICA

O presente e o passado esta**va** ali, na sua frente.

1

Conclusão:

Quando os sujeitos formam um todo indivisível, uma ideia única, o verbo fica no singular.

SUJEITO ORACIONAL

É ótimo [que todos saibam a verdade].

[Diminuir os privilégios], [equilibrar as finanças] **deve** ser o objetivo da política.
SING.

[Que ela estava feliz] e [que Joaquim não o percebia] **era** sabido de todos.
SING.

[Amar] e [correr] **faz** bem à saúde.
SING.

Conclusão:

Fica na 3ª pessoa do singular o verbo que tem como sujeito uma ou mais orações.

Atenção:

Se os infinitivos sujeitos vêm precedidos de artigo, ou são antônimos, o verbo vai para o plural, normalmente:

O amar e **o correr** faz**em** bem à saúde.
PLURAL

[**Amar**] e [**odiar**] faz**em** parte da vida.
PLURAL
Antônimos

PARECEM SORRIR OU PARECE SORRIREM

Ambos estão certos.

Os homens pareciam chorar. **Os homens** parecia **chorarem**.

Conclusão:

Varia só um dos dois: ou o verbo **auxiliar** ou o **infinitivo**.

ERRADO VARIAREM OS DOIS:

~~Os homens pareciam sorrirem.~~

Prática

■ Assinale **C** ou **E** para as concordâncias.

83. ( ) Futuro, passado e presente é uma só coisa, uma só realidade.
84. ( ) Deveria ser muito bom comer, dormir e amar à vontade.
85. ( ) Amar o próximo e ajudá-lo competem a nós.
86. ( ) Construir e destruir resume a vida humana.
87. ( ) Construir e destruir resumem a vida humana.
88. ( ) As nuvens parece desenharem infinitamente.
89. ( ) As nuvens parecem desenharem infinitamente.
90. ( ) As nuvens parecem desenhar infinitamente.

CONCORDÂNCIA DO INFINITIVO

Infinitivo Invariável

Viver é lutar.	Verbo impessoal, com ideia de sujeito indefinida ou muito vaga.
"Preparar. Apostar. Atinar." (EFP)	Função de imperativo.
Estava **a sonhar**.	Com preposição **a**, tem valor de gerúndio (Estava **sonhando**).
Fácil **de entender**.	Preposicionado, como complemento nominal de adjetivo. Há gramáticos que nele veem uma forma de voz passiva (Fácil de **ser entendido**).
Va**mos cantar**, dev**es dizer**...	Como verbo principal de locução verbal, é seu auxiliar que concorda com o sujeito.

Prática

■ Estabeleça a devida correspondência:

a) Verbo impessoal, com ideia de sujeito indefinida ou muito vaga.
b) Função de imperativo.
c) Com preposição **a**, tem valor de gerúndio.
d) Preposicionado, como complemento nominal de adjetivo. Há gramáticos que nele veem uma forma de voz passiva.
e) Como verbo principal de locução verbal, é seu auxiliar que concorda com o sujeito.

91. ( ) Os pais, as crianças, todos se puseram a rir.
92. ( ) Pessoal, todos agora. Mergulhar.
93. ( ) Estávamos juntos na sala, a conversar, a sorrir, a pilheriar.
94. ( ) Trata-se de uma situação fácil de solucionar.
95. ( ) Atingir a velhice pode ser superar a maturidade.

Infinitivo Variável ou Flexionado

Convém (**tu**) esta**res** atento.	Quando o sujeito do infinivo (expresso ou elíptico) é diferente do verbo da oração principal.
Será ótimo (**nós**) participa**rmos**.	
Poderão os brasileiros, em conjunto e em harmonia, organiza**rem**-se e leva**rem** adiante esse projeto?	Quando, em locução verbal, o infinitivo se encontra distante do verbo auxilar... ou quando se quer enfatizar, realçar a pessoa a quem se refere a ação.

Prática

Observe as frases-modelo e julgue Certa ou Errada cada declaração seguinte:

1. Devemos estarmos juntos para que nos possam verem melhor.
2. Convém estarmos juntos, a fim de que elas possam ver-nos melhor.

96. ( ) "Devemos estar" e "possam ver" constroem melhor a frase 1, porque em locução verbal, normalmente, o infinitivo é invariável.
97. ( ) Em 2, "estarmos" está corretamente flexionado para mostrar que tem um sujeito diferente do de "Convém".
98. ( ) Em 2, ficaria melhor a construção com "verem-nos".
99. ( ) Em 2, o verbo **ver** está bem usado porque, como é o verbo principal de uma locução (possam ver), o papel de concordar com o sujeito é exercido pelo seu auxiliar (possam).

Infinitivo como Complemento de Verbos Permissivos, Causativos e Sensitivos (veja Análise Sintática Visual)

INVARIÁVEL ou NÃO FLEXIONADO	VARIÁVEL ou FLEXIONADO
Não ***deixes*** cresc**er** as dúvidas.	Não ***deixes*** cresce**rem** as dúvidas.
Mandou os meninos entr**ar**.	***Mandou*** os meninos entra**rem**.
Senti-os sussurr**ar** no escuro.	***Senti***-os sussurra**rem** no escuro.
Ouvi fal**ar** bem de você	***Ouvi*** fala**rem** bem de você.

Prática

Observe as frases-modelo e julgue Certa ou Errada cada afirmação seguinte:

1. Vi nascer os primeiros raios. 2. Vi nascerem os primeiros raios.

100. ( ) A concordância do verbo **nascer** está errada em 1.
101. ( ) O verbo **ver** é um verbo sensitivo e o infinitivo que o complementa pode flexionar-se ou não, por isso estão corretas ambas as frases.
102. ( ) Em 2, a flexão do infinitivo ressalta, põe em destaque "os primeiros raios".

VERBOS DE 3ª PESSOA

Observe:

ESTAR **FAZER** **HAVER** **IR**	com ideia de TEMPO	CRONOLÓGICO OU METEOROLÓGICO	FICAM SEMPRE NA 3ª PESSOA DO SINGULAR
FENÔMENOS NATURAIS **HAVER com ideia de EXISTIR** **CHEGA DE... BASTA DE...**			

Prática

■ Complete as lacunas.

103. _____ de problemas. (Basta/m)
104. _____ trinta anos que se namoram. (Faz/em)
105. Com certeza, _____ soluções melhores. (haverá/ão)
106. _____ de haver ideias mais simples. (Há/hão)
107. _____ de sorrir com ela os arcanjos. (Há/hão)
108. _____ fazer três dias que ela se foi. (Vai/vão)
109. _____ para três meses que voltou. (Vai/vão)
110. _____ muitos torcedores lá. (Havia/m)
111. _____ muitas mulheres também. (Existia/m)
112. _____ existir muitas saídas. (Deve/m)
113. _____ haver muitas saídas. (Deve/m)
114. _____ muito nas férias. (Chovia/m)
115. _____ flores no casamento. (Chovia/m)

CONCORDÂNCIA DO VERBO SER

Observe:

Que Quem O que	**é** **são**	protozoár**io**? protozoár**ios**?

Conclusão:

Nas orações interrogativas iniciadas por **quem**, **que**, **o que**, o verbo **ser** concorda com o termo que lhe vem após.

Prática

116. Que _____ célula? (é/são)
117. Quem _____ os protagonistas? (é/são)
118. Quero saber o que _____ precatórios. (é/são)

Observe:

SUJEITO		PREDICATIVO
Isto, **isso**, **aquilo** **o** (= aquilo) **tudo**	**são** **é**	flor**es**
		substant. plural

Conclusão:

Quando o sujeito for um dos pronomes **isto**, **isso**, **aquilo**, **o** e **tudo**, e o predicativo for um substantivo plural, o verbo **ser** concorda preferencialmente com o predicativo plural, mas também pode concordar no singular com o sujeito.

Prática

■ Complete as lacunas.

119. Tudo aquilo _____ ameaças apenas. (era/eram)
120. O que ele quer _____ cuidados especiais. (é/são)

Observe:

Nós fomos campeões. Campeão **fui eu**.

Conclusão:

Se em qualquer dos lados há um **pronome pessoal reto**, o verbo com este concorda.

Prática

■ Complete as lacunas.

121. O interessado _____ tu. (era/eras)
122. Vós _____ os escolhidos. (sereis/serão)

Observe:

peso preço medida quantidade	**é**	**muito** **pouco** **tanto** **mais** **algo**

Conclusão:

Expressões indefinidas relacionadas a ideias de **medida** ou **quantidade** mantêm o verbo **ser** no singular.

Prática

123. Vinte anos _____ muito. (é/são)
124. Quarenta reais _____ pouco. (será/ão)
125. Cinco quilômetros não _____ tanto. (é/são)
126. Noventa quilos _____ muito pouco. (era/m)

Observe:

Daqui até lá **é** **um** quilômetro. Daqui até lá **são** **cinco** quilômetros.

Hoje **é** **dia** cinco. Hoje **é** **primeiro** de março.

Hoje **são** **cinco**. Agora **é** **uma** hora. **São** **duas** horas.

Conclusão:

Relacionado a **distância**, **data** e **hora**, o verbo **ser** concorda com o numeral. Nas datas, se aparecer a palavra **dia**, é com ela que o verbo concorda.

Prática

■ Complete as lacunas.

127. _____ meio-dia. (É/São)
128. _____ 20 de outubro. (Será/ão)
129. _____ quatro horas. (Era/m)
130. _____ dois metros. (É/São)

Observe:

Substantivo		Substantivo
O mundo	**é** / **são**	ilusões.
singular		plural

Substantivo		Substantivo
Os mundos	**é** / **são**	ilusão.
plural		singular

Conclusão:

O verbo **ser** entre dois substantivos comuns, de **números diferentes**, concorda com o que se quer realçar.

Prática

■ Complete as lacunas.

131. Justiça _____ as forças do bem. (é/são)
132. Telhas soltas _____ um perigo. (era/m)

Observe:

Irene / **gente** **era os devaneios** do namorado.

Os devaneios do namorado **era** a noiva. / **gente**

O verbo **ser** prefere concordar com o núcleo que se refere a **gente**.

Prática

■ Complete as lacunas.

133. Julieta sempre _____ as alegrias da família. (foi/foram)
134. Os seus sonhos _____ Carmelita. (era/eram)

Observação:

Pode haver concordância com o plural, quando este denota partes do corpo da pessoa nomeada.
Renato eram só aquelas mãos enormes.

Observe:

Sou **eu** que **saí**.
És **tu** que saí**ste**.
Fomos **nós** que saí**mos**.
Foram **eles** que saí**ram**.
Seremos **nós** que lutare**mos**.

Suj.		Verbo
Eu	é que	saí.
Tu	é que	saíste.
Nós	é que	saímos.
Eles	é que	saíram.

A expressão **é que** fica invariável em tempo, número e pessoa quando aparece unida, separando sujeito e verbo, porque expletivo, porque de realce.

Prática

■ Distribua as expressões: foi que, será que, é que, serão que.

135. Romero _____ venceu, mas _____ João _____ foi premiado.
136. Júlia _____ viajará, mas _____ Antônia _____ lucrará.
137. Nós _____ compraremos, mas _____ vocês _____ pagarão.

Observe:

Er**a** **uma vez** um rei e uma rainha, que...

Er**am** um **rei** e uma **rainha**, que...

Er**a** uma **rainha** que... Er**am** dois caminheir**os**...

Conclusão:

Se não houver a expressão **uma vez**, o verbo **ser** concorda com o substantivo ou substantivos que o seguir(em).

Prática

138. Assinale a que **não** está correta.
   a) Aqui faz verões quentíssimos.
   b) Chegou agora o pessoal da festa.
   c) Deu cinco horas agora.
   d) Chegaram a lutadora e o adversário.

139. a) Faltava uma hora, agora só faltam vinte minutos.
   b) Faltaram quinhentos e vinte e três pessoas.
   c) Receba Vossa Majestade nossas congratulações.
   d) Fazia duas semanas que estava mudo.

■ Escolha a opção ou opções corretas.

140. Após o baile _____ confetes e serpentinas. (sobrou/aram)
141. Cada um de vocês, cada um de nós _____ um prêmio. (ganha/em/amos)
142. _____ poucos metros para que _____ vítimas. (Faltou/aram; houvesse/em)
143. _____ mais cedo meus pais e eu. (voltaram/amos)
144. O presidente com o ministro _____ manifestar-se (resolveu/ram)
145. O prefeito, com o vereador, _____ os presentes. (convenceu/ram)
146. Nem ele, nem você _____ comigo. (concordou/aram)
147. Ele ou você _____ o vencedor. (será/ão)
148. Ele ou você _____ os vencedores. (será/ão)
149. Tu ou ele _____ os vencedores. (serão/eis)
150. Júlia, tu e eu _____ fora. (almoçarão/emos/eis)
151. Todos, exceto eu, _____ com o juiz. (concordaram/amos)
152. Qual de vós _____ com isso? (concorda/ais)

153. Quantos dentre vós _____ com isso? (concordam/ais)
154. Mais de um lutador _____ -se. (embolou/aram)
155. _____ vários erros no relatório. (Havia/m)
156. _____ sido cometidos vários erros no relatório. (Havia/m)
157. Não _____ ali erros graves. (existia/m)
158. Àquela hora, um menino e uma menina _____. (nascia/m)
159. Um grupo de inocentes _____ . (deporá/ão)
160. Por isso, _____ embora o cansaço e a fraqueza. (foi/ram)
161. _____ por aqui Cláudio e Teresa. (Passou/aram)
162. Vós e vossos amigos _____ sorte. (tiveram/stes)
163. Só o Brasil ou a Itália _____ ser o futuro campeão. (poderá/ão)
164. Você, ela, eu, ninguém, naquele momento, _____ . (acreditei/ou/amos)
165. Afeto e ternura _____ a gente. (comove/m)
166. O interesse, a gratidão, o dever _____ impotente... (fica/m)
167. A pobreza ou a falta de higiene _____ o ser humano. (prejudica/m)
168. A tia ou a sobrinha _____ isto. (fez/fizeram)
169. A verdade, ou verdades _____ ser alcançadas. (pode/m)
170. A verdade, ou verdades, _____ ser alcançada. (pode/m)
171. Nem o medo, nem o frio o _____ . (demoveu/ram)
172. Júlia com Joaquim _____ a festa. (preparou/aram)
173. Júlia, com Joaquim, _____ a festa. (preparou/aram)
174. Nem um nem outro _____.(chegou/aram)
175. Um ou outro _____. (saiu/ram)
176. Um e outro _____. (cantava/m)
177. Um e outro competidor _____. (convence/m)
178. Uma e outra vizinha _____ aqui. (está/ão)
179. Um e outro competidor _____-se. (cumprimenta/m)
180. Nem um nem outro se _____. (entende/m)
181. Encontrei os anéis que _____. (sumira/m)
182. Somos nós que_____. (vencerá/emos)
183. Seriam elas que _____. (venceria/m)
184. Elas _____ venceriam. (é que/seriam que)
185. Vós _____ vencereis. (é que/sereis que)
186. Seriam elas quem _____. (venceria/m)
187. Fomos nós quem _____. (venceu/emos)
188. Tu foste um dos que _____. (concordou/aste/aram)
189. Quantos de nós _____ lá? (chegarão/emos)
190. Vários de vós _____ lá. (chegarão/eis)
191. Quem de nós _____? (falou/aram)
192. Grande parte dos jogadores _____ cedo. (levantou/aram)
193. Oito por cento _____ ali. (está/ão)

194. Oito por cento do grupo _____ ali. (está/ão)
195. Os oito por cento do grupo _____ ali. (está/ão)
196. Perto de cinquenta pessoas _____. (gritava/m)
197. Os Estados Unidos _____ uma proposta. (apresentou/aram)
198. Minas Gerais _____ agindo. (continua/m)
199. As Minas Gerais _____ produzindo. (continua/m)
200. Estamos todos felizes, _____ vista nossos sorrisos. (haja/m)
201. Estamos todos felizes, _____ em vista nossos sorrisos. (haja/m)
202. _____-se por líderes. (Procurava/m)
203. _____-se líderes. (Procurava/m)
204. Ali se _____ em treinamentos intensivos. (pensava/m)
205. Aqui se _____ treinamentos intensivos. (faz/em)
206. Duas horas _____, na noite úmida, o sino recém-instalado. (bateu/eram)
207. Pensar e refletir _____ para a evolução. (ajuda/m)
208. Os animais _____ pensar. (parecia/m)
209. Os animais _____ pensarem. (parecia/m)
210. Hoje _____ de janeiro. (são um/é um/é primeiro)
211. Amanhã _____ dois. Ontem _____ dia 31 de dezembro. (será/ão; foi/ram)

Prática Geral

212. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Levando em consideração as regras de concordância nominal, escreva (1) para as frases corretas e (2) para as incorretas.
( ) Quando a senhora terminou de abrir as malas, já era meio-dia e meia.
( ) A própria sogra presenciou a abertura das malas; sim, ela mesmo.
( ) Anexo àquela carta destinada ao pai da moça, foram remetidas as jóias.
( ) Ao final da tarde, a senhora mostrava-se meio apreensiva.
( ) Naquelas bagagens havia jóias muito preciosas.
A sequência correta é
a) 1, 1, 2, 2, 1.
b) 2, 1, 1, 2, 2.
c) 1, 2, 1, 2, 1.
d) 2, 2, 1, 1, 2.
e) 1, 2, 2, 1, 1.

213. (PRF/N.M./ANP) Há **erro** de concordância em:
a) aluna e alunos estudiosos.
b) nome e situação conhecida.
c) exercícios e dieta recomendados.
d) estradas e parques mal conservadas.

214. Assinale a alternativa **correta**.
a) Foram cobrados as taxas e as multas recentes, mas perdoados os débitos anteriores.
b) Ao gerente não passou despercebido a arrogância do cliente.
c) A caneta custou cara, mas não se arrependeu da compra.
d) Foi dispensado do trabalho porque os dedos indicador e médio estavam feridos.

215. Assinale a alternativa **correta**.
a) Remetemos anexa uma fotocópia do recibo.
b) Era ela mesmo que, sempre ao meio-dia e meio, conferia o dinheiro arrecadado.
c) Considerou inútil as medidas para conter a corrida da população aos bancos.
d) É proibido a entrega de declarações de imposto de renda, nas agências bancárias, após o prazo estabelecido pela Fazenda.

216. (ALCL-DF/N.S./IDR) Marque a alternativa na qual **só uma** das concordâncias nominais é **correta**.
a) Uma e outra questão examinadas.
Uma e outra questão examinada.
b) Vossa Excelência é esperada, Sra. Ministra.
Vossa Excelência é esperado, Sr. Ministro.
c) A primeira e a segunda sessão.
A primeira e a segunda sessões.
d) Proposta e projeto aceitos.
Proposta e projeto aceito.

217. (ALCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa em que **somente um** dos itens é **correto**.
a) Segue anexa a documentação exigida.
Segue anexo a documentação exigida.
b) É vedado às empresas praticar atos desse teor.
É vedado as empresas praticarem atos desse teor.
c) Ela nada tem de sedutor.
Ela nada tem de sedutora.
d) Eles parecem estar contentes.
Eles parece estarem contentes.

218. (Ag. Adm./TRT/N.M./ACCESS) A concordância nominal das **duas** frases está **correta** em:
a) Devemos analisar os defeitos e as virtudes **verdadeiras**.
Devemos analisar os defeitos **verdadeiros** e as virtudes **verdadeiras**.
b) O pivete não tem ação e julgamento **éticos**.
O pivete não tem julgamento e ação **éticas**.

c) Eram **doentias**, o crime e a brutalidade.
O crime e a brutalidade eram **doentios**.
d) A senhora e o adolescente eram **violentos**.
A senhora e a adolescente eram **violentos**.
e) Ele pesquisa o comércio e as finanças **brasileiros**.
Ele pesquisa as finanças e o comércio **brasileiras**.

219. (TFC-RJ/N.S.) Assinale a opção em que **não** há **erro**.
a) Seguem anexo os formulários pedidos.
b) Não vou comprar esta camisa. Ela está muito caro!
c) Estas questões são bastantes difíceis.
d) Eu lhes peço que as deixem sós.
e) Estando pronto os preparativos para o início da corrida, foi dada a largada.

220. (AFRE-SP/N.S.) Assinale a alternativa **correta**.
É _____ prudência na interpretação dos resultados, _____ seguem _____ algumas normas.
a) necessária / porisso / inclusas.
b) necessário / por isso / inclusa.
c) necessária / porisso / incluso.
d) necessário / por isso / inclusas.

221. Indique a alternativa **correta** em relação à concordância nominal.
a) Não é permitida a presença de menores neste recinto.
b) Segue incluso no envelope a procuração e o requerimento.
c) Infelizmente temos motivos bastante para duvidar de você.
d) Limonada é muito boa para refrescar.
e) Todos acharam a moça e o rapaz muito simpática.

222. Há **erro** de concordância na frase:
a) Encontrei a ficha anexa.
b) Muito obrigado, disse-me ela sorrindo.
c) Voltarei ao meio dia e meia.
d) Depois ela ficou meio desconfiada.
e) Ela própria confirmou o que disse.

223. A concordância nominal apresenta-se **correta** na alternativa:
a) Havia no baú pentes e rendinhas barato.
b) Assustadas a cidade e os coronéis viram o desastre.
c) Na bagagem, muitos relógios foram encontrado.
d) Enviamos anexos os relatórios sobre os assaltos.
e) Apreenderam pacotes de cigarros americano.

224. A concordância nominal está **correta** em:
a) A mãe avisou que seria temerário, mesmo sendo período de férias, a ida do menino à escola.
b) Os atos indisciplinados do menino custaram caros a seu pai e mãe zelosa.
c) Já se acreditou que palmatória era bom para manter a ordem na escola.
d) Depois de retribuir à professora, o menino estava certo de que ficou quites com ela.

225. Assinale a opção que contenha **silepse** (discordância da palavra, concordância com a ideia).
a) "No Ocidente desenvolvido é de rigor tirar férias até para quem não faz nada."
b) "Os presidentes herdaram-lhe o hábito e, enquanto a capital ficou no Rio de Janeiro, costumavam passar temporadas de refresco na mesma Petrópolis, no Palácio Rio Negro."
c) "(...) e portanto não pode haver nem índices de inflação nem artigos de economistas da PUC-Rio."
d) "Como escreveu o articulista da revista *Time* James Collins, são ocasiões que oferecem aos presidentes um poderoso segundo contexto (...)."
e) "Da serra gaúcha ao litoral nordestino, há muitos lugares aprazíveis no Brasil, inclusive, sem humor negro, a reserva ianomâmi (...)."

226. Assinale a opção que se apresenta **correta** quanto à concordância nominal.
a) Além de valioso para a compreensão das características dos povos em cujas estruturas mentais não entra o conceito de férias, as reflexões do articulista não perdem a força de argumento a favor das férias para presidentes.
b) O articulista refere-se aos hábitos de Dom Pedro II de uma maneira familiar, como se o tivesse presenciado; faz, ainda, comentários sobre o de outros presidentes do passado.
c) O texto apresenta vários aspectos que, por si só, explicam as diferenças entre os povos que têm direito a férias e os que não o tem.
d) Na semana passada, de forma inusitada, os agentes de segurança procuraram ficar o mais afastados possível do presidente, alegando que a tática visava a uma maior liberdade para o chefe de Estado.
e) O articulista qualificou de danoso à nação – dadas as circunstâncias do evento – a viagem do presidente Collor a Angra dos Reis e a Araxá.

■ Estabeleça a devida correspondência com relação ao uso do infinitivo:
a) Verbo impessoal, com ideia de sujeito indefinida ou muito vaga.
b) Função de imperativo.
c) Com preposição **a**, tem valor de gerúndio.
d) Preposicionado, como complemento nominal de adjetivo. Há gramáticos que nele veem uma forma de voz passiva.
e) Como verbo principal de locução verbal, é seu auxiliar que concorda com o sujeito.

227. ( ) Todos os presentes devemos parar para refletir e rir.
228. ( ) Avançar.
229. ( ) Entrou no salão, a sorrir e a distribuir abraços.
230. ( ) Osso duro de roer, água boa p'ra beber.
231. ( ) Viver bem é participar e construir.

■ Observe as frases e julgue Certa ou Errada cada afirmação seguinte:
1. Ouvia farfalhar as folhas da palmeira.
2. Ouvia farfalharem as folhas da palmeira.

232. ( ) Em 1, a concordância do verbo **farfalhar** se faz com **as folhas da palmeira**.
233. ( ) Em 2, a concordância do verbo **farfalhar** se faz com **as folhas da palmeira**.
234. ( ) O verbo **farfalhar** é um verbo sensitivo, e o infinitivo que o complementa pode flexionar-se ou não, por isso estão corretas ambas as frases.
235. ( ) As duas frases têm exatamente o mesmo significado.
236. ( ) Em 2, a flexão do infinitivo ressalta, põe em destaque "as folhas da palmeira".

■ Observe as frases e julgue Certa ou Errada cada declaração seguinte:
1. Estuda para passar.
2. Estuda para passares.

237. ( ) Em cada uma das duas frases, os dois verbos se referem a pessoas distintas.
238. ( ) A construção 1 é preferível à 2, porque os dois verbos se referem a uma mesma pessoa, ou indivíduo.

3. É bom saírem logo, para poderem ver a lua.

239. ( ) **É bom saírem** é uma locução verbal, e os dois verbos, "É" e "saírem", referem-se à mesma pessoa.
240. ( ) **É** e **saírem** estão em pessoas diferentes, porque têm sujeitos diferentes.
241. ( ) **poderem ver** é uma locução verbal e os dois verbos se referem à mesma pessoa.
242. ( ) Na locução verbal, o verbo auxiliar (poderem) estabelece a concordância, enquanto o verbo principal no infinitivo (ver) fica invariável.

■ Assinale **C** ou **E**, conforme a frase esteja de acordo ou em desacordo com a concordância verbal.
243. ( ) Mandou calar-se todos os que cochichavam.
244. ( ) Tu devias, com certeza, fazeres o que te pedem.
245. ( ) Mandou calarem-se todos os que cochichavam.
246. ( ) Tu devias, com certeza, fazer o que te pedem.

247. ( ) No seguinte exemplo de Alexandre Herculano "**Queres ser** mau filho, mau amigo, **deixares** uma nódoa d'infâmia na tua linhagem?", apresentado por Rocha Lima, ocorre simultaneamente o infinitivo invariável e o variável.

248. ( ) Na seguinte estrofe de Gonçalves Dias "**Possas** tu, descendente maldito / De uma tribo de nobres guerreiros, / Implorando cruéis forasteiros, / **Seres** presa de vis Aimorés!", **possas** e **seres**, verbos respectivamente auxiliar e principal, estão variando, em função de estarem distantes um do outro. Se estivessem juntos, só o auxiliar concordaria com o sujeito elíptico **tu**: **possas ser**. Como estão afastados, a flexão do infinitivo reforça a ideia de o sujeito ser **tu**.

249. ( ) Em "A maré, calma e serena, fazia **acalmarem as sensações** dentro de mim" e "A maré, calma e serena, fazia **acalmar as sensações** dentro de mim", as duas construções exemplificam infinitivo complemento de verbo causativo e ambas estão corretas.

250. ( ) **Ve**r, **ouvir** são verbos sensitivos, **deixar** é permissivo, **fazer** e **mandar** são causativos. Com eles, o infinitivo pode apresentar-se flexionado ou não.

251. (Cespe) Se para a elite social o trabalho infantil era uma medida de prevenção, para os pobres era uma maneira de sobreviver.

( ) A forma verbal "era" foi empregada na primeira pessoa do singular para concordar com a expressão "a elite social".

252. (Cespe) Mesmo que não possamos olhar de um curso único para história, os projetos humanos têm um assentamento inicial que já permite abrir o presente para a construção de futuros possíveis.

( ) Preservam-se as relações argumentativas, a noção de pluralidade e a correção gramatical da oração ao se empregar a expressão **cada projeto humano** em lugar de "os projetos humanos".

253. (Cespe – adaptado) Desde a chegada dos portugueses até as últimas décadas do século XIX, foi aberta uma infinidade de caminhos terrestres e rotas fluviais de circulação, em um esforço verdadeiramente titânico de apropriação.

( ) Diminuindo-se a ênfase, o desenvolvimento das ideias no texto e sua estrutura linguística permitem substituir o termo "uma infinidade" por **inúmeros**.

254. (Cespe) As carruagens tinham eixos desse tamanho para caber nos sulcos escavados ao longo do tempo nas estradas da Grã-Bretanha. As estradas da Grã-Bretanha tinham sido construídas pelos romanos, e os sulcos foram escavados por carruagens romanas.

( ) Devido ao valor de mais-que-perfeito das duas formas verbais, preservam-se a coerência textual e a correção gramatical ao se substituir "tinham sido" por **havia sido**.

255. (Cespe) A velocidade, símbolo do desenvolvimento tecnológico e de um modo de produção e consumo cada vez mais vorazes, criou um sentimento de urgência que poucos conseguem administrar. Se é que conseguem mesmo.
( ) A inserção de **administrarem** depois de "mesmo" tornaria explícita uma ideia subentendida do texto e preservaria sua correção gramatical.

256. (Cespe) Tudo indica que mais de 70% do trabalho no futuro vão requerer a combinação de uma sólida educação geral com conhecimentos específicos.
( ) O emprego da flexão de plural em "vão" respeita as regras de concordância com "mais de 70% do trabalho".

257. (Cespe) O estudo do engenheiro militar Eduardo José de Moraes, apresentado ao governo imperial em 1869, continha ambicioso projeto de aproveitamento de vários rios brasileiros.
( ) "Continha" está na 3ª pessoa do singular para concordar com Eduardo José de Moraes.

258. (Funrio)
Rio, podem dizer o que quiser,
Mas o xodó do povo é o Rio.
Casa do samba e do amor, do Redentor,
Louvado seja o Rio.

Sobre os versos iniciais da canção "Delírio dos Mortais", de Djavan, é correto afirmar que a concordância verbal do trecho "podem dizer o que quiser" é
a) facultativa: pode-se considerar que o sujeito desses verbos está oculto.
b) ideológica: prevalece a ideia genérica e não identificada do sujeito.
c) rígida: admite-se que o sujeito indeterminado leve o verbo à 3ª pessoa.
d) estilística: integra o individual no coletivo com a mistura de tratamento.
e) viciosa: deveria ser corrigida para "podem dizer o que quiserem".

259. (FCC) Há um **deslize** na concordância verbal da seguinte frase:
a) Aos golpes mais duros da vida responde uma amizade verdadeira com palavras e gestos de solidariedade.
b) Nunca haverão de nos faltar, quando contamos com amigos verdadeiros, a força justa das palavras certas.
c) Assim como ninguém vive sem o préstimo da água, não se superam os infortúnios sem o apoio de um amigo verdadeiro.
d) Os sofrimentos que pesam sobre alguém haverão de ser mais leves com a companhia solidária de um amigo leal.
e) Importa, acima de todas as coisas, poder contar com a lealdade e os bons préstimos que nos oferece a amizade verdadeira.

260. (FCC) Estão plenamente respeitadas as normas de concordância verbal na frase:

a) É muito difícil que se cumpra os propósitos que, invariavelmente, se formula a cada início de ano.
b) Enredam-se nas tramas das próprias memórias todo aquele que não busca abrir, para si mesmo, novos tempos e novas experiências.
c) A cada vez que dá impulso a uma nova cadeia de acontecimentos, os homens se tornam autores de seu próprio destino.
d) Não deveriam caber às pessoas tomar suas próprias iniciativas, em vez de se submeterem à força do acaso?
e) Aos que não submete a força imperiosa das experiências passadas estende-se a possibilidade de abrir novos tempos.

Regência

DEFINIÇÃO

REGÊNCIA		REGENTE (VERBO OU NOME)	REGÊNCIA (PREPOSIÇÃO)	REGIDO
REGÊNCIA	VERBAL	vencer	∅	o obstáculo
		gostar	de	alguém
		agradecer	a	alguém
	NOMINAL	ansioso	por	justiça
		necessidade	de	algo
		referentemente	a	o processo

Prática

■ Observando o esquema acima, julgue se são certas ou erradas as seguintes afirmações e ponha nos parênteses **C** ou **E**.

1. ( ) Regência é um fenômeno que ocorre entre um termo regente e um regido.
2. ( ) O termo regente é subordinante; o regido, subordinado.
3. ( ) Se o regente é um verbo, trata-se de regência verbal.
4. ( ) Se o regente for uma preposição, trata-se de regência nominal.
5. ( ) Os verbos podem reger com ou sem preposição.
6. ( ) A regência nominal é sempre preposicionada.
7. ( ) Os nomes que podem ser regentes são: adjetivo, substantivo e advérbio.

Conclusão:

Regência é a relação existente entre um termo subordinante e um ou mais subordinados.

REGÊNCIA VERBAL

Observe:

A: lutar contra (= brigar); lutar por (= esforçar-se); lutar judô (praticar).
B: chamar alguém; chamar por alguém.
C: avisar alguém de algo; avisar algo a alguém.

Prática

■ Agora assinale **C** para certo e **E** para errado.

8. ( ) De A, conclui-se haver verbos que, mudando a regência, mudam a base de significado.
9. ( ) De B, conclui-se que, às vezes, a mudança de regência quase nada ou pouco influi no significado.
10. ( ) De C, conclui-se que um verbo pode ter um termo regido com preposição e um sem preposição.

Regência dos verbos mais frequentes

Agradar

Agradar	∅	alguém	= acarinhar
Agradar	a	alguém	= cair no seu agrado

Prática

■ Complete as lacunas.

11. Parecia que a proposta dos patrões não agradara _____ trabalhadores. (aos/os)
12. O gesto impensado do rapaz não deve ter agradado _____ namorada. (a/à)
13. Com mãos suaves, ela agradava _____ criança que caíra. (a/à)
14. Agradava _____ o gesto de amor. (o/a ele)

Ansiar

Ansiar	∅	alguém	= provocar angústia em alguém
Ansiar	por	algo	= almejar

Prática

■ Complete as lacunas.

15. Em virtude da fadiga, ansiava _____ uma ilha. (∅/por)
16. Aquelas palavras ansiavam _____. (-no/por ele)

Aspirar

Aspirar	∅	algo	= sorver, respirar
Aspirar	a	algo	= desejar, almejar *

* Neste sentido, não aceita **lhe(s)**, apenas **a ele(s)**, **a ela(s)**.

Prática

■ Complete as lacunas.

17. Trancado no apartamento, o escritor aspirava _____ ar do campo. (ao/o)
18. Cavalgando na fazenda, ele aspirava _____ ar puro, sem saudade da poluição. (o/ao)
19. Após tantos anos, a professora aspirava _____ aposentadoria. (a/à)
20. Àquele cargo? Sim, aspiro _____. (ele/a ele)

Assistir

Assistir	a	algo	= presenciar *
Assistir	∅/a	alguém	= dar assistência (v.t.d.)
Assistir	a	alguém	= caber direito
Assistir	em	algum lugar	= morar

* Neste sentido, não aceita **lhe(s)**, apenas **a ele(s)**, **a ela(s)**.

Prática

■ Complete as lacunas.

21. Tenho minha própria casa e _____ assisto. (a ela/nela)
22. Assiste _____ cidadão o direito de escolher seus representantes. (ao/o)
23. Foi muito bom o filme _____ que assistimos. (a/∅)
24. Assistir _____ doentes deve ser prioridade na ação governamental. (aos/os)
25. Esta cena, já assistimos _____. (lhe/a ela)

Atender

Atender	∅	Não faz nada. Atende.	= Espera
Atender	o	O ministro atendeu o requerente	= ouviu
Atender	a	Atender às súplicas... Atendeu à conversação.	= dar atenção a
Atender	em	Se atendermos nas provações...	= correspondermos
Atender	para	Basta atender para essas infecções.	= atentar para

Chamar

Chamar	∅	alguém	= convocar
Chamar	por	alguém	= invocar
Chamar	∅/a	alguém de	= atribuir qualidade ou nomear

Prática

■ Complete as lacunas.

26. O diretor chamou _____ professores para uma reunião. (aos/os)
27. No caso das aposentadorias, a própria imprensa chamou _____ jornalistas de espertalhões. (aqueles/àqueles)
28. É comum chamar ignorantes _____ pessoas que não pensam como nós. (as/às)
29. Nas horas difíceis, chamava _____ Deus. (a/por)

Atenção:

Todas certas:

Chamei-o valente.	Chamei-lhe valente.
Chamei-o de valente.	Chamei-lhe de valente.

Chegar

Chegar	a/de	um lugar
Chegar	em/de	meio de transporte

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

30. ( ) Ele chegou em Paris.
31. ( ) Chegou no último trem.
32. ( ) Ele chegou a Paris.
33. ( ) Chegou de trem.

Custar

Custar	∅	tanto	= atribuir valor
Custar	a	alguém	= ser custoso, ser difícil

Prática

■ Complete as lacunas.

34. Pagou com sacrifício os cem mil reais ____ que custou a casa. (∅/a)
35. Parece custar _____ pessoas mudar suas opiniões. (as/às)
36. Não custa _____ alunos manter a sala limpa. (os/aos)

Atenção:

ACEITÁVEL	TRADICIONALMENTE CERTO	ACEITÁVEL
Eu ~~custo~~ a crer.	Custa-me crer.	Custa-me a crer.
Tu ~~custas~~ a crer.	Custa-te crer.	Custa-te a crer.
Ele ~~custa~~ a crer.	Custa-lhe crer.	Custa-lhe a crer.
Nós ~~custamos~~ a crer.	Custa-nos crer.	Custa-nos a crer.
Vós ~~custais~~ a crer.	Custa-vos crer.	Custa-vos a crer.
Eles ~~custam~~ a crer.	Custa-lhes crer.	Custa-lhes a crer.

Esquecer

Esquecer	∅	algo/alguém
Esquecer-se	de	algo/alguém
Esquecer-se	(de)	que...

Algo esquece a alguém (foge da memória).

Prática

■ Complete as lacunas.

37. Você não poderá esquecer-se _____ nossa amizade. (a/da)
38. Recordo os dias tristes _____ que você já esqueceu. (de/∅)
39. Esqueceram _____ soldado as angústias da guerra. (ao/o)
40. Esqueceu-lhe _____ assunto. Esqueceram-se _____ assunto. (o/do)
41. Esqueci-me _____ que você viria. (∅/de)

Implicar

Implicar	com	algo	= ter implicância
Implicar-se	em	algo	= envolver-se
Implicar	∅	algo	= acarretar

Prática

■ Complete as lacunas, de 42 a 44. Reescreva, corrigindo, de 45 a 47.

42. Devem ser profundamente analisadas as conseqüências _____ que essas medidas implicarão. (∅/em)
43. O ex-presidente implicou-se _____ tráfico de influência. (em/com)
44. Uma coisa implica _____ outra. (em/∅)

45. Esta medida não implica em aumento de custo.

_____

46. Ela, sem saber, implicava de mim.

_____

47. A nova lei implicou na mudança das taxas.

_____

Ir, vir

Ir	a	um lugar (temporariamente)
Vir	para	um lugar (definitivamente)
	de/por	um lugar
	em/de	meio de transporte

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

48. ( ) Ele foi de ônibus.
49. ( ) Ele foi na carroça do amigo.
50. ( ) Ele veio de Recife.
51. ( ) Veio no velho carro.
52. ( ) Veio por Recife.
53. ( ) Veio a Brasília.
54. ( ) Fui em Petrópolis.
55. ( ) Fui a Rondônia.

Lembrar, avisar, prevenir

Lembrar	∅	algo	a alguém
Lembrar	∅	alguém	de algo
Lembrar	∅	algo	
Lembrar-se	de		algo/alguém
Lembrar-se	(de)		que...

Algo **lembra** a alguém (vem à memória).

Prática

■ Complete as lacunas.

56. Todos lembravam _____ gentileza com que nos recebera. (a/da)
57. Era uma moça simpática _____ cujo nome não me lembro. (de/∅)
58. Os dias felizes do passado lembravam _____ todos nós. (a/∅)
59. Lembrou-lhe____ ocorrido. Lembraram-se_____ ocorrido. (o/do)
60. Lembrou-me _____ infância. (a/da)

Morar, residir, situar-se, estabelecer-se

Morar Residir	em	uma casa, rua, praça, cidade, país	
morador em	residente em	sito em	estabelecido em

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

61. ( ) Ele mora à rua do Cais.
62. ( ) ...dono do estabelecimento, sito à Avenida Paulista, nº...
63. ( ) João morava em Recife, na rua...

Namorar

Namorar Namorar	∅ com	alguém alguém (em companhia de)

Prática

■ Complete as lacunas.

64. Não é inteligente a moça _____ que ele namora. (∅/com)
65. Esta moça _____ cuja irmã eu namoro é médica. (∅/com)
66. _____ quem ela está namorando? (∅/com)

Obedecer, desobedecer, suceder, obstar

Obedecer Desobedecer Suceder Obstar	a	algo / alguém

Prática

■ Complete as lacunas.

67. Às vezes se deve obedecer _____ ditames do coração. (aos/os)
68. A pessoa _____ que ele sucederia já fora avisada. (∅/a)
69. Alguns fatores externos poderiam obstar _____ que fizesse um bom planejamento. (∅/a)
70. Não se pode, impunemente, desobedecer _____ leis. (as/às)

Pagar

Pagar	algo	ao credor

Prática

■ Complete as lacunas.

71. Tivemos dificuldade para pagar _____ empréstimo. (o/ao)
72. Já podemos pagar _____ Banco agora que recebemos. (o/ao)
73. A seguradora _____ pagamos o seguro do carro não nos atendeu quando precisamos. (a que/que)

Perdoar

Perdoar	algo	a alguém

Prática

■ Complete as lacunas.

74. Não podem perdoar sempre _____ erros que você comete. (os/aos)
75. Desta vez, perdoo _____ você. (a/∅)
76. Perdoar _____ que nos fazem mal é preceito bíblico. (os/aos)

Preferir

Preferir	isto	a aquilo

Prática

■ Complete as lacunas.

77. Ela demonstrara preferir _____ ficar em casa _____ sair. (mais...do que/antes...que/∅...a)
78. O diretor preferiu _____ acatar aquelas ordens _____ exonerar-se. (a...∅/mais...que/antes...a)
79. Prefiro _____ ler _____ ver televisão. (mais...que/∅...a)

Presidir

Presidir	∅ a	uma reunião uma reunião

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

80. ( ) Na reunião em que ele presidiu...
81. ( ) Na reunião que ele presidiu...
82. ( ) Na reunião a que ele presidiu...

Querer

Querer	∅	algo/alguém (= desejar)
Querer	a	alguém (= gostar)

Prática

■ Complete as lacunas.

83. Queremos _____ seu bem. (o/ao)
84. Quero _____ que me querem bem. (os/aos)
85. São poucas as pessoas _____ quero perto de mim. (a que/que)

Responder

Responder	∅	algo (= dar como resposta)
Responder	a	algo/alguém (= dar uma resposta a...)

Prática

■ Complete as lacunas.

86. O convidado de honra respondeu _____ viria. (que/a que)
87. Ninguém respondeu _____ questionário. (o/ao)
88. Não conheço a carta _____ ele respondeu tão prontamente. (que/a que)

Visar

Visar	a/∅	algo	= ter em vista, almejar *
Visar	∅	algo	= pôr visto
Visar	∅	algo	= mirar

* Neste sentido, não aceita **lhe(s)**, apenas **a ele(s)**, **a ela(s)**.

Prática

■ Complete as lacunas.

89. Era necessário visar _____ cada página do contrato. (a/∅)
90. O alvo _____ que ele visava encontrava-se a uma grande distância. (∅/a)
91. Cada candidato deve visar _____ primeiro lugar no concurso. (ao/o)

Isto é para eu fazer *isto é para mim*

SUJ. INFINITIVO NÃO SUJ.

Usam-se os pronomes retos **eu** e **tu** para sujeito de infinitivo. Os oblíquos **mim** e **ti** para outras funções.

Prática

■ Complete as lacunas.

92. Aquilo era para _____ fazeres. Aquilo era para _____. (tu/ti)
93. A peça era para _____ escrever. A peça era para _____. (mim/eu)
94. A peça era para _____ e _____ escrevermos. (mim e ti/eu e tu)

Está na hora de	*a onça*	*beber*	*água*
Está na hora	*da onça*	*beber*	*água*
	SUJEITO	INFINITIVO	

A maioria dos gramáticos prefere a primeira construção, apontando na segunda frase um erro: o sujeito preposicionado **da onça**.

Prática

■ Assinale as melhores alternativas.

95. Está na hora de o José sair.
96. Isto é difícil dela entender.
97. Está na hora do José sair.
98. Isto é difícil de ela entender.

Pedir ~~para que~~

Pedir	a alguém (lhe)	algo
Pedir	a alguém (lhe)	que faça algo
Pedir	(licença, permissão, vênia...)	para fazer algo

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

99. ( ) O presidente da mesa pediu para que José saísse.
100. ( ) O presidente da mesa pediu que José saísse.
101. ( ) Ele pedia a José para sair.
102. ( ) Pediu-lhe que saísse.

Não disse o em que acreditava
Não disse no que acreditava

Embora a primeira construção seja a mais erudita, a segunda também já é aceita.

Prática

■ Transforme as seguintes construções em sua forma erudita.

103. Não perguntou do que falávamos. _____
104. Não sei no que pensar. _____

Ter de ≠ ter que...

Tenho de fazer = obrigatoriedade, necessidade, firme propósito (construção castiça).

Tenho que fazer (**que** com valor de preposição, uso moderno).

Hei de fazer = promessa, intenção.

Tenho **muito que** fazer. Tenho **o que** fazer. (**que** = pron. relativo com antecedente).

Onde ≠ Aonde

Onde é advérbio ou pronome relativo. **Aonde** é a mesma palavra antecipada da preposição **a**.

É a regência do verbo que define a preposição que vai anteceder o **onde**.

Moro em... > Moro onde... > Onde moro?

Vou **a**... > Vou **a**onde... > **A**onde vou?

Venho **de**... > Venho **de** onde... > **De** onde venho?

Venho **por**... > Venho **por** onde... > **Por** onde venho?

Venho **para**... > Venho **para** onde... > **Para** onde venho?

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre o uso de "onde".

105. ( ) A palavra **onde** pode ser ou não antecedida por uma preposição.
106. ( ) A única preposição que se junta numa só palavra com o **onde** é "a".
107. ( ) Podem fazer uma só palavra com **onde** as preposições "de" e "a": Não sabemos normalmente **donde** viemos nem **aonde** vamos.
108. ( ) É mais comum, no português do Brasil, usar-se **de onde**, do que **donde**.
109. ( ) Só se sabe se o **onde** deve ser antecedido de preposição, e que preposição é essa, vendo a regência do verbo ao qual está subordinado.

Sintaxe do verbo haver

	CONSTRUÇÃO	FUNÇÃO	SENTIDO
1	**Há** pensado, **havia** dito.	auxiliar	(= ter)
2	Como você **houve** tanto dinheiro?	principal	(= conseguir)
3	Como você **se houve** na festa?	principal	(= comportar-se)
4	Você vai **haver-se com** ela.	principal	(= ajustar contas)
5	**Hei** admiração por você. (arcaico)	principal	(= ter)
6	Ele **havia por** correta aquela fala.	principal	(= considerar)
7	Ele **houve por bem** concordar.	locução	(= dignar-se)

Prática

■ Passe as construções vistas de 1 a 7 para as pessoas que se pedem.

110. 1, para a 1ª do plural: _____ .
111. 2, para a 3ª do plural: _____ .
112. 3, para a 1ª do singular: _____ .
113. 4, para a 2ª do singular: _____ .
114. 5, para a 1ª do plural: _____ .
115. 6, para a 2ª do plural: _____ .
116. 7, para a 2ª do plural: _____ .

Observação:

Quando um pronome pessoal átono de terceira pessoa for complemento de verbo, usar-se-á o pronome **o (a, os, as)** para os verbos que não exigem preposição; usar-se-á o pronome **lhe (lhes)** para os verbos que exigem preposição "a", sendo que **lhe** só é usado para pessoas. Para **coisas**, usa-se **a ele (a ela, a eles, a elas)**.

Auxiliei **meus amigos** quando precisaram.
Auxiliei-**os** quando precisaram.

Lembrei **aos amigos** o compromisso.
Lembrei-**lhes** o compromisso.

Prática

■ Substitua os nomes destacados pelos pronomes átonos **lhe**, **lhes**, **o**, **a**, **os**, **as**.

117. Chamei **as crianças** para almoçar.
Chamei-_____ insistentemente.

118. O funcionário apenas obedeceu **ao supervisor**.
Obedeceu-_____sem pensar.

119. Nada devo **a você**.
Nada_____ devo, com certeza.

120. Só poderei pagar **essa dívida** quando receber o salário.
Agora não _____ posso pagar.

121. Só poderei pagar **ao credor** quando receber o salário.
Logo _____ pagarei.

122. Não assisti **ao filme** quando passou naquele cinema.
Assisti _____ depois.

123. Como você, aspiro à gloria.
Aspiro _____ e conseguirei.

Complemento de regências diferentes

Não se usa um mesmo complemento para verbos que têm regências diferentes.

Errado

Precisava e encontrei **o material** de acampamento.
Assisti, mas não gostei **do filme**.

Usa-se um complemento para cada verbo:

Correto

Precisava **do material** de acampamento e encontrei-**o**.
Assisti **ao filme**, mas não gostei **dele**.

■ Corrija, se necessário, as orações abaixo.

124. Aceito, mas não concordo com seu protesto.
_____ .

125. Amo e lutarei por meus filhos.
_____ .

126. Recebemos e já encaminhamos sua solicitação.

_____ .

127. Conheço e obedeço às leis.

_____ .

Observação:

Quando o complemento de um verbo for um **pronome relativo**, a regência deve ser corretamente seguida antes do pronome.

Conheço a pessoa **de** que falaste. (falar **de**)

Este é o lugar **em** que vivi. (viver **em**)*

REGÊNCIA NOMINAL

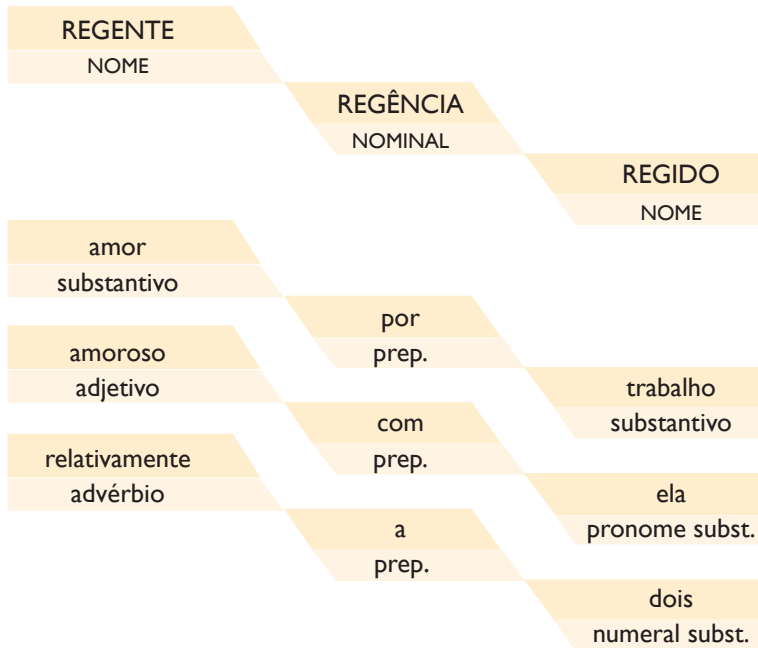

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, observando o gráfico acima.

128. ( ) Quando o regente é um nome, a regência é nominal.

* *Vide*, em *Análise Sintática Visual*, Período: Orações subordinadas adjetivas.

129. ( ) Regência nominal é a relação que existe entre o nome regente e o seu termo regido, *por intermédio de uma preposição*.

130. ( ) Como se pode dizer "*amor às* artes" e "*amor pelas* artes", conclui-se que a regência de um mesmo nome pode também se dar por intermédio de diferentes preposições.

131. ( ) Todo advérbio é nome.

132. ( ) O termo regido é de natureza substantiva.

133. ( ) Pode um advérbio se formar pelo acréscimo da terminação ***mente*** a um adjetivo: relativo + mente = relativamente.

134. ( ) Nesse caso (advérbio com base nominal), o advérbio herda a regência do adjetivo: relativo a → relativamente a.

135. ( ) É essa uma das explicações para a regência do advérbio chamar-se regência nominal.

Um mesmo regido para mais de um regente

Observação:

Um mesmo termo pode ser regido por dois ou mais nomes apenas quando esses nomes aceitam a mesma preposição.

Estou louco e atraído **por ela**. (louco por, atraído por)

Prática

■ Corrija a frase, desdobrando o termo regido.

Ele é contrário e impaciente com mentiras.

136. _____

■ Escolha a preposição adequada à lacuna.

137. Isso diz respeito somente _____ interessados. (aos/com os)

138. Demonstrava um grande respeito _____ suas opiniões. (por/de)

139. Não tentou ajudar aquela pessoa _____ quem sentia desprezo. (de/por)

140. Identificaram-se as substâncias _____ que era constituída a mistura. (para/de)

141. É um caso difícil _____ encontrar. (a/de)

Um mesmo regente para mais de um regido

Um mesmo termo regente, quer seja nome ou verbo, pode ter mais de um regido. Observe as frases a seguir e assinale C ou E nas afirmações que as seguem.

a) Ela sempre gostou *de conquistar, de sobressair, de dominar*...

b) Na época, demonstrava interesse *por sapatos, por luvas* e *por chapéus*.

c) Fazia jus *a ser criticada*, porém não *a sofrer discriminação*.

142. ( ) Em "a", as expressões em itálico são regidas pelo mesmo verbo **gostar**.
143. ( ) Em "b", os termos em itálico estão sob a regência do verbo **demonstrar**.
144. ( ) Em "b", os termos em itálico estão sob a regência do substantivo **interesse**.
145. ( ) Em "c", as orações em itálico estão regidas pelo substantivo **jus**.

Regência dos substantivos e adjetivos mais frequentes

adequado a
afável com, para com
alheio a
amoroso com, para com
análogo a
ansioso de, por
anterior a
aparentado com
apto a, para
atento a, em
avaro de
aversão a, em, para, por
avesso a, de, em
ávido de
bacharel em
benéfico a
bom para
capaz de, para
cego a
certo de
cheiro a, de
cobiçoso de
coetâneo de
coevo a, de
comum a, de
conforme a, com
constante em
contente com, de, em, por
contemporânea a, de
contíguo a
contrário a
cruel com, para com
cuidadoso com
cúmplice de, em
curioso a, de, para
desatento a
descontente com
desejoso de
desfavorável a
desleal a
devoto a, de
devoção a, com, para com, por
diferente de
difícil de
digno de
diligente em, para
dessemelhante de
ditoso com
diverso de
doce a
dócil a
dotado de
doutor em
duro de
dúvida acerca de, com, de, em, sobre
empenho de, em, por
entendido em
erudito em
escasso de
essencial a, para
estranho a
exato em
fácil a, de, para
favorável a
falho de, em
feliz com, de, em, para, por
fértil de, em
fiel a
firme em
forte de, em
fraco com, de, em, para, por
furioso com, de
grato a
hábil em

habituado a, com, em
horror a
hostil a, contra, para com
ida a
idêntico a
imediato a
impaciente com
imune a, de
impotente contra, para
impróprio para
inábil para
inacessível a, para
incapaz de, para
incompatível com
incompreensível para
inconsequente com
inconstante em
incrível a, para
indébito a
indeciso em
indiferente a
indigno de
indulgente para, para com
inerente a
ingrato com, para com
insaciável de
insensível a
intolerante com, para com
leal a
lento em
liberal com
maior de
mau com, para com
menor de
morada em
natural de
necessário a
nobre de, em, por
nocivo a
obediente a
obsequioso com
orgulhoso com, de, para com
parco de, em
parecido a, com
possível de
peculiar a
perito em
pernicioso a
pertinaz em
piedade de
pobre de
poderoso em, para
possível de
posterior a
prático em
presto a, para
pródigo de, em
propício a
propínquo de
próprio para, de
proveitoso a
próximo a, de
querido de, por
rente a, com, de
respeito a, com, de, por
rico de, em
sábio em, para
sedento de, por
seguro de, em
sensível a
sito em (e não "a")
situado em, entre
soberbo com
solícito com
sujo de
suspeito a, de
temeroso de
temível a
transido de
triste com, de
último a, de, em
união a, com, entre
único a, em, entre
útil a, para
vazio de
visível a
vizinho a, de

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, para certo ou errado.

146. ( ) Éramos em cinco na festa.
147. ( ) Éramos cinco na festa.
148. ( ) São excelentes pessoas, cuja colaboração estamos desejosos.
149. ( ) São excelentes pessoas, de cuja colaboração estamos desejosos.
150. ( ) É preferível perder a vida do que morrer.
151. ( ) É preferível perder a vida a morrer.
152. ( ) Ele é especialista e obediente às leis.
153. ( ) Ele é especialista em leis e obediente a elas.
154. ( ) Ela está desejosa e ansiosa por vencer.
155. ( ) Ela está desejosa e ansiosa de vencer.
156. ( ) Ela tem um sítio vizinho ao meu.
157. ( ) Compraste uma casa vizinha do meu terreno.
158. ( ) Com raiva ela bateu a porta.
159. ( ) Ela bateu à porta. Em seguida bateu na porta.
160. ( ) É dono de um terreno sito à Rua Alvorada.
161. ( ) Minha casa, sita na rua do Cais, nunca foi alagada.
162. ( ) Estamos situados no meio do problema.
163. ( ) Ele é avesso por ajuda de estranhos.
164. ( ) Júlia estava cobiçosa por ajuda.
165. ( ) Ele é devoto a Júpiter; ela é devota de Santa Teresa.

Observação:

Quando o regido for uma oração subordinada, é comum na norma popular e na linguagem coloquial deixar subentendida a preposição. (elipse da preposição)

Tenho necessidade ↓ que te protejam.

(de) elíptico

Porém, na norma culta, dá-se preferência à preposição expressa, e não elíptica.

Prática

■ De acordo com a norma culta, ou padrão, da Língua Portuguesa, assinale **C** ou **E**, para certo ou errado, referentemente à regência.

166. ( ) O delegado tinha certeza que tudo fora explicado.
167. ( ) O delegado tinha certeza de que tudo fora explicado.
168. ( ) Eu preciso que a encontrem.
169. ( ) Eu preciso de que a encontrem.
170. ( ) Estava receoso que tudo desse errado.
171. ( ) Estava receoso de que tudo desse errado.
172. ( ) Tinha confiança que tudo sairia certo.
173. ( ) Tinha confiança em que tudo sairia certo.

Prática Geral

174. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Observe as palavras destacadas e indique a frase que apresenta regência nominal **correta**.
a) Por ser muito estudioso, ele tinha grande **amor** a seus livros.
b) Havia muitos anos que não via o filho, por isso estava **ansioso** em vê-lo.
c) **Alheio** para com o julgamento, o réu permanecia calado.
d) Coitado! Foi preso porque era **suspeito** por um crime que não cometeu.
e) Tínhamos o **propósito** em dizer toda a verdade, mas nos impediram de fazê-lo.

175. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) A frase que apresenta **erro** de regência do verbo **assistir** é:
a) Não fui ver o filme, embora quisesse assistir-lhe.
b) Não lhe assiste o direito de humilhar ninguém.
c) Ele assiste às aulas sempre com muita seriedade.
d) Aqueles médicos assistem os doentes com dedicação.
e) Assistiu aos jogos da Seleção sem nenhum entusiasmo.

176. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Observe, nos períodos abaixo, a regência dos verbos e dos nomes.
I – As constantes faltas ao trabalho implicaram a sua demissão.
II – Procederemos à abertura do inquérito.
III – O cargo a que aspiramos é disputado por todos.
IV – Prefiro mais estudar do que trabalhar.
V – Sua atitude é incompatível ao ambiente.
Assinale a sequência que corresponde aos períodos **corretos**:
a) I, II, IV.
b) II, III, IV.
c) II, IV, V.
d) I, II, III.
e) I, III, IV.

177. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Marque a alternativa cujas palavras preenchem **corretamente** as respectivas lacunas, na frase seguinte:
"Necessitando _____ o número do cartão do PIS, _____ a data de meu nascimento." (Revendo Semântica)
a) ratificar / proscrevi.
b) prescrever / discriminei.
c) descriminar / retifiquei.
d) proscrever / prescrevi.
e) retificar / ratifiquei.

178. (ITA/Vest.) Assinale a opção **correta** quanto à regência.
Paradoxalmente, a redução das Forças Armadas iraquianas_____ proporções inferiores _____ necessárias _____ preservação do equilíbrio _____ nações vizinhas não é desejável, sobretudo _____

luz dos acontecimentos recentes, que atestam quanto é pequena a resistência desses países _____ tentações criadas _____ vácuo militar.

a) a / às / na / ante às / à / pelas / no.
b) a / às / à / com as / à / às / pelo.
c) em / àquelas / pela / nas / pela / em / pelo.
d) à / das / à / das / a / com as / do.
e) às / às / para a / ante as / com a / às / por.

179. (AFRESP/N.S.) Assinale a alternativa **correta**.
_____, por algum tempo, os elementos detidos.

a) Preveni-o que retesse.
b) Preveni-lhe que retesse.
c) Preveni-o de que retivesse.
d) Preveni-lhe de que retivesse.

180. (AFRESP/N.S.) Assinale a alternativa **correta**.
_____ crer que você tenha sido capaz de _____ a aceitar o cargo.

a) Custa-me / persuadi-lo.
b) Custo a / persuadir-lhe.
c) Custa-me / persuadir-lhe.
d) Custo a / persuadi-lo.

181. Assinale a opção em que a regência verbal, de acordo com as normas gramaticais, está **incorreta**.

a) O papeleiro custou muito a se esquecer da Baixinha.
b) Os vizinhos assistiam o papeleiro com sobras de comidas.
c) O dono da carrocinha pagou ao ajuntador de papéis a importância devida.
d) O personagem preferia a cachaça ao café.
e) O homem já não se lembrava mais do que era um bom banho.

182. Assinale a frase com **erro** de regência.

a) Aspiro ao cargo de chefe do departamento de Desenho Artístico.
b) Assisti aos debates dos estudiosos da arte.
c) Obedeça aos mestres das épocas passadas.
d) Abracei-lhe dizendo que era um ótimo artista e desenhista.
e) João, vim aqui para ajudá-lo.

183. Analise as construções abaixo.
I – A lei permite que o sujeito fique livre.
II – A lei permite-lhe ficar livre.

Assinale a opção **correta**.

a) Em II, o pronome pessoal não exerce função de complemento verbal.
b) Os dois períodos têm sentido equivalente, embora apresentem regências diferentes.
c) A regência não está correta em I.
d) Em I, o conectivo **que** tem, também, a função de objeto direto.
e) Os dois períodos apresentam a mesma regência e o mesmo sentido.

Colocação ou Topologia Pronominal

Existem três posições para os pronomes oblíquos átonos – me, te, se, nos, vos, o(s), a(s), lhe(s) – em relação ao verbo:

PRÓCLISE **VER** MESÓCLISE **BO** ÊNCLISE

A colocação pronominal (ou topologia pronominal) deve ser estudada considerando a relação dos pronomes oblíquos átonos com:

I – um só verbo;

II – o infinitivo;

III – as locuções verbais.

COM UM SÓ VERBO

PRÓCLISE **VERBO**

São fatores de próclise obrigatória

Os fatores obrigatórios que atraem o pronome para **antes** do verbo são:

Palavra negativa ou advérbio (não seguidos de pausa)

Prática

■ Escolha a letra que corresponde à lacuna a ser preenchida corretamente com o pronome entre parênteses.

1. Ele escreveu de uma maneira que **não** _____ (a) limita _____ (b) a apresentar os fatos. (se)
2. Ele é gente boa, **nunca** _____ (a) meteu _____ (b) em confusão. (se)
3. **Nunca**; _____ (a) partiu _____ (b), assim mesmo, o coração. (me)
4. Mesmo doente, **jamais** _____ (a) isolei _____ (b) dentro de casa. (me)

5. **Jamais,** _____ afirmo _____ de novo. (lhe)
   a b
6. O psiquiatra apoiou-o e **hoje** _____ considera _____ curado. (se)
   a b
7. **Amanhã** _____ tornar- _____-ás um líder. (te)
   a b
8. **Amanhã,** _____ tornar- _____-ás um líder. (te)
   a b
9. Nós **sempre** ____ sentimos ____ bem durante os longos voos. (nos)
   a b
10. Na mesma noite, recebeu a notícia de que **talvez** _____ tivessem _____ levado. (o)
    a b

Pronome relativo

Prática

■ Escolha a lacuna adequada à colocação pronominal.

11. Não criticava os meios de comunicação, **que** _____ davam _____ espaço. (lhe)
    a b
12. Não faltaram barracas, **onde** _____ abrigamos _____. (nos)
    a b
13. A injustiça foi maior pelo modo **como** _____ trataram____. (te)
    a b

Pronome indefinido ou numeral <u>ambos</u> (não seguidos de substantivo)

Prática

■ Escolha a lacuna adequada.

14. Agora, **tudo** _____ serve _____ como desculpa. (lhe)
    a b
15. **Muitos** _____ valerão _____ do seu apoio incondicional. (se)
    a b
16. Esse episódio revelava que **ninguém** _____ apoiaria _____. (a)
    a b
17. A verdade é que **ambos** _____ desentenderam _____. (se)
    a b

Pronome demonstrativo (não seguido de substantivo)

Prática

■ Escolha a lacuna.

18. Não era a primeira vez que **isso** _____ acontecia _____. (lhe)
    a b
19. **Aquele** _____ realizou _____ com o objetivo de discutir um assunto polêmico. (se)
    a b

Conjunção subordinativa (mesmo subentendida)

Prática

■ Escolha a lacuna.

20. Se _____ (a) sentia _____ (b) mal no trânsito, parava. (me)
21. Tratar sem medicamento, como _____ (a) vê _____ (b), é possível. (se)
22. Caso _____ (a) encontre- _____ (b), diga-lhe que ____ (c) esperamos ____ (d). (o, o)
23. Peço _____ (a) faças _____ (b) um favor. (me)

Oração exclamativa

Prática

■ Complete as lacunas certas.

24. Como _____ (a) custou _____ (b) caro a liberdade! (nos)
25. Quanto tempo _____ (a) perde ____ (b) com coisas inúteis! (se)

Oração interrogativa (com verbo flexionado)

Prática

■ Complete as lacunas certas.

26. Ele me perguntou por que _____ (a) apoiei _____ (b). (te)
27. Quem _____ (a) habilita _____ (b) a investir num setor falido? (se)

Oração optativa (exprime desejo, sem verbo que o exprima, e tem entonação exclamativa)

Prática

■ Complete as lacunas certas.

28. Bons ventos _____ (a) levem _____ (b). (o)
29. Deus _____ (a) acompanhe _____ (b). (te)
30. Que a terra _____ (a) seja _____ (b) leve. (lhe)

Em + verbo no gerúndio

Prática

■ Complete as lacunas certas.

31. Em _____ (a) tratando _____ (b) de política, ele se abstém de opinar. (se)

32. Em _____ falando _____ de filosofia, é impossível ignorar os gregos. (se)
a b

Sujeito expresso por pronome reto ou de tratamento (anteposto ao verbo)

Prática

■ Complete as lacunas certas.

33. Eu _____ lembro _____. (me)
a b

34. Tu _____ lembras _____. (te)
a b

35. Ele _____ lembra _____. (se)
a b

36. Você _____ lembra _____. (se)
a b

37. Nós _____ lembramos _____. (nos)
a b

Observação:

Fator Facultativo da Próclise

Sujeito expresso por substantivo anteposto ao verbo

Exemplo: As grandes estrelas / se escondem / em suas mansões.
As grandes estrelas / escondem-se / em suas mansões.

VER - MESÓCLISE - BO

A mesóclise ocorre somente com verbos no futuro do presente ou no futuro do pretérito (o verbo é dividido após a última letra "r").

Encontrar-**se**-ão novas maneiras de resolver esses problemas.

Esse material ser-**nos**-ia muito útil.

Havendo um fator de próclise obrigatória, não use mesóclise.
Não se encontrarão novas maneiras de resolver esses problemas.
Qualquer um nos seria útil agora.

Admite-se, optativamente, a próclise com verbos no futuro do presente ou do pretérito, quando o sujeito da oração está expresso, anteposto ao verbo.
A cidade curvar-**se**-ia aos seus encantos.
A cidade **se** curvaria aos seus encantos.

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

38. ( ) Farei-me poeta.
39. ( ) Fazer-me-ei poeta.
40. ( ) Far-me-ei poeta.
41. ( ) Faria-me poeta.
42. ( ) Fazer-me-ia poeta.
43. ( ) Far-me-ia poeta.
44. ( ) A sirene despertar-me-á.
45. ( ) A sirene me despertará.

VERBO ■ ÊNCLISE

Normalmente os pronomes oblíquos átonos são usados como objeto direto ou objeto indireto. Nesse caso, a posição **preferencial**, segundo a norma culta, ou padrão, é a **ênclise**, porque, na ordem direta, os objetos vêm após o verbo.

Casos de ênclise

Orações iniciadas por verbo (que não esteja no futuro do presente ou do pretérito): ênclise obrigatória.

Prática

■ Faça a colocação pronominal correta.

46. ____ (a) Evidencia-____ (b) uma certa má vontade em sua atitude. (se)
47. ____ (a) Contou-____ (b) essa história um antigo morador do lugar. (me)
48. ____ (a) Uni-____ (b) para vencer. (vos)

Verbo no imperativo afirmativo: ênclise obrigatória, inexistindo termo atrativo.

Prática

■ Faça a colocação pronominal correta.

49. Pegue qualquer um dos livros. ____ (a) Leia-____ (b). (o)
50. Aqui estão as cartas: ____ (a) remeta-____ (b). (as)
51. Tome uma decisão e ____ (a) firme-____ (b) nela. (se)

Atenção:

Em provas, quando você tiver dúvida, e não houver fator obrigatório de próclise, opte pela mesóclise ou ênclise, que são as tradicionalmente preferidas pela norma culta, ou padrão.

Prática

■ Opte pela preferência da norma erudita.

52. Mas as pessoas ____ (a) sentem ____ (b) capazes de ajudar. (se)
53. As meninas ____ (a) arrepender-____ (b)-iam, anos mais tarde. (se)

COM INFINITIVO

1. A ênclise ao infinitivo estará sempre correta.

   Ver bem é enxergar-se.
   Bastou olharem-se e...

2. Quando o infinitivo vier preposicionado, mesmo havendo fator de atração, pode-se construir com **próclise** ou **ênclise**.

   Veio-lhe o impulso **para não me** chamar.
   Veio-lhe o impulso **para não** chamar-**me**.

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

54. ( ) Ela estava ali para te ver.
55. ( ) Ela estava ali para ver-te.
56. ( ) Tinha intenção de não te ofender.
57. ( ) Tinha intenção de não ofender-te.

Atenção:

Se o infinitivo vier precedido da preposição **a**, não se pode juntá-la ao oblíquo o (a, os, as), e a próclise é proibida.

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

58. ( ) Estava decidido a a convidar.
59. ( ) Estava decidido a convidá-la.
60. ( ) Estava propenso a o perdoar.

61. ( ) Estava propenso a perdoá-lo.
62. ( ) Estava decidido a te convidar.
63. ( ) Estava decidido a convidar-te.

COM LOCUÇÃO VERBAL

As locuções verbais se formam com **verbo auxiliar** e **verbo principal**, podendo o principal estar no **infinitivo**, no **gerúndio** ou no **particípio**.

V. AUXILIAR	+	INFINITIVO
vou		amar

V. AUXILIAR	+	GERÚNDIO
estou		amando

V. AUXILIAR	+	PARTICÍPIO
tenho		amado

FORMA 1		FORMA 2
Vou-te amar	ou	Vou te amar?
Estou-te amando	ou	Estou te amando?
Tenho-te amado	ou	Tenho te amado?

64. Você prefere a forma 1 ou 2? _____
65. A norma culta, ou padrão, prefere qual das duas? _____

!! Atenção: COM LOCUÇÃO VERBAL

1. O particípio **nunca** aceita a ênclise.

   Tenho amado-~~te~~.

2. O particípio não aceita oblíquo átono, somente tônico (preposicionado).

   Tenho amado **a ti**.

3. O infinitivo e o gerúndio **sempre** aceitam **ênclise**.

   Estou amando-**te**.

Não estou amando-**te**.
Vou beijar-**te**.
Não vou beijar-**te**.

4. Os auxiliares aceitam próclise, ênclise ou mesóclise como se fossem um verbo só, segundo as regras já vistas.

Vou-**te** amar.
Não **te** vou amar.

5. O pronome átono pode vir solto entre verbos se estiver preposicionado:

Começou **a lhe** dizer.
Gostava **de me** agradar.

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

66. ( ) Eu me devo calar.
67. ( ) Eu devo me calar.
68. ( ) Eu devo-me calar.
69. ( ) Eu devo calar-me.
70. ( ) Ele vai arrastando-se.
71. ( ) Ele se vai arrastando.
72. ( ) Ele vai se arrastando.
73. ( ) Ele vai-se arrastando.
74. ( ) Eles haviam-me avisado.
75. ( ) Eles me haviam avisado.
76. ( ) Tu não te deverias calar.
77. ( ) Tu não dever-te-ias calar.
78. ( ) Tu não deverias te calar.
79. ( ) Tu não deverias calar-te.
80. ( ) Deverias-te calar.
81. ( ) Deverias calar-te.
82. ( ) Dever-te-ias calar.
83. ( ) Deverias te calar.
84. ( ) Eles haviam me avisado.
85. ( ) Eles haviam avisado-me.

86. Se, numa questão, um examinador pede a forma **incorreta** e você percebe que todas as alternativas estão certas, mas uma delas apresenta um oblíquo átono solto entre dois verbos, é essa que você deve escolher. Quais os números do exercício anterior que podem ser considerados **errados**, segundo as visões mais tradicionais?
Resp.: _____

Prática Geral

87. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Assinale a frase em que o pronome oblíquo átono está colocado **incorretamente**.
a) O guarda chamou-nos a atenção para os pivetes.
b) Quantas lágrimas se derramaram pelo jovem casal!
c) Ninguém nos convencerá de que esta notícia seja verdadeira.
d) As pessoas afastaram-se daquele pacote suspeito.
e) O vizinho cumprimentou o casal, se retirando imediatamente.

88. (BRB/N.M./IDR) Assinale a sentença em que foram respeitadas as regras de colocação dos **pronomes oblíquos átonos**.
    a) Em se tratando de denúncias contra funcionários do alto escalão, nada o impedia de divulgar informações esclarecedoras.
    b) Jamais entregar-lhe-ei a fita gravada a que se referiu o delegado durante o inquérito, lhe disse o acusado em alto e bom som.
    c) Lhe contou tudo que sabia, pouco importando-se com o fato inevitável de todos voltarem-se contra ele.
    d) Restringirei-me a mencionar fatos que relacionam-se diretamente à matéria tratada neste relatório.

89. (ATCL-DF/N.S./IDR) Indique o período **correto** quanto à colocação do pronome pessoal oblíquo átono.
    a) Se o considerasse incapaz, jamais dar-lhe-ia tal incumbência.
    b) Meu pai trouxe-o de Londres e pediu-lhes que não deixassem-no estragar.
    c) Não o aceitariam, em hipótese alguma, nem deixar-se-iam enganar.
    d) Não se esqueça de consertá-lo e de devolvê-lo o quanto antes.

90. Assinale a frase **incorreta** quanto à colocação de pronomes átonos.
    a) O que lhe contei é a pura verdade.
    b) Nunca repita-me tal coisa.
    c) Já se pôs o Sol no horizonte.
    d) Alguém me disse para ficar aqui.
    e) Sempre me lembro dela com carinho.

91. Assinale o item que apresenta pronome átono colocado **corretamente**.
    a) Nesta loja, se compram os mais variados artigos.
    b) Dizia-se que ele enlouquecera.
    c) Fui eu quem falou-te daquela vez.
    d) A estátua que dedicaram-lhe é de pedra.
    e) Quem obrigou-te a assinar aquele documento?

92. De acordo com a norma culta, assinale a construção **incorreta**.
    a) As crianças também se tinham esquecido.
    b) Passada a surpresa, ainda se sentiu mais borocochô.
    c) Engasgado, não confessou-lhe toda a verdade.
    d) Os quinze minutos atropelaram-se.
    e) Sua mulher, seus filhinhos e a secretária já o esperavam cantando "Parabéns para você".

■ Coloque os pronomes oblíquos nos locais adequados.

93. Fiquei duas horas a _____ (1) esperar _____ (2). (o)

94. De repente veio o grito: _____ (1) prepara _____ (2) para a luta. (te)

95. Ensina-se o bem, _____ (1) fazendo _____ (2). (o)

96. _____ (1) junta _____ (2) aos bons e serás um deles. (te)

97. Não _____ (1) preocupar _____ (2) emos com isso. (nos)

98. _____ (1) deite _____ (2), gritou a irmã. (se)

99. Quantas alegrias _____ (1) conquistaram _____ (2) nas Olimpíadas! (se)

100. Quem _____ (1) matriculou _____ (2) primeiro? (se)

101. Deus _____ (1) guarde _____ (2) meu filho! (te)

102. Em _____ (1) tratando _____ (2) de opções, temos três. (se)

103. Ninguém _____ (1) ajudou _____ (2) a _____ (3) convencer _____ (4). (nos/o)

104. Há pessoas que _____ (1) admiram _____ (2). (nos)

105. Estarei aí, se _____ (1) convidarem _____ (2). (me)

106. Alguém _____ (1) viu _____ (2) quando _____ (3) abriu _____ (4) aquela porta. (nos/se)

107. Depois, _____ (1) chamaram _____ (2) para dentro. (nos)

■ Nas frases seguintes, pode haver mais de uma opção.

108. _____ (1) sentir _____ (2) ei _____ (3) tranquilo (me), porque o amigo _____ (4) convidou _____ (5). (me)

109. Voltei para _____ (1) convidar _____ (2). (vos)

110. Eu _____ (1) voltar _____ (2) ei _____ (3) para teus assuntos. (me)

111. O Carlos _____ (1) contou _____ (2) a verdade. (lhe)

112. O Carlos _____ (1) contou _____ (2) a verdade? (lhe)

113. Esta _____ (1) dar _____ (2) ia _____ (3) muito prazer. (nos)

■ Continue na prática.

114. Jamais _____ (1) disse _____ (2) o que acho de você. (lhe)

115. Falarei com quem _____ convidou _____. (a)
1 2

116. Viajo hoje mesmo, embora _____ desagrade _____. (te)
1 2

117. À noite, sempre, _____ fecham _____ as portas das casas. (se)
1 2

118. Que a experiência _____ sirva _____ de lição. (nos)
1 2

119. Tudo _____ acalmar _____ á _____. (se)
1 2 3

120. _____ acalmar _____ á _____ tudo. (se)
1 2 3

121. Sempre _____ considerar _____ ei _____ um bom exemplo. (te)
1 2 3

122. Como _____ enganas _____, meu amigo! (te)
1 2

123. _____ dá _____ um abraço bem apertado. (me)
1 2

■ Elimine a primeira palavra e reescreva a frase.

124. Isto me será bastante fácil.

_____

125. Não a beijarei mais.

_____

126. Jamais te perdoarei.

_____

127. Não me trarás resposta.

_____

128. Você o fará bem.

_____

129. Nós nos poremos a seu dispor.

_____

130. (F. C. Chagas) Quanto _____ se _____ no ponto que _____ _____.

a) alegrar-nos-íamos / atendêsseis-nos / solicitamos-vos.
b) alegraríamo-nos / atendêsseis-nos / solicitamos-vos.
c) alegrar-nos-íamos / atendêsseis-nos / solicitamos-vos.
d) nos alegraríamos / atendêsseis-nos / vos solicitamos.
e) nos alegraríamos / nos atendêsseis / vos solicitamos.

131. (F. C. Chagas) Nem sequer _____ das coisas que _____ quando _____ .

a) se lembra / disse-me / procurei-o.
b) se lembra / me disse / procurei-o.

c) lembra-se / disse-me / o procurei.
d) se lembra / me disse / o procurei.
e) lembra-se / me disse / procurei-o.

132. Com relação à colocação pronominal, assinale a descrição gramatical **incorreta**.
a) Em "não tem permitido que se explique", ocorre próclise pronominal porque a forma verbal no particípio rejeita a posição de ênclise.
b) Em "onde menos se imagina", a próclise é obrigatória por tratar-se de estrutura sintática de oração subordinada desenvolvida.
c) Em "Os cargos executivos monopolizam as atenções", a substituição do objeto direto por um pronome pessoal oblíquo resultaria em: **Os cargos executivos monopolizam-nas**.
d) Em "É do prefeito a iniciativa, cabendo aos vereadores acatá-la ou recusá-la", é gramaticalmente inaceitável a colocação pronominal de próclise às formas dos verbos **acatar** e **recusar**.
e) Em "fica difícil fazer o mesmo", a substituição do objeto direto por um pronome pessoal oblíquo resultaria em: **fica difícil fazê-lo**.

Crase

CONCEITUAÇÃO

Observe:

regência

Ela pensa em o irmão.

termo subordinante — prep. — termo subordinado

regência

Ela gosta de o tio.

termo regente — prep. — termo regido

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

1. ( ) A preposição coordena termos.
2. ( ) A preposição une dois termos subordinando o segundo ao primeiro.
3. ( ) É o termo subordinado que determina qual a preposição a ser usada.
4. ( ) A escolha da preposição a ser usada pertence ao termo subordinante e se chama regência.
5. ( ) O termo subordinante é o termo regente.
6. ( ) O termo subordinado é o termo regido.

Prática

7. Ela gosta **de** + **o** José = Ela gosta _____ José.
8. Ela foi **a** + **o** teatro = Ela foi _____ teatro.
9. Ele gostou **de** + **aquele** filme = Ele gostou _____ filme.

Observe:

As preposições contraem-se ou combinam-se com **artigos** e **pronomes** do termo regido.

	preposição		artigo		
Ela foi	a	+	o(s)	teatro(s)	→ a + o(s) = ao(s) teatro(s)
Ela foi	a	+	a(s)	igreja(s)	→ a + a(s) = à(s) igreja(s)

CRASE

	preposição		pronome demonstrativo		
Refiro-me	a	+	o(s)	que ama(m)	[a + o(s) = ao(s) que ama(m)]
Refiro-me	a	+	a(s)	que ama(m)	[a + a(s) = à(s) que ama(m)]

CRASE

	preposição		pronome demonstrativo		
Refiro-me	a	+	aquela(s)	menina(s)	[a + aquela(s) = à quela(s)]
Refiro-me	a	+	aquele(s)	menino(s)	[a + aquele(s) = à quele(s)]
Refiro-me	a	+	aquilo		[a + aquilo = à quilo]

CRASE

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

10. ( ) Crase é fusão de dois "**as**".
11. ( ) O primeiro **a** da crase é uma preposição.
12. ( ) O segundo **a** da crase é uma preposição.
13. ( ) O segundo **a** é um artigo, um pronome demonstrativo ou a vogal inicial do demonstrativo **aquele**, **aquela**, **aquilo**.
14. ( ) **à** ou **às** (com acento grave) indica existência de crase, isto é, fusão de dois **as**.
15. ( ) **à** ou **às** indica existência de substantivo feminino.
16. ( ) O masculino de **à** ou **às** é **ao** ou **aos**.
17. ( ) Para haver crase, é necessário um termo regendo a preposição **a**.
18. ( ) Para haver crase, é necessário que o termo regido seja feminino.
19. ( ) Sempre que houver preposição **a** + **aquela**, **aquele**, **aquilo**, haverá crase.
20. ( ) Sempre que no masculino se escrever **ao** ou **aos**, no feminino haverá crase.

MÉTODO PRÁTICO

Troque a palavra feminina por outra que seja masculina.
Se no masculino aparecer obrigatoriamente **ao** ou **aos**, no feminino haverá crase.
Se no masculino for facultativo **a** ou **ao(s)**, a crase poderá ser usada ou não.

Prática

■ Leve para o feminino.

21. Refiro-me a menino. ➜ Refiro-me _____ menina.
22. Refiro-me ao menino. ➜ Refiro-me _____ menina.
23. Refiro-me a meninos. ➜ Refiro-me _____ meninas.
24. Refiro-me aos meninos. ➜ Refiro-me _____ meninas.

■ Assinale **C** ou **E**.

25. ( ) Entre as práticas 21 e 22 só há diferença na escrita. Semanticamente (= no sentido) são iguais.
26. ( ) Nas práticas 21 e 23, a falta do artigo deixa o substantivo com uma ideia vaga, genérica, indefinida.
27. ( ) Nas práticas 22 e 24, a presença do artigo define, determina o substantivo **menino**. Não se trata mais de qualquer menino, mas de alguém que falante e ouvinte conhecem.

CASOS ESPECIAIS

Crase em locuções

Locuções prepositivas com palavras femininas

à cata de, à moda de, à custa de, à força de, à procura de, à guisa de, à beira de...

Observação:

As locuções prepositivas sempre terminam em **preposição**.

Locuções conjuntivas com palavras femininas

à medida que, à proporção que...

Observação:

Quase todas as locuções conjuntivas terminam em **que**.

Locuções adverbiais com palavras femininas

às vezes, às claras, às ocultas, às pressas, à toa, às fartas, às escondidas, à noite, à tarde, à vista, à direita, à esquerda, à socapa, às terças-feiras.

Prática

■ Corrija, se necessário.

28. Pedro estava a procura de uma desculpa. A medida que ia comendo e a proporção que o dia clareava, também clareavam seus pensamentos. Aquela hora, corria ainda vinho e champanha a farta. Uns bebiam as claras, outros as escondidas, outros as pressas, porém todos a larga.

Crase em lugares

Há topônimos que repelem artigo feminino, portanto não aceitam crase. Teste-os assim: **Venho + de + tôponimo** e use o bom senso.

Se venho **de** Paris, vou **a** Paris.	(só preposição: sem crase)
Se venho **de** Fortaleza, vou **a** Fortaleza.	(só preposição: sem crase)

Mas,

Se venho **da** Bahia, vou **à** Bahia.	(prep. + artigo = crase)
Se venho **da** Itália, vou **à** Itália.	(prep. + artigo = crase)

Faça uso deste processo mnemônico:
Se vou **a** e venho **da**, crase há;
Se vou **a** e venho **de**, crase p'ra quê?

Prática

■ Corrija, quando necessário.

29. Júlia foi a padaria, a manicura, a modista e voltou a repartição antes de viajar. Por pouco não chegava a estação a tempo de tomar o trem que a levaria a Recife. De Recife viajará a Portugal, a Espanha, a França, a Inglaterra, a Holanda e a Israel. É a primeira vez que visitará a Europa. No próximo ano pretende ir a África.

Observação:

No final do século XIX, era chique usar sem artigo topônimos como França, Inglaterra, Espanha, Holanda, África, Ásia..., motivo pelo qual está correto dizer:

Venho de França / Vou a França
Venho de Inglaterra / Vou a Inglaterra

Hoje, porém, tais construções denotam **pedantismo**.

Crase com distância

Distância não definida	O disco foi lançado a distância. Ele estava a distância do grupo.
Distância determinada	Foi lançado **à** distância **de 60 metros**.

Prática

■ Acentue, se for preciso.

30. Ele parou a distância de um quarteirão.
31. Ela chegou a pequena distância da casa.

Crase com horas

Hora exata de relógio	A aula começa **às** oito horas. Ele saiu **às** sete e quinze. Cheguei **à** uma hora da tarde.
Hora aproximada	Vou lanchar daqui **a** uma hora. Vou lanchar daqui **a** três horas.

Atenção para o paralelismo:

O filme vai **de** oito **a** dez e meia.
prep. prep.

O filme vai **das** oito **às** dez e meia.
prep. + artigo prep. + artigo

Prática

■ Preencha adequadamente as lacunas.

32. É bom chegares ___ duas horas.
33. ___ três horas que gastou no trabalho foram recompensadas.
34. Estudo de duas ___ quatro horas por dia.
35. Trabalho das oito ___ dezoito.

Atenção:

A quebra do paralelismo na crase torna mais evidente e próximo o sentido do termo antecedido pelo artigo.

O filme vai de oito às dez e meia em ponto.
Refiro-me a Tereza e à Júlia.

Crase com pronomes relativos

a) Conheço o homem **cujo** filho passou em primeiro lugar, e **cuja** irmã chegou da Índia.	Nunca há crase antes de **cuja(s)** porque este pronome não aceita artigo.
b) Eis o rapaz **ao** qual me referi. Eis a moça **à** qual me referi. Eis as moças **às** quais me referi.	Usa-se **à qual**, **às quais**, com crase, quando se opõem a **ao qual**, **aos quais**.
c) Refiro-me **ao** que usa bigode. Refiro-me **à** que usa luvas. Refiro-me **aos** que usam bigode. Refiro-me **às** que usam batom. Eis o rapaz **a** que me referi. Eis a moça **a** que me referi.	Usa-se **à que**, **às que**, com crase, quando se opõem a **ao que**, **aos que**. Neste caso, é CRASE da preposição **a** com o **pronome demonstrativo a(s)**, que é igual a **aquele(a)**.

Prática

■ Corrija.

36. Ela se dirigiu aquele que estava a meu lado e a que se mantinha em pé.
37. Este é o senhor a cuja filha me aliei.
38. Não me presto aquilo que vocês querem.
39. Admiro aquela deputada, a que te uniste.

Crase com casa

a) Cheguei **de** casa hoje. Estou **em** casa agora. Voltei **a** casa ontem.	**Casa** significando **própria morada** não aceita artigo, portanto não há crase.
b) Cheguei d**a** casa **de José**. Estou n**a** casa **nova**. Regressou **à** casa **materna**. Voltou **à antiga** casa. Referiu-se **à** casa **de Orleans**.	Quando a palavra **casa** aparece acompanhada de um determinante, justifica-se a presença do artigo e se justifica a crase, mas não é obrigatório.

Prática

■ Qual a diferença de sentido?

40. Referia-se a belas casas.	Referia-se às belas casas.
41. Estou em casa de José.	Estou na casa de José.
42. Vou a casa de José.	Vou à casa de José.

Crase com terra

a) Os astronautas voltaram **à** Terra. Voltou **à** terra em que estudou. O lavrador se apega **à** terra que cultiva. Do céu **à** terra, o infinito.	Normalmente a palavra **terra** aceita artigo e, portanto, CRASE.
b) Estamos a bordo mas vamos **a** terra. Chegado o navio, os marujos desceram **a** terra.	Em linguagem náutica, **terra** opõe-se a **bordo** e não usa artigo. Portanto, SEM CRASE.
c) Os marujos desceram **à** terra **dos Vikings**.	Uso de determinante justifica o artigo e a crase.

Crase com até ou até a

Prática

■ Use **até**

43. Caminharam _____ o portão.
44. Ele foi _____ a divisa.
45. Ele chegou _____ aquele morro.

Use **até a**

Caminharam _____ o portão.
Ele foi _____ a divisa.
Ele chegou _____ aquele morro.

Como não se sabe se foi usada a preposição **até** ou a locução prepositiva **até a**, a crase é facultativa.

Crase com pronomes possessivos

Refiro-me **a(o)**	teu	irmão	e não **ao**	meu	∅
preposição / artigo (facultativo)	PRON. POSSESS.	SUBSTAN-TIVO	preposição / pronome demonstrativo (obrigatório)	PRON. POSSESS.	∅

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

46. ( ) O possessivo pode vir seguido de substantivo.
47. ( ) O possessivo pode vir sozinho, isto é, não seguido de substantivo.
48. ( ) O possessivo seguido de substantivo pode ou não usar artigo: meu filho/o meu filho.
49. ( ) O possessivo sozinho, isto é, sem substantivo, usa artigo.
50. ( ) O possessivo sozinho vem antecedido de pronome demonstrativo obrigatório.
51. ( ) Quando o possessivo feminino vem acompanhado de substantivo, a crase é facultativa.
52. ( ) A crase antes de possessivo feminino só é obrigatória quando o possessivo não vem acompanhado de substantivo.
53. ( ) Refiro-me a tua irmã e não a minha.
54. ( ) Refiro-me à tua irmã e não à minha.
55. ( ) Refiro-me a tua irmã e não à minha.
56. ( ) Refiro-me a tuas irmãs.
57. ( ) Refiro-me as tuas irmãs.

Crase com antropônimos femininos (nomes de mulheres)

– Cláudia chegou. **A** Cláudia chegou. – José partiu. **O** José partiu.	Antropônimos têm artigo facultativamente, portanto a crase também é facultativa.

Prática

58. Qual a diferença semântica entre os pares de enunciados?
    a) Fiz referência a Ester. Fiz referência à Ester.
    b) Apresentou elogios a Marlene. Apresentou elogios à Marlene.
    c) Referia-se a Ernesto. Referia-se ao Ernesto.

Resp.: _____

_____

59. Se o antropônimo vier determinado por adjunto, o que acontece com o artigo? Opte por uma ou duas das respostas.
    a) É facultativo: "Refiro-me a Ernesto careca."
    b) Passa a ser usado: "Refiro-me ao Ernesto careca."
    c) Passa a ser usado: "Refiro-me à Teresa caolha."

Observação:

O antropônimo pode ficar sem artigo quando só tem predicativo:
Refiro-me a Ernesto, careca.

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

60. ( ) Quando o antropônimo se refere a amigo, parente ou pessoa muito próxima, o artigo aparece.
61. ( ) Fiz um elogio à Gabriela, minha sobrinha.

Crase em à moda (de)

Observe: Servia-se **à** francesa. Cantava **à** Caetano Veloso.
Bebia **à** siciliana. Usava roupas **à** Luis XIV.

Usa-se o acento grave, indicativo de crase, mesmo antes de masculino, quando se tem subentendida a expressão "**à moda (de)**".

Prática

■ Complete as lacunas.

62. Ele se portava ____ Napoleão.
63. Alimentava-se ____ mineira.

NÃO HÁ CRASE

Antes de substantivos masculinos, não há crase.

Refiro-me a Antônio. Vou ao Rio. Pinto a óleo.

64. Por quê? Resp.: _____

_____

Atenção:

Há sinal grave, indicativo de crase, mesmo antes de masculino quando se tem subentendida a expressão "à moda de".

Cantava à Caetano Veloso. Usava roupas à Luís XIV.

Antes de verbos, não há crase.

Estava a pensar. Estou disposto a vencer.

65. Por quê? Resp.: _____

_____

Antes de pronomes pessoais, não há crase.

Dirigi-me **a** ela, **a** ti, **a** elas.

66. Por quê? Resp.: _____

_____

Antes de pronomes de tratamento, não há crase. (Exceções: Madame, Senhora, Senhorita, Dona)

Refiro-me **a** Vossa Excelência, que faz críticas **a** Sua Santidade.

67. Por quê? Resp.: _____

_____

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

68. ( ) Refiro-me a Senhor Joaquim.
69. ( ) Refiro-me ao Senhor Joaquim.
70. ( ) Refiro-me a rapaz Joaquim.

71. ( ) Refiro-me ao rapaz Joaquim.
72. ( ) Refiro-me a cavalheiro Joaquim.
73. ( ) Refiro-me ao cavalheiro Joaquim.
74. ( ) Refiro-me a Dom Joaquim.
75. ( ) Refiro-me ao Dom Joaquim.

■ Conclua.
Havendo antecedência de preposição **a**, a crase,
76. antes de **Madame**, é _____: Dirijo-me _____ **Madame** (Fernanda).
77. antes de **Senhora**, é _____: Dirijo-me ___ **Senhora** (Josefa).
78. antes de **Senhorita**, é _____: Dirijo-me ___ **Senhorita** (Andreia).
79. antes de **Dona**, é _____: Dirijo-me ___ **Dona** Júlia.

Antes de artigos indefinidos e pronomes indefinidos, não há crase.

Prática

Referia-me a uma valsa.
Referia-me a certa valsa.
Referia-me a nenhuma valsa.
Referia-me a cada valsa.
Referia-me a nada, a qualquer, a toda, a ninguém, a alguém...

80. Por quê? Resp.: _____
_____

Expressões constituídas de substantivos repetidos normalmente não usam artigo, por isso não ocorre crase.

Prática

81. Houve receptividade de parte _____ parte.
82. Bebeu gota _____ gota o que lhe deram.
83. Estudou o livro de ponta _____ ponta.
84. Montava sua resposta de palavra _____ palavra.

Antes de pronomes demonstrativos, não se tem crase. (Exceções: aquela(s), aquele(s), aquilo)

Prática

Refiro-me a esta, a essa...

85. Por quê? Resp.: _____

_____

Se existe um **a** sem **s**, antes de plural, ele é só uma preposição. Não pode haver crase.

Prática

Refiro-me a pessoas, a mulheres, a crianças...

86. Por quê? Resp.: _____

_____

Cuidado com o **paralelismo**. Termos de mesma função têm, normalmente, mesmo tratamento.

Prática

87. Refiro-me ao Apolo e ___ Afrodite.
88. Refiro-me a Apolo e ___ Afrodite.

A expressão "**cheirar a**" normalmente não gera crase.

Prática

■ Preencha com a / ao / à.

89. Isto me cheira ___ peixe.
90. ___ sua fala cheira ___ antiguidade.

Observação final:

O acento grave, indicativo de crase, deve ser usado para evitar ambiguidade (duplo sentido).

Ela cheira à pinga (tem cheiro de pinga).
Ela cheira a pinga (sente o cheiro da pinga).

HÁ ≠ A

HÁ	➜ Verbo **haver**: **Há** sempre soluções melhores. ➜ Tempo passado: Estudo **há** três anos. ➜ Permutável por **faz**: **Há** três noites que eu não durmo...
A	➜ Tempo futuro: Voltarei daqui **a** três meses. ➜ Artigo definido: **A** vitória sempre chega. ➜ Preposição: Voltei **a** casa cedo. ➜ Pronome oblíquo: Deus **a** proteja, minha filha. ➜ Pronome demonstrativo: Guardei **a** que você me deu.

Prática

■ Preencha as lacunas com **a**, **à**, **as**, **às**.

91. Ela foi ___ feira, depois ___ modista.
92. Debatemos ___ respeito da matéria e chegamos ___ conclusão final ainda ___ tempo.
93. Ele é insensível ___ dor e propõe-se ___ assistir ___ filmes de guerra e ___ mutilações neles contidas.
94. Isto me cheira ___ velhice e ___ asneira.
95. Erigiram-se templos ___ Júpiter e ___ Minerva.
96. Não costumava ir ___ todas as festas.

■ Use o sinal indicativo de crase, conforme as regras vistas.

97. Ele ficou a conjecturar por que não bateram palmas a porta.
98. Não retornou a casa sem antes telefonar a sua mãe.
99. Não me referi a que chorava, mas a que ria.
100. Não me dirigi a este, mas aquele menino.
101. Referia-me a tua irmã e não a dele, nem a minha.
102. Voltou o filho a casa dos pais.
103. Voltou o filho a casa.
104. Ele fala a nordestina, se veste a mineira, come a baiana e canta a Gilberto Gil.
105. Eles ficaram cara a cara, frente a frente com o monstro, face a face com o perigo.
106. Aludi a minha prima e a Marília bela.
107. Escrevo a lápis e não a caneta.
108. Assistiu a aulas de violino, a tarde.
109. Voltarei a Argentina, a Itália e a Portugal.
110. As onze horas, havia ainda bebida a farta.
111. Solicito a Vossa Excelência que se mova a procura de uma solução adequada a esta situação.

112. A medida que ele se unia a Dona Inês, unia-se também a Senhorita Cláudia e a Madame Cristine.
113. Ele estava submetido a enorme depressão quando retornou a Brasília para dedicar-se a pessoas desconhecidas e as irmãs de seu pai.
114. Referia-me a Faculdade de Economia da USP, não a de Arquitetura nem a de Filosofia.

■ Preencha as lacunas com **a**, **à**, **as**, **às**, conforme necessário.

115. A sessão será das 8h _____ 10h.
116. Voltaremos _____ meia-noite.
117. O voo parte pontualmente _____ onze horas.
118. O almoço será servido de treze _____ quinze horas.
119. Só posso recebê-lo daqui _____ uma hora.

Prática Geral

120. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Assinale a frase em que o acento indicativo de crase foi empregado **incorretamente**.
    a) Ao voltar das férias, devolverei tudo à V. Sª.
    b) O candidato falou às classes trabalhadoras.
    c) Fique à espera de meus amigos.
    d) Sua maneira de falar é semelhante à de Paulo.
    e) Você só poderá ser atendido às 9 horas.

121. (PRF/N.M./ANP) Assinale a opção em que **falta** o acento de crase.
    a) O ônibus vai chegar as cinco horas.
    b) Os policiais chegarão a qualquer momento.
    c) Não sei como responder a essa pergunta.
    d) Não cheguei a nenhuma conclusão.

122. (ALCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **correta**.
    a) O ministro não se prendia à nenhuma dificuldade burocrática.
    b) O Presidente ia a pé, mas a guarda oficial ia à cavalo.
    c) Ouviu-se uma voz igual à que nos chamara anteriormente.
    d) Solicito à V. Exa. que reconheça os obstáculos que estamos enfrentando.

123. (ATCL-DF/N.S./IDR) Marque a alternativa **correta** quanto ao acento indicativo da crase.
    a) A cidade à que me refiro situa-se em plena floresta, a algumas horas de Manaus.
    b) De hoje à duas semanas estaremos longe, a muitos quilômetros daqui, a gozar nossas merecidas férias.
    c) As amostras que servirão de base a nossa pesquisa estão há muito tempo à disposição de todos.
    d) À qualquer distância percebia-se que, à falta de cuidados, a lavoura amarelecia e murchava.

124. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa que apresenta emprego **incorreto** do sinal indicativo de crase.
a) Trata-se de uma tradição há muito inserida nas práticas legislativas do País e que não deve estar condicionada à deliberação do plenário.
b) A publicação no *Diário Oficial* constitui a forma pela qual se dá ciência da promulgação da lei à sociedade.
c) O Presidente vai à sala de reuniões às oito horas dar as informações sobre o problema à todos que estiverem a espera.
d) Com respeito às questões operacionais colocadas pela necessidade de divulgação das leis, é preciso avaliar os custos de implantação de novos parques gráficos.

125. (Ag. Adm./TRT/N.M./ACCESS) O poeta aspirava ___ felicidade, mas sem ___ volta da amada ele não ___ obteria.
A alternativa que completa **corretamente** as lacunas da frase acima é:
a) à / à / a.
b) à / a / a.
c) a / à / a.
d) à / a / à.
e) à / à / à.

126. (TFC-RJ/N.S.) Marque o item que se completa de forma correta com a sequência seguinte: **Há/às**.
a) _____ algum tempo, a tecnologia revoluciona em áreas que vão da cirurgia plástica _____ armas nucleares.
b) O raio laser se revela _____ altura de um bisturi de alta precisão _____ anos.
c) _____ quem afirme que _____ áreas da medicina em que o uso do raio laser é imprescindível.
d) _____ novidade surgiu na França onde o laser está sendo usado na restauração da Catedral de Amiens, recuperando vestígios das cores aplicadas _____ sete séculos.
e) Debaixo da fuligem que conferiu um tom acinzentado _____ igreja, o laser revelou uma gama de dourados, azuis e vermelhos existentes _____ épocas da feitura de obras góticas.

(Adap. de *Veja*, 10/3/1993).

127. (AFRE-SP/N.S.) Assinale a alternativa **correta**.
Chegou _____ tempo de presenciar _____ pequena discussão entre _____ e o encarregado da limpeza.
a) à / uma / eu.
b) a / uma / mim.
c) há / a uma / mim.
d) a / a uma / eu.

128. **Não** se usa o acento grave, indicador da crase, em:
a) Fomos a Bahia no ano passado.
b) Voltamos a casa de Pedro, mas não o encontramos.
c) As vezes, meus filhos chegam tarde do colégio.
d) Todos aqui gostam de bife a milanesa.
e) Os documentos serão entregues a Vossa Excelência, em tempo hábil.

129. Usa-se acento indicativo de crase em:
   a) As frutas caem a terra quando maduras.
   b) Ele também é capaz de exercer a força de atração.
   c) A queda da maçã provocou a curiosidade de Newton.
   d) Foi o único homem a perceber a lei da gravitação universal.
   e) A não ser que alguém a passasse para outra pessoa.

130. A crase **não** é admissível em:
   a) Comprou **a** crédito.
   b) Vou **a** casa de Maria.
   c) Fui **a** Bahia.
   d) Cheguei **as** doze horas.
   e) A sentença foi favorável **a** ré.

131. Indique a alternativa em que o acento grave, indicador da crase, **não** foi empregado corretamente.
   a) Às ameaças que tantas vezes proferiu não demos a menor importância.
   b) Às vésperas da revolução, convocou às armas várias classes.
   c) Às vezes vou à repartição.
   d) A festa à que assisti ontem jamais sairá do meu pensamento.
   e) A roupa que você está usando é semelhante à que comprei.

132. Quanto ao emprego do acento grave, indicativo de crase, assinale a opção **incorreta**.
   a) Em "alusão à data", emprega-se o acento grave para indicar a fusão da preposição **a**, que rege um substantivo feminino singular, com o artigo definido, formando uma locução adverbial.
   b) Em "havia flores à sua espera sobre a mesa", o emprego do acento grave é facultativo, porque é dispensável o uso do artigo antes do pronome prossessivo com substantivo.
   c) Reescreve-se o enunciado "Engasgado, confessou-lhe que em parte nenhuma" da seguinte maneira: **Engasgado, confessou à secretária que em parte nenhuma**.
   d) Em "iria rodar por aí à noite", emprega-se o acento grave diante da locução adverbial constituída de substantivo feminino.
   e) Substitui-se o enunciado "Foram ao drinque" por **Foram às bebidas**.

Pontuação

VISÃO GERAL

Ordem direta da frase.

1	2	3		4
sujeito	verbo	objeto/predicativo		adj. adverbial
Os turistas	estavam	felizes	(,)	no metrô
Os turistas	compraram	presentes	(,)	em Brasília

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, para as declarações a seguir, com base no quadro acima e em sua experiência linguística.

1. ( ) Entre os termos das colunas 1, 2 e 3 não se usa vírgula.
2. ( ) Entre eles, podem-se usar duas ou mais vírgulas para intercalar outros termos.
3. ( ) Entre os termos das colunas 3 e 4, o uso da vírgula é facultativo.
4. ( ) Usar-se ou não a vírgula, nesse caso, não altera o sentido.
5. ( ) O uso da vírgula, nesse caso, enfatiza, ressalta a ideia expressa no termo 4.
6. ( ) O termo 4 pode colocar-se entre 1 e 2, porém entre vírgulas.
7. ( ) O termo 4 pode colocar-se entre 2 e 3, porém entre vírgulas.
8. ( ) As declarações de 1 a 7 correspondem aos parâmetros da norma culta.
9. ( ) Os jornais e a imprensa escrita, de um modo geral, seguem rigidamente tais normas.
10. ( ) A imprensa escrita, de um modo geral, economiza os sinais de pontuação que considera desnecessários ao sentido básico do texto.

VISÃO DETALHADA

USO DA VÍRGULA

Dentro de uma oração

Observe:

– Escolheram um garoto-propaganda **feio**, **atrapalhado**, **desajeitado**, **carente**.
– Meu pai era **respeitoso**, **presente** em casa, **alegre**.

Conclusão:

A vírgula separa termos de mesma função.

Prática

■ Use a vírgula onde for necessário.

11. É necessário lealdade honestidade coragem desprendimento.
12. Nós o encontramos alegre bem disposto e descansado.
13. Toda criança precisa de carinho de atenção de educação.

Observe:

– O professor, **nervoso**, chamou os alunos para uma conversa.
– **Preocupado**, o diretor convocou uma reunião.

Conclusão:

A vírgula separa os predicativos dos núcleos a que se referem.

Prática

■ Coloque as vírgulas necessárias.

14. Consciente de sua responsabilidade o advogado pediu tempo para estudar.
15. A empresa premida pelas dificuldades quase fechou as portas.
16. O ministro ainda doente voltou a despachar em seu gabinete.

Observe:

– **Na virada do século**, a operária Luíza trabalhava na fábrica têxtil Bangu.
– **Hoje**, **nos Estados Unidos**, mais da metade das mulheres trabalha.

Conclusão:

A vírgula separa o adjunto adverbial deslocado do seu lugar normal.

Prática

■ Use as vírgulas adequadamente.

17. No Primeiro Mundo boicotes costumam dar resultados.
18. A televisão na noite de sexta-feira revelou as causas do acidente.
19. Os técnicos tentaram apesar dos empecilhos explicar o raro fenômeno.

Observe:

Brasília, 23 de março de 2009.

Conclusão:

A vírgula separa, nas datas, o topônimo (nome de lugar).

Observe:

– **A mim**, tudo **me** parecia absurdo.
– **Esse dinheiro**, não voltaremos a vê-**lo**.

Conclusão:

Quando se coloca o objeto no início da oração para repeti-lo, usa-se vírgula.

Prática

■ Use corretamente as vírgulas.

20. Um caso assim é preciso estudá-lo cuidadosamente.
21. Aos turistas não lhes importa como chegarão até lá.
22. O contrato convém assiná-lo o quanto antes.

Observe:

– O caso exigia providência urgente; ela, **porém**, parecia não se importar.
– Já foi decidido o seu afastamento; não há, **portanto**, o que reclamar.

Conclusão:

Quando se desloca, do início da oração, a conjunção adversativa ou conclusiva, usam-se vírgulas.

Prática

■ Use adequadamente a vírgula.

23. O mesmo estudo porém mostra que a situação pode melhorar.
24. Essa não é contudo a prática na companhia.
25. Já vai longe o tempo da censura; direi o que quiser pois.

Observe:

– Plínio, **o filho do primeiro casamento**, decidiu que moraria com o pai.
– A verdade, **senhores eleitores**, é que a responsabilidade é sua.

Conclusão:

A vírgula separa o aposto e o vocativo do resto da oração.

Prática

■ Empregue adequada pontuação.

26. Rafael médico-gerente de laboratório criou um manual para emergências.
27. Esse empresário era casado com Heloísa uma ex-bailarina.
28. Na dúvida senhores jurados o réu deve ser favorecido.

Observe:

– Dizem que os homens decidem com o cérebro; as mulheres, com o coração.
– Alguns casos são encaminhados para os hospitais centrais; outros, para os centros de saúde.

Conclusão:

A vírgula substitui um verbo subentendido.

Prática

■ Virgule adequadamente.

29. Jaime estava feliz; Zeca tranquilo.
30. Vera compreendeu tudo; Cláudio quase tudo.
31. Sandra estava radiante; Rosa eufórica.

Observe:

– Esse caso, **por exemplo**, pode ser resolvido rapidamente.
– **Em suma**, sua função era visitar as sucursais.

Conclusão:

A vírgula separa termos ou expressões intercaladas que servem para resumir, incluir, excluir, retificar, exemplificar...

Prática

■ Virgule adequadamente.

32. Esses países inclusive o Sudão são governados por fundamentalistas.
33. Exceto você todos já sabiam das mudanças.
34. Em compensação o país tem batido recordes de crescimento econômico.

Observação:

Vírgulas para intercalação são permutáveis por parênteses ou travessões.

Preste atenção às seguintes frases, os parênteses estão substituídos por travessões (curtinhos por conta da intenção de síntese) e por vírgulas.

1ª O casal era confuso ***(ela mais do que ele), mas*** *fingia naturalidade.*
2ª O casal era confuso ***– ela mais do que ele –, mas*** *fingia naturalidade.*
*3ª O casal estava confuso****, ela mais do que ele, mas*** *fingia naturalidade.*

Atente que, nos dois primeiros exemplos, os parênteses e os travessões estão seguidos de vírgula, porque antecedem a conjunção coordenativa **mas**. No terceiro, não poderia haver duas vírgulas juntas.

Entre orações

Observe:

– Minha mãe faz curso de teatro, ouve palestras, atualiza-se.
– Houve algumas resistências, mas as colônias serão devolvidas.

Conclusão:

A vírgula separa orações coordenadas (exceto as iniciadas por *e*).

Prática

■ Virgule adequadamente.

35. Os lábios tentaram abrir-se num sorriso mas desistiram e fecharam-se.
36. Acordava tomava café lia o jornal e ia para o aeroporto.
37. Ele era metódico portanto não deixaria de telefonar.

Atenção:

Vírgula antes do e

, e

a) Quando se enfatiza o que se segue, seja termo ou oração:

Estava feliz, radiante, **e** agradecida

Ele disse com muita firmeza, **e** a convenceu.

b) Quando o **e** tem sentido de "mas":

Não estudou, **e** sabia tudo.

c) Se se repetir a conjunção **e** (polissíndeto).

Falou, **e** repetiu, **e** gritou, **e** chorou.

d) Para alguns gramáticos, se o sujeito da oração iniciada pelo **e** for diferente do da outra oração.

Ela chegou, **e** Renato fingiu não vê-la.

Vírgula antes do etc.

~~e~~ etc

"etc." é abreviatura de *et cetera*, que, em latim, significa "e o restante", expressão que começa com "e". Como não se enquadra em nenhuma das situações em que se usa vírgula antes do "e", o melhor é não usá-la.

Observe:

– Ronaldo, **que hoje tem 34 anos**, mudou muito.
– Os homens, **que são mortais**, julgam-se imortais.

Conclusão:

A vírgula separa da principal as orações subordinadas adjetivas explicativas.*

Prática

■ Use corretamente a vírgula.

38. O leite que contém cálcio é excelente alimento para as crianças que são desnutridas.
39. Meu pai que falava quatro línguas julgava-se superior às pessoas que só sabiam a língua materna.
40. Os empresários que vieram querem erguer grandes hotéis que atrairão turistas.

Atenção:

A vírgula nunca pode iniciar uma oração adjetiva restritiva (a que está sublinhada no exemplo seguinte), mas pode separar essa oração da que lhe vem após, mesmo quando separa o sujeito (As) do seu verbo (acabam percebendo).

1. As <u>que deixam de respeitar seus semelhantes por quaisquer supostas razões</u>, acabam percebendo que não o deveriam ter feito.
2. Os participantes <u>que ontem à noite nos procuraram</u>, voltaram hoje.

Explica-se essa possibilidade nos exemplos 1 e 2 quer pela extensão da restritiva quer pela opção por uma pausa respiratória. No exemplo 2, alega-se também a separação dos dois verbos vizinhos, pertencentes cada um a uma oração distinta.

Observe:

– **<u>Se</u> não houver empenho de todos**, não se encontrará uma solução.
– **<u>Quando</u> a editora estiver publicando tais trabalhos**, eu aplaudirei.

Conclusão:

A vírgula separa orações subordinadas adverbiais que antecedem a oração principal.

Prática

■ Virgule corretamente.

41. Para usufruir de todas as vantagens os turistas se dispõem a pagar mais.
42. Examinando-se a disputa atual nas capitais a proposta parece vir a calhar.
43. Confirmadas as informações divulgadas pelos jornalistas o jogador teve de desdizer-se.

* *Vide*, em *Análise Sintática Visual*, Período: Orações subordinadas adjetivas.

Observe:

– A democracia, **embora ainda seja imperfeita**, é o melhor sistema de governo.
– A mulher, **se for preciso**, dobra sua jornada de trabalho.

Conclusão:

A vírgula separa orações intercaladas.

Prática

■ Use adequadamente a vírgula.

44. O projeto apesar de merecer alguns reparos parece melhorar a vida do contribuinte.
45. Qualquer pessoa conforme se divulgou na imprensa terá acesso às informações sobre andamento de processos.
46. Nós para garantir nossos direitos contamos com a Justiça.

DOIS-PONTOS

(Pausa pouco maior que a vírgula, indicando frase inconclusa)

Usam-se dois-pontos para:

a. **introduzir uma fala, uma citação:**

A manchete estampava (:) "A mosca morreu!"

b. **anunciar uma enumeração**:

São três os suspeitos (:) o papagaio, a minhoca e o sapo.

c. **anunciar um esclarecimento ou explicação**:

Ele é impaciente (:) não sabe ouvir.

d. **introduzir exemplo(s)**:

...um monossílabo tônico (:) pé.

Prática

■ Com base nas ideias do quadro, assinale **a**, **b**, **c** ou **d** para as afirmações seguintes.

47. ( ) As palavras de origem grega, terminadas em **ma**, são masculinas: o teorema, o drama, o anátema...
48. ( ) De vez em quando, vinha-nos um pressentimento: o velho carpinteiro não estava morto, escondera-se de nós.
49. ( ) Compareceram todos: seu Lucas, padre Abílio, mestre Caetano...
50. ( ) O *maitre* recomendou: "Sirvam gelado".

PONTO E VÍRGULA

Usa-se ponto e vírgula para:

a. **separar orações que tenham vírgula(s) em seu interior**:

Ela agia correto ; ele, errado.

b. **separar itens de uma enumeração**:

O numeral pode:
indicar uma quantidade ;
denotar posição numa sequência ;
determinar número de vezes ;
indicar parte(s) de unidade.

c. **para enfatizar ideias adversativas ou conclusivas**:

Sofreu, mas não chorou. Estudou, portanto mereceu.
Sofreu ; mas não chorou. Estudou ; portanto mereceu.

Prática

■ Com base nas informações do quadro, assinale **a**, **b** ou **c** para as frases seguintes.

51. ( ) Ficamos atentos, esperando que ele viesse; mas ninguém veio.
52. ( ) Os erros eram pequenos, escassos; poderiam, portanto, ser relevados.
53. ( ) A cidade adormecia; a lua suave passeava lentamente; os grilos a festejavam; os sapos cadenciavam seus ritmos...

RETICÊNCIAS

São usadas as reticências para:

a. **indicar suspensão de uma ideia**:

"Ele e eu estávamos indo ... Mas, me diga primeiro, como você chegou até aqui?"

b. **denotar interrupção ou interrupções de fala para conotar hesitação, timidez**:

"É verdade que ... que estava ... estava lá, sim."

c. **denotar interferência da fala de um personagem na de outro**:

"– Mariana me disse ...
– Deixa isso p'ra lá!"

d. **realçar a expressão que se lhe segue**:

"Ela é uma grande ... cilada!"

e. **suprimir trechos de uma citação**:

"Ouviram do Ipiranga ... retumbante."

Nesse caso, usam-se também as reticências entre parênteses:

"Ouviram do Ipiranga (...) retumbante."

Prática

■ Com base no quadro das reticências, assinale a letra que mais se aproxima dos exemplos seguintes.

54. ( ) "As armas e os barões... espalharei por toda a parte." (Camões)
55. ( ) Eu quero... que você... que você se case comigo.
56. ( ) Teresa disse que ... Deixa p'ra lá: não interessa o que ela tenha dito.
57. ( ) Eu acho que você ficou... maluquinha por ele.
58. ( ) É... – adivinhe! – a sua melhor amiga.
59. ( ) – Você gosta dela ou...
– Gosto, com certeza.

TRAVESSÃO, ASPAS DUPLAS E ASPAS SIMPLES

Com base nos exemplos I, II e III, responda **C** ou **E** para as afirmações seguintes:

I – "Eu sofria já o começo de velhice – esta vida era só o demoramento." (J. Guimarães Rosa)

II – "Achei especial o jeito de João Concliz vir, ansiado cauteloso. Ação em que qualquer um anda – nessas semelhantes ocasiões – só encostado nas paredes – 'Você fica aqui, mais você, e você... Você dessa banda... Você ali, você aí acolá...' – arrumação ele ordenava." (J. Guimarães Rosa)

III – "Seu peito, ela recordava,
era branco, firme, polido – um marfim." (Cecília Meireles)

60. ( ) Em I, o travessão está usado em lugar de uma vírgula e introduz uma explicação.
61. ( ) Em II, o primeiro travessão serve para introduzir fala de personagem.
62. ( ) Em II, os dois primeiros travessões servem para destacar a expressão "nessas semelhantes ocasiões".
63. ( ) Em II, o terceiro travessão serve para introduzir fala de personagem.
64. ( ) Em II, ocorre o uso de aspas duplas e simples.
65. ( ) É indiferente o uso de aspas duplas ou simples. Podem-se usar umas ou outras indiferentemente.
66. ( ) Em II, as aspas duplas são usadas, como em I e III, para reproduzir fala de personagens.
67. ( ) Em II, usam-se as aspas simples para reproduzir a fala de um personagem.
68. ( ) Em II, se não houvesse as aspas duplas no início e no fim do texto, não se usariam as aspas simples.
69. ( ) Conclusão: aspas simples se usam dentro de aspas duplas.
70. ( ) Em III, o travessão está introduzindo um resumo das ideias anteriores.
71. ( ) Esse travessão poderia, sem mudança de significado, ser substituído por reticências.
72. ( ) Esse travessão poderia ser substituído por dois-pontos ou reticências.

Prática Geral

Instruções para as questões de números 73 a 76.

Os períodos abaixo apresentam diferenças de pontuação. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta.

73. a) Mas a raiva voltou, e ele teve vontade de devolver o incômodo presente.
    b) Mas, a raiva voltou e ele, teve vontade de devolver o incômodo presente.
    c) Mas a raiva voltou e, ele teve vontade de devolver o incômodo presente.
    d) Mas a raiva, voltou e ele teve, vontade de devolver o incômodo presente.
    e) Mas, a raiva voltou, e ele teve vontade, de devolver o incômodo presente.

74. a) Não sei do que você, está falando, deixe-me pois em paz.
    b) Não sei do que, você está falando: deixe-me, pois em paz.
    c) Não sei do que, você está falando; deixe-me pois, em paz.
    d) Não sei do que você está falando; deixe-me, pois, em paz.
    e) Não sei, do que você está falando, deixe-me pois, em paz.

75. a) As dúvidas, porém, permaneciam as mesmas, por mais que se tentasse esclarecê-las.
    b) As dúvidas porém, permaneciam as mesmas por mais que se tentasse esclarecê-las.

c) As dúvidas, porém permaneciam as mesmas por mais, que se tentasse esclarecê-las.
d) As dúvidas porém permaneciam, as mesmas, por mais que se tentasse esclarecê-las.
e) As dúvidas porém permaneciam as mesmas por mais que se tentasse esclarecê-las.

76. a) O velho professor vivia à parte com ar tristonho sempre, de livro na mão imerso na leitura.
b) O velho professor vivia, à parte com ar tristonho sempre, de livro, na mão, imerso na leitura.
c) O velho professor vivia à parte, com ar tristonho, sempre de livro na mão, imerso na leitura.
d) O velho professor vivia à parte com ar tristonho sempre de livro, na mão, imerso na leitura.
e) O velho, professor, vivia, à parte com ar tristonho, sempre de livro na mão imerso, na leitura.

77. Qual das sequências abaixo jamais admitirá, de acordo com as nossas gramáticas, o emprego de duas vírgulas?
a) O irmão meu que estava doente não chegou na hora.
b) Mesmo que tu chegues atrasado José não deixes de trazer as revistas que te emprestei sábado último.
c) A mulher se divide em quatro partes cabeça tronco membros e espelho.
d) Jamais lhe poderei dizer que isto se passou na casa de uma das mais tradicionais famílias da região os Mesquitas.
e) A muito custo após algumas horas disseram que não haviam chegado os impressos para formalizar a petição.

78. Dadas as afirmações:
I – Em "José, por não concordar com as ordens do chefe, retirou-se.", a supressão de uma das vírgulas constituirá erro, pois virá quebrar a concatenação da oração, por separar o sujeito do predicado.
II – Em "Disse ele muitas coisas e mais coisas teria dito se não fosse a carência de tempo.", é necessária a vírgula antes da conjunção aditiva para separar complementos de verbos diferentes.
III – Usa-se o ponto e vírgula para separar as partes principais de uma frase, sobretudo se longas, nas quais já existam elementos virgulados.
deduzimos que, de acordo com as normas de pontuação, pode(m) estar correta(s)
a) todas.
b) apenas a I.
c) apenas a II.
d) apenas a III.
e) apenas a I e III.

79. Assinale a opção cujos sinais, indicados entre parênteses, não permitem pontuação correta para as frases abaixo.
a) Se a felicidade é proporcional à renda é irrespondível a causa das máquinas se não a questão toda precisa ser examinada. (2 vírgulas e 1 ponto e vírgula)
b) "O mau médico encarece a enfermidade e não lhe dá remédio o mau conselheiro exagera os inconvenientes e não dá meio com que os melhorar." (3 vírgulas e 1 ponto e vírgula)
c) "O beijo das mulheres sérias é frio faz a gente espirrar o das mulheres ardentes gasta-nos os lábios... e o dinheiro." (1 dois-pontos e 1 ponto e vírgula)
d) Chamava-se Isolina a amiga que a consolava Piedade. (1 vírgula e 1 ponto e vírgula)
e) "Depois dos pais que recebem o nosso primeiro grito o solo pátrio recebe os nossos primeiros passos é um duplo receber que é duplo dar." (3 vírgulas e 1 dois-pontos)

80. Observe as frases abaixo quanto à pontuação. Quais as certas?
I – Muito estimado, como pássaro de gaiola dá o pintassilgo, quando cruzado, com o canário-do-reino, um híbrido chamado pintagol.
II – Muito estimado como pássaro de gaiola, dá o pintassilgo, quando cruzado com o canário-do-reino, um híbrido chamado pintagol.
III – Nas minas, no final do século XVIII, viviam-se momentos de insatisfação – a lembrança de um passado perdido –, que propiciaram novas atitudes e novos laços de solidariedade entre os homens.
IV – Nas minas – no final do século XVIII – viviam-se momentos de insatisfação: a lembrança de um passado perdido, que propiciaram novas atitudes e novos laços de solidariedade entre os homens.
V – Pênalti, ou penalidade máxima no futebol, é a falta máxima, dentro da grande área cometida por jogador que defende, que é punida, com um tiro direto – sem barreira, a onze metros do gol.
a) I, IV, V.
b) II, III.
c) II, IV, V.
d) I, III, V.
e) II, IV.

81. Dadas as sentenças:
I – O álbum que comprei contém mais de mil ilustrações.
II – Meu irmão comprou: uma casa, uma geladeira, uma televisão em cores e um gravador; por isso, está com dívidas.
III – É fácil destruir, difícil é construir mesmo que, para isso, tenhamos que nos sacrificar.
verificamos que está (estão) devidamente pontuada(s)
a) apenas a sentença I.
b) apenas a sentença II.
c) apenas a sentença III.
d) apenas as sentenças I e II.
e) todas as sentenças.

82. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Assinale a frase **correta** quanto à pontuação.
a) O parágrafo único do artigo 37, também trata da isenção do imposto em caso semelhante ao estudado.
b) A mãe do soldado implorara piedade, confidenciou-me o tenente; o general porém, mandou executar a sentença.
c) Eu para não ser indiscreto, retirei-me calmamente da sala, quando percebi que o assunto era confidencial.
d) Embora o doente não corresse mais perigo, os médicos resolveram mantê-lo em observação durante doze horas.
e) É alentador, o que os indicadores econômicos demonstram: uma retomada do desenvolvimento em São Paulo, o maior parque industrial brasileiro.

83. (ITA/Vest.) Assinale a opção em que, retirando-se a vírgula ou mudando-se a sua posição, **não** se obtém alteração de sentido.
a) Isso também pesa aos brasileiros, que têm carro a álcool.
b) Pediu que contemplássemos a bela visão, da ampla janela.
c) Mariana foi, logo Mário não pôde ir.
d) Como precisava de ajuda, procurou Maria, sua melhor amiga.
e) Obtivemos, em julho, os passaportes; só em dezembro, porém, é que viajamos.

84. (BRB/N.M./IDR) O cronista desprezou algumas prescrições sobre pontuação da norma culta da língua. Assinale a alternativa em que o trecho reescrito atende a tais regras.
a) Estou certo de que no futuro dentro de uns 500 anos, quando os atuais países desaparecerem do mapa, os universitários estudando civilizações pré-históricas, do século XX, ao serem chamados a falar, sobre o povo brasileiro perguntarão:
b) Estou certo de que, no futuro, dentro de uns 500 anos, quando os atuais países desaparecerem do mapa; os universitários, estudando civilizações pré-históricas do século XX, ao serem chamados a falar sobre o povo brasileiro perguntarão:
c) Estou certo de que, no futuro, dentro de uns 500 anos, quando os atuais países desaparecerem do mapa, os universitários, estudando civilizações pré-históricas do século XX, ao serem chamados a falar sobre o povo brasileiro, perguntarão:
d) Estou certo, de que no futuro – dentro de uns 500 anos – quando os atuais países desaparecerem do mapa, os universitários estudando civilizações pré-históricas do século XX, ao serem chamados a falar sobre o povo brasileiro, perguntarão:

85. (ALCL-DF/N.S./IDR) Marque o período no qual a supressão das vírgulas **não** acarreta modificação de sentido.
a) As discussões prolongaram-se por dias, para que todos pudessem dar sua opinião.
b) A emenda de alteração da Constituição, combatida pelos presidencialistas, ainda não foi a voto.
c) Os entendimentos desenrolaram-se bem, como se previa.
d) A convenção ocorre num momento particularmente difícil para os partidos, que entraram em crise existencial.

O texto abaixo foi transcrito com algum erro. Leia-o atentamente.

A universidade aberta pode ser implantada paulatinamente sem grandes investimentos fixos e já com capacidade para atender grandes públicos, simultaneamente no Distrito Federal e Entorno. Ao mesmo tempo, volta-se para atender a um público fundamental que, ao longo da história foi excluído dos níveis superiores de ensino – os trabalhadores e as camadas populares.

O projeto que ora apresentamos à Câmara Legislativa não tem a intensão de definir a estrutura da universidade. Entendemos que cabe ao GDF criar uma comissão de especialistas, com representantes de todos os segmentos da sociedade, para formular a proposta de estrutura e o programa-piloto da Instituição, no prazo de 120 dias após a publicação da lei. O GDF é quem reúne as melhores condições técnicas para coordenar a implantação de um projeto de tão grande envergadura.

(Deputado Carlos Alberto)

86. (ATCL-DF/N.S./IDR) Quanto às regras de pontuação, existe **erro** na linha
a) 3. b) 4. c) 9. d) 11.

87. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale o período **correto** quanto à pontuação.
a) O Poder Legislativo, na fase atual do processo democrático em marcha no País tende a se firmar, cada vez mais, na consciência da sociedade brasileira, segundo o presidente da Câmara Legislativa do DF.
b) O Poder Legislativo, na fase atual do processo democrático em marcha no País, tende a se firmar, cada vez mais, na consciência da sociedade brasileira, segundo o presidente da Câmara Legislativa do DF.
c) O Poder Legislativo na fase atual do processo democrático em marcha no País, tende a se firmar cada vez mais na consciência da sociedade brasileira, segundo o presidente da Câmara Legislativa do DF.
d) O Poder Legislativo, na fase atual do processo democrático em marcha no País, tende a se firmar, cada vez mais, na consciência da sociedade brasileira, segundo, o presidente da Câmara Legislativa do DF.

88. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale o período **correto** quanto à pontuação.
a) Nenhum brasileiro será extraditado, salvo o naturalizado, em caso de crime comum, praticado antes da naturalização, ou de comprovado envolvimento em tráfico ilícito de entorpecentes e drogas afins, na forma da lei.
b) Todos têm direito de receber dos órgãos públicos informações de seu interesse particular, ou de interesse coletivo ou geral, que serão prestadas no prazo da lei, sob pena de responsabilidade, ressalvadas aquelas, cujo sigilo, seja imprescindível à segurança da sociedade e do Estado.
c) São direitos sociais; a educação, a saúde, o trabalho, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados.

d) Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e estrangeiros residentes no País, a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade.

89. (ATCL-DF/N.S./IDR) A eliminação da vírgula em três das frases abaixo é possível, mas acarretaria alteração de seu sentido.
Assinale a alternativa em que essa eliminação **não** é possível, por tornar ilógica a frase.
a) A mesa, que está no meio da sala, é vermelha.
b) Dedico este livro aos estudantes de minha terra, que não se contentam com superficialidades.
c) Sorte foi ter-se quebrado meu braço esquerdo, que menos falta me faz que o direito.
d) O governador mandou suspender o pagamento dos funcionários, que estavam em greve desde maio.

90. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale o período **incorreto** quanto à pontuação.
a) O tempo de serviço público federal, estadual ou municipal será computado integralmente para os efeitos de aposentadoria e disponibilidade.
b) O tempo de serviço público federal, estadual ou municipal, será computado integralmente para os efeitos de aposentadoria e disponibilidade.
c) O tempo de serviço público federal, estadual ou municipal será computado, integralmente, para os efeitos de aposentadoria e disponibilidade.
d) O tempo de serviço público federal, estadual ou municipal será computado integralmente, para os efeitos de aposentadoria e disponibilidade.

91. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa em que a pontuação está **correta**.
a) Não se justifica que o ilustre Autor, querendo valorizar a nobre missão de ensinar, atribua aos professores um salário mínimo profissional de tão pouca expressão.
b) Não se justifica, que o ilustre Autor, querendo valorizar a nobre missão de ensinar; atribua aos professores um salário mínimo profissional, de tão pouca expressão.
c) Não se justifica que, o ilustre Autor, querendo valorizar: a nobre missão de ensinar, atribua aos professores um salário mínimo profissional de tão pouca expressão.
d) Não se justifica que o ilustre Autor querendo, valorizar a nobre missão de ensinar atribua, aos professores, um salário mínimo profissional, de tão pouca expressão.

92. (TFC-RJ/N.S.) Assinale a opção cujo período apresenta pontuação **correta**.
a) O Vice-Presidente da República, além de outras atribuições que lhe forem conferidas por lei complementar, auxiliará o Presidente sempre que, por ele convocado, para missões especiais.
b) O Vice-Presidente da República, além de outras atribuições, que lhe forem conferidas, por lei complementar, auxiliará o Presidente sempre que por ele convocado para missões especiais.

c) O Vice-Presidente da República, além de outras atribuições que lhe forem conferidas, por lei complementar auxiliará o Presidente, sempre que por ele convocado, para missões especiais.
d) O Vice-Presidente da República, além de outras atribuições, que lhe forem conferidas por lei complementar, auxiliará o Presidente sempre que, por ele convocado, para missões especiais.
e) O Vice-Presidente da República, além de outras atribuições que lhe forem conferidas por lei complementar, auxiliará o Presidente, sempre que por ele convocado para missões especiais.

93. (TFC-RJ/N.S.) Assinale o período **corretamente** pontuado.
a) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis, que, num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.
b) Os carros modernos, são feitos com chapas bastante flexíveis que, num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.
c) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis, que num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.
d) Os carros modernos são feitos, com chapas bastante flexíveis, que, num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.
e) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis que num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.

94. (Ag. Fc. Rend.-SP/N.S.) Assinale a letra correspondente ao período de pontuação **certa**.
a) Acredito que ele não venha; se, entretanto, vier, não o insulte.
b) Acredito que ele não venha; se, entretanto vier não o insulte.
c) Acredito que, ele não venha se, entretanto, vier não o insulte.
d) Acredito que ele não venha, se entretanto, vier não o insulte.

95. (AFRE-SP/N.S.) Assinale a letra correspondente ao período de pontuação **certa**.
a) Ao ser testada a nova rotina revelou-se, inócua, para provocar o desejado aumento, de produtividade.
b) Ao ser testada, a nova rotina, revelou-se inócua para provocar, o desejado aumento de produtividade.
c) Ao ser testada a nova rotina, revelou-se inócua para provocar, o desejado aumento de produtividade.
d) Ao ser testada, a nova rotina revelou-se inócua para provocar o desejado aumento de produtividade.

96. Assinale a frase **errada** quanto à pontuação.
a) A cigarra morre de frio e de fome no inverno.
b) César, chegou, viu e venceu.

c) A cigarra, símbolo da ociosidade, morre de frio e de fome no inverno.
d) Estudamos Português, Francês e Inglês.
e) Mocidade ociosa, velhice vergonhosa.

97. Assinale a opção em que o emprego da vírgula se justifica pela mesma regra que se aplica a "**Era dia de seu aniversário, e a esposa nem sequer o abraçara (...)**"
a) "Passada a surpresa, sentiu-se ainda mais borocochô: (...)"
b) "(...) tinha palavras amáveis, e o ditado da correspondência foi entremeado de suaves brincadeiras da parte dela."
c) "Engasgado, confessou-lhe que em parte nenhuma."
d) "Conteve-se, no prazer ansioso da espera."
e) "Saiu bem mais jovem do bar, e pegou-lhe do braço."

98. (FGV) "Mas a correlação de forças não lhes permite ir mais longe, e essa paralisia favorece o retorno dos acordos bilaterais ou regionais."
No trecho acima, utilizou-se corretamente a vírgula antes do E. Assinale a alternativa em que isso **não** tenha ocorrido.
a) A sentença foi prolatada, e as partes foram intimadas.
b) Os manifestantes desejavam falar com o juiz; chegaram à porta do tribunal e não entraram.
c) Fiz, e faria novamente tudo igual para ser aprovado no concurso.
d) Leio, e releio, e estudo, e me concentro: todos os esforços são poucos.
e) O procurador assinou o documento, e o advogado ficou satisfeito.

99. (Cespe – adaptado) Não se podendo repetir a relação sujeito-objeto, é forçoso afirmar que seria impossível a reprodução exata de qualquer situação de pesquisa, o que ressalta a importância da descrição do fenômeno e o caráter vivo dos postulados teóricos.
Com referência ao texto acima, julgue o item subsequente.
( ) Logo após "pesquisa", estaria gramaticalmente correto e coerente com o desenvolvimento das ideias do texto o emprego do travessão simples no lugar da vírgula.

100. (Cesgranrio) Qual o trecho cuja pontuação está correta?
a) Os monitores mais antigos contêm várias substâncias, como chumbo, bório e fósforo que podem provocar doenças.
b) Os monitores mais antigos contêm várias substâncias; como: chumbo, bório e fósforo, que podem provocar doenças.
c) Os monitores mais antigos contêm várias substâncias (como chumbo, bório e fósforo) que podem provocar doenças.
d) Os monitores mais antigos contêm várias substâncias, como chumbo, bório e fósforo; que podem provocar doenças.
e) Os monitores mais antigos, contêm várias substâncias – como chumbo, bório e fósforo – que podem provocar doenças.

Gabarito

Em verde: ortografia nova; em azul: ortografia antiga; em laranja: não houve alteração

I FONOLOGIA, DIVISÃO SILÁBICA E TRANSLINEAÇÃO

A	kõ	kis	ta	do	su	se	so	é	kes	tão	di	võ	ta	di
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15

1. m ã i
2. P ã u
3. m ã u
4. P a u
5. P a i s
6. P a i s
7. E
8. E
9. C
10. C
11. C
12. C
13. E
14. E
15. C
16. C
17. C
18. i – ĩ
19. ô – õ
20. ê – ẽ
21. u – ũ
22. a – ã
23. ê – é
24. ô – ó
25. c a i
26. c a i
27. l o u r o
28. l u a
29. C
30. C
31. C
32. E
33. C
34. C
35. E
36. b õ d e
37. b õ r o
38. M a r t e
39. n o r t e
40. E
41. C
42. E
43. C
44. C
45. C
46. E l a p a ss o u b ã i o v e s t i d o
47. C
48. E
49. C
50. E
51. C
52. E
53. C
54. C
55. C
56. c – e-gíp-cio, subs-tan-ti-vo
57. b – de-si-lu-são
58. c – per-cep-ção, in-ters-tí-cio
59. d
60. a
61. e
62. a
63. e
64. c – sub-tra-ir
65. d
66. c
67. c
68. c – u-ru-guai-o, sub-li-nhar ou su-bli-nhar
69. b
70. a
71. d
72. a – po-e-ti-sa

73. E
74. E
75. C
76. E – porque não se deve deixar vogal isolada sozinha numa linha; e não se devem separar os nomes próprios personativos.
77. C
78. E (puta)
79. E (nomes de pessoas)
80. E (vogal isolada)

2 ESTRUTURA E FORMAÇÃO DE PALAVRAS

1. C
2. E
3. C
4. C
5. C
6. C
7. E
8. C
9. C
10. C
11. E
12. C
13. E
14. C
15. C
16. C
17. C
18. E
19. E
20. C
21. C
22. C
23. E
24. C
25. C
26. C
27. E
28. C
29. E
30. C
31. C
32. C
33. E
34. C
35. C
36. E
37. E
38. C
39. C
40. C
41. C
42. C
43. C
44. C
45. C
46. C
47. E
48. C
49. C
50. E
51. C
52. C
53. C
54. C
55. E
56. E
57. C
58. E
59. C
60. C
61. E
62. C
63. E
64. C
65. E
66. C
67. E
68. C
69. C
70. E
71. C
72. C
73. E
74. E
75. C
76. E (*bíblion* = livro)

3 ORTOGRAFIA

Alfabeto (norma nova)

1. C
2. C
3. C
4. C
5. C
6. C
7. C
8. C
9. C
10. C

Uso das Letras

11. francês
12. japonesa
13. cortês
14. burguês
15. montanhês
16. camponesa
17. baronesa
18. princesa
19. consulesa
20. papisa
21. poetisa

22. profetisa
23. catequese
24. anáfase
25. hemoptise
26. meiose
27. hidrólise
28. simbiose
29. neurose
30. psicose
31. síntese
32. balizar
33. revezar
34. atraso
35. envasar
36. profetizar
37. civilizar
38. concretizar
39. anarquizar
40. dramatizar
41. banalizar
42. quis, quisesse
43. pôs, pusesse, puser
44. traz
45. diz
46. fiz, fizesse, fizer
47. cozi
48. causa
49. gêiser
50. maisena
51. náusea
52. Sousa
53. pousar
54. apreensão
55. pretensão
56. aspersão
57. imersão
58. inversão
59. diversão
60. aridez
61. aspereza
62. avareza
63. clareza
64. cupidez
65. estupidez
66. cessão
67. acesso
68. excesso
69. progresso
70. regresso
71. impressão
72. opressão
73. depressão
74. omissão
75. demissão
76. permissão
77. assilábico
78. assossegar
79. ressurgir
80. pressupor
81. sobressair
82. dessemelhante
83. atencioso
84. projeção
85. exceção
86. isenção
87. distinção
88. ereção
89. caução
90. louça
91. beiço
92. arcabouço
93. coice
94. feição
95. açafrão
96. açucena
97. almaço
98. paçoca
99. caçanje
100. açaí
101. faixa
102. ameixa
103. madeixa
104. trouxa
105. baixo
106. peixe
107. mexicano
108. mexilhão
109. mexerico
110. enxaguar
111. enxergão
112. enxerido
113. enxurrada
114. enxuto
115. almoxarife
116. oxalá
117. xadrez
118. caxambu
119. muxoxo
120. xavante
121. aragem
122. fuligem
123. malandragem
124. ferrugem
125. selvagem
126. penugem
127. adágio
128. estágio
129. plágio
130. egrégio
131. relógio
132. refúgio
133. Jê
134. jenipapo
135. jerimum
136. jirau
137. alforje
138. caçanje

Uso do Hífen *(norma antiga)*

139. bebida
140. nunca morta
141. sócio que não gasta
142. flor
143. flor
144. social e econômico
145 a 150. com hífen
151 e 152. com hífen
153. Manhuaçu
154. Mojiguaçu

155. altar-mor
156. capim-mirim
157. Manhumirim
158. Mojimirim
159. aquém-fronteiras
160. aquém-mar
161. além-túmulo
162. além-mar
163. recém-vindo
164. pró-leite
165. propor
166. pró-educação
167. prorrogar
168. pré-natal
169. pré-escola
170. pretender
171. pós-operatório
172. pospor
173. sem-vergonha
174. sem-terra
175. bem-querer/benquerer
176. bem-educado
177. bem-falante
178. soto-governador
179. vice-governador
180. vizo-governador
181. nuper-vindo
182. ex-amante
183. co-seno/cosseno
184. co-autor
185. pára-lama
186. pára-choque
187. grão-vizir
188. grã-cruz
189. bel-prazer
190. autoconfiante
191. autodefesa
192. auto-avaliação
193. auto-reconhecimento
194. contradizer
195. contra-indicar
196. contra-regra
197. extra-regimental
198. extraordinário
199. intra-hepático
200. infravermelho
201. infra-som
202. neoclássico
203. neo-simbólico
204. proto-histórico
205. pseudo-etimologia
206. pseudo-sábio
207. pseudociência
208. semi-árido
209. semidesértico
210. supra-renal
211. suprapartidário
212. ultra-humano
213. ultracorreto
214. antediluviano
215. ante-rosto
216. ante-sala
217. anti-herói
218. antidemocrata
219. anti-social
220. arquimilionário
221. arqui-secular
222. sobre-humano
223. sobressalente
224. sobressair ou sobre-sair (VOLP)
225. sobressaltar ou sobre-saltar (VOLP)
226. sobressaltear ou sobre-saltear
227. super-homem
228. super-humano
229. super-resistente
230. inter-resistente
231. superativo
232. superdotado
233. hiper-hedônico
234. hiper-hidrose
235. hiper-rugoso
236. hiper-rancoroso
237. circum-ambiente
238. circum-hospitalar
239. circunavegar
240. pan-hispânico
241. pan-americano
242. mal-humorado
243. mal-agradecido
244. mal-ajambrado/ malajambrado
245. pan-harmônico/ panarmônico
246. pan-africano
247. ad-referendar
248. ad-digital
249. ad-rogar
250. sub-raça
251. sub-região
252. sub-rogar
253. sub-base
254. sub-borato
255. subentender
256. subsecretário
257. sub-hepático/subepático
258. subárea
259. sub-humano/subumano
260. suboficial
261. ab-reação
262. ab-rogar
263. ob-rogar
264. ob-reptício
265. sob-roda
266. sob-rojar
267. abrupção/ab-rupcão
268. abrupto/ab-rupto
269. abruptela/ab-ruptela/
270. abruptipenado/ ab-ruptipenado
271. agridoce
272. ambidestro
273. audiovisual
274. auriverde
275. bissexual
276. homossexual
277. heterossexual
278. ortomolecular
279. minimercado
280. monofásico

281. odontopediatra
282. plurianual
283. poliesportivo
284. isotérmico
285. neurocirurgião
286. televendas
287. monomotorizado

Uso do hífen *(norma nova)*

288. luso-americano
289. afrodescendente
290. teutomania
291. teuto-germânico
292. eurocanal
293. euro-asiático
294. lusofonia
295. luso-moçambiquense
296. franco-angolano
297. francomaçonaria
298. ...devem ter hífen (segundo Evanildo Bechara, *Nova Ortografia*, pág. 91) e, por analogia, os iniciados por **gira**.
299. gira-mundo
300. gira-discos
301. girassol
302. para-brisa(s)
303. para-lama(s)
304. para-choque(s)
305. manda-tudo
306. manda-brasa
307. busca-pé
308. pontapé
309. mandachuva
310. guarda-chuva
311. madrepérola
312. madre-caprina
313. Abre-Campo
314. Rio de Janeiro
315. Quebra-Frasco
316. Todos-os-Santos
317. Três Rios
318. Entre-os-Rios
319. Trás-os-Montes
320. Trinca-Fortes
321. Pendura-Saia
322. Timor-Leste
323. Santa Cruz
324. Guiné-Bissau
325. América do Sul
326. Nova Guiné
327. sul-rio-grandense, rio-grandense-do-sul
328. norte-americano, americano-do-norte
329. porto-alegrense
330. belo-horizontino
331. cruzeirense-do-sul, sul-cruzeirense
332. indo-chinês
333. indochinês
334. centro-africano
335. centroafricano
336. E
337. C
338. C
339. pé de pato
340. baba de moça
341. papo de anjo
342. ponta de lança
343. Florianópolis-Curitiba-Uberlândia-Brasília
344. Brasil-Argentina-Paraguai
345. bálsamo-coral
346. bálsamo-de-cheiro
347. bico-de-papagaio
348. correto
349. bem-me-quer
350. malmequer
351. mata-pasto
352. mata-borrão
353. não-me-toques
354. correto
355. bola-de-neve
356. correto
357. copo-de-leite
358. correto
359. coerdeiro
360. deserdar
361. anti-humano
362. pré-história
363. contra-harmônico
364. inarmônico
365. desarmonia
366. super-harmonia
367. coabitar
368. desabitar
369. anistórico
370. anepático
371. a-histórico
372. anidro
373. eletro-higrometria
374. geo-história
375. inabilidoso
376. ultra-habilidoso
377. coabilidade
378. arqui-hipérbole
379. reaver
380. reouvera
381. reumanizar
382. reidratar
383. re, co, des, in, an
384. supra-auricular
385. contra-atestar
386. reeducação
387. cooperação
388. anti-ibérico
389. arqui-irmão
390. preexistir
391. auto-observação
392. micro-onda
393. semi-inconstante
394. ree, pree, coo, proo
395. circum-navegar
396. pan-hemisférico
397. circum-adjacência
398. circunvagar
399. pan-mágico
400. pan-americano
401. pampsiquismo

402. pan-nigeriano
403. pambrasileiro
404. circunvolução
405. circunlóquio
406. pan-harmônico
407. vogal, m, n
408. hiper-requinte
409. super-revista
410. sub-bloco
411. sub-bosque
412. sub-reitor
413. addsoniano (de addson)
414. pref. ab-rupto
415. adrenalina
416. adrenalite
417. adrenal, ad-renal
418. sub-rogar
419. sub-resfriar
420. abrupto (ou ab-rupto), adrenal (ou ad-renal), adrenalina, adrenalite
421. além-mar
422. aquém-divisa
423. além-pireneus
424. recém-casado
425. recém-nascido
426. sem-cerimônia
427. sem-vergonha
428. sem-número
429. bem-aventurado
430. bem-criado
431. benquerer, benfazer e derivados: benquisto, benquerença, benfeito, benfeitor; topônimos e derivados: Benfica, benfiquense, Bembom, bembonense, Bemposto, bempostano...
432. ex-padre
433. exportar
434. ex-presidente
435. expatriar
436. soto-piloto
437. sota-piloto
438. vizo-monarca
439. vice-presidente
440. pré-natal
441. pós-parto
442. pospor
443. pós-textual
444. postergar
445. pró-europeu
446. propor
447. pró-soviético
448. pré-gravação
449. pré-embrião ou preembrião
450. preeleger
451. pré-esclerose
452. preesclerótico/pré-esclerótico
453. preexistir
454. pré-eleição/preeleição
455. pré-eleito/preeleito
456. pré-eleitoral
457. pré-embrionário
458. pré-embrião/preembrião, mas só pré-embrionário; só pré-esclerose, mas pré-esclerótico/preesclerótico; só preeleger, mas pré-eleito/preeleito, pré-eleição/preeleição...
459. malcriado
460. malfalante
461. mal-amado
462. mal-afamado
463. mal-ajambrado
464. mal-entendido
465. mal-olhado ≠ mau-olhado
466. malvisto
467. correto
468. correto
469. correto
470. correto
471. correto
472. correto
473. correto
474. correto
475. correto
476. Manhumirim
477. Mogiguaçu
478. Ceará-Mirim
479. capim-açu
480. socó-açu
481. tatuaçu
482. cupim-açu
483. tuim-açu

(484) *arco-da-velha*, (485) *ao-deus-dará*, (486) *água-de-colônia*, (487) *à-queima-roupa*, (488) *pé-de-meia*, (489) *cor-de-rosa* e (490) *mais-que-perfeito* são exceções indicadas no Acordo Ortográfico, mas o VOLP também registra (491) *dois-por-dois*. (492) quase entendimento, (493) não agressão, (494) não vingança.

495. agronegócio
496. agromania
497. auricéfalo
498. auroferrífero
499. contravento
500. contraverdade
501. contrafluxo
502. ortofotografia
503. ortomorfismo
504. retrocarregar
505. protoplasma
506. protovértebra
507. aeroespacial
508. suprainventivo
509. autoinvestigação
510. termoelétrica
511. endoestesia
512. hidroavião
513. extrarregular
514. infrassom
515. minissaia
516. biorritmo
517. biossatélite
518. bissecular
519. microssistema
520. microrradiografia
521. circum- -navegar
522. super- -rádio

523. vice- -prefeito
524. soto- -mestre
525. bem- -humorado
526. pós- -graduado

Uso dos Porquês

527 e 528. por que (= por que motivo)
529. por que (... os ideais pelos quais lutamos)
530. por que (... o motivo pelo qual ele não compareceu)
531 a 535. por quê (motivo)
536. porquê
537. porquês
538. porquê
539. Porquês
540. porque (conj. causal)
541. porque (conj. explicativa)
542. porque (conj. final = para que)
543. porque (pergunta com resposta implícita)
544. Por que
545. porque, por que
546. Por quê?
547. porquê
548. porque
549. Por que
550. porque
551. por quê?
552. por que, por que, porquê, porque
553. porque
554. por que (pelo qual), porque (conj. explicativa = resposta)
por que (pelos quais)
555. porquês

Mau ≠ Mal

556. mau
557. maus
558. más
559. mal
560. mal
561. mal
562. E
563. E
564. C
565. C
566. C
567. E
568. C
569. C
570. C
571. Anpac, ONU, PIS
572. AC, AL, AP, AM, BA, CE, DF, ES, GO, MA, MT, MS, MG, PA, PB, PR, PE, PI, RJ, RN, RS, RO, RR, SC, SP, SE, TO
573. Em 2h e 20min, ele percorreu 250 km.
O ponto após km não é do símbolo, mas, como ponto final, apenas termina a frase.

Acentuação Gráfica (norma antiga)

574. nó – lê-lo – ri – cru – pó – nós – fi-lo – fá-lo – vós – cós – noz – pô-lo – mas – voz – cor – vez – vi – nu – má – vês
575. atrás – maio – buriti – através – apôs – você – contêm – camelo – cara – marcá-lo – detê-lo – impô-lo – decidi-lo – recém – porém
576. Porque os terminados em **ens**, para serem acentuados, devem ser oxítonos.
577. cáqui – item – itens – pênsil – pólem – tênis – hífen – hifens – tríceps – fáceis – órfão – polícia – ciência – ímã – nêutron
Obs.: Pelo Formulário Ortográfico, as palavras terminadas em ditongo crescente átono (cárie, água, polícia...) incluem-se na regra das proparoxítonas.
578. câmara – cálculo – falássemos – éramos – médico – trânsito – ínterim – veículo – fotógrafo – édito – úmido – abóbada
579. rói – dói – mói – paranóia – sequóia – geléia – aldeia – apóio ou apoio – chapéu – seu – reuzinho – assembléia
580. caí – caído – caíste – gratuito – cair – caindo – juízo – fluído – juiz – alaúde – balaústre – distribuí – Raul – reú-ne – tainha – rainha – concluí – construí-lo – proíbe – ateísmo
581. agüentas – enxagüei – argúem – apazigüei – tranqüilo – argúi ou argüi – obliqúe – cinqüenta – averigúe – eqüino ou equino – lingüiças – seqüestro – delinqüir – freqüentemente – argüimos – apazigúe
582. Ele provém do sul, mas seus pais provêm do leste.
583. Cada qual diz as coisas que lhe convêm.
584. Ele faz aquilo que lhe convém.
585. O que contêm estas caixas?
586. Os teóricos, agora, revêem os conceitos.

587. Eles provêem a despensa do necessário para uma semana.
588. Eles não descrêem sistematicamente.
589. Ele pára a todo instante para olhar o mapa.
590. Veja se você pára para pensar.
591. Por ordem médica, ela vai pôr um marcapasso por mês.
592. Passava a mão pelo pêlo do animal.
593. Ele se péla de medo pela amiga.

Prática Geral

594. c
595. b
596. a
597. d
598. a
599. c
600. a
601. c
602. a
603. d
604. a
605. a
606. b
607. a
608. d
609. c

Acentuação gráfica *(norma nova)*

610. tem
611. têm
612. juiz
613. juíza
614. também
615. paranoica
616. empáfia
617. sequestrador
618. arguem
619. arguí
620. Ataíde
621. argui
622. voo
623. frequente
624. tuiuiú
625. entretém
626. próximos
627. agueiro
628. amá-los
629. prendê-los
630. fá-lo-á
631. geleia
632. dóceis
633. pôr
634. por
635. claraboia
636. chapéus
637. heróis
638. pôde
639. instruí-lo
640. porém
641. pode
642. forma
643. última
644. fôrma
642. fôrma
643. última
644. forma
645. fóton
646. fótons
647. iândom
648. iândons
649. rádom
650. rádon
651. rádons
652. herôon
653. herôons
654. destróier
655. gêiser
656. blêizer
657. destróieres
658. gêizeres
659. blêizeres
660. taoismo
661. taoista
662. maoismo
663. maoista
664. hinduísmo

Prática

665. c
666. d
667. c
668. b
669. c
670. b
671. a
672. d
673. c
674. b
675. d
676. c
677. a
678. e
679. c
680. a
681. c
682. b
683. c
684. b
685. c
686. a
687. c
688. b
689. b
690. e
691. a
692. d
693. d
694. b
695. e
696. d
697. e
698. b
699. a
700. a
701. a
702. c
703. e

4 SUBSTANTIVO

1. b, d
2. a, d
3. a, c
4. a, d, e
5. a, d, e
6. a, d
7. a, c
8. b, d
9. c
10. d
11. b
12. a
13. C
14. E
15. C
16. c
17. a
18. b
19. leitora
20. pintora
21. atriz
22. governadora
23. imperatriz
24. cerzideira
25. remadora
26. aviadora
27. cantadora ou cantatriz
28. cantora, cantorina ou cantarina
29. embaixatriz (esposa) ou embaixadora (ocupante do cargo)
30. abadessa
31. diaconisa
32. sacerdotisa
33. episcopisa
34. papisa
35. profetisa
36. pitonisa
37. canonisa
38. druidesa, druidisa
39. baronesa
40. condessa
41. duquesa
42. consulesa
43. oficiala
44. alcaidessa ou alcaidina
45. prioresa ou priora
46. bacharela
47. cachorra
48. cadela
49. generala
50. giganta
51. hóspeda
52. elefanta (**aliá** para alguns; **elefoa** já em desuso)
53. pardoca, pardaloca, pardaleja
54. rapariga, moça
55. monja
56. râni ou rani
57. dogesa, dogaresa ou dogaressa
58. sílfide
59. marani
60. varoa, matrona, virago ou mulher
61. sandia
62. tabaroa
63. bode
64. carneiro
65. cupim
66. (ou javalina) javali
67. cavaleiro
68. cavalheiro
69. (ou veada) veado
70. burro
71. zangão ou zângão
72. rinoceronte
73. infanta (pode também ficar invariável)
74. governanta (também invariável)
75. presidenta (também invariável)
76. parenta (também invariável)
77. invariável

	MASCULINO	Ã	OA	ONA	OUTRAS
78.	aldeão	aldeã			
79.	alemão	alemã			
80.	anfitrião	anfitriã	anfitrioa		
81.	beirão		beiroa		
82.	bretão	bretã	bretoa		
83.	ermitão	ermitã	ermitoa		
84.	figurão			figurona	

	MASCULINO	Ã	OA	ONA	OUTRAS
85.	lebrão				lebre
86.	maganão				magana
87.	perdigão				perdiz
88.	respondão			respondona	
89.	sultão				sultana
90.	tecelão	tecelã	teceloa		
91.	valentão			valentona	
92.	vilão	vilã	viloa		

93. a
94. C
95. C
96. C
97. C
98. mesas
99. cafés
100. degraus
101. reféns
102. álbuns
103. jasmins
104. mares
105. colheres
106. gestores
107. xadrezes
108. raízes
109. cruzes
110. ardis
111. barris
112. fósseis
113. mísseis
114. animais
115. sóis
116. papéis
117. pauis
118. cidadãos
119. irmãos
120. cristãos
121. corações
122. frações
123. balões
124. pães
125. capelães
126. cães
127. bolões
128. filhões
129. verdões
130. órfãos
131. sótãos
132. órgãos

		ões	**ãos**	**ães**
133.	alão (cão de fila)	alões	alãos	alães
134.	alazão	alazões	—	alazães
135.	alcorão	alcorões	—	alcorães
136.	aldeão	aldeões	aldeãos	aldeães
137.	anão	anões	anãos	—
138.	ancião	anciões	anciãos	anciães
139.	bastião (baluarte)	bastiões	—	bastiães
140.	bênção	—	bênçãos	—
141.	capelão	—	—	capelães
142.	capitão	—	—	capitães

		ões	ãos	ães
143.	castelão	castelões	castelãos	castelães
144.	charlatão	charlatões	—	charlatães
145.	cidadão	—	cidadãos	—
146.	corrimão	corrimões	corrimãos	—
147.	deão (decano)	deões	deãos	deães
148.	ermitão	ermitões	ermitãos	ermitães
149.	escrivão	—	—	escrivães
150.	feijão	feijões	—	—
151.	fuão (fulano)	fuões	fuãos	—
152.	guardião	guardiões	—	guardiães
153.	hortelão	hortelões	hortelãos	—
154.	mão	—	mãos	—
155.	opinião	opiniões	—	—
156.	órgão	—	órgãos	—
157.	pagão	—	pagãos	—
158.	peão	peões	peãos	peães
159.	pião	piões	piãos	piães
160.	questão	questões	—	—
161.	rufião	rufiões	—	rufiães
162.	sacristão	—	sacristãos	sacristães
163.	sultão	sultões	sultãos	sultães
164.	tabelião	—	—	tabeliães
165.	verão	verões	verãos	—
166.	vilão	vilões	vilãos	—
167.	vulcão	vulcões	vulcãos	vulcães

168. ões
169. C
170. C
171. C
172. ananases
173. ingleses
174. ilhoses
175. os lápis
176. os oásis
177. os ônibus
178. peões + zinhos – peõezinhos
peãos + zinhos – peãozinhos
peães + zinhos – peãezinhos
179. papéis + zinhos – papeizinhos
180. cães + zitos – cãezitos
181. balões + zinhos – balõezinhos
182. aposta (′) – apostos (′)
183. porca (′) – porcos (′)
184. sogra (′) – sogros (^)
185. sogras (′)
186. bolhas (^)
187. rodas (′)

	SINGULAR	PLURAL	
		(^)	(′)
188.	abrolho (^)		abrolhos
189.	adorno (^)	adornos	
190.	almoço (^)	almoços	
191.	arroba (^)	arrobas	
192.	bolha (^)	bolhas	
193.	bolso (^)	bolsos	
194.	cachorro (^)	cachorros	
195.	caroço (^)		caroços
196.	cebola (^)	cebolas	
197.	choco (^)		chocos
198.	coco (^)	cocos	
199.	consolo (^)	consolos	
200.	contorno (^)		contornos
201.	corno (^)		cornos
202.	coro (^)		coros
203.	corpo (^)		corpos
204.	corvo (^)		corvos
205.	cota (′)		cotas
206.	dorso (^)	dorsos	
207.	esforço (^)		esforços
208.	esposa (^)	esposas	
209.	esposo (^)	esposos	
210.	estorvo (^)	estorvos	estorvos
211.	fogo (^)		fogos
212.	folha (^)	folhas	
213.	forno (^)		fornos
214.	foro (^)		foros
215.	fosso (^)		fossos
216.	globo (^)	globos	
217.	imposto (^)		impostos
218.	jogo (^)		jogos
219.	miolo (^)		miolos
220.	moda (′)		modas
221.	molho (′) (de chaves)		molhos

	SINGULAR	PLURAL	
		(^)	(′)
222.	molho (^) (de tomate)	molhos	
223.	morro (^)	morros	
224.	namoro (^)	namoros	
225.	olho (^)		olhos
226.	osso (^)		ossos
227.	ovo (^)		ovos
228.	peroba (′)		perobas
229.	pescoço (^)	pescoços	
230.	piloto (^)	pilotos	
231.	piolho (^)	piolhos	
232.	poço (^)	poços	poços
233.	polvo (^)	polvos	
234.	porto (^)		portos
235.	potro (^)	potros	
236.	povo (^)		povos
237.	reboco (^)	rebocos	
238.	reforço (^)		reforços
239.	repolho (^)	repolhos	
240.	roda (′)		rodas
241.	rogo (^)		rogos
242.	rolha (^)	rolhas	
243.	rolo (^)	rolos	
244.	rosto (^)	rostos	
245.	senhora (′)		senhoras
246.	socorro (^)		socorros
247.	sogra (′)		sogras
248.	sogro (^)	sogros	
249.	sopa (^)	sopas	
250.	sopro (^)	sopros	
251.	sova (′)		sovas
252.	suborno (^)	subornos	
253.	tijolo (^)		tijolos
254.	toco (^)	tocos	tocos
255.	toldo (^)	toldos	
256.	topo (^)	topos	
257.	tremoço (^)		tremoços
258.	troco (^)	trocos	trocos

259. furta-cores
260. quebra-mares
261. porta-bandeiras
262. pára-choques (nova ortografia: para-choques)
263. guarda-chuvas
264. cirurgiões-dentistas
265. tenentes-coronéis
266. couves-flores
267. amores-perfeitos
268. cabras-cegas
269. guardas-civis
270. guardas-noturnos
271. segundas-feiras
272. terças-feiras
273. meios-fios
274. bananas-maçã
275. canetas-tinteiro
276. navios-escola
277. peixes-boi
278. mangas-rosa
279. pães-de-ló (nova ortografia: pães de ló)
280. estrelas-do-mar
281. papos-de-anjo
282. babas-de-moça (nova ortografia: babas de moça)
283. grãos-de-bico
284. vice-presidentes
285. ex-diretores
286. ave-marias
287. grão-duques
288. sempre-vivas
289. abaixo-assinados
290. tico-ticos
291. tique-taques
292. reco-recos
293. corre-corres ou corres-corres
294. pisca-piscas ou piscas-piscas
295. pega-pegas ou pegas-pegas
296. frutas-pão ou frutas-pães
297. guardas-marinha ou guardas-marinhas
298. padres-nossos ou padre-nossos
299. salvos-condutos ou salvo-condutos
300. ruges-ruges ou ruge-ruges
301. os bota-fora
302. os louva-a-Deus
303. os disse-me-disse (nova ortografia: os disse me disse)
304. os leva-e-traz (nova ortografia: os leva e traz)
305. os pisa-mansinho
306. b
307. d
308. d
309. a
310. e
311. d
312. e
313. c
314. a
315. e
316. a
317. C
318. C
319. C
320. C
321. C
322. C
323. C
324. E
325. E
326. ovelhas leiteiras
327. lobos
328. peixes
329. camelos
330. uvas, bananas
331. bispos
332. professores, religiosos
333. vadios
334. navios de guerra
335. cabras
336. músicos
337. garimpeiros
338. peixes pequeninos
339. assassinos, malfeitores
340. sacerdotes
341. cardeais p/ escolher o Papa
342. cardeias com o Papa
343. atores
344. aviões
345. soldados, demônios
346. M
347. M
348. F
349. M
350. F
351. F
352. o
353. o
354. o
355. a
356. o
357. o/a
358. o
359. o
360. a
361. o/a
362. a
363. a
364. o
365. o
366. o
367. o/a
368. o
369. o
370. o
371. o

372. o
373. o
374. o
375. a
376. diaba, diabra, diáboa
377. deusa, deia, diva

5 ARTIGO

1. c
2. a
3. b
4. c
5. d
6. e
7. e
8. E
9. C
10. C
11. C
12. C
13. C
14. C
15. a, c
16. a, c
17. d
18. e
19. a, b, c
20. d

6 ADJETIVO

1. c
2. b
3. a
4. anexa
5. publicada
6. proibida
7. quite
8. final
9. grave
10. penosos
11. quites
12. quitados
13. velhos
14. luso-brasileiros
15. hispano-americanas
16. lítero-musicais (nova ortografia: literomusicais)
17. verde-claras
18. castanho-claros
19. azul-piscina
20. grafite-fosca
21. cinza-pérola
22. verde-mar
23. c
24. a
25. b
26. a
27. b
28. a
29. b
30. C
31. C
32. d (amicíssimo é o certo)
33. a
34. e (os prós e os contras)
35. d
36. E
37. E
38. C
39. C
40. C
41. E
42. E
43. C
44. d
45. d
46. e
47. b
48. a (**menor** é superioridade na qualidade de pequeno; é **mais** pequeno e não menos grande)
49. a (pior é **mais** mau e não menos bom)
50. c
51. acutíssimo
52. amaríssimo
53. antiquíssimo
54. aspérrimo
55. celebérrimo
56. crudelíssimo
57. dulcíssimo
58. docílimo
59. fidelíssimo
60. frigidíssimo
61. incredibilíssimo
62. integérrimo
63. libérrimo
64. minutíssimo
65. nigérrimo
66. nobilíssimo
67. prodigalíssimo
68. publicíssimo
69. superbíssimo
70. tetérimo
71. aquilino
72. ebúrnea
73. acrídeo
74. ígneo
75. leporinos
76. letal
77. hircino
78. capilar
79. bélicas

80. murina
81. anímico
82. columbino
83. cutânea
84. docente
85. discente
86. eólia
87. pluvial
88. fluvial
89. episcopal
90. glacial
91. gástrica e renal
92. áureo e argênteo
93. austral ou meridional
94. boreal ou setentrional
95. baiano e soteropolitano ou salvadorense
96. hierosolimitano
97. chinês, chim ou chino
98. judeu, judaico, judengo, judio
99. egípcio, egipcíaco, egipciano, egiptano

7 PRONOME

1. PA, PS, PS
2. PS, PA
3. PA, PA, PS
4 a 8. R, O, O
9. R, R, O
10. lhe, os
11. o
12. la
13. os
14. lhe
15. mim
16. ti, te
17. si, se
18. nós, nos
19. Ama-lo
20. Fê-los
21. qué-lo
22. to, ta, tos, tas
23. lho, lha, lhos, lhas
24. lho, lha, lhos, lhas
25. no-lo, no-la, no-los, no-las
26. vo-lo, vo-la, vo-los, vo-las
27. Dizem-na
28. Cumprem-nas
29. Põe-no
30. Põem-nos
31. eu
32. eu
33. eu
34. eu
35. consigo
36. consigo
37. com você
38. si
39. C
40. C
41. C
42. C
43. C
44. C
45. E
46. E
47. E
48. C
49. C
50. E
51. C
52. C
53. C
54. E
55. C
56. C
57. C
58. C
59. E
60. E
61. C
62. C
63. C
64. Você
65. Vossa Senhoria
66. Vossa Excelência
67. Vossa Excelência Reverendíssima
68. Vossa Magnificência
69. Sua Senhoria
70. Sua Reverendíssima
71. Sua Magnificência
72. Sua Excelência Reverendíssima
73. Sua Excelência
74. Vossa Senhoria **entende**...
75. Vossa Excelência **tem** todos os **seus** argumentos...
76. Este
77. Esse
78. Esse
79. Aquele
80. Aqueles
81. Esse
82. Este
83. isto, este, esta, estes, estas
84. isso, esse, essa, esses, essas
85. céu, montanhas
86. (1 aquelas; 2 essa; 3 este)
87. Desta vez serei eu que decidirei meu futuro.
88. O crítico elogiou o filme de que (do qual) Paulo Autran participou.
89. O autor cuja obra foi condenada vive na clandestinidade.

90. Passaram as férias na praia onde (em que/na qual) se conheceram.
91. As tribos, que tiveram contato com a civilização, foram dizimadas por doenças.
92. que (eu) vi
93. de quem (eu) falei
94. por quem (eu) procurava
95. em quem (eu) pensava
96. cujo filho (eu) conheço
97. Chegou a mãe do rapaz a qual encontramos no cinema.
98. Chegou a mãe do rapaz o qual encontramos no cinema.
99. Este é o quarto da casa com o qual Julieta sonha.
100. Este é o quarto da casa com a qual Julieta sonha.
101. A filha de Paulo, a qual fugiu ontem, está sem paradeiro definido.
102. A filha de Paulo, o qual fugiu ontem, está sem paradeiro definido.
103. Qual o seu nome?
104. Quem os apoiaria?
105. Quantos virão para o jantar?
106. O que procuras aqui?
107. a
108. c
109. d
110. b
111. Rasgaram-me a roupa.
112. Confiscaram-lhe(s) os bens.
113. Isso nos roubou a vontade.
114. b
115. c
116. a
117. e
118. d
119. Quem, tudo, tudo
120. Alguns, várias
121. Muitas, pouco
122. Certas
123. Cada, quanto
124. Cada qual
125. Quem quer que, cada um
126. seja quem for
127. A gente, todo mundo, a gente
128. b
129. a
130. a
131. d
132. a
133. A resposta que o examinador esperava era a letra c. Entretanto, a letra b também pode ser respondida, desde que se considere o período como optativo (Tomara que Sua Excelência se sinta à vontade...)
134. b
135. a
136. c
137. b
138. d
139. a/d (até 21/12/2012)
140. e
141. c
142. c
143. b
144. c
145. e
146. a
147. c
148. b
149. d
150. isso
151. isto
152. este
153. Estes
154. essas
155. este
156. aqueles, estes
157. esse
158. Aquele, este
159. Esta, aquelas
160. Aquele, este, esse
161. Este, aquela
162. E
163. E
164. C
165. E
166. C
167. E
168. C
169. C
170. essa, nesta

8 NUMERAL

1. C
2. C
3. E
4. C
5. C
6. C

	Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
7.	um	primeiro, primário, primo	———	———
8.	dois	segundo, secundário	dobro, duplo, dúplice	meio, metade
9.	três	terceiro, terciário	triplo, tríplice, trino	terço
10.	quatro	quarto, quarternário	quádruplo	quarto
11.	cinco	quinto	quíntuplo	quinto
12.	seis	sexto	sêxtuplo	sexto
13.	sete	sétimo, setenário	sétuplo	sétimo
14.	oito	oitavo	óctuplo	oitavo
15.	nove	nono	nônuplo	nono
16.	dez	décimo	décuplo	décimo
17.	onze	undécimo, décimo primeiro	undécuplo	onze avos
18.	doze	duodécimo, décimo segundo	duodécuplo	doze avos
19.	treze	décimo terceiro	———	treze avos
20.	catorze	décimo quarto	———	catorze avos
21.	quinze	décimo quinto	———	quinze avos
22.	dezesseis	décimo sexto	———	dezesseis avos
23.	dezessete	décimo sétimo	———	dezessete avos
24.	dezoito	décimo oitavo	———	dezoito avos
25.	dezenove	décimo nono	———	dezenove avos
26.	vinte	vigésimo	———	vigésimo / vinte e ... avos
27.	trinta	trigésimo	———	trigésimo / trinta e... avos
28.	quarenta	quadragésimo	———	quadragésimo / quarenta e...avos
29.	cinquenta	quinquagésimo	———	quinquagésimo / cinquenta e...avos
30.	sessenta	sexagésimo	———	sexagésimo / sessenta e...avos
31.	setenta	se(p)tuagésimo	———	se(p)tuagésimo / setenta e...avos
32.	oitenta	octogésimo	———	octogésimo / oitenta e... avos
33.	noventa	nonagésimo	———	nonagésimo / noventa e ...avos
34.	cem	centésimo	cêntuplo	centésimo / cento e... avos
35.	duzentos	ducentésimo	———	ducentésimo / duzentos e... avos
36.	trezentos	tricentésimo, trecentésimo	———	tricentésimo, trecentésimo / trezentos e... avos
37.	quatrocentos	quadringentésimo	———	quadringentésimo / quatrocentos e... avos
38.	quinhentos	quingentésimo	———	quingentésimo / quinhentos e... avos
39.	seiscentos	seiscentésimo, sexcentésimo	———	seiscentésimo/sexcentésimo / seiscentos e... avos
40.	setecentos	se(p)tingentésimo	———	se(p)tingentésimo / setecentos e... avos
41.	oitocentos	octingentésimo	———	octingentésimo / oitocentos e... avos
42.	novecentos	nongentésimo, noningentésimo	———	nongentésimo, noningentésimo / novecentos e... avos
43.	mil	milésimo	———	milésimo
44.	milhão	milionésimo	———	milionésimo
45.	bilhão	bilionésimo	———	bilionésimo
46.	trilhão	trilionésimo	———	trilionésimo

47. E
48. C – noningentésimo(a) é forma variável de nongentésimo(a).
49. C
50. E
51. E
52. C
53. C
54. C
55. E (Variam em número: duas década(s) mi-lhar(es))
56. C
57. C
58. C
59. C
60. vinte e quatro milhões, cento e trinta e dois mil, quatrocentos e trinta e seis
61. vinte e dois bilhões, trezentos e trinta e três milhões, quatrocentos e trinta e dois mil, cento e vinte e três
62. C
63. C
64. nove mil e cinquenta e seis
65. nove mil e seis
66. nove mil, cento e cinquenta e seis
67. nove mil, trezentos e vinte
68. nove mil e trezentos
69. um terço
70. dois terços
71. cinco oitavos
72. um oitavo
73. três onze avos
74. um vigésimo
75. sete trigésimos
76. quatro trinta e três avos
77. onze ducentésimos
78. treze duzentos e vinte avos
79. E
80. C
81. E
82. C
83. C
84. C
85. C
86. C
87. E
88. C
89. C
90. onze
91. segundo
92. sexto
93. vinte
94. décimo
95. décimo
96. onze
97. décimo
98. onze
99. primeiro
100. nono
101. dez
102. vinte e cinco
103. primeiro
104. dois
105. vinte e cinco
106. trinta e um
107. um
108. um
109. um
110. um
111. um
112. dois
113. nove
114. vinte e dois
115. dez
116. milésimo se(p)tingentésimo quinquagésimo sétimo
117. quadringentésimo octogésimo sexto
118. oito bilhões, setecentos e vinte e três milhões, oitocentos e quarenta e seis mil, cento e vinte e três reais e trinta e cinco centavos
119. cinco ducentésimos
120. dezoito por cento
121. E (trezentas)
122. E (5 de outubro)
123. C
124. C
125. E (um décimo)
126. E (décimo)
127. E (décimo oitavo)
128. E (quadragésima segunda)
129. C (forma cartorial)
130. Sim, a expressão "nem um" é mais enfática, tem mais energia que "nenhum".

9 VERBO

1. C
2. E
3. E
4. C
5. C
6. C

7. E
8. E
9. C
10. C
11. C
12. C
13. C
14. C
15. C
16. E
17. C
18. C
19. C
20. C
21. C
22. C
23. C
24. E
25. C
26. C
27. C
28. C
29. C
30. E
31. C
32. C
33. C
34. C
35. a, c, b
36. b, a, a
37. C
38. C
39. C
40. C
41. C
42. C
43. C
44. C
45. C
46. C
47. C
48. E
49. C
50. C
51. C
52. C
53. C
54. C
55. C
56. E (compramos)
57. E (compram)
58. C
59. E (puderem)
60. E (compram)
61. C
62. E (chegaram)
63. C
64. C
65. E (chegue)
66. E (tivesse)
67. C
68. C
69. C
70. E (terias chegado)
71. C
72. E (saísse)
73. C
74. C
75. E (chovesse ou fizesse)
76. E (estivessem)
77. E (estiverem)
78. C
79. C
80. C
81. E
82. E
83. C
84. C
85. E
86. C
87. E
88. C
89. E
90. C
91. C
92. C
93. C
94. 1 e 3
95. 2
96. 2
97. 1 e 3
98. Pode entender-se que cada um se molha, ou que um molha o outro e por ele é também molhado, isto é, pode haver só ação reflexiva ou só ação recíproca.
99. Quando se quer expressar reciprocidade, usa-se um advérbio esclarecedor: Eles se molham **mutuamente** (ou **reciprocamente**, ou **um ao outro**...).
100. E
101. C
102. C
103. C
104. C
105. C
106. C
107. C
108. C
109. C
110. E
111. C
112. C
113. C
114. C
115. C
116. C
117. Um presente é trazido por ela.
118. Soluções serão trazidas por ela.
119. Perfume era trazido por ela.
120. Perfumes seriam trazidos por ela.
121. Uns presentes estiveram sendo trazidos por ela.

122. Um presente estará sendo trazido por ela.
123. Uns presentes estariam sendo trazidos por ela.
124. Um presente deverá estar sendo trazido por ela.
125. Procurava-se solução.
126. Pedir-se-ia um favor.
127. Fabricar-se-ão barco aqui.
128. Procuravam-se soluções.
129. Pedir-se-iam uns favores.
130. Fabricar-se-ão barcos aqui.
131. C
132. C
133. E
134. C
135. E
136. C
137. C
138. C
139. Voz ativa
140. Voz passiva. Procuram-se líderes
141. Voz ativa
142. Voz passiva. Não se falavam verdades
143. Voz ativa
144. Voz passiva. Sacou-se a caneta
145. Voz passiva. Focaram-se dois tatus
146. Voz ativa
147. C
148. C
149. C
150. C
151. C
152. C
153. C
154. C
155. C
156. C
157. E
158. C
159. E
160. C
161. C
162. C
163. C
164. C
165. C
166. C
167. C
168. C
169. C
170. C
171. C
172. C
173. C
174. C
175. C
176. C
177. E
178. C
179. C
180. C
181. C
182. C
183. C
184. C
185. E
186. C
187. C
188. C
189. E
190. C
191. C
192. C
193. C
194. C
195. C
196. C
197. E
198. C
199. C
200. C
201. C
202. C
203. C
204. C
205. C
206. C
207. C
208. E
209. C
210. C
211. C
212. C
213. C
214. C
215. E
216. E
217. C
218. C
219. C
220. C
221. C
222. C
223. C
224. C
225. C
226. C
227. C
228. C
229. C
230. C
231. C
232. C
233. E
234. C
235. C
236. C
237. C
238. C
239. C
240. C
241. C
242. C
243. C
244. C

245. C
246. E
247. C
248. C
249. ame, leia, fuja
250. ames, leias, fujas
251. ame, leia, fuja
252. amemos, leiamos, fujamos
253. ameis, leiais, fujais
254. amem, leiam, fujam
255. C
256. E
257. C
258. C
259. C
260. C
261. E
262. C
263. C
264. C
265. corre – corras
266. corra – corra
267. corramos – corramos
268. correi – corrais
269. corram – corram
270. Namore, vibre, corra, pule, divirta-se à vontade.
271. Não namores, não vibres, não corras, não pules, não te divirtas à vontade.
272. Diverti-vos, mas não vos esgoteis.
273. pudera – quando puder – se eu pudesse
274. puderas – puderes – pudesses
275. pudera – puder – pudesse
276. pudéramos – pudermos – pudéssemos
277. pudéreis – puderdes – pudésseis
278. puderam – puderem – pudessem
279. quisera – quiser – quisesse
280. vira – vir – visse
281. viera – vier – viesse
282. houvera – houver – houvesse
283. coubera – couber – coubesse
284. C
285. C
286. C
287. C
288. C
289. E
290. C
291. C
292. E
293. C
294. C
295. C
296. ajo – agi – agiria – R
297. caibo – coube – caberia – I
298. creio – cri – creria – I
299. enxáguo – enxaguei – enxaguaria – R
300. vou – fui – iria – I
301. faço – fiz – faria – I
302. mobílio – mobiliei – mobiliaria – R
Obs.: também existem:
Mobilar: mobilo, mobilei, mobilaria – R
Mobilhar: mobilho, mobilhei, mobilharia – R
303. pulo – poli – poliria – I
304. pulo – pulei – pularia – R
305. possuo – possuí – possuiria – R
306. posso – pude – poderia – I
307. quero – quis – quereria – I
308. requeiro – requeri – requereria – I
309. sou – fui – seria – I
310. sumo – sumi – sumiria – R
311. C
312. C
313. E
314. C
315. C
316. C
317. E
318. E
319. E
320. C
321. C
322. C
323. C
324. C
325. C
326. C
327. C
328. C
329. C
330. C
331. C
332. C
333. C
334. C
335. C
336. C
337. C
338. C
339. E
340. C
341. C
342. C
343. C
344. C
345. E
346. C
347. C
348. C
349. C
350. E – O verbo "estar" não forma voz passiva.
351. C

352. C
353. E
354. E
355. C
356. C
357. E
358. C
359. C
360. C
361. C
362. C
363. C
364. C
365. C
366. C
367. C
368. C
369. E
370. C
371. C
372. C
373. C
374. E
375. C
376. E
377. C
378. C
379. C
380. C
381. E
382. C
383. E
384. C
385. C
386. C
387. C
388. C
389. C
390. C
391. E
392. C
393. E
394. C
395. E
396. C
397. C
398. C
399. C
400. C
401. E
402. C
403. C
404. C
405. C
406. C
407. C
408. E
409. C
410. C
411. C
412. C
413. C
414. E
415. C
416. C
417. C
418. i, i, i, a, a, i
419. C
420. C
421. E
422. C
423. C
424. C
425. E
426. C
427. C
428. C
429. E
430. C
431. C
432. C
433. C
434. C
435. C
436. C
437. C
438. C
439. C
440. E
441. C
442. C
443. C
444. E
445. C
446. C
447. C
448. E
449. C
450. C
451. E
452. C
453. C
454. C
455. C
456. C
457. E
458. C
459. C
460. C
461. C
462. C
463. C
464. C
465. C
466. C
467. C
468. C
469. C
470. C
471. C
472. C
473. E
474. C
475. C
476. C
477. C
478. E
479. C
480. C
481. C
482. C
483. C
484. C
485. C
486. C

487. C
488. C
489. C
490. C
491. C
492. C
493. C
494. C
495. proveste, proveu, provera, proveras, provesse, provesses, provido.
496. C
497. C
498. C
499. C
500. C
501. C
502. C
503. C
504. C
505. C
506. C
507. C
508. C
509. C
510. C
511. E
512. C
513. C
514. C
515. C
516. C
517. C
518. C
519. C
520. C
521. C
522. C
523. C
524. C
525. C
526. C
527. C
528. C
529. C
530. E
531. C
532. C
533. C
534. C
535. C
536. C
537. C
538. C
539. C
540. C
541. C
542. C
543. C
544. E
545. C
546. C
547. C
548. E
549. E
550. C
551. C
552. C
553. C
554. C
555. C
556. C
557. C
558. C
559. C
560. E
561. C
562. E
563. C
564. C
565. C
566. C
567. E
568. C
569. C
570. C
571. C
572. C
573. C
574. C
575. C
576. C
577. C
578. C
579. C
580. E
581. C
582. C
583. C
584. C
585. C
586. C
587. C
588. C
589. C
590. C
591. C
592. C
593. C
594. C
595. C
596. C
597. C
598. C
599. C
600. Vai com Deus, sê feliz e, quando saíres, fecha a porta.
Ide com Deus, sede felizes e, quando sairdes, fechai a porta.
601. recupero – reouve
602. reouvemos – recupera
603. expressado/expresso – exprimido/expresso
604. extinguido/extinto – suspendido/suspenso
605. frigido/frito – aberto
606. abrir
607. vir/direi
608. interveio/quis/propusera
609. averigúe/mobílio
Obs.: existe também: mobilar e mobilhar regulares

610. vier/puder
611. frase correta
612. vier
613. vir/vier (verbo ver e vir)
614. vimos
615. vieres
616. vir
617. vires/vier
618. vimos/viemos
619. vier
620. vir
621. vieres
622. vierdes
623. virem
624. vierem
625. c
626. b
627. e
628. e
629. f
630. a
631. a
632. a
633. b
634. d
635. b
636. pret. imperf. indicativo
637. imperativo afirmativo
638. infinitivo
639. pret. imperf. do subjuntivo
640. pret. imperf. do indicativo
641. gerúndio
642. pret. perf. do indicativo
643. pret. perf. do indicativo
644. futuro do subjuntivo
645. pres. do subjuntivo
646. futuro do presente
647. pret. perfeito do indicativo
648. E
649. C
650. E
651. C
652. C
653. C
654. C
655. C
656. C
657. mantive-me
658. contivesse
659. reouve
660. C
661. C
662. (tu / você)
663. C
664. C
665. C
666. valha/valer
667. possa/puder
668. queira/quiser
669. requeira/requerer
670. ponha/puser
671. veja/vir
672. caiba/couber
673. tenha/tiver
674. trague/tragar
675. traga/trouxer
676. saiba/souber
677. remedeie/remediar
678. formos/opuseram
679. virdes/dobreis
680. vieres/trouxeste
681. propuser/intervenha
682. revirem/mantiverem
683. interveio/compuseram
684. será
685. desavieram
686. d
687. b
688. a) A grosseria de Deus me feriu e insultou-me.
b) A grosseria de Deus me ferira e insultara-me.
689. vires / vires / vires
690. b
691. a
692. a
693. e
694. d
695. e
696. e
697. c
698. d
699. b
700. a
701. c
702. e
703. d
704. c
705. d
706. a) Se compraste a máquina, jura-o.
b) Se compuseste um poema, dize-o (ou di-lo).
707. b
708. e
709. e
710. Não saias daqui! Não fujas! Não abandones o que é teu e não me esqueças.
711. a) reouver;
b) compuser
712. c
713. b
714. c
715. d
716. b
717. b
718. a
719. c
720. d
721. b
722. b
723. d
724. c
725. d
726. e
727. b
728. e
729. E (somam > apresentam; somaram > apresentaram)

10 ADVÉRBIO

1. A menina alta cantava alto.
2. As meninas altas cantavam alto.
3. Eram muitos problemas.
4. Eram problemas muito fáceis.
5. muito pouca – muito pouco admirada
6. E
7. C
8. C
9. E
10. C
11. C
12. E
13. E
14. C
15. C
16. C
17. C
18. E
19. C
20. b
21. e
22. a
23. g
24. f
25. f
26. c
27. d
28. b
29. c
30. d
31. a
32. c
33. d
34. b
35. E
36. E
37. C
38. C
39. E
40. C
41. C
42. C
43. C
44. C
45. C
46. C
47. C
48. E
49. C
50. C
51. C
52. C
53. C
54. C
55. E
56. C
57. C
58. C
59. C
60. C
61. C
62. E
63. C
64. C
65. C
66. C
67. C
68. C
69. C
70. C
71. E

	Adv.	Classif.	Loc.Adv.	Classif.
72.	nunca tão	tempo e negação intensidade		
73.	lá	lugar		
74.	tão cedo	intensidade tempo	Por que	causa
75.	Não onde como	negação lugar modo		
76.	Talvez não quando	dúvida negação tempo		
77.			da Espanha	lugar
78.	muito pouco	intensidade intensidade		
79.	bastante	intensidade		
80.	Meio	intensidade		

11 PREPOSIÇÃO

1. d
2. a
3. e
4. c
5. b
6. i
7. h
8. d
9. c
10. b
11. a
12. g
13. f
14. e
15. j
16. k
17. a
18. b
19. a
20. b
21. b (está subentendido o verbo: *"menos eu (vou)."*
22. c
23. ao/pelo
24. à/pela – com
25. no
26. dessa
27. àquelas
28. para
29. sem
30. por
31. c (ler, falar **sobre** um assunto)
32. d (a ideia é de causa: tiritavam por causa do frio)

12 CONJUNÇÃO

1. C
2. C
3. C
4. C
5. E
6. C
7. C
8. C
9. C
10. C
11. C
12. E
13. C
14. C
15. C
16. C
17. C
18. C
19. c
20. b
21. e
22. e
23. a
24. b
25. c
26. d
27. 3 – 10
28. 5
29. 1 – 8
30. 2 – 8
31. 4 – 5
32. 6 – 10
33. 7 – 5
34. 9
35. C
36. E
37. C
38. C
39. C
40. E
41. C
42. i – n
43. l – m
44. o – c – o
45. o – b – o
46. k
47. h – a – i
48. g – f
49. e – j
50. d – l

13 INTERJEIÇÃO

1. b
2. d
3. e
4. c
5. g
6. f
7. a
8. h
9. j
10. i
11. E
12. C
13. C
14. C
15. E
16. C
17. C
18. C
19. C
20. E "Oh! não me chames assim."

14 SEMÂNTICA

1. d
2. c
3. c
4. d
5. c
6. d
7. a
8. b
9. c
10. d
11. a
12. d
13. c
14. b
15. e
16. e
17. a
18. b
19. d
20. c
21. f
22. e
23. eminente – iminente
24. despercebido
25. discrição
26. prescreveu
27. proscreveu
28. tráfego
29. 1
30. 6, 2
31. 6
32. 6, 1
33. 2
34. 5
35. 5
36. 6
37. 2
38. 1
39. 1
40. 1
41. 2
42. 1
43. 2
44. 2, 1
45. 1, 2
46. 3, 2
47. 2
48. 2, 1
49. 2, 1
50. 2, 1
51. 2, 1
52. 1, 2
53. 2, 1
54. 3
55. 1
56. 2
57. 2, 1
58. 3, 2, 1
59. b
60. c
61. e
62. b
63. a
64. a
65. d
66. b
67. a
68. a
69. e
70. e
71. b
72. a
73. b
74. d
75. d
76. C
77. E
78. C
79. C
80. Amazônia

15 CONCORDÂNCIA NOMINAL

1. C
2. C
3. C
4. C
5. E
6. C
7. E
8. C
9. E
10. os / o
11. os / a
12. as / a
13. os / os
14. os / os
15. os / o
16. o
17. a
18. as
19. os
20. os
21. os
22. os
23. os
24. os
25. os
26. as
27. o

28. Estes
29. Elas
30. as
31. es
32. as
33. as
34. os
35. os
36. sós/só
37. as
38. as
39. as
40. as
41. as
42. os
43. quaisquer
44. os
45. C
46. E
47. C
48. C
49. C
50. E
51. C
52. s – os – os
53. s – as – as
54. s – os
55. o – o
56. o – o
57. o – o
58. ∅
59. a – a – ∅
60. ∅ – s
61. a – a – ∅ – as
62. l – l
63. l – is
64. l – is
65. is – is
66. is – l
67. os
68. os
69. o – o
70. o
71. a – a
72. el
73. eis
74. el
75. el
76. eis
77. el
78. eis
79. eis
80. C
81. C
82. C
83. C
84. E
85. C
86. vistos/visto
87. vistos/vista
88. vistos/vistos
89. vistos/vistas
90. azuis
91. cinza
92. azul-claros
93. azul-marinho
94. verde-mar
95. verde-garrafa
96. cor de safira
97. azul-celeste
98. novos/as
99. brasileiros/a
100. táticos/o
101. honestos
102. bovina
103. belos
104. bom
105. proibido
106. permitida
107. claros
108. autores
109. necessário
110. ovalado
111. meia (hora)
112. meias
113. meio
114. anexos
115. merecedora
116. mesmas
117. mesmo
118. mesmo
119. sós
120. só
121. quite – quites
122. leso – lesa
123. tais qual
124. juntos – junto
125. anexas
126. alerta
127. menos
128. menos
129. salvo
130. salvos
131. pseudo – pseudo
132. baratas – barato
133. caras – caro
134. possíveis
135. claros possível
136. funcionário competentes
137. maravilhosa
138. maravilhoso
139. vistos/o
140. longes – longe
141. cauteloso
142. cautelosos
143. necessária
144. meia – meio
145. bastante – bastantes
146. alerta
147. tal quais
148. Santo

16 CONCORDÂNCIA VERBAL

1. amos – am
2. as – o
3. ais – a
4. am
5. am
6. emos
7. emos
8. eis (ou ão)
9. ão
10. am/a
11. am/a
12. am
13. á
14. á
15. a/am
16. a/am
17. a/am
18. a/am
19. fazem
20. impressionaram
21. aproximem-se
22. Procure
23. casará
24. é
25. amedrontaram
26. amedrontou
27. fizeram
28. viemos
29. fez
30. vim
31. acertaram/ou
32. atingem/e
33. noticiou
34. pediram
35. sorria/m
36. calou/aram
37. entendeu/eram
38. casará
39. reclamou/aram
40. venceram
41. vencemos
42. vencestes
43. chamou/ei
44. chamou/aste
45. chamou/amos
46. chamou/astes
47. convidou/aram
48. cantou/aram
49. sairão/eis
50. compreendem/emos
51. fará
52. fará
53. quebrou/aram
54. surgiu/iram
55. pode
56. duvida
57. duvidam
58. passaram
59. estudou
60. atuaram/ou
61. Entraram
62. passaram
63. surpreende
64. enfeitiçam
65. enfeitiça
66. atravessa
67. haja/m
68. haja
69. haja
70. consertam
71. cobrem
72. Afia
73. Fala
74. Procurava
75. Discute
76. Era – sabia
77. chegou
78. entenderam
79. virá
80. soou
81. batia
82. deu
83. C
84. C
85. E
86. E
87. C
88. C
89. E
90. C
91. e
92. b
93. c
94. d
95. a
96. C
97. C
98. E
99. C
100. E
101. C
102. C
103. Basta
104. Faz
105. haverá
106. Há
107. Hão
108. Vai
109. Vai
110. Havia
111. Existiam
112. Devem
113. Deve
114. Chovia
115. Choviam
116. é
117. são
118. são
119. era/m
120. é/são
121. eras
122. sereis
123. é
124. será
125. é
126. era

127. É
128. Serão
129. Eram
130. São
131. é/são
132. era/m
133. foi
134. era
135. é que – foi – que
136. é que – será – que
137. é que – serão – que
138. c
139. b (quinhentas)
140. sobraram
141. ganha/mos
142. Faltaram – houvesse
143. Voltamos/aram
144. resolveram
145. convenceu
146. concordou/aram
147. será
148. serão
149. sereis/ão
150. almoçaremos
151. concordaram
152. concorda
153. concordam/ais
154. embolaram
155. Havia
156. Haviam
157. existiam
158. nasciam
159. deporá/ão
160. foi/foram
161. Passou/aram
162. tivestes/tiveram
163. poderá
164. acreditou
165. comovem/e
166. fica/m impotente/s
167. prejudica/m
168. fez/fizeram
169. podem
170. pode
171. demoveu/ram
172. prepararam
173. preparou
174. chegou/aram
175. saiu/ram
176. cantava/m
177. convence/m
178. está/ão
179. cumprimentam
180. entende/m
181. sumiram
182. venceremos
183. venceriam
184. é que
185. é que
186. venceria/m
187. venceu/emos
188. concordou/aram
189. chegarão/emos
190. chegarão/eis
191. falou
192. levantou/aram
193. estão
194. estão/está
195. estão
196. gritavam
197. apresentaram
198. continua
199. continuam
200. haja/m
201. haja
202. Procurava
203. Procuravam
204. pensava
205. fazem
206. bateu
207. ajuda
208. pareciam
209. parecia
210. é primeiro
211. serão – foi
212. e
213. d
214. d
215. a
216. a
217. a
218. a
219. d
220. d
221. a
222. b
223. d
224. c
225. b (mesma Petrópolis)
226. d
227. e
228. b
229. c
230. d
231. a
232. E
233. C
234. C
235. E
236. C
237. E
238. C
239. E
240. C
241. C
242. C
243. E
244. E
245. C
246. C
247. C
248. C
249. C
250. C
251. E
252. E
253. E
254. E
255. E
256. C
257. E
258. e
259. b
260. e

17 REGÊNCIA

1. C
2. C
3. C
4. E
5. C
6. C
7. C

Regência Verbal

8. C
9. C
10. C
11. aos
12. à
13. a
14. a ele
15. por
16. -no
17. ao
18. o
19. à
20. a ele
21. nela
22. ao
23. a
24. aos/os
25. a ela
26. os
27. aqueles/àqueles
28. as/às
29. por
30. E
31. C
32. C
33. C
34. ∅
35. às
36. aos
37. da
38. ∅
39. ao
40. o – do
41. de – ∅
42. ∅
43. em
44. ∅
45. Esta medida não implica aumento de custo.
46. ... implicava comigo.
47. ... implicou a mudança...
48. C
49. C
50. C
51. C
52. C
53. C
54. E
55. C
56. a
57. de
58. a
59. o – do
60. a/da
61. E
62. E
63. C
64. ∅*
65. ∅*
66. ∅*
67. aos
68. a
69. a
70. às
71. o
72. ao
73. a que
74. os
75. a
76. aos
77. ∅ – a
78. ∅ – a
79. ∅ – a
80. E
81. C
82. C
83. o
84. aos
85. que
86. que
87. ao
88. a que
89. ∅
90. ∅
91. ao – ∅ (a primeira é mais aceita)
92. tu – ti
93. eu – mim
94. eu – tu

As construções consideradas melhores são 95 e 98.

99. E
100. C
101. C Ele pedia (permissão) a José para sair.
102. C
103. Não perguntou o de que falávamos.
104. Não sei o em que pensar.
105. C
106. E
107. C
108. C
109. C
110. Havemos ou hemos pensado, havíamos dito.

* Normalmente a resposta é sem preposição, a não ser que o texto dê a entender que o sujeito namore uma pessoa, ao lado ou em companhia de outra.

111. Como vocês houveram tanto dinheiro?
112. Como eu me houve na festa?
113. Tu vais haver-te com ela. Tu te vais haver com ela.
114. Hemos ou havemos admiração por você.
115. Vós havíeis por correta aquela fala.
116. Vós houvestes por bem concordar.
117. as
118. lhe
119. lhe
120. a
121. lhe
122. a ele
123. a ela, a
124. Aceito seu protesto, mas não concordo com ele.
125. Amo meus filhos e lutarei por eles.
126. Oração correta.
127. Conheço as leis e obedeço a elas.

Regência Nominal

128. C
129. C
130. C
131. E
132. C
133. C
134. C
135. C
136. Ele é contrário a metiras e impaciente com elas.
137. aos
138. por
139. por
140. de
141. de
142. C
143. E
144. C
145. C
146. E
147. C
148. E
149. C
150. E
151. C
152. E
153. C
154. E
155. C
156. C
157. C
158. C
159. C
160. E
161. C
162. C
163. E
164. E
165. C
166. E
167. C
168. E
169. C
170. E
171. C
172. E
173. C
174. a
175. a (~~lhe~~, a ele)
176. d
177. e
178. b
179. c
180. a
181. a
182. d
183. b

18 COLOCAÇÃO OU TOPOLOGIA PRONOMINAL

1. a
2. a
3. b
4. a
5. b
6. a
7. a
8. b
9. a
10. a
11. a
12. a
13. a
14. a
15. a
16. a
17. a
18. a
19. a
20. a
21. a
22. a, c
23. a
24. a
25. a
26. a
27. a
28. a
29. a
30. a
31. a
32. a
33. a

34. a
35. a
36. a
37. a
38. E
39. E
40. C
41. E
42. E
43. C
44. C
45. C
46. b
47. b
48. b
49. b
50. b
51. b
52. b
53. b
54. C
55. C
56. C
57. C
58. E
59. C
60. E
61. C
62. C
63. C
64. Resposta pessoal
65. A forma 1
66. C
67. E (pronome reto)
68. E (pronome reto)
69. C
70. C
71. C
72. E (pronome reto)
73. E (pronome reto)
74. E (pronome reto)
75. C
76. C
77. E
78. E
79. C
80. E
81. C
82. C
83. E
84. C
85. E
86. 67, 72, 78, 83, 84
87. e
88. a
89. d
90. b
91. b
92. c
93. 2
94. 2
95. 2
96. 2
97. 1
98. 2
99. 1
100. 1
101. 1
102. 1
103. 1, 4
104. 1
105. 1
106. 1, 3
107. 2
108. 2, 4/5
109. 1/2
110. 1
111. 1/2
112. 1
113. 1
114. 1
115. 1
116. 1
117. 2
118. 1
119. 1
120. 2
121. 1
122. 1
123. 2
124. Ser-me-á bastante fácil.
125. Beijá-la-ei mais.
126. Perdoar-te-ei.
127. Trar-me-ás resposta.
128. Fá-lo-á bem.
129. Por-nos-emos a seu dispor.
130. e
131. d
132. a

19 CRASE

1. E
2. C
3. E
4. C
5. C
6. C
7. do
8. ao
9. daquele
10. C
11. C
12. E
13. C
14. C
15. E

16. C
17. C
18. E (**aquele** e **aquilo** não são femininos e podem ter crase)
19. C
20. C
21. a
22. à
23. a
24. às
25. E
26. C
27. C
28. ...à procura de ... À medida que ... à proporção que ...
Àquela hora ... à farta ... às claras ... às escondidas ... às pressas ... à larga.
29. ... à padaria, à manicura, à modista ... à repartição ... à estação a tempo ... a levaria a Recife ... a Portugal ... à (ou a) Espanha, à (ou a) França, à (ou a) Inglaterra, à (ou a) Holanda e a Israel ... a primeira vez, a Europa ... à (ou a) África.
30. à
31. a
32. às
33. As
34. a
35. às
36. àquele ... à que
37. a cuja
38. àquilo
39. aquela ... a que
40. a belas casas = casas vagas, indefinidas, generalizadas.
às belas casas = casas definidas na cabeça do emissor e do receptor.

41 e 42. As segundas frases, pela presença do artigo definido, dão ideia de maior concretude, maior proximidade real, maior intimidade com o que se nomeia (a casa).

43. até, até ao
44. até, até à
45. até, até àquele
46. C
47. C
48. C
49. E
50. C
51. C
52. C
53. E
54. C
55. C
56. C
57. E
58. Quando se usa o artigo definido, o campo semântico do substantivo fica definido, especificado, bem conhecido de emissor e receptor. É o caso das segundas frases: **à** Ester, **à** Marlene, **ao** Ernesto. Nas primeiras frases, Ester, Marlene e Ernesto, por **não** terem artigo definido, têm um sentido vago, mais distante, menos íntimo.
59. b, c
60. C
61. C
62. à
63. à
64. A crase é da **preposição a** com o **artigo feminino a**. Antes de masculino, não se usa artigo feminino.
65. Antes de verbo não se usa artigo feminino.
66. Antes de pronomes pessoais não se usa artigo.
67. Antes de pronomes de tratamento não se usa artigo, exceto Madame, Senhora, Senhorita e Dona.
68. E
69. C
70. E
71. C
72. E
73. C
74. C
75. C
76. obrigatória: à (compare com o exercício 69)
77. obrigatória: à (compare com o exercício 69)
78. obrigatória: à (compare com os exercícios 71 e 73)
79. facultativa: a/à (compare com os exercícios 74 e 75)
80. Porque não pode haver artigo definido antes de artigos ou pronomes indefinidos.
81. a
82. a
83. a
84. a
85. Porque não pode haver artigo definido antes de pronome demonstrativo.

86. Porque não há artigo. Se antes de plural houvesse artigo, teria o artigo que estar no plural: Refiro-me **às** pessoas.
87. à
88. a
89. a
90. A, a
91. à, à
92. a, à, a
93. a/à, a, a, às/a
94. a, a
95. a, a (Se for **ao** Júpiter, será, por paralelismo, **à** Minerva. Mas pode-se quebrar o paralelismo. *Vide* página 371).
96. a
97. à porta
98. a casa, à/a sua mãe
99. à, à
100. a este, àquele
101. à/a, à, à
102. à casa dos pais
103. a
104. à, à, à, à
105. a, a, a
106. à/a, à
107. a, a
108. a, à
109. à, à, a
110. Às, à
111. a, à, a
112. À medida que ... à/a Dona ... à Senhorita ... à Madame.
113. a enorme depressão ... a Brasília ... a pessoas ... às irmãs de seu pai.
114. à, à, à
115. às
116. à
117. às
118. a
119. a
120. a
121. a
122. c
123. c
124. c
125. b
126. a
127. b
128. e
129. a
130. a
131. d
132. a

20 PONTUAÇÃO

1. C
2. C
3. C
4. E
5. C
6. C
7. C
8. C
9. E
10. C
11. É necessário lealdade, honestidade, coragem, desprendimento.
12. Nós o encontramos alegre, bem disposto e descansado.
13. Toda criança precisa de carinho, de atenção, de educação.
14. Consciente de sua responsabilidade, o advogado pediu tempo para estudar.
15. A empresa, premida pelas dificuldades, quase fechou as portas.
16. O ministro, ainda doente, voltou a despachar em seu gabinete.
17. No Primeiro Mundo, boicotes costumam dar resultados.
18. A televisão, na noite de sexta-feira, revelou as causas do acidente.
19. Os técnicos tentaram, apesar dos empecilhos, explicar o raro fenômeno.
20. Um caso assim, é preciso estudá-lo cuidadosamente.
21. Aos turistas, não lhes importa como chegarão até lá.
22. O contrato, convém assiná-lo o quanto antes.
23. O mesmo estudo, porém, mostra que a situação pode melhorar.
24. Essa não é, contudo, a prática na companhia.
25. Já vai longe o tempo da censura; direi o que quiser, pois.
26. Rafael, médico-gerente de laboratório, criou um manual para emergências.

27. Esse empresário era casado com Heloísa, uma ex-bailarina.
28. Na dúvida, senhores jurados, o réu deve ser favorecido.
29. Jaime estava feliz; Zeca, tranquilo.
30. Vera compreendeu tudo; Cláudio, quase tudo.
31. Sandra estava radiante; Rosa, eufórica.
32. Esses países, inclusive o Sudão, são governados por fundamentalistas.
33. Exceto você, todos já sabiam das mudanças.
34. Em compensação, o país tem batido recordes de crescimento econômico.
35. Os lábios tentaram abrir-se num sorriso, mas desistiram e fecharam-se.
36. Acordava, tomava café, lia o jornal e ia para o aeroporto.
37. Ele era metódico, portanto não deixaria de telefonar.
38. O leite, que contém cálcio, é excelente alimento para as crianças que são desnutridas.
39. Meu pai, que falava quatro línguas, julgava-se superior às pessoas que só sabiam a língua materna.
40. Os empresários que vieram querem erguer grandes hotéis, que atrairão turistas.
41. Para usufruir de todas as vantagens, os turistas se dispõem a pagar mais.
42. Examinando-se a disputa atual nas capitais, a proposta parece vir a calhar.
43. Confirmadas as informações divulgadas pelos jornalistas, o jogador teve de desdizer-se.
44. O projeto, apesar de merecer alguns reparos, parece melhorar a vida do contribuinte.
45. Qualquer pessoa, conforme se divulgou na imprensa, terá acesso às informações sobre andamento de processos.
46. Nós, para garantir nossos direitos, contamos com a Justiça.
47. d
48. c
49. b
50. a
51. a/c
52. a/c
53. b
54. e
55. b
56. a
57. d/b
58. d
59. c
60. C
61. E
62. C
63. C
64. C
65. E
66. C
67. C
68. C
69. C
70. C
71. E
72. C
73. a
74. d
75. a
76. c
77. d
78. e
79. b
80. b
81. d
82. d
83. e
84. c
85. a
86. b
87. b
88. a
89. c
90. b
91. a
92. e
93. a
94. a
95. d
96. b
97. b (orações de sujeitos diferentes ligadas por **e**)
98. (a) e (e) C, sujeitos diferentes
(b) E, oração adversativa
(c) C, ênfase
(d) C, polissíndeto
99. C
100. c

Bibliografia

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa**. São Paulo: Global, 2009.

ALMEIDA, N. M. de. **Gramática Metódica de Língua Portuguesa**. 40. ed. São Paulo: Saraiva, 1995.

BECHARA, E. **A Nova Ortografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. rev. e ampl. 14. reimpressão. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BRASIL, Presidência da República. **Manual de Redação da Presidência da República**. Gilmar Ferreira Mendes [*et al.*]. Brasília: Presidência da República, 1991.

CAMARA JR., J. M. **Manual de Expressão Oral e Escrita**. Petrópolis: Vozes, 1986.

———. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

CEGALLA, D. P. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. 41. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1998.

CRUZ, J. M. da. **Português Prático: Gramática**. 29. ed. São Paulo: Melhoramentos, s/d.

CUNHA, C. F. da. **Gramática da Língua Portuguesa**. 11. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1985.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DORNELLES, J. A. F. **A Gramática do Concursando**. 2. ed. Brasília: Vestcon, 1996.

FERNANDES, F. **Dicionário de Regimes de Substantivos e Adjetivos**. 23. ed. São Paulo: Globo. 1995.

———. **Dicionário de Verbos e Regimes**. 40. ed. São Paulo: Globo, 1995.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.

FERREIRA, A. B. de H.; PEREIRA, M. da C. **Novo Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1961.

GARCIA, O. M. **Comunicação em Prosa Moderna**. 12. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1985.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KURY, A. da G. **Ortografia, Pontuação, Crase**. 2. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1986.

LIMA, R. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 15. ed. refundida. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1972.

LUFT, C. P. **Dicionário Prático de Regência Nominal**. São Paulo: Ática, 1992.

———. **Dicionário Prático de Regência Verbal**. São Paulo: Ática, 1993.

———. **Gramática Resumida**. 8. ed. Porto Alegre: Globo, 1978.

———. **Grande Manual de Ortografia Globo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1989.

———. **Novo Guia Ortográfico**. 18. ed. Porto Alegre – Rio de Janeiro: Globo, 1986.

MELO, G. C. de. **Gramática Fundamental da Língua Portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.

MESQUITA, R. M.; MARTOS, C. R. **Gramática Pedagógica**. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1980.

OITICICA, J. **Manual de Análise**. 2. ed. 1923.

REIS, O. **Breviário da Conjugação de Verbos**. 38. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1978.

RIBEIRO, M. P. **Gramática Aplicada da Língua Portuguesa**. 20. ed. Rio de Janeiro: Metáfora, 2011.

Formato
17,5 x 21,5cm

Mancha
13 x 17,5cm

Papel
Pólen soft

Gramatura
80 g/m^2

Número de páginas
442

Impressão e acabamento

Vestcon

SEPN 509 Ed. Contag 3º andar CEP 70750-502 Brasília/DF
SAC: (61) 3034 9588 Tel.: (61) 3034 9576 Fax: (61) 3347 4399
www.vestcon.com.br

Ernani Pimentel

Objetivo Conquistado
Simplifica o ensino da Língua Portuguesa, fazendo o estudioso entender, com profundidade e clareza, suas construções e significados.

Finalidade
Preparação para a vida toda e para qualquer tipo de concurso de nível médio e superior, vestibular, PAS, OAB, ENEM...

Método
A prática é o caminho para o bom uso e entendimento das estruturas linguísticas. O estudante é levado constantemente a interagir com o autor e assume, de maneira ímpar, uma postura claramente ativa no processo ensino-aprendizagem que se baseia em mais de 3.400 exercícios resolvidos de concursos e outras provas de âmbito nacional, estadual, distrital e municipal, realizadas até o ano em curso.

Recursos
O leitor é constantemente desafiado a considerar certas ou erradas as afirmações agrupadas. Com isso, constrói seu raciocínio, organizado e claro, sobre Fonologia, Morfologia, Concordância, Regência, Colocação, Crase, Pontuação e Princípios Estruturais das Frases, tudo o de que precisa para expressar-se bem, sem a necessidade de conhecer com profundidade Análise Sintática.

Recurso Extra
Videoaulas com o autor na internet.
Visite o *site* www.vestcon.com.br e assista às aulas ministradas pelo próprio autor, com direito a desconto pela aquisição deste livro.

Por tudo isso, você não precisa descascar a laranja, tirar-lhe a pele, separar os caroços. Nós lhe oferecemos o suco pronto. Saboreie-o.

LLP14

ISBN 978-85-381-0671-5

9 788538 106715

www.Vestcon.com.br

Ernani Pimentel

Gramática pela Prática

15ª edição

SEGUNDO A NOVA ORTOGRAFIA

Vestcon

Gramática pela Prática

Ernani Pimentel

Gramática pela Prática

Escritor, gramático e professor com formação em Língua Portuguesa, Latim, Linguística, Análise de Texto, Teoria e Análise Literária. Ernani Pimentel é pesquisador de Língua Portuguesa há quarenta e oito anos, autor de mais de 10 mil páginas didáticas e de livros que são *best-sellers* nessa área. Já teve mais de quinhentos e cinquenta mil alunos presenciais nos estados de Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, Goiás, Tocantins e Distrito Federal. Hoje leciona para milhares de alunos na internet, via www.vestcon.com.br.

Contempla antiga e nova ortografias. Ambas em vigor até 31 de dezembro de 2012.

15ª edição
Revista e Ampliada
Adota a Nova Ortografia

Vestcon

Brasília
2012

© 2012 Vestcon Editora Ltda.

Todos os direitos autorais desta obra são reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/2/1998. Proibida a reprodução de qualquer parte deste livro, sem autorização prévia expressa por escrito do autor e da editora, por quaisquer meios empregados, sejam eletrônicos, mecânicos, videográficos, fonográficos, reprográficos, microfílmicos, fotográficos, gráficos ou outros. Essas proibições aplicam-se também à editoração da obra, bem como às suas características gráficas.

Pimentel, Ernani.
Gramática pela prática / Ernani Pimentel. – 15. ed. – Brasília : Vestcon, 2012.
442 p. : il. ; 21 cm.

ISBN 978-85-381-0671-5

1. Língua portuguesa – gramática. I. Título.

CDU 81'36

DIRETORIA EXECUTIVA
Norma Suely A. P. Pimentel

PRODUÇÃO EDITORIAL
Fabrícia de Oliveira Gouveia

EDIÇÃO DE TEXTO
Isabel Cristina Aires Lopes
Cláudia Freires

ASSISTENTE EDITORIAL
Gabriela Tayná Moura de Abreu

AUXILIAR DE PRODUÇÃO
Geane Rodrigues Rocha

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA
Marcos Aurélio Pereira

REVISÃO
Fábio Marques Rezende
Liv Chamma
Naiane B. Francischetto

CAPA
Agnelo Pacheco
Bertoni Design

EDITORA FILIADA

Vestcon

SEPN 509 Ed. Contag 3° andar CEP 70750-502 Brasília/DF
SAC: (61) 3034 9588 Tel.: (61) 3034 9576 Fax: (61) 3347 4399

www.vestcon.com.br

Atualizado até 4/2011
Publicado em 4/2012
(LLP14)

Situe-se

Este livro faz parte do **Curso de Língua Portuguesa do Professor Ernani Pimentel**, constituído por uma trilogia:

1. GRAMÁTICA PELA PRÁTICA
2. ANÁLISE SINTÁTICA VISUAL
3. INTELECÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

GRAMÁTICA PELA PRÁTICA (LIVRO E CURSO *ONLINE*)
Desenvolvimento racional e fixação pela prática dos conceitos de Fonologia, Morfologia, Estrutura e Formação de Palavras, Ortografia, Regência Verbal e Nominal, Crase, Concordância Verbal e Nominal, Colocação Pronominal, Pontuação e Semântica, com o intuito de proporcionar ao interessado uma visão objetiva, clara e segura da Língua Portuguesa, que o tornará, em pouco tempo, apto a entender e escrever corretamente, inclusive para prestar exames e concursos, sem a necessidade de conhecer profundamente Análise Sintática.

ANÁLISE SINTÁTICA VISUAL (LIVRO E CURSO *ONLINE*)
Apresentação e treino, de maneira profunda, sintética e fácil, dos fundamentos da Análise Sintática para os que pretendem conquistar um conhecimento mais consistente da nossa estrutura linguística, ou que querem passar em provas e concursos que exigem essa matéria.

INTELECÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS (LIVRO E CURSO *ONLINE*)
Exposição e treinamento, em linguagem clara e sucinta, de conceitos como Linguagem, Língua, Fala, Tipos de Signo, Elementos da Comunicação, Funções da Linguagem, Prosa, Poema, Poesia, Sincronia, Diacronia, Narração, Descrição, Dissertação, Níveis de Fala, Tipos de Norma, Tipos de Discurso, Tipos de Narrador, Figuras de Linguagem, Qualidades e Vícios de Linguagem, Coesão e Coerência... ferramentas necessárias a uma abordagem consciente e racional de textos informativos e literários, cujo conhecimento, direta ou indiretamente, é cobrado nas provas de intelecção e interpretação de textos. Mais de 480 exercícios propostos, corrigidos e/ou comentados, findos os quais o estudioso se sentirá competente e capaz no que se refere à construção e leitura de qualquer tipo de texto.

Apresentação Rápida

Destinação
Professores, universitários, concursandos, vestibulandos, profissionais liberais, comunicadores e você que, de vez em quando, tem dúvida.

Assunto
Fonologia, Ortografia, Morfologia, Estrutura e Formação de Palavras, Concordância, Regência, Colocação, Crase, Pontuação e princípio estrutural das frases. Tudo de que se necessita para escrever e falar corretamente o Português de hoje, no Brasil, e para passar em concursos de nível médio e superior, vestibulares, ENEM, PAS, OAB...
Cuidado prévio: foram estudados, comparados e coligidos os autores nacionais mais respeitados pelas universidades brasileiras e pelos mais avançados órgãos elaboradores de concursos.

Diferencial
A prática como caminho da teoria. O interessado pratica, entende, conclui e fixa a estrutura das frases e seus significados. Absorve o uso da Norma Culta, ou Padrão, do idioma pelo raciocínio conduzido passo a passo e pela repetição das fórmulas consagradas e oficializadas.

Motivação
Eliminação do mito de que é preciso saber muita teoria além de toda a Análise Sintática para escrever e falar bem. Demonstração de que se pode saber Sintaxe com apenas uns mínimos rudimentos de Análise Sintática.

Técnica de Abordagem
Variável de acordo com o assunto, de forma a facilitar o aprendizado. As técnicas escolhidas foram consagradas ao longo de mais de trinta e cinco mil horas-aula e mais de quinhentos e cinquenta mil alunos. A teoria, exposta com um mínimo de palavras em relação às gramáticas tradicionais, transmite-se de maneira prática, direta e consistente.

Orientação de Uso
O interessado deve fazer a lápis os exercícios de cada comando, conferir com o gabarito e refazer os errados. Assim que os exercícios estiverem corretos, ir adiante. Terminado um capítulo, voltar ao início do livro e ler, no sumário, os assuntos estudados, para mais tarde saber localizar onde esclarecer suas dúvidas. Pronto? Passar ao capítulo seguinte.

Recurso Extra
Videoaulas com o autor na internet.
Visite o *site* **www.vestcon.com.br** e assista às aulas ministradas pelo próprio autor, com direito a desconto pela aquisição deste livro.

Palavras do Autor

Caro estudioso,

Este livro é resultado de muitos anos de carinho e dedicação à tarefa de simplificar o estudo da Língua Portuguesa, sob o enfoque da profundidade e da abrangência.

Separe de duas a três horas por dia – você consegue – e dois ou três meses bastam para mudar e ampliar, de uma vez, sua visão e conhecimento a respeito da Língua Portuguesa.

Ao término desse tempo, você terá conquistado confiança em sua própria capacidade de escrever bem, além de poder sair-se vitorioso em provas e concursos de nível médio e superior, vestibulares, PAS, ENEM, OAB...

Antecipadamente, agradeço, de coração, as sugestões que queira enviar, ou dúvidas e questões que constituam desafio para alunos e professores.

Ernani Pimentel
linguaportuguesa@vestcon.com.br

Sumário

1 FONOLOGIA, DIVISÃO SILÁBICA E TRANSLINEAÇÃO

Estudo dos fonemas ____ 25
Sílaba ____ 25
Fonema ____ 25
Fonema ≠ Grafema ____ 26
Tipos de fonemas ____ 26
Vogal ____ 26
Semivogal ____ 27
Consoante ____ 28
Encontros Vocálicos ____ 29
Ditongo crescente ____ 29
Ditongo decrescente ____ 29
Tritongo ____ 29
Hiato ____ 29
Encontros Consonantais ____ 30
Descontínuos ou separáveis ____ 30
Contínuos, reais ou inseparáveis ____ 30
Dífono ____ 30
Dígrafo ____ 30
Divisão Silábica ____ 30
Translineação ____ 31

2 ESTRUTURA E FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Palavra, Fonema, Morfema, Semantema, Unidade Mórfica ____ 37
Palavra Primitiva, Derivada, Cognata, Família de Palavras ____ 38
Palavra Primitiva ____ 38
Palavra Derivada ____ 38
Palavra Cognata ____ 39
Família de Palavra ____ 39
Radical, Prefixo, Sufixo ____ 39
Raiz ≠ Radical ____ 40
Raiz ____ 40
Radical ____ 40
Tema, Vogal Temática, Afixo (prefixo e sufixo) e Desinência ____ 41
Tema ____ 41
Vogal Temática ____ 41
Desinência ____ 42
Afixo ____ 42
Prefixo ____ 42
Sufixo ____ 42
Vogal e Consoante de Ligação ____ 43
Formação de Palavras: Derivação, Composição, Hibridismo ____ 44
Derivação ____ 45
Derivação Prefixal ____ 45
Derivação Sufixal ____ 45
Derivação Prefixal e Sufixal ____ 45

Derivação Parassintética ou Circunfixal 45
Derivação Regressiva 45
Derivação Imprópria ou Conversão 46
Derivação por Abreviação ou Redução 46
Derivação por Reduplicação 46
Derivação por Combinação 46
Derivação por Intensificação 47
Composição 47
Composição por Justaposição 47
Composição por Aglutinação 47
Hibridismo 47

3 ORTOGRAFIA

Alfabeto 52
Uso de K, W, Y 52
Uso do H, h 53
Uso das Letras 54
Uso do Hífen (norma antiga) 59
Uso do Hífen (norma nova) 66
Não se Usa Hífen 74
Hífen Repetido 76
Uso dos Porquês 77
Mal ≠ Mau 79
Onde ≠ Aonde 80
Abreviaturas, Siglas, Símbolos 80
Acentuação Gráfica (norma antiga) 81
Acentuação Gráfica (norma nova) 89

4 SUBSTANTIVO

Definição 97
Locução substantiva 97
Classificação 97
Concreto 97
Abstrato 97
Próprio 98
Comum 98
Coletivo 98
Flexão 98
Flexão de gênero 99
Masculino 99
Feminino 99
Comum de dois 99
Sobrecomum 99
Epiceno 99
Formação do feminino 100
Femininos especiais 102
Flexão de número 104
Singular 104
Plural 104
Pluralia tantum 104

Formação do plural 104
Plural com metafonia 109
Plural dos compostos ligados por hífen 112
Flexão de grau 116
Aumentativo 116
Diminutivo 116
Sentidos afetivo e pejorativo 116

5 ARTIGO

Definição 121
Classificação 121
Definido 121
Indefinido 121
Uso do Artigo 121

6 ADJETIVO

Definição 125
Adjetivo Restritivo 125
Adjetivo Explicativo 126
Adjetivo Antes ou Depois de Substantivo 126
Locução Adjetiva 126
Flexão 127
Flexão de gênero 127
Adjetivo biforme 127
Adjetivo uniforme 127
Flexão de número 128
Flexão de grau 129
Grau comparativo 129
Grau superlativo 130
Como diferençar adjetivo de substantivo 133

7 PRONOME

Definição 135
Papel dos Pronomes 135
Pronome substantivo 135
Pronome adjetivo 135
Classificação e Emprego dos Pronomes 136
Pronomes pessoais 136
Pronomes de tratamento 141
Pronomes demonstrativos 143
Pronomes relativos 146
Pronomes relativos e ambiguidade 149
Pronomes interrogativos 149
Pronomes possessivos 150
Pronomes indefinidos 151
Locução Pronominal Indefinida 151

8 NUMERAL

Definição e Classificação 157
Papel dos Numerais 157

Numeral substantivo 157
Numeral adjetivo 157
Emprego dos Numerais 158
O e UM: artigo, pronome, ou numeral? 164

9 VERBO

Definição Provisória 165
Estrutura dos Verbos – Conjugações (1ª, 2ª e 3ª) 165
Números e Pessoas Verbais – Desinências 166
Quadro de desinências número-pessoais 167
Modos Verbais 167
Indicativo, subjuntivo, imperativo 167
Subjuntivo não subordinado 168
Tempos Verbais 168
Presente, pretérito e futuro 168
Presente e pretérito (passado) do indicativo 169
Presente e futuro do presente do modo indicativo 169
Correlação de Tempos ou *Consecutio Temporum* 170
Quadro de Desinências Modo-temporais e Número-pessoais 171
Vozes Verbais 172
Voz ativa 174
Voz passiva 174
Voz passiva e passividade 174
Voz passiva analítica 175
Voz passiva sintética 175
Voz reflexiva 175
Voz reflexiva recíproca 175
Mudança de voz 176
Passagem da ativa para a passiva analítica 176
Passagem da ativa para a passiva sintética 177
Aspectos Verbais 178
Paradigmas das Três Conjugações Regulares – Tempos Simples: **amar**, **vender**, **partir** 179
Infinitivo impessoal 179
Modo indicativo 179
Presente 179
Pretérito perfeito 180
Pretérito imperfeito 180
Pretérito mais-que-perfeito 181
Futuro do presente 181
Futuro do pretérito 182
Modo subjuntivo 182
Presente 182
Pretérito imperfeito 183
Futuro 183
Modo imperativo 184
Imperativo afirmativo 184
Imperativo negativo 184
Formas nominais do verbo 185
Infinitivo: impessoal e pessoal 186

Gerúndio 186
Particípio 186
Conjugação dos Verbos **ter**, **haver**, **ser** e **estar** 187
Uso de **ter**, **haver**, **ser** e **estar** como auxiliares 190
Paradigmas das Três Conjugações Regulares – Tempos Compostos: **ter amado**, **ter vendido**, **ter partido** 191
Paradigma da Voz Passiva 192
Formas Rizotônicas e Arrizotônicas 195
Definição Abrangente de Verbo 196
Locução Verbal 196
Verbo auxiliar e verbo principal 196
Formação de Tempos e Modos 197
Derivado do presente do indicativo 197
Presente do subjuntivo 197
Derivados dos presentes do indicativo e subjuntivo 198
Imperativos afirmativo e negativo 198
Derivados do pretérito perfeito 199
Mais-que-perfeito do indicativo 199
Futuro do subjuntivo 199
Imperfeito do subjuntivo 199
Derivados do infinitivo impessoal 201
Imperfeito do indicativo 201
Futuro do presente 201
Futuro do pretérito 201
Particípio 201
Gerúndio 201
Infinitivo pessoal 201
Classificação do Verbo quanto ao Modelo de Conjugação 202
Verbo regular 202
Verbo irregular 202
Irregularidade e variação gráfica 202
Metafonia ou alteração de timbre vocálico 203
Como saber se um verbo é regular 203
Verbo anômalo 203
Verbo defectivo 203
Verbo unipessoal 204
Verbo impessoal 204
A respeito de defectivos, unipessoais e impessoais 204
Verbo abundante 205
A respeito de abundantes 205
Relação de verbos abundantes no particípio 205
Verbo Pronominal e Voz Reflexiva 208
Paradigma de Conjugação Pronominal e Reflexiva 209
Classificação do Verbo quanto à Função 214
Verbo principal 214
Verbo auxiliar 214
Uso dos Particípios: Regular e Irregular 215
Conjugação de Verbos Regulares, Irregulares, Defectivos, Anômalos e Abundantes que Requerem Atenção 215

1ª Conjugação

Abalroar 220
Abençoar 220
Abotoar 220
Abreviar 218
Acarear 217
Acariciar 218
Aceitar 205
Adequar(-se) 221
Adiar 218
Afiar 218
Afoguear 217
Agoniar 218
Agraciar 218
Aguar 221
Alardear 217
Aliar 218
Aliviar 218
Amaciar 218
Ampliar 218
Amuar 221
Anexar 206
Angariar 218
Ansiar 219
Antiquar 221
Anunciar 218
Apaniguar 221
Apaziguar 221
Apear 217
Aperrear 217
Apiadar(-se) 220
Apiedar(-se) 220
Apreciar 218
Apropinquar(-se) 221
Arear 217
Arrear 217
Arrepiar 218
Assediar 218
Assentar 206
Assoar 220
Assobiar 218
Associar 218
Assoviar 218
Ataviar 218
Atear 217
Atuar 221
Autuar 221
Avaliar 218
Averiguar 221
Aviar 218
Balbuciar 218
Baquear 217
Beneficiar 218
Bloquear 217
Caçoar 220
Caluniar 218
Cambalear 217
Capitanear 217
Cear 217
Chiar 218
Circundar 216
Clarear 217
Coar 220
Confiar 218
Consignar 223
Constar 216
Continuar 221
Contrariar 218
Coxear 217
Criar 218
Cultuar 221
Dar 216
Deliciar 218
Delinqüir/delinquir 221
Desaguar 221
Desdar 216
Desfiar 218
Desnortear 217
Despertar 206
Dignar(-se) 223
Dispersar 206
Doar 220
Eclipsar 223
Encruar 221
Enfiar 218
Ensaboar 220
Entregar 206
Enunciar 218
Enviar 218
Enxaguar 221
Enxugar 206
Esfriar 218
Espiar 218
Estagnar 223
Estar 187
Estrear 218
Evidenciar 218
Expiar 218
Expressar 206
Expulsar 206
Extasiar 218
Falsear 217
Fartar 206
Fiar 218
Findar 206
Folhear 217
Frear 217
Galantear 217
Ganhar 206
Gastar 206
Golpear 217
Graduar 221
Granjear 217
Grassar 216
Guerrear 217
Habituar 221
Hastear 217
Historiar 218
Idear 218
Impugnar 223
Incendiar 219
Indignar(-se) 223
Injuriar 218
Insertar 206
Isentar 206
Jejuar 221
Juntar 206
Limpar 206
Magoar 220
Matar 206
Mediar 219
Menear 217
Miar 218
Minguar 221
Mobilar 219
Mobilhar 219
Mobiliar 219
Negociar 218/219
Nomear 217
Nortear 217
Obliquar(-se) 221
Obstar 223
Obviar 220
Odiar 219
Oficiar 218
Optar 223
Pagar 206
Palmear 217

Passear 217
Patentear 217
Pegar 206
Pentear 217
Persignar(-se) 223
Piar 218
Planear 217
Porfiar 218
Precatar(-se) 217
Premiar 218/219
Prenunciar 218
Prestar 216
Principiar 218
Procriar 218
Pronunciar 218
Propugnar 223
Pugnar 223
Raptar 223
Reboar 220
Recear 217
Recrear 217
Recriar 218
Refrear 217
Regatear 217
Relampaguear 217
Relampear 217
Relampejar 216
Remediar 219
Renunciar 218
Repugnar 223
Resfolegar 222
Resfolgar 223
Resignar(-se) 223
Restar 216
Ritmar 223
Rodear 217
Saborear 217
Saciar 218
Salvar 206
Saquear 217
Sediar 218
Semear 217
Sepultar 206
Serpear 217
Serpentear 217
Soar 220
Sobestar 216
Sobrestar 216
Soltar 207
Suar 221
Sustar 216
Tosquiar 218
Tracejar 216
Vadiar 218
Vangloriar(-se) 218
Variar 218
Voar 220

2ª Conjugação

Absolver 205
Abster(-se) 224
Acender 205
Adjazer 225
Adscrever 228
Afazer 224
Antepor 231
Antever 234
Apor 231
Aprazer 226
Ater(-se) 224
Bem-fazer 224
Bendizer 228
Benquerer 233
Benzer 206
Caber 227
Circumpor 231
Circunjazer 225
Circunscrever 228
Compor 231
Comprazer 225
Condizer 227
Condoer-se 230
Conter 224
Contradizer 228
Contrafazer 224
Contrapor 231
Corroer 230
Crer 227
Decompor 231
Depor 231
Desafazer 224
Desaprazer 226
Descaber 227
Descompor 231
Descomprazer 225
Descrer 227
Descrever 228
Desdizer 228
Desfazer 224
Desprazer 226
Desprover 232
Desquerer 233
Desvaler 234
Deter 224
Dispor 231
Dizer 228
Doer(-se) 230
Eleger 206
Entredizer 228
Entrepor 231
Entreter 224
Entrever 234
Envolver 206
Equivaler 234
Escrever 228
Esfazer 224
Esmoer 230
Estupefazer 224
Expor 231
Fazer 224
Feder 228
Haver(-se) 229
Impor 231
Incorrer 206
Indispor 231
Inscrever 228
Interdizer 228
Interpor 231
Jazer 225
Justapor 231
Ler 227
Liqüefazer/Liquefazer 224
Maldispor 231
Maldizer 228
Malfazer 224
Malquerer 233
Manter 224
Moer 230
Morrer 206
Nascer 206
Obter 224
Opor 231
Perder 230

Perfazer 224
Poder 231
Pôr 231
Pospor 231
Prazer 226
Precatar(-se) 217
Precaver(-se) 232
Predispor 231
Predizer 228
Prender 206
Prepor 231
Prescrever 228
Pressupor 231
Prever 234
Propor 231
Proscrever 228
Prover 232
Putrefazer 224
Querer 233
Rarefazer 224
Reaver 229
Recompor 231
Redizer 228
Reescrever 228
Refazer 224
Reler 227
Remoer 230
Repor 231
Requerer 233
Reter 224
Rever 1 234
Rever 2 234
Roer 230
Romper 202
Saber 233
Satisfazer 224
Sobrepor 231
Sobrescrever 228
Soer 230
Sotopor 231
Subjazer 205
Subscrever 228
Superpor 231
Supor 231
Surpreender 207
Suspender 207
Suster 224
Ter 224
Torrefazer 224
Transcrever 228
Transfazer 224
Transpor 231
Trazer 226
Tresler 227
Tumefazer 224
Valer 234
Ver 234
Viger 235

3ª Conjugação

Abolir 235
Abrir 238
Abstrair 236
Acudir 239
Aderir 242
Adir 241
Advertir 242
Advir 246
Aferir 242
Agredir 236
Aguerrir 241
Anuir 237
Argüir/Arguir 237
Aspergir 242
Assumir 239
Atingir 245
Atrair 236
Aturdir 243
Auferir 242
Avir(-se) 246
Banir 235
Bramir 235
Brandir 235
Brunir 243
Bulir 239
Cair 236
Carpir 235
Cerzir 239
Cingir 245
Cobrir 240
Colorir 235
Combalir 241
Comedir 235
Compelir 242
Competir 242
Concernir 242
Concluir 237
Conduzir 241
Conseguir 242
Consentir 243
Constituir 237
Constringir 245
Construir 236
Consumir 239
Contrair 236
Contundir 206
Convergir 242
Convir 246
Cuspir 239
Decair 236
Deferir 242
Defluir 237
Delinqüir/delinquir 238
Delir 235
Demolir 235
Denegrir 236
Desabrir 238
Desavir(-se) 246
Descair 236
Descobrir 240
Desconstruir 236
Desentupir 239
Desimpedir 244
Desmentir 243
Despedir 244
Despir 242
Despolir 245
Desservir 242
Destingir 245
Destituir 237
Destruir 236
Detrair 236
Diferir 242
Digerir 242
Discernir 243
Distinguir 245
Distrair 236
Divergir 242
Divertir 242
Dormir 240
Embair 241

Emergir 242
Emolir 235
Empedernir 241
Encobrir 240
Engolir 240
Entreabrir 238
Entupir 239
Erigir 206
Esbaforir-se 241
Escapulir 239
Esculpir 241
Espargir 243
Espavorir 241
Estruir 237
Esvair 236
Exaurir 243
Exinanir 241
Expedir 244
Expelir 241
Explodir 241
Exprimir 206
Extinguir 245
Extorquir 235
Extrair 236
Falir 241
Ferir 242
Florir 241
Foragir-se 243
Fornir 241
Fremir 235
Frigir 243
Fruir 237
Fugir 239
Fulgir 243
Garrir 241
Gerir 242
Haurir 243
Imergir 242
Impedir 244
Impelir 242
Impingir 243
Imprimir 206
Inanir 241
Incluir 206
Induzir 241
Influir 237
Infringir 245
Ingerir 242
Inserir 241
Instruir 237
Intervir 246
Ir 244
Jungir 243
Luzir 241
Medir 244
Mentir 243
Obstruir 237
Omitir 206
Ouvir 244
Pedir 244
Perseguir 242
Polir 245
Possuir 237
Pressentir 243
Presumir 239
Preterir 242
Prevenir 236
Progredir 236
Prosseguir 242
Protrair 236
Provir 246
Pruir 238
Puir 238
Reabrir 238
Reassumir 239
Recair 236
Reconstruir 236
Redargüir/redarguir 237
Reduzir 241
Refletir 242
Refluir 237
Regredir 236
Reluzir 241
Remir 241
Renhir 241
Repelir 242
Repetir 242
Ressair 236
Ressarcir 241
Ressentir 243
Ressequir 241
Restituir 237
Resumir 239
Retorquir 235
Retrair 236
Retribuir 237
Retrotrair 236
Revelir 241
Revestir 242
Rir 245
Ruir 238
Sacudir 239
Seduzir 241
Sair 236
Seguir 242
Sentir 243
Servir 242
Sobressair 236
Sobrevir 246
Sorrir 245
Sortir 245
Subir 239
Submergir 242
Subtrair 236
Sugerir 242
Sumir 239
Suprimir 207
Surtir 245
Tingir 245
Tinir 245
Tossir 240
Trair 236
Transgredir 236
Transir 241
Ungir 243
Vagir 235/245
Vestir 242
Vir 246
Zunir 239

10 ADVÉRBIO

Definição 259
Circunstâncias Expressas 261
Locução Adverbial 262

11 PREPOSIÇÃO
Definição 267
Preposições Essenciais 267
Locuções Prepositivas 268
Preposições Acidentais 268

12 CONJUNÇÃO
Definição 271
Locução Conjuntiva (exercícios 16 a 18) 272
Classificação 272
Conjunções coordenativas 272
Aditivas 272
Adversativas 272
Alternativas 273
Conclusivas 273
Explicativas 273
Conjunções subordinativas adverbiais 273
Causais 273
Concessivas 274
Condicionais 274
Conformativas 274
Finais 274
Consecutivas 274
Temporais 274
Comparativas 274
Proporcionais 275
Conjunções subordinativas substantivas 275
Integrantes 275

13 INTERJEIÇÃO
Classificação 279
Definição 279
Locução Interjetiva 279

14 SEMÂNTICA
Definição 281
Denotação 281
Conotação 281
Homonímia 281
Sinonímia 281
Antonímia 281
Paronímia 282
Hiperonímia 284
Hiponímia 285

15 CONCORDÂNCIA NOMINAL
Do Adjunto com o Núcleo Substantivo 289
Do Predicativo com o Núcleo Substantivo 291

Anexo, Bastante, Incluso, Junto, Leso, Meio, Muito, Nenhum,
Pouco, Próprio, Só, Dado, Visto, Obrigado, Quite ____ 292
Adjuntos de Antropônimos (Nomes de Pessoas) ____ 293
Dois ou Mais Adjetivos para um Mesmo Substantivo ____ 294
Um ou outro, Um e outro, Nem um nem outro ____ 294
Tal ... qual, Tais ... quais ____ 294
Menos, Pseudo, Monstro, Alerta ____ 295
O mais ... possível, O melhor possível ____ 295
É bom... É proibido... É necessário... ____ 296
A olhos vistos, A olhos vistas ____ 297
Nós = Eu, Vós = Tu ____ 297
Santo e São ____ 298
Concordância Sintática e Concordância Semântica ____ 298

16 CONCORDÂNCIA VERBAL

Definição ____ 301
Concordância Sintática e Concordância Semântica ____ 301
Com Sujeito Simples ____ 301
Com Sujeito Composto Anteposto ____ 302
Com Sujeito com Pessoas Diferentes ____ 302
Com Sujeito Composto Posposto ____ 303
Com Sujeito com Aposto Resumitivo ____ 303
Com Sujeito com Núcleos Sinônimos ou Quase ____ 304
Com Sujeito com Núcleos em Gradação ____ 304
Com Sujeito com *Ou* ____ 305
Com Sujeito com *Nem* ____ 306
Com Sujeito com *Com* ou *Como* ____ 307
Com Sujeito com *Não Só ... mas também, Tanto ... quanto* ____ 307
Com Sujeito com *Mais de um ... Mais de dois... Mais de três...* ____ 308
Com Sujeito com *Um e outro, Nem um nem outro* ____ 308
Um ou outro ____ 309
Com Sujeito *Que* ____ 309
Com Sujeito *Quem* ____ 310
Com Sujeito *Um dos que* ____ 310
Com Sujeito *Quais de vós, Quantos de nós* ____ 310
Com Sujeito *Qual de nós, Nenhum de nós* ____ 311
Com Sujeito com *A maioria de... Grande parte de... Um enxame de...* ____ 311
Com Sujeito com *Cada, Nenhum, Qualquer* ____ 312
Com Sujeito com *Um por cento, Vinte por cento* ____ 312
Com Sujeito com *Cerca de... Perto de... Obra de...* + Numeral ____ 313
Com Sujeito Plural Aparente ____ 313
De Haja vista ou Hajam vista ____ 314
De Aluga-se casa, Alugam-se casas ____ 314
De Gosta-se de fruta, Gosta-se de frutas ____ 315
Com Vossa Senhoria está... Vossas Senhorias estão... ____ 316
Com Sujeito de Dar, Bater, Soar ____ 316
Com Sujeito Composto com Ideia Única ____ 317
Com Sujeito Oracional ____ 317
Com Parecem sorrir ou Parece sorrirem ____ 318
Com Infinitivo ____ 318

Infinitivo invariável 318
Infinitivo variável ou flexionado 319
Infinitivo como complemento de verbos permissivos, causativos e sensitivos 320
Dos Verbos só de 3ª Pessoa 320
Do Verbo Ser nas Interrogações 321
Do Verbo Ser com *Isto, Isso, Aquilo...* 321
Do Verbo Ser com Pronome Reto 322
Do Verbo Ser com Medida ou Quantidade 322
Do Verbo Ser com Distância, Data ou Hora 323
Do Verbo Ser entre Dois Substantivos Comuns, de Números Diferentes 323
Do Verbo Ser com Gente 324
Do Verbo Ser na Expressão *É que* 324
Do Verbo Ser em *Era uma vez ... Eram dois caminheiros* 325

17 REGÊNCIA

Definição 335
Regência Verbal 335
Regência dos verbos mais frequentes 335
- Agradar 336
- Ansiar 336
- Aspirar 337
- Assistir 337
- Atender 337
- Chamar 338
- Chegar 338
- Custar 338
- Esquecer 339
- Implicar 339
- Ir/vir 340
- Lembrar, avisar, prevenir 340
- Morar, residir, situar-se, estabelecer-se 341
- Namorar 341
- Obedecer, desobedecer, suceder e obstar 341
- Pagar 342
- Perdoar 342
- Preferir 342
- Presidir 342
- Querer 343
- Responder 343
- Visar 343

Isto é para eu fazer. Isto é para mim 344
Está na hora de a onça beber água 344
Pedir para ~~que~~ 344
Não disse o em que acreditava/Não disse no que acreditava 345
Ter de ≠ ter que 345
Onde ≠ Aonde 345
Sintaxe do verbo haver 346

Uso de *o* ou *lhe* 346
Complementos de regências diferentes 347
Pronome relativo – complemento verbal 348
Regência Nominal 348
Um mesmo regido para mais de um regente 349
Um mesmo regente para mais de um regido 349
Regência dos substantivos e adjetivos mais frequentes 350

18 COLOCAÇÃO OU TOPOLOGIA PRONOMINAL

Próclise, Mesóclise, Ênclise 355
Com Um só Verbo 355
Com Infinitivo 360
Com Locução Verbal 361

19 CRASE

Conceituação 367
Método Prático 368
Casos Especiais 369
Em locuções 369
Em lugares 370
Com distância 370
Com horas 371
Paralelismo e quebra do paralelismo 371
Com pronomes relativos 372
Com *casa* 372
Com *terra* 373
Com *até* ou *até a* 373
Com pronomes possessivos 374
Com antropônimos femininos 374
Em *à moda de* 375
Não há Crase 375
Uso do Paralelismo 378
Há ≠ A 379

20 PONTUAÇÃO

Visão Geral 383
Visão Detalhada 383
Uso da Vírgula 383
Dentro de uma oração 383
Entre orações 387
Vírgulas permutáveis por parênteses ou travessões 386
Dois-pontos 389
Ponto e vírgula 389
Reticências 390
Travessão, Aspas Duplas e Simples 391

21 GABARITO 401

Fonologia, Divisão Silábica e Translineação

ESTUDO DOS FONEMAS

Uma frase é uma linha melódica composta de palavra(s), que, por sua vez, compõe(m)-se de **sílaba(s)**.

Sílaba

Quando falamos, produzimos "arrancos sonoros".

Eu que ri a sa ber se vo cê me en ten deu.

Cada um desses "arrancos" chama-se **sílaba**.

Quais sílabas há na seguinte frase?

A conquista do sucesso é questão de vontade.

Resposta: (Escreva como você pronuncia cada sílaba.)

1 ___ 2 ___ 3 ___ 4 ___ 5 ___ 6 ___ 7 ___ 8 ___ 9 ___ 10 ___ 11 ___ 12 ___ 13 ___ 14 ___ 15 ___

Você notou que as sílabas são conjuntos de sons mínimos? Esses sons mínimos são os **fonemas**.

Fonema

Chama-se **fonema** o som mínimo usado na língua para distinguir o significado de uma palavra do significado de outras.

/r/ato /m/ato /p/ato /f/ato	r/a/to r/e/to r/i/to r/o/to	ra/t/o ra/l/o ra/r/o ra/b/o
/r/-/m/-/p/-/f/ são fonemas	/a/-/e/-/i/-/o/ são fonemas	/t/-/l/-/r/-/b/ são fonemas

Observação:

Fonema não é letra, é som. Letra ou grafema é desenho que representa o som. Fala-se e ouve-se o fonema. Escreve-se e enxerga-se o grafema ou letra.

Tipos de Fonemas

Vogal

A vogal é o fonema em que a sílaba se apoia.
A vogal é o apoio da sílaba.

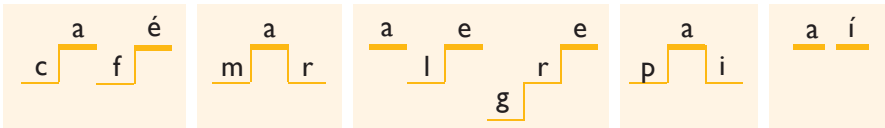

Observe que toda sílaba tem uma vogal que a apoia e que só há um ponto de apoio em cada sílaba.
Portanto, **só há uma vogal em cada sílaba**.

Prática

■ Distribua os fonemas nos gráficos. Ouça como você os pronuncia para não errar.

1. mãe
2. pão
3. mão
4. pau
5. pais
6. país

■ Compare agora as palavras **pais** e **país** e marque **C** ou **E** nos parênteses.

7. ( ) Nas duas o **i** é o apoio da sílaba.
8. ( ) Só em **pais** o **i** é o apoio da sílaba.
9. ( ) Só em **país** o **i** é apoio de sílaba.
10. ( ) Só em **país** o **i** é vogal, porque vogal é apoio da sílaba.

■ Compare **mãe** e **pai**, **pão** e **pau**. Agora marque **C** ou **E** nos parênteses.

11. ( ) Em **mãe** e **pai**, as letras **e** e **i** representam o mesmo som ou fonema: **i**.
12. ( ) Em **pão** e **pau**, as letras **o** e **u** representam o mesmo fonema: **u**.
13. ( ) Em **mãe** e **pai**, o fonema **i** é o apoio da sílaba.
14. ( ) Em **pão** e **pau**, os fonemas **o** e **u** são vogais.
15. ( ) Em **pão** e **pau**, as vogais são **ã** e **a**.
16. ( ) Em **mãe** e **pai**, as vogais são **ã** e **a**.
17. ( ) Em **país**, o **i** é vogal (apoio de sílaba) como o **a**.

Importante:

Na escrita, as cinco **letras** a, e, i, o, u representam doze vogais da língua falada:
- **sete vogais orais**: a, é, ê, i, ó, ô, u;
- **cinco vogais nasais**: ã, ẽ, ĩ, õ, ũ.

A vogal nasal pode ser escrita de três maneiras diferentes:
- **com til**: m**ã**o, p**õ**e, c**ã**s, ím**ã**, maç**ã**;
- **com m**: **âm**bar, **sem**pre, **tim**bre, **com**pra, **Jum**bo;
- **com n**: **an**tes, **en**te, **cin**to, **con**to, **jun**ta.

Prática

- Reescreva as vogais que distinguem os significados dos seguintes pares:

18. Ele havia **lido** um **lindo** artigo. _____
19. Ela não foi **boba**, percebeu que era uma **bomba**._____
20. **Vede** como ele **vende** bem._____
21. Ele vive **mudo** num **mundo** loquaz._____
22. **Lá** se fabrica **lã** de primeira._____
23. Já **leste** as notícias do **leste** europeu?_____
24. Ontem ele não **pôde**, mas hoje **pode** falar. _____

Semivogal

Semivogal são os fonemas **i** e **u**, quando apoiados em uma vogal. Como você já viu, as semivogais **i** e **u** podem também ser representadas pelas letras **e** e **o** (mã**e**, pã**o**).

Prática

- Distribua nos gráficos.

25. cai
26. caí
27. louro
28. lua

- Agora julgue as afirmações e coloque **C** ou **E** nos parênteses.

29. ( ) Em **cai**, o **i** é semivogal.
30. ( ) Em **caí**, o **a** é vogal.
31. ( ) Em **caí**, o **i** é vogal.
32. ( ) Em **louro**, o **u** é vogal.
33. ( ) Em **lua**, o **u** é vogal.
34. ( ) Em **lua**, há duas vogais.
35. ( ) Em **cai**, há duas vogais.

Consoante

Consoante é qualquer fonema que se apoie em vogal e que não seja semivogal.

Prática

■ Distribua nos gráficos os fonemas.

36. bonde

37. ombro

38. Marte

39. norte

■ Agora, julgue as afirmações.

40. ( ) Em **bonde** e **norte**, o **n** é consoante.
41. ( ) Em **norte**, o **n** é consoante.
42. ( ) Em **Marte** e **ombro**, o **m** é consoante.
43. ( ) Em **Marte**, o **M** é consoante.
44. ( ) Em **ombro**, **om** é uma vogal nasal.
45. ( ) Em **bonde**, **on** é uma vogal nasal.

Importante:

Você sabia que as semivogais **i** e **u** podem ser representadas pela letra **m**? Veja:

iam

bem 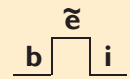

Em ambos os casos, a letra **m** serviu para nasalar as vogais (ã, ẽ) e representar as semivogais (u, i).

Prática

■ Distribua nos gráficos a frase.

46. Ela passou bem o vestido.

■ Assinale **C** ou **E** nos parênteses.

47. ( ) O **ss** representa um som só, por isso é um só fonema, consoante.
48. ( ) Em **bem**, o **m** é consoante.
49. ( ) Em **bem**, o **m** é semivogal (i) e marca a nasalização da vogal (ẽ).

50. ( ) Há dez vogais na frase apresentada.
51. ( ) Há duas semivogais na frase citada.
52. ( ) Há nove consoantes.
53. ( ) Há oito consoantes.
54. ( ) Há nove vogais.
55. ( ) Se há nove vogais, há nove sílabas.

ENCONTROS VOCÁLICOS (orais ou nasais)

Ditongo crescente

Semivogal + vogal, na mesma sílaba.

série: r i e / sv v

quanto: k u ã / sv v

sério: r i u / sv v

Ditongo decrescente

Vogal + semivogal, na mesma sílaba.

mau: m a u / v sv

botão: t ã u / v sv

bem: b ẽ i / v sv

Tritongo

Semivogal + vogal + semivogal, na mesma sílaba.

quão: k u ã u / sv v sv

quais: k u a i s / sv v sv

Hiato

Vogal + vogal.

saída: s a í / v v

caaba: c a a / v v

baús: b a ú s / v v

ENCONTROS CONSONANTAIS

Descontínuos ou separáveis

Cada consoante numa sílaba.

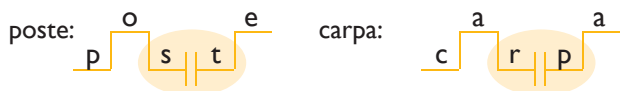

Contínuos, reais ou inseparáveis

Consoantes juntas na mesma sílaba.

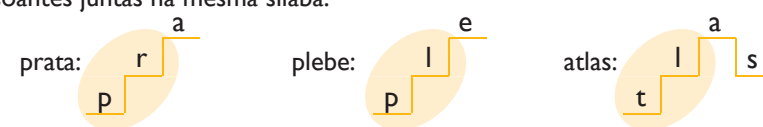

blusa, **br**aço, **cl**aro, **cr**uz, **dr**ama, **fl**auta, **fr**aco, **gl**úten, **gr**osa, **pr**ana, a**tl**ântico, **tr**ena, la**vr**a...

Dífono

Uma letra = dois fonemas.

táxi	x = ks	/t/á/k/s/i/.
ônix	x = ks	/ô/n/i/k/s/.

DÍGRAFO

Duas letras = um só fonema.

onde (= õ), **ch**apéu (= x).

ja**rr**a, ca**lh**a, u**nh**a, **lon**ge, **gen**te, cre**sc**er, cre**sç**a, e**xc**itar, pa**ss**ar, **ch**ave, **gu**iso, **qu**ilo, n**im**bo, m**an**ga, **jum**bo...

DIVISÃO SILÁBICA

A separação de uma palavra em sílabas depende da pronúncia.
Observe as seguintes regras:

Não se separam

Ditongos e tritongos

m**ai**s m**ai**-ô q**ua**-se sa-g**uão** q**uai**s

Os dígrafos lh – nh – ch – gu – qu – am – an – em – en – im – in – om – on – um – un

a-**lh**o bu-**ch**a **gu**ei-xa **lim**-po
ni-**nh**o **qu**e-ro **sem**-pre **con**-to

Encontros consonantais no início das palavras

gno-mo **ps**i-co-lo-gi-a **gn**o-se **pn**eu

Separam-se

As vogais do hiato

r**e**-**u**-ni-do c**o**-**o**-pe-rar p**o**-**é**-ti-co r**u**-**a** b**i**-**o**-lo-g**i**-**a**

As letras dos dígrafos rr – ss – sc – sç – xc

ga**r**-**r**o-te a**s**-**s**e**s**-**s**or su**s**-**c**i-tar cre**s**-**ç**a e**x**-**c**e-ção

Os encontros consonantais descontínuos (antes da última consoante)

o**c**-**c**i-pi-tal su**bs**-**t**an-ti-vo pa**c**-**t**o fel**ds**-**p**a-to

Os encontros que contêm s separam-se após o s

a**bs**-**tr**a-to pe**rs**-**p**i-caz su**bs**-**cr**e-ver

Atenção:

Em sílaba átona final, hiato pode ser lido como ditongo ou vice-versa.
his-tó-r**i**-**a** ou his-tó-r**ia**; sé-r**i**-**e** ou sé-r**ie**.
Mas, na escrita, não se separam: his-tó-ria, sé-rie.

TRANSLINEAÇÃO

bi-	giras-		fac-
savô	sol		ção

Translineação é a divisão de palavras no final de uma linha e começo de outra. Normalmente, obedece à divisão silábica.

1. Evite escrever uma letra isolada no fim ou início de uma linha.

o-
ceano

Capara-
ó

2. Evite separar as sílabas de nomes próprios personativos.

Joa-
quim

Angé-
lica

3. Evite deixar em uma das linhas parte de palavra que possa ser lida como chula, de calão ou grosseira.

ocu-
pado

após-
tolo

vaga-
bunda

4. Evite separar o hiato em final de palavra.

vali-
as

ja-
ós

5. Quando a translineação acontece onde há hífen, este se repete:

disse-
-lhe

auto-
-observação

pré-
-histórico

Prática Geral

56. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Indique a alternativa em que há **erro(s)** de divisão silábica.
a) res-sur-gir / a-ve-ri-gueis / vo-o / po-e-ta / quais-quer.
b) ca-í-ram / co-o-pe-ra-ção / pig-meu / op-ção / cons-ti-tu-in-tes.
c) tu-a / ai-ro-so / e-gí-pcio / su-bs-tan-ti-vo / pneu-má-ti-co.
d) ab-di-ca-ção / o-ci-den-tal / sor-rin-do / sou-bes-te / mne-mô-ni-ca.
e) a-do-les-cen-te / mai-o-res / sub-ju-gar / me-lan-co-li-a / cir-cui-to.

57. (PRF/N.M./ANP) A divisão silábica **não** está correta em:
a) car-rei-ra. b) des-i-lu-são. c) nas-cer. d) rá-dio.

58. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa que apresenta divisão silábica **incorreta**.
a) mne-mô-ni-ca / ét-ni-co / op-ção / ab-di-car.
b) fi-lho / ma-nhã / cons-ci-en-te / des-cer.
c) per-ce-pção / a-ni-mais / sa-ú-de / in-ter-stí-cio.
d) pres-cin-dir / res-ci-são / e-xér-ci-to / guer-ra.

59. Assinale a opção em que **todas** as palavras estão corretamente separadas em sílabas.
a) pa-pe-lei-ro / te-rre-no / re-co-lhe-dor.
b) ter-ri-tó-ri-o / in-dis-pen-sá-ve-is / pro-me-ssas.
c) con-qu-is-tou / au-xí-lios / com-pa-nh-ei-ra.
d) des-gre-nha-da / in-sis-ten-te / en-som-bra-do.
e) ar-mis-tí-cio / es-cas-sos / e-xclu-si-vi-da-de.

60. As palavras **carrossel** e **corrupção** têm as sílabas corretamente divididas em:
a) car-ros-sel / cor-rup-ção.
b) ca-rro-ssel / co-rru-pção.
c) ca-rro-ssel / co-rru-p-ção.
d) car-ro-ssel / cor-rup-ção.
e) ca-rros-sel / co-rrup-ção.

61. Assinale a alternativa que apresenta as duas palavras com as sílabas **corretamente** divididas.
a) poe-ta / a-bso-lu-to.
b) bo-lin-ha / pa-cto.
c) de-sci-da / mi-lha.
d) ri-t-mo / a-d-je-ti-vo.
e) Pa-ra-guai / Pi-au-í.

62. A alternativa que apresenta a divisão silábica **correta** de todas as palavras é:
a) as-pec-to / fic-ção / pês-se-go / sal-si-cha.
b) ri-tmo / ass-eio / di-scu-ssão / as-sar.
c) de-zes-seis / admis-ão / ma-chu-car / ca-rro.
d) chei-a / sub-stan-ti-vo / i-deal / fas-ci-na-ção.
e) ma-cio / ba-i-xo / dis-ten-são / guer-ra.

63. Entre as palavras abaixo, há uma que apresenta **semivogal**. Assinale-a.
a) tapioca. b) saúde. c) hiato. d) goleada. e) feito.

64. A palavra cuja separação de sílabas está **incorreta** é:
a) co-or-de-nar.
b) sub-ju-gar.
c) sub-trair.
d) pneu-má-ti-co.
e) e-qui-va-len-te.

65. Marque a opção em que todas as palavras são **substantivos** separados corretamente em sílabas.
a) in-dig-na-ção / a-do-le-scen-te / ad-mi-nis-trar.
b) rea-gir / tra-bal-ho / in-di-gna-da.

c) a-tro-pe-la-men-to / coi-bir / res-sar-ci-men-to.
d) con-ces-são / ab-di-ca-ção / ir-res-pon-sa-bi-li-da-de.
e) ma-dri-nha / con-ti-nu-ar / atro-pe-la-men-to.

66. No vocábulo **brasileiríssimo**, há
a) 13 fonemas; nenhum encontro consonantal; 1 hiato; 2 dígrafos; 7 vogais; nenhuma semivogal.
b) 14 fonemas; 1 encontro consonantal; 1 ditongo decrescente oral; 1 dígrafo; 7 vogais; nenhuma semivogal.
c) 14 fonemas; 1 encontro consonantal; 1 ditongo decrescente oral; 1 dígrafo; 6 vogais; 1 semivogal.
d) 15 fonemas; 1 encontro consonantal; 1 ditongo crescente oral; 1 dígrafo; 3 vogais; 4 semivogais.

67. Apresentam o **mesmo** fonema inicial os vocábulos:
a) cheguei / certos / cima.
b) ciência / sossego / canção.
c) quem / cultivar / cravei.
d) geologia / grandeza / gente.

68. Assinale a alternativa em que há **erro** na divisão silábica das palavras.
a) tran-so-ce-â-ni-co / o-blí-quo / pneu-má-ti-co.
b) a-ve-ri-guou / pe-rí-o-do / bi-sa-vô.
c) subs-cri-tar / u-ru-gu-ai-o / su-bli-nhar.
d) es-pé-cie / a-poi-o / trans-por-te.

69. Assinale a palavra cuja separação de sílabas está **errada**.
a) ma-tri-cu-lou.
b) re-ssen-ti-men-to.
c) hu-mi-lha-ção.
d) ver-go-nha.
e) sim-ples-men-te.

70. Indique a opção em que o fonema /s/ se realiza em todas as palavras da série que está em **ordem alfabética**.
a) intercessor / intervencionismo / introspecção / introversão.
b) ociosidade / reposição / rescisão / repressão.
c) ferocíssimo / litisconsórcio / hortaliça / insucesso.
d) homologação / isenção / ficção / fossilização.
e) cansaço / forçoso / formoso / fosforescência.

71. Marque a opção em que todas as palavras são **adjetivos** e estão separadas, corretamente, em sílabas.
a) as-sis-tên-cia / dig-no / hu-mi-lha-ção.
b) con-stran-gi-do / a-rro-gan-tes / re-a-lis-ta.
c) in-te-lec-tual / e-fe-ti-vo / cor-ru-pto.
d) ad-mi-ra-dís-si-mo / res-pei-tá-veis / i-nin-ter-rup-to.
e) a-dmi-ti-mos / sub-me-ti-dos / con-vin-ha.

72. Em qual alternativa se encontra uma palavra **errada** quanto à separação de sílabas?
   a) poe-ti-sa.
   b) co-lhe-res.
   c) ra-í-zes.
   d) fe-ro-zes.
   e) seis-cen-tos.

■ Assinale **C** ou **E**.

73. ( ) Joia, apoio, joio, Irineia são exemplos de tritongos.
74. ( ) Separam-se as sílabas assim: jo-ia, a-po-io, jo-io, I-ri-ne-ia.
75. ( ) A divisão silábica correta é: joi-a, a-poi-o, joi-o, I-ri-nei-a.
76. ( ) Essa mesma divisão silábica pode ser usada para translineação.

■ Assinale **C** ou **E** considerando a separação silábica para **translineação**.

77. ( ) separa-ção / se-paração.
78. ( ) coi-va-ra / dis-puta.
79. ( ) Jo-sé / Eustá-quio.
80. ( ) a-notar / i-lação.

Estrutura e Formação de Palavras

PALAVRA, FONEMA, MORFEMA, SEMANTEMA, UNIDADE MÓRFICA

Prática

■ Leia o texto, relacionando-o ao quadro abaixo, e responda **C** ou **E**:

	Coluna A	Coluna B	Coluna C	Coluna D	Coluna E
1	palavra	m e n i n i n h a s			
2	fonema	/m/ /e/ /n/ /in/	/in/ /nh/	/a/	/s/
3	morfema	menin	inh	a	s
4	semantema	filhote humano	pequeno	fêmea	mais de um
5	unidade mórfica	radical	sufixo	desinên. gênero	desinên. número

Uma palavra, como "menininhas", observada sua morfologia (morfo = forma, logia = estudo), é constituída por **unidades de som** mínimas, capazes de alterar significado, ou seja, constrói-se com **fonemas** (Capítulo 1, Fonologia). Pode também ser analisada quanto aos seus menores **componentes dotados de significado**, que se chamam **morfemas**. Um morfema pode ser estudado sob o ponto de vista do significante (conjunto de sons e letras) ou do significado (imagem mental que se desperta no cérebro do falante/ouvinte – IIT, Capítulo 2, Signo Linguístico).

Semântica é o estudo dos significados, e o morfema, visto por esse prisma, recebe também o nome de **semantema**.

O **semantema** pode trazer um significado relacionado à vida real, ao mundo extralinguístico – **pão**, **chuva**, **horizonte**... – e recebe o nome de morfema ou semantema **lexical**, **extralinguístico** ou **exofórico**, como os radicais das palavras.

Por outro lado, o semantema pode referir-se a um significado pertencente não ao mundo externo, mas ao mundo interno da língua – como os morfemas **ão** e **ázio** que significam aumentativo; **inho** e **ico**, diminutivo; **isa** e **esa**, feminino; **o** e **or**, masculino; ausência e presença de **s**, denotando singular ou plural –, sendo chamados de morfemas ou semantemas **gramaticais**, **intralinguísticos** ou **endofóricos,** representados por prefixos, sufixos, desinências etc.

1. ( ) Uma palavra pode decompor-se em várias partes e sob visões diferentes.
2. ( ) Fonema é uma unidade de significado.
3. ( ) Fonema é uma unidade mínima de som, distintiva de significado.
4. ( ) Morfema é, na palavra, uma unidade mínima dotada de significado.
5. ( ) Semantema é uma unidade de significado que compõe uma palavra.
6. ( ) Semantema pode expressar um significado puramente gramatical ou intralinguístico, como gênero, número, grau (morfemas gramaticais), ou pode despertar um significado extralinguístico, como fé, mar, céu... (morfemas lexicais ou referentes ao mundo real).
7. ( ) Unidade mórfica é unidade de significado.
8. ( ) Mórfico é um adjetivo derivado do radical "morfos" que em grego significa "forma".
9. ( ) No morfema radical **menin**, as letras **i** e **n** representam o fonema **i nasal**.
10. ( ) No morfema sufixo diminutivo **inh**, fonologicamente a letra **n** tem duas funções: marca a nasalidade do **i** que a antecede e forma dígrafo com o **h** que a sucede, por isso está repetida na Coluna C do quadro supra, representando fonema.
11. ( ) Sufixo é o significado-base de uma palavra.
12. ( ) O radical contém o significado-base de uma palavra.
13. ( ) Sufixo é elemento caracterizador de gênero e número.
14. ( ) Sufixo é morfema que propicia derivar-se uma palavra de outra: bel**eza**, bon**dade**, cord**ão**.
15. ( ) Desinência é morfema que define flexão de gênero e número no substantivo; e número e pessoa, no verbo: canta**mos** (1ª pessoa do plural).

PALAVRA PRIMITIVA, DERIVADA, COGNATA, FAMÍLIA DE PALAVRAS

Há palavras constituídas apenas de radical (mar, ar, pó) e outras que se formam a partir dele (**mar**esia, **mar**ítmo, **aér**eo, **ar**ejado, **po**eira, em**po**ar). Em função disso, tem-se a seguinte distinção:

Palavra Primitiva

É a que dá origem a outra(s):

café, cipó, Amazonas.

Palavra Derivada

É a que se origina de outra:

cafezal, cipoal, Amazonense.

Palavra Cognata [co(m) = em companhia + gnata = nascida]

É a palavra nascida em companhia de outra, irmã de outra, pertencente à mesma família de outra. **Cruz**ada, **cruc**ificar, **cruz**eiro... são palavras cognatas porque nasceram da palavra **cruz**.

Família de Palavra

É o conjunto das palavras que têm o mesmo radical primário, ou seja, a mesma raiz.

RADICAL, PREFIXO, SUFIXO

Prática

■ Associe o quadro à leitura e responda **C** ou **E**.

Palavra	d e s c a p i t a l i z a r		
morfemas	des	capital	izar
extralinguístico		radical	
intralinguísticos	prefixo		sufixo

Observando-se a palavra "descapitalizar" e comparando-a com outras da mesma família (capitalizar, recapitalizar, capitalização, descapitalizado, capitalismo, capitalista...), é fácil perceber que o morfema permanente, em torno do qual se criaram essas palavras, é **capital**. Essa constatação permite dizer que esse morfema é o **radical** da palavra, porque tem relação com a raiz dela. Então, **radical** é, da palavra, a parte que mantém o **significado-base** e que **aponta para a raiz**.

16. ( ) Radical significa que tem relação com raiz.
17. ( ) O radical concentra a base da significação da palavra.
18. ( ) O radical classifica-se como morfema endofórico, ou de significado intralinguístico.
19. ( ) Prefixo é morfema de significado extralinguístico, ou exofórico.
20. ( ) Radical é componente formal da palavra, da qual constitui a base de significação externa, podendo seu significado ter referente extralinguístico (cavalo, capim) ou linguístico (vírgula, til).
21. ( ) O morfema **capital** classifica-se como lexical e não como gramatical.
22. ( ) O prefixo **des** traz à palavra um significado de ausência ou negação.
23. ( ) Ele existe só no mundo extralinguístico.
24. ( ) O sufixo **izar** é formador de verbo e sua existência se limita ao universo gramatical.
25. ( ) Prefixos e sufixos são morfemas gramaticais, por não terem referente extralinguístico.

RAIZ ≠ RADICAL

Raiz

É um substantivo que significa origem, início mais profundo. Há quem a chame de radical primário.

Radical

É palavra originariamente adjetiva que significa aquilo **que tem relação com RAIZ.**

Achar a **raiz** não é tão fácil. Leia as frases:

> "O capataz da fazenda perdeu a cabeça e fez um movimento tão brusco que traumatizou o bíceps do capitão, tendo este sido levado urgentemente para a capital".

Perceba que o conjunto fonêmico **capital** (cidade principal) tem um significado muito diferente do que o que se encontra em des**capital**izar, embora sejam iguais na forma. Engano, porque tanto o **capital** (dinheiro) quanto a **capital** (cidade) são oriundos da mesma raiz latina *"cáput, cápitis"*, que significa **cabeça**, **parte superior**, **parte mais importante**, **bico**, **ponta**. A partir daí, vejam-se, na frase dada, as outras palavras pertencentes a uma mesma família, porque apresentam a mesma raiz, embora modificada pelo uso e pelo tempo: **cap**ataz (chefe, o cabeça dos trabalhadores), **cab**eça (parte mais alta), bí**ceps** (que tem bi = duas + ceps = cabeças), **cap**itão (chefe, o cabeça de um grupo militar), a **cap**ital (cidade principal), o **cap**ital (o principal do dinheiro, excluídos os juros). Querendo-se ir adiante com o mesmo radical, há **cap**itel, **cap**ítulo, **cab**edal, **cap**itólio, **cap**otar, pre**cip**ício, per **cap**ita.

Contudo, a dificuldade de se achar a raiz da palavra não se deve apenas à metamorfose que ela sofre ao longo do tempo (cap, cab, cep, cip), mas às transformações que outras raízes de outras palavras também experimentam e com ela se confundem. Por exemplo, raízes que se confundem com **cap**, **cab**, **cep**, **cip**, de *"caput"*:

1. A palavra *"cappa"*, do latim tardio, que significava "certo tipo de casaco com capuz, capa", originou o diminutivo "cappella" e as palavras portuguesas **cap**a, **cap**ela (esta, no século VII, designava o local onde se venerava a capa de são Martinho, e daí se estendeu o significado para "oratório"), **cap**elo, **cap**ote, **chap**éu, **cap**ucho, **cap**uz, de**cap**ar, de**cap**ê, **quep**e...

2. A palavra *"cápus"*, do latim clássico, que significava "galo castrado", gerou em Português **cap**ar, **cap**ão, **cap**ado...

3. O verbo latino *"cápìo,is, cépi, cáptum, cápere"*, que era extremamente plurissignificativo, derivou na Língua Portuguesa **cab**o, **cab**az, **cab**ear, **cab**er, **cap**acidade, **cap**acitor, **cap**az, **capc**iosidade, **capc**ioso, **capt**ação, **capt**ar, **capt**ura, **cat**ador, **cat**ar, **cat**ivar, **cat**iveiro, a**cep**ção, a**cep**tar, a**cei**tar, con**ceb**er, con**cei**ção, con**cep**ção, ex**cep**to, ex**ce**to, ex**cip**iente, ex**cep**cional, en**ce**tar, o**cup**ar.

Achar a **raiz** é, portanto, bem mais difícil do que encontrar o radical de uma palavra. Por quê? Porque exige uma observação bem mais profunda, mais afastada, mais distante no tempo, o qual, com o seu passar e com as alterações das circunstâncias sociais e históricas, modificou o significante e o significado, a forma e o conteúdo, a grafia e a ideia da **raiz**, de várias maneiras.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, com base no texto acima.

26. ( ) É mais fácil encontrar o radical que a raiz, numa família de palavras.
27. ( ) A raiz e o radical se apresentam sempre com a mesma forma gráfica.
28. ( ) A raiz e o radical podem mostrar alterações, quer tenham origem culta, quer popular, como acontece com cátedra/cadeira, concepção/conceição, regular/regrar, sacratíssimo, sagradíssimo.
29. ( ) São cognatos: capitão, capote, capacidade, capado.
30. ( ) Uma maneira de ajudar a distinguir radicais é atentar para o significado.
31. ( ) Capa, capela, capelo, capote, capuz, capucho, chapéu e quepe são cognatos.

TEMA, VOGAL TEMÁTICA, AFIXO (prefixo e sufixo) E DESINÊNCIA

Tema

É o radical ou raiz acrescido da vogal temática, pronto, portanto, para receber a(s) desinência(s): cab + o = **cabo**, têmper + a = **têmpera**.

Vogal Temática

É a vogal que prepara o radical ou raiz, tanto para se tornar uma palavra independente, como para receber a(s) desinência(s) ou o(s) sufixo(s): cab + **o**, têmper + **a**.

Desinência

É elemento mórfico, ou componente formal, que se pospõe à raiz, ao radical ou ao tema de verbos, substantivos, adjetivos ou pronomes para marcar flexão nominal (de gênero, número, grau) e verbal (de modo, tempo, número, pessoa). Por isso, também são conhecidos por **morfemas flexionais**: cabo + **s**, têmpera + **s**, tempera + **r**.

Afixo

É elemento mórfico que se junta ao radical para criação de nova palavra, que se chamará **derivada**. Por esse motivo os afixos também se chamam **morfemas derivacionais**.

Prefixo

É afixo que **se antepõe ao radical** somando-lhe um novo significado, ligado ao de uma preposição: **des**temor, **contra**por, **sobre**ssair, **a**moral, **i**rregular...

Sufixo

É afixo que **se pospõe ao radical**, acrescentando-lhe nova ideia e definindo-lhe a categoria gramatical como adjetivo (amor**oso**, embeleza**do**), substantivo (utili**dade**, armazen**agem**), advérbio (feliz**mente**, grata**mente**)... ou somando-lhe sentido de agente ou profissão (cant**or**, livr**eiro**, dent**ista**, estud**ante**, secret**ário**), ação (cumpri**mento**, doa**ção**, toler**ância**, nivel**ar**, folh**ear**), aumentativo (fog**aréu**, barc**aça**, canec**ão**, grand**alhão**), diminutivo (papel**ucho**, sal**eta**, chuv**isco**, part**ícula**), coletivo (boi**ada**, dinheir**ama**, pluma**gem**), origem ou nacionalidade (brasil**eiro**, paulist**ano**, brasili**ense**)...

Prática

■ Tendo como ponto de partida o quadro a seguir e o texto recém-lido, responda **C** ou **E**:

	Prefixo	Radical	Vogal temática	Sufixo	Desinência mod./temp.	Desinência núm./pes.	Desinência gên./núm.	
1	des	temper	a		va	s		
2	re	corr	ê		ra	mos		
3	com	part	i		r	eis		
4	a	noit	e	ece	r			
6	a	clar	a		r			
7	in	util		mente				
8	des	temper	a	mento				s
8	sub	nutr	i		d		o	s
9		am	a	dor			a	s

32. ( ) Os elementos linguísticos presentes nas oito colunas verticais chamam-se morfemas.
33. ( ) Todos eles são morfemas gramaticais.
34. ( ) Radical e raiz são os únicos morfemas lexicais ou de significação externa à língua.
35. ( ) Prefixo, sufixo , vogal temática e desinência são morfemas gramaticais ou de significação interna à língua.
36. ( ) Prefixos são morfemas flexionais.
37. ( ) Morfemas flexionais são as desinências que, nos nomes, indicam flexão de gênero e número; e, nos verbos, número, pessoa, modo, tempo e gênero.
38. ( ) Até a linha 6, só há desinências verbais (modo-temporais e número-pessoais).
39. ( ) Na linha 4, há um sufixo verbal, formador de verbo; na 7, adverbial, formador de advérbio; na 8, nominal, formador de substantivo; e na 9, nominal, formador de adjetivo.
40. ( ) As vogais temáticas, na terceira coluna, juntam-se aos radicais, para que estes possam receber os sufixos ou as desinências.
41. ( ) Os sufixos sempre antecedem as desinências, assim como os prefixos em relação aos radicais.

VOGAL E CONSOANTE DE LIGAÇÃO

Observe-se a formação das seguintes palavras: pá + ada = pa**z**ada, cha + eira = cha**l**eira, gás + metro = gas**ô**metro, limão + inho = limão**z**inho, em que apareceram automaticamente os elementos mórficos **z**, **l**, **ô**, **z**, respectivamente, sem qualquer contribuição no significado e sem outra função que não seja a de facilitar a pronúncia. Às vogais e consoantes que se intercalam entre dois morfemas com a finalidade única de facilitar a prolação (pronúncia) da palavra dá-se o nome de vogais e consoantes de ligação.

Prática

- Olhando o parágrafo anterior e o quadro a seguir, pense e responda **C** ou **E**:

	Radical	Letra de ligação	Sufixo/ radical	Vogal temática	Desin. gên.		Desin. núm.	
					Masc.	Fem.	Sing.	Pl.
1	feliz		mente		/	/	/	/
2	carr			o	/	/	∅	s
3	carroç			a	/	/	∅	s
4	menin			o	o	a	∅	s
5	trist			e	/	/	∅	s
6	lápis				/	/	/	/
7	gas	o	duto		/	/	∅	s
8	pau	l	ada		/	/	∅	s
9	café	t	eira		/	/	∅	s
10	lan	i	fer	o	o	a	∅	s

42. ( ) Na linha 1, a palavra é formada apenas de radical e sufixo; sem qualquer desinência, porque advérbio é invariável.
43. ( ) Nas linhas 2, 3 e 5, não há desinência de gênero porque as desinências só existem quando justificadas pelo par opositivo (menin**o**/**a**). Carr**o**, carroç**a**, trist**e** não apresentam morfemas (nem masculinos nem femininos), só porque inexistem os opostos carr**a**, carroç**o**, trist**o** ou trist**a**. Na morfologia dos nomes (substantivos, adjetivos, certos pronomes), só existem três vogais temáticas e todas estão aqui representadas: e, o, a.
44. ( ) Nas linhas 4 e 10, o **o** é vogal temática, porque prepara o radical para ser uma palavra independente (menin**o**, lanífer**o**) e acumula a função de desinência de gênero, por causa da oposição (menin**o**/menin**a**, lanífer**o**/lanífer**a**).
45. ( ) Em **chute**, **cavalo**, **cavaleiro**, **bomba**, o fonema final é uma vogal temática, mas em **cipó**, **rapé**, **pá**, não há vogal temática, porque ela nunca é tônica. Como se vê, há nomes que não têm vogal temática, por isso não podem ter tema, mas têm apenas radical ou raiz, sendo, então, chamados de **atemáticos**.
46. ( ) O **o** e o **a** no final de certos substantivos não marcam masculino ou feminino (vo**o**, telefonem**a**, dram**a**, carr**o**, carroç**a**), o que lhes aponta o gênero são os seus determinantes: **o** voo, noss**o** telefonema, carroça conhecid**a**.
47. ( ) Em "Ele comeu o bol**o** e chutou a bol**a**", os elementos sublinhados e negritados são desinências de gênero.
48. ( ) Na linha 6, não há desinência de gênero, nem de número, porque o **s** final de palavras como **lápis**, **oásis**, **ônibus** não é marca de plural. O plural de tais palavras se mostra por um determinante: o**s** ônibus, lápis amarelo**s**, meus óculo**s**.
49. ( ) **Nos nomes**, o que marca singular não é a presença de uma letra, mas sua ausência, ou seja, a ausência do marcador de plural **s** é que indica estar a palavra no singular. Essa ausência do morfema plural **s** é o que se chama **morfema zero**. Por isso, no quadro, só há **desinência zero**, de número singular, quando a palavra tem plural formado por **s**.
50. ( ) "duto" (l.7) e "fero" (l.10) são sufixos latinos originários de verbos com significado de **conduzir**.
51. ( ) "duto" (l.7) e "fero" (l.10) são radicais latinos originários de verbos com significado de **conduzir**, enquanto "ada" e "eira" (l.8 e 9) são sufixos formadores de substantivos.
52. ( ) Nas linhas 7, 8, 9 e 10, há **vogais e consoantes de ligação**, que não contribuem para o significado, e existem apenas para facilitar a pronúncia.

FORMAÇÃO DE PALAVRAS: DERIVAÇÃO, COMPOSIÇÃO, HIBRIDISMO

Em Português, formam-se palavras por dois processos básicos: derivação e composição.

Derivação

É o processo pelo qual se formam palavras a partir de um radical, ao qual se acrescentam afixos.

Derivação Prefixal

Uso de prefixo como em **des**crença, **intro**versão, **super**feliz, **con**ter.

Derivação Sufixal

Uso de sufixo como em arroz**al**, arroz**eiro**, barc**aça**, barqu**inho**, fam**oso**.

Derivação Prefixal e Sufixal

É o acréscimo de outro afixo (prefixo ou sufixo) a uma palavra já constituída de radical e afixo. Com a eliminação de um dos afixos, a palavra continua existindo.

inutil**mente**, pois existe tanto **in**útil quanto util**mente**;
descumpri**mento**, pois existe tanto **des**cumprir como cumpri**mento**;
incomunicá**vel**, pois existe tanto **in**comunicar como comunicá**vel**.

Derivação Parassintética ou Circunfixal

Uso de prefixo e sufixo simultaneamente, ou seja, ambos se juntam ao radical no momento exato da criação da palavra, o que se prova pela tentativa inútil de se retirar o prefixo, porque a palavra sem ele inexiste, como em

embarc**ar**, pois não existe barcar;
anoit**ecer**, pois não existe noitecer;
repatri**ar**, pois não existe patriar.

Derivação Regressiva

É formada pela perda de elemento fônico da palavra primitiva, de tal maneira que a derivada fica menor em tamanho que a primitiva. Chama-se também derivação deverbal, porque a derivada é um substantivo que provém de um verbo como em:

pescar > a pesca	afagar > o afago	atacar > o ataque
perder > a perda	apelar > o apelo	enlaçar > o enlace
censurar > a censura	chorar > o choro	debater > o debate

Dica:

Como saber se **âncora** é primitiva ou derivada em relação a **ancorar**? E **venda** em relação a **vender**? O **substantivo deverbal contém em si a noção de ação** que herdou

do verbo, por isso observe não o verbo, mas o substantivo. Âncora, por não ter ideia de ação, não proveio de ancorar; então, âncora é primitiva e ancorar derivada.
Já o substantivo venda significa ação de vender e, por trazer ideia de ação, originou-se de um verbo, o que permite concluir que venda é derivada e vender é primitiva.

Derivação Imprópria ou Conversão

É a criação de uma palavra pela alteração de sua categoria gramatical:

Ele era um estudante **caxias**.	(antropônimo virando adjetivo)
Não li essa **circular**.	(adjetivo virando substantivo)
Deixa de ser **borboleta**, menina.	(substantivo virando adjetivo)
Que teremos para o **jantar**?	(verbo virando substantivo)
Pudera! **Bravo**!	(verbo e adjetivo virando interjeição)
Analisando **prós** e **contras**...	(advérbio e preposição virando substantivo)

Derivação por Abreviação ou Redução

Encurtamento da palavra primitiva:

motocicleta > moto	automóvel > auto
fotografia > foto	quilograma > quilo
logomarca > logo	Teresópolis > Terê
pneumático > pneu	Flamengo > Mengo

Cabem aqui as **Siglas**:

Organização dos Estados Americanos	>	OEA
Organização das Nações Unidas	>	ONU
Academia Brasileira de Letras	>	ABL
Transportes Aéreos Portugueses	>	TAP

PT, PMDM, DEM, PSB, PCB, PDT, PSOL, PSC,TCU, TJDFT...

Derivação por Reduplicação

Formação de palavra por repetição silábica, havendo ou não alteração sonora:

pingue-pongue	to-tó	lambe-lambe
tique-taque	reco-reco	bate-bate

Derivação por Combinação

A palavra derivada combina elementos de duas ou mais outras:

português + espanhol	>	portunhol
brasileiro + uruguaio	>	brasiguaio
Flamengo + Fluminense	>	Fla-Flu

Derivação por Intensificação

Alargamento ou alongamento do sufixo de uma palavra, quase sempre usando-se o **izar**, em substituição a um mais curto já existente:

digitar	>	digitalizar
agir	>	agilizar
protocolar	>	protocolizar
culpar	>	culpabilizar

Composição

É a criação de uma nova palavra pela aproximação de dois ou mais radicais. As palavras compostas podem classificar-se como justapostas ou como aglutinadas.

Composição por Justaposição

Os radicais mantêm sua integridade sonora intocável, sem alteração sequer de um fonema, podendo ou não haver uso de hífen:

guarda-chuva	mand**ac**huva
finca-pé	pont**ap**é
couve-flor	min**iss**aia
mal-aventurado	ma**ln**ascido
super-regular	extr**arr**egular

Composição por Aglutinação

Na junção dos radicais acontece a queda ou alteração de fonema(s):

filho de algo	>	fidalgo	perna alta	>	pernalta
em boa hora	>	embora	água ardente	>	aguardente
grande eloquência	>	grandiloquência	vinho acre	>	vinagre

Hibridismo

É a junção de componentes mórficos, oriundos de línguas diferentes, na mesma palavra, não importando se ela foi formada por composição ou por derivação, ou seja, se tem dois ou mais radicais, ou se apenas um radical mais afixo(s):

*auto*móvel	(*grego* + latim)	bi*cicleta*	(latim + *grego*)
*endo*venoso	(*grego* + latim)	bi*gamia*	(latim + *grego*)
socio*logia*	(latim + *grego*)	oleo*grafia*	(vern. + *grego*)

Prática

■ Leia atentamente e responda **C** ou **E**:

53. ( ) pôr, transpor, posto, posição, imposição, impostor, postura, posicionado... pertencem à mesma família de palavras.
54. ( ) vida, viver, vivaz, vivacidade, vital, vitalidade, vitalício, vitaliciedade, pós-vida, vivo, vivenciar... são cognatos.
55. ( ) A palavra neologismo é um bom exemplo de hibridismo.
56. ( ) Neologismo significa palavra nova. É um vocábulo derivado com dois radicais de origem grega.
57. ( ) A palavra neologismo é composta por dois radicais (neo + logos), ambos de origem grega, que significam respectivamente novo e palavra.
58. ( ) Ambidestro, bicombustível, dicotomia, anfíbio, bienal, bíblico: todas essas palavras têm em sua constituição um morfema com significado ligado a **dois**.
59. ( ) Todas as palavras do item anterior são formadas por derivação prefixal, exceto a última, que é derivada por sufixação.
60. ( ) Superfície, suprarrenal, superlotar, epiderme, epígrafe, hipermercado: todos esses vocábulos são derivados por prefixação e seus prefixos latinos (super, supra) e gregos (epi, hiper) apresentam entre si correspondência semântica.
61. ( ) Todas as palavras a seguir exemplificam derivação sufixal: amoroso, barrigudo, latino, diário, enfermiço, medonho, róseo, datilografia.
62. ( ) Do exercício anterior, a última palavra não é derivada, mas composta por dois radicais gregos que significam respectivamente dedo e escrita.
63. ( ) São exemplos de derivação regressiva ou deverbal os seguintes substantivos: desembarque, festejo, grita, renúncia, entrega, chute, agito, esfrega, troca, arquivo, barco, apelido.
64. ( ) Do exercício anterior, arquivo, barco e apelido não são derivados regressivos ou deverbais porque semanticamente não trazem ideia de ação, mas denotam objeto ou substância.
65. ( ) Exemplificam a derivação parassintética os seguintes vocábulos: abotoar, amanhecer, anoitecer, aterrorizar, embainhar, embrutecer, envelhecer, escurecer, esvaziar, esburacar, introduzir.
66. ( ) Do exercício anterior, introduzir é, em Português, palavra primitiva. No latim, constitui derivação prefixal (intro + dúcere = para dentro + levar).
67. ( ) Em gasômetro e geografia constata-se a existência de vogal de ligação.
68. ( ) A aglutinação pode ser encontrada em: lobisomem (lobo e homem), vinicultura (cultura da vinha), agridoce (acre e doce), monocórdio (uma corda), silvícola ou selvícola (morador da selva).
69. ( ) São exemplos de derivação por conversão, ou derivação imprópria, substantivos comuns transformados em nomes próprios: Pereira, Coelho, Pimenta, Vargem Grande.

70. ( ) "Analise o protótipo, avalie prós e contras, e me dê urgentemente uma resposta". Nessa frase, pela ordem, encontra-se uma composição de palavra, duas derivações impróprias, uma sufixação adverbial e uma derivação prefixal.
71. ( ) Na questão anterior, só há um erro: a última palavra, que é **resposta**, formou-se por derivação regressiva e não prefixal.
72. ( ) "Os anjolescentes obstaculizavam a portaria onde o donjuan passaria". Há, nessa frase, pela ordem em que aparecem, exemplos de composição por combinação, derivação intensificada, derivação sufixal, derivação imprópria.
73. ( ) Na frase "Que teremos para jantar?" há uma derivação imprópria, ou conversão.
74. ( ) Em "A CBF resolveu promover treinos no Rio", há duas palavras formadas por abreviação, duas por prefixação e uma por regressão. Todas compostas.
75. ( ) Na questão anterior, só o último período apresenta informação errada.
76. ( ) Nas palavras **ambi**destro, **bi**combustível, **bí**blico, **di**cotomia, **anfí**bio, e **bi**enal, os prefixos em negrito trazem significado ligado ao número dois.

Ortografia

Uso das Letras

Uso do Hífen

Uso dos Porquês

Mal e Mau

Onde e Aonde

Acentuação Gráfica

Do grego (**orto** = certo, correto + **grafia** = escrita), ortografia significa escrita correta.

É capítulo que, indiscutivelmente, ainda precisa de conscientização e reparos por parte das comunidades linguísticas e educacionais, tarefa que já abraçamos.

Em setembro de 2008, a Presidência da República do Brasil promulgou o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, assinado em Lisboa, em dezembro de 1990, por oito países lusófonos (*vide* Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, Vestcon Editora).

O Decreto de promulgação implementou as novas regras ortográficas a partir de 1° de janeiro de 2009, devendo valer tanto a antiga quanto a nova ortografia até 31 de dezembro de 2012, a partir de quando passará a viger apenas a última regulamentação.

Para atender a esse período de transição, este capítulo usa as seguintes cores:

verde:	indica novas regras;
laranja:	indica o que não sofreu alteração;
azul:	indica regras antigas.

Ajustes estão sendo esperados durante um período de adaptação e observação e, à medida que necessários, serão divulgados no site **www.vestcon.com.br**.

É oportuno pedir ao leitor que conheça o movimento **www.acordarmelhor.com.br** e que o ajude com seu apoio, para a racionalização e simplificação das regras ortográficas, visando inclusive, à eliminação de exceções.

ALFABETO (norma nova)

O alfabeto português, com a introdução de K, k (cá ou capa); W, w (dáblio) e Y, y (ípsilon), passou a ter 26 letras ou grafemas:

A a	B b	C c	D d	E e	F f
G g	H h	I i	J j	**K k (cá)**	L l
M m	N n	O o	P p	Q q	R r
S s	T t	U u	V v	**W w (dáblio)**	X x
Y y (ípsilon)	Z z				

USO DE K, W, Y

Essas três novas letras ou grafemas são destinadas ao seguinte uso:

1	Em antropônimos (nomes de pessoas) originários de outras línguas e seus derivados: *Byron, byroniano; Darwin, darwinismo; Franklin, frankliniano; Kant, kantista, kantismo; Kardec, kardecista, kardecismo...*
2	Em topônimos (nomes de lugares) de outras línguas e seus derivados: *Kwuanza, kwanzaniano; Kuwait, kuwaitiano; Malawi, malawiano...*
3	Em siglas internacionais (TWA, KLM) e em símbolos internacionais (K de potássio, *kalium* em latim; W de oeste, *West* em inglês; kg de quilograma; km de quilômetro; kW de quilowatt; kV de quilovolt; yd de jarda, *yard* em inglês...).

Observações:

a) Antropônimos estrangeiros e seus derivados: respeita-se a grafia, inclusive das demais letras e do trema: Garrett, garrettiano; Müller, mülleriano; Shakespeare, shakespeariano... Muitos têm mais de uma grafia: Baruch, Baruc; Loth, Lot; Ziph, Zif; Joseph, José; Nazareth, Nazaré; Judith, Judite; Jacob, Jacó; Isaac, Isac; David, Davi; Josafat, Josafá; Madrid, Madri; Calecut, Calicut, Calcutá, Cid...

b) Topônimos estrangeiros e seus derivados: vernaculizam-se, ou seja, devem ser adaptados, aportuguesados, sempre que possível: Calicut > Calcutá; Cherbourg > Cherburgo; Finland > Finlândia; Torino > Turim; Zürich > Zurique...

USO DO *H, h*

USA-SE H INICIAL	
1	Por respeito à etimologia (origem das palavras): haver, hélice, hera, hoje, hora, homem, humor...
2	Por convenção: hã?, hem?, hum!

Observações:

a) Várias palavras já se modernizaram (**e**rva, **e**rvaçal, **e**rvanário, **e**rvoso...) e convivem com formas eruditas, mais tradicionais (herbáceo, herbanário, herboso...).
b) Quando deixa de ser inicial, o h pode desaparecer (hebdomadário > biebdomadário; harmônico > desarmônico; homem > lobisomem...) ou ser antecedido por hífen (anti-horário, pré-história, sobre-humano).

USA-SE O H FINAL
Em interjeições: Ah! Oh! Ih! Uh!

Observação:

Não se usa o h final na interjeição de vocativo: "Ó jardineira, por que estás tão triste?..."; Ó menino, venha cá.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

1. ( ) No Brasil, preferem-se as formas Calcutá, Cid, Davi, Josafá, Jó, Jacó, Madri, Nazaré.
2. ( ) Continuam existindo **ç** (c cedilhado) e os dígrafos **rr**, **ss**, **ch**, **lh**, **nh**, **gu**, **qu**...
3. ( ) Corretas as grafias Malawi, malawiano, Müller, mülleriano, shakespeariano, Kubitschek.
4. ( ) Preferem-se as grafias: uísque, drinque, vodca, vermute e não whisky, whiskey, drink, vodka, vermouth...
5. ( ) Preferem-se as grafias Garona, Jutlândia, Milão, Munique, Turim, Zurique e não Garonne, Jutland, Milano, München, Torino, Zürich...
6. ( ) Em haver, hélice, hera, hoje, hora, homem, humor... o **h** (agá) se mantém com base na etimologia.
7. ( ) O mesmo acontece com herbáceo, herbanário, herbicida, herbícola, herbático, herbívoro, que se originam, por via culta, da palavra latina **herba**.
8. ( ) Porém erva, ervaçal, ervoso, ervica, ervicida escrevem-se **sem h** (agá) porque essa grafia já foi consagrada pelo uso.
9. ( ) Usa-se **h** (agá) final em interjeições: Oh! Ah!
10. ( ) O **h** (agá) permanece no interior de palavras ligado por hífen (anti-higiênico, pré-história, sobre-humano, contra-haste), mas desaparece quando antecedido de **in**, **an**, **des** ou do **som "z"** (inábil < in+hábil; desumano < des+humano; exaurir < ex+haurir).

USO DAS LETRAS

Em cada item, siga o modelo e pratique.

Observe:

monte – mont**ês**; Escócia – esco**cês**; Portugal – portugu**ês**...

Adjetivos derivados de substantivos escrevem-se com **s**: **(ês, esa)**.

Prática

11. França: francê__
12. Japão: japone__a
13. corte: cortê__
14. burgo: burguê__
15. montanha: montanhê__
16. campo: campone__a

Observe:

prior – prior**esa**; duque – duqu**esa**; sacerdote – sacerdot**isa**...

Os sufixos **-esa** e **-isa**, formadores de feminino, escrevem-se com **s**.

Prática

17. barão: barone__a
18. príncipe: prince__a
19. cônsul: consule__a
20. papa: papi__a
21. poeta: poeti__a
22. profeta: profeti__a

Observe:

metást**ase**, anáf**ase**; diur**ese**, gên**ese**, sínt**ese**; diál**ise**, anál**ise**; diagn**ose**, metamorf**ose**, hipn**ose**...

Grafam-se com **s** as terminações **-ase**, **-ese**, **-ise**, **-ose**.

Prática

23. cateque__e
24. anáfa__e
25. hemopti__e
26. meio__e
27. hidróli__e
28. simbio__e
29. neuro__e
30. psico__e
31. sínte__e

Observe:

pre**s**o – apre**s**ar; va**z**io – esva**z**iar; rai**z** – enrai**z**ar, catáli**s**e – catali**s**ar...

Radicais com **z** originam palavras com **z**. Radicais com **s** originam palavras com **s**.

Prática

32. baliza: bali__ar
33. vez: reve__ar
34. trás: atra__o
35. vaso: enva__ar

Observe:

moral – moral**izar**; rubor – rubor**izar**; tranquilo – tranquil**izar**...

Verbos de radicais não terminados em **s** ou **z** recebem o sufixo **-izar**, com **z**.

Prática

36. profeta: profeti__ar
37. civil: civili__ar
38. concreto: concreti__ar
39. anarquia: anarqui__ar
40. drama: dramati__ar
41. banal: banali__ar

Atenção:

sífilis – sifil(i)-izar

Observe:

pôr – pu**s**; querer – qui**s**er; relu**z**ir – relu**z**...

As formas dos verbos **pôr** e **querer** (e seus derivados) escrevem-se com **s**. As formas dos verbos que já têm **z** escrevem-se com **z**.

Prática

42. querer: qui__, qui__esse
43. pôr: pô__, pu__esse, pu__er
44. trazer: tra__
45. dizer: di__
46. fazer: fi__, fi__esse, fi__er
47. cozer: co__i

Observe:

l**ous**a; N**eus**a; p**aus**a...

Depois de **ditongo**, escreve-se **s**, e não z.

Prática

48. cau__a
49. gêi__er
50. mai__ena
51. náu__ea
52. Sou__a
53. pou__ar

Observe:

compree**nd**er – compreen**s**ão; subme**rg**ir – submer**s**o, subme**rs**ão; conver**rt**er – conver**s**ão...

Palavras derivadas de radicais com **nd**, **rg**, **rt** grafam-se com **s** (**ns, rs**).

Prática

54. apreender: apreen__ão
55. pretender: preten__ão
56. aspergir: asper__ão
57. imergir: imer__ão
58. inverter: inver__ão
59. divertir: diver__ão

Observe:

puro – pur**eza**; honrado – honrad**ez**; nu – nud**ez**...

Substantivos derivados de adjetivo escrevem-se com **z** (**ez, eza**).

Prática

60. árido: aride__
61. áspero: aspere__a
62. avaro: avare__a
63. claro: clare__a
64. cúpido: cupide__
65. estúpido: estupide__

Observe:

pro**ceder** – proce**ss**o; a**gredir** – agre**ss**ão; re**primir** – repre**ss**ão; ad**mitir** – admi**ss**ão...

Palavras derivadas dos radicais **-ceder**, **-gredir**, **-primir**, **-mitir** escrevem-se com **ss**.

Prática

66. ceder: ce__ão
67. aceder: ace__o
68. exceder: exce__o
69. progredir: progre__o
70. regredir: regre__o
71. imprimir: impre__ão
72. oprimir: opre__ão
73. deprimir: depre__ão
74. omitir: omi__ão
75. demitir: demi__ão
76. permitir: permi__ão

Observe:

sindética – a**ss**indética; **s**afra – entre**ss**afra...

Palavras iniciadas por **s** escrevem-se com **ss** quando recebem prefixos terminados em vogal.

Prática

77. sílaba: a__ilábico
78. sossego: a__ossegar
79. surgir: re__urgir
80. supor: pre__upor
81. sair: sobre__air
82. semelhante: de__emelhante

Observe:

jun**to** – jun**ç**ão; perfei**to** – perfei**ç**ão...

Radicais terminados em **to** geram **c**, **ç**.

Prática

83. atento: aten__ioso
84. projeto: proje__ão
85. exceto: exce__ão
86. isento: isen__ão
87. distinto: distin__ão
88. ereto: ere__ão

Observe:

f**oic**e; Conc**ei**ção; t**ouc**eira...

Depois de **ditongo**, escrevem-se as letras **c** ou **ç**, e não ss.

Prática

89. cau__ão
90. lou__a
91. bei__o
92. arcabou__o
93. coi__e
94. fei__ão

Observe:

mu**ç**ulmano, alfa**c**e; Igua**ç**u; mu**ç**um...

Escrevem-se com **c** ou **ç** palavras de origem árabe, indígena ou africana.

Prática

95. a__afrão
96. a__ucena
97. alma__o
98. pa__oca
99. ca__anje
100. a__aí

Observe:

s**eix**o; c**aix**a; fr**oux**o...

Depois de **ditongo**, usa-se **x**, e não ch.

Prática

101. fai__a
102. amei__a
103. madei__a
104. trou__a
105. bai__o
106. pei__e

Exceções:

c**auch**o, c**auch**al, rec**auch**utagem.

Observe:

mexer; **Méx**ico; **enx**ada; **enx**ó...

Usa-se **x** após os grupos iniciais **me-** e **en-**.

Exceções:

charco – **ench**arcar
cheio – **ench**er
chumaço – **ench**umaçar
an**ch**ova ou **ench**ova

Prática

107. me__icano
108. me__ilhão
109. me__erico
110. en__aguar
111. en__ergão
112. en__erido
113. en__urrada
114. en__uto

Observe:

xá; ara**x**á, **X**angô...

Escrevem-se com **x** palavras de origem árabe, indígena ou africana.

Prática

115. almo__arife
116. o__alá
117. __adrez
118. ca__ambu
119. mu__o__o
120. __avante

Observe:

vadio – vadi**agem**; lã – lan**ugem**; vert**igem**...

Escreve-se a letra **g** nas terminações **-agem**, **-igem**, **-ugem**.

Prática

121. ara__em
122. fuli__em
123. malandra__em
124. ferru__em
125. selva__em
126. penu__em

Exceção:

a vi**agem**; que eles vi**ajem**

Observe:
ágio; privil**égio**; prest**ígio**...

Escreve-se a letra **g** nas terminações **-ágio**, **-égio**, **-ígio**, **-ógio**, **-úgio**.

Prática
127. adá__io
128. está__io
129. plá__io
130. egré__io
131. reló__io
132. refú__io

Observe:
pa**j**é; alfan**j**e; acara**j**é...

Grafam-se com **j** palavras de origem indígena, árabe ou africana.

Prática
133. __ê
134. __enipapo
135. __erimum
136. __irau
137. alfor__e
138. caçan__e

Exceções:
álgebra, algema, algeroz

USO DO HÍFEN (norma antiga)

O hífen, ou traço-de-união, é um sinal (-) com várias funções na escrita.

Hífen usado na composição de palavras novas por justaposição

Têm sentidos diferentes:

amor perfeito	≠	amor-perfeito
copo de leite	≠	copo-de-leite
segunda feira	≠	segunda-feira
sem vergonha	≠	sem-vergonha
sempre viva	≠	sempre-viva

Atenção:
Nem toda palavra composta por justaposição é ligada por hífen:
girassol, madressilva, mandachuva, pontapé, rodapé, vaivém...

Prática

■ Escreva nos parênteses os significados.

139. copo de leite (_____)
140. sempre viva (_____)
141. sócio econômico (_____)
142. copo-de-leite (_____)
143. sempre-viva (_____)
144. socioeconômico (_____)

Hífen nos compostos sem elemento de ligação

luso-brasileiro
histórico-geográfico
médico-cirúrgico
sino-japonês

Prática

■ Reescreva **corretamente**.

145. luso africano _____
146. nipoamericano _____
147. anglo americano _____
148. sinosoviético _____
149. greco romano _____
150. afro brasileiro _____

Hífen usado para separar elementos sufixados

-mor — sempre
-açu
-guaçu
-mirim
— só após vogal tônica, inclusive nasal

altar-mor
guarda-mor
maracanã-guaçu
ingá-açu
socó-mirim

Exceções:

O nome das cidades de Manhuaçu, Manhumirim, Mojiguaçu e Mojimirim está registrado sem hífen.

Prática

■ Reescreva **corretamente**.

151. capitão mor _____
152. ingá açu _____
153. Manhu-açu _____
154. Moji guaçu _____
155. altar mor _____
156. capim mirim _____
157. Manhu-mirim _____
158. Moji mirim _____

Hífen usado para separar elementos prefixados

O hífen separa dos radicais os seguintes prefixos tônicos:

aquém- além- recém-	pró- pré- pós-	sem- bem-	sota-, soto- vice-, vizo-	nuper- ex- co- pára-	grão- grã- bel-

além-mar	bem-amado	co-autor
recém-casado	soto-ministro	pára-choque
pré-escola	vice-reitor	grão-duque
pós-graduação	vizo-rei	bel-prazer
sem-vergonha	ex-aluno	

Exceção:

Sr. Benvindo (antropônimo), seja bem-vindo!

Prática

■ Reescreva **corretamente**.

159. aquém fronteiras _____
160. aquém mar _____
161. além túmulo _____
162. além mar _____
163. recém vindo _____
164. pró leite _____
165. pro-por _____
166. pró educação _____
167. pro rogar _____
168. pré natal _____
169. pré escola _____
170. pre tender _____
171. pós operatório _____
172. pos por _____
173. senvergonha _____
174. sem terra _____
175. bem querer _____
176. bem educado _____
177. bem falante _____
178. sotogovernador _____
179. vice governador _____
180. vizo governador _____
181. nuper vindo _____
182. examante _____
183. co seno _____
184. co autor _____
185. pára lama _____
186. pára choque _____
187. grão vizir _____
188. grã cruz _____
189. bel prazer _____

■ Leia e compare.
José é um sem-terra. Os vasos estão sem terra.
O bem-educado e o mal-educado comportam-se diferente.
Ele é um sem-vergonha. Sorria sem vergonha e sem medo.
Sorria, sem-vergonha. Ele chorava sem vergonha.

O hífen separa os prefixos dos seus radicais quando ocorrem os casos discriminados a seguir

auto- contra- extra- infra- intra- neo- prot(o)- pseud(o)- semi- supra- ultra-	diante de	vogal H R S	usam o hífen.

Exceção:

extraordinário.

Prática

■ Reescreva **corretamente**.

190. auto confiante _____
191. auto defesa _____
192. auto avaliação _____
193. auto reconhecimento _____
194. contra dizer _____
195. contra indicar _____
196. contra regra _____
197. extra regimental _____
198. extra-ordinário _____
199. intra hepático _____
200. infra vermelho _____
201. infra som _____
202. neo clássico _____
203. neo simbólico _____
204. proto histórico _____
205. pseudo etimologia _____
206. pseudo sábio _____
207. pseudo ciência _____
208. semi árido _____
209. semi desértico _____
210. supra renal _____
211. supra-partidário _____
212. ultra humano _____
213. ultra correto _____

ante- sobre- ant(i)- arqui-	diante de	H R S	usam o hífen.

Exceções:

antissepsia; antisséptico; sobressair; sobressaltar; sobressalto; sobressaltear; sobressalente; sobresselente; sobressaliente, embora o VOLP registre, também, que deve ser: anti-sepsia; anti-séptico; sobre-sair; sobre-saltar...

Prática

■ Reescreva **corretamente**.

214. ante diluviano _____
215. ante rosto _____
216. ante sala _____
217. anti herói _____
218. anti democrata _____
219. anti social _____
220. arqui milionário _____
221. arqui secular _____
222. sobre humano _____
223. sobre salente _____
224. sobre sair _____
225. sobre saltar _____
226. sobre saltear _____

Pare aqui! Antes de seguir, refaça num papel à parte o que já foi feito deste capítulo.

inter- super- hiper-	diante de	H R	usam o hífen.

Exceções:

interregno, hiperepatia.

Prática

■ Se já refez todos os exercícios de hífen, continue.

227. super homem _____
228. super humano _____
229. super resistente _____
230. inter resistente _____
231. super ativo _____
232. super dotado _____
233. hiper hedônico _____ *
234. hiper hidrose _____ *
235. hiper rugoso _____
236. hiper rancoroso _____

* O VOLP registra também: hiperedônico, hiperidrose.

pan- circum- mal-	diante de	H vogal	usam o hífen.

Prática

■ Reescreva.

237. circum ambiente _____
238. circum hospitalar _____
239. circum navegar _____
240. pan hispânico _____
241. pan americano _____
242. mal humorado _____
243. malagradecido _____
244. mal ajambrado _____ *
245. pan harmônico _____ *
246. pan africano _____

* Registram-se também: malajambrado e panarmônico.

ad-	diante de	R ou D	usa(m) o hífen.
sub-	diante de	R ou B	
ab- ob- sob-	diante de	R	

Exceções:

ab-rupto ou abrupto, sob-bosque ou sobosque, sub-bosque ou subosque, subumano ou sub-humano, subepático ou sub-hepático.

Prática

■ Continue.

247. ad referendar _____
248. ad digital _____
249. ad rogar _____
250. sub raça _____
251. sub região _____
252. sub rogar _____
253. sub base _____
254. sub borato _____
255. sub entender _____
256. sub secretário _____
257. sub hepático _____ *
258. sub área _____ **
259. sub humano _____ *
260. sub oficial _____ **

* Existem oficialmente: subepático e subumano.

** Fogem à pronúncia geral, mas são as formas oficiais.

Curioso...

1. Existem subaluguel e subaluguer.
2. Prefixo **sub-** seguido de palavra iniciada por l: escrevem-se juntos, lêem-se separados:
   - **escrita**: subliminar, sublingual, subliterato;
   - **pronúncia**: sub liminar, sub lingual, sub literato.
3. O VOLP admite dupla pronúncia para: sublevar e sublinhar.

■ Mais um pouco.

261. ab reação _____
262. ab rogar _____
263. ob rogar _____
264. ob reptício _____
265. sob roda _____
266. sob rojar _____
267. ab rupção _____ *
268. ab rupto _____ *
269. ab ruptela _____ *
270. ab ruptipenado _____ *

* O VOLP registra também com hífen: ab-rupção, ab-rupto, ab-ruptela, ab-ruptipenado. Devem-se pronunciar separadamente o **b** e o **r**, mesmo nas formas escritas sem hífen.

Prefixos ou radicais que não usam hífen

aero	cis	etno	hipo	mega	neuro	socio
agri	cromo	filo	homo	meta	odonto	tele
ambi	crono	fisio	in	micro	oni	termo
anfi	des	geo	iso	midi	orto	trans
audio	dis	hemi	justa	mini	pluri	tri
auri	ego	hetero	linguo	mono	poli	uni
bi	endo	hexa	macro	moto	quilo	video
bio	epi	hidro	maxi	multi	retro	

Prática

■ Agora, termine.

271. agri doce _____
272. ambi destro _____
273. audio visual _____
274. auri verde _____
275. bi sexual _____
276. homo sexual _____
277. hetero sexual _____
278. orto molecular _____
279. mini mercado _____
280. mono fásico _____
281. odonto pediatra _____
282. pluri anual _____
283. poli esportivo _____
284. iso térmico _____
285. neuro cirurgião _____
286. tele vendas _____
287. mono motorizado _____

USO DO HÍFEN (norma nova)

Hífen nos compostos sem elemento de ligação

Observe:

afro-brasileiro ≠ afrodisíaco, afrogenia, afrofilia...
anglo-brasileiro ≠ anglofalante, anglomaníaco, anglofilia...
euro-asiático ≠ eurorresidente, eurodescendente, euromania...
franco-germânico ≠ francofilia, francófilo, francodescendente...

Conclusão:

Compostos formados por mais de um radical pátrio (afro, anglo, euro, franco, indo, luso, sino...), locativo ou gentílico, grafam-se com hífen.

Prática

■ Reescreva corretamente:

288. luso americano _____ 289. afro descendente _____
290. teuto mania _____ 291. teuto germânico _____
292. euro canal _____ 293. euro asiático _____
294. luso fonia _____ 295. luso moçambiquense _____
296. franco angolano _____ 297. franco maçonaria _____

Observe:

A nova ortografia apresenta, como exceções do uso do hífen, girassol, madressilva, mandachuva, pontapé, paraquedas, paraquedista, paraquedismo, entre outras.

Conclusão e prática

■ Complete:

298. Os demais compostos iniciados pelas formas verbais **para** e **manda** _____

_____

Prática

■ Reescreva corretamente:

299. gira mundo _____ 300. gira discos _____
301. gira sol _____ 302. para brisa _____
303. para lama _____ 304. para-choque _____
305. manda tudo _____ 306. manda brasa _____
307. busca pé _____ 308. ponta pé _____
309. manda chuva _____ 310. guarda chuva _____
311. madre pérola _____ 312. madre caprina _____

Hífen nos topônimos e gentílicos

Observe:

Grã-Bretanha, Grão-Pará ≠ Belo Horizonte
Passa-Quatro, Quebra-Costas ≠ Boa Vista
Albergaria-a-Velha ≠ América do Sul

Conclusão:

Topônimos compostos usam hífen quando iniciados por Grã, Grão, por forma verbal e quando tenham internamente um artigo. Exceções: Guiné-Bissau e Timor-Leste.

Prática

■ Reescreva corretamente:

313. Abre Campo _____
314. Rio de Janeiro _____
315. Quebra Frasco _____
316. Todos os Santos _____
317. Três Rios _____
318. Entre os Rios _____
319. Trás os Montes _____
320. Trinca Fortes _____
321. Pendura Saia _____
322. Timor Leste _____
323. Santa Cruz _____
324. Guiné Bissau _____
325. América do Sul _____
326. Nova Guiné _____

Observe:

África do Sul ≠ sul-africano, africano-do-sul
Rio Grande do Norte ≠ norte-rio-grandense, rio-grandense-do-norte

Conclusão:

Mesmo que os topônimos compostos sejam escritos sem hífen, os seus gentílicos são hifenizados.

Prática

■ Escreva os gentílicos correspondentes aos topônimos.

327. Rio Grande do Sul _____
328. América do Norte _____
329. Porto Alegre _____
330. Belo Horizonte _____
331. Cruzeiro do Sul _____
332. da Índia e da China _____
333. da Indochina _____
334. do centro da África _____
335. da República Centroafricana _____

■ Assinale **C** ou **E**:

336. ( ) Topônimos e gentílicos se escrevem com inicial maiúscula.
337. ( ) Topônimos e antropônimos se escrevem com inicial maiúscula.
338. ( ) Gentílicos escrevem-se com inicial minúscula, a não ser que comecem a frase.

Observe:

mula-sem-cabeça > mula sem cabeça pé-de-moleque > pé de moleque

Conclusão:

Os compostos com elemento de ligação, na nova ortografia, perderam o hífen.

Prática

■ Reescreva convenientemente.

339. pé-de-pato _____
340. baba-de-moça (doce) _____
341. papo-de-anjo (doce) _____
342. ponta-de-lança (futebol) _____

Hífen nos encadeamentos vocabulares

Observe:

O lema de Liberdade, Igualdade e Fraternidade ≠ o lema Liberdade-Igualdade-Fraternidade.
O percurso de Rio para Brasília ≠ o percurso Rio-Brasília.

Conclusão:

Encadear palavras é um recurso econômico propiciado pelo uso do hífen.

Prática

■ Crie encadeamento, se possível.

343. Foi de Florianópolis a Brasília, passando por Curitiba e Uberlândia.
Fez o percurso _____.
344. Estava na divisa entre Brasil, Argentina e Paraguai.
Estava na divisa _____.

Hífen nas espécies botânicas e zoológicas

Observe:

abóbora-menina, banana-menina, banana-d'água, couve-flor;
andorinha-do-mar, formiga-branca, bem-te-vi, joão-de-barro;
azeite-de-dendê, água-de-coco, bálsamo-do-Canadá.

Conclusão:

Nomes de espécies botânicas e zoológicas, produtos afins e derivados escrevem-se com hífen, tendo ou não elemento de ligação. Exceção: girassol, madressilva, malmequer (*vide* a regra de mal).

Prática

■ Corrija, se preciso.

345. bálsamo coral _____
346. bálsamo de cheiro _____
347. bico de papagaio (planta) _____
348. bico de papagaio (nariz adunco, problema de coluna) _____
349. bem me quer _____
350. mal me quer _____
351. mata pasto (planta) _____
352. mata borrão _____
353. não me toques (planta) _____
354. não me toques (melindres) _____
355. bola de neve (planta) _____
356. bola de neve (situação que cresce) _____
357. Colheu o copo de leite _____
358. Bebeu um copo de leite _____

Hífen antes de h

Observe:

anti-higiênico, circum-hospitalar, contra-harmônico...
arqui-hipérbole, eletro-higrômetro, semi-histeria...
reaver, coerdeiro, deserdado, inumano, anistórico...

Conclusão:

Prefixos e falsos prefixos usam hífen antes de h, exceto **re**, **co**, **des**, **in**, **an**.

Prática

■ Corrija, se necessário.

359. coherdeiro _____
360. desherdar _____
361. antihumano _____
362. préhistória _____
363. contraharmônico _____
364. inharmônico _____
365. desharmonia _____
366. superharmonia _____
367. cohabitar _____
368. deshabitar _____
369. anhistórico _____
370. anhepático _____

371. ahistórico _____ 372. anhidro _____
373. eletrohigrometria _____ 374. geohistória _____
375. inhabilidoso _____ 376. ultrahabilidoso _____
377. cohabilidade _____ 378. arquihipérbole _____
379. rehaver _____ 380. rehouvera _____
381. rehumanizar _____ 382. rehidratar _____

■ Preencha:
383. Usa-se hífen antes de h, exceto quando precedido de ____, ____, ____, ____, ____.

Atenção:

bi-hebdomadário e biebdomadário, carbo-hidrato e carboidrato, porque o primeiro elemento não perdeu fonema vocálico (justaposição). Porém **cloridrato**, **clorídrico**, por ter o primeiro elemento perdido fonema vocálico (aglutinação).

Observe:

contra-almirante, infra-axilar, semi-interno, semi-irado, auto-observação, auto-olhar...
coopositor, reeducar, preencher, proótico.

Conclusão:

Quando prefixo ou falso prefixo terminam com a mesma letra vogal que inicia o segundo elemento, usa-se hífen (exceto ree, pree, coo, proo).

Prática

■ Corrija, se necessário.
384. supraauricular _____ 385. contraatestar _____
386. reeducar _____ 387. cooperação _____
388. antiibérico _____ 389. arquiirmão _____
390. preexistir _____ 391. autoobservação _____
392. microonda _____ 393. semiinconstante _____

■ Preencha:
394. Usa-se hífen para separar letras vogais iguais em palavra composta, exceto nos encontros ____, ____, ____, ____.

Observe:

Circum-ambiente, pan-amazônico, circum-murar, pan-mestiço, circum-nadar, pan-negro, pan-paulista, pan-britânico, circum-habitar...
Circuncisão, panteísmo...

Conclusão:

Circum e **pan** recebem hífen antes de **vogal**, **m**, **n**.

Prática

■ Corrija, se necessário.

395. circum navegar _____
396. pan hemisférico _____
397. circum adjacência _____
398. Circum vagar _____
399. pan mágico _____
400. Pan americano _____
401. pan psiquismo _____
402. Pan nigeriano _____
403. pan brasileiro _____
404. Circum volução _____
405. circum lóquio _____
406. Pan harmônico _____

■ Preencha:

407. Pan e circum recebem hífen antes de _____, _____, _____.

Observe:

Inte**r-r**esistente, su**b-b**ase, a**d-d**igital, su**b-r**esistente, a**d-r**ogar.

Conclusão:

Separam-se com hífen r-r, b-b, d-d, b-r, d-r.

Prática

■ Corrija, se necessário.

408. hiperrequinte _____
409. superrevista _____
410. subbloco _____
411. sub-bosque _____
412. subreitor _____
413. addsoniano _____
414. abrupto _____
415. adrenalina _____
416. adrenalite _____
417. adrenal _____
418. subrogar _____
419. subresfriar _____

■ Preencha:

420. São exceções: _____, _____, _____, _____.

Observe:

Além-Atlântico, além-fronteira, aquém-montanha, recém-vindo, sem-fim, bem-vindo.

Conclusão:

Recebem hífen os compostos iniciados por **além**, **aquém**, **recém**, **sem**, **bem**.

Prática

■ Corrija, se necessário.

421. além mar _____ 422. aquém divisa _____
423. além pireneus _____ 424. recém casado _____
425. recém nascido _____ 426. o sem cerimônia _____
427. um sem vergonha _____ 428. um sem número _____
429. bem aventurado _____ 430. bem criado _____

■ Preencha:

431. São exceções: _____, _____, _____, _____, _____, _____.

Observe:

ex-ator, ex-professor, soto-capitão, sota-capitão, vice-rei, vizo-rei.

Conclusão:

ex (cessamento), **soto**/**sota** (= sub), **vice**/**vizo** antecedem hífen.

Prática

■ Corrija, se necessário.

432. ex padre _____ 433. ex portar _____
434. ex presidente _____ 435. ex patriar _____
436. soto piloto _____ 437. sota pitoto _____
438. vizo monarca _____ 439. vice presidente _____

Observe:

pós-graduação, pré-átono, pró-africano.

Conclusão:

pós, **pré**, **pró** (abertos e tônicos) antecedem hífen.

Prática

■ Corrija, se necessário.

440. pré natal _____ 441. pós parto _____
442. pos por _____ 443. pós textual _____
444. postergar _____ 445. pró europeu _____
446. propor _____ 447. pró soviético _____
448. pré gravação _____ 449. pré embrião _____

450. pré eleger _____ 451. pré esclerose _____
452. pré esclerótico _____ 453. pre existir _____
454. pré eleição _____ 455. Pré eleito _____
456. pré eleitoral _____ 457. Pré embrionário _____

■ Preencha:
458. São anormais: _____, _____.

Observe:

Mal-aventurado, mal-educado, mal-humorado, malditoso, malfalante.

Conclusão:

Mal (advérbio) tem hífen antes de **vogal** e **h**.

Prática

■ Corrija, se necessário.
459. mal criado _____ 460. Mal falante _____
461. mal amado _____ 462. Mal afamado _____
463. mal ajambrado _____ 464. Mal entendido _____
465. mal olhado _____ 466. Mal visto _____

Observe:

Mal-americano (sífilis) mal-germânico (sífilis) mal-napolitano (sífilis)

Conclusão:

Mal (substantivo, significando doença), sem elemento de ligação, usa hífen.

Prática

■ Corrija, se necessário.
467. mal-bruto (hanseníase) _____ 468. mal-caduco (epilepsia) _____
469. mal-céltico (sífilis) _____ 470. mal-canadense (sífilis) _____
471. mal-morfético (hanseníase) _____ 472. mal-francês (sífilis) _____
473. mal da nuca _____ 474. mal de Alzheimer _____
475. mal de Parkinson _____

Atenção!

São anormais: mal-andança (infortúnio), mal-assombro (fantasma), malconceito (má fama), malcriação, porque, apesar de registrado no VOLP, o **mal** está indevidamente usado como adjetivo. Deveria ser má-andança, mau-assombro, mau-conceito, má-criação.

Observe:

andá-açu, amoré-guaçu, anajá-mirim, Manhuaçu, Mojimirim.

Conclusão:

Sufixos tupis **açu** (grande), **guaçu** (grande), **mirim** (pequeno) ligam-se por hífen quando antecedidos de vogal acentuada graficamente, ou para preservar a pronúncia.

Prática

■ Corrija, se necessário.

476. Manhu mirim _____ 477. Moji guaçu _____
478. Ceará mirim _____ 479. capim açu _____
480. socó açu _____ 481. tatu açu _____
482. cupim açu _____ 483. tuim açu _____

NÃO SE USA HÍFEN

Observe:

Locuções substantivas: *cão de guarda, sala de estar, água de cheiro...*
Locuções adjetivas: *cor de café, cor de bonina, cor de abacate, à toa...*
Locuções pronominais: *cada um, qualquer um, quem quer que...*
Locuções adverbiais: *à toa, depois de amanhã, à vontade, em cima, por isso...*
Locuções prepositivas: *abaixo de, em cima de, junto a, quanto a...*
Locuções conjuntivas: *logo que, uma vez que, ao passo que...*
Frases nominalizadas: Era um *deus nos acuda*. Foi um *salve-se quem puder*. Era a *casa da mãe Joana*. É um *Maria vai com as outras...*

Conclusão:

Locuções e frases nominalizadas não usam hífen.

Prática

■ Corrija, se necessário.

O *arco-da-velha* (484) que vivera *ao-deus-dará* (485) era *água-de-colônia* (486) lançada *à-queima-roupa* (487) no *pé-de-meia* (488) *cor-de-rosa* (489) preso ao caule do *dois-por-dois* (490), conhecida palmeira da Região Norte. Vivera está no *mais-que-perfeito* (491).

_____
_____
_____

Observe:

não proliferação... não violência... quase perfeito... quase mordida...

Conclusão:

Não e **quase**, mesmo usados como prefixos, não usam hífen.

Prática

■ Corrija, se necessário.

Houve um *quase-entendimento* (492) naquele tratado de *não-agressão* (493) e *não-vingança* (494).

_____

Observe:

agridoce, auriverde, contradizer, contrafação, contralateral, ortomolecular...

Conclusão:

Em palavras cujo primeiro elemento (prefixo ou radical interno) termina em vogal e o segundo começa com consoante que não permite alteração fonética, unem-se os dois sem hífen.

Prática

■ Corrija, se necessário.

495. agro negócio _____ 496. agro mania _____
497. auri céfalo _____ 498. auro ferrífero _____
499. contra vento _____ 500. contra verdade _____
501. contra fluxo _____ 502. orto fotografia _____
503. orto morfismo _____ 504. retro carregar _____
505. proto plama _____ 506. proto vértebra _____

Observe:

anti**aé**reo, c**oe**educar, estr**ae**scolar, aut**oa**prendiz, agr**oi**ndustrial, supr**ai**nventivo.

Conclusão:

Na união de vogais com letras diferentes, não se usa hífen.

Prática

■ Corrija, se necessário.

507. aero espacial _____ 508. supra inventivo _____

509. auto investigação _____ 510. termo elétrica _____
511. endo estesia _____ 512. hidro avião _____

Observe:

Anti**rr**eligioso, contr**arr**egra, ant**iss**emita, c**oss**eno.

Conclusão:

r ou **s**, antecedidos de vogal, transformam-se em **rr** e **ss**, para preservar o som original.

Prática

■ Corrija, se necessário.

513. extra regular _____ 514. infra som _____
515. mini saia _____ 516. bio ritmo _____
517. bio satélite _____ 518. bi secular _____
519. micro sistema _____ 520. micro radiografia _____

HÍFEN REPETIDO

Observe:

recém-	bem-
-nascido	-mandado

Conclusão:

Repete-se o hífen quando a translineação acontece exatamente onde ele está.

Prática

■ Corrija, se necessário.

521. ... circum-
navegar

522. ... super-
rádio

523. ... vice-
prefeito

524. ... soto-
mestre

525. ... bem-
humorado

526. ... pós-
graduado

Observação final:

Expressões latinas e de outras línguas não se alteram, quando não aportuguesadas: *Ad augusta per angusta. Ab ovo. Carpe diem. Ad valorem. Verbi gratia. Ad immortalitatem. To be or not to be.*

USO DOS PORQUÊS

Observe:

Queremos saber **por que** (motivo) não nos convocaram.
A razão **por que** (pela qual) estão agindo assim não foi esclarecida.

POR QUE	1. Quando se subentende a palavra **motivo**. Pode ocorrer nas interrogações diretas ou indiretas. 2. Quando substituível pelo pronome relativo preposicionado **pelo qual** e suas flexões, **pela qual**, **pelos quais**, **pelas quais**.

Prática

527. _____ não são tomadas providências concretas?
528. Muito se falou, mas ninguém explicou _____ as mudanças foram adiadas.
529. São justos os ideais _____ lutamos.
530. Desconhecemos o motivo _____ ele não compareceu.

Observe:

São perceptíveis mudanças no clima, **por quê** (motivo)?

POR QUÊ	Quando se subentende a palavra **motivo** e está **seguido de pausa**. As pausas são marcadas por: **, ; : . ? ! – ...**

Prática

531. Acentua-se o conflito na fronteira, resta saber _____ .
532. Foram feitas críticas a esse modelo econômico, _____?
533. Houve nova desvalorização da moeda _____?
534. Não sabia _____ , mas estava confiante.
535. Ela saiu e você imagina _____...

Observe:

O **porquê** de tanto esforço só você pode entender.

PORQUÊ	Emprega-se quando for um **substantivo**.

Prática

536. Explique-nos o _____ dessa atitude precipitada.
537. Desconhecemos _____ e consequências da ausência de tantos condôminos.
538. Resta-lhes explicar pelo menos um _____ dessa desvalorização da moeda.
539. _____ interessantes nos esperam.

Observe:

Ele voltou para a mulher **porque** detestava silêncio.

PORQUE	1. Conjunção causal. 2. Conjunção explicativa. → Resposta a perguntas. 3. Conjunção final (= para que). 4. Pergunta com resposta implícita.

Prática

540. Os servidores fizeram cursos de aperfeiçoamento _____ a chefia os obrigou.
541. Os jovens são os melhores empreendedores, até _____ aceitam riscos que os mais velhos não assumiriam.
542. Gritava a plenos pulmões _____ fosse de longe ouvido.
543. Você está feliz. Não será _____ o namorado chegou?

■ Preencha conscientemente em relação ao uso dos porquês.

544. _____ você está rindo?
545. Estou rindo _____ fui bem na prova. Eis _____ estou rindo.
546. Você continua rindo! _____?
547. Não lhe posso dizer o _____.
548. Então ria de lábios fechados, _____ seus dentes estão sujos.

■ Continue.

549. _____ você errou?
550. Errei _____ não estudei.
551. Não estudou _____?
552. Vou-lhe dizer _____ não estudei. Mas _____ você quer saber o _____ de eu não ter estudado? Só _____ você é curioso?
553. Não. É _____ eu quero ajudá-lo.

■ Continue.

554. Qual o motivo _____ ela me ama? Talvez _____ tenha mostrado a ela os sentimentos _____ fui envolvido.
555. Os _____ do coração humano são indecifráveis.

MAU ≠ MAL

MAU	É **adjetivo**. Fala de um substantivo. Pode ir para o plural e para o feminino.

Josias era um **mau jogador**, passou por **maus momentos**,
adjet. subst. adjet. subst.

porém não tinha **más intenções**.
adjet. subst.

MAL	Pode ser **substantivo**: Conheça o bem e **o mal**. art. subst.
	Pode ser **advérbio**: Ela **falava mal**. José era **mal educado**. verbo adv. adv. adjet.
	Pode ser **conjunção temporal**: **Mal** chegou, sorriu. (mal = quando)

Prática

Use **mal** se no seu lugar couber **bem**.
Use **mau** (má, maus, más) no lugar de **bom** (boa, bons, boas).

■ Reveja os exemplos e reescreva.

556. bom jogador: _____ jogador
557. bons momentos: _____ momentos
558. boas intenções: _____ intenções
559. o bem: o _____
560. falava bem: falava _____
561. bem educado: _____ educado

ONDE ≠ AONDE

Veja Capítulo 17, Regência, p. 345.

ABREVIATURAS, SIGLAS, SÍMBOLOS

Abreviatura

Abreviatura é a grafia reduzida de palavra(s), terminada com um ponto: Dra. (Doutora), Dr. (Doutor), Sra. (Senhora), Sr. (Senhor), a.C. ou A.C. (antes de Cristo), a.D. ou A.D. (*Anno Domini*, ou no ano do Senhor), P.S. (*Post Scriptum*), abrev. (abreviatura).

Sigla

Sigla é a união das letras iniciais das palavras que nomeiam instituições, associações, órgãos, empresas etc. A sigla difere da abreviatura porque não apresenta ponto final: OMC (Organização Mundial do Comércio), ONU (Organização das Nações Unidas), FMI (Fundo Monetário Internacional), AGU (Advocacia Geral da União).

Sigla pronunciável letra a letra deve ter todas as letras em formato maiúsculo: BB, TCU, INSS, IGPM, BNDES.

Sigla com até três letras grafa-se com todas maiúsculas:
a) quer pronunciável letra a letra: CBF (cê bê efe), STF (esse tê efe), AGU (a, gê, u).
b) quer pronunciável como palavra: ONU (ônu), PIS (pis), PAS (pas).

Sigla com mais de três letras, pronunciável como uma palavra, deve ter a primeira letra maiúscula e as seguintes, minúsculas: Alerj, Bacen, Petrobras, Enem.

Símbolo

Símbolo é um tipo de abreviação convencionado e padronizado no âmbito de determinado campo de conhecimento. Não termina por ponto, nem tem plural: **g**, grama(s); **h**, hora(s); **m**, metro(s) ou minuto(s); **l**, litro(s); **kl**, quilolitro(s); **km**, quilômetro(s); **min**, minuto(s); **K**, potássio; **Au**, *aurum*, nome latino do ouro; **Ag**, *argentum*, nome latino da prata; **Cu**, *cuprum*, nome latino do cobre.

Prática

■ Assinale C (certo) ou E (errado) nos parênteses, para as seguintes afirmações.

562. ( ) Abreviatura não usa ponto.

563. ( ) Sigla usa ponto.
564. ( ) Símbolo e sigla não usam ponto.
565. ( ) Abreviatura usa ponto.
566. ( ) Redução de uma palavra com as letras iniciais, terminadas com ponto, chama-se abreviatura.
567. ( ) Infere-se dos exemplos dados na definição de abreviatura que o uso de inicial maiúscula é sempre obrigatório.
568. ( ) Redução de várias palavras com a letra inicial de cada uma, sem uso de ponto ao final, chama-se sigla.
569. ( ) Dos exemplos apresentados na definição de sigla, deduz-se que elas sempre começam com letra maiúscula.
570. ( ) Pelos exemplos dados na definição de símbolo, conclui-se que os símbolos químicos apresentam inicial maiúscula.

571. Corrija, dentre as seguintes, as três siglas mal grafadas:
ABI (Associação Brasileira de Imprensa), AGU (Advocacia-Geral da União), ANPAC (Associação Nacional de Proteção e Apoio aos Concursos), CBF (Confederação Brasileira de Futebol), FMI (Fundo Monetário Internacional), OAB (Ordem dos Advogados do Brasil), Onu (Organização das Nações Unidas), Pis (Programa de Integração Social), STF (Supremo Tribunal Federal).

572. Preencha os parênteses com a sigla de cada Estado brasileiro.
Acre ( ), Alagoas ( ), Amapá ( ), Amazonas ( ), Bahia ( ), Ceará ( ), Distrito Federal ( ), Espírito Santo ( ), Goiás ( ), Maranhão ( ), Mato Grosso ( ), Mato Grosso do Sul ( ), Minas Gerais ( ), Pará ( ), Paraíba ( ), Paraná ( ), Pernambuco ( ), Piauí ( ), Rio de Janeiro ( ), Rio Grande do Norte ( ), Rio Grande do Sul ( ), Rondônia ( ), Roraima ( ), Santa Catarina ( ), São Paulo ( ), Sergipe ( ), Tocantins ( )

573. Corrija, se necessário:
Em 2h. e 20min., ele percorreu 250 kms.

ACENTUAÇÃO GRÁFICA (norma antiga)

Casos específicos

Monossílabos tônicos: acentuam-se os terminados em:

a(s), **e(s)**, **o(s)**: pá(s), pé(s), vê(s), tê-lo, nó(s), pô-lo.

Prática

■ Acentue, se necessário, as palavras dos grupos abaixo.

574.

no (subst.)	po (subst.)	vos (pron. reto)	mas (adj.)	vi
le-lo	nos (subst.)	cos	voz	nu
ri	fi-lo	noz	cor	ma
cru	fa-lo	po-lo	vez	ves

Oxítonos: acentuam-se os terminados em:

a(s), **e(s)**, **o(s)**, **em**, **ens**: está(s), prevê(s), café(s), cipó(s), robô(s), (ele) retém, (eles) retêm, reféns.

Prática

■ Acentue, se necessário, as palavras dos grupos abaixo.

575.

atras	atraves	contem (pl.)	marca-lo	decidi-lo
maio	apos (verbo)	camelo	dete-lo	recem
buriti	voce	cara	impo-lo	porem

Paroxítonos: acentuam-se os terminados em:

i(s), **us**: júri(s), vírus;
um, **uns**: álbum, álbuns;
on, **ons**: íon(s), próton(s);
ôo, **ôos**: vôo(s), enjôo(s);
r, **x**, **n**, **l** (RouXiNoL): éter, ônix, éden, sêmen, amável;
ditongo: água, mágoa, série, ciência, órgão;
ps, **ã(s)**: bíceps, órfã(s).

Prática

576. Por que éden, hífen, sêmen (**com acento**) e edens, hifens, semens (**sem acento**)?
Resp.: _____

■ Acentue, se necessário.

577.

caqui (cor)	pensil	hifen	faceis	ciencia
item	polen	hifens	orfão	imã
itens	tenis	triceps	policia (subst.)	neutron

Proparoxítonos: acentuam-se todos.

Prática

■ Acentue as seguintes proparoxítonas:

578.

camara	eramos	interim	edito
calculo	medico	veiculo	umido
falassemos	transito	fotografo	abobada

Observação:

Não há padronização quanto às palavras que mantêm a forma latina. No *Aurélio*, paroxítonos como *quantum*, *primum*, *princeps* não estão acentuados, embora apareçam com acento: *quórum*, *déficit*, *superávit*, *fórum*.

Casos gerais

Acentuam-se os ditongos **éi, ói, éu**, abertos e tônicos.

Prática

579.

roi	paranoia	aldeia	seu
doi	sequoia	apoio	reuzinho
moi	geleia	chapeu	assembleia

Observação:

Pasteizinhos, aneizinhos, anzoizinhos, chapeuzinhos não são acentuados porque os ditongos **éu**, **éi** e **ói** saíram da sílaba tônica.

Acentuam-se

i / u	tônicos e 2ª diferente vogal de hiato e sozinhos na sílaba ou com **s** e não seguidos de **nh**	caído, caíste, Emaús, reúne
		Mas: sucuuba, caindo, Saul rainha, xiita

Prática

■ Acentue as palavras dos grupos abaixo, optando por hiato.

580.

cai	cair	juiz	Raul	conclui
caido	caindo	alaude	reune	construi-lo
caiste	juizo	balaustre	tainha	proibe
gratuito	fluido	distribui	rainha	ateismo

G > U < E Q > U < I	**u** pronunciado átono = **ü**: ag**ü**entar
	u pronunciado tônico = **ú**: arg**ú**is

Usa-se o trema no **U** dos encontros **GU** e **QU** quando seguidos de **E** ou **I**, se o **U** for átono. Se o **U** for tônico, recebe acento agudo.

Prática

■ Use corretamente o trema.

581. aguentas, enxaguei, arguem, apaziguei, tranquilo, argui, oblique, cinquenta, averigue, equino, linguiças, sequestro, delinquir, frequentemente, arguimos, apazigue

Verbos com plural especial

		crer	dar	ler e ver		(com ou sem prefixo)
êem	(ele)	crê	dê	lê	vê	(regra dos monossílabos tônicos, p. 81 e 89)
	(eles)	crêem	dêem	lêem	vêem	ESPECIAL
	(ele)	descrê	desdê	relê	revê	(regra dos oxítonos, p. 82 e 89)
	(eles)	descrêem	desdêem	relêem	revêem	ESPECIAL

		ter e vir		(sem prefixo)
êm	(ele)	tem	vem	(regra dos monossílabos tônicos, p. 81 e 89)
	(eles)	têm	vêm	ESPECIAL

		ter e vir (com prefixo)				
ém/êm	(ele)	retém	contém	provém	advém	(regra dos oxítonos, p. 82 e 89)
	(eles)	retêm	contêm	provêm	advêm	ESPECIAL

Prática

■ Corrija, se necessário.

582. Ele provem do sul, mas seus pais provem do leste.
583. Cada qual diz as coisas que lhe convem.
584. Ele faz aquilo que lhe convem.
585. O que contem estas caixas?
586. Os teóricos, agora, revem os conceitos.
587. Eles proveem a despensa do necessário para uma semana.
588. Eles não descreem sistematicamente.

Acentos diferenciais de intensidade

côa(s) – verbo coar
pára – verbo parar
pélo, péla(s) – verbo pelar; péla (bola, jogo)
pêlo(s) – cabelo
pêra – (substantivo)
péra (pedra) – em péra-fita
póla(s) – pancadaria
pôla(s) – rebento, broto de árvore
pólo(s) – extremidade, jogo
pôlo(s) – gavião ou falcãozinho
pôr – verbo
pôde – perfeito do indicativo

Prática

■ Acentue.

589 Ele para a todo instante para olhar o mapa.
590. Veja se você para para pensar.
591. Por ordem médica, ela vai por um marca-passo por mês.
592. Passava a mão pelo pelo do animal.
593. Ele se pela de medo pela amiga.

Prática Geral

594. (PRF/N.M./ANP) Assinale o vocábulo escrito **incorretamente**.
a) colisão.
b) necessidade.
c) estranjeiro.
d) experiência.

595. (PRF/N.M./ANP) Assinale a opção em que há **erro** no emprego de **mau** ou **mal**:
a) Saiu-se mal na prova.
b) Não faça mau a ninguém.
c) Ele mal adivinha o que o espera.
d) Ele sempre foi mau aluno.

596. (ITA/VEST.) Assinale a opção em que todas as palavras estejam **corretamente** grafadas.
a) homilia, tepidez, revezar, reveses, paisinho.
b) pôr, pêlo, véns, provejai, averigüem.
c) sequer, assimetria, descensão, suscinto, avidês.
d) caístes, amá-la-íeis, bemdisseram, prazeiroso, coalizão.
e) requesitar, rivalizar, fascínora, emurchecer, extravazar.

597. (BRB/N.M./IDR) Indique a alternativa em que todas as palavras estão grafadas **corretamente**.
a) "Cheque pré-datado não existe", irrita-se o advogado. "É um crime de extorção indireta, um convite ao descomprimento de normas vingentes".
b) Aqueles que se sentirem prejudicados devem procurar as instituições financeiras que domissiliavam sua conta, apresentando os documentos comprovatórios dos acrécimos indevidos.
c) Se ele cochilasse, o ajiota não exitaria em dobrar os juros acertados previamente.
d) Antigamente os brasileiros enfileiravam-se para comprar feijão na entressafra; mais recentemente, encontram empecilhos para pegar guia de atendimento no INSS.

598. (ALCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **incorreta**.
a) Maria se indigna por que não obteve a classificação?
b) Por que haveria de se ocupar daquele assunto, se não era sua a obrigação?
c) O princípio de que o réu é inocente até prova em contrário é uma conquista da civilização; daí por que não tem ele que se preocupar.
d) Depois de suas explicações foi fácil entender por que tomara aquela decisão.

599. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **correta**.
a) Mecanismos de contrôle do Orçamento do DF – o projeto de lei orgânica estabelece uma prestação de conta trimestral, por parte do Executivo, à Câmara Legislativa.
b) Atrelado à idéia de independência política das cidades-satélite, o dispositivo também deverá causar polêmica, pois entra em choque novamente com princípios constitucionais, de caracterizar a divizibilidade do DF.
c) Autonomia financeira para as Administrações Regionais – O artigo 153 do capítulo II do Orçamento destina verbas a serem administradas com autonomia pelas administrações regionais.
d) Este dispositivo deverá ser combatido pelo GDF, através de sua bancada na casa, uma vez que já existem mecanismos de contrôle através da programação de envestimento, estipulada no Orçamento anual, somados à Lei de Diretrizes Orçamentárias e ao Plano Plurianual.

600. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **incorreta**.
a) Existe ainda uma série de outros pontos de menor importância que sucitam controvérsias.
b) Tais pontos deverão exigir dos deputados muita discussão quanto à interpretação da constitucionalidade.
c) É o caso da participação de servidores na diretoria de empresas públicas e autarquias; permissão para reunião em local de trabalho; a participação popular na elaboração da lei orçamentária anual, bem como vários pontos do capítulo da Comunicação Social, do Transporte, da Segurança, da Saúde e da Educação.

d) Muitos dispositivos são considerados de competência exclusiva da União e deverão ser retirados do projeto de lei orgânica.

601. Assinale a seqüência que completa **corretamente** as lacunas do texto seguinte.
Não sabemos _____ greves e mais greves se sucedem na área educacional. Aliás, ninguém parece saber o _____ disso tudo. A situação é muito grave, principalmente _____ está associada ao crescente descrédito em relação à escola pública.
a) porquê / por que / por quê.
b) por quê / porquê / por que.
c) por que / porquê / porque.
d) porque / por quê / por que.

602. (ATCL-DF/N.S./IDR) Quanto ao emprego das iniciais maiúsculas e minúsculas, é **incorreto** afirmar que
a) os nomes dos meses, dias, semanas e estações do ano devem ser escritos com inicial maiúscula.
b) os nomes dos pontos cardeais escrevem-se com inicial minúscula quando designam direções ou limites geográficos.
c) as iniciais maiúsculas são usadas nos nomes de fatos históricos e importantes, de atos solenes e de grandes eventos públicos.
d) os nomes que designam altos cargos, dignidades ou postos devem ser escritos com iniciais maiúsculas quando acompanhados do nome ou quando o cargo o substituir.

603. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a seqüência em que todas as palavras estão **corretamente** grafadas.
a) admissão / admirar / adivinhar / adiminículo.
b) privilégio / táboa / monje / óbolo.
c) choviscar / estripolia / extasiar / inexorável.
d) majestade / herege / adstringente / inexaurível.

604. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a seqüência que apresenta **erro** de grafia.
a) ascensão / expenças / extensivo / ressuscitar.
b) batizar / repisar / extenso / exceção.
c) quisesse / enviesar / envernizar / cortês.
d) paralisar / turquesa / revés / desazado.

605. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a seqüência que preenche **corretamente** as lacunas.
Todos os cidadãos devem saber_____ o Poder Legislativo está assim. Estamos instalando novos computadores, é um momento de transição, eis o _____.
a) por que / porquê.
b) porque / por quê.
c) porquê / por que.
d) por que / porque.

606. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **correta** quanto à ortografia.
a) A cultura não prezume, não pode almejar, nem à uniformisação, nem à unidade sem diversidade.
b) A linguagem administrativa e legal, em qualquer sociedade organizada, apresenta um hiato em relação aos usos correntes da língua.
c) O fenômeno da inteleção da linguagem jurídica apresenta uma série de problemas ao cidadão leigo.
d) É necessário consiliar a tecnisidade dos textos legais com a comunicação do povo, que é o principal destinatário da lei.

607. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **correta** quanto à ortografia.
a) A rescisão do contrato depende do acordo entre empregador e empregado.
b) O parecer legislativo deve ser suscinto, claro e conciso.
c) A campanha publicitária pode sucitar falsas expectativas junto ao público menos consciente.
d) Não se pode precindir das ordenações sociais formuladas em conjunto e consolidadas em forma de lei.

608. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **correta** quanto à ortografia.
a) As leis precisam ser ezeqüíveis para que possam aperfeiçoar objetivamente a sociedade.
b) A pespicácia em relação às aspirações da sociedade é essencial para um político.
c) Os subcídios ainda são insuficientes para fundamentar o voto do ilustre Deputado.
d) O interstício entre uma votação e outra deve corresponder ao que preceitua o regimento.

609. (Ag. Adm./TRT/N.M./ACCESS) Só está **correta** a grafia da palavra destacada em:
a) Talvez ele não **esteje** à altura do cargo.
b) O povo **reinvindicou** seus direitos.
c) Os **empecilhos** da privatização ainda não foram superados.
d) Ele expôs com clareza a sua **pretenção**.
e) Não consigo **advinhar** a causa da sua tristeza.

ACENTUAÇÃO GRÁFICA (norma nova)

Monossílabos tônicos	
a(s), e(s), o(s)	Continuam-se acentuando os monossílabos tônicos terminados em a(s), e(s), o(s): pá(s), pé(s), vê(s), pó(s), Jô, Jó, pôs (verbo), dá-lo, vê-lo, pô-lo, fá-lo-ás, trá-las-iam (trariam+as), trá-lo-á (trará+o), trá-las-á (trará+as)...
	^ ou **´**, conforme pronúncia brasileira ou portuguesa: rô/ró (letra grega).
ter/vir/pôr	Ele tem, eles **têm**; ele vem, eles **vêm**; **pôr** (verbo), por (preposição).

Oxítonos	
a(s), e(s), o(s), em, ens	Continuam-se acentuando os oxítonos terminados em a(s), e(s), o(s), ém, éns: cajá(s), café(s), dendê(s), avó(s), avô(s), adorá-lo, entrevê-los, sobrepô-las, detê-lo, repô-la...
	^ ou **´**, conforme pronúncia brasileira ou portuguesa: bebê/bebé, bidê/bidé, caratê/caraté, crochê/croché, guichê/guiché... ou metrô/metro, judô/judo...
ter e vir	Continuam exatamente iguais: **ele** tem, retém, mantém, vem, advém, convém...; **tu** tens, reténs, manténs...; **eles** têm, retêm, mantêm, vêm, advêm, convêm...

Monossílabos tônicos e oxítonos		
éi(s), ói(s), éu(s), abertos	Eram acentuados todos: réis, sóis, anéis, chapéu(s)...	– **éi**(s), **ói**(s), **éu**(s), **em final de palavra**, continuam acentuados: réis, anéis, dói, corrói(s), chapéu(s), véu(s)...
	idéia, jibóia, paranóico...	– **Não finais, perdem o acento**: id**ei**a, jib**oi**a, paran**oi**co, prot**ei**co... (ver nos paroxítonos: Méier, destróier...).

Paroxítonos		
Não terminados em: a(s), e(s), o(s), em, ens	Continuam-se acentuando os paroxítonos terminados em **i**(s), **u** – júri(s), oásis, vírus, húmus; em **om**, **on**, **ons** – iândom, rádom, rádon(s), fóton(s), herôon(s); em **um**, **uns** – álbum, álbuns, fórum, fóruns; em **r**, **x**, **n**, **l** – éter, âmbar, Méier, destróier, blêizer, gêiser; ônix, Fênix, bórax; éden(s); amável, útil; em **ditongo** – jóquei(s), pódio(s); em **ps** – bíceps, fórceps; em **ã** – ímã(s), órfã(s).	
	^ ou **´**, conforme pronúncia brasileira ou portuguesa: pênis/pénis, tênis/ténis, bônus/bónus, Vênus/Vénus; fêmur/fémur; sêmen/sémen; fêmea/fémea...	
oo, eem	Eram acentuados: vôo(s), crêem, dêem...	**Não mais se acentuam**: voo(s), creem/descreem, deem, desdeem, leem, releem, veem, reveem...
i/u, tônico	Pós-ditongo, acentua-vam-se nos paroxítonos: b**ai**úca, b**oi**úno, f**ei**úra...	– **Perderam o acento nos paroxítonos**: baiuca, boiuno, cauila, feiura, bocaiuva (coco-de-catarro), cheiinho, feiinho, maoismo, maoista, taoismo, taoista... – **nos oxítonos, acentuam-se**: teiú(s), tuiuiú(s), bocaiú(s)...
	Continuam sendo acentuados i/u, segunda diferente vogal tônica de hiato, sozinha na sílaba ou com s, não seguida de nh: aí, arguí(s), arguía(s), arguíste(s), arguímos, arguíra(m), baú(s), Alaíde, alaúde, faísca, juízes, sanduíche... Porém: juiz, paul, ruim, ainda, triunfo, rainha, arguiu, fuinha...	

e/o/a em homografia	Acentuavam-se: pêlo, pêra, pôlo, pólo, pára, pôr, pôde...	Agora, obrigatório só: **pôr** e **pôde** (verbo). Facultativos: – **subjuntivo**: que nós **dêmos**. – **pretérito: amamos**, **louvamos**... – **pronúncia fechada**: **forma**.

Proparoxítonos	
	Continuam-se acentuando todos os proparoxítonos: árabe, cáustico, Cleópatra...
	^ ou ´, conforme pronúncia brasileira ou portuguesa: acadêmico/académico, anatômico/anatómico, cênico/cénico, gênero/género.

Trema		
	gue/gui, que/qui tinham acento agudo ou trema: argúi(s), seqüestro...	gue, gui, que, qui não têm mais trema nem acento agudo: águem, delinquir, ele argui, tu arguis, sequestro, aquífero, frequente, linguiça, aguentas...
	Atenção: 1. palavras estrangeiras: Hübner(iano), Müller(iano)... 2. arguí (veja oxítonos da regra "i/u, tônico").	

Prática

■ Corrija pela nova ortografia.

Ele tem (610) o direito, mas elas não o tem (611). O juiz (612) e a juiza (613) tambem (614) consideraram paranoica (615) a atitude de empafia (616) do sequestrador (617). Eles arguem (618) hoje exatamente o que argui (619) ontem e Ataide (620) argui (621) agora. O voo (622) frequente (623) do tuiuiu (624) entretem (625) os turistas proximos (626) ao agueiro (627). Ela poderia ama-los (628), prende-los (629)... e fa-lo-a (630) assim que a geleia (631) os tornar doceis (632). Vou por (633) por (634) perto da claraboia (635) os chapeus (636) dos herois (637). No passado ela nunca pode (638) instrui-lo (639) porem (640) agora pode (641). Qual a forma (642) da ultima (643) forma (644)?

O plural de foton (645) é fotons (646), de iandom (647) é iandons (648), de radom (649) ou radon (650) é radons (651), de heroon (652) é heroons (653), de destroier (654), geiser (655) e bleizer (656) é destroieres (657), geiseres (658) e bleizeres (659). Enquanto o taoismo (660), para os taoistas (661), é uma doutrina filosófica e transcendental, o maoismo (662) é, para os maoistas (663), uma teoria política, diferente do hinduismo (664).

Prática

665. (TFC-RJ/N.S.) Indique a opção em que **não** há **erro** de grafia.

a) Porque chegou atrazado perdeu grande parte do explêndido espetáculo.
b) Pediu-lhe que ascendesse a luz, pois a claridade não era impecilho a seu repouso.
c) Ele não é uma exceção, também é muito ambicioso.

d) Quizera eu que todas as espécies animais estivessem livres da estinsão.
e) Não poderia advinhar que sua música viesse a ter tanto hêsito.

666. (TFC-RJ/N.S.) Identifique o segmento inteiramente **correto** quanto à grafia.
a) Há intensão de se alcançar um consenso para evitar as divergências entre os parlamentares.
b) É preciso cessarem as disensões para se obter a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação.
c) Um aquário pode ser tido como um ecossistema, no qual os escrementos dos peixes, depois de decompostos, fornecerão elementos essenciais à vida das plantas.
d) O Sol é o responsável pela emissão de luz, indispensável para a fotossíntese, processo pelo qual as plantas produzem o alimento orgânico primário assim como praticamente todo o oxigênio disponível na atmosfera.
e) Pesquizas recentes têm atribuído a choques meteóricos a súbita extinção dos dinossauros da face da Terra.

667. (AFRE-SP/N.S.) Assinale a seqüência que preenche **corretamente** as lacunas.
Era um homem _____, daí seu _____ comportamento.
a) frustado / extranho.
b) frustado / estranho.
c) frustrado / estranho.
d) frustrado / extranho.

668. (AFRE-SP/N.S.) Assinale a seqüência que preenche **corretamente** a lacuna.
Essa foi a _____.
a) estensão dos prejuisos.
b) extensão dos prejuízos.
c) extensão dos prejuizos.
d) estenção dos prejuísos.

669. (Sold. Pol. Milit.) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da frase a seguir.
____ muito tempo, ele vivia ____ juntar papéis velhos, ____ não tinha outra ocupação.
a) A / a / porque.
b) À / à / por que.
c) Há / a / porque.
d) Há / à / por quê.
e) A / há / porquê.

670. Assinale a opção em que todas as palavras estão escritas **corretamente**.
a) O principal refugio do sujeito era uma muntueira de papéis.
b) A Polícia, às vezes, se faz de cega frente ao problema da mendicância.
c) A opreção deixa muitos individuos à margem da sociedade.
d) O papeleiro não adimitia discursão na defesa do seu território.
e) Baixinha era um apilido, porque ela era baichinha.

671. Assinale a opção em que as palavras completam **corretamente** a frase seguinte.
Na _____ da última quinta-feira, a Prefeitura planejou a _____ do terreno baldio em duas partes, para fazer a _____ de uma delas aos catadores de lixo.
a) sessão / secção / cessão.
b) secção / cessão / sessão.
c) cessão / sessão / secção.
d) sessão / cessão / secção.
e) cessão / secção / sessão.

672. Assinale a alternativa em que as palavras estão escritas **incorretamente**.
a) presente / caule / lenços.
b) enrijando / miúdas / adeus.
c) cheirosa / transparente / cajus.
d) rezina / treis / flôres.
e) pequenino / lembranças / agitado.

673. A alternativa em que **as duas palavras** devem ser escritas com "g" é
a) gor___eta / in___eção.
b) cere___eira / berin___ela.
c) ti___ela / mar___em.
d) ___iló / la___e.
e) sar___eta / ultra___e.

674. As palavras estão **corretamente** escritas na alternativa
a) xuxu e moscila.
b) sessenta e seiscentos.
c) braza e ofenza.
d) querozene e gasolina.
e) crusado e cruseiro.

675. Há **erro** de ortografia na alternativa:
a) velocidade.
b) capaz.
c) compreensão.
d) inesplicável.
e) atração.

676. A frase: "Eis a razão _____ a maçã caiu" completa-se com a palavra:
a) porque. b) porquê. c) por que. d) por quê. e) com que.

677. As palavras que são escritas com **ss** encontram-se na alternativa:
a) a___istir, pa___ivo, promi___ória.
b) a___ enção, di___iplina, sei___entos.
c) desgra___a, corrup___ão, promo___ão.
d) esque___er, aten___ioso, finan___eiro.
e) man___o, remor___o, fal___idade.

678. Escolha a alternativa que preencha adequadamente os espaços.
Iniciada a _____ parlamentar, foi discutida a _____ das terras aos índios.
a) seção / cessão.
b) seção / sessão.
c) cessão / seção.
d) sessão / seção.
e) sessão / cessão.

679. Escolha a alternativa que preencha adequadamente os espaços.
Eu _____ o que você _____, portanto não _____ triste.
a) fiz / quis / fiques.
b) fis / quiz / fique.
c) fiz / quis / fique.
d) fiz / quiz / fiques.
e) fiz / quiz / fique.

680. Assinale a opção em que o fonema **/z/** é representado pela letra **x** em todas as palavras.
a) e__oneração / e__orbitante / e__igüidade.
b) e__ecutante / de__erção / apra__ível.
c) resci__ão / ra__oável / ane__ação.
d) e__igibilidade / e__tintivo / cláu__ula.
e) má__imo / e__clusão / pre__unção.

681. Assinale a alternativa **incorreta** quanto à ortografia.
a) gasolina.
b) estrangeiro.
c) atrazado.
d) atualizar.
e) chuvoso.

682. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Em todas as alternativas, as palavras foram acentuadas corretamente, **exceto** em:
a) Eles têm muita coisa a dizer.
b) Estude os dois primeiros ítens do programa.
c) Afinal, o que contém este embrulho?
d) Foi agradável ouvir aquele orador.
e) Por favor, dêem-lhe uma nova chance!

683. (PRF/N.M./ANP) Assinale o vocábulo **indevidamente** acentuado.
a) lápis.
b) inquérito.
c) pessôa.
d) notícia.

684. (BRB/N.M./IDR) Assinale a alternativa em que todos os vocábulos devam ser acentuados e, respectivamente, pelas mesmas regras que **hipócrita**, **ingênuo**, **ninguém**, **café** e **faísca**.
a) compulsorio / textil / tambem sera / aneis.
b) debentures / desperdicio / parabens / voce / atraido.
c) rubrica / exito / recem / guiche / juizo.
d) apolices / bonus / itens / mes / saida.

685. (ALCL-DF/N.S./IDR). Assinale a alternativa **correta**.
a) O júri foi ágil e determinou que, em tempo hábil, o Estado amparasse os órfãos da cátastrofe.
b) A nova legislação pôs em destaque as vantagens a que os aposentados faziam jús há muitos anos.

c) A consciência tranqüila é uma bênção que os políticos devem alcançar por meio de um contínuo exercício de caráter.
d) A linha tenue que divide a justiça da injustiça é uma espécie de cristal que se pode estilhaçar com o vento.

686. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **incorreta** quanto à acentuação gráfica.
a) destroem / vêem / instruí-lo / partí-los-ão.
b) tórax / hinduísmo / tênis / jabuti.
c) itens / psíquico / fúteis / geléia.
d) caíram / vírus / éter / acórdãos.

687. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a seqüência em que todas as palavras são acentuadas em obediência à **mesma regra**.
a) alguém / afável / açúcar / também.
b) chapéu / heróico / último / próximo.
c) egoísta / faísca / cafeína / viúvo.
d) estréia / família / imóvel / espontâneo.

688. (ATCL-DF/N.S./IDR) Marque a alternativa **correta** quanto à acentuação gráfica.
a) Os polos agrícolas do sul são ferteis e prosperos.
b) O parlamentar pôde participar da assembléia anterior e vai emitir agora um juízo sobre o tema.
c) Louvaríamos a iniciativa se tivessemos participado democraticamente de sua formulação.
d) O país tem muitos contribuíntes e, portanto, muita renda, mas é preciso distribuí-la.

689. (Ag. Adm./TRT/N.M./ACCESS) Algumas palavras não seguem as regras gerais de acentuação. Foi mantido, de um certo modo, um **acento diferencial**. Estão nesse caso as palavras da seguinte alternativa:
a) alguém, parabéns, convém.
b) pólo, pára, pôde.
c) açúcar, hífen, cânon.
d) ágeis, jóquei, faríeis.
e) paranóico, rouxinóis, jibóia.

690. (Ag. Adm./TRT/N.M./ACCESS) Há um **erro** na grafia do plural do verbo na alternativa:
a) ele detém / eles detêm.
b) (que) ele dê / (que) eles dêem.
c) (que) ele conte / (que) eles contem.
d) ele tem / eles têm.
e) ele vê / eles vêm.

691. Assinale a alternativa em que as palavras estão acentuadas **incorretamente**.
a) constituínte / embóra / senadôr.
b) flexível / receberás / pântano.
c) porém / miúdas / até.
d) ofício / São Luís / ninguém.
e) ignorância / fácil / avô.

692. Em qual alternativa as palavras são **paroxítonas**?
a) ótimo / maiúsculas.
b) condução / período.
c) freguês / cômodo.
d) bênção / repórter.
e) André / parabéns.

693. Assinale a alternativa em que **todas** as palavras podem ser acentuadas.
a) vigia / proa.
b) governo / caju.
c) aqui / fusil.
d) taxi / revolver.
e) juiz / nuvem.

694. Assinale a alternativa que está de acordo com a regra "Todas as **proparoxítonas** são acentuadas."
a) saída / faísca.
b) melancólico / ridículo.
c) rês / mês.
d) caberá / poderá.
e) Suíça / cuíca.

695. Em qual alternativa encontra-se a **única** palavra que deve ser graficamente acentuada?
a) corpos. b) força. c) vezes. d) planeta. e) saisse.

696. Assinale a alternativa constituída de palavras **oxítonas**.
a) laje / saco / água / subúrbio.
b) fotografia / pilha / ruído / noite.
c) história / fácil / açúcar / lápis.
d) urubu / reféns / aqui / atrás.
e) idéia / ódio / vida / saída.

697. Assinale a alternativa em que as palavras obedecem à **mesma regra** de acentuação.
a) egoísmo / dívida.
b) será / freqüência.
c) vírus / belíssimo.
d) mês / baú.
e) açúcar / agradável.

698. Assinale a **única** alternativa em que todas as palavras estão corretamente acentuadas.
a) chuchú / querê-lo / Luís / rubi.
b) bíceps / Afrânio / dá-la / café.
c) César / partí-la / ítem / tabú.
d) bau / atrás / túnel / urubú.
e) rapé / também / água / viuva.

699. Nas frases seguintes, a que apresenta **erro(s)** quanto à acentuação gráfica é:
a) Vocês tem que colocar sua rúbrica aqui.
b) Ele fez o cálculo da alíquota.
c) Os países limítrofes participaram da conferência.
d) A nova alfândega será construída proximamente.
e) É considerável este ônus financeiro.

700. A palavra que obedece à mesma regra de acentuação que **corroído** é:
a) ataúde. b) sapé. c) corróis. d) láurea. e) crédulo.

701. De acordo com a acentuação de palavras, marque a série **errada**.
a) pedagio / trânsito / véiculos.
b) incêndio / câmbio / óleo.
c) ré / faróis / pára-brisa.
d) mecânicos / distância / alguém.
e) automóveis / painéis / triângulo.

702. Acentua-se a forma destacada em "**pô-la** na cadeia" porque se trata de
a) forma tônica em hiato.
b) paroxítona terminada em **o** fechado.
c) forma verbal em que, depois de **o**, assimilou-se o **r** ao **l** do pronome.
d) homografia com a preposição **por**.
e) acento distintivo de timbre.

703. A **única** palavra que deve ser acentuada é:
a) abacaxi. b) abacate. c) caju. d) morango. e) maracuja.

Substantivo

DEFINIÇÃO

Substantivo é a palavra com que se nomeiam seres e conceitos.

Exemplos: Maria, cavalo, peroba, Brasil, aragem, beleza, chuva.

Locução substantiva é um conjunto de palavras, com elemento de ligação, equivalentes a um substantivo.

Exemplos: mula sem cabeça, pé de pato (nadadeira), sala de aula, quarto de dormir...

CLASSIFICAÇÃO

Classificam-se os substantivos em:

Concreto

É o que nomeia seres com existência autônoma, independente, ou que são assim imaginados:

pessoas: José, Júlia;
ocupantes de cargos: tesoureiro, professor;
animais: tigre, lesma;
vegetais: árvore, bambu;
minerais: água, ouro;
fenômenos: chuva, relâmpago;
lugares: continente, Piauí;
objetos: caneta, livro;
imaginados: saci, fada, Deus.

Abstrato

É o que nomeia seres ou conceitos que só existem dependentes de outros seres; não existem por si sós:

ações: o chute, a entrega;
sentimentos: amor, compreensão;
qualidades: dureza, feiura;
estado: desonra, glória.

Só existem em função de outros seres.

Próprio

É o que nomeia um ser específico dentro de um grupo:

José, Brasil, Vestcon.

Comum

É o que nomeia um ser como pertencente a uma classe:

homem, país, editora.

Coletivo

É o substantivo comum que nomeia um conjunto de seres:

cardume, esquadra, time.

Coletivos numéricos são os que definem a quantidade de seres ou conceitos: par, dezena, dúzia, centena, grosa, milheiro, biênio, triênio, quadriênio, lustro, década, século, milênio...

Prática

■ Marque as classificações correspondentes a cada substantivo.

		a) Concreto	b) Abstrato	c) Próprio	d) Comum	e) Coletivo
1	inteligência					
2	vento					
3	Juraci					
4	arquipélago					
5	alcateia					
6	rouxinol					
7	Dumbo					
8	saudade					

FLEXÃO

Chama-se flexão a mudança que se pode fazer numa palavra sem alterar seu significado essencial. Exemplificando: **livro** e **livros** apresentam uma diferença, que indica quantidade, mas o objeto que nomeiam é o mesmo.

Os substantivos flexionam-se em gênero, número e grau.

Flexão de gênero

Quanto ao **gênero**, pode o substantivo ser classificado como:

Masculino

O que aceita apenas o artigo masculino:

o cinzeiro, o profeta, o enigma.

Feminino

O que aceita apenas o artigo feminino:

a harpa, a profetisa, a profecia.

Comum de dois

O que aceita tanto o artigo masculino como o feminino, sem mudança de forma:

o amante	**a** amante
o colega	**a** colega
o pianista	**a** pianista

Sobrecomum

Só aceita um artigo (masculino ou feminino), embora se refira a seres de qualquer dos sexos:

o algoz = para homem ou mulher;
o cônjuge = para homem ou mulher;
a vítima = para homem ou mulher;
a testemunha = para homem ou mulher.

Epiceno

Só se refere a animais e só aceita um artigo (masculino ou feminino). Quando se quer definir-lhe o sexo, usa-se a palavra macho ou fêmea:

a águia macho ou o macho da águia;
o jacaré fêmea ou a fêmea do jacaré.

Observação 1:

Como as palavras macho e fêmea são adjetivos biformes, também é correto:

a águia macha – o jacaré fêmeo

Observação 2:

Alguns substantivos mudam o significado quando mudam de gênero:

o cabeça (chefe)	a cabeça (parte do corpo)
o cabra (homem corajoso)	a cabra (animal)
o caixa (trabalhador)	a caixa (objeto)
o cisma (separação)	a cisma (desconfiança)
o crisma (óleo)	a crisma (sacramento)
o grama (unidade de medida)	a grama (vegetal)
o guarda (soldado)	a guarda (vigilância)
o guia (cicerone)	a guia (documento)
o lente (professor)	a lente (vidro de aumento)
o moral (ânimo)	a moral (código de conduta)

Formação do feminino

O **feminino** de um substantivo se faz de quatro maneiras:

a) por substituição ou acréscimo na terminação da palavra, isto é, na desinência:
gat**o**, gat**a**; pintor, pintor**a**; rapaz, rapa**riga**;

b) pela mudança no gênero do artigo:
o colega, **a** colega; **o** jovem, **a** jovem; **o** cliente, **a** cliente;

c) pela mudança completa do radical:
homem, mulher; bode, cabra; pai, mãe;

d) pelo acréscimo de "**macho**" ou "**fêmea**":
a pulga macho, a pulga fêmea.

Prática

■ Ponha nos parênteses **a**, **b**, **c** ou **d**, conforme a norma vista acima.

9. ( ) cavalo / cavalheiro / marido.
10. ( ) rouxinol / besouro / tatu.
11. ( ) artista / imigrante / selvagem.
12. ( ) barão / pombo / ladrão.

■ Assinale certo ou errado. Se estiver errado, indique a correção.

13. ( ) Substantivo uniforme só tem uma forma, que tanto serve para o masculino como para o feminino.
Correção: _____

14. ( ) As letras **a** e **b** do quadro anterior são exemplos de uniformes.
Correção: _____

15. ( ) Os exemplos das letras **a** e **c** do quadro anterior correspondem a substantivos biformes.
Correção: _____

■ Estabeleça a correta correspondência para os seguintes substantivos uniformes.

a) Epicenos b) Sobrecomuns c) Comuns de dois gêneros

16. ( ) dentista / colegial / camarada / pianista / intérprete.
17. ( ) albatroz / besouro / tartaruga / badejo / condor.
18. ( ) apóstolo / indivíduo / testemunha / pessoa / verdugo.

Os substantivos terminados em **-or** fazem o feminino com acréscimo das desinências **-a**, **-eira**, **-triz**.

Prática

■ Realize seus femininos optando pelas desinências **-a**, **-eira**, **-triz** ou outras.

19. leitor _____
20. pintor _____
21. ator _____
22. governador _____
23. imperador _____
24. cerzidor _____
25. remador _____
26. aviador _____

■ Continue.

27. cantador _____ ou _____
28. cantor _____, _____ ou _____
29. embaixador _____ ou _____

O feminino dos **títulos eclesiásticos** ou **de previlégio social** se faz com **-esa**, **-essa** ou **-isa**.

Prática

■ Realize os femininos dos títulos eclesiásticos ou de privilegiados socialmente optando por **-esa**, **-essa** ou **-isa**.

30. abade _____
31. diácono _____
32. sacerdote _____
33. bispo _____
34. papa _____
35. profeta _____
36. píton _____
37. cônego _____
38. druida _____
39. barão _____
40. conde _____
41. duque _____
42. cônsul _____
43. oficial _____

44. alcaide _____ ou _____
45. prior _____ ou _____

Femininos especiais

Prática

■ Realize os **femininos**.

46. bacharel _____
47. cachorro _____
48. cão _____
49. general _____
50. gigante _____
51. hóspede _____
52. elefante _____
53. pardal _____
54. rapaz _____
55. monge _____
56. raja ou rajá _____
57. doge _____
58. silfo _____
59. marajá _____
60. varão _____
61. sandeu _____
62. tabaréu _____

■ Aponte os masculinos de **radicais** diferentes.

63. cabra _____
64. ovelha _____
65. arará _____
66. gironda _____
67. amazona _____
68. dama _____
69. cerva _____
70. besta _____
71. abelha _____
72. abada _____

■ Escreva os **femininos** de:

73. infante _____
74. governante _____
75. presidente _____
76. parente _____
77. doente _____

Os substantivos terminados em **-ão** fazem o feminino em **-ã**, **-oa**, **-ona** e outras terminações.

Prática

■ Escreva os femininos nas colunas corretas.

	MASCULINO	Ã	OA	ONA	OUTRAS
78.	aldeão				
79.	alemão				

	MASCULINO	Ã	OA	ONA	OUTRAS
80.	anfitrião				
81.	beirão				
82.	bretão				
83.	ermitão				
84.	figurão				
85.	lebrão				
86.	maganão				
87.	perdigão				
88.	respondão				
89.	sultão				
90.	tecelão				
91.	valentão				
92.	vilão				

93. Qual das terminações de feminino é usada para **aumentativos** e **adjetivos substantivados**?
a) -ã. b) -oa. c) -ona. d) outra.

■ Assinale **C** ou **E**.

94. ( ) leoa / patroa / pavoa / tabelioa / leitoa.
95. ( ) anciã / coimbrã / faisã / peã / catalã.
96. ( ) **ladra** tem também as variantes **ladroa** e **ladrona**.
97. ( ) **alfaiata** é feminino de **alfaiate**.

Flexão de número

Quanto ao **número**, os substantivos flexionam-se em **singular** e **plural**, normalmente:

o boi	os bois
a manada	as manadas

Alguns só existem no plural (*pluralia tantum*)

afazeres	óculos
alvíssaras	pêsames
anais	parênteses
arredores	víveres
condolências	

Outros mudam de sentido ao mudar de número

dama (senhora)	damas (jogo)
ouro (metal)	ouros (naipe do baralho)
pau (madeira)	paus (naipe do baralho)
honra (probidade)	honras (homenagens)
bem (virtude)	bens (riquezas)
féria (ganho financeiro ou repouso)	férias (repouso)

Formação do plural

Para pluralizar os substantivos, usa-se a desinência **s** quando terminam em **ditongo** ou **vogal** (oral ou nasal).

Prática

■ Pluralize corretamente.

98. mesa _____
99. café _____
100. degrau _____
101. refém _____
102. álbum _____
103. jasmim _____

Aos terminados em **-r** ou **-z**, acrescenta-se **-es**.

Prática

■ Pluralize corretamente.

104. mar _____
105. colher _____
106. gestor _____
107. xadrez _____
108. raiz _____
109. cruz _____

Atenção:

caráter – caracteres

Os terminados em **-il**, se oxítonos, trocam o **l** por **s**.

Prática

■ Pluralize corretamente.

110. ardil _____
111. barril _____

Os terminados em **-il**, se paroxítonos, trocam o **il** por **eis**.

Prática

■ Pluralize corretamente.

112. fóssil _____
113. míssil _____

Atenção:

projetil – projetis
reptil – reptis
projétil – projéteis
réptil – répteis

Os terminados em **-al**, **-el**, **-ol**, **-ul** trocam o **l** por **is**.

Prática

■ Pluralize corretamente.

114. animal _____
115. sol _____
116. papel _____
117. paul _____

Atenção:

mal – males	real – reais ou réis
aval – avales	cônsul – cônsules (e seus derivados)

Os terminados em **-ão**, quase sempre, flexionam-se em **-ãos**, **-ões**, **-ães**.

Prática

■ Pluralize corretamente.

118. cidadão _____
119. irmão _____
120. cristão _____
121. coração _____
122. fração _____
123. balão _____
124. pão _____
125. capelão _____
126. cão _____

Os aumentativos têm sempre o plural em **-ões**.

Prática

■ Pluralize corretamente.

127. bolão _____
128. filhão _____
129. verdão _____

Os paroxítonos têm o plural em **-ãos**.

Prática

■ Pluralize corretamente.

130. órfão _____
131. sótão _____
132. órgão _____

Observação:

Há substantivos que admitem mais de um plural correto.

Prática

■ Escreva nas colunas certas os plurais certos.

		ões	ãos	ães
133.	alão (cão de fila)			
134.	alazão			
135.	alcorão			
136.	aldeão			
137.	anão			
138.	ancião			
139.	bastião (baluarte)			
140.	bênção			
141.	capelão			
142.	capitão			
143.	castelão			
144.	charlatão			
145.	cidadão			
146.	corrimão			
147.	deão (decano)			
148.	ermitão			
149.	escrivão			
150.	feijão			
151.	fuão (fulano)			
152.	guardião			
153.	hortelão			
154.	mão			
155.	opinião			
156.	órgão			
157.	pagão			
158.	peão			
159.	pião			
160.	questão			
161.	rufião			
162.	sacristão			
163.	sultão			
164.	tabelião			
165.	verão			
166.	vilão			
167.	vulcão			

Prática

168. Das três terminações de plural (ões, ãos, ães), qual a mais frequente?
Resp.: _____

■ Assinale **C** ou **E** para certo ou errado.

169. ( ) Os substantivos concretos terminados em **-ão** são masculinos. Exs.: o agrião, o balcão, o algodão.

170. ( ) Os substantivos abstratos terminados em **-ão** são femininos. Exs.: a emoção, a opinião, a aceitação.

171. ( ) O vocábulo **mão** foge às regras anteriores por ser concreto e feminino.

Os oxítonos terminados em **-s** recebem **-es**.

Prática

■ Pluralize corretamente.

172. ananás _____
173. inglês _____
174. ilhós _____

Os paroxítonos e proparoxítonos terminados em **-s** são invariáveis.

Prática

■ Pluralize corretamente.

175. o lápis _____
176. o oásis _____
177. o ônibus _____

Substantivos formados de **radical** + **zinho** ou **zito**: pluralizam-se os dois componentes separadamente.

cãe**s**+zitos papéi**s**+zinhos

Para uni-los, retira-se o **s** intermediário.

cãe zitos papei zinhos

↓ ↓

cãezitos papeizinhos

Prática

■ Pluralize corretamente, seguindo os passos certos.

	colarzinho	➔	colares + zinhos	➔	colarezinhos
178.	peãozinho	➔	+	➔	
179.	papelzinho	➔	+	➔	
180.	cãozito	➔	+	➔	
181.	balãozinho	➔	+	➔	

Plural com metafonia

Quando passam do singular para o plural, alguns substantivos com a vogal tônica "o" fechada trocam essa vogal por "o" aberto. Essa alteração de timbre chama-se **metafonia**.

(ô)	(ó)
aposto	apostos
corpo	corpos
esforço	esforços
fogo	fogos

Quando há metafonia no feminino, há também no plural, com exceção de **sogra** (´) e **tolda** (´), sogros (^) e toldos (^).

Prática

■ Ponha nos parênteses ´ ou ^ para indicar timbre aberto ou fechado.

	masculino	feminino	plural
182.	aposto (^)	aposta ( )	apostos ( )
183.	porco (^)	porca ( )	porcos ( )
184.	sogro (^)	sogra ( )	sogros ( )

Os substantivos **femininos** apresentam o mesmo timbre no singular e no plural.

Prática

■ Ponha nos parênteses ´ ou ^ para indicar timbre aberto ou fechado.

185.	sogra (´)	sogras ( )
186.	bolha (^)	bolhas ( )
187.	roda (´)	rodas ( )

■ Escreva na coluna adequada o plural dos substantivos.

SINGULAR		PLURAL	
		(^)	(´)
188.	abrolho (^)		
189.	adorno (^)		
190.	almoço (^)		
191.	arroba (^)		
192.	bolha (^)		
193.	bolso (^)		
194.	cachorro (^)		
195.	caroço (^)		
196.	cebola (^)		
197.	choco (^)		
198.	coco (^)		
199.	consolo (^)		
200.	contorno (^)		
201.	corno (^)		
202.	coro (^)		
203.	corpo (^)		
204.	corvo (^)		
205.	cota (´)		
206.	dorso (^)		
207.	esforço (^)		
208.	esposa (^)		
209.	esposo (^)		
210.	estorvo (^)		
211.	fogo (^)		

SINGULAR		PLURAL	
		(^)	(´)
212.	folha (^)		
213.	forno (^)		
214.	foro (^)		
215.	fosso (^)		
216.	globo (^)		
217.	imposto (^)		
218.	jogo (^)		
219.	miolo (^)		
220.	moda (´)		
221.	molho (´) (de chaves)		
222.	molho (^) (de tomate)		
223.	morro (^)		
224.	namoro (^)		
225.	olho (^)		
226.	osso (^)		
227.	ovo (^)		
228.	peroba (´)		
229.	pescoço (^)		
230.	piloto (^)		
231.	piolho (^)		
232.	poço (^)		
233.	polvo (^)		
234.	porto (^)		
235.	potro (^)		
236.	povo (^)		

	SINGULAR	PLURAL	
		(^)	(´)
237.	reboco (^)		
238.	reforço (^)		
239.	repolho (^)		
240.	roda (´)		
241.	rogo (^)		
242.	rolha (^)		
243.	rolo (^)		
244.	rosto (^)		
245.	senhora (´)		
246.	socorro (^)		
247.	sogra (´)		
248.	sogro (^)		
249.	sopa (^)		
250.	sopro (^)		
251.	sova (´)		
252.	suborno (^)		
253.	tijolo (^)		
254.	toco (^)		
255.	toldo (^)		
256.	topo (^)		
257.	tremoço (^)		
258.	troco (^)		

Plural dos substantivos compostos ligados por hífen

Substantivo composto por **verbo** + **substantivo** ou **verbo** + **adjetivo**: somente o **segundo elemento varia**.

Veja: guarda-roupa – guarda-roupas
beija-flor – beija-flores
porta-estandarte – porta-estandartes
abaixo-assinado – abaixo-assinados

Prática

■ Complete as lacunas com o plural correspondente.

259. furta-cor _____
260. quebra-mar _____
261. porta-bandeira _____
262. pára-choque (nova ortografia: para-choque) _____
263. guarda-chuva _____

Em substantivos compostos formados por:

substantivo + substantivo | **adjetivo + substantivo**
substantivo + adjetivo | **numeral + substantivo**

ambos variam

Veja: redator-chefe – redatores-chefes
baixo-relevo – baixos-relevos
meio-termo – meios-termos

Prática

■ Pluralize corretamente.

264. cirurgião-dentista _____
265. tenente-coronel _____
266. couve-flor _____
267. amor-perfeito _____
268. cabra-cega _____
269. guarda-civil _____
270. guarda-noturno _____
271. segunda-feira _____
272. terça-feira _____
273. meio-fio _____

Substantivo composto por dois substantivos em que o segundo indica **tipo**, **limitação**, **semelhança** ou **finalidade** do primeiro: somente o **primeiro varia**.

Veja: manga-espada – mangas-espada
navio-tanque – navios-tanque
decreto-lei – decretos-lei

Prática

■ Pluralize corretamente.

274. banana-maçã _____
275. caneta-tinteiro _____
276. navio-escola _____
277. peixe-boi _____
278. manga-rosa _____

Substantivo composto **ligado por preposição** clara ou oculta: somente o **primeiro vocábulo varia**.

Veja: ama-de-leite – amas-de-leite (nova ortografia: ama de leite – amas de leite)
limão-de-cheiro – limões-de-cheiro (nova ortografia: limão de cheio – limões de cheiro)
mula-sem-cabeça – mulas-sem-cabeça (nova ortografia: mula sem cabeça – mulas sem cabeça)
cavalo-vapor (= de, a vapor) – cavalos-vapor

Prática

279. pão-de-ló (nova ortografia: pão de ló) _____
280. estrela-do-mar _____
281. papo-de-anjo _____
282. baba-de-moça (nova ortografia: baba de moça) _____
283. grão-de-bico _____

Substantivo composto em que o primeiro vocábulo é uma palavra **invariável**: somente o **segundo varia**.

Veja: grão-vizir – grão-vizires
auto-escola – auto-escolas (nova ortografia: autoescola – autoescolas)
vice-rei – vice-reis

Prática

■ Pluralize corretamente.

284. vice-presidente _____
285. ex-diretor _____

286. ave-maria _____
287. grão-duque _____
288. sempre-viva _____
289. abaixo-assinado _____

Substantivo composto formado por **onomatopeia** (imitação de som) ou por **palavras repetidas**: somente o **segundo vocábulo varia**. Se houver verbos **repetidos**, também é correto **variarem os dois**.

Veja: pingue-pongue – pingue-pongues
treme-treme – treme-tremes ou tremes-tremes

Prática

■ Pluralize corretamente.

290. tico-tico _____
291. tique-taque _____
292. reco-reco _____
293. corre-corre _____ ou _____
294. pisca-pisca _____ ou _____
295. pega-pega _____ ou _____

■ Estes substantivos compostos admitem mais de uma forma no plural:

296. fruta-pão _____ ou _____
297. guarda-marinha _____ ou _____
298. padre-nosso _____ ou _____
299. salvo-conduto _____ ou _____
300. ruge-ruge_____ ou _____

São invariáveis as expressões **substantivadas** e os **substantivos compostos** por verbos antônimos.

Veja: a maria-vai-com-as-outras – as maria-vai-com-as-outras

Prática

■ Pluralize corretamente.

301. o bota-fora _____
302. o louva-a-Deus _____
303. o disse-me-disse (nova ortografia: o disse me disse) _____
304. o leva-e-traz (nova ortografia: o leva e traz) _____
305. o pisa-mansinho _____

Flexão de grau

Os substantivos flexionam-se em grau: **aumentativo** e **diminutivo**.

normal	**aumentativo**	**diminutivo**
barco	barcaça	barquinho
boca	bocarra	boquinha
copo	copázio	copinho
homem	homenzarrão	homenzinho
fogo	fogaréu	fogacho
corpo	corpanzil	corpúsculo
rapaz	rapagão	rapazote

Conforme o uso, os sufixos de grau podem acrescentar uma ideia **afetiva** ou **pejorativa** às palavras:

amigão, sabichão, gentalha, homenzinho, povinho, gentinha, livreco...

Há palavras que aparentam ter sufixo de grau, mas têm significado distinto de sua primitiva:

cartão, calção, casebre...

Prática Geral

306. (PRF/N.M./ANP) Assinale a palavra com gênero **errado**.
a) a vítima.
b) o testemunha.
c) a jovem.
d) o agente.

307. (PRF/N.M./ANP) A forma de plural **errada** é
a) papel / papéis.
b) difícil / difíceis.
c) chapéu / chapéus.
d) cidadão / cidadões.

308. (PRF/N.M./ANP) Assinale a opção em que a significação do nome varia com a mudança de **gênero**.
a) o dentista / a dentista.
b) o turista / a turista.
c) o atendente / a atendente.
d) o capital / a capital.

309. Na frase: "Há **duas** vagas debaixo da **ponte**", as palavras destacadas classificam-se como
a) numeral e substantivo.
b) numeral e adjetivo.
c) artigo e substantivo.
d) artigo e advérbio.
e) numeral e verbo.

310. Os plurais de **escrivão** e **pagão** são
a) escrivões e pagões.
b) escrivões e pagães.
c) escrivãos e pagãos.
d) escrivães e pagões.
e) escrivães e pagãos.

311. A alternativa que contém o emprego correto do feminino das palavras **cidadão** e **ancião** é
a) cidadona e anciã.
b) cidadã e ancioa.
c) cidadona e ancioa.
d) cidadã e anciã.
e) cidadoa e ancioa.

312. Na frase "Então **o** homem descobriu o Bem e o **Mal**", as palavras destacadas são, respectivamente,
a) pronome demonstrativo e advérbio.
b) pronome oblíquo e adjetivo.
c) pronome relativo e numeral.
d) preposição e verbo.
e) artigo definido e substantivo.

313. A palavra **talão** forma o plural da mesma maneira que:
a) alemão.
b) cidadão.
c) ação.
d) capital.
e) órgão.

314. O plural de **sexta-feira** e **abaixo-assinado** é
a) sextas-feiras e abaixo-assinados.
b) sextas-feiras e abaixos-assinados.
c) sexta-feiras e abaixo-assinados.
d) sextas-feira e abaixos-assinados.
e) sextas-feira e abaixos-assinado.

315. Marque a alternativa que aparece com o plural **errado**.
a) para-lama / para-lamas.
b) sinal / sinais.
c) herói / heróis.
d) veículo / veículos.
e) farol / farols.

316. A frase em que há um **substantivo próprio** é:
   a) No fim da rua Monte Alegre estava a escola pública.
   b) Lá fiz todo o curso primário.
   c) Minha família era pobre.
   d) Eu gosto de banana.
   e) Comi um sanduíche gostoso.

■ Assinale **C** ou **E** para certo ou errado, respectivamente.

317. ( ) Substantivos como **anais**, **arredores**, **condolências**, **esponsais** e **óculos** só se usam no plural e são chamados de *pluralia tantum* (pronuncia-se plurália tântum).
318. ( ) O plural **avôs** refere-se a mais de um avô (masc.).
319. ( ) O plural **avós** tanto se refere a mais de uma avó, quanto ao conjunto de avô e avó.
320. ( ) Havia dois **oitos**, três **noves** e dois **agás** na sua camisa.
321. ( ) **cais** é invariável, mas **cós** pode ficar invariável ou fazer o plural **coses**.
322. ( ) Os substantivos paroxítonos terminados em **s** são invariáveis: o pires, os pires; o oásis, os oásis.
323. ( ) Também o são os terminados em **x**: o tórax, os tórax; a fênix, as fênix; o ônix, os ônix.
324. ( ) **Os projéteis atingiram os répteis**. **Os projetis atingiram os reptis**. O singular das duas frases é exatamente o mesmo.
325. ( ) **flautim** e **atum** terminam em vogal nasal; **bem** e **som**, em ditongo nasal. Por isso, fazem plural com um simples acréscimo de **s**, como os vocábulos **boné** e **boi**.

■ Identifique os coletivos.

326. alavão _____
327. alcateia _____
328. cardume _____
329. cáfila _____
330. cacho _____
331. concílio _____
332. congregação _____
333. corja _____
334. esquadra _____
335. fato _____
336. banda _____
337. bandeira _____
338. boana _____
339. choldra (ô) _____
340. clero _____
341. conclave _____
342. consistório _____
343. elenco _____
344. esquadrilha _____
345. legião _____

■ Nos seguintes sobrecomuns, marque **F** para feminino e **M** para masculino.

346. ( ) algoz
347. ( ) membro
348. ( ) criança
349. ( ) ídolo
350. ( ) vítima
351. ( ) testemunha

■ Ponha nos parênteses **o** ou **a** para masculino ou feminino.

352. ( ) clã
353. ( ) dó
354. ( ) formicida
355. ( ) libido
356. ( ) sósia
357. ( ) preá
358. ( ) trema
359. ( ) axioma
360. ( ) cal
361. ( ) cataplasma
362. ( ) dinamite
363. ( ) elipse
364. ( ) telefonema
365. ( ) diadema
366. ( ) dilema
367. ( ) cólera
368. ( ) champanha
369. ( ) eclipse
370. ( ) jângal
371. ( ) proclama
372. ( ) estratagema
373. ( ) edema
374. ( ) coma (estado de)
375. ( ) coma (vírgula, cabeleira)

Fixe com atenção:

o cólera morbo	a cólera morbo
o personagem	a personagem
o crisma	a crisma
o íris	a íris
o lama ou lhama (monge)	a lama (lodo), a lhama (animal dos Andes)
o tapa (palmada)	a tapa (palmada)
o víspora (loto)	a víspora (loto)

Aconselha-se a usar no masculino:

o ágape	o antílope	o caudal	o contralto
o soprano	o diabete(s)	o praça (soldado)	o sabiá

Recomenda-se o feminino para:

a abusão (abuso, engano)	a alcíone (ave)	o alcíon (ave)
a aluvião (depósito da erosão)	a áspide (réptil)	a ordenança
a sentinela	a omoplata	a sucuri
a jaçanã (ave)		

376. Aponte três femininos para **diabo**.
Resp.: _____

377. Aponte três femininos para **deus**.
Resp.: _____

Artigo

DEFINIÇÃO

Artigo são as palavras variáveis **o** e **um** que antecedem o substantivo, servindo para definir ou indefinir seu sentido.

o dentista – **a** dentista	**um** livro	**umas** fitas
o lápis – **os** lápis	**uns** óculos	**as** fitas

CLASSIFICAÇÃO

Em Português só existem um artigo definido – **o** – e um artigo indefinido – **um**. Ambos são variáveis em gênero e número: **a**, **os**, **as**; **uma**, **uns**, **umas**.

O artigo definido serve para:
a) indicar um ser definido entre os demais;
b) indicar toda a espécie ou conjunto de seres.

O artigo indefinido serve para:
c) indicar um ser indefinido entre os demais;
d) indicar um subconjunto indefinido de seres;
e) indicar reforço de uma ideia.

Ocorre, portanto, mudança de sentido se o substantivo vem acompanhado pelo artigo definido – **o** (**a**, **os**, **as**) – ou pelo artigo indefinido – **um** (**uma**, **uns**, **umas**).

Prática

■ Nos parênteses das frases, coloque **a**, **b**, **c**, **d** ou **e**, relacionados no quadro anterior, conforme o sentido que o artigo sublinhado propõe.

1. Uma professora de Português indicou esse livro. ( )
2. A professora de Português indicou esse livro. ( )
3. O professor precisa sempre estar atualizado. ( )
4. Um rapaz comprou o apartamento dela. ( )
5. Umas bactérias desenvolveram resistência a certas substâncias. ( )
6. Estava com uma fome! ( )

Observações:

1. Quando se quer generalizar uma ideia, é possível suprimir-se o artigo.

   Exemplos: Mudanças são necessárias para o aperfeiçoamento do trabalho. (genérico)
   As mudanças (já sabidas) devem ser implantadas. (específico)
   Festas não me atraem. (genérico)
   As festas que ela promove não me atraem. (específico)
   Especializou-se em várias áreas de política. (genérico)
   Especializou-se n**as** várias áreas d**a** política. (específico)

2. Quando se usa nome próprio de personagem histórica ou pessoa célebre, suprime-se o artigo.

   Exemplos: Rui Barbosa lutou por seus ideais. (personagem histórica)
   O Rui parecia alheio à discussão. (pessoa íntima ou conhecida)

3. Antes de pronomes de tratamento iniciados por pronome possessivo, omite-se o artigo.

   Exemplo: Vossa Senhoria não me entendeu.

4. Ordinariamente, não se usa artigo com a palavra "casa" quando designa "própria morada", nem com a palavra "terra" na acepção de "terra firme", em oposição ao sentido "a bordo".

   Exemplos: Em casa, não se discute às refeições.
   Agora estou vindo de casa.
   Os viajantes abandonaram o barco e seguiram por terra.

5. Qualquer tipo de palavra transforma-se num substantivo se se lhe antepõe um artigo.

   Exemplos: O bom e o justo; o querer e o poder.
   O hoje, o ontem e o amanhã; o aqui e o agora.
   O tudo e o nada...Viver é um sem-fim!

Prática Geral

7. A frase que apresenta um artigo indefinido destacado é:
   a) Ele só tem **um** filho.
   b) **Ninguém** imagina minha alegria.
   c) Este fato **me** impressionou.
   d) **Os** garotos olhavam a banana.
   e) **Um** lindo sanduíche surgiu do embrulho.

■ Assinale **C** ou **E** conforme a afirmação seja certa ou errada, com relação à seguinte frase.

O aqui e o agora são os parâmetros do realista.

8. ( ) Só há três artigos.
9. ( ) Existem quatro artigos.
10. ( ) Por isso, há também quatro substantivos.
11. ( ) **aqui** e **agora**, que noutros contextos são advérbios, nessa frase são substantivos, por força do artigo.
12. ( ) **realista**, que noutras frases é **adjetivo**, tornou-se também substantivo, pela antecipação do artigo.
13. ( ) O artigo, definido ou indefinido, substantiva a palavra a que se refere.
14. ( ) Em **do** há uma contração da preposição **de** com o artigo definido **o**.

■ Estabeleça a correta correspondência sobre o uso do artigo.

a) Assinala o gênero do substantivo.
b) Indica o número do substantivo.
c) Indica que o substantivo é conhecido entre outros da espécie, tanto pelo emissor quanto pelo receptor.
d) Indica que o substantivo é um ser qualquer de sua espécie; nem o ouvinte nem o leitor saberão precisar quem seja.
e) Não há artigo na frase. Há numeral.

15. ( ) ( ) O Presidente virá visitar-nos.
16. ( ) ( ) O colega e a colega chegaram.
17. ( ) Uma administradora virá falar conosco.
18. ( ) Ele comprou duas canetas e só um estojo.
19. ( ) ( ) ( ) O oásis, os oásis.
20. ( ) Ele falou de uns índios que aqui estiveram.

Adjetivo

DEFINIÇÃO

Palavra que qualifica o substantivo.

Os seres nomeados por um substantivo apresentam diferenças entre si.
Essas diferenças são explicitadas pelos **adjetivos** – os qualificadores dos substantivos.

ADJETIVO RESTRITIVO E ADJETIVO EXPLICATIVO

O adjetivo, ao se referir a um substantivo, pode ser classificado de dois modos:

Adjetivo restritivo

Exprime atributo que distingue um substantivo dos outros da mesma espécie:

O homem inteligente. (nem todo homem é inteligente)

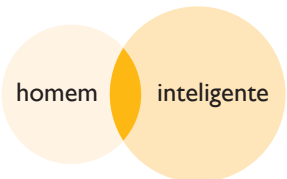

- Os círculos representam o campo de significado (ou campo semântico) do substantivo **homem** e do adjetivo **inteligente**.
- O adjetivo tem um campo semântico maior que o do substantivo, o que está representado pelo círculo maior.
- Isso, porque pode abranger outros seres (macaco, cão, elefante, golfinho...) além de todos os homens.
- No desenho, o **inteligente** abrange apenas uma parte dos homens, representada pela interseção, de cor mais escura.
- Por isso, o adjetivo está limitando, restringindo o campo semântico do substantivo e se chama "adjetivo restritivo".
- Entre o adjetivo restritivo e seu substantivo não há vírgula.

Adjetivo explicativo

Exprime uma **qualidade inerente** ao substantivo; exprime **uma característica própria** do substantivo:

O homem , mortal. (todo homem é mortal)

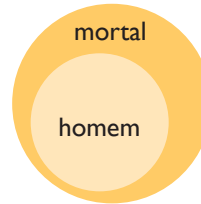

- A vírgula, colocada entre o adjetivo e o substantivo, determina uma pausa na leitura.
- Essa pausa introduz uma entonação explicativa, ou seja, considera que **(todo) homem** está inserido no conjunto **mortal**.
- O adjetivo explicativo mantém inalterado o campo semântico do substantivo, isto é, não o restringe.
- Lembre-se, então: entre adjetivo e substantivo há vírgula; vírgula é pausa, pausa é explicação.

O **adjetivo explicativo** vem separado do substantivo a que se refere por uma vírgula, para representar a mudança do tom de voz que a explicação requer:

O leite , branco , agrada a vista. O homem , mortal , é diferente do mineral.
subst. adj. expl. subst. adj. expl.

ADJETIVO ANTES OU DEPOIS DE SUBSTANTIVO

O adjetivo posposto ao substantivo tem uma carga semântica mais objetiva: Homem **pobre**, mulher **boa**.

Anteposto ao substantivo, o adjetivo traz uma carga semântica mais subjetiva: **Pobre** homem, **boa** mulher.

LOCUÇÃO ADJETIVA

homem de ontem árvore sem folhas

Quando a qualidade é expressa por mais de uma palavra, tem-se **locução adjetiva**, que sempre começa com preposição.

Observação:

É importante lembrar que o adjetivo existe para **qualificar o substantivo**; caso não se refira a um substantivo, **não** é adjetivo ou locução adjetiva.

Prática

■ Observe o **feio** nestas frases e classifique-o, relacionando as colunas.

1. ( ) Cometeu um erro *feio*. a) advérbio
2. ( ) Quem ama o *feio*, bonito lhe parece. b) substantivo
3. ( ) O carro derrapou *feio* na curva. c) adjetivo

FLEXÃO

Os adjetivos podem variar em gênero e número para acompanhar os substantivos a que se referem.

Flexão de gênero

Veja: documento **incluso** nota **inclusa**
caso **estranho** casa **estranha**
homem **certo** mulher **certa**

Os adjetivos que mudam a terminação, do masculino para o feminino, dependendo do gênero do substantivo, são os **adjetivos biformes** ou variáveis.

Prática

■ Flexione corretamente.

4. ofício *anexo* – carta _____
5. trabalho *publicado* – obra _____
6. ingresso *proibido* – entrada _____

Veja: homem **elegante** mulher **elegante**
trabalho **notável** obra **notável**
diretor **capaz** diretora **capaz**

Os adjetivos que não mudam de forma, quer o substantivo seja masculino ou feminino, são os **adjetivos uniformes** ou invariáveis.

Prática

■ Flexione corretamente.

7. candidato *quite* – pessoa _____
8. relatório *final* – palavra _____
9. problema *grave* – ameaça _____

Flexão de número

Veja:	gráfico **anexo**	gráficos **anexos**
	revista **nova**	revistas **novas**
	cirurgia **complexa**	cirurgias **complexas**

Os **adjetivos simples** (de uma só palavra) variam do singular para o plural para combinar com os substantivos a que se referem.

Prática

■ Flexione corretamente.

10. ofício *penoso* – ofícios _____
11. candidato *quite* – candidatos _____
12. carnê *quitado* – carnês _____
13. *velho* amigo – _____ amigos

Veja:	roupa **azul-escura**	roupas **azul-escuras**
	guerra **sino-japonesa**	guerras **sino-japonesas**
	instrumento **médico-cirúrgico**	instrumentos **médico-cirúrgicos**

Adjetivo composto, formado por **adjetivo** + **adjetivo**: só o último se pluraliza.

Prática

■ Flexione corretamente.

14. tratado *luso-brasileiro* – tratados _____
15. produção *hispano-americana* – produções _____
16. reunião *lítero-musical* (nova ortografia: *literomusicais)* – reuniões _____
17. saia *verde-clara* – saias _____
18. olho *castanho-claro* – olhos _____

Exceções:

São invariáveis os adjetivos compostos **azul-marinho** e **azul-celeste**.
O adjetivo composto **surdo-mudo** sofre variação nas duas palavras: surdos-mudos, surdas-mudas.

Veja:	gravata azul-topázio	gravatas azul-topázio ou azuis-topázios
	tecido amarelo-ouro	tecidos amarelo-ouro ou amarelos-ouros
	laço vermelho-sangue	laços vermelho-sangue ou vermelhos-sangues

Adjetivo composto, com segundo elemento substantivo, nenhum se pluraliza ou ambos se pluralizam.

Prática

■ Flexione corretamente.

19. camiseta *azul-piscina* – camisetas _____
20. gravata *grafite-fosca* – gravatas _____
21. lenço *cinza-pérola* – lenços _____
22. olho *verde-mar* – olhos _____

Flexão de grau

Grau comparativo

Pode-se comparar a qualidade de dois ou mais seres:

A **cadeira** é mais alta que o **banco**.

Ou qualidades de um mesmo ser:

Ela é mais simpática que bonita.

Para fazer isso, a Língua Portuguesa utiliza o grau comparativo dos adjetivos.

Prática

Leia os exemplos e relacione as colunas.

a) Grau comparativo de igualdade
b) Grau comparativo de inferioridade
c) Grau comparativo de superioridade

23. ( ) O problema daquele senhor parecia MAIS *complicado* QUE o meu.
24. ( ) Percebi que este navio parecia TÃO *luxuoso* QUANTO aquele.
25. ( ) A atual situação econômica do país é MENOS *caótica* QUE a anterior.

Observação:

GRAU COMPARATIVO DE SUPERIORIDADE	
ANALÍTICO	**SINTÉTICO**
Mais BOM	Ele é MELHOR que ela.
Mais MAU	Ele é PIOR que ela.
Mais GRANDE	Ele é MAIOR que ela.
Mais PEQUENO	Ele é MENOR que ela.

Usa-se o comparativo sintético para comparação entre dois seres.
Ele é melhor que ela.
Ela dança melhor que ele.

Usa- se o comparativo analítico:

1. Para comparar duas qualidades de um mesmo ser:
   Ele é **mais bom** que **mau**.
   Ele é **mais grande** que **pequeno**.

2. Para comparar maneiras de um mesmo sujeito praticar ações:
   Ele fala **mais bem** que **mal**.
3. Antes de particípio:
   Ele passou a ser **mais bem ouvido**.
4. Quando bem e mal pertencem a adjetivo composto:
   Ela era **mais bem-educada**, e ele, **mais mal-informado**.

Grau superlativo

Usa-se o superlativo para enfatizar ou exagerar uma qualidade de um substantivo:

Jovem **muito estudioso**. Jovem **estudiosíssimo**.

Chama-se **superlativo sintético** o formado pelo acréscimo de sufixo ao adjetivo: notabilíssimo, paupérrimo, humílimo.

Chama-se **superlativo analítico** o formado por acréscimo de um advérbio ou locução adverbial ao adjetivo:

Jovem **muito esperto**.
adv. adj.

Jovem **esperto demais**.
adj. adv.

...era um garoto **feio à beça**.
adj. loc. advl.

...era uma guria **bonita pra chuchu**.
adj. loc. adverbial

Leia os exemplos e escreva: a) para o superlativo que se refere a um único substantivo;
b) para o superlativo que se refere a um ser entre os demais.

26. ( ) O conflito entre sérvios e bósnios é *gravíssimo*.
27. ( ) A explosão da bomba atômica foi considerada a atitude *MAIS insensata* entre todas tomadas por aquele presidente.
28. ( ) O professor mantinha os alunos *ocupadíssimos*.
29. ( ) O processo será examinado pelo juiz *MAIS rigoroso* do Tribunal.

É possível enfatizar ou exagerar uma qualidade considerando o ser sozinho (**superlativo absoluto**), ou um ser entre os demais de sua classe (**superlativo relativo**).

Prática

■ Responda **C** ou **E**.

30. ( ) Superlativo absoluto é o que está nas frases 26 e 28.
31. ( ) Superlativo relativo está nas frases 27 e 29.

Prática Geral

32. (PRF/N.M./ANP) Assinale a forma **errada** de superlativo erudito.
    a) feliz / felicíssimo.
    b) geral / generalíssimo.
    c) simples / simplicíssimo.
    d) amigo / amiguíssimo.

33. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa que completa **corretamente** as lacunas da frase "Os _____ vestiam casacos _____."
a) grão-duques / verde-garrafa.
b) grãos-duques / verde-garrafa.
c) grão-duques / verde-garrafas.
d) grão-duques / verdes-garrafa.

34. (Ag. Adm./TRT/N.M./ACCESS) Nas alternativas abaixo, a que contém **erro** no emprego do plural é:
a) O governo está estudando novas medidas econômico-financeiras.
b) Ao dar prioridade à educação, teremos cidadãos mais conscientes.
c) Havia provas bastantes do crime.
d) Quaisquer soluções seriam bem recebidas.
e) A reunião iria examinar os pró e os contra da questão.

35. Marque o adjetivo que equivale à expressão destacada na frase. Era um amor **de irmãos** que os unia.
a) paterno.
b) materno.
c) filial.
d) fraterno.
e) puro.

■ Assinale **C** ou **E**, consultando a observação da página 129.
36. ( ) Joaquina é mais má que o irmão.
37. ( ) João é mais bom que Flávio.
38. ( ) Teresa é mais tímida que Paula.
39. ( ) E Paula é mais boa que ruim.
40. ( ) Antonio é mais mau que bom.
41. ( ) Antônio é mais mau que Flávio.
42. ( ) Ela é mais grande que ele.
43. ( ) Ela é mais grande que gorda.

■ Estabeleça a correspondência correta.
a) comparativo de **superioridade**
b) comparativo de **inferioridade**
c) comparativo de **igualdade**
d) superlativo absoluto **sintético**
e) superlativo absoluto **analítico**

44. ( ) Todos achavam que ele era paupérrimo, mas
45. ( ) era dotado de incredibilíssima sensibilidade;
46. ( ) além disso, era muito próspero,
47. ( ) porém era menos vaidoso que o irmão,
48. ( ) menor que a própria mãe,
49. ( ) pior que o pai
50. ( ) e tão educado quanto o tio.

■ Escreva os superlativos **absolutos sintéticos** (eruditos, não populares) de:

51. agudo _____
52. amargo _____
55. célebre _____
56. cruel _____
57. doce _____
58. dócil _____
59. fiel _____
60. frio _____
61. incrível _____
62. íntegro _____
53. antigo _____
54. áspero _____
63. livre _____
64. miúdo _____
65. negro _____
66. nobre _____
67. pródigo _____
68. público _____
69. soberbo _____
70. tetro _____

■ Substitua as locuções adjetivas por adjetivos de origem erudita.

71. nariz **de águia** _____
72. torre **de marfim** _____
73. físico **de gafanhoto** _____
74. amor **de fogo** _____
75. lábios **de lebre** _____
76. golpe **de morte** _____
77. comportamento **de bode** _____
78. tratamento **de cabelo** _____
79. armas **de guerra** _____
80. agilidade **de rato** _____
81. comportamento **da alma** _____
82. arrulhar **de pombo** _____
83. sensibilidade **de pele** _____
84. corpo **de professores** _____
85. grupo **de alunos** _____
86. energia **do vento** _____
87. águas **da chuva** _____
88. águas **dos rios** _____
89. morada **do bispo** _____
90. frio **de gelo** _____
91. dor **de estômago** e **de rins** _____
92. brilho **de ouro** e **de prata** _____
93. influência **do sul** _____
94. vento **do norte** _____

■ Escreva os adjetivos **gentílicos** ou **pátrios** referentes a:

95. Bahia e Salvador _____
96. Jerusalém _____
97. China _____
98. Judeia _____
99. Egito _____

ADJETIVO ≠ SUBSTANTIVO
(dica prática)

Para quem está começando e para quem acha que aprender português é difícil, basta prestar atenção a pequenos detalhes básicos. Temos percebido que grande parte dos jovens e adultos estudantes da língua não sabe diferenciar no texto um adjetivo de um substantivo, dúvida que, não sendo imediatamente sanada, impede a compreensão de tudo o que a isso se segue. Por exemplo, responda você agora, em voz alta: beleza é adjetivo ou substantivo? Em voz alta, sim, para se conscientizar de sua resposta. Beleza é adjetivo ou substantivo? Se tem alguma dúvida, continue lendo para eliminá-la de uma vez por todas.

1 Substantivo representa uma ideia-base, nomeia seres (homem, pedra, água, rio, comida...) e características ou qualidades de seres, vistas como ideia-base (utilidade, amabilidade, largura, beleza, feiúra, amizade).

2 Adjetivo representa uma ideia acompanhante, caracteriza o substantivo e com ele concorda em gênero e número, com exceção dos adjetivos uniformes (útil, amável), que só concordam em número.

3 Como saber se as palavras "altura", "largura", "beleza", que designam características de seres, são substantivos ou adjetivos?

4 Sabendo você que as palavras "homem" e "mulher" são substantivos, tome-as no plural "homens" e "mulheres" e veja se "altura" concorda com elas: "homens altura, mulheres altura". Como "altura" não concorda com os substantivos "homens" e "mulheres", sabe-se que "altura" é também substantivo, **porque substantivo não casa** (não concorda) **com substantivo**. Qual, então, o adjetivo correspondente ao substantivo "altura"? Pode ser "alto"? Vejamos, "homens altos"," mulheres altas", isso mesmo! "alto" **casa com o substantivo, portanto é adjetivo**.

5 Veja agora se "largura" e "beleza" são substantivos ou adjetivos: "homens larguras", "mulheres larguras", "homens belezas", "mulheres belezas". A conclusão é que "largura" e "beleza" não podem concordar com o substantivo, por isso são também substantivos, **porque substantivo não casa** (não concorda) **com substantivo**. Quais os adjetivos correspondentes a largura e beleza? Faça você o teste e responda, em voz alta, antes de continuar esta leitura.

Se você disse "homens largos", "mulheres largas", "homens belos", "mulheres belas" e concluiu que os adjetivos procurados são "largo" e "belo", acertou.

6 Conclusão, em gramática não há casamento homo, substantivo não casa com substantivo, só casamento hetero, machista e tradicional: sem ferir o respeito devido, assim diz o antigo testamento gramatical: **o adjetivo foi feito da costela do substantivo, para com ele casar e concordar**.

7 Teste agora com: fidelidade, fiel; harmonia, harmonioso; gentileza, gentil; equilíbrio, equilibrado; consciência, consciente; amor, amoroso; crença, crente.

Resposta do item 7:
substantivos: fidelidade, harmonia, gentileza, equilíbrio, consciência, amor, crença; **adjetivos:** fiel, harmonioso, gentil, equilibrado, consciente, amoroso, crente.

Pronome

DEFINIÇÃO

Observe:

Para os diretores, a situação parecia sob controle. Para resolvê-**la** definitivamente, seria necessário que **eles** tivessem uma atuação mais enérgica.

eles — **substitui "diretores"**

la — **substitui "situação"**

Este **livro** não é **aquele** premiado.
subst.

Este — **acompanha** o subst. **livro**

aquele — **substitui** o subst. **livro**

Aquele **menino** de que você falou não é **este**.
subst.

Aquele — **acompanha o substantivo**

este — **substitui o substantivo**

Essas palavras são pronomes.

Pronomes são palavras que substituem ou podem substituir o substantivo.

PAPEL DOS PRONOMES

Pronomes substantivos e pronomes adjetivos

Quando o pronome é usado com o papel de substituir o substantivo, é denominado **pronome substantivo**:

A casa não é **minha**.

Quando o pronome é usado com o papel de acompanhante de um substantivo, é denominado **pronome adjetivo**:

Sua casa não é minha.

O país **cujas** crianças não têm escola não tem futuro.

Prática

■ Escreva dentro dos parênteses relativamente aos pronomes em negrito: PA = pronome adjetivo; PS = pronome substantivo.

1. **Nossas** intenções não são **as** que **você** entendeu.
   ( ) ( ) ( )
2. **Estas** são as **minhas** palavras.
   ( ) ( )
3. As **mesmas** perguntas foram feitas por **aquela** menina e por **esta**.
   ( ) ( ) ( )

CLASSIFICAÇÃO E EMPREGO DOS PRONOMES

Pronomes pessoais

Referem-se às pessoas do discurso, ou seja, às pessoas que participam de uma conversa. O **falante** é a primeira pessoa; o **ouvinte** é a segunda pessoa; e o **assunto** é a terceira pessoa.

Conforme seu uso na frase, os pronomes pessoais classificam-se como retos ou oblíquos.

Nº	Pessoa do discurso	Pron. reto	Pronome oblíquo	
		tônico	átono	tônico
Singular	primeira segunda terceira	eu tu ele, ela	me* te* se, lhe, o*, a*	mim, comigo ti, contigo si, consigo, ele, ela
Plural	primeira segunda terceira	nós vós eles, elas	nos* vos* se, lhes, os*, as*	nós, conosco vós, convosco si, consigo, eles, elas
		PARA SUJEITO	**PARA OUTRAS FUNÇÕES**	

Prática

■ Escreva dentro dos parênteses **R** ou **O**, se o pronome em negrito for **reto** ou **oblíquo**.

4. **Ela** disse a **ele** que iria sair sem **mim**.
   ( ) ( ) ( )

* Esses pronomes podem exercer função de sujeito. *Vide*, em *Análise Sintática Visual*, Período: Análise de períodos com verbos permissivos, causativos e sensitivos em que o pronome oblíquo funciona como sujeito.

5. **Eu** disse a **mim** que iria sem **ela**.
( ) ( ) ( )
6. **Ele** disse a **nós** que iria sem **ti**.
( ) ( ) ( )
7. **Tu me** disseste que irias sem **eles**.
( )( ) ( )
8. **Tu te** maltratas demais, sem **nós**.
( )( ) ( )
9. **Eu** disse que **ela** iria sem **vós**.
( ) ( ) ( )

Conclusão:
Os pronomes **eu** e **tu** são retos. **Nós**, **vós**, **ele(s)** serão retos ou oblíquos, dependendo de seu emprego na frase.

Pronomes oblíquos

Observe:
pagar a dívida **aos credores** = pagar-**lhes** a dívida
avisar algo **aos amigos** = avisar-**lhes** algo
ser útil **a alguém** = ser-**lhe** útil
pagar **a conta** ao garçom = pagá-**la** ao garçom
ver **os amigos** = vê-**los**

O pronome **lhe (lhes)** completa verbos ou nomes que exigem preposição **a** e refere-se a seres animados; o pronome **o** (**a**, **os**, **as**) completa verbos que não pedem preposição.

Prática
■ Preencha as lacunas com um dos pronomes que estão dentro dos parênteses.
10. Os pais da moça deram-_____ seu apoio, por isso ela ____ admirava muito. (**na/lhe**) (**lhes/os**)
11. Quando o presidente estava saindo, alguém _____ avisou de que precisava voltar. (**o/lhe**)
12. Fui visitar minha amiga, porém não pude vê-_____. (**lhe/la/a**)
13. Sou responsável pelos alunos; mantenho-_____ informados. (**os/lhes**)
14. Fomos os primeiros a encontrar a diretora e informamos-_____ o acidente. (**ela/lhe/a**)

Observe:

entregar **a ti**	ajudar-**te**
avisar **a nós**	auxiliar-**nos**
lutar **por ela**	conhecê-**la**
gostar **de mim**	amar-**me**

Os pronomes oblíquos tônicos são usados após preposição; os oblíquos átonos ocupam as posições que não vierem precedidas de preposição.

Prática

■ Preencha as lacunas com um dos pronomes que estão dentro dos parênteses.

15. Eu resolvi que sem _____ você não sai. (**eu/mim**)
16. Tu sabes que quero muito bem a _____, por isso _____ apoiarei. (**tu/te/ti**)
17. O ator tinha excelente opinião de _____ mesmo, ele _____ julgava ótimo. (**si/se/ele**)
18. Nós resolvemos investigar o caso; contra _____ você não pode lutar; cedo vai descobrir que não _____ engana. (**nós, nos**)

Observe:

amar + o	➜	ama(r)-lo	➜	amá-lo
fiz + o	➜	fi(z)-lo	➜	fi-lo
nos + o	➜	no(s)-lo	➜	no-lo

As letras **r**, **s** ou **z** que antecedem o oblíquo **o** (**a**, **os**, **as**) transformam-se em **l** e mudam de sílaba.

Prática

19. Amas **o menino**. Am_____-_____.
20. Fez **os trabalhos**. F_____-_____.
21. Ela quer **o livro**. Ela qué-_____.

Observe:

As respostas, ela **mas** deu ontem à tarde. (mas = me + as)
As respostas, ela **no-las** deu ontem à tarde. (no-las = nos + as)

Os pronomes oblíquos **se combinam entre si**.

Prática

■ Estabeleça as combinações conforme o modelo.

Modelo: me + (o, a, os, as) = mo (ma, mos, mas)

22. te + o (a, os, as) = _____
23. lhe + o (a, os, as) = _____
24. lhes + o (a, os, as) = _____
25. nos + o (a, os, as) = _____
26. vos + o (a, os, as) = _____

Observe:

Dão + o = Dão-**no**. Dizem + as = Dizem-**nas**. Põe + os = Põe-**nos**.

O pronome oblíquo **o** (**a**, **os**, **as**), depois de uma terminação nasal, transforma-se em **no** (**na**, **nos**, **nas**).

Prática

27. Dizem **a verdade**. Dizem-_____.
28. Cumprem **as promessas**. Cumprem-_____.
29. Põe **o casaco**. Põe-_____.
30. Põem **os casacos**. Põem-_____.

Observe:

O professor indicou um livro **para eu** ler.
Ele pensava **em eu** representá-lo.
Existe a possibilidade **de tu** resolveres.

Mesmo após preposição, a função de sujeito do infinitivo é ocupada por pronome pessoal reto.

Prática

■ Preencha as lacunas com um dos pronomes que estão dentro dos parênteses.

31. Fiquei com a casa para _____ vender em troca da comissão. (eu/mim)
32. Eu sei que o trabalho foi trazido para _____ corrigir. (eu/mim)
33. Eu já lhe avisei que sem ____ aprovar, a campanha não irá ao ar. (mim/eu)
34. Sem _____ permitir, ninguém sairá. (eu/mim)

Observação:

Há orações em que o pronome parece ser sujeito, mas não é:
Será benéfico **para mim** deixar de fumar. = Deixar de fumar será benéfico **para mim**.
Nesse caso, houve inversão da ordem dos termos da oração.

Observe:

Ele pensava **consigo** se haveria motivo para tanta confusão.
Carregue (você) **consigo** seus documentos.
Ele falava de **si**.

Os pronomes **si** e **consigo** só podem ser usados quando se referem à mesma pessoa do sujeito, ou seja, quando são reflexivos.

Prática

■ Preencha as lacunas com um dos pronomes que estão dentro dos parênteses.

35. Meu amigo, venha a minha casa e traga _____ seus filhos. (consigo, contigo)
36. Ele parece carregar _____ toda a tristeza do mundo. (consigo, com nós)
37. Amigo, gostaria de falar _____ sobre um importante assunto. (com você, consigo)
38. Meu pai, você pode falar de _____. (ti, si)

Observe:

Tu estavas falando ~~**consigo**~~. **Tu** estavas falando **contigo**.
2ª 3ª 2ª 2ª

Digo a **você** que ~~**estás**~~ bonita. Digo a **você** que **está** bonita.
3ª 2ª 3ª 3ª

Referindo-se a um mesmo ser, não se misturam os pronomes **tu** e **você**. Use o **tu** apenas, ou o **você** apenas.

Prática

■ Marque **C** para certo, **E** para errado.

39. ( ) Quero (eu) falar comigo.
40. ( ) Queres (tu) falar comigo?
41. ( ) Quer (você/ele) falar comigo?
42. ( ) Quero (eu) falar contigo.
43. ( ) Queres (tu) falar contigo.
44. ( ) Quer (ele) falar contigo.
45. ( ) Quer (você) falar contigo.
46. ( ) Quero (eu) falar consigo.
47. ( ) Queres (tu) falar consigo.
48. ( ) Quer (você/ele) falar consigo.
49. ( ) Queremos falar contigo.
50. ( ) Queremos falar consigo.
51. ( ) Queremos falar conosco.
52. ( ) Queremos falar convosco.

53. ( ) Quereis falar comigo?
54. ( ) Quereis falar consigo?
55. ( ) Elas querem falar comigo.
56. ( ) Elas querem falar contigo.
57. ( ) Elas querem falar consigo mesmas.

Observe:

Ela falou ~~**conosco**~~ **mesmos**. Ela falou **com nós mesmos**.

Eu contava ~~**convosco**~~ **todos**. Eu contava **com vós todos**.

Não se usam **conosco** e **convosco** acompanhados de determinantes.

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

58. ( ) Ela falou conosco.
59. ( ) Ela falou convosco mesmos.
60. ( ) Contava conosco todos.
61. ( ) Ela falou com nós três.
62. ( ) Ela falou com vós mesmos.
63. ( ) Contava com nós todos.

Pronomes de tratamento

Os pronomes de tratamento correspondem ao modo como se tratam as pessoas, formal (cerimoniosamente) ou informalmente (intimamente). Substituem os pronomes pessoais retos de 1ª, 2ª e 3ª pessoas, mas levam o verbo e o possessivo sempre para a 3ª.

Substituindo a primeira pessoa: eu, nós:

A gente briga, diz tanta coisa.

Substituindo a segunda pessoa: tu, vós:

Você está louco! **Vossa Excelência** agiu certo.

Substituindo a terceira pessoa: ele, eles:

Sua Excelência agiu certo. **Sua Alteza** virá.

Os mais usados são:

Pronomes de tratamento	Abreviatura		Usados para:
	singular	plural	
Você	v.	vv.	Pessoas familiares, íntimas.
Senhor, Senhora	Sr., Sr^{a}.	Srs., Sras.	Pessoas com as quais se mantém um certo distanciamento respeitoso.
Vossa Senhoria	V. S^{a}.	V. S^{as}.	Pessoas de cerimônia, principalmente em textos escritos, como: correspondências comerciais, ofícios, requerimentos etc.
Vossa Excelência	V. Exª.	V. Ex^{as}.	Altas autoridades: presidente da República e vice, ministros, governadores e vice, secretários estaduais, prefeitos, membros dos tribunais regionais, dos tribunais de justiça, juízes, desembargadores, senadores, deputados, embaixadores etc.
Vossa Magnificência	V. Mag^{a}.	V. Mag^{as}.	Reitores de universidades.
Vossa Reverendíssima	V. Revm^{a}.	V. Revm^{as}.	Sacerdotes e religiosos em geral.
Vossa Excelência Reverendíssima	V. Exª. Revm^{a}.	V. Ex^{as}. Revm^{as}.	Arcebispos e bispos.
Vossa Paternidade	V. P.	VV. PP.	Superiores de ordens religiosas.
Vossa Eminência	V. Em^{a}.	V. Em^{as}.	Cardeais.
Vossa Santidade	V. S.	—	Papa.
Vossa Alteza	V. A.	VV. AA.	Príncipes e duques.
Vossa Majestade	V. M.	VV. MM.	Reis e rainhas.

Observações:

Vossa Eminência: os pronomes de tratamento iniciados por "Vossa" substituem a pessoa com quem se fala.
Sua Excelência: os pronomes de tratamento iniciados por "Sua" substituem a pessoa de quem se fala.
Nas altas esferas, as abreviaturas dos pronomes de tratamento estão sendo desaconselhadas.

Prática

■ Indique o pronome de tratamento usado para se dirigir a:

64. amigo _____
65. diretor de escola _____
66. senador _____
67. bispo _____
68. reitor de universidade _____

■ Indique o pronome de tratamento usado para se falar de:

69. diretor de escola _____
70. padre _____
71. reitor de universidade _____
72. bispo _____
73. presidente da República _____

■ Corrija os erros.

Vossa Senhoria entendeis bem nossos problemas.
74. _____
Vossa Excelência tens todos os vossos argumentos válidos.
75. _____

Pronomes demonstrativos

Os pronomes demonstrativos são os que indicam o lugar que o substantivo ocupa no espaço ou no tempo, em relação às três pessoas do discurso.

Observe os quadros:

Pronomes demonstrativos		
Pessoa	**Variáveis**	**Invariáveis**
1ª	este (esta, estes, estas)	isto
2ª	esse (essa, esses, essas)	isso
3ª	aquele (aquela, aqueles, aquelas)	aquilo

Eles demonstram:

	ESPAÇO	TEMPO	TEXTO	REFERÊNCIA AO JÁ DITO
este/isto	próximo à 1ª pessoa	presente	palavras ou ideias que serão citadas	refere-se à palavra mais próxima
esse/isso	próximo à 2ª pessoa	futuro ou passado próximos	palavras ou ideias que já foram citadas	refere-se à palavra intermediária
aquele/aquilo	distante da 1ª e da 2ª pessoa	futuro ou passado distantes	—	refere-se à palavra mais distante

Prática

NO ESPAÇO

Preencha adequadamente as lacunas com os pronomes demonstrativos, prestando atenção no significado dos advérbios e pronomes possessivos em negrito.

76. _____ livro que está **aqui** nas **minhas** mãos...
77. _____ livro que está **aí** nas **tuas** mãos...
78. _____ livro que está **aí** nas **suas** mãos...
79. _____ livro que está **lá** nas **mãos** dele...

NO TEMPO

Preencha as lacunas com os pronomes demonstrativos adequados, obedecendo às indicações de tempo.

80. Referindo-se a um passado distante:
_____ anos foram ótimos para a lavoura.

81. Referindo-se a um passado recente.
_____ ano que passou vai deixar saudade.

82. Referindo-se ao presente.
_____ ano está sendo melhor que os anteriores.

Lembre-se **disto**: "Quem espera muito, cansa".

"Quem espera muito, cansa". Lembre-se **disso**.

Prática

NO TEXTO

83. Quando se quer indicar o que se vai dizer, usa-se o demonstrativo _____, ou as variações _____, _____, _____, _____.

84. Quando se quer indicar algo que já foi dito, usa-se o demonstrativo _____ ou as variações _____, _____, _____, _____.

_____ _____ ... este ... aquele
1 2

Prática

REFERÊNCIA AO JÁ DITO

As montanhas e o céu, no horizonte, se destacavam. **Este**, azul e rosa; **aquelas**, verde cinza.

85. **Este** se refere a _____ e **aquelas** a_____.

Com três elementos

_____, _____, _____ ... este ... esse ... aquele

Prática

"As árvores, a piscina e o alpendre incluem-se no cenário que estamos visitando. **As árvores**(1), verdes, fortes, viçosas; **a piscina**(2), azul, límpida, transparente; **o alpendre**(3), ensolarado e florido..."

86. Substitua os termos numerados pelos demonstrativos compatíveis. A sequência correta é:

_____ _____ _____
1 2 3

São também usados como pronomes demonstrativos:

mesmo*	O delegado deve chamar a **mesma** testemunha.
próprio	O **próprio** partido escolherá os candidatos.
tal	Não admitirei **tal** comportamento.
semelhante	Não aceito **semelhante** resposta.
o, **a**, **os**, **as** (quando significam aquele, aquela, aquilo)	Entre todos os brinquedos, ela escolheu **o** mais caro. (**aquele** mais caro) Vi as candidatas e falei com **a** que chegou primeiro. (**aquela** que chegou primeiro) **Os** que não estudam têm mais dificuldade. (**Aqueles** que não estudam...)

***Mesmo**: para alguns gramáticos, só deve ser usado para acompanhar o substantivo,

A mesma **pessoa**... (subst.) O **assunto** mesmo... (subst.)

e não para substituir o substantivo, como em:

Encontrei a **chave**. A ~~mesma~~ estava enferrujada. Limei a ~~mesma~~.

Pronomes relativos

São os pronomes que substituem os nomes que os antecedem na frase, evitando que seja repetida uma palavra da oração anterior.

Observe os modelos:

– Comprei o livro. Você recomendou **o livro**.
  Comprei o livro **que** você recomendou.

– Voltei à cidade. Nasci **nessa cidade**.
  Voltei à cidade **onde** nasci.

– O escritor escondeu-se. A obra **desse escritor** foi condenada.
  O escritor **cuja** obra foi condenada escondeu-se.

Considere o quadro abaixo para o uso correto dos pronomes relativos.

COISA	PESSOA	LUGAR	POSSE	QUANTIDADE
que o qual	que quem o qual	onde em que	cujo	quanto

Prática

■ Construa períodos compostos com o uso dos pronomes relativos adequados.

87. Desta vez serei eu. Eu decidirei meu futuro.

_____

88. O crítico elogiou o filme. Paulo Autran participou do filme.

_____

89. O autor vive na clandestinidade. A obra desse autor foi condenada.

_____

90. Passaram as férias na praia. Eles se conheceram nessa praia.

_____

91. As tribos foram dizimadas por doenças. As tribos tiveram contato com a civilização.

_____

Observe as construções.

A menina **que** chegou primeiro foi premiada.
(a menina)

A menina de **quem** eu gosto foi premiada.
de (a menina)

A menina com **quem** eu falei foi premiada.
com (a menina)

A menina contra **a qual** eu lutei foi premiada.

contra (a menina)

A **menina** **cujo** filho esteve aqui foi premiada.

de (a menina)

Prática

O rapaz **ORAÇÃO 2** sagrou-se campeão.

■ Escreva, no lugar da oração 2, as seguintes ideias, usando adequadamente os pronomes relativos **que**, **quem** ou **cujo**.

92. Eu vi o rapaz.
O rapaz _____ sagrou-se campeão.

93. Eu falei do rapaz.
O rapaz _____ sagrou-se campeão.

94. Eu procurava pelo rapaz.
O rapaz _____ sagrou-se campeão.

95. Eu pensava no rapaz.
O rapaz _____ sagrou-se campeão.

96. Eu conheço o filho do rapaz.
O rapaz _____ sagrou-se campeão.

Pronomes Relativos e Ambiguidade

Observe:

Chegou a mãe do rapaz **a quem** devemos agradecer.
– A quem devemos agradecer? Ao rapaz ou à mãe dele?

Os primos da Ester, **de quem** Paulo nos falou, acabaram de telefonar.
– Paulo nos falou de quem? Da Ester ou dos primos dela?

Prática:

■ Reescreva, a seguir, duas vezes cada frase ambígua, uma para cada sentido, substituindo os relativos **que** e **quem** por **o qual** e suas variantes (a qual, os quais, as quais).

Chegou a mãe do rapaz que encontramos no cinema.

97. Chegou a mãe do rapaz _____ encontramos no cinema.
98. Chegou a mãe do rapaz _____ encontramos no cinema.

Este é o quarto da casa com que Julieta sonha.

99. Este é o quarto da casa _____.
100. Este é o quarto da casa _____.

A filha de Paulo, que fugiu ontem, está sem paradeiro definido.

101. A filha de Paulo, _____, está sem paradeiro definido.
102. A filha de Paulo, _____, está sem paradeiro definido.

Pronomes interrogativos

Os pronomes interrogativos aparecem nas orações interrogativas diretas e indiretas. São eles: **que**, **quem**, **qual**, **quanto**.

Prática

Interrogativa indireta: Quero saber **quem** viu o acidente.
Interrogativa direta: Quem viu o acidente?

103. Interrogativa indireta: Você não me disse **qual** o seu nome.
Interrogativa direta: _____

104. Interrogativa indireta: Indagaram **quem** os apoiaria.
Interrogativa direta: _____

105. Interrogativa indireta: A cozinheira quer saber **quantos** virão para o jantar.
Interrogativa direta: _____

106. Interrogativa indireta: Pergunto o **que** procuras aqui.
Interrogativa direta: _____

Pronomes possessivos

Pronomes possessivos referem-se às pessoas do discurso, indicando-as como possuidoras, responsáveis ou autoras de algo.

Prática

■ Faça a correspondência, segundo a ideia da palavra destacada.

107. ( ) **Minha** casa é grande.
108. ( ) Já devolveram **teus** livros?
109. ( ) Essa é a **sua** opinião.
110. ( ) Preparamos o **nosso** futuro.

(a) o possuidor é a 1ª pessoa do singular
(b) o possuidor é a 1ª pessoa do plural
(c) o possuidor ou autor é a 2ª pessoa do singular
(d) o possuidor ou responsável é a 3ª pessoa do singular

Observe os casos abaixo.
A moça pisou o **meu** pé. = pisou-**me** o pé.
Eu penteava os **seus** cabelos. = penteava-**lhe** os cabelos.
Eu deveria puxar as **tuas** orelhas. = puxar-**te** as orelhas.

O papel de pronome possessivo pode ser exercido pelos **pronomes oblíquos átonos**.

Prática

■ Ele beijou a **minha** mão. / Ele beijou-**me** a mão.

111. Rasgaram a **minha** roupa. / _____

112. Confiscaram os **seus** bens. / _____

113. Isso roubou a **nossa** vontade. / _____

■ Os possessivos podem ter outros significados. Estabeleça a correspondência adequada.

114. ( ) Manuela beirava **seus** setenta anos.
115. ( ) Ela está num dos **seus** dias. Deixe-a quieta.
116. ( ) Ele não podia envergonhar **os seus**, nem eu podia trair **os meus**.

a) Parentes, companheiros, compatriotas
b) Cálculo aproximado
c) Situação habitual

117. ( ) **Meu** caro Antônio.
118. ( ) Pode falar, **meu** general.

d) Deferência, respeito, polidez
e) Intimidade

Pronomes indefinidos

Pronomes indefinidos referem-se à terceira pessoa do discurso, de modo vago, impreciso.

Exemplos: Alguém testemunhou o acidente.

Empregados no lugar de um nome que não se pode, ou não se quer definir.

A criança quer algo.

São **pronomes indefinidos**:

INVARIÁVEIS	VARIÁVEIS	
quem	algum(a)(s)	nenhum(a)(s)
alguém	muito(a)(s)	pouco(a)(s)
ninguém	outro(a)(s)	vário(a)(s)
algo	certo(a)(s)	tanto(a)(s)
tudo	quanto(a)(s)	todo(a)(s)
nada	qualquer (quaisquer)	
cada		
outrem		

■ Sublinhe os pronomes indefinidos.

119. Quem tudo quer, tudo perde.
120. Alguns alunos acertaram várias questões.
121. Muitas crianças comem pouco.
122. Certas pessoas não falam certo.
123. Cada pessoa sabe de quanto precisa.

Locução Pronominal Indefinida

Locução pronominal indefinida é o conjunto com mais de uma palavra, funcionando como um pronome indefinido.

Prática

■ Sublinhe, a seguir, as locuções pronominais indefinidas:

124. Cada qual com seu rival.
125. Quem quer que faça isso, merecerá o apoio de cada um.
126. Pedirei desculpas a seja quem for.
127. A gente fala tanto sem pensar, que todo mundo ri antes de a gente terminar.

Prática Geral

128. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) O pronome pessoal está empregado **incorretamente** em
   a) Não consegui entendê-lo naquela confusão.
   b) É para mim fiscalizar aqueles volumes.
   c) Tudo ficou esclarecido entre mim e ti.
   d) Por favor, mande-o entrar e sentar-se.
   e) Fizeram-no esperar demais hoje.

129. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Com relação aos pronomes destacados em "ao prestar-**nos** as informações" e "ficando responsabilizado pelo que **nos** adiantar", é **incorreto** afirmar que
   a) ambos são pronomes pessoais subjetivos.
   b) ambos são formas pronominais átonas.
   c) ambos desempenham a função sintática de objeto indireto.
   d) ambos podem ser substituídos, sem alterar semanticamente a frase, por "a nós".
   e) ambos estão vinculados à mesma pessoa do discurso.

130. (PRF/N.M./ANP) A forma destacada que deve ser **evitada** é
   a) Conversou muito **com nós**.
   b) Jogaram bola **comigo**.
   c) Pensamos muito **em ti**.
   d) Meu irmão já sabe cuidar **de si**.

131. (ITA/Vest.) Qual das opções substitui corretamente as palavras destacadas?
   1. Foi-lhes fácil **fazer os exercícios**.
   2. Não obstante seja parco de recursos, **mantém as aparências**.
   3. **Expões as ideias** com lucidez.
   4. **Faz os deveres** rapidamente.
   5. Se não pretendes gastar, **põe o dinheiro** na poupança.

   a) fazerem-nos / mantenha-os / Expô-las / Fá-los-á / ponha-o.
   b) fazerem-nos / mantém-as / Expõe-nas / Faze-os / põe-lo.
   c) fazê-los / mantém-las / Expõe-as / Faça-os / põe-no.
   d) fazê-los / mantém-nas / Expõe-las / Fá-los / põe-no.
   e) fazer-los / mantém-nas / Expõe-nas / Faze-os / põe-lo.

132. (BRB/N.M./IDR) Assinale a alternativa em que os pronomes pessoais estão **corretamente** empregados.
a) Tentou, mais uma vez, remetendo o documento para mim, acabar com o clima hostil entre nós.
b) O rapaz confirmou que entregou para tu o comprovante de depósito.
c) Mandei ele aguardar até que o gerente chegasse para atendê-lhe.
d) Hoje à tarde vou encontrar ela para fecharmos o negócio.

133. (BRB/N.M./IDR) Indique a sentença em que todas as formas pronominais estão **corretas**.
a) Vossa Senhoria tem justos motivos para preocupar-se com os débitos de vossa esposa.
b) Sua Excelência sinta-se à vontade para propor-nos os termos do contrato.
c) Vossa Excelência pode viajar tranquilo, que cuidaremos de seus investimentos.
d) O chefe mandou você avisar ao assessor do Sr. Ministro que a bagagem de Vossa Excelência já foi despachada.

134. (ALCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **correta**.
a) Refiro-me ao estudo de cujo o autor não se conhece a nacionalidade.
b) Dessas questões não se tratou, as quais merecem exame acurado.
c) Esse é o escritor de que todos admiramos as obras que foram feitas as melhores referências.
d) Apenas as pessoas que concernem essas palavras devem sentir o peso de tanta indignação.

135. (ATCL-DF/N.S./IDR) De acordo com a práxis consagrada do uso dos pronomes de tratamento, assinale a alternativa **correta**.
a) Pela presente, enviamos a V. Sª a relação de seus débitos e solicitamos-lhe a gentileza de saldá-los com urgência. (correspondência comercial)
b) Vossa Alteza Real, o Príncipe de Gales, virá ao Brasil para participar da ECO-92. (nota de jornal)
c) Sua Santidade pode ter a certeza de que sua presença entre nós é motivo de júbilo e de místico fervor. (discurso pronunciado em recepcão diplomática ao Sumo Pontífice)
d) Solicito a V. Exª dignar-vos aceitar as homenagens devidas, por justiça, a quem tanto engrandeceu a pátria. (ofício dirigido a Ministro do Supremo Tribunal)

136. (ATCL-DF/N.S./IDR) Marque a opção em que houve substituição **incorreta** do termo destacado.
a) Daria **a eles** uma resposta adequada.
Dar-lhes-ia uma resposta adequada.
b) Enviamos o presente **a nossos amigos**.
Enviamos-lhes o presente.
c) Mandamos **as crianças** saírem.
Mandamos-as saírem.
d) Não pediria **isso a você** em hipótese alguma.
Não lho pediria em hipótese alguma.

137. (ATCL-DF/N.S./IDR) Se, em "... milhares de jovens e adultos que precisam frequentar, movidos pela sobrevivência, **um posto de trabalho** ou que estão impossibilitados de abandonar **suas comunidades**...", tivéssemos que substituir os segmentos destacados por pronomes, o fragmento ficaria assim redigido:
a) ... milhares de jovens e adultos que, movidos pela sobrevivência, precisam frequentá-la ou que estão impossibilitados de abandoná-las...
b) ... milhares de jovens e adultos que, movidos pela sobrevivência, precisam frequentá-lo ou que estão impossibilitados de abandoná-las...
c) ... milhares de jovens e adultos que, movidos pela sobrevivência, precisam frequentá-lo ou que estão impossibilitados de abandoná-la....
d) ... milhares de jovens e adultos que, movidos pela sobrevivência, precisam frequentá-la ou que estão impossibilitados de abandoná-la...

138. (Ag. Adm./TRT/N.M./ACCESS) Ela conhecera o poeta, _____ versos gostava e _____ estava apaixonada, na cidade _____ nascera.
As lacunas da frase acima são completadas, respectivamente, por:
a) dos quais / por quem / que.
b) de quem / por que / onde.
c) por cujos / com quem / em que.
d) de cujos / por quem / onde.
e) os quais / pelo qual / em que.

139. (AFRE-SP/N.S./92) Todos _____, Senhor Diretor, que Vossa Senhoria _____ bastante _____.
a) crêem / será / compreensivo.
b) creem / sereis / compreensiva.
c) crêm / sereis / compreensiva.
d) creem / será / compreensivo.

140. Assinale a frase que apresenta pronome pessoal oblíquo no **feminino plural**.
a) Ela apodrece ao contato com a terra.
b) Algumas gralhas morrem, outras esquecem onde enterraram os pinhões.
c) Hoje se sabe que é obra de um pássaro.
d) Durante muito tempo, não se soube explicar o fato.
e) As espingardas explodem quando eles as apontam para as gralhas azuis.

141. As formas de tratamento usadas para **cardeais** e **príncipes** são, respectivamente,
a) Alteza e Excelência.
b) Majestade e Eminência.
c) Eminência e Alteza.
d) Senhoria e Excelência.
e) Santidade e Senhoria.

142. Assinale a alternativa cuja palavra destacada é **pronome de tratamento**.
a) Oficialmente não é lugar onde **se** more.
b) A ponte é de **todos**.
c) **V. Sª** não come carne?
d) Vinha trazer-**lhe** carne.
e) **Esta** carne não está boa.

143. Na frase: "Ninguém **a** jogou ao solo", a palavra destacada é
a) substantivo.
b) pronome pessoal oblíquo.
c) preposição.
d) artigo definido.
e) pronome demonstrativo.

144. Há **erro** no emprego do pronome demonstrativo na frase:
a) Esta mesa não é nova.
b) Esse livro, aí, é muito interessante.
c) Esse papel, aqui, não serve para isso.
d) Vi aquele filme tão comentado.
e) Ouça isto: fortes chuvas deverão cair nesta tarde.

145. Assinale a alternativa que apresenta o emprego **correto** do pronome de tratamento.
a) Senhor Ministro, apresento a V. Sª a relação dos aprovados.
b) Ilustríssimo Senhor Diretor, solicitamos a V. Exª o empréstimo de microfones.
c) Sua Excelência, o chefe da seção, autorizou minha liberação.
d) Sua Alteza, a rainha da Inglaterra, compareceu à cerimônia.
e) Senhor Coordenador, é do conhecimento de V. Sª a reivindicação do pessoal.

146. Assinale a frase que se completaria com o pronome **eu**.
a) O mestre deixou os desenhos para ___ fazer.
b) ___ poderá ensaiar o desenho total da figura humana.
c) O mestre ficou entre ___ e o modelo.
d) Entre ___ e ele, você deverá escolher com quem fará o trabalho.
e) Você será atendido depois de ___.

147. A palavra **que**, no período "Os truques, que desempenham papel fundamental na realização rítmica, são de três espécies (...)" é
a) conjunção.
b) preposição.
c) pronome relativo.
d) interjeição.
e) pronome indefinido.

148. Complete as lacunas do texto abaixo e, em seguida, assinale a alternativa correspondente.
"Tenho a honra de apresentar a V. Sª a servidora MARESIA FLUTUANTE, _____ Departamento, que, em atenção ao seu ofício nº 302, de 18 de maio corrente, foi colocada à disposição _____ órgão, sem prejuízo de _____ vencimento".
a) desse / deste / teu.
b) deste / desse / seu.
c) do / deste / vosso.
d) daquele / do / teu.
e) desse / deste / meu.

149. Na frase "S. S. visitou vários países", o pronome de tratamento refere-se
a) a um sacerdote.
b) a um rei.
c) a um príncipe.
d) ao papa.
e) a um governante.

■ Use os **pronomes demonstrativos** adequados a cada caso.

150. Ser indicado para o prêmio Nobel. Por _____ ele não esperava.
151. Por _____ ele não esperava: ser indicado para o prêmio Nobel.
152. O mundo se moderniza. Num tempo como _____, é preciso estar preparado.
153. _____ livros são muito pesados. Vou largá-los aqui mesmo.
154. Brasília e Goiânia foram cidades planejadas. No entanto _____ cidades apresentam os mesmos problemas de outras capitais.
155. O problema parece ser _____: a certeza da impunidade.
156. Não houve acordo entre patrões e empregados; _____ não estavam dispostos a pagar o que _____ exigiam.
157. Deixe-me ver _____ livro que você está lendo.

■ Preencha as lacunas com os demonstrativos adequados (**este**, **esse**, **aquele** e suas variáveis).

158. Graciliano Ramos e Gilberto Gil representam épocas distintas. _____ se enquadra no regionalismo nordestino dos anos trinta, _____ pertence à atualidade.
159. As Guerras Púnicas e a Guerra das Malvinas chamaram a atenção do mundo. _____ recentemente; _____ antigamente.
160. Há três anéis. Um na minha mão, outro na sua, Maria; o terceiro está na mão da Daniela. _____ (o da Daniela) é de ouro; _____ (meu) é de prata; _____ (o que está na sua mão) é de platina.
161. Júlia e Ernesto foram ao cinema. _____ (Ernesto) saiu desiludido, enquanto _____ (Júlia) ficou maravilhada.

■ Assinale **C** ou **E**.

162. ( ) Olha, José. Preciso falar consigo.
163. ( ) Atenção, meu amigo. Tenho que conversar consigo.
164. ( ) Olha, José. Quero falar contigo.
165. ( ) Olhe, José. Quero falar contigo.
166. ( ) Olhe, José. Quero falar com você.
167. ( ) Venha, meu caro. Quero abraçar-te.
168. ( ) Venha, meu caro. Quero abraçá-lo.
169. ( ) Vem, meu caro. Quero abraçar-te.

■ Ofício de uma escola para a Secretaria de Fazenda – Use o demonstrativo **correto**.

170. Informamos que _____ Secretaria foi avisada do que ocorreu _____ escola, em fax da semana passada.

Numeral

DEFINIÇÃO E CLASSIFICAÇÃO

Prática

Assinale **C** ou **E**.

1. ( ) Numeral, palavra que tem como referente um número.
2. ( ) Numeral cardinal denota quantidade: um, dez, cem...
3. ( ) Numeral ordinal denota quantidade.
4. ( ) Numeral ordinal denota ordem, posição numa sequência: primeiro, décimo...
5. ( ) Numeral multiplicativo indica multiplicação: dobro, quíntuplo...
6. ( ) Numeral fracionário indica parte ou fração: meio, terço, onze avos...

Conclusão:

Numeral é a palavra que se refere a número.
Classificam-se os numerais em: cardinais, ordinais, multiplicativos e fracionários.

PAPEL DOS NUMERAIS

Numeral substantivo e *numeral adjetivo*

Quando o numeral é usado com o **papel de substituir o substantivo**, chama-se **numeral substantivo**.

Havia muitas camisas. Comprei **cinco** (camisas).

Quando o numeral é usado com o **papel de acompanhar o substantivo**, chama-se **numeral adjetivo**.

Escolhi **dois** sapatos.

EMPREGO DOS NUMERAIS

Escreva na coluna adequada os ordinais, multiplicativos e fracionários.

	Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
7.	um		_____	_____
8.	dois			
9.	três			
10.	quatro			
11.	cinco			
12.	seis			
13.	sete			
14.	oito			
15.	nove			
16.	dez			
17.	onze			
18.	doze			
19.	treze		_____	
20.	catorze		_____	
21.	quinze		_____	
22.	dezesseis		_____	
23.	dezessete		_____	
24.	dezoito		_____	
25.	dezenove		_____	
26.	vinte		_____	*
27.	trinta		_____	*
28.	quarenta		_____	*
29.	cinquenta		_____	*
30.	sessenta		_____	*
31.	setenta		_____	*
32.	oitenta		_____	*
33.	noventa		_____	*
34.	cem			*
35.	duzentos		_____	*
36.	trezentos		_____	*
37.	quatrocentos		_____	*
38.	quinhentos		_____	*
39.	seiscentos		_____	*
40.	setecentos		_____	*
41.	oitocentos		_____	*
42.	novecentos		_____	*
43.	mil		_____	*
44.	milhão		_____	*
45.	bilhão		_____	*
46.	trilhão		_____	*

Observação:

Os fracionários que no quadro da página anterior têm asterisco (*) devem usar a forma igual à dos ordinais quando são múltiplos exatos de 10 ou 100: **vigésimo**, **trigésimo**, **centésimo**, **quingentésimo**...
Se não são múltiplos exatos de 10 ou 100, usam a forma igual à dos cardinais seguida da expressão **avos**: **vinte e três avos**, **cento e cinco avos**, **quinhentos e quatro avos**...

Prática

■ Assinale **C** ou **E** para os ordinais correspondentes aos seguintes números:

47. ( ) 1886 – Ele chegou no milésimo octingentésimo octagésimo sexto lugar.
48. ( ) 999 – Ela ocupava a noningentésima nonagésima nona cadeira.
49. ( ) 777 – Ele foi o setingentésimo setuagésimo sétimo a entrar.
50. ( ) 444 – Ela comprou o quatringentésimo quadragésimo quarto bilhete.

■ Assinale **C** ou **E**.

51. ( ) Octagésimo é variante de octogésimo.
52. ( ) Quatorze é variante de catorze.
53. ( ) Quatorzeno e terzeno são variantes pouco usadas de décimo quarto e décimo terceiro.
54. ( ) Novena, dezena, década, dúzia, trezena, quinzena, vintena, centena, cento, lustro, milhar, milheiro, par,... funcionam como substantivos coletivos, mas, por denotarem quantidade exata de seres, são também chamados de numerais coletivos.
55. ( ) Os numerais coletivos são invariáveis.

Para responder às questões de 56 a 59, observe este quadro:

3		3	.	2		2		4	.	1		2		3
														três
												vinte	**e**	três
										cento	**e**	vinte	**e**	três
								quatro mil	,	cento	**e**	vinte	**e**	três
						vinte	**e**	quatro mil	,	cento	**e**	vinte	**e**	três
				duzentos	**e**	vinte	**e**	quatro mil	,	cento	**e**	vinte	**e**	três
trinta	**e**	três milhões	,	duzentos	**e**	vinte	**e**	quatro mil	,	cento	**e**	vinte	**e**	três
dezena de milhão		unidade de milhão		centena de milhar		dezena de milhar		unidade de milhar		centena		dezena		unidade

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

56. ( ) Centenas, dezenas e unidades separam-se com **e**.
57. ( ) Milhares, milhões, bilhões separam-se com vírgula.
58. ( ) Ponto no número transforma-se em vírgula no numeral.
59. ( ) Usa-se a conjunção **e** para separar as centenas das dezenas; as dezenas das unidades; as unidades dos decimais...

■ Escreva por extenso.

60. 24.132.436 _____
_____

61. 22.333.432.123 _____
_____
_____

Atenção:

1.001 mil **e** um
1.200 mil **e** duzentos
8.096 oito mil **e** noventa e seis.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

62. ( ) Quando a última centena começa com zero, a vírgula que se seguiria ao milhar é substituída por **e**.
63. ( ) Quando a última centena termina com dois zeros, a vírgula que se seguiria ao milhar é substituída por **e**.

■ Escreva os numerais correspondentes aos seguintes algarismos.

64. 9.056 _____
65. 9.006 _____
66. 9.156 _____
67. 9.320 _____
68. 9.300 _____

■ Escreva nos espaços os fracionários dos algarismos que estão entre parênteses.

69. Ela comprou (1/3) _____ da fazenda.
70. Ela comprou (2/3) _____ da fazenda.
71. Ela comprou (5/8) _____ da fazenda.
72. Ela comprou (1/8) _____ da fazenda.
73. Ela comprou (3/11) _____ da fazenda.

74. Ela comprou (1/20) _____ da fazenda.
75. Ela comprou (7/30) _____ da fazenda.
76. Ela comprou (4/33) _____ da fazenda.
77. Ela comprou (11/200) _____ da fazenda.
78. Ela comprou (13/220) _____ da fazenda.

■ Quanto à flexão dos numerais, assinale **C** ou **E**.

79. ( ) Variam em gênero: **um**, **dois**, **três**.
80. ( ) Variam em gênero: **um**, **dois** e as centenas de duzentos em diante.
81. ( ) Variam em gênero as dezenas.
82. ( ) Os ordinais variam em gênero e número, normalmente.
83. ( ) **terçã** e **quartã** (formas em desuso) só variam em número (singular e plural).
84. ( ) Os ordinais variam em gênero e número.
85. ( ) Os cardinais terminados em **-lhão** admitem plural.
86. ( ) **bilhão** tem como variante **bilião**.
87. ( ) **milhão** tem como variante **milião**.
88. ( ) **trilhão** tem como variante **trilião**.
89. ( ) Em abril, chuvas **mil**. A expressão em destaque deixa de ser numeral para ser indefinida.

Atenção:

No *Manual de Redação da Presidência da República*, há as seguintes recomendações:

– "Os numerais devem ser escritos por extenso quando constituírem uma única palavra ('quinze'; 'trezentos'; 'mil' etc.); quando constituírem mais de uma, devem ser grafados em algarismos ('25', '142' etc.)";

– "Os numerais que indiquem porcentagem seguem a mesma regra: a expressão 'por cento' será grafada por extenso se o numeral constituir uma única palavra ('**quinze** por cento', '**cem** por cento'), e na forma numérica seguida do símbolo '%' se o numeral constituir mais de uma palavra ('142%', '57%' etc.)";

– "Valores monetários devem ser expressos em algarismos seguidos da indicação, por extenso, entre parênteses: R$1.000.000,00 (um milhão de reais). Se o valor a ser mencionado estiver localizado no final de uma linha, não o separe; coloque o cifrão em uma linha e os algarismos na seguinte"; (texto adaptado)

– "Nas datas, o mês deve ser grafado por extenso, e o dia, sem o algarismo **0** à esquerda: '3 de setembro de 2006' e não '03 de setembro de 2006' ". (texto adaptado)

Designando papas, soberanos, séculos, partes de uma obra, usam-se os **ordinais** até **décimo**; daí em diante, **os cardinais**. Porém, se o numeral antecede o substantivo, emprega-se o ordinal: **vigésimo** século, **décimo sexto** capítulo, **décimo primeiro** canto.

Prática

■ Escreva como devem ser lidos os numerais correspondentes aos algarismos romanos.

90. Pio XI _____
91. Pedro II _____
92. Canto VI _____
93. Século XX _____
94. Século X _____
95. Capítulo X _____
96. Capítulo XI _____
97. Pio X _____
98. Canto XI _____

Na numeração de artigos de leis, decretos e portarias, usa-se o **ordinal** até **nono**; daí em diante, os **cardinais**.

Prática

■ Continue.

99. Art. (1) _____
100. Art. (9) _____
101. Art. (10) _____
102. Art. (25) _____

Na referência aos dias do mês, usam-se os cardinais, exceto para o **primeiro**.

Prática

■ Continue.

103. ...no dia (1) _____ de maio...
104. ...no dia (2) _____ de fevereiro...
105. ...no dia (25) _____ de junho...
106. ...no dia (31) _____ de janeiro...

Com referência a páginas e folhas, a apartamentos, quartos de hotelaria, cabines de navio, poltronas de casas de espetáculo, veículos de transporte... usam-se os cardinais. Porém, se o numeral vier anteposto, usa-se o ordinal: terceira poltrona, oitava cabine, vigésima folha.

Prática

■ Continue.

107. Casa (1) _____
108. Folha (1) _____
109. Quarto (1) _____
110. Apartamento (1) _____
111. Cabine (1) _____
112. Folha (2) _____
113. Cabine (9) _____
114. Casa (22) _____
115. Quarto (10) _____

■ Continue.

116. Ela hoje completa o (1757) _____ _____ ano de existência.
117. Eu cheguei em (486) _____ _____ lugar.
118. R$ 8.723.846.123,35 (_____ _____)
119. Comprei (5/200) _____ daquela área.
120. Ele vendeu (18%) _____ de suas ações.

■ Assinale **C** ou **E**.

121. ( ) O novo sócio adquiriu mil trezentos e vinte e duas cotas.
122. ( ) Gênova, 05 de outubro de 1999.
123. ( ) Nem um de vocês conseguiu alcançar a meta?
124. ( ) Nenhum de vocês conseguiu alcançar a meta?
125. ( ) Comprei um dez avos da boiada.
126. ( ) Ocorria isso por volta do século dez depois de Cristo.
127. ( ) Para que andar o senhor vai? — Para o dezoito andar.
128. ( ) Estamos aqui na quarenta e dois DP.
129. ( ) Aos dezenove dias do mês de fevereiro do ano de mil novecentos e quarenta e dois...

■ Responda.

130. Se as frases 123 e 124 estão certas, há diferença de sentido entre elas?
Resp.: _____

O e UM: artigo, pronome, ou numeral?

Artigos só existem dois: o definido **o** (a, os, as) e o indefinido **um** (uma, uns, umas).

O (artigo definido, ou pronome)

Como o artigo só existe antes de um substantivo, toda vez que **o** (a, os, as) não anteceder um substantivo, será pronome.

Exemplos de artigo definido, com os seus substantivos sublinhados:
O bom menino sonhava com ***a*** muitas vezes amada Julieta...
Os quatro irmãos analisavam ***as*** oportunidades...

Exemplos de pronomes:
Chamei-***o(s)***, mas não sei ***o*** que queres com eles.
As moças vieram, exceto ***as*** que não foram convidadas.

UM (artigo indefinido, ou pronome indefinido, ou numeral)

Toda vez que o indefinido **um** (uma, uns, umas) não anteceder um substantivo, será pronome:

Exemplos de artigo indefinido, com os seus substantivos sublinhados:
Era ***uma*** vez ***um*** calmo estudante que achou ***umas*** pérolas barrocas e ***uns*** interessantes gravetos.

Exemplos de pronome indefinido:
Ei! meninos, quero ***um*** que me ajude...
Havia ***várias*** meninas, ***umas*** alegres, ***outras*** tristes...
Uns acreditam, ***outros***, não.

Quando **um** (uma, uns, umas) não for indefinido, dará ideia de número preciso, então não pode ser artigo ou pronome indefinido, mas numeral.

Exemplos de numeral:
Quero só ***um*** exemplo.
Das três moças, ***uma*** se retirou.

Atenção:

O numeral **um** não tem plural. Sempre **uns** é indefinido.

Verbo

DEFINIÇÃO PROVISÓRIA

Observe as palavras em negrito:

Nós **confiamos** no presente.
Ele **chegou** à fazenda de madrugada.
Elas **estão** felizes.
Choverá muito à noite.

Prática

Assinale **C** ou **E** para as afirmações acerca das palavras em negrito.

1. ( ) São variáveis em **tempo**.
2. ( ) São **invariáveis**.
3. ( ) Variam em **gênero** (masculino/feminino).
4. ( ) Variam em **número** (singular/plural).
5. ( ) Variam em **pessoa** (1ª/2ª/3ª).
6. ( ) **Chegou** traduz ideia de ação.
7. ( ) **Estão** indica fenômeno da natureza.
8. ( ) **Estão** traduz ação.
9. ( ) **Choverá** traduz fenômeno da natureza.
10. ( ) **Estão** traduz ideia de estado.

Verbo é a palavra, variável em tempo, que exprime **ideia de ação**, **estado ou fenômeno**.

ESTRUTURA DOS VERBOS – CONJUGAÇÕES

	TEMA		
	RADICAL	VOGAL TEMÁTICA	DESINÊNCIA
1ª conj.	am	a	r
2ª conj.	vend	e	r
3ª conj.	part	i	r

Prática

■ Assinale **C** ou **E** para certo ou errado.

11. ( ) O **radical** contém a base da significação.
12. ( ) A vogal temática determina a **conjugação** (1ª, 2ª, 3ª).
13. ( ) Para achar-se o radical, tira-se **-ar**, **-er**, **-ir** do infinitivo dos verbos regulares.
14. ( ) Radical + vogal temática = **tema**.
15. ( ) Nos verbos regulares, tirando-se o **r** do infinitivo obtém-se o tema.
16. ( ) O verbo **pôr** pertence à quarta conjugação.
17. ( ) O verbo **pôr** é uma anomalia da segunda conjugação. Antigamente era **poer**, por isso a existência de palavras como **poedeira**, **poente**.

NÚMEROS E PESSOAS VERBAIS – DESINÊNCIAS

PESSOA	NÚMERO	
	SINGULAR	PLURAL
1ª	eu FAL**O**	nós FALA**MOS**
2ª	tu FALA**S**	vós FALA**IS**
3ª	ele FALA Ø	eles FALA**M**

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

18. ( ) A parte do verbo assinalada em **negrito** indica se o verbo está no singular ou plural (**número**).
19. ( ) Indica também se o verbo está conjugado na 1ª, 2ª ou 3ª **pessoa**.
20. ( ) Por isso se chama **desinência número-pessoal**.
21. ( ) Na terceira pessoa do singular, nesse tempo, a desinência número-pessoal é Ø.

O verbo varia em número (singular e plural) e pessoa (primeira, segunda, terceira). O que indica essas variações são as desinências.

Quadro de desinências número-pessoais

		INDICATIVO		
número	pessoa	presente	pretérito perfeito	futuro do presente
singular	1ª	o	i	ei
	2ª	s	ste	ás
	3ª	∅	u	á
plural	1ª	mos	mos	-emos
	2ª	is/des	stes	-eis
	3ª	m	ram	ão

■ Observe o quadro acima e responda **C** ou **E**.

22. ( ) Esse quadro se refere a três tempos do modo indicativo: presente, pretérito perfeito e futuro do presente.
23. ( ) Tais desinências se chamam número-pessoais, porque indicam a pessoa verbal e informam seu número (singular ou plural).
24. ( ) As desinências verbais **s** e **ás** (amas, amarás) indicam 2ª pessoa do plural.
25. ( ) As desinências verbais **s**, **ste** e **ás** indicam 2ª pessoa do singular.
26. ( ) As formas verbais terminadas em **m** e **ão** indicam 3ª pessoa do plural.

MODOS VERBAIS

Indicativo, subjuntivo, imperativo

Prática

■ Observe os sentidos dos verbos destacados e responda **C** ou **E**.

a) Juliana **chega** hoje à noite.
b) Espero que Juliana **chegue** hoje à noite.
c) **Chegue** cedo, Juliana!

27. ( ) Em *a*, o sentido é de afirmação, certeza, convicção.
28. ( ) Em *b*, o sentido é de possibilidade, dúvida.
29. ( ) O modo verbal que denota convicção, certeza, chama-se **indicativo**.
30. ( ) O modo verbal que denota dúvida, possibilidade, chama-se **imperativo**.
31. ( ) O modo verbal que denota possibilidade, dúvida, chama-se **subjuntivo**.
32. ( ) **Subjuntivo** (que se junta sob) permite concluir que normalmente se encontra em orações subordinadas.

33. ( ) Em *c*, dependendo da entonação, o verbo pode expressar um pedido, uma súplica ou uma ordem.
34. ( ) Em *c*, o verbo está no modo **imperativo**.

35. Correlacione corretamente as colunas quanto a sentido e modo verbais.

a) certeza	( ) indicativo
b) dúvida	( ) imperativo
c) ordem ou pedido	( ) subjuntivo

Subjuntivo não subordinado

O subjuntivo pode ser usado sozinho sem depender de outra oração.

Prática

36. Correlacione as colunas adequadamente.

a) subjuntivo em frase optativa*	( ) Talvez não se chegue a esse ponto.
b) subjuntivo expressando dúvida	( ) Deus a abençoe, minha filha.
	( ) Que a felicidade seja sempre sua companheira.

O verbo é variável também em modo. São três os modos verbais:
Modo Indicativo: exprime certeza, convicção;
Modo Subjuntivo: usado para orações subordinadas, para frases optativas, ou para expressar dúvida;
Modo Imperativo: denota pedido, súplica, ou imposição.

TEMPOS VERBAIS

Presente, pretérito e futuro

Antes			Agora	Depois
Pretérito	←		**Presente**	→ Futuro
perfeito amei			amo estou amando	amarei vou amar
imperfeito ...amava... ...estava amando...				
mais-que-perf.	←	→	fut. do pret.	
amara	←	→	amaria...	
tinha amado	←	→	ia amar...	

* *Vide*, em *Análise Sintática Visual*, Frase, Oração, Período: Frase quanto ao sentido.

Presente e pretérito (passado) do indicativo

Prática

a) Hoje me **sinto** bem neste local.
b) Quando me **mudei** para cá, **vim** a convite de minha tia, que **morava** aqui e **chegara** três anos antes.
c) Nem eu nem ela **sabíamos** que a minha vinda transformaria por completo a aparência do lugar em menos de um ano.

■ Assinale **C** ou **E**.

37. ( ) Em *a*, o verbo refere-se ao tempo presente, isto é, a ação acontece enquanto o emissor fala.
38. ( ) Em *b* e *c*, os verbos fazem referência ao tempo pretérito (passado), ou seja, as ações aconteceram antes do momento em que o emissor fala.
39. ( ) **morava** e **sabíamos** indicam que essas ações estavam em andamento dentro do passado (pretérito).
40. ( ) **mudei** e **vim** referem-se a ações passadas e concluídas.
41. ( ) *Perfectus*, em latim, significa "terminado", "concluído", "acabado".
42. ( ) Por isso, **mudei** e **vim** situam-se no **pretérito perfeito**.
43. ( ) Se "perfeito" significa "terminado", "concluído", "imperfeito" significa "em andamento", "não terminado".
44. ( ) **morava** e **sabíamos** situam-se, então, no **pretérito imperfeito**.

■ Atente agora para o verbo **chegara** em relação a **mudei** e **vim**.

45. ( ) **chegara** faz referência a uma ação já pretérita em relação a outro pretérito (**mudei** e **vim**).
46. ( ) Trata-se, então, de um pretérito anterior a um pretérito perfeito.
47. ( ) Por isso, **chegara** exemplifica o tempo verbal que se chama **pretérito mais-que--perfeito**, pois indica uma ação concluída antes de outra também já concluída.

■ Observe, ainda, **transformaria** em relação a **sabíamos**.

48. ( ) Nem um dos dois se encontra no pretérito.
49. ( ) Ambos situam-se no pretérito.
50. ( ) **transformaria** refere-se a um futuro dentro do pretérito.
51. ( ) A indicação de tempo de **transformaria** é exemplo do que se chama **futuro do pretérito**, porque denota uma ação futura dentro do passado.

Presente e futuro do presente do modo indicativo

Prática

a) Judite **gosta** de Gustavo e **quererá** ir com ele ao teatro.
b) Judite **está gostando** de Gustavo e **vai querer** ir com ele ao teatro.
c) Judite **gosta** de estudar.

■ Assinale **C** ou **E**.

52. ( ) Em *a*, **gosta** é um verbo flexionado no **presente**, porque denota um sentimento que acontece no **momento em que se fala**.
53. ( ) Em *a*, **quererá** é um verbo articulado no **futuro**, porque denota um sentimento, uma vontade que só vai acontecer **depois do momento em que se fala**.
54. ( ) Em *b*, **está gostando** é uma locução verbal no presente do indicativo, enquanto **vai querer** é uma locução verbal no futuro.
55. ( ) O presente do indicativo em **gosta**, **está gostando** transmite também uma ideia de ação contínua.

O verbo ainda varia em tempo:
Tempo presente: acontece quando se fala. Pode denotar ação momentânea ou contínua;
Tempo pretérito: aconteceu antes do momento em que se fala. Subdivide-se em **Pretérito perfeito**, **pretérito imperfeito**, **pretérito mais-que-perfeito** e **futuro do pretérito**;
Tempo futuro: acontecerá depois do momento em que se fala.

CORRELAÇÃO DE TEMPOS OU *CONSECUTIO TEMPORUM*

Atenção:

Futuro do pretérito pertence ao pretérito, como o nome sugere, por isso, relaciona-se bem com a oração subordinada no **pretérito** imperfeito do subjuntivo: **iria, se pudesse**.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, conforme convenha.

56. ( ) Se nós podemos, compraríamos.
57. ( ) Se vocês podem, comprarão.
58. ( ) Se eles quisessem, compraríam.

Já, o futuro do presente adéqua-se bem com o futuro do subjuntivo: **irei, se puder**.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, conforme convenha.

59. ( ) Se eles poderão, comprarão.
60. ( ) Quando eles podem, comprarão.
61. ( ) Quando eles puderem, comprarão.

A *consecutio temporum* (pronúncia: consecúcio têmporum), ou *correlação de tempos* da norma culta da Língua Portuguesa, acontece em outros tempos e modos.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, conforme convenha.

62. ( ) Todos ficamos absolutamente tranquilos porque eles tivessem chegado bem cedo.
63. ( ) Ninguém podia comentar, sequer em voz baixa, pois os outros podiam estar ouvindo.
64. ( ) Todos resolveram combinar a compra dos ingressos com antecedência, porque deveria esgotar-se logo a venda.
65. ( ) É muito possível, na opinião da maioria dos presentes, que Maria, embora sem convite, chega mais cedo.
66. ( ) Ela estaria certíssima se estivesse falado antes com o irmão.
67. ( ) Se me ouvisses, como todos te aconselharam, chegarias primeiro.
68. ( ) Se me ouves, não tenho a menor dúvida, chegas primeiro.
69. ( ) Se me tivesses ouvido, terias chegado primeiro.
70. ( ) Se me tivesses ouvido, chegaste primeiro.
71. ( ) Por me teres ouvido, chegaste primeiro.

■ Corrija a correlação de tempos, se necessário.

72. O pai aconselhou que o menino saía de casa.

_____

73. No dia em que não me sinta mais feliz, vou mudar de vida.

_____

74. No dia em que não me sentir mais feliz, vou mudar de vida.

_____

75. Todos os dias, chova ou faça sol, eu ia à cachoeira mais perto de casa.

_____

76. Pena era que os meninos estejam tão mal vestidos quando eu os visitei.

_____

77. Pena será se os meninos estejam mal vestidos quando eu os visitar.

_____

QUADRO DE DESINÊNCIAS MODO-TEMPORAIS E NÚMERO-PESSOAIS

Infinitivo impessoal	Gerúndio	Particípio
r	ndo	do/to/so

Número	Pessoa	Infinitivo Pessoal	Imperfeito do Indicativo	Imperfeito do Subjuntivo	Mais-q.-perf. do Indicativo	Futuro do Pretérito	Futuro do Subjuntivo
SING.	1ª	r	va ia	sse	ra	ia	r
	2ª	r es	va ia s	sse s	ra s	ia s	r es
	3ª	r	va ia	sse	ra	ia	r
PLUR.	1ª	r mos	va ia mos	sse mos	ra mos	ía mos	r mos
	2ª	r des	ve ie is	sse is	re is	íe is	r des
	3ª	r em	va ia m	sse m	ra m	ia m	r em

Prática

■ Observe as desinências no quadro anterior e responda **C** ou **E**.

78. ( ) **amado**, **coberto** e **aceso** são exemplos de particípio.
79. ( ) O particípio é variável em gênero (amada, coberta, acesa) e número (amados, cobertos, acesas).
80. ( ) A desinência **s**, no particípio, marca plural, como nos adjetivos: **belos**, **ricos**.
81. ( ) A terminação **s** sempre marca plural, tanto nos verbos, como nos nomes (substantivo, adjetivo...)
82. ( ) O gerúndio é variável em número e pessoa, porque é uma forma verbal.
83. ( ) O gerúndio é invariável em número e pessoa.
84. ( ) Existe um infinitivo variável em número e pessoa, e outro infinitivo invariável.
85. ( ) **Quando eu amar**... tem o verbo no infinitivo.
86. ( ) As formas verbais **amar**, **amardes** podem indicar infinitivo pessoal ou futuro do subjuntivo.
87. ( ) As formas verbais **quiser**, **quiserdes** podem indicar também infinitivo pessoal ou futuro do subjuntivo.
88. ( ) **Querer**, **quererdes** estão no infinitivo, assim como **quiser**, **quiserem** estão no futuro.
89. ( ) As desinências fixas **-r**, **-ndo**, **-va**, **-ia**, **-sse**, **-ra** indicam número (singular e plural) e pessoa (1ª, 2ª, 3ª).
90. ( ) As desinências fixas **-r**, **-ndo**, **-va**, **-ia**, **-sse**, **-ra** são modo-temporais, pois indicam modo e/ou tempo.
91. ( ) A desinência modo-temporal do imperfeito do indicativo pode ser **-va** (amá**va**mos) ou **-ia** (faz**ia**m).
92. ( ) Na 2ª pessoa do plural, o **-a** das desinências modo-temporais, por ser átono, transforma-se em **e** ao se juntar ao **i** da desinência número-pessoal **is**.
93. ( ) Amá**va**mos, amá**ve**is; puder**as**, pudé**re**is; pod**ia**m, pod**íe**is são exemplos que justificam a afirmação anterior.

VOZES VERBAIS

Veja esta cena:

Qualquer observador pode comunicar a ação que nela se passa. Se, inconscientemente, ele enfatiza a planta, possivelmente dirá:

— A **planta** está sendo regada pelo homem.

Se, contudo, ressalta o ser humano, provavelmente dirá:

— O **homem** está regando a planta.

O falante coloca como sujeito o que lhe parece ser mais importante, extrai-se daí que sujeito é posição de destaque psicológico. Quando se escolhe para sujeito o agente da ação, usa-se a **voz ativa** do verbo. Quando se emprega como sujeito o alvo ou paciente da ação, tem-se a **voz passiva**.

Prática

■ Compare estas cenas e responda:

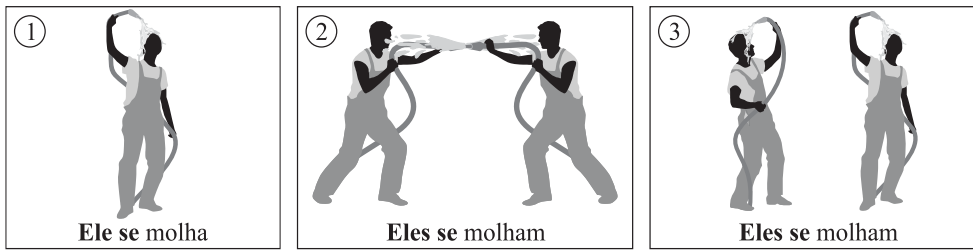

94. Em que cena(s) os pronomes **ele(s)** e **se** têm o mesmo referente, isto é, se referem ao mesmo indivíduo? Resp.: _____.
95. Em que cena(s) os pronomes **ele(s)** e **se** representam reciprocidade de ações, troca de ações? Resp.: _____.
96. Você classifica como **voz reflexiva recíproca** o verbo que se encontra na frase da cena número: _____.
97. Você denomina simplesmente **voz reflexiva** a do(s) verbo(s) que se encontra(m) na(s) cena(s) número: _____.
98. As frases 2 e 3 são iguais e ambíguas. Se dissermos "José e João se molham", ocorrerá novamente ambiguidade. Qual é o duplo sentido? Resp.: _____ _____.
99. Como se deve fazer para evitar ambiguidade com uso do verbo na voz reflexiva? Resp.: _____.

Observe os gráficos e assinale **C** ou **E** nos parênteses das afirmações a seguir.

Voz ativa

Sujeito só pratica a ação.

Voz passiva

Sujeito só recebe a ação.

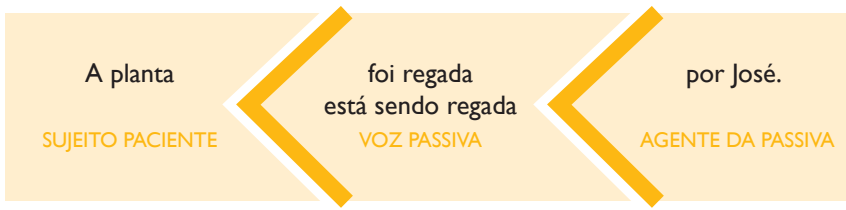

100. ( ) Voz ativa e passiva dizem exatamente a mesma coisa.
101. ( ) Voz ativa e passiva são visões diferentes de um mesmo fato.
102. ( ) Na voz ativa, o sujeito é agente da ação verbal.
103. ( ) Na voz passiva, o sujeito é paciente.
104. ( ) O verbo **ser** é usado como auxiliar da voz passiva.
105. ( ) Na passiva, o verbo **ser** assume o tempo e o modo do verbo principal da ativa.
106. ( ) O verbo principal da ativa, na passiva, vai para o particípio.

Voz passiva e passividade

Prática

■ Observe os exemplos de verbos destacados e responda **C** ou **E**.

Quando se fala em passividade, fala-se que o sujeito recebe e não pratica a ação verbal. Há, porém, verbos que denotam passividade mesmo na voz ativa:

I – Ele **recebeu** um presente.
II – Ele **doou** um presente.
III – Um presente **foi recebido** por ele.
IV – Um presente **foi doado** por ele.

107. ( ) Em I, o verbo denota passividade do sujeito.
108. ( ) Em II, o verbo denota atividade do sujeito.
109. ( ) Em III e IV, os sujeitos são pacientes e não agentes da ação verbal.
110. ( ) Os verbos de I, III e IV estão, portanto, na voz passiva.
111. ( ) Voz passiva não é a ideia de passividade, mas uma **forma** que o verbo assume.
112. ( ) O verbo assume a forma de voz passiva com a partícula apassivadora **se** ou com o auxiliar **ser**. (Alguns gramáticos aceitam também o verbo **estar** como auxiliar de voz passiva.)
113. ( ) Os verbos dos exemplos I e II estão na voz ativa, enquanto os das frases III e IV estão na voz passiva.

Voz passiva é uma **forma** verbal. Passividade é ideia. "Ele **recebeu** um presente" tem o verbo na forma ativa, embora traga ideia de passividade.

Voz passiva analítica

v. auxiliar + v. principal
ser no particípio

A casa **foi derrubada**.
ser + particípio

Voz passiva sintética

verbo + se *(apassivador)* **+ sujeito paciente**

Derrubou-se a casa.
sujeito paciente
apassivador

Voz reflexiva

Sujeito agente e objeto paciente representam a mesma pessoa.

José	feriu	-se.
SUJEITO AGENTE	VOZ REFLEXIVA	OBJETO PACIENTE

se representa José.

Voz reflexiva recíproca ou apenas recíproca

O sujeito representa dois ou mais seres que trocam ação entre si, por isso o verbo tem de estar no plural.

José e Daniela se beijaram.
Eles se beijaram.

O verbo tem capacidade de variar em voz:
Voz Ativa: o sujeito pratica a ação verbal;
Voz Passiva: o sujeito sofre a ação verbal;
Voz Reflexiva: o sujeito e o alvo da ação são o mesmo ser;
Voz Recíproca: há troca de ação entre dois ou mais seres.

Mudança de voz

Na mudança de voz, só se alteram o sujeito, o verbo e o objeto direto. Sublinhe-os e trabalhe só com eles. Todos os outros termos permanecem inalterados.

Passagem da ativa para a passiva analítica

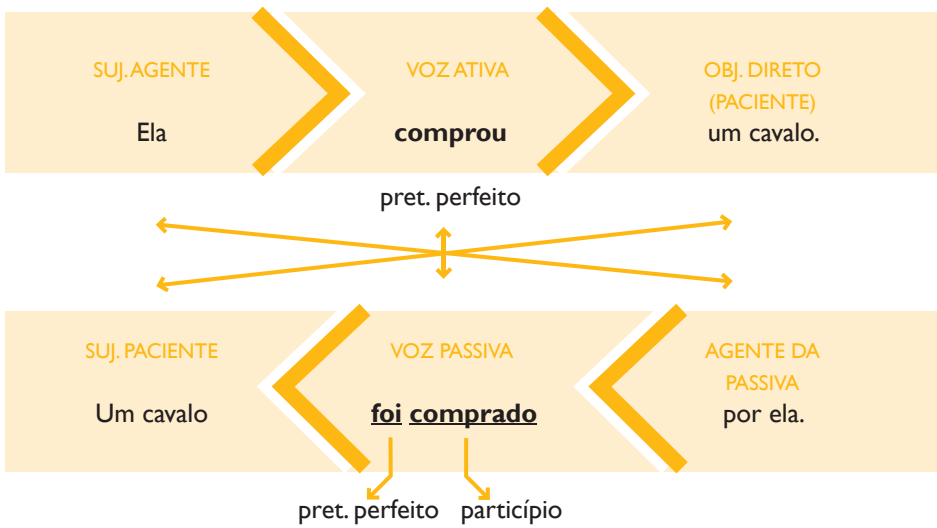

Prática

■ Julgue **C** ou **E**.

114. ( ) O objeto direto paciente da **ativa** (sem preposição) vira sujeito da **passiva**.
115. ( ) O sujeito agente (sem preposição) recebe a preposição **por** e vira agente da passiva.
116. ( ) O verbo da ativa vai para o **particípio** (comprado) tendo como auxiliar o verbo **ser**. O verbo **ser** acompanha o tempo do verbo da ativa (comprou = foi).

■ Transforme em **passiva analítica**.

117. Ele traz um presente. _____

118. Ela trará soluções. _____
119. Ela trazia perfume _____
120. Ela traria perfumes. _____

■ Siga o modelo.
Ela está trazendo um perfume.
Um presente está sendo trazido por ela.
121. Ela esteve trazendo uns presentes.
_____
122. Ela estará trazendo um presente.
_____
123. Ela estaria trazendo uns presentes.
_____
124. Ela deverá estar trazendo um presente.
_____

Conclusão:

Quando a locução verbal ativa termina em **gerúndio**, na passiva esse gerúndio vira particípio antecedido pelo gerúndio do verbo ser.

Passagem da ativa para a passiva sintética

SUJ. INDET.	VOZ ATIVA	OBJ. DIRETO (PACIENTE)
?	**Compraram**	um cavalo.

SUJ. PACIENTE	VOZ PASSIVA	AGENTE INDETERMINADO
Um cavalo	**comprou-se**	?

■ Observe e continue.

OBJ. DIRETO PACIENTE	→	**SUJEITO PACIENTE**
Trouxeram **um presente**.	→	Trouxe **um presente**.

125. Procuravam solução. → _____
126. Pediram um favor. → _____
127. Fabricarão barco aqui. → _____

OBJ. DIRETO PACIENTE	→	SUJEITO PACIENTE
Trouxeram **dois presentes**.	→	Trouxeram-se **dois presentes**.

128. Procuravam soluções. → _____
129. Pediriam uns presentes. → _____
130. Fabricarão barcos aqui. → _____

■ Observe e responda **C** ou **E**.

a. Falaram **de** você.
b. Alugam **por** centavos.
c. Pensam **em** reformas.
d. Falou-se **de** você.
e. Aluga-se **por** centavos.
f. Pensa-se **em** reformas.

131. ( ) No esquema anterior, só admite **voz passiva** a frase que na ativa tem objeto (direto) paciente.
132. ( ) Só existe **voz passiva** se existe sujeito paciente.
133. ( ) Os exemplos **c**, **d** e **e** estão na **voz passiva**.
134. ( ) Sujeito não começa por **preposição**.
135. ( ) Os exemplos **a**, **b** e **c** estão na **voz passiva**.
136. ( ) **a**, **b** e **c** não podem estar na voz passiva porque não têm **sujeito paciente**.
137. ( ) "**de** você", "**por** centavos", "**em** reformas" não podem ser objeto direto nem sujeito por causa das preposições.
138. ( ) Todas as frases, de **a** a **f**, têm, portanto, **sujeito indeterminado** e não têm voz passiva.

■ Quais as frases que estão na **voz passiva**? Se houver erro, corrija-o, fazendo o verbo concordar com o sujeito paciente.

139. Procura-se por líderes.
140. Procura-se líderes.
141. Não se falava em verdades.
142. Não se falava verdades.
143. Sacou-se da caneta.
144. Sacou-se a caneta.
145. Focou-se dois tatus.
146. Focou-se ao leão.

ASPECTOS VERBAIS

Incoativo, **inceptivo**: aspecto verbal que acrescenta ao significado do verbo a ideia de "início de ação".
... amanhecer, **entardecer...**

Frequentativo: acrescenta ao significado verbal a ideia de repetitividade.
Ela **costuma** vir aqui.
Saltitar.
Chorava **volta e meia**.

Atenção:

O aspecto frequentativo pode ser indicado por uma locução adverbial.

Causativos: verbos que denotam causa ou motivo da existência das orações que o seguem.
Deixava que o acariciassem.
Mandei-o sair.
Pedi que ela viesse.
Fizemos que ele concordasse.

Sensitivos: referem-se a um dos sentidos humanos (visão, audição...).
Eu a **vi** chorando.
Ouvimos a menina rezar.
Sentimos seu coração bater.

PARADIGMAS DAS TRÊS CONJUGAÇÕES REGULARES – TEMPOS SIMPLES

Infinitivo impessoal

1ª Amar 2ª Vender 3ª Partir

Modo indicativo

Presente do indicativo								
am		**o**	vend		**o**	part		**o**
am	**a**	**s**	vend	**e**	**s**	part	**e**	**s**
am	**a**		vend	**e**		part	**e**	
am	**a**	**mos**	vend	**e**	**mos**	part	**i**	**mos**
am	**a**	**is**	vend	**e**	**is**	part	**i**	**s**
am	**a**	**m**	vend	**e**	**m**	part	**e**	**m**

Prática

■ Leia três vezes em voz alta o quadro acima, observe-o atentamente e responda **C** ou **E**.

147. ( ) No presente do indicativo, a terminação da 1ª pessoa do singular é igual nas três conjugações.

148. ( ) Na 1ª e 2ª conjugação, as vogais temáticas se mantêm **a** e **e**, respectivamente, exceto na 1ª pessoa do singular.

149. ( ) Na terceira conjugação, a vogal temática, tirando-se a primeira pessoa do singular, aparece em forma de **e** ou **i**.

Pretérito perfeito do indicativo

am	**e**	**i**	vend		**i**	part		**i**
am	**a**	**ste**	vend	**e**	**ste**	part	**i**	**ste**
am	**o**	**u**	vend	**e**	**u**	part	**i**	**u**
am	(´) **á**	**mos**	vend	**e**	**mos**	part	**i**	**mos**
am	**a**	**stes**	vend	**e**	**stes**	part	**i**	**stes**
am	**a**	**ram**	vend	**e**	**ram**	part	**i**	**ram**

Prática

■ Leia três vezes em voz alta o quadro acima, observe-o atentamente e responda **C** ou **E**.

150. ( ) No pretérito perfeito do indicativo, as desinências pessoais são iguais nas três conjugações: **i**, **ste**, **u**, **mos**, **stes**, **ram**.

151. ( ) A vogal temática da 1ª conjugação, **a**, aparece alterada para **e** e **o** na 1ª e na 3ª pessoa do singular, respectivamente.

152. ( ) Na 2ª e na 3ª conjugação, as vogais temáticas **e** e **i**, na primeira pessoa do singular, desaparecem, pela proximidade da desinência **i**.

153. ( ) Nas outras pessoas da 2ª e da 3ª conjugação, as vogais temáticas se mantêm inalteradas.

154. ( ) Amamos ou amámos, no pretérito perfeito, são grafias e pronúncias corretas.

Pretérito imperfeito do indicativo

ama	**va**		vend	**ia**		part	**ia**	
ama	**va**	**s**	vend	**ia**	**s**	part	**ia**	**s**
ama	**va**		vend	**ia**		part	**ia**	
amá	**va**	**mos**	vend	**ía**	**mos**	part	**ía**	**mos**
amá	**ve**	**is**	vend	**íe**	**is**	part	**íe**	**is**
ama	**va**	**m**	vend	**ia**	**m**	part	**ia**	**m**

Prática

■ Leia três vezes em voz alta o quadro acima, observe-o atentamente e responda **C** ou **E**.

155. ( ) No pretérito imperfeito do indicativo, as desinências pessoais são iguais nas três conjugações: ∅, **s**, ∅, **mos**, **is**, **m**.

156. ( ) As desinências temporais são **va** para 1ª conjugação e **ia** para 2ª e 3ª conjugações.

157. ( ) As desinências temporais se mantêm inalteradas.
158. ( ) As desinências temporais antes de **i** trocam o **a** por **e**.
159. ( ) A desinência temporal **va** indica ação concluída no passado.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

ama	**ra**		vende	**ra**		parti	**ra**	
ama	**ra**	**s**	vende	**ra**	**s**	parti	**ra**	**s**
ama	**ra**		vende	**ra**		parti	**ra**	
amá	**ra**	**mos**	vendê	**ra**	**mos**	partí	**ra**	**mos**
amá	**re**	**is**	vendê	**re**	**is**	partí	**re**	**is**
ama	**ra**	**m**	vende	**ra**	**m**	parti	**ra**	**m**

Prática

■ Leia três vezes em voz alta o quadro acima, observe-o atentamente e responda **C** ou **E**.

160. ( ) No pretérito mais-que-perfeito do indicativo, as desinências pessoais são iguais nas três conjugações: ∅, **s**, ∅, **mos**, **is**, **m**.
161. ( ) As desinências temporais são as mesmas nas três conjugações (**ra**), e trocam o **a** por **e** apenas antes de **i**.
162. ( ) A desinência temporal **ra** indica que a ação foi praticada antes de outra ação praticada no passado.
163. ( ) O pretérito mais-que-perfeito se forma tirando-se o **m** final da 3ª pessoa do plural do pretérito perfeito (amara~~m~~, vendera~~m~~, partira~~m~~).

Futuro do presente do indicativo

amar	**ei**	vender	**ei**	partir	**ei**
amar	**ás**	vender	**ás**	partir	**ás**
amar	**á**	vender	**á**	partir	**á**
amar	**emos**	vender	**emos**	partir	**emos**
amar	**eis**	vender	**eis**	partir	**eis**
amar	**ão**	vender	**ão**	partir	**ão**

Prática

■ Leia três vezes em voz alta o quadro acima, observe-o atentamente e responda **C** ou **E**.

164. ( ) No futuro do presente do indicativo, as terminações são exatamente iguais nas três conjugações: **ei**, **ás**, **á**, **emos**, **eis**, **ão**.
165. ( ) Antigamente conjugava-se o verbo haver assim: **hei**, **hás**, **há**, **hemos**, **heis**, **hão**.
166. ( ) Pode-se perceber que o futuro do presente é infinitivo seguido do verbo haver no presente: **amar+hei**, **amar+hás**, **amar+há**, ... **amar+hão**, não se escrevendo o **h** porque não é pronunciado.

167. ( ) Também hoje se constrói o futuro com o presente do verbo haver + o infinitivo de outro verbo: **hei de amar**, **hás de amar**, **há de amar**...

168. ( ) O verbo **ir** também auxilia na formação de futuro: **vou** amar, **vais** amar, **vai** amar...

Futuro do pretérito do indicativo								
amar	**ia**		vender	**ia**		partir	**ia**	
amar	**ia**	**s**	vender	**ia**	**s**	partir	**ia**	**s**
amar	**ia**		vender	**ia**		partir	**ia**	
amar	**ía**	**mos**	vender	**ía**	**mos**	partir	**ía**	**mos**
amar	**íe**	**is**	vender	**íe**	**is**	partir	**íe**	**is**
amar	**ia**	**m**	vender	**ia**	**m**	partir	**ia**	**m**

Prática

■ Leia três vezes em voz alta o quadro acima, observe-o atentamente e responda **C** ou **E**.

169. ( ) No futuro do pretérito, após o **r** do infinitivo, as terminações são exatamente iguais nas três conjugações: **ia**, **ias**, **ia**, **íamos**, **íeis**, **iam**.

170. ( ) Só antes de **i** é que o **a** das terminações se transforma em **e**.

171. ( ) As terminações do futuro do pretérito se confundem com o imperfeito do verbo ir: **ia**, **ias**, **ia**, **íamos**, **íeis**, **iam**.

172. ( ) Pode-se fazer o futuro do pretérito com o imperfeito do verbo ir, antes do infinitivo: ia amar, ias amar, ia amar... (= amaria, amarias, amaria...).

O modo indicativo tem seis tempos:

Pretérito Perfeito	Presente	Futuro do Presente
Pretérito Imperfeito		
Pretérito Mais-que-perfeito		
Futuro do Pretérito		

Modo subjuntivo

Presente do subjuntivo (que eu...)								
am	**e**		vend	**a**		part	**a**	
am	**e**	**s**	vend	**a**	**s**	part	**a**	**s**
am	**e**		vend	**a**		part	**a**	
am	**e**	**mos**	vend	**a**	**mos**	part	**a**	**mos**
am	**e**	**is**	vend	**a**	**is**	part	**a**	**is**
am	**e**	**m**	vend	**a**	**m**	part	**a**	**m**

Prática

■ Sobre o presente do subjuntivo, assinale **C** ou **E**.

173. ( ) Na primeira conjugação, forma-se o presente do subjuntivo trocando-se o **o** da primeira pessoa do singular do presente do indicativo (am-**o**) por **e** (am**e**), que se repete em todas as pessoas.

174. ( ) Na segunda e na terceira conjugações, o presente do subjuntivo se forma trocando-se o **o** da primeira pessoa do presente do indicativo (vend**o**, part**o**) por **a**, (vend**a**, part**a**), que se mantém em todas as demais pessoas.

175. ( ) Nas três conjugações, as desinências pessoais são as mesmas (∅, **s**, ∅, **mos**, **is**, **m**).

176. ( ) O fato de a conjugação do presente do subjuntivo começar com **que eu...** significa que é usado como ideia secundária ou subordinada.

Pretérito imperfeito do subjuntivo (se eu...)		
ama **sse**	vende **sse**	parti **sse**
ama **sse s**	vende **sse s**	parti **sse s**
ama **sse**	vende **sse**	parti **sse**
amá **sse mos**	vendê **sse mos**	partí **sse mos**
amá **sse is**	vendê **sse is**	partí **sse is**
ama **sse m**	vende **sse m**	parti **sse m**

Prática

■ Relativamente ao pretérito imperfeito do subjuntivo, assinale **C** ou **E**.

177. ( ) Indica ação concluída do passado.

178. ( ) Nas três conjugações, é representado pela desinência temporal **sse**, que se mantém em todas as pessoas.

179. ( ) Nas três conjugações, as desinências pessoais são as mesmas (∅, **s**, ∅, **mos**, **is**, **m**).

180. ( ) É derivado da 3ª pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo, trocando-se o **ram** por **sse** (amar~~am~~ + sse; vender~~am~~ + sse; partir~~am~~ + sse).

181. ( ) O fato de começar com um **se** (se eu amasse...) pressupõe pertencer a uma oração subordinada.

Futuro do subjuntivo (quando eu...)		
ama **r**	vende **r**	parti **r**
ama **r es**	vende **r es**	parti **r es**
ama **r**	vende **r**	parti **r**
ama **r mos**	vende **r mos**	parti **r mos**
ama **r des**	vende **r des**	parti **r des**
ama **r em**	vende **r em**	parti **r em**

Prática

■ Em relação ao futuro do subjuntivo, assinale **C** ou **E**.

182. ( ) É também derivado da 3ª pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo, de que se tira a terminação **am** (amar~~am~~, vender~~am~~, partir~~am~~).

183. ( ) Nas três conjugações, usam-se as mesmas desinências pessoais (∅, **s**, ∅, **mos**, **des**, **em**).

184. ( ) Sua conjugação começa com um **quando** (quando eu chegar...), o que indica pertencer a uma ideia subordinada, e não principal.

185. ( ) É sempre igual ao infinitivo (**amar**: quando eu amar; **vender**: quando eu vender; **partir**: quando eu partir).

Modo imperativo

Afirmativo											
am	**a**		(tu)	vend	**e**		(tu)	part	**e**		(tu)
am	**e**		(você)	vend	**a**		(você)	part	**a**		(você)
am	**e**	**mos**	(nós)	vend	**a**	**mos**	(nós)	part	**a**	**mos**	(nós)
am	**a**	**i**	(vós)	vend	**e**	**i**	(vós)	part	**i**		(vós)
am	**e**	**m**	(vocês)	vend	**a**	**m**	(vocês)	part	**a**	**m**	(vocês)

Negativo											
não ame	**s**		(tu)	não venda	**s**		(tu)	não parta	**s**		(tu)
não ame			(você)	não venda			(você)	não parta			(você)
não ame	**mos**		(nós)	não venda	**mos**		(nós)	não parta	**mos**		(nós)
não ame	**is**		(vós)	não venda	**is**		(vós)	não parta	**is**		(vós)
não ame	**m**		(vocês)	não venda	**m**		(vocês)	não parta	**m**		(vocês)

Prática

■ Em referência ao imperativo, assinale **C** ou **E**.

186. ( ) Não possui 1ª pessoa do singular.

187. ( ) No quadro anterior, os sujeitos aparecem entre parênteses, porque, na verdade, não são pronunciados. Estão normalmente subentendidos.

188. ( ) Os sujeitos são sempre receptores.

189. ( ) O sujeito de **amemos** é o emissor.

Os sujeitos de **estudemos** nas frases seguintes referem-se a diferentes pessoas do discurso.

I – Ela quer que estudemos.

II – Estudemos, para saber.

■ Assinale **C** ou **E**.

190. ( ) Em I, o verbo está no presente do subjuntivo e refere-se a emissor (eu) e receptor (tu, vós, você...), podendo até incluir o referente (ela).
191. ( ) Em II, o verbo está no imperativo e coloca o emissor (eu) junto com o receptor (tu, vós, você...), mas não inclui o referente (ele, ela...)
192. ( ) No imperativo, o sujeito é sempre o receptor (a pessoa com quem se fala), pois, mesmo quando se usa o **nós**, é para convencer o receptor a tomar alguma atitude: "Estudemos para saber."

FORMAS NOMINAIS DO VERBO

Observe o quadro, leia as frases a seguir e responda **C** ou **E**.

INFINITIVO Funciona como substantivo	**IMPESSOAL** (sem sujeito)	**Viver** é **lutar**.
	PESSOAL (com sujeito)	Flexionado: É bom **estudares** (tu). Não flexionado: Estudamos para **vencer** (nós).
GERÚNDIO Funciona como adjetivo ou advérbio		Usava um pano **cobrindo** o rosto. ↳ que cobria... (oração adjetiva) **Lutando**, conseguiremos. ↳ se lutarmos (oração adverbial)
PARTICÍPIO Funciona como adjetivo ou forma tempo composto como verbo principal		O rapaz, **apaixonado**, confessou ↳ adjetivo que **tinha escrito** a poesia. ↳ particípio do verbo principal (tempo composto)

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

193. ( ) **Infinitivo**, **gerúndio** e **particípio** são formas nominais dos verbos.
194. ( ) **Indicativo**, **subjuntivo** e **imperativo**, consequentemente, são formas verbais.
195. ( ) As formas nominais do verbo são assim chamadas porque podem funcionar como **nomes** (substantivo, adjetivo, advérbio).
196. ( ) O **particípio** é usado na formação dos tempos compostos.
197. ( ) "Ela foi **escolhida**". A palavra destacada é um adjetivo.
198. ( ) A palavra destacada no item anterior é um **particípio** formando uma voz passiva com o verbo auxiliar **ser**.

Prática

■ Leia em voz alta três vezes o quadro a seguir, para treinar o ouvido, e assinale **C** ou **E** nas afirmações seguintes.

Formas nominais

Infinitivo impessoal					
ama	**r**	vende	**r**	parti	**r**

Infinitivo pessoal					
ama	**r**	vende	**r**	parti	**r**
ama	**r es**	vende	**r es**	parti	**r es**
ama	**r**	vende	**r**	parti	**r**
ama	**r mos**	vende	**r mos**	parti	**r mos**
ama	**r des**	vende	**r des**	parti	**r des**
ama	**r em**	vende	**r em**	parti	**r em**

Gerúndio					
ama	**ndo**	vende	**ndo**	parti	**ndo**

Particípio					
ama	**do**	vendi	**do**	parti	**do**

"**Amar**, **vender** e **partir** é sempre bom."

199. ( ) Os verbos em negrito da frase acima estão no infinitivo impessoal.
200. ( ) O infinitivo sugere ações desvinculadas da ideia de tempo (presente, pretérito, futuro), isto é, as ações são postas na atemporalidade.
201. ( ) Quando se diz que o infinitivo é impessoal, é porque não indica o sujeito da ação.

"**Partires** é bom."

202. ( ) O verbo em negrito da frase acima está no infinitivo pessoal.
203. ( ) Infinitivo, porque não delimita a ação no tempo.
204. ( ) **Pessoal**, porque indica o sujeito (tu).

205. ( ) No infinitivo pessoal, nas três conjugações, as desinências pessoais são as mesmas.
206. ( ) A desinência que marca o infinitivo, nas três conjugações, é **r**, em todos os verbos, regulares e irregulares.

"Ele encontrou os rapazes **chorando**."

207. ( ) O verbo em negrito está no gerúndio.
208. ( ) O gerúndio indica um tempo definido e estático.
209. ( ) O gerúndio, como o infinitivo, indica tempo em desenvolvimento, em andamento.
210. ( ) A desinência que marca o gerúndio é **ndo**, para as três conjugações, em todos os verbos, regulares ou irregulares.

"Ele encontrou os inimigos **reunidos**."

211. ( ) O verbo negritado está no particípio.
212. ( ) A desinência indicadora de particípio, nos verbos regulares, é **do**.
213. ( ) O particípio funciona como adjetivo e varia em gênero e número.
214. ( ) Trata-se da única forma do verbo que varia em gênero.

CONJUGAÇÃO DOS VERBOS TER, HAVER, SER E ESTAR

Antes de estudar os tempos compostos, é importantíssimo saber a conjugação de quatro verbos que costumam aparecer como auxiliares: **ter**, **haver**, **ser** e **estar**. Conjugue-os em voz alta três vezes para educar o ouvido.

Modo indicativo

Presente do indicativo			
tenho	hei	sou	estou
tens	hás	és	estás
tem	há	é	está
temos	havemos	somos	estamos
tendes	haveis	sois	estais
têm	hão	são	estão

Pretérito imperfeito do indicativo			
tinha	havia	era	estava
tinhas	havias	eras	estavas
tinha	havia	era	estava
tínhamos	havíamos	éramos	estávamos
tínheis	havíeis	éreis	estáveis
tinham	haviam	eram	estavam

Pretérito perfeito do indicativo			
tive	houve	fui	estive
tiveste	houveste	foste	estiveste
teve	houve	foi	esteve
tivemos	houvemos	fomos	estivemos
tivestes	houvestes	fostes	estivestes
tiveram	houveram	foram	estiveram

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo			
tivera	houvera	fora	estivera
tiveras	houveras	foras	estiveras
tivera	houvera	fora	estivera
tivéramos	houvéramos	fôramos	estivéramos
tivéreis	houvéreis	fôreis	estivéreis
tiveram	houveram	foram	estiveram

Futuro do pretérito do indicativo			
teria	haveria	seria	estaria
terias	haverias	serias	estarias
teria	haveria	seria	estaria
teríamos	haveríamos	seríamos	estaríamos
teríeis	haveríeis	seríeis	estaríeis
teriam	haveriam	seriam	estariam

Futuro do presente do indicativo			
terei	haverei	serei	estarei
terás	haverás	serás	estarás
terá	haverá	será	estará
teremos	haveremos	seremos	estaremos
tereis	havereis	sereis	estareis
terão	haverão	serão	estarão

Modo subjuntivo

Presente do subjuntivo			
tenha	haja	seja	esteja
tenhas	hajas	sejas	estejas
tenha	haja	seja	esteja
tenhamos	hajamos	sejamos	estejamos
tenhais	hajais	sejais	estejais
tenham	hajam	sejam	estejam

Pretérito imperfeito do subjuntivo			
tivesse	houvesse	fosse	estivesse
tivesses	houvesses	fosses	estivesses
tivesse	houvesse	fosse	estivesse
tivéssemos	houvéssemos	fôssemos	estivéssemos
tivésseis	houvésseis	fôsseis	estivéssseis
tivessem	houvessem	fossem	estivessem

Futuro do subjuntivo			
tiver	houver	for	estiver
tiveres	houveres	fores	estiveres
tiver	houver	for	estiver
tivermos	houvermos	formos	estivermos
tiverdes	houverdes	fordes	estiverdes
tiverem	houverem	forem	estiverem

Modo imperativo

Afirmativo			
tem (tu)	(desusado)	sê (tu)	está (tu)
tenha (você)	haja (você)	seja (você)	esteja (você)
tenhamos (nós)	hajamos (nós)	sejamos (nós)	estejamos (nós)
tende (vós)	havei (vós)	sede (vós)	estai (vós)
tenham (vocês)	hajam (vocês)	sejam (vocês)	estejam (vocês)

Negativo	
não tenhas (tu)	não sejas (tu)
não tenha (você)	não seja (você)
não tenhamos (nós)	não sejamos (nós)
não tenhais (vós)	não sejais (vós)
não tenham (vocês)	não sejam (vocês)
não hajas (tu)	não estejas (tu)
não haja (você)	não esteja (você)
não hajamos (nós)	não estejamos (nós)
não hajais (vós)	não estejais (vós)
não hajam (vocês)	não estejam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal			
ter	haver	ser	estar

Infinitivo pessoal			
ter	haver	ser	estar
teres	haveres	seres	estares
ter	haver	ser	estar
termos	havermos	sermos	estarmos
terdes	haverdes	serdes	estardes
terem	haverem	serem	estarem

Gerúndio			
tendo	havendo	sendo	estando

Particípio			
tido	havido	sido	estado

Uso de ter, haver, ser e estar como auxiliares

Prática

■ Observe as frases e responda **C** ou **E**.

I – Ele havia adquirido um belo relógio.
II – Ele tem escrito belos poemas.
III – Ela foi cercada pelos colegas.
IV – Ela estava cercada pelos colegas.

215. ( ) Em I e II, os auxiliares **haver** e **ter** são formadores de voz passiva, porque os sujeitos recebem a ação verbal.
216. ( ) Em III e IV, os auxiliares **ser** e **estar** formam voz passiva.
217. ( ) **ter** e **haver** são auxiliares de voz ativa; **ser** auxilia na formação de voz passiva.
218. ( ) O auxiliar **estar** não forma voz passiva, mas pode conferir à frase noção de passividade: **Ela estava cercada**.

Ter e **haver** auxiliam a formação de tempos compostos de voz ativa. **Ser** é o verbo escolhido para auxiliar a formação da voz passiva. O verbo **estar**, quando auxiliar, introduz noção de passividade na frase.

PARADIGMA DAS TRÊS CONJUGAÇÕES REGULARES – TEMPOS COMPOSTOS

Modelos: **ter amado; ter vendido; ter partido**.

Modo indicativo

Perfeito *(pres. + particípio)*		
tenho amado	tenho vendido	tenho partido

Mais-que-perfeito *(imperf. + particípio)*		
tinha amado	tinha vendido	tinha partido

Futuro do presente *(fut. + particípio)*		
terei amado	terei vendido	terei partido

Futuro do pretérito *(fut. pret. + particípio)*		
teria amado	teria vendido	teria partido

Modo subjuntivo

Mais-que-perfeito *(imperf. + particípio)*		
tivesse amado	tivesse vendido	tivesse partido

Futuro *(fut. + particípio)*		
tiver amado	tiver vendido	tiver partido

Prática

■ Observe os dois quadros anteriores e responda **C** ou **E**.

219. ( ) Os tempos compostos de voz ativa constroem-se com o verbo auxiliar **ter** seguido do particípio do verbo principal.

220. ( ) **Tenho vendido** é exemplo de pretérito perfeito composto, mas sugere uma ação que se repete até o presente.

221. ( ) "Quando cheguei, você **tinha saído**." "Quando eu cheguei, você **saíra**." Os dois verbos destacados estão no mais-que-perfeito.
222. ( ) O mais-que-perfeito composto se constrói com o auxiliar no imperfeito.
223. ( ) **Tinha saído** é hoje muito mais usado que **saíra**.
224. ( ) Os futuros compostos têm o auxiliar no futuro: o futuro do presente apresenta auxiliar no futuro do presente; o futuro do pretérito usa o auxiliar no futuro do pretérito.

PARADIGMA DA VOZ PASSIVA

Modelo: **ser amado**

Modo Indicativo

Presente	Pretérito imperfeito
sou amado(a)	era amado(a)
és amado(a)	eras amado(a)
é amado(a)	era amado(a)
somos amados(as)	éramos amados(as)
sois amados(as)	éreis amados(as)
são amados(as)	eram amados(as)

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

225. ( ) A voz passiva se faz com o verbo auxiliar **ser** e o particípio do verbo principal.
226. ( ) Os tempos da voz passiva, quando formados com mais de um verbo, são tempos compostos.
227. ( ) Na voz passiva, define-se o tempo pelo verbo auxiliar.
228. ( ) Na voz passiva, o particípio varia em gênero e número (amado/a/s) para concordar com o sujeito.

Continue a observar a formação dos tempos na voz passiva, que podem ter o verbo auxiliar em tempo simples ou composto.

Modo Indicativo

Pretérito perfeito (auxiliar simples)	Pretérito perfeito (auxiliar composto)
fui amado(a)	tenho sido amado(a)
foste amado(a)	tens sido amado(a)
foi amado(a)	tem sido amado(a)
fomos amados(as)	temos sido amados(as)
fostes amados(as)	tendes sido amados(as)
foram amados(as)	têm sido amados(as)

Pretérito mais-que-perfeito (auxiliar simples)	Pretérito mais-que-perfeito (auxiliar composto)
fora amado(a)	tinha sido amado(a)
foras amado(a)	tinhas sido amado(a)
fora amado(a)	tinha sido amado(a)
fôramos amados(as)	tínhamos sido amados(as)
fôreis amados(as)	tínheis sido amados(as)
foram amados(as)	tinham sido amados(as)

Futuro do pretérito (auxiliar simples)	Futuro do pretérito (auxiliar composto)
seria amado(a)	teria sido amado(a)
serias amado(a)	terias sido amado(a)
seria amado(a)	teria sido amado(a)
seríamos amados(as)	teríamos sido amados(as)
seríeis amados(as)	teríeis sido amados(as)
seriam amados(as)	teriam sido amados(as)

Futuro do presente (auxiliar simples)	Futuro do presente (auxiliar composto)
serei amado(a)	terei sido amado(a)
serás amado(a)	terás sido amado(a)
será amado(a)	terá sido amado(a)
seremos amados(as)	teremos sido amados(as)
sereis amados(as)	tereis sido amados(as)
serão amados(as)	terão sido amados(as)

Modo Subjuntivo

Presente	Pretérito imperfeito
seja amado(a)	fosse amado(a)
sejas amado(a)	fosses amado(a)
seja amado(a)	fosse amado(a)
sejamos amados(as)	fôssemos amados(as)
sejais amados(as)	fôsseis amados(as)
sejam amados(as)	fossem amados(as)

Pretérito perfeito	Pretérito mais-que-perfeito
tenha sido amado(a)	tivesse sido amado(a)
tenhas sido amado(a)	tivesses sido amado(a)
tenha sido amado(a)	tivesse sido amado(a)
tenhamos sido amados(as)	tivéssemos sido amados(as)
tenhais sido amados(as)	tivésseis sido amados(as)
tenham sido amados(as)	tivessem sido amados(as)

Futuro (auxiliar simples)	Futuro (auxiliar composto)
for amado(a)	tiver sido amado(a)
fores amado(a)	tiveres sido amado(a)
for amado(a)	tiver sido amado(a)
formos amados(as)	tivermos sido amados(as)
fordes amados(as)	tiverdes sido amados(as)
forem amados(as)	tiverem sido amados(as)

Formas nominais

Infinitivo impessoal presente	Infinitivo impessoal pretérito
ser amado(a)	ter sido amado(a)

Infinitivo pessoal presente	Infinitivo pessoal pretérito
ser amado(a)	ter sido amado(a)
seres amado(a)	teres sido amado(a)
ser amado(a)	ter sido amado(a)
sermos amados(as)	termos sido amados(as)
serdes amados(as)	terdes sido amados(as)
serem amados(as)	terem sido amados(as)

Gerúndio presente	Gerúndio pretérito
sendo amado(a)(os)(as)	tendo sido amado(a)(os)(as)

Particípio
amado(a)(os)(as)

Prática

■ Observando o paradigma visto de conjugação da voz passiva, responda **C** ou **E**.

229. ( ) A única forma simples da voz passiva analítica é o particípio.
230. ( ) Em todas as demais formas, a voz passiva analítica é composta por dois ou mais verbos.

■ Compare as duas formas seguintes e responda **C** ou **E**.

I – É melhor **ser amado** que **estar sendo amado**.
II – Eu não **estou sendo amado**, eu **sou amado**.

231. ( ) Em todas as formas, o verbo **ser** é responsável pela formação da voz passiva.
232. ( ) Em II, as ações estão sendo consideradas no presente.
233. ( ) Em II, **estou sendo** e **sou** têm o mesmo sentido.
234. ( ) **Sou amado** traz noção de continuidade, enquanto **estou sendo amado** conota transitoriedade.
235. ( ) Em I, acontece a mesma ideia. O verbo **estar** contribui com a noção de transitoriedade, momentaneidade, e o **ser** transmite continuidade, permanência.

FORMAS RIZOTÔNICAS E ARRIZOTÔNICAS

Prática

■ Compare os quadros e assinale **C** ou **E**.

RADICAL	DESINÊNCIA	RADICAL	DESINÊNCIA
est**u**d	o	estud	**a**mos
est**u**d	as	estud	**a**is
est**u**d	a/am		
RIZOTÔNICAS		ARRIZOTÔNICAS	

236. ( ) **riz(o)** significa **raiz**, **radical**.
237. ( ) **Radical**, ou **raiz**, é onde reside o significado-base da palavra.
238. ( ) **Tônico** significa **forte**.
239. ( ) **Rizotônica** significa que a **vogal tônica está dentro do radical**.
240. ( ) **Arrizotônica** é a forma que tem a **vogal tônica fora do radical**.

Formas rizotônicas são as que apresentam vogal tônica no radical (**a**m-o, **a**m-as). Formas arrizotônicas são as que têm a vogal tônica fora do radical (am-**e**i, am-**a**mos).

DEFINIÇÃO ABRANGENTE DE VERBO

Verbo é a palavra que apresenta o maior número de variações (pessoa, número, tempo, modo, voz) e exprime ideia de ação, estado ou fenômeno.

LOCUÇÃO VERBAL

Verbos auxiliares e verbo principal

VERBOS AUXILIARES	+	VERBO PRINCIPAL	
Vou		amando	gerúndio
Estarei		chegando	
Vais		entender	infinitivo
Teria	de	aprender	
Fiquei	a	observar	
Deverei ter		passado	particípio
Podemos ter sido		aprovados	

Prática

Assinale **C** ou **E** em relação ao quadro anterior.

241. ( ) "Vou amando", "Teria de aprender", "Podemos ter sido aprovados": cada um desses conjuntos de dois ou mais verbos funciona como se fosse um verbo só.
242. ( ) Cada locução verbal apresenta uma só palavra (verbo) como principal.
243. ( ) Na locução verbal, pode haver um ou mais verbo(s) auxiliar(es).
244. ( ) As locuções verbais podem ter ou não a presença de preposição.
245. ( ) Em locução verbal, o verbo principal estará no gerúndio, no infinitivo ou no particípio.
246. ( ) Em "Podemos ter **sido** aprovados", o verbo em negrito é o verbo principal.
247. ( ) O verbo **ser** na locução verbal é indicador de voz passiva.
248. ( ) São locuções verbais: começou a chorar, andou falando, deixou de falar, acabou-se convencendo, voltou a incomodar, podia supor, pôs-se a cantar, tornou a sorrir, vai começar a amar.

Locução verbal: dois ou mais verbos com ideia de um só verbo.

FORMAÇÃO DOS TEMPOS E MODOS

Derivado do presente do indicativo

Presente do subjuntivo

TEMPO PRIMITIVO	→	TEMPO DERIVADO
PRESENTE DO INDICATIVO		PRESENTE DO SUBJUNTIVO

1ª pessoa do singular			
~~o~~	→	**e** 1ª conj.	**a** 2ª e 3ª conj.

Prática

■ Preencha as lacunas.

		am**ar**	**ler**	fug**ir**
		eu amo	eu leio	eu fujo
249.	que eu	am _____	lei _____	fuj _____
250.	que tu	am _____	lei _____	fuj _____
251.	que ele	am _____	lei _____	fuj _____
252.	que nós	am _____	lei _____	fuj _____
253.	que vós	am _____	lei _____	fuj _____
254.	que eles	am _____	lei _____	fuj _____

O presente do subjuntivo se forma do presente do indicativo. Na primeira conjugação, o **o** do presente do indicativo se transforma em **e** (cont**o** → cont**e**); na segunda e na terceira conjugação, o **o** do indicativo vira **a** (tenh**o** → tenh**a**; sai**o** → sai**a**).

Derivados dos presentes do indicativo e do subjuntivo

Imperativos afirmativo e negativo

	Primitivo	Modo derivado		Primitivo
		Imperativo		
	Presente do indicativo	Afirmativo	Negativo	Presente do subjuntivo
1ª	eu amo	———	———	ame
2ª	tu amas (~~s~~)	ama (tu)	não ames (tu)	ames
3ª	ele ama	ame (você)	não ame (você)	ame
1ª	nós amamos	amemos (nós)	não amemos (nós)	amemos
2ª	vós amais (~~s~~)	amai (vós)	não ameis (vós)	ameis
3ª	eles amam	amem (vocês)	não amem (vocês)	amem

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, em relação ao quadro anterior.

255. ( ) O **imperativo afirmativo** deriva do presente do indicativo e do presente do subjuntivo.
256. ( ) No **imperativo**, não há 1ª pessoa.
257. ( ) No **imperativo**, não há 1ª pessoa do singular, porque ninguém dá ordem a si mesmo.
258. ( ) No imperativo, o **nós** representa o(s) receptor(es) e inclui o emissor. "Comecemos por aqui".
259. ( ) No imperativo, **não existe sujeito ele(s)**, porque não se dá ordem diretamente à pessoa de quem se fala.
260. ( ) Os sujeitos do imperativo são sempre **receptores**.
261. ( ) O **imperativo negativo** deriva do presente do indicativo e do presente do subjuntivo.
262. ( ) **Tu** e **vós** do **imperativo afirmativo** se originam de **tu** e **vós** do presente do indicativo, eliminado-se o **s** final.
263. ( ) As demais pessoas do **imperativo afirmativo** (**você**, **nós**, **vocês**) são iguais ao **presente do subjuntivo**.
264. ( ) Todo o **imperativo negativo** é igualzinho ao presente do subjuntivo.

No imperativo, não há primeira pessoa do singular.
No **imperativo afirmativo**, **tu** e **vós** são iguais ao tu e vós do presente do indicativo, sem os **s** finais: amas~~s~~ → ama; amais~~s~~ → amai.
No **imperativo negativo**, todas as pessoas são iguais às do presente do subjuntivo.

■ Forme o imperativo do verbo.

	correr			
265. (tu)	_____	não	_____	(tu)
266. (você)	_____	não	_____	(você)
267. (nós)	_____	não	_____	(nós)
268. (vós)	_____	não	_____	(vós)
269. (vocês)	_____	não	_____	(vocês)

270. Passe para a **3ª do singular**.
Namora, vibra, corre, pula, diverte-te à vontade.
Resp.: _____

271. Passe a frase anterior para o **negativo** (2ª pessoa do singular).
Resp.: _____

272. Passe para a 2ª do **plural**.
Divirta-se, mas não se esgote.
Resp.: _____

Derivados do pretérito perfeito

Mais-que-perfeito do indicativo, futuro e imperfeito do subjuntivo

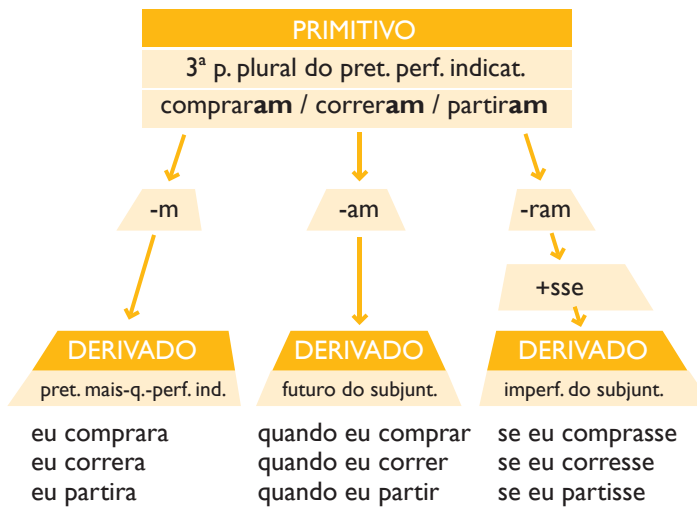

Prática

■ Observe o quadro anterior e conjugue o verbo **poder** nos seguintes tempos e modos.

	Pret. mais-que-perf. ind.	Futuro do subjuntivo	Imperf. do subjuntivo
273. eu	_____	_____	_____
274. tu	_____	_____	_____
275. ele	_____	_____	_____
276. nós	_____	_____	_____
277. vós	_____	_____	_____
278. eles	_____	_____	_____

■ Conjugue os verbos relacionados na **primeira pessoa do singular**.

	Pret. mais-que-perf. ind.	Futuro do subjuntivo	Imperf. do subjuntivo
279. querer	_____	_____	_____
280. ver	_____	_____	_____
281. vir	_____	_____	_____
282. haver	_____	_____	_____
283. caber	_____	_____	_____

Tempos derivados da 3ª pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo:
Mais-que-perfeito do indicativo: forma-se com a queda do **m** da 3ª p. plural (amaram ➜ amara);
Futuro do subjuntivo: forma-se com a queda do **am** da 3ª p. plural (amaram ➜ quando eu amar);
Imperfeito do subjuntivo: forma-se trocando o **ram** da 3ª p. plural por **-sse** (amaram ➜ ama**sse**).

Derivados do infinitivo impessoal

PRIMITIVO	Processo de derivação			DERIVADOS
INFINITIVO IMPESSOAL comprar/correr/partir	**RADICAL**			IMPERF. (indicativo)
	compr	+ ava	=	1ª conj. compr**ava**
	corr part	+ ia	=	2ª conj. corr**ia** 3ª conj. part**ia**
	+ ei	=		FUT. DO PRESENTE (indicativo) compraré**i** / correre**i** / partire**i**
	+ ia	=		FUT. DO PRETÉRITO (indicativo) compra**ria** / corre**ria** / parti**ria**
	RADICAL			PARTICÍPIO
	compr	+ ado	=	1ª conj. compr**ado**
	corr part	+ ido	=	2ª conj. corr**ido** 3ª conj. part**ido**
	TEMA			GERÚNDIO
	compra corre parti	+ ndo	=	compra**ndo** corre**ndo** parti**ndo**
	+ Desinência número-pessoal		=	INFINITIVO PESSOAL comprar (eu) compra**res** (tu) comprar (ele) compra**rmos** (nós) compra**rdes** (vós) compra**rem** (eles)

Prática

■ Conjugue em voz alta os verbos **estudar**, **entender** e **suprir** nos tempos:

1) PRET. IMPERFEITO DO INDICATIVO	4) PARTICÍPIO
2) FUTURO DO PRESENTE DO INDICATIVO	5) GERÚNDIO
3) FUTURO DO PRETÉRITO	6) INFINITIVO PESSOAL

CLASSIFICAÇÃO DO VERBO QUANTO AO MODELO DE CONJUGAÇÃO

Verbo regular

Segue o modelo ou paradigma de sua conjugação: **amar**, **vender**, **partir**.

Verbo irregular

Foge ao modelo de sua conjugação: **ouvir**: ou**ço**; **estar**: est**ou**; **ir**: **vou**.

Irregularidade e variação gráfica

Prática

■ Observe e responda **C** ou **E**.

Fiquei sem poder ficar.
Cheguei sem poder chegar.
Extingo sem poder extiguir.

284. ( ) No verbo **ficar**, o **c** se transforma em **qu** antes de **e**, para mostrar que a pronúncia não muda.
285. ( ) No verbo **chegar**, o **g** se transforma em **gu** antes de **e**, para representar a mesma pronúncia.
286. ( ) No verbo **extinguir**, o **gu** se transforma em **g** antes de **o** ou **a**, porque a pronúncia não se altera.
287. ( ) Nos casos vistos, a variação gráfica serve para confirmar a regularidade da pronúncia de verbos regulares.
288. ( ) É o mesmo que acontece com **atiçar**, que perde a cedilha em **aticemos**.

Na 1ª conjugação, radicais terminados em **c**, **ç** e **g** transformam essas letras em **qu**, **c** e **gu** antes de **e**.
Na 2ª e na 3ª conjugação, radicais terminados em **c**, **g** e **qu** trocam essas letras por **qu**, **gu** e **c** antes de **a** e **o**.
Tais variações gráficas existem para comprovar a regularidade desses verbos.

Metafonia ou alteração de timbre vocálico

Prática

■ Observe a pronúncia das vogais destacadas e responda **C** ou **E**.
l**e**vo, l**e**vais;
f**e**rvo, f**e**rves.

289. ( ) Em **levo** e **fervo**, as vogais do radical são abertas.
290. ( ) Em **levo** e **ferves**, as vogais dos radicais são abertas.
291. ( ) Em **levais** e **levo**, a vogal **e** do radical altera timbre fechado com timbre aberto.
292. ( ) Não há alteração de timbre vocálico entre as formas **fervo** e **ferves**.
293. ( ) **levas**, **levo**, **fervo**, **ferves** são formas rizotônicas.
294. ( ) Nas formas rizotônicas, a variação de timbre vocálico é comum em Português e se chama **metafonia**.
295. ( ) A metafonia não é considerada irregularidade verbal.

Metafonia é alternância de timbre vocálico que ocorre nas formas rizotônicas: t**o**car: t**o**co; d**e**ver: d**e**ves; qu**e**rer: qu**e**ro.

Como saber se um verbo é regular

Para saber se um verbo é regular, basta conjugá-lo na 1ª pessoa do singular do presente e do pretérito perfeito do indicativo. Se nessas pessoas ele seguir o paradigma da sua conjugação, é um verbo regular.

Verbo anômalo

Apresenta mais de um radical: **ser**: sou, fui, era; **ir**: vou, fui, ia.

Há autores que consideram anômalos qualquer verbo que apresente fortes mudanças em seu radical. Por exemplo:

dar: **de**i, **dav**a, **dar**ei, **dad**o
ter: **tenh**o, **tiv**e, **ter**ei, **tid**o
haver: **he**i, **hav**ia, **hou**ve
poder: **poss**o, **pod**ia, **pud**e
vir: **venh**o, **vir**ei, **vi**er
ver: **vej**o, **v**i, verei, **vis**to
caber: **caib**o, **coub**e, **cab**ia
dizer: **dig**o, **diss**e, **diz**ia, **dit**o
saber: **sab**ia, **soub**e, saiba
pôr: **ponh**o, **pus**er, **por**ei

Verbo defectivo

Não tem todas as formas: **reaver**, **colorir**, **precaver-se**, **abolir**...

Verbo unipessoal

Só se conjuga na 3ª pessoa (singular e plural), como no caso das **vozes de animais: coaxa(m), crocita(m)**.

Verbo impessoal

Só se conjuga na 3ª pessoa, mas não tem sujeito:
Fenômenos naturais: **chove**, **amanhece**.
Haver com ideia de **existir**: **Há** soluções para tudo.
Alguns verbos relacionados a tempo: **Faz** dezoito anos que...

A respeito de defectivos, unipessoais e impessoais

Defectivos

São verbos em cuja conjugação faltam formas, por várias razões, entre as quais, cacofonia, modismo, significação. As listas desses verbos variam entre os autores, em função da época em que se constituíram os registros falados, do nível sociocultural e até econômico dos falantes, inclusive da visão política do gramático. Costumam ser divididos em cinco grupos:

1. **os que não aceitam o ou a após o radical**, por isso não têm a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, não têm todo o presente do subjuntivo, não têm a(s) pessoa(s) **você(s)** do imperativo afirmativo, não têm todo o imperativo negativo (*vide* **abolir**, **carpir**, **demolir**);

2. **os arrizotônicos da 3ª conjugação**, que só se conjugam nas formas em que ao radical se segue a letra **i**. Por isso, no presente do indicativo só têm as pessoas **nós** e **vós**; não têm todo o presente do subjuntivo; não têm imperativo negativo; do imperativo afirmativo, só têm a pessoa **vós** (*vide* **falir**, **florir**, **adir)**;

3. os que, pelo significado, **não podem ter imperativo** (*vide* **acontecer**, **caber**, **poder**);

4. os que, pelo significado, **só se conjugam na voz recíproca**, tendo, portanto, só as pessoas do plural: **entreolhamo-nos**, **entreolhais-vos**, **entreolham-se**;

5. **os que têm particularidades especiais** (*vide* **adequar**, **precaver-se**, **reaver**, **grassar**).

Unipessoais

São verbos conjugáveis só nas 3as pessoas, como as onomatopeias referentes às vozes dos animais, porque normalmente os animais são **referentes**, isto é, **seres de que se fala**.

Impessoais

São verbos que, conforme o prefixo **im** sugere, não têm pessoa, ou seja, não se referem a um sujeito. *Vide Análise Sintática Visual*, Quadro das Orações sem Sujeito.

As fronteiras entre esses três tipos de classificação são instáveis e polêmicas, o que evidencia certa postura subjetiva. A verdade é que a gramática, mesmo a normativa, deve estar atenta para não limitar ou tentar cercear a linguagem figurada, a licença poética, a criatividade de expressão, que podem reverter ou modificar a situação do verbo e até conjugá-lo em todos os tempos e modos:

O menino **choveu** na cama.
Eu **miei** de medo.
Caiba você nos nossos moldes, ou será demitido.

Verbo abundante

Tem, pelo menos, duas formas equivalentes:
aceitar: aceitado, aceito, aceite.
haver: havemos, hemos.
construir: constrói, construi.

A respeito de abundantes

1. A abundância acontece com mais frequência no particípio, com vários verbos apresentando um particípio regular (terminado em ado/ido) e um ou mais irregulares.
2. O particípio regular é invariável (**ele** tinha aceit**ado**; **elas** haviam aceit**ado**).
3. O particípio irregular varia em gênero e número: **ele** foi aceit**o**; **elas** foram aceit**as**.
4. O particípio irregular funciona como adjetivo também: regra **aceita**.
5. Quanto ao uso do particípio regular e do irregular, *vide* pág. 215.
6. Autores modernos têm dado preferência ao uso do particípio irregular, por ser mais sucinto, e têm-no usado indiferentemente para voz passiva ou ativa.

Relação de verbos abundantes no particípio

Não há unanimidade em relação às formas entre parênteses, que são vistas por alguns gramáticos como **adjetivos**.

absolver _____ absolvido, (absolto)
aceitar _____ aceitado, aceito, aceite
acender _____ acendido, aceso

anexar _____ anexado, (anexo)
assentar _____ assentado, assento, assente
benzer _____ benzido, bento
concluir _____ concluído, concluso
contundir _____ contundido, (contuso)
despertar _____ despertado, desperto
dispersar _____ dispersado, disperso
eleger _____ elegido, eleito
emergir _____ emergido, emerso
entregar _____ entregado, entregue
envolver _____ envolvido, envolto
enxugar _____ enxugado, enxuto
erigir _____ erigido, (ereto)
expelir _____ expelido, (expulso)
expressar _____ expressado, expresso
exprimir _____ exprimido, expresso
expulsar _____ expulsado, (expulso)
extinguir _____ extinguido, extinto
fartar _____ fartado, farto
findar _____ findado, findo
frigir _____ frigido, frito
ganhar _____ ganhado, ganho
gastar _____ gastado, gasto
imergir _____ imergido, imerso
imprimir _____ imprimido, impresso
incluir _____ incluído, (incluso)
incorrer _____ incorrido, (incurso)
inserir _____ inserido, inserto
insertar _____ insertado, (inserto)
isentar _____ isentado, isento
juntar _____ juntado, junto
limpar _____ limpado, limpo
matar _____ matado, morto
morrer _____ morrido, morto
nascer _____ nascido, (nado), (nato)
omitir _____ omitido, omisso
pagar _____ pagado, pago
pegar _____ pegado, pego (ê)
prender _____ prendido, preso
romper _____ rompido, (roto)
salvar _____ salvado, salvo
sepultar _____ sepultado, (sepulto)

soltar _____ soltado, solto
submergir _____ submergido, submerso
suprimir _____ suprimido, (supresso)
surpreender _____ surpreendido, surpreso
suspender _____ suspendido, suspenso
tingir _____ tingido, (tinto)

Prática

■ Qual a **1ª pessoa do singular** dos seguintes tempos dos verbos numerados? Na última coluna, ponha R, se for regular, e I, se irregular. Se o verbo for anômalo, considere-o irregular.

	INDICATIVO			
	Presente	Pretérito perfeito	Futuro do pretérito	R/I
296. agir				
297. caber				
298. crer				
299. enxaguar				
300. ir				
301. fazer				
302. mobiliar				
303. polir				
304. pular				
305. possuir				
306. poder				
307. querer				
308. requerer				
309. ser				
310. sumir				

Prática

■ Compare.

	PRES. INDICAT.	PRET. PERF. INDICAT.
1ª conj.	amo ≠ esto**u**	amei ≠ est**ive**
2ª conj.	corro ≠ tra**go**	corri ≠ tr**ouxe**
3ª conj.	parto ≠ pe**ço**	parti = pedi

■ Assinale **C** ou **E**, com base no quadro anterior.

311. ( ) **amar**, **correr** e **partir** são paradigmas das 1ª, 2ª e 3ª conjugações, respectivamente.
312. ( ) **estar** foge do paradigma, no presente e no perfeito do indicativo, por isso é irregular.
313. ( ) A irregularidade do verbo **estar**, no presente e no perfeito do indicativo, aparece no radical.
314. ( ) Em **estou** e **estive**, as desinências fogem do paradigma am**o**, am**ei**, e elas é que acusam a irregularidade.
315. ( ) Em **trazer**, **trago**, a mudança **z/g** mostra irregularidade no radical.
316. ( ) Em **trouxe**, há irregularidade no radical e na desinência. Se o verbo fosse regular, seria **trazi**.
317. ( ) **trarei** é forma regular.
318. ( ) **pedir** é irregular no pretérito perfeito.
319. ( ) **pedir** é irregular no futuro do presente.
320. ( ) Para saber se um verbo é **regular** ou **irregular**, não se precisa conjugá-lo todo. Basta conjugar, no indicativo, a 1ª do singular do presente e do pretérito perfeito.
321. ( ) **ser** e **ir** são anômalos porque têm mais de um radical primário ou raiz.
322. ( ) Alguns gramáticos consideram anômalos também verbos como **haver**, **vir** porque apresentam fortes mudanças nos seus radicais.
323. ( ) **Defectivo** é o verbo a que falta(m) forma(s).
324. ( ) **Abundante** é o verbo a que sobra(m) forma(s).
325. ( ) Nos tempos **compostos** ou **locuções verbais**, há dois ou mais verbos com valor de um só.
326. ( ) O verbo que, nas locuções verbais ou nos tempos compostos, mantém o seu significado-base chama-se **verbo principal**.

VERBO PRONOMINAL E VOZ REFLEXIVA

Prática

■ Compare os dois verbos e marque **C** ou **E**.

1. Eu me arrependi.
2. Eu me molhei.
3. Eu arrependi você.
4. Eu molhei você.

327. ( ) Em 1 e 2, as formas verbais parecem estar na voz reflexiva.
328. ( ) Em 2, o sujeito **eu** e o alvo **me** representam casualmente o mesmo ser; já em 4, o mesmo verbo molhar tem o sujeito **eu** e o alvo **você** representando seres diferentes.
329. ( ) O verbo **molhar** pode ser conjugado com pronome oblíquo átono, como em 2; mas também pode ser conjugado sem o oblíquo átono, como em 3.

330. ( ) O verbo **molhar**, em 2, está na voz reflexiva; em 4, na voz ativa.
331. ( ) O exemplo 3 foge à norma culta da Língua Portuguesa, porque o verbo **arrepender-se** só pode ser conjugado com o pronome oblíquo átono.
332. ( ) Deduz-se, dos exemplos 3 e 4, que **arrepender-se** é um verbo pronominal por essência, enquanto o **molhar** só tem a aparência de pronominal quando está conjugado na voz reflexiva ou recíproca (ex. 2).

■ Compare agora os exemplos e marque **C** ou **E**.

Eu **molho** a flor – Voz Ativa
Eu **sou molhado** por alguém – Voz Passiva
Eu **me molho** – Voz Reflexiva
Eu **arrependo** – Não existe
Eu **sou arrependido** por alguém – Não existe
Eu **me arrependo**.

333. ( ) Em **Eu me molho**, o verbo está na **voz reflexiva**, porque ele tem também as vozes **ativa** e **passiva**; e uma voz se define por oposição a outra.
334. ( ) Em **Eu me arrependo**, o verbo está numa forma única, que não pressupõe voz ativa, passiva ou reflexiva, por isso é um verbo pronominal.

Verbo Pronominal é o que **só** se conjuga acompanhado dos pronomes oblíquos átonos, na mesma pessoa do seu sujeito: **arrepender-se**, **ater-se**, **suicidar-se**.
Não confunda verbo pronominal com **voz reflexiva** de qualquer verbo: **cortar**, **ver**, **ferir**...

PARADIGMA DE CONJUGAÇÃO PRONOMINAL E REFLEXIVA

Modo indicativo

Presente do indicativo		
lavo-me	arrependo-me	saio-me
lavas-te	arrependes-te	sais-te
lava-se	arrepende-se	sai-se
lavamo-nos	arrependemo-nos	saímo-nos
lavais-vos	arrependeis-vos	saís-vos
lavam-se	arrependem-se	saem-se

Pretérito perfeito do indicativo

lavei-me	arrependi-me	saí-me
lavaste-te	arrependeste-te	saíste-te
lavou-se	arrependeu-se	saiu-se
lavamo-nos	arrependemo-nos	saímo-nos
lavastes-vos	arrependeis-vos	saístes-vos
lavaram-se	arrependem-se	saíram-se

tenho-me
tens-te
tem-se
temo-nos
tendes-vos
têm-se

lavado, arrependido, saído...

Pretérito imperfeito do indicativo

lavava-me	arrependia-me	saía-me
lavavas-te	arrependias-te	saías-te
lavava-se	arrependia-se	saía-se
lavávamo-nos	arrependíamo-nos	saíamo-nos
laváveis-vos	arrependíeis-vos	saíeis-vos
lavavam-se	arrependiam-se	saíam-se

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

lavara-me	arrependera-me	saíra-me
lavaras-te	arrependeras-te	saíras-te
lavara-se	arrependera-se	saíra-se
laváramo-nos	arrependêramo-nos	saíramo-nos
laváreis-vos	arrependêreis-vos	saíreis-vos
lavaram-se	arrependeram-se	saíram-se

tinha-me
tinhas-te
tinha-se
tínhamo-nos
tínheis-vos
tinham-se

lavado, arrependido, saído...

Futuro do pretérito do indicativo

lavar-me-ia	arrepender-me-ia	sair-me-ia
lavar-te-ias	arrepender-te-ias	sair-te-ias
lavar-se-ia	arrepender-se-ia	sair-se-ia
lavar-nos-íamos	arrepender-nos-íamos	sair-nos-íamos
lavar-vos-íeis	arrepender-vos-íeis	sair-vos-íeis
lavar-se-iam	arrepender-se-iam	sair-se-iam

ter-me-ia
ter-te-ias
ter-se-ia
ter-nos-íamos
ter-vos-íeis
ter-se-iam

lavado, arrependido, saído...

Futuro do presente do indicativo

lavar-me-ei	arrepender-me-ei	sair-me-ei
lavar-te-ás	arrepender-te-ás	sair-te-ás
lavar-se-á	arrepender-se-á	sair-se-á
lavar-nos-emos	arrepender-nos-emos	sair-nos-emos
lavar-vos-eis	arrepender-vos-eis	sair-vos-eis
lavar-se-ão	arrepender-se-ão	sair-se-ão

ter-me-ei
ter-te-ás
ter-se-á
ter-nos-emos
ter-vos-eis
ter-se-ão

lavado, arrependido, saído...

Prática

■ Observando a conjugação pronominal e reflexiva do indicativo, assinale **C** ou **E**.

335. ( ) A desinência **mos**, da 1ª pessoa do plural, perde o **s** ao receber o oblíquo átono **nos**.
336. ( ) O verbo **lavar** não é um verbo pronominal, mas assume a conjugação pronominal para fazer a voz reflexiva.
337. ( ) O verbo **sair** não é pronominal: **Ela sai cedo**.
338. ( ) O verbo **sair-se** é pronominal no sentido de obter resultado (**sair-se bem ou mal**) e no sentido de desvencilhar-se.

339. ( ) Não é possível construir-se a forma **havia-me lavado**.
340. ( ) Os tempos compostos da voz ativa podem ser construídos com o auxiliar **ter** ou **haver**: **tinha-me** ou **havia-me lavado**; **ter-me-ei** ou **haver-me-ei lavado**.
341. ( ) Atualmente, o auxiliar **haver** está em desuso, o que traz um tom de arcaísmo à frase. Ainda é usado para evitar a repetição do **ter** ou para obtenção de efeito estilístico.

Modo subjuntivo

Presente do subjuntivo

...que eu me lave	...me arrependa	...me saia
...que tu te laves	...te arrependas	...te saias
...que ele se lave	...se arrependa	...se saia
...que nós nos lavemos	...nos arrependamos	...nos saiamos
...que vós vos laveis	...vos arrependais	...vos saiais
...que eles se lavem	...se arrependam	...se saiam

Pretérito imperfeito do subjuntivo

se eu me lavasse	...me arrependesse	...me saísse
se tu te lavasses	...te arrependesses	...te saísses
se ele se lavasse	...se arrependesse	...se saísse
se nós nos lavássemos	...nos arrependêssemos	...nos saíssemos
se vós vos lavásseis	...vos arrependêsseis	...vos saísseis
se eles se lavassem	...se arrependessem	...se saíssem

se eu me tivesse
se tu te tivesses
se ele se tivesse
se nós nos tivéssemos
se vós vos tivésseis
se eles se tivessem

> lavado, arrependido, saído...

Futuro do subjuntivo

quando eu me lavar	...me arrepender	...me sair
quando tu te lavares	...te arrependeres	...te saíres
quando ele se lavar	...se arrepender	...se sair
quando nós nos lavarmos	...nos arrependermos	...nos sairmos
quando vós vos lavardes	...vos arrependerdes	...vos sairdes
quando eles se lavarem	...se arrependerem	...se saírem

quando eu me tiver
quando tu te tiveres
quando ele se tiver
quando nós nos tivermos
quando vós vos tiverdes
quando eles se tiverem

lavado, arrependido, saído...

Prática

■ Observando a conjugação pronominal e reflexiva do subjuntivo, assinale **C** ou **E**.

342. ( ) Os pronomes oblíquos átonos são colocados antes do verbo porque são atraídos pelas conjunções subordinativas **que**, **se**, **quando**...

343. ( ) Na frase "Lave-me a culpa a Sua misericórdia", a forma verbal é igual à do subjuntivo (**lave**), e o pronome átono **me** vem depois do verbo porque este não está precedido de conjunção subordinativa.

344. ( ) Em "Lave-me a culpa", tem-se exemplo de oração optativa, constituída de forma verbal igual à do subjuntivo, mas com ênclise obrigatória.

Modo imperativo

Afirmativo		
lava-te	arrepende-te	sai-te
lave-se (você)	arrependa-se (você)	saia-se (você)
lavemo-nos	arrependamo-nos	saiamo-nos
lavai-vos	arrependei-vos	saí-vos
lavem-se (vocês)	arrependam-se (vocês)	saiam-se (vocês)

Negativo		
Não te laves	Não te arrependas	Não te saias
Não se lave (você)	Não se arrependa (você)	Não se saia (você)
Não nos lavemos	Não nos arrependamos	Não nos saiamos
Não vos laveis	Não vos arrependais	Não vos saiais
Não se lavem (vocês)	Não se arrependam (vocês)	Não se saiam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal		
lavar-se	arrepender-se	sair-se

Infinitivo pessoal		
lavar-me	arrepender-me	sair-me
lavares-te	arrependeres-te	saíres-te
lavar-se	arrepender-se	sair-se
lavarmo-nos	arrependermo-nos	sairmo-nos
lavardes-vos	arrependerdes-vos	sairdes-vos
lavarem-se	arrependerem-se	saírem-se

Gerúndio		
lavando-se	arrependendo-se	saindo-se

Particípio		
lavado	arrependido	saído

Prática

■ Observe as formas nominais da conjugação pronominal e reflexiva e responda **C** ou **E**.

345. ( ) O quadro apresenta erro porque o particípio deveria ser **lavado-se**, **arrependido-se**, **saído-se**.

346. ( ) O quadro está correto. O particípio não aceita pronome átono.

347. ( ) Em todo o quadro, só há três formas acentuadas graficamente: **saíres-te**, **saírem-se**, **saído**.

348. ( ) Em **saíres-te**, **saírem-se**, **saído**, o **i** é acentuado graficamente por ser 2ª vogal de hiato e estar sozinho na sílaba.

CLASSIFICAÇÃO DO VERBO QUANTO À FUNÇÃO

Verbo principal

Mantém o significado próprio:
Tenho **estudado**. Estou sendo **amado**.
Vou **amar**.

Verbo auxiliar

Perde seu significado próprio para ajudar a conjugar o principal:
Tenho sido amado. **Estou** amando.
Vou amar.

USO DOS PARTICÍPIOS: REGULAR E IRREGULAR

Observe:

I – Ele **havia matado** o inimigo.
II – O inimigo **foi morto**.
III – Ele **tinha matado** o inimigo.
IV – O inimigo **está morto**.
V – Inimigo bom é inimigo **morto**.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

349. ( ) I e III estão na **voz ativa** (auxiliares: haver e ter).
350. ( ) II e IV estão na **voz passiva** (auxiliares: ser e estar).
351. ( ) "matado" é particípio regular; "morto", irregular.
352. ( ) Na frase V, "morto" é **adjetivo**.

Os **particípios regulares** (**ado**, **ido**) são usados com os auxiliares **ter** e **haver** e formam a voz ativa.
Os **particípios irregulares** são usados para função de adjetivo e para fazer a voz passiva, com os auxiliares **ser** e **estar**.

■ Assinale **C** ou **E**.

353. ( ) Esse livro foi imprimido no Brasil.
354. ( ) A editora tinha impresso esse livro no Brasil.
355. ( ) Esse livro foi impresso no Brasil.
356. ( ) A editora tinha imprimido esse livro no Brasil.
357. ( ) Foi impressa enorme velocidade ao carro.
358. ( ) **imprimir**, na acepção de "produzir movimento", "infundir", tem apenas o particípio regular (imprimido).
359. ( ) Foi imprimida enorme velocidade ao carro.

CONJUGAÇÃO DE VERBOS REGULARES, IRREGULARES, DEFECTIVOS, ANÔMALOS E ABUNDANTES QUE REQUEREM ATENÇÃO

As formas verbais a seguir relacionadas são dignas de nota. Todas as não relacionadas são regulares. Destacamos, por serem primitivas e gerarem outras: o **infinitivo**, no título do verbo; e, do indicativo, o **presente** e o **pretérito perfeito**, conjugados em todas as pessoas. Para esclarecer dúvidas, apresentamos as pessoas do **presente do subjuntivo** e o **imperativo afirmativo**. O imperativo negativo tem as pessoas iguais ao presente do subjuntivo, por isso não as relacionamos. Sob a denominação **outras**, registramos a

1ª pessoa do singular dos seguintes tempos, sempre na mesma ordem: do indicativo, o **imperfeito**, o **futuro do presente**, o **futuro do pretérito** e o **mais-que-perfeito**; do subjuntivo, o **imperfeito** e o **futuro**; além desses, o **gerúndio** e o **particípio**. Quando se define um verbo como regular, ele segue o paradigma da sua conjugação (*vide* página 179). Em alguns casos, negritamos as sílabas ou vogais tônicas para evitar dúvidas quanto à pronúncia.

1ª conjugação

circundar, relampejar, tracejar (Regulares.)
Conjugam-se como **amar**.

constar, prestar, restar, sustar (Regulares.)
Não seguem **estar**. Conjugam-se como **amar**.

Ind. pres.:	consto, constas, consta, constamos, constais, constam.
Pret. perf.:	constei, constaste, constou, constamos, constastes, constaram.
Subj. pres.:	conste, constes, conste, constemos, consteis, constem.
Imperat. afirm.:	consta, conste, constemos, constai, constem.
Outras:	constava, constarei, constaria, constara, constasse, constar, constando, constado.

dar, desdar (Irregulares.)

Ind. pres.:	dou, dás, dá, damos, dais, dão.
Pret. perf.:	dei, deste, deu, demos, destes, deram.
Subj. pres.:	dê, dês, dê, demos, deis, dêem (nova ortografia: deem).
Imperat. afirm.:	dá, dê, demos, dai, dêem (nova ortografia: deem).
Outras:	dava, darei, daria, dera, desse, der, dando, dado.

sobestar, sobrestar (Irregulares.)
Conjugam-se como **estar**. *Vide* pág. 187.

grassar (Defectivo, unipessoal.)

Ind. pres.:	–, –, grassa, –, –, grassam.
Pret. perf.:	–, –, grassou, –, –, grassaram.
Subj. pres.:	–, –, grasse, –, –, grassem.
Imperat. afirm.:	–, grasse, –, – grassem.
Outras:	grassava(m), grassará(ão), grassaria(m), grassara(m), grassasse(m), grassar(em), grassando, grassado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** a respeito de **grassar**.

360. ( ) **grassar** significa **espalhar-se**.
361. ( ) Só se conjuga nas 3as pessoas. Por só dispor de uma pessoa, a terceira, é chamado de unipessoal.
362. ( ) Há autores que consideram o **unipessoal** como uma espécie de **defectivo**.
363. ( ) Consideram-se também unipessoais os verbos que designam vozes de animais: **uivar**, **crocitar**.

Terminados em ear

acarear, afoguear, alardear, apear, aperrear, arear, arrear, atear, baquear, bloquear, cambalear, capitanear, cear, clarear, coxear, desnortear, falsear, folhear, frear, galantear, golpear, granjear, guerrear, hastear, menear, nomear, nortear, palmear, passear, patentear, planear, recear, recrear, refrear, regatear, relampaguear, relampear, rodear, saborear, saquear, semear, serpear, serpentear... (Irregulares; seguem o modelo de **pentear**.)

Ind. pres.:	penteio, penteias, penteia, penteamos, penteais, penteiam.
Pret. perf.:	penteei, penteaste, penteou, penteamos, penteastes, pentearam.
Imperat. afirm.:	penteia, penteie, penteemos, penteai, penteiem.
Subj. pres.:	penteie, penteies, penteie, penteemos, penteeis, penteiem.
Outras:	penteava, pentearei, pentearia, penteara, penteasse, pentear, penteando, penteado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos em **ear**.

364. ( ) Nas formas rizotônicas, aparece um **i** depois do **e**: pente**i**o, pente**i**e, pente**i**am.
365. ( ) Nas formas arrizotônicas, são conjugados normalmente: penteamos, penteemos, penteei, penteaste, penteastes, pentearam.
366. ( ) A 1ª pessoa do plural do presente e a do pretérito perfeito do indicativo são iguais, como em muitos outros verbos.
367. ( ) **relampaguear** tem outras duas variantes corretas: **relampear** e **relampejar**; esta última, regular.

precatar(-se) (Regular.)

Ind. pres.:	precato, precatas, precata, precatamos, precatais, precatam.
Pret. perf.:	precatei, precataste, precatou, precatamos, precatastes, precataram.
Subj. pres.:	precate, precates, precate, precatemos, precateis, precatem.
Imperat. afirm.:	precata, precate, precatemos, precatai, precatem.
Outras:	precatava, precatarei, precataria, precatara, precatasse, precatar, precatando, precatado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

368. ( ) **precatar(-se)** significa **acautelar(-se)**, **prevenir(-se)**, **precaver(-se)**.
369. ( ) São verbos característicos do registro popular.
370. ( ) A norma culta os aconselha para suprir as pessoas que faltam ao defectivo **precaver-se**.

idear, estrear (Irregulares.)

Ind. pres.:	idéio, idéias, idéia, ideamos, ideais, idéiam. (nova ortografia: ideio, ideias, ideia, ideamos, ideais, ideiam)
Pret. perf.:	ideei, ideaste, ideou, ideamos, ideastes, idearam.
Subj. pres.:	idéie, idéies, idéie, ideemos, ideeis, idéiem. (nova ortografia: ideie, ideies, ideie, ideemos, ideeis, ideiem)
Imperat. afirm.:	idéia, idéie, ideemos, ideai, idéiem. (nova ortografia: ideia, ideie, ideemos, ideai, ideiem)
Outras:	ideava, idearei, idearia, ideara, ideasse, idear, ideando, ideado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos acima.

371. ( ) Após o **e**, aparece o **i** nas formas rizotônicas, como acontece com os outros verbos terminados em **ear**.
372. ( ) São também, por isso, irregulares.
373. ( ) Diferentemente dos outros terminados em **ear**, apresentam o ditongo aberto **éi** no presente do indicativo e no presente do subjuntivo, só nas formas rizotônicas.
374. ( ) Nos imperativos afirmativo e negativo, que derivam dos presentes do indicativo e do subjuntivo, as formas arrizotônicas devem também ter o ditongo aberto **éi**.
375. ( ) Explica-se o ditongo aberto nos verbos **idear**, **estrear**, pela existência de seus substantivos cognatos **idéia** e **estréia**.

Terminados em iar

acariciar, adiar, afiar, agoniar, agraciar, aliar, aliviar, amaciar, ampliar, angariar, ansiar, anunciar, apreciar, arrepiar, assediar, assobiar, associar, assoviar, ataviar, avaliar, aviar, balbuciar, beneficiar, caluniar, chiar, confiar, contrariar, criar, deliciar, desfiar, enfiar, enunciar, enviar, esfriar, espiar, evidenciar, expiar, extasiar, fiar, historiar, incendiar, injuriar, mediar, miar, negociar, odiar, oficiar, piar, porfiar, premiar, prenunciar, principiar, procriar, pronunciar, recriar, remediar, renunciar, saciar, sediar, tosquiar, vadiar, vangloriar, variar...
(Regulares; seguem o modelo de **abreviar**, com exceções, no próximo quadro.)

Ind. pres.:	abrevio, abrevias, abrevia, abreviamos, abreviais, abreviam.
Pret. perf.:	abreviei, abreviaste, abreviou, abreviamos, abreviastes, abreviaram.
Subj. pres.:	abrevie, abrevies, abrevie, abreviemos, abrevieis, abreviem.
Imperat. afirm.:	abrevia, abrevie, abreviemos, abreviai, abreviem.
Outras:	abreviava, abreviarei, abreviaria, abreviara, abreviasse, abreviar, abreviando, abreviado.

ansiar, incendiar, mediar, odiar, remediar (Irregulares.) **premiar, negociar** (Regulares ou iregulares.)

Ind. pres.:	anseio, anseias, anseia, ansiamos, ansiais, anseiam.
Pret. perf.:	ansiei, ansiaste, ansiou, ansiamos, ansiastes, ansiaram.
Subj. pres.:	anseie, anseies, anseie, ansiemos, ansieis, anseiem.
Imperat. afirm.:	anseia, anseie, ansiemos, ansiai, anseiem.
Outras:	ansiava, ansiarei, ansiaria, ansiara, ansiasse, ansiar, ansiando, ansiado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos em **iar**.

376. ( ) Os verbos terminados em **iar** são todos regulares.

377. ( ) Os regulares seguem a conjugação de **amar** e são a grande maioria.

378. ( ) Há, pelo menos, cinco verbos terminados em **iar**, irregulares, que se conjugam com um **e**, nas formas rizotônicas: **mediar**, **ansiar**, **remediar**, **incendiar** e **odiar**, como se terminassem em **ear**: **medeio**, **anseio**...

379. ( ) No Brasil se fala "eu negocio", "eu premio"; em Portugal e outros países, também se fala "eu negoceio", "eu premeio".

Observação:

Para lembrar esses cinco verbos irregulares terminados em **iar**, que se conjugam como os terminados em **ear**, lembre-se da palavra MÁRIO:

Mediar, **A**nsiar, **R**emediar, **I**ncendiar, **O**diar.

mobiliar, mobilar, mobilhar (Regulares.)

Ind. pres.:	– mo**bí**lio, mo**bí**lias, mo**bí**lia, mobili**a**mos, mobili**ais**, mo**bí**liam.
	– mo**bi**lo, mo**bi**las, mo**bi**la, mobi**la**mos, mobi**lais**, mo**bi**lam.
	– mo**bi**lho, mo**bi**lhas, mo**bi**lha, mobi**lha**mos, mobi**lhais**, mo**bi**lham.
Pret. perf.:	– mobili**ei**, mobili**as**te, mobili**ou**, mobili**a**mos, mobili**as**tes, mobili**a**ram.
	– mobil**ei**, mobil**as**te, mobil**ou**, mobil**a**mos, mobil**as**tes, mobil**a**ram.
	– mobilh**ei**, mobilh**as**te, mobilh**ou**, mobilh**a**mos, mobilh**as**tes, mobilh**a**ram.
Subj. pres.:	– mo**bí**lie, mo**bí**lies, mo**bí**lie, mobili**e**mos, mobili**eis**, mo**bí**liem.
	– mo**bi**le, mo**bi**les, mo**bi**le, mobil**e**mos, mobil**eis**, mo**bi**lem.
	– mo**bi**lhe, mo**bi**lhes, mo**bi**lhe, mobilh**e**mos, mobilh**eis**, mo**bi**lhem.

Imperat. afirm.: – mo**bí**lia, mo**bí**lie, mobili**e**mos, mobili**ai**, mo**bí**liem.
– mo**bi**la, mo**bi**le, mobil**e**mos, mobil**ai**, mo**bi**lem.
– mo**bi**lha, mo**bi**lhe, mobilh**e**mos, mobilh**ai**, mo**bi**lhem.

Outras: – mobili**a**va, mobiliar**e**i, mobiliar**i**a, mobili**a**ra, mobili**a**sse, mobili**a**r, mobili**an**do, mobili**a**do.
– mobil**a**va, mobilar**e**i, mobilar**i**a, mobil**a**ra, mobil**a**sse, mobil**a**r, mobil**an**do, mobil**a**do.
– mobilh**a**ra, mobilhar**e**i, mobilhar**i**a, mobilh**a**ra, mobilh**a**sse, mobilh**a**r, mobilh**an**do, mobilh**a**do.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

380. ( ) A variante **mobilar** é lusitanismo.
381. ( ) Na variante **mobiliar**, a sílaba **bi** passa a ter acento agudo nas formas arrizotônicas.
382. ( ) Toda paroxítona terminada em ditongo deve ser acentuada graficamente. É por isso que em **mobiliar**, as formas rizotônicas recebem o acento agudo.
383. ( ) No subjuntivo presente, estão certas as formas: mobíle, mobílhes, mobílhem, mobílem...
384. ( ) No subjuntivo presente, estão certas as formas: mobile, mobilhes, mobilhem, mobilem...

apiedar-se, apiadar-se (Regulares.)

eu me apiedo	eu me apiado
tu te apiedas	tu te apiadas
ele se apieda	ele se apiada
nós nos apiedamos	nós nos apiadamos
vós vos apiedais	vós vos apiadais
eles se apiedam	eles se apiadam

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

385. ( ) Em Portugal, **piedade** e **piadade**, na pronúncia, confundem-se.
386. ( ) A forma **apiadar-se** relaciona-se com **piadade** e é considerada arcaísmo.
387. ( ) Ambos os verbos são pronominais e regulares.

Terminados em <u>oar</u>

abençoar, abalroar, abotoar, assoar, caçoar, coar, doar, ensaboar, magoar, reboar, soar, voar... (Regulares; seguem o modelo de **voar**.)

Ind. pres.: vôo (nova ortografia: voo), voas, voa, voamos, voais, voam.
Pret. perf.: voei, voaste, voou, voamos, voastes, voaram.
Subj. pres.: voe, voes, voe, voemos, voeis, voem.

Imperat. afirm.:	voa, voe, voemos, voai, voem.
Outras:	voava, voarei, voaria, voara, voasse, voar, voando, voado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos em **oar**.

388. ( ) **ensabôo**, **abotôo**, **magôo**, **vôo** eram acentuadas, mas deixaram de sê-lo pela nova ortografia.
389. ( ) **abalrôas**, **abotôas**, **caçôas** não são acentuadas, nem pela antiga, nem pela nova ortografia.
390. ( ) **côa**, **côas** eram acentuadas para diferençar de **coa**, **coas**, contração de **com** + **a**(**s**), mas perderam o acento pela nova ortografia.
391. ( ) Os grupos **oo**, **oa**, **oe**, pela nova ortografia, não se acentuam, exceto em **côa**, **côas**.

Terminados em uar

amuar, atuar, autuar, continuar, cultuar, encruar, graduar, habituar, jejuar... (Regulares; seguem o modelo de **suar**.)

Ind. pres.:	suo, suas, sua, suamos, suais, suam.
Pret. perf.:	suei, suaste, suou, suamos, suastes, suaram.
Subj. pres.:	sue, sues, sue, suemos, sueis, suem.
Imperat. afirm.:	sua, sue, suemos, suai, suem.
Outras:	suava, suarei, suaria, suara, suasse, suar, suando, suado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

392. ( ) **soar** e **suar** são regulares, e é comum confundi-los.
393. ( ) Soamos muito no calor.
394. ( ) Naquele ambiente úmido e fechado, o tambor soava e suava.
395. ( ) O bolo encroou.

Terminados em guar, quar, quir

aguar, apaniguar, apaziguar, apropinquar, adequar(-se), antiquar, averiguar, desaguar, enxaguar, minguar, obliquar, delinqüir/delinquir (nova ortografia)**...** (Regulares.)

Ind. pres.:	1 – **á**guo, **á**guas, **á**gua, agu**a**mos, agu**a**is, **á**guam.
	2 – ag**u**o, ag**u**as, ag**u**a, agu**a**mos, agu**a**is, ag**u**am.
Pret. perf.:	agüei (nova ortografia: agu**e**i), agu**a**ste, agu**o**u, agu**a**mos, agu**a**stes, agu**a**ram.
Subj. pres.:	1 – **á**güe, **á**gües, **á**güe, agü**e**mos, agü**e**is, **á**güem (nova ortografia: **á**gue, **á**gues, **á**gue, agu**e**mos, agu**e**is, **á**guem).
	2 – ag**u**e, ag**u**es, ag**u**e, agu**e**mos, agu**e**is, ag**u**em.

Imperat. afirm.: 1 – água, ágüe, agüemos, aguai, ágüem (nova ortografia: água, águe, aguemos, aguai, águem).
2 – ag**u**a, ag**ue**, agu**e**mos, agu**a**i, ag**u**em.
Outras: aguava, aguarei, aguaria, aguara, aguasse, aguar, aguando, aguado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos acima.

396. ( ) As formas rizotônicas recebem acento agudo porque são paroxítonas terminadas em ditongo.
397. ( ) Na antiga ortografia, o **u** recebe trema antes de **e** por ser pronunciado e átono. Nas novas regras ortográficas, o **u** perdeu o trema.
398. ( ) Observando-se as letras em negrito que marcam a vogal tônica, constata-se que há duas pronúncias possíveis.
399. ( ) Nos presentes do indicativo e do subjuntivo, há duas pronúncias e grafias consagradas.
400. ( ) Por isso, nos imperativos afirmativo e negativo, há também duas pronúncias e grafias consagradas.
401. ( ) O **u** é sempre pronunciado tônico.
402. ( ) O **u** é sempre pronunciado. Na antiga ortografia, quando átono, tem trema; quando tônico, tem acento agudo.
403. ( ) Agora, pela nova ortografia, devem-se eliminar todos os tremas.
404. ( ) O **u** é sempre pronunciado tônico nas formas rizotônicas. Nas arrizotônicas, é pronunciado átono.
405. ( ) O dicionário Houaiss classifica todos esses verbos como regulares.
406. ( ) As formas rizotônicas apresentam acento agudo por serem proparoxítonas.
407. ( ) As formas rizotônicas apresentam acento agudo por serem paroxítonas terminadas em ditongo.
408. ( ) **Apropinguar(-se)** é muito usado, mas a forma pronominal não o é.
409. ( ) Esse verbo, que significa **aproximar**, **aproximar-se**, é de uso raro.

resfolegar (Regular.)

Ind. pres.: resfólego, resfólegas, resfólega, resfolegamos, resfolegais, resfólegam.
Pret. perf.: resfoleguei, resfolegaste, resfolegou, resfolegamos, resfolegastes, resfolegaram.
Subj. pres.: resfólegue, resfólegues, resfólegue, resfoleguemos, resfolegueis, resfóleguem.
Imperat.: afirm.: resfólega, resfólegue, resfoleguemos, resfolegai, resfóleguem.
Outras: resfolegava, resfolegarei, resfolegaria, resfolegara, resfolegasse, resfolegar, resfolegando, resfolegado.

resfolgar (Regular.)

Ind. pres.:	resfolgo, resfolgas, resfolga, resfolgamos, resfolgais, resfolgam.
Pret. perf.:	resfolguei, resfolgaste, resfolgou, resfolgamos, resfolgastes, resfolgaram.
Subj. pres.:	resfolgue, resfolgues, resfolgue, resfolguemos, resfolgueis, resfolguem.
Imperat. afirm.:	resfolga, resfolgue, resfolguemos, resfolgai, resfolguem.
Outras:	resfolgava, resfolgarei, resfolgaria, resfolgara, resfolgasse, resfolgar, resfolgando, resfolgado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os quadros anteriores.

"No intervalo, os jogadores resfolgavam (ou resfolegavam) no vestiário."

410. ( ) **resfolegar** ou **resfolgar** significa **recuperar o fôlego**, **descansar**.
411. ( ) **resfolgar** é derivado de **resfolegar** pela síncope do **e** (queda do **e**).
412. ( ) **resfolegar** e **resfolgar** são, pois, sinônimos.
413. ( ) **resfolegar** conjuga-se regularmente nas formas arrizotônicas.

Terminados em gnar, bstar, psar, ptar e tmar

dignar-se, indignar-se, consignar, estagnar, persignar-se, resignar-se, impugnar, propugnar, repugnar, obstar, eclipsar, optar, raptar, ritmar... (Regulares; conjugam-se como **pugnar**.)

Ind. pres.:	p**u**gno, p**u**gnas, p**u**gna, pugn**a**mos, pugn**a**is, p**u**gnam.
Pret. perf.:	pugn**e**i, pugn**a**ste, pugn**o**u, pugn**a**mos, pugn**a**stes, pugn**a**ram.
Subj. pres.:	p**u**gne, p**u**gnes, p**u**gne, pugn**e**mos, pugn**e**is, p**u**gnem.
Imperat. afirm.:	p**u**gna, p**u**gne, pugn**e**mos, pugn**a**i, p**u**gnem.
Outras:	pugn**a**va, pugnar**e**i, pugnar**i**a, pugn**a**ra, pugn**a**sse, pugn**a**r, pugn**a**ndo, pugn**a**do.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre o quadro anterior.

414. ( ) Na pronúncia, o encontro consonantal **gn** é inseparável.
415. ( ) O **g** se apoia na vogal que lhe vem antes; o **n**, na que se lhe segue (p**u**g-n**o**).
416. ( ) O mesmo acontece com **o**bs-t**o**, **o**bs-t**a**s, **o**p-t**o**, **o**p-t**a**s, r**a**p-t**o**, r**a**p-t**a**s, r**i**t-m**o**, r**i**t-m**a**s...
417. ( ) No presente do indicativo, do subjuntivo e no imperativo é que aparecem formas rizotônicas, excetuando-se **nós** e **vós**.
418. Sublinhe as letras que representam as vogais tônicas, pronunciando as palavras, em voz alta, para educar o ouvido.
indigno-me, indigna-se, indignam-se, indignamo-nos, indignai-vos, indignas-te.

obviar (Regular.)

Ind. pres.:	obv**i**o, obv**i**as, obv**i**a, obv**i**amos, obv**i**ais, obv**i**am.
Pret. perf.:	obv**i**ei, obv**i**aste, obv**i**ou, obv**i**amos, obv**i**astes, obv**i**aram.
Subj. pres.:	obv**i**e, obv**i**es, obv**i**e, obv**i**emos, obv**i**eis, obv**i**em.
Imperat. afirm.:	obv**i**a, obv**i**e, obv**i**emos, obv**i**ai, obv**i**em.
Outras:	obv**i**ava, obviar**á**, obviar**i**a, obv**i**ara, obv**i**asse, obv**i**ar, obv**i**ando, obv**i**ado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre o quadro visto.

419. ( ) O encontro consonantal **bv** é separável, ficando cada consoante numa sílaba.
420. ( ) Nenhuma de suas formas apresenta acento gráfico no **i** ou **e**.
421. ( ) **obviar** conjuga-se com a mesma pronúncia de **optar**.
422. ( ) Em **obviar**, a tônica está sempre depois do encontro consonantal, o que não acontece com **optar**.

2ª conjugação

abster-se, ater-se, conter, deter, entreter, manter, obter, reter, suster... (Irregulares; conjugam-se como **ter**.) *Vide* pág. 187.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** em relação ao presente do indicativo do verbo **ter**.

423. ( ) A 3ª pessoa do plural tem circunflexo para não ser confundida com a 3ª pessoa do singular (eles têm ≠ ele tem).
424. ( ) Nos derivados, isso também acontece: eles detêm, mantêm, obtêm...
425. ( ) Nos derivados, a 3ª pessoa do singular também segue a grafia de **ter**: ele tem, detem, mantem, se abstem...
426. ( ) A 3ª pessoa do singular de **ter** escreve-se sem acento, mas a de seus derivados, por ter mais de uma sílaba, segue a regra de acentuação das oxítonas e recebem acento agudo: tem ≠ retém, detém, abstém-se, ou se abstém, entretém...

Terminados em azer*

afazer, bem-fazer, contrafazer, desafazer, desfazer, esfazer, estupefazer, liqüefazer ou liquefazer, malfazer, perfazer, putrefazer, rarefazer, refazer, satisfazer, torrefazer, transfazer, tumefazer... (Irregulares e abundantes; conjugam-se como **fazer**.)

Ind. pres.:	faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem.

Pret. perf.:	fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram.
Subj. pres.:	faça, faças, faça, façamos, façais, façam.
Imperat. afirm.:	faz(e), faça, façamos, fazei, façam.
Outras:	fazia, farei, faria, fizera, fizesse, fizer, fazendo, feito.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

427. ( ) **faz-**, **faç-**, **fiz-**, **fez-**, **far-**, **fei-** ... tantos radicais num mesmo verbo levam gramáticos a classificarem-no como anômalo.
428. ( ) **faço**, **faz**, **fiz**, **faça** são formas irregulares.
429. ( ) **farei**, **faria**, **feito** são formas regulares.
430. ( ) No imperativo afirmativo, **faz** (tu) ou **faze** (tu) são formas abundantes.

jazer, adjazer, circunjazer, subjazer (Irregulares e abundantes.)

Ind. pres.:	subjazo, subjazes, subjaz, subjazemos, subjazeis, subjazem.
Pret. perf.:	subjazi, subjazeste, subjazeu, subjazemos, subjazestes, subjazeram.
Subj. pres.:	subjaza, subjazas, subjaza, subjazamos, subjazais, subjazam.
Imperat. afirm.:	subjaz(e), subjaza, subjazamos, subjazei, subjazam.
Outras:	subjazia, subjazerei, subjazeria, subjazera, subjazesse, subjazer, subjazendo, subjazido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

431. ( ) A irregularidade desses verbos acontece só na 3ª pessoa do singular: **jaz**, **subjaz**, **adjaz**, **circunjaz**.
432. ( ) No imperativo afirmativo, são abundantes: **jaze** (tu) ou **jaz** (tu)...

comprazer, descomprazer (Irregulares e abundantes.)

Ind. pres.:	comprazo, comprazes, compraz, comprazemos, comprazeis, comprazem.
Pret. perf.:	comprazi, comprazeste, comprazeu, comprazemos, comprazestes, comprazeram (moderno). comprouve, comprouveste, comprouve, comprouvemos, comprouvestes, comprouveram (antigo).
Subj. pres.:	compraza, comprazas, compraza, comprazamos, comprazais, comprazam.
Imperat. afirm.:	compraz(e), compraza, comprazamos, comprazei, comprazam.
Outras:	comprazia, comprazerá, comprazeria, comprazera, comprazesse ou comprouvesse, comprazer ou comprouver, comprazendo, comprazido.

**Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*

prazer, aprazer, desaprazer, desprazer (Irregulares, defectivos e abundantes.)

Ind. pres.:	–, –, praz, –, –, prazem.
Pret. perf.:	–, –, prouve, –, –, prouveram.
Subj. pres.:	–, –, praza, –, –, prazam.
Imperat. afirm.:	–, praza, –, prazam.
Outras:	prazia(am), prazerá(ão), prazeria(am), prouvera(am), prouvesse(em), prouver(em), prazendo, prazido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

433. ( ) Esses verbos são irregulares na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo: **praz**, **compraz**...

434. ( ) Alguns gramáticos já consideram o verbo **prazer** com conjugação completa, como a de **comprazer**.

435. ( ) **comprazer** e **descomprazer** conjugam-se em todas as pessoas e tempos.

436. ( ) **aprazer**, **desaprazer**, **desprazer** normalmente só são usados nas 3as pessoas, porém **aprazer-se**, **desaprazer-se**, **desprazer-se** conjugam-se em todas as pessoas e tempos.

437. ( ) No pretérito perfeito do indicativo, convive a forma moderna regular **prazi**, **prazeste**, **prazeu**... **prazeram** com a antiga **prouve**, **prouveste, prouve, prouveram**.

438. ( ) Trata-se, portanto, de verbo abundante nas formas: aprazeu/aprouve, aprazesse/aprouvesse, aprazer/aprouver...

439. ( ) Algumas pessoas de **aprazer**, fora do contexto da frase, podem confundir-se com pessoas de **aprazar**.

trazer e derivados (Irregulares e abundantes.)

Ind. pres.:	trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem.
Pret. perf.:	trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram.
Subj. pres.:	traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam.
Imperat. afirm.:	traz(e), traga, tragamos, trazei, tragam.
Outras:	trazia, trarei, traria, trouxera, trouxesse, trouxer, trazendo, trazido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

440. ( ) **traz**, **trago**, **trazemos**, **trazia** são formas irregulares.

441. ( ) **trago**, **traz**, **trarei**, **traria**, **trouxe**, **trouxera**, **trouxesse**, **trouxer** são formas irregulares.

442. ( ) A forma **traz**, irregular, resulta do mesmo processo que aconteceu com **faz**, **diz** e **traduz**.
443. ( ) **trazer** e derivados são abundantes no imperativo afirmativo: traze ou traz (tu).

caber, descaber (Irregulares.)

Ind. pres.:	caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem.
Pret. perf.:	coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam.
Subj. pres.:	caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam.
Imperat. afirm.:	cabe, caiba, caibamos, cabei, caibam.
Outras:	cabia, caberei, caberia, coubera, coubesse, couber, cabendo, cabido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

444. ( ) As formas **cabia**, **caberei**, **caberia**, **cabendo** e **cabido** são irregulares.
445. ( ) As formas **caibo**, **caibamos**, **coube**, **coubesse**, **couber** são irregulares.
446. ( ) Pelo seu sentido, dizem alguns gramáticos, o imperativo não se coaduna com o verbo caber, e o consideram defectivo no imperativo.
447. ( ) Para alguns gramáticos, o verbo **descaber** só é usado no infinitivo e no particípio, por isso, também é considerado defectivo.

crer, ler, descrer, reler, tresler (Irregulares.)

Ind. pres.:	creio, crês, crê, cremos, credes, crêem (nova ortografia: creem).
Pret. perf.:	cri, creste, creu, cremos, crestes, creram.
Subj. pres.:	creia, creias, creia, creiamos, creiais, creiam.
Imperat. afirm.:	crê, creia, creiamos, crede, creiam.
Outras:	cria, crerei, creria, crera, cresse, crer, crendo, crido.

Ind. pres.:	leio, lês, lê, lemos, ledes, lêem (nova ortografia: leem).
Pret. perf.:	li, leste, leu, lemos, lestes, leram.
Subj. pres.:	leia, leias, leia, leiamos, leiais, leiam.
Imperat. afirm.:	lê, leia, leiamos, lede, leiam.
Outras:	lia, lerei, leria, lera, lesse, ler, lendo, lido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

448. ( ) São formas irregulares: creio, creia, cri, leio, li, creste, leste.
449. ( ) São formas irregulares: creio, leio, creia, leia.
450. ( ) Creem, leem, descreem e releem, no recente Acordo Ortográfico, perderam o circunflexo, assim como deem, veem e derivados.

dizer, bendizer, condizer, contradizer, desdizer, entredizer, interdizer, maldizer, predizer, redizer (Irregulares e abundantes.)

Ind. pres.:	digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem.
Pret. perf.:	disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram.
Subj. pres.:	diga, digas, diga, digamos, digais, digam.
Imperat. afirm.:	diz(e), diga, digamos, dizei, digam.
Outras:	dizia, direi, diria, dissera, dissesse, disser, dizendo, dito.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

451. ( ) São formas regulares: dizes, diz, dizemos.

452. ( ) Constituem-se como formas irregulares: diz, disse, dissemos, digo, digas, direi, diremos, diria, dissera, dito.

453. ( ) Diz e dize: formas abundantes do imperativo afirmativo.

escrever, circunscrever, adscrever, descrever, inscrever, prescrever, proscrever, reescrever, sobrescrever, subscrever, transcrever... (Irregulares.)

Ind. pres.:	escrevo, escreves, escreve, escrevemos, escreveis, escrevem.
Pret. perf.:	escrevi, escreveste, escreveu, escrevemos, escrevestes, escreveram.
Subj. pres.:	escreva, escrevas, escreva, escrevamos, escrevais, escrevam.
Imperat. afirm.:	escreve, escreva, escrevamos, escrevei, escrevam.
Outras:	escrevia, escreverei, escreveria, escrevera, escrevesse, escrever, escrevendo, escrito.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

454. ( ) A única irregularidade de **escrever** e de seus derivados acontece no particípio: escrito, adscrito, subscrito, circunscrito, transcrito...

feder (Regular, ex-defectivo.)

Ind. pres.:	(fedo), fedes, fede, fedemos, fedeis, fedem.
Pret. perf.:	fedi, fedeste, fedeu, fedemos, fedestes, federam.
Subj. pres.:	(feda), (fedas), (feda), fedamos, fedais, fedam.
Imperat. afirm.:	fede, (feda), (fedamos), fedei, fedam.
Outras:	fedia, federei, federia, federa, fedesse, feder, fedendo, fedido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre o quadro anterior.

455. ( ) Usado predominantemente na linguagem popular.

456. ( ) Tradicionalmente era classificado como defectivo, não tendo conjugação de todas as formas que estão entre parênteses.
457. ( ) É característico da norma culta.
458. ( ) Atualmente é considerado regular, conjugável em todas as formas.

haver(-se) (Irregular e abundante.)

Ind. pres.:	hei, has, há, havemos (ou hemos), haveis (ou heis), hão.
Pret. perf.:	houve, houveste, houve, houvemos, houvestes, houveram.
Subj. pres.:	haja, hajas, haja, hajamos, hajais, hajam.
Imperat. afirm.:	há, haja, hajamos, havei, hajam.
Outras:	havia, haverei, haveria, houvera, houvesse, houver, havendo, havido.

Obs.: veja toda sua conjugação a partir da pág. 187.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

459. ( ) No presente do indicativo, o verbo **haver** é abundante na 1ª e 2ª pessoa do plural.
460. ( ) As formas **hemos** e **heis** não são hoje usadas.
461. ( ) O verbo **haver**, na linguagem moderna, vem sendo substituído pelo verbo ter.

1. haja(s) ≠ aja(s)
2. havia(s) ≠ avia(s)
3. heis ≠ eis
4. houve ≠ ouve

462. ( ) Os pares de homônimos acima comparam formas do verbo **haver** com outras dos verbos **agir**, **aviar**, **ouvir** e com a palavra **eis**.
463. ( ) Ele se houve bem na prova. Nessa frase, empregou-se o verbo **haver-se**, que significa **sair-se**.

reaver (Irregular e defectivo.)

Ind. pres.:	–, –, –, reavemos, reaveis, –.
Pret. perf.:	reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram.
Subj. pres.:	–, –, –, –, –, –.
Imperat. afirm.:	–, –, –, reavei, –.
Outras:	reavia, reaverei, reaveria, reouvera, reouvesse, reouver, reavendo, reavido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

464. ( ) **reouve**, **reouvera** e **reouver** são formas irregulares.
465. ( ) **reaver** conjuga-se pelo verbo **haver**, mas só se conjuga nas formas em que aparece a letra **v**.
466. ( ) **reaver** é defectivo nas formas em que **haver** não tem a letra **v**.

Terminados em oer

condoer-se, corroer, doer(-se), esmoer, remoer, roer (Irregulares; conjugam-se como **moer**.)

Ind. pres.:	môo (nova ortografia: moo), móis, mói, moemos, moeis, moem.
Pret. perf.:	moí, moeste, moeu, moemos, moestes, moeram.
Subj. pres.:	moa, moas, moa, moamos, moais, moam.
Imperat. afirm.:	mói, moa, moamos, moei, moam.
Outras:	moía, moerei, moeria, moera, moesse, moer, moendo, moído.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

467. ( ) **ôo** é terminação dos verbos em **oar** e **oer**, na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo.
468. ( ) **móis**, **mói** têm acento agudo pela presença do ditongo aberto **ói**.
469. ( ) **moí**, **moía**, **moíamos**, **moído** têm o **i** acentuado por ser tônico e segunda vogal de hiato.
470. ( ) **móis** e **mói** são formas irregulares.

soer (Irregular e defectivo.)

Ind. pres.:	–, sóis, sói, soemos, soeis, soem.
Pret. perf.:	soí, soeste, soeu, soemos, soestes, soeram.
Subj. pres.:	–, –, –, –, –, –.
Imperat. afirm.:	sói –, –, soei, –.
Outras:	soía, soerei, soeria, soera, soesse, soer, soendo, soído.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre **soer**.

471. ( ) É defectivo na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo.
472. ( ) Por isso, é também defectivo no presente do subjuntivo e nas pessoas do imperativo negativo.
473. ( ) Tem todas as pessoas do imperativo afirmativo.
474. ( ) No imperativo afirmativo só se conjuga nas pessoas **tu** e **vós**, porque são derivadas do presente do indicativo. Nas outras, é defectivo.
475. ( ) É irregular nas formas **sóis**, **sói**.

perder (Irregular.)

Ind. pres.:	perco, perdes, perde, perdemos, perdeis, perdem.
Pret. perf.:	perdi, perdeste, perdeu, perdemos, perdestes, perderam.
Subj. pres.:	perca, percas, perca, percamos, percais, percam.
Imperat. afirm.:	perde, perca, percamos, perdei, percam.
Outras:	perdia, perderei, perderia, perdera, perdesse, perder, perdendo, perdido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

476. ( ) **perco**, **perca**, **percamos** são formas irregulares.
477. ( ) Se a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo é irregular, também o serão suas formas derivadas, como o presente do subjuntivo e, consequentemente, todo o imperativo negativo e as pessoas **você**, **nós** e **vocês** do imperativo afirmativo.
478. ( ) As formas escritas com **c** apresentam o **e** aberto.
479. ( ) As formas escritas com **c** têm o **e** fechado.

poder (Irregular.)

Ind. pres.:	posso, podes, pode, podemos, podeis, podem.
Pret. perf.:	pude, pudeste, pôde, pudemos, pudestes, puderam.
Subj. pres.:	possa, possas, possa, possamos, possais, possam.
Imperat. afirm.:	pode, possa, possamos, podei, possam.
Outras:	podia, poderei, poderia, pudera, pudesse, puder, podendo, podido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

480. ( ) São irregulares todas as formas do verbo **poder** que apresentam **ss** e **pu**: posso, possamos, puder, pudesse...
481. ( ) **pôde** é pretérito perfeito, **pode** é presente.
482. ( ) Há gramáticos que consideram este verbo defectivo no imperativo, alegando que **não se manda alguém poder**.
483. ( ) Mas cabe usá-lo no imperativo quando se quer incutir ênfase: Você só não pode se não quiser tentar, então **queira**-o e **possa**.

pôr, antepor, apor, circumpor, compor, contrapor, decompor, depor, descompor, dispor, entrepor, expor, impor, indispor, interpor, justapor, maldispor, opor, pospor, predispor, prepor, pressupor, propor, recompor, repor, sobrepor, sotopor, superpor, supor, transpor (Irregulares ou anômalos.)

Ind. pres.:	ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem.
Pret. perf.:	pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram.
Subj. pres.:	ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham.
Imperat. afirm.:	põe, ponha, ponhamos, ponde, ponham.
Outras:	punha, porei, poria, pusera, pusesse, puser, pondo, posto.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos anteriores.

484. ( ) São os únicos que apresentam irregularidade no infinitivo.
485. ( ) Esse acontecimento faz alguns gramáticos considerarem-nos anômalos (mais que irregulares).

486. ( ) Alguns, inclusive, sugerem classificá-los como representantes de uma quarta conjugação: a dos verbos com infinitivo em **or**.
487. ( ) Normalmente, por sua derivação a partir do verbo **poer**, é considerado como irregularidade ou anomalia da 2ª conjugação.

precaver(-se) (Regular e defectivo.)

Ind. pres.:	–, –, –, precavemos, precaveis, –.
Pret. perf.:	precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram.
Subj. pres.:	–, –, –, –, –, –.
Imperat. afirm.:	–, –, –, precavei, –.
Outras:	precavia, precaverei, precaveria, precavera, precavesse, precaver, precavendo, precavido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre **precaver** e **precaver-se**.

488. ( ) São defectivos em algumas pessoas do presente do indicativo, do imperativo afirmativo e em todas do presente do subjuntivo e do imperativo negativo.
489. ( ) Esses verbos só se conjugam nas formas arrizotônicas.
490. ( ) Hoje só se usa a forma pronominal.
491. ( ) **precavejo**, **precaveem**, **precaviste**, **precaviu**... são formas que não existem porque são referentes a verbos que não são derivados de **ver**.
492. ( ) **precavenho**, **precavéns**, **precavenha**, **precavim** são também inexistentes na norma culta, porque não derivam os verbos **precaver** e **precaver-se** de **vir**.
493. ( ) Como são defectivos, suas formas inexistentes podem-se suprir pelas dos verbos **prevenir(-se)**, **precatar-se** ou **cuidar-se**.

prover, desprover (Irregulares.)

Ind. pres.:	provejo, provês, provê, provemos, provedes, provêem (nova ortografia: proveem).
Pret. perf.:	provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram.
Subj. pres.:	proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam.
Imperat. afirm.:	provê, proveja, provejamos, provede, provejam.
Outras:	provia, proverei, proveria, provera, provesse, prover, provendo, provido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

494. ( ) Derivado de **ver**, **prover** ora se conjuga como **ver**, ora não.
495. Todas as formas a seguir são corretas. Sublinhe as que fogem à conjugação de **ver**.
provê, provia, proviam, provi, proveste, proveu, provera, proveras, provesse, provesses, proverei, proveria, provejamos, provido.

querer, benquerer, desquerer, malquerer (Irregulares e abundantes.)

Ind. pres.:	quero, queres, quer(e), queremos, quereis, querem.
Pret. perf.:	quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram.
Subj. pres.:	queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram.
Imperat. afirm.:	quer(e), queira, queiramos, querei, queiram.
Outras:	queria, quererei, quereria, quisera, quisesse, quiser, querendo, querido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

496. ( ) No presente do indicativo, a forma **quere** é só usada em Portugal; no Brasil, só se usa a irregular **quer**.
497. ( ) **benquerer** e **malquerer** são abundantes em particípio: benquerido, malquerido, benquisto, malquisto.
498. ( ) **quis**, **queira**, **quisesse**, **quiser** são formas irregulares.
499. ( ) **Quer/quere**: formas abundantes no presente do indicativo e no imperativo afirmativo.

requerer (Irregular e abundante.)

Ind. pres.:	requeiro, requeres, requer(e), requeremos, requereis, requerem.
Pret. perf.:	requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram.
Subj. pres.:	requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram.
Imperat. afirm.:	requer(e), requeira, requeiramos, requerei, requeiram.
Outras:	requeria, requererei, requereria, requerera, requeresse, requerer, requerendo, requerido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

500. ( ) A forma regular **requere** é usada ainda em Portugal, e no Brasil, prefere-se a irregular **requer**.
501. ( ) **requere** e **requer** são formas abundantes desse verbo.
502. ( ) O **i** de **requeiro** caracteriza irregularidade que se repetirá no presente do subjuntivo, no imperativo negativo e em algumas pessoas do imperativo afirmativo.
503. ( ) A conjugação de **requerer** foge, portanto, à do verbo **querer**.

saber (Irregular.)

Ind. pres.:	sei, sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem.
Pret. perf.:	soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, souberam.
Subj. pres.:	saiba, saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam.
Imperat. afirm.:	sabe, saiba, saibamos, sabei, saibam.
Outras:	sabia, saberei, saberia, soubera, soubesse, souber, sabendo, sabido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** a respeito do verbo **saber**.

504. ( ) No presente do indicativo, só a 1ª pessoa do singular é irregular.
505. ( ) O pretérito perfeito e o subjuntivo presente apresentam todas as pessoas irregulares.
506. ( ) São regulares: sabia, saberei, saberia, sabendo, sabido.
507. ( ) São irregulares: souber, soubesse, saiba, sei, soube.

valer, desvaler, equivaler (Irregulares.)

Ind. pres.:	valho, vales, vale, valemos, valeis, valem.
Pret. perf.:	vali, valeste, valeu, valemos, valestes, valeram.
Subj. pres.:	valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham.
Imperat. afirm.:	vale, valha, valhamos, valei, valham.
Outras:	valia, valerei, valeria, valera, valesse, valer, valendo, valido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

508. ( ) São irregulares: valho, valha, valhamos, valham.
509. ( ) São regulares: vali, valia, valerei, valeria, valesse.

antever, entrever, prever, rever* (Irregulares; conjugam-se como **ver****.)

Ind. pres.:	vejo, vês, vê, vemos, vedes, vêem (nova ortografia: veem).
Pret. perf.:	vi, viste, viu, vimos, vistes, viram.
Subj. pres.:	veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam.
Imperat. afirm.:	vê, veja, vejamos, vede, vejam.
Outras:	via, verei, veria, vira, visse, vir, vendo, visto.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

510. ( ) Vemos hoje o que vimos ontem.
511. ( ) Quando você ver o que nós víramos...
512. ( ) Eu me entretive pensando que se ele previsse ou antevisse, não reveria o trato.
513. ( ) Viste bem do que proveste a nossa despensa.
514. ( ) Tenho visto que você não tem provido os cargos abertos.
515. ( ) O Acordo Ortográfico aboliu o circunflexo de veem, reveem...

* Rever: existe, derivado do latim *repere*, um outro verbo **rever**, que significa "transudar", 'verter', 'deixar transpirar', mas que também se conjuga como o verbo **ver**: O suor **revê** de seus poros. Sua fala ao telefone **revia** descontrole.

** O verbo **prover** foge à conjugação de **ver**. Estude-o na página 232.

viger (Regular.)

Ind. pres.:	(vijo), viges, vige, vigemos, vigeis, vigem.
Pret. perf.:	vigi, vigeste, vigeu, vigemos, vigestes, vigeram.
Subj. pres.:	(vija), (vijas), (vija), (vijamos), (vijais), (vijam).
Imperat. afirm.:	vige, (vija), (vijamos), vigei, (vijam).
Outras:	vigia, vigerei, vigeria, vigera, vigesse, viger, vigendo, vigido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre o verbo **viger**.

516. ( ) Significa "ter vigor", "estar em vigor", "vigorar".
517. ( ) Alguns gramáticos ainda o consideram defectivo na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo.
518. ( ) Portanto, não há, para esses autores, todo o presente do subjuntivo e, consequentemente, o imperativo negativo e as pessoas **você(s)** e **nós** do imperativo afirmativo.
519. ( ) Modernamente vem sendo conjugado em todas as pessoas, como verbo regular.
520. ( ) Antes de **o** e **a**, o **g** vira **j**, para não se perder a pronúncia regular.

3ª conjugação

abolir, banir, bramir, brandir, carpir, colorir, comedir, delir, demolir, emolir, extorquir, fremir, retorquir, vagir... (Regulares e defectivos.)

Ind. pres.:	–, aboles, abole, abolimos, abolis, abolem.
Pret. perf.:	aboli, aboliste, abolui, abolimos, abolistes, aboliram.
Subj. pres.:	–, –, –, –, –, –.
Imperat. afirm.:	abole, –, –, aboli, –.
Outras:	abolia, abolirei, aboliria, abolira, abolisse, abolir, abolindo, abolido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

521. ( ) São defectivos na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, portanto não têm o presente do subjuntivo e, consequentemente, o imperativo negativo e as pessoas **você**(**s**) e **nós** do imperativo afirmativo.
522. ( ) Trocam o **i** por **e** nas formas rizotônicas.
523. ( ) Eu coloro com as cores do céu.
524. ( ) O **coloro** da frase anterior pertence ao verbo **colorar**, sinônimo de "colorir" e pronuncia-se com a vogal tônica aberta como **demoro**.

agredir, denegrir, prevenir, progredir, regredir, transgredir (Irregulares.)

Ind. pres.:	agrido, agrides, agride, agredimos, agredis, agridem.
Pret. perf.:	agredi, agrediste, agrediu, agredimos, agredistes, agrediram.
Subj. pres.:	agrida, agridas, agrida, agridamos, agridais, agridam.
Imperat. afirm.:	agride, agrida, agridamos, agredi, agridam.
Outras:	agredia, agredirei, agrediria, agredira, agredisse, agredir, agredindo, agredido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro anterior.

525. ( ) Trocam o **gre** por **gri** nas formas rizotônicas do presente do indicativo, inclusive na 1ª pessoa do singular.

526. ( ) Por isso, o presente do subjuntivo e as formas do imperativo dele derivadas também trocam o **gre** por **gri**.

527. ( ) Para progredirdes mais facilmente, não agridais nem transgridais as normas do bom convívio.

Terminados em air

abstrair, atrair, cair, contrair, decair, descair, detrair, distrair, esvair, extrair, protrair, recair, ressair, retrair, retrotrair, sobressair, subtrair, trair... (Regulares; conjugam-se como **sair**.)

Ind. pres.:	saio, sais, sai, saímos, saís, saem.
Pret. perf.:	saí, saíste, saiu, saímos, saístes, saíram.
Subj. pres.:	saia, saias, saia, saiamos, saiais, saiam.
Imperat. afirm.:	sai, saia, saiamos, saí, saiam.
Outras:	saía, sairei, sairia, saíra, saísse, sair, saindo, saído.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro anterior.

528. ( ) Todos esses verbos resumem-se em **esvair**, **cair**, **trair**, **sair** e derivados.

529. ( ) Abstrai-te e não te retraias para sobressaíres.

530. ( ) Não destraias, nem traiais vossos eleitores, para não cairdes em descrédito.

Terminados em uir

construir, desconstruir, destruir, reconstruir (Irregulares e abundantes.)

Ind. pres.:	construo, constróis/truis, constrói/trui, construímos, construís, constroem/truem.
Pret. perf.:	construí, construíste, construiu, construímos, construístes, construíram.
Subj. pres.:	construa, construas, construa, construamos, construais, construam.
Imperat. afirm.:	constrói/trui, construa, construamos, construí, construam.
Outras:	construía, construirei, construiria, construíra, construísse, construir, construindo, construído.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

531. ( ) As formas tu **construis**, ele **construi** e eles **construem** são usadas em Portugal e em outros países lusófonos.

532. ( ) As formas tu **constróis**, ele **constrói** e eles **constroem** são usadas no Brasil, embora também aceitas em Portugal e em outros países lusófonos.

533. ( ) São verbos abundantes no presente do indicativo e imperativo afirmativo.

anuir, concluir, constituir, defluir, destituir, estruir, fruir, influir, instruir, obstruir, possuir, refluir, restituir, retribuir (Regulares.)

Ind. pres.:	influo, influis, influi, influímos, influís, influem.
Pret. perf.:	influí, influíste, influiu, influímos, influístes, influíram.
Subj. pres.:	influa, influas, influa, influamos, influais, influam.
Imperat. afirm.:	influi, influa, influamos, influí, influam.
Outras:	influía, influirei, influiria, influíra, influísse, influir, influindo, influído.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

534. ( ) No presente do indicativo, **influis** e **influi** graficamente têm **ui** e não **ue**, porque se trata de ditongo.

535. ( ) Trata-se de pronúncia regular, portanto de verbo regular.

argüir, redargüir/arguir, redarguir (nova ortografia) (Regulares.)

Ind. pres.:	arg**u**o, argúis, argúi, argü**i**mos, argü**i**s, argúem (nova ortografia: arg**u**o, arg**u**is, arg**u**i, arguímos, arguís, arg**u**em).
Pret. perf.:	argü**i**, argü**i**ste, argü**i**u, argü**i**mos, argü**i**stes, argü**i**ram (nova ortografia: arguí, arguíste, argu**i**u, arguímos, arguístes, arguíram).
Subj. pres.:	arg**u**a, arg**u**as, arg**u**a, arg**u**amos, arg**u**ais, arg**u**am.
Imperat. afirm.:	argúi (nova ortografia: arg**u**i), arg**u**a, arg**u**amos, argü**i** (nova ortografia: arguí), arg**u**am.
Outras:	argüia, argüirei, argüiria, argüira, argüisse, argüir, argüindo, argüido. (nova ortografia: arguía, arguirei, arguiria, arguíra, arguísse, arguir, arguindo, arguído.)

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

536. ( ) O uso do trema, pela nova ortografia, foi abolido em todos os tempos, modos e pessoas.

537. ( ) Pela nova ortografia, na sílaba **gui**, o **u** não se acentua, acentua-se o **i** quando tônico, sozinho na sílaba ou com **s**: arguí, arguís, arguímos, arguístes, arguía, arguíra, arguísse, arguído.

delinqüir/delinquir (nova ortografia) (Regular ou irregular ou defectivo.)

Ind. pres.:	1 – (delínquo), delínqües, delínqüe, delinqüimos, delinqüis, delínqüem.
	2 – delinq**u**o, delinq**u**es, delinq**u**e, delinqüimos, delinqüis, delinquem.
Pret. perf.:	delinqüi, delinqüiste, delinqüiu, delinqüimos, delinqüistes, delinqüiram.
Subj. Pres.:	1 – (delínqua), (delínquas), (delínqua), (delinquamos), (delinquais), (delínquam).
	2 – delinq**u**a, delinq**u**as, delinq**u**a, delinquamos, delinquais, delinq**u**am.
Imperat. afirm.:	1 – delínqüe, (delínqua), (delinquamos), delinqüi, (delínquam).
	2 – delinq**ú**e, delinq**u**a, delinqu**a**mos, delinqü**i**, delinq**u**am.
Outras:	delinqüia, delinqüirei, delinqüiria, delinqüira, delinqüisse, delinqüir, delinqüindo, delinqüido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

538. ( ) Nos presentes do indicativo, do subjuntivo e no imperativo, há duas conjugações diferentes.

539. ( ) Pela nova ortografia, o trema e o acento agudo no **u** foram abolidos, sem prejuízo das pronúncias.

540. ( ) Conjugam-se igualmente os verbos terminados em -guar, -quar, -quir, terminações de infinitivo em que o **u** é pronunciado átono.

541. ( ) Pela nova ortografia, tais verbos, por oferecerem dois paradigmas, ou têm o **u** como vogal tônica, mas sem acento gráfico [enxag**u**a(s), delinq**u**e(s)], ou são paroxítonos terminados em ditongo, tendo acento gráfico [enxágue(s), delínque(s)].

puir, pruir, ruir (Regulares e defectivos.)

Ind. pres.:	–, p**u**is, p**u**i, puímos, puís, p**u**em.
Pret. perf.:	puí, puíste, pu**i**u, puímos, puístes, puíram.
Subj. pres.:	–, –, –, –, –, –.
Imperat. afirm.:	p**u**i, –, –, puí, –.
Outras:	puía, puirei, puiria, puíra, puísse, puir, puindo, puído.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro anterior.

542. ( ) São defectivos nas formas em que o **u** seria seguido de **o** ou **a**.

543. ( ) São regulares nas outras formas.

abrir, desabrir, entreabrir, reabrir (Irregulares.)

Ind. pres.:	abro, abres, abre, abrimos, abris, abrem.
Pret. perf.:	abri, abriste, abriu, abrimos, abristes, abriram.
Subj. pres.:	abra, abras, abra, abramos, abrais, abram.
Imperat. afirm.:	abre, abra, abramos, abri, abram.
Outras:	abria, abrirei, abriria, abrira, abrisse, abrir, abrindo, aberto.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

544. ( ) **abro**, **abri**, **abra** são formas irregulares.
545. ( ) A única irregularidade está no particípio: aberto, desaberto, entreaberto, reaberto.

acudir, bulir, consumir, cuspir, desentupir, entupir, escapulir, fugir, sacudir, subir, sumir, zunir (Irregulares.)

Ind. pres.:	acudo, acodes, acode, acudimos, acudis, acodem.
Pret. perf.:	acudi, acudiste, acudiu, acudimos, acudistes, acudiram.
Subj. pres.:	acuda, acudas, acuda, acudamos, acudais, acudam.
Imperat. afirm.:	acode, acuda, acudamos, acudi, acudam.
Outras:	acudia, acudirei, acudiria, acudira, acudisse, acudir, acudindo, acudido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos anteriores.

546. ( ) A irregularidade se baseia na mudança do **u** por **o**.
547. ( ) Só existem quatro pessoas irregulares: **tu**, **ele**, **eles** do presente do indicativo e **tu** do imperativo afirmativo.
548. ( ) f**ug**o, f**oge**s, f**oge**, fu**gi**mos, fu**gi**s, fo**ge**m.
549. ( ) f**uga**, f**uga**s, f**uga**, fu**ga**mos, f**uga**is, f**uga**m.
550. ( ) f**ujo**, f**uja**, fu**jam**os, f**uja**is, f**uja**m, f**uja**s.
551. ( ) Antes de **o** e **a**, trocam o **g** por **j** para manter a pronúncia. Esse fato não caracteriza irregularidade.
552. ( ) **entupir** e **desentupir**, dessa lista, são os únicos abundantes no presente do indicativo (entupe(s) ou entope(s), entupem ou entopem) e no imperativo afirmativo (entupe ou entope).

assumir, presumir, reassumir, resumir (Regulares.)

Ind. pres.:	assumo, assumes, assume, assumimos, assumis, assumem.
Pret. perf.:	assumi, assumiste, assumiu, assumimos, assumistes, assumiram.
Subj. pres.:	assuma, assumas, assuma, assumamos, assumais, assumam.
Imperat. afirm.:	assume, assuma, assumamos, assumi, assumam.
Outras:	assumia, assumirei, assumiria, assumira, assumisse, assumir, assumindo, assumido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

553. ( ) Como regulares, mantêm o **u** em todas as pessoas: resumo, resumes, resume, resumimos, resumis, resumem, resumi, resumia, resumirei, resumiria, resumindo...

cerzir (Irregular e abundante.)

Ind. pres.:	cirzo, cirzes/cerzes, cirze/cerze, cerzimos, cerzis, cirzem/cerzem.

Pret. perf.:	cerzi, cerziste, cerziu, cerzimos, cerzistes, cerziram.
Subj. pres.:	cirza, cirzas, cirza, cirzamos, cirzais, cirzam.
Imperat. afirm.:	cirze/cerze, cirza, cirzamos, cerzi, cirzam.
Outras:	cerzia, cerzirei, cerziria, cerzira, cerzisse, cerzir, cerzindo, cerzido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre o verbo **cerzir**.

554. ( ) É irregular na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, portanto, também no subjuntivo presente e, consequentemente, no imperativo negativo e nas pessoas **você(s)** e **nós** do imperativo afirmativo.

555. ( ) No presente do indicativo (tu e ele) e no imperativo afirmativo (tu), coexistem no uso as formas regulares e irregulares.

556. ( ) Pela afirmação anterior, conclui-se ser verbo abundante.

cobrir, encobrir, descobrir (Irregulares.)

Ind. pres.:	cubro, cobres, cobre, cobrimos, cobris, cobrem.
Pret. perf.:	cobri, cobriste, cobriu, cobrimos, cobristes, cobriram.
Subj. pres.:	cubra, cubras, cubra, cubramos, cubrais, cubram.
Imperat. afirm.:	cobre, cubra, cubramos, cobri, cubram.
Outras:	cobria, cobrirei, cobriria, cobrira, cobrisse, cobrir, cobrindo, coberto.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

557. ( ) Todas as pessoas em que o **o** se troca por **u** são irregulares.

558. ( ) O particípio é também irregular.

559. ( ) Todas as outras formas são regulares.

dormir, engolir, tossir (Irregulares.)

Ind. pres.:	durmo, dormes, dorme, dormimos, dormis, dormem.
Pret. perf.:	dormi, dormiste, dormiu, dormimos, dormistes, dormiram.
Subj. pres.:	durma, durmas, durma, durmamos, durmais, durmam.
Imperat. afirm.:	dorme, durma, durmamos, dormi, durmam.
Outras:	dormia, dormirei, dormiria, dormira, dormisse, dormir, dormindo, dormido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

560. ( ) Conjugam-se inteiramente como os verbos **cobrir** e derivados.

561. ( ) Conjugam-se como **cobrir** e derivados, com uma única diferença: o particípio é regular: **dormido**, **engolido**, **tossido**.

Terminados em uzir

conduzir, induzir, luzir, reduzir, seduzir, reluzir (Irregulares e abundantes.)

Ind. pres.:	conduzo, conduzes, conduz, conduzimos, conduzis, conduzem.
Pret. perf.:	conduzi, conduziste, conduziu, conduzimos, conduzistes, conduziram.
Subj. pres.:	conduza, conduzas, conduza, conduzamos, conduzais, conduzam.
Imperat. afirm.:	conduz(e), conduza, conduzamos, conduzi, conduzam.
Outras:	conduzia, conduzirei, conduziria, conduzira, conduzisse, conduzir, conduzindo, conduzido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro anterior.

562. ( ) São inteiramente irregulares.
563. ( ) No presente do indicativo, **conduz** é uma forma irregular. A regular deveria ter um **e** final.
564. ( ) No imperativo afirmativo, **conduze** ou **conduz** (tu) são formas abundantes.
565. ( ) Todas as outras formas são perfeitamente regulares.

esculpir, explodir (Regulares; *vide* **partir**, pág. 179.)

expelir, inserir (Irregulares e abundantes.)

Ind. pres.:	expilo, expeles, expele, expelimos, expelis, expelem.
Pret. perf.:	expeli, expeliste, expeliu, expelimos, expelistes, expeliram.
Subj. pres.:	expila, expilas, expila, expilamos, expilais, expilam.
Imperat. afirm.:	expele, expila, expilamos, expeli, expilam.
Outras.:	expelia, expelirei, expeliria, expelira, expelisse, expelir, expelindo, expelido/expulso.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

566. ( ) Irregulares na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, pela troca do **e** por **i** (exp**e**lir ➜ exp**i**lo).

adir, aguerrir, combalir, embair, empedernir, esbaforir-se, espavorir, exinanir, florir, fornir, garrir, inanir, remir, renhir, ressarcir, ressequir, revelir, transir (Regulares e defectivos; seguem o modelo de **falir**.)

Ind. pres.:	–, –, –, falimos, falis, –.
Pret. perf.:	fali, faliste, faliu, falimos, falistes, faliram.
Subj. pres.:	–, –, –, –, –, –.
Imperat. afirm.:	–, –, –, fali, –.
Outras:	falia, falirei, faliria, falira, falisse, falir, falindo, falido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro anterior.

567. ( ) São conjugados só nas formas rizotônicas.
568. ( ) Somente têm as formas arrizotônicas, e nessas são regulares.
569. ( ) **revelir** e **ressarcir** já são considerados regulares, sendo conjugados em todas as formas.

Terminados em eguir, elir, erir, etir, ergir, ertir, ervir, espir, estir

aderir, advertir, aferir, aspergir, auferir, compelir, competir, conseguir, convergir, deferir, despir, desservir, diferir, digerir, divergir, divertir, ferir, gerir, impelir, ingerir, perseguir, preterir, prosseguir, refletir, repelir, repetir, revestir, seguir, servir, sugerir, vestir (Irregulares.)

Ind. pres.:	adiro, aderes, adere, aderimos, aderis, aderem.
Pret. perf.:	aderi, aderiste, aderiu, aderimos, aderistes, aderiram.
Subj. pres.:	adira, adiras, adira, adiramos, adirais, adiram.
Imperat. afirm.:	adere, adira, adiramos, aderi, adiram.
Outras:	aderia, aderirei, aderiria, aderira, aderisse, aderir, aderindo, aderido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

570. ( ) Na primeira pessoa do singular do presente do indicativo, sua irregularidade consiste na troca do **e** por **i**: aderir > ad**i**ro.
571. ( ) Essa irregularidade afeta, portanto, o presente do subjuntivo e os imperativos afirmativo e negativo.
572. ( ) Todas as outras formas são regulares.

emergir, imergir, submergir (Regulares e abundantes.)

Ind. pres.:	emerjo, emerges, emerge, emergimos, emergis, emergem.
Pret. perf.:	emergi, emergiste, emergiu, emergimos, emergistes, emergiram.
Subj. pres.:	emerja, emerjas, emerja, emerjamos, emerjais, emerjam.
Imperat. afirm.:	emerge, emerja, emerjamos, emergi, emerjam.
Outras:	emergia, emergirei, emergiria, emergira, emergisse, emergindo, emergido/imerso.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

573. ( ) A pronúncia da vogal tônica é: emerjo(ê), emerges(é), emergem(é).
574. ( ) A permuta do **g** por **j** só ocorre antes de **o** e **a**, para manter a pronúncia original, por isso não constitui irregularidade.

concernir

Para uns autores, conjuga-se como **aderir**; para outros, só se conjuga nas 3as pessoas: concerne(m), concernia(m)...

discernir
Para uns autores, conjuga-se como **aderir**; para outros, conjuga-se como **aderir**, porém, só nas formas arrizotônicas:

Ind. pres.:	–, –, –, discernimos, discernis, –.
Pret. perf.:	discerni, discerniste, discerniu, discernimos, discernistes, discerniram.
Subj. pres.:	–, –, –, –, –, –.
Imperat. afirm.:	–, –, –, discerni, –.
Outras:	discernia, discernirei, discerniria, discernira, discernisse, discernir, discernindo, discernido.

aturdir, brunir, espargir, exaurir, foragir-se, fulgir, impingir, jungir, ungir (Regulares, ex-defectivos; seguem o modelo de **haurir**.)

Ind. pres.:	(hauro), haures, haure, haurimos, hauris, haurem.
Pret. perf.:	hauri, hauriste, hauriu, haurimos, hauristes, hauriram.
Subj. pres.:	(haura), (hauras), (haura), (hauramos), (haurais), (hauram).
Imperat. afirm.:	haure, (haura), (hauramos), hauri, (hauram).
Outras:	hauria, haurirei, hauriria, haurira, haurisse, haurir, haurindo, haurido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

575. ( ) Para alguns, conjugam-se como **abolir**, defectivos na primeira pessoa do singular do presente do indicativo e, portanto, também não conjugáveis no presente do subjuntivo, no imperativo negativo e nas pessoas **você(s)** e **nós** do imperativo afirmativo – as formas entre parênteses.

576. ( ) Para autores mais modernos, trata-se de verbos regulares, dotados de todas as pessoas, tempos e modos.

Terminados em entir

consentir, desmentir, mentir, pressentir, ressentir, sentir (Irregulares.)

Ind. pres.:	sinto, sentes, sente, sentimos, sentis, sentem.
Pret. perf.:	senti, sentiste, sentiu, sentimos, sentistes, sentiram.
Subj. pres.:	sinta, sintas, sinta, sintamos, sintais, sintam.
Imperat. afirm.:	sente, sinta, sintamos, senti, sintam.
Outras:	sentia, sentirei, sentiria, sentira, sentisse, sentir, sentindo, sentido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

577. ( ) Sua irregularidade aparece na troca do **en** por **in**: **sen**tir, **sin**to.

578. ( ) Todos os verbos terminados em **entir** conjugam-se como **sentir**.

frigir (Irregular e abundante.)

Ind. pres.:	frijo, freges, frege, frigimos, frigis, fregem.

Pret. perf.:	frigi, frigiste, frigiu, frigimos, frigistes, frigiram.
Subj. pres.:	frija, frijas, frija, frijamos, frijais, frijam.
Imperat. afirm.:	frege, frija, frijamos, frigi, frija.
Outras:	frigia, frigirei, frigiria, frigira, frigisse, frigir, frigindo, frigido/frito.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre o verbo **frigir**.

579. ( ) A irregularidade se mostra na troca de **fri** por **fre**.
580. ( ) Outra irregularidade está na troca do **g** por **j**.
581. ( ) Permuta-se o **g** por **j** antes de **o** e **a**, para manter-se a regularidade da prosódia, isto é, da pronúncia.
582. ( ) A abundância ocorre no particípio, com duas formas: **frigido** e **frito**.

ir (Anômalo.)

Ind. pres.:	vou, vais, vai, vamos, ides, vão.
Pret. perf.:	fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.
Subj. pres.:	vá, vás, vá, vamos, vades, vão.
Imperat. afirm.:	vai, vá, vamos, ide, vão.
Outras:	ia, irei, iria, fora, fosse, ir, indo, ido.

Prática

■ Assinale **C** o **E** sobre o verbo **ir**.

583. ( ) Sua conjugação incorpora radicais de três verbos latinos: *ire*, *esse* e *vadere*.
584. ( ) A presença de vários radicais (vai, foi, ia) justifica sua classificação como anômalo.
585. ( ) Anômalo é um irregular mais forte.
586. ( ) **ia**, **irei**, **iria**, **indo**, **ido**: nessas formas, sua conjugação é regular, mantendo o mesmo radical do infinitivo.

desimpedir, despedir, expedir, impedir, ouvir, pedir (Irregulares; seguem o modelo de **medir.**)

Ind. pres.:	meço, medes, mede, medimos, medis, medem.
Pret. perf.:	medi, mediste, mediu, medimos, medistes, mediram.
Subj. pres.:	meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam.
Imperat. afirm.:	mede, meça, meçamos, medi, meçam.
Outras:	media, medirei, mediria, medira, medisse, medindo, medido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

587. ( ) Na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e nos tempos e pessoas dela derivados, aparece um **ç** no radical (pe**ç**, ou**ç**, me**ç**).
588. ( ) Nas outras formas, são regulares.

rir, sorrir (Irregulares.)

Ind. pres.:	rio, ris, ri, rimos, rides, riem.
Pret. perf.:	ri, riste, riu, rimos, ristes, riram.
Subj. pres.:	ria, rias, ria, riamos, riais, riam.
Imperat. afirm.:	ri, ria, riamos, ride, riam.
Outras:	ria, rirei, riria, rira, risse, rir, rindo, rido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

589. ( ) **ríamos** é imperfeito do indicativo e **riamos** é subjuntivo presente.

590. ( ) O verbo **sorrir**, para alguns gramáticos, na 2ª pessoa do plural do presente do indicativo, conjuga-se **vós sorris**; para outros, segue o **rir**: **vós sorrides**.

polir, sortir, despolir (Irregulares.)

Ind. pres.:	pulo, pules, pule, polimos, polis, pulem.
Pret. perf.:	poli, poliste, poliu, polimos, polistes, poliram.
Subj. pres.:	pula, pulas, pula, pulamos, pulais, pulam.
Imperat. afirm.:	pule, pula, pulamos, poli, pulam.
Outras:	polia, polirei, poliria, polira, polisse, polir, polindo, polido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** a respeito de **polir**, **sortir**, **despolir**.

591. ( ) São irregulares nas formas rizotônicas, em que trocam o **o** por **u**.

592. ( ) **sortir** significa **abastecer**, **fazer sortimento**.

surtir (Regular).

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

593. ( ) **surtir** significa **originar** e é regular: surto, surtes, surte, surtimos, surtis, surtem, surtia, surtirei, surtiria, surtira, surtisse, surtindo, surtido.

atingir, cingir, constringir, destingir, destinguir, extinguir, infringir, tingir, tinir e outros terminados em **-ingir** e **inguir** (Regulares, *vide* **partir**, pág. 179.)

vagir (Defectivo.)

Ind. pres.:	–, (vages), (vage), vagimos, vagis, (vagem).
Pret. perf.:	vagi, vagiste, vagiu, vagimos, vagistes, vagiram.
Subj. pres.:	–, –, –, –, –, –.
Imperat. afirm.:	–, (vage), –, –, vagi, –.
Outras:	vagia, vagirei, vagiria, vagira, vagisse, vagir, vagindo, vagido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre **vagir**.

594. ( ) Para uns gramáticos, só se conjuga nas formas em que o radical vem seguido da letra **i**; portanto, para eles, as formas entre parênteses não existem.

595. ( ) Para outros, não se conjugam apenas as formas em que ao radical se seguiriam as letras **a** e **o**.

596. ( ) Ou seja, para uns, pertence o verbo **vagir** a um grupo de defectivos; para outros, continua sendo defectivo, porém pertencente a outro grupo. (*Vide* pág. 235.)

advir, avir(-se), convir, desavir(-se), intervir, provir, sobrevir (Irregulares; seguem o modelo de **vir**.)

Ind. pres.:	venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm.
Pret. perf.:	vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.
Subj. pres.:	venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham.
Imperat. afirm.:	vem, venha, venhamos, vinde, venham.
Outras:	vinha, virei, viria, viera, viesse, vindo, vindo.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

597. ( ) Os derivados de **vir**, por terem mais de uma sílaba, têm acentos gráficos diferentes de **vir**: **vens**, **vem** / **advéns**, **advém**.

598. ( ) O particípio e o gerúndio têm a mesma forma.

599. ( ) **desavindo**, além de particípio, é adjetivo: pares **desavindos**.

Prática Geral

■ Passe para a **2ª pessoa do singular** e **2ª pessoa do plural**.

Vão com Deus, sejam felizes e, quando saírem, fechem a porta.

600. _____

_____

_____

_____

■ Use o verbo **reaver** nas formas indicadas ou, se impossível, use um sinônimo.

601. Eu _____ (pres. indicat.) o tempo perdido e já _____ (pret. perf.) o que me tiraram.

602. Nós _____ (pret. perf.) nossos créditos. Ela não _____ (pres. indicat.) os dela.

■ Escreva os **particípios** dos seguintes verbos:

603. expressar _____ – exprimir _____
604. extinguir _____ – suspender _____
605. frigir _____ – abrir _____

606. Dos verbos dos três últimos exercícios, só não é abundante o _____.

■ **Corrija**, se for preciso.

607. Se eu o ver, dizerei que te procure.

_____

608. Ele interviu logo, porque não quiz fazer o que eu propora.

_____

609. É bom que você averigüe como eu mobilio os pavimentos.

_____

610. Quando ele vir de férias, se poder, vou esperá-lo.

_____

611. O vice sobestá ao prefeito.

_____

■ (UFPR – adaptado). Preencha as lacunas com os verbos **ver** ou **vir**.

612. Quando _____ a Brasília, traga sua mãe.
613. Se _____ o Pedro, avise-o da minha chegada.
614. Ontem nós _____ um peixe enorme no lago.
615. Se tu _____ com mentiras, verás o que é bom!
616. Entregue-lhe isto, se o _____ amanhã.
617. Quando _____ o lago e o sol _____ nascendo...
618. Nós sempre _____ aqui pelo mesmo caminho.
619. Se _____ à escola, terá uma surpresa.
620. Peça-lhe para _____ aqui quando puder.
621. Se _____ à escola, terás uma surpresa.
622. Se _____ à escola, tereis uma surpresa.
623. Se você e Tiago os _____, nada comentem com eles.
624. Se você e Renan _____, vou buscá-los no aeroporto.

■ Nas frases de 625 a 635, assinale nos parênteses as letras correspondentes ao **indicativo**.

a) presente
b) pretérito perfeito
c) pretérito imperfeito
d) pretérito mais-que-perfeito
e) futuro do presente
f) futuro do pretérito

625. ( ) "A cantiga que eu **cantava**,
626. ( ) por ser cantada **morreu**.
627. ( ) Nunca **hei de dizer** o nome
628. ( ) daquilo que **há de ser** meu."
(Cecília Meireles)

"**Gostaríamos** de ser retos em nossos julgamentos, mas não **queremos** fazer sofrer os nossos semelhantes. Então **abrimos** mão de toda justiça e **sofremos** nós mesmos com as fraudes de nossa balança." (Carlos Drummond de Andrade)

629. ( ) gostaríamos.
630. ( ) queremos.
631. ( ) abrimos.
632. ( ) sofremos.

"Foi com esta impressão profunda que **cheguei** ao hospital onde Marcela **entrara** na véspera, e onde a **vi** expirar meia hora depois, feia, magra, decrépita..." (Machado de Assis)

633. ( ) cheguei.
634. ( ) entrara.
635. ( ) vi.

■ Classifique as **formas verbais** do seguinte texto de Carlos Drummond de Andrade (com adaptação).

"De sua poltrona, o moço **reclamava**:
– **Botem** esse ventilador para **funcionar**! Não aguento mais de calor.
Como ninguém **providenciasse**, ele **insistia**, **declarando** o fato uma falta de consideração com os passageiros. Mas nós não nos **sentimos** pessoalmente desconsiderados.
O rapaz insistia sempre, até que **apareceu** o chefe do trem e lançou um plebiscito.
– O motor está fraco. Se **quiserem** que o ventilador **funcione**, **ficarão** sem luz. Que preferem os senhores: ar ou claridade?
Olhamos com reprovação o reclamante, e ele emudeceu."

636. reclamava: _____
637. botem: _____
638. funcionar: _____

639. providenciasse: _____
640. insistia: _____
641. declarando: _____
642. sentimos: _____
643. apareceu: _____
644. quiserem: _____
645. funcione: _____
646. ficarão: _____
647. olhamos: _____

A – Ela **dorme** cedo.
B – **Durma** logo, menino.
C – Talvez ela **durma** logo.
D – Quero que você **dorme** logo.
E – Talvez ela **dorme** logo.

■ Assinale **C** ou **E**, para quer se trate de afirmação certa ou errada.

648. ( ) Em A, o verbo está no **imperativo**.
649. ( ) Em A, o verbo está no **indicativo**.
650. ( ) Em B, o verbo está no **subjuntivo**.
651. ( ) Em B, o verbo está no **imperativo**.
652. ( ) Em C, o verbo está no **subjuntivo**.
653. ( ) Em D, o verbo em negrito deveria estar no **subjuntivo** (durma).
654. ( ) Em E, o verbo está errado porque a dúvida requer **subjuntivo** (durma).
655. ( ) O nome **subjuntivo** vem de **sub + juntar** (que se junta por baixo) devido a ser o modo das orações subordinadas.

■ (FEMPAR) Que frases terão suas lacunas corretamente preenchidas pelas formas colocadas entre parênteses? Marque-as com um **C**.

656. Para não acentuar a discórdia, não _____ na discussão. (intervim)
657. O tempo todo _____ -me em silêncio. (manti)
658. Seria oportuno que ele se _____. (contesse)
659. Apesar da insistência, não _____ seus pertences. (reaveu)
660. Da minha janela, _____ tudo o que se passa na rua. (presencio)
661. Olho ao redor e _____ que todos os amigos se foram. (averiguo)

■ (U.E.MARINGÁ-PR) Assinale com **C** toda vez que os verbos do imperativo, em cada dupla, se referirem à mesma pessoa.

662. a) **Enxágua** a louça, mana.
b) Filha, **seja** mais otimista!

663. a) **Crede** sempre no bem!
b) Não **digais** tudo o que vem à mente.

664. a) **Sigamos** nosso caminho.
b) **Criemos** nosso destino!

665. a) Papai, **descola** uma grana aí.
b) Psiu, **vem** mais perto, vem.

■ Preencha as lacunas corretamente seguindo o modelo.
Vir, talvez eu venha. Se eu não vier...
666. Valer, talvez eu _____. Se eu não _____...
667. Poder, talvez eu _____. Se eu não _____...
668. Querer, talvez eu _____. Se eu não _____...
669. Requerer, talvez eu _____. Se eu não _____...
670. Pôr, talvez eu _____. Se eu não _____...
671. Ver, talvez eu _____. Se eu não _____...
672. Caber, talvez eu _____. Se eu não _____...
673. Ter, talvez eu _____. Se eu não _____...
674. Tragar, talvez eu _____. Se eu não _____...
675. Trazer, talvez eu _____. Se eu não _____...
676. Saber, talvez eu _____. Se eu não _____...
677. Remediar, talvez eu _____. Se eu não _____...

■ Corrija as frases.
678. Quando irmos, encontraremos os que se oporam.

_____

679. Enquanto não verdes a placa, não dobre à direita.

_____

680. Quando vires ao Brasil, mostra-me os presentes que trouxes.

_____

681. Quando ele propor, quero que você não interveja na conversa.

_____

682. Se eles reverem o texto e manterem o erro...

_____

683. Ela interviu porque eles não se comporam.

_____

684. Vá em frente e serás recompensado.

_____

685. Eles se desaviram, mas pode ser que ainda se avenham.

_____

686. (FUVEST-SP) "Se ele _____ (ver) o nosso trabalho _____ (fazer) um elogio."
Assinale a alternativa em que as formas dos verbos **ver** e **fazer** preenchem corretamente as lacunas da frase acima:
a) ver / fará.
b) visse / fará.
c) ver / fazerá.
d) vir / fará.
e) vir / faria.

687. (FESP-SP) Assinale a alternativa em que todas as formas estejam na **segunda pessoa do plural do imperativo afirmativo**.
a) ouvi / vinde / ide / traze.
b) ouvi / vinde / ide / trazei.
c) ouvi / venhas / ide / trazei.
d) ouça / vinde / vá / tragais.
e) ouça / venhas / vás / tragais.

688. (VUNESP-SP) Observe a frase abaixo.
"A grosseria de Deus me feria e insultava-me."
Transcreva-a no:
a) pretérito perfeito do indicativo:

_____

b) pretérito mais-que-perfeito do indicativo:

_____

689. (FUVEST-SP) Preencha os claros da frase transformada com as formas adequadas dos verbos assinalados na frase original.
Original:
Para você **vir** à Cidade Universitária, é preciso **virar** à direita ao **ver** a ponte da Alvarenga.
Para tu _____ à Cidade Universitária, é preciso que _____ à direita quando _____ a ponte da Alvarenga.

690. (UM-SP) Indique a oração em que há um **erro** quanto à flexão verbal.
a) A mãe previu no filho aquela personalidade marcante.
b) O próprio garoto precaviu-se contra aquele mal.
c) Missão sublime o detivera aqui neste universo humano.
d) O mestre não interveio a tempo na solução daquele problema.
e) Mesmo com a mente iludida, o jovem reouve a consciência da trágica situação.

691. (UNIMEP-SP) "Não fales! Não bebas! Não fujas!"
Passando tudo para a forma **afirmativa**, teremos:

a) Fala! Bebe! Foge!
b) Fala! Bebe! Fuja!
c) Fala! Beba! Fuja!
d) Fale! Beba! Fuja!
e) Fale! Bebe! Foge!

692. (F. C. Chagas-PR) Mesmo que você lhe _____ um acordo amigável, ele não _____.
a) proponha / aceitará.
b) propor / aceitava.
c) proporia / aceitaria.
d) proporá / aceitará.
e) propôs / aceitava.

693. (ITA-SP) Vi, mas não _____; o policial viu, e também não _____; dois agentes secretos viram, e não _____. Se todos nós _____, talvez _____ tantas mortes.
a) intervim / interviu / interviram / tivéssemos intervido / teríamos evitado.
b) me precavi / se precaveio / se precaveram / nos precavíssemos / não teria havido.
c) me contive / se conteve / contiveram / houvéssemos contido / tivéssemos impedido.
d) me precavi / se precaveu / precaviram / precavêssemo-nos / não houvesse.
e) intervim / interveio / intervieram / tivéssemos intervindo / houvéssemos evitado.

694. (F. C. Chagas) Se você _____ chegado a tempo _____ visto o que _____.
a) tem / tenha / acontece.
b) tiver / terá / acontecesse.
c) teria / tinha / aconteça.
d) tivesse / teria / aconteceu.
e) tinha / tem / acontecia.

695. (F. C. Chagas) Transpondo para a voz **ativa** a frase: "O filme ia ser dirigido por um cineasta ainda desconhecido", obtém-se a forma verbal:
a) dirigirá.
b) dirigir-se-á.
c) vai dirigir.
d) será dirigido.
e) ia dirigir.

696. (UF Londrina) Transpondo para a voz **ativa** a frase: "Os livros seriam postos em um líquido desinfetante", obtém-se a forma verbal:
a) vão pôr.
b) íamos pôr.
c) põem-se.
d) vão ser postos.
e) poriam.

697. (UNESP) Explicou que *aprendera aquilo de ouvido*.
Transpondo a oração em destaque para a **voz passiva**, temos a seguinte forma verbal:
a) tinha sido aprendido.
b) era aprendido.
c) fora aprendido.
d) tinha aprendido.
e) aprenderia.

698. (UM-SP) Assinale a alternativa em que há **erro** na forma verbal ou no pronome enclítico.
a) tem + o = tem-no.
b) faz + o = fá-lo.
c) fez + o = fê-lo.
d) tens + o = ten-lo.
e) pões + o = põe-lo.

699. (FCMSCSP) Transpondo para a **voz ativa** a frase: "Solicita-se a atenção de V. Sª. para um dado importante", obtém-se a forma verbal:
a) é solicitado.
b) solicitam.
c) foi solicitada.
d) solicitaram.
e) solicitou-se.

700. (FCMSCSP) Transpondo para a **voz passiva** a frase: "Os mutuários devem continuar a seguir essa orientação", obtém-se a forma verbal:
a) deve continuar a ser seguida.
b) deve ser continuada a seguir.
c) deve ser continuada a ser seguida.
d) é devida continuar a seguir.
e) é devida ser continuada a seguir.

701. (FCMSCSP) Caso você _____ viajar no sábado, com certeza _____ necessário reservar as passagens.
a) quer / fosse.
b) quisesse / seja.
c) queira / será.
d) queria / é.
e) quiser / fosse.

702. (UF Londrina) Transpondo para a **voz passiva** a frase: "Os cavalinhos de pau despertavam a fantasia das crianças", obtém-se a forma verbal:
a) fora despertada.
b) despertou-se.
c) ia sendo despertada.
d) foi despertada.
e) era despertada.

703. (FCMSCSP) Mesmo que a direção o _____ para o lugar e ele _____ nomeado, duvido que _____ a exercer o cargo.
a) indicar / for / chega.
b) indicaria / seja / chega.
c) indique / for / chega.
d) indique / seja / chegue.
e) indicar / ser / chegue.

704. (FIUbe) Transpondo para a **voz passiva** a oração: "A pedidos, a orquestra tocaria fado e modinha", obtém-se a forma verbal:
a) se tocaria.
b) será tocado.
c) seriam tocados.
d) serão tocados.
e) iam ser tocados.

705. (FIUbe) Caso eu não _____ mais aqui e não nos _____ outra vez, telefone-me.
a) vier / vermos.
b) venho / virmos.
c) virei / veremos.
d) venha / vejamos.
e) viesse / vimos.

706. (EEM-SP) Siga o modelo.
Provo que tenho direito. Se tens direito, prova-o.
a) Juro que não comprei a máquina.

_____

b) Digo que compus um poema.

_____

707. (ITA-SP) Dadas as afirmações de que os verbos:
a. requerer b. prover c. aprazer
têm, respectivamente, como primeira pessoa do singular do presente do indicativo:
1. requero 2. provejo 3. aprazo
constatamos que está (estão) **correta(s)**:
a) apenas a afirmação nº 1.
b) apenas a afirmação nº 2.
c) apenas a afirmação nº 3.
d) todas as afirmações.
e) n.d.a.

708. (FUVEST-SP) _____ em ti, mas nem sempre _____ dos outros.
a) Creias / duvides.
b) Crê / duvidas.
c) Creias / duvidas.
d) Creia / duvide.
e) Crê / duvides.

709. (FUVEST-SP) Ele _____ a seca e _____ a casa de mantimentos.
a) preveu / proveu.
b) prevera / provira.
c) previra / proviera.
d) preveu / provera.
e) previu / proveu.

710. (FUVEST-SP) Passe o texto para a forma **negativa**.
"Sai daqui! Foge! Abandona o que é teu e esquece-me."

_____

_____

711. (FUVEST-SP) Escreva as formas dos verbos indicados que preencham **corretamente** as lacunas.
a) Quando eu _____ os livros, nunca mais os emprestarei. (reaver)
b) Quando ele _____ uma canção de paz, poderá descansar. (compor)

712. (F. C. Chagas) Não _____ diante de nenhum sacrifício que você de mim _____.
a) recuei / exija.
b) recuo / exigisse.
c) recuo / exija.
d) recuara / exigiu.
e) recuei / exigir.

713. (F. C. Chagas) Para que você _____ isso, precisa ser ambicioso; quem _____ sem que _____, certamente é ambicioso.
a) deseja / deseja / estima.
b) deseje / deseja / estime.
c) deseje / deseja / estima.
d) deseja / deseje / estime.
e) deseje / deseje / estima.

714. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Assinale a alternativa que apresenta um verbo **incorretamente** flexionado.
a) O enxoval conviria às noivas dos bairros mais pobres.
b) Não despeças os carregadores antes do desembarque.
c) Os policiais interviram nos protestos dos grevistas.
d) A noiva precaveu-se contra os prejuízos da mudança.

715. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Assinale o trecho que **não** contém oração na voz passiva.
a) Lamentamos que o pouco tempo disponível venha a prejudicar o processo que foi iniciado de forma tão incorreta.
b) No quarto, já tinham sido espalhados vários colchões pelo chão, para acomodar os parentes que vinham de longe.
c) À distância, viam-se pequenos pontos de luz, a denunciar a presença de casas por ali.
d) Assim que começou a cursar medicina, sentiu-se atraído para a área de neurologia.
e) A lembrança de sua convivência conosco ia sendo afastada à medida que os afazeres da rotina iam nos absorvendo.

716. (PRF/N.M./ANP) Assinale a opção em que o tempo do verbo está empregado **erradamente**.
a) Quem terminar pode entregar a prova.
b) Eu começarei de novo, se fosse preciso.
c) Quando ela passou, todos aplaudiram.
d) Até ontem eles não tinham chegado.

717. (ITA/VEST) Assinale a opção que preenche corretamente os espaços.
"Mesmo que _____ outros imprevistos, haja vista que já _____ alguns, _____ todas as necessidades se _____ tranquilos."
a) haja / ocorreram / proviremos / nos mantermos.
b) advenham / sobrevieram / proveremos a / nos mantivermos.

c) advissem / sobreviram / proviríamos / mantivéssemo-nos.
d) adviessem / têm sobrevindo / proviremos / mantermo-nos.
e) advierem / têm havido / supriremos a / mantivermo-nos.

718. (BRB/N.M./IDR) Assinale a alternativa **correta**.
a) Só irei festejar o prêmio, quando eu vir a cor do dinheiro, e, nesse momento, você, com certeza, quererá ficar comigo para sempre.
b) A Constituição proibi as discriminações, mas parece que alguns bancos ignoram isso ao manterem caixas à disposição exclusiva de clientes de muitas estrelas.
c) Se ele repor a quantia retirada ontem, não será necessário que o gerente intervenha a seu favor.
d) Só ficará calmo quando perfazer todos os pontos exigidos para a sua ascensão funcional.

719. (BRB/N.M./IDR) Assinale a alternativa **correta**.
a) Quando o líder propor mudanças na lei, certamente os demais encontrarão no documento pontos que transgridam a lei.
b) Será necessário que as empresas falham para que os juros baixassem? E quantas ainda precisarão anunciar falência?
c) Se o presidente muda sua rotina, busca-se imediatamente explicação. Se as informações conflitam, especula-se.
d) Se o computador caber naquela mesa, cancele a encomenda feita ontem. Afinal, é hora de conter despesas.

720. (ALCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **correta**.
a) Se você não requerer logo, é possível que lhe digam amanhã que o documento não valhe nada.
b) Se o vir, diga-lhe que eu me precavejo contra possíveis aborrecimentos.
c) Se eles se mantiverem irredutíveis e não se proporem a conversar nada se resolverá.
d) Quando ele obtiver aquilo por que tanto anseia, será tarde demais.

721. (ALCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa que corresponde, na **voz passiva**, ao período abaixo.
"Os deputados estavam sempre discutindo a mesma questão."
a) A mesma questão vinha sempre sendo discutida pelos deputados.
b) A mesma questão estava sempre sendo discutida pelos deputados.
c) A mesma questão ia sendo sempre discutida pelos deputados.
d) A mesma questão era sempre discutida pelos deputados.

722. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale o período **incorreto** quanto à conjugação verbal.
a) Ao propordes tal solução, não vos esqueçais de que vos tornareis responsáveis pelo sucesso ou fracasso da empreitada.

b) Ele reaveu todos os documentos desaparecidos; para obtê-los novamente ateve-se a publicar um anúncio no jornal.
c) Esperando que se contradissessem, propuseram questões sutis, e, enquanto lhes aprouve, mantiveram o interrogatório.
d) Caberem todos não é difícil; o problema é manterem-se quietos para não comprometer a estabilidade do barco.

723. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale o período **incorreto** quanto à conjugação verbal.
a) Ninguém creu no que disseste: tua imagem não é das melhores.
b) Após a queda, por longo tempo jazeram ali, exânimes, quase mortos.
c) Não tinham prazido aos credores as garantias que lhes tinham sido oferecidas.
d) Muitas empresas já faliram este ano. Espero, contudo, que a nossa não falha.

724. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale o período que corresponde, na **voz passiva**, ao período abaixo.
"A construtora deverá demolir, em breve, todas as casas, e, em seu lugar, os operários vão erguer um edifício."
a) Em breve, todas as casas serão demolidas pela construtora, e, em seu lugar, um edifício será erguido pelos operários.
b) Em breve, a construtora terá demolido todas as casas, e, em seu lugar, um edifício deverá ser erguido pelos operários.
c) Em breve, todas as casas deverão ser demolidas pela construtora, e, em seu lugar, um edifício vai ser erguido pelos operários.
d) Em breve, todas as casas deverão ser demolidas pela construtora, e, em seu lugar, um edifício será erguido pelos operários.

725. (TFC-RJ/N.S.) A forma passiva correspondente ao enunciado "Vi, no claro azul do céu, um papagaio de papel, alto e largo", é:
a) O garoto viu, no claro azul do céu, um papagaio de papel, alto e largo.
b) Um papagaio de papel, alto e largo, estava sendo visto pelo menino, no claro azul do céu.
c) No claro azul do céu, era visto um papagaio de papel, alto e largo, por mim.
d) Alto e largo, um papagaio de papel foi visto por mim no claro azul do céu.
e) Foi visto pelo menino, no claro azul do céu, um papagaio de papel.

726. (TFC-RJ/N.S.) Assinale a opção cujo período apresenta **erro** na sintaxe ou morfologia das formas verbais.
a) É necessário que se intermedeiem os conflitos étnicos para que a paz seja preservada.
b) Segundo pressupuseram especialistas, novas bactérias, de extraordinária resistência, estão surgindo nos hospitais.

c) Ao não se aterem aos limites previstos para a pesquisa, correram o risco de falsear os resultados.
d) Sem que se transgridam os modelos convencionais, os prejuízos jamais poderão ser reavidos.
e) Se não sobrevirem novos problemas, serão satisfeitas todas as exigências do contrato assinado.

727. (TFC-RJ/N.S.) Assinale a opção cujo período apresenta **erro** na sintaxe ou morfologia das formas verbais.
a) Se não provessem os estoques do governo com a necessária antecedência, dificuldades maiores adviriam na entressafra.
b) Se eles interporem um novo recurso contra a decisão do diretor, é possível que seja aceita a argumentação que apresentaram.
c) Exige-se que as amostras não difiram significativamente do padrão oficial e que se expeça o respectivo laudo de fiscalização.
d) Por não se preverem as consequências do novo decreto, deixaram de ser tomadas medidas que contivessem o aumento de custos.
e) O governo não interveio nem pretende intervir no mercado, embora as informações de alguns empresários se contradissessem.

728. (TFC-RJ/N.S.) Assinale a opção cujo período apresenta **erro** na sintaxe ou morfologia das formas verbais.
a) Havia, entre os meses de outubro e dezembro, ocorrido pancadas de chuva tão violentas que as estradas estavam em péssimas condições.
b) Se houver desistências, as vagas não poderão ser preenchidas por candidatos sem habilitação legal.
c) Embora muitas dificuldades houvessem surgido, os trabalhos foram concluídos em tempo hábil.
d) Todas as opiniões que houvesse entre os participantes do encontro seriam debatidas democraticamente.
e) Ninguém sabe se vão haver ou não novas inscrições para o concurso anunciado há duas semanas.

729. Avalie a correlação dos tempos verbais e assinale C ou E no parêntese.
( ) Em "Quando se **somam** salários, retiradas e outras remunerações, alguns setores **apresentaram** diferenças não justificadas".

Advérbio

DEFINIÇÃO

Advérbio é uma palavra invariável que se refere a um adjetivo, advérbio ou verbo, atribuindo-lhes uma circunstância.

Observe:

O menino alto cantava alto.
subst. adj. verbo adv.

Prática

1. Passe a frase acima para o **feminino**.

_____

2. Passe a frase acima para o **plural**.

_____

Conclusão:

O **alto** que se refere a um substantivo é um **adjetivo** e varia em gênero e número.
O **alto** que se refere a um verbo é um **advérbio**, por isso é invariável.

Observe:

Era muito problema ...
adj. subst.

Era problema muito fácil.
subst. adv. adj.

Prática

■ Passe as frases acima para o **plural**.

3. _____
4. _____

Conclusão:

O **muito** que se refere a um substantivo é **pronome indefinido** e varia em gênero e número.
O **muito** que se refere a um adjetivo é **advérbio**, por isso é invariável.

Observe:

Júlio tinha muito (adv.) pouco (adj.) conhecimento (subst.) e era muito (adv.) pouco (adv.) admirado (adj.).

Prática

■ Preencha as lacunas.

5. Júlia tinha _____ _____ prática e era _____ _____ _____.

Conclusão:

Os adjetivos são variáveis para concordar com os substantivos a que se referem.
Os advérbios também podem se referir a adjetivos ou a outros advérbios, mas são sempre invariáveis.
Os advérbios nunca se referem a substantivos.

Prática

A. Ela estava mal.
B. Ela estava bem.
C. Ela estava bem mal.
D. Felizmente, agora não há barreiras entre nós.

■ Assinale **C** ou **E**.

6. ( ) Em A, **mal** é adjetivo.
7. ( ) Em A, **mal** não é adjetivo, porque é invariável: Elas estavam mal.
8. ( ) Em A, **mal** é advérbio de modo, referindo-se ao verbo **estava**.
9. ( ) Em B, **bem** é adjetivo.
10. ( ) Em B, **bem** é advérbio, porque é invariável.
11. ( ) Em B, **bem** é advérbio de modo, referindo-se ao verbo.
12. ( ) Em C, **mal** é adjetivo.
13. ( ) Em C, **bem** é advérbio de modo, referindo-se ao advérbio **mal**.
14. ( ) Em C, **bem** é advérbio de intensidade, referindo-se a outro advérbio.
15. ( ) Um advérbio se refere a outro advérbio, estabelecendo sentido de intensidade e se chama advérbio de intensidade.
16. ( ) Em D, **Felizmente** é advérbio e se refere a toda uma oração.
17. ( ) Quando o advérbio se refere a toda uma oração, normalmente vem separado desta por vírgula.
18. ( ) O advérbio serve para atribuir qualidade aos seres.
19. ( ) **Advérbio** é palavra invariável que se refere a um adjetivo, verbo ou outro advérbio, exprimindo uma circunstância.

CIRCUNSTÂNCIAS EXPRESSAS PELO ADVÉRBIO

Prática

■ Estabeleça a correlação adequada.

a) afirmação c) dúvida e) tempo g) intensidade
b) negação d) lugar f) modo

20. ( ) não.
21. ( ) jamais, nunca, logo, hoje, já, cedo, antes, depois, agora, outrora...
22. ( ) efetivamente, sim, realmente, certamente...
23. ( ) bastante, muito, pouco, bem, mais, demais, menos...
24. ( ) assim, bem, mal, depressa, devagar, debalde, melhor...
25. ( ) geralmente os terminados em -mente: fielmente, facilmente, ricamente...
26. ( ) acaso, porventura, talvez, provavelmente.
27. ( ) aqui, aí, ali, além, abaixo, acima, adiante, além, aquém, fora...

■ Continue correlacionando os **advérbios interrogativos**.

a) de causa b) de tempo c) de modo d) de lugar

28. ( ) Quando você chegou?
29. ( ) Como conseguiste chegar?
30. ( ) Onde você guardou minha cenoura?
31. ( ) Por que não veio mais cedo?
32. ( ) Quero saber como você aprendeu o caminho.
33. ( ) Não sei onde você se esconde.
34. ( ) Diga-me quando você chegou.

Observe:

E. Como você cresceu? F. Como você cresceu!
G. Ela usa bastante batom. H. Ele nunca voltou.

■ Responda **C** ou **E**.

35. ( ) Em E e F, existe **advérbio interrogativo**.
36. ( ) Em E e F, existe **advérbio de modo**.
37. ( ) Em E, **como** é **advérbio interrogativo de modo**.
38. ( ) Em F, **como** é **advérbio de intensidade**.
39. ( ) Em G, há um **advérbio de intensidade**.
40. ( ) Em G, **bastante** não é advérbio, porque se refere ao substantivo **batom**.
41. ( ) Em G, **bastante** é pronome indefinido, como **muito** e **pouco** quando se referem a substantivo.
42. ( ) Em H, **nunca** é advérbio de tempo e negação.

LOCUÇÃO ADVERBIAL

Prática

Observe:

I. Ela sorriu **novamente**.
J. Ela sorriu **de novo**.
K. Ele **não** se comprometeu.
L. **De modo nenhum** ele se comprometeu.
M. Ele virá, **sim**.
N. Ele virá, **com certeza**.
O. – Onde está o Ivan? – Não sei. **Com certeza** está numa dessas exposições que frequenta.
P. Renato cortava legumes **com Teresa**.
Q. Teresa se cortou **com o canivete** de Renato.

■ Assinale **C** ou **E**.

43. ( ) **novamente** e **de novo** são circunstâncias do verbo sorrir.
44. ( ) **novamente** é um advérbio que atribui ao verbo sorrir uma circunstância de **repetitividade**.
45. ( ) **não** e **De modo nenhum** atribuem circunstância de negação ao verbo comprometer-se.
46. ( ) Em J, L e N, vê-se que duas ou mais palavras podem fazer as vezes de um advérbio.
47. ( ) Duas ou mais palavras que funcionam no lugar de um advérbio chamam-se **locução adverbial**.
48. ( ) Em N e O, encontram-se locuções adverbiais de **afirmação**.
49. ( ) Em N, **Com certeza** é uma locução adverbial de **afirmação**.
50. ( ) Em O, **Com certeza** é uma locução adverbial de **dúvida**.
51. ( ) Em P, há uma locução adverbial de **companhia**.
52. ( ) Em Q, há uma locução adverbial de **instrumento** ou **meio**.

Observe:

R. Ela estava **perto**.
advérbio

S. Ela estava **por perto**.
prep. + adv.
locução adverbial

T. Ela estava **em casa**.
prep. + subst.
locução adverbial

U. Ela estava **com você**.
prep. + pron.
locução adverbial

■ Assinale **C** ou **E**.

53. ( ) Em R, **perto** é advérbio de lugar.
54. ( ) Em S, **por perto** é locução adverbial de lugar, constituída de preposição e advérbio juntos.
55. ( ) Em T, **em casa** é advérbio de **lugar**.
56. ( ) Em T, **em casa** é locução adverbial de **lugar**, formada por uma preposição e um substantivo.
57. ( ) Em U, **com você** é uma locução adverbial de **companhia**.

Observe:

V. Ela estava (**locução adverbial**: **com** (prep.) + **você**. (pron.))

W. Ela estava (**locução adverbial**: **perto de** (**adv. + prep.** loc. prepositiva) **você**. (pron.))

X. Ela estava (**locução adverbial**: **em** (prep.) **casa**. (subst.))

Y. Ela estava (**locução adverbial**: **em cima de** (**prep.+ adv.+ prep.** locução prepositiva) **sua casa**. (subst.))

A **locução adverbial** pode ter a seguinte estrutura: preposição + advérbio; preposição + substantivo; preposição + pronome. A preposição vem sempre antes.
Advérbio + preposição = **locução prepositiva**.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

58. ( ) Observando V e W, conclui-se que a locução prepositiva equivale na frase a uma **preposição**.
59. ( ) Observando W e Y, conclui-se que, na construção da frase, a locução prepositiva pode ter duas ou mais palavras.
60. ( ) A locução adverbial sempre começa com preposição, ou locução prepositiva.
61. ( ) A locução adverbial nunca termina com preposição.
62. ( ) O núcleo da locução adverbial é a preposição.
63. ( ) A locução prepositiva sempre termina com preposição.
64. ( ) Toda locução que termina em preposição é locução prepositiva.
65. ( ) A locução prepositiva pode ter preposição no início e no fim (**em** cima **de**).

Observe:

Ela está meio / menos / mais / muito / pouco **tonta**. adjet.

advérbio de intensidade

Ela está **tonta** adjet. de verdade. / à beça. / p'ra chuchu.

locução adverbial de intensidade

Ela está mais / menos / meio / muito / pouco / bastante **perto**. adv.

advérbio de intensidade

Ela está **perto** adv. de verdade. / p'ra chuchu. / à beça.

locução adverbial de intensidade

O **advérbio** ou **locução adverbial** que se referem a adjetivo ou a advérbio são, quase sempre, de intensidade.

Prática

Naquela época, com rara felicidade, as famílias conversavam em volta da mesa, em tom normal, após o sono dos menores.

■ Assinale **C** ou **E**.

66. ( ) **Naquela época** é locução adverbial de **tempo**.
67. ( ) Na oração há cinco locuções adverbiais.
68. ( ) Todas começam com preposição.
69. ( ) **em volta de** é uma locução prepositiva.
70. ( ) Há duas locuções adverbiais de **tempo**.
71. ( ) Há só duas ocorrências da preposição **em** no texto.

■ Sublinhe e classifique os **advérbios** ou **locuções adverbiais**.

72. Nunca vi olhos tão meigos.
73. Quanta alegria havia lá!
74. Por que vieste tão cedo?
75. Não me disseste onde ou como eles estão.
76. Talvez não saibam quando chegaremos.
77. Chegou da Espanha o jovem do Brasil.
78. Muitos homens e muitas mulheres pensam muito pouco.
79. Bastantes estudiosos nos ajudam bastante.
80. Ele era de meias-palavras. Meio calado.

Preposição

DEFINIÇÃO

Observe:

Preposição é a **palavra** que liga **dois termos**, subordinando o segundo ao primeiro e estabelecendo uma relação semântica (relação de significado) com o subordinado ou regido.

A preposição é escolhida pelo termo regente e pertence sintaticamente ao termo regido.

Prática

■ Estabeleça a carga semântica da preposição.

Regente	Prep.	Regido	Núcleo	
1.	em	casa.	( )	a) companhia
2.	com	ela.	( )	b) posição superior
3.	de	cama.	( )	c) posição inferior
4.	sob	a mesa.	( )	d) lugar
5.	sobre	o fogão.	( )	e) estado

São **preposições essenciais**, isto é, funcionam sempre como preposições:

a, ante, até, após,
com, contra,

de, desde,
em, entre,
para, por, perante,
sem, sob, sobre,
trás.

Locuções prepositivas: são constituídas por duas ou mais palavras, sendo a última sempre uma preposição:

além de, antes de, até a, apesar de, acerca de, em vez de, dentro de, depois de, devido a, fora de, junto a, junto de, junto com...

Isoladas, as preposições não têm sentido, mas podem adquirir diversos significados dependendo do contexto.

Exemplos: O orador olhava **à** frente (direção).
Todos os anos, a família vai **a** Paris (lugar).
A amazona saiu **a** galope (modo).
O desenho era todo feito **a** lápis (instrumento).

Prática

■ Faça a correlação entre a forma destacada e o significado que ela cria.

6. ( ) estar **ante** o portão
7. ( ) parar **após** o obstáculo
8. ( ) beber **com** os amigos
9. ( ) pagar **com** cheque
10. ( ) lutar **contra** o vício
11. ( ) trabalhar **para** a sobrevivência
12. ( ) provir **de** Uruguaiana
13. ( ) cadeira **de** vime
14. ( ) morrer **de** frio
15. ( ) doce **com** leite
16. ( ) doce **sem** leite

(a) finalidade
(b) oposição
(c) instrumento
(d) companhia
(e) causa
(f) matéria
(g) origem
(h) posterioridade
(i) anterioridade
(j) inclusão
(k) exclusão

São **preposições acidentais** aquelas que podem ligar termos de uma oração ou ter outras funções:

conforme, consoante, durante, exceto, fora, mediante, menos, salvo, segundo...

Prática

■ Faça a correlação, considerando a preposição destacada.

(a) liga termos de uma oração (é preposição)
(b) liga orações com verbo flexionado (é conjunção)
(c) acompanha verbo, adjetivo ou advérbio (é advérbio)

17. ( ) Montou o aparelho **conforme** as especificações.
18. ( ) O trabalho será feito **conforme** você pediu.
19. ( ) As pessoas agem **segundo** seus impulsos.
20. ( ) O aparelho será montado amanhã, **segundo** disseram os técnicos.
21. ( ) Irá toda minha família **menos** eu.
22. ( ) Os inquilinos estavam **menos** preocupados após a reunião.

As preposições **a**, **em**, **por**, **de** podem combinar-se ou contrair-se com os artigos definidos ou com os pronomes demonstrativos.

por + o, a, os, as	➜	pelo, pela, pelos, pelas
de + o, a, os, as	➜	do, da, dos, das
em + o, a, os, as	➜	no, na, nos, nas
a + o, a, os, as	➜	ao, à, aos, às
de + este, aquele	➜	deste, daquele
em + esta, aquilo	➜	nesta, naquilo
a + aquela, aquele, aquilo	➜	àquela, àquele, àquilo
em + um, uma uns, uma	➜	num, numa, nuns, numa

Prática

■ Complete as lacunas com a forma preposicional adequada.

23. Ele voltou _____ o caminho mais difícil.
24. Saiu _____ a porta _____ a cabeça erguida.
25. Acreditamos _____ o valor da vida humana.
26. Os moradores precisam _____ essa segurança.
27. O ex-presidente referia-se _____ aquelas sobras de campanha.

Observação:

As preposições podem substituir as conjunções, quando a oração subordinada for reduzida:
Ele voltou **para** trabalhar.

Prática

■ Substitua adequadamente a conjunção por uma **preposição**.

28. O poeta trouxe o livro **para que** eu o lesse e corrigisse.
_____ eu ler e corrigir.

29. As crianças não poderão sair, **se** o pai não der sua autorização.
_____ o pai dar sua autorização.

30. O médico ficou chateado **porque** causou muita preocupação a todos.
_____ causar muita preocupação a todos.

31. (PRF/N.M./ANP) Assinale a frase em que a preposição está empregada **indevidamente**.
a) Era rigoroso com as infrações na estrada.
b) Severas responsabilidades lhe pesavam sobre os ombros.
c) Já leu algo sob este assunto?
d) Espero ter o prazer de apertar-lhe a mão.

32. (PRF/N.M./ANP) Assinale a opção em que a ideia da preposição destacada **não** está indicada corretamente entre parênteses.
a) Moro **em** Copacabana há muitos anos. (lugar)
b) Viajou **de** São Paulo a Recife. (procedência)
c) Saíram **em** um dia chuvoso. (tempo)
d) Tiritavam **de** frio pelas ruas da capital. (modo)

Conjunção

DEFINIÇÃO

Observe:

COORDENADO	CONJUNÇÃO COORDENATIVA	COORDENADO
Paulo TERMO	e	Cristina TERMO
Ele chegou ORAÇÃO	e	ela saiu ORAÇÃO

SUBORDINANTE		
Ele chegou ORAÇÃO	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA	
		SUBORDINADO
	quando	
		ela saiu ORAÇÃO

Prática

■ Observe o gráfico e responda **C** ou **E**.

1. ( ) A conjunção pode ligar dois termos.
2. ( ) A conjunção pode ligar duas orações.
3. ( ) A conjunção pode coordenar dois termos.
4. ( ) A conjunção pode coordenar duas orações.
5. ( ) A conjunção pode subordinar um termo a outro.
6. ( ) A conjunção pode subordinar uma oração a outra.
7. ( ) A conjunção pode ser, então, classificada como coordenativa ou como subordinativa.
8. ( ) Se a conjunção liga dois termos de uma oração, necessariamente tem papel coordenativo.
9. ( ) Se a conjunção liga duas orações, pode assumir um papel coordenativo ou subordinativo.

Agora veja a definição de Evanildo Bechara:

> "**Conjunção** é a expressão que liga orações, ou, dentro da mesma oração, palavras que tenham o mesmo valor ou função."

Prática

■ Leia as frases seguintes e responda **C** ou **E**.

A) **Visto que** estava com medo, calou-se.
B) **Porque** estava com medo, calou-se.
C) **Quando** estava com medo, calou-se.

10. ( ) Em A, a primeira oração determina a causa do fato expresso na segunda.
11. ( ) Em B, a primeira oração determina a causa do fato expresso na segunda.
12. ( ) Em C, a primeira oração determina a causa do fato expresso na segunda.
13. ( ) Em C, a primeira oração explicita uma circunstância de tempo relacionada ao fato expresso na segunda.
14. ( ) Em A, B e C, as circunstâncias de causa ou tempo são declaradas pelas expressões **Visto que**, **Porque** e **Quando**, respectivamente.
15. ( ) **Porque** e **Quando** são, portanto, conjunções, por ligarem orações.
16. ( ) **Visto que** também funciona como conjunção, por ligar orações.
17. ( ) Duas ou mais palavras com valor de uma recebem o nome de locução.
18. ( ) **Visto que** é, por isso, uma locução conjuntiva, isto é, duas palavras que funcionam como uma conjunção.

CLASSIFICAÇÃO

Leia com atenção o quadro dos cinco tipos de conjunções coordenativas.

	CONJUNÇÕES COORDENATIVAS
1	**ADITIVAS**: somam informações de natureza semelhante. positiva + positiva: Ela estudou **e** aprendeu. negativa + negativa: Ela não estudou **e** não aprendeu. Ela não estudou **nem** aprendeu.
	São elas: **e**, **nem (= e não)**, **não só... mas também**, **não só... mas até** etc.
2	**ADVERSATIVAS**: opõem informações, aproximam informações contrárias. positiva + negativa: Estudou, **mas** não aprendeu. Estudou, **e** não aprendeu. negativa + positiva: Não estudou, **porém** aprendeu. Não estudou, **contudo** aprendeu.
	São elas: **e**, **mas**, **porém**, **todavia**, **contudo**, **no entanto**, **entretanto** etc.

3	**ALTERNATIVAS**: interligam orações cujas ideias se excluem, que não acontecem juntas. Estudava, **ou** se divertia. **Ora** estudava, **ora** se divertia.
	São elas: **ou**, **ou ... ou**, **já ... já**, **ora ... ora**, **quer ... quer**, **seja ... seja** etc.
4	**CONCLUSIVAS**: interligam duas ideias, fazendo da segunda uma conclusão da primeira. Teu combustível está no fim; **portanto**, não conseguirás chegar. Está na hora da decolagem; deves, **pois**, apressar-te.
	São elas: **logo**, **portanto**, **por isso**, **por conseguinte**, **consequentemente**, **então**, **pois** (quando não começa frase) etc.
5	**EXPLICATIVAS**: interligam orações fazendo, numa, justificativa ou explicação do que se disse noutra. Venha logo, **porque** já é tarde. Sorria, **pois** a vida é bela.
	São elas: **pois** (começando oração), **porque**, **que**, **porquanto** etc.

Prática

■ Nas orações a seguir, sublinhe as conjunções e classifique-as conforme a ideia que introduzem.
a) aditiva b) adversativa c) alternativa d) conclusiva e) explicativa.

19. ( ) A lua está nascendo, ou se pondo?
20. ( ) A lua está nascendo, mas o dia está claro ainda.
21. ( ) O sol se põe cedo, porque estamos no inverno.
22. ( ) P'ra frente, que atrás vem gente.
23. ( ) Não só tremia, mas também chorava.
24. ( ) Doía, e ele não chorava.
25. ( ) Ora chorava, ora sorria.
26. ( ) Penso; portanto, insisto.

Estude agora o quadro dos dez tipos de conjunções subordinativas.

CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS	
	ADVERBIAIS
1	**CAUSAIS**: introduzem oração, com uma ideia de causa. **Como** não choveu, o poço secou. Ele caiu **porque** tropeçou.
	São elas: **que**, **porque**, **porquanto**, **como**, **já que**, **desde que**, **pois que**, **visto que**, **visto como**, **uma vez que...**

2	**CONCESSIVAS**: introduzem oração, com ideia contrária à da oração principal. **Embora** tentasse, não conseguiu esconder. Trabalhava, **por mais que** a perna doesse.
	São elas: **embora**, **conquanto**, **ainda que**, **mesmo que**, **posto que**, **se bem que**, **por mais que**, **por menos que**, **apesar de que**, **nem que**, **que**, **de todo modo...** Todas essas conjunções levam o verbo para o subjuntivo.
3	**CONDICIONAIS**: introduzem oração, com ideia de hipótese ou condição. **Se** quiser, eu vou. Ela seria feliz, **caso** o destino quisesse.
	São elas: **se**, **caso**, **contanto que**, **salvo se**, **sem que (= se não)**, **dado que**, **desde que**, **a menos que**, **a não ser que** etc.
4	**CONFORMATIVAS**: introduzem oração, exprimindo a conformidade de uma ideia com a da oração principal. **Conforme** eu previra, ela mentiu. Vai chover, **segundo** anunciou a meteorologia.
	São elas: **como**, **conforme**, **segundo**, **consoante** etc.
5	**FINAIS**: introduzem oração, com ideia de finalidade. Gritava **para que** todos o ouvissem. Chorou, **a fim de que** eu me comovesse.
	São elas: **para que**, **a fim de que**, **que (= para que)**, **porque (= para que)** etc.
6	**CONSECUTIVAS**: introduzem oração, com ideia de consequência. Falava tanto, **que** o marido fugiu. Era de tal beleza **que** nos ofuscava.
	Conjunções: **que** associado a **tal**, **tanto**, **tão**, **tamanho** (expressos ou subentendidos na oração anterior); de forma **que**, de maneira **que**, de modo **que**, de sorte **que** etc.
7	**TEMPORAIS**: introduzem oração, com ideia de tempo. **Logo que** me viu, sorriu. **Desde que** chegou, todos a cercam.
	São elas: **quando**, **antes que**, **depois que**, **logo que**, **assim que**, **desde que** etc.
8	**COMPARATIVAS**: introduzem oração, comparando ações. Normalmente têm o verbo subentendido. Igualdade: Ela dança tanto **quanto** Carlos (dança). Inferioridade: Ela dança menos (do) **que** Júlia (dança). Superioridade: Ela dança mais (do) **que** Renata (dança).
	São elas: **(do) que** (relacionado a mais, menos, melhor, pior, maior, menor), **tal ... qual**, **tanto ... quanto**, **como**, **assim como**, **bem como** etc.

9	**PROPORCIONAIS**: introduzem oração, com ideia de proporcionalidade. Indiretamente: **Quanto** mais gritava, menos era entendido. Diretamente: la aprendendo, **à medida que** convivia com ela.
	São elas: **à proporção que**, **ao passo que**, **quanto mais**, **quanto menos** etc.

SUBSTANTIVAS

10	**INTEGRANTES**: introduzem orações permutáveis pelo pronome substantivo ISSO. Quero **que** venhas. (Quero **isso**.) Gostaria de **que** me entendessem. (Gostaria **disso**.) A verdade é **que** ele saiu. (A verdade é **isso**.) Veja **se** ele concorda. (Veja **isso**.)
	São elas: **que** e **se**. Podem vir elípticas: gostaria me entendessem.

Prática

■ Classifique as conjunções destacadas e numere-as de 1 a 10, de acordo com o quadro que acabou de estudar.

27. **Se** ( ) ela quiser, eu vou; mas não sei **se** ( ) ela quer.
28. Trouxe-lhe uma rosa **para que** ( ) ela não brigasse com ele.
29. **Como** ( ) não queria ser visto, ficou a um canto **como** ( ) vassoura esquecida.
30. **Embora** ( ) tentasse, não conseguia fazer melhor **que** ( ) o irmão.
31. Dance **como** ( ) o ritmo pede, **porque** ( ) todos a aplaudam.
32. Tanto fez **que** ( ) conseguiu **que** ( ) o vizinho lhe vendesse o terreno.
33. **Assim que** ( ) chegou, começou a gesticular **para que** ( ) a vissem.
34. **Quanto** ( ) mais gesticulava, mais cansada ficava.

A. Ele ensinou **para que** todos aprendessem.
B. Ele ensinou **para** todos aprenderem.

■ Assinale **C** ou **E**.

35. ( ) Em A, a segunda oração é introduzida pela locução conjuntiva **para que**.
36. ( ) A locução conjuntiva, no caso, é formada por duas conjunções.
37. ( ) A locução conjuntiva, no caso, é formada por uma preposição (para) e uma conjunção (que).
38. ( ) Em A, a oração subordinada acrescenta à principal uma ideia de finalidade.
39. ( ) Em B, a segunda oração é introduzida só pela preposição (para) e também acrescenta à principal uma ideia de finalidade.
40. ( ) Pode-se concluir que a ideia de finalidade nasce da conjunção.
41. ( ) Pode-se concluir que a ideia de finalidade nasce da preposição.

Observe:

Constroem-se sem conjunção as orações reduzidas.*

Antes de discutido o assunto, ninguém o entendia.

locução prepositiva — verbo no particípio

Para evoluir, todos estudamos.

preposição — verbo no infinitivo

Em se falando de negócios...

preposição — verbo no gerúndio

RESUMO FINAL

CONJUNÇÕES

- COORDENATIVAS
  - a) aditivas
  - b) adversativas
  - c) alternativas
  - d) conclusivas
  - e) explicativas
- SUBORDINATIVAS
  - f) causais
  - g) concessivas
  - h) condicionais
  - i) conformativas
  - j) finais
  - k) consecutivas
  - l) temporais
  - m) comparativas
  - n) proporcionais
  - o) integrantes

Prática

■ Use as letras que precedem, no resumo final, a classificação das conjunções, para preencher os parênteses relacionados às conjunções ou preposições dos exercícios seguintes.

42. **Segundo** Schopenhawer, as ideias encurtam à medida **que** crescem os cabelos.
( ) ( )

* *Vide*, em *Análise Sintática Visual*, Período: Orações reduzidas de infinitivo, de gerúndio, de particípio.

43. Logo **que** ele nasceu, pareceu-me mais feio **que** um sapo.
( ) ( )

44. Não sei **se** vou **ou** **se** fico.
( ) ( ) ( )

45. Ela disse **que** viria, **mas** não falou **se** viria só.
( ) ( ) ( )

46. O ruído atingiu tal intensidade **que** quase nos ensurdeceu.
( )

47. **Se** Júlia concordasse **e** nos ajudasse, **como** você havia previsto, seria fácil para nós
( ) ( ) ( )
convencer aos restantes.

48. **Apesar de** nada ter dito, **porque** foi ameaçada, a testemunha despertou a atenção
( ) ( )
dos jurados.

49. Vá logo, **que** estão esperando. Fale pouco **para** não ser mal entendido.
( ) ( )

50. És inteligente. **Por isso**, não te deves preocupar **quando** tentarem confundir-te.
( ) ( )

Interjeição

CLASSIFICAÇÃO

Prática

■ Estabeleça a correspondência entre as expressões da segunda coluna e o que se pede na primeira.

1. Dor física	( )	a) Psit! Psiu! (rápido)
2. Surpresa	( )	b) Ai! Ui!
3. Silêncio	( )	c) Ora!...
4. Incredulidade	( )	d) Nossa! Puxa! Oh!
5. Animação	( )	e) Psiu! (demorado)
6. Aplauso	( )	f) Bravo!
7. Chamamento	( )	g) Eia!
8. Desejo	( )	h) Tomara! Oxalá!
9. Repetição	( )	i) Oh! Ah!
10. Dor moral	( )	j) Bis!

■ Assinale **C** ou **E** sobre as interjeições.

11. ( ) Exprimem racionalidade.
12. ( ) Exprimem emoção.
13. ( ) Elementos afetivos da linguagem.
14. ( ) Valem por frases inteiras.
15. ( ) São instrumentos de comunicação precisa e indiscutível.
16. ( ) Seu sentido pode variar conforme a entonação e o contexto.
17. ( ) **Ai de mim! Ora bolas!** são locuções interjetivas.
18. ( ) São uma espécie de grito, com que traduzimos estados emotivos.
19. ( ) Normalmente vêm acompanhadas de ponto de exclamação.
20. ( ) Após o ponto exclamativo da interjeição, usa-se sempre letra maiúscula.

DEFINIÇÃO

Interjeição é uma espécie de grito que exprime emotividade, de maneira não racional: Puxa!

Locução interjetiva: duas ou mais palavras com valor de uma interjeição: Nossa senhora! Puxa vida!

Semântica

DEFINIÇÃO

Semântica é o estudo do significado das palavras.

DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO

O sentido usual das palavras, descrito nos dicionários, é o que se denomina **denotativo**.
O sentido figurado, que as palavras adquirem na dependência do contexto em que são usadas, é o que se denomina **conotativo**.

Prática

■ Utilize o código **d** para o sentido denotativo das palavras em negrito e **c** para o sentido conotativo.

1. ( ) Li com cuidado **página** por **página**.
2. ( ) "És **página** virada, descartada do meu folhetim." (C.B.)
3. ( ) Surgiu uma **onda** de boatos.
4. ( ) As **ondas** do mar nos encantam.
5. ( ) Os preços ficarão **congelados** durante um certo período.
6. ( ) Comida **congelada** é uma opção prática.

HOMONÍMIA, SINONÍMIA, ANTONÍMIA

Homônimos são palavras iguais.
Homônimos homófonos são palavras iguais no som.
Homônimos homógrafos são palavras iguais na escrita.
Sinônimos são palavras diferentes com sentidos semelhantes.
Antônimos são palavras diferentes com sentidos opostos.

Prática

■ Faça a correspondência.

a) pronúncia igual / escrita igual / sentido diferente
b) pronúncia igual / escrita diferente / sentido diferente
c) pronúncia diferente / escrita igual / sentido diferente
d) pronúncia diferente / escrita diferente / sentido semelhante
e) pronúncia diferente / escrita diferente / sentido oposto

7. ( ) renda **líquida** / substância **líquida**.
8. ( ) **acento** gráfico / **assento** confortável.
9. ( ) **olho** azul / eu **olho** as fotos.
10. ( ) fazer **cara** de mau / ter **rosto** de anjo.
11. ( ) peso **bruto** / homem **bruto**.
12. ( ) **quarto** arrumado / **dormitório** grande.
13. ( ) **sede** de viver / **sede** da empresa.
14. ( ) **concerto** sinfônico / **conserto** do carro.
15. ( ) pessoa **calma** / homem **nervoso**.
16. ( ) calcular as **perdas** / comemorar os **ganhos**.

■ Estabeleça a correta correspondência.
a) Homônimos perfeitos (homógrafo e homófono)
b) Homônimos homógrafos
c) Homônimos homófonos
d) Parônimos
e) Sinônimos
f) Antônimos

17. ( ) renda **líquida** / substância **líquida**.
18. ( ) Eu **conserto** para não mais se falar em **conserto**.
19. ( ) Ela era um misto de **intimorata** e **intemerata**.
20. ( ) A **sessão** sobre a **cessão** de terras vai começar.
21. ( ) Não se exceda em **silêncio** ou **gritarias**.
22. ( ) É melhor **morrer** que **perder a vida**.

PARONÍMIA

Parônimas são palavras **parecidas**, ou seja, não são iguais, mas guardam alguma semelhança de forma.

Alguns casos de parônimos:
desapercebido (desprevenido) _____ despercebido (não notado)
descrição (ato de descrever) _____ discrição (ser discreto)
descriminar (retirar o crime) _____ discriminar (diferençar)
infringir (transgredir) _____ infligir (aplicar penalidade)
iminente (próximo) _____ eminente (ilustre)
intimorato (destemido) _____ intemerato (puro)
prever (antever) _____ prover (abastecer)
ratificar (confirmar) _____ retificar (corrigir)
vultuoso (inchado) _____ vultoso (de grande vulto)

Prática

■ Preencha as lacunas com as palavras dos parênteses.

23. O _____ conferencista previu o perigo _____. (iminente/eminente)
24. Esse detalhe passou _____. (desapercebido/despercebido)
25. Sua maior qualidade é a _____. (descrição/discrição)
26. O médico _____ a medicação que lhe parecia adequada. (proscreveu, prescreveu)
27. O Ministério da Saúde _____ os remédios que tinham horríveis efeitos colaterais. (proscreveu/prescreveu)
28. O _____ de caminhões aumentou naquela rodovia. (tráfego/tráfico)

■ Classifique os pares de acordo com o código.

1) Sinônimos
2) Antônimos
3) Homógrafos heterófonos
4) Homófonos heterógrafos
5) Homônimos perfeitos
6) Parônimos

29. ( ) cumprimentar / saudar.
30. ( ) ( ) emergir / imergir.
31. ( ) proeminente / preeminente.
32. ( ) ( ) proeminente / prominente.
33. ( ) comprido / curto.
34. ( ) manga (fruta) / manga (da blusa).
35. ( ) lima (fruta) / lima (ferramenta).
36. ( ) despercebido / desapercebido.
37. ( ) comedido / imoderado.
38. ( ) açodadamente / apressadamente.

■ Indique o número, entre parênteses, que completa corretamente a lacuna.

39. O requerimento do pai ainda não foi _____.
    (1) deferido (2) diferido
40. O herói chega sempre no momento _____.
    (1) azado (2) asado
41. O excesso de carga de energia elétrica fez com que o _____ se interrompesse.
    (1) fúsil (2) fusível (3) fuzil
42. Os alunos precisavam de _____ junto ao corpo de professores.
    (1) intercessão (2) intersecção
43. Tenho certeza de que haveremos de encontrar uma _____ entre nossos interesses.
    (1) intercessão (2) intersecção

44. Principiante é _____, enquanto desconhecedor é _____.
(1) insipiente (2) incipiente
45. Dos meus ancestrais, sou _____; ao passo que dos meus filhos, sou _____.
(1) descendente (2) ascendente
46. Em _____ solene, decidiu-se pela _____ dos lotes aos moradores.
(1) secção (2) cessão (3) sessão
47. Um círculo pode representar uma _____ de uma esfera.
(1) cessão (2) secção
48. Aos monges se associa _____; aos cavalos, _____.
(1) sela (2) cela
49. Destemido é _____; imaculo é _____.
(1) intemerato (2) intimorato
50. Ele _____ ao céu e _____ em nós a esperança.
(1) acendeu (2) ascendeu
51. Um rosto carrancudo é um rosto _____, enquanto um fato de grande importância é um fato _____.
(1) vultoso (2) vultuoso
52. Apesar de ele ter feito uma _____ exagerada da cena, todos se portaram com _____.
(1) descrição (2) discrição
53. Era _____ a confirmação da chegada do _____ visitante.
(1) eminente (2) iminente
54. O que aconteceu na véspera é um fato _____.
(1) esterno (2) externo (3) hesterno
55. Osso situado na parte vertebral do tórax chama-se _____.
(1) esterno (2) externo (3) hesterno
56. Um fator de fora é um fato _____.
(1) esterno (2) externo (3) hesterno
57. Relativo a assessor é _____, mas o que se junta ao principal é o _____.
(1) acessório (2) assessório
58. Depois da quinta vem _____. Hora de repouso é hora de _____. Balaio é _____.
(1) cesta (2) sesta (3) sexta

HIPERONÍMIA

Hiperônimas são palavras cujo significado abrange o de outra(s).
Árvore é hiperônimo de **mangueira**, **cajueiro**, **ipê**...

HIPONÍMIA

Hipônimas são palavras cujo significado é abrangido pelo de outra(s).
Amendoeira é hipônimo de **árvore** e de **vegetal**.

Prática Geral

59. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Assinale a alternativa que apresenta palavras antônimas.
a) inédito / original.
b) incauto / precavido.
c) intrépido / resoluto.
d) inexorável / rigoroso.
e) incisivo / categórico.

60. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Assinale a alternativa que substitui, **sem alteração de sentido**, a expressão destacada no seguinte trecho:
"Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus. Tempo de **absoluta depuração**."
a) inteira corrupção.
b) relativa perversão.
c) irrestrita purificação.
d) ilimitada depravação.
e) condicional apuração.

61. (Aux. Jud/TRF/N.M./Esaf) Marque a alternativa cujas palavras preenchem **corretamente** as respectivas lacunas, na frase seguinte:
"Necessitando _____ o número do cartão do PIS, _____ a data de meu nascimento."
a) ratificar / proscrevi.
b) prescrever / discriminei.
c) descriminar / retifiquei.
d) proscrever / prescrevi.
e) retificar / ratifiquei.

62. (PRF/N.M./ANP) Assinale a frase que **não** pode ser completada com a palavra entre parênteses.
a) Os funcionários impetraram _____ de segurança. (mandado)
b) Ameaçava-os um perigo _____. (eminente)
c) Anualmente chegam muitos _____ nordestinos a São Paulo. (imigrantes)
d) O policial fez minuciosa _____ do acidente. (descrição)

63. (ALCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **incorreta**.
"Os riscos envolvidos no **afazer** (1) legislativo exigem peculiar cautela de todos aqueles que se ocupam do difícil processo de elaboração normativa. Eles estão obrigados a colher variada gama de informações sobre a matéria que deve ser regulada, pesqui-

sa esta que não pode ficar limitada a aspectos estritamente jurídicos. É certo que se faz mister realizar **minuciosa** (2) investigação no âmbito legislativo, doutrinário e jurisprudencial. **Imprescindível** (3) revela-se, igualmente, a análise da **repercussão** (4) econômica, social e política do ato legislativo."

(Adaptação do *Manual de Redação da Presidência da República*)

a) 1. b) 2. c) 3. d) 4.

64. (ATCLDF/N.S./IDR) Assinale a alternativa em que a palavra destacada deve ser substituída pela que aparece entre parênteses para dar sentido lógico à frase.
a) Eles pararam **incontinente**. (incontinênti)
b) O governo gastou **vultosa** soma na construção do metrô. (vultuosa)
c) Ele **distratou** o que havia combinado. (destratou)
d) O bombardeio **infligiu** graves danos à cidade. (infringiu)

65. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a sequência que preenche **corretamente** as lacunas.
Era ___ a ___ do conflito, pois as partes ___ nos erros já cometidos.
a) iminente / defraglação / reincidiram.
b) eminente / confraglação / incidiram.
c) inevitável / defraglação / reicindiam.
d) iminente / deflagração / reincidiram.

66. (TFC-RJ/N.S.) Assinale o segmento que pode substituir, sem prejuízo da significação original, o trecho: "**Ardia por andar lá fora**".
a) Queimava de raiva por estar preso.
b) Ansiava por estar lá fora.
c) Fervia-me para caminhar pelas ruas.
d) Recapitulava para saltar para a rua.
e) Almejava dirigir-me para o refeitório.

67. (TFC-RJ/N.S.) Indique a letra na qual as palavras completam, **corretamente**, os espaços das frases abaixo.
1) Quem possui deficiência auditiva não consegue _____ os sons com nitidez.
2) Hoje são muitos os governos que passaram a combater o _____ de entorpecentes com rigor.
3) O Diretor do presídio _____ pesado castigo aos prisioneiros revoltosos.

a) discriminar / tráfico / infligiu.
b) discriminar / tráfico / infringiu.
c) descriminar / tráfego / infringiu.
d) descriminar / tráfego / infligiu.
e) descriminar / tráfico / infringiu.

68. (AFRE-SP/N.S.) Assinale a alternativa **correta**.
_____, recorreu a_____ jurisconsulto.
a) Autuado em flagrante / eminente.
b) Atuado em flagrante / iminente.
c) Autuado em flaglante / iminente.
d) Atuado em flagrante / eminente.

69. Em "tarefas sórdidas", o adjetivo significa
a) ocupações.
b) fedorentas.
c) labores.
d) mórbidas.
e) imundas.

70. Indique o item em que há palavra(s) empregada(s) em sentido **figurado**.
a) "Uma semana depois, o professor mandou que nós todos escrevêssemos sobre a Bandeira Nacional."
b) "Não me lembro do resto, mas era divino."
c) "Tremi de emoção ao ver essas palavras impressas."
d) "O professor de Português passara uma composição: 'A lágrima'."
e) "Quando a alma vibra, atormentada, às pulsações de um coração amargurado, pelo peso da desgraça."

71. Marque a alternativa que apresenta palavras em sentido **figurado**.
a) "Ouro Preto é a cidade que não mudou."
b) "A criança tem dentro da alma seu sino de ouro."
c) No sertão de Goiás há um sino de ouro.
d) Os homens procuram ouro em Serra Pelada.
e) "... de ouro catado e fundido na própria terra."

72. O sinônimo que substitui a palavra destacada na frase:
"Não **apreciava** o canto de pássaros" é
a) estimava.
b) detestava.
c) julgava.
d) avaliava.
e) depreciava.

73. O antônimo da palavra destacada na frase: "... o capitão ficou mais **exigente**" é
a) incontestável.
b) tolerante.
c) intransigente.
d) impertinente.
e) intolerável.

74. O contrário de "trabalho bruto" é trabalho
a) inteligente.
b) rude.
c) grosseiro.
d) delicado.
e) duro.

75. Na frase "A luta contra a poluição vem ganhando muitos **adeptos**", a palavra destacada significa
a) reprovados.
b) materiais bélicos.
c) condionadores.
d) partidários.
e) discursos.

Na Amazônia, as águas se manifestam sob forma de rios, igarapés, igapós, neblina e vapor. O açaí, o tucumã, o buriti, o murici são vegetais onipresentes na floresta, bem como os papagaios, maritacas, araras e uma centena de outros pássaros em convívio diuturno com antas, capivaras, quatis, e um sem número de animais terrestres, aquáticos e anfíbios.

■ Assinale **C** ou **E**.

76. ( ) No primeiro período, **águas** é hiperônimo de **rios**, **igarapés**, **igapós**, **neblina** e **vapor**.
77. ( ) No segundo período, **açaí**, **tucumã** e **vegetais** são, entre si, hipônimos.
78. ( ) **florestas** e **vegetais** constituem hiperônimos em relação a **açaí**, **murici**, **buriti**...
79. ( ) **capivaras** e **quatis** são hipônimos em relação a **animais**.

80. O grande hiperônimo do texto, o que abrange todos os demais significados é _____ _____.

Concordância Nominal

Observe:

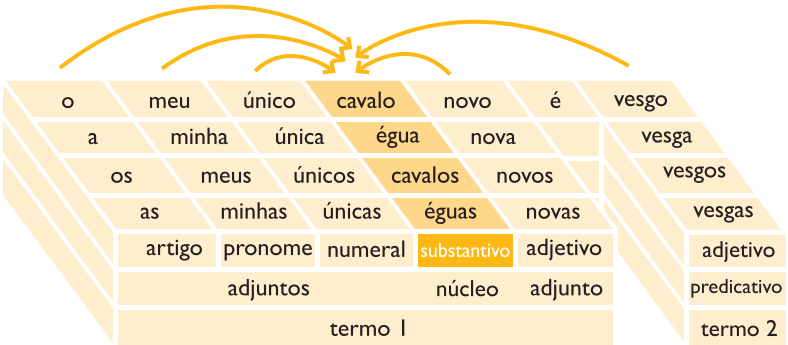

Conclusão:

Artigo, pronome, numeral e adjetivo concordam em gênero e número com o substantivo a que se referem.

Prática

Assinale **C** ou **E**.

1. ( ) Artigo, pronome, numeral e adjetivo funcionam como adjuntos de um **substantivo**.
2. ( ) O adjunto está junto de um substantivo fazendo com ele parte de **um só termo**.
3. ( ) Adjunto é um tipo de **satélite de um núcleo**.
4. ( ) Os adjuntos de um substantivo concordam com ele em **gênero e número**.
5. ( ) Predicativo e adjunto são a **mesma coisa**.
6. ( ) O predicativo é diferente do adjunto, porque o predicativo é um termo **separado** do núcleo a que se refere.
7. ( ) O predicativo é **invariável**.
8. ( ) O predicativo também **concorda** em gênero e número com o núcleo substantivo.
9. ( ) Artigo, pronome, numeral e adjetivo são **invariáveis**.

Observe:

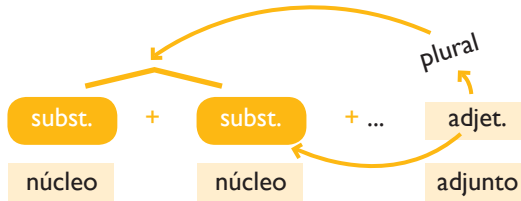

Conclusão:

Adjetivo (adjunto) posposto a mais de um núcleo substantivo concorda com todos, indo para o plural no gênero predominante*, ou concorda só com o núcleo mais próximo.

* Gênero predominante: se houver pelo menos um núcleo masculino, este predomina.

Prática

■ Com base no esquema acima, estabeleça a concordância correta.

10. ...cachorro e gato amig_____/_____
11. ...pato, gata e sapa amig_____/_____
12. ...gata e pata amig_____/_____
13. ...cachorro e gatos amig_____/_____
14. ...gatas e gatos amig_____/_____
15. ...cachorro ou gato amig_____/_____

Observe:

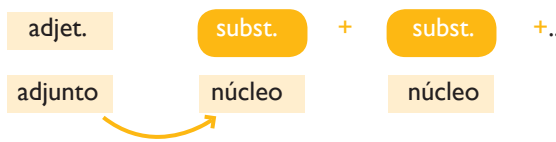

Conclusão:

Adjetivo (adjunto) anteposto a mais de um núcleo substantivo concorda com o núcleo mais próximo.

Prática

■ Com base no esquema acima, estabeleça a concordância correta.

16. ...cheiros_____ cravo e rosa...
17. ...cheiros_____ rosa e cravo...

18. ...cheiros_____ rosas e cravo...
19. ...cheiros_____ cravos e rosa...

Observe:

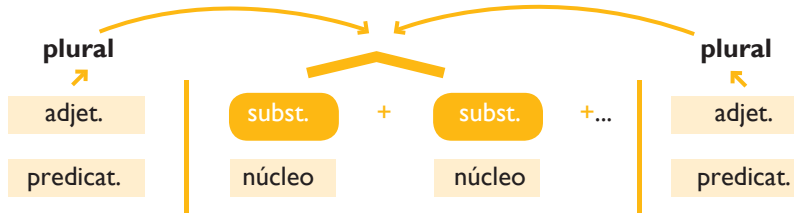

Conclusão:

Adjetivo (predicativo), quando se refere a mais de um núcleo substantivo, concorda com todos, indo para o plural, no gênero predominante.

Prática

■ Com base no esquema acima, estabeleça a concordância correta.

20. O rapaz e a menina estavam aces_____.
21. Os rapazes e a menina estavam aces_____.
22. O rapaz e as meninas estavam aces_____.
23. Encontrei aces_____ a menina e o rapaz.
24. Encontrei aces_____ o rapaz e as meninas.
25. Encontrei aces_____ as meninas e o rapaz.
26. Encontrei aces_____ a menina e a filha.

Observe:

Conclusão:

O núcleo substantivo pode ser substituído por um pronome que continua havendo a concordância.

Prática

■ Com base no esquema anterior, estabeleça a concordância correta.

27. Encontrei o artista, alegre. — Encontrei-__, alegre. (o, a, os, as)
28. Os convidados chegaram sós. — ____ chegaram sós. (Estes, Estas)
29. As possibilidades são muitas. — ____ são muitas. (Ela, Elas)

Observe:

Ele mesm**o**

Elas mesm**as**

núcleo subst.

anexo, **bastante**, **incluso**, **junto**, **leso**, **meio**, **muito**, **nenhum**, **pouco**, **próprio**, **só**, **dado**, **visto**, **obrigado**, **quite** e qualquer outro particípio.

Conclusão:

As expressões em destaque concordam com o núcleo substantivo a que se referem. Pronome substantivo é também núcleo substantivo.

Prática

- Estamos encaminhando anex_____ (30) as correspondências, com bastant_____ (31) informações inclus_____ (32) e nenhum_____ (33) críticas.
- O estudante e o atleta foram vist_____ (34), junt_____ (35) e s_____ (36).
- Elas mesm_____ (37) compraram coisas pouc_____ (38) com muit_____ (39) precauções porque o dinheiro sairia de suas própri_____ (40) contas.
- Dad_____ (41) essas circunstâncias, vist_____ (42) estes últimos argumentos e qua_____ (43) quer outros já aprovad_____ (44), só nos resta concordar.

Observe:

A. Eles mesmos saíram.

B. Elas estavam meio tristes.

C. Eles saíram mesmo.

D. Era pessoa de meias palavras.

E. Elas choraram, só.

F. Elas choraram, sós.

G. As notas vinham anexas.

H. As notas vinham em anexo.

Conclusão:

Advérbios e locuções adverbiais são invariáveis. Adjuntos variáveis, só os que se referem a um núcleo substantivo.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, para afirmação certa ou errada.

45. ( ) Em A, a palavra **mesmo** é pronome; em C, ela é advérbio.
46. ( ) Em B, a palavra **meio** é numeral; em D, ela é advérbio.
47. ( ) Em B, a palavra **meio** é advérbio; em D, ela é numeral.
48. ( ) Em E, **só** é advérbio e significa **somente**.
49. ( ) Em F, **sós** é adjetivo e significa **sozinhas**.
50. ( ) Em G, **anexas** é advérbio.
51. ( ) Em H, **em anexo** é locução adverbial.

Observe:

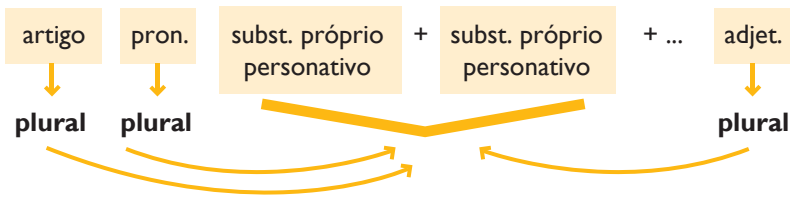

Conclusão:

Dois ou mais antropônimos (nomes de pessoas) levam seus adjuntos para o plural.

Prática

■ Com base no esquema acima, estabeleça a concordância correta.

52. O_____ mesm_____ Paulo e Jurandir corintian_____...
53. A_____ própri_____ Judite e Esther bíblic_____...
54. O_____ lépid_____ José e Antônia...

Observe:

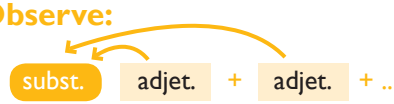

as línguas nova e velha...
a língua nova e velha...
a língua nova e a velha...

Conclusão:

Quando dois ou mais adjetivos se referem a um mesmo substantivo, este pode ficar no plural ou no singular. Se ficar no singular, pode-se repetir o **o** (**a**, **os**, **as**).

Prática

■ Com base no esquema anterior, estabeleça a concordância correta.

55. Os estandartes austríac_____ e suíç_____.
56. O estandarte austríac_____ e suíç_____.
57. O estandarte austríac_____ e o suíç_____.

Observe:

um ou outro um e outro nem um nem outro	+	subst. ↓ **singular**	+	adjet. ↓ **plural**

Conclusão:

As expressões **um ou outro**, **um e outro**, **nem um nem outro**, seguidas de substantivo acompanhado de adjetivo, deixam o substantivo no singular, mas levam o adjetivo para o plural.

Prática

■ Com base no esquema acima, estabeleça a concordância correta.

58. Discorria sobre um e outro problema___.
59. Falava sobre um___ e outr___ estratégia___.
60. Discorria sobre um e outro problema___ sério___.
61. Falava sobre um___ e outr___ estratégia___ combinad___.

Observe:

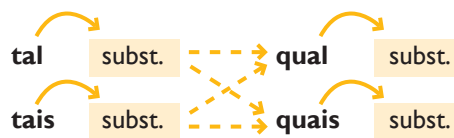

Conclusão:

tal e **qual** se referem a substantivos e com eles concordam.

Prática

■ Com base no esquema anterior, estabeleça a concordância correta.

62. Ta_____ pai, ta_____ filho.
63. Ta_____ pai, ta_____ filhos.
64. Ta_____ pergunta, qua_____ respostas.
65. Os frutos eram ta_____ qua_____ as árvores.
66. Os frutos são ta_____ qua_____ a árvore.

Observe:

men**os** → filho, filha, filhos, filhas

pseud**o-** → homem, mulher, homens, mulheres

comício, festa, comícios, festas ← monstr**o**

homem, mulher, homens, mulheres ← alert**a**

Conclusão:

menos, **pseudo** e **alerta** são invariáveis. **Monstro** e qualquer outro substantivo usado como adjetivo também ficam invariáveis.

Prática

■ Com base no esquema acima, estabeleça a concordância correta.

67. Aqui há men_____ medo que coragem.
68. Havia men_____ moças que rapazes.
69. A pseud_____ mulher e os pseud_____ meninos não se entendiam.
70. Organizou-se uma carreata-monstr_____.
71. Eles se mantiveram alert_____ como eu sempre estou alert_____.

Observe:

o	mais	**possível**
o	menos	
o	pior	
o	melhor	

os	mais	**possíveis**
os	menos	
as	piores	
as	melhores	

Conclusão:

possível fica no singular ou plural, concordando com o **o** (**a**, **os**, **as**) que o antecede.

Prática

■ Com base no esquema anterior, estabeleça a concordância correta.

72. Eram pessoas o mais educadas possív_____.
73. Eram pessoas as mais educadas possív_____.
74. Trata-se de pinturas o mais possív_____ amenas.
75. Trata-se de pinturas o mais belas possív_____.
76. Encontrei amigas as mais simpáticas possív_____.
77. Eles eram o pior possív_____ lutadores.
78. Eles eram os piores lutadores possív_____.
79. Eles eram os piores possív_____ lutadores.

Observe:

A. Est**a** cerveja é bo**a**.

B. Cerveja é bom.

C. É proibid**a** **a** entrada.

D. É proibido entrada.

E. É necessári**a** **a** bondade.

F. É necessário bondade.

Conclusão:

As expressões **é bom...**, **é proibido...**, **é necessário...** ficam invariáveis se o substantivo a que se referem não vier antecedido de artigo ou pronome, sendo usado em sentido vago, geral.
Concordam com o substantivo a que se referem quando este vem antecedido de artigo, demonstrativo ou outro indicador de sentido específico e não genérico.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

80. ( ) Em A, C e E, os adjetivos (boa, proibida, necessária) concordam com os substantivos a que se referem (cerveja, entrada e bondade).
81. ( ) Em B, D e F, os adjetivos (bom, proibido, necessário) ficaram invariáveis, não concordando com os substantivos femininos a que se referem (cerveja, entrada, bondade).
82. ( ) Nos exemplos em que houve a concordância (A, C, E), os três substantivos (cerveja, entrada, bondade) estão antecedidos de artigo feminino (a) ou de pronome.
83. ( ) Nos exemplos em que não houve concordância, os substantivos estão sem artigo ou pronome.

84. ( ) Em A, C e E, os substantivos estão usados em sentido vago, distante, enquanto em B, D e F, em sentido determinado, próximo.
85. ( ) Em A, C e E, os substantivos estão usados em sentido determinado, próximo; em B, D e F, em sentido vago, geral.

Observe:

A menina progredia **a olhos vistos**. (expressão fixa)
A menin**a** progredia a olhos **vist**a. (particípio variável)

As meninas progrediam **a olhos vistos**. (expressão fixa)
As menin**as** progrediam a olhos **vist**as. (particípio variável)

Conclusão:

A expressão **a olhos vistos** pode ser considerada expressão fixa ou pode ter o particípio variável (visto/a/os/as), concordando com o núcleo substantivo a que se refere.

Prática

■ Com base no esquema acima, estabeleça a concordância correta.

86. José foi-se recuperando a olhos _____.
87. Paula está se transformando a olhos _____.
88. José e Paula estão mudando a olhos _____.
89. Elas estão mudando a olhos _____.

Observe:

NÓS = EU

nós pode ser usado no lugar de **eu**. Chama-se plural majestático ou plural de modéstia. Nesse caso, o adjetivo que se refere ao pronome pode ficar no singular ou no plural.

Esta**mos** (eu) fe**liz** ou feli**zes**.

VÓS = TU

vós pode ser usado no lugar de **tu**, referindo-se a uma só pessoa. Chama-se plural de respeito. Nesse caso, o adjetivo a que se refere o pronome fica no singular.

Percebo que **sois** razoá**vel**.

SANTO e SÃO

Usa-se **Santo** antes de vogal: Santo Antônio
Usa-se **São** antes de consoante: São José

Obs.: Jó, Tirso e Tomás aceitam ambas as formas.

CONCORDÂNCIA SINTÁTICA E CONCORDÂNCIA SEMÂNTICA

Sintaxe é estudo das funções dos termos ou das frases. Semântica é a visão do significado.

Na frase "As amazonas eram guerreiras", o artigo "as" e o adjetivo "guerreiras" estão no feminino plural para concordar com o núcleo substantivo "amazonas", que é feminino plural. Essa **concordância de palavra para palavra** é o que se chama **concordância sintática**.

Na frase "O Amazonas é profundo e largo", o artigo "o" e os adjetivos "profundo" e "largo", no masculino singular, deixam de concordar com a palavra feminina plural "Amazonas", para fazê-lo com a **ideia** subentendida de "rio". Essa **concordância com a ideia**, em detrimento da concordância sintática, é o que se denomina **concordância semântica**, ou ideológica, ou figurada, ou irregular, ou siléptica (veja Silepse, em *Intelecção e Interpretação de Textos*, Figuras de Linguagem).

Prática Geral

(Se necessário, consulte o plural dos adjetivos no Capítulo 6)

■ Nas frases a seguir, use as palavras entre parênteses para estabelecer a(s) concordância(s) correta(s).

- Os olhos de Renata são _____ (azul); os meus, _____ (cinza).
  90 91
- Ruth tem olhos _____ (azul-claro).
  92
- Na sala havia tecidos _____ (azul-marinho), _____ (verde-mar), _____ (verde-garrafa), _____ (cor de safira) e _____ (azul-celeste).
  93 94 95 96 97

98. Sentaram-se em bancos e cadeiras _____. (novo)
99. Era um desfile do exército e marinha _____. (brasileiro)
100. Procurava uma saída e um recuo _____. (tático)
101. Eram mulheres e rapazes _____. (honesto)
102. Comiam apenas alface e carne _____. (bovino)
103. Muito _____ a aurora e o crepúsculo. (belo)
104. Pimenta em dose certa é _____ para o paladar. (bom)
105. É _____ gritaria. (proibido)
106. É _____ a saída, dez minutos antes. (permitido)
107. Todos acharam a secretária e o embaixador muito _____. (claro)
108. Considero _____ do crime o jardineiro e o guarda. (autor)
109. Compreensão com o próximo é _____. (necessário)
110. Comprei um terno e um chapéu _____. (ovalado)
111. Era meio-dia e _____. (meio)
112. Falava por _____ palavras. (meio)
113. Estava _____ tonta. (meio)
114. Vão _____ os protocolos requisitados. (anexo)
115. Vossa Excelência, governadora, é _____ de nossos agradecimentos. (merecedor)
116. As duas caminhavam esquecidas de si _____. (mesmo)
117. As duas caminhavam esquecidas _____ de si. (mesmo)
118. As duas caminhavam esquecidas de si, _____. (mesmo)
119. Eles viveram _____ e morreram também sozinhos. (só)
120. Eles estavam _____ olhando. (só)
121. Estou _____ com você, mas você não pode dizer que estamos _____. (quite)
122. Não era apenas um crime de _____-patrimônio, mas um verdadeiro crime de _____-pátria. (leso)
123. Os netos são _____ o avô. (tal qual)
124. Todos fomos _____ ao passeio, mas as crianças só puderam sair do ônibus _____ com o professor. (junto)
125. As fichas foram _____ ao relatório. (anexo)
126. Todos ficamos _____. (alerta)
127. Mais amor e _____ confiança. (menos)

128. Todos vieram, _____ vocês. (menos)
129. Todos vieram, _____ elas. (salvo)
130. Todos foram _____. (salvo)
131. Os _____ utópicos é que defendem a _____ utopia. (pseudo)
132. As casas eram _____. Foram vendidas _____. (barato)
133. As lanchas eram _____. Foram vendidas _____. (caro)
134. Elas procuraram os argumentos mais claros _____. (possível)
135. Ele relacionou argumentos o mais _____ _____. (claro possível)
136. Um e outro _____ foram premiados. (funcionário competente)
137. Ela disse alguma coisa _____. (maravilhoso)
138. Ela disse algo de _____. (maravilhoso)
139. O menino crescia a olhos _____. (visto)
140. Percorri _____ terras. Fui _____ demais. (longe)
141. E, na qualidade de responsável, sempre fomos _____. (cauteloso)
142. E, na qualidade de mestres, sempre fomos _____. (cauteloso)
143. Sempre será _____ a humildade. (necessário)
144. Aquela _____ afirmação deixou Rosa _____ decepcionada. (meio)
145. Julieta parecia _____ simpática. Possuía _____ virtudes. (bastante)
146. Vocês precisam ficar _____. (alerta)
147. Aquela menina é _____ _____ os tios. (tal qual)
148. Tinha fé em _____ Elesbão. (São)

Concordância Verbal

DEFINIÇÃO

Concordância verbal é a que se processa entre o verbo e o núcleo do sujeito, ou entre o verbo e a expressão que o comanda.

CONCORDÂNCIA SINTÁTICA E CONCORDÂNCIA SEMÂNTICA

Sintaxe é estudo das funções dos termos ou das frases. Semântica é a visão do significado.

Na frase "Quais de nós chegarão?", o sujeito é "Quais de nós" e o seu núcleo é "Quais" (veja *Análise Sintática Visual*). O verbo está na 3ª pessoa do plural, "chegarão", concordando com o núcleo do sujeito "Quais chegarão?". A concordância do verbo com o núcleo do sujeito é o que se chama **concordância sintática**.

Na frase "Quais de nós chegaremos?", o verbo deixou de concordar com o núcleo do sujeito, preferindo fazê-lo com o "nós", enfatizando **a ideia** de o falante incluir-se na ação. O "nós", então, que é apenas um satélite sintático do núcleo do sujeito, pois está subordinado pela preposição "de" que o antecede, passou a ser o núcleo semântico do sujeito, também chamado de sujeito semântico. A **concordância semântica**, ou ideológica, ou figurada, ou irregular, ou siléptica, em outras palavras, é a **concordância com a ideia** e não com o núcleo sintático (veja Silepse, em *Intelecção e Interpretação de Textos*, Figuras de Linguagem).

SUJEITO SIMPLES

VERBO → concorda com SUJEITO

em → número
e
pessoa

Conclusão:

O verbo concorda com o sujeito simples em número e pessoa.

Prática

■ Complete as lacunas.

1. Nós cant_____ enquanto vocês danç_____.
2. Tu cant_____ enquanto eu danç_____.
3. Vós cant_____ enquanto ele danç_____.

SUJEITO COMPOSTO ANTEPOSTO

Paulo e Tereza	chegar**am**
suj. composto antes do verbo	verbo: plural

Conclusão:

Sujeito composto anteposto: o verbo vai para o plural.

Prática

■ Complete as lacunas.

4. Júlia e Cláudia fal_____ a verdade.
5. O livro e a caneta sumir_____.

SUJEITO COM PESSOAS DIFERENTES

Ele, tu e **eu** **Tu** e **ele**	chega**mos** chega**stes/aram**
SUJEITO COMPOSTO DE PESSOAS DIFERENTES	VERBO NO PLURAL NA PESSOA PREFERENCIAL
3ª + 2ª + 1ª = ... 3ª + 2ª = ...	... 1ª do plural ... 2ª ou 3ª do plural

Conclusão:

Se houver 1ª pessoa, o verbo vai para a 1ª do plural (nós).
Se houver 2ª e 3ª pessoas apenas, é preferível o verbo na 2ª do plural (vós). Aceita-se, contudo, a 3ª do plural, como se o sujeito fosse "vocês".

Prática

■ Complete as lacunas.

6. Eu e tu ir_____ amanhã.
7. Ela e eu ir_____ amanhã.
8. Ela e tu ir_____ amanhã.
9. Ela e ele ir_____ amanhã.

SUJEITO COMPOSTO POSPOSTO

Chegar**am** Cheg**ou**	**Paulo** e **Teresa** **Paulo** e Teresa
VERBO NO PLURAL OU CONCORDA C/ O MAIS PRÓXIMO	SUJEITO COMPOSTO DEPOIS DO VERBO

Conclusão:

Sujeito composto posposto: o verbo vai para o plural ou concorda com o mais próximo, para enfatizá-lo.

Prática

■ Complete as lacunas.

10. Chorav_____ a menina e o irmão. (a/am)
11. Miav_____ a gata e o gato. (a/am)
12. Viajav_____ os estudantes e o carteiro. (a/am)

SUJEITO COM APOSTO RESUMITIVO

Festas, flores,	tudo nada ninguém	atraí**a** a menina.
SUJEITO	APOSTO RESUMITIVO	VERBO

Conclusão:

Quando os núcleos do sujeito são resumidos por expressões como **tudo**, **nada**, **ninguém**..., o verbo concorda com a expressão resumitiva.

Prática

■ Complete as lacunas.

13. Alegrias, tristezas, saudade, nada o far_____ chorar. (á/ão)
14. Júlia, José, Adão, ninguém o convencer_____. (á/ão)

SUJEITO COM NÚCLEOS SINÔNIMOS OU QUASE

A **paz** e a **tranquilidade** > comoveu / comoveram o visitante.

Conclusão:

Quando os núcleos do sujeito são sinônimos ou quase sinônimos, o verbo vai para o plural ou pode ficar no singular.

Prática

■ Complete as lacunas.

15. A música e a sonoridade envolvi_____ os presentes. (a/am)
16. Aquele desejo carnal e aquela febre os uni_____. (a/am)

SUJEITO COM NÚCLEOS EM GRADAÇÃO

Um **gesto**, um **sussurro**, uma **palavra** > pod**ia** / pod**iam** despertá-lo.

Conclusão:

Quando o sujeito é composto por núcleos em gradação, o verbo concorda com todos, ou com o mais próximo.

Prática

■ Complete as lacunas.

17. A mesma coisa, o mesmo ato, a mesma palavra provocav_____ risadas. (a/am)
18. A saúde, a força, a vitalidade fazi_____ bem a mim. (a/am)

SUJEITO COM NÚCLEOS LIGADOS POR OU

Observe:

O **calor** extremo ou o **frio** excessivo prejudicar**am**-no.
adição — PLURAL

Seus **sucessores** ou o próprio **São Pedro** disser**am**...
PLURAL — SINGULAR — PLURAL

Conclusão:

Se o **ou** trouxer ideia de **adição/inclusão**, ou se um dos núcleos do sujeito estiver no plural, o verbo vai para o plural.

Prática

■ Complete as lacunas.

19. A alegria ou a tristeza _____ parte da vida. (faz/em)
20. As festas ou o funeral _____ a todos. (impressionou/aram)

Observe:

O **poder** ou **poderes** do homem er**am**...
retificação

Nenhum vestígio deix**ou** o **autor** ou **autores** do crime.
retificação

Conclusão:

Se o **ou** trouxer ideia de **retificação**, o verbo concorda com o núcleo mais próximo.

Prática

■ Complete as lacunas.

21. O candidato, ou melhor, os candidatos _____. (aproxime-se/em-se)
22. _____-me depois o réu ou réus para esclarecimentos. (Procure/m)

Observe:

Ele pensava que **Júlia** ou **Teresa** estive**sse** morta.

exclusão

Um **jogador** ou **técnico** preci**sa** respeitar as regras.

equivalência

Conclusão:

Se o **ou** trouxer ideia de **exclusão** ou **equivalência** entre dois ou mais núcleos no singular, o verbo fica no singular, concordando com apenas um dos núcleos.

Prática

■ Complete as lacunas.

23. Sei que Ana ou Cláudia se _____ com Flávio. (casará/ão)
24. Um presidente ou ministro, na qualidade de cidadão, _____ responsável. (é/são)

SUJEITO COM NÚCLEOS LIGADOS POR NEM

Nem a **virtude**, nem a **preguiça** o abandonar**am**.

Nem o **elogio**, nem a **crítica**, nem a **recomendação** bast**ou** para...

sucessividade, em momentos diferentes, cada um de per si.

Conclusão:

Sujeitos ligados por **nem**: o verbo vai normalmente para o plural. Só fica no singular quando se quer informar que as ações acontecem de per si, em momentos diferentes, sucessivos.

Prática

■ Complete as lacunas.

25. Concomitantemente:
    Nem o grito, nem o palavrão, nem o tiro o _____. (amedrontou/aram)
26. Sucessivamente:
    Nem o grito, nem o palavrão, nem o tiro o _____. (amedrontou/aram)

SUJEITO COM NÚCLEOS LIGADOS POR COM / COMO

O **capitão** com o **sargento** organizar**am** o grupo.

O **capitão** **,** **com o sargento**, organiz**ou**.
adj. adverbial

Conclusão:

Quando os núcleos estão ligados por **com** ou **como** sem vírgula, o verbo vai para o plural, porque se trata de sujeito composto.
Se antes do **com** ou **como** há vírgula, o verbo fica no singular, porque o sujeito é simples seguido de uma expressão adverbial de companhia ou comparação.

Prática

■ Complete as lacunas.

27. O mestre com o boleeiro _____ a emenda. (J. L. Rego) (fez/fizeram)
28. Eu com os outros _____ bem cedo. (vim/emos)
29. O mestre, com o boleeiro, _____ a emenda. (fez/fizeram)
30. Eu, com os outros, _____ bem cedo. (vim/emos)

NÃO SÓ... MAS TAMBÉM, TANTO... QUANTO...

Não só o **grande**, mas também o **pequeno** compreend**em.**
compreend**e**

Tanto **José** como **Antônio** sabi**am** a verdade.
sabi**a**

Conclusão:

Sujeitos ligados por expressões correlativas, do tipo **não só** ... **mas também**, **não só** ... **mas ainda**, **tanto** ... **como** permitem o verbo no plural, ou concordando com o mais próximo.

Prática

■ Complete as lacunas.

31. Não só Eduardo mas até Roberta _____. (acertou/aram)
32. Tanto força quanto amor nos _____. (atinge/em)

MAIS DE UM, MAIS DE DOIS, MAIS DE TRÊS

Mais de um ... chegou
Mais de dois ... chegaram

Quando o sujeito se constrói com as expressões **mais de um**, **mais de dois**..., o verbo concorda com o numeral.

Prática

■ Complete as lacunas.

33. Mais de um correspondente _____. (noticiou/aram)
34. Mais de cinco pessoas _____. (pediu/ram)

Observações:

Sempre que houver reciprocidade, o verbo irá para o plural:
Mais de um amigo se abraçaram.
Se **mais de um** vier repetido, o verbo irá para o plural:
Mais de um soldado, **mais de um** general foram mortos.

UM E OUTRO, NEM UM NEM OUTRO

Um e **outro** falav**am**. falav**a**

Nem um nem outro ajudante saí**ram**. sai**u**

Um e **outro** prêmio const**am** da lista. const**a**

Conclusão:

As expressões **um e outro**, **nem um nem outro**, seguidas ou não de substantivo, permitem o verbo no singular ou no plural. Mas o substantivo sempre estará no singular. *Vide* Sujeito com núcleos ligados por nem, pág. 306.

Prática

■ Complete as lacunas.

35. Uma e outra menina _____. (sorria/am)
36. Uma e outra se _____. (calou/aram)
37. Nem um nem outro vizinho _____. (entendeu/eram)

UM OU OUTRO

Um ou outro ajudante reclam**ou**.
reclam**aram**

Conclusão:

Um ou outro normalmente leva o verbo para o singular, pois, geralmente, o **ou** tem ideia de exclusão. Porém, quando o **ou** trouxer ideia de inclusão, terá o verbo no plural.

Prática

■ Complete as lacunas.

38. Um ou outro se casar_____ amanhã com Ernestina. (casará/ão)
39. Um ou outro aluno reclam_____ de sua decisão. (reclamou/aram)

SUJEITO QUE

Ele foi o **candidato** (ANTECEDENTE) | **que** (PRONOME RELATIVO SUJEITO) | pass**ou**.

Eis as **candidatas** (ANTECEDENTE) | **que** (PRONOME RELATIVO SUJEITO) | passar**am**.

Conclusão:

Quando o sujeito é o pronome relativo **que**, o verbo concorda com o antecedente.

Prática

■ Complete as lacunas.

40. Encontramos os concorrentes que _____. (venceu/ram)
41. Fomos nós que _____. (venceu/emos)
42. Fostes vós que _____. (venceu/estes)

Observação:

Veja expressão **é que** na página 324.

SUJEITO QUEM

Foram eles quem **disse**.
disser**am**

Conclusão:

Quando o sujeito é o pronome relativo **quem**, o verbo, de preferência, fica na 3ª pessoa do singular. Contudo, há quem aceite sua concordância com o antecedente.

Prática

■ Complete as lacunas.

43. Fui eu quem te _____. (chamou/ei)
44. Foste tu quem me _____. (chamou/aste)
45. Fomos nós quem te _____. (chamou/amos)
46. Fostes vós quem nos _____. (chamou/astes)

SUJEITO UM DOS QUE

Ele era **um** d**os** candidatos **que** sabi**a**.
sabi**am**

Conclusão:

Quando o verbo se refere à expressão **um dos ... que**, pode concordar com **um**, no singular, ou com **os** do **dos**, no plural.

Prática

■ Complete as lacunas.

47. Eu sou um dos que te _____. (convidou/ei/aram)
48. Tu és uma das que _____. (cantou/aste/aram)

SUJEITO QUAIS DE VÓS, QUANTOS DE NÓS

Quais **Quantos** **Muitos** **Poucos** **Vários**... PLURAL	de dentre	**nós** **vós**	vencere**mos**/vencer**ão**. vencer**eis**/vencer**ão**.

Conclusão:

Com as expressões **quais de nós**, **quais de vós**..., se o primeiro pronome está no plural, o verbo concorda com ele. Mas também pode concordar com o pessoal (nós, vós).

Prática

■ Complete as lacunas.

49. Muitos dentre vós _____ felizes. (sairá/ão/eis)
50. Poucos de nós _____ o caso. (compreende/emos/em)

SUJEITO QUAL DE NÓS, NENHUM DE NÓS

Qual
Quem
Nenhum
Ninguém...
SINGULAR

de
dentre

nós
vós

chegar**á**.

Conclusão:

Se o primeiro elemento dessas locuções pronominais está no singular, o verbo obrigatoriamente concorda com ele.

Prática

■ Complete as lacunas.

51. Qual dentre vós _____ a oferta? (fará/eis)
52. Ninguém de nós _____ a oferta. (fará/eis)

A MAIORIA DE... GRANDE PARTE DE... UM ENXAME DE...

A maior parte dos **interessados** compareceu.
QUANTITATIVA PLURAL comparecer**am**

Conclusão:

Sujeito constituído por expressões quantitativas, seguidas de um nome no plural, admite o verbo no singular ou no plural.

Prática

■ Complete as lacunas.

53. Grande parte dos homens _____ o sigilo. (quebrou/aram)
54. Um monte de soldados _____ do outro lado. (surgiu/iram)

CADA... NENHUM... QUALQUER...

Cada verme, **cada** molusco, **cada** ameba com**põe** este universo.
SING.

Conclusão:

Sujeito com indefinidos (cada, nenhum, qualquer...) repetidos deixa o verbo no singular, a não ser que os indefinidos estejam no plural.

Prática

■ Complete as lacunas.

55. Qualquer homem, qualquer senhora _____ observar. (pode/em)
56. Nenhum inimigo, nenhum amigo _____. (duvida/am)
57. Nenhuns inimigos, nenhuns amigos _____. (duvida/am)

UM POR CENTO... VINTE POR CENTO...

Um por cento **das vítimas** chegou / chegaram ao abrigo.

Vinte por cento **da sala** estudaram. / estudou

Conclusão:

Sujeito constituído de percentual seguido de substantivo determinante: o verbo concorda com o numeral ou com o determinante.

Prática

■ Complete as lacunas.

58. Quinze por cento dos alunos _____. (passou/aram)
59. Um por cento da turma _____. (estudou/aram)
60. Treze por cento do time _____ bem. (atuou/aram)

Observação:

Se o numeral vem antecedido de artigo ou pronome adjetivo, o verbo só concorda com o numeral.

Os quinze por cento do grupo que for**am** chamados...

Aqueles três por cento da turma for**am** aplaudidos.

CERCA DE... PERTO DE... OBRA DE... + NUMERAL

Cerca de **vinte** pessoas gritav**am**.

Obra de **quatro mil** soldados ocupar**am** o porto.

Conclusão:

Expressão aproximativa seguida de numeral: o verbo concorda com o numeral.

Prática

■ Complete as lacunas.

61. _____ no cinema perto de duzentos convidados. (Entrou/aram)
62. Perto de sete séculos se _____. (passou/aram)

SUJEITO PLURAL APARENTE

Memórias de Agapito Goiaba foi pouco lido.

As **Memórias de Agapito Goiaba** for**am** pouco lidas.

Conclusão:

Nomes plurais de lugares e obras artísticas são tratados como singular se não vêm antecedidos por artigo. Se lhes antecede artigo, o verbo acompanha o artigo.

Prática

■ Complete as lacunas.

63. Campos _____ por sua economia. (surpreende/em)
64. As Minas Gerais que nos _____. (enfeitiça/am)
65. Minas Gerais que nos _____. (enfeitiça/am)
66. O Amazonas _____ a região Norte. (atravessa/am)

HAJA VISTA OU HAJAM VISTA

Haja vist**a** seus méritos...

Hajam vist**a** seus méri**tos**...

Haja vist**a** **a** seus méritos...
prep.

Haja em vist**a** seus méritos...
prep.

Conclusão:

Na expressão **haja vista**, o verbo pode ficar invariável ou concordar com o substantivo que se lhe segue. Havendo preposição antes ou depois da palavra **vista**, o verbo fica no singular.

Prática

■ Complete as lacunas.

67. Ele é bom batedor, _____ vista seus chutes. (haja/am)
68. Ele é bom batedor, _____ vista seu chute. (haja/am)
69. Ele é bom batedor, _____ em vista seus chutes. (haja/am)

ALUGA-SE CASA, ALUGAM-SE CASAS

Alu**ga**	-se	ca**sa**
VERBO	+ SE	SUBSTANTIVO SEM PREP.

Alug**am**	-se	cas**as**
VERBO	+ SE	SUBSTANTIVO SEM PREP.

Conclusão:

Quando um verbo seguido de **se** se refere a um núcleo substantivo não preposicionado, concorda com ele.

Prática

■ Complete as lacunas.

70. _____-se gravatas. (Conserta/am)
71. _____-se botões. (Cobre/em)
72. _____-se faca. (Afia/am)

GOSTA-SE DE FRUTA, GOSTA-SE DE FRUTAS

Gosta	-se	de fruta.
VERBO	+ SE	+ PREP. + SUBSTANT.

→ 3ª DO SINGULAR

Gosta	-se	de frutas.
VERBO	+ SE	+ PREP. + SUBSTANT.

→ 3ª DO SINGULAR

Vive	-se	bem.
VERBO	+ SE	+ ADV.

→ 3ª DO SINGULAR

Conclusão:

Verbo + **se** referindo-se a núcleo substantivo preposicionado, ou a advérbio, fica sempre no singular.
Verbo + **se** só vai para o plural quando se refere a núcleo substantivo plural, sem preposição (*Vide* item anterior).

Prática

■ Complete as lacunas.

73. _____-se em mudanças. (Fala/m)
74. _____-se por ajudantes. (Procurava/m)
75. _____-se muito aqui. (Discute/m)
76. _____-se feliz e não se _____. (Era/m; sabia/m)

Observação:

Observação: Já há teóricos que sugerem aceitar-se como portadoras de sujeito indeterminado frases como: *Aluga-se casa. Aluga-se casas. Conserta-se pneu. Conserta-se pneus.* E justificam com o argumento de que, na atualidade, tais construções perderam o significado passivo.

VOSSA SENHORIA ESTÁ... VOSSAS SENHORIAS ESTÃO...

Vossa Excelência ficou embaraçada, governadora.
3ª p. 3ª p.

Sua Santidade virá ao Brasil.
3ª p. 3ª p.

Conclusão:

Os pronomes de tratamento levam o verbo para a terceira pessoa (singular ou plural).

Prática

■ Complete as lacunas.

77. Vossa Alteza _____. (chegou/astes)
78. Vossas Reverendíssimas _____ . (entenderam/eis)
79. Sua Excelência _____. (virá/eis)

DAR, BATER, SOAR...

A torre da igreja SUJEITO SINGULAR	d**eu** bat**eu** so**ou**	**duas horas**. OBJETO DIRETO
Na torre da igreja ADJUNTO ADVERBIAL	der**am** bater**am** soar**am**	**duas horas**. SUJEITO PLURAL

Conclusão:

Os verbos **dar**, **bater**, **soar**, **repicar** e sinônimos concordam com o sujeito (a torre, o relógio, o sino...). Se não houver essas palavras como sujeito, as horas se transformam em sujeito.

Prática

■ Complete as lacunas.

80. Nos campanários _____ uma hora. (soou/aram)

81. O relógio _____ cinco horas. (batia/m)
82. Ao lado, devagar _____ dez horas, solenemente, o sino da matriz. (deu/deram)

SUJEITO COMPOSTO COM IDEIA ÚNICA

O presente e o passado esta**va** ali, na sua frente.

1

Conclusão:

Quando os sujeitos formam um todo indivisível, uma ideia única, o verbo fica no singular.

SUJEITO ORACIONAL

É ótimo [que todos saibam a verdade].

[Diminuir os privilégios], [equilibrar as finanças] **deve** ser o objetivo da política.
SING.

[Que ela estava feliz] e [que Joaquim não o percebia] **era** sabido de todos.
SING.

[Amar] e [correr] **faz** bem à saúde.
SING.

Conclusão:

Fica na 3ª pessoa do singular o verbo que tem como sujeito uma ou mais orações.

Atenção:

Se os infinitivos sujeitos vêm precedidos de artigo, ou são antônimos, o verbo vai para o plural, normalmente:

O amar e **o correr** faz**em** bem à saúde.
PLURAL

[**Amar**] e [**odiar**] faz**em** parte da vida.
PLURAL
Antônimos

PARECEM SORRIR OU PARECE SORRIREM

Ambos estão certos.

Os homens pareciam chorar. **Os homens** parecia **chorarem**.

Conclusão:

Varia só um dos dois: ou o verbo **auxiliar** ou o **infinitivo**.

ERRADO VARIAREM OS DOIS:

~~Os homens pareciam sorrirem.~~

Prática

■ Assinale **C** ou **E** para as concordâncias.

83. ( ) Futuro, passado e presente é uma só coisa, uma só realidade.
84. ( ) Deveria ser muito bom comer, dormir e amar à vontade.
85. ( ) Amar o próximo e ajudá-lo competem a nós.
86. ( ) Construir e destruir resume a vida humana.
87. ( ) Construir e destruir resumem a vida humana.
88. ( ) As nuvens parece desenharem infinitamente.
89. ( ) As nuvens parecem desenharem infinitamente.
90. ( ) As nuvens parecem desenhar infinitamente.

CONCORDÂNCIA DO INFINITIVO

Infinitivo Invariável

Viver é lutar.	Verbo impessoal, com ideia de sujeito indefinida ou muito vaga.
"Preparar. Apostar. Atinar." (EFP)	Função de imperativo.
Estava **a sonhar**.	Com preposição **a**, tem valor de gerúndio (Estava **sonhando**).
Fácil **de entender**.	Preposicionado, como complemento nominal de adjetivo. Há gramáticos que nele veem uma forma de voz passiva (Fácil de **ser entendido**).
Va**mos cantar**, dev**es dizer**...	Como verbo principal de locução verbal, é seu auxiliar que concorda com o sujeito.

Prática

■ Estabeleça a devida correspondência:

a) Verbo impessoal, com ideia de sujeito indefinida ou muito vaga.
b) Função de imperativo.
c) Com preposição **a**, tem valor de gerúndio.
d) Preposicionado, como complemento nominal de adjetivo. Há gramáticos que nele veem uma forma de voz passiva.
e) Como verbo principal de locução verbal, é seu auxiliar que concorda com o sujeito.

91. ( ) Os pais, as crianças, todos se puseram a rir.
92. ( ) Pessoal, todos agora. Mergulhar.
93. ( ) Estávamos juntos na sala, a conversar, a sorrir, a pilheriar.
94. ( ) Trata-se de uma situação fácil de solucionar.
95. ( ) Atingir a velhice pode ser superar a maturidade.

Infinitivo Variável ou Flexionado

Convém (**tu**) esta**res** atento.	Quando o sujeito do infinivo (expresso ou elíptico) é diferente do verbo da oração principal.
Será ótimo (**nós**) participa**rmos**.	
Poderão os brasileiros, em conjunto e em harmonia, organiza**rem**-se e leva**rem** adiante esse projeto?	Quando, em locução verbal, o infinitivo se encontra distante do verbo auxilar... ou quando se quer enfatizar, realçar a pessoa a quem se refere a ação.

Prática

Observe as frases-modelo e julgue Certa ou Errada cada declaração seguinte:

1. Devemos estarmos juntos para que nos possam verem melhor.
2. Convém estarmos juntos, a fim de que elas possam ver-nos melhor.

96. ( ) "Devemos estar" e "possam ver" constroem melhor a frase 1, porque em locução verbal, normalmente, o infinitivo é invariável.
97. ( ) Em 2, "estarmos" está corretamente flexionado para mostrar que tem um sujeito diferente do de "Convém".
98. ( ) Em 2, ficaria melhor a construção com "verem-nos".
99. ( ) Em 2, o verbo **ver** está bem usado porque, como é o verbo principal de uma locução (possam ver), o papel de concordar com o sujeito é exercido pelo seu auxiliar (possam).

Infinitivo como Complemento de Verbos Permissivos, Causativos e Sensitivos (veja Análise Sintática Visual)

INVARIÁVEL ou NÃO FLEXIONADO	VARIÁVEL ou FLEXIONADO
Não ***deixes*** cresc**er** as dúvidas.	Não ***deixes*** cresce**rem** as dúvidas.
Mandou os meninos entr**ar**.	***Mandou*** os meninos entra**rem**.
Senti-os sussurr**ar** no escuro.	***Senti***-os sussurra**rem** no escuro.
Ouvi fal**ar** bem de você	***Ouvi*** fala**rem** bem de você.

Prática

Observe as frases-modelo e julgue Certa ou Errada cada afirmação seguinte:

1. Vi nascer os primeiros raios. 2. Vi nascerem os primeiros raios.

100. ( ) A concordância do verbo **nascer** está errada em 1.
101. ( ) O verbo **ver** é um verbo sensitivo e o infinitivo que o complementa pode flexionar-se ou não, por isso estão corretas ambas as frases.
102. ( ) Em 2, a flexão do infinitivo ressalta, põe em destaque "os primeiros raios".

VERBOS DE 3ª PESSOA

Observe:

ESTAR **FAZER** **HAVER** **IR**	com ideia de TEMPO	CRONOLÓGICO OU METEOROLÓGICO	FICAM SEMPRE NA 3ª PESSOA DO SINGULAR
FENÔMENOS NATURAIS **HAVER com ideia de EXISTIR** **CHEGA DE... BASTA DE...**			

Prática

■ Complete as lacunas.

103. _____ de problemas. (Basta/m)
104. _____ trinta anos que se namoram. (Faz/em)
105. Com certeza, _____ soluções melhores. (haverá/ão)
106. _____ de haver ideias mais simples. (Há/hão)
107. _____ de sorrir com ela os arcanjos. (Há/hão)
108. _____ fazer três dias que ela se foi. (Vai/vão)
109. _____ para três meses que voltou. (Vai/vão)
110. _____ muitos torcedores lá. (Havia/m)
111. _____ muitas mulheres também. (Existia/m)
112. _____ existir muitas saídas. (Deve/m)
113. _____ haver muitas saídas. (Deve/m)
114. _____ muito nas férias. (Chovia/m)
115. _____ flores no casamento. (Chovia/m)

CONCORDÂNCIA DO VERBO SER

Observe:

Que Quem O que	**é** **são**	protozoár**io**? protozoár**ios**?

Conclusão:

Nas orações interrogativas iniciadas por **quem**, **que**, **o que**, o verbo **ser** concorda com o termo que lhe vem após.

Prática

116. Que _____ célula? (é/são)
117. Quem _____ os protagonistas? (é/são)
118. Quero saber o que _____ precatórios. (é/são)

Observe:

SUJEITO		PREDICATIVO
Isto, **isso**, **aquilo** **o** (= aquilo) **tudo**	**são** **é**	flor**es**
		substant. plural

Conclusão:

Quando o sujeito for um dos pronomes **isto**, **isso**, **aquilo**, **o** e **tudo**, e o predicativo for um substantivo plural, o verbo **ser** concorda preferencialmente com o predicativo plural, mas também pode concordar no singular com o sujeito.

Prática

■ Complete as lacunas.

119. Tudo aquilo _____ ameaças apenas. (era/eram)
120. O que ele quer _____ cuidados especiais. (é/são)

Observe:

Nós fomos campeões. Campeão **fui eu**.

Conclusão:

Se em qualquer dos lados há um **pronome pessoal reto**, o verbo com este concorda.

Prática

■ Complete as lacunas.

121. O interessado _____ tu. (era/eras)
122. Vós _____ os escolhidos. (sereis/serão)

Observe:

peso preço medida quantidade	**é**	**muito** **pouco** **tanto** **mais** **algo**

Conclusão:

Expressões indefinidas relacionadas a ideias de **medida** ou **quantidade** mantêm o verbo **ser** no singular.

Prática

123. Vinte anos _____ muito. (é/são)
124. Quarenta reais _____ pouco. (será/ão)
125. Cinco quilômetros não _____ tanto. (é/são)
126. Noventa quilos _____ muito pouco. (era/m)

Observe:

Daqui até lá **é** **um** quilômetro. Daqui até lá **são** **cinco** quilômetros.

Hoje **é** **dia** cinco. Hoje **é** **primeiro** de março.

Hoje **são** **cinco**. Agora **é** **uma** hora. **São** **duas** horas.

Conclusão:

Relacionado a **distância**, **data** e **hora**, o verbo **ser** concorda com o numeral. Nas datas, se aparecer a palavra **dia**, é com ela que o verbo concorda.

Prática

■ Complete as lacunas.

127. _____ meio-dia. (É/São)
128. _____ 20 de outubro. (Será/ão)
129. _____ quatro horas. (Era/m)
130. _____ dois metros. (É/São)

Observe:

Substantivo		Substantivo
O mundo	**é** / **são**	ilusões.
singular		plural

Substantivo		Substantivo
Os mundos	**é** / **são**	ilusão.
plural		singular

Conclusão:

O verbo **ser** entre dois substantivos comuns, de **números diferentes**, concorda com o que se quer realçar.

Prática

■ Complete as lacunas.

131. Justiça _____ as forças do bem. (é/são)
132. Telhas soltas _____ um perigo. (era/m)

Observe:

Irene / **gente** **era os devaneios** do namorado.

Os devaneios do namorado **era** a noiva. / **gente**

O verbo **ser** prefere concordar com o núcleo que se refere a **gente**.

Prática

■ Complete as lacunas.

133. Julieta sempre _____ as alegrias da família. (foi/foram)
134. Os seus sonhos _____ Carmelita. (era/eram)

Observação:

Pode haver concordância com o plural, quando este denota partes do corpo da pessoa nomeada.
Renato eram só aquelas mãos enormes.

Observe:

Sou **eu** que **saí**.
És **tu** que saí**ste**.
Fomos **nós** que saí**mos**.
Foram **eles** que saí**ram**.
Seremos **nós** que lutare**mos**.

Suj.		Verbo
Eu	é que	saí.
Tu	é que	saíste.
Nós	é que	saímos.
Eles	é que	saíram.

A expressão **é que** fica invariável em tempo, número e pessoa quando aparece unida, separando sujeito e verbo, porque expletivo, porque de realce.

Prática

■ Distribua as expressões: foi que, será que, é que, serão que.

135. Romero _____ venceu, mas _____ João _____ foi premiado.
136. Júlia _____ viajará, mas _____ Antônia _____ lucrará.
137. Nós _____ compraremos, mas _____ vocês _____ pagarão.

Observe:

Er**a** **uma vez** um rei e uma rainha, que...

Er**am** um **rei** e uma **rainha**, que...

Er**a** uma **rainha** que... Er**am** dois caminheir**os**...

Conclusão:

Se não houver a expressão **uma vez**, o verbo **ser** concorda com o substantivo ou substantivos que o seguir(em).

Prática

138. Assinale a que **não** está correta.
   a) Aqui faz verões quentíssimos.
   b) Chegou agora o pessoal da festa.
   c) Deu cinco horas agora.
   d) Chegaram a lutadora e o adversário.

139. a) Faltava uma hora, agora só faltam vinte minutos.
   b) Faltaram quinhentos e vinte e três pessoas.
   c) Receba Vossa Majestade nossas congratulações.
   d) Fazia duas semanas que estava mudo.

■ Escolha a opção ou opções corretas.

140. Após o baile _____ confetes e serpentinas. (sobrou/aram)
141. Cada um de vocês, cada um de nós _____ um prêmio. (ganha/em/amos)
142. _____ poucos metros para que _____ vítimas. (Faltou/aram; houvesse/em)
143. _____ mais cedo meus pais e eu. (voltaram/amos)
144. O presidente com o ministro _____ manifestar-se (resolveu/ram)
145. O prefeito, com o vereador, _____ os presentes. (convenceu/ram)
146. Nem ele, nem você _____ comigo. (concordou/aram)
147. Ele ou você _____ o vencedor. (será/ão)
148. Ele ou você _____ os vencedores. (será/ão)
149. Tu ou ele _____ os vencedores. (serão/eis)
150. Júlia, tu e eu _____ fora. (almoçarão/emos/eis)
151. Todos, exceto eu, _____ com o juiz. (concordaram/amos)
152. Qual de vós _____ com isso? (concorda/ais)

153. Quantos dentre vós _____ com isso? (concordam/ais)
154. Mais de um lutador _____ -se. (embolou/aram)
155. _____ vários erros no relatório. (Havia/m)
156. _____ sido cometidos vários erros no relatório. (Havia/m)
157. Não _____ ali erros graves. (existia/m)
158. Àquela hora, um menino e uma menina _____. (nascia/m)
159. Um grupo de inocentes _____ . (deporá/ão)
160. Por isso, _____ embora o cansaço e a fraqueza. (foi/ram)
161. _____ por aqui Cláudio e Teresa. (Passou/aram)
162. Vós e vossos amigos _____ sorte. (tiveram/stes)
163. Só o Brasil ou a Itália _____ ser o futuro campeão. (poderá/ão)
164. Você, ela, eu, ninguém, naquele momento, _____ . (acreditei/ou/amos)
165. Afeto e ternura _____ a gente. (comove/m)
166. O interesse, a gratidão, o dever _____ impotente... (fica/m)
167. A pobreza ou a falta de higiene _____ o ser humano. (prejudica/m)
168. A tia ou a sobrinha _____ isto. (fez/fizeram)
169. A verdade, ou verdades _____ ser alcançadas. (pode/m)
170. A verdade, ou verdades, _____ ser alcançada. (pode/m)
171. Nem o medo, nem o frio o _____ . (demoveu/ram)
172. Júlia com Joaquim _____ a festa. (preparou/aram)
173. Júlia, com Joaquim, _____ a festa. (preparou/aram)
174. Nem um nem outro _____.(chegou/aram)
175. Um ou outro _____. (saiu/ram)
176. Um e outro _____. (cantava/m)
177. Um e outro competidor _____. (convence/m)
178. Uma e outra vizinha _____ aqui. (está/ão)
179. Um e outro competidor _____-se. (cumprimenta/m)
180. Nem um nem outro se _____. (entende/m)
181. Encontrei os anéis que _____. (sumira/m)
182. Somos nós que_____. (vencerá/emos)
183. Seriam elas que _____. (venceria/m)
184. Elas _____ venceriam. (é que/seriam que)
185. Vós _____ vencereis. (é que/sereis que)
186. Seriam elas quem _____. (venceria/m)
187. Fomos nós quem _____. (venceu/emos)
188. Tu foste um dos que _____. (concordou/aste/aram)
189. Quantos de nós _____ lá? (chegarão/emos)
190. Vários de vós _____ lá. (chegarão/eis)
191. Quem de nós _____? (falou/aram)
192. Grande parte dos jogadores _____ cedo. (levantou/aram)
193. Oito por cento _____ ali. (está/ão)

194. Oito por cento do grupo _____ ali. (está/ão)
195. Os oito por cento do grupo _____ ali. (está/ão)
196. Perto de cinquenta pessoas _____. (gritava/m)
197. Os Estados Unidos _____ uma proposta. (apresentou/aram)
198. Minas Gerais _____ agindo. (continua/m)
199. As Minas Gerais _____ produzindo. (continua/m)
200. Estamos todos felizes, _____ vista nossos sorrisos. (haja/m)
201. Estamos todos felizes, _____ em vista nossos sorrisos. (haja/m)
202. _____-se por líderes. (Procurava/m)
203. _____-se líderes. (Procurava/m)
204. Ali se _____ em treinamentos intensivos. (pensava/m)
205. Aqui se _____ treinamentos intensivos. (faz/em)
206. Duas horas _____, na noite úmida, o sino recém-instalado. (bateu/eram)
207. Pensar e refletir _____ para a evolução. (ajuda/m)
208. Os animais _____ pensar. (parecia/m)
209. Os animais _____ pensarem. (parecia/m)
210. Hoje _____ de janeiro. (são um/é um/é primeiro)
211. Amanhã _____ dois. Ontem _____ dia 31 de dezembro. (será/ão; foi/ram)

Prática Geral

212. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Levando em consideração as regras de concordância nominal, escreva (1) para as frases corretas e (2) para as incorretas.
( ) Quando a senhora terminou de abrir as malas, já era meio-dia e meia.
( ) A própria sogra presenciou a abertura das malas; sim, ela mesmo.
( ) Anexo àquela carta destinada ao pai da moça, foram remetidas as jóias.
( ) Ao final da tarde, a senhora mostrava-se meio apreensiva.
( ) Naquelas bagagens havia jóias muito preciosas.
A sequência correta é
a) 1, 1, 2, 2, 1.
b) 2, 1, 1, 2, 2.
c) 1, 2, 1, 2, 1.
d) 2, 2, 1, 1, 2.
e) 1, 2, 2, 1, 1.

213. (PRF/N.M./ANP) Há **erro** de concordância em:
a) aluna e alunos estudiosos.
b) nome e situação conhecida.
c) exercícios e dieta recomendados.
d) estradas e parques mal conservadas.

214. Assinale a alternativa **correta**.
a) Foram cobrados as taxas e as multas recentes, mas perdoados os débitos anteriores.
b) Ao gerente não passou despercebido a arrogância do cliente.
c) A caneta custou cara, mas não se arrependeu da compra.
d) Foi dispensado do trabalho porque os dedos indicador e médio estavam feridos.

215. Assinale a alternativa **correta**.
a) Remetemos anexa uma fotocópia do recibo.
b) Era ela mesmo que, sempre ao meio-dia e meio, conferia o dinheiro arrecadado.
c) Considerou inútil as medidas para conter a corrida da população aos bancos.
d) É proibido a entrega de declarações de imposto de renda, nas agências bancárias, após o prazo estabelecido pela Fazenda.

216. (ALCL-DF/N.S./IDR) Marque a alternativa na qual **só uma** das concordâncias nominais é **correta**.
a) Uma e outra questão examinadas.
Uma e outra questão examinada.
b) Vossa Excelência é esperada, Sra. Ministra.
Vossa Excelência é esperado, Sr. Ministro.
c) A primeira e a segunda sessão.
A primeira e a segunda sessões.
d) Proposta e projeto aceitos.
Proposta e projeto aceito.

217. (ALCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa em que **somente um** dos itens é **correto**.
a) Segue anexa a documentação exigida.
Segue anexo a documentação exigida.
b) É vedado às empresas praticar atos desse teor.
É vedado as empresas praticarem atos desse teor.
c) Ela nada tem de sedutor.
Ela nada tem de sedutora.
d) Eles parecem estar contentes.
Eles parece estarem contentes.

218. (Ag. Adm./TRT/N.M./ACCESS) A concordância nominal das **duas** frases está **correta** em:
a) Devemos analisar os defeitos e as virtudes **verdadeiras**.
Devemos analisar os defeitos **verdadeiros** e as virtudes **verdadeiras**.
b) O pivete não tem ação e julgamento **éticos**.
O pivete não tem julgamento e ação **éticas**.

c) Eram **doentias**, o crime e a brutalidade.
O crime e a brutalidade eram **doentios**.
d) A senhora e o adolescente eram **violentos**.
A senhora e a adolescente eram **violentos**.
e) Ele pesquisa o comércio e as finanças **brasileiros**.
Ele pesquisa as finanças e o comércio **brasileiras**.

219. (TFC-RJ/N.S.) Assinale a opção em que **não** há **erro**.
a) Seguem anexo os formulários pedidos.
b) Não vou comprar esta camisa. Ela está muito caro!
c) Estas questões são bastantes difíceis.
d) Eu lhes peço que as deixem sós.
e) Estando pronto os preparativos para o início da corrida, foi dada a largada.

220. (AFRE-SP/N.S.) Assinale a alternativa **correta**.
É _____ prudência na interpretação dos resultados, _____ seguem _____ algumas normas.
a) necessária / porisso / inclusas.
b) necessário / por isso / inclusa.
c) necessária / porisso / incluso.
d) necessário / por isso / inclusas.

221. Indique a alternativa **correta** em relação à concordância nominal.
a) Não é permitida a presença de menores neste recinto.
b) Segue incluso no envelope a procuração e o requerimento.
c) Infelizmente temos motivos bastante para duvidar de você.
d) Limonada é muito boa para refrescar.
e) Todos acharam a moça e o rapaz muito simpática.

222. Há **erro** de concordância na frase:
a) Encontrei a ficha anexa.
b) Muito obrigado, disse-me ela sorrindo.
c) Voltarei ao meio dia e meia.
d) Depois ela ficou meio desconfiada.
e) Ela própria confirmou o que disse.

223. A concordância nominal apresenta-se **correta** na alternativa:
a) Havia no baú pentes e rendinhas barato.
b) Assustadas a cidade e os coronéis viram o desastre.
c) Na bagagem, muitos relógios foram encontrado.
d) Enviamos anexos os relatórios sobre os assaltos.
e) Apreenderam pacotes de cigarros americano.

224. A concordância nominal está **correta** em:
a) A mãe avisou que seria temerário, mesmo sendo período de férias, a ida do menino à escola.
b) Os atos indisciplinados do menino custaram caros a seu pai e mãe zelosa.
c) Já se acreditou que palmatória era bom para manter a ordem na escola.
d) Depois de retribuir à professora, o menino estava certo de que ficou quites com ela.

225. Assinale a opção que contenha **silepse** (discordância da palavra, concordância com a ideia).
a) "No Ocidente desenvolvido é de rigor tirar férias até para quem não faz nada."
b) "Os presidentes herdaram-lhe o hábito e, enquanto a capital ficou no Rio de Janeiro, costumavam passar temporadas de refresco na mesma Petrópolis, no Palácio Rio Negro."
c) "(...) e portanto não pode haver nem índices de inflação nem artigos de economistas da PUC-Rio."
d) "Como escreveu o articulista da revista *Time* James Collins, são ocasiões que oferecem aos presidentes um poderoso segundo contexto (...)."
e) "Da serra gaúcha ao litoral nordestino, há muitos lugares aprazíveis no Brasil, inclusive, sem humor negro, a reserva ianomâmi (...)."

226. Assinale a opção que se apresenta **correta** quanto à concordância nominal.
a) Além de valioso para a compreensão das características dos povos em cujas estruturas mentais não entra o conceito de férias, as reflexões do articulista não perdem a força de argumento a favor das férias para presidentes.
b) O articulista refere-se aos hábitos de Dom Pedro II de uma maneira familiar, como se o tivesse presenciado; faz, ainda, comentários sobre o de outros presidentes do passado.
c) O texto apresenta vários aspectos que, por si só, explicam as diferenças entre os povos que têm direito a férias e os que não o tem.
d) Na semana passada, de forma inusitada, os agentes de segurança procuraram ficar o mais afastados possível do presidente, alegando que a tática visava a uma maior liberdade para o chefe de Estado.
e) O articulista qualificou de danoso à nação – dadas as circunstâncias do evento – a viagem do presidente Collor a Angra dos Reis e a Araxá.

■ Estabeleça a devida correspondência com relação ao uso do infinitivo:
a) Verbo impessoal, com ideia de sujeito indefinida ou muito vaga.
b) Função de imperativo.
c) Com preposição **a**, tem valor de gerúndio.
d) Preposicionado, como complemento nominal de adjetivo. Há gramáticos que nele veem uma forma de voz passiva.
e) Como verbo principal de locução verbal, é seu auxiliar que concorda com o sujeito.

227. ( ) Todos os presentes devemos parar para refletir e rir.
228. ( ) Avançar.
229. ( ) Entrou no salão, a sorrir e a distribuir abraços.
230. ( ) Osso duro de roer, água boa p'ra beber.
231. ( ) Viver bem é participar e construir.

■ Observe as frases e julgue Certa ou Errada cada afirmação seguinte:
1. Ouvia farfalhar as folhas da palmeira.
2. Ouvia farfalharem as folhas da palmeira.

232. ( ) Em 1, a concordância do verbo **farfalhar** se faz com **as folhas da palmeira**.
233. ( ) Em 2, a concordância do verbo **farfalhar** se faz com **as folhas da palmeira**.
234. ( ) O verbo **farfalhar** é um verbo sensitivo, e o infinitivo que o complementa pode flexionar-se ou não, por isso estão corretas ambas as frases.
235. ( ) As duas frases têm exatamente o mesmo significado.
236. ( ) Em 2, a flexão do infinitivo ressalta, põe em destaque "as folhas da palmeira".

■ Observe as frases e julgue Certa ou Errada cada declaração seguinte:
1. Estuda para passar.
2. Estuda para passares.

237. ( ) Em cada uma das duas frases, os dois verbos se referem a pessoas distintas.
238. ( ) A construção 1 é preferível à 2, porque os dois verbos se referem a uma mesma pessoa, ou indivíduo.

3. É bom saírem logo, para poderem ver a lua.

239. ( ) **É bom saírem** é uma locução verbal, e os dois verbos, "É" e "saírem", referem-se à mesma pessoa.
240. ( ) **É** e **saírem** estão em pessoas diferentes, porque têm sujeitos diferentes.
241. ( ) **poderem ver** é uma locução verbal e os dois verbos se referem à mesma pessoa.
242. ( ) Na locução verbal, o verbo auxiliar (poderem) estabelece a concordância, enquanto o verbo principal no infinitivo (ver) fica invariável.

■ Assinale **C** ou **E**, conforme a frase esteja de acordo ou em desacordo com a concordância verbal.
243. ( ) Mandou calar-se todos os que cochichavam.
244. ( ) Tu devias, com certeza, fazeres o que te pedem.
245. ( ) Mandou calarem-se todos os que cochichavam.
246. ( ) Tu devias, com certeza, fazer o que te pedem.

247. ( ) No seguinte exemplo de Alexandre Herculano "**Queres ser** mau filho, mau amigo, **deixares** uma nódoa d'infâmia na tua linhagem?", apresentado por Rocha Lima, ocorre simultaneamente o infinitivo invariável e o variável.

248. ( ) Na seguinte estrofe de Gonçalves Dias "**Possas** tu, descendente maldito / De uma tribo de nobres guerreiros, / Implorando cruéis forasteiros, / **Seres** presa de vis Aimorés!", **possas** e **seres**, verbos respectivamente auxiliar e principal, estão variando, em função de estarem distantes um do outro. Se estivessem juntos, só o auxiliar concordaria com o sujeito elíptico **tu**: **possas ser**. Como estão afastados, a flexão do infinitivo reforça a ideia de o sujeito ser **tu**.

249. ( ) Em "A maré, calma e serena, fazia **acalmarem as sensações** dentro de mim" e "A maré, calma e serena, fazia **acalmar as sensações** dentro de mim", as duas construções exemplificam infinitivo complemento de verbo causativo e ambas estão corretas.

250. ( ) **Ve**r, **ouvir** são verbos sensitivos, **deixar** é permissivo, **fazer** e **mandar** são causativos. Com eles, o infinitivo pode apresentar-se flexionado ou não.

251. (Cespe) Se para a elite social o trabalho infantil era uma medida de prevenção, para os pobres era uma maneira de sobreviver.

( ) A forma verbal "era" foi empregada na primeira pessoa do singular para concordar com a expressão "a elite social".

252. (Cespe) Mesmo que não possamos olhar de um curso único para história, os projetos humanos têm um assentamento inicial que já permite abrir o presente para a construção de futuros possíveis.

( ) Preservam-se as relações argumentativas, a noção de pluralidade e a correção gramatical da oração ao se empregar a expressão **cada projeto humano** em lugar de "os projetos humanos".

253. (Cespe – adaptado) Desde a chegada dos portugueses até as últimas décadas do século XIX, foi aberta uma infinidade de caminhos terrestres e rotas fluviais de circulação, em um esforço verdadeiramente titânico de apropriação.

( ) Diminuindo-se a ênfase, o desenvolvimento das ideias no texto e sua estrutura linguística permitem substituir o termo "uma infinidade" por **inúmeros**.

254. (Cespe) As carruagens tinham eixos desse tamanho para caber nos sulcos escavados ao longo do tempo nas estradas da Grã-Bretanha. As estradas da Grã-Bretanha tinham sido construídas pelos romanos, e os sulcos foram escavados por carruagens romanas.

( ) Devido ao valor de mais-que-perfeito das duas formas verbais, preservam-se a coerência textual e a correção gramatical ao se substituir "tinham sido" por **havia sido**.

255. (Cespe) A velocidade, símbolo do desenvolvimento tecnológico e de um modo de produção e consumo cada vez mais vorazes, criou um sentimento de urgência que poucos conseguem administrar. Se é que conseguem mesmo.
( ) A inserção de **administrarem** depois de "mesmo" tornaria explícita uma ideia subentendida do texto e preservaria sua correção gramatical.

256. (Cespe) Tudo indica que mais de 70% do trabalho no futuro vão requerer a combinação de uma sólida educação geral com conhecimentos específicos.
( ) O emprego da flexão de plural em "vão" respeita as regras de concordância com "mais de 70% do trabalho".

257. (Cespe) O estudo do engenheiro militar Eduardo José de Moraes, apresentado ao governo imperial em 1869, continha ambicioso projeto de aproveitamento de vários rios brasileiros.
( ) "Continha" está na 3ª pessoa do singular para concordar com Eduardo José de Moraes.

258. (Funrio)
Rio, podem dizer o que quiser,
Mas o xodó do povo é o Rio.
Casa do samba e do amor, do Redentor,
Louvado seja o Rio.

Sobre os versos iniciais da canção "Delírio dos Mortais", de Djavan, é correto afirmar que a concordância verbal do trecho "podem dizer o que quiser" é
a) facultativa: pode-se considerar que o sujeito desses verbos está oculto.
b) ideológica: prevalece a ideia genérica e não identificada do sujeito.
c) rígida: admite-se que o sujeito indeterminado leve o verbo à 3ª pessoa.
d) estilística: integra o individual no coletivo com a mistura de tratamento.
e) viciosa: deveria ser corrigida para "podem dizer o que quiserem".

259. (FCC) Há um **deslize** na concordância verbal da seguinte frase:
a) Aos golpes mais duros da vida responde uma amizade verdadeira com palavras e gestos de solidariedade.
b) Nunca haverão de nos faltar, quando contamos com amigos verdadeiros, a força justa das palavras certas.
c) Assim como ninguém vive sem o préstimo da água, não se superam os infortúnios sem o apoio de um amigo verdadeiro.
d) Os sofrimentos que pesam sobre alguém haverão de ser mais leves com a companhia solidária de um amigo leal.
e) Importa, acima de todas as coisas, poder contar com a lealdade e os bons préstimos que nos oferece a amizade verdadeira.

260. (FCC) Estão plenamente respeitadas as normas de concordância verbal na frase:

a) É muito difícil que se cumpra os propósitos que, invariavelmente, se formula a cada início de ano.
b) Enredam-se nas tramas das próprias memórias todo aquele que não busca abrir, para si mesmo, novos tempos e novas experiências.
c) A cada vez que dá impulso a uma nova cadeia de acontecimentos, os homens se tornam autores de seu próprio destino.
d) Não deveriam caber às pessoas tomar suas próprias iniciativas, em vez de se submeterem à força do acaso?
e) Aos que não submete a força imperiosa das experiências passadas estende-se a possibilidade de abrir novos tempos.

Regência

DEFINIÇÃO

REGÊNCIA		REGENTE (VERBO OU NOME)	REGÊNCIA (PREPOSIÇÃO)	REGIDO
REGÊNCIA	VERBAL	vencer	∅	o obstáculo
		gostar	de	alguém
		agradecer	a	alguém
	NOMINAL	ansioso	por	justiça
		necessidade	de	algo
		referentemente	a	o processo

Prática

■ Observando o esquema acima, julgue se são certas ou erradas as seguintes afirmações e ponha nos parênteses **C** ou **E**.

1. ( ) Regência é um fenômeno que ocorre entre um termo regente e um regido.
2. ( ) O termo regente é subordinante; o regido, subordinado.
3. ( ) Se o regente é um verbo, trata-se de regência verbal.
4. ( ) Se o regente for uma preposição, trata-se de regência nominal.
5. ( ) Os verbos podem reger com ou sem preposição.
6. ( ) A regência nominal é sempre preposicionada.
7. ( ) Os nomes que podem ser regentes são: adjetivo, substantivo e advérbio.

Conclusão:

Regência é a relação existente entre um termo subordinante e um ou mais subordinados.

REGÊNCIA VERBAL

Observe:

A: lutar contra (= brigar); lutar por (= esforçar-se); lutar judô (praticar).
B: chamar alguém; chamar por alguém.
C: avisar alguém de algo; avisar algo a alguém.

Prática

■ Agora assinale **C** para certo e **E** para errado.

8. ( ) De A, conclui-se haver verbos que, mudando a regência, mudam a base de significado.
9. ( ) De B, conclui-se que, às vezes, a mudança de regência quase nada ou pouco influi no significado.
10. ( ) De C, conclui-se que um verbo pode ter um termo regido com preposição e um sem preposição.

Regência dos verbos mais frequentes

Agradar

Agradar	∅	alguém	= acarinhar
Agradar	a	alguém	= cair no seu agrado

Prática

■ Complete as lacunas.

11. Parecia que a proposta dos patrões não agradara _____ trabalhadores. (aos/os)
12. O gesto impensado do rapaz não deve ter agradado _____ namorada. (a/à)
13. Com mãos suaves, ela agradava _____ criança que caíra. (a/à)
14. Agradava _____ o gesto de amor. (o/a ele)

Ansiar

Ansiar	∅	alguém	= provocar angústia em alguém
Ansiar	por	algo	= almejar

Prática

■ Complete as lacunas.

15. Em virtude da fadiga, ansiava _____ uma ilha. (∅/por)
16. Aquelas palavras ansiavam _____. (-no/por ele)

Aspirar

Aspirar	∅	algo	= sorver, respirar
Aspirar	a	algo	= desejar, almejar *

* Neste sentido, não aceita **lhe(s)**, apenas **a ele(s)**, **a ela(s)**.

Prática

■ Complete as lacunas.

17. Trancado no apartamento, o escritor aspirava _____ ar do campo. (ao/o)
18. Cavalgando na fazenda, ele aspirava _____ ar puro, sem saudade da poluição. (o/ao)
19. Após tantos anos, a professora aspirava _____ aposentadoria. (a/à)
20. Àquele cargo? Sim, aspiro _____. (ele/a ele)

Assistir

Assistir	a	algo	= presenciar *
Assistir	∅/a	alguém	= dar assistência (v.t.d.)
Assistir	a	alguém	= caber direito
Assistir	em	algum lugar	= morar

* Neste sentido, não aceita **lhe(s)**, apenas **a ele(s)**, **a ela(s)**.

Prática

■ Complete as lacunas.

21. Tenho minha própria casa e _____ assisto. (a ela/nela)
22. Assiste _____ cidadão o direito de escolher seus representantes. (ao/o)
23. Foi muito bom o filme _____ que assistimos. (a/∅)
24. Assistir _____ doentes deve ser prioridade na ação governamental. (aos/os)
25. Esta cena, já assistimos _____. (lhe/a ela)

Atender

Atender	∅	Não faz nada. Atende.	= Espera
Atender	o	O ministro atendeu o requerente	= ouviu
Atender	a	Atender às súplicas... Atendeu à conversação.	= dar atenção a
Atender	em	Se atendermos nas provações...	= correspondermos
Atender	para	Basta atender para essas infecções.	= atentar para

Chamar

Chamar	∅	alguém	= convocar
Chamar	por	alguém	= invocar
Chamar	∅/a	alguém de	= atribuir qualidade ou nomear

Prática

■ Complete as lacunas.

26. O diretor chamou _____ professores para uma reunião. (aos/os)
27. No caso das aposentadorias, a própria imprensa chamou _____ jornalistas de espertalhões. (aqueles/àqueles)
28. É comum chamar ignorantes _____ pessoas que não pensam como nós. (as/às)
29. Nas horas difíceis, chamava _____ Deus. (a/por)

Atenção:

Todas certas:

Chamei-o valente.	Chamei-lhe valente.
Chamei-o de valente.	Chamei-lhe de valente.

Chegar

Chegar	a/de	um lugar
Chegar	em/de	meio de transporte

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

30. ( ) Ele chegou em Paris.
31. ( ) Chegou no último trem.
32. ( ) Ele chegou a Paris.
33. ( ) Chegou de trem.

Custar

Custar	∅	tanto	= atribuir valor
Custar	a	alguém	= ser custoso, ser difícil

Prática

■ Complete as lacunas.

34. Pagou com sacrifício os cem mil reais ____ que custou a casa. (∅/a)
35. Parece custar _____ pessoas mudar suas opiniões. (as/às)
36. Não custa _____ alunos manter a sala limpa. (os/aos)

Atenção:

ACEITÁVEL	TRADICIONALMENTE CERTO	ACEITÁVEL
Eu ~~custo~~ a crer.	Custa-me crer.	Custa-me a crer.
Tu ~~custas~~ a crer.	Custa-te crer.	Custa-te a crer.
Ele ~~custa~~ a crer.	Custa-lhe crer.	Custa-lhe a crer.
Nós ~~custamos~~ a crer.	Custa-nos crer.	Custa-nos a crer.
Vós ~~custais~~ a crer.	Custa-vos crer.	Custa-vos a crer.
Eles ~~custam~~ a crer.	Custa-lhes crer.	Custa-lhes a crer.

Esquecer

Esquecer	∅	algo/alguém
Esquecer-se	de	algo/alguém
Esquecer-se	(de)	que...

Algo esquece a alguém (foge da memória).

Prática

■ Complete as lacunas.

37. Você não poderá esquecer-se _____ nossa amizade. (a/da)
38. Recordo os dias tristes _____ que você já esqueceu. (de/∅)
39. Esqueceram _____ soldado as angústias da guerra. (ao/o)
40. Esqueceu-lhe _____ assunto. Esqueceram-se _____ assunto. (o/do)
41. Esqueci-me _____ que você viria. (∅/de)

Implicar

Implicar	com	algo	= ter implicância
Implicar-se	em	algo	= envolver-se
Implicar	∅	algo	= acarretar

Prática

■ Complete as lacunas, de 42 a 44. Reescreva, corrigindo, de 45 a 47.

42. Devem ser profundamente analisadas as conseqüências _____ que essas medidas implicarão. (∅/em)
43. O ex-presidente implicou-se _____ tráfico de influência. (em/com)
44. Uma coisa implica _____ outra. (em/∅)

45. Esta medida não implica em aumento de custo.

_____

46. Ela, sem saber, implicava de mim.

_____

47. A nova lei implicou na mudança das taxas.

_____

Ir, vir

Ir	a	um lugar (temporariamente)
Vir	para	um lugar (definitivamente)
	de/por	um lugar
	em/de	meio de transporte

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

48. ( ) Ele foi de ônibus.
49. ( ) Ele foi na carroça do amigo.
50. ( ) Ele veio de Recife.
51. ( ) Veio no velho carro.
52. ( ) Veio por Recife.
53. ( ) Veio a Brasília.
54. ( ) Fui em Petrópolis.
55. ( ) Fui a Rondônia.

Lembrar, avisar, prevenir

Lembrar	∅	algo	a alguém
Lembrar	∅	alguém	de algo
Lembrar	∅	algo	
Lembrar-se	de		algo/alguém
Lembrar-se	(de)		que...

Algo **lembra** a alguém (vem à memória).

Prática

■ Complete as lacunas.

56. Todos lembravam _____ gentileza com que nos recebera. (a/da)
57. Era uma moça simpática _____ cujo nome não me lembro. (de/∅)
58. Os dias felizes do passado lembravam _____ todos nós. (a/∅)
59. Lembrou-lhe____ ocorrido. Lembraram-se_____ ocorrido. (o/do)
60. Lembrou-me _____ infância. (a/da)

Morar, residir, situar-se, estabelecer-se

Morar Residir	em	uma casa, rua, praça, cidade, país	
morador em	residente em	sito em	estabelecido em

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

61. ( ) Ele mora à rua do Cais.
62. ( ) ...dono do estabelecimento, sito à Avenida Paulista, nº...
63. ( ) João morava em Recife, na rua...

Namorar

Namorar Namorar	∅ com	alguém alguém (em companhia de)

Prática

■ Complete as lacunas.

64. Não é inteligente a moça _____ que ele namora. (∅/com)
65. Esta moça _____ cuja irmã eu namoro é médica. (∅/com)
66. _____ quem ela está namorando? (∅/com)

Obedecer, desobedecer, suceder, obstar

Obedecer Desobedecer Suceder Obstar	a	algo / alguém

Prática

■ Complete as lacunas.

67. Às vezes se deve obedecer _____ ditames do coração. (aos/os)
68. A pessoa _____ que ele sucederia já fora avisada. (∅/a)
69. Alguns fatores externos poderiam obstar _____ que fizesse um bom planejamento. (∅/a)
70. Não se pode, impunemente, desobedecer _____ leis. (as/às)

Pagar

Pagar	algo	ao credor

Prática

■ Complete as lacunas.

71. Tivemos dificuldade para pagar _____ empréstimo. (o/ao)
72. Já podemos pagar _____ Banco agora que recebemos. (o/ao)
73. A seguradora _____ pagamos o seguro do carro não nos atendeu quando precisamos. (a que/que)

Perdoar

Perdoar	algo	a alguém

Prática

■ Complete as lacunas.

74. Não podem perdoar sempre _____ erros que você comete. (os/aos)
75. Desta vez, perdoo _____ você. (a/∅)
76. Perdoar _____ que nos fazem mal é preceito bíblico. (os/aos)

Preferir

Preferir	isto	a aquilo

Prática

■ Complete as lacunas.

77. Ela demonstrara preferir _____ ficar em casa _____ sair. (mais...do que/antes...que/∅...a)
78. O diretor preferiu _____ acatar aquelas ordens _____ exonerar-se. (a...∅/mais...que/antes...a)
79. Prefiro _____ ler _____ ver televisão. (mais...que/∅...a)

Presidir

Presidir	∅ a	uma reunião uma reunião

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

80. ( ) Na reunião em que ele presidiu...
81. ( ) Na reunião que ele presidiu...
82. ( ) Na reunião a que ele presidiu...

Querer

Querer	∅	algo/alguém (= desejar)
Querer	a	alguém (= gostar)

Prática

■ Complete as lacunas.

83. Queremos _____ seu bem. (o/ao)
84. Quero _____ que me querem bem. (os/aos)
85. São poucas as pessoas _____ quero perto de mim. (a que/que)

Responder

Responder	∅	algo (= dar como resposta)
Responder	a	algo/alguém (= dar uma resposta a...)

Prática

■ Complete as lacunas.

86. O convidado de honra respondeu _____ viria. (que/a que)
87. Ninguém respondeu _____ questionário. (o/ao)
88. Não conheço a carta _____ ele respondeu tão prontamente. (que/a que)

Visar

Visar	a/∅	algo	= ter em vista, almejar *
Visar	∅	algo	= pôr visto
Visar	∅	algo	= mirar

* Neste sentido, não aceita **lhe(s)**, apenas **a ele(s)**, **a ela(s)**.

Prática

■ Complete as lacunas.

89. Era necessário visar _____ cada página do contrato. (a/∅)
90. O alvo _____ que ele visava encontrava-se a uma grande distância. (∅/a)
91. Cada candidato deve visar _____ primeiro lugar no concurso. (ao/o)

Isto é para eu fazer *isto é para mim*

SUJ. INFINITIVO NÃO SUJ.

Usam-se os pronomes retos **eu** e **tu** para sujeito de infinitivo. Os oblíquos **mim** e **ti** para outras funções.

Prática

■ Complete as lacunas.

92. Aquilo era para _____ fazeres. Aquilo era para _____. (tu/ti)
93. A peça era para _____ escrever. A peça era para _____. (mim/eu)
94. A peça era para _____ e _____ escrevermos. (mim e ti/eu e tu)

Está na hora de	*a onça*	*beber*	*água*
Está na hora	*da onça*	*beber*	*água*
	SUJEITO	INFINITIVO	

A maioria dos gramáticos prefere a primeira construção, apontando na segunda frase um erro: o sujeito preposicionado **da onça**.

Prática

■ Assinale as melhores alternativas.

95. Está na hora de o José sair.
96. Isto é difícil dela entender.
97. Está na hora do José sair.
98. Isto é difícil de ela entender.

Pedir ~~para que~~

Pedir	a alguém (lhe)	algo
Pedir	a alguém (lhe)	que faça algo
Pedir	(licença, permissão, vênia...)	para fazer algo

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

99. ( ) O presidente da mesa pediu para que José saísse.
100. ( ) O presidente da mesa pediu que José saísse.
101. ( ) Ele pedia a José para sair.
102. ( ) Pediu-lhe que saísse.

Não disse o em que acreditava
Não disse no que acreditava

Embora a primeira construção seja a mais erudita, a segunda também já é aceita.

Prática

■ Transforme as seguintes construções em sua forma erudita.

103. Não perguntou do que falávamos. _____
104. Não sei no que pensar. _____

Ter de ≠ ter que...

Tenho de fazer = obrigatoriedade, necessidade, firme propósito (construção castiça).

Tenho que fazer (**que** com valor de preposição, uso moderno).

Hei de fazer = promessa, intenção.

Tenho **muito que** fazer. Tenho **o que** fazer. (**que** = pron. relativo com antecedente).

Onde ≠ Aonde

Onde é advérbio ou pronome relativo. **Aonde** é a mesma palavra antecipada da preposição **a**.

É a regência do verbo que define a preposição que vai anteceder o **onde**.

Moro em... > Moro onde... > Onde moro?

Vou **a**... > Vou **a**onde... > **A**onde vou?

Venho **de**... > Venho **de** onde... > **De** onde venho?

Venho **por**... > Venho **por** onde... > **Por** onde venho?

Venho **para**... > Venho **para** onde... > **Para** onde venho?

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre o uso de "onde".

105. ( ) A palavra **onde** pode ser ou não antecedida por uma preposição.
106. ( ) A única preposição que se junta numa só palavra com o **onde** é "a".
107. ( ) Podem fazer uma só palavra com **onde** as preposições "de" e "a": Não sabemos normalmente **donde** viemos nem **aonde** vamos.
108. ( ) É mais comum, no português do Brasil, usar-se **de onde**, do que **donde**.
109. ( ) Só se sabe se o **onde** deve ser antecedido de preposição, e que preposição é essa, vendo a regência do verbo ao qual está subordinado.

Sintaxe do verbo haver

	CONSTRUÇÃO	FUNÇÃO	SENTIDO
1	**Há** pensado, **havia** dito.	auxiliar	(= ter)
2	Como você **houve** tanto dinheiro?	principal	(= conseguir)
3	Como você **se houve** na festa?	principal	(= comportar-se)
4	Você vai **haver-se com** ela.	principal	(= ajustar contas)
5	**Hei** admiração por você. (arcaico)	principal	(= ter)
6	Ele **havia por** correta aquela fala.	principal	(= considerar)
7	Ele **houve por bem** concordar.	locução	(= dignar-se)

Prática

■ Passe as construções vistas de 1 a 7 para as pessoas que se pedem.

110. 1, para a 1ª do plural: _____ .
111. 2, para a 3ª do plural: _____ .
112. 3, para a 1ª do singular: _____ .
113. 4, para a 2ª do singular: _____ .
114. 5, para a 1ª do plural: _____ .
115. 6, para a 2ª do plural: _____ .
116. 7, para a 2ª do plural: _____ .

Observação:

Quando um pronome pessoal átono de terceira pessoa for complemento de verbo, usar-se-á o pronome **o (a, os, as)** para os verbos que não exigem preposição; usar-se-á o pronome **lhe (lhes)** para os verbos que exigem preposição "a", sendo que **lhe** só é usado para pessoas. Para **coisas**, usa-se **a ele (a ela, a eles, a elas)**.

Auxiliei **meus amigos** quando precisaram.
Auxiliei-**os** quando precisaram.

Lembrei **aos amigos** o compromisso.
Lembrei-**lhes** o compromisso.

Prática

■ Substitua os nomes destacados pelos pronomes átonos **lhe**, **lhes**, **o**, **a**, **os**, **as**.

117. Chamei **as crianças** para almoçar.
Chamei-_____ insistentemente.

118. O funcionário apenas obedeceu **ao supervisor**.
Obedeceu-_____sem pensar.

119. Nada devo **a você**.
Nada_____ devo, com certeza.

120. Só poderei pagar **essa dívida** quando receber o salário.
Agora não _____ posso pagar.

121. Só poderei pagar **ao credor** quando receber o salário.
Logo _____ pagarei.

122. Não assisti **ao filme** quando passou naquele cinema.
Assisti _____ depois.

123. Como você, aspiro à gloria.
Aspiro _____ e conseguirei.

Complemento de regências diferentes

Não se usa um mesmo complemento para verbos que têm regências diferentes.

Errado

Precisava e encontrei **o material** de acampamento.
Assisti, mas não gostei **do filme**.

Usa-se um complemento para cada verbo:

Correto

Precisava **do material** de acampamento e encontrei-**o**.
Assisti **ao filme**, mas não gostei **dele**.

■ Corrija, se necessário, as orações abaixo.

124. Aceito, mas não concordo com seu protesto.
_____ .

125. Amo e lutarei por meus filhos.
_____ .

126. Recebemos e já encaminhamos sua solicitação.

_____ .

127. Conheço e obedeço às leis.

_____ .

Observação:

Quando o complemento de um verbo for um **pronome relativo**, a regência deve ser corretamente seguida antes do pronome.

Conheço a pessoa **de** que falaste. (falar **de**)

Este é o lugar **em** que vivi. (viver **em**)*

REGÊNCIA NOMINAL

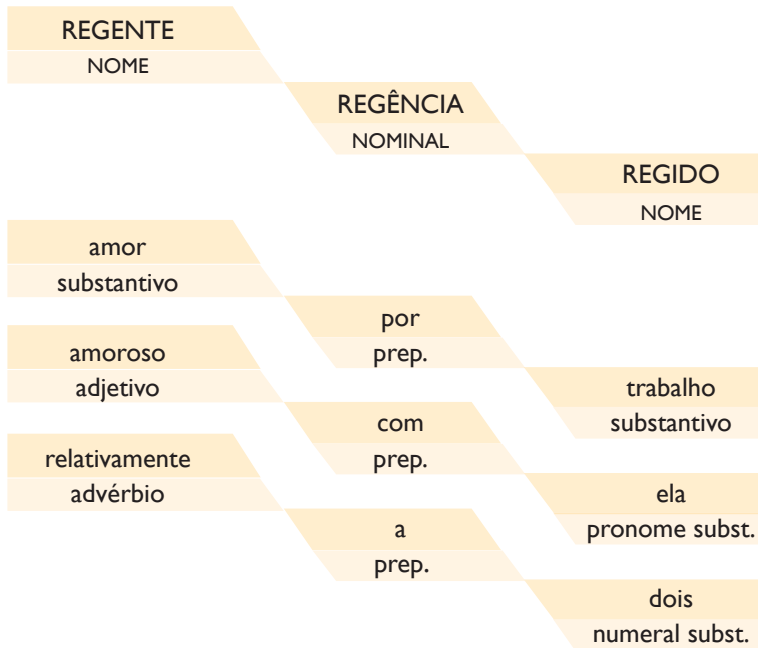

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, observando o gráfico acima.

128. ( ) Quando o regente é um nome, a regência é nominal.

* *Vide*, em *Análise Sintática Visual*, Período: Orações subordinadas adjetivas.

129. ( ) Regência nominal é a relação que existe entre o nome regente e o seu termo regido, *por intermédio de uma preposição*.

130. ( ) Como se pode dizer "*amor às* artes" e "*amor pelas* artes", conclui-se que a regência de um mesmo nome pode também se dar por intermédio de diferentes preposições.

131. ( ) Todo advérbio é nome.

132. ( ) O termo regido é de natureza substantiva.

133. ( ) Pode um advérbio se formar pelo acréscimo da terminação ***mente*** a um adjetivo: relativo + mente = relativamente.

134. ( ) Nesse caso (advérbio com base nominal), o advérbio herda a regência do adjetivo: relativo a → relativamente a.

135. ( ) É essa uma das explicações para a regência do advérbio chamar-se regência nominal.

Um mesmo regido para mais de um regente

Observação:

Um mesmo termo pode ser regido por dois ou mais nomes apenas quando esses nomes aceitam a mesma preposição.

Estou louco e atraído **por ela**. (louco por, atraído por)

Prática

■ Corrija a frase, desdobrando o termo regido.

Ele é contrário e impaciente com mentiras.

136. _____

■ Escolha a preposição adequada à lacuna.

137. Isso diz respeito somente _____ interessados. (aos/com os)

138. Demonstrava um grande respeito _____ suas opiniões. (por/de)

139. Não tentou ajudar aquela pessoa _____ quem sentia desprezo. (de/por)

140. Identificaram-se as substâncias _____ que era constituída a mistura. (para/de)

141. É um caso difícil _____ encontrar. (a/de)

Um mesmo regente para mais de um regido

Um mesmo termo regente, quer seja nome ou verbo, pode ter mais de um regido. Observe as frases a seguir e assinale C ou E nas afirmações que as seguem.

a) Ela sempre gostou *de conquistar, de sobressair, de dominar*...

b) Na época, demonstrava interesse *por sapatos, por luvas* e *por chapéus*.

c) Fazia jus *a ser criticada*, porém não *a sofrer discriminação*.

142. ( ) Em "a", as expressões em itálico são regidas pelo mesmo verbo **gostar**.
143. ( ) Em "b", os termos em itálico estão sob a regência do verbo **demonstrar**.
144. ( ) Em "b", os termos em itálico estão sob a regência do substantivo **interesse**.
145. ( ) Em "c", as orações em itálico estão regidas pelo substantivo **jus**.

Regência dos substantivos e adjetivos mais frequentes

adequado a
afável com, para com
alheio a
amoroso com, para com
análogo a
ansioso de, por
anterior a
aparentado com
apto a, para
atento a, em
avaro de
aversão a, em, para, por
avesso a, de, em
ávido de
bacharel em
benéfico a
bom para
capaz de, para
cego a
certo de
cheiro a, de
cobiçoso de
coetâneo de
coevo a, de
comum a, de
conforme a, com
constante em
contente com, de, em, por
contemporânea a, de
contíguo a
contrário a
cruel com, para com
cuidadoso com
cúmplice de, em
curioso a, de, para
desatento a
descontente com
desejoso de
desfavorável a
desleal a
devoto a, de
devoção a, com, para com, por
diferente de
difícil de
digno de
diligente em, para
dessemelhante de
ditoso com
diverso de
doce a
dócil a
dotado de
doutor em
duro de
dúvida acerca de, com, de, em, sobre
empenho de, em, por
entendido em
erudito em
escasso de
essencial a, para
estranho a
exato em
fácil a, de, para
favorável a
falho de, em
feliz com, de, em, para, por
fértil de, em
fiel a
firme em
forte de, em
fraco com, de, em, para, por
furioso com, de
grato a
hábil em

habituado a, com, em
horror a
hostil a, contra, para com
ida a
idêntico a
imediato a
impaciente com
imune a, de
impotente contra, para
impróprio para
inábil para
inacessível a, para
incapaz de, para
incompatível com
incompreensível para
inconsequente com
inconstante em
incrível a, para
indébito a
indeciso em
indiferente a
indigno de
indulgente para, para com
inerente a
ingrato com, para com
insaciável de
insensível a
intolerante com, para com
leal a
lento em
liberal com
maior de
mau com, para com
menor de
morada em
natural de
necessário a
nobre de, em, por
nocivo a
obediente a
obsequioso com
orgulhoso com, de, para com
parco de, em
parecido a, com
possível de
peculiar a
perito em
pernicioso a
pertinaz em
piedade de
pobre de
poderoso em, para
possível de
posterior a
prático em
presto a, para
pródigo de, em
propício a
propínquo de
próprio para, de
proveitoso a
próximo a, de
querido de, por
rente a, com, de
respeito a, com, de, por
rico de, em
sábio em, para
sedento de, por
seguro de, em
sensível a
sito em (e não "a")
situado em, entre
soberbo com
solícito com
sujo de
suspeito a, de
temeroso de
temível a
transido de
triste com, de
último a, de, em
união a, com, entre
único a, em, entre
útil a, para
vazio de
visível a
vizinho a, de

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, para certo ou errado.

146. ( ) Éramos em cinco na festa.
147. ( ) Éramos cinco na festa.
148. ( ) São excelentes pessoas, cuja colaboração estamos desejosos.
149. ( ) São excelentes pessoas, de cuja colaboração estamos desejosos.
150. ( ) É preferível perder a vida do que morrer.
151. ( ) É preferível perder a vida a morrer.
152. ( ) Ele é especialista e obediente às leis.
153. ( ) Ele é especialista em leis e obediente a elas.
154. ( ) Ela está desejosa e ansiosa por vencer.
155. ( ) Ela está desejosa e ansiosa de vencer.
156. ( ) Ela tem um sítio vizinho ao meu.
157. ( ) Compraste uma casa vizinha do meu terreno.
158. ( ) Com raiva ela bateu a porta.
159. ( ) Ela bateu à porta. Em seguida bateu na porta.
160. ( ) É dono de um terreno sito à Rua Alvorada.
161. ( ) Minha casa, sita na rua do Cais, nunca foi alagada.
162. ( ) Estamos situados no meio do problema.
163. ( ) Ele é avesso por ajuda de estranhos.
164. ( ) Júlia estava cobiçosa por ajuda.
165. ( ) Ele é devoto a Júpiter; ela é devota de Santa Teresa.

Observação:

Quando o regido for uma oração subordinada, é comum na norma popular e na linguagem coloquial deixar subentendida a preposição. (elipse da preposição)

Tenho necessidade ↓ que te protejam.

(de) elíptico

Porém, na norma culta, dá-se preferência à preposição expressa, e não elíptica.

Prática

■ De acordo com a norma culta, ou padrão, da Língua Portuguesa, assinale **C** ou **E**, para certo ou errado, referentemente à regência.

166. ( ) O delegado tinha certeza que tudo fora explicado.
167. ( ) O delegado tinha certeza de que tudo fora explicado.
168. ( ) Eu preciso que a encontrem.
169. ( ) Eu preciso de que a encontrem.
170. ( ) Estava receoso que tudo desse errado.
171. ( ) Estava receoso de que tudo desse errado.
172. ( ) Tinha confiança que tudo sairia certo.
173. ( ) Tinha confiança em que tudo sairia certo.

Prática Geral

174. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Observe as palavras destacadas e indique a frase que apresenta regência nominal **correta**.
a) Por ser muito estudioso, ele tinha grande **amor** a seus livros.
b) Havia muitos anos que não via o filho, por isso estava **ansioso** em vê-lo.
c) **Alheio** para com o julgamento, o réu permanecia calado.
d) Coitado! Foi preso porque era **suspeito** por um crime que não cometeu.
e) Tínhamos o **propósito** em dizer toda a verdade, mas nos impediram de fazê-lo.

175. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) A frase que apresenta **erro** de regência do verbo **assistir** é:
a) Não fui ver o filme, embora quisesse assistir-lhe.
b) Não lhe assiste o direito de humilhar ninguém.
c) Ele assiste às aulas sempre com muita seriedade.
d) Aqueles médicos assistem os doentes com dedicação.
e) Assistiu aos jogos da Seleção sem nenhum entusiasmo.

176. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Observe, nos períodos abaixo, a regência dos verbos e dos nomes.
I – As constantes faltas ao trabalho implicaram a sua demissão.
II – Procederemos à abertura do inquérito.
III – O cargo a que aspiramos é disputado por todos.
IV – Prefiro mais estudar do que trabalhar.
V – Sua atitude é incompatível ao ambiente.
Assinale a sequência que corresponde aos períodos **corretos**:
a) I, II, IV.
b) II, III, IV.
c) II, IV, V.
d) I, II, III.
e) I, III, IV.

177. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Marque a alternativa cujas palavras preenchem **corretamente** as respectivas lacunas, na frase seguinte:
"Necessitando _____ o número do cartão do PIS, _____ a data de meu nascimento." (Revendo Semântica)
a) ratificar / proscrevi.
b) prescrever / discriminei.
c) descriminar / retifiquei.
d) proscrever / prescrevi.
e) retificar / ratifiquei.

178. (ITA/Vest.) Assinale a opção **correta** quanto à regência.
Paradoxalmente, a redução das Forças Armadas iraquianas_____ proporções inferiores _____ necessárias _____ preservação do equilíbrio _____ nações vizinhas não é desejável, sobretudo _____

luz dos acontecimentos recentes, que atestam quanto é pequena a resistência desses países _____ tentações criadas _____ vácuo militar.

a) a / às / na / ante às / à / pelas / no.
b) a / às / à / com as / à / às / pelo.
c) em / àquelas / pela / nas / pela / em / pelo.
d) à / das / à / das / a / com as / do.
e) às / às / para a / ante as / com a / às / por.

179. (AFRESP/N.S.) Assinale a alternativa **correta**.
_____, por algum tempo, os elementos detidos.

a) Preveni-o que retesse.
b) Preveni-lhe que retesse.
c) Preveni-o de que retivesse.
d) Preveni-lhe de que retivesse.

180. (AFRESP/N.S.) Assinale a alternativa **correta**.
_____ crer que você tenha sido capaz de _____ a aceitar o cargo.

a) Custa-me / persuadi-lo.
b) Custo a / persuadir-lhe.
c) Custa-me / persuadir-lhe.
d) Custo a / persuadi-lo.

181. Assinale a opção em que a regência verbal, de acordo com as normas gramaticais, está **incorreta**.

a) O papeleiro custou muito a se esquecer da Baixinha.
b) Os vizinhos assistiam o papeleiro com sobras de comidas.
c) O dono da carrocinha pagou ao ajuntador de papéis a importância devida.
d) O personagem preferia a cachaça ao café.
e) O homem já não se lembrava mais do que era um bom banho.

182. Assinale a frase com **erro** de regência.

a) Aspiro ao cargo de chefe do departamento de Desenho Artístico.
b) Assisti aos debates dos estudiosos da arte.
c) Obedeça aos mestres das épocas passadas.
d) Abracei-lhe dizendo que era um ótimo artista e desenhista.
e) João, vim aqui para ajudá-lo.

183. Analise as construções abaixo.
I – A lei permite que o sujeito fique livre.
II – A lei permite-lhe ficar livre.

Assinale a opção **correta**.

a) Em II, o pronome pessoal não exerce função de complemento verbal.
b) Os dois períodos têm sentido equivalente, embora apresentem regências diferentes.
c) A regência não está correta em I.
d) Em I, o conectivo **que** tem, também, a função de objeto direto.
e) Os dois períodos apresentam a mesma regência e o mesmo sentido.

Colocação ou Topologia Pronominal

Existem três posições para os pronomes oblíquos átonos – me, te, se, nos, vos, o(s), a(s), lhe(s) – em relação ao verbo:

PRÓCLISE **VER** MESÓCLISE **BO** ÊNCLISE

A colocação pronominal (ou topologia pronominal) deve ser estudada considerando a relação dos pronomes oblíquos átonos com:

I – um só verbo;

II – o infinitivo;

III – as locuções verbais.

COM UM SÓ VERBO

PRÓCLISE **VERBO**

São fatores de próclise obrigatória

Os fatores obrigatórios que atraem o pronome para **antes** do verbo são:

Palavra negativa ou advérbio (não seguidos de pausa)

Prática

■ Escolha a letra que corresponde à lacuna a ser preenchida corretamente com o pronome entre parênteses.

1. Ele escreveu de uma maneira que **não** _____ (a) limita _____ (b) a apresentar os fatos. (se)
2. Ele é gente boa, **nunca** _____ (a) meteu _____ (b) em confusão. (se)
3. **Nunca**; _____ (a) partiu _____ (b), assim mesmo, o coração. (me)
4. Mesmo doente, **jamais** _____ (a) isolei _____ (b) dentro de casa. (me)

5. **Jamais,** _____ afirmo _____ de novo. (lhe)
   a b
6. O psiquiatra apoiou-o e **hoje** _____ considera _____ curado. (se)
   a b
7. **Amanhã** _____ tornar- _____-ás um líder. (te)
   a b
8. **Amanhã,** _____ tornar- _____-ás um líder. (te)
   a b
9. Nós **sempre** ____ sentimos ____ bem durante os longos voos. (nos)
   a b
10. Na mesma noite, recebeu a notícia de que **talvez** _____ tivessem _____ levado. (o)
    a b

Pronome relativo

Prática

■ Escolha a lacuna adequada à colocação pronominal.

11. Não criticava os meios de comunicação, **que** _____ davam _____ espaço. (lhe)
    a b
12. Não faltaram barracas, **onde** _____ abrigamos _____. (nos)
    a b
13. A injustiça foi maior pelo modo **como** _____ trataram____. (te)
    a b

Pronome indefinido ou numeral <u>ambos</u> (não seguidos de substantivo)

Prática

■ Escolha a lacuna adequada.

14. Agora, **tudo** _____ serve _____ como desculpa. (lhe)
    a b
15. **Muitos** _____ valerão _____ do seu apoio incondicional. (se)
    a b
16. Esse episódio revelava que **ninguém** _____ apoiaria _____. (a)
    a b
17. A verdade é que **ambos** _____ desentenderam _____. (se)
    a b

Pronome demonstrativo (não seguido de substantivo)

Prática

■ Escolha a lacuna.

18. Não era a primeira vez que **isso** _____ acontecia _____. (lhe)
    a b
19. **Aquele** _____ realizou _____ com o objetivo de discutir um assunto polêmico. (se)
    a b

Conjunção subordinativa (mesmo subentendida)

Prática

■ Escolha a lacuna.

20. Se _____ (a) sentia _____ (b) mal no trânsito, parava. (me)
21. Tratar sem medicamento, como _____ (a) vê _____ (b), é possível. (se)
22. Caso _____ (a) encontre- _____ (b), diga-lhe que ____ (c) esperamos ____ (d). (o, o)
23. Peço _____ (a) faças _____ (b) um favor. (me)

Oração exclamativa

Prática

■ Complete as lacunas certas.

24. Como _____ (a) custou _____ (b) caro a liberdade! (nos)
25. Quanto tempo _____ (a) perde ____ (b) com coisas inúteis! (se)

Oração interrogativa (com verbo flexionado)

Prática

■ Complete as lacunas certas.

26. Ele me perguntou por que _____ (a) apoiei _____ (b). (te)
27. Quem _____ (a) habilita _____ (b) a investir num setor falido? (se)

Oração optativa (exprime desejo, sem verbo que o exprima, e tem entonação exclamativa)

Prática

■ Complete as lacunas certas.

28. Bons ventos _____ (a) levem _____ (b). (o)
29. Deus _____ (a) acompanhe _____ (b). (te)
30. Que a terra _____ (a) seja _____ (b) leve. (lhe)

Em + verbo no gerúndio

Prática

■ Complete as lacunas certas.

31. Em _____ (a) tratando _____ (b) de política, ele se abstém de opinar. (se)

32. Em _____ falando _____ de filosofia, é impossível ignorar os gregos. (se)
a b

Sujeito expresso por pronome reto ou de tratamento (anteposto ao verbo)

Prática

■ Complete as lacunas certas.

33. Eu _____ lembro _____. (me)
a b

34. Tu _____ lembras _____. (te)
a b

35. Ele _____ lembra _____. (se)
a b

36. Você _____ lembra _____. (se)
a b

37. Nós _____ lembramos _____. (nos)
a b

Observação:

Fator Facultativo da Próclise

Sujeito expresso por substantivo anteposto ao verbo

Exemplo: As grandes estrelas / se escondem / em suas mansões.
As grandes estrelas / escondem-se / em suas mansões.

VER - MESÓCLISE - BO

A mesóclise ocorre somente com verbos no futuro do presente ou no futuro do pretérito (o verbo é dividido após a última letra "r").

Encontrar-**se**-ão novas maneiras de resolver esses problemas.

Esse material ser-**nos**-ia muito útil.

Havendo um fator de próclise obrigatória, não use mesóclise.
Não se encontrarão novas maneiras de resolver esses problemas.
Qualquer um nos seria útil agora.

Admite-se, optativamente, a próclise com verbos no futuro do presente ou do pretérito, quando o sujeito da oração está expresso, anteposto ao verbo.
A cidade curvar-**se**-ia aos seus encantos.
A cidade **se** curvaria aos seus encantos.

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

38. ( ) Farei-me poeta.
39. ( ) Fazer-me-ei poeta.
40. ( ) Far-me-ei poeta.
41. ( ) Faria-me poeta.
42. ( ) Fazer-me-ia poeta.
43. ( ) Far-me-ia poeta.
44. ( ) A sirene despertar-me-á.
45. ( ) A sirene me despertará.

VERBO ■ ÊNCLISE

Normalmente os pronomes oblíquos átonos são usados como objeto direto ou objeto indireto. Nesse caso, a posição **preferencial**, segundo a norma culta, ou padrão, é a **ênclise**, porque, na ordem direta, os objetos vêm após o verbo.

Casos de ênclise

Orações iniciadas por verbo (que não esteja no futuro do presente ou do pretérito): ênclise obrigatória.

Prática

■ Faça a colocação pronominal correta.

46. ____ (a) Evidencia-____ (b) uma certa má vontade em sua atitude. (se)
47. ____ (a) Contou-____ (b) essa história um antigo morador do lugar. (me)
48. ____ (a) Uni-____ (b) para vencer. (vos)

Verbo no imperativo afirmativo: ênclise obrigatória, inexistindo termo atrativo.

Prática

■ Faça a colocação pronominal correta.

49. Pegue qualquer um dos livros. ____ (a) Leia-____ (b). (o)
50. Aqui estão as cartas: ____ (a) remeta-____ (b). (as)
51. Tome uma decisão e ____ (a) firme-____ (b) nela. (se)

Atenção:

Em provas, quando você tiver dúvida, e não houver fator obrigatório de próclise, opte pela mesóclise ou ênclise, que são as tradicionalmente preferidas pela norma culta, ou padrão.

Prática

■ Opte pela preferência da norma erudita.

52. Mas as pessoas ____ (a) sentem ____ (b) capazes de ajudar. (se)
53. As meninas ____ (a) arrepender-____ (b)-iam, anos mais tarde. (se)

COM INFINITIVO

1. A ênclise ao infinitivo estará sempre correta.

   Ver bem é enxergar-se.
   Bastou olharem-se e...

2. Quando o infinitivo vier preposicionado, mesmo havendo fator de atração, pode-se construir com **próclise** ou **ênclise**.

   Veio-lhe o impulso **para não me** chamar.
   Veio-lhe o impulso **para não** chamar-**me**.

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

54. ( ) Ela estava ali para te ver.
55. ( ) Ela estava ali para ver-te.
56. ( ) Tinha intenção de não te ofender.
57. ( ) Tinha intenção de não ofender-te.

Atenção:

Se o infinitivo vier precedido da preposição **a**, não se pode juntá-la ao oblíquo o (a, os, as), e a próclise é proibida.

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

58. ( ) Estava decidido a a convidar.
59. ( ) Estava decidido a convidá-la.
60. ( ) Estava propenso a o perdoar.

61. ( ) Estava propenso a perdoá-lo.
62. ( ) Estava decidido a te convidar.
63. ( ) Estava decidido a convidar-te.

COM LOCUÇÃO VERBAL

As locuções verbais se formam com **verbo auxiliar** e **verbo principal**, podendo o principal estar no **infinitivo**, no **gerúndio** ou no **particípio**.

V. AUXILIAR	+	INFINITIVO
vou		amar

V. AUXILIAR	+	GERÚNDIO
estou		amando

V. AUXILIAR	+	PARTICÍPIO
tenho		amado

FORMA 1		FORMA 2
Vou-te amar	ou	Vou te amar?
Estou-te amando	ou	Estou te amando?
Tenho-te amado	ou	Tenho te amado?

64. Você prefere a forma 1 ou 2? _____
65. A norma culta, ou padrão, prefere qual das duas? _____

!! Atenção: COM LOCUÇÃO VERBAL

1. O particípio **nunca** aceita a ênclise.

   Tenho amado-~~te~~.

2. O particípio não aceita oblíquo átono, somente tônico (preposicionado).

   Tenho amado **a ti**.

3. O infinitivo e o gerúndio **sempre** aceitam **ênclise**.

   Estou amando-**te**.

Não estou amando-**te**.
Vou beijar-**te**.
Não vou beijar-**te**.

4. Os auxiliares aceitam próclise, ênclise ou mesóclise como se fossem um verbo só, segundo as regras já vistas.

Vou-**te** amar.
Não **te** vou amar.

5. O pronome átono pode vir solto entre verbos se estiver preposicionado:

Começou **a lhe** dizer.
Gostava **de me** agradar.

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

66. ( ) Eu me devo calar.
67. ( ) Eu devo me calar.
68. ( ) Eu devo-me calar.
69. ( ) Eu devo calar-me.
70. ( ) Ele vai arrastando-se.
71. ( ) Ele se vai arrastando.
72. ( ) Ele vai se arrastando.
73. ( ) Ele vai-se arrastando.
74. ( ) Eles haviam-me avisado.
75. ( ) Eles me haviam avisado.
76. ( ) Tu não te deverias calar.
77. ( ) Tu não dever-te-ias calar.
78. ( ) Tu não deverias te calar.
79. ( ) Tu não deverias calar-te.
80. ( ) Deverias-te calar.
81. ( ) Deverias calar-te.
82. ( ) Dever-te-ias calar.
83. ( ) Deverias te calar.
84. ( ) Eles haviam me avisado.
85. ( ) Eles haviam avisado-me.

86. Se, numa questão, um examinador pede a forma **incorreta** e você percebe que todas as alternativas estão certas, mas uma delas apresenta um oblíquo átono solto entre dois verbos, é essa que você deve escolher. Quais os números do exercício anterior que podem ser considerados **errados**, segundo as visões mais tradicionais?
Resp.: _____

Prática Geral

87. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Assinale a frase em que o pronome oblíquo átono está colocado **incorretamente**.
a) O guarda chamou-nos a atenção para os pivetes.
b) Quantas lágrimas se derramaram pelo jovem casal!
c) Ninguém nos convencerá de que esta notícia seja verdadeira.
d) As pessoas afastaram-se daquele pacote suspeito.
e) O vizinho cumprimentou o casal, se retirando imediatamente.

88. (BRB/N.M./IDR) Assinale a sentença em que foram respeitadas as regras de colocação dos **pronomes oblíquos átonos**.
    a) Em se tratando de denúncias contra funcionários do alto escalão, nada o impedia de divulgar informações esclarecedoras.
    b) Jamais entregar-lhe-ei a fita gravada a que se referiu o delegado durante o inquérito, lhe disse o acusado em alto e bom som.
    c) Lhe contou tudo que sabia, pouco importando-se com o fato inevitável de todos voltarem-se contra ele.
    d) Restringirei-me a mencionar fatos que relacionam-se diretamente à matéria tratada neste relatório.

89. (ATCL-DF/N.S./IDR) Indique o período **correto** quanto à colocação do pronome pessoal oblíquo átono.
    a) Se o considerasse incapaz, jamais dar-lhe-ia tal incumbência.
    b) Meu pai trouxe-o de Londres e pediu-lhes que não deixassem-no estragar.
    c) Não o aceitariam, em hipótese alguma, nem deixar-se-iam enganar.
    d) Não se esqueça de consertá-lo e de devolvê-lo o quanto antes.

90. Assinale a frase **incorreta** quanto à colocação de pronomes átonos.
    a) O que lhe contei é a pura verdade.
    b) Nunca repita-me tal coisa.
    c) Já se pôs o Sol no horizonte.
    d) Alguém me disse para ficar aqui.
    e) Sempre me lembro dela com carinho.

91. Assinale o item que apresenta pronome átono colocado **corretamente**.
    a) Nesta loja, se compram os mais variados artigos.
    b) Dizia-se que ele enlouquecera.
    c) Fui eu quem falou-te daquela vez.
    d) A estátua que dedicaram-lhe é de pedra.
    e) Quem obrigou-te a assinar aquele documento?

92. De acordo com a norma culta, assinale a construção **incorreta**.
    a) As crianças também se tinham esquecido.
    b) Passada a surpresa, ainda se sentiu mais borocochô.
    c) Engasgado, não confessou-lhe toda a verdade.
    d) Os quinze minutos atropelaram-se.
    e) Sua mulher, seus filhinhos e a secretária já o esperavam cantando "Parabéns para você".

■ Coloque os pronomes oblíquos nos locais adequados.

93. Fiquei duas horas a _____ (1) esperar _____ (2). (o)

94. De repente veio o grito: _____ (1) prepara _____ (2) para a luta. (te)

95. Ensina-se o bem, _____ (1) fazendo _____ (2). (o)

96. _____ (1) junta _____ (2) aos bons e serás um deles. (te)

97. Não _____ (1) preocupar _____ (2) emos com isso. (nos)

98. _____ (1) deite _____ (2), gritou a irmã. (se)

99. Quantas alegrias _____ (1) conquistaram _____ (2) nas Olimpíadas! (se)

100. Quem _____ (1) matriculou _____ (2) primeiro? (se)

101. Deus _____ (1) guarde _____ (2) meu filho! (te)

102. Em _____ (1) tratando _____ (2) de opções, temos três. (se)

103. Ninguém _____ (1) ajudou _____ (2) a _____ (3) convencer _____ (4). (nos/o)

104. Há pessoas que _____ (1) admiram _____ (2). (nos)

105. Estarei aí, se _____ (1) convidarem _____ (2). (me)

106. Alguém _____ (1) viu _____ (2) quando _____ (3) abriu _____ (4) aquela porta. (nos/se)

107. Depois, _____ (1) chamaram _____ (2) para dentro. (nos)

■ Nas frases seguintes, pode haver mais de uma opção.

108. _____ (1) sentir _____ (2) ei _____ (3) tranquilo (me), porque o amigo _____ (4) convidou _____ (5). (me)

109. Voltei para _____ (1) convidar _____ (2). (vos)

110. Eu _____ (1) voltar _____ (2) ei _____ (3) para teus assuntos. (me)

111. O Carlos _____ (1) contou _____ (2) a verdade. (lhe)

112. O Carlos _____ (1) contou _____ (2) a verdade? (lhe)

113. Esta _____ (1) dar _____ (2) ia _____ (3) muito prazer. (nos)

■ Continue na prática.

114. Jamais _____ (1) disse _____ (2) o que acho de você. (lhe)

115. Falarei com quem _____ convidou _____. (a)
1 2

116. Viajo hoje mesmo, embora _____ desagrade _____. (te)
1 2

117. À noite, sempre, _____ fecham _____ as portas das casas. (se)
1 2

118. Que a experiência _____ sirva _____ de lição. (nos)
1 2

119. Tudo _____ acalmar _____ á _____. (se)
1 2 3

120. _____ acalmar _____ á _____ tudo. (se)
1 2 3

121. Sempre _____ considerar _____ ei _____ um bom exemplo. (te)
1 2 3

122. Como _____ enganas _____, meu amigo! (te)
1 2

123. _____ dá _____ um abraço bem apertado. (me)
1 2

■ Elimine a primeira palavra e reescreva a frase.

124. Isto me será bastante fácil.

_____

125. Não a beijarei mais.

_____

126. Jamais te perdoarei.

_____

127. Não me trarás resposta.

_____

128. Você o fará bem.

_____

129. Nós nos poremos a seu dispor.

_____

130. (F. C. Chagas) Quanto _____ se _____ no ponto que _____ _____.

a) alegrar-nos-íamos / atendêsseis-nos / solicitamos-vos.
b) alegraríamo-nos / atendêsseis-nos / solicitamos-vos.
c) alegrar-nos-íamos / atendêsseis-nos / solicitamos-vos.
d) nos alegraríamos / atendêsseis-nos / vos solicitamos.
e) nos alegraríamos / nos atendêsseis / vos solicitamos.

131. (F. C. Chagas) Nem sequer _____ das coisas que _____ quando _____ .

a) se lembra / disse-me / procurei-o.
b) se lembra / me disse / procurei-o.

c) lembra-se / disse-me / o procurei.
d) se lembra / me disse / o procurei.
e) lembra-se / me disse / procurei-o.

132. Com relação à colocação pronominal, assinale a descrição gramatical **incorreta**.
a) Em "não tem permitido que se explique", ocorre próclise pronominal porque a forma verbal no particípio rejeita a posição de ênclise.
b) Em "onde menos se imagina", a próclise é obrigatória por tratar-se de estrutura sintática de oração subordinada desenvolvida.
c) Em "Os cargos executivos monopolizam as atenções", a substituição do objeto direto por um pronome pessoal oblíquo resultaria em: **Os cargos executivos monopolizam-nas**.
d) Em "É do prefeito a iniciativa, cabendo aos vereadores acatá-la ou recusá-la", é gramaticalmente inaceitável a colocação pronominal de próclise às formas dos verbos **acatar** e **recusar**.
e) Em "fica difícil fazer o mesmo", a substituição do objeto direto por um pronome pessoal oblíquo resultaria em: **fica difícil fazê-lo**.

Crase

CONCEITUAÇÃO

Observe:

regência

Ela pensa em o irmão.

termo subordinante — prep. — termo subordinado

regência

Ela gosta de o tio.

termo regente — prep. — termo regido

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

1. ( ) A preposição coordena termos.
2. ( ) A preposição une dois termos subordinando o segundo ao primeiro.
3. ( ) É o termo subordinado que determina qual a preposição a ser usada.
4. ( ) A escolha da preposição a ser usada pertence ao termo subordinante e se chama regência.
5. ( ) O termo subordinante é o termo regente.
6. ( ) O termo subordinado é o termo regido.

Prática

7. Ela gosta **de** + **o** José = Ela gosta _____ José.
8. Ela foi **a** + **o** teatro = Ela foi _____ teatro.
9. Ele gostou **de** + **aquele** filme = Ele gostou _____ filme.

Observe:

As preposições contraem-se ou combinam-se com **artigos** e **pronomes** do termo regido.

	preposição		artigo		
Ela foi	a	+	o(s)	teatro(s)	→ a + o(s) = ao(s) teatro(s)
Ela foi	a	+	a(s)	igreja(s)	→ a + a(s) = à(s) igreja(s)

CRASE

	preposição		pronome demonstrativo		
Refiro-me	a	+	o(s)	que ama(m)	[a + o(s) = ao(s) que ama(m)]
Refiro-me	a	+	a(s)	que ama(m)	[a + a(s) = à(s) que ama(m)]

CRASE

	preposição		pronome demonstrativo		
Refiro-me	a	+	aquela(s)	menina(s)	[a + aquela(s) = à quela(s)]
Refiro-me	a	+	aquele(s)	menino(s)	[a + aquele(s) = à quele(s)]
Refiro-me	a	+	aquilo		[a + aquilo = à quilo]

CRASE

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

10. ( ) Crase é fusão de dois "**as**".
11. ( ) O primeiro **a** da crase é uma preposição.
12. ( ) O segundo **a** da crase é uma preposição.
13. ( ) O segundo **a** é um artigo, um pronome demonstrativo ou a vogal inicial do demonstrativo **aquele**, **aquela**, **aquilo**.
14. ( ) **à** ou **às** (com acento grave) indica existência de crase, isto é, fusão de dois **as**.
15. ( ) **à** ou **às** indica existência de substantivo feminino.
16. ( ) O masculino de **à** ou **às** é **ao** ou **aos**.
17. ( ) Para haver crase, é necessário um termo regendo a preposição **a**.
18. ( ) Para haver crase, é necessário que o termo regido seja feminino.
19. ( ) Sempre que houver preposição **a** + **aquela**, **aquele**, **aquilo**, haverá crase.
20. ( ) Sempre que no masculino se escrever **ao** ou **aos**, no feminino haverá crase.

MÉTODO PRÁTICO

Troque a palavra feminina por outra que seja masculina.
Se no masculino aparecer obrigatoriamente **ao** ou **aos**, no feminino haverá crase.
Se no masculino for facultativo **a** ou **ao(s)**, a crase poderá ser usada ou não.

Prática

■ Leve para o feminino.

21. Refiro-me a menino. ➜ Refiro-me _____ menina.
22. Refiro-me ao menino. ➜ Refiro-me _____ menina.
23. Refiro-me a meninos. ➜ Refiro-me _____ meninas.
24. Refiro-me aos meninos. ➜ Refiro-me _____ meninas.

■ Assinale **C** ou **E**.

25. ( ) Entre as práticas 21 e 22 só há diferença na escrita. Semanticamente (= no sentido) são iguais.
26. ( ) Nas práticas 21 e 23, a falta do artigo deixa o substantivo com uma ideia vaga, genérica, indefinida.
27. ( ) Nas práticas 22 e 24, a presença do artigo define, determina o substantivo **menino**. Não se trata mais de qualquer menino, mas de alguém que falante e ouvinte conhecem.

CASOS ESPECIAIS

Crase em locuções

Locuções prepositivas com palavras femininas

à cata de, à moda de, à custa de, à força de, à procura de, à guisa de, à beira de...

Observação:

As locuções prepositivas sempre terminam em **preposição**.

Locuções conjuntivas com palavras femininas

à medida que, à proporção que...

Observação:

Quase todas as locuções conjuntivas terminam em **que**.

Locuções adverbiais com palavras femininas

às vezes, às claras, às ocultas, às pressas, à toa, às fartas, às escondidas, à noite, à tarde, à vista, à direita, à esquerda, à socapa, às terças-feiras.

Prática

■ Corrija, se necessário.

28. Pedro estava a procura de uma desculpa. A medida que ia comendo e a proporção que o dia clareava, também clareavam seus pensamentos. Aquela hora, corria ainda vinho e champanha a farta. Uns bebiam as claras, outros as escondidas, outros as pressas, porém todos a larga.

Crase em lugares

Há topônimos que repelem artigo feminino, portanto não aceitam crase. Teste-os assim: **Venho + de + tôponimo** e use o bom senso.

Se venho **de** Paris, vou **a** Paris.	(só preposição: sem crase)
Se venho **de** Fortaleza, vou **a** Fortaleza.	(só preposição: sem crase)

Mas,

Se venho **da** Bahia, vou **à** Bahia.	(prep. + artigo = crase)
Se venho **da** Itália, vou **à** Itália.	(prep. + artigo = crase)

Faça uso deste processo mnemônico:
Se vou **a** e venho **da**, crase há;
Se vou **a** e venho **de**, crase p'ra quê?

Prática

■ Corrija, quando necessário.

29. Júlia foi a padaria, a manicura, a modista e voltou a repartição antes de viajar. Por pouco não chegava a estação a tempo de tomar o trem que a levaria a Recife. De Recife viajará a Portugal, a Espanha, a França, a Inglaterra, a Holanda e a Israel. É a primeira vez que visitará a Europa. No próximo ano pretende ir a África.

Observação:

No final do século XIX, era chique usar sem artigo topônimos como França, Inglaterra, Espanha, Holanda, África, Ásia..., motivo pelo qual está correto dizer:

Venho de França / Vou a França
Venho de Inglaterra / Vou a Inglaterra

Hoje, porém, tais construções denotam **pedantismo**.

Crase com distância

Distância não definida	O disco foi lançado a distância. Ele estava a distância do grupo.
Distância determinada	Foi lançado **à** distância **de 60 metros**.

Prática

■ Acentue, se for preciso.

30. Ele parou a distância de um quarteirão.
31. Ela chegou a pequena distância da casa.

Crase com horas

Hora exata de relógio	A aula começa **às** oito horas. Ele saiu **às** sete e quinze. Cheguei **à** uma hora da tarde.
Hora aproximada	Vou lanchar daqui **a** uma hora. Vou lanchar daqui **a** três horas.

Atenção para o paralelismo:

O filme vai **de** oito **a** dez e meia.
prep. prep.

O filme vai **das** oito **às** dez e meia.
prep. + artigo prep. + artigo

Prática

■ Preencha adequadamente as lacunas.

32. É bom chegares ___ duas horas.
33. ___ três horas que gastou no trabalho foram recompensadas.
34. Estudo de duas ___ quatro horas por dia.
35. Trabalho das oito ___ dezoito.

Atenção:

A quebra do paralelismo na crase torna mais evidente e próximo o sentido do termo antecedido pelo artigo.

O filme vai de oito às dez e meia em ponto.
Refiro-me a Tereza e à Júlia.

Crase com pronomes relativos

a) Conheço o homem **cujo** filho passou em primeiro lugar, e **cuja** irmã chegou da Índia.	Nunca há crase antes de **cuja(s)** porque este pronome não aceita artigo.
b) Eis o rapaz **ao** qual me referi. Eis a moça **à** qual me referi. Eis as moças **às** quais me referi.	Usa-se **à qual**, **às quais**, com crase, quando se opõem a **ao qual**, **aos quais**.
c) Refiro-me **ao** que usa bigode. Refiro-me **à** que usa luvas. Refiro-me **aos** que usam bigode. Refiro-me **às** que usam batom. Eis o rapaz **a** que me referi. Eis a moça **a** que me referi.	Usa-se **à que**, **às que**, com crase, quando se opõem a **ao que**, **aos que**. Neste caso, é CRASE da preposição **a** com o **pronome demonstrativo a(s)**, que é igual a **aquele(a)**.

Prática

■ Corrija.

36. Ela se dirigiu aquele que estava a meu lado e a que se mantinha em pé.
37. Este é o senhor a cuja filha me aliei.
38. Não me presto aquilo que vocês querem.
39. Admiro aquela deputada, a que te uniste.

Crase com casa

a) Cheguei **de** casa hoje. Estou **em** casa agora. Voltei **a** casa ontem.	**Casa** significando **própria morada** não aceita artigo, portanto não há crase.
b) Cheguei d**a** casa **de José**. Estou n**a** casa **nova**. Regressou **à** casa **materna**. Voltou **à antiga** casa. Referiu-se **à** casa **de Orleans**.	Quando a palavra **casa** aparece acompanhada de um determinante, justifica-se a presença do artigo e se justifica a crase, mas não é obrigatório.

Prática

■ Qual a diferença de sentido?

40. Referia-se a belas casas.	Referia-se às belas casas.
41. Estou em casa de José.	Estou na casa de José.
42. Vou a casa de José.	Vou à casa de José.

Crase com terra

a) Os astronautas voltaram **à** Terra. Voltou **à** terra em que estudou. O lavrador se apega **à** terra que cultiva. Do céu **à** terra, o infinito.	Normalmente a palavra **terra** aceita artigo e, portanto, CRASE.
b) Estamos a bordo mas vamos **a** terra. Chegado o navio, os marujos desceram **a** terra.	Em linguagem náutica, **terra** opõe-se a **bordo** e não usa artigo. Portanto, SEM CRASE.
c) Os marujos desceram **à** terra **dos Vikings**.	Uso de determinante justifica o artigo e a crase.

Crase com até ou até a

Prática

■ Use **até**

43. Caminharam _____ o portão.
44. Ele foi _____ a divisa.
45. Ele chegou _____ aquele morro.

Use **até a**

Caminharam _____ o portão.
Ele foi _____ a divisa.
Ele chegou _____ aquele morro.

Como não se sabe se foi usada a preposição **até** ou a locução prepositiva **até a**, a crase é facultativa.

Crase com pronomes possessivos

Refiro-me **a(o)**	teu	irmão	e não **ao**	meu	∅
preposição / artigo (facultativo)	PRON. POSSESS.	SUBSTAN-TIVO	preposição / pronome demonstrativo (obrigatório)	PRON. POSSESS.	∅

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

46. ( ) O possessivo pode vir seguido de substantivo.
47. ( ) O possessivo pode vir sozinho, isto é, não seguido de substantivo.
48. ( ) O possessivo seguido de substantivo pode ou não usar artigo: meu filho/o meu filho.
49. ( ) O possessivo sozinho, isto é, sem substantivo, usa artigo.
50. ( ) O possessivo sozinho vem antecedido de pronome demonstrativo obrigatório.
51. ( ) Quando o possessivo feminino vem acompanhado de substantivo, a crase é facultativa.
52. ( ) A crase antes de possessivo feminino só é obrigatória quando o possessivo não vem acompanhado de substantivo.
53. ( ) Refiro-me a tua irmã e não a minha.
54. ( ) Refiro-me à tua irmã e não à minha.
55. ( ) Refiro-me a tua irmã e não à minha.
56. ( ) Refiro-me a tuas irmãs.
57. ( ) Refiro-me as tuas irmãs.

Crase com antropônimos femininos (nomes de mulheres)

– Cláudia chegou. **A** Cláudia chegou. – José partiu. **O** José partiu.	Antropônimos têm artigo facultativamente, portanto a crase também é facultativa.

Prática

58. Qual a diferença semântica entre os pares de enunciados?
    a) Fiz referência a Ester. Fiz referência à Ester.
    b) Apresentou elogios a Marlene. Apresentou elogios à Marlene.
    c) Referia-se a Ernesto. Referia-se ao Ernesto.

Resp.: _____

_____

59. Se o antropônimo vier determinado por adjunto, o que acontece com o artigo? Opte por uma ou duas das respostas.
    a) É facultativo: "Refiro-me a Ernesto careca."
    b) Passa a ser usado: "Refiro-me ao Ernesto careca."
    c) Passa a ser usado: "Refiro-me à Teresa caolha."

Observação:

O antropônimo pode ficar sem artigo quando só tem predicativo:
Refiro-me a Ernesto, careca.

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

60. ( ) Quando o antropônimo se refere a amigo, parente ou pessoa muito próxima, o artigo aparece.
61. ( ) Fiz um elogio à Gabriela, minha sobrinha.

Crase em à moda (de)

Observe: Servia-se **à** francesa. Cantava **à** Caetano Veloso.
Bebia **à** siciliana. Usava roupas **à** Luis XIV.

Usa-se o acento grave, indicativo de crase, mesmo antes de masculino, quando se tem subentendida a expressão "**à moda (de)**".

Prática

■ Complete as lacunas.

62. Ele se portava ____ Napoleão.
63. Alimentava-se ____ mineira.

NÃO HÁ CRASE

Antes de substantivos masculinos, não há crase.

Refiro-me a Antônio. Vou ao Rio. Pinto a óleo.

64. Por quê? Resp.: _____

_____

Atenção:

Há sinal grave, indicativo de crase, mesmo antes de masculino quando se tem subentendida a expressão "à moda de".

Cantava à Caetano Veloso. Usava roupas à Luís XIV.

Antes de verbos, não há crase.

Estava a pensar. Estou disposto a vencer.

65. Por quê? Resp.: _____

_____

Antes de pronomes pessoais, não há crase.

Dirigi-me **a** ela, **a** ti, **a** elas.

66. Por quê? Resp.: _____

_____

Antes de pronomes de tratamento, não há crase. (Exceções: Madame, Senhora, Senhorita, Dona)

Refiro-me **a** Vossa Excelência, que faz críticas **a** Sua Santidade.

67. Por quê? Resp.: _____

_____

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

68. ( ) Refiro-me a Senhor Joaquim.
69. ( ) Refiro-me ao Senhor Joaquim.
70. ( ) Refiro-me a rapaz Joaquim.

71. ( ) Refiro-me ao rapaz Joaquim.
72. ( ) Refiro-me a cavalheiro Joaquim.
73. ( ) Refiro-me ao cavalheiro Joaquim.
74. ( ) Refiro-me a Dom Joaquim.
75. ( ) Refiro-me ao Dom Joaquim.

■ Conclua.
Havendo antecedência de preposição **a**, a crase,
76. antes de **Madame**, é _____: Dirijo-me _____ **Madame** (Fernanda).
77. antes de **Senhora**, é _____: Dirijo-me ___ **Senhora** (Josefa).
78. antes de **Senhorita**, é _____: Dirijo-me ___ **Senhorita** (Andreia).
79. antes de **Dona**, é _____: Dirijo-me ___ **Dona** Júlia.

Antes de artigos indefinidos e pronomes indefinidos, não há crase.

Prática

Referia-me a uma valsa.
Referia-me a certa valsa.
Referia-me a nenhuma valsa.
Referia-me a cada valsa.
Referia-me a nada, a qualquer, a toda, a ninguém, a alguém...

80. Por quê? Resp.: _____
_____

Expressões constituídas de substantivos repetidos normalmente não usam artigo, por isso não ocorre crase.

Prática

81. Houve receptividade de parte _____ parte.
82. Bebeu gota _____ gota o que lhe deram.
83. Estudou o livro de ponta _____ ponta.
84. Montava sua resposta de palavra _____ palavra.

Antes de pronomes demonstrativos, não se tem crase. (Exceções: aquela(s), aquele(s), aquilo)

Prática

Refiro-me a esta, a essa...

85. Por quê? Resp.: _____

_____

Se existe um **a** sem **s**, antes de plural, ele é só uma preposição. Não pode haver crase.

Prática

Refiro-me a pessoas, a mulheres, a crianças...

86. Por quê? Resp.: _____

_____

Cuidado com o **paralelismo**. Termos de mesma função têm, normalmente, mesmo tratamento.

Prática

87. Refiro-me ao Apolo e ___ Afrodite.
88. Refiro-me a Apolo e ___ Afrodite.

A expressão "**cheirar a**" normalmente não gera crase.

Prática

■ Preencha com a / ao / à.

89. Isto me cheira ___ peixe.
90. ___ sua fala cheira ___ antiguidade.

Observação final:

O acento grave, indicativo de crase, deve ser usado para evitar ambiguidade (duplo sentido).

Ela cheira à pinga (tem cheiro de pinga).
Ela cheira a pinga (sente o cheiro da pinga).

HÁ ≠ A

HÁ	➜ Verbo **haver**: **Há** sempre soluções melhores. ➜ Tempo passado: Estudo **há** três anos. ➜ Permutável por **faz**: **Há** três noites que eu não durmo...
A	➜ Tempo futuro: Voltarei daqui **a** três meses. ➜ Artigo definido: **A** vitória sempre chega. ➜ Preposição: Voltei **a** casa cedo. ➜ Pronome oblíquo: Deus **a** proteja, minha filha. ➜ Pronome demonstrativo: Guardei **a** que você me deu.

Prática

■ Preencha as lacunas com **a**, **à**, **as**, **às**.

91. Ela foi ___ feira, depois ___ modista.
92. Debatemos ___ respeito da matéria e chegamos ___ conclusão final ainda ___ tempo.
93. Ele é insensível ___ dor e propõe-se ___ assistir ___ filmes de guerra e ___ mutilações neles contidas.
94. Isto me cheira ___ velhice e ___ asneira.
95. Erigiram-se templos ___ Júpiter e ___ Minerva.
96. Não costumava ir ___ todas as festas.

■ Use o sinal indicativo de crase, conforme as regras vistas.

97. Ele ficou a conjecturar por que não bateram palmas a porta.
98. Não retornou a casa sem antes telefonar a sua mãe.
99. Não me referi a que chorava, mas a que ria.
100. Não me dirigi a este, mas aquele menino.
101. Referia-me a tua irmã e não a dele, nem a minha.
102. Voltou o filho a casa dos pais.
103. Voltou o filho a casa.
104. Ele fala a nordestina, se veste a mineira, come a baiana e canta a Gilberto Gil.
105. Eles ficaram cara a cara, frente a frente com o monstro, face a face com o perigo.
106. Aludi a minha prima e a Marília bela.
107. Escrevo a lápis e não a caneta.
108. Assistiu a aulas de violino, a tarde.
109. Voltarei a Argentina, a Itália e a Portugal.
110. As onze horas, havia ainda bebida a farta.
111. Solicito a Vossa Excelência que se mova a procura de uma solução adequada a esta situação.

112. A medida que ele se unia a Dona Inês, unia-se também a Senhorita Cláudia e a Madame Cristine.
113. Ele estava submetido a enorme depressão quando retornou a Brasília para dedicar-se a pessoas desconhecidas e as irmãs de seu pai.
114. Referia-me a Faculdade de Economia da USP, não a de Arquitetura nem a de Filosofia.

■ Preencha as lacunas com **a**, **à**, **as**, **às**, conforme necessário.

115. A sessão será das 8h _____ 10h.
116. Voltaremos _____ meia-noite.
117. O voo parte pontualmente _____ onze horas.
118. O almoço será servido de treze _____ quinze horas.
119. Só posso recebê-lo daqui _____ uma hora.

Prática Geral

120. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Assinale a frase em que o acento indicativo de crase foi empregado **incorretamente**.
    a) Ao voltar das férias, devolverei tudo à V. Sª.
    b) O candidato falou às classes trabalhadoras.
    c) Fique à espera de meus amigos.
    d) Sua maneira de falar é semelhante à de Paulo.
    e) Você só poderá ser atendido às 9 horas.

121. (PRF/N.M./ANP) Assinale a opção em que **falta** o acento de crase.
    a) O ônibus vai chegar as cinco horas.
    b) Os policiais chegarão a qualquer momento.
    c) Não sei como responder a essa pergunta.
    d) Não cheguei a nenhuma conclusão.

122. (ALCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **correta**.
    a) O ministro não se prendia à nenhuma dificuldade burocrática.
    b) O Presidente ia a pé, mas a guarda oficial ia à cavalo.
    c) Ouviu-se uma voz igual à que nos chamara anteriormente.
    d) Solicito à V. Exa. que reconheça os obstáculos que estamos enfrentando.

123. (ATCL-DF/N.S./IDR) Marque a alternativa **correta** quanto ao acento indicativo da crase.
    a) A cidade à que me refiro situa-se em plena floresta, a algumas horas de Manaus.
    b) De hoje à duas semanas estaremos longe, a muitos quilômetros daqui, a gozar nossas merecidas férias.
    c) As amostras que servirão de base a nossa pesquisa estão há muito tempo à disposição de todos.
    d) À qualquer distância percebia-se que, à falta de cuidados, a lavoura amarelecia e murchava.

124. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa que apresenta emprego **incorreto** do sinal indicativo de crase.
a) Trata-se de uma tradição há muito inserida nas práticas legislativas do País e que não deve estar condicionada à deliberação do plenário.
b) A publicação no *Diário Oficial* constitui a forma pela qual se dá ciência da promulgação da lei à sociedade.
c) O Presidente vai à sala de reuniões às oito horas dar as informações sobre o problema à todos que estiverem a espera.
d) Com respeito às questões operacionais colocadas pela necessidade de divulgação das leis, é preciso avaliar os custos de implantação de novos parques gráficos.

125. (Ag. Adm./TRT/N.M./ACCESS) O poeta aspirava ___ felicidade, mas sem ___ volta da amada ele não ___ obteria.
A alternativa que completa **corretamente** as lacunas da frase acima é:
a) à / à / a.
b) à / a / a.
c) a / à / a.
d) à / a / à.
e) à / à / à.

126. (TFC-RJ/N.S.) Marque o item que se completa de forma correta com a sequência seguinte: **Há/às**.
a) _____ algum tempo, a tecnologia revoluciona em áreas que vão da cirurgia plástica _____ armas nucleares.
b) O raio laser se revela _____ altura de um bisturi de alta precisão _____ anos.
c) _____ quem afirme que _____ áreas da medicina em que o uso do raio laser é imprescindível.
d) _____ novidade surgiu na França onde o laser está sendo usado na restauração da Catedral de Amiens, recuperando vestígios das cores aplicadas _____ sete séculos.
e) Debaixo da fuligem que conferiu um tom acinzentado _____ igreja, o laser revelou uma gama de dourados, azuis e vermelhos existentes _____ épocas da feitura de obras góticas.

(Adap. de *Veja*, 10/3/1993).

127. (AFRE-SP/N.S.) Assinale a alternativa **correta**.
Chegou _____ tempo de presenciar _____ pequena discussão entre _____ e o encarregado da limpeza.
a) à / uma / eu.
b) a / uma / mim.
c) há / a uma / mim.
d) a / a uma / eu.

128. **Não** se usa o acento grave, indicador da crase, em:
a) Fomos a Bahia no ano passado.
b) Voltamos a casa de Pedro, mas não o encontramos.
c) As vezes, meus filhos chegam tarde do colégio.
d) Todos aqui gostam de bife a milanesa.
e) Os documentos serão entregues a Vossa Excelência, em tempo hábil.

129. Usa-se acento indicativo de crase em:
   a) As frutas caem a terra quando maduras.
   b) Ele também é capaz de exercer a força de atração.
   c) A queda da maçã provocou a curiosidade de Newton.
   d) Foi o único homem a perceber a lei da gravitação universal.
   e) A não ser que alguém a passasse para outra pessoa.

130. A crase **não** é admissível em:
   a) Comprou **a** crédito.
   b) Vou **a** casa de Maria.
   c) Fui **a** Bahia.
   d) Cheguei **as** doze horas.
   e) A sentença foi favorável **a** ré.

131. Indique a alternativa em que o acento grave, indicador da crase, **não** foi empregado corretamente.
   a) Às ameaças que tantas vezes proferiu não demos a menor importância.
   b) Às vésperas da revolução, convocou às armas várias classes.
   c) Às vezes vou à repartição.
   d) A festa à que assisti ontem jamais sairá do meu pensamento.
   e) A roupa que você está usando é semelhante à que comprei.

132. Quanto ao emprego do acento grave, indicativo de crase, assinale a opção **incorreta**.
   a) Em "alusão à data", emprega-se o acento grave para indicar a fusão da preposição **a**, que rege um substantivo feminino singular, com o artigo definido, formando uma locução adverbial.
   b) Em "havia flores à sua espera sobre a mesa", o emprego do acento grave é facultativo, porque é dispensável o uso do artigo antes do pronome prossessivo com substantivo.
   c) Reescreve-se o enunciado "Engasgado, confessou-lhe que em parte nenhuma" da seguinte maneira: **Engasgado, confessou à secretária que em parte nenhuma**.
   d) Em "iria rodar por aí à noite", emprega-se o acento grave diante da locução adverbial constituída de substantivo feminino.
   e) Substitui-se o enunciado "Foram ao drinque" por **Foram às bebidas**.

Pontuação

VISÃO GERAL

Ordem direta da frase.

1	2	3		4
sujeito	verbo	objeto/predicativo		adj. adverbial
Os turistas	estavam	felizes	(,)	no metrô
Os turistas	compraram	presentes	(,)	em Brasília

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, para as declarações a seguir, com base no quadro acima e em sua experiência linguística.

1. ( ) Entre os termos das colunas 1, 2 e 3 não se usa vírgula.
2. ( ) Entre eles, podem-se usar duas ou mais vírgulas para intercalar outros termos.
3. ( ) Entre os termos das colunas 3 e 4, o uso da vírgula é facultativo.
4. ( ) Usar-se ou não a vírgula, nesse caso, não altera o sentido.
5. ( ) O uso da vírgula, nesse caso, enfatiza, ressalta a ideia expressa no termo 4.
6. ( ) O termo 4 pode colocar-se entre 1 e 2, porém entre vírgulas.
7. ( ) O termo 4 pode colocar-se entre 2 e 3, porém entre vírgulas.
8. ( ) As declarações de 1 a 7 correspondem aos parâmetros da norma culta.
9. ( ) Os jornais e a imprensa escrita, de um modo geral, seguem rigidamente tais normas.
10. ( ) A imprensa escrita, de um modo geral, economiza os sinais de pontuação que considera desnecessários ao sentido básico do texto.

VISÃO DETALHADA

USO DA VÍRGULA

Dentro de uma oração

Observe:

– Escolheram um garoto-propaganda **feio**, **atrapalhado**, **desajeitado**, **carente**.
– Meu pai era **respeitoso**, **presente** em casa, **alegre**.

Conclusão:

A vírgula separa termos de mesma função.

Prática

■ Use a vírgula onde for necessário.

11. É necessário lealdade honestidade coragem desprendimento.
12. Nós o encontramos alegre bem disposto e descansado.
13. Toda criança precisa de carinho de atenção de educação.

Observe:

– O professor, **nervoso**, chamou os alunos para uma conversa.
– **Preocupado**, o diretor convocou uma reunião.

Conclusão:

A vírgula separa os predicativos dos núcleos a que se referem.

Prática

■ Coloque as vírgulas necessárias.

14. Consciente de sua responsabilidade o advogado pediu tempo para estudar.
15. A empresa premida pelas dificuldades quase fechou as portas.
16. O ministro ainda doente voltou a despachar em seu gabinete.

Observe:

– **Na virada do século**, a operária Luíza trabalhava na fábrica têxtil Bangu.
– **Hoje**, **nos Estados Unidos**, mais da metade das mulheres trabalha.

Conclusão:

A vírgula separa o adjunto adverbial deslocado do seu lugar normal.

Prática

■ Use as vírgulas adequadamente.

17. No Primeiro Mundo boicotes costumam dar resultados.
18. A televisão na noite de sexta-feira revelou as causas do acidente.
19. Os técnicos tentaram apesar dos empecilhos explicar o raro fenômeno.

Observe:

Brasília, 23 de março de 2009.

Conclusão:

A vírgula separa, nas datas, o topônimo (nome de lugar).

Observe:

– **A mim**, tudo **me** parecia absurdo.
– **Esse dinheiro**, não voltaremos a vê-**lo**.

Conclusão:

Quando se coloca o objeto no início da oração para repeti-lo, usa-se vírgula.

Prática

■ Use corretamente as vírgulas.

20. Um caso assim é preciso estudá-lo cuidadosamente.
21. Aos turistas não lhes importa como chegarão até lá.
22. O contrato convém assiná-lo o quanto antes.

Observe:

– O caso exigia providência urgente; ela, **porém**, parecia não se importar.
– Já foi decidido o seu afastamento; não há, **portanto**, o que reclamar.

Conclusão:

Quando se desloca, do início da oração, a conjunção adversativa ou conclusiva, usam-se vírgulas.

Prática

■ Use adequadamente a vírgula.

23. O mesmo estudo porém mostra que a situação pode melhorar.
24. Essa não é contudo a prática na companhia.
25. Já vai longe o tempo da censura; direi o que quiser pois.

Observe:

– Plínio, **o filho do primeiro casamento**, decidiu que moraria com o pai.
– A verdade, **senhores eleitores**, é que a responsabilidade é sua.

Conclusão:

A vírgula separa o aposto e o vocativo do resto da oração.

Prática

■ Empregue adequada pontuação.

26. Rafael médico-gerente de laboratório criou um manual para emergências.
27. Esse empresário era casado com Heloísa uma ex-bailarina.
28. Na dúvida senhores jurados o réu deve ser favorecido.

Observe:

– Dizem que os homens decidem com o cérebro; as mulheres, com o coração.
– Alguns casos são encaminhados para os hospitais centrais; outros, para os centros de saúde.

Conclusão:

A vírgula substitui um verbo subentendido.

Prática

■ Virgule adequadamente.

29. Jaime estava feliz; Zeca tranquilo.
30. Vera compreendeu tudo; Cláudio quase tudo.
31. Sandra estava radiante; Rosa eufórica.

Observe:

– Esse caso, **por exemplo**, pode ser resolvido rapidamente.
– **Em suma**, sua função era visitar as sucursais.

Conclusão:

A vírgula separa termos ou expressões intercaladas que servem para resumir, incluir, excluir, retificar, exemplificar...

Prática

■ Virgule adequadamente.

32. Esses países inclusive o Sudão são governados por fundamentalistas.
33. Exceto você todos já sabiam das mudanças.
34. Em compensação o país tem batido recordes de crescimento econômico.

Observação:

Vírgulas para intercalação são permutáveis por parênteses ou travessões.

Preste atenção às seguintes frases, os parênteses estão substituídos por travessões (curtinhos por conta da intenção de síntese) e por vírgulas.

1ª O casal era confuso ***(ela mais do que ele), mas*** *fingia naturalidade.*
2ª O casal era confuso ***– ela mais do que ele –, mas*** *fingia naturalidade.*
*3ª O casal estava confuso****, ela mais do que ele, mas*** *fingia naturalidade.*

Atente que, nos dois primeiros exemplos, os parênteses e os travessões estão seguidos de vírgula, porque antecedem a conjunção coordenativa **mas**. No terceiro, não poderia haver duas vírgulas juntas.

Entre orações

Observe:

– Minha mãe faz curso de teatro, ouve palestras, atualiza-se.
– Houve algumas resistências, mas as colônias serão devolvidas.

Conclusão:

A vírgula separa orações coordenadas (exceto as iniciadas por *e*).

Prática

■ Virgule adequadamente.

35. Os lábios tentaram abrir-se num sorriso mas desistiram e fecharam-se.
36. Acordava tomava café lia o jornal e ia para o aeroporto.
37. Ele era metódico portanto não deixaria de telefonar.

Atenção:

Vírgula antes do e

, e

a) Quando se enfatiza o que se segue, seja termo ou oração:

Estava feliz, radiante, **e** agradecida

Ele disse com muita firmeza, **e** a convenceu.

b) Quando o **e** tem sentido de "mas":

Não estudou, **e** sabia tudo.

c) Se se repetir a conjunção **e** (polissíndeto).

Falou, **e** repetiu, **e** gritou, **e** chorou.

d) Para alguns gramáticos, se o sujeito da oração iniciada pelo **e** for diferente do da outra oração.

Ela chegou, **e** Renato fingiu não vê-la.

Vírgula antes do etc.

~~e~~ etc

"etc." é abreviatura de *et cetera*, que, em latim, significa "e o restante", expressão que começa com "e". Como não se enquadra em nenhuma das situações em que se usa vírgula antes do "e", o melhor é não usá-la.

Observe:

– Ronaldo, **que hoje tem 34 anos**, mudou muito.
– Os homens, **que são mortais**, julgam-se imortais.

Conclusão:

A vírgula separa da principal as orações subordinadas adjetivas explicativas.*

Prática

■ Use corretamente a vírgula.

38. O leite que contém cálcio é excelente alimento para as crianças que são desnutridas.
39. Meu pai que falava quatro línguas julgava-se superior às pessoas que só sabiam a língua materna.
40. Os empresários que vieram querem erguer grandes hotéis que atrairão turistas.

Atenção:

A vírgula nunca pode iniciar uma oração adjetiva restritiva (a que está sublinhada no exemplo seguinte), mas pode separar essa oração da que lhe vem após, mesmo quando separa o sujeito (As) do seu verbo (acabam percebendo).

1. As <u>que deixam de respeitar seus semelhantes por quaisquer supostas razões</u>, acabam percebendo que não o deveriam ter feito.
2. Os participantes <u>que ontem à noite nos procuraram</u>, voltaram hoje.

Explica-se essa possibilidade nos exemplos 1 e 2 quer pela extensão da restritiva quer pela opção por uma pausa respiratória. No exemplo 2, alega-se também a separação dos dois verbos vizinhos, pertencentes cada um a uma oração distinta.

Observe:

– **<u>Se</u> não houver empenho de todos**, não se encontrará uma solução.
– **<u>Quando</u> a editora estiver publicando tais trabalhos**, eu aplaudirei.

Conclusão:

A vírgula separa orações subordinadas adverbiais que antecedem a oração principal.

Prática

■ Virgule corretamente.

41. Para usufruir de todas as vantagens os turistas se dispõem a pagar mais.
42. Examinando-se a disputa atual nas capitais a proposta parece vir a calhar.
43. Confirmadas as informações divulgadas pelos jornalistas o jogador teve de desdizer-se.

* *Vide*, em *Análise Sintática Visual*, Período: Orações subordinadas adjetivas.

Observe:

– A democracia, **embora ainda seja imperfeita**, é o melhor sistema de governo.
– A mulher, **se for preciso**, dobra sua jornada de trabalho.

Conclusão:

A vírgula separa orações intercaladas.

Prática

■ Use adequadamente a vírgula.

44. O projeto apesar de merecer alguns reparos parece melhorar a vida do contribuinte.
45. Qualquer pessoa conforme se divulgou na imprensa terá acesso às informações sobre andamento de processos.
46. Nós para garantir nossos direitos contamos com a Justiça.

DOIS-PONTOS

(Pausa pouco maior que a vírgula, indicando frase inconclusa)

Usam-se dois-pontos para:

a. **introduzir uma fala, uma citação:**

A manchete estampava (:) "A mosca morreu!"

b. **anunciar uma enumeração**:

São três os suspeitos (:) o papagaio, a minhoca e o sapo.

c. **anunciar um esclarecimento ou explicação**:

Ele é impaciente (:) não sabe ouvir.

d. **introduzir exemplo(s)**:

...um monossílabo tônico (:) pé.

Prática

■ Com base nas ideias do quadro, assinale **a**, **b**, **c** ou **d** para as afirmações seguintes.

47. ( ) As palavras de origem grega, terminadas em **ma**, são masculinas: o teorema, o drama, o anátema...
48. ( ) De vez em quando, vinha-nos um pressentimento: o velho carpinteiro não estava morto, escondera-se de nós.
49. ( ) Compareceram todos: seu Lucas, padre Abílio, mestre Caetano...
50. ( ) O *maitre* recomendou: "Sirvam gelado".

PONTO E VÍRGULA

Usa-se ponto e vírgula para:

a. **separar orações que tenham vírgula(s) em seu interior**:

Ela agia correto ; ele, errado.

b. **separar itens de uma enumeração**:

O numeral pode:
indicar uma quantidade ;
denotar posição numa sequência ;
determinar número de vezes ;
indicar parte(s) de unidade.

c. **para enfatizar ideias adversativas ou conclusivas**:

Sofreu, mas não chorou. Estudou, portanto mereceu.
Sofreu ; mas não chorou. Estudou ; portanto mereceu.

Prática

■ Com base nas informações do quadro, assinale **a**, **b** ou **c** para as frases seguintes.

51. ( ) Ficamos atentos, esperando que ele viesse; mas ninguém veio.
52. ( ) Os erros eram pequenos, escassos; poderiam, portanto, ser relevados.
53. ( ) A cidade adormecia; a lua suave passeava lentamente; os grilos a festejavam; os sapos cadenciavam seus ritmos...

RETICÊNCIAS

São usadas as reticências para:

a. **indicar suspensão de uma ideia**:

"Ele e eu estávamos indo ... Mas, me diga primeiro, como você chegou até aqui?"

b. **denotar interrupção ou interrupções de fala para conotar hesitação, timidez**:

"É verdade que ... que estava ... estava lá, sim."

c. **denotar interferência da fala de um personagem na de outro**:

"– Mariana me disse ...
– Deixa isso p'ra lá!"

d. **realçar a expressão que se lhe segue**:

"Ela é uma grande ... cilada!"

e. **suprimir trechos de uma citação**:

"Ouviram do Ipiranga ... retumbante."

Nesse caso, usam-se também as reticências entre parênteses:

"Ouviram do Ipiranga (...) retumbante."

Prática

■ Com base no quadro das reticências, assinale a letra que mais se aproxima dos exemplos seguintes.

54. ( ) "As armas e os barões... espalharei por toda a parte." (Camões)
55. ( ) Eu quero... que você... que você se case comigo.
56. ( ) Teresa disse que ... Deixa p'ra lá: não interessa o que ela tenha dito.
57. ( ) Eu acho que você ficou... maluquinha por ele.
58. ( ) É... – adivinhe! – a sua melhor amiga.
59. ( ) – Você gosta dela ou...
– Gosto, com certeza.

TRAVESSÃO, ASPAS DUPLAS E ASPAS SIMPLES

Com base nos exemplos I, II e III, responda **C** ou **E** para as afirmações seguintes:

I – "Eu sofria já o começo de velhice – esta vida era só o demoramento." (J. Guimarães Rosa)

II – "Achei especial o jeito de João Concliz vir, ansiado cauteloso. Ação em que qualquer um anda – nessas semelhantes ocasiões – só encostado nas paredes – 'Você fica aqui, mais você, e você... Você dessa banda... Você ali, você aí acolá...' – arrumação ele ordenava." (J. Guimarães Rosa)

III – "Seu peito, ela recordava,
era branco, firme, polido – um marfim." (Cecília Meireles)

60. ( ) Em I, o travessão está usado em lugar de uma vírgula e introduz uma explicação.
61. ( ) Em II, o primeiro travessão serve para introduzir fala de personagem.
62. ( ) Em II, os dois primeiros travessões servem para destacar a expressão "nessas semelhantes ocasiões".
63. ( ) Em II, o terceiro travessão serve para introduzir fala de personagem.
64. ( ) Em II, ocorre o uso de aspas duplas e simples.
65. ( ) É indiferente o uso de aspas duplas ou simples. Podem-se usar umas ou outras indiferentemente.
66. ( ) Em II, as aspas duplas são usadas, como em I e III, para reproduzir fala de personagens.
67. ( ) Em II, usam-se as aspas simples para reproduzir a fala de um personagem.
68. ( ) Em II, se não houvesse as aspas duplas no início e no fim do texto, não se usariam as aspas simples.
69. ( ) Conclusão: aspas simples se usam dentro de aspas duplas.
70. ( ) Em III, o travessão está introduzindo um resumo das ideias anteriores.
71. ( ) Esse travessão poderia, sem mudança de significado, ser substituído por reticências.
72. ( ) Esse travessão poderia ser substituído por dois-pontos ou reticências.

Prática Geral

Instruções para as questões de números 73 a 76.

Os períodos abaixo apresentam diferenças de pontuação. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta.

73. a) Mas a raiva voltou, e ele teve vontade de devolver o incômodo presente.
    b) Mas, a raiva voltou e ele, teve vontade de devolver o incômodo presente.
    c) Mas a raiva voltou e, ele teve vontade de devolver o incômodo presente.
    d) Mas a raiva, voltou e ele teve, vontade de devolver o incômodo presente.
    e) Mas, a raiva voltou, e ele teve vontade, de devolver o incômodo presente.

74. a) Não sei do que você, está falando, deixe-me pois em paz.
    b) Não sei do que, você está falando: deixe-me, pois em paz.
    c) Não sei do que, você está falando; deixe-me pois, em paz.
    d) Não sei do que você está falando; deixe-me, pois, em paz.
    e) Não sei, do que você está falando, deixe-me pois, em paz.

75. a) As dúvidas, porém, permaneciam as mesmas, por mais que se tentasse esclarecê-las.
    b) As dúvidas porém, permaneciam as mesmas por mais que se tentasse esclarecê-las.

c) As dúvidas, porém permaneciam as mesmas por mais, que se tentasse esclarecê-las.
d) As dúvidas porém permaneciam, as mesmas, por mais que se tentasse esclarecê-las.
e) As dúvidas porém permaneciam as mesmas por mais que se tentasse esclarecê-las.

76. a) O velho professor vivia à parte com ar tristonho sempre, de livro na mão imerso na leitura.
b) O velho professor vivia, à parte com ar tristonho sempre, de livro, na mão, imerso na leitura.
c) O velho professor vivia à parte, com ar tristonho, sempre de livro na mão, imerso na leitura.
d) O velho professor vivia à parte com ar tristonho sempre de livro, na mão, imerso na leitura.
e) O velho, professor, vivia, à parte com ar tristonho, sempre de livro na mão imerso, na leitura.

77. Qual das sequências abaixo jamais admitirá, de acordo com as nossas gramáticas, o emprego de duas vírgulas?
a) O irmão meu que estava doente não chegou na hora.
b) Mesmo que tu chegues atrasado José não deixes de trazer as revistas que te emprestei sábado último.
c) A mulher se divide em quatro partes cabeça tronco membros e espelho.
d) Jamais lhe poderei dizer que isto se passou na casa de uma das mais tradicionais famílias da região os Mesquitas.
e) A muito custo após algumas horas disseram que não haviam chegado os impressos para formalizar a petição.

78. Dadas as afirmações:
I – Em "José, por não concordar com as ordens do chefe, retirou-se.", a supressão de uma das vírgulas constituirá erro, pois virá quebrar a concatenação da oração, por separar o sujeito do predicado.
II – Em "Disse ele muitas coisas e mais coisas teria dito se não fosse a carência de tempo.", é necessária a vírgula antes da conjunção aditiva para separar complementos de verbos diferentes.
III – Usa-se o ponto e vírgula para separar as partes principais de uma frase, sobretudo se longas, nas quais já existam elementos virgulados.
deduzimos que, de acordo com as normas de pontuação, pode(m) estar correta(s)
a) todas.
b) apenas a I.
c) apenas a II.
d) apenas a III.
e) apenas a I e III.

79. Assinale a opção cujos sinais, indicados entre parênteses, não permitem pontuação correta para as frases abaixo.
a) Se a felicidade é proporcional à renda é irrespondível a causa das máquinas se não a questão toda precisa ser examinada. (2 vírgulas e 1 ponto e vírgula)
b) "O mau médico encarece a enfermidade e não lhe dá remédio o mau conselheiro exagera os inconvenientes e não dá meio com que os melhorar." (3 vírgulas e 1 ponto e vírgula)
c) "O beijo das mulheres sérias é frio faz a gente espirrar o das mulheres ardentes gasta-nos os lábios... e o dinheiro." (1 dois-pontos e 1 ponto e vírgula)
d) Chamava-se Isolina a amiga que a consolava Piedade. (1 vírgula e 1 ponto e vírgula)
e) "Depois dos pais que recebem o nosso primeiro grito o solo pátrio recebe os nossos primeiros passos é um duplo receber que é duplo dar." (3 vírgulas e 1 dois-pontos)

80. Observe as frases abaixo quanto à pontuação. Quais as certas?
I – Muito estimado, como pássaro de gaiola dá o pintassilgo, quando cruzado, com o canário-do-reino, um híbrido chamado pintagol.
II – Muito estimado como pássaro de gaiola, dá o pintassilgo, quando cruzado com o canário-do-reino, um híbrido chamado pintagol.
III – Nas minas, no final do século XVIII, viviam-se momentos de insatisfação – a lembrança de um passado perdido –, que propiciaram novas atitudes e novos laços de solidariedade entre os homens.
IV – Nas minas – no final do século XVIII – viviam-se momentos de insatisfação: a lembrança de um passado perdido, que propiciaram novas atitudes e novos laços de solidariedade entre os homens.
V – Pênalti, ou penalidade máxima no futebol, é a falta máxima, dentro da grande área cometida por jogador que defende, que é punida, com um tiro direto – sem barreira, a onze metros do gol.
a) I, IV, V.
b) II, III.
c) II, IV, V.
d) I, III, V.
e) II, IV.

81. Dadas as sentenças:
I – O álbum que comprei contém mais de mil ilustrações.
II – Meu irmão comprou: uma casa, uma geladeira, uma televisão em cores e um gravador; por isso, está com dívidas.
III – É fácil destruir, difícil é construir mesmo que, para isso, tenhamos que nos sacrificar.
verificamos que está (estão) devidamente pontuada(s)
a) apenas a sentença I.
b) apenas a sentença II.
c) apenas a sentença III.
d) apenas as sentenças I e II.
e) todas as sentenças.

82. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Assinale a frase **correta** quanto à pontuação.
a) O parágrafo único do artigo 37, também trata da isenção do imposto em caso semelhante ao estudado.
b) A mãe do soldado implorara piedade, confidenciou-me o tenente; o general porém, mandou executar a sentença.
c) Eu para não ser indiscreto, retirei-me calmamente da sala, quando percebi que o assunto era confidencial.
d) Embora o doente não corresse mais perigo, os médicos resolveram mantê-lo em observação durante doze horas.
e) É alentador, o que os indicadores econômicos demonstram: uma retomada do desenvolvimento em São Paulo, o maior parque industrial brasileiro.

83. (ITA/Vest.) Assinale a opção em que, retirando-se a vírgula ou mudando-se a sua posição, **não** se obtém alteração de sentido.
a) Isso também pesa aos brasileiros, que têm carro a álcool.
b) Pediu que contemplássemos a bela visão, da ampla janela.
c) Mariana foi, logo Mário não pôde ir.
d) Como precisava de ajuda, procurou Maria, sua melhor amiga.
e) Obtivemos, em julho, os passaportes; só em dezembro, porém, é que viajamos.

84. (BRB/N.M./IDR) O cronista desprezou algumas prescrições sobre pontuação da norma culta da língua. Assinale a alternativa em que o trecho reescrito atende a tais regras.
a) Estou certo de que no futuro dentro de uns 500 anos, quando os atuais países desaparecerem do mapa, os universitários estudando civilizações pré-históricas, do século XX, ao serem chamados a falar, sobre o povo brasileiro perguntarão:
b) Estou certo de que, no futuro, dentro de uns 500 anos, quando os atuais países desaparecerem do mapa; os universitários, estudando civilizações pré-históricas do século XX, ao serem chamados a falar sobre o povo brasileiro perguntarão:
c) Estou certo de que, no futuro, dentro de uns 500 anos, quando os atuais países desaparecerem do mapa, os universitários, estudando civilizações pré-históricas do século XX, ao serem chamados a falar sobre o povo brasileiro, perguntarão:
d) Estou certo, de que no futuro – dentro de uns 500 anos – quando os atuais países desaparecerem do mapa, os universitários estudando civilizações pré-históricas do século XX, ao serem chamados a falar sobre o povo brasileiro, perguntarão:

85. (ALCL-DF/N.S./IDR) Marque o período no qual a supressão das vírgulas **não** acarreta modificação de sentido.
a) As discussões prolongaram-se por dias, para que todos pudessem dar sua opinião.
b) A emenda de alteração da Constituição, combatida pelos presidencialistas, ainda não foi a voto.
c) Os entendimentos desenrolaram-se bem, como se previa.
d) A convenção ocorre num momento particularmente difícil para os partidos, que entraram em crise existencial.

O texto abaixo foi transcrito com algum erro. Leia-o atentamente.

A universidade aberta pode ser implantada paulatinamente sem grandes investimentos fixos e já com capacidade para atender grandes públicos, simultaneamente no Distrito Federal e Entorno. Ao mesmo tempo, volta-se para atender a um público fundamental que, ao longo da história foi excluído dos níveis superiores de ensino – os trabalhadores e as camadas populares.

O projeto que ora apresentamos à Câmara Legislativa não tem a intensão de definir a estrutura da universidade. Entendemos que cabe ao GDF criar uma comissão de especialistas, com representantes de todos os segmentos da sociedade, para formular a proposta de estrutura e o programa-piloto da Instituição, no prazo de 120 dias após a publicação da lei. O GDF é quem reúne as melhores condições técnicas para coordenar a implantação de um projeto de tão grande envergadura.

(Deputado Carlos Alberto)

86. (ATCL-DF/N.S./IDR) Quanto às regras de pontuação, existe **erro** na linha
a) 3. b) 4. c) 9. d) 11.

87. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale o período **correto** quanto à pontuação.
a) O Poder Legislativo, na fase atual do processo democrático em marcha no País tende a se firmar, cada vez mais, na consciência da sociedade brasileira, segundo o presidente da Câmara Legislativa do DF.
b) O Poder Legislativo, na fase atual do processo democrático em marcha no País, tende a se firmar, cada vez mais, na consciência da sociedade brasileira, segundo o presidente da Câmara Legislativa do DF.
c) O Poder Legislativo na fase atual do processo democrático em marcha no País, tende a se firmar cada vez mais na consciência da sociedade brasileira, segundo o presidente da Câmara Legislativa do DF.
d) O Poder Legislativo, na fase atual do processo democrático em marcha no País, tende a se firmar, cada vez mais, na consciência da sociedade brasileira, segundo, o presidente da Câmara Legislativa do DF.

88. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale o período **correto** quanto à pontuação.
a) Nenhum brasileiro será extraditado, salvo o naturalizado, em caso de crime comum, praticado antes da naturalização, ou de comprovado envolvimento em tráfico ilícito de entorpecentes e drogas afins, na forma da lei.
b) Todos têm direito de receber dos órgãos públicos informações de seu interesse particular, ou de interesse coletivo ou geral, que serão prestadas no prazo da lei, sob pena de responsabilidade, ressalvadas aquelas, cujo sigilo, seja imprescindível à segurança da sociedade e do Estado.
c) São direitos sociais; a educação, a saúde, o trabalho, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados.

d) Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e estrangeiros residentes no País, a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade.

89. (ATCL-DF/N.S./IDR) A eliminação da vírgula em três das frases abaixo é possível, mas acarretaria alteração de seu sentido.
Assinale a alternativa em que essa eliminação **não** é possível, por tornar ilógica a frase.
a) A mesa, que está no meio da sala, é vermelha.
b) Dedico este livro aos estudantes de minha terra, que não se contentam com superficialidades.
c) Sorte foi ter-se quebrado meu braço esquerdo, que menos falta me faz que o direito.
d) O governador mandou suspender o pagamento dos funcionários, que estavam em greve desde maio.

90. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale o período **incorreto** quanto à pontuação.
a) O tempo de serviço público federal, estadual ou municipal será computado integralmente para os efeitos de aposentadoria e disponibilidade.
b) O tempo de serviço público federal, estadual ou municipal, será computado integralmente para os efeitos de aposentadoria e disponibilidade.
c) O tempo de serviço público federal, estadual ou municipal será computado, integralmente, para os efeitos de aposentadoria e disponibilidade.
d) O tempo de serviço público federal, estadual ou municipal será computado integralmente, para os efeitos de aposentadoria e disponibilidade.

91. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa em que a pontuação está **correta**.
a) Não se justifica que o ilustre Autor, querendo valorizar a nobre missão de ensinar, atribua aos professores um salário mínimo profissional de tão pouca expressão.
b) Não se justifica, que o ilustre Autor, querendo valorizar a nobre missão de ensinar; atribua aos professores um salário mínimo profissional, de tão pouca expressão.
c) Não se justifica que, o ilustre Autor, querendo valorizar: a nobre missão de ensinar, atribua aos professores um salário mínimo profissional de tão pouca expressão.
d) Não se justifica que o ilustre Autor querendo, valorizar a nobre missão de ensinar atribua, aos professores, um salário mínimo profissional, de tão pouca expressão.

92. (TFC-RJ/N.S.) Assinale a opção cujo período apresenta pontuação **correta**.
a) O Vice-Presidente da República, além de outras atribuições que lhe forem conferidas por lei complementar, auxiliará o Presidente sempre que, por ele convocado, para missões especiais.
b) O Vice-Presidente da República, além de outras atribuições, que lhe forem conferidas, por lei complementar, auxiliará o Presidente sempre que por ele convocado para missões especiais.

c) O Vice-Presidente da República, além de outras atribuições que lhe forem conferidas, por lei complementar auxiliará o Presidente, sempre que por ele convocado, para missões especiais.
d) O Vice-Presidente da República, além de outras atribuições, que lhe forem conferidas por lei complementar, auxiliará o Presidente sempre que, por ele convocado, para missões especiais.
e) O Vice-Presidente da República, além de outras atribuições que lhe forem conferidas por lei complementar, auxiliará o Presidente, sempre que por ele convocado para missões especiais.

93. (TFC-RJ/N.S.) Assinale o período **corretamente** pontuado.
a) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis, que, num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.
b) Os carros modernos, são feitos com chapas bastante flexíveis que, num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.
c) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis, que num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.
d) Os carros modernos são feitos, com chapas bastante flexíveis, que, num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.
e) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis que num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.

94. (Ag. Fc. Rend.-SP/N.S.) Assinale a letra correspondente ao período de pontuação **certa**.
a) Acredito que ele não venha; se, entretanto, vier, não o insulte.
b) Acredito que ele não venha; se, entretanto vier não o insulte.
c) Acredito que, ele não venha se, entretanto, vier não o insulte.
d) Acredito que ele não venha, se entretanto, vier não o insulte.

95. (AFRE-SP/N.S.) Assinale a letra correspondente ao período de pontuação **certa**.
a) Ao ser testada a nova rotina revelou-se, inócua, para provocar o desejado aumento, de produtividade.
b) Ao ser testada, a nova rotina, revelou-se inócua para provocar, o desejado aumento de produtividade.
c) Ao ser testada a nova rotina, revelou-se inócua para provocar, o desejado aumento de produtividade.
d) Ao ser testada, a nova rotina revelou-se inócua para provocar o desejado aumento de produtividade.

96. Assinale a frase **errada** quanto à pontuação.
a) A cigarra morre de frio e de fome no inverno.
b) César, chegou, viu e venceu.

c) A cigarra, símbolo da ociosidade, morre de frio e de fome no inverno.
d) Estudamos Português, Francês e Inglês.
e) Mocidade ociosa, velhice vergonhosa.

97. Assinale a opção em que o emprego da vírgula se justifica pela mesma regra que se aplica a "**Era dia de seu aniversário, e a esposa nem sequer o abraçara (...)**"
a) "Passada a surpresa, sentiu-se ainda mais borocochô: (...)"
b) "(...) tinha palavras amáveis, e o ditado da correspondência foi entremeado de suaves brincadeiras da parte dela."
c) "Engasgado, confessou-lhe que em parte nenhuma."
d) "Conteve-se, no prazer ansioso da espera."
e) "Saiu bem mais jovem do bar, e pegou-lhe do braço."

98. (FGV) "Mas a correlação de forças não lhes permite ir mais longe, e essa paralisia favorece o retorno dos acordos bilaterais ou regionais."
No trecho acima, utilizou-se corretamente a vírgula antes do E. Assinale a alternativa em que isso **não** tenha ocorrido.
a) A sentença foi prolatada, e as partes foram intimadas.
b) Os manifestantes desejavam falar com o juiz; chegaram à porta do tribunal e não entraram.
c) Fiz, e faria novamente tudo igual para ser aprovado no concurso.
d) Leio, e releio, e estudo, e me concentro: todos os esforços são poucos.
e) O procurador assinou o documento, e o advogado ficou satisfeito.

99. (Cespe – adaptado) Não se podendo repetir a relação sujeito-objeto, é forçoso afirmar que seria impossível a reprodução exata de qualquer situação de pesquisa, o que ressalta a importância da descrição do fenômeno e o caráter vivo dos postulados teóricos.
Com referência ao texto acima, julgue o item subsequente.
( ) Logo após "pesquisa", estaria gramaticalmente correto e coerente com o desenvolvimento das ideias do texto o emprego do travessão simples no lugar da vírgula.

100. (Cesgranrio) Qual o trecho cuja pontuação está correta?
a) Os monitores mais antigos contêm várias substâncias, como chumbo, bório e fósforo que podem provocar doenças.
b) Os monitores mais antigos contêm várias substâncias; como: chumbo, bório e fósforo, que podem provocar doenças.
c) Os monitores mais antigos contêm várias substâncias (como chumbo, bório e fósforo) que podem provocar doenças.
d) Os monitores mais antigos contêm várias substâncias, como chumbo, bório e fósforo; que podem provocar doenças.
e) Os monitores mais antigos, contêm várias substâncias – como chumbo, bório e fósforo – que podem provocar doenças.

Gabarito

Em verde: ortografia nova; em azul: ortografia antiga; em laranja: não houve alteração

I FONOLOGIA, DIVISÃO SILÁBICA E TRANSLINEAÇÃO

A	kõ	kis	ta	do	su	se	so	é	kes	tão	di	võ	ta	di
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15

1. m ã i
2. P ã u
3. m ã u
4. P a u
5. P a i s
6. P a i s
7. E
8. E
9. C
10. C
11. C
12. C
13. E
14. E
15. C
16. C
17. C
18. i – ĩ
19. ô – õ
20. ê – ẽ
21. u – ũ
22. a – ã
23. ê – é
24. ô – ó
25. c a i
26. c a i
27. l o u r o
28. l u a
29. C
30. C
31. C
32. E
33. C
34. C
35. E
36. b õ d e
37. b õ r o
38. M a r t e
39. n o r t e
40. E
41. C
42. E
43. C
44. C
45. C
46. E l a p a ss o u b ã i o v e s t i d o
47. C
48. E
49. C
50. E
51. C
52. E
53. C
54. C
55. C
56. c – e-gíp-cio, subs-tan-ti-vo
57. b – de-si-lu-são
58. c – per-cep-ção, in-ters-tí-cio
59. d
60. a
61. e
62. a
63. e
64. c – sub-tra-ir
65. d
66. c
67. c
68. c – u-ru-guai-o, sub-li-nhar ou su-bli-nhar
69. b
70. a
71. d
72. a – po-e-ti-sa

73. E
74. E
75. C
76. E – porque não se deve deixar vogal isolada sozinha numa linha; e não se devem separar os nomes próprios personativos.
77. C
78. E (puta)
79. E (nomes de pessoas)
80. E (vogal isolada)

2 ESTRUTURA E FORMAÇÃO DE PALAVRAS

1. C
2. E
3. C
4. C
5. C
6. C
7. E
8. C
9. C
10. C
11. E
12. C
13. E
14. C
15. C
16. C
17. C
18. E
19. E
20. C
21. C
22. C
23. E
24. C
25. C
26. C
27. E
28. C
29. E
30. C
31. C
32. C
33. E
34. C
35. C
36. E
37. E
38. C
39. C
40. C
41. C
42. C
43. C
44. C
45. C
46. C
47. E
48. C
49. C
50. E
51. C
52. C
53. C
54. C
55. E
56. E
57. C
58. E
59. C
60. C
61. E
62. C
63. E
64. C
65. E
66. C
67. E
68. C
69. C
70. E
71. C
72. C
73. E
74. E
75. C
76. E (*bíblion* = livro)

3 ORTOGRAFIA

Alfabeto (norma nova)

1. C
2. C
3. C
4. C
5. C
6. C
7. C
8. C
9. C
10. C

Uso das Letras

11. francês
12. japonesa
13. cortês
14. burguês
15. montanhês
16. camponesa
17. baronesa
18. princesa
19. consulesa
20. papisa
21. poetisa

22. profetisa
23. catequese
24. anáfase
25. hemoptise
26. meiose
27. hidrólise
28. simbiose
29. neurose
30. psicose
31. síntese
32. balizar
33. revezar
34. atraso
35. envasar
36. profetizar
37. civilizar
38. concretizar
39. anarquizar
40. dramatizar
41. banalizar
42. quis, quisesse
43. pôs, pusesse, puser
44. traz
45. diz
46. fiz, fizesse, fizer
47. cozi
48. causa
49. gêiser
50. maisena
51. náusea
52. Sousa
53. pousar
54. apreensão
55. pretensão
56. aspersão
57. imersão
58. inversão
59. diversão
60. aridez
61. aspereza
62. avareza
63. clareza
64. cupidez
65. estupidez
66. cessão
67. acesso
68. excesso
69. progresso
70. regresso
71. impressão
72. opressão
73. depressão
74. omissão
75. demissão
76. permissão
77. assilábico
78. assossegar
79. ressurgir
80. pressupor
81. sobressair
82. dessemelhante
83. atencioso
84. projeção
85. exceção
86. isenção
87. distinção
88. ereção
89. caução
90. louça
91. beiço
92. arcabouço
93. coice
94. feição
95. açafrão
96. açucena
97. almaço
98. paçoca
99. caçanje
100. açaí
101. faixa
102. ameixa
103. madeixa
104. trouxa
105. baixo
106. peixe
107. mexicano
108. mexilhão
109. mexerico
110. enxaguar
111. enxergão
112. enxerido
113. enxurrada
114. enxuto
115. almoxarife
116. oxalá
117. xadrez
118. caxambu
119. muxoxo
120. xavante
121. aragem
122. fuligem
123. malandragem
124. ferrugem
125. selvagem
126. penugem
127. adágio
128. estágio
129. plágio
130. egrégio
131. relógio
132. refúgio
133. Jê
134. jenipapo
135. jerimum
136. jirau
137. alforje
138. caçanje

Uso do Hífen *(norma antiga)*

139. bebida
140. nunca morta
141. sócio que não gasta
142. flor
143. flor
144. social e econômico
145 a 150. com hífen
151 e 152. com hífen
153. Manhuaçu
154. Mojiguaçu

155. altar-mor
156. capim-mirim
157. Manhumirim
158. Mojimirim
159. aquém-fronteiras
160. aquém-mar
161. além-túmulo
162. além-mar
163. recém-vindo
164. pró-leite
165. propor
166. pró-educação
167. prorrogar
168. pré-natal
169. pré-escola
170. pretender
171. pós-operatório
172. pospor
173. sem-vergonha
174. sem-terra
175. bem-querer/benquerer
176. bem-educado
177. bem-falante
178. soto-governador
179. vice-governador
180. vizo-governador
181. nuper-vindo
182. ex-amante
183. co-seno/cosseno
184. co-autor
185. pára-lama
186. pára-choque
187. grão-vizir
188. grã-cruz
189. bel-prazer
190. autoconfiante
191. autodefesa
192. auto-avaliação
193. auto-reconhecimento
194. contradizer
195. contra-indicar
196. contra-regra
197. extra-regimental
198. extraordinário
199. intra-hepático
200. infravermelho
201. infra-som
202. neoclássico
203. neo-simbólico
204. proto-histórico
205. pseudo-etimologia
206. pseudo-sábio
207. pseudociência
208. semi-árido
209. semidesértico
210. supra-renal
211. suprapartidário
212. ultra-humano
213. ultracorreto
214. antediluviano
215. ante-rosto
216. ante-sala
217. anti-herói
218. antidemocrata
219. anti-social
220. arquimilionário
221. arqui-secular
222. sobre-humano
223. sobressalente
224. sobressair ou sobre-sair (VOLP)
225. sobressaltar ou sobre-saltar (VOLP)
226. sobressaltear ou sobre-saltear
227. super-homem
228. super-humano
229. super-resistente
230. inter-resistente
231. superativo
232. superdotado
233. hiper-hedônico
234. hiper-hidrose
235. hiper-rugoso
236. hiper-rancoroso
237. circum-ambiente
238. circum-hospitalar
239. circunavegar
240. pan-hispânico
241. pan-americano
242. mal-humorado
243. mal-agradecido
244. mal-ajambrado/ malajambrado
245. pan-harmônico/ panarmônico
246. pan-africano
247. ad-referendar
248. ad-digital
249. ad-rogar
250. sub-raça
251. sub-região
252. sub-rogar
253. sub-base
254. sub-borato
255. subentender
256. subsecretário
257. sub-hepático/subepático
258. subárea
259. sub-humano/subumano
260. suboficial
261. ab-reação
262. ab-rogar
263. ob-rogar
264. ob-reptício
265. sob-roda
266. sob-rojar
267. abrupção/ab-rupcão
268. abrupto/ab-rupto
269. abruptela/ab-ruptela/
270. abruptipenado/ ab-ruptipenado
271. agridoce
272. ambidestro
273. audiovisual
274. auriverde
275. bissexual
276. homossexual
277. heterossexual
278. ortomolecular
279. minimercado
280. monofásico

281. odontopediatra
282. plurianual
283. poliesportivo
284. isotérmico
285. neurocirurgião
286. televendas
287. monomotorizado

Uso do hífen *(norma nova)*

288. luso-americano
289. afrodescendente
290. teutomania
291. teuto-germânico
292. eurocanal
293. euro-asiático
294. lusofonia
295. luso-moçambiquense
296. franco-angolano
297. francomaçonaria
298. ...devem ter hífen (segundo Evanildo Bechara, *Nova Ortografia*, pág. 91) e, por analogia, os iniciados por **gira**.
299. gira-mundo
300. gira-discos
301. girassol
302. para-brisa(s)
303. para-lama(s)
304. para-choque(s)
305. manda-tudo
306. manda-brasa
307. busca-pé
308. pontapé
309. mandachuva
310. guarda-chuva
311. madrepérola
312. madre-caprina
313. Abre-Campo
314. Rio de Janeiro
315. Quebra-Frasco
316. Todos-os-Santos
317. Três Rios
318. Entre-os-Rios
319. Trás-os-Montes
320. Trinca-Fortes
321. Pendura-Saia
322. Timor-Leste
323. Santa Cruz
324. Guiné-Bissau
325. América do Sul
326. Nova Guiné
327. sul-rio-grandense, rio-grandense-do-sul
328. norte-americano, americano-do-norte
329. porto-alegrense
330. belo-horizontino
331. cruzeirense-do-sul, sul-cruzeirense
332. indo-chinês
333. indochinês
334. centro-africano
335. centroafricano
336. E
337. C
338. C
339. pé de pato
340. baba de moça
341. papo de anjo
342. ponta de lança
343. Florianópolis-Curitiba-Uberlândia-Brasília
344. Brasil-Argentina-Paraguai
345. bálsamo-coral
346. bálsamo-de-cheiro
347. bico-de-papagaio
348. correto
349. bem-me-quer
350. malmequer
351. mata-pasto
352. mata-borrão
353. não-me-toques
354. correto
355. bola-de-neve
356. correto
357. copo-de-leite
358. correto
359. coerdeiro
360. deserdar
361. anti-humano
362. pré-história
363. contra-harmônico
364. inarmônico
365. desarmonia
366. super-harmonia
367. coabitar
368. desabitar
369. anistórico
370. anepático
371. a-histórico
372. anidro
373. eletro-higrometria
374. geo-história
375. inabilidoso
376. ultra-habilidoso
377. coabilidade
378. arqui-hipérbole
379. reaver
380. reouvera
381. reumanizar
382. reidratar
383. re, co, des, in, an
384. supra-auricular
385. contra-atestar
386. reeducação
387. cooperação
388. anti-ibérico
389. arqui-irmão
390. preexistir
391. auto-observação
392. micro-onda
393. semi-inconstante
394. ree, pree, coo, proo
395. circum-navegar
396. pan-hemisférico
397. circum-adjacência
398. circunvagar
399. pan-mágico
400. pan-americano
401. pampsiquismo

402. pan-nigeriano
403. pambrasileiro
404. circunvolução
405. circunlóquio
406. pan-harmônico
407. vogal, m, n
408. hiper-requinte
409. super-revista
410. sub-bloco
411. sub-bosque
412. sub-reitor
413. addsoniano (de addson)
414. pref. ab-rupto
415. adrenalina
416. adrenalite
417. adrenal, ad-renal
418. sub-rogar
419. sub-resfriar
420. abrupto (ou ab-rupto), adrenal (ou ad-renal), adrenalina, adrenalite
421. além-mar
422. aquém-divisa
423. além-pireneus
424. recém-casado
425. recém-nascido
426. sem-cerimônia
427. sem-vergonha
428. sem-número
429. bem-aventurado
430. bem-criado
431. benquerer, benfazer e derivados: benquisto, benquerença, benfeito, benfeitor; topônimos e derivados: Benfica, benfiquense, Bembom, bembonense, Bemposto, bempostano...
432. ex-padre
433. exportar
434. ex-presidente
435. expatriar
436. soto-piloto
437. sota-piloto
438. vizo-monarca
439. vice-presidente
440. pré-natal
441. pós-parto
442. pospor
443. pós-textual
444. postergar
445. pró-europeu
446. propor
447. pró-soviético
448. pré-gravação
449. pré-embrião ou preembrião
450. preeleger
451. pré-esclerose
452. preesclerótico/pré-esclerótico
453. preexistir
454. pré-eleição/preeleição
455. pré-eleito/preeleito
456. pré-eleitoral
457. pré-embrionário
458. pré-embrião/preembrião, mas só pré-embrionário; só pré-esclerose, mas pré-esclerótico/preesclerótico; só preeleger, mas pré-eleito/preeleito, pré-eleição/preeleição...
459. malcriado
460. malfalante
461. mal-amado
462. mal-afamado
463. mal-ajambrado
464. mal-entendido
465. mal-olhado ≠ mau-olhado
466. malvisto
467. correto
468. correto
469. correto
470. correto
471. correto
472. correto
473. correto
474. correto
475. correto
476. Manhumirim
477. Mogiguaçu
478. Ceará-Mirim
479. capim-açu
480. socó-açu
481. tatuaçu
482. cupim-açu
483. tuim-açu

(484) *arco-da-velha*, (485) *ao-deus-dará*, (486) *água-de-colônia*, (487) *à-queima-roupa*, (488) *pé-de-meia*, (489) *cor-de-rosa* e (490) *mais-que-perfeito* são exceções indicadas no Acordo Ortográfico, mas o VOLP também registra (491) *dois-por-dois*. (492) quase entendimento, (493) não agressão, (494) não vingança.

495. agronegócio
496. agromania
497. auricéfalo
498. auroferrífero
499. contravento
500. contraverdade
501. contrafluxo
502. ortofotografia
503. ortomorfismo
504. retrocarregar
505. protoplasma
506. protovértebra
507. aeroespacial
508. suprainventivo
509. autoinvestigação
510. termoelétrica
511. endoestesia
512. hidroavião
513. extrarregular
514. infrassom
515. minissaia
516. biorritmo
517. biossatélite
518. bissecular
519. microssistema
520. microrradiografia
521. circum- -navegar
522. super- -rádio

523. vice- -prefeito
524. soto- -mestre
525. bem- -humorado
526. pós- -graduado

Uso dos Porquês

527 e 528. por que (= por que motivo)
529. por que (... os ideais pelos quais lutamos)
530. por que (... o motivo pelo qual ele não compareceu)
531 a 535. por quê (motivo)
536. porquê
537. porquês
538. porquê
539. Porquês
540. porque (conj. causal)
541. porque (conj. explicativa)
542. porque (conj. final = para que)
543. porque (pergunta com resposta implícita)
544. Por que
545. porque, por que
546. Por quê?
547. porquê
548. porque
549. Por que
550. porque
551. por quê?
552. por que, por que, porquê, porque
553. porque
554. por que (pelo qual), porque (conj. explicativa = resposta)
por que (pelos quais)
555. porquês

Mau ≠ Mal

556. mau
557. maus
558. más
559. mal
560. mal
561. mal
562. E
563. E
564. C
565. C
566. C
567. E
568. C
569. C
570. C
571. Anpac, ONU, PIS
572. AC, AL, AP, AM, BA, CE, DF, ES, GO, MA, MT, MS, MG, PA, PB, PR, PE, PI, RJ, RN, RS, RO, RR, SC, SP, SE, TO
573. Em 2h e 20min, ele percorreu 250 km.
O ponto após km não é do símbolo, mas, como ponto final, apenas termina a frase.

Acentuação Gráfica (norma antiga)

574. nó – lê-lo – ri – cru – pó – nós – fi-lo – fá-lo – vós – cós – noz – pô-lo – mas – voz – cor – vez – vi – nu – má – vês
575. atrás – maio – buriti – através – apôs – você – contêm – camelo – cara – marcá-lo – detê-lo – impô-lo – decidi-lo – recém – porém
576. Porque os terminados em **ens**, para serem acentuados, devem ser oxítonos.
577. cáqui – item – itens – pênsil – pólem – tênis – hífen – hifens – tríceps – fáceis – órfão – polícia – ciência – ímã – nêutron
Obs.: Pelo Formulário Ortográfico, as palavras terminadas em ditongo crescente átono (cárie, água, polícia...) incluem-se na regra das proparoxítonas.
578. câmara – cálculo – falássemos – éramos – médico – trânsito – ínterim – veículo – fotógrafo – édito – úmido – abóbada
579. rói – dói – mói – paranóia – sequóia – geléia – aldeia – apóio ou apoio – chapéu – seu – reuzinho – assembléia
580. caí – caído – caíste – gratuito – cair – caindo – juízo – fluído – juiz – alaúde – balaústre – distribuí – Raul – reú-ne – tainha – rainha – concluí – construí-lo – proíbe – ateísmo
581. agüentas – enxagüei – argúem – apazigüei – tranqüilo – argúi ou argüi – obliqúe – cinqüenta – averigúe – eqüino ou equino – lingüiças – seqüestro – delinqüir – freqüentemente – argüimos – apazigúe
582. Ele provém do sul, mas seus pais provêm do leste.
583. Cada qual diz as coisas que lhe convêm.
584. Ele faz aquilo que lhe convém.
585. O que contêm estas caixas?
586. Os teóricos, agora, revêem os conceitos.

587. Eles provêem a despensa do necessário para uma semana.
588. Eles não descrêem sistematicamente.
589. Ele pára a todo instante para olhar o mapa.
590. Veja se você pára para pensar.
591. Por ordem médica, ela vai pôr um marcapasso por mês.
592. Passava a mão pelo pêlo do animal.
593. Ele se péla de medo pela amiga.

Prática Geral

594. c
595. b
596. a
597. d
598. a
599. c
600. a
601. c
602. a
603. d
604. a
605. a
606. b
607. a
608. d
609. c

Acentuação gráfica *(norma nova)*

610. tem
611. têm
612. juiz
613. juíza
614. também
615. paranoica
616. empáfia
617. sequestrador
618. arguem
619. arguí
620. Ataíde
621. argui
622. voo
623. frequente
624. tuiuiú
625. entretém
626. próximos
627. agueiro
628. amá-los
629. prendê-los
630. fá-lo-á
631. geleia
632. dóceis
633. pôr
634. por
635. claraboia
636. chapéus
637. heróis
638. pôde
639. instruí-lo
640. porém
641. pode
642. forma
643. última
644. fôrma
642. fôrma
643. última
644. forma
645. fóton
646. fótons
647. iândom
648. iândons
649. rádom
650. rádon
651. rádons
652. herôon
653. herôons
654. destróier
655. gêiser
656. blêizer
657. destróieres
658. gêizeres
659. blêizeres
660. taoismo
661. taoista
662. maoismo
663. maoista
664. hinduísmo

Prática

665. c
666. d
667. c
668. b
669. c
670. b
671. a
672. d
673. c
674. b
675. d
676. c
677. a
678. e
679. c
680. a
681. c
682. b
683. c
684. b
685. c
686. a
687. c
688. b
689. b
690. e
691. a
692. d
693. d
694. b
695. e
696. d
697. e
698. b
699. a
700. a
701. a
702. c
703. e

4 SUBSTANTIVO

1. b, d
2. a, d
3. a, c
4. a, d, e
5. a, d, e
6. a, d
7. a, c
8. b, d
9. c
10. d
11. b
12. a
13. C
14. E
15. C
16. c
17. a
18. b
19. leitora
20. pintora
21. atriz
22. governadora
23. imperatriz
24. cerzideira
25. remadora
26. aviadora
27. cantadora ou cantatriz
28. cantora, cantorina ou cantarina
29. embaixatriz (esposa) ou embaixadora (ocupante do cargo)
30. abadessa
31. diaconisa
32. sacerdotisa
33. episcopisa
34. papisa
35. profetisa
36. pitonisa
37. canonisa
38. druidesa, druidisa
39. baronesa
40. condessa
41. duquesa
42. consulesa
43. oficiala
44. alcaidessa ou alcaidina
45. prioresa ou priora
46. bacharela
47. cachorra
48. cadela
49. generala
50. giganta
51. hóspeda
52. elefanta (**aliá** para alguns; **elefoa** já em desuso)
53. pardoca, pardaloca, pardaleja
54. rapariga, moça
55. monja
56. râni ou rani
57. dogesa, dogaresa ou dogaressa
58. sílfide
59. marani
60. varoa, matrona, virago ou mulher
61. sandia
62. tabaroa
63. bode
64. carneiro
65. cupim
66. (ou javalina) javali
67. cavaleiro
68. cavalheiro
69. (ou veada) veado
70. burro
71. zangão ou zângão
72. rinoceronte
73. infanta (pode também ficar invariável)
74. governanta (também invariável)
75. presidenta (também invariável)
76. parenta (também invariável)
77. invariável

	MASCULINO	Ã	OA	ONA	OUTRAS
78.	aldeão	aldeã			
79.	alemão	alemã			
80.	anfitrião	anfitriã	anfitrioa		
81.	beirão		beiroa		
82.	bretão	bretã	bretoa		
83.	ermitão	ermitã	ermitoa		
84.	figurão			figurona	

	MASCULINO	Ã	OA	ONA	OUTRAS
85.	lebrão				lebre
86.	maganão				magana
87.	perdigão				perdiz
88.	respondão			respondona	
89.	sultão				sultana
90.	tecelão	tecelã	teceloa		
91.	valentão			valentona	
92.	vilão	vilã	viloa		

93. a
94. C
95. C
96. C
97. C
98. mesas
99. cafés
100. degraus
101. reféns
102. álbuns
103. jasmins
104. mares
105. colheres
106. gestores
107. xadrezes
108. raízes
109. cruzes
110. ardis
111. barris
112. fósseis
113. mísseis
114. animais
115. sóis
116. papéis
117. pauis
118. cidadãos
119. irmãos
120. cristãos
121. corações
122. frações
123. balões
124. pães
125. capelães
126. cães
127. bolões
128. filhões
129. verdões
130. órfãos
131. sótãos
132. órgãos

		ões	**ãos**	**ães**
133.	alão (cão de fila)	alões	alãos	alães
134.	alazão	alazões	—	alazães
135.	alcorão	alcorões	—	alcorães
136.	aldeão	aldeões	aldeãos	aldeães
137.	anão	anões	anãos	—
138.	ancião	anciões	anciãos	anciães
139.	bastião (baluarte)	bastiões	—	bastiães
140.	bênção	—	bênçãos	—
141.	capelão	—	—	capelães
142.	capitão	—	—	capitães

		ões	ãos	ães
143.	castelão	castelões	castelãos	castelães
144.	charlatão	charlatões	—	charlatães
145.	cidadão	—	cidadãos	—
146.	corrimão	corrimões	corrimãos	—
147.	deão (decano)	deões	deãos	deães
148.	ermitão	ermitões	ermitãos	ermitães
149.	escrivão	—	—	escrivães
150.	feijão	feijões	—	—
151.	fuão (fulano)	fuões	fuãos	—
152.	guardião	guardiões	—	guardiães
153.	hortelão	hortelões	hortelãos	—
154.	mão	—	mãos	—
155.	opinião	opiniões	—	—
156.	órgão	—	órgãos	—
157.	pagão	—	pagãos	—
158.	peão	peões	peãos	peães
159.	pião	piões	piãos	piães
160.	questão	questões	—	—
161.	rufião	rufiões	—	rufiães
162.	sacristão	—	sacristãos	sacristães
163.	sultão	sultões	sultãos	sultães
164.	tabelião	—	—	tabeliães
165.	verão	verões	verãos	—
166.	vilão	vilões	vilãos	—
167.	vulcão	vulcões	vulcãos	vulcães

168. ões
169. C
170. C
171. C
172. ananases
173. ingleses
174. ilhoses
175. os lápis
176. os oásis
177. os ônibus
178. peões + zinhos – peõezinhos
peãos + zinhos – peãozinhos
peães + zinhos – peãezinhos
179. papéis + zinhos – papeizinhos
180. cães + zitos – cãezitos
181. balões + zinhos – balõezinhos
182. aposta (′) – apostos (′)
183. porca (′) – porcos (′)
184. sogra (′) – sogros (^)
185. sogras (′)
186. bolhas (^)
187. rodas (′)

	SINGULAR	PLURAL	
		(^)	(′)
188.	abrolho (^)		abrolhos
189.	adorno (^)	adornos	
190.	almoço (^)	almoços	
191.	arroba (^)	arrobas	
192.	bolha (^)	bolhas	
193.	bolso (^)	bolsos	
194.	cachorro (^)	cachorros	
195.	caroço (^)		caroços
196.	cebola (^)	cebolas	
197.	choco (^)		chocos
198.	coco (^)	cocos	
199.	consolo (^)	consolos	
200.	contorno (^)		contornos
201.	corno (^)		cornos
202.	coro (^)		coros
203.	corpo (^)		corpos
204.	corvo (^)		corvos
205.	cota (′)		cotas
206.	dorso (^)	dorsos	
207.	esforço (^)		esforços
208.	esposa (^)	esposas	
209.	esposo (^)	esposos	
210.	estorvo (^)	estorvos	estorvos
211.	fogo (^)		fogos
212.	folha (^)	folhas	
213.	forno (^)		fornos
214.	foro (^)		foros
215.	fosso (^)		fossos
216.	globo (^)	globos	
217.	imposto (^)		impostos
218.	jogo (^)		jogos
219.	miolo (^)		miolos
220.	moda (′)		modas
221.	molho (′) (de chaves)		molhos

	SINGULAR	PLURAL	
		(^)	(′)
222.	molho (^) (de tomate)	molhos	
223.	morro (^)	morros	
224.	namoro (^)	namoros	
225.	olho (^)		olhos
226.	osso (^)		ossos
227.	ovo (^)		ovos
228.	peroba (′)		perobas
229.	pescoço (^)	pescoços	
230.	piloto (^)	pilotos	
231.	piolho (^)	piolhos	
232.	poço (^)	poços	poços
233.	polvo (^)	polvos	
234.	porto (^)		portos
235.	potro (^)	potros	
236.	povo (^)		povos
237.	reboco (^)	rebocos	
238.	reforço (^)		reforços
239.	repolho (^)	repolhos	
240.	roda (′)		rodas
241.	rogo (^)		rogos
242.	rolha (^)	rolhas	
243.	rolo (^)	rolos	
244.	rosto (^)	rostos	
245.	senhora (′)		senhoras
246.	socorro (^)		socorros
247.	sogra (′)		sogras
248.	sogro (^)	sogros	
249.	sopa (^)	sopas	
250.	sopro (^)	sopros	
251.	sova (′)		sovas
252.	suborno (^)	subornos	
253.	tijolo (^)		tijolos
254.	toco (^)	tocos	tocos
255.	toldo (^)	toldos	
256.	topo (^)	topos	
257.	tremoço (^)		tremoços
258.	troco (^)	trocos	trocos

259. furta-cores
260. quebra-mares
261. porta-bandeiras
262. pára-choques (nova ortografia: para-choques)
263. guarda-chuvas
264. cirurgiões-dentistas
265. tenentes-coronéis
266. couves-flores
267. amores-perfeitos
268. cabras-cegas
269. guardas-civis
270. guardas-noturnos
271. segundas-feiras
272. terças-feiras
273. meios-fios
274. bananas-maçã
275. canetas-tinteiro
276. navios-escola
277. peixes-boi
278. mangas-rosa
279. pães-de-ló (nova ortografia: pães de ló)
280. estrelas-do-mar
281. papos-de-anjo
282. babas-de-moça (nova ortografia: babas de moça)
283. grãos-de-bico
284. vice-presidentes
285. ex-diretores
286. ave-marias
287. grão-duques
288. sempre-vivas
289. abaixo-assinados
290. tico-ticos
291. tique-taques
292. reco-recos
293. corre-corres ou corres-corres
294. pisca-piscas ou piscas-piscas
295. pega-pegas ou pegas-pegas
296. frutas-pão ou frutas-pães
297. guardas-marinha ou guardas-marinhas
298. padres-nossos ou padre-nossos
299. salvos-condutos ou salvo-condutos
300. ruges-ruges ou ruge-ruges
301. os bota-fora
302. os louva-a-Deus
303. os disse-me-disse (nova ortografia: os disse me disse)
304. os leva-e-traz (nova ortografia: os leva e traz)
305. os pisa-mansinho
306. b
307. d
308. d
309. a
310. e
311. d
312. e
313. c
314. a
315. e
316. a
317. C
318. C
319. C
320. C
321. C
322. C
323. C
324. E
325. E
326. ovelhas leiteiras
327. lobos
328. peixes
329. camelos
330. uvas, bananas
331. bispos
332. professores, religiosos
333. vadios
334. navios de guerra
335. cabras
336. músicos
337. garimpeiros
338. peixes pequeninos
339. assassinos, malfeitores
340. sacerdotes
341. cardeais p/ escolher o Papa
342. cardeias com o Papa
343. atores
344. aviões
345. soldados, demônios
346. M
347. M
348. F
349. M
350. F
351. F
352. o
353. o
354. o
355. a
356. o
357. o/a
358. o
359. o
360. a
361. o/a
362. a
363. a
364. o
365. o
366. o
367. o/a
368. o
369. o
370. o
371. o

372. o
373. o
374. o
375. a
376. diaba, diabra, diáboa
377. deusa, deia, diva

5 ARTIGO

1. c
2. a
3. b
4. c
5. d
6. e
7. e
8. E
9. C
10. C
11. C
12. C
13. C
14. C
15. a, c
16. a, c
17. d
18. e
19. a, b, c
20. d

6 ADJETIVO

1. c
2. b
3. a
4. anexa
5. publicada
6. proibida
7. quite
8. final
9. grave
10. penosos
11. quites
12. quitados
13. velhos
14. luso-brasileiros
15. hispano-americanas
16. lítero-musicais (nova ortografia: literomusicais)
17. verde-claras
18. castanho-claros
19. azul-piscina
20. grafite-fosca
21. cinza-pérola
22. verde-mar
23. c
24. a
25. b
26. a
27. b
28. a
29. b
30. C
31. C
32. d (amicíssimo é o certo)
33. a
34. e (os prós e os contras)
35. d
36. E
37. E
38. C
39. C
40. C
41. E
42. E
43. C
44. d
45. d
46. e
47. b
48. a (**menor** é superioridade na qualidade de pequeno; é **mais** pequeno e não menos grande)
49. a (pior é **mais** mau e não menos bom)
50. c
51. acutíssimo
52. amaríssimo
53. antiquíssimo
54. aspérrimo
55. celebérrimo
56. crudelíssimo
57. dulcíssimo
58. docílimo
59. fidelíssimo
60. frigidíssimo
61. incredibilíssimo
62. integérrimo
63. libérrimo
64. minutíssimo
65. nigérrimo
66. nobilíssimo
67. prodigalíssimo
68. publicíssimo
69. superbíssimo
70. tetérimo
71. aquilino
72. ebúrnea
73. acrídeo
74. ígneo
75. leporinos
76. letal
77. hircino
78. capilar
79. bélicas

80. murina
81. anímico
82. columbino
83. cutânea
84. docente
85. discente
86. eólia
87. pluvial
88. fluvial
89. episcopal
90. glacial
91. gástrica e renal
92. áureo e argênteo
93. austral ou meridional
94. boreal ou setentrional
95. baiano e soteropolitano ou salvadorense
96. hierosolimitano
97. chinês, chim ou chino
98. judeu, judaico, judengo, judio
99. egípcio, egipcíaco, egipciano, egiptano

7 PRONOME

1. PA, PS, PS
2. PS, PA
3. PA, PA, PS
4 a 8. R, O, O
9. R, R, O
10. lhe, os
11. o
12. la
13. os
14. lhe
15. mim
16. ti, te
17. si, se
18. nós, nos
19. Ama-lo
20. Fê-los
21. qué-lo
22. to, ta, tos, tas
23. lho, lha, lhos, lhas
24. lho, lha, lhos, lhas
25. no-lo, no-la, no-los, no-las
26. vo-lo, vo-la, vo-los, vo-las
27. Dizem-na
28. Cumprem-nas
29. Põe-no
30. Põem-nos
31. eu
32. eu
33. eu
34. eu
35. consigo
36. consigo
37. com você
38. si
39. C
40. C
41. C
42. C
43. C
44. C
45. E
46. E
47. E
48. C
49. C
50. E
51. C
52. C
53. C
54. E
55. C
56. C
57. C
58. C
59. E
60. E
61. C
62. C
63. C
64. Você
65. Vossa Senhoria
66. Vossa Excelência
67. Vossa Excelência Reverendíssima
68. Vossa Magnificência
69. Sua Senhoria
70. Sua Reverendíssima
71. Sua Magnificência
72. Sua Excelência Reverendíssima
73. Sua Excelência
74. Vossa Senhoria **entende**...
75. Vossa Excelência **tem** todos os **seus** argumentos...
76. Este
77. Esse
78. Esse
79. Aquele
80. Aqueles
81. Esse
82. Este
83. isto, este, esta, estes, estas
84. isso, esse, essa, esses, essas
85. céu, montanhas
86. (1 aquelas; 2 essa; 3 este)
87. Desta vez serei eu que decidirei meu futuro.
88. O crítico elogiou o filme de que (do qual) Paulo Autran participou.
89. O autor cuja obra foi condenada vive na clandestinidade.

90. Passaram as férias na praia onde (em que/na qual) se conheceram.
91. As tribos, que tiveram contato com a civilização, foram dizimadas por doenças.
92. que (eu) vi
93. de quem (eu) falei
94. por quem (eu) procurava
95. em quem (eu) pensava
96. cujo filho (eu) conheço
97. Chegou a mãe do rapaz a qual encontramos no cinema.
98. Chegou a mãe do rapaz o qual encontramos no cinema.
99. Este é o quarto da casa com o qual Julieta sonha.
100. Este é o quarto da casa com a qual Julieta sonha.
101. A filha de Paulo, a qual fugiu ontem, está sem paradeiro definido.
102. A filha de Paulo, o qual fugiu ontem, está sem paradeiro definido.
103. Qual o seu nome?
104. Quem os apoiaria?
105. Quantos virão para o jantar?
106. O que procuras aqui?
107. a
108. c
109. d
110. b
111. Rasgaram-me a roupa.
112. Confiscaram-lhe(s) os bens.
113. Isso nos roubou a vontade.
114. b
115. c
116. a
117. e
118. d
119. Quem, tudo, tudo
120. Alguns, várias
121. Muitas, pouco
122. Certas
123. Cada, quanto
124. Cada qual
125. Quem quer que, cada um
126. seja quem for
127. A gente, todo mundo, a gente
128. b
129. a
130. a
131. d
132. a
133. A resposta que o examinador esperava era a letra c. Entretanto, a letra b também pode ser respondida, desde que se considere o período como optativo (Tomara que Sua Excelência se sinta à vontade...)
134. b
135. a
136. c
137. b
138. d
139. a/d (até 21/12/2012)
140. e
141. c
142. c
143. b
144. c
145. e
146. a
147. c
148. b
149. d
150. isso
151. isto
152. este
153. Estes
154. essas
155. este
156. aqueles, estes
157. esse
158. Aquele, este
159. Esta, aquelas
160. Aquele, este, esse
161. Este, aquela
162. E
163. E
164. C
165. E
166. C
167. E
168. C
169. C
170. essa, nesta

8 NUMERAL

1. C
2. C
3. E
4. C
5. C
6. C

	Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
7.	um	primeiro, primário, primo	———	———
8.	dois	segundo, secundário	dobro, duplo, dúplice	meio, metade
9.	três	terceiro, terciário	triplo, tríplice, trino	terço
10.	quatro	quarto, quarternário	quádruplo	quarto
11.	cinco	quinto	quíntuplo	quinto
12.	seis	sexto	sêxtuplo	sexto
13.	sete	sétimo, setenário	sétuplo	sétimo
14.	oito	oitavo	óctuplo	oitavo
15.	nove	nono	nônuplo	nono
16.	dez	décimo	décuplo	décimo
17.	onze	undécimo, décimo primeiro	undécuplo	onze avos
18.	doze	duodécimo, décimo segundo	duodécuplo	doze avos
19.	treze	décimo terceiro	———	treze avos
20.	catorze	décimo quarto	———	catorze avos
21.	quinze	décimo quinto	———	quinze avos
22.	dezesseis	décimo sexto	———	dezesseis avos
23.	dezessete	décimo sétimo	———	dezessete avos
24.	dezoito	décimo oitavo	———	dezoito avos
25.	dezenove	décimo nono	———	dezenove avos
26.	vinte	vigésimo	———	vigésimo / vinte e ... avos
27.	trinta	trigésimo	———	trigésimo / trinta e... avos
28.	quarenta	quadragésimo	———	quadragésimo / quarenta e...avos
29.	cinquenta	quinquagésimo	———	quinquagésimo / cinquenta e...avos
30.	sessenta	sexagésimo	———	sexagésimo / sessenta e...avos
31.	setenta	se(p)tuagésimo	———	se(p)tuagésimo / setenta e...avos
32.	oitenta	octogésimo	———	octogésimo / oitenta e... avos
33.	noventa	nonagésimo	———	nonagésimo / noventa e ...avos
34.	cem	centésimo	cêntuplo	centésimo / cento e... avos
35.	duzentos	ducentésimo	———	ducentésimo / duzentos e... avos
36.	trezentos	tricentésimo, trecentésimo	———	tricentésimo, trecentésimo / trezentos e... avos
37.	quatrocentos	quadringentésimo	———	quadringentésimo / quatrocentos e... avos
38.	quinhentos	quingentésimo	———	quingentésimo / quinhentos e... avos
39.	seiscentos	seiscentésimo, sexcentésimo	———	seiscentésimo/sexcentésimo / seiscentos e... avos
40.	setecentos	se(p)tingentésimo	———	se(p)tingentésimo / setecentos e... avos
41.	oitocentos	octingentésimo	———	octingentésimo / oitocentos e... avos
42.	novecentos	nongentésimo, noningentésimo	———	nongentésimo, noningentésimo / novecentos e... avos
43.	mil	milésimo	———	milésimo
44.	milhão	milionésimo	———	milionésimo
45.	bilhão	bilionésimo	———	bilionésimo
46.	trilhão	trilionésimo	———	trilionésimo

47. E
48. C – noningentésimo(a) é forma variável de nongentésimo(a).
49. C
50. E
51. E
52. C
53. C
54. C
55. E (Variam em número: duas década(s) mi-lhar(es))
56. C
57. C
58. C
59. C
60. vinte e quatro milhões, cento e trinta e dois mil, quatrocentos e trinta e seis
61. vinte e dois bilhões, trezentos e trinta e três milhões, quatrocentos e trinta e dois mil, cento e vinte e três
62. C
63. C
64. nove mil e cinquenta e seis
65. nove mil e seis
66. nove mil, cento e cinquenta e seis
67. nove mil, trezentos e vinte
68. nove mil e trezentos
69. um terço
70. dois terços
71. cinco oitavos
72. um oitavo
73. três onze avos
74. um vigésimo
75. sete trigésimos
76. quatro trinta e três avos
77. onze ducentésimos
78. treze duzentos e vinte avos
79. E
80. C
81. E
82. C
83. C
84. C
85. C
86. C
87. E
88. C
89. C
90. onze
91. segundo
92. sexto
93. vinte
94. décimo
95. décimo
96. onze
97. décimo
98. onze
99. primeiro
100. nono
101. dez
102. vinte e cinco
103. primeiro
104. dois
105. vinte e cinco
106. trinta e um
107. um
108. um
109. um
110. um
111. um
112. dois
113. nove
114. vinte e dois
115. dez
116. milésimo se(p)tingentésimo quinquagésimo sétimo
117. quadringentésimo octogésimo sexto
118. oito bilhões, setecentos e vinte e três milhões, oitocentos e quarenta e seis mil, cento e vinte e três reais e trinta e cinco centavos
119. cinco ducentésimos
120. dezoito por cento
121. E (trezentas)
122. E (5 de outubro)
123. C
124. C
125. E (um décimo)
126. E (décimo)
127. E (décimo oitavo)
128. E (quadragésima segunda)
129. C (forma cartorial)
130. Sim, a expressão "nem um" é mais enfática, tem mais energia que "nenhum".

9 VERBO

1. C
2. E
3. E
4. C
5. C
6. C

7. E
8. E
9. C
10. C
11. C
12. C
13. C
14. C
15. C
16. E
17. C
18. C
19. C
20. C
21. C
22. C
23. C
24. E
25. C
26. C
27. C
28. C
29. C
30. E
31. C
32. C
33. C
34. C
35. a, c, b
36. b, a, a
37. C
38. C
39. C
40. C
41. C
42. C
43. C
44. C
45. C
46. C
47. C
48. E
49. C
50. C
51. C
52. C
53. C
54. C
55. C
56. E (compramos)
57. E (compram)
58. C
59. E (puderem)
60. E (compram)
61. C
62. E (chegaram)
63. C
64. C
65. E (chegue)
66. E (tivesse)
67. C
68. C
69. C
70. E (terias chegado)
71. C
72. E (saísse)
73. C
74. C
75. E (chovesse ou fizesse)
76. E (estivessem)
77. E (estiverem)
78. C
79. C
80. C
81. E
82. E
83. C
84. C
85. E
86. C
87. E
88. C
89. E
90. C
91. C
92. C
93. C
94. 1 e 3
95. 2
96. 2
97. 1 e 3
98. Pode entender-se que cada um se molha, ou que um molha o outro e por ele é também molhado, isto é, pode haver só ação reflexiva ou só ação recíproca.
99. Quando se quer expressar reciprocidade, usa-se um advérbio esclarecedor: Eles se molham **mutuamente** (ou **reciprocamente**, ou **um ao outro**...).
100. E
101. C
102. C
103. C
104. C
105. C
106. C
107. C
108. C
109. C
110. E
111. C
112. C
113. C
114. C
115. C
116. C
117. Um presente é trazido por ela.
118. Soluções serão trazidas por ela.
119. Perfume era trazido por ela.
120. Perfumes seriam trazidos por ela.
121. Uns presentes estiveram sendo trazidos por ela.

122. Um presente estará sendo trazido por ela.
123. Uns presentes estariam sendo trazidos por ela.
124. Um presente deverá estar sendo trazido por ela.
125. Procurava-se solução.
126. Pedir-se-ia um favor.
127. Fabricar-se-ão barco aqui.
128. Procuravam-se soluções.
129. Pedir-se-iam uns favores.
130. Fabricar-se-ão barcos aqui.
131. C
132. C
133. E
134. C
135. E
136. C
137. C
138. C
139. Voz ativa
140. Voz passiva. Procuram-se líderes
141. Voz ativa
142. Voz passiva. Não se falavam verdades
143. Voz ativa
144. Voz passiva. Sacou-se a caneta
145. Voz passiva. Focaram-se dois tatus
146. Voz ativa
147. C
148. C
149. C
150. C
151. C
152. C
153. C
154. C
155. C
156. C
157. E
158. C
159. E
160. C
161. C
162. C
163. C
164. C
165. C
166. C
167. C
168. C
169. C
170. C
171. C
172. C
173. C
174. C
175. C
176. C
177. E
178. C
179. C
180. C
181. C
182. C
183. C
184. C
185. E
186. C
187. C
188. C
189. E
190. C
191. C
192. C
193. C
194. C
195. C
196. C
197. E
198. C
199. C
200. C
201. C
202. C
203. C
204. C
205. C
206. C
207. C
208. E
209. C
210. C
211. C
212. C
213. C
214. C
215. E
216. E
217. C
218. C
219. C
220. C
221. C
222. C
223. C
224. C
225. C
226. C
227. C
228. C
229. C
230. C
231. C
232. C
233. E
234. C
235. C
236. C
237. C
238. C
239. C
240. C
241. C
242. C
243. C
244. C

245. C
246. E
247. C
248. C
249. ame, leia, fuja
250. ames, leias, fujas
251. ame, leia, fuja
252. amemos, leiamos, fujamos
253. ameis, leiais, fujais
254. amem, leiam, fujam
255. C
256. E
257. C
258. C
259. C
260. C
261. E
262. C
263. C
264. C
265. corre – corras
266. corra – corra
267. corramos – corramos
268. correi – corrais
269. corram – corram
270. Namore, vibre, corra, pule, divirta-se à vontade.
271. Não namores, não vibres, não corras, não pules, não te divirtas à vontade.
272. Diverti-vos, mas não vos esgoteis.
273. pudera – quando puder – se eu pudesse
274. puderas – puderes – pudesses
275. pudera – puder – pudesse
276. pudéramos – pudermos – pudéssemos
277. pudéreis – puderdes – pudésseis
278. puderam – puderem – pudessem
279. quisera – quiser – quisesse
280. vira – vir – visse
281. viera – vier – viesse
282. houvera – houver – houvesse
283. coubera – couber – coubesse
284. C
285. C
286. C
287. C
288. C
289. E
290. C
291. C
292. E
293. C
294. C
295. C
296. ajo – agi – agiria – R
297. caibo – coube – caberia – I
298. creio – cri – creria – I
299. enxáguo – enxaguei – enxaguaria – R
300. vou – fui – iria – I
301. faço – fiz – faria – I
302. mobílio – mobiliei – mobiliaria – R
Obs.: também existem:
Mobilar: mobilo, mobilei, mobilaria – R
Mobilhar: mobilho, mobilhei, mobilharia – R
303. pulo – poli – poliria – I
304. pulo – pulei – pularia – R
305. possuo – possuí – possuiria – R
306. posso – pude – poderia – I
307. quero – quis – quereria – I
308. requeiro – requeri – requereria – I
309. sou – fui – seria – I
310. sumo – sumi – sumiria – R
311. C
312. C
313. E
314. C
315. C
316. C
317. E
318. E
319. E
320. C
321. C
322. C
323. C
324. C
325. C
326. C
327. C
328. C
329. C
330. C
331. C
332. C
333. C
334. C
335. C
336. C
337. C
338. C
339. E
340. C
341. C
342. C
343. C
344. C
345. E
346. C
347. C
348. C
349. C
350. E – O verbo "estar" não forma voz passiva.
351. C

352. C
353. E
354. E
355. C
356. C
357. E
358. C
359. C
360. C
361. C
362. C
363. C
364. C
365. C
366. C
367. C
368. C
369. E
370. C
371. C
372. C
373. C
374. E
375. C
376. E
377. C
378. C
379. C
380. C
381. E
382. C
383. E
384. C
385. C
386. C
387. C
388. C
389. C
390. C
391. E
392. C
393. E
394. C
395. E
396. C
397. C
398. C
399. C
400. C
401. E
402. C
403. C
404. C
405. C
406. C
407. C
408. E
409. C
410. C
411. C
412. C
413. C
414. E
415. C
416. C
417. C
418. i, i, i, a, a, i
419. C
420. C
421. E
422. C
423. C
424. C
425. E
426. C
427. C
428. C
429. E
430. C
431. C
432. C
433. C
434. C
435. C
436. C
437. C
438. C
439. C
440. E
441. C
442. C
443. C
444. E
445. C
446. C
447. C
448. E
449. C
450. C
451. E
452. C
453. C
454. C
455. C
456. C
457. E
458. C
459. C
460. C
461. C
462. C
463. C
464. C
465. C
466. C
467. C
468. C
469. C
470. C
471. C
472. C
473. E
474. C
475. C
476. C
477. C
478. E
479. C
480. C
481. C
482. C
483. C
484. C
485. C
486. C

487. C
488. C
489. C
490. C
491. C
492. C
493. C
494. C
495. proveste, proveu, provera, proveras, provesse, provesses, provido.
496. C
497. C
498. C
499. C
500. C
501. C
502. C
503. C
504. C
505. C
506. C
507. C
508. C
509. C
510. C
511. E
512. C
513. C
514. C
515. C
516. C
517. C
518. C
519. C
520. C
521. C
522. C
523. C
524. C
525. C
526. C
527. C
528. C
529. C
530. E
531. C
532. C
533. C
534. C
535. C
536. C
537. C
538. C
539. C
540. C
541. C
542. C
543. C
544. E
545. C
546. C
547. C
548. E
549. E
550. C
551. C
552. C
553. C
554. C
555. C
556. C
557. C
558. C
559. C
560. E
561. C
562. E
563. C
564. C
565. C
566. C
567. E
568. C
569. C
570. C
571. C
572. C
573. C
574. C
575. C
576. C
577. C
578. C
579. C
580. E
581. C
582. C
583. C
584. C
585. C
586. C
587. C
588. C
589. C
590. C
591. C
592. C
593. C
594. C
595. C
596. C
597. C
598. C
599. C
600. Vai com Deus, sê feliz e, quando saíres, fecha a porta.
Ide com Deus, sede felizes e, quando sairdes, fechai a porta.
601. recupero – reouve
602. reouvemos – recupera
603. expressado/expresso – exprimido/expresso
604. extinguido/extinto – suspendido/suspenso
605. frigido/frito – aberto
606. abrir
607. vir/direi
608. interveio/quis/propusera
609. averigúe/mobílio
Obs.: existe também: mobilar e mobilhar regulares

610. vier/puder
611. frase correta
612. vier
613. vir/vier (verbo ver e vir)
614. vimos
615. vieres
616. vir
617. vires/vier
618. vimos/viemos
619. vier
620. vir
621. vieres
622. vierdes
623. virem
624. vierem
625. c
626. b
627. e
628. e
629. f
630. a
631. a
632. a
633. b
634. d
635. b
636. pret. imperf. indicativo
637. imperativo afirmativo
638. infinitivo
639. pret. imperf. do subjuntivo
640. pret. imperf. do indicativo
641. gerúndio
642. pret. perf. do indicativo
643. pret. perf. do indicativo
644. futuro do subjuntivo
645. pres. do subjuntivo
646. futuro do presente
647. pret. perfeito do indicativo
648. E
649. C
650. E
651. C
652. C
653. C
654. C
655. C
656. C
657. mantive-me
658. contivesse
659. reouve
660. C
661. C
662. (tu / você)
663. C
664. C
665. C
666. valha/valer
667. possa/puder
668. queira/quiser
669. requeira/requerer
670. ponha/puser
671. veja/vir
672. caiba/couber
673. tenha/tiver
674. trague/tragar
675. traga/trouxer
676. saiba/souber
677. remedeie/remediar
678. formos/opuseram
679. virdes/dobreis
680. vieres/trouxeste
681. propuser/intervenha
682. revirem/mantiverem
683. interveio/compuseram
684. será
685. desavieram
686. d
687. b
688. a) A grosseria de Deus me feriu e insultou-me.
b) A grosseria de Deus me ferira e insultara-me.
689. vires / vires / vires
690. b
691. a
692. a
693. e
694. d
695. e
696. e
697. c
698. d
699. b
700. a
701. c
702. e
703. d
704. c
705. d
706. a) Se compraste a máquina, jura-o.
b) Se compuseste um poema, dize-o (ou di-lo).
707. b
708. e
709. e
710. Não saias daqui! Não fujas! Não abandones o que é teu e não me esqueças.
711. a) reouver;
b) compuser
712. c
713. b
714. c
715. d
716. b
717. b
718. a
719. c
720. d
721. b
722. b
723. d
724. c
725. d
726. e
727. b
728. e
729. E (somam > apresentam; somaram > apresentaram)

10 ADVÉRBIO

1. A menina alta cantava alto.
2. As meninas altas cantavam alto.
3. Eram muitos problemas.
4. Eram problemas muito fáceis.
5. muito pouca – muito pouco admirada
6. E
7. C
8. C
9. E
10. C
11. C
12. E
13. E
14. C
15. C
16. C
17. C
18. E
19. C
20. b
21. e
22. a
23. g
24. f
25. f
26. c
27. d
28. b
29. c
30. d
31. a
32. c
33. d
34. b
35. E
36. E
37. C
38. C
39. E
40. C
41. C
42. C
43. C
44. C
45. C
46. C
47. C
48. E
49. C
50. C
51. C
52. C
53. C
54. C
55. E
56. C
57. C
58. C
59. C
60. C
61. C
62. E
63. C
64. C
65. C
66. C
67. C
68. C
69. C
70. C
71. E

	Adv.	Classif.	Loc.Adv.	Classif.
72.	nunca tão	tempo e negação intensidade		
73.	lá	lugar		
74.	tão cedo	intensidade tempo	Por que	causa
75.	Não onde como	negação lugar modo		
76.	Talvez não quando	dúvida negação tempo		
77.			da Espanha	lugar
78.	muito pouco	intensidade intensidade		
79.	bastante	intensidade		
80.	Meio	intensidade		

11 PREPOSIÇÃO

1. d
2. a
3. e
4. c
5. b
6. i
7. h
8. d
9. c
10. b
11. a
12. g
13. f
14. e
15. j
16. k
17. a
18. b
19. a
20. b
21. b (está subentendido o verbo: *"menos eu (vou)."*
22. c
23. ao/pelo
24. à/pela – com
25. no
26. dessa
27. àquelas
28. para
29. sem
30. por
31. c (ler, falar **sobre** um assunto)
32. d (a ideia é de causa: tiritavam por causa do frio)

12 CONJUNÇÃO

1. C
2. C
3. C
4. C
5. E
6. C
7. C
8. C
9. C
10. C
11. C
12. E
13. C
14. C
15. C
16. C
17. C
18. C
19. c
20. b
21. e
22. e
23. a
24. b
25. c
26. d
27. 3 – 10
28. 5
29. 1 – 8
30. 2 – 8
31. 4 – 5
32. 6 – 10
33. 7 – 5
34. 9
35. C
36. E
37. C
38. C
39. C
40. E
41. C
42. i – n
43. l – m
44. o – c – o
45. o – b – o
46. k
47. h – a – i
48. g – f
49. e – j
50. d – l

13 INTERJEIÇÃO

1. b
2. d
3. e
4. c
5. g
6. f
7. a
8. h
9. j
10. i
11. E
12. C
13. C
14. C
15. E
16. C
17. C
18. C
19. C
20. E "Oh! não me chames assim."

14 SEMÂNTICA

1. d
2. c
3. c
4. d
5. c
6. d
7. a
8. b
9. c
10. d
11. a
12. d
13. c
14. b
15. e
16. e
17. a
18. b
19. d
20. c
21. f
22. e
23. eminente – iminente
24. despercebido
25. discrição
26. prescreveu
27. proscreveu
28. tráfego
29. 1
30. 6, 2
31. 6
32. 6, 1
33. 2
34. 5
35. 5
36. 6
37. 2
38. 1
39. 1
40. 1
41. 2
42. 1
43. 2
44. 2, 1
45. 1, 2
46. 3, 2
47. 2
48. 2, 1
49. 2, 1
50. 2, 1
51. 2, 1
52. 1, 2
53. 2, 1
54. 3
55. 1
56. 2
57. 2, 1
58. 3, 2, 1
59. b
60. c
61. e
62. b
63. a
64. a
65. d
66. b
67. a
68. a
69. e
70. e
71. b
72. a
73. b
74. d
75. d
76. C
77. E
78. C
79. C
80. Amazônia

15 CONCORDÂNCIA NOMINAL

1. C
2. C
3. C
4. C
5. E
6. C
7. E
8. C
9. E
10. os / o
11. os / a
12. as / a
13. os / os
14. os / os
15. os / o
16. o
17. a
18. as
19. os
20. os
21. os
22. os
23. os
24. os
25. os
26. as
27. o

28. Estes
29. Elas
30. as
31. es
32. as
33. as
34. os
35. os
36. sós/só
37. as
38. as
39. as
40. as
41. as
42. os
43. quaisquer
44. os
45. C
46. E
47. C
48. C
49. C
50. E
51. C
52. s – os – os
53. s – as – as
54. s – os
55. o – o
56. o – o
57. o – o
58. ∅
59. a – a – ∅
60. ∅ – s
61. a – a – ∅ – as
62. l – l
63. l – is
64. l – is
65. is – is
66. is – l
67. os
68. os
69. o – o
70. o
71. a – a
72. el
73. eis
74. el
75. el
76. eis
77. el
78. eis
79. eis
80. C
81. C
82. C
83. C
84. E
85. C
86. vistos/visto
87. vistos/vista
88. vistos/vistos
89. vistos/vistas
90. azuis
91. cinza
92. azul-claros
93. azul-marinho
94. verde-mar
95. verde-garrafa
96. cor de safira
97. azul-celeste
98. novos/as
99. brasileiros/a
100. táticos/o
101. honestos
102. bovina
103. belos
104. bom
105. proibido
106. permitida
107. claros
108. autores
109. necessário
110. ovalado
111. meia (hora)
112. meias
113. meio
114. anexos
115. merecedora
116. mesmas
117. mesmo
118. mesmo
119. sós
120. só
121. quite – quites
122. leso – lesa
123. tais qual
124. juntos – junto
125. anexas
126. alerta
127. menos
128. menos
129. salvo
130. salvos
131. pseudo – pseudo
132. baratas – barato
133. caras – caro
134. possíveis
135. claros possível
136. funcionário competentes
137. maravilhosa
138. maravilhoso
139. vistos/o
140. longes – longe
141. cauteloso
142. cautelosos
143. necessária
144. meia – meio
145. bastante – bastantes
146. alerta
147. tal quais
148. Santo

16 CONCORDÂNCIA VERBAL

1. amos – am
2. as – o
3. ais – a
4. am
5. am
6. emos
7. emos
8. eis (ou ão)
9. ão
10. am/a
11. am/a
12. am
13. á
14. á
15. a/am
16. a/am
17. a/am
18. a/am
19. fazem
20. impressionaram
21. aproximem-se
22. Procure
23. casará
24. é
25. amedrontaram
26. amedrontou
27. fizeram
28. viemos
29. fez
30. vim
31. acertaram/ou
32. atingem/e
33. noticiou
34. pediram
35. sorria/m
36. calou/aram
37. entendeu/eram
38. casará
39. reclamou/aram
40. venceram
41. vencemos
42. vencestes
43. chamou/ei
44. chamou/aste
45. chamou/amos
46. chamou/astes
47. convidou/aram
48. cantou/aram
49. sairão/eis
50. compreendem/emos
51. fará
52. fará
53. quebrou/aram
54. surgiu/iram
55. pode
56. duvida
57. duvidam
58. passaram
59. estudou
60. atuaram/ou
61. Entraram
62. passaram
63. surpreende
64. enfeitiçam
65. enfeitiça
66. atravessa
67. haja/m
68. haja
69. haja
70. consertam
71. cobrem
72. Afia
73. Fala
74. Procurava
75. Discute
76. Era – sabia
77. chegou
78. entenderam
79. virá
80. soou
81. batia
82. deu
83. C
84. C
85. E
86. E
87. C
88. C
89. E
90. C
91. e
92. b
93. c
94. d
95. a
96. C
97. C
98. E
99. C
100. E
101. C
102. C
103. Basta
104. Faz
105. haverá
106. Há
107. Hão
108. Vai
109. Vai
110. Havia
111. Existiam
112. Devem
113. Deve
114. Chovia
115. Choviam
116. é
117. são
118. são
119. era/m
120. é/são
121. eras
122. sereis
123. é
124. será
125. é
126. era

127. É
128. Serão
129. Eram
130. São
131. é/são
132. era/m
133. foi
134. era
135. é que – foi – que
136. é que – será – que
137. é que – serão – que
138. c
139. b (quinhentas)
140. sobraram
141. ganha/mos
142. Faltaram – houvesse
143. Voltamos/aram
144. resolveram
145. convenceu
146. concordou/aram
147. será
148. serão
149. sereis/ão
150. almoçaremos
151. concordaram
152. concorda
153. concordam/ais
154. embolaram
155. Havia
156. Haviam
157. existiam
158. nasciam
159. deporá/ão
160. foi/foram
161. Passou/aram
162. tivestes/tiveram
163. poderá
164. acreditou
165. comovem/e
166. fica/m impotente/s
167. prejudica/m
168. fez/fizeram
169. podem
170. pode
171. demoveu/ram
172. prepararam
173. preparou
174. chegou/aram
175. saiu/ram
176. cantava/m
177. convence/m
178. está/ão
179. cumprimentam
180. entende/m
181. sumiram
182. venceremos
183. venceriam
184. é que
185. é que
186. venceria/m
187. venceu/emos
188. concordou/aram
189. chegarão/emos
190. chegarão/eis
191. falou
192. levantou/aram
193. estão
194. estão/está
195. estão
196. gritavam
197. apresentaram
198. continua
199. continuam
200. haja/m
201. haja
202. Procurava
203. Procuravam
204. pensava
205. fazem
206. bateu
207. ajuda
208. pareciam
209. parecia
210. é primeiro
211. serão – foi
212. e
213. d
214. d
215. a
216. a
217. a
218. a
219. d
220. d
221. a
222. b
223. d
224. c
225. b (mesma Petrópolis)
226. d
227. e
228. b
229. c
230. d
231. a
232. E
233. C
234. C
235. E
236. C
237. E
238. C
239. E
240. C
241. C
242. C
243. E
244. E
245. C
246. C
247. C
248. C
249. C
250. C
251. E
252. E
253. E
254. E
255. E
256. C
257. E
258. e
259. b
260. e

17 REGÊNCIA

1. C
2. C
3. C
4. E
5. C
6. C
7. C

Regência Verbal

8. C
9. C
10. C
11. aos
12. à
13. a
14. a ele
15. por
16. -no
17. ao
18. o
19. à
20. a ele
21. nela
22. ao
23. a
24. aos/os
25. a ela
26. os
27. aqueles/àqueles
28. as/às
29. por
30. E
31. C
32. C
33. C
34. ∅
35. às
36. aos
37. da
38. ∅
39. ao
40. o – do
41. de – ∅
42. ∅
43. em
44. ∅
45. Esta medida não implica aumento de custo.
46. ... implicava comigo.
47. ... implicou a mudança...
48. C
49. C
50. C
51. C
52. C
53. C
54. E
55. C
56. a
57. de
58. a
59. o – do
60. a/da
61. E
62. E
63. C
64. ∅*
65. ∅*
66. ∅*
67. aos
68. a
69. a
70. às
71. o
72. ao
73. a que
74. os
75. a
76. aos
77. ∅ – a
78. ∅ – a
79. ∅ – a
80. E
81. C
82. C
83. o
84. aos
85. que
86. que
87. ao
88. a que
89. ∅
90. ∅
91. ao – ∅ (a primeira é mais aceita)
92. tu – ti
93. eu – mim
94. eu – tu

As construções consideradas melhores são 95 e 98.

99. E
100. C
101. C Ele pedia (permissão) a José para sair.
102. C
103. Não perguntou o de que falávamos.
104. Não sei o em que pensar.
105. C
106. E
107. C
108. C
109. C
110. Havemos ou hemos pensado, havíamos dito.

* Normalmente a resposta é sem preposição, a não ser que o texto dê a entender que o sujeito namore uma pessoa, ao lado ou em companhia de outra.

111. Como vocês houveram tanto dinheiro?
112. Como eu me houve na festa?
113. Tu vais haver-te com ela. Tu te vais haver com ela.
114. Hemos ou havemos admiração por você.
115. Vós havíeis por correta aquela fala.
116. Vós houvestes por bem concordar.
117. as
118. lhe
119. lhe
120. a
121. lhe
122. a ele
123. a ela, a
124. Aceito seu protesto, mas não concordo com ele.
125. Amo meus filhos e lutarei por eles.
126. Oração correta.
127. Conheço as leis e obedeço a elas.

Regência Nominal

128. C
129. C
130. C
131. E
132. C
133. C
134. C
135. C
136. Ele é contrário a metiras e impaciente com elas.
137. aos
138. por
139. por
140. de
141. de
142. C
143. E
144. C
145. C
146. E
147. C
148. E
149. C
150. E
151. C
152. E
153. C
154. E
155. C
156. C
157. C
158. C
159. C
160. E
161. C
162. C
163. E
164. E
165. C
166. E
167. C
168. E
169. C
170. E
171. C
172. E
173. C
174. a
175. a (~~lhe~~, a ele)
176. d
177. e
178. b
179. c
180. a
181. a
182. d
183. b

18 COLOCAÇÃO OU TOPOLOGIA PRONOMINAL

1. a
2. a
3. b
4. a
5. b
6. a
7. a
8. b
9. a
10. a
11. a
12. a
13. a
14. a
15. a
16. a
17. a
18. a
19. a
20. a
21. a
22. a, c
23. a
24. a
25. a
26. a
27. a
28. a
29. a
30. a
31. a
32. a
33. a

34. a
35. a
36. a
37. a
38. E
39. E
40. C
41. E
42. E
43. C
44. C
45. C
46. b
47. b
48. b
49. b
50. b
51. b
52. b
53. b
54. C
55. C
56. C
57. C
58. E
59. C
60. E
61. C
62. C
63. C
64. Resposta pessoal
65. A forma 1
66. C
67. E (pronome reto)
68. E (pronome reto)
69. C
70. C
71. C
72. E (pronome reto)
73. E (pronome reto)
74. E (pronome reto)
75. C
76. C
77. E
78. E
79. C
80. E
81. C
82. C
83. E
84. C
85. E
86. 67, 72, 78, 83, 84
87. e
88. a
89. d
90. b
91. b
92. c
93. 2
94. 2
95. 2
96. 2
97. 1
98. 2
99. 1
100. 1
101. 1
102. 1
103. 1, 4
104. 1
105. 1
106. 1, 3
107. 2
108. 2, 4/5
109. 1/2
110. 1
111. 1/2
112. 1
113. 1
114. 1
115. 1
116. 1
117. 2
118. 1
119. 1
120. 2
121. 1
122. 1
123. 2
124. Ser-me-á bastante fácil.
125. Beijá-la-ei mais.
126. Perdoar-te-ei.
127. Trar-me-ás resposta.
128. Fá-lo-á bem.
129. Por-nos-emos a seu dispor.
130. e
131. d
132. a

19 CRASE

1. E
2. C
3. E
4. C
5. C
6. C
7. do
8. ao
9. daquele
10. C
11. C
12. E
13. C
14. C
15. E

16. C
17. C
18. E (**aquele** e **aquilo** não são femininos e podem ter crase)
19. C
20. C
21. a
22. à
23. a
24. às
25. E
26. C
27. C
28. ...à procura de ... À medida que ... à proporção que ...
Àquela hora ... à farta ... às claras ... às escondidas ... às pressas ... à larga.
29. ... à padaria, à manicura, à modista ... à repartição ... à estação a tempo ... a levaria a Recife ... a Portugal ... à (ou a) Espanha, à (ou a) França, à (ou a) Inglaterra, à (ou a) Holanda e a Israel ... a primeira vez, a Europa ... à (ou a) África.
30. à
31. a
32. às
33. As
34. a
35. às
36. àquele ... à que
37. a cuja
38. àquilo
39. aquela ... a que
40. a belas casas = casas vagas, indefinidas, generalizadas.
às belas casas = casas definidas na cabeça do emissor e do receptor.

41 e 42. As segundas frases, pela presença do artigo definido, dão ideia de maior concretude, maior proximidade real, maior intimidade com o que se nomeia (a casa).

43. até, até ao
44. até, até à
45. até, até àquele
46. C
47. C
48. C
49. E
50. C
51. C
52. C
53. E
54. C
55. C
56. C
57. E
58. Quando se usa o artigo definido, o campo semântico do substantivo fica definido, especificado, bem conhecido de emissor e receptor. É o caso das segundas frases: **à** Ester, **à** Marlene, **ao** Ernesto. Nas primeiras frases, Ester, Marlene e Ernesto, por **não** terem artigo definido, têm um sentido vago, mais distante, menos íntimo.
59. b, c
60. C
61. C
62. à
63. à
64. A crase é da **preposição a** com o **artigo feminino a**. Antes de masculino, não se usa artigo feminino.
65. Antes de verbo não se usa artigo feminino.
66. Antes de pronomes pessoais não se usa artigo.
67. Antes de pronomes de tratamento não se usa artigo, exceto Madame, Senhora, Senhorita e Dona.
68. E
69. C
70. E
71. C
72. E
73. C
74. C
75. C
76. obrigatória: à (compare com o exercício 69)
77. obrigatória: à (compare com o exercício 69)
78. obrigatória: à (compare com os exercícios 71 e 73)
79. facultativa: a/à (compare com os exercícios 74 e 75)
80. Porque não pode haver artigo definido antes de artigos ou pronomes indefinidos.
81. a
82. a
83. a
84. a
85. Porque não pode haver artigo definido antes de pronome demonstrativo.

86. Porque não há artigo. Se antes de plural houvesse artigo, teria o artigo que estar no plural: Refiro-me **às** pessoas.
87. à
88. a
89. a
90. A, a
91. à, à
92. a, à, a
93. a/à, a, a, às/a
94. a, a
95. a, a (Se for **ao** Júpiter, será, por paralelismo, **à** Minerva. Mas pode-se quebrar o paralelismo. *Vide* página 371).
96. a
97. à porta
98. a casa, à/a sua mãe
99. à, à
100. a este, àquele
101. à/a, à, à
102. à casa dos pais
103. a
104. à, à, à, à
105. a, a, a
106. à/a, à
107. a, a
108. a, à
109. à, à, a
110. Às, à
111. a, à, a
112. À medida que ... à/a Dona ... à Senhorita ... à Madame.
113. a enorme depressão ... a Brasília ... a pessoas ... às irmãs de seu pai.
114. à, à, à
115. às
116. à
117. às
118. a
119. a
120. a
121. a
122. c
123. c
124. c
125. b
126. a
127. b
128. e
129. a
130. a
131. d
132. a

20 PONTUAÇÃO

1. C
2. C
3. C
4. E
5. C
6. C
7. C
8. C
9. E
10. C
11. É necessário lealdade, honestidade, coragem, desprendimento.
12. Nós o encontramos alegre, bem disposto e descansado.
13. Toda criança precisa de carinho, de atenção, de educação.
14. Consciente de sua responsabilidade, o advogado pediu tempo para estudar.
15. A empresa, premida pelas dificuldades, quase fechou as portas.
16. O ministro, ainda doente, voltou a despachar em seu gabinete.
17. No Primeiro Mundo, boicotes costumam dar resultados.
18. A televisão, na noite de sexta-feira, revelou as causas do acidente.
19. Os técnicos tentaram, apesar dos empecilhos, explicar o raro fenômeno.
20. Um caso assim, é preciso estudá-lo cuidadosamente.
21. Aos turistas, não lhes importa como chegarão até lá.
22. O contrato, convém assiná-lo o quanto antes.
23. O mesmo estudo, porém, mostra que a situação pode melhorar.
24. Essa não é, contudo, a prática na companhia.
25. Já vai longe o tempo da censura; direi o que quiser, pois.
26. Rafael, médico-gerente de laboratório, criou um manual para emergências.

27. Esse empresário era casado com Heloísa, uma ex-bailarina.
28. Na dúvida, senhores jurados, o réu deve ser favorecido.
29. Jaime estava feliz; Zeca, tranquilo.
30. Vera compreendeu tudo; Cláudio, quase tudo.
31. Sandra estava radiante; Rosa, eufórica.
32. Esses países, inclusive o Sudão, são governados por fundamentalistas.
33. Exceto você, todos já sabiam das mudanças.
34. Em compensação, o país tem batido recordes de crescimento econômico.
35. Os lábios tentaram abrir-se num sorriso, mas desistiram e fecharam-se.
36. Acordava, tomava café, lia o jornal e ia para o aeroporto.
37. Ele era metódico, portanto não deixaria de telefonar.
38. O leite, que contém cálcio, é excelente alimento para as crianças que são desnutridas.
39. Meu pai, que falava quatro línguas, julgava-se superior às pessoas que só sabiam a língua materna.
40. Os empresários que vieram querem erguer grandes hotéis, que atrairão turistas.
41. Para usufruir de todas as vantagens, os turistas se dispõem a pagar mais.
42. Examinando-se a disputa atual nas capitais, a proposta parece vir a calhar.
43. Confirmadas as informações divulgadas pelos jornalistas, o jogador teve de desdizer-se.
44. O projeto, apesar de merecer alguns reparos, parece melhorar a vida do contribuinte.
45. Qualquer pessoa, conforme se divulgou na imprensa, terá acesso às informações sobre andamento de processos.
46. Nós, para garantir nossos direitos, contamos com a Justiça.
47. d
48. c
49. b
50. a
51. a/c
52. a/c
53. b
54. e
55. b
56. a
57. d/b
58. d
59. c
60. C
61. E
62. C
63. C
64. C
65. E
66. C
67. C
68. C
69. C
70. C
71. E
72. C
73. a
74. d
75. a
76. c
77. d
78. e
79. b
80. b
81. d
82. d
83. e
84. c
85. a
86. b
87. b
88. a
89. c
90. b
91. a
92. e
93. a
94. a
95. d
96. b
97. b (orações de sujeitos diferentes ligadas por **e**)
98. (a) e (e) C, sujeitos diferentes
(b) E, oração adversativa
(c) C, ênfase
(d) C, polissíndeto
99. C
100. c

Bibliografia

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa**. São Paulo: Global, 2009.

ALMEIDA, N. M. de. **Gramática Metódica de Língua Portuguesa**. 40. ed. São Paulo: Saraiva, 1995.

BECHARA, E. **A Nova Ortografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. rev. e ampl. 14. reimpressão. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BRASIL, Presidência da República. **Manual de Redação da Presidência da República**. Gilmar Ferreira Mendes [*et al.*]. Brasília: Presidência da República, 1991.

CAMARA JR., J. M. **Manual de Expressão Oral e Escrita**. Petrópolis: Vozes, 1986.

———. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

CEGALLA, D. P. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. 41. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1998.

CRUZ, J. M. da. **Português Prático: Gramática**. 29. ed. São Paulo: Melhoramentos, s/d.

CUNHA, C. F. da. **Gramática da Língua Portuguesa**. 11. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1985.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DORNELLES, J. A. F. **A Gramática do Concursando**. 2. ed. Brasília: Vestcon, 1996.

FERNANDES, F. **Dicionário de Regimes de Substantivos e Adjetivos**. 23. ed. São Paulo: Globo. 1995.

———. **Dicionário de Verbos e Regimes**. 40. ed. São Paulo: Globo, 1995.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.

FERREIRA, A. B. de H.; PEREIRA, M. da C. **Novo Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1961.

GARCIA, O. M. **Comunicação em Prosa Moderna**. 12. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1985.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KURY, A. da G. **Ortografia, Pontuação, Crase**. 2. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1986.

LIMA, R. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 15. ed. refundida. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1972.

LUFT, C. P. **Dicionário Prático de Regência Nominal**. São Paulo: Ática, 1992.

———. **Dicionário Prático de Regência Verbal**. São Paulo: Ática, 1993.

———. **Gramática Resumida**. 8. ed. Porto Alegre: Globo, 1978.

———. **Grande Manual de Ortografia Globo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1989.

———. **Novo Guia Ortográfico**. 18. ed. Porto Alegre – Rio de Janeiro: Globo, 1986.

MELO, G. C. de. **Gramática Fundamental da Língua Portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.

MESQUITA, R. M.; MARTOS, C. R. **Gramática Pedagógica**. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1980.

OITICICA, J. **Manual de Análise**. 2. ed. 1923.

REIS, O. **Breviário da Conjugação de Verbos**. 38. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1978.

RIBEIRO, M. P. **Gramática Aplicada da Língua Portuguesa**. 20. ed. Rio de Janeiro: Metáfora, 2011.

Formato
17,5 x 21,5cm

Mancha
13 x 17,5cm

Papel
Pólen soft

Gramatura
80 g/m^2

Número de páginas
442

Impressão e acabamento

Vestcon

SEPN 509 Ed. Contag 3º andar CEP 70750-502 Brasília/DF
SAC: (61) 3034 9588 Tel.: (61) 3034 9576 Fax: (61) 3347 4399
www.vestcon.com.br

Ernani Pimentel

Objetivo Conquistado
Simplifica o ensino da Língua Portuguesa, fazendo o estudioso entender, com profundidade e clareza, suas construções e significados.

Finalidade
Preparação para a vida toda e para qualquer tipo de concurso de nível médio e superior, vestibular, PAS, OAB, ENEM...

Método
A prática é o caminho para o bom uso e entendimento das estruturas linguísticas. O estudante é levado constantemente a interagir com o autor e assume, de maneira ímpar, uma postura claramente ativa no processo ensino-aprendizagem que se baseia em mais de 3.400 exercícios resolvidos de concursos e outras provas de âmbito nacional, estadual, distrital e municipal, realizadas até o ano em curso.

Recursos
O leitor é constantemente desafiado a considerar certas ou erradas as afirmações agrupadas. Com isso, constrói seu raciocínio, organizado e claro, sobre Fonologia, Morfologia, Concordância, Regência, Colocação, Crase, Pontuação e Princípios Estruturais das Frases, tudo o de que precisa para expressar-se bem, sem a necessidade de conhecer com profundidade Análise Sintática.

Recurso Extra
Videoaulas com o autor na internet.
Visite o *site* www.vestcon.com.br e assista às aulas ministradas pelo próprio autor, com direito a desconto pela aquisição deste livro.

Por tudo isso, você não precisa descascar a laranja, tirar-lhe a pele, separar os caroços. Nós lhe oferecemos o suco pronto. Saboreie-o.

LLP14

ISBN 978-85-381-0671-5

9 788538 106715

www.Vestcon.com.br

Ernani Pimentel

Gramática pela Prática

15ª edição

SEGUNDO A NOVA ORTOGRAFIA

Vestcon

Gramática pela Prática

Ernani Pimentel

Gramática pela Prática

Escritor, gramático e professor com formação em Língua Portuguesa, Latim, Linguística, Análise de Texto, Teoria e Análise Literária. Ernani Pimentel é pesquisador de Língua Portuguesa há quarenta e oito anos, autor de mais de 10 mil páginas didáticas e de livros que são *best-sellers* nessa área. Já teve mais de quinhentos e cinquenta mil alunos presenciais nos estados de Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, Goiás, Tocantins e Distrito Federal. Hoje leciona para milhares de alunos na internet, via www.vestcon.com.br.

Contempla antiga e nova ortografias. Ambas em vigor até 31 de dezembro de 2012.

15ª edição
Revista e Ampliada
Adota a Nova Ortografia

Vestcon

Brasília
2012

© 2012 Vestcon Editora Ltda.

Todos os direitos autorais desta obra são reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/2/1998. Proibida a reprodução de qualquer parte deste livro, sem autorização prévia expressa por escrito do autor e da editora, por quaisquer meios empregados, sejam eletrônicos, mecânicos, videográficos, fonográficos, reprográficos, microfílmicos, fotográficos, gráficos ou outros. Essas proibições aplicam-se também à editoração da obra, bem como às suas características gráficas.

Pimentel, Ernani.
Gramática pela prática / Ernani Pimentel. – 15. ed. – Brasília : Vestcon, 2012.
442 p. : il. ; 21 cm.

ISBN 978-85-381-0671-5

1. Língua portuguesa – gramática. I. Título.

CDU 81'36

DIRETORIA EXECUTIVA
Norma Suely A. P. Pimentel

PRODUÇÃO EDITORIAL
Fabrícia de Oliveira Gouveia

EDIÇÃO DE TEXTO
Isabel Cristina Aires Lopes
Cláudia Freires

ASSISTENTE EDITORIAL
Gabriela Tayná Moura de Abreu

AUXILIAR DE PRODUÇÃO
Geane Rodrigues Rocha

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA
Marcos Aurélio Pereira

REVISÃO
Fábio Marques Rezende
Liv Chamma
Naiane B. Francischetto

CAPA
Agnelo Pacheco
Bertoni Design

EDITORA FILIADA

Vestcon

SEPN 509 Ed. Contag 3° andar CEP 70750-502 Brasília/DF
SAC: (61) 3034 9588 Tel.: (61) 3034 9576 Fax: (61) 3347 4399

www.vestcon.com.br

Atualizado até 4/2011
Publicado em 4/2012
(LLP14)

Situe-se

Este livro faz parte do **Curso de Língua Portuguesa do Professor Ernani Pimentel**, constituído por uma trilogia:

1. GRAMÁTICA PELA PRÁTICA
2. ANÁLISE SINTÁTICA VISUAL
3. INTELECÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

GRAMÁTICA PELA PRÁTICA (LIVRO E CURSO *ONLINE*)
Desenvolvimento racional e fixação pela prática dos conceitos de Fonologia, Morfologia, Estrutura e Formação de Palavras, Ortografia, Regência Verbal e Nominal, Crase, Concordância Verbal e Nominal, Colocação Pronominal, Pontuação e Semântica, com o intuito de proporcionar ao interessado uma visão objetiva, clara e segura da Língua Portuguesa, que o tornará, em pouco tempo, apto a entender e escrever corretamente, inclusive para prestar exames e concursos, sem a necessidade de conhecer profundamente Análise Sintática.

ANÁLISE SINTÁTICA VISUAL (LIVRO E CURSO *ONLINE*)
Apresentação e treino, de maneira profunda, sintética e fácil, dos fundamentos da Análise Sintática para os que pretendem conquistar um conhecimento mais consistente da nossa estrutura linguística, ou que querem passar em provas e concursos que exigem essa matéria.

INTELECÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS (LIVRO E CURSO *ONLINE*)
Exposição e treinamento, em linguagem clara e sucinta, de conceitos como Linguagem, Língua, Fala, Tipos de Signo, Elementos da Comunicação, Funções da Linguagem, Prosa, Poema, Poesia, Sincronia, Diacronia, Narração, Descrição, Dissertação, Níveis de Fala, Tipos de Norma, Tipos de Discurso, Tipos de Narrador, Figuras de Linguagem, Qualidades e Vícios de Linguagem, Coesão e Coerência... ferramentas necessárias a uma abordagem consciente e racional de textos informativos e literários, cujo conhecimento, direta ou indiretamente, é cobrado nas provas de intelecção e interpretação de textos. Mais de 480 exercícios propostos, corrigidos e/ou comentados, findos os quais o estudioso se sentirá competente e capaz no que se refere à construção e leitura de qualquer tipo de texto.

Apresentação Rápida

Destinação
Professores, universitários, concursandos, vestibulandos, profissionais liberais, comunicadores e você que, de vez em quando, tem dúvida.

Assunto
Fonologia, Ortografia, Morfologia, Estrutura e Formação de Palavras, Concordância, Regência, Colocação, Crase, Pontuação e princípio estrutural das frases. Tudo de que se necessita para escrever e falar corretamente o Português de hoje, no Brasil, e para passar em concursos de nível médio e superior, vestibulares, ENEM, PAS, OAB...
Cuidado prévio: foram estudados, comparados e coligidos os autores nacionais mais respeitados pelas universidades brasileiras e pelos mais avançados órgãos elaboradores de concursos.

Diferencial
A prática como caminho da teoria. O interessado pratica, entende, conclui e fixa a estrutura das frases e seus significados. Absorve o uso da Norma Culta, ou Padrão, do idioma pelo raciocínio conduzido passo a passo e pela repetição das fórmulas consagradas e oficializadas.

Motivação
Eliminação do mito de que é preciso saber muita teoria além de toda a Análise Sintática para escrever e falar bem. Demonstração de que se pode saber Sintaxe com apenas uns mínimos rudimentos de Análise Sintática.

Técnica de Abordagem
Variável de acordo com o assunto, de forma a facilitar o aprendizado. As técnicas escolhidas foram consagradas ao longo de mais de trinta e cinco mil horas-aula e mais de quinhentos e cinquenta mil alunos. A teoria, exposta com um mínimo de palavras em relação às gramáticas tradicionais, transmite-se de maneira prática, direta e consistente.

Orientação de Uso
O interessado deve fazer a lápis os exercícios de cada comando, conferir com o gabarito e refazer os errados. Assim que os exercícios estiverem corretos, ir adiante. Terminado um capítulo, voltar ao início do livro e ler, no sumário, os assuntos estudados, para mais tarde saber localizar onde esclarecer suas dúvidas. Pronto? Passar ao capítulo seguinte.

Recurso Extra
Videoaulas com o autor na internet.
Visite o *site* **www.vestcon.com.br** e assista às aulas ministradas pelo próprio autor, com direito a desconto pela aquisição deste livro.

Palavras do Autor

Caro estudioso,

Este livro é resultado de muitos anos de carinho e dedicação à tarefa de simplificar o estudo da Língua Portuguesa, sob o enfoque da profundidade e da abrangência.

Separe de duas a três horas por dia – você consegue – e dois ou três meses bastam para mudar e ampliar, de uma vez, sua visão e conhecimento a respeito da Língua Portuguesa.

Ao término desse tempo, você terá conquistado confiança em sua própria capacidade de escrever bem, além de poder sair-se vitorioso em provas e concursos de nível médio e superior, vestibulares, PAS, ENEM, OAB...

Antecipadamente, agradeço, de coração, as sugestões que queira enviar, ou dúvidas e questões que constituam desafio para alunos e professores.

Ernani Pimentel
linguaportuguesa@vestcon.com.br

Sumário

1 FONOLOGIA, DIVISÃO SILÁBICA E TRANSLINEAÇÃO

Estudo dos fonemas ____ 25
Sílaba ____ 25
Fonema ____ 25
Fonema ≠ Grafema ____ 26
Tipos de fonemas ____ 26
Vogal ____ 26
Semivogal ____ 27
Consoante ____ 28
Encontros Vocálicos ____ 29
Ditongo crescente ____ 29
Ditongo decrescente ____ 29
Tritongo ____ 29
Hiato ____ 29
Encontros Consonantais ____ 30
Descontínuos ou separáveis ____ 30
Contínuos, reais ou inseparáveis ____ 30
Dífono ____ 30
Dígrafo ____ 30
Divisão Silábica ____ 30
Translineação ____ 31

2 ESTRUTURA E FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Palavra, Fonema, Morfema, Semantema, Unidade Mórfica ____ 37
Palavra Primitiva, Derivada, Cognata, Família de Palavras ____ 38
Palavra Primitiva ____ 38
Palavra Derivada ____ 38
Palavra Cognata ____ 39
Família de Palavra ____ 39
Radical, Prefixo, Sufixo ____ 39
Raiz ≠ Radical ____ 40
Raiz ____ 40
Radical ____ 40
Tema, Vogal Temática, Afixo (prefixo e sufixo) e Desinência ____ 41
Tema ____ 41
Vogal Temática ____ 41
Desinência ____ 42
Afixo ____ 42
Prefixo ____ 42
Sufixo ____ 42
Vogal e Consoante de Ligação ____ 43
Formação de Palavras: Derivação, Composição, Hibridismo ____ 44
Derivação ____ 45
Derivação Prefixal ____ 45
Derivação Sufixal ____ 45
Derivação Prefixal e Sufixal ____ 45

Derivação Parassintética ou Circunfixal 45
Derivação Regressiva 45
Derivação Imprópria ou Conversão 46
Derivação por Abreviação ou Redução 46
Derivação por Reduplicação 46
Derivação por Combinação 46
Derivação por Intensificação 47
Composição 47
Composição por Justaposição 47
Composição por Aglutinação 47
Hibridismo 47

3 ORTOGRAFIA

Alfabeto 52
Uso de K, W, Y 52
Uso do H, h 53
Uso das Letras 54
Uso do Hífen (norma antiga) 59
Uso do Hífen (norma nova) 66
Não se Usa Hífen 74
Hífen Repetido 76
Uso dos Porquês 77
Mal ≠ Mau 79
Onde ≠ Aonde 80
Abreviaturas, Siglas, Símbolos 80
Acentuação Gráfica (norma antiga) 81
Acentuação Gráfica (norma nova) 89

4 SUBSTANTIVO

Definição 97
Locução substantiva 97
Classificação 97
Concreto 97
Abstrato 97
Próprio 98
Comum 98
Coletivo 98
Flexão 98
Flexão de gênero 99
Masculino 99
Feminino 99
Comum de dois 99
Sobrecomum 99
Epiceno 99
Formação do feminino 100
Femininos especiais 102
Flexão de número 104
Singular 104
Plural 104
Pluralia tantum 104

Formação do plural 104
Plural com metafonia 109
Plural dos compostos ligados por hífen 112
Flexão de grau 116
Aumentativo 116
Diminutivo 116
Sentidos afetivo e pejorativo 116

5 ARTIGO

Definição 121
Classificação 121
Definido 121
Indefinido 121
Uso do Artigo 121

6 ADJETIVO

Definição 125
Adjetivo Restritivo 125
Adjetivo Explicativo 126
Adjetivo Antes ou Depois de Substantivo 126
Locução Adjetiva 126
Flexão 127
Flexão de gênero 127
Adjetivo biforme 127
Adjetivo uniforme 127
Flexão de número 128
Flexão de grau 129
Grau comparativo 129
Grau superlativo 130
Como diferençar adjetivo de substantivo 133

7 PRONOME

Definição 135
Papel dos Pronomes 135
Pronome substantivo 135
Pronome adjetivo 135
Classificação e Emprego dos Pronomes 136
Pronomes pessoais 136
Pronomes de tratamento 141
Pronomes demonstrativos 143
Pronomes relativos 146
Pronomes relativos e ambiguidade 149
Pronomes interrogativos 149
Pronomes possessivos 150
Pronomes indefinidos 151
Locução Pronominal Indefinida 151

8 NUMERAL

Definição e Classificação 157
Papel dos Numerais 157

Numeral substantivo 157
Numeral adjetivo 157
Emprego dos Numerais 158
O e UM: artigo, pronome, ou numeral? 164

9 VERBO

Definição Provisória 165
Estrutura dos Verbos – Conjugações (1ª, 2ª e 3ª) 165
Números e Pessoas Verbais – Desinências 166
Quadro de desinências número-pessoais 167
Modos Verbais 167
Indicativo, subjuntivo, imperativo 167
Subjuntivo não subordinado 168
Tempos Verbais 168
Presente, pretérito e futuro 168
Presente e pretérito (passado) do indicativo 169
Presente e futuro do presente do modo indicativo 169
Correlação de Tempos ou *Consecutio Temporum* 170
Quadro de Desinências Modo-temporais e Número-pessoais 171
Vozes Verbais 172
Voz ativa 174
Voz passiva 174
Voz passiva e passividade 174
Voz passiva analítica 175
Voz passiva sintética 175
Voz reflexiva 175
Voz reflexiva recíproca 175
Mudança de voz 176
Passagem da ativa para a passiva analítica 176
Passagem da ativa para a passiva sintética 177
Aspectos Verbais 178
Paradigmas das Três Conjugações Regulares – Tempos Simples: **amar**, **vender**, **partir** 179
Infinitivo impessoal 179
Modo indicativo 179
Presente 179
Pretérito perfeito 180
Pretérito imperfeito 180
Pretérito mais-que-perfeito 181
Futuro do presente 181
Futuro do pretérito 182
Modo subjuntivo 182
Presente 182
Pretérito imperfeito 183
Futuro 183
Modo imperativo 184
Imperativo afirmativo 184
Imperativo negativo 184
Formas nominais do verbo 185
Infinitivo: impessoal e pessoal 186

Gerúndio 186
Particípio 186
Conjugação dos Verbos **ter**, **haver**, **ser** e **estar** 187
Uso de **ter**, **haver**, **ser** e **estar** como auxiliares 190
Paradigmas das Três Conjugações Regulares – Tempos Compostos: **ter amado**, **ter vendido**, **ter partido** 191
Paradigma da Voz Passiva 192
Formas Rizotônicas e Arrizotônicas 195
Definição Abrangente de Verbo 196
Locução Verbal 196
Verbo auxiliar e verbo principal 196
Formação de Tempos e Modos 197
Derivado do presente do indicativo 197
Presente do subjuntivo 197
Derivados dos presentes do indicativo e subjuntivo 198
Imperativos afirmativo e negativo 198
Derivados do pretérito perfeito 199
Mais-que-perfeito do indicativo 199
Futuro do subjuntivo 199
Imperfeito do subjuntivo 199
Derivados do infinitivo impessoal 201
Imperfeito do indicativo 201
Futuro do presente 201
Futuro do pretérito 201
Particípio 201
Gerúndio 201
Infinitivo pessoal 201
Classificação do Verbo quanto ao Modelo de Conjugação 202
Verbo regular 202
Verbo irregular 202
Irregularidade e variação gráfica 202
Metafonia ou alteração de timbre vocálico 203
Como saber se um verbo é regular 203
Verbo anômalo 203
Verbo defectivo 203
Verbo unipessoal 204
Verbo impessoal 204
A respeito de defectivos, unipessoais e impessoais 204
Verbo abundante 205
A respeito de abundantes 205
Relação de verbos abundantes no particípio 205
Verbo Pronominal e Voz Reflexiva 208
Paradigma de Conjugação Pronominal e Reflexiva 209
Classificação do Verbo quanto à Função 214
Verbo principal 214
Verbo auxiliar 214
Uso dos Particípios: Regular e Irregular 215
Conjugação de Verbos Regulares, Irregulares, Defectivos, Anômalos e Abundantes que Requerem Atenção 215

1ª Conjugação

Abalroar 220
Abençoar 220
Abotoar 220
Abreviar 218
Acarear 217
Acariciar 218
Aceitar 205
Adequar(-se) 221
Adiar 218
Afiar 218
Afoguear 217
Agoniar 218
Agraciar 218
Aguar 221
Alardear 217
Aliar 218
Aliviar 218
Amaciar 218
Ampliar 218
Amuar 221
Anexar 206
Angariar 218
Ansiar 219
Antiquar 221
Anunciar 218
Apaniguar 221
Apaziguar 221
Apear 217
Aperrear 217
Apiadar(-se) 220
Apiedar(-se) 220
Apreciar 218
Apropinquar(-se) 221
Arear 217
Arrear 217
Arrepiar 218
Assediar 218
Assentar 206
Assoar 220
Assobiar 218
Associar 218
Assoviar 218
Ataviar 218
Atear 217
Atuar 221
Autuar 221
Avaliar 218
Averiguar 221
Aviar 218
Balbuciar 218
Baquear 217
Beneficiar 218
Bloquear 217
Caçoar 220
Caluniar 218
Cambalear 217
Capitanear 217
Cear 217
Chiar 218
Circundar 216
Clarear 217
Coar 220
Confiar 218
Consignar 223
Constar 216
Continuar 221
Contrariar 218
Coxear 217
Criar 218
Cultuar 221
Dar 216
Deliciar 218
Delinqüir/delinquir 221
Desaguar 221
Desdar 216
Desfiar 218
Desnortear 217
Despertar 206
Dignar(-se) 223
Dispersar 206
Doar 220
Eclipsar 223
Encruar 221
Enfiar 218
Ensaboar 220
Entregar 206
Enunciar 218
Enviar 218
Enxaguar 221
Enxugar 206
Esfriar 218
Espiar 218
Estagnar 223
Estar 187
Estrear 218
Evidenciar 218
Expiar 218
Expressar 206
Expulsar 206
Extasiar 218
Falsear 217
Fartar 206
Fiar 218
Findar 206
Folhear 217
Frear 217
Galantear 217
Ganhar 206
Gastar 206
Golpear 217
Graduar 221
Granjear 217
Grassar 216
Guerrear 217
Habituar 221
Hastear 217
Historiar 218
Idear 218
Impugnar 223
Incendiar 219
Indignar(-se) 223
Injuriar 218
Insertar 206
Isentar 206
Jejuar 221
Juntar 206
Limpar 206
Magoar 220
Matar 206
Mediar 219
Menear 217
Miar 218
Minguar 221
Mobilar 219
Mobilhar 219
Mobiliar 219
Negociar 218/219
Nomear 217
Nortear 217
Obliquar(-se) 221
Obstar 223
Obviar 220
Odiar 219
Oficiar 218
Optar 223
Pagar 206
Palmear 217

Passear 217
Patentear 217
Pegar 206
Pentear 217
Persignar(-se) 223
Piar 218
Planear 217
Porfiar 218
Precatar(-se) 217
Premiar 218/219
Prenunciar 218
Prestar 216
Principiar 218
Procriar 218
Pronunciar 218
Propugnar 223
Pugnar 223
Raptar 223
Reboar 220
Recear 217
Recrear 217
Recriar 218
Refrear 217
Regatear 217
Relampaguear 217
Relampear 217
Relampejar 216
Remediar 219
Renunciar 218
Repugnar 223
Resfolegar 222
Resfolgar 223
Resignar(-se) 223
Restar 216
Ritmar 223
Rodear 217
Saborear 217
Saciar 218
Salvar 206
Saquear 217
Sediar 218
Semear 217
Sepultar 206
Serpear 217
Serpentear 217
Soar 220
Sobestar 216
Sobrestar 216
Soltar 207
Suar 221
Sustar 216
Tosquiar 218
Tracejar 216
Vadiar 218
Vangloriar(-se) 218
Variar 218
Voar 220

2ª Conjugação

Absolver 205
Abster(-se) 224
Acender 205
Adjazer 225
Adscrever 228
Afazer 224
Antepor 231
Antever 234
Apor 231
Aprazer 226
Ater(-se) 224
Bem-fazer 224
Bendizer 228
Benquerer 233
Benzer 206
Caber 227
Circumpor 231
Circunjazer 225
Circunscrever 228
Compor 231
Comprazer 225
Condizer 227
Condoer-se 230
Conter 224
Contradizer 228
Contrafazer 224
Contrapor 231
Corroer 230
Crer 227
Decompor 231
Depor 231
Desafazer 224
Desaprazer 226
Descaber 227
Descompor 231
Descomprazer 225
Descrer 227
Descrever 228
Desdizer 228
Desfazer 224
Desprazer 226
Desprover 232
Desquerer 233
Desvaler 234
Deter 224
Dispor 231
Dizer 228
Doer(-se) 230
Eleger 206
Entredizer 228
Entrepor 231
Entreter 224
Entrever 234
Envolver 206
Equivaler 234
Escrever 228
Esfazer 224
Esmoer 230
Estupefazer 224
Expor 231
Fazer 224
Feder 228
Haver(-se) 229
Impor 231
Incorrer 206
Indispor 231
Inscrever 228
Interdizer 228
Interpor 231
Jazer 225
Justapor 231
Ler 227
Liqüefazer/Liquefazer 224
Maldispor 231
Maldizer 228
Malfazer 224
Malquerer 233
Manter 224
Moer 230
Morrer 206
Nascer 206
Obter 224
Opor 231
Perder 230

Perfazer 224
Poder 231
Pôr 231
Pospor 231
Prazer 226
Precatar(-se) 217
Precaver(-se) 232
Predispor 231
Predizer 228
Prender 206
Prepor 231
Prescrever 228
Pressupor 231
Prever 234
Propor 231
Proscrever 228
Prover 232
Putrefazer 224
Querer 233
Rarefazer 224
Reaver 229
Recompor 231
Redizer 228
Reescrever 228
Refazer 224
Reler 227
Remoer 230
Repor 231
Requerer 233
Reter 224
Rever 1 234
Rever 2 234
Roer 230
Romper 202
Saber 233
Satisfazer 224
Sobrepor 231
Sobrescrever 228
Soer 230
Sotopor 231
Subjazer 205
Subscrever 228
Superpor 231
Supor 231
Surpreender 207
Suspender 207
Suster 224
Ter 224
Torrefazer 224
Transcrever 228
Transfazer 224
Transpor 231
Trazer 226
Tresler 227
Tumefazer 224
Valer 234
Ver 234
Viger 235

3ª Conjugação

Abolir 235
Abrir 238
Abstrair 236
Acudir 239
Aderir 242
Adir 241
Advertir 242
Advir 246
Aferir 242
Agredir 236
Aguerrir 241
Anuir 237
Argüir/Arguir 237
Aspergir 242
Assumir 239
Atingir 245
Atrair 236
Aturdir 243
Auferir 242
Avir(-se) 246
Banir 235
Bramir 235
Brandir 235
Brunir 243
Bulir 239
Cair 236
Carpir 235
Cerzir 239
Cingir 245
Cobrir 240
Colorir 235
Combalir 241
Comedir 235
Compelir 242
Competir 242
Concernir 242
Concluir 237
Conduzir 241
Conseguir 242
Consentir 243
Constituir 237
Constringir 245
Construir 236
Consumir 239
Contrair 236
Contundir 206
Convergir 242
Convir 246
Cuspir 239
Decair 236
Deferir 242
Defluir 237
Delinqüir/delinquir 238
Delir 235
Demolir 235
Denegrir 236
Desabrir 238
Desavir(-se) 246
Descair 236
Descobrir 240
Desconstruir 236
Desentupir 239
Desimpedir 244
Desmentir 243
Despedir 244
Despir 242
Despolir 245
Desservir 242
Destingir 245
Destituir 237
Destruir 236
Detrair 236
Diferir 242
Digerir 242
Discernir 243
Distinguir 245
Distrair 236
Divergir 242
Divertir 242
Dormir 240
Embair 241

Emergir 242
Emolir 235
Empedernir 241
Encobrir 240
Engolir 240
Entreabrir 238
Entupir 239
Erigir 206
Esbaforir-se 241
Escapulir 239
Esculpir 241
Espargir 243
Espavorir 241
Estruir 237
Esvair 236
Exaurir 243
Exinanir 241
Expedir 244
Expelir 241
Explodir 241
Exprimir 206
Extinguir 245
Extorquir 235
Extrair 236
Falir 241
Ferir 242
Florir 241
Foragir-se 243
Fornir 241
Fremir 235
Frigir 243
Fruir 237
Fugir 239
Fulgir 243
Garrir 241
Gerir 242
Haurir 243
Imergir 242
Impedir 244
Impelir 242
Impingir 243
Imprimir 206
Inanir 241
Incluir 206
Induzir 241
Influir 237
Infringir 245
Ingerir 242
Inserir 241
Instruir 237
Intervir 246
Ir 244
Jungir 243
Luzir 241
Medir 244
Mentir 243
Obstruir 237
Omitir 206
Ouvir 244
Pedir 244
Perseguir 242
Polir 245
Possuir 237
Pressentir 243
Presumir 239
Preterir 242
Prevenir 236
Progredir 236
Prosseguir 242
Protrair 236
Provir 246
Pruir 238
Puir 238
Reabrir 238
Reassumir 239
Recair 236
Reconstruir 236
Redargüir/redarguir 237
Reduzir 241
Refletir 242
Refluir 237
Regredir 236
Reluzir 241
Remir 241
Renhir 241
Repelir 242
Repetir 242
Ressair 236
Ressarcir 241
Ressentir 243
Ressequir 241
Restituir 237
Resumir 239
Retorquir 235
Retrair 236
Retribuir 237
Retrotrair 236
Revelir 241
Revestir 242
Rir 245
Ruir 238
Sacudir 239
Seduzir 241
Sair 236
Seguir 242
Sentir 243
Servir 242
Sobressair 236
Sobrevir 246
Sorrir 245
Sortir 245
Subir 239
Submergir 242
Subtrair 236
Sugerir 242
Sumir 239
Suprimir 207
Surtir 245
Tingir 245
Tinir 245
Tossir 240
Trair 236
Transgredir 236
Transir 241
Ungir 243
Vagir 235/245
Vestir 242
Vir 246
Zunir 239

10 ADVÉRBIO

Definição 259
Circunstâncias Expressas 261
Locução Adverbial 262

11 PREPOSIÇÃO
Definição 267
Preposições Essenciais 267
Locuções Prepositivas 268
Preposições Acidentais 268

12 CONJUNÇÃO
Definição 271
Locução Conjuntiva (exercícios 16 a 18) 272
Classificação 272
Conjunções coordenativas 272
Aditivas 272
Adversativas 272
Alternativas 273
Conclusivas 273
Explicativas 273
Conjunções subordinativas adverbiais 273
Causais 273
Concessivas 274
Condicionais 274
Conformativas 274
Finais 274
Consecutivas 274
Temporais 274
Comparativas 274
Proporcionais 275
Conjunções subordinativas substantivas 275
Integrantes 275

13 INTERJEIÇÃO
Classificação 279
Definição 279
Locução Interjetiva 279

14 SEMÂNTICA
Definição 281
Denotação 281
Conotação 281
Homonímia 281
Sinonímia 281
Antonímia 281
Paronímia 282
Hiperonímia 284
Hiponímia 285

15 CONCORDÂNCIA NOMINAL
Do Adjunto com o Núcleo Substantivo 289
Do Predicativo com o Núcleo Substantivo 291

Anexo, Bastante, Incluso, Junto, Leso, Meio, Muito, Nenhum,
Pouco, Próprio, Só, Dado, Visto, Obrigado, Quite ____ 292
Adjuntos de Antropônimos (Nomes de Pessoas) ____ 293
Dois ou Mais Adjetivos para um Mesmo Substantivo ____ 294
Um ou outro, Um e outro, Nem um nem outro ____ 294
Tal ... qual, Tais ... quais ____ 294
Menos, Pseudo, Monstro, Alerta ____ 295
O mais ... possível, O melhor possível ____ 295
É bom... É proibido... É necessário... ____ 296
A olhos vistos, A olhos vistas ____ 297
Nós = Eu, Vós = Tu ____ 297
Santo e São ____ 298
Concordância Sintática e Concordância Semântica ____ 298

16 CONCORDÂNCIA VERBAL

Definição ____ 301
Concordância Sintática e Concordância Semântica ____ 301
Com Sujeito Simples ____ 301
Com Sujeito Composto Anteposto ____ 302
Com Sujeito com Pessoas Diferentes ____ 302
Com Sujeito Composto Posposto ____ 303
Com Sujeito com Aposto Resumitivo ____ 303
Com Sujeito com Núcleos Sinônimos ou Quase ____ 304
Com Sujeito com Núcleos em Gradação ____ 304
Com Sujeito com *Ou* ____ 305
Com Sujeito com *Nem* ____ 306
Com Sujeito com *Com* ou *Como* ____ 307
Com Sujeito com *Não Só ... mas também, Tanto ... quanto* ____ 307
Com Sujeito com *Mais de um ... Mais de dois... Mais de três...* ____ 308
Com Sujeito com *Um e outro, Nem um nem outro* ____ 308
Um ou outro ____ 309
Com Sujeito *Que* ____ 309
Com Sujeito *Quem* ____ 310
Com Sujeito *Um dos que* ____ 310
Com Sujeito *Quais de vós, Quantos de nós* ____ 310
Com Sujeito *Qual de nós, Nenhum de nós* ____ 311
Com Sujeito com *A maioria de... Grande parte de... Um enxame de...* ____ 311
Com Sujeito com *Cada, Nenhum, Qualquer* ____ 312
Com Sujeito com *Um por cento, Vinte por cento* ____ 312
Com Sujeito com *Cerca de... Perto de... Obra de...* + Numeral ____ 313
Com Sujeito Plural Aparente ____ 313
De Haja vista ou Hajam vista ____ 314
De Aluga-se casa, Alugam-se casas ____ 314
De Gosta-se de fruta, Gosta-se de frutas ____ 315
Com Vossa Senhoria está... Vossas Senhorias estão... ____ 316
Com Sujeito de Dar, Bater, Soar ____ 316
Com Sujeito Composto com Ideia Única ____ 317
Com Sujeito Oracional ____ 317
Com Parecem sorrir ou Parece sorrirem ____ 318
Com Infinitivo ____ 318

Infinitivo invariável 318
Infinitivo variável ou flexionado 319
Infinitivo como complemento de verbos permissivos, causativos e sensitivos 320
Dos Verbos só de 3ª Pessoa 320
Do Verbo Ser nas Interrogações 321
Do Verbo Ser com *Isto, Isso, Aquilo...* 321
Do Verbo Ser com Pronome Reto 322
Do Verbo Ser com Medida ou Quantidade 322
Do Verbo Ser com Distância, Data ou Hora 323
Do Verbo Ser entre Dois Substantivos Comuns, de Números Diferentes 323
Do Verbo Ser com Gente 324
Do Verbo Ser na Expressão *É que* 324
Do Verbo Ser em *Era uma vez ... Eram dois caminheiros* 325

17 REGÊNCIA

Definição 335
Regência Verbal 335
Regência dos verbos mais frequentes 335
- Agradar 336
- Ansiar 336
- Aspirar 337
- Assistir 337
- Atender 337
- Chamar 338
- Chegar 338
- Custar 338
- Esquecer 339
- Implicar 339
- Ir/vir 340
- Lembrar, avisar, prevenir 340
- Morar, residir, situar-se, estabelecer-se 341
- Namorar 341
- Obedecer, desobedecer, suceder e obstar 341
- Pagar 342
- Perdoar 342
- Preferir 342
- Presidir 342
- Querer 343
- Responder 343
- Visar 343

Isto é para eu fazer. Isto é para mim 344
Está na hora de a onça beber água 344
Pedir para ~~que~~ 344
Não disse o em que acreditava/Não disse no que acreditava 345
Ter de ≠ ter que 345
Onde ≠ Aonde 345
Sintaxe do verbo haver 346

Uso de *o* ou *lhe* 346
Complementos de regências diferentes 347
Pronome relativo – complemento verbal 348
Regência Nominal 348
Um mesmo regido para mais de um regente 349
Um mesmo regente para mais de um regido 349
Regência dos substantivos e adjetivos mais frequentes 350

18 COLOCAÇÃO OU TOPOLOGIA PRONOMINAL

Próclise, Mesóclise, Ênclise 355
Com Um só Verbo 355
Com Infinitivo 360
Com Locução Verbal 361

19 CRASE

Conceituação 367
Método Prático 368
Casos Especiais 369
Em locuções 369
Em lugares 370
Com distância 370
Com horas 371
Paralelismo e quebra do paralelismo 371
Com pronomes relativos 372
Com *casa* 372
Com *terra* 373
Com *até* ou *até a* 373
Com pronomes possessivos 374
Com antropônimos femininos 374
Em *à moda de* 375
Não há Crase 375
Uso do Paralelismo 378
Há ≠ A 379

20 PONTUAÇÃO

Visão Geral 383
Visão Detalhada 383
Uso da Vírgula 383
Dentro de uma oração 383
Entre orações 387
Vírgulas permutáveis por parênteses ou travessões 386
Dois-pontos 389
Ponto e vírgula 389
Reticências 390
Travessão, Aspas Duplas e Simples 391

21 GABARITO 401

Fonologia, Divisão Silábica e Translineação

ESTUDO DOS FONEMAS

Uma frase é uma linha melódica composta de palavra(s), que, por sua vez, compõe(m)-se de **sílaba(s)**.

Sílaba

Quando falamos, produzimos "arrancos sonoros".

Eu que ri a sa ber se vo cê me en ten deu.

Cada um desses "arrancos" chama-se **sílaba**.

Quais sílabas há na seguinte frase?

A conquista do sucesso é questão de vontade.

Resposta: (Escreva como você pronuncia cada sílaba.)

1 ___ 2 ___ 3 ___ 4 ___ 5 ___ 6 ___ 7 ___ 8 ___ 9 ___ 10 ___ 11 ___ 12 ___ 13 ___ 14 ___ 15 ___

Você notou que as sílabas são conjuntos de sons mínimos? Esses sons mínimos são os **fonemas**.

Fonema

Chama-se **fonema** o som mínimo usado na língua para distinguir o significado de uma palavra do significado de outras.

/r/ato /m/ato /p/ato /f/ato	r/a/to r/e/to r/i/to r/o/to	ra/t/o ra/l/o ra/r/o ra/b/o
/r/-/m/-/p/-/f/ são fonemas	/a/-/e/-/i/-/o/ são fonemas	/t/-/l/-/r/-/b/ são fonemas

Observação:

Fonema não é letra, é som. Letra ou grafema é desenho que representa o som. Fala-se e ouve-se o fonema. Escreve-se e enxerga-se o grafema ou letra.

Tipos de Fonemas

Vogal

A vogal é o fonema em que a sílaba se apoia.
A vogal é o apoio da sílaba.

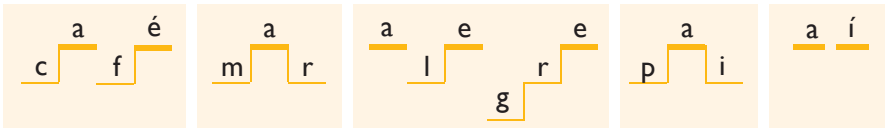

Observe que toda sílaba tem uma vogal que a apoia e que só há um ponto de apoio em cada sílaba.
Portanto, **só há uma vogal em cada sílaba**.

Prática

■ Distribua os fonemas nos gráficos. Ouça como você os pronuncia para não errar.

1. mãe
2. pão
3. mão
4. pau
5. pais
6. país

■ Compare agora as palavras **pais** e **país** e marque **C** ou **E** nos parênteses.

7. ( ) Nas duas o **i** é o apoio da sílaba.
8. ( ) Só em **pais** o **i** é o apoio da sílaba.
9. ( ) Só em **país** o **i** é apoio de sílaba.
10. ( ) Só em **país** o **i** é vogal, porque vogal é apoio da sílaba.

■ Compare **mãe** e **pai**, **pão** e **pau**. Agora marque **C** ou **E** nos parênteses.

11. ( ) Em **mãe** e **pai**, as letras **e** e **i** representam o mesmo som ou fonema: **i**.
12. ( ) Em **pão** e **pau**, as letras **o** e **u** representam o mesmo fonema: **u**.
13. ( ) Em **mãe** e **pai**, o fonema **i** é o apoio da sílaba.
14. ( ) Em **pão** e **pau**, os fonemas **o** e **u** são vogais.
15. ( ) Em **pão** e **pau**, as vogais são **ã** e **a**.
16. ( ) Em **mãe** e **pai**, as vogais são **ã** e **a**.
17. ( ) Em **país**, o **i** é vogal (apoio de sílaba) como o **a**.

Importante:

Na escrita, as cinco **letras** a, e, i, o, u representam doze vogais da língua falada:
- **sete vogais orais**: a, é, ê, i, ó, ô, u;
- **cinco vogais nasais**: ã, ẽ, ĩ, õ, ũ.

A vogal nasal pode ser escrita de três maneiras diferentes:
- **com til**: m**ã**o, p**õ**e, c**ã**s, ím**ã**, maç**ã**;
- **com m**: **âm**bar, **sem**pre, **tim**bre, **com**pra, **Jum**bo;
- **com n**: **an**tes, **en**te, **cin**to, **con**to, **jun**ta.

Prática

- Reescreva as vogais que distinguem os significados dos seguintes pares:

18. Ele havia **lido** um **lindo** artigo. _____
19. Ela não foi **boba**, percebeu que era uma **bomba**._____
20. **Vede** como ele **vende** bem._____
21. Ele vive **mudo** num **mundo** loquaz._____
22. **Lá** se fabrica **lã** de primeira._____
23. Já **leste** as notícias do **leste** europeu?_____
24. Ontem ele não **pôde**, mas hoje **pode** falar. _____

Semivogal

Semivogal são os fonemas **i** e **u**, quando apoiados em uma vogal. Como você já viu, as semivogais **i** e **u** podem também ser representadas pelas letras **e** e **o** (mã**e**, pã**o**).

Prática

- Distribua nos gráficos.

25. cai
26. caí
27. louro
28. lua

- Agora julgue as afirmações e coloque **C** ou **E** nos parênteses.

29. ( ) Em **cai**, o **i** é semivogal.
30. ( ) Em **caí**, o **a** é vogal.
31. ( ) Em **caí**, o **i** é vogal.
32. ( ) Em **louro**, o **u** é vogal.
33. ( ) Em **lua**, o **u** é vogal.
34. ( ) Em **lua**, há duas vogais.
35. ( ) Em **cai**, há duas vogais.

Consoante

Consoante é qualquer fonema que se apoie em vogal e que não seja semivogal.

Prática

■ Distribua nos gráficos os fonemas.

36. bonde

37. ombro

38. Marte

39. norte

■ Agora, julgue as afirmações.

40. ( ) Em **bonde** e **norte**, o **n** é consoante.
41. ( ) Em **norte**, o **n** é consoante.
42. ( ) Em **Marte** e **ombro**, o **m** é consoante.
43. ( ) Em **Marte**, o **M** é consoante.
44. ( ) Em **ombro**, **om** é uma vogal nasal.
45. ( ) Em **bonde**, **on** é uma vogal nasal.

Importante:

Você sabia que as semivogais **i** e **u** podem ser representadas pela letra **m**? Veja:

iam

bem 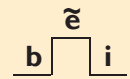

Em ambos os casos, a letra **m** serviu para nasalar as vogais (ã, ẽ) e representar as semivogais (u, i).

Prática

■ Distribua nos gráficos a frase.

46. Ela passou bem o vestido.

■ Assinale **C** ou **E** nos parênteses.

47. ( ) O **ss** representa um som só, por isso é um só fonema, consoante.
48. ( ) Em **bem**, o **m** é consoante.
49. ( ) Em **bem**, o **m** é semivogal (i) e marca a nasalização da vogal (ẽ).

50. ( ) Há dez vogais na frase apresentada.
51. ( ) Há duas semivogais na frase citada.
52. ( ) Há nove consoantes.
53. ( ) Há oito consoantes.
54. ( ) Há nove vogais.
55. ( ) Se há nove vogais, há nove sílabas.

ENCONTROS VOCÁLICOS (orais ou nasais)

Ditongo crescente

Semivogal + vogal, na mesma sílaba.

série: r i e / sv v

quanto: k u ã / sv v

sério: r i u / sv v

Ditongo decrescente

Vogal + semivogal, na mesma sílaba.

mau: m a u / v sv

botão: t ã u / v sv

bem: b ẽ i / v sv

Tritongo

Semivogal + vogal + semivogal, na mesma sílaba.

quão: k u ã u / sv v sv

quais: k u a i s / sv v sv

Hiato

Vogal + vogal.

saída: s a í / v v

caaba: c a a / v v

baús: b a ú s / v v

ENCONTROS CONSONANTAIS

Descontínuos ou separáveis

Cada consoante numa sílaba.

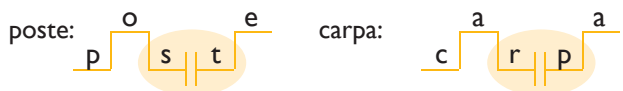

Contínuos, reais ou inseparáveis

Consoantes juntas na mesma sílaba.

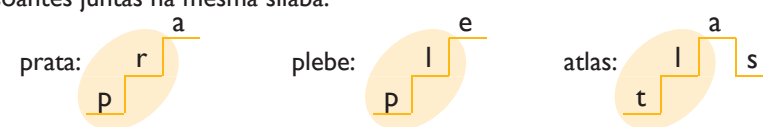

blusa, **br**aço, **cl**aro, **cr**uz, **dr**ama, **fl**auta, **fr**aco, **gl**úten, **gr**osa, **pr**ana, a**tl**ântico, **tr**ena, la**vr**a...

Dífono

Uma letra = dois fonemas.

táxi	x = ks	/t/á/k/s/i/.
ônix	x = ks	/ô/n/i/k/s/.

DÍGRAFO

Duas letras = um só fonema.

onde (= õ), **ch**apéu (= x).

ja**rr**a, ca**lh**a, u**nh**a, **lon**ge, **gen**te, cre**sc**er, cre**sç**a, e**xc**itar, pa**ss**ar, **ch**ave, **gu**iso, **qu**ilo, n**im**bo, m**an**ga, **jum**bo...

DIVISÃO SILÁBICA

A separação de uma palavra em sílabas depende da pronúncia.
Observe as seguintes regras:

Não se separam

Ditongos e tritongos

m**ai**s m**ai**-ô q**ua**-se sa-g**uão** q**uai**s

Os dígrafos lh – nh – ch – gu – qu – am – an – em – en – im – in – om – on – um – un

a-**lh**o bu-**ch**a **gu**ei-xa **lim**-po
ni-**nh**o **qu**e-ro **sem**-pre **con**-to

Encontros consonantais no início das palavras

gno-mo **ps**i-co-lo-gi-a **gn**o-se **pn**eu

Separam-se

As vogais do hiato

r**e**-**u**-ni-do c**o**-**o**-pe-rar p**o**-**é**-ti-co r**u**-**a** b**i**-**o**-lo-g**i**-**a**

As letras dos dígrafos rr – ss – sc – sç – xc

ga**r**-**r**o-te a**s**-**s**e**s**-**s**or su**s**-**c**i-tar cre**s**-**ç**a e**x**-**c**e-ção

Os encontros consonantais descontínuos (antes da última consoante)

o**c**-**c**i-pi-tal su**bs**-**t**an-ti-vo pa**c**-**t**o fel**ds**-**p**a-to

Os encontros que contêm s separam-se após o s

a**bs**-**tr**a-to pe**rs**-**p**i-caz su**bs**-**cr**e-ver

Atenção:

Em sílaba átona final, hiato pode ser lido como ditongo ou vice-versa.
his-tó-r**i**-**a** ou his-tó-r**ia**; sé-r**i**-**e** ou sé-r**ie**.
Mas, na escrita, não se separam: his-tó-ria, sé-rie.

TRANSLINEAÇÃO

bi-	giras-		fac-
savô	sol		ção

Translineação é a divisão de palavras no final de uma linha e começo de outra. Normalmente, obedece à divisão silábica.

1. Evite escrever uma letra isolada no fim ou início de uma linha.

o-
ceano

Capara-
ó

2. Evite separar as sílabas de nomes próprios personativos.

Joa-
quim

Angé-
lica

3. Evite deixar em uma das linhas parte de palavra que possa ser lida como chula, de calão ou grosseira.

ocu-
pado

após-
tolo

vaga-
bunda

4. Evite separar o hiato em final de palavra.

vali-
as

ja-
ós

5. Quando a translineação acontece onde há hífen, este se repete:

disse-
-lhe

auto-
-observação

pré-
-histórico

Prática Geral

56. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Indique a alternativa em que há **erro(s)** de divisão silábica.
a) res-sur-gir / a-ve-ri-gueis / vo-o / po-e-ta / quais-quer.
b) ca-í-ram / co-o-pe-ra-ção / pig-meu / op-ção / cons-ti-tu-in-tes.
c) tu-a / ai-ro-so / e-gí-pcio / su-bs-tan-ti-vo / pneu-má-ti-co.
d) ab-di-ca-ção / o-ci-den-tal / sor-rin-do / sou-bes-te / mne-mô-ni-ca.
e) a-do-les-cen-te / mai-o-res / sub-ju-gar / me-lan-co-li-a / cir-cui-to.

57. (PRF/N.M./ANP) A divisão silábica **não** está correta em:
a) car-rei-ra. b) des-i-lu-são. c) nas-cer. d) rá-dio.

58. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa que apresenta divisão silábica **incorreta**.
a) mne-mô-ni-ca / ét-ni-co / op-ção / ab-di-car.
b) fi-lho / ma-nhã / cons-ci-en-te / des-cer.
c) per-ce-pção / a-ni-mais / sa-ú-de / in-ter-stí-cio.
d) pres-cin-dir / res-ci-são / e-xér-ci-to / guer-ra.

59. Assinale a opção em que **todas** as palavras estão corretamente separadas em sílabas.
a) pa-pe-lei-ro / te-rre-no / re-co-lhe-dor.
b) ter-ri-tó-ri-o / in-dis-pen-sá-ve-is / pro-me-ssas.
c) con-qu-is-tou / au-xí-lios / com-pa-nh-ei-ra.
d) des-gre-nha-da / in-sis-ten-te / en-som-bra-do.
e) ar-mis-tí-cio / es-cas-sos / e-xclu-si-vi-da-de.

60. As palavras **carrossel** e **corrupção** têm as sílabas corretamente divididas em:
a) car-ros-sel / cor-rup-ção.
b) ca-rro-ssel / co-rru-pção.
c) ca-rro-ssel / co-rru-p-ção.
d) car-ro-ssel / cor-rup-ção.
e) ca-rros-sel / co-rrup-ção.

61. Assinale a alternativa que apresenta as duas palavras com as sílabas **corretamente** divididas.
a) poe-ta / a-bso-lu-to.
b) bo-lin-ha / pa-cto.
c) de-sci-da / mi-lha.
d) ri-t-mo / a-d-je-ti-vo.
e) Pa-ra-guai / Pi-au-í.

62. A alternativa que apresenta a divisão silábica **correta** de todas as palavras é:
a) as-pec-to / fic-ção / pês-se-go / sal-si-cha.
b) ri-tmo / ass-eio / di-scu-ssão / as-sar.
c) de-zes-seis / admis-ão / ma-chu-car / ca-rro.
d) chei-a / sub-stan-ti-vo / i-deal / fas-ci-na-ção.
e) ma-cio / ba-i-xo / dis-ten-são / guer-ra.

63. Entre as palavras abaixo, há uma que apresenta **semivogal**. Assinale-a.
a) tapioca. b) saúde. c) hiato. d) goleada. e) feito.

64. A palavra cuja separação de sílabas está **incorreta** é:
a) co-or-de-nar.
b) sub-ju-gar.
c) sub-trair.
d) pneu-má-ti-co.
e) e-qui-va-len-te.

65. Marque a opção em que todas as palavras são **substantivos** separados corretamente em sílabas.
a) in-dig-na-ção / a-do-le-scen-te / ad-mi-nis-trar.
b) rea-gir / tra-bal-ho / in-di-gna-da.

c) a-tro-pe-la-men-to / coi-bir / res-sar-ci-men-to.
d) con-ces-são / ab-di-ca-ção / ir-res-pon-sa-bi-li-da-de.
e) ma-dri-nha / con-ti-nu-ar / atro-pe-la-men-to.

66. No vocábulo **brasileiríssimo**, há
a) 13 fonemas; nenhum encontro consonantal; 1 hiato; 2 dígrafos; 7 vogais; nenhuma semivogal.
b) 14 fonemas; 1 encontro consonantal; 1 ditongo decrescente oral; 1 dígrafo; 7 vogais; nenhuma semivogal.
c) 14 fonemas; 1 encontro consonantal; 1 ditongo decrescente oral; 1 dígrafo; 6 vogais; 1 semivogal.
d) 15 fonemas; 1 encontro consonantal; 1 ditongo crescente oral; 1 dígrafo; 3 vogais; 4 semivogais.

67. Apresentam o **mesmo** fonema inicial os vocábulos:
a) cheguei / certos / cima.
b) ciência / sossego / canção.
c) quem / cultivar / cravei.
d) geologia / grandeza / gente.

68. Assinale a alternativa em que há **erro** na divisão silábica das palavras.
a) tran-so-ce-â-ni-co / o-blí-quo / pneu-má-ti-co.
b) a-ve-ri-guou / pe-rí-o-do / bi-sa-vô.
c) subs-cri-tar / u-ru-gu-ai-o / su-bli-nhar.
d) es-pé-cie / a-poi-o / trans-por-te.

69. Assinale a palavra cuja separação de sílabas está **errada**.
a) ma-tri-cu-lou.
b) re-ssen-ti-men-to.
c) hu-mi-lha-ção.
d) ver-go-nha.
e) sim-ples-men-te.

70. Indique a opção em que o fonema /s/ se realiza em todas as palavras da série que está em **ordem alfabética**.
a) intercessor / intervencionismo / introspecção / introversão.
b) ociosidade / reposição / rescisão / repressão.
c) ferocíssimo / litisconsórcio / hortaliça / insucesso.
d) homologação / isenção / ficção / fossilização.
e) cansaço / forçoso / formoso / fosforescência.

71. Marque a opção em que todas as palavras são **adjetivos** e estão separadas, corretamente, em sílabas.
a) as-sis-tên-cia / dig-no / hu-mi-lha-ção.
b) con-stran-gi-do / a-rro-gan-tes / re-a-lis-ta.
c) in-te-lec-tual / e-fe-ti-vo / cor-ru-pto.
d) ad-mi-ra-dís-si-mo / res-pei-tá-veis / i-nin-ter-rup-to.
e) a-dmi-ti-mos / sub-me-ti-dos / con-vin-ha.

72. Em qual alternativa se encontra uma palavra **errada** quanto à separação de sílabas?
   a) poe-ti-sa.
   b) co-lhe-res.
   c) ra-í-zes.
   d) fe-ro-zes.
   e) seis-cen-tos.

■ Assinale **C** ou **E**.

73. ( ) Joia, apoio, joio, Irineia são exemplos de tritongos.
74. ( ) Separam-se as sílabas assim: jo-ia, a-po-io, jo-io, I-ri-ne-ia.
75. ( ) A divisão silábica correta é: joi-a, a-poi-o, joi-o, I-ri-nei-a.
76. ( ) Essa mesma divisão silábica pode ser usada para translineação.

■ Assinale **C** ou **E** considerando a separação silábica para **translineação**.

77. ( ) separa-ção / se-paração.
78. ( ) coi-va-ra / dis-puta.
79. ( ) Jo-sé / Eustá-quio.
80. ( ) a-notar / i-lação.

Estrutura e Formação de Palavras

PALAVRA, FONEMA, MORFEMA, SEMANTEMA, UNIDADE MÓRFICA

Prática

■ Leia o texto, relacionando-o ao quadro abaixo, e responda **C** ou **E**:

	Coluna A	Coluna B	Coluna C	Coluna D	Coluna E
1	palavra	m e n i n i n h a s			
2	fonema	/m/ /e/ /n/ /in/	/in/ /nh/	/a/	/s/
3	morfema	menin	inh	a	s
4	semantema	filhote humano	pequeno	fêmea	mais de um
5	unidade mórfica	radical	sufixo	desinên. gênero	desinên. número

Uma palavra, como "menininhas", observada sua morfologia (morfo = forma, logia = estudo), é constituída por **unidades de som** mínimas, capazes de alterar significado, ou seja, constrói-se com **fonemas** (Capítulo 1, Fonologia). Pode também ser analisada quanto aos seus menores **componentes dotados de significado**, que se chamam **morfemas**. Um morfema pode ser estudado sob o ponto de vista do significante (conjunto de sons e letras) ou do significado (imagem mental que se desperta no cérebro do falante/ouvinte – IIT, Capítulo 2, Signo Linguístico).

Semântica é o estudo dos significados, e o morfema, visto por esse prisma, recebe também o nome de **semantema**.

O **semantema** pode trazer um significado relacionado à vida real, ao mundo extralinguístico – **pão**, **chuva**, **horizonte**... – e recebe o nome de morfema ou semantema **lexical**, **extralinguístico** ou **exofórico**, como os radicais das palavras.

Por outro lado, o semantema pode referir-se a um significado pertencente não ao mundo externo, mas ao mundo interno da língua – como os morfemas **ão** e **ázio** que significam aumentativo; **inho** e **ico**, diminutivo; **isa** e **esa**, feminino; **o** e **or**, masculino; ausência e presença de **s**, denotando singular ou plural –, sendo chamados de morfemas ou semantemas **gramaticais**, **intralinguísticos** ou **endofóricos,** representados por prefixos, sufixos, desinências etc.

1. ( ) Uma palavra pode decompor-se em várias partes e sob visões diferentes.
2. ( ) Fonema é uma unidade de significado.
3. ( ) Fonema é uma unidade mínima de som, distintiva de significado.
4. ( ) Morfema é, na palavra, uma unidade mínima dotada de significado.
5. ( ) Semantema é uma unidade de significado que compõe uma palavra.
6. ( ) Semantema pode expressar um significado puramente gramatical ou intralinguístico, como gênero, número, grau (morfemas gramaticais), ou pode despertar um significado extralinguístico, como fé, mar, céu... (morfemas lexicais ou referentes ao mundo real).
7. ( ) Unidade mórfica é unidade de significado.
8. ( ) Mórfico é um adjetivo derivado do radical "morfos" que em grego significa "forma".
9. ( ) No morfema radical **menin**, as letras **i** e **n** representam o fonema **i nasal**.
10. ( ) No morfema sufixo diminutivo **inh**, fonologicamente a letra **n** tem duas funções: marca a nasalidade do **i** que a antecede e forma dígrafo com o **h** que a sucede, por isso está repetida na Coluna C do quadro supra, representando fonema.
11. ( ) Sufixo é o significado-base de uma palavra.
12. ( ) O radical contém o significado-base de uma palavra.
13. ( ) Sufixo é elemento caracterizador de gênero e número.
14. ( ) Sufixo é morfema que propicia derivar-se uma palavra de outra: bel**eza**, bon**dade**, cord**ão**.
15. ( ) Desinência é morfema que define flexão de gênero e número no substantivo; e número e pessoa, no verbo: canta**mos** (1ª pessoa do plural).

PALAVRA PRIMITIVA, DERIVADA, COGNATA, FAMÍLIA DE PALAVRAS

Há palavras constituídas apenas de radical (mar, ar, pó) e outras que se formam a partir dele (**mar**esia, **mar**ítmo, **aér**eo, **ar**ejado, **po**eira, em**po**ar). Em função disso, tem-se a seguinte distinção:

Palavra Primitiva

É a que dá origem a outra(s):

café, cipó, Amazonas.

Palavra Derivada

É a que se origina de outra:

cafezal, cipoal, Amazonense.

Palavra Cognata [co(m) = em companhia + gnata = nascida]

É a palavra nascida em companhia de outra, irmã de outra, pertencente à mesma família de outra. **Cruz**ada, **cruc**ificar, **cruz**eiro... são palavras cognatas porque nasceram da palavra **cruz**.

Família de Palavra

É o conjunto das palavras que têm o mesmo radical primário, ou seja, a mesma raiz.

RADICAL, PREFIXO, SUFIXO

Prática

■ Associe o quadro à leitura e responda **C** ou **E**.

Palavra	d e s c a p i t a l i z a r		
morfemas	des	capital	izar
extralinguístico		radical	
intralinguísticos	prefixo		sufixo

Observando-se a palavra "descapitalizar" e comparando-a com outras da mesma família (capitalizar, recapitalizar, capitalização, descapitalizado, capitalismo, capitalista...), é fácil perceber que o morfema permanente, em torno do qual se criaram essas palavras, é **capital**. Essa constatação permite dizer que esse morfema é o **radical** da palavra, porque tem relação com a raiz dela. Então, **radical** é, da palavra, a parte que mantém o **significado-base** e que **aponta para a raiz**.

16. ( ) Radical significa que tem relação com raiz.
17. ( ) O radical concentra a base da significação da palavra.
18. ( ) O radical classifica-se como morfema endofórico, ou de significado intralinguístico.
19. ( ) Prefixo é morfema de significado extralinguístico, ou exofórico.
20. ( ) Radical é componente formal da palavra, da qual constitui a base de significação externa, podendo seu significado ter referente extralinguístico (cavalo, capim) ou linguístico (vírgula, til).
21. ( ) O morfema **capital** classifica-se como lexical e não como gramatical.
22. ( ) O prefixo **des** traz à palavra um significado de ausência ou negação.
23. ( ) Ele existe só no mundo extralinguístico.
24. ( ) O sufixo **izar** é formador de verbo e sua existência se limita ao universo gramatical.
25. ( ) Prefixos e sufixos são morfemas gramaticais, por não terem referente extralinguístico.

RAIZ ≠ RADICAL

Raiz

É um substantivo que significa origem, início mais profundo. Há quem a chame de radical primário.

Radical

É palavra originariamente adjetiva que significa aquilo **que tem relação com RAIZ.**

Achar a **raiz** não é tão fácil. Leia as frases:

> "O capataz da fazenda perdeu a cabeça e fez um movimento tão brusco que traumatizou o bíceps do capitão, tendo este sido levado urgentemente para a capital".

Perceba que o conjunto fonêmico **capital** (cidade principal) tem um significado muito diferente do que o que se encontra em des**capital**izar, embora sejam iguais na forma. Engano, porque tanto o **capital** (dinheiro) quanto a **capital** (cidade) são oriundos da mesma raiz latina *"cáput, cápitis"*, que significa **cabeça**, **parte superior**, **parte mais importante**, **bico**, **ponta**. A partir daí, vejam-se, na frase dada, as outras palavras pertencentes a uma mesma família, porque apresentam a mesma raiz, embora modificada pelo uso e pelo tempo: **cap**ataz (chefe, o cabeça dos trabalhadores), **cab**eça (parte mais alta), bí**ceps** (que tem bi = duas + ceps = cabeças), **cap**itão (chefe, o cabeça de um grupo militar), a **cap**ital (cidade principal), o **cap**ital (o principal do dinheiro, excluídos os juros). Querendo-se ir adiante com o mesmo radical, há **cap**itel, **cap**ítulo, **cab**edal, **cap**itólio, **cap**otar, pre**cip**ício, per **cap**ita.

Contudo, a dificuldade de se achar a raiz da palavra não se deve apenas à metamorfose que ela sofre ao longo do tempo (cap, cab, cep, cip), mas às transformações que outras raízes de outras palavras também experimentam e com ela se confundem. Por exemplo, raízes que se confundem com **cap**, **cab**, **cep**, **cip**, de *"caput"*:

1. A palavra *"cappa"*, do latim tardio, que significava "certo tipo de casaco com capuz, capa", originou o diminutivo "cappella" e as palavras portuguesas **cap**a, **cap**ela (esta, no século VII, designava o local onde se venerava a capa de são Martinho, e daí se estendeu o significado para "oratório"), **cap**elo, **cap**ote, **chap**éu, **cap**ucho, **cap**uz, de**cap**ar, de**cap**ê, **quep**e...

2. A palavra *"cápus"*, do latim clássico, que significava "galo castrado", gerou em Português **cap**ar, **cap**ão, **cap**ado...

3. O verbo latino *"cápìo,is, cépi, cáptum, cápere"*, que era extremamente plurissignificativo, derivou na Língua Portuguesa **cab**o, **cab**az, **cab**ear, **cab**er, **cap**acidade, **cap**acitor, **cap**az, **capc**iosidade, **capc**ioso, **capt**ação, **capt**ar, **capt**ura, **cat**ador, **cat**ar, **cat**ivar, **cat**iveiro, a**cep**ção, a**cep**tar, a**cei**tar, con**ceb**er, con**cei**ção, con**cep**ção, ex**cep**to, ex**ce**to, ex**cip**iente, ex**cep**cional, en**ce**tar, o**cup**ar.

Achar a **raiz** é, portanto, bem mais difícil do que encontrar o radical de uma palavra. Por quê? Porque exige uma observação bem mais profunda, mais afastada, mais distante no tempo, o qual, com o seu passar e com as alterações das circunstâncias sociais e históricas, modificou o significante e o significado, a forma e o conteúdo, a grafia e a ideia da **raiz**, de várias maneiras.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, com base no texto acima.

26. ( ) É mais fácil encontrar o radical que a raiz, numa família de palavras.
27. ( ) A raiz e o radical se apresentam sempre com a mesma forma gráfica.
28. ( ) A raiz e o radical podem mostrar alterações, quer tenham origem culta, quer popular, como acontece com cátedra/cadeira, concepção/conceição, regular/regrar, sacratíssimo, sagradíssimo.
29. ( ) São cognatos: capitão, capote, capacidade, capado.
30. ( ) Uma maneira de ajudar a distinguir radicais é atentar para o significado.
31. ( ) Capa, capela, capelo, capote, capuz, capucho, chapéu e quepe são cognatos.

TEMA, VOGAL TEMÁTICA, AFIXO (prefixo e sufixo) E DESINÊNCIA

Tema

É o radical ou raiz acrescido da vogal temática, pronto, portanto, para receber a(s) desinência(s): cab + o = **cabo**, têmper + a = **têmpera**.

Vogal Temática

É a vogal que prepara o radical ou raiz, tanto para se tornar uma palavra independente, como para receber a(s) desinência(s) ou o(s) sufixo(s): cab + **o**, têmper + **a**.

Desinência

É elemento mórfico, ou componente formal, que se pospõe à raiz, ao radical ou ao tema de verbos, substantivos, adjetivos ou pronomes para marcar flexão nominal (de gênero, número, grau) e verbal (de modo, tempo, número, pessoa). Por isso, também são conhecidos por **morfemas flexionais**: cabo + **s**, têmpera + **s**, tempera + **r**.

Afixo

É elemento mórfico que se junta ao radical para criação de nova palavra, que se chamará **derivada**. Por esse motivo os afixos também se chamam **morfemas derivacionais**.

Prefixo

É afixo que **se antepõe ao radical** somando-lhe um novo significado, ligado ao de uma preposição: **des**temor, **contra**por, **sobre**ssair, **a**moral, **i**rregular...

Sufixo

É afixo que **se pospõe ao radical**, acrescentando-lhe nova ideia e definindo-lhe a categoria gramatical como adjetivo (amor**oso**, embeleza**do**), substantivo (utili**dade**, armazen**agem**), advérbio (feliz**mente**, grata**mente**)... ou somando-lhe sentido de agente ou profissão (cant**or**, livr**eiro**, dent**ista**, estud**ante**, secret**ário**), ação (cumpri**mento**, doa**ção**, toler**ância**, nivel**ar**, folh**ear**), aumentativo (fog**aréu**, barc**aça**, canec**ão**, grand**alhão**), diminutivo (papel**ucho**, sal**eta**, chuv**isco**, part**ícula**), coletivo (boi**ada**, dinheir**ama**, pluma**gem**), origem ou nacionalidade (brasil**eiro**, paulist**ano**, brasili**ense**)...

Prática

■ Tendo como ponto de partida o quadro a seguir e o texto recém-lido, responda **C** ou **E**:

	Prefixo	Radical	Vogal temática	Sufixo	Desinência mod./temp.	Desinência núm./pes.	Desinência gên./núm.	
1	des	temper	a		va	s		
2	re	corr	ê		ra	mos		
3	com	part	i		r	eis		
4	a	noit	e	ece	r			
6	a	clar	a		r			
7	in	util		mente				
8	des	temper	a	mento				s
8	sub	nutr	i		d		o	s
9		am	a	dor			a	s

32. ( ) Os elementos linguísticos presentes nas oito colunas verticais chamam-se morfemas.
33. ( ) Todos eles são morfemas gramaticais.
34. ( ) Radical e raiz são os únicos morfemas lexicais ou de significação externa à língua.
35. ( ) Prefixo, sufixo , vogal temática e desinência são morfemas gramaticais ou de significação interna à língua.
36. ( ) Prefixos são morfemas flexionais.
37. ( ) Morfemas flexionais são as desinências que, nos nomes, indicam flexão de gênero e número; e, nos verbos, número, pessoa, modo, tempo e gênero.
38. ( ) Até a linha 6, só há desinências verbais (modo-temporais e número-pessoais).
39. ( ) Na linha 4, há um sufixo verbal, formador de verbo; na 7, adverbial, formador de advérbio; na 8, nominal, formador de substantivo; e na 9, nominal, formador de adjetivo.
40. ( ) As vogais temáticas, na terceira coluna, juntam-se aos radicais, para que estes possam receber os sufixos ou as desinências.
41. ( ) Os sufixos sempre antecedem as desinências, assim como os prefixos em relação aos radicais.

VOGAL E CONSOANTE DE LIGAÇÃO

Observe-se a formação das seguintes palavras: pá + ada = pa**z**ada, cha + eira = cha**l**eira, gás + metro = gas**ô**metro, limão + inho = limão**z**inho, em que apareceram automaticamente os elementos mórficos **z**, **l**, **ô**, **z**, respectivamente, sem qualquer contribuição no significado e sem outra função que não seja a de facilitar a pronúncia. Às vogais e consoantes que se intercalam entre dois morfemas com a finalidade única de facilitar a prolação (pronúncia) da palavra dá-se o nome de vogais e consoantes de ligação.

Prática

- Olhando o parágrafo anterior e o quadro a seguir, pense e responda **C** ou **E**:

	Radical	Letra de ligação	Sufixo/ radical	Vogal temática	Desin. gên.		Desin. núm.	
					Masc.	Fem.	Sing.	Pl.
1	feliz		mente		/	/	/	/
2	carr			o	/	/	∅	s
3	carroç			a	/	/	∅	s
4	menin			o	o	a	∅	s
5	trist			e	/	/	∅	s
6	lápis				/	/	/	/
7	gas	o	duto		/	/	∅	s
8	pau	l	ada		/	/	∅	s
9	café	t	eira		/	/	∅	s
10	lan	i	fer	o	o	a	∅	s

42. ( ) Na linha 1, a palavra é formada apenas de radical e sufixo; sem qualquer desinência, porque advérbio é invariável.
43. ( ) Nas linhas 2, 3 e 5, não há desinência de gênero porque as desinências só existem quando justificadas pelo par opositivo (menin**o**/**a**). Carr**o**, carroç**a**, trist**e** não apresentam morfemas (nem masculinos nem femininos), só porque inexistem os opostos carr**a**, carroç**o**, trist**o** ou trist**a**. Na morfologia dos nomes (substantivos, adjetivos, certos pronomes), só existem três vogais temáticas e todas estão aqui representadas: e, o, a.
44. ( ) Nas linhas 4 e 10, o **o** é vogal temática, porque prepara o radical para ser uma palavra independente (menin**o**, lanífer**o**) e acumula a função de desinência de gênero, por causa da oposição (menin**o**/menin**a**, lanífer**o**/lanífer**a**).
45. ( ) Em **chute**, **cavalo**, **cavaleiro**, **bomba**, o fonema final é uma vogal temática, mas em **cipó**, **rapé**, **pá**, não há vogal temática, porque ela nunca é tônica. Como se vê, há nomes que não têm vogal temática, por isso não podem ter tema, mas têm apenas radical ou raiz, sendo, então, chamados de **atemáticos**.
46. ( ) O **o** e o **a** no final de certos substantivos não marcam masculino ou feminino (vo**o**, telefonem**a**, dram**a**, carr**o**, carroç**a**), o que lhes aponta o gênero são os seus determinantes: **o** voo, noss**o** telefonema, carroça conhecid**a**.
47. ( ) Em "Ele comeu o bol**o** e chutou a bol**a**", os elementos sublinhados e negritados são desinências de gênero.
48. ( ) Na linha 6, não há desinência de gênero, nem de número, porque o **s** final de palavras como **lápis**, **oásis**, **ônibus** não é marca de plural. O plural de tais palavras se mostra por um determinante: o**s** ônibus, lápis amarelo**s**, meus óculo**s**.
49. ( ) **Nos nomes**, o que marca singular não é a presença de uma letra, mas sua ausência, ou seja, a ausência do marcador de plural **s** é que indica estar a palavra no singular. Essa ausência do morfema plural **s** é o que se chama **morfema zero**. Por isso, no quadro, só há **desinência zero**, de número singular, quando a palavra tem plural formado por **s**.
50. ( ) "duto" (l.7) e "fero" (l.10) são sufixos latinos originários de verbos com significado de **conduzir**.
51. ( ) "duto" (l.7) e "fero" (l.10) são radicais latinos originários de verbos com significado de **conduzir**, enquanto "ada" e "eira" (l.8 e 9) são sufixos formadores de substantivos.
52. ( ) Nas linhas 7, 8, 9 e 10, há **vogais e consoantes de ligação**, que não contribuem para o significado, e existem apenas para facilitar a pronúncia.

FORMAÇÃO DE PALAVRAS: DERIVAÇÃO, COMPOSIÇÃO, HIBRIDISMO

Em Português, formam-se palavras por dois processos básicos: derivação e composição.

Derivação

É o processo pelo qual se formam palavras a partir de um radical, ao qual se acrescentam afixos.

Derivação Prefixal

Uso de prefixo como em **des**crença, **intro**versão, **super**feliz, **con**ter.

Derivação Sufixal

Uso de sufixo como em arroz**al**, arroz**eiro**, barc**aça**, barqu**inho**, fam**oso**.

Derivação Prefixal e Sufixal

É o acréscimo de outro afixo (prefixo ou sufixo) a uma palavra já constituída de radical e afixo. Com a eliminação de um dos afixos, a palavra continua existindo.

inutil**mente**, pois existe tanto **in**útil quanto util**mente**;
descumpri**mento**, pois existe tanto **des**cumprir como cumpri**mento**;
incomunicá**vel**, pois existe tanto **in**comunicar como comunicá**vel**.

Derivação Parassintética ou Circunfixal

Uso de prefixo e sufixo simultaneamente, ou seja, ambos se juntam ao radical no momento exato da criação da palavra, o que se prova pela tentativa inútil de se retirar o prefixo, porque a palavra sem ele inexiste, como em

embarc**ar**, pois não existe barcar;
anoit**ecer**, pois não existe noitecer;
repatri**ar**, pois não existe patriar.

Derivação Regressiva

É formada pela perda de elemento fônico da palavra primitiva, de tal maneira que a derivada fica menor em tamanho que a primitiva. Chama-se também derivação deverbal, porque a derivada é um substantivo que provém de um verbo como em:

pescar > a pesca	afagar > o afago	atacar > o ataque
perder > a perda	apelar > o apelo	enlaçar > o enlace
censurar > a censura	chorar > o choro	debater > o debate

Dica:

Como saber se **âncora** é primitiva ou derivada em relação a **ancorar**? E **venda** em relação a **vender**? O **substantivo deverbal contém em si a noção de ação** que herdou

do verbo, por isso observe não o verbo, mas o substantivo. Âncora, por não ter ideia de ação, não proveio de ancorar; então, âncora é primitiva e ancorar derivada.
Já o substantivo venda significa ação de vender e, por trazer ideia de ação, originou-se de um verbo, o que permite concluir que venda é derivada e vender é primitiva.

Derivação Imprópria ou Conversão

É a criação de uma palavra pela alteração de sua categoria gramatical:

Ele era um estudante **caxias**.	(antropônimo virando adjetivo)
Não li essa **circular**.	(adjetivo virando substantivo)
Deixa de ser **borboleta**, menina.	(substantivo virando adjetivo)
Que teremos para o **jantar**?	(verbo virando substantivo)
Pudera! **Bravo**!	(verbo e adjetivo virando interjeição)
Analisando **prós** e **contras**...	(advérbio e preposição virando substantivo)

Derivação por Abreviação ou Redução

Encurtamento da palavra primitiva:

motocicleta > moto	automóvel > auto
fotografia > foto	quilograma > quilo
logomarca > logo	Teresópolis > Terê
pneumático > pneu	Flamengo > Mengo

Cabem aqui as **Siglas**:

Organização dos Estados Americanos	>	OEA
Organização das Nações Unidas	>	ONU
Academia Brasileira de Letras	>	ABL
Transportes Aéreos Portugueses	>	TAP

PT, PMDM, DEM, PSB, PCB, PDT, PSOL, PSC,TCU, TJDFT...

Derivação por Reduplicação

Formação de palavra por repetição silábica, havendo ou não alteração sonora:

pingue-pongue	to-tó	lambe-lambe
tique-taque	reco-reco	bate-bate

Derivação por Combinação

A palavra derivada combina elementos de duas ou mais outras:

português + espanhol	>	portunhol
brasileiro + uruguaio	>	brasiguaio
Flamengo + Fluminense	>	Fla-Flu

Derivação por Intensificação

Alargamento ou alongamento do sufixo de uma palavra, quase sempre usando-se o **izar**, em substituição a um mais curto já existente:

digitar	>	digitalizar
agir	>	agilizar
protocolar	>	protocolizar
culpar	>	culpabilizar

Composição

É a criação de uma nova palavra pela aproximação de dois ou mais radicais. As palavras compostas podem classificar-se como justapostas ou como aglutinadas.

Composição por Justaposição

Os radicais mantêm sua integridade sonora intocável, sem alteração sequer de um fonema, podendo ou não haver uso de hífen:

guarda-chuva	mand**ac**huva
finca-pé	pont**ap**é
couve-flor	min**iss**aia
mal-aventurado	ma**ln**ascido
super-regular	extr**arr**egular

Composição por Aglutinação

Na junção dos radicais acontece a queda ou alteração de fonema(s):

filho de algo	>	fidalgo	perna alta	>	pernalta
em boa hora	>	embora	água ardente	>	aguardente
grande eloquência	>	grandiloquência	vinho acre	>	vinagre

Hibridismo

É a junção de componentes mórficos, oriundos de línguas diferentes, na mesma palavra, não importando se ela foi formada por composição ou por derivação, ou seja, se tem dois ou mais radicais, ou se apenas um radical mais afixo(s):

*auto*móvel	(*grego* + latim)	bi*cicleta*	(latim + *grego*)
*endo*venoso	(*grego* + latim)	bi*gamia*	(latim + *grego*)
socio*logia*	(latim + *grego*)	oleo*grafia*	(vern. + *grego*)

Prática

■ Leia atentamente e responda **C** ou **E**:

53. ( ) pôr, transpor, posto, posição, imposição, impostor, postura, posicionado... pertencem à mesma família de palavras.
54. ( ) vida, viver, vivaz, vivacidade, vital, vitalidade, vitalício, vitaliciedade, pós-vida, vivo, vivenciar... são cognatos.
55. ( ) A palavra neologismo é um bom exemplo de hibridismo.
56. ( ) Neologismo significa palavra nova. É um vocábulo derivado com dois radicais de origem grega.
57. ( ) A palavra neologismo é composta por dois radicais (neo + logos), ambos de origem grega, que significam respectivamente novo e palavra.
58. ( ) Ambidestro, bicombustível, dicotomia, anfíbio, bienal, bíblico: todas essas palavras têm em sua constituição um morfema com significado ligado a **dois**.
59. ( ) Todas as palavras do item anterior são formadas por derivação prefixal, exceto a última, que é derivada por sufixação.
60. ( ) Superfície, suprarrenal, superlotar, epiderme, epígrafe, hipermercado: todos esses vocábulos são derivados por prefixação e seus prefixos latinos (super, supra) e gregos (epi, hiper) apresentam entre si correspondência semântica.
61. ( ) Todas as palavras a seguir exemplificam derivação sufixal: amoroso, barrigudo, latino, diário, enfermiço, medonho, róseo, datilografia.
62. ( ) Do exercício anterior, a última palavra não é derivada, mas composta por dois radicais gregos que significam respectivamente dedo e escrita.
63. ( ) São exemplos de derivação regressiva ou deverbal os seguintes substantivos: desembarque, festejo, grita, renúncia, entrega, chute, agito, esfrega, troca, arquivo, barco, apelido.
64. ( ) Do exercício anterior, arquivo, barco e apelido não são derivados regressivos ou deverbais porque semanticamente não trazem ideia de ação, mas denotam objeto ou substância.
65. ( ) Exemplificam a derivação parassintética os seguintes vocábulos: abotoar, amanhecer, anoitecer, aterrorizar, embainhar, embrutecer, envelhecer, escurecer, esvaziar, esburacar, introduzir.
66. ( ) Do exercício anterior, introduzir é, em Português, palavra primitiva. No latim, constitui derivação prefixal (intro + dúcere = para dentro + levar).
67. ( ) Em gasômetro e geografia constata-se a existência de vogal de ligação.
68. ( ) A aglutinação pode ser encontrada em: lobisomem (lobo e homem), vinicultura (cultura da vinha), agridoce (acre e doce), monocórdio (uma corda), silvícola ou selvícola (morador da selva).
69. ( ) São exemplos de derivação por conversão, ou derivação imprópria, substantivos comuns transformados em nomes próprios: Pereira, Coelho, Pimenta, Vargem Grande.

70. ( ) "Analise o protótipo, avalie prós e contras, e me dê urgentemente uma resposta". Nessa frase, pela ordem, encontra-se uma composição de palavra, duas derivações impróprias, uma sufixação adverbial e uma derivação prefixal.
71. ( ) Na questão anterior, só há um erro: a última palavra, que é **resposta**, formou-se por derivação regressiva e não prefixal.
72. ( ) "Os anjolescentes obstaculizavam a portaria onde o donjuan passaria". Há, nessa frase, pela ordem em que aparecem, exemplos de composição por combinação, derivação intensificada, derivação sufixal, derivação imprópria.
73. ( ) Na frase "Que teremos para jantar?" há uma derivação imprópria, ou conversão.
74. ( ) Em "A CBF resolveu promover treinos no Rio", há duas palavras formadas por abreviação, duas por prefixação e uma por regressão. Todas compostas.
75. ( ) Na questão anterior, só o último período apresenta informação errada.
76. ( ) Nas palavras **ambi**destro, **bi**combustível, **bí**blico, **di**cotomia, **anfí**bio, e **bi**enal, os prefixos em negrito trazem significado ligado ao número dois.

Ortografia

Uso das Letras

Uso do Hífen

Uso dos Porquês

Mal e Mau

Onde e Aonde

Acentuação Gráfica

Do grego (**orto** = certo, correto + **grafia** = escrita), ortografia significa escrita correta.

É capítulo que, indiscutivelmente, ainda precisa de conscientização e reparos por parte das comunidades linguísticas e educacionais, tarefa que já abraçamos.

Em setembro de 2008, a Presidência da República do Brasil promulgou o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, assinado em Lisboa, em dezembro de 1990, por oito países lusófonos (*vide* Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, Vestcon Editora).

O Decreto de promulgação implementou as novas regras ortográficas a partir de 1° de janeiro de 2009, devendo valer tanto a antiga quanto a nova ortografia até 31 de dezembro de 2012, a partir de quando passará a viger apenas a última regulamentação.

Para atender a esse período de transição, este capítulo usa as seguintes cores:

verde:	indica novas regras;
laranja:	indica o que não sofreu alteração;
azul:	indica regras antigas.

Ajustes estão sendo esperados durante um período de adaptação e observação e, à medida que necessários, serão divulgados no site **www.vestcon.com.br**.

É oportuno pedir ao leitor que conheça o movimento **www.acordarmelhor.com.br** e que o ajude com seu apoio, para a racionalização e simplificação das regras ortográficas, visando inclusive, à eliminação de exceções.

ALFABETO (norma nova)

O alfabeto português, com a introdução de K, k (cá ou capa); W, w (dáblio) e Y, y (ípsilon), passou a ter 26 letras ou grafemas:

A a	B b	C c	D d	E e	F f
G g	H h	I i	J j	**K k (cá)**	L l
M m	N n	O o	P p	Q q	R r
S s	T t	U u	V v	**W w (dáblio)**	X x
Y y (ípsilon)	Z z				

USO DE K, W, Y

Essas três novas letras ou grafemas são destinadas ao seguinte uso:

1	Em antropônimos (nomes de pessoas) originários de outras línguas e seus derivados: *Byron, byroniano; Darwin, darwinismo; Franklin, frankliniano; Kant, kantista, kantismo; Kardec, kardecista, kardecismo...*
2	Em topônimos (nomes de lugares) de outras línguas e seus derivados: *Kwuanza, kwanzaniano; Kuwait, kuwaitiano; Malawi, malawiano...*
3	Em siglas internacionais (TWA, KLM) e em símbolos internacionais (K de potássio, *kalium* em latim; W de oeste, *West* em inglês; kg de quilograma; km de quilômetro; kW de quilowatt; kV de quilovolt; yd de jarda, *yard* em inglês...).

Observações:

a) Antropônimos estrangeiros e seus derivados: respeita-se a grafia, inclusive das demais letras e do trema: Garrett, garrettiano; Müller, mülleriano; Shakespeare, shakespeariano... Muitos têm mais de uma grafia: Baruch, Baruc; Loth, Lot; Ziph, Zif; Joseph, José; Nazareth, Nazaré; Judith, Judite; Jacob, Jacó; Isaac, Isac; David, Davi; Josafat, Josafá; Madrid, Madri; Calecut, Calicut, Calcutá, Cid...

b) Topônimos estrangeiros e seus derivados: vernaculizam-se, ou seja, devem ser adaptados, aportuguesados, sempre que possível: Calicut > Calcutá; Cherbourg > Cherburgo; Finland > Finlândia; Torino > Turim; Zürich > Zurique...

USO DO *H, h*

USA-SE H INICIAL	
1	Por respeito à etimologia (origem das palavras): haver, hélice, hera, hoje, hora, homem, humor...
2	Por convenção: hã?, hem?, hum!

Observações:

a) Várias palavras já se modernizaram (**e**rva, **e**rvaçal, **e**rvanário, **e**rvoso...) e convivem com formas eruditas, mais tradicionais (herbáceo, herbanário, herboso...).
b) Quando deixa de ser inicial, o h pode desaparecer (hebdomadário > biebdomadário; harmônico > desarmônico; homem > lobisomem...) ou ser antecedido por hífen (anti-horário, pré-história, sobre-humano).

USA-SE O H FINAL
Em interjeições: Ah! Oh! Ih! Uh!

Observação:

Não se usa o h final na interjeição de vocativo: "Ó jardineira, por que estás tão triste?..."; Ó menino, venha cá.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

1. ( ) No Brasil, preferem-se as formas Calcutá, Cid, Davi, Josafá, Jó, Jacó, Madri, Nazaré.
2. ( ) Continuam existindo **ç** (c cedilhado) e os dígrafos **rr**, **ss**, **ch**, **lh**, **nh**, **gu**, **qu**...
3. ( ) Corretas as grafias Malawi, malawiano, Müller, mülleriano, shakespeariano, Kubitschek.
4. ( ) Preferem-se as grafias: uísque, drinque, vodca, vermute e não whisky, whiskey, drink, vodka, vermouth...
5. ( ) Preferem-se as grafias Garona, Jutlândia, Milão, Munique, Turim, Zurique e não Garonne, Jutland, Milano, München, Torino, Zürich...
6. ( ) Em haver, hélice, hera, hoje, hora, homem, humor... o **h** (agá) se mantém com base na etimologia.
7. ( ) O mesmo acontece com herbáceo, herbanário, herbicida, herbícola, herbático, herbívoro, que se originam, por via culta, da palavra latina **herba**.
8. ( ) Porém erva, ervaçal, ervoso, ervica, ervicida escrevem-se **sem h** (agá) porque essa grafia já foi consagrada pelo uso.
9. ( ) Usa-se **h** (agá) final em interjeições: Oh! Ah!
10. ( ) O **h** (agá) permanece no interior de palavras ligado por hífen (anti-higiênico, pré-história, sobre-humano, contra-haste), mas desaparece quando antecedido de **in**, **an**, **des** ou do **som "z"** (inábil < in+hábil; desumano < des+humano; exaurir < ex+haurir).

USO DAS LETRAS

Em cada item, siga o modelo e pratique.

Observe:

monte – mont**ês**; Escócia – esco**cês**; Portugal – portugu**ês**...

Adjetivos derivados de substantivos escrevem-se com **s**: **(ês, esa)**.

Prática

11. França: francê__
12. Japão: japone__a
13. corte: cortê__
14. burgo: burguê__
15. montanha: montanhê__
16. campo: campone__a

Observe:

prior – prior**esa**; duque – duqu**esa**; sacerdote – sacerdot**isa**...

Os sufixos **-esa** e **-isa**, formadores de feminino, escrevem-se com **s**.

Prática

17. barão: barone__a
18. príncipe: prince__a
19. cônsul: consule__a
20. papa: papi__a
21. poeta: poeti__a
22. profeta: profeti__a

Observe:

metást**ase**, anáf**ase**; diur**ese**, gên**ese**, sínt**ese**; diál**ise**, anál**ise**; diagn**ose**, metamorf**ose**, hipn**ose**...

Grafam-se com **s** as terminações **-ase**, **-ese**, **-ise**, **-ose**.

Prática

23. cateque__e
24. anáfa__e
25. hemopti__e
26. meio__e
27. hidróli__e
28. simbio__e
29. neuro__e
30. psico__e
31. sínte__e

Observe:

pre**s**o – apre**s**ar; va**z**io – esva**z**iar; rai**z** – enrai**z**ar, catáli**s**e – catali**s**ar...

Radicais com **z** originam palavras com **z**. Radicais com **s** originam palavras com **s**.

Prática

32. baliza: bali__ar
33. vez: reve__ar
34. trás: atra__o
35. vaso: enva__ar

Observe:

moral – moral**izar**; rubor – rubor**izar**; tranquilo – tranquil**izar**...

Verbos de radicais não terminados em **s** ou **z** recebem o sufixo **-izar**, com **z**.

Prática

36. profeta: profeti__ar
37. civil: civili__ar
38. concreto: concreti__ar
39. anarquia: anarqui__ar
40. drama: dramati__ar
41. banal: banali__ar

Atenção:

sífilis – sifil(i)-izar

Observe:

pôr – pu**s**; querer – qui**s**er; relu**z**ir – relu**z**...

As formas dos verbos **pôr** e **querer** (e seus derivados) escrevem-se com **s**. As formas dos verbos que já têm **z** escrevem-se com **z**.

Prática

42. querer: qui__, qui__esse
43. pôr: pô__, pu__esse, pu__er
44. trazer: tra__
45. dizer: di__
46. fazer: fi__, fi__esse, fi__er
47. cozer: co__i

Observe:

l**ous**a; N**eus**a; p**aus**a...

Depois de **ditongo**, escreve-se **s**, e não z.

Prática

48. cau__a
49. gêi__er
50. mai__ena
51. náu__ea
52. Sou__a
53. pou__ar

Observe:

compree**nd**er – compreen**s**ão; subme**rg**ir – submer**s**o, subme**rs**ão; conver**rt**er – conver**s**ão...

Palavras derivadas de radicais com **nd**, **rg**, **rt** grafam-se com **s** (**ns, rs**).

Prática

54. apreender: apreen__ão
55. pretender: preten__ão
56. aspergir: asper__ão
57. imergir: imer__ão
58. inverter: inver__ão
59. divertir: diver__ão

Observe:

puro – pur**eza**; honrado – honrad**ez**; nu – nud**ez**...

Substantivos derivados de adjetivo escrevem-se com **z** (**ez, eza**).

Prática

60. árido: aride__
61. áspero: aspere__a
62. avaro: avare__a
63. claro: clare__a
64. cúpido: cupide__
65. estúpido: estupide__

Observe:

pro**ceder** – proce**ss**o; a**gredir** – agre**ss**ão; re**primir** – repre**ss**ão; ad**mitir** – admi**ss**ão...

Palavras derivadas dos radicais **-ceder**, **-gredir**, **-primir**, **-mitir** escrevem-se com **ss**.

Prática

66. ceder: ce__ão
67. aceder: ace__o
68. exceder: exce__o
69. progredir: progre__o
70. regredir: regre__o
71. imprimir: impre__ão
72. oprimir: opre__ão
73. deprimir: depre__ão
74. omitir: omi__ão
75. demitir: demi__ão
76. permitir: permi__ão

Observe:

sindética – a**ss**indética; **s**afra – entre**ss**afra...

Palavras iniciadas por **s** escrevem-se com **ss** quando recebem prefixos terminados em vogal.

Prática

77. sílaba: a__ilábico
78. sossego: a__ossegar
79. surgir: re__urgir
80. supor: pre__upor
81. sair: sobre__air
82. semelhante: de__emelhante

Observe:

jun**to** – jun**ç**ão; perfei**to** – perfei**ç**ão...

Radicais terminados em **to** geram **c**, **ç**.

Prática

83. atento: aten__ioso
84. projeto: proje__ão
85. exceto: exce__ão
86. isento: isen__ão
87. distinto: distin__ão
88. ereto: ere__ão

Observe:

f**oic**e; Conc**ei**ção; t**ouc**eira...

Depois de **ditongo**, escrevem-se as letras **c** ou **ç**, e não ss.

Prática

89. cau__ão
90. lou__a
91. bei__o
92. arcabou__o
93. coi__e
94. fei__ão

Observe:

mu**ç**ulmano, alfa**c**e; Igua**ç**u; mu**ç**um...

Escrevem-se com **c** ou **ç** palavras de origem árabe, indígena ou africana.

Prática

95. a__afrão
96. a__ucena
97. alma__o
98. pa__oca
99. ca__anje
100. a__aí

Observe:

s**eix**o; c**aix**a; fr**oux**o...

Depois de **ditongo**, usa-se **x**, e não ch.

Prática

101. fai__a
102. amei__a
103. madei__a
104. trou__a
105. bai__o
106. pei__e

Exceções:

c**auch**o, c**auch**al, rec**auch**utagem.

Observe:

mexer; **Méx**ico; **enx**ada; **enx**ó...

Usa-se **x** após os grupos iniciais **me-** e **en-**.

Exceções:

charco – **ench**arcar
cheio – **ench**er
chumaço – **ench**umaçar
an**ch**ova ou **ench**ova

Prática

107. me__icano
108. me__ilhão
109. me__erico
110. en__aguar
111. en__ergão
112. en__erido
113. en__urrada
114. en__uto

Observe:

xá; ara**x**á, **X**angô...

Escrevem-se com **x** palavras de origem árabe, indígena ou africana.

Prática

115. almo__arife
116. o__alá
117. __adrez
118. ca__ambu
119. mu__o__o
120. __avante

Observe:

vadio – vadi**agem**; lã – lan**ugem**; vert**igem**...

Escreve-se a letra **g** nas terminações **-agem**, **-igem**, **-ugem**.

Prática

121. ara__em
122. fuli__em
123. malandra__em
124. ferru__em
125. selva__em
126. penu__em

Exceção:

a vi**agem**; que eles vi**ajem**

Observe:
ágio; privil**égio**; prest**ígio**...

Escreve-se a letra **g** nas terminações **-ágio**, **-égio**, **-ígio**, **-ógio**, **-úgio**.

Prática
127. adá__io
128. está__io
129. plá__io
130. egré__io
131. reló__io
132. refú__io

Observe:
pa**j**é; alfan**j**e; acara**j**é...

Grafam-se com **j** palavras de origem indígena, árabe ou africana.

Prática
133. __ê
134. __enipapo
135. __erimum
136. __irau
137. alfor__e
138. caçan__e

Exceções:
álgebra, algema, algeroz

USO DO HÍFEN (norma antiga)

O hífen, ou traço-de-união, é um sinal (-) com várias funções na escrita.

Hífen usado na composição de palavras novas por justaposição

Têm sentidos diferentes:

amor perfeito	≠	amor-perfeito
copo de leite	≠	copo-de-leite
segunda feira	≠	segunda-feira
sem vergonha	≠	sem-vergonha
sempre viva	≠	sempre-viva

Atenção:
Nem toda palavra composta por justaposição é ligada por hífen:
girassol, madressilva, mandachuva, pontapé, rodapé, vaivém...

Prática

■ Escreva nos parênteses os significados.

139. copo de leite (_____)
140. sempre viva (_____)
141. sócio econômico (_____)
142. copo-de-leite (_____)
143. sempre-viva (_____)
144. socioeconômico (_____)

Hífen nos compostos sem elemento de ligação

luso-brasileiro
histórico-geográfico
médico-cirúrgico
sino-japonês

Prática

■ Reescreva **corretamente**.

145. luso africano _____
146. nipoamericano _____
147. anglo americano _____
148. sinosoviético _____
149. greco romano _____
150. afro brasileiro _____

Hífen usado para separar elementos sufixados

-mor — sempre
-açu
-guaçu
-mirim
— só após vogal tônica, inclusive nasal

altar-mor
guarda-mor
maracanã-guaçu
ingá-açu
socó-mirim

Exceções:

O nome das cidades de Manhuaçu, Manhumirim, Mojiguaçu e Mojimirim está registrado sem hífen.

Prática

■ Reescreva **corretamente**.

151. capitão mor _____
152. ingá açu _____
153. Manhu-açu _____
154. Moji guaçu _____
155. altar mor _____
156. capim mirim _____
157. Manhu-mirim _____
158. Moji mirim _____

Hífen usado para separar elementos prefixados

O hífen separa dos radicais os seguintes prefixos tônicos:

aquém- além- recém-	pró- pré- pós-	sem- bem-	sota-, soto- vice-, vizo-	nuper- ex- co- pára-	grão- grã- bel-

além-mar	bem-amado	co-autor
recém-casado	soto-ministro	pára-choque
pré-escola	vice-reitor	grão-duque
pós-graduação	vizo-rei	bel-prazer
sem-vergonha	ex-aluno	

Exceção:

Sr. Benvindo (antropônimo), seja bem-vindo!

Prática

■ Reescreva **corretamente**.

159. aquém fronteiras _____
160. aquém mar _____
161. além túmulo _____
162. além mar _____
163. recém vindo _____
164. pró leite _____
165. pro-por _____
166. pró educação _____
167. pro rogar _____
168. pré natal _____
169. pré escola _____
170. pre tender _____
171. pós operatório _____
172. pos por _____
173. senvergonha _____
174. sem terra _____
175. bem querer _____
176. bem educado _____
177. bem falante _____
178. sotogovernador _____
179. vice governador _____
180. vizo governador _____
181. nuper vindo _____
182. examante _____
183. co seno _____
184. co autor _____
185. pára lama _____
186. pára choque _____
187. grão vizir _____
188. grã cruz _____
189. bel prazer _____

■ Leia e compare.
José é um sem-terra. Os vasos estão sem terra.
O bem-educado e o mal-educado comportam-se diferente.
Ele é um sem-vergonha. Sorria sem vergonha e sem medo.
Sorria, sem-vergonha. Ele chorava sem vergonha.

O hífen separa os prefixos dos seus radicais quando ocorrem os casos discriminados a seguir

auto- contra- extra- infra- intra- neo- prot(o)- pseud(o)- semi- supra- ultra-	diante de	vogal H R S	usam o hífen.

Exceção:

extraordinário.

Prática

■ Reescreva **corretamente**.

190. auto confiante _____
191. auto defesa _____
192. auto avaliação _____
193. auto reconhecimento _____
194. contra dizer _____
195. contra indicar _____
196. contra regra _____
197. extra regimental _____
198. extra-ordinário _____
199. intra hepático _____
200. infra vermelho _____
201. infra som _____
202. neo clássico _____
203. neo simbólico _____
204. proto histórico _____
205. pseudo etimologia _____
206. pseudo sábio _____
207. pseudo ciência _____
208. semi árido _____
209. semi desértico _____
210. supra renal _____
211. supra-partidário _____
212. ultra humano _____
213. ultra correto _____

ante- sobre- ant(i)- arqui-	diante de	H R S	usam o hífen.

Exceções:

antissepsia; antisséptico; sobressair; sobressaltar; sobressalto; sobressaltear; sobressalente; sobresselente; sobressaliente, embora o VOLP registre, também, que deve ser: anti-sepsia; anti-séptico; sobre-sair; sobre-saltar...

Prática

■ Reescreva **corretamente**.

214. ante diluviano _____
215. ante rosto _____
216. ante sala _____
217. anti herói _____
218. anti democrata _____
219. anti social _____
220. arqui milionário _____
221. arqui secular _____
222. sobre humano _____
223. sobre salente _____
224. sobre sair _____
225. sobre saltar _____
226. sobre saltear _____

Pare aqui! Antes de seguir, refaça num papel à parte o que já foi feito deste capítulo.

inter- super- hiper-	diante de	H R	usam o hífen.

Exceções:

interregno, hiperepatia.

Prática

■ Se já refez todos os exercícios de hífen, continue.

227. super homem _____
228. super humano _____
229. super resistente _____
230. inter resistente _____
231. super ativo _____
232. super dotado _____
233. hiper hedônico _____ *
234. hiper hidrose _____ *
235. hiper rugoso _____
236. hiper rancoroso _____

* O VOLP registra também: hiperedônico, hiperidrose.

pan- circum- mal-	diante de	H vogal	usam o hífen.

Prática

■ Reescreva.

237. circum ambiente _____
238. circum hospitalar _____
239. circum navegar _____
240. pan hispânico _____
241. pan americano _____
242. mal humorado _____
243. malagradecido _____
244. mal ajambrado _____ *
245. pan harmônico _____ *
246. pan africano _____

* Registram-se também: malajambrado e panarmônico.

ad-	diante de	R ou D	usa(m) o hífen.
sub-	diante de	R ou B	
ab- ob- sob-	diante de	R	

Exceções:

ab-rupto ou abrupto, sob-bosque ou sobosque, sub-bosque ou subosque, subumano ou sub-humano, subepático ou sub-hepático.

Prática

■ Continue.

247. ad referendar _____
248. ad digital _____
249. ad rogar _____
250. sub raça _____
251. sub região _____
252. sub rogar _____
253. sub base _____
254. sub borato _____
255. sub entender _____
256. sub secretário _____
257. sub hepático _____ *
258. sub área _____ **
259. sub humano _____ *
260. sub oficial _____ **

* Existem oficialmente: subepático e subumano.

** Fogem à pronúncia geral, mas são as formas oficiais.

Curioso...

1. Existem subaluguel e subaluguer.
2. Prefixo **sub-** seguido de palavra iniciada por l: escrevem-se juntos, lêem-se separados:
   - **escrita**: subliminar, sublingual, subliterato;
   - **pronúncia**: sub liminar, sub lingual, sub literato.
3. O VOLP admite dupla pronúncia para: sublevar e sublinhar.

■ Mais um pouco.

261. ab reação _____
262. ab rogar _____
263. ob rogar _____
264. ob reptício _____
265. sob roda _____
266. sob rojar _____
267. ab rupção _____ *
268. ab rupto _____ *
269. ab ruptela _____ *
270. ab ruptipenado _____ *

* O VOLP registra também com hífen: ab-rupção, ab-rupto, ab-ruptela, ab-ruptipenado. Devem-se pronunciar separadamente o **b** e o **r**, mesmo nas formas escritas sem hífen.

Prefixos ou radicais que não usam hífen

aero	cis	etno	hipo	mega	neuro	socio
agri	cromo	filo	homo	meta	odonto	tele
ambi	crono	fisio	in	micro	oni	termo
anfi	des	geo	iso	midi	orto	trans
audio	dis	hemi	justa	mini	pluri	tri
auri	ego	hetero	linguo	mono	poli	uni
bi	endo	hexa	macro	moto	quilo	video
bio	epi	hidro	maxi	multi	retro	

Prática

■ Agora, termine.

271. agri doce _____
272. ambi destro _____
273. audio visual _____
274. auri verde _____
275. bi sexual _____
276. homo sexual _____
277. hetero sexual _____
278. orto molecular _____
279. mini mercado _____
280. mono fásico _____
281. odonto pediatra _____
282. pluri anual _____
283. poli esportivo _____
284. iso térmico _____
285. neuro cirurgião _____
286. tele vendas _____
287. mono motorizado _____

USO DO HÍFEN (norma nova)

Hífen nos compostos sem elemento de ligação

Observe:

afro-brasileiro ≠ afrodisíaco, afrogenia, afrofilia...
anglo-brasileiro ≠ anglofalante, anglomaníaco, anglofilia...
euro-asiático ≠ eurorresidente, eurodescendente, euromania...
franco-germânico ≠ francofilia, francófilo, francodescendente...

Conclusão:

Compostos formados por mais de um radical pátrio (afro, anglo, euro, franco, indo, luso, sino...), locativo ou gentílico, grafam-se com hífen.

Prática

■ Reescreva corretamente:

288. luso americano _____ 289. afro descendente _____
290. teuto mania _____ 291. teuto germânico _____
292. euro canal _____ 293. euro asiático _____
294. luso fonia _____ 295. luso moçambiquense _____
296. franco angolano _____ 297. franco maçonaria _____

Observe:

A nova ortografia apresenta, como exceções do uso do hífen, girassol, madressilva, mandachuva, pontapé, paraquedas, paraquedista, paraquedismo, entre outras.

Conclusão e prática

■ Complete:

298. Os demais compostos iniciados pelas formas verbais **para** e **manda** _____

_____

Prática

■ Reescreva corretamente:

299. gira mundo _____ 300. gira discos _____
301. gira sol _____ 302. para brisa _____
303. para lama _____ 304. para-choque _____
305. manda tudo _____ 306. manda brasa _____
307. busca pé _____ 308. ponta pé _____
309. manda chuva _____ 310. guarda chuva _____
311. madre pérola _____ 312. madre caprina _____

Hífen nos topônimos e gentílicos

Observe:

Grã-Bretanha, Grão-Pará ≠ Belo Horizonte
Passa-Quatro, Quebra-Costas ≠ Boa Vista
Albergaria-a-Velha ≠ América do Sul

Conclusão:

Topônimos compostos usam hífen quando iniciados por Grã, Grão, por forma verbal e quando tenham internamente um artigo. Exceções: Guiné-Bissau e Timor-Leste.

Prática

■ Reescreva corretamente:

313. Abre Campo _____
314. Rio de Janeiro _____
315. Quebra Frasco _____
316. Todos os Santos _____
317. Três Rios _____
318. Entre os Rios _____
319. Trás os Montes _____
320. Trinca Fortes _____
321. Pendura Saia _____
322. Timor Leste _____
323. Santa Cruz _____
324. Guiné Bissau _____
325. América do Sul _____
326. Nova Guiné _____

Observe:

África do Sul ≠ sul-africano, africano-do-sul
Rio Grande do Norte ≠ norte-rio-grandense, rio-grandense-do-norte

Conclusão:

Mesmo que os topônimos compostos sejam escritos sem hífen, os seus gentílicos são hifenizados.

Prática

■ Escreva os gentílicos correspondentes aos topônimos.

327. Rio Grande do Sul _____
328. América do Norte _____
329. Porto Alegre _____
330. Belo Horizonte _____
331. Cruzeiro do Sul _____
332. da Índia e da China _____
333. da Indochina _____
334. do centro da África _____
335. da República Centroafricana _____

■ Assinale **C** ou **E**:

336. ( ) Topônimos e gentílicos se escrevem com inicial maiúscula.
337. ( ) Topônimos e antropônimos se escrevem com inicial maiúscula.
338. ( ) Gentílicos escrevem-se com inicial minúscula, a não ser que comecem a frase.

Observe:

mula-sem-cabeça > mula sem cabeça pé-de-moleque > pé de moleque

Conclusão:

Os compostos com elemento de ligação, na nova ortografia, perderam o hífen.

Prática

■ Reescreva convenientemente.

339. pé-de-pato _____
340. baba-de-moça (doce) _____
341. papo-de-anjo (doce) _____
342. ponta-de-lança (futebol) _____

Hífen nos encadeamentos vocabulares

Observe:

O lema de Liberdade, Igualdade e Fraternidade ≠ o lema Liberdade-Igualdade-Fraternidade.
O percurso de Rio para Brasília ≠ o percurso Rio-Brasília.

Conclusão:

Encadear palavras é um recurso econômico propiciado pelo uso do hífen.

Prática

■ Crie encadeamento, se possível.

343. Foi de Florianópolis a Brasília, passando por Curitiba e Uberlândia.
Fez o percurso _____.
344. Estava na divisa entre Brasil, Argentina e Paraguai.
Estava na divisa _____.

Hífen nas espécies botânicas e zoológicas

Observe:

abóbora-menina, banana-menina, banana-d'água, couve-flor;
andorinha-do-mar, formiga-branca, bem-te-vi, joão-de-barro;
azeite-de-dendê, água-de-coco, bálsamo-do-Canadá.

Conclusão:

Nomes de espécies botânicas e zoológicas, produtos afins e derivados escrevem-se com hífen, tendo ou não elemento de ligação. Exceção: girassol, madressilva, malmequer (*vide* a regra de mal).

Prática

■ Corrija, se preciso.

345. bálsamo coral _____
346. bálsamo de cheiro _____
347. bico de papagaio (planta) _____
348. bico de papagaio (nariz adunco, problema de coluna) _____
349. bem me quer _____
350. mal me quer _____
351. mata pasto (planta) _____
352. mata borrão _____
353. não me toques (planta) _____
354. não me toques (melindres) _____
355. bola de neve (planta) _____
356. bola de neve (situação que cresce) _____
357. Colheu o copo de leite _____
358. Bebeu um copo de leite _____

Hífen antes de h

Observe:

anti-higiênico, circum-hospitalar, contra-harmônico...
arqui-hipérbole, eletro-higrômetro, semi-histeria...
reaver, coerdeiro, deserdado, inumano, anistórico...

Conclusão:

Prefixos e falsos prefixos usam hífen antes de h, exceto **re**, **co**, **des**, **in**, **an**.

Prática

■ Corrija, se necessário.

359. coherdeiro _____
360. desherdar _____
361. antihumano _____
362. préhistória _____
363. contraharmônico _____
364. inharmônico _____
365. desharmonia _____
366. superharmonia _____
367. cohabitar _____
368. deshabitar _____
369. anhistórico _____
370. anhepático _____

371. ahistórico _____ 372. anhidro _____
373. eletrohigrometria _____ 374. geohistória _____
375. inhabilidoso _____ 376. ultrahabilidoso _____
377. cohabilidade _____ 378. arquihipérbole _____
379. rehaver _____ 380. rehouvera _____
381. rehumanizar _____ 382. rehidratar _____

■ Preencha:
383. Usa-se hífen antes de h, exceto quando precedido de ____, ____, ____, ____, ____.

Atenção:

bi-hebdomadário e biebdomadário, carbo-hidrato e carboidrato, porque o primeiro elemento não perdeu fonema vocálico (justaposição). Porém **cloridrato**, **clorídrico**, por ter o primeiro elemento perdido fonema vocálico (aglutinação).

Observe:

contra-almirante, infra-axilar, semi-interno, semi-irado, auto-observação, auto-olhar...
coopositor, reeducar, preencher, proótico.

Conclusão:

Quando prefixo ou falso prefixo terminam com a mesma letra vogal que inicia o segundo elemento, usa-se hífen (exceto ree, pree, coo, proo).

Prática

■ Corrija, se necessário.
384. supraauricular _____ 385. contraatestar _____
386. reeducar _____ 387. cooperação _____
388. antiibérico _____ 389. arquiirmão _____
390. preexistir _____ 391. autoobservação _____
392. microonda _____ 393. semiinconstante _____

■ Preencha:
394. Usa-se hífen para separar letras vogais iguais em palavra composta, exceto nos encontros ____, ____, ____, ____.

Observe:

Circum-ambiente, pan-amazônico, circum-murar, pan-mestiço, circum-nadar, pan-negro, pan-paulista, pan-britânico, circum-habitar...
Circuncisão, panteísmo...

Conclusão:

Circum e **pan** recebem hífen antes de **vogal**, **m**, **n**.

Prática

■ Corrija, se necessário.

395. circum navegar _____
396. pan hemisférico _____
397. circum adjacência _____
398. Circum vagar _____
399. pan mágico _____
400. Pan americano _____
401. pan psiquismo _____
402. Pan nigeriano _____
403. pan brasileiro _____
404. Circum volução _____
405. circum lóquio _____
406. Pan harmônico _____

■ Preencha:

407. Pan e circum recebem hífen antes de _____, _____, _____.

Observe:

Inte**r-r**esistente, su**b-b**ase, a**d-d**igital, su**b-r**esistente, a**d-r**ogar.

Conclusão:

Separam-se com hífen r-r, b-b, d-d, b-r, d-r.

Prática

■ Corrija, se necessário.

408. hiperrequinte _____
409. superrevista _____
410. subbloco _____
411. sub-bosque _____
412. subreitor _____
413. addsoniano _____
414. abrupto _____
415. adrenalina _____
416. adrenalite _____
417. adrenal _____
418. subrogar _____
419. subresfriar _____

■ Preencha:

420. São exceções: _____, _____, _____, _____.

Observe:

Além-Atlântico, além-fronteira, aquém-montanha, recém-vindo, sem-fim, bem-vindo.

Conclusão:

Recebem hífen os compostos iniciados por **além**, **aquém**, **recém**, **sem**, **bem**.

Prática

■ Corrija, se necessário.

421. além mar _____ 422. aquém divisa _____
423. além pireneus _____ 424. recém casado _____
425. recém nascido _____ 426. o sem cerimônia _____
427. um sem vergonha _____ 428. um sem número _____
429. bem aventurado _____ 430. bem criado _____

■ Preencha:

431. São exceções: _____, _____, _____, _____, _____, _____.

Observe:

ex-ator, ex-professor, soto-capitão, sota-capitão, vice-rei, vizo-rei.

Conclusão:

ex (cessamento), **soto**/**sota** (= sub), **vice**/**vizo** antecedem hífen.

Prática

■ Corrija, se necessário.

432. ex padre _____ 433. ex portar _____
434. ex presidente _____ 435. ex patriar _____
436. soto piloto _____ 437. sota pitoto _____
438. vizo monarca _____ 439. vice presidente _____

Observe:

pós-graduação, pré-átono, pró-africano.

Conclusão:

pós, **pré**, **pró** (abertos e tônicos) antecedem hífen.

Prática

■ Corrija, se necessário.

440. pré natal _____ 441. pós parto _____
442. pos por _____ 443. pós textual _____
444. postergar _____ 445. pró europeu _____
446. propor _____ 447. pró soviético _____
448. pré gravação _____ 449. pré embrião _____

450. pré eleger _____ 451. pré esclerose _____
452. pré esclerótico _____ 453. pre existir _____
454. pré eleição _____ 455. Pré eleito _____
456. pré eleitoral _____ 457. Pré embrionário _____

■ Preencha:
458. São anormais: _____, _____.

Observe:

Mal-aventurado, mal-educado, mal-humorado, malditoso, malfalante.

Conclusão:

Mal (advérbio) tem hífen antes de **vogal** e **h**.

Prática

■ Corrija, se necessário.
459. mal criado _____ 460. Mal falante _____
461. mal amado _____ 462. Mal afamado _____
463. mal ajambrado _____ 464. Mal entendido _____
465. mal olhado _____ 466. Mal visto _____

Observe:

Mal-americano (sífilis) mal-germânico (sífilis) mal-napolitano (sífilis)

Conclusão:

Mal (substantivo, significando doença), sem elemento de ligação, usa hífen.

Prática

■ Corrija, se necessário.
467. mal-bruto (hanseníase) _____ 468. mal-caduco (epilepsia) _____
469. mal-céltico (sífilis) _____ 470. mal-canadense (sífilis) _____
471. mal-morfético (hanseníase) _____ 472. mal-francês (sífilis) _____
473. mal da nuca _____ 474. mal de Alzheimer _____
475. mal de Parkinson _____

Atenção!

São anormais: mal-andança (infortúnio), mal-assombro (fantasma), malconceito (má fama), malcriação, porque, apesar de registrado no VOLP, o **mal** está indevidamente usado como adjetivo. Deveria ser má-andança, mau-assombro, mau-conceito, má-criação.

Observe:

andá-açu, amoré-guaçu, anajá-mirim, Manhuaçu, Mojimirim.

Conclusão:

Sufixos tupis **açu** (grande), **guaçu** (grande), **mirim** (pequeno) ligam-se por hífen quando antecedidos de vogal acentuada graficamente, ou para preservar a pronúncia.

Prática

■ Corrija, se necessário.

476. Manhu mirim _____ 477. Moji guaçu _____
478. Ceará mirim _____ 479. capim açu _____
480. socó açu _____ 481. tatu açu _____
482. cupim açu _____ 483. tuim açu _____

NÃO SE USA HÍFEN

Observe:

Locuções substantivas: *cão de guarda, sala de estar, água de cheiro...*
Locuções adjetivas: *cor de café, cor de bonina, cor de abacate, à toa...*
Locuções pronominais: *cada um, qualquer um, quem quer que...*
Locuções adverbiais: *à toa, depois de amanhã, à vontade, em cima, por isso...*
Locuções prepositivas: *abaixo de, em cima de, junto a, quanto a...*
Locuções conjuntivas: *logo que, uma vez que, ao passo que...*
Frases nominalizadas: Era um *deus nos acuda*. Foi um *salve-se quem puder*. Era a *casa da mãe Joana*. É um *Maria vai com as outras...*

Conclusão:

Locuções e frases nominalizadas não usam hífen.

Prática

■ Corrija, se necessário.

O *arco-da-velha* (484) que vivera *ao-deus-dará* (485) era *água-de-colônia* (486) lançada *à-queima-roupa* (487) no *pé-de-meia* (488) *cor-de-rosa* (489) preso ao caule do *dois-por-dois* (490), conhecida palmeira da Região Norte. Vivera está no *mais-que-perfeito* (491).

_____
_____
_____

Observe:

não proliferação... não violência... quase perfeito... quase mordida...

Conclusão:

Não e **quase**, mesmo usados como prefixos, não usam hífen.

Prática

■ Corrija, se necessário.

Houve um *quase-entendimento* (492) naquele tratado de *não-agressão* (493) e *não-vingança* (494).

_____

Observe:

agridoce, auriverde, contradizer, contrafação, contralateral, ortomolecular...

Conclusão:

Em palavras cujo primeiro elemento (prefixo ou radical interno) termina em vogal e o segundo começa com consoante que não permite alteração fonética, unem-se os dois sem hífen.

Prática

■ Corrija, se necessário.

495. agro negócio _____ 496. agro mania _____
497. auri céfalo _____ 498. auro ferrífero _____
499. contra vento _____ 500. contra verdade _____
501. contra fluxo _____ 502. orto fotografia _____
503. orto morfismo _____ 504. retro carregar _____
505. proto plama _____ 506. proto vértebra _____

Observe:

anti**aé**reo, c**oe**educar, estr**ae**scolar, aut**oa**prendiz, agr**oi**ndustrial, supr**ai**nventivo.

Conclusão:

Na união de vogais com letras diferentes, não se usa hífen.

Prática

■ Corrija, se necessário.

507. aero espacial _____ 508. supra inventivo _____

509. auto investigação _____ 510. termo elétrica _____
511. endo estesia _____ 512. hidro avião _____

Observe:

Anti**rr**eligioso, contr**arr**egra, ant**iss**emita, c**oss**eno.

Conclusão:

r ou **s**, antecedidos de vogal, transformam-se em **rr** e **ss**, para preservar o som original.

Prática

■ Corrija, se necessário.

513. extra regular _____ 514. infra som _____
515. mini saia _____ 516. bio ritmo _____
517. bio satélite _____ 518. bi secular _____
519. micro sistema _____ 520. micro radiografia _____

HÍFEN REPETIDO

Observe:

recém-	bem-
-nascido	-mandado

Conclusão:

Repete-se o hífen quando a translineação acontece exatamente onde ele está.

Prática

■ Corrija, se necessário.

521. ... circum-
navegar

522. ... super-
rádio

523. ... vice-
prefeito

524. ... soto-
mestre

525. ... bem-
humorado

526. ... pós-
graduado

Observação final:

Expressões latinas e de outras línguas não se alteram, quando não aportuguesadas: *Ad augusta per angusta. Ab ovo. Carpe diem. Ad valorem. Verbi gratia. Ad immortalitatem. To be or not to be.*

USO DOS PORQUÊS

Observe:

Queremos saber **por que** (motivo) não nos convocaram.
A razão **por que** (pela qual) estão agindo assim não foi esclarecida.

POR QUE	1. Quando se subentende a palavra **motivo**. Pode ocorrer nas interrogações diretas ou indiretas. 2. Quando substituível pelo pronome relativo preposicionado **pelo qual** e suas flexões, **pela qual**, **pelos quais**, **pelas quais**.

Prática

527. _____ não são tomadas providências concretas?
528. Muito se falou, mas ninguém explicou _____ as mudanças foram adiadas.
529. São justos os ideais _____ lutamos.
530. Desconhecemos o motivo _____ ele não compareceu.

Observe:

São perceptíveis mudanças no clima, **por quê** (motivo)?

POR QUÊ	Quando se subentende a palavra **motivo** e está **seguido de pausa**. As pausas são marcadas por: **, ; : . ? ! – ...**

Prática

531. Acentua-se o conflito na fronteira, resta saber _____ .
532. Foram feitas críticas a esse modelo econômico, _____?
533. Houve nova desvalorização da moeda _____?
534. Não sabia _____ , mas estava confiante.
535. Ela saiu e você imagina _____...

Observe:

O **porquê** de tanto esforço só você pode entender.

PORQUÊ	Emprega-se quando for um **substantivo**.

Prática

536. Explique-nos o _____ dessa atitude precipitada.
537. Desconhecemos _____ e consequências da ausência de tantos condôminos.
538. Resta-lhes explicar pelo menos um _____ dessa desvalorização da moeda.
539. _____ interessantes nos esperam.

Observe:

Ele voltou para a mulher **porque** detestava silêncio.

PORQUE	1. Conjunção causal. 2. Conjunção explicativa. → Resposta a perguntas. 3. Conjunção final (= para que). 4. Pergunta com resposta implícita.

Prática

540. Os servidores fizeram cursos de aperfeiçoamento _____ a chefia os obrigou.
541. Os jovens são os melhores empreendedores, até _____ aceitam riscos que os mais velhos não assumiriam.
542. Gritava a plenos pulmões _____ fosse de longe ouvido.
543. Você está feliz. Não será _____ o namorado chegou?

■ Preencha conscientemente em relação ao uso dos porquês.

544. _____ você está rindo?
545. Estou rindo _____ fui bem na prova. Eis _____ estou rindo.
546. Você continua rindo! _____?
547. Não lhe posso dizer o _____.
548. Então ria de lábios fechados, _____ seus dentes estão sujos.

■ Continue.

549. _____ você errou?
550. Errei _____ não estudei.
551. Não estudou _____?
552. Vou-lhe dizer _____ não estudei. Mas _____ você quer saber o _____ de eu não ter estudado? Só _____ você é curioso?
553. Não. É _____ eu quero ajudá-lo.

■ Continue.

554. Qual o motivo _____ ela me ama? Talvez _____ tenha mostrado a ela os sentimentos _____ fui envolvido.
555. Os _____ do coração humano são indecifráveis.

MAU ≠ MAL

MAU	É **adjetivo**. Fala de um substantivo. Pode ir para o plural e para o feminino.

Josias era um **mau jogador**, passou por **maus momentos**,
adjet. subst. adjet. subst.

porém não tinha **más intenções**.
adjet. subst.

MAL	Pode ser **substantivo**: Conheça o bem e **o mal**. art. subst.
	Pode ser **advérbio**: Ela **falava mal**. José era **mal educado**. verbo adv. adv. adjet.
	Pode ser **conjunção temporal**: **Mal** chegou, sorriu. (mal = quando)

Prática

Use **mal** se no seu lugar couber **bem**.
Use **mau** (má, maus, más) no lugar de **bom** (boa, bons, boas).

■ Reveja os exemplos e reescreva.

556. bom jogador: _____ jogador
557. bons momentos: _____ momentos
558. boas intenções: _____ intenções
559. o bem: o _____
560. falava bem: falava _____
561. bem educado: _____ educado

ONDE ≠ AONDE

Veja Capítulo 17, Regência, p. 345.

ABREVIATURAS, SIGLAS, SÍMBOLOS

Abreviatura

Abreviatura é a grafia reduzida de palavra(s), terminada com um ponto: Dra. (Doutora), Dr. (Doutor), Sra. (Senhora), Sr. (Senhor), a.C. ou A.C. (antes de Cristo), a.D. ou A.D. (*Anno Domini*, ou no ano do Senhor), P.S. (*Post Scriptum*), abrev. (abreviatura).

Sigla

Sigla é a união das letras iniciais das palavras que nomeiam instituições, associações, órgãos, empresas etc. A sigla difere da abreviatura porque não apresenta ponto final: OMC (Organização Mundial do Comércio), ONU (Organização das Nações Unidas), FMI (Fundo Monetário Internacional), AGU (Advocacia Geral da União).

Sigla pronunciável letra a letra deve ter todas as letras em formato maiúsculo: BB, TCU, INSS, IGPM, BNDES.

Sigla com até três letras grafa-se com todas maiúsculas:
a) quer pronunciável letra a letra: CBF (cê bê efe), STF (esse tê efe), AGU (a, gê, u).
b) quer pronunciável como palavra: ONU (ônu), PIS (pis), PAS (pas).

Sigla com mais de três letras, pronunciável como uma palavra, deve ter a primeira letra maiúscula e as seguintes, minúsculas: Alerj, Bacen, Petrobras, Enem.

Símbolo

Símbolo é um tipo de abreviação convencionado e padronizado no âmbito de determinado campo de conhecimento. Não termina por ponto, nem tem plural: **g**, grama(s); **h**, hora(s); **m**, metro(s) ou minuto(s); **l**, litro(s); **kl**, quilolitro(s); **km**, quilômetro(s); **min**, minuto(s); **K**, potássio; **Au**, *aurum*, nome latino do ouro; **Ag**, *argentum*, nome latino da prata; **Cu**, *cuprum*, nome latino do cobre.

Prática

■ Assinale C (certo) ou E (errado) nos parênteses, para as seguintes afirmações.

562. ( ) Abreviatura não usa ponto.

563. ( ) Sigla usa ponto.
564. ( ) Símbolo e sigla não usam ponto.
565. ( ) Abreviatura usa ponto.
566. ( ) Redução de uma palavra com as letras iniciais, terminadas com ponto, chama-se abreviatura.
567. ( ) Infere-se dos exemplos dados na definição de abreviatura que o uso de inicial maiúscula é sempre obrigatório.
568. ( ) Redução de várias palavras com a letra inicial de cada uma, sem uso de ponto ao final, chama-se sigla.
569. ( ) Dos exemplos apresentados na definição de sigla, deduz-se que elas sempre começam com letra maiúscula.
570. ( ) Pelos exemplos dados na definição de símbolo, conclui-se que os símbolos químicos apresentam inicial maiúscula.

571. Corrija, dentre as seguintes, as três siglas mal grafadas:
ABI (Associação Brasileira de Imprensa), AGU (Advocacia-Geral da União), ANPAC (Associação Nacional de Proteção e Apoio aos Concursos), CBF (Confederação Brasileira de Futebol), FMI (Fundo Monetário Internacional), OAB (Ordem dos Advogados do Brasil), Onu (Organização das Nações Unidas), Pis (Programa de Integração Social), STF (Supremo Tribunal Federal).

572. Preencha os parênteses com a sigla de cada Estado brasileiro.
Acre ( ), Alagoas ( ), Amapá ( ), Amazonas ( ), Bahia ( ), Ceará ( ), Distrito Federal ( ), Espírito Santo ( ), Goiás ( ), Maranhão ( ), Mato Grosso ( ), Mato Grosso do Sul ( ), Minas Gerais ( ), Pará ( ), Paraíba ( ), Paraná ( ), Pernambuco ( ), Piauí ( ), Rio de Janeiro ( ), Rio Grande do Norte ( ), Rio Grande do Sul ( ), Rondônia ( ), Roraima ( ), Santa Catarina ( ), São Paulo ( ), Sergipe ( ), Tocantins ( )

573. Corrija, se necessário:
Em 2h. e 20min., ele percorreu 250 kms.

ACENTUAÇÃO GRÁFICA (norma antiga)

Casos específicos

Monossílabos tônicos: acentuam-se os terminados em:

a(s), **e(s)**, **o(s)**: pá(s), pé(s), vê(s), tê-lo, nó(s), pô-lo.

Prática

■ Acentue, se necessário, as palavras dos grupos abaixo.

574.

no (subst.)	po (subst.)	vos (pron. reto)	mas (adj.)	vi
le-lo	nos (subst.)	cos	voz	nu
ri	fi-lo	noz	cor	ma
cru	fa-lo	po-lo	vez	ves

Oxítonos: acentuam-se os terminados em:

a(s), **e(s)**, **o(s)**, **em**, **ens**: está(s), prevê(s), café(s), cipó(s), robô(s), (ele) retém, (eles) retêm, reféns.

Prática

■ Acentue, se necessário, as palavras dos grupos abaixo.

575.

atras	atraves	contem (pl.)	marca-lo	decidi-lo
maio	apos (verbo)	camelo	dete-lo	recem
buriti	voce	cara	impo-lo	porem

Paroxítonos: acentuam-se os terminados em:

i(s), **us**: júri(s), vírus;
um, **uns**: álbum, álbuns;
on, **ons**: íon(s), próton(s);
ôo, **ôos**: vôo(s), enjôo(s);
r, **x**, **n**, **l** (RouXiNoL): éter, ônix, éden, sêmen, amável;
ditongo: água, mágoa, série, ciência, órgão;
ps, **ã(s)**: bíceps, órfã(s).

Prática

576. Por que éden, hífen, sêmen (**com acento**) e edens, hifens, semens (**sem acento**)?
Resp.: _____

■ Acentue, se necessário.

577.

caqui (cor)	pensil	hifen	faceis	ciencia
item	polen	hifens	orfão	imã
itens	tenis	triceps	policia (subst.)	neutron

Proparoxítonos: acentuam-se todos.

Prática

■ Acentue as seguintes proparoxítonas:

578.

camara	eramos	interim	edito
calculo	medico	veiculo	umido
falassemos	transito	fotografo	abobada

Observação:

Não há padronização quanto às palavras que mantêm a forma latina. No *Aurélio*, paroxítonos como *quantum*, *primum*, *princeps* não estão acentuados, embora apareçam com acento: *quórum*, *déficit*, *superávit*, *fórum*.

Casos gerais

Acentuam-se os ditongos **éi, ói, éu**, abertos e tônicos.

Prática

579.

roi	paranoia	aldeia	seu
doi	sequoia	apoio	reuzinho
moi	geleia	chapeu	assembleia

Observação:

Pasteizinhos, aneizinhos, anzoizinhos, chapeuzinhos não são acentuados porque os ditongos **éu**, **éi** e **ói** saíram da sílaba tônica.

Acentuam-se

i / u	tônicos e 2ª diferente vogal de hiato e sozinhos na sílaba ou com **s** e não seguidos de **nh**	caído, caíste, Emaús, reúne
		Mas: sucuuba, caindo, Saul rainha, xiita

Prática

■ Acentue as palavras dos grupos abaixo, optando por hiato.

580.

cai	cair	juiz	Raul	conclui
caido	caindo	alaude	reune	construi-lo
caiste	juizo	balaustre	tainha	proibe
gratuito	fluido	distribui	rainha	ateismo

G > U < E Q > U < I	**u** pronunciado átono = **ü**: ag**ü**entar
	u pronunciado tônico = **ú**: arg**ú**is

Usa-se o trema no **U** dos encontros **GU** e **QU** quando seguidos de **E** ou **I**, se o **U** for átono. Se o **U** for tônico, recebe acento agudo.

Prática

■ Use corretamente o trema.

581. aguentas, enxaguei, arguem, apaziguei, tranquilo, argui, oblique, cinquenta, averigue, equino, linguiças, sequestro, delinquir, frequentemente, arguimos, apazigue

Verbos com plural especial

		crer	dar	ler e ver		(com ou sem prefixo)
êem	(ele)	crê	dê	lê	vê	(regra dos monossílabos tônicos, p. 81 e 89)
	(eles)	crêem	dêem	lêem	vêem	ESPECIAL
	(ele)	descrê	desdê	relê	revê	(regra dos oxítonos, p. 82 e 89)
	(eles)	descrêem	desdêem	relêem	revêem	ESPECIAL

		ter e vir		(sem prefixo)
êm	(ele)	tem	vem	(regra dos monossílabos tônicos, p. 81 e 89)
	(eles)	têm	vêm	ESPECIAL

		ter e vir (com prefixo)				
ém/êm	(ele)	retém	contém	provém	advém	(regra dos oxítonos, p. 82 e 89)
	(eles)	retêm	contêm	provêm	advêm	ESPECIAL

Prática

■ Corrija, se necessário.

582. Ele provem do sul, mas seus pais provem do leste.
583. Cada qual diz as coisas que lhe convem.
584. Ele faz aquilo que lhe convem.
585. O que contem estas caixas?
586. Os teóricos, agora, revem os conceitos.
587. Eles proveem a despensa do necessário para uma semana.
588. Eles não descreem sistematicamente.

Acentos diferenciais de intensidade

côa(s) – verbo coar
pára – verbo parar
pélo, péla(s) – verbo pelar; péla (bola, jogo)
pêlo(s) – cabelo
pêra – (substantivo)
péra (pedra) – em péra-fita
póla(s) – pancadaria
pôla(s) – rebento, broto de árvore
pólo(s) – extremidade, jogo
pôlo(s) – gavião ou falcãozinho
pôr – verbo
pôde – perfeito do indicativo

Prática

■ Acentue.

589 Ele para a todo instante para olhar o mapa.
590. Veja se você para para pensar.
591. Por ordem médica, ela vai por um marca-passo por mês.
592. Passava a mão pelo pelo do animal.
593. Ele se pela de medo pela amiga.

Prática Geral

594. (PRF/N.M./ANP) Assinale o vocábulo escrito **incorretamente**.
a) colisão.
b) necessidade.
c) estranjeiro.
d) experiência.

595. (PRF/N.M./ANP) Assinale a opção em que há **erro** no emprego de **mau** ou **mal**:
a) Saiu-se mal na prova.
b) Não faça mau a ninguém.
c) Ele mal adivinha o que o espera.
d) Ele sempre foi mau aluno.

596. (ITA/VEST.) Assinale a opção em que todas as palavras estejam **corretamente** grafadas.
a) homilia, tepidez, revezar, reveses, paisinho.
b) pôr, pêlo, véns, provejai, averigüem.
c) sequer, assimetria, descensão, suscinto, avidês.
d) caístes, amá-la-íeis, bemdisseram, prazeiroso, coalizão.
e) requesitar, rivalizar, fascínora, emurchecer, extravazar.

597. (BRB/N.M./IDR) Indique a alternativa em que todas as palavras estão grafadas **corretamente**.
a) "Cheque pré-datado não existe", irrita-se o advogado. "É um crime de extorção indireta, um convite ao descomprimento de normas vingentes".
b) Aqueles que se sentirem prejudicados devem procurar as instituições financeiras que domissiliavam sua conta, apresentando os documentos comprovatórios dos acrécimos indevidos.
c) Se ele cochilasse, o ajiota não exitaria em dobrar os juros acertados previamente.
d) Antigamente os brasileiros enfileiravam-se para comprar feijão na entressafra; mais recentemente, encontram empecilhos para pegar guia de atendimento no INSS.

598. (ALCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **incorreta**.
a) Maria se indigna por que não obteve a classificação?
b) Por que haveria de se ocupar daquele assunto, se não era sua a obrigação?
c) O princípio de que o réu é inocente até prova em contrário é uma conquista da civilização; daí por que não tem ele que se preocupar.
d) Depois de suas explicações foi fácil entender por que tomara aquela decisão.

599. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **correta**.
a) Mecanismos de contrôle do Orçamento do DF – o projeto de lei orgânica estabelece uma prestação de conta trimestral, por parte do Executivo, à Câmara Legislativa.
b) Atrelado à idéia de independência política das cidades-satélite, o dispositivo também deverá causar polêmica, pois entra em choque novamente com princípios constitucionais, de caracterizar a divizibilidade do DF.
c) Autonomia financeira para as Administrações Regionais – O artigo 153 do capítulo II do Orçamento destina verbas a serem administradas com autonomia pelas administrações regionais.
d) Este dispositivo deverá ser combatido pelo GDF, através de sua bancada na casa, uma vez que já existem mecanismos de contrôle através da programação de envestimento, estipulada no Orçamento anual, somados à Lei de Diretrizes Orçamentárias e ao Plano Plurianual.

600. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **incorreta**.
a) Existe ainda uma série de outros pontos de menor importância que sucitam controvérsias.
b) Tais pontos deverão exigir dos deputados muita discussão quanto à interpretação da constitucionalidade.
c) É o caso da participação de servidores na diretoria de empresas públicas e autarquias; permissão para reunião em local de trabalho; a participação popular na elaboração da lei orçamentária anual, bem como vários pontos do capítulo da Comunicação Social, do Transporte, da Segurança, da Saúde e da Educação.

d) Muitos dispositivos são considerados de competência exclusiva da União e deverão ser retirados do projeto de lei orgânica.

601. Assinale a seqüência que completa **corretamente** as lacunas do texto seguinte.
Não sabemos _____ greves e mais greves se sucedem na área educacional. Aliás, ninguém parece saber o _____ disso tudo. A situação é muito grave, principalmente _____ está associada ao crescente descrédito em relação à escola pública.
a) porquê / por que / por quê.
b) por quê / porquê / por que.
c) por que / porquê / porque.
d) porque / por quê / por que.

602. (ATCL-DF/N.S./IDR) Quanto ao emprego das iniciais maiúsculas e minúsculas, é **incorreto** afirmar que
a) os nomes dos meses, dias, semanas e estações do ano devem ser escritos com inicial maiúscula.
b) os nomes dos pontos cardeais escrevem-se com inicial minúscula quando designam direções ou limites geográficos.
c) as iniciais maiúsculas são usadas nos nomes de fatos históricos e importantes, de atos solenes e de grandes eventos públicos.
d) os nomes que designam altos cargos, dignidades ou postos devem ser escritos com iniciais maiúsculas quando acompanhados do nome ou quando o cargo o substituir.

603. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a seqüência em que todas as palavras estão **corretamente** grafadas.
a) admissão / admirar / adivinhar / adiminículo.
b) privilégio / táboa / monje / óbolo.
c) choviscar / estripolia / extasiar / inexorável.
d) majestade / herege / adstringente / inexaurível.

604. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a seqüência que apresenta **erro** de grafia.
a) ascensão / expenças / extensivo / ressuscitar.
b) batizar / repisar / extenso / exceção.
c) quisesse / enviesar / envernizar / cortês.
d) paralisar / turquesa / revés / desazado.

605. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a seqüência que preenche **corretamente** as lacunas.
Todos os cidadãos devem saber_____ o Poder Legislativo está assim. Estamos instalando novos computadores, é um momento de transição, eis o _____.
a) por que / porquê.
b) porque / por quê.
c) porquê / por que.
d) por que / porque.

606. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **correta** quanto à ortografia.
a) A cultura não prezume, não pode almejar, nem à uniformisação, nem à unidade sem diversidade.
b) A linguagem administrativa e legal, em qualquer sociedade organizada, apresenta um hiato em relação aos usos correntes da língua.
c) O fenômeno da inteleção da linguagem jurídica apresenta uma série de problemas ao cidadão leigo.
d) É necessário consiliar a tecnisidade dos textos legais com a comunicação do povo, que é o principal destinatário da lei.

607. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **correta** quanto à ortografia.
a) A rescisão do contrato depende do acordo entre empregador e empregado.
b) O parecer legislativo deve ser suscinto, claro e conciso.
c) A campanha publicitária pode sucitar falsas expectativas junto ao público menos consciente.
d) Não se pode precindir das ordenações sociais formuladas em conjunto e consolidadas em forma de lei.

608. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **correta** quanto à ortografia.
a) As leis precisam ser ezeqüíveis para que possam aperfeiçoar objetivamente a sociedade.
b) A pespicácia em relação às aspirações da sociedade é essencial para um político.
c) Os subcídios ainda são insuficientes para fundamentar o voto do ilustre Deputado.
d) O interstício entre uma votação e outra deve corresponder ao que preceitua o regimento.

609. (Ag. Adm./TRT/N.M./ACCESS) Só está **correta** a grafia da palavra destacada em:
a) Talvez ele não **esteje** à altura do cargo.
b) O povo **reinvindicou** seus direitos.
c) Os **empecilhos** da privatização ainda não foram superados.
d) Ele expôs com clareza a sua **pretenção**.
e) Não consigo **advinhar** a causa da sua tristeza.

ACENTUAÇÃO GRÁFICA (norma nova)

Monossílabos tônicos	
a(s), e(s), o(s)	Continuam-se acentuando os monossílabos tônicos terminados em a(s), e(s), o(s): pá(s), pé(s), vê(s), pó(s), Jô, Jó, pôs (verbo), dá-lo, vê-lo, pô-lo, fá-lo-ás, trá-las-iam (trariam+as), trá-lo-á (trará+o), trá-las-á (trará+as)...
	^ ou **´**, conforme pronúncia brasileira ou portuguesa: rô/ró (letra grega).
ter/vir/pôr	Ele tem, eles **têm**; ele vem, eles **vêm**; **pôr** (verbo), por (preposição).

Oxítonos	
a(s), e(s), o(s), em, ens	Continuam-se acentuando os oxítonos terminados em a(s), e(s), o(s), ém, éns: cajá(s), café(s), dendê(s), avó(s), avô(s), adorá-lo, entrevê-los, sobrepô-las, detê-lo, repô-la...
	^ ou **´**, conforme pronúncia brasileira ou portuguesa: bebê/bebé, bidê/bidé, caratê/caraté, crochê/croché, guichê/guiché... ou metrô/metro, judô/judo...
ter e vir	Continuam exatamente iguais: **ele** tem, retém, mantém, vem, advém, convém...; **tu** tens, reténs, manténs...; **eles** têm, retêm, mantêm, vêm, advêm, convêm...

Monossílabos tônicos e oxítonos		
éi(s), ói(s), éu(s), abertos	Eram acentuados todos: réis, sóis, anéis, chapéu(s)...	– **éi**(s), **ói**(s), **éu**(s), **em final de palavra**, continuam acentuados: réis, anéis, dói, corrói(s), chapéu(s), véu(s)...
	idéia, jibóia, paranóico...	– **Não finais, perdem o acento**: id**ei**a, jib**oi**a, paran**oi**co, prot**ei**co... (ver nos paroxítonos: Méier, destróier...).

Paroxítonos		
Não terminados em: a(s), e(s), o(s), em, ens	Continuam-se acentuando os paroxítonos terminados em **i**(s), **u** – júri(s), oásis, vírus, húmus; em **om**, **on**, **ons** – iândom, rádom, rádon(s), fóton(s), herôon(s); em **um**, **uns** – álbum, álbuns, fórum, fóruns; em **r**, **x**, **n**, **l** – éter, âmbar, Méier, destróier, blêizer, gêiser; ônix, Fênix, bórax; éden(s); amável, útil; em **ditongo** – jóquei(s), pódio(s); em **ps** – bíceps, fórceps; em **ã** – ímã(s), órfã(s).	
	^ ou **´**, conforme pronúncia brasileira ou portuguesa: pênis/pénis, tênis/ténis, bônus/bónus, Vênus/Vénus; fêmur/fémur; sêmen/sémen; fêmea/fémea...	
oo, eem	Eram acentuados: vôo(s), crêem, dêem...	**Não mais se acentuam**: voo(s), creem/descreem, deem, desdeem, leem, releem, veem, reveem...
i/u, tônico	Pós-ditongo, acentua-vam-se nos paroxítonos: b**ai**úca, b**oi**úno, f**ei**úra...	– **Perderam o acento nos paroxítonos**: baiuca, boiuno, cauila, feiura, bocaiuva (coco-de-catarro), cheiinho, feiinho, maoismo, maoista, taoismo, taoista... – **nos oxítonos, acentuam-se**: teiú(s), tuiuiú(s), bocaiú(s)...
	Continuam sendo acentuados i/u, segunda diferente vogal tônica de hiato, sozinha na sílaba ou com s, não seguida de nh: aí, arguí(s), arguía(s), arguíste(s), arguímos, arguíra(m), baú(s), Alaíde, alaúde, faísca, juízes, sanduíche... Porém: juiz, paul, ruim, ainda, triunfo, rainha, arguiu, fuinha...	

e/o/a em homografia	Acentuavam-se: pêlo, pêra, pôlo, pólo, pára, pôr, pôde...	Agora, obrigatório só: **pôr** e **pôde** (verbo). Facultativos: – **subjuntivo**: que nós **dêmos**. – **pretérito: amamos**, **louvamos**... – **pronúncia fechada**: **forma**.

Proparoxítonos	
	Continuam-se acentuando todos os proparoxítonos: árabe, cáustico, Cleópatra...
	^ ou ´, conforme pronúncia brasileira ou portuguesa: acadêmico/académico, anatômico/anatómico, cênico/cénico, gênero/género.

Trema		
	gue/gui, que/qui tinham acento agudo ou trema: argúi(s), seqüestro...	gue, gui, que, qui não têm mais trema nem acento agudo: águem, delinquir, ele argui, tu arguis, sequestro, aquífero, frequente, linguiça, aguentas...
	Atenção: 1. palavras estrangeiras: Hübner(iano), Müller(iano)... 2. arguí (veja oxítonos da regra "i/u, tônico").	

Prática

■ Corrija pela nova ortografia.

Ele tem (610) o direito, mas elas não o tem (611). O juiz (612) e a juiza (613) tambem (614) consideraram paranoica (615) a atitude de empafia (616) do sequestrador (617). Eles arguem (618) hoje exatamente o que argui (619) ontem e Ataide (620) argui (621) agora. O voo (622) frequente (623) do tuiuiu (624) entretem (625) os turistas proximos (626) ao agueiro (627). Ela poderia ama-los (628), prende-los (629)... e fa-lo-a (630) assim que a geleia (631) os tornar doceis (632). Vou por (633) por (634) perto da claraboia (635) os chapeus (636) dos herois (637). No passado ela nunca pode (638) instrui-lo (639) porem (640) agora pode (641). Qual a forma (642) da ultima (643) forma (644)?

O plural de foton (645) é fotons (646), de iandom (647) é iandons (648), de radom (649) ou radon (650) é radons (651), de heroon (652) é heroons (653), de destroier (654), geiser (655) e bleizer (656) é destroieres (657), geiseres (658) e bleizeres (659). Enquanto o taoismo (660), para os taoistas (661), é uma doutrina filosófica e transcendental, o maoismo (662) é, para os maoistas (663), uma teoria política, diferente do hinduismo (664).

Prática

665. (TFC-RJ/N.S.) Indique a opção em que **não** há **erro** de grafia.

a) Porque chegou atrazado perdeu grande parte do explêndido espetáculo.
b) Pediu-lhe que ascendesse a luz, pois a claridade não era impecilho a seu repouso.
c) Ele não é uma exceção, também é muito ambicioso.

d) Quizera eu que todas as espécies animais estivessem livres da estinsão.
e) Não poderia advinhar que sua música viesse a ter tanto hêsito.

666. (TFC-RJ/N.S.) Identifique o segmento inteiramente **correto** quanto à grafia.
a) Há intensão de se alcançar um consenso para evitar as divergências entre os parlamentares.
b) É preciso cessarem as disensões para se obter a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação.
c) Um aquário pode ser tido como um ecossistema, no qual os escrementos dos peixes, depois de decompostos, fornecerão elementos essenciais à vida das plantas.
d) O Sol é o responsável pela emissão de luz, indispensável para a fotossíntese, processo pelo qual as plantas produzem o alimento orgânico primário assim como praticamente todo o oxigênio disponível na atmosfera.
e) Pesquizas recentes têm atribuído a choques meteóricos a súbita extinção dos dinossauros da face da Terra.

667. (AFRE-SP/N.S.) Assinale a seqüência que preenche **corretamente** as lacunas.
Era um homem _____, daí seu _____ comportamento.
a) frustado / extranho.
b) frustado / estranho.
c) frustrado / estranho.
d) frustrado / extranho.

668. (AFRE-SP/N.S.) Assinale a seqüência que preenche **corretamente** a lacuna.
Essa foi a _____.
a) estensão dos prejuisos.
b) extensão dos prejuízos.
c) extensão dos prejuizos.
d) estenção dos prejuísos.

669. (Sold. Pol. Milit.) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da frase a seguir.
____ muito tempo, ele vivia ____ juntar papéis velhos, ____ não tinha outra ocupação.
a) A / a / porque.
b) À / à / por que.
c) Há / a / porque.
d) Há / à / por quê.
e) A / há / porquê.

670. Assinale a opção em que todas as palavras estão escritas **corretamente**.
a) O principal refugio do sujeito era uma muntueira de papéis.
b) A Polícia, às vezes, se faz de cega frente ao problema da mendicância.
c) A opreção deixa muitos individuos à margem da sociedade.
d) O papeleiro não adimitia discursão na defesa do seu território.
e) Baixinha era um apilido, porque ela era baichinha.

671. Assinale a opção em que as palavras completam **corretamente** a frase seguinte.
Na _____ da última quinta-feira, a Prefeitura planejou a _____ do terreno baldio em duas partes, para fazer a _____ de uma delas aos catadores de lixo.
a) sessão / secção / cessão.
b) secção / cessão / sessão.
c) cessão / sessão / secção.
d) sessão / cessão / secção.
e) cessão / secção / sessão.

672. Assinale a alternativa em que as palavras estão escritas **incorretamente**.
a) presente / caule / lenços.
b) enrijando / miúdas / adeus.
c) cheirosa / transparente / cajus.
d) rezina / treis / flôres.
e) pequenino / lembranças / agitado.

673. A alternativa em que **as duas palavras** devem ser escritas com "g" é
a) gor___eta / in___eção.
b) cere___eira / berin___ela.
c) ti___ela / mar___em.
d) ___iló / la___e.
e) sar___eta / ultra___e.

674. As palavras estão **corretamente** escritas na alternativa
a) xuxu e moscila.
b) sessenta e seiscentos.
c) braza e ofenza.
d) querozene e gasolina.
e) crusado e cruseiro.

675. Há **erro** de ortografia na alternativa:
a) velocidade.
b) capaz.
c) compreensão.
d) inesplicável.
e) atração.

676. A frase: "Eis a razão _____ a maçã caiu" completa-se com a palavra:
a) porque. b) porquê. c) por que. d) por quê. e) com que.

677. As palavras que são escritas com **ss** encontram-se na alternativa:
a) a___istir, pa___ivo, promi___ória.
b) a___ enção, di___iplina, sei___entos.
c) desgra___a, corrup___ão, promo___ão.
d) esque___er, aten___ioso, finan___eiro.
e) man___o, remor___o, fal___idade.

678. Escolha a alternativa que preencha adequadamente os espaços.
Iniciada a _____ parlamentar, foi discutida a _____ das terras aos índios.
a) seção / cessão.
b) seção / sessão.
c) cessão / seção.
d) sessão / seção.
e) sessão / cessão.

679. Escolha a alternativa que preencha adequadamente os espaços.
Eu _____ o que você _____, portanto não _____ triste.
a) fiz / quis / fiques.
b) fis / quiz / fique.
c) fiz / quis / fique.
d) fiz / quiz / fiques.
e) fiz / quiz / fique.

680. Assinale a opção em que o fonema **/z/** é representado pela letra **x** em todas as palavras.
a) e__oneração / e__orbitante / e__igüidade.
b) e__ecutante / de__erção / apra__ível.
c) resci__ão / ra__oável / ane__ação.
d) e__igibilidade / e__tintivo / cláu__ula.
e) má__imo / e__clusão / pre__unção.

681. Assinale a alternativa **incorreta** quanto à ortografia.
a) gasolina.
b) estrangeiro.
c) atrazado.
d) atualizar.
e) chuvoso.

682. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Em todas as alternativas, as palavras foram acentuadas corretamente, **exceto** em:
a) Eles têm muita coisa a dizer.
b) Estude os dois primeiros ítens do programa.
c) Afinal, o que contém este embrulho?
d) Foi agradável ouvir aquele orador.
e) Por favor, dêem-lhe uma nova chance!

683. (PRF/N.M./ANP) Assinale o vocábulo **indevidamente** acentuado.
a) lápis.
b) inquérito.
c) pessôa.
d) notícia.

684. (BRB/N.M./IDR) Assinale a alternativa em que todos os vocábulos devam ser acentuados e, respectivamente, pelas mesmas regras que **hipócrita**, **ingênuo**, **ninguém**, **café** e **faísca**.
a) compulsorio / textil / tambem sera / aneis.
b) debentures / desperdicio / parabens / voce / atraido.
c) rubrica / exito / recem / guiche / juizo.
d) apolices / bonus / itens / mes / saida.

685. (ALCL-DF/N.S./IDR). Assinale a alternativa **correta**.
a) O júri foi ágil e determinou que, em tempo hábil, o Estado amparasse os órfãos da cátastrofe.
b) A nova legislação pôs em destaque as vantagens a que os aposentados faziam jús há muitos anos.

c) A consciência tranqüila é uma bênção que os políticos devem alcançar por meio de um contínuo exercício de caráter.
d) A linha tenue que divide a justiça da injustiça é uma espécie de cristal que se pode estilhaçar com o vento.

686. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **incorreta** quanto à acentuação gráfica.
a) destroem / vêem / instruí-lo / partí-los-ão.
b) tórax / hinduísmo / tênis / jabuti.
c) itens / psíquico / fúteis / geléia.
d) caíram / vírus / éter / acórdãos.

687. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a seqüência em que todas as palavras são acentuadas em obediência à **mesma regra**.
a) alguém / afável / açúcar / também.
b) chapéu / heróico / último / próximo.
c) egoísta / faísca / cafeína / viúvo.
d) estréia / família / imóvel / espontâneo.

688. (ATCL-DF/N.S./IDR) Marque a alternativa **correta** quanto à acentuação gráfica.
a) Os polos agrícolas do sul são ferteis e prosperos.
b) O parlamentar pôde participar da assembléia anterior e vai emitir agora um juízo sobre o tema.
c) Louvaríamos a iniciativa se tivessemos participado democraticamente de sua formulação.
d) O país tem muitos contribuíntes e, portanto, muita renda, mas é preciso distribuí-la.

689. (Ag. Adm./TRT/N.M./ACCESS) Algumas palavras não seguem as regras gerais de acentuação. Foi mantido, de um certo modo, um **acento diferencial**. Estão nesse caso as palavras da seguinte alternativa:
a) alguém, parabéns, convém.
b) pólo, pára, pôde.
c) açúcar, hífen, cânon.
d) ágeis, jóquei, faríeis.
e) paranóico, rouxinóis, jibóia.

690. (Ag. Adm./TRT/N.M./ACCESS) Há um **erro** na grafia do plural do verbo na alternativa:
a) ele detém / eles detêm.
b) (que) ele dê / (que) eles dêem.
c) (que) ele conte / (que) eles contem.
d) ele tem / eles têm.
e) ele vê / eles vêm.

691. Assinale a alternativa em que as palavras estão acentuadas **incorretamente**.
a) constituínte / embóra / senadôr.
b) flexível / receberás / pântano.
c) porém / miúdas / até.
d) ofício / São Luís / ninguém.
e) ignorância / fácil / avô.

692. Em qual alternativa as palavras são **paroxítonas**?
a) ótimo / maiúsculas.
b) condução / período.
c) freguês / cômodo.
d) bênção / repórter.
e) André / parabéns.

693. Assinale a alternativa em que **todas** as palavras podem ser acentuadas.
a) vigia / proa.
b) governo / caju.
c) aqui / fusil.
d) taxi / revolver.
e) juiz / nuvem.

694. Assinale a alternativa que está de acordo com a regra "Todas as **proparoxítonas** são acentuadas."
a) saída / faísca.
b) melancólico / ridículo.
c) rês / mês.
d) caberá / poderá.
e) Suíça / cuíca.

695. Em qual alternativa encontra-se a **única** palavra que deve ser graficamente acentuada?
a) corpos. b) força. c) vezes. d) planeta. e) saisse.

696. Assinale a alternativa constituída de palavras **oxítonas**.
a) laje / saco / água / subúrbio.
b) fotografia / pilha / ruído / noite.
c) história / fácil / açúcar / lápis.
d) urubu / reféns / aqui / atrás.
e) idéia / ódio / vida / saída.

697. Assinale a alternativa em que as palavras obedecem à **mesma regra** de acentuação.
a) egoísmo / dívida.
b) será / freqüência.
c) vírus / belíssimo.
d) mês / baú.
e) açúcar / agradável.

698. Assinale a **única** alternativa em que todas as palavras estão corretamente acentuadas.
a) chuchú / querê-lo / Luís / rubi.
b) bíceps / Afrânio / dá-la / café.
c) César / partí-la / ítem / tabú.
d) bau / atrás / túnel / urubú.
e) rapé / também / água / viuva.

699. Nas frases seguintes, a que apresenta **erro(s)** quanto à acentuação gráfica é:
a) Vocês tem que colocar sua rúbrica aqui.
b) Ele fez o cálculo da alíquota.
c) Os países limítrofes participaram da conferência.
d) A nova alfândega será construída proximamente.
e) É considerável este ônus financeiro.

700. A palavra que obedece à mesma regra de acentuação que **corroído** é:
a) ataúde. b) sapé. c) corróis. d) láurea. e) crédulo.

701. De acordo com a acentuação de palavras, marque a série **errada**.
a) pedagio / trânsito / véiculos.
b) incêndio / câmbio / óleo.
c) ré / faróis / pára-brisa.
d) mecânicos / distância / alguém.
e) automóveis / painéis / triângulo.

702. Acentua-se a forma destacada em "**pô-la** na cadeia" porque se trata de
a) forma tônica em hiato.
b) paroxítona terminada em **o** fechado.
c) forma verbal em que, depois de **o**, assimilou-se o **r** ao **l** do pronome.
d) homografia com a preposição **por**.
e) acento distintivo de timbre.

703. A **única** palavra que deve ser acentuada é:
a) abacaxi. b) abacate. c) caju. d) morango. e) maracuja.

Substantivo

DEFINIÇÃO

Substantivo é a palavra com que se nomeiam seres e conceitos.

Exemplos: Maria, cavalo, peroba, Brasil, aragem, beleza, chuva.

Locução substantiva é um conjunto de palavras, com elemento de ligação, equivalentes a um substantivo.

Exemplos: mula sem cabeça, pé de pato (nadadeira), sala de aula, quarto de dormir...

CLASSIFICAÇÃO

Classificam-se os substantivos em:

Concreto

É o que nomeia seres com existência autônoma, independente, ou que são assim imaginados:

pessoas: José, Júlia;
ocupantes de cargos: tesoureiro, professor;
animais: tigre, lesma;
vegetais: árvore, bambu;
minerais: água, ouro;
fenômenos: chuva, relâmpago;
lugares: continente, Piauí;
objetos: caneta, livro;
imaginados: saci, fada, Deus.

Abstrato

É o que nomeia seres ou conceitos que só existem dependentes de outros seres; não existem por si sós:

ações: o chute, a entrega;
sentimentos: amor, compreensão;
qualidades: dureza, feiura;
estado: desonra, glória.

Só existem em função de outros seres.

Próprio

É o que nomeia um ser específico dentro de um grupo:

José, Brasil, Vestcon.

Comum

É o que nomeia um ser como pertencente a uma classe:

homem, país, editora.

Coletivo

É o substantivo comum que nomeia um conjunto de seres:

cardume, esquadra, time.

Coletivos numéricos são os que definem a quantidade de seres ou conceitos: par, dezena, dúzia, centena, grosa, milheiro, biênio, triênio, quadriênio, lustro, década, século, milênio...

Prática

■ Marque as classificações correspondentes a cada substantivo.

		a) Concreto	b) Abstrato	c) Próprio	d) Comum	e) Coletivo
1	inteligência					
2	vento					
3	Juraci					
4	arquipélago					
5	alcateia					
6	rouxinol					
7	Dumbo					
8	saudade					

FLEXÃO

Chama-se flexão a mudança que se pode fazer numa palavra sem alterar seu significado essencial. Exemplificando: **livro** e **livros** apresentam uma diferença, que indica quantidade, mas o objeto que nomeiam é o mesmo.

Os substantivos flexionam-se em gênero, número e grau.

Flexão de gênero

Quanto ao **gênero**, pode o substantivo ser classificado como:

Masculino

O que aceita apenas o artigo masculino:

o cinzeiro, o profeta, o enigma.

Feminino

O que aceita apenas o artigo feminino:

a harpa, a profetisa, a profecia.

Comum de dois

O que aceita tanto o artigo masculino como o feminino, sem mudança de forma:

o amante	**a** amante
o colega	**a** colega
o pianista	**a** pianista

Sobrecomum

Só aceita um artigo (masculino ou feminino), embora se refira a seres de qualquer dos sexos:

o algoz = para homem ou mulher;
o cônjuge = para homem ou mulher;
a vítima = para homem ou mulher;
a testemunha = para homem ou mulher.

Epiceno

Só se refere a animais e só aceita um artigo (masculino ou feminino). Quando se quer definir-lhe o sexo, usa-se a palavra macho ou fêmea:

a águia macho ou o macho da águia;
o jacaré fêmea ou a fêmea do jacaré.

Observação 1:

Como as palavras macho e fêmea são adjetivos biformes, também é correto:

a águia macha – o jacaré fêmeo

Observação 2:

Alguns substantivos mudam o significado quando mudam de gênero:

o cabeça (chefe)	a cabeça (parte do corpo)
o cabra (homem corajoso)	a cabra (animal)
o caixa (trabalhador)	a caixa (objeto)
o cisma (separação)	a cisma (desconfiança)
o crisma (óleo)	a crisma (sacramento)
o grama (unidade de medida)	a grama (vegetal)
o guarda (soldado)	a guarda (vigilância)
o guia (cicerone)	a guia (documento)
o lente (professor)	a lente (vidro de aumento)
o moral (ânimo)	a moral (código de conduta)

Formação do feminino

O **feminino** de um substantivo se faz de quatro maneiras:

a) por substituição ou acréscimo na terminação da palavra, isto é, na desinência:
gat**o**, gat**a**; pintor, pintor**a**; rapaz, rapa**riga**;

b) pela mudança no gênero do artigo:
o colega, **a** colega; **o** jovem, **a** jovem; **o** cliente, **a** cliente;

c) pela mudança completa do radical:
homem, mulher; bode, cabra; pai, mãe;

d) pelo acréscimo de "**macho**" ou "**fêmea**":
a pulga macho, a pulga fêmea.

Prática

■ Ponha nos parênteses **a**, **b**, **c** ou **d**, conforme a norma vista acima.

9. ( ) cavalo / cavalheiro / marido.
10. ( ) rouxinol / besouro / tatu.
11. ( ) artista / imigrante / selvagem.
12. ( ) barão / pombo / ladrão.

■ Assinale certo ou errado. Se estiver errado, indique a correção.

13. ( ) Substantivo uniforme só tem uma forma, que tanto serve para o masculino como para o feminino.
Correção: _____

14. ( ) As letras **a** e **b** do quadro anterior são exemplos de uniformes.
Correção: _____

15. ( ) Os exemplos das letras **a** e **c** do quadro anterior correspondem a substantivos biformes.
Correção: _____

■ Estabeleça a correta correspondência para os seguintes substantivos uniformes.

a) Epicenos b) Sobrecomuns c) Comuns de dois gêneros

16. ( ) dentista / colegial / camarada / pianista / intérprete.
17. ( ) albatroz / besouro / tartaruga / badejo / condor.
18. ( ) apóstolo / indivíduo / testemunha / pessoa / verdugo.

Os substantivos terminados em **-or** fazem o feminino com acréscimo das desinências **-a**, **-eira**, **-triz**.

Prática

■ Realize seus femininos optando pelas desinências **-a**, **-eira**, **-triz** ou outras.

19. leitor _____
20. pintor _____
21. ator _____
22. governador _____
23. imperador _____
24. cerzidor _____
25. remador _____
26. aviador _____

■ Continue.

27. cantador _____ ou _____
28. cantor _____, _____ ou _____
29. embaixador _____ ou _____

O feminino dos **títulos eclesiásticos** ou **de previlégio social** se faz com **-esa**, **-essa** ou **-isa**.

Prática

■ Realize os femininos dos títulos eclesiásticos ou de privilegiados socialmente optando por **-esa**, **-essa** ou **-isa**.

30. abade _____
31. diácono _____
32. sacerdote _____
33. bispo _____
34. papa _____
35. profeta _____
36. píton _____
37. cônego _____
38. druida _____
39. barão _____
40. conde _____
41. duque _____
42. cônsul _____
43. oficial _____

44. alcaide _____ ou _____
45. prior _____ ou _____

Femininos especiais

Prática

■ Realize os **femininos**.

46. bacharel _____
47. cachorro _____
48. cão _____
49. general _____
50. gigante _____
51. hóspede _____
52. elefante _____
53. pardal _____
54. rapaz _____
55. monge _____
56. raja ou rajá _____
57. doge _____
58. silfo _____
59. marajá _____
60. varão _____
61. sandeu _____
62. tabaréu _____

■ Aponte os masculinos de **radicais** diferentes.

63. cabra _____
64. ovelha _____
65. arará _____
66. gironda _____
67. amazona _____
68. dama _____
69. cerva _____
70. besta _____
71. abelha _____
72. abada _____

■ Escreva os **femininos** de:

73. infante _____
74. governante _____
75. presidente _____
76. parente _____
77. doente _____

Os substantivos terminados em **-ão** fazem o feminino em **-ã**, **-oa**, **-ona** e outras terminações.

Prática

■ Escreva os femininos nas colunas corretas.

	MASCULINO	Ã	OA	ONA	OUTRAS
78.	aldeão				
79.	alemão				

	MASCULINO	Ã	OA	ONA	OUTRAS
80.	anfitrião				
81.	beirão				
82.	bretão				
83.	ermitão				
84.	figurão				
85.	lebrão				
86.	maganão				
87.	perdigão				
88.	respondão				
89.	sultão				
90.	tecelão				
91.	valentão				
92.	vilão				

93. Qual das terminações de feminino é usada para **aumentativos** e **adjetivos substantivados**?
a) -ã. b) -oa. c) -ona. d) outra.

■ Assinale **C** ou **E**.

94. ( ) leoa / patroa / pavoa / tabelioa / leitoa.
95. ( ) anciã / coimbrã / faisã / peã / catalã.
96. ( ) **ladra** tem também as variantes **ladroa** e **ladrona**.
97. ( ) **alfaiata** é feminino de **alfaiate**.

Flexão de número

Quanto ao **número**, os substantivos flexionam-se em **singular** e **plural**, normalmente:

o boi	os bois
a manada	as manadas

Alguns só existem no plural (*pluralia tantum*)

afazeres	óculos
alvíssaras	pêsames
anais	parênteses
arredores	víveres
condolências	

Outros mudam de sentido ao mudar de número

dama (senhora)	damas (jogo)
ouro (metal)	ouros (naipe do baralho)
pau (madeira)	paus (naipe do baralho)
honra (probidade)	honras (homenagens)
bem (virtude)	bens (riquezas)
féria (ganho financeiro ou repouso)	férias (repouso)

Formação do plural

Para pluralizar os substantivos, usa-se a desinência **s** quando terminam em **ditongo** ou **vogal** (oral ou nasal).

Prática

■ Pluralize corretamente.

98. mesa _____
99. café _____
100. degrau _____
101. refém _____
102. álbum _____
103. jasmim _____

Aos terminados em **-r** ou **-z**, acrescenta-se **-es**.

Prática

■ Pluralize corretamente.

104. mar _____
105. colher _____
106. gestor _____
107. xadrez _____
108. raiz _____
109. cruz _____

Atenção:

caráter – caracteres

Os terminados em **-il**, se oxítonos, trocam o **l** por **s**.

Prática

■ Pluralize corretamente.

110. ardil _____
111. barril _____

Os terminados em **-il**, se paroxítonos, trocam o **il** por **eis**.

Prática

■ Pluralize corretamente.

112. fóssil _____
113. míssil _____

Atenção:

projetil – projetis
reptil – reptis
projétil – projéteis
réptil – répteis

Os terminados em **-al**, **-el**, **-ol**, **-ul** trocam o **l** por **is**.

Prática

■ Pluralize corretamente.

114. animal _____
115. sol _____
116. papel _____
117. paul _____

Atenção:

mal – males	real – reais ou réis
aval – avales	cônsul – cônsules (e seus derivados)

Os terminados em **-ão**, quase sempre, flexionam-se em **-ãos**, **-ões**, **-ães**.

Prática

■ Pluralize corretamente.

118. cidadão _____
119. irmão _____
120. cristão _____
121. coração _____
122. fração _____
123. balão _____
124. pão _____
125. capelão _____
126. cão _____

Os aumentativos têm sempre o plural em **-ões**.

Prática

■ Pluralize corretamente.

127. bolão _____
128. filhão _____
129. verdão _____

Os paroxítonos têm o plural em **-ãos**.

Prática

■ Pluralize corretamente.

130. órfão _____
131. sótão _____
132. órgão _____

Observação:

Há substantivos que admitem mais de um plural correto.

Prática

■ Escreva nas colunas certas os plurais certos.

		ões	ãos	ães
133.	alão (cão de fila)			
134.	alazão			
135.	alcorão			
136.	aldeão			
137.	anão			
138.	ancião			
139.	bastião (baluarte)			
140.	bênção			
141.	capelão			
142.	capitão			
143.	castelão			
144.	charlatão			
145.	cidadão			
146.	corrimão			
147.	deão (decano)			
148.	ermitão			
149.	escrivão			
150.	feijão			
151.	fuão (fulano)			
152.	guardião			
153.	hortelão			
154.	mão			
155.	opinião			
156.	órgão			
157.	pagão			
158.	peão			
159.	pião			
160.	questão			
161.	rufião			
162.	sacristão			
163.	sultão			
164.	tabelião			
165.	verão			
166.	vilão			
167.	vulcão			

Prática

168. Das três terminações de plural (ões, ãos, ães), qual a mais frequente?
Resp.: _____

■ Assinale **C** ou **E** para certo ou errado.

169. ( ) Os substantivos concretos terminados em **-ão** são masculinos. Exs.: o agrião, o balcão, o algodão.

170. ( ) Os substantivos abstratos terminados em **-ão** são femininos. Exs.: a emoção, a opinião, a aceitação.

171. ( ) O vocábulo **mão** foge às regras anteriores por ser concreto e feminino.

Os oxítonos terminados em **-s** recebem **-es**.

Prática

■ Pluralize corretamente.

172. ananás _____
173. inglês _____
174. ilhós _____

Os paroxítonos e proparoxítonos terminados em **-s** são invariáveis.

Prática

■ Pluralize corretamente.

175. o lápis _____
176. o oásis _____
177. o ônibus _____

Substantivos formados de **radical** + **zinho** ou **zito**: pluralizam-se os dois componentes separadamente.

cãe**s**+zitos papéi**s**+zinhos

Para uni-los, retira-se o **s** intermediário.

cãe zitos papei zinhos

↓ ↓

cãezitos papeizinhos

Prática

■ Pluralize corretamente, seguindo os passos certos.

	colarzinho	➔	colares + zinhos	➔	colarezinhos
178.	peãozinho	➔	+	➔	
179.	papelzinho	➔	+	➔	
180.	cãozito	➔	+	➔	
181.	balãozinho	➔	+	➔	

Plural com metafonia

Quando passam do singular para o plural, alguns substantivos com a vogal tônica "o" fechada trocam essa vogal por "o" aberto. Essa alteração de timbre chama-se **metafonia**.

(ô)	(ó)
aposto	apostos
corpo	corpos
esforço	esforços
fogo	fogos

Quando há metafonia no feminino, há também no plural, com exceção de **sogra** (´) e **tolda** (´), sogros (^) e toldos (^).

Prática

■ Ponha nos parênteses ´ ou ^ para indicar timbre aberto ou fechado.

	masculino	feminino	plural
182.	aposto (^)	aposta ( )	apostos ( )
183.	porco (^)	porca ( )	porcos ( )
184.	sogro (^)	sogra ( )	sogros ( )

Os substantivos **femininos** apresentam o mesmo timbre no singular e no plural.

Prática

■ Ponha nos parênteses ´ ou ^ para indicar timbre aberto ou fechado.

185.	sogra (´)	sogras ( )
186.	bolha (^)	bolhas ( )
187.	roda (´)	rodas ( )

■ Escreva na coluna adequada o plural dos substantivos.

SINGULAR		PLURAL	
		(^)	(´)
188.	abrolho (^)		
189.	adorno (^)		
190.	almoço (^)		
191.	arroba (^)		
192.	bolha (^)		
193.	bolso (^)		
194.	cachorro (^)		
195.	caroço (^)		
196.	cebola (^)		
197.	choco (^)		
198.	coco (^)		
199.	consolo (^)		
200.	contorno (^)		
201.	corno (^)		
202.	coro (^)		
203.	corpo (^)		
204.	corvo (^)		
205.	cota (´)		
206.	dorso (^)		
207.	esforço (^)		
208.	esposa (^)		
209.	esposo (^)		
210.	estorvo (^)		
211.	fogo (^)		

SINGULAR		PLURAL	
		(^)	(´)
212.	folha (^)		
213.	forno (^)		
214.	foro (^)		
215.	fosso (^)		
216.	globo (^)		
217.	imposto (^)		
218.	jogo (^)		
219.	miolo (^)		
220.	moda (´)		
221.	molho (´) (de chaves)		
222.	molho (^) (de tomate)		
223.	morro (^)		
224.	namoro (^)		
225.	olho (^)		
226.	osso (^)		
227.	ovo (^)		
228.	peroba (´)		
229.	pescoço (^)		
230.	piloto (^)		
231.	piolho (^)		
232.	poço (^)		
233.	polvo (^)		
234.	porto (^)		
235.	potro (^)		
236.	povo (^)		

	SINGULAR	PLURAL	
		(^)	(´)
237.	reboco (^)		
238.	reforço (^)		
239.	repolho (^)		
240.	roda (´)		
241.	rogo (^)		
242.	rolha (^)		
243.	rolo (^)		
244.	rosto (^)		
245.	senhora (´)		
246.	socorro (^)		
247.	sogra (´)		
248.	sogro (^)		
249.	sopa (^)		
250.	sopro (^)		
251.	sova (´)		
252.	suborno (^)		
253.	tijolo (^)		
254.	toco (^)		
255.	toldo (^)		
256.	topo (^)		
257.	tremoço (^)		
258.	troco (^)		

Plural dos substantivos compostos ligados por hífen

Substantivo composto por **verbo** + **substantivo** ou **verbo** + **adjetivo**: somente o **segundo elemento varia**.

Veja: guarda-roupa – guarda-roupas
beija-flor – beija-flores
porta-estandarte – porta-estandartes
abaixo-assinado – abaixo-assinados

Prática

■ Complete as lacunas com o plural correspondente.

259. furta-cor _____
260. quebra-mar _____
261. porta-bandeira _____
262. pára-choque (nova ortografia: para-choque) _____
263. guarda-chuva _____

Em substantivos compostos formados por:

substantivo + substantivo | **adjetivo + substantivo**
substantivo + adjetivo | **numeral + substantivo**

ambos variam

Veja: redator-chefe – redatores-chefes
baixo-relevo – baixos-relevos
meio-termo – meios-termos

Prática

■ Pluralize corretamente.

264. cirurgião-dentista _____
265. tenente-coronel _____
266. couve-flor _____
267. amor-perfeito _____
268. cabra-cega _____
269. guarda-civil _____
270. guarda-noturno _____
271. segunda-feira _____
272. terça-feira _____
273. meio-fio _____

Substantivo composto por dois substantivos em que o segundo indica **tipo**, **limitação**, **semelhança** ou **finalidade** do primeiro: somente o **primeiro varia**.

Veja: manga-espada – mangas-espada
navio-tanque – navios-tanque
decreto-lei – decretos-lei

Prática

■ Pluralize corretamente.

274. banana-maçã _____
275. caneta-tinteiro _____
276. navio-escola _____
277. peixe-boi _____
278. manga-rosa _____

Substantivo composto **ligado por preposição** clara ou oculta: somente o **primeiro vocábulo varia**.

Veja: ama-de-leite – amas-de-leite (nova ortografia: ama de leite – amas de leite)
limão-de-cheiro – limões-de-cheiro (nova ortografia: limão de cheio – limões de cheiro)
mula-sem-cabeça – mulas-sem-cabeça (nova ortografia: mula sem cabeça – mulas sem cabeça)
cavalo-vapor (= de, a vapor) – cavalos-vapor

Prática

279. pão-de-ló (nova ortografia: pão de ló) _____
280. estrela-do-mar _____
281. papo-de-anjo _____
282. baba-de-moça (nova ortografia: baba de moça) _____
283. grão-de-bico _____

Substantivo composto em que o primeiro vocábulo é uma palavra **invariável**: somente o **segundo varia**.

Veja: grão-vizir – grão-vizires
auto-escola – auto-escolas (nova ortografia: autoescola – autoescolas)
vice-rei – vice-reis

Prática

■ Pluralize corretamente.

284. vice-presidente _____
285. ex-diretor _____

286. ave-maria _____
287. grão-duque _____
288. sempre-viva _____
289. abaixo-assinado _____

Substantivo composto formado por **onomatopeia** (imitação de som) ou por **palavras repetidas**: somente o **segundo vocábulo varia**. Se houver verbos **repetidos**, também é correto **variarem os dois**.

Veja: pingue-pongue – pingue-pongues
treme-treme – treme-tremes ou tremes-tremes

Prática

■ Pluralize corretamente.

290. tico-tico _____
291. tique-taque _____
292. reco-reco _____
293. corre-corre _____ ou _____
294. pisca-pisca _____ ou _____
295. pega-pega _____ ou _____

■ Estes substantivos compostos admitem mais de uma forma no plural:

296. fruta-pão _____ ou _____
297. guarda-marinha _____ ou _____
298. padre-nosso _____ ou _____
299. salvo-conduto _____ ou _____
300. ruge-ruge_____ ou _____

São invariáveis as expressões **substantivadas** e os **substantivos compostos** por verbos antônimos.

Veja: a maria-vai-com-as-outras – as maria-vai-com-as-outras

Prática

■ Pluralize corretamente.

301. o bota-fora _____
302. o louva-a-Deus _____
303. o disse-me-disse (nova ortografia: o disse me disse) _____
304. o leva-e-traz (nova ortografia: o leva e traz) _____
305. o pisa-mansinho _____

Flexão de grau

Os substantivos flexionam-se em grau: **aumentativo** e **diminutivo**.

normal	**aumentativo**	**diminutivo**
barco	barcaça	barquinho
boca	bocarra	boquinha
copo	copázio	copinho
homem	homenzarrão	homenzinho
fogo	fogaréu	fogacho
corpo	corpanzil	corpúsculo
rapaz	rapagão	rapazote

Conforme o uso, os sufixos de grau podem acrescentar uma ideia **afetiva** ou **pejorativa** às palavras:

amigão, sabichão, gentalha, homenzinho, povinho, gentinha, livreco...

Há palavras que aparentam ter sufixo de grau, mas têm significado distinto de sua primitiva:

cartão, calção, casebre...

Prática Geral

306. (PRF/N.M./ANP) Assinale a palavra com gênero **errado**.
a) a vítima.
b) o testemunha.
c) a jovem.
d) o agente.

307. (PRF/N.M./ANP) A forma de plural **errada** é
a) papel / papéis.
b) difícil / difíceis.
c) chapéu / chapéus.
d) cidadão / cidadões.

308. (PRF/N.M./ANP) Assinale a opção em que a significação do nome varia com a mudança de **gênero**.
a) o dentista / a dentista.
b) o turista / a turista.
c) o atendente / a atendente.
d) o capital / a capital.

309. Na frase: "Há **duas** vagas debaixo da **ponte**", as palavras destacadas classificam-se como
a) numeral e substantivo.
b) numeral e adjetivo.
c) artigo e substantivo.
d) artigo e advérbio.
e) numeral e verbo.

310. Os plurais de **escrivão** e **pagão** são
a) escrivões e pagões.
b) escrivões e pagães.
c) escrivãos e pagãos.
d) escrivães e pagões.
e) escrivães e pagãos.

311. A alternativa que contém o emprego correto do feminino das palavras **cidadão** e **ancião** é
a) cidadona e anciã.
b) cidadã e ancioa.
c) cidadona e ancioa.
d) cidadã e anciã.
e) cidadoa e ancioa.

312. Na frase "Então **o** homem descobriu o Bem e o **Mal**", as palavras destacadas são, respectivamente,
a) pronome demonstrativo e advérbio.
b) pronome oblíquo e adjetivo.
c) pronome relativo e numeral.
d) preposição e verbo.
e) artigo definido e substantivo.

313. A palavra **talão** forma o plural da mesma maneira que:
a) alemão.
b) cidadão.
c) ação.
d) capital.
e) órgão.

314. O plural de **sexta-feira** e **abaixo-assinado** é
a) sextas-feiras e abaixo-assinados.
b) sextas-feiras e abaixos-assinados.
c) sexta-feiras e abaixo-assinados.
d) sextas-feira e abaixos-assinados.
e) sextas-feira e abaixos-assinado.

315. Marque a alternativa que aparece com o plural **errado**.
a) para-lama / para-lamas.
b) sinal / sinais.
c) herói / heróis.
d) veículo / veículos.
e) farol / farols.

316. A frase em que há um **substantivo próprio** é:
   a) No fim da rua Monte Alegre estava a escola pública.
   b) Lá fiz todo o curso primário.
   c) Minha família era pobre.
   d) Eu gosto de banana.
   e) Comi um sanduíche gostoso.

■ Assinale **C** ou **E** para certo ou errado, respectivamente.

317. ( ) Substantivos como **anais**, **arredores**, **condolências**, **esponsais** e **óculos** só se usam no plural e são chamados de *pluralia tantum* (pronuncia-se plurália tântum).
318. ( ) O plural **avôs** refere-se a mais de um avô (masc.).
319. ( ) O plural **avós** tanto se refere a mais de uma avó, quanto ao conjunto de avô e avó.
320. ( ) Havia dois **oitos**, três **noves** e dois **agás** na sua camisa.
321. ( ) **cais** é invariável, mas **cós** pode ficar invariável ou fazer o plural **coses**.
322. ( ) Os substantivos paroxítonos terminados em **s** são invariáveis: o pires, os pires; o oásis, os oásis.
323. ( ) Também o são os terminados em **x**: o tórax, os tórax; a fênix, as fênix; o ônix, os ônix.
324. ( ) **Os projéteis atingiram os répteis**. **Os projetis atingiram os reptis**. O singular das duas frases é exatamente o mesmo.
325. ( ) **flautim** e **atum** terminam em vogal nasal; **bem** e **som**, em ditongo nasal. Por isso, fazem plural com um simples acréscimo de **s**, como os vocábulos **boné** e **boi**.

■ Identifique os coletivos.

326. alavão _____
327. alcateia _____
328. cardume _____
329. cáfila _____
330. cacho _____
331. concílio _____
332. congregação _____
333. corja _____
334. esquadra _____
335. fato _____
336. banda _____
337. bandeira _____
338. boana _____
339. choldra (ô) _____
340. clero _____
341. conclave _____
342. consistório _____
343. elenco _____
344. esquadrilha _____
345. legião _____

■ Nos seguintes sobrecomuns, marque **F** para feminino e **M** para masculino.

346. ( ) algoz
347. ( ) membro
348. ( ) criança
349. ( ) ídolo
350. ( ) vítima
351. ( ) testemunha

■ Ponha nos parênteses **o** ou **a** para masculino ou feminino.

352. ( ) clã
353. ( ) dó
354. ( ) formicida
355. ( ) libido
356. ( ) sósia
357. ( ) preá
358. ( ) trema
359. ( ) axioma
360. ( ) cal
361. ( ) cataplasma
362. ( ) dinamite
363. ( ) elipse
364. ( ) telefonema
365. ( ) diadema
366. ( ) dilema
367. ( ) cólera
368. ( ) champanha
369. ( ) eclipse
370. ( ) jângal
371. ( ) proclama
372. ( ) estratagema
373. ( ) edema
374. ( ) coma (estado de)
375. ( ) coma (vírgula, cabeleira)

Fixe com atenção:

o cólera morbo	a cólera morbo
o personagem	a personagem
o crisma	a crisma
o íris	a íris
o lama ou lhama (monge)	a lama (lodo), a lhama (animal dos Andes)
o tapa (palmada)	a tapa (palmada)
o víspora (loto)	a víspora (loto)

Aconselha-se a usar no masculino:

o ágape	o antílope	o caudal	o contralto
o soprano	o diabete(s)	o praça (soldado)	o sabiá

Recomenda-se o feminino para:

a abusão (abuso, engano)	a alcíone (ave)	o alcíon (ave)
a aluvião (depósito da erosão)	a áspide (réptil)	a ordenança
a sentinela	a omoplata	a sucuri
a jaçanã (ave)		

376. Aponte três femininos para **diabo**.
Resp.: _____

377. Aponte três femininos para **deus**.
Resp.: _____

Artigo

DEFINIÇÃO

Artigo são as palavras variáveis **o** e **um** que antecedem o substantivo, servindo para definir ou indefinir seu sentido.

o dentista – **a** dentista	**um** livro	**umas** fitas
o lápis – **os** lápis	**uns** óculos	**as** fitas

CLASSIFICAÇÃO

Em Português só existem um artigo definido – **o** – e um artigo indefinido – **um**. Ambos são variáveis em gênero e número: **a**, **os**, **as**; **uma**, **uns**, **umas**.

O artigo definido serve para:
a) indicar um ser definido entre os demais;
b) indicar toda a espécie ou conjunto de seres.

O artigo indefinido serve para:
c) indicar um ser indefinido entre os demais;
d) indicar um subconjunto indefinido de seres;
e) indicar reforço de uma ideia.

Ocorre, portanto, mudança de sentido se o substantivo vem acompanhado pelo artigo definido – **o** (**a**, **os**, **as**) – ou pelo artigo indefinido – **um** (**uma**, **uns**, **umas**).

Prática

■ Nos parênteses das frases, coloque **a**, **b**, **c**, **d** ou **e**, relacionados no quadro anterior, conforme o sentido que o artigo sublinhado propõe.

1. Uma professora de Português indicou esse livro. ( )
2. A professora de Português indicou esse livro. ( )
3. O professor precisa sempre estar atualizado. ( )
4. Um rapaz comprou o apartamento dela. ( )
5. Umas bactérias desenvolveram resistência a certas substâncias. ( )
6. Estava com uma fome! ( )

Observações:

1. Quando se quer generalizar uma ideia, é possível suprimir-se o artigo.

   Exemplos: Mudanças são necessárias para o aperfeiçoamento do trabalho. (genérico)
   As mudanças (já sabidas) devem ser implantadas. (específico)
   Festas não me atraem. (genérico)
   As festas que ela promove não me atraem. (específico)
   Especializou-se em várias áreas de política. (genérico)
   Especializou-se n**as** várias áreas d**a** política. (específico)

2. Quando se usa nome próprio de personagem histórica ou pessoa célebre, suprime-se o artigo.

   Exemplos: Rui Barbosa lutou por seus ideais. (personagem histórica)
   O Rui parecia alheio à discussão. (pessoa íntima ou conhecida)

3. Antes de pronomes de tratamento iniciados por pronome possessivo, omite-se o artigo.

   Exemplo: Vossa Senhoria não me entendeu.

4. Ordinariamente, não se usa artigo com a palavra "casa" quando designa "própria morada", nem com a palavra "terra" na acepção de "terra firme", em oposição ao sentido "a bordo".

   Exemplos: Em casa, não se discute às refeições.
   Agora estou vindo de casa.
   Os viajantes abandonaram o barco e seguiram por terra.

5. Qualquer tipo de palavra transforma-se num substantivo se se lhe antepõe um artigo.

   Exemplos: O bom e o justo; o querer e o poder.
   O hoje, o ontem e o amanhã; o aqui e o agora.
   O tudo e o nada...Viver é um sem-fim!

Prática Geral

7. A frase que apresenta um artigo indefinido destacado é:
   a) Ele só tem **um** filho.
   b) **Ninguém** imagina minha alegria.
   c) Este fato **me** impressionou.
   d) **Os** garotos olhavam a banana.
   e) **Um** lindo sanduíche surgiu do embrulho.

■ Assinale **C** ou **E** conforme a afirmação seja certa ou errada, com relação à seguinte frase.

O aqui e o agora são os parâmetros do realista.

8. ( ) Só há três artigos.
9. ( ) Existem quatro artigos.
10. ( ) Por isso, há também quatro substantivos.
11. ( ) **aqui** e **agora**, que noutros contextos são advérbios, nessa frase são substantivos, por força do artigo.
12. ( ) **realista**, que noutras frases é **adjetivo**, tornou-se também substantivo, pela antecipação do artigo.
13. ( ) O artigo, definido ou indefinido, substantiva a palavra a que se refere.
14. ( ) Em **do** há uma contração da preposição **de** com o artigo definido **o**.

■ Estabeleça a correta correspondência sobre o uso do artigo.

a) Assinala o gênero do substantivo.
b) Indica o número do substantivo.
c) Indica que o substantivo é conhecido entre outros da espécie, tanto pelo emissor quanto pelo receptor.
d) Indica que o substantivo é um ser qualquer de sua espécie; nem o ouvinte nem o leitor saberão precisar quem seja.
e) Não há artigo na frase. Há numeral.

15. ( ) ( ) O Presidente virá visitar-nos.
16. ( ) ( ) O colega e a colega chegaram.
17. ( ) Uma administradora virá falar conosco.
18. ( ) Ele comprou duas canetas e só um estojo.
19. ( ) ( ) ( ) O oásis, os oásis.
20. ( ) Ele falou de uns índios que aqui estiveram.

Adjetivo

DEFINIÇÃO

Palavra que qualifica o substantivo.

Os seres nomeados por um substantivo apresentam diferenças entre si.
Essas diferenças são explicitadas pelos **adjetivos** – os qualificadores dos substantivos.

ADJETIVO RESTRITIVO E ADJETIVO EXPLICATIVO

O adjetivo, ao se referir a um substantivo, pode ser classificado de dois modos:

Adjetivo restritivo

Exprime atributo que distingue um substantivo dos outros da mesma espécie:

O homem inteligente. (nem todo homem é inteligente)

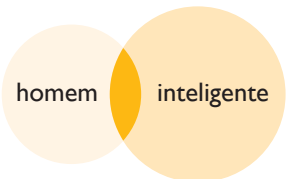

- Os círculos representam o campo de significado (ou campo semântico) do substantivo **homem** e do adjetivo **inteligente**.
- O adjetivo tem um campo semântico maior que o do substantivo, o que está representado pelo círculo maior.
- Isso, porque pode abranger outros seres (macaco, cão, elefante, golfinho...) além de todos os homens.
- No desenho, o **inteligente** abrange apenas uma parte dos homens, representada pela interseção, de cor mais escura.
- Por isso, o adjetivo está limitando, restringindo o campo semântico do substantivo e se chama "adjetivo restritivo".
- Entre o adjetivo restritivo e seu substantivo não há vírgula.

Adjetivo explicativo

Exprime uma **qualidade inerente** ao substantivo; exprime **uma característica própria** do substantivo:

O homem , mortal. (todo homem é mortal)

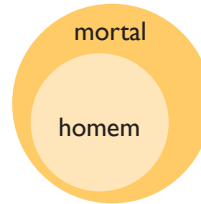

- A vírgula, colocada entre o adjetivo e o substantivo, determina uma pausa na leitura.
- Essa pausa introduz uma entonação explicativa, ou seja, considera que **(todo) homem** está inserido no conjunto **mortal**.
- O adjetivo explicativo mantém inalterado o campo semântico do substantivo, isto é, não o restringe.
- Lembre-se, então: entre adjetivo e substantivo há vírgula; vírgula é pausa, pausa é explicação.

O **adjetivo explicativo** vem separado do substantivo a que se refere por uma vírgula, para representar a mudança do tom de voz que a explicação requer:

O leite , branco , agrada a vista. O homem , mortal , é diferente do mineral.
subst. adj. expl. subst. adj. expl.

ADJETIVO ANTES OU DEPOIS DE SUBSTANTIVO

O adjetivo posposto ao substantivo tem uma carga semântica mais objetiva: Homem **pobre**, mulher **boa**.

Anteposto ao substantivo, o adjetivo traz uma carga semântica mais subjetiva: **Pobre** homem, **boa** mulher.

LOCUÇÃO ADJETIVA

homem de ontem árvore sem folhas

Quando a qualidade é expressa por mais de uma palavra, tem-se **locução adjetiva**, que sempre começa com preposição.

Observação:

É importante lembrar que o adjetivo existe para **qualificar o substantivo**; caso não se refira a um substantivo, **não** é adjetivo ou locução adjetiva.

Prática

■ Observe o **feio** nestas frases e classifique-o, relacionando as colunas.

1. ( ) Cometeu um erro *feio*. a) advérbio
2. ( ) Quem ama o *feio*, bonito lhe parece. b) substantivo
3. ( ) O carro derrapou *feio* na curva. c) adjetivo

FLEXÃO

Os adjetivos podem variar em gênero e número para acompanhar os substantivos a que se referem.

Flexão de gênero

Veja: documento **incluso** nota **inclusa**
caso **estranho** casa **estranha**
homem **certo** mulher **certa**

Os adjetivos que mudam a terminação, do masculino para o feminino, dependendo do gênero do substantivo, são os **adjetivos biformes** ou variáveis.

Prática

■ Flexione corretamente.

4. ofício *anexo* – carta _____
5. trabalho *publicado* – obra _____
6. ingresso *proibido* – entrada _____

Veja: homem **elegante** mulher **elegante**
trabalho **notável** obra **notável**
diretor **capaz** diretora **capaz**

Os adjetivos que não mudam de forma, quer o substantivo seja masculino ou feminino, são os **adjetivos uniformes** ou invariáveis.

Prática

■ Flexione corretamente.

7. candidato *quite* – pessoa _____
8. relatório *final* – palavra _____
9. problema *grave* – ameaça _____

Flexão de número

Veja:	gráfico **anexo**	gráficos **anexos**
	revista **nova**	revistas **novas**
	cirurgia **complexa**	cirurgias **complexas**

Os **adjetivos simples** (de uma só palavra) variam do singular para o plural para combinar com os substantivos a que se referem.

Prática

■ Flexione corretamente.

10. ofício *penoso* – ofícios _____
11. candidato *quite* – candidatos _____
12. carnê *quitado* – carnês _____
13. *velho* amigo – _____ amigos

Veja:	roupa **azul-escura**	roupas **azul-escuras**
	guerra **sino-japonesa**	guerras **sino-japonesas**
	instrumento **médico-cirúrgico**	instrumentos **médico-cirúrgicos**

Adjetivo composto, formado por **adjetivo** + **adjetivo**: só o último se pluraliza.

Prática

■ Flexione corretamente.

14. tratado *luso-brasileiro* – tratados _____
15. produção *hispano-americana* – produções _____
16. reunião *lítero-musical* (nova ortografia: *literomusicais)* – reuniões _____
17. saia *verde-clara* – saias _____
18. olho *castanho-claro* – olhos _____

Exceções:

São invariáveis os adjetivos compostos **azul-marinho** e **azul-celeste**.
O adjetivo composto **surdo-mudo** sofre variação nas duas palavras: surdos-mudos, surdas-mudas.

Veja:	gravata azul-topázio	gravatas azul-topázio ou azuis-topázios
	tecido amarelo-ouro	tecidos amarelo-ouro ou amarelos-ouros
	laço vermelho-sangue	laços vermelho-sangue ou vermelhos-sangues

Adjetivo composto, com segundo elemento substantivo, nenhum se pluraliza ou ambos se pluralizam.

Prática

■ Flexione corretamente.

19. camiseta *azul-piscina* – camisetas _____
20. gravata *grafite-fosca* – gravatas _____
21. lenço *cinza-pérola* – lenços _____
22. olho *verde-mar* – olhos _____

Flexão de grau

Grau comparativo

Pode-se comparar a qualidade de dois ou mais seres:

A **cadeira** é mais alta que o **banco**.

Ou qualidades de um mesmo ser:

Ela é mais simpática que bonita.

Para fazer isso, a Língua Portuguesa utiliza o grau comparativo dos adjetivos.

Prática

Leia os exemplos e relacione as colunas.

a) Grau comparativo de igualdade
b) Grau comparativo de inferioridade
c) Grau comparativo de superioridade

23. ( ) O problema daquele senhor parecia MAIS *complicado* QUE o meu.
24. ( ) Percebi que este navio parecia TÃO *luxuoso* QUANTO aquele.
25. ( ) A atual situação econômica do país é MENOS *caótica* QUE a anterior.

Observação:

GRAU COMPARATIVO DE SUPERIORIDADE	
ANALÍTICO	**SINTÉTICO**
Mais BOM	Ele é MELHOR que ela.
Mais MAU	Ele é PIOR que ela.
Mais GRANDE	Ele é MAIOR que ela.
Mais PEQUENO	Ele é MENOR que ela.

Usa-se o comparativo sintético para comparação entre dois seres.
Ele é melhor que ela.
Ela dança melhor que ele.

Usa- se o comparativo analítico:

1. Para comparar duas qualidades de um mesmo ser:
   Ele é **mais bom** que **mau**.
   Ele é **mais grande** que **pequeno**.

2. Para comparar maneiras de um mesmo sujeito praticar ações:
   Ele fala **mais bem** que **mal**.
3. Antes de particípio:
   Ele passou a ser **mais bem ouvido**.
4. Quando bem e mal pertencem a adjetivo composto:
   Ela era **mais bem-educada**, e ele, **mais mal-informado**.

Grau superlativo

Usa-se o superlativo para enfatizar ou exagerar uma qualidade de um substantivo:

Jovem **muito estudioso**. Jovem **estudiosíssimo**.

Chama-se **superlativo sintético** o formado pelo acréscimo de sufixo ao adjetivo: notabilíssimo, paupérrimo, humílimo.

Chama-se **superlativo analítico** o formado por acréscimo de um advérbio ou locução adverbial ao adjetivo:

Jovem **muito esperto**.
adv. adj.

Jovem **esperto demais**.
adj. adv.

...era um garoto **feio à beça**.
adj. loc. advl.

...era uma guria **bonita pra chuchu**.
adj. loc. adverbial

Leia os exemplos e escreva: a) para o superlativo que se refere a um único substantivo;
b) para o superlativo que se refere a um ser entre os demais.

26. ( ) O conflito entre sérvios e bósnios é *gravíssimo*.
27. ( ) A explosão da bomba atômica foi considerada a atitude *MAIS insensata* entre todas tomadas por aquele presidente.
28. ( ) O professor mantinha os alunos *ocupadíssimos*.
29. ( ) O processo será examinado pelo juiz *MAIS rigoroso* do Tribunal.

É possível enfatizar ou exagerar uma qualidade considerando o ser sozinho (**superlativo absoluto**), ou um ser entre os demais de sua classe (**superlativo relativo**).

Prática

■ Responda **C** ou **E**.

30. ( ) Superlativo absoluto é o que está nas frases 26 e 28.
31. ( ) Superlativo relativo está nas frases 27 e 29.

Prática Geral

32. (PRF/N.M./ANP) Assinale a forma **errada** de superlativo erudito.
    a) feliz / felicíssimo.
    b) geral / generalíssimo.
    c) simples / simplicíssimo.
    d) amigo / amiguíssimo.

33. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa que completa **corretamente** as lacunas da frase "Os _____ vestiam casacos _____."
a) grão-duques / verde-garrafa.
b) grãos-duques / verde-garrafa.
c) grão-duques / verde-garrafas.
d) grão-duques / verdes-garrafa.

34. (Ag. Adm./TRT/N.M./ACCESS) Nas alternativas abaixo, a que contém **erro** no emprego do plural é:
a) O governo está estudando novas medidas econômico-financeiras.
b) Ao dar prioridade à educação, teremos cidadãos mais conscientes.
c) Havia provas bastantes do crime.
d) Quaisquer soluções seriam bem recebidas.
e) A reunião iria examinar os pró e os contra da questão.

35. Marque o adjetivo que equivale à expressão destacada na frase. Era um amor **de irmãos** que os unia.
a) paterno.
b) materno.
c) filial.
d) fraterno.
e) puro.

■ Assinale **C** ou **E**, consultando a observação da página 129.
36. ( ) Joaquina é mais má que o irmão.
37. ( ) João é mais bom que Flávio.
38. ( ) Teresa é mais tímida que Paula.
39. ( ) E Paula é mais boa que ruim.
40. ( ) Antonio é mais mau que bom.
41. ( ) Antônio é mais mau que Flávio.
42. ( ) Ela é mais grande que ele.
43. ( ) Ela é mais grande que gorda.

■ Estabeleça a correspondência correta.
a) comparativo de **superioridade**
b) comparativo de **inferioridade**
c) comparativo de **igualdade**
d) superlativo absoluto **sintético**
e) superlativo absoluto **analítico**

44. ( ) Todos achavam que ele era paupérrimo, mas
45. ( ) era dotado de incredibilíssima sensibilidade;
46. ( ) além disso, era muito próspero,
47. ( ) porém era menos vaidoso que o irmão,
48. ( ) menor que a própria mãe,
49. ( ) pior que o pai
50. ( ) e tão educado quanto o tio.

■ Escreva os superlativos **absolutos sintéticos** (eruditos, não populares) de:

51. agudo _____
52. amargo _____
55. célebre _____
56. cruel _____
57. doce _____
58. dócil _____
59. fiel _____
60. frio _____
61. incrível _____
62. íntegro _____
53. antigo _____
54. áspero _____
63. livre _____
64. miúdo _____
65. negro _____
66. nobre _____
67. pródigo _____
68. público _____
69. soberbo _____
70. tetro _____

■ Substitua as locuções adjetivas por adjetivos de origem erudita.

71. nariz **de águia** _____
72. torre **de marfim** _____
73. físico **de gafanhoto** _____
74. amor **de fogo** _____
75. lábios **de lebre** _____
76. golpe **de morte** _____
77. comportamento **de bode** _____
78. tratamento **de cabelo** _____
79. armas **de guerra** _____
80. agilidade **de rato** _____
81. comportamento **da alma** _____
82. arrulhar **de pombo** _____
83. sensibilidade **de pele** _____
84. corpo **de professores** _____
85. grupo **de alunos** _____
86. energia **do vento** _____
87. águas **da chuva** _____
88. águas **dos rios** _____
89. morada **do bispo** _____
90. frio **de gelo** _____
91. dor **de estômago** e **de rins** _____
92. brilho **de ouro** e **de prata** _____
93. influência **do sul** _____
94. vento **do norte** _____

■ Escreva os adjetivos **gentílicos** ou **pátrios** referentes a:

95. Bahia e Salvador _____
96. Jerusalém _____
97. China _____
98. Judeia _____
99. Egito _____

ADJETIVO ≠ SUBSTANTIVO
(dica prática)

Para quem está começando e para quem acha que aprender português é difícil, basta prestar atenção a pequenos detalhes básicos. Temos percebido que grande parte dos jovens e adultos estudantes da língua não sabe diferenciar no texto um adjetivo de um substantivo, dúvida que, não sendo imediatamente sanada, impede a compreensão de tudo o que a isso se segue. Por exemplo, responda você agora, em voz alta: beleza é adjetivo ou substantivo? Em voz alta, sim, para se conscientizar de sua resposta. Beleza é adjetivo ou substantivo? Se tem alguma dúvida, continue lendo para eliminá-la de uma vez por todas.

1 Substantivo representa uma ideia-base, nomeia seres (homem, pedra, água, rio, comida...) e características ou qualidades de seres, vistas como ideia-base (utilidade, amabilidade, largura, beleza, feiúra, amizade).

2 Adjetivo representa uma ideia acompanhante, caracteriza o substantivo e com ele concorda em gênero e número, com exceção dos adjetivos uniformes (útil, amável), que só concordam em número.

3 Como saber se as palavras "altura", "largura", "beleza", que designam características de seres, são substantivos ou adjetivos?

4 Sabendo você que as palavras "homem" e "mulher" são substantivos, tome-as no plural "homens" e "mulheres" e veja se "altura" concorda com elas: "homens altura, mulheres altura". Como "altura" não concorda com os substantivos "homens" e "mulheres", sabe-se que "altura" é também substantivo, **porque substantivo não casa** (não concorda) **com substantivo**. Qual, então, o adjetivo correspondente ao substantivo "altura"? Pode ser "alto"? Vejamos, "homens altos"," mulheres altas", isso mesmo! "alto" **casa com o substantivo, portanto é adjetivo**.

5 Veja agora se "largura" e "beleza" são substantivos ou adjetivos: "homens larguras", "mulheres larguras", "homens belezas", "mulheres belezas". A conclusão é que "largura" e "beleza" não podem concordar com o substantivo, por isso são também substantivos, **porque substantivo não casa** (não concorda) **com substantivo**. Quais os adjetivos correspondentes a largura e beleza? Faça você o teste e responda, em voz alta, antes de continuar esta leitura.

Se você disse "homens largos", "mulheres largas", "homens belos", "mulheres belas" e concluiu que os adjetivos procurados são "largo" e "belo", acertou.

6 Conclusão, em gramática não há casamento homo, substantivo não casa com substantivo, só casamento hetero, machista e tradicional: sem ferir o respeito devido, assim diz o antigo testamento gramatical: **o adjetivo foi feito da costela do substantivo, para com ele casar e concordar**.

7 Teste agora com: fidelidade, fiel; harmonia, harmonioso; gentileza, gentil; equilíbrio, equilibrado; consciência, consciente; amor, amoroso; crença, crente.

Resposta do item 7:
substantivos: fidelidade, harmonia, gentileza, equilíbrio, consciência, amor, crença; **adjetivos:** fiel, harmonioso, gentil, equilibrado, consciente, amoroso, crente.

Pronome

DEFINIÇÃO

Observe:

Para os diretores, a situação parecia sob controle. Para resolvê-**la** definitivamente, seria necessário que **eles** tivessem uma atuação mais enérgica.

eles — **substitui "diretores"**

la — **substitui "situação"**

Este **livro** não é **aquele** premiado.
subst.

Este — **acompanha** o subst. **livro**

aquele — **substitui** o subst. **livro**

Aquele **menino** de que você falou não é **este**.
subst.

Aquele — **acompanha o substantivo**

este — **substitui o substantivo**

Essas palavras são pronomes.

Pronomes são palavras que substituem ou podem substituir o substantivo.

PAPEL DOS PRONOMES

Pronomes substantivos e pronomes adjetivos

Quando o pronome é usado com o papel de substituir o substantivo, é denominado **pronome substantivo**:

A casa não é **minha**.

Quando o pronome é usado com o papel de acompanhante de um substantivo, é denominado **pronome adjetivo**:

Sua casa não é minha.

O país **cujas** crianças não têm escola não tem futuro.

Prática

■ Escreva dentro dos parênteses relativamente aos pronomes em negrito: PA = pronome adjetivo; PS = pronome substantivo.

1. **Nossas** intenções não são **as** que **você** entendeu.
   ( ) ( ) ( )
2. **Estas** são as **minhas** palavras.
   ( ) ( )
3. As **mesmas** perguntas foram feitas por **aquela** menina e por **esta**.
   ( ) ( ) ( )

CLASSIFICAÇÃO E EMPREGO DOS PRONOMES

Pronomes pessoais

Referem-se às pessoas do discurso, ou seja, às pessoas que participam de uma conversa. O **falante** é a primeira pessoa; o **ouvinte** é a segunda pessoa; e o **assunto** é a terceira pessoa.

Conforme seu uso na frase, os pronomes pessoais classificam-se como retos ou oblíquos.

Nº	Pessoa do discurso	Pron. reto	Pronome oblíquo	
		tônico	átono	tônico
Singular	primeira segunda terceira	eu tu ele, ela	me* te* se, lhe, o*, a*	mim, comigo ti, contigo si, consigo, ele, ela
Plural	primeira segunda terceira	nós vós eles, elas	nos* vos* se, lhes, os*, as*	nós, conosco vós, convosco si, consigo, eles, elas
		PARA SUJEITO	**PARA OUTRAS FUNÇÕES**	

Prática

■ Escreva dentro dos parênteses **R** ou **O**, se o pronome em negrito for **reto** ou **oblíquo**.

4. **Ela** disse a **ele** que iria sair sem **mim**.
   ( ) ( ) ( )

* Esses pronomes podem exercer função de sujeito. *Vide*, em *Análise Sintática Visual*, Período: Análise de períodos com verbos permissivos, causativos e sensitivos em que o pronome oblíquo funciona como sujeito.

5. **Eu** disse a **mim** que iria sem **ela**.
( ) ( ) ( )
6. **Ele** disse a **nós** que iria sem **ti**.
( ) ( ) ( )
7. **Tu me** disseste que irias sem **eles**.
( )( ) ( )
8. **Tu te** maltratas demais, sem **nós**.
( )( ) ( )
9. **Eu** disse que **ela** iria sem **vós**.
( ) ( ) ( )

Conclusão:
Os pronomes **eu** e **tu** são retos. **Nós**, **vós**, **ele(s)** serão retos ou oblíquos, dependendo de seu emprego na frase.

Pronomes oblíquos

Observe:
pagar a dívida **aos credores** = pagar-**lhes** a dívida
avisar algo **aos amigos** = avisar-**lhes** algo
ser útil **a alguém** = ser-**lhe** útil
pagar **a conta** ao garçom = pagá-**la** ao garçom
ver **os amigos** = vê-**los**

O pronome **lhe (lhes)** completa verbos ou nomes que exigem preposição **a** e refere-se a seres animados; o pronome **o** (**a**, **os**, **as**) completa verbos que não pedem preposição.

Prática
■ Preencha as lacunas com um dos pronomes que estão dentro dos parênteses.
10. Os pais da moça deram-_____ seu apoio, por isso ela ____ admirava muito. (**na/lhe**) (**lhes/os**)
11. Quando o presidente estava saindo, alguém _____ avisou de que precisava voltar. (**o/lhe**)
12. Fui visitar minha amiga, porém não pude vê-_____. (**lhe/la/a**)
13. Sou responsável pelos alunos; mantenho-_____ informados. (**os/lhes**)
14. Fomos os primeiros a encontrar a diretora e informamos-_____ o acidente. (**ela/lhe/a**)

Observe:

entregar **a ti**	ajudar-**te**
avisar **a nós**	auxiliar-**nos**
lutar **por ela**	conhecê-**la**
gostar **de mim**	amar-**me**

Os pronomes oblíquos tônicos são usados após preposição; os oblíquos átonos ocupam as posições que não vierem precedidas de preposição.

Prática

■ Preencha as lacunas com um dos pronomes que estão dentro dos parênteses.

15. Eu resolvi que sem _____ você não sai. (**eu/mim**)
16. Tu sabes que quero muito bem a _____, por isso _____ apoiarei. (**tu/te/ti**)
17. O ator tinha excelente opinião de _____ mesmo, ele _____ julgava ótimo. (**si/se/ele**)
18. Nós resolvemos investigar o caso; contra _____ você não pode lutar; cedo vai descobrir que não _____ engana. (**nós, nos**)

Observe:

amar + o	➜	ama(r)-lo	➜	amá-lo
fiz + o	➜	fi(z)-lo	➜	fi-lo
nos + o	➜	no(s)-lo	➜	no-lo

As letras **r**, **s** ou **z** que antecedem o oblíquo **o** (**a**, **os**, **as**) transformam-se em **l** e mudam de sílaba.

Prática

19. Amas **o menino**. Am_____-_____.
20. Fez **os trabalhos**. F_____-_____.
21. Ela quer **o livro**. Ela qué-_____.

Observe:

As respostas, ela **mas** deu ontem à tarde. (mas = me + as)
As respostas, ela **no-las** deu ontem à tarde. (no-las = nos + as)

Os pronomes oblíquos **se combinam entre si**.

Prática

■ Estabeleça as combinações conforme o modelo.

Modelo: me + (o, a, os, as) = mo (ma, mos, mas)

22. te + o (a, os, as) = _____
23. lhe + o (a, os, as) = _____
24. lhes + o (a, os, as) = _____
25. nos + o (a, os, as) = _____
26. vos + o (a, os, as) = _____

Observe:

Dão + o = Dão-**no**. Dizem + as = Dizem-**nas**. Põe + os = Põe-**nos**.

O pronome oblíquo **o** (**a**, **os**, **as**), depois de uma terminação nasal, transforma-se em **no** (**na**, **nos**, **nas**).

Prática

27. Dizem **a verdade**. Dizem-_____.
28. Cumprem **as promessas**. Cumprem-_____.
29. Põe **o casaco**. Põe-_____.
30. Põem **os casacos**. Põem-_____.

Observe:

O professor indicou um livro **para eu** ler.
Ele pensava **em eu** representá-lo.
Existe a possibilidade **de tu** resolveres.

Mesmo após preposição, a função de sujeito do infinitivo é ocupada por pronome pessoal reto.

Prática

■ Preencha as lacunas com um dos pronomes que estão dentro dos parênteses.

31. Fiquei com a casa para _____ vender em troca da comissão. (eu/mim)
32. Eu sei que o trabalho foi trazido para _____ corrigir. (eu/mim)
33. Eu já lhe avisei que sem ____ aprovar, a campanha não irá ao ar. (mim/eu)
34. Sem _____ permitir, ninguém sairá. (eu/mim)

Observação:

Há orações em que o pronome parece ser sujeito, mas não é:
Será benéfico **para mim** deixar de fumar. = Deixar de fumar será benéfico **para mim**.
Nesse caso, houve inversão da ordem dos termos da oração.

Observe:

Ele pensava **consigo** se haveria motivo para tanta confusão.
Carregue (você) **consigo** seus documentos.
Ele falava de **si**.

Os pronomes **si** e **consigo** só podem ser usados quando se referem à mesma pessoa do sujeito, ou seja, quando são reflexivos.

Prática

■ Preencha as lacunas com um dos pronomes que estão dentro dos parênteses.

35. Meu amigo, venha a minha casa e traga _____ seus filhos. (consigo, contigo)
36. Ele parece carregar _____ toda a tristeza do mundo. (consigo, com nós)
37. Amigo, gostaria de falar _____ sobre um importante assunto. (com você, consigo)
38. Meu pai, você pode falar de _____. (ti, si)

Observe:

Tu estavas falando ~~**consigo**~~. **Tu** estavas falando **contigo**.
2ª 3ª 2ª 2ª

Digo a **você** que ~~**estás**~~ bonita. Digo a **você** que **está** bonita.
3ª 2ª 3ª 3ª

Referindo-se a um mesmo ser, não se misturam os pronomes **tu** e **você**. Use o **tu** apenas, ou o **você** apenas.

Prática

■ Marque **C** para certo, **E** para errado.

39. ( ) Quero (eu) falar comigo.
40. ( ) Queres (tu) falar comigo?
41. ( ) Quer (você/ele) falar comigo?
42. ( ) Quero (eu) falar contigo.
43. ( ) Queres (tu) falar contigo.
44. ( ) Quer (ele) falar contigo.
45. ( ) Quer (você) falar contigo.
46. ( ) Quero (eu) falar consigo.
47. ( ) Queres (tu) falar consigo.
48. ( ) Quer (você/ele) falar consigo.
49. ( ) Queremos falar contigo.
50. ( ) Queremos falar consigo.
51. ( ) Queremos falar conosco.
52. ( ) Queremos falar convosco.

53. ( ) Quereis falar comigo?
54. ( ) Quereis falar consigo?
55. ( ) Elas querem falar comigo.
56. ( ) Elas querem falar contigo.
57. ( ) Elas querem falar consigo mesmas.

Observe:

Ela falou ~~**conosco**~~ **mesmos**. Ela falou **com nós mesmos**.

Eu contava ~~**convosco**~~ **todos**. Eu contava **com vós todos**.

Não se usam **conosco** e **convosco** acompanhados de determinantes.

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

58. ( ) Ela falou conosco.
59. ( ) Ela falou convosco mesmos.
60. ( ) Contava conosco todos.
61. ( ) Ela falou com nós três.
62. ( ) Ela falou com vós mesmos.
63. ( ) Contava com nós todos.

Pronomes de tratamento

Os pronomes de tratamento correspondem ao modo como se tratam as pessoas, formal (cerimoniosamente) ou informalmente (intimamente). Substituem os pronomes pessoais retos de 1ª, 2ª e 3ª pessoas, mas levam o verbo e o possessivo sempre para a 3ª.

Substituindo a primeira pessoa: eu, nós:

A gente briga, diz tanta coisa.

Substituindo a segunda pessoa: tu, vós:

Você está louco! **Vossa Excelência** agiu certo.

Substituindo a terceira pessoa: ele, eles:

Sua Excelência agiu certo. **Sua Alteza** virá.

Os mais usados são:

Pronomes de tratamento	Abreviatura		Usados para:
	singular	plural	
Você	v.	vv.	Pessoas familiares, íntimas.
Senhor, Senhora	Sr., Sr^{a}.	Srs., Sras.	Pessoas com as quais se mantém um certo distanciamento respeitoso.
Vossa Senhoria	V. S^{a}.	V. S^{as}.	Pessoas de cerimônia, principalmente em textos escritos, como: correspondências comerciais, ofícios, requerimentos etc.
Vossa Excelência	V. Exª.	V. Ex^{as}.	Altas autoridades: presidente da República e vice, ministros, governadores e vice, secretários estaduais, prefeitos, membros dos tribunais regionais, dos tribunais de justiça, juízes, desembargadores, senadores, deputados, embaixadores etc.
Vossa Magnificência	V. Mag^{a}.	V. Mag^{as}.	Reitores de universidades.
Vossa Reverendíssima	V. Revm^{a}.	V. Revm^{as}.	Sacerdotes e religiosos em geral.
Vossa Excelência Reverendíssima	V. Exª. Revm^{a}.	V. Ex^{as}. Revm^{as}.	Arcebispos e bispos.
Vossa Paternidade	V. P.	VV. PP.	Superiores de ordens religiosas.
Vossa Eminência	V. Em^{a}.	V. Em^{as}.	Cardeais.
Vossa Santidade	V. S.	—	Papa.
Vossa Alteza	V. A.	VV. AA.	Príncipes e duques.
Vossa Majestade	V. M.	VV. MM.	Reis e rainhas.

Observações:

Vossa Eminência: os pronomes de tratamento iniciados por "Vossa" substituem a pessoa com quem se fala.
Sua Excelência: os pronomes de tratamento iniciados por "Sua" substituem a pessoa de quem se fala.
Nas altas esferas, as abreviaturas dos pronomes de tratamento estão sendo desaconselhadas.

Prática

■ Indique o pronome de tratamento usado para se dirigir a:

64. amigo _____
65. diretor de escola _____
66. senador _____
67. bispo _____
68. reitor de universidade _____

■ Indique o pronome de tratamento usado para se falar de:

69. diretor de escola _____
70. padre _____
71. reitor de universidade _____
72. bispo _____
73. presidente da República _____

■ Corrija os erros.

Vossa Senhoria entendeis bem nossos problemas.
74. _____
Vossa Excelência tens todos os vossos argumentos válidos.
75. _____

Pronomes demonstrativos

Os pronomes demonstrativos são os que indicam o lugar que o substantivo ocupa no espaço ou no tempo, em relação às três pessoas do discurso.

Observe os quadros:

Pronomes demonstrativos		
Pessoa	**Variáveis**	**Invariáveis**
1ª	este (esta, estes, estas)	isto
2ª	esse (essa, esses, essas)	isso
3ª	aquele (aquela, aqueles, aquelas)	aquilo

Eles demonstram:

	ESPAÇO	TEMPO	TEXTO	REFERÊNCIA AO JÁ DITO
este/isto	próximo à 1ª pessoa	presente	palavras ou ideias que serão citadas	refere-se à palavra mais próxima
esse/isso	próximo à 2ª pessoa	futuro ou passado próximos	palavras ou ideias que já foram citadas	refere-se à palavra intermediária
aquele/aquilo	distante da 1ª e da 2ª pessoa	futuro ou passado distantes	—	refere-se à palavra mais distante

Prática

NO ESPAÇO

Preencha adequadamente as lacunas com os pronomes demonstrativos, prestando atenção no significado dos advérbios e pronomes possessivos em negrito.

76. _____ livro que está **aqui** nas **minhas** mãos...
77. _____ livro que está **aí** nas **tuas** mãos...
78. _____ livro que está **aí** nas **suas** mãos...
79. _____ livro que está **lá** nas **mãos** dele...

NO TEMPO

Preencha as lacunas com os pronomes demonstrativos adequados, obedecendo às indicações de tempo.

80. Referindo-se a um passado distante:
_____ anos foram ótimos para a lavoura.

81. Referindo-se a um passado recente.
_____ ano que passou vai deixar saudade.

82. Referindo-se ao presente.
_____ ano está sendo melhor que os anteriores.

Lembre-se **disto**: "Quem espera muito, cansa".

"Quem espera muito, cansa". Lembre-se **disso**.

Prática

NO TEXTO

83. Quando se quer indicar o que se vai dizer, usa-se o demonstrativo _____, ou as variações _____, _____, _____, _____.

84. Quando se quer indicar algo que já foi dito, usa-se o demonstrativo _____ ou as variações _____, _____, _____, _____.

_____ _____ ... este ... aquele
1 2

Prática

REFERÊNCIA AO JÁ DITO

As montanhas e o céu, no horizonte, se destacavam. **Este**, azul e rosa; **aquelas**, verde cinza.

85. **Este** se refere a _____ e **aquelas** a_____.

Com três elementos

_____, _____, _____ ... este ... esse ... aquele

Prática

"As árvores, a piscina e o alpendre incluem-se no cenário que estamos visitando. **As árvores**(1), verdes, fortes, viçosas; **a piscina**(2), azul, límpida, transparente; **o alpendre**(3), ensolarado e florido..."

86. Substitua os termos numerados pelos demonstrativos compatíveis. A sequência correta é:

_____ _____ _____
1 2 3

São também usados como pronomes demonstrativos:

mesmo*	O delegado deve chamar a **mesma** testemunha.
próprio	O **próprio** partido escolherá os candidatos.
tal	Não admitirei **tal** comportamento.
semelhante	Não aceito **semelhante** resposta.
o, **a**, **os**, **as** (quando significam aquele, aquela, aquilo)	Entre todos os brinquedos, ela escolheu **o** mais caro. (**aquele** mais caro) Vi as candidatas e falei com **a** que chegou primeiro. (**aquela** que chegou primeiro) **Os** que não estudam têm mais dificuldade. (**Aqueles** que não estudam...)

***Mesmo**: para alguns gramáticos, só deve ser usado para acompanhar o substantivo,

A mesma **pessoa**... (subst.) O **assunto** mesmo... (subst.)

e não para substituir o substantivo, como em:

Encontrei a **chave**. A ~~mesma~~ estava enferrujada. Limei a ~~mesma~~.

Pronomes relativos

São os pronomes que substituem os nomes que os antecedem na frase, evitando que seja repetida uma palavra da oração anterior.

Observe os modelos:

– Comprei o livro. Você recomendou **o livro**.
  Comprei o livro **que** você recomendou.

– Voltei à cidade. Nasci **nessa cidade**.
  Voltei à cidade **onde** nasci.

– O escritor escondeu-se. A obra **desse escritor** foi condenada.
  O escritor **cuja** obra foi condenada escondeu-se.

Considere o quadro abaixo para o uso correto dos pronomes relativos.

COISA	PESSOA	LUGAR	POSSE	QUANTIDADE
que o qual	que quem o qual	onde em que	cujo	quanto

Prática

■ Construa períodos compostos com o uso dos pronomes relativos adequados.

87. Desta vez serei eu. Eu decidirei meu futuro.

_____

88. O crítico elogiou o filme. Paulo Autran participou do filme.

_____

89. O autor vive na clandestinidade. A obra desse autor foi condenada.

_____

90. Passaram as férias na praia. Eles se conheceram nessa praia.

_____

91. As tribos foram dizimadas por doenças. As tribos tiveram contato com a civilização.

_____

Observe as construções.

A menina **que** chegou primeiro foi premiada.
(a menina)

A menina de **quem** eu gosto foi premiada.
de (a menina)

A menina com **quem** eu falei foi premiada.
com (a menina)

A menina contra **a qual** eu lutei foi premiada.

contra (a menina)

A **menina** **cujo** filho esteve aqui foi premiada.

de (a menina)

Prática

O rapaz **ORAÇÃO 2** sagrou-se campeão.

■ Escreva, no lugar da oração 2, as seguintes ideias, usando adequadamente os pronomes relativos **que**, **quem** ou **cujo**.

92. Eu vi o rapaz.
O rapaz _____ sagrou-se campeão.

93. Eu falei do rapaz.
O rapaz _____ sagrou-se campeão.

94. Eu procurava pelo rapaz.
O rapaz _____ sagrou-se campeão.

95. Eu pensava no rapaz.
O rapaz _____ sagrou-se campeão.

96. Eu conheço o filho do rapaz.
O rapaz _____ sagrou-se campeão.

Pronomes Relativos e Ambiguidade

Observe:

Chegou a mãe do rapaz **a quem** devemos agradecer.
– A quem devemos agradecer? Ao rapaz ou à mãe dele?

Os primos da Ester, **de quem** Paulo nos falou, acabaram de telefonar.
– Paulo nos falou de quem? Da Ester ou dos primos dela?

Prática:

■ Reescreva, a seguir, duas vezes cada frase ambígua, uma para cada sentido, substituindo os relativos **que** e **quem** por **o qual** e suas variantes (a qual, os quais, as quais).

Chegou a mãe do rapaz que encontramos no cinema.

97. Chegou a mãe do rapaz _____ encontramos no cinema.
98. Chegou a mãe do rapaz _____ encontramos no cinema.

Este é o quarto da casa com que Julieta sonha.

99. Este é o quarto da casa _____.
100. Este é o quarto da casa _____.

A filha de Paulo, que fugiu ontem, está sem paradeiro definido.

101. A filha de Paulo, _____, está sem paradeiro definido.
102. A filha de Paulo, _____, está sem paradeiro definido.

Pronomes interrogativos

Os pronomes interrogativos aparecem nas orações interrogativas diretas e indiretas. São eles: **que**, **quem**, **qual**, **quanto**.

Prática

Interrogativa indireta: Quero saber **quem** viu o acidente.
Interrogativa direta: Quem viu o acidente?

103. Interrogativa indireta: Você não me disse **qual** o seu nome.
Interrogativa direta: _____

104. Interrogativa indireta: Indagaram **quem** os apoiaria.
Interrogativa direta: _____

105. Interrogativa indireta: A cozinheira quer saber **quantos** virão para o jantar.
Interrogativa direta: _____

106. Interrogativa indireta: Pergunto o **que** procuras aqui.
Interrogativa direta: _____

Pronomes possessivos

Pronomes possessivos referem-se às pessoas do discurso, indicando-as como possuidoras, responsáveis ou autoras de algo.

Prática

■ Faça a correspondência, segundo a ideia da palavra destacada.

107. ( ) **Minha** casa é grande.
108. ( ) Já devolveram **teus** livros?
109. ( ) Essa é a **sua** opinião.
110. ( ) Preparamos o **nosso** futuro.

(a) o possuidor é a 1ª pessoa do singular
(b) o possuidor é a 1ª pessoa do plural
(c) o possuidor ou autor é a 2ª pessoa do singular
(d) o possuidor ou responsável é a 3ª pessoa do singular

Observe os casos abaixo.
A moça pisou o **meu** pé. = pisou-**me** o pé.
Eu penteava os **seus** cabelos. = penteava-**lhe** os cabelos.
Eu deveria puxar as **tuas** orelhas. = puxar-**te** as orelhas.

O papel de pronome possessivo pode ser exercido pelos **pronomes oblíquos átonos**.

Prática

■ Ele beijou a **minha** mão. / Ele beijou-**me** a mão.

111. Rasgaram a **minha** roupa. / _____

112. Confiscaram os **seus** bens. / _____

113. Isso roubou a **nossa** vontade. / _____

■ Os possessivos podem ter outros significados. Estabeleça a correspondência adequada.

114. ( ) Manuela beirava **seus** setenta anos.
115. ( ) Ela está num dos **seus** dias. Deixe-a quieta.
116. ( ) Ele não podia envergonhar **os seus**, nem eu podia trair **os meus**.

a) Parentes, companheiros, compatriotas
b) Cálculo aproximado
c) Situação habitual

117. ( ) **Meu** caro Antônio.
118. ( ) Pode falar, **meu** general.

d) Deferência, respeito, polidez
e) Intimidade

Pronomes indefinidos

Pronomes indefinidos referem-se à terceira pessoa do discurso, de modo vago, impreciso.

Exemplos: Alguém testemunhou o acidente.

Empregados no lugar de um nome que não se pode, ou não se quer definir.

A criança quer algo.

São **pronomes indefinidos**:

INVARIÁVEIS	VARIÁVEIS	
quem	algum(a)(s)	nenhum(a)(s)
alguém	muito(a)(s)	pouco(a)(s)
ninguém	outro(a)(s)	vário(a)(s)
algo	certo(a)(s)	tanto(a)(s)
tudo	quanto(a)(s)	todo(a)(s)
nada	qualquer (quaisquer)	
cada		
outrem		

■ Sublinhe os pronomes indefinidos.

119. Quem tudo quer, tudo perde.
120. Alguns alunos acertaram várias questões.
121. Muitas crianças comem pouco.
122. Certas pessoas não falam certo.
123. Cada pessoa sabe de quanto precisa.

Locução Pronominal Indefinida

Locução pronominal indefinida é o conjunto com mais de uma palavra, funcionando como um pronome indefinido.

Prática

■ Sublinhe, a seguir, as locuções pronominais indefinidas:

124. Cada qual com seu rival.
125. Quem quer que faça isso, merecerá o apoio de cada um.
126. Pedirei desculpas a seja quem for.
127. A gente fala tanto sem pensar, que todo mundo ri antes de a gente terminar.

Prática Geral

128. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) O pronome pessoal está empregado **incorretamente** em
   a) Não consegui entendê-lo naquela confusão.
   b) É para mim fiscalizar aqueles volumes.
   c) Tudo ficou esclarecido entre mim e ti.
   d) Por favor, mande-o entrar e sentar-se.
   e) Fizeram-no esperar demais hoje.

129. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Com relação aos pronomes destacados em "ao prestar-**nos** as informações" e "ficando responsabilizado pelo que **nos** adiantar", é **incorreto** afirmar que
   a) ambos são pronomes pessoais subjetivos.
   b) ambos são formas pronominais átonas.
   c) ambos desempenham a função sintática de objeto indireto.
   d) ambos podem ser substituídos, sem alterar semanticamente a frase, por "a nós".
   e) ambos estão vinculados à mesma pessoa do discurso.

130. (PRF/N.M./ANP) A forma destacada que deve ser **evitada** é
   a) Conversou muito **com nós**.
   b) Jogaram bola **comigo**.
   c) Pensamos muito **em ti**.
   d) Meu irmão já sabe cuidar **de si**.

131. (ITA/Vest.) Qual das opções substitui corretamente as palavras destacadas?
   1. Foi-lhes fácil **fazer os exercícios**.
   2. Não obstante seja parco de recursos, **mantém as aparências**.
   3. **Expões as ideias** com lucidez.
   4. **Faz os deveres** rapidamente.
   5. Se não pretendes gastar, **põe o dinheiro** na poupança.

   a) fazerem-nos / mantenha-os / Expô-las / Fá-los-á / ponha-o.
   b) fazerem-nos / mantém-as / Expõe-nas / Faze-os / põe-lo.
   c) fazê-los / mantém-las / Expõe-as / Faça-os / põe-no.
   d) fazê-los / mantém-nas / Expõe-las / Fá-los / põe-no.
   e) fazer-los / mantém-nas / Expõe-nas / Faze-os / põe-lo.

132. (BRB/N.M./IDR) Assinale a alternativa em que os pronomes pessoais estão **corretamente** empregados.
a) Tentou, mais uma vez, remetendo o documento para mim, acabar com o clima hostil entre nós.
b) O rapaz confirmou que entregou para tu o comprovante de depósito.
c) Mandei ele aguardar até que o gerente chegasse para atendê-lhe.
d) Hoje à tarde vou encontrar ela para fecharmos o negócio.

133. (BRB/N.M./IDR) Indique a sentença em que todas as formas pronominais estão **corretas**.
a) Vossa Senhoria tem justos motivos para preocupar-se com os débitos de vossa esposa.
b) Sua Excelência sinta-se à vontade para propor-nos os termos do contrato.
c) Vossa Excelência pode viajar tranquilo, que cuidaremos de seus investimentos.
d) O chefe mandou você avisar ao assessor do Sr. Ministro que a bagagem de Vossa Excelência já foi despachada.

134. (ALCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **correta**.
a) Refiro-me ao estudo de cujo o autor não se conhece a nacionalidade.
b) Dessas questões não se tratou, as quais merecem exame acurado.
c) Esse é o escritor de que todos admiramos as obras que foram feitas as melhores referências.
d) Apenas as pessoas que concernem essas palavras devem sentir o peso de tanta indignação.

135. (ATCL-DF/N.S./IDR) De acordo com a práxis consagrada do uso dos pronomes de tratamento, assinale a alternativa **correta**.
a) Pela presente, enviamos a V. Sª a relação de seus débitos e solicitamos-lhe a gentileza de saldá-los com urgência. (correspondência comercial)
b) Vossa Alteza Real, o Príncipe de Gales, virá ao Brasil para participar da ECO-92. (nota de jornal)
c) Sua Santidade pode ter a certeza de que sua presença entre nós é motivo de júbilo e de místico fervor. (discurso pronunciado em recepcão diplomática ao Sumo Pontífice)
d) Solicito a V. Exª dignar-vos aceitar as homenagens devidas, por justiça, a quem tanto engrandeceu a pátria. (ofício dirigido a Ministro do Supremo Tribunal)

136. (ATCL-DF/N.S./IDR) Marque a opção em que houve substituição **incorreta** do termo destacado.
a) Daria **a eles** uma resposta adequada.
Dar-lhes-ia uma resposta adequada.
b) Enviamos o presente **a nossos amigos**.
Enviamos-lhes o presente.
c) Mandamos **as crianças** saírem.
Mandamos-as saírem.
d) Não pediria **isso a você** em hipótese alguma.
Não lho pediria em hipótese alguma.

137. (ATCL-DF/N.S./IDR) Se, em "... milhares de jovens e adultos que precisam frequentar, movidos pela sobrevivência, **um posto de trabalho** ou que estão impossibilitados de abandonar **suas comunidades**...", tivéssemos que substituir os segmentos destacados por pronomes, o fragmento ficaria assim redigido:
a) ... milhares de jovens e adultos que, movidos pela sobrevivência, precisam frequentá-la ou que estão impossibilitados de abandoná-las...
b) ... milhares de jovens e adultos que, movidos pela sobrevivência, precisam frequentá-lo ou que estão impossibilitados de abandoná-las...
c) ... milhares de jovens e adultos que, movidos pela sobrevivência, precisam frequentá-lo ou que estão impossibilitados de abandoná-la....
d) ... milhares de jovens e adultos que, movidos pela sobrevivência, precisam frequentá-la ou que estão impossibilitados de abandoná-la...

138. (Ag. Adm./TRT/N.M./ACCESS) Ela conhecera o poeta, _____ versos gostava e _____ estava apaixonada, na cidade _____ nascera.
As lacunas da frase acima são completadas, respectivamente, por:
a) dos quais / por quem / que.
b) de quem / por que / onde.
c) por cujos / com quem / em que.
d) de cujos / por quem / onde.
e) os quais / pelo qual / em que.

139. (AFRE-SP/N.S./92) Todos _____, Senhor Diretor, que Vossa Senhoria _____ bastante _____.
a) crêem / será / compreensivo.
b) creem / sereis / compreensiva.
c) crêm / sereis / compreensiva.
d) creem / será / compreensivo.

140. Assinale a frase que apresenta pronome pessoal oblíquo no **feminino plural**.
a) Ela apodrece ao contato com a terra.
b) Algumas gralhas morrem, outras esquecem onde enterraram os pinhões.
c) Hoje se sabe que é obra de um pássaro.
d) Durante muito tempo, não se soube explicar o fato.
e) As espingardas explodem quando eles as apontam para as gralhas azuis.

141. As formas de tratamento usadas para **cardeais** e **príncipes** são, respectivamente,
a) Alteza e Excelência.
b) Majestade e Eminência.
c) Eminência e Alteza.
d) Senhoria e Excelência.
e) Santidade e Senhoria.

142. Assinale a alternativa cuja palavra destacada é **pronome de tratamento**.
a) Oficialmente não é lugar onde **se** more.
b) A ponte é de **todos**.
c) **V. Sª** não come carne?
d) Vinha trazer-**lhe** carne.
e) **Esta** carne não está boa.

143. Na frase: "Ninguém **a** jogou ao solo", a palavra destacada é
a) substantivo.
b) pronome pessoal oblíquo.
c) preposição.
d) artigo definido.
e) pronome demonstrativo.

144. Há **erro** no emprego do pronome demonstrativo na frase:
a) Esta mesa não é nova.
b) Esse livro, aí, é muito interessante.
c) Esse papel, aqui, não serve para isso.
d) Vi aquele filme tão comentado.
e) Ouça isto: fortes chuvas deverão cair nesta tarde.

145. Assinale a alternativa que apresenta o emprego **correto** do pronome de tratamento.
a) Senhor Ministro, apresento a V. Sª a relação dos aprovados.
b) Ilustríssimo Senhor Diretor, solicitamos a V. Exª o empréstimo de microfones.
c) Sua Excelência, o chefe da seção, autorizou minha liberação.
d) Sua Alteza, a rainha da Inglaterra, compareceu à cerimônia.
e) Senhor Coordenador, é do conhecimento de V. Sª a reivindicação do pessoal.

146. Assinale a frase que se completaria com o pronome **eu**.
a) O mestre deixou os desenhos para ___ fazer.
b) ___ poderá ensaiar o desenho total da figura humana.
c) O mestre ficou entre ___ e o modelo.
d) Entre ___ e ele, você deverá escolher com quem fará o trabalho.
e) Você será atendido depois de ___.

147. A palavra **que**, no período "Os truques, que desempenham papel fundamental na realização rítmica, são de três espécies (...)" é
a) conjunção.
b) preposição.
c) pronome relativo.
d) interjeição.
e) pronome indefinido.

148. Complete as lacunas do texto abaixo e, em seguida, assinale a alternativa correspondente.
"Tenho a honra de apresentar a V. Sª a servidora MARESIA FLUTUANTE, _____ Departamento, que, em atenção ao seu ofício nº 302, de 18 de maio corrente, foi colocada à disposição _____ órgão, sem prejuízo de _____ vencimento".
a) desse / deste / teu.
b) deste / desse / seu.
c) do / deste / vosso.
d) daquele / do / teu.
e) desse / deste / meu.

149. Na frase "S. S. visitou vários países", o pronome de tratamento refere-se
a) a um sacerdote.
b) a um rei.
c) a um príncipe.
d) ao papa.
e) a um governante.

■ Use os **pronomes demonstrativos** adequados a cada caso.

150. Ser indicado para o prêmio Nobel. Por _____ ele não esperava.
151. Por _____ ele não esperava: ser indicado para o prêmio Nobel.
152. O mundo se moderniza. Num tempo como _____, é preciso estar preparado.
153. _____ livros são muito pesados. Vou largá-los aqui mesmo.
154. Brasília e Goiânia foram cidades planejadas. No entanto _____ cidades apresentam os mesmos problemas de outras capitais.
155. O problema parece ser _____: a certeza da impunidade.
156. Não houve acordo entre patrões e empregados; _____ não estavam dispostos a pagar o que _____ exigiam.
157. Deixe-me ver _____ livro que você está lendo.

■ Preencha as lacunas com os demonstrativos adequados (**este**, **esse**, **aquele** e suas variáveis).

158. Graciliano Ramos e Gilberto Gil representam épocas distintas. _____ se enquadra no regionalismo nordestino dos anos trinta, _____ pertence à atualidade.
159. As Guerras Púnicas e a Guerra das Malvinas chamaram a atenção do mundo. _____ recentemente; _____ antigamente.
160. Há três anéis. Um na minha mão, outro na sua, Maria; o terceiro está na mão da Daniela. _____ (o da Daniela) é de ouro; _____ (meu) é de prata; _____ (o que está na sua mão) é de platina.
161. Júlia e Ernesto foram ao cinema. _____ (Ernesto) saiu desiludido, enquanto _____ (Júlia) ficou maravilhada.

■ Assinale **C** ou **E**.

162. ( ) Olha, José. Preciso falar consigo.
163. ( ) Atenção, meu amigo. Tenho que conversar consigo.
164. ( ) Olha, José. Quero falar contigo.
165. ( ) Olhe, José. Quero falar contigo.
166. ( ) Olhe, José. Quero falar com você.
167. ( ) Venha, meu caro. Quero abraçar-te.
168. ( ) Venha, meu caro. Quero abraçá-lo.
169. ( ) Vem, meu caro. Quero abraçar-te.

■ Ofício de uma escola para a Secretaria de Fazenda – Use o demonstrativo **correto**.

170. Informamos que _____ Secretaria foi avisada do que ocorreu _____ escola, em fax da semana passada.

Numeral

DEFINIÇÃO E CLASSIFICAÇÃO

Prática

Assinale **C** ou **E**.

1. ( ) Numeral, palavra que tem como referente um número.
2. ( ) Numeral cardinal denota quantidade: um, dez, cem...
3. ( ) Numeral ordinal denota quantidade.
4. ( ) Numeral ordinal denota ordem, posição numa sequência: primeiro, décimo...
5. ( ) Numeral multiplicativo indica multiplicação: dobro, quíntuplo...
6. ( ) Numeral fracionário indica parte ou fração: meio, terço, onze avos...

Conclusão:

Numeral é a palavra que se refere a número.
Classificam-se os numerais em: cardinais, ordinais, multiplicativos e fracionários.

PAPEL DOS NUMERAIS

Numeral substantivo e *numeral adjetivo*

Quando o numeral é usado com o **papel de substituir o substantivo**, chama-se **numeral substantivo**.

Havia muitas camisas. Comprei **cinco** (camisas).

Quando o numeral é usado com o **papel de acompanhar o substantivo**, chama-se **numeral adjetivo**.

Escolhi **dois** sapatos.

EMPREGO DOS NUMERAIS

Escreva na coluna adequada os ordinais, multiplicativos e fracionários.

	Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
7.	um		_____	_____
8.	dois			
9.	três			
10.	quatro			
11.	cinco			
12.	seis			
13.	sete			
14.	oito			
15.	nove			
16.	dez			
17.	onze			
18.	doze			
19.	treze		_____	
20.	catorze		_____	
21.	quinze		_____	
22.	dezesseis		_____	
23.	dezessete		_____	
24.	dezoito		_____	
25.	dezenove		_____	
26.	vinte		_____	*
27.	trinta		_____	*
28.	quarenta		_____	*
29.	cinquenta		_____	*
30.	sessenta		_____	*
31.	setenta		_____	*
32.	oitenta		_____	*
33.	noventa		_____	*
34.	cem			*
35.	duzentos		_____	*
36.	trezentos		_____	*
37.	quatrocentos		_____	*
38.	quinhentos		_____	*
39.	seiscentos		_____	*
40.	setecentos		_____	*
41.	oitocentos		_____	*
42.	novecentos		_____	*
43.	mil		_____	*
44.	milhão		_____	*
45.	bilhão		_____	*
46.	trilhão		_____	*

Observação:

Os fracionários que no quadro da página anterior têm asterisco (*) devem usar a forma igual à dos ordinais quando são múltiplos exatos de 10 ou 100: **vigésimo**, **trigésimo**, **centésimo**, **quingentésimo**...
Se não são múltiplos exatos de 10 ou 100, usam a forma igual à dos cardinais seguida da expressão **avos**: **vinte e três avos**, **cento e cinco avos**, **quinhentos e quatro avos**...

Prática

■ Assinale **C** ou **E** para os ordinais correspondentes aos seguintes números:

47. ( ) 1886 – Ele chegou no milésimo octingentésimo octagésimo sexto lugar.
48. ( ) 999 – Ela ocupava a noningentésima nonagésima nona cadeira.
49. ( ) 777 – Ele foi o setingentésimo setuagésimo sétimo a entrar.
50. ( ) 444 – Ela comprou o quatringentésimo quadragésimo quarto bilhete.

■ Assinale **C** ou **E**.

51. ( ) Octagésimo é variante de octogésimo.
52. ( ) Quatorze é variante de catorze.
53. ( ) Quatorzeno e terzeno são variantes pouco usadas de décimo quarto e décimo terceiro.
54. ( ) Novena, dezena, década, dúzia, trezena, quinzena, vintena, centena, cento, lustro, milhar, milheiro, par,... funcionam como substantivos coletivos, mas, por denotarem quantidade exata de seres, são também chamados de numerais coletivos.
55. ( ) Os numerais coletivos são invariáveis.

Para responder às questões de 56 a 59, observe este quadro:

3		3	.	2		2		4	.	1		2		3
														três
												vinte	**e**	três
										cento	**e**	vinte	**e**	três
								quatro mil	,	cento	**e**	vinte	**e**	três
						vinte	**e**	quatro mil	,	cento	**e**	vinte	**e**	três
				duzentos	**e**	vinte	**e**	quatro mil	,	cento	**e**	vinte	**e**	três
trinta	**e**	três milhões	,	duzentos	**e**	vinte	**e**	quatro mil	,	cento	**e**	vinte	**e**	três
dezena de milhão		unidade de milhão		centena de milhar		dezena de milhar		unidade de milhar		centena		dezena		unidade

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

56. ( ) Centenas, dezenas e unidades separam-se com **e**.
57. ( ) Milhares, milhões, bilhões separam-se com vírgula.
58. ( ) Ponto no número transforma-se em vírgula no numeral.
59. ( ) Usa-se a conjunção **e** para separar as centenas das dezenas; as dezenas das unidades; as unidades dos decimais...

■ Escreva por extenso.

60. 24.132.436 _____
_____

61. 22.333.432.123 _____
_____
_____

Atenção:

1.001 mil **e** um
1.200 mil **e** duzentos
8.096 oito mil **e** noventa e seis.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

62. ( ) Quando a última centena começa com zero, a vírgula que se seguiria ao milhar é substituída por **e**.
63. ( ) Quando a última centena termina com dois zeros, a vírgula que se seguiria ao milhar é substituída por **e**.

■ Escreva os numerais correspondentes aos seguintes algarismos.

64. 9.056 _____
65. 9.006 _____
66. 9.156 _____
67. 9.320 _____
68. 9.300 _____

■ Escreva nos espaços os fracionários dos algarismos que estão entre parênteses.

69. Ela comprou (1/3) _____ da fazenda.
70. Ela comprou (2/3) _____ da fazenda.
71. Ela comprou (5/8) _____ da fazenda.
72. Ela comprou (1/8) _____ da fazenda.
73. Ela comprou (3/11) _____ da fazenda.

74. Ela comprou (1/20) _____ da fazenda.
75. Ela comprou (7/30) _____ da fazenda.
76. Ela comprou (4/33) _____ da fazenda.
77. Ela comprou (11/200) _____ da fazenda.
78. Ela comprou (13/220) _____ da fazenda.

■ Quanto à flexão dos numerais, assinale **C** ou **E**.

79. ( ) Variam em gênero: **um**, **dois**, **três**.
80. ( ) Variam em gênero: **um**, **dois** e as centenas de duzentos em diante.
81. ( ) Variam em gênero as dezenas.
82. ( ) Os ordinais variam em gênero e número, normalmente.
83. ( ) **terçã** e **quartã** (formas em desuso) só variam em número (singular e plural).
84. ( ) Os ordinais variam em gênero e número.
85. ( ) Os cardinais terminados em **-lhão** admitem plural.
86. ( ) **bilhão** tem como variante **bilião**.
87. ( ) **milhão** tem como variante **milião**.
88. ( ) **trilhão** tem como variante **trilião**.
89. ( ) Em abril, chuvas **mil**. A expressão em destaque deixa de ser numeral para ser indefinida.

Atenção:

No *Manual de Redação da Presidência da República*, há as seguintes recomendações:

– "Os numerais devem ser escritos por extenso quando constituírem uma única palavra ('quinze'; 'trezentos'; 'mil' etc.); quando constituírem mais de uma, devem ser grafados em algarismos ('25', '142' etc.)";

– "Os numerais que indiquem porcentagem seguem a mesma regra: a expressão 'por cento' será grafada por extenso se o numeral constituir uma única palavra ('**quinze** por cento', '**cem** por cento'), e na forma numérica seguida do símbolo '%' se o numeral constituir mais de uma palavra ('142%', '57%' etc.)";

– "Valores monetários devem ser expressos em algarismos seguidos da indicação, por extenso, entre parênteses: R$1.000.000,00 (um milhão de reais). Se o valor a ser mencionado estiver localizado no final de uma linha, não o separe; coloque o cifrão em uma linha e os algarismos na seguinte"; (texto adaptado)

– "Nas datas, o mês deve ser grafado por extenso, e o dia, sem o algarismo **0** à esquerda: '3 de setembro de 2006' e não '03 de setembro de 2006' ". (texto adaptado)

Designando papas, soberanos, séculos, partes de uma obra, usam-se os **ordinais** até **décimo**; daí em diante, **os cardinais**. Porém, se o numeral antecede o substantivo, emprega-se o ordinal: **vigésimo** século, **décimo sexto** capítulo, **décimo primeiro** canto.

Prática

■ Escreva como devem ser lidos os numerais correspondentes aos algarismos romanos.

90. Pio XI _____
91. Pedro II _____
92. Canto VI _____
93. Século XX _____
94. Século X _____
95. Capítulo X _____
96. Capítulo XI _____
97. Pio X _____
98. Canto XI _____

Na numeração de artigos de leis, decretos e portarias, usa-se o **ordinal** até **nono**; daí em diante, os **cardinais**.

Prática

■ Continue.

99. Art. (1) _____
100. Art. (9) _____
101. Art. (10) _____
102. Art. (25) _____

Na referência aos dias do mês, usam-se os cardinais, exceto para o **primeiro**.

Prática

■ Continue.

103. ...no dia (1) _____ de maio...
104. ...no dia (2) _____ de fevereiro...
105. ...no dia (25) _____ de junho...
106. ...no dia (31) _____ de janeiro...

Com referência a páginas e folhas, a apartamentos, quartos de hotelaria, cabines de navio, poltronas de casas de espetáculo, veículos de transporte... usam-se os cardinais. Porém, se o numeral vier anteposto, usa-se o ordinal: terceira poltrona, oitava cabine, vigésima folha.

Prática

■ Continue.

107. Casa (1) _____
108. Folha (1) _____
109. Quarto (1) _____
110. Apartamento (1) _____
111. Cabine (1) _____
112. Folha (2) _____
113. Cabine (9) _____
114. Casa (22) _____
115. Quarto (10) _____

■ Continue.

116. Ela hoje completa o (1757) _____ _____ ano de existência.
117. Eu cheguei em (486) _____ _____ lugar.
118. R$ 8.723.846.123,35 (_____ _____)
119. Comprei (5/200) _____ daquela área.
120. Ele vendeu (18%) _____ de suas ações.

■ Assinale **C** ou **E**.

121. ( ) O novo sócio adquiriu mil trezentos e vinte e duas cotas.
122. ( ) Gênova, 05 de outubro de 1999.
123. ( ) Nem um de vocês conseguiu alcançar a meta?
124. ( ) Nenhum de vocês conseguiu alcançar a meta?
125. ( ) Comprei um dez avos da boiada.
126. ( ) Ocorria isso por volta do século dez depois de Cristo.
127. ( ) Para que andar o senhor vai? — Para o dezoito andar.
128. ( ) Estamos aqui na quarenta e dois DP.
129. ( ) Aos dezenove dias do mês de fevereiro do ano de mil novecentos e quarenta e dois...

■ Responda.

130. Se as frases 123 e 124 estão certas, há diferença de sentido entre elas?
Resp.: _____

O e UM: artigo, pronome, ou numeral?

Artigos só existem dois: o definido **o** (a, os, as) e o indefinido **um** (uma, uns, umas).

O (artigo definido, ou pronome)

Como o artigo só existe antes de um substantivo, toda vez que **o** (a, os, as) não anteceder um substantivo, será pronome.

Exemplos de artigo definido, com os seus substantivos sublinhados:
O bom menino sonhava com ***a*** muitas vezes amada Julieta...
Os quatro irmãos analisavam ***as*** oportunidades...

Exemplos de pronomes:
Chamei-***o(s)***, mas não sei ***o*** que queres com eles.
As moças vieram, exceto ***as*** que não foram convidadas.

UM (artigo indefinido, ou pronome indefinido, ou numeral)

Toda vez que o indefinido **um** (uma, uns, umas) não anteceder um substantivo, será pronome:

Exemplos de artigo indefinido, com os seus substantivos sublinhados:
Era ***uma*** vez ***um*** calmo estudante que achou ***umas*** pérolas barrocas e ***uns*** interessantes gravetos.

Exemplos de pronome indefinido:
Ei! meninos, quero ***um*** que me ajude...
Havia ***várias*** meninas, ***umas*** alegres, ***outras*** tristes...
Uns acreditam, ***outros***, não.

Quando **um** (uma, uns, umas) não for indefinido, dará ideia de número preciso, então não pode ser artigo ou pronome indefinido, mas numeral.

Exemplos de numeral:
Quero só ***um*** exemplo.
Das três moças, ***uma*** se retirou.

Atenção:

O numeral **um** não tem plural. Sempre **uns** é indefinido.

Verbo

DEFINIÇÃO PROVISÓRIA

Observe as palavras em negrito:

Nós **confiamos** no presente.
Ele **chegou** à fazenda de madrugada.
Elas **estão** felizes.
Choverá muito à noite.

Prática

Assinale **C** ou **E** para as afirmações acerca das palavras em negrito.

1. ( ) São variáveis em **tempo**.
2. ( ) São **invariáveis**.
3. ( ) Variam em **gênero** (masculino/feminino).
4. ( ) Variam em **número** (singular/plural).
5. ( ) Variam em **pessoa** (1ª/2ª/3ª).
6. ( ) **Chegou** traduz ideia de ação.
7. ( ) **Estão** indica fenômeno da natureza.
8. ( ) **Estão** traduz ação.
9. ( ) **Choverá** traduz fenômeno da natureza.
10. ( ) **Estão** traduz ideia de estado.

Verbo é a palavra, variável em tempo, que exprime **ideia de ação**, **estado ou fenômeno**.

ESTRUTURA DOS VERBOS – CONJUGAÇÕES

	TEMA		
	RADICAL	VOGAL TEMÁTICA	DESINÊNCIA
1ª conj.	am	a	r
2ª conj.	vend	e	r
3ª conj.	part	i	r

Prática

■ Assinale **C** ou **E** para certo ou errado.

11. ( ) O **radical** contém a base da significação.
12. ( ) A vogal temática determina a **conjugação** (1ª, 2ª, 3ª).
13. ( ) Para achar-se o radical, tira-se **-ar**, **-er**, **-ir** do infinitivo dos verbos regulares.
14. ( ) Radical + vogal temática = **tema**.
15. ( ) Nos verbos regulares, tirando-se o **r** do infinitivo obtém-se o tema.
16. ( ) O verbo **pôr** pertence à quarta conjugação.
17. ( ) O verbo **pôr** é uma anomalia da segunda conjugação. Antigamente era **poer**, por isso a existência de palavras como **poedeira**, **poente**.

NÚMEROS E PESSOAS VERBAIS – DESINÊNCIAS

PESSOA	NÚMERO	
	SINGULAR	PLURAL
1ª	eu FAL**O**	nós FALA**MOS**
2ª	tu FALA**S**	vós FALA**IS**
3ª	ele FALA Ø	eles FALA**M**

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

18. ( ) A parte do verbo assinalada em **negrito** indica se o verbo está no singular ou plural (**número**).
19. ( ) Indica também se o verbo está conjugado na 1ª, 2ª ou 3ª **pessoa**.
20. ( ) Por isso se chama **desinência número-pessoal**.
21. ( ) Na terceira pessoa do singular, nesse tempo, a desinência número-pessoal é Ø.

O verbo varia em número (singular e plural) e pessoa (primeira, segunda, terceira). O que indica essas variações são as desinências.

Quadro de desinências número-pessoais

		INDICATIVO		
número	pessoa	presente	pretérito perfeito	futuro do presente
singular	1ª	o	i	ei
	2ª	s	ste	ás
	3ª	∅	u	á
plural	1ª	mos	mos	-emos
	2ª	is/des	stes	-eis
	3ª	m	ram	ão

■ Observe o quadro acima e responda **C** ou **E**.

22. ( ) Esse quadro se refere a três tempos do modo indicativo: presente, pretérito perfeito e futuro do presente.
23. ( ) Tais desinências se chamam número-pessoais, porque indicam a pessoa verbal e informam seu número (singular ou plural).
24. ( ) As desinências verbais **s** e **ás** (amas, amarás) indicam 2ª pessoa do plural.
25. ( ) As desinências verbais **s**, **ste** e **ás** indicam 2ª pessoa do singular.
26. ( ) As formas verbais terminadas em **m** e **ão** indicam 3ª pessoa do plural.

MODOS VERBAIS

Indicativo, subjuntivo, imperativo

Prática

■ Observe os sentidos dos verbos destacados e responda **C** ou **E**.

a) Juliana **chega** hoje à noite.
b) Espero que Juliana **chegue** hoje à noite.
c) **Chegue** cedo, Juliana!

27. ( ) Em *a*, o sentido é de afirmação, certeza, convicção.
28. ( ) Em *b*, o sentido é de possibilidade, dúvida.
29. ( ) O modo verbal que denota convicção, certeza, chama-se **indicativo**.
30. ( ) O modo verbal que denota dúvida, possibilidade, chama-se **imperativo**.
31. ( ) O modo verbal que denota possibilidade, dúvida, chama-se **subjuntivo**.
32. ( ) **Subjuntivo** (que se junta sob) permite concluir que normalmente se encontra em orações subordinadas.

33. ( ) Em *c*, dependendo da entonação, o verbo pode expressar um pedido, uma súplica ou uma ordem.
34. ( ) Em *c*, o verbo está no modo **imperativo**.

35. Correlacione corretamente as colunas quanto a sentido e modo verbais.

a) certeza	( ) indicativo
b) dúvida	( ) imperativo
c) ordem ou pedido	( ) subjuntivo

Subjuntivo não subordinado

O subjuntivo pode ser usado sozinho sem depender de outra oração.

Prática

36. Correlacione as colunas adequadamente.

a) subjuntivo em frase optativa*	( ) Talvez não se chegue a esse ponto.
b) subjuntivo expressando dúvida	( ) Deus a abençoe, minha filha.
	( ) Que a felicidade seja sempre sua companheira.

O verbo é variável também em modo. São três os modos verbais:
Modo Indicativo: exprime certeza, convicção;
Modo Subjuntivo: usado para orações subordinadas, para frases optativas, ou para expressar dúvida;
Modo Imperativo: denota pedido, súplica, ou imposição.

TEMPOS VERBAIS

Presente, pretérito e futuro

Antes			Agora	Depois
Pretérito	←		**Presente**	→ Futuro
perfeito amei			amo estou amando	amarei vou amar
imperfeito ...amava... ...estava amando...				
mais-que-perf.	←	→	fut. do pret.	
amara	←	→	amaria...	
tinha amado	←	→	ia amar...	

* *Vide*, em *Análise Sintática Visual*, Frase, Oração, Período: Frase quanto ao sentido.

Presente e pretérito (passado) do indicativo

Prática

a) Hoje me **sinto** bem neste local.
b) Quando me **mudei** para cá, **vim** a convite de minha tia, que **morava** aqui e **chegara** três anos antes.
c) Nem eu nem ela **sabíamos** que a minha vinda transformaria por completo a aparência do lugar em menos de um ano.

■ Assinale **C** ou **E**.

37. ( ) Em *a*, o verbo refere-se ao tempo presente, isto é, a ação acontece enquanto o emissor fala.
38. ( ) Em *b* e *c*, os verbos fazem referência ao tempo pretérito (passado), ou seja, as ações aconteceram antes do momento em que o emissor fala.
39. ( ) **morava** e **sabíamos** indicam que essas ações estavam em andamento dentro do passado (pretérito).
40. ( ) **mudei** e **vim** referem-se a ações passadas e concluídas.
41. ( ) *Perfectus*, em latim, significa "terminado", "concluído", "acabado".
42. ( ) Por isso, **mudei** e **vim** situam-se no **pretérito perfeito**.
43. ( ) Se "perfeito" significa "terminado", "concluído", "imperfeito" significa "em andamento", "não terminado".
44. ( ) **morava** e **sabíamos** situam-se, então, no **pretérito imperfeito**.

■ Atente agora para o verbo **chegara** em relação a **mudei** e **vim**.

45. ( ) **chegara** faz referência a uma ação já pretérita em relação a outro pretérito (**mudei** e **vim**).
46. ( ) Trata-se, então, de um pretérito anterior a um pretérito perfeito.
47. ( ) Por isso, **chegara** exemplifica o tempo verbal que se chama **pretérito mais-que--perfeito**, pois indica uma ação concluída antes de outra também já concluída.

■ Observe, ainda, **transformaria** em relação a **sabíamos**.

48. ( ) Nem um dos dois se encontra no pretérito.
49. ( ) Ambos situam-se no pretérito.
50. ( ) **transformaria** refere-se a um futuro dentro do pretérito.
51. ( ) A indicação de tempo de **transformaria** é exemplo do que se chama **futuro do pretérito**, porque denota uma ação futura dentro do passado.

Presente e futuro do presente do modo indicativo

Prática

a) Judite **gosta** de Gustavo e **quererá** ir com ele ao teatro.
b) Judite **está gostando** de Gustavo e **vai querer** ir com ele ao teatro.
c) Judite **gosta** de estudar.

■ Assinale **C** ou **E**.

52. ( ) Em *a*, **gosta** é um verbo flexionado no **presente**, porque denota um sentimento que acontece no **momento em que se fala**.
53. ( ) Em *a*, **quererá** é um verbo articulado no **futuro**, porque denota um sentimento, uma vontade que só vai acontecer **depois do momento em que se fala**.
54. ( ) Em *b*, **está gostando** é uma locução verbal no presente do indicativo, enquanto **vai querer** é uma locução verbal no futuro.
55. ( ) O presente do indicativo em **gosta**, **está gostando** transmite também uma ideia de ação contínua.

O verbo ainda varia em tempo:
Tempo presente: acontece quando se fala. Pode denotar ação momentânea ou contínua;
Tempo pretérito: aconteceu antes do momento em que se fala. Subdivide-se em **Pretérito perfeito**, **pretérito imperfeito**, **pretérito mais-que-perfeito** e **futuro do pretérito**;
Tempo futuro: acontecerá depois do momento em que se fala.

CORRELAÇÃO DE TEMPOS OU *CONSECUTIO TEMPORUM*

Atenção:

Futuro do pretérito pertence ao pretérito, como o nome sugere, por isso, relaciona-se bem com a oração subordinada no **pretérito** imperfeito do subjuntivo: **iria, se pudesse**.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, conforme convenha.

56. ( ) Se nós podemos, compraríamos.
57. ( ) Se vocês podem, comprarão.
58. ( ) Se eles quisessem, compraríam.

Já, o futuro do presente adéqua-se bem com o futuro do subjuntivo: **irei, se puder**.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, conforme convenha.

59. ( ) Se eles poderão, comprarão.
60. ( ) Quando eles podem, comprarão.
61. ( ) Quando eles puderem, comprarão.

A *consecutio temporum* (pronúncia: consecúcio têmporum), ou *correlação de tempos* da norma culta da Língua Portuguesa, acontece em outros tempos e modos.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, conforme convenha.

62. ( ) Todos ficamos absolutamente tranquilos porque eles tivessem chegado bem cedo.
63. ( ) Ninguém podia comentar, sequer em voz baixa, pois os outros podiam estar ouvindo.
64. ( ) Todos resolveram combinar a compra dos ingressos com antecedência, porque deveria esgotar-se logo a venda.
65. ( ) É muito possível, na opinião da maioria dos presentes, que Maria, embora sem convite, chega mais cedo.
66. ( ) Ela estaria certíssima se estivesse falado antes com o irmão.
67. ( ) Se me ouvisses, como todos te aconselharam, chegarias primeiro.
68. ( ) Se me ouves, não tenho a menor dúvida, chegas primeiro.
69. ( ) Se me tivesses ouvido, terias chegado primeiro.
70. ( ) Se me tivesses ouvido, chegaste primeiro.
71. ( ) Por me teres ouvido, chegaste primeiro.

■ Corrija a correlação de tempos, se necessário.

72. O pai aconselhou que o menino saía de casa.

_____

73. No dia em que não me sinta mais feliz, vou mudar de vida.

_____

74. No dia em que não me sentir mais feliz, vou mudar de vida.

_____

75. Todos os dias, chova ou faça sol, eu ia à cachoeira mais perto de casa.

_____

76. Pena era que os meninos estejam tão mal vestidos quando eu os visitei.

_____

77. Pena será se os meninos estejam mal vestidos quando eu os visitar.

_____

QUADRO DE DESINÊNCIAS MODO-TEMPORAIS E NÚMERO-PESSOAIS

Infinitivo impessoal	Gerúndio	Particípio
r	ndo	do/to/so

Número	Pessoa	Infinitivo Pessoal	Imperfeito do Indicativo	Imperfeito do Subjuntivo	Mais-q.-perf. do Indicativo	Futuro do Pretérito	Futuro do Subjuntivo
SING.	1ª	r	va ia	sse	ra	ia	r
	2ª	r es	va ia s	sse s	ra s	ia s	r es
	3ª	r	va ia	sse	ra	ia	r
PLUR.	1ª	r mos	va ia mos	sse mos	ra mos	ía mos	r mos
	2ª	r des	ve ie is	sse is	re is	íe is	r des
	3ª	r em	va ia m	sse m	ra m	ia m	r em

Prática

■ Observe as desinências no quadro anterior e responda **C** ou **E**.

78. ( ) **amado**, **coberto** e **aceso** são exemplos de particípio.
79. ( ) O particípio é variável em gênero (amada, coberta, acesa) e número (amados, cobertos, acesas).
80. ( ) A desinência **s**, no particípio, marca plural, como nos adjetivos: **belos**, **ricos**.
81. ( ) A terminação **s** sempre marca plural, tanto nos verbos, como nos nomes (substantivo, adjetivo...)
82. ( ) O gerúndio é variável em número e pessoa, porque é uma forma verbal.
83. ( ) O gerúndio é invariável em número e pessoa.
84. ( ) Existe um infinitivo variável em número e pessoa, e outro infinitivo invariável.
85. ( ) **Quando eu amar**... tem o verbo no infinitivo.
86. ( ) As formas verbais **amar**, **amardes** podem indicar infinitivo pessoal ou futuro do subjuntivo.
87. ( ) As formas verbais **quiser**, **quiserdes** podem indicar também infinitivo pessoal ou futuro do subjuntivo.
88. ( ) **Querer**, **quererdes** estão no infinitivo, assim como **quiser**, **quiserem** estão no futuro.
89. ( ) As desinências fixas **-r**, **-ndo**, **-va**, **-ia**, **-sse**, **-ra** indicam número (singular e plural) e pessoa (1ª, 2ª, 3ª).
90. ( ) As desinências fixas **-r**, **-ndo**, **-va**, **-ia**, **-sse**, **-ra** são modo-temporais, pois indicam modo e/ou tempo.
91. ( ) A desinência modo-temporal do imperfeito do indicativo pode ser **-va** (amá**va**mos) ou **-ia** (faz**ia**m).
92. ( ) Na 2ª pessoa do plural, o **-a** das desinências modo-temporais, por ser átono, transforma-se em **e** ao se juntar ao **i** da desinência número-pessoal **is**.
93. ( ) Amá**va**mos, amá**ve**is; puder**as**, pudé**re**is; pod**ia**m, pod**íe**is são exemplos que justificam a afirmação anterior.

VOZES VERBAIS

Veja esta cena:

Qualquer observador pode comunicar a ação que nela se passa. Se, inconscientemente, ele enfatiza a planta, possivelmente dirá:

— A **planta** está sendo regada pelo homem.

Se, contudo, ressalta o ser humano, provavelmente dirá:

— O **homem** está regando a planta.

O falante coloca como sujeito o que lhe parece ser mais importante, extrai-se daí que sujeito é posição de destaque psicológico. Quando se escolhe para sujeito o agente da ação, usa-se a **voz ativa** do verbo. Quando se emprega como sujeito o alvo ou paciente da ação, tem-se a **voz passiva**.

Prática

■ Compare estas cenas e responda:

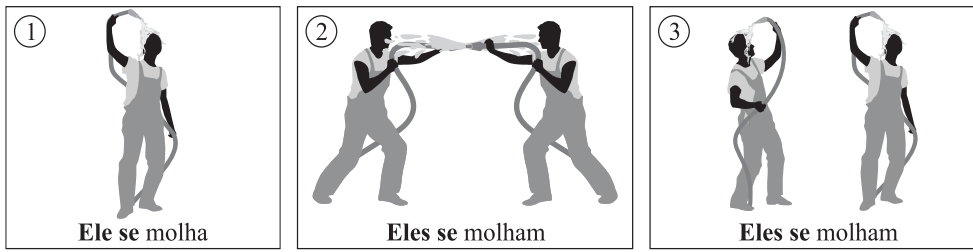

94. Em que cena(s) os pronomes **ele(s)** e **se** têm o mesmo referente, isto é, se referem ao mesmo indivíduo? Resp.: _____.
95. Em que cena(s) os pronomes **ele(s)** e **se** representam reciprocidade de ações, troca de ações? Resp.: _____.
96. Você classifica como **voz reflexiva recíproca** o verbo que se encontra na frase da cena número: _____.
97. Você denomina simplesmente **voz reflexiva** a do(s) verbo(s) que se encontra(m) na(s) cena(s) número: _____.
98. As frases 2 e 3 são iguais e ambíguas. Se dissermos "José e João se molham", ocorrerá novamente ambiguidade. Qual é o duplo sentido? Resp.: _____ _____.
99. Como se deve fazer para evitar ambiguidade com uso do verbo na voz reflexiva? Resp.: _____.

Observe os gráficos e assinale **C** ou **E** nos parênteses das afirmações a seguir.

Voz ativa

Sujeito só pratica a ação.

Voz passiva

Sujeito só recebe a ação.

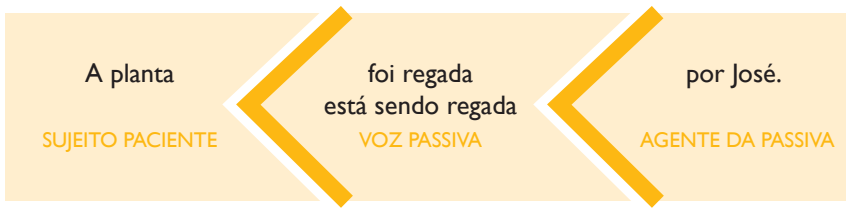

100. ( ) Voz ativa e passiva dizem exatamente a mesma coisa.
101. ( ) Voz ativa e passiva são visões diferentes de um mesmo fato.
102. ( ) Na voz ativa, o sujeito é agente da ação verbal.
103. ( ) Na voz passiva, o sujeito é paciente.
104. ( ) O verbo **ser** é usado como auxiliar da voz passiva.
105. ( ) Na passiva, o verbo **ser** assume o tempo e o modo do verbo principal da ativa.
106. ( ) O verbo principal da ativa, na passiva, vai para o particípio.

Voz passiva e passividade

Prática

■ Observe os exemplos de verbos destacados e responda **C** ou **E**.

Quando se fala em passividade, fala-se que o sujeito recebe e não pratica a ação verbal. Há, porém, verbos que denotam passividade mesmo na voz ativa:

I – Ele **recebeu** um presente.
II – Ele **doou** um presente.
III – Um presente **foi recebido** por ele.
IV – Um presente **foi doado** por ele.

107. ( ) Em I, o verbo denota passividade do sujeito.
108. ( ) Em II, o verbo denota atividade do sujeito.
109. ( ) Em III e IV, os sujeitos são pacientes e não agentes da ação verbal.
110. ( ) Os verbos de I, III e IV estão, portanto, na voz passiva.
111. ( ) Voz passiva não é a ideia de passividade, mas uma **forma** que o verbo assume.
112. ( ) O verbo assume a forma de voz passiva com a partícula apassivadora **se** ou com o auxiliar **ser**. (Alguns gramáticos aceitam também o verbo **estar** como auxiliar de voz passiva.)
113. ( ) Os verbos dos exemplos I e II estão na voz ativa, enquanto os das frases III e IV estão na voz passiva.

Voz passiva é uma **forma** verbal. Passividade é ideia. "Ele **recebeu** um presente" tem o verbo na forma ativa, embora traga ideia de passividade.

Voz passiva analítica

v. auxiliar + v. principal
ser no particípio

A casa **foi derrubada**.
ser + particípio

Voz passiva sintética

verbo + se *(apassivador)* **+ sujeito paciente**

Derrubou-se a casa.
sujeito paciente
apassivador

Voz reflexiva

Sujeito agente e objeto paciente representam a mesma pessoa.

José	feriu	-se.
SUJEITO AGENTE	VOZ REFLEXIVA	OBJETO PACIENTE

se representa José.

Voz reflexiva recíproca ou apenas recíproca

O sujeito representa dois ou mais seres que trocam ação entre si, por isso o verbo tem de estar no plural.

José e Daniela se beijaram.
Eles se beijaram.

O verbo tem capacidade de variar em voz:
Voz Ativa: o sujeito pratica a ação verbal;
Voz Passiva: o sujeito sofre a ação verbal;
Voz Reflexiva: o sujeito e o alvo da ação são o mesmo ser;
Voz Recíproca: há troca de ação entre dois ou mais seres.

Mudança de voz

Na mudança de voz, só se alteram o sujeito, o verbo e o objeto direto. Sublinhe-os e trabalhe só com eles. Todos os outros termos permanecem inalterados.

Passagem da ativa para a passiva analítica

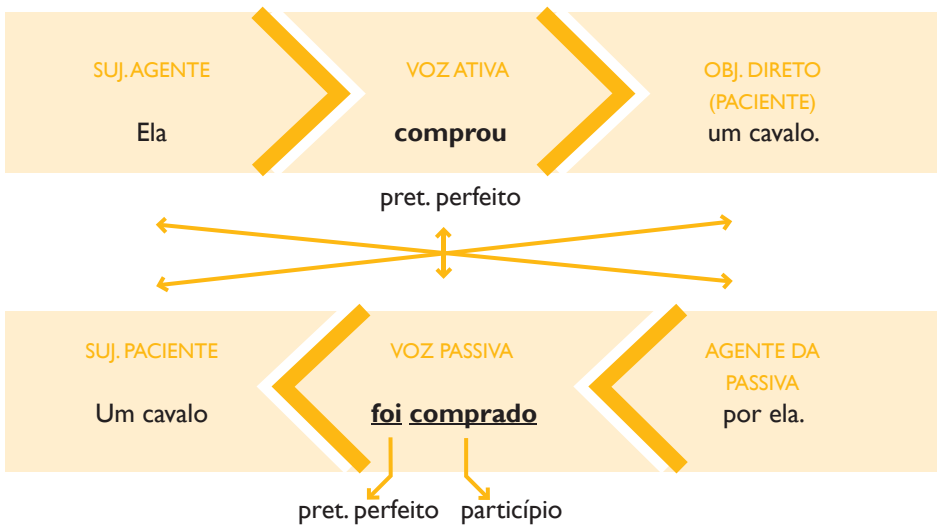

Prática

■ Julgue **C** ou **E**.

114. ( ) O objeto direto paciente da **ativa** (sem preposição) vira sujeito da **passiva**.
115. ( ) O sujeito agente (sem preposição) recebe a preposição **por** e vira agente da passiva.
116. ( ) O verbo da ativa vai para o **particípio** (comprado) tendo como auxiliar o verbo **ser**. O verbo **ser** acompanha o tempo do verbo da ativa (comprou = foi).

■ Transforme em **passiva analítica**.

117. Ele traz um presente. _____

118. Ela trará soluções. _____
119. Ela trazia perfume _____
120. Ela traria perfumes. _____

■ Siga o modelo.
Ela está trazendo um perfume.
Um presente está sendo trazido por ela.
121. Ela esteve trazendo uns presentes.
_____
122. Ela estará trazendo um presente.
_____
123. Ela estaria trazendo uns presentes.
_____
124. Ela deverá estar trazendo um presente.
_____

Conclusão:

Quando a locução verbal ativa termina em **gerúndio**, na passiva esse gerúndio vira particípio antecedido pelo gerúndio do verbo ser.

Passagem da ativa para a passiva sintética

SUJ. INDET.	VOZ ATIVA	OBJ. DIRETO (PACIENTE)
?	**Compraram**	um cavalo.

SUJ. PACIENTE	VOZ PASSIVA	AGENTE INDETERMINADO
Um cavalo	**comprou-se**	?

■ Observe e continue.

OBJ. DIRETO PACIENTE	→	**SUJEITO PACIENTE**
Trouxeram **um presente**.	→	Trouxe **um presente**.

125. Procuravam solução. → _____
126. Pediram um favor. → _____
127. Fabricarão barco aqui. → _____

OBJ. DIRETO PACIENTE	→	SUJEITO PACIENTE
Trouxeram **dois presentes**.	→	Trouxeram-se **dois presentes**.

128. Procuravam soluções. → _____
129. Pediriam uns presentes. → _____
130. Fabricarão barcos aqui. → _____

■ Observe e responda **C** ou **E**.

a. Falaram **de** você.
b. Alugam **por** centavos.
c. Pensam **em** reformas.
d. Falou-se **de** você.
e. Aluga-se **por** centavos.
f. Pensa-se **em** reformas.

131. ( ) No esquema anterior, só admite **voz passiva** a frase que na ativa tem objeto (direto) paciente.
132. ( ) Só existe **voz passiva** se existe sujeito paciente.
133. ( ) Os exemplos **c**, **d** e **e** estão na **voz passiva**.
134. ( ) Sujeito não começa por **preposição**.
135. ( ) Os exemplos **a**, **b** e **c** estão na **voz passiva**.
136. ( ) **a**, **b** e **c** não podem estar na voz passiva porque não têm **sujeito paciente**.
137. ( ) "**de** você", "**por** centavos", "**em** reformas" não podem ser objeto direto nem sujeito por causa das preposições.
138. ( ) Todas as frases, de **a** a **f**, têm, portanto, **sujeito indeterminado** e não têm voz passiva.

■ Quais as frases que estão na **voz passiva**? Se houver erro, corrija-o, fazendo o verbo concordar com o sujeito paciente.

139. Procura-se por líderes.
140. Procura-se líderes.
141. Não se falava em verdades.
142. Não se falava verdades.
143. Sacou-se da caneta.
144. Sacou-se a caneta.
145. Focou-se dois tatus.
146. Focou-se ao leão.

ASPECTOS VERBAIS

Incoativo, **inceptivo**: aspecto verbal que acrescenta ao significado do verbo a ideia de "início de ação".
... amanhecer, **entardecer...**

Frequentativo: acrescenta ao significado verbal a ideia de repetitividade.
Ela **costuma** vir aqui.
Saltitar.
Chorava **volta e meia**.

Atenção:

O aspecto frequentativo pode ser indicado por uma locução adverbial.

Causativos: verbos que denotam causa ou motivo da existência das orações que o seguem.
Deixava que o acariciassem.
Mandei-o sair.
Pedi que ela viesse.
Fizemos que ele concordasse.

Sensitivos: referem-se a um dos sentidos humanos (visão, audição...).
Eu a **vi** chorando.
Ouvimos a menina rezar.
Sentimos seu coração bater.

PARADIGMAS DAS TRÊS CONJUGAÇÕES REGULARES – TEMPOS SIMPLES

Infinitivo impessoal

1ª Amar 2ª Vender 3ª Partir

Modo indicativo

Presente do indicativo								
am		**o**	vend		**o**	part		**o**
am	**a**	**s**	vend	**e**	**s**	part	**e**	**s**
am	**a**		vend	**e**		part	**e**	
am	**a**	**mos**	vend	**e**	**mos**	part	**i**	**mos**
am	**a**	**is**	vend	**e**	**is**	part	**i**	**s**
am	**a**	**m**	vend	**e**	**m**	part	**e**	**m**

Prática

■ Leia três vezes em voz alta o quadro acima, observe-o atentamente e responda **C** ou **E**.

147. ( ) No presente do indicativo, a terminação da 1ª pessoa do singular é igual nas três conjugações.

148. ( ) Na 1ª e 2ª conjugação, as vogais temáticas se mantêm **a** e **e**, respectivamente, exceto na 1ª pessoa do singular.

149. ( ) Na terceira conjugação, a vogal temática, tirando-se a primeira pessoa do singular, aparece em forma de **e** ou **i**.

Pretérito perfeito do indicativo

am	**e**	**i**	vend		**i**	part		**i**
am	**a**	**ste**	vend	**e**	**ste**	part	**i**	**ste**
am	**o**	**u**	vend	**e**	**u**	part	**i**	**u**
am	(´) **á**	**mos**	vend	**e**	**mos**	part	**i**	**mos**
am	**a**	**stes**	vend	**e**	**stes**	part	**i**	**stes**
am	**a**	**ram**	vend	**e**	**ram**	part	**i**	**ram**

Prática

■ Leia três vezes em voz alta o quadro acima, observe-o atentamente e responda **C** ou **E**.

150. ( ) No pretérito perfeito do indicativo, as desinências pessoais são iguais nas três conjugações: **i**, **ste**, **u**, **mos**, **stes**, **ram**.

151. ( ) A vogal temática da 1ª conjugação, **a**, aparece alterada para **e** e **o** na 1ª e na 3ª pessoa do singular, respectivamente.

152. ( ) Na 2ª e na 3ª conjugação, as vogais temáticas **e** e **i**, na primeira pessoa do singular, desaparecem, pela proximidade da desinência **i**.

153. ( ) Nas outras pessoas da 2ª e da 3ª conjugação, as vogais temáticas se mantêm inalteradas.

154. ( ) Amamos ou amámos, no pretérito perfeito, são grafias e pronúncias corretas.

Pretérito imperfeito do indicativo

ama	**va**		vend	**ia**		part	**ia**	
ama	**va**	**s**	vend	**ia**	**s**	part	**ia**	**s**
ama	**va**		vend	**ia**		part	**ia**	
amá	**va**	**mos**	vend	**ía**	**mos**	part	**ía**	**mos**
amá	**ve**	**is**	vend	**íe**	**is**	part	**íe**	**is**
ama	**va**	**m**	vend	**ia**	**m**	part	**ia**	**m**

Prática

■ Leia três vezes em voz alta o quadro acima, observe-o atentamente e responda **C** ou **E**.

155. ( ) No pretérito imperfeito do indicativo, as desinências pessoais são iguais nas três conjugações: ∅, **s**, ∅, **mos**, **is**, **m**.

156. ( ) As desinências temporais são **va** para 1ª conjugação e **ia** para 2ª e 3ª conjugações.

157. ( ) As desinências temporais se mantêm inalteradas.
158. ( ) As desinências temporais antes de **i** trocam o **a** por **e**.
159. ( ) A desinência temporal **va** indica ação concluída no passado.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

ama	**ra**		vende	**ra**		parti	**ra**	
ama	**ra**	**s**	vende	**ra**	**s**	parti	**ra**	**s**
ama	**ra**		vende	**ra**		parti	**ra**	
amá	**ra**	**mos**	vendê	**ra**	**mos**	partí	**ra**	**mos**
amá	**re**	**is**	vendê	**re**	**is**	partí	**re**	**is**
ama	**ra**	**m**	vende	**ra**	**m**	parti	**ra**	**m**

Prática

■ Leia três vezes em voz alta o quadro acima, observe-o atentamente e responda **C** ou **E**.

160. ( ) No pretérito mais-que-perfeito do indicativo, as desinências pessoais são iguais nas três conjugações: ∅, **s**, ∅, **mos**, **is**, **m**.
161. ( ) As desinências temporais são as mesmas nas três conjugações (**ra**), e trocam o **a** por **e** apenas antes de **i**.
162. ( ) A desinência temporal **ra** indica que a ação foi praticada antes de outra ação praticada no passado.
163. ( ) O pretérito mais-que-perfeito se forma tirando-se o **m** final da 3ª pessoa do plural do pretérito perfeito (amara~~m~~, vendera~~m~~, partira~~m~~).

Futuro do presente do indicativo

amar	**ei**	vender	**ei**	partir	**ei**
amar	**ás**	vender	**ás**	partir	**ás**
amar	**á**	vender	**á**	partir	**á**
amar	**emos**	vender	**emos**	partir	**emos**
amar	**eis**	vender	**eis**	partir	**eis**
amar	**ão**	vender	**ão**	partir	**ão**

Prática

■ Leia três vezes em voz alta o quadro acima, observe-o atentamente e responda **C** ou **E**.

164. ( ) No futuro do presente do indicativo, as terminações são exatamente iguais nas três conjugações: **ei**, **ás**, **á**, **emos**, **eis**, **ão**.
165. ( ) Antigamente conjugava-se o verbo haver assim: **hei**, **hás**, **há**, **hemos**, **heis**, **hão**.
166. ( ) Pode-se perceber que o futuro do presente é infinitivo seguido do verbo haver no presente: **amar+hei**, **amar+hás**, **amar+há**, ... **amar+hão**, não se escrevendo o **h** porque não é pronunciado.

167. ( ) Também hoje se constrói o futuro com o presente do verbo haver + o infinitivo de outro verbo: **hei de amar**, **hás de amar**, **há de amar**...

168. ( ) O verbo **ir** também auxilia na formação de futuro: **vou** amar, **vais** amar, **vai** amar...

Futuro do pretérito do indicativo								
amar	**ia**		vender	**ia**		partir	**ia**	
amar	**ia**	**s**	vender	**ia**	**s**	partir	**ia**	**s**
amar	**ia**		vender	**ia**		partir	**ia**	
amar	**ía**	**mos**	vender	**ía**	**mos**	partir	**ía**	**mos**
amar	**íe**	**is**	vender	**íe**	**is**	partir	**íe**	**is**
amar	**ia**	**m**	vender	**ia**	**m**	partir	**ia**	**m**

Prática

■ Leia três vezes em voz alta o quadro acima, observe-o atentamente e responda **C** ou **E**.

169. ( ) No futuro do pretérito, após o **r** do infinitivo, as terminações são exatamente iguais nas três conjugações: **ia**, **ias**, **ia**, **íamos**, **íeis**, **iam**.

170. ( ) Só antes de **i** é que o **a** das terminações se transforma em **e**.

171. ( ) As terminações do futuro do pretérito se confundem com o imperfeito do verbo ir: **ia**, **ias**, **ia**, **íamos**, **íeis**, **iam**.

172. ( ) Pode-se fazer o futuro do pretérito com o imperfeito do verbo ir, antes do infinitivo: ia amar, ias amar, ia amar... (= amaria, amarias, amaria...).

O modo indicativo tem seis tempos:

Pretérito Perfeito	Presente	Futuro do Presente
Pretérito Imperfeito		
Pretérito Mais-que-perfeito		
Futuro do Pretérito		

Modo subjuntivo

Presente do subjuntivo (que eu...)								
am	**e**		vend	**a**		part	**a**	
am	**e**	**s**	vend	**a**	**s**	part	**a**	**s**
am	**e**		vend	**a**		part	**a**	
am	**e**	**mos**	vend	**a**	**mos**	part	**a**	**mos**
am	**e**	**is**	vend	**a**	**is**	part	**a**	**is**
am	**e**	**m**	vend	**a**	**m**	part	**a**	**m**

Prática

■ Sobre o presente do subjuntivo, assinale **C** ou **E**.

173. ( ) Na primeira conjugação, forma-se o presente do subjuntivo trocando-se o **o** da primeira pessoa do singular do presente do indicativo (am-**o**) por **e** (am**e**), que se repete em todas as pessoas.

174. ( ) Na segunda e na terceira conjugações, o presente do subjuntivo se forma trocando-se o **o** da primeira pessoa do presente do indicativo (vend**o**, part**o**) por **a**, (vend**a**, part**a**), que se mantém em todas as demais pessoas.

175. ( ) Nas três conjugações, as desinências pessoais são as mesmas (∅, **s**, ∅, **mos**, **is**, **m**).

176. ( ) O fato de a conjugação do presente do subjuntivo começar com **que eu...** significa que é usado como ideia secundária ou subordinada.

Pretérito imperfeito do subjuntivo (se eu...)		
ama **sse**	vende **sse**	parti **sse**
ama **sse s**	vende **sse s**	parti **sse s**
ama **sse**	vende **sse**	parti **sse**
amá **sse mos**	vendê **sse mos**	partí **sse mos**
amá **sse is**	vendê **sse is**	partí **sse is**
ama **sse m**	vende **sse m**	parti **sse m**

Prática

■ Relativamente ao pretérito imperfeito do subjuntivo, assinale **C** ou **E**.

177. ( ) Indica ação concluída do passado.

178. ( ) Nas três conjugações, é representado pela desinência temporal **sse**, que se mantém em todas as pessoas.

179. ( ) Nas três conjugações, as desinências pessoais são as mesmas (∅, **s**, ∅, **mos**, **is**, **m**).

180. ( ) É derivado da 3ª pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo, trocando-se o **ram** por **sse** (amar~~am~~ + sse; vender~~am~~ + sse; partir~~am~~ + sse).

181. ( ) O fato de começar com um **se** (se eu amasse...) pressupõe pertencer a uma oração subordinada.

Futuro do subjuntivo (quando eu...)		
ama **r**	vende **r**	parti **r**
ama **r es**	vende **r es**	parti **r es**
ama **r**	vende **r**	parti **r**
ama **r mos**	vende **r mos**	parti **r mos**
ama **r des**	vende **r des**	parti **r des**
ama **r em**	vende **r em**	parti **r em**

Prática

■ Em relação ao futuro do subjuntivo, assinale **C** ou **E**.

182. ( ) É também derivado da 3ª pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo, de que se tira a terminação **am** (amar~~am~~, vender~~am~~, partir~~am~~).

183. ( ) Nas três conjugações, usam-se as mesmas desinências pessoais (∅, **s**, ∅, **mos**, **des**, **em**).

184. ( ) Sua conjugação começa com um **quando** (quando eu chegar...), o que indica pertencer a uma ideia subordinada, e não principal.

185. ( ) É sempre igual ao infinitivo (**amar**: quando eu amar; **vender**: quando eu vender; **partir**: quando eu partir).

Modo imperativo

Afirmativo											
am	**a**		(tu)	vend	**e**		(tu)	part	**e**		(tu)
am	**e**		(você)	vend	**a**		(você)	part	**a**		(você)
am	**e**	**mos**	(nós)	vend	**a**	**mos**	(nós)	part	**a**	**mos**	(nós)
am	**a**	**i**	(vós)	vend	**e**	**i**	(vós)	part	**i**		(vós)
am	**e**	**m**	(vocês)	vend	**a**	**m**	(vocês)	part	**a**	**m**	(vocês)

Negativo											
não ame	**s**		(tu)	não venda	**s**		(tu)	não parta	**s**		(tu)
não ame			(você)	não venda			(você)	não parta			(você)
não ame	**mos**		(nós)	não venda	**mos**		(nós)	não parta	**mos**		(nós)
não ame	**is**		(vós)	não venda	**is**		(vós)	não parta	**is**		(vós)
não ame	**m**		(vocês)	não venda	**m**		(vocês)	não parta	**m**		(vocês)

Prática

■ Em referência ao imperativo, assinale **C** ou **E**.

186. ( ) Não possui 1ª pessoa do singular.

187. ( ) No quadro anterior, os sujeitos aparecem entre parênteses, porque, na verdade, não são pronunciados. Estão normalmente subentendidos.

188. ( ) Os sujeitos são sempre receptores.

189. ( ) O sujeito de **amemos** é o emissor.

Os sujeitos de **estudemos** nas frases seguintes referem-se a diferentes pessoas do discurso.

I – Ela quer que estudemos.

II – Estudemos, para saber.

■ Assinale **C** ou **E**.

190. ( ) Em I, o verbo está no presente do subjuntivo e refere-se a emissor (eu) e receptor (tu, vós, você...), podendo até incluir o referente (ela).
191. ( ) Em II, o verbo está no imperativo e coloca o emissor (eu) junto com o receptor (tu, vós, você...), mas não inclui o referente (ele, ela...)
192. ( ) No imperativo, o sujeito é sempre o receptor (a pessoa com quem se fala), pois, mesmo quando se usa o **nós**, é para convencer o receptor a tomar alguma atitude: "Estudemos para saber."

FORMAS NOMINAIS DO VERBO

Observe o quadro, leia as frases a seguir e responda **C** ou **E**.

INFINITIVO Funciona como substantivo	**IMPESSOAL** (sem sujeito)	**Viver** é **lutar**.
	PESSOAL (com sujeito)	Flexionado: É bom **estudares** (tu). Não flexionado: Estudamos para **vencer** (nós).
GERÚNDIO Funciona como adjetivo ou advérbio		Usava um pano **cobrindo** o rosto. ↳ que cobria... (oração adjetiva) **Lutando**, conseguiremos. ↳ se lutarmos (oração adverbial)
PARTICÍPIO Funciona como adjetivo ou forma tempo composto como verbo principal		O rapaz, **apaixonado**, confessou ↳ adjetivo que **tinha escrito** a poesia. ↳ particípio do verbo principal (tempo composto)

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

193. ( ) **Infinitivo**, **gerúndio** e **particípio** são formas nominais dos verbos.
194. ( ) **Indicativo**, **subjuntivo** e **imperativo**, consequentemente, são formas verbais.
195. ( ) As formas nominais do verbo são assim chamadas porque podem funcionar como **nomes** (substantivo, adjetivo, advérbio).
196. ( ) O **particípio** é usado na formação dos tempos compostos.
197. ( ) "Ela foi **escolhida**". A palavra destacada é um adjetivo.
198. ( ) A palavra destacada no item anterior é um **particípio** formando uma voz passiva com o verbo auxiliar **ser**.

Prática

■ Leia em voz alta três vezes o quadro a seguir, para treinar o ouvido, e assinale **C** ou **E** nas afirmações seguintes.

Formas nominais

Infinitivo impessoal					
ama	**r**	vende	**r**	parti	**r**

Infinitivo pessoal					
ama	**r**	vende	**r**	parti	**r**
ama	**r es**	vende	**r es**	parti	**r es**
ama	**r**	vende	**r**	parti	**r**
ama	**r mos**	vende	**r mos**	parti	**r mos**
ama	**r des**	vende	**r des**	parti	**r des**
ama	**r em**	vende	**r em**	parti	**r em**

Gerúndio					
ama	**ndo**	vende	**ndo**	parti	**ndo**

Particípio					
ama	**do**	vendi	**do**	parti	**do**

"**Amar**, **vender** e **partir** é sempre bom."

199. ( ) Os verbos em negrito da frase acima estão no infinitivo impessoal.
200. ( ) O infinitivo sugere ações desvinculadas da ideia de tempo (presente, pretérito, futuro), isto é, as ações são postas na atemporalidade.
201. ( ) Quando se diz que o infinitivo é impessoal, é porque não indica o sujeito da ação.

"**Partires** é bom."

202. ( ) O verbo em negrito da frase acima está no infinitivo pessoal.
203. ( ) Infinitivo, porque não delimita a ação no tempo.
204. ( ) **Pessoal**, porque indica o sujeito (tu).

205. ( ) No infinitivo pessoal, nas três conjugações, as desinências pessoais são as mesmas.
206. ( ) A desinência que marca o infinitivo, nas três conjugações, é **r**, em todos os verbos, regulares e irregulares.

"Ele encontrou os rapazes **chorando**."

207. ( ) O verbo em negrito está no gerúndio.
208. ( ) O gerúndio indica um tempo definido e estático.
209. ( ) O gerúndio, como o infinitivo, indica tempo em desenvolvimento, em andamento.
210. ( ) A desinência que marca o gerúndio é **ndo**, para as três conjugações, em todos os verbos, regulares ou irregulares.

"Ele encontrou os inimigos **reunidos**."

211. ( ) O verbo negritado está no particípio.
212. ( ) A desinência indicadora de particípio, nos verbos regulares, é **do**.
213. ( ) O particípio funciona como adjetivo e varia em gênero e número.
214. ( ) Trata-se da única forma do verbo que varia em gênero.

CONJUGAÇÃO DOS VERBOS TER, HAVER, SER E ESTAR

Antes de estudar os tempos compostos, é importantíssimo saber a conjugação de quatro verbos que costumam aparecer como auxiliares: **ter**, **haver**, **ser** e **estar**. Conjugue-os em voz alta três vezes para educar o ouvido.

Modo indicativo

Presente do indicativo			
tenho	hei	sou	estou
tens	hás	és	estás
tem	há	é	está
temos	havemos	somos	estamos
tendes	haveis	sois	estais
têm	hão	são	estão

Pretérito imperfeito do indicativo			
tinha	havia	era	estava
tinhas	havias	eras	estavas
tinha	havia	era	estava
tínhamos	havíamos	éramos	estávamos
tínheis	havíeis	éreis	estáveis
tinham	haviam	eram	estavam

Pretérito perfeito do indicativo			
tive	houve	fui	estive
tiveste	houveste	foste	estiveste
teve	houve	foi	esteve
tivemos	houvemos	fomos	estivemos
tivestes	houvestes	fostes	estivestes
tiveram	houveram	foram	estiveram

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo			
tivera	houvera	fora	estivera
tiveras	houveras	foras	estiveras
tivera	houvera	fora	estivera
tivéramos	houvéramos	fôramos	estivéramos
tivéreis	houvéreis	fôreis	estivéreis
tiveram	houveram	foram	estiveram

Futuro do pretérito do indicativo			
teria	haveria	seria	estaria
terias	haverias	serias	estarias
teria	haveria	seria	estaria
teríamos	haveríamos	seríamos	estaríamos
teríeis	haveríeis	seríeis	estaríeis
teriam	haveriam	seriam	estariam

Futuro do presente do indicativo			
terei	haverei	serei	estarei
terás	haverás	serás	estarás
terá	haverá	será	estará
teremos	haveremos	seremos	estaremos
tereis	havereis	sereis	estareis
terão	haverão	serão	estarão

Modo subjuntivo

Presente do subjuntivo			
tenha	haja	seja	esteja
tenhas	hajas	sejas	estejas
tenha	haja	seja	esteja
tenhamos	hajamos	sejamos	estejamos
tenhais	hajais	sejais	estejais
tenham	hajam	sejam	estejam

Pretérito imperfeito do subjuntivo			
tivesse	houvesse	fosse	estivesse
tivesses	houvesses	fosses	estivesses
tivesse	houvesse	fosse	estivesse
tivéssemos	houvéssemos	fôssemos	estivéssemos
tivésseis	houvésseis	fôsseis	estivéssseis
tivessem	houvessem	fossem	estivessem

Futuro do subjuntivo			
tiver	houver	for	estiver
tiveres	houveres	fores	estiveres
tiver	houver	for	estiver
tivermos	houvermos	formos	estivermos
tiverdes	houverdes	fordes	estiverdes
tiverem	houverem	forem	estiverem

Modo imperativo

Afirmativo			
tem (tu)	(desusado)	sê (tu)	está (tu)
tenha (você)	haja (você)	seja (você)	esteja (você)
tenhamos (nós)	hajamos (nós)	sejamos (nós)	estejamos (nós)
tende (vós)	havei (vós)	sede (vós)	estai (vós)
tenham (vocês)	hajam (vocês)	sejam (vocês)	estejam (vocês)

Negativo	
não tenhas (tu)	não sejas (tu)
não tenha (você)	não seja (você)
não tenhamos (nós)	não sejamos (nós)
não tenhais (vós)	não sejais (vós)
não tenham (vocês)	não sejam (vocês)
não hajas (tu)	não estejas (tu)
não haja (você)	não esteja (você)
não hajamos (nós)	não estejamos (nós)
não hajais (vós)	não estejais (vós)
não hajam (vocês)	não estejam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal			
ter	haver	ser	estar

Infinitivo pessoal			
ter	haver	ser	estar
teres	haveres	seres	estares
ter	haver	ser	estar
termos	havermos	sermos	estarmos
terdes	haverdes	serdes	estardes
terem	haverem	serem	estarem

Gerúndio			
tendo	havendo	sendo	estando

Particípio			
tido	havido	sido	estado

Uso de ter, haver, ser e estar como auxiliares

Prática

■ Observe as frases e responda **C** ou **E**.

I – Ele havia adquirido um belo relógio.
II – Ele tem escrito belos poemas.
III – Ela foi cercada pelos colegas.
IV – Ela estava cercada pelos colegas.

215. ( ) Em I e II, os auxiliares **haver** e **ter** são formadores de voz passiva, porque os sujeitos recebem a ação verbal.
216. ( ) Em III e IV, os auxiliares **ser** e **estar** formam voz passiva.
217. ( ) **ter** e **haver** são auxiliares de voz ativa; **ser** auxilia na formação de voz passiva.
218. ( ) O auxiliar **estar** não forma voz passiva, mas pode conferir à frase noção de passividade: **Ela estava cercada**.

Ter e **haver** auxiliam a formação de tempos compostos de voz ativa. **Ser** é o verbo escolhido para auxiliar a formação da voz passiva. O verbo **estar**, quando auxiliar, introduz noção de passividade na frase.

PARADIGMA DAS TRÊS CONJUGAÇÕES REGULARES – TEMPOS COMPOSTOS

Modelos: **ter amado; ter vendido; ter partido**.

Modo indicativo

Perfeito *(pres. + particípio)*		
tenho amado	tenho vendido	tenho partido

Mais-que-perfeito *(imperf. + particípio)*		
tinha amado	tinha vendido	tinha partido

Futuro do presente *(fut. + particípio)*		
terei amado	terei vendido	terei partido

Futuro do pretérito *(fut. pret. + particípio)*		
teria amado	teria vendido	teria partido

Modo subjuntivo

Mais-que-perfeito *(imperf. + particípio)*		
tivesse amado	tivesse vendido	tivesse partido

Futuro *(fut. + particípio)*		
tiver amado	tiver vendido	tiver partido

Prática

■ Observe os dois quadros anteriores e responda **C** ou **E**.

219. ( ) Os tempos compostos de voz ativa constroem-se com o verbo auxiliar **ter** seguido do particípio do verbo principal.

220. ( ) **Tenho vendido** é exemplo de pretérito perfeito composto, mas sugere uma ação que se repete até o presente.

221. ( ) "Quando cheguei, você **tinha saído**." "Quando eu cheguei, você **saíra**." Os dois verbos destacados estão no mais-que-perfeito.
222. ( ) O mais-que-perfeito composto se constrói com o auxiliar no imperfeito.
223. ( ) **Tinha saído** é hoje muito mais usado que **saíra**.
224. ( ) Os futuros compostos têm o auxiliar no futuro: o futuro do presente apresenta auxiliar no futuro do presente; o futuro do pretérito usa o auxiliar no futuro do pretérito.

PARADIGMA DA VOZ PASSIVA

Modelo: **ser amado**

Modo Indicativo

Presente	Pretérito imperfeito
sou amado(a)	era amado(a)
és amado(a)	eras amado(a)
é amado(a)	era amado(a)
somos amados(as)	éramos amados(as)
sois amados(as)	éreis amados(as)
são amados(as)	eram amados(as)

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

225. ( ) A voz passiva se faz com o verbo auxiliar **ser** e o particípio do verbo principal.
226. ( ) Os tempos da voz passiva, quando formados com mais de um verbo, são tempos compostos.
227. ( ) Na voz passiva, define-se o tempo pelo verbo auxiliar.
228. ( ) Na voz passiva, o particípio varia em gênero e número (amado/a/s) para concordar com o sujeito.

Continue a observar a formação dos tempos na voz passiva, que podem ter o verbo auxiliar em tempo simples ou composto.

Modo Indicativo

Pretérito perfeito (auxiliar simples)	Pretérito perfeito (auxiliar composto)
fui amado(a)	tenho sido amado(a)
foste amado(a)	tens sido amado(a)
foi amado(a)	tem sido amado(a)
fomos amados(as)	temos sido amados(as)
fostes amados(as)	tendes sido amados(as)
foram amados(as)	têm sido amados(as)

Pretérito mais-que-perfeito (auxiliar simples)	Pretérito mais-que-perfeito (auxiliar composto)
fora amado(a)	tinha sido amado(a)
foras amado(a)	tinhas sido amado(a)
fora amado(a)	tinha sido amado(a)
fôramos amados(as)	tínhamos sido amados(as)
fôreis amados(as)	tínheis sido amados(as)
foram amados(as)	tinham sido amados(as)

Futuro do pretérito (auxiliar simples)	Futuro do pretérito (auxiliar composto)
seria amado(a)	teria sido amado(a)
serias amado(a)	terias sido amado(a)
seria amado(a)	teria sido amado(a)
seríamos amados(as)	teríamos sido amados(as)
seríeis amados(as)	teríeis sido amados(as)
seriam amados(as)	teriam sido amados(as)

Futuro do presente (auxiliar simples)	Futuro do presente (auxiliar composto)
serei amado(a)	terei sido amado(a)
serás amado(a)	terás sido amado(a)
será amado(a)	terá sido amado(a)
seremos amados(as)	teremos sido amados(as)
sereis amados(as)	tereis sido amados(as)
serão amados(as)	terão sido amados(as)

Modo Subjuntivo

Presente	Pretérito imperfeito
seja amado(a)	fosse amado(a)
sejas amado(a)	fosses amado(a)
seja amado(a)	fosse amado(a)
sejamos amados(as)	fôssemos amados(as)
sejais amados(as)	fôsseis amados(as)
sejam amados(as)	fossem amados(as)

Pretérito perfeito	Pretérito mais-que-perfeito
tenha sido amado(a)	tivesse sido amado(a)
tenhas sido amado(a)	tivesses sido amado(a)
tenha sido amado(a)	tivesse sido amado(a)
tenhamos sido amados(as)	tivéssemos sido amados(as)
tenhais sido amados(as)	tivésseis sido amados(as)
tenham sido amados(as)	tivessem sido amados(as)

Futuro (auxiliar simples)	Futuro (auxiliar composto)
for amado(a)	tiver sido amado(a)
fores amado(a)	tiveres sido amado(a)
for amado(a)	tiver sido amado(a)
formos amados(as)	tivermos sido amados(as)
fordes amados(as)	tiverdes sido amados(as)
forem amados(as)	tiverem sido amados(as)

Formas nominais

Infinitivo impessoal presente	Infinitivo impessoal pretérito
ser amado(a)	ter sido amado(a)

Infinitivo pessoal presente	Infinitivo pessoal pretérito
ser amado(a)	ter sido amado(a)
seres amado(a)	teres sido amado(a)
ser amado(a)	ter sido amado(a)
sermos amados(as)	termos sido amados(as)
serdes amados(as)	terdes sido amados(as)
serem amados(as)	terem sido amados(as)

Gerúndio presente	Gerúndio pretérito
sendo amado(a)(os)(as)	tendo sido amado(a)(os)(as)

Particípio
amado(a)(os)(as)

Prática

■ Observando o paradigma visto de conjugação da voz passiva, responda **C** ou **E**.

229. ( ) A única forma simples da voz passiva analítica é o particípio.
230. ( ) Em todas as demais formas, a voz passiva analítica é composta por dois ou mais verbos.

■ Compare as duas formas seguintes e responda **C** ou **E**.

I – É melhor **ser amado** que **estar sendo amado**.
II – Eu não **estou sendo amado**, eu **sou amado**.

231. ( ) Em todas as formas, o verbo **ser** é responsável pela formação da voz passiva.
232. ( ) Em II, as ações estão sendo consideradas no presente.
233. ( ) Em II, **estou sendo** e **sou** têm o mesmo sentido.
234. ( ) **Sou amado** traz noção de continuidade, enquanto **estou sendo amado** conota transitoriedade.
235. ( ) Em I, acontece a mesma ideia. O verbo **estar** contribui com a noção de transitoriedade, momentaneidade, e o **ser** transmite continuidade, permanência.

FORMAS RIZOTÔNICAS E ARRIZOTÔNICAS

Prática

■ Compare os quadros e assinale **C** ou **E**.

RADICAL	DESINÊNCIA	RADICAL	DESINÊNCIA
est**u**d	o	estud	**a**mos
est**u**d	as	estud	**a**is
est**u**d	a/am		
RIZOTÔNICAS		ARRIZOTÔNICAS	

236. ( ) **riz(o)** significa **raiz**, **radical**.
237. ( ) **Radical**, ou **raiz**, é onde reside o significado-base da palavra.
238. ( ) **Tônico** significa **forte**.
239. ( ) **Rizotônica** significa que a **vogal tônica está dentro do radical**.
240. ( ) **Arrizotônica** é a forma que tem a **vogal tônica fora do radical**.

Formas rizotônicas são as que apresentam vogal tônica no radical (**a**m-o, **a**m-as). Formas arrizotônicas são as que têm a vogal tônica fora do radical (am-**e**i, am-**a**mos).

DEFINIÇÃO ABRANGENTE DE VERBO

Verbo é a palavra que apresenta o maior número de variações (pessoa, número, tempo, modo, voz) e exprime ideia de ação, estado ou fenômeno.

LOCUÇÃO VERBAL

Verbos auxiliares e verbo principal

VERBOS AUXILIARES	+	VERBO PRINCIPAL	
Vou		amando	gerúndio
Estarei		chegando	
Vais		entender	infinitivo
Teria	de	aprender	
Fiquei	a	observar	
Deverei ter		passado	particípio
Podemos ter sido		aprovados	

Prática

Assinale **C** ou **E** em relação ao quadro anterior.

241. ( ) "Vou amando", "Teria de aprender", "Podemos ter sido aprovados": cada um desses conjuntos de dois ou mais verbos funciona como se fosse um verbo só.
242. ( ) Cada locução verbal apresenta uma só palavra (verbo) como principal.
243. ( ) Na locução verbal, pode haver um ou mais verbo(s) auxiliar(es).
244. ( ) As locuções verbais podem ter ou não a presença de preposição.
245. ( ) Em locução verbal, o verbo principal estará no gerúndio, no infinitivo ou no particípio.
246. ( ) Em "Podemos ter **sido** aprovados", o verbo em negrito é o verbo principal.
247. ( ) O verbo **ser** na locução verbal é indicador de voz passiva.
248. ( ) São locuções verbais: começou a chorar, andou falando, deixou de falar, acabou-se convencendo, voltou a incomodar, podia supor, pôs-se a cantar, tornou a sorrir, vai começar a amar.

Locução verbal: dois ou mais verbos com ideia de um só verbo.

FORMAÇÃO DOS TEMPOS E MODOS

Derivado do presente do indicativo

Presente do subjuntivo

TEMPO PRIMITIVO	→	TEMPO DERIVADO
PRESENTE DO INDICATIVO		PRESENTE DO SUBJUNTIVO

1ª pessoa do singular			
~~o~~	→	**e** 1ª conj.	**a** 2ª e 3ª conj.

Prática

■ Preencha as lacunas.

		am**ar**	**ler**	fug**ir**
		eu amo	eu leio	eu fujo
249.	que eu	am _____	lei _____	fuj _____
250.	que tu	am _____	lei _____	fuj _____
251.	que ele	am _____	lei _____	fuj _____
252.	que nós	am _____	lei _____	fuj _____
253.	que vós	am _____	lei _____	fuj _____
254.	que eles	am _____	lei _____	fuj _____

O presente do subjuntivo se forma do presente do indicativo. Na primeira conjugação, o **o** do presente do indicativo se transforma em **e** (cont**o** → cont**e**); na segunda e na terceira conjugação, o **o** do indicativo vira **a** (tenh**o** → tenh**a**; sai**o** → sai**a**).

Derivados dos presentes do indicativo e do subjuntivo

Imperativos afirmativo e negativo

	Primitivo	Modo derivado		Primitivo
		Imperativo		
	Presente do indicativo	Afirmativo	Negativo	Presente do subjuntivo
1ª	eu amo	———	———	ame
2ª	tu amas (~~s~~)	ama (tu)	não ames (tu)	ames
3ª	ele ama	ame (você)	não ame (você)	ame
1ª	nós amamos	amemos (nós)	não amemos (nós)	amemos
2ª	vós amais (~~s~~)	amai (vós)	não ameis (vós)	ameis
3ª	eles amam	amem (vocês)	não amem (vocês)	amem

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, em relação ao quadro anterior.

255. ( ) O **imperativo afirmativo** deriva do presente do indicativo e do presente do subjuntivo.
256. ( ) No **imperativo**, não há 1ª pessoa.
257. ( ) No **imperativo**, não há 1ª pessoa do singular, porque ninguém dá ordem a si mesmo.
258. ( ) No imperativo, o **nós** representa o(s) receptor(es) e inclui o emissor. "Comecemos por aqui".
259. ( ) No imperativo, **não existe sujeito ele(s)**, porque não se dá ordem diretamente à pessoa de quem se fala.
260. ( ) Os sujeitos do imperativo são sempre **receptores**.
261. ( ) O **imperativo negativo** deriva do presente do indicativo e do presente do subjuntivo.
262. ( ) **Tu** e **vós** do **imperativo afirmativo** se originam de **tu** e **vós** do presente do indicativo, eliminado-se o **s** final.
263. ( ) As demais pessoas do **imperativo afirmativo** (**você**, **nós**, **vocês**) são iguais ao **presente do subjuntivo**.
264. ( ) Todo o **imperativo negativo** é igualzinho ao presente do subjuntivo.

No imperativo, não há primeira pessoa do singular.
No **imperativo afirmativo**, **tu** e **vós** são iguais ao tu e vós do presente do indicativo, sem os **s** finais: amas~~s~~ → ama; amais~~s~~ → amai.
No **imperativo negativo**, todas as pessoas são iguais às do presente do subjuntivo.

■ Forme o imperativo do verbo.

	correr			
265. (tu)	_____	não	_____	(tu)
266. (você)	_____	não	_____	(você)
267. (nós)	_____	não	_____	(nós)
268. (vós)	_____	não	_____	(vós)
269. (vocês)	_____	não	_____	(vocês)

270. Passe para a **3ª do singular**.
Namora, vibra, corre, pula, diverte-te à vontade.
Resp.: _____

271. Passe a frase anterior para o **negativo** (2ª pessoa do singular).
Resp.: _____

272. Passe para a 2ª do **plural**.
Divirta-se, mas não se esgote.
Resp.: _____

Derivados do pretérito perfeito

Mais-que-perfeito do indicativo, futuro e imperfeito do subjuntivo

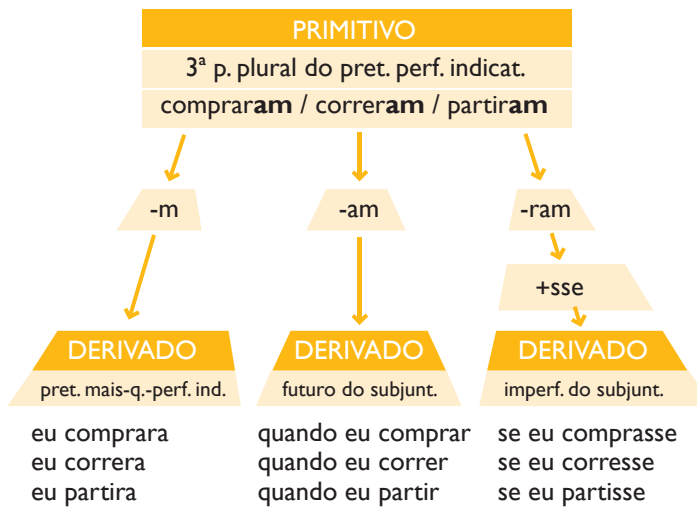

Prática

■ Observe o quadro anterior e conjugue o verbo **poder** nos seguintes tempos e modos.

	Pret. mais-que-perf. ind.	Futuro do subjuntivo	Imperf. do subjuntivo
273. eu	_____	_____	_____
274. tu	_____	_____	_____
275. ele	_____	_____	_____
276. nós	_____	_____	_____
277. vós	_____	_____	_____
278. eles	_____	_____	_____

■ Conjugue os verbos relacionados na **primeira pessoa do singular**.

	Pret. mais-que-perf. ind.	Futuro do subjuntivo	Imperf. do subjuntivo
279. querer	_____	_____	_____
280. ver	_____	_____	_____
281. vir	_____	_____	_____
282. haver	_____	_____	_____
283. caber	_____	_____	_____

Tempos derivados da 3ª pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo:
Mais-que-perfeito do indicativo: forma-se com a queda do **m** da 3ª p. plural (amaram ➜ amara);
Futuro do subjuntivo: forma-se com a queda do **am** da 3ª p. plural (amaram ➜ quando eu amar);
Imperfeito do subjuntivo: forma-se trocando o **ram** da 3ª p. plural por **-sse** (amaram ➜ ama**sse**).

Derivados do infinitivo impessoal

PRIMITIVO	Processo de derivação			DERIVADOS
INFINITIVO IMPESSOAL comprar/correr/partir	**RADICAL**			IMPERF. (indicativo)
	compr	+ ava	=	1ª conj. compr**ava**
	corr part	+ ia	=	2ª conj. corr**ia** 3ª conj. part**ia**
	+ ei	=		FUT. DO PRESENTE (indicativo) compraré**i** / correre**i** / partire**i**
	+ ia	=		FUT. DO PRETÉRITO (indicativo) compra**ria** / corre**ria** / parti**ria**
	RADICAL			PARTICÍPIO
	compr	+ ado	=	1ª conj. compr**ado**
	corr part	+ ido	=	2ª conj. corr**ido** 3ª conj. part**ido**
	TEMA			GERÚNDIO
	compra corre parti	+ ndo	=	compra**ndo** corre**ndo** parti**ndo**
	+ Desinência número-pessoal		=	INFINITIVO PESSOAL comprar (eu) compra**res** (tu) comprar (ele) compra**rmos** (nós) compra**rdes** (vós) compra**rem** (eles)

Prática

■ Conjugue em voz alta os verbos **estudar**, **entender** e **suprir** nos tempos:

1) PRET. IMPERFEITO DO INDICATIVO	4) PARTICÍPIO
2) FUTURO DO PRESENTE DO INDICATIVO	5) GERÚNDIO
3) FUTURO DO PRETÉRITO	6) INFINITIVO PESSOAL

CLASSIFICAÇÃO DO VERBO QUANTO AO MODELO DE CONJUGAÇÃO

Verbo regular

Segue o modelo ou paradigma de sua conjugação: **amar**, **vender**, **partir**.

Verbo irregular

Foge ao modelo de sua conjugação: **ouvir**: ou**ço**; **estar**: est**ou**; **ir**: **vou**.

Irregularidade e variação gráfica

Prática

■ Observe e responda **C** ou **E**.

Fiquei sem poder ficar.
Cheguei sem poder chegar.
Extingo sem poder extiguir.

284. ( ) No verbo **ficar**, o **c** se transforma em **qu** antes de **e**, para mostrar que a pronúncia não muda.
285. ( ) No verbo **chegar**, o **g** se transforma em **gu** antes de **e**, para representar a mesma pronúncia.
286. ( ) No verbo **extinguir**, o **gu** se transforma em **g** antes de **o** ou **a**, porque a pronúncia não se altera.
287. ( ) Nos casos vistos, a variação gráfica serve para confirmar a regularidade da pronúncia de verbos regulares.
288. ( ) É o mesmo que acontece com **atiçar**, que perde a cedilha em **aticemos**.

Na 1ª conjugação, radicais terminados em **c**, **ç** e **g** transformam essas letras em **qu**, **c** e **gu** antes de **e**.
Na 2ª e na 3ª conjugação, radicais terminados em **c**, **g** e **qu** trocam essas letras por **qu**, **gu** e **c** antes de **a** e **o**.
Tais variações gráficas existem para comprovar a regularidade desses verbos.

Metafonia ou alteração de timbre vocálico

Prática

■ Observe a pronúncia das vogais destacadas e responda **C** ou **E**.
l**e**vo, l**e**vais;
f**e**rvo, f**e**rves.

289. ( ) Em **levo** e **fervo**, as vogais do radical são abertas.
290. ( ) Em **levo** e **ferves**, as vogais dos radicais são abertas.
291. ( ) Em **levais** e **levo**, a vogal **e** do radical altera timbre fechado com timbre aberto.
292. ( ) Não há alteração de timbre vocálico entre as formas **fervo** e **ferves**.
293. ( ) **levas**, **levo**, **fervo**, **ferves** são formas rizotônicas.
294. ( ) Nas formas rizotônicas, a variação de timbre vocálico é comum em Português e se chama **metafonia**.
295. ( ) A metafonia não é considerada irregularidade verbal.

Metafonia é alternância de timbre vocálico que ocorre nas formas rizotônicas: t**o**car: t**o**co; d**e**ver: d**e**ves; qu**e**rer: qu**e**ro.

Como saber se um verbo é regular

Para saber se um verbo é regular, basta conjugá-lo na 1ª pessoa do singular do presente e do pretérito perfeito do indicativo. Se nessas pessoas ele seguir o paradigma da sua conjugação, é um verbo regular.

Verbo anômalo

Apresenta mais de um radical: **ser**: sou, fui, era; **ir**: vou, fui, ia.

Há autores que consideram anômalos qualquer verbo que apresente fortes mudanças em seu radical. Por exemplo:

dar: **de**i, **dav**a, **dar**ei, **dad**o
ter: **tenh**o, **tiv**e, **ter**ei, **tid**o
haver: **he**i, **hav**ia, **hou**ve
poder: **poss**o, **pod**ia, **pud**e
vir: **venh**o, **vir**ei, **vi**er
ver: **vej**o, **v**i, verei, **vis**to
caber: **caib**o, **coub**e, **cab**ia
dizer: **dig**o, **diss**e, **diz**ia, **dit**o
saber: **sab**ia, **soub**e, saiba
pôr: **ponh**o, **pus**er, **por**ei

Verbo defectivo

Não tem todas as formas: **reaver**, **colorir**, **precaver-se**, **abolir**...

Verbo unipessoal

Só se conjuga na 3ª pessoa (singular e plural), como no caso das **vozes de animais: coaxa(m), crocita(m)**.

Verbo impessoal

Só se conjuga na 3ª pessoa, mas não tem sujeito:
Fenômenos naturais: **chove**, **amanhece**.
Haver com ideia de **existir**: **Há** soluções para tudo.
Alguns verbos relacionados a tempo: **Faz** dezoito anos que...

A respeito de defectivos, unipessoais e impessoais

Defectivos

São verbos em cuja conjugação faltam formas, por várias razões, entre as quais, cacofonia, modismo, significação. As listas desses verbos variam entre os autores, em função da época em que se constituíram os registros falados, do nível sociocultural e até econômico dos falantes, inclusive da visão política do gramático. Costumam ser divididos em cinco grupos:

1. **os que não aceitam o ou a após o radical**, por isso não têm a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, não têm todo o presente do subjuntivo, não têm a(s) pessoa(s) **você(s)** do imperativo afirmativo, não têm todo o imperativo negativo (*vide* **abolir**, **carpir**, **demolir**);

2. **os arrizotônicos da 3ª conjugação**, que só se conjugam nas formas em que ao radical se segue a letra **i**. Por isso, no presente do indicativo só têm as pessoas **nós** e **vós**; não têm todo o presente do subjuntivo; não têm imperativo negativo; do imperativo afirmativo, só têm a pessoa **vós** (*vide* **falir**, **florir**, **adir)**;

3. os que, pelo significado, **não podem ter imperativo** (*vide* **acontecer**, **caber**, **poder**);

4. os que, pelo significado, **só se conjugam na voz recíproca**, tendo, portanto, só as pessoas do plural: **entreolhamo-nos**, **entreolhais-vos**, **entreolham-se**;

5. **os que têm particularidades especiais** (*vide* **adequar**, **precaver-se**, **reaver**, **grassar**).

Unipessoais

São verbos conjugáveis só nas 3as pessoas, como as onomatopeias referentes às vozes dos animais, porque normalmente os animais são **referentes**, isto é, **seres de que se fala**.

Impessoais

São verbos que, conforme o prefixo **im** sugere, não têm pessoa, ou seja, não se referem a um sujeito. *Vide Análise Sintática Visual*, Quadro das Orações sem Sujeito.

As fronteiras entre esses três tipos de classificação são instáveis e polêmicas, o que evidencia certa postura subjetiva. A verdade é que a gramática, mesmo a normativa, deve estar atenta para não limitar ou tentar cercear a linguagem figurada, a licença poética, a criatividade de expressão, que podem reverter ou modificar a situação do verbo e até conjugá-lo em todos os tempos e modos:

O menino **choveu** na cama.
Eu **miei** de medo.
Caiba você nos nossos moldes, ou será demitido.

Verbo abundante

Tem, pelo menos, duas formas equivalentes:
aceitar: aceitado, aceito, aceite.
haver: havemos, hemos.
construir: constrói, construi.

A respeito de abundantes

1. A abundância acontece com mais frequência no particípio, com vários verbos apresentando um particípio regular (terminado em ado/ido) e um ou mais irregulares.
2. O particípio regular é invariável (**ele** tinha aceit**ado**; **elas** haviam aceit**ado**).
3. O particípio irregular varia em gênero e número: **ele** foi aceit**o**; **elas** foram aceit**as**.
4. O particípio irregular funciona como adjetivo também: regra **aceita**.
5. Quanto ao uso do particípio regular e do irregular, *vide* pág. 215.
6. Autores modernos têm dado preferência ao uso do particípio irregular, por ser mais sucinto, e têm-no usado indiferentemente para voz passiva ou ativa.

Relação de verbos abundantes no particípio

Não há unanimidade em relação às formas entre parênteses, que são vistas por alguns gramáticos como **adjetivos**.

absolver _____ absolvido, (absolto)
aceitar _____ aceitado, aceito, aceite
acender _____ acendido, aceso

anexar _____ anexado, (anexo)
assentar _____ assentado, assento, assente
benzer _____ benzido, bento
concluir _____ concluído, concluso
contundir _____ contundido, (contuso)
despertar _____ despertado, desperto
dispersar _____ dispersado, disperso
eleger _____ elegido, eleito
emergir _____ emergido, emerso
entregar _____ entregado, entregue
envolver _____ envolvido, envolto
enxugar _____ enxugado, enxuto
erigir _____ erigido, (ereto)
expelir _____ expelido, (expulso)
expressar _____ expressado, expresso
exprimir _____ exprimido, expresso
expulsar _____ expulsado, (expulso)
extinguir _____ extinguido, extinto
fartar _____ fartado, farto
findar _____ findado, findo
frigir _____ frigido, frito
ganhar _____ ganhado, ganho
gastar _____ gastado, gasto
imergir _____ imergido, imerso
imprimir _____ imprimido, impresso
incluir _____ incluído, (incluso)
incorrer _____ incorrido, (incurso)
inserir _____ inserido, inserto
insertar _____ insertado, (inserto)
isentar _____ isentado, isento
juntar _____ juntado, junto
limpar _____ limpado, limpo
matar _____ matado, morto
morrer _____ morrido, morto
nascer _____ nascido, (nado), (nato)
omitir _____ omitido, omisso
pagar _____ pagado, pago
pegar _____ pegado, pego (ê)
prender _____ prendido, preso
romper _____ rompido, (roto)
salvar _____ salvado, salvo
sepultar _____ sepultado, (sepulto)

soltar _____ soltado, solto
submergir _____ submergido, submerso
suprimir _____ suprimido, (supresso)
surpreender _____ surpreendido, surpreso
suspender _____ suspendido, suspenso
tingir _____ tingido, (tinto)

Prática

■ Qual a **1ª pessoa do singular** dos seguintes tempos dos verbos numerados? Na última coluna, ponha R, se for regular, e I, se irregular. Se o verbo for anômalo, considere-o irregular.

	INDICATIVO			
	Presente	Pretérito perfeito	Futuro do pretérito	R/I
296. agir				
297. caber				
298. crer				
299. enxaguar				
300. ir				
301. fazer				
302. mobiliar				
303. polir				
304. pular				
305. possuir				
306. poder				
307. querer				
308. requerer				
309. ser				
310. sumir				

Prática

■ Compare.

	PRES. INDICAT.	PRET. PERF. INDICAT.
1ª conj.	amo ≠ esto**u**	amei ≠ est**ive**
2ª conj.	corro ≠ tra**go**	corri ≠ tr**ouxe**
3ª conj.	parto ≠ pe**ço**	parti = pedi

■ Assinale **C** ou **E**, com base no quadro anterior.

311. ( ) **amar**, **correr** e **partir** são paradigmas das 1ª, 2ª e 3ª conjugações, respectivamente.
312. ( ) **estar** foge do paradigma, no presente e no perfeito do indicativo, por isso é irregular.
313. ( ) A irregularidade do verbo **estar**, no presente e no perfeito do indicativo, aparece no radical.
314. ( ) Em **estou** e **estive**, as desinências fogem do paradigma am**o**, am**ei**, e elas é que acusam a irregularidade.
315. ( ) Em **trazer**, **trago**, a mudança **z/g** mostra irregularidade no radical.
316. ( ) Em **trouxe**, há irregularidade no radical e na desinência. Se o verbo fosse regular, seria **trazi**.
317. ( ) **trarei** é forma regular.
318. ( ) **pedir** é irregular no pretérito perfeito.
319. ( ) **pedir** é irregular no futuro do presente.
320. ( ) Para saber se um verbo é **regular** ou **irregular**, não se precisa conjugá-lo todo. Basta conjugar, no indicativo, a 1ª do singular do presente e do pretérito perfeito.
321. ( ) **ser** e **ir** são anômalos porque têm mais de um radical primário ou raiz.
322. ( ) Alguns gramáticos consideram anômalos também verbos como **haver**, **vir** porque apresentam fortes mudanças nos seus radicais.
323. ( ) **Defectivo** é o verbo a que falta(m) forma(s).
324. ( ) **Abundante** é o verbo a que sobra(m) forma(s).
325. ( ) Nos tempos **compostos** ou **locuções verbais**, há dois ou mais verbos com valor de um só.
326. ( ) O verbo que, nas locuções verbais ou nos tempos compostos, mantém o seu significado-base chama-se **verbo principal**.

VERBO PRONOMINAL E VOZ REFLEXIVA

Prática

■ Compare os dois verbos e marque **C** ou **E**.

1. Eu me arrependi.
2. Eu me molhei.
3. Eu arrependi você.
4. Eu molhei você.

327. ( ) Em 1 e 2, as formas verbais parecem estar na voz reflexiva.
328. ( ) Em 2, o sujeito **eu** e o alvo **me** representam casualmente o mesmo ser; já em 4, o mesmo verbo molhar tem o sujeito **eu** e o alvo **você** representando seres diferentes.
329. ( ) O verbo **molhar** pode ser conjugado com pronome oblíquo átono, como em 2; mas também pode ser conjugado sem o oblíquo átono, como em 3.

330. ( ) O verbo **molhar**, em 2, está na voz reflexiva; em 4, na voz ativa.
331. ( ) O exemplo 3 foge à norma culta da Língua Portuguesa, porque o verbo **arrepender-se** só pode ser conjugado com o pronome oblíquo átono.
332. ( ) Deduz-se, dos exemplos 3 e 4, que **arrepender-se** é um verbo pronominal por essência, enquanto o **molhar** só tem a aparência de pronominal quando está conjugado na voz reflexiva ou recíproca (ex. 2).

■ Compare agora os exemplos e marque **C** ou **E**.

Eu **molho** a flor – Voz Ativa
Eu **sou molhado** por alguém – Voz Passiva
Eu **me molho** – Voz Reflexiva
Eu **arrependo** – Não existe
Eu **sou arrependido** por alguém – Não existe
Eu **me arrependo**.

333. ( ) Em **Eu me molho**, o verbo está na **voz reflexiva**, porque ele tem também as vozes **ativa** e **passiva**; e uma voz se define por oposição a outra.
334. ( ) Em **Eu me arrependo**, o verbo está numa forma única, que não pressupõe voz ativa, passiva ou reflexiva, por isso é um verbo pronominal.

Verbo Pronominal é o que **só** se conjuga acompanhado dos pronomes oblíquos átonos, na mesma pessoa do seu sujeito: **arrepender-se**, **ater-se**, **suicidar-se**.
Não confunda verbo pronominal com **voz reflexiva** de qualquer verbo: **cortar**, **ver**, **ferir**...

PARADIGMA DE CONJUGAÇÃO PRONOMINAL E REFLEXIVA

Modo indicativo

Presente do indicativo		
lavo-me	arrependo-me	saio-me
lavas-te	arrependes-te	sais-te
lava-se	arrepende-se	sai-se
lavamo-nos	arrependemo-nos	saímo-nos
lavais-vos	arrependeis-vos	saís-vos
lavam-se	arrependem-se	saem-se

Pretérito perfeito do indicativo

lavei-me	arrependi-me	saí-me
lavaste-te	arrependeste-te	saíste-te
lavou-se	arrependeu-se	saiu-se
lavamo-nos	arrependemo-nos	saímo-nos
lavastes-vos	arrependeis-vos	saístes-vos
lavaram-se	arrependem-se	saíram-se

tenho-me
tens-te
tem-se
temo-nos
tendes-vos
têm-se

lavado, arrependido, saído...

Pretérito imperfeito do indicativo

lavava-me	arrependia-me	saía-me
lavavas-te	arrependias-te	saías-te
lavava-se	arrependia-se	saía-se
lavávamo-nos	arrependíamo-nos	saíamo-nos
laváveis-vos	arrependíeis-vos	saíeis-vos
lavavam-se	arrependiam-se	saíam-se

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

lavara-me	arrependera-me	saíra-me
lavaras-te	arrependeras-te	saíras-te
lavara-se	arrependera-se	saíra-se
laváramo-nos	arrependêramo-nos	saíramo-nos
laváreis-vos	arrependêreis-vos	saíreis-vos
lavaram-se	arrependeram-se	saíram-se

tinha-me
tinhas-te
tinha-se
tínhamo-nos
tínheis-vos
tinham-se

lavado, arrependido, saído...

Futuro do pretérito do indicativo

lavar-me-ia	arrepender-me-ia	sair-me-ia
lavar-te-ias	arrepender-te-ias	sair-te-ias
lavar-se-ia	arrepender-se-ia	sair-se-ia
lavar-nos-íamos	arrepender-nos-íamos	sair-nos-íamos
lavar-vos-íeis	arrepender-vos-íeis	sair-vos-íeis
lavar-se-iam	arrepender-se-iam	sair-se-iam

ter-me-ia
ter-te-ias
ter-se-ia
ter-nos-íamos
ter-vos-íeis
ter-se-iam

lavado, arrependido, saído...

Futuro do presente do indicativo

lavar-me-ei	arrepender-me-ei	sair-me-ei
lavar-te-ás	arrepender-te-ás	sair-te-ás
lavar-se-á	arrepender-se-á	sair-se-á
lavar-nos-emos	arrepender-nos-emos	sair-nos-emos
lavar-vos-eis	arrepender-vos-eis	sair-vos-eis
lavar-se-ão	arrepender-se-ão	sair-se-ão

ter-me-ei
ter-te-ás
ter-se-á
ter-nos-emos
ter-vos-eis
ter-se-ão

lavado, arrependido, saído...

Prática

■ Observando a conjugação pronominal e reflexiva do indicativo, assinale **C** ou **E**.

335. ( ) A desinência **mos**, da 1ª pessoa do plural, perde o **s** ao receber o oblíquo átono **nos**.
336. ( ) O verbo **lavar** não é um verbo pronominal, mas assume a conjugação pronominal para fazer a voz reflexiva.
337. ( ) O verbo **sair** não é pronominal: **Ela sai cedo**.
338. ( ) O verbo **sair-se** é pronominal no sentido de obter resultado (**sair-se bem ou mal**) e no sentido de desvencilhar-se.

339. ( ) Não é possível construir-se a forma **havia-me lavado**.
340. ( ) Os tempos compostos da voz ativa podem ser construídos com o auxiliar **ter** ou **haver**: **tinha-me** ou **havia-me lavado**; **ter-me-ei** ou **haver-me-ei lavado**.
341. ( ) Atualmente, o auxiliar **haver** está em desuso, o que traz um tom de arcaísmo à frase. Ainda é usado para evitar a repetição do **ter** ou para obtenção de efeito estilístico.

Modo subjuntivo

Presente do subjuntivo

...que eu me lave	...me arrependa	...me saia
...que tu te laves	...te arrependas	...te saias
...que ele se lave	...se arrependa	...se saia
...que nós nos lavemos	...nos arrependamos	...nos saiamos
...que vós vos laveis	...vos arrependais	...vos saiais
...que eles se lavem	...se arrependam	...se saiam

Pretérito imperfeito do subjuntivo

se eu me lavasse	...me arrependesse	...me saísse
se tu te lavasses	...te arrependesses	...te saísses
se ele se lavasse	...se arrependesse	...se saísse
se nós nos lavássemos	...nos arrependêssemos	...nos saíssemos
se vós vos lavásseis	...vos arrependêsseis	...vos saísseis
se eles se lavassem	...se arrependessem	...se saíssem

se eu me tivesse
se tu te tivesses
se ele se tivesse
se nós nos tivéssemos
se vós vos tivésseis
se eles se tivessem

> lavado, arrependido, saído...

Futuro do subjuntivo

quando eu me lavar	...me arrepender	...me sair
quando tu te lavares	...te arrependeres	...te saíres
quando ele se lavar	...se arrepender	...se sair
quando nós nos lavarmos	...nos arrependermos	...nos sairmos
quando vós vos lavardes	...vos arrependerdes	...vos sairdes
quando eles se lavarem	...se arrependerem	...se saírem

quando eu me tiver
quando tu te tiveres
quando ele se tiver
quando nós nos tivermos
quando vós vos tiverdes
quando eles se tiverem

lavado, arrependido, saído...

Prática

■ Observando a conjugação pronominal e reflexiva do subjuntivo, assinale **C** ou **E**.

342. ( ) Os pronomes oblíquos átonos são colocados antes do verbo porque são atraídos pelas conjunções subordinativas **que**, **se**, **quando**...

343. ( ) Na frase "Lave-me a culpa a Sua misericórdia", a forma verbal é igual à do subjuntivo (**lave**), e o pronome átono **me** vem depois do verbo porque este não está precedido de conjunção subordinativa.

344. ( ) Em "Lave-me a culpa", tem-se exemplo de oração optativa, constituída de forma verbal igual à do subjuntivo, mas com ênclise obrigatória.

Modo imperativo

Afirmativo		
lava-te	arrepende-te	sai-te
lave-se (você)	arrependa-se (você)	saia-se (você)
lavemo-nos	arrependamo-nos	saiamo-nos
lavai-vos	arrependei-vos	saí-vos
lavem-se (vocês)	arrependam-se (vocês)	saiam-se (vocês)

Negativo		
Não te laves	Não te arrependas	Não te saias
Não se lave (você)	Não se arrependa (você)	Não se saia (você)
Não nos lavemos	Não nos arrependamos	Não nos saiamos
Não vos laveis	Não vos arrependais	Não vos saiais
Não se lavem (vocês)	Não se arrependam (vocês)	Não se saiam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal		
lavar-se	arrepender-se	sair-se

Infinitivo pessoal		
lavar-me	arrepender-me	sair-me
lavares-te	arrependeres-te	saíres-te
lavar-se	arrepender-se	sair-se
lavarmo-nos	arrependermo-nos	sairmo-nos
lavardes-vos	arrependerdes-vos	sairdes-vos
lavarem-se	arrependerem-se	saírem-se

Gerúndio		
lavando-se	arrependendo-se	saindo-se

Particípio		
lavado	arrependido	saído

Prática

■ Observe as formas nominais da conjugação pronominal e reflexiva e responda **C** ou **E**.

345. ( ) O quadro apresenta erro porque o particípio deveria ser **lavado-se**, **arrependido-se**, **saído-se**.

346. ( ) O quadro está correto. O particípio não aceita pronome átono.

347. ( ) Em todo o quadro, só há três formas acentuadas graficamente: **saíres-te**, **saírem-se**, **saído**.

348. ( ) Em **saíres-te**, **saírem-se**, **saído**, o **i** é acentuado graficamente por ser 2ª vogal de hiato e estar sozinho na sílaba.

CLASSIFICAÇÃO DO VERBO QUANTO À FUNÇÃO

Verbo principal

Mantém o significado próprio:
Tenho **estudado**. Estou sendo **amado**.
Vou **amar**.

Verbo auxiliar

Perde seu significado próprio para ajudar a conjugar o principal:
Tenho sido amado. **Estou** amando.
Vou amar.

USO DOS PARTICÍPIOS: REGULAR E IRREGULAR

Observe:

I – Ele **havia matado** o inimigo.
II – O inimigo **foi morto**.
III – Ele **tinha matado** o inimigo.
IV – O inimigo **está morto**.
V – Inimigo bom é inimigo **morto**.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

349. ( ) I e III estão na **voz ativa** (auxiliares: haver e ter).
350. ( ) II e IV estão na **voz passiva** (auxiliares: ser e estar).
351. ( ) "matado" é particípio regular; "morto", irregular.
352. ( ) Na frase V, "morto" é **adjetivo**.

Os **particípios regulares** (**ado**, **ido**) são usados com os auxiliares **ter** e **haver** e formam a voz ativa.
Os **particípios irregulares** são usados para função de adjetivo e para fazer a voz passiva, com os auxiliares **ser** e **estar**.

■ Assinale **C** ou **E**.

353. ( ) Esse livro foi imprimido no Brasil.
354. ( ) A editora tinha impresso esse livro no Brasil.
355. ( ) Esse livro foi impresso no Brasil.
356. ( ) A editora tinha imprimido esse livro no Brasil.
357. ( ) Foi impressa enorme velocidade ao carro.
358. ( ) **imprimir**, na acepção de "produzir movimento", "infundir", tem apenas o particípio regular (imprimido).
359. ( ) Foi imprimida enorme velocidade ao carro.

CONJUGAÇÃO DE VERBOS REGULARES, IRREGULARES, DEFECTIVOS, ANÔMALOS E ABUNDANTES QUE REQUEREM ATENÇÃO

As formas verbais a seguir relacionadas são dignas de nota. Todas as não relacionadas são regulares. Destacamos, por serem primitivas e gerarem outras: o **infinitivo**, no título do verbo; e, do indicativo, o **presente** e o **pretérito perfeito**, conjugados em todas as pessoas. Para esclarecer dúvidas, apresentamos as pessoas do **presente do subjuntivo** e o **imperativo afirmativo**. O imperativo negativo tem as pessoas iguais ao presente do subjuntivo, por isso não as relacionamos. Sob a denominação **outras**, registramos a

1ª pessoa do singular dos seguintes tempos, sempre na mesma ordem: do indicativo, o **imperfeito**, o **futuro do presente**, o **futuro do pretérito** e o **mais-que-perfeito**; do subjuntivo, o **imperfeito** e o **futuro**; além desses, o **gerúndio** e o **particípio**. Quando se define um verbo como regular, ele segue o paradigma da sua conjugação (*vide* página 179). Em alguns casos, negritamos as sílabas ou vogais tônicas para evitar dúvidas quanto à pronúncia.

1ª conjugação

circundar, relampejar, tracejar (Regulares.)
Conjugam-se como **amar**.

constar, prestar, restar, sustar (Regulares.)
Não seguem **estar**. Conjugam-se como **amar**.

Ind. pres.:	consto, constas, consta, constamos, constais, constam.
Pret. perf.:	constei, constaste, constou, constamos, constastes, constaram.
Subj. pres.:	conste, constes, conste, constemos, consteis, constem.
Imperat. afirm.:	consta, conste, constemos, constai, constem.
Outras:	constava, constarei, constaria, constara, constasse, constar, constando, constado.

dar, desdar (Irregulares.)

Ind. pres.:	dou, dás, dá, damos, dais, dão.
Pret. perf.:	dei, deste, deu, demos, destes, deram.
Subj. pres.:	dê, dês, dê, demos, deis, dêem (nova ortografia: deem).
Imperat. afirm.:	dá, dê, demos, dai, dêem (nova ortografia: deem).
Outras:	dava, darei, daria, dera, desse, der, dando, dado.

sobestar, sobrestar (Irregulares.)
Conjugam-se como **estar**. *Vide* pág. 187.

grassar (Defectivo, unipessoal.)

Ind. pres.:	–, –, grassa, –, –, grassam.
Pret. perf.:	–, –, grassou, –, –, grassaram.
Subj. pres.:	–, –, grasse, –, –, grassem.
Imperat. afirm.:	–, grasse, –, – grassem.
Outras:	grassava(m), grassará(ão), grassaria(m), grassara(m), grassasse(m), grassar(em), grassando, grassado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** a respeito de **grassar**.

360. ( ) **grassar** significa **espalhar-se**.
361. ( ) Só se conjuga nas 3as pessoas. Por só dispor de uma pessoa, a terceira, é chamado de unipessoal.
362. ( ) Há autores que consideram o **unipessoal** como uma espécie de **defectivo**.
363. ( ) Consideram-se também unipessoais os verbos que designam vozes de animais: **uivar**, **crocitar**.

Terminados em ear

acarear, afoguear, alardear, apear, aperrear, arear, arrear, atear, baquear, bloquear, cambalear, capitanear, cear, clarear, coxear, desnortear, falsear, folhear, frear, galantear, golpear, granjear, guerrear, hastear, menear, nomear, nortear, palmear, passear, patentear, planear, recear, recrear, refrear, regatear, relampaguear, relampear, rodear, saborear, saquear, semear, serpear, serpentear... (Irregulares; seguem o modelo de **pentear**.)

Ind. pres.:	penteio, penteias, penteia, penteamos, penteais, penteiam.
Pret. perf.:	penteei, penteaste, penteou, penteamos, penteastes, pentearam.
Imperat. afirm.:	penteia, penteie, penteemos, penteai, penteiem.
Subj. pres.:	penteie, penteies, penteie, penteemos, penteeis, penteiem.
Outras:	penteava, pentearei, pentearia, penteara, penteasse, pentear, penteando, penteado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos em **ear**.

364. ( ) Nas formas rizotônicas, aparece um **i** depois do **e**: pente**i**o, pente**i**e, pente**i**am.
365. ( ) Nas formas arrizotônicas, são conjugados normalmente: penteamos, penteemos, penteei, penteaste, penteastes, pentearam.
366. ( ) A 1ª pessoa do plural do presente e a do pretérito perfeito do indicativo são iguais, como em muitos outros verbos.
367. ( ) **relampaguear** tem outras duas variantes corretas: **relampear** e **relampejar**; esta última, regular.

precatar(-se) (Regular.)

Ind. pres.:	precato, precatas, precata, precatamos, precatais, precatam.
Pret. perf.:	precatei, precataste, precatou, precatamos, precatastes, precataram.
Subj. pres.:	precate, precates, precate, precatemos, precateis, precatem.
Imperat. afirm.:	precata, precate, precatemos, precatai, precatem.
Outras:	precatava, precatarei, precataria, precatara, precatasse, precatar, precatando, precatado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

368. ( ) **precatar(-se)** significa **acautelar(-se)**, **prevenir(-se)**, **precaver(-se)**.
369. ( ) São verbos característicos do registro popular.
370. ( ) A norma culta os aconselha para suprir as pessoas que faltam ao defectivo **precaver-se**.

idear, estrear (Irregulares.)

Ind. pres.:	idéio, idéias, idéia, ideamos, ideais, idéiam. (nova ortografia: ideio, ideias, ideia, ideamos, ideais, ideiam)
Pret. perf.:	ideei, ideaste, ideou, ideamos, ideastes, idearam.
Subj. pres.:	idéie, idéies, idéie, ideemos, ideeis, idéiem. (nova ortografia: ideie, ideies, ideie, ideemos, ideeis, ideiem)
Imperat. afirm.:	idéia, idéie, ideemos, ideai, idéiem. (nova ortografia: ideia, ideie, ideemos, ideai, ideiem)
Outras:	ideava, idearei, idearia, ideara, ideasse, idear, ideando, ideado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos acima.

371. ( ) Após o **e**, aparece o **i** nas formas rizotônicas, como acontece com os outros verbos terminados em **ear**.
372. ( ) São também, por isso, irregulares.
373. ( ) Diferentemente dos outros terminados em **ear**, apresentam o ditongo aberto **éi** no presente do indicativo e no presente do subjuntivo, só nas formas rizotônicas.
374. ( ) Nos imperativos afirmativo e negativo, que derivam dos presentes do indicativo e do subjuntivo, as formas arrizotônicas devem também ter o ditongo aberto **éi**.
375. ( ) Explica-se o ditongo aberto nos verbos **idear**, **estrear**, pela existência de seus substantivos cognatos **idéia** e **estréia**.

Terminados em iar

acariciar, adiar, afiar, agoniar, agraciar, aliar, aliviar, amaciar, ampliar, angariar, ansiar, anunciar, apreciar, arrepiar, assediar, assobiar, associar, assoviar, ataviar, avaliar, aviar, balbuciar, beneficiar, caluniar, chiar, confiar, contrariar, criar, deliciar, desfiar, enfiar, enunciar, enviar, esfriar, espiar, evidenciar, expiar, extasiar, fiar, historiar, incendiar, injuriar, mediar, miar, negociar, odiar, oficiar, piar, porfiar, premiar, prenunciar, principiar, procriar, pronunciar, recriar, remediar, renunciar, saciar, sediar, tosquiar, vadiar, vangloriar, variar...
(Regulares; seguem o modelo de **abreviar**, com exceções, no próximo quadro.)

Ind. pres.:	abrevio, abrevias, abrevia, abreviamos, abreviais, abreviam.
Pret. perf.:	abreviei, abreviaste, abreviou, abreviamos, abreviastes, abreviaram.
Subj. pres.:	abrevie, abrevies, abrevie, abreviemos, abrevieis, abreviem.
Imperat. afirm.:	abrevia, abrevie, abreviemos, abreviai, abreviem.
Outras:	abreviava, abreviarei, abreviaria, abreviara, abreviasse, abreviar, abreviando, abreviado.

ansiar, incendiar, mediar, odiar, remediar (Irregulares.) **premiar, negociar** (Regulares ou iregulares.)

Ind. pres.:	anseio, anseias, anseia, ansiamos, ansiais, anseiam.
Pret. perf.:	ansiei, ansiaste, ansiou, ansiamos, ansiastes, ansiaram.
Subj. pres.:	anseie, anseies, anseie, ansiemos, ansieis, anseiem.
Imperat. afirm.:	anseia, anseie, ansiemos, ansiai, anseiem.
Outras:	ansiava, ansiarei, ansiaria, ansiara, ansiasse, ansiar, ansiando, ansiado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos em **iar**.

376. ( ) Os verbos terminados em **iar** são todos regulares.

377. ( ) Os regulares seguem a conjugação de **amar** e são a grande maioria.

378. ( ) Há, pelo menos, cinco verbos terminados em **iar**, irregulares, que se conjugam com um **e**, nas formas rizotônicas: **mediar**, **ansiar**, **remediar**, **incendiar** e **odiar**, como se terminassem em **ear**: **medeio**, **anseio**...

379. ( ) No Brasil se fala "eu negocio", "eu premio"; em Portugal e outros países, também se fala "eu negoceio", "eu premeio".

Observação:

Para lembrar esses cinco verbos irregulares terminados em **iar**, que se conjugam como os terminados em **ear**, lembre-se da palavra MÁRIO:

Mediar, **A**nsiar, **R**emediar, **I**ncendiar, **O**diar.

mobiliar, mobilar, mobilhar (Regulares.)

Ind. pres.:	– mo**bí**lio, mo**bí**lias, mo**bí**lia, mobili**a**mos, mobili**ais**, mo**bí**liam.
	– mo**bi**lo, mo**bi**las, mo**bi**la, mobi**la**mos, mobi**lais**, mo**bi**lam.
	– mo**bi**lho, mo**bi**lhas, mo**bi**lha, mobi**lha**mos, mobi**lhais**, mo**bi**lham.
Pret. perf.:	– mobili**ei**, mobili**as**te, mobili**ou**, mobili**a**mos, mobili**as**tes, mobili**a**ram.
	– mobil**ei**, mobil**as**te, mobil**ou**, mobil**a**mos, mobil**as**tes, mobil**a**ram.
	– mobilh**ei**, mobilh**as**te, mobilh**ou**, mobilh**a**mos, mobilh**as**tes, mobilh**a**ram.
Subj. pres.:	– mo**bí**lie, mo**bí**lies, mo**bí**lie, mobili**e**mos, mobili**eis**, mo**bí**liem.
	– mo**bi**le, mo**bi**les, mo**bi**le, mobil**e**mos, mobil**eis**, mo**bi**lem.
	– mo**bi**lhe, mo**bi**lhes, mo**bi**lhe, mobilh**e**mos, mobilh**eis**, mo**bi**lhem.

Imperat. afirm.: – mo**bí**lia, mo**bí**lie, mobili**e**mos, mobili**ai**, mo**bí**liem.
– mo**bi**la, mo**bi**le, mobil**e**mos, mobil**ai**, mo**bi**lem.
– mo**bi**lha, mo**bi**lhe, mobilh**e**mos, mobilh**ai**, mo**bi**lhem.

Outras: – mobili**a**va, mobiliar**e**i, mobiliar**i**a, mobili**a**ra, mobili**a**sse, mobili**a**r, mobili**an**do, mobili**a**do.
– mobil**a**va, mobilar**e**i, mobilar**i**a, mobil**a**ra, mobil**a**sse, mobil**a**r, mobil**an**do, mobil**a**do.
– mobilh**a**ra, mobilhar**e**i, mobilhar**i**a, mobilh**a**ra, mobilh**a**sse, mobilh**a**r, mobilh**an**do, mobilh**a**do.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

380. ( ) A variante **mobilar** é lusitanismo.
381. ( ) Na variante **mobiliar**, a sílaba **bi** passa a ter acento agudo nas formas arrizotônicas.
382. ( ) Toda paroxítona terminada em ditongo deve ser acentuada graficamente. É por isso que em **mobiliar**, as formas rizotônicas recebem o acento agudo.
383. ( ) No subjuntivo presente, estão certas as formas: mobíle, mobílhes, mobílhem, mobílem...
384. ( ) No subjuntivo presente, estão certas as formas: mobile, mobilhes, mobilhem, mobilem...

apiedar-se, apiadar-se (Regulares.)

eu me apiedo	eu me apiado
tu te apiedas	tu te apiadas
ele se apieda	ele se apiada
nós nos apiedamos	nós nos apiadamos
vós vos apiedais	vós vos apiadais
eles se apiedam	eles se apiadam

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

385. ( ) Em Portugal, **piedade** e **piadade**, na pronúncia, confundem-se.
386. ( ) A forma **apiadar-se** relaciona-se com **piadade** e é considerada arcaísmo.
387. ( ) Ambos os verbos são pronominais e regulares.

Terminados em <u>oar</u>

abençoar, abalroar, abotoar, assoar, caçoar, coar, doar, ensaboar, magoar, reboar, soar, voar... (Regulares; seguem o modelo de **voar**.)

Ind. pres.: vôo (nova ortografia: voo), voas, voa, voamos, voais, voam.
Pret. perf.: voei, voaste, voou, voamos, voastes, voaram.
Subj. pres.: voe, voes, voe, voemos, voeis, voem.

Imperat. afirm.:	voa, voe, voemos, voai, voem.
Outras:	voava, voarei, voaria, voara, voasse, voar, voando, voado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos em **oar**.

388. ( ) **ensabôo**, **abotôo**, **magôo**, **vôo** eram acentuadas, mas deixaram de sê-lo pela nova ortografia.
389. ( ) **abalrôas**, **abotôas**, **caçôas** não são acentuadas, nem pela antiga, nem pela nova ortografia.
390. ( ) **côa**, **côas** eram acentuadas para diferençar de **coa**, **coas**, contração de **com** + **a**(**s**), mas perderam o acento pela nova ortografia.
391. ( ) Os grupos **oo**, **oa**, **oe**, pela nova ortografia, não se acentuam, exceto em **côa**, **côas**.

Terminados em uar

amuar, atuar, autuar, continuar, cultuar, encruar, graduar, habituar, jejuar... (Regulares; seguem o modelo de **suar**.)

Ind. pres.:	suo, suas, sua, suamos, suais, suam.
Pret. perf.:	suei, suaste, suou, suamos, suastes, suaram.
Subj. pres.:	sue, sues, sue, suemos, sueis, suem.
Imperat. afirm.:	sua, sue, suemos, suai, suem.
Outras:	suava, suarei, suaria, suara, suasse, suar, suando, suado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

392. ( ) **soar** e **suar** são regulares, e é comum confundi-los.
393. ( ) Soamos muito no calor.
394. ( ) Naquele ambiente úmido e fechado, o tambor soava e suava.
395. ( ) O bolo encroou.

Terminados em guar, quar, quir

aguar, apaniguar, apaziguar, apropinquar, adequar(-se), antiquar, averiguar, desaguar, enxaguar, minguar, obliquar, delinqüir/delinquir (nova ortografia)**...** (Regulares.)

Ind. pres.:	1 – **á**guo, **á**guas, **á**gua, agu**a**mos, agu**a**is, **á**guam.
	2 – ag**u**o, ag**u**as, ag**u**a, agu**a**mos, agu**a**is, ag**u**am.
Pret. perf.:	agüei (nova ortografia: agu**e**i), agu**a**ste, agu**o**u, agu**a**mos, agu**a**stes, agu**a**ram.
Subj. pres.:	1 – **á**güe, **á**gües, **á**güe, agü**e**mos, agü**e**is, **á**güem (nova ortografia: **á**gue, **á**gues, **á**gue, agu**e**mos, agu**e**is, **á**guem).
	2 – ag**u**e, ag**u**es, ag**u**e, agu**e**mos, agu**e**is, ag**u**em.

Imperat. afirm.: 1 – água, ágüe, agüemos, aguai, ágüem (nova ortografia: água, águe, aguemos, aguai, águem).
2 – ag**u**a, ag**ue**, agu**e**mos, agu**a**i, ag**u**em.
Outras: aguava, aguarei, aguaria, aguara, aguasse, aguar, aguando, aguado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos acima.

396. ( ) As formas rizotônicas recebem acento agudo porque são paroxítonas terminadas em ditongo.
397. ( ) Na antiga ortografia, o **u** recebe trema antes de **e** por ser pronunciado e átono. Nas novas regras ortográficas, o **u** perdeu o trema.
398. ( ) Observando-se as letras em negrito que marcam a vogal tônica, constata-se que há duas pronúncias possíveis.
399. ( ) Nos presentes do indicativo e do subjuntivo, há duas pronúncias e grafias consagradas.
400. ( ) Por isso, nos imperativos afirmativo e negativo, há também duas pronúncias e grafias consagradas.
401. ( ) O **u** é sempre pronunciado tônico.
402. ( ) O **u** é sempre pronunciado. Na antiga ortografia, quando átono, tem trema; quando tônico, tem acento agudo.
403. ( ) Agora, pela nova ortografia, devem-se eliminar todos os tremas.
404. ( ) O **u** é sempre pronunciado tônico nas formas rizotônicas. Nas arrizotônicas, é pronunciado átono.
405. ( ) O dicionário Houaiss classifica todos esses verbos como regulares.
406. ( ) As formas rizotônicas apresentam acento agudo por serem proparoxítonas.
407. ( ) As formas rizotônicas apresentam acento agudo por serem paroxítonas terminadas em ditongo.
408. ( ) **Apropinguar(-se)** é muito usado, mas a forma pronominal não o é.
409. ( ) Esse verbo, que significa **aproximar**, **aproximar-se**, é de uso raro.

resfolegar (Regular.)

Ind. pres.: resfólego, resfólegas, resfólega, resfolegamos, resfolegais, resfólegam.
Pret. perf.: resfoleguei, resfolegaste, resfolegou, resfolegamos, resfolegastes, resfolegaram.
Subj. pres.: resfólegue, resfólegues, resfólegue, resfoleguemos, resfolegueis, resfóleguem.
Imperat.: afirm.: resfólega, resfólegue, resfoleguemos, resfolegai, resfóleguem.
Outras: resfolegava, resfolegarei, resfolegaria, resfolegara, resfolegasse, resfolegar, resfolegando, resfolegado.

resfolgar (Regular.)

Ind. pres.:	resfolgo, resfolgas, resfolga, resfolgamos, resfolgais, resfolgam.
Pret. perf.:	resfolguei, resfolgaste, resfolgou, resfolgamos, resfolgastes, resfolgaram.
Subj. pres.:	resfolgue, resfolgues, resfolgue, resfolguemos, resfolgueis, resfolguem.
Imperat. afirm.:	resfolga, resfolgue, resfolguemos, resfolgai, resfolguem.
Outras:	resfolgava, resfolgarei, resfolgaria, resfolgara, resfolgasse, resfolgar, resfolgando, resfolgado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os quadros anteriores.

"No intervalo, os jogadores resfolgavam (ou resfolegavam) no vestiário."

410. ( ) **resfolegar** ou **resfolgar** significa **recuperar o fôlego**, **descansar**.
411. ( ) **resfolgar** é derivado de **resfolegar** pela síncope do **e** (queda do **e**).
412. ( ) **resfolegar** e **resfolgar** são, pois, sinônimos.
413. ( ) **resfolegar** conjuga-se regularmente nas formas arrizotônicas.

Terminados em gnar, bstar, psar, ptar e tmar

dignar-se, indignar-se, consignar, estagnar, persignar-se, resignar-se, impugnar, propugnar, repugnar, obstar, eclipsar, optar, raptar, ritmar... (Regulares; conjugam-se como **pugnar**.)

Ind. pres.:	p**u**gno, p**u**gnas, p**u**gna, pugn**a**mos, pugn**a**is, p**u**gnam.
Pret. perf.:	pugn**e**i, pugn**a**ste, pugn**o**u, pugn**a**mos, pugn**a**stes, pugn**a**ram.
Subj. pres.:	p**u**gne, p**u**gnes, p**u**gne, pugn**e**mos, pugn**e**is, p**u**gnem.
Imperat. afirm.:	p**u**gna, p**u**gne, pugn**e**mos, pugn**a**i, p**u**gnem.
Outras:	pugn**a**va, pugnar**e**i, pugnar**i**a, pugn**a**ra, pugn**a**sse, pugn**a**r, pugn**a**ndo, pugn**a**do.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre o quadro anterior.

414. ( ) Na pronúncia, o encontro consonantal **gn** é inseparável.
415. ( ) O **g** se apoia na vogal que lhe vem antes; o **n**, na que se lhe segue (p**u**g-n**o**).
416. ( ) O mesmo acontece com **o**bs-t**o**, **o**bs-t**a**s, **o**p-t**o**, **o**p-t**a**s, r**a**p-t**o**, r**a**p-t**a**s, r**i**t-m**o**, r**i**t-m**a**s...
417. ( ) No presente do indicativo, do subjuntivo e no imperativo é que aparecem formas rizotônicas, excetuando-se **nós** e **vós**.
418. Sublinhe as letras que representam as vogais tônicas, pronunciando as palavras, em voz alta, para educar o ouvido.
indigno-me, indigna-se, indignam-se, indignamo-nos, indignai-vos, indignas-te.

obviar (Regular.)

Ind. pres.:	obv**i**o, obv**i**as, obv**i**a, obv**i**amos, obv**i**ais, obv**i**am.
Pret. perf.:	obv**i**ei, obv**i**aste, obv**i**ou, obv**i**amos, obv**i**astes, obv**i**aram.
Subj. pres.:	obv**i**e, obv**i**es, obv**i**e, obv**i**emos, obv**i**eis, obv**i**em.
Imperat. afirm.:	obv**i**a, obv**i**e, obv**i**emos, obv**i**ai, obv**i**em.
Outras:	obv**i**ava, obviar**á**, obviar**i**a, obv**i**ara, obv**i**asse, obv**i**ar, obv**i**ando, obv**i**ado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre o quadro visto.

419. ( ) O encontro consonantal **bv** é separável, ficando cada consoante numa sílaba.
420. ( ) Nenhuma de suas formas apresenta acento gráfico no **i** ou **e**.
421. ( ) **obviar** conjuga-se com a mesma pronúncia de **optar**.
422. ( ) Em **obviar**, a tônica está sempre depois do encontro consonantal, o que não acontece com **optar**.

2ª conjugação

abster-se, ater-se, conter, deter, entreter, manter, obter, reter, suster... (Irregulares; conjugam-se como **ter**.) *Vide* pág. 187.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** em relação ao presente do indicativo do verbo **ter**.

423. ( ) A 3ª pessoa do plural tem circunflexo para não ser confundida com a 3ª pessoa do singular (eles têm ≠ ele tem).
424. ( ) Nos derivados, isso também acontece: eles detêm, mantêm, obtêm...
425. ( ) Nos derivados, a 3ª pessoa do singular também segue a grafia de **ter**: ele tem, detem, mantem, se abstem...
426. ( ) A 3ª pessoa do singular de **ter** escreve-se sem acento, mas a de seus derivados, por ter mais de uma sílaba, segue a regra de acentuação das oxítonas e recebem acento agudo: tem ≠ retém, detém, abstém-se, ou se abstém, entretém...

Terminados em azer*

afazer, bem-fazer, contrafazer, desafazer, desfazer, esfazer, estupefazer, liqüefazer ou liquefazer, malfazer, perfazer, putrefazer, rarefazer, refazer, satisfazer, torrefazer, transfazer, tumefazer... (Irregulares e abundantes; conjugam-se como **fazer**.)

Ind. pres.:	faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem.

Pret. perf.:	fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram.
Subj. pres.:	faça, faças, faça, façamos, façais, façam.
Imperat. afirm.:	faz(e), faça, façamos, fazei, façam.
Outras:	fazia, farei, faria, fizera, fizesse, fizer, fazendo, feito.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

427. ( ) **faz-**, **faç-**, **fiz-**, **fez-**, **far-**, **fei-** ... tantos radicais num mesmo verbo levam gramáticos a classificarem-no como anômalo.
428. ( ) **faço**, **faz**, **fiz**, **faça** são formas irregulares.
429. ( ) **farei**, **faria**, **feito** são formas regulares.
430. ( ) No imperativo afirmativo, **faz** (tu) ou **faze** (tu) são formas abundantes.

jazer, adjazer, circunjazer, subjazer (Irregulares e abundantes.)

Ind. pres.:	subjazo, subjazes, subjaz, subjazemos, subjazeis, subjazem.
Pret. perf.:	subjazi, subjazeste, subjazeu, subjazemos, subjazestes, subjazeram.
Subj. pres.:	subjaza, subjazas, subjaza, subjazamos, subjazais, subjazam.
Imperat. afirm.:	subjaz(e), subjaza, subjazamos, subjazei, subjazam.
Outras:	subjazia, subjazerei, subjazeria, subjazera, subjazesse, subjazer, subjazendo, subjazido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

431. ( ) A irregularidade desses verbos acontece só na 3ª pessoa do singular: **jaz**, **subjaz**, **adjaz**, **circunjaz**.
432. ( ) No imperativo afirmativo, são abundantes: **jaze** (tu) ou **jaz** (tu)...

comprazer, descomprazer (Irregulares e abundantes.)

Ind. pres.:	comprazo, comprazes, compraz, comprazemos, comprazeis, comprazem.
Pret. perf.:	comprazi, comprazeste, comprazeu, comprazemos, comprazestes, comprazeram (moderno). comprouve, comprouveste, comprouve, comprouvemos, comprouvestes, comprouveram (antigo).
Subj. pres.:	compraza, comprazas, compraza, comprazamos, comprazais, comprazam.
Imperat. afirm.:	compraz(e), compraza, comprazamos, comprazei, comprazam.
Outras:	comprazia, comprazerá, comprazeria, comprazera, comprazesse ou comprouvesse, comprazer ou comprouver, comprazendo, comprazido.

**Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*

prazer, aprazer, desaprazer, desprazer (Irregulares, defectivos e abundantes.)

Ind. pres.:	–, –, praz, –, –, prazem.
Pret. perf.:	–, –, prouve, –, –, prouveram.
Subj. pres.:	–, –, praza, –, –, prazam.
Imperat. afirm.:	–, praza, –, prazam.
Outras:	prazia(am), prazerá(ão), prazeria(am), prouvera(am), prouvesse(em), prouver(em), prazendo, prazido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

433. ( ) Esses verbos são irregulares na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo: **praz**, **compraz**...

434. ( ) Alguns gramáticos já consideram o verbo **prazer** com conjugação completa, como a de **comprazer**.

435. ( ) **comprazer** e **descomprazer** conjugam-se em todas as pessoas e tempos.

436. ( ) **aprazer**, **desaprazer**, **desprazer** normalmente só são usados nas 3as pessoas, porém **aprazer-se**, **desaprazer-se**, **desprazer-se** conjugam-se em todas as pessoas e tempos.

437. ( ) No pretérito perfeito do indicativo, convive a forma moderna regular **prazi**, **prazeste**, **prazeu**... **prazeram** com a antiga **prouve**, **prouveste, prouve, prouveram**.

438. ( ) Trata-se, portanto, de verbo abundante nas formas: aprazeu/aprouve, aprazesse/aprouvesse, aprazer/aprouver...

439. ( ) Algumas pessoas de **aprazer**, fora do contexto da frase, podem confundir-se com pessoas de **aprazar**.

trazer e derivados (Irregulares e abundantes.)

Ind. pres.:	trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem.
Pret. perf.:	trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram.
Subj. pres.:	traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam.
Imperat. afirm.:	traz(e), traga, tragamos, trazei, tragam.
Outras:	trazia, trarei, traria, trouxera, trouxesse, trouxer, trazendo, trazido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

440. ( ) **traz**, **trago**, **trazemos**, **trazia** são formas irregulares.

441. ( ) **trago**, **traz**, **trarei**, **traria**, **trouxe**, **trouxera**, **trouxesse**, **trouxer** são formas irregulares.

442. ( ) A forma **traz**, irregular, resulta do mesmo processo que aconteceu com **faz**, **diz** e **traduz**.
443. ( ) **trazer** e derivados são abundantes no imperativo afirmativo: traze ou traz (tu).

caber, descaber (Irregulares.)

Ind. pres.:	caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem.
Pret. perf.:	coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam.
Subj. pres.:	caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam.
Imperat. afirm.:	cabe, caiba, caibamos, cabei, caibam.
Outras:	cabia, caberei, caberia, coubera, coubesse, couber, cabendo, cabido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

444. ( ) As formas **cabia**, **caberei**, **caberia**, **cabendo** e **cabido** são irregulares.
445. ( ) As formas **caibo**, **caibamos**, **coube**, **coubesse**, **couber** são irregulares.
446. ( ) Pelo seu sentido, dizem alguns gramáticos, o imperativo não se coaduna com o verbo caber, e o consideram defectivo no imperativo.
447. ( ) Para alguns gramáticos, o verbo **descaber** só é usado no infinitivo e no particípio, por isso, também é considerado defectivo.

crer, ler, descrer, reler, tresler (Irregulares.)

Ind. pres.:	creio, crês, crê, cremos, credes, crêem (nova ortografia: creem).
Pret. perf.:	cri, creste, creu, cremos, crestes, creram.
Subj. pres.:	creia, creias, creia, creiamos, creiais, creiam.
Imperat. afirm.:	crê, creia, creiamos, crede, creiam.
Outras:	cria, crerei, creria, crera, cresse, crer, crendo, crido.

Ind. pres.:	leio, lês, lê, lemos, ledes, lêem (nova ortografia: leem).
Pret. perf.:	li, leste, leu, lemos, lestes, leram.
Subj. pres.:	leia, leias, leia, leiamos, leiais, leiam.
Imperat. afirm.:	lê, leia, leiamos, lede, leiam.
Outras:	lia, lerei, leria, lera, lesse, ler, lendo, lido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

448. ( ) São formas irregulares: creio, creia, cri, leio, li, creste, leste.
449. ( ) São formas irregulares: creio, leio, creia, leia.
450. ( ) Creem, leem, descreem e releem, no recente Acordo Ortográfico, perderam o circunflexo, assim como deem, veem e derivados.

dizer, bendizer, condizer, contradizer, desdizer, entredizer, interdizer, maldizer, predizer, redizer (Irregulares e abundantes.)

Ind. pres.:	digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem.
Pret. perf.:	disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram.
Subj. pres.:	diga, digas, diga, digamos, digais, digam.
Imperat. afirm.:	diz(e), diga, digamos, dizei, digam.
Outras:	dizia, direi, diria, dissera, dissesse, disser, dizendo, dito.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

451. ( ) São formas regulares: dizes, diz, dizemos.

452. ( ) Constituem-se como formas irregulares: diz, disse, dissemos, digo, digas, direi, diremos, diria, dissera, dito.

453. ( ) Diz e dize: formas abundantes do imperativo afirmativo.

escrever, circunscrever, adscrever, descrever, inscrever, prescrever, proscrever, reescrever, sobrescrever, subscrever, transcrever... (Irregulares.)

Ind. pres.:	escrevo, escreves, escreve, escrevemos, escreveis, escrevem.
Pret. perf.:	escrevi, escreveste, escreveu, escrevemos, escrevestes, escreveram.
Subj. pres.:	escreva, escrevas, escreva, escrevamos, escrevais, escrevam.
Imperat. afirm.:	escreve, escreva, escrevamos, escrevei, escrevam.
Outras:	escrevia, escreverei, escreveria, escrevera, escrevesse, escrever, escrevendo, escrito.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

454. ( ) A única irregularidade de **escrever** e de seus derivados acontece no particípio: escrito, adscrito, subscrito, circunscrito, transcrito...

feder (Regular, ex-defectivo.)

Ind. pres.:	(fedo), fedes, fede, fedemos, fedeis, fedem.
Pret. perf.:	fedi, fedeste, fedeu, fedemos, fedestes, federam.
Subj. pres.:	(feda), (fedas), (feda), fedamos, fedais, fedam.
Imperat. afirm.:	fede, (feda), (fedamos), fedei, fedam.
Outras:	fedia, federei, federia, federa, fedesse, feder, fedendo, fedido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre o quadro anterior.

455. ( ) Usado predominantemente na linguagem popular.

456. ( ) Tradicionalmente era classificado como defectivo, não tendo conjugação de todas as formas que estão entre parênteses.
457. ( ) É característico da norma culta.
458. ( ) Atualmente é considerado regular, conjugável em todas as formas.

haver(-se) (Irregular e abundante.)

Ind. pres.:	hei, has, há, havemos (ou hemos), haveis (ou heis), hão.
Pret. perf.:	houve, houveste, houve, houvemos, houvestes, houveram.
Subj. pres.:	haja, hajas, haja, hajamos, hajais, hajam.
Imperat. afirm.:	há, haja, hajamos, havei, hajam.
Outras:	havia, haverei, haveria, houvera, houvesse, houver, havendo, havido.

Obs.: veja toda sua conjugação a partir da pág. 187.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

459. ( ) No presente do indicativo, o verbo **haver** é abundante na 1ª e 2ª pessoa do plural.
460. ( ) As formas **hemos** e **heis** não são hoje usadas.
461. ( ) O verbo **haver**, na linguagem moderna, vem sendo substituído pelo verbo ter.

1. haja(s) ≠ aja(s)
2. havia(s) ≠ avia(s)
3. heis ≠ eis
4. houve ≠ ouve

462. ( ) Os pares de homônimos acima comparam formas do verbo **haver** com outras dos verbos **agir**, **aviar**, **ouvir** e com a palavra **eis**.
463. ( ) Ele se houve bem na prova. Nessa frase, empregou-se o verbo **haver-se**, que significa **sair-se**.

reaver (Irregular e defectivo.)

Ind. pres.:	–, –, –, reavemos, reaveis, –.
Pret. perf.:	reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram.
Subj. pres.:	–, –, –, –, –, –.
Imperat. afirm.:	–, –, –, reavei, –.
Outras:	reavia, reaverei, reaveria, reouvera, reouvesse, reouver, reavendo, reavido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

464. ( ) **reouve**, **reouvera** e **reouver** são formas irregulares.
465. ( ) **reaver** conjuga-se pelo verbo **haver**, mas só se conjuga nas formas em que aparece a letra **v**.
466. ( ) **reaver** é defectivo nas formas em que **haver** não tem a letra **v**.

Terminados em oer

condoer-se, corroer, doer(-se), esmoer, remoer, roer (Irregulares; conjugam-se como **moer**.)

Ind. pres.:	môo (nova ortografia: moo), móis, mói, moemos, moeis, moem.
Pret. perf.:	moí, moeste, moeu, moemos, moestes, moeram.
Subj. pres.:	moa, moas, moa, moamos, moais, moam.
Imperat. afirm.:	mói, moa, moamos, moei, moam.
Outras:	moía, moerei, moeria, moera, moesse, moer, moendo, moído.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

467. ( ) **ôo** é terminação dos verbos em **oar** e **oer**, na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo.
468. ( ) **móis**, **mói** têm acento agudo pela presença do ditongo aberto **ói**.
469. ( ) **moí**, **moía**, **moíamos**, **moído** têm o **i** acentuado por ser tônico e segunda vogal de hiato.
470. ( ) **móis** e **mói** são formas irregulares.

soer (Irregular e defectivo.)

Ind. pres.:	–, sóis, sói, soemos, soeis, soem.
Pret. perf.:	soí, soeste, soeu, soemos, soestes, soeram.
Subj. pres.:	–, –, –, –, –, –.
Imperat. afirm.:	sói –, –, soei, –.
Outras:	soía, soerei, soeria, soera, soesse, soer, soendo, soído.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre **soer**.

471. ( ) É defectivo na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo.
472. ( ) Por isso, é também defectivo no presente do subjuntivo e nas pessoas do imperativo negativo.
473. ( ) Tem todas as pessoas do imperativo afirmativo.
474. ( ) No imperativo afirmativo só se conjuga nas pessoas **tu** e **vós**, porque são derivadas do presente do indicativo. Nas outras, é defectivo.
475. ( ) É irregular nas formas **sóis**, **sói**.

perder (Irregular.)

Ind. pres.:	perco, perdes, perde, perdemos, perdeis, perdem.
Pret. perf.:	perdi, perdeste, perdeu, perdemos, perdestes, perderam.
Subj. pres.:	perca, percas, perca, percamos, percais, percam.
Imperat. afirm.:	perde, perca, percamos, perdei, percam.
Outras:	perdia, perderei, perderia, perdera, perdesse, perder, perdendo, perdido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

476. ( ) **perco**, **perca**, **percamos** são formas irregulares.
477. ( ) Se a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo é irregular, também o serão suas formas derivadas, como o presente do subjuntivo e, consequentemente, todo o imperativo negativo e as pessoas **você**, **nós** e **vocês** do imperativo afirmativo.
478. ( ) As formas escritas com **c** apresentam o **e** aberto.
479. ( ) As formas escritas com **c** têm o **e** fechado.

poder (Irregular.)

Ind. pres.:	posso, podes, pode, podemos, podeis, podem.
Pret. perf.:	pude, pudeste, pôde, pudemos, pudestes, puderam.
Subj. pres.:	possa, possas, possa, possamos, possais, possam.
Imperat. afirm.:	pode, possa, possamos, podei, possam.
Outras:	podia, poderei, poderia, pudera, pudesse, puder, podendo, podido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

480. ( ) São irregulares todas as formas do verbo **poder** que apresentam **ss** e **pu**: posso, possamos, puder, pudesse...
481. ( ) **pôde** é pretérito perfeito, **pode** é presente.
482. ( ) Há gramáticos que consideram este verbo defectivo no imperativo, alegando que **não se manda alguém poder**.
483. ( ) Mas cabe usá-lo no imperativo quando se quer incutir ênfase: Você só não pode se não quiser tentar, então **queira**-o e **possa**.

pôr, antepor, apor, circumpor, compor, contrapor, decompor, depor, descompor, dispor, entrepor, expor, impor, indispor, interpor, justapor, maldispor, opor, pospor, predispor, prepor, pressupor, propor, recompor, repor, sobrepor, sotopor, superpor, supor, transpor (Irregulares ou anômalos.)

Ind. pres.:	ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem.
Pret. perf.:	pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram.
Subj. pres.:	ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham.
Imperat. afirm.:	põe, ponha, ponhamos, ponde, ponham.
Outras:	punha, porei, poria, pusera, pusesse, puser, pondo, posto.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos anteriores.

484. ( ) São os únicos que apresentam irregularidade no infinitivo.
485. ( ) Esse acontecimento faz alguns gramáticos considerarem-nos anômalos (mais que irregulares).

486. ( ) Alguns, inclusive, sugerem classificá-los como representantes de uma quarta conjugação: a dos verbos com infinitivo em **or**.
487. ( ) Normalmente, por sua derivação a partir do verbo **poer**, é considerado como irregularidade ou anomalia da 2ª conjugação.

precaver(-se) (Regular e defectivo.)

Ind. pres.:	–, –, –, precavemos, precaveis, –.
Pret. perf.:	precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram.
Subj. pres.:	–, –, –, –, –, –.
Imperat. afirm.:	–, –, –, precavei, –.
Outras:	precavia, precaverei, precaveria, precavera, precavesse, precaver, precavendo, precavido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre **precaver** e **precaver-se**.

488. ( ) São defectivos em algumas pessoas do presente do indicativo, do imperativo afirmativo e em todas do presente do subjuntivo e do imperativo negativo.
489. ( ) Esses verbos só se conjugam nas formas arrizotônicas.
490. ( ) Hoje só se usa a forma pronominal.
491. ( ) **precavejo**, **precaveem**, **precaviste**, **precaviu**... são formas que não existem porque são referentes a verbos que não são derivados de **ver**.
492. ( ) **precavenho**, **precavéns**, **precavenha**, **precavim** são também inexistentes na norma culta, porque não derivam os verbos **precaver** e **precaver-se** de **vir**.
493. ( ) Como são defectivos, suas formas inexistentes podem-se suprir pelas dos verbos **prevenir(-se)**, **precatar-se** ou **cuidar-se**.

prover, desprover (Irregulares.)

Ind. pres.:	provejo, provês, provê, provemos, provedes, provêem (nova ortografia: proveem).
Pret. perf.:	provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram.
Subj. pres.:	proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam.
Imperat. afirm.:	provê, proveja, provejamos, provede, provejam.
Outras:	provia, proverei, proveria, provera, provesse, prover, provendo, provido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

494. ( ) Derivado de **ver**, **prover** ora se conjuga como **ver**, ora não.
495. Todas as formas a seguir são corretas. Sublinhe as que fogem à conjugação de **ver**.
provê, provia, proviam, provi, proveste, proveu, provera, proveras, provesse, provesses, proverei, proveria, provejamos, provido.

querer, benquerer, desquerer, malquerer (Irregulares e abundantes.)

Ind. pres.:	quero, queres, quer(e), queremos, quereis, querem.
Pret. perf.:	quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram.
Subj. pres.:	queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram.
Imperat. afirm.:	quer(e), queira, queiramos, querei, queiram.
Outras:	queria, quererei, quereria, quisera, quisesse, quiser, querendo, querido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

496. ( ) No presente do indicativo, a forma **quere** é só usada em Portugal; no Brasil, só se usa a irregular **quer**.
497. ( ) **benquerer** e **malquerer** são abundantes em particípio: benquerido, malquerido, benquisto, malquisto.
498. ( ) **quis**, **queira**, **quisesse**, **quiser** são formas irregulares.
499. ( ) **Quer/quere**: formas abundantes no presente do indicativo e no imperativo afirmativo.

requerer (Irregular e abundante.)

Ind. pres.:	requeiro, requeres, requer(e), requeremos, requereis, requerem.
Pret. perf.:	requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram.
Subj. pres.:	requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram.
Imperat. afirm.:	requer(e), requeira, requeiramos, requerei, requeiram.
Outras:	requeria, requererei, requereria, requerera, requeresse, requerer, requerendo, requerido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

500. ( ) A forma regular **requere** é usada ainda em Portugal, e no Brasil, prefere-se a irregular **requer**.
501. ( ) **requere** e **requer** são formas abundantes desse verbo.
502. ( ) O **i** de **requeiro** caracteriza irregularidade que se repetirá no presente do subjuntivo, no imperativo negativo e em algumas pessoas do imperativo afirmativo.
503. ( ) A conjugação de **requerer** foge, portanto, à do verbo **querer**.

saber (Irregular.)

Ind. pres.:	sei, sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem.
Pret. perf.:	soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, souberam.
Subj. pres.:	saiba, saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam.
Imperat. afirm.:	sabe, saiba, saibamos, sabei, saibam.
Outras:	sabia, saberei, saberia, soubera, soubesse, souber, sabendo, sabido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** a respeito do verbo **saber**.

504. ( ) No presente do indicativo, só a 1ª pessoa do singular é irregular.
505. ( ) O pretérito perfeito e o subjuntivo presente apresentam todas as pessoas irregulares.
506. ( ) São regulares: sabia, saberei, saberia, sabendo, sabido.
507. ( ) São irregulares: souber, soubesse, saiba, sei, soube.

valer, desvaler, equivaler (Irregulares.)

Ind. pres.:	valho, vales, vale, valemos, valeis, valem.
Pret. perf.:	vali, valeste, valeu, valemos, valestes, valeram.
Subj. pres.:	valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham.
Imperat. afirm.:	vale, valha, valhamos, valei, valham.
Outras:	valia, valerei, valeria, valera, valesse, valer, valendo, valido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

508. ( ) São irregulares: valho, valha, valhamos, valham.
509. ( ) São regulares: vali, valia, valerei, valeria, valesse.

antever, entrever, prever, rever* (Irregulares; conjugam-se como **ver****.)

Ind. pres.:	vejo, vês, vê, vemos, vedes, vêem (nova ortografia: veem).
Pret. perf.:	vi, viste, viu, vimos, vistes, viram.
Subj. pres.:	veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam.
Imperat. afirm.:	vê, veja, vejamos, vede, vejam.
Outras:	via, verei, veria, vira, visse, vir, vendo, visto.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

510. ( ) Vemos hoje o que vimos ontem.
511. ( ) Quando você ver o que nós víramos...
512. ( ) Eu me entretive pensando que se ele previsse ou antevisse, não reveria o trato.
513. ( ) Viste bem do que proveste a nossa despensa.
514. ( ) Tenho visto que você não tem provido os cargos abertos.
515. ( ) O Acordo Ortográfico aboliu o circunflexo de veem, reveem...

* Rever: existe, derivado do latim *repere*, um outro verbo **rever**, que significa "transudar", 'verter', 'deixar transpirar', mas que também se conjuga como o verbo **ver**: O suor **revê** de seus poros. Sua fala ao telefone **revia** descontrole.

** O verbo **prover** foge à conjugação de **ver**. Estude-o na página 232.

viger (Regular.)

Ind. pres.:	(vijo), viges, vige, vigemos, vigeis, vigem.
Pret. perf.:	vigi, vigeste, vigeu, vigemos, vigestes, vigeram.
Subj. pres.:	(vija), (vijas), (vija), (vijamos), (vijais), (vijam).
Imperat. afirm.:	vige, (vija), (vijamos), vigei, (vijam).
Outras:	vigia, vigerei, vigeria, vigera, vigesse, viger, vigendo, vigido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre o verbo **viger**.

516. ( ) Significa "ter vigor", "estar em vigor", "vigorar".
517. ( ) Alguns gramáticos ainda o consideram defectivo na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo.
518. ( ) Portanto, não há, para esses autores, todo o presente do subjuntivo e, consequentemente, o imperativo negativo e as pessoas **você(s)** e **nós** do imperativo afirmativo.
519. ( ) Modernamente vem sendo conjugado em todas as pessoas, como verbo regular.
520. ( ) Antes de **o** e **a**, o **g** vira **j**, para não se perder a pronúncia regular.

3ª conjugação

abolir, banir, bramir, brandir, carpir, colorir, comedir, delir, demolir, emolir, extorquir, fremir, retorquir, vagir... (Regulares e defectivos.)

Ind. pres.:	–, aboles, abole, abolimos, abolis, abolem.
Pret. perf.:	aboli, aboliste, abolui, abolimos, abolistes, aboliram.
Subj. pres.:	–, –, –, –, –, –.
Imperat. afirm.:	abole, –, –, aboli, –.
Outras:	abolia, abolirei, aboliria, abolira, abolisse, abolir, abolindo, abolido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

521. ( ) São defectivos na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, portanto não têm o presente do subjuntivo e, consequentemente, o imperativo negativo e as pessoas **você**(**s**) e **nós** do imperativo afirmativo.
522. ( ) Trocam o **i** por **e** nas formas rizotônicas.
523. ( ) Eu coloro com as cores do céu.
524. ( ) O **coloro** da frase anterior pertence ao verbo **colorar**, sinônimo de "colorir" e pronuncia-se com a vogal tônica aberta como **demoro**.

agredir, denegrir, prevenir, progredir, regredir, transgredir (Irregulares.)

Ind. pres.:	agrido, agrides, agride, agredimos, agredis, agridem.
Pret. perf.:	agredi, agrediste, agrediu, agredimos, agredistes, agrediram.
Subj. pres.:	agrida, agridas, agrida, agridamos, agridais, agridam.
Imperat. afirm.:	agride, agrida, agridamos, agredi, agridam.
Outras:	agredia, agredirei, agrediria, agredira, agredisse, agredir, agredindo, agredido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro anterior.

525. ( ) Trocam o **gre** por **gri** nas formas rizotônicas do presente do indicativo, inclusive na 1ª pessoa do singular.

526. ( ) Por isso, o presente do subjuntivo e as formas do imperativo dele derivadas também trocam o **gre** por **gri**.

527. ( ) Para progredirdes mais facilmente, não agridais nem transgridais as normas do bom convívio.

Terminados em air

abstrair, atrair, cair, contrair, decair, descair, detrair, distrair, esvair, extrair, protrair, recair, ressair, retrair, retrotrair, sobressair, subtrair, trair... (Regulares; conjugam-se como **sair**.)

Ind. pres.:	saio, sais, sai, saímos, saís, saem.
Pret. perf.:	saí, saíste, saiu, saímos, saístes, saíram.
Subj. pres.:	saia, saias, saia, saiamos, saiais, saiam.
Imperat. afirm.:	sai, saia, saiamos, saí, saiam.
Outras:	saía, sairei, sairia, saíra, saísse, sair, saindo, saído.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro anterior.

528. ( ) Todos esses verbos resumem-se em **esvair**, **cair**, **trair**, **sair** e derivados.

529. ( ) Abstrai-te e não te retraias para sobressaíres.

530. ( ) Não destraias, nem traiais vossos eleitores, para não cairdes em descrédito.

Terminados em uir

construir, desconstruir, destruir, reconstruir (Irregulares e abundantes.)

Ind. pres.:	construo, constróis/truis, constrói/trui, construímos, construís, constroem/truem.
Pret. perf.:	construí, construíste, construiu, construímos, construístes, construíram.
Subj. pres.:	construa, construas, construa, construamos, construais, construam.
Imperat. afirm.:	constrói/trui, construa, construamos, construí, construam.
Outras:	construía, construirei, construiria, construíra, construísse, construir, construindo, construído.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

531. ( ) As formas tu **construis**, ele **construi** e eles **construem** são usadas em Portugal e em outros países lusófonos.

532. ( ) As formas tu **constróis**, ele **constrói** e eles **constroem** são usadas no Brasil, embora também aceitas em Portugal e em outros países lusófonos.

533. ( ) São verbos abundantes no presente do indicativo e imperativo afirmativo.

anuir, concluir, constituir, defluir, destituir, estruir, fruir, influir, instruir, obstruir, possuir, refluir, restituir, retribuir (Regulares.)

Ind. pres.:	influo, influis, influi, influímos, influís, influem.
Pret. perf.:	influí, influíste, influiu, influímos, influístes, influíram.
Subj. pres.:	influa, influas, influa, influamos, influais, influam.
Imperat. afirm.:	influi, influa, influamos, influí, influam.
Outras:	influía, influirei, influiria, influíra, influísse, influir, influindo, influído.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

534. ( ) No presente do indicativo, **influis** e **influi** graficamente têm **ui** e não **ue**, porque se trata de ditongo.

535. ( ) Trata-se de pronúncia regular, portanto de verbo regular.

argüir, redargüir/arguir, redarguir (nova ortografia) (Regulares.)

Ind. pres.:	arg**u**o, argúis, argúi, argü**i**mos, argü**i**s, argúem (nova ortografia: arg**u**o, arg**u**is, arg**u**i, arguímos, arguís, arg**u**em).
Pret. perf.:	argü**i**, argü**i**ste, argü**i**u, argü**i**mos, argü**i**stes, argü**i**ram (nova ortografia: arguí, arguíste, argu**i**u, arguímos, arguístes, arguíram).
Subj. pres.:	arg**u**a, arg**u**as, arg**u**a, arg**u**amos, arg**u**ais, arg**u**am.
Imperat. afirm.:	argúi (nova ortografia: arg**u**i), arg**u**a, arg**u**amos, argü**i** (nova ortografia: arguí), arg**u**am.
Outras:	argüia, argüirei, argüiria, argüira, argüisse, argüir, argüindo, argüido. (nova ortografia: arguía, arguirei, arguiria, arguíra, arguísse, arguir, arguindo, arguído.)

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

536. ( ) O uso do trema, pela nova ortografia, foi abolido em todos os tempos, modos e pessoas.

537. ( ) Pela nova ortografia, na sílaba **gui**, o **u** não se acentua, acentua-se o **i** quando tônico, sozinho na sílaba ou com **s**: arguí, arguís, arguímos, arguístes, arguía, arguíra, arguísse, arguído.

delinqüir/delinquir (nova ortografia) (Regular ou irregular ou defectivo.)

Ind. pres.:	1 – (delínquo), delínqües, delínqüe, delinqüimos, delinqüis, delínqüem.
	2 – delinq**u**o, delinq**u**es, delinq**u**e, delinqüimos, delinqüis, delinquem.
Pret. perf.:	delinqüi, delinqüiste, delinqüiu, delinqüimos, delinqüistes, delinqüiram.
Subj. Pres.:	1 – (delínqua), (delínquas), (delínqua), (delinquamos), (delinquais), (delínquam).
	2 – delinq**u**a, delinq**u**as, delinq**u**a, delinquamos, delinquais, delinq**u**am.
Imperat. afirm.:	1 – delínqüe, (delínqua), (delinquamos), delinqüi, (delínquam).
	2 – delinq**ú**e, delinq**u**a, delinqu**a**mos, delinqü**i**, delinq**u**am.
Outras:	delinqüia, delinqüirei, delinqüiria, delinqüira, delinqüisse, delinqüir, delinqüindo, delinqüido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

538. ( ) Nos presentes do indicativo, do subjuntivo e no imperativo, há duas conjugações diferentes.

539. ( ) Pela nova ortografia, o trema e o acento agudo no **u** foram abolidos, sem prejuízo das pronúncias.

540. ( ) Conjugam-se igualmente os verbos terminados em -guar, -quar, -quir, terminações de infinitivo em que o **u** é pronunciado átono.

541. ( ) Pela nova ortografia, tais verbos, por oferecerem dois paradigmas, ou têm o **u** como vogal tônica, mas sem acento gráfico [enxag**u**a(s), delinq**u**e(s)], ou são paroxítonos terminados em ditongo, tendo acento gráfico [enxágue(s), delínque(s)].

puir, pruir, ruir (Regulares e defectivos.)

Ind. pres.:	–, p**u**is, p**u**i, puímos, puís, p**u**em.
Pret. perf.:	puí, puíste, pu**i**u, puímos, puístes, puíram.
Subj. pres.:	–, –, –, –, –, –.
Imperat. afirm.:	p**u**i, –, –, puí, –.
Outras:	puía, puirei, puiria, puíra, puísse, puir, puindo, puído.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro anterior.

542. ( ) São defectivos nas formas em que o **u** seria seguido de **o** ou **a**.

543. ( ) São regulares nas outras formas.

abrir, desabrir, entreabrir, reabrir (Irregulares.)

Ind. pres.:	abro, abres, abre, abrimos, abris, abrem.
Pret. perf.:	abri, abriste, abriu, abrimos, abristes, abriram.
Subj. pres.:	abra, abras, abra, abramos, abrais, abram.
Imperat. afirm.:	abre, abra, abramos, abri, abram.
Outras:	abria, abrirei, abriria, abrira, abrisse, abrir, abrindo, aberto.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

544. ( ) **abro**, **abri**, **abra** são formas irregulares.
545. ( ) A única irregularidade está no particípio: aberto, desaberto, entreaberto, reaberto.

acudir, bulir, consumir, cuspir, desentupir, entupir, escapulir, fugir, sacudir, subir, sumir, zunir (Irregulares.)

Ind. pres.:	acudo, acodes, acode, acudimos, acudis, acodem.
Pret. perf.:	acudi, acudiste, acudiu, acudimos, acudistes, acudiram.
Subj. pres.:	acuda, acudas, acuda, acudamos, acudais, acudam.
Imperat. afirm.:	acode, acuda, acudamos, acudi, acudam.
Outras:	acudia, acudirei, acudiria, acudira, acudisse, acudir, acudindo, acudido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos anteriores.

546. ( ) A irregularidade se baseia na mudança do **u** por **o**.
547. ( ) Só existem quatro pessoas irregulares: **tu**, **ele**, **eles** do presente do indicativo e **tu** do imperativo afirmativo.
548. ( ) f**ug**o, f**oge**s, f**oge**, fu**gi**mos, fu**gi**s, fo**ge**m.
549. ( ) f**uga**, f**uga**s, f**uga**, fu**ga**mos, f**uga**is, f**uga**m.
550. ( ) f**ujo**, f**uja**, fu**jam**os, f**uja**is, f**uja**m, f**uja**s.
551. ( ) Antes de **o** e **a**, trocam o **g** por **j** para manter a pronúncia. Esse fato não caracteriza irregularidade.
552. ( ) **entupir** e **desentupir**, dessa lista, são os únicos abundantes no presente do indicativo (entupe(s) ou entope(s), entupem ou entopem) e no imperativo afirmativo (entupe ou entope).

assumir, presumir, reassumir, resumir (Regulares.)

Ind. pres.:	assumo, assumes, assume, assumimos, assumis, assumem.
Pret. perf.:	assumi, assumiste, assumiu, assumimos, assumistes, assumiram.
Subj. pres.:	assuma, assumas, assuma, assumamos, assumais, assumam.
Imperat. afirm.:	assume, assuma, assumamos, assumi, assumam.
Outras:	assumia, assumirei, assumiria, assumira, assumisse, assumir, assumindo, assumido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

553. ( ) Como regulares, mantêm o **u** em todas as pessoas: resumo, resumes, resume, resumimos, resumis, resumem, resumi, resumia, resumirei, resumiria, resumindo...

cerzir (Irregular e abundante.)

Ind. pres.:	cirzo, cirzes/cerzes, cirze/cerze, cerzimos, cerzis, cirzem/cerzem.

Pret. perf.:	cerzi, cerziste, cerziu, cerzimos, cerzistes, cerziram.
Subj. pres.:	cirza, cirzas, cirza, cirzamos, cirzais, cirzam.
Imperat. afirm.:	cirze/cerze, cirza, cirzamos, cerzi, cirzam.
Outras:	cerzia, cerzirei, cerziria, cerzira, cerzisse, cerzir, cerzindo, cerzido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre o verbo **cerzir**.

554. ( ) É irregular na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, portanto, também no subjuntivo presente e, consequentemente, no imperativo negativo e nas pessoas **você(s)** e **nós** do imperativo afirmativo.

555. ( ) No presente do indicativo (tu e ele) e no imperativo afirmativo (tu), coexistem no uso as formas regulares e irregulares.

556. ( ) Pela afirmação anterior, conclui-se ser verbo abundante.

cobrir, encobrir, descobrir (Irregulares.)

Ind. pres.:	cubro, cobres, cobre, cobrimos, cobris, cobrem.
Pret. perf.:	cobri, cobriste, cobriu, cobrimos, cobristes, cobriram.
Subj. pres.:	cubra, cubras, cubra, cubramos, cubrais, cubram.
Imperat. afirm.:	cobre, cubra, cubramos, cobri, cubram.
Outras:	cobria, cobrirei, cobriria, cobrira, cobrisse, cobrir, cobrindo, coberto.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

557. ( ) Todas as pessoas em que o **o** se troca por **u** são irregulares.

558. ( ) O particípio é também irregular.

559. ( ) Todas as outras formas são regulares.

dormir, engolir, tossir (Irregulares.)

Ind. pres.:	durmo, dormes, dorme, dormimos, dormis, dormem.
Pret. perf.:	dormi, dormiste, dormiu, dormimos, dormistes, dormiram.
Subj. pres.:	durma, durmas, durma, durmamos, durmais, durmam.
Imperat. afirm.:	dorme, durma, durmamos, dormi, durmam.
Outras:	dormia, dormirei, dormiria, dormira, dormisse, dormir, dormindo, dormido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

560. ( ) Conjugam-se inteiramente como os verbos **cobrir** e derivados.

561. ( ) Conjugam-se como **cobrir** e derivados, com uma única diferença: o particípio é regular: **dormido**, **engolido**, **tossido**.

Terminados em uzir

conduzir, induzir, luzir, reduzir, seduzir, reluzir (Irregulares e abundantes.)

Ind. pres.:	conduzo, conduzes, conduz, conduzimos, conduzis, conduzem.
Pret. perf.:	conduzi, conduziste, conduziu, conduzimos, conduzistes, conduziram.
Subj. pres.:	conduza, conduzas, conduza, conduzamos, conduzais, conduzam.
Imperat. afirm.:	conduz(e), conduza, conduzamos, conduzi, conduzam.
Outras:	conduzia, conduzirei, conduziria, conduzira, conduzisse, conduzir, conduzindo, conduzido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro anterior.

562. ( ) São inteiramente irregulares.
563. ( ) No presente do indicativo, **conduz** é uma forma irregular. A regular deveria ter um **e** final.
564. ( ) No imperativo afirmativo, **conduze** ou **conduz** (tu) são formas abundantes.
565. ( ) Todas as outras formas são perfeitamente regulares.

esculpir, explodir (Regulares; *vide* **partir**, pág. 179.)

expelir, inserir (Irregulares e abundantes.)

Ind. pres.:	expilo, expeles, expele, expelimos, expelis, expelem.
Pret. perf.:	expeli, expeliste, expeliu, expelimos, expelistes, expeliram.
Subj. pres.:	expila, expilas, expila, expilamos, expilais, expilam.
Imperat. afirm.:	expele, expila, expilamos, expeli, expilam.
Outras.:	expelia, expelirei, expeliria, expelira, expelisse, expelir, expelindo, expelido/expulso.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

566. ( ) Irregulares na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, pela troca do **e** por **i** (exp**e**lir ➜ exp**i**lo).

adir, aguerrir, combalir, embair, empedernir, esbaforir-se, espavorir, exinanir, florir, fornir, garrir, inanir, remir, renhir, ressarcir, ressequir, revelir, transir (Regulares e defectivos; seguem o modelo de **falir**.)

Ind. pres.:	–, –, –, falimos, falis, –.
Pret. perf.:	fali, faliste, faliu, falimos, falistes, faliram.
Subj. pres.:	–, –, –, –, –, –.
Imperat. afirm.:	–, –, –, fali, –.
Outras:	falia, falirei, faliria, falira, falisse, falir, falindo, falido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro anterior.

567. ( ) São conjugados só nas formas rizotônicas.
568. ( ) Somente têm as formas arrizotônicas, e nessas são regulares.
569. ( ) **revelir** e **ressarcir** já são considerados regulares, sendo conjugados em todas as formas.

Terminados em eguir, elir, erir, etir, ergir, ertir, ervir, espir, estir

aderir, advertir, aferir, aspergir, auferir, compelir, competir, conseguir, convergir, deferir, despir, desservir, diferir, digerir, divergir, divertir, ferir, gerir, impelir, ingerir, perseguir, preterir, prosseguir, refletir, repelir, repetir, revestir, seguir, servir, sugerir, vestir (Irregulares.)

Ind. pres.:	adiro, aderes, adere, aderimos, aderis, aderem.
Pret. perf.:	aderi, aderiste, aderiu, aderimos, aderistes, aderiram.
Subj. pres.:	adira, adiras, adira, adiramos, adirais, adiram.
Imperat. afirm.:	adere, adira, adiramos, aderi, adiram.
Outras:	aderia, aderirei, aderiria, aderira, aderisse, aderir, aderindo, aderido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

570. ( ) Na primeira pessoa do singular do presente do indicativo, sua irregularidade consiste na troca do **e** por **i**: aderir > ad**i**ro.
571. ( ) Essa irregularidade afeta, portanto, o presente do subjuntivo e os imperativos afirmativo e negativo.
572. ( ) Todas as outras formas são regulares.

emergir, imergir, submergir (Regulares e abundantes.)

Ind. pres.:	emerjo, emerges, emerge, emergimos, emergis, emergem.
Pret. perf.:	emergi, emergiste, emergiu, emergimos, emergistes, emergiram.
Subj. pres.:	emerja, emerjas, emerja, emerjamos, emerjais, emerjam.
Imperat. afirm.:	emerge, emerja, emerjamos, emergi, emerjam.
Outras:	emergia, emergirei, emergiria, emergira, emergisse, emergindo, emergido/imerso.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

573. ( ) A pronúncia da vogal tônica é: emerjo(ê), emerges(é), emergem(é).
574. ( ) A permuta do **g** por **j** só ocorre antes de **o** e **a**, para manter a pronúncia original, por isso não constitui irregularidade.

concernir

Para uns autores, conjuga-se como **aderir**; para outros, só se conjuga nas 3as pessoas: concerne(m), concernia(m)...

discernir
Para uns autores, conjuga-se como **aderir**; para outros, conjuga-se como **aderir**, porém, só nas formas arrizotônicas:

Ind. pres.:	–, –, –, discernimos, discernis, –.
Pret. perf.:	discerni, discerniste, discerniu, discernimos, discernistes, discerniram.
Subj. pres.:	–, –, –, –, –, –.
Imperat. afirm.:	–, –, –, discerni, –.
Outras:	discernia, discernirei, discerniria, discernira, discernisse, discernir, discernindo, discernido.

aturdir, brunir, espargir, exaurir, foragir-se, fulgir, impingir, jungir, ungir (Regulares, ex-defectivos; seguem o modelo de **haurir**.)

Ind. pres.:	(hauro), haures, haure, haurimos, hauris, haurem.
Pret. perf.:	hauri, hauriste, hauriu, haurimos, hauristes, hauriram.
Subj. pres.:	(haura), (hauras), (haura), (hauramos), (haurais), (hauram).
Imperat. afirm.:	haure, (haura), (hauramos), hauri, (hauram).
Outras:	hauria, haurirei, hauriria, haurira, haurisse, haurir, haurindo, haurido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

575. ( ) Para alguns, conjugam-se como **abolir**, defectivos na primeira pessoa do singular do presente do indicativo e, portanto, também não conjugáveis no presente do subjuntivo, no imperativo negativo e nas pessoas **você(s)** e **nós** do imperativo afirmativo – as formas entre parênteses.

576. ( ) Para autores mais modernos, trata-se de verbos regulares, dotados de todas as pessoas, tempos e modos.

Terminados em entir

consentir, desmentir, mentir, pressentir, ressentir, sentir (Irregulares.)

Ind. pres.:	sinto, sentes, sente, sentimos, sentis, sentem.
Pret. perf.:	senti, sentiste, sentiu, sentimos, sentistes, sentiram.
Subj. pres.:	sinta, sintas, sinta, sintamos, sintais, sintam.
Imperat. afirm.:	sente, sinta, sintamos, senti, sintam.
Outras:	sentia, sentirei, sentiria, sentira, sentisse, sentir, sentindo, sentido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

577. ( ) Sua irregularidade aparece na troca do **en** por **in**: **sen**tir, **sin**to.

578. ( ) Todos os verbos terminados em **entir** conjugam-se como **sentir**.

frigir (Irregular e abundante.)

Ind. pres.:	frijo, freges, frege, frigimos, frigis, fregem.

Pret. perf.:	frigi, frigiste, frigiu, frigimos, frigistes, frigiram.
Subj. pres.:	frija, frijas, frija, frijamos, frijais, frijam.
Imperat. afirm.:	frege, frija, frijamos, frigi, frija.
Outras:	frigia, frigirei, frigiria, frigira, frigisse, frigir, frigindo, frigido/frito.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre o verbo **frigir**.

579. ( ) A irregularidade se mostra na troca de **fri** por **fre**.
580. ( ) Outra irregularidade está na troca do **g** por **j**.
581. ( ) Permuta-se o **g** por **j** antes de **o** e **a**, para manter-se a regularidade da prosódia, isto é, da pronúncia.
582. ( ) A abundância ocorre no particípio, com duas formas: **frigido** e **frito**.

ir (Anômalo.)

Ind. pres.:	vou, vais, vai, vamos, ides, vão.
Pret. perf.:	fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.
Subj. pres.:	vá, vás, vá, vamos, vades, vão.
Imperat. afirm.:	vai, vá, vamos, ide, vão.
Outras:	ia, irei, iria, fora, fosse, ir, indo, ido.

Prática

■ Assinale **C** o **E** sobre o verbo **ir**.

583. ( ) Sua conjugação incorpora radicais de três verbos latinos: *ire*, *esse* e *vadere*.
584. ( ) A presença de vários radicais (vai, foi, ia) justifica sua classificação como anômalo.
585. ( ) Anômalo é um irregular mais forte.
586. ( ) **ia**, **irei**, **iria**, **indo**, **ido**: nessas formas, sua conjugação é regular, mantendo o mesmo radical do infinitivo.

desimpedir, despedir, expedir, impedir, ouvir, pedir (Irregulares; seguem o modelo de **medir.**)

Ind. pres.:	meço, medes, mede, medimos, medis, medem.
Pret. perf.:	medi, mediste, mediu, medimos, medistes, mediram.
Subj. pres.:	meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam.
Imperat. afirm.:	mede, meça, meçamos, medi, meçam.
Outras:	media, medirei, mediria, medira, medisse, medindo, medido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

587. ( ) Na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e nos tempos e pessoas dela derivados, aparece um **ç** no radical (pe**ç**, ou**ç**, me**ç**).
588. ( ) Nas outras formas, são regulares.

rir, sorrir (Irregulares.)

Ind. pres.:	rio, ris, ri, rimos, rides, riem.
Pret. perf.:	ri, riste, riu, rimos, ristes, riram.
Subj. pres.:	ria, rias, ria, riamos, riais, riam.
Imperat. afirm.:	ri, ria, riamos, ride, riam.
Outras:	ria, rirei, riria, rira, risse, rir, rindo, rido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

589. ( ) **ríamos** é imperfeito do indicativo e **riamos** é subjuntivo presente.

590. ( ) O verbo **sorrir**, para alguns gramáticos, na 2ª pessoa do plural do presente do indicativo, conjuga-se **vós sorris**; para outros, segue o **rir**: **vós sorrides**.

polir, sortir, despolir (Irregulares.)

Ind. pres.:	pulo, pules, pule, polimos, polis, pulem.
Pret. perf.:	poli, poliste, poliu, polimos, polistes, poliram.
Subj. pres.:	pula, pulas, pula, pulamos, pulais, pulam.
Imperat. afirm.:	pule, pula, pulamos, poli, pulam.
Outras:	polia, polirei, poliria, polira, polisse, polir, polindo, polido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** a respeito de **polir**, **sortir**, **despolir**.

591. ( ) São irregulares nas formas rizotônicas, em que trocam o **o** por **u**.

592. ( ) **sortir** significa **abastecer**, **fazer sortimento**.

surtir (Regular).

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

593. ( ) **surtir** significa **originar** e é regular: surto, surtes, surte, surtimos, surtis, surtem, surtia, surtirei, surtiria, surtira, surtisse, surtindo, surtido.

atingir, cingir, constringir, destingir, destinguir, extinguir, infringir, tingir, tinir e outros terminados em **-ingir** e **inguir** (Regulares, *vide* **partir**, pág. 179.)

vagir (Defectivo.)

Ind. pres.:	–, (vages), (vage), vagimos, vagis, (vagem).
Pret. perf.:	vagi, vagiste, vagiu, vagimos, vagistes, vagiram.
Subj. pres.:	–, –, –, –, –, –.
Imperat. afirm.:	–, (vage), –, –, vagi, –.
Outras:	vagia, vagirei, vagiria, vagira, vagisse, vagir, vagindo, vagido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre **vagir**.

594. ( ) Para uns gramáticos, só se conjuga nas formas em que o radical vem seguido da letra **i**; portanto, para eles, as formas entre parênteses não existem.

595. ( ) Para outros, não se conjugam apenas as formas em que ao radical se seguiriam as letras **a** e **o**.

596. ( ) Ou seja, para uns, pertence o verbo **vagir** a um grupo de defectivos; para outros, continua sendo defectivo, porém pertencente a outro grupo. (*Vide* pág. 235.)

advir, avir(-se), convir, desavir(-se), intervir, provir, sobrevir (Irregulares; seguem o modelo de **vir**.)

Ind. pres.:	venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm.
Pret. perf.:	vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.
Subj. pres.:	venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham.
Imperat. afirm.:	vem, venha, venhamos, vinde, venham.
Outras:	vinha, virei, viria, viera, viesse, vindo, vindo.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

597. ( ) Os derivados de **vir**, por terem mais de uma sílaba, têm acentos gráficos diferentes de **vir**: **vens**, **vem** / **advéns**, **advém**.

598. ( ) O particípio e o gerúndio têm a mesma forma.

599. ( ) **desavindo**, além de particípio, é adjetivo: pares **desavindos**.

Prática Geral

■ Passe para a **2ª pessoa do singular** e **2ª pessoa do plural**.

Vão com Deus, sejam felizes e, quando saírem, fechem a porta.

600. _____

_____

_____

_____

■ Use o verbo **reaver** nas formas indicadas ou, se impossível, use um sinônimo.

601. Eu _____ (pres. indicat.) o tempo perdido e já _____ (pret. perf.) o que me tiraram.

602. Nós _____ (pret. perf.) nossos créditos. Ela não _____ (pres. indicat.) os dela.

■ Escreva os **particípios** dos seguintes verbos:

603. expressar _____ – exprimir _____
604. extinguir _____ – suspender _____
605. frigir _____ – abrir _____

606. Dos verbos dos três últimos exercícios, só não é abundante o _____.

■ **Corrija**, se for preciso.

607. Se eu o ver, dizerei que te procure.

_____

608. Ele interviu logo, porque não quiz fazer o que eu propora.

_____

609. É bom que você averigüe como eu mobilio os pavimentos.

_____

610. Quando ele vir de férias, se poder, vou esperá-lo.

_____

611. O vice sobestá ao prefeito.

_____

■ (UFPR – adaptado). Preencha as lacunas com os verbos **ver** ou **vir**.

612. Quando _____ a Brasília, traga sua mãe.
613. Se _____ o Pedro, avise-o da minha chegada.
614. Ontem nós _____ um peixe enorme no lago.
615. Se tu _____ com mentiras, verás o que é bom!
616. Entregue-lhe isto, se o _____ amanhã.
617. Quando _____ o lago e o sol _____ nascendo...
618. Nós sempre _____ aqui pelo mesmo caminho.
619. Se _____ à escola, terá uma surpresa.
620. Peça-lhe para _____ aqui quando puder.
621. Se _____ à escola, terás uma surpresa.
622. Se _____ à escola, tereis uma surpresa.
623. Se você e Tiago os _____, nada comentem com eles.
624. Se você e Renan _____, vou buscá-los no aeroporto.

■ Nas frases de 625 a 635, assinale nos parênteses as letras correspondentes ao **indicativo**.

a) presente
b) pretérito perfeito
c) pretérito imperfeito
d) pretérito mais-que-perfeito
e) futuro do presente
f) futuro do pretérito

625. ( ) "A cantiga que eu **cantava**,
626. ( ) por ser cantada **morreu**.
627. ( ) Nunca **hei de dizer** o nome
628. ( ) daquilo que **há de ser** meu."
(Cecília Meireles)

"**Gostaríamos** de ser retos em nossos julgamentos, mas não **queremos** fazer sofrer os nossos semelhantes. Então **abrimos** mão de toda justiça e **sofremos** nós mesmos com as fraudes de nossa balança." (Carlos Drummond de Andrade)

629. ( ) gostaríamos.
630. ( ) queremos.
631. ( ) abrimos.
632. ( ) sofremos.

"Foi com esta impressão profunda que **cheguei** ao hospital onde Marcela **entrara** na véspera, e onde a **vi** expirar meia hora depois, feia, magra, decrépita..." (Machado de Assis)

633. ( ) cheguei.
634. ( ) entrara.
635. ( ) vi.

■ Classifique as **formas verbais** do seguinte texto de Carlos Drummond de Andrade (com adaptação).

"De sua poltrona, o moço **reclamava**:
– **Botem** esse ventilador para **funcionar**! Não aguento mais de calor.
Como ninguém **providenciasse**, ele **insistia**, **declarando** o fato uma falta de consideração com os passageiros. Mas nós não nos **sentimos** pessoalmente desconsiderados.
O rapaz insistia sempre, até que **apareceu** o chefe do trem e lançou um plebiscito.
– O motor está fraco. Se **quiserem** que o ventilador **funcione**, **ficarão** sem luz. Que preferem os senhores: ar ou claridade?
Olhamos com reprovação o reclamante, e ele emudeceu."

636. reclamava: _____
637. botem: _____
638. funcionar: _____

639. providenciasse: _____
640. insistia: _____
641. declarando: _____
642. sentimos: _____
643. apareceu: _____
644. quiserem: _____
645. funcione: _____
646. ficarão: _____
647. olhamos: _____

A – Ela **dorme** cedo.
B – **Durma** logo, menino.
C – Talvez ela **durma** logo.
D – Quero que você **dorme** logo.
E – Talvez ela **dorme** logo.

■ Assinale **C** ou **E**, para quer se trate de afirmação certa ou errada.

648. ( ) Em A, o verbo está no **imperativo**.
649. ( ) Em A, o verbo está no **indicativo**.
650. ( ) Em B, o verbo está no **subjuntivo**.
651. ( ) Em B, o verbo está no **imperativo**.
652. ( ) Em C, o verbo está no **subjuntivo**.
653. ( ) Em D, o verbo em negrito deveria estar no **subjuntivo** (durma).
654. ( ) Em E, o verbo está errado porque a dúvida requer **subjuntivo** (durma).
655. ( ) O nome **subjuntivo** vem de **sub + juntar** (que se junta por baixo) devido a ser o modo das orações subordinadas.

■ (FEMPAR) Que frases terão suas lacunas corretamente preenchidas pelas formas colocadas entre parênteses? Marque-as com um **C**.

656. Para não acentuar a discórdia, não _____ na discussão. (intervim)
657. O tempo todo _____ -me em silêncio. (manti)
658. Seria oportuno que ele se _____. (contesse)
659. Apesar da insistência, não _____ seus pertences. (reaveu)
660. Da minha janela, _____ tudo o que se passa na rua. (presencio)
661. Olho ao redor e _____ que todos os amigos se foram. (averiguo)

■ (U.E.MARINGÁ-PR) Assinale com **C** toda vez que os verbos do imperativo, em cada dupla, se referirem à mesma pessoa.

662. a) **Enxágua** a louça, mana.
b) Filha, **seja** mais otimista!

663. a) **Crede** sempre no bem!
b) Não **digais** tudo o que vem à mente.

664. a) **Sigamos** nosso caminho.
b) **Criemos** nosso destino!

665. a) Papai, **descola** uma grana aí.
b) Psiu, **vem** mais perto, vem.

■ Preencha as lacunas corretamente seguindo o modelo.
Vir, talvez eu venha. Se eu não vier...
666. Valer, talvez eu _____. Se eu não _____...
667. Poder, talvez eu _____. Se eu não _____...
668. Querer, talvez eu _____. Se eu não _____...
669. Requerer, talvez eu _____. Se eu não _____...
670. Pôr, talvez eu _____. Se eu não _____...
671. Ver, talvez eu _____. Se eu não _____...
672. Caber, talvez eu _____. Se eu não _____...
673. Ter, talvez eu _____. Se eu não _____...
674. Tragar, talvez eu _____. Se eu não _____...
675. Trazer, talvez eu _____. Se eu não _____...
676. Saber, talvez eu _____. Se eu não _____...
677. Remediar, talvez eu _____. Se eu não _____...

■ Corrija as frases.
678. Quando irmos, encontraremos os que se oporam.

_____

679. Enquanto não verdes a placa, não dobre à direita.

_____

680. Quando vires ao Brasil, mostra-me os presentes que trouxes.

_____

681. Quando ele propor, quero que você não interveja na conversa.

_____

682. Se eles reverem o texto e manterem o erro...

_____

683. Ela interviu porque eles não se comporam.

_____

684. Vá em frente e serás recompensado.

_____

685. Eles se desaviram, mas pode ser que ainda se avenham.

_____

686. (FUVEST-SP) "Se ele _____ (ver) o nosso trabalho _____ (fazer) um elogio."
Assinale a alternativa em que as formas dos verbos **ver** e **fazer** preenchem corretamente as lacunas da frase acima:
a) ver / fará.
b) visse / fará.
c) ver / fazerá.
d) vir / fará.
e) vir / faria.

687. (FESP-SP) Assinale a alternativa em que todas as formas estejam na **segunda pessoa do plural do imperativo afirmativo**.
a) ouvi / vinde / ide / traze.
b) ouvi / vinde / ide / trazei.
c) ouvi / venhas / ide / trazei.
d) ouça / vinde / vá / tragais.
e) ouça / venhas / vás / tragais.

688. (VUNESP-SP) Observe a frase abaixo.
"A grosseria de Deus me feria e insultava-me."
Transcreva-a no:
a) pretérito perfeito do indicativo:

_____

b) pretérito mais-que-perfeito do indicativo:

_____

689. (FUVEST-SP) Preencha os claros da frase transformada com as formas adequadas dos verbos assinalados na frase original.
Original:
Para você **vir** à Cidade Universitária, é preciso **virar** à direita ao **ver** a ponte da Alvarenga.
Para tu _____ à Cidade Universitária, é preciso que _____ à direita quando _____ a ponte da Alvarenga.

690. (UM-SP) Indique a oração em que há um **erro** quanto à flexão verbal.
a) A mãe previu no filho aquela personalidade marcante.
b) O próprio garoto precaviu-se contra aquele mal.
c) Missão sublime o detivera aqui neste universo humano.
d) O mestre não interveio a tempo na solução daquele problema.
e) Mesmo com a mente iludida, o jovem reouve a consciência da trágica situação.

691. (UNIMEP-SP) "Não fales! Não bebas! Não fujas!"
Passando tudo para a forma **afirmativa**, teremos:

a) Fala! Bebe! Foge!
b) Fala! Bebe! Fuja!
c) Fala! Beba! Fuja!
d) Fale! Beba! Fuja!
e) Fale! Bebe! Foge!

692. (F. C. Chagas-PR) Mesmo que você lhe _____ um acordo amigável, ele não _____.
a) proponha / aceitará.
b) propor / aceitava.
c) proporia / aceitaria.
d) proporá / aceitará.
e) propôs / aceitava.

693. (ITA-SP) Vi, mas não _____; o policial viu, e também não _____; dois agentes secretos viram, e não _____. Se todos nós _____, talvez _____ tantas mortes.
a) intervim / interviu / interviram / tivéssemos intervido / teríamos evitado.
b) me precavi / se precaveio / se precaveram / nos precavíssemos / não teria havido.
c) me contive / se conteve / contiveram / houvéssemos contido / tivéssemos impedido.
d) me precavi / se precaveu / precaviram / precavêssemo-nos / não houvesse.
e) intervim / interveio / intervieram / tivéssemos intervindo / houvéssemos evitado.

694. (F. C. Chagas) Se você _____ chegado a tempo _____ visto o que _____.
a) tem / tenha / acontece.
b) tiver / terá / acontecesse.
c) teria / tinha / aconteça.
d) tivesse / teria / aconteceu.
e) tinha / tem / acontecia.

695. (F. C. Chagas) Transpondo para a voz **ativa** a frase: "O filme ia ser dirigido por um cineasta ainda desconhecido", obtém-se a forma verbal:
a) dirigirá.
b) dirigir-se-á.
c) vai dirigir.
d) será dirigido.
e) ia dirigir.

696. (UF Londrina) Transpondo para a voz **ativa** a frase: "Os livros seriam postos em um líquido desinfetante", obtém-se a forma verbal:
a) vão pôr.
b) íamos pôr.
c) põem-se.
d) vão ser postos.
e) poriam.

697. (UNESP) Explicou que *aprendera aquilo de ouvido*.
Transpondo a oração em destaque para a **voz passiva**, temos a seguinte forma verbal:
a) tinha sido aprendido.
b) era aprendido.
c) fora aprendido.
d) tinha aprendido.
e) aprenderia.

698. (UM-SP) Assinale a alternativa em que há **erro** na forma verbal ou no pronome enclítico.
a) tem + o = tem-no.
b) faz + o = fá-lo.
c) fez + o = fê-lo.
d) tens + o = ten-lo.
e) pões + o = põe-lo.

699. (FCMSCSP) Transpondo para a **voz ativa** a frase: "Solicita-se a atenção de V. Sª. para um dado importante", obtém-se a forma verbal:
a) é solicitado.
b) solicitam.
c) foi solicitada.
d) solicitaram.
e) solicitou-se.

700. (FCMSCSP) Transpondo para a **voz passiva** a frase: "Os mutuários devem continuar a seguir essa orientação", obtém-se a forma verbal:
a) deve continuar a ser seguida.
b) deve ser continuada a seguir.
c) deve ser continuada a ser seguida.
d) é devida continuar a seguir.
e) é devida ser continuada a seguir.

701. (FCMSCSP) Caso você _____ viajar no sábado, com certeza _____ necessário reservar as passagens.
a) quer / fosse.
b) quisesse / seja.
c) queira / será.
d) queria / é.
e) quiser / fosse.

702. (UF Londrina) Transpondo para a **voz passiva** a frase: "Os cavalinhos de pau despertavam a fantasia das crianças", obtém-se a forma verbal:
a) fora despertada.
b) despertou-se.
c) ia sendo despertada.
d) foi despertada.
e) era despertada.

703. (FCMSCSP) Mesmo que a direção o _____ para o lugar e ele _____ nomeado, duvido que _____ a exercer o cargo.
a) indicar / for / chega.
b) indicaria / seja / chega.
c) indique / for / chega.
d) indique / seja / chegue.
e) indicar / ser / chegue.

704. (FIUbe) Transpondo para a **voz passiva** a oração: "A pedidos, a orquestra tocaria fado e modinha", obtém-se a forma verbal:
a) se tocaria.
b) será tocado.
c) seriam tocados.
d) serão tocados.
e) iam ser tocados.

705. (FIUbe) Caso eu não _____ mais aqui e não nos _____ outra vez, telefone-me.
a) vier / vermos.
b) venho / virmos.
c) virei / veremos.
d) venha / vejamos.
e) viesse / vimos.

706. (EEM-SP) Siga o modelo.
Provo que tenho direito. Se tens direito, prova-o.
a) Juro que não comprei a máquina.

_____

b) Digo que compus um poema.

_____

707. (ITA-SP) Dadas as afirmações de que os verbos:
a. requerer b. prover c. aprazer
têm, respectivamente, como primeira pessoa do singular do presente do indicativo:
1. requero 2. provejo 3. aprazo
constatamos que está (estão) **correta(s)**:
a) apenas a afirmação nº 1.
b) apenas a afirmação nº 2.
c) apenas a afirmação nº 3.
d) todas as afirmações.
e) n.d.a.

708. (FUVEST-SP) _____ em ti, mas nem sempre _____ dos outros.
a) Creias / duvides.
b) Crê / duvidas.
c) Creias / duvidas.
d) Creia / duvide.
e) Crê / duvides.

709. (FUVEST-SP) Ele _____ a seca e _____ a casa de mantimentos.
a) preveu / proveu.
b) prevera / provira.
c) previra / proviera.
d) preveu / provera.
e) previu / proveu.

710. (FUVEST-SP) Passe o texto para a forma **negativa**.
"Sai daqui! Foge! Abandona o que é teu e esquece-me."

_____

_____

711. (FUVEST-SP) Escreva as formas dos verbos indicados que preencham **corretamente** as lacunas.
a) Quando eu _____ os livros, nunca mais os emprestarei. (reaver)
b) Quando ele _____ uma canção de paz, poderá descansar. (compor)

712. (F. C. Chagas) Não _____ diante de nenhum sacrifício que você de mim _____.
a) recuei / exija.
b) recuo / exigisse.
c) recuo / exija.
d) recuara / exigiu.
e) recuei / exigir.

713. (F. C. Chagas) Para que você _____ isso, precisa ser ambicioso; quem _____ sem que _____, certamente é ambicioso.
a) deseja / deseja / estima.
b) deseje / deseja / estime.
c) deseje / deseja / estima.
d) deseja / deseje / estime.
e) deseje / deseje / estima.

714. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Assinale a alternativa que apresenta um verbo **incorretamente** flexionado.
a) O enxoval conviria às noivas dos bairros mais pobres.
b) Não despeças os carregadores antes do desembarque.
c) Os policiais interviram nos protestos dos grevistas.
d) A noiva precaveu-se contra os prejuízos da mudança.

715. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Assinale o trecho que **não** contém oração na voz passiva.
a) Lamentamos que o pouco tempo disponível venha a prejudicar o processo que foi iniciado de forma tão incorreta.
b) No quarto, já tinham sido espalhados vários colchões pelo chão, para acomodar os parentes que vinham de longe.
c) À distância, viam-se pequenos pontos de luz, a denunciar a presença de casas por ali.
d) Assim que começou a cursar medicina, sentiu-se atraído para a área de neurologia.
e) A lembrança de sua convivência conosco ia sendo afastada à medida que os afazeres da rotina iam nos absorvendo.

716. (PRF/N.M./ANP) Assinale a opção em que o tempo do verbo está empregado **erradamente**.
a) Quem terminar pode entregar a prova.
b) Eu começarei de novo, se fosse preciso.
c) Quando ela passou, todos aplaudiram.
d) Até ontem eles não tinham chegado.

717. (ITA/VEST) Assinale a opção que preenche corretamente os espaços.
"Mesmo que _____ outros imprevistos, haja vista que já _____ alguns, _____ todas as necessidades se _____ tranquilos."
a) haja / ocorreram / proviremos / nos mantermos.
b) advenham / sobrevieram / proveremos a / nos mantivermos.

c) advissem / sobreviram / proviríamos / mantivéssemo-nos.
d) adviessem / têm sobrevindo / proviremos / mantermo-nos.
e) advierem / têm havido / supriremos a / mantivermo-nos.

718. (BRB/N.M./IDR) Assinale a alternativa **correta**.
a) Só irei festejar o prêmio, quando eu vir a cor do dinheiro, e, nesse momento, você, com certeza, quererá ficar comigo para sempre.
b) A Constituição proibi as discriminações, mas parece que alguns bancos ignoram isso ao manterem caixas à disposição exclusiva de clientes de muitas estrelas.
c) Se ele repor a quantia retirada ontem, não será necessário que o gerente intervenha a seu favor.
d) Só ficará calmo quando perfazer todos os pontos exigidos para a sua ascensão funcional.

719. (BRB/N.M./IDR) Assinale a alternativa **correta**.
a) Quando o líder propor mudanças na lei, certamente os demais encontrarão no documento pontos que transgridam a lei.
b) Será necessário que as empresas falham para que os juros baixassem? E quantas ainda precisarão anunciar falência?
c) Se o presidente muda sua rotina, busca-se imediatamente explicação. Se as informações conflitam, especula-se.
d) Se o computador caber naquela mesa, cancele a encomenda feita ontem. Afinal, é hora de conter despesas.

720. (ALCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **correta**.
a) Se você não requerer logo, é possível que lhe digam amanhã que o documento não valhe nada.
b) Se o vir, diga-lhe que eu me precavejo contra possíveis aborrecimentos.
c) Se eles se mantiverem irredutíveis e não se proporem a conversar nada se resolverá.
d) Quando ele obtiver aquilo por que tanto anseia, será tarde demais.

721. (ALCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa que corresponde, na **voz passiva**, ao período abaixo.
"Os deputados estavam sempre discutindo a mesma questão."
a) A mesma questão vinha sempre sendo discutida pelos deputados.
b) A mesma questão estava sempre sendo discutida pelos deputados.
c) A mesma questão ia sendo sempre discutida pelos deputados.
d) A mesma questão era sempre discutida pelos deputados.

722. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale o período **incorreto** quanto à conjugação verbal.
a) Ao propordes tal solução, não vos esqueçais de que vos tornareis responsáveis pelo sucesso ou fracasso da empreitada.

b) Ele reaveu todos os documentos desaparecidos; para obtê-los novamente ateve-se a publicar um anúncio no jornal.
c) Esperando que se contradissessem, propuseram questões sutis, e, enquanto lhes aprouve, mantiveram o interrogatório.
d) Caberem todos não é difícil; o problema é manterem-se quietos para não comprometer a estabilidade do barco.

723. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale o período **incorreto** quanto à conjugação verbal.
a) Ninguém creu no que disseste: tua imagem não é das melhores.
b) Após a queda, por longo tempo jazeram ali, exânimes, quase mortos.
c) Não tinham prazido aos credores as garantias que lhes tinham sido oferecidas.
d) Muitas empresas já faliram este ano. Espero, contudo, que a nossa não falha.

724. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale o período que corresponde, na **voz passiva**, ao período abaixo.
"A construtora deverá demolir, em breve, todas as casas, e, em seu lugar, os operários vão erguer um edifício."
a) Em breve, todas as casas serão demolidas pela construtora, e, em seu lugar, um edifício será erguido pelos operários.
b) Em breve, a construtora terá demolido todas as casas, e, em seu lugar, um edifício deverá ser erguido pelos operários.
c) Em breve, todas as casas deverão ser demolidas pela construtora, e, em seu lugar, um edifício vai ser erguido pelos operários.
d) Em breve, todas as casas deverão ser demolidas pela construtora, e, em seu lugar, um edifício será erguido pelos operários.

725. (TFC-RJ/N.S.) A forma passiva correspondente ao enunciado "Vi, no claro azul do céu, um papagaio de papel, alto e largo", é:
a) O garoto viu, no claro azul do céu, um papagaio de papel, alto e largo.
b) Um papagaio de papel, alto e largo, estava sendo visto pelo menino, no claro azul do céu.
c) No claro azul do céu, era visto um papagaio de papel, alto e largo, por mim.
d) Alto e largo, um papagaio de papel foi visto por mim no claro azul do céu.
e) Foi visto pelo menino, no claro azul do céu, um papagaio de papel.

726. (TFC-RJ/N.S.) Assinale a opção cujo período apresenta **erro** na sintaxe ou morfologia das formas verbais.
a) É necessário que se intermedeiem os conflitos étnicos para que a paz seja preservada.
b) Segundo pressupuseram especialistas, novas bactérias, de extraordinária resistência, estão surgindo nos hospitais.

c) Ao não se aterem aos limites previstos para a pesquisa, correram o risco de falsear os resultados.
d) Sem que se transgridam os modelos convencionais, os prejuízos jamais poderão ser reavidos.
e) Se não sobrevirem novos problemas, serão satisfeitas todas as exigências do contrato assinado.

727. (TFC-RJ/N.S.) Assinale a opção cujo período apresenta **erro** na sintaxe ou morfologia das formas verbais.
a) Se não provessem os estoques do governo com a necessária antecedência, dificuldades maiores adviriam na entressafra.
b) Se eles interporem um novo recurso contra a decisão do diretor, é possível que seja aceita a argumentação que apresentaram.
c) Exige-se que as amostras não difiram significativamente do padrão oficial e que se expeça o respectivo laudo de fiscalização.
d) Por não se preverem as consequências do novo decreto, deixaram de ser tomadas medidas que contivessem o aumento de custos.
e) O governo não interveio nem pretende intervir no mercado, embora as informações de alguns empresários se contradissessem.

728. (TFC-RJ/N.S.) Assinale a opção cujo período apresenta **erro** na sintaxe ou morfologia das formas verbais.
a) Havia, entre os meses de outubro e dezembro, ocorrido pancadas de chuva tão violentas que as estradas estavam em péssimas condições.
b) Se houver desistências, as vagas não poderão ser preenchidas por candidatos sem habilitação legal.
c) Embora muitas dificuldades houvessem surgido, os trabalhos foram concluídos em tempo hábil.
d) Todas as opiniões que houvesse entre os participantes do encontro seriam debatidas democraticamente.
e) Ninguém sabe se vão haver ou não novas inscrições para o concurso anunciado há duas semanas.

729. Avalie a correlação dos tempos verbais e assinale C ou E no parêntese.
( ) Em "Quando se **somam** salários, retiradas e outras remunerações, alguns setores **apresentaram** diferenças não justificadas".

Advérbio

DEFINIÇÃO

Advérbio é uma palavra invariável que se refere a um adjetivo, advérbio ou verbo, atribuindo-lhes uma circunstância.

Observe:

O menino alto cantava alto.
subst. adj. verbo adv.

Prática

1. Passe a frase acima para o **feminino**.

_____

2. Passe a frase acima para o **plural**.

_____

Conclusão:

O **alto** que se refere a um substantivo é um **adjetivo** e varia em gênero e número.
O **alto** que se refere a um verbo é um **advérbio**, por isso é invariável.

Observe:

Era muito problema ...
adj. subst.

Era problema muito fácil.
subst. adv. adj.

Prática

■ Passe as frases acima para o **plural**.

3. _____
4. _____

Conclusão:

O **muito** que se refere a um substantivo é **pronome indefinido** e varia em gênero e número.
O **muito** que se refere a um adjetivo é **advérbio**, por isso é invariável.

Observe:

Júlio tinha muito (adv.) pouco (adj.) conhecimento (subst.) e era muito (adv.) pouco (adv.) admirado (adj.).

Prática

■ Preencha as lacunas.

5. Júlia tinha _____ _____ prática e era _____ _____ _____.

Conclusão:

Os adjetivos são variáveis para concordar com os substantivos a que se referem.
Os advérbios também podem se referir a adjetivos ou a outros advérbios, mas são sempre invariáveis.
Os advérbios nunca se referem a substantivos.

Prática

A. Ela estava mal.
B. Ela estava bem.
C. Ela estava bem mal.
D. Felizmente, agora não há barreiras entre nós.

■ Assinale **C** ou **E**.

6. ( ) Em A, **mal** é adjetivo.
7. ( ) Em A, **mal** não é adjetivo, porque é invariável: Elas estavam mal.
8. ( ) Em A, **mal** é advérbio de modo, referindo-se ao verbo **estava**.
9. ( ) Em B, **bem** é adjetivo.
10. ( ) Em B, **bem** é advérbio, porque é invariável.
11. ( ) Em B, **bem** é advérbio de modo, referindo-se ao verbo.
12. ( ) Em C, **mal** é adjetivo.
13. ( ) Em C, **bem** é advérbio de modo, referindo-se ao advérbio **mal**.
14. ( ) Em C, **bem** é advérbio de intensidade, referindo-se a outro advérbio.
15. ( ) Um advérbio se refere a outro advérbio, estabelecendo sentido de intensidade e se chama advérbio de intensidade.
16. ( ) Em D, **Felizmente** é advérbio e se refere a toda uma oração.
17. ( ) Quando o advérbio se refere a toda uma oração, normalmente vem separado desta por vírgula.
18. ( ) O advérbio serve para atribuir qualidade aos seres.
19. ( ) **Advérbio** é palavra invariável que se refere a um adjetivo, verbo ou outro advérbio, exprimindo uma circunstância.

CIRCUNSTÂNCIAS EXPRESSAS PELO ADVÉRBIO

Prática

■ Estabeleça a correlação adequada.

a) afirmação c) dúvida e) tempo g) intensidade
b) negação d) lugar f) modo

20. ( ) não.
21. ( ) jamais, nunca, logo, hoje, já, cedo, antes, depois, agora, outrora...
22. ( ) efetivamente, sim, realmente, certamente...
23. ( ) bastante, muito, pouco, bem, mais, demais, menos...
24. ( ) assim, bem, mal, depressa, devagar, debalde, melhor...
25. ( ) geralmente os terminados em -mente: fielmente, facilmente, ricamente...
26. ( ) acaso, porventura, talvez, provavelmente.
27. ( ) aqui, aí, ali, além, abaixo, acima, adiante, além, aquém, fora...

■ Continue correlacionando os **advérbios interrogativos**.

a) de causa b) de tempo c) de modo d) de lugar

28. ( ) Quando você chegou?
29. ( ) Como conseguiste chegar?
30. ( ) Onde você guardou minha cenoura?
31. ( ) Por que não veio mais cedo?
32. ( ) Quero saber como você aprendeu o caminho.
33. ( ) Não sei onde você se esconde.
34. ( ) Diga-me quando você chegou.

Observe:

E. Como você cresceu? F. Como você cresceu!
G. Ela usa bastante batom. H. Ele nunca voltou.

■ Responda **C** ou **E**.

35. ( ) Em E e F, existe **advérbio interrogativo**.
36. ( ) Em E e F, existe **advérbio de modo**.
37. ( ) Em E, **como** é **advérbio interrogativo de modo**.
38. ( ) Em F, **como** é **advérbio de intensidade**.
39. ( ) Em G, há um **advérbio de intensidade**.
40. ( ) Em G, **bastante** não é advérbio, porque se refere ao substantivo **batom**.
41. ( ) Em G, **bastante** é pronome indefinido, como **muito** e **pouco** quando se referem a substantivo.
42. ( ) Em H, **nunca** é advérbio de tempo e negação.

LOCUÇÃO ADVERBIAL

Prática

Observe:

I. Ela sorriu **novamente**.
J. Ela sorriu **de novo**.
K. Ele **não** se comprometeu.
L. **De modo nenhum** ele se comprometeu.
M. Ele virá, **sim**.
N. Ele virá, **com certeza**.
O. – Onde está o Ivan? – Não sei. **Com certeza** está numa dessas exposições que frequenta.
P. Renato cortava legumes **com Teresa**.
Q. Teresa se cortou **com o canivete** de Renato.

■ Assinale **C** ou **E**.

43. ( ) **novamente** e **de novo** são circunstâncias do verbo sorrir.
44. ( ) **novamente** é um advérbio que atribui ao verbo sorrir uma circunstância de **repetitividade**.
45. ( ) **não** e **De modo nenhum** atribuem circunstância de negação ao verbo comprometer-se.
46. ( ) Em J, L e N, vê-se que duas ou mais palavras podem fazer as vezes de um advérbio.
47. ( ) Duas ou mais palavras que funcionam no lugar de um advérbio chamam-se **locução adverbial**.
48. ( ) Em N e O, encontram-se locuções adverbiais de **afirmação**.
49. ( ) Em N, **Com certeza** é uma locução adverbial de **afirmação**.
50. ( ) Em O, **Com certeza** é uma locução adverbial de **dúvida**.
51. ( ) Em P, há uma locução adverbial de **companhia**.
52. ( ) Em Q, há uma locução adverbial de **instrumento** ou **meio**.

Observe:

R. Ela estava **perto**.
advérbio

S. Ela estava **por perto**.
prep. + adv.
locução adverbial

T. Ela estava **em casa**.
prep. + subst.
locução adverbial

U. Ela estava **com você**.
prep. + pron.
locução adverbial

■ Assinale **C** ou **E**.

53. ( ) Em R, **perto** é advérbio de lugar.
54. ( ) Em S, **por perto** é locução adverbial de lugar, constituída de preposição e advérbio juntos.
55. ( ) Em T, **em casa** é advérbio de **lugar**.
56. ( ) Em T, **em casa** é locução adverbial de **lugar**, formada por uma preposição e um substantivo.
57. ( ) Em U, **com você** é uma locução adverbial de **companhia**.

Observe:

V. Ela estava (**locução adverbial**: **com** (prep.) + **você**. (pron.))

W. Ela estava (**locução adverbial**: **perto de** (**adv. + prep.** loc. prepositiva) **você**. (pron.))

X. Ela estava (**locução adverbial**: **em** (prep.) **casa**. (subst.))

Y. Ela estava (**locução adverbial**: **em cima de** (**prep.+ adv.+ prep.** locução prepositiva) **sua casa**. (subst.))

A **locução adverbial** pode ter a seguinte estrutura: preposição + advérbio; preposição + substantivo; preposição + pronome. A preposição vem sempre antes.
Advérbio + preposição = **locução prepositiva**.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

58. ( ) Observando V e W, conclui-se que a locução prepositiva equivale na frase a uma **preposição**.
59. ( ) Observando W e Y, conclui-se que, na construção da frase, a locução prepositiva pode ter duas ou mais palavras.
60. ( ) A locução adverbial sempre começa com preposição, ou locução prepositiva.
61. ( ) A locução adverbial nunca termina com preposição.
62. ( ) O núcleo da locução adverbial é a preposição.
63. ( ) A locução prepositiva sempre termina com preposição.
64. ( ) Toda locução que termina em preposição é locução prepositiva.
65. ( ) A locução prepositiva pode ter preposição no início e no fim (**em** cima **de**).

Observe:

Ela está meio / menos / mais / muito / pouco **tonta**. adjet.

advérbio de intensidade

Ela está **tonta** adjet. de verdade. / à beça. / p'ra chuchu.

locução adverbial de intensidade

Ela está mais / menos / meio / muito / pouco / bastante **perto**. adv.

advérbio de intensidade

Ela está **perto** adv. de verdade. / p'ra chuchu. / à beça.

locução adverbial de intensidade

O **advérbio** ou **locução adverbial** que se referem a adjetivo ou a advérbio são, quase sempre, de intensidade.

Prática

Naquela época, com rara felicidade, as famílias conversavam em volta da mesa, em tom normal, após o sono dos menores.

■ Assinale **C** ou **E**.

66. ( ) **Naquela época** é locução adverbial de **tempo**.
67. ( ) Na oração há cinco locuções adverbiais.
68. ( ) Todas começam com preposição.
69. ( ) **em volta de** é uma locução prepositiva.
70. ( ) Há duas locuções adverbiais de **tempo**.
71. ( ) Há só duas ocorrências da preposição **em** no texto.

■ Sublinhe e classifique os **advérbios** ou **locuções adverbiais**.

72. Nunca vi olhos tão meigos.
73. Quanta alegria havia lá!
74. Por que vieste tão cedo?
75. Não me disseste onde ou como eles estão.
76. Talvez não saibam quando chegaremos.
77. Chegou da Espanha o jovem do Brasil.
78. Muitos homens e muitas mulheres pensam muito pouco.
79. Bastantes estudiosos nos ajudam bastante.
80. Ele era de meias-palavras. Meio calado.

Preposição

DEFINIÇÃO

Observe:

Preposição é a **palavra** que liga **dois termos**, subordinando o segundo ao primeiro e estabelecendo uma relação semântica (relação de significado) com o subordinado ou regido.

A preposição é escolhida pelo termo regente e pertence sintaticamente ao termo regido.

Prática

■ Estabeleça a carga semântica da preposição.

Regente	Prep.	Regido	Núcleo	
1.	em	casa.	( )	a) companhia
2.	com	ela.	( )	b) posição superior
3.	de	cama.	( )	c) posição inferior
4.	sob	a mesa.	( )	d) lugar
5.	sobre	o fogão.	( )	e) estado

São **preposições essenciais**, isto é, funcionam sempre como preposições:

a, ante, até, após,
com, contra,

de, desde,
em, entre,
para, por, perante,
sem, sob, sobre,
trás.

Locuções prepositivas: são constituídas por duas ou mais palavras, sendo a última sempre uma preposição:

além de, antes de, até a, apesar de, acerca de, em vez de, dentro de, depois de, devido a, fora de, junto a, junto de, junto com...

Isoladas, as preposições não têm sentido, mas podem adquirir diversos significados dependendo do contexto.

Exemplos: O orador olhava **à** frente (direção).
Todos os anos, a família vai **a** Paris (lugar).
A amazona saiu **a** galope (modo).
O desenho era todo feito **a** lápis (instrumento).

Prática

■ Faça a correlação entre a forma destacada e o significado que ela cria.

6. ( ) estar **ante** o portão
7. ( ) parar **após** o obstáculo
8. ( ) beber **com** os amigos
9. ( ) pagar **com** cheque
10. ( ) lutar **contra** o vício
11. ( ) trabalhar **para** a sobrevivência
12. ( ) provir **de** Uruguaiana
13. ( ) cadeira **de** vime
14. ( ) morrer **de** frio
15. ( ) doce **com** leite
16. ( ) doce **sem** leite

(a) finalidade
(b) oposição
(c) instrumento
(d) companhia
(e) causa
(f) matéria
(g) origem
(h) posterioridade
(i) anterioridade
(j) inclusão
(k) exclusão

São **preposições acidentais** aquelas que podem ligar termos de uma oração ou ter outras funções:

conforme, consoante, durante, exceto, fora, mediante, menos, salvo, segundo...

Prática

■ Faça a correlação, considerando a preposição destacada.

(a) liga termos de uma oração (é preposição)
(b) liga orações com verbo flexionado (é conjunção)
(c) acompanha verbo, adjetivo ou advérbio (é advérbio)

17. ( ) Montou o aparelho **conforme** as especificações.
18. ( ) O trabalho será feito **conforme** você pediu.
19. ( ) As pessoas agem **segundo** seus impulsos.
20. ( ) O aparelho será montado amanhã, **segundo** disseram os técnicos.
21. ( ) Irá toda minha família **menos** eu.
22. ( ) Os inquilinos estavam **menos** preocupados após a reunião.

As preposições **a**, **em**, **por**, **de** podem combinar-se ou contrair-se com os artigos definidos ou com os pronomes demonstrativos.

por + o, a, os, as	➜	pelo, pela, pelos, pelas
de + o, a, os, as	➜	do, da, dos, das
em + o, a, os, as	➜	no, na, nos, nas
a + o, a, os, as	➜	ao, à, aos, às
de + este, aquele	➜	deste, daquele
em + esta, aquilo	➜	nesta, naquilo
a + aquela, aquele, aquilo	➜	àquela, àquele, àquilo
em + um, uma uns, uma	➜	num, numa, nuns, numa

Prática

■ Complete as lacunas com a forma preposicional adequada.

23. Ele voltou _____ o caminho mais difícil.
24. Saiu _____ a porta _____ a cabeça erguida.
25. Acreditamos _____ o valor da vida humana.
26. Os moradores precisam _____ essa segurança.
27. O ex-presidente referia-se _____ aquelas sobras de campanha.

Observação:

As preposições podem substituir as conjunções, quando a oração subordinada for reduzida:
Ele voltou **para** trabalhar.

Prática

■ Substitua adequadamente a conjunção por uma **preposição**.

28. O poeta trouxe o livro **para que** eu o lesse e corrigisse.
_____ eu ler e corrigir.

29. As crianças não poderão sair, **se** o pai não der sua autorização.
_____ o pai dar sua autorização.

30. O médico ficou chateado **porque** causou muita preocupação a todos.
_____ causar muita preocupação a todos.

31. (PRF/N.M./ANP) Assinale a frase em que a preposição está empregada **indevidamente**.
a) Era rigoroso com as infrações na estrada.
b) Severas responsabilidades lhe pesavam sobre os ombros.
c) Já leu algo sob este assunto?
d) Espero ter o prazer de apertar-lhe a mão.

32. (PRF/N.M./ANP) Assinale a opção em que a ideia da preposição destacada **não** está indicada corretamente entre parênteses.
a) Moro **em** Copacabana há muitos anos. (lugar)
b) Viajou **de** São Paulo a Recife. (procedência)
c) Saíram **em** um dia chuvoso. (tempo)
d) Tiritavam **de** frio pelas ruas da capital. (modo)

Conjunção

DEFINIÇÃO

Observe:

COORDENADO	CONJUNÇÃO COORDENATIVA	COORDENADO
Paulo TERMO	e	Cristina TERMO
Ele chegou ORAÇÃO	e	ela saiu ORAÇÃO

SUBORDINANTE		
Ele chegou ORAÇÃO	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA	
		SUBORDINADO
	quando	
		ela saiu ORAÇÃO

Prática

■ Observe o gráfico e responda **C** ou **E**.

1. ( ) A conjunção pode ligar dois termos.
2. ( ) A conjunção pode ligar duas orações.
3. ( ) A conjunção pode coordenar dois termos.
4. ( ) A conjunção pode coordenar duas orações.
5. ( ) A conjunção pode subordinar um termo a outro.
6. ( ) A conjunção pode subordinar uma oração a outra.
7. ( ) A conjunção pode ser, então, classificada como coordenativa ou como subordinativa.
8. ( ) Se a conjunção liga dois termos de uma oração, necessariamente tem papel coordenativo.
9. ( ) Se a conjunção liga duas orações, pode assumir um papel coordenativo ou subordinativo.

Agora veja a definição de Evanildo Bechara:

> "**Conjunção** é a expressão que liga orações, ou, dentro da mesma oração, palavras que tenham o mesmo valor ou função."

Prática

■ Leia as frases seguintes e responda **C** ou **E**.

A) **Visto que** estava com medo, calou-se.
B) **Porque** estava com medo, calou-se.
C) **Quando** estava com medo, calou-se.

10. ( ) Em A, a primeira oração determina a causa do fato expresso na segunda.
11. ( ) Em B, a primeira oração determina a causa do fato expresso na segunda.
12. ( ) Em C, a primeira oração determina a causa do fato expresso na segunda.
13. ( ) Em C, a primeira oração explicita uma circunstância de tempo relacionada ao fato expresso na segunda.
14. ( ) Em A, B e C, as circunstâncias de causa ou tempo são declaradas pelas expressões **Visto que**, **Porque** e **Quando**, respectivamente.
15. ( ) **Porque** e **Quando** são, portanto, conjunções, por ligarem orações.
16. ( ) **Visto que** também funciona como conjunção, por ligar orações.
17. ( ) Duas ou mais palavras com valor de uma recebem o nome de locução.
18. ( ) **Visto que** é, por isso, uma locução conjuntiva, isto é, duas palavras que funcionam como uma conjunção.

CLASSIFICAÇÃO

Leia com atenção o quadro dos cinco tipos de conjunções coordenativas.

	CONJUNÇÕES COORDENATIVAS
1	**ADITIVAS**: somam informações de natureza semelhante. positiva + positiva: Ela estudou **e** aprendeu. negativa + negativa: Ela não estudou **e** não aprendeu. Ela não estudou **nem** aprendeu.
	São elas: **e**, **nem (= e não)**, **não só... mas também**, **não só... mas até** etc.
2	**ADVERSATIVAS**: opõem informações, aproximam informações contrárias. positiva + negativa: Estudou, **mas** não aprendeu. Estudou, **e** não aprendeu. negativa + positiva: Não estudou, **porém** aprendeu. Não estudou, **contudo** aprendeu.
	São elas: **e**, **mas**, **porém**, **todavia**, **contudo**, **no entanto**, **entretanto** etc.

3	**ALTERNATIVAS**: interligam orações cujas ideias se excluem, que não acontecem juntas. Estudava, **ou** se divertia. **Ora** estudava, **ora** se divertia.
	São elas: **ou**, **ou ... ou**, **já ... já**, **ora ... ora**, **quer ... quer**, **seja ... seja** etc.
4	**CONCLUSIVAS**: interligam duas ideias, fazendo da segunda uma conclusão da primeira. Teu combustível está no fim; **portanto**, não conseguirás chegar. Está na hora da decolagem; deves, **pois**, apressar-te.
	São elas: **logo**, **portanto**, **por isso**, **por conseguinte**, **consequentemente**, **então**, **pois** (quando não começa frase) etc.
5	**EXPLICATIVAS**: interligam orações fazendo, numa, justificativa ou explicação do que se disse noutra. Venha logo, **porque** já é tarde. Sorria, **pois** a vida é bela.
	São elas: **pois** (começando oração), **porque**, **que**, **porquanto** etc.

Prática

■ Nas orações a seguir, sublinhe as conjunções e classifique-as conforme a ideia que introduzem.
a) aditiva b) adversativa c) alternativa d) conclusiva e) explicativa.

19. ( ) A lua está nascendo, ou se pondo?
20. ( ) A lua está nascendo, mas o dia está claro ainda.
21. ( ) O sol se põe cedo, porque estamos no inverno.
22. ( ) P'ra frente, que atrás vem gente.
23. ( ) Não só tremia, mas também chorava.
24. ( ) Doía, e ele não chorava.
25. ( ) Ora chorava, ora sorria.
26. ( ) Penso; portanto, insisto.

Estude agora o quadro dos dez tipos de conjunções subordinativas.

CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS	
	ADVERBIAIS
1	**CAUSAIS**: introduzem oração, com uma ideia de causa. **Como** não choveu, o poço secou. Ele caiu **porque** tropeçou.
	São elas: **que**, **porque**, **porquanto**, **como**, **já que**, **desde que**, **pois que**, **visto que**, **visto como**, **uma vez que...**

2	**CONCESSIVAS**: introduzem oração, com ideia contrária à da oração principal. **Embora** tentasse, não conseguiu esconder. Trabalhava, **por mais que** a perna doesse.
	São elas: **embora**, **conquanto**, **ainda que**, **mesmo que**, **posto que**, **se bem que**, **por mais que**, **por menos que**, **apesar de que**, **nem que**, **que**, **de todo modo...** Todas essas conjunções levam o verbo para o subjuntivo.
3	**CONDICIONAIS**: introduzem oração, com ideia de hipótese ou condição. **Se** quiser, eu vou. Ela seria feliz, **caso** o destino quisesse.
	São elas: **se**, **caso**, **contanto que**, **salvo se**, **sem que (= se não)**, **dado que**, **desde que**, **a menos que**, **a não ser que** etc.
4	**CONFORMATIVAS**: introduzem oração, exprimindo a conformidade de uma ideia com a da oração principal. **Conforme** eu previra, ela mentiu. Vai chover, **segundo** anunciou a meteorologia.
	São elas: **como**, **conforme**, **segundo**, **consoante** etc.
5	**FINAIS**: introduzem oração, com ideia de finalidade. Gritava **para que** todos o ouvissem. Chorou, **a fim de que** eu me comovesse.
	São elas: **para que**, **a fim de que**, **que (= para que)**, **porque (= para que)** etc.
6	**CONSECUTIVAS**: introduzem oração, com ideia de consequência. Falava tanto, **que** o marido fugiu. Era de tal beleza **que** nos ofuscava.
	Conjunções: **que** associado a **tal**, **tanto**, **tão**, **tamanho** (expressos ou subentendidos na oração anterior); de forma **que**, de maneira **que**, de modo **que**, de sorte **que** etc.
7	**TEMPORAIS**: introduzem oração, com ideia de tempo. **Logo que** me viu, sorriu. **Desde que** chegou, todos a cercam.
	São elas: **quando**, **antes que**, **depois que**, **logo que**, **assim que**, **desde que** etc.
8	**COMPARATIVAS**: introduzem oração, comparando ações. Normalmente têm o verbo subentendido. Igualdade: Ela dança tanto **quanto** Carlos (dança). Inferioridade: Ela dança menos (do) **que** Júlia (dança). Superioridade: Ela dança mais (do) **que** Renata (dança).
	São elas: **(do) que** (relacionado a mais, menos, melhor, pior, maior, menor), **tal ... qual**, **tanto ... quanto**, **como**, **assim como**, **bem como** etc.

9	**PROPORCIONAIS**: introduzem oração, com ideia de proporcionalidade. Indiretamente: **Quanto** mais gritava, menos era entendido. Diretamente: la aprendendo, **à medida que** convivia com ela.
	São elas: **à proporção que**, **ao passo que**, **quanto mais**, **quanto menos** etc.

SUBSTANTIVAS

10	**INTEGRANTES**: introduzem orações permutáveis pelo pronome substantivo ISSO. Quero **que** venhas. (Quero **isso**.) Gostaria de **que** me entendessem. (Gostaria **disso**.) A verdade é **que** ele saiu. (A verdade é **isso**.) Veja **se** ele concorda. (Veja **isso**.)
	São elas: **que** e **se**. Podem vir elípticas: gostaria me entendessem.

Prática

■ Classifique as conjunções destacadas e numere-as de 1 a 10, de acordo com o quadro que acabou de estudar.

27. **Se** ( ) ela quiser, eu vou; mas não sei **se** ( ) ela quer.
28. Trouxe-lhe uma rosa **para que** ( ) ela não brigasse com ele.
29. **Como** ( ) não queria ser visto, ficou a um canto **como** ( ) vassoura esquecida.
30. **Embora** ( ) tentasse, não conseguia fazer melhor **que** ( ) o irmão.
31. Dance **como** ( ) o ritmo pede, **porque** ( ) todos a aplaudam.
32. Tanto fez **que** ( ) conseguiu **que** ( ) o vizinho lhe vendesse o terreno.
33. **Assim que** ( ) chegou, começou a gesticular **para que** ( ) a vissem.
34. **Quanto** ( ) mais gesticulava, mais cansada ficava.

A. Ele ensinou **para que** todos aprendessem.
B. Ele ensinou **para** todos aprenderem.

■ Assinale **C** ou **E**.

35. ( ) Em A, a segunda oração é introduzida pela locução conjuntiva **para que**.
36. ( ) A locução conjuntiva, no caso, é formada por duas conjunções.
37. ( ) A locução conjuntiva, no caso, é formada por uma preposição (para) e uma conjunção (que).
38. ( ) Em A, a oração subordinada acrescenta à principal uma ideia de finalidade.
39. ( ) Em B, a segunda oração é introduzida só pela preposição (para) e também acrescenta à principal uma ideia de finalidade.
40. ( ) Pode-se concluir que a ideia de finalidade nasce da conjunção.
41. ( ) Pode-se concluir que a ideia de finalidade nasce da preposição.

Observe:

Constroem-se sem conjunção as orações reduzidas.*

Antes de discutido o assunto, ninguém o entendia.

locução prepositiva — verbo no particípio

Para evoluir, todos estudamos.

preposição — verbo no infinitivo

Em se falando de negócios...

preposição — verbo no gerúndio

RESUMO FINAL

CONJUNÇÕES

- COORDENATIVAS
  - a) aditivas
  - b) adversativas
  - c) alternativas
  - d) conclusivas
  - e) explicativas
- SUBORDINATIVAS
  - f) causais
  - g) concessivas
  - h) condicionais
  - i) conformativas
  - j) finais
  - k) consecutivas
  - l) temporais
  - m) comparativas
  - n) proporcionais
  - o) integrantes

Prática

■ Use as letras que precedem, no resumo final, a classificação das conjunções, para preencher os parênteses relacionados às conjunções ou preposições dos exercícios seguintes.

42. **Segundo** Schopenhawer, as ideias encurtam à medida **que** crescem os cabelos.
( ) ( )

* *Vide*, em *Análise Sintática Visual*, Período: Orações reduzidas de infinitivo, de gerúndio, de particípio.

43. Logo **que** ele nasceu, pareceu-me mais feio **que** um sapo.
( ) ( )

44. Não sei **se** vou **ou** **se** fico.
( ) ( ) ( )

45. Ela disse **que** viria, **mas** não falou **se** viria só.
( ) ( ) ( )

46. O ruído atingiu tal intensidade **que** quase nos ensurdeceu.
( )

47. **Se** Júlia concordasse **e** nos ajudasse, **como** você havia previsto, seria fácil para nós
( ) ( ) ( )
convencer aos restantes.

48. **Apesar de** nada ter dito, **porque** foi ameaçada, a testemunha despertou a atenção
( ) ( )
dos jurados.

49. Vá logo, **que** estão esperando. Fale pouco **para** não ser mal entendido.
( ) ( )

50. És inteligente. **Por isso**, não te deves preocupar **quando** tentarem confundir-te.
( ) ( )

Interjeição

CLASSIFICAÇÃO

Prática

■ Estabeleça a correspondência entre as expressões da segunda coluna e o que se pede na primeira.

1. Dor física	( )	a) Psit! Psiu! (rápido)
2. Surpresa	( )	b) Ai! Ui!
3. Silêncio	( )	c) Ora!...
4. Incredulidade	( )	d) Nossa! Puxa! Oh!
5. Animação	( )	e) Psiu! (demorado)
6. Aplauso	( )	f) Bravo!
7. Chamamento	( )	g) Eia!
8. Desejo	( )	h) Tomara! Oxalá!
9. Repetição	( )	i) Oh! Ah!
10. Dor moral	( )	j) Bis!

■ Assinale **C** ou **E** sobre as interjeições.

11. ( ) Exprimem racionalidade.
12. ( ) Exprimem emoção.
13. ( ) Elementos afetivos da linguagem.
14. ( ) Valem por frases inteiras.
15. ( ) São instrumentos de comunicação precisa e indiscutível.
16. ( ) Seu sentido pode variar conforme a entonação e o contexto.
17. ( ) **Ai de mim! Ora bolas!** são locuções interjetivas.
18. ( ) São uma espécie de grito, com que traduzimos estados emotivos.
19. ( ) Normalmente vêm acompanhadas de ponto de exclamação.
20. ( ) Após o ponto exclamativo da interjeição, usa-se sempre letra maiúscula.

DEFINIÇÃO

Interjeição é uma espécie de grito que exprime emotividade, de maneira não racional: Puxa!

Locução interjetiva: duas ou mais palavras com valor de uma interjeição: Nossa senhora! Puxa vida!

Semântica

DEFINIÇÃO

Semântica é o estudo do significado das palavras.

DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO

O sentido usual das palavras, descrito nos dicionários, é o que se denomina **denotativo**.
O sentido figurado, que as palavras adquirem na dependência do contexto em que são usadas, é o que se denomina **conotativo**.

Prática

■ Utilize o código **d** para o sentido denotativo das palavras em negrito e **c** para o sentido conotativo.

1. ( ) Li com cuidado **página** por **página**.
2. ( ) "És **página** virada, descartada do meu folhetim." (C.B.)
3. ( ) Surgiu uma **onda** de boatos.
4. ( ) As **ondas** do mar nos encantam.
5. ( ) Os preços ficarão **congelados** durante um certo período.
6. ( ) Comida **congelada** é uma opção prática.

HOMONÍMIA, SINONÍMIA, ANTONÍMIA

Homônimos são palavras iguais.
Homônimos homófonos são palavras iguais no som.
Homônimos homógrafos são palavras iguais na escrita.
Sinônimos são palavras diferentes com sentidos semelhantes.
Antônimos são palavras diferentes com sentidos opostos.

Prática

■ Faça a correspondência.

a) pronúncia igual / escrita igual / sentido diferente
b) pronúncia igual / escrita diferente / sentido diferente
c) pronúncia diferente / escrita igual / sentido diferente
d) pronúncia diferente / escrita diferente / sentido semelhante
e) pronúncia diferente / escrita diferente / sentido oposto

7. ( ) renda **líquida** / substância **líquida**.
8. ( ) **acento** gráfico / **assento** confortável.
9. ( ) **olho** azul / eu **olho** as fotos.
10. ( ) fazer **cara** de mau / ter **rosto** de anjo.
11. ( ) peso **bruto** / homem **bruto**.
12. ( ) **quarto** arrumado / **dormitório** grande.
13. ( ) **sede** de viver / **sede** da empresa.
14. ( ) **concerto** sinfônico / **conserto** do carro.
15. ( ) pessoa **calma** / homem **nervoso**.
16. ( ) calcular as **perdas** / comemorar os **ganhos**.

■ Estabeleça a correta correspondência.
a) Homônimos perfeitos (homógrafo e homófono)
b) Homônimos homógrafos
c) Homônimos homófonos
d) Parônimos
e) Sinônimos
f) Antônimos

17. ( ) renda **líquida** / substância **líquida**.
18. ( ) Eu **conserto** para não mais se falar em **conserto**.
19. ( ) Ela era um misto de **intimorata** e **intemerata**.
20. ( ) A **sessão** sobre a **cessão** de terras vai começar.
21. ( ) Não se exceda em **silêncio** ou **gritarias**.
22. ( ) É melhor **morrer** que **perder a vida**.

PARONÍMIA

Parônimas são palavras **parecidas**, ou seja, não são iguais, mas guardam alguma semelhança de forma.

Alguns casos de parônimos:
desapercebido (desprevenido) _____ despercebido (não notado)
descrição (ato de descrever) _____ discrição (ser discreto)
descriminar (retirar o crime) _____ discriminar (diferençar)
infringir (transgredir) _____ infligir (aplicar penalidade)
iminente (próximo) _____ eminente (ilustre)
intimorato (destemido) _____ intemerato (puro)
prever (antever) _____ prover (abastecer)
ratificar (confirmar) _____ retificar (corrigir)
vultuoso (inchado) _____ vultoso (de grande vulto)

Prática

■ Preencha as lacunas com as palavras dos parênteses.

23. O _____ conferencista previu o perigo _____. (iminente/eminente)
24. Esse detalhe passou _____. (desapercebido/despercebido)
25. Sua maior qualidade é a _____. (descrição/discrição)
26. O médico _____ a medicação que lhe parecia adequada. (proscreveu, prescreveu)
27. O Ministério da Saúde _____ os remédios que tinham horríveis efeitos colaterais. (proscreveu/prescreveu)
28. O _____ de caminhões aumentou naquela rodovia. (tráfego/tráfico)

■ Classifique os pares de acordo com o código.

1) Sinônimos
2) Antônimos
3) Homógrafos heterófonos
4) Homófonos heterógrafos
5) Homônimos perfeitos
6) Parônimos

29. ( ) cumprimentar / saudar.
30. ( ) ( ) emergir / imergir.
31. ( ) proeminente / preeminente.
32. ( ) ( ) proeminente / prominente.
33. ( ) comprido / curto.
34. ( ) manga (fruta) / manga (da blusa).
35. ( ) lima (fruta) / lima (ferramenta).
36. ( ) despercebido / desapercebido.
37. ( ) comedido / imoderado.
38. ( ) açodadamente / apressadamente.

■ Indique o número, entre parênteses, que completa corretamente a lacuna.

39. O requerimento do pai ainda não foi _____.
    (1) deferido (2) diferido
40. O herói chega sempre no momento _____.
    (1) azado (2) asado
41. O excesso de carga de energia elétrica fez com que o _____ se interrompesse.
    (1) fúsil (2) fusível (3) fuzil
42. Os alunos precisavam de _____ junto ao corpo de professores.
    (1) intercessão (2) intersecção
43. Tenho certeza de que haveremos de encontrar uma _____ entre nossos interesses.
    (1) intercessão (2) intersecção

44. Principiante é _____, enquanto desconhecedor é _____.
(1) insipiente (2) incipiente
45. Dos meus ancestrais, sou _____; ao passo que dos meus filhos, sou _____.
(1) descendente (2) ascendente
46. Em _____ solene, decidiu-se pela _____ dos lotes aos moradores.
(1) secção (2) cessão (3) sessão
47. Um círculo pode representar uma _____ de uma esfera.
(1) cessão (2) secção
48. Aos monges se associa _____; aos cavalos, _____.
(1) sela (2) cela
49. Destemido é _____; imaculo é _____.
(1) intemerato (2) intimorato
50. Ele _____ ao céu e _____ em nós a esperança.
(1) acendeu (2) ascendeu
51. Um rosto carrancudo é um rosto _____, enquanto um fato de grande importância é um fato _____.
(1) vultoso (2) vultuoso
52. Apesar de ele ter feito uma _____ exagerada da cena, todos se portaram com _____.
(1) descrição (2) discrição
53. Era _____ a confirmação da chegada do _____ visitante.
(1) eminente (2) iminente
54. O que aconteceu na véspera é um fato _____.
(1) esterno (2) externo (3) hesterno
55. Osso situado na parte vertebral do tórax chama-se _____.
(1) esterno (2) externo (3) hesterno
56. Um fator de fora é um fato _____.
(1) esterno (2) externo (3) hesterno
57. Relativo a assessor é _____, mas o que se junta ao principal é o _____.
(1) acessório (2) assessório
58. Depois da quinta vem _____. Hora de repouso é hora de _____. Balaio é _____.
(1) cesta (2) sesta (3) sexta

HIPERONÍMIA

Hiperônimas são palavras cujo significado abrange o de outra(s).
Árvore é hiperônimo de **mangueira**, **cajueiro**, **ipê**...

HIPONÍMIA

Hipônimas são palavras cujo significado é abrangido pelo de outra(s).
Amendoeira é hipônimo de **árvore** e de **vegetal**.

Prática Geral

59. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Assinale a alternativa que apresenta palavras antônimas.
a) inédito / original.
b) incauto / precavido.
c) intrépido / resoluto.
d) inexorável / rigoroso.
e) incisivo / categórico.

60. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Assinale a alternativa que substitui, **sem alteração de sentido**, a expressão destacada no seguinte trecho:
"Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus. Tempo de **absoluta depuração**."
a) inteira corrupção.
b) relativa perversão.
c) irrestrita purificação.
d) ilimitada depravação.
e) condicional apuração.

61. (Aux. Jud/TRF/N.M./Esaf) Marque a alternativa cujas palavras preenchem **corretamente** as respectivas lacunas, na frase seguinte:
"Necessitando _____ o número do cartão do PIS, _____ a data de meu nascimento."
a) ratificar / proscrevi.
b) prescrever / discriminei.
c) descriminar / retifiquei.
d) proscrever / prescrevi.
e) retificar / ratifiquei.

62. (PRF/N.M./ANP) Assinale a frase que **não** pode ser completada com a palavra entre parênteses.
a) Os funcionários impetraram _____ de segurança. (mandado)
b) Ameaçava-os um perigo _____. (eminente)
c) Anualmente chegam muitos _____ nordestinos a São Paulo. (imigrantes)
d) O policial fez minuciosa _____ do acidente. (descrição)

63. (ALCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **incorreta**.
"Os riscos envolvidos no **afazer** (1) legislativo exigem peculiar cautela de todos aqueles que se ocupam do difícil processo de elaboração normativa. Eles estão obrigados a colher variada gama de informações sobre a matéria que deve ser regulada, pesqui-

sa esta que não pode ficar limitada a aspectos estritamente jurídicos. É certo que se faz mister realizar **minuciosa** (2) investigação no âmbito legislativo, doutrinário e jurisprudencial. **Imprescindível** (3) revela-se, igualmente, a análise da **repercussão** (4) econômica, social e política do ato legislativo."

(Adaptação do *Manual de Redação da Presidência da República*)

a) 1. b) 2. c) 3. d) 4.

64. (ATCLDF/N.S./IDR) Assinale a alternativa em que a palavra destacada deve ser substituída pela que aparece entre parênteses para dar sentido lógico à frase.
a) Eles pararam **incontinente**. (incontinênti)
b) O governo gastou **vultosa** soma na construção do metrô. (vultuosa)
c) Ele **distratou** o que havia combinado. (destratou)
d) O bombardeio **infligiu** graves danos à cidade. (infringiu)

65. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a sequência que preenche **corretamente** as lacunas.
Era ___ a ___ do conflito, pois as partes ___ nos erros já cometidos.
a) iminente / defraglação / reincidiram.
b) eminente / confraglação / incidiram.
c) inevitável / defraglação / reicindiam.
d) iminente / deflagração / reincidiram.

66. (TFC-RJ/N.S.) Assinale o segmento que pode substituir, sem prejuízo da significação original, o trecho: "**Ardia por andar lá fora**".
a) Queimava de raiva por estar preso.
b) Ansiava por estar lá fora.
c) Fervia-me para caminhar pelas ruas.
d) Recapitulava para saltar para a rua.
e) Almejava dirigir-me para o refeitório.

67. (TFC-RJ/N.S.) Indique a letra na qual as palavras completam, **corretamente**, os espaços das frases abaixo.
1) Quem possui deficiência auditiva não consegue _____ os sons com nitidez.
2) Hoje são muitos os governos que passaram a combater o _____ de entorpecentes com rigor.
3) O Diretor do presídio _____ pesado castigo aos prisioneiros revoltosos.

a) discriminar / tráfico / infligiu.
b) discriminar / tráfico / infringiu.
c) descriminar / tráfego / infringiu.
d) descriminar / tráfego / infligiu.
e) descriminar / tráfico / infringiu.

68. (AFRE-SP/N.S.) Assinale a alternativa **correta**.
_____, recorreu a_____ jurisconsulto.
a) Autuado em flagrante / eminente.
b) Atuado em flagrante / iminente.
c) Autuado em flaglante / iminente.
d) Atuado em flagrante / eminente.

69. Em "tarefas sórdidas", o adjetivo significa
a) ocupações.
b) fedorentas.
c) labores.
d) mórbidas.
e) imundas.

70. Indique o item em que há palavra(s) empregada(s) em sentido **figurado**.
a) "Uma semana depois, o professor mandou que nós todos escrevêssemos sobre a Bandeira Nacional."
b) "Não me lembro do resto, mas era divino."
c) "Tremi de emoção ao ver essas palavras impressas."
d) "O professor de Português passara uma composição: 'A lágrima'."
e) "Quando a alma vibra, atormentada, às pulsações de um coração amargurado, pelo peso da desgraça."

71. Marque a alternativa que apresenta palavras em sentido **figurado**.
a) "Ouro Preto é a cidade que não mudou."
b) "A criança tem dentro da alma seu sino de ouro."
c) No sertão de Goiás há um sino de ouro.
d) Os homens procuram ouro em Serra Pelada.
e) "... de ouro catado e fundido na própria terra."

72. O sinônimo que substitui a palavra destacada na frase:
"Não **apreciava** o canto de pássaros" é
a) estimava.
b) detestava.
c) julgava.
d) avaliava.
e) depreciava.

73. O antônimo da palavra destacada na frase: "... o capitão ficou mais **exigente**" é
a) incontestável.
b) tolerante.
c) intransigente.
d) impertinente.
e) intolerável.

74. O contrário de "trabalho bruto" é trabalho
a) inteligente.
b) rude.
c) grosseiro.
d) delicado.
e) duro.

75. Na frase "A luta contra a poluição vem ganhando muitos **adeptos**", a palavra destacada significa
a) reprovados.
b) materiais bélicos.
c) condionadores.
d) partidários.
e) discursos.

Na Amazônia, as águas se manifestam sob forma de rios, igarapés, igapós, neblina e vapor. O açaí, o tucumã, o buriti, o murici são vegetais onipresentes na floresta, bem como os papagaios, maritacas, araras e uma centena de outros pássaros em convívio diuturno com antas, capivaras, quatis, e um sem número de animais terrestres, aquáticos e anfíbios.

■ Assinale **C** ou **E**.

76. ( ) No primeiro período, **águas** é hiperônimo de **rios**, **igarapés**, **igapós**, **neblina** e **vapor**.
77. ( ) No segundo período, **açaí**, **tucumã** e **vegetais** são, entre si, hipônimos.
78. ( ) **florestas** e **vegetais** constituem hiperônimos em relação a **açaí**, **murici**, **buriti**...
79. ( ) **capivaras** e **quatis** são hipônimos em relação a **animais**.

80. O grande hiperônimo do texto, o que abrange todos os demais significados é _____ _____.

Concordância Nominal

Observe:

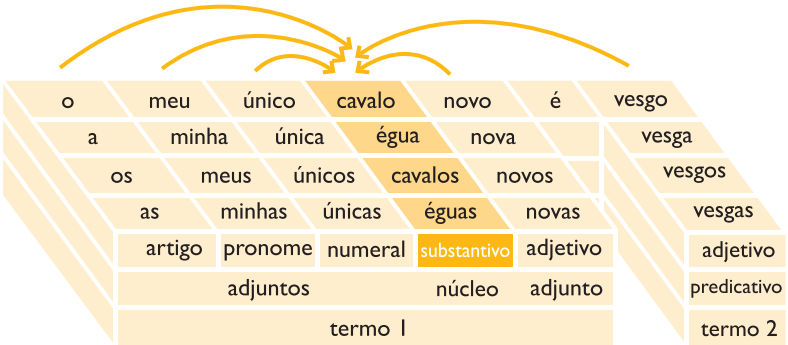

Conclusão:

Artigo, pronome, numeral e adjetivo concordam em gênero e número com o substantivo a que se referem.

Prática

Assinale **C** ou **E**.

1. ( ) Artigo, pronome, numeral e adjetivo funcionam como adjuntos de um **substantivo**.
2. ( ) O adjunto está junto de um substantivo fazendo com ele parte de **um só termo**.
3. ( ) Adjunto é um tipo de **satélite de um núcleo**.
4. ( ) Os adjuntos de um substantivo concordam com ele em **gênero e número**.
5. ( ) Predicativo e adjunto são a **mesma coisa**.
6. ( ) O predicativo é diferente do adjunto, porque o predicativo é um termo **separado** do núcleo a que se refere.
7. ( ) O predicativo é **invariável**.
8. ( ) O predicativo também **concorda** em gênero e número com o núcleo substantivo.
9. ( ) Artigo, pronome, numeral e adjetivo são **invariáveis**.

Observe:

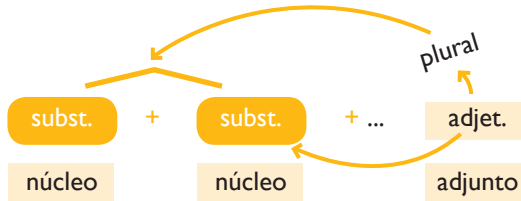

Conclusão:

Adjetivo (adjunto) posposto a mais de um núcleo substantivo concorda com todos, indo para o plural no gênero predominante*, ou concorda só com o núcleo mais próximo.

* Gênero predominante: se houver pelo menos um núcleo masculino, este predomina.

Prática

■ Com base no esquema acima, estabeleça a concordância correta.

10. ...cachorro e gato amig_____/_____
11. ...pato, gata e sapa amig_____/_____
12. ...gata e pata amig_____/_____
13. ...cachorro e gatos amig_____/_____
14. ...gatas e gatos amig_____/_____
15. ...cachorro ou gato amig_____/_____

Observe:

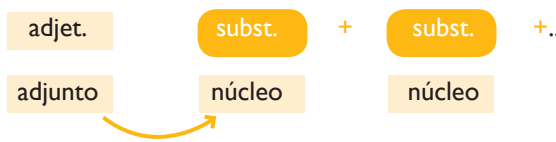

Conclusão:

Adjetivo (adjunto) anteposto a mais de um núcleo substantivo concorda com o núcleo mais próximo.

Prática

■ Com base no esquema acima, estabeleça a concordância correta.

16. ...cheiros_____ cravo e rosa...
17. ...cheiros_____ rosa e cravo...

18. ...cheiros_____ rosas e cravo...
19. ...cheiros_____ cravos e rosa...

Observe:

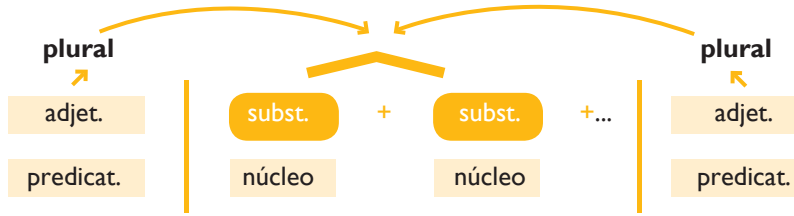

Conclusão:

Adjetivo (predicativo), quando se refere a mais de um núcleo substantivo, concorda com todos, indo para o plural, no gênero predominante.

Prática

■ Com base no esquema acima, estabeleça a concordância correta.

20. O rapaz e a menina estavam aces_____.
21. Os rapazes e a menina estavam aces_____.
22. O rapaz e as meninas estavam aces_____.
23. Encontrei aces_____ a menina e o rapaz.
24. Encontrei aces_____ o rapaz e as meninas.
25. Encontrei aces_____ as meninas e o rapaz.
26. Encontrei aces_____ a menina e a filha.

Observe:

Conclusão:

O núcleo substantivo pode ser substituído por um pronome que continua havendo a concordância.

Prática

■ Com base no esquema anterior, estabeleça a concordância correta.

27. Encontrei o artista, alegre. — Encontrei-__, alegre. (o, a, os, as)
28. Os convidados chegaram sós. — ____ chegaram sós. (Estes, Estas)
29. As possibilidades são muitas. — ____ são muitas. (Ela, Elas)

Observe:

Ele mesm**o**

Elas mesm**as**

núcleo subst.

anexo, **bastante**, **incluso**, **junto**, **leso**, **meio**, **muito**, **nenhum**, **pouco**, **próprio**, **só**, **dado**, **visto**, **obrigado**, **quite** e qualquer outro particípio.

Conclusão:

As expressões em destaque concordam com o núcleo substantivo a que se referem. Pronome substantivo é também núcleo substantivo.

Prática

- Estamos encaminhando anex_____ (30) as correspondências, com bastant_____ (31) informações inclus_____ (32) e nenhum_____ (33) críticas.
- O estudante e o atleta foram vist_____ (34), junt_____ (35) e s_____ (36).
- Elas mesm_____ (37) compraram coisas pouc_____ (38) com muit_____ (39) precauções porque o dinheiro sairia de suas própri_____ (40) contas.
- Dad_____ (41) essas circunstâncias, vist_____ (42) estes últimos argumentos e qua_____ (43) quer outros já aprovad_____ (44), só nos resta concordar.

Observe:

A. Eles mesmos saíram.

B. Elas estavam meio tristes.

C. Eles saíram mesmo.

D. Era pessoa de meias palavras.

E. Elas choraram, só.

F. Elas choraram, sós.

G. As notas vinham anexas.

H. As notas vinham em anexo.

Conclusão:

Advérbios e locuções adverbiais são invariáveis. Adjuntos variáveis, só os que se referem a um núcleo substantivo.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, para afirmação certa ou errada.

45. ( ) Em A, a palavra **mesmo** é pronome; em C, ela é advérbio.
46. ( ) Em B, a palavra **meio** é numeral; em D, ela é advérbio.
47. ( ) Em B, a palavra **meio** é advérbio; em D, ela é numeral.
48. ( ) Em E, **só** é advérbio e significa **somente**.
49. ( ) Em F, **sós** é adjetivo e significa **sozinhas**.
50. ( ) Em G, **anexas** é advérbio.
51. ( ) Em H, **em anexo** é locução adverbial.

Observe:

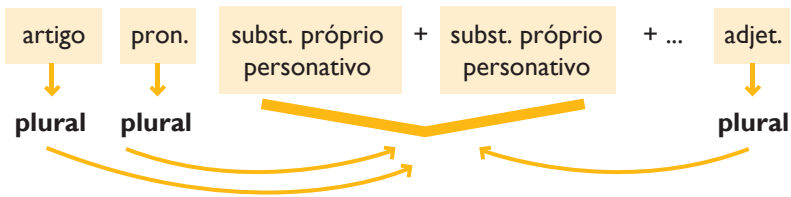

Conclusão:

Dois ou mais antropônimos (nomes de pessoas) levam seus adjuntos para o plural.

Prática

■ Com base no esquema acima, estabeleça a concordância correta.

52. O_____ mesm_____ Paulo e Jurandir corintian_____...
53. A_____ própri_____ Judite e Esther bíblic_____...
54. O_____ lépid_____ José e Antônia...

Observe:

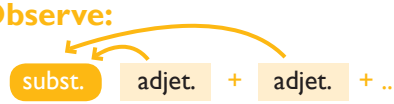

as línguas nova e velha...
a língua nova e velha...
a língua nova e a velha...

Conclusão:

Quando dois ou mais adjetivos se referem a um mesmo substantivo, este pode ficar no plural ou no singular. Se ficar no singular, pode-se repetir o **o** (**a**, **os**, **as**).

Prática

■ Com base no esquema anterior, estabeleça a concordância correta.

55. Os estandartes austríac_____ e suíç_____.
56. O estandarte austríac_____ e suíç_____.
57. O estandarte austríac_____ e o suíç_____.

Observe:

um ou outro um e outro nem um nem outro	+	subst. ↓ **singular**	+	adjet. ↓ **plural**

Conclusão:

As expressões **um ou outro**, **um e outro**, **nem um nem outro**, seguidas de substantivo acompanhado de adjetivo, deixam o substantivo no singular, mas levam o adjetivo para o plural.

Prática

■ Com base no esquema acima, estabeleça a concordância correta.

58. Discorria sobre um e outro problema___.
59. Falava sobre um___ e outr___ estratégia___.
60. Discorria sobre um e outro problema___ sério___.
61. Falava sobre um___ e outr___ estratégia___ combinad___.

Observe:

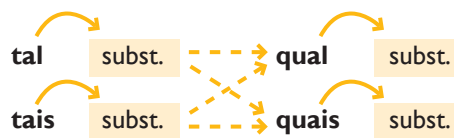

Conclusão:

tal e **qual** se referem a substantivos e com eles concordam.

Prática

■ Com base no esquema anterior, estabeleça a concordância correta.

62. Ta_____ pai, ta_____ filho.
63. Ta_____ pai, ta_____ filhos.
64. Ta_____ pergunta, qua_____ respostas.
65. Os frutos eram ta_____ qua_____ as árvores.
66. Os frutos são ta_____ qua_____ a árvore.

Observe:

men**os** → filho, filha, filhos, filhas

pseud**o-** → homem, mulher, homens, mulheres

comício, festa, comícios, festas ← monstr**o**

homem, mulher, homens, mulheres ← alert**a**

Conclusão:

menos, **pseudo** e **alerta** são invariáveis. **Monstro** e qualquer outro substantivo usado como adjetivo também ficam invariáveis.

Prática

■ Com base no esquema acima, estabeleça a concordância correta.

67. Aqui há men_____ medo que coragem.
68. Havia men_____ moças que rapazes.
69. A pseud_____ mulher e os pseud_____ meninos não se entendiam.
70. Organizou-se uma carreata-monstr_____.
71. Eles se mantiveram alert_____ como eu sempre estou alert_____.

Observe:

o	mais	**possível**
o	menos	
o	pior	
o	melhor	

os	mais	**possíveis**
os	menos	
as	piores	
as	melhores	

Conclusão:

possível fica no singular ou plural, concordando com o **o** (**a**, **os**, **as**) que o antecede.

Prática

■ Com base no esquema anterior, estabeleça a concordância correta.

72. Eram pessoas o mais educadas possív_____.
73. Eram pessoas as mais educadas possív_____.
74. Trata-se de pinturas o mais possív_____ amenas.
75. Trata-se de pinturas o mais belas possív_____.
76. Encontrei amigas as mais simpáticas possív_____.
77. Eles eram o pior possív_____ lutadores.
78. Eles eram os piores lutadores possív_____.
79. Eles eram os piores possív_____ lutadores.

Observe:

A. Est**a** cerveja é bo**a**.

B. Cerveja é bom.

C. É proibid**a** **a** entrada.

D. É proibido entrada.

E. É necessári**a** **a** bondade.

F. É necessário bondade.

Conclusão:

As expressões **é bom...**, **é proibido...**, **é necessário...** ficam invariáveis se o substantivo a que se referem não vier antecedido de artigo ou pronome, sendo usado em sentido vago, geral.
Concordam com o substantivo a que se referem quando este vem antecedido de artigo, demonstrativo ou outro indicador de sentido específico e não genérico.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

80. ( ) Em A, C e E, os adjetivos (boa, proibida, necessária) concordam com os substantivos a que se referem (cerveja, entrada e bondade).
81. ( ) Em B, D e F, os adjetivos (bom, proibido, necessário) ficaram invariáveis, não concordando com os substantivos femininos a que se referem (cerveja, entrada, bondade).
82. ( ) Nos exemplos em que houve a concordância (A, C, E), os três substantivos (cerveja, entrada, bondade) estão antecedidos de artigo feminino (a) ou de pronome.
83. ( ) Nos exemplos em que não houve concordância, os substantivos estão sem artigo ou pronome.

84. ( ) Em A, C e E, os substantivos estão usados em sentido vago, distante, enquanto em B, D e F, em sentido determinado, próximo.
85. ( ) Em A, C e E, os substantivos estão usados em sentido determinado, próximo; em B, D e F, em sentido vago, geral.

Observe:

A menina progredia **a olhos vistos**. (expressão fixa)
A menin**a** progredia a olhos **vist**a. (particípio variável)

As meninas progrediam **a olhos vistos**. (expressão fixa)
As menin**as** progrediam a olhos **vist**as. (particípio variável)

Conclusão:

A expressão **a olhos vistos** pode ser considerada expressão fixa ou pode ter o particípio variável (visto/a/os/as), concordando com o núcleo substantivo a que se refere.

Prática

■ Com base no esquema acima, estabeleça a concordância correta.

86. José foi-se recuperando a olhos _____.
87. Paula está se transformando a olhos _____.
88. José e Paula estão mudando a olhos _____.
89. Elas estão mudando a olhos _____.

Observe:

NÓS = EU

nós pode ser usado no lugar de **eu**. Chama-se plural majestático ou plural de modéstia. Nesse caso, o adjetivo que se refere ao pronome pode ficar no singular ou no plural.

Esta**mos** (eu) fe**liz** ou feli**zes**.

VÓS = TU

vós pode ser usado no lugar de **tu**, referindo-se a uma só pessoa. Chama-se plural de respeito. Nesse caso, o adjetivo a que se refere o pronome fica no singular.

Percebo que **sois** razoá**vel**.

SANTO e SÃO

Usa-se **Santo** antes de vogal: Santo Antônio
Usa-se **São** antes de consoante: São José

Obs.: Jó, Tirso e Tomás aceitam ambas as formas.

CONCORDÂNCIA SINTÁTICA E CONCORDÂNCIA SEMÂNTICA

Sintaxe é estudo das funções dos termos ou das frases. Semântica é a visão do significado.

Na frase "As amazonas eram guerreiras", o artigo "as" e o adjetivo "guerreiras" estão no feminino plural para concordar com o núcleo substantivo "amazonas", que é feminino plural. Essa **concordância de palavra para palavra** é o que se chama **concordância sintática**.

Na frase "O Amazonas é profundo e largo", o artigo "o" e os adjetivos "profundo" e "largo", no masculino singular, deixam de concordar com a palavra feminina plural "Amazonas", para fazê-lo com a **ideia** subentendida de "rio". Essa **concordância com a ideia**, em detrimento da concordância sintática, é o que se denomina **concordância semântica**, ou ideológica, ou figurada, ou irregular, ou siléptica (veja Silepse, em *Intelecção e Interpretação de Textos*, Figuras de Linguagem).

Prática Geral

(Se necessário, consulte o plural dos adjetivos no Capítulo 6)

■ Nas frases a seguir, use as palavras entre parênteses para estabelecer a(s) concordância(s) correta(s).

- Os olhos de Renata são _____ (azul); os meus, _____ (cinza).
  90 91
- Ruth tem olhos _____ (azul-claro).
  92
- Na sala havia tecidos _____ (azul-marinho), _____ (verde-mar), _____ (verde-garrafa), _____ (cor de safira) e _____ (azul-celeste).
  93 94 95 96 97

98. Sentaram-se em bancos e cadeiras _____. (novo)
99. Era um desfile do exército e marinha _____. (brasileiro)
100. Procurava uma saída e um recuo _____. (tático)
101. Eram mulheres e rapazes _____. (honesto)
102. Comiam apenas alface e carne _____. (bovino)
103. Muito _____ a aurora e o crepúsculo. (belo)
104. Pimenta em dose certa é _____ para o paladar. (bom)
105. É _____ gritaria. (proibido)
106. É _____ a saída, dez minutos antes. (permitido)
107. Todos acharam a secretária e o embaixador muito _____. (claro)
108. Considero _____ do crime o jardineiro e o guarda. (autor)
109. Compreensão com o próximo é _____. (necessário)
110. Comprei um terno e um chapéu _____. (ovalado)
111. Era meio-dia e _____. (meio)
112. Falava por _____ palavras. (meio)
113. Estava _____ tonta. (meio)
114. Vão _____ os protocolos requisitados. (anexo)
115. Vossa Excelência, governadora, é _____ de nossos agradecimentos. (merecedor)
116. As duas caminhavam esquecidas de si _____. (mesmo)
117. As duas caminhavam esquecidas _____ de si. (mesmo)
118. As duas caminhavam esquecidas de si, _____. (mesmo)
119. Eles viveram _____ e morreram também sozinhos. (só)
120. Eles estavam _____ olhando. (só)
121. Estou _____ com você, mas você não pode dizer que estamos _____. (quite)
122. Não era apenas um crime de _____-patrimônio, mas um verdadeiro crime de _____-pátria. (leso)
123. Os netos são _____ o avô. (tal qual)
124. Todos fomos _____ ao passeio, mas as crianças só puderam sair do ônibus _____ com o professor. (junto)
125. As fichas foram _____ ao relatório. (anexo)
126. Todos ficamos _____. (alerta)
127. Mais amor e _____ confiança. (menos)

128. Todos vieram, _____ vocês. (menos)
129. Todos vieram, _____ elas. (salvo)
130. Todos foram _____. (salvo)
131. Os _____ utópicos é que defendem a _____ utopia. (pseudo)
132. As casas eram _____. Foram vendidas _____. (barato)
133. As lanchas eram _____. Foram vendidas _____. (caro)
134. Elas procuraram os argumentos mais claros _____. (possível)
135. Ele relacionou argumentos o mais _____ _____. (claro possível)
136. Um e outro _____ foram premiados. (funcionário competente)
137. Ela disse alguma coisa _____. (maravilhoso)
138. Ela disse algo de _____. (maravilhoso)
139. O menino crescia a olhos _____. (visto)
140. Percorri _____ terras. Fui _____ demais. (longe)
141. E, na qualidade de responsável, sempre fomos _____. (cauteloso)
142. E, na qualidade de mestres, sempre fomos _____. (cauteloso)
143. Sempre será _____ a humildade. (necessário)
144. Aquela _____ afirmação deixou Rosa _____ decepcionada. (meio)
145. Julieta parecia _____ simpática. Possuía _____ virtudes. (bastante)
146. Vocês precisam ficar _____. (alerta)
147. Aquela menina é _____ _____ os tios. (tal qual)
148. Tinha fé em _____ Elesbão. (São)

Concordância Verbal

DEFINIÇÃO

Concordância verbal é a que se processa entre o verbo e o núcleo do sujeito, ou entre o verbo e a expressão que o comanda.

CONCORDÂNCIA SINTÁTICA E CONCORDÂNCIA SEMÂNTICA

Sintaxe é estudo das funções dos termos ou das frases. Semântica é a visão do significado.

Na frase "Quais de nós chegarão?", o sujeito é "Quais de nós" e o seu núcleo é "Quais" (veja *Análise Sintática Visual*). O verbo está na 3ª pessoa do plural, "chegarão", concordando com o núcleo do sujeito "Quais chegarão?". A concordância do verbo com o núcleo do sujeito é o que se chama **concordância sintática**.

Na frase "Quais de nós chegaremos?", o verbo deixou de concordar com o núcleo do sujeito, preferindo fazê-lo com o "nós", enfatizando **a ideia** de o falante incluir-se na ação. O "nós", então, que é apenas um satélite sintático do núcleo do sujeito, pois está subordinado pela preposição "de" que o antecede, passou a ser o núcleo semântico do sujeito, também chamado de sujeito semântico. A **concordância semântica**, ou ideológica, ou figurada, ou irregular, ou siléptica, em outras palavras, é a **concordância com a ideia** e não com o núcleo sintático (veja Silepse, em *Intelecção e Interpretação de Textos*, Figuras de Linguagem).

SUJEITO SIMPLES

VERBO → concorda com SUJEITO

em → número
e
pessoa

Conclusão:

O verbo concorda com o sujeito simples em número e pessoa.

Prática

■ Complete as lacunas.

1. Nós cant_____ enquanto vocês danç_____.
2. Tu cant_____ enquanto eu danç_____.
3. Vós cant_____ enquanto ele danç_____.

SUJEITO COMPOSTO ANTEPOSTO

Paulo e Tereza	chegar**am**
suj. composto antes do verbo	verbo: plural

Conclusão:

Sujeito composto anteposto: o verbo vai para o plural.

Prática

■ Complete as lacunas.

4. Júlia e Cláudia fal_____ a verdade.
5. O livro e a caneta sumir_____.

SUJEITO COM PESSOAS DIFERENTES

Ele, tu e **eu** **Tu** e **ele**	chega**mos** chega**stes/aram**
SUJEITO COMPOSTO DE PESSOAS DIFERENTES	VERBO NO PLURAL NA PESSOA PREFERENCIAL
3ª + 2ª + 1ª = ... 3ª + 2ª = ...	... 1ª do plural ... 2ª ou 3ª do plural

Conclusão:

Se houver 1ª pessoa, o verbo vai para a 1ª do plural (nós).
Se houver 2ª e 3ª pessoas apenas, é preferível o verbo na 2ª do plural (vós). Aceita-se, contudo, a 3ª do plural, como se o sujeito fosse "vocês".

Prática

■ Complete as lacunas.

6. Eu e tu ir_____ amanhã.
7. Ela e eu ir_____ amanhã.
8. Ela e tu ir_____ amanhã.
9. Ela e ele ir_____ amanhã.

SUJEITO COMPOSTO POSPOSTO

Chegar**am** Cheg**ou**	**Paulo** e **Teresa** **Paulo** e Teresa
VERBO NO PLURAL OU CONCORDA C/ O MAIS PRÓXIMO	SUJEITO COMPOSTO DEPOIS DO VERBO

Conclusão:

Sujeito composto posposto: o verbo vai para o plural ou concorda com o mais próximo, para enfatizá-lo.

Prática

■ Complete as lacunas.

10. Chorav_____ a menina e o irmão. (a/am)
11. Miav_____ a gata e o gato. (a/am)
12. Viajav_____ os estudantes e o carteiro. (a/am)

SUJEITO COM APOSTO RESUMITIVO

Festas, flores,	tudo nada ninguém	atraí**a** a menina.
SUJEITO	APOSTO RESUMITIVO	VERBO

Conclusão:

Quando os núcleos do sujeito são resumidos por expressões como **tudo**, **nada**, **ninguém**..., o verbo concorda com a expressão resumitiva.

Prática

■ Complete as lacunas.

13. Alegrias, tristezas, saudade, nada o far_____ chorar. (á/ão)
14. Júlia, José, Adão, ninguém o convencer_____. (á/ão)

SUJEITO COM NÚCLEOS SINÔNIMOS OU QUASE

A **paz** e a **tranquilidade** > comoveu / comoveram o visitante.

Conclusão:

Quando os núcleos do sujeito são sinônimos ou quase sinônimos, o verbo vai para o plural ou pode ficar no singular.

Prática

■ Complete as lacunas.

15. A música e a sonoridade envolvi_____ os presentes. (a/am)
16. Aquele desejo carnal e aquela febre os uni_____. (a/am)

SUJEITO COM NÚCLEOS EM GRADAÇÃO

Um **gesto**, um **sussurro**, uma **palavra** > pod**ia** / pod**iam** despertá-lo.

Conclusão:

Quando o sujeito é composto por núcleos em gradação, o verbo concorda com todos, ou com o mais próximo.

Prática

■ Complete as lacunas.

17. A mesma coisa, o mesmo ato, a mesma palavra provocav_____ risadas. (a/am)
18. A saúde, a força, a vitalidade fazi_____ bem a mim. (a/am)

SUJEITO COM NÚCLEOS LIGADOS POR OU

Observe:

O **calor** extremo ou o **frio** excessivo prejudicar**am**-no.
adição — PLURAL

Seus **sucessores** ou o próprio **São Pedro** disser**am**...
PLURAL — SINGULAR — PLURAL

Conclusão:

Se o **ou** trouxer ideia de **adição/inclusão**, ou se um dos núcleos do sujeito estiver no plural, o verbo vai para o plural.

Prática

■ Complete as lacunas.

19. A alegria ou a tristeza _____ parte da vida. (faz/em)
20. As festas ou o funeral _____ a todos. (impressionou/aram)

Observe:

O **poder** ou **poderes** do homem er**am**...
retificação

Nenhum vestígio deix**ou** o **autor** ou **autores** do crime.
retificação

Conclusão:

Se o **ou** trouxer ideia de **retificação**, o verbo concorda com o núcleo mais próximo.

Prática

■ Complete as lacunas.

21. O candidato, ou melhor, os candidatos _____. (aproxime-se/em-se)
22. _____-me depois o réu ou réus para esclarecimentos. (Procure/m)

Observe:

Ele pensava que **Júlia** ou **Teresa** estive**sse** morta.

exclusão

Um **jogador** ou **técnico** preci**sa** respeitar as regras.

equivalência

Conclusão:

Se o **ou** trouxer ideia de **exclusão** ou **equivalência** entre dois ou mais núcleos no singular, o verbo fica no singular, concordando com apenas um dos núcleos.

Prática

■ Complete as lacunas.

23. Sei que Ana ou Cláudia se _____ com Flávio. (casará/ão)
24. Um presidente ou ministro, na qualidade de cidadão, _____ responsável. (é/são)

SUJEITO COM NÚCLEOS LIGADOS POR NEM

Nem a **virtude**, nem a **preguiça** o abandonar**am**.

Nem o **elogio**, nem a **crítica**, nem a **recomendação** bast**ou** para...

sucessividade, em momentos diferentes, cada um de per si.

Conclusão:

Sujeitos ligados por **nem**: o verbo vai normalmente para o plural. Só fica no singular quando se quer informar que as ações acontecem de per si, em momentos diferentes, sucessivos.

Prática

■ Complete as lacunas.

25. Concomitantemente:
    Nem o grito, nem o palavrão, nem o tiro o _____. (amedrontou/aram)
26. Sucessivamente:
    Nem o grito, nem o palavrão, nem o tiro o _____. (amedrontou/aram)

SUJEITO COM NÚCLEOS LIGADOS POR COM / COMO

O **capitão** com o **sargento** organizar**am** o grupo.

O **capitão** **,** **com o sargento**, organiz**ou**.
adj. adverbial

Conclusão:

Quando os núcleos estão ligados por **com** ou **como** sem vírgula, o verbo vai para o plural, porque se trata de sujeito composto.
Se antes do **com** ou **como** há vírgula, o verbo fica no singular, porque o sujeito é simples seguido de uma expressão adverbial de companhia ou comparação.

Prática

■ Complete as lacunas.

27. O mestre com o boleeiro _____ a emenda. (J. L. Rego) (fez/fizeram)
28. Eu com os outros _____ bem cedo. (vim/emos)
29. O mestre, com o boleeiro, _____ a emenda. (fez/fizeram)
30. Eu, com os outros, _____ bem cedo. (vim/emos)

NÃO SÓ... MAS TAMBÉM, TANTO... QUANTO...

Não só o **grande**, mas também o **pequeno** compreend**em.**
compreend**e**

Tanto **José** como **Antônio** sabi**am** a verdade.
sabi**a**

Conclusão:

Sujeitos ligados por expressões correlativas, do tipo **não só** ... **mas também**, **não só** ... **mas ainda**, **tanto** ... **como** permitem o verbo no plural, ou concordando com o mais próximo.

Prática

■ Complete as lacunas.

31. Não só Eduardo mas até Roberta _____. (acertou/aram)
32. Tanto força quanto amor nos _____. (atinge/em)

MAIS DE UM, MAIS DE DOIS, MAIS DE TRÊS

Mais de um ... chegou
Mais de dois ... chegaram

Quando o sujeito se constrói com as expressões **mais de um**, **mais de dois**..., o verbo concorda com o numeral.

Prática

■ Complete as lacunas.

33. Mais de um correspondente _____. (noticiou/aram)
34. Mais de cinco pessoas _____. (pediu/ram)

Observações:

Sempre que houver reciprocidade, o verbo irá para o plural:
Mais de um amigo se abraçaram.
Se **mais de um** vier repetido, o verbo irá para o plural:
Mais de um soldado, **mais de um** general foram mortos.

UM E OUTRO, NEM UM NEM OUTRO

Um e **outro** falav**am**. falav**a**

Nem um nem outro ajudante saí**ram**. sai**u**

Um e **outro** prêmio const**am** da lista. const**a**

Conclusão:

As expressões **um e outro**, **nem um nem outro**, seguidas ou não de substantivo, permitem o verbo no singular ou no plural. Mas o substantivo sempre estará no singular. *Vide* Sujeito com núcleos ligados por nem, pág. 306.

Prática

■ Complete as lacunas.

35. Uma e outra menina _____. (sorria/am)
36. Uma e outra se _____. (calou/aram)
37. Nem um nem outro vizinho _____. (entendeu/eram)

UM OU OUTRO

Um ou outro ajudante reclam**ou**.
reclam**aram**

Conclusão:

Um ou outro normalmente leva o verbo para o singular, pois, geralmente, o **ou** tem ideia de exclusão. Porém, quando o **ou** trouxer ideia de inclusão, terá o verbo no plural.

Prática

■ Complete as lacunas.

38. Um ou outro se casar_____ amanhã com Ernestina. (casará/ão)
39. Um ou outro aluno reclam_____ de sua decisão. (reclamou/aram)

SUJEITO QUE

Ele foi o **candidato** (ANTECEDENTE) | **que** (PRONOME RELATIVO SUJEITO) | pass**ou**.

Eis as **candidatas** (ANTECEDENTE) | **que** (PRONOME RELATIVO SUJEITO) | passar**am**.

Conclusão:

Quando o sujeito é o pronome relativo **que**, o verbo concorda com o antecedente.

Prática

■ Complete as lacunas.

40. Encontramos os concorrentes que _____. (venceu/ram)
41. Fomos nós que _____. (venceu/emos)
42. Fostes vós que _____. (venceu/estes)

Observação:

Veja expressão **é que** na página 324.

SUJEITO QUEM

Foram eles quem **disse**.
disser**am**

Conclusão:

Quando o sujeito é o pronome relativo **quem**, o verbo, de preferência, fica na 3ª pessoa do singular. Contudo, há quem aceite sua concordância com o antecedente.

Prática

■ Complete as lacunas.

43. Fui eu quem te _____. (chamou/ei)
44. Foste tu quem me _____. (chamou/aste)
45. Fomos nós quem te _____. (chamou/amos)
46. Fostes vós quem nos _____. (chamou/astes)

SUJEITO UM DOS QUE

Ele era **um** d**os** candidatos **que** sabi**a**.
sabi**am**

Conclusão:

Quando o verbo se refere à expressão **um dos ... que**, pode concordar com **um**, no singular, ou com **os** do **dos**, no plural.

Prática

■ Complete as lacunas.

47. Eu sou um dos que te _____. (convidou/ei/aram)
48. Tu és uma das que _____. (cantou/aste/aram)

SUJEITO QUAIS DE VÓS, QUANTOS DE NÓS

Quais **Quantos** **Muitos** **Poucos** **Vários**... PLURAL	de dentre	**nós** **vós**	vencere**mos**/vencer**ão**. vencer**eis**/vencer**ão**.

Conclusão:

Com as expressões **quais de nós**, **quais de vós**..., se o primeiro pronome está no plural, o verbo concorda com ele. Mas também pode concordar com o pessoal (nós, vós).

Prática

■ Complete as lacunas.

49. Muitos dentre vós _____ felizes. (sairá/ão/eis)
50. Poucos de nós _____ o caso. (compreende/emos/em)

SUJEITO QUAL DE NÓS, NENHUM DE NÓS

Qual
Quem
Nenhum
Ninguém...
SINGULAR

de
dentre

nós
vós

chegar**á**.

Conclusão:

Se o primeiro elemento dessas locuções pronominais está no singular, o verbo obrigatoriamente concorda com ele.

Prática

■ Complete as lacunas.

51. Qual dentre vós _____ a oferta? (fará/eis)
52. Ninguém de nós _____ a oferta. (fará/eis)

A MAIORIA DE... GRANDE PARTE DE... UM ENXAME DE...

A maior parte dos **interessados** compareceu.
QUANTITATIVA PLURAL comparecer**am**

Conclusão:

Sujeito constituído por expressões quantitativas, seguidas de um nome no plural, admite o verbo no singular ou no plural.

Prática

■ Complete as lacunas.

53. Grande parte dos homens _____ o sigilo. (quebrou/aram)
54. Um monte de soldados _____ do outro lado. (surgiu/iram)

CADA... NENHUM... QUALQUER...

Cada verme, **cada** molusco, **cada** ameba com**põe** este universo.
SING.

Conclusão:

Sujeito com indefinidos (cada, nenhum, qualquer...) repetidos deixa o verbo no singular, a não ser que os indefinidos estejam no plural.

Prática

■ Complete as lacunas.

55. Qualquer homem, qualquer senhora _____ observar. (pode/em)
56. Nenhum inimigo, nenhum amigo _____. (duvida/am)
57. Nenhuns inimigos, nenhuns amigos _____. (duvida/am)

UM POR CENTO... VINTE POR CENTO...

Um por cento **das vítimas** chegou / chegaram ao abrigo.

Vinte por cento **da sala** estudaram. / estudou

Conclusão:

Sujeito constituído de percentual seguido de substantivo determinante: o verbo concorda com o numeral ou com o determinante.

Prática

■ Complete as lacunas.

58. Quinze por cento dos alunos _____. (passou/aram)
59. Um por cento da turma _____. (estudou/aram)
60. Treze por cento do time _____ bem. (atuou/aram)

Observação:

Se o numeral vem antecedido de artigo ou pronome adjetivo, o verbo só concorda com o numeral.

Os quinze por cento do grupo que for**am** chamados...

Aqueles três por cento da turma for**am** aplaudidos.

CERCA DE... PERTO DE... OBRA DE... + NUMERAL

Cerca de **vinte** pessoas gritav**am**.

Obra de **quatro mil** soldados ocupar**am** o porto.

Conclusão:

Expressão aproximativa seguida de numeral: o verbo concorda com o numeral.

Prática

■ Complete as lacunas.

61. _____ no cinema perto de duzentos convidados. (Entrou/aram)
62. Perto de sete séculos se _____. (passou/aram)

SUJEITO PLURAL APARENTE

Memórias de Agapito Goiaba foi pouco lido.

As **Memórias de Agapito Goiaba** for**am** pouco lidas.

Conclusão:

Nomes plurais de lugares e obras artísticas são tratados como singular se não vêm antecedidos por artigo. Se lhes antecede artigo, o verbo acompanha o artigo.

Prática

■ Complete as lacunas.

63. Campos _____ por sua economia. (surpreende/em)
64. As Minas Gerais que nos _____. (enfeitiça/am)
65. Minas Gerais que nos _____. (enfeitiça/am)
66. O Amazonas _____ a região Norte. (atravessa/am)

HAJA VISTA OU HAJAM VISTA

Haja vist**a** seus méritos...

Hajam vist**a** seus méri**tos**...

Haja vist**a** **a** seus méritos...
prep.

Haja em vist**a** seus méritos...
prep.

Conclusão:

Na expressão **haja vista**, o verbo pode ficar invariável ou concordar com o substantivo que se lhe segue. Havendo preposição antes ou depois da palavra **vista**, o verbo fica no singular.

Prática

■ Complete as lacunas.

67. Ele é bom batedor, _____ vista seus chutes. (haja/am)
68. Ele é bom batedor, _____ vista seu chute. (haja/am)
69. Ele é bom batedor, _____ em vista seus chutes. (haja/am)

ALUGA-SE CASA, ALUGAM-SE CASAS

Alu**ga**	-se	ca**sa**
VERBO	+ SE	SUBSTANTIVO SEM PREP.

Alug**am**	-se	cas**as**
VERBO	+ SE	SUBSTANTIVO SEM PREP.

Conclusão:

Quando um verbo seguido de **se** se refere a um núcleo substantivo não preposicionado, concorda com ele.

Prática

■ Complete as lacunas.

70. _____-se gravatas. (Conserta/am)
71. _____-se botões. (Cobre/em)
72. _____-se faca. (Afia/am)

GOSTA-SE DE FRUTA, GOSTA-SE DE FRUTAS

Gosta	-se	de fruta.
VERBO	+ SE	+ PREP. + SUBSTANT.

→ 3ª DO SINGULAR

Gosta	-se	de frutas.
VERBO	+ SE	+ PREP. + SUBSTANT.

→ 3ª DO SINGULAR

Vive	-se	bem.
VERBO	+ SE	+ ADV.

→ 3ª DO SINGULAR

Conclusão:

Verbo + **se** referindo-se a núcleo substantivo preposicionado, ou a advérbio, fica sempre no singular.
Verbo + **se** só vai para o plural quando se refere a núcleo substantivo plural, sem preposição (*Vide* item anterior).

Prática

■ Complete as lacunas.

73. _____-se em mudanças. (Fala/m)
74. _____-se por ajudantes. (Procurava/m)
75. _____-se muito aqui. (Discute/m)
76. _____-se feliz e não se _____. (Era/m; sabia/m)

Observação:

Observação: Já há teóricos que sugerem aceitar-se como portadoras de sujeito indeterminado frases como: *Aluga-se casa. Aluga-se casas. Conserta-se pneu. Conserta-se pneus.* E justificam com o argumento de que, na atualidade, tais construções perderam o significado passivo.

VOSSA SENHORIA ESTÁ... VOSSAS SENHORIAS ESTÃO...

Vossa Excelência ficou embaraçada, governadora.
3ª p. 3ª p.

Sua Santidade virá ao Brasil.
3ª p. 3ª p.

Conclusão:

Os pronomes de tratamento levam o verbo para a terceira pessoa (singular ou plural).

Prática

■ Complete as lacunas.

77. Vossa Alteza _____. (chegou/astes)
78. Vossas Reverendíssimas _____ . (entenderam/eis)
79. Sua Excelência _____. (virá/eis)

DAR, BATER, SOAR...

A torre da igreja SUJEITO SINGULAR	d**eu** bat**eu** so**ou**	**duas horas**. OBJETO DIRETO
Na torre da igreja ADJUNTO ADVERBIAL	der**am** bater**am** soar**am**	**duas horas**. SUJEITO PLURAL

Conclusão:

Os verbos **dar**, **bater**, **soar**, **repicar** e sinônimos concordam com o sujeito (a torre, o relógio, o sino...). Se não houver essas palavras como sujeito, as horas se transformam em sujeito.

Prática

■ Complete as lacunas.

80. Nos campanários _____ uma hora. (soou/aram)

81. O relógio _____ cinco horas. (batia/m)
82. Ao lado, devagar _____ dez horas, solenemente, o sino da matriz. (deu/deram)

SUJEITO COMPOSTO COM IDEIA ÚNICA

O presente e o passado esta**va** ali, na sua frente.

1

Conclusão:

Quando os sujeitos formam um todo indivisível, uma ideia única, o verbo fica no singular.

SUJEITO ORACIONAL

É ótimo [que todos saibam a verdade].

[Diminuir os privilégios], [equilibrar as finanças] **deve** ser o objetivo da política.
SING.

[Que ela estava feliz] e [que Joaquim não o percebia] **era** sabido de todos.
SING.

[Amar] e [correr] **faz** bem à saúde.
SING.

Conclusão:

Fica na 3ª pessoa do singular o verbo que tem como sujeito uma ou mais orações.

Atenção:

Se os infinitivos sujeitos vêm precedidos de artigo, ou são antônimos, o verbo vai para o plural, normalmente:

O amar e **o correr** faz**em** bem à saúde.
PLURAL

[**Amar**] e [**odiar**] faz**em** parte da vida.
PLURAL
Antônimos

PARECEM SORRIR OU PARECE SORRIREM

Ambos estão certos.

Os homens pareciam chorar. **Os homens** parecia **chorarem**.

Conclusão:

Varia só um dos dois: ou o verbo **auxiliar** ou o **infinitivo**.

ERRADO VARIAREM OS DOIS:

~~Os homens pareciam sorrirem.~~

Prática

■ Assinale **C** ou **E** para as concordâncias.

83. ( ) Futuro, passado e presente é uma só coisa, uma só realidade.
84. ( ) Deveria ser muito bom comer, dormir e amar à vontade.
85. ( ) Amar o próximo e ajudá-lo competem a nós.
86. ( ) Construir e destruir resume a vida humana.
87. ( ) Construir e destruir resumem a vida humana.
88. ( ) As nuvens parece desenharem infinitamente.
89. ( ) As nuvens parecem desenharem infinitamente.
90. ( ) As nuvens parecem desenhar infinitamente.

CONCORDÂNCIA DO INFINITIVO

Infinitivo Invariável

Viver é lutar.	Verbo impessoal, com ideia de sujeito indefinida ou muito vaga.
"Preparar. Apostar. Atinar." (EFP)	Função de imperativo.
Estava **a sonhar**.	Com preposição **a**, tem valor de gerúndio (Estava **sonhando**).
Fácil **de entender**.	Preposicionado, como complemento nominal de adjetivo. Há gramáticos que nele veem uma forma de voz passiva (Fácil de **ser entendido**).
Va**mos cantar**, dev**es dizer**...	Como verbo principal de locução verbal, é seu auxiliar que concorda com o sujeito.

Prática

■ Estabeleça a devida correspondência:

a) Verbo impessoal, com ideia de sujeito indefinida ou muito vaga.
b) Função de imperativo.
c) Com preposição **a**, tem valor de gerúndio.
d) Preposicionado, como complemento nominal de adjetivo. Há gramáticos que nele veem uma forma de voz passiva.
e) Como verbo principal de locução verbal, é seu auxiliar que concorda com o sujeito.

91. ( ) Os pais, as crianças, todos se puseram a rir.
92. ( ) Pessoal, todos agora. Mergulhar.
93. ( ) Estávamos juntos na sala, a conversar, a sorrir, a pilheriar.
94. ( ) Trata-se de uma situação fácil de solucionar.
95. ( ) Atingir a velhice pode ser superar a maturidade.

Infinitivo Variável ou Flexionado

Convém (**tu**) esta**res** atento.	Quando o sujeito do infinivo (expresso ou elíptico) é diferente do verbo da oração principal.
Será ótimo (**nós**) participa**rmos**.	
Poderão os brasileiros, em conjunto e em harmonia, organiza**rem**-se e leva**rem** adiante esse projeto?	Quando, em locução verbal, o infinitivo se encontra distante do verbo auxilar... ou quando se quer enfatizar, realçar a pessoa a quem se refere a ação.

Prática

Observe as frases-modelo e julgue Certa ou Errada cada declaração seguinte:

1. Devemos estarmos juntos para que nos possam verem melhor.
2. Convém estarmos juntos, a fim de que elas possam ver-nos melhor.

96. ( ) "Devemos estar" e "possam ver" constroem melhor a frase 1, porque em locução verbal, normalmente, o infinitivo é invariável.
97. ( ) Em 2, "estarmos" está corretamente flexionado para mostrar que tem um sujeito diferente do de "Convém".
98. ( ) Em 2, ficaria melhor a construção com "verem-nos".
99. ( ) Em 2, o verbo **ver** está bem usado porque, como é o verbo principal de uma locução (possam ver), o papel de concordar com o sujeito é exercido pelo seu auxiliar (possam).

Infinitivo como Complemento de Verbos Permissivos, Causativos e Sensitivos (veja Análise Sintática Visual)

INVARIÁVEL ou NÃO FLEXIONADO	VARIÁVEL ou FLEXIONADO
Não ***deixes*** cresc**er** as dúvidas.	Não ***deixes*** cresce**rem** as dúvidas.
Mandou os meninos entr**ar**.	***Mandou*** os meninos entra**rem**.
Senti-os sussurr**ar** no escuro.	***Senti***-os sussurra**rem** no escuro.
Ouvi fal**ar** bem de você	***Ouvi*** fala**rem** bem de você.

Prática

Observe as frases-modelo e julgue Certa ou Errada cada afirmação seguinte:

1. Vi nascer os primeiros raios. 2. Vi nascerem os primeiros raios.

100. ( ) A concordância do verbo **nascer** está errada em 1.
101. ( ) O verbo **ver** é um verbo sensitivo e o infinitivo que o complementa pode flexionar-se ou não, por isso estão corretas ambas as frases.
102. ( ) Em 2, a flexão do infinitivo ressalta, põe em destaque "os primeiros raios".

VERBOS DE 3ª PESSOA

Observe:

ESTAR **FAZER** **HAVER** **IR**	com ideia de TEMPO	CRONOLÓGICO OU METEOROLÓGICO	FICAM SEMPRE NA 3ª PESSOA DO SINGULAR
FENÔMENOS NATURAIS **HAVER com ideia de EXISTIR** **CHEGA DE... BASTA DE...**			

Prática

■ Complete as lacunas.

103. _____ de problemas. (Basta/m)
104. _____ trinta anos que se namoram. (Faz/em)
105. Com certeza, _____ soluções melhores. (haverá/ão)
106. _____ de haver ideias mais simples. (Há/hão)
107. _____ de sorrir com ela os arcanjos. (Há/hão)
108. _____ fazer três dias que ela se foi. (Vai/vão)
109. _____ para três meses que voltou. (Vai/vão)
110. _____ muitos torcedores lá. (Havia/m)
111. _____ muitas mulheres também. (Existia/m)
112. _____ existir muitas saídas. (Deve/m)
113. _____ haver muitas saídas. (Deve/m)
114. _____ muito nas férias. (Chovia/m)
115. _____ flores no casamento. (Chovia/m)

CONCORDÂNCIA DO VERBO SER

Observe:

Que Quem O que	**é** **são**	protozoár**io**? protozoár**ios**?

Conclusão:

Nas orações interrogativas iniciadas por **quem**, **que**, **o que**, o verbo **ser** concorda com o termo que lhe vem após.

Prática

116. Que _____ célula? (é/são)
117. Quem _____ os protagonistas? (é/são)
118. Quero saber o que _____ precatórios. (é/são)

Observe:

SUJEITO		PREDICATIVO
Isto, **isso**, **aquilo** **o** (= aquilo) **tudo**	**são** **é**	flor**es**
		substant. plural

Conclusão:

Quando o sujeito for um dos pronomes **isto**, **isso**, **aquilo**, **o** e **tudo**, e o predicativo for um substantivo plural, o verbo **ser** concorda preferencialmente com o predicativo plural, mas também pode concordar no singular com o sujeito.

Prática

■ Complete as lacunas.

119. Tudo aquilo _____ ameaças apenas. (era/eram)
120. O que ele quer _____ cuidados especiais. (é/são)

Observe:

Nós fomos campeões. Campeão **fui eu**.

Conclusão:

Se em qualquer dos lados há um **pronome pessoal reto**, o verbo com este concorda.

Prática

■ Complete as lacunas.

121. O interessado _____ tu. (era/eras)
122. Vós _____ os escolhidos. (sereis/serão)

Observe:

peso preço medida quantidade	**é**	**muito** **pouco** **tanto** **mais** **algo**

Conclusão:

Expressões indefinidas relacionadas a ideias de **medida** ou **quantidade** mantêm o verbo **ser** no singular.

Prática

123. Vinte anos _____ muito. (é/são)
124. Quarenta reais _____ pouco. (será/ão)
125. Cinco quilômetros não _____ tanto. (é/são)
126. Noventa quilos _____ muito pouco. (era/m)

Observe:

Daqui até lá **é** **um** quilômetro. Daqui até lá **são** **cinco** quilômetros.

Hoje **é** **dia** cinco. Hoje **é** **primeiro** de março.

Hoje **são** **cinco**. Agora **é** **uma** hora. **São** **duas** horas.

Conclusão:

Relacionado a **distância**, **data** e **hora**, o verbo **ser** concorda com o numeral. Nas datas, se aparecer a palavra **dia**, é com ela que o verbo concorda.

Prática

■ Complete as lacunas.

127. _____ meio-dia. (É/São)
128. _____ 20 de outubro. (Será/ão)
129. _____ quatro horas. (Era/m)
130. _____ dois metros. (É/São)

Observe:

Substantivo		Substantivo
O mundo	**é** / **são**	ilusões.
singular		plural

Substantivo		Substantivo
Os mundos	**é** / **são**	ilusão.
plural		singular

Conclusão:

O verbo **ser** entre dois substantivos comuns, de **números diferentes**, concorda com o que se quer realçar.

Prática

■ Complete as lacunas.

131. Justiça _____ as forças do bem. (é/são)
132. Telhas soltas _____ um perigo. (era/m)

Observe:

Irene / **gente** **era os devaneios** do namorado.

Os devaneios do namorado **era** a noiva. / **gente**

O verbo **ser** prefere concordar com o núcleo que se refere a **gente**.

Prática

■ Complete as lacunas.

133. Julieta sempre _____ as alegrias da família. (foi/foram)
134. Os seus sonhos _____ Carmelita. (era/eram)

Observação:

Pode haver concordância com o plural, quando este denota partes do corpo da pessoa nomeada.
Renato eram só aquelas mãos enormes.

Observe:

Sou **eu** que **saí**.
És **tu** que saí**ste**.
Fomos **nós** que saí**mos**.
Foram **eles** que saí**ram**.
Seremos **nós** que lutare**mos**.

Suj.		Verbo
Eu	é que	saí.
Tu	é que	saíste.
Nós	é que	saímos.
Eles	é que	saíram.

A expressão **é que** fica invariável em tempo, número e pessoa quando aparece unida, separando sujeito e verbo, porque expletivo, porque de realce.

Prática

■ Distribua as expressões: foi que, será que, é que, serão que.

135. Romero _____ venceu, mas _____ João _____ foi premiado.
136. Júlia _____ viajará, mas _____ Antônia _____ lucrará.
137. Nós _____ compraremos, mas _____ vocês _____ pagarão.

Observe:

Er**a** **uma vez** um rei e uma rainha, que...

Er**am** um **rei** e uma **rainha**, que...

Er**a** uma **rainha** que... Er**am** dois caminheir**os**...

Conclusão:

Se não houver a expressão **uma vez**, o verbo **ser** concorda com o substantivo ou substantivos que o seguir(em).

Prática

138. Assinale a que **não** está correta.
   a) Aqui faz verões quentíssimos.
   b) Chegou agora o pessoal da festa.
   c) Deu cinco horas agora.
   d) Chegaram a lutadora e o adversário.

139. a) Faltava uma hora, agora só faltam vinte minutos.
   b) Faltaram quinhentos e vinte e três pessoas.
   c) Receba Vossa Majestade nossas congratulações.
   d) Fazia duas semanas que estava mudo.

■ Escolha a opção ou opções corretas.

140. Após o baile _____ confetes e serpentinas. (sobrou/aram)
141. Cada um de vocês, cada um de nós _____ um prêmio. (ganha/em/amos)
142. _____ poucos metros para que _____ vítimas. (Faltou/aram; houvesse/em)
143. _____ mais cedo meus pais e eu. (voltaram/amos)
144. O presidente com o ministro _____ manifestar-se (resolveu/ram)
145. O prefeito, com o vereador, _____ os presentes. (convenceu/ram)
146. Nem ele, nem você _____ comigo. (concordou/aram)
147. Ele ou você _____ o vencedor. (será/ão)
148. Ele ou você _____ os vencedores. (será/ão)
149. Tu ou ele _____ os vencedores. (serão/eis)
150. Júlia, tu e eu _____ fora. (almoçarão/emos/eis)
151. Todos, exceto eu, _____ com o juiz. (concordaram/amos)
152. Qual de vós _____ com isso? (concorda/ais)

153. Quantos dentre vós _____ com isso? (concordam/ais)
154. Mais de um lutador _____ -se. (embolou/aram)
155. _____ vários erros no relatório. (Havia/m)
156. _____ sido cometidos vários erros no relatório. (Havia/m)
157. Não _____ ali erros graves. (existia/m)
158. Àquela hora, um menino e uma menina _____. (nascia/m)
159. Um grupo de inocentes _____ . (deporá/ão)
160. Por isso, _____ embora o cansaço e a fraqueza. (foi/ram)
161. _____ por aqui Cláudio e Teresa. (Passou/aram)
162. Vós e vossos amigos _____ sorte. (tiveram/stes)
163. Só o Brasil ou a Itália _____ ser o futuro campeão. (poderá/ão)
164. Você, ela, eu, ninguém, naquele momento, _____ . (acreditei/ou/amos)
165. Afeto e ternura _____ a gente. (comove/m)
166. O interesse, a gratidão, o dever _____ impotente... (fica/m)
167. A pobreza ou a falta de higiene _____ o ser humano. (prejudica/m)
168. A tia ou a sobrinha _____ isto. (fez/fizeram)
169. A verdade, ou verdades _____ ser alcançadas. (pode/m)
170. A verdade, ou verdades, _____ ser alcançada. (pode/m)
171. Nem o medo, nem o frio o _____ . (demoveu/ram)
172. Júlia com Joaquim _____ a festa. (preparou/aram)
173. Júlia, com Joaquim, _____ a festa. (preparou/aram)
174. Nem um nem outro _____.(chegou/aram)
175. Um ou outro _____. (saiu/ram)
176. Um e outro _____. (cantava/m)
177. Um e outro competidor _____. (convence/m)
178. Uma e outra vizinha _____ aqui. (está/ão)
179. Um e outro competidor _____-se. (cumprimenta/m)
180. Nem um nem outro se _____. (entende/m)
181. Encontrei os anéis que _____. (sumira/m)
182. Somos nós que_____. (vencerá/emos)
183. Seriam elas que _____. (venceria/m)
184. Elas _____ venceriam. (é que/seriam que)
185. Vós _____ vencereis. (é que/sereis que)
186. Seriam elas quem _____. (venceria/m)
187. Fomos nós quem _____. (venceu/emos)
188. Tu foste um dos que _____. (concordou/aste/aram)
189. Quantos de nós _____ lá? (chegarão/emos)
190. Vários de vós _____ lá. (chegarão/eis)
191. Quem de nós _____? (falou/aram)
192. Grande parte dos jogadores _____ cedo. (levantou/aram)
193. Oito por cento _____ ali. (está/ão)

194. Oito por cento do grupo _____ ali. (está/ão)
195. Os oito por cento do grupo _____ ali. (está/ão)
196. Perto de cinquenta pessoas _____. (gritava/m)
197. Os Estados Unidos _____ uma proposta. (apresentou/aram)
198. Minas Gerais _____ agindo. (continua/m)
199. As Minas Gerais _____ produzindo. (continua/m)
200. Estamos todos felizes, _____ vista nossos sorrisos. (haja/m)
201. Estamos todos felizes, _____ em vista nossos sorrisos. (haja/m)
202. _____-se por líderes. (Procurava/m)
203. _____-se líderes. (Procurava/m)
204. Ali se _____ em treinamentos intensivos. (pensava/m)
205. Aqui se _____ treinamentos intensivos. (faz/em)
206. Duas horas _____, na noite úmida, o sino recém-instalado. (bateu/eram)
207. Pensar e refletir _____ para a evolução. (ajuda/m)
208. Os animais _____ pensar. (parecia/m)
209. Os animais _____ pensarem. (parecia/m)
210. Hoje _____ de janeiro. (são um/é um/é primeiro)
211. Amanhã _____ dois. Ontem _____ dia 31 de dezembro. (será/ão; foi/ram)

Prática Geral

212. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Levando em consideração as regras de concordância nominal, escreva (1) para as frases corretas e (2) para as incorretas.
( ) Quando a senhora terminou de abrir as malas, já era meio-dia e meia.
( ) A própria sogra presenciou a abertura das malas; sim, ela mesmo.
( ) Anexo àquela carta destinada ao pai da moça, foram remetidas as jóias.
( ) Ao final da tarde, a senhora mostrava-se meio apreensiva.
( ) Naquelas bagagens havia jóias muito preciosas.
A sequência correta é
a) 1, 1, 2, 2, 1.
b) 2, 1, 1, 2, 2.
c) 1, 2, 1, 2, 1.
d) 2, 2, 1, 1, 2.
e) 1, 2, 2, 1, 1.

213. (PRF/N.M./ANP) Há **erro** de concordância em:
a) aluna e alunos estudiosos.
b) nome e situação conhecida.
c) exercícios e dieta recomendados.
d) estradas e parques mal conservadas.

214. Assinale a alternativa **correta**.
a) Foram cobrados as taxas e as multas recentes, mas perdoados os débitos anteriores.
b) Ao gerente não passou despercebido a arrogância do cliente.
c) A caneta custou cara, mas não se arrependeu da compra.
d) Foi dispensado do trabalho porque os dedos indicador e médio estavam feridos.

215. Assinale a alternativa **correta**.
a) Remetemos anexa uma fotocópia do recibo.
b) Era ela mesmo que, sempre ao meio-dia e meio, conferia o dinheiro arrecadado.
c) Considerou inútil as medidas para conter a corrida da população aos bancos.
d) É proibido a entrega de declarações de imposto de renda, nas agências bancárias, após o prazo estabelecido pela Fazenda.

216. (ALCL-DF/N.S./IDR) Marque a alternativa na qual **só uma** das concordâncias nominais é **correta**.
a) Uma e outra questão examinadas.
Uma e outra questão examinada.
b) Vossa Excelência é esperada, Sra. Ministra.
Vossa Excelência é esperado, Sr. Ministro.
c) A primeira e a segunda sessão.
A primeira e a segunda sessões.
d) Proposta e projeto aceitos.
Proposta e projeto aceito.

217. (ALCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa em que **somente um** dos itens é **correto**.
a) Segue anexa a documentação exigida.
Segue anexo a documentação exigida.
b) É vedado às empresas praticar atos desse teor.
É vedado as empresas praticarem atos desse teor.
c) Ela nada tem de sedutor.
Ela nada tem de sedutora.
d) Eles parecem estar contentes.
Eles parece estarem contentes.

218. (Ag. Adm./TRT/N.M./ACCESS) A concordância nominal das **duas** frases está **correta** em:
a) Devemos analisar os defeitos e as virtudes **verdadeiras**.
Devemos analisar os defeitos **verdadeiros** e as virtudes **verdadeiras**.
b) O pivete não tem ação e julgamento **éticos**.
O pivete não tem julgamento e ação **éticas**.

c) Eram **doentias**, o crime e a brutalidade.
O crime e a brutalidade eram **doentios**.
d) A senhora e o adolescente eram **violentos**.
A senhora e a adolescente eram **violentos**.
e) Ele pesquisa o comércio e as finanças **brasileiros**.
Ele pesquisa as finanças e o comércio **brasileiras**.

219. (TFC-RJ/N.S.) Assinale a opção em que **não** há **erro**.
a) Seguem anexo os formulários pedidos.
b) Não vou comprar esta camisa. Ela está muito caro!
c) Estas questões são bastantes difíceis.
d) Eu lhes peço que as deixem sós.
e) Estando pronto os preparativos para o início da corrida, foi dada a largada.

220. (AFRE-SP/N.S.) Assinale a alternativa **correta**.
É _____ prudência na interpretação dos resultados, _____ seguem _____ algumas normas.
a) necessária / porisso / inclusas.
b) necessário / por isso / inclusa.
c) necessária / porisso / incluso.
d) necessário / por isso / inclusas.

221. Indique a alternativa **correta** em relação à concordância nominal.
a) Não é permitida a presença de menores neste recinto.
b) Segue incluso no envelope a procuração e o requerimento.
c) Infelizmente temos motivos bastante para duvidar de você.
d) Limonada é muito boa para refrescar.
e) Todos acharam a moça e o rapaz muito simpática.

222. Há **erro** de concordância na frase:
a) Encontrei a ficha anexa.
b) Muito obrigado, disse-me ela sorrindo.
c) Voltarei ao meio dia e meia.
d) Depois ela ficou meio desconfiada.
e) Ela própria confirmou o que disse.

223. A concordância nominal apresenta-se **correta** na alternativa:
a) Havia no baú pentes e rendinhas barato.
b) Assustadas a cidade e os coronéis viram o desastre.
c) Na bagagem, muitos relógios foram encontrado.
d) Enviamos anexos os relatórios sobre os assaltos.
e) Apreenderam pacotes de cigarros americano.

224. A concordância nominal está **correta** em:
a) A mãe avisou que seria temerário, mesmo sendo período de férias, a ida do menino à escola.
b) Os atos indisciplinados do menino custaram caros a seu pai e mãe zelosa.
c) Já se acreditou que palmatória era bom para manter a ordem na escola.
d) Depois de retribuir à professora, o menino estava certo de que ficou quites com ela.

225. Assinale a opção que contenha **silepse** (discordância da palavra, concordância com a ideia).
a) "No Ocidente desenvolvido é de rigor tirar férias até para quem não faz nada."
b) "Os presidentes herdaram-lhe o hábito e, enquanto a capital ficou no Rio de Janeiro, costumavam passar temporadas de refresco na mesma Petrópolis, no Palácio Rio Negro."
c) "(...) e portanto não pode haver nem índices de inflação nem artigos de economistas da PUC-Rio."
d) "Como escreveu o articulista da revista *Time* James Collins, são ocasiões que oferecem aos presidentes um poderoso segundo contexto (...)."
e) "Da serra gaúcha ao litoral nordestino, há muitos lugares aprazíveis no Brasil, inclusive, sem humor negro, a reserva ianomâmi (...)."

226. Assinale a opção que se apresenta **correta** quanto à concordância nominal.
a) Além de valioso para a compreensão das características dos povos em cujas estruturas mentais não entra o conceito de férias, as reflexões do articulista não perdem a força de argumento a favor das férias para presidentes.
b) O articulista refere-se aos hábitos de Dom Pedro II de uma maneira familiar, como se o tivesse presenciado; faz, ainda, comentários sobre o de outros presidentes do passado.
c) O texto apresenta vários aspectos que, por si só, explicam as diferenças entre os povos que têm direito a férias e os que não o tem.
d) Na semana passada, de forma inusitada, os agentes de segurança procuraram ficar o mais afastados possível do presidente, alegando que a tática visava a uma maior liberdade para o chefe de Estado.
e) O articulista qualificou de danoso à nação – dadas as circunstâncias do evento – a viagem do presidente Collor a Angra dos Reis e a Araxá.

■ Estabeleça a devida correspondência com relação ao uso do infinitivo:
a) Verbo impessoal, com ideia de sujeito indefinida ou muito vaga.
b) Função de imperativo.
c) Com preposição **a**, tem valor de gerúndio.
d) Preposicionado, como complemento nominal de adjetivo. Há gramáticos que nele veem uma forma de voz passiva.
e) Como verbo principal de locução verbal, é seu auxiliar que concorda com o sujeito.

227. ( ) Todos os presentes devemos parar para refletir e rir.
228. ( ) Avançar.
229. ( ) Entrou no salão, a sorrir e a distribuir abraços.
230. ( ) Osso duro de roer, água boa p'ra beber.
231. ( ) Viver bem é participar e construir.

■ Observe as frases e julgue Certa ou Errada cada afirmação seguinte:
1. Ouvia farfalhar as folhas da palmeira.
2. Ouvia farfalharem as folhas da palmeira.

232. ( ) Em 1, a concordância do verbo **farfalhar** se faz com **as folhas da palmeira**.
233. ( ) Em 2, a concordância do verbo **farfalhar** se faz com **as folhas da palmeira**.
234. ( ) O verbo **farfalhar** é um verbo sensitivo, e o infinitivo que o complementa pode flexionar-se ou não, por isso estão corretas ambas as frases.
235. ( ) As duas frases têm exatamente o mesmo significado.
236. ( ) Em 2, a flexão do infinitivo ressalta, põe em destaque "as folhas da palmeira".

■ Observe as frases e julgue Certa ou Errada cada declaração seguinte:
1. Estuda para passar.
2. Estuda para passares.

237. ( ) Em cada uma das duas frases, os dois verbos se referem a pessoas distintas.
238. ( ) A construção 1 é preferível à 2, porque os dois verbos se referem a uma mesma pessoa, ou indivíduo.

3. É bom saírem logo, para poderem ver a lua.

239. ( ) **É bom saírem** é uma locução verbal, e os dois verbos, "É" e "saírem", referem-se à mesma pessoa.
240. ( ) **É** e **saírem** estão em pessoas diferentes, porque têm sujeitos diferentes.
241. ( ) **poderem ver** é uma locução verbal e os dois verbos se referem à mesma pessoa.
242. ( ) Na locução verbal, o verbo auxiliar (poderem) estabelece a concordância, enquanto o verbo principal no infinitivo (ver) fica invariável.

■ Assinale **C** ou **E**, conforme a frase esteja de acordo ou em desacordo com a concordância verbal.
243. ( ) Mandou calar-se todos os que cochichavam.
244. ( ) Tu devias, com certeza, fazeres o que te pedem.
245. ( ) Mandou calarem-se todos os que cochichavam.
246. ( ) Tu devias, com certeza, fazer o que te pedem.

247. ( ) No seguinte exemplo de Alexandre Herculano "**Queres ser** mau filho, mau amigo, **deixares** uma nódoa d'infâmia na tua linhagem?", apresentado por Rocha Lima, ocorre simultaneamente o infinitivo invariável e o variável.

248. ( ) Na seguinte estrofe de Gonçalves Dias "**Possas** tu, descendente maldito / De uma tribo de nobres guerreiros, / Implorando cruéis forasteiros, / **Seres** presa de vis Aimorés!", **possas** e **seres**, verbos respectivamente auxiliar e principal, estão variando, em função de estarem distantes um do outro. Se estivessem juntos, só o auxiliar concordaria com o sujeito elíptico **tu**: **possas ser**. Como estão afastados, a flexão do infinitivo reforça a ideia de o sujeito ser **tu**.

249. ( ) Em "A maré, calma e serena, fazia **acalmarem as sensações** dentro de mim" e "A maré, calma e serena, fazia **acalmar as sensações** dentro de mim", as duas construções exemplificam infinitivo complemento de verbo causativo e ambas estão corretas.

250. ( ) **Ve**r, **ouvir** são verbos sensitivos, **deixar** é permissivo, **fazer** e **mandar** são causativos. Com eles, o infinitivo pode apresentar-se flexionado ou não.

251. (Cespe) Se para a elite social o trabalho infantil era uma medida de prevenção, para os pobres era uma maneira de sobreviver.

( ) A forma verbal "era" foi empregada na primeira pessoa do singular para concordar com a expressão "a elite social".

252. (Cespe) Mesmo que não possamos olhar de um curso único para história, os projetos humanos têm um assentamento inicial que já permite abrir o presente para a construção de futuros possíveis.

( ) Preservam-se as relações argumentativas, a noção de pluralidade e a correção gramatical da oração ao se empregar a expressão **cada projeto humano** em lugar de "os projetos humanos".

253. (Cespe – adaptado) Desde a chegada dos portugueses até as últimas décadas do século XIX, foi aberta uma infinidade de caminhos terrestres e rotas fluviais de circulação, em um esforço verdadeiramente titânico de apropriação.

( ) Diminuindo-se a ênfase, o desenvolvimento das ideias no texto e sua estrutura linguística permitem substituir o termo "uma infinidade" por **inúmeros**.

254. (Cespe) As carruagens tinham eixos desse tamanho para caber nos sulcos escavados ao longo do tempo nas estradas da Grã-Bretanha. As estradas da Grã-Bretanha tinham sido construídas pelos romanos, e os sulcos foram escavados por carruagens romanas.

( ) Devido ao valor de mais-que-perfeito das duas formas verbais, preservam-se a coerência textual e a correção gramatical ao se substituir "tinham sido" por **havia sido**.

255. (Cespe) A velocidade, símbolo do desenvolvimento tecnológico e de um modo de produção e consumo cada vez mais vorazes, criou um sentimento de urgência que poucos conseguem administrar. Se é que conseguem mesmo.
( ) A inserção de **administrarem** depois de "mesmo" tornaria explícita uma ideia subentendida do texto e preservaria sua correção gramatical.

256. (Cespe) Tudo indica que mais de 70% do trabalho no futuro vão requerer a combinação de uma sólida educação geral com conhecimentos específicos.
( ) O emprego da flexão de plural em "vão" respeita as regras de concordância com "mais de 70% do trabalho".

257. (Cespe) O estudo do engenheiro militar Eduardo José de Moraes, apresentado ao governo imperial em 1869, continha ambicioso projeto de aproveitamento de vários rios brasileiros.
( ) "Continha" está na 3ª pessoa do singular para concordar com Eduardo José de Moraes.

258. (Funrio)
Rio, podem dizer o que quiser,
Mas o xodó do povo é o Rio.
Casa do samba e do amor, do Redentor,
Louvado seja o Rio.

Sobre os versos iniciais da canção "Delírio dos Mortais", de Djavan, é correto afirmar que a concordância verbal do trecho "podem dizer o que quiser" é
a) facultativa: pode-se considerar que o sujeito desses verbos está oculto.
b) ideológica: prevalece a ideia genérica e não identificada do sujeito.
c) rígida: admite-se que o sujeito indeterminado leve o verbo à 3ª pessoa.
d) estilística: integra o individual no coletivo com a mistura de tratamento.
e) viciosa: deveria ser corrigida para "podem dizer o que quiserem".

259. (FCC) Há um **deslize** na concordância verbal da seguinte frase:
a) Aos golpes mais duros da vida responde uma amizade verdadeira com palavras e gestos de solidariedade.
b) Nunca haverão de nos faltar, quando contamos com amigos verdadeiros, a força justa das palavras certas.
c) Assim como ninguém vive sem o préstimo da água, não se superam os infortúnios sem o apoio de um amigo verdadeiro.
d) Os sofrimentos que pesam sobre alguém haverão de ser mais leves com a companhia solidária de um amigo leal.
e) Importa, acima de todas as coisas, poder contar com a lealdade e os bons préstimos que nos oferece a amizade verdadeira.

260. (FCC) Estão plenamente respeitadas as normas de concordância verbal na frase:

a) É muito difícil que se cumpra os propósitos que, invariavelmente, se formula a cada início de ano.
b) Enredam-se nas tramas das próprias memórias todo aquele que não busca abrir, para si mesmo, novos tempos e novas experiências.
c) A cada vez que dá impulso a uma nova cadeia de acontecimentos, os homens se tornam autores de seu próprio destino.
d) Não deveriam caber às pessoas tomar suas próprias iniciativas, em vez de se submeterem à força do acaso?
e) Aos que não submete a força imperiosa das experiências passadas estende-se a possibilidade de abrir novos tempos.

Regência

DEFINIÇÃO

REGÊNCIA		REGENTE (VERBO OU NOME)	REGÊNCIA (PREPOSIÇÃO)	REGIDO
REGÊNCIA	VERBAL	vencer	∅	o obstáculo
		gostar	de	alguém
		agradecer	a	alguém
	NOMINAL	ansioso	por	justiça
		necessidade	de	algo
		referentemente	a	o processo

Prática

■ Observando o esquema acima, julgue se são certas ou erradas as seguintes afirmações e ponha nos parênteses **C** ou **E**.

1. ( ) Regência é um fenômeno que ocorre entre um termo regente e um regido.
2. ( ) O termo regente é subordinante; o regido, subordinado.
3. ( ) Se o regente é um verbo, trata-se de regência verbal.
4. ( ) Se o regente for uma preposição, trata-se de regência nominal.
5. ( ) Os verbos podem reger com ou sem preposição.
6. ( ) A regência nominal é sempre preposicionada.
7. ( ) Os nomes que podem ser regentes são: adjetivo, substantivo e advérbio.

Conclusão:

Regência é a relação existente entre um termo subordinante e um ou mais subordinados.

REGÊNCIA VERBAL

Observe:

A: lutar contra (= brigar); lutar por (= esforçar-se); lutar judô (praticar).
B: chamar alguém; chamar por alguém.
C: avisar alguém de algo; avisar algo a alguém.

Prática

■ Agora assinale **C** para certo e **E** para errado.

8. ( ) De A, conclui-se haver verbos que, mudando a regência, mudam a base de significado.
9. ( ) De B, conclui-se que, às vezes, a mudança de regência quase nada ou pouco influi no significado.
10. ( ) De C, conclui-se que um verbo pode ter um termo regido com preposição e um sem preposição.

Regência dos verbos mais frequentes

Agradar

Agradar	∅	alguém	= acarinhar
Agradar	a	alguém	= cair no seu agrado

Prática

■ Complete as lacunas.

11. Parecia que a proposta dos patrões não agradara _____ trabalhadores. (aos/os)
12. O gesto impensado do rapaz não deve ter agradado _____ namorada. (a/à)
13. Com mãos suaves, ela agradava _____ criança que caíra. (a/à)
14. Agradava _____ o gesto de amor. (o/a ele)

Ansiar

Ansiar	∅	alguém	= provocar angústia em alguém
Ansiar	por	algo	= almejar

Prática

■ Complete as lacunas.

15. Em virtude da fadiga, ansiava _____ uma ilha. (∅/por)
16. Aquelas palavras ansiavam _____. (-no/por ele)

Aspirar

Aspirar	∅	algo	= sorver, respirar
Aspirar	a	algo	= desejar, almejar *

* Neste sentido, não aceita **lhe(s)**, apenas **a ele(s)**, **a ela(s)**.

Prática

■ Complete as lacunas.

17. Trancado no apartamento, o escritor aspirava _____ ar do campo. (ao/o)
18. Cavalgando na fazenda, ele aspirava _____ ar puro, sem saudade da poluição. (o/ao)
19. Após tantos anos, a professora aspirava _____ aposentadoria. (a/à)
20. Àquele cargo? Sim, aspiro _____. (ele/a ele)

Assistir

Assistir	a	algo	= presenciar *
Assistir	∅/a	alguém	= dar assistência (v.t.d.)
Assistir	a	alguém	= caber direito
Assistir	em	algum lugar	= morar

* Neste sentido, não aceita **lhe(s)**, apenas **a ele(s)**, **a ela(s)**.

Prática

■ Complete as lacunas.

21. Tenho minha própria casa e _____ assisto. (a ela/nela)
22. Assiste _____ cidadão o direito de escolher seus representantes. (ao/o)
23. Foi muito bom o filme _____ que assistimos. (a/∅)
24. Assistir _____ doentes deve ser prioridade na ação governamental. (aos/os)
25. Esta cena, já assistimos _____. (lhe/a ela)

Atender

Atender	∅	Não faz nada. Atende.	= Espera
Atender	o	O ministro atendeu o requerente	= ouviu
Atender	a	Atender às súplicas... Atendeu à conversação.	= dar atenção a
Atender	em	Se atendermos nas provações...	= correspondermos
Atender	para	Basta atender para essas infecções.	= atentar para

Chamar

Chamar	∅	alguém	= convocar
Chamar	por	alguém	= invocar
Chamar	∅/a	alguém de	= atribuir qualidade ou nomear

Prática

■ Complete as lacunas.

26. O diretor chamou _____ professores para uma reunião. (aos/os)
27. No caso das aposentadorias, a própria imprensa chamou _____ jornalistas de espertalhões. (aqueles/àqueles)
28. É comum chamar ignorantes _____ pessoas que não pensam como nós. (as/às)
29. Nas horas difíceis, chamava _____ Deus. (a/por)

Atenção:

Todas certas:

Chamei-o valente.	Chamei-lhe valente.
Chamei-o de valente.	Chamei-lhe de valente.

Chegar

Chegar	a/de	um lugar
Chegar	em/de	meio de transporte

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

30. ( ) Ele chegou em Paris.
31. ( ) Chegou no último trem.
32. ( ) Ele chegou a Paris.
33. ( ) Chegou de trem.

Custar

Custar	∅	tanto	= atribuir valor
Custar	a	alguém	= ser custoso, ser difícil

Prática

■ Complete as lacunas.

34. Pagou com sacrifício os cem mil reais ____ que custou a casa. (∅/a)
35. Parece custar _____ pessoas mudar suas opiniões. (as/às)
36. Não custa _____ alunos manter a sala limpa. (os/aos)

Atenção:

ACEITÁVEL	TRADICIONALMENTE CERTO	ACEITÁVEL
Eu ~~custo~~ a crer.	Custa-me crer.	Custa-me a crer.
Tu ~~custas~~ a crer.	Custa-te crer.	Custa-te a crer.
Ele ~~custa~~ a crer.	Custa-lhe crer.	Custa-lhe a crer.
Nós ~~custamos~~ a crer.	Custa-nos crer.	Custa-nos a crer.
Vós ~~custais~~ a crer.	Custa-vos crer.	Custa-vos a crer.
Eles ~~custam~~ a crer.	Custa-lhes crer.	Custa-lhes a crer.

Esquecer

Esquecer	∅	algo/alguém
Esquecer-se	de	algo/alguém
Esquecer-se	(de)	que...

Algo esquece a alguém (foge da memória).

Prática

■ Complete as lacunas.

37. Você não poderá esquecer-se _____ nossa amizade. (a/da)
38. Recordo os dias tristes _____ que você já esqueceu. (de/∅)
39. Esqueceram _____ soldado as angústias da guerra. (ao/o)
40. Esqueceu-lhe _____ assunto. Esqueceram-se _____ assunto. (o/do)
41. Esqueci-me _____ que você viria. (∅/de)

Implicar

Implicar	com	algo	= ter implicância
Implicar-se	em	algo	= envolver-se
Implicar	∅	algo	= acarretar

Prática

■ Complete as lacunas, de 42 a 44. Reescreva, corrigindo, de 45 a 47.

42. Devem ser profundamente analisadas as conseqüências _____ que essas medidas implicarão. (∅/em)
43. O ex-presidente implicou-se _____ tráfico de influência. (em/com)
44. Uma coisa implica _____ outra. (em/∅)

45. Esta medida não implica em aumento de custo.

_____

46. Ela, sem saber, implicava de mim.

_____

47. A nova lei implicou na mudança das taxas.

_____

Ir, vir

Ir	a	um lugar (temporariamente)
Vir	para	um lugar (definitivamente)
	de/por	um lugar
	em/de	meio de transporte

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

48. ( ) Ele foi de ônibus.
49. ( ) Ele foi na carroça do amigo.
50. ( ) Ele veio de Recife.
51. ( ) Veio no velho carro.
52. ( ) Veio por Recife.
53. ( ) Veio a Brasília.
54. ( ) Fui em Petrópolis.
55. ( ) Fui a Rondônia.

Lembrar, avisar, prevenir

Lembrar	∅	algo	a alguém
Lembrar	∅	alguém	de algo
Lembrar	∅	algo	
Lembrar-se	de		algo/alguém
Lembrar-se	(de)		que...

Algo **lembra** a alguém (vem à memória).

Prática

■ Complete as lacunas.

56. Todos lembravam _____ gentileza com que nos recebera. (a/da)
57. Era uma moça simpática _____ cujo nome não me lembro. (de/∅)
58. Os dias felizes do passado lembravam _____ todos nós. (a/∅)
59. Lembrou-lhe____ ocorrido. Lembraram-se_____ ocorrido. (o/do)
60. Lembrou-me _____ infância. (a/da)

Morar, residir, situar-se, estabelecer-se

Morar Residir	em	uma casa, rua, praça, cidade, país	
morador em	residente em	sito em	estabelecido em

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

61. ( ) Ele mora à rua do Cais.
62. ( ) ...dono do estabelecimento, sito à Avenida Paulista, nº...
63. ( ) João morava em Recife, na rua...

Namorar

Namorar Namorar	∅ com	alguém alguém (em companhia de)

Prática

■ Complete as lacunas.

64. Não é inteligente a moça _____ que ele namora. (∅/com)
65. Esta moça _____ cuja irmã eu namoro é médica. (∅/com)
66. _____ quem ela está namorando? (∅/com)

Obedecer, desobedecer, suceder, obstar

Obedecer Desobedecer Suceder Obstar	a	algo / alguém

Prática

■ Complete as lacunas.

67. Às vezes se deve obedecer _____ ditames do coração. (aos/os)
68. A pessoa _____ que ele sucederia já fora avisada. (∅/a)
69. Alguns fatores externos poderiam obstar _____ que fizesse um bom planejamento. (∅/a)
70. Não se pode, impunemente, desobedecer _____ leis. (as/às)

Pagar

Pagar	algo	ao credor

Prática

■ Complete as lacunas.

71. Tivemos dificuldade para pagar _____ empréstimo. (o/ao)
72. Já podemos pagar _____ Banco agora que recebemos. (o/ao)
73. A seguradora _____ pagamos o seguro do carro não nos atendeu quando precisamos. (a que/que)

Perdoar

Perdoar	algo	a alguém

Prática

■ Complete as lacunas.

74. Não podem perdoar sempre _____ erros que você comete. (os/aos)
75. Desta vez, perdoo _____ você. (a/∅)
76. Perdoar _____ que nos fazem mal é preceito bíblico. (os/aos)

Preferir

Preferir	isto	a aquilo

Prática

■ Complete as lacunas.

77. Ela demonstrara preferir _____ ficar em casa _____ sair. (mais...do que/antes...que/∅...a)
78. O diretor preferiu _____ acatar aquelas ordens _____ exonerar-se. (a...∅/mais...que/antes...a)
79. Prefiro _____ ler _____ ver televisão. (mais...que/∅...a)

Presidir

Presidir	∅ a	uma reunião uma reunião

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

80. ( ) Na reunião em que ele presidiu...
81. ( ) Na reunião que ele presidiu...
82. ( ) Na reunião a que ele presidiu...

Querer

Querer	∅	algo/alguém (= desejar)
Querer	a	alguém (= gostar)

Prática

■ Complete as lacunas.

83. Queremos _____ seu bem. (o/ao)
84. Quero _____ que me querem bem. (os/aos)
85. São poucas as pessoas _____ quero perto de mim. (a que/que)

Responder

Responder	∅	algo (= dar como resposta)
Responder	a	algo/alguém (= dar uma resposta a...)

Prática

■ Complete as lacunas.

86. O convidado de honra respondeu _____ viria. (que/a que)
87. Ninguém respondeu _____ questionário. (o/ao)
88. Não conheço a carta _____ ele respondeu tão prontamente. (que/a que)

Visar

Visar	a/∅	algo	= ter em vista, almejar *
Visar	∅	algo	= pôr visto
Visar	∅	algo	= mirar

* Neste sentido, não aceita **lhe(s)**, apenas **a ele(s)**, **a ela(s)**.

Prática

■ Complete as lacunas.

89. Era necessário visar _____ cada página do contrato. (a/∅)
90. O alvo _____ que ele visava encontrava-se a uma grande distância. (∅/a)
91. Cada candidato deve visar _____ primeiro lugar no concurso. (ao/o)

Isto é para eu fazer *isto é para mim*

SUJ. INFINITIVO NÃO SUJ.

Usam-se os pronomes retos **eu** e **tu** para sujeito de infinitivo. Os oblíquos **mim** e **ti** para outras funções.

Prática

■ Complete as lacunas.

92. Aquilo era para _____ fazeres. Aquilo era para _____. (tu/ti)
93. A peça era para _____ escrever. A peça era para _____. (mim/eu)
94. A peça era para _____ e _____ escrevermos. (mim e ti/eu e tu)

Está na hora de	*a onça*	*beber*	*água*
Está na hora	*da onça*	*beber*	*água*
	SUJEITO	INFINITIVO	

A maioria dos gramáticos prefere a primeira construção, apontando na segunda frase um erro: o sujeito preposicionado **da onça**.

Prática

■ Assinale as melhores alternativas.

95. Está na hora de o José sair.
96. Isto é difícil dela entender.
97. Está na hora do José sair.
98. Isto é difícil de ela entender.

Pedir ~~para que~~

Pedir	a alguém (lhe)	algo
Pedir	a alguém (lhe)	que faça algo
Pedir	(licença, permissão, vênia...)	para fazer algo

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

99. ( ) O presidente da mesa pediu para que José saísse.
100. ( ) O presidente da mesa pediu que José saísse.
101. ( ) Ele pedia a José para sair.
102. ( ) Pediu-lhe que saísse.

Não disse o em que acreditava
Não disse no que acreditava

Embora a primeira construção seja a mais erudita, a segunda também já é aceita.

Prática

■ Transforme as seguintes construções em sua forma erudita.

103. Não perguntou do que falávamos. _____
104. Não sei no que pensar. _____

Ter de ≠ ter que...

Tenho de fazer = obrigatoriedade, necessidade, firme propósito (construção castiça).

Tenho que fazer (**que** com valor de preposição, uso moderno).

Hei de fazer = promessa, intenção.

Tenho **muito que** fazer. Tenho **o que** fazer. (**que** = pron. relativo com antecedente).

Onde ≠ Aonde

Onde é advérbio ou pronome relativo. **Aonde** é a mesma palavra antecipada da preposição **a**.

É a regência do verbo que define a preposição que vai anteceder o **onde**.

Moro em... > Moro onde... > Onde moro?

Vou **a**... > Vou **a**onde... > **A**onde vou?

Venho **de**... > Venho **de** onde... > **De** onde venho?

Venho **por**... > Venho **por** onde... > **Por** onde venho?

Venho **para**... > Venho **para** onde... > **Para** onde venho?

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre o uso de "onde".

105. ( ) A palavra **onde** pode ser ou não antecedida por uma preposição.
106. ( ) A única preposição que se junta numa só palavra com o **onde** é "a".
107. ( ) Podem fazer uma só palavra com **onde** as preposições "de" e "a": Não sabemos normalmente **donde** viemos nem **aonde** vamos.
108. ( ) É mais comum, no português do Brasil, usar-se **de onde**, do que **donde**.
109. ( ) Só se sabe se o **onde** deve ser antecedido de preposição, e que preposição é essa, vendo a regência do verbo ao qual está subordinado.

Sintaxe do verbo haver

	CONSTRUÇÃO	FUNÇÃO	SENTIDO
1	**Há** pensado, **havia** dito.	auxiliar	(= ter)
2	Como você **houve** tanto dinheiro?	principal	(= conseguir)
3	Como você **se houve** na festa?	principal	(= comportar-se)
4	Você vai **haver-se com** ela.	principal	(= ajustar contas)
5	**Hei** admiração por você. (arcaico)	principal	(= ter)
6	Ele **havia por** correta aquela fala.	principal	(= considerar)
7	Ele **houve por bem** concordar.	locução	(= dignar-se)

Prática

■ Passe as construções vistas de 1 a 7 para as pessoas que se pedem.

110. 1, para a 1ª do plural: _____ .
111. 2, para a 3ª do plural: _____ .
112. 3, para a 1ª do singular: _____ .
113. 4, para a 2ª do singular: _____ .
114. 5, para a 1ª do plural: _____ .
115. 6, para a 2ª do plural: _____ .
116. 7, para a 2ª do plural: _____ .

Observação:

Quando um pronome pessoal átono de terceira pessoa for complemento de verbo, usar-se-á o pronome **o (a, os, as)** para os verbos que não exigem preposição; usar-se-á o pronome **lhe (lhes)** para os verbos que exigem preposição "a", sendo que **lhe** só é usado para pessoas. Para **coisas**, usa-se **a ele (a ela, a eles, a elas)**.

Auxiliei **meus amigos** quando precisaram.
Auxiliei-**os** quando precisaram.

Lembrei **aos amigos** o compromisso.
Lembrei-**lhes** o compromisso.

Prática

■ Substitua os nomes destacados pelos pronomes átonos **lhe**, **lhes**, **o**, **a**, **os**, **as**.

117. Chamei **as crianças** para almoçar.
Chamei-_____ insistentemente.

118. O funcionário apenas obedeceu **ao supervisor**.
Obedeceu-_____sem pensar.

119. Nada devo **a você**.
Nada_____ devo, com certeza.

120. Só poderei pagar **essa dívida** quando receber o salário.
Agora não _____ posso pagar.

121. Só poderei pagar **ao credor** quando receber o salário.
Logo _____ pagarei.

122. Não assisti **ao filme** quando passou naquele cinema.
Assisti _____ depois.

123. Como você, aspiro à gloria.
Aspiro _____ e conseguirei.

Complemento de regências diferentes

Não se usa um mesmo complemento para verbos que têm regências diferentes.

Errado

Precisava e encontrei **o material** de acampamento.
Assisti, mas não gostei **do filme**.

Usa-se um complemento para cada verbo:

Correto

Precisava **do material** de acampamento e encontrei-**o**.
Assisti **ao filme**, mas não gostei **dele**.

■ Corrija, se necessário, as orações abaixo.

124. Aceito, mas não concordo com seu protesto.
_____ .

125. Amo e lutarei por meus filhos.
_____ .

126. Recebemos e já encaminhamos sua solicitação.

_____ .

127. Conheço e obedeço às leis.

_____ .

Observação:

Quando o complemento de um verbo for um **pronome relativo**, a regência deve ser corretamente seguida antes do pronome.

Conheço a pessoa **de** que falaste. (falar **de**)

Este é o lugar **em** que vivi. (viver **em**)*

REGÊNCIA NOMINAL

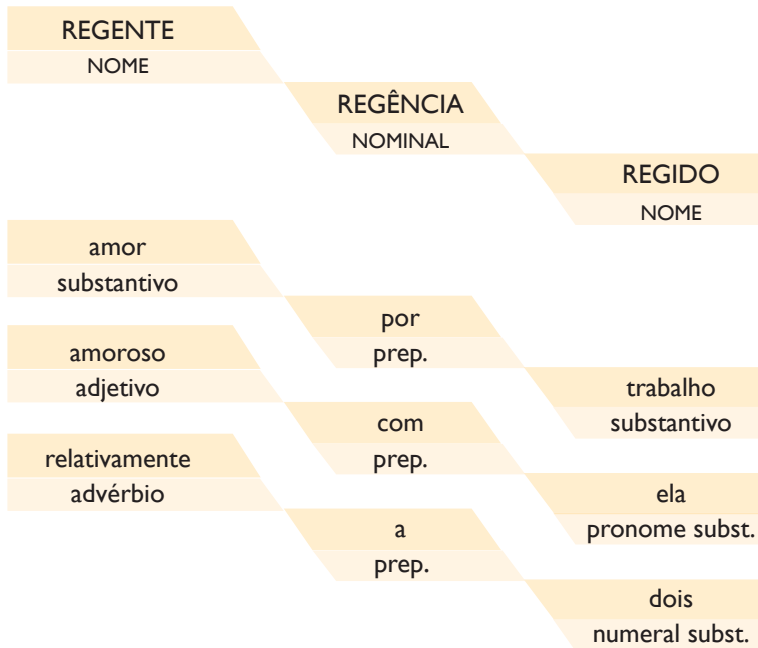

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, observando o gráfico acima.

128. ( ) Quando o regente é um nome, a regência é nominal.

* *Vide*, em *Análise Sintática Visual*, Período: Orações subordinadas adjetivas.

129. ( ) Regência nominal é a relação que existe entre o nome regente e o seu termo regido, *por intermédio de uma preposição*.

130. ( ) Como se pode dizer "*amor às* artes" e "*amor pelas* artes", conclui-se que a regência de um mesmo nome pode também se dar por intermédio de diferentes preposições.

131. ( ) Todo advérbio é nome.

132. ( ) O termo regido é de natureza substantiva.

133. ( ) Pode um advérbio se formar pelo acréscimo da terminação ***mente*** a um adjetivo: relativo + mente = relativamente.

134. ( ) Nesse caso (advérbio com base nominal), o advérbio herda a regência do adjetivo: relativo a → relativamente a.

135. ( ) É essa uma das explicações para a regência do advérbio chamar-se regência nominal.

Um mesmo regido para mais de um regente

Observação:

Um mesmo termo pode ser regido por dois ou mais nomes apenas quando esses nomes aceitam a mesma preposição.

Estou louco e atraído **por ela**. (louco por, atraído por)

Prática

■ Corrija a frase, desdobrando o termo regido.

Ele é contrário e impaciente com mentiras.

136. _____

■ Escolha a preposição adequada à lacuna.

137. Isso diz respeito somente _____ interessados. (aos/com os)

138. Demonstrava um grande respeito _____ suas opiniões. (por/de)

139. Não tentou ajudar aquela pessoa _____ quem sentia desprezo. (de/por)

140. Identificaram-se as substâncias _____ que era constituída a mistura. (para/de)

141. É um caso difícil _____ encontrar. (a/de)

Um mesmo regente para mais de um regido

Um mesmo termo regente, quer seja nome ou verbo, pode ter mais de um regido. Observe as frases a seguir e assinale C ou E nas afirmações que as seguem.

a) Ela sempre gostou *de conquistar, de sobressair, de dominar*...

b) Na época, demonstrava interesse *por sapatos, por luvas* e *por chapéus*.

c) Fazia jus *a ser criticada*, porém não *a sofrer discriminação*.

142. ( ) Em "a", as expressões em itálico são regidas pelo mesmo verbo **gostar**.
143. ( ) Em "b", os termos em itálico estão sob a regência do verbo **demonstrar**.
144. ( ) Em "b", os termos em itálico estão sob a regência do substantivo **interesse**.
145. ( ) Em "c", as orações em itálico estão regidas pelo substantivo **jus**.

Regência dos substantivos e adjetivos mais frequentes

adequado a
afável com, para com
alheio a
amoroso com, para com
análogo a
ansioso de, por
anterior a
aparentado com
apto a, para
atento a, em
avaro de
aversão a, em, para, por
avesso a, de, em
ávido de
bacharel em
benéfico a
bom para
capaz de, para
cego a
certo de
cheiro a, de
cobiçoso de
coetâneo de
coevo a, de
comum a, de
conforme a, com
constante em
contente com, de, em, por
contemporânea a, de
contíguo a
contrário a
cruel com, para com
cuidadoso com
cúmplice de, em
curioso a, de, para
desatento a
descontente com
desejoso de
desfavorável a
desleal a
devoto a, de
devoção a, com, para com, por
diferente de
difícil de
digno de
diligente em, para
dessemelhante de
ditoso com
diverso de
doce a
dócil a
dotado de
doutor em
duro de
dúvida acerca de, com, de, em, sobre
empenho de, em, por
entendido em
erudito em
escasso de
essencial a, para
estranho a
exato em
fácil a, de, para
favorável a
falho de, em
feliz com, de, em, para, por
fértil de, em
fiel a
firme em
forte de, em
fraco com, de, em, para, por
furioso com, de
grato a
hábil em

habituado a, com, em
horror a
hostil a, contra, para com
ida a
idêntico a
imediato a
impaciente com
imune a, de
impotente contra, para
impróprio para
inábil para
inacessível a, para
incapaz de, para
incompatível com
incompreensível para
inconsequente com
inconstante em
incrível a, para
indébito a
indeciso em
indiferente a
indigno de
indulgente para, para com
inerente a
ingrato com, para com
insaciável de
insensível a
intolerante com, para com
leal a
lento em
liberal com
maior de
mau com, para com
menor de
morada em
natural de
necessário a
nobre de, em, por
nocivo a
obediente a
obsequioso com
orgulhoso com, de, para com
parco de, em
parecido a, com
possível de
peculiar a
perito em
pernicioso a
pertinaz em
piedade de
pobre de
poderoso em, para
possível de
posterior a
prático em
presto a, para
pródigo de, em
propício a
propínquo de
próprio para, de
proveitoso a
próximo a, de
querido de, por
rente a, com, de
respeito a, com, de, por
rico de, em
sábio em, para
sedento de, por
seguro de, em
sensível a
sito em (e não "a")
situado em, entre
soberbo com
solícito com
sujo de
suspeito a, de
temeroso de
temível a
transido de
triste com, de
último a, de, em
união a, com, entre
único a, em, entre
útil a, para
vazio de
visível a
vizinho a, de

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, para certo ou errado.

146. ( ) Éramos em cinco na festa.
147. ( ) Éramos cinco na festa.
148. ( ) São excelentes pessoas, cuja colaboração estamos desejosos.
149. ( ) São excelentes pessoas, de cuja colaboração estamos desejosos.
150. ( ) É preferível perder a vida do que morrer.
151. ( ) É preferível perder a vida a morrer.
152. ( ) Ele é especialista e obediente às leis.
153. ( ) Ele é especialista em leis e obediente a elas.
154. ( ) Ela está desejosa e ansiosa por vencer.
155. ( ) Ela está desejosa e ansiosa de vencer.
156. ( ) Ela tem um sítio vizinho ao meu.
157. ( ) Compraste uma casa vizinha do meu terreno.
158. ( ) Com raiva ela bateu a porta.
159. ( ) Ela bateu à porta. Em seguida bateu na porta.
160. ( ) É dono de um terreno sito à Rua Alvorada.
161. ( ) Minha casa, sita na rua do Cais, nunca foi alagada.
162. ( ) Estamos situados no meio do problema.
163. ( ) Ele é avesso por ajuda de estranhos.
164. ( ) Júlia estava cobiçosa por ajuda.
165. ( ) Ele é devoto a Júpiter; ela é devota de Santa Teresa.

Observação:

Quando o regido for uma oração subordinada, é comum na norma popular e na linguagem coloquial deixar subentendida a preposição. (elipse da preposição)

Tenho necessidade ↓ que te protejam.

(de) elíptico

Porém, na norma culta, dá-se preferência à preposição expressa, e não elíptica.

Prática

■ De acordo com a norma culta, ou padrão, da Língua Portuguesa, assinale **C** ou **E**, para certo ou errado, referentemente à regência.

166. ( ) O delegado tinha certeza que tudo fora explicado.
167. ( ) O delegado tinha certeza de que tudo fora explicado.
168. ( ) Eu preciso que a encontrem.
169. ( ) Eu preciso de que a encontrem.
170. ( ) Estava receoso que tudo desse errado.
171. ( ) Estava receoso de que tudo desse errado.
172. ( ) Tinha confiança que tudo sairia certo.
173. ( ) Tinha confiança em que tudo sairia certo.

Prática Geral

174. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Observe as palavras destacadas e indique a frase que apresenta regência nominal **correta**.
a) Por ser muito estudioso, ele tinha grande **amor** a seus livros.
b) Havia muitos anos que não via o filho, por isso estava **ansioso** em vê-lo.
c) **Alheio** para com o julgamento, o réu permanecia calado.
d) Coitado! Foi preso porque era **suspeito** por um crime que não cometeu.
e) Tínhamos o **propósito** em dizer toda a verdade, mas nos impediram de fazê-lo.

175. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) A frase que apresenta **erro** de regência do verbo **assistir** é:
a) Não fui ver o filme, embora quisesse assistir-lhe.
b) Não lhe assiste o direito de humilhar ninguém.
c) Ele assiste às aulas sempre com muita seriedade.
d) Aqueles médicos assistem os doentes com dedicação.
e) Assistiu aos jogos da Seleção sem nenhum entusiasmo.

176. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Observe, nos períodos abaixo, a regência dos verbos e dos nomes.
I – As constantes faltas ao trabalho implicaram a sua demissão.
II – Procederemos à abertura do inquérito.
III – O cargo a que aspiramos é disputado por todos.
IV – Prefiro mais estudar do que trabalhar.
V – Sua atitude é incompatível ao ambiente.
Assinale a sequência que corresponde aos períodos **corretos**:
a) I, II, IV.
b) II, III, IV.
c) II, IV, V.
d) I, II, III.
e) I, III, IV.

177. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Marque a alternativa cujas palavras preenchem **corretamente** as respectivas lacunas, na frase seguinte:
"Necessitando _____ o número do cartão do PIS, _____ a data de meu nascimento." (Revendo Semântica)
a) ratificar / proscrevi.
b) prescrever / discriminei.
c) descriminar / retifiquei.
d) proscrever / prescrevi.
e) retificar / ratifiquei.

178. (ITA/Vest.) Assinale a opção **correta** quanto à regência.
Paradoxalmente, a redução das Forças Armadas iraquianas_____ proporções inferiores _____ necessárias _____ preservação do equilíbrio _____ nações vizinhas não é desejável, sobretudo _____

luz dos acontecimentos recentes, que atestam quanto é pequena a resistência desses países _____ tentações criadas _____ vácuo militar.

a) a / às / na / ante às / à / pelas / no.
b) a / às / à / com as / à / às / pelo.
c) em / àquelas / pela / nas / pela / em / pelo.
d) à / das / à / das / a / com as / do.
e) às / às / para a / ante as / com a / às / por.

179. (AFRESP/N.S.) Assinale a alternativa **correta**.
_____, por algum tempo, os elementos detidos.

a) Preveni-o que retesse.
b) Preveni-lhe que retesse.
c) Preveni-o de que retivesse.
d) Preveni-lhe de que retivesse.

180. (AFRESP/N.S.) Assinale a alternativa **correta**.
_____ crer que você tenha sido capaz de _____ a aceitar o cargo.

a) Custa-me / persuadi-lo.
b) Custo a / persuadir-lhe.
c) Custa-me / persuadir-lhe.
d) Custo a / persuadi-lo.

181. Assinale a opção em que a regência verbal, de acordo com as normas gramaticais, está **incorreta**.

a) O papeleiro custou muito a se esquecer da Baixinha.
b) Os vizinhos assistiam o papeleiro com sobras de comidas.
c) O dono da carrocinha pagou ao ajuntador de papéis a importância devida.
d) O personagem preferia a cachaça ao café.
e) O homem já não se lembrava mais do que era um bom banho.

182. Assinale a frase com **erro** de regência.

a) Aspiro ao cargo de chefe do departamento de Desenho Artístico.
b) Assisti aos debates dos estudiosos da arte.
c) Obedeça aos mestres das épocas passadas.
d) Abracei-lhe dizendo que era um ótimo artista e desenhista.
e) João, vim aqui para ajudá-lo.

183. Analise as construções abaixo.
I – A lei permite que o sujeito fique livre.
II – A lei permite-lhe ficar livre.

Assinale a opção **correta**.

a) Em II, o pronome pessoal não exerce função de complemento verbal.
b) Os dois períodos têm sentido equivalente, embora apresentem regências diferentes.
c) A regência não está correta em I.
d) Em I, o conectivo **que** tem, também, a função de objeto direto.
e) Os dois períodos apresentam a mesma regência e o mesmo sentido.

Colocação ou Topologia Pronominal

Existem três posições para os pronomes oblíquos átonos – me, te, se, nos, vos, o(s), a(s), lhe(s) – em relação ao verbo:

PRÓCLISE **VER** MESÓCLISE **BO** ÊNCLISE

A colocação pronominal (ou topologia pronominal) deve ser estudada considerando a relação dos pronomes oblíquos átonos com:

I – um só verbo;

II – o infinitivo;

III – as locuções verbais.

COM UM SÓ VERBO

PRÓCLISE **VERBO**

São fatores de próclise obrigatória

Os fatores obrigatórios que atraem o pronome para **antes** do verbo são:

Palavra negativa ou advérbio (não seguidos de pausa)

Prática

■ Escolha a letra que corresponde à lacuna a ser preenchida corretamente com o pronome entre parênteses.

1. Ele escreveu de uma maneira que **não** _____ (a) limita _____ (b) a apresentar os fatos. (se)
2. Ele é gente boa, **nunca** _____ (a) meteu _____ (b) em confusão. (se)
3. **Nunca**; _____ (a) partiu _____ (b), assim mesmo, o coração. (me)
4. Mesmo doente, **jamais** _____ (a) isolei _____ (b) dentro de casa. (me)

5. **Jamais,** _____ afirmo _____ de novo. (lhe)
   a b
6. O psiquiatra apoiou-o e **hoje** _____ considera _____ curado. (se)
   a b
7. **Amanhã** _____ tornar- _____-ás um líder. (te)
   a b
8. **Amanhã,** _____ tornar- _____-ás um líder. (te)
   a b
9. Nós **sempre** ____ sentimos ____ bem durante os longos voos. (nos)
   a b
10. Na mesma noite, recebeu a notícia de que **talvez** _____ tivessem _____ levado. (o)
    a b

Pronome relativo

Prática

■ Escolha a lacuna adequada à colocação pronominal.

11. Não criticava os meios de comunicação, **que** _____ davam _____ espaço. (lhe)
    a b
12. Não faltaram barracas, **onde** _____ abrigamos _____. (nos)
    a b
13. A injustiça foi maior pelo modo **como** _____ trataram____. (te)
    a b

Pronome indefinido ou numeral <u>ambos</u> (não seguidos de substantivo)

Prática

■ Escolha a lacuna adequada.

14. Agora, **tudo** _____ serve _____ como desculpa. (lhe)
    a b
15. **Muitos** _____ valerão _____ do seu apoio incondicional. (se)
    a b
16. Esse episódio revelava que **ninguém** _____ apoiaria _____. (a)
    a b
17. A verdade é que **ambos** _____ desentenderam _____. (se)
    a b

Pronome demonstrativo (não seguido de substantivo)

Prática

■ Escolha a lacuna.

18. Não era a primeira vez que **isso** _____ acontecia _____. (lhe)
    a b
19. **Aquele** _____ realizou _____ com o objetivo de discutir um assunto polêmico. (se)
    a b

Conjunção subordinativa (mesmo subentendida)

Prática

■ Escolha a lacuna.

20. Se _____ (a) sentia _____ (b) mal no trânsito, parava. (me)
21. Tratar sem medicamento, como _____ (a) vê _____ (b), é possível. (se)
22. Caso _____ (a) encontre- _____ (b), diga-lhe que ____ (c) esperamos ____ (d). (o, o)
23. Peço _____ (a) faças _____ (b) um favor. (me)

Oração exclamativa

Prática

■ Complete as lacunas certas.

24. Como _____ (a) custou _____ (b) caro a liberdade! (nos)
25. Quanto tempo _____ (a) perde ____ (b) com coisas inúteis! (se)

Oração interrogativa (com verbo flexionado)

Prática

■ Complete as lacunas certas.

26. Ele me perguntou por que _____ (a) apoiei _____ (b). (te)
27. Quem _____ (a) habilita _____ (b) a investir num setor falido? (se)

Oração optativa (exprime desejo, sem verbo que o exprima, e tem entonação exclamativa)

Prática

■ Complete as lacunas certas.

28. Bons ventos _____ (a) levem _____ (b). (o)
29. Deus _____ (a) acompanhe _____ (b). (te)
30. Que a terra _____ (a) seja _____ (b) leve. (lhe)

Em + verbo no gerúndio

Prática

■ Complete as lacunas certas.

31. Em _____ (a) tratando _____ (b) de política, ele se abstém de opinar. (se)

32. Em _____ falando _____ de filosofia, é impossível ignorar os gregos. (se)
a b

Sujeito expresso por pronome reto ou de tratamento (anteposto ao verbo)

Prática

■ Complete as lacunas certas.

33. Eu _____ lembro _____. (me)
a b

34. Tu _____ lembras _____. (te)
a b

35. Ele _____ lembra _____. (se)
a b

36. Você _____ lembra _____. (se)
a b

37. Nós _____ lembramos _____. (nos)
a b

Observação:

Fator Facultativo da Próclise

Sujeito expresso por substantivo anteposto ao verbo

Exemplo: As grandes estrelas / se escondem / em suas mansões.
As grandes estrelas / escondem-se / em suas mansões.

VER - MESÓCLISE - BO

A mesóclise ocorre somente com verbos no futuro do presente ou no futuro do pretérito (o verbo é dividido após a última letra "r").

Encontrar-**se**-ão novas maneiras de resolver esses problemas.

Esse material ser-**nos**-ia muito útil.

Havendo um fator de próclise obrigatória, não use mesóclise.
Não se encontrarão novas maneiras de resolver esses problemas.
Qualquer um nos seria útil agora.

Admite-se, optativamente, a próclise com verbos no futuro do presente ou do pretérito, quando o sujeito da oração está expresso, anteposto ao verbo.
A cidade curvar-**se**-ia aos seus encantos.
A cidade **se** curvaria aos seus encantos.

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

38. ( ) Farei-me poeta.
39. ( ) Fazer-me-ei poeta.
40. ( ) Far-me-ei poeta.
41. ( ) Faria-me poeta.
42. ( ) Fazer-me-ia poeta.
43. ( ) Far-me-ia poeta.
44. ( ) A sirene despertar-me-á.
45. ( ) A sirene me despertará.

VERBO ■ ÊNCLISE

Normalmente os pronomes oblíquos átonos são usados como objeto direto ou objeto indireto. Nesse caso, a posição **preferencial**, segundo a norma culta, ou padrão, é a **ênclise**, porque, na ordem direta, os objetos vêm após o verbo.

Casos de ênclise

Orações iniciadas por verbo (que não esteja no futuro do presente ou do pretérito): ênclise obrigatória.

Prática

■ Faça a colocação pronominal correta.

46. ____ (a) Evidencia-____ (b) uma certa má vontade em sua atitude. (se)
47. ____ (a) Contou-____ (b) essa história um antigo morador do lugar. (me)
48. ____ (a) Uni-____ (b) para vencer. (vos)

Verbo no imperativo afirmativo: ênclise obrigatória, inexistindo termo atrativo.

Prática

■ Faça a colocação pronominal correta.

49. Pegue qualquer um dos livros. ____ (a) Leia-____ (b). (o)
50. Aqui estão as cartas: ____ (a) remeta-____ (b). (as)
51. Tome uma decisão e ____ (a) firme-____ (b) nela. (se)

Atenção:

Em provas, quando você tiver dúvida, e não houver fator obrigatório de próclise, opte pela mesóclise ou ênclise, que são as tradicionalmente preferidas pela norma culta, ou padrão.

Prática

■ Opte pela preferência da norma erudita.

52. Mas as pessoas ____ (a) sentem ____ (b) capazes de ajudar. (se)
53. As meninas ____ (a) arrepender-____ (b)-iam, anos mais tarde. (se)

COM INFINITIVO

1. A ênclise ao infinitivo estará sempre correta.

   Ver bem é enxergar-se.
   Bastou olharem-se e...

2. Quando o infinitivo vier preposicionado, mesmo havendo fator de atração, pode-se construir com **próclise** ou **ênclise**.

   Veio-lhe o impulso **para não me** chamar.
   Veio-lhe o impulso **para não** chamar-**me**.

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

54. ( ) Ela estava ali para te ver.
55. ( ) Ela estava ali para ver-te.
56. ( ) Tinha intenção de não te ofender.
57. ( ) Tinha intenção de não ofender-te.

Atenção:

Se o infinitivo vier precedido da preposição **a**, não se pode juntá-la ao oblíquo o (a, os, as), e a próclise é proibida.

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

58. ( ) Estava decidido a a convidar.
59. ( ) Estava decidido a convidá-la.
60. ( ) Estava propenso a o perdoar.

61. ( ) Estava propenso a perdoá-lo.
62. ( ) Estava decidido a te convidar.
63. ( ) Estava decidido a convidar-te.

COM LOCUÇÃO VERBAL

As locuções verbais se formam com **verbo auxiliar** e **verbo principal**, podendo o principal estar no **infinitivo**, no **gerúndio** ou no **particípio**.

V. AUXILIAR	+	INFINITIVO
vou		amar

V. AUXILIAR	+	GERÚNDIO
estou		amando

V. AUXILIAR	+	PARTICÍPIO
tenho		amado

FORMA 1		FORMA 2
Vou-te amar	ou	Vou te amar?
Estou-te amando	ou	Estou te amando?
Tenho-te amado	ou	Tenho te amado?

64. Você prefere a forma 1 ou 2? _____
65. A norma culta, ou padrão, prefere qual das duas? _____

!! Atenção: COM LOCUÇÃO VERBAL

1. O particípio **nunca** aceita a ênclise.

   Tenho amado-~~te~~.

2. O particípio não aceita oblíquo átono, somente tônico (preposicionado).

   Tenho amado **a ti**.

3. O infinitivo e o gerúndio **sempre** aceitam **ênclise**.

   Estou amando-**te**.

Não estou amando-**te**.
Vou beijar-**te**.
Não vou beijar-**te**.

4. Os auxiliares aceitam próclise, ênclise ou mesóclise como se fossem um verbo só, segundo as regras já vistas.

Vou-**te** amar.
Não **te** vou amar.

5. O pronome átono pode vir solto entre verbos se estiver preposicionado:

Começou **a lhe** dizer.
Gostava **de me** agradar.

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

66. ( ) Eu me devo calar.
67. ( ) Eu devo me calar.
68. ( ) Eu devo-me calar.
69. ( ) Eu devo calar-me.
70. ( ) Ele vai arrastando-se.
71. ( ) Ele se vai arrastando.
72. ( ) Ele vai se arrastando.
73. ( ) Ele vai-se arrastando.
74. ( ) Eles haviam-me avisado.
75. ( ) Eles me haviam avisado.
76. ( ) Tu não te deverias calar.
77. ( ) Tu não dever-te-ias calar.
78. ( ) Tu não deverias te calar.
79. ( ) Tu não deverias calar-te.
80. ( ) Deverias-te calar.
81. ( ) Deverias calar-te.
82. ( ) Dever-te-ias calar.
83. ( ) Deverias te calar.
84. ( ) Eles haviam me avisado.
85. ( ) Eles haviam avisado-me.

86. Se, numa questão, um examinador pede a forma **incorreta** e você percebe que todas as alternativas estão certas, mas uma delas apresenta um oblíquo átono solto entre dois verbos, é essa que você deve escolher. Quais os números do exercício anterior que podem ser considerados **errados**, segundo as visões mais tradicionais?
Resp.: _____

Prática Geral

87. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Assinale a frase em que o pronome oblíquo átono está colocado **incorretamente**.
a) O guarda chamou-nos a atenção para os pivetes.
b) Quantas lágrimas se derramaram pelo jovem casal!
c) Ninguém nos convencerá de que esta notícia seja verdadeira.
d) As pessoas afastaram-se daquele pacote suspeito.
e) O vizinho cumprimentou o casal, se retirando imediatamente.

88. (BRB/N.M./IDR) Assinale a sentença em que foram respeitadas as regras de colocação dos **pronomes oblíquos átonos**.
    a) Em se tratando de denúncias contra funcionários do alto escalão, nada o impedia de divulgar informações esclarecedoras.
    b) Jamais entregar-lhe-ei a fita gravada a que se referiu o delegado durante o inquérito, lhe disse o acusado em alto e bom som.
    c) Lhe contou tudo que sabia, pouco importando-se com o fato inevitável de todos voltarem-se contra ele.
    d) Restringirei-me a mencionar fatos que relacionam-se diretamente à matéria tratada neste relatório.

89. (ATCL-DF/N.S./IDR) Indique o período **correto** quanto à colocação do pronome pessoal oblíquo átono.
    a) Se o considerasse incapaz, jamais dar-lhe-ia tal incumbência.
    b) Meu pai trouxe-o de Londres e pediu-lhes que não deixassem-no estragar.
    c) Não o aceitariam, em hipótese alguma, nem deixar-se-iam enganar.
    d) Não se esqueça de consertá-lo e de devolvê-lo o quanto antes.

90. Assinale a frase **incorreta** quanto à colocação de pronomes átonos.
    a) O que lhe contei é a pura verdade.
    b) Nunca repita-me tal coisa.
    c) Já se pôs o Sol no horizonte.
    d) Alguém me disse para ficar aqui.
    e) Sempre me lembro dela com carinho.

91. Assinale o item que apresenta pronome átono colocado **corretamente**.
    a) Nesta loja, se compram os mais variados artigos.
    b) Dizia-se que ele enlouquecera.
    c) Fui eu quem falou-te daquela vez.
    d) A estátua que dedicaram-lhe é de pedra.
    e) Quem obrigou-te a assinar aquele documento?

92. De acordo com a norma culta, assinale a construção **incorreta**.
    a) As crianças também se tinham esquecido.
    b) Passada a surpresa, ainda se sentiu mais borocochô.
    c) Engasgado, não confessou-lhe toda a verdade.
    d) Os quinze minutos atropelaram-se.
    e) Sua mulher, seus filhinhos e a secretária já o esperavam cantando "Parabéns para você".

■ Coloque os pronomes oblíquos nos locais adequados.

93. Fiquei duas horas a _____ (1) esperar _____ (2). (o)

94. De repente veio o grito: _____ (1) prepara _____ (2) para a luta. (te)

95. Ensina-se o bem, _____ (1) fazendo _____ (2). (o)

96. _____ (1) junta _____ (2) aos bons e serás um deles. (te)

97. Não _____ (1) preocupar _____ (2) emos com isso. (nos)

98. _____ (1) deite _____ (2), gritou a irmã. (se)

99. Quantas alegrias _____ (1) conquistaram _____ (2) nas Olimpíadas! (se)

100. Quem _____ (1) matriculou _____ (2) primeiro? (se)

101. Deus _____ (1) guarde _____ (2) meu filho! (te)

102. Em _____ (1) tratando _____ (2) de opções, temos três. (se)

103. Ninguém _____ (1) ajudou _____ (2) a _____ (3) convencer _____ (4). (nos/o)

104. Há pessoas que _____ (1) admiram _____ (2). (nos)

105. Estarei aí, se _____ (1) convidarem _____ (2). (me)

106. Alguém _____ (1) viu _____ (2) quando _____ (3) abriu _____ (4) aquela porta. (nos/se)

107. Depois, _____ (1) chamaram _____ (2) para dentro. (nos)

■ Nas frases seguintes, pode haver mais de uma opção.

108. _____ (1) sentir _____ (2) ei _____ (3) tranquilo (me), porque o amigo _____ (4) convidou _____ (5). (me)

109. Voltei para _____ (1) convidar _____ (2). (vos)

110. Eu _____ (1) voltar _____ (2) ei _____ (3) para teus assuntos. (me)

111. O Carlos _____ (1) contou _____ (2) a verdade. (lhe)

112. O Carlos _____ (1) contou _____ (2) a verdade? (lhe)

113. Esta _____ (1) dar _____ (2) ia _____ (3) muito prazer. (nos)

■ Continue na prática.

114. Jamais _____ (1) disse _____ (2) o que acho de você. (lhe)

115. Falarei com quem _____ convidou _____. (a)
1 2

116. Viajo hoje mesmo, embora _____ desagrade _____. (te)
1 2

117. À noite, sempre, _____ fecham _____ as portas das casas. (se)
1 2

118. Que a experiência _____ sirva _____ de lição. (nos)
1 2

119. Tudo _____ acalmar _____ á _____. (se)
1 2 3

120. _____ acalmar _____ á _____ tudo. (se)
1 2 3

121. Sempre _____ considerar _____ ei _____ um bom exemplo. (te)
1 2 3

122. Como _____ enganas _____, meu amigo! (te)
1 2

123. _____ dá _____ um abraço bem apertado. (me)
1 2

■ Elimine a primeira palavra e reescreva a frase.

124. Isto me será bastante fácil.

_____

125. Não a beijarei mais.

_____

126. Jamais te perdoarei.

_____

127. Não me trarás resposta.

_____

128. Você o fará bem.

_____

129. Nós nos poremos a seu dispor.

_____

130. (F. C. Chagas) Quanto _____ se _____ no ponto que _____ _____.

a) alegrar-nos-íamos / atendêsseis-nos / solicitamos-vos.
b) alegraríamo-nos / atendêsseis-nos / solicitamos-vos.
c) alegrar-nos-íamos / atendêsseis-nos / solicitamos-vos.
d) nos alegraríamos / atendêsseis-nos / vos solicitamos.
e) nos alegraríamos / nos atendêsseis / vos solicitamos.

131. (F. C. Chagas) Nem sequer _____ das coisas que _____ quando _____ .

a) se lembra / disse-me / procurei-o.
b) se lembra / me disse / procurei-o.

c) lembra-se / disse-me / o procurei.
d) se lembra / me disse / o procurei.
e) lembra-se / me disse / procurei-o.

132. Com relação à colocação pronominal, assinale a descrição gramatical **incorreta**.
a) Em "não tem permitido que se explique", ocorre próclise pronominal porque a forma verbal no particípio rejeita a posição de ênclise.
b) Em "onde menos se imagina", a próclise é obrigatória por tratar-se de estrutura sintática de oração subordinada desenvolvida.
c) Em "Os cargos executivos monopolizam as atenções", a substituição do objeto direto por um pronome pessoal oblíquo resultaria em: **Os cargos executivos monopolizam-nas**.
d) Em "É do prefeito a iniciativa, cabendo aos vereadores acatá-la ou recusá-la", é gramaticalmente inaceitável a colocação pronominal de próclise às formas dos verbos **acatar** e **recusar**.
e) Em "fica difícil fazer o mesmo", a substituição do objeto direto por um pronome pessoal oblíquo resultaria em: **fica difícil fazê-lo**.

Crase

CONCEITUAÇÃO

Observe:

regência

Ela pensa em o irmão.

termo subordinante — prep. — termo subordinado

regência

Ela gosta de o tio.

termo regente — prep. — termo regido

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

1. ( ) A preposição coordena termos.
2. ( ) A preposição une dois termos subordinando o segundo ao primeiro.
3. ( ) É o termo subordinado que determina qual a preposição a ser usada.
4. ( ) A escolha da preposição a ser usada pertence ao termo subordinante e se chama regência.
5. ( ) O termo subordinante é o termo regente.
6. ( ) O termo subordinado é o termo regido.

Prática

7. Ela gosta **de** + **o** José = Ela gosta _____ José.
8. Ela foi **a** + **o** teatro = Ela foi _____ teatro.
9. Ele gostou **de** + **aquele** filme = Ele gostou _____ filme.

Observe:

As preposições contraem-se ou combinam-se com **artigos** e **pronomes** do termo regido.

	preposição		artigo		
Ela foi	a	+	o(s)	teatro(s)	→ a + o(s) = ao(s) teatro(s)
Ela foi	a	+	a(s)	igreja(s)	→ a + a(s) = à(s) igreja(s)

CRASE

	preposição		pronome demonstrativo		
Refiro-me	a	+	o(s)	que ama(m)	[a + o(s) = ao(s) que ama(m)]
Refiro-me	a	+	a(s)	que ama(m)	[a + a(s) = à(s) que ama(m)]

CRASE

	preposição		pronome demonstrativo		
Refiro-me	a	+	aquela(s)	menina(s)	[a + aquela(s) = à quela(s)]
Refiro-me	a	+	aquele(s)	menino(s)	[a + aquele(s) = à quele(s)]
Refiro-me	a	+	aquilo		[a + aquilo = à quilo]

CRASE

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

10. ( ) Crase é fusão de dois "**as**".
11. ( ) O primeiro **a** da crase é uma preposição.
12. ( ) O segundo **a** da crase é uma preposição.
13. ( ) O segundo **a** é um artigo, um pronome demonstrativo ou a vogal inicial do demonstrativo **aquele**, **aquela**, **aquilo**.
14. ( ) **à** ou **às** (com acento grave) indica existência de crase, isto é, fusão de dois **as**.
15. ( ) **à** ou **às** indica existência de substantivo feminino.
16. ( ) O masculino de **à** ou **às** é **ao** ou **aos**.
17. ( ) Para haver crase, é necessário um termo regendo a preposição **a**.
18. ( ) Para haver crase, é necessário que o termo regido seja feminino.
19. ( ) Sempre que houver preposição **a** + **aquela**, **aquele**, **aquilo**, haverá crase.
20. ( ) Sempre que no masculino se escrever **ao** ou **aos**, no feminino haverá crase.

MÉTODO PRÁTICO

Troque a palavra feminina por outra que seja masculina.
Se no masculino aparecer obrigatoriamente **ao** ou **aos**, no feminino haverá crase.
Se no masculino for facultativo **a** ou **ao(s)**, a crase poderá ser usada ou não.

Prática

■ Leve para o feminino.

21. Refiro-me a menino. ➜ Refiro-me _____ menina.
22. Refiro-me ao menino. ➜ Refiro-me _____ menina.
23. Refiro-me a meninos. ➜ Refiro-me _____ meninas.
24. Refiro-me aos meninos. ➜ Refiro-me _____ meninas.

■ Assinale **C** ou **E**.

25. ( ) Entre as práticas 21 e 22 só há diferença na escrita. Semanticamente (= no sentido) são iguais.
26. ( ) Nas práticas 21 e 23, a falta do artigo deixa o substantivo com uma ideia vaga, genérica, indefinida.
27. ( ) Nas práticas 22 e 24, a presença do artigo define, determina o substantivo **menino**. Não se trata mais de qualquer menino, mas de alguém que falante e ouvinte conhecem.

CASOS ESPECIAIS

Crase em locuções

Locuções prepositivas com palavras femininas

à cata de, à moda de, à custa de, à força de, à procura de, à guisa de, à beira de...

Observação:

As locuções prepositivas sempre terminam em **preposição**.

Locuções conjuntivas com palavras femininas

à medida que, à proporção que...

Observação:

Quase todas as locuções conjuntivas terminam em **que**.

Locuções adverbiais com palavras femininas

às vezes, às claras, às ocultas, às pressas, à toa, às fartas, às escondidas, à noite, à tarde, à vista, à direita, à esquerda, à socapa, às terças-feiras.

Prática

■ Corrija, se necessário.

28. Pedro estava a procura de uma desculpa. A medida que ia comendo e a proporção que o dia clareava, também clareavam seus pensamentos. Aquela hora, corria ainda vinho e champanha a farta. Uns bebiam as claras, outros as escondidas, outros as pressas, porém todos a larga.

Crase em lugares

Há topônimos que repelem artigo feminino, portanto não aceitam crase. Teste-os assim: **Venho + de + tôponimo** e use o bom senso.

Se venho **de** Paris, vou **a** Paris.	(só preposição: sem crase)
Se venho **de** Fortaleza, vou **a** Fortaleza.	(só preposição: sem crase)

Mas,

Se venho **da** Bahia, vou **à** Bahia.	(prep. + artigo = crase)
Se venho **da** Itália, vou **à** Itália.	(prep. + artigo = crase)

Faça uso deste processo mnemônico:
Se vou **a** e venho **da**, crase há;
Se vou **a** e venho **de**, crase p'ra quê?

Prática

■ Corrija, quando necessário.

29. Júlia foi a padaria, a manicura, a modista e voltou a repartição antes de viajar. Por pouco não chegava a estação a tempo de tomar o trem que a levaria a Recife. De Recife viajará a Portugal, a Espanha, a França, a Inglaterra, a Holanda e a Israel. É a primeira vez que visitará a Europa. No próximo ano pretende ir a África.

Observação:

No final do século XIX, era chique usar sem artigo topônimos como França, Inglaterra, Espanha, Holanda, África, Ásia..., motivo pelo qual está correto dizer:

Venho de França / Vou a França
Venho de Inglaterra / Vou a Inglaterra

Hoje, porém, tais construções denotam **pedantismo**.

Crase com distância

Distância não definida	O disco foi lançado a distância. Ele estava a distância do grupo.
Distância determinada	Foi lançado **à** distância **de 60 metros**.

Prática

■ Acentue, se for preciso.

30. Ele parou a distância de um quarteirão.
31. Ela chegou a pequena distância da casa.

Crase com horas

Hora exata de relógio	A aula começa **às** oito horas. Ele saiu **às** sete e quinze. Cheguei **à** uma hora da tarde.
Hora aproximada	Vou lanchar daqui **a** uma hora. Vou lanchar daqui **a** três horas.

Atenção para o paralelismo:

O filme vai **de** oito **a** dez e meia.
prep. prep.

O filme vai **das** oito **às** dez e meia.
prep. + artigo prep. + artigo

Prática

■ Preencha adequadamente as lacunas.

32. É bom chegares ___ duas horas.
33. ___ três horas que gastou no trabalho foram recompensadas.
34. Estudo de duas ___ quatro horas por dia.
35. Trabalho das oito ___ dezoito.

Atenção:

A quebra do paralelismo na crase torna mais evidente e próximo o sentido do termo antecedido pelo artigo.

O filme vai de oito às dez e meia em ponto.
Refiro-me a Tereza e à Júlia.

Crase com pronomes relativos

a) Conheço o homem **cujo** filho passou em primeiro lugar, e **cuja** irmã chegou da Índia.	Nunca há crase antes de **cuja(s)** porque este pronome não aceita artigo.
b) Eis o rapaz **ao** qual me referi. Eis a moça **à** qual me referi. Eis as moças **às** quais me referi.	Usa-se **à qual**, **às quais**, com crase, quando se opõem a **ao qual**, **aos quais**.
c) Refiro-me **ao** que usa bigode. Refiro-me **à** que usa luvas. Refiro-me **aos** que usam bigode. Refiro-me **às** que usam batom. Eis o rapaz **a** que me referi. Eis a moça **a** que me referi.	Usa-se **à que**, **às que**, com crase, quando se opõem a **ao que**, **aos que**. Neste caso, é CRASE da preposição **a** com o **pronome demonstrativo a(s)**, que é igual a **aquele(a)**.

Prática

■ Corrija.

36. Ela se dirigiu aquele que estava a meu lado e a que se mantinha em pé.
37. Este é o senhor a cuja filha me aliei.
38. Não me presto aquilo que vocês querem.
39. Admiro aquela deputada, a que te uniste.

Crase com casa

a) Cheguei **de** casa hoje. Estou **em** casa agora. Voltei **a** casa ontem.	**Casa** significando **própria morada** não aceita artigo, portanto não há crase.
b) Cheguei d**a** casa **de José**. Estou n**a** casa **nova**. Regressou **à** casa **materna**. Voltou **à antiga** casa. Referiu-se **à** casa **de Orleans**.	Quando a palavra **casa** aparece acompanhada de um determinante, justifica-se a presença do artigo e se justifica a crase, mas não é obrigatório.

Prática

■ Qual a diferença de sentido?

40. Referia-se a belas casas.	Referia-se às belas casas.
41. Estou em casa de José.	Estou na casa de José.
42. Vou a casa de José.	Vou à casa de José.

Crase com terra

a) Os astronautas voltaram **à** Terra. Voltou **à** terra em que estudou. O lavrador se apega **à** terra que cultiva. Do céu **à** terra, o infinito.	Normalmente a palavra **terra** aceita artigo e, portanto, CRASE.
b) Estamos a bordo mas vamos **a** terra. Chegado o navio, os marujos desceram **a** terra.	Em linguagem náutica, **terra** opõe-se a **bordo** e não usa artigo. Portanto, SEM CRASE.
c) Os marujos desceram **à** terra **dos Vikings**.	Uso de determinante justifica o artigo e a crase.

Crase com até ou até a

Prática

■ Use **até**

43. Caminharam _____ o portão.
44. Ele foi _____ a divisa.
45. Ele chegou _____ aquele morro.

Use **até a**

Caminharam _____ o portão.
Ele foi _____ a divisa.
Ele chegou _____ aquele morro.

Como não se sabe se foi usada a preposição **até** ou a locução prepositiva **até a**, a crase é facultativa.

Crase com pronomes possessivos

Refiro-me **a(o)**	teu	irmão	e não **ao**	meu	∅
preposição / artigo (facultativo)	PRON. POSSESS.	SUBSTAN-TIVO	preposição / pronome demonstrativo (obrigatório)	PRON. POSSESS.	∅

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

46. ( ) O possessivo pode vir seguido de substantivo.
47. ( ) O possessivo pode vir sozinho, isto é, não seguido de substantivo.
48. ( ) O possessivo seguido de substantivo pode ou não usar artigo: meu filho/o meu filho.
49. ( ) O possessivo sozinho, isto é, sem substantivo, usa artigo.
50. ( ) O possessivo sozinho vem antecedido de pronome demonstrativo obrigatório.
51. ( ) Quando o possessivo feminino vem acompanhado de substantivo, a crase é facultativa.
52. ( ) A crase antes de possessivo feminino só é obrigatória quando o possessivo não vem acompanhado de substantivo.
53. ( ) Refiro-me a tua irmã e não a minha.
54. ( ) Refiro-me à tua irmã e não à minha.
55. ( ) Refiro-me a tua irmã e não à minha.
56. ( ) Refiro-me a tuas irmãs.
57. ( ) Refiro-me as tuas irmãs.

Crase com antropônimos femininos (nomes de mulheres)

– Cláudia chegou. **A** Cláudia chegou. – José partiu. **O** José partiu.	Antropônimos têm artigo facultativamente, portanto a crase também é facultativa.

Prática

58. Qual a diferença semântica entre os pares de enunciados?
    a) Fiz referência a Ester. Fiz referência à Ester.
    b) Apresentou elogios a Marlene. Apresentou elogios à Marlene.
    c) Referia-se a Ernesto. Referia-se ao Ernesto.

Resp.: _____

_____

59. Se o antropônimo vier determinado por adjunto, o que acontece com o artigo? Opte por uma ou duas das respostas.
    a) É facultativo: "Refiro-me a Ernesto careca."
    b) Passa a ser usado: "Refiro-me ao Ernesto careca."
    c) Passa a ser usado: "Refiro-me à Teresa caolha."

Observação:

O antropônimo pode ficar sem artigo quando só tem predicativo:
Refiro-me a Ernesto, careca.

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

60. ( ) Quando o antropônimo se refere a amigo, parente ou pessoa muito próxima, o artigo aparece.
61. ( ) Fiz um elogio à Gabriela, minha sobrinha.

Crase em à moda (de)

Observe: Servia-se **à** francesa. Cantava **à** Caetano Veloso.
Bebia **à** siciliana. Usava roupas **à** Luis XIV.

Usa-se o acento grave, indicativo de crase, mesmo antes de masculino, quando se tem subentendida a expressão "**à moda (de)**".

Prática

■ Complete as lacunas.

62. Ele se portava ____ Napoleão.
63. Alimentava-se ____ mineira.

NÃO HÁ CRASE

Antes de substantivos masculinos, não há crase.

Refiro-me a Antônio. Vou ao Rio. Pinto a óleo.

64. Por quê? Resp.: _____

_____

Atenção:

Há sinal grave, indicativo de crase, mesmo antes de masculino quando se tem subentendida a expressão "à moda de".

Cantava à Caetano Veloso. Usava roupas à Luís XIV.

Antes de verbos, não há crase.

Estava a pensar. Estou disposto a vencer.

65. Por quê? Resp.: _____

_____

Antes de pronomes pessoais, não há crase.

Dirigi-me **a** ela, **a** ti, **a** elas.

66. Por quê? Resp.: _____

_____

Antes de pronomes de tratamento, não há crase. (Exceções: Madame, Senhora, Senhorita, Dona)

Refiro-me **a** Vossa Excelência, que faz críticas **a** Sua Santidade.

67. Por quê? Resp.: _____

_____

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

68. ( ) Refiro-me a Senhor Joaquim.
69. ( ) Refiro-me ao Senhor Joaquim.
70. ( ) Refiro-me a rapaz Joaquim.

71. ( ) Refiro-me ao rapaz Joaquim.
72. ( ) Refiro-me a cavalheiro Joaquim.
73. ( ) Refiro-me ao cavalheiro Joaquim.
74. ( ) Refiro-me a Dom Joaquim.
75. ( ) Refiro-me ao Dom Joaquim.

■ Conclua.
Havendo antecedência de preposição **a**, a crase,
76. antes de **Madame**, é _____: Dirijo-me _____ **Madame** (Fernanda).
77. antes de **Senhora**, é _____: Dirijo-me ___ **Senhora** (Josefa).
78. antes de **Senhorita**, é _____: Dirijo-me ___ **Senhorita** (Andreia).
79. antes de **Dona**, é _____: Dirijo-me ___ **Dona** Júlia.

Antes de artigos indefinidos e pronomes indefinidos, não há crase.

Prática

Referia-me a uma valsa.
Referia-me a certa valsa.
Referia-me a nenhuma valsa.
Referia-me a cada valsa.
Referia-me a nada, a qualquer, a toda, a ninguém, a alguém...

80. Por quê? Resp.: _____
_____

Expressões constituídas de substantivos repetidos normalmente não usam artigo, por isso não ocorre crase.

Prática

81. Houve receptividade de parte _____ parte.
82. Bebeu gota _____ gota o que lhe deram.
83. Estudou o livro de ponta _____ ponta.
84. Montava sua resposta de palavra _____ palavra.

Antes de pronomes demonstrativos, não se tem crase. (Exceções: aquela(s), aquele(s), aquilo)

Prática

Refiro-me a esta, a essa...

85. Por quê? Resp.: _____

_____

Se existe um **a** sem **s**, antes de plural, ele é só uma preposição. Não pode haver crase.

Prática

Refiro-me a pessoas, a mulheres, a crianças...

86. Por quê? Resp.: _____

_____

Cuidado com o **paralelismo**. Termos de mesma função têm, normalmente, mesmo tratamento.

Prática

87. Refiro-me ao Apolo e ___ Afrodite.
88. Refiro-me a Apolo e ___ Afrodite.

A expressão "**cheirar a**" normalmente não gera crase.

Prática

■ Preencha com a / ao / à.

89. Isto me cheira ___ peixe.
90. ___ sua fala cheira ___ antiguidade.

Observação final:

O acento grave, indicativo de crase, deve ser usado para evitar ambiguidade (duplo sentido).

Ela cheira à pinga (tem cheiro de pinga).
Ela cheira a pinga (sente o cheiro da pinga).

HÁ ≠ A

HÁ	➜ Verbo **haver**: **Há** sempre soluções melhores. ➜ Tempo passado: Estudo **há** três anos. ➜ Permutável por **faz**: **Há** três noites que eu não durmo...
A	➜ Tempo futuro: Voltarei daqui **a** três meses. ➜ Artigo definido: **A** vitória sempre chega. ➜ Preposição: Voltei **a** casa cedo. ➜ Pronome oblíquo: Deus **a** proteja, minha filha. ➜ Pronome demonstrativo: Guardei **a** que você me deu.

Prática

■ Preencha as lacunas com **a**, **à**, **as**, **às**.

91. Ela foi ___ feira, depois ___ modista.
92. Debatemos ___ respeito da matéria e chegamos ___ conclusão final ainda ___ tempo.
93. Ele é insensível ___ dor e propõe-se ___ assistir ___ filmes de guerra e ___ mutilações neles contidas.
94. Isto me cheira ___ velhice e ___ asneira.
95. Erigiram-se templos ___ Júpiter e ___ Minerva.
96. Não costumava ir ___ todas as festas.

■ Use o sinal indicativo de crase, conforme as regras vistas.

97. Ele ficou a conjecturar por que não bateram palmas a porta.
98. Não retornou a casa sem antes telefonar a sua mãe.
99. Não me referi a que chorava, mas a que ria.
100. Não me dirigi a este, mas aquele menino.
101. Referia-me a tua irmã e não a dele, nem a minha.
102. Voltou o filho a casa dos pais.
103. Voltou o filho a casa.
104. Ele fala a nordestina, se veste a mineira, come a baiana e canta a Gilberto Gil.
105. Eles ficaram cara a cara, frente a frente com o monstro, face a face com o perigo.
106. Aludi a minha prima e a Marília bela.
107. Escrevo a lápis e não a caneta.
108. Assistiu a aulas de violino, a tarde.
109. Voltarei a Argentina, a Itália e a Portugal.
110. As onze horas, havia ainda bebida a farta.
111. Solicito a Vossa Excelência que se mova a procura de uma solução adequada a esta situação.

112. A medida que ele se unia a Dona Inês, unia-se também a Senhorita Cláudia e a Madame Cristine.
113. Ele estava submetido a enorme depressão quando retornou a Brasília para dedicar-se a pessoas desconhecidas e as irmãs de seu pai.
114. Referia-me a Faculdade de Economia da USP, não a de Arquitetura nem a de Filosofia.

■ Preencha as lacunas com **a**, **à**, **as**, **às**, conforme necessário.

115. A sessão será das 8h _____ 10h.
116. Voltaremos _____ meia-noite.
117. O voo parte pontualmente _____ onze horas.
118. O almoço será servido de treze _____ quinze horas.
119. Só posso recebê-lo daqui _____ uma hora.

Prática Geral

120. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Assinale a frase em que o acento indicativo de crase foi empregado **incorretamente**.
    a) Ao voltar das férias, devolverei tudo à V. Sª.
    b) O candidato falou às classes trabalhadoras.
    c) Fique à espera de meus amigos.
    d) Sua maneira de falar é semelhante à de Paulo.
    e) Você só poderá ser atendido às 9 horas.

121. (PRF/N.M./ANP) Assinale a opção em que **falta** o acento de crase.
    a) O ônibus vai chegar as cinco horas.
    b) Os policiais chegarão a qualquer momento.
    c) Não sei como responder a essa pergunta.
    d) Não cheguei a nenhuma conclusão.

122. (ALCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **correta**.
    a) O ministro não se prendia à nenhuma dificuldade burocrática.
    b) O Presidente ia a pé, mas a guarda oficial ia à cavalo.
    c) Ouviu-se uma voz igual à que nos chamara anteriormente.
    d) Solicito à V. Exa. que reconheça os obstáculos que estamos enfrentando.

123. (ATCL-DF/N.S./IDR) Marque a alternativa **correta** quanto ao acento indicativo da crase.
    a) A cidade à que me refiro situa-se em plena floresta, a algumas horas de Manaus.
    b) De hoje à duas semanas estaremos longe, a muitos quilômetros daqui, a gozar nossas merecidas férias.
    c) As amostras que servirão de base a nossa pesquisa estão há muito tempo à disposição de todos.
    d) À qualquer distância percebia-se que, à falta de cuidados, a lavoura amarelecia e murchava.

124. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa que apresenta emprego **incorreto** do sinal indicativo de crase.
a) Trata-se de uma tradição há muito inserida nas práticas legislativas do País e que não deve estar condicionada à deliberação do plenário.
b) A publicação no *Diário Oficial* constitui a forma pela qual se dá ciência da promulgação da lei à sociedade.
c) O Presidente vai à sala de reuniões às oito horas dar as informações sobre o problema à todos que estiverem a espera.
d) Com respeito às questões operacionais colocadas pela necessidade de divulgação das leis, é preciso avaliar os custos de implantação de novos parques gráficos.

125. (Ag. Adm./TRT/N.M./ACCESS) O poeta aspirava ___ felicidade, mas sem ___ volta da amada ele não ___ obteria.
A alternativa que completa **corretamente** as lacunas da frase acima é:
a) à / à / a.
b) à / a / a.
c) a / à / a.
d) à / a / à.
e) à / à / à.

126. (TFC-RJ/N.S.) Marque o item que se completa de forma correta com a sequência seguinte: **Há/às**.
a) _____ algum tempo, a tecnologia revoluciona em áreas que vão da cirurgia plástica _____ armas nucleares.
b) O raio laser se revela _____ altura de um bisturi de alta precisão _____ anos.
c) _____ quem afirme que _____ áreas da medicina em que o uso do raio laser é imprescindível.
d) _____ novidade surgiu na França onde o laser está sendo usado na restauração da Catedral de Amiens, recuperando vestígios das cores aplicadas _____ sete séculos.
e) Debaixo da fuligem que conferiu um tom acinzentado _____ igreja, o laser revelou uma gama de dourados, azuis e vermelhos existentes _____ épocas da feitura de obras góticas.

(Adap. de *Veja*, 10/3/1993).

127. (AFRE-SP/N.S.) Assinale a alternativa **correta**.
Chegou _____ tempo de presenciar _____ pequena discussão entre _____ e o encarregado da limpeza.
a) à / uma / eu.
b) a / uma / mim.
c) há / a uma / mim.
d) a / a uma / eu.

128. **Não** se usa o acento grave, indicador da crase, em:
a) Fomos a Bahia no ano passado.
b) Voltamos a casa de Pedro, mas não o encontramos.
c) As vezes, meus filhos chegam tarde do colégio.
d) Todos aqui gostam de bife a milanesa.
e) Os documentos serão entregues a Vossa Excelência, em tempo hábil.

129. Usa-se acento indicativo de crase em:
   a) As frutas caem a terra quando maduras.
   b) Ele também é capaz de exercer a força de atração.
   c) A queda da maçã provocou a curiosidade de Newton.
   d) Foi o único homem a perceber a lei da gravitação universal.
   e) A não ser que alguém a passasse para outra pessoa.

130. A crase **não** é admissível em:
   a) Comprou **a** crédito.
   b) Vou **a** casa de Maria.
   c) Fui **a** Bahia.
   d) Cheguei **as** doze horas.
   e) A sentença foi favorável **a** ré.

131. Indique a alternativa em que o acento grave, indicador da crase, **não** foi empregado corretamente.
   a) Às ameaças que tantas vezes proferiu não demos a menor importância.
   b) Às vésperas da revolução, convocou às armas várias classes.
   c) Às vezes vou à repartição.
   d) A festa à que assisti ontem jamais sairá do meu pensamento.
   e) A roupa que você está usando é semelhante à que comprei.

132. Quanto ao emprego do acento grave, indicativo de crase, assinale a opção **incorreta**.
   a) Em "alusão à data", emprega-se o acento grave para indicar a fusão da preposição **a**, que rege um substantivo feminino singular, com o artigo definido, formando uma locução adverbial.
   b) Em "havia flores à sua espera sobre a mesa", o emprego do acento grave é facultativo, porque é dispensável o uso do artigo antes do pronome prossessivo com substantivo.
   c) Reescreve-se o enunciado "Engasgado, confessou-lhe que em parte nenhuma" da seguinte maneira: **Engasgado, confessou à secretária que em parte nenhuma**.
   d) Em "iria rodar por aí à noite", emprega-se o acento grave diante da locução adverbial constituída de substantivo feminino.
   e) Substitui-se o enunciado "Foram ao drinque" por **Foram às bebidas**.

Pontuação

VISÃO GERAL

Ordem direta da frase.

1	2	3		4
sujeito	verbo	objeto/predicativo		adj. adverbial
Os turistas	estavam	felizes	(,)	no metrô
Os turistas	compraram	presentes	(,)	em Brasília

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, para as declarações a seguir, com base no quadro acima e em sua experiência linguística.

1. ( ) Entre os termos das colunas 1, 2 e 3 não se usa vírgula.
2. ( ) Entre eles, podem-se usar duas ou mais vírgulas para intercalar outros termos.
3. ( ) Entre os termos das colunas 3 e 4, o uso da vírgula é facultativo.
4. ( ) Usar-se ou não a vírgula, nesse caso, não altera o sentido.
5. ( ) O uso da vírgula, nesse caso, enfatiza, ressalta a ideia expressa no termo 4.
6. ( ) O termo 4 pode colocar-se entre 1 e 2, porém entre vírgulas.
7. ( ) O termo 4 pode colocar-se entre 2 e 3, porém entre vírgulas.
8. ( ) As declarações de 1 a 7 correspondem aos parâmetros da norma culta.
9. ( ) Os jornais e a imprensa escrita, de um modo geral, seguem rigidamente tais normas.
10. ( ) A imprensa escrita, de um modo geral, economiza os sinais de pontuação que considera desnecessários ao sentido básico do texto.

VISÃO DETALHADA

USO DA VÍRGULA

Dentro de uma oração

Observe:

– Escolheram um garoto-propaganda **feio**, **atrapalhado**, **desajeitado**, **carente**.
– Meu pai era **respeitoso**, **presente** em casa, **alegre**.

Conclusão:

A vírgula separa termos de mesma função.

Prática

■ Use a vírgula onde for necessário.

11. É necessário lealdade honestidade coragem desprendimento.
12. Nós o encontramos alegre bem disposto e descansado.
13. Toda criança precisa de carinho de atenção de educação.

Observe:

– O professor, **nervoso**, chamou os alunos para uma conversa.
– **Preocupado**, o diretor convocou uma reunião.

Conclusão:

A vírgula separa os predicativos dos núcleos a que se referem.

Prática

■ Coloque as vírgulas necessárias.

14. Consciente de sua responsabilidade o advogado pediu tempo para estudar.
15. A empresa premida pelas dificuldades quase fechou as portas.
16. O ministro ainda doente voltou a despachar em seu gabinete.

Observe:

– **Na virada do século**, a operária Luíza trabalhava na fábrica têxtil Bangu.
– **Hoje**, **nos Estados Unidos**, mais da metade das mulheres trabalha.

Conclusão:

A vírgula separa o adjunto adverbial deslocado do seu lugar normal.

Prática

■ Use as vírgulas adequadamente.

17. No Primeiro Mundo boicotes costumam dar resultados.
18. A televisão na noite de sexta-feira revelou as causas do acidente.
19. Os técnicos tentaram apesar dos empecilhos explicar o raro fenômeno.

Observe:

Brasília, 23 de março de 2009.

Conclusão:

A vírgula separa, nas datas, o topônimo (nome de lugar).

Observe:

– **A mim**, tudo **me** parecia absurdo.
– **Esse dinheiro**, não voltaremos a vê-**lo**.

Conclusão:

Quando se coloca o objeto no início da oração para repeti-lo, usa-se vírgula.

Prática

■ Use corretamente as vírgulas.

20. Um caso assim é preciso estudá-lo cuidadosamente.
21. Aos turistas não lhes importa como chegarão até lá.
22. O contrato convém assiná-lo o quanto antes.

Observe:

– O caso exigia providência urgente; ela, **porém**, parecia não se importar.
– Já foi decidido o seu afastamento; não há, **portanto**, o que reclamar.

Conclusão:

Quando se desloca, do início da oração, a conjunção adversativa ou conclusiva, usam-se vírgulas.

Prática

■ Use adequadamente a vírgula.

23. O mesmo estudo porém mostra que a situação pode melhorar.
24. Essa não é contudo a prática na companhia.
25. Já vai longe o tempo da censura; direi o que quiser pois.

Observe:

– Plínio, **o filho do primeiro casamento**, decidiu que moraria com o pai.
– A verdade, **senhores eleitores**, é que a responsabilidade é sua.

Conclusão:

A vírgula separa o aposto e o vocativo do resto da oração.

Prática

■ Empregue adequada pontuação.

26. Rafael médico-gerente de laboratório criou um manual para emergências.
27. Esse empresário era casado com Heloísa uma ex-bailarina.
28. Na dúvida senhores jurados o réu deve ser favorecido.

Observe:

– Dizem que os homens decidem com o cérebro; as mulheres, com o coração.
– Alguns casos são encaminhados para os hospitais centrais; outros, para os centros de saúde.

Conclusão:

A vírgula substitui um verbo subentendido.

Prática

■ Virgule adequadamente.

29. Jaime estava feliz; Zeca tranquilo.
30. Vera compreendeu tudo; Cláudio quase tudo.
31. Sandra estava radiante; Rosa eufórica.

Observe:

– Esse caso, **por exemplo**, pode ser resolvido rapidamente.
– **Em suma**, sua função era visitar as sucursais.

Conclusão:

A vírgula separa termos ou expressões intercaladas que servem para resumir, incluir, excluir, retificar, exemplificar...

Prática

■ Virgule adequadamente.

32. Esses países inclusive o Sudão são governados por fundamentalistas.
33. Exceto você todos já sabiam das mudanças.
34. Em compensação o país tem batido recordes de crescimento econômico.

Observação:

Vírgulas para intercalação são permutáveis por parênteses ou travessões.

Preste atenção às seguintes frases, os parênteses estão substituídos por travessões (curtinhos por conta da intenção de síntese) e por vírgulas.

1ª O casal era confuso ***(ela mais do que ele), mas*** *fingia naturalidade.*
2ª O casal era confuso ***– ela mais do que ele –, mas*** *fingia naturalidade.*
*3ª O casal estava confuso****, ela mais do que ele, mas*** *fingia naturalidade.*

Atente que, nos dois primeiros exemplos, os parênteses e os travessões estão seguidos de vírgula, porque antecedem a conjunção coordenativa **mas**. No terceiro, não poderia haver duas vírgulas juntas.

Entre orações

Observe:

– Minha mãe faz curso de teatro, ouve palestras, atualiza-se.
– Houve algumas resistências, mas as colônias serão devolvidas.

Conclusão:

A vírgula separa orações coordenadas (exceto as iniciadas por *e*).

Prática

■ Virgule adequadamente.

35. Os lábios tentaram abrir-se num sorriso mas desistiram e fecharam-se.
36. Acordava tomava café lia o jornal e ia para o aeroporto.
37. Ele era metódico portanto não deixaria de telefonar.

Atenção:

Vírgula antes do e

, e

a) Quando se enfatiza o que se segue, seja termo ou oração:

Estava feliz, radiante, **e** agradecida

Ele disse com muita firmeza, **e** a convenceu.

b) Quando o **e** tem sentido de "mas":

Não estudou, **e** sabia tudo.

c) Se se repetir a conjunção **e** (polissíndeto).

Falou, **e** repetiu, **e** gritou, **e** chorou.

d) Para alguns gramáticos, se o sujeito da oração iniciada pelo **e** for diferente do da outra oração.

Ela chegou, **e** Renato fingiu não vê-la.

Vírgula antes do etc.

~~e~~ etc

"etc." é abreviatura de *et cetera*, que, em latim, significa "e o restante", expressão que começa com "e". Como não se enquadra em nenhuma das situações em que se usa vírgula antes do "e", o melhor é não usá-la.

Observe:

– Ronaldo, **que hoje tem 34 anos**, mudou muito.
– Os homens, **que são mortais**, julgam-se imortais.

Conclusão:

A vírgula separa da principal as orações subordinadas adjetivas explicativas.*

Prática

■ Use corretamente a vírgula.

38. O leite que contém cálcio é excelente alimento para as crianças que são desnutridas.
39. Meu pai que falava quatro línguas julgava-se superior às pessoas que só sabiam a língua materna.
40. Os empresários que vieram querem erguer grandes hotéis que atrairão turistas.

Atenção:

A vírgula nunca pode iniciar uma oração adjetiva restritiva (a que está sublinhada no exemplo seguinte), mas pode separar essa oração da que lhe vem após, mesmo quando separa o sujeito (As) do seu verbo (acabam percebendo).

1. As <u>que deixam de respeitar seus semelhantes por quaisquer supostas razões</u>, acabam percebendo que não o deveriam ter feito.
2. Os participantes <u>que ontem à noite nos procuraram</u>, voltaram hoje.

Explica-se essa possibilidade nos exemplos 1 e 2 quer pela extensão da restritiva quer pela opção por uma pausa respiratória. No exemplo 2, alega-se também a separação dos dois verbos vizinhos, pertencentes cada um a uma oração distinta.

Observe:

– **<u>Se</u> não houver empenho de todos**, não se encontrará uma solução.
– **<u>Quando</u> a editora estiver publicando tais trabalhos**, eu aplaudirei.

Conclusão:

A vírgula separa orações subordinadas adverbiais que antecedem a oração principal.

Prática

■ Virgule corretamente.

41. Para usufruir de todas as vantagens os turistas se dispõem a pagar mais.
42. Examinando-se a disputa atual nas capitais a proposta parece vir a calhar.
43. Confirmadas as informações divulgadas pelos jornalistas o jogador teve de desdizer-se.

* *Vide*, em *Análise Sintática Visual*, Período: Orações subordinadas adjetivas.

Observe:

– A democracia, **embora ainda seja imperfeita**, é o melhor sistema de governo.
– A mulher, **se for preciso**, dobra sua jornada de trabalho.

Conclusão:

A vírgula separa orações intercaladas.

Prática

■ Use adequadamente a vírgula.

44. O projeto apesar de merecer alguns reparos parece melhorar a vida do contribuinte.
45. Qualquer pessoa conforme se divulgou na imprensa terá acesso às informações sobre andamento de processos.
46. Nós para garantir nossos direitos contamos com a Justiça.

DOIS-PONTOS

(Pausa pouco maior que a vírgula, indicando frase inconclusa)

Usam-se dois-pontos para:

a. **introduzir uma fala, uma citação:**

A manchete estampava (:) "A mosca morreu!"

b. **anunciar uma enumeração**:

São três os suspeitos (:) o papagaio, a minhoca e o sapo.

c. **anunciar um esclarecimento ou explicação**:

Ele é impaciente (:) não sabe ouvir.

d. **introduzir exemplo(s)**:

...um monossílabo tônico (:) pé.

Prática

■ Com base nas ideias do quadro, assinale **a**, **b**, **c** ou **d** para as afirmações seguintes.

47. ( ) As palavras de origem grega, terminadas em **ma**, são masculinas: o teorema, o drama, o anátema...
48. ( ) De vez em quando, vinha-nos um pressentimento: o velho carpinteiro não estava morto, escondera-se de nós.
49. ( ) Compareceram todos: seu Lucas, padre Abílio, mestre Caetano...
50. ( ) O *maitre* recomendou: "Sirvam gelado".

PONTO E VÍRGULA

Usa-se ponto e vírgula para:

a. **separar orações que tenham vírgula(s) em seu interior**:

Ela agia correto ; ele, errado.

b. **separar itens de uma enumeração**:

O numeral pode:
indicar uma quantidade ;
denotar posição numa sequência ;
determinar número de vezes ;
indicar parte(s) de unidade.

c. **para enfatizar ideias adversativas ou conclusivas**:

Sofreu, mas não chorou. Estudou, portanto mereceu.
Sofreu ; mas não chorou. Estudou ; portanto mereceu.

Prática

■ Com base nas informações do quadro, assinale **a**, **b** ou **c** para as frases seguintes.

51. ( ) Ficamos atentos, esperando que ele viesse; mas ninguém veio.
52. ( ) Os erros eram pequenos, escassos; poderiam, portanto, ser relevados.
53. ( ) A cidade adormecia; a lua suave passeava lentamente; os grilos a festejavam; os sapos cadenciavam seus ritmos...

RETICÊNCIAS

São usadas as reticências para:

a. **indicar suspensão de uma ideia**:

"Ele e eu estávamos indo ... Mas, me diga primeiro, como você chegou até aqui?"

b. **denotar interrupção ou interrupções de fala para conotar hesitação, timidez**:

"É verdade que ... que estava ... estava lá, sim."

c. **denotar interferência da fala de um personagem na de outro**:

"– Mariana me disse ...
– Deixa isso p'ra lá!"

d. **realçar a expressão que se lhe segue**:

"Ela é uma grande ... cilada!"

e. **suprimir trechos de uma citação**:

"Ouviram do Ipiranga ... retumbante."

Nesse caso, usam-se também as reticências entre parênteses:

"Ouviram do Ipiranga (...) retumbante."

Prática

■ Com base no quadro das reticências, assinale a letra que mais se aproxima dos exemplos seguintes.

54. ( ) "As armas e os barões... espalharei por toda a parte." (Camões)
55. ( ) Eu quero... que você... que você se case comigo.
56. ( ) Teresa disse que ... Deixa p'ra lá: não interessa o que ela tenha dito.
57. ( ) Eu acho que você ficou... maluquinha por ele.
58. ( ) É... – adivinhe! – a sua melhor amiga.
59. ( ) – Você gosta dela ou...
– Gosto, com certeza.

TRAVESSÃO, ASPAS DUPLAS E ASPAS SIMPLES

Com base nos exemplos I, II e III, responda **C** ou **E** para as afirmações seguintes:

I – "Eu sofria já o começo de velhice – esta vida era só o demoramento." (J. Guimarães Rosa)

II – "Achei especial o jeito de João Concliz vir, ansiado cauteloso. Ação em que qualquer um anda – nessas semelhantes ocasiões – só encostado nas paredes – 'Você fica aqui, mais você, e você... Você dessa banda... Você ali, você aí acolá...' – arrumação ele ordenava." (J. Guimarães Rosa)

III – "Seu peito, ela recordava,
era branco, firme, polido – um marfim." (Cecília Meireles)

60. ( ) Em I, o travessão está usado em lugar de uma vírgula e introduz uma explicação.
61. ( ) Em II, o primeiro travessão serve para introduzir fala de personagem.
62. ( ) Em II, os dois primeiros travessões servem para destacar a expressão "nessas semelhantes ocasiões".
63. ( ) Em II, o terceiro travessão serve para introduzir fala de personagem.
64. ( ) Em II, ocorre o uso de aspas duplas e simples.
65. ( ) É indiferente o uso de aspas duplas ou simples. Podem-se usar umas ou outras indiferentemente.
66. ( ) Em II, as aspas duplas são usadas, como em I e III, para reproduzir fala de personagens.
67. ( ) Em II, usam-se as aspas simples para reproduzir a fala de um personagem.
68. ( ) Em II, se não houvesse as aspas duplas no início e no fim do texto, não se usariam as aspas simples.
69. ( ) Conclusão: aspas simples se usam dentro de aspas duplas.
70. ( ) Em III, o travessão está introduzindo um resumo das ideias anteriores.
71. ( ) Esse travessão poderia, sem mudança de significado, ser substituído por reticências.
72. ( ) Esse travessão poderia ser substituído por dois-pontos ou reticências.

Prática Geral

Instruções para as questões de números 73 a 76.

Os períodos abaixo apresentam diferenças de pontuação. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta.

73. a) Mas a raiva voltou, e ele teve vontade de devolver o incômodo presente.
    b) Mas, a raiva voltou e ele, teve vontade de devolver o incômodo presente.
    c) Mas a raiva voltou e, ele teve vontade de devolver o incômodo presente.
    d) Mas a raiva, voltou e ele teve, vontade de devolver o incômodo presente.
    e) Mas, a raiva voltou, e ele teve vontade, de devolver o incômodo presente.

74. a) Não sei do que você, está falando, deixe-me pois em paz.
    b) Não sei do que, você está falando: deixe-me, pois em paz.
    c) Não sei do que, você está falando; deixe-me pois, em paz.
    d) Não sei do que você está falando; deixe-me, pois, em paz.
    e) Não sei, do que você está falando, deixe-me pois, em paz.

75. a) As dúvidas, porém, permaneciam as mesmas, por mais que se tentasse esclarecê-las.
    b) As dúvidas porém, permaneciam as mesmas por mais que se tentasse esclarecê-las.

c) As dúvidas, porém permaneciam as mesmas por mais, que se tentasse esclarecê-las.
d) As dúvidas porém permaneciam, as mesmas, por mais que se tentasse esclarecê-las.
e) As dúvidas porém permaneciam as mesmas por mais que se tentasse esclarecê-las.

76. a) O velho professor vivia à parte com ar tristonho sempre, de livro na mão imerso na leitura.
b) O velho professor vivia, à parte com ar tristonho sempre, de livro, na mão, imerso na leitura.
c) O velho professor vivia à parte, com ar tristonho, sempre de livro na mão, imerso na leitura.
d) O velho professor vivia à parte com ar tristonho sempre de livro, na mão, imerso na leitura.
e) O velho, professor, vivia, à parte com ar tristonho, sempre de livro na mão imerso, na leitura.

77. Qual das sequências abaixo jamais admitirá, de acordo com as nossas gramáticas, o emprego de duas vírgulas?
a) O irmão meu que estava doente não chegou na hora.
b) Mesmo que tu chegues atrasado José não deixes de trazer as revistas que te emprestei sábado último.
c) A mulher se divide em quatro partes cabeça tronco membros e espelho.
d) Jamais lhe poderei dizer que isto se passou na casa de uma das mais tradicionais famílias da região os Mesquitas.
e) A muito custo após algumas horas disseram que não haviam chegado os impressos para formalizar a petição.

78. Dadas as afirmações:
I – Em "José, por não concordar com as ordens do chefe, retirou-se.", a supressão de uma das vírgulas constituirá erro, pois virá quebrar a concatenação da oração, por separar o sujeito do predicado.
II – Em "Disse ele muitas coisas e mais coisas teria dito se não fosse a carência de tempo.", é necessária a vírgula antes da conjunção aditiva para separar complementos de verbos diferentes.
III – Usa-se o ponto e vírgula para separar as partes principais de uma frase, sobretudo se longas, nas quais já existam elementos virgulados.
deduzimos que, de acordo com as normas de pontuação, pode(m) estar correta(s)
a) todas.
b) apenas a I.
c) apenas a II.
d) apenas a III.
e) apenas a I e III.

79. Assinale a opção cujos sinais, indicados entre parênteses, não permitem pontuação correta para as frases abaixo.
a) Se a felicidade é proporcional à renda é irrespondível a causa das máquinas se não a questão toda precisa ser examinada. (2 vírgulas e 1 ponto e vírgula)
b) "O mau médico encarece a enfermidade e não lhe dá remédio o mau conselheiro exagera os inconvenientes e não dá meio com que os melhorar." (3 vírgulas e 1 ponto e vírgula)
c) "O beijo das mulheres sérias é frio faz a gente espirrar o das mulheres ardentes gasta-nos os lábios... e o dinheiro." (1 dois-pontos e 1 ponto e vírgula)
d) Chamava-se Isolina a amiga que a consolava Piedade. (1 vírgula e 1 ponto e vírgula)
e) "Depois dos pais que recebem o nosso primeiro grito o solo pátrio recebe os nossos primeiros passos é um duplo receber que é duplo dar." (3 vírgulas e 1 dois-pontos)

80. Observe as frases abaixo quanto à pontuação. Quais as certas?
I – Muito estimado, como pássaro de gaiola dá o pintassilgo, quando cruzado, com o canário-do-reino, um híbrido chamado pintagol.
II – Muito estimado como pássaro de gaiola, dá o pintassilgo, quando cruzado com o canário-do-reino, um híbrido chamado pintagol.
III – Nas minas, no final do século XVIII, viviam-se momentos de insatisfação – a lembrança de um passado perdido –, que propiciaram novas atitudes e novos laços de solidariedade entre os homens.
IV – Nas minas – no final do século XVIII – viviam-se momentos de insatisfação: a lembrança de um passado perdido, que propiciaram novas atitudes e novos laços de solidariedade entre os homens.
V – Pênalti, ou penalidade máxima no futebol, é a falta máxima, dentro da grande área cometida por jogador que defende, que é punida, com um tiro direto – sem barreira, a onze metros do gol.
a) I, IV, V.
b) II, III.
c) II, IV, V.
d) I, III, V.
e) II, IV.

81. Dadas as sentenças:
I – O álbum que comprei contém mais de mil ilustrações.
II – Meu irmão comprou: uma casa, uma geladeira, uma televisão em cores e um gravador; por isso, está com dívidas.
III – É fácil destruir, difícil é construir mesmo que, para isso, tenhamos que nos sacrificar.
verificamos que está (estão) devidamente pontuada(s)
a) apenas a sentença I.
b) apenas a sentença II.
c) apenas a sentença III.
d) apenas as sentenças I e II.
e) todas as sentenças.

82. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Assinale a frase **correta** quanto à pontuação.
a) O parágrafo único do artigo 37, também trata da isenção do imposto em caso semelhante ao estudado.
b) A mãe do soldado implorara piedade, confidenciou-me o tenente; o general porém, mandou executar a sentença.
c) Eu para não ser indiscreto, retirei-me calmamente da sala, quando percebi que o assunto era confidencial.
d) Embora o doente não corresse mais perigo, os médicos resolveram mantê-lo em observação durante doze horas.
e) É alentador, o que os indicadores econômicos demonstram: uma retomada do desenvolvimento em São Paulo, o maior parque industrial brasileiro.

83. (ITA/Vest.) Assinale a opção em que, retirando-se a vírgula ou mudando-se a sua posição, **não** se obtém alteração de sentido.
a) Isso também pesa aos brasileiros, que têm carro a álcool.
b) Pediu que contemplássemos a bela visão, da ampla janela.
c) Mariana foi, logo Mário não pôde ir.
d) Como precisava de ajuda, procurou Maria, sua melhor amiga.
e) Obtivemos, em julho, os passaportes; só em dezembro, porém, é que viajamos.

84. (BRB/N.M./IDR) O cronista desprezou algumas prescrições sobre pontuação da norma culta da língua. Assinale a alternativa em que o trecho reescrito atende a tais regras.
a) Estou certo de que no futuro dentro de uns 500 anos, quando os atuais países desaparecerem do mapa, os universitários estudando civilizações pré-históricas, do século XX, ao serem chamados a falar, sobre o povo brasileiro perguntarão:
b) Estou certo de que, no futuro, dentro de uns 500 anos, quando os atuais países desaparecerem do mapa; os universitários, estudando civilizações pré-históricas do século XX, ao serem chamados a falar sobre o povo brasileiro perguntarão:
c) Estou certo de que, no futuro, dentro de uns 500 anos, quando os atuais países desaparecerem do mapa, os universitários, estudando civilizações pré-históricas do século XX, ao serem chamados a falar sobre o povo brasileiro, perguntarão:
d) Estou certo, de que no futuro – dentro de uns 500 anos – quando os atuais países desaparecerem do mapa, os universitários estudando civilizações pré-históricas do século XX, ao serem chamados a falar sobre o povo brasileiro, perguntarão:

85. (ALCL-DF/N.S./IDR) Marque o período no qual a supressão das vírgulas **não** acarreta modificação de sentido.
a) As discussões prolongaram-se por dias, para que todos pudessem dar sua opinião.
b) A emenda de alteração da Constituição, combatida pelos presidencialistas, ainda não foi a voto.
c) Os entendimentos desenrolaram-se bem, como se previa.
d) A convenção ocorre num momento particularmente difícil para os partidos, que entraram em crise existencial.

O texto abaixo foi transcrito com algum erro. Leia-o atentamente.

A universidade aberta pode ser implantada paulatinamente sem grandes investimentos fixos e já com capacidade para atender grandes públicos, simultaneamente no Distrito Federal e Entorno. Ao mesmo tempo, volta-se para atender a um público fundamental que, ao longo da história foi excluído dos níveis superiores de ensino – os trabalhadores e as camadas populares.

O projeto que ora apresentamos à Câmara Legislativa não tem a intensão de definir a estrutura da universidade. Entendemos que cabe ao GDF criar uma comissão de especialistas, com representantes de todos os segmentos da sociedade, para formular a proposta de estrutura e o programa-piloto da Instituição, no prazo de 120 dias após a publicação da lei. O GDF é quem reúne as melhores condições técnicas para coordenar a implantação de um projeto de tão grande envergadura.

(Deputado Carlos Alberto)

86. (ATCL-DF/N.S./IDR) Quanto às regras de pontuação, existe **erro** na linha
a) 3. b) 4. c) 9. d) 11.

87. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale o período **correto** quanto à pontuação.
a) O Poder Legislativo, na fase atual do processo democrático em marcha no País tende a se firmar, cada vez mais, na consciência da sociedade brasileira, segundo o presidente da Câmara Legislativa do DF.
b) O Poder Legislativo, na fase atual do processo democrático em marcha no País, tende a se firmar, cada vez mais, na consciência da sociedade brasileira, segundo o presidente da Câmara Legislativa do DF.
c) O Poder Legislativo na fase atual do processo democrático em marcha no País, tende a se firmar cada vez mais na consciência da sociedade brasileira, segundo o presidente da Câmara Legislativa do DF.
d) O Poder Legislativo, na fase atual do processo democrático em marcha no País, tende a se firmar, cada vez mais, na consciência da sociedade brasileira, segundo, o presidente da Câmara Legislativa do DF.

88. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale o período **correto** quanto à pontuação.
a) Nenhum brasileiro será extraditado, salvo o naturalizado, em caso de crime comum, praticado antes da naturalização, ou de comprovado envolvimento em tráfico ilícito de entorpecentes e drogas afins, na forma da lei.
b) Todos têm direito de receber dos órgãos públicos informações de seu interesse particular, ou de interesse coletivo ou geral, que serão prestadas no prazo da lei, sob pena de responsabilidade, ressalvadas aquelas, cujo sigilo, seja imprescindível à segurança da sociedade e do Estado.
c) São direitos sociais; a educação, a saúde, o trabalho, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados.

d) Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e estrangeiros residentes no País, a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade.

89. (ATCL-DF/N.S./IDR) A eliminação da vírgula em três das frases abaixo é possível, mas acarretaria alteração de seu sentido.
Assinale a alternativa em que essa eliminação **não** é possível, por tornar ilógica a frase.
a) A mesa, que está no meio da sala, é vermelha.
b) Dedico este livro aos estudantes de minha terra, que não se contentam com superficialidades.
c) Sorte foi ter-se quebrado meu braço esquerdo, que menos falta me faz que o direito.
d) O governador mandou suspender o pagamento dos funcionários, que estavam em greve desde maio.

90. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale o período **incorreto** quanto à pontuação.
a) O tempo de serviço público federal, estadual ou municipal será computado integralmente para os efeitos de aposentadoria e disponibilidade.
b) O tempo de serviço público federal, estadual ou municipal, será computado integralmente para os efeitos de aposentadoria e disponibilidade.
c) O tempo de serviço público federal, estadual ou municipal será computado, integralmente, para os efeitos de aposentadoria e disponibilidade.
d) O tempo de serviço público federal, estadual ou municipal será computado integralmente, para os efeitos de aposentadoria e disponibilidade.

91. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa em que a pontuação está **correta**.
a) Não se justifica que o ilustre Autor, querendo valorizar a nobre missão de ensinar, atribua aos professores um salário mínimo profissional de tão pouca expressão.
b) Não se justifica, que o ilustre Autor, querendo valorizar a nobre missão de ensinar; atribua aos professores um salário mínimo profissional, de tão pouca expressão.
c) Não se justifica que, o ilustre Autor, querendo valorizar: a nobre missão de ensinar, atribua aos professores um salário mínimo profissional de tão pouca expressão.
d) Não se justifica que o ilustre Autor querendo, valorizar a nobre missão de ensinar atribua, aos professores, um salário mínimo profissional, de tão pouca expressão.

92. (TFC-RJ/N.S.) Assinale a opção cujo período apresenta pontuação **correta**.
a) O Vice-Presidente da República, além de outras atribuições que lhe forem conferidas por lei complementar, auxiliará o Presidente sempre que, por ele convocado, para missões especiais.
b) O Vice-Presidente da República, além de outras atribuições, que lhe forem conferidas, por lei complementar, auxiliará o Presidente sempre que por ele convocado para missões especiais.

c) O Vice-Presidente da República, além de outras atribuições que lhe forem conferidas, por lei complementar auxiliará o Presidente, sempre que por ele convocado, para missões especiais.
d) O Vice-Presidente da República, além de outras atribuições, que lhe forem conferidas por lei complementar, auxiliará o Presidente sempre que, por ele convocado, para missões especiais.
e) O Vice-Presidente da República, além de outras atribuições que lhe forem conferidas por lei complementar, auxiliará o Presidente, sempre que por ele convocado para missões especiais.

93. (TFC-RJ/N.S.) Assinale o período **corretamente** pontuado.
a) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis, que, num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.
b) Os carros modernos, são feitos com chapas bastante flexíveis que, num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.
c) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis, que num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.
d) Os carros modernos são feitos, com chapas bastante flexíveis, que, num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.
e) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis que num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.

94. (Ag. Fc. Rend.-SP/N.S.) Assinale a letra correspondente ao período de pontuação **certa**.
a) Acredito que ele não venha; se, entretanto, vier, não o insulte.
b) Acredito que ele não venha; se, entretanto vier não o insulte.
c) Acredito que, ele não venha se, entretanto, vier não o insulte.
d) Acredito que ele não venha, se entretanto, vier não o insulte.

95. (AFRE-SP/N.S.) Assinale a letra correspondente ao período de pontuação **certa**.
a) Ao ser testada a nova rotina revelou-se, inócua, para provocar o desejado aumento, de produtividade.
b) Ao ser testada, a nova rotina, revelou-se inócua para provocar, o desejado aumento de produtividade.
c) Ao ser testada a nova rotina, revelou-se inócua para provocar, o desejado aumento de produtividade.
d) Ao ser testada, a nova rotina revelou-se inócua para provocar o desejado aumento de produtividade.

96. Assinale a frase **errada** quanto à pontuação.
a) A cigarra morre de frio e de fome no inverno.
b) César, chegou, viu e venceu.

c) A cigarra, símbolo da ociosidade, morre de frio e de fome no inverno.
d) Estudamos Português, Francês e Inglês.
e) Mocidade ociosa, velhice vergonhosa.

97. Assinale a opção em que o emprego da vírgula se justifica pela mesma regra que se aplica a "**Era dia de seu aniversário, e a esposa nem sequer o abraçara (...)**"
a) "Passada a surpresa, sentiu-se ainda mais borocochô: (...)"
b) "(...) tinha palavras amáveis, e o ditado da correspondência foi entremeado de suaves brincadeiras da parte dela."
c) "Engasgado, confessou-lhe que em parte nenhuma."
d) "Conteve-se, no prazer ansioso da espera."
e) "Saiu bem mais jovem do bar, e pegou-lhe do braço."

98. (FGV) "Mas a correlação de forças não lhes permite ir mais longe, e essa paralisia favorece o retorno dos acordos bilaterais ou regionais."
No trecho acima, utilizou-se corretamente a vírgula antes do E. Assinale a alternativa em que isso **não** tenha ocorrido.
a) A sentença foi prolatada, e as partes foram intimadas.
b) Os manifestantes desejavam falar com o juiz; chegaram à porta do tribunal e não entraram.
c) Fiz, e faria novamente tudo igual para ser aprovado no concurso.
d) Leio, e releio, e estudo, e me concentro: todos os esforços são poucos.
e) O procurador assinou o documento, e o advogado ficou satisfeito.

99. (Cespe – adaptado) Não se podendo repetir a relação sujeito-objeto, é forçoso afirmar que seria impossível a reprodução exata de qualquer situação de pesquisa, o que ressalta a importância da descrição do fenômeno e o caráter vivo dos postulados teóricos.
Com referência ao texto acima, julgue o item subsequente.
( ) Logo após "pesquisa", estaria gramaticalmente correto e coerente com o desenvolvimento das ideias do texto o emprego do travessão simples no lugar da vírgula.

100. (Cesgranrio) Qual o trecho cuja pontuação está correta?
a) Os monitores mais antigos contêm várias substâncias, como chumbo, bório e fósforo que podem provocar doenças.
b) Os monitores mais antigos contêm várias substâncias; como: chumbo, bório e fósforo, que podem provocar doenças.
c) Os monitores mais antigos contêm várias substâncias (como chumbo, bório e fósforo) que podem provocar doenças.
d) Os monitores mais antigos contêm várias substâncias, como chumbo, bório e fósforo; que podem provocar doenças.
e) Os monitores mais antigos, contêm várias substâncias – como chumbo, bório e fósforo – que podem provocar doenças.

Gabarito

Em verde: ortografia nova; em azul: ortografia antiga; em laranja: não houve alteração

I FONOLOGIA, DIVISÃO SILÁBICA E TRANSLINEAÇÃO

A	kõ	kis	ta	do	su	se	so	é	kes	tão	di	võ	ta	di
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15

1. m ã i
2. P ã u
3. m ã u
4. P a u
5. P a i s
6. P a i s
7. E
8. E
9. C
10. C
11. C
12. C
13. E
14. E
15. C
16. C
17. C
18. i – ĩ
19. ô – õ
20. ê – ẽ
21. u – ũ
22. a – ã
23. ê – é
24. ô – ó
25. c a i
26. c a i
27. l o u r o
28. l u a
29. C
30. C
31. C
32. E
33. C
34. C
35. E
36. b õ d e
37. b õ r o
38. M a r t e
39. n o r t e
40. E
41. C
42. E
43. C
44. C
45. C
46. E l a p a ss o u b ã i o v e s t i d o
47. C
48. E
49. C
50. E
51. C
52. E
53. C
54. C
55. C
56. c – e-gíp-cio, subs-tan-ti-vo
57. b – de-si-lu-são
58. c – per-cep-ção, in-ters-tí-cio
59. d
60. a
61. e
62. a
63. e
64. c – sub-tra-ir
65. d
66. c
67. c
68. c – u-ru-guai-o, sub-li-nhar ou su-bli-nhar
69. b
70. a
71. d
72. a – po-e-ti-sa

73. E
74. E
75. C
76. E – porque não se deve deixar vogal isolada sozinha numa linha; e não se devem separar os nomes próprios personativos.
77. C
78. E (puta)
79. E (nomes de pessoas)
80. E (vogal isolada)

2 ESTRUTURA E FORMAÇÃO DE PALAVRAS

1. C
2. E
3. C
4. C
5. C
6. C
7. E
8. C
9. C
10. C
11. E
12. C
13. E
14. C
15. C
16. C
17. C
18. E
19. E
20. C
21. C
22. C
23. E
24. C
25. C
26. C
27. E
28. C
29. E
30. C
31. C
32. C
33. E
34. C
35. C
36. E
37. E
38. C
39. C
40. C
41. C
42. C
43. C
44. C
45. C
46. C
47. E
48. C
49. C
50. E
51. C
52. C
53. C
54. C
55. E
56. E
57. C
58. E
59. C
60. C
61. E
62. C
63. E
64. C
65. E
66. C
67. E
68. C
69. C
70. E
71. C
72. C
73. E
74. E
75. C
76. E (*bíblion* = livro)

3 ORTOGRAFIA

Alfabeto (norma nova)

1. C
2. C
3. C
4. C
5. C
6. C
7. C
8. C
9. C
10. C

Uso das Letras

11. francês
12. japonesa
13. cortês
14. burguês
15. montanhês
16. camponesa
17. baronesa
18. princesa
19. consulesa
20. papisa
21. poetisa

22. profetisa
23. catequese
24. anáfase
25. hemoptise
26. meiose
27. hidrólise
28. simbiose
29. neurose
30. psicose
31. síntese
32. balizar
33. revezar
34. atraso
35. envasar
36. profetizar
37. civilizar
38. concretizar
39. anarquizar
40. dramatizar
41. banalizar
42. quis, quisesse
43. pôs, pusesse, puser
44. traz
45. diz
46. fiz, fizesse, fizer
47. cozi
48. causa
49. gêiser
50. maisena
51. náusea
52. Sousa
53. pousar
54. apreensão
55. pretensão
56. aspersão
57. imersão
58. inversão
59. diversão
60. aridez
61. aspereza
62. avareza
63. clareza
64. cupidez
65. estupidez
66. cessão
67. acesso
68. excesso
69. progresso
70. regresso
71. impressão
72. opressão
73. depressão
74. omissão
75. demissão
76. permissão
77. assilábico
78. assossegar
79. ressurgir
80. pressupor
81. sobressair
82. dessemelhante
83. atencioso
84. projeção
85. exceção
86. isenção
87. distinção
88. ereção
89. caução
90. louça
91. beiço
92. arcabouço
93. coice
94. feição
95. açafrão
96. açucena
97. almaço
98. paçoca
99. caçanje
100. açaí
101. faixa
102. ameixa
103. madeixa
104. trouxa
105. baixo
106. peixe
107. mexicano
108. mexilhão
109. mexerico
110. enxaguar
111. enxergão
112. enxerido
113. enxurrada
114. enxuto
115. almoxarife
116. oxalá
117. xadrez
118. caxambu
119. muxoxo
120. xavante
121. aragem
122. fuligem
123. malandragem
124. ferrugem
125. selvagem
126. penugem
127. adágio
128. estágio
129. plágio
130. egrégio
131. relógio
132. refúgio
133. Jê
134. jenipapo
135. jerimum
136. jirau
137. alforje
138. caçanje

Uso do Hífen *(norma antiga)*

139. bebida
140. nunca morta
141. sócio que não gasta
142. flor
143. flor
144. social e econômico
145 a 150. com hífen
151 e 152. com hífen
153. Manhuaçu
154. Mojiguaçu

155. altar-mor
156. capim-mirim
157. Manhumirim
158. Mojimirim
159. aquém-fronteiras
160. aquém-mar
161. além-túmulo
162. além-mar
163. recém-vindo
164. pró-leite
165. propor
166. pró-educação
167. prorrogar
168. pré-natal
169. pré-escola
170. pretender
171. pós-operatório
172. pospor
173. sem-vergonha
174. sem-terra
175. bem-querer/benquerer
176. bem-educado
177. bem-falante
178. soto-governador
179. vice-governador
180. vizo-governador
181. nuper-vindo
182. ex-amante
183. co-seno/cosseno
184. co-autor
185. pára-lama
186. pára-choque
187. grão-vizir
188. grã-cruz
189. bel-prazer
190. autoconfiante
191. autodefesa
192. auto-avaliação
193. auto-reconhecimento
194. contradizer
195. contra-indicar
196. contra-regra
197. extra-regimental
198. extraordinário
199. intra-hepático
200. infravermelho
201. infra-som
202. neoclássico
203. neo-simbólico
204. proto-histórico
205. pseudo-etimologia
206. pseudo-sábio
207. pseudociência
208. semi-árido
209. semidesértico
210. supra-renal
211. suprapartidário
212. ultra-humano
213. ultracorreto
214. antediluviano
215. ante-rosto
216. ante-sala
217. anti-herói
218. antidemocrata
219. anti-social
220. arquimilionário
221. arqui-secular
222. sobre-humano
223. sobressalente
224. sobressair ou sobre-sair (VOLP)
225. sobressaltar ou sobre-saltar (VOLP)
226. sobressaltear ou sobre-saltear
227. super-homem
228. super-humano
229. super-resistente
230. inter-resistente
231. superativo
232. superdotado
233. hiper-hedônico
234. hiper-hidrose
235. hiper-rugoso
236. hiper-rancoroso
237. circum-ambiente
238. circum-hospitalar
239. circunavegar
240. pan-hispânico
241. pan-americano
242. mal-humorado
243. mal-agradecido
244. mal-ajambrado/ malajambrado
245. pan-harmônico/ panarmônico
246. pan-africano
247. ad-referendar
248. ad-digital
249. ad-rogar
250. sub-raça
251. sub-região
252. sub-rogar
253. sub-base
254. sub-borato
255. subentender
256. subsecretário
257. sub-hepático/subepático
258. subárea
259. sub-humano/subumano
260. suboficial
261. ab-reação
262. ab-rogar
263. ob-rogar
264. ob-reptício
265. sob-roda
266. sob-rojar
267. abrupção/ab-rupcão
268. abrupto/ab-rupto
269. abruptela/ab-ruptela/
270. abruptipenado/ ab-ruptipenado
271. agridoce
272. ambidestro
273. audiovisual
274. auriverde
275. bissexual
276. homossexual
277. heterossexual
278. ortomolecular
279. minimercado
280. monofásico

281. odontopediatra
282. plurianual
283. poliesportivo
284. isotérmico
285. neurocirurgião
286. televendas
287. monomotorizado

Uso do hífen *(norma nova)*

288. luso-americano
289. afrodescendente
290. teutomania
291. teuto-germânico
292. eurocanal
293. euro-asiático
294. lusofonia
295. luso-moçambiquense
296. franco-angolano
297. francomaçonaria
298. ...devem ter hífen (segundo Evanildo Bechara, *Nova Ortografia*, pág. 91) e, por analogia, os iniciados por **gira**.
299. gira-mundo
300. gira-discos
301. girassol
302. para-brisa(s)
303. para-lama(s)
304. para-choque(s)
305. manda-tudo
306. manda-brasa
307. busca-pé
308. pontapé
309. mandachuva
310. guarda-chuva
311. madrepérola
312. madre-caprina
313. Abre-Campo
314. Rio de Janeiro
315. Quebra-Frasco
316. Todos-os-Santos
317. Três Rios
318. Entre-os-Rios
319. Trás-os-Montes
320. Trinca-Fortes
321. Pendura-Saia
322. Timor-Leste
323. Santa Cruz
324. Guiné-Bissau
325. América do Sul
326. Nova Guiné
327. sul-rio-grandense, rio-grandense-do-sul
328. norte-americano, americano-do-norte
329. porto-alegrense
330. belo-horizontino
331. cruzeirense-do-sul, sul-cruzeirense
332. indo-chinês
333. indochinês
334. centro-africano
335. centroafricano
336. E
337. C
338. C
339. pé de pato
340. baba de moça
341. papo de anjo
342. ponta de lança
343. Florianópolis-Curitiba-Uberlândia-Brasília
344. Brasil-Argentina-Paraguai
345. bálsamo-coral
346. bálsamo-de-cheiro
347. bico-de-papagaio
348. correto
349. bem-me-quer
350. malmequer
351. mata-pasto
352. mata-borrão
353. não-me-toques
354. correto
355. bola-de-neve
356. correto
357. copo-de-leite
358. correto
359. coerdeiro
360. deserdar
361. anti-humano
362. pré-história
363. contra-harmônico
364. inarmônico
365. desarmonia
366. super-harmonia
367. coabitar
368. desabitar
369. anistórico
370. anepático
371. a-histórico
372. anidro
373. eletro-higrometria
374. geo-história
375. inabilidoso
376. ultra-habilidoso
377. coabilidade
378. arqui-hipérbole
379. reaver
380. reouvera
381. reumanizar
382. reidratar
383. re, co, des, in, an
384. supra-auricular
385. contra-atestar
386. reeducação
387. cooperação
388. anti-ibérico
389. arqui-irmão
390. preexistir
391. auto-observação
392. micro-onda
393. semi-inconstante
394. ree, pree, coo, proo
395. circum-navegar
396. pan-hemisférico
397. circum-adjacência
398. circunvagar
399. pan-mágico
400. pan-americano
401. pampsiquismo

402. pan-nigeriano
403. pambrasileiro
404. circunvolução
405. circunlóquio
406. pan-harmônico
407. vogal, m, n
408. hiper-requinte
409. super-revista
410. sub-bloco
411. sub-bosque
412. sub-reitor
413. addsoniano (de addson)
414. pref. ab-rupto
415. adrenalina
416. adrenalite
417. adrenal, ad-renal
418. sub-rogar
419. sub-resfriar
420. abrupto (ou ab-rupto), adrenal (ou ad-renal), adrenalina, adrenalite
421. além-mar
422. aquém-divisa
423. além-pireneus
424. recém-casado
425. recém-nascido
426. sem-cerimônia
427. sem-vergonha
428. sem-número
429. bem-aventurado
430. bem-criado
431. benquerer, benfazer e derivados: benquisto, benquerença, benfeito, benfeitor; topônimos e derivados: Benfica, benfiquense, Bembom, bembonense, Bemposto, bempostano...
432. ex-padre
433. exportar
434. ex-presidente
435. expatriar
436. soto-piloto
437. sota-piloto
438. vizo-monarca
439. vice-presidente
440. pré-natal
441. pós-parto
442. pospor
443. pós-textual
444. postergar
445. pró-europeu
446. propor
447. pró-soviético
448. pré-gravação
449. pré-embrião ou preembrião
450. preeleger
451. pré-esclerose
452. preesclerótico/pré-esclerótico
453. preexistir
454. pré-eleição/preeleição
455. pré-eleito/preeleito
456. pré-eleitoral
457. pré-embrionário
458. pré-embrião/preembrião, mas só pré-embrionário; só pré-esclerose, mas pré-esclerótico/preesclerótico; só preeleger, mas pré-eleito/preeleito, pré-eleição/preeleição...
459. malcriado
460. malfalante
461. mal-amado
462. mal-afamado
463. mal-ajambrado
464. mal-entendido
465. mal-olhado ≠ mau-olhado
466. malvisto
467. correto
468. correto
469. correto
470. correto
471. correto
472. correto
473. correto
474. correto
475. correto
476. Manhumirim
477. Mogiguaçu
478. Ceará-Mirim
479. capim-açu
480. socó-açu
481. tatuaçu
482. cupim-açu
483. tuim-açu

(484) *arco-da-velha*, (485) *ao-deus-dará*, (486) *água-de-colônia*, (487) *à-queima-roupa*, (488) *pé-de-meia*, (489) *cor-de-rosa* e (490) *mais-que-perfeito* são exceções indicadas no Acordo Ortográfico, mas o VOLP também registra (491) *dois-por-dois*. (492) quase entendimento, (493) não agressão, (494) não vingança.

495. agronegócio
496. agromania
497. auricéfalo
498. auroferrífero
499. contravento
500. contraverdade
501. contrafluxo
502. ortofotografia
503. ortomorfismo
504. retrocarregar
505. protoplasma
506. protovértebra
507. aeroespacial
508. suprainventivo
509. autoinvestigação
510. termoelétrica
511. endoestesia
512. hidroavião
513. extrarregular
514. infrassom
515. minissaia
516. biorritmo
517. biossatélite
518. bissecular
519. microssistema
520. microrradiografia
521. circum- -navegar
522. super- -rádio

523. vice- -prefeito
524. soto- -mestre
525. bem- -humorado
526. pós- -graduado

Uso dos Porquês

527 e 528. por que (= por que motivo)
529. por que (... os ideais pelos quais lutamos)
530. por que (... o motivo pelo qual ele não compareceu)
531 a 535. por quê (motivo)
536. porquê
537. porquês
538. porquê
539. Porquês
540. porque (conj. causal)
541. porque (conj. explicativa)
542. porque (conj. final = para que)
543. porque (pergunta com resposta implícita)
544. Por que
545. porque, por que
546. Por quê?
547. porquê
548. porque
549. Por que
550. porque
551. por quê?
552. por que, por que, porquê, porque
553. porque
554. por que (pelo qual), porque (conj. explicativa = resposta)
por que (pelos quais)
555. porquês

Mau ≠ Mal

556. mau
557. maus
558. más
559. mal
560. mal
561. mal
562. E
563. E
564. C
565. C
566. C
567. E
568. C
569. C
570. C
571. Anpac, ONU, PIS
572. AC, AL, AP, AM, BA, CE, DF, ES, GO, MA, MT, MS, MG, PA, PB, PR, PE, PI, RJ, RN, RS, RO, RR, SC, SP, SE, TO
573. Em 2h e 20min, ele percorreu 250 km.
O ponto após km não é do símbolo, mas, como ponto final, apenas termina a frase.

Acentuação Gráfica (norma antiga)

574. nó – lê-lo – ri – cru – pó – nós – fi-lo – fá-lo – vós – cós – noz – pô-lo – mas – voz – cor – vez – vi – nu – má – vês
575. atrás – maio – buriti – através – apôs – você – contêm – camelo – cara – marcá-lo – detê-lo – impô-lo – decidi-lo – recém – porém
576. Porque os terminados em **ens**, para serem acentuados, devem ser oxítonos.
577. cáqui – item – itens – pênsil – pólem – tênis – hífen – hifens – tríceps – fáceis – órfão – polícia – ciência – ímã – nêutron
Obs.: Pelo Formulário Ortográfico, as palavras terminadas em ditongo crescente átono (cárie, água, polícia...) incluem-se na regra das proparoxítonas.
578. câmara – cálculo – falássemos – éramos – médico – trânsito – ínterim – veículo – fotógrafo – édito – úmido – abóbada
579. rói – dói – mói – paranóia – sequóia – geléia – aldeia – apóio ou apoio – chapéu – seu – reuzinho – assembléia
580. caí – caído – caíste – gratuito – cair – caindo – juízo – fluído – juiz – alaúde – balaústre – distribuí – Raul – reú-ne – tainha – rainha – concluí – construí-lo – proíbe – ateísmo
581. agüentas – enxagüei – argúem – apazigüei – tranqüilo – argúi ou argüi – obliqúe – cinqüenta – averigúe – eqüino ou equino – lingüiças – seqüestro – delinqüir – freqüentemente – argüimos – apazigúe
582. Ele provém do sul, mas seus pais provêm do leste.
583. Cada qual diz as coisas que lhe convêm.
584. Ele faz aquilo que lhe convém.
585. O que contêm estas caixas?
586. Os teóricos, agora, revêem os conceitos.

587. Eles provêem a despensa do necessário para uma semana.
588. Eles não descrêem sistematicamente.
589. Ele pára a todo instante para olhar o mapa.
590. Veja se você pára para pensar.
591. Por ordem médica, ela vai pôr um marcapasso por mês.
592. Passava a mão pelo pêlo do animal.
593. Ele se péla de medo pela amiga.

Prática Geral

594. c
595. b
596. a
597. d
598. a
599. c
600. a
601. c
602. a
603. d
604. a
605. a
606. b
607. a
608. d
609. c

Acentuação gráfica *(norma nova)*

610. tem
611. têm
612. juiz
613. juíza
614. também
615. paranoica
616. empáfia
617. sequestrador
618. arguem
619. arguí
620. Ataíde
621. argui
622. voo
623. frequente
624. tuiuiú
625. entretém
626. próximos
627. agueiro
628. amá-los
629. prendê-los
630. fá-lo-á
631. geleia
632. dóceis
633. pôr
634. por
635. claraboia
636. chapéus
637. heróis
638. pôde
639. instruí-lo
640. porém
641. pode
642. forma
643. última
644. fôrma
642. fôrma
643. última
644. forma
645. fóton
646. fótons
647. iândom
648. iândons
649. rádom
650. rádon
651. rádons
652. herôon
653. herôons
654. destróier
655. gêiser
656. blêizer
657. destróieres
658. gêizeres
659. blêizeres
660. taoismo
661. taoista
662. maoismo
663. maoista
664. hinduísmo

Prática

665. c
666. d
667. c
668. b
669. c
670. b
671. a
672. d
673. c
674. b
675. d
676. c
677. a
678. e
679. c
680. a
681. c
682. b
683. c
684. b
685. c
686. a
687. c
688. b
689. b
690. e
691. a
692. d
693. d
694. b
695. e
696. d
697. e
698. b
699. a
700. a
701. a
702. c
703. e

4 SUBSTANTIVO

1. b, d
2. a, d
3. a, c
4. a, d, e
5. a, d, e
6. a, d
7. a, c
8. b, d
9. c
10. d
11. b
12. a
13. C
14. E
15. C
16. c
17. a
18. b
19. leitora
20. pintora
21. atriz
22. governadora
23. imperatriz
24. cerzideira
25. remadora
26. aviadora
27. cantadora ou cantatriz
28. cantora, cantorina ou cantarina
29. embaixatriz (esposa) ou embaixadora (ocupante do cargo)
30. abadessa
31. diaconisa
32. sacerdotisa
33. episcopisa
34. papisa
35. profetisa
36. pitonisa
37. canonisa
38. druidesa, druidisa
39. baronesa
40. condessa
41. duquesa
42. consulesa
43. oficiala
44. alcaidessa ou alcaidina
45. prioresa ou priora
46. bacharela
47. cachorra
48. cadela
49. generala
50. giganta
51. hóspeda
52. elefanta (**aliá** para alguns; **elefoa** já em desuso)
53. pardoca, pardaloca, pardaleja
54. rapariga, moça
55. monja
56. râni ou rani
57. dogesa, dogaresa ou dogaressa
58. sílfide
59. marani
60. varoa, matrona, virago ou mulher
61. sandia
62. tabaroa
63. bode
64. carneiro
65. cupim
66. (ou javalina) javali
67. cavaleiro
68. cavalheiro
69. (ou veada) veado
70. burro
71. zangão ou zângão
72. rinoceronte
73. infanta (pode também ficar invariável)
74. governanta (também invariável)
75. presidenta (também invariável)
76. parenta (também invariável)
77. invariável

	MASCULINO	Ã	OA	ONA	OUTRAS
78.	aldeão	aldeã			
79.	alemão	alemã			
80.	anfitrião	anfitriã	anfitrioa		
81.	beirão		beiroa		
82.	bretão	bretã	bretoa		
83.	ermitão	ermitã	ermitoa		
84.	figurão			figurona	

	MASCULINO	Ã	OA	ONA	OUTRAS
85.	lebrão				lebre
86.	maganão				magana
87.	perdigão				perdiz
88.	respondão			respondona	
89.	sultão				sultana
90.	tecelão	tecelã	teceloa		
91.	valentão			valentona	
92.	vilão	vilã	viloa		

93. a
94. C
95. C
96. C
97. C
98. mesas
99. cafés
100. degraus
101. reféns
102. álbuns
103. jasmins
104. mares
105. colheres
106. gestores
107. xadrezes
108. raízes
109. cruzes
110. ardis
111. barris
112. fósseis
113. mísseis
114. animais
115. sóis
116. papéis
117. pauis
118. cidadãos
119. irmãos
120. cristãos
121. corações
122. frações
123. balões
124. pães
125. capelães
126. cães
127. bolões
128. filhões
129. verdões
130. órfãos
131. sótãos
132. órgãos

		ões	**ãos**	**ães**
133.	alão (cão de fila)	alões	alãos	alães
134.	alazão	alazões	—	alazães
135.	alcorão	alcorões	—	alcorães
136.	aldeão	aldeões	aldeãos	aldeães
137.	anão	anões	anãos	—
138.	ancião	anciões	anciãos	anciães
139.	bastião (baluarte)	bastiões	—	bastiães
140.	bênção	—	bênçãos	—
141.	capelão	—	—	capelães
142.	capitão	—	—	capitães

		ões	ãos	ães
143.	castelão	castelões	castelãos	castelães
144.	charlatão	charlatões	—	charlatães
145.	cidadão	—	cidadãos	—
146.	corrimão	corrimões	corrimãos	—
147.	deão (decano)	deões	deãos	deães
148.	ermitão	ermitões	ermitãos	ermitães
149.	escrivão	—	—	escrivães
150.	feijão	feijões	—	—
151.	fuão (fulano)	fuões	fuãos	—
152.	guardião	guardiões	—	guardiães
153.	hortelão	hortelões	hortelãos	—
154.	mão	—	mãos	—
155.	opinião	opiniões	—	—
156.	órgão	—	órgãos	—
157.	pagão	—	pagãos	—
158.	peão	peões	peãos	peães
159.	pião	piões	piãos	piães
160.	questão	questões	—	—
161.	rufião	rufiões	—	rufiães
162.	sacristão	—	sacristãos	sacristães
163.	sultão	sultões	sultãos	sultães
164.	tabelião	—	—	tabeliães
165.	verão	verões	verãos	—
166.	vilão	vilões	vilãos	—
167.	vulcão	vulcões	vulcãos	vulcães

168. ões
169. C
170. C
171. C
172. ananases
173. ingleses
174. ilhoses
175. os lápis
176. os oásis
177. os ônibus
178. peões + zinhos – peõezinhos
peãos + zinhos – peãozinhos
peães + zinhos – peãezinhos
179. papéis + zinhos – papeizinhos
180. cães + zitos – cãezitos
181. balões + zinhos – balõezinhos
182. aposta (′) – apostos (′)
183. porca (′) – porcos (′)
184. sogra (′) – sogros (^)
185. sogras (′)
186. bolhas (^)
187. rodas (′)

	SINGULAR	PLURAL	
		(^)	(′)
188.	abrolho (^)		abrolhos
189.	adorno (^)	adornos	
190.	almoço (^)	almoços	
191.	arroba (^)	arrobas	
192.	bolha (^)	bolhas	
193.	bolso (^)	bolsos	
194.	cachorro (^)	cachorros	
195.	caroço (^)		caroços
196.	cebola (^)	cebolas	
197.	choco (^)		chocos
198.	coco (^)	cocos	
199.	consolo (^)	consolos	
200.	contorno (^)		contornos
201.	corno (^)		cornos
202.	coro (^)		coros
203.	corpo (^)		corpos
204.	corvo (^)		corvos
205.	cota (′)		cotas
206.	dorso (^)	dorsos	
207.	esforço (^)		esforços
208.	esposa (^)	esposas	
209.	esposo (^)	esposos	
210.	estorvo (^)	estorvos	estorvos
211.	fogo (^)		fogos
212.	folha (^)	folhas	
213.	forno (^)		fornos
214.	foro (^)		foros
215.	fosso (^)		fossos
216.	globo (^)	globos	
217.	imposto (^)		impostos
218.	jogo (^)		jogos
219.	miolo (^)		miolos
220.	moda (′)		modas
221.	molho (′) (de chaves)		molhos

	SINGULAR	PLURAL	
		(^)	(′)
222.	molho (^) (de tomate)	molhos	
223.	morro (^)	morros	
224.	namoro (^)	namoros	
225.	olho (^)		olhos
226.	osso (^)		ossos
227.	ovo (^)		ovos
228.	peroba (′)		perobas
229.	pescoço (^)	pescoços	
230.	piloto (^)	pilotos	
231.	piolho (^)	piolhos	
232.	poço (^)	poços	poços
233.	polvo (^)	polvos	
234.	porto (^)		portos
235.	potro (^)	potros	
236.	povo (^)		povos
237.	reboco (^)	rebocos	
238.	reforço (^)		reforços
239.	repolho (^)	repolhos	
240.	roda (′)		rodas
241.	rogo (^)		rogos
242.	rolha (^)	rolhas	
243.	rolo (^)	rolos	
244.	rosto (^)	rostos	
245.	senhora (′)		senhoras
246.	socorro (^)		socorros
247.	sogra (′)		sogras
248.	sogro (^)	sogros	
249.	sopa (^)	sopas	
250.	sopro (^)	sopros	
251.	sova (′)		sovas
252.	suborno (^)	subornos	
253.	tijolo (^)		tijolos
254.	toco (^)	tocos	tocos
255.	toldo (^)	toldos	
256.	topo (^)	topos	
257.	tremoço (^)		tremoços
258.	troco (^)	trocos	trocos

259. furta-cores
260. quebra-mares
261. porta-bandeiras
262. pára-choques (nova ortografia: para-choques)
263. guarda-chuvas
264. cirurgiões-dentistas
265. tenentes-coronéis
266. couves-flores
267. amores-perfeitos
268. cabras-cegas
269. guardas-civis
270. guardas-noturnos
271. segundas-feiras
272. terças-feiras
273. meios-fios
274. bananas-maçã
275. canetas-tinteiro
276. navios-escola
277. peixes-boi
278. mangas-rosa
279. pães-de-ló (nova ortografia: pães de ló)
280. estrelas-do-mar
281. papos-de-anjo
282. babas-de-moça (nova ortografia: babas de moça)
283. grãos-de-bico
284. vice-presidentes
285. ex-diretores
286. ave-marias
287. grão-duques
288. sempre-vivas
289. abaixo-assinados
290. tico-ticos
291. tique-taques
292. reco-recos
293. corre-corres ou corres-corres
294. pisca-piscas ou piscas-piscas
295. pega-pegas ou pegas-pegas
296. frutas-pão ou frutas-pães
297. guardas-marinha ou guardas-marinhas
298. padres-nossos ou padre-nossos
299. salvos-condutos ou salvo-condutos
300. ruges-ruges ou ruge-ruges
301. os bota-fora
302. os louva-a-Deus
303. os disse-me-disse (nova ortografia: os disse me disse)
304. os leva-e-traz (nova ortografia: os leva e traz)
305. os pisa-mansinho
306. b
307. d
308. d
309. a
310. e
311. d
312. e
313. c
314. a
315. e
316. a
317. C
318. C
319. C
320. C
321. C
322. C
323. C
324. E
325. E
326. ovelhas leiteiras
327. lobos
328. peixes
329. camelos
330. uvas, bananas
331. bispos
332. professores, religiosos
333. vadios
334. navios de guerra
335. cabras
336. músicos
337. garimpeiros
338. peixes pequeninos
339. assassinos, malfeitores
340. sacerdotes
341. cardeais p/ escolher o Papa
342. cardeias com o Papa
343. atores
344. aviões
345. soldados, demônios
346. M
347. M
348. F
349. M
350. F
351. F
352. o
353. o
354. o
355. a
356. o
357. o/a
358. o
359. o
360. a
361. o/a
362. a
363. a
364. o
365. o
366. o
367. o/a
368. o
369. o
370. o
371. o

372. o
373. o
374. o
375. a
376. diaba, diabra, diáboa
377. deusa, deia, diva

5 ARTIGO

1. c
2. a
3. b
4. c
5. d
6. e
7. e
8. E
9. C
10. C
11. C
12. C
13. C
14. C
15. a, c
16. a, c
17. d
18. e
19. a, b, c
20. d

6 ADJETIVO

1. c
2. b
3. a
4. anexa
5. publicada
6. proibida
7. quite
8. final
9. grave
10. penosos
11. quites
12. quitados
13. velhos
14. luso-brasileiros
15. hispano-americanas
16. lítero-musicais (nova ortografia: literomusicais)
17. verde-claras
18. castanho-claros
19. azul-piscina
20. grafite-fosca
21. cinza-pérola
22. verde-mar
23. c
24. a
25. b
26. a
27. b
28. a
29. b
30. C
31. C
32. d (amicíssimo é o certo)
33. a
34. e (os prós e os contras)
35. d
36. E
37. E
38. C
39. C
40. C
41. E
42. E
43. C
44. d
45. d
46. e
47. b
48. a (**menor** é superioridade na qualidade de pequeno; é **mais** pequeno e não menos grande)
49. a (pior é **mais** mau e não menos bom)
50. c
51. acutíssimo
52. amaríssimo
53. antiquíssimo
54. aspérrimo
55. celebérrimo
56. crudelíssimo
57. dulcíssimo
58. docílimo
59. fidelíssimo
60. frigidíssimo
61. incredibilíssimo
62. integérrimo
63. libérrimo
64. minutíssimo
65. nigérrimo
66. nobilíssimo
67. prodigalíssimo
68. publicíssimo
69. superbíssimo
70. tetérimo
71. aquilino
72. ebúrnea
73. acrídeo
74. ígneo
75. leporinos
76. letal
77. hircino
78. capilar
79. bélicas

80. murina
81. anímico
82. columbino
83. cutânea
84. docente
85. discente
86. eólia
87. pluvial
88. fluvial
89. episcopal
90. glacial
91. gástrica e renal
92. áureo e argênteo
93. austral ou meridional
94. boreal ou setentrional
95. baiano e soteropolitano ou salvadorense
96. hierosolimitano
97. chinês, chim ou chino
98. judeu, judaico, judengo, judio
99. egípcio, egipcíaco, egipciano, egiptano

7 PRONOME

1. PA, PS, PS
2. PS, PA
3. PA, PA, PS
4 a 8. R, O, O
9. R, R, O
10. lhe, os
11. o
12. la
13. os
14. lhe
15. mim
16. ti, te
17. si, se
18. nós, nos
19. Ama-lo
20. Fê-los
21. qué-lo
22. to, ta, tos, tas
23. lho, lha, lhos, lhas
24. lho, lha, lhos, lhas
25. no-lo, no-la, no-los, no-las
26. vo-lo, vo-la, vo-los, vo-las
27. Dizem-na
28. Cumprem-nas
29. Põe-no
30. Põem-nos
31. eu
32. eu
33. eu
34. eu
35. consigo
36. consigo
37. com você
38. si
39. C
40. C
41. C
42. C
43. C
44. C
45. E
46. E
47. E
48. C
49. C
50. E
51. C
52. C
53. C
54. E
55. C
56. C
57. C
58. C
59. E
60. E
61. C
62. C
63. C
64. Você
65. Vossa Senhoria
66. Vossa Excelência
67. Vossa Excelência Reverendíssima
68. Vossa Magnificência
69. Sua Senhoria
70. Sua Reverendíssima
71. Sua Magnificência
72. Sua Excelência Reverendíssima
73. Sua Excelência
74. Vossa Senhoria **entende**...
75. Vossa Excelência **tem** todos os **seus** argumentos...
76. Este
77. Esse
78. Esse
79. Aquele
80. Aqueles
81. Esse
82. Este
83. isto, este, esta, estes, estas
84. isso, esse, essa, esses, essas
85. céu, montanhas
86. (1 aquelas; 2 essa; 3 este)
87. Desta vez serei eu que decidirei meu futuro.
88. O crítico elogiou o filme de que (do qual) Paulo Autran participou.
89. O autor cuja obra foi condenada vive na clandestinidade.

90. Passaram as férias na praia onde (em que/na qual) se conheceram.
91. As tribos, que tiveram contato com a civilização, foram dizimadas por doenças.
92. que (eu) vi
93. de quem (eu) falei
94. por quem (eu) procurava
95. em quem (eu) pensava
96. cujo filho (eu) conheço
97. Chegou a mãe do rapaz a qual encontramos no cinema.
98. Chegou a mãe do rapaz o qual encontramos no cinema.
99. Este é o quarto da casa com o qual Julieta sonha.
100. Este é o quarto da casa com a qual Julieta sonha.
101. A filha de Paulo, a qual fugiu ontem, está sem paradeiro definido.
102. A filha de Paulo, o qual fugiu ontem, está sem paradeiro definido.
103. Qual o seu nome?
104. Quem os apoiaria?
105. Quantos virão para o jantar?
106. O que procuras aqui?
107. a
108. c
109. d
110. b
111. Rasgaram-me a roupa.
112. Confiscaram-lhe(s) os bens.
113. Isso nos roubou a vontade.
114. b
115. c
116. a
117. e
118. d
119. Quem, tudo, tudo
120. Alguns, várias
121. Muitas, pouco
122. Certas
123. Cada, quanto
124. Cada qual
125. Quem quer que, cada um
126. seja quem for
127. A gente, todo mundo, a gente
128. b
129. a
130. a
131. d
132. a
133. A resposta que o examinador esperava era a letra c. Entretanto, a letra b também pode ser respondida, desde que se considere o período como optativo (Tomara que Sua Excelência se sinta à vontade...)
134. b
135. a
136. c
137. b
138. d
139. a/d (até 21/12/2012)
140. e
141. c
142. c
143. b
144. c
145. e
146. a
147. c
148. b
149. d
150. isso
151. isto
152. este
153. Estes
154. essas
155. este
156. aqueles, estes
157. esse
158. Aquele, este
159. Esta, aquelas
160. Aquele, este, esse
161. Este, aquela
162. E
163. E
164. C
165. E
166. C
167. E
168. C
169. C
170. essa, nesta

8 NUMERAL

1. C
2. C
3. E
4. C
5. C
6. C

	Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
7.	um	primeiro, primário, primo	———	———
8.	dois	segundo, secundário	dobro, duplo, dúplice	meio, metade
9.	três	terceiro, terciário	triplo, tríplice, trino	terço
10.	quatro	quarto, quarternário	quádruplo	quarto
11.	cinco	quinto	quíntuplo	quinto
12.	seis	sexto	sêxtuplo	sexto
13.	sete	sétimo, setenário	sétuplo	sétimo
14.	oito	oitavo	óctuplo	oitavo
15.	nove	nono	nônuplo	nono
16.	dez	décimo	décuplo	décimo
17.	onze	undécimo, décimo primeiro	undécuplo	onze avos
18.	doze	duodécimo, décimo segundo	duodécuplo	doze avos
19.	treze	décimo terceiro	———	treze avos
20.	catorze	décimo quarto	———	catorze avos
21.	quinze	décimo quinto	———	quinze avos
22.	dezesseis	décimo sexto	———	dezesseis avos
23.	dezessete	décimo sétimo	———	dezessete avos
24.	dezoito	décimo oitavo	———	dezoito avos
25.	dezenove	décimo nono	———	dezenove avos
26.	vinte	vigésimo	———	vigésimo / vinte e ... avos
27.	trinta	trigésimo	———	trigésimo / trinta e... avos
28.	quarenta	quadragésimo	———	quadragésimo / quarenta e...avos
29.	cinquenta	quinquagésimo	———	quinquagésimo / cinquenta e...avos
30.	sessenta	sexagésimo	———	sexagésimo / sessenta e...avos
31.	setenta	se(p)tuagésimo	———	se(p)tuagésimo / setenta e...avos
32.	oitenta	octogésimo	———	octogésimo / oitenta e... avos
33.	noventa	nonagésimo	———	nonagésimo / noventa e ...avos
34.	cem	centésimo	cêntuplo	centésimo / cento e... avos
35.	duzentos	ducentésimo	———	ducentésimo / duzentos e... avos
36.	trezentos	tricentésimo, trecentésimo	———	tricentésimo, trecentésimo / trezentos e... avos
37.	quatrocentos	quadringentésimo	———	quadringentésimo / quatrocentos e... avos
38.	quinhentos	quingentésimo	———	quingentésimo / quinhentos e... avos
39.	seiscentos	seiscentésimo, sexcentésimo	———	seiscentésimo/sexcentésimo / seiscentos e... avos
40.	setecentos	se(p)tingentésimo	———	se(p)tingentésimo / setecentos e... avos
41.	oitocentos	octingentésimo	———	octingentésimo / oitocentos e... avos
42.	novecentos	nongentésimo, noningentésimo	———	nongentésimo, noningentésimo / novecentos e... avos
43.	mil	milésimo	———	milésimo
44.	milhão	milionésimo	———	milionésimo
45.	bilhão	bilionésimo	———	bilionésimo
46.	trilhão	trilionésimo	———	trilionésimo

47. E
48. C – noningentésimo(a) é forma variável de nongentésimo(a).
49. C
50. E
51. E
52. C
53. C
54. C
55. E (Variam em número: duas década(s) mi-lhar(es))
56. C
57. C
58. C
59. C
60. vinte e quatro milhões, cento e trinta e dois mil, quatrocentos e trinta e seis
61. vinte e dois bilhões, trezentos e trinta e três milhões, quatrocentos e trinta e dois mil, cento e vinte e três
62. C
63. C
64. nove mil e cinquenta e seis
65. nove mil e seis
66. nove mil, cento e cinquenta e seis
67. nove mil, trezentos e vinte
68. nove mil e trezentos
69. um terço
70. dois terços
71. cinco oitavos
72. um oitavo
73. três onze avos
74. um vigésimo
75. sete trigésimos
76. quatro trinta e três avos
77. onze ducentésimos
78. treze duzentos e vinte avos
79. E
80. C
81. E
82. C
83. C
84. C
85. C
86. C
87. E
88. C
89. C
90. onze
91. segundo
92. sexto
93. vinte
94. décimo
95. décimo
96. onze
97. décimo
98. onze
99. primeiro
100. nono
101. dez
102. vinte e cinco
103. primeiro
104. dois
105. vinte e cinco
106. trinta e um
107. um
108. um
109. um
110. um
111. um
112. dois
113. nove
114. vinte e dois
115. dez
116. milésimo se(p)tingentésimo quinquagésimo sétimo
117. quadringentésimo octogésimo sexto
118. oito bilhões, setecentos e vinte e três milhões, oitocentos e quarenta e seis mil, cento e vinte e três reais e trinta e cinco centavos
119. cinco ducentésimos
120. dezoito por cento
121. E (trezentas)
122. E (5 de outubro)
123. C
124. C
125. E (um décimo)
126. E (décimo)
127. E (décimo oitavo)
128. E (quadragésima segunda)
129. C (forma cartorial)
130. Sim, a expressão "nem um" é mais enfática, tem mais energia que "nenhum".

9 VERBO

1. C
2. E
3. E
4. C
5. C
6. C

7. E
8. E
9. C
10. C
11. C
12. C
13. C
14. C
15. C
16. E
17. C
18. C
19. C
20. C
21. C
22. C
23. C
24. E
25. C
26. C
27. C
28. C
29. C
30. E
31. C
32. C
33. C
34. C
35. a, c, b
36. b, a, a
37. C
38. C
39. C
40. C
41. C
42. C
43. C
44. C
45. C
46. C
47. C
48. E
49. C
50. C
51. C
52. C
53. C
54. C
55. C
56. E (compramos)
57. E (compram)
58. C
59. E (puderem)
60. E (compram)
61. C
62. E (chegaram)
63. C
64. C
65. E (chegue)
66. E (tivesse)
67. C
68. C
69. C
70. E (terias chegado)
71. C
72. E (saísse)
73. C
74. C
75. E (chovesse ou fizesse)
76. E (estivessem)
77. E (estiverem)
78. C
79. C
80. C
81. E
82. E
83. C
84. C
85. E
86. C
87. E
88. C
89. E
90. C
91. C
92. C
93. C
94. 1 e 3
95. 2
96. 2
97. 1 e 3
98. Pode entender-se que cada um se molha, ou que um molha o outro e por ele é também molhado, isto é, pode haver só ação reflexiva ou só ação recíproca.
99. Quando se quer expressar reciprocidade, usa-se um advérbio esclarecedor: Eles se molham **mutuamente** (ou **reciprocamente**, ou **um ao outro**...).
100. E
101. C
102. C
103. C
104. C
105. C
106. C
107. C
108. C
109. C
110. E
111. C
112. C
113. C
114. C
115. C
116. C
117. Um presente é trazido por ela.
118. Soluções serão trazidas por ela.
119. Perfume era trazido por ela.
120. Perfumes seriam trazidos por ela.
121. Uns presentes estiveram sendo trazidos por ela.

122. Um presente estará sendo trazido por ela.
123. Uns presentes estariam sendo trazidos por ela.
124. Um presente deverá estar sendo trazido por ela.
125. Procurava-se solução.
126. Pedir-se-ia um favor.
127. Fabricar-se-ão barco aqui.
128. Procuravam-se soluções.
129. Pedir-se-iam uns favores.
130. Fabricar-se-ão barcos aqui.
131. C
132. C
133. E
134. C
135. E
136. C
137. C
138. C
139. Voz ativa
140. Voz passiva. Procuram-se líderes
141. Voz ativa
142. Voz passiva. Não se falavam verdades
143. Voz ativa
144. Voz passiva. Sacou-se a caneta
145. Voz passiva. Focaram-se dois tatus
146. Voz ativa
147. C
148. C
149. C
150. C
151. C
152. C
153. C
154. C
155. C
156. C
157. E
158. C
159. E
160. C
161. C
162. C
163. C
164. C
165. C
166. C
167. C
168. C
169. C
170. C
171. C
172. C
173. C
174. C
175. C
176. C
177. E
178. C
179. C
180. C
181. C
182. C
183. C
184. C
185. E
186. C
187. C
188. C
189. E
190. C
191. C
192. C
193. C
194. C
195. C
196. C
197. E
198. C
199. C
200. C
201. C
202. C
203. C
204. C
205. C
206. C
207. C
208. E
209. C
210. C
211. C
212. C
213. C
214. C
215. E
216. E
217. C
218. C
219. C
220. C
221. C
222. C
223. C
224. C
225. C
226. C
227. C
228. C
229. C
230. C
231. C
232. C
233. E
234. C
235. C
236. C
237. C
238. C
239. C
240. C
241. C
242. C
243. C
244. C

245. C
246. E
247. C
248. C
249. ame, leia, fuja
250. ames, leias, fujas
251. ame, leia, fuja
252. amemos, leiamos, fujamos
253. ameis, leiais, fujais
254. amem, leiam, fujam
255. C
256. E
257. C
258. C
259. C
260. C
261. E
262. C
263. C
264. C
265. corre – corras
266. corra – corra
267. corramos – corramos
268. correi – corrais
269. corram – corram
270. Namore, vibre, corra, pule, divirta-se à vontade.
271. Não namores, não vibres, não corras, não pules, não te divirtas à vontade.
272. Diverti-vos, mas não vos esgoteis.
273. pudera – quando puder – se eu pudesse
274. puderas – puderes – pudesses
275. pudera – puder – pudesse
276. pudéramos – pudermos – pudéssemos
277. pudéreis – puderdes – pudésseis
278. puderam – puderem – pudessem
279. quisera – quiser – quisesse
280. vira – vir – visse
281. viera – vier – viesse
282. houvera – houver – houvesse
283. coubera – couber – coubesse
284. C
285. C
286. C
287. C
288. C
289. E
290. C
291. C
292. E
293. C
294. C
295. C
296. ajo – agi – agiria – R
297. caibo – coube – caberia – I
298. creio – cri – creria – I
299. enxáguo – enxaguei – enxaguaria – R
300. vou – fui – iria – I
301. faço – fiz – faria – I
302. mobílio – mobiliei – mobiliaria – R
Obs.: também existem:
Mobilar: mobilo, mobilei, mobilaria – R
Mobilhar: mobilho, mobilhei, mobilharia – R
303. pulo – poli – poliria – I
304. pulo – pulei – pularia – R
305. possuo – possuí – possuiria – R
306. posso – pude – poderia – I
307. quero – quis – quereria – I
308. requeiro – requeri – requereria – I
309. sou – fui – seria – I
310. sumo – sumi – sumiria – R
311. C
312. C
313. E
314. C
315. C
316. C
317. E
318. E
319. E
320. C
321. C
322. C
323. C
324. C
325. C
326. C
327. C
328. C
329. C
330. C
331. C
332. C
333. C
334. C
335. C
336. C
337. C
338. C
339. E
340. C
341. C
342. C
343. C
344. C
345. E
346. C
347. C
348. C
349. C
350. E – O verbo "estar" não forma voz passiva.
351. C

352. C
353. E
354. E
355. C
356. C
357. E
358. C
359. C
360. C
361. C
362. C
363. C
364. C
365. C
366. C
367. C
368. C
369. E
370. C
371. C
372. C
373. C
374. E
375. C
376. E
377. C
378. C
379. C
380. C
381. E
382. C
383. E
384. C
385. C
386. C
387. C
388. C
389. C
390. C
391. E
392. C
393. E
394. C
395. E
396. C
397. C
398. C
399. C
400. C
401. E
402. C
403. C
404. C
405. C
406. C
407. C
408. E
409. C
410. C
411. C
412. C
413. C
414. E
415. C
416. C
417. C
418. i, i, i, a, a, i
419. C
420. C
421. E
422. C
423. C
424. C
425. E
426. C
427. C
428. C
429. E
430. C
431. C
432. C
433. C
434. C
435. C
436. C
437. C
438. C
439. C
440. E
441. C
442. C
443. C
444. E
445. C
446. C
447. C
448. E
449. C
450. C
451. E
452. C
453. C
454. C
455. C
456. C
457. E
458. C
459. C
460. C
461. C
462. C
463. C
464. C
465. C
466. C
467. C
468. C
469. C
470. C
471. C
472. C
473. E
474. C
475. C
476. C
477. C
478. E
479. C
480. C
481. C
482. C
483. C
484. C
485. C
486. C

487. C
488. C
489. C
490. C
491. C
492. C
493. C
494. C
495. proveste, proveu, provera, proveras, provesse, provesses, provido.
496. C
497. C
498. C
499. C
500. C
501. C
502. C
503. C
504. C
505. C
506. C
507. C
508. C
509. C
510. C
511. E
512. C
513. C
514. C
515. C
516. C
517. C
518. C
519. C
520. C
521. C
522. C
523. C
524. C
525. C
526. C
527. C
528. C
529. C
530. E
531. C
532. C
533. C
534. C
535. C
536. C
537. C
538. C
539. C
540. C
541. C
542. C
543. C
544. E
545. C
546. C
547. C
548. E
549. E
550. C
551. C
552. C
553. C
554. C
555. C
556. C
557. C
558. C
559. C
560. E
561. C
562. E
563. C
564. C
565. C
566. C
567. E
568. C
569. C
570. C
571. C
572. C
573. C
574. C
575. C
576. C
577. C
578. C
579. C
580. E
581. C
582. C
583. C
584. C
585. C
586. C
587. C
588. C
589. C
590. C
591. C
592. C
593. C
594. C
595. C
596. C
597. C
598. C
599. C
600. Vai com Deus, sê feliz e, quando saíres, fecha a porta.
Ide com Deus, sede felizes e, quando sairdes, fechai a porta.
601. recupero – reouve
602. reouvemos – recupera
603. expressado/expresso – exprimido/expresso
604. extinguido/extinto – suspendido/suspenso
605. frigido/frito – aberto
606. abrir
607. vir/direi
608. interveio/quis/propusera
609. averigúe/mobílio
Obs.: existe também: mobilar e mobilhar regulares

610. vier/puder
611. frase correta
612. vier
613. vir/vier (verbo ver e vir)
614. vimos
615. vieres
616. vir
617. vires/vier
618. vimos/viemos
619. vier
620. vir
621. vieres
622. vierdes
623. virem
624. vierem
625. c
626. b
627. e
628. e
629. f
630. a
631. a
632. a
633. b
634. d
635. b
636. pret. imperf. indicativo
637. imperativo afirmativo
638. infinitivo
639. pret. imperf. do subjuntivo
640. pret. imperf. do indicativo
641. gerúndio
642. pret. perf. do indicativo
643. pret. perf. do indicativo
644. futuro do subjuntivo
645. pres. do subjuntivo
646. futuro do presente
647. pret. perfeito do indicativo
648. E
649. C
650. E
651. C
652. C
653. C
654. C
655. C
656. C
657. mantive-me
658. contivesse
659. reouve
660. C
661. C
662. (tu / você)
663. C
664. C
665. C
666. valha/valer
667. possa/puder
668. queira/quiser
669. requeira/requerer
670. ponha/puser
671. veja/vir
672. caiba/couber
673. tenha/tiver
674. trague/tragar
675. traga/trouxer
676. saiba/souber
677. remedeie/remediar
678. formos/opuseram
679. virdes/dobreis
680. vieres/trouxeste
681. propuser/intervenha
682. revirem/mantiverem
683. interveio/compuseram
684. será
685. desavieram
686. d
687. b
688. a) A grosseria de Deus me feriu e insultou-me.
b) A grosseria de Deus me ferira e insultara-me.
689. vires / vires / vires
690. b
691. a
692. a
693. e
694. d
695. e
696. e
697. c
698. d
699. b
700. a
701. c
702. e
703. d
704. c
705. d
706. a) Se compraste a máquina, jura-o.
b) Se compuseste um poema, dize-o (ou di-lo).
707. b
708. e
709. e
710. Não saias daqui! Não fujas! Não abandones o que é teu e não me esqueças.
711. a) reouver;
b) compuser
712. c
713. b
714. c
715. d
716. b
717. b
718. a
719. c
720. d
721. b
722. b
723. d
724. c
725. d
726. e
727. b
728. e
729. E (somam > apresentam; somaram > apresentaram)

10 ADVÉRBIO

1. A menina alta cantava alto.
2. As meninas altas cantavam alto.
3. Eram muitos problemas.
4. Eram problemas muito fáceis.
5. muito pouca – muito pouco admirada
6. E
7. C
8. C
9. E
10. C
11. C
12. E
13. E
14. C
15. C
16. C
17. C
18. E
19. C
20. b
21. e
22. a
23. g
24. f
25. f
26. c
27. d
28. b
29. c
30. d
31. a
32. c
33. d
34. b
35. E
36. E
37. C
38. C
39. E
40. C
41. C
42. C
43. C
44. C
45. C
46. C
47. C
48. E
49. C
50. C
51. C
52. C
53. C
54. C
55. E
56. C
57. C
58. C
59. C
60. C
61. C
62. E
63. C
64. C
65. C
66. C
67. C
68. C
69. C
70. C
71. E

	Adv.	Classif.	Loc.Adv.	Classif.
72.	nunca tão	tempo e negação intensidade		
73.	lá	lugar		
74.	tão cedo	intensidade tempo	Por que	causa
75.	Não onde como	negação lugar modo		
76.	Talvez não quando	dúvida negação tempo		
77.			da Espanha	lugar
78.	muito pouco	intensidade intensidade		
79.	bastante	intensidade		
80.	Meio	intensidade		

11 PREPOSIÇÃO

1. d
2. a
3. e
4. c
5. b
6. i
7. h
8. d
9. c
10. b
11. a
12. g
13. f
14. e
15. j
16. k
17. a
18. b
19. a
20. b
21. b (está subentendido o verbo: *"menos eu (vou)."*
22. c
23. ao/pelo
24. à/pela – com
25. no
26. dessa
27. àquelas
28. para
29. sem
30. por
31. c (ler, falar **sobre** um assunto)
32. d (a ideia é de causa: tiritavam por causa do frio)

12 CONJUNÇÃO

1. C
2. C
3. C
4. C
5. E
6. C
7. C
8. C
9. C
10. C
11. C
12. E
13. C
14. C
15. C
16. C
17. C
18. C
19. c
20. b
21. e
22. e
23. a
24. b
25. c
26. d
27. 3 – 10
28. 5
29. 1 – 8
30. 2 – 8
31. 4 – 5
32. 6 – 10
33. 7 – 5
34. 9
35. C
36. E
37. C
38. C
39. C
40. E
41. C
42. i – n
43. l – m
44. o – c – o
45. o – b – o
46. k
47. h – a – i
48. g – f
49. e – j
50. d – l

13 INTERJEIÇÃO

1. b
2. d
3. e
4. c
5. g
6. f
7. a
8. h
9. j
10. i
11. E
12. C
13. C
14. C
15. E
16. C
17. C
18. C
19. C
20. E "Oh! não me chames assim."

14 SEMÂNTICA

1. d
2. c
3. c
4. d
5. c
6. d
7. a
8. b
9. c
10. d
11. a
12. d
13. c
14. b
15. e
16. e
17. a
18. b
19. d
20. c
21. f
22. e
23. eminente – iminente
24. despercebido
25. discrição
26. prescreveu
27. proscreveu
28. tráfego
29. 1
30. 6, 2
31. 6
32. 6, 1
33. 2
34. 5
35. 5
36. 6
37. 2
38. 1
39. 1
40. 1
41. 2
42. 1
43. 2
44. 2, 1
45. 1, 2
46. 3, 2
47. 2
48. 2, 1
49. 2, 1
50. 2, 1
51. 2, 1
52. 1, 2
53. 2, 1
54. 3
55. 1
56. 2
57. 2, 1
58. 3, 2, 1
59. b
60. c
61. e
62. b
63. a
64. a
65. d
66. b
67. a
68. a
69. e
70. e
71. b
72. a
73. b
74. d
75. d
76. C
77. E
78. C
79. C
80. Amazônia

15 CONCORDÂNCIA NOMINAL

1. C
2. C
3. C
4. C
5. E
6. C
7. E
8. C
9. E
10. os / o
11. os / a
12. as / a
13. os / os
14. os / os
15. os / o
16. o
17. a
18. as
19. os
20. os
21. os
22. os
23. os
24. os
25. os
26. as
27. o

28. Estes
29. Elas
30. as
31. es
32. as
33. as
34. os
35. os
36. sós/só
37. as
38. as
39. as
40. as
41. as
42. os
43. quaisquer
44. os
45. C
46. E
47. C
48. C
49. C
50. E
51. C
52. s – os – os
53. s – as – as
54. s – os
55. o – o
56. o – o
57. o – o
58. ∅
59. a – a – ∅
60. ∅ – s
61. a – a – ∅ – as
62. l – l
63. l – is
64. l – is
65. is – is
66. is – l
67. os
68. os
69. o – o
70. o
71. a – a
72. el
73. eis
74. el
75. el
76. eis
77. el
78. eis
79. eis
80. C
81. C
82. C
83. C
84. E
85. C
86. vistos/visto
87. vistos/vista
88. vistos/vistos
89. vistos/vistas
90. azuis
91. cinza
92. azul-claros
93. azul-marinho
94. verde-mar
95. verde-garrafa
96. cor de safira
97. azul-celeste
98. novos/as
99. brasileiros/a
100. táticos/o
101. honestos
102. bovina
103. belos
104. bom
105. proibido
106. permitida
107. claros
108. autores
109. necessário
110. ovalado
111. meia (hora)
112. meias
113. meio
114. anexos
115. merecedora
116. mesmas
117. mesmo
118. mesmo
119. sós
120. só
121. quite – quites
122. leso – lesa
123. tais qual
124. juntos – junto
125. anexas
126. alerta
127. menos
128. menos
129. salvo
130. salvos
131. pseudo – pseudo
132. baratas – barato
133. caras – caro
134. possíveis
135. claros possível
136. funcionário competentes
137. maravilhosa
138. maravilhoso
139. vistos/o
140. longes – longe
141. cauteloso
142. cautelosos
143. necessária
144. meia – meio
145. bastante – bastantes
146. alerta
147. tal quais
148. Santo

16 CONCORDÂNCIA VERBAL

1. amos – am
2. as – o
3. ais – a
4. am
5. am
6. emos
7. emos
8. eis (ou ão)
9. ão
10. am/a
11. am/a
12. am
13. á
14. á
15. a/am
16. a/am
17. a/am
18. a/am
19. fazem
20. impressionaram
21. aproximem-se
22. Procure
23. casará
24. é
25. amedrontaram
26. amedrontou
27. fizeram
28. viemos
29. fez
30. vim
31. acertaram/ou
32. atingem/e
33. noticiou
34. pediram
35. sorria/m
36. calou/aram
37. entendeu/eram
38. casará
39. reclamou/aram
40. venceram
41. vencemos
42. vencestes
43. chamou/ei
44. chamou/aste
45. chamou/amos
46. chamou/astes
47. convidou/aram
48. cantou/aram
49. sairão/eis
50. compreendem/emos
51. fará
52. fará
53. quebrou/aram
54. surgiu/iram
55. pode
56. duvida
57. duvidam
58. passaram
59. estudou
60. atuaram/ou
61. Entraram
62. passaram
63. surpreende
64. enfeitiçam
65. enfeitiça
66. atravessa
67. haja/m
68. haja
69. haja
70. consertam
71. cobrem
72. Afia
73. Fala
74. Procurava
75. Discute
76. Era – sabia
77. chegou
78. entenderam
79. virá
80. soou
81. batia
82. deu
83. C
84. C
85. E
86. E
87. C
88. C
89. E
90. C
91. e
92. b
93. c
94. d
95. a
96. C
97. C
98. E
99. C
100. E
101. C
102. C
103. Basta
104. Faz
105. haverá
106. Há
107. Hão
108. Vai
109. Vai
110. Havia
111. Existiam
112. Devem
113. Deve
114. Chovia
115. Choviam
116. é
117. são
118. são
119. era/m
120. é/são
121. eras
122. sereis
123. é
124. será
125. é
126. era

127. É
128. Serão
129. Eram
130. São
131. é/são
132. era/m
133. foi
134. era
135. é que – foi – que
136. é que – será – que
137. é que – serão – que
138. c
139. b (quinhentas)
140. sobraram
141. ganha/mos
142. Faltaram – houvesse
143. Voltamos/aram
144. resolveram
145. convenceu
146. concordou/aram
147. será
148. serão
149. sereis/ão
150. almoçaremos
151. concordaram
152. concorda
153. concordam/ais
154. embolaram
155. Havia
156. Haviam
157. existiam
158. nasciam
159. deporá/ão
160. foi/foram
161. Passou/aram
162. tivestes/tiveram
163. poderá
164. acreditou
165. comovem/e
166. fica/m impotente/s
167. prejudica/m
168. fez/fizeram
169. podem
170. pode
171. demoveu/ram
172. prepararam
173. preparou
174. chegou/aram
175. saiu/ram
176. cantava/m
177. convence/m
178. está/ão
179. cumprimentam
180. entende/m
181. sumiram
182. venceremos
183. venceriam
184. é que
185. é que
186. venceria/m
187. venceu/emos
188. concordou/aram
189. chegarão/emos
190. chegarão/eis
191. falou
192. levantou/aram
193. estão
194. estão/está
195. estão
196. gritavam
197. apresentaram
198. continua
199. continuam
200. haja/m
201. haja
202. Procurava
203. Procuravam
204. pensava
205. fazem
206. bateu
207. ajuda
208. pareciam
209. parecia
210. é primeiro
211. serão – foi
212. e
213. d
214. d
215. a
216. a
217. a
218. a
219. d
220. d
221. a
222. b
223. d
224. c
225. b (mesma Petrópolis)
226. d
227. e
228. b
229. c
230. d
231. a
232. E
233. C
234. C
235. E
236. C
237. E
238. C
239. E
240. C
241. C
242. C
243. E
244. E
245. C
246. C
247. C
248. C
249. C
250. C
251. E
252. E
253. E
254. E
255. E
256. C
257. E
258. e
259. b
260. e

17 REGÊNCIA

1. C
2. C
3. C
4. E
5. C
6. C
7. C

Regência Verbal

8. C
9. C
10. C
11. aos
12. à
13. a
14. a ele
15. por
16. -no
17. ao
18. o
19. à
20. a ele
21. nela
22. ao
23. a
24. aos/os
25. a ela
26. os
27. aqueles/àqueles
28. as/às
29. por
30. E
31. C
32. C
33. C
34. ∅
35. às
36. aos
37. da
38. ∅
39. ao
40. o – do
41. de – ∅
42. ∅
43. em
44. ∅
45. Esta medida não implica aumento de custo.
46. ... implicava comigo.
47. ... implicou a mudança...
48. C
49. C
50. C
51. C
52. C
53. C
54. E
55. C
56. a
57. de
58. a
59. o – do
60. a/da
61. E
62. E
63. C
64. ∅*
65. ∅*
66. ∅*
67. aos
68. a
69. a
70. às
71. o
72. ao
73. a que
74. os
75. a
76. aos
77. ∅ – a
78. ∅ – a
79. ∅ – a
80. E
81. C
82. C
83. o
84. aos
85. que
86. que
87. ao
88. a que
89. ∅
90. ∅
91. ao – ∅ (a primeira é mais aceita)
92. tu – ti
93. eu – mim
94. eu – tu

As construções consideradas melhores são 95 e 98.

99. E
100. C
101. C Ele pedia (permissão) a José para sair.
102. C
103. Não perguntou o de que falávamos.
104. Não sei o em que pensar.
105. C
106. E
107. C
108. C
109. C
110. Havemos ou hemos pensado, havíamos dito.

* Normalmente a resposta é sem preposição, a não ser que o texto dê a entender que o sujeito namore uma pessoa, ao lado ou em companhia de outra.

111. Como vocês houveram tanto dinheiro?
112. Como eu me houve na festa?
113. Tu vais haver-te com ela. Tu te vais haver com ela.
114. Hemos ou havemos admiração por você.
115. Vós havíeis por correta aquela fala.
116. Vós houvestes por bem concordar.
117. as
118. lhe
119. lhe
120. a
121. lhe
122. a ele
123. a ela, a
124. Aceito seu protesto, mas não concordo com ele.
125. Amo meus filhos e lutarei por eles.
126. Oração correta.
127. Conheço as leis e obedeço a elas.

Regência Nominal

128. C
129. C
130. C
131. E
132. C
133. C
134. C
135. C
136. Ele é contrário a metiras e impaciente com elas.
137. aos
138. por
139. por
140. de
141. de
142. C
143. E
144. C
145. C
146. E
147. C
148. E
149. C
150. E
151. C
152. E
153. C
154. E
155. C
156. C
157. C
158. C
159. C
160. E
161. C
162. C
163. E
164. E
165. C
166. E
167. C
168. E
169. C
170. E
171. C
172. E
173. C
174. a
175. a (~~lhe~~, a ele)
176. d
177. e
178. b
179. c
180. a
181. a
182. d
183. b

18 COLOCAÇÃO OU TOPOLOGIA PRONOMINAL

1. a
2. a
3. b
4. a
5. b
6. a
7. a
8. b
9. a
10. a
11. a
12. a
13. a
14. a
15. a
16. a
17. a
18. a
19. a
20. a
21. a
22. a, c
23. a
24. a
25. a
26. a
27. a
28. a
29. a
30. a
31. a
32. a
33. a

34. a
35. a
36. a
37. a
38. E
39. E
40. C
41. E
42. E
43. C
44. C
45. C
46. b
47. b
48. b
49. b
50. b
51. b
52. b
53. b
54. C
55. C
56. C
57. C
58. E
59. C
60. E
61. C
62. C
63. C
64. Resposta pessoal
65. A forma 1
66. C
67. E (pronome reto)
68. E (pronome reto)
69. C
70. C
71. C
72. E (pronome reto)
73. E (pronome reto)
74. E (pronome reto)
75. C
76. C
77. E
78. E
79. C
80. E
81. C
82. C
83. E
84. C
85. E
86. 67, 72, 78, 83, 84
87. e
88. a
89. d
90. b
91. b
92. c
93. 2
94. 2
95. 2
96. 2
97. 1
98. 2
99. 1
100. 1
101. 1
102. 1
103. 1, 4
104. 1
105. 1
106. 1, 3
107. 2
108. 2, 4/5
109. 1/2
110. 1
111. 1/2
112. 1
113. 1
114. 1
115. 1
116. 1
117. 2
118. 1
119. 1
120. 2
121. 1
122. 1
123. 2
124. Ser-me-á bastante fácil.
125. Beijá-la-ei mais.
126. Perdoar-te-ei.
127. Trar-me-ás resposta.
128. Fá-lo-á bem.
129. Por-nos-emos a seu dispor.
130. e
131. d
132. a

19 CRASE

1. E
2. C
3. E
4. C
5. C
6. C
7. do
8. ao
9. daquele
10. C
11. C
12. E
13. C
14. C
15. E

16. C
17. C
18. E (**aquele** e **aquilo** não são femininos e podem ter crase)
19. C
20. C
21. a
22. à
23. a
24. às
25. E
26. C
27. C
28. ...à procura de ... À medida que ... à proporção que ...
Àquela hora ... à farta ... às claras ... às escondidas ... às pressas ... à larga.
29. ... à padaria, à manicura, à modista ... à repartição ... à estação a tempo ... a levaria a Recife ... a Portugal ... à (ou a) Espanha, à (ou a) França, à (ou a) Inglaterra, à (ou a) Holanda e a Israel ... a primeira vez, a Europa ... à (ou a) África.
30. à
31. a
32. às
33. As
34. a
35. às
36. àquele ... à que
37. a cuja
38. àquilo
39. aquela ... a que
40. a belas casas = casas vagas, indefinidas, generalizadas.
às belas casas = casas definidas na cabeça do emissor e do receptor.

41 e 42. As segundas frases, pela presença do artigo definido, dão ideia de maior concretude, maior proximidade real, maior intimidade com o que se nomeia (a casa).

43. até, até ao
44. até, até à
45. até, até àquele
46. C
47. C
48. C
49. E
50. C
51. C
52. C
53. E
54. C
55. C
56. C
57. E
58. Quando se usa o artigo definido, o campo semântico do substantivo fica definido, especificado, bem conhecido de emissor e receptor. É o caso das segundas frases: **à** Ester, **à** Marlene, **ao** Ernesto. Nas primeiras frases, Ester, Marlene e Ernesto, por **não** terem artigo definido, têm um sentido vago, mais distante, menos íntimo.
59. b, c
60. C
61. C
62. à
63. à
64. A crase é da **preposição a** com o **artigo feminino a**. Antes de masculino, não se usa artigo feminino.
65. Antes de verbo não se usa artigo feminino.
66. Antes de pronomes pessoais não se usa artigo.
67. Antes de pronomes de tratamento não se usa artigo, exceto Madame, Senhora, Senhorita e Dona.
68. E
69. C
70. E
71. C
72. E
73. C
74. C
75. C
76. obrigatória: à (compare com o exercício 69)
77. obrigatória: à (compare com o exercício 69)
78. obrigatória: à (compare com os exercícios 71 e 73)
79. facultativa: a/à (compare com os exercícios 74 e 75)
80. Porque não pode haver artigo definido antes de artigos ou pronomes indefinidos.
81. a
82. a
83. a
84. a
85. Porque não pode haver artigo definido antes de pronome demonstrativo.

86. Porque não há artigo. Se antes de plural houvesse artigo, teria o artigo que estar no plural: Refiro-me **às** pessoas.
87. à
88. a
89. a
90. A, a
91. à, à
92. a, à, a
93. a/à, a, a, às/a
94. a, a
95. a, a (Se for **ao** Júpiter, será, por paralelismo, **à** Minerva. Mas pode-se quebrar o paralelismo. *Vide* página 371).
96. a
97. à porta
98. a casa, à/a sua mãe
99. à, à
100. a este, àquele
101. à/a, à, à
102. à casa dos pais
103. a
104. à, à, à, à
105. a, a, a
106. à/a, à
107. a, a
108. a, à
109. à, à, a
110. Às, à
111. a, à, a
112. À medida que ... à/a Dona ... à Senhorita ... à Madame.
113. a enorme depressão ... a Brasília ... a pessoas ... às irmãs de seu pai.
114. à, à, à
115. às
116. à
117. às
118. a
119. a
120. a
121. a
122. c
123. c
124. c
125. b
126. a
127. b
128. e
129. a
130. a
131. d
132. a

20 PONTUAÇÃO

1. C
2. C
3. C
4. E
5. C
6. C
7. C
8. C
9. E
10. C
11. É necessário lealdade, honestidade, coragem, desprendimento.
12. Nós o encontramos alegre, bem disposto e descansado.
13. Toda criança precisa de carinho, de atenção, de educação.
14. Consciente de sua responsabilidade, o advogado pediu tempo para estudar.
15. A empresa, premida pelas dificuldades, quase fechou as portas.
16. O ministro, ainda doente, voltou a despachar em seu gabinete.
17. No Primeiro Mundo, boicotes costumam dar resultados.
18. A televisão, na noite de sexta-feira, revelou as causas do acidente.
19. Os técnicos tentaram, apesar dos empecilhos, explicar o raro fenômeno.
20. Um caso assim, é preciso estudá-lo cuidadosamente.
21. Aos turistas, não lhes importa como chegarão até lá.
22. O contrato, convém assiná-lo o quanto antes.
23. O mesmo estudo, porém, mostra que a situação pode melhorar.
24. Essa não é, contudo, a prática na companhia.
25. Já vai longe o tempo da censura; direi o que quiser, pois.
26. Rafael, médico-gerente de laboratório, criou um manual para emergências.

27. Esse empresário era casado com Heloísa, uma ex-bailarina.
28. Na dúvida, senhores jurados, o réu deve ser favorecido.
29. Jaime estava feliz; Zeca, tranquilo.
30. Vera compreendeu tudo; Cláudio, quase tudo.
31. Sandra estava radiante; Rosa, eufórica.
32. Esses países, inclusive o Sudão, são governados por fundamentalistas.
33. Exceto você, todos já sabiam das mudanças.
34. Em compensação, o país tem batido recordes de crescimento econômico.
35. Os lábios tentaram abrir-se num sorriso, mas desistiram e fecharam-se.
36. Acordava, tomava café, lia o jornal e ia para o aeroporto.
37. Ele era metódico, portanto não deixaria de telefonar.
38. O leite, que contém cálcio, é excelente alimento para as crianças que são desnutridas.
39. Meu pai, que falava quatro línguas, julgava-se superior às pessoas que só sabiam a língua materna.
40. Os empresários que vieram querem erguer grandes hotéis, que atrairão turistas.
41. Para usufruir de todas as vantagens, os turistas se dispõem a pagar mais.
42. Examinando-se a disputa atual nas capitais, a proposta parece vir a calhar.
43. Confirmadas as informações divulgadas pelos jornalistas, o jogador teve de desdizer-se.
44. O projeto, apesar de merecer alguns reparos, parece melhorar a vida do contribuinte.
45. Qualquer pessoa, conforme se divulgou na imprensa, terá acesso às informações sobre andamento de processos.
46. Nós, para garantir nossos direitos, contamos com a Justiça.
47. d
48. c
49. b
50. a
51. a/c
52. a/c
53. b
54. e
55. b
56. a
57. d/b
58. d
59. c
60. C
61. E
62. C
63. C
64. C
65. E
66. C
67. C
68. C
69. C
70. C
71. E
72. C
73. a
74. d
75. a
76. c
77. d
78. e
79. b
80. b
81. d
82. d
83. e
84. c
85. a
86. b
87. b
88. a
89. c
90. b
91. a
92. e
93. a
94. a
95. d
96. b
97. b (orações de sujeitos diferentes ligadas por **e**)
98. (a) e (e) C, sujeitos diferentes
(b) E, oração adversativa
(c) C, ênfase
(d) C, polissíndeto
99. C
100. c

Bibliografia

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa**. São Paulo: Global, 2009.

ALMEIDA, N. M. de. **Gramática Metódica de Língua Portuguesa**. 40. ed. São Paulo: Saraiva, 1995.

BECHARA, E. **A Nova Ortografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. rev. e ampl. 14. reimpressão. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BRASIL, Presidência da República. **Manual de Redação da Presidência da República**. Gilmar Ferreira Mendes [*et al.*]. Brasília: Presidência da República, 1991.

CAMARA JR., J. M. **Manual de Expressão Oral e Escrita**. Petrópolis: Vozes, 1986.

———. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

CEGALLA, D. P. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. 41. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1998.

CRUZ, J. M. da. **Português Prático: Gramática**. 29. ed. São Paulo: Melhoramentos, s/d.

CUNHA, C. F. da. **Gramática da Língua Portuguesa**. 11. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1985.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DORNELLES, J. A. F. **A Gramática do Concursando**. 2. ed. Brasília: Vestcon, 1996.

FERNANDES, F. **Dicionário de Regimes de Substantivos e Adjetivos**. 23. ed. São Paulo: Globo. 1995.

———. **Dicionário de Verbos e Regimes**. 40. ed. São Paulo: Globo, 1995.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.

FERREIRA, A. B. de H.; PEREIRA, M. da C. **Novo Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1961.

GARCIA, O. M. **Comunicação em Prosa Moderna**. 12. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1985.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KURY, A. da G. **Ortografia, Pontuação, Crase**. 2. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1986.

LIMA, R. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 15. ed. refundida. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1972.

LUFT, C. P. **Dicionário Prático de Regência Nominal**. São Paulo: Ática, 1992.

———. **Dicionário Prático de Regência Verbal**. São Paulo: Ática, 1993.

———. **Gramática Resumida**. 8. ed. Porto Alegre: Globo, 1978.

———. **Grande Manual de Ortografia Globo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1989.

———. **Novo Guia Ortográfico**. 18. ed. Porto Alegre – Rio de Janeiro: Globo, 1986.

MELO, G. C. de. **Gramática Fundamental da Língua Portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.

MESQUITA, R. M.; MARTOS, C. R. **Gramática Pedagógica**. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1980.

OITICICA, J. **Manual de Análise**. 2. ed. 1923.

REIS, O. **Breviário da Conjugação de Verbos**. 38. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1978.

RIBEIRO, M. P. **Gramática Aplicada da Língua Portuguesa**. 20. ed. Rio de Janeiro: Metáfora, 2011.

Formato
17,5 x 21,5cm

Mancha
13 x 17,5cm

Papel
Pólen soft

Gramatura
80 g/m^2

Número de páginas
442

Impressão e acabamento

Vestcon

SEPN 509 Ed. Contag 3º andar CEP 70750-502 Brasília/DF
SAC: (61) 3034 9588 Tel.: (61) 3034 9576 Fax: (61) 3347 4399
www.vestcon.com.br

Ernani Pimentel

Objetivo Conquistado
Simplifica o ensino da Língua Portuguesa, fazendo o estudioso entender, com profundidade e clareza, suas construções e significados.

Finalidade
Preparação para a vida toda e para qualquer tipo de concurso de nível médio e superior, vestibular, PAS, OAB, ENEM...

Método
A prática é o caminho para o bom uso e entendimento das estruturas linguísticas. O estudante é levado constantemente a interagir com o autor e assume, de maneira ímpar, uma postura claramente ativa no processo ensino-aprendizagem que se baseia em mais de 3.400 exercícios resolvidos de concursos e outras provas de âmbito nacional, estadual, distrital e municipal, realizadas até o ano em curso.

Recursos
O leitor é constantemente desafiado a considerar certas ou erradas as afirmações agrupadas. Com isso, constrói seu raciocínio, organizado e claro, sobre Fonologia, Morfologia, Concordância, Regência, Colocação, Crase, Pontuação e Princípios Estruturais das Frases, tudo o de que precisa para expressar-se bem, sem a necessidade de conhecer com profundidade Análise Sintática.

Recurso Extra
Videoaulas com o autor na internet.
Visite o *site* www.vestcon.com.br e assista às aulas ministradas pelo próprio autor, com direito a desconto pela aquisição deste livro.

Por tudo isso, você não precisa descascar a laranja, tirar-lhe a pele, separar os caroços. Nós lhe oferecemos o suco pronto. Saboreie-o.

LLP14

ISBN 978-85-381-0671-5

9 788538 106715

www.Vestcon.com.br

Ernani Pimentel

Gramática pela Prática

15ª edição

SEGUNDO A NOVA ORTOGRAFIA

Vestcon

Gramática pela Prática

Ernani Pimentel

Gramática pela Prática

Escritor, gramático e professor com formação em Língua Portuguesa, Latim, Linguística, Análise de Texto, Teoria e Análise Literária. Ernani Pimentel é pesquisador de Língua Portuguesa há quarenta e oito anos, autor de mais de 10 mil páginas didáticas e de livros que são *best-sellers* nessa área. Já teve mais de quinhentos e cinquenta mil alunos presenciais nos estados de Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, Goiás, Tocantins e Distrito Federal. Hoje leciona para milhares de alunos na internet, via www.vestcon.com.br.

Contempla antiga e nova ortografias. Ambas em vigor até 31 de dezembro de 2012.

15ª edição
Revista e Ampliada
Adota a Nova Ortografia

Vestcon

Brasília
2012

© 2012 Vestcon Editora Ltda.

Todos os direitos autorais desta obra são reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/2/1998. Proibida a reprodução de qualquer parte deste livro, sem autorização prévia expressa por escrito do autor e da editora, por quaisquer meios empregados, sejam eletrônicos, mecânicos, videográficos, fonográficos, reprográficos, microfílmicos, fotográficos, gráficos ou outros. Essas proibições aplicam-se também à editoração da obra, bem como às suas características gráficas.

Pimentel, Ernani.
Gramática pela prática / Ernani Pimentel. – 15. ed. – Brasília : Vestcon, 2012.
442 p. : il. ; 21 cm.

ISBN 978-85-381-0671-5

1. Língua portuguesa – gramática. I. Título.

CDU 81'36

DIRETORIA EXECUTIVA
Norma Suely A. P. Pimentel

PRODUÇÃO EDITORIAL
Fabrícia de Oliveira Gouveia

EDIÇÃO DE TEXTO
Isabel Cristina Aires Lopes
Cláudia Freires

ASSISTENTE EDITORIAL
Gabriela Tayná Moura de Abreu

AUXILIAR DE PRODUÇÃO
Geane Rodrigues Rocha

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA
Marcos Aurélio Pereira

REVISÃO
Fábio Marques Rezende
Liv Chamma
Naiane B. Francischetto

CAPA
Agnelo Pacheco
Bertoni Design

EDITORA FILIADA

Vestcon

SEPN 509 Ed. Contag 3° andar CEP 70750-502 Brasília/DF
SAC: (61) 3034 9588 Tel.: (61) 3034 9576 Fax: (61) 3347 4399

www.vestcon.com.br

Atualizado até 4/2011
Publicado em 4/2012
(LLP14)

Situe-se

Este livro faz parte do **Curso de Língua Portuguesa do Professor Ernani Pimentel**, constituído por uma trilogia:

1. GRAMÁTICA PELA PRÁTICA
2. ANÁLISE SINTÁTICA VISUAL
3. INTELECÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

GRAMÁTICA PELA PRÁTICA (LIVRO E CURSO *ONLINE*)
Desenvolvimento racional e fixação pela prática dos conceitos de Fonologia, Morfologia, Estrutura e Formação de Palavras, Ortografia, Regência Verbal e Nominal, Crase, Concordância Verbal e Nominal, Colocação Pronominal, Pontuação e Semântica, com o intuito de proporcionar ao interessado uma visão objetiva, clara e segura da Língua Portuguesa, que o tornará, em pouco tempo, apto a entender e escrever corretamente, inclusive para prestar exames e concursos, sem a necessidade de conhecer profundamente Análise Sintática.

ANÁLISE SINTÁTICA VISUAL (LIVRO E CURSO *ONLINE*)
Apresentação e treino, de maneira profunda, sintética e fácil, dos fundamentos da Análise Sintática para os que pretendem conquistar um conhecimento mais consistente da nossa estrutura linguística, ou que querem passar em provas e concursos que exigem essa matéria.

INTELECÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS (LIVRO E CURSO *ONLINE*)
Exposição e treinamento, em linguagem clara e sucinta, de conceitos como Linguagem, Língua, Fala, Tipos de Signo, Elementos da Comunicação, Funções da Linguagem, Prosa, Poema, Poesia, Sincronia, Diacronia, Narração, Descrição, Dissertação, Níveis de Fala, Tipos de Norma, Tipos de Discurso, Tipos de Narrador, Figuras de Linguagem, Qualidades e Vícios de Linguagem, Coesão e Coerência... ferramentas necessárias a uma abordagem consciente e racional de textos informativos e literários, cujo conhecimento, direta ou indiretamente, é cobrado nas provas de intelecção e interpretação de textos. Mais de 480 exercícios propostos, corrigidos e/ou comentados, findos os quais o estudioso se sentirá competente e capaz no que se refere à construção e leitura de qualquer tipo de texto.

Apresentação Rápida

Destinação
Professores, universitários, concursandos, vestibulandos, profissionais liberais, comunicadores e você que, de vez em quando, tem dúvida.

Assunto
Fonologia, Ortografia, Morfologia, Estrutura e Formação de Palavras, Concordância, Regência, Colocação, Crase, Pontuação e princípio estrutural das frases. Tudo de que se necessita para escrever e falar corretamente o Português de hoje, no Brasil, e para passar em concursos de nível médio e superior, vestibulares, ENEM, PAS, OAB...
Cuidado prévio: foram estudados, comparados e coligidos os autores nacionais mais respeitados pelas universidades brasileiras e pelos mais avançados órgãos elaboradores de concursos.

Diferencial
A prática como caminho da teoria. O interessado pratica, entende, conclui e fixa a estrutura das frases e seus significados. Absorve o uso da Norma Culta, ou Padrão, do idioma pelo raciocínio conduzido passo a passo e pela repetição das fórmulas consagradas e oficializadas.

Motivação
Eliminação do mito de que é preciso saber muita teoria além de toda a Análise Sintática para escrever e falar bem. Demonstração de que se pode saber Sintaxe com apenas uns mínimos rudimentos de Análise Sintática.

Técnica de Abordagem
Variável de acordo com o assunto, de forma a facilitar o aprendizado. As técnicas escolhidas foram consagradas ao longo de mais de trinta e cinco mil horas-aula e mais de quinhentos e cinquenta mil alunos. A teoria, exposta com um mínimo de palavras em relação às gramáticas tradicionais, transmite-se de maneira prática, direta e consistente.

Orientação de Uso
O interessado deve fazer a lápis os exercícios de cada comando, conferir com o gabarito e refazer os errados. Assim que os exercícios estiverem corretos, ir adiante. Terminado um capítulo, voltar ao início do livro e ler, no sumário, os assuntos estudados, para mais tarde saber localizar onde esclarecer suas dúvidas. Pronto? Passar ao capítulo seguinte.

Recurso Extra
Videoaulas com o autor na internet.
Visite o *site* **www.vestcon.com.br** e assista às aulas ministradas pelo próprio autor, com direito a desconto pela aquisição deste livro.

Palavras do Autor

Caro estudioso,

Este livro é resultado de muitos anos de carinho e dedicação à tarefa de simplificar o estudo da Língua Portuguesa, sob o enfoque da profundidade e da abrangência.

Separe de duas a três horas por dia – você consegue – e dois ou três meses bastam para mudar e ampliar, de uma vez, sua visão e conhecimento a respeito da Língua Portuguesa.

Ao término desse tempo, você terá conquistado confiança em sua própria capacidade de escrever bem, além de poder sair-se vitorioso em provas e concursos de nível médio e superior, vestibulares, PAS, ENEM, OAB...

Antecipadamente, agradeço, de coração, as sugestões que queira enviar, ou dúvidas e questões que constituam desafio para alunos e professores.

Ernani Pimentel
linguaportuguesa@vestcon.com.br

Sumário

1 FONOLOGIA, DIVISÃO SILÁBICA E TRANSLINEAÇÃO

Estudo dos fonemas ____ 25
Sílaba ____ 25
Fonema ____ 25
Fonema ≠ Grafema ____ 26
Tipos de fonemas ____ 26
Vogal ____ 26
Semivogal ____ 27
Consoante ____ 28
Encontros Vocálicos ____ 29
Ditongo crescente ____ 29
Ditongo decrescente ____ 29
Tritongo ____ 29
Hiato ____ 29
Encontros Consonantais ____ 30
Descontínuos ou separáveis ____ 30
Contínuos, reais ou inseparáveis ____ 30
Dífono ____ 30
Dígrafo ____ 30
Divisão Silábica ____ 30
Translineação ____ 31

2 ESTRUTURA E FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Palavra, Fonema, Morfema, Semantema, Unidade Mórfica ____ 37
Palavra Primitiva, Derivada, Cognata, Família de Palavras ____ 38
Palavra Primitiva ____ 38
Palavra Derivada ____ 38
Palavra Cognata ____ 39
Família de Palavra ____ 39
Radical, Prefixo, Sufixo ____ 39
Raiz ≠ Radical ____ 40
Raiz ____ 40
Radical ____ 40
Tema, Vogal Temática, Afixo (prefixo e sufixo) e Desinência ____ 41
Tema ____ 41
Vogal Temática ____ 41
Desinência ____ 42
Afixo ____ 42
Prefixo ____ 42
Sufixo ____ 42
Vogal e Consoante de Ligação ____ 43
Formação de Palavras: Derivação, Composição, Hibridismo ____ 44
Derivação ____ 45
Derivação Prefixal ____ 45
Derivação Sufixal ____ 45
Derivação Prefixal e Sufixal ____ 45

Derivação Parassintética ou Circunfixal 45
Derivação Regressiva 45
Derivação Imprópria ou Conversão 46
Derivação por Abreviação ou Redução 46
Derivação por Reduplicação 46
Derivação por Combinação 46
Derivação por Intensificação 47
Composição 47
Composição por Justaposição 47
Composição por Aglutinação 47
Hibridismo 47

3 ORTOGRAFIA

Alfabeto 52
Uso de K, W, Y 52
Uso do H, h 53
Uso das Letras 54
Uso do Hífen (norma antiga) 59
Uso do Hífen (norma nova) 66
Não se Usa Hífen 74
Hífen Repetido 76
Uso dos Porquês 77
Mal ≠ Mau 79
Onde ≠ Aonde 80
Abreviaturas, Siglas, Símbolos 80
Acentuação Gráfica (norma antiga) 81
Acentuação Gráfica (norma nova) 89

4 SUBSTANTIVO

Definição 97
Locução substantiva 97
Classificação 97
Concreto 97
Abstrato 97
Próprio 98
Comum 98
Coletivo 98
Flexão 98
Flexão de gênero 99
Masculino 99
Feminino 99
Comum de dois 99
Sobrecomum 99
Epiceno 99
Formação do feminino 100
Femininos especiais 102
Flexão de número 104
Singular 104
Plural 104
Pluralia tantum 104

Formação do plural 104
Plural com metafonia 109
Plural dos compostos ligados por hífen 112
Flexão de grau 116
Aumentativo 116
Diminutivo 116
Sentidos afetivo e pejorativo 116

5 ARTIGO

Definição 121
Classificação 121
Definido 121
Indefinido 121
Uso do Artigo 121

6 ADJETIVO

Definição 125
Adjetivo Restritivo 125
Adjetivo Explicativo 126
Adjetivo Antes ou Depois de Substantivo 126
Locução Adjetiva 126
Flexão 127
Flexão de gênero 127
Adjetivo biforme 127
Adjetivo uniforme 127
Flexão de número 128
Flexão de grau 129
Grau comparativo 129
Grau superlativo 130
Como diferençar adjetivo de substantivo 133

7 PRONOME

Definição 135
Papel dos Pronomes 135
Pronome substantivo 135
Pronome adjetivo 135
Classificação e Emprego dos Pronomes 136
Pronomes pessoais 136
Pronomes de tratamento 141
Pronomes demonstrativos 143
Pronomes relativos 146
Pronomes relativos e ambiguidade 149
Pronomes interrogativos 149
Pronomes possessivos 150
Pronomes indefinidos 151
Locução Pronominal Indefinida 151

8 NUMERAL

Definição e Classificação 157
Papel dos Numerais 157

Numeral substantivo 157
Numeral adjetivo 157
Emprego dos Numerais 158
O e UM: artigo, pronome, ou numeral? 164

9 VERBO

Definição Provisória 165
Estrutura dos Verbos – Conjugações (1ª, 2ª e 3ª) 165
Números e Pessoas Verbais – Desinências 166
Quadro de desinências número-pessoais 167
Modos Verbais 167
Indicativo, subjuntivo, imperativo 167
Subjuntivo não subordinado 168
Tempos Verbais 168
Presente, pretérito e futuro 168
Presente e pretérito (passado) do indicativo 169
Presente e futuro do presente do modo indicativo 169
Correlação de Tempos ou *Consecutio Temporum* 170
Quadro de Desinências Modo-temporais e Número-pessoais 171
Vozes Verbais 172
Voz ativa 174
Voz passiva 174
Voz passiva e passividade 174
Voz passiva analítica 175
Voz passiva sintética 175
Voz reflexiva 175
Voz reflexiva recíproca 175
Mudança de voz 176
Passagem da ativa para a passiva analítica 176
Passagem da ativa para a passiva sintética 177
Aspectos Verbais 178
Paradigmas das Três Conjugações Regulares – Tempos Simples: **amar**, **vender**, **partir** 179
Infinitivo impessoal 179
Modo indicativo 179
Presente 179
Pretérito perfeito 180
Pretérito imperfeito 180
Pretérito mais-que-perfeito 181
Futuro do presente 181
Futuro do pretérito 182
Modo subjuntivo 182
Presente 182
Pretérito imperfeito 183
Futuro 183
Modo imperativo 184
Imperativo afirmativo 184
Imperativo negativo 184
Formas nominais do verbo 185
Infinitivo: impessoal e pessoal 186

Gerúndio 186
Particípio 186
Conjugação dos Verbos **ter**, **haver**, **ser** e **estar** 187
Uso de **ter**, **haver**, **ser** e **estar** como auxiliares 190
Paradigmas das Três Conjugações Regulares – Tempos Compostos: **ter amado**, **ter vendido**, **ter partido** 191
Paradigma da Voz Passiva 192
Formas Rizotônicas e Arrizotônicas 195
Definição Abrangente de Verbo 196
Locução Verbal 196
Verbo auxiliar e verbo principal 196
Formação de Tempos e Modos 197
Derivado do presente do indicativo 197
Presente do subjuntivo 197
Derivados dos presentes do indicativo e subjuntivo 198
Imperativos afirmativo e negativo 198
Derivados do pretérito perfeito 199
Mais-que-perfeito do indicativo 199
Futuro do subjuntivo 199
Imperfeito do subjuntivo 199
Derivados do infinitivo impessoal 201
Imperfeito do indicativo 201
Futuro do presente 201
Futuro do pretérito 201
Particípio 201
Gerúndio 201
Infinitivo pessoal 201
Classificação do Verbo quanto ao Modelo de Conjugação 202
Verbo regular 202
Verbo irregular 202
Irregularidade e variação gráfica 202
Metafonia ou alteração de timbre vocálico 203
Como saber se um verbo é regular 203
Verbo anômalo 203
Verbo defectivo 203
Verbo unipessoal 204
Verbo impessoal 204
A respeito de defectivos, unipessoais e impessoais 204
Verbo abundante 205
A respeito de abundantes 205
Relação de verbos abundantes no particípio 205
Verbo Pronominal e Voz Reflexiva 208
Paradigma de Conjugação Pronominal e Reflexiva 209
Classificação do Verbo quanto à Função 214
Verbo principal 214
Verbo auxiliar 214
Uso dos Particípios: Regular e Irregular 215
Conjugação de Verbos Regulares, Irregulares, Defectivos, Anômalos e Abundantes que Requerem Atenção 215

1ª Conjugação

Abalroar 220
Abençoar 220
Abotoar 220
Abreviar 218
Acarear 217
Acariciar 218
Aceitar 205
Adequar(-se) 221
Adiar 218
Afiar 218
Afoguear 217
Agoniar 218
Agraciar 218
Aguar 221
Alardear 217
Aliar 218
Aliviar 218
Amaciar 218
Ampliar 218
Amuar 221
Anexar 206
Angariar 218
Ansiar 219
Antiquar 221
Anunciar 218
Apaniguar 221
Apaziguar 221
Apear 217
Aperrear 217
Apiadar(-se) 220
Apiedar(-se) 220
Apreciar 218
Apropinquar(-se) 221
Arear 217
Arrear 217
Arrepiar 218
Assediar 218
Assentar 206
Assoar 220
Assobiar 218
Associar 218
Assoviar 218
Ataviar 218
Atear 217
Atuar 221
Autuar 221
Avaliar 218
Averiguar 221
Aviar 218
Balbuciar 218
Baquear 217
Beneficiar 218
Bloquear 217
Caçoar 220
Caluniar 218
Cambalear 217
Capitanear 217
Cear 217
Chiar 218
Circundar 216
Clarear 217
Coar 220
Confiar 218
Consignar 223
Constar 216
Continuar 221
Contrariar 218
Coxear 217
Criar 218
Cultuar 221
Dar 216
Deliciar 218
Delinqüir/delinquir 221
Desaguar 221
Desdar 216
Desfiar 218
Desnortear 217
Despertar 206
Dignar(-se) 223
Dispersar 206
Doar 220
Eclipsar 223
Encruar 221
Enfiar 218
Ensaboar 220
Entregar 206
Enunciar 218
Enviar 218
Enxaguar 221
Enxugar 206
Esfriar 218
Espiar 218
Estagnar 223
Estar 187
Estrear 218
Evidenciar 218
Expiar 218
Expressar 206
Expulsar 206
Extasiar 218
Falsear 217
Fartar 206
Fiar 218
Findar 206
Folhear 217
Frear 217
Galantear 217
Ganhar 206
Gastar 206
Golpear 217
Graduar 221
Granjear 217
Grassar 216
Guerrear 217
Habituar 221
Hastear 217
Historiar 218
Idear 218
Impugnar 223
Incendiar 219
Indignar(-se) 223
Injuriar 218
Insertar 206
Isentar 206
Jejuar 221
Juntar 206
Limpar 206
Magoar 220
Matar 206
Mediar 219
Menear 217
Miar 218
Minguar 221
Mobilar 219
Mobilhar 219
Mobiliar 219
Negociar 218/219
Nomear 217
Nortear 217
Obliquar(-se) 221
Obstar 223
Obviar 220
Odiar 219
Oficiar 218
Optar 223
Pagar 206
Palmear 217

Passear 217
Patentear 217
Pegar 206
Pentear 217
Persignar(-se) 223
Piar 218
Planear 217
Porfiar 218
Precatar(-se) 217
Premiar 218/219
Prenunciar 218
Prestar 216
Principiar 218
Procriar 218
Pronunciar 218
Propugnar 223
Pugnar 223
Raptar 223
Reboar 220
Recear 217
Recrear 217
Recriar 218
Refrear 217
Regatear 217
Relampaguear 217
Relampear 217
Relampejar 216
Remediar 219
Renunciar 218
Repugnar 223
Resfolegar 222
Resfolgar 223
Resignar(-se) 223
Restar 216
Ritmar 223
Rodear 217
Saborear 217
Saciar 218
Salvar 206
Saquear 217
Sediar 218
Semear 217
Sepultar 206
Serpear 217
Serpentear 217
Soar 220
Sobestar 216
Sobrestar 216
Soltar 207
Suar 221
Sustar 216
Tosquiar 218
Tracejar 216
Vadiar 218
Vangloriar(-se) 218
Variar 218
Voar 220

2ª Conjugação

Absolver 205
Abster(-se) 224
Acender 205
Adjazer 225
Adscrever 228
Afazer 224
Antepor 231
Antever 234
Apor 231
Aprazer 226
Ater(-se) 224
Bem-fazer 224
Bendizer 228
Benquerer 233
Benzer 206
Caber 227
Circumpor 231
Circunjazer 225
Circunscrever 228
Compor 231
Comprazer 225
Condizer 227
Condoer-se 230
Conter 224
Contradizer 228
Contrafazer 224
Contrapor 231
Corroer 230
Crer 227
Decompor 231
Depor 231
Desafazer 224
Desaprazer 226
Descaber 227
Descompor 231
Descomprazer 225
Descrer 227
Descrever 228
Desdizer 228
Desfazer 224
Desprazer 226
Desprover 232
Desquerer 233
Desvaler 234
Deter 224
Dispor 231
Dizer 228
Doer(-se) 230
Eleger 206
Entredizer 228
Entrepor 231
Entreter 224
Entrever 234
Envolver 206
Equivaler 234
Escrever 228
Esfazer 224
Esmoer 230
Estupefazer 224
Expor 231
Fazer 224
Feder 228
Haver(-se) 229
Impor 231
Incorrer 206
Indispor 231
Inscrever 228
Interdizer 228
Interpor 231
Jazer 225
Justapor 231
Ler 227
Liqüefazer/Liquefazer 224
Maldispor 231
Maldizer 228
Malfazer 224
Malquerer 233
Manter 224
Moer 230
Morrer 206
Nascer 206
Obter 224
Opor 231
Perder 230

Perfazer 224
Poder 231
Pôr 231
Pospor 231
Prazer 226
Precatar(-se) 217
Precaver(-se) 232
Predispor 231
Predizer 228
Prender 206
Prepor 231
Prescrever 228
Pressupor 231
Prever 234
Propor 231
Proscrever 228
Prover 232
Putrefazer 224
Querer 233
Rarefazer 224
Reaver 229
Recompor 231
Redizer 228
Reescrever 228
Refazer 224
Reler 227
Remoer 230
Repor 231
Requerer 233
Reter 224
Rever 1 234
Rever 2 234
Roer 230
Romper 202
Saber 233
Satisfazer 224
Sobrepor 231
Sobrescrever 228
Soer 230
Sotopor 231
Subjazer 205
Subscrever 228
Superpor 231
Supor 231
Surpreender 207
Suspender 207
Suster 224
Ter 224
Torrefazer 224
Transcrever 228
Transfazer 224
Transpor 231
Trazer 226
Tresler 227
Tumefazer 224
Valer 234
Ver 234
Viger 235

3ª Conjugação

Abolir 235
Abrir 238
Abstrair 236
Acudir 239
Aderir 242
Adir 241
Advertir 242
Advir 246
Aferir 242
Agredir 236
Aguerrir 241
Anuir 237
Argüir/Arguir 237
Aspergir 242
Assumir 239
Atingir 245
Atrair 236
Aturdir 243
Auferir 242
Avir(-se) 246
Banir 235
Bramir 235
Brandir 235
Brunir 243
Bulir 239
Cair 236
Carpir 235
Cerzir 239
Cingir 245
Cobrir 240
Colorir 235
Combalir 241
Comedir 235
Compelir 242
Competir 242
Concernir 242
Concluir 237
Conduzir 241
Conseguir 242
Consentir 243
Constituir 237
Constringir 245
Construir 236
Consumir 239
Contrair 236
Contundir 206
Convergir 242
Convir 246
Cuspir 239
Decair 236
Deferir 242
Defluir 237
Delinqüir/delinquir 238
Delir 235
Demolir 235
Denegrir 236
Desabrir 238
Desavir(-se) 246
Descair 236
Descobrir 240
Desconstruir 236
Desentupir 239
Desimpedir 244
Desmentir 243
Despedir 244
Despir 242
Despolir 245
Desservir 242
Destingir 245
Destituir 237
Destruir 236
Detrair 236
Diferir 242
Digerir 242
Discernir 243
Distinguir 245
Distrair 236
Divergir 242
Divertir 242
Dormir 240
Embair 241

Emergir 242
Emolir 235
Empedernir 241
Encobrir 240
Engolir 240
Entreabrir 238
Entupir 239
Erigir 206
Esbaforir-se 241
Escapulir 239
Esculpir 241
Espargir 243
Espavorir 241
Estruir 237
Esvair 236
Exaurir 243
Exinanir 241
Expedir 244
Expelir 241
Explodir 241
Exprimir 206
Extinguir 245
Extorquir 235
Extrair 236
Falir 241
Ferir 242
Florir 241
Foragir-se 243
Fornir 241
Fremir 235
Frigir 243
Fruir 237
Fugir 239
Fulgir 243
Garrir 241
Gerir 242
Haurir 243
Imergir 242
Impedir 244
Impelir 242
Impingir 243
Imprimir 206
Inanir 241
Incluir 206
Induzir 241
Influir 237
Infringir 245
Ingerir 242
Inserir 241
Instruir 237
Intervir 246
Ir 244
Jungir 243
Luzir 241
Medir 244
Mentir 243
Obstruir 237
Omitir 206
Ouvir 244
Pedir 244
Perseguir 242
Polir 245
Possuir 237
Pressentir 243
Presumir 239
Preterir 242
Prevenir 236
Progredir 236
Prosseguir 242
Protrair 236
Provir 246
Pruir 238
Puir 238
Reabrir 238
Reassumir 239
Recair 236
Reconstruir 236
Redargüir/redarguir 237
Reduzir 241
Refletir 242
Refluir 237
Regredir 236
Reluzir 241
Remir 241
Renhir 241
Repelir 242
Repetir 242
Ressair 236
Ressarcir 241
Ressentir 243
Ressequir 241
Restituir 237
Resumir 239
Retorquir 235
Retrair 236
Retribuir 237
Retrotrair 236
Revelir 241
Revestir 242
Rir 245
Ruir 238
Sacudir 239
Seduzir 241
Sair 236
Seguir 242
Sentir 243
Servir 242
Sobressair 236
Sobrevir 246
Sorrir 245
Sortir 245
Subir 239
Submergir 242
Subtrair 236
Sugerir 242
Sumir 239
Suprimir 207
Surtir 245
Tingir 245
Tinir 245
Tossir 240
Trair 236
Transgredir 236
Transir 241
Ungir 243
Vagir 235/245
Vestir 242
Vir 246
Zunir 239

10 ADVÉRBIO

Definição 259
Circunstâncias Expressas 261
Locução Adverbial 262

11 PREPOSIÇÃO
Definição 267
Preposições Essenciais 267
Locuções Prepositivas 268
Preposições Acidentais 268

12 CONJUNÇÃO
Definição 271
Locução Conjuntiva (exercícios 16 a 18) 272
Classificação 272
Conjunções coordenativas 272
Aditivas 272
Adversativas 272
Alternativas 273
Conclusivas 273
Explicativas 273
Conjunções subordinativas adverbiais 273
Causais 273
Concessivas 274
Condicionais 274
Conformativas 274
Finais 274
Consecutivas 274
Temporais 274
Comparativas 274
Proporcionais 275
Conjunções subordinativas substantivas 275
Integrantes 275

13 INTERJEIÇÃO
Classificação 279
Definição 279
Locução Interjetiva 279

14 SEMÂNTICA
Definição 281
Denotação 281
Conotação 281
Homonímia 281
Sinonímia 281
Antonímia 281
Paronímia 282
Hiperonímia 284
Hiponímia 285

15 CONCORDÂNCIA NOMINAL
Do Adjunto com o Núcleo Substantivo 289
Do Predicativo com o Núcleo Substantivo 291

Anexo, Bastante, Incluso, Junto, Leso, Meio, Muito, Nenhum,
Pouco, Próprio, Só, Dado, Visto, Obrigado, Quite ____ 292
Adjuntos de Antropônimos (Nomes de Pessoas) ____ 293
Dois ou Mais Adjetivos para um Mesmo Substantivo ____ 294
Um ou outro, Um e outro, Nem um nem outro ____ 294
Tal ... qual, Tais ... quais ____ 294
Menos, Pseudo, Monstro, Alerta ____ 295
O mais ... possível, O melhor possível ____ 295
É bom... É proibido... É necessário... ____ 296
A olhos vistos, A olhos vistas ____ 297
Nós = Eu, Vós = Tu ____ 297
Santo e São ____ 298
Concordância Sintática e Concordância Semântica ____ 298

16 CONCORDÂNCIA VERBAL

Definição ____ 301
Concordância Sintática e Concordância Semântica ____ 301
Com Sujeito Simples ____ 301
Com Sujeito Composto Anteposto ____ 302
Com Sujeito com Pessoas Diferentes ____ 302
Com Sujeito Composto Posposto ____ 303
Com Sujeito com Aposto Resumitivo ____ 303
Com Sujeito com Núcleos Sinônimos ou Quase ____ 304
Com Sujeito com Núcleos em Gradação ____ 304
Com Sujeito com *Ou* ____ 305
Com Sujeito com *Nem* ____ 306
Com Sujeito com *Com* ou *Como* ____ 307
Com Sujeito com *Não Só ... mas também, Tanto ... quanto* ____ 307
Com Sujeito com *Mais de um ... Mais de dois... Mais de três...* ____ 308
Com Sujeito com *Um e outro, Nem um nem outro* ____ 308
Um ou outro ____ 309
Com Sujeito *Que* ____ 309
Com Sujeito *Quem* ____ 310
Com Sujeito *Um dos que* ____ 310
Com Sujeito *Quais de vós, Quantos de nós* ____ 310
Com Sujeito *Qual de nós, Nenhum de nós* ____ 311
Com Sujeito com *A maioria de... Grande parte de... Um enxame de...* ____ 311
Com Sujeito com *Cada, Nenhum, Qualquer* ____ 312
Com Sujeito com *Um por cento, Vinte por cento* ____ 312
Com Sujeito com *Cerca de... Perto de... Obra de...* + Numeral ____ 313
Com Sujeito Plural Aparente ____ 313
De Haja vista ou Hajam vista ____ 314
De Aluga-se casa, Alugam-se casas ____ 314
De Gosta-se de fruta, Gosta-se de frutas ____ 315
Com Vossa Senhoria está... Vossas Senhorias estão... ____ 316
Com Sujeito de Dar, Bater, Soar ____ 316
Com Sujeito Composto com Ideia Única ____ 317
Com Sujeito Oracional ____ 317
Com Parecem sorrir ou Parece sorrirem ____ 318
Com Infinitivo ____ 318

Infinitivo invariável 318
Infinitivo variável ou flexionado 319
Infinitivo como complemento de verbos permissivos, causativos e sensitivos 320
Dos Verbos só de 3ª Pessoa 320
Do Verbo Ser nas Interrogações 321
Do Verbo Ser com *Isto, Isso, Aquilo...* 321
Do Verbo Ser com Pronome Reto 322
Do Verbo Ser com Medida ou Quantidade 322
Do Verbo Ser com Distância, Data ou Hora 323
Do Verbo Ser entre Dois Substantivos Comuns, de Números Diferentes 323
Do Verbo Ser com Gente 324
Do Verbo Ser na Expressão *É que* 324
Do Verbo Ser em *Era uma vez ... Eram dois caminheiros* 325

17 REGÊNCIA

Definição 335
Regência Verbal 335
Regência dos verbos mais frequentes 335
- Agradar 336
- Ansiar 336
- Aspirar 337
- Assistir 337
- Atender 337
- Chamar 338
- Chegar 338
- Custar 338
- Esquecer 339
- Implicar 339
- Ir/vir 340
- Lembrar, avisar, prevenir 340
- Morar, residir, situar-se, estabelecer-se 341
- Namorar 341
- Obedecer, desobedecer, suceder e obstar 341
- Pagar 342
- Perdoar 342
- Preferir 342
- Presidir 342
- Querer 343
- Responder 343
- Visar 343

Isto é para eu fazer. Isto é para mim 344
Está na hora de a onça beber água 344
Pedir para ~~que~~ 344
Não disse o em que acreditava/Não disse no que acreditava 345
Ter de ≠ ter que 345
Onde ≠ Aonde 345
Sintaxe do verbo haver 346

Uso de *o* ou *lhe* 346
Complementos de regências diferentes 347
Pronome relativo – complemento verbal 348
Regência Nominal 348
Um mesmo regido para mais de um regente 349
Um mesmo regente para mais de um regido 349
Regência dos substantivos e adjetivos mais frequentes 350

18 COLOCAÇÃO OU TOPOLOGIA PRONOMINAL

Próclise, Mesóclise, Ênclise 355
Com Um só Verbo 355
Com Infinitivo 360
Com Locução Verbal 361

19 CRASE

Conceituação 367
Método Prático 368
Casos Especiais 369
Em locuções 369
Em lugares 370
Com distância 370
Com horas 371
Paralelismo e quebra do paralelismo 371
Com pronomes relativos 372
Com *casa* 372
Com *terra* 373
Com *até* ou *até a* 373
Com pronomes possessivos 374
Com antropônimos femininos 374
Em *à moda de* 375
Não há Crase 375
Uso do Paralelismo 378
Há ≠ A 379

20 PONTUAÇÃO

Visão Geral 383
Visão Detalhada 383
Uso da Vírgula 383
Dentro de uma oração 383
Entre orações 387
Vírgulas permutáveis por parênteses ou travessões 386
Dois-pontos 389
Ponto e vírgula 389
Reticências 390
Travessão, Aspas Duplas e Simples 391

21 GABARITO 401

Fonologia, Divisão Silábica e Translineação

ESTUDO DOS FONEMAS

Uma frase é uma linha melódica composta de palavra(s), que, por sua vez, compõe(m)-se de **sílaba(s)**.

Sílaba

Quando falamos, produzimos "arrancos sonoros".

Eu que ri a sa ber se vo cê me en ten deu.

Cada um desses "arrancos" chama-se **sílaba**.

Quais sílabas há na seguinte frase?

A conquista do sucesso é questão de vontade.

Resposta: (Escreva como você pronuncia cada sílaba.)

1 ___ 2 ___ 3 ___ 4 ___ 5 ___ 6 ___ 7 ___ 8 ___ 9 ___ 10 ___ 11 ___ 12 ___ 13 ___ 14 ___ 15 ___

Você notou que as sílabas são conjuntos de sons mínimos? Esses sons mínimos são os **fonemas**.

Fonema

Chama-se **fonema** o som mínimo usado na língua para distinguir o significado de uma palavra do significado de outras.

/r/ato /m/ato /p/ato /f/ato	r/a/to r/e/to r/i/to r/o/to	ra/t/o ra/l/o ra/r/o ra/b/o
/r/-/m/-/p/-/f/ são fonemas	/a/-/e/-/i/-/o/ são fonemas	/t/-/l/-/r/-/b/ são fonemas

Observação:

Fonema não é letra, é som. Letra ou grafema é desenho que representa o som. Fala-se e ouve-se o fonema. Escreve-se e enxerga-se o grafema ou letra.

Tipos de Fonemas

Vogal

A vogal é o fonema em que a sílaba se apoia.
A vogal é o apoio da sílaba.

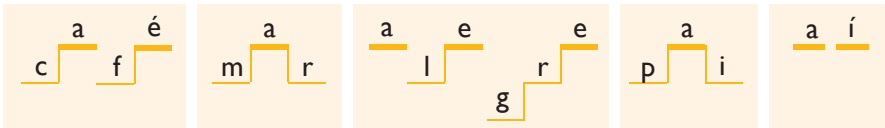

Observe que toda sílaba tem uma vogal que a apoia e que só há um ponto de apoio em cada sílaba.
Portanto, **só há uma vogal em cada sílaba**.

Prática

■ Distribua os fonemas nos gráficos. Ouça como você os pronuncia para não errar.

1. mãe
2. pão
3. mão
4. pau
5. pais
6. país

■ Compare agora as palavras **pais** e **país** e marque **C** ou **E** nos parênteses.

7. ( ) Nas duas o **i** é o apoio da sílaba.
8. ( ) Só em **pais** o **i** é o apoio da sílaba.
9. ( ) Só em **país** o **i** é apoio de sílaba.
10. ( ) Só em **país** o **i** é vogal, porque vogal é apoio da sílaba.

■ Compare **mãe** e **pai**, **pão** e **pau**. Agora marque **C** ou **E** nos parênteses.

11. ( ) Em **mãe** e **pai**, as letras **e** e **i** representam o mesmo som ou fonema: **i**.
12. ( ) Em **pão** e **pau**, as letras **o** e **u** representam o mesmo fonema: **u**.
13. ( ) Em **mãe** e **pai**, o fonema **i** é o apoio da sílaba.
14. ( ) Em **pão** e **pau**, os fonemas **o** e **u** são vogais.
15. ( ) Em **pão** e **pau**, as vogais são **ã** e **a**.
16. ( ) Em **mãe** e **pai**, as vogais são **ã** e **a**.
17. ( ) Em **país**, o **i** é vogal (apoio de sílaba) como o **a**.

Importante:

Na escrita, as cinco **letras** a, e, i, o, u representam doze vogais da língua falada:
- **sete vogais orais**: a, é, ê, i, ó, ô, u;
- **cinco vogais nasais**: ã, ẽ, ĩ, õ, ũ.

A vogal nasal pode ser escrita de três maneiras diferentes:
- **com til**: m**ã**o, p**õ**e, c**ã**s, ím**ã**, maç**ã**;
- **com m**: **âm**bar, **sem**pre, **tim**bre, **com**pra, **Jum**bo;
- **com n**: **an**tes, **en**te, **cin**to, **con**to, **jun**ta.

Prática

- Reescreva as vogais que distinguem os significados dos seguintes pares:

18. Ele havia **lido** um **lindo** artigo. _____
19. Ela não foi **boba**, percebeu que era uma **bomba**._____
20. **Vede** como ele **vende** bem._____
21. Ele vive **mudo** num **mundo** loquaz._____
22. **Lá** se fabrica **lã** de primeira._____
23. Já **leste** as notícias do **leste** europeu?_____
24. Ontem ele não **pôde**, mas hoje **pode** falar. _____

Semivogal

Semivogal são os fonemas **i** e **u**, quando apoiados em uma vogal. Como você já viu, as semivogais **i** e **u** podem também ser representadas pelas letras **e** e **o** (mã**e**, pã**o**).

Prática

- Distribua nos gráficos.

25. cai
26. caí
27. louro
28. lua

- Agora julgue as afirmações e coloque **C** ou **E** nos parênteses.

29. ( ) Em **cai**, o **i** é semivogal.
30. ( ) Em **caí**, o **a** é vogal.
31. ( ) Em **caí**, o **i** é vogal.
32. ( ) Em **louro**, o **u** é vogal.
33. ( ) Em **lua**, o **u** é vogal.
34. ( ) Em **lua**, há duas vogais.
35. ( ) Em **cai**, há duas vogais.

Consoante

Consoante é qualquer fonema que se apoie em vogal e que não seja semivogal.

Prática

■ Distribua nos gráficos os fonemas.

36. bonde

37. ombro

38. Marte

39. norte

■ Agora, julgue as afirmações.

40. ( ) Em **bonde** e **norte**, o **n** é consoante.
41. ( ) Em **norte**, o **n** é consoante.
42. ( ) Em **Marte** e **ombro**, o **m** é consoante.
43. ( ) Em **Marte**, o **M** é consoante.
44. ( ) Em **ombro**, **om** é uma vogal nasal.
45. ( ) Em **bonde**, **on** é uma vogal nasal.

Importante:

Você sabia que as semivogais **i** e **u** podem ser representadas pela letra **m**? Veja:

iam

bem 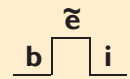

Em ambos os casos, a letra **m** serviu para nasalar as vogais (ã, ẽ) e representar as semivogais (u, i).

Prática

■ Distribua nos gráficos a frase.

46. Ela passou bem o vestido.

■ Assinale **C** ou **E** nos parênteses.

47. ( ) O **ss** representa um som só, por isso é um só fonema, consoante.
48. ( ) Em **bem**, o **m** é consoante.
49. ( ) Em **bem**, o **m** é semivogal (i) e marca a nasalização da vogal (ẽ).

50. ( ) Há dez vogais na frase apresentada.
51. ( ) Há duas semivogais na frase citada.
52. ( ) Há nove consoantes.
53. ( ) Há oito consoantes.
54. ( ) Há nove vogais.
55. ( ) Se há nove vogais, há nove sílabas.

ENCONTROS VOCÁLICOS (orais ou nasais)

Ditongo crescente

Semivogal + vogal, na mesma sílaba.

série: r i e / sv v

quanto: k u ã / sv v

sério: r i u / sv v

Ditongo decrescente

Vogal + semivogal, na mesma sílaba.

mau: m a u / v sv

botão: t ã u / v sv

bem: b ẽ i / v sv

Tritongo

Semivogal + vogal + semivogal, na mesma sílaba.

quão: k u ã u / sv v sv

quais: k u a i s / sv v sv

Hiato

Vogal + vogal.

saída: s a í / v v

caaba: c a a / v v

baús: b a ú s / v v

ENCONTROS CONSONANTAIS

Descontínuos ou separáveis

Cada consoante numa sílaba.

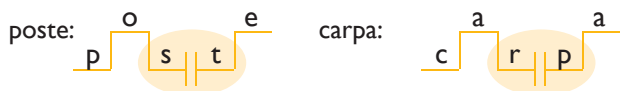

Contínuos, reais ou inseparáveis

Consoantes juntas na mesma sílaba.

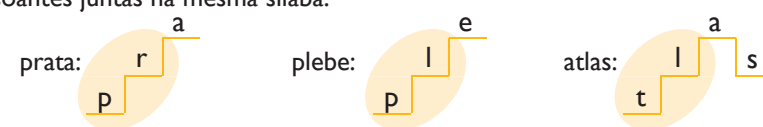

blusa, **br**aço, **cl**aro, **cr**uz, **dr**ama, **fl**auta, **fr**aco, **gl**úten, **gr**osa, **pr**ana, a**tl**ântico, **tr**ena, la**vr**a...

Dífono

Uma letra = dois fonemas.

táxi	x = ks	/t/á/k/s/i/.
ônix	x = ks	/ô/n/i/k/s/.

DÍGRAFO

Duas letras = um só fonema.

onde (= õ), **ch**apéu (= x).

ja**rr**a, ca**lh**a, u**nh**a, **lon**ge, **gen**te, cre**sc**er, cre**sç**a, e**xc**itar, pa**ss**ar, **ch**ave, **gu**iso, **qu**ilo, n**im**bo, m**an**ga, **jum**bo...

DIVISÃO SILÁBICA

A separação de uma palavra em sílabas depende da pronúncia.
Observe as seguintes regras:

Não se separam

Ditongos e tritongos

m**ai**s m**ai**-ô q**ua**-se sa-g**uão** q**uai**s

Os dígrafos lh – nh – ch – gu – qu – am – an – em – en – im – in – om – on – um – un

a-**lh**o bu-**ch**a **gu**ei-xa **lim**-po
ni-**nh**o **qu**e-ro **sem**-pre **con**-to

Encontros consonantais no início das palavras

gno-mo **ps**i-co-lo-gi-a **gn**o-se **pn**eu

Separam-se

As vogais do hiato

r**e**-**u**-ni-do c**o**-**o**-pe-rar p**o**-**é**-ti-co r**u**-**a** b**i**-**o**-lo-g**i**-**a**

As letras dos dígrafos rr – ss – sc – sç – xc

ga**r**-**r**o-te a**s**-**s**e**s**-**s**or su**s**-**c**i-tar cre**s**-**ç**a e**x**-**c**e-ção

Os encontros consonantais descontínuos (antes da última consoante)

o**c**-**c**i-pi-tal su**bs**-**t**an-ti-vo pa**c**-**t**o fel**ds**-**p**a-to

Os encontros que contêm s separam-se após o s

a**bs**-**tr**a-to pe**rs**-**p**i-caz su**bs**-**cr**e-ver

Atenção:

Em sílaba átona final, hiato pode ser lido como ditongo ou vice-versa.
his-tó-r**i**-**a** ou his-tó-r**ia**; sé-r**i**-**e** ou sé-r**ie**.
Mas, na escrita, não se separam: his-tó-ria, sé-rie.

TRANSLINEAÇÃO

bi-	giras-		fac-
savô	sol		ção

Translineação é a divisão de palavras no final de uma linha e começo de outra. Normalmente, obedece à divisão silábica.

1. Evite escrever uma letra isolada no fim ou início de uma linha.

o-
ceano

Capara-
ó

2. Evite separar as sílabas de nomes próprios personativos.

Joa-
quim

Angé-
lica

3. Evite deixar em uma das linhas parte de palavra que possa ser lida como chula, de calão ou grosseira.

ocu-
pado

após-
tolo

vaga-
bunda

4. Evite separar o hiato em final de palavra.

vali-
as

ja-
ós

5. Quando a translineação acontece onde há hífen, este se repete:

disse-
-lhe

auto-
-observação

pré-
-histórico

Prática Geral

56. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Indique a alternativa em que há **erro(s)** de divisão silábica.
a) res-sur-gir / a-ve-ri-gueis / vo-o / po-e-ta / quais-quer.
b) ca-í-ram / co-o-pe-ra-ção / pig-meu / op-ção / cons-ti-tu-in-tes.
c) tu-a / ai-ro-so / e-gí-pcio / su-bs-tan-ti-vo / pneu-má-ti-co.
d) ab-di-ca-ção / o-ci-den-tal / sor-rin-do / sou-bes-te / mne-mô-ni-ca.
e) a-do-les-cen-te / mai-o-res / sub-ju-gar / me-lan-co-li-a / cir-cui-to.

57. (PRF/N.M./ANP) A divisão silábica **não** está correta em:
a) car-rei-ra. b) des-i-lu-são. c) nas-cer. d) rá-dio.

58. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa que apresenta divisão silábica **incorreta**.
a) mne-mô-ni-ca / ét-ni-co / op-ção / ab-di-car.
b) fi-lho / ma-nhã / cons-ci-en-te / des-cer.
c) per-ce-pção / a-ni-mais / sa-ú-de / in-ter-stí-cio.
d) pres-cin-dir / res-ci-são / e-xér-ci-to / guer-ra.

59. Assinale a opção em que **todas** as palavras estão corretamente separadas em sílabas.
a) pa-pe-lei-ro / te-rre-no / re-co-lhe-dor.
b) ter-ri-tó-ri-o / in-dis-pen-sá-ve-is / pro-me-ssas.
c) con-qu-is-tou / au-xí-lios / com-pa-nh-ei-ra.
d) des-gre-nha-da / in-sis-ten-te / en-som-bra-do.
e) ar-mis-tí-cio / es-cas-sos / e-xclu-si-vi-da-de.

60. As palavras **carrossel** e **corrupção** têm as sílabas corretamente divididas em:
a) car-ros-sel / cor-rup-ção.
b) ca-rro-ssel / co-rru-pção.
c) ca-rro-ssel / co-rru-p-ção.
d) car-ro-ssel / cor-rup-ção.
e) ca-rros-sel / co-rrup-ção.

61. Assinale a alternativa que apresenta as duas palavras com as sílabas **corretamente** divididas.
a) poe-ta / a-bso-lu-to.
b) bo-lin-ha / pa-cto.
c) de-sci-da / mi-lha.
d) ri-t-mo / a-d-je-ti-vo.
e) Pa-ra-guai / Pi-au-í.

62. A alternativa que apresenta a divisão silábica **correta** de todas as palavras é:
a) as-pec-to / fic-ção / pês-se-go / sal-si-cha.
b) ri-tmo / ass-eio / di-scu-ssão / as-sar.
c) de-zes-seis / admis-ão / ma-chu-car / ca-rro.
d) chei-a / sub-stan-ti-vo / i-deal / fas-ci-na-ção.
e) ma-cio / ba-i-xo / dis-ten-são / guer-ra.

63. Entre as palavras abaixo, há uma que apresenta **semivogal**. Assinale-a.
a) tapioca. b) saúde. c) hiato. d) goleada. e) feito.

64. A palavra cuja separação de sílabas está **incorreta** é:
a) co-or-de-nar.
b) sub-ju-gar.
c) sub-trair.
d) pneu-má-ti-co.
e) e-qui-va-len-te.

65. Marque a opção em que todas as palavras são **substantivos** separados corretamente em sílabas.
a) in-dig-na-ção / a-do-le-scen-te / ad-mi-nis-trar.
b) rea-gir / tra-bal-ho / in-di-gna-da.

c) a-tro-pe-la-men-to / coi-bir / res-sar-ci-men-to.
d) con-ces-são / ab-di-ca-ção / ir-res-pon-sa-bi-li-da-de.
e) ma-dri-nha / con-ti-nu-ar / atro-pe-la-men-to.

66. No vocábulo **brasileiríssimo**, há
a) 13 fonemas; nenhum encontro consonantal; 1 hiato; 2 dígrafos; 7 vogais; nenhuma semivogal.
b) 14 fonemas; 1 encontro consonantal; 1 ditongo decrescente oral; 1 dígrafo; 7 vogais; nenhuma semivogal.
c) 14 fonemas; 1 encontro consonantal; 1 ditongo decrescente oral; 1 dígrafo; 6 vogais; 1 semivogal.
d) 15 fonemas; 1 encontro consonantal; 1 ditongo crescente oral; 1 dígrafo; 3 vogais; 4 semivogais.

67. Apresentam o **mesmo** fonema inicial os vocábulos:
a) cheguei / certos / cima.
b) ciência / sossego / canção.
c) quem / cultivar / cravei.
d) geologia / grandeza / gente.

68. Assinale a alternativa em que há **erro** na divisão silábica das palavras.
a) tran-so-ce-â-ni-co / o-blí-quo / pneu-má-ti-co.
b) a-ve-ri-guou / pe-rí-o-do / bi-sa-vô.
c) subs-cri-tar / u-ru-gu-ai-o / su-bli-nhar.
d) es-pé-cie / a-poi-o / trans-por-te.

69. Assinale a palavra cuja separação de sílabas está **errada**.
a) ma-tri-cu-lou.
b) re-ssen-ti-men-to.
c) hu-mi-lha-ção.
d) ver-go-nha.
e) sim-ples-men-te.

70. Indique a opção em que o fonema /s/ se realiza em todas as palavras da série que está em **ordem alfabética**.
a) intercessor / intervencionismo / introspecção / introversão.
b) ociosidade / reposição / rescisão / repressão.
c) ferocíssimo / litisconsórcio / hortaliça / insucesso.
d) homologação / isenção / ficção / fossilização.
e) cansaço / forçoso / formoso / fosforescência.

71. Marque a opção em que todas as palavras são **adjetivos** e estão separadas, corretamente, em sílabas.
a) as-sis-tên-cia / dig-no / hu-mi-lha-ção.
b) con-stran-gi-do / a-rro-gan-tes / re-a-lis-ta.
c) in-te-lec-tual / e-fe-ti-vo / cor-ru-pto.
d) ad-mi-ra-dís-si-mo / res-pei-tá-veis / i-nin-ter-rup-to.
e) a-dmi-ti-mos / sub-me-ti-dos / con-vin-ha.

72. Em qual alternativa se encontra uma palavra **errada** quanto à separação de sílabas?
   a) poe-ti-sa.
   b) co-lhe-res.
   c) ra-í-zes.
   d) fe-ro-zes.
   e) seis-cen-tos.

■ Assinale **C** ou **E**.

73. ( ) Joia, apoio, joio, Irineia são exemplos de tritongos.
74. ( ) Separam-se as sílabas assim: jo-ia, a-po-io, jo-io, I-ri-ne-ia.
75. ( ) A divisão silábica correta é: joi-a, a-poi-o, joi-o, I-ri-nei-a.
76. ( ) Essa mesma divisão silábica pode ser usada para translineação.

■ Assinale **C** ou **E** considerando a separação silábica para **translineação**.

77. ( ) separa-ção / se-paração.
78. ( ) coi-va-ra / dis-puta.
79. ( ) Jo-sé / Eustá-quio.
80. ( ) a-notar / i-lação.

Estrutura e Formação de Palavras

PALAVRA, FONEMA, MORFEMA, SEMANTEMA, UNIDADE MÓRFICA

Prática

■ Leia o texto, relacionando-o ao quadro abaixo, e responda **C** ou **E**:

	Coluna A	Coluna B	Coluna C	Coluna D	Coluna E
1	palavra	m e n i n i n h a s			
2	fonema	/m/ /e/ /n/ /in/	/in/ /nh/	/a/	/s/
3	morfema	menin	inh	a	s
4	semantema	filhote humano	pequeno	fêmea	mais de um
5	unidade mórfica	radical	sufixo	desinên. gênero	desinên. número

Uma palavra, como "menininhas", observada sua morfologia (morfo = forma, logia = estudo), é constituída por **unidades de som** mínimas, capazes de alterar significado, ou seja, constrói-se com **fonemas** (Capítulo 1, Fonologia). Pode também ser analisada quanto aos seus menores **componentes dotados de significado**, que se chamam **morfemas**. Um morfema pode ser estudado sob o ponto de vista do significante (conjunto de sons e letras) ou do significado (imagem mental que se desperta no cérebro do falante/ouvinte – IIT, Capítulo 2, Signo Linguístico).

Semântica é o estudo dos significados, e o morfema, visto por esse prisma, recebe também o nome de **semantema**.

O **semantema** pode trazer um significado relacionado à vida real, ao mundo extralinguístico – **pão**, **chuva**, **horizonte**... – e recebe o nome de morfema ou semantema **lexical**, **extralinguístico** ou **exofórico**, como os radicais das palavras.

Por outro lado, o semantema pode referir-se a um significado pertencente não ao mundo externo, mas ao mundo interno da língua – como os morfemas **ão** e **ázio** que significam aumentativo; **inho** e **ico**, diminutivo; **isa** e **esa**, feminino; **o** e **or**, masculino; ausência e presença de **s**, denotando singular ou plural –, sendo chamados de morfemas ou semantemas **gramaticais**, **intralinguísticos** ou **endofóricos,** representados por prefixos, sufixos, desinências etc.

1. ( ) Uma palavra pode decompor-se em várias partes e sob visões diferentes.
2. ( ) Fonema é uma unidade de significado.
3. ( ) Fonema é uma unidade mínima de som, distintiva de significado.
4. ( ) Morfema é, na palavra, uma unidade mínima dotada de significado.
5. ( ) Semantema é uma unidade de significado que compõe uma palavra.
6. ( ) Semantema pode expressar um significado puramente gramatical ou intralinguístico, como gênero, número, grau (morfemas gramaticais), ou pode despertar um significado extralinguístico, como fé, mar, céu... (morfemas lexicais ou referentes ao mundo real).
7. ( ) Unidade mórfica é unidade de significado.
8. ( ) Mórfico é um adjetivo derivado do radical "morfos" que em grego significa "forma".
9. ( ) No morfema radical **menin**, as letras **i** e **n** representam o fonema **i nasal**.
10. ( ) No morfema sufixo diminutivo **inh**, fonologicamente a letra **n** tem duas funções: marca a nasalidade do **i** que a antecede e forma dígrafo com o **h** que a sucede, por isso está repetida na Coluna C do quadro supra, representando fonema.
11. ( ) Sufixo é o significado-base de uma palavra.
12. ( ) O radical contém o significado-base de uma palavra.
13. ( ) Sufixo é elemento caracterizador de gênero e número.
14. ( ) Sufixo é morfema que propicia derivar-se uma palavra de outra: bel**eza**, bon**dade**, cord**ão**.
15. ( ) Desinência é morfema que define flexão de gênero e número no substantivo; e número e pessoa, no verbo: canta**mos** (1ª pessoa do plural).

PALAVRA PRIMITIVA, DERIVADA, COGNATA, FAMÍLIA DE PALAVRAS

Há palavras constituídas apenas de radical (mar, ar, pó) e outras que se formam a partir dele (**mar**esia, **mar**ítmo, **aér**eo, **ar**ejado, **po**eira, em**po**ar). Em função disso, tem-se a seguinte distinção:

Palavra Primitiva

É a que dá origem a outra(s):

café, cipó, Amazonas.

Palavra Derivada

É a que se origina de outra:

cafezal, cipoal, Amazonense.

Palavra Cognata [co(m) = em companhia + gnata = nascida]

É a palavra nascida em companhia de outra, irmã de outra, pertencente à mesma família de outra. **Cruz**ada, **cruc**ificar, **cruz**eiro... são palavras cognatas porque nasceram da palavra **cruz**.

Família de Palavra

É o conjunto das palavras que têm o mesmo radical primário, ou seja, a mesma raiz.

RADICAL, PREFIXO, SUFIXO

Prática

■ Associe o quadro à leitura e responda **C** ou **E**.

Palavra	d e s c a p i t a l i z a r		
morfemas	des	capital	izar
extralinguístico		radical	
intralinguísticos	prefixo		sufixo

Observando-se a palavra "descapitalizar" e comparando-a com outras da mesma família (capitalizar, recapitalizar, capitalização, descapitalizado, capitalismo, capitalista...), é fácil perceber que o morfema permanente, em torno do qual se criaram essas palavras, é **capital**. Essa constatação permite dizer que esse morfema é o **radical** da palavra, porque tem relação com a raiz dela. Então, **radical** é, da palavra, a parte que mantém o **significado-base** e que **aponta para a raiz**.

16. ( ) Radical significa que tem relação com raiz.
17. ( ) O radical concentra a base da significação da palavra.
18. ( ) O radical classifica-se como morfema endofórico, ou de significado intralinguístico.
19. ( ) Prefixo é morfema de significado extralinguístico, ou exofórico.
20. ( ) Radical é componente formal da palavra, da qual constitui a base de significação externa, podendo seu significado ter referente extralinguístico (cavalo, capim) ou linguístico (vírgula, til).
21. ( ) O morfema **capital** classifica-se como lexical e não como gramatical.
22. ( ) O prefixo **des** traz à palavra um significado de ausência ou negação.
23. ( ) Ele existe só no mundo extralinguístico.
24. ( ) O sufixo **izar** é formador de verbo e sua existência se limita ao universo gramatical.
25. ( ) Prefixos e sufixos são morfemas gramaticais, por não terem referente extralinguístico.

RAIZ ≠ RADICAL

Raiz

É um substantivo que significa origem, início mais profundo. Há quem a chame de radical primário.

Radical

É palavra originariamente adjetiva que significa aquilo **que tem relação com RAIZ.**

Achar a **raiz** não é tão fácil. Leia as frases:

> "O capataz da fazenda perdeu a cabeça e fez um movimento tão brusco que traumatizou o bíceps do capitão, tendo este sido levado urgentemente para a capital".

Perceba que o conjunto fonêmico **capital** (cidade principal) tem um significado muito diferente do que o que se encontra em des**capital**izar, embora sejam iguais na forma. Engano, porque tanto o **capital** (dinheiro) quanto a **capital** (cidade) são oriundos da mesma raiz latina *"cáput, cápitis"*, que significa **cabeça**, **parte superior**, **parte mais importante**, **bico**, **ponta**. A partir daí, vejam-se, na frase dada, as outras palavras pertencentes a uma mesma família, porque apresentam a mesma raiz, embora modificada pelo uso e pelo tempo: **cap**ataz (chefe, o cabeça dos trabalhadores), **cab**eça (parte mais alta), bí**ceps** (que tem bi = duas + ceps = cabeças), **cap**itão (chefe, o cabeça de um grupo militar), a **cap**ital (cidade principal), o **cap**ital (o principal do dinheiro, excluídos os juros). Querendo-se ir adiante com o mesmo radical, há **cap**itel, **cap**ítulo, **cab**edal, **cap**itólio, **cap**otar, pre**cip**ício, per **cap**ita.

Contudo, a dificuldade de se achar a raiz da palavra não se deve apenas à metamorfose que ela sofre ao longo do tempo (cap, cab, cep, cip), mas às transformações que outras raízes de outras palavras também experimentam e com ela se confundem. Por exemplo, raízes que se confundem com **cap**, **cab**, **cep**, **cip**, de *"caput"*:

1. A palavra *"cappa"*, do latim tardio, que significava "certo tipo de casaco com capuz, capa", originou o diminutivo "cappella" e as palavras portuguesas **cap**a, **cap**ela (esta, no século VII, designava o local onde se venerava a capa de são Martinho, e daí se estendeu o significado para "oratório"), **cap**elo, **cap**ote, **chap**éu, **cap**ucho, **cap**uz, de**cap**ar, de**cap**ê, **quep**e...

2. A palavra *"cápus"*, do latim clássico, que significava "galo castrado", gerou em Português **cap**ar, **cap**ão, **cap**ado...

3. O verbo latino *"cápìo,is, cépi, cáptum, cápere"*, que era extremamente plurissignificativo, derivou na Língua Portuguesa **cab**o, **cab**az, **cab**ear, **cab**er, **cap**acidade, **cap**acitor, **cap**az, **capc**iosidade, **capc**ioso, **capt**ação, **capt**ar, **capt**ura, **cat**ador, **cat**ar, **cat**ivar, **cat**iveiro, a**cep**ção, a**cep**tar, a**cei**tar, con**ceb**er, con**cei**ção, con**cep**ção, ex**cep**to, ex**ce**to, ex**cip**iente, ex**cep**cional, en**ce**tar, o**cup**ar.

Achar a **raiz** é, portanto, bem mais difícil do que encontrar o radical de uma palavra. Por quê? Porque exige uma observação bem mais profunda, mais afastada, mais distante no tempo, o qual, com o seu passar e com as alterações das circunstâncias sociais e históricas, modificou o significante e o significado, a forma e o conteúdo, a grafia e a ideia da **raiz**, de várias maneiras.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, com base no texto acima.

26. ( ) É mais fácil encontrar o radical que a raiz, numa família de palavras.
27. ( ) A raiz e o radical se apresentam sempre com a mesma forma gráfica.
28. ( ) A raiz e o radical podem mostrar alterações, quer tenham origem culta, quer popular, como acontece com cátedra/cadeira, concepção/conceição, regular/regrar, sacratíssimo, sagradíssimo.
29. ( ) São cognatos: capitão, capote, capacidade, capado.
30. ( ) Uma maneira de ajudar a distinguir radicais é atentar para o significado.
31. ( ) Capa, capela, capelo, capote, capuz, capucho, chapéu e quepe são cognatos.

TEMA, VOGAL TEMÁTICA, AFIXO (prefixo e sufixo) E DESINÊNCIA

Tema

É o radical ou raiz acrescido da vogal temática, pronto, portanto, para receber a(s) desinência(s): cab + o = **cabo**, têmper + a = **têmpera**.

Vogal Temática

É a vogal que prepara o radical ou raiz, tanto para se tornar uma palavra independente, como para receber a(s) desinência(s) ou o(s) sufixo(s): cab + **o**, têmper + **a**.

Desinência

É elemento mórfico, ou componente formal, que se pospõe à raiz, ao radical ou ao tema de verbos, substantivos, adjetivos ou pronomes para marcar flexão nominal (de gênero, número, grau) e verbal (de modo, tempo, número, pessoa). Por isso, também são conhecidos por **morfemas flexionais**: cabo + **s**, têmpera + **s**, tempera + **r**.

Afixo

É elemento mórfico que se junta ao radical para criação de nova palavra, que se chamará **derivada**. Por esse motivo os afixos também se chamam **morfemas derivacionais**.

Prefixo

É afixo que **se antepõe ao radical** somando-lhe um novo significado, ligado ao de uma preposição: **des**temor, **contra**por, **sobre**ssair, **a**moral, **i**rregular...

Sufixo

É afixo que **se pospõe ao radical**, acrescentando-lhe nova ideia e definindo-lhe a categoria gramatical como adjetivo (amor**oso**, embeleza**do**), substantivo (utili**dade**, armazen**agem**), advérbio (feliz**mente**, grata**mente**)... ou somando-lhe sentido de agente ou profissão (cant**or**, livr**eiro**, dent**ista**, estud**ante**, secret**ário**), ação (cumpri**mento**, doa**ção**, toler**ância**, nivel**ar**, folh**ear**), aumentativo (fog**aréu**, barc**aça**, canec**ão**, grand**alhão**), diminutivo (papel**ucho**, sal**eta**, chuv**isco**, part**ícula**), coletivo (boi**ada**, dinheir**ama**, pluma**gem**), origem ou nacionalidade (brasil**eiro**, paulist**ano**, brasili**ense**)...

Prática

■ Tendo como ponto de partida o quadro a seguir e o texto recém-lido, responda **C** ou **E**:

	Prefixo	Radical	Vogal temática	Sufixo	Desinência mod./temp.	Desinência núm./pes.	Desinência gên./núm.	
1	des	temper	a		va	s		
2	re	corr	ê		ra	mos		
3	com	part	i		r	eis		
4	a	noit	e	ece	r			
6	a	clar	a		r			
7	in	util		mente				
8	des	temper	a	mento				s
8	sub	nutr	i		d		o	s
9		am	a	dor			a	s

32. ( ) Os elementos linguísticos presentes nas oito colunas verticais chamam-se morfemas.
33. ( ) Todos eles são morfemas gramaticais.
34. ( ) Radical e raiz são os únicos morfemas lexicais ou de significação externa à língua.
35. ( ) Prefixo, sufixo , vogal temática e desinência são morfemas gramaticais ou de significação interna à língua.
36. ( ) Prefixos são morfemas flexionais.
37. ( ) Morfemas flexionais são as desinências que, nos nomes, indicam flexão de gênero e número; e, nos verbos, número, pessoa, modo, tempo e gênero.
38. ( ) Até a linha 6, só há desinências verbais (modo-temporais e número-pessoais).
39. ( ) Na linha 4, há um sufixo verbal, formador de verbo; na 7, adverbial, formador de advérbio; na 8, nominal, formador de substantivo; e na 9, nominal, formador de adjetivo.
40. ( ) As vogais temáticas, na terceira coluna, juntam-se aos radicais, para que estes possam receber os sufixos ou as desinências.
41. ( ) Os sufixos sempre antecedem as desinências, assim como os prefixos em relação aos radicais.

VOGAL E CONSOANTE DE LIGAÇÃO

Observe-se a formação das seguintes palavras: pá + ada = pa**z**ada, cha + eira = cha**l**eira, gás + metro = gas**ô**metro, limão + inho = limão**z**inho, em que apareceram automaticamente os elementos mórficos **z**, **l**, **ô**, **z**, respectivamente, sem qualquer contribuição no significado e sem outra função que não seja a de facilitar a pronúncia. Às vogais e consoantes que se intercalam entre dois morfemas com a finalidade única de facilitar a prolação (pronúncia) da palavra dá-se o nome de vogais e consoantes de ligação.

Prática

- Olhando o parágrafo anterior e o quadro a seguir, pense e responda **C** ou **E**:

	Radical	Letra de ligação	Sufixo/ radical	Vogal temática	Desin. gên.		Desin. núm.	
					Masc.	Fem.	Sing.	Pl.
1	feliz		mente		/	/	/	/
2	carr			o	/	/	∅	s
3	carroç			a	/	/	∅	s
4	menin			o	o	a	∅	s
5	trist			e	/	/	∅	s
6	lápis				/	/	/	/
7	gas	o	duto		/	/	∅	s
8	pau	l	ada		/	/	∅	s
9	café	t	eira		/	/	∅	s
10	lan	i	fer	o	o	a	∅	s

42. ( ) Na linha 1, a palavra é formada apenas de radical e sufixo; sem qualquer desinência, porque advérbio é invariável.
43. ( ) Nas linhas 2, 3 e 5, não há desinência de gênero porque as desinências só existem quando justificadas pelo par opositivo (menin**o**/**a**). Carr**o**, carroç**a**, trist**e** não apresentam morfemas (nem masculinos nem femininos), só porque inexistem os opostos carr**a**, carroç**o**, trist**o** ou trist**a**. Na morfologia dos nomes (substantivos, adjetivos, certos pronomes), só existem três vogais temáticas e todas estão aqui representadas: e, o, a.
44. ( ) Nas linhas 4 e 10, o **o** é vogal temática, porque prepara o radical para ser uma palavra independente (menin**o**, lanífer**o**) e acumula a função de desinência de gênero, por causa da oposição (menin**o**/menin**a**, lanífer**o**/lanífer**a**).
45. ( ) Em **chute**, **cavalo**, **cavaleiro**, **bomba**, o fonema final é uma vogal temática, mas em **cipó**, **rapé**, **pá**, não há vogal temática, porque ela nunca é tônica. Como se vê, há nomes que não têm vogal temática, por isso não podem ter tema, mas têm apenas radical ou raiz, sendo, então, chamados de **atemáticos**.
46. ( ) O **o** e o **a** no final de certos substantivos não marcam masculino ou feminino (vo**o**, telefonem**a**, dram**a**, carr**o**, carroç**a**), o que lhes aponta o gênero são os seus determinantes: **o** voo, noss**o** telefonema, carroça conhecid**a**.
47. ( ) Em "Ele comeu o bol**o** e chutou a bol**a**", os elementos sublinhados e negritados são desinências de gênero.
48. ( ) Na linha 6, não há desinência de gênero, nem de número, porque o **s** final de palavras como **lápis**, **oásis**, **ônibus** não é marca de plural. O plural de tais palavras se mostra por um determinante: o**s** ônibus, lápis amarelo**s**, meus óculo**s**.
49. ( ) **Nos nomes**, o que marca singular não é a presença de uma letra, mas sua ausência, ou seja, a ausência do marcador de plural **s** é que indica estar a palavra no singular. Essa ausência do morfema plural **s** é o que se chama **morfema zero**. Por isso, no quadro, só há **desinência zero**, de número singular, quando a palavra tem plural formado por **s**.
50. ( ) "duto" (l.7) e "fero" (l.10) são sufixos latinos originários de verbos com significado de **conduzir**.
51. ( ) "duto" (l.7) e "fero" (l.10) são radicais latinos originários de verbos com significado de **conduzir**, enquanto "ada" e "eira" (l.8 e 9) são sufixos formadores de substantivos.
52. ( ) Nas linhas 7, 8, 9 e 10, há **vogais e consoantes de ligação**, que não contribuem para o significado, e existem apenas para facilitar a pronúncia.

FORMAÇÃO DE PALAVRAS: DERIVAÇÃO, COMPOSIÇÃO, HIBRIDISMO

Em Português, formam-se palavras por dois processos básicos: derivação e composição.

Derivação

É o processo pelo qual se formam palavras a partir de um radical, ao qual se acrescentam afixos.

Derivação Prefixal

Uso de prefixo como em **des**crença, **intro**versão, **super**feliz, **con**ter.

Derivação Sufixal

Uso de sufixo como em arroz**al**, arroz**eiro**, barc**aça**, barqu**inho**, fam**oso**.

Derivação Prefixal e Sufixal

É o acréscimo de outro afixo (prefixo ou sufixo) a uma palavra já constituída de radical e afixo. Com a eliminação de um dos afixos, a palavra continua existindo.

inutil**mente**, pois existe tanto **in**útil quanto util**mente**;
descumpri**mento**, pois existe tanto **des**cumprir como cumpri**mento**;
incomunicá**vel**, pois existe tanto **in**comunicar como comunicá**vel**.

Derivação Parassintética ou Circunfixal

Uso de prefixo e sufixo simultaneamente, ou seja, ambos se juntam ao radical no momento exato da criação da palavra, o que se prova pela tentativa inútil de se retirar o prefixo, porque a palavra sem ele inexiste, como em

embarc**ar**, pois não existe barcar;
anoit**ecer**, pois não existe noitecer;
repatri**ar**, pois não existe patriar.

Derivação Regressiva

É formada pela perda de elemento fônico da palavra primitiva, de tal maneira que a derivada fica menor em tamanho que a primitiva. Chama-se também derivação deverbal, porque a derivada é um substantivo que provém de um verbo como em:

pescar > a pesca	afagar > o afago	atacar > o ataque
perder > a perda	apelar > o apelo	enlaçar > o enlace
censurar > a censura	chorar > o choro	debater > o debate

Dica:

Como saber se **âncora** é primitiva ou derivada em relação a **ancorar**? E **venda** em relação a **vender**? O **substantivo deverbal contém em si a noção de ação** que herdou

do verbo, por isso observe não o verbo, mas o substantivo. Âncora, por não ter ideia de ação, não proveio de ancorar; então, âncora é primitiva e ancorar derivada.
Já o substantivo venda significa ação de vender e, por trazer ideia de ação, originou-se de um verbo, o que permite concluir que venda é derivada e vender é primitiva.

Derivação Imprópria ou Conversão

É a criação de uma palavra pela alteração de sua categoria gramatical:

Ele era um estudante **caxias**.	(antropônimo virando adjetivo)
Não li essa **circular**.	(adjetivo virando substantivo)
Deixa de ser **borboleta**, menina.	(substantivo virando adjetivo)
Que teremos para o **jantar**?	(verbo virando substantivo)
Pudera! **Bravo**!	(verbo e adjetivo virando interjeição)
Analisando **prós** e **contras**...	(advérbio e preposição virando substantivo)

Derivação por Abreviação ou Redução

Encurtamento da palavra primitiva:

motocicleta > moto	automóvel > auto
fotografia > foto	quilograma > quilo
logomarca > logo	Teresópolis > Terê
pneumático > pneu	Flamengo > Mengo

Cabem aqui as **Siglas**:

Organização dos Estados Americanos	>	OEA
Organização das Nações Unidas	>	ONU
Academia Brasileira de Letras	>	ABL
Transportes Aéreos Portugueses	>	TAP

PT, PMDM, DEM, PSB, PCB, PDT, PSOL, PSC,TCU, TJDFT...

Derivação por Reduplicação

Formação de palavra por repetição silábica, havendo ou não alteração sonora:

pingue-pongue	to-tó	lambe-lambe
tique-taque	reco-reco	bate-bate

Derivação por Combinação

A palavra derivada combina elementos de duas ou mais outras:

português + espanhol	>	portunhol
brasileiro + uruguaio	>	brasiguaio
Flamengo + Fluminense	>	Fla-Flu

Derivação por Intensificação

Alargamento ou alongamento do sufixo de uma palavra, quase sempre usando-se o **izar**, em substituição a um mais curto já existente:

digitar	>	digitalizar
agir	>	agilizar
protocolar	>	protocolizar
culpar	>	culpabilizar

Composição

É a criação de uma nova palavra pela aproximação de dois ou mais radicais. As palavras compostas podem classificar-se como justapostas ou como aglutinadas.

Composição por Justaposição

Os radicais mantêm sua integridade sonora intocável, sem alteração sequer de um fonema, podendo ou não haver uso de hífen:

guarda-chuva	mand**ac**huva
finca-pé	pont**ap**é
couve-flor	min**iss**aia
mal-aventurado	ma**ln**ascido
super-regular	extr**arr**egular

Composição por Aglutinação

Na junção dos radicais acontece a queda ou alteração de fonema(s):

filho de algo	>	fidalgo	perna alta	>	pernalta
em boa hora	>	embora	água ardente	>	aguardente
grande eloquência	>	grandiloquência	vinho acre	>	vinagre

Hibridismo

É a junção de componentes mórficos, oriundos de línguas diferentes, na mesma palavra, não importando se ela foi formada por composição ou por derivação, ou seja, se tem dois ou mais radicais, ou se apenas um radical mais afixo(s):

*auto*móvel	(*grego* + latim)	bi*cicleta*	(latim + *grego*)
*endo*venoso	(*grego* + latim)	bi*gamia*	(latim + *grego*)
socio*logia*	(latim + *grego*)	oleo*grafia*	(vern. + *grego*)

Prática

■ Leia atentamente e responda **C** ou **E**:

53. ( ) pôr, transpor, posto, posição, imposição, impostor, postura, posicionado... pertencem à mesma família de palavras.
54. ( ) vida, viver, vivaz, vivacidade, vital, vitalidade, vitalício, vitaliciedade, pós-vida, vivo, vivenciar... são cognatos.
55. ( ) A palavra neologismo é um bom exemplo de hibridismo.
56. ( ) Neologismo significa palavra nova. É um vocábulo derivado com dois radicais de origem grega.
57. ( ) A palavra neologismo é composta por dois radicais (neo + logos), ambos de origem grega, que significam respectivamente novo e palavra.
58. ( ) Ambidestro, bicombustível, dicotomia, anfíbio, bienal, bíblico: todas essas palavras têm em sua constituição um morfema com significado ligado a **dois**.
59. ( ) Todas as palavras do item anterior são formadas por derivação prefixal, exceto a última, que é derivada por sufixação.
60. ( ) Superfície, suprarrenal, superlotar, epiderme, epígrafe, hipermercado: todos esses vocábulos são derivados por prefixação e seus prefixos latinos (super, supra) e gregos (epi, hiper) apresentam entre si correspondência semântica.
61. ( ) Todas as palavras a seguir exemplificam derivação sufixal: amoroso, barrigudo, latino, diário, enfermiço, medonho, róseo, datilografia.
62. ( ) Do exercício anterior, a última palavra não é derivada, mas composta por dois radicais gregos que significam respectivamente dedo e escrita.
63. ( ) São exemplos de derivação regressiva ou deverbal os seguintes substantivos: desembarque, festejo, grita, renúncia, entrega, chute, agito, esfrega, troca, arquivo, barco, apelido.
64. ( ) Do exercício anterior, arquivo, barco e apelido não são derivados regressivos ou deverbais porque semanticamente não trazem ideia de ação, mas denotam objeto ou substância.
65. ( ) Exemplificam a derivação parassintética os seguintes vocábulos: abotoar, amanhecer, anoitecer, aterrorizar, embainhar, embrutecer, envelhecer, escurecer, esvaziar, esburacar, introduzir.
66. ( ) Do exercício anterior, introduzir é, em Português, palavra primitiva. No latim, constitui derivação prefixal (intro + dúcere = para dentro + levar).
67. ( ) Em gasômetro e geografia constata-se a existência de vogal de ligação.
68. ( ) A aglutinação pode ser encontrada em: lobisomem (lobo e homem), vinicultura (cultura da vinha), agridoce (acre e doce), monocórdio (uma corda), silvícola ou selvícola (morador da selva).
69. ( ) São exemplos de derivação por conversão, ou derivação imprópria, substantivos comuns transformados em nomes próprios: Pereira, Coelho, Pimenta, Vargem Grande.

70. ( ) "Analise o protótipo, avalie prós e contras, e me dê urgentemente uma resposta". Nessa frase, pela ordem, encontra-se uma composição de palavra, duas derivações impróprias, uma sufixação adverbial e uma derivação prefixal.
71. ( ) Na questão anterior, só há um erro: a última palavra, que é **resposta**, formou-se por derivação regressiva e não prefixal.
72. ( ) "Os anjolescentes obstaculizavam a portaria onde o donjuan passaria". Há, nessa frase, pela ordem em que aparecem, exemplos de composição por combinação, derivação intensificada, derivação sufixal, derivação imprópria.
73. ( ) Na frase "Que teremos para jantar?" há uma derivação imprópria, ou conversão.
74. ( ) Em "A CBF resolveu promover treinos no Rio", há duas palavras formadas por abreviação, duas por prefixação e uma por regressão. Todas compostas.
75. ( ) Na questão anterior, só o último período apresenta informação errada.
76. ( ) Nas palavras **ambi**destro, **bi**combustível, **bí**blico, **di**cotomia, **anfí**bio, e **bi**enal, os prefixos em negrito trazem significado ligado ao número dois.

Ortografia

Uso das Letras

Uso do Hífen

Uso dos Porquês

Mal e Mau

Onde e Aonde

Acentuação Gráfica

Do grego (**orto** = certo, correto + **grafia** = escrita), ortografia significa escrita correta.

É capítulo que, indiscutivelmente, ainda precisa de conscientização e reparos por parte das comunidades linguísticas e educacionais, tarefa que já abraçamos.

Em setembro de 2008, a Presidência da República do Brasil promulgou o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, assinado em Lisboa, em dezembro de 1990, por oito países lusófonos (*vide* Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, Vestcon Editora).

O Decreto de promulgação implementou as novas regras ortográficas a partir de 1° de janeiro de 2009, devendo valer tanto a antiga quanto a nova ortografia até 31 de dezembro de 2012, a partir de quando passará a viger apenas a última regulamentação.

Para atender a esse período de transição, este capítulo usa as seguintes cores:

verde:	indica novas regras;
laranja:	indica o que não sofreu alteração;
azul:	indica regras antigas.

Ajustes estão sendo esperados durante um período de adaptação e observação e, à medida que necessários, serão divulgados no site **www.vestcon.com.br**.

É oportuno pedir ao leitor que conheça o movimento **www.acordarmelhor.com.br** e que o ajude com seu apoio, para a racionalização e simplificação das regras ortográficas, visando inclusive, à eliminação de exceções.

ALFABETO (norma nova)

O alfabeto português, com a introdução de K, k (cá ou capa); W, w (dáblio) e Y, y (ípsilon), passou a ter 26 letras ou grafemas:

A a	B b	C c	D d	E e	F f
G g	H h	I i	J j	**K k (cá)**	L l
M m	N n	O o	P p	Q q	R r
S s	T t	U u	V v	**W w (dáblio)**	X x
Y y (ípsilon)	Z z				

USO DE K, W, Y

Essas três novas letras ou grafemas são destinadas ao seguinte uso:

1	Em antropônimos (nomes de pessoas) originários de outras línguas e seus derivados: *Byron, byroniano; Darwin, darwinismo; Franklin, frankliniano; Kant, kantista, kantismo; Kardec, kardecista, kardecismo...*
2	Em topônimos (nomes de lugares) de outras línguas e seus derivados: *Kwuanza, kwanzaniano; Kuwait, kuwaitiano; Malawi, malawiano...*
3	Em siglas internacionais (TWA, KLM) e em símbolos internacionais (K de potássio, *kalium* em latim; W de oeste, *West* em inglês; kg de quilograma; km de quilômetro; kW de quilowatt; kV de quilovolt; yd de jarda, *yard* em inglês...).

Observações:

a) Antropônimos estrangeiros e seus derivados: respeita-se a grafia, inclusive das demais letras e do trema: Garrett, garrettiano; Müller, mülleriano; Shakespeare, shakespeariano... Muitos têm mais de uma grafia: Baruch, Baruc; Loth, Lot; Ziph, Zif; Joseph, José; Nazareth, Nazaré; Judith, Judite; Jacob, Jacó; Isaac, Isac; David, Davi; Josafat, Josafá; Madrid, Madri; Calecut, Calicut, Calcutá, Cid...

b) Topônimos estrangeiros e seus derivados: vernaculizam-se, ou seja, devem ser adaptados, aportuguesados, sempre que possível: Calicut > Calcutá; Cherbourg > Cherburgo; Finland > Finlândia; Torino > Turim; Zürich > Zurique...

USO DO *H, h*

USA-SE H INICIAL	
1	Por respeito à etimologia (origem das palavras): haver, hélice, hera, hoje, hora, homem, humor...
2	Por convenção: hã?, hem?, hum!

Observações:

a) Várias palavras já se modernizaram (**e**rva, **e**rvaçal, **e**rvanário, **e**rvoso...) e convivem com formas eruditas, mais tradicionais (herbáceo, herbanário, herboso...).
b) Quando deixa de ser inicial, o h pode desaparecer (hebdomadário > biebdomadário; harmônico > desarmônico; homem > lobisomem...) ou ser antecedido por hífen (anti-horário, pré-história, sobre-humano).

USA-SE O H FINAL
Em interjeições: Ah! Oh! Ih! Uh!

Observação:

Não se usa o h final na interjeição de vocativo: "Ó jardineira, por que estás tão triste?..."; Ó menino, venha cá.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

1. ( ) No Brasil, preferem-se as formas Calcutá, Cid, Davi, Josafá, Jó, Jacó, Madri, Nazaré.
2. ( ) Continuam existindo **ç** (c cedilhado) e os dígrafos **rr**, **ss**, **ch**, **lh**, **nh**, **gu**, **qu**...
3. ( ) Corretas as grafias Malawi, malawiano, Müller, mülleriano, shakespeariano, Kubitschek.
4. ( ) Preferem-se as grafias: uísque, drinque, vodca, vermute e não whisky, whiskey, drink, vodka, vermouth...
5. ( ) Preferem-se as grafias Garona, Jutlândia, Milão, Munique, Turim, Zurique e não Garonne, Jutland, Milano, München, Torino, Zürich...
6. ( ) Em haver, hélice, hera, hoje, hora, homem, humor... o **h** (agá) se mantém com base na etimologia.
7. ( ) O mesmo acontece com herbáceo, herbanário, herbicida, herbícola, herbático, herbívoro, que se originam, por via culta, da palavra latina **herba**.
8. ( ) Porém erva, ervaçal, ervoso, ervica, ervicida escrevem-se **sem h** (agá) porque essa grafia já foi consagrada pelo uso.
9. ( ) Usa-se **h** (agá) final em interjeições: Oh! Ah!
10. ( ) O **h** (agá) permanece no interior de palavras ligado por hífen (anti-higiênico, pré-história, sobre-humano, contra-haste), mas desaparece quando antecedido de **in**, **an**, **des** ou do **som "z"** (inábil < in+hábil; desumano < des+humano; exaurir < ex+haurir).

USO DAS LETRAS

Em cada item, siga o modelo e pratique.

Observe:

monte – mont**ês**; Escócia – esco**cês**; Portugal – portugu**ês**...

Adjetivos derivados de substantivos escrevem-se com **s**: **(ês, esa)**.

Prática

11. França: francê__
12. Japão: japone__a
13. corte: cortê__
14. burgo: burguê__
15. montanha: montanhê__
16. campo: campone__a

Observe:

prior – prior**esa**; duque – duqu**esa**; sacerdote – sacerdot**isa**...

Os sufixos **-esa** e **-isa**, formadores de feminino, escrevem-se com **s**.

Prática

17. barão: barone__a
18. príncipe: prince__a
19. cônsul: consule__a
20. papa: papi__a
21. poeta: poeti__a
22. profeta: profeti__a

Observe:

metást**ase**, anáf**ase**; diur**ese**, gên**ese**, sínt**ese**; diál**ise**, anál**ise**; diagn**ose**, metamorf**ose**, hipn**ose**...

Grafam-se com **s** as terminações **-ase**, **-ese**, **-ise**, **-ose**.

Prática

23. cateque__e
24. anáfa__e
25. hemopti__e
26. meio__e
27. hidróli__e
28. simbio__e
29. neuro__e
30. psico__e
31. sínte__e

Observe:

pre**s**o – apre**s**ar; va**z**io – esva**z**iar; rai**z** – enrai**z**ar, catáli**s**e – catali**s**ar...

Radicais com **z** originam palavras com **z**. Radicais com **s** originam palavras com **s**.

Prática

32. baliza: bali__ar
33. vez: reve__ar
34. trás: atra__o
35. vaso: enva__ar

Observe:

moral – moral**izar**; rubor – rubor**izar**; tranquilo – tranquil**izar**...

Verbos de radicais não terminados em **s** ou **z** recebem o sufixo **-izar**, com **z**.

Prática

36. profeta: profeti__ar
37. civil: civili__ar
38. concreto: concreti__ar
39. anarquia: anarqui__ar
40. drama: dramati__ar
41. banal: banali__ar

Atenção:

sífilis – sifil(i)-izar

Observe:

pôr – pu**s**; querer – qui**s**er; relu**z**ir – relu**z**...

As formas dos verbos **pôr** e **querer** (e seus derivados) escrevem-se com **s**. As formas dos verbos que já têm **z** escrevem-se com **z**.

Prática

42. querer: qui__, qui__esse
43. pôr: pô__, pu__esse, pu__er
44. trazer: tra__
45. dizer: di__
46. fazer: fi__, fi__esse, fi__er
47. cozer: co__i

Observe:

l**ous**a; N**eus**a; p**aus**a...

Depois de **ditongo**, escreve-se **s**, e não z.

Prática

48. cau__a
49. gêi__er
50. mai__ena
51. náu__ea
52. Sou__a
53. pou__ar

Observe:

compree**nd**er – compreen**s**ão; subme**rg**ir – submer**s**o, subme**rs**ão; conver**rt**er – conver**s**ão...

Palavras derivadas de radicais com **nd**, **rg**, **rt** grafam-se com **s** (**ns, rs**).

Prática

54. apreender: apreen__ão
55. pretender: preten__ão
56. aspergir: asper__ão
57. imergir: imer__ão
58. inverter: inver__ão
59. divertir: diver__ão

Observe:

puro – pur**eza**; honrado – honrad**ez**; nu – nud**ez**...

Substantivos derivados de adjetivo escrevem-se com **z** (**ez, eza**).

Prática

60. árido: aride__
61. áspero: aspere__a
62. avaro: avare__a
63. claro: clare__a
64. cúpido: cupide__
65. estúpido: estupide__

Observe:

pro**ceder** – proce**ss**o; a**gredir** – agre**ss**ão; re**primir** – repre**ss**ão; ad**mitir** – admi**ss**ão...

Palavras derivadas dos radicais **-ceder**, **-gredir**, **-primir**, **-mitir** escrevem-se com **ss**.

Prática

66. ceder: ce__ão
67. aceder: ace__o
68. exceder: exce__o
69. progredir: progre__o
70. regredir: regre__o
71. imprimir: impre__ão
72. oprimir: opre__ão
73. deprimir: depre__ão
74. omitir: omi__ão
75. demitir: demi__ão
76. permitir: permi__ão

Observe:

sindética – a**ss**indética; **s**afra – entre**ss**afra...

Palavras iniciadas por **s** escrevem-se com **ss** quando recebem prefixos terminados em vogal.

Prática

77. sílaba: a__ilábico
78. sossego: a__ossegar
79. surgir: re__urgir
80. supor: pre__upor
81. sair: sobre__air
82. semelhante: de__emelhante

Observe:

jun**to** – jun**ç**ão; perfei**to** – perfei**ç**ão...

Radicais terminados em **to** geram **c**, **ç**.

Prática

83. atento: aten__ioso
84. projeto: proje__ão
85. exceto: exce__ão
86. isento: isen__ão
87. distinto: distin__ão
88. ereto: ere__ão

Observe:

f**oic**e; Conc**ei**ção; t**ouc**eira...

Depois de **ditongo**, escrevem-se as letras **c** ou **ç**, e não ss.

Prática

89. cau__ão
90. lou__a
91. bei__o
92. arcabou__o
93. coi__e
94. fei__ão

Observe:

mu**ç**ulmano, alfa**c**e; Igua**ç**u; mu**ç**um...

Escrevem-se com **c** ou **ç** palavras de origem árabe, indígena ou africana.

Prática

95. a__afrão
96. a__ucena
97. alma__o
98. pa__oca
99. ca__anje
100. a__aí

Observe:

s**eix**o; c**aix**a; fr**oux**o...

Depois de **ditongo**, usa-se **x**, e não ch.

Prática

101. fai__a
102. amei__a
103. madei__a
104. trou__a
105. bai__o
106. pei__e

Exceções:

c**auch**o, c**auch**al, rec**auch**utagem.

Observe:

mexer; **Méx**ico; **enx**ada; **enx**ó...

Usa-se **x** após os grupos iniciais **me-** e **en-**.

Exceções:

charco – **ench**arcar
cheio – **ench**er
chumaço – **ench**umaçar
an**ch**ova ou **ench**ova

Prática

107. me__icano
108. me__ilhão
109. me__erico
110. en__aguar
111. en__ergão
112. en__erido
113. en__urrada
114. en__uto

Observe:

xá; ara**x**á, **X**angô...

Escrevem-se com **x** palavras de origem árabe, indígena ou africana.

Prática

115. almo__arife
116. o__alá
117. __adrez
118. ca__ambu
119. mu__o__o
120. __avante

Observe:

vadio – vadi**agem**; lã – lan**ugem**; vert**igem**...

Escreve-se a letra **g** nas terminações **-agem**, **-igem**, **-ugem**.

Prática

121. ara__em
122. fuli__em
123. malandra__em
124. ferru__em
125. selva__em
126. penu__em

Exceção:

a vi**agem**; que eles vi**ajem**

Observe:
ágio; privil**égio**; prest**ígio**...

Escreve-se a letra **g** nas terminações **-ágio**, **-égio**, **-ígio**, **-ógio**, **-úgio**.

Prática
127. adá__io
128. está__io
129. plá__io
130. egré__io
131. reló__io
132. refú__io

Observe:
pa**j**é; alfan**j**e; acara**j**é...

Grafam-se com **j** palavras de origem indígena, árabe ou africana.

Prática
133. __ê
134. __enipapo
135. __erimum
136. __irau
137. alfor__e
138. caçan__e

Exceções:
álgebra, algema, algeroz

USO DO HÍFEN (norma antiga)

O hífen, ou traço-de-união, é um sinal (-) com várias funções na escrita.

Hífen usado na composição de palavras novas por justaposição

Têm sentidos diferentes:

amor perfeito	≠	amor-perfeito
copo de leite	≠	copo-de-leite
segunda feira	≠	segunda-feira
sem vergonha	≠	sem-vergonha
sempre viva	≠	sempre-viva

Atenção:
Nem toda palavra composta por justaposição é ligada por hífen:
girassol, madressilva, mandachuva, pontapé, rodapé, vaivém...

Prática

■ Escreva nos parênteses os significados.

139. copo de leite (_____)
140. sempre viva (_____)
141. sócio econômico (_____)
142. copo-de-leite (_____)
143. sempre-viva (_____)
144. socioeconômico (_____)

Hífen nos compostos sem elemento de ligação

luso-brasileiro
histórico-geográfico
médico-cirúrgico
sino-japonês

Prática

■ Reescreva **corretamente**.

145. luso africano _____
146. nipoamericano _____
147. anglo americano _____
148. sinosoviético _____
149. greco romano _____
150. afro brasileiro _____

Hífen usado para separar elementos sufixados

-mor — sempre
-açu
-guaçu
-mirim
— só após vogal tônica, inclusive nasal

altar-mor
guarda-mor
maracanã-guaçu
ingá-açu
socó-mirim

Exceções:

O nome das cidades de Manhuaçu, Manhumirim, Mojiguaçu e Mojimirim está registrado sem hífen.

Prática

■ Reescreva **corretamente**.

151. capitão mor _____
152. ingá açu _____
153. Manhu-açu _____
154. Moji guaçu _____
155. altar mor _____
156. capim mirim _____
157. Manhu-mirim _____
158. Moji mirim _____

Hífen usado para separar elementos prefixados

O hífen separa dos radicais os seguintes prefixos tônicos:

aquém- além- recém-	pró- pré- pós-	sem- bem-	sota-, soto- vice-, vizo-	nuper- ex- co- pára-	grão- grã- bel-

além-mar	bem-amado	co-autor
recém-casado	soto-ministro	pára-choque
pré-escola	vice-reitor	grão-duque
pós-graduação	vizo-rei	bel-prazer
sem-vergonha	ex-aluno	

Exceção:

Sr. Benvindo (antropônimo), seja bem-vindo!

Prática

■ Reescreva **corretamente**.

159. aquém fronteiras _____
160. aquém mar _____
161. além túmulo _____
162. além mar _____
163. recém vindo _____
164. pró leite _____
165. pro-por _____
166. pró educação _____
167. pro rogar _____
168. pré natal _____
169. pré escola _____
170. pre tender _____
171. pós operatório _____
172. pos por _____
173. senvergonha _____
174. sem terra _____
175. bem querer _____
176. bem educado _____
177. bem falante _____
178. sotogovernador _____
179. vice governador _____
180. vizo governador _____
181. nuper vindo _____
182. examante _____
183. co seno _____
184. co autor _____
185. pára lama _____
186. pára choque _____
187. grão vizir _____
188. grã cruz _____
189. bel prazer _____

■ Leia e compare.
José é um sem-terra. Os vasos estão sem terra.
O bem-educado e o mal-educado comportam-se diferente.
Ele é um sem-vergonha. Sorria sem vergonha e sem medo.
Sorria, sem-vergonha. Ele chorava sem vergonha.

O hífen separa os prefixos dos seus radicais quando ocorrem os casos discriminados a seguir

auto- contra- extra- infra- intra- neo- prot(o)- pseud(o)- semi- supra- ultra-	diante de	vogal H R S	usam o hífen.

Exceção:

extraordinário.

Prática

■ Reescreva **corretamente**.

190. auto confiante _____
191. auto defesa _____
192. auto avaliação _____
193. auto reconhecimento _____
194. contra dizer _____
195. contra indicar _____
196. contra regra _____
197. extra regimental _____
198. extra-ordinário _____
199. intra hepático _____
200. infra vermelho _____
201. infra som _____
202. neo clássico _____
203. neo simbólico _____
204. proto histórico _____
205. pseudo etimologia _____
206. pseudo sábio _____
207. pseudo ciência _____
208. semi árido _____
209. semi desértico _____
210. supra renal _____
211. supra-partidário _____
212. ultra humano _____
213. ultra correto _____

ante- sobre- ant(i)- arqui-	diante de	H R S	usam o hífen.

Exceções:

antissepsia; antisséptico; sobressair; sobressaltar; sobressalto; sobressaltear; sobressalente; sobresselente; sobressaliente, embora o VOLP registre, também, que deve ser: anti-sepsia; anti-séptico; sobre-sair; sobre-saltar...

Prática

■ Reescreva **corretamente**.

214. ante diluviano _____
215. ante rosto _____
216. ante sala _____
217. anti herói _____
218. anti democrata _____
219. anti social _____
220. arqui milionário _____
221. arqui secular _____
222. sobre humano _____
223. sobre salente _____
224. sobre sair _____
225. sobre saltar _____
226. sobre saltear _____

Pare aqui! Antes de seguir, refaça num papel à parte o que já foi feito deste capítulo.

inter- super- hiper-	diante de	H R	usam o hífen.

Exceções:

interregno, hiperepatia.

Prática

■ Se já refez todos os exercícios de hífen, continue.

227. super homem _____
228. super humano _____
229. super resistente _____
230. inter resistente _____
231. super ativo _____
232. super dotado _____
233. hiper hedônico _____ *
234. hiper hidrose _____ *
235. hiper rugoso _____
236. hiper rancoroso _____

* O VOLP registra também: hiperedônico, hiperidrose.

pan- circum- mal-	diante de	H vogal	usam o hífen.

Prática

■ Reescreva.

237. circum ambiente _____
238. circum hospitalar _____
239. circum navegar _____
240. pan hispânico _____
241. pan americano _____
242. mal humorado _____
243. malagradecido _____
244. mal ajambrado _____ *
245. pan harmônico _____ *
246. pan africano _____

* Registram-se também: malajambrado e panarmônico.

ad-	diante de	R ou D	usa(m) o hífen.
sub-	diante de	R ou B	
ab- ob- sob-	diante de	R	

Exceções:

ab-rupto ou abrupto, sob-bosque ou sobosque, sub-bosque ou subosque, subumano ou sub-humano, subepático ou sub-hepático.

Prática

■ Continue.

247. ad referendar _____
248. ad digital _____
249. ad rogar _____
250. sub raça _____
251. sub região _____
252. sub rogar _____
253. sub base _____
254. sub borato _____
255. sub entender _____
256. sub secretário _____
257. sub hepático _____ *
258. sub área _____ **
259. sub humano _____ *
260. sub oficial _____ **

* Existem oficialmente: subepático e subumano.

** Fogem à pronúncia geral, mas são as formas oficiais.

Curioso...

1. Existem subaluguel e subaluguer.
2. Prefixo **sub-** seguido de palavra iniciada por l: escrevem-se juntos, lêem-se separados:
   - **escrita**: subliminar, sublingual, subliterato;
   - **pronúncia**: sub liminar, sub lingual, sub literato.
3. O VOLP admite dupla pronúncia para: sublevar e sublinhar.

■ Mais um pouco.

261. ab reação _____
262. ab rogar _____
263. ob rogar _____
264. ob reptício _____
265. sob roda _____
266. sob rojar _____
267. ab rupção _____ *
268. ab rupto _____ *
269. ab ruptela _____ *
270. ab ruptipenado _____ *

* O VOLP registra também com hífen: ab-rupção, ab-rupto, ab-ruptela, ab-ruptipenado. Devem-se pronunciar separadamente o **b** e o **r**, mesmo nas formas escritas sem hífen.

Prefixos ou radicais que não usam hífen

aero	cis	etno	hipo	mega	neuro	socio
agri	cromo	filo	homo	meta	odonto	tele
ambi	crono	fisio	in	micro	oni	termo
anfi	des	geo	iso	midi	orto	trans
audio	dis	hemi	justa	mini	pluri	tri
auri	ego	hetero	linguo	mono	poli	uni
bi	endo	hexa	macro	moto	quilo	video
bio	epi	hidro	maxi	multi	retro	

Prática

■ Agora, termine.

271. agri doce _____
272. ambi destro _____
273. audio visual _____
274. auri verde _____
275. bi sexual _____
276. homo sexual _____
277. hetero sexual _____
278. orto molecular _____
279. mini mercado _____
280. mono fásico _____
281. odonto pediatra _____
282. pluri anual _____
283. poli esportivo _____
284. iso térmico _____
285. neuro cirurgião _____
286. tele vendas _____
287. mono motorizado _____

USO DO HÍFEN (norma nova)

Hífen nos compostos sem elemento de ligação

Observe:

afro-brasileiro ≠ afrodisíaco, afrogenia, afrofilia...
anglo-brasileiro ≠ anglofalante, anglomaníaco, anglofilia...
euro-asiático ≠ eurorresidente, eurodescendente, euromania...
franco-germânico ≠ francofilia, francófilo, francodescendente...

Conclusão:

Compostos formados por mais de um radical pátrio (afro, anglo, euro, franco, indo, luso, sino...), locativo ou gentílico, grafam-se com hífen.

Prática

■ Reescreva corretamente:

288. luso americano _____ 289. afro descendente _____
290. teuto mania _____ 291. teuto germânico _____
292. euro canal _____ 293. euro asiático _____
294. luso fonia _____ 295. luso moçambiquense _____
296. franco angolano _____ 297. franco maçonaria _____

Observe:

A nova ortografia apresenta, como exceções do uso do hífen, girassol, madressilva, mandachuva, pontapé, paraquedas, paraquedista, paraquedismo, entre outras.

Conclusão e prática

■ Complete:

298. Os demais compostos iniciados pelas formas verbais **para** e **manda** _____

_____

Prática

■ Reescreva corretamente:

299. gira mundo _____ 300. gira discos _____
301. gira sol _____ 302. para brisa _____
303. para lama _____ 304. para-choque _____
305. manda tudo _____ 306. manda brasa _____
307. busca pé _____ 308. ponta pé _____
309. manda chuva _____ 310. guarda chuva _____
311. madre pérola _____ 312. madre caprina _____

Hífen nos topônimos e gentílicos

Observe:

Grã-Bretanha, Grão-Pará ≠ Belo Horizonte
Passa-Quatro, Quebra-Costas ≠ Boa Vista
Albergaria-a-Velha ≠ América do Sul

Conclusão:

Topônimos compostos usam hífen quando iniciados por Grã, Grão, por forma verbal e quando tenham internamente um artigo. Exceções: Guiné-Bissau e Timor-Leste.

Prática

■ Reescreva corretamente:

313. Abre Campo _____
314. Rio de Janeiro _____
315. Quebra Frasco _____
316. Todos os Santos _____
317. Três Rios _____
318. Entre os Rios _____
319. Trás os Montes _____
320. Trinca Fortes _____
321. Pendura Saia _____
322. Timor Leste _____
323. Santa Cruz _____
324. Guiné Bissau _____
325. América do Sul _____
326. Nova Guiné _____

Observe:

África do Sul ≠ sul-africano, africano-do-sul
Rio Grande do Norte ≠ norte-rio-grandense, rio-grandense-do-norte

Conclusão:

Mesmo que os topônimos compostos sejam escritos sem hífen, os seus gentílicos são hifenizados.

Prática

■ Escreva os gentílicos correspondentes aos topônimos.

327. Rio Grande do Sul _____
328. América do Norte _____
329. Porto Alegre _____
330. Belo Horizonte _____
331. Cruzeiro do Sul _____
332. da Índia e da China _____
333. da Indochina _____
334. do centro da África _____
335. da República Centroafricana _____

■ Assinale **C** ou **E**:

336. ( ) Topônimos e gentílicos se escrevem com inicial maiúscula.
337. ( ) Topônimos e antropônimos se escrevem com inicial maiúscula.
338. ( ) Gentílicos escrevem-se com inicial minúscula, a não ser que comecem a frase.

Observe:

mula-sem-cabeça > mula sem cabeça pé-de-moleque > pé de moleque

Conclusão:

Os compostos com elemento de ligação, na nova ortografia, perderam o hífen.

Prática

■ Reescreva convenientemente.

339. pé-de-pato _____
340. baba-de-moça (doce) _____
341. papo-de-anjo (doce) _____
342. ponta-de-lança (futebol) _____

Hífen nos encadeamentos vocabulares

Observe:

O lema de Liberdade, Igualdade e Fraternidade ≠ o lema Liberdade-Igualdade-Fraternidade.
O percurso de Rio para Brasília ≠ o percurso Rio-Brasília.

Conclusão:

Encadear palavras é um recurso econômico propiciado pelo uso do hífen.

Prática

■ Crie encadeamento, se possível.

343. Foi de Florianópolis a Brasília, passando por Curitiba e Uberlândia.
Fez o percurso _____.
344. Estava na divisa entre Brasil, Argentina e Paraguai.
Estava na divisa _____.

Hífen nas espécies botânicas e zoológicas

Observe:

abóbora-menina, banana-menina, banana-d'água, couve-flor;
andorinha-do-mar, formiga-branca, bem-te-vi, joão-de-barro;
azeite-de-dendê, água-de-coco, bálsamo-do-Canadá.

Conclusão:

Nomes de espécies botânicas e zoológicas, produtos afins e derivados escrevem-se com hífen, tendo ou não elemento de ligação. Exceção: girassol, madressilva, malmequer (*vide* a regra de mal).

Prática

■ Corrija, se preciso.

345. bálsamo coral _____
346. bálsamo de cheiro _____
347. bico de papagaio (planta) _____
348. bico de papagaio (nariz adunco, problema de coluna) _____
349. bem me quer _____
350. mal me quer _____
351. mata pasto (planta) _____
352. mata borrão _____
353. não me toques (planta) _____
354. não me toques (melindres) _____
355. bola de neve (planta) _____
356. bola de neve (situação que cresce) _____
357. Colheu o copo de leite _____
358. Bebeu um copo de leite _____

Hífen antes de h

Observe:

anti-higiênico, circum-hospitalar, contra-harmônico...
arqui-hipérbole, eletro-higrômetro, semi-histeria...
reaver, coerdeiro, deserdado, inumano, anistórico...

Conclusão:

Prefixos e falsos prefixos usam hífen antes de h, exceto **re**, **co**, **des**, **in**, **an**.

Prática

■ Corrija, se necessário.

359. coherdeiro _____
360. desherdar _____
361. antihumano _____
362. préhistória _____
363. contraharmônico _____
364. inharmônico _____
365. desharmonia _____
366. superharmonia _____
367. cohabitar _____
368. deshabitar _____
369. anhistórico _____
370. anhepático _____

371. ahistórico _____ 372. anhidro _____
373. eletrohigrometria _____ 374. geohistória _____
375. inhabilidoso _____ 376. ultrahabilidoso _____
377. cohabilidade _____ 378. arquihipérbole _____
379. rehaver _____ 380. rehouvera _____
381. rehumanizar _____ 382. rehidratar _____

■ Preencha:
383. Usa-se hífen antes de h, exceto quando precedido de ____, ____, ____, ____, ____.

Atenção:

bi-hebdomadário e biebdomadário, carbo-hidrato e carboidrato, porque o primeiro elemento não perdeu fonema vocálico (justaposição). Porém **cloridrato**, **clorídrico**, por ter o primeiro elemento perdido fonema vocálico (aglutinação).

Observe:

contra-almirante, infra-axilar, semi-interno, semi-irado, auto-observação, auto-olhar...
coopositor, reeducar, preencher, proótico.

Conclusão:

Quando prefixo ou falso prefixo terminam com a mesma letra vogal que inicia o segundo elemento, usa-se hífen (exceto ree, pree, coo, proo).

Prática

■ Corrija, se necessário.
384. supraauricular _____ 385. contraatestar _____
386. reeducar _____ 387. cooperação _____
388. antiibérico _____ 389. arquiirmão _____
390. preexistir _____ 391. autoobservação _____
392. microonda _____ 393. semiinconstante _____

■ Preencha:
394. Usa-se hífen para separar letras vogais iguais em palavra composta, exceto nos encontros ____, ____, ____, ____.

Observe:

Circum-ambiente, pan-amazônico, circum-murar, pan-mestiço, circum-nadar, pan-negro, pan-paulista, pan-britânico, circum-habitar...
Circuncisão, panteísmo...

Conclusão:

Circum e **pan** recebem hífen antes de **vogal**, **m**, **n**.

Prática

■ Corrija, se necessário.

395. circum navegar _____
396. pan hemisférico _____
397. circum adjacência _____
398. Circum vagar _____
399. pan mágico _____
400. Pan americano _____
401. pan psiquismo _____
402. Pan nigeriano _____
403. pan brasileiro _____
404. Circum volução _____
405. circum lóquio _____
406. Pan harmônico _____

■ Preencha:

407. Pan e circum recebem hífen antes de _____, _____, _____.

Observe:

Inte**r-r**esistente, su**b-b**ase, a**d-d**igital, su**b-r**esistente, a**d-r**ogar.

Conclusão:

Separam-se com hífen r-r, b-b, d-d, b-r, d-r.

Prática

■ Corrija, se necessário.

408. hiperrequinte _____
409. superrevista _____
410. subbloco _____
411. sub-bosque _____
412. subreitor _____
413. addsoniano _____
414. abrupto _____
415. adrenalina _____
416. adrenalite _____
417. adrenal _____
418. subrogar _____
419. subresfriar _____

■ Preencha:

420. São exceções: _____, _____, _____, _____.

Observe:

Além-Atlântico, além-fronteira, aquém-montanha, recém-vindo, sem-fim, bem-vindo.

Conclusão:

Recebem hífen os compostos iniciados por **além**, **aquém**, **recém**, **sem**, **bem**.

Prática

■ Corrija, se necessário.

421. além mar _____ 422. aquém divisa _____
423. além pireneus _____ 424. recém casado _____
425. recém nascido _____ 426. o sem cerimônia _____
427. um sem vergonha _____ 428. um sem número _____
429. bem aventurado _____ 430. bem criado _____

■ Preencha:

431. São exceções: _____, _____, _____, _____, _____, _____.

Observe:

ex-ator, ex-professor, soto-capitão, sota-capitão, vice-rei, vizo-rei.

Conclusão:

ex (cessamento), **soto**/**sota** (= sub), **vice**/**vizo** antecedem hífen.

Prática

■ Corrija, se necessário.

432. ex padre _____ 433. ex portar _____
434. ex presidente _____ 435. ex patriar _____
436. soto piloto _____ 437. sota pitoto _____
438. vizo monarca _____ 439. vice presidente _____

Observe:

pós-graduação, pré-átono, pró-africano.

Conclusão:

pós, **pré**, **pró** (abertos e tônicos) antecedem hífen.

Prática

■ Corrija, se necessário.

440. pré natal _____ 441. pós parto _____
442. pos por _____ 443. pós textual _____
444. postergar _____ 445. pró europeu _____
446. propor _____ 447. pró soviético _____
448. pré gravação _____ 449. pré embrião _____

450. pré eleger _____ 451. pré esclerose _____
452. pré esclerótico _____ 453. pre existir _____
454. pré eleição _____ 455. Pré eleito _____
456. pré eleitoral _____ 457. Pré embrionário _____

■ Preencha:
458. São anormais: _____, _____.

Observe:

Mal-aventurado, mal-educado, mal-humorado, malditoso, malfalante.

Conclusão:

Mal (advérbio) tem hífen antes de **vogal** e **h**.

Prática

■ Corrija, se necessário.
459. mal criado _____ 460. Mal falante _____
461. mal amado _____ 462. Mal afamado _____
463. mal ajambrado _____ 464. Mal entendido _____
465. mal olhado _____ 466. Mal visto _____

Observe:

Mal-americano (sífilis) mal-germânico (sífilis) mal-napolitano (sífilis)

Conclusão:

Mal (substantivo, significando doença), sem elemento de ligação, usa hífen.

Prática

■ Corrija, se necessário.
467. mal-bruto (hanseníase) _____ 468. mal-caduco (epilepsia) _____
469. mal-céltico (sífilis) _____ 470. mal-canadense (sífilis) _____
471. mal-morfético (hanseníase) _____ 472. mal-francês (sífilis) _____
473. mal da nuca _____ 474. mal de Alzheimer _____
475. mal de Parkinson _____

Atenção!

São anormais: mal-andança (infortúnio), mal-assombro (fantasma), malconceito (má fama), malcriação, porque, apesar de registrado no VOLP, o **mal** está indevidamente usado como adjetivo. Deveria ser má-andança, mau-assombro, mau-conceito, má-criação.

Observe:

andá-açu, amoré-guaçu, anajá-mirim, Manhuaçu, Mojimirim.

Conclusão:

Sufixos tupis **açu** (grande), **guaçu** (grande), **mirim** (pequeno) ligam-se por hífen quando antecedidos de vogal acentuada graficamente, ou para preservar a pronúncia.

Prática

■ Corrija, se necessário.

476. Manhu mirim _____ 477. Moji guaçu _____
478. Ceará mirim _____ 479. capim açu _____
480. socó açu _____ 481. tatu açu _____
482. cupim açu _____ 483. tuim açu _____

NÃO SE USA HÍFEN

Observe:

Locuções substantivas: *cão de guarda, sala de estar, água de cheiro...*
Locuções adjetivas: *cor de café, cor de bonina, cor de abacate, à toa...*
Locuções pronominais: *cada um, qualquer um, quem quer que...*
Locuções adverbiais: *à toa, depois de amanhã, à vontade, em cima, por isso...*
Locuções prepositivas: *abaixo de, em cima de, junto a, quanto a...*
Locuções conjuntivas: *logo que, uma vez que, ao passo que...*
Frases nominalizadas: Era um *deus nos acuda*. Foi um *salve-se quem puder*. Era a *casa da mãe Joana*. É um *Maria vai com as outras...*

Conclusão:

Locuções e frases nominalizadas não usam hífen.

Prática

■ Corrija, se necessário.

O *arco-da-velha* (484) que vivera *ao-deus-dará* (485) era *água-de-colônia* (486) lançada *à-queima-roupa* (487) no *pé-de-meia* (488) *cor-de-rosa* (489) preso ao caule do *dois-por-dois* (490), conhecida palmeira da Região Norte. Vivera está no *mais-que-perfeito* (491).

_____
_____
_____

Observe:

não proliferação... não violência... quase perfeito... quase mordida...

Conclusão:

Não e **quase**, mesmo usados como prefixos, não usam hífen.

Prática

■ Corrija, se necessário.

Houve um *quase-entendimento* (492) naquele tratado de *não-agressão* (493) e *não-vingança* (494).

_____

Observe:

agridoce, auriverde, contradizer, contrafação, contralateral, ortomolecular...

Conclusão:

Em palavras cujo primeiro elemento (prefixo ou radical interno) termina em vogal e o segundo começa com consoante que não permite alteração fonética, unem-se os dois sem hífen.

Prática

■ Corrija, se necessário.

495. agro negócio _____ 496. agro mania _____
497. auri céfalo _____ 498. auro ferrífero _____
499. contra vento _____ 500. contra verdade _____
501. contra fluxo _____ 502. orto fotografia _____
503. orto morfismo _____ 504. retro carregar _____
505. proto plama _____ 506. proto vértebra _____

Observe:

anti**aé**reo, c**oe**educar, estr**ae**scolar, aut**oa**prendiz, agr**oi**ndustrial, supr**ai**nventivo.

Conclusão:

Na união de vogais com letras diferentes, não se usa hífen.

Prática

■ Corrija, se necessário.

507. aero espacial _____ 508. supra inventivo _____

509. auto investigação _____ 510. termo elétrica _____
511. endo estesia _____ 512. hidro avião _____

Observe:

Anti**rr**eligioso, contr**arr**egra, ant**iss**emita, c**oss**eno.

Conclusão:

r ou **s**, antecedidos de vogal, transformam-se em **rr** e **ss**, para preservar o som original.

Prática

■ Corrija, se necessário.

513. extra regular _____ 514. infra som _____
515. mini saia _____ 516. bio ritmo _____
517. bio satélite _____ 518. bi secular _____
519. micro sistema _____ 520. micro radiografia _____

HÍFEN REPETIDO

Observe:

recém-	bem-
-nascido	-mandado

Conclusão:

Repete-se o hífen quando a translineação acontece exatamente onde ele está.

Prática

■ Corrija, se necessário.

521. ... circum-
navegar

522. ... super-
rádio

523. ... vice-
prefeito

524. ... soto-
mestre

525. ... bem-
humorado

526. ... pós-
graduado

Observação final:

Expressões latinas e de outras línguas não se alteram, quando não aportuguesadas: *Ad augusta per angusta. Ab ovo. Carpe diem. Ad valorem. Verbi gratia. Ad immortalitatem. To be or not to be.*

USO DOS PORQUÊS

Observe:

Queremos saber **por que** (motivo) não nos convocaram.
A razão **por que** (pela qual) estão agindo assim não foi esclarecida.

POR QUE	1. Quando se subentende a palavra **motivo**. Pode ocorrer nas interrogações diretas ou indiretas. 2. Quando substituível pelo pronome relativo preposicionado **pelo qual** e suas flexões, **pela qual**, **pelos quais**, **pelas quais**.

Prática

527. _____ não são tomadas providências concretas?
528. Muito se falou, mas ninguém explicou _____ as mudanças foram adiadas.
529. São justos os ideais _____ lutamos.
530. Desconhecemos o motivo _____ ele não compareceu.

Observe:

São perceptíveis mudanças no clima, **por quê** (motivo)?

POR QUÊ	Quando se subentende a palavra **motivo** e está **seguido de pausa**. As pausas são marcadas por: **, ; : . ? ! – ...**

Prática

531. Acentua-se o conflito na fronteira, resta saber _____ .
532. Foram feitas críticas a esse modelo econômico, _____?
533. Houve nova desvalorização da moeda _____?
534. Não sabia _____ , mas estava confiante.
535. Ela saiu e você imagina _____...

Observe:

O **porquê** de tanto esforço só você pode entender.

PORQUÊ	Emprega-se quando for um **substantivo**.

Prática

536. Explique-nos o _____ dessa atitude precipitada.
537. Desconhecemos _____ e consequências da ausência de tantos condôminos.
538. Resta-lhes explicar pelo menos um _____ dessa desvalorização da moeda.
539. _____ interessantes nos esperam.

Observe:

Ele voltou para a mulher **porque** detestava silêncio.

PORQUE	1. Conjunção causal. 2. Conjunção explicativa. → Resposta a perguntas. 3. Conjunção final (= para que). 4. Pergunta com resposta implícita.

Prática

540. Os servidores fizeram cursos de aperfeiçoamento _____ a chefia os obrigou.
541. Os jovens são os melhores empreendedores, até _____ aceitam riscos que os mais velhos não assumiriam.
542. Gritava a plenos pulmões _____ fosse de longe ouvido.
543. Você está feliz. Não será _____ o namorado chegou?

■ Preencha conscientemente em relação ao uso dos porquês.

544. _____ você está rindo?
545. Estou rindo _____ fui bem na prova. Eis _____ estou rindo.
546. Você continua rindo! _____?
547. Não lhe posso dizer o _____.
548. Então ria de lábios fechados, _____ seus dentes estão sujos.

■ Continue.

549. _____ você errou?
550. Errei _____ não estudei.
551. Não estudou _____?
552. Vou-lhe dizer _____ não estudei. Mas _____ você quer saber o _____ de eu não ter estudado? Só _____ você é curioso?
553. Não. É _____ eu quero ajudá-lo.

■ Continue.

554. Qual o motivo _____ ela me ama? Talvez _____ tenha mostrado a ela os sentimentos _____ fui envolvido.
555. Os _____ do coração humano são indecifráveis.

MAU ≠ MAL

MAU	É **adjetivo**. Fala de um substantivo. Pode ir para o plural e para o feminino.

Josias era um **mau jogador**, passou por **maus momentos**,
adjet. subst. adjet. subst.

porém não tinha **más intenções**.
adjet. subst.

MAL	Pode ser **substantivo**: Conheça o bem e **o mal**. art. subst.
	Pode ser **advérbio**: Ela **falava mal**. José era **mal educado**. verbo adv. adv. adjet.
	Pode ser **conjunção temporal**: **Mal** chegou, sorriu. (mal = quando)

Prática

Use **mal** se no seu lugar couber **bem**.
Use **mau** (má, maus, más) no lugar de **bom** (boa, bons, boas).

■ Reveja os exemplos e reescreva.

556. bom jogador: _____ jogador
557. bons momentos: _____ momentos
558. boas intenções: _____ intenções
559. o bem: o _____
560. falava bem: falava _____
561. bem educado: _____ educado

ONDE ≠ AONDE

Veja Capítulo 17, Regência, p. 345.

ABREVIATURAS, SIGLAS, SÍMBOLOS

Abreviatura

Abreviatura é a grafia reduzida de palavra(s), terminada com um ponto: Dra. (Doutora), Dr. (Doutor), Sra. (Senhora), Sr. (Senhor), a.C. ou A.C. (antes de Cristo), a.D. ou A.D. (*Anno Domini*, ou no ano do Senhor), P.S. (*Post Scriptum*), abrev. (abreviatura).

Sigla

Sigla é a união das letras iniciais das palavras que nomeiam instituições, associações, órgãos, empresas etc. A sigla difere da abreviatura porque não apresenta ponto final: OMC (Organização Mundial do Comércio), ONU (Organização das Nações Unidas), FMI (Fundo Monetário Internacional), AGU (Advocacia Geral da União).

Sigla pronunciável letra a letra deve ter todas as letras em formato maiúsculo: BB, TCU, INSS, IGPM, BNDES.

Sigla com até três letras grafa-se com todas maiúsculas:
a) quer pronunciável letra a letra: CBF (cê bê efe), STF (esse tê efe), AGU (a, gê, u).
b) quer pronunciável como palavra: ONU (ônu), PIS (pis), PAS (pas).

Sigla com mais de três letras, pronunciável como uma palavra, deve ter a primeira letra maiúscula e as seguintes, minúsculas: Alerj, Bacen, Petrobras, Enem.

Símbolo

Símbolo é um tipo de abreviação convencionado e padronizado no âmbito de determinado campo de conhecimento. Não termina por ponto, nem tem plural: **g**, grama(s); **h**, hora(s); **m**, metro(s) ou minuto(s); **l**, litro(s); **kl**, quilolitro(s); **km**, quilômetro(s); **min**, minuto(s); **K**, potássio; **Au**, *aurum*, nome latino do ouro; **Ag**, *argentum*, nome latino da prata; **Cu**, *cuprum*, nome latino do cobre.

Prática

■ Assinale C (certo) ou E (errado) nos parênteses, para as seguintes afirmações.

562. ( ) Abreviatura não usa ponto.

563. ( ) Sigla usa ponto.
564. ( ) Símbolo e sigla não usam ponto.
565. ( ) Abreviatura usa ponto.
566. ( ) Redução de uma palavra com as letras iniciais, terminadas com ponto, chama-se abreviatura.
567. ( ) Infere-se dos exemplos dados na definição de abreviatura que o uso de inicial maiúscula é sempre obrigatório.
568. ( ) Redução de várias palavras com a letra inicial de cada uma, sem uso de ponto ao final, chama-se sigla.
569. ( ) Dos exemplos apresentados na definição de sigla, deduz-se que elas sempre começam com letra maiúscula.
570. ( ) Pelos exemplos dados na definição de símbolo, conclui-se que os símbolos químicos apresentam inicial maiúscula.

571. Corrija, dentre as seguintes, as três siglas mal grafadas:
ABI (Associação Brasileira de Imprensa), AGU (Advocacia-Geral da União), ANPAC (Associação Nacional de Proteção e Apoio aos Concursos), CBF (Confederação Brasileira de Futebol), FMI (Fundo Monetário Internacional), OAB (Ordem dos Advogados do Brasil), Onu (Organização das Nações Unidas), Pis (Programa de Integração Social), STF (Supremo Tribunal Federal).

572. Preencha os parênteses com a sigla de cada Estado brasileiro.
Acre ( ), Alagoas ( ), Amapá ( ), Amazonas ( ), Bahia ( ), Ceará ( ), Distrito Federal ( ), Espírito Santo ( ), Goiás ( ), Maranhão ( ), Mato Grosso ( ), Mato Grosso do Sul ( ), Minas Gerais ( ), Pará ( ), Paraíba ( ), Paraná ( ), Pernambuco ( ), Piauí ( ), Rio de Janeiro ( ), Rio Grande do Norte ( ), Rio Grande do Sul ( ), Rondônia ( ), Roraima ( ), Santa Catarina ( ), São Paulo ( ), Sergipe ( ), Tocantins ( )

573. Corrija, se necessário:
Em 2h. e 20min., ele percorreu 250 kms.

ACENTUAÇÃO GRÁFICA (norma antiga)

Casos específicos

Monossílabos tônicos: acentuam-se os terminados em:

a(s), **e(s)**, **o(s)**: pá(s), pé(s), vê(s), tê-lo, nó(s), pô-lo.

Prática

■ Acentue, se necessário, as palavras dos grupos abaixo.

574.

no (subst.)	po (subst.)	vos (pron. reto)	mas (adj.)	vi
le-lo	nos (subst.)	cos	voz	nu
ri	fi-lo	noz	cor	ma
cru	fa-lo	po-lo	vez	ves

Oxítonos: acentuam-se os terminados em:

a(s), **e(s)**, **o(s)**, **em**, **ens**: está(s), prevê(s), café(s), cipó(s), robô(s), (ele) retém, (eles) retêm, reféns.

Prática

■ Acentue, se necessário, as palavras dos grupos abaixo.

575.

atras	atraves	contem (pl.)	marca-lo	decidi-lo
maio	apos (verbo)	camelo	dete-lo	recem
buriti	voce	cara	impo-lo	porem

Paroxítonos: acentuam-se os terminados em:

i(s), **us**: júri(s), vírus;
um, **uns**: álbum, álbuns;
on, **ons**: íon(s), próton(s);
ôo, **ôos**: vôo(s), enjôo(s);
r, **x**, **n**, **l** (RouXiNoL): éter, ônix, éden, sêmen, amável;
ditongo: água, mágoa, série, ciência, órgão;
ps, **ã(s)**: bíceps, órfã(s).

Prática

576. Por que éden, hífen, sêmen (**com acento**) e edens, hifens, semens (**sem acento**)?
Resp.: _____

■ Acentue, se necessário.

577.

caqui (cor)	pensil	hifen	faceis	ciencia
item	polen	hifens	orfão	imã
itens	tenis	triceps	policia (subst.)	neutron

Proparoxítonos: acentuam-se todos.

Prática

■ Acentue as seguintes proparoxítonas:

578.

camara	eramos	interim	edito
calculo	medico	veiculo	umido
falassemos	transito	fotografo	abobada

Observação:

Não há padronização quanto às palavras que mantêm a forma latina. No *Aurélio*, paroxítonos como *quantum*, *primum*, *princeps* não estão acentuados, embora apareçam com acento: *quórum*, *déficit*, *superávit*, *fórum*.

Casos gerais

Acentuam-se os ditongos **éi, ói, éu**, abertos e tônicos.

Prática

579.

roi	paranoia	aldeia	seu
doi	sequoia	apoio	reuzinho
moi	geleia	chapeu	assembleia

Observação:

Pasteizinhos, aneizinhos, anzoizinhos, chapeuzinhos não são acentuados porque os ditongos **éu**, **éi** e **ói** saíram da sílaba tônica.

Acentuam-se

i / u	tônicos e 2ª diferente vogal de hiato e sozinhos na sílaba ou com **s** e não seguidos de **nh**	caído, caíste, Emaús, reúne
		Mas: sucuuba, caindo, Saul rainha, xiita

Prática

■ Acentue as palavras dos grupos abaixo, optando por hiato.

580.

cai	cair	juiz	Raul	conclui
caido	caindo	alaude	reune	construi-lo
caiste	juizo	balaustre	tainha	proibe
gratuito	fluido	distribui	rainha	ateismo

G > U < E Q > U < I	**u** pronunciado átono = **ü**: ag**ü**entar
	u pronunciado tônico = **ú**: arg**ú**is

Usa-se o trema no **U** dos encontros **GU** e **QU** quando seguidos de **E** ou **I**, se o **U** for átono. Se o **U** for tônico, recebe acento agudo.

Prática

■ Use corretamente o trema.

581. aguentas, enxaguei, arguem, apaziguei, tranquilo, argui, oblique, cinquenta, averigue, equino, linguiças, sequestro, delinquir, frequentemente, arguimos, apazigue

Verbos com plural especial

		crer	dar	ler e ver		(com ou sem prefixo)
êem	(ele)	crê	dê	lê	vê	(regra dos monossílabos tônicos, p. 81 e 89)
	(eles)	crêem	dêem	lêem	vêem	ESPECIAL
	(ele)	descrê	desdê	relê	revê	(regra dos oxítonos, p. 82 e 89)
	(eles)	descrêem	desdêem	relêem	revêem	ESPECIAL

		ter e vir		(sem prefixo)
êm	(ele)	tem	vem	(regra dos monossílabos tônicos, p. 81 e 89)
	(eles)	têm	vêm	ESPECIAL

		ter e vir (com prefixo)				
ém/êm	(ele)	retém	contém	provém	advém	(regra dos oxítonos, p. 82 e 89)
	(eles)	retêm	contêm	provêm	advêm	ESPECIAL

Prática

■ Corrija, se necessário.

582. Ele provem do sul, mas seus pais provem do leste.
583. Cada qual diz as coisas que lhe convem.
584. Ele faz aquilo que lhe convem.
585. O que contem estas caixas?
586. Os teóricos, agora, revem os conceitos.
587. Eles proveem a despensa do necessário para uma semana.
588. Eles não descreem sistematicamente.

Acentos diferenciais de intensidade

côa(s) – verbo coar
pára – verbo parar
pélo, péla(s) – verbo pelar; péla (bola, jogo)
pêlo(s) – cabelo
pêra – (substantivo)
péra (pedra) – em péra-fita
póla(s) – pancadaria
pôla(s) – rebento, broto de árvore
pólo(s) – extremidade, jogo
pôlo(s) – gavião ou falcãozinho
pôr – verbo
pôde – perfeito do indicativo

Prática

■ Acentue.

589 Ele para a todo instante para olhar o mapa.
590. Veja se você para para pensar.
591. Por ordem médica, ela vai por um marca-passo por mês.
592. Passava a mão pelo pelo do animal.
593. Ele se pela de medo pela amiga.

Prática Geral

594. (PRF/N.M./ANP) Assinale o vocábulo escrito **incorretamente**.
a) colisão.
b) necessidade.
c) estranjeiro.
d) experiência.

595. (PRF/N.M./ANP) Assinale a opção em que há **erro** no emprego de **mau** ou **mal**:
a) Saiu-se mal na prova.
b) Não faça mau a ninguém.
c) Ele mal adivinha o que o espera.
d) Ele sempre foi mau aluno.

596. (ITA/VEST.) Assinale a opção em que todas as palavras estejam **corretamente** grafadas.
a) homilia, tepidez, revezar, reveses, paisinho.
b) pôr, pêlo, véns, provejai, averigüem.
c) sequer, assimetria, descensão, suscinto, avidês.
d) caístes, amá-la-íeis, bemdisseram, prazeiroso, coalizão.
e) requesitar, rivalizar, fascínora, emurchecer, extravazar.

597. (BRB/N.M./IDR) Indique a alternativa em que todas as palavras estão grafadas **corretamente**.
a) "Cheque pré-datado não existe", irrita-se o advogado. "É um crime de extorção indireta, um convite ao descomprimento de normas vingentes".
b) Aqueles que se sentirem prejudicados devem procurar as instituições financeiras que domissiliavam sua conta, apresentando os documentos comprovatórios dos acrécimos indevidos.
c) Se ele cochilasse, o ajiota não exitaria em dobrar os juros acertados previamente.
d) Antigamente os brasileiros enfileiravam-se para comprar feijão na entressafra; mais recentemente, encontram empecilhos para pegar guia de atendimento no INSS.

598. (ALCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **incorreta**.
a) Maria se indigna por que não obteve a classificação?
b) Por que haveria de se ocupar daquele assunto, se não era sua a obrigação?
c) O princípio de que o réu é inocente até prova em contrário é uma conquista da civilização; daí por que não tem ele que se preocupar.
d) Depois de suas explicações foi fácil entender por que tomara aquela decisão.

599. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **correta**.
a) Mecanismos de contrôle do Orçamento do DF – o projeto de lei orgânica estabelece uma prestação de conta trimestral, por parte do Executivo, à Câmara Legislativa.
b) Atrelado à idéia de independência política das cidades-satélite, o dispositivo também deverá causar polêmica, pois entra em choque novamente com princípios constitucionais, de caracterizar a divizibilidade do DF.
c) Autonomia financeira para as Administrações Regionais – O artigo 153 do capítulo II do Orçamento destina verbas a serem administradas com autonomia pelas administrações regionais.
d) Este dispositivo deverá ser combatido pelo GDF, através de sua bancada na casa, uma vez que já existem mecanismos de contrôle através da programação de envestimento, estipulada no Orçamento anual, somados à Lei de Diretrizes Orçamentárias e ao Plano Plurianual.

600. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **incorreta**.
a) Existe ainda uma série de outros pontos de menor importância que sucitam controvérsias.
b) Tais pontos deverão exigir dos deputados muita discussão quanto à interpretação da constitucionalidade.
c) É o caso da participação de servidores na diretoria de empresas públicas e autarquias; permissão para reunião em local de trabalho; a participação popular na elaboração da lei orçamentária anual, bem como vários pontos do capítulo da Comunicação Social, do Transporte, da Segurança, da Saúde e da Educação.

d) Muitos dispositivos são considerados de competência exclusiva da União e deverão ser retirados do projeto de lei orgânica.

601. Assinale a seqüência que completa **corretamente** as lacunas do texto seguinte.
Não sabemos _____ greves e mais greves se sucedem na área educacional. Aliás, ninguém parece saber o _____ disso tudo. A situação é muito grave, principalmente _____ está associada ao crescente descrédito em relação à escola pública.
a) porquê / por que / por quê.
b) por quê / porquê / por que.
c) por que / porquê / porque.
d) porque / por quê / por que.

602. (ATCL-DF/N.S./IDR) Quanto ao emprego das iniciais maiúsculas e minúsculas, é **incorreto** afirmar que
a) os nomes dos meses, dias, semanas e estações do ano devem ser escritos com inicial maiúscula.
b) os nomes dos pontos cardeais escrevem-se com inicial minúscula quando designam direções ou limites geográficos.
c) as iniciais maiúsculas são usadas nos nomes de fatos históricos e importantes, de atos solenes e de grandes eventos públicos.
d) os nomes que designam altos cargos, dignidades ou postos devem ser escritos com iniciais maiúsculas quando acompanhados do nome ou quando o cargo o substituir.

603. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a seqüência em que todas as palavras estão **corretamente** grafadas.
a) admissão / admirar / adivinhar / adiminículo.
b) privilégio / táboa / monje / óbolo.
c) choviscar / estripolia / extasiar / inexorável.
d) majestade / herege / adstringente / inexaurível.

604. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a seqüência que apresenta **erro** de grafia.
a) ascensão / expenças / extensivo / ressuscitar.
b) batizar / repisar / extenso / exceção.
c) quisesse / enviesar / envernizar / cortês.
d) paralisar / turquesa / revés / desazado.

605. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a seqüência que preenche **corretamente** as lacunas.
Todos os cidadãos devem saber_____ o Poder Legislativo está assim. Estamos instalando novos computadores, é um momento de transição, eis o _____.
a) por que / porquê.
b) porque / por quê.
c) porquê / por que.
d) por que / porque.

606. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **correta** quanto à ortografia.
a) A cultura não prezume, não pode almejar, nem à uniformisação, nem à unidade sem diversidade.
b) A linguagem administrativa e legal, em qualquer sociedade organizada, apresenta um hiato em relação aos usos correntes da língua.
c) O fenômeno da inteleção da linguagem jurídica apresenta uma série de problemas ao cidadão leigo.
d) É necessário consiliar a tecnisidade dos textos legais com a comunicação do povo, que é o principal destinatário da lei.

607. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **correta** quanto à ortografia.
a) A rescisão do contrato depende do acordo entre empregador e empregado.
b) O parecer legislativo deve ser suscinto, claro e conciso.
c) A campanha publicitária pode sucitar falsas expectativas junto ao público menos consciente.
d) Não se pode precindir das ordenações sociais formuladas em conjunto e consolidadas em forma de lei.

608. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **correta** quanto à ortografia.
a) As leis precisam ser ezeqüíveis para que possam aperfeiçoar objetivamente a sociedade.
b) A pespicácia em relação às aspirações da sociedade é essencial para um político.
c) Os subcídios ainda são insuficientes para fundamentar o voto do ilustre Deputado.
d) O interstício entre uma votação e outra deve corresponder ao que preceitua o regimento.

609. (Ag. Adm./TRT/N.M./ACCESS) Só está **correta** a grafia da palavra destacada em:
a) Talvez ele não **esteje** à altura do cargo.
b) O povo **reinvindicou** seus direitos.
c) Os **empecilhos** da privatização ainda não foram superados.
d) Ele expôs com clareza a sua **pretenção**.
e) Não consigo **advinhar** a causa da sua tristeza.

ACENTUAÇÃO GRÁFICA (norma nova)

Monossílabos tônicos	
a(s), e(s), o(s)	Continuam-se acentuando os monossílabos tônicos terminados em a(s), e(s), o(s): pá(s), pé(s), vê(s), pó(s), Jô, Jó, pôs (verbo), dá-lo, vê-lo, pô-lo, fá-lo-ás, trá-las-iam (trariam+as), trá-lo-á (trará+o), trá-las-á (trará+as)...
	^ ou **´**, conforme pronúncia brasileira ou portuguesa: rô/ró (letra grega).
ter/vir/pôr	Ele tem, eles **têm**; ele vem, eles **vêm**; **pôr** (verbo), por (preposição).

Oxítonos	
a(s), e(s), o(s), em, ens	Continuam-se acentuando os oxítonos terminados em a(s), e(s), o(s), ém, éns: cajá(s), café(s), dendê(s), avó(s), avô(s), adorá-lo, entrevê-los, sobrepô-las, detê-lo, repô-la...
	^ ou **´**, conforme pronúncia brasileira ou portuguesa: bebê/bebé, bidê/bidé, caratê/caraté, crochê/croché, guichê/guiché... ou metrô/metro, judô/judo...
ter e vir	Continuam exatamente iguais: **ele** tem, retém, mantém, vem, advém, convém...; **tu** tens, reténs, manténs...; **eles** têm, retêm, mantêm, vêm, advêm, convêm...

Monossílabos tônicos e oxítonos		
éi(s), ói(s), éu(s), abertos	Eram acentuados todos: réis, sóis, anéis, chapéu(s)...	– **éi**(s), **ói**(s), **éu**(s), **em final de palavra**, continuam acentuados: réis, anéis, dói, corrói(s), chapéu(s), véu(s)...
	idéia, jibóia, paranóico...	– **Não finais, perdem o acento**: id**ei**a, jib**oi**a, paran**oi**co, prot**ei**co... (ver nos paroxítonos: Méier, destróier...).

Paroxítonos		
Não terminados em: a(s), e(s), o(s), em, ens	Continuam-se acentuando os paroxítonos terminados em **i**(s), **u** – júri(s), oásis, vírus, húmus; em **om**, **on**, **ons** – iândom, rádom, rádon(s), fóton(s), herôon(s); em **um**, **uns** – álbum, álbuns, fórum, fóruns; em **r**, **x**, **n**, **l** – éter, âmbar, Méier, destróier, blêizer, gêiser; ônix, Fênix, bórax; éden(s); amável, útil; em **ditongo** – jóquei(s), pódio(s); em **ps** – bíceps, fórceps; em **ã** – ímã(s), órfã(s).	
	^ ou **´**, conforme pronúncia brasileira ou portuguesa: pênis/pénis, tênis/ténis, bônus/bónus, Vênus/Vénus; fêmur/fémur; sêmen/sémen; fêmea/fémea...	
oo, eem	Eram acentuados: vôo(s), crêem, dêem...	**Não mais se acentuam**: voo(s), creem/descreem, deem, desdeem, leem, releem, veem, reveem...
i/u, tônico	Pós-ditongo, acentua-vam-se nos paroxítonos: b**ai**úca, b**oi**úno, f**ei**úra...	– **Perderam o acento nos paroxítonos**: baiuca, boiuno, cauila, feiura, bocaiuva (coco-de-catarro), cheiinho, feiinho, maoismo, maoista, taoismo, taoista... – **nos oxítonos, acentuam-se**: teiú(s), tuiuiú(s), bocaiú(s)...
	Continuam sendo acentuados i/u, segunda diferente vogal tônica de hiato, sozinha na sílaba ou com s, não seguida de nh: aí, arguí(s), arguía(s), arguíste(s), arguímos, arguíra(m), baú(s), Alaíde, alaúde, faísca, juízes, sanduíche... Porém: juiz, paul, ruim, ainda, triunfo, rainha, arguiu, fuinha...	

e/o/a em homografia	Acentuavam-se: pêlo, pêra, pôlo, pólo, pára, pôr, pôde...	Agora, obrigatório só: **pôr** e **pôde** (verbo). Facultativos: – **subjuntivo**: que nós **dêmos**. – **pretérito: amamos**, **louvamos**... – **pronúncia fechada**: **forma**.

Proparoxítonos	
	Continuam-se acentuando todos os proparoxítonos: árabe, cáustico, Cleópatra...
	^ ou ´, conforme pronúncia brasileira ou portuguesa: acadêmico/académico, anatômico/anatómico, cênico/cénico, gênero/género.

Trema		
	gue/gui, que/qui tinham acento agudo ou trema: argúi(s), seqüestro...	gue, gui, que, qui não têm mais trema nem acento agudo: águem, delinquir, ele argui, tu arguis, sequestro, aquífero, frequente, linguiça, aguentas...
	Atenção: 1. palavras estrangeiras: Hübner(iano), Müller(iano)... 2. arguí (veja oxítonos da regra "i/u, tônico").	

Prática

■ Corrija pela nova ortografia.

Ele tem (610) o direito, mas elas não o tem (611). O juiz (612) e a juiza (613) tambem (614) consideraram paranoica (615) a atitude de empafia (616) do sequestrador (617). Eles arguem (618) hoje exatamente o que argui (619) ontem e Ataide (620) argui (621) agora. O voo (622) frequente (623) do tuiuiu (624) entretem (625) os turistas proximos (626) ao agueiro (627). Ela poderia ama-los (628), prende-los (629)... e fa-lo-a (630) assim que a geleia (631) os tornar doceis (632). Vou por (633) por (634) perto da claraboia (635) os chapeus (636) dos herois (637). No passado ela nunca pode (638) instrui-lo (639) porem (640) agora pode (641). Qual a forma (642) da ultima (643) forma (644)?

O plural de foton (645) é fotons (646), de iandom (647) é iandons (648), de radom (649) ou radon (650) é radons (651), de heroon (652) é heroons (653), de destroier (654), geiser (655) e bleizer (656) é destroieres (657), geiseres (658) e bleizeres (659). Enquanto o taoismo (660), para os taoistas (661), é uma doutrina filosófica e transcendental, o maoismo (662) é, para os maoistas (663), uma teoria política, diferente do hinduismo (664).

Prática

665. (TFC-RJ/N.S.) Indique a opção em que **não** há **erro** de grafia.

a) Porque chegou atrazado perdeu grande parte do explêndido espetáculo.
b) Pediu-lhe que ascendesse a luz, pois a claridade não era impecilho a seu repouso.
c) Ele não é uma exceção, também é muito ambicioso.

d) Quizera eu que todas as espécies animais estivessem livres da estinsão.
e) Não poderia advinhar que sua música viesse a ter tanto hêsito.

666. (TFC-RJ/N.S.) Identifique o segmento inteiramente **correto** quanto à grafia.
a) Há intensão de se alcançar um consenso para evitar as divergências entre os parlamentares.
b) É preciso cessarem as disensões para se obter a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação.
c) Um aquário pode ser tido como um ecossistema, no qual os escrementos dos peixes, depois de decompostos, fornecerão elementos essenciais à vida das plantas.
d) O Sol é o responsável pela emissão de luz, indispensável para a fotossíntese, processo pelo qual as plantas produzem o alimento orgânico primário assim como praticamente todo o oxigênio disponível na atmosfera.
e) Pesquizas recentes têm atribuído a choques meteóricos a súbita extinção dos dinossauros da face da Terra.

667. (AFRE-SP/N.S.) Assinale a seqüência que preenche **corretamente** as lacunas.
Era um homem _____, daí seu _____ comportamento.
a) frustado / extranho.
b) frustado / estranho.
c) frustrado / estranho.
d) frustrado / extranho.

668. (AFRE-SP/N.S.) Assinale a seqüência que preenche **corretamente** a lacuna.
Essa foi a _____.
a) estensão dos prejuisos.
b) extensão dos prejuízos.
c) extensão dos prejuizos.
d) estenção dos prejuísos.

669. (Sold. Pol. Milit.) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da frase a seguir.
____ muito tempo, ele vivia ____ juntar papéis velhos, ____ não tinha outra ocupação.
a) A / a / porque.
b) À / à / por que.
c) Há / a / porque.
d) Há / à / por quê.
e) A / há / porquê.

670. Assinale a opção em que todas as palavras estão escritas **corretamente**.
a) O principal refugio do sujeito era uma muntueira de papéis.
b) A Polícia, às vezes, se faz de cega frente ao problema da mendicância.
c) A opreção deixa muitos individuos à margem da sociedade.
d) O papeleiro não adimitia discursão na defesa do seu território.
e) Baixinha era um apilido, porque ela era baichinha.

671. Assinale a opção em que as palavras completam **corretamente** a frase seguinte.
Na _____ da última quinta-feira, a Prefeitura planejou a _____ do terreno baldio em duas partes, para fazer a _____ de uma delas aos catadores de lixo.
a) sessão / secção / cessão.
b) secção / cessão / sessão.
c) cessão / sessão / secção.
d) sessão / cessão / secção.
e) cessão / secção / sessão.

672. Assinale a alternativa em que as palavras estão escritas **incorretamente**.
a) presente / caule / lenços.
b) enrijando / miúdas / adeus.
c) cheirosa / transparente / cajus.
d) rezina / treis / flôres.
e) pequenino / lembranças / agitado.

673. A alternativa em que **as duas palavras** devem ser escritas com "g" é
a) gor___eta / in___eção.
b) cere___eira / berin___ela.
c) ti___ela / mar___em.
d) ___iló / la___e.
e) sar___eta / ultra___e.

674. As palavras estão **corretamente** escritas na alternativa
a) xuxu e moscila.
b) sessenta e seiscentos.
c) braza e ofenza.
d) querozene e gasolina.
e) crusado e cruseiro.

675. Há **erro** de ortografia na alternativa:
a) velocidade.
b) capaz.
c) compreensão.
d) inesplicável.
e) atração.

676. A frase: "Eis a razão _____ a maçã caiu" completa-se com a palavra:
a) porque. b) porquê. c) por que. d) por quê. e) com que.

677. As palavras que são escritas com **ss** encontram-se na alternativa:
a) a___istir, pa___ivo, promi___ória.
b) a___ enção, di___iplina, sei___entos.
c) desgra___a, corrup___ão, promo___ão.
d) esque___er, aten___ioso, finan___eiro.
e) man___o, remor___o, fal___idade.

678. Escolha a alternativa que preencha adequadamente os espaços.
Iniciada a _____ parlamentar, foi discutida a _____ das terras aos índios.
a) seção / cessão.
b) seção / sessão.
c) cessão / seção.
d) sessão / seção.
e) sessão / cessão.

679. Escolha a alternativa que preencha adequadamente os espaços.
Eu _____ o que você _____, portanto não _____ triste.
a) fiz / quis / fiques.
b) fis / quiz / fique.
c) fiz / quis / fique.
d) fiz / quiz / fiques.
e) fiz / quiz / fique.

680. Assinale a opção em que o fonema **/z/** é representado pela letra **x** em todas as palavras.
a) e__oneração / e__orbitante / e__igüidade.
b) e__ecutante / de__erção / apra__ível.
c) resci__ão / ra__oável / ane__ação.
d) e__igibilidade / e__tintivo / cláu__ula.
e) má__imo / e__clusão / pre__unção.

681. Assinale a alternativa **incorreta** quanto à ortografia.
a) gasolina.
b) estrangeiro.
c) atrazado.
d) atualizar.
e) chuvoso.

682. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Em todas as alternativas, as palavras foram acentuadas corretamente, **exceto** em:
a) Eles têm muita coisa a dizer.
b) Estude os dois primeiros ítens do programa.
c) Afinal, o que contém este embrulho?
d) Foi agradável ouvir aquele orador.
e) Por favor, dêem-lhe uma nova chance!

683. (PRF/N.M./ANP) Assinale o vocábulo **indevidamente** acentuado.
a) lápis.
b) inquérito.
c) pessôa.
d) notícia.

684. (BRB/N.M./IDR) Assinale a alternativa em que todos os vocábulos devam ser acentuados e, respectivamente, pelas mesmas regras que **hipócrita**, **ingênuo**, **ninguém**, **café** e **faísca**.
a) compulsorio / textil / tambem sera / aneis.
b) debentures / desperdicio / parabens / voce / atraido.
c) rubrica / exito / recem / guiche / juizo.
d) apolices / bonus / itens / mes / saida.

685. (ALCL-DF/N.S./IDR). Assinale a alternativa **correta**.
a) O júri foi ágil e determinou que, em tempo hábil, o Estado amparasse os órfãos da cátastrofe.
b) A nova legislação pôs em destaque as vantagens a que os aposentados faziam jús há muitos anos.

c) A consciência tranqüila é uma bênção que os políticos devem alcançar por meio de um contínuo exercício de caráter.
d) A linha tenue que divide a justiça da injustiça é uma espécie de cristal que se pode estilhaçar com o vento.

686. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **incorreta** quanto à acentuação gráfica.
a) destroem / vêem / instruí-lo / partí-los-ão.
b) tórax / hinduísmo / tênis / jabuti.
c) itens / psíquico / fúteis / geléia.
d) caíram / vírus / éter / acórdãos.

687. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a seqüência em que todas as palavras são acentuadas em obediência à **mesma regra**.
a) alguém / afável / açúcar / também.
b) chapéu / heróico / último / próximo.
c) egoísta / faísca / cafeína / viúvo.
d) estréia / família / imóvel / espontâneo.

688. (ATCL-DF/N.S./IDR) Marque a alternativa **correta** quanto à acentuação gráfica.
a) Os polos agrícolas do sul são ferteis e prosperos.
b) O parlamentar pôde participar da assembléia anterior e vai emitir agora um juízo sobre o tema.
c) Louvaríamos a iniciativa se tivessemos participado democraticamente de sua formulação.
d) O país tem muitos contribuíntes e, portanto, muita renda, mas é preciso distribuí-la.

689. (Ag. Adm./TRT/N.M./ACCESS) Algumas palavras não seguem as regras gerais de acentuação. Foi mantido, de um certo modo, um **acento diferencial**. Estão nesse caso as palavras da seguinte alternativa:
a) alguém, parabéns, convém.
b) pólo, pára, pôde.
c) açúcar, hífen, cânon.
d) ágeis, jóquei, faríeis.
e) paranóico, rouxinóis, jibóia.

690. (Ag. Adm./TRT/N.M./ACCESS) Há um **erro** na grafia do plural do verbo na alternativa:
a) ele detém / eles detêm.
b) (que) ele dê / (que) eles dêem.
c) (que) ele conte / (que) eles contem.
d) ele tem / eles têm.
e) ele vê / eles vêm.

691. Assinale a alternativa em que as palavras estão acentuadas **incorretamente**.
a) constituínte / embóra / senadôr.
b) flexível / receberás / pântano.
c) porém / miúdas / até.
d) ofício / São Luís / ninguém.
e) ignorância / fácil / avô.

692. Em qual alternativa as palavras são **paroxítonas**?
a) ótimo / maiúsculas.
b) condução / período.
c) freguês / cômodo.
d) bênção / repórter.
e) André / parabéns.

693. Assinale a alternativa em que **todas** as palavras podem ser acentuadas.
a) vigia / proa.
b) governo / caju.
c) aqui / fusil.
d) taxi / revolver.
e) juiz / nuvem.

694. Assinale a alternativa que está de acordo com a regra "Todas as **proparoxítonas** são acentuadas."
a) saída / faísca.
b) melancólico / ridículo.
c) rês / mês.
d) caberá / poderá.
e) Suíça / cuíca.

695. Em qual alternativa encontra-se a **única** palavra que deve ser graficamente acentuada?
a) corpos. b) força. c) vezes. d) planeta. e) saisse.

696. Assinale a alternativa constituída de palavras **oxítonas**.
a) laje / saco / água / subúrbio.
b) fotografia / pilha / ruído / noite.
c) história / fácil / açúcar / lápis.
d) urubu / reféns / aqui / atrás.
e) idéia / ódio / vida / saída.

697. Assinale a alternativa em que as palavras obedecem à **mesma regra** de acentuação.
a) egoísmo / dívida.
b) será / freqüência.
c) vírus / belíssimo.
d) mês / baú.
e) açúcar / agradável.

698. Assinale a **única** alternativa em que todas as palavras estão corretamente acentuadas.
a) chuchú / querê-lo / Luís / rubi.
b) bíceps / Afrânio / dá-la / café.
c) César / partí-la / ítem / tabú.
d) bau / atrás / túnel / urubú.
e) rapé / também / água / viuva.

699. Nas frases seguintes, a que apresenta **erro(s)** quanto à acentuação gráfica é:
a) Vocês tem que colocar sua rúbrica aqui.
b) Ele fez o cálculo da alíquota.
c) Os países limítrofes participaram da conferência.
d) A nova alfândega será construída proximamente.
e) É considerável este ônus financeiro.

700. A palavra que obedece à mesma regra de acentuação que **corroído** é:
a) ataúde. b) sapé. c) corróis. d) láurea. e) crédulo.

701. De acordo com a acentuação de palavras, marque a série **errada**.
a) pedagio / trânsito / véiculos.
b) incêndio / câmbio / óleo.
c) ré / faróis / pára-brisa.
d) mecânicos / distância / alguém.
e) automóveis / painéis / triângulo.

702. Acentua-se a forma destacada em "**pô-la** na cadeia" porque se trata de
a) forma tônica em hiato.
b) paroxítona terminada em **o** fechado.
c) forma verbal em que, depois de **o**, assimilou-se o **r** ao **l** do pronome.
d) homografia com a preposição **por**.
e) acento distintivo de timbre.

703. A **única** palavra que deve ser acentuada é:
a) abacaxi. b) abacate. c) caju. d) morango. e) maracuja.

Substantivo

DEFINIÇÃO

Substantivo é a palavra com que se nomeiam seres e conceitos.

Exemplos: Maria, cavalo, peroba, Brasil, aragem, beleza, chuva.

Locução substantiva é um conjunto de palavras, com elemento de ligação, equivalentes a um substantivo.

Exemplos: mula sem cabeça, pé de pato (nadadeira), sala de aula, quarto de dormir...

CLASSIFICAÇÃO

Classificam-se os substantivos em:

Concreto

É o que nomeia seres com existência autônoma, independente, ou que são assim imaginados:

pessoas: José, Júlia;
ocupantes de cargos: tesoureiro, professor;
animais: tigre, lesma;
vegetais: árvore, bambu;
minerais: água, ouro;
fenômenos: chuva, relâmpago;
lugares: continente, Piauí;
objetos: caneta, livro;
imaginados: saci, fada, Deus.

Abstrato

É o que nomeia seres ou conceitos que só existem dependentes de outros seres; não existem por si sós:

ações: o chute, a entrega;
sentimentos: amor, compreensão;
qualidades: dureza, feiura;
estado: desonra, glória.

Só existem em função de outros seres.

Próprio

É o que nomeia um ser específico dentro de um grupo:

José, Brasil, Vestcon.

Comum

É o que nomeia um ser como pertencente a uma classe:

homem, país, editora.

Coletivo

É o substantivo comum que nomeia um conjunto de seres:

cardume, esquadra, time.

Coletivos numéricos são os que definem a quantidade de seres ou conceitos: par, dezena, dúzia, centena, grosa, milheiro, biênio, triênio, quadriênio, lustro, década, século, milênio...

Prática

■ Marque as classificações correspondentes a cada substantivo.

		a) Concreto	b) Abstrato	c) Próprio	d) Comum	e) Coletivo
1	inteligência					
2	vento					
3	Juraci					
4	arquipélago					
5	alcateia					
6	rouxinol					
7	Dumbo					
8	saudade					

FLEXÃO

Chama-se flexão a mudança que se pode fazer numa palavra sem alterar seu significado essencial. Exemplificando: **livro** e **livros** apresentam uma diferença, que indica quantidade, mas o objeto que nomeiam é o mesmo.

Os substantivos flexionam-se em gênero, número e grau.

Flexão de gênero

Quanto ao **gênero**, pode o substantivo ser classificado como:

Masculino

O que aceita apenas o artigo masculino:

o cinzeiro, o profeta, o enigma.

Feminino

O que aceita apenas o artigo feminino:

a harpa, a profetisa, a profecia.

Comum de dois

O que aceita tanto o artigo masculino como o feminino, sem mudança de forma:

o amante	**a** amante
o colega	**a** colega
o pianista	**a** pianista

Sobrecomum

Só aceita um artigo (masculino ou feminino), embora se refira a seres de qualquer dos sexos:

o algoz = para homem ou mulher;
o cônjuge = para homem ou mulher;
a vítima = para homem ou mulher;
a testemunha = para homem ou mulher.

Epiceno

Só se refere a animais e só aceita um artigo (masculino ou feminino). Quando se quer definir-lhe o sexo, usa-se a palavra macho ou fêmea:

a águia macho ou o macho da águia;
o jacaré fêmea ou a fêmea do jacaré.

Observação 1:

Como as palavras macho e fêmea são adjetivos biformes, também é correto:

a águia macha – o jacaré fêmeo

Observação 2:

Alguns substantivos mudam o significado quando mudam de gênero:

o cabeça (chefe)	a cabeça (parte do corpo)
o cabra (homem corajoso)	a cabra (animal)
o caixa (trabalhador)	a caixa (objeto)
o cisma (separação)	a cisma (desconfiança)
o crisma (óleo)	a crisma (sacramento)
o grama (unidade de medida)	a grama (vegetal)
o guarda (soldado)	a guarda (vigilância)
o guia (cicerone)	a guia (documento)
o lente (professor)	a lente (vidro de aumento)
o moral (ânimo)	a moral (código de conduta)

Formação do feminino

O **feminino** de um substantivo se faz de quatro maneiras:

a) por substituição ou acréscimo na terminação da palavra, isto é, na desinência:
gat**o**, gat**a**; pintor, pintor**a**; rapaz, rapa**riga**;

b) pela mudança no gênero do artigo:
o colega, **a** colega; **o** jovem, **a** jovem; **o** cliente, **a** cliente;

c) pela mudança completa do radical:
homem, mulher; bode, cabra; pai, mãe;

d) pelo acréscimo de "**macho**" ou "**fêmea**":
a pulga macho, a pulga fêmea.

Prática

■ Ponha nos parênteses **a**, **b**, **c** ou **d**, conforme a norma vista acima.

9. ( ) cavalo / cavalheiro / marido.
10. ( ) rouxinol / besouro / tatu.
11. ( ) artista / imigrante / selvagem.
12. ( ) barão / pombo / ladrão.

■ Assinale certo ou errado. Se estiver errado, indique a correção.

13. ( ) Substantivo uniforme só tem uma forma, que tanto serve para o masculino como para o feminino.
Correção: _____

14. ( ) As letras **a** e **b** do quadro anterior são exemplos de uniformes.
Correção: _____

15. ( ) Os exemplos das letras **a** e **c** do quadro anterior correspondem a substantivos biformes.
Correção: _____

■ Estabeleça a correta correspondência para os seguintes substantivos uniformes.

a) Epicenos b) Sobrecomuns c) Comuns de dois gêneros

16. ( ) dentista / colegial / camarada / pianista / intérprete.
17. ( ) albatroz / besouro / tartaruga / badejo / condor.
18. ( ) apóstolo / indivíduo / testemunha / pessoa / verdugo.

Os substantivos terminados em **-or** fazem o feminino com acréscimo das desinências **-a**, **-eira**, **-triz**.

Prática

■ Realize seus femininos optando pelas desinências **-a**, **-eira**, **-triz** ou outras.

19. leitor _____
20. pintor _____
21. ator _____
22. governador _____
23. imperador _____
24. cerzidor _____
25. remador _____
26. aviador _____

■ Continue.

27. cantador _____ ou _____
28. cantor _____, _____ ou _____
29. embaixador _____ ou _____

O feminino dos **títulos eclesiásticos** ou **de previlégio social** se faz com **-esa**, **-essa** ou **-isa**.

Prática

■ Realize os femininos dos títulos eclesiásticos ou de privilegiados socialmente optando por **-esa**, **-essa** ou **-isa**.

30. abade _____
31. diácono _____
32. sacerdote _____
33. bispo _____
34. papa _____
35. profeta _____
36. píton _____
37. cônego _____
38. druida _____
39. barão _____
40. conde _____
41. duque _____
42. cônsul _____
43. oficial _____

44. alcaide _____ ou _____
45. prior _____ ou _____

Femininos especiais

Prática

■ Realize os **femininos**.

46. bacharel _____
47. cachorro _____
48. cão _____
49. general _____
50. gigante _____
51. hóspede _____
52. elefante _____
53. pardal _____
54. rapaz _____
55. monge _____
56. raja ou rajá _____
57. doge _____
58. silfo _____
59. marajá _____
60. varão _____
61. sandeu _____
62. tabaréu _____

■ Aponte os masculinos de **radicais** diferentes.

63. cabra _____
64. ovelha _____
65. arará _____
66. gironda _____
67. amazona _____
68. dama _____
69. cerva _____
70. besta _____
71. abelha _____
72. abada _____

■ Escreva os **femininos** de:

73. infante _____
74. governante _____
75. presidente _____
76. parente _____
77. doente _____

Os substantivos terminados em **-ão** fazem o feminino em **-ã**, **-oa**, **-ona** e outras terminações.

Prática

■ Escreva os femininos nas colunas corretas.

	MASCULINO	Ã	OA	ONA	OUTRAS
78.	aldeão				
79.	alemão				

	MASCULINO	Ã	OA	ONA	OUTRAS
80.	anfitrião				
81.	beirão				
82.	bretão				
83.	ermitão				
84.	figurão				
85.	lebrão				
86.	maganão				
87.	perdigão				
88.	respondão				
89.	sultão				
90.	tecelão				
91.	valentão				
92.	vilão				

93. Qual das terminações de feminino é usada para **aumentativos** e **adjetivos substantivados**?
a) -ã. b) -oa. c) -ona. d) outra.

■ Assinale **C** ou **E**.

94. ( ) leoa / patroa / pavoa / tabelioa / leitoa.
95. ( ) anciã / coimbrã / faisã / peã / catalã.
96. ( ) **ladra** tem também as variantes **ladroa** e **ladrona**.
97. ( ) **alfaiata** é feminino de **alfaiate**.

Flexão de número

Quanto ao **número**, os substantivos flexionam-se em **singular** e **plural**, normalmente:

o boi	os bois
a manada	as manadas

Alguns só existem no plural (*pluralia tantum*)

afazeres	óculos
alvíssaras	pêsames
anais	parênteses
arredores	víveres
condolências	

Outros mudam de sentido ao mudar de número

dama (senhora)	damas (jogo)
ouro (metal)	ouros (naipe do baralho)
pau (madeira)	paus (naipe do baralho)
honra (probidade)	honras (homenagens)
bem (virtude)	bens (riquezas)
féria (ganho financeiro ou repouso)	férias (repouso)

Formação do plural

Para pluralizar os substantivos, usa-se a desinência **s** quando terminam em **ditongo** ou **vogal** (oral ou nasal).

Prática

■ Pluralize corretamente.

98. mesa _____
99. café _____
100. degrau _____
101. refém _____
102. álbum _____
103. jasmim _____

Aos terminados em **-r** ou **-z**, acrescenta-se **-es**.

Prática

■ Pluralize corretamente.

104. mar _____
105. colher _____
106. gestor _____
107. xadrez _____
108. raiz _____
109. cruz _____

Atenção:

caráter – caracteres

Os terminados em **-il**, se oxítonos, trocam o **l** por **s**.

Prática

■ Pluralize corretamente.

110. ardil _____
111. barril _____

Os terminados em **-il**, se paroxítonos, trocam o **il** por **eis**.

Prática

■ Pluralize corretamente.

112. fóssil _____
113. míssil _____

Atenção:

projetil – projetis
reptil – reptis
projétil – projéteis
réptil – répteis

Os terminados em **-al**, **-el**, **-ol**, **-ul** trocam o **l** por **is**.

Prática

■ Pluralize corretamente.

114. animal _____
115. sol _____
116. papel _____
117. paul _____

Atenção:

mal – males	real – reais ou réis
aval – avales	cônsul – cônsules (e seus derivados)

Os terminados em **-ão**, quase sempre, flexionam-se em **-ãos**, **-ões**, **-ães**.

Prática

■ Pluralize corretamente.

118. cidadão _____
119. irmão _____
120. cristão _____
121. coração _____
122. fração _____
123. balão _____
124. pão _____
125. capelão _____
126. cão _____

Os aumentativos têm sempre o plural em **-ões**.

Prática

■ Pluralize corretamente.

127. bolão _____
128. filhão _____
129. verdão _____

Os paroxítonos têm o plural em **-ãos**.

Prática

■ Pluralize corretamente.

130. órfão _____
131. sótão _____
132. órgão _____

Observação:

Há substantivos que admitem mais de um plural correto.

Prática

■ Escreva nas colunas certas os plurais certos.

		ões	ãos	ães
133.	alão (cão de fila)			
134.	alazão			
135.	alcorão			
136.	aldeão			
137.	anão			
138.	ancião			
139.	bastião (baluarte)			
140.	bênção			
141.	capelão			
142.	capitão			
143.	castelão			
144.	charlatão			
145.	cidadão			
146.	corrimão			
147.	deão (decano)			
148.	ermitão			
149.	escrivão			
150.	feijão			
151.	fuão (fulano)			
152.	guardião			
153.	hortelão			
154.	mão			
155.	opinião			
156.	órgão			
157.	pagão			
158.	peão			
159.	pião			
160.	questão			
161.	rufião			
162.	sacristão			
163.	sultão			
164.	tabelião			
165.	verão			
166.	vilão			
167.	vulcão			

Prática

168. Das três terminações de plural (ões, ãos, ães), qual a mais frequente?
Resp.: _____

■ Assinale **C** ou **E** para certo ou errado.

169. ( ) Os substantivos concretos terminados em **-ão** são masculinos. Exs.: o agrião, o balcão, o algodão.

170. ( ) Os substantivos abstratos terminados em **-ão** são femininos. Exs.: a emoção, a opinião, a aceitação.

171. ( ) O vocábulo **mão** foge às regras anteriores por ser concreto e feminino.

Os oxítonos terminados em **-s** recebem **-es**.

Prática

■ Pluralize corretamente.

172. ananás _____
173. inglês _____
174. ilhós _____

Os paroxítonos e proparoxítonos terminados em **-s** são invariáveis.

Prática

■ Pluralize corretamente.

175. o lápis _____
176. o oásis _____
177. o ônibus _____

Substantivos formados de **radical** + **zinho** ou **zito**: pluralizam-se os dois componentes separadamente.

cãe**s**+zitos papéi**s**+zinhos

Para uni-los, retira-se o **s** intermediário.

cãe zitos papei zinhos

↓ ↓

cãezitos papeizinhos

Prática

■ Pluralize corretamente, seguindo os passos certos.

	colarzinho	➔	colares + zinhos	➔	colarezinhos
178.	peãozinho	➔	+	➔	
179.	papelzinho	➔	+	➔	
180.	cãozito	➔	+	➔	
181.	balãozinho	➔	+	➔	

Plural com metafonia

Quando passam do singular para o plural, alguns substantivos com a vogal tônica "o" fechada trocam essa vogal por "o" aberto. Essa alteração de timbre chama-se **metafonia**.

(ô)	(ó)
aposto	apostos
corpo	corpos
esforço	esforços
fogo	fogos

Quando há metafonia no feminino, há também no plural, com exceção de **sogra** (´) e **tolda** (´), sogros (^) e toldos (^).

Prática

■ Ponha nos parênteses ´ ou ^ para indicar timbre aberto ou fechado.

	masculino	feminino	plural
182.	aposto (^)	aposta ( )	apostos ( )
183.	porco (^)	porca ( )	porcos ( )
184.	sogro (^)	sogra ( )	sogros ( )

Os substantivos **femininos** apresentam o mesmo timbre no singular e no plural.

Prática

■ Ponha nos parênteses ´ ou ^ para indicar timbre aberto ou fechado.

185.	sogra (´)	sogras ( )
186.	bolha (^)	bolhas ( )
187.	roda (´)	rodas ( )

■ Escreva na coluna adequada o plural dos substantivos.

SINGULAR		PLURAL	
		(^)	(´)
188.	abrolho (^)		
189.	adorno (^)		
190.	almoço (^)		
191.	arroba (^)		
192.	bolha (^)		
193.	bolso (^)		
194.	cachorro (^)		
195.	caroço (^)		
196.	cebola (^)		
197.	choco (^)		
198.	coco (^)		
199.	consolo (^)		
200.	contorno (^)		
201.	corno (^)		
202.	coro (^)		
203.	corpo (^)		
204.	corvo (^)		
205.	cota (´)		
206.	dorso (^)		
207.	esforço (^)		
208.	esposa (^)		
209.	esposo (^)		
210.	estorvo (^)		
211.	fogo (^)		

SINGULAR		PLURAL	
		(^)	(´)
212.	folha (^)		
213.	forno (^)		
214.	foro (^)		
215.	fosso (^)		
216.	globo (^)		
217.	imposto (^)		
218.	jogo (^)		
219.	miolo (^)		
220.	moda (´)		
221.	molho (´) (de chaves)		
222.	molho (^) (de tomate)		
223.	morro (^)		
224.	namoro (^)		
225.	olho (^)		
226.	osso (^)		
227.	ovo (^)		
228.	peroba (´)		
229.	pescoço (^)		
230.	piloto (^)		
231.	piolho (^)		
232.	poço (^)		
233.	polvo (^)		
234.	porto (^)		
235.	potro (^)		
236.	povo (^)		

	SINGULAR	PLURAL	
		(^)	(´)
237.	reboco (^)		
238.	reforço (^)		
239.	repolho (^)		
240.	roda (´)		
241.	rogo (^)		
242.	rolha (^)		
243.	rolo (^)		
244.	rosto (^)		
245.	senhora (´)		
246.	socorro (^)		
247.	sogra (´)		
248.	sogro (^)		
249.	sopa (^)		
250.	sopro (^)		
251.	sova (´)		
252.	suborno (^)		
253.	tijolo (^)		
254.	toco (^)		
255.	toldo (^)		
256.	topo (^)		
257.	tremoço (^)		
258.	troco (^)		

Plural dos substantivos compostos ligados por hífen

Substantivo composto por **verbo** + **substantivo** ou **verbo** + **adjetivo**: somente o **segundo elemento varia**.

Veja: guarda-roupa – guarda-roupas
beija-flor – beija-flores
porta-estandarte – porta-estandartes
abaixo-assinado – abaixo-assinados

Prática

■ Complete as lacunas com o plural correspondente.

259. furta-cor _____
260. quebra-mar _____
261. porta-bandeira _____
262. pára-choque (nova ortografia: para-choque) _____
263. guarda-chuva _____

Em substantivos compostos formados por:

substantivo + substantivo | **adjetivo + substantivo**
substantivo + adjetivo | **numeral + substantivo**

ambos variam

Veja: redator-chefe – redatores-chefes
baixo-relevo – baixos-relevos
meio-termo – meios-termos

Prática

■ Pluralize corretamente.

264. cirurgião-dentista _____
265. tenente-coronel _____
266. couve-flor _____
267. amor-perfeito _____
268. cabra-cega _____
269. guarda-civil _____
270. guarda-noturno _____
271. segunda-feira _____
272. terça-feira _____
273. meio-fio _____

Substantivo composto por dois substantivos em que o segundo indica **tipo**, **limitação**, **semelhança** ou **finalidade** do primeiro: somente o **primeiro varia**.

Veja: manga-espada – mangas-espada
navio-tanque – navios-tanque
decreto-lei – decretos-lei

Prática

■ Pluralize corretamente.

274. banana-maçã _____
275. caneta-tinteiro _____
276. navio-escola _____
277. peixe-boi _____
278. manga-rosa _____

Substantivo composto **ligado por preposição** clara ou oculta: somente o **primeiro vocábulo varia**.

Veja: ama-de-leite – amas-de-leite (nova ortografia: ama de leite – amas de leite)
limão-de-cheiro – limões-de-cheiro (nova ortografia: limão de cheio – limões de cheiro)
mula-sem-cabeça – mulas-sem-cabeça (nova ortografia: mula sem cabeça – mulas sem cabeça)
cavalo-vapor (= de, a vapor) – cavalos-vapor

Prática

279. pão-de-ló (nova ortografia: pão de ló) _____
280. estrela-do-mar _____
281. papo-de-anjo _____
282. baba-de-moça (nova ortografia: baba de moça) _____
283. grão-de-bico _____

Substantivo composto em que o primeiro vocábulo é uma palavra **invariável**: somente o **segundo varia**.

Veja: grão-vizir – grão-vizires
auto-escola – auto-escolas (nova ortografia: autoescola – autoescolas)
vice-rei – vice-reis

Prática

■ Pluralize corretamente.

284. vice-presidente _____
285. ex-diretor _____

286. ave-maria _____
287. grão-duque _____
288. sempre-viva _____
289. abaixo-assinado _____

Substantivo composto formado por **onomatopeia** (imitação de som) ou por **palavras repetidas**: somente o **segundo vocábulo varia**. Se houver verbos **repetidos**, também é correto **variarem os dois**.

Veja: pingue-pongue – pingue-pongues
treme-treme – treme-tremes ou tremes-tremes

Prática

■ Pluralize corretamente.

290. tico-tico _____
291. tique-taque _____
292. reco-reco _____
293. corre-corre _____ ou _____
294. pisca-pisca _____ ou _____
295. pega-pega _____ ou _____

■ Estes substantivos compostos admitem mais de uma forma no plural:

296. fruta-pão _____ ou _____
297. guarda-marinha _____ ou _____
298. padre-nosso _____ ou _____
299. salvo-conduto _____ ou _____
300. ruge-ruge_____ ou _____

São invariáveis as expressões **substantivadas** e os **substantivos compostos** por verbos antônimos.

Veja: a maria-vai-com-as-outras – as maria-vai-com-as-outras

Prática

■ Pluralize corretamente.

301. o bota-fora _____
302. o louva-a-Deus _____
303. o disse-me-disse (nova ortografia: o disse me disse) _____
304. o leva-e-traz (nova ortografia: o leva e traz) _____
305. o pisa-mansinho _____

Flexão de grau

Os substantivos flexionam-se em grau: **aumentativo** e **diminutivo**.

normal	**aumentativo**	**diminutivo**
barco	barcaça	barquinho
boca	bocarra	boquinha
copo	copázio	copinho
homem	homenzarrão	homenzinho
fogo	fogaréu	fogacho
corpo	corpanzil	corpúsculo
rapaz	rapagão	rapazote

Conforme o uso, os sufixos de grau podem acrescentar uma ideia **afetiva** ou **pejorativa** às palavras:

amigão, sabichão, gentalha, homenzinho, povinho, gentinha, livreco...

Há palavras que aparentam ter sufixo de grau, mas têm significado distinto de sua primitiva:

cartão, calção, casebre...

Prática Geral

306. (PRF/N.M./ANP) Assinale a palavra com gênero **errado**.
a) a vítima.
b) o testemunha.
c) a jovem.
d) o agente.

307. (PRF/N.M./ANP) A forma de plural **errada** é
a) papel / papéis.
b) difícil / difíceis.
c) chapéu / chapéus.
d) cidadão / cidadões.

308. (PRF/N.M./ANP) Assinale a opção em que a significação do nome varia com a mudança de **gênero**.
a) o dentista / a dentista.
b) o turista / a turista.
c) o atendente / a atendente.
d) o capital / a capital.

309. Na frase: "Há **duas** vagas debaixo da **ponte**", as palavras destacadas classificam-se como
a) numeral e substantivo.
b) numeral e adjetivo.
c) artigo e substantivo.
d) artigo e advérbio.
e) numeral e verbo.

310. Os plurais de **escrivão** e **pagão** são
a) escrivões e pagões.
b) escrivões e pagães.
c) escrivãos e pagãos.
d) escrivães e pagões.
e) escrivães e pagãos.

311. A alternativa que contém o emprego correto do feminino das palavras **cidadão** e **ancião** é
a) cidadona e anciã.
b) cidadã e ancioa.
c) cidadona e ancioa.
d) cidadã e anciã.
e) cidadoa e ancioa.

312. Na frase "Então **o** homem descobriu o Bem e o **Mal**", as palavras destacadas são, respectivamente,
a) pronome demonstrativo e advérbio.
b) pronome oblíquo e adjetivo.
c) pronome relativo e numeral.
d) preposição e verbo.
e) artigo definido e substantivo.

313. A palavra **talão** forma o plural da mesma maneira que:
a) alemão.
b) cidadão.
c) ação.
d) capital.
e) órgão.

314. O plural de **sexta-feira** e **abaixo-assinado** é
a) sextas-feiras e abaixo-assinados.
b) sextas-feiras e abaixos-assinados.
c) sexta-feiras e abaixo-assinados.
d) sextas-feira e abaixos-assinados.
e) sextas-feira e abaixos-assinado.

315. Marque a alternativa que aparece com o plural **errado**.
a) para-lama / para-lamas.
b) sinal / sinais.
c) herói / heróis.
d) veículo / veículos.
e) farol / farols.

316. A frase em que há um **substantivo próprio** é:
   a) No fim da rua Monte Alegre estava a escola pública.
   b) Lá fiz todo o curso primário.
   c) Minha família era pobre.
   d) Eu gosto de banana.
   e) Comi um sanduíche gostoso.

■ Assinale **C** ou **E** para certo ou errado, respectivamente.

317. ( ) Substantivos como **anais**, **arredores**, **condolências**, **esponsais** e **óculos** só se usam no plural e são chamados de *pluralia tantum* (pronuncia-se plurália tântum).
318. ( ) O plural **avôs** refere-se a mais de um avô (masc.).
319. ( ) O plural **avós** tanto se refere a mais de uma avó, quanto ao conjunto de avô e avó.
320. ( ) Havia dois **oitos**, três **noves** e dois **agás** na sua camisa.
321. ( ) **cais** é invariável, mas **cós** pode ficar invariável ou fazer o plural **coses**.
322. ( ) Os substantivos paroxítonos terminados em **s** são invariáveis: o pires, os pires; o oásis, os oásis.
323. ( ) Também o são os terminados em **x**: o tórax, os tórax; a fênix, as fênix; o ônix, os ônix.
324. ( ) **Os projéteis atingiram os répteis**. **Os projetis atingiram os reptis**. O singular das duas frases é exatamente o mesmo.
325. ( ) **flautim** e **atum** terminam em vogal nasal; **bem** e **som**, em ditongo nasal. Por isso, fazem plural com um simples acréscimo de **s**, como os vocábulos **boné** e **boi**.

■ Identifique os coletivos.

326. alavão _____
327. alcateia _____
328. cardume _____
329. cáfila _____
330. cacho _____
331. concílio _____
332. congregação _____
333. corja _____
334. esquadra _____
335. fato _____
336. banda _____
337. bandeira _____
338. boana _____
339. choldra (ô) _____
340. clero _____
341. conclave _____
342. consistório _____
343. elenco _____
344. esquadrilha _____
345. legião _____

■ Nos seguintes sobrecomuns, marque **F** para feminino e **M** para masculino.

346. ( ) algoz
347. ( ) membro
348. ( ) criança
349. ( ) ídolo
350. ( ) vítima
351. ( ) testemunha

■ Ponha nos parênteses **o** ou **a** para masculino ou feminino.

352. ( ) clã
353. ( ) dó
354. ( ) formicida
355. ( ) libido
356. ( ) sósia
357. ( ) preá
358. ( ) trema
359. ( ) axioma
360. ( ) cal
361. ( ) cataplasma
362. ( ) dinamite
363. ( ) elipse
364. ( ) telefonema
365. ( ) diadema
366. ( ) dilema
367. ( ) cólera
368. ( ) champanha
369. ( ) eclipse
370. ( ) jângal
371. ( ) proclama
372. ( ) estratagema
373. ( ) edema
374. ( ) coma (estado de)
375. ( ) coma (vírgula, cabeleira)

Fixe com atenção:

o cólera morbo	a cólera morbo
o personagem	a personagem
o crisma	a crisma
o íris	a íris
o lama ou lhama (monge)	a lama (lodo), a lhama (animal dos Andes)
o tapa (palmada)	a tapa (palmada)
o víspora (loto)	a víspora (loto)

Aconselha-se a usar no masculino:

o ágape	o antílope	o caudal	o contralto
o soprano	o diabete(s)	o praça (soldado)	o sabiá

Recomenda-se o feminino para:

a abusão (abuso, engano)	a alcíone (ave)	o alcíon (ave)
a aluvião (depósito da erosão)	a áspide (réptil)	a ordenança
a sentinela	a omoplata	a sucuri
a jaçanã (ave)		

376. Aponte três femininos para **diabo**.
Resp.: _____

377. Aponte três femininos para **deus**.
Resp.: _____

Artigo

DEFINIÇÃO

Artigo são as palavras variáveis **o** e **um** que antecedem o substantivo, servindo para definir ou indefinir seu sentido.

o dentista – **a** dentista	**um** livro	**umas** fitas
o lápis – **os** lápis	**uns** óculos	**as** fitas

CLASSIFICAÇÃO

Em Português só existem um artigo definido – **o** – e um artigo indefinido – **um**. Ambos são variáveis em gênero e número: **a**, **os**, **as**; **uma**, **uns**, **umas**.

O artigo definido serve para:
a) indicar um ser definido entre os demais;
b) indicar toda a espécie ou conjunto de seres.

O artigo indefinido serve para:
c) indicar um ser indefinido entre os demais;
d) indicar um subconjunto indefinido de seres;
e) indicar reforço de uma ideia.

Ocorre, portanto, mudança de sentido se o substantivo vem acompanhado pelo artigo definido – **o** (**a**, **os**, **as**) – ou pelo artigo indefinido – **um** (**uma**, **uns**, **umas**).

Prática

■ Nos parênteses das frases, coloque **a**, **b**, **c**, **d** ou **e**, relacionados no quadro anterior, conforme o sentido que o artigo sublinhado propõe.

1. Uma professora de Português indicou esse livro. ( )
2. A professora de Português indicou esse livro. ( )
3. O professor precisa sempre estar atualizado. ( )
4. Um rapaz comprou o apartamento dela. ( )
5. Umas bactérias desenvolveram resistência a certas substâncias. ( )
6. Estava com uma fome! ( )

Observações:

1. Quando se quer generalizar uma ideia, é possível suprimir-se o artigo.

   Exemplos: Mudanças são necessárias para o aperfeiçoamento do trabalho. (genérico)
   As mudanças (já sabidas) devem ser implantadas. (específico)
   Festas não me atraem. (genérico)
   As festas que ela promove não me atraem. (específico)
   Especializou-se em várias áreas de política. (genérico)
   Especializou-se n**as** várias áreas d**a** política. (específico)

2. Quando se usa nome próprio de personagem histórica ou pessoa célebre, suprime-se o artigo.

   Exemplos: Rui Barbosa lutou por seus ideais. (personagem histórica)
   O Rui parecia alheio à discussão. (pessoa íntima ou conhecida)

3. Antes de pronomes de tratamento iniciados por pronome possessivo, omite-se o artigo.

   Exemplo: Vossa Senhoria não me entendeu.

4. Ordinariamente, não se usa artigo com a palavra "casa" quando designa "própria morada", nem com a palavra "terra" na acepção de "terra firme", em oposição ao sentido "a bordo".

   Exemplos: Em casa, não se discute às refeições.
   Agora estou vindo de casa.
   Os viajantes abandonaram o barco e seguiram por terra.

5. Qualquer tipo de palavra transforma-se num substantivo se se lhe antepõe um artigo.

   Exemplos: O bom e o justo; o querer e o poder.
   O hoje, o ontem e o amanhã; o aqui e o agora.
   O tudo e o nada...Viver é um sem-fim!

Prática Geral

7. A frase que apresenta um artigo indefinido destacado é:
   a) Ele só tem **um** filho.
   b) **Ninguém** imagina minha alegria.
   c) Este fato **me** impressionou.
   d) **Os** garotos olhavam a banana.
   e) **Um** lindo sanduíche surgiu do embrulho.

■ Assinale **C** ou **E** conforme a afirmação seja certa ou errada, com relação à seguinte frase.

O aqui e o agora são os parâmetros do realista.

8. ( ) Só há três artigos.
9. ( ) Existem quatro artigos.
10. ( ) Por isso, há também quatro substantivos.
11. ( ) **aqui** e **agora**, que noutros contextos são advérbios, nessa frase são substantivos, por força do artigo.
12. ( ) **realista**, que noutras frases é **adjetivo**, tornou-se também substantivo, pela antecipação do artigo.
13. ( ) O artigo, definido ou indefinido, substantiva a palavra a que se refere.
14. ( ) Em **do** há uma contração da preposição **de** com o artigo definido **o**.

■ Estabeleça a correta correspondência sobre o uso do artigo.

a) Assinala o gênero do substantivo.
b) Indica o número do substantivo.
c) Indica que o substantivo é conhecido entre outros da espécie, tanto pelo emissor quanto pelo receptor.
d) Indica que o substantivo é um ser qualquer de sua espécie; nem o ouvinte nem o leitor saberão precisar quem seja.
e) Não há artigo na frase. Há numeral.

15. ( ) ( ) O Presidente virá visitar-nos.
16. ( ) ( ) O colega e a colega chegaram.
17. ( ) Uma administradora virá falar conosco.
18. ( ) Ele comprou duas canetas e só um estojo.
19. ( ) ( ) ( ) O oásis, os oásis.
20. ( ) Ele falou de uns índios que aqui estiveram.

Adjetivo

DEFINIÇÃO

Palavra que qualifica o substantivo.

Os seres nomeados por um substantivo apresentam diferenças entre si.
Essas diferenças são explicitadas pelos **adjetivos** – os qualificadores dos substantivos.

ADJETIVO RESTRITIVO E ADJETIVO EXPLICATIVO

O adjetivo, ao se referir a um substantivo, pode ser classificado de dois modos:

Adjetivo restritivo

Exprime atributo que distingue um substantivo dos outros da mesma espécie:

O homem inteligente. (nem todo homem é inteligente)

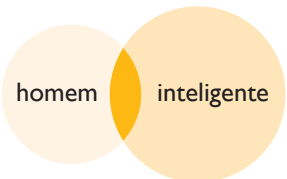

- Os círculos representam o campo de significado (ou campo semântico) do substantivo **homem** e do adjetivo **inteligente**.
- O adjetivo tem um campo semântico maior que o do substantivo, o que está representado pelo círculo maior.
- Isso, porque pode abranger outros seres (macaco, cão, elefante, golfinho...) além de todos os homens.
- No desenho, o **inteligente** abrange apenas uma parte dos homens, representada pela interseção, de cor mais escura.
- Por isso, o adjetivo está limitando, restringindo o campo semântico do substantivo e se chama "adjetivo restritivo".
- Entre o adjetivo restritivo e seu substantivo não há vírgula.

Adjetivo explicativo

Exprime uma **qualidade inerente** ao substantivo; exprime **uma característica própria** do substantivo:

O homem , mortal. (todo homem é mortal)

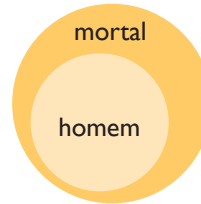

- A vírgula, colocada entre o adjetivo e o substantivo, determina uma pausa na leitura.
- Essa pausa introduz uma entonação explicativa, ou seja, considera que **(todo) homem** está inserido no conjunto **mortal**.
- O adjetivo explicativo mantém inalterado o campo semântico do substantivo, isto é, não o restringe.
- Lembre-se, então: entre adjetivo e substantivo há vírgula; vírgula é pausa, pausa é explicação.

O **adjetivo explicativo** vem separado do substantivo a que se refere por uma vírgula, para representar a mudança do tom de voz que a explicação requer:

O leite , branco , agrada a vista. O homem , mortal , é diferente do mineral.
subst. adj. expl. subst. adj. expl.

ADJETIVO ANTES OU DEPOIS DE SUBSTANTIVO

O adjetivo posposto ao substantivo tem uma carga semântica mais objetiva: Homem **pobre**, mulher **boa**.

Anteposto ao substantivo, o adjetivo traz uma carga semântica mais subjetiva: **Pobre** homem, **boa** mulher.

LOCUÇÃO ADJETIVA

homem de ontem árvore sem folhas

Quando a qualidade é expressa por mais de uma palavra, tem-se **locução adjetiva**, que sempre começa com preposição.

Observação:

É importante lembrar que o adjetivo existe para **qualificar o substantivo**; caso não se refira a um substantivo, **não** é adjetivo ou locução adjetiva.

Prática

■ Observe o **feio** nestas frases e classifique-o, relacionando as colunas.

1. ( ) Cometeu um erro *feio*. a) advérbio
2. ( ) Quem ama o *feio*, bonito lhe parece. b) substantivo
3. ( ) O carro derrapou *feio* na curva. c) adjetivo

FLEXÃO

Os adjetivos podem variar em gênero e número para acompanhar os substantivos a que se referem.

Flexão de gênero

Veja: documento **incluso** nota **inclusa**
caso **estranho** casa **estranha**
homem **certo** mulher **certa**

Os adjetivos que mudam a terminação, do masculino para o feminino, dependendo do gênero do substantivo, são os **adjetivos biformes** ou variáveis.

Prática

■ Flexione corretamente.

4. ofício *anexo* – carta _____
5. trabalho *publicado* – obra _____
6. ingresso *proibido* – entrada _____

Veja: homem **elegante** mulher **elegante**
trabalho **notável** obra **notável**
diretor **capaz** diretora **capaz**

Os adjetivos que não mudam de forma, quer o substantivo seja masculino ou feminino, são os **adjetivos uniformes** ou invariáveis.

Prática

■ Flexione corretamente.

7. candidato *quite* – pessoa _____
8. relatório *final* – palavra _____
9. problema *grave* – ameaça _____

Flexão de número

Veja:	gráfico **anexo**	gráficos **anexos**
	revista **nova**	revistas **novas**
	cirurgia **complexa**	cirurgias **complexas**

Os **adjetivos simples** (de uma só palavra) variam do singular para o plural para combinar com os substantivos a que se referem.

Prática

■ Flexione corretamente.

10. ofício *penoso* – ofícios _____
11. candidato *quite* – candidatos _____
12. carnê *quitado* – carnês _____
13. *velho* amigo – _____ amigos

Veja:	roupa **azul-escura**	roupas **azul-escuras**
	guerra **sino-japonesa**	guerras **sino-japonesas**
	instrumento **médico-cirúrgico**	instrumentos **médico-cirúrgicos**

Adjetivo composto, formado por **adjetivo** + **adjetivo**: só o último se pluraliza.

Prática

■ Flexione corretamente.

14. tratado *luso-brasileiro* – tratados _____
15. produção *hispano-americana* – produções _____
16. reunião *lítero-musical* (nova ortografia: *literomusicais)* – reuniões _____
17. saia *verde-clara* – saias _____
18. olho *castanho-claro* – olhos _____

Exceções:

São invariáveis os adjetivos compostos **azul-marinho** e **azul-celeste**.
O adjetivo composto **surdo-mudo** sofre variação nas duas palavras: surdos-mudos, surdas-mudas.

Veja:	gravata azul-topázio	gravatas azul-topázio ou azuis-topázios
	tecido amarelo-ouro	tecidos amarelo-ouro ou amarelos-ouros
	laço vermelho-sangue	laços vermelho-sangue ou vermelhos-sangues

Adjetivo composto, com segundo elemento substantivo, nenhum se pluraliza ou ambos se pluralizam.

Prática

■ Flexione corretamente.

19. camiseta *azul-piscina* – camisetas _____
20. gravata *grafite-fosca* – gravatas _____
21. lenço *cinza-pérola* – lenços _____
22. olho *verde-mar* – olhos _____

Flexão de grau

Grau comparativo

Pode-se comparar a qualidade de dois ou mais seres:

A **cadeira** é mais alta que o **banco**.

Ou qualidades de um mesmo ser:

Ela é mais simpática que bonita.

Para fazer isso, a Língua Portuguesa utiliza o grau comparativo dos adjetivos.

Prática

Leia os exemplos e relacione as colunas.

a) Grau comparativo de igualdade
b) Grau comparativo de inferioridade
c) Grau comparativo de superioridade

23. ( ) O problema daquele senhor parecia MAIS *complicado* QUE o meu.
24. ( ) Percebi que este navio parecia TÃO *luxuoso* QUANTO aquele.
25. ( ) A atual situação econômica do país é MENOS *caótica* QUE a anterior.

Observação:

GRAU COMPARATIVO DE SUPERIORIDADE	
ANALÍTICO	**SINTÉTICO**
Mais BOM	Ele é MELHOR que ela.
Mais MAU	Ele é PIOR que ela.
Mais GRANDE	Ele é MAIOR que ela.
Mais PEQUENO	Ele é MENOR que ela.

Usa-se o comparativo sintético para comparação entre dois seres.
Ele é melhor que ela.
Ela dança melhor que ele.

Usa- se o comparativo analítico:

1. Para comparar duas qualidades de um mesmo ser:
   Ele é **mais bom** que **mau**.
   Ele é **mais grande** que **pequeno**.

2. Para comparar maneiras de um mesmo sujeito praticar ações:
   Ele fala **mais bem** que **mal**.
3. Antes de particípio:
   Ele passou a ser **mais bem ouvido**.
4. Quando bem e mal pertencem a adjetivo composto:
   Ela era **mais bem-educada**, e ele, **mais mal-informado**.

Grau superlativo

Usa-se o superlativo para enfatizar ou exagerar uma qualidade de um substantivo:

Jovem **muito estudioso**. Jovem **estudiosíssimo**.

Chama-se **superlativo sintético** o formado pelo acréscimo de sufixo ao adjetivo: notabilíssimo, paupérrimo, humílimo.

Chama-se **superlativo analítico** o formado por acréscimo de um advérbio ou locução adverbial ao adjetivo:

Jovem **muito esperto**.
adv. adj.

Jovem **esperto demais**.
adj. adv.

...era um garoto **feio à beça**.
adj. loc. advl.

...era uma guria **bonita pra chuchu**.
adj. loc. adverbial

Leia os exemplos e escreva: a) para o superlativo que se refere a um único substantivo;
b) para o superlativo que se refere a um ser entre os demais.

26. ( ) O conflito entre sérvios e bósnios é *gravíssimo*.
27. ( ) A explosão da bomba atômica foi considerada a atitude *MAIS insensata* entre todas tomadas por aquele presidente.
28. ( ) O professor mantinha os alunos *ocupadíssimos*.
29. ( ) O processo será examinado pelo juiz *MAIS rigoroso* do Tribunal.

É possível enfatizar ou exagerar uma qualidade considerando o ser sozinho (**superlativo absoluto**), ou um ser entre os demais de sua classe (**superlativo relativo**).

Prática

■ Responda **C** ou **E**.

30. ( ) Superlativo absoluto é o que está nas frases 26 e 28.
31. ( ) Superlativo relativo está nas frases 27 e 29.

Prática Geral

32. (PRF/N.M./ANP) Assinale a forma **errada** de superlativo erudito.
    a) feliz / felicíssimo.
    b) geral / generalíssimo.
    c) simples / simplicíssimo.
    d) amigo / amiguíssimo.

33. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa que completa **corretamente** as lacunas da frase "Os _____ vestiam casacos _____."
a) grão-duques / verde-garrafa.
b) grãos-duques / verde-garrafa.
c) grão-duques / verde-garrafas.
d) grão-duques / verdes-garrafa.

34. (Ag. Adm./TRT/N.M./ACCESS) Nas alternativas abaixo, a que contém **erro** no emprego do plural é:
a) O governo está estudando novas medidas econômico-financeiras.
b) Ao dar prioridade à educação, teremos cidadãos mais conscientes.
c) Havia provas bastantes do crime.
d) Quaisquer soluções seriam bem recebidas.
e) A reunião iria examinar os pró e os contra da questão.

35. Marque o adjetivo que equivale à expressão destacada na frase. Era um amor **de irmãos** que os unia.
a) paterno.
b) materno.
c) filial.
d) fraterno.
e) puro.

■ Assinale **C** ou **E**, consultando a observação da página 129.
36. ( ) Joaquina é mais má que o irmão.
37. ( ) João é mais bom que Flávio.
38. ( ) Teresa é mais tímida que Paula.
39. ( ) E Paula é mais boa que ruim.
40. ( ) Antonio é mais mau que bom.
41. ( ) Antônio é mais mau que Flávio.
42. ( ) Ela é mais grande que ele.
43. ( ) Ela é mais grande que gorda.

■ Estabeleça a correspondência correta.
a) comparativo de **superioridade**
b) comparativo de **inferioridade**
c) comparativo de **igualdade**
d) superlativo absoluto **sintético**
e) superlativo absoluto **analítico**

44. ( ) Todos achavam que ele era paupérrimo, mas
45. ( ) era dotado de incredibilíssima sensibilidade;
46. ( ) além disso, era muito próspero,
47. ( ) porém era menos vaidoso que o irmão,
48. ( ) menor que a própria mãe,
49. ( ) pior que o pai
50. ( ) e tão educado quanto o tio.

■ Escreva os superlativos **absolutos sintéticos** (eruditos, não populares) de:

51. agudo _____
52. amargo _____
55. célebre _____
56. cruel _____
57. doce _____
58. dócil _____
59. fiel _____
60. frio _____
61. incrível _____
62. íntegro _____
53. antigo _____
54. áspero _____
63. livre _____
64. miúdo _____
65. negro _____
66. nobre _____
67. pródigo _____
68. público _____
69. soberbo _____
70. tetro _____

■ Substitua as locuções adjetivas por adjetivos de origem erudita.

71. nariz **de águia** _____
72. torre **de marfim** _____
73. físico **de gafanhoto** _____
74. amor **de fogo** _____
75. lábios **de lebre** _____
76. golpe **de morte** _____
77. comportamento **de bode** _____
78. tratamento **de cabelo** _____
79. armas **de guerra** _____
80. agilidade **de rato** _____
81. comportamento **da alma** _____
82. arrulhar **de pombo** _____
83. sensibilidade **de pele** _____
84. corpo **de professores** _____
85. grupo **de alunos** _____
86. energia **do vento** _____
87. águas **da chuva** _____
88. águas **dos rios** _____
89. morada **do bispo** _____
90. frio **de gelo** _____
91. dor **de estômago** e **de rins** _____
92. brilho **de ouro** e **de prata** _____
93. influência **do sul** _____
94. vento **do norte** _____

■ Escreva os adjetivos **gentílicos** ou **pátrios** referentes a:

95. Bahia e Salvador _____
96. Jerusalém _____
97. China _____
98. Judeia _____
99. Egito _____

ADJETIVO ≠ SUBSTANTIVO
(dica prática)

Para quem está começando e para quem acha que aprender português é difícil, basta prestar atenção a pequenos detalhes básicos. Temos percebido que grande parte dos jovens e adultos estudantes da língua não sabe diferenciar no texto um adjetivo de um substantivo, dúvida que, não sendo imediatamente sanada, impede a compreensão de tudo o que a isso se segue. Por exemplo, responda você agora, em voz alta: beleza é adjetivo ou substantivo? Em voz alta, sim, para se conscientizar de sua resposta. Beleza é adjetivo ou substantivo? Se tem alguma dúvida, continue lendo para eliminá-la de uma vez por todas.

1 Substantivo representa uma ideia-base, nomeia seres (homem, pedra, água, rio, comida...) e características ou qualidades de seres, vistas como ideia-base (utilidade, amabilidade, largura, beleza, feiúra, amizade).

2 Adjetivo representa uma ideia acompanhante, caracteriza o substantivo e com ele concorda em gênero e número, com exceção dos adjetivos uniformes (útil, amável), que só concordam em número.

3 Como saber se as palavras "altura", "largura", "beleza", que designam características de seres, são substantivos ou adjetivos?

4 Sabendo você que as palavras "homem" e "mulher" são substantivos, tome-as no plural "homens" e "mulheres" e veja se "altura" concorda com elas: "homens altura, mulheres altura". Como "altura" não concorda com os substantivos "homens" e "mulheres", sabe-se que "altura" é também substantivo, **porque substantivo não casa** (não concorda) **com substantivo**. Qual, então, o adjetivo correspondente ao substantivo "altura"? Pode ser "alto"? Vejamos, "homens altos"," mulheres altas", isso mesmo! "alto" **casa com o substantivo, portanto é adjetivo**.

5 Veja agora se "largura" e "beleza" são substantivos ou adjetivos: "homens larguras", "mulheres larguras", "homens belezas", "mulheres belezas". A conclusão é que "largura" e "beleza" não podem concordar com o substantivo, por isso são também substantivos, **porque substantivo não casa** (não concorda) **com substantivo**. Quais os adjetivos correspondentes a largura e beleza? Faça você o teste e responda, em voz alta, antes de continuar esta leitura.

Se você disse "homens largos", "mulheres largas", "homens belos", "mulheres belas" e concluiu que os adjetivos procurados são "largo" e "belo", acertou.

6 Conclusão, em gramática não há casamento homo, substantivo não casa com substantivo, só casamento hetero, machista e tradicional: sem ferir o respeito devido, assim diz o antigo testamento gramatical: **o adjetivo foi feito da costela do substantivo, para com ele casar e concordar**.

7 Teste agora com: fidelidade, fiel; harmonia, harmonioso; gentileza, gentil; equilíbrio, equilibrado; consciência, consciente; amor, amoroso; crença, crente.

Resposta do item 7:
substantivos: fidelidade, harmonia, gentileza, equilíbrio, consciência, amor, crença; **adjetivos:** fiel, harmonioso, gentil, equilibrado, consciente, amoroso, crente.

Pronome

DEFINIÇÃO

Observe:

Para os diretores, a situação parecia sob controle. Para resolvê-**la** definitivamente, seria necessário que **eles** tivessem uma atuação mais enérgica.

eles — **substitui "diretores"**

la — **substitui "situação"**

Este **livro** não é **aquele** premiado.
subst.

Este — **acompanha** o subst. **livro**

aquele — **substitui** o subst. **livro**

Aquele **menino** de que você falou não é **este**.
subst.

Aquele — **acompanha o substantivo**

este — **substitui o substantivo**

Essas palavras são pronomes.

Pronomes são palavras que substituem ou podem substituir o substantivo.

PAPEL DOS PRONOMES

Pronomes substantivos e pronomes adjetivos

Quando o pronome é usado com o papel de substituir o substantivo, é denominado **pronome substantivo**:

A casa não é **minha**.

Quando o pronome é usado com o papel de acompanhante de um substantivo, é denominado **pronome adjetivo**:

Sua casa não é minha.

O país **cujas** crianças não têm escola não tem futuro.

Prática

■ Escreva dentro dos parênteses relativamente aos pronomes em negrito: PA = pronome adjetivo; PS = pronome substantivo.

1. **Nossas** intenções não são **as** que **você** entendeu.
   ( ) ( ) ( )
2. **Estas** são as **minhas** palavras.
   ( ) ( )
3. As **mesmas** perguntas foram feitas por **aquela** menina e por **esta**.
   ( ) ( ) ( )

CLASSIFICAÇÃO E EMPREGO DOS PRONOMES

Pronomes pessoais

Referem-se às pessoas do discurso, ou seja, às pessoas que participam de uma conversa. O **falante** é a primeira pessoa; o **ouvinte** é a segunda pessoa; e o **assunto** é a terceira pessoa.

Conforme seu uso na frase, os pronomes pessoais classificam-se como retos ou oblíquos.

Nº	Pessoa do discurso	Pron. reto	Pronome oblíquo	
		tônico	átono	tônico
Singular	primeira segunda terceira	eu tu ele, ela	me* te* se, lhe, o*, a*	mim, comigo ti, contigo si, consigo, ele, ela
Plural	primeira segunda terceira	nós vós eles, elas	nos* vos* se, lhes, os*, as*	nós, conosco vós, convosco si, consigo, eles, elas
		PARA SUJEITO	**PARA OUTRAS FUNÇÕES**	

Prática

■ Escreva dentro dos parênteses **R** ou **O**, se o pronome em negrito for **reto** ou **oblíquo**.

4. **Ela** disse a **ele** que iria sair sem **mim**.
   ( ) ( ) ( )

* Esses pronomes podem exercer função de sujeito. *Vide*, em *Análise Sintática Visual*, Período: Análise de períodos com verbos permissivos, causativos e sensitivos em que o pronome oblíquo funciona como sujeito.

5. **Eu** disse a **mim** que iria sem **ela**.
( ) ( ) ( )
6. **Ele** disse a **nós** que iria sem **ti**.
( ) ( ) ( )
7. **Tu me** disseste que irias sem **eles**.
( )( ) ( )
8. **Tu te** maltratas demais, sem **nós**.
( )( ) ( )
9. **Eu** disse que **ela** iria sem **vós**.
( ) ( ) ( )

Conclusão:
Os pronomes **eu** e **tu** são retos. **Nós**, **vós**, **ele(s)** serão retos ou oblíquos, dependendo de seu emprego na frase.

Pronomes oblíquos

Observe:
pagar a dívida **aos credores** = pagar-**lhes** a dívida
avisar algo **aos amigos** = avisar-**lhes** algo
ser útil **a alguém** = ser-**lhe** útil
pagar **a conta** ao garçom = pagá-**la** ao garçom
ver **os amigos** = vê-**los**

O pronome **lhe (lhes)** completa verbos ou nomes que exigem preposição **a** e refere-se a seres animados; o pronome **o** (**a**, **os**, **as**) completa verbos que não pedem preposição.

Prática
■ Preencha as lacunas com um dos pronomes que estão dentro dos parênteses.
10. Os pais da moça deram-_____ seu apoio, por isso ela ____ admirava muito. (**na/lhe**) (**lhes/os**)
11. Quando o presidente estava saindo, alguém _____ avisou de que precisava voltar. (**o/lhe**)
12. Fui visitar minha amiga, porém não pude vê-_____. (**lhe/la/a**)
13. Sou responsável pelos alunos; mantenho-_____ informados. (**os/lhes**)
14. Fomos os primeiros a encontrar a diretora e informamos-_____ o acidente. (**ela/lhe/a**)

Observe:

entregar **a ti**	ajudar-**te**
avisar **a nós**	auxiliar-**nos**
lutar **por ela**	conhecê-**la**
gostar **de mim**	amar-**me**

Os pronomes oblíquos tônicos são usados após preposição; os oblíquos átonos ocupam as posições que não vierem precedidas de preposição.

Prática

■ Preencha as lacunas com um dos pronomes que estão dentro dos parênteses.

15. Eu resolvi que sem _____ você não sai. (**eu/mim**)
16. Tu sabes que quero muito bem a _____, por isso _____ apoiarei. (**tu/te/ti**)
17. O ator tinha excelente opinião de _____ mesmo, ele _____ julgava ótimo. (**si/se/ele**)
18. Nós resolvemos investigar o caso; contra _____ você não pode lutar; cedo vai descobrir que não _____ engana. (**nós, nos**)

Observe:

amar + o	➜	ama(r)-lo	➜	amá-lo
fiz + o	➜	fi(z)-lo	➜	fi-lo
nos + o	➜	no(s)-lo	➜	no-lo

As letras **r**, **s** ou **z** que antecedem o oblíquo **o** (**a**, **os**, **as**) transformam-se em **l** e mudam de sílaba.

Prática

19. Amas **o menino**. Am_____-_____.
20. Fez **os trabalhos**. F_____-_____.
21. Ela quer **o livro**. Ela qué-_____.

Observe:

As respostas, ela **mas** deu ontem à tarde. (mas = me + as)
As respostas, ela **no-las** deu ontem à tarde. (no-las = nos + as)

Os pronomes oblíquos **se combinam entre si**.

Prática

■ Estabeleça as combinações conforme o modelo.

Modelo: me + (o, a, os, as) = mo (ma, mos, mas)

22. te + o (a, os, as) = _____
23. lhe + o (a, os, as) = _____
24. lhes + o (a, os, as) = _____
25. nos + o (a, os, as) = _____
26. vos + o (a, os, as) = _____

Observe:

Dão + o = Dão-**no**. Dizem + as = Dizem-**nas**. Põe + os = Põe-**nos**.

O pronome oblíquo **o** (**a**, **os**, **as**), depois de uma terminação nasal, transforma-se em **no** (**na**, **nos**, **nas**).

Prática

27. Dizem **a verdade**. Dizem-_____.
28. Cumprem **as promessas**. Cumprem-_____.
29. Põe **o casaco**. Põe-_____.
30. Põem **os casacos**. Põem-_____.

Observe:

O professor indicou um livro **para eu** ler.
Ele pensava **em eu** representá-lo.
Existe a possibilidade **de tu** resolveres.

Mesmo após preposição, a função de sujeito do infinitivo é ocupada por pronome pessoal reto.

Prática

■ Preencha as lacunas com um dos pronomes que estão dentro dos parênteses.

31. Fiquei com a casa para _____ vender em troca da comissão. (eu/mim)
32. Eu sei que o trabalho foi trazido para _____ corrigir. (eu/mim)
33. Eu já lhe avisei que sem ____ aprovar, a campanha não irá ao ar. (mim/eu)
34. Sem _____ permitir, ninguém sairá. (eu/mim)

Observação:

Há orações em que o pronome parece ser sujeito, mas não é:
Será benéfico **para mim** deixar de fumar. = Deixar de fumar será benéfico **para mim**.
Nesse caso, houve inversão da ordem dos termos da oração.

Observe:

Ele pensava **consigo** se haveria motivo para tanta confusão.
Carregue (você) **consigo** seus documentos.
Ele falava de **si**.

Os pronomes **si** e **consigo** só podem ser usados quando se referem à mesma pessoa do sujeito, ou seja, quando são reflexivos.

Prática

■ Preencha as lacunas com um dos pronomes que estão dentro dos parênteses.

35. Meu amigo, venha a minha casa e traga _____ seus filhos. (consigo, contigo)
36. Ele parece carregar _____ toda a tristeza do mundo. (consigo, com nós)
37. Amigo, gostaria de falar _____ sobre um importante assunto. (com você, consigo)
38. Meu pai, você pode falar de _____. (ti, si)

Observe:

Tu estavas falando ~~**consigo**~~. **Tu** estavas falando **contigo**.
2ª 3ª 2ª 2ª

Digo a **você** que ~~**estás**~~ bonita. Digo a **você** que **está** bonita.
3ª 2ª 3ª 3ª

Referindo-se a um mesmo ser, não se misturam os pronomes **tu** e **você**. Use o **tu** apenas, ou o **você** apenas.

Prática

■ Marque **C** para certo, **E** para errado.

39. ( ) Quero (eu) falar comigo.
40. ( ) Queres (tu) falar comigo?
41. ( ) Quer (você/ele) falar comigo?
42. ( ) Quero (eu) falar contigo.
43. ( ) Queres (tu) falar contigo.
44. ( ) Quer (ele) falar contigo.
45. ( ) Quer (você) falar contigo.
46. ( ) Quero (eu) falar consigo.
47. ( ) Queres (tu) falar consigo.
48. ( ) Quer (você/ele) falar consigo.
49. ( ) Queremos falar contigo.
50. ( ) Queremos falar consigo.
51. ( ) Queremos falar conosco.
52. ( ) Queremos falar convosco.

53. ( ) Quereis falar comigo?
54. ( ) Quereis falar consigo?
55. ( ) Elas querem falar comigo.
56. ( ) Elas querem falar contigo.
57. ( ) Elas querem falar consigo mesmas.

Observe:

Ela falou ~~**conosco**~~ **mesmos**. Ela falou **com nós mesmos**.

Eu contava ~~**convosco**~~ **todos**. Eu contava **com vós todos**.

Não se usam **conosco** e **convosco** acompanhados de determinantes.

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

58. ( ) Ela falou conosco.
59. ( ) Ela falou convosco mesmos.
60. ( ) Contava conosco todos.
61. ( ) Ela falou com nós três.
62. ( ) Ela falou com vós mesmos.
63. ( ) Contava com nós todos.

Pronomes de tratamento

Os pronomes de tratamento correspondem ao modo como se tratam as pessoas, formal (cerimoniosamente) ou informalmente (intimamente). Substituem os pronomes pessoais retos de 1ª, 2ª e 3ª pessoas, mas levam o verbo e o possessivo sempre para a 3ª.

Substituindo a primeira pessoa: eu, nós:

A gente briga, diz tanta coisa.

Substituindo a segunda pessoa: tu, vós:

Você está louco! **Vossa Excelência** agiu certo.

Substituindo a terceira pessoa: ele, eles:

Sua Excelência agiu certo. **Sua Alteza** virá.

Os mais usados são:

Pronomes de tratamento	Abreviatura		Usados para:
	singular	plural	
Você	v.	vv.	Pessoas familiares, íntimas.
Senhor, Senhora	Sr., Sr^{a}.	Srs., Sras.	Pessoas com as quais se mantém um certo distanciamento respeitoso.
Vossa Senhoria	V. S^{a}.	V. S^{as}.	Pessoas de cerimônia, principalmente em textos escritos, como: correspondências comerciais, ofícios, requerimentos etc.
Vossa Excelência	V. Exª.	V. Ex^{as}.	Altas autoridades: presidente da República e vice, ministros, governadores e vice, secretários estaduais, prefeitos, membros dos tribunais regionais, dos tribunais de justiça, juízes, desembargadores, senadores, deputados, embaixadores etc.
Vossa Magnificência	V. Mag^{a}.	V. Mag^{as}.	Reitores de universidades.
Vossa Reverendíssima	V. Revm^{a}.	V. Revm^{as}.	Sacerdotes e religiosos em geral.
Vossa Excelência Reverendíssima	V. Exª. Revm^{a}.	V. Ex^{as}. Revm^{as}.	Arcebispos e bispos.
Vossa Paternidade	V. P.	VV. PP.	Superiores de ordens religiosas.
Vossa Eminência	V. Em^{a}.	V. Em^{as}.	Cardeais.
Vossa Santidade	V. S.	—	Papa.
Vossa Alteza	V. A.	VV. AA.	Príncipes e duques.
Vossa Majestade	V. M.	VV. MM.	Reis e rainhas.

Observações:

Vossa Eminência: os pronomes de tratamento iniciados por "Vossa" substituem a pessoa com quem se fala.
Sua Excelência: os pronomes de tratamento iniciados por "Sua" substituem a pessoa de quem se fala.
Nas altas esferas, as abreviaturas dos pronomes de tratamento estão sendo desaconselhadas.

Prática

■ Indique o pronome de tratamento usado para se dirigir a:

64. amigo _____
65. diretor de escola _____
66. senador _____
67. bispo _____
68. reitor de universidade _____

■ Indique o pronome de tratamento usado para se falar de:

69. diretor de escola _____
70. padre _____
71. reitor de universidade _____
72. bispo _____
73. presidente da República _____

■ Corrija os erros.

Vossa Senhoria entendeis bem nossos problemas.
74. _____
Vossa Excelência tens todos os vossos argumentos válidos.
75. _____

Pronomes demonstrativos

Os pronomes demonstrativos são os que indicam o lugar que o substantivo ocupa no espaço ou no tempo, em relação às três pessoas do discurso.

Observe os quadros:

Pronomes demonstrativos		
Pessoa	**Variáveis**	**Invariáveis**
1ª	este (esta, estes, estas)	isto
2ª	esse (essa, esses, essas)	isso
3ª	aquele (aquela, aqueles, aquelas)	aquilo

Eles demonstram:

	ESPAÇO	TEMPO	TEXTO	REFERÊNCIA AO JÁ DITO
este/isto	próximo à 1ª pessoa	presente	palavras ou ideias que serão citadas	refere-se à palavra mais próxima
esse/isso	próximo à 2ª pessoa	futuro ou passado próximos	palavras ou ideias que já foram citadas	refere-se à palavra intermediária
aquele/aquilo	distante da 1ª e da 2ª pessoa	futuro ou passado distantes	—	refere-se à palavra mais distante

Prática

NO ESPAÇO

Preencha adequadamente as lacunas com os pronomes demonstrativos, prestando atenção no significado dos advérbios e pronomes possessivos em negrito.

76. _____ livro que está **aqui** nas **minhas** mãos...
77. _____ livro que está **aí** nas **tuas** mãos...
78. _____ livro que está **aí** nas **suas** mãos...
79. _____ livro que está **lá** nas **mãos** dele...

NO TEMPO

Preencha as lacunas com os pronomes demonstrativos adequados, obedecendo às indicações de tempo.

80. Referindo-se a um passado distante:
_____ anos foram ótimos para a lavoura.

81. Referindo-se a um passado recente.
_____ ano que passou vai deixar saudade.

82. Referindo-se ao presente.
_____ ano está sendo melhor que os anteriores.

Lembre-se **disto**: "Quem espera muito, cansa".

"Quem espera muito, cansa". Lembre-se **disso**.

Prática

NO TEXTO

83. Quando se quer indicar o que se vai dizer, usa-se o demonstrativo _____, ou as variações _____, _____, _____, _____.

84. Quando se quer indicar algo que já foi dito, usa-se o demonstrativo _____ ou as variações _____, _____, _____, _____.

_____ _____ ... este ... aquele
1 2

Prática

REFERÊNCIA AO JÁ DITO

As montanhas e o céu, no horizonte, se destacavam. **Este**, azul e rosa; **aquelas**, verde cinza.

85. **Este** se refere a _____ e **aquelas** a_____.

Com três elementos

_____, _____, _____ ... este ... esse ... aquele

Prática

"As árvores, a piscina e o alpendre incluem-se no cenário que estamos visitando. **As árvores**(1), verdes, fortes, viçosas; **a piscina**(2), azul, límpida, transparente; **o alpendre**(3), ensolarado e florido..."

86. Substitua os termos numerados pelos demonstrativos compatíveis. A sequência correta é:

_____ _____ _____
1 2 3

São também usados como pronomes demonstrativos:

mesmo*	O delegado deve chamar a **mesma** testemunha.
próprio	O **próprio** partido escolherá os candidatos.
tal	Não admitirei **tal** comportamento.
semelhante	Não aceito **semelhante** resposta.
o, **a**, **os**, **as** (quando significam aquele, aquela, aquilo)	Entre todos os brinquedos, ela escolheu **o** mais caro. (**aquele** mais caro) Vi as candidatas e falei com **a** que chegou primeiro. (**aquela** que chegou primeiro) **Os** que não estudam têm mais dificuldade. (**Aqueles** que não estudam...)

***Mesmo**: para alguns gramáticos, só deve ser usado para acompanhar o substantivo,

A mesma **pessoa**... (subst.) O **assunto** mesmo... (subst.)

e não para substituir o substantivo, como em:

Encontrei a **chave**. A ~~mesma~~ estava enferrujada. Limei a ~~mesma~~.

Pronomes relativos

São os pronomes que substituem os nomes que os antecedem na frase, evitando que seja repetida uma palavra da oração anterior.

Observe os modelos:

– Comprei o livro. Você recomendou **o livro**.
  Comprei o livro **que** você recomendou.

– Voltei à cidade. Nasci **nessa cidade**.
  Voltei à cidade **onde** nasci.

– O escritor escondeu-se. A obra **desse escritor** foi condenada.
  O escritor **cuja** obra foi condenada escondeu-se.

Considere o quadro abaixo para o uso correto dos pronomes relativos.

COISA	PESSOA	LUGAR	POSSE	QUANTIDADE
que o qual	que quem o qual	onde em que	cujo	quanto

Prática

■ Construa períodos compostos com o uso dos pronomes relativos adequados.

87. Desta vez serei eu. Eu decidirei meu futuro.

_____

88. O crítico elogiou o filme. Paulo Autran participou do filme.

_____

89. O autor vive na clandestinidade. A obra desse autor foi condenada.

_____

90. Passaram as férias na praia. Eles se conheceram nessa praia.

_____

91. As tribos foram dizimadas por doenças. As tribos tiveram contato com a civilização.

_____

Observe as construções.

A menina **que** chegou primeiro foi premiada.
(a menina)

A menina de **quem** eu gosto foi premiada.
de (a menina)

A menina com **quem** eu falei foi premiada.
com (a menina)

A menina contra **a qual** eu lutei foi premiada.

contra (a menina)

A **menina** **cujo** filho esteve aqui foi premiada.

de (a menina)

Prática

O rapaz **ORAÇÃO 2** sagrou-se campeão.

■ Escreva, no lugar da oração 2, as seguintes ideias, usando adequadamente os pronomes relativos **que**, **quem** ou **cujo**.

92. Eu vi o rapaz.
O rapaz _____ sagrou-se campeão.

93. Eu falei do rapaz.
O rapaz _____ sagrou-se campeão.

94. Eu procurava pelo rapaz.
O rapaz _____ sagrou-se campeão.

95. Eu pensava no rapaz.
O rapaz _____ sagrou-se campeão.

96. Eu conheço o filho do rapaz.
O rapaz _____ sagrou-se campeão.

Pronomes Relativos e Ambiguidade

Observe:

Chegou a mãe do rapaz **a quem** devemos agradecer.
– A quem devemos agradecer? Ao rapaz ou à mãe dele?

Os primos da Ester, **de quem** Paulo nos falou, acabaram de telefonar.
– Paulo nos falou de quem? Da Ester ou dos primos dela?

Prática:

■ Reescreva, a seguir, duas vezes cada frase ambígua, uma para cada sentido, substituindo os relativos **que** e **quem** por **o qual** e suas variantes (a qual, os quais, as quais).

Chegou a mãe do rapaz que encontramos no cinema.

97. Chegou a mãe do rapaz _____ encontramos no cinema.
98. Chegou a mãe do rapaz _____ encontramos no cinema.

Este é o quarto da casa com que Julieta sonha.

99. Este é o quarto da casa _____.
100. Este é o quarto da casa _____.

A filha de Paulo, que fugiu ontem, está sem paradeiro definido.

101. A filha de Paulo, _____, está sem paradeiro definido.
102. A filha de Paulo, _____, está sem paradeiro definido.

Pronomes interrogativos

Os pronomes interrogativos aparecem nas orações interrogativas diretas e indiretas. São eles: **que**, **quem**, **qual**, **quanto**.

Prática

Interrogativa indireta: Quero saber **quem** viu o acidente.
Interrogativa direta: Quem viu o acidente?

103. Interrogativa indireta: Você não me disse **qual** o seu nome.
Interrogativa direta: _____

104. Interrogativa indireta: Indagaram **quem** os apoiaria.
Interrogativa direta: _____

105. Interrogativa indireta: A cozinheira quer saber **quantos** virão para o jantar.
Interrogativa direta: _____

106. Interrogativa indireta: Pergunto o **que** procuras aqui.
Interrogativa direta: _____

Pronomes possessivos

Pronomes possessivos referem-se às pessoas do discurso, indicando-as como possuidoras, responsáveis ou autoras de algo.

Prática

■ Faça a correspondência, segundo a ideia da palavra destacada.

107. ( ) **Minha** casa é grande.
108. ( ) Já devolveram **teus** livros?
109. ( ) Essa é a **sua** opinião.
110. ( ) Preparamos o **nosso** futuro.

(a) o possuidor é a 1ª pessoa do singular
(b) o possuidor é a 1ª pessoa do plural
(c) o possuidor ou autor é a 2ª pessoa do singular
(d) o possuidor ou responsável é a 3ª pessoa do singular

Observe os casos abaixo.
A moça pisou o **meu** pé. = pisou-**me** o pé.
Eu penteava os **seus** cabelos. = penteava-**lhe** os cabelos.
Eu deveria puxar as **tuas** orelhas. = puxar-**te** as orelhas.

O papel de pronome possessivo pode ser exercido pelos **pronomes oblíquos átonos**.

Prática

■ Ele beijou a **minha** mão. / Ele beijou-**me** a mão.

111. Rasgaram a **minha** roupa. / _____

112. Confiscaram os **seus** bens. / _____

113. Isso roubou a **nossa** vontade. / _____

■ Os possessivos podem ter outros significados. Estabeleça a correspondência adequada.

114. ( ) Manuela beirava **seus** setenta anos.
115. ( ) Ela está num dos **seus** dias. Deixe-a quieta.
116. ( ) Ele não podia envergonhar **os seus**, nem eu podia trair **os meus**.

a) Parentes, companheiros, compatriotas
b) Cálculo aproximado
c) Situação habitual

117. ( ) **Meu** caro Antônio.
118. ( ) Pode falar, **meu** general.

d) Deferência, respeito, polidez
e) Intimidade

Pronomes indefinidos

Pronomes indefinidos referem-se à terceira pessoa do discurso, de modo vago, impreciso.

Exemplos: Alguém testemunhou o acidente.

Empregados no lugar de um nome que não se pode, ou não se quer definir.

A criança quer algo.

São **pronomes indefinidos**:

INVARIÁVEIS	VARIÁVEIS	
quem	algum(a)(s)	nenhum(a)(s)
alguém	muito(a)(s)	pouco(a)(s)
ninguém	outro(a)(s)	vário(a)(s)
algo	certo(a)(s)	tanto(a)(s)
tudo	quanto(a)(s)	todo(a)(s)
nada	qualquer (quaisquer)	
cada		
outrem		

■ Sublinhe os pronomes indefinidos.

119. Quem tudo quer, tudo perde.
120. Alguns alunos acertaram várias questões.
121. Muitas crianças comem pouco.
122. Certas pessoas não falam certo.
123. Cada pessoa sabe de quanto precisa.

Locução Pronominal Indefinida

Locução pronominal indefinida é o conjunto com mais de uma palavra, funcionando como um pronome indefinido.

Prática

■ Sublinhe, a seguir, as locuções pronominais indefinidas:

124. Cada qual com seu rival.
125. Quem quer que faça isso, merecerá o apoio de cada um.
126. Pedirei desculpas a seja quem for.
127. A gente fala tanto sem pensar, que todo mundo ri antes de a gente terminar.

Prática Geral

128. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) O pronome pessoal está empregado **incorretamente** em
   a) Não consegui entendê-lo naquela confusão.
   b) É para mim fiscalizar aqueles volumes.
   c) Tudo ficou esclarecido entre mim e ti.
   d) Por favor, mande-o entrar e sentar-se.
   e) Fizeram-no esperar demais hoje.

129. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Com relação aos pronomes destacados em "ao prestar-**nos** as informações" e "ficando responsabilizado pelo que **nos** adiantar", é **incorreto** afirmar que
   a) ambos são pronomes pessoais subjetivos.
   b) ambos são formas pronominais átonas.
   c) ambos desempenham a função sintática de objeto indireto.
   d) ambos podem ser substituídos, sem alterar semanticamente a frase, por "a nós".
   e) ambos estão vinculados à mesma pessoa do discurso.

130. (PRF/N.M./ANP) A forma destacada que deve ser **evitada** é
   a) Conversou muito **com nós**.
   b) Jogaram bola **comigo**.
   c) Pensamos muito **em ti**.
   d) Meu irmão já sabe cuidar **de si**.

131. (ITA/Vest.) Qual das opções substitui corretamente as palavras destacadas?
   1. Foi-lhes fácil **fazer os exercícios**.
   2. Não obstante seja parco de recursos, **mantém as aparências**.
   3. **Expões as ideias** com lucidez.
   4. **Faz os deveres** rapidamente.
   5. Se não pretendes gastar, **põe o dinheiro** na poupança.

   a) fazerem-nos / mantenha-os / Expô-las / Fá-los-á / ponha-o.
   b) fazerem-nos / mantém-as / Expõe-nas / Faze-os / põe-lo.
   c) fazê-los / mantém-las / Expõe-as / Faça-os / põe-no.
   d) fazê-los / mantém-nas / Expõe-las / Fá-los / põe-no.
   e) fazer-los / mantém-nas / Expõe-nas / Faze-os / põe-lo.

132. (BRB/N.M./IDR) Assinale a alternativa em que os pronomes pessoais estão **corretamente** empregados.
a) Tentou, mais uma vez, remetendo o documento para mim, acabar com o clima hostil entre nós.
b) O rapaz confirmou que entregou para tu o comprovante de depósito.
c) Mandei ele aguardar até que o gerente chegasse para atendê-lhe.
d) Hoje à tarde vou encontrar ela para fecharmos o negócio.

133. (BRB/N.M./IDR) Indique a sentença em que todas as formas pronominais estão **corretas**.
a) Vossa Senhoria tem justos motivos para preocupar-se com os débitos de vossa esposa.
b) Sua Excelência sinta-se à vontade para propor-nos os termos do contrato.
c) Vossa Excelência pode viajar tranquilo, que cuidaremos de seus investimentos.
d) O chefe mandou você avisar ao assessor do Sr. Ministro que a bagagem de Vossa Excelência já foi despachada.

134. (ALCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **correta**.
a) Refiro-me ao estudo de cujo o autor não se conhece a nacionalidade.
b) Dessas questões não se tratou, as quais merecem exame acurado.
c) Esse é o escritor de que todos admiramos as obras que foram feitas as melhores referências.
d) Apenas as pessoas que concernem essas palavras devem sentir o peso de tanta indignação.

135. (ATCL-DF/N.S./IDR) De acordo com a práxis consagrada do uso dos pronomes de tratamento, assinale a alternativa **correta**.
a) Pela presente, enviamos a V. Sª a relação de seus débitos e solicitamos-lhe a gentileza de saldá-los com urgência. (correspondência comercial)
b) Vossa Alteza Real, o Príncipe de Gales, virá ao Brasil para participar da ECO-92. (nota de jornal)
c) Sua Santidade pode ter a certeza de que sua presença entre nós é motivo de júbilo e de místico fervor. (discurso pronunciado em recepcão diplomática ao Sumo Pontífice)
d) Solicito a V. Exª dignar-vos aceitar as homenagens devidas, por justiça, a quem tanto engrandeceu a pátria. (ofício dirigido a Ministro do Supremo Tribunal)

136. (ATCL-DF/N.S./IDR) Marque a opção em que houve substituição **incorreta** do termo destacado.
a) Daria **a eles** uma resposta adequada.
Dar-lhes-ia uma resposta adequada.
b) Enviamos o presente **a nossos amigos**.
Enviamos-lhes o presente.
c) Mandamos **as crianças** saírem.
Mandamos-as saírem.
d) Não pediria **isso a você** em hipótese alguma.
Não lho pediria em hipótese alguma.

137. (ATCL-DF/N.S./IDR) Se, em "... milhares de jovens e adultos que precisam frequentar, movidos pela sobrevivência, **um posto de trabalho** ou que estão impossibilitados de abandonar **suas comunidades**...", tivéssemos que substituir os segmentos destacados por pronomes, o fragmento ficaria assim redigido:
a) ... milhares de jovens e adultos que, movidos pela sobrevivência, precisam frequentá-la ou que estão impossibilitados de abandoná-las...
b) ... milhares de jovens e adultos que, movidos pela sobrevivência, precisam frequentá-lo ou que estão impossibilitados de abandoná-las...
c) ... milhares de jovens e adultos que, movidos pela sobrevivência, precisam frequentá-lo ou que estão impossibilitados de abandoná-la....
d) ... milhares de jovens e adultos que, movidos pela sobrevivência, precisam frequentá-la ou que estão impossibilitados de abandoná-la...

138. (Ag. Adm./TRT/N.M./ACCESS) Ela conhecera o poeta, _____ versos gostava e _____ estava apaixonada, na cidade _____ nascera.
As lacunas da frase acima são completadas, respectivamente, por:
a) dos quais / por quem / que.
b) de quem / por que / onde.
c) por cujos / com quem / em que.
d) de cujos / por quem / onde.
e) os quais / pelo qual / em que.

139. (AFRE-SP/N.S./92) Todos _____, Senhor Diretor, que Vossa Senhoria _____ bastante _____.
a) crêem / será / compreensivo.
b) creem / sereis / compreensiva.
c) crêm / sereis / compreensiva.
d) creem / será / compreensivo.

140. Assinale a frase que apresenta pronome pessoal oblíquo no **feminino plural**.
a) Ela apodrece ao contato com a terra.
b) Algumas gralhas morrem, outras esquecem onde enterraram os pinhões.
c) Hoje se sabe que é obra de um pássaro.
d) Durante muito tempo, não se soube explicar o fato.
e) As espingardas explodem quando eles as apontam para as gralhas azuis.

141. As formas de tratamento usadas para **cardeais** e **príncipes** são, respectivamente,
a) Alteza e Excelência.
b) Majestade e Eminência.
c) Eminência e Alteza.
d) Senhoria e Excelência.
e) Santidade e Senhoria.

142. Assinale a alternativa cuja palavra destacada é **pronome de tratamento**.
a) Oficialmente não é lugar onde **se** more.
b) A ponte é de **todos**.
c) **V. Sª** não come carne?
d) Vinha trazer-**lhe** carne.
e) **Esta** carne não está boa.

143. Na frase: "Ninguém **a** jogou ao solo", a palavra destacada é
a) substantivo.
b) pronome pessoal oblíquo.
c) preposição.
d) artigo definido.
e) pronome demonstrativo.

144. Há **erro** no emprego do pronome demonstrativo na frase:
a) Esta mesa não é nova.
b) Esse livro, aí, é muito interessante.
c) Esse papel, aqui, não serve para isso.
d) Vi aquele filme tão comentado.
e) Ouça isto: fortes chuvas deverão cair nesta tarde.

145. Assinale a alternativa que apresenta o emprego **correto** do pronome de tratamento.
a) Senhor Ministro, apresento a V. Sª a relação dos aprovados.
b) Ilustríssimo Senhor Diretor, solicitamos a V. Exª o empréstimo de microfones.
c) Sua Excelência, o chefe da seção, autorizou minha liberação.
d) Sua Alteza, a rainha da Inglaterra, compareceu à cerimônia.
e) Senhor Coordenador, é do conhecimento de V. Sª a reivindicação do pessoal.

146. Assinale a frase que se completaria com o pronome **eu**.
a) O mestre deixou os desenhos para ___ fazer.
b) ___ poderá ensaiar o desenho total da figura humana.
c) O mestre ficou entre ___ e o modelo.
d) Entre ___ e ele, você deverá escolher com quem fará o trabalho.
e) Você será atendido depois de ___.

147. A palavra **que**, no período "Os truques, que desempenham papel fundamental na realização rítmica, são de três espécies (...)" é
a) conjunção.
b) preposição.
c) pronome relativo.
d) interjeição.
e) pronome indefinido.

148. Complete as lacunas do texto abaixo e, em seguida, assinale a alternativa correspondente.
"Tenho a honra de apresentar a V. Sª a servidora MARESIA FLUTUANTE, _____ Departamento, que, em atenção ao seu ofício nº 302, de 18 de maio corrente, foi colocada à disposição _____ órgão, sem prejuízo de _____ vencimento".
a) desse / deste / teu.
b) deste / desse / seu.
c) do / deste / vosso.
d) daquele / do / teu.
e) desse / deste / meu.

149. Na frase "S. S. visitou vários países", o pronome de tratamento refere-se
a) a um sacerdote.
b) a um rei.
c) a um príncipe.
d) ao papa.
e) a um governante.

■ Use os **pronomes demonstrativos** adequados a cada caso.

150. Ser indicado para o prêmio Nobel. Por _____ ele não esperava.
151. Por _____ ele não esperava: ser indicado para o prêmio Nobel.
152. O mundo se moderniza. Num tempo como _____, é preciso estar preparado.
153. _____ livros são muito pesados. Vou largá-los aqui mesmo.
154. Brasília e Goiânia foram cidades planejadas. No entanto _____ cidades apresentam os mesmos problemas de outras capitais.
155. O problema parece ser _____: a certeza da impunidade.
156. Não houve acordo entre patrões e empregados; _____ não estavam dispostos a pagar o que _____ exigiam.
157. Deixe-me ver _____ livro que você está lendo.

■ Preencha as lacunas com os demonstrativos adequados (**este**, **esse**, **aquele** e suas variáveis).

158. Graciliano Ramos e Gilberto Gil representam épocas distintas. _____ se enquadra no regionalismo nordestino dos anos trinta, _____ pertence à atualidade.
159. As Guerras Púnicas e a Guerra das Malvinas chamaram a atenção do mundo. _____ recentemente; _____ antigamente.
160. Há três anéis. Um na minha mão, outro na sua, Maria; o terceiro está na mão da Daniela. _____ (o da Daniela) é de ouro; _____ (meu) é de prata; _____ (o que está na sua mão) é de platina.
161. Júlia e Ernesto foram ao cinema. _____ (Ernesto) saiu desiludido, enquanto _____ (Júlia) ficou maravilhada.

■ Assinale **C** ou **E**.

162. ( ) Olha, José. Preciso falar consigo.
163. ( ) Atenção, meu amigo. Tenho que conversar consigo.
164. ( ) Olha, José. Quero falar contigo.
165. ( ) Olhe, José. Quero falar contigo.
166. ( ) Olhe, José. Quero falar com você.
167. ( ) Venha, meu caro. Quero abraçar-te.
168. ( ) Venha, meu caro. Quero abraçá-lo.
169. ( ) Vem, meu caro. Quero abraçar-te.

■ Ofício de uma escola para a Secretaria de Fazenda – Use o demonstrativo **correto**.

170. Informamos que _____ Secretaria foi avisada do que ocorreu _____ escola, em fax da semana passada.

Numeral

DEFINIÇÃO E CLASSIFICAÇÃO

Prática

Assinale **C** ou **E**.

1. ( ) Numeral, palavra que tem como referente um número.
2. ( ) Numeral cardinal denota quantidade: um, dez, cem...
3. ( ) Numeral ordinal denota quantidade.
4. ( ) Numeral ordinal denota ordem, posição numa sequência: primeiro, décimo...
5. ( ) Numeral multiplicativo indica multiplicação: dobro, quíntuplo...
6. ( ) Numeral fracionário indica parte ou fração: meio, terço, onze avos...

Conclusão:

Numeral é a palavra que se refere a número.
Classificam-se os numerais em: cardinais, ordinais, multiplicativos e fracionários.

PAPEL DOS NUMERAIS

Numeral substantivo e *numeral adjetivo*

Quando o numeral é usado com o **papel de substituir o substantivo**, chama-se **numeral substantivo**.

Havia muitas camisas. Comprei **cinco** (camisas).

Quando o numeral é usado com o **papel de acompanhar o substantivo**, chama-se **numeral adjetivo**.

Escolhi **dois** sapatos.

EMPREGO DOS NUMERAIS

Escreva na coluna adequada os ordinais, multiplicativos e fracionários.

	Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
7.	um		_____	_____
8.	dois			
9.	três			
10.	quatro			
11.	cinco			
12.	seis			
13.	sete			
14.	oito			
15.	nove			
16.	dez			
17.	onze			
18.	doze			
19.	treze		_____	
20.	catorze		_____	
21.	quinze		_____	
22.	dezesseis		_____	
23.	dezessete		_____	
24.	dezoito		_____	
25.	dezenove		_____	
26.	vinte		_____	*
27.	trinta		_____	*
28.	quarenta		_____	*
29.	cinquenta		_____	*
30.	sessenta		_____	*
31.	setenta		_____	*
32.	oitenta		_____	*
33.	noventa		_____	*
34.	cem			*
35.	duzentos		_____	*
36.	trezentos		_____	*
37.	quatrocentos		_____	*
38.	quinhentos		_____	*
39.	seiscentos		_____	*
40.	setecentos		_____	*
41.	oitocentos		_____	*
42.	novecentos		_____	*
43.	mil		_____	*
44.	milhão		_____	*
45.	bilhão		_____	*
46.	trilhão		_____	*

Observação:

Os fracionários que no quadro da página anterior têm asterisco (*) devem usar a forma igual à dos ordinais quando são múltiplos exatos de 10 ou 100: **vigésimo**, **trigésimo**, **centésimo**, **quingentésimo**...
Se não são múltiplos exatos de 10 ou 100, usam a forma igual à dos cardinais seguida da expressão **avos**: **vinte e três avos**, **cento e cinco avos**, **quinhentos e quatro avos**...

Prática

■ Assinale **C** ou **E** para os ordinais correspondentes aos seguintes números:

47. ( ) 1886 – Ele chegou no milésimo octingentésimo octagésimo sexto lugar.
48. ( ) 999 – Ela ocupava a noningentésima nonagésima nona cadeira.
49. ( ) 777 – Ele foi o setingentésimo setuagésimo sétimo a entrar.
50. ( ) 444 – Ela comprou o quatringentésimo quadragésimo quarto bilhete.

■ Assinale **C** ou **E**.

51. ( ) Octagésimo é variante de octogésimo.
52. ( ) Quatorze é variante de catorze.
53. ( ) Quatorzeno e terzeno são variantes pouco usadas de décimo quarto e décimo terceiro.
54. ( ) Novena, dezena, década, dúzia, trezena, quinzena, vintena, centena, cento, lustro, milhar, milheiro, par,... funcionam como substantivos coletivos, mas, por denotarem quantidade exata de seres, são também chamados de numerais coletivos.
55. ( ) Os numerais coletivos são invariáveis.

Para responder às questões de 56 a 59, observe este quadro:

3		3	.	2		2		4	.	1		2		3
														três
												vinte	**e**	três
										cento	**e**	vinte	**e**	três
								quatro mil	,	cento	**e**	vinte	**e**	três
						vinte	**e**	quatro mil	,	cento	**e**	vinte	**e**	três
				duzentos	**e**	vinte	**e**	quatro mil	,	cento	**e**	vinte	**e**	três
trinta	**e**	três milhões	,	duzentos	**e**	vinte	**e**	quatro mil	,	cento	**e**	vinte	**e**	três
dezena de milhão		unidade de milhão		centena de milhar		dezena de milhar		unidade de milhar		centena		dezena		unidade

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

56. ( ) Centenas, dezenas e unidades separam-se com **e**.
57. ( ) Milhares, milhões, bilhões separam-se com vírgula.
58. ( ) Ponto no número transforma-se em vírgula no numeral.
59. ( ) Usa-se a conjunção **e** para separar as centenas das dezenas; as dezenas das unidades; as unidades dos decimais...

■ Escreva por extenso.

60. 24.132.436 _____
_____

61. 22.333.432.123 _____
_____
_____

Atenção:

1.001 mil **e** um
1.200 mil **e** duzentos
8.096 oito mil **e** noventa e seis.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

62. ( ) Quando a última centena começa com zero, a vírgula que se seguiria ao milhar é substituída por **e**.
63. ( ) Quando a última centena termina com dois zeros, a vírgula que se seguiria ao milhar é substituída por **e**.

■ Escreva os numerais correspondentes aos seguintes algarismos.

64. 9.056 _____
65. 9.006 _____
66. 9.156 _____
67. 9.320 _____
68. 9.300 _____

■ Escreva nos espaços os fracionários dos algarismos que estão entre parênteses.

69. Ela comprou (1/3) _____ da fazenda.
70. Ela comprou (2/3) _____ da fazenda.
71. Ela comprou (5/8) _____ da fazenda.
72. Ela comprou (1/8) _____ da fazenda.
73. Ela comprou (3/11) _____ da fazenda.

74. Ela comprou (1/20) _____ da fazenda.
75. Ela comprou (7/30) _____ da fazenda.
76. Ela comprou (4/33) _____ da fazenda.
77. Ela comprou (11/200) _____ da fazenda.
78. Ela comprou (13/220) _____ da fazenda.

■ Quanto à flexão dos numerais, assinale **C** ou **E**.

79. ( ) Variam em gênero: **um**, **dois**, **três**.
80. ( ) Variam em gênero: **um**, **dois** e as centenas de duzentos em diante.
81. ( ) Variam em gênero as dezenas.
82. ( ) Os ordinais variam em gênero e número, normalmente.
83. ( ) **terçã** e **quartã** (formas em desuso) só variam em número (singular e plural).
84. ( ) Os ordinais variam em gênero e número.
85. ( ) Os cardinais terminados em **-lhão** admitem plural.
86. ( ) **bilhão** tem como variante **bilião**.
87. ( ) **milhão** tem como variante **milião**.
88. ( ) **trilhão** tem como variante **trilião**.
89. ( ) Em abril, chuvas **mil**. A expressão em destaque deixa de ser numeral para ser indefinida.

Atenção:

No *Manual de Redação da Presidência da República*, há as seguintes recomendações:

– "Os numerais devem ser escritos por extenso quando constituírem uma única palavra ('quinze'; 'trezentos'; 'mil' etc.); quando constituírem mais de uma, devem ser grafados em algarismos ('25', '142' etc.)";

– "Os numerais que indiquem porcentagem seguem a mesma regra: a expressão 'por cento' será grafada por extenso se o numeral constituir uma única palavra ('**quinze** por cento', '**cem** por cento'), e na forma numérica seguida do símbolo '%' se o numeral constituir mais de uma palavra ('142%', '57%' etc.)";

– "Valores monetários devem ser expressos em algarismos seguidos da indicação, por extenso, entre parênteses: R$1.000.000,00 (um milhão de reais). Se o valor a ser mencionado estiver localizado no final de uma linha, não o separe; coloque o cifrão em uma linha e os algarismos na seguinte"; (texto adaptado)

– "Nas datas, o mês deve ser grafado por extenso, e o dia, sem o algarismo **0** à esquerda: '3 de setembro de 2006' e não '03 de setembro de 2006' ". (texto adaptado)

Designando papas, soberanos, séculos, partes de uma obra, usam-se os **ordinais** até **décimo**; daí em diante, **os cardinais**. Porém, se o numeral antecede o substantivo, emprega-se o ordinal: **vigésimo** século, **décimo sexto** capítulo, **décimo primeiro** canto.

Prática

■ Escreva como devem ser lidos os numerais correspondentes aos algarismos romanos.

90. Pio XI _____
91. Pedro II _____
92. Canto VI _____
93. Século XX _____
94. Século X _____
95. Capítulo X _____
96. Capítulo XI _____
97. Pio X _____
98. Canto XI _____

Na numeração de artigos de leis, decretos e portarias, usa-se o **ordinal** até **nono**; daí em diante, os **cardinais**.

Prática

■ Continue.

99. Art. (1) _____
100. Art. (9) _____
101. Art. (10) _____
102. Art. (25) _____

Na referência aos dias do mês, usam-se os cardinais, exceto para o **primeiro**.

Prática

■ Continue.

103. ...no dia (1) _____ de maio...
104. ...no dia (2) _____ de fevereiro...
105. ...no dia (25) _____ de junho...
106. ...no dia (31) _____ de janeiro...

Com referência a páginas e folhas, a apartamentos, quartos de hotelaria, cabines de navio, poltronas de casas de espetáculo, veículos de transporte... usam-se os cardinais. Porém, se o numeral vier anteposto, usa-se o ordinal: terceira poltrona, oitava cabine, vigésima folha.

Prática

■ Continue.

107. Casa (1) _____
108. Folha (1) _____
109. Quarto (1) _____
110. Apartamento (1) _____
111. Cabine (1) _____
112. Folha (2) _____
113. Cabine (9) _____
114. Casa (22) _____
115. Quarto (10) _____

■ Continue.

116. Ela hoje completa o (1757) _____ _____ ano de existência.
117. Eu cheguei em (486) _____ _____ lugar.
118. R$ 8.723.846.123,35 (_____ _____)
119. Comprei (5/200) _____ daquela área.
120. Ele vendeu (18%) _____ de suas ações.

■ Assinale **C** ou **E**.

121. ( ) O novo sócio adquiriu mil trezentos e vinte e duas cotas.
122. ( ) Gênova, 05 de outubro de 1999.
123. ( ) Nem um de vocês conseguiu alcançar a meta?
124. ( ) Nenhum de vocês conseguiu alcançar a meta?
125. ( ) Comprei um dez avos da boiada.
126. ( ) Ocorria isso por volta do século dez depois de Cristo.
127. ( ) Para que andar o senhor vai? — Para o dezoito andar.
128. ( ) Estamos aqui na quarenta e dois DP.
129. ( ) Aos dezenove dias do mês de fevereiro do ano de mil novecentos e quarenta e dois...

■ Responda.

130. Se as frases 123 e 124 estão certas, há diferença de sentido entre elas?
Resp.: _____

O e UM: artigo, pronome, ou numeral?

Artigos só existem dois: o definido **o** (a, os, as) e o indefinido **um** (uma, uns, umas).

O (artigo definido, ou pronome)

Como o artigo só existe antes de um substantivo, toda vez que **o** (a, os, as) não anteceder um substantivo, será pronome.

Exemplos de artigo definido, com os seus substantivos sublinhados:
O bom menino sonhava com ***a*** muitas vezes amada Julieta...
Os quatro irmãos analisavam ***as*** oportunidades...

Exemplos de pronomes:
Chamei-***o(s)***, mas não sei ***o*** que queres com eles.
As moças vieram, exceto ***as*** que não foram convidadas.

UM (artigo indefinido, ou pronome indefinido, ou numeral)

Toda vez que o indefinido **um** (uma, uns, umas) não anteceder um substantivo, será pronome:

Exemplos de artigo indefinido, com os seus substantivos sublinhados:
Era ***uma*** vez ***um*** calmo estudante que achou ***umas*** pérolas barrocas e ***uns*** interessantes gravetos.

Exemplos de pronome indefinido:
Ei! meninos, quero ***um*** que me ajude...
Havia ***várias*** meninas, ***umas*** alegres, ***outras*** tristes...
Uns acreditam, ***outros***, não.

Quando **um** (uma, uns, umas) não for indefinido, dará ideia de número preciso, então não pode ser artigo ou pronome indefinido, mas numeral.

Exemplos de numeral:
Quero só ***um*** exemplo.
Das três moças, ***uma*** se retirou.

Atenção:

O numeral **um** não tem plural. Sempre **uns** é indefinido.

Verbo

DEFINIÇÃO PROVISÓRIA

Observe as palavras em negrito:

Nós **confiamos** no presente.
Ele **chegou** à fazenda de madrugada.
Elas **estão** felizes.
Choverá muito à noite.

Prática

Assinale **C** ou **E** para as afirmações acerca das palavras em negrito.

1. ( ) São variáveis em **tempo**.
2. ( ) São **invariáveis**.
3. ( ) Variam em **gênero** (masculino/feminino).
4. ( ) Variam em **número** (singular/plural).
5. ( ) Variam em **pessoa** (1ª/2ª/3ª).
6. ( ) **Chegou** traduz ideia de ação.
7. ( ) **Estão** indica fenômeno da natureza.
8. ( ) **Estão** traduz ação.
9. ( ) **Choverá** traduz fenômeno da natureza.
10. ( ) **Estão** traduz ideia de estado.

Verbo é a palavra, variável em tempo, que exprime **ideia de ação**, **estado ou fenômeno**.

ESTRUTURA DOS VERBOS – CONJUGAÇÕES

	TEMA		
	RADICAL	VOGAL TEMÁTICA	DESINÊNCIA
1ª conj.	am	a	r
2ª conj.	vend	e	r
3ª conj.	part	i	r

Prática

■ Assinale **C** ou **E** para certo ou errado.

11. ( ) O **radical** contém a base da significação.
12. ( ) A vogal temática determina a **conjugação** (1ª, 2ª, 3ª).
13. ( ) Para achar-se o radical, tira-se **-ar**, **-er**, **-ir** do infinitivo dos verbos regulares.
14. ( ) Radical + vogal temática = **tema**.
15. ( ) Nos verbos regulares, tirando-se o **r** do infinitivo obtém-se o tema.
16. ( ) O verbo **pôr** pertence à quarta conjugação.
17. ( ) O verbo **pôr** é uma anomalia da segunda conjugação. Antigamente era **poer**, por isso a existência de palavras como **poedeira**, **poente**.

NÚMEROS E PESSOAS VERBAIS – DESINÊNCIAS

PESSOA	NÚMERO	
	SINGULAR	PLURAL
1ª	eu FAL**O**	nós FALA**MOS**
2ª	tu FALA**S**	vós FALA**IS**
3ª	ele FALA Ø	eles FALA**M**

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

18. ( ) A parte do verbo assinalada em **negrito** indica se o verbo está no singular ou plural (**número**).
19. ( ) Indica também se o verbo está conjugado na 1ª, 2ª ou 3ª **pessoa**.
20. ( ) Por isso se chama **desinência número-pessoal**.
21. ( ) Na terceira pessoa do singular, nesse tempo, a desinência número-pessoal é Ø.

O verbo varia em número (singular e plural) e pessoa (primeira, segunda, terceira). O que indica essas variações são as desinências.

Quadro de desinências número-pessoais

		INDICATIVO		
número	pessoa	presente	pretérito perfeito	futuro do presente
singular	1ª	o	i	ei
	2ª	s	ste	ás
	3ª	∅	u	á
plural	1ª	mos	mos	-emos
	2ª	is/des	stes	-eis
	3ª	m	ram	ão

■ Observe o quadro acima e responda **C** ou **E**.

22. ( ) Esse quadro se refere a três tempos do modo indicativo: presente, pretérito perfeito e futuro do presente.
23. ( ) Tais desinências se chamam número-pessoais, porque indicam a pessoa verbal e informam seu número (singular ou plural).
24. ( ) As desinências verbais **s** e **ás** (amas, amarás) indicam 2ª pessoa do plural.
25. ( ) As desinências verbais **s**, **ste** e **ás** indicam 2ª pessoa do singular.
26. ( ) As formas verbais terminadas em **m** e **ão** indicam 3ª pessoa do plural.

MODOS VERBAIS

Indicativo, subjuntivo, imperativo

Prática

■ Observe os sentidos dos verbos destacados e responda **C** ou **E**.

a) Juliana **chega** hoje à noite.
b) Espero que Juliana **chegue** hoje à noite.
c) **Chegue** cedo, Juliana!

27. ( ) Em *a*, o sentido é de afirmação, certeza, convicção.
28. ( ) Em *b*, o sentido é de possibilidade, dúvida.
29. ( ) O modo verbal que denota convicção, certeza, chama-se **indicativo**.
30. ( ) O modo verbal que denota dúvida, possibilidade, chama-se **imperativo**.
31. ( ) O modo verbal que denota possibilidade, dúvida, chama-se **subjuntivo**.
32. ( ) **Subjuntivo** (que se junta sob) permite concluir que normalmente se encontra em orações subordinadas.

33. ( ) Em *c*, dependendo da entonação, o verbo pode expressar um pedido, uma súplica ou uma ordem.
34. ( ) Em *c*, o verbo está no modo **imperativo**.

35. Correlacione corretamente as colunas quanto a sentido e modo verbais.

a) certeza	( ) indicativo
b) dúvida	( ) imperativo
c) ordem ou pedido	( ) subjuntivo

Subjuntivo não subordinado

O subjuntivo pode ser usado sozinho sem depender de outra oração.

Prática

36. Correlacione as colunas adequadamente.

a) subjuntivo em frase optativa*	( ) Talvez não se chegue a esse ponto.
b) subjuntivo expressando dúvida	( ) Deus a abençoe, minha filha.
	( ) Que a felicidade seja sempre sua companheira.

O verbo é variável também em modo. São três os modos verbais:
Modo Indicativo: exprime certeza, convicção;
Modo Subjuntivo: usado para orações subordinadas, para frases optativas, ou para expressar dúvida;
Modo Imperativo: denota pedido, súplica, ou imposição.

TEMPOS VERBAIS

Presente, pretérito e futuro

Antes			Agora	Depois
Pretérito	←		**Presente**	→ Futuro
perfeito amei			amo estou amando	amarei vou amar
imperfeito ...amava... ...estava amando...				
mais-que-perf.	←	→	fut. do pret.	
amara	←	→	amaria...	
tinha amado	←	→	ia amar...	

* *Vide*, em *Análise Sintática Visual*, Frase, Oração, Período: Frase quanto ao sentido.

Presente e pretérito (passado) do indicativo

Prática

a) Hoje me **sinto** bem neste local.
b) Quando me **mudei** para cá, **vim** a convite de minha tia, que **morava** aqui e **chegara** três anos antes.
c) Nem eu nem ela **sabíamos** que a minha vinda transformaria por completo a aparência do lugar em menos de um ano.

■ Assinale **C** ou **E**.

37. ( ) Em *a*, o verbo refere-se ao tempo presente, isto é, a ação acontece enquanto o emissor fala.
38. ( ) Em *b* e *c*, os verbos fazem referência ao tempo pretérito (passado), ou seja, as ações aconteceram antes do momento em que o emissor fala.
39. ( ) **morava** e **sabíamos** indicam que essas ações estavam em andamento dentro do passado (pretérito).
40. ( ) **mudei** e **vim** referem-se a ações passadas e concluídas.
41. ( ) *Perfectus*, em latim, significa "terminado", "concluído", "acabado".
42. ( ) Por isso, **mudei** e **vim** situam-se no **pretérito perfeito**.
43. ( ) Se "perfeito" significa "terminado", "concluído", "imperfeito" significa "em andamento", "não terminado".
44. ( ) **morava** e **sabíamos** situam-se, então, no **pretérito imperfeito**.

■ Atente agora para o verbo **chegara** em relação a **mudei** e **vim**.

45. ( ) **chegara** faz referência a uma ação já pretérita em relação a outro pretérito (**mudei** e **vim**).
46. ( ) Trata-se, então, de um pretérito anterior a um pretérito perfeito.
47. ( ) Por isso, **chegara** exemplifica o tempo verbal que se chama **pretérito mais-que--perfeito**, pois indica uma ação concluída antes de outra também já concluída.

■ Observe, ainda, **transformaria** em relação a **sabíamos**.

48. ( ) Nem um dos dois se encontra no pretérito.
49. ( ) Ambos situam-se no pretérito.
50. ( ) **transformaria** refere-se a um futuro dentro do pretérito.
51. ( ) A indicação de tempo de **transformaria** é exemplo do que se chama **futuro do pretérito**, porque denota uma ação futura dentro do passado.

Presente e futuro do presente do modo indicativo

Prática

a) Judite **gosta** de Gustavo e **quererá** ir com ele ao teatro.
b) Judite **está gostando** de Gustavo e **vai querer** ir com ele ao teatro.
c) Judite **gosta** de estudar.

■ Assinale **C** ou **E**.

52. ( ) Em *a*, **gosta** é um verbo flexionado no **presente**, porque denota um sentimento que acontece no **momento em que se fala**.
53. ( ) Em *a*, **quererá** é um verbo articulado no **futuro**, porque denota um sentimento, uma vontade que só vai acontecer **depois do momento em que se fala**.
54. ( ) Em *b*, **está gostando** é uma locução verbal no presente do indicativo, enquanto **vai querer** é uma locução verbal no futuro.
55. ( ) O presente do indicativo em **gosta**, **está gostando** transmite também uma ideia de ação contínua.

O verbo ainda varia em tempo:
Tempo presente: acontece quando se fala. Pode denotar ação momentânea ou contínua;
Tempo pretérito: aconteceu antes do momento em que se fala. Subdivide-se em **Pretérito perfeito**, **pretérito imperfeito**, **pretérito mais-que-perfeito** e **futuro do pretérito**;
Tempo futuro: acontecerá depois do momento em que se fala.

CORRELAÇÃO DE TEMPOS OU *CONSECUTIO TEMPORUM*

Atenção:

Futuro do pretérito pertence ao pretérito, como o nome sugere, por isso, relaciona-se bem com a oração subordinada no **pretérito** imperfeito do subjuntivo: **iria, se pudesse**.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, conforme convenha.

56. ( ) Se nós podemos, compraríamos.
57. ( ) Se vocês podem, comprarão.
58. ( ) Se eles quisessem, compraríam.

Já, o futuro do presente adéqua-se bem com o futuro do subjuntivo: **irei, se puder**.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, conforme convenha.

59. ( ) Se eles poderão, comprarão.
60. ( ) Quando eles podem, comprarão.
61. ( ) Quando eles puderem, comprarão.

A *consecutio temporum* (pronúncia: consecúcio têmporum), ou *correlação de tempos* da norma culta da Língua Portuguesa, acontece em outros tempos e modos.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, conforme convenha.

62. ( ) Todos ficamos absolutamente tranquilos porque eles tivessem chegado bem cedo.
63. ( ) Ninguém podia comentar, sequer em voz baixa, pois os outros podiam estar ouvindo.
64. ( ) Todos resolveram combinar a compra dos ingressos com antecedência, porque deveria esgotar-se logo a venda.
65. ( ) É muito possível, na opinião da maioria dos presentes, que Maria, embora sem convite, chega mais cedo.
66. ( ) Ela estaria certíssima se estivesse falado antes com o irmão.
67. ( ) Se me ouvisses, como todos te aconselharam, chegarias primeiro.
68. ( ) Se me ouves, não tenho a menor dúvida, chegas primeiro.
69. ( ) Se me tivesses ouvido, terias chegado primeiro.
70. ( ) Se me tivesses ouvido, chegaste primeiro.
71. ( ) Por me teres ouvido, chegaste primeiro.

■ Corrija a correlação de tempos, se necessário.

72. O pai aconselhou que o menino saía de casa.

_____

73. No dia em que não me sinta mais feliz, vou mudar de vida.

_____

74. No dia em que não me sentir mais feliz, vou mudar de vida.

_____

75. Todos os dias, chova ou faça sol, eu ia à cachoeira mais perto de casa.

_____

76. Pena era que os meninos estejam tão mal vestidos quando eu os visitei.

_____

77. Pena será se os meninos estejam mal vestidos quando eu os visitar.

_____

QUADRO DE DESINÊNCIAS MODO-TEMPORAIS E NÚMERO-PESSOAIS

Infinitivo impessoal	Gerúndio	Particípio
r	ndo	do/to/so

Número	Pessoa	Infinitivo Pessoal	Imperfeito do Indicativo	Imperfeito do Subjuntivo	Mais-q.-perf. do Indicativo	Futuro do Pretérito	Futuro do Subjuntivo
SING.	1ª	r	va ia	sse	ra	ia	r
	2ª	r es	va ia s	sse s	ra s	ia s	r es
	3ª	r	va ia	sse	ra	ia	r
PLUR.	1ª	r mos	va ia mos	sse mos	ra mos	ía mos	r mos
	2ª	r des	ve ie is	sse is	re is	íe is	r des
	3ª	r em	va ia m	sse m	ra m	ia m	r em

Prática

■ Observe as desinências no quadro anterior e responda **C** ou **E**.

78. ( ) **amado**, **coberto** e **aceso** são exemplos de particípio.
79. ( ) O particípio é variável em gênero (amada, coberta, acesa) e número (amados, cobertos, acesas).
80. ( ) A desinência **s**, no particípio, marca plural, como nos adjetivos: **belos**, **ricos**.
81. ( ) A terminação **s** sempre marca plural, tanto nos verbos, como nos nomes (substantivo, adjetivo...)
82. ( ) O gerúndio é variável em número e pessoa, porque é uma forma verbal.
83. ( ) O gerúndio é invariável em número e pessoa.
84. ( ) Existe um infinitivo variável em número e pessoa, e outro infinitivo invariável.
85. ( ) **Quando eu amar**... tem o verbo no infinitivo.
86. ( ) As formas verbais **amar**, **amardes** podem indicar infinitivo pessoal ou futuro do subjuntivo.
87. ( ) As formas verbais **quiser**, **quiserdes** podem indicar também infinitivo pessoal ou futuro do subjuntivo.
88. ( ) **Querer**, **quererdes** estão no infinitivo, assim como **quiser**, **quiserem** estão no futuro.
89. ( ) As desinências fixas **-r**, **-ndo**, **-va**, **-ia**, **-sse**, **-ra** indicam número (singular e plural) e pessoa (1ª, 2ª, 3ª).
90. ( ) As desinências fixas **-r**, **-ndo**, **-va**, **-ia**, **-sse**, **-ra** são modo-temporais, pois indicam modo e/ou tempo.
91. ( ) A desinência modo-temporal do imperfeito do indicativo pode ser **-va** (amá**va**mos) ou **-ia** (faz**ia**m).
92. ( ) Na 2ª pessoa do plural, o **-a** das desinências modo-temporais, por ser átono, transforma-se em **e** ao se juntar ao **i** da desinência número-pessoal **is**.
93. ( ) Amá**va**mos, amá**ve**is; puder**as**, pudé**re**is; pod**ia**m, pod**íe**is são exemplos que justificam a afirmação anterior.

VOZES VERBAIS

Veja esta cena:

Qualquer observador pode comunicar a ação que nela se passa. Se, inconscientemente, ele enfatiza a planta, possivelmente dirá:

— A **planta** está sendo regada pelo homem.

Se, contudo, ressalta o ser humano, provavelmente dirá:

— O **homem** está regando a planta.

O falante coloca como sujeito o que lhe parece ser mais importante, extrai-se daí que sujeito é posição de destaque psicológico. Quando se escolhe para sujeito o agente da ação, usa-se a **voz ativa** do verbo. Quando se emprega como sujeito o alvo ou paciente da ação, tem-se a **voz passiva**.

Prática

■ Compare estas cenas e responda:

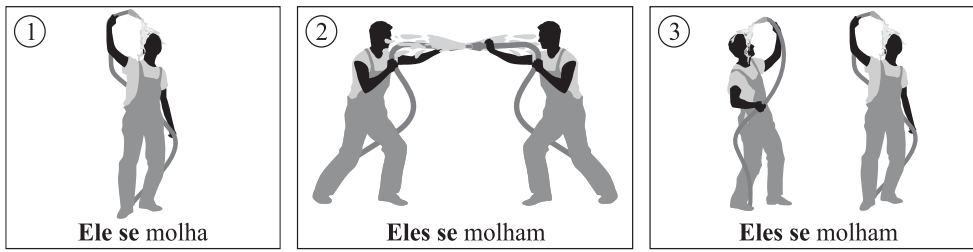

94. Em que cena(s) os pronomes **ele(s)** e **se** têm o mesmo referente, isto é, se referem ao mesmo indivíduo? Resp.: _____.
95. Em que cena(s) os pronomes **ele(s)** e **se** representam reciprocidade de ações, troca de ações? Resp.: _____.
96. Você classifica como **voz reflexiva recíproca** o verbo que se encontra na frase da cena número: _____.
97. Você denomina simplesmente **voz reflexiva** a do(s) verbo(s) que se encontra(m) na(s) cena(s) número: _____.
98. As frases 2 e 3 são iguais e ambíguas. Se dissermos "José e João se molham", ocorrerá novamente ambiguidade. Qual é o duplo sentido? Resp.: _____ _____.
99. Como se deve fazer para evitar ambiguidade com uso do verbo na voz reflexiva? Resp.: _____.

Observe os gráficos e assinale **C** ou **E** nos parênteses das afirmações a seguir.

Voz ativa

Sujeito só pratica a ação.

Voz passiva

Sujeito só recebe a ação.

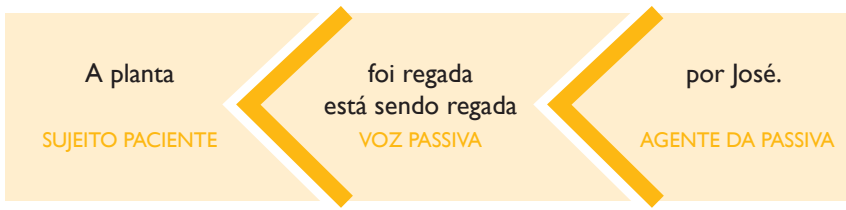

100. ( ) Voz ativa e passiva dizem exatamente a mesma coisa.
101. ( ) Voz ativa e passiva são visões diferentes de um mesmo fato.
102. ( ) Na voz ativa, o sujeito é agente da ação verbal.
103. ( ) Na voz passiva, o sujeito é paciente.
104. ( ) O verbo **ser** é usado como auxiliar da voz passiva.
105. ( ) Na passiva, o verbo **ser** assume o tempo e o modo do verbo principal da ativa.
106. ( ) O verbo principal da ativa, na passiva, vai para o particípio.

Voz passiva e passividade

Prática

■ Observe os exemplos de verbos destacados e responda **C** ou **E**.

Quando se fala em passividade, fala-se que o sujeito recebe e não pratica a ação verbal. Há, porém, verbos que denotam passividade mesmo na voz ativa:

I – Ele **recebeu** um presente.
II – Ele **doou** um presente.
III – Um presente **foi recebido** por ele.
IV – Um presente **foi doado** por ele.

107. ( ) Em I, o verbo denota passividade do sujeito.
108. ( ) Em II, o verbo denota atividade do sujeito.
109. ( ) Em III e IV, os sujeitos são pacientes e não agentes da ação verbal.
110. ( ) Os verbos de I, III e IV estão, portanto, na voz passiva.
111. ( ) Voz passiva não é a ideia de passividade, mas uma **forma** que o verbo assume.
112. ( ) O verbo assume a forma de voz passiva com a partícula apassivadora **se** ou com o auxiliar **ser**. (Alguns gramáticos aceitam também o verbo **estar** como auxiliar de voz passiva.)
113. ( ) Os verbos dos exemplos I e II estão na voz ativa, enquanto os das frases III e IV estão na voz passiva.

Voz passiva é uma **forma** verbal. Passividade é ideia. "Ele **recebeu** um presente" tem o verbo na forma ativa, embora traga ideia de passividade.

Voz passiva analítica

v. auxiliar + v. principal
ser no particípio

A casa **foi derrubada**.
ser + particípio

Voz passiva sintética

verbo + se *(apassivador)* **+ sujeito paciente**

Derrubou-se a casa.
sujeito paciente
apassivador

Voz reflexiva

Sujeito agente e objeto paciente representam a mesma pessoa.

José	feriu	-se.
SUJEITO AGENTE	VOZ REFLEXIVA	OBJETO PACIENTE

se representa José.

Voz reflexiva recíproca ou apenas recíproca

O sujeito representa dois ou mais seres que trocam ação entre si, por isso o verbo tem de estar no plural.

José e Daniela se beijaram.
Eles se beijaram.

O verbo tem capacidade de variar em voz:
Voz Ativa: o sujeito pratica a ação verbal;
Voz Passiva: o sujeito sofre a ação verbal;
Voz Reflexiva: o sujeito e o alvo da ação são o mesmo ser;
Voz Recíproca: há troca de ação entre dois ou mais seres.

Mudança de voz

Na mudança de voz, só se alteram o sujeito, o verbo e o objeto direto. Sublinhe-os e trabalhe só com eles. Todos os outros termos permanecem inalterados.

Passagem da ativa para a passiva analítica

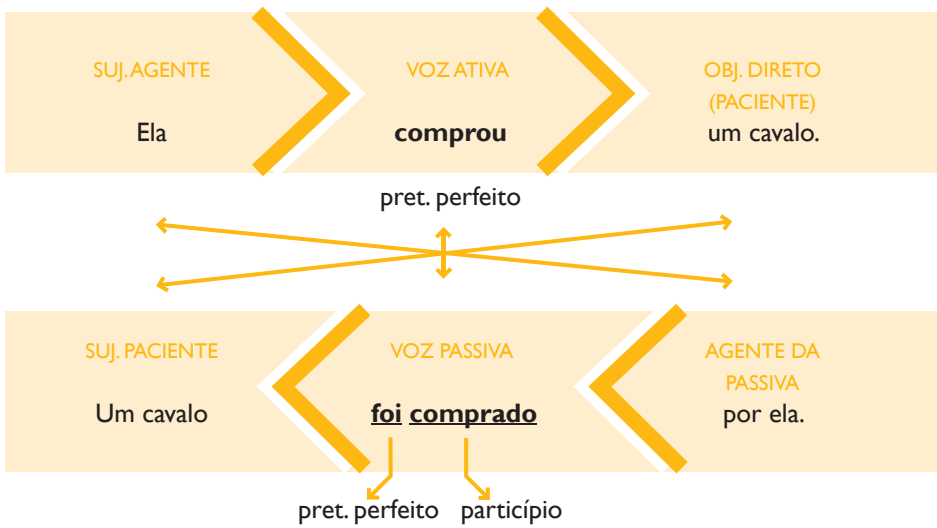

Prática

■ Julgue **C** ou **E**.

114. ( ) O objeto direto paciente da **ativa** (sem preposição) vira sujeito da **passiva**.
115. ( ) O sujeito agente (sem preposição) recebe a preposição **por** e vira agente da passiva.
116. ( ) O verbo da ativa vai para o **particípio** (comprado) tendo como auxiliar o verbo **ser**. O verbo **ser** acompanha o tempo do verbo da ativa (comprou = foi).

■ Transforme em **passiva analítica**.

117. Ele traz um presente. _____

118. Ela trará soluções. _____
119. Ela trazia perfume _____
120. Ela traria perfumes. _____

■ Siga o modelo.
Ela está trazendo um perfume.
Um presente está sendo trazido por ela.
121. Ela esteve trazendo uns presentes.
_____
122. Ela estará trazendo um presente.
_____
123. Ela estaria trazendo uns presentes.
_____
124. Ela deverá estar trazendo um presente.
_____

Conclusão:

Quando a locução verbal ativa termina em **gerúndio**, na passiva esse gerúndio vira particípio antecedido pelo gerúndio do verbo ser.

Passagem da ativa para a passiva sintética

SUJ. INDET.	VOZ ATIVA	OBJ. DIRETO (PACIENTE)
?	**Compraram**	um cavalo.

SUJ. PACIENTE	VOZ PASSIVA	AGENTE INDETERMINADO
Um cavalo	**comprou-se**	?

■ Observe e continue.

OBJ. DIRETO PACIENTE	→	**SUJEITO PACIENTE**
Trouxeram **um presente**.	→	Trouxe **um presente**.

125. Procuravam solução. → _____
126. Pediram um favor. → _____
127. Fabricarão barco aqui. → _____

OBJ. DIRETO PACIENTE	→	SUJEITO PACIENTE
Trouxeram **dois presentes**.	→	Trouxeram-se **dois presentes**.

128. Procuravam soluções. → _____
129. Pediriam uns presentes. → _____
130. Fabricarão barcos aqui. → _____

■ Observe e responda **C** ou **E**.

a. Falaram **de** você.
b. Alugam **por** centavos.
c. Pensam **em** reformas.
d. Falou-se **de** você.
e. Aluga-se **por** centavos.
f. Pensa-se **em** reformas.

131. ( ) No esquema anterior, só admite **voz passiva** a frase que na ativa tem objeto (direto) paciente.
132. ( ) Só existe **voz passiva** se existe sujeito paciente.
133. ( ) Os exemplos **c**, **d** e **e** estão na **voz passiva**.
134. ( ) Sujeito não começa por **preposição**.
135. ( ) Os exemplos **a**, **b** e **c** estão na **voz passiva**.
136. ( ) **a**, **b** e **c** não podem estar na voz passiva porque não têm **sujeito paciente**.
137. ( ) "**de** você", "**por** centavos", "**em** reformas" não podem ser objeto direto nem sujeito por causa das preposições.
138. ( ) Todas as frases, de **a** a **f**, têm, portanto, **sujeito indeterminado** e não têm voz passiva.

■ Quais as frases que estão na **voz passiva**? Se houver erro, corrija-o, fazendo o verbo concordar com o sujeito paciente.

139. Procura-se por líderes.
140. Procura-se líderes.
141. Não se falava em verdades.
142. Não se falava verdades.
143. Sacou-se da caneta.
144. Sacou-se a caneta.
145. Focou-se dois tatus.
146. Focou-se ao leão.

ASPECTOS VERBAIS

Incoativo, **inceptivo**: aspecto verbal que acrescenta ao significado do verbo a ideia de "início de ação".
... amanhecer, **entardecer...**

Frequentativo: acrescenta ao significado verbal a ideia de repetitividade.
Ela **costuma** vir aqui.
Saltitar.
Chorava **volta e meia**.

Atenção:

O aspecto frequentativo pode ser indicado por uma locução adverbial.

Causativos: verbos que denotam causa ou motivo da existência das orações que o seguem.
Deixava que o acariciassem.
Mandei-o sair.
Pedi que ela viesse.
Fizemos que ele concordasse.

Sensitivos: referem-se a um dos sentidos humanos (visão, audição...).
Eu a **vi** chorando.
Ouvimos a menina rezar.
Sentimos seu coração bater.

PARADIGMAS DAS TRÊS CONJUGAÇÕES REGULARES – TEMPOS SIMPLES

Infinitivo impessoal

1ª Amar 2ª Vender 3ª Partir

Modo indicativo

Presente do indicativo								
am		**o**	vend		**o**	part		**o**
am	**a**	**s**	vend	**e**	**s**	part	**e**	**s**
am	**a**		vend	**e**		part	**e**	
am	**a**	**mos**	vend	**e**	**mos**	part	**i**	**mos**
am	**a**	**is**	vend	**e**	**is**	part	**i**	**s**
am	**a**	**m**	vend	**e**	**m**	part	**e**	**m**

Prática

■ Leia três vezes em voz alta o quadro acima, observe-o atentamente e responda **C** ou **E**.

147. ( ) No presente do indicativo, a terminação da 1ª pessoa do singular é igual nas três conjugações.

148. ( ) Na 1ª e 2ª conjugação, as vogais temáticas se mantêm **a** e **e**, respectivamente, exceto na 1ª pessoa do singular.

149. ( ) Na terceira conjugação, a vogal temática, tirando-se a primeira pessoa do singular, aparece em forma de **e** ou **i**.

Pretérito perfeito do indicativo

am	**e**	**i**	vend		**i**	part		**i**
am	**a**	**ste**	vend	**e**	**ste**	part	**i**	**ste**
am	**o**	**u**	vend	**e**	**u**	part	**i**	**u**
am	(´) **á**	**mos**	vend	**e**	**mos**	part	**i**	**mos**
am	**a**	**stes**	vend	**e**	**stes**	part	**i**	**stes**
am	**a**	**ram**	vend	**e**	**ram**	part	**i**	**ram**

Prática

■ Leia três vezes em voz alta o quadro acima, observe-o atentamente e responda **C** ou **E**.

150. ( ) No pretérito perfeito do indicativo, as desinências pessoais são iguais nas três conjugações: **i**, **ste**, **u**, **mos**, **stes**, **ram**.

151. ( ) A vogal temática da 1ª conjugação, **a**, aparece alterada para **e** e **o** na 1ª e na 3ª pessoa do singular, respectivamente.

152. ( ) Na 2ª e na 3ª conjugação, as vogais temáticas **e** e **i**, na primeira pessoa do singular, desaparecem, pela proximidade da desinência **i**.

153. ( ) Nas outras pessoas da 2ª e da 3ª conjugação, as vogais temáticas se mantêm inalteradas.

154. ( ) Amamos ou amámos, no pretérito perfeito, são grafias e pronúncias corretas.

Pretérito imperfeito do indicativo

ama	**va**		vend	**ia**		part	**ia**	
ama	**va**	**s**	vend	**ia**	**s**	part	**ia**	**s**
ama	**va**		vend	**ia**		part	**ia**	
amá	**va**	**mos**	vend	**ía**	**mos**	part	**ía**	**mos**
amá	**ve**	**is**	vend	**íe**	**is**	part	**íe**	**is**
ama	**va**	**m**	vend	**ia**	**m**	part	**ia**	**m**

Prática

■ Leia três vezes em voz alta o quadro acima, observe-o atentamente e responda **C** ou **E**.

155. ( ) No pretérito imperfeito do indicativo, as desinências pessoais são iguais nas três conjugações: ∅, **s**, ∅, **mos**, **is**, **m**.

156. ( ) As desinências temporais são **va** para 1ª conjugação e **ia** para 2ª e 3ª conjugações.

157. ( ) As desinências temporais se mantêm inalteradas.
158. ( ) As desinências temporais antes de **i** trocam o **a** por **e**.
159. ( ) A desinência temporal **va** indica ação concluída no passado.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

ama	**ra**		vende	**ra**		parti	**ra**	
ama	**ra**	**s**	vende	**ra**	**s**	parti	**ra**	**s**
ama	**ra**		vende	**ra**		parti	**ra**	
amá	**ra**	**mos**	vendê	**ra**	**mos**	partí	**ra**	**mos**
amá	**re**	**is**	vendê	**re**	**is**	partí	**re**	**is**
ama	**ra**	**m**	vende	**ra**	**m**	parti	**ra**	**m**

Prática

■ Leia três vezes em voz alta o quadro acima, observe-o atentamente e responda **C** ou **E**.

160. ( ) No pretérito mais-que-perfeito do indicativo, as desinências pessoais são iguais nas três conjugações: ∅, **s**, ∅, **mos**, **is**, **m**.
161. ( ) As desinências temporais são as mesmas nas três conjugações (**ra**), e trocam o **a** por **e** apenas antes de **i**.
162. ( ) A desinência temporal **ra** indica que a ação foi praticada antes de outra ação praticada no passado.
163. ( ) O pretérito mais-que-perfeito se forma tirando-se o **m** final da 3ª pessoa do plural do pretérito perfeito (amara~~m~~, vendera~~m~~, partira~~m~~).

Futuro do presente do indicativo

amar	**ei**	vender	**ei**	partir	**ei**
amar	**ás**	vender	**ás**	partir	**ás**
amar	**á**	vender	**á**	partir	**á**
amar	**emos**	vender	**emos**	partir	**emos**
amar	**eis**	vender	**eis**	partir	**eis**
amar	**ão**	vender	**ão**	partir	**ão**

Prática

■ Leia três vezes em voz alta o quadro acima, observe-o atentamente e responda **C** ou **E**.

164. ( ) No futuro do presente do indicativo, as terminações são exatamente iguais nas três conjugações: **ei**, **ás**, **á**, **emos**, **eis**, **ão**.
165. ( ) Antigamente conjugava-se o verbo haver assim: **hei**, **hás**, **há**, **hemos**, **heis**, **hão**.
166. ( ) Pode-se perceber que o futuro do presente é infinitivo seguido do verbo haver no presente: **amar+hei**, **amar+hás**, **amar+há**, ... **amar+hão**, não se escrevendo o **h** porque não é pronunciado.

167. ( ) Também hoje se constrói o futuro com o presente do verbo haver + o infinitivo de outro verbo: **hei de amar**, **hás de amar**, **há de amar**...

168. ( ) O verbo **ir** também auxilia na formação de futuro: **vou** amar, **vais** amar, **vai** amar...

Futuro do pretérito do indicativo								
amar	**ia**		vender	**ia**		partir	**ia**	
amar	**ia**	**s**	vender	**ia**	**s**	partir	**ia**	**s**
amar	**ia**		vender	**ia**		partir	**ia**	
amar	**ía**	**mos**	vender	**ía**	**mos**	partir	**ía**	**mos**
amar	**íe**	**is**	vender	**íe**	**is**	partir	**íe**	**is**
amar	**ia**	**m**	vender	**ia**	**m**	partir	**ia**	**m**

Prática

■ Leia três vezes em voz alta o quadro acima, observe-o atentamente e responda **C** ou **E**.

169. ( ) No futuro do pretérito, após o **r** do infinitivo, as terminações são exatamente iguais nas três conjugações: **ia**, **ias**, **ia**, **íamos**, **íeis**, **iam**.

170. ( ) Só antes de **i** é que o **a** das terminações se transforma em **e**.

171. ( ) As terminações do futuro do pretérito se confundem com o imperfeito do verbo ir: **ia**, **ias**, **ia**, **íamos**, **íeis**, **iam**.

172. ( ) Pode-se fazer o futuro do pretérito com o imperfeito do verbo ir, antes do infinitivo: ia amar, ias amar, ia amar... (= amaria, amarias, amaria...).

O modo indicativo tem seis tempos:

Pretérito Perfeito	Presente	Futuro do Presente
Pretérito Imperfeito		
Pretérito Mais-que-perfeito		
Futuro do Pretérito		

Modo subjuntivo

Presente do subjuntivo (que eu...)								
am	**e**		vend	**a**		part	**a**	
am	**e**	**s**	vend	**a**	**s**	part	**a**	**s**
am	**e**		vend	**a**		part	**a**	
am	**e**	**mos**	vend	**a**	**mos**	part	**a**	**mos**
am	**e**	**is**	vend	**a**	**is**	part	**a**	**is**
am	**e**	**m**	vend	**a**	**m**	part	**a**	**m**

Prática

■ Sobre o presente do subjuntivo, assinale **C** ou **E**.

173. ( ) Na primeira conjugação, forma-se o presente do subjuntivo trocando-se o **o** da primeira pessoa do singular do presente do indicativo (am-**o**) por **e** (am**e**), que se repete em todas as pessoas.

174. ( ) Na segunda e na terceira conjugações, o presente do subjuntivo se forma trocando-se o **o** da primeira pessoa do presente do indicativo (vend**o**, part**o**) por **a**, (vend**a**, part**a**), que se mantém em todas as demais pessoas.

175. ( ) Nas três conjugações, as desinências pessoais são as mesmas (∅, **s**, ∅, **mos**, **is**, **m**).

176. ( ) O fato de a conjugação do presente do subjuntivo começar com **que eu...** significa que é usado como ideia secundária ou subordinada.

Pretérito imperfeito do subjuntivo (se eu...)		
ama **sse**	vende **sse**	parti **sse**
ama **sse s**	vende **sse s**	parti **sse s**
ama **sse**	vende **sse**	parti **sse**
amá **sse mos**	vendê **sse mos**	partí **sse mos**
amá **sse is**	vendê **sse is**	partí **sse is**
ama **sse m**	vende **sse m**	parti **sse m**

Prática

■ Relativamente ao pretérito imperfeito do subjuntivo, assinale **C** ou **E**.

177. ( ) Indica ação concluída do passado.

178. ( ) Nas três conjugações, é representado pela desinência temporal **sse**, que se mantém em todas as pessoas.

179. ( ) Nas três conjugações, as desinências pessoais são as mesmas (∅, **s**, ∅, **mos**, **is**, **m**).

180. ( ) É derivado da 3ª pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo, trocando-se o **ram** por **sse** (amar~~am~~ + sse; vender~~am~~ + sse; partir~~am~~ + sse).

181. ( ) O fato de começar com um **se** (se eu amasse...) pressupõe pertencer a uma oração subordinada.

Futuro do subjuntivo (quando eu...)		
ama **r**	vende **r**	parti **r**
ama **r es**	vende **r es**	parti **r es**
ama **r**	vende **r**	parti **r**
ama **r mos**	vende **r mos**	parti **r mos**
ama **r des**	vende **r des**	parti **r des**
ama **r em**	vende **r em**	parti **r em**

Prática

■ Em relação ao futuro do subjuntivo, assinale **C** ou **E**.

182. ( ) É também derivado da 3ª pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo, de que se tira a terminação **am** (amar~~am~~, vender~~am~~, partir~~am~~).

183. ( ) Nas três conjugações, usam-se as mesmas desinências pessoais (∅, **s**, ∅, **mos**, **des**, **em**).

184. ( ) Sua conjugação começa com um **quando** (quando eu chegar...), o que indica pertencer a uma ideia subordinada, e não principal.

185. ( ) É sempre igual ao infinitivo (**amar**: quando eu amar; **vender**: quando eu vender; **partir**: quando eu partir).

Modo imperativo

Afirmativo											
am	**a**		(tu)	vend	**e**		(tu)	part	**e**		(tu)
am	**e**		(você)	vend	**a**		(você)	part	**a**		(você)
am	**e**	**mos**	(nós)	vend	**a**	**mos**	(nós)	part	**a**	**mos**	(nós)
am	**a**	**i**	(vós)	vend	**e**	**i**	(vós)	part	**i**		(vós)
am	**e**	**m**	(vocês)	vend	**a**	**m**	(vocês)	part	**a**	**m**	(vocês)

Negativo											
não ame	**s**		(tu)	não venda	**s**		(tu)	não parta	**s**		(tu)
não ame			(você)	não venda			(você)	não parta			(você)
não ame	**mos**		(nós)	não venda	**mos**		(nós)	não parta	**mos**		(nós)
não ame	**is**		(vós)	não venda	**is**		(vós)	não parta	**is**		(vós)
não ame	**m**		(vocês)	não venda	**m**		(vocês)	não parta	**m**		(vocês)

Prática

■ Em referência ao imperativo, assinale **C** ou **E**.

186. ( ) Não possui 1ª pessoa do singular.

187. ( ) No quadro anterior, os sujeitos aparecem entre parênteses, porque, na verdade, não são pronunciados. Estão normalmente subentendidos.

188. ( ) Os sujeitos são sempre receptores.

189. ( ) O sujeito de **amemos** é o emissor.

Os sujeitos de **estudemos** nas frases seguintes referem-se a diferentes pessoas do discurso.

I – Ela quer que estudemos.

II – Estudemos, para saber.

■ Assinale **C** ou **E**.

190. ( ) Em I, o verbo está no presente do subjuntivo e refere-se a emissor (eu) e receptor (tu, vós, você...), podendo até incluir o referente (ela).
191. ( ) Em II, o verbo está no imperativo e coloca o emissor (eu) junto com o receptor (tu, vós, você...), mas não inclui o referente (ele, ela...)
192. ( ) No imperativo, o sujeito é sempre o receptor (a pessoa com quem se fala), pois, mesmo quando se usa o **nós**, é para convencer o receptor a tomar alguma atitude: "Estudemos para saber."

FORMAS NOMINAIS DO VERBO

Observe o quadro, leia as frases a seguir e responda **C** ou **E**.

INFINITIVO Funciona como substantivo	**IMPESSOAL** (sem sujeito)	**Viver** é **lutar**.
	PESSOAL (com sujeito)	Flexionado: É bom **estudares** (tu). Não flexionado: Estudamos para **vencer** (nós).
GERÚNDIO Funciona como adjetivo ou advérbio		Usava um pano **cobrindo** o rosto. ↳ que cobria... (oração adjetiva) **Lutando**, conseguiremos. ↳ se lutarmos (oração adverbial)
PARTICÍPIO Funciona como adjetivo ou forma tempo composto como verbo principal		O rapaz, **apaixonado**, confessou ↳ adjetivo que **tinha escrito** a poesia. ↳ particípio do verbo principal (tempo composto)

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

193. ( ) **Infinitivo**, **gerúndio** e **particípio** são formas nominais dos verbos.
194. ( ) **Indicativo**, **subjuntivo** e **imperativo**, consequentemente, são formas verbais.
195. ( ) As formas nominais do verbo são assim chamadas porque podem funcionar como **nomes** (substantivo, adjetivo, advérbio).
196. ( ) O **particípio** é usado na formação dos tempos compostos.
197. ( ) "Ela foi **escolhida**". A palavra destacada é um adjetivo.
198. ( ) A palavra destacada no item anterior é um **particípio** formando uma voz passiva com o verbo auxiliar **ser**.

Prática

■ Leia em voz alta três vezes o quadro a seguir, para treinar o ouvido, e assinale **C** ou **E** nas afirmações seguintes.

Formas nominais

Infinitivo impessoal					
ama	**r**	vende	**r**	parti	**r**

Infinitivo pessoal					
ama	**r**	vende	**r**	parti	**r**
ama	**r es**	vende	**r es**	parti	**r es**
ama	**r**	vende	**r**	parti	**r**
ama	**r mos**	vende	**r mos**	parti	**r mos**
ama	**r des**	vende	**r des**	parti	**r des**
ama	**r em**	vende	**r em**	parti	**r em**

Gerúndio					
ama	**ndo**	vende	**ndo**	parti	**ndo**

Particípio					
ama	**do**	vendi	**do**	parti	**do**

"**Amar**, **vender** e **partir** é sempre bom."

199. ( ) Os verbos em negrito da frase acima estão no infinitivo impessoal.
200. ( ) O infinitivo sugere ações desvinculadas da ideia de tempo (presente, pretérito, futuro), isto é, as ações são postas na atemporalidade.
201. ( ) Quando se diz que o infinitivo é impessoal, é porque não indica o sujeito da ação.

"**Partires** é bom."

202. ( ) O verbo em negrito da frase acima está no infinitivo pessoal.
203. ( ) Infinitivo, porque não delimita a ação no tempo.
204. ( ) **Pessoal**, porque indica o sujeito (tu).

205. ( ) No infinitivo pessoal, nas três conjugações, as desinências pessoais são as mesmas.
206. ( ) A desinência que marca o infinitivo, nas três conjugações, é **r**, em todos os verbos, regulares e irregulares.

"Ele encontrou os rapazes **chorando**."

207. ( ) O verbo em negrito está no gerúndio.
208. ( ) O gerúndio indica um tempo definido e estático.
209. ( ) O gerúndio, como o infinitivo, indica tempo em desenvolvimento, em andamento.
210. ( ) A desinência que marca o gerúndio é **ndo**, para as três conjugações, em todos os verbos, regulares ou irregulares.

"Ele encontrou os inimigos **reunidos**."

211. ( ) O verbo negritado está no particípio.
212. ( ) A desinência indicadora de particípio, nos verbos regulares, é **do**.
213. ( ) O particípio funciona como adjetivo e varia em gênero e número.
214. ( ) Trata-se da única forma do verbo que varia em gênero.

CONJUGAÇÃO DOS VERBOS TER, HAVER, SER E ESTAR

Antes de estudar os tempos compostos, é importantíssimo saber a conjugação de quatro verbos que costumam aparecer como auxiliares: **ter**, **haver**, **ser** e **estar**. Conjugue-os em voz alta três vezes para educar o ouvido.

Modo indicativo

Presente do indicativo			
tenho	hei	sou	estou
tens	hás	és	estás
tem	há	é	está
temos	havemos	somos	estamos
tendes	haveis	sois	estais
têm	hão	são	estão

Pretérito imperfeito do indicativo			
tinha	havia	era	estava
tinhas	havias	eras	estavas
tinha	havia	era	estava
tínhamos	havíamos	éramos	estávamos
tínheis	havíeis	éreis	estáveis
tinham	haviam	eram	estavam

Pretérito perfeito do indicativo			
tive	houve	fui	estive
tiveste	houveste	foste	estiveste
teve	houve	foi	esteve
tivemos	houvemos	fomos	estivemos
tivestes	houvestes	fostes	estivestes
tiveram	houveram	foram	estiveram

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo			
tivera	houvera	fora	estivera
tiveras	houveras	foras	estiveras
tivera	houvera	fora	estivera
tivéramos	houvéramos	fôramos	estivéramos
tivéreis	houvéreis	fôreis	estivéreis
tiveram	houveram	foram	estiveram

Futuro do pretérito do indicativo			
teria	haveria	seria	estaria
terias	haverias	serias	estarias
teria	haveria	seria	estaria
teríamos	haveríamos	seríamos	estaríamos
teríeis	haveríeis	seríeis	estaríeis
teriam	haveriam	seriam	estariam

Futuro do presente do indicativo			
terei	haverei	serei	estarei
terás	haverás	serás	estarás
terá	haverá	será	estará
teremos	haveremos	seremos	estaremos
tereis	havereis	sereis	estareis
terão	haverão	serão	estarão

Modo subjuntivo

Presente do subjuntivo			
tenha	haja	seja	esteja
tenhas	hajas	sejas	estejas
tenha	haja	seja	esteja
tenhamos	hajamos	sejamos	estejamos
tenhais	hajais	sejais	estejais
tenham	hajam	sejam	estejam

Pretérito imperfeito do subjuntivo			
tivesse	houvesse	fosse	estivesse
tivesses	houvesses	fosses	estivesses
tivesse	houvesse	fosse	estivesse
tivéssemos	houvéssemos	fôssemos	estivéssemos
tivésseis	houvésseis	fôsseis	estivéssseis
tivessem	houvessem	fossem	estivessem

Futuro do subjuntivo			
tiver	houver	for	estiver
tiveres	houveres	fores	estiveres
tiver	houver	for	estiver
tivermos	houvermos	formos	estivermos
tiverdes	houverdes	fordes	estiverdes
tiverem	houverem	forem	estiverem

Modo imperativo

Afirmativo			
tem (tu)	(desusado)	sê (tu)	está (tu)
tenha (você)	haja (você)	seja (você)	esteja (você)
tenhamos (nós)	hajamos (nós)	sejamos (nós)	estejamos (nós)
tende (vós)	havei (vós)	sede (vós)	estai (vós)
tenham (vocês)	hajam (vocês)	sejam (vocês)	estejam (vocês)

Negativo	
não tenhas (tu)	não sejas (tu)
não tenha (você)	não seja (você)
não tenhamos (nós)	não sejamos (nós)
não tenhais (vós)	não sejais (vós)
não tenham (vocês)	não sejam (vocês)
não hajas (tu)	não estejas (tu)
não haja (você)	não esteja (você)
não hajamos (nós)	não estejamos (nós)
não hajais (vós)	não estejais (vós)
não hajam (vocês)	não estejam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal			
ter	haver	ser	estar

Infinitivo pessoal			
ter	haver	ser	estar
teres	haveres	seres	estares
ter	haver	ser	estar
termos	havermos	sermos	estarmos
terdes	haverdes	serdes	estardes
terem	haverem	serem	estarem

Gerúndio			
tendo	havendo	sendo	estando

Particípio			
tido	havido	sido	estado

Uso de ter, haver, ser e estar como auxiliares

Prática

■ Observe as frases e responda **C** ou **E**.

I – Ele havia adquirido um belo relógio.
II – Ele tem escrito belos poemas.
III – Ela foi cercada pelos colegas.
IV – Ela estava cercada pelos colegas.

215. ( ) Em I e II, os auxiliares **haver** e **ter** são formadores de voz passiva, porque os sujeitos recebem a ação verbal.
216. ( ) Em III e IV, os auxiliares **ser** e **estar** formam voz passiva.
217. ( ) **ter** e **haver** são auxiliares de voz ativa; **ser** auxilia na formação de voz passiva.
218. ( ) O auxiliar **estar** não forma voz passiva, mas pode conferir à frase noção de passividade: **Ela estava cercada**.

Ter e **haver** auxiliam a formação de tempos compostos de voz ativa. **Ser** é o verbo escolhido para auxiliar a formação da voz passiva. O verbo **estar**, quando auxiliar, introduz noção de passividade na frase.

PARADIGMA DAS TRÊS CONJUGAÇÕES REGULARES – TEMPOS COMPOSTOS

Modelos: **ter amado; ter vendido; ter partido**.

Modo indicativo

Perfeito *(pres. + particípio)*		
tenho amado	tenho vendido	tenho partido

Mais-que-perfeito *(imperf. + particípio)*		
tinha amado	tinha vendido	tinha partido

Futuro do presente *(fut. + particípio)*		
terei amado	terei vendido	terei partido

Futuro do pretérito *(fut. pret. + particípio)*		
teria amado	teria vendido	teria partido

Modo subjuntivo

Mais-que-perfeito *(imperf. + particípio)*		
tivesse amado	tivesse vendido	tivesse partido

Futuro *(fut. + particípio)*		
tiver amado	tiver vendido	tiver partido

Prática

■ Observe os dois quadros anteriores e responda **C** ou **E**.

219. ( ) Os tempos compostos de voz ativa constroem-se com o verbo auxiliar **ter** seguido do particípio do verbo principal.

220. ( ) **Tenho vendido** é exemplo de pretérito perfeito composto, mas sugere uma ação que se repete até o presente.

221. ( ) "Quando cheguei, você **tinha saído**." "Quando eu cheguei, você **saíra**." Os dois verbos destacados estão no mais-que-perfeito.
222. ( ) O mais-que-perfeito composto se constrói com o auxiliar no imperfeito.
223. ( ) **Tinha saído** é hoje muito mais usado que **saíra**.
224. ( ) Os futuros compostos têm o auxiliar no futuro: o futuro do presente apresenta auxiliar no futuro do presente; o futuro do pretérito usa o auxiliar no futuro do pretérito.

PARADIGMA DA VOZ PASSIVA

Modelo: **ser amado**

Modo Indicativo

Presente	Pretérito imperfeito
sou amado(a)	era amado(a)
és amado(a)	eras amado(a)
é amado(a)	era amado(a)
somos amados(as)	éramos amados(as)
sois amados(as)	éreis amados(as)
são amados(as)	eram amados(as)

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

225. ( ) A voz passiva se faz com o verbo auxiliar **ser** e o particípio do verbo principal.
226. ( ) Os tempos da voz passiva, quando formados com mais de um verbo, são tempos compostos.
227. ( ) Na voz passiva, define-se o tempo pelo verbo auxiliar.
228. ( ) Na voz passiva, o particípio varia em gênero e número (amado/a/s) para concordar com o sujeito.

Continue a observar a formação dos tempos na voz passiva, que podem ter o verbo auxiliar em tempo simples ou composto.

Modo Indicativo

Pretérito perfeito (auxiliar simples)	Pretérito perfeito (auxiliar composto)
fui amado(a)	tenho sido amado(a)
foste amado(a)	tens sido amado(a)
foi amado(a)	tem sido amado(a)
fomos amados(as)	temos sido amados(as)
fostes amados(as)	tendes sido amados(as)
foram amados(as)	têm sido amados(as)

Pretérito mais-que-perfeito (auxiliar simples)	Pretérito mais-que-perfeito (auxiliar composto)
fora amado(a)	tinha sido amado(a)
foras amado(a)	tinhas sido amado(a)
fora amado(a)	tinha sido amado(a)
fôramos amados(as)	tínhamos sido amados(as)
fôreis amados(as)	tínheis sido amados(as)
foram amados(as)	tinham sido amados(as)

Futuro do pretérito (auxiliar simples)	Futuro do pretérito (auxiliar composto)
seria amado(a)	teria sido amado(a)
serias amado(a)	terias sido amado(a)
seria amado(a)	teria sido amado(a)
seríamos amados(as)	teríamos sido amados(as)
seríeis amados(as)	teríeis sido amados(as)
seriam amados(as)	teriam sido amados(as)

Futuro do presente (auxiliar simples)	Futuro do presente (auxiliar composto)
serei amado(a)	terei sido amado(a)
serás amado(a)	terás sido amado(a)
será amado(a)	terá sido amado(a)
seremos amados(as)	teremos sido amados(as)
sereis amados(as)	tereis sido amados(as)
serão amados(as)	terão sido amados(as)

Modo Subjuntivo

Presente	Pretérito imperfeito
seja amado(a)	fosse amado(a)
sejas amado(a)	fosses amado(a)
seja amado(a)	fosse amado(a)
sejamos amados(as)	fôssemos amados(as)
sejais amados(as)	fôsseis amados(as)
sejam amados(as)	fossem amados(as)

Pretérito perfeito	Pretérito mais-que-perfeito
tenha sido amado(a)	tivesse sido amado(a)
tenhas sido amado(a)	tivesses sido amado(a)
tenha sido amado(a)	tivesse sido amado(a)
tenhamos sido amados(as)	tivéssemos sido amados(as)
tenhais sido amados(as)	tivésseis sido amados(as)
tenham sido amados(as)	tivessem sido amados(as)

Futuro (auxiliar simples)	Futuro (auxiliar composto)
for amado(a)	tiver sido amado(a)
fores amado(a)	tiveres sido amado(a)
for amado(a)	tiver sido amado(a)
formos amados(as)	tivermos sido amados(as)
fordes amados(as)	tiverdes sido amados(as)
forem amados(as)	tiverem sido amados(as)

Formas nominais

Infinitivo impessoal presente	Infinitivo impessoal pretérito
ser amado(a)	ter sido amado(a)

Infinitivo pessoal presente	Infinitivo pessoal pretérito
ser amado(a)	ter sido amado(a)
seres amado(a)	teres sido amado(a)
ser amado(a)	ter sido amado(a)
sermos amados(as)	termos sido amados(as)
serdes amados(as)	terdes sido amados(as)
serem amados(as)	terem sido amados(as)

Gerúndio presente	Gerúndio pretérito
sendo amado(a)(os)(as)	tendo sido amado(a)(os)(as)

Particípio
amado(a)(os)(as)

Prática

■ Observando o paradigma visto de conjugação da voz passiva, responda **C** ou **E**.

229. ( ) A única forma simples da voz passiva analítica é o particípio.
230. ( ) Em todas as demais formas, a voz passiva analítica é composta por dois ou mais verbos.

■ Compare as duas formas seguintes e responda **C** ou **E**.

I – É melhor **ser amado** que **estar sendo amado**.
II – Eu não **estou sendo amado**, eu **sou amado**.

231. ( ) Em todas as formas, o verbo **ser** é responsável pela formação da voz passiva.
232. ( ) Em II, as ações estão sendo consideradas no presente.
233. ( ) Em II, **estou sendo** e **sou** têm o mesmo sentido.
234. ( ) **Sou amado** traz noção de continuidade, enquanto **estou sendo amado** conota transitoriedade.
235. ( ) Em I, acontece a mesma ideia. O verbo **estar** contribui com a noção de transitoriedade, momentaneidade, e o **ser** transmite continuidade, permanência.

FORMAS RIZOTÔNICAS E ARRIZOTÔNICAS

Prática

■ Compare os quadros e assinale **C** ou **E**.

RADICAL	DESINÊNCIA	RADICAL	DESINÊNCIA
est**u**d	o	estud	**a**mos
est**u**d	as	estud	**a**is
est**u**d	a/am		
RIZOTÔNICAS		ARRIZOTÔNICAS	

236. ( ) **riz(o)** significa **raiz**, **radical**.
237. ( ) **Radical**, ou **raiz**, é onde reside o significado-base da palavra.
238. ( ) **Tônico** significa **forte**.
239. ( ) **Rizotônica** significa que a **vogal tônica está dentro do radical**.
240. ( ) **Arrizotônica** é a forma que tem a **vogal tônica fora do radical**.

Formas rizotônicas são as que apresentam vogal tônica no radical (**a**m-o, **a**m-as). Formas arrizotônicas são as que têm a vogal tônica fora do radical (am-**e**i, am-**a**mos).

DEFINIÇÃO ABRANGENTE DE VERBO

Verbo é a palavra que apresenta o maior número de variações (pessoa, número, tempo, modo, voz) e exprime ideia de ação, estado ou fenômeno.

LOCUÇÃO VERBAL

Verbos auxiliares e verbo principal

VERBOS AUXILIARES	+	VERBO PRINCIPAL	
Vou		amando	gerúndio
Estarei		chegando	
Vais		entender	infinitivo
Teria	de	aprender	
Fiquei	a	observar	
Deverei ter		passado	particípio
Podemos ter sido		aprovados	

Prática

Assinale **C** ou **E** em relação ao quadro anterior.

241. ( ) "Vou amando", "Teria de aprender", "Podemos ter sido aprovados": cada um desses conjuntos de dois ou mais verbos funciona como se fosse um verbo só.
242. ( ) Cada locução verbal apresenta uma só palavra (verbo) como principal.
243. ( ) Na locução verbal, pode haver um ou mais verbo(s) auxiliar(es).
244. ( ) As locuções verbais podem ter ou não a presença de preposição.
245. ( ) Em locução verbal, o verbo principal estará no gerúndio, no infinitivo ou no particípio.
246. ( ) Em "Podemos ter **sido** aprovados", o verbo em negrito é o verbo principal.
247. ( ) O verbo **ser** na locução verbal é indicador de voz passiva.
248. ( ) São locuções verbais: começou a chorar, andou falando, deixou de falar, acabou-se convencendo, voltou a incomodar, podia supor, pôs-se a cantar, tornou a sorrir, vai começar a amar.

Locução verbal: dois ou mais verbos com ideia de um só verbo.

FORMAÇÃO DOS TEMPOS E MODOS

Derivado do presente do indicativo

Presente do subjuntivo

TEMPO PRIMITIVO	→	TEMPO DERIVADO
PRESENTE DO INDICATIVO		PRESENTE DO SUBJUNTIVO

1ª pessoa do singular			
~~o~~	→	**e** 1ª conj.	**a** 2ª e 3ª conj.

Prática

■ Preencha as lacunas.

		am**ar**	**ler**	fug**ir**
		eu amo	eu leio	eu fujo
249.	que eu	am _____	lei _____	fuj _____
250.	que tu	am _____	lei _____	fuj _____
251.	que ele	am _____	lei _____	fuj _____
252.	que nós	am _____	lei _____	fuj _____
253.	que vós	am _____	lei _____	fuj _____
254.	que eles	am _____	lei _____	fuj _____

O presente do subjuntivo se forma do presente do indicativo. Na primeira conjugação, o **o** do presente do indicativo se transforma em **e** (cont**o** → cont**e**); na segunda e na terceira conjugação, o **o** do indicativo vira **a** (tenh**o** → tenh**a**; sai**o** → sai**a**).

Derivados dos presentes do indicativo e do subjuntivo

Imperativos afirmativo e negativo

	Primitivo	Modo derivado		Primitivo
		Imperativo		
	Presente do indicativo	Afirmativo	Negativo	Presente do subjuntivo
1ª	eu amo	———	———	ame
2ª	tu amas (~~s~~)	ama (tu)	não ames (tu)	ames
3ª	ele ama	ame (você)	não ame (você)	ame
1ª	nós amamos	amemos (nós)	não amemos (nós)	amemos
2ª	vós amais (~~s~~)	amai (vós)	não ameis (vós)	ameis
3ª	eles amam	amem (vocês)	não amem (vocês)	amem

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, em relação ao quadro anterior.

255. ( ) O **imperativo afirmativo** deriva do presente do indicativo e do presente do subjuntivo.
256. ( ) No **imperativo**, não há 1ª pessoa.
257. ( ) No **imperativo**, não há 1ª pessoa do singular, porque ninguém dá ordem a si mesmo.
258. ( ) No imperativo, o **nós** representa o(s) receptor(es) e inclui o emissor. "Comecemos por aqui".
259. ( ) No imperativo, **não existe sujeito ele(s)**, porque não se dá ordem diretamente à pessoa de quem se fala.
260. ( ) Os sujeitos do imperativo são sempre **receptores**.
261. ( ) O **imperativo negativo** deriva do presente do indicativo e do presente do subjuntivo.
262. ( ) **Tu** e **vós** do **imperativo afirmativo** se originam de **tu** e **vós** do presente do indicativo, eliminado-se o **s** final.
263. ( ) As demais pessoas do **imperativo afirmativo** (**você**, **nós**, **vocês**) são iguais ao **presente do subjuntivo**.
264. ( ) Todo o **imperativo negativo** é igualzinho ao presente do subjuntivo.

No imperativo, não há primeira pessoa do singular.
No **imperativo afirmativo**, **tu** e **vós** são iguais ao tu e vós do presente do indicativo, sem os **s** finais: amas~~s~~ → ama; amais~~s~~ → amai.
No **imperativo negativo**, todas as pessoas são iguais às do presente do subjuntivo.

■ Forme o imperativo do verbo.

	correr			
265. (tu)	_____	não	_____	(tu)
266. (você)	_____	não	_____	(você)
267. (nós)	_____	não	_____	(nós)
268. (vós)	_____	não	_____	(vós)
269. (vocês)	_____	não	_____	(vocês)

270. Passe para a **3ª do singular**.
Namora, vibra, corre, pula, diverte-te à vontade.
Resp.: _____

271. Passe a frase anterior para o **negativo** (2ª pessoa do singular).
Resp.: _____

272. Passe para a 2ª do **plural**.
Divirta-se, mas não se esgote.
Resp.: _____

Derivados do pretérito perfeito

Mais-que-perfeito do indicativo, futuro e imperfeito do subjuntivo

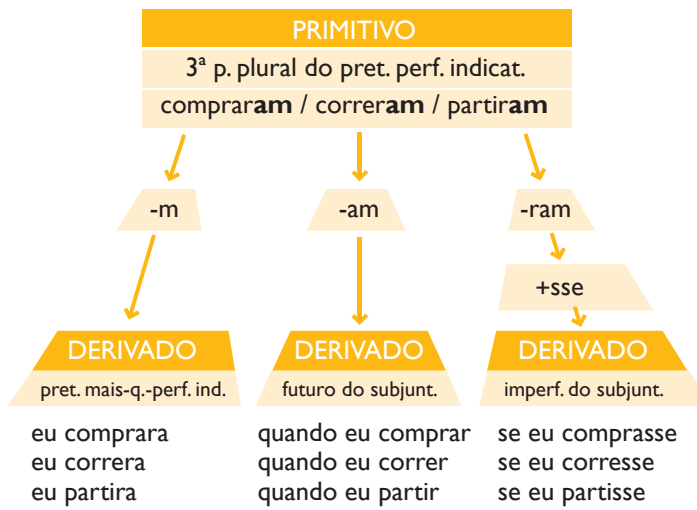

Prática

■ Observe o quadro anterior e conjugue o verbo **poder** nos seguintes tempos e modos.

	Pret. mais-que-perf. ind.	Futuro do subjuntivo	Imperf. do subjuntivo
273. eu	_____	_____	_____
274. tu	_____	_____	_____
275. ele	_____	_____	_____
276. nós	_____	_____	_____
277. vós	_____	_____	_____
278. eles	_____	_____	_____

■ Conjugue os verbos relacionados na **primeira pessoa do singular**.

	Pret. mais-que-perf. ind.	Futuro do subjuntivo	Imperf. do subjuntivo
279. querer	_____	_____	_____
280. ver	_____	_____	_____
281. vir	_____	_____	_____
282. haver	_____	_____	_____
283. caber	_____	_____	_____

Tempos derivados da 3ª pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo:
Mais-que-perfeito do indicativo: forma-se com a queda do **m** da 3ª p. plural (amaram ➜ amara);
Futuro do subjuntivo: forma-se com a queda do **am** da 3ª p. plural (amaram ➜ quando eu amar);
Imperfeito do subjuntivo: forma-se trocando o **ram** da 3ª p. plural por **-sse** (amaram ➜ ama**sse**).

Derivados do infinitivo impessoal

PRIMITIVO	Processo de derivação			DERIVADOS
INFINITIVO IMPESSOAL comprar/correr/partir	**RADICAL**			IMPERF. (indicativo)
	compr	+ ava	=	1ª conj. compr**ava**
	corr part	+ ia	=	2ª conj. corr**ia** 3ª conj. part**ia**
	+ ei	=		FUT. DO PRESENTE (indicativo) compraré**i** / correre**i** / partire**i**
	+ ia	=		FUT. DO PRETÉRITO (indicativo) compra**ria** / corre**ria** / parti**ria**
	RADICAL			PARTICÍPIO
	compr	+ ado	=	1ª conj. compr**ado**
	corr part	+ ido	=	2ª conj. corr**ido** 3ª conj. part**ido**
	TEMA			GERÚNDIO
	compra corre parti	+ ndo	=	compra**ndo** corre**ndo** parti**ndo**
	+ Desinência número-pessoal		=	INFINITIVO PESSOAL comprar (eu) compra**res** (tu) comprar (ele) compra**rmos** (nós) compra**rdes** (vós) compra**rem** (eles)

Prática

■ Conjugue em voz alta os verbos **estudar**, **entender** e **suprir** nos tempos:

1) PRET. IMPERFEITO DO INDICATIVO	4) PARTICÍPIO
2) FUTURO DO PRESENTE DO INDICATIVO	5) GERÚNDIO
3) FUTURO DO PRETÉRITO	6) INFINITIVO PESSOAL

CLASSIFICAÇÃO DO VERBO QUANTO AO MODELO DE CONJUGAÇÃO

Verbo regular

Segue o modelo ou paradigma de sua conjugação: **amar**, **vender**, **partir**.

Verbo irregular

Foge ao modelo de sua conjugação: **ouvir**: ou**ço**; **estar**: est**ou**; **ir**: **vou**.

Irregularidade e variação gráfica

Prática

■ Observe e responda **C** ou **E**.

Fiquei sem poder ficar.
Cheguei sem poder chegar.
Extingo sem poder extiguir.

284. ( ) No verbo **ficar**, o **c** se transforma em **qu** antes de **e**, para mostrar que a pronúncia não muda.
285. ( ) No verbo **chegar**, o **g** se transforma em **gu** antes de **e**, para representar a mesma pronúncia.
286. ( ) No verbo **extinguir**, o **gu** se transforma em **g** antes de **o** ou **a**, porque a pronúncia não se altera.
287. ( ) Nos casos vistos, a variação gráfica serve para confirmar a regularidade da pronúncia de verbos regulares.
288. ( ) É o mesmo que acontece com **atiçar**, que perde a cedilha em **aticemos**.

Na 1ª conjugação, radicais terminados em **c**, **ç** e **g** transformam essas letras em **qu**, **c** e **gu** antes de **e**.
Na 2ª e na 3ª conjugação, radicais terminados em **c**, **g** e **qu** trocam essas letras por **qu**, **gu** e **c** antes de **a** e **o**.
Tais variações gráficas existem para comprovar a regularidade desses verbos.

Metafonia ou alteração de timbre vocálico

Prática

■ Observe a pronúncia das vogais destacadas e responda **C** ou **E**.
l**e**vo, l**e**vais;
f**e**rvo, f**e**rves.

289. ( ) Em **levo** e **fervo**, as vogais do radical são abertas.
290. ( ) Em **levo** e **ferves**, as vogais dos radicais são abertas.
291. ( ) Em **levais** e **levo**, a vogal **e** do radical altera timbre fechado com timbre aberto.
292. ( ) Não há alteração de timbre vocálico entre as formas **fervo** e **ferves**.
293. ( ) **levas**, **levo**, **fervo**, **ferves** são formas rizotônicas.
294. ( ) Nas formas rizotônicas, a variação de timbre vocálico é comum em Português e se chama **metafonia**.
295. ( ) A metafonia não é considerada irregularidade verbal.

Metafonia é alternância de timbre vocálico que ocorre nas formas rizotônicas: t**o**car: t**o**co; d**e**ver: d**e**ves; qu**e**rer: qu**e**ro.

Como saber se um verbo é regular

Para saber se um verbo é regular, basta conjugá-lo na 1ª pessoa do singular do presente e do pretérito perfeito do indicativo. Se nessas pessoas ele seguir o paradigma da sua conjugação, é um verbo regular.

Verbo anômalo

Apresenta mais de um radical: **ser**: sou, fui, era; **ir**: vou, fui, ia.

Há autores que consideram anômalos qualquer verbo que apresente fortes mudanças em seu radical. Por exemplo:

dar: **de**i, **dav**a, **dar**ei, **dad**o
ter: **tenh**o, **tiv**e, **ter**ei, **tid**o
haver: **he**i, **hav**ia, **hou**ve
poder: **poss**o, **pod**ia, **pud**e
vir: **venh**o, **vir**ei, **vi**er
ver: **vej**o, **v**i, verei, **vis**to
caber: **caib**o, **coub**e, **cab**ia
dizer: **dig**o, **diss**e, **diz**ia, **dit**o
saber: **sab**ia, **soub**e, saiba
pôr: **ponh**o, **pus**er, **por**ei

Verbo defectivo

Não tem todas as formas: **reaver**, **colorir**, **precaver-se**, **abolir**...

Verbo unipessoal

Só se conjuga na 3ª pessoa (singular e plural), como no caso das **vozes de animais: coaxa(m), crocita(m)**.

Verbo impessoal

Só se conjuga na 3ª pessoa, mas não tem sujeito:
Fenômenos naturais: **chove**, **amanhece**.
Haver com ideia de **existir**: **Há** soluções para tudo.
Alguns verbos relacionados a tempo: **Faz** dezoito anos que...

A respeito de defectivos, unipessoais e impessoais

Defectivos

São verbos em cuja conjugação faltam formas, por várias razões, entre as quais, cacofonia, modismo, significação. As listas desses verbos variam entre os autores, em função da época em que se constituíram os registros falados, do nível sociocultural e até econômico dos falantes, inclusive da visão política do gramático. Costumam ser divididos em cinco grupos:

1. **os que não aceitam o ou a após o radical**, por isso não têm a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, não têm todo o presente do subjuntivo, não têm a(s) pessoa(s) **você(s)** do imperativo afirmativo, não têm todo o imperativo negativo (*vide* **abolir**, **carpir**, **demolir**);

2. **os arrizotônicos da 3ª conjugação**, que só se conjugam nas formas em que ao radical se segue a letra **i**. Por isso, no presente do indicativo só têm as pessoas **nós** e **vós**; não têm todo o presente do subjuntivo; não têm imperativo negativo; do imperativo afirmativo, só têm a pessoa **vós** (*vide* **falir**, **florir**, **adir)**;

3. os que, pelo significado, **não podem ter imperativo** (*vide* **acontecer**, **caber**, **poder**);

4. os que, pelo significado, **só se conjugam na voz recíproca**, tendo, portanto, só as pessoas do plural: **entreolhamo-nos**, **entreolhais-vos**, **entreolham-se**;

5. **os que têm particularidades especiais** (*vide* **adequar**, **precaver-se**, **reaver**, **grassar**).

Unipessoais

São verbos conjugáveis só nas 3as pessoas, como as onomatopeias referentes às vozes dos animais, porque normalmente os animais são **referentes**, isto é, **seres de que se fala**.

Impessoais

São verbos que, conforme o prefixo **im** sugere, não têm pessoa, ou seja, não se referem a um sujeito. *Vide Análise Sintática Visual*, Quadro das Orações sem Sujeito.

As fronteiras entre esses três tipos de classificação são instáveis e polêmicas, o que evidencia certa postura subjetiva. A verdade é que a gramática, mesmo a normativa, deve estar atenta para não limitar ou tentar cercear a linguagem figurada, a licença poética, a criatividade de expressão, que podem reverter ou modificar a situação do verbo e até conjugá-lo em todos os tempos e modos:

O menino **choveu** na cama.
Eu **miei** de medo.
Caiba você nos nossos moldes, ou será demitido.

Verbo abundante

Tem, pelo menos, duas formas equivalentes:
aceitar: aceitado, aceito, aceite.
haver: havemos, hemos.
construir: constrói, construi.

A respeito de abundantes

1. A abundância acontece com mais frequência no particípio, com vários verbos apresentando um particípio regular (terminado em ado/ido) e um ou mais irregulares.
2. O particípio regular é invariável (**ele** tinha aceit**ado**; **elas** haviam aceit**ado**).
3. O particípio irregular varia em gênero e número: **ele** foi aceit**o**; **elas** foram aceit**as**.
4. O particípio irregular funciona como adjetivo também: regra **aceita**.
5. Quanto ao uso do particípio regular e do irregular, *vide* pág. 215.
6. Autores modernos têm dado preferência ao uso do particípio irregular, por ser mais sucinto, e têm-no usado indiferentemente para voz passiva ou ativa.

Relação de verbos abundantes no particípio

Não há unanimidade em relação às formas entre parênteses, que são vistas por alguns gramáticos como **adjetivos**.

absolver _____ absolvido, (absolto)
aceitar _____ aceitado, aceito, aceite
acender _____ acendido, aceso

anexar _____ anexado, (anexo)
assentar _____ assentado, assento, assente
benzer _____ benzido, bento
concluir _____ concluído, concluso
contundir _____ contundido, (contuso)
despertar _____ despertado, desperto
dispersar _____ dispersado, disperso
eleger _____ elegido, eleito
emergir _____ emergido, emerso
entregar _____ entregado, entregue
envolver _____ envolvido, envolto
enxugar _____ enxugado, enxuto
erigir _____ erigido, (ereto)
expelir _____ expelido, (expulso)
expressar _____ expressado, expresso
exprimir _____ exprimido, expresso
expulsar _____ expulsado, (expulso)
extinguir _____ extinguido, extinto
fartar _____ fartado, farto
findar _____ findado, findo
frigir _____ frigido, frito
ganhar _____ ganhado, ganho
gastar _____ gastado, gasto
imergir _____ imergido, imerso
imprimir _____ imprimido, impresso
incluir _____ incluído, (incluso)
incorrer _____ incorrido, (incurso)
inserir _____ inserido, inserto
insertar _____ insertado, (inserto)
isentar _____ isentado, isento
juntar _____ juntado, junto
limpar _____ limpado, limpo
matar _____ matado, morto
morrer _____ morrido, morto
nascer _____ nascido, (nado), (nato)
omitir _____ omitido, omisso
pagar _____ pagado, pago
pegar _____ pegado, pego (ê)
prender _____ prendido, preso
romper _____ rompido, (roto)
salvar _____ salvado, salvo
sepultar _____ sepultado, (sepulto)

soltar _____ soltado, solto
submergir _____ submergido, submerso
suprimir _____ suprimido, (supresso)
surpreender _____ surpreendido, surpreso
suspender _____ suspendido, suspenso
tingir _____ tingido, (tinto)

Prática

■ Qual a **1ª pessoa do singular** dos seguintes tempos dos verbos numerados? Na última coluna, ponha R, se for regular, e I, se irregular. Se o verbo for anômalo, considere-o irregular.

	INDICATIVO			
	Presente	Pretérito perfeito	Futuro do pretérito	R/I
296. agir				
297. caber				
298. crer				
299. enxaguar				
300. ir				
301. fazer				
302. mobiliar				
303. polir				
304. pular				
305. possuir				
306. poder				
307. querer				
308. requerer				
309. ser				
310. sumir				

Prática

■ Compare.

	PRES. INDICAT.	PRET. PERF. INDICAT.
1ª conj.	amo ≠ esto**u**	amei ≠ est**ive**
2ª conj.	corro ≠ tra**go**	corri ≠ tr**ouxe**
3ª conj.	parto ≠ pe**ço**	parti = pedi

■ Assinale **C** ou **E**, com base no quadro anterior.

311. ( ) **amar**, **correr** e **partir** são paradigmas das 1ª, 2ª e 3ª conjugações, respectivamente.
312. ( ) **estar** foge do paradigma, no presente e no perfeito do indicativo, por isso é irregular.
313. ( ) A irregularidade do verbo **estar**, no presente e no perfeito do indicativo, aparece no radical.
314. ( ) Em **estou** e **estive**, as desinências fogem do paradigma am**o**, am**ei**, e elas é que acusam a irregularidade.
315. ( ) Em **trazer**, **trago**, a mudança **z/g** mostra irregularidade no radical.
316. ( ) Em **trouxe**, há irregularidade no radical e na desinência. Se o verbo fosse regular, seria **trazi**.
317. ( ) **trarei** é forma regular.
318. ( ) **pedir** é irregular no pretérito perfeito.
319. ( ) **pedir** é irregular no futuro do presente.
320. ( ) Para saber se um verbo é **regular** ou **irregular**, não se precisa conjugá-lo todo. Basta conjugar, no indicativo, a 1ª do singular do presente e do pretérito perfeito.
321. ( ) **ser** e **ir** são anômalos porque têm mais de um radical primário ou raiz.
322. ( ) Alguns gramáticos consideram anômalos também verbos como **haver**, **vir** porque apresentam fortes mudanças nos seus radicais.
323. ( ) **Defectivo** é o verbo a que falta(m) forma(s).
324. ( ) **Abundante** é o verbo a que sobra(m) forma(s).
325. ( ) Nos tempos **compostos** ou **locuções verbais**, há dois ou mais verbos com valor de um só.
326. ( ) O verbo que, nas locuções verbais ou nos tempos compostos, mantém o seu significado-base chama-se **verbo principal**.

VERBO PRONOMINAL E VOZ REFLEXIVA

Prática

■ Compare os dois verbos e marque **C** ou **E**.

1. Eu me arrependi.
2. Eu me molhei.
3. Eu arrependi você.
4. Eu molhei você.

327. ( ) Em 1 e 2, as formas verbais parecem estar na voz reflexiva.
328. ( ) Em 2, o sujeito **eu** e o alvo **me** representam casualmente o mesmo ser; já em 4, o mesmo verbo molhar tem o sujeito **eu** e o alvo **você** representando seres diferentes.
329. ( ) O verbo **molhar** pode ser conjugado com pronome oblíquo átono, como em 2; mas também pode ser conjugado sem o oblíquo átono, como em 3.

330. ( ) O verbo **molhar**, em 2, está na voz reflexiva; em 4, na voz ativa.
331. ( ) O exemplo 3 foge à norma culta da Língua Portuguesa, porque o verbo **arrepender-se** só pode ser conjugado com o pronome oblíquo átono.
332. ( ) Deduz-se, dos exemplos 3 e 4, que **arrepender-se** é um verbo pronominal por essência, enquanto o **molhar** só tem a aparência de pronominal quando está conjugado na voz reflexiva ou recíproca (ex. 2).

■ Compare agora os exemplos e marque **C** ou **E**.

Eu **molho** a flor – Voz Ativa
Eu **sou molhado** por alguém – Voz Passiva
Eu **me molho** – Voz Reflexiva
Eu **arrependo** – Não existe
Eu **sou arrependido** por alguém – Não existe
Eu **me arrependo**.

333. ( ) Em **Eu me molho**, o verbo está na **voz reflexiva**, porque ele tem também as vozes **ativa** e **passiva**; e uma voz se define por oposição a outra.
334. ( ) Em **Eu me arrependo**, o verbo está numa forma única, que não pressupõe voz ativa, passiva ou reflexiva, por isso é um verbo pronominal.

Verbo Pronominal é o que **só** se conjuga acompanhado dos pronomes oblíquos átonos, na mesma pessoa do seu sujeito: **arrepender-se**, **ater-se**, **suicidar-se**.
Não confunda verbo pronominal com **voz reflexiva** de qualquer verbo: **cortar**, **ver**, **ferir**...

PARADIGMA DE CONJUGAÇÃO PRONOMINAL E REFLEXIVA

Modo indicativo

Presente do indicativo		
lavo-me	arrependo-me	saio-me
lavas-te	arrependes-te	sais-te
lava-se	arrepende-se	sai-se
lavamo-nos	arrependemo-nos	saímo-nos
lavais-vos	arrependeis-vos	saís-vos
lavam-se	arrependem-se	saem-se

Pretérito perfeito do indicativo

lavei-me	arrependi-me	saí-me
lavaste-te	arrependeste-te	saíste-te
lavou-se	arrependeu-se	saiu-se
lavamo-nos	arrependemo-nos	saímo-nos
lavastes-vos	arrependeis-vos	saístes-vos
lavaram-se	arrependem-se	saíram-se

tenho-me
tens-te
tem-se
temo-nos
tendes-vos
têm-se

lavado, arrependido, saído...

Pretérito imperfeito do indicativo

lavava-me	arrependia-me	saía-me
lavavas-te	arrependias-te	saías-te
lavava-se	arrependia-se	saía-se
lavávamo-nos	arrependíamo-nos	saíamo-nos
laváveis-vos	arrependíeis-vos	saíeis-vos
lavavam-se	arrependiam-se	saíam-se

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

lavara-me	arrependera-me	saíra-me
lavaras-te	arrependeras-te	saíras-te
lavara-se	arrependera-se	saíra-se
laváramo-nos	arrependêramo-nos	saíramo-nos
laváreis-vos	arrependêreis-vos	saíreis-vos
lavaram-se	arrependeram-se	saíram-se

tinha-me
tinhas-te
tinha-se
tínhamo-nos
tínheis-vos
tinham-se

lavado, arrependido, saído...

Futuro do pretérito do indicativo

lavar-me-ia	arrepender-me-ia	sair-me-ia
lavar-te-ias	arrepender-te-ias	sair-te-ias
lavar-se-ia	arrepender-se-ia	sair-se-ia
lavar-nos-íamos	arrepender-nos-íamos	sair-nos-íamos
lavar-vos-íeis	arrepender-vos-íeis	sair-vos-íeis
lavar-se-iam	arrepender-se-iam	sair-se-iam

ter-me-ia
ter-te-ias
ter-se-ia
ter-nos-íamos
ter-vos-íeis
ter-se-iam

lavado, arrependido, saído...

Futuro do presente do indicativo

lavar-me-ei	arrepender-me-ei	sair-me-ei
lavar-te-ás	arrepender-te-ás	sair-te-ás
lavar-se-á	arrepender-se-á	sair-se-á
lavar-nos-emos	arrepender-nos-emos	sair-nos-emos
lavar-vos-eis	arrepender-vos-eis	sair-vos-eis
lavar-se-ão	arrepender-se-ão	sair-se-ão

ter-me-ei
ter-te-ás
ter-se-á
ter-nos-emos
ter-vos-eis
ter-se-ão

lavado, arrependido, saído...

Prática

■ Observando a conjugação pronominal e reflexiva do indicativo, assinale **C** ou **E**.

335. ( ) A desinência **mos**, da 1ª pessoa do plural, perde o **s** ao receber o oblíquo átono **nos**.
336. ( ) O verbo **lavar** não é um verbo pronominal, mas assume a conjugação pronominal para fazer a voz reflexiva.
337. ( ) O verbo **sair** não é pronominal: **Ela sai cedo**.
338. ( ) O verbo **sair-se** é pronominal no sentido de obter resultado (**sair-se bem ou mal**) e no sentido de desvencilhar-se.

339. ( ) Não é possível construir-se a forma **havia-me lavado**.
340. ( ) Os tempos compostos da voz ativa podem ser construídos com o auxiliar **ter** ou **haver**: **tinha-me** ou **havia-me lavado**; **ter-me-ei** ou **haver-me-ei lavado**.
341. ( ) Atualmente, o auxiliar **haver** está em desuso, o que traz um tom de arcaísmo à frase. Ainda é usado para evitar a repetição do **ter** ou para obtenção de efeito estilístico.

Modo subjuntivo

Presente do subjuntivo

...que eu me lave	...me arrependa	...me saia
...que tu te laves	...te arrependas	...te saias
...que ele se lave	...se arrependa	...se saia
...que nós nos lavemos	...nos arrependamos	...nos saiamos
...que vós vos laveis	...vos arrependais	...vos saiais
...que eles se lavem	...se arrependam	...se saiam

Pretérito imperfeito do subjuntivo

se eu me lavasse	...me arrependesse	...me saísse
se tu te lavasses	...te arrependesses	...te saísses
se ele se lavasse	...se arrependesse	...se saísse
se nós nos lavássemos	...nos arrependêssemos	...nos saíssemos
se vós vos lavásseis	...vos arrependêsseis	...vos saísseis
se eles se lavassem	...se arrependessem	...se saíssem

se eu me tivesse
se tu te tivesses
se ele se tivesse
se nós nos tivéssemos
se vós vos tivésseis
se eles se tivessem

> lavado, arrependido, saído...

Futuro do subjuntivo

quando eu me lavar	...me arrepender	...me sair
quando tu te lavares	...te arrependeres	...te saíres
quando ele se lavar	...se arrepender	...se sair
quando nós nos lavarmos	...nos arrependermos	...nos sairmos
quando vós vos lavardes	...vos arrependerdes	...vos sairdes
quando eles se lavarem	...se arrependerem	...se saírem

quando eu me tiver
quando tu te tiveres
quando ele se tiver
quando nós nos tivermos
quando vós vos tiverdes
quando eles se tiverem

lavado, arrependido, saído...

Prática

■ Observando a conjugação pronominal e reflexiva do subjuntivo, assinale **C** ou **E**.

342. ( ) Os pronomes oblíquos átonos são colocados antes do verbo porque são atraídos pelas conjunções subordinativas **que**, **se**, **quando**...

343. ( ) Na frase "Lave-me a culpa a Sua misericórdia", a forma verbal é igual à do subjuntivo (**lave**), e o pronome átono **me** vem depois do verbo porque este não está precedido de conjunção subordinativa.

344. ( ) Em "Lave-me a culpa", tem-se exemplo de oração optativa, constituída de forma verbal igual à do subjuntivo, mas com ênclise obrigatória.

Modo imperativo

Afirmativo		
lava-te	arrepende-te	sai-te
lave-se (você)	arrependa-se (você)	saia-se (você)
lavemo-nos	arrependamo-nos	saiamo-nos
lavai-vos	arrependei-vos	saí-vos
lavem-se (vocês)	arrependam-se (vocês)	saiam-se (vocês)

Negativo		
Não te laves	Não te arrependas	Não te saias
Não se lave (você)	Não se arrependa (você)	Não se saia (você)
Não nos lavemos	Não nos arrependamos	Não nos saiamos
Não vos laveis	Não vos arrependais	Não vos saiais
Não se lavem (vocês)	Não se arrependam (vocês)	Não se saiam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal		
lavar-se	arrepender-se	sair-se

Infinitivo pessoal		
lavar-me	arrepender-me	sair-me
lavares-te	arrependeres-te	saíres-te
lavar-se	arrepender-se	sair-se
lavarmo-nos	arrependermo-nos	sairmo-nos
lavardes-vos	arrependerdes-vos	sairdes-vos
lavarem-se	arrependerem-se	saírem-se

Gerúndio		
lavando-se	arrependendo-se	saindo-se

Particípio		
lavado	arrependido	saído

Prática

■ Observe as formas nominais da conjugação pronominal e reflexiva e responda **C** ou **E**.

345. ( ) O quadro apresenta erro porque o particípio deveria ser **lavado-se**, **arrependido-se**, **saído-se**.

346. ( ) O quadro está correto. O particípio não aceita pronome átono.

347. ( ) Em todo o quadro, só há três formas acentuadas graficamente: **saíres-te**, **saírem-se**, **saído**.

348. ( ) Em **saíres-te**, **saírem-se**, **saído**, o **i** é acentuado graficamente por ser 2ª vogal de hiato e estar sozinho na sílaba.

CLASSIFICAÇÃO DO VERBO QUANTO À FUNÇÃO

Verbo principal

Mantém o significado próprio:
Tenho **estudado**. Estou sendo **amado**.
Vou **amar**.

Verbo auxiliar

Perde seu significado próprio para ajudar a conjugar o principal:
Tenho sido amado. **Estou** amando.
Vou amar.

USO DOS PARTICÍPIOS: REGULAR E IRREGULAR

Observe:

I – Ele **havia matado** o inimigo.
II – O inimigo **foi morto**.
III – Ele **tinha matado** o inimigo.
IV – O inimigo **está morto**.
V – Inimigo bom é inimigo **morto**.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

349. ( ) I e III estão na **voz ativa** (auxiliares: haver e ter).
350. ( ) II e IV estão na **voz passiva** (auxiliares: ser e estar).
351. ( ) "matado" é particípio regular; "morto", irregular.
352. ( ) Na frase V, "morto" é **adjetivo**.

Os **particípios regulares** (**ado**, **ido**) são usados com os auxiliares **ter** e **haver** e formam a voz ativa.
Os **particípios irregulares** são usados para função de adjetivo e para fazer a voz passiva, com os auxiliares **ser** e **estar**.

■ Assinale **C** ou **E**.

353. ( ) Esse livro foi imprimido no Brasil.
354. ( ) A editora tinha impresso esse livro no Brasil.
355. ( ) Esse livro foi impresso no Brasil.
356. ( ) A editora tinha imprimido esse livro no Brasil.
357. ( ) Foi impressa enorme velocidade ao carro.
358. ( ) **imprimir**, na acepção de "produzir movimento", "infundir", tem apenas o particípio regular (imprimido).
359. ( ) Foi imprimida enorme velocidade ao carro.

CONJUGAÇÃO DE VERBOS REGULARES, IRREGULARES, DEFECTIVOS, ANÔMALOS E ABUNDANTES QUE REQUEREM ATENÇÃO

As formas verbais a seguir relacionadas são dignas de nota. Todas as não relacionadas são regulares. Destacamos, por serem primitivas e gerarem outras: o **infinitivo**, no título do verbo; e, do indicativo, o **presente** e o **pretérito perfeito**, conjugados em todas as pessoas. Para esclarecer dúvidas, apresentamos as pessoas do **presente do subjuntivo** e o **imperativo afirmativo**. O imperativo negativo tem as pessoas iguais ao presente do subjuntivo, por isso não as relacionamos. Sob a denominação **outras**, registramos a

1ª pessoa do singular dos seguintes tempos, sempre na mesma ordem: do indicativo, o **imperfeito**, o **futuro do presente**, o **futuro do pretérito** e o **mais-que-perfeito**; do subjuntivo, o **imperfeito** e o **futuro**; além desses, o **gerúndio** e o **particípio**. Quando se define um verbo como regular, ele segue o paradigma da sua conjugação (*vide* página 179). Em alguns casos, negritamos as sílabas ou vogais tônicas para evitar dúvidas quanto à pronúncia.

1ª conjugação

circundar, relampejar, tracejar (Regulares.)
Conjugam-se como **amar**.

constar, prestar, restar, sustar (Regulares.)
Não seguem **estar**. Conjugam-se como **amar**.

Ind. pres.:	consto, constas, consta, constamos, constais, constam.
Pret. perf.:	constei, constaste, constou, constamos, constastes, constaram.
Subj. pres.:	conste, constes, conste, constemos, consteis, constem.
Imperat. afirm.:	consta, conste, constemos, constai, constem.
Outras:	constava, constarei, constaria, constara, constasse, constar, constando, constado.

dar, desdar (Irregulares.)

Ind. pres.:	dou, dás, dá, damos, dais, dão.
Pret. perf.:	dei, deste, deu, demos, destes, deram.
Subj. pres.:	dê, dês, dê, demos, deis, dêem (nova ortografia: deem).
Imperat. afirm.:	dá, dê, demos, dai, dêem (nova ortografia: deem).
Outras:	dava, darei, daria, dera, desse, der, dando, dado.

sobestar, sobrestar (Irregulares.)
Conjugam-se como **estar**. *Vide* pág. 187.

grassar (Defectivo, unipessoal.)

Ind. pres.:	–, –, grassa, –, –, grassam.
Pret. perf.:	–, –, grassou, –, –, grassaram.
Subj. pres.:	–, –, grasse, –, –, grassem.
Imperat. afirm.:	–, grasse, –, – grassem.
Outras:	grassava(m), grassará(ão), grassaria(m), grassara(m), grassasse(m), grassar(em), grassando, grassado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** a respeito de **grassar**.

360. ( ) **grassar** significa **espalhar-se**.
361. ( ) Só se conjuga nas 3as pessoas. Por só dispor de uma pessoa, a terceira, é chamado de unipessoal.
362. ( ) Há autores que consideram o **unipessoal** como uma espécie de **defectivo**.
363. ( ) Consideram-se também unipessoais os verbos que designam vozes de animais: **uivar**, **crocitar**.

Terminados em ear

acarear, afoguear, alardear, apear, aperrear, arear, arrear, atear, baquear, bloquear, cambalear, capitanear, cear, clarear, coxear, desnortear, falsear, folhear, frear, galantear, golpear, granjear, guerrear, hastear, menear, nomear, nortear, palmear, passear, patentear, planear, recear, recrear, refrear, regatear, relampaguear, relampear, rodear, saborear, saquear, semear, serpear, serpentear... (Irregulares; seguem o modelo de **pentear**.)

Ind. pres.:	penteio, penteias, penteia, penteamos, penteais, penteiam.
Pret. perf.:	penteei, penteaste, penteou, penteamos, penteastes, pentearam.
Imperat. afirm.:	penteia, penteie, penteemos, penteai, penteiem.
Subj. pres.:	penteie, penteies, penteie, penteemos, penteeis, penteiem.
Outras:	penteava, pentearei, pentearia, penteara, penteasse, pentear, penteando, penteado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos em **ear**.

364. ( ) Nas formas rizotônicas, aparece um **i** depois do **e**: pente**i**o, pente**i**e, pente**i**am.
365. ( ) Nas formas arrizotônicas, são conjugados normalmente: penteamos, penteemos, penteei, penteaste, penteastes, pentearam.
366. ( ) A 1ª pessoa do plural do presente e a do pretérito perfeito do indicativo são iguais, como em muitos outros verbos.
367. ( ) **relampaguear** tem outras duas variantes corretas: **relampear** e **relampejar**; esta última, regular.

precatar(-se) (Regular.)

Ind. pres.:	precato, precatas, precata, precatamos, precatais, precatam.
Pret. perf.:	precatei, precataste, precatou, precatamos, precatastes, precataram.
Subj. pres.:	precate, precates, precate, precatemos, precateis, precatem.
Imperat. afirm.:	precata, precate, precatemos, precatai, precatem.
Outras:	precatava, precatarei, precataria, precatara, precatasse, precatar, precatando, precatado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

368. ( ) **precatar(-se)** significa **acautelar(-se)**, **prevenir(-se)**, **precaver(-se)**.
369. ( ) São verbos característicos do registro popular.
370. ( ) A norma culta os aconselha para suprir as pessoas que faltam ao defectivo **precaver-se**.

idear, estrear (Irregulares.)

Ind. pres.:	idéio, idéias, idéia, ideamos, ideais, idéiam. (nova ortografia: ideio, ideias, ideia, ideamos, ideais, ideiam)
Pret. perf.:	ideei, ideaste, ideou, ideamos, ideastes, idearam.
Subj. pres.:	idéie, idéies, idéie, ideemos, ideeis, idéiem. (nova ortografia: ideie, ideies, ideie, ideemos, ideeis, ideiem)
Imperat. afirm.:	idéia, idéie, ideemos, ideai, idéiem. (nova ortografia: ideia, ideie, ideemos, ideai, ideiem)
Outras:	ideava, idearei, idearia, ideara, ideasse, idear, ideando, ideado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos acima.

371. ( ) Após o **e**, aparece o **i** nas formas rizotônicas, como acontece com os outros verbos terminados em **ear**.
372. ( ) São também, por isso, irregulares.
373. ( ) Diferentemente dos outros terminados em **ear**, apresentam o ditongo aberto **éi** no presente do indicativo e no presente do subjuntivo, só nas formas rizotônicas.
374. ( ) Nos imperativos afirmativo e negativo, que derivam dos presentes do indicativo e do subjuntivo, as formas arrizotônicas devem também ter o ditongo aberto **éi**.
375. ( ) Explica-se o ditongo aberto nos verbos **idear**, **estrear**, pela existência de seus substantivos cognatos **idéia** e **estréia**.

Terminados em iar

acariciar, adiar, afiar, agoniar, agraciar, aliar, aliviar, amaciar, ampliar, angariar, ansiar, anunciar, apreciar, arrepiar, assediar, assobiar, associar, assoviar, ataviar, avaliar, aviar, balbuciar, beneficiar, caluniar, chiar, confiar, contrariar, criar, deliciar, desfiar, enfiar, enunciar, enviar, esfriar, espiar, evidenciar, expiar, extasiar, fiar, historiar, incendiar, injuriar, mediar, miar, negociar, odiar, oficiar, piar, porfiar, premiar, prenunciar, principiar, procriar, pronunciar, recriar, remediar, renunciar, saciar, sediar, tosquiar, vadiar, vangloriar, variar...
(Regulares; seguem o modelo de **abreviar**, com exceções, no próximo quadro.)

Ind. pres.:	abrevio, abrevias, abrevia, abreviamos, abreviais, abreviam.
Pret. perf.:	abreviei, abreviaste, abreviou, abreviamos, abreviastes, abreviaram.
Subj. pres.:	abrevie, abrevies, abrevie, abreviemos, abrevieis, abreviem.
Imperat. afirm.:	abrevia, abrevie, abreviemos, abreviai, abreviem.
Outras:	abreviava, abreviarei, abreviaria, abreviara, abreviasse, abreviar, abreviando, abreviado.

ansiar, incendiar, mediar, odiar, remediar (Irregulares.) **premiar, negociar** (Regulares ou iregulares.)

Ind. pres.:	anseio, anseias, anseia, ansiamos, ansiais, anseiam.
Pret. perf.:	ansiei, ansiaste, ansiou, ansiamos, ansiastes, ansiaram.
Subj. pres.:	anseie, anseies, anseie, ansiemos, ansieis, anseiem.
Imperat. afirm.:	anseia, anseie, ansiemos, ansiai, anseiem.
Outras:	ansiava, ansiarei, ansiaria, ansiara, ansiasse, ansiar, ansiando, ansiado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos em **iar**.

376. ( ) Os verbos terminados em **iar** são todos regulares.

377. ( ) Os regulares seguem a conjugação de **amar** e são a grande maioria.

378. ( ) Há, pelo menos, cinco verbos terminados em **iar**, irregulares, que se conjugam com um **e**, nas formas rizotônicas: **mediar**, **ansiar**, **remediar**, **incendiar** e **odiar**, como se terminassem em **ear**: **medeio**, **anseio**...

379. ( ) No Brasil se fala "eu negocio", "eu premio"; em Portugal e outros países, também se fala "eu negoceio", "eu premeio".

Observação:

Para lembrar esses cinco verbos irregulares terminados em **iar**, que se conjugam como os terminados em **ear**, lembre-se da palavra MÁRIO:

Mediar, **A**nsiar, **R**emediar, **I**ncendiar, **O**diar.

mobiliar, mobilar, mobilhar (Regulares.)

Ind. pres.:	– mo**bí**lio, mo**bí**lias, mo**bí**lia, mobili**a**mos, mobili**ais**, mo**bí**liam.
	– mo**bi**lo, mo**bi**las, mo**bi**la, mobi**la**mos, mobi**lais**, mo**bi**lam.
	– mo**bi**lho, mo**bi**lhas, mo**bi**lha, mobi**lha**mos, mobi**lhais**, mo**bi**lham.
Pret. perf.:	– mobili**ei**, mobili**as**te, mobili**ou**, mobili**a**mos, mobili**as**tes, mobili**a**ram.
	– mobil**ei**, mobil**as**te, mobil**ou**, mobil**a**mos, mobil**as**tes, mobil**a**ram.
	– mobilh**ei**, mobilh**as**te, mobilh**ou**, mobilh**a**mos, mobilh**as**tes, mobilh**a**ram.
Subj. pres.:	– mo**bí**lie, mo**bí**lies, mo**bí**lie, mobili**e**mos, mobili**eis**, mo**bí**liem.
	– mo**bi**le, mo**bi**les, mo**bi**le, mobil**e**mos, mobil**eis**, mo**bi**lem.
	– mo**bi**lhe, mo**bi**lhes, mo**bi**lhe, mobilh**e**mos, mobilh**eis**, mo**bi**lhem.

Imperat. afirm.: – mo**bí**lia, mo**bí**lie, mobili**e**mos, mobili**ai**, mo**bí**liem.
– mo**bi**la, mo**bi**le, mobil**e**mos, mobil**ai**, mo**bi**lem.
– mo**bi**lha, mo**bi**lhe, mobilh**e**mos, mobilh**ai**, mo**bi**lhem.

Outras: – mobili**a**va, mobiliar**e**i, mobiliar**i**a, mobili**a**ra, mobili**a**sse, mobili**a**r, mobili**an**do, mobili**a**do.
– mobil**a**va, mobilar**e**i, mobilar**i**a, mobil**a**ra, mobil**a**sse, mobil**a**r, mobil**an**do, mobil**a**do.
– mobilh**a**ra, mobilhar**e**i, mobilhar**i**a, mobilh**a**ra, mobilh**a**sse, mobilh**a**r, mobilh**an**do, mobilh**a**do.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

380. ( ) A variante **mobilar** é lusitanismo.
381. ( ) Na variante **mobiliar**, a sílaba **bi** passa a ter acento agudo nas formas arrizotônicas.
382. ( ) Toda paroxítona terminada em ditongo deve ser acentuada graficamente. É por isso que em **mobiliar**, as formas rizotônicas recebem o acento agudo.
383. ( ) No subjuntivo presente, estão certas as formas: mobíle, mobílhes, mobílhem, mobílem...
384. ( ) No subjuntivo presente, estão certas as formas: mobile, mobilhes, mobilhem, mobilem...

apiedar-se, apiadar-se (Regulares.)

eu me apiedo	eu me apiado
tu te apiedas	tu te apiadas
ele se apieda	ele se apiada
nós nos apiedamos	nós nos apiadamos
vós vos apiedais	vós vos apiadais
eles se apiedam	eles se apiadam

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

385. ( ) Em Portugal, **piedade** e **piadade**, na pronúncia, confundem-se.
386. ( ) A forma **apiadar-se** relaciona-se com **piadade** e é considerada arcaísmo.
387. ( ) Ambos os verbos são pronominais e regulares.

Terminados em <u>oar</u>

abençoar, abalroar, abotoar, assoar, caçoar, coar, doar, ensaboar, magoar, reboar, soar, voar... (Regulares; seguem o modelo de **voar**.)

Ind. pres.: vôo (nova ortografia: voo), voas, voa, voamos, voais, voam.
Pret. perf.: voei, voaste, voou, voamos, voastes, voaram.
Subj. pres.: voe, voes, voe, voemos, voeis, voem.

Imperat. afirm.:	voa, voe, voemos, voai, voem.
Outras:	voava, voarei, voaria, voara, voasse, voar, voando, voado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos em **oar**.

388. ( ) **ensabôo**, **abotôo**, **magôo**, **vôo** eram acentuadas, mas deixaram de sê-lo pela nova ortografia.
389. ( ) **abalrôas**, **abotôas**, **caçôas** não são acentuadas, nem pela antiga, nem pela nova ortografia.
390. ( ) **côa**, **côas** eram acentuadas para diferençar de **coa**, **coas**, contração de **com** + **a**(**s**), mas perderam o acento pela nova ortografia.
391. ( ) Os grupos **oo**, **oa**, **oe**, pela nova ortografia, não se acentuam, exceto em **côa**, **côas**.

Terminados em uar

amuar, atuar, autuar, continuar, cultuar, encruar, graduar, habituar, jejuar... (Regulares; seguem o modelo de **suar**.)

Ind. pres.:	suo, suas, sua, suamos, suais, suam.
Pret. perf.:	suei, suaste, suou, suamos, suastes, suaram.
Subj. pres.:	sue, sues, sue, suemos, sueis, suem.
Imperat. afirm.:	sua, sue, suemos, suai, suem.
Outras:	suava, suarei, suaria, suara, suasse, suar, suando, suado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

392. ( ) **soar** e **suar** são regulares, e é comum confundi-los.
393. ( ) Soamos muito no calor.
394. ( ) Naquele ambiente úmido e fechado, o tambor soava e suava.
395. ( ) O bolo encroou.

Terminados em guar, quar, quir

aguar, apaniguar, apaziguar, apropinquar, adequar(-se), antiquar, averiguar, desaguar, enxaguar, minguar, obliquar, delinqüir/delinquir (nova ortografia)**...** (Regulares.)

Ind. pres.:	1 – **á**guo, **á**guas, **á**gua, agu**a**mos, agu**a**is, **á**guam.
	2 – ag**u**o, ag**u**as, ag**u**a, agu**a**mos, agu**a**is, ag**u**am.
Pret. perf.:	agüei (nova ortografia: agu**e**i), agu**a**ste, agu**o**u, agu**a**mos, agu**a**stes, agu**a**ram.
Subj. pres.:	1 – **á**güe, **á**gües, **á**güe, agü**e**mos, agü**e**is, **á**güem (nova ortografia: **á**gue, **á**gues, **á**gue, agu**e**mos, agu**e**is, **á**guem).
	2 – ag**u**e, ag**u**es, ag**u**e, agu**e**mos, agu**e**is, ag**u**em.

Imperat. afirm.: 1 – água, ágüe, agüemos, aguai, ágüem (nova ortografia: água, águe, aguemos, aguai, águem).
2 – ag**u**a, ag**ue**, agu**e**mos, agu**a**i, ag**u**em.
Outras: aguava, aguarei, aguaria, aguara, aguasse, aguar, aguando, aguado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos acima.

396. ( ) As formas rizotônicas recebem acento agudo porque são paroxítonas terminadas em ditongo.
397. ( ) Na antiga ortografia, o **u** recebe trema antes de **e** por ser pronunciado e átono. Nas novas regras ortográficas, o **u** perdeu o trema.
398. ( ) Observando-se as letras em negrito que marcam a vogal tônica, constata-se que há duas pronúncias possíveis.
399. ( ) Nos presentes do indicativo e do subjuntivo, há duas pronúncias e grafias consagradas.
400. ( ) Por isso, nos imperativos afirmativo e negativo, há também duas pronúncias e grafias consagradas.
401. ( ) O **u** é sempre pronunciado tônico.
402. ( ) O **u** é sempre pronunciado. Na antiga ortografia, quando átono, tem trema; quando tônico, tem acento agudo.
403. ( ) Agora, pela nova ortografia, devem-se eliminar todos os tremas.
404. ( ) O **u** é sempre pronunciado tônico nas formas rizotônicas. Nas arrizotônicas, é pronunciado átono.
405. ( ) O dicionário Houaiss classifica todos esses verbos como regulares.
406. ( ) As formas rizotônicas apresentam acento agudo por serem proparoxítonas.
407. ( ) As formas rizotônicas apresentam acento agudo por serem paroxítonas terminadas em ditongo.
408. ( ) **Apropinguar(-se)** é muito usado, mas a forma pronominal não o é.
409. ( ) Esse verbo, que significa **aproximar**, **aproximar-se**, é de uso raro.

resfolegar (Regular.)

Ind. pres.: resfólego, resfólegas, resfólega, resfolegamos, resfolegais, resfólegam.
Pret. perf.: resfoleguei, resfolegaste, resfolegou, resfolegamos, resfolegastes, resfolegaram.
Subj. pres.: resfólegue, resfólegues, resfólegue, resfoleguemos, resfolegueis, resfóleguem.
Imperat.: afirm.: resfólega, resfólegue, resfoleguemos, resfolegai, resfóleguem.
Outras: resfolegava, resfolegarei, resfolegaria, resfolegara, resfolegasse, resfolegar, resfolegando, resfolegado.

resfolgar (Regular.)

Ind. pres.:	resfolgo, resfolgas, resfolga, resfolgamos, resfolgais, resfolgam.
Pret. perf.:	resfolguei, resfolgaste, resfolgou, resfolgamos, resfolgastes, resfolgaram.
Subj. pres.:	resfolgue, resfolgues, resfolgue, resfolguemos, resfolgueis, resfolguem.
Imperat. afirm.:	resfolga, resfolgue, resfolguemos, resfolgai, resfolguem.
Outras:	resfolgava, resfolgarei, resfolgaria, resfolgara, resfolgasse, resfolgar, resfolgando, resfolgado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os quadros anteriores.

"No intervalo, os jogadores resfolgavam (ou resfolegavam) no vestiário."

410. ( ) **resfolegar** ou **resfolgar** significa **recuperar o fôlego**, **descansar**.
411. ( ) **resfolgar** é derivado de **resfolegar** pela síncope do **e** (queda do **e**).
412. ( ) **resfolegar** e **resfolgar** são, pois, sinônimos.
413. ( ) **resfolegar** conjuga-se regularmente nas formas arrizotônicas.

Terminados em gnar, bstar, psar, ptar e tmar

dignar-se, indignar-se, consignar, estagnar, persignar-se, resignar-se, impugnar, propugnar, repugnar, obstar, eclipsar, optar, raptar, ritmar... (Regulares; conjugam-se como **pugnar**.)

Ind. pres.:	p**u**gno, p**u**gnas, p**u**gna, pugn**a**mos, pugn**a**is, p**u**gnam.
Pret. perf.:	pugn**e**i, pugn**a**ste, pugn**o**u, pugn**a**mos, pugn**a**stes, pugn**a**ram.
Subj. pres.:	p**u**gne, p**u**gnes, p**u**gne, pugn**e**mos, pugn**e**is, p**u**gnem.
Imperat. afirm.:	p**u**gna, p**u**gne, pugn**e**mos, pugn**a**i, p**u**gnem.
Outras:	pugn**a**va, pugnar**e**i, pugnar**i**a, pugn**a**ra, pugn**a**sse, pugn**a**r, pugn**a**ndo, pugn**a**do.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre o quadro anterior.

414. ( ) Na pronúncia, o encontro consonantal **gn** é inseparável.
415. ( ) O **g** se apoia na vogal que lhe vem antes; o **n**, na que se lhe segue (p**u**g-n**o**).
416. ( ) O mesmo acontece com **o**bs-t**o**, **o**bs-t**a**s, **o**p-t**o**, **o**p-t**a**s, r**a**p-t**o**, r**a**p-t**a**s, r**i**t-m**o**, r**i**t-m**a**s...
417. ( ) No presente do indicativo, do subjuntivo e no imperativo é que aparecem formas rizotônicas, excetuando-se **nós** e **vós**.
418. Sublinhe as letras que representam as vogais tônicas, pronunciando as palavras, em voz alta, para educar o ouvido.
indigno-me, indigna-se, indignam-se, indignamo-nos, indignai-vos, indignas-te.

obviar (Regular.)

Ind. pres.:	obv**i**o, obv**i**as, obv**i**a, obv**i**amos, obv**i**ais, obv**i**am.
Pret. perf.:	obv**i**ei, obv**i**aste, obv**i**ou, obv**i**amos, obv**i**astes, obv**i**aram.
Subj. pres.:	obv**i**e, obv**i**es, obv**i**e, obv**i**emos, obv**i**eis, obv**i**em.
Imperat. afirm.:	obv**i**a, obv**i**e, obv**i**emos, obv**i**ai, obv**i**em.
Outras:	obv**i**ava, obviar**á**, obviar**i**a, obv**i**ara, obv**i**asse, obv**i**ar, obv**i**ando, obv**i**ado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre o quadro visto.

419. ( ) O encontro consonantal **bv** é separável, ficando cada consoante numa sílaba.
420. ( ) Nenhuma de suas formas apresenta acento gráfico no **i** ou **e**.
421. ( ) **obviar** conjuga-se com a mesma pronúncia de **optar**.
422. ( ) Em **obviar**, a tônica está sempre depois do encontro consonantal, o que não acontece com **optar**.

2ª conjugação

abster-se, ater-se, conter, deter, entreter, manter, obter, reter, suster... (Irregulares; conjugam-se como **ter**.) *Vide* pág. 187.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** em relação ao presente do indicativo do verbo **ter**.

423. ( ) A 3ª pessoa do plural tem circunflexo para não ser confundida com a 3ª pessoa do singular (eles têm ≠ ele tem).
424. ( ) Nos derivados, isso também acontece: eles detêm, mantêm, obtêm...
425. ( ) Nos derivados, a 3ª pessoa do singular também segue a grafia de **ter**: ele tem, detem, mantem, se abstem...
426. ( ) A 3ª pessoa do singular de **ter** escreve-se sem acento, mas a de seus derivados, por ter mais de uma sílaba, segue a regra de acentuação das oxítonas e recebem acento agudo: tem ≠ retém, detém, abstém-se, ou se abstém, entretém...

Terminados em azer*

afazer, bem-fazer, contrafazer, desafazer, desfazer, esfazer, estupefazer, liqüefazer ou liquefazer, malfazer, perfazer, putrefazer, rarefazer, refazer, satisfazer, torrefazer, transfazer, tumefazer... (Irregulares e abundantes; conjugam-se como **fazer**.)

Ind. pres.:	faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem.

Pret. perf.:	fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram.
Subj. pres.:	faça, faças, faça, façamos, façais, façam.
Imperat. afirm.:	faz(e), faça, façamos, fazei, façam.
Outras:	fazia, farei, faria, fizera, fizesse, fizer, fazendo, feito.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

427. ( ) **faz-**, **faç-**, **fiz-**, **fez-**, **far-**, **fei-** ... tantos radicais num mesmo verbo levam gramáticos a classificarem-no como anômalo.
428. ( ) **faço**, **faz**, **fiz**, **faça** são formas irregulares.
429. ( ) **farei**, **faria**, **feito** são formas regulares.
430. ( ) No imperativo afirmativo, **faz** (tu) ou **faze** (tu) são formas abundantes.

jazer, adjazer, circunjazer, subjazer (Irregulares e abundantes.)

Ind. pres.:	subjazo, subjazes, subjaz, subjazemos, subjazeis, subjazem.
Pret. perf.:	subjazi, subjazeste, subjazeu, subjazemos, subjazestes, subjazeram.
Subj. pres.:	subjaza, subjazas, subjaza, subjazamos, subjazais, subjazam.
Imperat. afirm.:	subjaz(e), subjaza, subjazamos, subjazei, subjazam.
Outras:	subjazia, subjazerei, subjazeria, subjazera, subjazesse, subjazer, subjazendo, subjazido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

431. ( ) A irregularidade desses verbos acontece só na 3ª pessoa do singular: **jaz**, **subjaz**, **adjaz**, **circunjaz**.
432. ( ) No imperativo afirmativo, são abundantes: **jaze** (tu) ou **jaz** (tu)...

comprazer, descomprazer (Irregulares e abundantes.)

Ind. pres.:	comprazo, comprazes, compraz, comprazemos, comprazeis, comprazem.
Pret. perf.:	comprazi, comprazeste, comprazeu, comprazemos, comprazestes, comprazeram (moderno). comprouve, comprouveste, comprouve, comprouvemos, comprouvestes, comprouveram (antigo).
Subj. pres.:	compraza, comprazas, compraza, comprazamos, comprazais, comprazam.
Imperat. afirm.:	compraz(e), compraza, comprazamos, comprazei, comprazam.
Outras:	comprazia, comprazerá, comprazeria, comprazera, comprazesse ou comprouvesse, comprazer ou comprouver, comprazendo, comprazido.

**Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*

prazer, aprazer, desaprazer, desprazer (Irregulares, defectivos e abundantes.)

Ind. pres.:	–, –, praz, –, –, prazem.
Pret. perf.:	–, –, prouve, –, –, prouveram.
Subj. pres.:	–, –, praza, –, –, prazam.
Imperat. afirm.:	–, praza, –, prazam.
Outras:	prazia(am), prazerá(ão), prazeria(am), prouvera(am), prouvesse(em), prouver(em), prazendo, prazido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

433. ( ) Esses verbos são irregulares na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo: **praz**, **compraz**...

434. ( ) Alguns gramáticos já consideram o verbo **prazer** com conjugação completa, como a de **comprazer**.

435. ( ) **comprazer** e **descomprazer** conjugam-se em todas as pessoas e tempos.

436. ( ) **aprazer**, **desaprazer**, **desprazer** normalmente só são usados nas 3as pessoas, porém **aprazer-se**, **desaprazer-se**, **desprazer-se** conjugam-se em todas as pessoas e tempos.

437. ( ) No pretérito perfeito do indicativo, convive a forma moderna regular **prazi**, **prazeste**, **prazeu**... **prazeram** com a antiga **prouve**, **prouveste, prouve, prouveram**.

438. ( ) Trata-se, portanto, de verbo abundante nas formas: aprazeu/aprouve, aprazesse/aprouvesse, aprazer/aprouver...

439. ( ) Algumas pessoas de **aprazer**, fora do contexto da frase, podem confundir-se com pessoas de **aprazar**.

trazer e derivados (Irregulares e abundantes.)

Ind. pres.:	trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem.
Pret. perf.:	trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram.
Subj. pres.:	traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam.
Imperat. afirm.:	traz(e), traga, tragamos, trazei, tragam.
Outras:	trazia, trarei, traria, trouxera, trouxesse, trouxer, trazendo, trazido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

440. ( ) **traz**, **trago**, **trazemos**, **trazia** são formas irregulares.

441. ( ) **trago**, **traz**, **trarei**, **traria**, **trouxe**, **trouxera**, **trouxesse**, **trouxer** são formas irregulares.

442. ( ) A forma **traz**, irregular, resulta do mesmo processo que aconteceu com **faz**, **diz** e **traduz**.
443. ( ) **trazer** e derivados são abundantes no imperativo afirmativo: traze ou traz (tu).

caber, descaber (Irregulares.)

Ind. pres.:	caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem.
Pret. perf.:	coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam.
Subj. pres.:	caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam.
Imperat. afirm.:	cabe, caiba, caibamos, cabei, caibam.
Outras:	cabia, caberei, caberia, coubera, coubesse, couber, cabendo, cabido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

444. ( ) As formas **cabia**, **caberei**, **caberia**, **cabendo** e **cabido** são irregulares.
445. ( ) As formas **caibo**, **caibamos**, **coube**, **coubesse**, **couber** são irregulares.
446. ( ) Pelo seu sentido, dizem alguns gramáticos, o imperativo não se coaduna com o verbo caber, e o consideram defectivo no imperativo.
447. ( ) Para alguns gramáticos, o verbo **descaber** só é usado no infinitivo e no particípio, por isso, também é considerado defectivo.

crer, ler, descrer, reler, tresler (Irregulares.)

Ind. pres.:	creio, crês, crê, cremos, credes, crêem (nova ortografia: creem).
Pret. perf.:	cri, creste, creu, cremos, crestes, creram.
Subj. pres.:	creia, creias, creia, creiamos, creiais, creiam.
Imperat. afirm.:	crê, creia, creiamos, crede, creiam.
Outras:	cria, crerei, creria, crera, cresse, crer, crendo, crido.

Ind. pres.:	leio, lês, lê, lemos, ledes, lêem (nova ortografia: leem).
Pret. perf.:	li, leste, leu, lemos, lestes, leram.
Subj. pres.:	leia, leias, leia, leiamos, leiais, leiam.
Imperat. afirm.:	lê, leia, leiamos, lede, leiam.
Outras:	lia, lerei, leria, lera, lesse, ler, lendo, lido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

448. ( ) São formas irregulares: creio, creia, cri, leio, li, creste, leste.
449. ( ) São formas irregulares: creio, leio, creia, leia.
450. ( ) Creem, leem, descreem e releem, no recente Acordo Ortográfico, perderam o circunflexo, assim como deem, veem e derivados.

dizer, bendizer, condizer, contradizer, desdizer, entredizer, interdizer, maldizer, predizer, redizer (Irregulares e abundantes.)

Ind. pres.:	digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem.
Pret. perf.:	disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram.
Subj. pres.:	diga, digas, diga, digamos, digais, digam.
Imperat. afirm.:	diz(e), diga, digamos, dizei, digam.
Outras:	dizia, direi, diria, dissera, dissesse, disser, dizendo, dito.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

451. ( ) São formas regulares: dizes, diz, dizemos.

452. ( ) Constituem-se como formas irregulares: diz, disse, dissemos, digo, digas, direi, diremos, diria, dissera, dito.

453. ( ) Diz e dize: formas abundantes do imperativo afirmativo.

escrever, circunscrever, adscrever, descrever, inscrever, prescrever, proscrever, reescrever, sobrescrever, subscrever, transcrever... (Irregulares.)

Ind. pres.:	escrevo, escreves, escreve, escrevemos, escreveis, escrevem.
Pret. perf.:	escrevi, escreveste, escreveu, escrevemos, escrevestes, escreveram.
Subj. pres.:	escreva, escrevas, escreva, escrevamos, escrevais, escrevam.
Imperat. afirm.:	escreve, escreva, escrevamos, escrevei, escrevam.
Outras:	escrevia, escreverei, escreveria, escrevera, escrevesse, escrever, escrevendo, escrito.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

454. ( ) A única irregularidade de **escrever** e de seus derivados acontece no particípio: escrito, adscrito, subscrito, circunscrito, transcrito...

feder (Regular, ex-defectivo.)

Ind. pres.:	(fedo), fedes, fede, fedemos, fedeis, fedem.
Pret. perf.:	fedi, fedeste, fedeu, fedemos, fedestes, federam.
Subj. pres.:	(feda), (fedas), (feda), fedamos, fedais, fedam.
Imperat. afirm.:	fede, (feda), (fedamos), fedei, fedam.
Outras:	fedia, federei, federia, federa, fedesse, feder, fedendo, fedido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre o quadro anterior.

455. ( ) Usado predominantemente na linguagem popular.

456. ( ) Tradicionalmente era classificado como defectivo, não tendo conjugação de todas as formas que estão entre parênteses.
457. ( ) É característico da norma culta.
458. ( ) Atualmente é considerado regular, conjugável em todas as formas.

haver(-se) (Irregular e abundante.)

Ind. pres.:	hei, has, há, havemos (ou hemos), haveis (ou heis), hão.
Pret. perf.:	houve, houveste, houve, houvemos, houvestes, houveram.
Subj. pres.:	haja, hajas, haja, hajamos, hajais, hajam.
Imperat. afirm.:	há, haja, hajamos, havei, hajam.
Outras:	havia, haverei, haveria, houvera, houvesse, houver, havendo, havido.

Obs.: veja toda sua conjugação a partir da pág. 187.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

459. ( ) No presente do indicativo, o verbo **haver** é abundante na 1ª e 2ª pessoa do plural.
460. ( ) As formas **hemos** e **heis** não são hoje usadas.
461. ( ) O verbo **haver**, na linguagem moderna, vem sendo substituído pelo verbo ter.

1. haja(s) ≠ aja(s)
2. havia(s) ≠ avia(s)
3. heis ≠ eis
4. houve ≠ ouve

462. ( ) Os pares de homônimos acima comparam formas do verbo **haver** com outras dos verbos **agir**, **aviar**, **ouvir** e com a palavra **eis**.
463. ( ) Ele se houve bem na prova. Nessa frase, empregou-se o verbo **haver-se**, que significa **sair-se**.

reaver (Irregular e defectivo.)

Ind. pres.:	–, –, –, reavemos, reaveis, –.
Pret. perf.:	reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram.
Subj. pres.:	–, –, –, –, –, –.
Imperat. afirm.:	–, –, –, reavei, –.
Outras:	reavia, reaverei, reaveria, reouvera, reouvesse, reouver, reavendo, reavido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

464. ( ) **reouve**, **reouvera** e **reouver** são formas irregulares.
465. ( ) **reaver** conjuga-se pelo verbo **haver**, mas só se conjuga nas formas em que aparece a letra **v**.
466. ( ) **reaver** é defectivo nas formas em que **haver** não tem a letra **v**.

Terminados em oer

condoer-se, corroer, doer(-se), esmoer, remoer, roer (Irregulares; conjugam-se como **moer**.)

Ind. pres.:	môo (nova ortografia: moo), móis, mói, moemos, moeis, moem.
Pret. perf.:	moí, moeste, moeu, moemos, moestes, moeram.
Subj. pres.:	moa, moas, moa, moamos, moais, moam.
Imperat. afirm.:	mói, moa, moamos, moei, moam.
Outras:	moía, moerei, moeria, moera, moesse, moer, moendo, moído.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

467. ( ) **ôo** é terminação dos verbos em **oar** e **oer**, na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo.
468. ( ) **móis**, **mói** têm acento agudo pela presença do ditongo aberto **ói**.
469. ( ) **moí**, **moía**, **moíamos**, **moído** têm o **i** acentuado por ser tônico e segunda vogal de hiato.
470. ( ) **móis** e **mói** são formas irregulares.

soer (Irregular e defectivo.)

Ind. pres.:	–, sóis, sói, soemos, soeis, soem.
Pret. perf.:	soí, soeste, soeu, soemos, soestes, soeram.
Subj. pres.:	–, –, –, –, –, –.
Imperat. afirm.:	sói –, –, soei, –.
Outras:	soía, soerei, soeria, soera, soesse, soer, soendo, soído.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre **soer**.

471. ( ) É defectivo na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo.
472. ( ) Por isso, é também defectivo no presente do subjuntivo e nas pessoas do imperativo negativo.
473. ( ) Tem todas as pessoas do imperativo afirmativo.
474. ( ) No imperativo afirmativo só se conjuga nas pessoas **tu** e **vós**, porque são derivadas do presente do indicativo. Nas outras, é defectivo.
475. ( ) É irregular nas formas **sóis**, **sói**.

perder (Irregular.)

Ind. pres.:	perco, perdes, perde, perdemos, perdeis, perdem.
Pret. perf.:	perdi, perdeste, perdeu, perdemos, perdestes, perderam.
Subj. pres.:	perca, percas, perca, percamos, percais, percam.
Imperat. afirm.:	perde, perca, percamos, perdei, percam.
Outras:	perdia, perderei, perderia, perdera, perdesse, perder, perdendo, perdido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

476. ( ) **perco**, **perca**, **percamos** são formas irregulares.
477. ( ) Se a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo é irregular, também o serão suas formas derivadas, como o presente do subjuntivo e, consequentemente, todo o imperativo negativo e as pessoas **você**, **nós** e **vocês** do imperativo afirmativo.
478. ( ) As formas escritas com **c** apresentam o **e** aberto.
479. ( ) As formas escritas com **c** têm o **e** fechado.

poder (Irregular.)

Ind. pres.:	posso, podes, pode, podemos, podeis, podem.
Pret. perf.:	pude, pudeste, pôde, pudemos, pudestes, puderam.
Subj. pres.:	possa, possas, possa, possamos, possais, possam.
Imperat. afirm.:	pode, possa, possamos, podei, possam.
Outras:	podia, poderei, poderia, pudera, pudesse, puder, podendo, podido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

480. ( ) São irregulares todas as formas do verbo **poder** que apresentam **ss** e **pu**: posso, possamos, puder, pudesse...
481. ( ) **pôde** é pretérito perfeito, **pode** é presente.
482. ( ) Há gramáticos que consideram este verbo defectivo no imperativo, alegando que **não se manda alguém poder**.
483. ( ) Mas cabe usá-lo no imperativo quando se quer incutir ênfase: Você só não pode se não quiser tentar, então **queira**-o e **possa**.

pôr, antepor, apor, circumpor, compor, contrapor, decompor, depor, descompor, dispor, entrepor, expor, impor, indispor, interpor, justapor, maldispor, opor, pospor, predispor, prepor, pressupor, propor, recompor, repor, sobrepor, sotopor, superpor, supor, transpor (Irregulares ou anômalos.)

Ind. pres.:	ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem.
Pret. perf.:	pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram.
Subj. pres.:	ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham.
Imperat. afirm.:	põe, ponha, ponhamos, ponde, ponham.
Outras:	punha, porei, poria, pusera, pusesse, puser, pondo, posto.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos anteriores.

484. ( ) São os únicos que apresentam irregularidade no infinitivo.
485. ( ) Esse acontecimento faz alguns gramáticos considerarem-nos anômalos (mais que irregulares).

486. ( ) Alguns, inclusive, sugerem classificá-los como representantes de uma quarta conjugação: a dos verbos com infinitivo em **or**.
487. ( ) Normalmente, por sua derivação a partir do verbo **poer**, é considerado como irregularidade ou anomalia da 2ª conjugação.

precaver(-se) (Regular e defectivo.)

Ind. pres.:	–, –, –, precavemos, precaveis, –.
Pret. perf.:	precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram.
Subj. pres.:	–, –, –, –, –, –.
Imperat. afirm.:	–, –, –, precavei, –.
Outras:	precavia, precaverei, precaveria, precavera, precavesse, precaver, precavendo, precavido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre **precaver** e **precaver-se**.

488. ( ) São defectivos em algumas pessoas do presente do indicativo, do imperativo afirmativo e em todas do presente do subjuntivo e do imperativo negativo.
489. ( ) Esses verbos só se conjugam nas formas arrizotônicas.
490. ( ) Hoje só se usa a forma pronominal.
491. ( ) **precavejo**, **precaveem**, **precaviste**, **precaviu**... são formas que não existem porque são referentes a verbos que não são derivados de **ver**.
492. ( ) **precavenho**, **precavéns**, **precavenha**, **precavim** são também inexistentes na norma culta, porque não derivam os verbos **precaver** e **precaver-se** de **vir**.
493. ( ) Como são defectivos, suas formas inexistentes podem-se suprir pelas dos verbos **prevenir(-se)**, **precatar-se** ou **cuidar-se**.

prover, desprover (Irregulares.)

Ind. pres.:	provejo, provês, provê, provemos, provedes, provêem (nova ortografia: proveem).
Pret. perf.:	provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram.
Subj. pres.:	proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam.
Imperat. afirm.:	provê, proveja, provejamos, provede, provejam.
Outras:	provia, proverei, proveria, provera, provesse, prover, provendo, provido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

494. ( ) Derivado de **ver**, **prover** ora se conjuga como **ver**, ora não.
495. Todas as formas a seguir são corretas. Sublinhe as que fogem à conjugação de **ver**.
provê, provia, proviam, provi, proveste, proveu, provera, proveras, provesse, provesses, proverei, proveria, provejamos, provido.

querer, benquerer, desquerer, malquerer (Irregulares e abundantes.)

Ind. pres.:	quero, queres, quer(e), queremos, quereis, querem.
Pret. perf.:	quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram.
Subj. pres.:	queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram.
Imperat. afirm.:	quer(e), queira, queiramos, querei, queiram.
Outras:	queria, quererei, quereria, quisera, quisesse, quiser, querendo, querido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

496. ( ) No presente do indicativo, a forma **quere** é só usada em Portugal; no Brasil, só se usa a irregular **quer**.
497. ( ) **benquerer** e **malquerer** são abundantes em particípio: benquerido, malquerido, benquisto, malquisto.
498. ( ) **quis**, **queira**, **quisesse**, **quiser** são formas irregulares.
499. ( ) **Quer/quere**: formas abundantes no presente do indicativo e no imperativo afirmativo.

requerer (Irregular e abundante.)

Ind. pres.:	requeiro, requeres, requer(e), requeremos, requereis, requerem.
Pret. perf.:	requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram.
Subj. pres.:	requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram.
Imperat. afirm.:	requer(e), requeira, requeiramos, requerei, requeiram.
Outras:	requeria, requererei, requereria, requerera, requeresse, requerer, requerendo, requerido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

500. ( ) A forma regular **requere** é usada ainda em Portugal, e no Brasil, prefere-se a irregular **requer**.
501. ( ) **requere** e **requer** são formas abundantes desse verbo.
502. ( ) O **i** de **requeiro** caracteriza irregularidade que se repetirá no presente do subjuntivo, no imperativo negativo e em algumas pessoas do imperativo afirmativo.
503. ( ) A conjugação de **requerer** foge, portanto, à do verbo **querer**.

saber (Irregular.)

Ind. pres.:	sei, sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem.
Pret. perf.:	soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, souberam.
Subj. pres.:	saiba, saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam.
Imperat. afirm.:	sabe, saiba, saibamos, sabei, saibam.
Outras:	sabia, saberei, saberia, soubera, soubesse, souber, sabendo, sabido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** a respeito do verbo **saber**.

504. ( ) No presente do indicativo, só a 1ª pessoa do singular é irregular.
505. ( ) O pretérito perfeito e o subjuntivo presente apresentam todas as pessoas irregulares.
506. ( ) São regulares: sabia, saberei, saberia, sabendo, sabido.
507. ( ) São irregulares: souber, soubesse, saiba, sei, soube.

valer, desvaler, equivaler (Irregulares.)

Ind. pres.:	valho, vales, vale, valemos, valeis, valem.
Pret. perf.:	vali, valeste, valeu, valemos, valestes, valeram.
Subj. pres.:	valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham.
Imperat. afirm.:	vale, valha, valhamos, valei, valham.
Outras:	valia, valerei, valeria, valera, valesse, valer, valendo, valido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

508. ( ) São irregulares: valho, valha, valhamos, valham.
509. ( ) São regulares: vali, valia, valerei, valeria, valesse.

antever, entrever, prever, rever* (Irregulares; conjugam-se como **ver****.)

Ind. pres.:	vejo, vês, vê, vemos, vedes, vêem (nova ortografia: veem).
Pret. perf.:	vi, viste, viu, vimos, vistes, viram.
Subj. pres.:	veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam.
Imperat. afirm.:	vê, veja, vejamos, vede, vejam.
Outras:	via, verei, veria, vira, visse, vir, vendo, visto.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

510. ( ) Vemos hoje o que vimos ontem.
511. ( ) Quando você ver o que nós víramos...
512. ( ) Eu me entretive pensando que se ele previsse ou antevisse, não reveria o trato.
513. ( ) Viste bem do que proveste a nossa despensa.
514. ( ) Tenho visto que você não tem provido os cargos abertos.
515. ( ) O Acordo Ortográfico aboliu o circunflexo de veem, reveem...

* Rever: existe, derivado do latim *repere*, um outro verbo **rever**, que significa "transudar", 'verter', 'deixar transpirar', mas que também se conjuga como o verbo **ver**: O suor **revê** de seus poros. Sua fala ao telefone **revia** descontrole.

** O verbo **prover** foge à conjugação de **ver**. Estude-o na página 232.

viger (Regular.)

Ind. pres.:	(vijo), viges, vige, vigemos, vigeis, vigem.
Pret. perf.:	vigi, vigeste, vigeu, vigemos, vigestes, vigeram.
Subj. pres.:	(vija), (vijas), (vija), (vijamos), (vijais), (vijam).
Imperat. afirm.:	vige, (vija), (vijamos), vigei, (vijam).
Outras:	vigia, vigerei, vigeria, vigera, vigesse, viger, vigendo, vigido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre o verbo **viger**.

516. ( ) Significa "ter vigor", "estar em vigor", "vigorar".
517. ( ) Alguns gramáticos ainda o consideram defectivo na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo.
518. ( ) Portanto, não há, para esses autores, todo o presente do subjuntivo e, consequentemente, o imperativo negativo e as pessoas **você(s)** e **nós** do imperativo afirmativo.
519. ( ) Modernamente vem sendo conjugado em todas as pessoas, como verbo regular.
520. ( ) Antes de **o** e **a**, o **g** vira **j**, para não se perder a pronúncia regular.

3ª conjugação

abolir, banir, bramir, brandir, carpir, colorir, comedir, delir, demolir, emolir, extorquir, fremir, retorquir, vagir... (Regulares e defectivos.)

Ind. pres.:	–, aboles, abole, abolimos, abolis, abolem.
Pret. perf.:	aboli, aboliste, abolui, abolimos, abolistes, aboliram.
Subj. pres.:	–, –, –, –, –, –.
Imperat. afirm.:	abole, –, –, aboli, –.
Outras:	abolia, abolirei, aboliria, abolira, abolisse, abolir, abolindo, abolido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

521. ( ) São defectivos na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, portanto não têm o presente do subjuntivo e, consequentemente, o imperativo negativo e as pessoas **você**(**s**) e **nós** do imperativo afirmativo.
522. ( ) Trocam o **i** por **e** nas formas rizotônicas.
523. ( ) Eu coloro com as cores do céu.
524. ( ) O **coloro** da frase anterior pertence ao verbo **colorar**, sinônimo de "colorir" e pronuncia-se com a vogal tônica aberta como **demoro**.

agredir, denegrir, prevenir, progredir, regredir, transgredir (Irregulares.)

Ind. pres.:	agrido, agrides, agride, agredimos, agredis, agridem.
Pret. perf.:	agredi, agrediste, agrediu, agredimos, agredistes, agrediram.
Subj. pres.:	agrida, agridas, agrida, agridamos, agridais, agridam.
Imperat. afirm.:	agride, agrida, agridamos, agredi, agridam.
Outras:	agredia, agredirei, agrediria, agredira, agredisse, agredir, agredindo, agredido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro anterior.

525. ( ) Trocam o **gre** por **gri** nas formas rizotônicas do presente do indicativo, inclusive na 1ª pessoa do singular.

526. ( ) Por isso, o presente do subjuntivo e as formas do imperativo dele derivadas também trocam o **gre** por **gri**.

527. ( ) Para progredirdes mais facilmente, não agridais nem transgridais as normas do bom convívio.

Terminados em air

abstrair, atrair, cair, contrair, decair, descair, detrair, distrair, esvair, extrair, protrair, recair, ressair, retrair, retrotrair, sobressair, subtrair, trair... (Regulares; conjugam-se como **sair**.)

Ind. pres.:	saio, sais, sai, saímos, saís, saem.
Pret. perf.:	saí, saíste, saiu, saímos, saístes, saíram.
Subj. pres.:	saia, saias, saia, saiamos, saiais, saiam.
Imperat. afirm.:	sai, saia, saiamos, saí, saiam.
Outras:	saía, sairei, sairia, saíra, saísse, sair, saindo, saído.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro anterior.

528. ( ) Todos esses verbos resumem-se em **esvair**, **cair**, **trair**, **sair** e derivados.

529. ( ) Abstrai-te e não te retraias para sobressaíres.

530. ( ) Não destraias, nem traiais vossos eleitores, para não cairdes em descrédito.

Terminados em uir

construir, desconstruir, destruir, reconstruir (Irregulares e abundantes.)

Ind. pres.:	construo, constróis/truis, constrói/trui, construímos, construís, constroem/truem.
Pret. perf.:	construí, construíste, construiu, construímos, construístes, construíram.
Subj. pres.:	construa, construas, construa, construamos, construais, construam.
Imperat. afirm.:	constrói/trui, construa, construamos, construí, construam.
Outras:	construía, construirei, construiria, construíra, construísse, construir, construindo, construído.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

531. ( ) As formas tu **construis**, ele **construi** e eles **construem** são usadas em Portugal e em outros países lusófonos.

532. ( ) As formas tu **constróis**, ele **constrói** e eles **constroem** são usadas no Brasil, embora também aceitas em Portugal e em outros países lusófonos.

533. ( ) São verbos abundantes no presente do indicativo e imperativo afirmativo.

anuir, concluir, constituir, defluir, destituir, estruir, fruir, influir, instruir, obstruir, possuir, refluir, restituir, retribuir (Regulares.)

Ind. pres.:	influo, influis, influi, influímos, influís, influem.
Pret. perf.:	influí, influíste, influiu, influímos, influístes, influíram.
Subj. pres.:	influa, influas, influa, influamos, influais, influam.
Imperat. afirm.:	influi, influa, influamos, influí, influam.
Outras:	influía, influirei, influiria, influíra, influísse, influir, influindo, influído.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

534. ( ) No presente do indicativo, **influis** e **influi** graficamente têm **ui** e não **ue**, porque se trata de ditongo.

535. ( ) Trata-se de pronúncia regular, portanto de verbo regular.

argüir, redargüir/arguir, redarguir (nova ortografia) (Regulares.)

Ind. pres.:	arg**u**o, argúis, argúi, argü**i**mos, argü**i**s, argúem (nova ortografia: arg**u**o, arg**u**is, arg**u**i, arguímos, arguís, arg**u**em).
Pret. perf.:	argü**i**, argü**i**ste, argü**i**u, argü**i**mos, argü**i**stes, argü**i**ram (nova ortografia: arguí, arguíste, argu**i**u, arguímos, arguístes, arguíram).
Subj. pres.:	arg**u**a, arg**u**as, arg**u**a, arg**u**amos, arg**u**ais, arg**u**am.
Imperat. afirm.:	argúi (nova ortografia: arg**u**i), arg**u**a, arg**u**amos, argü**i** (nova ortografia: arguí), arg**u**am.
Outras:	argüia, argüirei, argüiria, argüira, argüisse, argüir, argüindo, argüido. (nova ortografia: arguía, arguirei, arguiria, arguíra, arguísse, arguir, arguindo, arguído.)

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

536. ( ) O uso do trema, pela nova ortografia, foi abolido em todos os tempos, modos e pessoas.

537. ( ) Pela nova ortografia, na sílaba **gui**, o **u** não se acentua, acentua-se o **i** quando tônico, sozinho na sílaba ou com **s**: arguí, arguís, arguímos, arguístes, arguía, arguíra, arguísse, arguído.

delinqüir/delinquir (nova ortografia) (Regular ou irregular ou defectivo.)

Ind. pres.:	1 – (delínquo), delínqües, delínqüe, delinqüimos, delinqüis, delínqüem.
	2 – delinq**u**o, delinq**u**es, delinq**u**e, delinqüimos, delinqüis, delinquem.
Pret. perf.:	delinqüi, delinqüiste, delinqüiu, delinqüimos, delinqüistes, delinqüiram.
Subj. Pres.:	1 – (delínqua), (delínquas), (delínqua), (delinquamos), (delinquais), (delínquam).
	2 – delinq**u**a, delinq**u**as, delinq**u**a, delinquamos, delinquais, delinq**u**am.
Imperat. afirm.:	1 – delínqüe, (delínqua), (delinquamos), delinqüi, (delínquam).
	2 – delinq**ú**e, delinq**u**a, delinqu**a**mos, delinqü**i**, delinq**u**am.
Outras:	delinqüia, delinqüirei, delinqüiria, delinqüira, delinqüisse, delinqüir, delinqüindo, delinqüido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

538. ( ) Nos presentes do indicativo, do subjuntivo e no imperativo, há duas conjugações diferentes.

539. ( ) Pela nova ortografia, o trema e o acento agudo no **u** foram abolidos, sem prejuízo das pronúncias.

540. ( ) Conjugam-se igualmente os verbos terminados em -guar, -quar, -quir, terminações de infinitivo em que o **u** é pronunciado átono.

541. ( ) Pela nova ortografia, tais verbos, por oferecerem dois paradigmas, ou têm o **u** como vogal tônica, mas sem acento gráfico [enxag**u**a(s), delinq**u**e(s)], ou são paroxítonos terminados em ditongo, tendo acento gráfico [enxágue(s), delínque(s)].

puir, pruir, ruir (Regulares e defectivos.)

Ind. pres.:	–, p**u**is, p**u**i, puímos, puís, p**u**em.
Pret. perf.:	puí, puíste, pu**i**u, puímos, puístes, puíram.
Subj. pres.:	–, –, –, –, –, –.
Imperat. afirm.:	p**u**i, –, –, puí, –.
Outras:	puía, puirei, puiria, puíra, puísse, puir, puindo, puído.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro anterior.

542. ( ) São defectivos nas formas em que o **u** seria seguido de **o** ou **a**.

543. ( ) São regulares nas outras formas.

abrir, desabrir, entreabrir, reabrir (Irregulares.)

Ind. pres.:	abro, abres, abre, abrimos, abris, abrem.
Pret. perf.:	abri, abriste, abriu, abrimos, abristes, abriram.
Subj. pres.:	abra, abras, abra, abramos, abrais, abram.
Imperat. afirm.:	abre, abra, abramos, abri, abram.
Outras:	abria, abrirei, abriria, abrira, abrisse, abrir, abrindo, aberto.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

544. ( ) **abro**, **abri**, **abra** são formas irregulares.
545. ( ) A única irregularidade está no particípio: aberto, desaberto, entreaberto, reaberto.

acudir, bulir, consumir, cuspir, desentupir, entupir, escapulir, fugir, sacudir, subir, sumir, zunir (Irregulares.)

Ind. pres.:	acudo, acodes, acode, acudimos, acudis, acodem.
Pret. perf.:	acudi, acudiste, acudiu, acudimos, acudistes, acudiram.
Subj. pres.:	acuda, acudas, acuda, acudamos, acudais, acudam.
Imperat. afirm.:	acode, acuda, acudamos, acudi, acudam.
Outras:	acudia, acudirei, acudiria, acudira, acudisse, acudir, acudindo, acudido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos anteriores.

546. ( ) A irregularidade se baseia na mudança do **u** por **o**.
547. ( ) Só existem quatro pessoas irregulares: **tu**, **ele**, **eles** do presente do indicativo e **tu** do imperativo afirmativo.
548. ( ) f**ug**o, f**oge**s, f**oge**, fu**gi**mos, fu**gi**s, fo**ge**m.
549. ( ) f**uga**, f**uga**s, f**uga**, fu**ga**mos, f**uga**is, f**uga**m.
550. ( ) f**ujo**, f**uja**, fu**jam**os, f**uja**is, f**uja**m, f**uja**s.
551. ( ) Antes de **o** e **a**, trocam o **g** por **j** para manter a pronúncia. Esse fato não caracteriza irregularidade.
552. ( ) **entupir** e **desentupir**, dessa lista, são os únicos abundantes no presente do indicativo (entupe(s) ou entope(s), entupem ou entopem) e no imperativo afirmativo (entupe ou entope).

assumir, presumir, reassumir, resumir (Regulares.)

Ind. pres.:	assumo, assumes, assume, assumimos, assumis, assumem.
Pret. perf.:	assumi, assumiste, assumiu, assumimos, assumistes, assumiram.
Subj. pres.:	assuma, assumas, assuma, assumamos, assumais, assumam.
Imperat. afirm.:	assume, assuma, assumamos, assumi, assumam.
Outras:	assumia, assumirei, assumiria, assumira, assumisse, assumir, assumindo, assumido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

553. ( ) Como regulares, mantêm o **u** em todas as pessoas: resumo, resumes, resume, resumimos, resumis, resumem, resumi, resumia, resumirei, resumiria, resumindo...

cerzir (Irregular e abundante.)

Ind. pres.:	cirzo, cirzes/cerzes, cirze/cerze, cerzimos, cerzis, cirzem/cerzem.

Pret. perf.:	cerzi, cerziste, cerziu, cerzimos, cerzistes, cerziram.
Subj. pres.:	cirza, cirzas, cirza, cirzamos, cirzais, cirzam.
Imperat. afirm.:	cirze/cerze, cirza, cirzamos, cerzi, cirzam.
Outras:	cerzia, cerzirei, cerziria, cerzira, cerzisse, cerzir, cerzindo, cerzido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre o verbo **cerzir**.

554. ( ) É irregular na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, portanto, também no subjuntivo presente e, consequentemente, no imperativo negativo e nas pessoas **você(s)** e **nós** do imperativo afirmativo.

555. ( ) No presente do indicativo (tu e ele) e no imperativo afirmativo (tu), coexistem no uso as formas regulares e irregulares.

556. ( ) Pela afirmação anterior, conclui-se ser verbo abundante.

cobrir, encobrir, descobrir (Irregulares.)

Ind. pres.:	cubro, cobres, cobre, cobrimos, cobris, cobrem.
Pret. perf.:	cobri, cobriste, cobriu, cobrimos, cobristes, cobriram.
Subj. pres.:	cubra, cubras, cubra, cubramos, cubrais, cubram.
Imperat. afirm.:	cobre, cubra, cubramos, cobri, cubram.
Outras:	cobria, cobrirei, cobriria, cobrira, cobrisse, cobrir, cobrindo, coberto.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

557. ( ) Todas as pessoas em que o **o** se troca por **u** são irregulares.

558. ( ) O particípio é também irregular.

559. ( ) Todas as outras formas são regulares.

dormir, engolir, tossir (Irregulares.)

Ind. pres.:	durmo, dormes, dorme, dormimos, dormis, dormem.
Pret. perf.:	dormi, dormiste, dormiu, dormimos, dormistes, dormiram.
Subj. pres.:	durma, durmas, durma, durmamos, durmais, durmam.
Imperat. afirm.:	dorme, durma, durmamos, dormi, durmam.
Outras:	dormia, dormirei, dormiria, dormira, dormisse, dormir, dormindo, dormido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

560. ( ) Conjugam-se inteiramente como os verbos **cobrir** e derivados.

561. ( ) Conjugam-se como **cobrir** e derivados, com uma única diferença: o particípio é regular: **dormido**, **engolido**, **tossido**.

Terminados em uzir

conduzir, induzir, luzir, reduzir, seduzir, reluzir (Irregulares e abundantes.)

Ind. pres.:	conduzo, conduzes, conduz, conduzimos, conduzis, conduzem.
Pret. perf.:	conduzi, conduziste, conduziu, conduzimos, conduzistes, conduziram.
Subj. pres.:	conduza, conduzas, conduza, conduzamos, conduzais, conduzam.
Imperat. afirm.:	conduz(e), conduza, conduzamos, conduzi, conduzam.
Outras:	conduzia, conduzirei, conduziria, conduzira, conduzisse, conduzir, conduzindo, conduzido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro anterior.

562. ( ) São inteiramente irregulares.
563. ( ) No presente do indicativo, **conduz** é uma forma irregular. A regular deveria ter um **e** final.
564. ( ) No imperativo afirmativo, **conduze** ou **conduz** (tu) são formas abundantes.
565. ( ) Todas as outras formas são perfeitamente regulares.

esculpir, explodir (Regulares; *vide* **partir**, pág. 179.)

expelir, inserir (Irregulares e abundantes.)

Ind. pres.:	expilo, expeles, expele, expelimos, expelis, expelem.
Pret. perf.:	expeli, expeliste, expeliu, expelimos, expelistes, expeliram.
Subj. pres.:	expila, expilas, expila, expilamos, expilais, expilam.
Imperat. afirm.:	expele, expila, expilamos, expeli, expilam.
Outras.:	expelia, expelirei, expeliria, expelira, expelisse, expelir, expelindo, expelido/expulso.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

566. ( ) Irregulares na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, pela troca do **e** por **i** (exp**e**lir ➜ exp**i**lo).

adir, aguerrir, combalir, embair, empedernir, esbaforir-se, espavorir, exinanir, florir, fornir, garrir, inanir, remir, renhir, ressarcir, ressequir, revelir, transir (Regulares e defectivos; seguem o modelo de **falir**.)

Ind. pres.:	–, –, –, falimos, falis, –.
Pret. perf.:	fali, faliste, faliu, falimos, falistes, faliram.
Subj. pres.:	–, –, –, –, –, –.
Imperat. afirm.:	–, –, –, fali, –.
Outras:	falia, falirei, faliria, falira, falisse, falir, falindo, falido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro anterior.

567. ( ) São conjugados só nas formas rizotônicas.
568. ( ) Somente têm as formas arrizotônicas, e nessas são regulares.
569. ( ) **revelir** e **ressarcir** já são considerados regulares, sendo conjugados em todas as formas.

Terminados em eguir, elir, erir, etir, ergir, ertir, ervir, espir, estir

aderir, advertir, aferir, aspergir, auferir, compelir, competir, conseguir, convergir, deferir, despir, desservir, diferir, digerir, divergir, divertir, ferir, gerir, impelir, ingerir, perseguir, preterir, prosseguir, refletir, repelir, repetir, revestir, seguir, servir, sugerir, vestir (Irregulares.)

Ind. pres.:	adiro, aderes, adere, aderimos, aderis, aderem.
Pret. perf.:	aderi, aderiste, aderiu, aderimos, aderistes, aderiram.
Subj. pres.:	adira, adiras, adira, adiramos, adirais, adiram.
Imperat. afirm.:	adere, adira, adiramos, aderi, adiram.
Outras:	aderia, aderirei, aderiria, aderira, aderisse, aderir, aderindo, aderido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

570. ( ) Na primeira pessoa do singular do presente do indicativo, sua irregularidade consiste na troca do **e** por **i**: aderir > ad**i**ro.
571. ( ) Essa irregularidade afeta, portanto, o presente do subjuntivo e os imperativos afirmativo e negativo.
572. ( ) Todas as outras formas são regulares.

emergir, imergir, submergir (Regulares e abundantes.)

Ind. pres.:	emerjo, emerges, emerge, emergimos, emergis, emergem.
Pret. perf.:	emergi, emergiste, emergiu, emergimos, emergistes, emergiram.
Subj. pres.:	emerja, emerjas, emerja, emerjamos, emerjais, emerjam.
Imperat. afirm.:	emerge, emerja, emerjamos, emergi, emerjam.
Outras:	emergia, emergirei, emergiria, emergira, emergisse, emergindo, emergido/imerso.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

573. ( ) A pronúncia da vogal tônica é: emerjo(ê), emerges(é), emergem(é).
574. ( ) A permuta do **g** por **j** só ocorre antes de **o** e **a**, para manter a pronúncia original, por isso não constitui irregularidade.

concernir

Para uns autores, conjuga-se como **aderir**; para outros, só se conjuga nas 3as pessoas: concerne(m), concernia(m)...

discernir
Para uns autores, conjuga-se como **aderir**; para outros, conjuga-se como **aderir**, porém, só nas formas arrizotônicas:

Ind. pres.:	–, –, –, discernimos, discernis, –.
Pret. perf.:	discerni, discerniste, discerniu, discernimos, discernistes, discerniram.
Subj. pres.:	–, –, –, –, –, –.
Imperat. afirm.:	–, –, –, discerni, –.
Outras:	discernia, discernirei, discerniria, discernira, discernisse, discernir, discernindo, discernido.

aturdir, brunir, espargir, exaurir, foragir-se, fulgir, impingir, jungir, ungir (Regulares, ex-defectivos; seguem o modelo de **haurir**.)

Ind. pres.:	(hauro), haures, haure, haurimos, hauris, haurem.
Pret. perf.:	hauri, hauriste, hauriu, haurimos, hauristes, hauriram.
Subj. pres.:	(haura), (hauras), (haura), (hauramos), (haurais), (hauram).
Imperat. afirm.:	haure, (haura), (hauramos), hauri, (hauram).
Outras:	hauria, haurirei, hauriria, haurira, haurisse, haurir, haurindo, haurido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

575. ( ) Para alguns, conjugam-se como **abolir**, defectivos na primeira pessoa do singular do presente do indicativo e, portanto, também não conjugáveis no presente do subjuntivo, no imperativo negativo e nas pessoas **você(s)** e **nós** do imperativo afirmativo – as formas entre parênteses.

576. ( ) Para autores mais modernos, trata-se de verbos regulares, dotados de todas as pessoas, tempos e modos.

Terminados em entir

consentir, desmentir, mentir, pressentir, ressentir, sentir (Irregulares.)

Ind. pres.:	sinto, sentes, sente, sentimos, sentis, sentem.
Pret. perf.:	senti, sentiste, sentiu, sentimos, sentistes, sentiram.
Subj. pres.:	sinta, sintas, sinta, sintamos, sintais, sintam.
Imperat. afirm.:	sente, sinta, sintamos, senti, sintam.
Outras:	sentia, sentirei, sentiria, sentira, sentisse, sentir, sentindo, sentido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

577. ( ) Sua irregularidade aparece na troca do **en** por **in**: **sen**tir, **sin**to.

578. ( ) Todos os verbos terminados em **entir** conjugam-se como **sentir**.

frigir (Irregular e abundante.)

Ind. pres.:	frijo, freges, frege, frigimos, frigis, fregem.

Pret. perf.:	frigi, frigiste, frigiu, frigimos, frigistes, frigiram.
Subj. pres.:	frija, frijas, frija, frijamos, frijais, frijam.
Imperat. afirm.:	frege, frija, frijamos, frigi, frija.
Outras:	frigia, frigirei, frigiria, frigira, frigisse, frigir, frigindo, frigido/frito.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre o verbo **frigir**.

579. ( ) A irregularidade se mostra na troca de **fri** por **fre**.
580. ( ) Outra irregularidade está na troca do **g** por **j**.
581. ( ) Permuta-se o **g** por **j** antes de **o** e **a**, para manter-se a regularidade da prosódia, isto é, da pronúncia.
582. ( ) A abundância ocorre no particípio, com duas formas: **frigido** e **frito**.

ir (Anômalo.)

Ind. pres.:	vou, vais, vai, vamos, ides, vão.
Pret. perf.:	fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.
Subj. pres.:	vá, vás, vá, vamos, vades, vão.
Imperat. afirm.:	vai, vá, vamos, ide, vão.
Outras:	ia, irei, iria, fora, fosse, ir, indo, ido.

Prática

■ Assinale **C** o **E** sobre o verbo **ir**.

583. ( ) Sua conjugação incorpora radicais de três verbos latinos: *ire*, *esse* e *vadere*.
584. ( ) A presença de vários radicais (vai, foi, ia) justifica sua classificação como anômalo.
585. ( ) Anômalo é um irregular mais forte.
586. ( ) **ia**, **irei**, **iria**, **indo**, **ido**: nessas formas, sua conjugação é regular, mantendo o mesmo radical do infinitivo.

desimpedir, despedir, expedir, impedir, ouvir, pedir (Irregulares; seguem o modelo de **medir.**)

Ind. pres.:	meço, medes, mede, medimos, medis, medem.
Pret. perf.:	medi, mediste, mediu, medimos, medistes, mediram.
Subj. pres.:	meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam.
Imperat. afirm.:	mede, meça, meçamos, medi, meçam.
Outras:	media, medirei, mediria, medira, medisse, medindo, medido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

587. ( ) Na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e nos tempos e pessoas dela derivados, aparece um **ç** no radical (pe**ç**, ou**ç**, me**ç**).
588. ( ) Nas outras formas, são regulares.

rir, sorrir (Irregulares.)

Ind. pres.:	rio, ris, ri, rimos, rides, riem.
Pret. perf.:	ri, riste, riu, rimos, ristes, riram.
Subj. pres.:	ria, rias, ria, riamos, riais, riam.
Imperat. afirm.:	ri, ria, riamos, ride, riam.
Outras:	ria, rirei, riria, rira, risse, rir, rindo, rido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

589. ( ) **ríamos** é imperfeito do indicativo e **riamos** é subjuntivo presente.

590. ( ) O verbo **sorrir**, para alguns gramáticos, na 2ª pessoa do plural do presente do indicativo, conjuga-se **vós sorris**; para outros, segue o **rir**: **vós sorrides**.

polir, sortir, despolir (Irregulares.)

Ind. pres.:	pulo, pules, pule, polimos, polis, pulem.
Pret. perf.:	poli, poliste, poliu, polimos, polistes, poliram.
Subj. pres.:	pula, pulas, pula, pulamos, pulais, pulam.
Imperat. afirm.:	pule, pula, pulamos, poli, pulam.
Outras:	polia, polirei, poliria, polira, polisse, polir, polindo, polido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** a respeito de **polir**, **sortir**, **despolir**.

591. ( ) São irregulares nas formas rizotônicas, em que trocam o **o** por **u**.

592. ( ) **sortir** significa **abastecer**, **fazer sortimento**.

surtir (Regular).

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

593. ( ) **surtir** significa **originar** e é regular: surto, surtes, surte, surtimos, surtis, surtem, surtia, surtirei, surtiria, surtira, surtisse, surtindo, surtido.

atingir, cingir, constringir, destingir, destinguir, extinguir, infringir, tingir, tinir e outros terminados em **-ingir** e **inguir** (Regulares, *vide* **partir**, pág. 179.)

vagir (Defectivo.)

Ind. pres.:	–, (vages), (vage), vagimos, vagis, (vagem).
Pret. perf.:	vagi, vagiste, vagiu, vagimos, vagistes, vagiram.
Subj. pres.:	–, –, –, –, –, –.
Imperat. afirm.:	–, (vage), –, –, vagi, –.
Outras:	vagia, vagirei, vagiria, vagira, vagisse, vagir, vagindo, vagido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre **vagir**.

594. ( ) Para uns gramáticos, só se conjuga nas formas em que o radical vem seguido da letra **i**; portanto, para eles, as formas entre parênteses não existem.

595. ( ) Para outros, não se conjugam apenas as formas em que ao radical se seguiriam as letras **a** e **o**.

596. ( ) Ou seja, para uns, pertence o verbo **vagir** a um grupo de defectivos; para outros, continua sendo defectivo, porém pertencente a outro grupo. (*Vide* pág. 235.)

advir, avir(-se), convir, desavir(-se), intervir, provir, sobrevir (Irregulares; seguem o modelo de **vir**.)

Ind. pres.:	venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm.
Pret. perf.:	vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.
Subj. pres.:	venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham.
Imperat. afirm.:	vem, venha, venhamos, vinde, venham.
Outras:	vinha, virei, viria, viera, viesse, vindo, vindo.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

597. ( ) Os derivados de **vir**, por terem mais de uma sílaba, têm acentos gráficos diferentes de **vir**: **vens**, **vem** / **advéns**, **advém**.

598. ( ) O particípio e o gerúndio têm a mesma forma.

599. ( ) **desavindo**, além de particípio, é adjetivo: pares **desavindos**.

Prática Geral

■ Passe para a **2ª pessoa do singular** e **2ª pessoa do plural**.

Vão com Deus, sejam felizes e, quando saírem, fechem a porta.

600. _____

_____

_____

_____

■ Use o verbo **reaver** nas formas indicadas ou, se impossível, use um sinônimo.

601. Eu _____ (pres. indicat.) o tempo perdido e já _____ (pret. perf.) o que me tiraram.

602. Nós _____ (pret. perf.) nossos créditos. Ela não _____ (pres. indicat.) os dela.

■ Escreva os **particípios** dos seguintes verbos:

603. expressar _____ – exprimir _____
604. extinguir _____ – suspender _____
605. frigir _____ – abrir _____

606. Dos verbos dos três últimos exercícios, só não é abundante o _____.

■ **Corrija**, se for preciso.

607. Se eu o ver, dizerei que te procure.

_____

608. Ele interviu logo, porque não quiz fazer o que eu propora.

_____

609. É bom que você averigüe como eu mobilio os pavimentos.

_____

610. Quando ele vir de férias, se poder, vou esperá-lo.

_____

611. O vice sobestá ao prefeito.

_____

■ (UFPR – adaptado). Preencha as lacunas com os verbos **ver** ou **vir**.

612. Quando _____ a Brasília, traga sua mãe.
613. Se _____ o Pedro, avise-o da minha chegada.
614. Ontem nós _____ um peixe enorme no lago.
615. Se tu _____ com mentiras, verás o que é bom!
616. Entregue-lhe isto, se o _____ amanhã.
617. Quando _____ o lago e o sol _____ nascendo...
618. Nós sempre _____ aqui pelo mesmo caminho.
619. Se _____ à escola, terá uma surpresa.
620. Peça-lhe para _____ aqui quando puder.
621. Se _____ à escola, terás uma surpresa.
622. Se _____ à escola, tereis uma surpresa.
623. Se você e Tiago os _____, nada comentem com eles.
624. Se você e Renan _____, vou buscá-los no aeroporto.

■ Nas frases de 625 a 635, assinale nos parênteses as letras correspondentes ao **indicativo**.

a) presente
b) pretérito perfeito
c) pretérito imperfeito
d) pretérito mais-que-perfeito
e) futuro do presente
f) futuro do pretérito

625. ( ) "A cantiga que eu **cantava**,
626. ( ) por ser cantada **morreu**.
627. ( ) Nunca **hei de dizer** o nome
628. ( ) daquilo que **há de ser** meu."
(Cecília Meireles)

"**Gostaríamos** de ser retos em nossos julgamentos, mas não **queremos** fazer sofrer os nossos semelhantes. Então **abrimos** mão de toda justiça e **sofremos** nós mesmos com as fraudes de nossa balança." (Carlos Drummond de Andrade)

629. ( ) gostaríamos.
630. ( ) queremos.
631. ( ) abrimos.
632. ( ) sofremos.

"Foi com esta impressão profunda que **cheguei** ao hospital onde Marcela **entrara** na véspera, e onde a **vi** expirar meia hora depois, feia, magra, decrépita..." (Machado de Assis)

633. ( ) cheguei.
634. ( ) entrara.
635. ( ) vi.

■ Classifique as **formas verbais** do seguinte texto de Carlos Drummond de Andrade (com adaptação).

"De sua poltrona, o moço **reclamava**:
– **Botem** esse ventilador para **funcionar**! Não aguento mais de calor.
Como ninguém **providenciasse**, ele **insistia**, **declarando** o fato uma falta de consideração com os passageiros. Mas nós não nos **sentimos** pessoalmente desconsiderados.
O rapaz insistia sempre, até que **apareceu** o chefe do trem e lançou um plebiscito.
– O motor está fraco. Se **quiserem** que o ventilador **funcione**, **ficarão** sem luz. Que preferem os senhores: ar ou claridade?
Olhamos com reprovação o reclamante, e ele emudeceu."

636. reclamava: _____
637. botem: _____
638. funcionar: _____

639. providenciasse: _____
640. insistia: _____
641. declarando: _____
642. sentimos: _____
643. apareceu: _____
644. quiserem: _____
645. funcione: _____
646. ficarão: _____
647. olhamos: _____

A – Ela **dorme** cedo.
B – **Durma** logo, menino.
C – Talvez ela **durma** logo.
D – Quero que você **dorme** logo.
E – Talvez ela **dorme** logo.

■ Assinale **C** ou **E**, para quer se trate de afirmação certa ou errada.

648. ( ) Em A, o verbo está no **imperativo**.
649. ( ) Em A, o verbo está no **indicativo**.
650. ( ) Em B, o verbo está no **subjuntivo**.
651. ( ) Em B, o verbo está no **imperativo**.
652. ( ) Em C, o verbo está no **subjuntivo**.
653. ( ) Em D, o verbo em negrito deveria estar no **subjuntivo** (durma).
654. ( ) Em E, o verbo está errado porque a dúvida requer **subjuntivo** (durma).
655. ( ) O nome **subjuntivo** vem de **sub + juntar** (que se junta por baixo) devido a ser o modo das orações subordinadas.

■ (FEMPAR) Que frases terão suas lacunas corretamente preenchidas pelas formas colocadas entre parênteses? Marque-as com um **C**.

656. Para não acentuar a discórdia, não _____ na discussão. (intervim)
657. O tempo todo _____ -me em silêncio. (manti)
658. Seria oportuno que ele se _____. (contesse)
659. Apesar da insistência, não _____ seus pertences. (reaveu)
660. Da minha janela, _____ tudo o que se passa na rua. (presencio)
661. Olho ao redor e _____ que todos os amigos se foram. (averiguo)

■ (U.E.MARINGÁ-PR) Assinale com **C** toda vez que os verbos do imperativo, em cada dupla, se referirem à mesma pessoa.

662. a) **Enxágua** a louça, mana.
b) Filha, **seja** mais otimista!

663. a) **Crede** sempre no bem!
b) Não **digais** tudo o que vem à mente.

664. a) **Sigamos** nosso caminho.
b) **Criemos** nosso destino!

665. a) Papai, **descola** uma grana aí.
b) Psiu, **vem** mais perto, vem.

■ Preencha as lacunas corretamente seguindo o modelo.
Vir, talvez eu venha. Se eu não vier...
666. Valer, talvez eu _____. Se eu não _____...
667. Poder, talvez eu _____. Se eu não _____...
668. Querer, talvez eu _____. Se eu não _____...
669. Requerer, talvez eu _____. Se eu não _____...
670. Pôr, talvez eu _____. Se eu não _____...
671. Ver, talvez eu _____. Se eu não _____...
672. Caber, talvez eu _____. Se eu não _____...
673. Ter, talvez eu _____. Se eu não _____...
674. Tragar, talvez eu _____. Se eu não _____...
675. Trazer, talvez eu _____. Se eu não _____...
676. Saber, talvez eu _____. Se eu não _____...
677. Remediar, talvez eu _____. Se eu não _____...

■ Corrija as frases.
678. Quando irmos, encontraremos os que se oporam.

_____

679. Enquanto não verdes a placa, não dobre à direita.

_____

680. Quando vires ao Brasil, mostra-me os presentes que trouxes.

_____

681. Quando ele propor, quero que você não interveja na conversa.

_____

682. Se eles reverem o texto e manterem o erro...

_____

683. Ela interviu porque eles não se comporam.

_____

684. Vá em frente e serás recompensado.

_____

685. Eles se desaviram, mas pode ser que ainda se avenham.

_____

686. (FUVEST-SP) "Se ele _____ (ver) o nosso trabalho _____ (fazer) um elogio."
Assinale a alternativa em que as formas dos verbos **ver** e **fazer** preenchem corretamente as lacunas da frase acima:
a) ver / fará.
b) visse / fará.
c) ver / fazerá.
d) vir / fará.
e) vir / faria.

687. (FESP-SP) Assinale a alternativa em que todas as formas estejam na **segunda pessoa do plural do imperativo afirmativo**.
a) ouvi / vinde / ide / traze.
b) ouvi / vinde / ide / trazei.
c) ouvi / venhas / ide / trazei.
d) ouça / vinde / vá / tragais.
e) ouça / venhas / vás / tragais.

688. (VUNESP-SP) Observe a frase abaixo.
"A grosseria de Deus me feria e insultava-me."
Transcreva-a no:
a) pretérito perfeito do indicativo:

_____

b) pretérito mais-que-perfeito do indicativo:

_____

689. (FUVEST-SP) Preencha os claros da frase transformada com as formas adequadas dos verbos assinalados na frase original.
Original:
Para você **vir** à Cidade Universitária, é preciso **virar** à direita ao **ver** a ponte da Alvarenga.
Para tu _____ à Cidade Universitária, é preciso que _____ à direita quando _____ a ponte da Alvarenga.

690. (UM-SP) Indique a oração em que há um **erro** quanto à flexão verbal.
a) A mãe previu no filho aquela personalidade marcante.
b) O próprio garoto precaviu-se contra aquele mal.
c) Missão sublime o detivera aqui neste universo humano.
d) O mestre não interveio a tempo na solução daquele problema.
e) Mesmo com a mente iludida, o jovem reouve a consciência da trágica situação.

691. (UNIMEP-SP) "Não fales! Não bebas! Não fujas!"
Passando tudo para a forma **afirmativa**, teremos:

a) Fala! Bebe! Foge!
b) Fala! Bebe! Fuja!
c) Fala! Beba! Fuja!
d) Fale! Beba! Fuja!
e) Fale! Bebe! Foge!

692. (F. C. Chagas-PR) Mesmo que você lhe _____ um acordo amigável, ele não _____.
a) proponha / aceitará.
b) propor / aceitava.
c) proporia / aceitaria.
d) proporá / aceitará.
e) propôs / aceitava.

693. (ITA-SP) Vi, mas não _____; o policial viu, e também não _____; dois agentes secretos viram, e não _____. Se todos nós _____, talvez _____ tantas mortes.
a) intervim / interviu / interviram / tivéssemos intervido / teríamos evitado.
b) me precavi / se precaveio / se precaveram / nos precavíssemos / não teria havido.
c) me contive / se conteve / contiveram / houvéssemos contido / tivéssemos impedido.
d) me precavi / se precaveu / precaviram / precavêssemo-nos / não houvesse.
e) intervim / interveio / intervieram / tivéssemos intervindo / houvéssemos evitado.

694. (F. C. Chagas) Se você _____ chegado a tempo _____ visto o que _____.
a) tem / tenha / acontece.
b) tiver / terá / acontecesse.
c) teria / tinha / aconteça.
d) tivesse / teria / aconteceu.
e) tinha / tem / acontecia.

695. (F. C. Chagas) Transpondo para a voz **ativa** a frase: "O filme ia ser dirigido por um cineasta ainda desconhecido", obtém-se a forma verbal:
a) dirigirá.
b) dirigir-se-á.
c) vai dirigir.
d) será dirigido.
e) ia dirigir.

696. (UF Londrina) Transpondo para a voz **ativa** a frase: "Os livros seriam postos em um líquido desinfetante", obtém-se a forma verbal:
a) vão pôr.
b) íamos pôr.
c) põem-se.
d) vão ser postos.
e) poriam.

697. (UNESP) Explicou que *aprendera aquilo de ouvido*.
Transpondo a oração em destaque para a **voz passiva**, temos a seguinte forma verbal:
a) tinha sido aprendido.
b) era aprendido.
c) fora aprendido.
d) tinha aprendido.
e) aprenderia.

698. (UM-SP) Assinale a alternativa em que há **erro** na forma verbal ou no pronome enclítico.
a) tem + o = tem-no.
b) faz + o = fá-lo.
c) fez + o = fê-lo.
d) tens + o = ten-lo.
e) pões + o = põe-lo.

699. (FCMSCSP) Transpondo para a **voz ativa** a frase: "Solicita-se a atenção de V. Sª. para um dado importante", obtém-se a forma verbal:
a) é solicitado.
b) solicitam.
c) foi solicitada.
d) solicitaram.
e) solicitou-se.

700. (FCMSCSP) Transpondo para a **voz passiva** a frase: "Os mutuários devem continuar a seguir essa orientação", obtém-se a forma verbal:
a) deve continuar a ser seguida.
b) deve ser continuada a seguir.
c) deve ser continuada a ser seguida.
d) é devida continuar a seguir.
e) é devida ser continuada a seguir.

701. (FCMSCSP) Caso você _____ viajar no sábado, com certeza _____ necessário reservar as passagens.
a) quer / fosse.
b) quisesse / seja.
c) queira / será.
d) queria / é.
e) quiser / fosse.

702. (UF Londrina) Transpondo para a **voz passiva** a frase: "Os cavalinhos de pau despertavam a fantasia das crianças", obtém-se a forma verbal:
a) fora despertada.
b) despertou-se.
c) ia sendo despertada.
d) foi despertada.
e) era despertada.

703. (FCMSCSP) Mesmo que a direção o _____ para o lugar e ele _____ nomeado, duvido que _____ a exercer o cargo.
a) indicar / for / chega.
b) indicaria / seja / chega.
c) indique / for / chega.
d) indique / seja / chegue.
e) indicar / ser / chegue.

704. (FIUbe) Transpondo para a **voz passiva** a oração: "A pedidos, a orquestra tocaria fado e modinha", obtém-se a forma verbal:
a) se tocaria.
b) será tocado.
c) seriam tocados.
d) serão tocados.
e) iam ser tocados.

705. (FIUbe) Caso eu não _____ mais aqui e não nos _____ outra vez, telefone-me.
a) vier / vermos.
b) venho / virmos.
c) virei / veremos.
d) venha / vejamos.
e) viesse / vimos.

706. (EEM-SP) Siga o modelo.
Provo que tenho direito. Se tens direito, prova-o.
a) Juro que não comprei a máquina.

_____

b) Digo que compus um poema.

_____

707. (ITA-SP) Dadas as afirmações de que os verbos:
a. requerer b. prover c. aprazer
têm, respectivamente, como primeira pessoa do singular do presente do indicativo:
1. requero 2. provejo 3. aprazo
constatamos que está (estão) **correta(s)**:
a) apenas a afirmação nº 1.
b) apenas a afirmação nº 2.
c) apenas a afirmação nº 3.
d) todas as afirmações.
e) n.d.a.

708. (FUVEST-SP) _____ em ti, mas nem sempre _____ dos outros.
a) Creias / duvides.
b) Crê / duvidas.
c) Creias / duvidas.
d) Creia / duvide.
e) Crê / duvides.

709. (FUVEST-SP) Ele _____ a seca e _____ a casa de mantimentos.
a) preveu / proveu.
b) prevera / provira.
c) previra / proviera.
d) preveu / provera.
e) previu / proveu.

710. (FUVEST-SP) Passe o texto para a forma **negativa**.
"Sai daqui! Foge! Abandona o que é teu e esquece-me."

_____

_____

711. (FUVEST-SP) Escreva as formas dos verbos indicados que preencham **corretamente** as lacunas.
a) Quando eu _____ os livros, nunca mais os emprestarei. (reaver)
b) Quando ele _____ uma canção de paz, poderá descansar. (compor)

712. (F. C. Chagas) Não _____ diante de nenhum sacrifício que você de mim _____.
a) recuei / exija.
b) recuo / exigisse.
c) recuo / exija.
d) recuara / exigiu.
e) recuei / exigir.

713. (F. C. Chagas) Para que você _____ isso, precisa ser ambicioso; quem _____ sem que _____, certamente é ambicioso.
a) deseja / deseja / estima.
b) deseje / deseja / estime.
c) deseje / deseja / estima.
d) deseja / deseje / estime.
e) deseje / deseje / estima.

714. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Assinale a alternativa que apresenta um verbo **incorretamente** flexionado.
a) O enxoval conviria às noivas dos bairros mais pobres.
b) Não despeças os carregadores antes do desembarque.
c) Os policiais interviram nos protestos dos grevistas.
d) A noiva precaveu-se contra os prejuízos da mudança.

715. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Assinale o trecho que **não** contém oração na voz passiva.
a) Lamentamos que o pouco tempo disponível venha a prejudicar o processo que foi iniciado de forma tão incorreta.
b) No quarto, já tinham sido espalhados vários colchões pelo chão, para acomodar os parentes que vinham de longe.
c) À distância, viam-se pequenos pontos de luz, a denunciar a presença de casas por ali.
d) Assim que começou a cursar medicina, sentiu-se atraído para a área de neurologia.
e) A lembrança de sua convivência conosco ia sendo afastada à medida que os afazeres da rotina iam nos absorvendo.

716. (PRF/N.M./ANP) Assinale a opção em que o tempo do verbo está empregado **erradamente**.
a) Quem terminar pode entregar a prova.
b) Eu começarei de novo, se fosse preciso.
c) Quando ela passou, todos aplaudiram.
d) Até ontem eles não tinham chegado.

717. (ITA/VEST) Assinale a opção que preenche corretamente os espaços.
"Mesmo que _____ outros imprevistos, haja vista que já _____ alguns, _____ todas as necessidades se _____ tranquilos."
a) haja / ocorreram / proviremos / nos mantermos.
b) advenham / sobrevieram / proveremos a / nos mantivermos.

c) advissem / sobreviram / proviríamos / mantivéssemo-nos.
d) adviessem / têm sobrevindo / proviremos / mantermo-nos.
e) advierem / têm havido / supriremos a / mantivermo-nos.

718. (BRB/N.M./IDR) Assinale a alternativa **correta**.
a) Só irei festejar o prêmio, quando eu vir a cor do dinheiro, e, nesse momento, você, com certeza, quererá ficar comigo para sempre.
b) A Constituição proibi as discriminações, mas parece que alguns bancos ignoram isso ao manterem caixas à disposição exclusiva de clientes de muitas estrelas.
c) Se ele repor a quantia retirada ontem, não será necessário que o gerente intervenha a seu favor.
d) Só ficará calmo quando perfazer todos os pontos exigidos para a sua ascensão funcional.

719. (BRB/N.M./IDR) Assinale a alternativa **correta**.
a) Quando o líder propor mudanças na lei, certamente os demais encontrarão no documento pontos que transgridam a lei.
b) Será necessário que as empresas falham para que os juros baixassem? E quantas ainda precisarão anunciar falência?
c) Se o presidente muda sua rotina, busca-se imediatamente explicação. Se as informações conflitam, especula-se.
d) Se o computador caber naquela mesa, cancele a encomenda feita ontem. Afinal, é hora de conter despesas.

720. (ALCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **correta**.
a) Se você não requerer logo, é possível que lhe digam amanhã que o documento não valhe nada.
b) Se o vir, diga-lhe que eu me precavejo contra possíveis aborrecimentos.
c) Se eles se mantiverem irredutíveis e não se proporem a conversar nada se resolverá.
d) Quando ele obtiver aquilo por que tanto anseia, será tarde demais.

721. (ALCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa que corresponde, na **voz passiva**, ao período abaixo.
"Os deputados estavam sempre discutindo a mesma questão."
a) A mesma questão vinha sempre sendo discutida pelos deputados.
b) A mesma questão estava sempre sendo discutida pelos deputados.
c) A mesma questão ia sendo sempre discutida pelos deputados.
d) A mesma questão era sempre discutida pelos deputados.

722. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale o período **incorreto** quanto à conjugação verbal.
a) Ao propordes tal solução, não vos esqueçais de que vos tornareis responsáveis pelo sucesso ou fracasso da empreitada.

b) Ele reaveu todos os documentos desaparecidos; para obtê-los novamente ateve-se a publicar um anúncio no jornal.
c) Esperando que se contradissessem, propuseram questões sutis, e, enquanto lhes aprouve, mantiveram o interrogatório.
d) Caberem todos não é difícil; o problema é manterem-se quietos para não comprometer a estabilidade do barco.

723. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale o período **incorreto** quanto à conjugação verbal.
a) Ninguém creu no que disseste: tua imagem não é das melhores.
b) Após a queda, por longo tempo jazeram ali, exânimes, quase mortos.
c) Não tinham prazido aos credores as garantias que lhes tinham sido oferecidas.
d) Muitas empresas já faliram este ano. Espero, contudo, que a nossa não falha.

724. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale o período que corresponde, na **voz passiva**, ao período abaixo.
"A construtora deverá demolir, em breve, todas as casas, e, em seu lugar, os operários vão erguer um edifício."
a) Em breve, todas as casas serão demolidas pela construtora, e, em seu lugar, um edifício será erguido pelos operários.
b) Em breve, a construtora terá demolido todas as casas, e, em seu lugar, um edifício deverá ser erguido pelos operários.
c) Em breve, todas as casas deverão ser demolidas pela construtora, e, em seu lugar, um edifício vai ser erguido pelos operários.
d) Em breve, todas as casas deverão ser demolidas pela construtora, e, em seu lugar, um edifício será erguido pelos operários.

725. (TFC-RJ/N.S.) A forma passiva correspondente ao enunciado "Vi, no claro azul do céu, um papagaio de papel, alto e largo", é:
a) O garoto viu, no claro azul do céu, um papagaio de papel, alto e largo.
b) Um papagaio de papel, alto e largo, estava sendo visto pelo menino, no claro azul do céu.
c) No claro azul do céu, era visto um papagaio de papel, alto e largo, por mim.
d) Alto e largo, um papagaio de papel foi visto por mim no claro azul do céu.
e) Foi visto pelo menino, no claro azul do céu, um papagaio de papel.

726. (TFC-RJ/N.S.) Assinale a opção cujo período apresenta **erro** na sintaxe ou morfologia das formas verbais.
a) É necessário que se intermedeiem os conflitos étnicos para que a paz seja preservada.
b) Segundo pressupuseram especialistas, novas bactérias, de extraordinária resistência, estão surgindo nos hospitais.

c) Ao não se aterem aos limites previstos para a pesquisa, correram o risco de falsear os resultados.
d) Sem que se transgridam os modelos convencionais, os prejuízos jamais poderão ser reavidos.
e) Se não sobrevirem novos problemas, serão satisfeitas todas as exigências do contrato assinado.

727. (TFC-RJ/N.S.) Assinale a opção cujo período apresenta **erro** na sintaxe ou morfologia das formas verbais.
a) Se não provessem os estoques do governo com a necessária antecedência, dificuldades maiores adviriam na entressafra.
b) Se eles interporem um novo recurso contra a decisão do diretor, é possível que seja aceita a argumentação que apresentaram.
c) Exige-se que as amostras não difiram significativamente do padrão oficial e que se expeça o respectivo laudo de fiscalização.
d) Por não se preverem as consequências do novo decreto, deixaram de ser tomadas medidas que contivessem o aumento de custos.
e) O governo não interveio nem pretende intervir no mercado, embora as informações de alguns empresários se contradissessem.

728. (TFC-RJ/N.S.) Assinale a opção cujo período apresenta **erro** na sintaxe ou morfologia das formas verbais.
a) Havia, entre os meses de outubro e dezembro, ocorrido pancadas de chuva tão violentas que as estradas estavam em péssimas condições.
b) Se houver desistências, as vagas não poderão ser preenchidas por candidatos sem habilitação legal.
c) Embora muitas dificuldades houvessem surgido, os trabalhos foram concluídos em tempo hábil.
d) Todas as opiniões que houvesse entre os participantes do encontro seriam debatidas democraticamente.
e) Ninguém sabe se vão haver ou não novas inscrições para o concurso anunciado há duas semanas.

729. Avalie a correlação dos tempos verbais e assinale C ou E no parêntese.
( ) Em "Quando se **somam** salários, retiradas e outras remunerações, alguns setores **apresentaram** diferenças não justificadas".

Advérbio

DEFINIÇÃO

Advérbio é uma palavra invariável que se refere a um adjetivo, advérbio ou verbo, atribuindo-lhes uma circunstância.

Observe:

O menino alto cantava alto.
subst. adj. verbo adv.

Prática

1. Passe a frase acima para o **feminino**.

_____

2. Passe a frase acima para o **plural**.

_____

Conclusão:

O **alto** que se refere a um substantivo é um **adjetivo** e varia em gênero e número.
O **alto** que se refere a um verbo é um **advérbio**, por isso é invariável.

Observe:

Era muito problema ...
adj. subst.

Era problema muito fácil.
subst. adv. adj.

Prática

■ Passe as frases acima para o **plural**.

3. _____
4. _____

Conclusão:

O **muito** que se refere a um substantivo é **pronome indefinido** e varia em gênero e número.
O **muito** que se refere a um adjetivo é **advérbio**, por isso é invariável.

Observe:

Júlio tinha muito (adv.) pouco (adj.) conhecimento (subst.) e era muito (adv.) pouco (adv.) admirado (adj.).

Prática

■ Preencha as lacunas.

5. Júlia tinha _____ _____ prática e era _____ _____ _____.

Conclusão:

Os adjetivos são variáveis para concordar com os substantivos a que se referem.
Os advérbios também podem se referir a adjetivos ou a outros advérbios, mas são sempre invariáveis.
Os advérbios nunca se referem a substantivos.

Prática

A. Ela estava mal.
B. Ela estava bem.
C. Ela estava bem mal.
D. Felizmente, agora não há barreiras entre nós.

■ Assinale **C** ou **E**.

6. ( ) Em A, **mal** é adjetivo.
7. ( ) Em A, **mal** não é adjetivo, porque é invariável: Elas estavam mal.
8. ( ) Em A, **mal** é advérbio de modo, referindo-se ao verbo **estava**.
9. ( ) Em B, **bem** é adjetivo.
10. ( ) Em B, **bem** é advérbio, porque é invariável.
11. ( ) Em B, **bem** é advérbio de modo, referindo-se ao verbo.
12. ( ) Em C, **mal** é adjetivo.
13. ( ) Em C, **bem** é advérbio de modo, referindo-se ao advérbio **mal**.
14. ( ) Em C, **bem** é advérbio de intensidade, referindo-se a outro advérbio.
15. ( ) Um advérbio se refere a outro advérbio, estabelecendo sentido de intensidade e se chama advérbio de intensidade.
16. ( ) Em D, **Felizmente** é advérbio e se refere a toda uma oração.
17. ( ) Quando o advérbio se refere a toda uma oração, normalmente vem separado desta por vírgula.
18. ( ) O advérbio serve para atribuir qualidade aos seres.
19. ( ) **Advérbio** é palavra invariável que se refere a um adjetivo, verbo ou outro advérbio, exprimindo uma circunstância.

CIRCUNSTÂNCIAS EXPRESSAS PELO ADVÉRBIO

Prática

■ Estabeleça a correlação adequada.

a) afirmação c) dúvida e) tempo g) intensidade
b) negação d) lugar f) modo

20. ( ) não.
21. ( ) jamais, nunca, logo, hoje, já, cedo, antes, depois, agora, outrora...
22. ( ) efetivamente, sim, realmente, certamente...
23. ( ) bastante, muito, pouco, bem, mais, demais, menos...
24. ( ) assim, bem, mal, depressa, devagar, debalde, melhor...
25. ( ) geralmente os terminados em -mente: fielmente, facilmente, ricamente...
26. ( ) acaso, porventura, talvez, provavelmente.
27. ( ) aqui, aí, ali, além, abaixo, acima, adiante, além, aquém, fora...

■ Continue correlacionando os **advérbios interrogativos**.

a) de causa b) de tempo c) de modo d) de lugar

28. ( ) Quando você chegou?
29. ( ) Como conseguiste chegar?
30. ( ) Onde você guardou minha cenoura?
31. ( ) Por que não veio mais cedo?
32. ( ) Quero saber como você aprendeu o caminho.
33. ( ) Não sei onde você se esconde.
34. ( ) Diga-me quando você chegou.

Observe:

E. Como você cresceu? F. Como você cresceu!
G. Ela usa bastante batom. H. Ele nunca voltou.

■ Responda **C** ou **E**.

35. ( ) Em E e F, existe **advérbio interrogativo**.
36. ( ) Em E e F, existe **advérbio de modo**.
37. ( ) Em E, **como** é **advérbio interrogativo de modo**.
38. ( ) Em F, **como** é **advérbio de intensidade**.
39. ( ) Em G, há um **advérbio de intensidade**.
40. ( ) Em G, **bastante** não é advérbio, porque se refere ao substantivo **batom**.
41. ( ) Em G, **bastante** é pronome indefinido, como **muito** e **pouco** quando se referem a substantivo.
42. ( ) Em H, **nunca** é advérbio de tempo e negação.

LOCUÇÃO ADVERBIAL

Prática

Observe:

I. Ela sorriu **novamente**.
J. Ela sorriu **de novo**.
K. Ele **não** se comprometeu.
L. **De modo nenhum** ele se comprometeu.
M. Ele virá, **sim**.
N. Ele virá, **com certeza**.
O. – Onde está o Ivan? – Não sei. **Com certeza** está numa dessas exposições que frequenta.
P. Renato cortava legumes **com Teresa**.
Q. Teresa se cortou **com o canivete** de Renato.

■ Assinale **C** ou **E**.

43. ( ) **novamente** e **de novo** são circunstâncias do verbo sorrir.
44. ( ) **novamente** é um advérbio que atribui ao verbo sorrir uma circunstância de **repetitividade**.
45. ( ) **não** e **De modo nenhum** atribuem circunstância de negação ao verbo comprometer-se.
46. ( ) Em J, L e N, vê-se que duas ou mais palavras podem fazer as vezes de um advérbio.
47. ( ) Duas ou mais palavras que funcionam no lugar de um advérbio chamam-se **locução adverbial**.
48. ( ) Em N e O, encontram-se locuções adverbiais de **afirmação**.
49. ( ) Em N, **Com certeza** é uma locução adverbial de **afirmação**.
50. ( ) Em O, **Com certeza** é uma locução adverbial de **dúvida**.
51. ( ) Em P, há uma locução adverbial de **companhia**.
52. ( ) Em Q, há uma locução adverbial de **instrumento** ou **meio**.

Observe:

R. Ela estava **perto**.
advérbio

S. Ela estava **por perto**.
prep. + adv.
locução adverbial

T. Ela estava **em casa**.
prep. + subst.
locução adverbial

U. Ela estava **com você**.
prep. + pron.
locução adverbial

■ Assinale **C** ou **E**.

53. ( ) Em R, **perto** é advérbio de lugar.
54. ( ) Em S, **por perto** é locução adverbial de lugar, constituída de preposição e advérbio juntos.
55. ( ) Em T, **em casa** é advérbio de **lugar**.
56. ( ) Em T, **em casa** é locução adverbial de **lugar**, formada por uma preposição e um substantivo.
57. ( ) Em U, **com você** é uma locução adverbial de **companhia**.

Observe:

V. Ela estava (**locução adverbial**: **com** (prep.) + **você**. (pron.))

W. Ela estava (**locução adverbial**: **perto de** (**adv. + prep.** loc. prepositiva) **você**. (pron.))

X. Ela estava (**locução adverbial**: **em** (prep.) **casa**. (subst.))

Y. Ela estava (**locução adverbial**: **em cima de** (**prep.+ adv.+ prep.** locução prepositiva) **sua casa**. (subst.))

A **locução adverbial** pode ter a seguinte estrutura: preposição + advérbio; preposição + substantivo; preposição + pronome. A preposição vem sempre antes.
Advérbio + preposição = **locução prepositiva**.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

58. ( ) Observando V e W, conclui-se que a locução prepositiva equivale na frase a uma **preposição**.
59. ( ) Observando W e Y, conclui-se que, na construção da frase, a locução prepositiva pode ter duas ou mais palavras.
60. ( ) A locução adverbial sempre começa com preposição, ou locução prepositiva.
61. ( ) A locução adverbial nunca termina com preposição.
62. ( ) O núcleo da locução adverbial é a preposição.
63. ( ) A locução prepositiva sempre termina com preposição.
64. ( ) Toda locução que termina em preposição é locução prepositiva.
65. ( ) A locução prepositiva pode ter preposição no início e no fim (**em** cima **de**).

Observe:

Ela está meio / menos / mais / muito / pouco **tonta**. adjet.

advérbio de intensidade

Ela está **tonta** adjet. de verdade. / à beça. / p'ra chuchu.

locução adverbial de intensidade

Ela está mais / menos / meio / muito / pouco / bastante **perto**. adv.

advérbio de intensidade

Ela está **perto** adv. de verdade. / p'ra chuchu. / à beça.

locução adverbial de intensidade

O **advérbio** ou **locução adverbial** que se referem a adjetivo ou a advérbio são, quase sempre, de intensidade.

Prática

Naquela época, com rara felicidade, as famílias conversavam em volta da mesa, em tom normal, após o sono dos menores.

■ Assinale **C** ou **E**.

66. ( ) **Naquela época** é locução adverbial de **tempo**.
67. ( ) Na oração há cinco locuções adverbiais.
68. ( ) Todas começam com preposição.
69. ( ) **em volta de** é uma locução prepositiva.
70. ( ) Há duas locuções adverbiais de **tempo**.
71. ( ) Há só duas ocorrências da preposição **em** no texto.

■ Sublinhe e classifique os **advérbios** ou **locuções adverbiais**.

72. Nunca vi olhos tão meigos.
73. Quanta alegria havia lá!
74. Por que vieste tão cedo?
75. Não me disseste onde ou como eles estão.
76. Talvez não saibam quando chegaremos.
77. Chegou da Espanha o jovem do Brasil.
78. Muitos homens e muitas mulheres pensam muito pouco.
79. Bastantes estudiosos nos ajudam bastante.
80. Ele era de meias-palavras. Meio calado.

Preposição

DEFINIÇÃO

Observe:

Preposição é a **palavra** que liga **dois termos**, subordinando o segundo ao primeiro e estabelecendo uma relação semântica (relação de significado) com o subordinado ou regido.

A preposição é escolhida pelo termo regente e pertence sintaticamente ao termo regido.

Prática

■ Estabeleça a carga semântica da preposição.

Regente	Prep.	Regido	Núcleo	
1.	em	casa.	( )	a) companhia
2.	com	ela.	( )	b) posição superior
3.	de	cama.	( )	c) posição inferior
4.	sob	a mesa.	( )	d) lugar
5.	sobre	o fogão.	( )	e) estado

São **preposições essenciais**, isto é, funcionam sempre como preposições:

a, ante, até, após,
com, contra,

de, desde,
em, entre,
para, por, perante,
sem, sob, sobre,
trás.

Locuções prepositivas: são constituídas por duas ou mais palavras, sendo a última sempre uma preposição:

além de, antes de, até a, apesar de, acerca de, em vez de, dentro de, depois de, devido a, fora de, junto a, junto de, junto com...

Isoladas, as preposições não têm sentido, mas podem adquirir diversos significados dependendo do contexto.

Exemplos: O orador olhava **à** frente (direção).
Todos os anos, a família vai **a** Paris (lugar).
A amazona saiu **a** galope (modo).
O desenho era todo feito **a** lápis (instrumento).

Prática

■ Faça a correlação entre a forma destacada e o significado que ela cria.

6. ( ) estar **ante** o portão
7. ( ) parar **após** o obstáculo
8. ( ) beber **com** os amigos
9. ( ) pagar **com** cheque
10. ( ) lutar **contra** o vício
11. ( ) trabalhar **para** a sobrevivência
12. ( ) provir **de** Uruguaiana
13. ( ) cadeira **de** vime
14. ( ) morrer **de** frio
15. ( ) doce **com** leite
16. ( ) doce **sem** leite

(a) finalidade
(b) oposição
(c) instrumento
(d) companhia
(e) causa
(f) matéria
(g) origem
(h) posterioridade
(i) anterioridade
(j) inclusão
(k) exclusão

São **preposições acidentais** aquelas que podem ligar termos de uma oração ou ter outras funções:

conforme, consoante, durante, exceto, fora, mediante, menos, salvo, segundo...

Prática

■ Faça a correlação, considerando a preposição destacada.

(a) liga termos de uma oração (é preposição)
(b) liga orações com verbo flexionado (é conjunção)
(c) acompanha verbo, adjetivo ou advérbio (é advérbio)

17. ( ) Montou o aparelho **conforme** as especificações.
18. ( ) O trabalho será feito **conforme** você pediu.
19. ( ) As pessoas agem **segundo** seus impulsos.
20. ( ) O aparelho será montado amanhã, **segundo** disseram os técnicos.
21. ( ) Irá toda minha família **menos** eu.
22. ( ) Os inquilinos estavam **menos** preocupados após a reunião.

As preposições **a**, **em**, **por**, **de** podem combinar-se ou contrair-se com os artigos definidos ou com os pronomes demonstrativos.

por + o, a, os, as	➜	pelo, pela, pelos, pelas
de + o, a, os, as	➜	do, da, dos, das
em + o, a, os, as	➜	no, na, nos, nas
a + o, a, os, as	➜	ao, à, aos, às
de + este, aquele	➜	deste, daquele
em + esta, aquilo	➜	nesta, naquilo
a + aquela, aquele, aquilo	➜	àquela, àquele, àquilo
em + um, uma uns, uma	➜	num, numa, nuns, numa

Prática

■ Complete as lacunas com a forma preposicional adequada.

23. Ele voltou _____ o caminho mais difícil.
24. Saiu _____ a porta _____ a cabeça erguida.
25. Acreditamos _____ o valor da vida humana.
26. Os moradores precisam _____ essa segurança.
27. O ex-presidente referia-se _____ aquelas sobras de campanha.

Observação:

As preposições podem substituir as conjunções, quando a oração subordinada for reduzida:
Ele voltou **para** trabalhar.

Prática

■ Substitua adequadamente a conjunção por uma **preposição**.

28. O poeta trouxe o livro **para que** eu o lesse e corrigisse.
_____ eu ler e corrigir.

29. As crianças não poderão sair, **se** o pai não der sua autorização.
_____ o pai dar sua autorização.

30. O médico ficou chateado **porque** causou muita preocupação a todos.
_____ causar muita preocupação a todos.

31. (PRF/N.M./ANP) Assinale a frase em que a preposição está empregada **indevidamente**.
a) Era rigoroso com as infrações na estrada.
b) Severas responsabilidades lhe pesavam sobre os ombros.
c) Já leu algo sob este assunto?
d) Espero ter o prazer de apertar-lhe a mão.

32. (PRF/N.M./ANP) Assinale a opção em que a ideia da preposição destacada **não** está indicada corretamente entre parênteses.
a) Moro **em** Copacabana há muitos anos. (lugar)
b) Viajou **de** São Paulo a Recife. (procedência)
c) Saíram **em** um dia chuvoso. (tempo)
d) Tiritavam **de** frio pelas ruas da capital. (modo)

Conjunção

DEFINIÇÃO

Observe:

COORDENADO	CONJUNÇÃO COORDENATIVA	COORDENADO
Paulo TERMO	e	Cristina TERMO
Ele chegou ORAÇÃO	e	ela saiu ORAÇÃO

SUBORDINANTE		
Ele chegou ORAÇÃO	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA	
		SUBORDINADO
	quando	
		ela saiu ORAÇÃO

Prática

■ Observe o gráfico e responda **C** ou **E**.

1. ( ) A conjunção pode ligar dois termos.
2. ( ) A conjunção pode ligar duas orações.
3. ( ) A conjunção pode coordenar dois termos.
4. ( ) A conjunção pode coordenar duas orações.
5. ( ) A conjunção pode subordinar um termo a outro.
6. ( ) A conjunção pode subordinar uma oração a outra.
7. ( ) A conjunção pode ser, então, classificada como coordenativa ou como subordinativa.
8. ( ) Se a conjunção liga dois termos de uma oração, necessariamente tem papel coordenativo.
9. ( ) Se a conjunção liga duas orações, pode assumir um papel coordenativo ou subordinativo.

Agora veja a definição de Evanildo Bechara:

> "**Conjunção** é a expressão que liga orações, ou, dentro da mesma oração, palavras que tenham o mesmo valor ou função."

Prática

■ Leia as frases seguintes e responda **C** ou **E**.

A) **Visto que** estava com medo, calou-se.
B) **Porque** estava com medo, calou-se.
C) **Quando** estava com medo, calou-se.

10. ( ) Em A, a primeira oração determina a causa do fato expresso na segunda.
11. ( ) Em B, a primeira oração determina a causa do fato expresso na segunda.
12. ( ) Em C, a primeira oração determina a causa do fato expresso na segunda.
13. ( ) Em C, a primeira oração explicita uma circunstância de tempo relacionada ao fato expresso na segunda.
14. ( ) Em A, B e C, as circunstâncias de causa ou tempo são declaradas pelas expressões **Visto que**, **Porque** e **Quando**, respectivamente.
15. ( ) **Porque** e **Quando** são, portanto, conjunções, por ligarem orações.
16. ( ) **Visto que** também funciona como conjunção, por ligar orações.
17. ( ) Duas ou mais palavras com valor de uma recebem o nome de locução.
18. ( ) **Visto que** é, por isso, uma locução conjuntiva, isto é, duas palavras que funcionam como uma conjunção.

CLASSIFICAÇÃO

Leia com atenção o quadro dos cinco tipos de conjunções coordenativas.

	CONJUNÇÕES COORDENATIVAS
1	**ADITIVAS**: somam informações de natureza semelhante. positiva + positiva: Ela estudou **e** aprendeu. negativa + negativa: Ela não estudou **e** não aprendeu. Ela não estudou **nem** aprendeu.
	São elas: **e**, **nem (= e não)**, **não só... mas também**, **não só... mas até** etc.
2	**ADVERSATIVAS**: opõem informações, aproximam informações contrárias. positiva + negativa: Estudou, **mas** não aprendeu. Estudou, **e** não aprendeu. negativa + positiva: Não estudou, **porém** aprendeu. Não estudou, **contudo** aprendeu.
	São elas: **e**, **mas**, **porém**, **todavia**, **contudo**, **no entanto**, **entretanto** etc.

3	**ALTERNATIVAS**: interligam orações cujas ideias se excluem, que não acontecem juntas. Estudava, **ou** se divertia. **Ora** estudava, **ora** se divertia.
	São elas: **ou**, **ou ... ou**, **já ... já**, **ora ... ora**, **quer ... quer**, **seja ... seja** etc.
4	**CONCLUSIVAS**: interligam duas ideias, fazendo da segunda uma conclusão da primeira. Teu combustível está no fim; **portanto**, não conseguirás chegar. Está na hora da decolagem; deves, **pois**, apressar-te.
	São elas: **logo**, **portanto**, **por isso**, **por conseguinte**, **consequentemente**, **então**, **pois** (quando não começa frase) etc.
5	**EXPLICATIVAS**: interligam orações fazendo, numa, justificativa ou explicação do que se disse noutra. Venha logo, **porque** já é tarde. Sorria, **pois** a vida é bela.
	São elas: **pois** (começando oração), **porque**, **que**, **porquanto** etc.

Prática

■ Nas orações a seguir, sublinhe as conjunções e classifique-as conforme a ideia que introduzem.
a) aditiva b) adversativa c) alternativa d) conclusiva e) explicativa.

19. ( ) A lua está nascendo, ou se pondo?
20. ( ) A lua está nascendo, mas o dia está claro ainda.
21. ( ) O sol se põe cedo, porque estamos no inverno.
22. ( ) P'ra frente, que atrás vem gente.
23. ( ) Não só tremia, mas também chorava.
24. ( ) Doía, e ele não chorava.
25. ( ) Ora chorava, ora sorria.
26. ( ) Penso; portanto, insisto.

Estude agora o quadro dos dez tipos de conjunções subordinativas.

CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS	
	ADVERBIAIS
1	**CAUSAIS**: introduzem oração, com uma ideia de causa. **Como** não choveu, o poço secou. Ele caiu **porque** tropeçou.
	São elas: **que**, **porque**, **porquanto**, **como**, **já que**, **desde que**, **pois que**, **visto que**, **visto como**, **uma vez que...**

2	**CONCESSIVAS**: introduzem oração, com ideia contrária à da oração principal. **Embora** tentasse, não conseguiu esconder. Trabalhava, **por mais que** a perna doesse.
	São elas: **embora**, **conquanto**, **ainda que**, **mesmo que**, **posto que**, **se bem que**, **por mais que**, **por menos que**, **apesar de que**, **nem que**, **que**, **de todo modo...** Todas essas conjunções levam o verbo para o subjuntivo.
3	**CONDICIONAIS**: introduzem oração, com ideia de hipótese ou condição. **Se** quiser, eu vou. Ela seria feliz, **caso** o destino quisesse.
	São elas: **se**, **caso**, **contanto que**, **salvo se**, **sem que (= se não)**, **dado que**, **desde que**, **a menos que**, **a não ser que** etc.
4	**CONFORMATIVAS**: introduzem oração, exprimindo a conformidade de uma ideia com a da oração principal. **Conforme** eu previra, ela mentiu. Vai chover, **segundo** anunciou a meteorologia.
	São elas: **como**, **conforme**, **segundo**, **consoante** etc.
5	**FINAIS**: introduzem oração, com ideia de finalidade. Gritava **para que** todos o ouvissem. Chorou, **a fim de que** eu me comovesse.
	São elas: **para que**, **a fim de que**, **que (= para que)**, **porque (= para que)** etc.
6	**CONSECUTIVAS**: introduzem oração, com ideia de consequência. Falava tanto, **que** o marido fugiu. Era de tal beleza **que** nos ofuscava.
	Conjunções: **que** associado a **tal**, **tanto**, **tão**, **tamanho** (expressos ou subentendidos na oração anterior); de forma **que**, de maneira **que**, de modo **que**, de sorte **que** etc.
7	**TEMPORAIS**: introduzem oração, com ideia de tempo. **Logo que** me viu, sorriu. **Desde que** chegou, todos a cercam.
	São elas: **quando**, **antes que**, **depois que**, **logo que**, **assim que**, **desde que** etc.
8	**COMPARATIVAS**: introduzem oração, comparando ações. Normalmente têm o verbo subentendido. Igualdade: Ela dança tanto **quanto** Carlos (dança). Inferioridade: Ela dança menos (do) **que** Júlia (dança). Superioridade: Ela dança mais (do) **que** Renata (dança).
	São elas: **(do) que** (relacionado a mais, menos, melhor, pior, maior, menor), **tal ... qual**, **tanto ... quanto**, **como**, **assim como**, **bem como** etc.

9	**PROPORCIONAIS**: introduzem oração, com ideia de proporcionalidade. Indiretamente: **Quanto** mais gritava, menos era entendido. Diretamente: la aprendendo, **à medida que** convivia com ela.
	São elas: **à proporção que**, **ao passo que**, **quanto mais**, **quanto menos** etc.

SUBSTANTIVAS

10	**INTEGRANTES**: introduzem orações permutáveis pelo pronome substantivo ISSO. Quero **que** venhas. (Quero **isso**.) Gostaria de **que** me entendessem. (Gostaria **disso**.) A verdade é **que** ele saiu. (A verdade é **isso**.) Veja **se** ele concorda. (Veja **isso**.)
	São elas: **que** e **se**. Podem vir elípticas: gostaria me entendessem.

Prática

■ Classifique as conjunções destacadas e numere-as de 1 a 10, de acordo com o quadro que acabou de estudar.

27. **Se** ( ) ela quiser, eu vou; mas não sei **se** ( ) ela quer.
28. Trouxe-lhe uma rosa **para que** ( ) ela não brigasse com ele.
29. **Como** ( ) não queria ser visto, ficou a um canto **como** ( ) vassoura esquecida.
30. **Embora** ( ) tentasse, não conseguia fazer melhor **que** ( ) o irmão.
31. Dance **como** ( ) o ritmo pede, **porque** ( ) todos a aplaudam.
32. Tanto fez **que** ( ) conseguiu **que** ( ) o vizinho lhe vendesse o terreno.
33. **Assim que** ( ) chegou, começou a gesticular **para que** ( ) a vissem.
34. **Quanto** ( ) mais gesticulava, mais cansada ficava.

A. Ele ensinou **para que** todos aprendessem.
B. Ele ensinou **para** todos aprenderem.

■ Assinale **C** ou **E**.

35. ( ) Em A, a segunda oração é introduzida pela locução conjuntiva **para que**.
36. ( ) A locução conjuntiva, no caso, é formada por duas conjunções.
37. ( ) A locução conjuntiva, no caso, é formada por uma preposição (para) e uma conjunção (que).
38. ( ) Em A, a oração subordinada acrescenta à principal uma ideia de finalidade.
39. ( ) Em B, a segunda oração é introduzida só pela preposição (para) e também acrescenta à principal uma ideia de finalidade.
40. ( ) Pode-se concluir que a ideia de finalidade nasce da conjunção.
41. ( ) Pode-se concluir que a ideia de finalidade nasce da preposição.

Observe:

Constroem-se sem conjunção as orações reduzidas.*

Antes de discutido o assunto, ninguém o entendia.

locução prepositiva — verbo no particípio

Para evoluir, todos estudamos.

preposição — verbo no infinitivo

Em se falando de negócios...

preposição — verbo no gerúndio

RESUMO FINAL

CONJUNÇÕES

- COORDENATIVAS
  - a) aditivas
  - b) adversativas
  - c) alternativas
  - d) conclusivas
  - e) explicativas
- SUBORDINATIVAS
  - f) causais
  - g) concessivas
  - h) condicionais
  - i) conformativas
  - j) finais
  - k) consecutivas
  - l) temporais
  - m) comparativas
  - n) proporcionais
  - o) integrantes

Prática

■ Use as letras que precedem, no resumo final, a classificação das conjunções, para preencher os parênteses relacionados às conjunções ou preposições dos exercícios seguintes.

42. **Segundo** Schopenhawer, as ideias encurtam à medida **que** crescem os cabelos.
( ) ( )

* *Vide*, em *Análise Sintática Visual*, Período: Orações reduzidas de infinitivo, de gerúndio, de particípio.

43. Logo **que** ele nasceu, pareceu-me mais feio **que** um sapo.
( ) ( )

44. Não sei **se** vou **ou** **se** fico.
( ) ( ) ( )

45. Ela disse **que** viria, **mas** não falou **se** viria só.
( ) ( ) ( )

46. O ruído atingiu tal intensidade **que** quase nos ensurdeceu.
( )

47. **Se** Júlia concordasse **e** nos ajudasse, **como** você havia previsto, seria fácil para nós
( ) ( ) ( )
convencer aos restantes.

48. **Apesar de** nada ter dito, **porque** foi ameaçada, a testemunha despertou a atenção
( ) ( )
dos jurados.

49. Vá logo, **que** estão esperando. Fale pouco **para** não ser mal entendido.
( ) ( )

50. És inteligente. **Por isso**, não te deves preocupar **quando** tentarem confundir-te.
( ) ( )

Interjeição

CLASSIFICAÇÃO

Prática

■ Estabeleça a correspondência entre as expressões da segunda coluna e o que se pede na primeira.

1. Dor física	( )	a) Psit! Psiu! (rápido)
2. Surpresa	( )	b) Ai! Ui!
3. Silêncio	( )	c) Ora!...
4. Incredulidade	( )	d) Nossa! Puxa! Oh!
5. Animação	( )	e) Psiu! (demorado)
6. Aplauso	( )	f) Bravo!
7. Chamamento	( )	g) Eia!
8. Desejo	( )	h) Tomara! Oxalá!
9. Repetição	( )	i) Oh! Ah!
10. Dor moral	( )	j) Bis!

■ Assinale **C** ou **E** sobre as interjeições.

11. ( ) Exprimem racionalidade.
12. ( ) Exprimem emoção.
13. ( ) Elementos afetivos da linguagem.
14. ( ) Valem por frases inteiras.
15. ( ) São instrumentos de comunicação precisa e indiscutível.
16. ( ) Seu sentido pode variar conforme a entonação e o contexto.
17. ( ) **Ai de mim! Ora bolas!** são locuções interjetivas.
18. ( ) São uma espécie de grito, com que traduzimos estados emotivos.
19. ( ) Normalmente vêm acompanhadas de ponto de exclamação.
20. ( ) Após o ponto exclamativo da interjeição, usa-se sempre letra maiúscula.

DEFINIÇÃO

Interjeição é uma espécie de grito que exprime emotividade, de maneira não racional: Puxa!

Locução interjetiva: duas ou mais palavras com valor de uma interjeição: Nossa senhora! Puxa vida!

Semântica

DEFINIÇÃO

Semântica é o estudo do significado das palavras.

DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO

O sentido usual das palavras, descrito nos dicionários, é o que se denomina **denotativo**.
O sentido figurado, que as palavras adquirem na dependência do contexto em que são usadas, é o que se denomina **conotativo**.

Prática

■ Utilize o código **d** para o sentido denotativo das palavras em negrito e **c** para o sentido conotativo.

1. ( ) Li com cuidado **página** por **página**.
2. ( ) "És **página** virada, descartada do meu folhetim." (C.B.)
3. ( ) Surgiu uma **onda** de boatos.
4. ( ) As **ondas** do mar nos encantam.
5. ( ) Os preços ficarão **congelados** durante um certo período.
6. ( ) Comida **congelada** é uma opção prática.

HOMONÍMIA, SINONÍMIA, ANTONÍMIA

Homônimos são palavras iguais.
Homônimos homófonos são palavras iguais no som.
Homônimos homógrafos são palavras iguais na escrita.
Sinônimos são palavras diferentes com sentidos semelhantes.
Antônimos são palavras diferentes com sentidos opostos.

Prática

■ Faça a correspondência.

a) pronúncia igual / escrita igual / sentido diferente
b) pronúncia igual / escrita diferente / sentido diferente
c) pronúncia diferente / escrita igual / sentido diferente
d) pronúncia diferente / escrita diferente / sentido semelhante
e) pronúncia diferente / escrita diferente / sentido oposto

7. ( ) renda **líquida** / substância **líquida**.
8. ( ) **acento** gráfico / **assento** confortável.
9. ( ) **olho** azul / eu **olho** as fotos.
10. ( ) fazer **cara** de mau / ter **rosto** de anjo.
11. ( ) peso **bruto** / homem **bruto**.
12. ( ) **quarto** arrumado / **dormitório** grande.
13. ( ) **sede** de viver / **sede** da empresa.
14. ( ) **concerto** sinfônico / **conserto** do carro.
15. ( ) pessoa **calma** / homem **nervoso**.
16. ( ) calcular as **perdas** / comemorar os **ganhos**.

■ Estabeleça a correta correspondência.
a) Homônimos perfeitos (homógrafo e homófono)
b) Homônimos homógrafos
c) Homônimos homófonos
d) Parônimos
e) Sinônimos
f) Antônimos

17. ( ) renda **líquida** / substância **líquida**.
18. ( ) Eu **conserto** para não mais se falar em **conserto**.
19. ( ) Ela era um misto de **intimorata** e **intemerata**.
20. ( ) A **sessão** sobre a **cessão** de terras vai começar.
21. ( ) Não se exceda em **silêncio** ou **gritarias**.
22. ( ) É melhor **morrer** que **perder a vida**.

PARONÍMIA

Parônimas são palavras **parecidas**, ou seja, não são iguais, mas guardam alguma semelhança de forma.

Alguns casos de parônimos:
desapercebido (desprevenido) _____ despercebido (não notado)
descrição (ato de descrever) _____ discrição (ser discreto)
descriminar (retirar o crime) _____ discriminar (diferençar)
infringir (transgredir) _____ infligir (aplicar penalidade)
iminente (próximo) _____ eminente (ilustre)
intimorato (destemido) _____ intemerato (puro)
prever (antever) _____ prover (abastecer)
ratificar (confirmar) _____ retificar (corrigir)
vultuoso (inchado) _____ vultoso (de grande vulto)

Prática

■ Preencha as lacunas com as palavras dos parênteses.

23. O _____ conferencista previu o perigo _____. (iminente/eminente)
24. Esse detalhe passou _____. (desapercebido/despercebido)
25. Sua maior qualidade é a _____. (descrição/discrição)
26. O médico _____ a medicação que lhe parecia adequada. (proscreveu, prescreveu)
27. O Ministério da Saúde _____ os remédios que tinham horríveis efeitos colaterais. (proscreveu/prescreveu)
28. O _____ de caminhões aumentou naquela rodovia. (tráfego/tráfico)

■ Classifique os pares de acordo com o código.

1) Sinônimos
2) Antônimos
3) Homógrafos heterófonos
4) Homófonos heterógrafos
5) Homônimos perfeitos
6) Parônimos

29. ( ) cumprimentar / saudar.
30. ( ) ( ) emergir / imergir.
31. ( ) proeminente / preeminente.
32. ( ) ( ) proeminente / prominente.
33. ( ) comprido / curto.
34. ( ) manga (fruta) / manga (da blusa).
35. ( ) lima (fruta) / lima (ferramenta).
36. ( ) despercebido / desapercebido.
37. ( ) comedido / imoderado.
38. ( ) açodadamente / apressadamente.

■ Indique o número, entre parênteses, que completa corretamente a lacuna.

39. O requerimento do pai ainda não foi _____.
    (1) deferido (2) diferido
40. O herói chega sempre no momento _____.
    (1) azado (2) asado
41. O excesso de carga de energia elétrica fez com que o _____ se interrompesse.
    (1) fúsil (2) fusível (3) fuzil
42. Os alunos precisavam de _____ junto ao corpo de professores.
    (1) intercessão (2) intersecção
43. Tenho certeza de que haveremos de encontrar uma _____ entre nossos interesses.
    (1) intercessão (2) intersecção

44. Principiante é _____, enquanto desconhecedor é _____.
(1) insipiente (2) incipiente
45. Dos meus ancestrais, sou _____; ao passo que dos meus filhos, sou _____.
(1) descendente (2) ascendente
46. Em _____ solene, decidiu-se pela _____ dos lotes aos moradores.
(1) secção (2) cessão (3) sessão
47. Um círculo pode representar uma _____ de uma esfera.
(1) cessão (2) secção
48. Aos monges se associa _____; aos cavalos, _____.
(1) sela (2) cela
49. Destemido é _____; imaculo é _____.
(1) intemerato (2) intimorato
50. Ele _____ ao céu e _____ em nós a esperança.
(1) acendeu (2) ascendeu
51. Um rosto carrancudo é um rosto _____, enquanto um fato de grande importância é um fato _____.
(1) vultoso (2) vultuoso
52. Apesar de ele ter feito uma _____ exagerada da cena, todos se portaram com _____.
(1) descrição (2) discrição
53. Era _____ a confirmação da chegada do _____ visitante.
(1) eminente (2) iminente
54. O que aconteceu na véspera é um fato _____.
(1) esterno (2) externo (3) hesterno
55. Osso situado na parte vertebral do tórax chama-se _____.
(1) esterno (2) externo (3) hesterno
56. Um fator de fora é um fato _____.
(1) esterno (2) externo (3) hesterno
57. Relativo a assessor é _____, mas o que se junta ao principal é o _____.
(1) acessório (2) assessório
58. Depois da quinta vem _____. Hora de repouso é hora de _____. Balaio é _____.
(1) cesta (2) sesta (3) sexta

HIPERONÍMIA

Hiperônimas são palavras cujo significado abrange o de outra(s).
Árvore é hiperônimo de **mangueira**, **cajueiro**, **ipê**...

HIPONÍMIA

Hipônimas são palavras cujo significado é abrangido pelo de outra(s).
Amendoeira é hipônimo de **árvore** e de **vegetal**.

Prática Geral

59. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Assinale a alternativa que apresenta palavras antônimas.
a) inédito / original.
b) incauto / precavido.
c) intrépido / resoluto.
d) inexorável / rigoroso.
e) incisivo / categórico.

60. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Assinale a alternativa que substitui, **sem alteração de sentido**, a expressão destacada no seguinte trecho:
"Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus. Tempo de **absoluta depuração**."
a) inteira corrupção.
b) relativa perversão.
c) irrestrita purificação.
d) ilimitada depravação.
e) condicional apuração.

61. (Aux. Jud/TRF/N.M./Esaf) Marque a alternativa cujas palavras preenchem **corretamente** as respectivas lacunas, na frase seguinte:
"Necessitando _____ o número do cartão do PIS, _____ a data de meu nascimento."
a) ratificar / proscrevi.
b) prescrever / discriminei.
c) descriminar / retifiquei.
d) proscrever / prescrevi.
e) retificar / ratifiquei.

62. (PRF/N.M./ANP) Assinale a frase que **não** pode ser completada com a palavra entre parênteses.
a) Os funcionários impetraram _____ de segurança. (mandado)
b) Ameaçava-os um perigo _____. (eminente)
c) Anualmente chegam muitos _____ nordestinos a São Paulo. (imigrantes)
d) O policial fez minuciosa _____ do acidente. (descrição)

63. (ALCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **incorreta**.
"Os riscos envolvidos no **afazer** (1) legislativo exigem peculiar cautela de todos aqueles que se ocupam do difícil processo de elaboração normativa. Eles estão obrigados a colher variada gama de informações sobre a matéria que deve ser regulada, pesqui-

sa esta que não pode ficar limitada a aspectos estritamente jurídicos. É certo que se faz mister realizar **minuciosa** (2) investigação no âmbito legislativo, doutrinário e jurisprudencial. **Imprescindível** (3) revela-se, igualmente, a análise da **repercussão** (4) econômica, social e política do ato legislativo."

(Adaptação do *Manual de Redação da Presidência da República*)

a) 1. b) 2. c) 3. d) 4.

64. (ATCLDF/N.S./IDR) Assinale a alternativa em que a palavra destacada deve ser substituída pela que aparece entre parênteses para dar sentido lógico à frase.
a) Eles pararam **incontinente**. (incontinênti)
b) O governo gastou **vultosa** soma na construção do metrô. (vultuosa)
c) Ele **distratou** o que havia combinado. (destratou)
d) O bombardeio **infligiu** graves danos à cidade. (infringiu)

65. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a sequência que preenche **corretamente** as lacunas.
Era ___ a ___ do conflito, pois as partes ___ nos erros já cometidos.
a) iminente / defraglação / reincidiram.
b) eminente / confraglação / incidiram.
c) inevitável / defraglação / reicindiam.
d) iminente / deflagração / reincidiram.

66. (TFC-RJ/N.S.) Assinale o segmento que pode substituir, sem prejuízo da significação original, o trecho: "**Ardia por andar lá fora**".
a) Queimava de raiva por estar preso.
b) Ansiava por estar lá fora.
c) Fervia-me para caminhar pelas ruas.
d) Recapitulava para saltar para a rua.
e) Almejava dirigir-me para o refeitório.

67. (TFC-RJ/N.S.) Indique a letra na qual as palavras completam, **corretamente**, os espaços das frases abaixo.
1) Quem possui deficiência auditiva não consegue _____ os sons com nitidez.
2) Hoje são muitos os governos que passaram a combater o _____ de entorpecentes com rigor.
3) O Diretor do presídio _____ pesado castigo aos prisioneiros revoltosos.

a) discriminar / tráfico / infligiu.
b) discriminar / tráfico / infringiu.
c) descriminar / tráfego / infringiu.
d) descriminar / tráfego / infligiu.
e) descriminar / tráfico / infringiu.

68. (AFRE-SP/N.S.) Assinale a alternativa **correta**.
_____, recorreu a_____ jurisconsulto.
a) Autuado em flagrante / eminente.
b) Atuado em flagrante / iminente.
c) Autuado em flaglante / iminente.
d) Atuado em flagrante / eminente.

69. Em "tarefas sórdidas", o adjetivo significa
a) ocupações.
b) fedorentas.
c) labores.
d) mórbidas.
e) imundas.

70. Indique o item em que há palavra(s) empregada(s) em sentido **figurado**.
a) "Uma semana depois, o professor mandou que nós todos escrevêssemos sobre a Bandeira Nacional."
b) "Não me lembro do resto, mas era divino."
c) "Tremi de emoção ao ver essas palavras impressas."
d) "O professor de Português passara uma composição: 'A lágrima'."
e) "Quando a alma vibra, atormentada, às pulsações de um coração amargurado, pelo peso da desgraça."

71. Marque a alternativa que apresenta palavras em sentido **figurado**.
a) "Ouro Preto é a cidade que não mudou."
b) "A criança tem dentro da alma seu sino de ouro."
c) No sertão de Goiás há um sino de ouro.
d) Os homens procuram ouro em Serra Pelada.
e) "... de ouro catado e fundido na própria terra."

72. O sinônimo que substitui a palavra destacada na frase:
"Não **apreciava** o canto de pássaros" é
a) estimava.
b) detestava.
c) julgava.
d) avaliava.
e) depreciava.

73. O antônimo da palavra destacada na frase: "... o capitão ficou mais **exigente**" é
a) incontestável.
b) tolerante.
c) intransigente.
d) impertinente.
e) intolerável.

74. O contrário de "trabalho bruto" é trabalho
a) inteligente.
b) rude.
c) grosseiro.
d) delicado.
e) duro.

75. Na frase "A luta contra a poluição vem ganhando muitos **adeptos**", a palavra destacada significa
a) reprovados.
b) materiais bélicos.
c) condionadores.
d) partidários.
e) discursos.

Na Amazônia, as águas se manifestam sob forma de rios, igarapés, igapós, neblina e vapor. O açaí, o tucumã, o buriti, o murici são vegetais onipresentes na floresta, bem como os papagaios, maritacas, araras e uma centena de outros pássaros em convívio diuturno com antas, capivaras, quatis, e um sem número de animais terrestres, aquáticos e anfíbios.

■ Assinale **C** ou **E**.

76. ( ) No primeiro período, **águas** é hiperônimo de **rios**, **igarapés**, **igapós**, **neblina** e **vapor**.
77. ( ) No segundo período, **açaí**, **tucumã** e **vegetais** são, entre si, hipônimos.
78. ( ) **florestas** e **vegetais** constituem hiperônimos em relação a **açaí**, **murici**, **buriti**...
79. ( ) **capivaras** e **quatis** são hipônimos em relação a **animais**.

80. O grande hiperônimo do texto, o que abrange todos os demais significados é _____ _____.

Concordância Nominal

Observe:

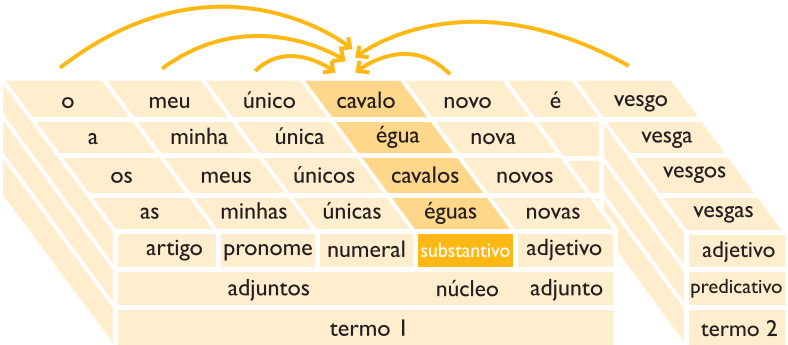

Conclusão:

Artigo, pronome, numeral e adjetivo concordam em gênero e número com o substantivo a que se referem.

Prática

Assinale **C** ou **E**.

1. ( ) Artigo, pronome, numeral e adjetivo funcionam como adjuntos de um **substantivo**.
2. ( ) O adjunto está junto de um substantivo fazendo com ele parte de **um só termo**.
3. ( ) Adjunto é um tipo de **satélite de um núcleo**.
4. ( ) Os adjuntos de um substantivo concordam com ele em **gênero e número**.
5. ( ) Predicativo e adjunto são a **mesma coisa**.
6. ( ) O predicativo é diferente do adjunto, porque o predicativo é um termo **separado** do núcleo a que se refere.
7. ( ) O predicativo é **invariável**.
8. ( ) O predicativo também **concorda** em gênero e número com o núcleo substantivo.
9. ( ) Artigo, pronome, numeral e adjetivo são **invariáveis**.

Observe:

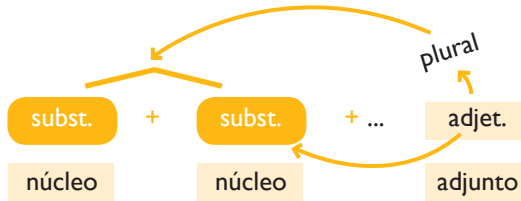

Conclusão:

Adjetivo (adjunto) posposto a mais de um núcleo substantivo concorda com todos, indo para o plural no gênero predominante*, ou concorda só com o núcleo mais próximo.

* Gênero predominante: se houver pelo menos um núcleo masculino, este predomina.

Prática

■ Com base no esquema acima, estabeleça a concordância correta.

10. ...cachorro e gato amig_____/_____
11. ...pato, gata e sapa amig_____/_____
12. ...gata e pata amig_____/_____
13. ...cachorro e gatos amig_____/_____
14. ...gatas e gatos amig_____/_____
15. ...cachorro ou gato amig_____/_____

Observe:

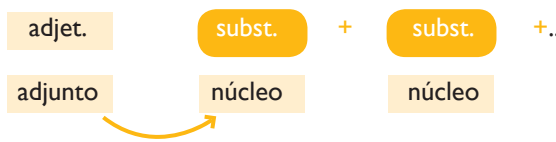

Conclusão:

Adjetivo (adjunto) anteposto a mais de um núcleo substantivo concorda com o núcleo mais próximo.

Prática

■ Com base no esquema acima, estabeleça a concordância correta.

16. ...cheiros_____ cravo e rosa...
17. ...cheiros_____ rosa e cravo...

18. ...cheiros_____ rosas e cravo...
19. ...cheiros_____ cravos e rosa...

Observe:

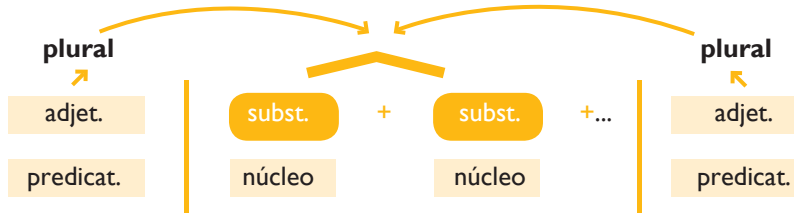

Conclusão:

Adjetivo (predicativo), quando se refere a mais de um núcleo substantivo, concorda com todos, indo para o plural, no gênero predominante.

Prática

■ Com base no esquema acima, estabeleça a concordância correta.

20. O rapaz e a menina estavam aces_____.
21. Os rapazes e a menina estavam aces_____.
22. O rapaz e as meninas estavam aces_____.
23. Encontrei aces_____ a menina e o rapaz.
24. Encontrei aces_____ o rapaz e as meninas.
25. Encontrei aces_____ as meninas e o rapaz.
26. Encontrei aces_____ a menina e a filha.

Observe:

Conclusão:

O núcleo substantivo pode ser substituído por um pronome que continua havendo a concordância.

Prática

■ Com base no esquema anterior, estabeleça a concordância correta.

27. Encontrei o artista, alegre. — Encontrei-__, alegre. (o, a, os, as)
28. Os convidados chegaram sós. — ____ chegaram sós. (Estes, Estas)
29. As possibilidades são muitas. — ____ são muitas. (Ela, Elas)

Observe:

Ele mesm**o**

Elas mesm**as**

núcleo subst.

anexo, **bastante**, **incluso**, **junto**, **leso**, **meio**, **muito**, **nenhum**, **pouco**, **próprio**, **só**, **dado**, **visto**, **obrigado**, **quite** e qualquer outro particípio.

Conclusão:

As expressões em destaque concordam com o núcleo substantivo a que se referem. Pronome substantivo é também núcleo substantivo.

Prática

- Estamos encaminhando anex_____ (30) as correspondências, com bastant_____ (31) informações inclus_____ (32) e nenhum_____ (33) críticas.
- O estudante e o atleta foram vist_____ (34), junt_____ (35) e s_____ (36).
- Elas mesm_____ (37) compraram coisas pouc_____ (38) com muit_____ (39) precauções porque o dinheiro sairia de suas própri_____ (40) contas.
- Dad_____ (41) essas circunstâncias, vist_____ (42) estes últimos argumentos e qua_____ (43) quer outros já aprovad_____ (44), só nos resta concordar.

Observe:

A. Eles mesmos saíram.

B. Elas estavam meio tristes.

C. Eles saíram mesmo.

D. Era pessoa de meias palavras.

E. Elas choraram, só.

F. Elas choraram, sós.

G. As notas vinham anexas.

H. As notas vinham em anexo.

Conclusão:

Advérbios e locuções adverbiais são invariáveis. Adjuntos variáveis, só os que se referem a um núcleo substantivo.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, para afirmação certa ou errada.

45. ( ) Em A, a palavra **mesmo** é pronome; em C, ela é advérbio.
46. ( ) Em B, a palavra **meio** é numeral; em D, ela é advérbio.
47. ( ) Em B, a palavra **meio** é advérbio; em D, ela é numeral.
48. ( ) Em E, **só** é advérbio e significa **somente**.
49. ( ) Em F, **sós** é adjetivo e significa **sozinhas**.
50. ( ) Em G, **anexas** é advérbio.
51. ( ) Em H, **em anexo** é locução adverbial.

Observe:

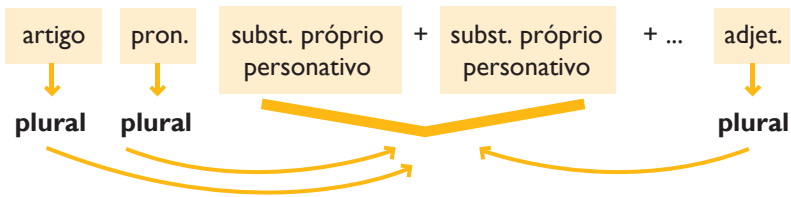

Conclusão:

Dois ou mais antropônimos (nomes de pessoas) levam seus adjuntos para o plural.

Prática

■ Com base no esquema acima, estabeleça a concordância correta.

52. O_____ mesm_____ Paulo e Jurandir corintian_____...
53. A_____ própri_____ Judite e Esther bíblic_____...
54. O_____ lépid_____ José e Antônia...

Observe:

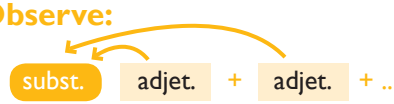

as línguas nova e velha...
a língua nova e velha...
a língua nova e a velha...

Conclusão:

Quando dois ou mais adjetivos se referem a um mesmo substantivo, este pode ficar no plural ou no singular. Se ficar no singular, pode-se repetir o **o** (**a**, **os**, **as**).

Prática

■ Com base no esquema anterior, estabeleça a concordância correta.

55. Os estandartes austríac_____ e suíç_____.
56. O estandarte austríac_____ e suíç_____.
57. O estandarte austríac_____ e o suíç_____.

Observe:

um ou outro um e outro nem um nem outro	+	subst. ↓ **singular**	+	adjet. ↓ **plural**

Conclusão:

As expressões **um ou outro**, **um e outro**, **nem um nem outro**, seguidas de substantivo acompanhado de adjetivo, deixam o substantivo no singular, mas levam o adjetivo para o plural.

Prática

■ Com base no esquema acima, estabeleça a concordância correta.

58. Discorria sobre um e outro problema___.
59. Falava sobre um___ e outr___ estratégia___.
60. Discorria sobre um e outro problema___ sério___.
61. Falava sobre um___ e outr___ estratégia___ combinad___.

Observe:

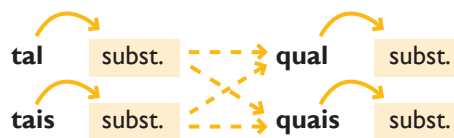

Conclusão:

tal e **qual** se referem a substantivos e com eles concordam.

Prática

■ Com base no esquema anterior, estabeleça a concordância correta.

62. Ta_____ pai, ta_____ filho.
63. Ta_____ pai, ta_____ filhos.
64. Ta_____ pergunta, qua_____ respostas.
65. Os frutos eram ta_____ qua_____ as árvores.
66. Os frutos são ta_____ qua_____ a árvore.

Observe:

men**os** → filho, filha, filhos, filhas

pseud**o-** → homem, mulher, homens, mulheres

comício, festa, comícios, festas ← monstr**o**

homem, mulher, homens, mulheres ← alert**a**

Conclusão:

menos, **pseudo** e **alerta** são invariáveis. **Monstro** e qualquer outro substantivo usado como adjetivo também ficam invariáveis.

Prática

■ Com base no esquema acima, estabeleça a concordância correta.

67. Aqui há men_____ medo que coragem.
68. Havia men_____ moças que rapazes.
69. A pseud_____ mulher e os pseud_____ meninos não se entendiam.
70. Organizou-se uma carreata-monstr_____.
71. Eles se mantiveram alert_____ como eu sempre estou alert_____.

Observe:

o	mais	**possível**
o	menos	
o	pior	
o	melhor	

os	mais	**possíveis**
os	menos	
as	piores	
as	melhores	

Conclusão:

possível fica no singular ou plural, concordando com o **o** (**a**, **os**, **as**) que o antecede.

Prática

■ Com base no esquema anterior, estabeleça a concordância correta.

72. Eram pessoas o mais educadas possív_____.
73. Eram pessoas as mais educadas possív_____.
74. Trata-se de pinturas o mais possív_____ amenas.
75. Trata-se de pinturas o mais belas possív_____.
76. Encontrei amigas as mais simpáticas possív_____.
77. Eles eram o pior possív_____ lutadores.
78. Eles eram os piores lutadores possív_____.
79. Eles eram os piores possív_____ lutadores.

Observe:

A. Est**a** cerveja é bo**a**.

B. Cerveja é bom.

C. É proibid**a** **a** entrada.

D. É proibido entrada.

E. É necessári**a** **a** bondade.

F. É necessário bondade.

Conclusão:

As expressões **é bom...**, **é proibido...**, **é necessário...** ficam invariáveis se o substantivo a que se referem não vier antecedido de artigo ou pronome, sendo usado em sentido vago, geral.
Concordam com o substantivo a que se referem quando este vem antecedido de artigo, demonstrativo ou outro indicador de sentido específico e não genérico.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

80. ( ) Em A, C e E, os adjetivos (boa, proibida, necessária) concordam com os substantivos a que se referem (cerveja, entrada e bondade).
81. ( ) Em B, D e F, os adjetivos (bom, proibido, necessário) ficaram invariáveis, não concordando com os substantivos femininos a que se referem (cerveja, entrada, bondade).
82. ( ) Nos exemplos em que houve a concordância (A, C, E), os três substantivos (cerveja, entrada, bondade) estão antecedidos de artigo feminino (a) ou de pronome.
83. ( ) Nos exemplos em que não houve concordância, os substantivos estão sem artigo ou pronome.

84. ( ) Em A, C e E, os substantivos estão usados em sentido vago, distante, enquanto em B, D e F, em sentido determinado, próximo.
85. ( ) Em A, C e E, os substantivos estão usados em sentido determinado, próximo; em B, D e F, em sentido vago, geral.

Observe:

A menina progredia **a olhos vistos**. (expressão fixa)
A menin**a** progredia a olhos **vist**a. (particípio variável)

As meninas progrediam **a olhos vistos**. (expressão fixa)
As menin**as** progrediam a olhos **vist**as. (particípio variável)

Conclusão:

A expressão **a olhos vistos** pode ser considerada expressão fixa ou pode ter o particípio variável (visto/a/os/as), concordando com o núcleo substantivo a que se refere.

Prática

■ Com base no esquema acima, estabeleça a concordância correta.

86. José foi-se recuperando a olhos _____.
87. Paula está se transformando a olhos _____.
88. José e Paula estão mudando a olhos _____.
89. Elas estão mudando a olhos _____.

Observe:

NÓS = EU

nós pode ser usado no lugar de **eu**. Chama-se plural majestático ou plural de modéstia. Nesse caso, o adjetivo que se refere ao pronome pode ficar no singular ou no plural.

Esta**mos** (eu) fe**liz** ou feli**zes**.

VÓS = TU

vós pode ser usado no lugar de **tu**, referindo-se a uma só pessoa. Chama-se plural de respeito. Nesse caso, o adjetivo a que se refere o pronome fica no singular.

Percebo que **sois** razoá**vel**.

SANTO e SÃO

Usa-se **Santo** antes de vogal: Santo Antônio
Usa-se **São** antes de consoante: São José

Obs.: Jó, Tirso e Tomás aceitam ambas as formas.

CONCORDÂNCIA SINTÁTICA E CONCORDÂNCIA SEMÂNTICA

Sintaxe é estudo das funções dos termos ou das frases. Semântica é a visão do significado.

Na frase "As amazonas eram guerreiras", o artigo "as" e o adjetivo "guerreiras" estão no feminino plural para concordar com o núcleo substantivo "amazonas", que é feminino plural. Essa **concordância de palavra para palavra** é o que se chama **concordância sintática**.

Na frase "O Amazonas é profundo e largo", o artigo "o" e os adjetivos "profundo" e "largo", no masculino singular, deixam de concordar com a palavra feminina plural "Amazonas", para fazê-lo com a **ideia** subentendida de "rio". Essa **concordância com a ideia**, em detrimento da concordância sintática, é o que se denomina **concordância semântica**, ou ideológica, ou figurada, ou irregular, ou siléptica (veja Silepse, em *Intelecção e Interpretação de Textos*, Figuras de Linguagem).

Prática Geral

(Se necessário, consulte o plural dos adjetivos no Capítulo 6)

■ Nas frases a seguir, use as palavras entre parênteses para estabelecer a(s) concordância(s) correta(s).

- Os olhos de Renata são _____ (azul); os meus, _____ (cinza).
  90 91
- Ruth tem olhos _____ (azul-claro).
  92
- Na sala havia tecidos _____ (azul-marinho), _____ (verde-mar), _____ (verde-garrafa), _____ (cor de safira) e _____ (azul-celeste).
  93 94 95 96 97

98. Sentaram-se em bancos e cadeiras _____. (novo)
99. Era um desfile do exército e marinha _____. (brasileiro)
100. Procurava uma saída e um recuo _____. (tático)
101. Eram mulheres e rapazes _____. (honesto)
102. Comiam apenas alface e carne _____. (bovino)
103. Muito _____ a aurora e o crepúsculo. (belo)
104. Pimenta em dose certa é _____ para o paladar. (bom)
105. É _____ gritaria. (proibido)
106. É _____ a saída, dez minutos antes. (permitido)
107. Todos acharam a secretária e o embaixador muito _____. (claro)
108. Considero _____ do crime o jardineiro e o guarda. (autor)
109. Compreensão com o próximo é _____. (necessário)
110. Comprei um terno e um chapéu _____. (ovalado)
111. Era meio-dia e _____. (meio)
112. Falava por _____ palavras. (meio)
113. Estava _____ tonta. (meio)
114. Vão _____ os protocolos requisitados. (anexo)
115. Vossa Excelência, governadora, é _____ de nossos agradecimentos. (merecedor)
116. As duas caminhavam esquecidas de si _____. (mesmo)
117. As duas caminhavam esquecidas _____ de si. (mesmo)
118. As duas caminhavam esquecidas de si, _____. (mesmo)
119. Eles viveram _____ e morreram também sozinhos. (só)
120. Eles estavam _____ olhando. (só)
121. Estou _____ com você, mas você não pode dizer que estamos _____. (quite)
122. Não era apenas um crime de _____-patrimônio, mas um verdadeiro crime de _____-pátria. (leso)
123. Os netos são _____ o avô. (tal qual)
124. Todos fomos _____ ao passeio, mas as crianças só puderam sair do ônibus _____ com o professor. (junto)
125. As fichas foram _____ ao relatório. (anexo)
126. Todos ficamos _____. (alerta)
127. Mais amor e _____ confiança. (menos)

128. Todos vieram, _____ vocês. (menos)
129. Todos vieram, _____ elas. (salvo)
130. Todos foram _____. (salvo)
131. Os _____ utópicos é que defendem a _____ utopia. (pseudo)
132. As casas eram _____. Foram vendidas _____. (barato)
133. As lanchas eram _____. Foram vendidas _____. (caro)
134. Elas procuraram os argumentos mais claros _____. (possível)
135. Ele relacionou argumentos o mais _____ _____. (claro possível)
136. Um e outro _____ foram premiados. (funcionário competente)
137. Ela disse alguma coisa _____. (maravilhoso)
138. Ela disse algo de _____. (maravilhoso)
139. O menino crescia a olhos _____. (visto)
140. Percorri _____ terras. Fui _____ demais. (longe)
141. E, na qualidade de responsável, sempre fomos _____. (cauteloso)
142. E, na qualidade de mestres, sempre fomos _____. (cauteloso)
143. Sempre será _____ a humildade. (necessário)
144. Aquela _____ afirmação deixou Rosa _____ decepcionada. (meio)
145. Julieta parecia _____ simpática. Possuía _____ virtudes. (bastante)
146. Vocês precisam ficar _____. (alerta)
147. Aquela menina é _____ _____ os tios. (tal qual)
148. Tinha fé em _____ Elesbão. (São)

Concordância Verbal

DEFINIÇÃO

Concordância verbal é a que se processa entre o verbo e o núcleo do sujeito, ou entre o verbo e a expressão que o comanda.

CONCORDÂNCIA SINTÁTICA E CONCORDÂNCIA SEMÂNTICA

Sintaxe é estudo das funções dos termos ou das frases. Semântica é a visão do significado.

Na frase "Quais de nós chegarão?", o sujeito é "Quais de nós" e o seu núcleo é "Quais" (veja *Análise Sintática Visual*). O verbo está na 3ª pessoa do plural, "chegarão", concordando com o núcleo do sujeito "Quais chegarão?". A concordância do verbo com o núcleo do sujeito é o que se chama **concordância sintática**.

Na frase "Quais de nós chegaremos?", o verbo deixou de concordar com o núcleo do sujeito, preferindo fazê-lo com o "nós", enfatizando **a ideia** de o falante incluir-se na ação. O "nós", então, que é apenas um satélite sintático do núcleo do sujeito, pois está subordinado pela preposição "de" que o antecede, passou a ser o núcleo semântico do sujeito, também chamado de sujeito semântico. A **concordância semântica**, ou ideológica, ou figurada, ou irregular, ou siléptica, em outras palavras, é a **concordância com a ideia** e não com o núcleo sintático (veja Silepse, em *Intelecção e Interpretação de Textos*, Figuras de Linguagem).

SUJEITO SIMPLES

VERBO → concorda com SUJEITO

em → número
e
pessoa

Conclusão:

O verbo concorda com o sujeito simples em número e pessoa.

Prática

■ Complete as lacunas.

1. Nós cant_____ enquanto vocês danç_____.
2. Tu cant_____ enquanto eu danç_____.
3. Vós cant_____ enquanto ele danç_____.

SUJEITO COMPOSTO ANTEPOSTO

Paulo e Tereza	chegar**am**
suj. composto antes do verbo	verbo: plural

Conclusão:

Sujeito composto anteposto: o verbo vai para o plural.

Prática

■ Complete as lacunas.

4. Júlia e Cláudia fal_____ a verdade.
5. O livro e a caneta sumir_____.

SUJEITO COM PESSOAS DIFERENTES

Ele, tu e **eu** **Tu** e **ele**	chega**mos** chega**stes/aram**
SUJEITO COMPOSTO DE PESSOAS DIFERENTES	VERBO NO PLURAL NA PESSOA PREFERENCIAL
3ª + 2ª + 1ª = ... 3ª + 2ª = ...	... 1ª do plural ... 2ª ou 3ª do plural

Conclusão:

Se houver 1ª pessoa, o verbo vai para a 1ª do plural (nós).
Se houver 2ª e 3ª pessoas apenas, é preferível o verbo na 2ª do plural (vós). Aceita-se, contudo, a 3ª do plural, como se o sujeito fosse "vocês".

Prática

■ Complete as lacunas.

6. Eu e tu ir_____ amanhã.
7. Ela e eu ir_____ amanhã.
8. Ela e tu ir_____ amanhã.
9. Ela e ele ir_____ amanhã.

SUJEITO COMPOSTO POSPOSTO

Chegar**am** Cheg**ou**	**Paulo** e **Teresa** **Paulo** e Teresa
VERBO NO PLURAL OU CONCORDA C/ O MAIS PRÓXIMO	SUJEITO COMPOSTO DEPOIS DO VERBO

Conclusão:

Sujeito composto posposto: o verbo vai para o plural ou concorda com o mais próximo, para enfatizá-lo.

Prática

■ Complete as lacunas.

10. Chorav_____ a menina e o irmão. (a/am)
11. Miav_____ a gata e o gato. (a/am)
12. Viajav_____ os estudantes e o carteiro. (a/am)

SUJEITO COM APOSTO RESUMITIVO

Festas, flores,	tudo nada ninguém	atraí**a** a menina.
SUJEITO	APOSTO RESUMITIVO	VERBO

Conclusão:

Quando os núcleos do sujeito são resumidos por expressões como **tudo**, **nada**, **ninguém**..., o verbo concorda com a expressão resumitiva.

Prática

■ Complete as lacunas.

13. Alegrias, tristezas, saudade, nada o far_____ chorar. (á/ão)
14. Júlia, José, Adão, ninguém o convencer_____. (á/ão)

SUJEITO COM NÚCLEOS SINÔNIMOS OU QUASE

A **paz** e a **tranquilidade** > comoveu / comoveram o visitante.

Conclusão:

Quando os núcleos do sujeito são sinônimos ou quase sinônimos, o verbo vai para o plural ou pode ficar no singular.

Prática

■ Complete as lacunas.

15. A música e a sonoridade envolvi_____ os presentes. (a/am)
16. Aquele desejo carnal e aquela febre os uni_____. (a/am)

SUJEITO COM NÚCLEOS EM GRADAÇÃO

Um **gesto**, um **sussurro**, uma **palavra** > pod**ia** / pod**iam** despertá-lo.

Conclusão:

Quando o sujeito é composto por núcleos em gradação, o verbo concorda com todos, ou com o mais próximo.

Prática

■ Complete as lacunas.

17. A mesma coisa, o mesmo ato, a mesma palavra provocav_____ risadas. (a/am)
18. A saúde, a força, a vitalidade fazi_____ bem a mim. (a/am)

SUJEITO COM NÚCLEOS LIGADOS POR OU

Observe:

O **calor** extremo ou o **frio** excessivo prejudicar**am**-no.
adição — PLURAL

Seus **sucessores** ou o próprio **São Pedro** disser**am**...
PLURAL — SINGULAR — PLURAL

Conclusão:

Se o **ou** trouxer ideia de **adição/inclusão**, ou se um dos núcleos do sujeito estiver no plural, o verbo vai para o plural.

Prática

■ Complete as lacunas.

19. A alegria ou a tristeza _____ parte da vida. (faz/em)
20. As festas ou o funeral _____ a todos. (impressionou/aram)

Observe:

O **poder** ou **poderes** do homem er**am**...
retificação

Nenhum vestígio deix**ou** o **autor** ou **autores** do crime.
retificação

Conclusão:

Se o **ou** trouxer ideia de **retificação**, o verbo concorda com o núcleo mais próximo.

Prática

■ Complete as lacunas.

21. O candidato, ou melhor, os candidatos _____. (aproxime-se/em-se)
22. _____-me depois o réu ou réus para esclarecimentos. (Procure/m)

Observe:

Ele pensava que **Júlia** ou **Teresa** estive**sse** morta.

exclusão

Um **jogador** ou **técnico** preci**sa** respeitar as regras.

equivalência

Conclusão:

Se o **ou** trouxer ideia de **exclusão** ou **equivalência** entre dois ou mais núcleos no singular, o verbo fica no singular, concordando com apenas um dos núcleos.

Prática

■ Complete as lacunas.

23. Sei que Ana ou Cláudia se _____ com Flávio. (casará/ão)
24. Um presidente ou ministro, na qualidade de cidadão, _____ responsável. (é/são)

SUJEITO COM NÚCLEOS LIGADOS POR NEM

Nem a **virtude**, nem a **preguiça** o abandonar**am**.

Nem o **elogio**, nem a **crítica**, nem a **recomendação** bast**ou** para...

sucessividade, em momentos diferentes, cada um de per si.

Conclusão:

Sujeitos ligados por **nem**: o verbo vai normalmente para o plural. Só fica no singular quando se quer informar que as ações acontecem de per si, em momentos diferentes, sucessivos.

Prática

■ Complete as lacunas.

25. Concomitantemente:
    Nem o grito, nem o palavrão, nem o tiro o _____. (amedrontou/aram)
26. Sucessivamente:
    Nem o grito, nem o palavrão, nem o tiro o _____. (amedrontou/aram)

SUJEITO COM NÚCLEOS LIGADOS POR COM / COMO

O **capitão** com o **sargento** organizar**am** o grupo.

O **capitão** **,** **com o sargento**, organiz**ou**.
adj. adverbial

Conclusão:

Quando os núcleos estão ligados por **com** ou **como** sem vírgula, o verbo vai para o plural, porque se trata de sujeito composto.
Se antes do **com** ou **como** há vírgula, o verbo fica no singular, porque o sujeito é simples seguido de uma expressão adverbial de companhia ou comparação.

Prática

■ Complete as lacunas.

27. O mestre com o boleeiro _____ a emenda. (J. L. Rego) (fez/fizeram)
28. Eu com os outros _____ bem cedo. (vim/emos)
29. O mestre, com o boleeiro, _____ a emenda. (fez/fizeram)
30. Eu, com os outros, _____ bem cedo. (vim/emos)

NÃO SÓ... MAS TAMBÉM, TANTO... QUANTO...

Não só o **grande**, mas também o **pequeno** compreend**em.**
compreend**e**

Tanto **José** como **Antônio** sabi**am** a verdade.
sabi**a**

Conclusão:

Sujeitos ligados por expressões correlativas, do tipo **não só** ... **mas também**, **não só** ... **mas ainda**, **tanto** ... **como** permitem o verbo no plural, ou concordando com o mais próximo.

Prática

■ Complete as lacunas.

31. Não só Eduardo mas até Roberta _____. (acertou/aram)
32. Tanto força quanto amor nos _____. (atinge/em)

MAIS DE UM, MAIS DE DOIS, MAIS DE TRÊS

Mais de um ... chegou
Mais de dois ... chegaram

Quando o sujeito se constrói com as expressões **mais de um**, **mais de dois**..., o verbo concorda com o numeral.

Prática

■ Complete as lacunas.

33. Mais de um correspondente _____. (noticiou/aram)
34. Mais de cinco pessoas _____. (pediu/ram)

Observações:

Sempre que houver reciprocidade, o verbo irá para o plural:
Mais de um amigo se abraçaram.
Se **mais de um** vier repetido, o verbo irá para o plural:
Mais de um soldado, **mais de um** general foram mortos.

UM E OUTRO, NEM UM NEM OUTRO

Um e **outro** falav**am**. falav**a**

Nem um nem outro ajudante saí**ram**. sai**u**

Um e **outro** prêmio const**am** da lista. const**a**

Conclusão:

As expressões **um e outro**, **nem um nem outro**, seguidas ou não de substantivo, permitem o verbo no singular ou no plural. Mas o substantivo sempre estará no singular. *Vide* Sujeito com núcleos ligados por nem, pág. 306.

Prática

■ Complete as lacunas.

35. Uma e outra menina _____. (sorria/am)
36. Uma e outra se _____. (calou/aram)
37. Nem um nem outro vizinho _____. (entendeu/eram)

UM OU OUTRO

Um ou outro ajudante reclam**ou**.
reclam**aram**

Conclusão:

Um ou outro normalmente leva o verbo para o singular, pois, geralmente, o **ou** tem ideia de exclusão. Porém, quando o **ou** trouxer ideia de inclusão, terá o verbo no plural.

Prática

■ Complete as lacunas.

38. Um ou outro se casar_____ amanhã com Ernestina. (casará/ão)
39. Um ou outro aluno reclam_____ de sua decisão. (reclamou/aram)

SUJEITO QUE

Ele foi o **candidato** (ANTECEDENTE) | **que** (PRONOME RELATIVO SUJEITO) | pass**ou**.

Eis as **candidatas** (ANTECEDENTE) | **que** (PRONOME RELATIVO SUJEITO) | passar**am**.

Conclusão:

Quando o sujeito é o pronome relativo **que**, o verbo concorda com o antecedente.

Prática

■ Complete as lacunas.

40. Encontramos os concorrentes que _____. (venceu/ram)
41. Fomos nós que _____. (venceu/emos)
42. Fostes vós que _____. (venceu/estes)

Observação:

Veja expressão **é que** na página 324.

SUJEITO QUEM

Foram eles quem **disse**.
disser**am**

Conclusão:

Quando o sujeito é o pronome relativo **quem**, o verbo, de preferência, fica na 3ª pessoa do singular. Contudo, há quem aceite sua concordância com o antecedente.

Prática

■ Complete as lacunas.

43. Fui eu quem te _____. (chamou/ei)
44. Foste tu quem me _____. (chamou/aste)
45. Fomos nós quem te _____. (chamou/amos)
46. Fostes vós quem nos _____. (chamou/astes)

SUJEITO UM DOS QUE

Ele era **um** d**os** candidatos **que** sabi**a**.
sabi**am**

Conclusão:

Quando o verbo se refere à expressão **um dos ... que**, pode concordar com **um**, no singular, ou com **os** do **dos**, no plural.

Prática

■ Complete as lacunas.

47. Eu sou um dos que te _____. (convidou/ei/aram)
48. Tu és uma das que _____. (cantou/aste/aram)

SUJEITO QUAIS DE VÓS, QUANTOS DE NÓS

Quais **Quantos** **Muitos** **Poucos** **Vários**... PLURAL	de dentre	**nós** **vós**	vencere**mos**/vencer**ão**. vencer**eis**/vencer**ão**.

Conclusão:

Com as expressões **quais de nós**, **quais de vós**..., se o primeiro pronome está no plural, o verbo concorda com ele. Mas também pode concordar com o pessoal (nós, vós).

Prática

■ Complete as lacunas.

49. Muitos dentre vós _____ felizes. (sairá/ão/eis)
50. Poucos de nós _____ o caso. (compreende/emos/em)

SUJEITO QUAL DE NÓS, NENHUM DE NÓS

Qual
Quem
Nenhum
Ninguém...
SINGULAR

de
dentre

nós
vós

chegar**á**.

Conclusão:

Se o primeiro elemento dessas locuções pronominais está no singular, o verbo obrigatoriamente concorda com ele.

Prática

■ Complete as lacunas.

51. Qual dentre vós _____ a oferta? (fará/eis)
52. Ninguém de nós _____ a oferta. (fará/eis)

A MAIORIA DE... GRANDE PARTE DE... UM ENXAME DE...

A maior parte dos **interessados** compareceu.
QUANTITATIVA PLURAL comparecer**am**

Conclusão:

Sujeito constituído por expressões quantitativas, seguidas de um nome no plural, admite o verbo no singular ou no plural.

Prática

■ Complete as lacunas.

53. Grande parte dos homens _____ o sigilo. (quebrou/aram)
54. Um monte de soldados _____ do outro lado. (surgiu/iram)

CADA... NENHUM... QUALQUER...

Cada verme, **cada** molusco, **cada** ameba com**põe** este universo.
SING.

Conclusão:

Sujeito com indefinidos (cada, nenhum, qualquer...) repetidos deixa o verbo no singular, a não ser que os indefinidos estejam no plural.

Prática

■ Complete as lacunas.

55. Qualquer homem, qualquer senhora _____ observar. (pode/em)
56. Nenhum inimigo, nenhum amigo _____. (duvida/am)
57. Nenhuns inimigos, nenhuns amigos _____. (duvida/am)

UM POR CENTO... VINTE POR CENTO...

Um por cento **das vítimas** chegou / chegaram ao abrigo.

Vinte por cento **da sala** estudaram. / estudou

Conclusão:

Sujeito constituído de percentual seguido de substantivo determinante: o verbo concorda com o numeral ou com o determinante.

Prática

■ Complete as lacunas.

58. Quinze por cento dos alunos _____. (passou/aram)
59. Um por cento da turma _____. (estudou/aram)
60. Treze por cento do time _____ bem. (atuou/aram)

Observação:

Se o numeral vem antecedido de artigo ou pronome adjetivo, o verbo só concorda com o numeral.

Os quinze por cento do grupo que for**am** chamados...

Aqueles três por cento da turma for**am** aplaudidos.

CERCA DE... PERTO DE... OBRA DE... + NUMERAL

Cerca de **vinte** pessoas gritav**am**.

Obra de **quatro mil** soldados ocupar**am** o porto.

Conclusão:

Expressão aproximativa seguida de numeral: o verbo concorda com o numeral.

Prática

■ Complete as lacunas.

61. _____ no cinema perto de duzentos convidados. (Entrou/aram)
62. Perto de sete séculos se _____. (passou/aram)

SUJEITO PLURAL APARENTE

Memórias de Agapito Goiaba foi pouco lido.

As **Memórias de Agapito Goiaba** for**am** pouco lidas.

Conclusão:

Nomes plurais de lugares e obras artísticas são tratados como singular se não vêm antecedidos por artigo. Se lhes antecede artigo, o verbo acompanha o artigo.

Prática

■ Complete as lacunas.

63. Campos _____ por sua economia. (surpreende/em)
64. As Minas Gerais que nos _____. (enfeitiça/am)
65. Minas Gerais que nos _____. (enfeitiça/am)
66. O Amazonas _____ a região Norte. (atravessa/am)

HAJA VISTA OU HAJAM VISTA

Haja vist**a** seus méritos...

Hajam vist**a** seus méri**tos**...

Haja vist**a** **a** seus méritos...
prep.

Haja em vist**a** seus méritos...
prep.

Conclusão:

Na expressão **haja vista**, o verbo pode ficar invariável ou concordar com o substantivo que se lhe segue. Havendo preposição antes ou depois da palavra **vista**, o verbo fica no singular.

Prática

■ Complete as lacunas.

67. Ele é bom batedor, _____ vista seus chutes. (haja/am)
68. Ele é bom batedor, _____ vista seu chute. (haja/am)
69. Ele é bom batedor, _____ em vista seus chutes. (haja/am)

ALUGA-SE CASA, ALUGAM-SE CASAS

Alu**ga**	-se	ca**sa**
VERBO	+ SE	SUBSTANTIVO SEM PREP.

Alug**am**	-se	cas**as**
VERBO	+ SE	SUBSTANTIVO SEM PREP.

Conclusão:

Quando um verbo seguido de **se** se refere a um núcleo substantivo não preposicionado, concorda com ele.

Prática

■ Complete as lacunas.

70. _____-se gravatas. (Conserta/am)
71. _____-se botões. (Cobre/em)
72. _____-se faca. (Afia/am)

GOSTA-SE DE FRUTA, GOSTA-SE DE FRUTAS

Gosta	-se	de fruta.
VERBO	+ SE	+ PREP. + SUBSTANT.

→ 3ª DO SINGULAR

Gosta	-se	de frutas.
VERBO	+ SE	+ PREP. + SUBSTANT.

→ 3ª DO SINGULAR

Vive	-se	bem.
VERBO	+ SE	+ ADV.

→ 3ª DO SINGULAR

Conclusão:

Verbo + **se** referindo-se a núcleo substantivo preposicionado, ou a advérbio, fica sempre no singular.
Verbo + **se** só vai para o plural quando se refere a núcleo substantivo plural, sem preposição (*Vide* item anterior).

Prática

■ Complete as lacunas.

73. _____-se em mudanças. (Fala/m)
74. _____-se por ajudantes. (Procurava/m)
75. _____-se muito aqui. (Discute/m)
76. _____-se feliz e não se _____. (Era/m; sabia/m)

Observação:

Observação: Já há teóricos que sugerem aceitar-se como portadoras de sujeito indeterminado frases como: *Aluga-se casa. Aluga-se casas. Conserta-se pneu. Conserta-se pneus.* E justificam com o argumento de que, na atualidade, tais construções perderam o significado passivo.

VOSSA SENHORIA ESTÁ... VOSSAS SENHORIAS ESTÃO...

Vossa Excelência ficou embaraçada, governadora.
3ª p. 3ª p.

Sua Santidade virá ao Brasil.
3ª p. 3ª p.

Conclusão:

Os pronomes de tratamento levam o verbo para a terceira pessoa (singular ou plural).

Prática

■ Complete as lacunas.

77. Vossa Alteza _____. (chegou/astes)
78. Vossas Reverendíssimas _____ . (entenderam/eis)
79. Sua Excelência _____. (virá/eis)

DAR, BATER, SOAR...

A torre da igreja SUJEITO SINGULAR	d**eu** bat**eu** so**ou**	**duas horas**. OBJETO DIRETO
Na torre da igreja ADJUNTO ADVERBIAL	der**am** bater**am** soar**am**	**duas horas**. SUJEITO PLURAL

Conclusão:

Os verbos **dar**, **bater**, **soar**, **repicar** e sinônimos concordam com o sujeito (a torre, o relógio, o sino...). Se não houver essas palavras como sujeito, as horas se transformam em sujeito.

Prática

■ Complete as lacunas.

80. Nos campanários _____ uma hora. (soou/aram)

81. O relógio _____ cinco horas. (batia/m)
82. Ao lado, devagar _____ dez horas, solenemente, o sino da matriz. (deu/deram)

SUJEITO COMPOSTO COM IDEIA ÚNICA

O presente e o passado esta**va** ali, na sua frente.

1

Conclusão:

Quando os sujeitos formam um todo indivisível, uma ideia única, o verbo fica no singular.

SUJEITO ORACIONAL

É ótimo [que todos saibam a verdade].

[Diminuir os privilégios], [equilibrar as finanças] **deve** ser o objetivo da política.
SING.

[Que ela estava feliz] e [que Joaquim não o percebia] **era** sabido de todos.
SING.

[Amar] e [correr] **faz** bem à saúde.
SING.

Conclusão:

Fica na 3ª pessoa do singular o verbo que tem como sujeito uma ou mais orações.

Atenção:

Se os infinitivos sujeitos vêm precedidos de artigo, ou são antônimos, o verbo vai para o plural, normalmente:

O amar e **o correr** faz**em** bem à saúde.
PLURAL

[**Amar**] e [**odiar**] faz**em** parte da vida.
PLURAL
Antônimos

PARECEM SORRIR OU PARECE SORRIREM

Ambos estão certos.

Os homens pareciam chorar. **Os homens** parecia **chorarem**.

Conclusão:

Varia só um dos dois: ou o verbo **auxiliar** ou o **infinitivo**.

ERRADO VARIAREM OS DOIS:

~~Os homens pareciam sorrirem.~~

Prática

■ Assinale **C** ou **E** para as concordâncias.

83. ( ) Futuro, passado e presente é uma só coisa, uma só realidade.
84. ( ) Deveria ser muito bom comer, dormir e amar à vontade.
85. ( ) Amar o próximo e ajudá-lo competem a nós.
86. ( ) Construir e destruir resume a vida humana.
87. ( ) Construir e destruir resumem a vida humana.
88. ( ) As nuvens parece desenharem infinitamente.
89. ( ) As nuvens parecem desenharem infinitamente.
90. ( ) As nuvens parecem desenhar infinitamente.

CONCORDÂNCIA DO INFINITIVO

Infinitivo Invariável

Viver é lutar.	Verbo impessoal, com ideia de sujeito indefinida ou muito vaga.
"Preparar. Apostar. Atinar." (EFP)	Função de imperativo.
Estava **a sonhar**.	Com preposição **a**, tem valor de gerúndio (Estava **sonhando**).
Fácil **de entender**.	Preposicionado, como complemento nominal de adjetivo. Há gramáticos que nele veem uma forma de voz passiva (Fácil de **ser entendido**).
Va**mos cantar**, dev**es dizer**...	Como verbo principal de locução verbal, é seu auxiliar que concorda com o sujeito.

Prática

■ Estabeleça a devida correspondência:

a) Verbo impessoal, com ideia de sujeito indefinida ou muito vaga.
b) Função de imperativo.
c) Com preposição **a**, tem valor de gerúndio.
d) Preposicionado, como complemento nominal de adjetivo. Há gramáticos que nele veem uma forma de voz passiva.
e) Como verbo principal de locução verbal, é seu auxiliar que concorda com o sujeito.

91. ( ) Os pais, as crianças, todos se puseram a rir.
92. ( ) Pessoal, todos agora. Mergulhar.
93. ( ) Estávamos juntos na sala, a conversar, a sorrir, a pilheriar.
94. ( ) Trata-se de uma situação fácil de solucionar.
95. ( ) Atingir a velhice pode ser superar a maturidade.

Infinitivo Variável ou Flexionado

Convém (**tu**) esta**res** atento.	Quando o sujeito do infinivo (expresso ou elíptico) é diferente do verbo da oração principal.
Será ótimo (**nós**) participa**rmos**.	
Poderão os brasileiros, em conjunto e em harmonia, organiza**rem**-se e leva**rem** adiante esse projeto?	Quando, em locução verbal, o infinitivo se encontra distante do verbo auxilar... ou quando se quer enfatizar, realçar a pessoa a quem se refere a ação.

Prática

Observe as frases-modelo e julgue Certa ou Errada cada declaração seguinte:

1. Devemos estarmos juntos para que nos possam verem melhor.
2. Convém estarmos juntos, a fim de que elas possam ver-nos melhor.

96. ( ) "Devemos estar" e "possam ver" constroem melhor a frase 1, porque em locução verbal, normalmente, o infinitivo é invariável.
97. ( ) Em 2, "estarmos" está corretamente flexionado para mostrar que tem um sujeito diferente do de "Convém".
98. ( ) Em 2, ficaria melhor a construção com "verem-nos".
99. ( ) Em 2, o verbo **ver** está bem usado porque, como é o verbo principal de uma locução (possam ver), o papel de concordar com o sujeito é exercido pelo seu auxiliar (possam).

Infinitivo como Complemento de Verbos Permissivos, Causativos e Sensitivos (veja Análise Sintática Visual)

INVARIÁVEL ou NÃO FLEXIONADO	VARIÁVEL ou FLEXIONADO
Não ***deixes*** cresc**er** as dúvidas.	Não ***deixes*** cresce**rem** as dúvidas.
Mandou os meninos entr**ar**.	***Mandou*** os meninos entra**rem**.
Senti-os sussurr**ar** no escuro.	***Senti***-os sussurra**rem** no escuro.
Ouvi fal**ar** bem de você	***Ouvi*** fala**rem** bem de você.

Prática

Observe as frases-modelo e julgue Certa ou Errada cada afirmação seguinte:

1. Vi nascer os primeiros raios. 2. Vi nascerem os primeiros raios.

100. ( ) A concordância do verbo **nascer** está errada em 1.
101. ( ) O verbo **ver** é um verbo sensitivo e o infinitivo que o complementa pode flexionar-se ou não, por isso estão corretas ambas as frases.
102. ( ) Em 2, a flexão do infinitivo ressalta, põe em destaque "os primeiros raios".

VERBOS DE 3ª PESSOA

Observe:

ESTAR **FAZER** **HAVER** **IR**	com ideia de TEMPO	CRONOLÓGICO OU METEOROLÓGICO	FICAM SEMPRE NA 3ª PESSOA DO SINGULAR
FENÔMENOS NATURAIS **HAVER com ideia de EXISTIR** **CHEGA DE... BASTA DE...**			

Prática

■ Complete as lacunas.

103. _____ de problemas. (Basta/m)
104. _____ trinta anos que se namoram. (Faz/em)
105. Com certeza, _____ soluções melhores. (haverá/ão)
106. _____ de haver ideias mais simples. (Há/hão)
107. _____ de sorrir com ela os arcanjos. (Há/hão)
108. _____ fazer três dias que ela se foi. (Vai/vão)
109. _____ para três meses que voltou. (Vai/vão)
110. _____ muitos torcedores lá. (Havia/m)
111. _____ muitas mulheres também. (Existia/m)
112. _____ existir muitas saídas. (Deve/m)
113. _____ haver muitas saídas. (Deve/m)
114. _____ muito nas férias. (Chovia/m)
115. _____ flores no casamento. (Chovia/m)

CONCORDÂNCIA DO VERBO SER

Observe:

Que Quem O que	**é** **são**	protozoár**io**? protozoár**ios**?

Conclusão:

Nas orações interrogativas iniciadas por **quem**, **que**, **o que**, o verbo **ser** concorda com o termo que lhe vem após.

Prática

116. Que _____ célula? (é/são)
117. Quem _____ os protagonistas? (é/são)
118. Quero saber o que _____ precatórios. (é/são)

Observe:

SUJEITO		PREDICATIVO
Isto, **isso**, **aquilo** **o** (= aquilo) **tudo**	**são** **é**	flor**es**
		substant. plural

Conclusão:

Quando o sujeito for um dos pronomes **isto**, **isso**, **aquilo**, **o** e **tudo**, e o predicativo for um substantivo plural, o verbo **ser** concorda preferencialmente com o predicativo plural, mas também pode concordar no singular com o sujeito.

Prática

■ Complete as lacunas.

119. Tudo aquilo _____ ameaças apenas. (era/eram)
120. O que ele quer _____ cuidados especiais. (é/são)

Observe:

Nós fomos campeões. Campeão **fui eu**.

Conclusão:

Se em qualquer dos lados há um **pronome pessoal reto**, o verbo com este concorda.

Prática

■ Complete as lacunas.

121. O interessado _____ tu. (era/eras)
122. Vós _____ os escolhidos. (sereis/serão)

Observe:

peso preço medida quantidade	**é**	**muito** **pouco** **tanto** **mais** **algo**

Conclusão:

Expressões indefinidas relacionadas a ideias de **medida** ou **quantidade** mantêm o verbo **ser** no singular.

Prática

123. Vinte anos _____ muito. (é/são)
124. Quarenta reais _____ pouco. (será/ão)
125. Cinco quilômetros não _____ tanto. (é/são)
126. Noventa quilos _____ muito pouco. (era/m)

Observe:

Daqui até lá **é** **um** quilômetro. Daqui até lá **são** **cinco** quilômetros.

Hoje **é** **dia** cinco. Hoje **é** **primeiro** de março.

Hoje **são** **cinco**. Agora **é** **uma** hora. **São** **duas** horas.

Conclusão:

Relacionado a **distância**, **data** e **hora**, o verbo **ser** concorda com o numeral. Nas datas, se aparecer a palavra **dia**, é com ela que o verbo concorda.

Prática

■ Complete as lacunas.

127. _____ meio-dia. (É/São)
128. _____ 20 de outubro. (Será/ão)
129. _____ quatro horas. (Era/m)
130. _____ dois metros. (É/São)

Observe:

Substantivo		Substantivo
O mundo	**é** / **são**	ilusões.
singular		plural

Substantivo		Substantivo
Os mundos	**é** / **são**	ilusão.
plural		singular

Conclusão:

O verbo **ser** entre dois substantivos comuns, de **números diferentes**, concorda com o que se quer realçar.

Prática

■ Complete as lacunas.

131. Justiça _____ as forças do bem. (é/são)
132. Telhas soltas _____ um perigo. (era/m)

Observe:

Irene / **gente** **era os devaneios** do namorado.

Os devaneios do namorado **era** a noiva. / **gente**

O verbo **ser** prefere concordar com o núcleo que se refere a **gente**.

Prática

■ Complete as lacunas.

133. Julieta sempre _____ as alegrias da família. (foi/foram)
134. Os seus sonhos _____ Carmelita. (era/eram)

Observação:

Pode haver concordância com o plural, quando este denota partes do corpo da pessoa nomeada.
Renato eram só aquelas mãos enormes.

Observe:

Sou **eu** que **saí**.
És **tu** que saí**ste**.
Fomos **nós** que saí**mos**.
Foram **eles** que saí**ram**.
Seremos **nós** que lutare**mos**.

Suj.		Verbo
Eu	é que	saí.
Tu	é que	saíste.
Nós	é que	saímos.
Eles	é que	saíram.

A expressão **é que** fica invariável em tempo, número e pessoa quando aparece unida, separando sujeito e verbo, porque expletivo, porque de realce.

Prática

■ Distribua as expressões: foi que, será que, é que, serão que.

135. Romero _____ venceu, mas _____ João _____ foi premiado.
136. Júlia _____ viajará, mas _____ Antônia _____ lucrará.
137. Nós _____ compraremos, mas _____ vocês _____ pagarão.

Observe:

Er**a** **uma vez** um rei e uma rainha, que...

Er**am** um **rei** e uma **rainha**, que...

Er**a** uma **rainha** que... Er**am** dois caminheir**os**...

Conclusão:

Se não houver a expressão **uma vez**, o verbo **ser** concorda com o substantivo ou substantivos que o seguir(em).

Prática

138. Assinale a que **não** está correta.
   a) Aqui faz verões quentíssimos.
   b) Chegou agora o pessoal da festa.
   c) Deu cinco horas agora.
   d) Chegaram a lutadora e o adversário.

139. a) Faltava uma hora, agora só faltam vinte minutos.
   b) Faltaram quinhentos e vinte e três pessoas.
   c) Receba Vossa Majestade nossas congratulações.
   d) Fazia duas semanas que estava mudo.

■ Escolha a opção ou opções corretas.

140. Após o baile _____ confetes e serpentinas. (sobrou/aram)
141. Cada um de vocês, cada um de nós _____ um prêmio. (ganha/em/amos)
142. _____ poucos metros para que _____ vítimas. (Faltou/aram; houvesse/em)
143. _____ mais cedo meus pais e eu. (voltaram/amos)
144. O presidente com o ministro _____ manifestar-se (resolveu/ram)
145. O prefeito, com o vereador, _____ os presentes. (convenceu/ram)
146. Nem ele, nem você _____ comigo. (concordou/aram)
147. Ele ou você _____ o vencedor. (será/ão)
148. Ele ou você _____ os vencedores. (será/ão)
149. Tu ou ele _____ os vencedores. (serão/eis)
150. Júlia, tu e eu _____ fora. (almoçarão/emos/eis)
151. Todos, exceto eu, _____ com o juiz. (concordaram/amos)
152. Qual de vós _____ com isso? (concorda/ais)

153. Quantos dentre vós _____ com isso? (concordam/ais)
154. Mais de um lutador _____ -se. (embolou/aram)
155. _____ vários erros no relatório. (Havia/m)
156. _____ sido cometidos vários erros no relatório. (Havia/m)
157. Não _____ ali erros graves. (existia/m)
158. Àquela hora, um menino e uma menina _____. (nascia/m)
159. Um grupo de inocentes _____ . (deporá/ão)
160. Por isso, _____ embora o cansaço e a fraqueza. (foi/ram)
161. _____ por aqui Cláudio e Teresa. (Passou/aram)
162. Vós e vossos amigos _____ sorte. (tiveram/stes)
163. Só o Brasil ou a Itália _____ ser o futuro campeão. (poderá/ão)
164. Você, ela, eu, ninguém, naquele momento, _____ . (acreditei/ou/amos)
165. Afeto e ternura _____ a gente. (comove/m)
166. O interesse, a gratidão, o dever _____ impotente... (fica/m)
167. A pobreza ou a falta de higiene _____ o ser humano. (prejudica/m)
168. A tia ou a sobrinha _____ isto. (fez/fizeram)
169. A verdade, ou verdades _____ ser alcançadas. (pode/m)
170. A verdade, ou verdades, _____ ser alcançada. (pode/m)
171. Nem o medo, nem o frio o _____ . (demoveu/ram)
172. Júlia com Joaquim _____ a festa. (preparou/aram)
173. Júlia, com Joaquim, _____ a festa. (preparou/aram)
174. Nem um nem outro _____.(chegou/aram)
175. Um ou outro _____. (saiu/ram)
176. Um e outro _____. (cantava/m)
177. Um e outro competidor _____. (convence/m)
178. Uma e outra vizinha _____ aqui. (está/ão)
179. Um e outro competidor _____-se. (cumprimenta/m)
180. Nem um nem outro se _____. (entende/m)
181. Encontrei os anéis que _____. (sumira/m)
182. Somos nós que_____. (vencerá/emos)
183. Seriam elas que _____. (venceria/m)
184. Elas _____ venceriam. (é que/seriam que)
185. Vós _____ vencereis. (é que/sereis que)
186. Seriam elas quem _____. (venceria/m)
187. Fomos nós quem _____. (venceu/emos)
188. Tu foste um dos que _____. (concordou/aste/aram)
189. Quantos de nós _____ lá? (chegarão/emos)
190. Vários de vós _____ lá. (chegarão/eis)
191. Quem de nós _____? (falou/aram)
192. Grande parte dos jogadores _____ cedo. (levantou/aram)
193. Oito por cento _____ ali. (está/ão)

194. Oito por cento do grupo _____ ali. (está/ão)
195. Os oito por cento do grupo _____ ali. (está/ão)
196. Perto de cinquenta pessoas _____. (gritava/m)
197. Os Estados Unidos _____ uma proposta. (apresentou/aram)
198. Minas Gerais _____ agindo. (continua/m)
199. As Minas Gerais _____ produzindo. (continua/m)
200. Estamos todos felizes, _____ vista nossos sorrisos. (haja/m)
201. Estamos todos felizes, _____ em vista nossos sorrisos. (haja/m)
202. _____-se por líderes. (Procurava/m)
203. _____-se líderes. (Procurava/m)
204. Ali se _____ em treinamentos intensivos. (pensava/m)
205. Aqui se _____ treinamentos intensivos. (faz/em)
206. Duas horas _____, na noite úmida, o sino recém-instalado. (bateu/eram)
207. Pensar e refletir _____ para a evolução. (ajuda/m)
208. Os animais _____ pensar. (parecia/m)
209. Os animais _____ pensarem. (parecia/m)
210. Hoje _____ de janeiro. (são um/é um/é primeiro)
211. Amanhã _____ dois. Ontem _____ dia 31 de dezembro. (será/ão; foi/ram)

Prática Geral

212. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Levando em consideração as regras de concordância nominal, escreva (1) para as frases corretas e (2) para as incorretas.
( ) Quando a senhora terminou de abrir as malas, já era meio-dia e meia.
( ) A própria sogra presenciou a abertura das malas; sim, ela mesmo.
( ) Anexo àquela carta destinada ao pai da moça, foram remetidas as jóias.
( ) Ao final da tarde, a senhora mostrava-se meio apreensiva.
( ) Naquelas bagagens havia jóias muito preciosas.
A sequência correta é
a) 1, 1, 2, 2, 1.
b) 2, 1, 1, 2, 2.
c) 1, 2, 1, 2, 1.
d) 2, 2, 1, 1, 2.
e) 1, 2, 2, 1, 1.

213. (PRF/N.M./ANP) Há **erro** de concordância em:
a) aluna e alunos estudiosos.
b) nome e situação conhecida.
c) exercícios e dieta recomendados.
d) estradas e parques mal conservadas.

214. Assinale a alternativa **correta**.
a) Foram cobrados as taxas e as multas recentes, mas perdoados os débitos anteriores.
b) Ao gerente não passou despercebido a arrogância do cliente.
c) A caneta custou cara, mas não se arrependeu da compra.
d) Foi dispensado do trabalho porque os dedos indicador e médio estavam feridos.

215. Assinale a alternativa **correta**.
a) Remetemos anexa uma fotocópia do recibo.
b) Era ela mesmo que, sempre ao meio-dia e meio, conferia o dinheiro arrecadado.
c) Considerou inútil as medidas para conter a corrida da população aos bancos.
d) É proibido a entrega de declarações de imposto de renda, nas agências bancárias, após o prazo estabelecido pela Fazenda.

216. (ALCL-DF/N.S./IDR) Marque a alternativa na qual **só uma** das concordâncias nominais é **correta**.
a) Uma e outra questão examinadas.
Uma e outra questão examinada.
b) Vossa Excelência é esperada, Sra. Ministra.
Vossa Excelência é esperado, Sr. Ministro.
c) A primeira e a segunda sessão.
A primeira e a segunda sessões.
d) Proposta e projeto aceitos.
Proposta e projeto aceito.

217. (ALCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa em que **somente um** dos itens é **correto**.
a) Segue anexa a documentação exigida.
Segue anexo a documentação exigida.
b) É vedado às empresas praticar atos desse teor.
É vedado as empresas praticarem atos desse teor.
c) Ela nada tem de sedutor.
Ela nada tem de sedutora.
d) Eles parecem estar contentes.
Eles parece estarem contentes.

218. (Ag. Adm./TRT/N.M./ACCESS) A concordância nominal das **duas** frases está **correta** em:
a) Devemos analisar os defeitos e as virtudes **verdadeiras**.
Devemos analisar os defeitos **verdadeiros** e as virtudes **verdadeiras**.
b) O pivete não tem ação e julgamento **éticos**.
O pivete não tem julgamento e ação **éticas**.

c) Eram **doentias**, o crime e a brutalidade.
O crime e a brutalidade eram **doentios**.
d) A senhora e o adolescente eram **violentos**.
A senhora e a adolescente eram **violentos**.
e) Ele pesquisa o comércio e as finanças **brasileiros**.
Ele pesquisa as finanças e o comércio **brasileiras**.

219. (TFC-RJ/N.S.) Assinale a opção em que **não** há **erro**.
a) Seguem anexo os formulários pedidos.
b) Não vou comprar esta camisa. Ela está muito caro!
c) Estas questões são bastantes difíceis.
d) Eu lhes peço que as deixem sós.
e) Estando pronto os preparativos para o início da corrida, foi dada a largada.

220. (AFRE-SP/N.S.) Assinale a alternativa **correta**.
É _____ prudência na interpretação dos resultados, _____ seguem _____ algumas normas.
a) necessária / porisso / inclusas.
b) necessário / por isso / inclusa.
c) necessária / porisso / incluso.
d) necessário / por isso / inclusas.

221. Indique a alternativa **correta** em relação à concordância nominal.
a) Não é permitida a presença de menores neste recinto.
b) Segue incluso no envelope a procuração e o requerimento.
c) Infelizmente temos motivos bastante para duvidar de você.
d) Limonada é muito boa para refrescar.
e) Todos acharam a moça e o rapaz muito simpática.

222. Há **erro** de concordância na frase:
a) Encontrei a ficha anexa.
b) Muito obrigado, disse-me ela sorrindo.
c) Voltarei ao meio dia e meia.
d) Depois ela ficou meio desconfiada.
e) Ela própria confirmou o que disse.

223. A concordância nominal apresenta-se **correta** na alternativa:
a) Havia no baú pentes e rendinhas barato.
b) Assustadas a cidade e os coronéis viram o desastre.
c) Na bagagem, muitos relógios foram encontrado.
d) Enviamos anexos os relatórios sobre os assaltos.
e) Apreenderam pacotes de cigarros americano.

224. A concordância nominal está **correta** em:
a) A mãe avisou que seria temerário, mesmo sendo período de férias, a ida do menino à escola.
b) Os atos indisciplinados do menino custaram caros a seu pai e mãe zelosa.
c) Já se acreditou que palmatória era bom para manter a ordem na escola.
d) Depois de retribuir à professora, o menino estava certo de que ficou quites com ela.

225. Assinale a opção que contenha **silepse** (discordância da palavra, concordância com a ideia).
a) "No Ocidente desenvolvido é de rigor tirar férias até para quem não faz nada."
b) "Os presidentes herdaram-lhe o hábito e, enquanto a capital ficou no Rio de Janeiro, costumavam passar temporadas de refresco na mesma Petrópolis, no Palácio Rio Negro."
c) "(...) e portanto não pode haver nem índices de inflação nem artigos de economistas da PUC-Rio."
d) "Como escreveu o articulista da revista *Time* James Collins, são ocasiões que oferecem aos presidentes um poderoso segundo contexto (...)."
e) "Da serra gaúcha ao litoral nordestino, há muitos lugares aprazíveis no Brasil, inclusive, sem humor negro, a reserva ianomâmi (...)."

226. Assinale a opção que se apresenta **correta** quanto à concordância nominal.
a) Além de valioso para a compreensão das características dos povos em cujas estruturas mentais não entra o conceito de férias, as reflexões do articulista não perdem a força de argumento a favor das férias para presidentes.
b) O articulista refere-se aos hábitos de Dom Pedro II de uma maneira familiar, como se o tivesse presenciado; faz, ainda, comentários sobre o de outros presidentes do passado.
c) O texto apresenta vários aspectos que, por si só, explicam as diferenças entre os povos que têm direito a férias e os que não o tem.
d) Na semana passada, de forma inusitada, os agentes de segurança procuraram ficar o mais afastados possível do presidente, alegando que a tática visava a uma maior liberdade para o chefe de Estado.
e) O articulista qualificou de danoso à nação – dadas as circunstâncias do evento – a viagem do presidente Collor a Angra dos Reis e a Araxá.

■ Estabeleça a devida correspondência com relação ao uso do infinitivo:
a) Verbo impessoal, com ideia de sujeito indefinida ou muito vaga.
b) Função de imperativo.
c) Com preposição **a**, tem valor de gerúndio.
d) Preposicionado, como complemento nominal de adjetivo. Há gramáticos que nele veem uma forma de voz passiva.
e) Como verbo principal de locução verbal, é seu auxiliar que concorda com o sujeito.

227. ( ) Todos os presentes devemos parar para refletir e rir.
228. ( ) Avançar.
229. ( ) Entrou no salão, a sorrir e a distribuir abraços.
230. ( ) Osso duro de roer, água boa p'ra beber.
231. ( ) Viver bem é participar e construir.

■ Observe as frases e julgue Certa ou Errada cada afirmação seguinte:
1. Ouvia farfalhar as folhas da palmeira.
2. Ouvia farfalharem as folhas da palmeira.

232. ( ) Em 1, a concordância do verbo **farfalhar** se faz com **as folhas da palmeira**.
233. ( ) Em 2, a concordância do verbo **farfalhar** se faz com **as folhas da palmeira**.
234. ( ) O verbo **farfalhar** é um verbo sensitivo, e o infinitivo que o complementa pode flexionar-se ou não, por isso estão corretas ambas as frases.
235. ( ) As duas frases têm exatamente o mesmo significado.
236. ( ) Em 2, a flexão do infinitivo ressalta, põe em destaque "as folhas da palmeira".

■ Observe as frases e julgue Certa ou Errada cada declaração seguinte:
1. Estuda para passar.
2. Estuda para passares.

237. ( ) Em cada uma das duas frases, os dois verbos se referem a pessoas distintas.
238. ( ) A construção 1 é preferível à 2, porque os dois verbos se referem a uma mesma pessoa, ou indivíduo.

3. É bom saírem logo, para poderem ver a lua.

239. ( ) **É bom saírem** é uma locução verbal, e os dois verbos, "É" e "saírem", referem-se à mesma pessoa.
240. ( ) **É** e **saírem** estão em pessoas diferentes, porque têm sujeitos diferentes.
241. ( ) **poderem ver** é uma locução verbal e os dois verbos se referem à mesma pessoa.
242. ( ) Na locução verbal, o verbo auxiliar (poderem) estabelece a concordância, enquanto o verbo principal no infinitivo (ver) fica invariável.

■ Assinale **C** ou **E**, conforme a frase esteja de acordo ou em desacordo com a concordância verbal.
243. ( ) Mandou calar-se todos os que cochichavam.
244. ( ) Tu devias, com certeza, fazeres o que te pedem.
245. ( ) Mandou calarem-se todos os que cochichavam.
246. ( ) Tu devias, com certeza, fazer o que te pedem.

247. ( ) No seguinte exemplo de Alexandre Herculano "**Queres ser** mau filho, mau amigo, **deixares** uma nódoa d'infâmia na tua linhagem?", apresentado por Rocha Lima, ocorre simultaneamente o infinitivo invariável e o variável.

248. ( ) Na seguinte estrofe de Gonçalves Dias "**Possas** tu, descendente maldito / De uma tribo de nobres guerreiros, / Implorando cruéis forasteiros, / **Seres** presa de vis Aimorés!", **possas** e **seres**, verbos respectivamente auxiliar e principal, estão variando, em função de estarem distantes um do outro. Se estivessem juntos, só o auxiliar concordaria com o sujeito elíptico **tu**: **possas ser**. Como estão afastados, a flexão do infinitivo reforça a ideia de o sujeito ser **tu**.

249. ( ) Em "A maré, calma e serena, fazia **acalmarem as sensações** dentro de mim" e "A maré, calma e serena, fazia **acalmar as sensações** dentro de mim", as duas construções exemplificam infinitivo complemento de verbo causativo e ambas estão corretas.

250. ( ) **Ve**r, **ouvir** são verbos sensitivos, **deixar** é permissivo, **fazer** e **mandar** são causativos. Com eles, o infinitivo pode apresentar-se flexionado ou não.

251. (Cespe) Se para a elite social o trabalho infantil era uma medida de prevenção, para os pobres era uma maneira de sobreviver.

( ) A forma verbal "era" foi empregada na primeira pessoa do singular para concordar com a expressão "a elite social".

252. (Cespe) Mesmo que não possamos olhar de um curso único para história, os projetos humanos têm um assentamento inicial que já permite abrir o presente para a construção de futuros possíveis.

( ) Preservam-se as relações argumentativas, a noção de pluralidade e a correção gramatical da oração ao se empregar a expressão **cada projeto humano** em lugar de "os projetos humanos".

253. (Cespe – adaptado) Desde a chegada dos portugueses até as últimas décadas do século XIX, foi aberta uma infinidade de caminhos terrestres e rotas fluviais de circulação, em um esforço verdadeiramente titânico de apropriação.

( ) Diminuindo-se a ênfase, o desenvolvimento das ideias no texto e sua estrutura linguística permitem substituir o termo "uma infinidade" por **inúmeros**.

254. (Cespe) As carruagens tinham eixos desse tamanho para caber nos sulcos escavados ao longo do tempo nas estradas da Grã-Bretanha. As estradas da Grã-Bretanha tinham sido construídas pelos romanos, e os sulcos foram escavados por carruagens romanas.

( ) Devido ao valor de mais-que-perfeito das duas formas verbais, preservam-se a coerência textual e a correção gramatical ao se substituir "tinham sido" por **havia sido**.

255. (Cespe) A velocidade, símbolo do desenvolvimento tecnológico e de um modo de produção e consumo cada vez mais vorazes, criou um sentimento de urgência que poucos conseguem administrar. Se é que conseguem mesmo.
( ) A inserção de **administrarem** depois de "mesmo" tornaria explícita uma ideia subentendida do texto e preservaria sua correção gramatical.

256. (Cespe) Tudo indica que mais de 70% do trabalho no futuro vão requerer a combinação de uma sólida educação geral com conhecimentos específicos.
( ) O emprego da flexão de plural em "vão" respeita as regras de concordância com "mais de 70% do trabalho".

257. (Cespe) O estudo do engenheiro militar Eduardo José de Moraes, apresentado ao governo imperial em 1869, continha ambicioso projeto de aproveitamento de vários rios brasileiros.
( ) "Continha" está na 3ª pessoa do singular para concordar com Eduardo José de Moraes.

258. (Funrio)
Rio, podem dizer o que quiser,
Mas o xodó do povo é o Rio.
Casa do samba e do amor, do Redentor,
Louvado seja o Rio.

Sobre os versos iniciais da canção "Delírio dos Mortais", de Djavan, é correto afirmar que a concordância verbal do trecho "podem dizer o que quiser" é
a) facultativa: pode-se considerar que o sujeito desses verbos está oculto.
b) ideológica: prevalece a ideia genérica e não identificada do sujeito.
c) rígida: admite-se que o sujeito indeterminado leve o verbo à 3ª pessoa.
d) estilística: integra o individual no coletivo com a mistura de tratamento.
e) viciosa: deveria ser corrigida para "podem dizer o que quiserem".

259. (FCC) Há um **deslize** na concordância verbal da seguinte frase:
a) Aos golpes mais duros da vida responde uma amizade verdadeira com palavras e gestos de solidariedade.
b) Nunca haverão de nos faltar, quando contamos com amigos verdadeiros, a força justa das palavras certas.
c) Assim como ninguém vive sem o préstimo da água, não se superam os infortúnios sem o apoio de um amigo verdadeiro.
d) Os sofrimentos que pesam sobre alguém haverão de ser mais leves com a companhia solidária de um amigo leal.
e) Importa, acima de todas as coisas, poder contar com a lealdade e os bons préstimos que nos oferece a amizade verdadeira.

260. (FCC) Estão plenamente respeitadas as normas de concordância verbal na frase:

a) É muito difícil que se cumpra os propósitos que, invariavelmente, se formula a cada início de ano.
b) Enredam-se nas tramas das próprias memórias todo aquele que não busca abrir, para si mesmo, novos tempos e novas experiências.
c) A cada vez que dá impulso a uma nova cadeia de acontecimentos, os homens se tornam autores de seu próprio destino.
d) Não deveriam caber às pessoas tomar suas próprias iniciativas, em vez de se submeterem à força do acaso?
e) Aos que não submete a força imperiosa das experiências passadas estende-se a possibilidade de abrir novos tempos.

Regência

DEFINIÇÃO

REGÊNCIA		REGENTE (VERBO OU NOME)	REGÊNCIA (PREPOSIÇÃO)	REGIDO
REGÊNCIA	VERBAL	vencer	∅	o obstáculo
		gostar	de	alguém
		agradecer	a	alguém
	NOMINAL	ansioso	por	justiça
		necessidade	de	algo
		referentemente	a	o processo

Prática

■ Observando o esquema acima, julgue se são certas ou erradas as seguintes afirmações e ponha nos parênteses **C** ou **E**.

1. ( ) Regência é um fenômeno que ocorre entre um termo regente e um regido.
2. ( ) O termo regente é subordinante; o regido, subordinado.
3. ( ) Se o regente é um verbo, trata-se de regência verbal.
4. ( ) Se o regente for uma preposição, trata-se de regência nominal.
5. ( ) Os verbos podem reger com ou sem preposição.
6. ( ) A regência nominal é sempre preposicionada.
7. ( ) Os nomes que podem ser regentes são: adjetivo, substantivo e advérbio.

Conclusão:

Regência é a relação existente entre um termo subordinante e um ou mais subordinados.

REGÊNCIA VERBAL

Observe:

A: lutar contra (= brigar); lutar por (= esforçar-se); lutar judô (praticar).
B: chamar alguém; chamar por alguém.
C: avisar alguém de algo; avisar algo a alguém.

Prática

■ Agora assinale **C** para certo e **E** para errado.

8. ( ) De A, conclui-se haver verbos que, mudando a regência, mudam a base de significado.
9. ( ) De B, conclui-se que, às vezes, a mudança de regência quase nada ou pouco influi no significado.
10. ( ) De C, conclui-se que um verbo pode ter um termo regido com preposição e um sem preposição.

Regência dos verbos mais frequentes

Agradar

Agradar	∅	alguém	= acarinhar
Agradar	a	alguém	= cair no seu agrado

Prática

■ Complete as lacunas.

11. Parecia que a proposta dos patrões não agradara _____ trabalhadores. (aos/os)
12. O gesto impensado do rapaz não deve ter agradado _____ namorada. (a/à)
13. Com mãos suaves, ela agradava _____ criança que caíra. (a/à)
14. Agradava _____ o gesto de amor. (o/a ele)

Ansiar

Ansiar	∅	alguém	= provocar angústia em alguém
Ansiar	por	algo	= almejar

Prática

■ Complete as lacunas.

15. Em virtude da fadiga, ansiava _____ uma ilha. (∅/por)
16. Aquelas palavras ansiavam _____. (-no/por ele)

Aspirar

Aspirar	∅	algo	= sorver, respirar
Aspirar	a	algo	= desejar, almejar *

* Neste sentido, não aceita **lhe(s)**, apenas **a ele(s)**, **a ela(s)**.

Prática

■ Complete as lacunas.

17. Trancado no apartamento, o escritor aspirava _____ ar do campo. (ao/o)
18. Cavalgando na fazenda, ele aspirava _____ ar puro, sem saudade da poluição. (o/ao)
19. Após tantos anos, a professora aspirava _____ aposentadoria. (a/à)
20. Àquele cargo? Sim, aspiro _____. (ele/a ele)

Assistir

Assistir	a	algo	= presenciar *
Assistir	∅/a	alguém	= dar assistência (v.t.d.)
Assistir	a	alguém	= caber direito
Assistir	em	algum lugar	= morar

* Neste sentido, não aceita **lhe(s)**, apenas **a ele(s)**, **a ela(s)**.

Prática

■ Complete as lacunas.

21. Tenho minha própria casa e _____ assisto. (a ela/nela)
22. Assiste _____ cidadão o direito de escolher seus representantes. (ao/o)
23. Foi muito bom o filme _____ que assistimos. (a/∅)
24. Assistir _____ doentes deve ser prioridade na ação governamental. (aos/os)
25. Esta cena, já assistimos _____. (lhe/a ela)

Atender

Atender	∅	Não faz nada. Atende.	= Espera
Atender	o	O ministro atendeu o requerente	= ouviu
Atender	a	Atender às súplicas... Atendeu à conversação.	= dar atenção a
Atender	em	Se atendermos nas provações...	= correspondermos
Atender	para	Basta atender para essas infecções.	= atentar para

Chamar

Chamar	∅	alguém	= convocar
Chamar	por	alguém	= invocar
Chamar	∅/a	alguém de	= atribuir qualidade ou nomear

Prática

■ Complete as lacunas.

26. O diretor chamou _____ professores para uma reunião. (aos/os)
27. No caso das aposentadorias, a própria imprensa chamou _____ jornalistas de espertalhões. (aqueles/àqueles)
28. É comum chamar ignorantes _____ pessoas que não pensam como nós. (as/às)
29. Nas horas difíceis, chamava _____ Deus. (a/por)

Atenção:

Todas certas:

Chamei-o valente.	Chamei-lhe valente.
Chamei-o de valente.	Chamei-lhe de valente.

Chegar

Chegar	a/de	um lugar
Chegar	em/de	meio de transporte

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

30. ( ) Ele chegou em Paris.
31. ( ) Chegou no último trem.
32. ( ) Ele chegou a Paris.
33. ( ) Chegou de trem.

Custar

Custar	∅	tanto	= atribuir valor
Custar	a	alguém	= ser custoso, ser difícil

Prática

■ Complete as lacunas.

34. Pagou com sacrifício os cem mil reais ____ que custou a casa. (∅/a)
35. Parece custar _____ pessoas mudar suas opiniões. (as/às)
36. Não custa _____ alunos manter a sala limpa. (os/aos)

Atenção:

ACEITÁVEL	TRADICIONALMENTE CERTO	ACEITÁVEL
Eu ~~custo~~ a crer.	Custa-me crer.	Custa-me a crer.
Tu ~~custas~~ a crer.	Custa-te crer.	Custa-te a crer.
Ele ~~custa~~ a crer.	Custa-lhe crer.	Custa-lhe a crer.
Nós ~~custamos~~ a crer.	Custa-nos crer.	Custa-nos a crer.
Vós ~~custais~~ a crer.	Custa-vos crer.	Custa-vos a crer.
Eles ~~custam~~ a crer.	Custa-lhes crer.	Custa-lhes a crer.

Esquecer

Esquecer	∅	algo/alguém
Esquecer-se	de	algo/alguém
Esquecer-se	(de)	que...

Algo esquece a alguém (foge da memória).

Prática

■ Complete as lacunas.

37. Você não poderá esquecer-se _____ nossa amizade. (a/da)
38. Recordo os dias tristes _____ que você já esqueceu. (de/∅)
39. Esqueceram _____ soldado as angústias da guerra. (ao/o)
40. Esqueceu-lhe _____ assunto. Esqueceram-se _____ assunto. (o/do)
41. Esqueci-me _____ que você viria. (∅/de)

Implicar

Implicar	com	algo	= ter implicância
Implicar-se	em	algo	= envolver-se
Implicar	∅	algo	= acarretar

Prática

■ Complete as lacunas, de 42 a 44. Reescreva, corrigindo, de 45 a 47.

42. Devem ser profundamente analisadas as conseqüências _____ que essas medidas implicarão. (∅/em)
43. O ex-presidente implicou-se _____ tráfico de influência. (em/com)
44. Uma coisa implica _____ outra. (em/∅)

45. Esta medida não implica em aumento de custo.

_____

46. Ela, sem saber, implicava de mim.

_____

47. A nova lei implicou na mudança das taxas.

_____

Ir, vir

Ir	a	um lugar (temporariamente)
Vir	para	um lugar (definitivamente)
	de/por	um lugar
	em/de	meio de transporte

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

48. ( ) Ele foi de ônibus.
49. ( ) Ele foi na carroça do amigo.
50. ( ) Ele veio de Recife.
51. ( ) Veio no velho carro.
52. ( ) Veio por Recife.
53. ( ) Veio a Brasília.
54. ( ) Fui em Petrópolis.
55. ( ) Fui a Rondônia.

Lembrar, avisar, prevenir

Lembrar	∅	algo	a alguém
Lembrar	∅	alguém	de algo
Lembrar	∅	algo	
Lembrar-se	de		algo/alguém
Lembrar-se	(de)		que...

Algo **lembra** a alguém (vem à memória).

Prática

■ Complete as lacunas.

56. Todos lembravam _____ gentileza com que nos recebera. (a/da)
57. Era uma moça simpática _____ cujo nome não me lembro. (de/∅)
58. Os dias felizes do passado lembravam _____ todos nós. (a/∅)
59. Lembrou-lhe____ ocorrido. Lembraram-se_____ ocorrido. (o/do)
60. Lembrou-me _____ infância. (a/da)

Morar, residir, situar-se, estabelecer-se

Morar Residir	em	uma casa, rua, praça, cidade, país	
morador em	residente em	sito em	estabelecido em

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

61. ( ) Ele mora à rua do Cais.
62. ( ) ...dono do estabelecimento, sito à Avenida Paulista, nº...
63. ( ) João morava em Recife, na rua...

Namorar

Namorar Namorar	∅ com	alguém alguém (em companhia de)

Prática

■ Complete as lacunas.

64. Não é inteligente a moça _____ que ele namora. (∅/com)
65. Esta moça _____ cuja irmã eu namoro é médica. (∅/com)
66. _____ quem ela está namorando? (∅/com)

Obedecer, desobedecer, suceder, obstar

Obedecer Desobedecer Suceder Obstar	a	algo / alguém

Prática

■ Complete as lacunas.

67. Às vezes se deve obedecer _____ ditames do coração. (aos/os)
68. A pessoa _____ que ele sucederia já fora avisada. (∅/a)
69. Alguns fatores externos poderiam obstar _____ que fizesse um bom planejamento. (∅/a)
70. Não se pode, impunemente, desobedecer _____ leis. (as/às)

Pagar

Pagar	algo	ao credor

Prática

■ Complete as lacunas.

71. Tivemos dificuldade para pagar _____ empréstimo. (o/ao)
72. Já podemos pagar _____ Banco agora que recebemos. (o/ao)
73. A seguradora _____ pagamos o seguro do carro não nos atendeu quando precisamos. (a que/que)

Perdoar

Perdoar	algo	a alguém

Prática

■ Complete as lacunas.

74. Não podem perdoar sempre _____ erros que você comete. (os/aos)
75. Desta vez, perdoo _____ você. (a/∅)
76. Perdoar _____ que nos fazem mal é preceito bíblico. (os/aos)

Preferir

Preferir	isto	a aquilo

Prática

■ Complete as lacunas.

77. Ela demonstrara preferir _____ ficar em casa _____ sair. (mais...do que/antes...que/∅...a)
78. O diretor preferiu _____ acatar aquelas ordens _____ exonerar-se. (a...∅/mais...que/antes...a)
79. Prefiro _____ ler _____ ver televisão. (mais...que/∅...a)

Presidir

Presidir	∅ a	uma reunião uma reunião

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

80. ( ) Na reunião em que ele presidiu...
81. ( ) Na reunião que ele presidiu...
82. ( ) Na reunião a que ele presidiu...

Querer

Querer	∅	algo/alguém (= desejar)
Querer	a	alguém (= gostar)

Prática

■ Complete as lacunas.

83. Queremos _____ seu bem. (o/ao)
84. Quero _____ que me querem bem. (os/aos)
85. São poucas as pessoas _____ quero perto de mim. (a que/que)

Responder

Responder	∅	algo (= dar como resposta)
Responder	a	algo/alguém (= dar uma resposta a...)

Prática

■ Complete as lacunas.

86. O convidado de honra respondeu _____ viria. (que/a que)
87. Ninguém respondeu _____ questionário. (o/ao)
88. Não conheço a carta _____ ele respondeu tão prontamente. (que/a que)

Visar

Visar	a/∅	algo	= ter em vista, almejar *
Visar	∅	algo	= pôr visto
Visar	∅	algo	= mirar

* Neste sentido, não aceita **lhe(s)**, apenas **a ele(s)**, **a ela(s)**.

Prática

■ Complete as lacunas.

89. Era necessário visar _____ cada página do contrato. (a/∅)
90. O alvo _____ que ele visava encontrava-se a uma grande distância. (∅/a)
91. Cada candidato deve visar _____ primeiro lugar no concurso. (ao/o)

Isto é para eu fazer *isto é para mim*

SUJ. INFINITIVO NÃO SUJ.

Usam-se os pronomes retos **eu** e **tu** para sujeito de infinitivo. Os oblíquos **mim** e **ti** para outras funções.

Prática

■ Complete as lacunas.

92. Aquilo era para _____ fazeres. Aquilo era para _____. (tu/ti)
93. A peça era para _____ escrever. A peça era para _____. (mim/eu)
94. A peça era para _____ e _____ escrevermos. (mim e ti/eu e tu)

Está na hora de	*a onça*	*beber*	*água*
Está na hora	*da onça*	*beber*	*água*
	SUJEITO	INFINITIVO	

A maioria dos gramáticos prefere a primeira construção, apontando na segunda frase um erro: o sujeito preposicionado **da onça**.

Prática

■ Assinale as melhores alternativas.

95. Está na hora de o José sair.
96. Isto é difícil dela entender.
97. Está na hora do José sair.
98. Isto é difícil de ela entender.

Pedir ~~para que~~

Pedir	a alguém (lhe)	algo
Pedir	a alguém (lhe)	que faça algo
Pedir	(licença, permissão, vênia...)	para fazer algo

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

99. ( ) O presidente da mesa pediu para que José saísse.
100. ( ) O presidente da mesa pediu que José saísse.
101. ( ) Ele pedia a José para sair.
102. ( ) Pediu-lhe que saísse.

Não disse o em que acreditava
Não disse no que acreditava

Embora a primeira construção seja a mais erudita, a segunda também já é aceita.

Prática

■ Transforme as seguintes construções em sua forma erudita.

103. Não perguntou do que falávamos. _____
104. Não sei no que pensar. _____

Ter de ≠ ter que...

Tenho de fazer = obrigatoriedade, necessidade, firme propósito (construção castiça).

Tenho que fazer (**que** com valor de preposição, uso moderno).

Hei de fazer = promessa, intenção.

Tenho **muito que** fazer. Tenho **o que** fazer. (**que** = pron. relativo com antecedente).

Onde ≠ Aonde

Onde é advérbio ou pronome relativo. **Aonde** é a mesma palavra antecipada da preposição **a**.

É a regência do verbo que define a preposição que vai anteceder o **onde**.

Moro em... > Moro onde... > Onde moro?

Vou **a**... > Vou **a**onde... > **A**onde vou?

Venho **de**... > Venho **de** onde... > **De** onde venho?

Venho **por**... > Venho **por** onde... > **Por** onde venho?

Venho **para**... > Venho **para** onde... > **Para** onde venho?

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre o uso de "onde".

105. ( ) A palavra **onde** pode ser ou não antecedida por uma preposição.
106. ( ) A única preposição que se junta numa só palavra com o **onde** é "a".
107. ( ) Podem fazer uma só palavra com **onde** as preposições "de" e "a": Não sabemos normalmente **donde** viemos nem **aonde** vamos.
108. ( ) É mais comum, no português do Brasil, usar-se **de onde**, do que **donde**.
109. ( ) Só se sabe se o **onde** deve ser antecedido de preposição, e que preposição é essa, vendo a regência do verbo ao qual está subordinado.

Sintaxe do verbo haver

	CONSTRUÇÃO	FUNÇÃO	SENTIDO
1	**Há** pensado, **havia** dito.	auxiliar	(= ter)
2	Como você **houve** tanto dinheiro?	principal	(= conseguir)
3	Como você **se houve** na festa?	principal	(= comportar-se)
4	Você vai **haver-se com** ela.	principal	(= ajustar contas)
5	**Hei** admiração por você. (arcaico)	principal	(= ter)
6	Ele **havia por** correta aquela fala.	principal	(= considerar)
7	Ele **houve por bem** concordar.	locução	(= dignar-se)

Prática

■ Passe as construções vistas de 1 a 7 para as pessoas que se pedem.

110. 1, para a 1ª do plural: _____ .
111. 2, para a 3ª do plural: _____ .
112. 3, para a 1ª do singular: _____ .
113. 4, para a 2ª do singular: _____ .
114. 5, para a 1ª do plural: _____ .
115. 6, para a 2ª do plural: _____ .
116. 7, para a 2ª do plural: _____ .

Observação:

Quando um pronome pessoal átono de terceira pessoa for complemento de verbo, usar-se-á o pronome **o (a, os, as)** para os verbos que não exigem preposição; usar-se-á o pronome **lhe (lhes)** para os verbos que exigem preposição "a", sendo que **lhe** só é usado para pessoas. Para **coisas**, usa-se **a ele (a ela, a eles, a elas)**.

Auxiliei **meus amigos** quando precisaram.
Auxiliei-**os** quando precisaram.

Lembrei **aos amigos** o compromisso.
Lembrei-**lhes** o compromisso.

Prática

■ Substitua os nomes destacados pelos pronomes átonos **lhe**, **lhes**, **o**, **a**, **os**, **as**.

117. Chamei **as crianças** para almoçar.
Chamei-_____ insistentemente.

118. O funcionário apenas obedeceu **ao supervisor**.
Obedeceu-_____sem pensar.

119. Nada devo **a você**.
Nada_____ devo, com certeza.

120. Só poderei pagar **essa dívida** quando receber o salário.
Agora não _____ posso pagar.

121. Só poderei pagar **ao credor** quando receber o salário.
Logo _____ pagarei.

122. Não assisti **ao filme** quando passou naquele cinema.
Assisti _____ depois.

123. Como você, aspiro à gloria.
Aspiro _____ e conseguirei.

Complemento de regências diferentes

Não se usa um mesmo complemento para verbos que têm regências diferentes.

Errado

Precisava e encontrei **o material** de acampamento.
Assisti, mas não gostei **do filme**.

Usa-se um complemento para cada verbo:

Correto

Precisava **do material** de acampamento e encontrei-**o**.
Assisti **ao filme**, mas não gostei **dele**.

■ Corrija, se necessário, as orações abaixo.

124. Aceito, mas não concordo com seu protesto.
_____ .

125. Amo e lutarei por meus filhos.
_____ .

126. Recebemos e já encaminhamos sua solicitação.

_____ .

127. Conheço e obedeço às leis.

_____ .

Observação:

Quando o complemento de um verbo for um **pronome relativo**, a regência deve ser corretamente seguida antes do pronome.

Conheço a pessoa **de** que falaste. (falar **de**)

Este é o lugar **em** que vivi. (viver **em**)*

REGÊNCIA NOMINAL

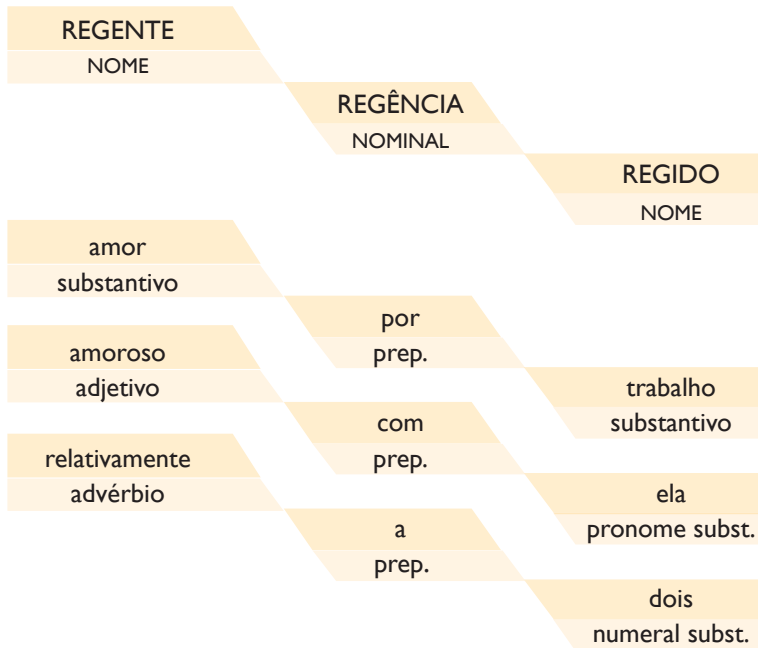

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, observando o gráfico acima.

128. ( ) Quando o regente é um nome, a regência é nominal.

* *Vide*, em *Análise Sintática Visual*, Período: Orações subordinadas adjetivas.

129. ( ) Regência nominal é a relação que existe entre o nome regente e o seu termo regido, *por intermédio de uma preposição*.

130. ( ) Como se pode dizer "*amor às* artes" e "*amor pelas* artes", conclui-se que a regência de um mesmo nome pode também se dar por intermédio de diferentes preposições.

131. ( ) Todo advérbio é nome.

132. ( ) O termo regido é de natureza substantiva.

133. ( ) Pode um advérbio se formar pelo acréscimo da terminação ***mente*** a um adjetivo: relativo + mente = relativamente.

134. ( ) Nesse caso (advérbio com base nominal), o advérbio herda a regência do adjetivo: relativo a → relativamente a.

135. ( ) É essa uma das explicações para a regência do advérbio chamar-se regência nominal.

Um mesmo regido para mais de um regente

Observação:

Um mesmo termo pode ser regido por dois ou mais nomes apenas quando esses nomes aceitam a mesma preposição.

Estou louco e atraído **por ela**. (louco por, atraído por)

Prática

■ Corrija a frase, desdobrando o termo regido.

Ele é contrário e impaciente com mentiras.

136. _____

■ Escolha a preposição adequada à lacuna.

137. Isso diz respeito somente _____ interessados. (aos/com os)

138. Demonstrava um grande respeito _____ suas opiniões. (por/de)

139. Não tentou ajudar aquela pessoa _____ quem sentia desprezo. (de/por)

140. Identificaram-se as substâncias _____ que era constituída a mistura. (para/de)

141. É um caso difícil _____ encontrar. (a/de)

Um mesmo regente para mais de um regido

Um mesmo termo regente, quer seja nome ou verbo, pode ter mais de um regido. Observe as frases a seguir e assinale C ou E nas afirmações que as seguem.

a) Ela sempre gostou *de conquistar, de sobressair, de dominar*...

b) Na época, demonstrava interesse *por sapatos, por luvas* e *por chapéus*.

c) Fazia jus *a ser criticada*, porém não *a sofrer discriminação*.

142. ( ) Em "a", as expressões em itálico são regidas pelo mesmo verbo **gostar**.
143. ( ) Em "b", os termos em itálico estão sob a regência do verbo **demonstrar**.
144. ( ) Em "b", os termos em itálico estão sob a regência do substantivo **interesse**.
145. ( ) Em "c", as orações em itálico estão regidas pelo substantivo **jus**.

Regência dos substantivos e adjetivos mais frequentes

adequado a
afável com, para com
alheio a
amoroso com, para com
análogo a
ansioso de, por
anterior a
aparentado com
apto a, para
atento a, em
avaro de
aversão a, em, para, por
avesso a, de, em
ávido de
bacharel em
benéfico a
bom para
capaz de, para
cego a
certo de
cheiro a, de
cobiçoso de
coetâneo de
coevo a, de
comum a, de
conforme a, com
constante em
contente com, de, em, por
contemporânea a, de
contíguo a
contrário a
cruel com, para com
cuidadoso com
cúmplice de, em
curioso a, de, para
desatento a
descontente com
desejoso de
desfavorável a
desleal a
devoto a, de
devoção a, com, para com, por
diferente de
difícil de
digno de
diligente em, para
dessemelhante de
ditoso com
diverso de
doce a
dócil a
dotado de
doutor em
duro de
dúvida acerca de, com, de, em, sobre
empenho de, em, por
entendido em
erudito em
escasso de
essencial a, para
estranho a
exato em
fácil a, de, para
favorável a
falho de, em
feliz com, de, em, para, por
fértil de, em
fiel a
firme em
forte de, em
fraco com, de, em, para, por
furioso com, de
grato a
hábil em

habituado a, com, em
horror a
hostil a, contra, para com
ida a
idêntico a
imediato a
impaciente com
imune a, de
impotente contra, para
impróprio para
inábil para
inacessível a, para
incapaz de, para
incompatível com
incompreensível para
inconsequente com
inconstante em
incrível a, para
indébito a
indeciso em
indiferente a
indigno de
indulgente para, para com
inerente a
ingrato com, para com
insaciável de
insensível a
intolerante com, para com
leal a
lento em
liberal com
maior de
mau com, para com
menor de
morada em
natural de
necessário a
nobre de, em, por
nocivo a
obediente a
obsequioso com
orgulhoso com, de, para com
parco de, em
parecido a, com
possível de
peculiar a
perito em
pernicioso a
pertinaz em
piedade de
pobre de
poderoso em, para
possível de
posterior a
prático em
presto a, para
pródigo de, em
propício a
propínquo de
próprio para, de
proveitoso a
próximo a, de
querido de, por
rente a, com, de
respeito a, com, de, por
rico de, em
sábio em, para
sedento de, por
seguro de, em
sensível a
sito em (e não "a")
situado em, entre
soberbo com
solícito com
sujo de
suspeito a, de
temeroso de
temível a
transido de
triste com, de
último a, de, em
união a, com, entre
único a, em, entre
útil a, para
vazio de
visível a
vizinho a, de

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, para certo ou errado.

146. ( ) Éramos em cinco na festa.
147. ( ) Éramos cinco na festa.
148. ( ) São excelentes pessoas, cuja colaboração estamos desejosos.
149. ( ) São excelentes pessoas, de cuja colaboração estamos desejosos.
150. ( ) É preferível perder a vida do que morrer.
151. ( ) É preferível perder a vida a morrer.
152. ( ) Ele é especialista e obediente às leis.
153. ( ) Ele é especialista em leis e obediente a elas.
154. ( ) Ela está desejosa e ansiosa por vencer.
155. ( ) Ela está desejosa e ansiosa de vencer.
156. ( ) Ela tem um sítio vizinho ao meu.
157. ( ) Compraste uma casa vizinha do meu terreno.
158. ( ) Com raiva ela bateu a porta.
159. ( ) Ela bateu à porta. Em seguida bateu na porta.
160. ( ) É dono de um terreno sito à Rua Alvorada.
161. ( ) Minha casa, sita na rua do Cais, nunca foi alagada.
162. ( ) Estamos situados no meio do problema.
163. ( ) Ele é avesso por ajuda de estranhos.
164. ( ) Júlia estava cobiçosa por ajuda.
165. ( ) Ele é devoto a Júpiter; ela é devota de Santa Teresa.

Observação:

Quando o regido for uma oração subordinada, é comum na norma popular e na linguagem coloquial deixar subentendida a preposição. (elipse da preposição)

Tenho necessidade ↓ que te protejam.

(de) elíptico

Porém, na norma culta, dá-se preferência à preposição expressa, e não elíptica.

Prática

■ De acordo com a norma culta, ou padrão, da Língua Portuguesa, assinale **C** ou **E**, para certo ou errado, referentemente à regência.

166. ( ) O delegado tinha certeza que tudo fora explicado.
167. ( ) O delegado tinha certeza de que tudo fora explicado.
168. ( ) Eu preciso que a encontrem.
169. ( ) Eu preciso de que a encontrem.
170. ( ) Estava receoso que tudo desse errado.
171. ( ) Estava receoso de que tudo desse errado.
172. ( ) Tinha confiança que tudo sairia certo.
173. ( ) Tinha confiança em que tudo sairia certo.

Prática Geral

174. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Observe as palavras destacadas e indique a frase que apresenta regência nominal **correta**.
a) Por ser muito estudioso, ele tinha grande **amor** a seus livros.
b) Havia muitos anos que não via o filho, por isso estava **ansioso** em vê-lo.
c) **Alheio** para com o julgamento, o réu permanecia calado.
d) Coitado! Foi preso porque era **suspeito** por um crime que não cometeu.
e) Tínhamos o **propósito** em dizer toda a verdade, mas nos impediram de fazê-lo.

175. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) A frase que apresenta **erro** de regência do verbo **assistir** é:
a) Não fui ver o filme, embora quisesse assistir-lhe.
b) Não lhe assiste o direito de humilhar ninguém.
c) Ele assiste às aulas sempre com muita seriedade.
d) Aqueles médicos assistem os doentes com dedicação.
e) Assistiu aos jogos da Seleção sem nenhum entusiasmo.

176. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Observe, nos períodos abaixo, a regência dos verbos e dos nomes.
I – As constantes faltas ao trabalho implicaram a sua demissão.
II – Procederemos à abertura do inquérito.
III – O cargo a que aspiramos é disputado por todos.
IV – Prefiro mais estudar do que trabalhar.
V – Sua atitude é incompatível ao ambiente.
Assinale a sequência que corresponde aos períodos **corretos**:
a) I, II, IV.
b) II, III, IV.
c) II, IV, V.
d) I, II, III.
e) I, III, IV.

177. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Marque a alternativa cujas palavras preenchem **corretamente** as respectivas lacunas, na frase seguinte:
"Necessitando _____ o número do cartão do PIS, _____ a data de meu nascimento." (Revendo Semântica)
a) ratificar / proscrevi.
b) prescrever / discriminei.
c) descriminar / retifiquei.
d) proscrever / prescrevi.
e) retificar / ratifiquei.

178. (ITA/Vest.) Assinale a opção **correta** quanto à regência.
Paradoxalmente, a redução das Forças Armadas iraquianas_____ proporções inferiores _____ necessárias _____ preservação do equilíbrio _____ nações vizinhas não é desejável, sobretudo _____

luz dos acontecimentos recentes, que atestam quanto é pequena a resistência desses países _____ tentações criadas _____ vácuo militar.

a) a / às / na / ante às / à / pelas / no.
b) a / às / à / com as / à / às / pelo.
c) em / àquelas / pela / nas / pela / em / pelo.
d) à / das / à / das / a / com as / do.
e) às / às / para a / ante as / com a / às / por.

179. (AFRESP/N.S.) Assinale a alternativa **correta**.
_____, por algum tempo, os elementos detidos.

a) Preveni-o que retesse.
b) Preveni-lhe que retesse.
c) Preveni-o de que retivesse.
d) Preveni-lhe de que retivesse.

180. (AFRESP/N.S.) Assinale a alternativa **correta**.
_____ crer que você tenha sido capaz de _____ a aceitar o cargo.

a) Custa-me / persuadi-lo.
b) Custo a / persuadir-lhe.
c) Custa-me / persuadir-lhe.
d) Custo a / persuadi-lo.

181. Assinale a opção em que a regência verbal, de acordo com as normas gramaticais, está **incorreta**.

a) O papeleiro custou muito a se esquecer da Baixinha.
b) Os vizinhos assistiam o papeleiro com sobras de comidas.
c) O dono da carrocinha pagou ao ajuntador de papéis a importância devida.
d) O personagem preferia a cachaça ao café.
e) O homem já não se lembrava mais do que era um bom banho.

182. Assinale a frase com **erro** de regência.

a) Aspiro ao cargo de chefe do departamento de Desenho Artístico.
b) Assisti aos debates dos estudiosos da arte.
c) Obedeça aos mestres das épocas passadas.
d) Abracei-lhe dizendo que era um ótimo artista e desenhista.
e) João, vim aqui para ajudá-lo.

183. Analise as construções abaixo.
I – A lei permite que o sujeito fique livre.
II – A lei permite-lhe ficar livre.

Assinale a opção **correta**.

a) Em II, o pronome pessoal não exerce função de complemento verbal.
b) Os dois períodos têm sentido equivalente, embora apresentem regências diferentes.
c) A regência não está correta em I.
d) Em I, o conectivo **que** tem, também, a função de objeto direto.
e) Os dois períodos apresentam a mesma regência e o mesmo sentido.

Colocação ou Topologia Pronominal

Existem três posições para os pronomes oblíquos átonos – me, te, se, nos, vos, o(s), a(s), lhe(s) – em relação ao verbo:

PRÓCLISE **VER** MESÓCLISE **BO** ÊNCLISE

A colocação pronominal (ou topologia pronominal) deve ser estudada considerando a relação dos pronomes oblíquos átonos com:

I – um só verbo;

II – o infinitivo;

III – as locuções verbais.

COM UM SÓ VERBO

PRÓCLISE **VERBO**

São fatores de próclise obrigatória

Os fatores obrigatórios que atraem o pronome para **antes** do verbo são:

Palavra negativa ou advérbio (não seguidos de pausa)

Prática

■ Escolha a letra que corresponde à lacuna a ser preenchida corretamente com o pronome entre parênteses.

1. Ele escreveu de uma maneira que **não** _____ (a) limita _____ (b) a apresentar os fatos. (se)
2. Ele é gente boa, **nunca** _____ (a) meteu _____ (b) em confusão. (se)
3. **Nunca**; _____ (a) partiu _____ (b), assim mesmo, o coração. (me)
4. Mesmo doente, **jamais** _____ (a) isolei _____ (b) dentro de casa. (me)

5. **Jamais,** _____ afirmo _____ de novo. (lhe)
   a b
6. O psiquiatra apoiou-o e **hoje** _____ considera _____ curado. (se)
   a b
7. **Amanhã** _____ tornar- _____-ás um líder. (te)
   a b
8. **Amanhã,** _____ tornar- _____-ás um líder. (te)
   a b
9. Nós **sempre** ____ sentimos ____ bem durante os longos voos. (nos)
   a b
10. Na mesma noite, recebeu a notícia de que **talvez** _____ tivessem _____ levado. (o)
    a b

Pronome relativo

Prática

■ Escolha a lacuna adequada à colocação pronominal.

11. Não criticava os meios de comunicação, **que** _____ davam _____ espaço. (lhe)
    a b
12. Não faltaram barracas, **onde** _____ abrigamos _____. (nos)
    a b
13. A injustiça foi maior pelo modo **como** _____ trataram____. (te)
    a b

Pronome indefinido ou numeral <u>ambos</u> (não seguidos de substantivo)

Prática

■ Escolha a lacuna adequada.

14. Agora, **tudo** _____ serve _____ como desculpa. (lhe)
    a b
15. **Muitos** _____ valerão _____ do seu apoio incondicional. (se)
    a b
16. Esse episódio revelava que **ninguém** _____ apoiaria _____. (a)
    a b
17. A verdade é que **ambos** _____ desentenderam _____. (se)
    a b

Pronome demonstrativo (não seguido de substantivo)

Prática

■ Escolha a lacuna.

18. Não era a primeira vez que **isso** _____ acontecia _____. (lhe)
    a b
19. **Aquele** _____ realizou _____ com o objetivo de discutir um assunto polêmico. (se)
    a b

Conjunção subordinativa (mesmo subentendida)

Prática

■ Escolha a lacuna.

20. Se _____ (a) sentia _____ (b) mal no trânsito, parava. (me)
21. Tratar sem medicamento, como _____ (a) vê _____ (b), é possível. (se)
22. Caso _____ (a) encontre- _____ (b), diga-lhe que ____ (c) esperamos ____ (d). (o, o)
23. Peço _____ (a) faças _____ (b) um favor. (me)

Oração exclamativa

Prática

■ Complete as lacunas certas.

24. Como _____ (a) custou _____ (b) caro a liberdade! (nos)
25. Quanto tempo _____ (a) perde ____ (b) com coisas inúteis! (se)

Oração interrogativa (com verbo flexionado)

Prática

■ Complete as lacunas certas.

26. Ele me perguntou por que _____ (a) apoiei _____ (b). (te)
27. Quem _____ (a) habilita _____ (b) a investir num setor falido? (se)

Oração optativa (exprime desejo, sem verbo que o exprima, e tem entonação exclamativa)

Prática

■ Complete as lacunas certas.

28. Bons ventos _____ (a) levem _____ (b). (o)
29. Deus _____ (a) acompanhe _____ (b). (te)
30. Que a terra _____ (a) seja _____ (b) leve. (lhe)

Em + verbo no gerúndio

Prática

■ Complete as lacunas certas.

31. Em _____ (a) tratando _____ (b) de política, ele se abstém de opinar. (se)

32. Em _____ falando _____ de filosofia, é impossível ignorar os gregos. (se)
a b

Sujeito expresso por pronome reto ou de tratamento (anteposto ao verbo)

Prática

■ Complete as lacunas certas.

33. Eu _____ lembro _____. (me)
a b

34. Tu _____ lembras _____. (te)
a b

35. Ele _____ lembra _____. (se)
a b

36. Você _____ lembra _____. (se)
a b

37. Nós _____ lembramos _____. (nos)
a b

Observação:

Fator Facultativo da Próclise

Sujeito expresso por substantivo anteposto ao verbo

Exemplo: As grandes estrelas / se escondem / em suas mansões.
As grandes estrelas / escondem-se / em suas mansões.

VER - MESÓCLISE - BO

A mesóclise ocorre somente com verbos no futuro do presente ou no futuro do pretérito (o verbo é dividido após a última letra "r").

Encontrar-**se**-ão novas maneiras de resolver esses problemas.

Esse material ser-**nos**-ia muito útil.

Havendo um fator de próclise obrigatória, não use mesóclise.
Não se encontrarão novas maneiras de resolver esses problemas.
Qualquer um nos seria útil agora.

Admite-se, optativamente, a próclise com verbos no futuro do presente ou do pretérito, quando o sujeito da oração está expresso, anteposto ao verbo.
A cidade curvar-**se**-ia aos seus encantos.
A cidade **se** curvaria aos seus encantos.

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

38. ( ) Farei-me poeta.
39. ( ) Fazer-me-ei poeta.
40. ( ) Far-me-ei poeta.
41. ( ) Faria-me poeta.
42. ( ) Fazer-me-ia poeta.
43. ( ) Far-me-ia poeta.
44. ( ) A sirene despertar-me-á.
45. ( ) A sirene me despertará.

VERBO ■ ÊNCLISE

Normalmente os pronomes oblíquos átonos são usados como objeto direto ou objeto indireto. Nesse caso, a posição **preferencial**, segundo a norma culta, ou padrão, é a **ênclise**, porque, na ordem direta, os objetos vêm após o verbo.

Casos de ênclise

Orações iniciadas por verbo (que não esteja no futuro do presente ou do pretérito): ênclise obrigatória.

Prática

■ Faça a colocação pronominal correta.

46. ____ (a) Evidencia-____ (b) uma certa má vontade em sua atitude. (se)
47. ____ (a) Contou-____ (b) essa história um antigo morador do lugar. (me)
48. ____ (a) Uni-____ (b) para vencer. (vos)

Verbo no imperativo afirmativo: ênclise obrigatória, inexistindo termo atrativo.

Prática

■ Faça a colocação pronominal correta.

49. Pegue qualquer um dos livros. ____ (a) Leia-____ (b). (o)
50. Aqui estão as cartas: ____ (a) remeta-____ (b). (as)
51. Tome uma decisão e ____ (a) firme-____ (b) nela. (se)

Atenção:

Em provas, quando você tiver dúvida, e não houver fator obrigatório de próclise, opte pela mesóclise ou ênclise, que são as tradicionalmente preferidas pela norma culta, ou padrão.

Prática

■ Opte pela preferência da norma erudita.

52. Mas as pessoas ____ (a) sentem ____ (b) capazes de ajudar. (se)
53. As meninas ____ (a) arrepender-____ (b)-iam, anos mais tarde. (se)

COM INFINITIVO

1. A ênclise ao infinitivo estará sempre correta.

   Ver bem é enxergar-se.
   Bastou olharem-se e...

2. Quando o infinitivo vier preposicionado, mesmo havendo fator de atração, pode-se construir com **próclise** ou **ênclise**.

   Veio-lhe o impulso **para não me** chamar.
   Veio-lhe o impulso **para não** chamar-**me**.

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

54. ( ) Ela estava ali para te ver.
55. ( ) Ela estava ali para ver-te.
56. ( ) Tinha intenção de não te ofender.
57. ( ) Tinha intenção de não ofender-te.

Atenção:

Se o infinitivo vier precedido da preposição **a**, não se pode juntá-la ao oblíquo o (a, os, as), e a próclise é proibida.

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

58. ( ) Estava decidido a a convidar.
59. ( ) Estava decidido a convidá-la.
60. ( ) Estava propenso a o perdoar.

61. ( ) Estava propenso a perdoá-lo.
62. ( ) Estava decidido a te convidar.
63. ( ) Estava decidido a convidar-te.

COM LOCUÇÃO VERBAL

As locuções verbais se formam com **verbo auxiliar** e **verbo principal**, podendo o principal estar no **infinitivo**, no **gerúndio** ou no **particípio**.

V. AUXILIAR	+	INFINITIVO
vou		amar

V. AUXILIAR	+	GERÚNDIO
estou		amando

V. AUXILIAR	+	PARTICÍPIO
tenho		amado

FORMA 1		FORMA 2
Vou-te amar	ou	Vou te amar?
Estou-te amando	ou	Estou te amando?
Tenho-te amado	ou	Tenho te amado?

64. Você prefere a forma 1 ou 2? _____
65. A norma culta, ou padrão, prefere qual das duas? _____

!! Atenção: COM LOCUÇÃO VERBAL

1. O particípio **nunca** aceita a ênclise.

   Tenho amado-~~te~~.

2. O particípio não aceita oblíquo átono, somente tônico (preposicionado).

   Tenho amado **a ti**.

3. O infinitivo e o gerúndio **sempre** aceitam **ênclise**.

   Estou amando-**te**.

Não estou amando-**te**.
Vou beijar-**te**.
Não vou beijar-**te**.

4. Os auxiliares aceitam próclise, ênclise ou mesóclise como se fossem um verbo só, segundo as regras já vistas.

Vou-**te** amar.
Não **te** vou amar.

5. O pronome átono pode vir solto entre verbos se estiver preposicionado:

Começou **a lhe** dizer.
Gostava **de me** agradar.

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

66. ( ) Eu me devo calar.
67. ( ) Eu devo me calar.
68. ( ) Eu devo-me calar.
69. ( ) Eu devo calar-me.
70. ( ) Ele vai arrastando-se.
71. ( ) Ele se vai arrastando.
72. ( ) Ele vai se arrastando.
73. ( ) Ele vai-se arrastando.
74. ( ) Eles haviam-me avisado.
75. ( ) Eles me haviam avisado.
76. ( ) Tu não te deverias calar.
77. ( ) Tu não dever-te-ias calar.
78. ( ) Tu não deverias te calar.
79. ( ) Tu não deverias calar-te.
80. ( ) Deverias-te calar.
81. ( ) Deverias calar-te.
82. ( ) Dever-te-ias calar.
83. ( ) Deverias te calar.
84. ( ) Eles haviam me avisado.
85. ( ) Eles haviam avisado-me.

86. Se, numa questão, um examinador pede a forma **incorreta** e você percebe que todas as alternativas estão certas, mas uma delas apresenta um oblíquo átono solto entre dois verbos, é essa que você deve escolher. Quais os números do exercício anterior que podem ser considerados **errados**, segundo as visões mais tradicionais?
Resp.: _____

Prática Geral

87. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Assinale a frase em que o pronome oblíquo átono está colocado **incorretamente**.
a) O guarda chamou-nos a atenção para os pivetes.
b) Quantas lágrimas se derramaram pelo jovem casal!
c) Ninguém nos convencerá de que esta notícia seja verdadeira.
d) As pessoas afastaram-se daquele pacote suspeito.
e) O vizinho cumprimentou o casal, se retirando imediatamente.

88. (BRB/N.M./IDR) Assinale a sentença em que foram respeitadas as regras de colocação dos **pronomes oblíquos átonos**.
    a) Em se tratando de denúncias contra funcionários do alto escalão, nada o impedia de divulgar informações esclarecedoras.
    b) Jamais entregar-lhe-ei a fita gravada a que se referiu o delegado durante o inquérito, lhe disse o acusado em alto e bom som.
    c) Lhe contou tudo que sabia, pouco importando-se com o fato inevitável de todos voltarem-se contra ele.
    d) Restringirei-me a mencionar fatos que relacionam-se diretamente à matéria tratada neste relatório.

89. (ATCL-DF/N.S./IDR) Indique o período **correto** quanto à colocação do pronome pessoal oblíquo átono.
    a) Se o considerasse incapaz, jamais dar-lhe-ia tal incumbência.
    b) Meu pai trouxe-o de Londres e pediu-lhes que não deixassem-no estragar.
    c) Não o aceitariam, em hipótese alguma, nem deixar-se-iam enganar.
    d) Não se esqueça de consertá-lo e de devolvê-lo o quanto antes.

90. Assinale a frase **incorreta** quanto à colocação de pronomes átonos.
    a) O que lhe contei é a pura verdade.
    b) Nunca repita-me tal coisa.
    c) Já se pôs o Sol no horizonte.
    d) Alguém me disse para ficar aqui.
    e) Sempre me lembro dela com carinho.

91. Assinale o item que apresenta pronome átono colocado **corretamente**.
    a) Nesta loja, se compram os mais variados artigos.
    b) Dizia-se que ele enlouquecera.
    c) Fui eu quem falou-te daquela vez.
    d) A estátua que dedicaram-lhe é de pedra.
    e) Quem obrigou-te a assinar aquele documento?

92. De acordo com a norma culta, assinale a construção **incorreta**.
    a) As crianças também se tinham esquecido.
    b) Passada a surpresa, ainda se sentiu mais borocochô.
    c) Engasgado, não confessou-lhe toda a verdade.
    d) Os quinze minutos atropelaram-se.
    e) Sua mulher, seus filhinhos e a secretária já o esperavam cantando "Parabéns para você".

■ Coloque os pronomes oblíquos nos locais adequados.

93. Fiquei duas horas a _____ (1) esperar _____ (2). (o)

94. De repente veio o grito: _____ (1) prepara _____ (2) para a luta. (te)

95. Ensina-se o bem, _____ (1) fazendo _____ (2). (o)

96. _____ (1) junta _____ (2) aos bons e serás um deles. (te)

97. Não _____ (1) preocupar _____ (2) emos com isso. (nos)

98. _____ (1) deite _____ (2), gritou a irmã. (se)

99. Quantas alegrias _____ (1) conquistaram _____ (2) nas Olimpíadas! (se)

100. Quem _____ (1) matriculou _____ (2) primeiro? (se)

101. Deus _____ (1) guarde _____ (2) meu filho! (te)

102. Em _____ (1) tratando _____ (2) de opções, temos três. (se)

103. Ninguém _____ (1) ajudou _____ (2) a _____ (3) convencer _____ (4). (nos/o)

104. Há pessoas que _____ (1) admiram _____ (2). (nos)

105. Estarei aí, se _____ (1) convidarem _____ (2). (me)

106. Alguém _____ (1) viu _____ (2) quando _____ (3) abriu _____ (4) aquela porta. (nos/se)

107. Depois, _____ (1) chamaram _____ (2) para dentro. (nos)

■ Nas frases seguintes, pode haver mais de uma opção.

108. _____ (1) sentir _____ (2) ei _____ (3) tranquilo (me), porque o amigo _____ (4) convidou _____ (5). (me)

109. Voltei para _____ (1) convidar _____ (2). (vos)

110. Eu _____ (1) voltar _____ (2) ei _____ (3) para teus assuntos. (me)

111. O Carlos _____ (1) contou _____ (2) a verdade. (lhe)

112. O Carlos _____ (1) contou _____ (2) a verdade? (lhe)

113. Esta _____ (1) dar _____ (2) ia _____ (3) muito prazer. (nos)

■ Continue na prática.

114. Jamais _____ (1) disse _____ (2) o que acho de você. (lhe)

115. Falarei com quem _____ convidou _____. (a)
1 2

116. Viajo hoje mesmo, embora _____ desagrade _____. (te)
1 2

117. À noite, sempre, _____ fecham _____ as portas das casas. (se)
1 2

118. Que a experiência _____ sirva _____ de lição. (nos)
1 2

119. Tudo _____ acalmar _____ á _____. (se)
1 2 3

120. _____ acalmar _____ á _____ tudo. (se)
1 2 3

121. Sempre _____ considerar _____ ei _____ um bom exemplo. (te)
1 2 3

122. Como _____ enganas _____, meu amigo! (te)
1 2

123. _____ dá _____ um abraço bem apertado. (me)
1 2

■ Elimine a primeira palavra e reescreva a frase.

124. Isto me será bastante fácil.

_____

125. Não a beijarei mais.

_____

126. Jamais te perdoarei.

_____

127. Não me trarás resposta.

_____

128. Você o fará bem.

_____

129. Nós nos poremos a seu dispor.

_____

130. (F. C. Chagas) Quanto _____ se _____ no ponto que _____ _____.

a) alegrar-nos-íamos / atendêsseis-nos / solicitamos-vos.
b) alegraríamo-nos / atendêsseis-nos / solicitamos-vos.
c) alegrar-nos-íamos / atendêsseis-nos / solicitamos-vos.
d) nos alegraríamos / atendêsseis-nos / vos solicitamos.
e) nos alegraríamos / nos atendêsseis / vos solicitamos.

131. (F. C. Chagas) Nem sequer _____ das coisas que _____ quando _____ .

a) se lembra / disse-me / procurei-o.
b) se lembra / me disse / procurei-o.

c) lembra-se / disse-me / o procurei.
d) se lembra / me disse / o procurei.
e) lembra-se / me disse / procurei-o.

132. Com relação à colocação pronominal, assinale a descrição gramatical **incorreta**.
a) Em "não tem permitido que se explique", ocorre próclise pronominal porque a forma verbal no particípio rejeita a posição de ênclise.
b) Em "onde menos se imagina", a próclise é obrigatória por tratar-se de estrutura sintática de oração subordinada desenvolvida.
c) Em "Os cargos executivos monopolizam as atenções", a substituição do objeto direto por um pronome pessoal oblíquo resultaria em: **Os cargos executivos monopolizam-nas**.
d) Em "É do prefeito a iniciativa, cabendo aos vereadores acatá-la ou recusá-la", é gramaticalmente inaceitável a colocação pronominal de próclise às formas dos verbos **acatar** e **recusar**.
e) Em "fica difícil fazer o mesmo", a substituição do objeto direto por um pronome pessoal oblíquo resultaria em: **fica difícil fazê-lo**.

Crase

CONCEITUAÇÃO

Observe:

regência

Ela pensa em o irmão.

termo subordinante — prep. — termo subordinado

regência

Ela gosta de o tio.

termo regente — prep. — termo regido

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

1. ( ) A preposição coordena termos.
2. ( ) A preposição une dois termos subordinando o segundo ao primeiro.
3. ( ) É o termo subordinado que determina qual a preposição a ser usada.
4. ( ) A escolha da preposição a ser usada pertence ao termo subordinante e se chama regência.
5. ( ) O termo subordinante é o termo regente.
6. ( ) O termo subordinado é o termo regido.

Prática

7. Ela gosta **de** + **o** José = Ela gosta _____ José.
8. Ela foi **a** + **o** teatro = Ela foi _____ teatro.
9. Ele gostou **de** + **aquele** filme = Ele gostou _____ filme.

Observe:

As preposições contraem-se ou combinam-se com **artigos** e **pronomes** do termo regido.

	preposição		artigo		
Ela foi	a	+	o(s)	teatro(s)	→ a + o(s) = ao(s) teatro(s)
Ela foi	a	+	a(s)	igreja(s)	→ a + a(s) = à(s) igreja(s)

CRASE

	preposição		pronome demonstrativo		
Refiro-me	a	+	o(s)	que ama(m)	[a + o(s) = ao(s) que ama(m)]
Refiro-me	a	+	a(s)	que ama(m)	[a + a(s) = à(s) que ama(m)]

CRASE

	preposição		pronome demonstrativo		
Refiro-me	a	+	aquela(s)	menina(s)	[a + aquela(s) = à quela(s)]
Refiro-me	a	+	aquele(s)	menino(s)	[a + aquele(s) = à quele(s)]
Refiro-me	a	+	aquilo		[a + aquilo = à quilo]

CRASE

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

10. ( ) Crase é fusão de dois "**as**".
11. ( ) O primeiro **a** da crase é uma preposição.
12. ( ) O segundo **a** da crase é uma preposição.
13. ( ) O segundo **a** é um artigo, um pronome demonstrativo ou a vogal inicial do demonstrativo **aquele**, **aquela**, **aquilo**.
14. ( ) **à** ou **às** (com acento grave) indica existência de crase, isto é, fusão de dois **as**.
15. ( ) **à** ou **às** indica existência de substantivo feminino.
16. ( ) O masculino de **à** ou **às** é **ao** ou **aos**.
17. ( ) Para haver crase, é necessário um termo regendo a preposição **a**.
18. ( ) Para haver crase, é necessário que o termo regido seja feminino.
19. ( ) Sempre que houver preposição **a** + **aquela**, **aquele**, **aquilo**, haverá crase.
20. ( ) Sempre que no masculino se escrever **ao** ou **aos**, no feminino haverá crase.

MÉTODO PRÁTICO

Troque a palavra feminina por outra que seja masculina.
Se no masculino aparecer obrigatoriamente **ao** ou **aos**, no feminino haverá crase.
Se no masculino for facultativo **a** ou **ao(s)**, a crase poderá ser usada ou não.

Prática

■ Leve para o feminino.

21. Refiro-me a menino. ➜ Refiro-me _____ menina.
22. Refiro-me ao menino. ➜ Refiro-me _____ menina.
23. Refiro-me a meninos. ➜ Refiro-me _____ meninas.
24. Refiro-me aos meninos. ➜ Refiro-me _____ meninas.

■ Assinale **C** ou **E**.

25. ( ) Entre as práticas 21 e 22 só há diferença na escrita. Semanticamente (= no sentido) são iguais.
26. ( ) Nas práticas 21 e 23, a falta do artigo deixa o substantivo com uma ideia vaga, genérica, indefinida.
27. ( ) Nas práticas 22 e 24, a presença do artigo define, determina o substantivo **menino**. Não se trata mais de qualquer menino, mas de alguém que falante e ouvinte conhecem.

CASOS ESPECIAIS

Crase em locuções

Locuções prepositivas com palavras femininas

à cata de, à moda de, à custa de, à força de, à procura de, à guisa de, à beira de...

Observação:

As locuções prepositivas sempre terminam em **preposição**.

Locuções conjuntivas com palavras femininas

à medida que, à proporção que...

Observação:

Quase todas as locuções conjuntivas terminam em **que**.

Locuções adverbiais com palavras femininas

às vezes, às claras, às ocultas, às pressas, à toa, às fartas, às escondidas, à noite, à tarde, à vista, à direita, à esquerda, à socapa, às terças-feiras.

Prática

■ Corrija, se necessário.

28. Pedro estava a procura de uma desculpa. A medida que ia comendo e a proporção que o dia clareava, também clareavam seus pensamentos. Aquela hora, corria ainda vinho e champanha a farta. Uns bebiam as claras, outros as escondidas, outros as pressas, porém todos a larga.

Crase em lugares

Há topônimos que repelem artigo feminino, portanto não aceitam crase. Teste-os assim: **Venho + de + tôponimo** e use o bom senso.

Se venho **de** Paris, vou **a** Paris.	(só preposição: sem crase)
Se venho **de** Fortaleza, vou **a** Fortaleza.	(só preposição: sem crase)

Mas,

Se venho **da** Bahia, vou **à** Bahia.	(prep. + artigo = crase)
Se venho **da** Itália, vou **à** Itália.	(prep. + artigo = crase)

Faça uso deste processo mnemônico:
Se vou **a** e venho **da**, crase há;
Se vou **a** e venho **de**, crase p'ra quê?

Prática

■ Corrija, quando necessário.

29. Júlia foi a padaria, a manicura, a modista e voltou a repartição antes de viajar. Por pouco não chegava a estação a tempo de tomar o trem que a levaria a Recife. De Recife viajará a Portugal, a Espanha, a França, a Inglaterra, a Holanda e a Israel. É a primeira vez que visitará a Europa. No próximo ano pretende ir a África.

Observação:

No final do século XIX, era chique usar sem artigo topônimos como França, Inglaterra, Espanha, Holanda, África, Ásia..., motivo pelo qual está correto dizer:

Venho de França / Vou a França
Venho de Inglaterra / Vou a Inglaterra

Hoje, porém, tais construções denotam **pedantismo**.

Crase com distância

Distância não definida	O disco foi lançado a distância. Ele estava a distância do grupo.
Distância determinada	Foi lançado **à** distância **de 60 metros**.

Prática

■ Acentue, se for preciso.

30. Ele parou a distância de um quarteirão.
31. Ela chegou a pequena distância da casa.

Crase com horas

Hora exata de relógio	A aula começa **às** oito horas. Ele saiu **às** sete e quinze. Cheguei **à** uma hora da tarde.
Hora aproximada	Vou lanchar daqui **a** uma hora. Vou lanchar daqui **a** três horas.

Atenção para o paralelismo:

O filme vai **de** oito **a** dez e meia.
prep. prep.

O filme vai **das** oito **às** dez e meia.
prep. + artigo prep. + artigo

Prática

■ Preencha adequadamente as lacunas.

32. É bom chegares ___ duas horas.
33. ___ três horas que gastou no trabalho foram recompensadas.
34. Estudo de duas ___ quatro horas por dia.
35. Trabalho das oito ___ dezoito.

Atenção:

A quebra do paralelismo na crase torna mais evidente e próximo o sentido do termo antecedido pelo artigo.

O filme vai de oito às dez e meia em ponto.
Refiro-me a Tereza e à Júlia.

Crase com pronomes relativos

a) Conheço o homem **cujo** filho passou em primeiro lugar, e **cuja** irmã chegou da Índia.	Nunca há crase antes de **cuja(s)** porque este pronome não aceita artigo.
b) Eis o rapaz **ao** qual me referi. Eis a moça **à** qual me referi. Eis as moças **às** quais me referi.	Usa-se **à qual**, **às quais**, com crase, quando se opõem a **ao qual**, **aos quais**.
c) Refiro-me **ao** que usa bigode. Refiro-me **à** que usa luvas. Refiro-me **aos** que usam bigode. Refiro-me **às** que usam batom. Eis o rapaz **a** que me referi. Eis a moça **a** que me referi.	Usa-se **à que**, **às que**, com crase, quando se opõem a **ao que**, **aos que**. Neste caso, é CRASE da preposição **a** com o **pronome demonstrativo a(s)**, que é igual a **aquele(a)**.

Prática

■ Corrija.

36. Ela se dirigiu aquele que estava a meu lado e a que se mantinha em pé.
37. Este é o senhor a cuja filha me aliei.
38. Não me presto aquilo que vocês querem.
39. Admiro aquela deputada, a que te uniste.

Crase com casa

a) Cheguei **de** casa hoje. Estou **em** casa agora. Voltei **a** casa ontem.	**Casa** significando **própria morada** não aceita artigo, portanto não há crase.
b) Cheguei d**a** casa **de José**. Estou n**a** casa **nova**. Regressou **à** casa **materna**. Voltou **à antiga** casa. Referiu-se **à** casa **de Orleans**.	Quando a palavra **casa** aparece acompanhada de um determinante, justifica-se a presença do artigo e se justifica a crase, mas não é obrigatório.

Prática

■ Qual a diferença de sentido?

40. Referia-se a belas casas.	Referia-se às belas casas.
41. Estou em casa de José.	Estou na casa de José.
42. Vou a casa de José.	Vou à casa de José.

Crase com terra

a) Os astronautas voltaram **à** Terra. Voltou **à** terra em que estudou. O lavrador se apega **à** terra que cultiva. Do céu **à** terra, o infinito.	Normalmente a palavra **terra** aceita artigo e, portanto, CRASE.
b) Estamos a bordo mas vamos **a** terra. Chegado o navio, os marujos desceram **a** terra.	Em linguagem náutica, **terra** opõe-se a **bordo** e não usa artigo. Portanto, SEM CRASE.
c) Os marujos desceram **à** terra **dos Vikings**.	Uso de determinante justifica o artigo e a crase.

Crase com até ou até a

Prática

■ Use **até**

43. Caminharam _____ o portão.
44. Ele foi _____ a divisa.
45. Ele chegou _____ aquele morro.

Use **até a**

Caminharam _____ o portão.
Ele foi _____ a divisa.
Ele chegou _____ aquele morro.

Como não se sabe se foi usada a preposição **até** ou a locução prepositiva **até a**, a crase é facultativa.

Crase com pronomes possessivos

Refiro-me **a(o)**	teu	irmão	e não **ao**	meu	∅
preposição / artigo (facultativo)	PRON. POSSESS.	SUBSTAN-TIVO	preposição / pronome demonstrativo (obrigatório)	PRON. POSSESS.	∅

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

46. ( ) O possessivo pode vir seguido de substantivo.
47. ( ) O possessivo pode vir sozinho, isto é, não seguido de substantivo.
48. ( ) O possessivo seguido de substantivo pode ou não usar artigo: meu filho/o meu filho.
49. ( ) O possessivo sozinho, isto é, sem substantivo, usa artigo.
50. ( ) O possessivo sozinho vem antecedido de pronome demonstrativo obrigatório.
51. ( ) Quando o possessivo feminino vem acompanhado de substantivo, a crase é facultativa.
52. ( ) A crase antes de possessivo feminino só é obrigatória quando o possessivo não vem acompanhado de substantivo.
53. ( ) Refiro-me a tua irmã e não a minha.
54. ( ) Refiro-me à tua irmã e não à minha.
55. ( ) Refiro-me a tua irmã e não à minha.
56. ( ) Refiro-me a tuas irmãs.
57. ( ) Refiro-me as tuas irmãs.

Crase com antropônimos femininos (nomes de mulheres)

– Cláudia chegou. **A** Cláudia chegou. – José partiu. **O** José partiu.	Antropônimos têm artigo facultativamente, portanto a crase também é facultativa.

Prática

58. Qual a diferença semântica entre os pares de enunciados?
    a) Fiz referência a Ester. Fiz referência à Ester.
    b) Apresentou elogios a Marlene. Apresentou elogios à Marlene.
    c) Referia-se a Ernesto. Referia-se ao Ernesto.

Resp.: _____

_____

59. Se o antropônimo vier determinado por adjunto, o que acontece com o artigo? Opte por uma ou duas das respostas.
    a) É facultativo: "Refiro-me a Ernesto careca."
    b) Passa a ser usado: "Refiro-me ao Ernesto careca."
    c) Passa a ser usado: "Refiro-me à Teresa caolha."

Observação:

O antropônimo pode ficar sem artigo quando só tem predicativo:
Refiro-me a Ernesto, careca.

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

60. ( ) Quando o antropônimo se refere a amigo, parente ou pessoa muito próxima, o artigo aparece.
61. ( ) Fiz um elogio à Gabriela, minha sobrinha.

Crase em à moda (de)

Observe: Servia-se **à** francesa. Cantava **à** Caetano Veloso.
Bebia **à** siciliana. Usava roupas **à** Luis XIV.

Usa-se o acento grave, indicativo de crase, mesmo antes de masculino, quando se tem subentendida a expressão "**à moda (de)**".

Prática

■ Complete as lacunas.

62. Ele se portava ____ Napoleão.
63. Alimentava-se ____ mineira.

NÃO HÁ CRASE

Antes de substantivos masculinos, não há crase.

Refiro-me a Antônio. Vou ao Rio. Pinto a óleo.

64. Por quê? Resp.: _____

_____

Atenção:

Há sinal grave, indicativo de crase, mesmo antes de masculino quando se tem subentendida a expressão "à moda de".

Cantava à Caetano Veloso. Usava roupas à Luís XIV.

Antes de verbos, não há crase.

Estava a pensar. Estou disposto a vencer.

65. Por quê? Resp.: _____

_____

Antes de pronomes pessoais, não há crase.

Dirigi-me **a** ela, **a** ti, **a** elas.

66. Por quê? Resp.: _____

_____

Antes de pronomes de tratamento, não há crase. (Exceções: Madame, Senhora, Senhorita, Dona)

Refiro-me **a** Vossa Excelência, que faz críticas **a** Sua Santidade.

67. Por quê? Resp.: _____

_____

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

68. ( ) Refiro-me a Senhor Joaquim.
69. ( ) Refiro-me ao Senhor Joaquim.
70. ( ) Refiro-me a rapaz Joaquim.

71. ( ) Refiro-me ao rapaz Joaquim.
72. ( ) Refiro-me a cavalheiro Joaquim.
73. ( ) Refiro-me ao cavalheiro Joaquim.
74. ( ) Refiro-me a Dom Joaquim.
75. ( ) Refiro-me ao Dom Joaquim.

■ Conclua.
Havendo antecedência de preposição **a**, a crase,
76. antes de **Madame**, é _____: Dirijo-me _____ **Madame** (Fernanda).
77. antes de **Senhora**, é _____: Dirijo-me ___ **Senhora** (Josefa).
78. antes de **Senhorita**, é _____: Dirijo-me ___ **Senhorita** (Andreia).
79. antes de **Dona**, é _____: Dirijo-me ___ **Dona** Júlia.

Antes de artigos indefinidos e pronomes indefinidos, não há crase.

Prática

Referia-me a uma valsa.
Referia-me a certa valsa.
Referia-me a nenhuma valsa.
Referia-me a cada valsa.
Referia-me a nada, a qualquer, a toda, a ninguém, a alguém...

80. Por quê? Resp.: _____
_____

Expressões constituídas de substantivos repetidos normalmente não usam artigo, por isso não ocorre crase.

Prática

81. Houve receptividade de parte _____ parte.
82. Bebeu gota _____ gota o que lhe deram.
83. Estudou o livro de ponta _____ ponta.
84. Montava sua resposta de palavra _____ palavra.

Antes de pronomes demonstrativos, não se tem crase. (Exceções: aquela(s), aquele(s), aquilo)

Prática

Refiro-me a esta, a essa...

85. Por quê? Resp.: _____

_____

Se existe um **a** sem **s**, antes de plural, ele é só uma preposição. Não pode haver crase.

Prática

Refiro-me a pessoas, a mulheres, a crianças...

86. Por quê? Resp.: _____

_____

Cuidado com o **paralelismo**. Termos de mesma função têm, normalmente, mesmo tratamento.

Prática

87. Refiro-me ao Apolo e ___ Afrodite.
88. Refiro-me a Apolo e ___ Afrodite.

A expressão "**cheirar a**" normalmente não gera crase.

Prática

■ Preencha com a / ao / à.

89. Isto me cheira ___ peixe.
90. ___ sua fala cheira ___ antiguidade.

Observação final:

O acento grave, indicativo de crase, deve ser usado para evitar ambiguidade (duplo sentido).

Ela cheira à pinga (tem cheiro de pinga).
Ela cheira a pinga (sente o cheiro da pinga).

HÁ ≠ A

HÁ	➜ Verbo **haver**: **Há** sempre soluções melhores. ➜ Tempo passado: Estudo **há** três anos. ➜ Permutável por **faz**: **Há** três noites que eu não durmo...
A	➜ Tempo futuro: Voltarei daqui **a** três meses. ➜ Artigo definido: **A** vitória sempre chega. ➜ Preposição: Voltei **a** casa cedo. ➜ Pronome oblíquo: Deus **a** proteja, minha filha. ➜ Pronome demonstrativo: Guardei **a** que você me deu.

Prática

■ Preencha as lacunas com **a**, **à**, **as**, **às**.

91. Ela foi ___ feira, depois ___ modista.
92. Debatemos ___ respeito da matéria e chegamos ___ conclusão final ainda ___ tempo.
93. Ele é insensível ___ dor e propõe-se ___ assistir ___ filmes de guerra e ___ mutilações neles contidas.
94. Isto me cheira ___ velhice e ___ asneira.
95. Erigiram-se templos ___ Júpiter e ___ Minerva.
96. Não costumava ir ___ todas as festas.

■ Use o sinal indicativo de crase, conforme as regras vistas.

97. Ele ficou a conjecturar por que não bateram palmas a porta.
98. Não retornou a casa sem antes telefonar a sua mãe.
99. Não me referi a que chorava, mas a que ria.
100. Não me dirigi a este, mas aquele menino.
101. Referia-me a tua irmã e não a dele, nem a minha.
102. Voltou o filho a casa dos pais.
103. Voltou o filho a casa.
104. Ele fala a nordestina, se veste a mineira, come a baiana e canta a Gilberto Gil.
105. Eles ficaram cara a cara, frente a frente com o monstro, face a face com o perigo.
106. Aludi a minha prima e a Marília bela.
107. Escrevo a lápis e não a caneta.
108. Assistiu a aulas de violino, a tarde.
109. Voltarei a Argentina, a Itália e a Portugal.
110. As onze horas, havia ainda bebida a farta.
111. Solicito a Vossa Excelência que se mova a procura de uma solução adequada a esta situação.

112. A medida que ele se unia a Dona Inês, unia-se também a Senhorita Cláudia e a Madame Cristine.
113. Ele estava submetido a enorme depressão quando retornou a Brasília para dedicar-se a pessoas desconhecidas e as irmãs de seu pai.
114. Referia-me a Faculdade de Economia da USP, não a de Arquitetura nem a de Filosofia.

■ Preencha as lacunas com **a**, **à**, **as**, **às**, conforme necessário.

115. A sessão será das 8h _____ 10h.
116. Voltaremos _____ meia-noite.
117. O voo parte pontualmente _____ onze horas.
118. O almoço será servido de treze _____ quinze horas.
119. Só posso recebê-lo daqui _____ uma hora.

Prática Geral

120. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Assinale a frase em que o acento indicativo de crase foi empregado **incorretamente**.
    a) Ao voltar das férias, devolverei tudo à V. Sª.
    b) O candidato falou às classes trabalhadoras.
    c) Fique à espera de meus amigos.
    d) Sua maneira de falar é semelhante à de Paulo.
    e) Você só poderá ser atendido às 9 horas.

121. (PRF/N.M./ANP) Assinale a opção em que **falta** o acento de crase.
    a) O ônibus vai chegar as cinco horas.
    b) Os policiais chegarão a qualquer momento.
    c) Não sei como responder a essa pergunta.
    d) Não cheguei a nenhuma conclusão.

122. (ALCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **correta**.
    a) O ministro não se prendia à nenhuma dificuldade burocrática.
    b) O Presidente ia a pé, mas a guarda oficial ia à cavalo.
    c) Ouviu-se uma voz igual à que nos chamara anteriormente.
    d) Solicito à V. Exa. que reconheça os obstáculos que estamos enfrentando.

123. (ATCL-DF/N.S./IDR) Marque a alternativa **correta** quanto ao acento indicativo da crase.
    a) A cidade à que me refiro situa-se em plena floresta, a algumas horas de Manaus.
    b) De hoje à duas semanas estaremos longe, a muitos quilômetros daqui, a gozar nossas merecidas férias.
    c) As amostras que servirão de base a nossa pesquisa estão há muito tempo à disposição de todos.
    d) À qualquer distância percebia-se que, à falta de cuidados, a lavoura amarelecia e murchava.

124. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa que apresenta emprego **incorreto** do sinal indicativo de crase.
a) Trata-se de uma tradição há muito inserida nas práticas legislativas do País e que não deve estar condicionada à deliberação do plenário.
b) A publicação no *Diário Oficial* constitui a forma pela qual se dá ciência da promulgação da lei à sociedade.
c) O Presidente vai à sala de reuniões às oito horas dar as informações sobre o problema à todos que estiverem a espera.
d) Com respeito às questões operacionais colocadas pela necessidade de divulgação das leis, é preciso avaliar os custos de implantação de novos parques gráficos.

125. (Ag. Adm./TRT/N.M./ACCESS) O poeta aspirava ___ felicidade, mas sem ___ volta da amada ele não ___ obteria.
A alternativa que completa **corretamente** as lacunas da frase acima é:
a) à / à / a.
b) à / a / a.
c) a / à / a.
d) à / a / à.
e) à / à / à.

126. (TFC-RJ/N.S.) Marque o item que se completa de forma correta com a sequência seguinte: **Há/às**.
a) _____ algum tempo, a tecnologia revoluciona em áreas que vão da cirurgia plástica _____ armas nucleares.
b) O raio laser se revela _____ altura de um bisturi de alta precisão _____ anos.
c) _____ quem afirme que _____ áreas da medicina em que o uso do raio laser é imprescindível.
d) _____ novidade surgiu na França onde o laser está sendo usado na restauração da Catedral de Amiens, recuperando vestígios das cores aplicadas _____ sete séculos.
e) Debaixo da fuligem que conferiu um tom acinzentado _____ igreja, o laser revelou uma gama de dourados, azuis e vermelhos existentes _____ épocas da feitura de obras góticas.

(Adap. de *Veja*, 10/3/1993).

127. (AFRE-SP/N.S.) Assinale a alternativa **correta**.
Chegou _____ tempo de presenciar _____ pequena discussão entre _____ e o encarregado da limpeza.
a) à / uma / eu.
b) a / uma / mim.
c) há / a uma / mim.
d) a / a uma / eu.

128. **Não** se usa o acento grave, indicador da crase, em:
a) Fomos a Bahia no ano passado.
b) Voltamos a casa de Pedro, mas não o encontramos.
c) As vezes, meus filhos chegam tarde do colégio.
d) Todos aqui gostam de bife a milanesa.
e) Os documentos serão entregues a Vossa Excelência, em tempo hábil.

129. Usa-se acento indicativo de crase em:
   a) As frutas caem a terra quando maduras.
   b) Ele também é capaz de exercer a força de atração.
   c) A queda da maçã provocou a curiosidade de Newton.
   d) Foi o único homem a perceber a lei da gravitação universal.
   e) A não ser que alguém a passasse para outra pessoa.

130. A crase **não** é admissível em:
   a) Comprou **a** crédito.
   b) Vou **a** casa de Maria.
   c) Fui **a** Bahia.
   d) Cheguei **as** doze horas.
   e) A sentença foi favorável **a** ré.

131. Indique a alternativa em que o acento grave, indicador da crase, **não** foi empregado corretamente.
   a) Às ameaças que tantas vezes proferiu não demos a menor importância.
   b) Às vésperas da revolução, convocou às armas várias classes.
   c) Às vezes vou à repartição.
   d) A festa à que assisti ontem jamais sairá do meu pensamento.
   e) A roupa que você está usando é semelhante à que comprei.

132. Quanto ao emprego do acento grave, indicativo de crase, assinale a opção **incorreta**.
   a) Em "alusão à data", emprega-se o acento grave para indicar a fusão da preposição **a**, que rege um substantivo feminino singular, com o artigo definido, formando uma locução adverbial.
   b) Em "havia flores à sua espera sobre a mesa", o emprego do acento grave é facultativo, porque é dispensável o uso do artigo antes do pronome prossessivo com substantivo.
   c) Reescreve-se o enunciado "Engasgado, confessou-lhe que em parte nenhuma" da seguinte maneira: **Engasgado, confessou à secretária que em parte nenhuma**.
   d) Em "iria rodar por aí à noite", emprega-se o acento grave diante da locução adverbial constituída de substantivo feminino.
   e) Substitui-se o enunciado "Foram ao drinque" por **Foram às bebidas**.

Pontuação

VISÃO GERAL

Ordem direta da frase.

1	2	3		4
sujeito	verbo	objeto/predicativo		adj. adverbial
Os turistas	estavam	felizes	(,)	no metrô
Os turistas	compraram	presentes	(,)	em Brasília

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, para as declarações a seguir, com base no quadro acima e em sua experiência linguística.

1. ( ) Entre os termos das colunas 1, 2 e 3 não se usa vírgula.
2. ( ) Entre eles, podem-se usar duas ou mais vírgulas para intercalar outros termos.
3. ( ) Entre os termos das colunas 3 e 4, o uso da vírgula é facultativo.
4. ( ) Usar-se ou não a vírgula, nesse caso, não altera o sentido.
5. ( ) O uso da vírgula, nesse caso, enfatiza, ressalta a ideia expressa no termo 4.
6. ( ) O termo 4 pode colocar-se entre 1 e 2, porém entre vírgulas.
7. ( ) O termo 4 pode colocar-se entre 2 e 3, porém entre vírgulas.
8. ( ) As declarações de 1 a 7 correspondem aos parâmetros da norma culta.
9. ( ) Os jornais e a imprensa escrita, de um modo geral, seguem rigidamente tais normas.
10. ( ) A imprensa escrita, de um modo geral, economiza os sinais de pontuação que considera desnecessários ao sentido básico do texto.

VISÃO DETALHADA

USO DA VÍRGULA

Dentro de uma oração

Observe:

– Escolheram um garoto-propaganda **feio**, **atrapalhado**, **desajeitado**, **carente**.
– Meu pai era **respeitoso**, **presente** em casa, **alegre**.

Conclusão:

A vírgula separa termos de mesma função.

Prática

■ Use a vírgula onde for necessário.

11. É necessário lealdade honestidade coragem desprendimento.
12. Nós o encontramos alegre bem disposto e descansado.
13. Toda criança precisa de carinho de atenção de educação.

Observe:

– O professor, **nervoso**, chamou os alunos para uma conversa.
– **Preocupado**, o diretor convocou uma reunião.

Conclusão:

A vírgula separa os predicativos dos núcleos a que se referem.

Prática

■ Coloque as vírgulas necessárias.

14. Consciente de sua responsabilidade o advogado pediu tempo para estudar.
15. A empresa premida pelas dificuldades quase fechou as portas.
16. O ministro ainda doente voltou a despachar em seu gabinete.

Observe:

– **Na virada do século**, a operária Luíza trabalhava na fábrica têxtil Bangu.
– **Hoje**, **nos Estados Unidos**, mais da metade das mulheres trabalha.

Conclusão:

A vírgula separa o adjunto adverbial deslocado do seu lugar normal.

Prática

■ Use as vírgulas adequadamente.

17. No Primeiro Mundo boicotes costumam dar resultados.
18. A televisão na noite de sexta-feira revelou as causas do acidente.
19. Os técnicos tentaram apesar dos empecilhos explicar o raro fenômeno.

Observe:

Brasília, 23 de março de 2009.

Conclusão:

A vírgula separa, nas datas, o topônimo (nome de lugar).

Observe:

– **A mim**, tudo **me** parecia absurdo.
– **Esse dinheiro**, não voltaremos a vê-**lo**.

Conclusão:

Quando se coloca o objeto no início da oração para repeti-lo, usa-se vírgula.

Prática

■ Use corretamente as vírgulas.

20. Um caso assim é preciso estudá-lo cuidadosamente.
21. Aos turistas não lhes importa como chegarão até lá.
22. O contrato convém assiná-lo o quanto antes.

Observe:

– O caso exigia providência urgente; ela, **porém**, parecia não se importar.
– Já foi decidido o seu afastamento; não há, **portanto**, o que reclamar.

Conclusão:

Quando se desloca, do início da oração, a conjunção adversativa ou conclusiva, usam-se vírgulas.

Prática

■ Use adequadamente a vírgula.

23. O mesmo estudo porém mostra que a situação pode melhorar.
24. Essa não é contudo a prática na companhia.
25. Já vai longe o tempo da censura; direi o que quiser pois.

Observe:

– Plínio, **o filho do primeiro casamento**, decidiu que moraria com o pai.
– A verdade, **senhores eleitores**, é que a responsabilidade é sua.

Conclusão:

A vírgula separa o aposto e o vocativo do resto da oração.

Prática

■ Empregue adequada pontuação.

26. Rafael médico-gerente de laboratório criou um manual para emergências.
27. Esse empresário era casado com Heloísa uma ex-bailarina.
28. Na dúvida senhores jurados o réu deve ser favorecido.

Observe:

– Dizem que os homens decidem com o cérebro; as mulheres, com o coração.
– Alguns casos são encaminhados para os hospitais centrais; outros, para os centros de saúde.

Conclusão:

A vírgula substitui um verbo subentendido.

Prática

■ Virgule adequadamente.

29. Jaime estava feliz; Zeca tranquilo.
30. Vera compreendeu tudo; Cláudio quase tudo.
31. Sandra estava radiante; Rosa eufórica.

Observe:

– Esse caso, **por exemplo**, pode ser resolvido rapidamente.
– **Em suma**, sua função era visitar as sucursais.

Conclusão:

A vírgula separa termos ou expressões intercaladas que servem para resumir, incluir, excluir, retificar, exemplificar...

Prática

■ Virgule adequadamente.

32. Esses países inclusive o Sudão são governados por fundamentalistas.
33. Exceto você todos já sabiam das mudanças.
34. Em compensação o país tem batido recordes de crescimento econômico.

Observação:

Vírgulas para intercalação são permutáveis por parênteses ou travessões.

Preste atenção às seguintes frases, os parênteses estão substituídos por travessões (curtinhos por conta da intenção de síntese) e por vírgulas.

1ª O casal era confuso ***(ela mais do que ele), mas*** *fingia naturalidade.*
2ª O casal era confuso ***– ela mais do que ele –, mas*** *fingia naturalidade.*
*3ª O casal estava confuso****, ela mais do que ele, mas*** *fingia naturalidade.*

Atente que, nos dois primeiros exemplos, os parênteses e os travessões estão seguidos de vírgula, porque antecedem a conjunção coordenativa **mas**. No terceiro, não poderia haver duas vírgulas juntas.

Entre orações

Observe:

– Minha mãe faz curso de teatro, ouve palestras, atualiza-se.
– Houve algumas resistências, mas as colônias serão devolvidas.

Conclusão:

A vírgula separa orações coordenadas (exceto as iniciadas por *e*).

Prática

■ Virgule adequadamente.

35. Os lábios tentaram abrir-se num sorriso mas desistiram e fecharam-se.
36. Acordava tomava café lia o jornal e ia para o aeroporto.
37. Ele era metódico portanto não deixaria de telefonar.

Atenção:

Vírgula antes do e

, e

a) Quando se enfatiza o que se segue, seja termo ou oração:

Estava feliz, radiante, **e** agradecida

Ele disse com muita firmeza, **e** a convenceu.

b) Quando o **e** tem sentido de "mas":

Não estudou, **e** sabia tudo.

c) Se se repetir a conjunção **e** (polissíndeto).

Falou, **e** repetiu, **e** gritou, **e** chorou.

d) Para alguns gramáticos, se o sujeito da oração iniciada pelo **e** for diferente do da outra oração.

Ela chegou, **e** Renato fingiu não vê-la.

Vírgula antes do etc.

~~e~~ etc

"etc." é abreviatura de *et cetera*, que, em latim, significa "e o restante", expressão que começa com "e". Como não se enquadra em nenhuma das situações em que se usa vírgula antes do "e", o melhor é não usá-la.

Observe:

– Ronaldo, **que hoje tem 34 anos**, mudou muito.
– Os homens, **que são mortais**, julgam-se imortais.

Conclusão:

A vírgula separa da principal as orações subordinadas adjetivas explicativas.*

Prática

■ Use corretamente a vírgula.

38. O leite que contém cálcio é excelente alimento para as crianças que são desnutridas.
39. Meu pai que falava quatro línguas julgava-se superior às pessoas que só sabiam a língua materna.
40. Os empresários que vieram querem erguer grandes hotéis que atrairão turistas.

Atenção:

A vírgula nunca pode iniciar uma oração adjetiva restritiva (a que está sublinhada no exemplo seguinte), mas pode separar essa oração da que lhe vem após, mesmo quando separa o sujeito (As) do seu verbo (acabam percebendo).

1. As <u>que deixam de respeitar seus semelhantes por quaisquer supostas razões</u>, acabam percebendo que não o deveriam ter feito.
2. Os participantes <u>que ontem à noite nos procuraram</u>, voltaram hoje.

Explica-se essa possibilidade nos exemplos 1 e 2 quer pela extensão da restritiva quer pela opção por uma pausa respiratória. No exemplo 2, alega-se também a separação dos dois verbos vizinhos, pertencentes cada um a uma oração distinta.

Observe:

– **<u>Se</u> não houver empenho de todos**, não se encontrará uma solução.
– **<u>Quando</u> a editora estiver publicando tais trabalhos**, eu aplaudirei.

Conclusão:

A vírgula separa orações subordinadas adverbiais que antecedem a oração principal.

Prática

■ Virgule corretamente.

41. Para usufruir de todas as vantagens os turistas se dispõem a pagar mais.
42. Examinando-se a disputa atual nas capitais a proposta parece vir a calhar.
43. Confirmadas as informações divulgadas pelos jornalistas o jogador teve de desdizer-se.

* *Vide*, em *Análise Sintática Visual*, Período: Orações subordinadas adjetivas.

Observe:

– A democracia, **embora ainda seja imperfeita**, é o melhor sistema de governo.
– A mulher, **se for preciso**, dobra sua jornada de trabalho.

Conclusão:

A vírgula separa orações intercaladas.

Prática

■ Use adequadamente a vírgula.

44. O projeto apesar de merecer alguns reparos parece melhorar a vida do contribuinte.
45. Qualquer pessoa conforme se divulgou na imprensa terá acesso às informações sobre andamento de processos.
46. Nós para garantir nossos direitos contamos com a Justiça.

DOIS-PONTOS

(Pausa pouco maior que a vírgula, indicando frase inconclusa)

Usam-se dois-pontos para:

a. **introduzir uma fala, uma citação:**

A manchete estampava (:) "A mosca morreu!"

b. **anunciar uma enumeração**:

São três os suspeitos (:) o papagaio, a minhoca e o sapo.

c. **anunciar um esclarecimento ou explicação**:

Ele é impaciente (:) não sabe ouvir.

d. **introduzir exemplo(s)**:

...um monossílabo tônico (:) pé.

Prática

■ Com base nas ideias do quadro, assinale **a**, **b**, **c** ou **d** para as afirmações seguintes.

47. ( ) As palavras de origem grega, terminadas em **ma**, são masculinas: o teorema, o drama, o anátema...
48. ( ) De vez em quando, vinha-nos um pressentimento: o velho carpinteiro não estava morto, escondera-se de nós.
49. ( ) Compareceram todos: seu Lucas, padre Abílio, mestre Caetano...
50. ( ) O *maitre* recomendou: "Sirvam gelado".

PONTO E VÍRGULA

Usa-se ponto e vírgula para:

a. **separar orações que tenham vírgula(s) em seu interior**:

Ela agia correto ; ele, errado.

b. **separar itens de uma enumeração**:

O numeral pode:
indicar uma quantidade ;
denotar posição numa sequência ;
determinar número de vezes ;
indicar parte(s) de unidade.

c. **para enfatizar ideias adversativas ou conclusivas**:

Sofreu, mas não chorou. Estudou, portanto mereceu.
Sofreu ; mas não chorou. Estudou ; portanto mereceu.

Prática

■ Com base nas informações do quadro, assinale **a**, **b** ou **c** para as frases seguintes.

51. ( ) Ficamos atentos, esperando que ele viesse; mas ninguém veio.
52. ( ) Os erros eram pequenos, escassos; poderiam, portanto, ser relevados.
53. ( ) A cidade adormecia; a lua suave passeava lentamente; os grilos a festejavam; os sapos cadenciavam seus ritmos...

RETICÊNCIAS

São usadas as reticências para:

a. **indicar suspensão de uma ideia**:

"Ele e eu estávamos indo ... Mas, me diga primeiro, como você chegou até aqui?"

b. **denotar interrupção ou interrupções de fala para conotar hesitação, timidez**:

"É verdade que ... que estava ... estava lá, sim."

c. **denotar interferência da fala de um personagem na de outro**:

"– Mariana me disse ...
– Deixa isso p'ra lá!"

d. **realçar a expressão que se lhe segue**:

"Ela é uma grande ... cilada!"

e. **suprimir trechos de uma citação**:

"Ouviram do Ipiranga ... retumbante."

Nesse caso, usam-se também as reticências entre parênteses:

"Ouviram do Ipiranga (...) retumbante."

Prática

■ Com base no quadro das reticências, assinale a letra que mais se aproxima dos exemplos seguintes.

54. ( ) "As armas e os barões... espalharei por toda a parte." (Camões)
55. ( ) Eu quero... que você... que você se case comigo.
56. ( ) Teresa disse que ... Deixa p'ra lá: não interessa o que ela tenha dito.
57. ( ) Eu acho que você ficou... maluquinha por ele.
58. ( ) É... – adivinhe! – a sua melhor amiga.
59. ( ) – Você gosta dela ou...
– Gosto, com certeza.

TRAVESSÃO, ASPAS DUPLAS E ASPAS SIMPLES

Com base nos exemplos I, II e III, responda **C** ou **E** para as afirmações seguintes:

I – "Eu sofria já o começo de velhice – esta vida era só o demoramento." (J. Guimarães Rosa)

II – "Achei especial o jeito de João Concliz vir, ansiado cauteloso. Ação em que qualquer um anda – nessas semelhantes ocasiões – só encostado nas paredes – 'Você fica aqui, mais você, e você... Você dessa banda... Você ali, você aí acolá...' – arrumação ele ordenava." (J. Guimarães Rosa)

III – "Seu peito, ela recordava,
era branco, firme, polido – um marfim." (Cecília Meireles)

60. ( ) Em I, o travessão está usado em lugar de uma vírgula e introduz uma explicação.
61. ( ) Em II, o primeiro travessão serve para introduzir fala de personagem.
62. ( ) Em II, os dois primeiros travessões servem para destacar a expressão "nessas semelhantes ocasiões".
63. ( ) Em II, o terceiro travessão serve para introduzir fala de personagem.
64. ( ) Em II, ocorre o uso de aspas duplas e simples.
65. ( ) É indiferente o uso de aspas duplas ou simples. Podem-se usar umas ou outras indiferentemente.
66. ( ) Em II, as aspas duplas são usadas, como em I e III, para reproduzir fala de personagens.
67. ( ) Em II, usam-se as aspas simples para reproduzir a fala de um personagem.
68. ( ) Em II, se não houvesse as aspas duplas no início e no fim do texto, não se usariam as aspas simples.
69. ( ) Conclusão: aspas simples se usam dentro de aspas duplas.
70. ( ) Em III, o travessão está introduzindo um resumo das ideias anteriores.
71. ( ) Esse travessão poderia, sem mudança de significado, ser substituído por reticências.
72. ( ) Esse travessão poderia ser substituído por dois-pontos ou reticências.

Prática Geral

Instruções para as questões de números 73 a 76.

Os períodos abaixo apresentam diferenças de pontuação. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta.

73. a) Mas a raiva voltou, e ele teve vontade de devolver o incômodo presente.
    b) Mas, a raiva voltou e ele, teve vontade de devolver o incômodo presente.
    c) Mas a raiva voltou e, ele teve vontade de devolver o incômodo presente.
    d) Mas a raiva, voltou e ele teve, vontade de devolver o incômodo presente.
    e) Mas, a raiva voltou, e ele teve vontade, de devolver o incômodo presente.

74. a) Não sei do que você, está falando, deixe-me pois em paz.
    b) Não sei do que, você está falando: deixe-me, pois em paz.
    c) Não sei do que, você está falando; deixe-me pois, em paz.
    d) Não sei do que você está falando; deixe-me, pois, em paz.
    e) Não sei, do que você está falando, deixe-me pois, em paz.

75. a) As dúvidas, porém, permaneciam as mesmas, por mais que se tentasse esclarecê-las.
    b) As dúvidas porém, permaneciam as mesmas por mais que se tentasse esclarecê-las.

c) As dúvidas, porém permaneciam as mesmas por mais, que se tentasse esclarecê-las.
d) As dúvidas porém permaneciam, as mesmas, por mais que se tentasse esclarecê-las.
e) As dúvidas porém permaneciam as mesmas por mais que se tentasse esclarecê-las.

76. a) O velho professor vivia à parte com ar tristonho sempre, de livro na mão imerso na leitura.
b) O velho professor vivia, à parte com ar tristonho sempre, de livro, na mão, imerso na leitura.
c) O velho professor vivia à parte, com ar tristonho, sempre de livro na mão, imerso na leitura.
d) O velho professor vivia à parte com ar tristonho sempre de livro, na mão, imerso na leitura.
e) O velho, professor, vivia, à parte com ar tristonho, sempre de livro na mão imerso, na leitura.

77. Qual das sequências abaixo jamais admitirá, de acordo com as nossas gramáticas, o emprego de duas vírgulas?
a) O irmão meu que estava doente não chegou na hora.
b) Mesmo que tu chegues atrasado José não deixes de trazer as revistas que te emprestei sábado último.
c) A mulher se divide em quatro partes cabeça tronco membros e espelho.
d) Jamais lhe poderei dizer que isto se passou na casa de uma das mais tradicionais famílias da região os Mesquitas.
e) A muito custo após algumas horas disseram que não haviam chegado os impressos para formalizar a petição.

78. Dadas as afirmações:
I – Em "José, por não concordar com as ordens do chefe, retirou-se.", a supressão de uma das vírgulas constituirá erro, pois virá quebrar a concatenação da oração, por separar o sujeito do predicado.
II – Em "Disse ele muitas coisas e mais coisas teria dito se não fosse a carência de tempo.", é necessária a vírgula antes da conjunção aditiva para separar complementos de verbos diferentes.
III – Usa-se o ponto e vírgula para separar as partes principais de uma frase, sobretudo se longas, nas quais já existam elementos virgulados.
deduzimos que, de acordo com as normas de pontuação, pode(m) estar correta(s)
a) todas.
b) apenas a I.
c) apenas a II.
d) apenas a III.
e) apenas a I e III.

79. Assinale a opção cujos sinais, indicados entre parênteses, não permitem pontuação correta para as frases abaixo.
a) Se a felicidade é proporcional à renda é irrespondível a causa das máquinas se não a questão toda precisa ser examinada. (2 vírgulas e 1 ponto e vírgula)
b) "O mau médico encarece a enfermidade e não lhe dá remédio o mau conselheiro exagera os inconvenientes e não dá meio com que os melhorar." (3 vírgulas e 1 ponto e vírgula)
c) "O beijo das mulheres sérias é frio faz a gente espirrar o das mulheres ardentes gasta-nos os lábios... e o dinheiro." (1 dois-pontos e 1 ponto e vírgula)
d) Chamava-se Isolina a amiga que a consolava Piedade. (1 vírgula e 1 ponto e vírgula)
e) "Depois dos pais que recebem o nosso primeiro grito o solo pátrio recebe os nossos primeiros passos é um duplo receber que é duplo dar." (3 vírgulas e 1 dois-pontos)

80. Observe as frases abaixo quanto à pontuação. Quais as certas?
I – Muito estimado, como pássaro de gaiola dá o pintassilgo, quando cruzado, com o canário-do-reino, um híbrido chamado pintagol.
II – Muito estimado como pássaro de gaiola, dá o pintassilgo, quando cruzado com o canário-do-reino, um híbrido chamado pintagol.
III – Nas minas, no final do século XVIII, viviam-se momentos de insatisfação – a lembrança de um passado perdido –, que propiciaram novas atitudes e novos laços de solidariedade entre os homens.
IV – Nas minas – no final do século XVIII – viviam-se momentos de insatisfação: a lembrança de um passado perdido, que propiciaram novas atitudes e novos laços de solidariedade entre os homens.
V – Pênalti, ou penalidade máxima no futebol, é a falta máxima, dentro da grande área cometida por jogador que defende, que é punida, com um tiro direto – sem barreira, a onze metros do gol.
a) I, IV, V.
b) II, III.
c) II, IV, V.
d) I, III, V.
e) II, IV.

81. Dadas as sentenças:
I – O álbum que comprei contém mais de mil ilustrações.
II – Meu irmão comprou: uma casa, uma geladeira, uma televisão em cores e um gravador; por isso, está com dívidas.
III – É fácil destruir, difícil é construir mesmo que, para isso, tenhamos que nos sacrificar.
verificamos que está (estão) devidamente pontuada(s)
a) apenas a sentença I.
b) apenas a sentença II.
c) apenas a sentença III.
d) apenas as sentenças I e II.
e) todas as sentenças.

82. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Assinale a frase **correta** quanto à pontuação.
a) O parágrafo único do artigo 37, também trata da isenção do imposto em caso semelhante ao estudado.
b) A mãe do soldado implorara piedade, confidenciou-me o tenente; o general porém, mandou executar a sentença.
c) Eu para não ser indiscreto, retirei-me calmamente da sala, quando percebi que o assunto era confidencial.
d) Embora o doente não corresse mais perigo, os médicos resolveram mantê-lo em observação durante doze horas.
e) É alentador, o que os indicadores econômicos demonstram: uma retomada do desenvolvimento em São Paulo, o maior parque industrial brasileiro.

83. (ITA/Vest.) Assinale a opção em que, retirando-se a vírgula ou mudando-se a sua posição, **não** se obtém alteração de sentido.
a) Isso também pesa aos brasileiros, que têm carro a álcool.
b) Pediu que contemplássemos a bela visão, da ampla janela.
c) Mariana foi, logo Mário não pôde ir.
d) Como precisava de ajuda, procurou Maria, sua melhor amiga.
e) Obtivemos, em julho, os passaportes; só em dezembro, porém, é que viajamos.

84. (BRB/N.M./IDR) O cronista desprezou algumas prescrições sobre pontuação da norma culta da língua. Assinale a alternativa em que o trecho reescrito atende a tais regras.
a) Estou certo de que no futuro dentro de uns 500 anos, quando os atuais países desaparecerem do mapa, os universitários estudando civilizações pré-históricas, do século XX, ao serem chamados a falar, sobre o povo brasileiro perguntarão:
b) Estou certo de que, no futuro, dentro de uns 500 anos, quando os atuais países desaparecerem do mapa; os universitários, estudando civilizações pré-históricas do século XX, ao serem chamados a falar sobre o povo brasileiro perguntarão:
c) Estou certo de que, no futuro, dentro de uns 500 anos, quando os atuais países desaparecerem do mapa, os universitários, estudando civilizações pré-históricas do século XX, ao serem chamados a falar sobre o povo brasileiro, perguntarão:
d) Estou certo, de que no futuro – dentro de uns 500 anos – quando os atuais países desaparecerem do mapa, os universitários estudando civilizações pré-históricas do século XX, ao serem chamados a falar sobre o povo brasileiro, perguntarão:

85. (ALCL-DF/N.S./IDR) Marque o período no qual a supressão das vírgulas **não** acarreta modificação de sentido.
a) As discussões prolongaram-se por dias, para que todos pudessem dar sua opinião.
b) A emenda de alteração da Constituição, combatida pelos presidencialistas, ainda não foi a voto.
c) Os entendimentos desenrolaram-se bem, como se previa.
d) A convenção ocorre num momento particularmente difícil para os partidos, que entraram em crise existencial.

O texto abaixo foi transcrito com algum erro. Leia-o atentamente.

A universidade aberta pode ser implantada paulatinamente sem grandes investimentos fixos e já com capacidade para atender grandes públicos, simultaneamente no Distrito Federal e Entorno. Ao mesmo tempo, volta-se para atender a um público fundamental que, ao longo da história foi excluído dos níveis superiores de ensino – os trabalhadores e as camadas populares.

O projeto que ora apresentamos à Câmara Legislativa não tem a intensão de definir a estrutura da universidade. Entendemos que cabe ao GDF criar uma comissão de especialistas, com representantes de todos os segmentos da sociedade, para formular a proposta de estrutura e o programa-piloto da Instituição, no prazo de 120 dias após a publicação da lei. O GDF é quem reúne as melhores condições técnicas para coordenar a implantação de um projeto de tão grande envergadura.

(Deputado Carlos Alberto)

86. (ATCL-DF/N.S./IDR) Quanto às regras de pontuação, existe **erro** na linha
a) 3. b) 4. c) 9. d) 11.

87. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale o período **correto** quanto à pontuação.
a) O Poder Legislativo, na fase atual do processo democrático em marcha no País tende a se firmar, cada vez mais, na consciência da sociedade brasileira, segundo o presidente da Câmara Legislativa do DF.
b) O Poder Legislativo, na fase atual do processo democrático em marcha no País, tende a se firmar, cada vez mais, na consciência da sociedade brasileira, segundo o presidente da Câmara Legislativa do DF.
c) O Poder Legislativo na fase atual do processo democrático em marcha no País, tende a se firmar cada vez mais na consciência da sociedade brasileira, segundo o presidente da Câmara Legislativa do DF.
d) O Poder Legislativo, na fase atual do processo democrático em marcha no País, tende a se firmar, cada vez mais, na consciência da sociedade brasileira, segundo, o presidente da Câmara Legislativa do DF.

88. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale o período **correto** quanto à pontuação.
a) Nenhum brasileiro será extraditado, salvo o naturalizado, em caso de crime comum, praticado antes da naturalização, ou de comprovado envolvimento em tráfico ilícito de entorpecentes e drogas afins, na forma da lei.
b) Todos têm direito de receber dos órgãos públicos informações de seu interesse particular, ou de interesse coletivo ou geral, que serão prestadas no prazo da lei, sob pena de responsabilidade, ressalvadas aquelas, cujo sigilo, seja imprescindível à segurança da sociedade e do Estado.
c) São direitos sociais; a educação, a saúde, o trabalho, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados.

d) Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e estrangeiros residentes no País, a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade.

89. (ATCL-DF/N.S./IDR) A eliminação da vírgula em três das frases abaixo é possível, mas acarretaria alteração de seu sentido.
Assinale a alternativa em que essa eliminação **não** é possível, por tornar ilógica a frase.
a) A mesa, que está no meio da sala, é vermelha.
b) Dedico este livro aos estudantes de minha terra, que não se contentam com superficialidades.
c) Sorte foi ter-se quebrado meu braço esquerdo, que menos falta me faz que o direito.
d) O governador mandou suspender o pagamento dos funcionários, que estavam em greve desde maio.

90. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale o período **incorreto** quanto à pontuação.
a) O tempo de serviço público federal, estadual ou municipal será computado integralmente para os efeitos de aposentadoria e disponibilidade.
b) O tempo de serviço público federal, estadual ou municipal, será computado integralmente para os efeitos de aposentadoria e disponibilidade.
c) O tempo de serviço público federal, estadual ou municipal será computado, integralmente, para os efeitos de aposentadoria e disponibilidade.
d) O tempo de serviço público federal, estadual ou municipal será computado integralmente, para os efeitos de aposentadoria e disponibilidade.

91. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa em que a pontuação está **correta**.
a) Não se justifica que o ilustre Autor, querendo valorizar a nobre missão de ensinar, atribua aos professores um salário mínimo profissional de tão pouca expressão.
b) Não se justifica, que o ilustre Autor, querendo valorizar a nobre missão de ensinar; atribua aos professores um salário mínimo profissional, de tão pouca expressão.
c) Não se justifica que, o ilustre Autor, querendo valorizar: a nobre missão de ensinar, atribua aos professores um salário mínimo profissional de tão pouca expressão.
d) Não se justifica que o ilustre Autor querendo, valorizar a nobre missão de ensinar atribua, aos professores, um salário mínimo profissional, de tão pouca expressão.

92. (TFC-RJ/N.S.) Assinale a opção cujo período apresenta pontuação **correta**.
a) O Vice-Presidente da República, além de outras atribuições que lhe forem conferidas por lei complementar, auxiliará o Presidente sempre que, por ele convocado, para missões especiais.
b) O Vice-Presidente da República, além de outras atribuições, que lhe forem conferidas, por lei complementar, auxiliará o Presidente sempre que por ele convocado para missões especiais.

c) O Vice-Presidente da República, além de outras atribuições que lhe forem conferidas, por lei complementar auxiliará o Presidente, sempre que por ele convocado, para missões especiais.
d) O Vice-Presidente da República, além de outras atribuições, que lhe forem conferidas por lei complementar, auxiliará o Presidente sempre que, por ele convocado, para missões especiais.
e) O Vice-Presidente da República, além de outras atribuições que lhe forem conferidas por lei complementar, auxiliará o Presidente, sempre que por ele convocado para missões especiais.

93. (TFC-RJ/N.S.) Assinale o período **corretamente** pontuado.
a) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis, que, num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.
b) Os carros modernos, são feitos com chapas bastante flexíveis que, num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.
c) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis, que num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.
d) Os carros modernos são feitos, com chapas bastante flexíveis, que, num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.
e) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis que num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.

94. (Ag. Fc. Rend.-SP/N.S.) Assinale a letra correspondente ao período de pontuação **certa**.
a) Acredito que ele não venha; se, entretanto, vier, não o insulte.
b) Acredito que ele não venha; se, entretanto vier não o insulte.
c) Acredito que, ele não venha se, entretanto, vier não o insulte.
d) Acredito que ele não venha, se entretanto, vier não o insulte.

95. (AFRE-SP/N.S.) Assinale a letra correspondente ao período de pontuação **certa**.
a) Ao ser testada a nova rotina revelou-se, inócua, para provocar o desejado aumento, de produtividade.
b) Ao ser testada, a nova rotina, revelou-se inócua para provocar, o desejado aumento de produtividade.
c) Ao ser testada a nova rotina, revelou-se inócua para provocar, o desejado aumento de produtividade.
d) Ao ser testada, a nova rotina revelou-se inócua para provocar o desejado aumento de produtividade.

96. Assinale a frase **errada** quanto à pontuação.
a) A cigarra morre de frio e de fome no inverno.
b) César, chegou, viu e venceu.

c) A cigarra, símbolo da ociosidade, morre de frio e de fome no inverno.
d) Estudamos Português, Francês e Inglês.
e) Mocidade ociosa, velhice vergonhosa.

97. Assinale a opção em que o emprego da vírgula se justifica pela mesma regra que se aplica a "**Era dia de seu aniversário, e a esposa nem sequer o abraçara (...)**"
a) "Passada a surpresa, sentiu-se ainda mais borocochô: (...)"
b) "(...) tinha palavras amáveis, e o ditado da correspondência foi entremeado de suaves brincadeiras da parte dela."
c) "Engasgado, confessou-lhe que em parte nenhuma."
d) "Conteve-se, no prazer ansioso da espera."
e) "Saiu bem mais jovem do bar, e pegou-lhe do braço."

98. (FGV) "Mas a correlação de forças não lhes permite ir mais longe, e essa paralisia favorece o retorno dos acordos bilaterais ou regionais."
No trecho acima, utilizou-se corretamente a vírgula antes do E. Assinale a alternativa em que isso **não** tenha ocorrido.
a) A sentença foi prolatada, e as partes foram intimadas.
b) Os manifestantes desejavam falar com o juiz; chegaram à porta do tribunal e não entraram.
c) Fiz, e faria novamente tudo igual para ser aprovado no concurso.
d) Leio, e releio, e estudo, e me concentro: todos os esforços são poucos.
e) O procurador assinou o documento, e o advogado ficou satisfeito.

99. (Cespe – adaptado) Não se podendo repetir a relação sujeito-objeto, é forçoso afirmar que seria impossível a reprodução exata de qualquer situação de pesquisa, o que ressalta a importância da descrição do fenômeno e o caráter vivo dos postulados teóricos.
Com referência ao texto acima, julgue o item subsequente.
( ) Logo após "pesquisa", estaria gramaticalmente correto e coerente com o desenvolvimento das ideias do texto o emprego do travessão simples no lugar da vírgula.

100. (Cesgranrio) Qual o trecho cuja pontuação está correta?
a) Os monitores mais antigos contêm várias substâncias, como chumbo, bório e fósforo que podem provocar doenças.
b) Os monitores mais antigos contêm várias substâncias; como: chumbo, bório e fósforo, que podem provocar doenças.
c) Os monitores mais antigos contêm várias substâncias (como chumbo, bório e fósforo) que podem provocar doenças.
d) Os monitores mais antigos contêm várias substâncias, como chumbo, bório e fósforo; que podem provocar doenças.
e) Os monitores mais antigos, contêm várias substâncias – como chumbo, bório e fósforo – que podem provocar doenças.

Gabarito

Em verde: ortografia nova; em azul: ortografia antiga; em laranja: não houve alteração

I FONOLOGIA, DIVISÃO SILÁBICA E TRANSLINEAÇÃO

A	kõ	kis	ta	do	su	se	so	é	kes	tão	di	võ	ta	di
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15

1. m ã i
2. P ã u
3. m ã u
4. P a u
5. P a i s
6. P a i s
7. E
8. E
9. C
10. C
11. C
12. C
13. E
14. E
15. C
16. C
17. C
18. i – ĩ
19. ô – õ
20. ê – ẽ
21. u – ũ
22. a – ã
23. ê – é
24. ô – ó
25. c a i
26. c a i
27. l o u r o
28. l u a
29. C
30. C
31. C
32. E
33. C
34. C
35. E
36. b õ d e
37. b õ r o
38. M a r t e
39. n o r t e
40. E
41. C
42. E
43. C
44. C
45. C
46. E l a p a ss o u b ã i o v e s t i d o
47. C
48. E
49. C
50. E
51. C
52. E
53. C
54. C
55. C
56. c – e-gíp-cio, subs-tan-ti-vo
57. b – de-si-lu-são
58. c – per-cep-ção, in-ters-tí-cio
59. d
60. a
61. e
62. a
63. e
64. c – sub-tra-ir
65. d
66. c
67. c
68. c – u-ru-guai-o, sub-li-nhar ou su-bli-nhar
69. b
70. a
71. d
72. a – po-e-ti-sa

73. E
74. E
75. C
76. E – porque não se deve deixar vogal isolada sozinha numa linha; e não se devem separar os nomes próprios personativos.
77. C
78. E (puta)
79. E (nomes de pessoas)
80. E (vogal isolada)

2 ESTRUTURA E FORMAÇÃO DE PALAVRAS

1. C
2. E
3. C
4. C
5. C
6. C
7. E
8. C
9. C
10. C
11. E
12. C
13. E
14. C
15. C
16. C
17. C
18. E
19. E
20. C
21. C
22. C
23. E
24. C
25. C
26. C
27. E
28. C
29. E
30. C
31. C
32. C
33. E
34. C
35. C
36. E
37. E
38. C
39. C
40. C
41. C
42. C
43. C
44. C
45. C
46. C
47. E
48. C
49. C
50. E
51. C
52. C
53. C
54. C
55. E
56. E
57. C
58. E
59. C
60. C
61. E
62. C
63. E
64. C
65. E
66. C
67. E
68. C
69. C
70. E
71. C
72. C
73. E
74. E
75. C
76. E (*bíblion* = livro)

3 ORTOGRAFIA

Alfabeto (norma nova)

1. C
2. C
3. C
4. C
5. C
6. C
7. C
8. C
9. C
10. C

Uso das Letras

11. francês
12. japonesa
13. cortês
14. burguês
15. montanhês
16. camponesa
17. baronesa
18. princesa
19. consulesa
20. papisa
21. poetisa

22. profetisa
23. catequese
24. anáfase
25. hemoptise
26. meiose
27. hidrólise
28. simbiose
29. neurose
30. psicose
31. síntese
32. balizar
33. revezar
34. atraso
35. envasar
36. profetizar
37. civilizar
38. concretizar
39. anarquizar
40. dramatizar
41. banalizar
42. quis, quisesse
43. pôs, pusesse, puser
44. traz
45. diz
46. fiz, fizesse, fizer
47. cozi
48. causa
49. gêiser
50. maisena
51. náusea
52. Sousa
53. pousar
54. apreensão
55. pretensão
56. aspersão
57. imersão
58. inversão
59. diversão
60. aridez
61. aspereza
62. avareza
63. clareza
64. cupidez
65. estupidez
66. cessão
67. acesso
68. excesso
69. progresso
70. regresso
71. impressão
72. opressão
73. depressão
74. omissão
75. demissão
76. permissão
77. assilábico
78. assossegar
79. ressurgir
80. pressupor
81. sobressair
82. dessemelhante
83. atencioso
84. projeção
85. exceção
86. isenção
87. distinção
88. ereção
89. caução
90. louça
91. beiço
92. arcabouço
93. coice
94. feição
95. açafrão
96. açucena
97. almaço
98. paçoca
99. caçanje
100. açaí
101. faixa
102. ameixa
103. madeixa
104. trouxa
105. baixo
106. peixe
107. mexicano
108. mexilhão
109. mexerico
110. enxaguar
111. enxergão
112. enxerido
113. enxurrada
114. enxuto
115. almoxarife
116. oxalá
117. xadrez
118. caxambu
119. muxoxo
120. xavante
121. aragem
122. fuligem
123. malandragem
124. ferrugem
125. selvagem
126. penugem
127. adágio
128. estágio
129. plágio
130. egrégio
131. relógio
132. refúgio
133. Jê
134. jenipapo
135. jerimum
136. jirau
137. alforje
138. caçanje

Uso do Hífen *(norma antiga)*

139. bebida
140. nunca morta
141. sócio que não gasta
142. flor
143. flor
144. social e econômico
145 a 150. com hífen
151 e 152. com hífen
153. Manhuaçu
154. Mojiguaçu

155. altar-mor
156. capim-mirim
157. Manhumirim
158. Mojimirim
159. aquém-fronteiras
160. aquém-mar
161. além-túmulo
162. além-mar
163. recém-vindo
164. pró-leite
165. propor
166. pró-educação
167. prorrogar
168. pré-natal
169. pré-escola
170. pretender
171. pós-operatório
172. pospor
173. sem-vergonha
174. sem-terra
175. bem-querer/benquerer
176. bem-educado
177. bem-falante
178. soto-governador
179. vice-governador
180. vizo-governador
181. nuper-vindo
182. ex-amante
183. co-seno/cosseno
184. co-autor
185. pára-lama
186. pára-choque
187. grão-vizir
188. grã-cruz
189. bel-prazer
190. autoconfiante
191. autodefesa
192. auto-avaliação
193. auto-reconhecimento
194. contradizer
195. contra-indicar
196. contra-regra
197. extra-regimental
198. extraordinário
199. intra-hepático
200. infravermelho
201. infra-som
202. neoclássico
203. neo-simbólico
204. proto-histórico
205. pseudo-etimologia
206. pseudo-sábio
207. pseudociência
208. semi-árido
209. semidesértico
210. supra-renal
211. suprapartidário
212. ultra-humano
213. ultracorreto
214. antediluviano
215. ante-rosto
216. ante-sala
217. anti-herói
218. antidemocrata
219. anti-social
220. arquimilionário
221. arqui-secular
222. sobre-humano
223. sobressalente
224. sobressair ou sobre-sair (VOLP)
225. sobressaltar ou sobre-saltar (VOLP)
226. sobressaltear ou sobre-saltear
227. super-homem
228. super-humano
229. super-resistente
230. inter-resistente
231. superativo
232. superdotado
233. hiper-hedônico
234. hiper-hidrose
235. hiper-rugoso
236. hiper-rancoroso
237. circum-ambiente
238. circum-hospitalar
239. circunavegar
240. pan-hispânico
241. pan-americano
242. mal-humorado
243. mal-agradecido
244. mal-ajambrado/ malajambrado
245. pan-harmônico/ panarmônico
246. pan-africano
247. ad-referendar
248. ad-digital
249. ad-rogar
250. sub-raça
251. sub-região
252. sub-rogar
253. sub-base
254. sub-borato
255. subentender
256. subsecretário
257. sub-hepático/subepático
258. subárea
259. sub-humano/subumano
260. suboficial
261. ab-reação
262. ab-rogar
263. ob-rogar
264. ob-reptício
265. sob-roda
266. sob-rojar
267. abrupção/ab-rupcão
268. abrupto/ab-rupto
269. abruptela/ab-ruptela/
270. abruptipenado/ ab-ruptipenado
271. agridoce
272. ambidestro
273. audiovisual
274. auriverde
275. bissexual
276. homossexual
277. heterossexual
278. ortomolecular
279. minimercado
280. monofásico

281. odontopediatra
282. plurianual
283. poliesportivo
284. isotérmico
285. neurocirurgião
286. televendas
287. monomotorizado

Uso do hífen *(norma nova)*

288. luso-americano
289. afrodescendente
290. teutomania
291. teuto-germânico
292. eurocanal
293. euro-asiático
294. lusofonia
295. luso-moçambiquense
296. franco-angolano
297. francomaçonaria
298. ...devem ter hífen (segundo Evanildo Bechara, *Nova Ortografia*, pág. 91) e, por analogia, os iniciados por **gira**.
299. gira-mundo
300. gira-discos
301. girassol
302. para-brisa(s)
303. para-lama(s)
304. para-choque(s)
305. manda-tudo
306. manda-brasa
307. busca-pé
308. pontapé
309. mandachuva
310. guarda-chuva
311. madrepérola
312. madre-caprina
313. Abre-Campo
314. Rio de Janeiro
315. Quebra-Frasco
316. Todos-os-Santos
317. Três Rios
318. Entre-os-Rios
319. Trás-os-Montes
320. Trinca-Fortes
321. Pendura-Saia
322. Timor-Leste
323. Santa Cruz
324. Guiné-Bissau
325. América do Sul
326. Nova Guiné
327. sul-rio-grandense, rio-grandense-do-sul
328. norte-americano, americano-do-norte
329. porto-alegrense
330. belo-horizontino
331. cruzeirense-do-sul, sul-cruzeirense
332. indo-chinês
333. indochinês
334. centro-africano
335. centroafricano
336. E
337. C
338. C
339. pé de pato
340. baba de moça
341. papo de anjo
342. ponta de lança
343. Florianópolis-Curitiba-Uberlândia-Brasília
344. Brasil-Argentina-Paraguai
345. bálsamo-coral
346. bálsamo-de-cheiro
347. bico-de-papagaio
348. correto
349. bem-me-quer
350. malmequer
351. mata-pasto
352. mata-borrão
353. não-me-toques
354. correto
355. bola-de-neve
356. correto
357. copo-de-leite
358. correto
359. coerdeiro
360. deserdar
361. anti-humano
362. pré-história
363. contra-harmônico
364. inarmônico
365. desarmonia
366. super-harmonia
367. coabitar
368. desabitar
369. anistórico
370. anepático
371. a-histórico
372. anidro
373. eletro-higrometria
374. geo-história
375. inabilidoso
376. ultra-habilidoso
377. coabilidade
378. arqui-hipérbole
379. reaver
380. reouvera
381. reumanizar
382. reidratar
383. re, co, des, in, an
384. supra-auricular
385. contra-atestar
386. reeducação
387. cooperação
388. anti-ibérico
389. arqui-irmão
390. preexistir
391. auto-observação
392. micro-onda
393. semi-inconstante
394. ree, pree, coo, proo
395. circum-navegar
396. pan-hemisférico
397. circum-adjacência
398. circunvagar
399. pan-mágico
400. pan-americano
401. pampsiquismo

402. pan-nigeriano
403. pambrasileiro
404. circunvolução
405. circunlóquio
406. pan-harmônico
407. vogal, m, n
408. hiper-requinte
409. super-revista
410. sub-bloco
411. sub-bosque
412. sub-reitor
413. addsoniano (de addson)
414. pref. ab-rupto
415. adrenalina
416. adrenalite
417. adrenal, ad-renal
418. sub-rogar
419. sub-resfriar
420. abrupto (ou ab-rupto), adrenal (ou ad-renal), adrenalina, adrenalite
421. além-mar
422. aquém-divisa
423. além-pireneus
424. recém-casado
425. recém-nascido
426. sem-cerimônia
427. sem-vergonha
428. sem-número
429. bem-aventurado
430. bem-criado
431. benquerer, benfazer e derivados: benquisto, benquerença, benfeito, benfeitor; topônimos e derivados: Benfica, benfiquense, Bembom, bembonense, Bemposto, bempostano...
432. ex-padre
433. exportar
434. ex-presidente
435. expatriar
436. soto-piloto
437. sota-piloto
438. vizo-monarca
439. vice-presidente
440. pré-natal
441. pós-parto
442. pospor
443. pós-textual
444. postergar
445. pró-europeu
446. propor
447. pró-soviético
448. pré-gravação
449. pré-embrião ou preembrião
450. preeleger
451. pré-esclerose
452. preesclerótico/pré-esclerótico
453. preexistir
454. pré-eleição/preeleição
455. pré-eleito/preeleito
456. pré-eleitoral
457. pré-embrionário
458. pré-embrião/preembrião, mas só pré-embrionário; só pré-esclerose, mas pré-esclerótico/preesclerótico; só preeleger, mas pré-eleito/preeleito, pré-eleição/preeleição...
459. malcriado
460. malfalante
461. mal-amado
462. mal-afamado
463. mal-ajambrado
464. mal-entendido
465. mal-olhado ≠ mau-olhado
466. malvisto
467. correto
468. correto
469. correto
470. correto
471. correto
472. correto
473. correto
474. correto
475. correto
476. Manhumirim
477. Mogiguaçu
478. Ceará-Mirim
479. capim-açu
480. socó-açu
481. tatuaçu
482. cupim-açu
483. tuim-açu

(484) *arco-da-velha*, (485) *ao-deus-dará*, (486) *água-de-colônia*, (487) *à-queima-roupa*, (488) *pé-de-meia*, (489) *cor-de-rosa* e (490) *mais-que-perfeito* são exceções indicadas no Acordo Ortográfico, mas o VOLP também registra (491) *dois-por-dois*. (492) quase entendimento, (493) não agressão, (494) não vingança.

495. agronegócio
496. agromania
497. auricéfalo
498. auroferrífero
499. contravento
500. contraverdade
501. contrafluxo
502. ortofotografia
503. ortomorfismo
504. retrocarregar
505. protoplasma
506. protovértebra
507. aeroespacial
508. suprainventivo
509. autoinvestigação
510. termoelétrica
511. endoestesia
512. hidroavião
513. extrarregular
514. infrassom
515. minissaia
516. biorritmo
517. biossatélite
518. bissecular
519. microssistema
520. microrradiografia
521. circum- -navegar
522. super- -rádio

523. vice- -prefeito
524. soto- -mestre
525. bem- -humorado
526. pós- -graduado

Uso dos Porquês

527 e 528. por que (= por que motivo)
529. por que (... os ideais pelos quais lutamos)
530. por que (... o motivo pelo qual ele não compareceu)
531 a 535. por quê (motivo)
536. porquê
537. porquês
538. porquê
539. Porquês
540. porque (conj. causal)
541. porque (conj. explicativa)
542. porque (conj. final = para que)
543. porque (pergunta com resposta implícita)
544. Por que
545. porque, por que
546. Por quê?
547. porquê
548. porque
549. Por que
550. porque
551. por quê?
552. por que, por que, porquê, porque
553. porque
554. por que (pelo qual), porque (conj. explicativa = resposta)
por que (pelos quais)
555. porquês

Mau ≠ Mal

556. mau
557. maus
558. más
559. mal
560. mal
561. mal
562. E
563. E
564. C
565. C
566. C
567. E
568. C
569. C
570. C
571. Anpac, ONU, PIS
572. AC, AL, AP, AM, BA, CE, DF, ES, GO, MA, MT, MS, MG, PA, PB, PR, PE, PI, RJ, RN, RS, RO, RR, SC, SP, SE, TO
573. Em 2h e 20min, ele percorreu 250 km.
O ponto após km não é do símbolo, mas, como ponto final, apenas termina a frase.

Acentuação Gráfica (norma antiga)

574. nó – lê-lo – ri – cru – pó – nós – fi-lo – fá-lo – vós – cós – noz – pô-lo – mas – voz – cor – vez – vi – nu – má – vês
575. atrás – maio – buriti – através – apôs – você – contêm – camelo – cara – marcá-lo – detê-lo – impô-lo – decidi-lo – recém – porém
576. Porque os terminados em **ens**, para serem acentuados, devem ser oxítonos.
577. cáqui – item – itens – pênsil – pólem – tênis – hífen – hifens – tríceps – fáceis – órfão – polícia – ciência – ímã – nêutron
Obs.: Pelo Formulário Ortográfico, as palavras terminadas em ditongo crescente átono (cárie, água, polícia...) incluem-se na regra das proparoxítonas.
578. câmara – cálculo – falássemos – éramos – médico – trânsito – ínterim – veículo – fotógrafo – édito – úmido – abóbada
579. rói – dói – mói – paranóia – sequóia – geléia – aldeia – apóio ou apoio – chapéu – seu – reuzinho – assembléia
580. caí – caído – caíste – gratuito – cair – caindo – juízo – fluído – juiz – alaúde – balaústre – distribuí – Raul – reú-ne – tainha – rainha – concluí – construí-lo – proíbe – ateísmo
581. agüentas – enxagüei – argúem – apazigüei – tranqüilo – argúi ou argüi – obliqúe – cinqüenta – averigúe – eqüino ou equino – lingüiças – seqüestro – delinqüir – freqüentemente – argüimos – apazigúe
582. Ele provém do sul, mas seus pais provêm do leste.
583. Cada qual diz as coisas que lhe convêm.
584. Ele faz aquilo que lhe convém.
585. O que contêm estas caixas?
586. Os teóricos, agora, revêem os conceitos.

587. Eles provêem a despensa do necessário para uma semana.
588. Eles não descrêem sistematicamente.
589. Ele pára a todo instante para olhar o mapa.
590. Veja se você pára para pensar.
591. Por ordem médica, ela vai pôr um marcapasso por mês.
592. Passava a mão pelo pêlo do animal.
593. Ele se péla de medo pela amiga.

Prática Geral

594. c
595. b
596. a
597. d
598. a
599. c
600. a
601. c
602. a
603. d
604. a
605. a
606. b
607. a
608. d
609. c

Acentuação gráfica *(norma nova)*

610. tem
611. têm
612. juiz
613. juíza
614. também
615. paranoica
616. empáfia
617. sequestrador
618. arguem
619. arguí
620. Ataíde
621. argui
622. voo
623. frequente
624. tuiuiú
625. entretém
626. próximos
627. agueiro
628. amá-los
629. prendê-los
630. fá-lo-á
631. geleia
632. dóceis
633. pôr
634. por
635. claraboia
636. chapéus
637. heróis
638. pôde
639. instruí-lo
640. porém
641. pode
642. forma
643. última
644. fôrma
642. fôrma
643. última
644. forma
645. fóton
646. fótons
647. iândom
648. iândons
649. rádom
650. rádon
651. rádons
652. herôon
653. herôons
654. destróier
655. gêiser
656. blêizer
657. destróieres
658. gêizeres
659. blêizeres
660. taoismo
661. taoista
662. maoismo
663. maoista
664. hinduísmo

Prática

665. c
666. d
667. c
668. b
669. c
670. b
671. a
672. d
673. c
674. b
675. d
676. c
677. a
678. e
679. c
680. a
681. c
682. b
683. c
684. b
685. c
686. a
687. c
688. b
689. b
690. e
691. a
692. d
693. d
694. b
695. e
696. d
697. e
698. b
699. a
700. a
701. a
702. c
703. e

4 SUBSTANTIVO

1. b, d
2. a, d
3. a, c
4. a, d, e
5. a, d, e
6. a, d
7. a, c
8. b, d
9. c
10. d
11. b
12. a
13. C
14. E
15. C
16. c
17. a
18. b
19. leitora
20. pintora
21. atriz
22. governadora
23. imperatriz
24. cerzideira
25. remadora
26. aviadora
27. cantadora ou cantatriz
28. cantora, cantorina ou cantarina
29. embaixatriz (esposa) ou embaixadora (ocupante do cargo)
30. abadessa
31. diaconisa
32. sacerdotisa
33. episcopisa
34. papisa
35. profetisa
36. pitonisa
37. canonisa
38. druidesa, druidisa
39. baronesa
40. condessa
41. duquesa
42. consulesa
43. oficiala
44. alcaidessa ou alcaidina
45. prioresa ou priora
46. bacharela
47. cachorra
48. cadela
49. generala
50. giganta
51. hóspeda
52. elefanta (**aliá** para alguns; **elefoa** já em desuso)
53. pardoca, pardaloca, pardaleja
54. rapariga, moça
55. monja
56. râni ou rani
57. dogesa, dogaresa ou dogaressa
58. sílfide
59. marani
60. varoa, matrona, virago ou mulher
61. sandia
62. tabaroa
63. bode
64. carneiro
65. cupim
66. (ou javalina) javali
67. cavaleiro
68. cavalheiro
69. (ou veada) veado
70. burro
71. zangão ou zângão
72. rinoceronte
73. infanta (pode também ficar invariável)
74. governanta (também invariável)
75. presidenta (também invariável)
76. parenta (também invariável)
77. invariável

	MASCULINO	Ã	OA	ONA	OUTRAS
78.	aldeão	aldeã			
79.	alemão	alemã			
80.	anfitrião	anfitriã	anfitrioa		
81.	beirão		beiroa		
82.	bretão	bretã	bretoa		
83.	ermitão	ermitã	ermitoa		
84.	figurão			figurona	

	MASCULINO	Ã	OA	ONA	OUTRAS
85.	lebrão				lebre
86.	maganão				magana
87.	perdigão				perdiz
88.	respondão			respondona	
89.	sultão				sultana
90.	tecelão	tecelã	teceloa		
91.	valentão			valentona	
92.	vilão	vilã	viloa		

93. a
94. C
95. C
96. C
97. C
98. mesas
99. cafés
100. degraus
101. reféns
102. álbuns
103. jasmins
104. mares
105. colheres
106. gestores
107. xadrezes
108. raízes
109. cruzes
110. ardis
111. barris
112. fósseis
113. mísseis
114. animais
115. sóis
116. papéis
117. pauis
118. cidadãos
119. irmãos
120. cristãos
121. corações
122. frações
123. balões
124. pães
125. capelães
126. cães
127. bolões
128. filhões
129. verdões
130. órfãos
131. sótãos
132. órgãos

		ões	**ãos**	**ães**
133.	alão (cão de fila)	alões	alãos	alães
134.	alazão	alazões	—	alazães
135.	alcorão	alcorões	—	alcorães
136.	aldeão	aldeões	aldeãos	aldeães
137.	anão	anões	anãos	—
138.	ancião	anciões	anciãos	anciães
139.	bastião (baluarte)	bastiões	—	bastiães
140.	bênção	—	bênçãos	—
141.	capelão	—	—	capelães
142.	capitão	—	—	capitães

		ões	ãos	ães
143.	castelão	castelões	castelãos	castelães
144.	charlatão	charlatões	—	charlatães
145.	cidadão	—	cidadãos	—
146.	corrimão	corrimões	corrimãos	—
147.	deão (decano)	deões	deãos	deães
148.	ermitão	ermitões	ermitãos	ermitães
149.	escrivão	—	—	escrivães
150.	feijão	feijões	—	—
151.	fuão (fulano)	fuões	fuãos	—
152.	guardião	guardiões	—	guardiães
153.	hortelão	hortelões	hortelãos	—
154.	mão	—	mãos	—
155.	opinião	opiniões	—	—
156.	órgão	—	órgãos	—
157.	pagão	—	pagãos	—
158.	peão	peões	peãos	peães
159.	pião	piões	piãos	piães
160.	questão	questões	—	—
161.	rufião	rufiões	—	rufiães
162.	sacristão	—	sacristãos	sacristães
163.	sultão	sultões	sultãos	sultães
164.	tabelião	—	—	tabeliães
165.	verão	verões	verãos	—
166.	vilão	vilões	vilãos	—
167.	vulcão	vulcões	vulcãos	vulcães

168. ões
169. C
170. C
171. C
172. ananases
173. ingleses
174. ilhoses
175. os lápis
176. os oásis
177. os ônibus
178. peões + zinhos – peõezinhos
peãos + zinhos – peãozinhos
peães + zinhos – peãezinhos
179. papéis + zinhos – papeizinhos
180. cães + zitos – cãezitos
181. balões + zinhos – balõezinhos
182. aposta (′) – apostos (′)
183. porca (′) – porcos (′)
184. sogra (′) – sogros (^)
185. sogras (′)
186. bolhas (^)
187. rodas (′)

	SINGULAR	PLURAL	
		(^)	(′)
188.	abrolho (^)		abrolhos
189.	adorno (^)	adornos	
190.	almoço (^)	almoços	
191.	arroba (^)	arrobas	
192.	bolha (^)	bolhas	
193.	bolso (^)	bolsos	
194.	cachorro (^)	cachorros	
195.	caroço (^)		caroços
196.	cebola (^)	cebolas	
197.	choco (^)		chocos
198.	coco (^)	cocos	
199.	consolo (^)	consolos	
200.	contorno (^)		contornos
201.	corno (^)		cornos
202.	coro (^)		coros
203.	corpo (^)		corpos
204.	corvo (^)		corvos
205.	cota (′)		cotas
206.	dorso (^)	dorsos	
207.	esforço (^)		esforços
208.	esposa (^)	esposas	
209.	esposo (^)	esposos	
210.	estorvo (^)	estorvos	estorvos
211.	fogo (^)		fogos
212.	folha (^)	folhas	
213.	forno (^)		fornos
214.	foro (^)		foros
215.	fosso (^)		fossos
216.	globo (^)	globos	
217.	imposto (^)		impostos
218.	jogo (^)		jogos
219.	miolo (^)		miolos
220.	moda (′)		modas
221.	molho (′) (de chaves)		molhos

	SINGULAR	PLURAL	
		(^)	(′)
222.	molho (^) (de tomate)	molhos	
223.	morro (^)	morros	
224.	namoro (^)	namoros	
225.	olho (^)		olhos
226.	osso (^)		ossos
227.	ovo (^)		ovos
228.	peroba (′)		perobas
229.	pescoço (^)	pescoços	
230.	piloto (^)	pilotos	
231.	piolho (^)	piolhos	
232.	poço (^)	poços	poços
233.	polvo (^)	polvos	
234.	porto (^)		portos
235.	potro (^)	potros	
236.	povo (^)		povos
237.	reboco (^)	rebocos	
238.	reforço (^)		reforços
239.	repolho (^)	repolhos	
240.	roda (′)		rodas
241.	rogo (^)		rogos
242.	rolha (^)	rolhas	
243.	rolo (^)	rolos	
244.	rosto (^)	rostos	
245.	senhora (′)		senhoras
246.	socorro (^)		socorros
247.	sogra (′)		sogras
248.	sogro (^)	sogros	
249.	sopa (^)	sopas	
250.	sopro (^)	sopros	
251.	sova (′)		sovas
252.	suborno (^)	subornos	
253.	tijolo (^)		tijolos
254.	toco (^)	tocos	tocos
255.	toldo (^)	toldos	
256.	topo (^)	topos	
257.	tremoço (^)		tremoços
258.	troco (^)	trocos	trocos

259. furta-cores
260. quebra-mares
261. porta-bandeiras
262. pára-choques (nova ortografia: para-choques)
263. guarda-chuvas
264. cirurgiões-dentistas
265. tenentes-coronéis
266. couves-flores
267. amores-perfeitos
268. cabras-cegas
269. guardas-civis
270. guardas-noturnos
271. segundas-feiras
272. terças-feiras
273. meios-fios
274. bananas-maçã
275. canetas-tinteiro
276. navios-escola
277. peixes-boi
278. mangas-rosa
279. pães-de-ló (nova ortografia: pães de ló)
280. estrelas-do-mar
281. papos-de-anjo
282. babas-de-moça (nova ortografia: babas de moça)
283. grãos-de-bico
284. vice-presidentes
285. ex-diretores
286. ave-marias
287. grão-duques
288. sempre-vivas
289. abaixo-assinados
290. tico-ticos
291. tique-taques
292. reco-recos
293. corre-corres ou corres-corres
294. pisca-piscas ou piscas-piscas
295. pega-pegas ou pegas-pegas
296. frutas-pão ou frutas-pães
297. guardas-marinha ou guardas-marinhas
298. padres-nossos ou padre-nossos
299. salvos-condutos ou salvo-condutos
300. ruges-ruges ou ruge-ruges
301. os bota-fora
302. os louva-a-Deus
303. os disse-me-disse (nova ortografia: os disse me disse)
304. os leva-e-traz (nova ortografia: os leva e traz)
305. os pisa-mansinho
306. b
307. d
308. d
309. a
310. e
311. d
312. e
313. c
314. a
315. e
316. a
317. C
318. C
319. C
320. C
321. C
322. C
323. C
324. E
325. E
326. ovelhas leiteiras
327. lobos
328. peixes
329. camelos
330. uvas, bananas
331. bispos
332. professores, religiosos
333. vadios
334. navios de guerra
335. cabras
336. músicos
337. garimpeiros
338. peixes pequeninos
339. assassinos, malfeitores
340. sacerdotes
341. cardeais p/ escolher o Papa
342. cardeias com o Papa
343. atores
344. aviões
345. soldados, demônios
346. M
347. M
348. F
349. M
350. F
351. F
352. o
353. o
354. o
355. a
356. o
357. o/a
358. o
359. o
360. a
361. o/a
362. a
363. a
364. o
365. o
366. o
367. o/a
368. o
369. o
370. o
371. o

372. o
373. o
374. o
375. a
376. diaba, diabra, diáboa
377. deusa, deia, diva

5 ARTIGO

1. c
2. a
3. b
4. c
5. d
6. e
7. e
8. E
9. C
10. C
11. C
12. C
13. C
14. C
15. a, c
16. a, c
17. d
18. e
19. a, b, c
20. d

6 ADJETIVO

1. c
2. b
3. a
4. anexa
5. publicada
6. proibida
7. quite
8. final
9. grave
10. penosos
11. quites
12. quitados
13. velhos
14. luso-brasileiros
15. hispano-americanas
16. lítero-musicais (nova ortografia: literomusicais)
17. verde-claras
18. castanho-claros
19. azul-piscina
20. grafite-fosca
21. cinza-pérola
22. verde-mar
23. c
24. a
25. b
26. a
27. b
28. a
29. b
30. C
31. C
32. d (amicíssimo é o certo)
33. a
34. e (os prós e os contras)
35. d
36. E
37. E
38. C
39. C
40. C
41. E
42. E
43. C
44. d
45. d
46. e
47. b
48. a (**menor** é superioridade na qualidade de pequeno; é **mais** pequeno e não menos grande)
49. a (pior é **mais** mau e não menos bom)
50. c
51. acutíssimo
52. amaríssimo
53. antiquíssimo
54. aspérrimo
55. celebérrimo
56. crudelíssimo
57. dulcíssimo
58. docílimo
59. fidelíssimo
60. frigidíssimo
61. incredibilíssimo
62. integérrimo
63. libérrimo
64. minutíssimo
65. nigérrimo
66. nobilíssimo
67. prodigalíssimo
68. publicíssimo
69. superbíssimo
70. tetérimo
71. aquilino
72. ebúrnea
73. acrídeo
74. ígneo
75. leporinos
76. letal
77. hircino
78. capilar
79. bélicas

80. murina
81. anímico
82. columbino
83. cutânea
84. docente
85. discente
86. eólia
87. pluvial
88. fluvial
89. episcopal
90. glacial
91. gástrica e renal
92. áureo e argênteo
93. austral ou meridional
94. boreal ou setentrional
95. baiano e soteropolitano ou salvadorense
96. hierosolimitano
97. chinês, chim ou chino
98. judeu, judaico, judengo, judio
99. egípcio, egipcíaco, egipciano, egiptano

7 PRONOME

1. PA, PS, PS
2. PS, PA
3. PA, PA, PS
4 a 8. R, O, O
9. R, R, O
10. lhe, os
11. o
12. la
13. os
14. lhe
15. mim
16. ti, te
17. si, se
18. nós, nos
19. Ama-lo
20. Fê-los
21. qué-lo
22. to, ta, tos, tas
23. lho, lha, lhos, lhas
24. lho, lha, lhos, lhas
25. no-lo, no-la, no-los, no-las
26. vo-lo, vo-la, vo-los, vo-las
27. Dizem-na
28. Cumprem-nas
29. Põe-no
30. Põem-nos
31. eu
32. eu
33. eu
34. eu
35. consigo
36. consigo
37. com você
38. si
39. C
40. C
41. C
42. C
43. C
44. C
45. E
46. E
47. E
48. C
49. C
50. E
51. C
52. C
53. C
54. E
55. C
56. C
57. C
58. C
59. E
60. E
61. C
62. C
63. C
64. Você
65. Vossa Senhoria
66. Vossa Excelência
67. Vossa Excelência Reverendíssima
68. Vossa Magnificência
69. Sua Senhoria
70. Sua Reverendíssima
71. Sua Magnificência
72. Sua Excelência Reverendíssima
73. Sua Excelência
74. Vossa Senhoria **entende**...
75. Vossa Excelência **tem** todos os **seus** argumentos...
76. Este
77. Esse
78. Esse
79. Aquele
80. Aqueles
81. Esse
82. Este
83. isto, este, esta, estes, estas
84. isso, esse, essa, esses, essas
85. céu, montanhas
86. (1 aquelas; 2 essa; 3 este)
87. Desta vez serei eu que decidirei meu futuro.
88. O crítico elogiou o filme de que (do qual) Paulo Autran participou.
89. O autor cuja obra foi condenada vive na clandestinidade.

90. Passaram as férias na praia onde (em que/na qual) se conheceram.
91. As tribos, que tiveram contato com a civilização, foram dizimadas por doenças.
92. que (eu) vi
93. de quem (eu) falei
94. por quem (eu) procurava
95. em quem (eu) pensava
96. cujo filho (eu) conheço
97. Chegou a mãe do rapaz a qual encontramos no cinema.
98. Chegou a mãe do rapaz o qual encontramos no cinema.
99. Este é o quarto da casa com o qual Julieta sonha.
100. Este é o quarto da casa com a qual Julieta sonha.
101. A filha de Paulo, a qual fugiu ontem, está sem paradeiro definido.
102. A filha de Paulo, o qual fugiu ontem, está sem paradeiro definido.
103. Qual o seu nome?
104. Quem os apoiaria?
105. Quantos virão para o jantar?
106. O que procuras aqui?
107. a
108. c
109. d
110. b
111. Rasgaram-me a roupa.
112. Confiscaram-lhe(s) os bens.
113. Isso nos roubou a vontade.
114. b
115. c
116. a
117. e
118. d
119. Quem, tudo, tudo
120. Alguns, várias
121. Muitas, pouco
122. Certas
123. Cada, quanto
124. Cada qual
125. Quem quer que, cada um
126. seja quem for
127. A gente, todo mundo, a gente
128. b
129. a
130. a
131. d
132. a
133. A resposta que o examinador esperava era a letra c. Entretanto, a letra b também pode ser respondida, desde que se considere o período como optativo (Tomara que Sua Excelência se sinta à vontade...)
134. b
135. a
136. c
137. b
138. d
139. a/d (até 21/12/2012)
140. e
141. c
142. c
143. b
144. c
145. e
146. a
147. c
148. b
149. d
150. isso
151. isto
152. este
153. Estes
154. essas
155. este
156. aqueles, estes
157. esse
158. Aquele, este
159. Esta, aquelas
160. Aquele, este, esse
161. Este, aquela
162. E
163. E
164. C
165. E
166. C
167. E
168. C
169. C
170. essa, nesta

8 NUMERAL

1. C
2. C
3. E
4. C
5. C
6. C

	Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
7.	um	primeiro, primário, primo	———	———
8.	dois	segundo, secundário	dobro, duplo, dúplice	meio, metade
9.	três	terceiro, terciário	triplo, tríplice, trino	terço
10.	quatro	quarto, quarternário	quádruplo	quarto
11.	cinco	quinto	quíntuplo	quinto
12.	seis	sexto	sêxtuplo	sexto
13.	sete	sétimo, setenário	sétuplo	sétimo
14.	oito	oitavo	óctuplo	oitavo
15.	nove	nono	nônuplo	nono
16.	dez	décimo	décuplo	décimo
17.	onze	undécimo, décimo primeiro	undécuplo	onze avos
18.	doze	duodécimo, décimo segundo	duodécuplo	doze avos
19.	treze	décimo terceiro	———	treze avos
20.	catorze	décimo quarto	———	catorze avos
21.	quinze	décimo quinto	———	quinze avos
22.	dezesseis	décimo sexto	———	dezesseis avos
23.	dezessete	décimo sétimo	———	dezessete avos
24.	dezoito	décimo oitavo	———	dezoito avos
25.	dezenove	décimo nono	———	dezenove avos
26.	vinte	vigésimo	———	vigésimo / vinte e ... avos
27.	trinta	trigésimo	———	trigésimo / trinta e... avos
28.	quarenta	quadragésimo	———	quadragésimo / quarenta e...avos
29.	cinquenta	quinquagésimo	———	quinquagésimo / cinquenta e...avos
30.	sessenta	sexagésimo	———	sexagésimo / sessenta e...avos
31.	setenta	se(p)tuagésimo	———	se(p)tuagésimo / setenta e...avos
32.	oitenta	octogésimo	———	octogésimo / oitenta e... avos
33.	noventa	nonagésimo	———	nonagésimo / noventa e ...avos
34.	cem	centésimo	cêntuplo	centésimo / cento e... avos
35.	duzentos	ducentésimo	———	ducentésimo / duzentos e... avos
36.	trezentos	tricentésimo, trecentésimo	———	tricentésimo, trecentésimo / trezentos e... avos
37.	quatrocentos	quadringentésimo	———	quadringentésimo / quatrocentos e... avos
38.	quinhentos	quingentésimo	———	quingentésimo / quinhentos e... avos
39.	seiscentos	seiscentésimo, sexcentésimo	———	seiscentésimo/sexcentésimo / seiscentos e... avos
40.	setecentos	se(p)tingentésimo	———	se(p)tingentésimo / setecentos e... avos
41.	oitocentos	octingentésimo	———	octingentésimo / oitocentos e... avos
42.	novecentos	nongentésimo, noningentésimo	———	nongentésimo, noningentésimo / novecentos e... avos
43.	mil	milésimo	———	milésimo
44.	milhão	milionésimo	———	milionésimo
45.	bilhão	bilionésimo	———	bilionésimo
46.	trilhão	trilionésimo	———	trilionésimo

47. E
48. C – noningentésimo(a) é forma variável de nongentésimo(a).
49. C
50. E
51. E
52. C
53. C
54. C
55. E (Variam em número: duas década(s) mi-lhar(es))
56. C
57. C
58. C
59. C
60. vinte e quatro milhões, cento e trinta e dois mil, quatrocentos e trinta e seis
61. vinte e dois bilhões, trezentos e trinta e três milhões, quatrocentos e trinta e dois mil, cento e vinte e três
62. C
63. C
64. nove mil e cinquenta e seis
65. nove mil e seis
66. nove mil, cento e cinquenta e seis
67. nove mil, trezentos e vinte
68. nove mil e trezentos
69. um terço
70. dois terços
71. cinco oitavos
72. um oitavo
73. três onze avos
74. um vigésimo
75. sete trigésimos
76. quatro trinta e três avos
77. onze ducentésimos
78. treze duzentos e vinte avos
79. E
80. C
81. E
82. C
83. C
84. C
85. C
86. C
87. E
88. C
89. C
90. onze
91. segundo
92. sexto
93. vinte
94. décimo
95. décimo
96. onze
97. décimo
98. onze
99. primeiro
100. nono
101. dez
102. vinte e cinco
103. primeiro
104. dois
105. vinte e cinco
106. trinta e um
107. um
108. um
109. um
110. um
111. um
112. dois
113. nove
114. vinte e dois
115. dez
116. milésimo se(p)tingentésimo quinquagésimo sétimo
117. quadringentésimo octogésimo sexto
118. oito bilhões, setecentos e vinte e três milhões, oitocentos e quarenta e seis mil, cento e vinte e três reais e trinta e cinco centavos
119. cinco ducentésimos
120. dezoito por cento
121. E (trezentas)
122. E (5 de outubro)
123. C
124. C
125. E (um décimo)
126. E (décimo)
127. E (décimo oitavo)
128. E (quadragésima segunda)
129. C (forma cartorial)
130. Sim, a expressão "nem um" é mais enfática, tem mais energia que "nenhum".

9 VERBO

1. C
2. E
3. E
4. C
5. C
6. C

7. E
8. E
9. C
10. C
11. C
12. C
13. C
14. C
15. C
16. E
17. C
18. C
19. C
20. C
21. C
22. C
23. C
24. E
25. C
26. C
27. C
28. C
29. C
30. E
31. C
32. C
33. C
34. C
35. a, c, b
36. b, a, a
37. C
38. C
39. C
40. C
41. C
42. C
43. C
44. C
45. C
46. C
47. C
48. E
49. C
50. C
51. C
52. C
53. C
54. C
55. C
56. E (compramos)
57. E (compram)
58. C
59. E (puderem)
60. E (compram)
61. C
62. E (chegaram)
63. C
64. C
65. E (chegue)
66. E (tivesse)
67. C
68. C
69. C
70. E (terias chegado)
71. C
72. E (saísse)
73. C
74. C
75. E (chovesse ou fizesse)
76. E (estivessem)
77. E (estiverem)
78. C
79. C
80. C
81. E
82. E
83. C
84. C
85. E
86. C
87. E
88. C
89. E
90. C
91. C
92. C
93. C
94. 1 e 3
95. 2
96. 2
97. 1 e 3
98. Pode entender-se que cada um se molha, ou que um molha o outro e por ele é também molhado, isto é, pode haver só ação reflexiva ou só ação recíproca.
99. Quando se quer expressar reciprocidade, usa-se um advérbio esclarecedor: Eles se molham **mutuamente** (ou **reciprocamente**, ou **um ao outro**...).
100. E
101. C
102. C
103. C
104. C
105. C
106. C
107. C
108. C
109. C
110. E
111. C
112. C
113. C
114. C
115. C
116. C
117. Um presente é trazido por ela.
118. Soluções serão trazidas por ela.
119. Perfume era trazido por ela.
120. Perfumes seriam trazidos por ela.
121. Uns presentes estiveram sendo trazidos por ela.

122. Um presente estará sendo trazido por ela.
123. Uns presentes estariam sendo trazidos por ela.
124. Um presente deverá estar sendo trazido por ela.
125. Procurava-se solução.
126. Pedir-se-ia um favor.
127. Fabricar-se-ão barco aqui.
128. Procuravam-se soluções.
129. Pedir-se-iam uns favores.
130. Fabricar-se-ão barcos aqui.
131. C
132. C
133. E
134. C
135. E
136. C
137. C
138. C
139. Voz ativa
140. Voz passiva. Procuram-se líderes
141. Voz ativa
142. Voz passiva. Não se falavam verdades
143. Voz ativa
144. Voz passiva. Sacou-se a caneta
145. Voz passiva. Focaram-se dois tatus
146. Voz ativa
147. C
148. C
149. C
150. C
151. C
152. C
153. C
154. C
155. C
156. C
157. E
158. C
159. E
160. C
161. C
162. C
163. C
164. C
165. C
166. C
167. C
168. C
169. C
170. C
171. C
172. C
173. C
174. C
175. C
176. C
177. E
178. C
179. C
180. C
181. C
182. C
183. C
184. C
185. E
186. C
187. C
188. C
189. E
190. C
191. C
192. C
193. C
194. C
195. C
196. C
197. E
198. C
199. C
200. C
201. C
202. C
203. C
204. C
205. C
206. C
207. C
208. E
209. C
210. C
211. C
212. C
213. C
214. C
215. E
216. E
217. C
218. C
219. C
220. C
221. C
222. C
223. C
224. C
225. C
226. C
227. C
228. C
229. C
230. C
231. C
232. C
233. E
234. C
235. C
236. C
237. C
238. C
239. C
240. C
241. C
242. C
243. C
244. C

245. C
246. E
247. C
248. C
249. ame, leia, fuja
250. ames, leias, fujas
251. ame, leia, fuja
252. amemos, leiamos, fujamos
253. ameis, leiais, fujais
254. amem, leiam, fujam
255. C
256. E
257. C
258. C
259. C
260. C
261. E
262. C
263. C
264. C
265. corre – corras
266. corra – corra
267. corramos – corramos
268. correi – corrais
269. corram – corram
270. Namore, vibre, corra, pule, divirta-se à vontade.
271. Não namores, não vibres, não corras, não pules, não te divirtas à vontade.
272. Diverti-vos, mas não vos esgoteis.
273. pudera – quando puder – se eu pudesse
274. puderas – puderes – pudesses
275. pudera – puder – pudesse
276. pudéramos – pudermos – pudéssemos
277. pudéreis – puderdes – pudésseis
278. puderam – puderem – pudessem
279. quisera – quiser – quisesse
280. vira – vir – visse
281. viera – vier – viesse
282. houvera – houver – houvesse
283. coubera – couber – coubesse
284. C
285. C
286. C
287. C
288. C
289. E
290. C
291. C
292. E
293. C
294. C
295. C
296. ajo – agi – agiria – R
297. caibo – coube – caberia – I
298. creio – cri – creria – I
299. enxáguo – enxaguei – enxaguaria – R
300. vou – fui – iria – I
301. faço – fiz – faria – I
302. mobílio – mobiliei – mobiliaria – R
Obs.: também existem:
Mobilar: mobilo, mobilei, mobilaria – R
Mobilhar: mobilho, mobilhei, mobilharia – R
303. pulo – poli – poliria – I
304. pulo – pulei – pularia – R
305. possuo – possuí – possuiria – R
306. posso – pude – poderia – I
307. quero – quis – quereria – I
308. requeiro – requeri – requereria – I
309. sou – fui – seria – I
310. sumo – sumi – sumiria – R
311. C
312. C
313. E
314. C
315. C
316. C
317. E
318. E
319. E
320. C
321. C
322. C
323. C
324. C
325. C
326. C
327. C
328. C
329. C
330. C
331. C
332. C
333. C
334. C
335. C
336. C
337. C
338. C
339. E
340. C
341. C
342. C
343. C
344. C
345. E
346. C
347. C
348. C
349. C
350. E – O verbo "estar" não forma voz passiva.
351. C

352. C
353. E
354. E
355. C
356. C
357. E
358. C
359. C
360. C
361. C
362. C
363. C
364. C
365. C
366. C
367. C
368. C
369. E
370. C
371. C
372. C
373. C
374. E
375. C
376. E
377. C
378. C
379. C
380. C
381. E
382. C
383. E
384. C
385. C
386. C
387. C
388. C
389. C
390. C
391. E
392. C
393. E
394. C
395. E
396. C
397. C
398. C
399. C
400. C
401. E
402. C
403. C
404. C
405. C
406. C
407. C
408. E
409. C
410. C
411. C
412. C
413. C
414. E
415. C
416. C
417. C
418. i, i, i, a, a, i
419. C
420. C
421. E
422. C
423. C
424. C
425. E
426. C
427. C
428. C
429. E
430. C
431. C
432. C
433. C
434. C
435. C
436. C
437. C
438. C
439. C
440. E
441. C
442. C
443. C
444. E
445. C
446. C
447. C
448. E
449. C
450. C
451. E
452. C
453. C
454. C
455. C
456. C
457. E
458. C
459. C
460. C
461. C
462. C
463. C
464. C
465. C
466. C
467. C
468. C
469. C
470. C
471. C
472. C
473. E
474. C
475. C
476. C
477. C
478. E
479. C
480. C
481. C
482. C
483. C
484. C
485. C
486. C

487. C
488. C
489. C
490. C
491. C
492. C
493. C
494. C
495. proveste, proveu, provera, proveras, provesse, provesses, provido.
496. C
497. C
498. C
499. C
500. C
501. C
502. C
503. C
504. C
505. C
506. C
507. C
508. C
509. C
510. C
511. E
512. C
513. C
514. C
515. C
516. C
517. C
518. C
519. C
520. C
521. C
522. C
523. C
524. C
525. C
526. C
527. C
528. C
529. C
530. E
531. C
532. C
533. C
534. C
535. C
536. C
537. C
538. C
539. C
540. C
541. C
542. C
543. C
544. E
545. C
546. C
547. C
548. E
549. E
550. C
551. C
552. C
553. C
554. C
555. C
556. C
557. C
558. C
559. C
560. E
561. C
562. E
563. C
564. C
565. C
566. C
567. E
568. C
569. C
570. C
571. C
572. C
573. C
574. C
575. C
576. C
577. C
578. C
579. C
580. E
581. C
582. C
583. C
584. C
585. C
586. C
587. C
588. C
589. C
590. C
591. C
592. C
593. C
594. C
595. C
596. C
597. C
598. C
599. C
600. Vai com Deus, sê feliz e, quando saíres, fecha a porta.
Ide com Deus, sede felizes e, quando sairdes, fechai a porta.
601. recupero – reouve
602. reouvemos – recupera
603. expressado/expresso – exprimido/expresso
604. extinguido/extinto – suspendido/suspenso
605. frigido/frito – aberto
606. abrir
607. vir/direi
608. interveio/quis/propusera
609. averigúe/mobílio
Obs.: existe também: mobilar e mobilhar regulares

610. vier/puder
611. frase correta
612. vier
613. vir/vier (verbo ver e vir)
614. vimos
615. vieres
616. vir
617. vires/vier
618. vimos/viemos
619. vier
620. vir
621. vieres
622. vierdes
623. virem
624. vierem
625. c
626. b
627. e
628. e
629. f
630. a
631. a
632. a
633. b
634. d
635. b
636. pret. imperf. indicativo
637. imperativo afirmativo
638. infinitivo
639. pret. imperf. do subjuntivo
640. pret. imperf. do indicativo
641. gerúndio
642. pret. perf. do indicativo
643. pret. perf. do indicativo
644. futuro do subjuntivo
645. pres. do subjuntivo
646. futuro do presente
647. pret. perfeito do indicativo
648. E
649. C
650. E
651. C
652. C
653. C
654. C
655. C
656. C
657. mantive-me
658. contivesse
659. reouve
660. C
661. C
662. (tu / você)
663. C
664. C
665. C
666. valha/valer
667. possa/puder
668. queira/quiser
669. requeira/requerer
670. ponha/puser
671. veja/vir
672. caiba/couber
673. tenha/tiver
674. trague/tragar
675. traga/trouxer
676. saiba/souber
677. remedeie/remediar
678. formos/opuseram
679. virdes/dobreis
680. vieres/trouxeste
681. propuser/intervenha
682. revirem/mantiverem
683. interveio/compuseram
684. será
685. desavieram
686. d
687. b
688. a) A grosseria de Deus me feriu e insultou-me.
b) A grosseria de Deus me ferira e insultara-me.
689. vires / vires / vires
690. b
691. a
692. a
693. e
694. d
695. e
696. e
697. c
698. d
699. b
700. a
701. c
702. e
703. d
704. c
705. d
706. a) Se compraste a máquina, jura-o.
b) Se compuseste um poema, dize-o (ou di-lo).
707. b
708. e
709. e
710. Não saias daqui! Não fujas! Não abandones o que é teu e não me esqueças.
711. a) reouver;
b) compuser
712. c
713. b
714. c
715. d
716. b
717. b
718. a
719. c
720. d
721. b
722. b
723. d
724. c
725. d
726. e
727. b
728. e
729. E (somam > apresentam; somaram > apresentaram)

10 ADVÉRBIO

1. A menina alta cantava alto.
2. As meninas altas cantavam alto.
3. Eram muitos problemas.
4. Eram problemas muito fáceis.
5. muito pouca – muito pouco admirada
6. E
7. C
8. C
9. E
10. C
11. C
12. E
13. E
14. C
15. C
16. C
17. C
18. E
19. C
20. b
21. e
22. a
23. g
24. f
25. f
26. c
27. d
28. b
29. c
30. d
31. a
32. c
33. d
34. b
35. E
36. E
37. C
38. C
39. E
40. C
41. C
42. C
43. C
44. C
45. C
46. C
47. C
48. E
49. C
50. C
51. C
52. C
53. C
54. C
55. E
56. C
57. C
58. C
59. C
60. C
61. C
62. E
63. C
64. C
65. C
66. C
67. C
68. C
69. C
70. C
71. E

	Adv.	Classif.	Loc.Adv.	Classif.
72.	nunca tão	tempo e negação intensidade		
73.	lá	lugar		
74.	tão cedo	intensidade tempo	Por que	causa
75.	Não onde como	negação lugar modo		
76.	Talvez não quando	dúvida negação tempo		
77.			da Espanha	lugar
78.	muito pouco	intensidade intensidade		
79.	bastante	intensidade		
80.	Meio	intensidade		

11 PREPOSIÇÃO

1. d
2. a
3. e
4. c
5. b
6. i
7. h
8. d
9. c
10. b
11. a
12. g
13. f
14. e
15. j
16. k
17. a
18. b
19. a
20. b
21. b (está subentendido o verbo: *"menos eu (vou)."*
22. c
23. ao/pelo
24. à/pela – com
25. no
26. dessa
27. àquelas
28. para
29. sem
30. por
31. c (ler, falar **sobre** um assunto)
32. d (a ideia é de causa: tiritavam por causa do frio)

12 CONJUNÇÃO

1. C
2. C
3. C
4. C
5. E
6. C
7. C
8. C
9. C
10. C
11. C
12. E
13. C
14. C
15. C
16. C
17. C
18. C
19. c
20. b
21. e
22. e
23. a
24. b
25. c
26. d
27. 3 – 10
28. 5
29. 1 – 8
30. 2 – 8
31. 4 – 5
32. 6 – 10
33. 7 – 5
34. 9
35. C
36. E
37. C
38. C
39. C
40. E
41. C
42. i – n
43. l – m
44. o – c – o
45. o – b – o
46. k
47. h – a – i
48. g – f
49. e – j
50. d – l

13 INTERJEIÇÃO

1. b
2. d
3. e
4. c
5. g
6. f
7. a
8. h
9. j
10. i
11. E
12. C
13. C
14. C
15. E
16. C
17. C
18. C
19. C
20. E "Oh! não me chames assim."

14 SEMÂNTICA

1. d
2. c
3. c
4. d
5. c
6. d
7. a
8. b
9. c
10. d
11. a
12. d
13. c
14. b
15. e
16. e
17. a
18. b
19. d
20. c
21. f
22. e
23. eminente – iminente
24. despercebido
25. discrição
26. prescreveu
27. proscreveu
28. tráfego
29. 1
30. 6, 2
31. 6
32. 6, 1
33. 2
34. 5
35. 5
36. 6
37. 2
38. 1
39. 1
40. 1
41. 2
42. 1
43. 2
44. 2, 1
45. 1, 2
46. 3, 2
47. 2
48. 2, 1
49. 2, 1
50. 2, 1
51. 2, 1
52. 1, 2
53. 2, 1
54. 3
55. 1
56. 2
57. 2, 1
58. 3, 2, 1
59. b
60. c
61. e
62. b
63. a
64. a
65. d
66. b
67. a
68. a
69. e
70. e
71. b
72. a
73. b
74. d
75. d
76. C
77. E
78. C
79. C
80. Amazônia

15 CONCORDÂNCIA NOMINAL

1. C
2. C
3. C
4. C
5. E
6. C
7. E
8. C
9. E
10. os / o
11. os / a
12. as / a
13. os / os
14. os / os
15. os / o
16. o
17. a
18. as
19. os
20. os
21. os
22. os
23. os
24. os
25. os
26. as
27. o

28. Estes
29. Elas
30. as
31. es
32. as
33. as
34. os
35. os
36. sós/só
37. as
38. as
39. as
40. as
41. as
42. os
43. quaisquer
44. os
45. C
46. E
47. C
48. C
49. C
50. E
51. C
52. s – os – os
53. s – as – as
54. s – os
55. o – o
56. o – o
57. o – o
58. ∅
59. a – a – ∅
60. ∅ – s
61. a – a – ∅ – as
62. l – l
63. l – is
64. l – is
65. is – is
66. is – l
67. os
68. os
69. o – o
70. o
71. a – a
72. el
73. eis
74. el
75. el
76. eis
77. el
78. eis
79. eis
80. C
81. C
82. C
83. C
84. E
85. C
86. vistos/visto
87. vistos/vista
88. vistos/vistos
89. vistos/vistas
90. azuis
91. cinza
92. azul-claros
93. azul-marinho
94. verde-mar
95. verde-garrafa
96. cor de safira
97. azul-celeste
98. novos/as
99. brasileiros/a
100. táticos/o
101. honestos
102. bovina
103. belos
104. bom
105. proibido
106. permitida
107. claros
108. autores
109. necessário
110. ovalado
111. meia (hora)
112. meias
113. meio
114. anexos
115. merecedora
116. mesmas
117. mesmo
118. mesmo
119. sós
120. só
121. quite – quites
122. leso – lesa
123. tais qual
124. juntos – junto
125. anexas
126. alerta
127. menos
128. menos
129. salvo
130. salvos
131. pseudo – pseudo
132. baratas – barato
133. caras – caro
134. possíveis
135. claros possível
136. funcionário competentes
137. maravilhosa
138. maravilhoso
139. vistos/o
140. longes – longe
141. cauteloso
142. cautelosos
143. necessária
144. meia – meio
145. bastante – bastantes
146. alerta
147. tal quais
148. Santo

16 CONCORDÂNCIA VERBAL

1. amos – am
2. as – o
3. ais – a
4. am
5. am
6. emos
7. emos
8. eis (ou ão)
9. ão
10. am/a
11. am/a
12. am
13. á
14. á
15. a/am
16. a/am
17. a/am
18. a/am
19. fazem
20. impressionaram
21. aproximem-se
22. Procure
23. casará
24. é
25. amedrontaram
26. amedrontou
27. fizeram
28. viemos
29. fez
30. vim
31. acertaram/ou
32. atingem/e
33. noticiou
34. pediram
35. sorria/m
36. calou/aram
37. entendeu/eram
38. casará
39. reclamou/aram
40. venceram
41. vencemos
42. vencestes
43. chamou/ei
44. chamou/aste
45. chamou/amos
46. chamou/astes
47. convidou/aram
48. cantou/aram
49. sairão/eis
50. compreendem/emos
51. fará
52. fará
53. quebrou/aram
54. surgiu/iram
55. pode
56. duvida
57. duvidam
58. passaram
59. estudou
60. atuaram/ou
61. Entraram
62. passaram
63. surpreende
64. enfeitiçam
65. enfeitiça
66. atravessa
67. haja/m
68. haja
69. haja
70. consertam
71. cobrem
72. Afia
73. Fala
74. Procurava
75. Discute
76. Era – sabia
77. chegou
78. entenderam
79. virá
80. soou
81. batia
82. deu
83. C
84. C
85. E
86. E
87. C
88. C
89. E
90. C
91. e
92. b
93. c
94. d
95. a
96. C
97. C
98. E
99. C
100. E
101. C
102. C
103. Basta
104. Faz
105. haverá
106. Há
107. Hão
108. Vai
109. Vai
110. Havia
111. Existiam
112. Devem
113. Deve
114. Chovia
115. Choviam
116. é
117. são
118. são
119. era/m
120. é/são
121. eras
122. sereis
123. é
124. será
125. é
126. era

127. É
128. Serão
129. Eram
130. São
131. é/são
132. era/m
133. foi
134. era
135. é que – foi – que
136. é que – será – que
137. é que – serão – que
138. c
139. b (quinhentas)
140. sobraram
141. ganha/mos
142. Faltaram – houvesse
143. Voltamos/aram
144. resolveram
145. convenceu
146. concordou/aram
147. será
148. serão
149. sereis/ão
150. almoçaremos
151. concordaram
152. concorda
153. concordam/ais
154. embolaram
155. Havia
156. Haviam
157. existiam
158. nasciam
159. deporá/ão
160. foi/foram
161. Passou/aram
162. tivestes/tiveram
163. poderá
164. acreditou
165. comovem/e
166. fica/m impotente/s
167. prejudica/m
168. fez/fizeram
169. podem
170. pode
171. demoveu/ram
172. prepararam
173. preparou
174. chegou/aram
175. saiu/ram
176. cantava/m
177. convence/m
178. está/ão
179. cumprimentam
180. entende/m
181. sumiram
182. venceremos
183. venceriam
184. é que
185. é que
186. venceria/m
187. venceu/emos
188. concordou/aram
189. chegarão/emos
190. chegarão/eis
191. falou
192. levantou/aram
193. estão
194. estão/está
195. estão
196. gritavam
197. apresentaram
198. continua
199. continuam
200. haja/m
201. haja
202. Procurava
203. Procuravam
204. pensava
205. fazem
206. bateu
207. ajuda
208. pareciam
209. parecia
210. é primeiro
211. serão – foi
212. e
213. d
214. d
215. a
216. a
217. a
218. a
219. d
220. d
221. a
222. b
223. d
224. c
225. b (mesma Petrópolis)
226. d
227. e
228. b
229. c
230. d
231. a
232. E
233. C
234. C
235. E
236. C
237. E
238. C
239. E
240. C
241. C
242. C
243. E
244. E
245. C
246. C
247. C
248. C
249. C
250. C
251. E
252. E
253. E
254. E
255. E
256. C
257. E
258. e
259. b
260. e

17 REGÊNCIA

1. C
2. C
3. C
4. E
5. C
6. C
7. C

Regência Verbal

8. C
9. C
10. C
11. aos
12. à
13. a
14. a ele
15. por
16. -no
17. ao
18. o
19. à
20. a ele
21. nela
22. ao
23. a
24. aos/os
25. a ela
26. os
27. aqueles/àqueles
28. as/às
29. por
30. E
31. C
32. C
33. C
34. ∅
35. às
36. aos
37. da
38. ∅
39. ao
40. o – do
41. de – ∅
42. ∅
43. em
44. ∅
45. Esta medida não implica aumento de custo.
46. ... implicava comigo.
47. ... implicou a mudança...
48. C
49. C
50. C
51. C
52. C
53. C
54. E
55. C
56. a
57. de
58. a
59. o – do
60. a/da
61. E
62. E
63. C
64. ∅*
65. ∅*
66. ∅*
67. aos
68. a
69. a
70. às
71. o
72. ao
73. a que
74. os
75. a
76. aos
77. ∅ – a
78. ∅ – a
79. ∅ – a
80. E
81. C
82. C
83. o
84. aos
85. que
86. que
87. ao
88. a que
89. ∅
90. ∅
91. ao – ∅ (a primeira é mais aceita)
92. tu – ti
93. eu – mim
94. eu – tu

As construções consideradas melhores são 95 e 98.

99. E
100. C
101. C Ele pedia (permissão) a José para sair.
102. C
103. Não perguntou o de que falávamos.
104. Não sei o em que pensar.
105. C
106. E
107. C
108. C
109. C
110. Havemos ou hemos pensado, havíamos dito.

* Normalmente a resposta é sem preposição, a não ser que o texto dê a entender que o sujeito namore uma pessoa, ao lado ou em companhia de outra.

111. Como vocês houveram tanto dinheiro?
112. Como eu me houve na festa?
113. Tu vais haver-te com ela. Tu te vais haver com ela.
114. Hemos ou havemos admiração por você.
115. Vós havíeis por correta aquela fala.
116. Vós houvestes por bem concordar.
117. as
118. lhe
119. lhe
120. a
121. lhe
122. a ele
123. a ela, a
124. Aceito seu protesto, mas não concordo com ele.
125. Amo meus filhos e lutarei por eles.
126. Oração correta.
127. Conheço as leis e obedeço a elas.

Regência Nominal

128. C
129. C
130. C
131. E
132. C
133. C
134. C
135. C
136. Ele é contrário a metiras e impaciente com elas.
137. aos
138. por
139. por
140. de
141. de
142. C
143. E
144. C
145. C
146. E
147. C
148. E
149. C
150. E
151. C
152. E
153. C
154. E
155. C
156. C
157. C
158. C
159. C
160. E
161. C
162. C
163. E
164. E
165. C
166. E
167. C
168. E
169. C
170. E
171. C
172. E
173. C
174. a
175. a (~~lhe~~, a ele)
176. d
177. e
178. b
179. c
180. a
181. a
182. d
183. b

18 COLOCAÇÃO OU TOPOLOGIA PRONOMINAL

1. a
2. a
3. b
4. a
5. b
6. a
7. a
8. b
9. a
10. a
11. a
12. a
13. a
14. a
15. a
16. a
17. a
18. a
19. a
20. a
21. a
22. a, c
23. a
24. a
25. a
26. a
27. a
28. a
29. a
30. a
31. a
32. a
33. a

34. a
35. a
36. a
37. a
38. E
39. E
40. C
41. E
42. E
43. C
44. C
45. C
46. b
47. b
48. b
49. b
50. b
51. b
52. b
53. b
54. C
55. C
56. C
57. C
58. E
59. C
60. E
61. C
62. C
63. C
64. Resposta pessoal
65. A forma 1
66. C
67. E (pronome reto)
68. E (pronome reto)
69. C
70. C
71. C
72. E (pronome reto)
73. E (pronome reto)
74. E (pronome reto)
75. C
76. C
77. E
78. E
79. C
80. E
81. C
82. C
83. E
84. C
85. E
86. 67, 72, 78, 83, 84
87. e
88. a
89. d
90. b
91. b
92. c
93. 2
94. 2
95. 2
96. 2
97. 1
98. 2
99. 1
100. 1
101. 1
102. 1
103. 1, 4
104. 1
105. 1
106. 1, 3
107. 2
108. 2, 4/5
109. 1/2
110. 1
111. 1/2
112. 1
113. 1
114. 1
115. 1
116. 1
117. 2
118. 1
119. 1
120. 2
121. 1
122. 1
123. 2
124. Ser-me-á bastante fácil.
125. Beijá-la-ei mais.
126. Perdoar-te-ei.
127. Trar-me-ás resposta.
128. Fá-lo-á bem.
129. Por-nos-emos a seu dispor.
130. e
131. d
132. a

19 CRASE

1. E
2. C
3. E
4. C
5. C
6. C
7. do
8. ao
9. daquele
10. C
11. C
12. E
13. C
14. C
15. E

16. C
17. C
18. E (**aquele** e **aquilo** não são femininos e podem ter crase)
19. C
20. C
21. a
22. à
23. a
24. às
25. E
26. C
27. C
28. ...à procura de ... À medida que ... à proporção que ...
Àquela hora ... à farta ... às claras ... às escondidas ... às pressas ... à larga.
29. ... à padaria, à manicura, à modista ... à repartição ... à estação a tempo ... a levaria a Recife ... a Portugal ... à (ou a) Espanha, à (ou a) França, à (ou a) Inglaterra, à (ou a) Holanda e a Israel ... a primeira vez, a Europa ... à (ou a) África.
30. à
31. a
32. às
33. As
34. a
35. às
36. àquele ... à que
37. a cuja
38. àquilo
39. aquela ... a que
40. a belas casas = casas vagas, indefinidas, generalizadas.
às belas casas = casas definidas na cabeça do emissor e do receptor.

41 e 42. As segundas frases, pela presença do artigo definido, dão ideia de maior concretude, maior proximidade real, maior intimidade com o que se nomeia (a casa).

43. até, até ao
44. até, até à
45. até, até àquele
46. C
47. C
48. C
49. E
50. C
51. C
52. C
53. E
54. C
55. C
56. C
57. E
58. Quando se usa o artigo definido, o campo semântico do substantivo fica definido, especificado, bem conhecido de emissor e receptor. É o caso das segundas frases: **à** Ester, **à** Marlene, **ao** Ernesto. Nas primeiras frases, Ester, Marlene e Ernesto, por **não** terem artigo definido, têm um sentido vago, mais distante, menos íntimo.
59. b, c
60. C
61. C
62. à
63. à
64. A crase é da **preposição a** com o **artigo feminino a**. Antes de masculino, não se usa artigo feminino.
65. Antes de verbo não se usa artigo feminino.
66. Antes de pronomes pessoais não se usa artigo.
67. Antes de pronomes de tratamento não se usa artigo, exceto Madame, Senhora, Senhorita e Dona.
68. E
69. C
70. E
71. C
72. E
73. C
74. C
75. C
76. obrigatória: à (compare com o exercício 69)
77. obrigatória: à (compare com o exercício 69)
78. obrigatória: à (compare com os exercícios 71 e 73)
79. facultativa: a/à (compare com os exercícios 74 e 75)
80. Porque não pode haver artigo definido antes de artigos ou pronomes indefinidos.
81. a
82. a
83. a
84. a
85. Porque não pode haver artigo definido antes de pronome demonstrativo.

86. Porque não há artigo. Se antes de plural houvesse artigo, teria o artigo que estar no plural: Refiro-me **às** pessoas.
87. à
88. a
89. a
90. A, a
91. à, à
92. a, à, a
93. a/à, a, a, às/a
94. a, a
95. a, a (Se for **ao** Júpiter, será, por paralelismo, **à** Minerva. Mas pode-se quebrar o paralelismo. *Vide* página 371).
96. a
97. à porta
98. a casa, à/a sua mãe
99. à, à
100. a este, àquele
101. à/a, à, à
102. à casa dos pais
103. a
104. à, à, à, à
105. a, a, a
106. à/a, à
107. a, a
108. a, à
109. à, à, a
110. Às, à
111. a, à, a
112. À medida que ... à/a Dona ... à Senhorita ... à Madame.
113. a enorme depressão ... a Brasília ... a pessoas ... às irmãs de seu pai.
114. à, à, à
115. às
116. à
117. às
118. a
119. a
120. a
121. a
122. c
123. c
124. c
125. b
126. a
127. b
128. e
129. a
130. a
131. d
132. a

20 PONTUAÇÃO

1. C
2. C
3. C
4. E
5. C
6. C
7. C
8. C
9. E
10. C
11. É necessário lealdade, honestidade, coragem, desprendimento.
12. Nós o encontramos alegre, bem disposto e descansado.
13. Toda criança precisa de carinho, de atenção, de educação.
14. Consciente de sua responsabilidade, o advogado pediu tempo para estudar.
15. A empresa, premida pelas dificuldades, quase fechou as portas.
16. O ministro, ainda doente, voltou a despachar em seu gabinete.
17. No Primeiro Mundo, boicotes costumam dar resultados.
18. A televisão, na noite de sexta-feira, revelou as causas do acidente.
19. Os técnicos tentaram, apesar dos empecilhos, explicar o raro fenômeno.
20. Um caso assim, é preciso estudá-lo cuidadosamente.
21. Aos turistas, não lhes importa como chegarão até lá.
22. O contrato, convém assiná-lo o quanto antes.
23. O mesmo estudo, porém, mostra que a situação pode melhorar.
24. Essa não é, contudo, a prática na companhia.
25. Já vai longe o tempo da censura; direi o que quiser, pois.
26. Rafael, médico-gerente de laboratório, criou um manual para emergências.

27. Esse empresário era casado com Heloísa, uma ex-bailarina.
28. Na dúvida, senhores jurados, o réu deve ser favorecido.
29. Jaime estava feliz; Zeca, tranquilo.
30. Vera compreendeu tudo; Cláudio, quase tudo.
31. Sandra estava radiante; Rosa, eufórica.
32. Esses países, inclusive o Sudão, são governados por fundamentalistas.
33. Exceto você, todos já sabiam das mudanças.
34. Em compensação, o país tem batido recordes de crescimento econômico.
35. Os lábios tentaram abrir-se num sorriso, mas desistiram e fecharam-se.
36. Acordava, tomava café, lia o jornal e ia para o aeroporto.
37. Ele era metódico, portanto não deixaria de telefonar.
38. O leite, que contém cálcio, é excelente alimento para as crianças que são desnutridas.
39. Meu pai, que falava quatro línguas, julgava-se superior às pessoas que só sabiam a língua materna.
40. Os empresários que vieram querem erguer grandes hotéis, que atrairão turistas.
41. Para usufruir de todas as vantagens, os turistas se dispõem a pagar mais.
42. Examinando-se a disputa atual nas capitais, a proposta parece vir a calhar.
43. Confirmadas as informações divulgadas pelos jornalistas, o jogador teve de desdizer-se.
44. O projeto, apesar de merecer alguns reparos, parece melhorar a vida do contribuinte.
45. Qualquer pessoa, conforme se divulgou na imprensa, terá acesso às informações sobre andamento de processos.
46. Nós, para garantir nossos direitos, contamos com a Justiça.
47. d
48. c
49. b
50. a
51. a/c
52. a/c
53. b
54. e
55. b
56. a
57. d/b
58. d
59. c
60. C
61. E
62. C
63. C
64. C
65. E
66. C
67. C
68. C
69. C
70. C
71. E
72. C
73. a
74. d
75. a
76. c
77. d
78. e
79. b
80. b
81. d
82. d
83. e
84. c
85. a
86. b
87. b
88. a
89. c
90. b
91. a
92. e
93. a
94. a
95. d
96. b
97. b (orações de sujeitos diferentes ligadas por **e**)
98. (a) e (e) C, sujeitos diferentes
(b) E, oração adversativa
(c) C, ênfase
(d) C, polissíndeto
99. C
100. c

Bibliografia

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa**. São Paulo: Global, 2009.

ALMEIDA, N. M. de. **Gramática Metódica de Língua Portuguesa**. 40. ed. São Paulo: Saraiva, 1995.

BECHARA, E. **A Nova Ortografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. rev. e ampl. 14. reimpressão. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BRASIL, Presidência da República. **Manual de Redação da Presidência da República**. Gilmar Ferreira Mendes [*et al.*]. Brasília: Presidência da República, 1991.

CAMARA JR., J. M. **Manual de Expressão Oral e Escrita**. Petrópolis: Vozes, 1986.

———. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

CEGALLA, D. P. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. 41. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1998.

CRUZ, J. M. da. **Português Prático: Gramática**. 29. ed. São Paulo: Melhoramentos, s/d.

CUNHA, C. F. da. **Gramática da Língua Portuguesa**. 11. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1985.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DORNELLES, J. A. F. **A Gramática do Concursando**. 2. ed. Brasília: Vestcon, 1996.

FERNANDES, F. **Dicionário de Regimes de Substantivos e Adjetivos**. 23. ed. São Paulo: Globo. 1995.

———. **Dicionário de Verbos e Regimes**. 40. ed. São Paulo: Globo, 1995.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.

FERREIRA, A. B. de H.; PEREIRA, M. da C. **Novo Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1961.

GARCIA, O. M. **Comunicação em Prosa Moderna**. 12. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1985.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KURY, A. da G. **Ortografia, Pontuação, Crase**. 2. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1986.

LIMA, R. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 15. ed. refundida. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1972.

LUFT, C. P. **Dicionário Prático de Regência Nominal**. São Paulo: Ática, 1992.

———. **Dicionário Prático de Regência Verbal**. São Paulo: Ática, 1993.

———. **Gramática Resumida**. 8. ed. Porto Alegre: Globo, 1978.

———. **Grande Manual de Ortografia Globo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1989.

———. **Novo Guia Ortográfico**. 18. ed. Porto Alegre – Rio de Janeiro: Globo, 1986.

MELO, G. C. de. **Gramática Fundamental da Língua Portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.

MESQUITA, R. M.; MARTOS, C. R. **Gramática Pedagógica**. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1980.

OITICICA, J. **Manual de Análise**. 2. ed. 1923.

REIS, O. **Breviário da Conjugação de Verbos**. 38. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1978.

RIBEIRO, M. P. **Gramática Aplicada da Língua Portuguesa**. 20. ed. Rio de Janeiro: Metáfora, 2011.

Formato
17,5 x 21,5cm

Mancha
13 x 17,5cm

Papel
Pólen soft

Gramatura
80 g/m^2

Número de páginas
442

Impressão e acabamento

Vestcon

SEPN 509 Ed. Contag 3º andar CEP 70750-502 Brasília/DF
SAC: (61) 3034 9588 Tel.: (61) 3034 9576 Fax: (61) 3347 4399
www.vestcon.com.br

Ernani Pimentel

Objetivo Conquistado
Simplifica o ensino da Língua Portuguesa, fazendo o estudioso entender, com profundidade e clareza, suas construções e significados.

Finalidade
Preparação para a vida toda e para qualquer tipo de concurso de nível médio e superior, vestibular, PAS, OAB, ENEM...

Método
A prática é o caminho para o bom uso e entendimento das estruturas linguísticas. O estudante é levado constantemente a interagir com o autor e assume, de maneira ímpar, uma postura claramente ativa no processo ensino-aprendizagem que se baseia em mais de 3.400 exercícios resolvidos de concursos e outras provas de âmbito nacional, estadual, distrital e municipal, realizadas até o ano em curso.

Recursos
O leitor é constantemente desafiado a considerar certas ou erradas as afirmações agrupadas. Com isso, constrói seu raciocínio, organizado e claro, sobre Fonologia, Morfologia, Concordância, Regência, Colocação, Crase, Pontuação e Princípios Estruturais das Frases, tudo o de que precisa para expressar-se bem, sem a necessidade de conhecer com profundidade Análise Sintática.

Recurso Extra
Videoaulas com o autor na internet.
Visite o *site* www.vestcon.com.br e assista às aulas ministradas pelo próprio autor, com direito a desconto pela aquisição deste livro.

Por tudo isso, você não precisa descascar a laranja, tirar-lhe a pele, separar os caroços. Nós lhe oferecemos o suco pronto. Saboreie-o.

LLP14

ISBN 978-85-381-0671-5

9 788538 106715

www.Vestcon.com.br

Ernani Pimentel

Gramática pela Prática

15ª edição

SEGUNDO A NOVA ORTOGRAFIA

Vestcon

Gramática pela Prática

Ernani Pimentel

Gramática pela Prática

Escritor, gramático e professor com formação em Língua Portuguesa, Latim, Linguística, Análise de Texto, Teoria e Análise Literária. Ernani Pimentel é pesquisador de Língua Portuguesa há quarenta e oito anos, autor de mais de 10 mil páginas didáticas e de livros que são *best-sellers* nessa área. Já teve mais de quinhentos e cinquenta mil alunos presenciais nos estados de Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, Goiás, Tocantins e Distrito Federal. Hoje leciona para milhares de alunos na internet, via www.vestcon.com.br.

Contempla antiga e nova ortografias. Ambas em vigor até 31 de dezembro de 2012.

15ª edição
Revista e Ampliada
Adota a Nova Ortografia

Vestcon

Brasília
2012

© 2012 Vestcon Editora Ltda.

Todos os direitos autorais desta obra são reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/2/1998. Proibida a reprodução de qualquer parte deste livro, sem autorização prévia expressa por escrito do autor e da editora, por quaisquer meios empregados, sejam eletrônicos, mecânicos, videográficos, fonográficos, reprográficos, microfílmicos, fotográficos, gráficos ou outros. Essas proibições aplicam-se também à editoração da obra, bem como às suas características gráficas.

Pimentel, Ernani.
Gramática pela prática / Ernani Pimentel. – 15. ed. – Brasília : Vestcon, 2012.
442 p. : il. ; 21 cm.

ISBN 978-85-381-0671-5

1. Língua portuguesa – gramática. I. Título.

CDU 81'36

DIRETORIA EXECUTIVA
Norma Suely A. P. Pimentel

PRODUÇÃO EDITORIAL
Fabrícia de Oliveira Gouveia

EDIÇÃO DE TEXTO
Isabel Cristina Aires Lopes
Cláudia Freires

ASSISTENTE EDITORIAL
Gabriela Tayná Moura de Abreu

AUXILIAR DE PRODUÇÃO
Geane Rodrigues Rocha

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA
Marcos Aurélio Pereira

REVISÃO
Fábio Marques Rezende
Liv Chamma
Naiane B. Francischetto

CAPA
Agnelo Pacheco
Bertoni Design

EDITORA FILIADA

Vestcon

SEPN 509 Ed. Contag 3° andar CEP 70750-502 Brasília/DF
SAC: (61) 3034 9588 Tel.: (61) 3034 9576 Fax: (61) 3347 4399

www.vestcon.com.br

Atualizado até 4/2011
Publicado em 4/2012
(LLP14)

Situe-se

Este livro faz parte do **Curso de Língua Portuguesa do Professor Ernani Pimentel**, constituído por uma trilogia:

1. GRAMÁTICA PELA PRÁTICA
2. ANÁLISE SINTÁTICA VISUAL
3. INTELECÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

GRAMÁTICA PELA PRÁTICA (LIVRO E CURSO *ONLINE*)
Desenvolvimento racional e fixação pela prática dos conceitos de Fonologia, Morfologia, Estrutura e Formação de Palavras, Ortografia, Regência Verbal e Nominal, Crase, Concordância Verbal e Nominal, Colocação Pronominal, Pontuação e Semântica, com o intuito de proporcionar ao interessado uma visão objetiva, clara e segura da Língua Portuguesa, que o tornará, em pouco tempo, apto a entender e escrever corretamente, inclusive para prestar exames e concursos, sem a necessidade de conhecer profundamente Análise Sintática.

ANÁLISE SINTÁTICA VISUAL (LIVRO E CURSO *ONLINE*)
Apresentação e treino, de maneira profunda, sintética e fácil, dos fundamentos da Análise Sintática para os que pretendem conquistar um conhecimento mais consistente da nossa estrutura linguística, ou que querem passar em provas e concursos que exigem essa matéria.

INTELECÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS (LIVRO E CURSO *ONLINE*)
Exposição e treinamento, em linguagem clara e sucinta, de conceitos como Linguagem, Língua, Fala, Tipos de Signo, Elementos da Comunicação, Funções da Linguagem, Prosa, Poema, Poesia, Sincronia, Diacronia, Narração, Descrição, Dissertação, Níveis de Fala, Tipos de Norma, Tipos de Discurso, Tipos de Narrador, Figuras de Linguagem, Qualidades e Vícios de Linguagem, Coesão e Coerência... ferramentas necessárias a uma abordagem consciente e racional de textos informativos e literários, cujo conhecimento, direta ou indiretamente, é cobrado nas provas de intelecção e interpretação de textos. Mais de 480 exercícios propostos, corrigidos e/ou comentados, findos os quais o estudioso se sentirá competente e capaz no que se refere à construção e leitura de qualquer tipo de texto.

Apresentação Rápida

Destinação
Professores, universitários, concursandos, vestibulandos, profissionais liberais, comunicadores e você que, de vez em quando, tem dúvida.

Assunto
Fonologia, Ortografia, Morfologia, Estrutura e Formação de Palavras, Concordância, Regência, Colocação, Crase, Pontuação e princípio estrutural das frases. Tudo de que se necessita para escrever e falar corretamente o Português de hoje, no Brasil, e para passar em concursos de nível médio e superior, vestibulares, ENEM, PAS, OAB...
Cuidado prévio: foram estudados, comparados e coligidos os autores nacionais mais respeitados pelas universidades brasileiras e pelos mais avançados órgãos elaboradores de concursos.

Diferencial
A prática como caminho da teoria. O interessado pratica, entende, conclui e fixa a estrutura das frases e seus significados. Absorve o uso da Norma Culta, ou Padrão, do idioma pelo raciocínio conduzido passo a passo e pela repetição das fórmulas consagradas e oficializadas.

Motivação
Eliminação do mito de que é preciso saber muita teoria além de toda a Análise Sintática para escrever e falar bem. Demonstração de que se pode saber Sintaxe com apenas uns mínimos rudimentos de Análise Sintática.

Técnica de Abordagem
Variável de acordo com o assunto, de forma a facilitar o aprendizado. As técnicas escolhidas foram consagradas ao longo de mais de trinta e cinco mil horas-aula e mais de quinhentos e cinquenta mil alunos. A teoria, exposta com um mínimo de palavras em relação às gramáticas tradicionais, transmite-se de maneira prática, direta e consistente.

Orientação de Uso
O interessado deve fazer a lápis os exercícios de cada comando, conferir com o gabarito e refazer os errados. Assim que os exercícios estiverem corretos, ir adiante. Terminado um capítulo, voltar ao início do livro e ler, no sumário, os assuntos estudados, para mais tarde saber localizar onde esclarecer suas dúvidas. Pronto? Passar ao capítulo seguinte.

Recurso Extra
Videoaulas com o autor na internet.
Visite o *site* **www.vestcon.com.br** e assista às aulas ministradas pelo próprio autor, com direito a desconto pela aquisição deste livro.

Palavras do Autor

Caro estudioso,

Este livro é resultado de muitos anos de carinho e dedicação à tarefa de simplificar o estudo da Língua Portuguesa, sob o enfoque da profundidade e da abrangência.

Separe de duas a três horas por dia – você consegue – e dois ou três meses bastam para mudar e ampliar, de uma vez, sua visão e conhecimento a respeito da Língua Portuguesa.

Ao término desse tempo, você terá conquistado confiança em sua própria capacidade de escrever bem, além de poder sair-se vitorioso em provas e concursos de nível médio e superior, vestibulares, PAS, ENEM, OAB...

Antecipadamente, agradeço, de coração, as sugestões que queira enviar, ou dúvidas e questões que constituam desafio para alunos e professores.

Ernani Pimentel
linguaportuguesa@vestcon.com.br

Sumário

1 FONOLOGIA, DIVISÃO SILÁBICA E TRANSLINEAÇÃO

Estudo dos fonemas ____ 25
Sílaba ____ 25
Fonema ____ 25
Fonema ≠ Grafema ____ 26
Tipos de fonemas ____ 26
Vogal ____ 26
Semivogal ____ 27
Consoante ____ 28
Encontros Vocálicos ____ 29
Ditongo crescente ____ 29
Ditongo decrescente ____ 29
Tritongo ____ 29
Hiato ____ 29
Encontros Consonantais ____ 30
Descontínuos ou separáveis ____ 30
Contínuos, reais ou inseparáveis ____ 30
Dífono ____ 30
Dígrafo ____ 30
Divisão Silábica ____ 30
Translineação ____ 31

2 ESTRUTURA E FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Palavra, Fonema, Morfema, Semantema, Unidade Mórfica ____ 37
Palavra Primitiva, Derivada, Cognata, Família de Palavras ____ 38
Palavra Primitiva ____ 38
Palavra Derivada ____ 38
Palavra Cognata ____ 39
Família de Palavra ____ 39
Radical, Prefixo, Sufixo ____ 39
Raiz ≠ Radical ____ 40
Raiz ____ 40
Radical ____ 40
Tema, Vogal Temática, Afixo (prefixo e sufixo) e Desinência ____ 41
Tema ____ 41
Vogal Temática ____ 41
Desinência ____ 42
Afixo ____ 42
Prefixo ____ 42
Sufixo ____ 42
Vogal e Consoante de Ligação ____ 43
Formação de Palavras: Derivação, Composição, Hibridismo ____ 44
Derivação ____ 45
Derivação Prefixal ____ 45
Derivação Sufixal ____ 45
Derivação Prefixal e Sufixal ____ 45

Derivação Parassintética ou Circunfixal 45
Derivação Regressiva 45
Derivação Imprópria ou Conversão 46
Derivação por Abreviação ou Redução 46
Derivação por Reduplicação 46
Derivação por Combinação 46
Derivação por Intensificação 47
Composição 47
Composição por Justaposição 47
Composição por Aglutinação 47
Hibridismo 47

3 ORTOGRAFIA

Alfabeto 52
Uso de K, W, Y 52
Uso do H, h 53
Uso das Letras 54
Uso do Hífen (norma antiga) 59
Uso do Hífen (norma nova) 66
Não se Usa Hífen 74
Hífen Repetido 76
Uso dos Porquês 77
Mal ≠ Mau 79
Onde ≠ Aonde 80
Abreviaturas, Siglas, Símbolos 80
Acentuação Gráfica (norma antiga) 81
Acentuação Gráfica (norma nova) 89

4 SUBSTANTIVO

Definição 97
Locução substantiva 97
Classificação 97
Concreto 97
Abstrato 97
Próprio 98
Comum 98
Coletivo 98
Flexão 98
Flexão de gênero 99
Masculino 99
Feminino 99
Comum de dois 99
Sobrecomum 99
Epiceno 99
Formação do feminino 100
Femininos especiais 102
Flexão de número 104
Singular 104
Plural 104
Pluralia tantum 104

Formação do plural 104
Plural com metafonia 109
Plural dos compostos ligados por hífen 112
Flexão de grau 116
Aumentativo 116
Diminutivo 116
Sentidos afetivo e pejorativo 116

5 ARTIGO

Definição 121
Classificação 121
Definido 121
Indefinido 121
Uso do Artigo 121

6 ADJETIVO

Definição 125
Adjetivo Restritivo 125
Adjetivo Explicativo 126
Adjetivo Antes ou Depois de Substantivo 126
Locução Adjetiva 126
Flexão 127
Flexão de gênero 127
Adjetivo biforme 127
Adjetivo uniforme 127
Flexão de número 128
Flexão de grau 129
Grau comparativo 129
Grau superlativo 130
Como diferençar adjetivo de substantivo 133

7 PRONOME

Definição 135
Papel dos Pronomes 135
Pronome substantivo 135
Pronome adjetivo 135
Classificação e Emprego dos Pronomes 136
Pronomes pessoais 136
Pronomes de tratamento 141
Pronomes demonstrativos 143
Pronomes relativos 146
Pronomes relativos e ambiguidade 149
Pronomes interrogativos 149
Pronomes possessivos 150
Pronomes indefinidos 151
Locução Pronominal Indefinida 151

8 NUMERAL

Definição e Classificação 157
Papel dos Numerais 157

Numeral substantivo 157
Numeral adjetivo 157
Emprego dos Numerais 158
O e UM: artigo, pronome, ou numeral? 164

9 VERBO

Definição Provisória 165
Estrutura dos Verbos – Conjugações (1ª, 2ª e 3ª) 165
Números e Pessoas Verbais – Desinências 166
Quadro de desinências número-pessoais 167
Modos Verbais 167
Indicativo, subjuntivo, imperativo 167
Subjuntivo não subordinado 168
Tempos Verbais 168
Presente, pretérito e futuro 168
Presente e pretérito (passado) do indicativo 169
Presente e futuro do presente do modo indicativo 169
Correlação de Tempos ou *Consecutio Temporum* 170
Quadro de Desinências Modo-temporais e Número-pessoais 171
Vozes Verbais 172
Voz ativa 174
Voz passiva 174
Voz passiva e passividade 174
Voz passiva analítica 175
Voz passiva sintética 175
Voz reflexiva 175
Voz reflexiva recíproca 175
Mudança de voz 176
Passagem da ativa para a passiva analítica 176
Passagem da ativa para a passiva sintética 177
Aspectos Verbais 178
Paradigmas das Três Conjugações Regulares – Tempos Simples: **amar**, **vender**, **partir** 179
Infinitivo impessoal 179
Modo indicativo 179
Presente 179
Pretérito perfeito 180
Pretérito imperfeito 180
Pretérito mais-que-perfeito 181
Futuro do presente 181
Futuro do pretérito 182
Modo subjuntivo 182
Presente 182
Pretérito imperfeito 183
Futuro 183
Modo imperativo 184
Imperativo afirmativo 184
Imperativo negativo 184
Formas nominais do verbo 185
Infinitivo: impessoal e pessoal 186

Gerúndio 186
Particípio 186
Conjugação dos Verbos **ter**, **haver**, **ser** e **estar** 187
Uso de **ter**, **haver**, **ser** e **estar** como auxiliares 190
Paradigmas das Três Conjugações Regulares – Tempos Compostos: **ter amado**, **ter vendido**, **ter partido** 191
Paradigma da Voz Passiva 192
Formas Rizotônicas e Arrizotônicas 195
Definição Abrangente de Verbo 196
Locução Verbal 196
Verbo auxiliar e verbo principal 196
Formação de Tempos e Modos 197
Derivado do presente do indicativo 197
Presente do subjuntivo 197
Derivados dos presentes do indicativo e subjuntivo 198
Imperativos afirmativo e negativo 198
Derivados do pretérito perfeito 199
Mais-que-perfeito do indicativo 199
Futuro do subjuntivo 199
Imperfeito do subjuntivo 199
Derivados do infinitivo impessoal 201
Imperfeito do indicativo 201
Futuro do presente 201
Futuro do pretérito 201
Particípio 201
Gerúndio 201
Infinitivo pessoal 201
Classificação do Verbo quanto ao Modelo de Conjugação 202
Verbo regular 202
Verbo irregular 202
Irregularidade e variação gráfica 202
Metafonia ou alteração de timbre vocálico 203
Como saber se um verbo é regular 203
Verbo anômalo 203
Verbo defectivo 203
Verbo unipessoal 204
Verbo impessoal 204
A respeito de defectivos, unipessoais e impessoais 204
Verbo abundante 205
A respeito de abundantes 205
Relação de verbos abundantes no particípio 205
Verbo Pronominal e Voz Reflexiva 208
Paradigma de Conjugação Pronominal e Reflexiva 209
Classificação do Verbo quanto à Função 214
Verbo principal 214
Verbo auxiliar 214
Uso dos Particípios: Regular e Irregular 215
Conjugação de Verbos Regulares, Irregulares, Defectivos, Anômalos e Abundantes que Requerem Atenção 215

1ª Conjugação

Abalroar 220
Abençoar 220
Abotoar 220
Abreviar 218
Acarear 217
Acariciar 218
Aceitar 205
Adequar(-se) 221
Adiar 218
Afiar 218
Afoguear 217
Agoniar 218
Agraciar 218
Aguar 221
Alardear 217
Aliar 218
Aliviar 218
Amaciar 218
Ampliar 218
Amuar 221
Anexar 206
Angariar 218
Ansiar 219
Antiquar 221
Anunciar 218
Apaniguar 221
Apaziguar 221
Apear 217
Aperrear 217
Apiadar(-se) 220
Apiedar(-se) 220
Apreciar 218
Apropinquar(-se) 221
Arear 217
Arrear 217
Arrepiar 218
Assediar 218
Assentar 206
Assoar 220
Assobiar 218
Associar 218
Assoviar 218
Ataviar 218
Atear 217
Atuar 221
Autuar 221
Avaliar 218
Averiguar 221
Aviar 218
Balbuciar 218
Baquear 217
Beneficiar 218
Bloquear 217
Caçoar 220
Caluniar 218
Cambalear 217
Capitanear 217
Cear 217
Chiar 218
Circundar 216
Clarear 217
Coar 220
Confiar 218
Consignar 223
Constar 216
Continuar 221
Contrariar 218
Coxear 217
Criar 218
Cultuar 221
Dar 216
Deliciar 218
Delinqüir/delinquir 221
Desaguar 221
Desdar 216
Desfiar 218
Desnortear 217
Despertar 206
Dignar(-se) 223
Dispersar 206
Doar 220
Eclipsar 223
Encruar 221
Enfiar 218
Ensaboar 220
Entregar 206
Enunciar 218
Enviar 218
Enxaguar 221
Enxugar 206
Esfriar 218
Espiar 218
Estagnar 223
Estar 187
Estrear 218
Evidenciar 218
Expiar 218
Expressar 206
Expulsar 206
Extasiar 218
Falsear 217
Fartar 206
Fiar 218
Findar 206
Folhear 217
Frear 217
Galantear 217
Ganhar 206
Gastar 206
Golpear 217
Graduar 221
Granjear 217
Grassar 216
Guerrear 217
Habituar 221
Hastear 217
Historiar 218
Idear 218
Impugnar 223
Incendiar 219
Indignar(-se) 223
Injuriar 218
Insertar 206
Isentar 206
Jejuar 221
Juntar 206
Limpar 206
Magoar 220
Matar 206
Mediar 219
Menear 217
Miar 218
Minguar 221
Mobilar 219
Mobilhar 219
Mobiliar 219
Negociar 218/219
Nomear 217
Nortear 217
Obliquar(-se) 221
Obstar 223
Obviar 220
Odiar 219
Oficiar 218
Optar 223
Pagar 206
Palmear 217

Passear 217
Patentear 217
Pegar 206
Pentear 217
Persignar(-se) 223
Piar 218
Planear 217
Porfiar 218
Precatar(-se) 217
Premiar 218/219
Prenunciar 218
Prestar 216
Principiar 218
Procriar 218
Pronunciar 218
Propugnar 223
Pugnar 223
Raptar 223
Reboar 220
Recear 217
Recrear 217
Recriar 218
Refrear 217
Regatear 217
Relampaguear 217
Relampear 217
Relampejar 216
Remediar 219
Renunciar 218
Repugnar 223
Resfolegar 222
Resfolgar 223
Resignar(-se) 223
Restar 216
Ritmar 223
Rodear 217
Saborear 217
Saciar 218
Salvar 206
Saquear 217
Sediar 218
Semear 217
Sepultar 206
Serpear 217
Serpentear 217
Soar 220
Sobestar 216
Sobrestar 216
Soltar 207
Suar 221
Sustar 216
Tosquiar 218
Tracejar 216
Vadiar 218
Vangloriar(-se) 218
Variar 218
Voar 220

2ª Conjugação

Absolver 205
Abster(-se) 224
Acender 205
Adjazer 225
Adscrever 228
Afazer 224
Antepor 231
Antever 234
Apor 231
Aprazer 226
Ater(-se) 224
Bem-fazer 224
Bendizer 228
Benquerer 233
Benzer 206
Caber 227
Circumpor 231
Circunjazer 225
Circunscrever 228
Compor 231
Comprazer 225
Condizer 227
Condoer-se 230
Conter 224
Contradizer 228
Contrafazer 224
Contrapor 231
Corroer 230
Crer 227
Decompor 231
Depor 231
Desafazer 224
Desaprazer 226
Descaber 227
Descompor 231
Descomprazer 225
Descrer 227
Descrever 228
Desdizer 228
Desfazer 224
Desprazer 226
Desprover 232
Desquerer 233
Desvaler 234
Deter 224
Dispor 231
Dizer 228
Doer(-se) 230
Eleger 206
Entredizer 228
Entrepor 231
Entreter 224
Entrever 234
Envolver 206
Equivaler 234
Escrever 228
Esfazer 224
Esmoer 230
Estupefazer 224
Expor 231
Fazer 224
Feder 228
Haver(-se) 229
Impor 231
Incorrer 206
Indispor 231
Inscrever 228
Interdizer 228
Interpor 231
Jazer 225
Justapor 231
Ler 227
Liqüefazer/Liquefazer 224
Maldispor 231
Maldizer 228
Malfazer 224
Malquerer 233
Manter 224
Moer 230
Morrer 206
Nascer 206
Obter 224
Opor 231
Perder 230

Perfazer 224
Poder 231
Pôr 231
Pospor 231
Prazer 226
Precatar(-se) 217
Precaver(-se) 232
Predispor 231
Predizer 228
Prender 206
Prepor 231
Prescrever 228
Pressupor 231
Prever 234
Propor 231
Proscrever 228
Prover 232
Putrefazer 224
Querer 233
Rarefazer 224
Reaver 229
Recompor 231
Redizer 228
Reescrever 228
Refazer 224
Reler 227
Remoer 230
Repor 231
Requerer 233
Reter 224
Rever 1 234
Rever 2 234
Roer 230
Romper 202
Saber 233
Satisfazer 224
Sobrepor 231
Sobrescrever 228
Soer 230
Sotopor 231
Subjazer 205
Subscrever 228
Superpor 231
Supor 231
Surpreender 207
Suspender 207
Suster 224
Ter 224
Torrefazer 224
Transcrever 228
Transfazer 224
Transpor 231
Trazer 226
Tresler 227
Tumefazer 224
Valer 234
Ver 234
Viger 235

3ª Conjugação

Abolir 235
Abrir 238
Abstrair 236
Acudir 239
Aderir 242
Adir 241
Advertir 242
Advir 246
Aferir 242
Agredir 236
Aguerrir 241
Anuir 237
Argüir/Arguir 237
Aspergir 242
Assumir 239
Atingir 245
Atrair 236
Aturdir 243
Auferir 242
Avir(-se) 246
Banir 235
Bramir 235
Brandir 235
Brunir 243
Bulir 239
Cair 236
Carpir 235
Cerzir 239
Cingir 245
Cobrir 240
Colorir 235
Combalir 241
Comedir 235
Compelir 242
Competir 242
Concernir 242
Concluir 237
Conduzir 241
Conseguir 242
Consentir 243
Constituir 237
Constringir 245
Construir 236
Consumir 239
Contrair 236
Contundir 206
Convergir 242
Convir 246
Cuspir 239
Decair 236
Deferir 242
Defluir 237
Delinqüir/delinquir 238
Delir 235
Demolir 235
Denegrir 236
Desabrir 238
Desavir(-se) 246
Descair 236
Descobrir 240
Desconstruir 236
Desentupir 239
Desimpedir 244
Desmentir 243
Despedir 244
Despir 242
Despolir 245
Desservir 242
Destingir 245
Destituir 237
Destruir 236
Detrair 236
Diferir 242
Digerir 242
Discernir 243
Distinguir 245
Distrair 236
Divergir 242
Divertir 242
Dormir 240
Embair 241

Emergir 242
Emolir 235
Empedernir 241
Encobrir 240
Engolir 240
Entreabrir 238
Entupir 239
Erigir 206
Esbaforir-se 241
Escapulir 239
Esculpir 241
Espargir 243
Espavorir 241
Estruir 237
Esvair 236
Exaurir 243
Exinanir 241
Expedir 244
Expelir 241
Explodir 241
Exprimir 206
Extinguir 245
Extorquir 235
Extrair 236
Falir 241
Ferir 242
Florir 241
Foragir-se 243
Fornir 241
Fremir 235
Frigir 243
Fruir 237
Fugir 239
Fulgir 243
Garrir 241
Gerir 242
Haurir 243
Imergir 242
Impedir 244
Impelir 242
Impingir 243
Imprimir 206
Inanir 241
Incluir 206
Induzir 241
Influir 237
Infringir 245
Ingerir 242
Inserir 241
Instruir 237
Intervir 246
Ir 244
Jungir 243
Luzir 241
Medir 244
Mentir 243
Obstruir 237
Omitir 206
Ouvir 244
Pedir 244
Perseguir 242
Polir 245
Possuir 237
Pressentir 243
Presumir 239
Preterir 242
Prevenir 236
Progredir 236
Prosseguir 242
Protrair 236
Provir 246
Pruir 238
Puir 238
Reabrir 238
Reassumir 239
Recair 236
Reconstruir 236
Redargüir/redarguir 237
Reduzir 241
Refletir 242
Refluir 237
Regredir 236
Reluzir 241
Remir 241
Renhir 241
Repelir 242
Repetir 242
Ressair 236
Ressarcir 241
Ressentir 243
Ressequir 241
Restituir 237
Resumir 239
Retorquir 235
Retrair 236
Retribuir 237
Retrotrair 236
Revelir 241
Revestir 242
Rir 245
Ruir 238
Sacudir 239
Seduzir 241
Sair 236
Seguir 242
Sentir 243
Servir 242
Sobressair 236
Sobrevir 246
Sorrir 245
Sortir 245
Subir 239
Submergir 242
Subtrair 236
Sugerir 242
Sumir 239
Suprimir 207
Surtir 245
Tingir 245
Tinir 245
Tossir 240
Trair 236
Transgredir 236
Transir 241
Ungir 243
Vagir 235/245
Vestir 242
Vir 246
Zunir 239

10 ADVÉRBIO

Definição 259
Circunstâncias Expressas 261
Locução Adverbial 262

11 PREPOSIÇÃO
Definição 267
Preposições Essenciais 267
Locuções Prepositivas 268
Preposições Acidentais 268

12 CONJUNÇÃO
Definição 271
Locução Conjuntiva (exercícios 16 a 18) 272
Classificação 272
Conjunções coordenativas 272
Aditivas 272
Adversativas 272
Alternativas 273
Conclusivas 273
Explicativas 273
Conjunções subordinativas adverbiais 273
Causais 273
Concessivas 274
Condicionais 274
Conformativas 274
Finais 274
Consecutivas 274
Temporais 274
Comparativas 274
Proporcionais 275
Conjunções subordinativas substantivas 275
Integrantes 275

13 INTERJEIÇÃO
Classificação 279
Definição 279
Locução Interjetiva 279

14 SEMÂNTICA
Definição 281
Denotação 281
Conotação 281
Homonímia 281
Sinonímia 281
Antonímia 281
Paronímia 282
Hiperonímia 284
Hiponímia 285

15 CONCORDÂNCIA NOMINAL
Do Adjunto com o Núcleo Substantivo 289
Do Predicativo com o Núcleo Substantivo 291

Anexo, Bastante, Incluso, Junto, Leso, Meio, Muito, Nenhum,
Pouco, Próprio, Só, Dado, Visto, Obrigado, Quite ____ 292
Adjuntos de Antropônimos (Nomes de Pessoas) ____ 293
Dois ou Mais Adjetivos para um Mesmo Substantivo ____ 294
Um ou outro, Um e outro, Nem um nem outro ____ 294
Tal ... qual, Tais ... quais ____ 294
Menos, Pseudo, Monstro, Alerta ____ 295
O mais ... possível, O melhor possível ____ 295
É bom... É proibido... É necessário... ____ 296
A olhos vistos, A olhos vistas ____ 297
Nós = Eu, Vós = Tu ____ 297
Santo e São ____ 298
Concordância Sintática e Concordância Semântica ____ 298

16 CONCORDÂNCIA VERBAL

Definição ____ 301
Concordância Sintática e Concordância Semântica ____ 301
Com Sujeito Simples ____ 301
Com Sujeito Composto Anteposto ____ 302
Com Sujeito com Pessoas Diferentes ____ 302
Com Sujeito Composto Posposto ____ 303
Com Sujeito com Aposto Resumitivo ____ 303
Com Sujeito com Núcleos Sinônimos ou Quase ____ 304
Com Sujeito com Núcleos em Gradação ____ 304
Com Sujeito com *Ou* ____ 305
Com Sujeito com *Nem* ____ 306
Com Sujeito com *Com* ou *Como* ____ 307
Com Sujeito com *Não Só ... mas também, Tanto ... quanto* ____ 307
Com Sujeito com *Mais de um ... Mais de dois... Mais de três...* ____ 308
Com Sujeito com *Um e outro, Nem um nem outro* ____ 308
Um ou outro ____ 309
Com Sujeito *Que* ____ 309
Com Sujeito *Quem* ____ 310
Com Sujeito *Um dos que* ____ 310
Com Sujeito *Quais de vós, Quantos de nós* ____ 310
Com Sujeito *Qual de nós, Nenhum de nós* ____ 311
Com Sujeito com *A maioria de... Grande parte de... Um enxame de...* ____ 311
Com Sujeito com *Cada, Nenhum, Qualquer* ____ 312
Com Sujeito com *Um por cento, Vinte por cento* ____ 312
Com Sujeito com *Cerca de... Perto de... Obra de...* + Numeral ____ 313
Com Sujeito Plural Aparente ____ 313
De Haja vista ou Hajam vista ____ 314
De Aluga-se casa, Alugam-se casas ____ 314
De Gosta-se de fruta, Gosta-se de frutas ____ 315
Com Vossa Senhoria está... Vossas Senhorias estão... ____ 316
Com Sujeito de Dar, Bater, Soar ____ 316
Com Sujeito Composto com Ideia Única ____ 317
Com Sujeito Oracional ____ 317
Com Parecem sorrir ou Parece sorrirem ____ 318
Com Infinitivo ____ 318

Infinitivo invariável 318
Infinitivo variável ou flexionado 319
Infinitivo como complemento de verbos permissivos, causativos e sensitivos 320
Dos Verbos só de 3ª Pessoa 320
Do Verbo Ser nas Interrogações 321
Do Verbo Ser com *Isto, Isso, Aquilo...* 321
Do Verbo Ser com Pronome Reto 322
Do Verbo Ser com Medida ou Quantidade 322
Do Verbo Ser com Distância, Data ou Hora 323
Do Verbo Ser entre Dois Substantivos Comuns, de Números Diferentes 323
Do Verbo Ser com Gente 324
Do Verbo Ser na Expressão *É que* 324
Do Verbo Ser em *Era uma vez ... Eram dois caminheiros* 325

17 REGÊNCIA

Definição 335
Regência Verbal 335
Regência dos verbos mais frequentes 335
- Agradar 336
- Ansiar 336
- Aspirar 337
- Assistir 337
- Atender 337
- Chamar 338
- Chegar 338
- Custar 338
- Esquecer 339
- Implicar 339
- Ir/vir 340
- Lembrar, avisar, prevenir 340
- Morar, residir, situar-se, estabelecer-se 341
- Namorar 341
- Obedecer, desobedecer, suceder e obstar 341
- Pagar 342
- Perdoar 342
- Preferir 342
- Presidir 342
- Querer 343
- Responder 343
- Visar 343

Isto é para eu fazer. Isto é para mim 344
Está na hora de a onça beber água 344
Pedir para ~~que~~ 344
Não disse o em que acreditava/Não disse no que acreditava 345
Ter de ≠ ter que 345
Onde ≠ Aonde 345
Sintaxe do verbo haver 346

Uso de *o* ou *lhe* 346
Complementos de regências diferentes 347
Pronome relativo – complemento verbal 348
Regência Nominal 348
Um mesmo regido para mais de um regente 349
Um mesmo regente para mais de um regido 349
Regência dos substantivos e adjetivos mais frequentes 350

18 COLOCAÇÃO OU TOPOLOGIA PRONOMINAL

Próclise, Mesóclise, Ênclise 355
Com Um só Verbo 355
Com Infinitivo 360
Com Locução Verbal 361

19 CRASE

Conceituação 367
Método Prático 368
Casos Especiais 369
Em locuções 369
Em lugares 370
Com distância 370
Com horas 371
Paralelismo e quebra do paralelismo 371
Com pronomes relativos 372
Com *casa* 372
Com *terra* 373
Com *até* ou *até a* 373
Com pronomes possessivos 374
Com antropônimos femininos 374
Em *à moda de* 375
Não há Crase 375
Uso do Paralelismo 378
Há ≠ A 379

20 PONTUAÇÃO

Visão Geral 383
Visão Detalhada 383
Uso da Vírgula 383
Dentro de uma oração 383
Entre orações 387
Vírgulas permutáveis por parênteses ou travessões 386
Dois-pontos 389
Ponto e vírgula 389
Reticências 390
Travessão, Aspas Duplas e Simples 391

21 GABARITO 401

Fonologia, Divisão Silábica e Translineação

ESTUDO DOS FONEMAS

Uma frase é uma linha melódica composta de palavra(s), que, por sua vez, compõe(m)-se de **sílaba(s)**.

Sílaba

Quando falamos, produzimos "arrancos sonoros".

Eu que ri a sa ber se vo cê me en ten deu.

Cada um desses "arrancos" chama-se **sílaba**.

Quais sílabas há na seguinte frase?

A conquista do sucesso é questão de vontade.

Resposta: (Escreva como você pronuncia cada sílaba.)

1 ___ 2 ___ 3 ___ 4 ___ 5 ___ 6 ___ 7 ___ 8 ___ 9 ___ 10 ___ 11 ___ 12 ___ 13 ___ 14 ___ 15 ___

Você notou que as sílabas são conjuntos de sons mínimos? Esses sons mínimos são os **fonemas**.

Fonema

Chama-se **fonema** o som mínimo usado na língua para distinguir o significado de uma palavra do significado de outras.

/r/ato /m/ato /p/ato /f/ato	r/a/to r/e/to r/i/to r/o/to	ra/t/o ra/l/o ra/r/o ra/b/o
/r/-/m/-/p/-/f/ são fonemas	/a/-/e/-/i/-/o/ são fonemas	/t/-/l/-/r/-/b/ são fonemas

Observação:

Fonema não é letra, é som. Letra ou grafema é desenho que representa o som. Fala-se e ouve-se o fonema. Escreve-se e enxerga-se o grafema ou letra.

Tipos de Fonemas

Vogal

A vogal é o fonema em que a sílaba se apoia.
A vogal é o apoio da sílaba.

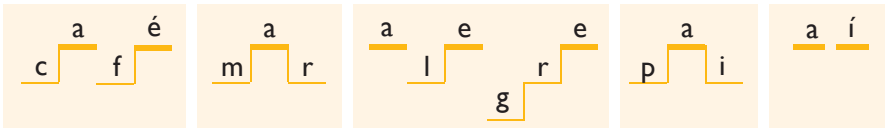

Observe que toda sílaba tem uma vogal que a apoia e que só há um ponto de apoio em cada sílaba.
Portanto, **só há uma vogal em cada sílaba**.

Prática

■ Distribua os fonemas nos gráficos. Ouça como você os pronuncia para não errar.

1. mãe
2. pão
3. mão
4. pau
5. pais
6. país

■ Compare agora as palavras **pais** e **país** e marque **C** ou **E** nos parênteses.

7. ( ) Nas duas o **i** é o apoio da sílaba.
8. ( ) Só em **pais** o **i** é o apoio da sílaba.
9. ( ) Só em **país** o **i** é apoio de sílaba.
10. ( ) Só em **país** o **i** é vogal, porque vogal é apoio da sílaba.

■ Compare **mãe** e **pai**, **pão** e **pau**. Agora marque **C** ou **E** nos parênteses.

11. ( ) Em **mãe** e **pai**, as letras **e** e **i** representam o mesmo som ou fonema: **i**.
12. ( ) Em **pão** e **pau**, as letras **o** e **u** representam o mesmo fonema: **u**.
13. ( ) Em **mãe** e **pai**, o fonema **i** é o apoio da sílaba.
14. ( ) Em **pão** e **pau**, os fonemas **o** e **u** são vogais.
15. ( ) Em **pão** e **pau**, as vogais são **ã** e **a**.
16. ( ) Em **mãe** e **pai**, as vogais são **ã** e **a**.
17. ( ) Em **país**, o **i** é vogal (apoio de sílaba) como o **a**.

Importante:

Na escrita, as cinco **letras** a, e, i, o, u representam doze vogais da língua falada:
- **sete vogais orais**: a, é, ê, i, ó, ô, u;
- **cinco vogais nasais**: ã, ẽ, ĩ, õ, ũ.

A vogal nasal pode ser escrita de três maneiras diferentes:
- **com til**: m**ã**o, p**õ**e, c**ã**s, ím**ã**, maç**ã**;
- **com m**: **âm**bar, **sem**pre, **tim**bre, **com**pra, **Jum**bo;
- **com n**: **an**tes, **en**te, **cin**to, **con**to, **jun**ta.

Prática

- Reescreva as vogais que distinguem os significados dos seguintes pares:

18. Ele havia **lido** um **lindo** artigo. _____
19. Ela não foi **boba**, percebeu que era uma **bomba**._____
20. **Vede** como ele **vende** bem._____
21. Ele vive **mudo** num **mundo** loquaz._____
22. **Lá** se fabrica **lã** de primeira._____
23. Já **leste** as notícias do **leste** europeu?_____
24. Ontem ele não **pôde**, mas hoje **pode** falar. _____

Semivogal

Semivogal são os fonemas **i** e **u**, quando apoiados em uma vogal. Como você já viu, as semivogais **i** e **u** podem também ser representadas pelas letras **e** e **o** (mã**e**, pã**o**).

Prática

- Distribua nos gráficos.

25. cai
26. caí
27. louro
28. lua

- Agora julgue as afirmações e coloque **C** ou **E** nos parênteses.

29. ( ) Em **cai**, o **i** é semivogal.
30. ( ) Em **caí**, o **a** é vogal.
31. ( ) Em **caí**, o **i** é vogal.
32. ( ) Em **louro**, o **u** é vogal.
33. ( ) Em **lua**, o **u** é vogal.
34. ( ) Em **lua**, há duas vogais.
35. ( ) Em **cai**, há duas vogais.

Consoante

Consoante é qualquer fonema que se apoie em vogal e que não seja semivogal.

Prática

■ Distribua nos gráficos os fonemas.

36. bonde

37. ombro

38. Marte

39. norte

■ Agora, julgue as afirmações.

40. ( ) Em **bonde** e **norte**, o **n** é consoante.
41. ( ) Em **norte**, o **n** é consoante.
42. ( ) Em **Marte** e **ombro**, o **m** é consoante.
43. ( ) Em **Marte**, o **M** é consoante.
44. ( ) Em **ombro**, **om** é uma vogal nasal.
45. ( ) Em **bonde**, **on** é uma vogal nasal.

Importante:

Você sabia que as semivogais **i** e **u** podem ser representadas pela letra **m**? Veja:

iam

bem 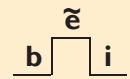

Em ambos os casos, a letra **m** serviu para nasalar as vogais (ã, ẽ) e representar as semivogais (u, i).

Prática

■ Distribua nos gráficos a frase.

46. Ela passou bem o vestido.

■ Assinale **C** ou **E** nos parênteses.

47. ( ) O **ss** representa um som só, por isso é um só fonema, consoante.
48. ( ) Em **bem**, o **m** é consoante.
49. ( ) Em **bem**, o **m** é semivogal (i) e marca a nasalização da vogal (ẽ).

50. ( ) Há dez vogais na frase apresentada.
51. ( ) Há duas semivogais na frase citada.
52. ( ) Há nove consoantes.
53. ( ) Há oito consoantes.
54. ( ) Há nove vogais.
55. ( ) Se há nove vogais, há nove sílabas.

ENCONTROS VOCÁLICOS (orais ou nasais)

Ditongo crescente

Semivogal + vogal, na mesma sílaba.

série: r i e / sv v

quanto: k u ã / sv v

sério: r i u / sv v

Ditongo decrescente

Vogal + semivogal, na mesma sílaba.

mau: m a u / v sv

botão: t ã u / v sv

bem: b ẽ i / v sv

Tritongo

Semivogal + vogal + semivogal, na mesma sílaba.

quão: k u ã u / sv v sv

quais: k u a i s / sv v sv

Hiato

Vogal + vogal.

saída: s a í / v v

caaba: c a a / v v

baús: b a ú s / v v

ENCONTROS CONSONANTAIS

Descontínuos ou separáveis

Cada consoante numa sílaba.

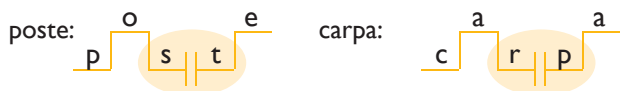

Contínuos, reais ou inseparáveis

Consoantes juntas na mesma sílaba.

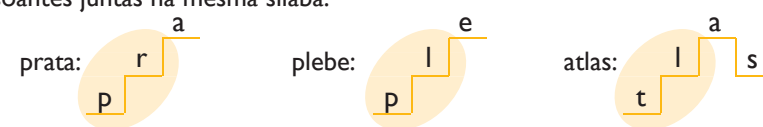

blusa, **br**aço, **cl**aro, **cr**uz, **dr**ama, **fl**auta, **fr**aco, **gl**úten, **gr**osa, **pr**ana, a**tl**ântico, **tr**ena, la**vr**a...

Dífono

Uma letra = dois fonemas.

táxi	x = ks	/t/á/k/s/i/.
ônix	x = ks	/ô/n/i/k/s/.

DÍGRAFO

Duas letras = um só fonema.

onde (= õ), **ch**apéu (= x).

ja**rr**a, ca**lh**a, u**nh**a, **lon**ge, **gen**te, cre**sc**er, cre**sç**a, e**xc**itar, pa**ss**ar, **ch**ave, **gu**iso, **qu**ilo, n**im**bo, m**an**ga, **jum**bo...

DIVISÃO SILÁBICA

A separação de uma palavra em sílabas depende da pronúncia.
Observe as seguintes regras:

Não se separam

Ditongos e tritongos

m**ai**s m**ai**-ô q**ua**-se sa-g**uão** q**uai**s

Os dígrafos lh – nh – ch – gu – qu – am – an – em – en – im – in – om – on – um – un

a-**lh**o bu-**ch**a **gu**ei-xa **lim**-po
ni-**nh**o **qu**e-ro **sem**-pre **con**-to

Encontros consonantais no início das palavras

gno-mo **ps**i-co-lo-gi-a **gn**o-se **pn**eu

Separam-se

As vogais do hiato

r**e**-**u**-ni-do c**o**-**o**-pe-rar p**o**-**é**-ti-co r**u**-**a** b**i**-**o**-lo-g**i**-**a**

As letras dos dígrafos rr – ss – sc – sç – xc

ga**r**-**r**o-te a**s**-**s**e**s**-**s**or su**s**-**c**i-tar cre**s**-**ç**a e**x**-**c**e-ção

Os encontros consonantais descontínuos (antes da última consoante)

o**c**-**c**i-pi-tal su**bs**-**t**an-ti-vo pa**c**-**t**o fel**ds**-**p**a-to

Os encontros que contêm s separam-se após o s

a**bs**-**tr**a-to pe**rs**-**p**i-caz su**bs**-**cr**e-ver

Atenção:

Em sílaba átona final, hiato pode ser lido como ditongo ou vice-versa.
his-tó-r**i**-**a** ou his-tó-r**ia**; sé-r**i**-**e** ou sé-r**ie**.
Mas, na escrita, não se separam: his-tó-ria, sé-rie.

TRANSLINEAÇÃO

bi-	giras-		fac-
savô	sol		ção

Translineação é a divisão de palavras no final de uma linha e começo de outra. Normalmente, obedece à divisão silábica.

1. Evite escrever uma letra isolada no fim ou início de uma linha.

o-
ceano

Capara-
ó

2. Evite separar as sílabas de nomes próprios personativos.

Joa-
quim

Angé-
lica

3. Evite deixar em uma das linhas parte de palavra que possa ser lida como chula, de calão ou grosseira.

ocu-
pado

após-
tolo

vaga-
bunda

4. Evite separar o hiato em final de palavra.

vali-
as

ja-
ós

5. Quando a translineação acontece onde há hífen, este se repete:

disse-
-lhe

auto-
-observação

pré-
-histórico

Prática Geral

56. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Indique a alternativa em que há **erro(s)** de divisão silábica.
a) res-sur-gir / a-ve-ri-gueis / vo-o / po-e-ta / quais-quer.
b) ca-í-ram / co-o-pe-ra-ção / pig-meu / op-ção / cons-ti-tu-in-tes.
c) tu-a / ai-ro-so / e-gí-pcio / su-bs-tan-ti-vo / pneu-má-ti-co.
d) ab-di-ca-ção / o-ci-den-tal / sor-rin-do / sou-bes-te / mne-mô-ni-ca.
e) a-do-les-cen-te / mai-o-res / sub-ju-gar / me-lan-co-li-a / cir-cui-to.

57. (PRF/N.M./ANP) A divisão silábica **não** está correta em:
a) car-rei-ra. b) des-i-lu-são. c) nas-cer. d) rá-dio.

58. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa que apresenta divisão silábica **incorreta**.
a) mne-mô-ni-ca / ét-ni-co / op-ção / ab-di-car.
b) fi-lho / ma-nhã / cons-ci-en-te / des-cer.
c) per-ce-pção / a-ni-mais / sa-ú-de / in-ter-stí-cio.
d) pres-cin-dir / res-ci-são / e-xér-ci-to / guer-ra.

59. Assinale a opção em que **todas** as palavras estão corretamente separadas em sílabas.
a) pa-pe-lei-ro / te-rre-no / re-co-lhe-dor.
b) ter-ri-tó-ri-o / in-dis-pen-sá-ve-is / pro-me-ssas.
c) con-qu-is-tou / au-xí-lios / com-pa-nh-ei-ra.
d) des-gre-nha-da / in-sis-ten-te / en-som-bra-do.
e) ar-mis-tí-cio / es-cas-sos / e-xclu-si-vi-da-de.

60. As palavras **carrossel** e **corrupção** têm as sílabas corretamente divididas em:
a) car-ros-sel / cor-rup-ção.
b) ca-rro-ssel / co-rru-pção.
c) ca-rro-ssel / co-rru-p-ção.
d) car-ro-ssel / cor-rup-ção.
e) ca-rros-sel / co-rrup-ção.

61. Assinale a alternativa que apresenta as duas palavras com as sílabas **corretamente** divididas.
a) poe-ta / a-bso-lu-to.
b) bo-lin-ha / pa-cto.
c) de-sci-da / mi-lha.
d) ri-t-mo / a-d-je-ti-vo.
e) Pa-ra-guai / Pi-au-í.

62. A alternativa que apresenta a divisão silábica **correta** de todas as palavras é:
a) as-pec-to / fic-ção / pês-se-go / sal-si-cha.
b) ri-tmo / ass-eio / di-scu-ssão / as-sar.
c) de-zes-seis / admis-ão / ma-chu-car / ca-rro.
d) chei-a / sub-stan-ti-vo / i-deal / fas-ci-na-ção.
e) ma-cio / ba-i-xo / dis-ten-são / guer-ra.

63. Entre as palavras abaixo, há uma que apresenta **semivogal**. Assinale-a.
a) tapioca. b) saúde. c) hiato. d) goleada. e) feito.

64. A palavra cuja separação de sílabas está **incorreta** é:
a) co-or-de-nar.
b) sub-ju-gar.
c) sub-trair.
d) pneu-má-ti-co.
e) e-qui-va-len-te.

65. Marque a opção em que todas as palavras são **substantivos** separados corretamente em sílabas.
a) in-dig-na-ção / a-do-le-scen-te / ad-mi-nis-trar.
b) rea-gir / tra-bal-ho / in-di-gna-da.

c) a-tro-pe-la-men-to / coi-bir / res-sar-ci-men-to.
d) con-ces-são / ab-di-ca-ção / ir-res-pon-sa-bi-li-da-de.
e) ma-dri-nha / con-ti-nu-ar / atro-pe-la-men-to.

66. No vocábulo **brasileiríssimo**, há
a) 13 fonemas; nenhum encontro consonantal; 1 hiato; 2 dígrafos; 7 vogais; nenhuma semivogal.
b) 14 fonemas; 1 encontro consonantal; 1 ditongo decrescente oral; 1 dígrafo; 7 vogais; nenhuma semivogal.
c) 14 fonemas; 1 encontro consonantal; 1 ditongo decrescente oral; 1 dígrafo; 6 vogais; 1 semivogal.
d) 15 fonemas; 1 encontro consonantal; 1 ditongo crescente oral; 1 dígrafo; 3 vogais; 4 semivogais.

67. Apresentam o **mesmo** fonema inicial os vocábulos:
a) cheguei / certos / cima.
b) ciência / sossego / canção.
c) quem / cultivar / cravei.
d) geologia / grandeza / gente.

68. Assinale a alternativa em que há **erro** na divisão silábica das palavras.
a) tran-so-ce-â-ni-co / o-blí-quo / pneu-má-ti-co.
b) a-ve-ri-guou / pe-rí-o-do / bi-sa-vô.
c) subs-cri-tar / u-ru-gu-ai-o / su-bli-nhar.
d) es-pé-cie / a-poi-o / trans-por-te.

69. Assinale a palavra cuja separação de sílabas está **errada**.
a) ma-tri-cu-lou.
b) re-ssen-ti-men-to.
c) hu-mi-lha-ção.
d) ver-go-nha.
e) sim-ples-men-te.

70. Indique a opção em que o fonema /s/ se realiza em todas as palavras da série que está em **ordem alfabética**.
a) intercessor / intervencionismo / introspecção / introversão.
b) ociosidade / reposição / rescisão / repressão.
c) ferocíssimo / litisconsórcio / hortaliça / insucesso.
d) homologação / isenção / ficção / fossilização.
e) cansaço / forçoso / formoso / fosforescência.

71. Marque a opção em que todas as palavras são **adjetivos** e estão separadas, corretamente, em sílabas.
a) as-sis-tên-cia / dig-no / hu-mi-lha-ção.
b) con-stran-gi-do / a-rro-gan-tes / re-a-lis-ta.
c) in-te-lec-tual / e-fe-ti-vo / cor-ru-pto.
d) ad-mi-ra-dís-si-mo / res-pei-tá-veis / i-nin-ter-rup-to.
e) a-dmi-ti-mos / sub-me-ti-dos / con-vin-ha.

72. Em qual alternativa se encontra uma palavra **errada** quanto à separação de sílabas?
   a) poe-ti-sa.
   b) co-lhe-res.
   c) ra-í-zes.
   d) fe-ro-zes.
   e) seis-cen-tos.

■ Assinale **C** ou **E**.

73. ( ) Joia, apoio, joio, Irineia são exemplos de tritongos.
74. ( ) Separam-se as sílabas assim: jo-ia, a-po-io, jo-io, I-ri-ne-ia.
75. ( ) A divisão silábica correta é: joi-a, a-poi-o, joi-o, I-ri-nei-a.
76. ( ) Essa mesma divisão silábica pode ser usada para translineação.

■ Assinale **C** ou **E** considerando a separação silábica para **translineação**.

77. ( ) separa-ção / se-paração.
78. ( ) coi-va-ra / dis-puta.
79. ( ) Jo-sé / Eustá-quio.
80. ( ) a-notar / i-lação.

Estrutura e Formação de Palavras

PALAVRA, FONEMA, MORFEMA, SEMANTEMA, UNIDADE MÓRFICA

Prática

■ Leia o texto, relacionando-o ao quadro abaixo, e responda **C** ou **E**:

	Coluna A	Coluna B	Coluna C	Coluna D	Coluna E
1	palavra	m e n i n i n h a s			
2	fonema	/m/ /e/ /n/ /in/	/in/ /nh/	/a/	/s/
3	morfema	menin	inh	a	s
4	semantema	filhote humano	pequeno	fêmea	mais de um
5	unidade mórfica	radical	sufixo	desinên. gênero	desinên. número

Uma palavra, como "menininhas", observada sua morfologia (morfo = forma, logia = estudo), é constituída por **unidades de som** mínimas, capazes de alterar significado, ou seja, constrói-se com **fonemas** (Capítulo 1, Fonologia). Pode também ser analisada quanto aos seus menores **componentes dotados de significado**, que se chamam **morfemas**. Um morfema pode ser estudado sob o ponto de vista do significante (conjunto de sons e letras) ou do significado (imagem mental que se desperta no cérebro do falante/ouvinte – IIT, Capítulo 2, Signo Linguístico).

Semântica é o estudo dos significados, e o morfema, visto por esse prisma, recebe também o nome de **semantema**.

O **semantema** pode trazer um significado relacionado à vida real, ao mundo extralinguístico – **pão**, **chuva**, **horizonte**... – e recebe o nome de morfema ou semantema **lexical**, **extralinguístico** ou **exofórico**, como os radicais das palavras.

Por outro lado, o semantema pode referir-se a um significado pertencente não ao mundo externo, mas ao mundo interno da língua – como os morfemas **ão** e **ázio** que significam aumentativo; **inho** e **ico**, diminutivo; **isa** e **esa**, feminino; **o** e **or**, masculino; ausência e presença de **s**, denotando singular ou plural –, sendo chamados de morfemas ou semantemas **gramaticais**, **intralinguísticos** ou **endofóricos,** representados por prefixos, sufixos, desinências etc.

1. ( ) Uma palavra pode decompor-se em várias partes e sob visões diferentes.
2. ( ) Fonema é uma unidade de significado.
3. ( ) Fonema é uma unidade mínima de som, distintiva de significado.
4. ( ) Morfema é, na palavra, uma unidade mínima dotada de significado.
5. ( ) Semantema é uma unidade de significado que compõe uma palavra.
6. ( ) Semantema pode expressar um significado puramente gramatical ou intralinguístico, como gênero, número, grau (morfemas gramaticais), ou pode despertar um significado extralinguístico, como fé, mar, céu... (morfemas lexicais ou referentes ao mundo real).
7. ( ) Unidade mórfica é unidade de significado.
8. ( ) Mórfico é um adjetivo derivado do radical "morfos" que em grego significa "forma".
9. ( ) No morfema radical **menin**, as letras **i** e **n** representam o fonema **i nasal**.
10. ( ) No morfema sufixo diminutivo **inh**, fonologicamente a letra **n** tem duas funções: marca a nasalidade do **i** que a antecede e forma dígrafo com o **h** que a sucede, por isso está repetida na Coluna C do quadro supra, representando fonema.
11. ( ) Sufixo é o significado-base de uma palavra.
12. ( ) O radical contém o significado-base de uma palavra.
13. ( ) Sufixo é elemento caracterizador de gênero e número.
14. ( ) Sufixo é morfema que propicia derivar-se uma palavra de outra: bel**eza**, bon**dade**, cord**ão**.
15. ( ) Desinência é morfema que define flexão de gênero e número no substantivo; e número e pessoa, no verbo: canta**mos** (1ª pessoa do plural).

PALAVRA PRIMITIVA, DERIVADA, COGNATA, FAMÍLIA DE PALAVRAS

Há palavras constituídas apenas de radical (mar, ar, pó) e outras que se formam a partir dele (**mar**esia, **mar**ítmo, **aér**eo, **ar**ejado, **po**eira, em**po**ar). Em função disso, tem-se a seguinte distinção:

Palavra Primitiva

É a que dá origem a outra(s):

café, cipó, Amazonas.

Palavra Derivada

É a que se origina de outra:

cafezal, cipoal, Amazonense.

Palavra Cognata [co(m) = em companhia + gnata = nascida]

É a palavra nascida em companhia de outra, irmã de outra, pertencente à mesma família de outra. **Cruz**ada, **cruc**ificar, **cruz**eiro... são palavras cognatas porque nasceram da palavra **cruz**.

Família de Palavra

É o conjunto das palavras que têm o mesmo radical primário, ou seja, a mesma raiz.

RADICAL, PREFIXO, SUFIXO

Prática

■ Associe o quadro à leitura e responda **C** ou **E**.

Palavra	d e s c a p i t a l i z a r		
morfemas	des	capital	izar
extralinguístico		radical	
intralinguísticos	prefixo		sufixo

Observando-se a palavra "descapitalizar" e comparando-a com outras da mesma família (capitalizar, recapitalizar, capitalização, descapitalizado, capitalismo, capitalista...), é fácil perceber que o morfema permanente, em torno do qual se criaram essas palavras, é **capital**. Essa constatação permite dizer que esse morfema é o **radical** da palavra, porque tem relação com a raiz dela. Então, **radical** é, da palavra, a parte que mantém o **significado-base** e que **aponta para a raiz**.

16. ( ) Radical significa que tem relação com raiz.
17. ( ) O radical concentra a base da significação da palavra.
18. ( ) O radical classifica-se como morfema endofórico, ou de significado intralinguístico.
19. ( ) Prefixo é morfema de significado extralinguístico, ou exofórico.
20. ( ) Radical é componente formal da palavra, da qual constitui a base de significação externa, podendo seu significado ter referente extralinguístico (cavalo, capim) ou linguístico (vírgula, til).
21. ( ) O morfema **capital** classifica-se como lexical e não como gramatical.
22. ( ) O prefixo **des** traz à palavra um significado de ausência ou negação.
23. ( ) Ele existe só no mundo extralinguístico.
24. ( ) O sufixo **izar** é formador de verbo e sua existência se limita ao universo gramatical.
25. ( ) Prefixos e sufixos são morfemas gramaticais, por não terem referente extralinguístico.

RAIZ ≠ RADICAL

Raiz

É um substantivo que significa origem, início mais profundo. Há quem a chame de radical primário.

Radical

É palavra originariamente adjetiva que significa aquilo **que tem relação com RAIZ.**

Achar a **raiz** não é tão fácil. Leia as frases:

> "O capataz da fazenda perdeu a cabeça e fez um movimento tão brusco que traumatizou o bíceps do capitão, tendo este sido levado urgentemente para a capital".

Perceba que o conjunto fonêmico **capital** (cidade principal) tem um significado muito diferente do que o que se encontra em des**capital**izar, embora sejam iguais na forma. Engano, porque tanto o **capital** (dinheiro) quanto a **capital** (cidade) são oriundos da mesma raiz latina *"cáput, cápitis"*, que significa **cabeça**, **parte superior**, **parte mais importante**, **bico**, **ponta**. A partir daí, vejam-se, na frase dada, as outras palavras pertencentes a uma mesma família, porque apresentam a mesma raiz, embora modificada pelo uso e pelo tempo: **cap**ataz (chefe, o cabeça dos trabalhadores), **cab**eça (parte mais alta), bí**ceps** (que tem bi = duas + ceps = cabeças), **cap**itão (chefe, o cabeça de um grupo militar), a **cap**ital (cidade principal), o **cap**ital (o principal do dinheiro, excluídos os juros). Querendo-se ir adiante com o mesmo radical, há **cap**itel, **cap**ítulo, **cab**edal, **cap**itólio, **cap**otar, pre**cip**ício, per **cap**ita.

Contudo, a dificuldade de se achar a raiz da palavra não se deve apenas à metamorfose que ela sofre ao longo do tempo (cap, cab, cep, cip), mas às transformações que outras raízes de outras palavras também experimentam e com ela se confundem. Por exemplo, raízes que se confundem com **cap**, **cab**, **cep**, **cip**, de *"caput"*:

1. A palavra *"cappa"*, do latim tardio, que significava "certo tipo de casaco com capuz, capa", originou o diminutivo "cappella" e as palavras portuguesas **cap**a, **cap**ela (esta, no século VII, designava o local onde se venerava a capa de são Martinho, e daí se estendeu o significado para "oratório"), **cap**elo, **cap**ote, **chap**éu, **cap**ucho, **cap**uz, de**cap**ar, de**cap**ê, **quep**e...

2. A palavra *"cápus"*, do latim clássico, que significava "galo castrado", gerou em Português **cap**ar, **cap**ão, **cap**ado...

3. O verbo latino *"cápìo,is, cépi, cáptum, cápere"*, que era extremamente plurissignificativo, derivou na Língua Portuguesa **cab**o, **cab**az, **cab**ear, **cab**er, **cap**acidade, **cap**acitor, **cap**az, **capc**iosidade, **capc**ioso, **capt**ação, **capt**ar, **capt**ura, **cat**ador, **cat**ar, **cat**ivar, **cat**iveiro, a**cep**ção, a**cep**tar, a**cei**tar, con**ceb**er, con**cei**ção, con**cep**ção, ex**cep**to, ex**ce**to, ex**cip**iente, ex**cep**cional, en**ce**tar, o**cup**ar.

Achar a **raiz** é, portanto, bem mais difícil do que encontrar o radical de uma palavra. Por quê? Porque exige uma observação bem mais profunda, mais afastada, mais distante no tempo, o qual, com o seu passar e com as alterações das circunstâncias sociais e históricas, modificou o significante e o significado, a forma e o conteúdo, a grafia e a ideia da **raiz**, de várias maneiras.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, com base no texto acima.

26. ( ) É mais fácil encontrar o radical que a raiz, numa família de palavras.
27. ( ) A raiz e o radical se apresentam sempre com a mesma forma gráfica.
28. ( ) A raiz e o radical podem mostrar alterações, quer tenham origem culta, quer popular, como acontece com cátedra/cadeira, concepção/conceição, regular/regrar, sacratíssimo, sagradíssimo.
29. ( ) São cognatos: capitão, capote, capacidade, capado.
30. ( ) Uma maneira de ajudar a distinguir radicais é atentar para o significado.
31. ( ) Capa, capela, capelo, capote, capuz, capucho, chapéu e quepe são cognatos.

TEMA, VOGAL TEMÁTICA, AFIXO (prefixo e sufixo) E DESINÊNCIA

Tema

É o radical ou raiz acrescido da vogal temática, pronto, portanto, para receber a(s) desinência(s): cab + o = **cabo**, têmper + a = **têmpera**.

Vogal Temática

É a vogal que prepara o radical ou raiz, tanto para se tornar uma palavra independente, como para receber a(s) desinência(s) ou o(s) sufixo(s): cab + **o**, têmper + **a**.

Desinência

É elemento mórfico, ou componente formal, que se pospõe à raiz, ao radical ou ao tema de verbos, substantivos, adjetivos ou pronomes para marcar flexão nominal (de gênero, número, grau) e verbal (de modo, tempo, número, pessoa). Por isso, também são conhecidos por **morfemas flexionais**: cabo + **s**, têmpera + **s**, tempera + **r**.

Afixo

É elemento mórfico que se junta ao radical para criação de nova palavra, que se chamará **derivada**. Por esse motivo os afixos também se chamam **morfemas derivacionais**.

Prefixo

É afixo que **se antepõe ao radical** somando-lhe um novo significado, ligado ao de uma preposição: **des**temor, **contra**por, **sobre**ssair, **a**moral, **i**rregular...

Sufixo

É afixo que **se pospõe ao radical**, acrescentando-lhe nova ideia e definindo-lhe a categoria gramatical como adjetivo (amor**oso**, embeleza**do**), substantivo (utili**dade**, armazen**agem**), advérbio (feliz**mente**, grata**mente**)... ou somando-lhe sentido de agente ou profissão (cant**or**, livr**eiro**, dent**ista**, estud**ante**, secret**ário**), ação (cumpri**mento**, doa**ção**, toler**ância**, nivel**ar**, folh**ear**), aumentativo (fog**aréu**, barc**aça**, canec**ão**, grand**alhão**), diminutivo (papel**ucho**, sal**eta**, chuv**isco**, part**ícula**), coletivo (boi**ada**, dinheir**ama**, pluma**gem**), origem ou nacionalidade (brasil**eiro**, paulist**ano**, brasili**ense**)...

Prática

■ Tendo como ponto de partida o quadro a seguir e o texto recém-lido, responda **C** ou **E**:

	Prefixo	Radical	Vogal temática	Sufixo	Desinência mod./temp.	Desinência núm./pes.	Desinência gên./núm.	
1	des	temper	a		va	s		
2	re	corr	ê		ra	mos		
3	com	part	i		r	eis		
4	a	noit	e	ece	r			
6	a	clar	a		r			
7	in	util		mente				
8	des	temper	a	mento				s
8	sub	nutr	i		d		o	s
9		am	a	dor			a	s

32. ( ) Os elementos linguísticos presentes nas oito colunas verticais chamam-se morfemas.
33. ( ) Todos eles são morfemas gramaticais.
34. ( ) Radical e raiz são os únicos morfemas lexicais ou de significação externa à língua.
35. ( ) Prefixo, sufixo , vogal temática e desinência são morfemas gramaticais ou de significação interna à língua.
36. ( ) Prefixos são morfemas flexionais.
37. ( ) Morfemas flexionais são as desinências que, nos nomes, indicam flexão de gênero e número; e, nos verbos, número, pessoa, modo, tempo e gênero.
38. ( ) Até a linha 6, só há desinências verbais (modo-temporais e número-pessoais).
39. ( ) Na linha 4, há um sufixo verbal, formador de verbo; na 7, adverbial, formador de advérbio; na 8, nominal, formador de substantivo; e na 9, nominal, formador de adjetivo.
40. ( ) As vogais temáticas, na terceira coluna, juntam-se aos radicais, para que estes possam receber os sufixos ou as desinências.
41. ( ) Os sufixos sempre antecedem as desinências, assim como os prefixos em relação aos radicais.

VOGAL E CONSOANTE DE LIGAÇÃO

Observe-se a formação das seguintes palavras: pá + ada = pa**z**ada, cha + eira = cha**l**eira, gás + metro = gas**ô**metro, limão + inho = limão**z**inho, em que apareceram automaticamente os elementos mórficos **z**, **l**, **ô**, **z**, respectivamente, sem qualquer contribuição no significado e sem outra função que não seja a de facilitar a pronúncia. Às vogais e consoantes que se intercalam entre dois morfemas com a finalidade única de facilitar a prolação (pronúncia) da palavra dá-se o nome de vogais e consoantes de ligação.

Prática

- Olhando o parágrafo anterior e o quadro a seguir, pense e responda **C** ou **E**:

	Radical	Letra de ligação	Sufixo/ radical	Vogal temática	Desin. gên.		Desin. núm.	
					Masc.	Fem.	Sing.	Pl.
1	feliz		mente		/	/	/	/
2	carr			o	/	/	∅	s
3	carroç			a	/	/	∅	s
4	menin			o	o	a	∅	s
5	trist			e	/	/	∅	s
6	lápis				/	/	/	/
7	gas	o	duto		/	/	∅	s
8	pau	l	ada		/	/	∅	s
9	café	t	eira		/	/	∅	s
10	lan	i	fer	o	o	a	∅	s

42. ( ) Na linha 1, a palavra é formada apenas de radical e sufixo; sem qualquer desinência, porque advérbio é invariável.
43. ( ) Nas linhas 2, 3 e 5, não há desinência de gênero porque as desinências só existem quando justificadas pelo par opositivo (menin**o**/**a**). Carr**o**, carroç**a**, trist**e** não apresentam morfemas (nem masculinos nem femininos), só porque inexistem os opostos carr**a**, carroç**o**, trist**o** ou trist**a**. Na morfologia dos nomes (substantivos, adjetivos, certos pronomes), só existem três vogais temáticas e todas estão aqui representadas: e, o, a.
44. ( ) Nas linhas 4 e 10, o **o** é vogal temática, porque prepara o radical para ser uma palavra independente (menin**o**, lanífer**o**) e acumula a função de desinência de gênero, por causa da oposição (menin**o**/menin**a**, lanífer**o**/lanífer**a**).
45. ( ) Em **chute**, **cavalo**, **cavaleiro**, **bomba**, o fonema final é uma vogal temática, mas em **cipó**, **rapé**, **pá**, não há vogal temática, porque ela nunca é tônica. Como se vê, há nomes que não têm vogal temática, por isso não podem ter tema, mas têm apenas radical ou raiz, sendo, então, chamados de **atemáticos**.
46. ( ) O **o** e o **a** no final de certos substantivos não marcam masculino ou feminino (vo**o**, telefonem**a**, dram**a**, carr**o**, carroç**a**), o que lhes aponta o gênero são os seus determinantes: **o** voo, noss**o** telefonema, carroça conhecid**a**.
47. ( ) Em "Ele comeu o bol**o** e chutou a bol**a**", os elementos sublinhados e negritados são desinências de gênero.
48. ( ) Na linha 6, não há desinência de gênero, nem de número, porque o **s** final de palavras como **lápis**, **oásis**, **ônibus** não é marca de plural. O plural de tais palavras se mostra por um determinante: o**s** ônibus, lápis amarelo**s**, meus óculo**s**.
49. ( ) **Nos nomes**, o que marca singular não é a presença de uma letra, mas sua ausência, ou seja, a ausência do marcador de plural **s** é que indica estar a palavra no singular. Essa ausência do morfema plural **s** é o que se chama **morfema zero**. Por isso, no quadro, só há **desinência zero**, de número singular, quando a palavra tem plural formado por **s**.
50. ( ) "duto" (l.7) e "fero" (l.10) são sufixos latinos originários de verbos com significado de **conduzir**.
51. ( ) "duto" (l.7) e "fero" (l.10) são radicais latinos originários de verbos com significado de **conduzir**, enquanto "ada" e "eira" (l.8 e 9) são sufixos formadores de substantivos.
52. ( ) Nas linhas 7, 8, 9 e 10, há **vogais e consoantes de ligação**, que não contribuem para o significado, e existem apenas para facilitar a pronúncia.

FORMAÇÃO DE PALAVRAS: DERIVAÇÃO, COMPOSIÇÃO, HIBRIDISMO

Em Português, formam-se palavras por dois processos básicos: derivação e composição.

Derivação

É o processo pelo qual se formam palavras a partir de um radical, ao qual se acrescentam afixos.

Derivação Prefixal

Uso de prefixo como em **des**crença, **intro**versão, **super**feliz, **con**ter.

Derivação Sufixal

Uso de sufixo como em arroz**al**, arroz**eiro**, barc**aça**, barqu**inho**, fam**oso**.

Derivação Prefixal e Sufixal

É o acréscimo de outro afixo (prefixo ou sufixo) a uma palavra já constituída de radical e afixo. Com a eliminação de um dos afixos, a palavra continua existindo.

inutil**mente**, pois existe tanto **in**útil quanto util**mente**;
descumpri**mento**, pois existe tanto **des**cumprir como cumpri**mento**;
incomunicá**vel**, pois existe tanto **in**comunicar como comunicá**vel**.

Derivação Parassintética ou Circunfixal

Uso de prefixo e sufixo simultaneamente, ou seja, ambos se juntam ao radical no momento exato da criação da palavra, o que se prova pela tentativa inútil de se retirar o prefixo, porque a palavra sem ele inexiste, como em

embarc**ar**, pois não existe barcar;
anoit**ecer**, pois não existe noitecer;
repatri**ar**, pois não existe patriar.

Derivação Regressiva

É formada pela perda de elemento fônico da palavra primitiva, de tal maneira que a derivada fica menor em tamanho que a primitiva. Chama-se também derivação deverbal, porque a derivada é um substantivo que provém de um verbo como em:

pescar > a pesca	afagar > o afago	atacar > o ataque
perder > a perda	apelar > o apelo	enlaçar > o enlace
censurar > a censura	chorar > o choro	debater > o debate

Dica:

Como saber se **âncora** é primitiva ou derivada em relação a **ancorar**? E **venda** em relação a **vender**? O **substantivo deverbal contém em si a noção de ação** que herdou

do verbo, por isso observe não o verbo, mas o substantivo. Âncora, por não ter ideia de ação, não proveio de ancorar; então, âncora é primitiva e ancorar derivada.
Já o substantivo venda significa ação de vender e, por trazer ideia de ação, originou-se de um verbo, o que permite concluir que venda é derivada e vender é primitiva.

Derivação Imprópria ou Conversão

É a criação de uma palavra pela alteração de sua categoria gramatical:

Ele era um estudante **caxias**.	(antropônimo virando adjetivo)
Não li essa **circular**.	(adjetivo virando substantivo)
Deixa de ser **borboleta**, menina.	(substantivo virando adjetivo)
Que teremos para o **jantar**?	(verbo virando substantivo)
Pudera! **Bravo**!	(verbo e adjetivo virando interjeição)
Analisando **prós** e **contras**...	(advérbio e preposição virando substantivo)

Derivação por Abreviação ou Redução

Encurtamento da palavra primitiva:

motocicleta > moto	automóvel > auto
fotografia > foto	quilograma > quilo
logomarca > logo	Teresópolis > Terê
pneumático > pneu	Flamengo > Mengo

Cabem aqui as **Siglas**:

Organização dos Estados Americanos	>	OEA
Organização das Nações Unidas	>	ONU
Academia Brasileira de Letras	>	ABL
Transportes Aéreos Portugueses	>	TAP

PT, PMDM, DEM, PSB, PCB, PDT, PSOL, PSC,TCU, TJDFT...

Derivação por Reduplicação

Formação de palavra por repetição silábica, havendo ou não alteração sonora:

pingue-pongue	to-tó	lambe-lambe
tique-taque	reco-reco	bate-bate

Derivação por Combinação

A palavra derivada combina elementos de duas ou mais outras:

português + espanhol	>	portunhol
brasileiro + uruguaio	>	brasiguaio
Flamengo + Fluminense	>	Fla-Flu

Derivação por Intensificação

Alargamento ou alongamento do sufixo de uma palavra, quase sempre usando-se o **izar**, em substituição a um mais curto já existente:

digitar	>	digitalizar
agir	>	agilizar
protocolar	>	protocolizar
culpar	>	culpabilizar

Composição

É a criação de uma nova palavra pela aproximação de dois ou mais radicais. As palavras compostas podem classificar-se como justapostas ou como aglutinadas.

Composição por Justaposição

Os radicais mantêm sua integridade sonora intocável, sem alteração sequer de um fonema, podendo ou não haver uso de hífen:

guarda-chuva	mand**ac**huva
finca-pé	pont**ap**é
couve-flor	min**iss**aia
mal-aventurado	ma**ln**ascido
super-regular	extr**arr**egular

Composição por Aglutinação

Na junção dos radicais acontece a queda ou alteração de fonema(s):

filho de algo	>	fidalgo	perna alta	>	pernalta
em boa hora	>	embora	água ardente	>	aguardente
grande eloquência	>	grandiloquência	vinho acre	>	vinagre

Hibridismo

É a junção de componentes mórficos, oriundos de línguas diferentes, na mesma palavra, não importando se ela foi formada por composição ou por derivação, ou seja, se tem dois ou mais radicais, ou se apenas um radical mais afixo(s):

*auto*móvel	(*grego* + latim)	bi*cicleta*	(latim + *grego*)
*endo*venoso	(*grego* + latim)	bi*gamia*	(latim + *grego*)
socio*logia*	(latim + *grego*)	oleo*grafia*	(vern. + *grego*)

Prática

■ Leia atentamente e responda **C** ou **E**:

53. ( ) pôr, transpor, posto, posição, imposição, impostor, postura, posicionado... pertencem à mesma família de palavras.
54. ( ) vida, viver, vivaz, vivacidade, vital, vitalidade, vitalício, vitaliciedade, pós-vida, vivo, vivenciar... são cognatos.
55. ( ) A palavra neologismo é um bom exemplo de hibridismo.
56. ( ) Neologismo significa palavra nova. É um vocábulo derivado com dois radicais de origem grega.
57. ( ) A palavra neologismo é composta por dois radicais (neo + logos), ambos de origem grega, que significam respectivamente novo e palavra.
58. ( ) Ambidestro, bicombustível, dicotomia, anfíbio, bienal, bíblico: todas essas palavras têm em sua constituição um morfema com significado ligado a **dois**.
59. ( ) Todas as palavras do item anterior são formadas por derivação prefixal, exceto a última, que é derivada por sufixação.
60. ( ) Superfície, suprarrenal, superlotar, epiderme, epígrafe, hipermercado: todos esses vocábulos são derivados por prefixação e seus prefixos latinos (super, supra) e gregos (epi, hiper) apresentam entre si correspondência semântica.
61. ( ) Todas as palavras a seguir exemplificam derivação sufixal: amoroso, barrigudo, latino, diário, enfermiço, medonho, róseo, datilografia.
62. ( ) Do exercício anterior, a última palavra não é derivada, mas composta por dois radicais gregos que significam respectivamente dedo e escrita.
63. ( ) São exemplos de derivação regressiva ou deverbal os seguintes substantivos: desembarque, festejo, grita, renúncia, entrega, chute, agito, esfrega, troca, arquivo, barco, apelido.
64. ( ) Do exercício anterior, arquivo, barco e apelido não são derivados regressivos ou deverbais porque semanticamente não trazem ideia de ação, mas denotam objeto ou substância.
65. ( ) Exemplificam a derivação parassintética os seguintes vocábulos: abotoar, amanhecer, anoitecer, aterrorizar, embainhar, embrutecer, envelhecer, escurecer, esvaziar, esburacar, introduzir.
66. ( ) Do exercício anterior, introduzir é, em Português, palavra primitiva. No latim, constitui derivação prefixal (intro + dúcere = para dentro + levar).
67. ( ) Em gasômetro e geografia constata-se a existência de vogal de ligação.
68. ( ) A aglutinação pode ser encontrada em: lobisomem (lobo e homem), vinicultura (cultura da vinha), agridoce (acre e doce), monocórdio (uma corda), silvícola ou selvícola (morador da selva).
69. ( ) São exemplos de derivação por conversão, ou derivação imprópria, substantivos comuns transformados em nomes próprios: Pereira, Coelho, Pimenta, Vargem Grande.

70. ( ) "Analise o protótipo, avalie prós e contras, e me dê urgentemente uma resposta". Nessa frase, pela ordem, encontra-se uma composição de palavra, duas derivações impróprias, uma sufixação adverbial e uma derivação prefixal.
71. ( ) Na questão anterior, só há um erro: a última palavra, que é **resposta**, formou-se por derivação regressiva e não prefixal.
72. ( ) "Os anjolescentes obstaculizavam a portaria onde o donjuan passaria". Há, nessa frase, pela ordem em que aparecem, exemplos de composição por combinação, derivação intensificada, derivação sufixal, derivação imprópria.
73. ( ) Na frase "Que teremos para jantar?" há uma derivação imprópria, ou conversão.
74. ( ) Em "A CBF resolveu promover treinos no Rio", há duas palavras formadas por abreviação, duas por prefixação e uma por regressão. Todas compostas.
75. ( ) Na questão anterior, só o último período apresenta informação errada.
76. ( ) Nas palavras **ambi**destro, **bi**combustível, **bí**blico, **di**cotomia, **anfí**bio, e **bi**enal, os prefixos em negrito trazem significado ligado ao número dois.

Ortografia

Uso das Letras

Uso do Hífen

Uso dos Porquês

Mal e Mau

Onde e Aonde

Acentuação Gráfica

Do grego (**orto** = certo, correto + **grafia** = escrita), ortografia significa escrita correta.

É capítulo que, indiscutivelmente, ainda precisa de conscientização e reparos por parte das comunidades linguísticas e educacionais, tarefa que já abraçamos.

Em setembro de 2008, a Presidência da República do Brasil promulgou o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, assinado em Lisboa, em dezembro de 1990, por oito países lusófonos (*vide* Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, Vestcon Editora).

O Decreto de promulgação implementou as novas regras ortográficas a partir de 1° de janeiro de 2009, devendo valer tanto a antiga quanto a nova ortografia até 31 de dezembro de 2012, a partir de quando passará a viger apenas a última regulamentação.

Para atender a esse período de transição, este capítulo usa as seguintes cores:

verde:	indica novas regras;
laranja:	indica o que não sofreu alteração;
azul:	indica regras antigas.

Ajustes estão sendo esperados durante um período de adaptação e observação e, à medida que necessários, serão divulgados no site **www.vestcon.com.br**.

É oportuno pedir ao leitor que conheça o movimento **www.acordarmelhor.com.br** e que o ajude com seu apoio, para a racionalização e simplificação das regras ortográficas, visando inclusive, à eliminação de exceções.

ALFABETO (norma nova)

O alfabeto português, com a introdução de K, k (cá ou capa); W, w (dáblio) e Y, y (ípsilon), passou a ter 26 letras ou grafemas:

A a	B b	C c	D d	E e	F f
G g	H h	I i	J j	**K k (cá)**	L l
M m	N n	O o	P p	Q q	R r
S s	T t	U u	V v	**W w (dáblio)**	X x
Y y (ípsilon)	Z z				

USO DE K, W, Y

Essas três novas letras ou grafemas são destinadas ao seguinte uso:

1	Em antropônimos (nomes de pessoas) originários de outras línguas e seus derivados: *Byron, byroniano; Darwin, darwinismo; Franklin, frankliniano; Kant, kantista, kantismo; Kardec, kardecista, kardecismo...*
2	Em topônimos (nomes de lugares) de outras línguas e seus derivados: *Kwuanza, kwanzaniano; Kuwait, kuwaitiano; Malawi, malawiano...*
3	Em siglas internacionais (TWA, KLM) e em símbolos internacionais (K de potássio, *kalium* em latim; W de oeste, *West* em inglês; kg de quilograma; km de quilômetro; kW de quilowatt; kV de quilovolt; yd de jarda, *yard* em inglês...).

Observações:

a) Antropônimos estrangeiros e seus derivados: respeita-se a grafia, inclusive das demais letras e do trema: Garrett, garrettiano; Müller, mülleriano; Shakespeare, shakespeariano... Muitos têm mais de uma grafia: Baruch, Baruc; Loth, Lot; Ziph, Zif; Joseph, José; Nazareth, Nazaré; Judith, Judite; Jacob, Jacó; Isaac, Isac; David, Davi; Josafat, Josafá; Madrid, Madri; Calecut, Calicut, Calcutá, Cid...

b) Topônimos estrangeiros e seus derivados: vernaculizam-se, ou seja, devem ser adaptados, aportuguesados, sempre que possível: Calicut > Calcutá; Cherbourg > Cherburgo; Finland > Finlândia; Torino > Turim; Zürich > Zurique...

USO DO *H, h*

USA-SE H INICIAL	
1	Por respeito à etimologia (origem das palavras): haver, hélice, hera, hoje, hora, homem, humor...
2	Por convenção: hã?, hem?, hum!

Observações:

a) Várias palavras já se modernizaram (**e**rva, **e**rvaçal, **e**rvanário, **e**rvoso...) e convivem com formas eruditas, mais tradicionais (herbáceo, herbanário, herboso...).
b) Quando deixa de ser inicial, o h pode desaparecer (hebdomadário > biebdomadário; harmônico > desarmônico; homem > lobisomem...) ou ser antecedido por hífen (anti-horário, pré-história, sobre-humano).

USA-SE O H FINAL
Em interjeições: Ah! Oh! Ih! Uh!

Observação:

Não se usa o h final na interjeição de vocativo: "Ó jardineira, por que estás tão triste?..."; Ó menino, venha cá.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

1. ( ) No Brasil, preferem-se as formas Calcutá, Cid, Davi, Josafá, Jó, Jacó, Madri, Nazaré.
2. ( ) Continuam existindo **ç** (c cedilhado) e os dígrafos **rr**, **ss**, **ch**, **lh**, **nh**, **gu**, **qu**...
3. ( ) Corretas as grafias Malawi, malawiano, Müller, mülleriano, shakespeariano, Kubitschek.
4. ( ) Preferem-se as grafias: uísque, drinque, vodca, vermute e não whisky, whiskey, drink, vodka, vermouth...
5. ( ) Preferem-se as grafias Garona, Jutlândia, Milão, Munique, Turim, Zurique e não Garonne, Jutland, Milano, München, Torino, Zürich...
6. ( ) Em haver, hélice, hera, hoje, hora, homem, humor... o **h** (agá) se mantém com base na etimologia.
7. ( ) O mesmo acontece com herbáceo, herbanário, herbicida, herbícola, herbático, herbívoro, que se originam, por via culta, da palavra latina **herba**.
8. ( ) Porém erva, ervaçal, ervoso, ervica, ervicida escrevem-se **sem h** (agá) porque essa grafia já foi consagrada pelo uso.
9. ( ) Usa-se **h** (agá) final em interjeições: Oh! Ah!
10. ( ) O **h** (agá) permanece no interior de palavras ligado por hífen (anti-higiênico, pré-história, sobre-humano, contra-haste), mas desaparece quando antecedido de **in**, **an**, **des** ou do **som "z"** (inábil < in+hábil; desumano < des+humano; exaurir < ex+haurir).

USO DAS LETRAS

Em cada item, siga o modelo e pratique.

Observe:

monte – mont**ês**; Escócia – esco**cês**; Portugal – portugu**ês**...

Adjetivos derivados de substantivos escrevem-se com **s**: **(ês, esa)**.

Prática

11. França: francê__
12. Japão: japone__a
13. corte: cortê__
14. burgo: burguê__
15. montanha: montanhê__
16. campo: campone__a

Observe:

prior – prior**esa**; duque – duqu**esa**; sacerdote – sacerdot**isa**...

Os sufixos **-esa** e **-isa**, formadores de feminino, escrevem-se com **s**.

Prática

17. barão: barone__a
18. príncipe: prince__a
19. cônsul: consule__a
20. papa: papi__a
21. poeta: poeti__a
22. profeta: profeti__a

Observe:

metást**ase**, anáf**ase**; diur**ese**, gên**ese**, sínt**ese**; diál**ise**, anál**ise**; diagn**ose**, metamorf**ose**, hipn**ose**...

Grafam-se com **s** as terminações **-ase**, **-ese**, **-ise**, **-ose**.

Prática

23. cateque__e
24. anáfa__e
25. hemopti__e
26. meio__e
27. hidróli__e
28. simbio__e
29. neuro__e
30. psico__e
31. sínte__e

Observe:

pre**s**o – apre**s**ar; va**z**io – esva**z**iar; rai**z** – enrai**z**ar, catáli**s**e – catali**s**ar...

Radicais com **z** originam palavras com **z**. Radicais com **s** originam palavras com **s**.

Prática

32. baliza: bali__ar
33. vez: reve__ar
34. trás: atra__o
35. vaso: enva__ar

Observe:

moral – moral**izar**; rubor – rubor**izar**; tranquilo – tranquil**izar**...

Verbos de radicais não terminados em **s** ou **z** recebem o sufixo **-izar**, com **z**.

Prática

36. profeta: profeti__ar
37. civil: civili__ar
38. concreto: concreti__ar
39. anarquia: anarqui__ar
40. drama: dramati__ar
41. banal: banali__ar

Atenção:

sífilis – sifil(i)-izar

Observe:

pôr – pu**s**; querer – qui**s**er; relu**z**ir – relu**z**...

As formas dos verbos **pôr** e **querer** (e seus derivados) escrevem-se com **s**. As formas dos verbos que já têm **z** escrevem-se com **z**.

Prática

42. querer: qui__, qui__esse
43. pôr: pô__, pu__esse, pu__er
44. trazer: tra__
45. dizer: di__
46. fazer: fi__, fi__esse, fi__er
47. cozer: co__i

Observe:

l**ous**a; N**eus**a; p**aus**a...

Depois de **ditongo**, escreve-se **s**, e não z.

Prática

48. cau__a
49. gêi__er
50. mai__ena
51. náu__ea
52. Sou__a
53. pou__ar

Observe:

compree**nd**er – compreen**s**ão; subme**rg**ir – submer**s**o, subme**rs**ão; conver**rt**er – conver**s**ão...

Palavras derivadas de radicais com **nd**, **rg**, **rt** grafam-se com **s** (**ns, rs**).

Prática

54. apreender: apreen__ão
55. pretender: preten__ão
56. aspergir: asper__ão
57. imergir: imer__ão
58. inverter: inver__ão
59. divertir: diver__ão

Observe:

puro – pur**eza**; honrado – honrad**ez**; nu – nud**ez**...

Substantivos derivados de adjetivo escrevem-se com **z** (**ez, eza**).

Prática

60. árido: aride__
61. áspero: aspere__a
62. avaro: avare__a
63. claro: clare__a
64. cúpido: cupide__
65. estúpido: estupide__

Observe:

pro**ceder** – proce**ss**o; a**gredir** – agre**ss**ão; re**primir** – repre**ss**ão; ad**mitir** – admi**ss**ão...

Palavras derivadas dos radicais **-ceder**, **-gredir**, **-primir**, **-mitir** escrevem-se com **ss**.

Prática

66. ceder: ce__ão
67. aceder: ace__o
68. exceder: exce__o
69. progredir: progre__o
70. regredir: regre__o
71. imprimir: impre__ão
72. oprimir: opre__ão
73. deprimir: depre__ão
74. omitir: omi__ão
75. demitir: demi__ão
76. permitir: permi__ão

Observe:

sindética – a**ss**indética; **s**afra – entre**ss**afra...

Palavras iniciadas por **s** escrevem-se com **ss** quando recebem prefixos terminados em vogal.

Prática

77. sílaba: a__ilábico
78. sossego: a__ossegar
79. surgir: re__urgir
80. supor: pre__upor
81. sair: sobre__air
82. semelhante: de__emelhante

Observe:

jun**to** – jun**ç**ão; perfei**to** – perfei**ç**ão...

Radicais terminados em **to** geram **c**, **ç**.

Prática

83. atento: aten__ioso
84. projeto: proje__ão
85. exceto: exce__ão
86. isento: isen__ão
87. distinto: distin__ão
88. ereto: ere__ão

Observe:

f**oic**e; Conc**ei**ção; t**ouc**eira...

Depois de **ditongo**, escrevem-se as letras **c** ou **ç**, e não ss.

Prática

89. cau__ão
90. lou__a
91. bei__o
92. arcabou__o
93. coi__e
94. fei__ão

Observe:

mu**ç**ulmano, alfa**c**e; Igua**ç**u; mu**ç**um...

Escrevem-se com **c** ou **ç** palavras de origem árabe, indígena ou africana.

Prática

95. a__afrão
96. a__ucena
97. alma__o
98. pa__oca
99. ca__anje
100. a__aí

Observe:

s**eix**o; c**aix**a; fr**oux**o...

Depois de **ditongo**, usa-se **x**, e não ch.

Prática

101. fai__a
102. amei__a
103. madei__a
104. trou__a
105. bai__o
106. pei__e

Exceções:

c**auch**o, c**auch**al, rec**auch**utagem.

Observe:

mexer; **Méx**ico; **enx**ada; **enx**ó...

Usa-se **x** após os grupos iniciais **me-** e **en-**.

Exceções:

charco – **ench**arcar
cheio – **ench**er
chumaço – **ench**umaçar
an**ch**ova ou **ench**ova

Prática

107. me__icano
108. me__ilhão
109. me__erico
110. en__aguar
111. en__ergão
112. en__erido
113. en__urrada
114. en__uto

Observe:

xá; ara**x**á, **X**angô...

Escrevem-se com **x** palavras de origem árabe, indígena ou africana.

Prática

115. almo__arife
116. o__alá
117. __adrez
118. ca__ambu
119. mu__o__o
120. __avante

Observe:

vadio – vadi**agem**; lã – lan**ugem**; vert**igem**...

Escreve-se a letra **g** nas terminações **-agem**, **-igem**, **-ugem**.

Prática

121. ara__em
122. fuli__em
123. malandra__em
124. ferru__em
125. selva__em
126. penu__em

Exceção:

a vi**agem**; que eles vi**ajem**

Observe:
ágio; privil**égio**; prest**ígio**...

Escreve-se a letra **g** nas terminações **-ágio**, **-égio**, **-ígio**, **-ógio**, **-úgio**.

Prática
127. adá__io
128. está__io
129. plá__io
130. egré__io
131. reló__io
132. refú__io

Observe:
pa**j**é; alfan**j**e; acara**j**é...

Grafam-se com **j** palavras de origem indígena, árabe ou africana.

Prática
133. __ê
134. __enipapo
135. __erimum
136. __irau
137. alfor__e
138. caçan__e

Exceções:
álgebra, algema, algeroz

USO DO HÍFEN (norma antiga)

O hífen, ou traço-de-união, é um sinal (-) com várias funções na escrita.

Hífen usado na composição de palavras novas por justaposição

Têm sentidos diferentes:

amor perfeito	≠	amor-perfeito
copo de leite	≠	copo-de-leite
segunda feira	≠	segunda-feira
sem vergonha	≠	sem-vergonha
sempre viva	≠	sempre-viva

Atenção:
Nem toda palavra composta por justaposição é ligada por hífen:
girassol, madressilva, mandachuva, pontapé, rodapé, vaivém...

Prática

■ Escreva nos parênteses os significados.

139. copo de leite (_____)
140. sempre viva (_____)
141. sócio econômico (_____)
142. copo-de-leite (_____)
143. sempre-viva (_____)
144. socioeconômico (_____)

Hífen nos compostos sem elemento de ligação

luso-brasileiro
histórico-geográfico
médico-cirúrgico
sino-japonês

Prática

■ Reescreva **corretamente**.

145. luso africano _____
146. nipoamericano _____
147. anglo americano _____
148. sinosoviético _____
149. greco romano _____
150. afro brasileiro _____

Hífen usado para separar elementos sufixados

-mor — sempre
-açu
-guaçu
-mirim
— só após vogal tônica, inclusive nasal

altar-mor
guarda-mor
maracanã-guaçu
ingá-açu
socó-mirim

Exceções:

O nome das cidades de Manhuaçu, Manhumirim, Mojiguaçu e Mojimirim está registrado sem hífen.

Prática

■ Reescreva **corretamente**.

151. capitão mor _____
152. ingá açu _____
153. Manhu-açu _____
154. Moji guaçu _____
155. altar mor _____
156. capim mirim _____
157. Manhu-mirim _____
158. Moji mirim _____

Hífen usado para separar elementos prefixados

O hífen separa dos radicais os seguintes prefixos tônicos:

aquém- além- recém-	pró- pré- pós-	sem- bem-	sota-, soto- vice-, vizo-	nuper- ex- co- pára-	grão- grã- bel-

além-mar	bem-amado	co-autor
recém-casado	soto-ministro	pára-choque
pré-escola	vice-reitor	grão-duque
pós-graduação	vizo-rei	bel-prazer
sem-vergonha	ex-aluno	

Exceção:

Sr. Benvindo (antropônimo), seja bem-vindo!

Prática

■ Reescreva **corretamente**.

159. aquém fronteiras _____
160. aquém mar _____
161. além túmulo _____
162. além mar _____
163. recém vindo _____
164. pró leite _____
165. pro-por _____
166. pró educação _____
167. pro rogar _____
168. pré natal _____
169. pré escola _____
170. pre tender _____
171. pós operatório _____
172. pos por _____
173. senvergonha _____
174. sem terra _____
175. bem querer _____
176. bem educado _____
177. bem falante _____
178. sotogovernador _____
179. vice governador _____
180. vizo governador _____
181. nuper vindo _____
182. examante _____
183. co seno _____
184. co autor _____
185. pára lama _____
186. pára choque _____
187. grão vizir _____
188. grã cruz _____
189. bel prazer _____

■ Leia e compare.
José é um sem-terra. Os vasos estão sem terra.
O bem-educado e o mal-educado comportam-se diferente.
Ele é um sem-vergonha. Sorria sem vergonha e sem medo.
Sorria, sem-vergonha. Ele chorava sem vergonha.

O hífen separa os prefixos dos seus radicais quando ocorrem os casos discriminados a seguir

auto- contra- extra- infra- intra- neo- prot(o)- pseud(o)- semi- supra- ultra-	diante de	vogal H R S	usam o hífen.

Exceção:

extraordinário.

Prática

■ Reescreva **corretamente**.

190. auto confiante _____
191. auto defesa _____
192. auto avaliação _____
193. auto reconhecimento _____
194. contra dizer _____
195. contra indicar _____
196. contra regra _____
197. extra regimental _____
198. extra-ordinário _____
199. intra hepático _____
200. infra vermelho _____
201. infra som _____
202. neo clássico _____
203. neo simbólico _____
204. proto histórico _____
205. pseudo etimologia _____
206. pseudo sábio _____
207. pseudo ciência _____
208. semi árido _____
209. semi desértico _____
210. supra renal _____
211. supra-partidário _____
212. ultra humano _____
213. ultra correto _____

ante- sobre- ant(i)- arqui-	diante de	H R S	usam o hífen.

Exceções:

antissepsia; antisséptico; sobressair; sobressaltar; sobressalto; sobressaltear; sobressalente; sobresselente; sobressaliente, embora o VOLP registre, também, que deve ser: anti-sepsia; anti-séptico; sobre-sair; sobre-saltar...

Prática

■ Reescreva **corretamente**.

214. ante diluviano _____
215. ante rosto _____
216. ante sala _____
217. anti herói _____
218. anti democrata _____
219. anti social _____
220. arqui milionário _____
221. arqui secular _____
222. sobre humano _____
223. sobre salente _____
224. sobre sair _____
225. sobre saltar _____
226. sobre saltear _____

Pare aqui! Antes de seguir, refaça num papel à parte o que já foi feito deste capítulo.

inter- super- hiper-	diante de	H R	usam o hífen.

Exceções:

interregno, hiperepatia.

Prática

■ Se já refez todos os exercícios de hífen, continue.

227. super homem _____
228. super humano _____
229. super resistente _____
230. inter resistente _____
231. super ativo _____
232. super dotado _____
233. hiper hedônico _____ *
234. hiper hidrose _____ *
235. hiper rugoso _____
236. hiper rancoroso _____

* O VOLP registra também: hiperedônico, hiperidrose.

pan- circum- mal-	diante de	H vogal	usam o hífen.

Prática

■ Reescreva.

237. circum ambiente _____
238. circum hospitalar _____
239. circum navegar _____
240. pan hispânico _____
241. pan americano _____
242. mal humorado _____
243. malagradecido _____
244. mal ajambrado _____ *
245. pan harmônico _____ *
246. pan africano _____

* Registram-se também: malajambrado e panarmônico.

ad-	diante de	R ou D	usa(m) o hífen.
sub-	diante de	R ou B	
ab- ob- sob-	diante de	R	

Exceções:

ab-rupto ou abrupto, sob-bosque ou sobosque, sub-bosque ou subosque, subumano ou sub-humano, subepático ou sub-hepático.

Prática

■ Continue.

247. ad referendar _____
248. ad digital _____
249. ad rogar _____
250. sub raça _____
251. sub região _____
252. sub rogar _____
253. sub base _____
254. sub borato _____
255. sub entender _____
256. sub secretário _____
257. sub hepático _____ *
258. sub área _____ **
259. sub humano _____ *
260. sub oficial _____ **

* Existem oficialmente: subepático e subumano.

** Fogem à pronúncia geral, mas são as formas oficiais.

Curioso...

1. Existem subaluguel e subaluguer.
2. Prefixo **sub-** seguido de palavra iniciada por l: escrevem-se juntos, lêem-se separados:
   - **escrita**: subliminar, sublingual, subliterato;
   - **pronúncia**: sub liminar, sub lingual, sub literato.
3. O VOLP admite dupla pronúncia para: sublevar e sublinhar.

■ Mais um pouco.

261. ab reação _____
262. ab rogar _____
263. ob rogar _____
264. ob reptício _____
265. sob roda _____
266. sob rojar _____
267. ab rupção _____ *
268. ab rupto _____ *
269. ab ruptela _____ *
270. ab ruptipenado _____ *

* O VOLP registra também com hífen: ab-rupção, ab-rupto, ab-ruptela, ab-ruptipenado. Devem-se pronunciar separadamente o **b** e o **r**, mesmo nas formas escritas sem hífen.

Prefixos ou radicais que não usam hífen

aero	cis	etno	hipo	mega	neuro	socio
agri	cromo	filo	homo	meta	odonto	tele
ambi	crono	fisio	in	micro	oni	termo
anfi	des	geo	iso	midi	orto	trans
audio	dis	hemi	justa	mini	pluri	tri
auri	ego	hetero	linguo	mono	poli	uni
bi	endo	hexa	macro	moto	quilo	video
bio	epi	hidro	maxi	multi	retro	

Prática

■ Agora, termine.

271. agri doce _____
272. ambi destro _____
273. audio visual _____
274. auri verde _____
275. bi sexual _____
276. homo sexual _____
277. hetero sexual _____
278. orto molecular _____
279. mini mercado _____
280. mono fásico _____
281. odonto pediatra _____
282. pluri anual _____
283. poli esportivo _____
284. iso térmico _____
285. neuro cirurgião _____
286. tele vendas _____
287. mono motorizado _____

USO DO HÍFEN (norma nova)

Hífen nos compostos sem elemento de ligação

Observe:

afro-brasileiro ≠ afrodisíaco, afrogenia, afrofilia...
anglo-brasileiro ≠ anglofalante, anglomaníaco, anglofilia...
euro-asiático ≠ eurorresidente, eurodescendente, euromania...
franco-germânico ≠ francofilia, francófilo, francodescendente...

Conclusão:

Compostos formados por mais de um radical pátrio (afro, anglo, euro, franco, indo, luso, sino...), locativo ou gentílico, grafam-se com hífen.

Prática

■ Reescreva corretamente:

288. luso americano _____ 289. afro descendente _____
290. teuto mania _____ 291. teuto germânico _____
292. euro canal _____ 293. euro asiático _____
294. luso fonia _____ 295. luso moçambiquense _____
296. franco angolano _____ 297. franco maçonaria _____

Observe:

A nova ortografia apresenta, como exceções do uso do hífen, girassol, madressilva, mandachuva, pontapé, paraquedas, paraquedista, paraquedismo, entre outras.

Conclusão e prática

■ Complete:

298. Os demais compostos iniciados pelas formas verbais **para** e **manda** _____

_____

Prática

■ Reescreva corretamente:

299. gira mundo _____ 300. gira discos _____
301. gira sol _____ 302. para brisa _____
303. para lama _____ 304. para-choque _____
305. manda tudo _____ 306. manda brasa _____
307. busca pé _____ 308. ponta pé _____
309. manda chuva _____ 310. guarda chuva _____
311. madre pérola _____ 312. madre caprina _____

Hífen nos topônimos e gentílicos

Observe:

Grã-Bretanha, Grão-Pará ≠ Belo Horizonte
Passa-Quatro, Quebra-Costas ≠ Boa Vista
Albergaria-a-Velha ≠ América do Sul

Conclusão:

Topônimos compostos usam hífen quando iniciados por Grã, Grão, por forma verbal e quando tenham internamente um artigo. Exceções: Guiné-Bissau e Timor-Leste.

Prática

■ Reescreva corretamente:

313. Abre Campo _____
314. Rio de Janeiro _____
315. Quebra Frasco _____
316. Todos os Santos _____
317. Três Rios _____
318. Entre os Rios _____
319. Trás os Montes _____
320. Trinca Fortes _____
321. Pendura Saia _____
322. Timor Leste _____
323. Santa Cruz _____
324. Guiné Bissau _____
325. América do Sul _____
326. Nova Guiné _____

Observe:

África do Sul ≠ sul-africano, africano-do-sul
Rio Grande do Norte ≠ norte-rio-grandense, rio-grandense-do-norte

Conclusão:

Mesmo que os topônimos compostos sejam escritos sem hífen, os seus gentílicos são hifenizados.

Prática

■ Escreva os gentílicos correspondentes aos topônimos.

327. Rio Grande do Sul _____
328. América do Norte _____
329. Porto Alegre _____
330. Belo Horizonte _____
331. Cruzeiro do Sul _____
332. da Índia e da China _____
333. da Indochina _____
334. do centro da África _____
335. da República Centroafricana _____

■ Assinale **C** ou **E**:

336. ( ) Topônimos e gentílicos se escrevem com inicial maiúscula.
337. ( ) Topônimos e antropônimos se escrevem com inicial maiúscula.
338. ( ) Gentílicos escrevem-se com inicial minúscula, a não ser que comecem a frase.

Observe:

mula-sem-cabeça > mula sem cabeça pé-de-moleque > pé de moleque

Conclusão:

Os compostos com elemento de ligação, na nova ortografia, perderam o hífen.

Prática

■ Reescreva convenientemente.

339. pé-de-pato _____
340. baba-de-moça (doce) _____
341. papo-de-anjo (doce) _____
342. ponta-de-lança (futebol) _____

Hífen nos encadeamentos vocabulares

Observe:

O lema de Liberdade, Igualdade e Fraternidade ≠ o lema Liberdade-Igualdade-Fraternidade.
O percurso de Rio para Brasília ≠ o percurso Rio-Brasília.

Conclusão:

Encadear palavras é um recurso econômico propiciado pelo uso do hífen.

Prática

■ Crie encadeamento, se possível.

343. Foi de Florianópolis a Brasília, passando por Curitiba e Uberlândia.
Fez o percurso _____.
344. Estava na divisa entre Brasil, Argentina e Paraguai.
Estava na divisa _____.

Hífen nas espécies botânicas e zoológicas

Observe:

abóbora-menina, banana-menina, banana-d'água, couve-flor;
andorinha-do-mar, formiga-branca, bem-te-vi, joão-de-barro;
azeite-de-dendê, água-de-coco, bálsamo-do-Canadá.

Conclusão:

Nomes de espécies botânicas e zoológicas, produtos afins e derivados escrevem-se com hífen, tendo ou não elemento de ligação. Exceção: girassol, madressilva, malmequer (*vide* a regra de mal).

Prática

■ Corrija, se preciso.

345. bálsamo coral _____
346. bálsamo de cheiro _____
347. bico de papagaio (planta) _____
348. bico de papagaio (nariz adunco, problema de coluna) _____
349. bem me quer _____
350. mal me quer _____
351. mata pasto (planta) _____
352. mata borrão _____
353. não me toques (planta) _____
354. não me toques (melindres) _____
355. bola de neve (planta) _____
356. bola de neve (situação que cresce) _____
357. Colheu o copo de leite _____
358. Bebeu um copo de leite _____

Hífen antes de h

Observe:

anti-higiênico, circum-hospitalar, contra-harmônico...
arqui-hipérbole, eletro-higrômetro, semi-histeria...
reaver, coerdeiro, deserdado, inumano, anistórico...

Conclusão:

Prefixos e falsos prefixos usam hífen antes de h, exceto **re**, **co**, **des**, **in**, **an**.

Prática

■ Corrija, se necessário.

359. coherdeiro _____
360. desherdar _____
361. antihumano _____
362. préhistória _____
363. contraharmônico _____
364. inharmônico _____
365. desharmonia _____
366. superharmonia _____
367. cohabitar _____
368. deshabitar _____
369. anhistórico _____
370. anhepático _____

371. ahistórico _____ 372. anhidro _____
373. eletrohigrometria _____ 374. geohistória _____
375. inhabilidoso _____ 376. ultrahabilidoso _____
377. cohabilidade _____ 378. arquihipérbole _____
379. rehaver _____ 380. rehouvera _____
381. rehumanizar _____ 382. rehidratar _____

■ Preencha:
383. Usa-se hífen antes de h, exceto quando precedido de ____, ____, ____, ____, ____.

Atenção:

bi-hebdomadário e biebdomadário, carbo-hidrato e carboidrato, porque o primeiro elemento não perdeu fonema vocálico (justaposição). Porém **cloridrato**, **clorídrico**, por ter o primeiro elemento perdido fonema vocálico (aglutinação).

Observe:

contra-almirante, infra-axilar, semi-interno, semi-irado, auto-observação, auto-olhar...
coopositor, reeducar, preencher, proótico.

Conclusão:

Quando prefixo ou falso prefixo terminam com a mesma letra vogal que inicia o segundo elemento, usa-se hífen (exceto ree, pree, coo, proo).

Prática

■ Corrija, se necessário.
384. supraauricular _____ 385. contraatestar _____
386. reeducar _____ 387. cooperação _____
388. antiibérico _____ 389. arquiirmão _____
390. preexistir _____ 391. autoobservação _____
392. microonda _____ 393. semiinconstante _____

■ Preencha:
394. Usa-se hífen para separar letras vogais iguais em palavra composta, exceto nos encontros ____, ____, ____, ____.

Observe:

Circum-ambiente, pan-amazônico, circum-murar, pan-mestiço, circum-nadar, pan-negro, pan-paulista, pan-britânico, circum-habitar...
Circuncisão, panteísmo...

Conclusão:

Circum e **pan** recebem hífen antes de **vogal**, **m**, **n**.

Prática

■ Corrija, se necessário.

395. circum navegar _____
396. pan hemisférico _____
397. circum adjacência _____
398. Circum vagar _____
399. pan mágico _____
400. Pan americano _____
401. pan psiquismo _____
402. Pan nigeriano _____
403. pan brasileiro _____
404. Circum volução _____
405. circum lóquio _____
406. Pan harmônico _____

■ Preencha:

407. Pan e circum recebem hífen antes de _____, _____, _____.

Observe:

Inte**r-r**esistente, su**b-b**ase, a**d-d**igital, su**b-r**esistente, a**d-r**ogar.

Conclusão:

Separam-se com hífen r-r, b-b, d-d, b-r, d-r.

Prática

■ Corrija, se necessário.

408. hiperrequinte _____
409. superrevista _____
410. subbloco _____
411. sub-bosque _____
412. subreitor _____
413. addsoniano _____
414. abrupto _____
415. adrenalina _____
416. adrenalite _____
417. adrenal _____
418. subrogar _____
419. subresfriar _____

■ Preencha:

420. São exceções: _____, _____, _____, _____.

Observe:

Além-Atlântico, além-fronteira, aquém-montanha, recém-vindo, sem-fim, bem-vindo.

Conclusão:

Recebem hífen os compostos iniciados por **além**, **aquém**, **recém**, **sem**, **bem**.

Prática

■ Corrija, se necessário.

421. além mar _____ 422. aquém divisa _____
423. além pireneus _____ 424. recém casado _____
425. recém nascido _____ 426. o sem cerimônia _____
427. um sem vergonha _____ 428. um sem número _____
429. bem aventurado _____ 430. bem criado _____

■ Preencha:

431. São exceções: _____, _____, _____, _____, _____, _____.

Observe:

ex-ator, ex-professor, soto-capitão, sota-capitão, vice-rei, vizo-rei.

Conclusão:

ex (cessamento), **soto**/**sota** (= sub), **vice**/**vizo** antecedem hífen.

Prática

■ Corrija, se necessário.

432. ex padre _____ 433. ex portar _____
434. ex presidente _____ 435. ex patriar _____
436. soto piloto _____ 437. sota pitoto _____
438. vizo monarca _____ 439. vice presidente _____

Observe:

pós-graduação, pré-átono, pró-africano.

Conclusão:

pós, **pré**, **pró** (abertos e tônicos) antecedem hífen.

Prática

■ Corrija, se necessário.

440. pré natal _____ 441. pós parto _____
442. pos por _____ 443. pós textual _____
444. postergar _____ 445. pró europeu _____
446. propor _____ 447. pró soviético _____
448. pré gravação _____ 449. pré embrião _____

450. pré eleger _____ 451. pré esclerose _____
452. pré esclerótico _____ 453. pre existir _____
454. pré eleição _____ 455. Pré eleito _____
456. pré eleitoral _____ 457. Pré embrionário _____

■ Preencha:
458. São anormais: _____, _____.

Observe:

Mal-aventurado, mal-educado, mal-humorado, malditoso, malfalante.

Conclusão:

Mal (advérbio) tem hífen antes de **vogal** e **h**.

Prática

■ Corrija, se necessário.
459. mal criado _____ 460. Mal falante _____
461. mal amado _____ 462. Mal afamado _____
463. mal ajambrado _____ 464. Mal entendido _____
465. mal olhado _____ 466. Mal visto _____

Observe:

Mal-americano (sífilis) mal-germânico (sífilis) mal-napolitano (sífilis)

Conclusão:

Mal (substantivo, significando doença), sem elemento de ligação, usa hífen.

Prática

■ Corrija, se necessário.
467. mal-bruto (hanseníase) _____ 468. mal-caduco (epilepsia) _____
469. mal-céltico (sífilis) _____ 470. mal-canadense (sífilis) _____
471. mal-morfético (hanseníase) _____ 472. mal-francês (sífilis) _____
473. mal da nuca _____ 474. mal de Alzheimer _____
475. mal de Parkinson _____

Atenção!

São anormais: mal-andança (infortúnio), mal-assombro (fantasma), malconceito (má fama), malcriação, porque, apesar de registrado no VOLP, o **mal** está indevidamente usado como adjetivo. Deveria ser má-andança, mau-assombro, mau-conceito, má-criação.

Observe:

andá-açu, amoré-guaçu, anajá-mirim, Manhuaçu, Mojimirim.

Conclusão:

Sufixos tupis **açu** (grande), **guaçu** (grande), **mirim** (pequeno) ligam-se por hífen quando antecedidos de vogal acentuada graficamente, ou para preservar a pronúncia.

Prática

■ Corrija, se necessário.

476. Manhu mirim _____ 477. Moji guaçu _____
478. Ceará mirim _____ 479. capim açu _____
480. socó açu _____ 481. tatu açu _____
482. cupim açu _____ 483. tuim açu _____

NÃO SE USA HÍFEN

Observe:

Locuções substantivas: *cão de guarda, sala de estar, água de cheiro...*
Locuções adjetivas: *cor de café, cor de bonina, cor de abacate, à toa...*
Locuções pronominais: *cada um, qualquer um, quem quer que...*
Locuções adverbiais: *à toa, depois de amanhã, à vontade, em cima, por isso...*
Locuções prepositivas: *abaixo de, em cima de, junto a, quanto a...*
Locuções conjuntivas: *logo que, uma vez que, ao passo que...*
Frases nominalizadas: Era um *deus nos acuda*. Foi um *salve-se quem puder*. Era a *casa da mãe Joana*. É um *Maria vai com as outras...*

Conclusão:

Locuções e frases nominalizadas não usam hífen.

Prática

■ Corrija, se necessário.

O *arco-da-velha* (484) que vivera *ao-deus-dará* (485) era *água-de-colônia* (486) lançada *à-queima-roupa* (487) no *pé-de-meia* (488) *cor-de-rosa* (489) preso ao caule do *dois-por-dois* (490), conhecida palmeira da Região Norte. Vivera está no *mais-que-perfeito* (491).

_____
_____
_____

Observe:

não proliferação... não violência... quase perfeito... quase mordida...

Conclusão:

Não e **quase**, mesmo usados como prefixos, não usam hífen.

Prática

■ Corrija, se necessário.

Houve um *quase-entendimento* (492) naquele tratado de *não-agressão* (493) e *não-vingança* (494).

_____

Observe:

agridoce, auriverde, contradizer, contrafação, contralateral, ortomolecular...

Conclusão:

Em palavras cujo primeiro elemento (prefixo ou radical interno) termina em vogal e o segundo começa com consoante que não permite alteração fonética, unem-se os dois sem hífen.

Prática

■ Corrija, se necessário.

495. agro negócio _____ 496. agro mania _____
497. auri céfalo _____ 498. auro ferrífero _____
499. contra vento _____ 500. contra verdade _____
501. contra fluxo _____ 502. orto fotografia _____
503. orto morfismo _____ 504. retro carregar _____
505. proto plama _____ 506. proto vértebra _____

Observe:

anti**aé**reo, c**oe**educar, estr**ae**scolar, aut**oa**prendiz, agr**oi**ndustrial, supr**ai**nventivo.

Conclusão:

Na união de vogais com letras diferentes, não se usa hífen.

Prática

■ Corrija, se necessário.

507. aero espacial _____ 508. supra inventivo _____

509. auto investigação _____ 510. termo elétrica _____
511. endo estesia _____ 512. hidro avião _____

Observe:

Anti**rr**eligioso, contr**arr**egra, ant**iss**emita, c**oss**eno.

Conclusão:

r ou **s**, antecedidos de vogal, transformam-se em **rr** e **ss**, para preservar o som original.

Prática

■ Corrija, se necessário.

513. extra regular _____ 514. infra som _____
515. mini saia _____ 516. bio ritmo _____
517. bio satélite _____ 518. bi secular _____
519. micro sistema _____ 520. micro radiografia _____

HÍFEN REPETIDO

Observe:

recém-	bem-
-nascido	-mandado

Conclusão:

Repete-se o hífen quando a translineação acontece exatamente onde ele está.

Prática

■ Corrija, se necessário.

521. ... circum-
navegar

522. ... super-
rádio

523. ... vice-
prefeito

524. ... soto-
mestre

525. ... bem-
humorado

526. ... pós-
graduado

Observação final:

Expressões latinas e de outras línguas não se alteram, quando não aportuguesadas: *Ad augusta per angusta. Ab ovo. Carpe diem. Ad valorem. Verbi gratia. Ad immortalitatem. To be or not to be.*

USO DOS PORQUÊS

Observe:

Queremos saber **por que** (motivo) não nos convocaram.
A razão **por que** (pela qual) estão agindo assim não foi esclarecida.

POR QUE	1. Quando se subentende a palavra **motivo**. Pode ocorrer nas interrogações diretas ou indiretas. 2. Quando substituível pelo pronome relativo preposicionado **pelo qual** e suas flexões, **pela qual**, **pelos quais**, **pelas quais**.

Prática

527. _____ não são tomadas providências concretas?
528. Muito se falou, mas ninguém explicou _____ as mudanças foram adiadas.
529. São justos os ideais _____ lutamos.
530. Desconhecemos o motivo _____ ele não compareceu.

Observe:

São perceptíveis mudanças no clima, **por quê** (motivo)?

POR QUÊ	Quando se subentende a palavra **motivo** e está **seguido de pausa**. As pausas são marcadas por: **, ; : . ? ! – ...**

Prática

531. Acentua-se o conflito na fronteira, resta saber _____ .
532. Foram feitas críticas a esse modelo econômico, _____?
533. Houve nova desvalorização da moeda _____?
534. Não sabia _____ , mas estava confiante.
535. Ela saiu e você imagina _____...

Observe:

O **porquê** de tanto esforço só você pode entender.

PORQUÊ	Emprega-se quando for um **substantivo**.

Prática

536. Explique-nos o _____ dessa atitude precipitada.
537. Desconhecemos _____ e consequências da ausência de tantos condôminos.
538. Resta-lhes explicar pelo menos um _____ dessa desvalorização da moeda.
539. _____ interessantes nos esperam.

Observe:

Ele voltou para a mulher **porque** detestava silêncio.

PORQUE	1. Conjunção causal. 2. Conjunção explicativa. → Resposta a perguntas. 3. Conjunção final (= para que). 4. Pergunta com resposta implícita.

Prática

540. Os servidores fizeram cursos de aperfeiçoamento _____ a chefia os obrigou.
541. Os jovens são os melhores empreendedores, até _____ aceitam riscos que os mais velhos não assumiriam.
542. Gritava a plenos pulmões _____ fosse de longe ouvido.
543. Você está feliz. Não será _____ o namorado chegou?

■ Preencha conscientemente em relação ao uso dos porquês.

544. _____ você está rindo?
545. Estou rindo _____ fui bem na prova. Eis _____ estou rindo.
546. Você continua rindo! _____?
547. Não lhe posso dizer o _____.
548. Então ria de lábios fechados, _____ seus dentes estão sujos.

■ Continue.

549. _____ você errou?
550. Errei _____ não estudei.
551. Não estudou _____?
552. Vou-lhe dizer _____ não estudei. Mas _____ você quer saber o _____ de eu não ter estudado? Só _____ você é curioso?
553. Não. É _____ eu quero ajudá-lo.

■ Continue.

554. Qual o motivo _____ ela me ama? Talvez _____ tenha mostrado a ela os sentimentos _____ fui envolvido.
555. Os _____ do coração humano são indecifráveis.

MAU ≠ MAL

MAU	É **adjetivo**. Fala de um substantivo. Pode ir para o plural e para o feminino.

Josias era um **mau jogador**, passou por **maus momentos**,
adjet. subst. adjet. subst.

porém não tinha **más intenções**.
adjet. subst.

MAL	Pode ser **substantivo**: Conheça o bem e **o mal**. art. subst.
	Pode ser **advérbio**: Ela **falava mal**. José era **mal educado**. verbo adv. adv. adjet.
	Pode ser **conjunção temporal**: **Mal** chegou, sorriu. (mal = quando)

Prática

Use **mal** se no seu lugar couber **bem**.
Use **mau** (má, maus, más) no lugar de **bom** (boa, bons, boas).

■ Reveja os exemplos e reescreva.

556. bom jogador: _____ jogador
557. bons momentos: _____ momentos
558. boas intenções: _____ intenções
559. o bem: o _____
560. falava bem: falava _____
561. bem educado: _____ educado

ONDE ≠ AONDE

Veja Capítulo 17, Regência, p. 345.

ABREVIATURAS, SIGLAS, SÍMBOLOS

Abreviatura

Abreviatura é a grafia reduzida de palavra(s), terminada com um ponto: Dra. (Doutora), Dr. (Doutor), Sra. (Senhora), Sr. (Senhor), a.C. ou A.C. (antes de Cristo), a.D. ou A.D. (*Anno Domini*, ou no ano do Senhor), P.S. (*Post Scriptum*), abrev. (abreviatura).

Sigla

Sigla é a união das letras iniciais das palavras que nomeiam instituições, associações, órgãos, empresas etc. A sigla difere da abreviatura porque não apresenta ponto final: OMC (Organização Mundial do Comércio), ONU (Organização das Nações Unidas), FMI (Fundo Monetário Internacional), AGU (Advocacia Geral da União).

Sigla pronunciável letra a letra deve ter todas as letras em formato maiúsculo: BB, TCU, INSS, IGPM, BNDES.

Sigla com até três letras grafa-se com todas maiúsculas:
a) quer pronunciável letra a letra: CBF (cê bê efe), STF (esse tê efe), AGU (a, gê, u).
b) quer pronunciável como palavra: ONU (ônu), PIS (pis), PAS (pas).

Sigla com mais de três letras, pronunciável como uma palavra, deve ter a primeira letra maiúscula e as seguintes, minúsculas: Alerj, Bacen, Petrobras, Enem.

Símbolo

Símbolo é um tipo de abreviação convencionado e padronizado no âmbito de determinado campo de conhecimento. Não termina por ponto, nem tem plural: **g**, grama(s); **h**, hora(s); **m**, metro(s) ou minuto(s); **l**, litro(s); **kl**, quilolitro(s); **km**, quilômetro(s); **min**, minuto(s); **K**, potássio; **Au**, *aurum*, nome latino do ouro; **Ag**, *argentum*, nome latino da prata; **Cu**, *cuprum*, nome latino do cobre.

Prática

■ Assinale C (certo) ou E (errado) nos parênteses, para as seguintes afirmações.

562. ( ) Abreviatura não usa ponto.

563. ( ) Sigla usa ponto.
564. ( ) Símbolo e sigla não usam ponto.
565. ( ) Abreviatura usa ponto.
566. ( ) Redução de uma palavra com as letras iniciais, terminadas com ponto, chama-se abreviatura.
567. ( ) Infere-se dos exemplos dados na definição de abreviatura que o uso de inicial maiúscula é sempre obrigatório.
568. ( ) Redução de várias palavras com a letra inicial de cada uma, sem uso de ponto ao final, chama-se sigla.
569. ( ) Dos exemplos apresentados na definição de sigla, deduz-se que elas sempre começam com letra maiúscula.
570. ( ) Pelos exemplos dados na definição de símbolo, conclui-se que os símbolos químicos apresentam inicial maiúscula.

571. Corrija, dentre as seguintes, as três siglas mal grafadas:
ABI (Associação Brasileira de Imprensa), AGU (Advocacia-Geral da União), ANPAC (Associação Nacional de Proteção e Apoio aos Concursos), CBF (Confederação Brasileira de Futebol), FMI (Fundo Monetário Internacional), OAB (Ordem dos Advogados do Brasil), Onu (Organização das Nações Unidas), Pis (Programa de Integração Social), STF (Supremo Tribunal Federal).

572. Preencha os parênteses com a sigla de cada Estado brasileiro.
Acre ( ), Alagoas ( ), Amapá ( ), Amazonas ( ), Bahia ( ), Ceará ( ), Distrito Federal ( ), Espírito Santo ( ), Goiás ( ), Maranhão ( ), Mato Grosso ( ), Mato Grosso do Sul ( ), Minas Gerais ( ), Pará ( ), Paraíba ( ), Paraná ( ), Pernambuco ( ), Piauí ( ), Rio de Janeiro ( ), Rio Grande do Norte ( ), Rio Grande do Sul ( ), Rondônia ( ), Roraima ( ), Santa Catarina ( ), São Paulo ( ), Sergipe ( ), Tocantins ( )

573. Corrija, se necessário:
Em 2h. e 20min., ele percorreu 250 kms.

ACENTUAÇÃO GRÁFICA (norma antiga)

Casos específicos

Monossílabos tônicos: acentuam-se os terminados em:

a(s), **e(s)**, **o(s)**: pá(s), pé(s), vê(s), tê-lo, nó(s), pô-lo.

Prática

■ Acentue, se necessário, as palavras dos grupos abaixo.

574.

no (subst.)	po (subst.)	vos (pron. reto)	mas (adj.)	vi
le-lo	nos (subst.)	cos	voz	nu
ri	fi-lo	noz	cor	ma
cru	fa-lo	po-lo	vez	ves

Oxítonos: acentuam-se os terminados em:

a(s), **e(s)**, **o(s)**, **em**, **ens**: está(s), prevê(s), café(s), cipó(s), robô(s), (ele) retém, (eles) retêm, reféns.

Prática

■ Acentue, se necessário, as palavras dos grupos abaixo.

575.

atras	atraves	contem (pl.)	marca-lo	decidi-lo
maio	apos (verbo)	camelo	dete-lo	recem
buriti	voce	cara	impo-lo	porem

Paroxítonos: acentuam-se os terminados em:

i(s), **us**: júri(s), vírus;
um, **uns**: álbum, álbuns;
on, **ons**: íon(s), próton(s);
ôo, **ôos**: vôo(s), enjôo(s);
r, **x**, **n**, **l** (RouXiNoL): éter, ônix, éden, sêmen, amável;
ditongo: água, mágoa, série, ciência, órgão;
ps, **ã(s)**: bíceps, órfã(s).

Prática

576. Por que éden, hífen, sêmen (**com acento**) e edens, hifens, semens (**sem acento**)?
Resp.: _____

■ Acentue, se necessário.

577.

caqui (cor)	pensil	hifen	faceis	ciencia
item	polen	hifens	orfão	imã
itens	tenis	triceps	policia (subst.)	neutron

Proparoxítonos: acentuam-se todos.

Prática

■ Acentue as seguintes proparoxítonas:

578.

camara	eramos	interim	edito
calculo	medico	veiculo	umido
falassemos	transito	fotografo	abobada

Observação:

Não há padronização quanto às palavras que mantêm a forma latina. No *Aurélio*, paroxítonos como *quantum*, *primum*, *princeps* não estão acentuados, embora apareçam com acento: *quórum*, *déficit*, *superávit*, *fórum*.

Casos gerais

Acentuam-se os ditongos **éi, ói, éu**, abertos e tônicos.

Prática

579.

roi	paranoia	aldeia	seu
doi	sequoia	apoio	reuzinho
moi	geleia	chapeu	assembleia

Observação:

Pasteizinhos, aneizinhos, anzoizinhos, chapeuzinhos não são acentuados porque os ditongos **éu**, **éi** e **ói** saíram da sílaba tônica.

Acentuam-se

i / u	tônicos e 2ª diferente vogal de hiato e sozinhos na sílaba ou com **s** e não seguidos de **nh**	caído, caíste, Emaús, reúne
		Mas: sucuuba, caindo, Saul rainha, xiita

Prática

■ Acentue as palavras dos grupos abaixo, optando por hiato.

580.

cai	cair	juiz	Raul	conclui
caido	caindo	alaude	reune	construi-lo
caiste	juizo	balaustre	tainha	proibe
gratuito	fluido	distribui	rainha	ateismo

G > U < E Q > U < I	**u** pronunciado átono = **ü**: ag**ü**entar
	u pronunciado tônico = **ú**: arg**ú**is

Usa-se o trema no **U** dos encontros **GU** e **QU** quando seguidos de **E** ou **I**, se o **U** for átono. Se o **U** for tônico, recebe acento agudo.

Prática

■ Use corretamente o trema.

581. aguentas, enxaguei, arguem, apaziguei, tranquilo, argui, oblique, cinquenta, averigue, equino, linguiças, sequestro, delinquir, frequentemente, arguimos, apazigue

Verbos com plural especial

		crer	dar	ler e ver		(com ou sem prefixo)
êem	(ele)	crê	dê	lê	vê	(regra dos monossílabos tônicos, p. 81 e 89)
	(eles)	crêem	dêem	lêem	vêem	ESPECIAL
	(ele)	descrê	desdê	relê	revê	(regra dos oxítonos, p. 82 e 89)
	(eles)	descrêem	desdêem	relêem	revêem	ESPECIAL

		ter e vir		(sem prefixo)
êm	(ele)	tem	vem	(regra dos monossílabos tônicos, p. 81 e 89)
	(eles)	têm	vêm	ESPECIAL

		ter e vir (com prefixo)				
ém/êm	(ele)	retém	contém	provém	advém	(regra dos oxítonos, p. 82 e 89)
	(eles)	retêm	contêm	provêm	advêm	ESPECIAL

Prática

■ Corrija, se necessário.

582. Ele provem do sul, mas seus pais provem do leste.
583. Cada qual diz as coisas que lhe convem.
584. Ele faz aquilo que lhe convem.
585. O que contem estas caixas?
586. Os teóricos, agora, revem os conceitos.
587. Eles proveem a despensa do necessário para uma semana.
588. Eles não descreem sistematicamente.

Acentos diferenciais de intensidade

côa(s) – verbo coar
pára – verbo parar
pélo, péla(s) – verbo pelar; péla (bola, jogo)
pêlo(s) – cabelo
pêra – (substantivo)
péra (pedra) – em péra-fita
póla(s) – pancadaria
pôla(s) – rebento, broto de árvore
pólo(s) – extremidade, jogo
pôlo(s) – gavião ou falcãozinho
pôr – verbo
pôde – perfeito do indicativo

Prática

■ Acentue.

589 Ele para a todo instante para olhar o mapa.
590. Veja se você para para pensar.
591. Por ordem médica, ela vai por um marca-passo por mês.
592. Passava a mão pelo pelo do animal.
593. Ele se pela de medo pela amiga.

Prática Geral

594. (PRF/N.M./ANP) Assinale o vocábulo escrito **incorretamente**.
a) colisão.
b) necessidade.
c) estranjeiro.
d) experiência.

595. (PRF/N.M./ANP) Assinale a opção em que há **erro** no emprego de **mau** ou **mal**:
a) Saiu-se mal na prova.
b) Não faça mau a ninguém.
c) Ele mal adivinha o que o espera.
d) Ele sempre foi mau aluno.

596. (ITA/VEST.) Assinale a opção em que todas as palavras estejam **corretamente** grafadas.
a) homilia, tepidez, revezar, reveses, paisinho.
b) pôr, pêlo, véns, provejai, averigüem.
c) sequer, assimetria, descensão, suscinto, avidês.
d) caístes, amá-la-íeis, bemdisseram, prazeiroso, coalizão.
e) requesitar, rivalizar, fascínora, emurchecer, extravazar.

597. (BRB/N.M./IDR) Indique a alternativa em que todas as palavras estão grafadas **corretamente**.
a) "Cheque pré-datado não existe", irrita-se o advogado. "É um crime de extorção indireta, um convite ao descomprimento de normas vingentes".
b) Aqueles que se sentirem prejudicados devem procurar as instituições financeiras que domissiliavam sua conta, apresentando os documentos comprovatórios dos acrécimos indevidos.
c) Se ele cochilasse, o ajiota não exitaria em dobrar os juros acertados previamente.
d) Antigamente os brasileiros enfileiravam-se para comprar feijão na entressafra; mais recentemente, encontram empecilhos para pegar guia de atendimento no INSS.

598. (ALCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **incorreta**.
a) Maria se indigna por que não obteve a classificação?
b) Por que haveria de se ocupar daquele assunto, se não era sua a obrigação?
c) O princípio de que o réu é inocente até prova em contrário é uma conquista da civilização; daí por que não tem ele que se preocupar.
d) Depois de suas explicações foi fácil entender por que tomara aquela decisão.

599. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **correta**.
a) Mecanismos de contrôle do Orçamento do DF – o projeto de lei orgânica estabelece uma prestação de conta trimestral, por parte do Executivo, à Câmara Legislativa.
b) Atrelado à idéia de independência política das cidades-satélite, o dispositivo também deverá causar polêmica, pois entra em choque novamente com princípios constitucionais, de caracterizar a divizibilidade do DF.
c) Autonomia financeira para as Administrações Regionais – O artigo 153 do capítulo II do Orçamento destina verbas a serem administradas com autonomia pelas administrações regionais.
d) Este dispositivo deverá ser combatido pelo GDF, através de sua bancada na casa, uma vez que já existem mecanismos de contrôle através da programação de envestimento, estipulada no Orçamento anual, somados à Lei de Diretrizes Orçamentárias e ao Plano Plurianual.

600. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **incorreta**.
a) Existe ainda uma série de outros pontos de menor importância que sucitam controvérsias.
b) Tais pontos deverão exigir dos deputados muita discussão quanto à interpretação da constitucionalidade.
c) É o caso da participação de servidores na diretoria de empresas públicas e autarquias; permissão para reunião em local de trabalho; a participação popular na elaboração da lei orçamentária anual, bem como vários pontos do capítulo da Comunicação Social, do Transporte, da Segurança, da Saúde e da Educação.

d) Muitos dispositivos são considerados de competência exclusiva da União e deverão ser retirados do projeto de lei orgânica.

601. Assinale a seqüência que completa **corretamente** as lacunas do texto seguinte.
Não sabemos _____ greves e mais greves se sucedem na área educacional. Aliás, ninguém parece saber o _____ disso tudo. A situação é muito grave, principalmente _____ está associada ao crescente descrédito em relação à escola pública.
a) porquê / por que / por quê.
b) por quê / porquê / por que.
c) por que / porquê / porque.
d) porque / por quê / por que.

602. (ATCL-DF/N.S./IDR) Quanto ao emprego das iniciais maiúsculas e minúsculas, é **incorreto** afirmar que
a) os nomes dos meses, dias, semanas e estações do ano devem ser escritos com inicial maiúscula.
b) os nomes dos pontos cardeais escrevem-se com inicial minúscula quando designam direções ou limites geográficos.
c) as iniciais maiúsculas são usadas nos nomes de fatos históricos e importantes, de atos solenes e de grandes eventos públicos.
d) os nomes que designam altos cargos, dignidades ou postos devem ser escritos com iniciais maiúsculas quando acompanhados do nome ou quando o cargo o substituir.

603. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a seqüência em que todas as palavras estão **corretamente** grafadas.
a) admissão / admirar / adivinhar / adiminículo.
b) privilégio / táboa / monje / óbolo.
c) choviscar / estripolia / extasiar / inexorável.
d) majestade / herege / adstringente / inexaurível.

604. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a seqüência que apresenta **erro** de grafia.
a) ascensão / expenças / extensivo / ressuscitar.
b) batizar / repisar / extenso / exceção.
c) quisesse / enviesar / envernizar / cortês.
d) paralisar / turquesa / revés / desazado.

605. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a seqüência que preenche **corretamente** as lacunas.
Todos os cidadãos devem saber_____ o Poder Legislativo está assim. Estamos instalando novos computadores, é um momento de transição, eis o _____.
a) por que / porquê.
b) porque / por quê.
c) porquê / por que.
d) por que / porque.

606. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **correta** quanto à ortografia.
a) A cultura não prezume, não pode almejar, nem à uniformisação, nem à unidade sem diversidade.
b) A linguagem administrativa e legal, em qualquer sociedade organizada, apresenta um hiato em relação aos usos correntes da língua.
c) O fenômeno da inteleção da linguagem jurídica apresenta uma série de problemas ao cidadão leigo.
d) É necessário consiliar a tecnisidade dos textos legais com a comunicação do povo, que é o principal destinatário da lei.

607. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **correta** quanto à ortografia.
a) A rescisão do contrato depende do acordo entre empregador e empregado.
b) O parecer legislativo deve ser suscinto, claro e conciso.
c) A campanha publicitária pode sucitar falsas expectativas junto ao público menos consciente.
d) Não se pode precindir das ordenações sociais formuladas em conjunto e consolidadas em forma de lei.

608. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **correta** quanto à ortografia.
a) As leis precisam ser ezeqüíveis para que possam aperfeiçoar objetivamente a sociedade.
b) A pespicácia em relação às aspirações da sociedade é essencial para um político.
c) Os subcídios ainda são insuficientes para fundamentar o voto do ilustre Deputado.
d) O interstício entre uma votação e outra deve corresponder ao que preceitua o regimento.

609. (Ag. Adm./TRT/N.M./ACCESS) Só está **correta** a grafia da palavra destacada em:
a) Talvez ele não **esteje** à altura do cargo.
b) O povo **reinvindicou** seus direitos.
c) Os **empecilhos** da privatização ainda não foram superados.
d) Ele expôs com clareza a sua **pretenção**.
e) Não consigo **advinhar** a causa da sua tristeza.

ACENTUAÇÃO GRÁFICA (norma nova)

Monossílabos tônicos	
a(s), e(s), o(s)	Continuam-se acentuando os monossílabos tônicos terminados em a(s), e(s), o(s): pá(s), pé(s), vê(s), pó(s), Jô, Jó, pôs (verbo), dá-lo, vê-lo, pô-lo, fá-lo-ás, trá-las-iam (trariam+as), trá-lo-á (trará+o), trá-las-á (trará+as)...
	^ ou **´**, conforme pronúncia brasileira ou portuguesa: rô/ró (letra grega).
ter/vir/pôr	Ele tem, eles **têm**; ele vem, eles **vêm**; **pôr** (verbo), por (preposição).

Oxítonos	
a(s), e(s), o(s), em, ens	Continuam-se acentuando os oxítonos terminados em a(s), e(s), o(s), ém, éns: cajá(s), café(s), dendê(s), avó(s), avô(s), adorá-lo, entrevê-los, sobrepô-las, detê-lo, repô-la...
	^ ou **´**, conforme pronúncia brasileira ou portuguesa: bebê/bebé, bidê/bidé, caratê/caraté, crochê/croché, guichê/guiché... ou metrô/metro, judô/judo...
ter e vir	Continuam exatamente iguais: **ele** tem, retém, mantém, vem, advém, convém...; **tu** tens, reténs, manténs...; **eles** têm, retêm, mantêm, vêm, advêm, convêm...

Monossílabos tônicos e oxítonos		
éi(s), ói(s), éu(s), abertos	Eram acentuados todos: réis, sóis, anéis, chapéu(s)...	– **éi**(s), **ói**(s), **éu**(s), **em final de palavra**, continuam acentuados: réis, anéis, dói, corrói(s), chapéu(s), véu(s)...
	idéia, jibóia, paranóico...	– **Não finais, perdem o acento**: id**ei**a, jib**oi**a, paran**oi**co, prot**ei**co... (ver nos paroxítonos: Méier, destróier...).

Paroxítonos		
Não terminados em: a(s), e(s), o(s), em, ens	Continuam-se acentuando os paroxítonos terminados em **i**(s), **u** – júri(s), oásis, vírus, húmus; em **om**, **on**, **ons** – iândom, rádom, rádon(s), fóton(s), herôon(s); em **um**, **uns** – álbum, álbuns, fórum, fóruns; em **r**, **x**, **n**, **l** – éter, âmbar, Méier, destróier, blêizer, gêiser; ônix, Fênix, bórax; éden(s); amável, útil; em **ditongo** – jóquei(s), pódio(s); em **ps** – bíceps, fórceps; em **ã** – ímã(s), órfã(s).	
	^ ou **´**, conforme pronúncia brasileira ou portuguesa: pênis/pénis, tênis/ténis, bônus/bónus, Vênus/Vénus; fêmur/fémur; sêmen/sémen; fêmea/fémea...	
oo, eem	Eram acentuados: vôo(s), crêem, dêem...	**Não mais se acentuam**: voo(s), creem/descreem, deem, desdeem, leem, releem, veem, reveem...
i/u, tônico	Pós-ditongo, acentua-vam-se nos paroxítonos: b**ai**úca, b**oi**úno, f**ei**úra...	– **Perderam o acento nos paroxítonos**: baiuca, boiuno, cauila, feiura, bocaiuva (coco-de-catarro), cheiinho, feiinho, maoismo, maoista, taoismo, taoista... – **nos oxítonos, acentuam-se**: teiú(s), tuiuiú(s), bocaiú(s)...
	Continuam sendo acentuados i/u, segunda diferente vogal tônica de hiato, sozinha na sílaba ou com s, não seguida de nh: aí, arguí(s), arguía(s), arguíste(s), arguímos, arguíra(m), baú(s), Alaíde, alaúde, faísca, juízes, sanduíche... Porém: juiz, paul, ruim, ainda, triunfo, rainha, arguiu, fuinha...	

e/o/a em homografia	Acentuavam-se: pêlo, pêra, pôlo, pólo, pára, pôr, pôde...	Agora, obrigatório só: **pôr** e **pôde** (verbo). Facultativos: – **subjuntivo**: que nós **dêmos**. – **pretérito: amamos**, **louvamos**... – **pronúncia fechada**: **forma**.

Proparoxítonos	
	Continuam-se acentuando todos os proparoxítonos: árabe, cáustico, Cleópatra...
	^ ou ´, conforme pronúncia brasileira ou portuguesa: acadêmico/académico, anatômico/anatómico, cênico/cénico, gênero/género.

Trema		
	gue/gui, que/qui tinham acento agudo ou trema: argúi(s), seqüestro...	gue, gui, que, qui não têm mais trema nem acento agudo: águem, delinquir, ele argui, tu arguis, sequestro, aquífero, frequente, linguiça, aguentas...
	Atenção: 1. palavras estrangeiras: Hübner(iano), Müller(iano)... 2. arguí (veja oxítonos da regra "i/u, tônico").	

Prática

■ Corrija pela nova ortografia.

Ele tem (610) o direito, mas elas não o tem (611). O juiz (612) e a juiza (613) tambem (614) consideraram paranoica (615) a atitude de empafia (616) do sequestrador (617). Eles arguem (618) hoje exatamente o que argui (619) ontem e Ataide (620) argui (621) agora. O voo (622) frequente (623) do tuiuiu (624) entretem (625) os turistas proximos (626) ao agueiro (627). Ela poderia ama-los (628), prende-los (629)... e fa-lo-a (630) assim que a geleia (631) os tornar doceis (632). Vou por (633) por (634) perto da claraboia (635) os chapeus (636) dos herois (637). No passado ela nunca pode (638) instrui-lo (639) porem (640) agora pode (641). Qual a forma (642) da ultima (643) forma (644)?

O plural de foton (645) é fotons (646), de iandom (647) é iandons (648), de radom (649) ou radon (650) é radons (651), de heroon (652) é heroons (653), de destroier (654), geiser (655) e bleizer (656) é destroieres (657), geiseres (658) e bleizeres (659). Enquanto o taoismo (660), para os taoistas (661), é uma doutrina filosófica e transcendental, o maoismo (662) é, para os maoistas (663), uma teoria política, diferente do hinduismo (664).

Prática

665. (TFC-RJ/N.S.) Indique a opção em que **não** há **erro** de grafia.

a) Porque chegou atrazado perdeu grande parte do explêndido espetáculo.
b) Pediu-lhe que ascendesse a luz, pois a claridade não era impecilho a seu repouso.
c) Ele não é uma exceção, também é muito ambicioso.

d) Quizera eu que todas as espécies animais estivessem livres da estinsão.
e) Não poderia advinhar que sua música viesse a ter tanto hêsito.

666. (TFC-RJ/N.S.) Identifique o segmento inteiramente **correto** quanto à grafia.
a) Há intensão de se alcançar um consenso para evitar as divergências entre os parlamentares.
b) É preciso cessarem as disensões para se obter a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação.
c) Um aquário pode ser tido como um ecossistema, no qual os escrementos dos peixes, depois de decompostos, fornecerão elementos essenciais à vida das plantas.
d) O Sol é o responsável pela emissão de luz, indispensável para a fotossíntese, processo pelo qual as plantas produzem o alimento orgânico primário assim como praticamente todo o oxigênio disponível na atmosfera.
e) Pesquizas recentes têm atribuído a choques meteóricos a súbita extinção dos dinossauros da face da Terra.

667. (AFRE-SP/N.S.) Assinale a seqüência que preenche **corretamente** as lacunas.
Era um homem _____, daí seu _____ comportamento.
a) frustado / extranho.
b) frustado / estranho.
c) frustrado / estranho.
d) frustrado / extranho.

668. (AFRE-SP/N.S.) Assinale a seqüência que preenche **corretamente** a lacuna.
Essa foi a _____.
a) estensão dos prejuisos.
b) extensão dos prejuízos.
c) extensão dos prejuizos.
d) estenção dos prejuísos.

669. (Sold. Pol. Milit.) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da frase a seguir.
____ muito tempo, ele vivia ____ juntar papéis velhos, ____ não tinha outra ocupação.
a) A / a / porque.
b) À / à / por que.
c) Há / a / porque.
d) Há / à / por quê.
e) A / há / porquê.

670. Assinale a opção em que todas as palavras estão escritas **corretamente**.
a) O principal refugio do sujeito era uma muntueira de papéis.
b) A Polícia, às vezes, se faz de cega frente ao problema da mendicância.
c) A opreção deixa muitos individuos à margem da sociedade.
d) O papeleiro não adimitia discursão na defesa do seu território.
e) Baixinha era um apilido, porque ela era baichinha.

671. Assinale a opção em que as palavras completam **corretamente** a frase seguinte.
Na _____ da última quinta-feira, a Prefeitura planejou a _____ do terreno baldio em duas partes, para fazer a _____ de uma delas aos catadores de lixo.
a) sessão / secção / cessão.
b) secção / cessão / sessão.
c) cessão / sessão / secção.
d) sessão / cessão / secção.
e) cessão / secção / sessão.

672. Assinale a alternativa em que as palavras estão escritas **incorretamente**.
a) presente / caule / lenços.
b) enrijando / miúdas / adeus.
c) cheirosa / transparente / cajus.
d) rezina / treis / flôres.
e) pequenino / lembranças / agitado.

673. A alternativa em que **as duas palavras** devem ser escritas com "g" é
a) gor___eta / in___eção.
b) cere___eira / berin___ela.
c) ti___ela / mar___em.
d) ___iló / la___e.
e) sar___eta / ultra___e.

674. As palavras estão **corretamente** escritas na alternativa
a) xuxu e moscila.
b) sessenta e seiscentos.
c) braza e ofenza.
d) querozene e gasolina.
e) crusado e cruseiro.

675. Há **erro** de ortografia na alternativa:
a) velocidade.
b) capaz.
c) compreensão.
d) inesplicável.
e) atração.

676. A frase: "Eis a razão _____ a maçã caiu" completa-se com a palavra:
a) porque. b) porquê. c) por que. d) por quê. e) com que.

677. As palavras que são escritas com **ss** encontram-se na alternativa:
a) a___istir, pa___ivo, promi___ória.
b) a___ enção, di___iplina, sei___entos.
c) desgra___a, corrup___ão, promo___ão.
d) esque___er, aten___ioso, finan___eiro.
e) man___o, remor___o, fal___idade.

678. Escolha a alternativa que preencha adequadamente os espaços.
Iniciada a _____ parlamentar, foi discutida a _____ das terras aos índios.
a) seção / cessão.
b) seção / sessão.
c) cessão / seção.
d) sessão / seção.
e) sessão / cessão.

679. Escolha a alternativa que preencha adequadamente os espaços.
Eu _____ o que você _____, portanto não _____ triste.
a) fiz / quis / fiques.
b) fis / quiz / fique.
c) fiz / quis / fique.
d) fiz / quiz / fiques.
e) fiz / quiz / fique.

680. Assinale a opção em que o fonema **/z/** é representado pela letra **x** em todas as palavras.
a) e__oneração / e__orbitante / e__igüidade.
b) e__ecutante / de__erção / apra__ível.
c) resci__ão / ra__oável / ane__ação.
d) e__igibilidade / e__tintivo / cláu__ula.
e) má__imo / e__clusão / pre__unção.

681. Assinale a alternativa **incorreta** quanto à ortografia.
a) gasolina.
b) estrangeiro.
c) atrazado.
d) atualizar.
e) chuvoso.

682. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Em todas as alternativas, as palavras foram acentuadas corretamente, **exceto** em:
a) Eles têm muita coisa a dizer.
b) Estude os dois primeiros ítens do programa.
c) Afinal, o que contém este embrulho?
d) Foi agradável ouvir aquele orador.
e) Por favor, dêem-lhe uma nova chance!

683. (PRF/N.M./ANP) Assinale o vocábulo **indevidamente** acentuado.
a) lápis.
b) inquérito.
c) pessôa.
d) notícia.

684. (BRB/N.M./IDR) Assinale a alternativa em que todos os vocábulos devam ser acentuados e, respectivamente, pelas mesmas regras que **hipócrita**, **ingênuo**, **ninguém**, **café** e **faísca**.
a) compulsorio / textil / tambem sera / aneis.
b) debentures / desperdicio / parabens / voce / atraido.
c) rubrica / exito / recem / guiche / juizo.
d) apolices / bonus / itens / mes / saida.

685. (ALCL-DF/N.S./IDR). Assinale a alternativa **correta**.
a) O júri foi ágil e determinou que, em tempo hábil, o Estado amparasse os órfãos da cátastrofe.
b) A nova legislação pôs em destaque as vantagens a que os aposentados faziam jús há muitos anos.

c) A consciência tranqüila é uma bênção que os políticos devem alcançar por meio de um contínuo exercício de caráter.
d) A linha tenue que divide a justiça da injustiça é uma espécie de cristal que se pode estilhaçar com o vento.

686. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **incorreta** quanto à acentuação gráfica.
a) destroem / vêem / instruí-lo / partí-los-ão.
b) tórax / hinduísmo / tênis / jabuti.
c) itens / psíquico / fúteis / geléia.
d) caíram / vírus / éter / acórdãos.

687. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a seqüência em que todas as palavras são acentuadas em obediência à **mesma regra**.
a) alguém / afável / açúcar / também.
b) chapéu / heróico / último / próximo.
c) egoísta / faísca / cafeína / viúvo.
d) estréia / família / imóvel / espontâneo.

688. (ATCL-DF/N.S./IDR) Marque a alternativa **correta** quanto à acentuação gráfica.
a) Os polos agrícolas do sul são ferteis e prosperos.
b) O parlamentar pôde participar da assembléia anterior e vai emitir agora um juízo sobre o tema.
c) Louvaríamos a iniciativa se tivessemos participado democraticamente de sua formulação.
d) O país tem muitos contribuíntes e, portanto, muita renda, mas é preciso distribuí-la.

689. (Ag. Adm./TRT/N.M./ACCESS) Algumas palavras não seguem as regras gerais de acentuação. Foi mantido, de um certo modo, um **acento diferencial**. Estão nesse caso as palavras da seguinte alternativa:
a) alguém, parabéns, convém.
b) pólo, pára, pôde.
c) açúcar, hífen, cânon.
d) ágeis, jóquei, faríeis.
e) paranóico, rouxinóis, jibóia.

690. (Ag. Adm./TRT/N.M./ACCESS) Há um **erro** na grafia do plural do verbo na alternativa:
a) ele detém / eles detêm.
b) (que) ele dê / (que) eles dêem.
c) (que) ele conte / (que) eles contem.
d) ele tem / eles têm.
e) ele vê / eles vêm.

691. Assinale a alternativa em que as palavras estão acentuadas **incorretamente**.
a) constituínte / embóra / senadôr.
b) flexível / receberás / pântano.
c) porém / miúdas / até.
d) ofício / São Luís / ninguém.
e) ignorância / fácil / avô.

692. Em qual alternativa as palavras são **paroxítonas**?
a) ótimo / maiúsculas.
b) condução / período.
c) freguês / cômodo.
d) bênção / repórter.
e) André / parabéns.

693. Assinale a alternativa em que **todas** as palavras podem ser acentuadas.
a) vigia / proa.
b) governo / caju.
c) aqui / fusil.
d) taxi / revolver.
e) juiz / nuvem.

694. Assinale a alternativa que está de acordo com a regra "Todas as **proparoxítonas** são acentuadas."
a) saída / faísca.
b) melancólico / ridículo.
c) rês / mês.
d) caberá / poderá.
e) Suíça / cuíca.

695. Em qual alternativa encontra-se a **única** palavra que deve ser graficamente acentuada?
a) corpos. b) força. c) vezes. d) planeta. e) saisse.

696. Assinale a alternativa constituída de palavras **oxítonas**.
a) laje / saco / água / subúrbio.
b) fotografia / pilha / ruído / noite.
c) história / fácil / açúcar / lápis.
d) urubu / reféns / aqui / atrás.
e) idéia / ódio / vida / saída.

697. Assinale a alternativa em que as palavras obedecem à **mesma regra** de acentuação.
a) egoísmo / dívida.
b) será / freqüência.
c) vírus / belíssimo.
d) mês / baú.
e) açúcar / agradável.

698. Assinale a **única** alternativa em que todas as palavras estão corretamente acentuadas.
a) chuchú / querê-lo / Luís / rubi.
b) bíceps / Afrânio / dá-la / café.
c) César / partí-la / ítem / tabú.
d) bau / atrás / túnel / urubú.
e) rapé / também / água / viuva.

699. Nas frases seguintes, a que apresenta **erro(s)** quanto à acentuação gráfica é:
a) Vocês tem que colocar sua rúbrica aqui.
b) Ele fez o cálculo da alíquota.
c) Os países limítrofes participaram da conferência.
d) A nova alfândega será construída proximamente.
e) É considerável este ônus financeiro.

700. A palavra que obedece à mesma regra de acentuação que **corroído** é:
a) ataúde. b) sapé. c) corróis. d) láurea. e) crédulo.

701. De acordo com a acentuação de palavras, marque a série **errada**.
a) pedagio / trânsito / véiculos.
b) incêndio / câmbio / óleo.
c) ré / faróis / pára-brisa.
d) mecânicos / distância / alguém.
e) automóveis / painéis / triângulo.

702. Acentua-se a forma destacada em "**pô-la** na cadeia" porque se trata de
a) forma tônica em hiato.
b) paroxítona terminada em **o** fechado.
c) forma verbal em que, depois de **o**, assimilou-se o **r** ao **l** do pronome.
d) homografia com a preposição **por**.
e) acento distintivo de timbre.

703. A **única** palavra que deve ser acentuada é:
a) abacaxi. b) abacate. c) caju. d) morango. e) maracuja.

Substantivo

DEFINIÇÃO

Substantivo é a palavra com que se nomeiam seres e conceitos.

Exemplos: Maria, cavalo, peroba, Brasil, aragem, beleza, chuva.

Locução substantiva é um conjunto de palavras, com elemento de ligação, equivalentes a um substantivo.

Exemplos: mula sem cabeça, pé de pato (nadadeira), sala de aula, quarto de dormir...

CLASSIFICAÇÃO

Classificam-se os substantivos em:

Concreto

É o que nomeia seres com existência autônoma, independente, ou que são assim imaginados:

pessoas: José, Júlia;
ocupantes de cargos: tesoureiro, professor;
animais: tigre, lesma;
vegetais: árvore, bambu;
minerais: água, ouro;
fenômenos: chuva, relâmpago;
lugares: continente, Piauí;
objetos: caneta, livro;
imaginados: saci, fada, Deus.

Abstrato

É o que nomeia seres ou conceitos que só existem dependentes de outros seres; não existem por si sós:

ações: o chute, a entrega;
sentimentos: amor, compreensão;
qualidades: dureza, feiura;
estado: desonra, glória.

Só existem em função de outros seres.

Próprio

É o que nomeia um ser específico dentro de um grupo:

José, Brasil, Vestcon.

Comum

É o que nomeia um ser como pertencente a uma classe:

homem, país, editora.

Coletivo

É o substantivo comum que nomeia um conjunto de seres:

cardume, esquadra, time.

Coletivos numéricos são os que definem a quantidade de seres ou conceitos: par, dezena, dúzia, centena, grosa, milheiro, biênio, triênio, quadriênio, lustro, década, século, milênio...

Prática

■ Marque as classificações correspondentes a cada substantivo.

		a) Concreto	b) Abstrato	c) Próprio	d) Comum	e) Coletivo
1	inteligência					
2	vento					
3	Juraci					
4	arquipélago					
5	alcateia					
6	rouxinol					
7	Dumbo					
8	saudade					

FLEXÃO

Chama-se flexão a mudança que se pode fazer numa palavra sem alterar seu significado essencial. Exemplificando: **livro** e **livros** apresentam uma diferença, que indica quantidade, mas o objeto que nomeiam é o mesmo.

Os substantivos flexionam-se em gênero, número e grau.

Flexão de gênero

Quanto ao **gênero**, pode o substantivo ser classificado como:

Masculino

O que aceita apenas o artigo masculino:

o cinzeiro, o profeta, o enigma.

Feminino

O que aceita apenas o artigo feminino:

a harpa, a profetisa, a profecia.

Comum de dois

O que aceita tanto o artigo masculino como o feminino, sem mudança de forma:

o amante	**a** amante
o colega	**a** colega
o pianista	**a** pianista

Sobrecomum

Só aceita um artigo (masculino ou feminino), embora se refira a seres de qualquer dos sexos:

o algoz = para homem ou mulher;
o cônjuge = para homem ou mulher;
a vítima = para homem ou mulher;
a testemunha = para homem ou mulher.

Epiceno

Só se refere a animais e só aceita um artigo (masculino ou feminino). Quando se quer definir-lhe o sexo, usa-se a palavra macho ou fêmea:

a águia macho ou o macho da águia;
o jacaré fêmea ou a fêmea do jacaré.

Observação 1:

Como as palavras macho e fêmea são adjetivos biformes, também é correto:

a águia macha – o jacaré fêmeo

Observação 2:

Alguns substantivos mudam o significado quando mudam de gênero:

o cabeça (chefe)	a cabeça (parte do corpo)
o cabra (homem corajoso)	a cabra (animal)
o caixa (trabalhador)	a caixa (objeto)
o cisma (separação)	a cisma (desconfiança)
o crisma (óleo)	a crisma (sacramento)
o grama (unidade de medida)	a grama (vegetal)
o guarda (soldado)	a guarda (vigilância)
o guia (cicerone)	a guia (documento)
o lente (professor)	a lente (vidro de aumento)
o moral (ânimo)	a moral (código de conduta)

Formação do feminino

O **feminino** de um substantivo se faz de quatro maneiras:

a) por substituição ou acréscimo na terminação da palavra, isto é, na desinência:
gat**o**, gat**a**; pintor, pintor**a**; rapaz, rapa**riga**;

b) pela mudança no gênero do artigo:
o colega, **a** colega; **o** jovem, **a** jovem; **o** cliente, **a** cliente;

c) pela mudança completa do radical:
homem, mulher; bode, cabra; pai, mãe;

d) pelo acréscimo de "**macho**" ou "**fêmea**":
a pulga macho, a pulga fêmea.

Prática

■ Ponha nos parênteses **a**, **b**, **c** ou **d**, conforme a norma vista acima.

9. ( ) cavalo / cavalheiro / marido.
10. ( ) rouxinol / besouro / tatu.
11. ( ) artista / imigrante / selvagem.
12. ( ) barão / pombo / ladrão.

■ Assinale certo ou errado. Se estiver errado, indique a correção.

13. ( ) Substantivo uniforme só tem uma forma, que tanto serve para o masculino como para o feminino.
Correção: _____

14. ( ) As letras **a** e **b** do quadro anterior são exemplos de uniformes.
Correção: _____

15. ( ) Os exemplos das letras **a** e **c** do quadro anterior correspondem a substantivos biformes.
Correção: _____

■ Estabeleça a correta correspondência para os seguintes substantivos uniformes.

a) Epicenos b) Sobrecomuns c) Comuns de dois gêneros

16. ( ) dentista / colegial / camarada / pianista / intérprete.
17. ( ) albatroz / besouro / tartaruga / badejo / condor.
18. ( ) apóstolo / indivíduo / testemunha / pessoa / verdugo.

Os substantivos terminados em **-or** fazem o feminino com acréscimo das desinências **-a**, **-eira**, **-triz**.

Prática

■ Realize seus femininos optando pelas desinências **-a**, **-eira**, **-triz** ou outras.

19. leitor _____
20. pintor _____
21. ator _____
22. governador _____
23. imperador _____
24. cerzidor _____
25. remador _____
26. aviador _____

■ Continue.

27. cantador _____ ou _____
28. cantor _____, _____ ou _____
29. embaixador _____ ou _____

O feminino dos **títulos eclesiásticos** ou **de previlégio social** se faz com **-esa**, **-essa** ou **-isa**.

Prática

■ Realize os femininos dos títulos eclesiásticos ou de privilegiados socialmente optando por **-esa**, **-essa** ou **-isa**.

30. abade _____
31. diácono _____
32. sacerdote _____
33. bispo _____
34. papa _____
35. profeta _____
36. píton _____
37. cônego _____
38. druida _____
39. barão _____
40. conde _____
41. duque _____
42. cônsul _____
43. oficial _____

44. alcaide _____ ou _____
45. prior _____ ou _____

Femininos especiais

Prática

■ Realize os **femininos**.

46. bacharel _____
47. cachorro _____
48. cão _____
49. general _____
50. gigante _____
51. hóspede _____
52. elefante _____
53. pardal _____
54. rapaz _____
55. monge _____
56. raja ou rajá _____
57. doge _____
58. silfo _____
59. marajá _____
60. varão _____
61. sandeu _____
62. tabaréu _____

■ Aponte os masculinos de **radicais** diferentes.

63. cabra _____
64. ovelha _____
65. arará _____
66. gironda _____
67. amazona _____
68. dama _____
69. cerva _____
70. besta _____
71. abelha _____
72. abada _____

■ Escreva os **femininos** de:

73. infante _____
74. governante _____
75. presidente _____
76. parente _____
77. doente _____

Os substantivos terminados em **-ão** fazem o feminino em **-ã**, **-oa**, **-ona** e outras terminações.

Prática

■ Escreva os femininos nas colunas corretas.

	MASCULINO	Ã	OA	ONA	OUTRAS
78.	aldeão				
79.	alemão				

	MASCULINO	Ã	OA	ONA	OUTRAS
80.	anfitrião				
81.	beirão				
82.	bretão				
83.	ermitão				
84.	figurão				
85.	lebrão				
86.	maganão				
87.	perdigão				
88.	respondão				
89.	sultão				
90.	tecelão				
91.	valentão				
92.	vilão				

93. Qual das terminações de feminino é usada para **aumentativos** e **adjetivos substantivados**?
a) -ã. b) -oa. c) -ona. d) outra.

■ Assinale **C** ou **E**.

94. ( ) leoa / patroa / pavoa / tabelioa / leitoa.
95. ( ) anciã / coimbrã / faisã / peã / catalã.
96. ( ) **ladra** tem também as variantes **ladroa** e **ladrona**.
97. ( ) **alfaiata** é feminino de **alfaiate**.

Flexão de número

Quanto ao **número**, os substantivos flexionam-se em **singular** e **plural**, normalmente:

o boi	os bois
a manada	as manadas

Alguns só existem no plural (*pluralia tantum*)

afazeres	óculos
alvíssaras	pêsames
anais	parênteses
arredores	víveres
condolências	

Outros mudam de sentido ao mudar de número

dama (senhora)	damas (jogo)
ouro (metal)	ouros (naipe do baralho)
pau (madeira)	paus (naipe do baralho)
honra (probidade)	honras (homenagens)
bem (virtude)	bens (riquezas)
féria (ganho financeiro ou repouso)	férias (repouso)

Formação do plural

Para pluralizar os substantivos, usa-se a desinência **s** quando terminam em **ditongo** ou **vogal** (oral ou nasal).

Prática

■ Pluralize corretamente.

98. mesa _____
99. café _____
100. degrau _____
101. refém _____
102. álbum _____
103. jasmim _____

Aos terminados em **-r** ou **-z**, acrescenta-se **-es**.

Prática

■ Pluralize corretamente.

104. mar _____
105. colher _____
106. gestor _____
107. xadrez _____
108. raiz _____
109. cruz _____

Atenção:

caráter – caracteres

Os terminados em **-il**, se oxítonos, trocam o **l** por **s**.

Prática

■ Pluralize corretamente.

110. ardil _____
111. barril _____

Os terminados em **-il**, se paroxítonos, trocam o **il** por **eis**.

Prática

■ Pluralize corretamente.

112. fóssil _____
113. míssil _____

Atenção:

projetil – projetis
reptil – reptis
projétil – projéteis
réptil – répteis

Os terminados em **-al**, **-el**, **-ol**, **-ul** trocam o **l** por **is**.

Prática

■ Pluralize corretamente.

114. animal _____
115. sol _____
116. papel _____
117. paul _____

Atenção:

mal – males	real – reais ou réis
aval – avales	cônsul – cônsules (e seus derivados)

Os terminados em **-ão**, quase sempre, flexionam-se em **-ãos**, **-ões**, **-ães**.

Prática

■ Pluralize corretamente.

118. cidadão _____
119. irmão _____
120. cristão _____
121. coração _____
122. fração _____
123. balão _____
124. pão _____
125. capelão _____
126. cão _____

Os aumentativos têm sempre o plural em **-ões**.

Prática

■ Pluralize corretamente.

127. bolão _____
128. filhão _____
129. verdão _____

Os paroxítonos têm o plural em **-ãos**.

Prática

■ Pluralize corretamente.

130. órfão _____
131. sótão _____
132. órgão _____

Observação:

Há substantivos que admitem mais de um plural correto.

Prática

■ Escreva nas colunas certas os plurais certos.

		ões	ãos	ães
133.	alão (cão de fila)			
134.	alazão			
135.	alcorão			
136.	aldeão			
137.	anão			
138.	ancião			
139.	bastião (baluarte)			
140.	bênção			
141.	capelão			
142.	capitão			
143.	castelão			
144.	charlatão			
145.	cidadão			
146.	corrimão			
147.	deão (decano)			
148.	ermitão			
149.	escrivão			
150.	feijão			
151.	fuão (fulano)			
152.	guardião			
153.	hortelão			
154.	mão			
155.	opinião			
156.	órgão			
157.	pagão			
158.	peão			
159.	pião			
160.	questão			
161.	rufião			
162.	sacristão			
163.	sultão			
164.	tabelião			
165.	verão			
166.	vilão			
167.	vulcão			

Prática

168. Das três terminações de plural (ões, ãos, ães), qual a mais frequente?
Resp.: _____

■ Assinale **C** ou **E** para certo ou errado.

169. ( ) Os substantivos concretos terminados em **-ão** são masculinos. Exs.: o agrião, o balcão, o algodão.

170. ( ) Os substantivos abstratos terminados em **-ão** são femininos. Exs.: a emoção, a opinião, a aceitação.

171. ( ) O vocábulo **mão** foge às regras anteriores por ser concreto e feminino.

Os oxítonos terminados em **-s** recebem **-es**.

Prática

■ Pluralize corretamente.

172. ananás _____
173. inglês _____
174. ilhós _____

Os paroxítonos e proparoxítonos terminados em **-s** são invariáveis.

Prática

■ Pluralize corretamente.

175. o lápis _____
176. o oásis _____
177. o ônibus _____

Substantivos formados de **radical** + **zinho** ou **zito**: pluralizam-se os dois componentes separadamente.

cãe**s**+zitos papéi**s**+zinhos

Para uni-los, retira-se o **s** intermediário.

cãe zitos papei zinhos

↓ ↓

cãezitos papeizinhos

Prática

■ Pluralize corretamente, seguindo os passos certos.

	colarzinho	➔	colares + zinhos	➔	colarezinhos
178.	peãozinho	➔	+	➔	
179.	papelzinho	➔	+	➔	
180.	cãozito	➔	+	➔	
181.	balãozinho	➔	+	➔	

Plural com metafonia

Quando passam do singular para o plural, alguns substantivos com a vogal tônica "o" fechada trocam essa vogal por "o" aberto. Essa alteração de timbre chama-se **metafonia**.

(ô)	(ó)
aposto	apostos
corpo	corpos
esforço	esforços
fogo	fogos

Quando há metafonia no feminino, há também no plural, com exceção de **sogra** (´) e **tolda** (´), sogros (^) e toldos (^).

Prática

■ Ponha nos parênteses ´ ou ^ para indicar timbre aberto ou fechado.

	masculino	feminino	plural
182.	aposto (^)	aposta ( )	apostos ( )
183.	porco (^)	porca ( )	porcos ( )
184.	sogro (^)	sogra ( )	sogros ( )

Os substantivos **femininos** apresentam o mesmo timbre no singular e no plural.

Prática

■ Ponha nos parênteses ´ ou ^ para indicar timbre aberto ou fechado.

185.	sogra (´)	sogras ( )
186.	bolha (^)	bolhas ( )
187.	roda (´)	rodas ( )

■ Escreva na coluna adequada o plural dos substantivos.

SINGULAR		PLURAL	
		(^)	(´)
188.	abrolho (^)		
189.	adorno (^)		
190.	almoço (^)		
191.	arroba (^)		
192.	bolha (^)		
193.	bolso (^)		
194.	cachorro (^)		
195.	caroço (^)		
196.	cebola (^)		
197.	choco (^)		
198.	coco (^)		
199.	consolo (^)		
200.	contorno (^)		
201.	corno (^)		
202.	coro (^)		
203.	corpo (^)		
204.	corvo (^)		
205.	cota (´)		
206.	dorso (^)		
207.	esforço (^)		
208.	esposa (^)		
209.	esposo (^)		
210.	estorvo (^)		
211.	fogo (^)		

SINGULAR		PLURAL	
		(^)	(´)
212.	folha (^)		
213.	forno (^)		
214.	foro (^)		
215.	fosso (^)		
216.	globo (^)		
217.	imposto (^)		
218.	jogo (^)		
219.	miolo (^)		
220.	moda (´)		
221.	molho (´) (de chaves)		
222.	molho (^) (de tomate)		
223.	morro (^)		
224.	namoro (^)		
225.	olho (^)		
226.	osso (^)		
227.	ovo (^)		
228.	peroba (´)		
229.	pescoço (^)		
230.	piloto (^)		
231.	piolho (^)		
232.	poço (^)		
233.	polvo (^)		
234.	porto (^)		
235.	potro (^)		
236.	povo (^)		

	SINGULAR	PLURAL	
		(^)	(´)
237.	reboco (^)		
238.	reforço (^)		
239.	repolho (^)		
240.	roda (´)		
241.	rogo (^)		
242.	rolha (^)		
243.	rolo (^)		
244.	rosto (^)		
245.	senhora (´)		
246.	socorro (^)		
247.	sogra (´)		
248.	sogro (^)		
249.	sopa (^)		
250.	sopro (^)		
251.	sova (´)		
252.	suborno (^)		
253.	tijolo (^)		
254.	toco (^)		
255.	toldo (^)		
256.	topo (^)		
257.	tremoço (^)		
258.	troco (^)		

Plural dos substantivos compostos ligados por hífen

Substantivo composto por **verbo** + **substantivo** ou **verbo** + **adjetivo**: somente o **segundo elemento varia**.

Veja: guarda-roupa – guarda-roupas
beija-flor – beija-flores
porta-estandarte – porta-estandartes
abaixo-assinado – abaixo-assinados

Prática

■ Complete as lacunas com o plural correspondente.

259. furta-cor _____
260. quebra-mar _____
261. porta-bandeira _____
262. pára-choque (nova ortografia: para-choque) _____
263. guarda-chuva _____

Em substantivos compostos formados por:

substantivo + substantivo | **adjetivo + substantivo**
substantivo + adjetivo | **numeral + substantivo**

ambos variam

Veja: redator-chefe – redatores-chefes
baixo-relevo – baixos-relevos
meio-termo – meios-termos

Prática

■ Pluralize corretamente.

264. cirurgião-dentista _____
265. tenente-coronel _____
266. couve-flor _____
267. amor-perfeito _____
268. cabra-cega _____
269. guarda-civil _____
270. guarda-noturno _____
271. segunda-feira _____
272. terça-feira _____
273. meio-fio _____

Substantivo composto por dois substantivos em que o segundo indica **tipo**, **limitação**, **semelhança** ou **finalidade** do primeiro: somente o **primeiro varia**.

Veja: manga-espada – mangas-espada
navio-tanque – navios-tanque
decreto-lei – decretos-lei

Prática

■ Pluralize corretamente.

274. banana-maçã _____
275. caneta-tinteiro _____
276. navio-escola _____
277. peixe-boi _____
278. manga-rosa _____

Substantivo composto **ligado por preposição** clara ou oculta: somente o **primeiro vocábulo varia**.

Veja: ama-de-leite – amas-de-leite (nova ortografia: ama de leite – amas de leite)
limão-de-cheiro – limões-de-cheiro (nova ortografia: limão de cheio – limões de cheiro)
mula-sem-cabeça – mulas-sem-cabeça (nova ortografia: mula sem cabeça – mulas sem cabeça)
cavalo-vapor (= de, a vapor) – cavalos-vapor

Prática

279. pão-de-ló (nova ortografia: pão de ló) _____
280. estrela-do-mar _____
281. papo-de-anjo _____
282. baba-de-moça (nova ortografia: baba de moça) _____
283. grão-de-bico _____

Substantivo composto em que o primeiro vocábulo é uma palavra **invariável**: somente o **segundo varia**.

Veja: grão-vizir – grão-vizires
auto-escola – auto-escolas (nova ortografia: autoescola – autoescolas)
vice-rei – vice-reis

Prática

■ Pluralize corretamente.

284. vice-presidente _____
285. ex-diretor _____

286. ave-maria _____
287. grão-duque _____
288. sempre-viva _____
289. abaixo-assinado _____

Substantivo composto formado por **onomatopeia** (imitação de som) ou por **palavras repetidas**: somente o **segundo vocábulo varia**. Se houver verbos **repetidos**, também é correto **variarem os dois**.

Veja: pingue-pongue – pingue-pongues
treme-treme – treme-tremes ou tremes-tremes

Prática

■ Pluralize corretamente.

290. tico-tico _____
291. tique-taque _____
292. reco-reco _____
293. corre-corre _____ ou _____
294. pisca-pisca _____ ou _____
295. pega-pega _____ ou _____

■ Estes substantivos compostos admitem mais de uma forma no plural:

296. fruta-pão _____ ou _____
297. guarda-marinha _____ ou _____
298. padre-nosso _____ ou _____
299. salvo-conduto _____ ou _____
300. ruge-ruge_____ ou _____

São invariáveis as expressões **substantivadas** e os **substantivos compostos** por verbos antônimos.

Veja: a maria-vai-com-as-outras – as maria-vai-com-as-outras

Prática

■ Pluralize corretamente.

301. o bota-fora _____
302. o louva-a-Deus _____
303. o disse-me-disse (nova ortografia: o disse me disse) _____
304. o leva-e-traz (nova ortografia: o leva e traz) _____
305. o pisa-mansinho _____

Flexão de grau

Os substantivos flexionam-se em grau: **aumentativo** e **diminutivo**.

normal	**aumentativo**	**diminutivo**
barco	barcaça	barquinho
boca	bocarra	boquinha
copo	copázio	copinho
homem	homenzarrão	homenzinho
fogo	fogaréu	fogacho
corpo	corpanzil	corpúsculo
rapaz	rapagão	rapazote

Conforme o uso, os sufixos de grau podem acrescentar uma ideia **afetiva** ou **pejorativa** às palavras:

amigão, sabichão, gentalha, homenzinho, povinho, gentinha, livreco...

Há palavras que aparentam ter sufixo de grau, mas têm significado distinto de sua primitiva:

cartão, calção, casebre...

Prática Geral

306. (PRF/N.M./ANP) Assinale a palavra com gênero **errado**.
a) a vítima.
b) o testemunha.
c) a jovem.
d) o agente.

307. (PRF/N.M./ANP) A forma de plural **errada** é
a) papel / papéis.
b) difícil / difíceis.
c) chapéu / chapéus.
d) cidadão / cidadões.

308. (PRF/N.M./ANP) Assinale a opção em que a significação do nome varia com a mudança de **gênero**.
a) o dentista / a dentista.
b) o turista / a turista.
c) o atendente / a atendente.
d) o capital / a capital.

309. Na frase: "Há **duas** vagas debaixo da **ponte**", as palavras destacadas classificam-se como
a) numeral e substantivo.
b) numeral e adjetivo.
c) artigo e substantivo.
d) artigo e advérbio.
e) numeral e verbo.

310. Os plurais de **escrivão** e **pagão** são
a) escrivões e pagões.
b) escrivões e pagães.
c) escrivãos e pagãos.
d) escrivães e pagões.
e) escrivães e pagãos.

311. A alternativa que contém o emprego correto do feminino das palavras **cidadão** e **ancião** é
a) cidadona e anciã.
b) cidadã e ancioa.
c) cidadona e ancioa.
d) cidadã e anciã.
e) cidadoa e ancioa.

312. Na frase "Então **o** homem descobriu o Bem e o **Mal**", as palavras destacadas são, respectivamente,
a) pronome demonstrativo e advérbio.
b) pronome oblíquo e adjetivo.
c) pronome relativo e numeral.
d) preposição e verbo.
e) artigo definido e substantivo.

313. A palavra **talão** forma o plural da mesma maneira que:
a) alemão.
b) cidadão.
c) ação.
d) capital.
e) órgão.

314. O plural de **sexta-feira** e **abaixo-assinado** é
a) sextas-feiras e abaixo-assinados.
b) sextas-feiras e abaixos-assinados.
c) sexta-feiras e abaixo-assinados.
d) sextas-feira e abaixos-assinados.
e) sextas-feira e abaixos-assinado.

315. Marque a alternativa que aparece com o plural **errado**.
a) para-lama / para-lamas.
b) sinal / sinais.
c) herói / heróis.
d) veículo / veículos.
e) farol / farols.

316. A frase em que há um **substantivo próprio** é:
   a) No fim da rua Monte Alegre estava a escola pública.
   b) Lá fiz todo o curso primário.
   c) Minha família era pobre.
   d) Eu gosto de banana.
   e) Comi um sanduíche gostoso.

■ Assinale **C** ou **E** para certo ou errado, respectivamente.

317. ( ) Substantivos como **anais**, **arredores**, **condolências**, **esponsais** e **óculos** só se usam no plural e são chamados de *pluralia tantum* (pronuncia-se plurália tântum).
318. ( ) O plural **avôs** refere-se a mais de um avô (masc.).
319. ( ) O plural **avós** tanto se refere a mais de uma avó, quanto ao conjunto de avô e avó.
320. ( ) Havia dois **oitos**, três **noves** e dois **agás** na sua camisa.
321. ( ) **cais** é invariável, mas **cós** pode ficar invariável ou fazer o plural **coses**.
322. ( ) Os substantivos paroxítonos terminados em **s** são invariáveis: o pires, os pires; o oásis, os oásis.
323. ( ) Também o são os terminados em **x**: o tórax, os tórax; a fênix, as fênix; o ônix, os ônix.
324. ( ) **Os projéteis atingiram os répteis**. **Os projetis atingiram os reptis**. O singular das duas frases é exatamente o mesmo.
325. ( ) **flautim** e **atum** terminam em vogal nasal; **bem** e **som**, em ditongo nasal. Por isso, fazem plural com um simples acréscimo de **s**, como os vocábulos **boné** e **boi**.

■ Identifique os coletivos.

326. alavão _____
327. alcateia _____
328. cardume _____
329. cáfila _____
330. cacho _____
331. concílio _____
332. congregação _____
333. corja _____
334. esquadra _____
335. fato _____
336. banda _____
337. bandeira _____
338. boana _____
339. choldra (ô) _____
340. clero _____
341. conclave _____
342. consistório _____
343. elenco _____
344. esquadrilha _____
345. legião _____

■ Nos seguintes sobrecomuns, marque **F** para feminino e **M** para masculino.

346. ( ) algoz
347. ( ) membro
348. ( ) criança
349. ( ) ídolo
350. ( ) vítima
351. ( ) testemunha

■ Ponha nos parênteses **o** ou **a** para masculino ou feminino.

352. ( ) clã
353. ( ) dó
354. ( ) formicida
355. ( ) libido
356. ( ) sósia
357. ( ) preá
358. ( ) trema
359. ( ) axioma
360. ( ) cal
361. ( ) cataplasma
362. ( ) dinamite
363. ( ) elipse
364. ( ) telefonema
365. ( ) diadema
366. ( ) dilema
367. ( ) cólera
368. ( ) champanha
369. ( ) eclipse
370. ( ) jângal
371. ( ) proclama
372. ( ) estratagema
373. ( ) edema
374. ( ) coma (estado de)
375. ( ) coma (vírgula, cabeleira)

Fixe com atenção:

o cólera morbo	a cólera morbo
o personagem	a personagem
o crisma	a crisma
o íris	a íris
o lama ou lhama (monge)	a lama (lodo), a lhama (animal dos Andes)
o tapa (palmada)	a tapa (palmada)
o víspora (loto)	a víspora (loto)

Aconselha-se a usar no masculino:

o ágape	o antílope	o caudal	o contralto
o soprano	o diabete(s)	o praça (soldado)	o sabiá

Recomenda-se o feminino para:

a abusão (abuso, engano)	a alcíone (ave)	o alcíon (ave)
a aluvião (depósito da erosão)	a áspide (réptil)	a ordenança
a sentinela	a omoplata	a sucuri
a jaçanã (ave)		

376. Aponte três femininos para **diabo**.
Resp.: _____

377. Aponte três femininos para **deus**.
Resp.: _____

Artigo

DEFINIÇÃO

Artigo são as palavras variáveis **o** e **um** que antecedem o substantivo, servindo para definir ou indefinir seu sentido.

o dentista – **a** dentista	**um** livro	**umas** fitas
o lápis – **os** lápis	**uns** óculos	**as** fitas

CLASSIFICAÇÃO

Em Português só existem um artigo definido – **o** – e um artigo indefinido – **um**. Ambos são variáveis em gênero e número: **a**, **os**, **as**; **uma**, **uns**, **umas**.

O artigo definido serve para:
a) indicar um ser definido entre os demais;
b) indicar toda a espécie ou conjunto de seres.

O artigo indefinido serve para:
c) indicar um ser indefinido entre os demais;
d) indicar um subconjunto indefinido de seres;
e) indicar reforço de uma ideia.

Ocorre, portanto, mudança de sentido se o substantivo vem acompanhado pelo artigo definido – **o** (**a**, **os**, **as**) – ou pelo artigo indefinido – **um** (**uma**, **uns**, **umas**).

Prática

■ Nos parênteses das frases, coloque **a**, **b**, **c**, **d** ou **e**, relacionados no quadro anterior, conforme o sentido que o artigo sublinhado propõe.

1. Uma professora de Português indicou esse livro. ( )
2. A professora de Português indicou esse livro. ( )
3. O professor precisa sempre estar atualizado. ( )
4. Um rapaz comprou o apartamento dela. ( )
5. Umas bactérias desenvolveram resistência a certas substâncias. ( )
6. Estava com uma fome! ( )

Observações:

1. Quando se quer generalizar uma ideia, é possível suprimir-se o artigo.

   Exemplos: Mudanças são necessárias para o aperfeiçoamento do trabalho. (genérico)
   As mudanças (já sabidas) devem ser implantadas. (específico)
   Festas não me atraem. (genérico)
   As festas que ela promove não me atraem. (específico)
   Especializou-se em várias áreas de política. (genérico)
   Especializou-se n**as** várias áreas d**a** política. (específico)

2. Quando se usa nome próprio de personagem histórica ou pessoa célebre, suprime-se o artigo.

   Exemplos: Rui Barbosa lutou por seus ideais. (personagem histórica)
   O Rui parecia alheio à discussão. (pessoa íntima ou conhecida)

3. Antes de pronomes de tratamento iniciados por pronome possessivo, omite-se o artigo.

   Exemplo: Vossa Senhoria não me entendeu.

4. Ordinariamente, não se usa artigo com a palavra "casa" quando designa "própria morada", nem com a palavra "terra" na acepção de "terra firme", em oposição ao sentido "a bordo".

   Exemplos: Em casa, não se discute às refeições.
   Agora estou vindo de casa.
   Os viajantes abandonaram o barco e seguiram por terra.

5. Qualquer tipo de palavra transforma-se num substantivo se se lhe antepõe um artigo.

   Exemplos: O bom e o justo; o querer e o poder.
   O hoje, o ontem e o amanhã; o aqui e o agora.
   O tudo e o nada...Viver é um sem-fim!

Prática Geral

7. A frase que apresenta um artigo indefinido destacado é:
   a) Ele só tem **um** filho.
   b) **Ninguém** imagina minha alegria.
   c) Este fato **me** impressionou.
   d) **Os** garotos olhavam a banana.
   e) **Um** lindo sanduíche surgiu do embrulho.

■ Assinale **C** ou **E** conforme a afirmação seja certa ou errada, com relação à seguinte frase.

O aqui e o agora são os parâmetros do realista.

8. ( ) Só há três artigos.
9. ( ) Existem quatro artigos.
10. ( ) Por isso, há também quatro substantivos.
11. ( ) **aqui** e **agora**, que noutros contextos são advérbios, nessa frase são substantivos, por força do artigo.
12. ( ) **realista**, que noutras frases é **adjetivo**, tornou-se também substantivo, pela antecipação do artigo.
13. ( ) O artigo, definido ou indefinido, substantiva a palavra a que se refere.
14. ( ) Em **do** há uma contração da preposição **de** com o artigo definido **o**.

■ Estabeleça a correta correspondência sobre o uso do artigo.

a) Assinala o gênero do substantivo.
b) Indica o número do substantivo.
c) Indica que o substantivo é conhecido entre outros da espécie, tanto pelo emissor quanto pelo receptor.
d) Indica que o substantivo é um ser qualquer de sua espécie; nem o ouvinte nem o leitor saberão precisar quem seja.
e) Não há artigo na frase. Há numeral.

15. ( ) ( ) O Presidente virá visitar-nos.
16. ( ) ( ) O colega e a colega chegaram.
17. ( ) Uma administradora virá falar conosco.
18. ( ) Ele comprou duas canetas e só um estojo.
19. ( ) ( ) ( ) O oásis, os oásis.
20. ( ) Ele falou de uns índios que aqui estiveram.

Adjetivo

DEFINIÇÃO

Palavra que qualifica o substantivo.

Os seres nomeados por um substantivo apresentam diferenças entre si.
Essas diferenças são explicitadas pelos **adjetivos** – os qualificadores dos substantivos.

ADJETIVO RESTRITIVO E ADJETIVO EXPLICATIVO

O adjetivo, ao se referir a um substantivo, pode ser classificado de dois modos:

Adjetivo restritivo

Exprime atributo que distingue um substantivo dos outros da mesma espécie:

O homem inteligente. (nem todo homem é inteligente)

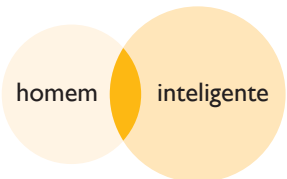

- Os círculos representam o campo de significado (ou campo semântico) do substantivo **homem** e do adjetivo **inteligente**.
- O adjetivo tem um campo semântico maior que o do substantivo, o que está representado pelo círculo maior.
- Isso, porque pode abranger outros seres (macaco, cão, elefante, golfinho...) além de todos os homens.
- No desenho, o **inteligente** abrange apenas uma parte dos homens, representada pela interseção, de cor mais escura.
- Por isso, o adjetivo está limitando, restringindo o campo semântico do substantivo e se chama "adjetivo restritivo".
- Entre o adjetivo restritivo e seu substantivo não há vírgula.

Adjetivo explicativo

Exprime uma **qualidade inerente** ao substantivo; exprime **uma característica própria** do substantivo:

O homem , mortal. (todo homem é mortal)

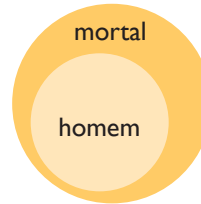

- A vírgula, colocada entre o adjetivo e o substantivo, determina uma pausa na leitura.
- Essa pausa introduz uma entonação explicativa, ou seja, considera que **(todo) homem** está inserido no conjunto **mortal**.
- O adjetivo explicativo mantém inalterado o campo semântico do substantivo, isto é, não o restringe.
- Lembre-se, então: entre adjetivo e substantivo há vírgula; vírgula é pausa, pausa é explicação.

O **adjetivo explicativo** vem separado do substantivo a que se refere por uma vírgula, para representar a mudança do tom de voz que a explicação requer:

O leite , branco , agrada a vista. O homem , mortal , é diferente do mineral.
subst. adj. expl. subst. adj. expl.

ADJETIVO ANTES OU DEPOIS DE SUBSTANTIVO

O adjetivo posposto ao substantivo tem uma carga semântica mais objetiva: Homem **pobre**, mulher **boa**.

Anteposto ao substantivo, o adjetivo traz uma carga semântica mais subjetiva: **Pobre** homem, **boa** mulher.

LOCUÇÃO ADJETIVA

homem de ontem árvore sem folhas

Quando a qualidade é expressa por mais de uma palavra, tem-se **locução adjetiva**, que sempre começa com preposição.

Observação:

É importante lembrar que o adjetivo existe para **qualificar o substantivo**; caso não se refira a um substantivo, **não** é adjetivo ou locução adjetiva.

Prática

■ Observe o **feio** nestas frases e classifique-o, relacionando as colunas.

1. ( ) Cometeu um erro *feio*. a) advérbio
2. ( ) Quem ama o *feio*, bonito lhe parece. b) substantivo
3. ( ) O carro derrapou *feio* na curva. c) adjetivo

FLEXÃO

Os adjetivos podem variar em gênero e número para acompanhar os substantivos a que se referem.

Flexão de gênero

Veja: documento **incluso** nota **inclusa**
caso **estranho** casa **estranha**
homem **certo** mulher **certa**

Os adjetivos que mudam a terminação, do masculino para o feminino, dependendo do gênero do substantivo, são os **adjetivos biformes** ou variáveis.

Prática

■ Flexione corretamente.

4. ofício *anexo* – carta _____
5. trabalho *publicado* – obra _____
6. ingresso *proibido* – entrada _____

Veja: homem **elegante** mulher **elegante**
trabalho **notável** obra **notável**
diretor **capaz** diretora **capaz**

Os adjetivos que não mudam de forma, quer o substantivo seja masculino ou feminino, são os **adjetivos uniformes** ou invariáveis.

Prática

■ Flexione corretamente.

7. candidato *quite* – pessoa _____
8. relatório *final* – palavra _____
9. problema *grave* – ameaça _____

Flexão de número

Veja:	gráfico **anexo**	gráficos **anexos**
	revista **nova**	revistas **novas**
	cirurgia **complexa**	cirurgias **complexas**

Os **adjetivos simples** (de uma só palavra) variam do singular para o plural para combinar com os substantivos a que se referem.

Prática

■ Flexione corretamente.

10. ofício *penoso* – ofícios _____
11. candidato *quite* – candidatos _____
12. carnê *quitado* – carnês _____
13. *velho* amigo – _____ amigos

Veja:	roupa **azul-escura**	roupas **azul-escuras**
	guerra **sino-japonesa**	guerras **sino-japonesas**
	instrumento **médico-cirúrgico**	instrumentos **médico-cirúrgicos**

Adjetivo composto, formado por **adjetivo** + **adjetivo**: só o último se pluraliza.

Prática

■ Flexione corretamente.

14. tratado *luso-brasileiro* – tratados _____
15. produção *hispano-americana* – produções _____
16. reunião *lítero-musical* (nova ortografia: *literomusicais)* – reuniões _____
17. saia *verde-clara* – saias _____
18. olho *castanho-claro* – olhos _____

Exceções:

São invariáveis os adjetivos compostos **azul-marinho** e **azul-celeste**.
O adjetivo composto **surdo-mudo** sofre variação nas duas palavras: surdos-mudos, surdas-mudas.

Veja:	gravata azul-topázio	gravatas azul-topázio ou azuis-topázios
	tecido amarelo-ouro	tecidos amarelo-ouro ou amarelos-ouros
	laço vermelho-sangue	laços vermelho-sangue ou vermelhos-sangues

Adjetivo composto, com segundo elemento substantivo, nenhum se pluraliza ou ambos se pluralizam.

Prática

■ Flexione corretamente.

19. camiseta *azul-piscina* – camisetas _____
20. gravata *grafite-fosca* – gravatas _____
21. lenço *cinza-pérola* – lenços _____
22. olho *verde-mar* – olhos _____

Flexão de grau

Grau comparativo

Pode-se comparar a qualidade de dois ou mais seres:

A **cadeira** é mais alta que o **banco**.

Ou qualidades de um mesmo ser:

Ela é mais simpática que bonita.

Para fazer isso, a Língua Portuguesa utiliza o grau comparativo dos adjetivos.

Prática

Leia os exemplos e relacione as colunas.

a) Grau comparativo de igualdade
b) Grau comparativo de inferioridade
c) Grau comparativo de superioridade

23. ( ) O problema daquele senhor parecia MAIS *complicado* QUE o meu.
24. ( ) Percebi que este navio parecia TÃO *luxuoso* QUANTO aquele.
25. ( ) A atual situação econômica do país é MENOS *caótica* QUE a anterior.

Observação:

GRAU COMPARATIVO DE SUPERIORIDADE	
ANALÍTICO	**SINTÉTICO**
Mais BOM	Ele é MELHOR que ela.
Mais MAU	Ele é PIOR que ela.
Mais GRANDE	Ele é MAIOR que ela.
Mais PEQUENO	Ele é MENOR que ela.

Usa-se o comparativo sintético para comparação entre dois seres.
Ele é melhor que ela.
Ela dança melhor que ele.

Usa- se o comparativo analítico:

1. Para comparar duas qualidades de um mesmo ser:
   Ele é **mais bom** que **mau**.
   Ele é **mais grande** que **pequeno**.

2. Para comparar maneiras de um mesmo sujeito praticar ações:
   Ele fala **mais bem** que **mal**.
3. Antes de particípio:
   Ele passou a ser **mais bem ouvido**.
4. Quando bem e mal pertencem a adjetivo composto:
   Ela era **mais bem-educada**, e ele, **mais mal-informado**.

Grau superlativo

Usa-se o superlativo para enfatizar ou exagerar uma qualidade de um substantivo:

Jovem **muito estudioso**. Jovem **estudiosíssimo**.

Chama-se **superlativo sintético** o formado pelo acréscimo de sufixo ao adjetivo: notabilíssimo, paupérrimo, humílimo.

Chama-se **superlativo analítico** o formado por acréscimo de um advérbio ou locução adverbial ao adjetivo:

Jovem **muito esperto**.
adv. adj.

Jovem **esperto demais**.
adj. adv.

...era um garoto **feio à beça**.
adj. loc. advl.

...era uma guria **bonita pra chuchu**.
adj. loc. adverbial

Leia os exemplos e escreva: a) para o superlativo que se refere a um único substantivo;
b) para o superlativo que se refere a um ser entre os demais.

26. ( ) O conflito entre sérvios e bósnios é *gravíssimo*.
27. ( ) A explosão da bomba atômica foi considerada a atitude *MAIS insensata* entre todas tomadas por aquele presidente.
28. ( ) O professor mantinha os alunos *ocupadíssimos*.
29. ( ) O processo será examinado pelo juiz *MAIS rigoroso* do Tribunal.

É possível enfatizar ou exagerar uma qualidade considerando o ser sozinho (**superlativo absoluto**), ou um ser entre os demais de sua classe (**superlativo relativo**).

Prática

■ Responda **C** ou **E**.

30. ( ) Superlativo absoluto é o que está nas frases 26 e 28.
31. ( ) Superlativo relativo está nas frases 27 e 29.

Prática Geral

32. (PRF/N.M./ANP) Assinale a forma **errada** de superlativo erudito.
    a) feliz / felicíssimo.
    b) geral / generalíssimo.
    c) simples / simplicíssimo.
    d) amigo / amiguíssimo.

33. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa que completa **corretamente** as lacunas da frase "Os _____ vestiam casacos _____."
a) grão-duques / verde-garrafa.
b) grãos-duques / verde-garrafa.
c) grão-duques / verde-garrafas.
d) grão-duques / verdes-garrafa.

34. (Ag. Adm./TRT/N.M./ACCESS) Nas alternativas abaixo, a que contém **erro** no emprego do plural é:
a) O governo está estudando novas medidas econômico-financeiras.
b) Ao dar prioridade à educação, teremos cidadãos mais conscientes.
c) Havia provas bastantes do crime.
d) Quaisquer soluções seriam bem recebidas.
e) A reunião iria examinar os pró e os contra da questão.

35. Marque o adjetivo que equivale à expressão destacada na frase. Era um amor **de irmãos** que os unia.
a) paterno.
b) materno.
c) filial.
d) fraterno.
e) puro.

■ Assinale **C** ou **E**, consultando a observação da página 129.
36. ( ) Joaquina é mais má que o irmão.
37. ( ) João é mais bom que Flávio.
38. ( ) Teresa é mais tímida que Paula.
39. ( ) E Paula é mais boa que ruim.
40. ( ) Antonio é mais mau que bom.
41. ( ) Antônio é mais mau que Flávio.
42. ( ) Ela é mais grande que ele.
43. ( ) Ela é mais grande que gorda.

■ Estabeleça a correspondência correta.
a) comparativo de **superioridade**
b) comparativo de **inferioridade**
c) comparativo de **igualdade**
d) superlativo absoluto **sintético**
e) superlativo absoluto **analítico**

44. ( ) Todos achavam que ele era paupérrimo, mas
45. ( ) era dotado de incredibilíssima sensibilidade;
46. ( ) além disso, era muito próspero,
47. ( ) porém era menos vaidoso que o irmão,
48. ( ) menor que a própria mãe,
49. ( ) pior que o pai
50. ( ) e tão educado quanto o tio.

■ Escreva os superlativos **absolutos sintéticos** (eruditos, não populares) de:

51. agudo _____
52. amargo _____
55. célebre _____
56. cruel _____
57. doce _____
58. dócil _____
59. fiel _____
60. frio _____
61. incrível _____
62. íntegro _____
53. antigo _____
54. áspero _____
63. livre _____
64. miúdo _____
65. negro _____
66. nobre _____
67. pródigo _____
68. público _____
69. soberbo _____
70. tetro _____

■ Substitua as locuções adjetivas por adjetivos de origem erudita.

71. nariz **de águia** _____
72. torre **de marfim** _____
73. físico **de gafanhoto** _____
74. amor **de fogo** _____
75. lábios **de lebre** _____
76. golpe **de morte** _____
77. comportamento **de bode** _____
78. tratamento **de cabelo** _____
79. armas **de guerra** _____
80. agilidade **de rato** _____
81. comportamento **da alma** _____
82. arrulhar **de pombo** _____
83. sensibilidade **de pele** _____
84. corpo **de professores** _____
85. grupo **de alunos** _____
86. energia **do vento** _____
87. águas **da chuva** _____
88. águas **dos rios** _____
89. morada **do bispo** _____
90. frio **de gelo** _____
91. dor **de estômago** e **de rins** _____
92. brilho **de ouro** e **de prata** _____
93. influência **do sul** _____
94. vento **do norte** _____

■ Escreva os adjetivos **gentílicos** ou **pátrios** referentes a:

95. Bahia e Salvador _____
96. Jerusalém _____
97. China _____
98. Judeia _____
99. Egito _____

ADJETIVO ≠ SUBSTANTIVO
(dica prática)

Para quem está começando e para quem acha que aprender português é difícil, basta prestar atenção a pequenos detalhes básicos. Temos percebido que grande parte dos jovens e adultos estudantes da língua não sabe diferenciar no texto um adjetivo de um substantivo, dúvida que, não sendo imediatamente sanada, impede a compreensão de tudo o que a isso se segue. Por exemplo, responda você agora, em voz alta: beleza é adjetivo ou substantivo? Em voz alta, sim, para se conscientizar de sua resposta. Beleza é adjetivo ou substantivo? Se tem alguma dúvida, continue lendo para eliminá-la de uma vez por todas.

1 Substantivo representa uma ideia-base, nomeia seres (homem, pedra, água, rio, comida...) e características ou qualidades de seres, vistas como ideia-base (utilidade, amabilidade, largura, beleza, feiúra, amizade).

2 Adjetivo representa uma ideia acompanhante, caracteriza o substantivo e com ele concorda em gênero e número, com exceção dos adjetivos uniformes (útil, amável), que só concordam em número.

3 Como saber se as palavras "altura", "largura", "beleza", que designam características de seres, são substantivos ou adjetivos?

4 Sabendo você que as palavras "homem" e "mulher" são substantivos, tome-as no plural "homens" e "mulheres" e veja se "altura" concorda com elas: "homens altura, mulheres altura". Como "altura" não concorda com os substantivos "homens" e "mulheres", sabe-se que "altura" é também substantivo, **porque substantivo não casa** (não concorda) **com substantivo**. Qual, então, o adjetivo correspondente ao substantivo "altura"? Pode ser "alto"? Vejamos, "homens altos"," mulheres altas", isso mesmo! "alto" **casa com o substantivo, portanto é adjetivo**.

5 Veja agora se "largura" e "beleza" são substantivos ou adjetivos: "homens larguras", "mulheres larguras", "homens belezas", "mulheres belezas". A conclusão é que "largura" e "beleza" não podem concordar com o substantivo, por isso são também substantivos, **porque substantivo não casa** (não concorda) **com substantivo**. Quais os adjetivos correspondentes a largura e beleza? Faça você o teste e responda, em voz alta, antes de continuar esta leitura.

Se você disse "homens largos", "mulheres largas", "homens belos", "mulheres belas" e concluiu que os adjetivos procurados são "largo" e "belo", acertou.

6 Conclusão, em gramática não há casamento homo, substantivo não casa com substantivo, só casamento hetero, machista e tradicional: sem ferir o respeito devido, assim diz o antigo testamento gramatical: **o adjetivo foi feito da costela do substantivo, para com ele casar e concordar**.

7 Teste agora com: fidelidade, fiel; harmonia, harmonioso; gentileza, gentil; equilíbrio, equilibrado; consciência, consciente; amor, amoroso; crença, crente.

Resposta do item 7:
substantivos: fidelidade, harmonia, gentileza, equilíbrio, consciência, amor, crença; **adjetivos:** fiel, harmonioso, gentil, equilibrado, consciente, amoroso, crente.

Pronome

DEFINIÇÃO

Observe:

Para os diretores, a situação parecia sob controle. Para resolvê-**la** definitivamente, seria necessário que **eles** tivessem uma atuação mais enérgica.

eles — **substitui "diretores"**

la — **substitui "situação"**

Este **livro** não é **aquele** premiado.
subst.

Este — **acompanha** o subst. **livro**

aquele — **substitui** o subst. **livro**

Aquele **menino** de que você falou não é **este**.
subst.

Aquele — **acompanha o substantivo**

este — **substitui o substantivo**

Essas palavras são pronomes.

Pronomes são palavras que substituem ou podem substituir o substantivo.

PAPEL DOS PRONOMES

Pronomes substantivos e pronomes adjetivos

Quando o pronome é usado com o papel de substituir o substantivo, é denominado **pronome substantivo**:

A casa não é **minha**.

Quando o pronome é usado com o papel de acompanhante de um substantivo, é denominado **pronome adjetivo**:

Sua casa não é minha.

O país **cujas** crianças não têm escola não tem futuro.

Prática

■ Escreva dentro dos parênteses relativamente aos pronomes em negrito: PA = pronome adjetivo; PS = pronome substantivo.

1. **Nossas** intenções não são **as** que **você** entendeu.
   ( ) ( ) ( )
2. **Estas** são as **minhas** palavras.
   ( ) ( )
3. As **mesmas** perguntas foram feitas por **aquela** menina e por **esta**.
   ( ) ( ) ( )

CLASSIFICAÇÃO E EMPREGO DOS PRONOMES

Pronomes pessoais

Referem-se às pessoas do discurso, ou seja, às pessoas que participam de uma conversa. O **falante** é a primeira pessoa; o **ouvinte** é a segunda pessoa; e o **assunto** é a terceira pessoa.

Conforme seu uso na frase, os pronomes pessoais classificam-se como retos ou oblíquos.

Nº	Pessoa do discurso	Pron. reto	Pronome oblíquo	
		tônico	átono	tônico
Singular	primeira segunda terceira	eu tu ele, ela	me* te* se, lhe, o*, a*	mim, comigo ti, contigo si, consigo, ele, ela
Plural	primeira segunda terceira	nós vós eles, elas	nos* vos* se, lhes, os*, as*	nós, conosco vós, convosco si, consigo, eles, elas
		PARA SUJEITO	**PARA OUTRAS FUNÇÕES**	

Prática

■ Escreva dentro dos parênteses **R** ou **O**, se o pronome em negrito for **reto** ou **oblíquo**.

4. **Ela** disse a **ele** que iria sair sem **mim**.
   ( ) ( ) ( )

* Esses pronomes podem exercer função de sujeito. *Vide*, em *Análise Sintática Visual*, Período: Análise de períodos com verbos permissivos, causativos e sensitivos em que o pronome oblíquo funciona como sujeito.

5. **Eu** disse a **mim** que iria sem **ela**.
( ) ( ) ( )
6. **Ele** disse a **nós** que iria sem **ti**.
( ) ( ) ( )
7. **Tu me** disseste que irias sem **eles**.
( )( ) ( )
8. **Tu te** maltratas demais, sem **nós**.
( )( ) ( )
9. **Eu** disse que **ela** iria sem **vós**.
( ) ( ) ( )

Conclusão:
Os pronomes **eu** e **tu** são retos. **Nós**, **vós**, **ele(s)** serão retos ou oblíquos, dependendo de seu emprego na frase.

Pronomes oblíquos

Observe:
pagar a dívida **aos credores** = pagar-**lhes** a dívida
avisar algo **aos amigos** = avisar-**lhes** algo
ser útil **a alguém** = ser-**lhe** útil
pagar **a conta** ao garçom = pagá-**la** ao garçom
ver **os amigos** = vê-**los**

O pronome **lhe (lhes)** completa verbos ou nomes que exigem preposição **a** e refere-se a seres animados; o pronome **o** (**a**, **os**, **as**) completa verbos que não pedem preposição.

Prática
■ Preencha as lacunas com um dos pronomes que estão dentro dos parênteses.
10. Os pais da moça deram-_____ seu apoio, por isso ela ____ admirava muito. (**na/lhe**) (**lhes/os**)
11. Quando o presidente estava saindo, alguém _____ avisou de que precisava voltar. (**o/lhe**)
12. Fui visitar minha amiga, porém não pude vê-_____. (**lhe/la/a**)
13. Sou responsável pelos alunos; mantenho-_____ informados. (**os/lhes**)
14. Fomos os primeiros a encontrar a diretora e informamos-_____ o acidente. (**ela/lhe/a**)

Observe:

entregar **a ti**	ajudar-**te**
avisar **a nós**	auxiliar-**nos**
lutar **por ela**	conhecê-**la**
gostar **de mim**	amar-**me**

Os pronomes oblíquos tônicos são usados após preposição; os oblíquos átonos ocupam as posições que não vierem precedidas de preposição.

Prática

■ Preencha as lacunas com um dos pronomes que estão dentro dos parênteses.

15. Eu resolvi que sem _____ você não sai. (**eu/mim**)
16. Tu sabes que quero muito bem a _____, por isso _____ apoiarei. (**tu/te/ti**)
17. O ator tinha excelente opinião de _____ mesmo, ele _____ julgava ótimo. (**si/se/ele**)
18. Nós resolvemos investigar o caso; contra _____ você não pode lutar; cedo vai descobrir que não _____ engana. (**nós, nos**)

Observe:

amar + o	➜	ama(r)-lo	➜	amá-lo
fiz + o	➜	fi(z)-lo	➜	fi-lo
nos + o	➜	no(s)-lo	➜	no-lo

As letras **r**, **s** ou **z** que antecedem o oblíquo **o** (**a**, **os**, **as**) transformam-se em **l** e mudam de sílaba.

Prática

19. Amas **o menino**. Am_____-_____.
20. Fez **os trabalhos**. F_____-_____.
21. Ela quer **o livro**. Ela qué-_____.

Observe:

As respostas, ela **mas** deu ontem à tarde. (mas = me + as)
As respostas, ela **no-las** deu ontem à tarde. (no-las = nos + as)

Os pronomes oblíquos **se combinam entre si**.

Prática

■ Estabeleça as combinações conforme o modelo.

Modelo: me + (o, a, os, as) = mo (ma, mos, mas)

22. te + o (a, os, as) = _____
23. lhe + o (a, os, as) = _____
24. lhes + o (a, os, as) = _____
25. nos + o (a, os, as) = _____
26. vos + o (a, os, as) = _____

Observe:

Dão + o = Dão-**no**. Dizem + as = Dizem-**nas**. Põe + os = Põe-**nos**.

O pronome oblíquo **o** (**a**, **os**, **as**), depois de uma terminação nasal, transforma-se em **no** (**na**, **nos**, **nas**).

Prática

27. Dizem **a verdade**. Dizem-_____.
28. Cumprem **as promessas**. Cumprem-_____.
29. Põe **o casaco**. Põe-_____.
30. Põem **os casacos**. Põem-_____.

Observe:

O professor indicou um livro **para eu** ler.
Ele pensava **em eu** representá-lo.
Existe a possibilidade **de tu** resolveres.

Mesmo após preposição, a função de sujeito do infinitivo é ocupada por pronome pessoal reto.

Prática

■ Preencha as lacunas com um dos pronomes que estão dentro dos parênteses.

31. Fiquei com a casa para _____ vender em troca da comissão. (eu/mim)
32. Eu sei que o trabalho foi trazido para _____ corrigir. (eu/mim)
33. Eu já lhe avisei que sem ____ aprovar, a campanha não irá ao ar. (mim/eu)
34. Sem _____ permitir, ninguém sairá. (eu/mim)

Observação:

Há orações em que o pronome parece ser sujeito, mas não é:
Será benéfico **para mim** deixar de fumar. = Deixar de fumar será benéfico **para mim**.
Nesse caso, houve inversão da ordem dos termos da oração.

Observe:

Ele pensava **consigo** se haveria motivo para tanta confusão.
Carregue (você) **consigo** seus documentos.
Ele falava de **si**.

Os pronomes **si** e **consigo** só podem ser usados quando se referem à mesma pessoa do sujeito, ou seja, quando são reflexivos.

Prática

■ Preencha as lacunas com um dos pronomes que estão dentro dos parênteses.

35. Meu amigo, venha a minha casa e traga _____ seus filhos. (consigo, contigo)
36. Ele parece carregar _____ toda a tristeza do mundo. (consigo, com nós)
37. Amigo, gostaria de falar _____ sobre um importante assunto. (com você, consigo)
38. Meu pai, você pode falar de _____. (ti, si)

Observe:

Tu estavas falando ~~**consigo**~~. **Tu** estavas falando **contigo**.
2ª 3ª 2ª 2ª

Digo a **você** que ~~**estás**~~ bonita. Digo a **você** que **está** bonita.
3ª 2ª 3ª 3ª

Referindo-se a um mesmo ser, não se misturam os pronomes **tu** e **você**. Use o **tu** apenas, ou o **você** apenas.

Prática

■ Marque **C** para certo, **E** para errado.

39. ( ) Quero (eu) falar comigo.
40. ( ) Queres (tu) falar comigo?
41. ( ) Quer (você/ele) falar comigo?
42. ( ) Quero (eu) falar contigo.
43. ( ) Queres (tu) falar contigo.
44. ( ) Quer (ele) falar contigo.
45. ( ) Quer (você) falar contigo.
46. ( ) Quero (eu) falar consigo.
47. ( ) Queres (tu) falar consigo.
48. ( ) Quer (você/ele) falar consigo.
49. ( ) Queremos falar contigo.
50. ( ) Queremos falar consigo.
51. ( ) Queremos falar conosco.
52. ( ) Queremos falar convosco.

53. ( ) Quereis falar comigo?
54. ( ) Quereis falar consigo?
55. ( ) Elas querem falar comigo.
56. ( ) Elas querem falar contigo.
57. ( ) Elas querem falar consigo mesmas.

Observe:

Ela falou ~~**conosco**~~ **mesmos**. Ela falou **com nós mesmos**.

Eu contava ~~**convosco**~~ **todos**. Eu contava **com vós todos**.

Não se usam **conosco** e **convosco** acompanhados de determinantes.

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

58. ( ) Ela falou conosco.
59. ( ) Ela falou convosco mesmos.
60. ( ) Contava conosco todos.
61. ( ) Ela falou com nós três.
62. ( ) Ela falou com vós mesmos.
63. ( ) Contava com nós todos.

Pronomes de tratamento

Os pronomes de tratamento correspondem ao modo como se tratam as pessoas, formal (cerimoniosamente) ou informalmente (intimamente). Substituem os pronomes pessoais retos de 1ª, 2ª e 3ª pessoas, mas levam o verbo e o possessivo sempre para a 3ª.

Substituindo a primeira pessoa: eu, nós:

A gente briga, diz tanta coisa.

Substituindo a segunda pessoa: tu, vós:

Você está louco! **Vossa Excelência** agiu certo.

Substituindo a terceira pessoa: ele, eles:

Sua Excelência agiu certo. **Sua Alteza** virá.

Os mais usados são:

Pronomes de tratamento	Abreviatura		Usados para:
	singular	plural	
Você	v.	vv.	Pessoas familiares, íntimas.
Senhor, Senhora	Sr., Sr^{a}.	Srs., Sras.	Pessoas com as quais se mantém um certo distanciamento respeitoso.
Vossa Senhoria	V. S^{a}.	V. S^{as}.	Pessoas de cerimônia, principalmente em textos escritos, como: correspondências comerciais, ofícios, requerimentos etc.
Vossa Excelência	V. Exª.	V. Ex^{as}.	Altas autoridades: presidente da República e vice, ministros, governadores e vice, secretários estaduais, prefeitos, membros dos tribunais regionais, dos tribunais de justiça, juízes, desembargadores, senadores, deputados, embaixadores etc.
Vossa Magnificência	V. Mag^{a}.	V. Mag^{as}.	Reitores de universidades.
Vossa Reverendíssima	V. Revm^{a}.	V. Revm^{as}.	Sacerdotes e religiosos em geral.
Vossa Excelência Reverendíssima	V. Exª. Revm^{a}.	V. Ex^{as}. Revm^{as}.	Arcebispos e bispos.
Vossa Paternidade	V. P.	VV. PP.	Superiores de ordens religiosas.
Vossa Eminência	V. Em^{a}.	V. Em^{as}.	Cardeais.
Vossa Santidade	V. S.	—	Papa.
Vossa Alteza	V. A.	VV. AA.	Príncipes e duques.
Vossa Majestade	V. M.	VV. MM.	Reis e rainhas.

Observações:

Vossa Eminência: os pronomes de tratamento iniciados por "Vossa" substituem a pessoa com quem se fala.
Sua Excelência: os pronomes de tratamento iniciados por "Sua" substituem a pessoa de quem se fala.
Nas altas esferas, as abreviaturas dos pronomes de tratamento estão sendo desaconselhadas.

Prática

■ Indique o pronome de tratamento usado para se dirigir a:

64. amigo _____
65. diretor de escola _____
66. senador _____
67. bispo _____
68. reitor de universidade _____

■ Indique o pronome de tratamento usado para se falar de:

69. diretor de escola _____
70. padre _____
71. reitor de universidade _____
72. bispo _____
73. presidente da República _____

■ Corrija os erros.

Vossa Senhoria entendeis bem nossos problemas.
74. _____
Vossa Excelência tens todos os vossos argumentos válidos.
75. _____

Pronomes demonstrativos

Os pronomes demonstrativos são os que indicam o lugar que o substantivo ocupa no espaço ou no tempo, em relação às três pessoas do discurso.

Observe os quadros:

Pronomes demonstrativos		
Pessoa	**Variáveis**	**Invariáveis**
1ª	este (esta, estes, estas)	isto
2ª	esse (essa, esses, essas)	isso
3ª	aquele (aquela, aqueles, aquelas)	aquilo

Eles demonstram:

	ESPAÇO	TEMPO	TEXTO	REFERÊNCIA AO JÁ DITO
este/isto	próximo à 1ª pessoa	presente	palavras ou ideias que serão citadas	refere-se à palavra mais próxima
esse/isso	próximo à 2ª pessoa	futuro ou passado próximos	palavras ou ideias que já foram citadas	refere-se à palavra intermediária
aquele/aquilo	distante da 1ª e da 2ª pessoa	futuro ou passado distantes	—	refere-se à palavra mais distante

Prática

NO ESPAÇO

Preencha adequadamente as lacunas com os pronomes demonstrativos, prestando atenção no significado dos advérbios e pronomes possessivos em negrito.

76. _____ livro que está **aqui** nas **minhas** mãos...
77. _____ livro que está **aí** nas **tuas** mãos...
78. _____ livro que está **aí** nas **suas** mãos...
79. _____ livro que está **lá** nas **mãos** dele...

NO TEMPO

Preencha as lacunas com os pronomes demonstrativos adequados, obedecendo às indicações de tempo.

80. Referindo-se a um passado distante:
_____ anos foram ótimos para a lavoura.

81. Referindo-se a um passado recente.
_____ ano que passou vai deixar saudade.

82. Referindo-se ao presente.
_____ ano está sendo melhor que os anteriores.

Lembre-se **disto**: "Quem espera muito, cansa".

"Quem espera muito, cansa". Lembre-se **disso**.

Prática

NO TEXTO

83. Quando se quer indicar o que se vai dizer, usa-se o demonstrativo _____, ou as variações _____, _____, _____, _____.

84. Quando se quer indicar algo que já foi dito, usa-se o demonstrativo _____ ou as variações _____, _____, _____, _____.

_____ _____ ... este ... aquele
1 2

Prática

REFERÊNCIA AO JÁ DITO

As montanhas e o céu, no horizonte, se destacavam. **Este**, azul e rosa; **aquelas**, verde cinza.

85. **Este** se refere a _____ e **aquelas** a_____.

Com três elementos

_____, _____, _____ ... este ... esse ... aquele

Prática

"As árvores, a piscina e o alpendre incluem-se no cenário que estamos visitando. **As árvores**(1), verdes, fortes, viçosas; **a piscina**(2), azul, límpida, transparente; **o alpendre**(3), ensolarado e florido..."

86. Substitua os termos numerados pelos demonstrativos compatíveis. A sequência correta é:

_____ _____ _____
1 2 3

São também usados como pronomes demonstrativos:

mesmo*	O delegado deve chamar a **mesma** testemunha.
próprio	O **próprio** partido escolherá os candidatos.
tal	Não admitirei **tal** comportamento.
semelhante	Não aceito **semelhante** resposta.
o, **a**, **os**, **as** (quando significam aquele, aquela, aquilo)	Entre todos os brinquedos, ela escolheu **o** mais caro. (**aquele** mais caro) Vi as candidatas e falei com **a** que chegou primeiro. (**aquela** que chegou primeiro) **Os** que não estudam têm mais dificuldade. (**Aqueles** que não estudam...)

***Mesmo**: para alguns gramáticos, só deve ser usado para acompanhar o substantivo,

A mesma **pessoa**... (subst.) O **assunto** mesmo... (subst.)

e não para substituir o substantivo, como em:

Encontrei a **chave**. A ~~mesma~~ estava enferrujada. Limei a ~~mesma~~.

Pronomes relativos

São os pronomes que substituem os nomes que os antecedem na frase, evitando que seja repetida uma palavra da oração anterior.

Observe os modelos:

– Comprei o livro. Você recomendou **o livro**.
  Comprei o livro **que** você recomendou.

– Voltei à cidade. Nasci **nessa cidade**.
  Voltei à cidade **onde** nasci.

– O escritor escondeu-se. A obra **desse escritor** foi condenada.
  O escritor **cuja** obra foi condenada escondeu-se.

Considere o quadro abaixo para o uso correto dos pronomes relativos.

COISA	PESSOA	LUGAR	POSSE	QUANTIDADE
que o qual	que quem o qual	onde em que	cujo	quanto

Prática

■ Construa períodos compostos com o uso dos pronomes relativos adequados.

87. Desta vez serei eu. Eu decidirei meu futuro.

_____

88. O crítico elogiou o filme. Paulo Autran participou do filme.

_____

89. O autor vive na clandestinidade. A obra desse autor foi condenada.

_____

90. Passaram as férias na praia. Eles se conheceram nessa praia.

_____

91. As tribos foram dizimadas por doenças. As tribos tiveram contato com a civilização.

_____

Observe as construções.

A menina **que** chegou primeiro foi premiada.
(a menina)

A menina de **quem** eu gosto foi premiada.
de (a menina)

A menina com **quem** eu falei foi premiada.
com (a menina)

A menina contra **a qual** eu lutei foi premiada.

contra (a menina)

A **menina** **cujo** filho esteve aqui foi premiada.

de (a menina)

Prática

O rapaz **ORAÇÃO 2** sagrou-se campeão.

■ Escreva, no lugar da oração 2, as seguintes ideias, usando adequadamente os pronomes relativos **que**, **quem** ou **cujo**.

92. Eu vi o rapaz.
O rapaz _____ sagrou-se campeão.

93. Eu falei do rapaz.
O rapaz _____ sagrou-se campeão.

94. Eu procurava pelo rapaz.
O rapaz _____ sagrou-se campeão.

95. Eu pensava no rapaz.
O rapaz _____ sagrou-se campeão.

96. Eu conheço o filho do rapaz.
O rapaz _____ sagrou-se campeão.

Pronomes Relativos e Ambiguidade

Observe:

Chegou a mãe do rapaz **a quem** devemos agradecer.
– A quem devemos agradecer? Ao rapaz ou à mãe dele?

Os primos da Ester, **de quem** Paulo nos falou, acabaram de telefonar.
– Paulo nos falou de quem? Da Ester ou dos primos dela?

Prática:

■ Reescreva, a seguir, duas vezes cada frase ambígua, uma para cada sentido, substituindo os relativos **que** e **quem** por **o qual** e suas variantes (a qual, os quais, as quais).

Chegou a mãe do rapaz que encontramos no cinema.

97. Chegou a mãe do rapaz _____ encontramos no cinema.
98. Chegou a mãe do rapaz _____ encontramos no cinema.

Este é o quarto da casa com que Julieta sonha.

99. Este é o quarto da casa _____.
100. Este é o quarto da casa _____.

A filha de Paulo, que fugiu ontem, está sem paradeiro definido.

101. A filha de Paulo, _____, está sem paradeiro definido.
102. A filha de Paulo, _____, está sem paradeiro definido.

Pronomes interrogativos

Os pronomes interrogativos aparecem nas orações interrogativas diretas e indiretas. São eles: **que**, **quem**, **qual**, **quanto**.

Prática

Interrogativa indireta: Quero saber **quem** viu o acidente.
Interrogativa direta: Quem viu o acidente?

103. Interrogativa indireta: Você não me disse **qual** o seu nome.
Interrogativa direta: _____

104. Interrogativa indireta: Indagaram **quem** os apoiaria.
Interrogativa direta: _____

105. Interrogativa indireta: A cozinheira quer saber **quantos** virão para o jantar.
Interrogativa direta: _____

106. Interrogativa indireta: Pergunto o **que** procuras aqui.
Interrogativa direta: _____

Pronomes possessivos

Pronomes possessivos referem-se às pessoas do discurso, indicando-as como possuidoras, responsáveis ou autoras de algo.

Prática

■ Faça a correspondência, segundo a ideia da palavra destacada.

107. ( ) **Minha** casa é grande.
108. ( ) Já devolveram **teus** livros?
109. ( ) Essa é a **sua** opinião.
110. ( ) Preparamos o **nosso** futuro.

(a) o possuidor é a 1ª pessoa do singular
(b) o possuidor é a 1ª pessoa do plural
(c) o possuidor ou autor é a 2ª pessoa do singular
(d) o possuidor ou responsável é a 3ª pessoa do singular

Observe os casos abaixo.
A moça pisou o **meu** pé. = pisou-**me** o pé.
Eu penteava os **seus** cabelos. = penteava-**lhe** os cabelos.
Eu deveria puxar as **tuas** orelhas. = puxar-**te** as orelhas.

O papel de pronome possessivo pode ser exercido pelos **pronomes oblíquos átonos**.

Prática

■ Ele beijou a **minha** mão. / Ele beijou-**me** a mão.

111. Rasgaram a **minha** roupa. / _____

112. Confiscaram os **seus** bens. / _____

113. Isso roubou a **nossa** vontade. / _____

■ Os possessivos podem ter outros significados. Estabeleça a correspondência adequada.

114. ( ) Manuela beirava **seus** setenta anos.
115. ( ) Ela está num dos **seus** dias. Deixe-a quieta.
116. ( ) Ele não podia envergonhar **os seus**, nem eu podia trair **os meus**.

a) Parentes, companheiros, compatriotas
b) Cálculo aproximado
c) Situação habitual

117. ( ) **Meu** caro Antônio.
118. ( ) Pode falar, **meu** general.

d) Deferência, respeito, polidez
e) Intimidade

Pronomes indefinidos

Pronomes indefinidos referem-se à terceira pessoa do discurso, de modo vago, impreciso.

Exemplos: Alguém testemunhou o acidente.

Empregados no lugar de um nome que não se pode, ou não se quer definir.

A criança quer algo.

São **pronomes indefinidos**:

INVARIÁVEIS	VARIÁVEIS	
quem	algum(a)(s)	nenhum(a)(s)
alguém	muito(a)(s)	pouco(a)(s)
ninguém	outro(a)(s)	vário(a)(s)
algo	certo(a)(s)	tanto(a)(s)
tudo	quanto(a)(s)	todo(a)(s)
nada	qualquer (quaisquer)	
cada		
outrem		

■ Sublinhe os pronomes indefinidos.

119. Quem tudo quer, tudo perde.
120. Alguns alunos acertaram várias questões.
121. Muitas crianças comem pouco.
122. Certas pessoas não falam certo.
123. Cada pessoa sabe de quanto precisa.

Locução Pronominal Indefinida

Locução pronominal indefinida é o conjunto com mais de uma palavra, funcionando como um pronome indefinido.

Prática

■ Sublinhe, a seguir, as locuções pronominais indefinidas:

124. Cada qual com seu rival.
125. Quem quer que faça isso, merecerá o apoio de cada um.
126. Pedirei desculpas a seja quem for.
127. A gente fala tanto sem pensar, que todo mundo ri antes de a gente terminar.

Prática Geral

128. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) O pronome pessoal está empregado **incorretamente** em
   a) Não consegui entendê-lo naquela confusão.
   b) É para mim fiscalizar aqueles volumes.
   c) Tudo ficou esclarecido entre mim e ti.
   d) Por favor, mande-o entrar e sentar-se.
   e) Fizeram-no esperar demais hoje.

129. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Com relação aos pronomes destacados em "ao prestar-**nos** as informações" e "ficando responsabilizado pelo que **nos** adiantar", é **incorreto** afirmar que
   a) ambos são pronomes pessoais subjetivos.
   b) ambos são formas pronominais átonas.
   c) ambos desempenham a função sintática de objeto indireto.
   d) ambos podem ser substituídos, sem alterar semanticamente a frase, por "a nós".
   e) ambos estão vinculados à mesma pessoa do discurso.

130. (PRF/N.M./ANP) A forma destacada que deve ser **evitada** é
   a) Conversou muito **com nós**.
   b) Jogaram bola **comigo**.
   c) Pensamos muito **em ti**.
   d) Meu irmão já sabe cuidar **de si**.

131. (ITA/Vest.) Qual das opções substitui corretamente as palavras destacadas?
   1. Foi-lhes fácil **fazer os exercícios**.
   2. Não obstante seja parco de recursos, **mantém as aparências**.
   3. **Expões as ideias** com lucidez.
   4. **Faz os deveres** rapidamente.
   5. Se não pretendes gastar, **põe o dinheiro** na poupança.

   a) fazerem-nos / mantenha-os / Expô-las / Fá-los-á / ponha-o.
   b) fazerem-nos / mantém-as / Expõe-nas / Faze-os / põe-lo.
   c) fazê-los / mantém-las / Expõe-as / Faça-os / põe-no.
   d) fazê-los / mantém-nas / Expõe-las / Fá-los / põe-no.
   e) fazer-los / mantém-nas / Expõe-nas / Faze-os / põe-lo.

132. (BRB/N.M./IDR) Assinale a alternativa em que os pronomes pessoais estão **corretamente** empregados.
a) Tentou, mais uma vez, remetendo o documento para mim, acabar com o clima hostil entre nós.
b) O rapaz confirmou que entregou para tu o comprovante de depósito.
c) Mandei ele aguardar até que o gerente chegasse para atendê-lhe.
d) Hoje à tarde vou encontrar ela para fecharmos o negócio.

133. (BRB/N.M./IDR) Indique a sentença em que todas as formas pronominais estão **corretas**.
a) Vossa Senhoria tem justos motivos para preocupar-se com os débitos de vossa esposa.
b) Sua Excelência sinta-se à vontade para propor-nos os termos do contrato.
c) Vossa Excelência pode viajar tranquilo, que cuidaremos de seus investimentos.
d) O chefe mandou você avisar ao assessor do Sr. Ministro que a bagagem de Vossa Excelência já foi despachada.

134. (ALCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **correta**.
a) Refiro-me ao estudo de cujo o autor não se conhece a nacionalidade.
b) Dessas questões não se tratou, as quais merecem exame acurado.
c) Esse é o escritor de que todos admiramos as obras que foram feitas as melhores referências.
d) Apenas as pessoas que concernem essas palavras devem sentir o peso de tanta indignação.

135. (ATCL-DF/N.S./IDR) De acordo com a práxis consagrada do uso dos pronomes de tratamento, assinale a alternativa **correta**.
a) Pela presente, enviamos a V. Sª a relação de seus débitos e solicitamos-lhe a gentileza de saldá-los com urgência. (correspondência comercial)
b) Vossa Alteza Real, o Príncipe de Gales, virá ao Brasil para participar da ECO-92. (nota de jornal)
c) Sua Santidade pode ter a certeza de que sua presença entre nós é motivo de júbilo e de místico fervor. (discurso pronunciado em recepcão diplomática ao Sumo Pontífice)
d) Solicito a V. Exª dignar-vos aceitar as homenagens devidas, por justiça, a quem tanto engrandeceu a pátria. (ofício dirigido a Ministro do Supremo Tribunal)

136. (ATCL-DF/N.S./IDR) Marque a opção em que houve substituição **incorreta** do termo destacado.
a) Daria **a eles** uma resposta adequada.
Dar-lhes-ia uma resposta adequada.
b) Enviamos o presente **a nossos amigos**.
Enviamos-lhes o presente.
c) Mandamos **as crianças** saírem.
Mandamos-as saírem.
d) Não pediria **isso a você** em hipótese alguma.
Não lho pediria em hipótese alguma.

137. (ATCL-DF/N.S./IDR) Se, em "... milhares de jovens e adultos que precisam frequentar, movidos pela sobrevivência, **um posto de trabalho** ou que estão impossibilitados de abandonar **suas comunidades**...", tivéssemos que substituir os segmentos destacados por pronomes, o fragmento ficaria assim redigido:
a) ... milhares de jovens e adultos que, movidos pela sobrevivência, precisam frequentá-la ou que estão impossibilitados de abandoná-las...
b) ... milhares de jovens e adultos que, movidos pela sobrevivência, precisam frequentá-lo ou que estão impossibilitados de abandoná-las...
c) ... milhares de jovens e adultos que, movidos pela sobrevivência, precisam frequentá-lo ou que estão impossibilitados de abandoná-la....
d) ... milhares de jovens e adultos que, movidos pela sobrevivência, precisam frequentá-la ou que estão impossibilitados de abandoná-la...

138. (Ag. Adm./TRT/N.M./ACCESS) Ela conhecera o poeta, _____ versos gostava e _____ estava apaixonada, na cidade _____ nascera.
As lacunas da frase acima são completadas, respectivamente, por:
a) dos quais / por quem / que.
b) de quem / por que / onde.
c) por cujos / com quem / em que.
d) de cujos / por quem / onde.
e) os quais / pelo qual / em que.

139. (AFRE-SP/N.S./92) Todos _____, Senhor Diretor, que Vossa Senhoria _____ bastante _____.
a) crêem / será / compreensivo.
b) creem / sereis / compreensiva.
c) crêm / sereis / compreensiva.
d) creem / será / compreensivo.

140. Assinale a frase que apresenta pronome pessoal oblíquo no **feminino plural**.
a) Ela apodrece ao contato com a terra.
b) Algumas gralhas morrem, outras esquecem onde enterraram os pinhões.
c) Hoje se sabe que é obra de um pássaro.
d) Durante muito tempo, não se soube explicar o fato.
e) As espingardas explodem quando eles as apontam para as gralhas azuis.

141. As formas de tratamento usadas para **cardeais** e **príncipes** são, respectivamente,
a) Alteza e Excelência.
b) Majestade e Eminência.
c) Eminência e Alteza.
d) Senhoria e Excelência.
e) Santidade e Senhoria.

142. Assinale a alternativa cuja palavra destacada é **pronome de tratamento**.
a) Oficialmente não é lugar onde **se** more.
b) A ponte é de **todos**.
c) **V. Sª** não come carne?
d) Vinha trazer-**lhe** carne.
e) **Esta** carne não está boa.

143. Na frase: "Ninguém **a** jogou ao solo", a palavra destacada é
a) substantivo.
b) pronome pessoal oblíquo.
c) preposição.
d) artigo definido.
e) pronome demonstrativo.

144. Há **erro** no emprego do pronome demonstrativo na frase:
a) Esta mesa não é nova.
b) Esse livro, aí, é muito interessante.
c) Esse papel, aqui, não serve para isso.
d) Vi aquele filme tão comentado.
e) Ouça isto: fortes chuvas deverão cair nesta tarde.

145. Assinale a alternativa que apresenta o emprego **correto** do pronome de tratamento.
a) Senhor Ministro, apresento a V. Sª a relação dos aprovados.
b) Ilustríssimo Senhor Diretor, solicitamos a V. Exª o empréstimo de microfones.
c) Sua Excelência, o chefe da seção, autorizou minha liberação.
d) Sua Alteza, a rainha da Inglaterra, compareceu à cerimônia.
e) Senhor Coordenador, é do conhecimento de V. Sª a reivindicação do pessoal.

146. Assinale a frase que se completaria com o pronome **eu**.
a) O mestre deixou os desenhos para ___ fazer.
b) ___ poderá ensaiar o desenho total da figura humana.
c) O mestre ficou entre ___ e o modelo.
d) Entre ___ e ele, você deverá escolher com quem fará o trabalho.
e) Você será atendido depois de ___.

147. A palavra **que**, no período "Os truques, que desempenham papel fundamental na realização rítmica, são de três espécies (...)" é
a) conjunção.
b) preposição.
c) pronome relativo.
d) interjeição.
e) pronome indefinido.

148. Complete as lacunas do texto abaixo e, em seguida, assinale a alternativa correspondente.
"Tenho a honra de apresentar a V. Sª a servidora MARESIA FLUTUANTE, _____ Departamento, que, em atenção ao seu ofício nº 302, de 18 de maio corrente, foi colocada à disposição _____ órgão, sem prejuízo de _____ vencimento".
a) desse / deste / teu.
b) deste / desse / seu.
c) do / deste / vosso.
d) daquele / do / teu.
e) desse / deste / meu.

149. Na frase "S. S. visitou vários países", o pronome de tratamento refere-se
a) a um sacerdote.
b) a um rei.
c) a um príncipe.
d) ao papa.
e) a um governante.

■ Use os **pronomes demonstrativos** adequados a cada caso.

150. Ser indicado para o prêmio Nobel. Por _____ ele não esperava.
151. Por _____ ele não esperava: ser indicado para o prêmio Nobel.
152. O mundo se moderniza. Num tempo como _____, é preciso estar preparado.
153. _____ livros são muito pesados. Vou largá-los aqui mesmo.
154. Brasília e Goiânia foram cidades planejadas. No entanto _____ cidades apresentam os mesmos problemas de outras capitais.
155. O problema parece ser _____: a certeza da impunidade.
156. Não houve acordo entre patrões e empregados; _____ não estavam dispostos a pagar o que _____ exigiam.
157. Deixe-me ver _____ livro que você está lendo.

■ Preencha as lacunas com os demonstrativos adequados (**este**, **esse**, **aquele** e suas variáveis).

158. Graciliano Ramos e Gilberto Gil representam épocas distintas. _____ se enquadra no regionalismo nordestino dos anos trinta, _____ pertence à atualidade.
159. As Guerras Púnicas e a Guerra das Malvinas chamaram a atenção do mundo. _____ recentemente; _____ antigamente.
160. Há três anéis. Um na minha mão, outro na sua, Maria; o terceiro está na mão da Daniela. _____ (o da Daniela) é de ouro; _____ (meu) é de prata; _____ (o que está na sua mão) é de platina.
161. Júlia e Ernesto foram ao cinema. _____ (Ernesto) saiu desiludido, enquanto _____ (Júlia) ficou maravilhada.

■ Assinale **C** ou **E**.

162. ( ) Olha, José. Preciso falar consigo.
163. ( ) Atenção, meu amigo. Tenho que conversar consigo.
164. ( ) Olha, José. Quero falar contigo.
165. ( ) Olhe, José. Quero falar contigo.
166. ( ) Olhe, José. Quero falar com você.
167. ( ) Venha, meu caro. Quero abraçar-te.
168. ( ) Venha, meu caro. Quero abraçá-lo.
169. ( ) Vem, meu caro. Quero abraçar-te.

■ Ofício de uma escola para a Secretaria de Fazenda – Use o demonstrativo **correto**.

170. Informamos que _____ Secretaria foi avisada do que ocorreu _____ escola, em fax da semana passada.

Numeral

DEFINIÇÃO E CLASSIFICAÇÃO

Prática

Assinale **C** ou **E**.

1. ( ) Numeral, palavra que tem como referente um número.
2. ( ) Numeral cardinal denota quantidade: um, dez, cem...
3. ( ) Numeral ordinal denota quantidade.
4. ( ) Numeral ordinal denota ordem, posição numa sequência: primeiro, décimo...
5. ( ) Numeral multiplicativo indica multiplicação: dobro, quíntuplo...
6. ( ) Numeral fracionário indica parte ou fração: meio, terço, onze avos...

Conclusão:

Numeral é a palavra que se refere a número.
Classificam-se os numerais em: cardinais, ordinais, multiplicativos e fracionários.

PAPEL DOS NUMERAIS

Numeral substantivo e *numeral adjetivo*

Quando o numeral é usado com o **papel de substituir o substantivo**, chama-se **numeral substantivo**.

Havia muitas camisas. Comprei **cinco** (camisas).

Quando o numeral é usado com o **papel de acompanhar o substantivo**, chama-se **numeral adjetivo**.

Escolhi **dois** sapatos.

EMPREGO DOS NUMERAIS

Escreva na coluna adequada os ordinais, multiplicativos e fracionários.

	Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
7.	um		_____	_____
8.	dois			
9.	três			
10.	quatro			
11.	cinco			
12.	seis			
13.	sete			
14.	oito			
15.	nove			
16.	dez			
17.	onze			
18.	doze			
19.	treze		_____	
20.	catorze		_____	
21.	quinze		_____	
22.	dezesseis		_____	
23.	dezessete		_____	
24.	dezoito		_____	
25.	dezenove		_____	
26.	vinte		_____	*
27.	trinta		_____	*
28.	quarenta		_____	*
29.	cinquenta		_____	*
30.	sessenta		_____	*
31.	setenta		_____	*
32.	oitenta		_____	*
33.	noventa		_____	*
34.	cem			*
35.	duzentos		_____	*
36.	trezentos		_____	*
37.	quatrocentos		_____	*
38.	quinhentos		_____	*
39.	seiscentos		_____	*
40.	setecentos		_____	*
41.	oitocentos		_____	*
42.	novecentos		_____	*
43.	mil		_____	*
44.	milhão		_____	*
45.	bilhão		_____	*
46.	trilhão		_____	*

Observação:

Os fracionários que no quadro da página anterior têm asterisco (*) devem usar a forma igual à dos ordinais quando são múltiplos exatos de 10 ou 100: **vigésimo**, **trigésimo**, **centésimo**, **quingentésimo**...
Se não são múltiplos exatos de 10 ou 100, usam a forma igual à dos cardinais seguida da expressão **avos**: **vinte e três avos**, **cento e cinco avos**, **quinhentos e quatro avos**...

Prática

■ Assinale **C** ou **E** para os ordinais correspondentes aos seguintes números:

47. ( ) 1886 – Ele chegou no milésimo octingentésimo octagésimo sexto lugar.
48. ( ) 999 – Ela ocupava a noningentésima nonagésima nona cadeira.
49. ( ) 777 – Ele foi o setingentésimo setuagésimo sétimo a entrar.
50. ( ) 444 – Ela comprou o quatringentésimo quadragésimo quarto bilhete.

■ Assinale **C** ou **E**.

51. ( ) Octagésimo é variante de octogésimo.
52. ( ) Quatorze é variante de catorze.
53. ( ) Quatorzeno e terzeno são variantes pouco usadas de décimo quarto e décimo terceiro.
54. ( ) Novena, dezena, década, dúzia, trezena, quinzena, vintena, centena, cento, lustro, milhar, milheiro, par,... funcionam como substantivos coletivos, mas, por denotarem quantidade exata de seres, são também chamados de numerais coletivos.
55. ( ) Os numerais coletivos são invariáveis.

Para responder às questões de 56 a 59, observe este quadro:

3		3	.	2		2		4	.	1		2		3
														três
												vinte	**e**	três
										cento	**e**	vinte	**e**	três
								quatro mil	,	cento	**e**	vinte	**e**	três
						vinte	**e**	quatro mil	,	cento	**e**	vinte	**e**	três
				duzentos	**e**	vinte	**e**	quatro mil	,	cento	**e**	vinte	**e**	três
trinta	**e**	três milhões	,	duzentos	**e**	vinte	**e**	quatro mil	,	cento	**e**	vinte	**e**	três
dezena de milhão		unidade de milhão		centena de milhar		dezena de milhar		unidade de milhar		centena		dezena		unidade

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

56. ( ) Centenas, dezenas e unidades separam-se com **e**.
57. ( ) Milhares, milhões, bilhões separam-se com vírgula.
58. ( ) Ponto no número transforma-se em vírgula no numeral.
59. ( ) Usa-se a conjunção **e** para separar as centenas das dezenas; as dezenas das unidades; as unidades dos decimais...

■ Escreva por extenso.

60. 24.132.436 _____
_____

61. 22.333.432.123 _____
_____
_____

Atenção:

1.001 mil **e** um
1.200 mil **e** duzentos
8.096 oito mil **e** noventa e seis.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

62. ( ) Quando a última centena começa com zero, a vírgula que se seguiria ao milhar é substituída por **e**.
63. ( ) Quando a última centena termina com dois zeros, a vírgula que se seguiria ao milhar é substituída por **e**.

■ Escreva os numerais correspondentes aos seguintes algarismos.

64. 9.056 _____
65. 9.006 _____
66. 9.156 _____
67. 9.320 _____
68. 9.300 _____

■ Escreva nos espaços os fracionários dos algarismos que estão entre parênteses.

69. Ela comprou (1/3) _____ da fazenda.
70. Ela comprou (2/3) _____ da fazenda.
71. Ela comprou (5/8) _____ da fazenda.
72. Ela comprou (1/8) _____ da fazenda.
73. Ela comprou (3/11) _____ da fazenda.

74. Ela comprou (1/20) _____ da fazenda.
75. Ela comprou (7/30) _____ da fazenda.
76. Ela comprou (4/33) _____ da fazenda.
77. Ela comprou (11/200) _____ da fazenda.
78. Ela comprou (13/220) _____ da fazenda.

■ Quanto à flexão dos numerais, assinale **C** ou **E**.

79. ( ) Variam em gênero: **um**, **dois**, **três**.
80. ( ) Variam em gênero: **um**, **dois** e as centenas de duzentos em diante.
81. ( ) Variam em gênero as dezenas.
82. ( ) Os ordinais variam em gênero e número, normalmente.
83. ( ) **terçã** e **quartã** (formas em desuso) só variam em número (singular e plural).
84. ( ) Os ordinais variam em gênero e número.
85. ( ) Os cardinais terminados em **-lhão** admitem plural.
86. ( ) **bilhão** tem como variante **bilião**.
87. ( ) **milhão** tem como variante **milião**.
88. ( ) **trilhão** tem como variante **trilião**.
89. ( ) Em abril, chuvas **mil**. A expressão em destaque deixa de ser numeral para ser indefinida.

Atenção:

No *Manual de Redação da Presidência da República*, há as seguintes recomendações:

– "Os numerais devem ser escritos por extenso quando constituírem uma única palavra ('quinze'; 'trezentos'; 'mil' etc.); quando constituírem mais de uma, devem ser grafados em algarismos ('25', '142' etc.)";

– "Os numerais que indiquem porcentagem seguem a mesma regra: a expressão 'por cento' será grafada por extenso se o numeral constituir uma única palavra ('**quinze** por cento', '**cem** por cento'), e na forma numérica seguida do símbolo '%' se o numeral constituir mais de uma palavra ('142%', '57%' etc.)";

– "Valores monetários devem ser expressos em algarismos seguidos da indicação, por extenso, entre parênteses: R$1.000.000,00 (um milhão de reais). Se o valor a ser mencionado estiver localizado no final de uma linha, não o separe; coloque o cifrão em uma linha e os algarismos na seguinte"; (texto adaptado)

– "Nas datas, o mês deve ser grafado por extenso, e o dia, sem o algarismo **0** à esquerda: '3 de setembro de 2006' e não '03 de setembro de 2006' ". (texto adaptado)

Designando papas, soberanos, séculos, partes de uma obra, usam-se os **ordinais** até **décimo**; daí em diante, **os cardinais**. Porém, se o numeral antecede o substantivo, emprega-se o ordinal: **vigésimo** século, **décimo sexto** capítulo, **décimo primeiro** canto.

Prática

■ Escreva como devem ser lidos os numerais correspondentes aos algarismos romanos.

90. Pio XI _____
91. Pedro II _____
92. Canto VI _____
93. Século XX _____
94. Século X _____
95. Capítulo X _____
96. Capítulo XI _____
97. Pio X _____
98. Canto XI _____

Na numeração de artigos de leis, decretos e portarias, usa-se o **ordinal** até **nono**; daí em diante, os **cardinais**.

Prática

■ Continue.

99. Art. (1) _____
100. Art. (9) _____
101. Art. (10) _____
102. Art. (25) _____

Na referência aos dias do mês, usam-se os cardinais, exceto para o **primeiro**.

Prática

■ Continue.

103. ...no dia (1) _____ de maio...
104. ...no dia (2) _____ de fevereiro...
105. ...no dia (25) _____ de junho...
106. ...no dia (31) _____ de janeiro...

Com referência a páginas e folhas, a apartamentos, quartos de hotelaria, cabines de navio, poltronas de casas de espetáculo, veículos de transporte... usam-se os cardinais. Porém, se o numeral vier anteposto, usa-se o ordinal: terceira poltrona, oitava cabine, vigésima folha.

Prática

■ Continue.

107. Casa (1) _____
108. Folha (1) _____
109. Quarto (1) _____
110. Apartamento (1) _____
111. Cabine (1) _____
112. Folha (2) _____
113. Cabine (9) _____
114. Casa (22) _____
115. Quarto (10) _____

■ Continue.

116. Ela hoje completa o (1757) _____ _____ ano de existência.
117. Eu cheguei em (486) _____ _____ lugar.
118. R$ 8.723.846.123,35 (_____ _____)
119. Comprei (5/200) _____ daquela área.
120. Ele vendeu (18%) _____ de suas ações.

■ Assinale **C** ou **E**.

121. ( ) O novo sócio adquiriu mil trezentos e vinte e duas cotas.
122. ( ) Gênova, 05 de outubro de 1999.
123. ( ) Nem um de vocês conseguiu alcançar a meta?
124. ( ) Nenhum de vocês conseguiu alcançar a meta?
125. ( ) Comprei um dez avos da boiada.
126. ( ) Ocorria isso por volta do século dez depois de Cristo.
127. ( ) Para que andar o senhor vai? — Para o dezoito andar.
128. ( ) Estamos aqui na quarenta e dois DP.
129. ( ) Aos dezenove dias do mês de fevereiro do ano de mil novecentos e quarenta e dois...

■ Responda.

130. Se as frases 123 e 124 estão certas, há diferença de sentido entre elas?
Resp.: _____

O e UM: artigo, pronome, ou numeral?

Artigos só existem dois: o definido **o** (a, os, as) e o indefinido **um** (uma, uns, umas).

O (artigo definido, ou pronome)

Como o artigo só existe antes de um substantivo, toda vez que **o** (a, os, as) não anteceder um substantivo, será pronome.

Exemplos de artigo definido, com os seus substantivos sublinhados:
O bom menino sonhava com ***a*** muitas vezes amada Julieta...
Os quatro irmãos analisavam ***as*** oportunidades...

Exemplos de pronomes:
Chamei-***o(s)***, mas não sei ***o*** que queres com eles.
As moças vieram, exceto ***as*** que não foram convidadas.

UM (artigo indefinido, ou pronome indefinido, ou numeral)

Toda vez que o indefinido **um** (uma, uns, umas) não anteceder um substantivo, será pronome:

Exemplos de artigo indefinido, com os seus substantivos sublinhados:
Era ***uma*** vez ***um*** calmo estudante que achou ***umas*** pérolas barrocas e ***uns*** interessantes gravetos.

Exemplos de pronome indefinido:
Ei! meninos, quero ***um*** que me ajude...
Havia ***várias*** meninas, ***umas*** alegres, ***outras*** tristes...
Uns acreditam, ***outros***, não.

Quando **um** (uma, uns, umas) não for indefinido, dará ideia de número preciso, então não pode ser artigo ou pronome indefinido, mas numeral.

Exemplos de numeral:
Quero só ***um*** exemplo.
Das três moças, ***uma*** se retirou.

Atenção:

O numeral **um** não tem plural. Sempre **uns** é indefinido.

Verbo

DEFINIÇÃO PROVISÓRIA

Observe as palavras em negrito:

Nós **confiamos** no presente.
Ele **chegou** à fazenda de madrugada.
Elas **estão** felizes.
Choverá muito à noite.

Prática

Assinale **C** ou **E** para as afirmações acerca das palavras em negrito.

1. ( ) São variáveis em **tempo**.
2. ( ) São **invariáveis**.
3. ( ) Variam em **gênero** (masculino/feminino).
4. ( ) Variam em **número** (singular/plural).
5. ( ) Variam em **pessoa** (1ª/2ª/3ª).
6. ( ) **Chegou** traduz ideia de ação.
7. ( ) **Estão** indica fenômeno da natureza.
8. ( ) **Estão** traduz ação.
9. ( ) **Choverá** traduz fenômeno da natureza.
10. ( ) **Estão** traduz ideia de estado.

Verbo é a palavra, variável em tempo, que exprime **ideia de ação**, **estado ou fenômeno**.

ESTRUTURA DOS VERBOS – CONJUGAÇÕES

	TEMA		
	RADICAL	VOGAL TEMÁTICA	DESINÊNCIA
1ª conj.	am	a	r
2ª conj.	vend	e	r
3ª conj.	part	i	r

Prática

■ Assinale **C** ou **E** para certo ou errado.

11. ( ) O **radical** contém a base da significação.
12. ( ) A vogal temática determina a **conjugação** (1ª, 2ª, 3ª).
13. ( ) Para achar-se o radical, tira-se **-ar**, **-er**, **-ir** do infinitivo dos verbos regulares.
14. ( ) Radical + vogal temática = **tema**.
15. ( ) Nos verbos regulares, tirando-se o **r** do infinitivo obtém-se o tema.
16. ( ) O verbo **pôr** pertence à quarta conjugação.
17. ( ) O verbo **pôr** é uma anomalia da segunda conjugação. Antigamente era **poer**, por isso a existência de palavras como **poedeira**, **poente**.

NÚMEROS E PESSOAS VERBAIS – DESINÊNCIAS

PESSOA	NÚMERO	
	SINGULAR	PLURAL
1ª	eu FAL**O**	nós FALA**MOS**
2ª	tu FALA**S**	vós FALA**IS**
3ª	ele FALA Ø	eles FALA**M**

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

18. ( ) A parte do verbo assinalada em **negrito** indica se o verbo está no singular ou plural (**número**).
19. ( ) Indica também se o verbo está conjugado na 1ª, 2ª ou 3ª **pessoa**.
20. ( ) Por isso se chama **desinência número-pessoal**.
21. ( ) Na terceira pessoa do singular, nesse tempo, a desinência número-pessoal é Ø.

O verbo varia em número (singular e plural) e pessoa (primeira, segunda, terceira). O que indica essas variações são as desinências.

Quadro de desinências número-pessoais

		INDICATIVO		
número	pessoa	presente	pretérito perfeito	futuro do presente
singular	1ª	o	i	ei
	2ª	s	ste	ás
	3ª	∅	u	á
plural	1ª	mos	mos	-emos
	2ª	is/des	stes	-eis
	3ª	m	ram	ão

■ Observe o quadro acima e responda **C** ou **E**.

22. ( ) Esse quadro se refere a três tempos do modo indicativo: presente, pretérito perfeito e futuro do presente.
23. ( ) Tais desinências se chamam número-pessoais, porque indicam a pessoa verbal e informam seu número (singular ou plural).
24. ( ) As desinências verbais **s** e **ás** (amas, amarás) indicam 2ª pessoa do plural.
25. ( ) As desinências verbais **s**, **ste** e **ás** indicam 2ª pessoa do singular.
26. ( ) As formas verbais terminadas em **m** e **ão** indicam 3ª pessoa do plural.

MODOS VERBAIS

Indicativo, subjuntivo, imperativo

Prática

■ Observe os sentidos dos verbos destacados e responda **C** ou **E**.

a) Juliana **chega** hoje à noite.
b) Espero que Juliana **chegue** hoje à noite.
c) **Chegue** cedo, Juliana!

27. ( ) Em *a*, o sentido é de afirmação, certeza, convicção.
28. ( ) Em *b*, o sentido é de possibilidade, dúvida.
29. ( ) O modo verbal que denota convicção, certeza, chama-se **indicativo**.
30. ( ) O modo verbal que denota dúvida, possibilidade, chama-se **imperativo**.
31. ( ) O modo verbal que denota possibilidade, dúvida, chama-se **subjuntivo**.
32. ( ) **Subjuntivo** (que se junta sob) permite concluir que normalmente se encontra em orações subordinadas.

33. ( ) Em *c*, dependendo da entonação, o verbo pode expressar um pedido, uma súplica ou uma ordem.
34. ( ) Em *c*, o verbo está no modo **imperativo**.

35. Correlacione corretamente as colunas quanto a sentido e modo verbais.

a) certeza	( ) indicativo
b) dúvida	( ) imperativo
c) ordem ou pedido	( ) subjuntivo

Subjuntivo não subordinado

O subjuntivo pode ser usado sozinho sem depender de outra oração.

Prática

36. Correlacione as colunas adequadamente.

a) subjuntivo em frase optativa*	( ) Talvez não se chegue a esse ponto.
b) subjuntivo expressando dúvida	( ) Deus a abençoe, minha filha.
	( ) Que a felicidade seja sempre sua companheira.

O verbo é variável também em modo. São três os modos verbais:
Modo Indicativo: exprime certeza, convicção;
Modo Subjuntivo: usado para orações subordinadas, para frases optativas, ou para expressar dúvida;
Modo Imperativo: denota pedido, súplica, ou imposição.

TEMPOS VERBAIS

Presente, pretérito e futuro

Antes			Agora	Depois
Pretérito	←		**Presente**	→ Futuro
perfeito amei			amo estou amando	amarei vou amar
imperfeito ...amava... ...estava amando...				
mais-que-perf.	←	→	fut. do pret.	
amara	←	→	amaria...	
tinha amado	←	→	ia amar...	

* *Vide*, em *Análise Sintática Visual*, Frase, Oração, Período: Frase quanto ao sentido.

Presente e pretérito (passado) do indicativo

Prática

a) Hoje me **sinto** bem neste local.
b) Quando me **mudei** para cá, **vim** a convite de minha tia, que **morava** aqui e **chegara** três anos antes.
c) Nem eu nem ela **sabíamos** que a minha vinda transformaria por completo a aparência do lugar em menos de um ano.

■ Assinale **C** ou **E**.

37. ( ) Em *a*, o verbo refere-se ao tempo presente, isto é, a ação acontece enquanto o emissor fala.
38. ( ) Em *b* e *c*, os verbos fazem referência ao tempo pretérito (passado), ou seja, as ações aconteceram antes do momento em que o emissor fala.
39. ( ) **morava** e **sabíamos** indicam que essas ações estavam em andamento dentro do passado (pretérito).
40. ( ) **mudei** e **vim** referem-se a ações passadas e concluídas.
41. ( ) *Perfectus*, em latim, significa "terminado", "concluído", "acabado".
42. ( ) Por isso, **mudei** e **vim** situam-se no **pretérito perfeito**.
43. ( ) Se "perfeito" significa "terminado", "concluído", "imperfeito" significa "em andamento", "não terminado".
44. ( ) **morava** e **sabíamos** situam-se, então, no **pretérito imperfeito**.

■ Atente agora para o verbo **chegara** em relação a **mudei** e **vim**.

45. ( ) **chegara** faz referência a uma ação já pretérita em relação a outro pretérito (**mudei** e **vim**).
46. ( ) Trata-se, então, de um pretérito anterior a um pretérito perfeito.
47. ( ) Por isso, **chegara** exemplifica o tempo verbal que se chama **pretérito mais-que--perfeito**, pois indica uma ação concluída antes de outra também já concluída.

■ Observe, ainda, **transformaria** em relação a **sabíamos**.

48. ( ) Nem um dos dois se encontra no pretérito.
49. ( ) Ambos situam-se no pretérito.
50. ( ) **transformaria** refere-se a um futuro dentro do pretérito.
51. ( ) A indicação de tempo de **transformaria** é exemplo do que se chama **futuro do pretérito**, porque denota uma ação futura dentro do passado.

Presente e futuro do presente do modo indicativo

Prática

a) Judite **gosta** de Gustavo e **quererá** ir com ele ao teatro.
b) Judite **está gostando** de Gustavo e **vai querer** ir com ele ao teatro.
c) Judite **gosta** de estudar.

■ Assinale **C** ou **E**.

52. ( ) Em *a*, **gosta** é um verbo flexionado no **presente**, porque denota um sentimento que acontece no **momento em que se fala**.
53. ( ) Em *a*, **quererá** é um verbo articulado no **futuro**, porque denota um sentimento, uma vontade que só vai acontecer **depois do momento em que se fala**.
54. ( ) Em *b*, **está gostando** é uma locução verbal no presente do indicativo, enquanto **vai querer** é uma locução verbal no futuro.
55. ( ) O presente do indicativo em **gosta**, **está gostando** transmite também uma ideia de ação contínua.

O verbo ainda varia em tempo:
Tempo presente: acontece quando se fala. Pode denotar ação momentânea ou contínua;
Tempo pretérito: aconteceu antes do momento em que se fala. Subdivide-se em **Pretérito perfeito**, **pretérito imperfeito**, **pretérito mais-que-perfeito** e **futuro do pretérito**;
Tempo futuro: acontecerá depois do momento em que se fala.

CORRELAÇÃO DE TEMPOS OU *CONSECUTIO TEMPORUM*

Atenção:

Futuro do pretérito pertence ao pretérito, como o nome sugere, por isso, relaciona-se bem com a oração subordinada no **pretérito** imperfeito do subjuntivo: **iria, se pudesse**.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, conforme convenha.

56. ( ) Se nós podemos, compraríamos.
57. ( ) Se vocês podem, comprarão.
58. ( ) Se eles quisessem, compraríam.

Já, o futuro do presente adéqua-se bem com o futuro do subjuntivo: **irei, se puder**.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, conforme convenha.

59. ( ) Se eles poderão, comprarão.
60. ( ) Quando eles podem, comprarão.
61. ( ) Quando eles puderem, comprarão.

A *consecutio temporum* (pronúncia: consecúcio têmporum), ou *correlação de tempos* da norma culta da Língua Portuguesa, acontece em outros tempos e modos.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, conforme convenha.

62. ( ) Todos ficamos absolutamente tranquilos porque eles tivessem chegado bem cedo.
63. ( ) Ninguém podia comentar, sequer em voz baixa, pois os outros podiam estar ouvindo.
64. ( ) Todos resolveram combinar a compra dos ingressos com antecedência, porque deveria esgotar-se logo a venda.
65. ( ) É muito possível, na opinião da maioria dos presentes, que Maria, embora sem convite, chega mais cedo.
66. ( ) Ela estaria certíssima se estivesse falado antes com o irmão.
67. ( ) Se me ouvisses, como todos te aconselharam, chegarias primeiro.
68. ( ) Se me ouves, não tenho a menor dúvida, chegas primeiro.
69. ( ) Se me tivesses ouvido, terias chegado primeiro.
70. ( ) Se me tivesses ouvido, chegaste primeiro.
71. ( ) Por me teres ouvido, chegaste primeiro.

■ Corrija a correlação de tempos, se necessário.

72. O pai aconselhou que o menino saía de casa.

_____

73. No dia em que não me sinta mais feliz, vou mudar de vida.

_____

74. No dia em que não me sentir mais feliz, vou mudar de vida.

_____

75. Todos os dias, chova ou faça sol, eu ia à cachoeira mais perto de casa.

_____

76. Pena era que os meninos estejam tão mal vestidos quando eu os visitei.

_____

77. Pena será se os meninos estejam mal vestidos quando eu os visitar.

_____

QUADRO DE DESINÊNCIAS MODO-TEMPORAIS E NÚMERO-PESSOAIS

Infinitivo impessoal	Gerúndio	Particípio
r	ndo	do/to/so

Número	Pessoa	Infinitivo Pessoal	Imperfeito do Indicativo	Imperfeito do Subjuntivo	Mais-q.-perf. do Indicativo	Futuro do Pretérito	Futuro do Subjuntivo
SING.	1ª	r	va ia	sse	ra	ia	r
	2ª	r es	va ia s	sse s	ra s	ia s	r es
	3ª	r	va ia	sse	ra	ia	r
PLUR.	1ª	r mos	va ia mos	sse mos	ra mos	ía mos	r mos
	2ª	r des	ve ie is	sse is	re is	íe is	r des
	3ª	r em	va ia m	sse m	ra m	ia m	r em

Prática

■ Observe as desinências no quadro anterior e responda **C** ou **E**.

78. ( ) **amado**, **coberto** e **aceso** são exemplos de particípio.
79. ( ) O particípio é variável em gênero (amada, coberta, acesa) e número (amados, cobertos, acesas).
80. ( ) A desinência **s**, no particípio, marca plural, como nos adjetivos: **belos**, **ricos**.
81. ( ) A terminação **s** sempre marca plural, tanto nos verbos, como nos nomes (substantivo, adjetivo...)
82. ( ) O gerúndio é variável em número e pessoa, porque é uma forma verbal.
83. ( ) O gerúndio é invariável em número e pessoa.
84. ( ) Existe um infinitivo variável em número e pessoa, e outro infinitivo invariável.
85. ( ) **Quando eu amar**... tem o verbo no infinitivo.
86. ( ) As formas verbais **amar**, **amardes** podem indicar infinitivo pessoal ou futuro do subjuntivo.
87. ( ) As formas verbais **quiser**, **quiserdes** podem indicar também infinitivo pessoal ou futuro do subjuntivo.
88. ( ) **Querer**, **quererdes** estão no infinitivo, assim como **quiser**, **quiserem** estão no futuro.
89. ( ) As desinências fixas **-r**, **-ndo**, **-va**, **-ia**, **-sse**, **-ra** indicam número (singular e plural) e pessoa (1ª, 2ª, 3ª).
90. ( ) As desinências fixas **-r**, **-ndo**, **-va**, **-ia**, **-sse**, **-ra** são modo-temporais, pois indicam modo e/ou tempo.
91. ( ) A desinência modo-temporal do imperfeito do indicativo pode ser **-va** (amá**va**mos) ou **-ia** (faz**ia**m).
92. ( ) Na 2ª pessoa do plural, o **-a** das desinências modo-temporais, por ser átono, transforma-se em **e** ao se juntar ao **i** da desinência número-pessoal **is**.
93. ( ) Amá**va**mos, amá**ve**is; puder**as**, pudé**re**is; pod**ia**m, pod**íe**is são exemplos que justificam a afirmação anterior.

VOZES VERBAIS

Veja esta cena:

Qualquer observador pode comunicar a ação que nela se passa. Se, inconscientemente, ele enfatiza a planta, possivelmente dirá:

— A **planta** está sendo regada pelo homem.

Se, contudo, ressalta o ser humano, provavelmente dirá:

— O **homem** está regando a planta.

O falante coloca como sujeito o que lhe parece ser mais importante, extrai-se daí que sujeito é posição de destaque psicológico. Quando se escolhe para sujeito o agente da ação, usa-se a **voz ativa** do verbo. Quando se emprega como sujeito o alvo ou paciente da ação, tem-se a **voz passiva**.

Prática

■ Compare estas cenas e responda:

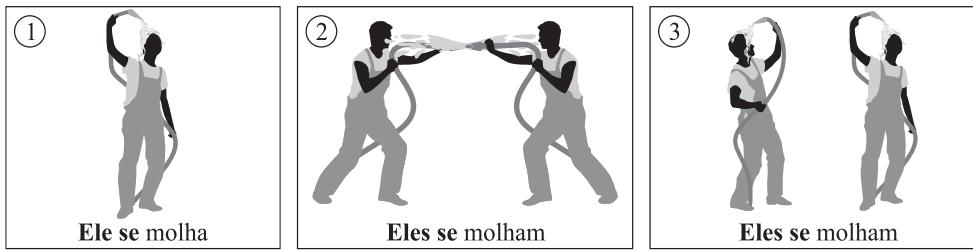

94. Em que cena(s) os pronomes **ele(s)** e **se** têm o mesmo referente, isto é, se referem ao mesmo indivíduo? Resp.: _____.
95. Em que cena(s) os pronomes **ele(s)** e **se** representam reciprocidade de ações, troca de ações? Resp.: _____.
96. Você classifica como **voz reflexiva recíproca** o verbo que se encontra na frase da cena número: _____.
97. Você denomina simplesmente **voz reflexiva** a do(s) verbo(s) que se encontra(m) na(s) cena(s) número: _____.
98. As frases 2 e 3 são iguais e ambíguas. Se dissermos "José e João se molham", ocorrerá novamente ambiguidade. Qual é o duplo sentido? Resp.: _____ _____.
99. Como se deve fazer para evitar ambiguidade com uso do verbo na voz reflexiva? Resp.: _____.

Observe os gráficos e assinale **C** ou **E** nos parênteses das afirmações a seguir.

Voz ativa

Sujeito só pratica a ação.

Voz passiva

Sujeito só recebe a ação.

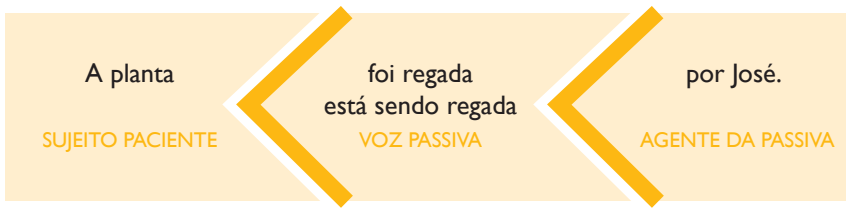

100. ( ) Voz ativa e passiva dizem exatamente a mesma coisa.
101. ( ) Voz ativa e passiva são visões diferentes de um mesmo fato.
102. ( ) Na voz ativa, o sujeito é agente da ação verbal.
103. ( ) Na voz passiva, o sujeito é paciente.
104. ( ) O verbo **ser** é usado como auxiliar da voz passiva.
105. ( ) Na passiva, o verbo **ser** assume o tempo e o modo do verbo principal da ativa.
106. ( ) O verbo principal da ativa, na passiva, vai para o particípio.

Voz passiva e passividade

Prática

■ Observe os exemplos de verbos destacados e responda **C** ou **E**.

Quando se fala em passividade, fala-se que o sujeito recebe e não pratica a ação verbal. Há, porém, verbos que denotam passividade mesmo na voz ativa:

I – Ele **recebeu** um presente.
II – Ele **doou** um presente.
III – Um presente **foi recebido** por ele.
IV – Um presente **foi doado** por ele.

107. ( ) Em I, o verbo denota passividade do sujeito.
108. ( ) Em II, o verbo denota atividade do sujeito.
109. ( ) Em III e IV, os sujeitos são pacientes e não agentes da ação verbal.
110. ( ) Os verbos de I, III e IV estão, portanto, na voz passiva.
111. ( ) Voz passiva não é a ideia de passividade, mas uma **forma** que o verbo assume.
112. ( ) O verbo assume a forma de voz passiva com a partícula apassivadora **se** ou com o auxiliar **ser**. (Alguns gramáticos aceitam também o verbo **estar** como auxiliar de voz passiva.)
113. ( ) Os verbos dos exemplos I e II estão na voz ativa, enquanto os das frases III e IV estão na voz passiva.

Voz passiva é uma **forma** verbal. Passividade é ideia. "Ele **recebeu** um presente" tem o verbo na forma ativa, embora traga ideia de passividade.

Voz passiva analítica

v. auxiliar + v. principal
ser no particípio

A casa **foi derrubada**.
ser + particípio

Voz passiva sintética

verbo + se *(apassivador)* **+ sujeito paciente**

Derrubou-se a casa.
sujeito paciente
apassivador

Voz reflexiva

Sujeito agente e objeto paciente representam a mesma pessoa.

José	feriu	-se.
SUJEITO AGENTE	VOZ REFLEXIVA	OBJETO PACIENTE

se representa José.

Voz reflexiva recíproca ou apenas recíproca

O sujeito representa dois ou mais seres que trocam ação entre si, por isso o verbo tem de estar no plural.

José e Daniela se beijaram.
Eles se beijaram.

O verbo tem capacidade de variar em voz:
Voz Ativa: o sujeito pratica a ação verbal;
Voz Passiva: o sujeito sofre a ação verbal;
Voz Reflexiva: o sujeito e o alvo da ação são o mesmo ser;
Voz Recíproca: há troca de ação entre dois ou mais seres.

Mudança de voz

Na mudança de voz, só se alteram o sujeito, o verbo e o objeto direto. Sublinhe-os e trabalhe só com eles. Todos os outros termos permanecem inalterados.

Passagem da ativa para a passiva analítica

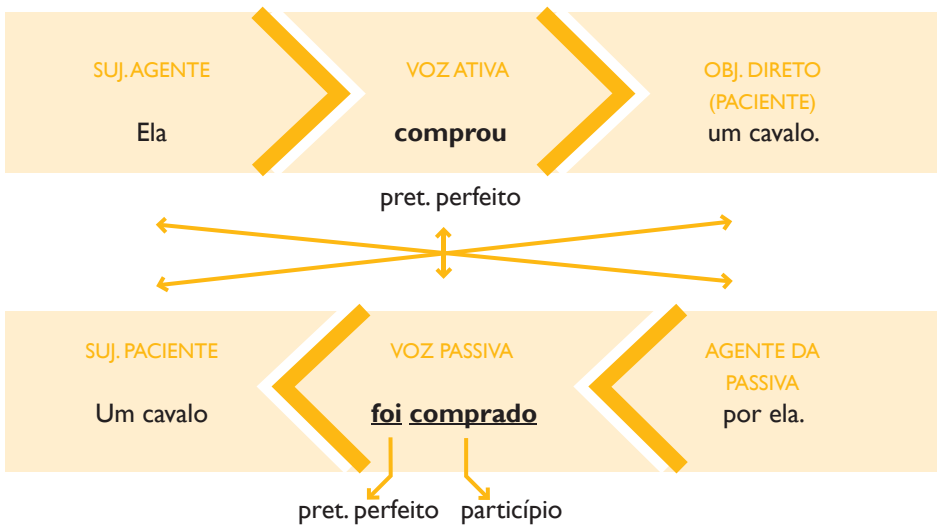

Prática

■ Julgue **C** ou **E**.

114. ( ) O objeto direto paciente da **ativa** (sem preposição) vira sujeito da **passiva**.
115. ( ) O sujeito agente (sem preposição) recebe a preposição **por** e vira agente da passiva.
116. ( ) O verbo da ativa vai para o **particípio** (comprado) tendo como auxiliar o verbo **ser**. O verbo **ser** acompanha o tempo do verbo da ativa (comprou = foi).

■ Transforme em **passiva analítica**.

117. Ele traz um presente. _____

118. Ela trará soluções. _____
119. Ela trazia perfume _____
120. Ela traria perfumes. _____

■ Siga o modelo.
Ela está trazendo um perfume.
Um presente está sendo trazido por ela.
121. Ela esteve trazendo uns presentes.
_____
122. Ela estará trazendo um presente.
_____
123. Ela estaria trazendo uns presentes.
_____
124. Ela deverá estar trazendo um presente.
_____

Conclusão:

Quando a locução verbal ativa termina em **gerúndio**, na passiva esse gerúndio vira particípio antecedido pelo gerúndio do verbo ser.

Passagem da ativa para a passiva sintética

SUJ. INDET.	VOZ ATIVA	OBJ. DIRETO (PACIENTE)
?	**Compraram**	um cavalo.

SUJ. PACIENTE	VOZ PASSIVA	AGENTE INDETERMINADO
Um cavalo	**comprou-se**	?

■ Observe e continue.

OBJ. DIRETO PACIENTE	→	**SUJEITO PACIENTE**
Trouxeram **um presente**.	→	Trouxe **um presente**.

125. Procuravam solução. → _____
126. Pediram um favor. → _____
127. Fabricarão barco aqui. → _____

OBJ. DIRETO PACIENTE	→	SUJEITO PACIENTE
Trouxeram **dois presentes**.	→	Trouxeram-se **dois presentes**.

128. Procuravam soluções. → _____
129. Pediriam uns presentes. → _____
130. Fabricarão barcos aqui. → _____

■ Observe e responda **C** ou **E**.

a. Falaram **de** você.
b. Alugam **por** centavos.
c. Pensam **em** reformas.
d. Falou-se **de** você.
e. Aluga-se **por** centavos.
f. Pensa-se **em** reformas.

131. ( ) No esquema anterior, só admite **voz passiva** a frase que na ativa tem objeto (direto) paciente.
132. ( ) Só existe **voz passiva** se existe sujeito paciente.
133. ( ) Os exemplos **c**, **d** e **e** estão na **voz passiva**.
134. ( ) Sujeito não começa por **preposição**.
135. ( ) Os exemplos **a**, **b** e **c** estão na **voz passiva**.
136. ( ) **a**, **b** e **c** não podem estar na voz passiva porque não têm **sujeito paciente**.
137. ( ) "**de** você", "**por** centavos", "**em** reformas" não podem ser objeto direto nem sujeito por causa das preposições.
138. ( ) Todas as frases, de **a** a **f**, têm, portanto, **sujeito indeterminado** e não têm voz passiva.

■ Quais as frases que estão na **voz passiva**? Se houver erro, corrija-o, fazendo o verbo concordar com o sujeito paciente.

139. Procura-se por líderes.
140. Procura-se líderes.
141. Não se falava em verdades.
142. Não se falava verdades.
143. Sacou-se da caneta.
144. Sacou-se a caneta.
145. Focou-se dois tatus.
146. Focou-se ao leão.

ASPECTOS VERBAIS

Incoativo, **inceptivo**: aspecto verbal que acrescenta ao significado do verbo a ideia de "início de ação".
... amanhecer, **entardecer...**

Frequentativo: acrescenta ao significado verbal a ideia de repetitividade.
Ela **costuma** vir aqui.
Saltitar.
Chorava **volta e meia**.

Atenção:

O aspecto frequentativo pode ser indicado por uma locução adverbial.

Causativos: verbos que denotam causa ou motivo da existência das orações que o seguem.
Deixava que o acariciassem.
Mandei-o sair.
Pedi que ela viesse.
Fizemos que ele concordasse.

Sensitivos: referem-se a um dos sentidos humanos (visão, audição...).
Eu a **vi** chorando.
Ouvimos a menina rezar.
Sentimos seu coração bater.

PARADIGMAS DAS TRÊS CONJUGAÇÕES REGULARES – TEMPOS SIMPLES

Infinitivo impessoal

1ª Amar 2ª Vender 3ª Partir

Modo indicativo

Presente do indicativo								
am		**o**	vend		**o**	part		**o**
am	**a**	**s**	vend	**e**	**s**	part	**e**	**s**
am	**a**		vend	**e**		part	**e**	
am	**a**	**mos**	vend	**e**	**mos**	part	**i**	**mos**
am	**a**	**is**	vend	**e**	**is**	part	**i**	**s**
am	**a**	**m**	vend	**e**	**m**	part	**e**	**m**

Prática

■ Leia três vezes em voz alta o quadro acima, observe-o atentamente e responda **C** ou **E**.

147. ( ) No presente do indicativo, a terminação da 1ª pessoa do singular é igual nas três conjugações.

148. ( ) Na 1ª e 2ª conjugação, as vogais temáticas se mantêm **a** e **e**, respectivamente, exceto na 1ª pessoa do singular.

149. ( ) Na terceira conjugação, a vogal temática, tirando-se a primeira pessoa do singular, aparece em forma de **e** ou **i**.

Pretérito perfeito do indicativo

am	**e**	**i**	vend		**i**	part		**i**
am	**a**	**ste**	vend	**e**	**ste**	part	**i**	**ste**
am	**o**	**u**	vend	**e**	**u**	part	**i**	**u**
am	(´) **á**	**mos**	vend	**e**	**mos**	part	**i**	**mos**
am	**a**	**stes**	vend	**e**	**stes**	part	**i**	**stes**
am	**a**	**ram**	vend	**e**	**ram**	part	**i**	**ram**

Prática

■ Leia três vezes em voz alta o quadro acima, observe-o atentamente e responda **C** ou **E**.

150. ( ) No pretérito perfeito do indicativo, as desinências pessoais são iguais nas três conjugações: **i**, **ste**, **u**, **mos**, **stes**, **ram**.

151. ( ) A vogal temática da 1ª conjugação, **a**, aparece alterada para **e** e **o** na 1ª e na 3ª pessoa do singular, respectivamente.

152. ( ) Na 2ª e na 3ª conjugação, as vogais temáticas **e** e **i**, na primeira pessoa do singular, desaparecem, pela proximidade da desinência **i**.

153. ( ) Nas outras pessoas da 2ª e da 3ª conjugação, as vogais temáticas se mantêm inalteradas.

154. ( ) Amamos ou amámos, no pretérito perfeito, são grafias e pronúncias corretas.

Pretérito imperfeito do indicativo

ama	**va**		vend	**ia**		part	**ia**	
ama	**va**	**s**	vend	**ia**	**s**	part	**ia**	**s**
ama	**va**		vend	**ia**		part	**ia**	
amá	**va**	**mos**	vend	**ía**	**mos**	part	**ía**	**mos**
amá	**ve**	**is**	vend	**íe**	**is**	part	**íe**	**is**
ama	**va**	**m**	vend	**ia**	**m**	part	**ia**	**m**

Prática

■ Leia três vezes em voz alta o quadro acima, observe-o atentamente e responda **C** ou **E**.

155. ( ) No pretérito imperfeito do indicativo, as desinências pessoais são iguais nas três conjugações: ∅, **s**, ∅, **mos**, **is**, **m**.

156. ( ) As desinências temporais são **va** para 1ª conjugação e **ia** para 2ª e 3ª conjugações.

157. ( ) As desinências temporais se mantêm inalteradas.
158. ( ) As desinências temporais antes de **i** trocam o **a** por **e**.
159. ( ) A desinência temporal **va** indica ação concluída no passado.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

ama	**ra**		vende	**ra**		parti	**ra**	
ama	**ra**	**s**	vende	**ra**	**s**	parti	**ra**	**s**
ama	**ra**		vende	**ra**		parti	**ra**	
amá	**ra**	**mos**	vendê	**ra**	**mos**	partí	**ra**	**mos**
amá	**re**	**is**	vendê	**re**	**is**	partí	**re**	**is**
ama	**ra**	**m**	vende	**ra**	**m**	parti	**ra**	**m**

Prática

■ Leia três vezes em voz alta o quadro acima, observe-o atentamente e responda **C** ou **E**.

160. ( ) No pretérito mais-que-perfeito do indicativo, as desinências pessoais são iguais nas três conjugações: ∅, **s**, ∅, **mos**, **is**, **m**.
161. ( ) As desinências temporais são as mesmas nas três conjugações (**ra**), e trocam o **a** por **e** apenas antes de **i**.
162. ( ) A desinência temporal **ra** indica que a ação foi praticada antes de outra ação praticada no passado.
163. ( ) O pretérito mais-que-perfeito se forma tirando-se o **m** final da 3ª pessoa do plural do pretérito perfeito (amara~~m~~, vendera~~m~~, partira~~m~~).

Futuro do presente do indicativo

amar	**ei**	vender	**ei**	partir	**ei**
amar	**ás**	vender	**ás**	partir	**ás**
amar	**á**	vender	**á**	partir	**á**
amar	**emos**	vender	**emos**	partir	**emos**
amar	**eis**	vender	**eis**	partir	**eis**
amar	**ão**	vender	**ão**	partir	**ão**

Prática

■ Leia três vezes em voz alta o quadro acima, observe-o atentamente e responda **C** ou **E**.

164. ( ) No futuro do presente do indicativo, as terminações são exatamente iguais nas três conjugações: **ei**, **ás**, **á**, **emos**, **eis**, **ão**.
165. ( ) Antigamente conjugava-se o verbo haver assim: **hei**, **hás**, **há**, **hemos**, **heis**, **hão**.
166. ( ) Pode-se perceber que o futuro do presente é infinitivo seguido do verbo haver no presente: **amar+hei**, **amar+hás**, **amar+há**, ... **amar+hão**, não se escrevendo o **h** porque não é pronunciado.

167. ( ) Também hoje se constrói o futuro com o presente do verbo haver + o infinitivo de outro verbo: **hei de amar**, **hás de amar**, **há de amar**...

168. ( ) O verbo **ir** também auxilia na formação de futuro: **vou** amar, **vais** amar, **vai** amar...

Futuro do pretérito do indicativo								
amar	**ia**		vender	**ia**		partir	**ia**	
amar	**ia**	**s**	vender	**ia**	**s**	partir	**ia**	**s**
amar	**ia**		vender	**ia**		partir	**ia**	
amar	**ía**	**mos**	vender	**ía**	**mos**	partir	**ía**	**mos**
amar	**íe**	**is**	vender	**íe**	**is**	partir	**íe**	**is**
amar	**ia**	**m**	vender	**ia**	**m**	partir	**ia**	**m**

Prática

■ Leia três vezes em voz alta o quadro acima, observe-o atentamente e responda **C** ou **E**.

169. ( ) No futuro do pretérito, após o **r** do infinitivo, as terminações são exatamente iguais nas três conjugações: **ia**, **ias**, **ia**, **íamos**, **íeis**, **iam**.

170. ( ) Só antes de **i** é que o **a** das terminações se transforma em **e**.

171. ( ) As terminações do futuro do pretérito se confundem com o imperfeito do verbo ir: **ia**, **ias**, **ia**, **íamos**, **íeis**, **iam**.

172. ( ) Pode-se fazer o futuro do pretérito com o imperfeito do verbo ir, antes do infinitivo: ia amar, ias amar, ia amar... (= amaria, amarias, amaria...).

O modo indicativo tem seis tempos:

Pretérito Perfeito	Presente	Futuro do Presente
Pretérito Imperfeito		
Pretérito Mais-que-perfeito		
Futuro do Pretérito		

Modo subjuntivo

Presente do subjuntivo (que eu...)								
am	**e**		vend	**a**		part	**a**	
am	**e**	**s**	vend	**a**	**s**	part	**a**	**s**
am	**e**		vend	**a**		part	**a**	
am	**e**	**mos**	vend	**a**	**mos**	part	**a**	**mos**
am	**e**	**is**	vend	**a**	**is**	part	**a**	**is**
am	**e**	**m**	vend	**a**	**m**	part	**a**	**m**

Prática

■ Sobre o presente do subjuntivo, assinale **C** ou **E**.

173. ( ) Na primeira conjugação, forma-se o presente do subjuntivo trocando-se o **o** da primeira pessoa do singular do presente do indicativo (am-**o**) por **e** (am**e**), que se repete em todas as pessoas.

174. ( ) Na segunda e na terceira conjugações, o presente do subjuntivo se forma trocando-se o **o** da primeira pessoa do presente do indicativo (vend**o**, part**o**) por **a**, (vend**a**, part**a**), que se mantém em todas as demais pessoas.

175. ( ) Nas três conjugações, as desinências pessoais são as mesmas (∅, **s**, ∅, **mos**, **is**, **m**).

176. ( ) O fato de a conjugação do presente do subjuntivo começar com **que eu...** significa que é usado como ideia secundária ou subordinada.

Pretérito imperfeito do subjuntivo (se eu...)		
ama **sse**	vende **sse**	parti **sse**
ama **sse s**	vende **sse s**	parti **sse s**
ama **sse**	vende **sse**	parti **sse**
amá **sse mos**	vendê **sse mos**	partí **sse mos**
amá **sse is**	vendê **sse is**	partí **sse is**
ama **sse m**	vende **sse m**	parti **sse m**

Prática

■ Relativamente ao pretérito imperfeito do subjuntivo, assinale **C** ou **E**.

177. ( ) Indica ação concluída do passado.

178. ( ) Nas três conjugações, é representado pela desinência temporal **sse**, que se mantém em todas as pessoas.

179. ( ) Nas três conjugações, as desinências pessoais são as mesmas (∅, **s**, ∅, **mos**, **is**, **m**).

180. ( ) É derivado da 3ª pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo, trocando-se o **ram** por **sse** (amar~~am~~ + sse; vender~~am~~ + sse; partir~~am~~ + sse).

181. ( ) O fato de começar com um **se** (se eu amasse...) pressupõe pertencer a uma oração subordinada.

Futuro do subjuntivo (quando eu...)		
ama **r**	vende **r**	parti **r**
ama **r es**	vende **r es**	parti **r es**
ama **r**	vende **r**	parti **r**
ama **r mos**	vende **r mos**	parti **r mos**
ama **r des**	vende **r des**	parti **r des**
ama **r em**	vende **r em**	parti **r em**

Prática

■ Em relação ao futuro do subjuntivo, assinale **C** ou **E**.

182. ( ) É também derivado da 3ª pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo, de que se tira a terminação **am** (amar~~am~~, vender~~am~~, partir~~am~~).

183. ( ) Nas três conjugações, usam-se as mesmas desinências pessoais (∅, **s**, ∅, **mos**, **des**, **em**).

184. ( ) Sua conjugação começa com um **quando** (quando eu chegar...), o que indica pertencer a uma ideia subordinada, e não principal.

185. ( ) É sempre igual ao infinitivo (**amar**: quando eu amar; **vender**: quando eu vender; **partir**: quando eu partir).

Modo imperativo

Afirmativo											
am	**a**		(tu)	vend	**e**		(tu)	part	**e**		(tu)
am	**e**		(você)	vend	**a**		(você)	part	**a**		(você)
am	**e**	**mos**	(nós)	vend	**a**	**mos**	(nós)	part	**a**	**mos**	(nós)
am	**a**	**i**	(vós)	vend	**e**	**i**	(vós)	part	**i**		(vós)
am	**e**	**m**	(vocês)	vend	**a**	**m**	(vocês)	part	**a**	**m**	(vocês)

Negativo											
não ame	**s**		(tu)	não venda	**s**		(tu)	não parta	**s**		(tu)
não ame			(você)	não venda			(você)	não parta			(você)
não ame	**mos**		(nós)	não venda	**mos**		(nós)	não parta	**mos**		(nós)
não ame	**is**		(vós)	não venda	**is**		(vós)	não parta	**is**		(vós)
não ame	**m**		(vocês)	não venda	**m**		(vocês)	não parta	**m**		(vocês)

Prática

■ Em referência ao imperativo, assinale **C** ou **E**.

186. ( ) Não possui 1ª pessoa do singular.

187. ( ) No quadro anterior, os sujeitos aparecem entre parênteses, porque, na verdade, não são pronunciados. Estão normalmente subentendidos.

188. ( ) Os sujeitos são sempre receptores.

189. ( ) O sujeito de **amemos** é o emissor.

Os sujeitos de **estudemos** nas frases seguintes referem-se a diferentes pessoas do discurso.

I – Ela quer que estudemos.

II – Estudemos, para saber.

■ Assinale **C** ou **E**.

190. ( ) Em I, o verbo está no presente do subjuntivo e refere-se a emissor (eu) e receptor (tu, vós, você...), podendo até incluir o referente (ela).
191. ( ) Em II, o verbo está no imperativo e coloca o emissor (eu) junto com o receptor (tu, vós, você...), mas não inclui o referente (ele, ela...)
192. ( ) No imperativo, o sujeito é sempre o receptor (a pessoa com quem se fala), pois, mesmo quando se usa o **nós**, é para convencer o receptor a tomar alguma atitude: "Estudemos para saber."

FORMAS NOMINAIS DO VERBO

Observe o quadro, leia as frases a seguir e responda **C** ou **E**.

INFINITIVO Funciona como substantivo	**IMPESSOAL** (sem sujeito)	**Viver** é **lutar**.
	PESSOAL (com sujeito)	Flexionado: É bom **estudares** (tu). Não flexionado: Estudamos para **vencer** (nós).
GERÚNDIO Funciona como adjetivo ou advérbio		Usava um pano **cobrindo** o rosto. ↳ que cobria... (oração adjetiva) **Lutando**, conseguiremos. ↳ se lutarmos (oração adverbial)
PARTICÍPIO Funciona como adjetivo ou forma tempo composto como verbo principal		O rapaz, **apaixonado**, confessou ↳ adjetivo que **tinha escrito** a poesia. ↳ particípio do verbo principal (tempo composto)

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

193. ( ) **Infinitivo**, **gerúndio** e **particípio** são formas nominais dos verbos.
194. ( ) **Indicativo**, **subjuntivo** e **imperativo**, consequentemente, são formas verbais.
195. ( ) As formas nominais do verbo são assim chamadas porque podem funcionar como **nomes** (substantivo, adjetivo, advérbio).
196. ( ) O **particípio** é usado na formação dos tempos compostos.
197. ( ) "Ela foi **escolhida**". A palavra destacada é um adjetivo.
198. ( ) A palavra destacada no item anterior é um **particípio** formando uma voz passiva com o verbo auxiliar **ser**.

Prática

■ Leia em voz alta três vezes o quadro a seguir, para treinar o ouvido, e assinale **C** ou **E** nas afirmações seguintes.

Formas nominais

Infinitivo impessoal					
ama	**r**	vende	**r**	parti	**r**

Infinitivo pessoal					
ama	**r**	vende	**r**	parti	**r**
ama	**r es**	vende	**r es**	parti	**r es**
ama	**r**	vende	**r**	parti	**r**
ama	**r mos**	vende	**r mos**	parti	**r mos**
ama	**r des**	vende	**r des**	parti	**r des**
ama	**r em**	vende	**r em**	parti	**r em**

Gerúndio					
ama	**ndo**	vende	**ndo**	parti	**ndo**

Particípio					
ama	**do**	vendi	**do**	parti	**do**

"**Amar**, **vender** e **partir** é sempre bom."

199. ( ) Os verbos em negrito da frase acima estão no infinitivo impessoal.
200. ( ) O infinitivo sugere ações desvinculadas da ideia de tempo (presente, pretérito, futuro), isto é, as ações são postas na atemporalidade.
201. ( ) Quando se diz que o infinitivo é impessoal, é porque não indica o sujeito da ação.

"**Partires** é bom."

202. ( ) O verbo em negrito da frase acima está no infinitivo pessoal.
203. ( ) Infinitivo, porque não delimita a ação no tempo.
204. ( ) **Pessoal**, porque indica o sujeito (tu).

205. ( ) No infinitivo pessoal, nas três conjugações, as desinências pessoais são as mesmas.
206. ( ) A desinência que marca o infinitivo, nas três conjugações, é **r**, em todos os verbos, regulares e irregulares.

"Ele encontrou os rapazes **chorando**."

207. ( ) O verbo em negrito está no gerúndio.
208. ( ) O gerúndio indica um tempo definido e estático.
209. ( ) O gerúndio, como o infinitivo, indica tempo em desenvolvimento, em andamento.
210. ( ) A desinência que marca o gerúndio é **ndo**, para as três conjugações, em todos os verbos, regulares ou irregulares.

"Ele encontrou os inimigos **reunidos**."

211. ( ) O verbo negritado está no particípio.
212. ( ) A desinência indicadora de particípio, nos verbos regulares, é **do**.
213. ( ) O particípio funciona como adjetivo e varia em gênero e número.
214. ( ) Trata-se da única forma do verbo que varia em gênero.

CONJUGAÇÃO DOS VERBOS TER, HAVER, SER E ESTAR

Antes de estudar os tempos compostos, é importantíssimo saber a conjugação de quatro verbos que costumam aparecer como auxiliares: **ter**, **haver**, **ser** e **estar**. Conjugue-os em voz alta três vezes para educar o ouvido.

Modo indicativo

Presente do indicativo			
tenho	hei	sou	estou
tens	hás	és	estás
tem	há	é	está
temos	havemos	somos	estamos
tendes	haveis	sois	estais
têm	hão	são	estão

Pretérito imperfeito do indicativo			
tinha	havia	era	estava
tinhas	havias	eras	estavas
tinha	havia	era	estava
tínhamos	havíamos	éramos	estávamos
tínheis	havíeis	éreis	estáveis
tinham	haviam	eram	estavam

Pretérito perfeito do indicativo			
tive	houve	fui	estive
tiveste	houveste	foste	estiveste
teve	houve	foi	esteve
tivemos	houvemos	fomos	estivemos
tivestes	houvestes	fostes	estivestes
tiveram	houveram	foram	estiveram

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo			
tivera	houvera	fora	estivera
tiveras	houveras	foras	estiveras
tivera	houvera	fora	estivera
tivéramos	houvéramos	fôramos	estivéramos
tivéreis	houvéreis	fôreis	estivéreis
tiveram	houveram	foram	estiveram

Futuro do pretérito do indicativo			
teria	haveria	seria	estaria
terias	haverias	serias	estarias
teria	haveria	seria	estaria
teríamos	haveríamos	seríamos	estaríamos
teríeis	haveríeis	seríeis	estaríeis
teriam	haveriam	seriam	estariam

Futuro do presente do indicativo			
terei	haverei	serei	estarei
terás	haverás	serás	estarás
terá	haverá	será	estará
teremos	haveremos	seremos	estaremos
tereis	havereis	sereis	estareis
terão	haverão	serão	estarão

Modo subjuntivo

Presente do subjuntivo			
tenha	haja	seja	esteja
tenhas	hajas	sejas	estejas
tenha	haja	seja	esteja
tenhamos	hajamos	sejamos	estejamos
tenhais	hajais	sejais	estejais
tenham	hajam	sejam	estejam

Pretérito imperfeito do subjuntivo			
tivesse	houvesse	fosse	estivesse
tivesses	houvesses	fosses	estivesses
tivesse	houvesse	fosse	estivesse
tivéssemos	houvéssemos	fôssemos	estivéssemos
tivésseis	houvésseis	fôsseis	estivéssseis
tivessem	houvessem	fossem	estivessem

Futuro do subjuntivo			
tiver	houver	for	estiver
tiveres	houveres	fores	estiveres
tiver	houver	for	estiver
tivermos	houvermos	formos	estivermos
tiverdes	houverdes	fordes	estiverdes
tiverem	houverem	forem	estiverem

Modo imperativo

Afirmativo			
tem (tu)	(desusado)	sê (tu)	está (tu)
tenha (você)	haja (você)	seja (você)	esteja (você)
tenhamos (nós)	hajamos (nós)	sejamos (nós)	estejamos (nós)
tende (vós)	havei (vós)	sede (vós)	estai (vós)
tenham (vocês)	hajam (vocês)	sejam (vocês)	estejam (vocês)

Negativo	
não tenhas (tu)	não sejas (tu)
não tenha (você)	não seja (você)
não tenhamos (nós)	não sejamos (nós)
não tenhais (vós)	não sejais (vós)
não tenham (vocês)	não sejam (vocês)
não hajas (tu)	não estejas (tu)
não haja (você)	não esteja (você)
não hajamos (nós)	não estejamos (nós)
não hajais (vós)	não estejais (vós)
não hajam (vocês)	não estejam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal			
ter	haver	ser	estar

Infinitivo pessoal			
ter	haver	ser	estar
teres	haveres	seres	estares
ter	haver	ser	estar
termos	havermos	sermos	estarmos
terdes	haverdes	serdes	estardes
terem	haverem	serem	estarem

Gerúndio			
tendo	havendo	sendo	estando

Particípio			
tido	havido	sido	estado

Uso de ter, haver, ser e estar como auxiliares

Prática

■ Observe as frases e responda **C** ou **E**.

I – Ele havia adquirido um belo relógio.
II – Ele tem escrito belos poemas.
III – Ela foi cercada pelos colegas.
IV – Ela estava cercada pelos colegas.

215. ( ) Em I e II, os auxiliares **haver** e **ter** são formadores de voz passiva, porque os sujeitos recebem a ação verbal.
216. ( ) Em III e IV, os auxiliares **ser** e **estar** formam voz passiva.
217. ( ) **ter** e **haver** são auxiliares de voz ativa; **ser** auxilia na formação de voz passiva.
218. ( ) O auxiliar **estar** não forma voz passiva, mas pode conferir à frase noção de passividade: **Ela estava cercada**.

Ter e **haver** auxiliam a formação de tempos compostos de voz ativa. **Ser** é o verbo escolhido para auxiliar a formação da voz passiva. O verbo **estar**, quando auxiliar, introduz noção de passividade na frase.

PARADIGMA DAS TRÊS CONJUGAÇÕES REGULARES – TEMPOS COMPOSTOS

Modelos: **ter amado; ter vendido; ter partido**.

Modo indicativo

Perfeito *(pres. + particípio)*		
tenho amado	tenho vendido	tenho partido

Mais-que-perfeito *(imperf. + particípio)*		
tinha amado	tinha vendido	tinha partido

Futuro do presente *(fut. + particípio)*		
terei amado	terei vendido	terei partido

Futuro do pretérito *(fut. pret. + particípio)*		
teria amado	teria vendido	teria partido

Modo subjuntivo

Mais-que-perfeito *(imperf. + particípio)*		
tivesse amado	tivesse vendido	tivesse partido

Futuro *(fut. + particípio)*		
tiver amado	tiver vendido	tiver partido

Prática

■ Observe os dois quadros anteriores e responda **C** ou **E**.

219. ( ) Os tempos compostos de voz ativa constroem-se com o verbo auxiliar **ter** seguido do particípio do verbo principal.

220. ( ) **Tenho vendido** é exemplo de pretérito perfeito composto, mas sugere uma ação que se repete até o presente.

221. ( ) "Quando cheguei, você **tinha saído**." "Quando eu cheguei, você **saíra**." Os dois verbos destacados estão no mais-que-perfeito.
222. ( ) O mais-que-perfeito composto se constrói com o auxiliar no imperfeito.
223. ( ) **Tinha saído** é hoje muito mais usado que **saíra**.
224. ( ) Os futuros compostos têm o auxiliar no futuro: o futuro do presente apresenta auxiliar no futuro do presente; o futuro do pretérito usa o auxiliar no futuro do pretérito.

PARADIGMA DA VOZ PASSIVA

Modelo: **ser amado**

Modo Indicativo

Presente	Pretérito imperfeito
sou amado(a)	era amado(a)
és amado(a)	eras amado(a)
é amado(a)	era amado(a)
somos amados(as)	éramos amados(as)
sois amados(as)	éreis amados(as)
são amados(as)	eram amados(as)

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

225. ( ) A voz passiva se faz com o verbo auxiliar **ser** e o particípio do verbo principal.
226. ( ) Os tempos da voz passiva, quando formados com mais de um verbo, são tempos compostos.
227. ( ) Na voz passiva, define-se o tempo pelo verbo auxiliar.
228. ( ) Na voz passiva, o particípio varia em gênero e número (amado/a/s) para concordar com o sujeito.

Continue a observar a formação dos tempos na voz passiva, que podem ter o verbo auxiliar em tempo simples ou composto.

Modo Indicativo

Pretérito perfeito (auxiliar simples)	Pretérito perfeito (auxiliar composto)
fui amado(a)	tenho sido amado(a)
foste amado(a)	tens sido amado(a)
foi amado(a)	tem sido amado(a)
fomos amados(as)	temos sido amados(as)
fostes amados(as)	tendes sido amados(as)
foram amados(as)	têm sido amados(as)

Pretérito mais-que-perfeito (auxiliar simples)	Pretérito mais-que-perfeito (auxiliar composto)
fora amado(a)	tinha sido amado(a)
foras amado(a)	tinhas sido amado(a)
fora amado(a)	tinha sido amado(a)
fôramos amados(as)	tínhamos sido amados(as)
fôreis amados(as)	tínheis sido amados(as)
foram amados(as)	tinham sido amados(as)

Futuro do pretérito (auxiliar simples)	Futuro do pretérito (auxiliar composto)
seria amado(a)	teria sido amado(a)
serias amado(a)	terias sido amado(a)
seria amado(a)	teria sido amado(a)
seríamos amados(as)	teríamos sido amados(as)
seríeis amados(as)	teríeis sido amados(as)
seriam amados(as)	teriam sido amados(as)

Futuro do presente (auxiliar simples)	Futuro do presente (auxiliar composto)
serei amado(a)	terei sido amado(a)
serás amado(a)	terás sido amado(a)
será amado(a)	terá sido amado(a)
seremos amados(as)	teremos sido amados(as)
sereis amados(as)	tereis sido amados(as)
serão amados(as)	terão sido amados(as)

Modo Subjuntivo

Presente	Pretérito imperfeito
seja amado(a)	fosse amado(a)
sejas amado(a)	fosses amado(a)
seja amado(a)	fosse amado(a)
sejamos amados(as)	fôssemos amados(as)
sejais amados(as)	fôsseis amados(as)
sejam amados(as)	fossem amados(as)

Pretérito perfeito	Pretérito mais-que-perfeito
tenha sido amado(a)	tivesse sido amado(a)
tenhas sido amado(a)	tivesses sido amado(a)
tenha sido amado(a)	tivesse sido amado(a)
tenhamos sido amados(as)	tivéssemos sido amados(as)
tenhais sido amados(as)	tivésseis sido amados(as)
tenham sido amados(as)	tivessem sido amados(as)

Futuro (auxiliar simples)	Futuro (auxiliar composto)
for amado(a)	tiver sido amado(a)
fores amado(a)	tiveres sido amado(a)
for amado(a)	tiver sido amado(a)
formos amados(as)	tivermos sido amados(as)
fordes amados(as)	tiverdes sido amados(as)
forem amados(as)	tiverem sido amados(as)

Formas nominais

Infinitivo impessoal presente	Infinitivo impessoal pretérito
ser amado(a)	ter sido amado(a)

Infinitivo pessoal presente	Infinitivo pessoal pretérito
ser amado(a)	ter sido amado(a)
seres amado(a)	teres sido amado(a)
ser amado(a)	ter sido amado(a)
sermos amados(as)	termos sido amados(as)
serdes amados(as)	terdes sido amados(as)
serem amados(as)	terem sido amados(as)

Gerúndio presente	Gerúndio pretérito
sendo amado(a)(os)(as)	tendo sido amado(a)(os)(as)

Particípio
amado(a)(os)(as)

Prática

■ Observando o paradigma visto de conjugação da voz passiva, responda **C** ou **E**.

229. ( ) A única forma simples da voz passiva analítica é o particípio.
230. ( ) Em todas as demais formas, a voz passiva analítica é composta por dois ou mais verbos.

■ Compare as duas formas seguintes e responda **C** ou **E**.

I – É melhor **ser amado** que **estar sendo amado**.
II – Eu não **estou sendo amado**, eu **sou amado**.

231. ( ) Em todas as formas, o verbo **ser** é responsável pela formação da voz passiva.
232. ( ) Em II, as ações estão sendo consideradas no presente.
233. ( ) Em II, **estou sendo** e **sou** têm o mesmo sentido.
234. ( ) **Sou amado** traz noção de continuidade, enquanto **estou sendo amado** conota transitoriedade.
235. ( ) Em I, acontece a mesma ideia. O verbo **estar** contribui com a noção de transitoriedade, momentaneidade, e o **ser** transmite continuidade, permanência.

FORMAS RIZOTÔNICAS E ARRIZOTÔNICAS

Prática

■ Compare os quadros e assinale **C** ou **E**.

RADICAL	DESINÊNCIA	RADICAL	DESINÊNCIA
est**u**d	o	estud	**a**mos
est**u**d	as	estud	**a**is
est**u**d	a/am		
RIZOTÔNICAS		ARRIZOTÔNICAS	

236. ( ) **riz(o)** significa **raiz**, **radical**.
237. ( ) **Radical**, ou **raiz**, é onde reside o significado-base da palavra.
238. ( ) **Tônico** significa **forte**.
239. ( ) **Rizotônica** significa que a **vogal tônica está dentro do radical**.
240. ( ) **Arrizotônica** é a forma que tem a **vogal tônica fora do radical**.

Formas rizotônicas são as que apresentam vogal tônica no radical (**a**m-o, **a**m-as). Formas arrizotônicas são as que têm a vogal tônica fora do radical (am-**e**i, am-**a**mos).

DEFINIÇÃO ABRANGENTE DE VERBO

Verbo é a palavra que apresenta o maior número de variações (pessoa, número, tempo, modo, voz) e exprime ideia de ação, estado ou fenômeno.

LOCUÇÃO VERBAL

Verbos auxiliares e verbo principal

VERBOS AUXILIARES	+	VERBO PRINCIPAL	
Vou		amando	gerúndio
Estarei		chegando	
Vais		entender	infinitivo
Teria	de	aprender	
Fiquei	a	observar	
Deverei ter		passado	particípio
Podemos ter sido		aprovados	

Prática

Assinale **C** ou **E** em relação ao quadro anterior.

241. ( ) "Vou amando", "Teria de aprender", "Podemos ter sido aprovados": cada um desses conjuntos de dois ou mais verbos funciona como se fosse um verbo só.
242. ( ) Cada locução verbal apresenta uma só palavra (verbo) como principal.
243. ( ) Na locução verbal, pode haver um ou mais verbo(s) auxiliar(es).
244. ( ) As locuções verbais podem ter ou não a presença de preposição.
245. ( ) Em locução verbal, o verbo principal estará no gerúndio, no infinitivo ou no particípio.
246. ( ) Em "Podemos ter **sido** aprovados", o verbo em negrito é o verbo principal.
247. ( ) O verbo **ser** na locução verbal é indicador de voz passiva.
248. ( ) São locuções verbais: começou a chorar, andou falando, deixou de falar, acabou-se convencendo, voltou a incomodar, podia supor, pôs-se a cantar, tornou a sorrir, vai começar a amar.

Locução verbal: dois ou mais verbos com ideia de um só verbo.

FORMAÇÃO DOS TEMPOS E MODOS

Derivado do presente do indicativo

Presente do subjuntivo

TEMPO PRIMITIVO	→	TEMPO DERIVADO
PRESENTE DO INDICATIVO		PRESENTE DO SUBJUNTIVO

1ª pessoa do singular			
~~o~~	→	**e** 1ª conj.	**a** 2ª e 3ª conj.

Prática

■ Preencha as lacunas.

		am**ar**	**ler**	fug**ir**
		eu amo	eu leio	eu fujo
249.	que eu	am _____	lei _____	fuj _____
250.	que tu	am _____	lei _____	fuj _____
251.	que ele	am _____	lei _____	fuj _____
252.	que nós	am _____	lei _____	fuj _____
253.	que vós	am _____	lei _____	fuj _____
254.	que eles	am _____	lei _____	fuj _____

O presente do subjuntivo se forma do presente do indicativo. Na primeira conjugação, o **o** do presente do indicativo se transforma em **e** (cont**o** → cont**e**); na segunda e na terceira conjugação, o **o** do indicativo vira **a** (tenh**o** → tenh**a**; sai**o** → sai**a**).

Derivados dos presentes do indicativo e do subjuntivo

Imperativos afirmativo e negativo

	Primitivo	Modo derivado		Primitivo
		Imperativo		
	Presente do indicativo	Afirmativo	Negativo	Presente do subjuntivo
1ª	eu amo	———	———	ame
2ª	tu amas (~~s~~)	ama (tu)	não ames (tu)	ames
3ª	ele ama	ame (você)	não ame (você)	ame
1ª	nós amamos	amemos (nós)	não amemos (nós)	amemos
2ª	vós amais (~~s~~)	amai (vós)	não ameis (vós)	ameis
3ª	eles amam	amem (vocês)	não amem (vocês)	amem

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, em relação ao quadro anterior.

255. ( ) O **imperativo afirmativo** deriva do presente do indicativo e do presente do subjuntivo.
256. ( ) No **imperativo**, não há 1ª pessoa.
257. ( ) No **imperativo**, não há 1ª pessoa do singular, porque ninguém dá ordem a si mesmo.
258. ( ) No imperativo, o **nós** representa o(s) receptor(es) e inclui o emissor. "Comecemos por aqui".
259. ( ) No imperativo, **não existe sujeito ele(s)**, porque não se dá ordem diretamente à pessoa de quem se fala.
260. ( ) Os sujeitos do imperativo são sempre **receptores**.
261. ( ) O **imperativo negativo** deriva do presente do indicativo e do presente do subjuntivo.
262. ( ) **Tu** e **vós** do **imperativo afirmativo** se originam de **tu** e **vós** do presente do indicativo, eliminado-se o **s** final.
263. ( ) As demais pessoas do **imperativo afirmativo** (**você**, **nós**, **vocês**) são iguais ao **presente do subjuntivo**.
264. ( ) Todo o **imperativo negativo** é igualzinho ao presente do subjuntivo.

No imperativo, não há primeira pessoa do singular.
No **imperativo afirmativo**, **tu** e **vós** são iguais ao tu e vós do presente do indicativo, sem os **s** finais: amas~~s~~ → ama; amais~~s~~ → amai.
No **imperativo negativo**, todas as pessoas são iguais às do presente do subjuntivo.

■ Forme o imperativo do verbo.

	correr			
265. (tu)	_____	não	_____	(tu)
266. (você)	_____	não	_____	(você)
267. (nós)	_____	não	_____	(nós)
268. (vós)	_____	não	_____	(vós)
269. (vocês)	_____	não	_____	(vocês)

270. Passe para a **3ª do singular**.
Namora, vibra, corre, pula, diverte-te à vontade.
Resp.: _____

271. Passe a frase anterior para o **negativo** (2ª pessoa do singular).
Resp.: _____

272. Passe para a 2ª do **plural**.
Divirta-se, mas não se esgote.
Resp.: _____

Derivados do pretérito perfeito

Mais-que-perfeito do indicativo, futuro e imperfeito do subjuntivo

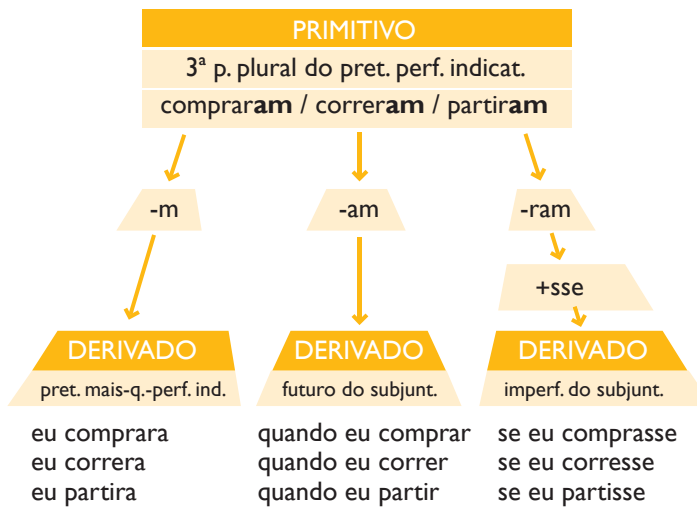

Prática

■ Observe o quadro anterior e conjugue o verbo **poder** nos seguintes tempos e modos.

	Pret. mais-que-perf. ind.	Futuro do subjuntivo	Imperf. do subjuntivo
273. eu	_____	_____	_____
274. tu	_____	_____	_____
275. ele	_____	_____	_____
276. nós	_____	_____	_____
277. vós	_____	_____	_____
278. eles	_____	_____	_____

■ Conjugue os verbos relacionados na **primeira pessoa do singular**.

	Pret. mais-que-perf. ind.	Futuro do subjuntivo	Imperf. do subjuntivo
279. querer	_____	_____	_____
280. ver	_____	_____	_____
281. vir	_____	_____	_____
282. haver	_____	_____	_____
283. caber	_____	_____	_____

Tempos derivados da 3ª pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo:
Mais-que-perfeito do indicativo: forma-se com a queda do **m** da 3ª p. plural (amaram ➜ amara);
Futuro do subjuntivo: forma-se com a queda do **am** da 3ª p. plural (amaram ➜ quando eu amar);
Imperfeito do subjuntivo: forma-se trocando o **ram** da 3ª p. plural por **-sse** (amaram ➜ ama**sse**).

Derivados do infinitivo impessoal

PRIMITIVO	Processo de derivação			DERIVADOS
INFINITIVO IMPESSOAL comprar/correr/partir	**RADICAL**			IMPERF. (indicativo)
	compr	+ ava	=	1ª conj. compr**ava**
	corr part	+ ia	=	2ª conj. corr**ia** 3ª conj. part**ia**
	+ ei	=		FUT. DO PRESENTE (indicativo) compraré**i** / correre**i** / partire**i**
	+ ia	=		FUT. DO PRETÉRITO (indicativo) compra**ria** / corre**ria** / parti**ria**
	RADICAL			PARTICÍPIO
	compr	+ ado	=	1ª conj. compr**ado**
	corr part	+ ido	=	2ª conj. corr**ido** 3ª conj. part**ido**
	TEMA			GERÚNDIO
	compra corre parti	+ ndo	=	compra**ndo** corre**ndo** parti**ndo**
	+ Desinência número-pessoal		=	INFINITIVO PESSOAL comprar (eu) compra**res** (tu) comprar (ele) compra**rmos** (nós) compra**rdes** (vós) compra**rem** (eles)

Prática

■ Conjugue em voz alta os verbos **estudar**, **entender** e **suprir** nos tempos:

1) PRET. IMPERFEITO DO INDICATIVO	4) PARTICÍPIO
2) FUTURO DO PRESENTE DO INDICATIVO	5) GERÚNDIO
3) FUTURO DO PRETÉRITO	6) INFINITIVO PESSOAL

CLASSIFICAÇÃO DO VERBO QUANTO AO MODELO DE CONJUGAÇÃO

Verbo regular

Segue o modelo ou paradigma de sua conjugação: **amar**, **vender**, **partir**.

Verbo irregular

Foge ao modelo de sua conjugação: **ouvir**: ou**ço**; **estar**: est**ou**; **ir**: **vou**.

Irregularidade e variação gráfica

Prática

■ Observe e responda **C** ou **E**.

Fiquei sem poder ficar.
Cheguei sem poder chegar.
Extingo sem poder extiguir.

284. ( ) No verbo **ficar**, o **c** se transforma em **qu** antes de **e**, para mostrar que a pronúncia não muda.
285. ( ) No verbo **chegar**, o **g** se transforma em **gu** antes de **e**, para representar a mesma pronúncia.
286. ( ) No verbo **extinguir**, o **gu** se transforma em **g** antes de **o** ou **a**, porque a pronúncia não se altera.
287. ( ) Nos casos vistos, a variação gráfica serve para confirmar a regularidade da pronúncia de verbos regulares.
288. ( ) É o mesmo que acontece com **atiçar**, que perde a cedilha em **aticemos**.

Na 1ª conjugação, radicais terminados em **c**, **ç** e **g** transformam essas letras em **qu**, **c** e **gu** antes de **e**.
Na 2ª e na 3ª conjugação, radicais terminados em **c**, **g** e **qu** trocam essas letras por **qu**, **gu** e **c** antes de **a** e **o**.
Tais variações gráficas existem para comprovar a regularidade desses verbos.

Metafonia ou alteração de timbre vocálico

Prática

■ Observe a pronúncia das vogais destacadas e responda **C** ou **E**.
l**e**vo, l**e**vais;
f**e**rvo, f**e**rves.

289. ( ) Em **levo** e **fervo**, as vogais do radical são abertas.
290. ( ) Em **levo** e **ferves**, as vogais dos radicais são abertas.
291. ( ) Em **levais** e **levo**, a vogal **e** do radical altera timbre fechado com timbre aberto.
292. ( ) Não há alteração de timbre vocálico entre as formas **fervo** e **ferves**.
293. ( ) **levas**, **levo**, **fervo**, **ferves** são formas rizotônicas.
294. ( ) Nas formas rizotônicas, a variação de timbre vocálico é comum em Português e se chama **metafonia**.
295. ( ) A metafonia não é considerada irregularidade verbal.

Metafonia é alternância de timbre vocálico que ocorre nas formas rizotônicas: t**o**car: t**o**co; d**e**ver: d**e**ves; qu**e**rer: qu**e**ro.

Como saber se um verbo é regular

Para saber se um verbo é regular, basta conjugá-lo na 1ª pessoa do singular do presente e do pretérito perfeito do indicativo. Se nessas pessoas ele seguir o paradigma da sua conjugação, é um verbo regular.

Verbo anômalo

Apresenta mais de um radical: **ser**: sou, fui, era; **ir**: vou, fui, ia.

Há autores que consideram anômalos qualquer verbo que apresente fortes mudanças em seu radical. Por exemplo:

dar: **de**i, **dav**a, **dar**ei, **dad**o
ter: **tenh**o, **tiv**e, **ter**ei, **tid**o
haver: **he**i, **hav**ia, **hou**ve
poder: **poss**o, **pod**ia, **pud**e
vir: **venh**o, **vir**ei, **vi**er
ver: **vej**o, **v**i, verei, **vis**to
caber: **caib**o, **coub**e, **cab**ia
dizer: **dig**o, **diss**e, **diz**ia, **dit**o
saber: **sab**ia, **soub**e, saiba
pôr: **ponh**o, **pus**er, **por**ei

Verbo defectivo

Não tem todas as formas: **reaver**, **colorir**, **precaver-se**, **abolir**...

Verbo unipessoal

Só se conjuga na 3ª pessoa (singular e plural), como no caso das **vozes de animais: coaxa(m), crocita(m)**.

Verbo impessoal

Só se conjuga na 3ª pessoa, mas não tem sujeito:
Fenômenos naturais: **chove**, **amanhece**.
Haver com ideia de **existir**: **Há** soluções para tudo.
Alguns verbos relacionados a tempo: **Faz** dezoito anos que...

A respeito de defectivos, unipessoais e impessoais

Defectivos

São verbos em cuja conjugação faltam formas, por várias razões, entre as quais, cacofonia, modismo, significação. As listas desses verbos variam entre os autores, em função da época em que se constituíram os registros falados, do nível sociocultural e até econômico dos falantes, inclusive da visão política do gramático. Costumam ser divididos em cinco grupos:

1. **os que não aceitam o ou a após o radical**, por isso não têm a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, não têm todo o presente do subjuntivo, não têm a(s) pessoa(s) **você(s)** do imperativo afirmativo, não têm todo o imperativo negativo (*vide* **abolir**, **carpir**, **demolir**);

2. **os arrizotônicos da 3ª conjugação**, que só se conjugam nas formas em que ao radical se segue a letra **i**. Por isso, no presente do indicativo só têm as pessoas **nós** e **vós**; não têm todo o presente do subjuntivo; não têm imperativo negativo; do imperativo afirmativo, só têm a pessoa **vós** (*vide* **falir**, **florir**, **adir)**;

3. os que, pelo significado, **não podem ter imperativo** (*vide* **acontecer**, **caber**, **poder**);

4. os que, pelo significado, **só se conjugam na voz recíproca**, tendo, portanto, só as pessoas do plural: **entreolhamo-nos**, **entreolhais-vos**, **entreolham-se**;

5. **os que têm particularidades especiais** (*vide* **adequar**, **precaver-se**, **reaver**, **grassar**).

Unipessoais

São verbos conjugáveis só nas 3as pessoas, como as onomatopeias referentes às vozes dos animais, porque normalmente os animais são **referentes**, isto é, **seres de que se fala**.

Impessoais

São verbos que, conforme o prefixo **im** sugere, não têm pessoa, ou seja, não se referem a um sujeito. *Vide Análise Sintática Visual*, Quadro das Orações sem Sujeito.

As fronteiras entre esses três tipos de classificação são instáveis e polêmicas, o que evidencia certa postura subjetiva. A verdade é que a gramática, mesmo a normativa, deve estar atenta para não limitar ou tentar cercear a linguagem figurada, a licença poética, a criatividade de expressão, que podem reverter ou modificar a situação do verbo e até conjugá-lo em todos os tempos e modos:

O menino **choveu** na cama.
Eu **miei** de medo.
Caiba você nos nossos moldes, ou será demitido.

Verbo abundante

Tem, pelo menos, duas formas equivalentes:
aceitar: aceitado, aceito, aceite.
haver: havemos, hemos.
construir: constrói, construi.

A respeito de abundantes

1. A abundância acontece com mais frequência no particípio, com vários verbos apresentando um particípio regular (terminado em ado/ido) e um ou mais irregulares.
2. O particípio regular é invariável (**ele** tinha aceit**ado**; **elas** haviam aceit**ado**).
3. O particípio irregular varia em gênero e número: **ele** foi aceit**o**; **elas** foram aceit**as**.
4. O particípio irregular funciona como adjetivo também: regra **aceita**.
5. Quanto ao uso do particípio regular e do irregular, *vide* pág. 215.
6. Autores modernos têm dado preferência ao uso do particípio irregular, por ser mais sucinto, e têm-no usado indiferentemente para voz passiva ou ativa.

Relação de verbos abundantes no particípio

Não há unanimidade em relação às formas entre parênteses, que são vistas por alguns gramáticos como **adjetivos**.

absolver _____ absolvido, (absolto)
aceitar _____ aceitado, aceito, aceite
acender _____ acendido, aceso

anexar _____ anexado, (anexo)
assentar _____ assentado, assento, assente
benzer _____ benzido, bento
concluir _____ concluído, concluso
contundir _____ contundido, (contuso)
despertar _____ despertado, desperto
dispersar _____ dispersado, disperso
eleger _____ elegido, eleito
emergir _____ emergido, emerso
entregar _____ entregado, entregue
envolver _____ envolvido, envolto
enxugar _____ enxugado, enxuto
erigir _____ erigido, (ereto)
expelir _____ expelido, (expulso)
expressar _____ expressado, expresso
exprimir _____ exprimido, expresso
expulsar _____ expulsado, (expulso)
extinguir _____ extinguido, extinto
fartar _____ fartado, farto
findar _____ findado, findo
frigir _____ frigido, frito
ganhar _____ ganhado, ganho
gastar _____ gastado, gasto
imergir _____ imergido, imerso
imprimir _____ imprimido, impresso
incluir _____ incluído, (incluso)
incorrer _____ incorrido, (incurso)
inserir _____ inserido, inserto
insertar _____ insertado, (inserto)
isentar _____ isentado, isento
juntar _____ juntado, junto
limpar _____ limpado, limpo
matar _____ matado, morto
morrer _____ morrido, morto
nascer _____ nascido, (nado), (nato)
omitir _____ omitido, omisso
pagar _____ pagado, pago
pegar _____ pegado, pego (ê)
prender _____ prendido, preso
romper _____ rompido, (roto)
salvar _____ salvado, salvo
sepultar _____ sepultado, (sepulto)

soltar _____ soltado, solto
submergir _____ submergido, submerso
suprimir _____ suprimido, (supresso)
surpreender _____ surpreendido, surpreso
suspender _____ suspendido, suspenso
tingir _____ tingido, (tinto)

Prática

■ Qual a **1ª pessoa do singular** dos seguintes tempos dos verbos numerados? Na última coluna, ponha R, se for regular, e I, se irregular. Se o verbo for anômalo, considere-o irregular.

	INDICATIVO			
	Presente	Pretérito perfeito	Futuro do pretérito	R/I
296. agir				
297. caber				
298. crer				
299. enxaguar				
300. ir				
301. fazer				
302. mobiliar				
303. polir				
304. pular				
305. possuir				
306. poder				
307. querer				
308. requerer				
309. ser				
310. sumir				

Prática

■ Compare.

	PRES. INDICAT.	PRET. PERF. INDICAT.
1ª conj.	amo ≠ esto**u**	amei ≠ est**ive**
2ª conj.	corro ≠ tra**go**	corri ≠ tr**ouxe**
3ª conj.	parto ≠ pe**ço**	parti = pedi

■ Assinale **C** ou **E**, com base no quadro anterior.

311. ( ) **amar**, **correr** e **partir** são paradigmas das 1ª, 2ª e 3ª conjugações, respectivamente.
312. ( ) **estar** foge do paradigma, no presente e no perfeito do indicativo, por isso é irregular.
313. ( ) A irregularidade do verbo **estar**, no presente e no perfeito do indicativo, aparece no radical.
314. ( ) Em **estou** e **estive**, as desinências fogem do paradigma am**o**, am**ei**, e elas é que acusam a irregularidade.
315. ( ) Em **trazer**, **trago**, a mudança **z/g** mostra irregularidade no radical.
316. ( ) Em **trouxe**, há irregularidade no radical e na desinência. Se o verbo fosse regular, seria **trazi**.
317. ( ) **trarei** é forma regular.
318. ( ) **pedir** é irregular no pretérito perfeito.
319. ( ) **pedir** é irregular no futuro do presente.
320. ( ) Para saber se um verbo é **regular** ou **irregular**, não se precisa conjugá-lo todo. Basta conjugar, no indicativo, a 1ª do singular do presente e do pretérito perfeito.
321. ( ) **ser** e **ir** são anômalos porque têm mais de um radical primário ou raiz.
322. ( ) Alguns gramáticos consideram anômalos também verbos como **haver**, **vir** porque apresentam fortes mudanças nos seus radicais.
323. ( ) **Defectivo** é o verbo a que falta(m) forma(s).
324. ( ) **Abundante** é o verbo a que sobra(m) forma(s).
325. ( ) Nos tempos **compostos** ou **locuções verbais**, há dois ou mais verbos com valor de um só.
326. ( ) O verbo que, nas locuções verbais ou nos tempos compostos, mantém o seu significado-base chama-se **verbo principal**.

VERBO PRONOMINAL E VOZ REFLEXIVA

Prática

■ Compare os dois verbos e marque **C** ou **E**.

1. Eu me arrependi.
2. Eu me molhei.
3. Eu arrependi você.
4. Eu molhei você.

327. ( ) Em 1 e 2, as formas verbais parecem estar na voz reflexiva.
328. ( ) Em 2, o sujeito **eu** e o alvo **me** representam casualmente o mesmo ser; já em 4, o mesmo verbo molhar tem o sujeito **eu** e o alvo **você** representando seres diferentes.
329. ( ) O verbo **molhar** pode ser conjugado com pronome oblíquo átono, como em 2; mas também pode ser conjugado sem o oblíquo átono, como em 3.

330. ( ) O verbo **molhar**, em 2, está na voz reflexiva; em 4, na voz ativa.
331. ( ) O exemplo 3 foge à norma culta da Língua Portuguesa, porque o verbo **arrepender-se** só pode ser conjugado com o pronome oblíquo átono.
332. ( ) Deduz-se, dos exemplos 3 e 4, que **arrepender-se** é um verbo pronominal por essência, enquanto o **molhar** só tem a aparência de pronominal quando está conjugado na voz reflexiva ou recíproca (ex. 2).

■ Compare agora os exemplos e marque **C** ou **E**.

Eu **molho** a flor – Voz Ativa
Eu **sou molhado** por alguém – Voz Passiva
Eu **me molho** – Voz Reflexiva
Eu **arrependo** – Não existe
Eu **sou arrependido** por alguém – Não existe
Eu **me arrependo**.

333. ( ) Em **Eu me molho**, o verbo está na **voz reflexiva**, porque ele tem também as vozes **ativa** e **passiva**; e uma voz se define por oposição a outra.
334. ( ) Em **Eu me arrependo**, o verbo está numa forma única, que não pressupõe voz ativa, passiva ou reflexiva, por isso é um verbo pronominal.

Verbo Pronominal é o que **só** se conjuga acompanhado dos pronomes oblíquos átonos, na mesma pessoa do seu sujeito: **arrepender-se**, **ater-se**, **suicidar-se**.
Não confunda verbo pronominal com **voz reflexiva** de qualquer verbo: **cortar**, **ver**, **ferir**...

PARADIGMA DE CONJUGAÇÃO PRONOMINAL E REFLEXIVA

Modo indicativo

Presente do indicativo		
lavo-me	arrependo-me	saio-me
lavas-te	arrependes-te	sais-te
lava-se	arrepende-se	sai-se
lavamo-nos	arrependemo-nos	saímo-nos
lavais-vos	arrependeis-vos	saís-vos
lavam-se	arrependem-se	saem-se

Pretérito perfeito do indicativo

lavei-me	arrependi-me	saí-me
lavaste-te	arrependeste-te	saíste-te
lavou-se	arrependeu-se	saiu-se
lavamo-nos	arrependemo-nos	saímo-nos
lavastes-vos	arrependeis-vos	saístes-vos
lavaram-se	arrependem-se	saíram-se

tenho-me
tens-te
tem-se
temo-nos
tendes-vos
têm-se

lavado, arrependido, saído...

Pretérito imperfeito do indicativo

lavava-me	arrependia-me	saía-me
lavavas-te	arrependias-te	saías-te
lavava-se	arrependia-se	saía-se
lavávamo-nos	arrependíamo-nos	saíamo-nos
laváveis-vos	arrependíeis-vos	saíeis-vos
lavavam-se	arrependiam-se	saíam-se

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

lavara-me	arrependera-me	saíra-me
lavaras-te	arrependeras-te	saíras-te
lavara-se	arrependera-se	saíra-se
laváramo-nos	arrependêramo-nos	saíramo-nos
laváreis-vos	arrependêreis-vos	saíreis-vos
lavaram-se	arrependeram-se	saíram-se

tinha-me
tinhas-te
tinha-se
tínhamo-nos
tínheis-vos
tinham-se

lavado, arrependido, saído...

Futuro do pretérito do indicativo

lavar-me-ia	arrepender-me-ia	sair-me-ia
lavar-te-ias	arrepender-te-ias	sair-te-ias
lavar-se-ia	arrepender-se-ia	sair-se-ia
lavar-nos-íamos	arrepender-nos-íamos	sair-nos-íamos
lavar-vos-íeis	arrepender-vos-íeis	sair-vos-íeis
lavar-se-iam	arrepender-se-iam	sair-se-iam

ter-me-ia
ter-te-ias
ter-se-ia
ter-nos-íamos
ter-vos-íeis
ter-se-iam

lavado, arrependido, saído...

Futuro do presente do indicativo

lavar-me-ei	arrepender-me-ei	sair-me-ei
lavar-te-ás	arrepender-te-ás	sair-te-ás
lavar-se-á	arrepender-se-á	sair-se-á
lavar-nos-emos	arrepender-nos-emos	sair-nos-emos
lavar-vos-eis	arrepender-vos-eis	sair-vos-eis
lavar-se-ão	arrepender-se-ão	sair-se-ão

ter-me-ei
ter-te-ás
ter-se-á
ter-nos-emos
ter-vos-eis
ter-se-ão

lavado, arrependido, saído...

Prática

■ Observando a conjugação pronominal e reflexiva do indicativo, assinale **C** ou **E**.

335. ( ) A desinência **mos**, da 1ª pessoa do plural, perde o **s** ao receber o oblíquo átono **nos**.
336. ( ) O verbo **lavar** não é um verbo pronominal, mas assume a conjugação pronominal para fazer a voz reflexiva.
337. ( ) O verbo **sair** não é pronominal: **Ela sai cedo**.
338. ( ) O verbo **sair-se** é pronominal no sentido de obter resultado (**sair-se bem ou mal**) e no sentido de desvencilhar-se.

339. ( ) Não é possível construir-se a forma **havia-me lavado**.
340. ( ) Os tempos compostos da voz ativa podem ser construídos com o auxiliar **ter** ou **haver**: **tinha-me** ou **havia-me lavado**; **ter-me-ei** ou **haver-me-ei lavado**.
341. ( ) Atualmente, o auxiliar **haver** está em desuso, o que traz um tom de arcaísmo à frase. Ainda é usado para evitar a repetição do **ter** ou para obtenção de efeito estilístico.

Modo subjuntivo

Presente do subjuntivo

...que eu me lave	...me arrependa	...me saia
...que tu te laves	...te arrependas	...te saias
...que ele se lave	...se arrependa	...se saia
...que nós nos lavemos	...nos arrependamos	...nos saiamos
...que vós vos laveis	...vos arrependais	...vos saiais
...que eles se lavem	...se arrependam	...se saiam

Pretérito imperfeito do subjuntivo

se eu me lavasse	...me arrependesse	...me saísse
se tu te lavasses	...te arrependesses	...te saísses
se ele se lavasse	...se arrependesse	...se saísse
se nós nos lavássemos	...nos arrependêssemos	...nos saíssemos
se vós vos lavásseis	...vos arrependêsseis	...vos saísseis
se eles se lavassem	...se arrependessem	...se saíssem

se eu me tivesse
se tu te tivesses
se ele se tivesse
se nós nos tivéssemos
se vós vos tivésseis
se eles se tivessem

> lavado, arrependido, saído...

Futuro do subjuntivo

quando eu me lavar	...me arrepender	...me sair
quando tu te lavares	...te arrependeres	...te saíres
quando ele se lavar	...se arrepender	...se sair
quando nós nos lavarmos	...nos arrependermos	...nos sairmos
quando vós vos lavardes	...vos arrependerdes	...vos sairdes
quando eles se lavarem	...se arrependerem	...se saírem

quando eu me tiver
quando tu te tiveres
quando ele se tiver
quando nós nos tivermos
quando vós vos tiverdes
quando eles se tiverem

lavado, arrependido, saído...

Prática

■ Observando a conjugação pronominal e reflexiva do subjuntivo, assinale **C** ou **E**.

342. ( ) Os pronomes oblíquos átonos são colocados antes do verbo porque são atraídos pelas conjunções subordinativas **que**, **se**, **quando**...

343. ( ) Na frase "Lave-me a culpa a Sua misericórdia", a forma verbal é igual à do subjuntivo (**lave**), e o pronome átono **me** vem depois do verbo porque este não está precedido de conjunção subordinativa.

344. ( ) Em "Lave-me a culpa", tem-se exemplo de oração optativa, constituída de forma verbal igual à do subjuntivo, mas com ênclise obrigatória.

Modo imperativo

Afirmativo		
lava-te	arrepende-te	sai-te
lave-se (você)	arrependa-se (você)	saia-se (você)
lavemo-nos	arrependamo-nos	saiamo-nos
lavai-vos	arrependei-vos	saí-vos
lavem-se (vocês)	arrependam-se (vocês)	saiam-se (vocês)

Negativo		
Não te laves	Não te arrependas	Não te saias
Não se lave (você)	Não se arrependa (você)	Não se saia (você)
Não nos lavemos	Não nos arrependamos	Não nos saiamos
Não vos laveis	Não vos arrependais	Não vos saiais
Não se lavem (vocês)	Não se arrependam (vocês)	Não se saiam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal		
lavar-se	arrepender-se	sair-se

Infinitivo pessoal		
lavar-me	arrepender-me	sair-me
lavares-te	arrependeres-te	saíres-te
lavar-se	arrepender-se	sair-se
lavarmo-nos	arrependermo-nos	sairmo-nos
lavardes-vos	arrependerdes-vos	sairdes-vos
lavarem-se	arrependerem-se	saírem-se

Gerúndio		
lavando-se	arrependendo-se	saindo-se

Particípio		
lavado	arrependido	saído

Prática

■ Observe as formas nominais da conjugação pronominal e reflexiva e responda **C** ou **E**.

345. ( ) O quadro apresenta erro porque o particípio deveria ser **lavado-se**, **arrependido-se**, **saído-se**.

346. ( ) O quadro está correto. O particípio não aceita pronome átono.

347. ( ) Em todo o quadro, só há três formas acentuadas graficamente: **saíres-te**, **saírem-se**, **saído**.

348. ( ) Em **saíres-te**, **saírem-se**, **saído**, o **i** é acentuado graficamente por ser 2ª vogal de hiato e estar sozinho na sílaba.

CLASSIFICAÇÃO DO VERBO QUANTO À FUNÇÃO

Verbo principal

Mantém o significado próprio:
Tenho **estudado**. Estou sendo **amado**.
Vou **amar**.

Verbo auxiliar

Perde seu significado próprio para ajudar a conjugar o principal:
Tenho sido amado. **Estou** amando.
Vou amar.

USO DOS PARTICÍPIOS: REGULAR E IRREGULAR

Observe:

I – Ele **havia matado** o inimigo.
II – O inimigo **foi morto**.
III – Ele **tinha matado** o inimigo.
IV – O inimigo **está morto**.
V – Inimigo bom é inimigo **morto**.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

349. ( ) I e III estão na **voz ativa** (auxiliares: haver e ter).
350. ( ) II e IV estão na **voz passiva** (auxiliares: ser e estar).
351. ( ) "matado" é particípio regular; "morto", irregular.
352. ( ) Na frase V, "morto" é **adjetivo**.

Os **particípios regulares** (**ado**, **ido**) são usados com os auxiliares **ter** e **haver** e formam a voz ativa.
Os **particípios irregulares** são usados para função de adjetivo e para fazer a voz passiva, com os auxiliares **ser** e **estar**.

■ Assinale **C** ou **E**.

353. ( ) Esse livro foi imprimido no Brasil.
354. ( ) A editora tinha impresso esse livro no Brasil.
355. ( ) Esse livro foi impresso no Brasil.
356. ( ) A editora tinha imprimido esse livro no Brasil.
357. ( ) Foi impressa enorme velocidade ao carro.
358. ( ) **imprimir**, na acepção de "produzir movimento", "infundir", tem apenas o particípio regular (imprimido).
359. ( ) Foi imprimida enorme velocidade ao carro.

CONJUGAÇÃO DE VERBOS REGULARES, IRREGULARES, DEFECTIVOS, ANÔMALOS E ABUNDANTES QUE REQUEREM ATENÇÃO

As formas verbais a seguir relacionadas são dignas de nota. Todas as não relacionadas são regulares. Destacamos, por serem primitivas e gerarem outras: o **infinitivo**, no título do verbo; e, do indicativo, o **presente** e o **pretérito perfeito**, conjugados em todas as pessoas. Para esclarecer dúvidas, apresentamos as pessoas do **presente do subjuntivo** e o **imperativo afirmativo**. O imperativo negativo tem as pessoas iguais ao presente do subjuntivo, por isso não as relacionamos. Sob a denominação **outras**, registramos a

1ª pessoa do singular dos seguintes tempos, sempre na mesma ordem: do indicativo, o **imperfeito**, o **futuro do presente**, o **futuro do pretérito** e o **mais-que-perfeito**; do subjuntivo, o **imperfeito** e o **futuro**; além desses, o **gerúndio** e o **particípio**. Quando se define um verbo como regular, ele segue o paradigma da sua conjugação (*vide* página 179). Em alguns casos, negritamos as sílabas ou vogais tônicas para evitar dúvidas quanto à pronúncia.

1ª conjugação

circundar, relampejar, tracejar (Regulares.)
Conjugam-se como **amar**.

constar, prestar, restar, sustar (Regulares.)
Não seguem **estar**. Conjugam-se como **amar**.

Ind. pres.:	consto, constas, consta, constamos, constais, constam.
Pret. perf.:	constei, constaste, constou, constamos, constastes, constaram.
Subj. pres.:	conste, constes, conste, constemos, consteis, constem.
Imperat. afirm.:	consta, conste, constemos, constai, constem.
Outras:	constava, constarei, constaria, constara, constasse, constar, constando, constado.

dar, desdar (Irregulares.)

Ind. pres.:	dou, dás, dá, damos, dais, dão.
Pret. perf.:	dei, deste, deu, demos, destes, deram.
Subj. pres.:	dê, dês, dê, demos, deis, dêem (nova ortografia: deem).
Imperat. afirm.:	dá, dê, demos, dai, dêem (nova ortografia: deem).
Outras:	dava, darei, daria, dera, desse, der, dando, dado.

sobestar, sobrestar (Irregulares.)
Conjugam-se como **estar**. *Vide* pág. 187.

grassar (Defectivo, unipessoal.)

Ind. pres.:	–, –, grassa, –, –, grassam.
Pret. perf.:	–, –, grassou, –, –, grassaram.
Subj. pres.:	–, –, grasse, –, –, grassem.
Imperat. afirm.:	–, grasse, –, – grassem.
Outras:	grassava(m), grassará(ão), grassaria(m), grassara(m), grassasse(m), grassar(em), grassando, grassado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** a respeito de **grassar**.

360. ( ) **grassar** significa **espalhar-se**.
361. ( ) Só se conjuga nas 3as pessoas. Por só dispor de uma pessoa, a terceira, é chamado de unipessoal.
362. ( ) Há autores que consideram o **unipessoal** como uma espécie de **defectivo**.
363. ( ) Consideram-se também unipessoais os verbos que designam vozes de animais: **uivar**, **crocitar**.

Terminados em ear

acarear, afoguear, alardear, apear, aperrear, arear, arrear, atear, baquear, bloquear, cambalear, capitanear, cear, clarear, coxear, desnortear, falsear, folhear, frear, galantear, golpear, granjear, guerrear, hastear, menear, nomear, nortear, palmear, passear, patentear, planear, recear, recrear, refrear, regatear, relampaguear, relampear, rodear, saborear, saquear, semear, serpear, serpentear... (Irregulares; seguem o modelo de **pentear**.)

Ind. pres.:	penteio, penteias, penteia, penteamos, penteais, penteiam.
Pret. perf.:	penteei, penteaste, penteou, penteamos, penteastes, pentearam.
Imperat. afirm.:	penteia, penteie, penteemos, penteai, penteiem.
Subj. pres.:	penteie, penteies, penteie, penteemos, penteeis, penteiem.
Outras:	penteava, pentearei, pentearia, penteara, penteasse, pentear, penteando, penteado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos em **ear**.

364. ( ) Nas formas rizotônicas, aparece um **i** depois do **e**: pente**i**o, pente**i**e, pente**i**am.
365. ( ) Nas formas arrizotônicas, são conjugados normalmente: penteamos, penteemos, penteei, penteaste, penteastes, pentearam.
366. ( ) A 1ª pessoa do plural do presente e a do pretérito perfeito do indicativo são iguais, como em muitos outros verbos.
367. ( ) **relampaguear** tem outras duas variantes corretas: **relampear** e **relampejar**; esta última, regular.

precatar(-se) (Regular.)

Ind. pres.:	precato, precatas, precata, precatamos, precatais, precatam.
Pret. perf.:	precatei, precataste, precatou, precatamos, precatastes, precataram.
Subj. pres.:	precate, precates, precate, precatemos, precateis, precatem.
Imperat. afirm.:	precata, precate, precatemos, precatai, precatem.
Outras:	precatava, precatarei, precataria, precatara, precatasse, precatar, precatando, precatado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

368. ( ) **precatar(-se)** significa **acautelar(-se)**, **prevenir(-se)**, **precaver(-se)**.
369. ( ) São verbos característicos do registro popular.
370. ( ) A norma culta os aconselha para suprir as pessoas que faltam ao defectivo **precaver-se**.

idear, estrear (Irregulares.)

Ind. pres.:	idéio, idéias, idéia, ideamos, ideais, idéiam. (nova ortografia: ideio, ideias, ideia, ideamos, ideais, ideiam)
Pret. perf.:	ideei, ideaste, ideou, ideamos, ideastes, idearam.
Subj. pres.:	idéie, idéies, idéie, ideemos, ideeis, idéiem. (nova ortografia: ideie, ideies, ideie, ideemos, ideeis, ideiem)
Imperat. afirm.:	idéia, idéie, ideemos, ideai, idéiem. (nova ortografia: ideia, ideie, ideemos, ideai, ideiem)
Outras:	ideava, idearei, idearia, ideara, ideasse, idear, ideando, ideado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos acima.

371. ( ) Após o **e**, aparece o **i** nas formas rizotônicas, como acontece com os outros verbos terminados em **ear**.
372. ( ) São também, por isso, irregulares.
373. ( ) Diferentemente dos outros terminados em **ear**, apresentam o ditongo aberto **éi** no presente do indicativo e no presente do subjuntivo, só nas formas rizotônicas.
374. ( ) Nos imperativos afirmativo e negativo, que derivam dos presentes do indicativo e do subjuntivo, as formas arrizotônicas devem também ter o ditongo aberto **éi**.
375. ( ) Explica-se o ditongo aberto nos verbos **idear**, **estrear**, pela existência de seus substantivos cognatos **idéia** e **estréia**.

Terminados em iar

acariciar, adiar, afiar, agoniar, agraciar, aliar, aliviar, amaciar, ampliar, angariar, ansiar, anunciar, apreciar, arrepiar, assediar, assobiar, associar, assoviar, ataviar, avaliar, aviar, balbuciar, beneficiar, caluniar, chiar, confiar, contrariar, criar, deliciar, desfiar, enfiar, enunciar, enviar, esfriar, espiar, evidenciar, expiar, extasiar, fiar, historiar, incendiar, injuriar, mediar, miar, negociar, odiar, oficiar, piar, porfiar, premiar, prenunciar, principiar, procriar, pronunciar, recriar, remediar, renunciar, saciar, sediar, tosquiar, vadiar, vangloriar, variar...
(Regulares; seguem o modelo de **abreviar**, com exceções, no próximo quadro.)

Ind. pres.:	abrevio, abrevias, abrevia, abreviamos, abreviais, abreviam.
Pret. perf.:	abreviei, abreviaste, abreviou, abreviamos, abreviastes, abreviaram.
Subj. pres.:	abrevie, abrevies, abrevie, abreviemos, abrevieis, abreviem.
Imperat. afirm.:	abrevia, abrevie, abreviemos, abreviai, abreviem.
Outras:	abreviava, abreviarei, abreviaria, abreviara, abreviasse, abreviar, abreviando, abreviado.

ansiar, incendiar, mediar, odiar, remediar (Irregulares.) **premiar, negociar** (Regulares ou iregulares.)

Ind. pres.:	anseio, anseias, anseia, ansiamos, ansiais, anseiam.
Pret. perf.:	ansiei, ansiaste, ansiou, ansiamos, ansiastes, ansiaram.
Subj. pres.:	anseie, anseies, anseie, ansiemos, ansieis, anseiem.
Imperat. afirm.:	anseia, anseie, ansiemos, ansiai, anseiem.
Outras:	ansiava, ansiarei, ansiaria, ansiara, ansiasse, ansiar, ansiando, ansiado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos em **iar**.

376. ( ) Os verbos terminados em **iar** são todos regulares.

377. ( ) Os regulares seguem a conjugação de **amar** e são a grande maioria.

378. ( ) Há, pelo menos, cinco verbos terminados em **iar**, irregulares, que se conjugam com um **e**, nas formas rizotônicas: **mediar**, **ansiar**, **remediar**, **incendiar** e **odiar**, como se terminassem em **ear**: **medeio**, **anseio**...

379. ( ) No Brasil se fala "eu negocio", "eu premio"; em Portugal e outros países, também se fala "eu negoceio", "eu premeio".

Observação:

Para lembrar esses cinco verbos irregulares terminados em **iar**, que se conjugam como os terminados em **ear**, lembre-se da palavra MÁRIO:

Mediar, **A**nsiar, **R**emediar, **I**ncendiar, **O**diar.

mobiliar, mobilar, mobilhar (Regulares.)

Ind. pres.:	– mo**bí**lio, mo**bí**lias, mo**bí**lia, mobili**a**mos, mobili**ais**, mo**bí**liam.
	– mo**bi**lo, mo**bi**las, mo**bi**la, mobi**la**mos, mobi**lais**, mo**bi**lam.
	– mo**bi**lho, mo**bi**lhas, mo**bi**lha, mobi**lha**mos, mobi**lhais**, mo**bi**lham.
Pret. perf.:	– mobili**ei**, mobili**as**te, mobili**ou**, mobili**a**mos, mobili**as**tes, mobili**a**ram.
	– mobil**ei**, mobil**as**te, mobil**ou**, mobil**a**mos, mobil**as**tes, mobil**a**ram.
	– mobilh**ei**, mobilh**as**te, mobilh**ou**, mobilh**a**mos, mobilh**as**tes, mobilh**a**ram.
Subj. pres.:	– mo**bí**lie, mo**bí**lies, mo**bí**lie, mobili**e**mos, mobili**eis**, mo**bí**liem.
	– mo**bi**le, mo**bi**les, mo**bi**le, mobil**e**mos, mobil**eis**, mo**bi**lem.
	– mo**bi**lhe, mo**bi**lhes, mo**bi**lhe, mobilh**e**mos, mobilh**eis**, mo**bi**lhem.

Imperat. afirm.: – mo**bí**lia, mo**bí**lie, mobili**e**mos, mobili**ai**, mo**bí**liem.
– mo**bi**la, mo**bi**le, mobil**e**mos, mobil**ai**, mo**bi**lem.
– mo**bi**lha, mo**bi**lhe, mobilh**e**mos, mobilh**ai**, mo**bi**lhem.

Outras: – mobili**a**va, mobiliar**e**i, mobiliar**i**a, mobili**a**ra, mobili**a**sse, mobili**a**r, mobili**an**do, mobili**a**do.
– mobil**a**va, mobilar**e**i, mobilar**i**a, mobil**a**ra, mobil**a**sse, mobil**a**r, mobil**an**do, mobil**a**do.
– mobilh**a**ra, mobilhar**e**i, mobilhar**i**a, mobilh**a**ra, mobilh**a**sse, mobilh**a**r, mobilh**an**do, mobilh**a**do.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

380. ( ) A variante **mobilar** é lusitanismo.
381. ( ) Na variante **mobiliar**, a sílaba **bi** passa a ter acento agudo nas formas arrizotônicas.
382. ( ) Toda paroxítona terminada em ditongo deve ser acentuada graficamente. É por isso que em **mobiliar**, as formas rizotônicas recebem o acento agudo.
383. ( ) No subjuntivo presente, estão certas as formas: mobíle, mobílhes, mobílhem, mobílem...
384. ( ) No subjuntivo presente, estão certas as formas: mobile, mobilhes, mobilhem, mobilem...

apiedar-se, apiadar-se (Regulares.)

eu me apiedo	eu me apiado
tu te apiedas	tu te apiadas
ele se apieda	ele se apiada
nós nos apiedamos	nós nos apiadamos
vós vos apiedais	vós vos apiadais
eles se apiedam	eles se apiadam

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

385. ( ) Em Portugal, **piedade** e **piadade**, na pronúncia, confundem-se.
386. ( ) A forma **apiadar-se** relaciona-se com **piadade** e é considerada arcaísmo.
387. ( ) Ambos os verbos são pronominais e regulares.

Terminados em <u>oar</u>

abençoar, abalroar, abotoar, assoar, caçoar, coar, doar, ensaboar, magoar, reboar, soar, voar... (Regulares; seguem o modelo de **voar**.)

Ind. pres.: vôo (nova ortografia: voo), voas, voa, voamos, voais, voam.
Pret. perf.: voei, voaste, voou, voamos, voastes, voaram.
Subj. pres.: voe, voes, voe, voemos, voeis, voem.

Imperat. afirm.:	voa, voe, voemos, voai, voem.
Outras:	voava, voarei, voaria, voara, voasse, voar, voando, voado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos em **oar**.

388. ( ) **ensabôo**, **abotôo**, **magôo**, **vôo** eram acentuadas, mas deixaram de sê-lo pela nova ortografia.
389. ( ) **abalrôas**, **abotôas**, **caçôas** não são acentuadas, nem pela antiga, nem pela nova ortografia.
390. ( ) **côa**, **côas** eram acentuadas para diferençar de **coa**, **coas**, contração de **com** + **a**(**s**), mas perderam o acento pela nova ortografia.
391. ( ) Os grupos **oo**, **oa**, **oe**, pela nova ortografia, não se acentuam, exceto em **côa**, **côas**.

Terminados em uar

amuar, atuar, autuar, continuar, cultuar, encruar, graduar, habituar, jejuar... (Regulares; seguem o modelo de **suar**.)

Ind. pres.:	suo, suas, sua, suamos, suais, suam.
Pret. perf.:	suei, suaste, suou, suamos, suastes, suaram.
Subj. pres.:	sue, sues, sue, suemos, sueis, suem.
Imperat. afirm.:	sua, sue, suemos, suai, suem.
Outras:	suava, suarei, suaria, suara, suasse, suar, suando, suado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

392. ( ) **soar** e **suar** são regulares, e é comum confundi-los.
393. ( ) Soamos muito no calor.
394. ( ) Naquele ambiente úmido e fechado, o tambor soava e suava.
395. ( ) O bolo encroou.

Terminados em guar, quar, quir

aguar, apaniguar, apaziguar, apropinquar, adequar(-se), antiquar, averiguar, desaguar, enxaguar, minguar, obliquar, delinqüir/delinquir (nova ortografia)**...** (Regulares.)

Ind. pres.:	1 – **á**guo, **á**guas, **á**gua, agu**a**mos, agu**a**is, **á**guam.
	2 – ag**u**o, ag**u**as, ag**u**a, agu**a**mos, agu**a**is, ag**u**am.
Pret. perf.:	agüei (nova ortografia: agu**e**i), agu**a**ste, agu**o**u, agu**a**mos, agu**a**stes, agu**a**ram.
Subj. pres.:	1 – **á**güe, **á**gües, **á**güe, agü**e**mos, agü**e**is, **á**güem (nova ortografia: **á**gue, **á**gues, **á**gue, agu**e**mos, agu**e**is, **á**guem).
	2 – ag**u**e, ag**u**es, ag**u**e, agu**e**mos, agu**e**is, ag**u**em.

Imperat. afirm.: 1 – água, ágüe, agüemos, aguai, ágüem (nova ortografia: água, águe, aguemos, aguai, águem).
2 – ag**u**a, ag**ue**, agu**e**mos, agu**a**i, ag**u**em.
Outras: aguava, aguarei, aguaria, aguara, aguasse, aguar, aguando, aguado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos acima.

396. ( ) As formas rizotônicas recebem acento agudo porque são paroxítonas terminadas em ditongo.
397. ( ) Na antiga ortografia, o **u** recebe trema antes de **e** por ser pronunciado e átono. Nas novas regras ortográficas, o **u** perdeu o trema.
398. ( ) Observando-se as letras em negrito que marcam a vogal tônica, constata-se que há duas pronúncias possíveis.
399. ( ) Nos presentes do indicativo e do subjuntivo, há duas pronúncias e grafias consagradas.
400. ( ) Por isso, nos imperativos afirmativo e negativo, há também duas pronúncias e grafias consagradas.
401. ( ) O **u** é sempre pronunciado tônico.
402. ( ) O **u** é sempre pronunciado. Na antiga ortografia, quando átono, tem trema; quando tônico, tem acento agudo.
403. ( ) Agora, pela nova ortografia, devem-se eliminar todos os tremas.
404. ( ) O **u** é sempre pronunciado tônico nas formas rizotônicas. Nas arrizotônicas, é pronunciado átono.
405. ( ) O dicionário Houaiss classifica todos esses verbos como regulares.
406. ( ) As formas rizotônicas apresentam acento agudo por serem proparoxítonas.
407. ( ) As formas rizotônicas apresentam acento agudo por serem paroxítonas terminadas em ditongo.
408. ( ) **Apropinguar(-se)** é muito usado, mas a forma pronominal não o é.
409. ( ) Esse verbo, que significa **aproximar**, **aproximar-se**, é de uso raro.

resfolegar (Regular.)

Ind. pres.: resfólego, resfólegas, resfólega, resfolegamos, resfolegais, resfólegam.
Pret. perf.: resfoleguei, resfolegaste, resfolegou, resfolegamos, resfolegastes, resfolegaram.
Subj. pres.: resfólegue, resfólegues, resfólegue, resfoleguemos, resfolegueis, resfóleguem.
Imperat.: afirm.: resfólega, resfólegue, resfoleguemos, resfolegai, resfóleguem.
Outras: resfolegava, resfolegarei, resfolegaria, resfolegara, resfolegasse, resfolegar, resfolegando, resfolegado.

resfolgar (Regular.)

Ind. pres.:	resfolgo, resfolgas, resfolga, resfolgamos, resfolgais, resfolgam.
Pret. perf.:	resfolguei, resfolgaste, resfolgou, resfolgamos, resfolgastes, resfolgaram.
Subj. pres.:	resfolgue, resfolgues, resfolgue, resfolguemos, resfolgueis, resfolguem.
Imperat. afirm.:	resfolga, resfolgue, resfolguemos, resfolgai, resfolguem.
Outras:	resfolgava, resfolgarei, resfolgaria, resfolgara, resfolgasse, resfolgar, resfolgando, resfolgado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os quadros anteriores.

"No intervalo, os jogadores resfolgavam (ou resfolegavam) no vestiário."

410. ( ) **resfolegar** ou **resfolgar** significa **recuperar o fôlego**, **descansar**.
411. ( ) **resfolgar** é derivado de **resfolegar** pela síncope do **e** (queda do **e**).
412. ( ) **resfolegar** e **resfolgar** são, pois, sinônimos.
413. ( ) **resfolegar** conjuga-se regularmente nas formas arrizotônicas.

Terminados em gnar, bstar, psar, ptar e tmar

dignar-se, indignar-se, consignar, estagnar, persignar-se, resignar-se, impugnar, propugnar, repugnar, obstar, eclipsar, optar, raptar, ritmar... (Regulares; conjugam-se como **pugnar**.)

Ind. pres.:	p**u**gno, p**u**gnas, p**u**gna, pugn**a**mos, pugn**a**is, p**u**gnam.
Pret. perf.:	pugn**e**i, pugn**a**ste, pugn**o**u, pugn**a**mos, pugn**a**stes, pugn**a**ram.
Subj. pres.:	p**u**gne, p**u**gnes, p**u**gne, pugn**e**mos, pugn**e**is, p**u**gnem.
Imperat. afirm.:	p**u**gna, p**u**gne, pugn**e**mos, pugn**a**i, p**u**gnem.
Outras:	pugn**a**va, pugnar**e**i, pugnar**i**a, pugn**a**ra, pugn**a**sse, pugn**a**r, pugn**a**ndo, pugn**a**do.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre o quadro anterior.

414. ( ) Na pronúncia, o encontro consonantal **gn** é inseparável.
415. ( ) O **g** se apoia na vogal que lhe vem antes; o **n**, na que se lhe segue (p**u**g-n**o**).
416. ( ) O mesmo acontece com **o**bs-t**o**, **o**bs-t**a**s, **o**p-t**o**, **o**p-t**a**s, r**a**p-t**o**, r**a**p-t**a**s, r**i**t-m**o**, r**i**t-m**a**s...
417. ( ) No presente do indicativo, do subjuntivo e no imperativo é que aparecem formas rizotônicas, excetuando-se **nós** e **vós**.
418. Sublinhe as letras que representam as vogais tônicas, pronunciando as palavras, em voz alta, para educar o ouvido.
indigno-me, indigna-se, indignam-se, indignamo-nos, indignai-vos, indignas-te.

obviar (Regular.)

Ind. pres.:	obv**i**o, obv**i**as, obv**i**a, obv**i**amos, obv**i**ais, obv**i**am.
Pret. perf.:	obv**i**ei, obv**i**aste, obv**i**ou, obv**i**amos, obv**i**astes, obv**i**aram.
Subj. pres.:	obv**i**e, obv**i**es, obv**i**e, obv**i**emos, obv**i**eis, obv**i**em.
Imperat. afirm.:	obv**i**a, obv**i**e, obv**i**emos, obv**i**ai, obv**i**em.
Outras:	obv**i**ava, obviar**á**, obviar**i**a, obv**i**ara, obv**i**asse, obv**i**ar, obv**i**ando, obv**i**ado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre o quadro visto.

419. ( ) O encontro consonantal **bv** é separável, ficando cada consoante numa sílaba.
420. ( ) Nenhuma de suas formas apresenta acento gráfico no **i** ou **e**.
421. ( ) **obviar** conjuga-se com a mesma pronúncia de **optar**.
422. ( ) Em **obviar**, a tônica está sempre depois do encontro consonantal, o que não acontece com **optar**.

2ª conjugação

abster-se, ater-se, conter, deter, entreter, manter, obter, reter, suster... (Irregulares; conjugam-se como **ter**.) *Vide* pág. 187.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** em relação ao presente do indicativo do verbo **ter**.

423. ( ) A 3ª pessoa do plural tem circunflexo para não ser confundida com a 3ª pessoa do singular (eles têm ≠ ele tem).
424. ( ) Nos derivados, isso também acontece: eles detêm, mantêm, obtêm...
425. ( ) Nos derivados, a 3ª pessoa do singular também segue a grafia de **ter**: ele tem, detem, mantem, se abstem...
426. ( ) A 3ª pessoa do singular de **ter** escreve-se sem acento, mas a de seus derivados, por ter mais de uma sílaba, segue a regra de acentuação das oxítonas e recebem acento agudo: tem ≠ retém, detém, abstém-se, ou se abstém, entretém...

Terminados em azer*

afazer, bem-fazer, contrafazer, desafazer, desfazer, esfazer, estupefazer, liqüefazer ou liquefazer, malfazer, perfazer, putrefazer, rarefazer, refazer, satisfazer, torrefazer, transfazer, tumefazer... (Irregulares e abundantes; conjugam-se como **fazer**.)

Ind. pres.:	faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem.

Pret. perf.:	fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram.
Subj. pres.:	faça, faças, faça, façamos, façais, façam.
Imperat. afirm.:	faz(e), faça, façamos, fazei, façam.
Outras:	fazia, farei, faria, fizera, fizesse, fizer, fazendo, feito.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

427. ( ) **faz-**, **faç-**, **fiz-**, **fez-**, **far-**, **fei-** ... tantos radicais num mesmo verbo levam gramáticos a classificarem-no como anômalo.
428. ( ) **faço**, **faz**, **fiz**, **faça** são formas irregulares.
429. ( ) **farei**, **faria**, **feito** são formas regulares.
430. ( ) No imperativo afirmativo, **faz** (tu) ou **faze** (tu) são formas abundantes.

jazer, adjazer, circunjazer, subjazer (Irregulares e abundantes.)

Ind. pres.:	subjazo, subjazes, subjaz, subjazemos, subjazeis, subjazem.
Pret. perf.:	subjazi, subjazeste, subjazeu, subjazemos, subjazestes, subjazeram.
Subj. pres.:	subjaza, subjazas, subjaza, subjazamos, subjazais, subjazam.
Imperat. afirm.:	subjaz(e), subjaza, subjazamos, subjazei, subjazam.
Outras:	subjazia, subjazerei, subjazeria, subjazera, subjazesse, subjazer, subjazendo, subjazido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

431. ( ) A irregularidade desses verbos acontece só na 3ª pessoa do singular: **jaz**, **subjaz**, **adjaz**, **circunjaz**.
432. ( ) No imperativo afirmativo, são abundantes: **jaze** (tu) ou **jaz** (tu)...

comprazer, descomprazer (Irregulares e abundantes.)

Ind. pres.:	comprazo, comprazes, compraz, comprazemos, comprazeis, comprazem.
Pret. perf.:	comprazi, comprazeste, comprazeu, comprazemos, comprazestes, comprazeram (moderno). comprouve, comprouveste, comprouve, comprouvemos, comprouvestes, comprouveram (antigo).
Subj. pres.:	compraza, comprazas, compraza, comprazamos, comprazais, comprazam.
Imperat. afirm.:	compraz(e), compraza, comprazamos, comprazei, comprazam.
Outras:	comprazia, comprazerá, comprazeria, comprazera, comprazesse ou comprouvesse, comprazer ou comprouver, comprazendo, comprazido.

**Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*

prazer, aprazer, desaprazer, desprazer (Irregulares, defectivos e abundantes.)

Ind. pres.:	–, –, praz, –, –, prazem.
Pret. perf.:	–, –, prouve, –, –, prouveram.
Subj. pres.:	–, –, praza, –, –, prazam.
Imperat. afirm.:	–, praza, –, prazam.
Outras:	prazia(am), prazerá(ão), prazeria(am), prouvera(am), prouvesse(em), prouver(em), prazendo, prazido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

433. ( ) Esses verbos são irregulares na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo: **praz**, **compraz**...

434. ( ) Alguns gramáticos já consideram o verbo **prazer** com conjugação completa, como a de **comprazer**.

435. ( ) **comprazer** e **descomprazer** conjugam-se em todas as pessoas e tempos.

436. ( ) **aprazer**, **desaprazer**, **desprazer** normalmente só são usados nas 3as pessoas, porém **aprazer-se**, **desaprazer-se**, **desprazer-se** conjugam-se em todas as pessoas e tempos.

437. ( ) No pretérito perfeito do indicativo, convive a forma moderna regular **prazi**, **prazeste**, **prazeu**... **prazeram** com a antiga **prouve**, **prouveste, prouve, prouveram**.

438. ( ) Trata-se, portanto, de verbo abundante nas formas: aprazeu/aprouve, aprazesse/aprouvesse, aprazer/aprouver...

439. ( ) Algumas pessoas de **aprazer**, fora do contexto da frase, podem confundir-se com pessoas de **aprazar**.

trazer e derivados (Irregulares e abundantes.)

Ind. pres.:	trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem.
Pret. perf.:	trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram.
Subj. pres.:	traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam.
Imperat. afirm.:	traz(e), traga, tragamos, trazei, tragam.
Outras:	trazia, trarei, traria, trouxera, trouxesse, trouxer, trazendo, trazido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

440. ( ) **traz**, **trago**, **trazemos**, **trazia** são formas irregulares.

441. ( ) **trago**, **traz**, **trarei**, **traria**, **trouxe**, **trouxera**, **trouxesse**, **trouxer** são formas irregulares.

442. ( ) A forma **traz**, irregular, resulta do mesmo processo que aconteceu com **faz**, **diz** e **traduz**.
443. ( ) **trazer** e derivados são abundantes no imperativo afirmativo: traze ou traz (tu).

caber, descaber (Irregulares.)

Ind. pres.:	caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem.
Pret. perf.:	coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam.
Subj. pres.:	caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam.
Imperat. afirm.:	cabe, caiba, caibamos, cabei, caibam.
Outras:	cabia, caberei, caberia, coubera, coubesse, couber, cabendo, cabido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

444. ( ) As formas **cabia**, **caberei**, **caberia**, **cabendo** e **cabido** são irregulares.
445. ( ) As formas **caibo**, **caibamos**, **coube**, **coubesse**, **couber** são irregulares.
446. ( ) Pelo seu sentido, dizem alguns gramáticos, o imperativo não se coaduna com o verbo caber, e o consideram defectivo no imperativo.
447. ( ) Para alguns gramáticos, o verbo **descaber** só é usado no infinitivo e no particípio, por isso, também é considerado defectivo.

crer, ler, descrer, reler, tresler (Irregulares.)

Ind. pres.:	creio, crês, crê, cremos, credes, crêem (nova ortografia: creem).
Pret. perf.:	cri, creste, creu, cremos, crestes, creram.
Subj. pres.:	creia, creias, creia, creiamos, creiais, creiam.
Imperat. afirm.:	crê, creia, creiamos, crede, creiam.
Outras:	cria, crerei, creria, crera, cresse, crer, crendo, crido.

Ind. pres.:	leio, lês, lê, lemos, ledes, lêem (nova ortografia: leem).
Pret. perf.:	li, leste, leu, lemos, lestes, leram.
Subj. pres.:	leia, leias, leia, leiamos, leiais, leiam.
Imperat. afirm.:	lê, leia, leiamos, lede, leiam.
Outras:	lia, lerei, leria, lera, lesse, ler, lendo, lido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

448. ( ) São formas irregulares: creio, creia, cri, leio, li, creste, leste.
449. ( ) São formas irregulares: creio, leio, creia, leia.
450. ( ) Creem, leem, descreem e releem, no recente Acordo Ortográfico, perderam o circunflexo, assim como deem, veem e derivados.

dizer, bendizer, condizer, contradizer, desdizer, entredizer, interdizer, maldizer, predizer, redizer (Irregulares e abundantes.)

Ind. pres.:	digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem.
Pret. perf.:	disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram.
Subj. pres.:	diga, digas, diga, digamos, digais, digam.
Imperat. afirm.:	diz(e), diga, digamos, dizei, digam.
Outras:	dizia, direi, diria, dissera, dissesse, disser, dizendo, dito.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

451. ( ) São formas regulares: dizes, diz, dizemos.

452. ( ) Constituem-se como formas irregulares: diz, disse, dissemos, digo, digas, direi, diremos, diria, dissera, dito.

453. ( ) Diz e dize: formas abundantes do imperativo afirmativo.

escrever, circunscrever, adscrever, descrever, inscrever, prescrever, proscrever, reescrever, sobrescrever, subscrever, transcrever... (Irregulares.)

Ind. pres.:	escrevo, escreves, escreve, escrevemos, escreveis, escrevem.
Pret. perf.:	escrevi, escreveste, escreveu, escrevemos, escrevestes, escreveram.
Subj. pres.:	escreva, escrevas, escreva, escrevamos, escrevais, escrevam.
Imperat. afirm.:	escreve, escreva, escrevamos, escrevei, escrevam.
Outras:	escrevia, escreverei, escreveria, escrevera, escrevesse, escrever, escrevendo, escrito.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

454. ( ) A única irregularidade de **escrever** e de seus derivados acontece no particípio: escrito, adscrito, subscrito, circunscrito, transcrito...

feder (Regular, ex-defectivo.)

Ind. pres.:	(fedo), fedes, fede, fedemos, fedeis, fedem.
Pret. perf.:	fedi, fedeste, fedeu, fedemos, fedestes, federam.
Subj. pres.:	(feda), (fedas), (feda), fedamos, fedais, fedam.
Imperat. afirm.:	fede, (feda), (fedamos), fedei, fedam.
Outras:	fedia, federei, federia, federa, fedesse, feder, fedendo, fedido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre o quadro anterior.

455. ( ) Usado predominantemente na linguagem popular.

456. ( ) Tradicionalmente era classificado como defectivo, não tendo conjugação de todas as formas que estão entre parênteses.
457. ( ) É característico da norma culta.
458. ( ) Atualmente é considerado regular, conjugável em todas as formas.

haver(-se) (Irregular e abundante.)

Ind. pres.:	hei, has, há, havemos (ou hemos), haveis (ou heis), hão.
Pret. perf.:	houve, houveste, houve, houvemos, houvestes, houveram.
Subj. pres.:	haja, hajas, haja, hajamos, hajais, hajam.
Imperat. afirm.:	há, haja, hajamos, havei, hajam.
Outras:	havia, haverei, haveria, houvera, houvesse, houver, havendo, havido.

Obs.: veja toda sua conjugação a partir da pág. 187.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

459. ( ) No presente do indicativo, o verbo **haver** é abundante na 1ª e 2ª pessoa do plural.
460. ( ) As formas **hemos** e **heis** não são hoje usadas.
461. ( ) O verbo **haver**, na linguagem moderna, vem sendo substituído pelo verbo ter.

1. haja(s) ≠ aja(s)
2. havia(s) ≠ avia(s)
3. heis ≠ eis
4. houve ≠ ouve

462. ( ) Os pares de homônimos acima comparam formas do verbo **haver** com outras dos verbos **agir**, **aviar**, **ouvir** e com a palavra **eis**.
463. ( ) Ele se houve bem na prova. Nessa frase, empregou-se o verbo **haver-se**, que significa **sair-se**.

reaver (Irregular e defectivo.)

Ind. pres.:	–, –, –, reavemos, reaveis, –.
Pret. perf.:	reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram.
Subj. pres.:	–, –, –, –, –, –.
Imperat. afirm.:	–, –, –, reavei, –.
Outras:	reavia, reaverei, reaveria, reouvera, reouvesse, reouver, reavendo, reavido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

464. ( ) **reouve**, **reouvera** e **reouver** são formas irregulares.
465. ( ) **reaver** conjuga-se pelo verbo **haver**, mas só se conjuga nas formas em que aparece a letra **v**.
466. ( ) **reaver** é defectivo nas formas em que **haver** não tem a letra **v**.

Terminados em oer

condoer-se, corroer, doer(-se), esmoer, remoer, roer (Irregulares; conjugam-se como **moer**.)

Ind. pres.:	môo (nova ortografia: moo), móis, mói, moemos, moeis, moem.
Pret. perf.:	moí, moeste, moeu, moemos, moestes, moeram.
Subj. pres.:	moa, moas, moa, moamos, moais, moam.
Imperat. afirm.:	mói, moa, moamos, moei, moam.
Outras:	moía, moerei, moeria, moera, moesse, moer, moendo, moído.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

467. ( ) **ôo** é terminação dos verbos em **oar** e **oer**, na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo.
468. ( ) **móis**, **mói** têm acento agudo pela presença do ditongo aberto **ói**.
469. ( ) **moí**, **moía**, **moíamos**, **moído** têm o **i** acentuado por ser tônico e segunda vogal de hiato.
470. ( ) **móis** e **mói** são formas irregulares.

soer (Irregular e defectivo.)

Ind. pres.:	–, sóis, sói, soemos, soeis, soem.
Pret. perf.:	soí, soeste, soeu, soemos, soestes, soeram.
Subj. pres.:	–, –, –, –, –, –.
Imperat. afirm.:	sói –, –, soei, –.
Outras:	soía, soerei, soeria, soera, soesse, soer, soendo, soído.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre **soer**.

471. ( ) É defectivo na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo.
472. ( ) Por isso, é também defectivo no presente do subjuntivo e nas pessoas do imperativo negativo.
473. ( ) Tem todas as pessoas do imperativo afirmativo.
474. ( ) No imperativo afirmativo só se conjuga nas pessoas **tu** e **vós**, porque são derivadas do presente do indicativo. Nas outras, é defectivo.
475. ( ) É irregular nas formas **sóis**, **sói**.

perder (Irregular.)

Ind. pres.:	perco, perdes, perde, perdemos, perdeis, perdem.
Pret. perf.:	perdi, perdeste, perdeu, perdemos, perdestes, perderam.
Subj. pres.:	perca, percas, perca, percamos, percais, percam.
Imperat. afirm.:	perde, perca, percamos, perdei, percam.
Outras:	perdia, perderei, perderia, perdera, perdesse, perder, perdendo, perdido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

476. ( ) **perco**, **perca**, **percamos** são formas irregulares.
477. ( ) Se a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo é irregular, também o serão suas formas derivadas, como o presente do subjuntivo e, consequentemente, todo o imperativo negativo e as pessoas **você**, **nós** e **vocês** do imperativo afirmativo.
478. ( ) As formas escritas com **c** apresentam o **e** aberto.
479. ( ) As formas escritas com **c** têm o **e** fechado.

poder (Irregular.)

Ind. pres.:	posso, podes, pode, podemos, podeis, podem.
Pret. perf.:	pude, pudeste, pôde, pudemos, pudestes, puderam.
Subj. pres.:	possa, possas, possa, possamos, possais, possam.
Imperat. afirm.:	pode, possa, possamos, podei, possam.
Outras:	podia, poderei, poderia, pudera, pudesse, puder, podendo, podido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

480. ( ) São irregulares todas as formas do verbo **poder** que apresentam **ss** e **pu**: posso, possamos, puder, pudesse...
481. ( ) **pôde** é pretérito perfeito, **pode** é presente.
482. ( ) Há gramáticos que consideram este verbo defectivo no imperativo, alegando que **não se manda alguém poder**.
483. ( ) Mas cabe usá-lo no imperativo quando se quer incutir ênfase: Você só não pode se não quiser tentar, então **queira**-o e **possa**.

pôr, antepor, apor, circumpor, compor, contrapor, decompor, depor, descompor, dispor, entrepor, expor, impor, indispor, interpor, justapor, maldispor, opor, pospor, predispor, prepor, pressupor, propor, recompor, repor, sobrepor, sotopor, superpor, supor, transpor (Irregulares ou anômalos.)

Ind. pres.:	ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem.
Pret. perf.:	pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram.
Subj. pres.:	ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham.
Imperat. afirm.:	põe, ponha, ponhamos, ponde, ponham.
Outras:	punha, porei, poria, pusera, pusesse, puser, pondo, posto.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos anteriores.

484. ( ) São os únicos que apresentam irregularidade no infinitivo.
485. ( ) Esse acontecimento faz alguns gramáticos considerarem-nos anômalos (mais que irregulares).

486. ( ) Alguns, inclusive, sugerem classificá-los como representantes de uma quarta conjugação: a dos verbos com infinitivo em **or**.
487. ( ) Normalmente, por sua derivação a partir do verbo **poer**, é considerado como irregularidade ou anomalia da 2ª conjugação.

precaver(-se) (Regular e defectivo.)

Ind. pres.:	–, –, –, precavemos, precaveis, –.
Pret. perf.:	precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram.
Subj. pres.:	–, –, –, –, –, –.
Imperat. afirm.:	–, –, –, precavei, –.
Outras:	precavia, precaverei, precaveria, precavera, precavesse, precaver, precavendo, precavido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre **precaver** e **precaver-se**.

488. ( ) São defectivos em algumas pessoas do presente do indicativo, do imperativo afirmativo e em todas do presente do subjuntivo e do imperativo negativo.
489. ( ) Esses verbos só se conjugam nas formas arrizotônicas.
490. ( ) Hoje só se usa a forma pronominal.
491. ( ) **precavejo**, **precaveem**, **precaviste**, **precaviu**... são formas que não existem porque são referentes a verbos que não são derivados de **ver**.
492. ( ) **precavenho**, **precavéns**, **precavenha**, **precavim** são também inexistentes na norma culta, porque não derivam os verbos **precaver** e **precaver-se** de **vir**.
493. ( ) Como são defectivos, suas formas inexistentes podem-se suprir pelas dos verbos **prevenir(-se)**, **precatar-se** ou **cuidar-se**.

prover, desprover (Irregulares.)

Ind. pres.:	provejo, provês, provê, provemos, provedes, provêem (nova ortografia: proveem).
Pret. perf.:	provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram.
Subj. pres.:	proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam.
Imperat. afirm.:	provê, proveja, provejamos, provede, provejam.
Outras:	provia, proverei, proveria, provera, provesse, prover, provendo, provido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

494. ( ) Derivado de **ver**, **prover** ora se conjuga como **ver**, ora não.
495. Todas as formas a seguir são corretas. Sublinhe as que fogem à conjugação de **ver**.
provê, provia, proviam, provi, proveste, proveu, provera, proveras, provesse, provesses, proverei, proveria, provejamos, provido.

querer, benquerer, desquerer, malquerer (Irregulares e abundantes.)

Ind. pres.:	quero, queres, quer(e), queremos, quereis, querem.
Pret. perf.:	quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram.
Subj. pres.:	queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram.
Imperat. afirm.:	quer(e), queira, queiramos, querei, queiram.
Outras:	queria, quererei, quereria, quisera, quisesse, quiser, querendo, querido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

496. ( ) No presente do indicativo, a forma **quere** é só usada em Portugal; no Brasil, só se usa a irregular **quer**.
497. ( ) **benquerer** e **malquerer** são abundantes em particípio: benquerido, malquerido, benquisto, malquisto.
498. ( ) **quis**, **queira**, **quisesse**, **quiser** são formas irregulares.
499. ( ) **Quer/quere**: formas abundantes no presente do indicativo e no imperativo afirmativo.

requerer (Irregular e abundante.)

Ind. pres.:	requeiro, requeres, requer(e), requeremos, requereis, requerem.
Pret. perf.:	requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram.
Subj. pres.:	requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram.
Imperat. afirm.:	requer(e), requeira, requeiramos, requerei, requeiram.
Outras:	requeria, requererei, requereria, requerera, requeresse, requerer, requerendo, requerido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

500. ( ) A forma regular **requere** é usada ainda em Portugal, e no Brasil, prefere-se a irregular **requer**.
501. ( ) **requere** e **requer** são formas abundantes desse verbo.
502. ( ) O **i** de **requeiro** caracteriza irregularidade que se repetirá no presente do subjuntivo, no imperativo negativo e em algumas pessoas do imperativo afirmativo.
503. ( ) A conjugação de **requerer** foge, portanto, à do verbo **querer**.

saber (Irregular.)

Ind. pres.:	sei, sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem.
Pret. perf.:	soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, souberam.
Subj. pres.:	saiba, saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam.
Imperat. afirm.:	sabe, saiba, saibamos, sabei, saibam.
Outras:	sabia, saberei, saberia, soubera, soubesse, souber, sabendo, sabido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** a respeito do verbo **saber**.

504. ( ) No presente do indicativo, só a 1ª pessoa do singular é irregular.
505. ( ) O pretérito perfeito e o subjuntivo presente apresentam todas as pessoas irregulares.
506. ( ) São regulares: sabia, saberei, saberia, sabendo, sabido.
507. ( ) São irregulares: souber, soubesse, saiba, sei, soube.

valer, desvaler, equivaler (Irregulares.)

Ind. pres.:	valho, vales, vale, valemos, valeis, valem.
Pret. perf.:	vali, valeste, valeu, valemos, valestes, valeram.
Subj. pres.:	valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham.
Imperat. afirm.:	vale, valha, valhamos, valei, valham.
Outras:	valia, valerei, valeria, valera, valesse, valer, valendo, valido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

508. ( ) São irregulares: valho, valha, valhamos, valham.
509. ( ) São regulares: vali, valia, valerei, valeria, valesse.

antever, entrever, prever, rever* (Irregulares; conjugam-se como **ver****.)

Ind. pres.:	vejo, vês, vê, vemos, vedes, vêem (nova ortografia: veem).
Pret. perf.:	vi, viste, viu, vimos, vistes, viram.
Subj. pres.:	veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam.
Imperat. afirm.:	vê, veja, vejamos, vede, vejam.
Outras:	via, verei, veria, vira, visse, vir, vendo, visto.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

510. ( ) Vemos hoje o que vimos ontem.
511. ( ) Quando você ver o que nós víramos...
512. ( ) Eu me entretive pensando que se ele previsse ou antevisse, não reveria o trato.
513. ( ) Viste bem do que proveste a nossa despensa.
514. ( ) Tenho visto que você não tem provido os cargos abertos.
515. ( ) O Acordo Ortográfico aboliu o circunflexo de veem, reveem...

* Rever: existe, derivado do latim *repere*, um outro verbo **rever**, que significa "transudar", 'verter', 'deixar transpirar', mas que também se conjuga como o verbo **ver**: O suor **revê** de seus poros. Sua fala ao telefone **revia** descontrole.

** O verbo **prover** foge à conjugação de **ver**. Estude-o na página 232.

viger (Regular.)

Ind. pres.:	(vijo), viges, vige, vigemos, vigeis, vigem.
Pret. perf.:	vigi, vigeste, vigeu, vigemos, vigestes, vigeram.
Subj. pres.:	(vija), (vijas), (vija), (vijamos), (vijais), (vijam).
Imperat. afirm.:	vige, (vija), (vijamos), vigei, (vijam).
Outras:	vigia, vigerei, vigeria, vigera, vigesse, viger, vigendo, vigido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre o verbo **viger**.

516. ( ) Significa "ter vigor", "estar em vigor", "vigorar".
517. ( ) Alguns gramáticos ainda o consideram defectivo na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo.
518. ( ) Portanto, não há, para esses autores, todo o presente do subjuntivo e, consequentemente, o imperativo negativo e as pessoas **você(s)** e **nós** do imperativo afirmativo.
519. ( ) Modernamente vem sendo conjugado em todas as pessoas, como verbo regular.
520. ( ) Antes de **o** e **a**, o **g** vira **j**, para não se perder a pronúncia regular.

3ª conjugação

abolir, banir, bramir, brandir, carpir, colorir, comedir, delir, demolir, emolir, extorquir, fremir, retorquir, vagir... (Regulares e defectivos.)

Ind. pres.:	–, aboles, abole, abolimos, abolis, abolem.
Pret. perf.:	aboli, aboliste, abolui, abolimos, abolistes, aboliram.
Subj. pres.:	–, –, –, –, –, –.
Imperat. afirm.:	abole, –, –, aboli, –.
Outras:	abolia, abolirei, aboliria, abolira, abolisse, abolir, abolindo, abolido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

521. ( ) São defectivos na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, portanto não têm o presente do subjuntivo e, consequentemente, o imperativo negativo e as pessoas **você**(**s**) e **nós** do imperativo afirmativo.
522. ( ) Trocam o **i** por **e** nas formas rizotônicas.
523. ( ) Eu coloro com as cores do céu.
524. ( ) O **coloro** da frase anterior pertence ao verbo **colorar**, sinônimo de "colorir" e pronuncia-se com a vogal tônica aberta como **demoro**.

agredir, denegrir, prevenir, progredir, regredir, transgredir (Irregulares.)

Ind. pres.:	agrido, agrides, agride, agredimos, agredis, agridem.
Pret. perf.:	agredi, agrediste, agrediu, agredimos, agredistes, agrediram.
Subj. pres.:	agrida, agridas, agrida, agridamos, agridais, agridam.
Imperat. afirm.:	agride, agrida, agridamos, agredi, agridam.
Outras:	agredia, agredirei, agrediria, agredira, agredisse, agredir, agredindo, agredido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro anterior.

525. ( ) Trocam o **gre** por **gri** nas formas rizotônicas do presente do indicativo, inclusive na 1ª pessoa do singular.

526. ( ) Por isso, o presente do subjuntivo e as formas do imperativo dele derivadas também trocam o **gre** por **gri**.

527. ( ) Para progredirdes mais facilmente, não agridais nem transgridais as normas do bom convívio.

Terminados em air

abstrair, atrair, cair, contrair, decair, descair, detrair, distrair, esvair, extrair, protrair, recair, ressair, retrair, retrotrair, sobressair, subtrair, trair... (Regulares; conjugam-se como **sair**.)

Ind. pres.:	saio, sais, sai, saímos, saís, saem.
Pret. perf.:	saí, saíste, saiu, saímos, saístes, saíram.
Subj. pres.:	saia, saias, saia, saiamos, saiais, saiam.
Imperat. afirm.:	sai, saia, saiamos, saí, saiam.
Outras:	saía, sairei, sairia, saíra, saísse, sair, saindo, saído.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro anterior.

528. ( ) Todos esses verbos resumem-se em **esvair**, **cair**, **trair**, **sair** e derivados.

529. ( ) Abstrai-te e não te retraias para sobressaíres.

530. ( ) Não destraias, nem traiais vossos eleitores, para não cairdes em descrédito.

Terminados em uir

construir, desconstruir, destruir, reconstruir (Irregulares e abundantes.)

Ind. pres.:	construo, constróis/truis, constrói/trui, construímos, construís, constroem/truem.
Pret. perf.:	construí, construíste, construiu, construímos, construístes, construíram.
Subj. pres.:	construa, construas, construa, construamos, construais, construam.
Imperat. afirm.:	constrói/trui, construa, construamos, construí, construam.
Outras:	construía, construirei, construiria, construíra, construísse, construir, construindo, construído.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

531. ( ) As formas tu **construis**, ele **construi** e eles **construem** são usadas em Portugal e em outros países lusófonos.

532. ( ) As formas tu **constróis**, ele **constrói** e eles **constroem** são usadas no Brasil, embora também aceitas em Portugal e em outros países lusófonos.

533. ( ) São verbos abundantes no presente do indicativo e imperativo afirmativo.

anuir, concluir, constituir, defluir, destituir, estruir, fruir, influir, instruir, obstruir, possuir, refluir, restituir, retribuir (Regulares.)

Ind. pres.:	influo, influis, influi, influímos, influís, influem.
Pret. perf.:	influí, influíste, influiu, influímos, influístes, influíram.
Subj. pres.:	influa, influas, influa, influamos, influais, influam.
Imperat. afirm.:	influi, influa, influamos, influí, influam.
Outras:	influía, influirei, influiria, influíra, influísse, influir, influindo, influído.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

534. ( ) No presente do indicativo, **influis** e **influi** graficamente têm **ui** e não **ue**, porque se trata de ditongo.

535. ( ) Trata-se de pronúncia regular, portanto de verbo regular.

argüir, redargüir/arguir, redarguir (nova ortografia) (Regulares.)

Ind. pres.:	arg**u**o, argúis, argúi, argü**i**mos, argü**i**s, argúem (nova ortografia: arg**u**o, arg**u**is, arg**u**i, arguímos, arguís, arg**u**em).
Pret. perf.:	argü**i**, argü**i**ste, argü**i**u, argü**i**mos, argü**i**stes, argü**i**ram (nova ortografia: arguí, arguíste, argu**i**u, arguímos, arguístes, arguíram).
Subj. pres.:	arg**u**a, arg**u**as, arg**u**a, arg**u**amos, arg**u**ais, arg**u**am.
Imperat. afirm.:	argúi (nova ortografia: arg**u**i), arg**u**a, arg**u**amos, argü**i** (nova ortografia: arguí), arg**u**am.
Outras:	argüia, argüirei, argüiria, argüira, argüisse, argüir, argüindo, argüido. (nova ortografia: arguía, arguirei, arguiria, arguíra, arguísse, arguir, arguindo, arguído.)

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

536. ( ) O uso do trema, pela nova ortografia, foi abolido em todos os tempos, modos e pessoas.

537. ( ) Pela nova ortografia, na sílaba **gui**, o **u** não se acentua, acentua-se o **i** quando tônico, sozinho na sílaba ou com **s**: arguí, arguís, arguímos, arguístes, arguía, arguíra, arguísse, arguído.

delinqüir/delinquir (nova ortografia) (Regular ou irregular ou defectivo.)

Ind. pres.:	1 – (delínquo), delínqües, delínqüe, delinqüimos, delinqüis, delínqüem.
	2 – delinq**u**o, delinq**u**es, delinq**u**e, delinqüimos, delinqüis, delinquem.
Pret. perf.:	delinqüi, delinqüiste, delinqüiu, delinqüimos, delinqüistes, delinqüiram.
Subj. Pres.:	1 – (delínqua), (delínquas), (delínqua), (delinquamos), (delinquais), (delínquam).
	2 – delinq**u**a, delinq**u**as, delinq**u**a, delinquamos, delinquais, delinq**u**am.
Imperat. afirm.:	1 – delínqüe, (delínqua), (delinquamos), delinqüi, (delínquam).
	2 – delinq**ú**e, delinq**u**a, delinqu**a**mos, delinqü**i**, delinq**u**am.
Outras:	delinqüia, delinqüirei, delinqüiria, delinqüira, delinqüisse, delinqüir, delinqüindo, delinqüido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

538. ( ) Nos presentes do indicativo, do subjuntivo e no imperativo, há duas conjugações diferentes.

539. ( ) Pela nova ortografia, o trema e o acento agudo no **u** foram abolidos, sem prejuízo das pronúncias.

540. ( ) Conjugam-se igualmente os verbos terminados em -guar, -quar, -quir, terminações de infinitivo em que o **u** é pronunciado átono.

541. ( ) Pela nova ortografia, tais verbos, por oferecerem dois paradigmas, ou têm o **u** como vogal tônica, mas sem acento gráfico [enxag**u**a(s), delinq**u**e(s)], ou são paroxítonos terminados em ditongo, tendo acento gráfico [enxágue(s), delínque(s)].

puir, pruir, ruir (Regulares e defectivos.)

Ind. pres.:	–, p**u**is, p**u**i, puímos, puís, p**u**em.
Pret. perf.:	puí, puíste, pu**i**u, puímos, puístes, puíram.
Subj. pres.:	–, –, –, –, –, –.
Imperat. afirm.:	p**u**i, –, –, puí, –.
Outras:	puía, puirei, puiria, puíra, puísse, puir, puindo, puído.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro anterior.

542. ( ) São defectivos nas formas em que o **u** seria seguido de **o** ou **a**.

543. ( ) São regulares nas outras formas.

abrir, desabrir, entreabrir, reabrir (Irregulares.)

Ind. pres.:	abro, abres, abre, abrimos, abris, abrem.
Pret. perf.:	abri, abriste, abriu, abrimos, abristes, abriram.
Subj. pres.:	abra, abras, abra, abramos, abrais, abram.
Imperat. afirm.:	abre, abra, abramos, abri, abram.
Outras:	abria, abrirei, abriria, abrira, abrisse, abrir, abrindo, aberto.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

544. ( ) **abro**, **abri**, **abra** são formas irregulares.
545. ( ) A única irregularidade está no particípio: aberto, desaberto, entreaberto, reaberto.

acudir, bulir, consumir, cuspir, desentupir, entupir, escapulir, fugir, sacudir, subir, sumir, zunir (Irregulares.)

Ind. pres.:	acudo, acodes, acode, acudimos, acudis, acodem.
Pret. perf.:	acudi, acudiste, acudiu, acudimos, acudistes, acudiram.
Subj. pres.:	acuda, acudas, acuda, acudamos, acudais, acudam.
Imperat. afirm.:	acode, acuda, acudamos, acudi, acudam.
Outras:	acudia, acudirei, acudiria, acudira, acudisse, acudir, acudindo, acudido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos anteriores.

546. ( ) A irregularidade se baseia na mudança do **u** por **o**.
547. ( ) Só existem quatro pessoas irregulares: **tu**, **ele**, **eles** do presente do indicativo e **tu** do imperativo afirmativo.
548. ( ) f**ug**o, f**oge**s, f**oge**, fu**gi**mos, fu**gi**s, fo**ge**m.
549. ( ) f**uga**, f**uga**s, f**uga**, fu**ga**mos, f**uga**is, f**uga**m.
550. ( ) f**ujo**, f**uja**, fu**jam**os, f**uja**is, f**uja**m, f**uja**s.
551. ( ) Antes de **o** e **a**, trocam o **g** por **j** para manter a pronúncia. Esse fato não caracteriza irregularidade.
552. ( ) **entupir** e **desentupir**, dessa lista, são os únicos abundantes no presente do indicativo (entupe(s) ou entope(s), entupem ou entopem) e no imperativo afirmativo (entupe ou entope).

assumir, presumir, reassumir, resumir (Regulares.)

Ind. pres.:	assumo, assumes, assume, assumimos, assumis, assumem.
Pret. perf.:	assumi, assumiste, assumiu, assumimos, assumistes, assumiram.
Subj. pres.:	assuma, assumas, assuma, assumamos, assumais, assumam.
Imperat. afirm.:	assume, assuma, assumamos, assumi, assumam.
Outras:	assumia, assumirei, assumiria, assumira, assumisse, assumir, assumindo, assumido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

553. ( ) Como regulares, mantêm o **u** em todas as pessoas: resumo, resumes, resume, resumimos, resumis, resumem, resumi, resumia, resumirei, resumiria, resumindo...

cerzir (Irregular e abundante.)

Ind. pres.:	cirzo, cirzes/cerzes, cirze/cerze, cerzimos, cerzis, cirzem/cerzem.

Pret. perf.:	cerzi, cerziste, cerziu, cerzimos, cerzistes, cerziram.
Subj. pres.:	cirza, cirzas, cirza, cirzamos, cirzais, cirzam.
Imperat. afirm.:	cirze/cerze, cirza, cirzamos, cerzi, cirzam.
Outras:	cerzia, cerzirei, cerziria, cerzira, cerzisse, cerzir, cerzindo, cerzido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre o verbo **cerzir**.

554. ( ) É irregular na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, portanto, também no subjuntivo presente e, consequentemente, no imperativo negativo e nas pessoas **você(s)** e **nós** do imperativo afirmativo.

555. ( ) No presente do indicativo (tu e ele) e no imperativo afirmativo (tu), coexistem no uso as formas regulares e irregulares.

556. ( ) Pela afirmação anterior, conclui-se ser verbo abundante.

cobrir, encobrir, descobrir (Irregulares.)

Ind. pres.:	cubro, cobres, cobre, cobrimos, cobris, cobrem.
Pret. perf.:	cobri, cobriste, cobriu, cobrimos, cobristes, cobriram.
Subj. pres.:	cubra, cubras, cubra, cubramos, cubrais, cubram.
Imperat. afirm.:	cobre, cubra, cubramos, cobri, cubram.
Outras:	cobria, cobrirei, cobriria, cobrira, cobrisse, cobrir, cobrindo, coberto.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

557. ( ) Todas as pessoas em que o **o** se troca por **u** são irregulares.

558. ( ) O particípio é também irregular.

559. ( ) Todas as outras formas são regulares.

dormir, engolir, tossir (Irregulares.)

Ind. pres.:	durmo, dormes, dorme, dormimos, dormis, dormem.
Pret. perf.:	dormi, dormiste, dormiu, dormimos, dormistes, dormiram.
Subj. pres.:	durma, durmas, durma, durmamos, durmais, durmam.
Imperat. afirm.:	dorme, durma, durmamos, dormi, durmam.
Outras:	dormia, dormirei, dormiria, dormira, dormisse, dormir, dormindo, dormido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

560. ( ) Conjugam-se inteiramente como os verbos **cobrir** e derivados.

561. ( ) Conjugam-se como **cobrir** e derivados, com uma única diferença: o particípio é regular: **dormido**, **engolido**, **tossido**.

Terminados em uzir

conduzir, induzir, luzir, reduzir, seduzir, reluzir (Irregulares e abundantes.)

Ind. pres.:	conduzo, conduzes, conduz, conduzimos, conduzis, conduzem.
Pret. perf.:	conduzi, conduziste, conduziu, conduzimos, conduzistes, conduziram.
Subj. pres.:	conduza, conduzas, conduza, conduzamos, conduzais, conduzam.
Imperat. afirm.:	conduz(e), conduza, conduzamos, conduzi, conduzam.
Outras:	conduzia, conduzirei, conduziria, conduzira, conduzisse, conduzir, conduzindo, conduzido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro anterior.

562. ( ) São inteiramente irregulares.
563. ( ) No presente do indicativo, **conduz** é uma forma irregular. A regular deveria ter um **e** final.
564. ( ) No imperativo afirmativo, **conduze** ou **conduz** (tu) são formas abundantes.
565. ( ) Todas as outras formas são perfeitamente regulares.

esculpir, explodir (Regulares; *vide* **partir**, pág. 179.)

expelir, inserir (Irregulares e abundantes.)

Ind. pres.:	expilo, expeles, expele, expelimos, expelis, expelem.
Pret. perf.:	expeli, expeliste, expeliu, expelimos, expelistes, expeliram.
Subj. pres.:	expila, expilas, expila, expilamos, expilais, expilam.
Imperat. afirm.:	expele, expila, expilamos, expeli, expilam.
Outras.:	expelia, expelirei, expeliria, expelira, expelisse, expelir, expelindo, expelido/expulso.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

566. ( ) Irregulares na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, pela troca do **e** por **i** (exp**e**lir ➜ exp**i**lo).

adir, aguerrir, combalir, embair, empedernir, esbaforir-se, espavorir, exinanir, florir, fornir, garrir, inanir, remir, renhir, ressarcir, ressequir, revelir, transir (Regulares e defectivos; seguem o modelo de **falir**.)

Ind. pres.:	–, –, –, falimos, falis, –.
Pret. perf.:	fali, faliste, faliu, falimos, falistes, faliram.
Subj. pres.:	–, –, –, –, –, –.
Imperat. afirm.:	–, –, –, fali, –.
Outras:	falia, falirei, faliria, falira, falisse, falir, falindo, falido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro anterior.

567. ( ) São conjugados só nas formas rizotônicas.
568. ( ) Somente têm as formas arrizotônicas, e nessas são regulares.
569. ( ) **revelir** e **ressarcir** já são considerados regulares, sendo conjugados em todas as formas.

Terminados em eguir, elir, erir, etir, ergir, ertir, ervir, espir, estir

aderir, advertir, aferir, aspergir, auferir, compelir, competir, conseguir, convergir, deferir, despir, desservir, diferir, digerir, divergir, divertir, ferir, gerir, impelir, ingerir, perseguir, preterir, prosseguir, refletir, repelir, repetir, revestir, seguir, servir, sugerir, vestir (Irregulares.)

Ind. pres.:	adiro, aderes, adere, aderimos, aderis, aderem.
Pret. perf.:	aderi, aderiste, aderiu, aderimos, aderistes, aderiram.
Subj. pres.:	adira, adiras, adira, adiramos, adirais, adiram.
Imperat. afirm.:	adere, adira, adiramos, aderi, adiram.
Outras:	aderia, aderirei, aderiria, aderira, aderisse, aderir, aderindo, aderido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

570. ( ) Na primeira pessoa do singular do presente do indicativo, sua irregularidade consiste na troca do **e** por **i**: aderir > ad**i**ro.
571. ( ) Essa irregularidade afeta, portanto, o presente do subjuntivo e os imperativos afirmativo e negativo.
572. ( ) Todas as outras formas são regulares.

emergir, imergir, submergir (Regulares e abundantes.)

Ind. pres.:	emerjo, emerges, emerge, emergimos, emergis, emergem.
Pret. perf.:	emergi, emergiste, emergiu, emergimos, emergistes, emergiram.
Subj. pres.:	emerja, emerjas, emerja, emerjamos, emerjais, emerjam.
Imperat. afirm.:	emerge, emerja, emerjamos, emergi, emerjam.
Outras:	emergia, emergirei, emergiria, emergira, emergisse, emergindo, emergido/imerso.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

573. ( ) A pronúncia da vogal tônica é: emerjo(ê), emerges(é), emergem(é).
574. ( ) A permuta do **g** por **j** só ocorre antes de **o** e **a**, para manter a pronúncia original, por isso não constitui irregularidade.

concernir

Para uns autores, conjuga-se como **aderir**; para outros, só se conjuga nas 3as pessoas: concerne(m), concernia(m)...

discernir
Para uns autores, conjuga-se como **aderir**; para outros, conjuga-se como **aderir**, porém, só nas formas arrizotônicas:

Ind. pres.:	–, –, –, discernimos, discernis, –.
Pret. perf.:	discerni, discerniste, discerniu, discernimos, discernistes, discerniram.
Subj. pres.:	–, –, –, –, –, –.
Imperat. afirm.:	–, –, –, discerni, –.
Outras:	discernia, discernirei, discerniria, discernira, discernisse, discernir, discernindo, discernido.

aturdir, brunir, espargir, exaurir, foragir-se, fulgir, impingir, jungir, ungir (Regulares, ex-defectivos; seguem o modelo de **haurir**.)

Ind. pres.:	(hauro), haures, haure, haurimos, hauris, haurem.
Pret. perf.:	hauri, hauriste, hauriu, haurimos, hauristes, hauriram.
Subj. pres.:	(haura), (hauras), (haura), (hauramos), (haurais), (hauram).
Imperat. afirm.:	haure, (haura), (hauramos), hauri, (hauram).
Outras:	hauria, haurirei, hauriria, haurira, haurisse, haurir, haurindo, haurido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

575. ( ) Para alguns, conjugam-se como **abolir**, defectivos na primeira pessoa do singular do presente do indicativo e, portanto, também não conjugáveis no presente do subjuntivo, no imperativo negativo e nas pessoas **você(s)** e **nós** do imperativo afirmativo – as formas entre parênteses.

576. ( ) Para autores mais modernos, trata-se de verbos regulares, dotados de todas as pessoas, tempos e modos.

Terminados em entir

consentir, desmentir, mentir, pressentir, ressentir, sentir (Irregulares.)

Ind. pres.:	sinto, sentes, sente, sentimos, sentis, sentem.
Pret. perf.:	senti, sentiste, sentiu, sentimos, sentistes, sentiram.
Subj. pres.:	sinta, sintas, sinta, sintamos, sintais, sintam.
Imperat. afirm.:	sente, sinta, sintamos, senti, sintam.
Outras:	sentia, sentirei, sentiria, sentira, sentisse, sentir, sentindo, sentido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

577. ( ) Sua irregularidade aparece na troca do **en** por **in**: **sen**tir, **sin**to.

578. ( ) Todos os verbos terminados em **entir** conjugam-se como **sentir**.

frigir (Irregular e abundante.)

Ind. pres.:	frijo, freges, frege, frigimos, frigis, fregem.

Pret. perf.:	frigi, frigiste, frigiu, frigimos, frigistes, frigiram.
Subj. pres.:	frija, frijas, frija, frijamos, frijais, frijam.
Imperat. afirm.:	frege, frija, frijamos, frigi, frija.
Outras:	frigia, frigirei, frigiria, frigira, frigisse, frigir, frigindo, frigido/frito.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre o verbo **frigir**.

579. ( ) A irregularidade se mostra na troca de **fri** por **fre**.
580. ( ) Outra irregularidade está na troca do **g** por **j**.
581. ( ) Permuta-se o **g** por **j** antes de **o** e **a**, para manter-se a regularidade da prosódia, isto é, da pronúncia.
582. ( ) A abundância ocorre no particípio, com duas formas: **frigido** e **frito**.

ir (Anômalo.)

Ind. pres.:	vou, vais, vai, vamos, ides, vão.
Pret. perf.:	fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.
Subj. pres.:	vá, vás, vá, vamos, vades, vão.
Imperat. afirm.:	vai, vá, vamos, ide, vão.
Outras:	ia, irei, iria, fora, fosse, ir, indo, ido.

Prática

■ Assinale **C** o **E** sobre o verbo **ir**.

583. ( ) Sua conjugação incorpora radicais de três verbos latinos: *ire*, *esse* e *vadere*.
584. ( ) A presença de vários radicais (vai, foi, ia) justifica sua classificação como anômalo.
585. ( ) Anômalo é um irregular mais forte.
586. ( ) **ia**, **irei**, **iria**, **indo**, **ido**: nessas formas, sua conjugação é regular, mantendo o mesmo radical do infinitivo.

desimpedir, despedir, expedir, impedir, ouvir, pedir (Irregulares; seguem o modelo de **medir.**)

Ind. pres.:	meço, medes, mede, medimos, medis, medem.
Pret. perf.:	medi, mediste, mediu, medimos, medistes, mediram.
Subj. pres.:	meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam.
Imperat. afirm.:	mede, meça, meçamos, medi, meçam.
Outras:	media, medirei, mediria, medira, medisse, medindo, medido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

587. ( ) Na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e nos tempos e pessoas dela derivados, aparece um **ç** no radical (pe**ç**, ou**ç**, me**ç**).
588. ( ) Nas outras formas, são regulares.

rir, sorrir (Irregulares.)

Ind. pres.:	rio, ris, ri, rimos, rides, riem.
Pret. perf.:	ri, riste, riu, rimos, ristes, riram.
Subj. pres.:	ria, rias, ria, riamos, riais, riam.
Imperat. afirm.:	ri, ria, riamos, ride, riam.
Outras:	ria, rirei, riria, rira, risse, rir, rindo, rido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

589. ( ) **ríamos** é imperfeito do indicativo e **riamos** é subjuntivo presente.

590. ( ) O verbo **sorrir**, para alguns gramáticos, na 2ª pessoa do plural do presente do indicativo, conjuga-se **vós sorris**; para outros, segue o **rir**: **vós sorrides**.

polir, sortir, despolir (Irregulares.)

Ind. pres.:	pulo, pules, pule, polimos, polis, pulem.
Pret. perf.:	poli, poliste, poliu, polimos, polistes, poliram.
Subj. pres.:	pula, pulas, pula, pulamos, pulais, pulam.
Imperat. afirm.:	pule, pula, pulamos, poli, pulam.
Outras:	polia, polirei, poliria, polira, polisse, polir, polindo, polido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** a respeito de **polir**, **sortir**, **despolir**.

591. ( ) São irregulares nas formas rizotônicas, em que trocam o **o** por **u**.

592. ( ) **sortir** significa **abastecer**, **fazer sortimento**.

surtir (Regular).

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

593. ( ) **surtir** significa **originar** e é regular: surto, surtes, surte, surtimos, surtis, surtem, surtia, surtirei, surtiria, surtira, surtisse, surtindo, surtido.

atingir, cingir, constringir, destingir, destinguir, extinguir, infringir, tingir, tinir e outros terminados em **-ingir** e **inguir** (Regulares, *vide* **partir**, pág. 179.)

vagir (Defectivo.)

Ind. pres.:	–, (vages), (vage), vagimos, vagis, (vagem).
Pret. perf.:	vagi, vagiste, vagiu, vagimos, vagistes, vagiram.
Subj. pres.:	–, –, –, –, –, –.
Imperat. afirm.:	–, (vage), –, –, vagi, –.
Outras:	vagia, vagirei, vagiria, vagira, vagisse, vagir, vagindo, vagido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre **vagir**.

594. ( ) Para uns gramáticos, só se conjuga nas formas em que o radical vem seguido da letra **i**; portanto, para eles, as formas entre parênteses não existem.

595. ( ) Para outros, não se conjugam apenas as formas em que ao radical se seguiriam as letras **a** e **o**.

596. ( ) Ou seja, para uns, pertence o verbo **vagir** a um grupo de defectivos; para outros, continua sendo defectivo, porém pertencente a outro grupo. (*Vide* pág. 235.)

advir, avir(-se), convir, desavir(-se), intervir, provir, sobrevir (Irregulares; seguem o modelo de **vir**.)

Ind. pres.:	venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm.
Pret. perf.:	vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.
Subj. pres.:	venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham.
Imperat. afirm.:	vem, venha, venhamos, vinde, venham.
Outras:	vinha, virei, viria, viera, viesse, vindo, vindo.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

597. ( ) Os derivados de **vir**, por terem mais de uma sílaba, têm acentos gráficos diferentes de **vir**: **vens**, **vem** / **advéns**, **advém**.

598. ( ) O particípio e o gerúndio têm a mesma forma.

599. ( ) **desavindo**, além de particípio, é adjetivo: pares **desavindos**.

Prática Geral

■ Passe para a **2ª pessoa do singular** e **2ª pessoa do plural**.

Vão com Deus, sejam felizes e, quando saírem, fechem a porta.

600. _____

_____

_____

_____

■ Use o verbo **reaver** nas formas indicadas ou, se impossível, use um sinônimo.

601. Eu _____ (pres. indicat.) o tempo perdido e já _____ (pret. perf.) o que me tiraram.

602. Nós _____ (pret. perf.) nossos créditos. Ela não _____ (pres. indicat.) os dela.

■ Escreva os **particípios** dos seguintes verbos:

603. expressar _____ – exprimir _____
604. extinguir _____ – suspender _____
605. frigir _____ – abrir _____

606. Dos verbos dos três últimos exercícios, só não é abundante o _____.

■ **Corrija**, se for preciso.

607. Se eu o ver, dizerei que te procure.

_____

608. Ele interviu logo, porque não quiz fazer o que eu propora.

_____

609. É bom que você averigüe como eu mobilio os pavimentos.

_____

610. Quando ele vir de férias, se poder, vou esperá-lo.

_____

611. O vice sobestá ao prefeito.

_____

■ (UFPR – adaptado). Preencha as lacunas com os verbos **ver** ou **vir**.

612. Quando _____ a Brasília, traga sua mãe.
613. Se _____ o Pedro, avise-o da minha chegada.
614. Ontem nós _____ um peixe enorme no lago.
615. Se tu _____ com mentiras, verás o que é bom!
616. Entregue-lhe isto, se o _____ amanhã.
617. Quando _____ o lago e o sol _____ nascendo...
618. Nós sempre _____ aqui pelo mesmo caminho.
619. Se _____ à escola, terá uma surpresa.
620. Peça-lhe para _____ aqui quando puder.
621. Se _____ à escola, terás uma surpresa.
622. Se _____ à escola, tereis uma surpresa.
623. Se você e Tiago os _____, nada comentem com eles.
624. Se você e Renan _____, vou buscá-los no aeroporto.

■ Nas frases de 625 a 635, assinale nos parênteses as letras correspondentes ao **indicativo**.

a) presente
b) pretérito perfeito
c) pretérito imperfeito
d) pretérito mais-que-perfeito
e) futuro do presente
f) futuro do pretérito

625. ( ) "A cantiga que eu **cantava**,
626. ( ) por ser cantada **morreu**.
627. ( ) Nunca **hei de dizer** o nome
628. ( ) daquilo que **há de ser** meu."
(Cecília Meireles)

"**Gostaríamos** de ser retos em nossos julgamentos, mas não **queremos** fazer sofrer os nossos semelhantes. Então **abrimos** mão de toda justiça e **sofremos** nós mesmos com as fraudes de nossa balança." (Carlos Drummond de Andrade)

629. ( ) gostaríamos.
630. ( ) queremos.
631. ( ) abrimos.
632. ( ) sofremos.

"Foi com esta impressão profunda que **cheguei** ao hospital onde Marcela **entrara** na véspera, e onde a **vi** expirar meia hora depois, feia, magra, decrépita..." (Machado de Assis)

633. ( ) cheguei.
634. ( ) entrara.
635. ( ) vi.

■ Classifique as **formas verbais** do seguinte texto de Carlos Drummond de Andrade (com adaptação).

"De sua poltrona, o moço **reclamava**:
– **Botem** esse ventilador para **funcionar**! Não aguento mais de calor.
Como ninguém **providenciasse**, ele **insistia**, **declarando** o fato uma falta de consideração com os passageiros. Mas nós não nos **sentimos** pessoalmente desconsiderados.
O rapaz insistia sempre, até que **apareceu** o chefe do trem e lançou um plebiscito.
– O motor está fraco. Se **quiserem** que o ventilador **funcione**, **ficarão** sem luz. Que preferem os senhores: ar ou claridade?
Olhamos com reprovação o reclamante, e ele emudeceu."

636. reclamava: _____
637. botem: _____
638. funcionar: _____

639. providenciasse: _____
640. insistia: _____
641. declarando: _____
642. sentimos: _____
643. apareceu: _____
644. quiserem: _____
645. funcione: _____
646. ficarão: _____
647. olhamos: _____

A – Ela **dorme** cedo.
B – **Durma** logo, menino.
C – Talvez ela **durma** logo.
D – Quero que você **dorme** logo.
E – Talvez ela **dorme** logo.

■ Assinale **C** ou **E**, para quer se trate de afirmação certa ou errada.

648. ( ) Em A, o verbo está no **imperativo**.
649. ( ) Em A, o verbo está no **indicativo**.
650. ( ) Em B, o verbo está no **subjuntivo**.
651. ( ) Em B, o verbo está no **imperativo**.
652. ( ) Em C, o verbo está no **subjuntivo**.
653. ( ) Em D, o verbo em negrito deveria estar no **subjuntivo** (durma).
654. ( ) Em E, o verbo está errado porque a dúvida requer **subjuntivo** (durma).
655. ( ) O nome **subjuntivo** vem de **sub + juntar** (que se junta por baixo) devido a ser o modo das orações subordinadas.

■ (FEMPAR) Que frases terão suas lacunas corretamente preenchidas pelas formas colocadas entre parênteses? Marque-as com um **C**.

656. Para não acentuar a discórdia, não _____ na discussão. (intervim)
657. O tempo todo _____ -me em silêncio. (manti)
658. Seria oportuno que ele se _____. (contesse)
659. Apesar da insistência, não _____ seus pertences. (reaveu)
660. Da minha janela, _____ tudo o que se passa na rua. (presencio)
661. Olho ao redor e _____ que todos os amigos se foram. (averiguo)

■ (U.E.MARINGÁ-PR) Assinale com **C** toda vez que os verbos do imperativo, em cada dupla, se referirem à mesma pessoa.

662. a) **Enxágua** a louça, mana.
b) Filha, **seja** mais otimista!

663. a) **Crede** sempre no bem!
b) Não **digais** tudo o que vem à mente.

664. a) **Sigamos** nosso caminho.
b) **Criemos** nosso destino!

665. a) Papai, **descola** uma grana aí.
b) Psiu, **vem** mais perto, vem.

■ Preencha as lacunas corretamente seguindo o modelo.
Vir, talvez eu venha. Se eu não vier...
666. Valer, talvez eu _____. Se eu não _____...
667. Poder, talvez eu _____. Se eu não _____...
668. Querer, talvez eu _____. Se eu não _____...
669. Requerer, talvez eu _____. Se eu não _____...
670. Pôr, talvez eu _____. Se eu não _____...
671. Ver, talvez eu _____. Se eu não _____...
672. Caber, talvez eu _____. Se eu não _____...
673. Ter, talvez eu _____. Se eu não _____...
674. Tragar, talvez eu _____. Se eu não _____...
675. Trazer, talvez eu _____. Se eu não _____...
676. Saber, talvez eu _____. Se eu não _____...
677. Remediar, talvez eu _____. Se eu não _____...

■ Corrija as frases.
678. Quando irmos, encontraremos os que se oporam.

_____

679. Enquanto não verdes a placa, não dobre à direita.

_____

680. Quando vires ao Brasil, mostra-me os presentes que trouxes.

_____

681. Quando ele propor, quero que você não interveja na conversa.

_____

682. Se eles reverem o texto e manterem o erro...

_____

683. Ela interviu porque eles não se comporam.

_____

684. Vá em frente e serás recompensado.

_____

685. Eles se desaviram, mas pode ser que ainda se avenham.

_____

686. (FUVEST-SP) "Se ele _____ (ver) o nosso trabalho _____ (fazer) um elogio."
Assinale a alternativa em que as formas dos verbos **ver** e **fazer** preenchem corretamente as lacunas da frase acima:
a) ver / fará.
b) visse / fará.
c) ver / fazerá.
d) vir / fará.
e) vir / faria.

687. (FESP-SP) Assinale a alternativa em que todas as formas estejam na **segunda pessoa do plural do imperativo afirmativo**.
a) ouvi / vinde / ide / traze.
b) ouvi / vinde / ide / trazei.
c) ouvi / venhas / ide / trazei.
d) ouça / vinde / vá / tragais.
e) ouça / venhas / vás / tragais.

688. (VUNESP-SP) Observe a frase abaixo.
"A grosseria de Deus me feria e insultava-me."
Transcreva-a no:
a) pretérito perfeito do indicativo:

_____

b) pretérito mais-que-perfeito do indicativo:

_____

689. (FUVEST-SP) Preencha os claros da frase transformada com as formas adequadas dos verbos assinalados na frase original.
Original:
Para você **vir** à Cidade Universitária, é preciso **virar** à direita ao **ver** a ponte da Alvarenga.
Para tu _____ à Cidade Universitária, é preciso que _____ à direita quando _____ a ponte da Alvarenga.

690. (UM-SP) Indique a oração em que há um **erro** quanto à flexão verbal.
a) A mãe previu no filho aquela personalidade marcante.
b) O próprio garoto precaviu-se contra aquele mal.
c) Missão sublime o detivera aqui neste universo humano.
d) O mestre não interveio a tempo na solução daquele problema.
e) Mesmo com a mente iludida, o jovem reouve a consciência da trágica situação.

691. (UNIMEP-SP) "Não fales! Não bebas! Não fujas!"
Passando tudo para a forma **afirmativa**, teremos:

a) Fala! Bebe! Foge!
b) Fala! Bebe! Fuja!
c) Fala! Beba! Fuja!
d) Fale! Beba! Fuja!
e) Fale! Bebe! Foge!

692. (F. C. Chagas-PR) Mesmo que você lhe _____ um acordo amigável, ele não _____.
a) proponha / aceitará.
b) propor / aceitava.
c) proporia / aceitaria.
d) proporá / aceitará.
e) propôs / aceitava.

693. (ITA-SP) Vi, mas não _____; o policial viu, e também não _____; dois agentes secretos viram, e não _____. Se todos nós _____, talvez _____ tantas mortes.
a) intervim / interviu / interviram / tivéssemos intervido / teríamos evitado.
b) me precavi / se precaveio / se precaveram / nos precavíssemos / não teria havido.
c) me contive / se conteve / contiveram / houvéssemos contido / tivéssemos impedido.
d) me precavi / se precaveu / precaviram / precavêssemo-nos / não houvesse.
e) intervim / interveio / intervieram / tivéssemos intervindo / houvéssemos evitado.

694. (F. C. Chagas) Se você _____ chegado a tempo _____ visto o que _____.
a) tem / tenha / acontece.
b) tiver / terá / acontecesse.
c) teria / tinha / aconteça.
d) tivesse / teria / aconteceu.
e) tinha / tem / acontecia.

695. (F. C. Chagas) Transpondo para a voz **ativa** a frase: "O filme ia ser dirigido por um cineasta ainda desconhecido", obtém-se a forma verbal:
a) dirigirá.
b) dirigir-se-á.
c) vai dirigir.
d) será dirigido.
e) ia dirigir.

696. (UF Londrina) Transpondo para a voz **ativa** a frase: "Os livros seriam postos em um líquido desinfetante", obtém-se a forma verbal:
a) vão pôr.
b) íamos pôr.
c) põem-se.
d) vão ser postos.
e) poriam.

697. (UNESP) Explicou que *aprendera aquilo de ouvido*.
Transpondo a oração em destaque para a **voz passiva**, temos a seguinte forma verbal:
a) tinha sido aprendido.
b) era aprendido.
c) fora aprendido.
d) tinha aprendido.
e) aprenderia.

698. (UM-SP) Assinale a alternativa em que há **erro** na forma verbal ou no pronome enclítico.
a) tem + o = tem-no.
b) faz + o = fá-lo.
c) fez + o = fê-lo.
d) tens + o = ten-lo.
e) pões + o = põe-lo.

699. (FCMSCSP) Transpondo para a **voz ativa** a frase: "Solicita-se a atenção de V. Sª. para um dado importante", obtém-se a forma verbal:
a) é solicitado.
b) solicitam.
c) foi solicitada.
d) solicitaram.
e) solicitou-se.

700. (FCMSCSP) Transpondo para a **voz passiva** a frase: "Os mutuários devem continuar a seguir essa orientação", obtém-se a forma verbal:
a) deve continuar a ser seguida.
b) deve ser continuada a seguir.
c) deve ser continuada a ser seguida.
d) é devida continuar a seguir.
e) é devida ser continuada a seguir.

701. (FCMSCSP) Caso você _____ viajar no sábado, com certeza _____ necessário reservar as passagens.
a) quer / fosse.
b) quisesse / seja.
c) queira / será.
d) queria / é.
e) quiser / fosse.

702. (UF Londrina) Transpondo para a **voz passiva** a frase: "Os cavalinhos de pau despertavam a fantasia das crianças", obtém-se a forma verbal:
a) fora despertada.
b) despertou-se.
c) ia sendo despertada.
d) foi despertada.
e) era despertada.

703. (FCMSCSP) Mesmo que a direção o _____ para o lugar e ele _____ nomeado, duvido que _____ a exercer o cargo.
a) indicar / for / chega.
b) indicaria / seja / chega.
c) indique / for / chega.
d) indique / seja / chegue.
e) indicar / ser / chegue.

704. (FIUbe) Transpondo para a **voz passiva** a oração: "A pedidos, a orquestra tocaria fado e modinha", obtém-se a forma verbal:
a) se tocaria.
b) será tocado.
c) seriam tocados.
d) serão tocados.
e) iam ser tocados.

705. (FIUbe) Caso eu não _____ mais aqui e não nos _____ outra vez, telefone-me.
a) vier / vermos.
b) venho / virmos.
c) virei / veremos.
d) venha / vejamos.
e) viesse / vimos.

706. (EEM-SP) Siga o modelo.
Provo que tenho direito. Se tens direito, prova-o.
a) Juro que não comprei a máquina.

_____

b) Digo que compus um poema.

_____

707. (ITA-SP) Dadas as afirmações de que os verbos:
a. requerer b. prover c. aprazer
têm, respectivamente, como primeira pessoa do singular do presente do indicativo:
1. requero 2. provejo 3. aprazo
constatamos que está (estão) **correta(s)**:
a) apenas a afirmação nº 1.
b) apenas a afirmação nº 2.
c) apenas a afirmação nº 3.
d) todas as afirmações.
e) n.d.a.

708. (FUVEST-SP) _____ em ti, mas nem sempre _____ dos outros.
a) Creias / duvides.
b) Crê / duvidas.
c) Creias / duvidas.
d) Creia / duvide.
e) Crê / duvides.

709. (FUVEST-SP) Ele _____ a seca e _____ a casa de mantimentos.
a) preveu / proveu.
b) prevera / provira.
c) previra / proviera.
d) preveu / provera.
e) previu / proveu.

710. (FUVEST-SP) Passe o texto para a forma **negativa**.
"Sai daqui! Foge! Abandona o que é teu e esquece-me."

_____

_____

711. (FUVEST-SP) Escreva as formas dos verbos indicados que preencham **corretamente** as lacunas.
a) Quando eu _____ os livros, nunca mais os emprestarei. (reaver)
b) Quando ele _____ uma canção de paz, poderá descansar. (compor)

712. (F. C. Chagas) Não _____ diante de nenhum sacrifício que você de mim _____.
a) recuei / exija.
b) recuo / exigisse.
c) recuo / exija.
d) recuara / exigiu.
e) recuei / exigir.

713. (F. C. Chagas) Para que você _____ isso, precisa ser ambicioso; quem _____ sem que _____, certamente é ambicioso.
a) deseja / deseja / estima.
b) deseje / deseja / estime.
c) deseje / deseja / estima.
d) deseja / deseje / estime.
e) deseje / deseje / estima.

714. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Assinale a alternativa que apresenta um verbo **incorretamente** flexionado.
a) O enxoval conviria às noivas dos bairros mais pobres.
b) Não despeças os carregadores antes do desembarque.
c) Os policiais interviram nos protestos dos grevistas.
d) A noiva precaveu-se contra os prejuízos da mudança.

715. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Assinale o trecho que **não** contém oração na voz passiva.
a) Lamentamos que o pouco tempo disponível venha a prejudicar o processo que foi iniciado de forma tão incorreta.
b) No quarto, já tinham sido espalhados vários colchões pelo chão, para acomodar os parentes que vinham de longe.
c) À distância, viam-se pequenos pontos de luz, a denunciar a presença de casas por ali.
d) Assim que começou a cursar medicina, sentiu-se atraído para a área de neurologia.
e) A lembrança de sua convivência conosco ia sendo afastada à medida que os afazeres da rotina iam nos absorvendo.

716. (PRF/N.M./ANP) Assinale a opção em que o tempo do verbo está empregado **erradamente**.
a) Quem terminar pode entregar a prova.
b) Eu começarei de novo, se fosse preciso.
c) Quando ela passou, todos aplaudiram.
d) Até ontem eles não tinham chegado.

717. (ITA/VEST) Assinale a opção que preenche corretamente os espaços.
"Mesmo que _____ outros imprevistos, haja vista que já _____ alguns, _____ todas as necessidades se _____ tranquilos."
a) haja / ocorreram / proviremos / nos mantermos.
b) advenham / sobrevieram / proveremos a / nos mantivermos.

c) advissem / sobreviram / proviríamos / mantivéssemo-nos.
d) adviessem / têm sobrevindo / proviremos / mantermo-nos.
e) advierem / têm havido / supriremos a / mantivermo-nos.

718. (BRB/N.M./IDR) Assinale a alternativa **correta**.
a) Só irei festejar o prêmio, quando eu vir a cor do dinheiro, e, nesse momento, você, com certeza, quererá ficar comigo para sempre.
b) A Constituição proibi as discriminações, mas parece que alguns bancos ignoram isso ao manterem caixas à disposição exclusiva de clientes de muitas estrelas.
c) Se ele repor a quantia retirada ontem, não será necessário que o gerente intervenha a seu favor.
d) Só ficará calmo quando perfazer todos os pontos exigidos para a sua ascensão funcional.

719. (BRB/N.M./IDR) Assinale a alternativa **correta**.
a) Quando o líder propor mudanças na lei, certamente os demais encontrarão no documento pontos que transgridam a lei.
b) Será necessário que as empresas falham para que os juros baixassem? E quantas ainda precisarão anunciar falência?
c) Se o presidente muda sua rotina, busca-se imediatamente explicação. Se as informações conflitam, especula-se.
d) Se o computador caber naquela mesa, cancele a encomenda feita ontem. Afinal, é hora de conter despesas.

720. (ALCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **correta**.
a) Se você não requerer logo, é possível que lhe digam amanhã que o documento não valhe nada.
b) Se o vir, diga-lhe que eu me precavejo contra possíveis aborrecimentos.
c) Se eles se mantiverem irredutíveis e não se proporem a conversar nada se resolverá.
d) Quando ele obtiver aquilo por que tanto anseia, será tarde demais.

721. (ALCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa que corresponde, na **voz passiva**, ao período abaixo.
"Os deputados estavam sempre discutindo a mesma questão."
a) A mesma questão vinha sempre sendo discutida pelos deputados.
b) A mesma questão estava sempre sendo discutida pelos deputados.
c) A mesma questão ia sendo sempre discutida pelos deputados.
d) A mesma questão era sempre discutida pelos deputados.

722. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale o período **incorreto** quanto à conjugação verbal.
a) Ao propordes tal solução, não vos esqueçais de que vos tornareis responsáveis pelo sucesso ou fracasso da empreitada.

b) Ele reaveu todos os documentos desaparecidos; para obtê-los novamente ateve-se a publicar um anúncio no jornal.
c) Esperando que se contradissessem, propuseram questões sutis, e, enquanto lhes aprouve, mantiveram o interrogatório.
d) Caberem todos não é difícil; o problema é manterem-se quietos para não comprometer a estabilidade do barco.

723. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale o período **incorreto** quanto à conjugação verbal.
a) Ninguém creu no que disseste: tua imagem não é das melhores.
b) Após a queda, por longo tempo jazeram ali, exânimes, quase mortos.
c) Não tinham prazido aos credores as garantias que lhes tinham sido oferecidas.
d) Muitas empresas já faliram este ano. Espero, contudo, que a nossa não falha.

724. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale o período que corresponde, na **voz passiva**, ao período abaixo.
"A construtora deverá demolir, em breve, todas as casas, e, em seu lugar, os operários vão erguer um edifício."
a) Em breve, todas as casas serão demolidas pela construtora, e, em seu lugar, um edifício será erguido pelos operários.
b) Em breve, a construtora terá demolido todas as casas, e, em seu lugar, um edifício deverá ser erguido pelos operários.
c) Em breve, todas as casas deverão ser demolidas pela construtora, e, em seu lugar, um edifício vai ser erguido pelos operários.
d) Em breve, todas as casas deverão ser demolidas pela construtora, e, em seu lugar, um edifício será erguido pelos operários.

725. (TFC-RJ/N.S.) A forma passiva correspondente ao enunciado "Vi, no claro azul do céu, um papagaio de papel, alto e largo", é:
a) O garoto viu, no claro azul do céu, um papagaio de papel, alto e largo.
b) Um papagaio de papel, alto e largo, estava sendo visto pelo menino, no claro azul do céu.
c) No claro azul do céu, era visto um papagaio de papel, alto e largo, por mim.
d) Alto e largo, um papagaio de papel foi visto por mim no claro azul do céu.
e) Foi visto pelo menino, no claro azul do céu, um papagaio de papel.

726. (TFC-RJ/N.S.) Assinale a opção cujo período apresenta **erro** na sintaxe ou morfologia das formas verbais.
a) É necessário que se intermedeiem os conflitos étnicos para que a paz seja preservada.
b) Segundo pressupuseram especialistas, novas bactérias, de extraordinária resistência, estão surgindo nos hospitais.

c) Ao não se aterem aos limites previstos para a pesquisa, correram o risco de falsear os resultados.
d) Sem que se transgridam os modelos convencionais, os prejuízos jamais poderão ser reavidos.
e) Se não sobrevirem novos problemas, serão satisfeitas todas as exigências do contrato assinado.

727. (TFC-RJ/N.S.) Assinale a opção cujo período apresenta **erro** na sintaxe ou morfologia das formas verbais.
a) Se não provessem os estoques do governo com a necessária antecedência, dificuldades maiores adviriam na entressafra.
b) Se eles interporem um novo recurso contra a decisão do diretor, é possível que seja aceita a argumentação que apresentaram.
c) Exige-se que as amostras não difiram significativamente do padrão oficial e que se expeça o respectivo laudo de fiscalização.
d) Por não se preverem as consequências do novo decreto, deixaram de ser tomadas medidas que contivessem o aumento de custos.
e) O governo não interveio nem pretende intervir no mercado, embora as informações de alguns empresários se contradissessem.

728. (TFC-RJ/N.S.) Assinale a opção cujo período apresenta **erro** na sintaxe ou morfologia das formas verbais.
a) Havia, entre os meses de outubro e dezembro, ocorrido pancadas de chuva tão violentas que as estradas estavam em péssimas condições.
b) Se houver desistências, as vagas não poderão ser preenchidas por candidatos sem habilitação legal.
c) Embora muitas dificuldades houvessem surgido, os trabalhos foram concluídos em tempo hábil.
d) Todas as opiniões que houvesse entre os participantes do encontro seriam debatidas democraticamente.
e) Ninguém sabe se vão haver ou não novas inscrições para o concurso anunciado há duas semanas.

729. Avalie a correlação dos tempos verbais e assinale C ou E no parêntese.
( ) Em "Quando se **somam** salários, retiradas e outras remunerações, alguns setores **apresentaram** diferenças não justificadas".

Advérbio

DEFINIÇÃO

Advérbio é uma palavra invariável que se refere a um adjetivo, advérbio ou verbo, atribuindo-lhes uma circunstância.

Observe:

O menino alto cantava alto.
subst. adj. verbo adv.

Prática

1. Passe a frase acima para o **feminino**.

_____

2. Passe a frase acima para o **plural**.

_____

Conclusão:

O **alto** que se refere a um substantivo é um **adjetivo** e varia em gênero e número.
O **alto** que se refere a um verbo é um **advérbio**, por isso é invariável.

Observe:

Era muito problema ...
adj. subst.

Era problema muito fácil.
subst. adv. adj.

Prática

■ Passe as frases acima para o **plural**.

3. _____
4. _____

Conclusão:

O **muito** que se refere a um substantivo é **pronome indefinido** e varia em gênero e número.
O **muito** que se refere a um adjetivo é **advérbio**, por isso é invariável.

Observe:

Júlio tinha muito (adv.) pouco (adj.) conhecimento (subst.) e era muito (adv.) pouco (adv.) admirado (adj.).

Prática

■ Preencha as lacunas.

5. Júlia tinha _____ _____ prática e era _____ _____ _____.

Conclusão:

Os adjetivos são variáveis para concordar com os substantivos a que se referem.
Os advérbios também podem se referir a adjetivos ou a outros advérbios, mas são sempre invariáveis.
Os advérbios nunca se referem a substantivos.

Prática

A. Ela estava mal.
B. Ela estava bem.
C. Ela estava bem mal.
D. Felizmente, agora não há barreiras entre nós.

■ Assinale **C** ou **E**.

6. ( ) Em A, **mal** é adjetivo.
7. ( ) Em A, **mal** não é adjetivo, porque é invariável: Elas estavam mal.
8. ( ) Em A, **mal** é advérbio de modo, referindo-se ao verbo **estava**.
9. ( ) Em B, **bem** é adjetivo.
10. ( ) Em B, **bem** é advérbio, porque é invariável.
11. ( ) Em B, **bem** é advérbio de modo, referindo-se ao verbo.
12. ( ) Em C, **mal** é adjetivo.
13. ( ) Em C, **bem** é advérbio de modo, referindo-se ao advérbio **mal**.
14. ( ) Em C, **bem** é advérbio de intensidade, referindo-se a outro advérbio.
15. ( ) Um advérbio se refere a outro advérbio, estabelecendo sentido de intensidade e se chama advérbio de intensidade.
16. ( ) Em D, **Felizmente** é advérbio e se refere a toda uma oração.
17. ( ) Quando o advérbio se refere a toda uma oração, normalmente vem separado desta por vírgula.
18. ( ) O advérbio serve para atribuir qualidade aos seres.
19. ( ) **Advérbio** é palavra invariável que se refere a um adjetivo, verbo ou outro advérbio, exprimindo uma circunstância.

CIRCUNSTÂNCIAS EXPRESSAS PELO ADVÉRBIO

Prática

■ Estabeleça a correlação adequada.

a) afirmação c) dúvida e) tempo g) intensidade
b) negação d) lugar f) modo

20. ( ) não.
21. ( ) jamais, nunca, logo, hoje, já, cedo, antes, depois, agora, outrora...
22. ( ) efetivamente, sim, realmente, certamente...
23. ( ) bastante, muito, pouco, bem, mais, demais, menos...
24. ( ) assim, bem, mal, depressa, devagar, debalde, melhor...
25. ( ) geralmente os terminados em -mente: fielmente, facilmente, ricamente...
26. ( ) acaso, porventura, talvez, provavelmente.
27. ( ) aqui, aí, ali, além, abaixo, acima, adiante, além, aquém, fora...

■ Continue correlacionando os **advérbios interrogativos**.

a) de causa b) de tempo c) de modo d) de lugar

28. ( ) Quando você chegou?
29. ( ) Como conseguiste chegar?
30. ( ) Onde você guardou minha cenoura?
31. ( ) Por que não veio mais cedo?
32. ( ) Quero saber como você aprendeu o caminho.
33. ( ) Não sei onde você se esconde.
34. ( ) Diga-me quando você chegou.

Observe:

E. Como você cresceu? F. Como você cresceu!
G. Ela usa bastante batom. H. Ele nunca voltou.

■ Responda **C** ou **E**.

35. ( ) Em E e F, existe **advérbio interrogativo**.
36. ( ) Em E e F, existe **advérbio de modo**.
37. ( ) Em E, **como** é **advérbio interrogativo de modo**.
38. ( ) Em F, **como** é **advérbio de intensidade**.
39. ( ) Em G, há um **advérbio de intensidade**.
40. ( ) Em G, **bastante** não é advérbio, porque se refere ao substantivo **batom**.
41. ( ) Em G, **bastante** é pronome indefinido, como **muito** e **pouco** quando se referem a substantivo.
42. ( ) Em H, **nunca** é advérbio de tempo e negação.

LOCUÇÃO ADVERBIAL

Prática

Observe:

I. Ela sorriu **novamente**.
J. Ela sorriu **de novo**.
K. Ele **não** se comprometeu.
L. **De modo nenhum** ele se comprometeu.
M. Ele virá, **sim**.
N. Ele virá, **com certeza**.
O. – Onde está o Ivan? – Não sei. **Com certeza** está numa dessas exposições que frequenta.
P. Renato cortava legumes **com Teresa**.
Q. Teresa se cortou **com o canivete** de Renato.

■ Assinale **C** ou **E**.

43. ( ) **novamente** e **de novo** são circunstâncias do verbo sorrir.
44. ( ) **novamente** é um advérbio que atribui ao verbo sorrir uma circunstância de **repetitividade**.
45. ( ) **não** e **De modo nenhum** atribuem circunstância de negação ao verbo comprometer-se.
46. ( ) Em J, L e N, vê-se que duas ou mais palavras podem fazer as vezes de um advérbio.
47. ( ) Duas ou mais palavras que funcionam no lugar de um advérbio chamam-se **locução adverbial**.
48. ( ) Em N e O, encontram-se locuções adverbiais de **afirmação**.
49. ( ) Em N, **Com certeza** é uma locução adverbial de **afirmação**.
50. ( ) Em O, **Com certeza** é uma locução adverbial de **dúvida**.
51. ( ) Em P, há uma locução adverbial de **companhia**.
52. ( ) Em Q, há uma locução adverbial de **instrumento** ou **meio**.

Observe:

R. Ela estava **perto**.
advérbio

S. Ela estava **por perto**.
prep. + adv.
locução adverbial

T. Ela estava **em casa**.
prep. + subst.
locução adverbial

U. Ela estava **com você**.
prep. + pron.
locução adverbial

■ Assinale **C** ou **E**.

53. ( ) Em R, **perto** é advérbio de lugar.
54. ( ) Em S, **por perto** é locução adverbial de lugar, constituída de preposição e advérbio juntos.
55. ( ) Em T, **em casa** é advérbio de **lugar**.
56. ( ) Em T, **em casa** é locução adverbial de **lugar**, formada por uma preposição e um substantivo.
57. ( ) Em U, **com você** é uma locução adverbial de **companhia**.

Observe:

V. Ela estava (**locução adverbial**: **com** (prep.) + **você**. (pron.))

W. Ela estava (**locução adverbial**: **perto de** (**adv. + prep.** loc. prepositiva) **você**. (pron.))

X. Ela estava (**locução adverbial**: **em** (prep.) **casa**. (subst.))

Y. Ela estava (**locução adverbial**: **em cima de** (**prep.+ adv.+ prep.** locução prepositiva) **sua casa**. (subst.))

A **locução adverbial** pode ter a seguinte estrutura: preposição + advérbio; preposição + substantivo; preposição + pronome. A preposição vem sempre antes.
Advérbio + preposição = **locução prepositiva**.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

58. ( ) Observando V e W, conclui-se que a locução prepositiva equivale na frase a uma **preposição**.
59. ( ) Observando W e Y, conclui-se que, na construção da frase, a locução prepositiva pode ter duas ou mais palavras.
60. ( ) A locução adverbial sempre começa com preposição, ou locução prepositiva.
61. ( ) A locução adverbial nunca termina com preposição.
62. ( ) O núcleo da locução adverbial é a preposição.
63. ( ) A locução prepositiva sempre termina com preposição.
64. ( ) Toda locução que termina em preposição é locução prepositiva.
65. ( ) A locução prepositiva pode ter preposição no início e no fim (**em** cima **de**).

Observe:

Ela está meio / menos / mais / muito / pouco **tonta**. adjet.

advérbio de intensidade

Ela está **tonta** adjet. de verdade. / à beça. / p'ra chuchu.

locução adverbial de intensidade

Ela está mais / menos / meio / muito / pouco / bastante **perto**. adv.

advérbio de intensidade

Ela está **perto** adv. de verdade. / p'ra chuchu. / à beça.

locução adverbial de intensidade

O **advérbio** ou **locução adverbial** que se referem a adjetivo ou a advérbio são, quase sempre, de intensidade.

Prática

Naquela época, com rara felicidade, as famílias conversavam em volta da mesa, em tom normal, após o sono dos menores.

■ Assinale **C** ou **E**.

66. ( ) **Naquela época** é locução adverbial de **tempo**.
67. ( ) Na oração há cinco locuções adverbiais.
68. ( ) Todas começam com preposição.
69. ( ) **em volta de** é uma locução prepositiva.
70. ( ) Há duas locuções adverbiais de **tempo**.
71. ( ) Há só duas ocorrências da preposição **em** no texto.

■ Sublinhe e classifique os **advérbios** ou **locuções adverbiais**.

72. Nunca vi olhos tão meigos.
73. Quanta alegria havia lá!
74. Por que vieste tão cedo?
75. Não me disseste onde ou como eles estão.
76. Talvez não saibam quando chegaremos.
77. Chegou da Espanha o jovem do Brasil.
78. Muitos homens e muitas mulheres pensam muito pouco.
79. Bastantes estudiosos nos ajudam bastante.
80. Ele era de meias-palavras. Meio calado.

Preposição

DEFINIÇÃO

Observe:

Preposição é a **palavra** que liga **dois termos**, subordinando o segundo ao primeiro e estabelecendo uma relação semântica (relação de significado) com o subordinado ou regido.

A preposição é escolhida pelo termo regente e pertence sintaticamente ao termo regido.

Prática

■ Estabeleça a carga semântica da preposição.

Regente	Prep.	Regido	Núcleo	
1.	em	casa.	( )	a) companhia
2.	com	ela.	( )	b) posição superior
3.	de	cama.	( )	c) posição inferior
4.	sob	a mesa.	( )	d) lugar
5.	sobre	o fogão.	( )	e) estado

São **preposições essenciais**, isto é, funcionam sempre como preposições:

a, ante, até, após,
com, contra,

de, desde,
em, entre,
para, por, perante,
sem, sob, sobre,
trás.

Locuções prepositivas: são constituídas por duas ou mais palavras, sendo a última sempre uma preposição:

além de, antes de, até a, apesar de, acerca de, em vez de, dentro de, depois de, devido a, fora de, junto a, junto de, junto com...

Isoladas, as preposições não têm sentido, mas podem adquirir diversos significados dependendo do contexto.

Exemplos: O orador olhava **à** frente (direção).
Todos os anos, a família vai **a** Paris (lugar).
A amazona saiu **a** galope (modo).
O desenho era todo feito **a** lápis (instrumento).

Prática

■ Faça a correlação entre a forma destacada e o significado que ela cria.

6. ( ) estar **ante** o portão
7. ( ) parar **após** o obstáculo
8. ( ) beber **com** os amigos
9. ( ) pagar **com** cheque
10. ( ) lutar **contra** o vício
11. ( ) trabalhar **para** a sobrevivência
12. ( ) provir **de** Uruguaiana
13. ( ) cadeira **de** vime
14. ( ) morrer **de** frio
15. ( ) doce **com** leite
16. ( ) doce **sem** leite

(a) finalidade
(b) oposição
(c) instrumento
(d) companhia
(e) causa
(f) matéria
(g) origem
(h) posterioridade
(i) anterioridade
(j) inclusão
(k) exclusão

São **preposições acidentais** aquelas que podem ligar termos de uma oração ou ter outras funções:

conforme, consoante, durante, exceto, fora, mediante, menos, salvo, segundo...

Prática

■ Faça a correlação, considerando a preposição destacada.

(a) liga termos de uma oração (é preposição)
(b) liga orações com verbo flexionado (é conjunção)
(c) acompanha verbo, adjetivo ou advérbio (é advérbio)

17. ( ) Montou o aparelho **conforme** as especificações.
18. ( ) O trabalho será feito **conforme** você pediu.
19. ( ) As pessoas agem **segundo** seus impulsos.
20. ( ) O aparelho será montado amanhã, **segundo** disseram os técnicos.
21. ( ) Irá toda minha família **menos** eu.
22. ( ) Os inquilinos estavam **menos** preocupados após a reunião.

As preposições **a**, **em**, **por**, **de** podem combinar-se ou contrair-se com os artigos definidos ou com os pronomes demonstrativos.

por + o, a, os, as	➜	pelo, pela, pelos, pelas
de + o, a, os, as	➜	do, da, dos, das
em + o, a, os, as	➜	no, na, nos, nas
a + o, a, os, as	➜	ao, à, aos, às
de + este, aquele	➜	deste, daquele
em + esta, aquilo	➜	nesta, naquilo
a + aquela, aquele, aquilo	➜	àquela, àquele, àquilo
em + um, uma uns, uma	➜	num, numa, nuns, numa

Prática

■ Complete as lacunas com a forma preposicional adequada.

23. Ele voltou _____ o caminho mais difícil.
24. Saiu _____ a porta _____ a cabeça erguida.
25. Acreditamos _____ o valor da vida humana.
26. Os moradores precisam _____ essa segurança.
27. O ex-presidente referia-se _____ aquelas sobras de campanha.

Observação:

As preposições podem substituir as conjunções, quando a oração subordinada for reduzida:
Ele voltou **para** trabalhar.

Prática

■ Substitua adequadamente a conjunção por uma **preposição**.

28. O poeta trouxe o livro **para que** eu o lesse e corrigisse.
_____ eu ler e corrigir.

29. As crianças não poderão sair, **se** o pai não der sua autorização.
_____ o pai dar sua autorização.

30. O médico ficou chateado **porque** causou muita preocupação a todos.
_____ causar muita preocupação a todos.

31. (PRF/N.M./ANP) Assinale a frase em que a preposição está empregada **indevidamente**.
a) Era rigoroso com as infrações na estrada.
b) Severas responsabilidades lhe pesavam sobre os ombros.
c) Já leu algo sob este assunto?
d) Espero ter o prazer de apertar-lhe a mão.

32. (PRF/N.M./ANP) Assinale a opção em que a ideia da preposição destacada **não** está indicada corretamente entre parênteses.
a) Moro **em** Copacabana há muitos anos. (lugar)
b) Viajou **de** São Paulo a Recife. (procedência)
c) Saíram **em** um dia chuvoso. (tempo)
d) Tiritavam **de** frio pelas ruas da capital. (modo)

Conjunção

DEFINIÇÃO

Observe:

COORDENADO	CONJUNÇÃO COORDENATIVA	COORDENADO
Paulo TERMO	e	Cristina TERMO
Ele chegou ORAÇÃO	e	ela saiu ORAÇÃO

SUBORDINANTE		
Ele chegou ORAÇÃO	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA	
		SUBORDINADO
	quando	
		ela saiu ORAÇÃO

Prática

■ Observe o gráfico e responda **C** ou **E**.

1. ( ) A conjunção pode ligar dois termos.
2. ( ) A conjunção pode ligar duas orações.
3. ( ) A conjunção pode coordenar dois termos.
4. ( ) A conjunção pode coordenar duas orações.
5. ( ) A conjunção pode subordinar um termo a outro.
6. ( ) A conjunção pode subordinar uma oração a outra.
7. ( ) A conjunção pode ser, então, classificada como coordenativa ou como subordinativa.
8. ( ) Se a conjunção liga dois termos de uma oração, necessariamente tem papel coordenativo.
9. ( ) Se a conjunção liga duas orações, pode assumir um papel coordenativo ou subordinativo.

Agora veja a definição de Evanildo Bechara:

> "**Conjunção** é a expressão que liga orações, ou, dentro da mesma oração, palavras que tenham o mesmo valor ou função."

Prática

■ Leia as frases seguintes e responda **C** ou **E**.

A) **Visto que** estava com medo, calou-se.
B) **Porque** estava com medo, calou-se.
C) **Quando** estava com medo, calou-se.

10. ( ) Em A, a primeira oração determina a causa do fato expresso na segunda.
11. ( ) Em B, a primeira oração determina a causa do fato expresso na segunda.
12. ( ) Em C, a primeira oração determina a causa do fato expresso na segunda.
13. ( ) Em C, a primeira oração explicita uma circunstância de tempo relacionada ao fato expresso na segunda.
14. ( ) Em A, B e C, as circunstâncias de causa ou tempo são declaradas pelas expressões **Visto que**, **Porque** e **Quando**, respectivamente.
15. ( ) **Porque** e **Quando** são, portanto, conjunções, por ligarem orações.
16. ( ) **Visto que** também funciona como conjunção, por ligar orações.
17. ( ) Duas ou mais palavras com valor de uma recebem o nome de locução.
18. ( ) **Visto que** é, por isso, uma locução conjuntiva, isto é, duas palavras que funcionam como uma conjunção.

CLASSIFICAÇÃO

Leia com atenção o quadro dos cinco tipos de conjunções coordenativas.

	CONJUNÇÕES COORDENATIVAS
1	**ADITIVAS**: somam informações de natureza semelhante. positiva + positiva: Ela estudou **e** aprendeu. negativa + negativa: Ela não estudou **e** não aprendeu. Ela não estudou **nem** aprendeu.
	São elas: **e**, **nem (= e não)**, **não só... mas também**, **não só... mas até** etc.
2	**ADVERSATIVAS**: opõem informações, aproximam informações contrárias. positiva + negativa: Estudou, **mas** não aprendeu. Estudou, **e** não aprendeu. negativa + positiva: Não estudou, **porém** aprendeu. Não estudou, **contudo** aprendeu.
	São elas: **e**, **mas**, **porém**, **todavia**, **contudo**, **no entanto**, **entretanto** etc.

3	**ALTERNATIVAS**: interligam orações cujas ideias se excluem, que não acontecem juntas. Estudava, **ou** se divertia. **Ora** estudava, **ora** se divertia.
	São elas: **ou**, **ou ... ou**, **já ... já**, **ora ... ora**, **quer ... quer**, **seja ... seja** etc.
4	**CONCLUSIVAS**: interligam duas ideias, fazendo da segunda uma conclusão da primeira. Teu combustível está no fim; **portanto**, não conseguirás chegar. Está na hora da decolagem; deves, **pois**, apressar-te.
	São elas: **logo**, **portanto**, **por isso**, **por conseguinte**, **consequentemente**, **então**, **pois** (quando não começa frase) etc.
5	**EXPLICATIVAS**: interligam orações fazendo, numa, justificativa ou explicação do que se disse noutra. Venha logo, **porque** já é tarde. Sorria, **pois** a vida é bela.
	São elas: **pois** (começando oração), **porque**, **que**, **porquanto** etc.

Prática

■ Nas orações a seguir, sublinhe as conjunções e classifique-as conforme a ideia que introduzem.
a) aditiva b) adversativa c) alternativa d) conclusiva e) explicativa.

19. ( ) A lua está nascendo, ou se pondo?
20. ( ) A lua está nascendo, mas o dia está claro ainda.
21. ( ) O sol se põe cedo, porque estamos no inverno.
22. ( ) P'ra frente, que atrás vem gente.
23. ( ) Não só tremia, mas também chorava.
24. ( ) Doía, e ele não chorava.
25. ( ) Ora chorava, ora sorria.
26. ( ) Penso; portanto, insisto.

Estude agora o quadro dos dez tipos de conjunções subordinativas.

CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS	
	ADVERBIAIS
1	**CAUSAIS**: introduzem oração, com uma ideia de causa. **Como** não choveu, o poço secou. Ele caiu **porque** tropeçou.
	São elas: **que**, **porque**, **porquanto**, **como**, **já que**, **desde que**, **pois que**, **visto que**, **visto como**, **uma vez que...**

2	**CONCESSIVAS**: introduzem oração, com ideia contrária à da oração principal. **Embora** tentasse, não conseguiu esconder. Trabalhava, **por mais que** a perna doesse.
	São elas: **embora**, **conquanto**, **ainda que**, **mesmo que**, **posto que**, **se bem que**, **por mais que**, **por menos que**, **apesar de que**, **nem que**, **que**, **de todo modo...** Todas essas conjunções levam o verbo para o subjuntivo.
3	**CONDICIONAIS**: introduzem oração, com ideia de hipótese ou condição. **Se** quiser, eu vou. Ela seria feliz, **caso** o destino quisesse.
	São elas: **se**, **caso**, **contanto que**, **salvo se**, **sem que (= se não)**, **dado que**, **desde que**, **a menos que**, **a não ser que** etc.
4	**CONFORMATIVAS**: introduzem oração, exprimindo a conformidade de uma ideia com a da oração principal. **Conforme** eu previra, ela mentiu. Vai chover, **segundo** anunciou a meteorologia.
	São elas: **como**, **conforme**, **segundo**, **consoante** etc.
5	**FINAIS**: introduzem oração, com ideia de finalidade. Gritava **para que** todos o ouvissem. Chorou, **a fim de que** eu me comovesse.
	São elas: **para que**, **a fim de que**, **que (= para que)**, **porque (= para que)** etc.
6	**CONSECUTIVAS**: introduzem oração, com ideia de consequência. Falava tanto, **que** o marido fugiu. Era de tal beleza **que** nos ofuscava.
	Conjunções: **que** associado a **tal**, **tanto**, **tão**, **tamanho** (expressos ou subentendidos na oração anterior); de forma **que**, de maneira **que**, de modo **que**, de sorte **que** etc.
7	**TEMPORAIS**: introduzem oração, com ideia de tempo. **Logo que** me viu, sorriu. **Desde que** chegou, todos a cercam.
	São elas: **quando**, **antes que**, **depois que**, **logo que**, **assim que**, **desde que** etc.
8	**COMPARATIVAS**: introduzem oração, comparando ações. Normalmente têm o verbo subentendido. Igualdade: Ela dança tanto **quanto** Carlos (dança). Inferioridade: Ela dança menos (do) **que** Júlia (dança). Superioridade: Ela dança mais (do) **que** Renata (dança).
	São elas: **(do) que** (relacionado a mais, menos, melhor, pior, maior, menor), **tal ... qual**, **tanto ... quanto**, **como**, **assim como**, **bem como** etc.

9	**PROPORCIONAIS**: introduzem oração, com ideia de proporcionalidade. Indiretamente: **Quanto** mais gritava, menos era entendido. Diretamente: la aprendendo, **à medida que** convivia com ela.
	São elas: **à proporção que**, **ao passo que**, **quanto mais**, **quanto menos** etc.

SUBSTANTIVAS

10	**INTEGRANTES**: introduzem orações permutáveis pelo pronome substantivo ISSO. Quero **que** venhas. (Quero **isso**.) Gostaria de **que** me entendessem. (Gostaria **disso**.) A verdade é **que** ele saiu. (A verdade é **isso**.) Veja **se** ele concorda. (Veja **isso**.)
	São elas: **que** e **se**. Podem vir elípticas: gostaria me entendessem.

Prática

■ Classifique as conjunções destacadas e numere-as de 1 a 10, de acordo com o quadro que acabou de estudar.

27. **Se** ( ) ela quiser, eu vou; mas não sei **se** ( ) ela quer.
28. Trouxe-lhe uma rosa **para que** ( ) ela não brigasse com ele.
29. **Como** ( ) não queria ser visto, ficou a um canto **como** ( ) vassoura esquecida.
30. **Embora** ( ) tentasse, não conseguia fazer melhor **que** ( ) o irmão.
31. Dance **como** ( ) o ritmo pede, **porque** ( ) todos a aplaudam.
32. Tanto fez **que** ( ) conseguiu **que** ( ) o vizinho lhe vendesse o terreno.
33. **Assim que** ( ) chegou, começou a gesticular **para que** ( ) a vissem.
34. **Quanto** ( ) mais gesticulava, mais cansada ficava.

A. Ele ensinou **para que** todos aprendessem.
B. Ele ensinou **para** todos aprenderem.

■ Assinale **C** ou **E**.

35. ( ) Em A, a segunda oração é introduzida pela locução conjuntiva **para que**.
36. ( ) A locução conjuntiva, no caso, é formada por duas conjunções.
37. ( ) A locução conjuntiva, no caso, é formada por uma preposição (para) e uma conjunção (que).
38. ( ) Em A, a oração subordinada acrescenta à principal uma ideia de finalidade.
39. ( ) Em B, a segunda oração é introduzida só pela preposição (para) e também acrescenta à principal uma ideia de finalidade.
40. ( ) Pode-se concluir que a ideia de finalidade nasce da conjunção.
41. ( ) Pode-se concluir que a ideia de finalidade nasce da preposição.

Observe:

Constroem-se sem conjunção as orações reduzidas.*

Antes de discutido o assunto, ninguém o entendia.

locução prepositiva — verbo no particípio

Para evoluir, todos estudamos.

preposição — verbo no infinitivo

Em se falando de negócios...

preposição — verbo no gerúndio

RESUMO FINAL

CONJUNÇÕES

- COORDENATIVAS
  - a) aditivas
  - b) adversativas
  - c) alternativas
  - d) conclusivas
  - e) explicativas
- SUBORDINATIVAS
  - f) causais
  - g) concessivas
  - h) condicionais
  - i) conformativas
  - j) finais
  - k) consecutivas
  - l) temporais
  - m) comparativas
  - n) proporcionais
  - o) integrantes

Prática

■ Use as letras que precedem, no resumo final, a classificação das conjunções, para preencher os parênteses relacionados às conjunções ou preposições dos exercícios seguintes.

42. **Segundo** Schopenhawer, as ideias encurtam à medida **que** crescem os cabelos.
( ) ( )

* *Vide*, em *Análise Sintática Visual*, Período: Orações reduzidas de infinitivo, de gerúndio, de particípio.

43. Logo **que** ele nasceu, pareceu-me mais feio **que** um sapo.
( ) ( )

44. Não sei **se** vou **ou** **se** fico.
( ) ( ) ( )

45. Ela disse **que** viria, **mas** não falou **se** viria só.
( ) ( ) ( )

46. O ruído atingiu tal intensidade **que** quase nos ensurdeceu.
( )

47. **Se** Júlia concordasse **e** nos ajudasse, **como** você havia previsto, seria fácil para nós
( ) ( ) ( )
convencer aos restantes.

48. **Apesar de** nada ter dito, **porque** foi ameaçada, a testemunha despertou a atenção
( ) ( )
dos jurados.

49. Vá logo, **que** estão esperando. Fale pouco **para** não ser mal entendido.
( ) ( )

50. És inteligente. **Por isso**, não te deves preocupar **quando** tentarem confundir-te.
( ) ( )

Interjeição

CLASSIFICAÇÃO

Prática

■ Estabeleça a correspondência entre as expressões da segunda coluna e o que se pede na primeira.

1. Dor física	( )	a) Psit! Psiu! (rápido)
2. Surpresa	( )	b) Ai! Ui!
3. Silêncio	( )	c) Ora!...
4. Incredulidade	( )	d) Nossa! Puxa! Oh!
5. Animação	( )	e) Psiu! (demorado)
6. Aplauso	( )	f) Bravo!
7. Chamamento	( )	g) Eia!
8. Desejo	( )	h) Tomara! Oxalá!
9. Repetição	( )	i) Oh! Ah!
10. Dor moral	( )	j) Bis!

■ Assinale **C** ou **E** sobre as interjeições.

11. ( ) Exprimem racionalidade.
12. ( ) Exprimem emoção.
13. ( ) Elementos afetivos da linguagem.
14. ( ) Valem por frases inteiras.
15. ( ) São instrumentos de comunicação precisa e indiscutível.
16. ( ) Seu sentido pode variar conforme a entonação e o contexto.
17. ( ) **Ai de mim! Ora bolas!** são locuções interjetivas.
18. ( ) São uma espécie de grito, com que traduzimos estados emotivos.
19. ( ) Normalmente vêm acompanhadas de ponto de exclamação.
20. ( ) Após o ponto exclamativo da interjeição, usa-se sempre letra maiúscula.

DEFINIÇÃO

Interjeição é uma espécie de grito que exprime emotividade, de maneira não racional: Puxa!

Locução interjetiva: duas ou mais palavras com valor de uma interjeição: Nossa senhora! Puxa vida!

Semântica

DEFINIÇÃO

Semântica é o estudo do significado das palavras.

DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO

O sentido usual das palavras, descrito nos dicionários, é o que se denomina **denotativo**.
O sentido figurado, que as palavras adquirem na dependência do contexto em que são usadas, é o que se denomina **conotativo**.

Prática

■ Utilize o código **d** para o sentido denotativo das palavras em negrito e **c** para o sentido conotativo.

1. ( ) Li com cuidado **página** por **página**.
2. ( ) "És **página** virada, descartada do meu folhetim." (C.B.)
3. ( ) Surgiu uma **onda** de boatos.
4. ( ) As **ondas** do mar nos encantam.
5. ( ) Os preços ficarão **congelados** durante um certo período.
6. ( ) Comida **congelada** é uma opção prática.

HOMONÍMIA, SINONÍMIA, ANTONÍMIA

Homônimos são palavras iguais.
Homônimos homófonos são palavras iguais no som.
Homônimos homógrafos são palavras iguais na escrita.
Sinônimos são palavras diferentes com sentidos semelhantes.
Antônimos são palavras diferentes com sentidos opostos.

Prática

■ Faça a correspondência.

a) pronúncia igual / escrita igual / sentido diferente
b) pronúncia igual / escrita diferente / sentido diferente
c) pronúncia diferente / escrita igual / sentido diferente
d) pronúncia diferente / escrita diferente / sentido semelhante
e) pronúncia diferente / escrita diferente / sentido oposto

7. ( ) renda **líquida** / substância **líquida**.
8. ( ) **acento** gráfico / **assento** confortável.
9. ( ) **olho** azul / eu **olho** as fotos.
10. ( ) fazer **cara** de mau / ter **rosto** de anjo.
11. ( ) peso **bruto** / homem **bruto**.
12. ( ) **quarto** arrumado / **dormitório** grande.
13. ( ) **sede** de viver / **sede** da empresa.
14. ( ) **concerto** sinfônico / **conserto** do carro.
15. ( ) pessoa **calma** / homem **nervoso**.
16. ( ) calcular as **perdas** / comemorar os **ganhos**.

■ Estabeleça a correta correspondência.
a) Homônimos perfeitos (homógrafo e homófono)
b) Homônimos homógrafos
c) Homônimos homófonos
d) Parônimos
e) Sinônimos
f) Antônimos

17. ( ) renda **líquida** / substância **líquida**.
18. ( ) Eu **conserto** para não mais se falar em **conserto**.
19. ( ) Ela era um misto de **intimorata** e **intemerata**.
20. ( ) A **sessão** sobre a **cessão** de terras vai começar.
21. ( ) Não se exceda em **silêncio** ou **gritarias**.
22. ( ) É melhor **morrer** que **perder a vida**.

PARONÍMIA

Parônimas são palavras **parecidas**, ou seja, não são iguais, mas guardam alguma semelhança de forma.

Alguns casos de parônimos:
desapercebido (desprevenido) _____ despercebido (não notado)
descrição (ato de descrever) _____ discrição (ser discreto)
descriminar (retirar o crime) _____ discriminar (diferençar)
infringir (transgredir) _____ infligir (aplicar penalidade)
iminente (próximo) _____ eminente (ilustre)
intimorato (destemido) _____ intemerato (puro)
prever (antever) _____ prover (abastecer)
ratificar (confirmar) _____ retificar (corrigir)
vultuoso (inchado) _____ vultoso (de grande vulto)

Prática

■ Preencha as lacunas com as palavras dos parênteses.

23. O _____ conferencista previu o perigo _____. (iminente/eminente)
24. Esse detalhe passou _____. (desapercebido/despercebido)
25. Sua maior qualidade é a _____. (descrição/discrição)
26. O médico _____ a medicação que lhe parecia adequada. (proscreveu, prescreveu)
27. O Ministério da Saúde _____ os remédios que tinham horríveis efeitos colaterais. (proscreveu/prescreveu)
28. O _____ de caminhões aumentou naquela rodovia. (tráfego/tráfico)

■ Classifique os pares de acordo com o código.

1) Sinônimos
2) Antônimos
3) Homógrafos heterófonos
4) Homófonos heterógrafos
5) Homônimos perfeitos
6) Parônimos

29. ( ) cumprimentar / saudar.
30. ( ) ( ) emergir / imergir.
31. ( ) proeminente / preeminente.
32. ( ) ( ) proeminente / prominente.
33. ( ) comprido / curto.
34. ( ) manga (fruta) / manga (da blusa).
35. ( ) lima (fruta) / lima (ferramenta).
36. ( ) despercebido / desapercebido.
37. ( ) comedido / imoderado.
38. ( ) açodadamente / apressadamente.

■ Indique o número, entre parênteses, que completa corretamente a lacuna.

39. O requerimento do pai ainda não foi _____.
    (1) deferido (2) diferido
40. O herói chega sempre no momento _____.
    (1) azado (2) asado
41. O excesso de carga de energia elétrica fez com que o _____ se interrompesse.
    (1) fúsil (2) fusível (3) fuzil
42. Os alunos precisavam de _____ junto ao corpo de professores.
    (1) intercessão (2) intersecção
43. Tenho certeza de que haveremos de encontrar uma _____ entre nossos interesses.
    (1) intercessão (2) intersecção

44. Principiante é _____, enquanto desconhecedor é _____.
(1) insipiente (2) incipiente
45. Dos meus ancestrais, sou _____; ao passo que dos meus filhos, sou _____.
(1) descendente (2) ascendente
46. Em _____ solene, decidiu-se pela _____ dos lotes aos moradores.
(1) secção (2) cessão (3) sessão
47. Um círculo pode representar uma _____ de uma esfera.
(1) cessão (2) secção
48. Aos monges se associa _____; aos cavalos, _____.
(1) sela (2) cela
49. Destemido é _____; imaculo é _____.
(1) intemerato (2) intimorato
50. Ele _____ ao céu e _____ em nós a esperança.
(1) acendeu (2) ascendeu
51. Um rosto carrancudo é um rosto _____, enquanto um fato de grande importância é um fato _____.
(1) vultoso (2) vultuoso
52. Apesar de ele ter feito uma _____ exagerada da cena, todos se portaram com _____.
(1) descrição (2) discrição
53. Era _____ a confirmação da chegada do _____ visitante.
(1) eminente (2) iminente
54. O que aconteceu na véspera é um fato _____.
(1) esterno (2) externo (3) hesterno
55. Osso situado na parte vertebral do tórax chama-se _____.
(1) esterno (2) externo (3) hesterno
56. Um fator de fora é um fato _____.
(1) esterno (2) externo (3) hesterno
57. Relativo a assessor é _____, mas o que se junta ao principal é o _____.
(1) acessório (2) assessório
58. Depois da quinta vem _____. Hora de repouso é hora de _____. Balaio é _____.
(1) cesta (2) sesta (3) sexta

HIPERONÍMIA

Hiperônimas são palavras cujo significado abrange o de outra(s).
Árvore é hiperônimo de **mangueira**, **cajueiro**, **ipê**...

HIPONÍMIA

Hipônimas são palavras cujo significado é abrangido pelo de outra(s).
Amendoeira é hipônimo de **árvore** e de **vegetal**.

Prática Geral

59. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Assinale a alternativa que apresenta palavras antônimas.
a) inédito / original.
b) incauto / precavido.
c) intrépido / resoluto.
d) inexorável / rigoroso.
e) incisivo / categórico.

60. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Assinale a alternativa que substitui, **sem alteração de sentido**, a expressão destacada no seguinte trecho:
"Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus. Tempo de **absoluta depuração**."
a) inteira corrupção.
b) relativa perversão.
c) irrestrita purificação.
d) ilimitada depravação.
e) condicional apuração.

61. (Aux. Jud/TRF/N.M./Esaf) Marque a alternativa cujas palavras preenchem **corretamente** as respectivas lacunas, na frase seguinte:
"Necessitando _____ o número do cartão do PIS, _____ a data de meu nascimento."
a) ratificar / proscrevi.
b) prescrever / discriminei.
c) descriminar / retifiquei.
d) proscrever / prescrevi.
e) retificar / ratifiquei.

62. (PRF/N.M./ANP) Assinale a frase que **não** pode ser completada com a palavra entre parênteses.
a) Os funcionários impetraram _____ de segurança. (mandado)
b) Ameaçava-os um perigo _____. (eminente)
c) Anualmente chegam muitos _____ nordestinos a São Paulo. (imigrantes)
d) O policial fez minuciosa _____ do acidente. (descrição)

63. (ALCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **incorreta**.
"Os riscos envolvidos no **afazer** (1) legislativo exigem peculiar cautela de todos aqueles que se ocupam do difícil processo de elaboração normativa. Eles estão obrigados a colher variada gama de informações sobre a matéria que deve ser regulada, pesqui-

sa esta que não pode ficar limitada a aspectos estritamente jurídicos. É certo que se faz mister realizar **minuciosa** (2) investigação no âmbito legislativo, doutrinário e jurisprudencial. **Imprescindível** (3) revela-se, igualmente, a análise da **repercussão** (4) econômica, social e política do ato legislativo."

(Adaptação do *Manual de Redação da Presidência da República*)

a) 1. b) 2. c) 3. d) 4.

64. (ATCLDF/N.S./IDR) Assinale a alternativa em que a palavra destacada deve ser substituída pela que aparece entre parênteses para dar sentido lógico à frase.
a) Eles pararam **incontinente**. (incontinênti)
b) O governo gastou **vultosa** soma na construção do metrô. (vultuosa)
c) Ele **distratou** o que havia combinado. (destratou)
d) O bombardeio **infligiu** graves danos à cidade. (infringiu)

65. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a sequência que preenche **corretamente** as lacunas.
Era ___ a ___ do conflito, pois as partes ___ nos erros já cometidos.
a) iminente / defraglação / reincidiram.
b) eminente / confraglação / incidiram.
c) inevitável / defraglação / reicindiam.
d) iminente / deflagração / reincidiram.

66. (TFC-RJ/N.S.) Assinale o segmento que pode substituir, sem prejuízo da significação original, o trecho: "**Ardia por andar lá fora**".
a) Queimava de raiva por estar preso.
b) Ansiava por estar lá fora.
c) Fervia-me para caminhar pelas ruas.
d) Recapitulava para saltar para a rua.
e) Almejava dirigir-me para o refeitório.

67. (TFC-RJ/N.S.) Indique a letra na qual as palavras completam, **corretamente**, os espaços das frases abaixo.
1) Quem possui deficiência auditiva não consegue _____ os sons com nitidez.
2) Hoje são muitos os governos que passaram a combater o _____ de entorpecentes com rigor.
3) O Diretor do presídio _____ pesado castigo aos prisioneiros revoltosos.

a) discriminar / tráfico / infligiu.
b) discriminar / tráfico / infringiu.
c) descriminar / tráfego / infringiu.
d) descriminar / tráfego / infligiu.
e) descriminar / tráfico / infringiu.

68. (AFRE-SP/N.S.) Assinale a alternativa **correta**.
_____, recorreu a_____ jurisconsulto.
a) Autuado em flagrante / eminente.
b) Atuado em flagrante / iminente.
c) Autuado em flaglante / iminente.
d) Atuado em flagrante / eminente.

69. Em "tarefas sórdidas", o adjetivo significa
a) ocupações.
b) fedorentas.
c) labores.
d) mórbidas.
e) imundas.

70. Indique o item em que há palavra(s) empregada(s) em sentido **figurado**.
a) "Uma semana depois, o professor mandou que nós todos escrevêssemos sobre a Bandeira Nacional."
b) "Não me lembro do resto, mas era divino."
c) "Tremi de emoção ao ver essas palavras impressas."
d) "O professor de Português passara uma composição: 'A lágrima'."
e) "Quando a alma vibra, atormentada, às pulsações de um coração amargurado, pelo peso da desgraça."

71. Marque a alternativa que apresenta palavras em sentido **figurado**.
a) "Ouro Preto é a cidade que não mudou."
b) "A criança tem dentro da alma seu sino de ouro."
c) No sertão de Goiás há um sino de ouro.
d) Os homens procuram ouro em Serra Pelada.
e) "... de ouro catado e fundido na própria terra."

72. O sinônimo que substitui a palavra destacada na frase:
"Não **apreciava** o canto de pássaros" é
a) estimava.
b) detestava.
c) julgava.
d) avaliava.
e) depreciava.

73. O antônimo da palavra destacada na frase: "... o capitão ficou mais **exigente**" é
a) incontestável.
b) tolerante.
c) intransigente.
d) impertinente.
e) intolerável.

74. O contrário de "trabalho bruto" é trabalho
a) inteligente.
b) rude.
c) grosseiro.
d) delicado.
e) duro.

75. Na frase "A luta contra a poluição vem ganhando muitos **adeptos**", a palavra destacada significa
a) reprovados.
b) materiais bélicos.
c) condionadores.
d) partidários.
e) discursos.

Na Amazônia, as águas se manifestam sob forma de rios, igarapés, igapós, neblina e vapor. O açaí, o tucumã, o buriti, o murici são vegetais onipresentes na floresta, bem como os papagaios, maritacas, araras e uma centena de outros pássaros em convívio diuturno com antas, capivaras, quatis, e um sem número de animais terrestres, aquáticos e anfíbios.

■ Assinale **C** ou **E**.

76. ( ) No primeiro período, **águas** é hiperônimo de **rios**, **igarapés**, **igapós**, **neblina** e **vapor**.
77. ( ) No segundo período, **açaí**, **tucumã** e **vegetais** são, entre si, hipônimos.
78. ( ) **florestas** e **vegetais** constituem hiperônimos em relação a **açaí**, **murici**, **buriti**...
79. ( ) **capivaras** e **quatis** são hipônimos em relação a **animais**.

80. O grande hiperônimo do texto, o que abrange todos os demais significados é _____ _____.

Concordância Nominal

Observe:

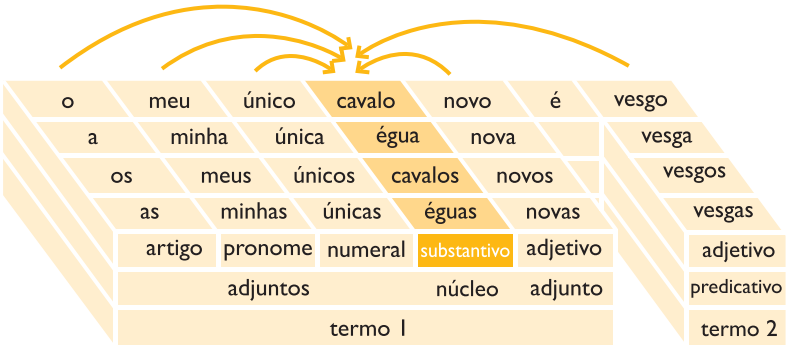

Conclusão:

Artigo, pronome, numeral e adjetivo concordam em gênero e número com o substantivo a que se referem.

Prática

Assinale **C** ou **E**.

1. ( ) Artigo, pronome, numeral e adjetivo funcionam como adjuntos de um **substantivo**.
2. ( ) O adjunto está junto de um substantivo fazendo com ele parte de **um só termo**.
3. ( ) Adjunto é um tipo de **satélite de um núcleo**.
4. ( ) Os adjuntos de um substantivo concordam com ele em **gênero e número**.
5. ( ) Predicativo e adjunto são a **mesma coisa**.
6. ( ) O predicativo é diferente do adjunto, porque o predicativo é um termo **separado** do núcleo a que se refere.
7. ( ) O predicativo é **invariável**.
8. ( ) O predicativo também **concorda** em gênero e número com o núcleo substantivo.
9. ( ) Artigo, pronome, numeral e adjetivo são **invariáveis**.

Observe:

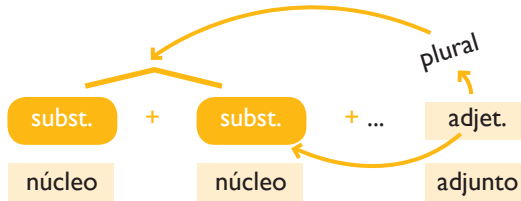

Conclusão:

Adjetivo (adjunto) posposto a mais de um núcleo substantivo concorda com todos, indo para o plural no gênero predominante*, ou concorda só com o núcleo mais próximo.

* Gênero predominante: se houver pelo menos um núcleo masculino, este predomina.

Prática

■ Com base no esquema acima, estabeleça a concordância correta.

10. ...cachorro e gato amig_____/_____
11. ...pato, gata e sapa amig_____/_____
12. ...gata e pata amig_____/_____
13. ...cachorro e gatos amig_____/_____
14. ...gatas e gatos amig_____/_____
15. ...cachorro ou gato amig_____/_____

Observe:

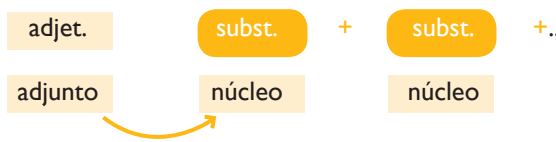

Conclusão:

Adjetivo (adjunto) anteposto a mais de um núcleo substantivo concorda com o núcleo mais próximo.

Prática

■ Com base no esquema acima, estabeleça a concordância correta.

16. ...cheiros_____ cravo e rosa...
17. ...cheiros_____ rosa e cravo...

18. ...cheiros_____ rosas e cravo...
19. ...cheiros_____ cravos e rosa...

Observe:

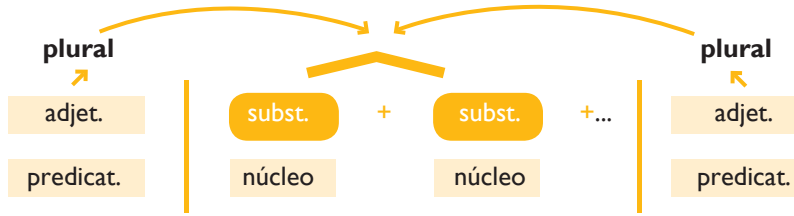

Conclusão:

Adjetivo (predicativo), quando se refere a mais de um núcleo substantivo, concorda com todos, indo para o plural, no gênero predominante.

Prática

■ Com base no esquema acima, estabeleça a concordância correta.

20. O rapaz e a menina estavam aces_____.
21. Os rapazes e a menina estavam aces_____.
22. O rapaz e as meninas estavam aces_____.
23. Encontrei aces_____ a menina e o rapaz.
24. Encontrei aces_____ o rapaz e as meninas.
25. Encontrei aces_____ as meninas e o rapaz.
26. Encontrei aces_____ a menina e a filha.

Observe:

Conclusão:

O núcleo substantivo pode ser substituído por um pronome que continua havendo a concordância.

Prática

■ Com base no esquema anterior, estabeleça a concordância correta.

27. Encontrei o artista, alegre. — Encontrei-__, alegre. (o, a, os, as)
28. Os convidados chegaram sós. — ____ chegaram sós. (Estes, Estas)
29. As possibilidades são muitas. — ____ são muitas. (Ela, Elas)

Observe:

Ele mesm**o**

Elas mesm**as**

núcleo subst.

anexo, **bastante**, **incluso**, **junto**, **leso**, **meio**, **muito**, **nenhum**, **pouco**, **próprio**, **só**, **dado**, **visto**, **obrigado**, **quite** e qualquer outro particípio.

Conclusão:

As expressões em destaque concordam com o núcleo substantivo a que se referem. Pronome substantivo é também núcleo substantivo.

Prática

- Estamos encaminhando anex_____ (30) as correspondências, com bastant_____ (31) informações inclus_____ (32) e nenhum_____ (33) críticas.
- O estudante e o atleta foram vist_____ (34), junt_____ (35) e s_____ (36).
- Elas mesm_____ (37) compraram coisas pouc_____ (38) com muit_____ (39) precauções porque o dinheiro sairia de suas própri_____ (40) contas.
- Dad_____ (41) essas circunstâncias, vist_____ (42) estes últimos argumentos e qua_____ (43) quer outros já aprovad_____ (44), só nos resta concordar.

Observe:

A. Eles mesmos saíram.

B. Elas estavam meio tristes.

C. Eles saíram mesmo.

D. Era pessoa de meias palavras.

E. Elas choraram, só.

F. Elas choraram, sós.

G. As notas vinham anexas.

H. As notas vinham em anexo.

Conclusão:

Advérbios e locuções adverbiais são invariáveis. Adjuntos variáveis, só os que se referem a um núcleo substantivo.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, para afirmação certa ou errada.

45. ( ) Em A, a palavra **mesmo** é pronome; em C, ela é advérbio.
46. ( ) Em B, a palavra **meio** é numeral; em D, ela é advérbio.
47. ( ) Em B, a palavra **meio** é advérbio; em D, ela é numeral.
48. ( ) Em E, **só** é advérbio e significa **somente**.
49. ( ) Em F, **sós** é adjetivo e significa **sozinhas**.
50. ( ) Em G, **anexas** é advérbio.
51. ( ) Em H, **em anexo** é locução adverbial.

Observe:

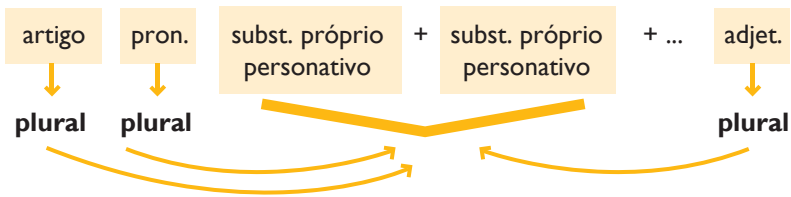

Conclusão:

Dois ou mais antropônimos (nomes de pessoas) levam seus adjuntos para o plural.

Prática

■ Com base no esquema acima, estabeleça a concordância correta.

52. O_____ mesm_____ Paulo e Jurandir corintian_____...
53. A_____ própri_____ Judite e Esther bíblic_____...
54. O_____ lépid_____ José e Antônia...

Observe:

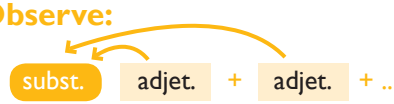

as línguas nova e velha...
a língua nova e velha...
a língua nova e a velha...

Conclusão:

Quando dois ou mais adjetivos se referem a um mesmo substantivo, este pode ficar no plural ou no singular. Se ficar no singular, pode-se repetir o **o** (**a**, **os**, **as**).

Prática

■ Com base no esquema anterior, estabeleça a concordância correta.

55. Os estandartes austríac_____ e suíç_____.
56. O estandarte austríac_____ e suíç_____.
57. O estandarte austríac_____ e o suíç_____.

Observe:

um ou outro um e outro nem um nem outro	+	subst. ↓ **singular**	+	adjet. ↓ **plural**

Conclusão:

As expressões **um ou outro**, **um e outro**, **nem um nem outro**, seguidas de substantivo acompanhado de adjetivo, deixam o substantivo no singular, mas levam o adjetivo para o plural.

Prática

■ Com base no esquema acima, estabeleça a concordância correta.

58. Discorria sobre um e outro problema___.
59. Falava sobre um___ e outr___ estratégia___.
60. Discorria sobre um e outro problema___ sério___.
61. Falava sobre um___ e outr___ estratégia___ combinad___.

Observe:

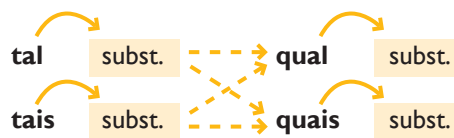

Conclusão:

tal e **qual** se referem a substantivos e com eles concordam.

Prática

■ Com base no esquema anterior, estabeleça a concordância correta.

62. Ta_____ pai, ta_____ filho.
63. Ta_____ pai, ta_____ filhos.
64. Ta_____ pergunta, qua_____ respostas.
65. Os frutos eram ta_____ qua_____ as árvores.
66. Os frutos são ta_____ qua_____ a árvore.

Observe:

men**os** → filho, filha, filhos, filhas

pseud**o-** → homem, mulher, homens, mulheres

comício, festa, comícios, festas ← monstr**o**

homem, mulher, homens, mulheres ← alert**a**

Conclusão:

menos, **pseudo** e **alerta** são invariáveis. **Monstro** e qualquer outro substantivo usado como adjetivo também ficam invariáveis.

Prática

■ Com base no esquema acima, estabeleça a concordância correta.

67. Aqui há men_____ medo que coragem.
68. Havia men_____ moças que rapazes.
69. A pseud_____ mulher e os pseud_____ meninos não se entendiam.
70. Organizou-se uma carreata-monstr_____.
71. Eles se mantiveram alert_____ como eu sempre estou alert_____.

Observe:

o	mais	**possível**
o	menos	
o	pior	
o	melhor	

os	mais	**possíveis**
os	menos	
as	piores	
as	melhores	

Conclusão:

possível fica no singular ou plural, concordando com o **o** (**a**, **os**, **as**) que o antecede.

Prática

■ Com base no esquema anterior, estabeleça a concordância correta.

72. Eram pessoas o mais educadas possív_____.
73. Eram pessoas as mais educadas possív_____.
74. Trata-se de pinturas o mais possív_____ amenas.
75. Trata-se de pinturas o mais belas possív_____.
76. Encontrei amigas as mais simpáticas possív_____.
77. Eles eram o pior possív_____ lutadores.
78. Eles eram os piores lutadores possív_____.
79. Eles eram os piores possív_____ lutadores.

Observe:

A. Est**a** cerveja é bo**a**.

B. Cerveja é bom.

C. É proibid**a** **a** entrada.

D. É proibido entrada.

E. É necessári**a** **a** bondade.

F. É necessário bondade.

Conclusão:

As expressões **é bom...**, **é proibido...**, **é necessário...** ficam invariáveis se o substantivo a que se referem não vier antecedido de artigo ou pronome, sendo usado em sentido vago, geral.
Concordam com o substantivo a que se referem quando este vem antecedido de artigo, demonstrativo ou outro indicador de sentido específico e não genérico.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

80. ( ) Em A, C e E, os adjetivos (boa, proibida, necessária) concordam com os substantivos a que se referem (cerveja, entrada e bondade).
81. ( ) Em B, D e F, os adjetivos (bom, proibido, necessário) ficaram invariáveis, não concordando com os substantivos femininos a que se referem (cerveja, entrada, bondade).
82. ( ) Nos exemplos em que houve a concordância (A, C, E), os três substantivos (cerveja, entrada, bondade) estão antecedidos de artigo feminino (a) ou de pronome.
83. ( ) Nos exemplos em que não houve concordância, os substantivos estão sem artigo ou pronome.

84. ( ) Em A, C e E, os substantivos estão usados em sentido vago, distante, enquanto em B, D e F, em sentido determinado, próximo.
85. ( ) Em A, C e E, os substantivos estão usados em sentido determinado, próximo; em B, D e F, em sentido vago, geral.

Observe:

A menina progredia **a olhos vistos**. (expressão fixa)
A menin**a** progredia a olhos **vist**a. (particípio variável)

As meninas progrediam **a olhos vistos**. (expressão fixa)
As menin**as** progrediam a olhos **vist**as. (particípio variável)

Conclusão:

A expressão **a olhos vistos** pode ser considerada expressão fixa ou pode ter o particípio variável (visto/a/os/as), concordando com o núcleo substantivo a que se refere.

Prática

■ Com base no esquema acima, estabeleça a concordância correta.

86. José foi-se recuperando a olhos _____.
87. Paula está se transformando a olhos _____.
88. José e Paula estão mudando a olhos _____.
89. Elas estão mudando a olhos _____.

Observe:

NÓS = EU

nós pode ser usado no lugar de **eu**. Chama-se plural majestático ou plural de modéstia. Nesse caso, o adjetivo que se refere ao pronome pode ficar no singular ou no plural.

Esta**mos** (eu) fe**liz** ou feli**zes**.

VÓS = TU

vós pode ser usado no lugar de **tu**, referindo-se a uma só pessoa. Chama-se plural de respeito. Nesse caso, o adjetivo a que se refere o pronome fica no singular.

Percebo que **sois** razoá**vel**.

SANTO e SÃO

Usa-se **Santo** antes de vogal: Santo Antônio
Usa-se **São** antes de consoante: São José

Obs.: Jó, Tirso e Tomás aceitam ambas as formas.

CONCORDÂNCIA SINTÁTICA E CONCORDÂNCIA SEMÂNTICA

Sintaxe é estudo das funções dos termos ou das frases. Semântica é a visão do significado.

Na frase "As amazonas eram guerreiras", o artigo "as" e o adjetivo "guerreiras" estão no feminino plural para concordar com o núcleo substantivo "amazonas", que é feminino plural. Essa **concordância de palavra para palavra** é o que se chama **concordância sintática**.

Na frase "O Amazonas é profundo e largo", o artigo "o" e os adjetivos "profundo" e "largo", no masculino singular, deixam de concordar com a palavra feminina plural "Amazonas", para fazê-lo com a **ideia** subentendida de "rio". Essa **concordância com a ideia**, em detrimento da concordância sintática, é o que se denomina **concordância semântica**, ou ideológica, ou figurada, ou irregular, ou siléptica (veja Silepse, em *Intelecção e Interpretação de Textos*, Figuras de Linguagem).

Prática Geral

(Se necessário, consulte o plural dos adjetivos no Capítulo 6)

■ Nas frases a seguir, use as palavras entre parênteses para estabelecer a(s) concordância(s) correta(s).

- Os olhos de Renata são _____ (azul); os meus, _____ (cinza).
  90 91
- Ruth tem olhos _____ (azul-claro).
  92
- Na sala havia tecidos _____ (azul-marinho), _____ (verde-mar), _____ (verde-garrafa), _____ (cor de safira) e _____ (azul-celeste).
  93 94 95 96 97

98. Sentaram-se em bancos e cadeiras _____. (novo)
99. Era um desfile do exército e marinha _____. (brasileiro)
100. Procurava uma saída e um recuo _____. (tático)
101. Eram mulheres e rapazes _____. (honesto)
102. Comiam apenas alface e carne _____. (bovino)
103. Muito _____ a aurora e o crepúsculo. (belo)
104. Pimenta em dose certa é _____ para o paladar. (bom)
105. É _____ gritaria. (proibido)
106. É _____ a saída, dez minutos antes. (permitido)
107. Todos acharam a secretária e o embaixador muito _____. (claro)
108. Considero _____ do crime o jardineiro e o guarda. (autor)
109. Compreensão com o próximo é _____. (necessário)
110. Comprei um terno e um chapéu _____. (ovalado)
111. Era meio-dia e _____. (meio)
112. Falava por _____ palavras. (meio)
113. Estava _____ tonta. (meio)
114. Vão _____ os protocolos requisitados. (anexo)
115. Vossa Excelência, governadora, é _____ de nossos agradecimentos. (merecedor)
116. As duas caminhavam esquecidas de si _____. (mesmo)
117. As duas caminhavam esquecidas _____ de si. (mesmo)
118. As duas caminhavam esquecidas de si, _____. (mesmo)
119. Eles viveram _____ e morreram também sozinhos. (só)
120. Eles estavam _____ olhando. (só)
121. Estou _____ com você, mas você não pode dizer que estamos _____. (quite)
122. Não era apenas um crime de _____-patrimônio, mas um verdadeiro crime de _____-pátria. (leso)
123. Os netos são _____ o avô. (tal qual)
124. Todos fomos _____ ao passeio, mas as crianças só puderam sair do ônibus _____ com o professor. (junto)
125. As fichas foram _____ ao relatório. (anexo)
126. Todos ficamos _____. (alerta)
127. Mais amor e _____ confiança. (menos)

128. Todos vieram, _____ vocês. (menos)
129. Todos vieram, _____ elas. (salvo)
130. Todos foram _____. (salvo)
131. Os _____ utópicos é que defendem a _____ utopia. (pseudo)
132. As casas eram _____. Foram vendidas _____. (barato)
133. As lanchas eram _____. Foram vendidas _____. (caro)
134. Elas procuraram os argumentos mais claros _____. (possível)
135. Ele relacionou argumentos o mais _____ _____. (claro possível)
136. Um e outro _____ foram premiados. (funcionário competente)
137. Ela disse alguma coisa _____. (maravilhoso)
138. Ela disse algo de _____. (maravilhoso)
139. O menino crescia a olhos _____. (visto)
140. Percorri _____ terras. Fui _____ demais. (longe)
141. E, na qualidade de responsável, sempre fomos _____. (cauteloso)
142. E, na qualidade de mestres, sempre fomos _____. (cauteloso)
143. Sempre será _____ a humildade. (necessário)
144. Aquela _____ afirmação deixou Rosa _____ decepcionada. (meio)
145. Julieta parecia _____ simpática. Possuía _____ virtudes. (bastante)
146. Vocês precisam ficar _____. (alerta)
147. Aquela menina é _____ _____ os tios. (tal qual)
148. Tinha fé em _____ Elesbão. (São)

Concordância Verbal

DEFINIÇÃO

Concordância verbal é a que se processa entre o verbo e o núcleo do sujeito, ou entre o verbo e a expressão que o comanda.

CONCORDÂNCIA SINTÁTICA E CONCORDÂNCIA SEMÂNTICA

Sintaxe é estudo das funções dos termos ou das frases. Semântica é a visão do significado.

Na frase "Quais de nós chegarão?", o sujeito é "Quais de nós" e o seu núcleo é "Quais" (veja *Análise Sintática Visual*). O verbo está na 3ª pessoa do plural, "chegarão", concordando com o núcleo do sujeito "Quais chegarão?". A concordância do verbo com o núcleo do sujeito é o que se chama **concordância sintática**.

Na frase "Quais de nós chegaremos?", o verbo deixou de concordar com o núcleo do sujeito, preferindo fazê-lo com o "nós", enfatizando **a ideia** de o falante incluir-se na ação. O "nós", então, que é apenas um satélite sintático do núcleo do sujeito, pois está subordinado pela preposição "de" que o antecede, passou a ser o núcleo semântico do sujeito, também chamado de sujeito semântico. A **concordância semântica**, ou ideológica, ou figurada, ou irregular, ou siléptica, em outras palavras, é a **concordância com a ideia** e não com o núcleo sintático (veja Silepse, em *Intelecção e Interpretação de Textos*, Figuras de Linguagem).

SUJEITO SIMPLES

VERBO → concorda com SUJEITO

em → número
e
pessoa

Conclusão:

O verbo concorda com o sujeito simples em número e pessoa.

Prática

■ Complete as lacunas.

1. Nós cant_____ enquanto vocês danç_____.
2. Tu cant_____ enquanto eu danç_____.
3. Vós cant_____ enquanto ele danç_____.

SUJEITO COMPOSTO ANTEPOSTO

Paulo e Tereza	chegar**am**
suj. composto antes do verbo	verbo: plural

Conclusão:

Sujeito composto anteposto: o verbo vai para o plural.

Prática

■ Complete as lacunas.

4. Júlia e Cláudia fal_____ a verdade.
5. O livro e a caneta sumir_____.

SUJEITO COM PESSOAS DIFERENTES

Ele, tu e **eu** **Tu** e **ele**	chega**mos** chega**stes/aram**
SUJEITO COMPOSTO DE PESSOAS DIFERENTES	VERBO NO PLURAL NA PESSOA PREFERENCIAL
3ª + 2ª + 1ª = ... 3ª + 2ª = ...	... 1ª do plural ... 2ª ou 3ª do plural

Conclusão:

Se houver 1ª pessoa, o verbo vai para a 1ª do plural (nós).
Se houver 2ª e 3ª pessoas apenas, é preferível o verbo na 2ª do plural (vós). Aceita-se, contudo, a 3ª do plural, como se o sujeito fosse "vocês".

Prática

■ Complete as lacunas.

6. Eu e tu ir_____ amanhã.
7. Ela e eu ir_____ amanhã.
8. Ela e tu ir_____ amanhã.
9. Ela e ele ir_____ amanhã.

SUJEITO COMPOSTO POSPOSTO

Chegar**am** Cheg**ou**	**Paulo** e **Teresa** **Paulo** e Teresa
VERBO NO PLURAL OU CONCORDA C/ O MAIS PRÓXIMO	SUJEITO COMPOSTO DEPOIS DO VERBO

Conclusão:

Sujeito composto posposto: o verbo vai para o plural ou concorda com o mais próximo, para enfatizá-lo.

Prática

■ Complete as lacunas.

10. Chorav_____ a menina e o irmão. (a/am)
11. Miav_____ a gata e o gato. (a/am)
12. Viajav_____ os estudantes e o carteiro. (a/am)

SUJEITO COM APOSTO RESUMITIVO

Festas, flores,	tudo nada ninguém	atraí**a** a menina.
SUJEITO	APOSTO RESUMITIVO	VERBO

Conclusão:

Quando os núcleos do sujeito são resumidos por expressões como **tudo**, **nada**, **ninguém**..., o verbo concorda com a expressão resumitiva.

Prática

■ Complete as lacunas.

13. Alegrias, tristezas, saudade, nada o far_____ chorar. (á/ão)
14. Júlia, José, Adão, ninguém o convencer_____. (á/ão)

SUJEITO COM NÚCLEOS SINÔNIMOS OU QUASE

A **paz** e a **tranquilidade** > comoveu / comoveram o visitante.

Conclusão:

Quando os núcleos do sujeito são sinônimos ou quase sinônimos, o verbo vai para o plural ou pode ficar no singular.

Prática

■ Complete as lacunas.

15. A música e a sonoridade envolvi_____ os presentes. (a/am)
16. Aquele desejo carnal e aquela febre os uni_____. (a/am)

SUJEITO COM NÚCLEOS EM GRADAÇÃO

Um **gesto**, um **sussurro**, uma **palavra** > pod**ia** / pod**iam** despertá-lo.

Conclusão:

Quando o sujeito é composto por núcleos em gradação, o verbo concorda com todos, ou com o mais próximo.

Prática

■ Complete as lacunas.

17. A mesma coisa, o mesmo ato, a mesma palavra provocav_____ risadas. (a/am)
18. A saúde, a força, a vitalidade fazi_____ bem a mim. (a/am)

SUJEITO COM NÚCLEOS LIGADOS POR OU

Observe:

O **calor** extremo ou o **frio** excessivo prejudicar**am**-no.
adição — PLURAL

Seus **sucessores** ou o próprio **São Pedro** disser**am**...
PLURAL — SINGULAR — PLURAL

Conclusão:

Se o **ou** trouxer ideia de **adição/inclusão**, ou se um dos núcleos do sujeito estiver no plural, o verbo vai para o plural.

Prática

■ Complete as lacunas.

19. A alegria ou a tristeza _____ parte da vida. (faz/em)
20. As festas ou o funeral _____ a todos. (impressionou/aram)

Observe:

O **poder** ou **poderes** do homem er**am**...
retificação

Nenhum vestígio deix**ou** o **autor** ou **autores** do crime.
retificação

Conclusão:

Se o **ou** trouxer ideia de **retificação**, o verbo concorda com o núcleo mais próximo.

Prática

■ Complete as lacunas.

21. O candidato, ou melhor, os candidatos _____. (aproxime-se/em-se)
22. _____-me depois o réu ou réus para esclarecimentos. (Procure/m)

Observe:

Ele pensava que **Júlia** ou **Teresa** estive**sse** morta.

exclusão

Um **jogador** ou **técnico** preci**sa** respeitar as regras.

equivalência

Conclusão:

Se o **ou** trouxer ideia de **exclusão** ou **equivalência** entre dois ou mais núcleos no singular, o verbo fica no singular, concordando com apenas um dos núcleos.

Prática

■ Complete as lacunas.

23. Sei que Ana ou Cláudia se _____ com Flávio. (casará/ão)
24. Um presidente ou ministro, na qualidade de cidadão, _____ responsável. (é/são)

SUJEITO COM NÚCLEOS LIGADOS POR NEM

Nem a **virtude**, nem a **preguiça** o abandonar**am**.

Nem o **elogio**, nem a **crítica**, nem a **recomendação** bast**ou** para...

sucessividade, em momentos diferentes, cada um de per si.

Conclusão:

Sujeitos ligados por **nem**: o verbo vai normalmente para o plural. Só fica no singular quando se quer informar que as ações acontecem de per si, em momentos diferentes, sucessivos.

Prática

■ Complete as lacunas.

25. Concomitantemente:
    Nem o grito, nem o palavrão, nem o tiro o _____. (amedrontou/aram)
26. Sucessivamente:
    Nem o grito, nem o palavrão, nem o tiro o _____. (amedrontou/aram)

SUJEITO COM NÚCLEOS LIGADOS POR COM / COMO

O **capitão** com o **sargento** organizar**am** o grupo.

O **capitão** **,** **com o sargento**, organiz**ou**.
adj. adverbial

Conclusão:

Quando os núcleos estão ligados por **com** ou **como** sem vírgula, o verbo vai para o plural, porque se trata de sujeito composto.
Se antes do **com** ou **como** há vírgula, o verbo fica no singular, porque o sujeito é simples seguido de uma expressão adverbial de companhia ou comparação.

Prática

■ Complete as lacunas.

27. O mestre com o boleeiro _____ a emenda. (J. L. Rego) (fez/fizeram)
28. Eu com os outros _____ bem cedo. (vim/emos)
29. O mestre, com o boleeiro, _____ a emenda. (fez/fizeram)
30. Eu, com os outros, _____ bem cedo. (vim/emos)

NÃO SÓ... MAS TAMBÉM, TANTO... QUANTO...

Não só o **grande**, mas também o **pequeno** compreend**em.**
compreend**e**

Tanto **José** como **Antônio** sabi**am** a verdade.
sabi**a**

Conclusão:

Sujeitos ligados por expressões correlativas, do tipo **não só** ... **mas também**, **não só** ... **mas ainda**, **tanto** ... **como** permitem o verbo no plural, ou concordando com o mais próximo.

Prática

■ Complete as lacunas.

31. Não só Eduardo mas até Roberta _____. (acertou/aram)
32. Tanto força quanto amor nos _____. (atinge/em)

MAIS DE UM, MAIS DE DOIS, MAIS DE TRÊS

Mais de um ... chegou
Mais de dois ... chegaram

Quando o sujeito se constrói com as expressões **mais de um**, **mais de dois**..., o verbo concorda com o numeral.

Prática

■ Complete as lacunas.

33. Mais de um correspondente _____. (noticiou/aram)
34. Mais de cinco pessoas _____. (pediu/ram)

Observações:

Sempre que houver reciprocidade, o verbo irá para o plural:
Mais de um amigo se abraçaram.
Se **mais de um** vier repetido, o verbo irá para o plural:
Mais de um soldado, **mais de um** general foram mortos.

UM E OUTRO, NEM UM NEM OUTRO

Um e **outro** falav**am**. falav**a**

Nem um nem outro ajudante saí**ram**. sai**u**

Um e **outro** prêmio const**am** da lista. const**a**

Conclusão:

As expressões **um e outro**, **nem um nem outro**, seguidas ou não de substantivo, permitem o verbo no singular ou no plural. Mas o substantivo sempre estará no singular. *Vide* Sujeito com núcleos ligados por nem, pág. 306.

Prática

■ Complete as lacunas.

35. Uma e outra menina _____. (sorria/am)
36. Uma e outra se _____. (calou/aram)
37. Nem um nem outro vizinho _____. (entendeu/eram)

UM OU OUTRO

Um ou outro ajudante reclam**ou**.
reclam**aram**

Conclusão:

Um ou outro normalmente leva o verbo para o singular, pois, geralmente, o **ou** tem ideia de exclusão. Porém, quando o **ou** trouxer ideia de inclusão, terá o verbo no plural.

Prática

■ Complete as lacunas.

38. Um ou outro se casar_____ amanhã com Ernestina. (casará/ão)
39. Um ou outro aluno reclam_____ de sua decisão. (reclamou/aram)

SUJEITO QUE

Ele foi o **candidato** (ANTECEDENTE) | **que** (PRONOME RELATIVO SUJEITO) | pass**ou**.

Eis as **candidatas** (ANTECEDENTE) | **que** (PRONOME RELATIVO SUJEITO) | passar**am**.

Conclusão:

Quando o sujeito é o pronome relativo **que**, o verbo concorda com o antecedente.

Prática

■ Complete as lacunas.

40. Encontramos os concorrentes que _____. (venceu/ram)
41. Fomos nós que _____. (venceu/emos)
42. Fostes vós que _____. (venceu/estes)

Observação:

Veja expressão **é que** na página 324.

SUJEITO QUEM

Foram eles quem **disse**.
disser**am**

Conclusão:

Quando o sujeito é o pronome relativo **quem**, o verbo, de preferência, fica na 3ª pessoa do singular. Contudo, há quem aceite sua concordância com o antecedente.

Prática

■ Complete as lacunas.

43. Fui eu quem te _____. (chamou/ei)
44. Foste tu quem me _____. (chamou/aste)
45. Fomos nós quem te _____. (chamou/amos)
46. Fostes vós quem nos _____. (chamou/astes)

SUJEITO UM DOS QUE

Ele era **um** d**os** candidatos **que** sabi**a**.
sabi**am**

Conclusão:

Quando o verbo se refere à expressão **um dos ... que**, pode concordar com **um**, no singular, ou com **os** do **dos**, no plural.

Prática

■ Complete as lacunas.

47. Eu sou um dos que te _____. (convidou/ei/aram)
48. Tu és uma das que _____. (cantou/aste/aram)

SUJEITO QUAIS DE VÓS, QUANTOS DE NÓS

Quais **Quantos** **Muitos** **Poucos** **Vários**... PLURAL	de dentre	**nós** **vós**	vencere**mos**/vencer**ão**. vencer**eis**/vencer**ão**.

Conclusão:

Com as expressões **quais de nós**, **quais de vós**..., se o primeiro pronome está no plural, o verbo concorda com ele. Mas também pode concordar com o pessoal (nós, vós).

Prática

■ Complete as lacunas.

49. Muitos dentre vós _____ felizes. (sairá/ão/eis)
50. Poucos de nós _____ o caso. (compreende/emos/em)

SUJEITO QUAL DE NÓS, NENHUM DE NÓS

Qual
Quem
Nenhum
Ninguém...
SINGULAR

de
dentre

nós
vós

chegar**á**.

Conclusão:

Se o primeiro elemento dessas locuções pronominais está no singular, o verbo obrigatoriamente concorda com ele.

Prática

■ Complete as lacunas.

51. Qual dentre vós _____ a oferta? (fará/eis)
52. Ninguém de nós _____ a oferta. (fará/eis)

A MAIORIA DE... GRANDE PARTE DE... UM ENXAME DE...

A maior parte dos **interessados** compareceu.
QUANTITATIVA PLURAL comparecer**am**

Conclusão:

Sujeito constituído por expressões quantitativas, seguidas de um nome no plural, admite o verbo no singular ou no plural.

Prática

■ Complete as lacunas.

53. Grande parte dos homens _____ o sigilo. (quebrou/aram)
54. Um monte de soldados _____ do outro lado. (surgiu/iram)

CADA... NENHUM... QUALQUER...

Cada verme, **cada** molusco, **cada** ameba com**põe** este universo.
SING.

Conclusão:

Sujeito com indefinidos (cada, nenhum, qualquer...) repetidos deixa o verbo no singular, a não ser que os indefinidos estejam no plural.

Prática

■ Complete as lacunas.

55. Qualquer homem, qualquer senhora _____ observar. (pode/em)
56. Nenhum inimigo, nenhum amigo _____. (duvida/am)
57. Nenhuns inimigos, nenhuns amigos _____. (duvida/am)

UM POR CENTO... VINTE POR CENTO...

Um por cento **das vítimas** chegou / chegaram ao abrigo.

Vinte por cento **da sala** estudaram. / estudou

Conclusão:

Sujeito constituído de percentual seguido de substantivo determinante: o verbo concorda com o numeral ou com o determinante.

Prática

■ Complete as lacunas.

58. Quinze por cento dos alunos _____. (passou/aram)
59. Um por cento da turma _____. (estudou/aram)
60. Treze por cento do time _____ bem. (atuou/aram)

Observação:

Se o numeral vem antecedido de artigo ou pronome adjetivo, o verbo só concorda com o numeral.

Os quinze por cento do grupo que for**am** chamados...

Aqueles três por cento da turma for**am** aplaudidos.

CERCA DE... PERTO DE... OBRA DE... + NUMERAL

Cerca de **vinte** pessoas gritav**am**.

Obra de **quatro mil** soldados ocupar**am** o porto.

Conclusão:

Expressão aproximativa seguida de numeral: o verbo concorda com o numeral.

Prática

■ Complete as lacunas.

61. _____ no cinema perto de duzentos convidados. (Entrou/aram)
62. Perto de sete séculos se _____. (passou/aram)

SUJEITO PLURAL APARENTE

Memórias de Agapito Goiaba foi pouco lido.

As **Memórias de Agapito Goiaba** for**am** pouco lidas.

Conclusão:

Nomes plurais de lugares e obras artísticas são tratados como singular se não vêm antecedidos por artigo. Se lhes antecede artigo, o verbo acompanha o artigo.

Prática

■ Complete as lacunas.

63. Campos _____ por sua economia. (surpreende/em)
64. As Minas Gerais que nos _____. (enfeitiça/am)
65. Minas Gerais que nos _____. (enfeitiça/am)
66. O Amazonas _____ a região Norte. (atravessa/am)

HAJA VISTA OU HAJAM VISTA

Haja vist**a** seus méritos...

Hajam vist**a** seus méri**tos**...

Haja vist**a** **a** seus méritos...
prep.

Haja em vist**a** seus méritos...
prep.

Conclusão:

Na expressão **haja vista**, o verbo pode ficar invariável ou concordar com o substantivo que se lhe segue. Havendo preposição antes ou depois da palavra **vista**, o verbo fica no singular.

Prática

■ Complete as lacunas.

67. Ele é bom batedor, _____ vista seus chutes. (haja/am)
68. Ele é bom batedor, _____ vista seu chute. (haja/am)
69. Ele é bom batedor, _____ em vista seus chutes. (haja/am)

ALUGA-SE CASA, ALUGAM-SE CASAS

Alu**ga**	-se	ca**sa**
VERBO	+ SE	SUBSTANTIVO SEM PREP.

Alug**am**	-se	cas**as**
VERBO	+ SE	SUBSTANTIVO SEM PREP.

Conclusão:

Quando um verbo seguido de **se** se refere a um núcleo substantivo não preposicionado, concorda com ele.

Prática

■ Complete as lacunas.

70. _____-se gravatas. (Conserta/am)
71. _____-se botões. (Cobre/em)
72. _____-se faca. (Afia/am)

GOSTA-SE DE FRUTA, GOSTA-SE DE FRUTAS

Gosta	-se	de fruta.
VERBO	+ SE	+ PREP. + SUBSTANT.

→ 3ª DO SINGULAR

Gosta	-se	de frutas.
VERBO	+ SE	+ PREP. + SUBSTANT.

→ 3ª DO SINGULAR

Vive	-se	bem.
VERBO	+ SE	+ ADV.

→ 3ª DO SINGULAR

Conclusão:

Verbo + **se** referindo-se a núcleo substantivo preposicionado, ou a advérbio, fica sempre no singular.
Verbo + **se** só vai para o plural quando se refere a núcleo substantivo plural, sem preposição (*Vide* item anterior).

Prática

■ Complete as lacunas.

73. _____-se em mudanças. (Fala/m)
74. _____-se por ajudantes. (Procurava/m)
75. _____-se muito aqui. (Discute/m)
76. _____-se feliz e não se _____. (Era/m; sabia/m)

Observação:

Observação: Já há teóricos que sugerem aceitar-se como portadoras de sujeito indeterminado frases como: *Aluga-se casa. Aluga-se casas. Conserta-se pneu. Conserta-se pneus.* E justificam com o argumento de que, na atualidade, tais construções perderam o significado passivo.

VOSSA SENHORIA ESTÁ... VOSSAS SENHORIAS ESTÃO...

Vossa Excelência ficou embaraçada, governadora.
3ª p. 3ª p.

Sua Santidade virá ao Brasil.
3ª p. 3ª p.

Conclusão:

Os pronomes de tratamento levam o verbo para a terceira pessoa (singular ou plural).

Prática

■ Complete as lacunas.

77. Vossa Alteza _____. (chegou/astes)
78. Vossas Reverendíssimas _____ . (entenderam/eis)
79. Sua Excelência _____. (virá/eis)

DAR, BATER, SOAR...

A torre da igreja SUJEITO SINGULAR	d**eu** bat**eu** so**ou**	**duas horas**. OBJETO DIRETO
Na torre da igreja ADJUNTO ADVERBIAL	der**am** bater**am** soar**am**	**duas horas**. SUJEITO PLURAL

Conclusão:

Os verbos **dar**, **bater**, **soar**, **repicar** e sinônimos concordam com o sujeito (a torre, o relógio, o sino...). Se não houver essas palavras como sujeito, as horas se transformam em sujeito.

Prática

■ Complete as lacunas.

80. Nos campanários _____ uma hora. (soou/aram)

81. O relógio _____ cinco horas. (batia/m)
82. Ao lado, devagar _____ dez horas, solenemente, o sino da matriz. (deu/deram)

SUJEITO COMPOSTO COM IDEIA ÚNICA

O presente e o passado esta**va** ali, na sua frente.

1

Conclusão:

Quando os sujeitos formam um todo indivisível, uma ideia única, o verbo fica no singular.

SUJEITO ORACIONAL

É ótimo [que todos saibam a verdade].

[Diminuir os privilégios], [equilibrar as finanças] **deve** ser o objetivo da política.
SING.

[Que ela estava feliz] e [que Joaquim não o percebia] **era** sabido de todos.
SING.

[Amar] e [correr] **faz** bem à saúde.
SING.

Conclusão:

Fica na 3ª pessoa do singular o verbo que tem como sujeito uma ou mais orações.

Atenção:

Se os infinitivos sujeitos vêm precedidos de artigo, ou são antônimos, o verbo vai para o plural, normalmente:

O amar e **o correr** faz**em** bem à saúde.
PLURAL

[**Amar**] e [**odiar**] faz**em** parte da vida.
PLURAL
Antônimos

PARECEM SORRIR OU PARECE SORRIREM

Ambos estão certos.

Os homens pareciam chorar. **Os homens** parecia **chorarem**.

Conclusão:

Varia só um dos dois: ou o verbo **auxiliar** ou o **infinitivo**.

ERRADO VARIAREM OS DOIS:

~~Os homens pareciam sorrirem.~~

Prática

■ Assinale **C** ou **E** para as concordâncias.

83. ( ) Futuro, passado e presente é uma só coisa, uma só realidade.
84. ( ) Deveria ser muito bom comer, dormir e amar à vontade.
85. ( ) Amar o próximo e ajudá-lo competem a nós.
86. ( ) Construir e destruir resume a vida humana.
87. ( ) Construir e destruir resumem a vida humana.
88. ( ) As nuvens parece desenharem infinitamente.
89. ( ) As nuvens parecem desenharem infinitamente.
90. ( ) As nuvens parecem desenhar infinitamente.

CONCORDÂNCIA DO INFINITIVO

Infinitivo Invariável

Viver é lutar.	Verbo impessoal, com ideia de sujeito indefinida ou muito vaga.
"Preparar. Apostar. Atinar." (EFP)	Função de imperativo.
Estava **a sonhar**.	Com preposição **a**, tem valor de gerúndio (Estava **sonhando**).
Fácil **de entender**.	Preposicionado, como complemento nominal de adjetivo. Há gramáticos que nele veem uma forma de voz passiva (Fácil de **ser entendido**).
Va**mos cantar**, dev**es dizer**...	Como verbo principal de locução verbal, é seu auxiliar que concorda com o sujeito.

Prática

■ Estabeleça a devida correspondência:

a) Verbo impessoal, com ideia de sujeito indefinida ou muito vaga.
b) Função de imperativo.
c) Com preposição **a**, tem valor de gerúndio.
d) Preposicionado, como complemento nominal de adjetivo. Há gramáticos que nele veem uma forma de voz passiva.
e) Como verbo principal de locução verbal, é seu auxiliar que concorda com o sujeito.

91. ( ) Os pais, as crianças, todos se puseram a rir.
92. ( ) Pessoal, todos agora. Mergulhar.
93. ( ) Estávamos juntos na sala, a conversar, a sorrir, a pilheriar.
94. ( ) Trata-se de uma situação fácil de solucionar.
95. ( ) Atingir a velhice pode ser superar a maturidade.

Infinitivo Variável ou Flexionado

Convém (**tu**) esta**res** atento.	Quando o sujeito do infinivo (expresso ou elíptico) é diferente do verbo da oração principal.
Será ótimo (**nós**) participa**rmos**.	
Poderão os brasileiros, em conjunto e em harmonia, organiza**rem**-se e leva**rem** adiante esse projeto?	Quando, em locução verbal, o infinitivo se encontra distante do verbo auxilar... ou quando se quer enfatizar, realçar a pessoa a quem se refere a ação.

Prática

Observe as frases-modelo e julgue Certa ou Errada cada declaração seguinte:

1. Devemos estarmos juntos para que nos possam verem melhor.
2. Convém estarmos juntos, a fim de que elas possam ver-nos melhor.

96. ( ) "Devemos estar" e "possam ver" constroem melhor a frase 1, porque em locução verbal, normalmente, o infinitivo é invariável.
97. ( ) Em 2, "estarmos" está corretamente flexionado para mostrar que tem um sujeito diferente do de "Convém".
98. ( ) Em 2, ficaria melhor a construção com "verem-nos".
99. ( ) Em 2, o verbo **ver** está bem usado porque, como é o verbo principal de uma locução (possam ver), o papel de concordar com o sujeito é exercido pelo seu auxiliar (possam).

Infinitivo como Complemento de Verbos Permissivos, Causativos e Sensitivos (veja Análise Sintática Visual)

INVARIÁVEL ou NÃO FLEXIONADO	VARIÁVEL ou FLEXIONADO
Não ***deixes*** cresc**er** as dúvidas.	Não ***deixes*** cresce**rem** as dúvidas.
Mandou os meninos entr**ar**.	***Mandou*** os meninos entra**rem**.
Senti-os sussurr**ar** no escuro.	***Senti***-os sussurra**rem** no escuro.
Ouvi fal**ar** bem de você	***Ouvi*** fala**rem** bem de você.

Prática

Observe as frases-modelo e julgue Certa ou Errada cada afirmação seguinte:

1. Vi nascer os primeiros raios. 2. Vi nascerem os primeiros raios.

100. ( ) A concordância do verbo **nascer** está errada em 1.
101. ( ) O verbo **ver** é um verbo sensitivo e o infinitivo que o complementa pode flexionar-se ou não, por isso estão corretas ambas as frases.
102. ( ) Em 2, a flexão do infinitivo ressalta, põe em destaque "os primeiros raios".

VERBOS DE 3ª PESSOA

Observe:

ESTAR **FAZER** **HAVER** **IR**	com ideia de TEMPO	CRONOLÓGICO OU METEOROLÓGICO	FICAM SEMPRE NA 3ª PESSOA DO SINGULAR
FENÔMENOS NATURAIS **HAVER com ideia de EXISTIR** **CHEGA DE... BASTA DE...**			

Prática

■ Complete as lacunas.

103. _____ de problemas. (Basta/m)
104. _____ trinta anos que se namoram. (Faz/em)
105. Com certeza, _____ soluções melhores. (haverá/ão)
106. _____ de haver ideias mais simples. (Há/hão)
107. _____ de sorrir com ela os arcanjos. (Há/hão)
108. _____ fazer três dias que ela se foi. (Vai/vão)
109. _____ para três meses que voltou. (Vai/vão)
110. _____ muitos torcedores lá. (Havia/m)
111. _____ muitas mulheres também. (Existia/m)
112. _____ existir muitas saídas. (Deve/m)
113. _____ haver muitas saídas. (Deve/m)
114. _____ muito nas férias. (Chovia/m)
115. _____ flores no casamento. (Chovia/m)

CONCORDÂNCIA DO VERBO SER

Observe:

Que Quem O que	**é** **são**	protozoár**io**? protozoár**ios**?

Conclusão:

Nas orações interrogativas iniciadas por **quem**, **que**, **o que**, o verbo **ser** concorda com o termo que lhe vem após.

Prática

116. Que _____ célula? (é/são)
117. Quem _____ os protagonistas? (é/são)
118. Quero saber o que _____ precatórios. (é/são)

Observe:

SUJEITO		PREDICATIVO
Isto, **isso**, **aquilo** **o** (= aquilo) **tudo**	**são** **é**	flor**es**
		substant. plural

Conclusão:

Quando o sujeito for um dos pronomes **isto**, **isso**, **aquilo**, **o** e **tudo**, e o predicativo for um substantivo plural, o verbo **ser** concorda preferencialmente com o predicativo plural, mas também pode concordar no singular com o sujeito.

Prática

■ Complete as lacunas.

119. Tudo aquilo _____ ameaças apenas. (era/eram)
120. O que ele quer _____ cuidados especiais. (é/são)

Observe:

Nós fomos campeões. Campeão **fui eu**.

Conclusão:

Se em qualquer dos lados há um **pronome pessoal reto**, o verbo com este concorda.

Prática

■ Complete as lacunas.

121. O interessado _____ tu. (era/eras)
122. Vós _____ os escolhidos. (sereis/serão)

Observe:

peso preço medida quantidade	**é**	**muito** **pouco** **tanto** **mais** **algo**

Conclusão:

Expressões indefinidas relacionadas a ideias de **medida** ou **quantidade** mantêm o verbo **ser** no singular.

Prática

123. Vinte anos _____ muito. (é/são)
124. Quarenta reais _____ pouco. (será/ão)
125. Cinco quilômetros não _____ tanto. (é/são)
126. Noventa quilos _____ muito pouco. (era/m)

Observe:

Daqui até lá **é** **um** quilômetro. Daqui até lá **são** **cinco** quilômetros.

Hoje **é** **dia** cinco. Hoje **é** **primeiro** de março.

Hoje **são** **cinco**. Agora **é** **uma** hora. **São** **duas** horas.

Conclusão:

Relacionado a **distância**, **data** e **hora**, o verbo **ser** concorda com o numeral. Nas datas, se aparecer a palavra **dia**, é com ela que o verbo concorda.

Prática

■ Complete as lacunas.

127. _____ meio-dia. (É/São)
128. _____ 20 de outubro. (Será/ão)
129. _____ quatro horas. (Era/m)
130. _____ dois metros. (É/São)

Observe:

Substantivo		Substantivo
O mundo	**é** / **são**	ilusões.
singular		plural

Substantivo		Substantivo
Os mundos	**é** / **são**	ilusão.
plural		singular

Conclusão:

O verbo **ser** entre dois substantivos comuns, de **números diferentes**, concorda com o que se quer realçar.

Prática

■ Complete as lacunas.

131. Justiça _____ as forças do bem. (é/são)
132. Telhas soltas _____ um perigo. (era/m)

Observe:

Irene / **gente** **era os devaneios** do namorado.

Os devaneios do namorado **era** a noiva. / **gente**

O verbo **ser** prefere concordar com o núcleo que se refere a **gente**.

Prática

■ Complete as lacunas.

133. Julieta sempre _____ as alegrias da família. (foi/foram)
134. Os seus sonhos _____ Carmelita. (era/eram)

Observação:

Pode haver concordância com o plural, quando este denota partes do corpo da pessoa nomeada.
Renato eram só aquelas mãos enormes.

Observe:

Sou **eu** que **saí**.
És **tu** que saí**ste**.
Fomos **nós** que saí**mos**.
Foram **eles** que saí**ram**.
Seremos **nós** que lutare**mos**.

Suj.		Verbo
Eu	é que	saí.
Tu	é que	saíste.
Nós	é que	saímos.
Eles	é que	saíram.

A expressão **é que** fica invariável em tempo, número e pessoa quando aparece unida, separando sujeito e verbo, porque expletivo, porque de realce.

Prática

■ Distribua as expressões: foi que, será que, é que, serão que.

135. Romero _____ venceu, mas _____ João _____ foi premiado.
136. Júlia _____ viajará, mas _____ Antônia _____ lucrará.
137. Nós _____ compraremos, mas _____ vocês _____ pagarão.

Observe:

Er**a** **uma vez** um rei e uma rainha, que...

Er**am** um **rei** e uma **rainha**, que...

Er**a** uma **rainha** que... Er**am** dois caminheir**os**...

Conclusão:

Se não houver a expressão **uma vez**, o verbo **ser** concorda com o substantivo ou substantivos que o seguir(em).

Prática

138. Assinale a que **não** está correta.
   a) Aqui faz verões quentíssimos.
   b) Chegou agora o pessoal da festa.
   c) Deu cinco horas agora.
   d) Chegaram a lutadora e o adversário.

139. a) Faltava uma hora, agora só faltam vinte minutos.
   b) Faltaram quinhentos e vinte e três pessoas.
   c) Receba Vossa Majestade nossas congratulações.
   d) Fazia duas semanas que estava mudo.

■ Escolha a opção ou opções corretas.

140. Após o baile _____ confetes e serpentinas. (sobrou/aram)
141. Cada um de vocês, cada um de nós _____ um prêmio. (ganha/em/amos)
142. _____ poucos metros para que _____ vítimas. (Faltou/aram; houvesse/em)
143. _____ mais cedo meus pais e eu. (voltaram/amos)
144. O presidente com o ministro _____ manifestar-se (resolveu/ram)
145. O prefeito, com o vereador, _____ os presentes. (convenceu/ram)
146. Nem ele, nem você _____ comigo. (concordou/aram)
147. Ele ou você _____ o vencedor. (será/ão)
148. Ele ou você _____ os vencedores. (será/ão)
149. Tu ou ele _____ os vencedores. (serão/eis)
150. Júlia, tu e eu _____ fora. (almoçarão/emos/eis)
151. Todos, exceto eu, _____ com o juiz. (concordaram/amos)
152. Qual de vós _____ com isso? (concorda/ais)

153. Quantos dentre vós _____ com isso? (concordam/ais)
154. Mais de um lutador _____ -se. (embolou/aram)
155. _____ vários erros no relatório. (Havia/m)
156. _____ sido cometidos vários erros no relatório. (Havia/m)
157. Não _____ ali erros graves. (existia/m)
158. Àquela hora, um menino e uma menina _____. (nascia/m)
159. Um grupo de inocentes _____ . (deporá/ão)
160. Por isso, _____ embora o cansaço e a fraqueza. (foi/ram)
161. _____ por aqui Cláudio e Teresa. (Passou/aram)
162. Vós e vossos amigos _____ sorte. (tiveram/stes)
163. Só o Brasil ou a Itália _____ ser o futuro campeão. (poderá/ão)
164. Você, ela, eu, ninguém, naquele momento, _____ . (acreditei/ou/amos)
165. Afeto e ternura _____ a gente. (comove/m)
166. O interesse, a gratidão, o dever _____ impotente... (fica/m)
167. A pobreza ou a falta de higiene _____ o ser humano. (prejudica/m)
168. A tia ou a sobrinha _____ isto. (fez/fizeram)
169. A verdade, ou verdades _____ ser alcançadas. (pode/m)
170. A verdade, ou verdades, _____ ser alcançada. (pode/m)
171. Nem o medo, nem o frio o _____ . (demoveu/ram)
172. Júlia com Joaquim _____ a festa. (preparou/aram)
173. Júlia, com Joaquim, _____ a festa. (preparou/aram)
174. Nem um nem outro _____.(chegou/aram)
175. Um ou outro _____. (saiu/ram)
176. Um e outro _____. (cantava/m)
177. Um e outro competidor _____. (convence/m)
178. Uma e outra vizinha _____ aqui. (está/ão)
179. Um e outro competidor _____-se. (cumprimenta/m)
180. Nem um nem outro se _____. (entende/m)
181. Encontrei os anéis que _____. (sumira/m)
182. Somos nós que_____. (vencerá/emos)
183. Seriam elas que _____. (venceria/m)
184. Elas _____ venceriam. (é que/seriam que)
185. Vós _____ vencereis. (é que/sereis que)
186. Seriam elas quem _____. (venceria/m)
187. Fomos nós quem _____. (venceu/emos)
188. Tu foste um dos que _____. (concordou/aste/aram)
189. Quantos de nós _____ lá? (chegarão/emos)
190. Vários de vós _____ lá. (chegarão/eis)
191. Quem de nós _____? (falou/aram)
192. Grande parte dos jogadores _____ cedo. (levantou/aram)
193. Oito por cento _____ ali. (está/ão)

194. Oito por cento do grupo _____ ali. (está/ão)
195. Os oito por cento do grupo _____ ali. (está/ão)
196. Perto de cinquenta pessoas _____. (gritava/m)
197. Os Estados Unidos _____ uma proposta. (apresentou/aram)
198. Minas Gerais _____ agindo. (continua/m)
199. As Minas Gerais _____ produzindo. (continua/m)
200. Estamos todos felizes, _____ vista nossos sorrisos. (haja/m)
201. Estamos todos felizes, _____ em vista nossos sorrisos. (haja/m)
202. _____-se por líderes. (Procurava/m)
203. _____-se líderes. (Procurava/m)
204. Ali se _____ em treinamentos intensivos. (pensava/m)
205. Aqui se _____ treinamentos intensivos. (faz/em)
206. Duas horas _____, na noite úmida, o sino recém-instalado. (bateu/eram)
207. Pensar e refletir _____ para a evolução. (ajuda/m)
208. Os animais _____ pensar. (parecia/m)
209. Os animais _____ pensarem. (parecia/m)
210. Hoje _____ de janeiro. (são um/é um/é primeiro)
211. Amanhã _____ dois. Ontem _____ dia 31 de dezembro. (será/ão; foi/ram)

Prática Geral

212. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Levando em consideração as regras de concordância nominal, escreva (1) para as frases corretas e (2) para as incorretas.
( ) Quando a senhora terminou de abrir as malas, já era meio-dia e meia.
( ) A própria sogra presenciou a abertura das malas; sim, ela mesmo.
( ) Anexo àquela carta destinada ao pai da moça, foram remetidas as jóias.
( ) Ao final da tarde, a senhora mostrava-se meio apreensiva.
( ) Naquelas bagagens havia jóias muito preciosas.
A sequência correta é
a) 1, 1, 2, 2, 1.
b) 2, 1, 1, 2, 2.
c) 1, 2, 1, 2, 1.
d) 2, 2, 1, 1, 2.
e) 1, 2, 2, 1, 1.

213. (PRF/N.M./ANP) Há **erro** de concordância em:
a) aluna e alunos estudiosos.
b) nome e situação conhecida.
c) exercícios e dieta recomendados.
d) estradas e parques mal conservadas.

214. Assinale a alternativa **correta**.
a) Foram cobrados as taxas e as multas recentes, mas perdoados os débitos anteriores.
b) Ao gerente não passou despercebido a arrogância do cliente.
c) A caneta custou cara, mas não se arrependeu da compra.
d) Foi dispensado do trabalho porque os dedos indicador e médio estavam feridos.

215. Assinale a alternativa **correta**.
a) Remetemos anexa uma fotocópia do recibo.
b) Era ela mesmo que, sempre ao meio-dia e meio, conferia o dinheiro arrecadado.
c) Considerou inútil as medidas para conter a corrida da população aos bancos.
d) É proibido a entrega de declarações de imposto de renda, nas agências bancárias, após o prazo estabelecido pela Fazenda.

216. (ALCL-DF/N.S./IDR) Marque a alternativa na qual **só uma** das concordâncias nominais é **correta**.
a) Uma e outra questão examinadas.
Uma e outra questão examinada.
b) Vossa Excelência é esperada, Sra. Ministra.
Vossa Excelência é esperado, Sr. Ministro.
c) A primeira e a segunda sessão.
A primeira e a segunda sessões.
d) Proposta e projeto aceitos.
Proposta e projeto aceito.

217. (ALCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa em que **somente um** dos itens é **correto**.
a) Segue anexa a documentação exigida.
Segue anexo a documentação exigida.
b) É vedado às empresas praticar atos desse teor.
É vedado as empresas praticarem atos desse teor.
c) Ela nada tem de sedutor.
Ela nada tem de sedutora.
d) Eles parecem estar contentes.
Eles parece estarem contentes.

218. (Ag. Adm./TRT/N.M./ACCESS) A concordância nominal das **duas** frases está **correta** em:
a) Devemos analisar os defeitos e as virtudes **verdadeiras**.
Devemos analisar os defeitos **verdadeiros** e as virtudes **verdadeiras**.
b) O pivete não tem ação e julgamento **éticos**.
O pivete não tem julgamento e ação **éticas**.

c) Eram **doentias**, o crime e a brutalidade.
O crime e a brutalidade eram **doentios**.
d) A senhora e o adolescente eram **violentos**.
A senhora e a adolescente eram **violentos**.
e) Ele pesquisa o comércio e as finanças **brasileiros**.
Ele pesquisa as finanças e o comércio **brasileiras**.

219. (TFC-RJ/N.S.) Assinale a opção em que **não** há **erro**.
a) Seguem anexo os formulários pedidos.
b) Não vou comprar esta camisa. Ela está muito caro!
c) Estas questões são bastantes difíceis.
d) Eu lhes peço que as deixem sós.
e) Estando pronto os preparativos para o início da corrida, foi dada a largada.

220. (AFRE-SP/N.S.) Assinale a alternativa **correta**.
É _____ prudência na interpretação dos resultados, _____ seguem _____ algumas normas.
a) necessária / porisso / inclusas.
b) necessário / por isso / inclusa.
c) necessária / porisso / incluso.
d) necessário / por isso / inclusas.

221. Indique a alternativa **correta** em relação à concordância nominal.
a) Não é permitida a presença de menores neste recinto.
b) Segue incluso no envelope a procuração e o requerimento.
c) Infelizmente temos motivos bastante para duvidar de você.
d) Limonada é muito boa para refrescar.
e) Todos acharam a moça e o rapaz muito simpática.

222. Há **erro** de concordância na frase:
a) Encontrei a ficha anexa.
b) Muito obrigado, disse-me ela sorrindo.
c) Voltarei ao meio dia e meia.
d) Depois ela ficou meio desconfiada.
e) Ela própria confirmou o que disse.

223. A concordância nominal apresenta-se **correta** na alternativa:
a) Havia no baú pentes e rendinhas barato.
b) Assustadas a cidade e os coronéis viram o desastre.
c) Na bagagem, muitos relógios foram encontrado.
d) Enviamos anexos os relatórios sobre os assaltos.
e) Apreenderam pacotes de cigarros americano.

224. A concordância nominal está **correta** em:
a) A mãe avisou que seria temerário, mesmo sendo período de férias, a ida do menino à escola.
b) Os atos indisciplinados do menino custaram caros a seu pai e mãe zelosa.
c) Já se acreditou que palmatória era bom para manter a ordem na escola.
d) Depois de retribuir à professora, o menino estava certo de que ficou quites com ela.

225. Assinale a opção que contenha **silepse** (discordância da palavra, concordância com a ideia).
a) "No Ocidente desenvolvido é de rigor tirar férias até para quem não faz nada."
b) "Os presidentes herdaram-lhe o hábito e, enquanto a capital ficou no Rio de Janeiro, costumavam passar temporadas de refresco na mesma Petrópolis, no Palácio Rio Negro."
c) "(...) e portanto não pode haver nem índices de inflação nem artigos de economistas da PUC-Rio."
d) "Como escreveu o articulista da revista *Time* James Collins, são ocasiões que oferecem aos presidentes um poderoso segundo contexto (...)."
e) "Da serra gaúcha ao litoral nordestino, há muitos lugares aprazíveis no Brasil, inclusive, sem humor negro, a reserva ianomâmi (...)."

226. Assinale a opção que se apresenta **correta** quanto à concordância nominal.
a) Além de valioso para a compreensão das características dos povos em cujas estruturas mentais não entra o conceito de férias, as reflexões do articulista não perdem a força de argumento a favor das férias para presidentes.
b) O articulista refere-se aos hábitos de Dom Pedro II de uma maneira familiar, como se o tivesse presenciado; faz, ainda, comentários sobre o de outros presidentes do passado.
c) O texto apresenta vários aspectos que, por si só, explicam as diferenças entre os povos que têm direito a férias e os que não o tem.
d) Na semana passada, de forma inusitada, os agentes de segurança procuraram ficar o mais afastados possível do presidente, alegando que a tática visava a uma maior liberdade para o chefe de Estado.
e) O articulista qualificou de danoso à nação – dadas as circunstâncias do evento – a viagem do presidente Collor a Angra dos Reis e a Araxá.

■ Estabeleça a devida correspondência com relação ao uso do infinitivo:
a) Verbo impessoal, com ideia de sujeito indefinida ou muito vaga.
b) Função de imperativo.
c) Com preposição **a**, tem valor de gerúndio.
d) Preposicionado, como complemento nominal de adjetivo. Há gramáticos que nele veem uma forma de voz passiva.
e) Como verbo principal de locução verbal, é seu auxiliar que concorda com o sujeito.

227. ( ) Todos os presentes devemos parar para refletir e rir.
228. ( ) Avançar.
229. ( ) Entrou no salão, a sorrir e a distribuir abraços.
230. ( ) Osso duro de roer, água boa p'ra beber.
231. ( ) Viver bem é participar e construir.

■ Observe as frases e julgue Certa ou Errada cada afirmação seguinte:
1. Ouvia farfalhar as folhas da palmeira.
2. Ouvia farfalharem as folhas da palmeira.

232. ( ) Em 1, a concordância do verbo **farfalhar** se faz com **as folhas da palmeira**.
233. ( ) Em 2, a concordância do verbo **farfalhar** se faz com **as folhas da palmeira**.
234. ( ) O verbo **farfalhar** é um verbo sensitivo, e o infinitivo que o complementa pode flexionar-se ou não, por isso estão corretas ambas as frases.
235. ( ) As duas frases têm exatamente o mesmo significado.
236. ( ) Em 2, a flexão do infinitivo ressalta, põe em destaque "as folhas da palmeira".

■ Observe as frases e julgue Certa ou Errada cada declaração seguinte:
1. Estuda para passar.
2. Estuda para passares.

237. ( ) Em cada uma das duas frases, os dois verbos se referem a pessoas distintas.
238. ( ) A construção 1 é preferível à 2, porque os dois verbos se referem a uma mesma pessoa, ou indivíduo.

3. É bom saírem logo, para poderem ver a lua.

239. ( ) **É bom saírem** é uma locução verbal, e os dois verbos, "É" e "saírem", referem-se à mesma pessoa.
240. ( ) **É** e **saírem** estão em pessoas diferentes, porque têm sujeitos diferentes.
241. ( ) **poderem ver** é uma locução verbal e os dois verbos se referem à mesma pessoa.
242. ( ) Na locução verbal, o verbo auxiliar (poderem) estabelece a concordância, enquanto o verbo principal no infinitivo (ver) fica invariável.

■ Assinale **C** ou **E**, conforme a frase esteja de acordo ou em desacordo com a concordância verbal.
243. ( ) Mandou calar-se todos os que cochichavam.
244. ( ) Tu devias, com certeza, fazeres o que te pedem.
245. ( ) Mandou calarem-se todos os que cochichavam.
246. ( ) Tu devias, com certeza, fazer o que te pedem.

247. ( ) No seguinte exemplo de Alexandre Herculano "**Queres ser** mau filho, mau amigo, **deixares** uma nódoa d'infâmia na tua linhagem?", apresentado por Rocha Lima, ocorre simultaneamente o infinitivo invariável e o variável.

248. ( ) Na seguinte estrofe de Gonçalves Dias "**Possas** tu, descendente maldito / De uma tribo de nobres guerreiros, / Implorando cruéis forasteiros, / **Seres** presa de vis Aimorés!", **possas** e **seres**, verbos respectivamente auxiliar e principal, estão variando, em função de estarem distantes um do outro. Se estivessem juntos, só o auxiliar concordaria com o sujeito elíptico **tu**: **possas ser**. Como estão afastados, a flexão do infinitivo reforça a ideia de o sujeito ser **tu**.

249. ( ) Em "A maré, calma e serena, fazia **acalmarem as sensações** dentro de mim" e "A maré, calma e serena, fazia **acalmar as sensações** dentro de mim", as duas construções exemplificam infinitivo complemento de verbo causativo e ambas estão corretas.

250. ( ) **Ve**r, **ouvir** são verbos sensitivos, **deixar** é permissivo, **fazer** e **mandar** são causativos. Com eles, o infinitivo pode apresentar-se flexionado ou não.

251. (Cespe) Se para a elite social o trabalho infantil era uma medida de prevenção, para os pobres era uma maneira de sobreviver.

( ) A forma verbal "era" foi empregada na primeira pessoa do singular para concordar com a expressão "a elite social".

252. (Cespe) Mesmo que não possamos olhar de um curso único para história, os projetos humanos têm um assentamento inicial que já permite abrir o presente para a construção de futuros possíveis.

( ) Preservam-se as relações argumentativas, a noção de pluralidade e a correção gramatical da oração ao se empregar a expressão **cada projeto humano** em lugar de "os projetos humanos".

253. (Cespe – adaptado) Desde a chegada dos portugueses até as últimas décadas do século XIX, foi aberta uma infinidade de caminhos terrestres e rotas fluviais de circulação, em um esforço verdadeiramente titânico de apropriação.

( ) Diminuindo-se a ênfase, o desenvolvimento das ideias no texto e sua estrutura linguística permitem substituir o termo "uma infinidade" por **inúmeros**.

254. (Cespe) As carruagens tinham eixos desse tamanho para caber nos sulcos escavados ao longo do tempo nas estradas da Grã-Bretanha. As estradas da Grã-Bretanha tinham sido construídas pelos romanos, e os sulcos foram escavados por carruagens romanas.

( ) Devido ao valor de mais-que-perfeito das duas formas verbais, preservam-se a coerência textual e a correção gramatical ao se substituir "tinham sido" por **havia sido**.

255. (Cespe) A velocidade, símbolo do desenvolvimento tecnológico e de um modo de produção e consumo cada vez mais vorazes, criou um sentimento de urgência que poucos conseguem administrar. Se é que conseguem mesmo.
( ) A inserção de **administrarem** depois de "mesmo" tornaria explícita uma ideia subentendida do texto e preservaria sua correção gramatical.

256. (Cespe) Tudo indica que mais de 70% do trabalho no futuro vão requerer a combinação de uma sólida educação geral com conhecimentos específicos.
( ) O emprego da flexão de plural em "vão" respeita as regras de concordância com "mais de 70% do trabalho".

257. (Cespe) O estudo do engenheiro militar Eduardo José de Moraes, apresentado ao governo imperial em 1869, continha ambicioso projeto de aproveitamento de vários rios brasileiros.
( ) "Continha" está na 3ª pessoa do singular para concordar com Eduardo José de Moraes.

258. (Funrio)
Rio, podem dizer o que quiser,
Mas o xodó do povo é o Rio.
Casa do samba e do amor, do Redentor,
Louvado seja o Rio.

Sobre os versos iniciais da canção "Delírio dos Mortais", de Djavan, é correto afirmar que a concordância verbal do trecho "podem dizer o que quiser" é
a) facultativa: pode-se considerar que o sujeito desses verbos está oculto.
b) ideológica: prevalece a ideia genérica e não identificada do sujeito.
c) rígida: admite-se que o sujeito indeterminado leve o verbo à 3ª pessoa.
d) estilística: integra o individual no coletivo com a mistura de tratamento.
e) viciosa: deveria ser corrigida para "podem dizer o que quiserem".

259. (FCC) Há um **deslize** na concordância verbal da seguinte frase:
a) Aos golpes mais duros da vida responde uma amizade verdadeira com palavras e gestos de solidariedade.
b) Nunca haverão de nos faltar, quando contamos com amigos verdadeiros, a força justa das palavras certas.
c) Assim como ninguém vive sem o préstimo da água, não se superam os infortúnios sem o apoio de um amigo verdadeiro.
d) Os sofrimentos que pesam sobre alguém haverão de ser mais leves com a companhia solidária de um amigo leal.
e) Importa, acima de todas as coisas, poder contar com a lealdade e os bons préstimos que nos oferece a amizade verdadeira.

260. (FCC) Estão plenamente respeitadas as normas de concordância verbal na frase:

a) É muito difícil que se cumpra os propósitos que, invariavelmente, se formula a cada início de ano.
b) Enredam-se nas tramas das próprias memórias todo aquele que não busca abrir, para si mesmo, novos tempos e novas experiências.
c) A cada vez que dá impulso a uma nova cadeia de acontecimentos, os homens se tornam autores de seu próprio destino.
d) Não deveriam caber às pessoas tomar suas próprias iniciativas, em vez de se submeterem à força do acaso?
e) Aos que não submete a força imperiosa das experiências passadas estende-se a possibilidade de abrir novos tempos.

Regência

DEFINIÇÃO

REGÊNCIA		REGENTE (VERBO OU NOME)	REGÊNCIA (PREPOSIÇÃO)	REGIDO
REGÊNCIA	VERBAL	vencer	∅	o obstáculo
		gostar	de	alguém
		agradecer	a	alguém
	NOMINAL	ansioso	por	justiça
		necessidade	de	algo
		referentemente	a	o processo

Prática

■ Observando o esquema acima, julgue se são certas ou erradas as seguintes afirmações e ponha nos parênteses **C** ou **E**.

1. ( ) Regência é um fenômeno que ocorre entre um termo regente e um regido.
2. ( ) O termo regente é subordinante; o regido, subordinado.
3. ( ) Se o regente é um verbo, trata-se de regência verbal.
4. ( ) Se o regente for uma preposição, trata-se de regência nominal.
5. ( ) Os verbos podem reger com ou sem preposição.
6. ( ) A regência nominal é sempre preposicionada.
7. ( ) Os nomes que podem ser regentes são: adjetivo, substantivo e advérbio.

Conclusão:

Regência é a relação existente entre um termo subordinante e um ou mais subordinados.

REGÊNCIA VERBAL

Observe:

A: lutar contra (= brigar); lutar por (= esforçar-se); lutar judô (praticar).
B: chamar alguém; chamar por alguém.
C: avisar alguém de algo; avisar algo a alguém.

Prática

■ Agora assinale **C** para certo e **E** para errado.

8. ( ) De A, conclui-se haver verbos que, mudando a regência, mudam a base de significado.
9. ( ) De B, conclui-se que, às vezes, a mudança de regência quase nada ou pouco influi no significado.
10. ( ) De C, conclui-se que um verbo pode ter um termo regido com preposição e um sem preposição.

Regência dos verbos mais frequentes

Agradar

Agradar	∅	alguém	= acarinhar
Agradar	a	alguém	= cair no seu agrado

Prática

■ Complete as lacunas.

11. Parecia que a proposta dos patrões não agradara _____ trabalhadores. (aos/os)
12. O gesto impensado do rapaz não deve ter agradado _____ namorada. (a/à)
13. Com mãos suaves, ela agradava _____ criança que caíra. (a/à)
14. Agradava _____ o gesto de amor. (o/a ele)

Ansiar

Ansiar	∅	alguém	= provocar angústia em alguém
Ansiar	por	algo	= almejar

Prática

■ Complete as lacunas.

15. Em virtude da fadiga, ansiava _____ uma ilha. (∅/por)
16. Aquelas palavras ansiavam _____. (-no/por ele)

Aspirar

Aspirar	∅	algo	= sorver, respirar
Aspirar	a	algo	= desejar, almejar *

* Neste sentido, não aceita **lhe(s)**, apenas **a ele(s)**, **a ela(s)**.

Prática

■ Complete as lacunas.

17. Trancado no apartamento, o escritor aspirava _____ ar do campo. (ao/o)
18. Cavalgando na fazenda, ele aspirava _____ ar puro, sem saudade da poluição. (o/ao)
19. Após tantos anos, a professora aspirava _____ aposentadoria. (a/à)
20. Àquele cargo? Sim, aspiro _____. (ele/a ele)

Assistir

Assistir	a	algo	= presenciar *
Assistir	∅/a	alguém	= dar assistência (v.t.d.)
Assistir	a	alguém	= caber direito
Assistir	em	algum lugar	= morar

* Neste sentido, não aceita **lhe(s)**, apenas **a ele(s)**, **a ela(s)**.

Prática

■ Complete as lacunas.

21. Tenho minha própria casa e _____ assisto. (a ela/nela)
22. Assiste _____ cidadão o direito de escolher seus representantes. (ao/o)
23. Foi muito bom o filme _____ que assistimos. (a/∅)
24. Assistir _____ doentes deve ser prioridade na ação governamental. (aos/os)
25. Esta cena, já assistimos _____. (lhe/a ela)

Atender

Atender	∅	Não faz nada. Atende.	= Espera
Atender	o	O ministro atendeu o requerente	= ouviu
Atender	a	Atender às súplicas... Atendeu à conversação.	= dar atenção a
Atender	em	Se atendermos nas provações...	= correspondermos
Atender	para	Basta atender para essas infecções.	= atentar para

Chamar

Chamar	∅	alguém	= convocar
Chamar	por	alguém	= invocar
Chamar	∅/a	alguém de	= atribuir qualidade ou nomear

Prática

■ Complete as lacunas.

26. O diretor chamou _____ professores para uma reunião. (aos/os)
27. No caso das aposentadorias, a própria imprensa chamou _____ jornalistas de espertalhões. (aqueles/àqueles)
28. É comum chamar ignorantes _____ pessoas que não pensam como nós. (as/às)
29. Nas horas difíceis, chamava _____ Deus. (a/por)

Atenção:

Todas certas:

Chamei-o valente.	Chamei-lhe valente.
Chamei-o de valente.	Chamei-lhe de valente.

Chegar

Chegar	a/de	um lugar
Chegar	em/de	meio de transporte

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

30. ( ) Ele chegou em Paris.
31. ( ) Chegou no último trem.
32. ( ) Ele chegou a Paris.
33. ( ) Chegou de trem.

Custar

Custar	∅	tanto	= atribuir valor
Custar	a	alguém	= ser custoso, ser difícil

Prática

■ Complete as lacunas.

34. Pagou com sacrifício os cem mil reais ____ que custou a casa. (∅/a)
35. Parece custar _____ pessoas mudar suas opiniões. (as/às)
36. Não custa _____ alunos manter a sala limpa. (os/aos)

Atenção:

ACEITÁVEL	TRADICIONALMENTE CERTO	ACEITÁVEL
Eu ~~custo~~ a crer.	Custa-me crer.	Custa-me a crer.
Tu ~~custas~~ a crer.	Custa-te crer.	Custa-te a crer.
Ele ~~custa~~ a crer.	Custa-lhe crer.	Custa-lhe a crer.
Nós ~~custamos~~ a crer.	Custa-nos crer.	Custa-nos a crer.
Vós ~~custais~~ a crer.	Custa-vos crer.	Custa-vos a crer.
Eles ~~custam~~ a crer.	Custa-lhes crer.	Custa-lhes a crer.

Esquecer

Esquecer	∅	algo/alguém
Esquecer-se	de	algo/alguém
Esquecer-se	(de)	que...

Algo esquece a alguém (foge da memória).

Prática

■ Complete as lacunas.

37. Você não poderá esquecer-se _____ nossa amizade. (a/da)
38. Recordo os dias tristes _____ que você já esqueceu. (de/∅)
39. Esqueceram _____ soldado as angústias da guerra. (ao/o)
40. Esqueceu-lhe _____ assunto. Esqueceram-se _____ assunto. (o/do)
41. Esqueci-me _____ que você viria. (∅/de)

Implicar

Implicar	com	algo	= ter implicância
Implicar-se	em	algo	= envolver-se
Implicar	∅	algo	= acarretar

Prática

■ Complete as lacunas, de 42 a 44. Reescreva, corrigindo, de 45 a 47.

42. Devem ser profundamente analisadas as conseqüências _____ que essas medidas implicarão. (∅/em)
43. O ex-presidente implicou-se _____ tráfico de influência. (em/com)
44. Uma coisa implica _____ outra. (em/∅)

45. Esta medida não implica em aumento de custo.

_____

46. Ela, sem saber, implicava de mim.

_____

47. A nova lei implicou na mudança das taxas.

_____

Ir, vir

Ir	a	um lugar (temporariamente)
Vir	para	um lugar (definitivamente)
	de/por	um lugar
	em/de	meio de transporte

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

48. ( ) Ele foi de ônibus.
49. ( ) Ele foi na carroça do amigo.
50. ( ) Ele veio de Recife.
51. ( ) Veio no velho carro.
52. ( ) Veio por Recife.
53. ( ) Veio a Brasília.
54. ( ) Fui em Petrópolis.
55. ( ) Fui a Rondônia.

Lembrar, avisar, prevenir

Lembrar	∅	algo	a alguém
Lembrar	∅	alguém	de algo
Lembrar	∅	algo	
Lembrar-se	de		algo/alguém
Lembrar-se	(de)		que...

Algo **lembra** a alguém (vem à memória).

Prática

■ Complete as lacunas.

56. Todos lembravam _____ gentileza com que nos recebera. (a/da)
57. Era uma moça simpática _____ cujo nome não me lembro. (de/∅)
58. Os dias felizes do passado lembravam _____ todos nós. (a/∅)
59. Lembrou-lhe____ ocorrido. Lembraram-se_____ ocorrido. (o/do)
60. Lembrou-me _____ infância. (a/da)

Morar, residir, situar-se, estabelecer-se

Morar Residir	em	uma casa, rua, praça, cidade, país	
morador em	residente em	sito em	estabelecido em

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

61. ( ) Ele mora à rua do Cais.
62. ( ) ...dono do estabelecimento, sito à Avenida Paulista, nº...
63. ( ) João morava em Recife, na rua...

Namorar

Namorar Namorar	∅ com	alguém alguém (em companhia de)

Prática

■ Complete as lacunas.

64. Não é inteligente a moça _____ que ele namora. (∅/com)
65. Esta moça _____ cuja irmã eu namoro é médica. (∅/com)
66. _____ quem ela está namorando? (∅/com)

Obedecer, desobedecer, suceder, obstar

Obedecer Desobedecer Suceder Obstar	a	algo / alguém

Prática

■ Complete as lacunas.

67. Às vezes se deve obedecer _____ ditames do coração. (aos/os)
68. A pessoa _____ que ele sucederia já fora avisada. (∅/a)
69. Alguns fatores externos poderiam obstar _____ que fizesse um bom planejamento. (∅/a)
70. Não se pode, impunemente, desobedecer _____ leis. (as/às)

Pagar

Pagar	algo	ao credor

Prática

■ Complete as lacunas.

71. Tivemos dificuldade para pagar _____ empréstimo. (o/ao)
72. Já podemos pagar _____ Banco agora que recebemos. (o/ao)
73. A seguradora _____ pagamos o seguro do carro não nos atendeu quando precisamos. (a que/que)

Perdoar

Perdoar	algo	a alguém

Prática

■ Complete as lacunas.

74. Não podem perdoar sempre _____ erros que você comete. (os/aos)
75. Desta vez, perdoo _____ você. (a/∅)
76. Perdoar _____ que nos fazem mal é preceito bíblico. (os/aos)

Preferir

Preferir	isto	a aquilo

Prática

■ Complete as lacunas.

77. Ela demonstrara preferir _____ ficar em casa _____ sair. (mais...do que/antes...que/∅...a)
78. O diretor preferiu _____ acatar aquelas ordens _____ exonerar-se. (a...∅/mais...que/antes...a)
79. Prefiro _____ ler _____ ver televisão. (mais...que/∅...a)

Presidir

Presidir	∅ a	uma reunião uma reunião

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

80. ( ) Na reunião em que ele presidiu...
81. ( ) Na reunião que ele presidiu...
82. ( ) Na reunião a que ele presidiu...

Querer

Querer	∅	algo/alguém (= desejar)
Querer	a	alguém (= gostar)

Prática

■ Complete as lacunas.

83. Queremos _____ seu bem. (o/ao)
84. Quero _____ que me querem bem. (os/aos)
85. São poucas as pessoas _____ quero perto de mim. (a que/que)

Responder

Responder	∅	algo (= dar como resposta)
Responder	a	algo/alguém (= dar uma resposta a...)

Prática

■ Complete as lacunas.

86. O convidado de honra respondeu _____ viria. (que/a que)
87. Ninguém respondeu _____ questionário. (o/ao)
88. Não conheço a carta _____ ele respondeu tão prontamente. (que/a que)

Visar

Visar	a/∅	algo	= ter em vista, almejar *
Visar	∅	algo	= pôr visto
Visar	∅	algo	= mirar

* Neste sentido, não aceita **lhe(s)**, apenas **a ele(s)**, **a ela(s)**.

Prática

■ Complete as lacunas.

89. Era necessário visar _____ cada página do contrato. (a/∅)
90. O alvo _____ que ele visava encontrava-se a uma grande distância. (∅/a)
91. Cada candidato deve visar _____ primeiro lugar no concurso. (ao/o)

Isto é para eu fazer *isto é para mim*

SUJ. INFINITIVO NÃO SUJ.

Usam-se os pronomes retos **eu** e **tu** para sujeito de infinitivo. Os oblíquos **mim** e **ti** para outras funções.

Prática

■ Complete as lacunas.

92. Aquilo era para _____ fazeres. Aquilo era para _____. (tu/ti)
93. A peça era para _____ escrever. A peça era para _____. (mim/eu)
94. A peça era para _____ e _____ escrevermos. (mim e ti/eu e tu)

Está na hora de	*a onça*	*beber*	*água*
Está na hora	*da onça*	*beber*	*água*
	SUJEITO	INFINITIVO	

A maioria dos gramáticos prefere a primeira construção, apontando na segunda frase um erro: o sujeito preposicionado **da onça**.

Prática

■ Assinale as melhores alternativas.

95. Está na hora de o José sair.
96. Isto é difícil dela entender.
97. Está na hora do José sair.
98. Isto é difícil de ela entender.

Pedir ~~para que~~

Pedir	a alguém (lhe)	algo
Pedir	a alguém (lhe)	que faça algo
Pedir	(licença, permissão, vênia...)	para fazer algo

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

99. ( ) O presidente da mesa pediu para que José saísse.
100. ( ) O presidente da mesa pediu que José saísse.
101. ( ) Ele pedia a José para sair.
102. ( ) Pediu-lhe que saísse.

Não disse o em que acreditava
Não disse no que acreditava

Embora a primeira construção seja a mais erudita, a segunda também já é aceita.

Prática

■ Transforme as seguintes construções em sua forma erudita.

103. Não perguntou do que falávamos. _____
104. Não sei no que pensar. _____

Ter de ≠ ter que...

Tenho de fazer = obrigatoriedade, necessidade, firme propósito (construção castiça).

Tenho que fazer (**que** com valor de preposição, uso moderno).

Hei de fazer = promessa, intenção.

Tenho **muito que** fazer. Tenho **o que** fazer. (**que** = pron. relativo com antecedente).

Onde ≠ Aonde

Onde é advérbio ou pronome relativo. **Aonde** é a mesma palavra antecipada da preposição **a**.

É a regência do verbo que define a preposição que vai anteceder o **onde**.

Moro em... > Moro onde... > Onde moro?

Vou **a**... > Vou **a**onde... > **A**onde vou?

Venho **de**... > Venho **de** onde... > **De** onde venho?

Venho **por**... > Venho **por** onde... > **Por** onde venho?

Venho **para**... > Venho **para** onde... > **Para** onde venho?

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre o uso de "onde".

105. ( ) A palavra **onde** pode ser ou não antecedida por uma preposição.
106. ( ) A única preposição que se junta numa só palavra com o **onde** é "a".
107. ( ) Podem fazer uma só palavra com **onde** as preposições "de" e "a": Não sabemos normalmente **donde** viemos nem **aonde** vamos.
108. ( ) É mais comum, no português do Brasil, usar-se **de onde**, do que **donde**.
109. ( ) Só se sabe se o **onde** deve ser antecedido de preposição, e que preposição é essa, vendo a regência do verbo ao qual está subordinado.

Sintaxe do verbo haver

	CONSTRUÇÃO	FUNÇÃO	SENTIDO
1	**Há** pensado, **havia** dito.	auxiliar	(= ter)
2	Como você **houve** tanto dinheiro?	principal	(= conseguir)
3	Como você **se houve** na festa?	principal	(= comportar-se)
4	Você vai **haver-se com** ela.	principal	(= ajustar contas)
5	**Hei** admiração por você. (arcaico)	principal	(= ter)
6	Ele **havia por** correta aquela fala.	principal	(= considerar)
7	Ele **houve por bem** concordar.	locução	(= dignar-se)

Prática

■ Passe as construções vistas de 1 a 7 para as pessoas que se pedem.

110. 1, para a 1ª do plural: _____ .
111. 2, para a 3ª do plural: _____ .
112. 3, para a 1ª do singular: _____ .
113. 4, para a 2ª do singular: _____ .
114. 5, para a 1ª do plural: _____ .
115. 6, para a 2ª do plural: _____ .
116. 7, para a 2ª do plural: _____ .

Observação:

Quando um pronome pessoal átono de terceira pessoa for complemento de verbo, usar-se-á o pronome **o (a, os, as)** para os verbos que não exigem preposição; usar-se-á o pronome **lhe (lhes)** para os verbos que exigem preposição "a", sendo que **lhe** só é usado para pessoas. Para **coisas**, usa-se **a ele (a ela, a eles, a elas)**.

Auxiliei **meus amigos** quando precisaram.
Auxiliei-**os** quando precisaram.

Lembrei **aos amigos** o compromisso.
Lembrei-**lhes** o compromisso.

Prática

■ Substitua os nomes destacados pelos pronomes átonos **lhe**, **lhes**, **o**, **a**, **os**, **as**.

117. Chamei **as crianças** para almoçar.
Chamei-_____ insistentemente.

118. O funcionário apenas obedeceu **ao supervisor**.
Obedeceu-_____sem pensar.

119. Nada devo **a você**.
Nada_____ devo, com certeza.

120. Só poderei pagar **essa dívida** quando receber o salário.
Agora não _____ posso pagar.

121. Só poderei pagar **ao credor** quando receber o salário.
Logo _____ pagarei.

122. Não assisti **ao filme** quando passou naquele cinema.
Assisti _____ depois.

123. Como você, aspiro à gloria.
Aspiro _____ e conseguirei.

Complemento de regências diferentes

Não se usa um mesmo complemento para verbos que têm regências diferentes.

Errado

Precisava e encontrei **o material** de acampamento.
Assisti, mas não gostei **do filme**.

Usa-se um complemento para cada verbo:

Correto

Precisava **do material** de acampamento e encontrei-**o**.
Assisti **ao filme**, mas não gostei **dele**.

■ Corrija, se necessário, as orações abaixo.

124. Aceito, mas não concordo com seu protesto.
_____ .

125. Amo e lutarei por meus filhos.
_____ .

126. Recebemos e já encaminhamos sua solicitação.

_____ .

127. Conheço e obedeço às leis.

_____ .

Observação:

Quando o complemento de um verbo for um **pronome relativo**, a regência deve ser corretamente seguida antes do pronome.

Conheço a pessoa **de** que falaste. (falar **de**)

Este é o lugar **em** que vivi. (viver **em**)*

REGÊNCIA NOMINAL

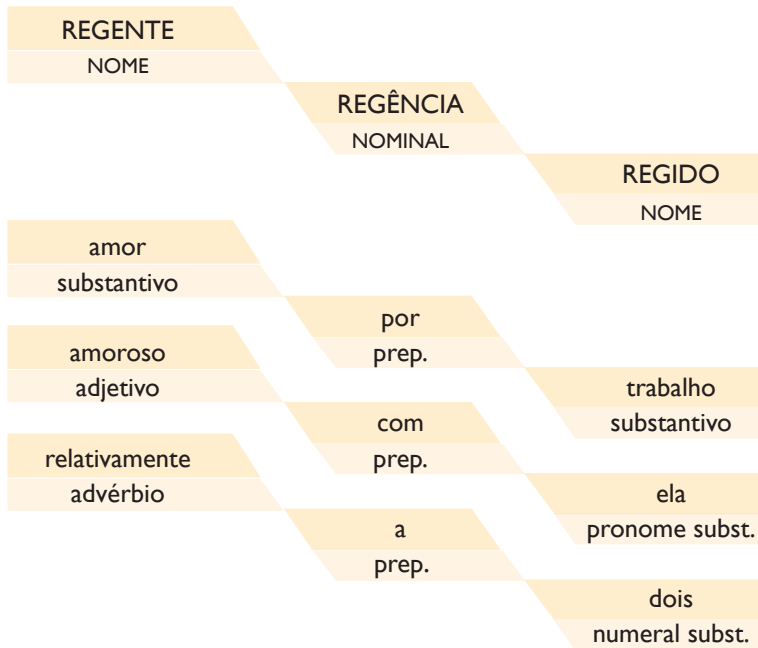

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, observando o gráfico acima.

128. ( ) Quando o regente é um nome, a regência é nominal.

* *Vide*, em *Análise Sintática Visual*, Período: Orações subordinadas adjetivas.

129. ( ) Regência nominal é a relação que existe entre o nome regente e o seu termo regido, *por intermédio de uma preposição*.

130. ( ) Como se pode dizer "*amor às* artes" e "*amor pelas* artes", conclui-se que a regência de um mesmo nome pode também se dar por intermédio de diferentes preposições.

131. ( ) Todo advérbio é nome.

132. ( ) O termo regido é de natureza substantiva.

133. ( ) Pode um advérbio se formar pelo acréscimo da terminação ***mente*** a um adjetivo: relativo + mente = relativamente.

134. ( ) Nesse caso (advérbio com base nominal), o advérbio herda a regência do adjetivo: relativo a → relativamente a.

135. ( ) É essa uma das explicações para a regência do advérbio chamar-se regência nominal.

Um mesmo regido para mais de um regente

Observação:

Um mesmo termo pode ser regido por dois ou mais nomes apenas quando esses nomes aceitam a mesma preposição.

Estou louco e atraído **por ela**. (louco por, atraído por)

Prática

■ Corrija a frase, desdobrando o termo regido.

Ele é contrário e impaciente com mentiras.

136. _____

■ Escolha a preposição adequada à lacuna.

137. Isso diz respeito somente _____ interessados. (aos/com os)

138. Demonstrava um grande respeito _____ suas opiniões. (por/de)

139. Não tentou ajudar aquela pessoa _____ quem sentia desprezo. (de/por)

140. Identificaram-se as substâncias _____ que era constituída a mistura. (para/de)

141. É um caso difícil _____ encontrar. (a/de)

Um mesmo regente para mais de um regido

Um mesmo termo regente, quer seja nome ou verbo, pode ter mais de um regido. Observe as frases a seguir e assinale C ou E nas afirmações que as seguem.

a) Ela sempre gostou *de conquistar, de sobressair, de dominar*...

b) Na época, demonstrava interesse *por sapatos, por luvas* e *por chapéus*.

c) Fazia jus *a ser criticada*, porém não *a sofrer discriminação*.

142. ( ) Em "a", as expressões em itálico são regidas pelo mesmo verbo **gostar**.
143. ( ) Em "b", os termos em itálico estão sob a regência do verbo **demonstrar**.
144. ( ) Em "b", os termos em itálico estão sob a regência do substantivo **interesse**.
145. ( ) Em "c", as orações em itálico estão regidas pelo substantivo **jus**.

Regência dos substantivos e adjetivos mais frequentes

adequado a
afável com, para com
alheio a
amoroso com, para com
análogo a
ansioso de, por
anterior a
aparentado com
apto a, para
atento a, em
avaro de
aversão a, em, para, por
avesso a, de, em
ávido de
bacharel em
benéfico a
bom para
capaz de, para
cego a
certo de
cheiro a, de
cobiçoso de
coetâneo de
coevo a, de
comum a, de
conforme a, com
constante em
contente com, de, em, por
contemporânea a, de
contíguo a
contrário a
cruel com, para com
cuidadoso com
cúmplice de, em
curioso a, de, para
desatento a
descontente com
desejoso de
desfavorável a
desleal a
devoto a, de
devoção a, com, para com, por
diferente de
difícil de
digno de
diligente em, para
dessemelhante de
ditoso com
diverso de
doce a
dócil a
dotado de
doutor em
duro de
dúvida acerca de, com, de, em, sobre
empenho de, em, por
entendido em
erudito em
escasso de
essencial a, para
estranho a
exato em
fácil a, de, para
favorável a
falho de, em
feliz com, de, em, para, por
fértil de, em
fiel a
firme em
forte de, em
fraco com, de, em, para, por
furioso com, de
grato a
hábil em

habituado a, com, em
horror a
hostil a, contra, para com
ida a
idêntico a
imediato a
impaciente com
imune a, de
impotente contra, para
impróprio para
inábil para
inacessível a, para
incapaz de, para
incompatível com
incompreensível para
inconsequente com
inconstante em
incrível a, para
indébito a
indeciso em
indiferente a
indigno de
indulgente para, para com
inerente a
ingrato com, para com
insaciável de
insensível a
intolerante com, para com
leal a
lento em
liberal com
maior de
mau com, para com
menor de
morada em
natural de
necessário a
nobre de, em, por
nocivo a
obediente a
obsequioso com
orgulhoso com, de, para com
parco de, em
parecido a, com
possível de
peculiar a
perito em
pernicioso a
pertinaz em
piedade de
pobre de
poderoso em, para
possível de
posterior a
prático em
presto a, para
pródigo de, em
propício a
propínquo de
próprio para, de
proveitoso a
próximo a, de
querido de, por
rente a, com, de
respeito a, com, de, por
rico de, em
sábio em, para
sedento de, por
seguro de, em
sensível a
sito em (e não "a")
situado em, entre
soberbo com
solícito com
sujo de
suspeito a, de
temeroso de
temível a
transido de
triste com, de
último a, de, em
união a, com, entre
único a, em, entre
útil a, para
vazio de
visível a
vizinho a, de

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, para certo ou errado.

146. ( ) Éramos em cinco na festa.
147. ( ) Éramos cinco na festa.
148. ( ) São excelentes pessoas, cuja colaboração estamos desejosos.
149. ( ) São excelentes pessoas, de cuja colaboração estamos desejosos.
150. ( ) É preferível perder a vida do que morrer.
151. ( ) É preferível perder a vida a morrer.
152. ( ) Ele é especialista e obediente às leis.
153. ( ) Ele é especialista em leis e obediente a elas.
154. ( ) Ela está desejosa e ansiosa por vencer.
155. ( ) Ela está desejosa e ansiosa de vencer.
156. ( ) Ela tem um sítio vizinho ao meu.
157. ( ) Compraste uma casa vizinha do meu terreno.
158. ( ) Com raiva ela bateu a porta.
159. ( ) Ela bateu à porta. Em seguida bateu na porta.
160. ( ) É dono de um terreno sito à Rua Alvorada.
161. ( ) Minha casa, sita na rua do Cais, nunca foi alagada.
162. ( ) Estamos situados no meio do problema.
163. ( ) Ele é avesso por ajuda de estranhos.
164. ( ) Júlia estava cobiçosa por ajuda.
165. ( ) Ele é devoto a Júpiter; ela é devota de Santa Teresa.

Observação:

Quando o regido for uma oração subordinada, é comum na norma popular e na linguagem coloquial deixar subentendida a preposição. (elipse da preposição)

Tenho necessidade ↓ que te protejam.

(de) elíptico

Porém, na norma culta, dá-se preferência à preposição expressa, e não elíptica.

Prática

■ De acordo com a norma culta, ou padrão, da Língua Portuguesa, assinale **C** ou **E**, para certo ou errado, referentemente à regência.

166. ( ) O delegado tinha certeza que tudo fora explicado.
167. ( ) O delegado tinha certeza de que tudo fora explicado.
168. ( ) Eu preciso que a encontrem.
169. ( ) Eu preciso de que a encontrem.
170. ( ) Estava receoso que tudo desse errado.
171. ( ) Estava receoso de que tudo desse errado.
172. ( ) Tinha confiança que tudo sairia certo.
173. ( ) Tinha confiança em que tudo sairia certo.

Prática Geral

174. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Observe as palavras destacadas e indique a frase que apresenta regência nominal **correta**.
a) Por ser muito estudioso, ele tinha grande **amor** a seus livros.
b) Havia muitos anos que não via o filho, por isso estava **ansioso** em vê-lo.
c) **Alheio** para com o julgamento, o réu permanecia calado.
d) Coitado! Foi preso porque era **suspeito** por um crime que não cometeu.
e) Tínhamos o **propósito** em dizer toda a verdade, mas nos impediram de fazê-lo.

175. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) A frase que apresenta **erro** de regência do verbo **assistir** é:
a) Não fui ver o filme, embora quisesse assistir-lhe.
b) Não lhe assiste o direito de humilhar ninguém.
c) Ele assiste às aulas sempre com muita seriedade.
d) Aqueles médicos assistem os doentes com dedicação.
e) Assistiu aos jogos da Seleção sem nenhum entusiasmo.

176. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Observe, nos períodos abaixo, a regência dos verbos e dos nomes.
I – As constantes faltas ao trabalho implicaram a sua demissão.
II – Procederemos à abertura do inquérito.
III – O cargo a que aspiramos é disputado por todos.
IV – Prefiro mais estudar do que trabalhar.
V – Sua atitude é incompatível ao ambiente.
Assinale a sequência que corresponde aos períodos **corretos**:
a) I, II, IV.
b) II, III, IV.
c) II, IV, V.
d) I, II, III.
e) I, III, IV.

177. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Marque a alternativa cujas palavras preenchem **corretamente** as respectivas lacunas, na frase seguinte:
"Necessitando _____ o número do cartão do PIS, _____ a data de meu nascimento." (Revendo Semântica)
a) ratificar / proscrevi.
b) prescrever / discriminei.
c) descriminar / retifiquei.
d) proscrever / prescrevi.
e) retificar / ratifiquei.

178. (ITA/Vest.) Assinale a opção **correta** quanto à regência.
Paradoxalmente, a redução das Forças Armadas iraquianas_____ proporções inferiores _____ necessárias _____ preservação do equilíbrio _____ nações vizinhas não é desejável, sobretudo _____

luz dos acontecimentos recentes, que atestam quanto é pequena a resistência desses países _____ tentações criadas _____ vácuo militar.

a) a / às / na / ante às / à / pelas / no.
b) a / às / à / com as / à / às / pelo.
c) em / àquelas / pela / nas / pela / em / pelo.
d) à / das / à / das / a / com as / do.
e) às / às / para a / ante as / com a / às / por.

179. (AFRESP/N.S.) Assinale a alternativa **correta**.
_____, por algum tempo, os elementos detidos.

a) Preveni-o que retesse.
b) Preveni-lhe que retesse.
c) Preveni-o de que retivesse.
d) Preveni-lhe de que retivesse.

180. (AFRESP/N.S.) Assinale a alternativa **correta**.
_____ crer que você tenha sido capaz de _____ a aceitar o cargo.

a) Custa-me / persuadi-lo.
b) Custo a / persuadir-lhe.
c) Custa-me / persuadir-lhe.
d) Custo a / persuadi-lo.

181. Assinale a opção em que a regência verbal, de acordo com as normas gramaticais, está **incorreta**.

a) O papeleiro custou muito a se esquecer da Baixinha.
b) Os vizinhos assistiam o papeleiro com sobras de comidas.
c) O dono da carrocinha pagou ao ajuntador de papéis a importância devida.
d) O personagem preferia a cachaça ao café.
e) O homem já não se lembrava mais do que era um bom banho.

182. Assinale a frase com **erro** de regência.

a) Aspiro ao cargo de chefe do departamento de Desenho Artístico.
b) Assisti aos debates dos estudiosos da arte.
c) Obedeça aos mestres das épocas passadas.
d) Abracei-lhe dizendo que era um ótimo artista e desenhista.
e) João, vim aqui para ajudá-lo.

183. Analise as construções abaixo.
I – A lei permite que o sujeito fique livre.
II – A lei permite-lhe ficar livre.

Assinale a opção **correta**.

a) Em II, o pronome pessoal não exerce função de complemento verbal.
b) Os dois períodos têm sentido equivalente, embora apresentem regências diferentes.
c) A regência não está correta em I.
d) Em I, o conectivo **que** tem, também, a função de objeto direto.
e) Os dois períodos apresentam a mesma regência e o mesmo sentido.

Colocação ou Topologia Pronominal

Existem três posições para os pronomes oblíquos átonos – me, te, se, nos, vos, o(s), a(s), lhe(s) – em relação ao verbo:

PRÓCLISE **VER** MESÓCLISE **BO** ÊNCLISE

A colocação pronominal (ou topologia pronominal) deve ser estudada considerando a relação dos pronomes oblíquos átonos com:

I – um só verbo;

II – o infinitivo;

III – as locuções verbais.

COM UM SÓ VERBO

PRÓCLISE **VERBO**

São fatores de próclise obrigatória

Os fatores obrigatórios que atraem o pronome para **antes** do verbo são:

Palavra negativa ou advérbio (não seguidos de pausa)

Prática

■ Escolha a letra que corresponde à lacuna a ser preenchida corretamente com o pronome entre parênteses.

1. Ele escreveu de uma maneira que **não** _____ (a) limita _____ (b) a apresentar os fatos. (se)
2. Ele é gente boa, **nunca** _____ (a) meteu _____ (b) em confusão. (se)
3. **Nunca**; _____ (a) partiu _____ (b), assim mesmo, o coração. (me)
4. Mesmo doente, **jamais** _____ (a) isolei _____ (b) dentro de casa. (me)

5. **Jamais,** _____ afirmo _____ de novo. (lhe)
   a b
6. O psiquiatra apoiou-o e **hoje** _____ considera _____ curado. (se)
   a b
7. **Amanhã** _____ tornar- _____-ás um líder. (te)
   a b
8. **Amanhã,** _____ tornar- _____-ás um líder. (te)
   a b
9. Nós **sempre** ____ sentimos ____ bem durante os longos voos. (nos)
   a b
10. Na mesma noite, recebeu a notícia de que **talvez** _____ tivessem _____ levado. (o)
    a b

Pronome relativo

Prática

■ Escolha a lacuna adequada à colocação pronominal.

11. Não criticava os meios de comunicação, **que** _____ davam _____ espaço. (lhe)
    a b
12. Não faltaram barracas, **onde** _____ abrigamos _____. (nos)
    a b
13. A injustiça foi maior pelo modo **como** _____ trataram____. (te)
    a b

Pronome indefinido ou numeral <u>ambos</u> (não seguidos de substantivo)

Prática

■ Escolha a lacuna adequada.

14. Agora, **tudo** _____ serve _____ como desculpa. (lhe)
    a b
15. **Muitos** _____ valerão _____ do seu apoio incondicional. (se)
    a b
16. Esse episódio revelava que **ninguém** _____ apoiaria _____. (a)
    a b
17. A verdade é que **ambos** _____ desentenderam _____. (se)
    a b

Pronome demonstrativo (não seguido de substantivo)

Prática

■ Escolha a lacuna.

18. Não era a primeira vez que **isso** _____ acontecia _____. (lhe)
    a b
19. **Aquele** _____ realizou _____ com o objetivo de discutir um assunto polêmico. (se)
    a b

Conjunção subordinativa (mesmo subentendida)

Prática

■ Escolha a lacuna.

20. Se _____ (a) sentia _____ (b) mal no trânsito, parava. (me)
21. Tratar sem medicamento, como _____ (a) vê _____ (b), é possível. (se)
22. Caso _____ (a) encontre- _____ (b), diga-lhe que ____ (c) esperamos ____ (d). (o, o)
23. Peço _____ (a) faças _____ (b) um favor. (me)

Oração exclamativa

Prática

■ Complete as lacunas certas.

24. Como _____ (a) custou _____ (b) caro a liberdade! (nos)
25. Quanto tempo _____ (a) perde ____ (b) com coisas inúteis! (se)

Oração interrogativa (com verbo flexionado)

Prática

■ Complete as lacunas certas.

26. Ele me perguntou por que _____ (a) apoiei _____ (b). (te)
27. Quem _____ (a) habilita _____ (b) a investir num setor falido? (se)

Oração optativa (exprime desejo, sem verbo que o exprima, e tem entonação exclamativa)

Prática

■ Complete as lacunas certas.

28. Bons ventos _____ (a) levem _____ (b). (o)
29. Deus _____ (a) acompanhe _____ (b). (te)
30. Que a terra _____ (a) seja _____ (b) leve. (lhe)

Em + verbo no gerúndio

Prática

■ Complete as lacunas certas.

31. Em _____ (a) tratando _____ (b) de política, ele se abstém de opinar. (se)

32. Em _____ falando _____ de filosofia, é impossível ignorar os gregos. (se)
a b

Sujeito expresso por pronome reto ou de tratamento (anteposto ao verbo)

Prática

■ Complete as lacunas certas.

33. Eu _____ lembro _____. (me)
a b

34. Tu _____ lembras _____. (te)
a b

35. Ele _____ lembra _____. (se)
a b

36. Você _____ lembra _____. (se)
a b

37. Nós _____ lembramos _____. (nos)
a b

Observação:

Fator Facultativo da Próclise

Sujeito expresso por substantivo anteposto ao verbo

Exemplo: As grandes estrelas / se escondem / em suas mansões.
As grandes estrelas / escondem-se / em suas mansões.

VER - MESÓCLISE - BO

A mesóclise ocorre somente com verbos no futuro do presente ou no futuro do pretérito (o verbo é dividido após a última letra "r").

Encontrar-**se**-ão novas maneiras de resolver esses problemas.

Esse material ser-**nos**-ia muito útil.

Havendo um fator de próclise obrigatória, não use mesóclise.
Não se encontrarão novas maneiras de resolver esses problemas.
Qualquer um nos seria útil agora.

Admite-se, optativamente, a próclise com verbos no futuro do presente ou do pretérito, quando o sujeito da oração está expresso, anteposto ao verbo.
A cidade curvar-**se**-ia aos seus encantos.
A cidade **se** curvaria aos seus encantos.

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

38. ( ) Farei-me poeta.
39. ( ) Fazer-me-ei poeta.
40. ( ) Far-me-ei poeta.
41. ( ) Faria-me poeta.
42. ( ) Fazer-me-ia poeta.
43. ( ) Far-me-ia poeta.
44. ( ) A sirene despertar-me-á.
45. ( ) A sirene me despertará.

VERBO ■ ÊNCLISE

Normalmente os pronomes oblíquos átonos são usados como objeto direto ou objeto indireto. Nesse caso, a posição **preferencial**, segundo a norma culta, ou padrão, é a **ênclise**, porque, na ordem direta, os objetos vêm após o verbo.

Casos de ênclise

Orações iniciadas por verbo (que não esteja no futuro do presente ou do pretérito): ênclise obrigatória.

Prática

■ Faça a colocação pronominal correta.

46. ____ (a) Evidencia-____ (b) uma certa má vontade em sua atitude. (se)
47. ____ (a) Contou-____ (b) essa história um antigo morador do lugar. (me)
48. ____ (a) Uni-____ (b) para vencer. (vos)

Verbo no imperativo afirmativo: ênclise obrigatória, inexistindo termo atrativo.

Prática

■ Faça a colocação pronominal correta.

49. Pegue qualquer um dos livros. ____ (a) Leia-____ (b). (o)
50. Aqui estão as cartas: ____ (a) remeta-____ (b). (as)
51. Tome uma decisão e ____ (a) firme-____ (b) nela. (se)

Atenção:

Em provas, quando você tiver dúvida, e não houver fator obrigatório de próclise, opte pela mesóclise ou ênclise, que são as tradicionalmente preferidas pela norma culta, ou padrão.

Prática

■ Opte pela preferência da norma erudita.

52. Mas as pessoas ____ (a) sentem ____ (b) capazes de ajudar. (se)
53. As meninas ____ (a) arrepender-____ (b)-iam, anos mais tarde. (se)

COM INFINITIVO

1. A ênclise ao infinitivo estará sempre correta.

   Ver bem é enxergar-se.
   Bastou olharem-se e...

2. Quando o infinitivo vier preposicionado, mesmo havendo fator de atração, pode-se construir com **próclise** ou **ênclise**.

   Veio-lhe o impulso **para não me** chamar.
   Veio-lhe o impulso **para não** chamar-**me**.

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

54. ( ) Ela estava ali para te ver.
55. ( ) Ela estava ali para ver-te.
56. ( ) Tinha intenção de não te ofender.
57. ( ) Tinha intenção de não ofender-te.

Atenção:

Se o infinitivo vier precedido da preposição **a**, não se pode juntá-la ao oblíquo o (a, os, as), e a próclise é proibida.

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

58. ( ) Estava decidido a a convidar.
59. ( ) Estava decidido a convidá-la.
60. ( ) Estava propenso a o perdoar.

61. ( ) Estava propenso a perdoá-lo.
62. ( ) Estava decidido a te convidar.
63. ( ) Estava decidido a convidar-te.

COM LOCUÇÃO VERBAL

As locuções verbais se formam com **verbo auxiliar** e **verbo principal**, podendo o principal estar no **infinitivo**, no **gerúndio** ou no **particípio**.

V. AUXILIAR	+	INFINITIVO
vou		amar

V. AUXILIAR	+	GERÚNDIO
estou		amando

V. AUXILIAR	+	PARTICÍPIO
tenho		amado

FORMA 1		FORMA 2
Vou-te amar	ou	Vou te amar?
Estou-te amando	ou	Estou te amando?
Tenho-te amado	ou	Tenho te amado?

64. Você prefere a forma 1 ou 2? _____
65. A norma culta, ou padrão, prefere qual das duas? _____

!! Atenção: COM LOCUÇÃO VERBAL

1. O particípio **nunca** aceita a ênclise.

   Tenho amado-~~te~~.

2. O particípio não aceita oblíquo átono, somente tônico (preposicionado).

   Tenho amado **a ti**.

3. O infinitivo e o gerúndio **sempre** aceitam **ênclise**.

   Estou amando-**te**.

Não estou amando-**te**.
Vou beijar-**te**.
Não vou beijar-**te**.

4. Os auxiliares aceitam próclise, ênclise ou mesóclise como se fossem um verbo só, segundo as regras já vistas.

Vou-**te** amar.
Não **te** vou amar.

5. O pronome átono pode vir solto entre verbos se estiver preposicionado:

Começou **a lhe** dizer.
Gostava **de me** agradar.

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

66. ( ) Eu me devo calar.
67. ( ) Eu devo me calar.
68. ( ) Eu devo-me calar.
69. ( ) Eu devo calar-me.
70. ( ) Ele vai arrastando-se.
71. ( ) Ele se vai arrastando.
72. ( ) Ele vai se arrastando.
73. ( ) Ele vai-se arrastando.
74. ( ) Eles haviam-me avisado.
75. ( ) Eles me haviam avisado.
76. ( ) Tu não te deverias calar.
77. ( ) Tu não dever-te-ias calar.
78. ( ) Tu não deverias te calar.
79. ( ) Tu não deverias calar-te.
80. ( ) Deverias-te calar.
81. ( ) Deverias calar-te.
82. ( ) Dever-te-ias calar.
83. ( ) Deverias te calar.
84. ( ) Eles haviam me avisado.
85. ( ) Eles haviam avisado-me.

86. Se, numa questão, um examinador pede a forma **incorreta** e você percebe que todas as alternativas estão certas, mas uma delas apresenta um oblíquo átono solto entre dois verbos, é essa que você deve escolher. Quais os números do exercício anterior que podem ser considerados **errados**, segundo as visões mais tradicionais?
Resp.: _____

Prática Geral

87. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Assinale a frase em que o pronome oblíquo átono está colocado **incorretamente**.
a) O guarda chamou-nos a atenção para os pivetes.
b) Quantas lágrimas se derramaram pelo jovem casal!
c) Ninguém nos convencerá de que esta notícia seja verdadeira.
d) As pessoas afastaram-se daquele pacote suspeito.
e) O vizinho cumprimentou o casal, se retirando imediatamente.

88. (BRB/N.M./IDR) Assinale a sentença em que foram respeitadas as regras de colocação dos **pronomes oblíquos átonos**.
    a) Em se tratando de denúncias contra funcionários do alto escalão, nada o impedia de divulgar informações esclarecedoras.
    b) Jamais entregar-lhe-ei a fita gravada a que se referiu o delegado durante o inquérito, lhe disse o acusado em alto e bom som.
    c) Lhe contou tudo que sabia, pouco importando-se com o fato inevitável de todos voltarem-se contra ele.
    d) Restringirei-me a mencionar fatos que relacionam-se diretamente à matéria tratada neste relatório.

89. (ATCL-DF/N.S./IDR) Indique o período **correto** quanto à colocação do pronome pessoal oblíquo átono.
    a) Se o considerasse incapaz, jamais dar-lhe-ia tal incumbência.
    b) Meu pai trouxe-o de Londres e pediu-lhes que não deixassem-no estragar.
    c) Não o aceitariam, em hipótese alguma, nem deixar-se-iam enganar.
    d) Não se esqueça de consertá-lo e de devolvê-lo o quanto antes.

90. Assinale a frase **incorreta** quanto à colocação de pronomes átonos.
    a) O que lhe contei é a pura verdade.
    b) Nunca repita-me tal coisa.
    c) Já se pôs o Sol no horizonte.
    d) Alguém me disse para ficar aqui.
    e) Sempre me lembro dela com carinho.

91. Assinale o item que apresenta pronome átono colocado **corretamente**.
    a) Nesta loja, se compram os mais variados artigos.
    b) Dizia-se que ele enlouquecera.
    c) Fui eu quem falou-te daquela vez.
    d) A estátua que dedicaram-lhe é de pedra.
    e) Quem obrigou-te a assinar aquele documento?

92. De acordo com a norma culta, assinale a construção **incorreta**.
    a) As crianças também se tinham esquecido.
    b) Passada a surpresa, ainda se sentiu mais borocochô.
    c) Engasgado, não confessou-lhe toda a verdade.
    d) Os quinze minutos atropelaram-se.
    e) Sua mulher, seus filhinhos e a secretária já o esperavam cantando "Parabéns para você".

■ Coloque os pronomes oblíquos nos locais adequados.

93. Fiquei duas horas a _____ (1) esperar _____ (2). (o)

94. De repente veio o grito: _____ (1) prepara _____ (2) para a luta. (te)

95. Ensina-se o bem, _____ (1) fazendo _____ (2). (o)

96. _____ (1) junta _____ (2) aos bons e serás um deles. (te)

97. Não _____ (1) preocupar _____ (2) emos com isso. (nos)

98. _____ (1) deite _____ (2), gritou a irmã. (se)

99. Quantas alegrias _____ (1) conquistaram _____ (2) nas Olimpíadas! (se)

100. Quem _____ (1) matriculou _____ (2) primeiro? (se)

101. Deus _____ (1) guarde _____ (2) meu filho! (te)

102. Em _____ (1) tratando _____ (2) de opções, temos três. (se)

103. Ninguém _____ (1) ajudou _____ (2) a _____ (3) convencer _____ (4). (nos/o)

104. Há pessoas que _____ (1) admiram _____ (2). (nos)

105. Estarei aí, se _____ (1) convidarem _____ (2). (me)

106. Alguém _____ (1) viu _____ (2) quando _____ (3) abriu _____ (4) aquela porta. (nos/se)

107. Depois, _____ (1) chamaram _____ (2) para dentro. (nos)

■ Nas frases seguintes, pode haver mais de uma opção.

108. _____ (1) sentir _____ (2) ei _____ (3) tranquilo (me), porque o amigo _____ (4) convidou _____ (5). (me)

109. Voltei para _____ (1) convidar _____ (2). (vos)

110. Eu _____ (1) voltar _____ (2) ei _____ (3) para teus assuntos. (me)

111. O Carlos _____ (1) contou _____ (2) a verdade. (lhe)

112. O Carlos _____ (1) contou _____ (2) a verdade? (lhe)

113. Esta _____ (1) dar _____ (2) ia _____ (3) muito prazer. (nos)

■ Continue na prática.

114. Jamais _____ (1) disse _____ (2) o que acho de você. (lhe)

115. Falarei com quem _____ convidou _____. (a)
1 2

116. Viajo hoje mesmo, embora _____ desagrade _____. (te)
1 2

117. À noite, sempre, _____ fecham _____ as portas das casas. (se)
1 2

118. Que a experiência _____ sirva _____ de lição. (nos)
1 2

119. Tudo _____ acalmar _____ á _____. (se)
1 2 3

120. _____ acalmar _____ á _____ tudo. (se)
1 2 3

121. Sempre _____ considerar _____ ei _____ um bom exemplo. (te)
1 2 3

122. Como _____ enganas _____, meu amigo! (te)
1 2

123. _____ dá _____ um abraço bem apertado. (me)
1 2

■ Elimine a primeira palavra e reescreva a frase.

124. Isto me será bastante fácil.

_____

125. Não a beijarei mais.

_____

126. Jamais te perdoarei.

_____

127. Não me trarás resposta.

_____

128. Você o fará bem.

_____

129. Nós nos poremos a seu dispor.

_____

130. (F. C. Chagas) Quanto _____ se _____ no ponto que _____ _____.

a) alegrar-nos-íamos / atendêsseis-nos / solicitamos-vos.
b) alegraríamo-nos / atendêsseis-nos / solicitamos-vos.
c) alegrar-nos-íamos / atendêsseis-nos / solicitamos-vos.
d) nos alegraríamos / atendêsseis-nos / vos solicitamos.
e) nos alegraríamos / nos atendêsseis / vos solicitamos.

131. (F. C. Chagas) Nem sequer _____ das coisas que _____ quando _____ .

a) se lembra / disse-me / procurei-o.
b) se lembra / me disse / procurei-o.

c) lembra-se / disse-me / o procurei.
d) se lembra / me disse / o procurei.
e) lembra-se / me disse / procurei-o.

132. Com relação à colocação pronominal, assinale a descrição gramatical **incorreta**.
a) Em "não tem permitido que se explique", ocorre próclise pronominal porque a forma verbal no particípio rejeita a posição de ênclise.
b) Em "onde menos se imagina", a próclise é obrigatória por tratar-se de estrutura sintática de oração subordinada desenvolvida.
c) Em "Os cargos executivos monopolizam as atenções", a substituição do objeto direto por um pronome pessoal oblíquo resultaria em: **Os cargos executivos monopolizam-nas**.
d) Em "É do prefeito a iniciativa, cabendo aos vereadores acatá-la ou recusá-la", é gramaticalmente inaceitável a colocação pronominal de próclise às formas dos verbos **acatar** e **recusar**.
e) Em "fica difícil fazer o mesmo", a substituição do objeto direto por um pronome pessoal oblíquo resultaria em: **fica difícil fazê-lo**.

Crase

CONCEITUAÇÃO

Observe:

regência

Ela pensa em o irmão.

termo subordinante — prep. — termo subordinado

regência

Ela gosta de o tio.

termo regente — prep. — termo regido

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

1. ( ) A preposição coordena termos.
2. ( ) A preposição une dois termos subordinando o segundo ao primeiro.
3. ( ) É o termo subordinado que determina qual a preposição a ser usada.
4. ( ) A escolha da preposição a ser usada pertence ao termo subordinante e se chama regência.
5. ( ) O termo subordinante é o termo regente.
6. ( ) O termo subordinado é o termo regido.

Prática

7. Ela gosta **de** + **o** José = Ela gosta _____ José.
8. Ela foi **a** + **o** teatro = Ela foi _____ teatro.
9. Ele gostou **de** + **aquele** filme = Ele gostou _____ filme.

Observe:

As preposições contraem-se ou combinam-se com **artigos** e **pronomes** do termo regido.

	preposição		artigo		
Ela foi	a	+	o(s)	teatro(s)	→ a + o(s) = ao(s) teatro(s)
Ela foi	a	+	a(s)	igreja(s)	→ a + a(s) = à(s) igreja(s)

CRASE

	preposição		pronome demonstrativo		
Refiro-me	a	+	o(s)	que ama(m)	[a + o(s) = ao(s) que ama(m)]
Refiro-me	a	+	a(s)	que ama(m)	[a + a(s) = à(s) que ama(m)]

CRASE

	preposição		pronome demonstrativo		
Refiro-me	a	+	aquela(s)	menina(s)	[a + aquela(s) = à quela(s)]
Refiro-me	a	+	aquele(s)	menino(s)	[a + aquele(s) = à quele(s)]
Refiro-me	a	+	aquilo		[a + aquilo = à quilo]

CRASE

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

10. ( ) Crase é fusão de dois "**as**".
11. ( ) O primeiro **a** da crase é uma preposição.
12. ( ) O segundo **a** da crase é uma preposição.
13. ( ) O segundo **a** é um artigo, um pronome demonstrativo ou a vogal inicial do demonstrativo **aquele**, **aquela**, **aquilo**.
14. ( ) **à** ou **às** (com acento grave) indica existência de crase, isto é, fusão de dois **as**.
15. ( ) **à** ou **às** indica existência de substantivo feminino.
16. ( ) O masculino de **à** ou **às** é **ao** ou **aos**.
17. ( ) Para haver crase, é necessário um termo regendo a preposição **a**.
18. ( ) Para haver crase, é necessário que o termo regido seja feminino.
19. ( ) Sempre que houver preposição **a** + **aquela**, **aquele**, **aquilo**, haverá crase.
20. ( ) Sempre que no masculino se escrever **ao** ou **aos**, no feminino haverá crase.

MÉTODO PRÁTICO

Troque a palavra feminina por outra que seja masculina.
Se no masculino aparecer obrigatoriamente **ao** ou **aos**, no feminino haverá crase.
Se no masculino for facultativo **a** ou **ao(s)**, a crase poderá ser usada ou não.

Prática

■ Leve para o feminino.

21. Refiro-me a menino. ➜ Refiro-me _____ menina.
22. Refiro-me ao menino. ➜ Refiro-me _____ menina.
23. Refiro-me a meninos. ➜ Refiro-me _____ meninas.
24. Refiro-me aos meninos. ➜ Refiro-me _____ meninas.

■ Assinale **C** ou **E**.

25. ( ) Entre as práticas 21 e 22 só há diferença na escrita. Semanticamente (= no sentido) são iguais.
26. ( ) Nas práticas 21 e 23, a falta do artigo deixa o substantivo com uma ideia vaga, genérica, indefinida.
27. ( ) Nas práticas 22 e 24, a presença do artigo define, determina o substantivo **menino**. Não se trata mais de qualquer menino, mas de alguém que falante e ouvinte conhecem.

CASOS ESPECIAIS

Crase em locuções

Locuções prepositivas com palavras femininas

à cata de, à moda de, à custa de, à força de, à procura de, à guisa de, à beira de...

Observação:

As locuções prepositivas sempre terminam em **preposição**.

Locuções conjuntivas com palavras femininas

à medida que, à proporção que...

Observação:

Quase todas as locuções conjuntivas terminam em **que**.

Locuções adverbiais com palavras femininas

às vezes, às claras, às ocultas, às pressas, à toa, às fartas, às escondidas, à noite, à tarde, à vista, à direita, à esquerda, à socapa, às terças-feiras.

Prática

■ Corrija, se necessário.

28. Pedro estava a procura de uma desculpa. A medida que ia comendo e a proporção que o dia clareava, também clareavam seus pensamentos. Aquela hora, corria ainda vinho e champanha a farta. Uns bebiam as claras, outros as escondidas, outros as pressas, porém todos a larga.

Crase em lugares

Há topônimos que repelem artigo feminino, portanto não aceitam crase. Teste-os assim: **Venho + de + tôponimo** e use o bom senso.

Se venho **de** Paris, vou **a** Paris.	(só preposição: sem crase)
Se venho **de** Fortaleza, vou **a** Fortaleza.	(só preposição: sem crase)

Mas,

Se venho **da** Bahia, vou **à** Bahia.	(prep. + artigo = crase)
Se venho **da** Itália, vou **à** Itália.	(prep. + artigo = crase)

Faça uso deste processo mnemônico:
Se vou **a** e venho **da**, crase há;
Se vou **a** e venho **de**, crase p'ra quê?

Prática

■ Corrija, quando necessário.

29. Júlia foi a padaria, a manicura, a modista e voltou a repartição antes de viajar. Por pouco não chegava a estação a tempo de tomar o trem que a levaria a Recife. De Recife viajará a Portugal, a Espanha, a França, a Inglaterra, a Holanda e a Israel. É a primeira vez que visitará a Europa. No próximo ano pretende ir a África.

Observação:

No final do século XIX, era chique usar sem artigo topônimos como França, Inglaterra, Espanha, Holanda, África, Ásia..., motivo pelo qual está correto dizer:

Venho de França / Vou a França
Venho de Inglaterra / Vou a Inglaterra

Hoje, porém, tais construções denotam **pedantismo**.

Crase com distância

Distância não definida	O disco foi lançado a distância. Ele estava a distância do grupo.
Distância determinada	Foi lançado **à** distância **de 60 metros**.

Prática

■ Acentue, se for preciso.

30. Ele parou a distância de um quarteirão.
31. Ela chegou a pequena distância da casa.

Crase com horas

Hora exata de relógio	A aula começa **às** oito horas. Ele saiu **às** sete e quinze. Cheguei **à** uma hora da tarde.
Hora aproximada	Vou lanchar daqui **a** uma hora. Vou lanchar daqui **a** três horas.

Atenção para o paralelismo:

O filme vai **de** oito **a** dez e meia.
prep. prep.

O filme vai **das** oito **às** dez e meia.
prep. + artigo prep. + artigo

Prática

■ Preencha adequadamente as lacunas.

32. É bom chegares ___ duas horas.
33. ___ três horas que gastou no trabalho foram recompensadas.
34. Estudo de duas ___ quatro horas por dia.
35. Trabalho das oito ___ dezoito.

Atenção:

A quebra do paralelismo na crase torna mais evidente e próximo o sentido do termo antecedido pelo artigo.

O filme vai de oito às dez e meia em ponto.
Refiro-me a Tereza e à Júlia.

Crase com pronomes relativos

a) Conheço o homem **cujo** filho passou em primeiro lugar, e **cuja** irmã chegou da Índia.	Nunca há crase antes de **cuja(s)** porque este pronome não aceita artigo.
b) Eis o rapaz **ao** qual me referi. Eis a moça **à** qual me referi. Eis as moças **às** quais me referi.	Usa-se **à qual**, **às quais**, com crase, quando se opõem a **ao qual**, **aos quais**.
c) Refiro-me **ao** que usa bigode. Refiro-me **à** que usa luvas. Refiro-me **aos** que usam bigode. Refiro-me **às** que usam batom. Eis o rapaz **a** que me referi. Eis a moça **a** que me referi.	Usa-se **à que**, **às que**, com crase, quando se opõem a **ao que**, **aos que**. Neste caso, é CRASE da preposição **a** com o **pronome demonstrativo a(s)**, que é igual a **aquele(a)**.

Prática

■ Corrija.

36. Ela se dirigiu aquele que estava a meu lado e a que se mantinha em pé.
37. Este é o senhor a cuja filha me aliei.
38. Não me presto aquilo que vocês querem.
39. Admiro aquela deputada, a que te uniste.

Crase com casa

a) Cheguei **de** casa hoje. Estou **em** casa agora. Voltei **a** casa ontem.	**Casa** significando **própria morada** não aceita artigo, portanto não há crase.
b) Cheguei d**a** casa **de José**. Estou n**a** casa **nova**. Regressou **à** casa **materna**. Voltou **à antiga** casa. Referiu-se **à** casa **de Orleans**.	Quando a palavra **casa** aparece acompanhada de um determinante, justifica-se a presença do artigo e se justifica a crase, mas não é obrigatório.

Prática

■ Qual a diferença de sentido?

40. Referia-se a belas casas.	Referia-se às belas casas.
41. Estou em casa de José.	Estou na casa de José.
42. Vou a casa de José.	Vou à casa de José.

Crase com terra

a) Os astronautas voltaram **à** Terra. Voltou **à** terra em que estudou. O lavrador se apega **à** terra que cultiva. Do céu **à** terra, o infinito.	Normalmente a palavra **terra** aceita artigo e, portanto, CRASE.
b) Estamos a bordo mas vamos **a** terra. Chegado o navio, os marujos desceram **a** terra.	Em linguagem náutica, **terra** opõe-se a **bordo** e não usa artigo. Portanto, SEM CRASE.
c) Os marujos desceram **à** terra **dos Vikings**.	Uso de determinante justifica o artigo e a crase.

Crase com até ou até a

Prática

■ Use **até**

43. Caminharam _____ o portão.
44. Ele foi _____ a divisa.
45. Ele chegou _____ aquele morro.

Use **até a**

Caminharam _____ o portão.
Ele foi _____ a divisa.
Ele chegou _____ aquele morro.

Como não se sabe se foi usada a preposição **até** ou a locução prepositiva **até a**, a crase é facultativa.

Crase com pronomes possessivos

Refiro-me **a(o)**	teu	irmão	e não **ao**	meu	∅
preposição / artigo (facultativo)	PRON. POSSESS.	SUBSTAN-TIVO	preposição / pronome demonstrativo (obrigatório)	PRON. POSSESS.	∅

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

46. ( ) O possessivo pode vir seguido de substantivo.
47. ( ) O possessivo pode vir sozinho, isto é, não seguido de substantivo.
48. ( ) O possessivo seguido de substantivo pode ou não usar artigo: meu filho/o meu filho.
49. ( ) O possessivo sozinho, isto é, sem substantivo, usa artigo.
50. ( ) O possessivo sozinho vem antecedido de pronome demonstrativo obrigatório.
51. ( ) Quando o possessivo feminino vem acompanhado de substantivo, a crase é facultativa.
52. ( ) A crase antes de possessivo feminino só é obrigatória quando o possessivo não vem acompanhado de substantivo.
53. ( ) Refiro-me a tua irmã e não a minha.
54. ( ) Refiro-me à tua irmã e não à minha.
55. ( ) Refiro-me a tua irmã e não à minha.
56. ( ) Refiro-me a tuas irmãs.
57. ( ) Refiro-me as tuas irmãs.

Crase com antropônimos femininos (nomes de mulheres)

– Cláudia chegou. **A** Cláudia chegou. – José partiu. **O** José partiu.	Antropônimos têm artigo facultativamente, portanto a crase também é facultativa.

Prática

58. Qual a diferença semântica entre os pares de enunciados?
    a) Fiz referência a Ester. Fiz referência à Ester.
    b) Apresentou elogios a Marlene. Apresentou elogios à Marlene.
    c) Referia-se a Ernesto. Referia-se ao Ernesto.

Resp.: _____

_____

59. Se o antropônimo vier determinado por adjunto, o que acontece com o artigo? Opte por uma ou duas das respostas.
    a) É facultativo: "Refiro-me a Ernesto careca."
    b) Passa a ser usado: "Refiro-me ao Ernesto careca."
    c) Passa a ser usado: "Refiro-me à Teresa caolha."

Observação:

O antropônimo pode ficar sem artigo quando só tem predicativo:
Refiro-me a Ernesto, careca.

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

60. ( ) Quando o antropônimo se refere a amigo, parente ou pessoa muito próxima, o artigo aparece.
61. ( ) Fiz um elogio à Gabriela, minha sobrinha.

Crase em à moda (de)

Observe: Servia-se **à** francesa. Cantava **à** Caetano Veloso.
Bebia **à** siciliana. Usava roupas **à** Luis XIV.

Usa-se o acento grave, indicativo de crase, mesmo antes de masculino, quando se tem subentendida a expressão "**à moda (de)**".

Prática

■ Complete as lacunas.

62. Ele se portava ____ Napoleão.
63. Alimentava-se ____ mineira.

NÃO HÁ CRASE

Antes de substantivos masculinos, não há crase.

Refiro-me a Antônio. Vou ao Rio. Pinto a óleo.

64. Por quê? Resp.: _____

_____

Atenção:

Há sinal grave, indicativo de crase, mesmo antes de masculino quando se tem subentendida a expressão "à moda de".

Cantava à Caetano Veloso. Usava roupas à Luís XIV.

Antes de verbos, não há crase.

Estava a pensar. Estou disposto a vencer.

65. Por quê? Resp.: _____

_____

Antes de pronomes pessoais, não há crase.

Dirigi-me **a** ela, **a** ti, **a** elas.

66. Por quê? Resp.: _____

_____

Antes de pronomes de tratamento, não há crase. (Exceções: Madame, Senhora, Senhorita, Dona)

Refiro-me **a** Vossa Excelência, que faz críticas **a** Sua Santidade.

67. Por quê? Resp.: _____

_____

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

68. ( ) Refiro-me a Senhor Joaquim.
69. ( ) Refiro-me ao Senhor Joaquim.
70. ( ) Refiro-me a rapaz Joaquim.

71. ( ) Refiro-me ao rapaz Joaquim.
72. ( ) Refiro-me a cavalheiro Joaquim.
73. ( ) Refiro-me ao cavalheiro Joaquim.
74. ( ) Refiro-me a Dom Joaquim.
75. ( ) Refiro-me ao Dom Joaquim.

■ Conclua.
Havendo antecedência de preposição **a**, a crase,
76. antes de **Madame**, é _____: Dirijo-me _____ **Madame** (Fernanda).
77. antes de **Senhora**, é _____: Dirijo-me ___ **Senhora** (Josefa).
78. antes de **Senhorita**, é _____: Dirijo-me ___ **Senhorita** (Andreia).
79. antes de **Dona**, é _____: Dirijo-me ___ **Dona** Júlia.

Antes de artigos indefinidos e pronomes indefinidos, não há crase.

Prática

Referia-me a uma valsa.
Referia-me a certa valsa.
Referia-me a nenhuma valsa.
Referia-me a cada valsa.
Referia-me a nada, a qualquer, a toda, a ninguém, a alguém...

80. Por quê? Resp.: _____
_____

Expressões constituídas de substantivos repetidos normalmente não usam artigo, por isso não ocorre crase.

Prática

81. Houve receptividade de parte _____ parte.
82. Bebeu gota _____ gota o que lhe deram.
83. Estudou o livro de ponta _____ ponta.
84. Montava sua resposta de palavra _____ palavra.

Antes de pronomes demonstrativos, não se tem crase. (Exceções: aquela(s), aquele(s), aquilo)

Prática

Refiro-me a esta, a essa...

85. Por quê? Resp.: _____

_____

Se existe um **a** sem **s**, antes de plural, ele é só uma preposição. Não pode haver crase.

Prática

Refiro-me a pessoas, a mulheres, a crianças...

86. Por quê? Resp.: _____

_____

Cuidado com o **paralelismo**. Termos de mesma função têm, normalmente, mesmo tratamento.

Prática

87. Refiro-me ao Apolo e ___ Afrodite.
88. Refiro-me a Apolo e ___ Afrodite.

A expressão "**cheirar a**" normalmente não gera crase.

Prática

■ Preencha com a / ao / à.

89. Isto me cheira ___ peixe.
90. ___ sua fala cheira ___ antiguidade.

Observação final:

O acento grave, indicativo de crase, deve ser usado para evitar ambiguidade (duplo sentido).

Ela cheira à pinga (tem cheiro de pinga).
Ela cheira a pinga (sente o cheiro da pinga).

HÁ ≠ A

HÁ	➜ Verbo **haver**: **Há** sempre soluções melhores. ➜ Tempo passado: Estudo **há** três anos. ➜ Permutável por **faz**: **Há** três noites que eu não durmo...
A	➜ Tempo futuro: Voltarei daqui **a** três meses. ➜ Artigo definido: **A** vitória sempre chega. ➜ Preposição: Voltei **a** casa cedo. ➜ Pronome oblíquo: Deus **a** proteja, minha filha. ➜ Pronome demonstrativo: Guardei **a** que você me deu.

Prática

■ Preencha as lacunas com **a**, **à**, **as**, **às**.

91. Ela foi ___ feira, depois ___ modista.
92. Debatemos ___ respeito da matéria e chegamos ___ conclusão final ainda ___ tempo.
93. Ele é insensível ___ dor e propõe-se ___ assistir ___ filmes de guerra e ___ mutilações neles contidas.
94. Isto me cheira ___ velhice e ___ asneira.
95. Erigiram-se templos ___ Júpiter e ___ Minerva.
96. Não costumava ir ___ todas as festas.

■ Use o sinal indicativo de crase, conforme as regras vistas.

97. Ele ficou a conjecturar por que não bateram palmas a porta.
98. Não retornou a casa sem antes telefonar a sua mãe.
99. Não me referi a que chorava, mas a que ria.
100. Não me dirigi a este, mas aquele menino.
101. Referia-me a tua irmã e não a dele, nem a minha.
102. Voltou o filho a casa dos pais.
103. Voltou o filho a casa.
104. Ele fala a nordestina, se veste a mineira, come a baiana e canta a Gilberto Gil.
105. Eles ficaram cara a cara, frente a frente com o monstro, face a face com o perigo.
106. Aludi a minha prima e a Marília bela.
107. Escrevo a lápis e não a caneta.
108. Assistiu a aulas de violino, a tarde.
109. Voltarei a Argentina, a Itália e a Portugal.
110. As onze horas, havia ainda bebida a farta.
111. Solicito a Vossa Excelência que se mova a procura de uma solução adequada a esta situação.

112. A medida que ele se unia a Dona Inês, unia-se também a Senhorita Cláudia e a Madame Cristine.
113. Ele estava submetido a enorme depressão quando retornou a Brasília para dedicar-se a pessoas desconhecidas e as irmãs de seu pai.
114. Referia-me a Faculdade de Economia da USP, não a de Arquitetura nem a de Filosofia.

■ Preencha as lacunas com **a**, **à**, **as**, **às**, conforme necessário.

115. A sessão será das 8h _____ 10h.
116. Voltaremos _____ meia-noite.
117. O voo parte pontualmente _____ onze horas.
118. O almoço será servido de treze _____ quinze horas.
119. Só posso recebê-lo daqui _____ uma hora.

Prática Geral

120. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Assinale a frase em que o acento indicativo de crase foi empregado **incorretamente**.
    a) Ao voltar das férias, devolverei tudo à V. Sª.
    b) O candidato falou às classes trabalhadoras.
    c) Fique à espera de meus amigos.
    d) Sua maneira de falar é semelhante à de Paulo.
    e) Você só poderá ser atendido às 9 horas.

121. (PRF/N.M./ANP) Assinale a opção em que **falta** o acento de crase.
    a) O ônibus vai chegar as cinco horas.
    b) Os policiais chegarão a qualquer momento.
    c) Não sei como responder a essa pergunta.
    d) Não cheguei a nenhuma conclusão.

122. (ALCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **correta**.
    a) O ministro não se prendia à nenhuma dificuldade burocrática.
    b) O Presidente ia a pé, mas a guarda oficial ia à cavalo.
    c) Ouviu-se uma voz igual à que nos chamara anteriormente.
    d) Solicito à V. Exa. que reconheça os obstáculos que estamos enfrentando.

123. (ATCL-DF/N.S./IDR) Marque a alternativa **correta** quanto ao acento indicativo da crase.
    a) A cidade à que me refiro situa-se em plena floresta, a algumas horas de Manaus.
    b) De hoje à duas semanas estaremos longe, a muitos quilômetros daqui, a gozar nossas merecidas férias.
    c) As amostras que servirão de base a nossa pesquisa estão há muito tempo à disposição de todos.
    d) À qualquer distância percebia-se que, à falta de cuidados, a lavoura amarelecia e murchava.

124. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa que apresenta emprego **incorreto** do sinal indicativo de crase.
a) Trata-se de uma tradição há muito inserida nas práticas legislativas do País e que não deve estar condicionada à deliberação do plenário.
b) A publicação no *Diário Oficial* constitui a forma pela qual se dá ciência da promulgação da lei à sociedade.
c) O Presidente vai à sala de reuniões às oito horas dar as informações sobre o problema à todos que estiverem a espera.
d) Com respeito às questões operacionais colocadas pela necessidade de divulgação das leis, é preciso avaliar os custos de implantação de novos parques gráficos.

125. (Ag. Adm./TRT/N.M./ACCESS) O poeta aspirava ___ felicidade, mas sem ___ volta da amada ele não ___ obteria.
A alternativa que completa **corretamente** as lacunas da frase acima é:
a) à / à / a.
b) à / a / a.
c) a / à / a.
d) à / a / à.
e) à / à / à.

126. (TFC-RJ/N.S.) Marque o item que se completa de forma correta com a sequência seguinte: **Há/às**.
a) _____ algum tempo, a tecnologia revoluciona em áreas que vão da cirurgia plástica _____ armas nucleares.
b) O raio laser se revela _____ altura de um bisturi de alta precisão _____ anos.
c) _____ quem afirme que _____ áreas da medicina em que o uso do raio laser é imprescindível.
d) _____ novidade surgiu na França onde o laser está sendo usado na restauração da Catedral de Amiens, recuperando vestígios das cores aplicadas _____ sete séculos.
e) Debaixo da fuligem que conferiu um tom acinzentado _____ igreja, o laser revelou uma gama de dourados, azuis e vermelhos existentes _____ épocas da feitura de obras góticas.

(Adap. de *Veja*, 10/3/1993).

127. (AFRE-SP/N.S.) Assinale a alternativa **correta**.
Chegou _____ tempo de presenciar _____ pequena discussão entre _____ e o encarregado da limpeza.
a) à / uma / eu.
b) a / uma / mim.
c) há / a uma / mim.
d) a / a uma / eu.

128. **Não** se usa o acento grave, indicador da crase, em:
a) Fomos a Bahia no ano passado.
b) Voltamos a casa de Pedro, mas não o encontramos.
c) As vezes, meus filhos chegam tarde do colégio.
d) Todos aqui gostam de bife a milanesa.
e) Os documentos serão entregues a Vossa Excelência, em tempo hábil.

129. Usa-se acento indicativo de crase em:
   a) As frutas caem a terra quando maduras.
   b) Ele também é capaz de exercer a força de atração.
   c) A queda da maçã provocou a curiosidade de Newton.
   d) Foi o único homem a perceber a lei da gravitação universal.
   e) A não ser que alguém a passasse para outra pessoa.

130. A crase **não** é admissível em:
   a) Comprou **a** crédito.
   b) Vou **a** casa de Maria.
   c) Fui **a** Bahia.
   d) Cheguei **as** doze horas.
   e) A sentença foi favorável **a** ré.

131. Indique a alternativa em que o acento grave, indicador da crase, **não** foi empregado corretamente.
   a) Às ameaças que tantas vezes proferiu não demos a menor importância.
   b) Às vésperas da revolução, convocou às armas várias classes.
   c) Às vezes vou à repartição.
   d) A festa à que assisti ontem jamais sairá do meu pensamento.
   e) A roupa que você está usando é semelhante à que comprei.

132. Quanto ao emprego do acento grave, indicativo de crase, assinale a opção **incorreta**.
   a) Em "alusão à data", emprega-se o acento grave para indicar a fusão da preposição **a**, que rege um substantivo feminino singular, com o artigo definido, formando uma locução adverbial.
   b) Em "havia flores à sua espera sobre a mesa", o emprego do acento grave é facultativo, porque é dispensável o uso do artigo antes do pronome prossessivo com substantivo.
   c) Reescreve-se o enunciado "Engasgado, confessou-lhe que em parte nenhuma" da seguinte maneira: **Engasgado, confessou à secretária que em parte nenhuma**.
   d) Em "iria rodar por aí à noite", emprega-se o acento grave diante da locução adverbial constituída de substantivo feminino.
   e) Substitui-se o enunciado "Foram ao drinque" por **Foram às bebidas**.

Pontuação

VISÃO GERAL

Ordem direta da frase.

1	2	3		4
sujeito	verbo	objeto/predicativo		adj. adverbial
Os turistas	estavam	felizes	(,)	no metrô
Os turistas	compraram	presentes	(,)	em Brasília

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, para as declarações a seguir, com base no quadro acima e em sua experiência linguística.

1. ( ) Entre os termos das colunas 1, 2 e 3 não se usa vírgula.
2. ( ) Entre eles, podem-se usar duas ou mais vírgulas para intercalar outros termos.
3. ( ) Entre os termos das colunas 3 e 4, o uso da vírgula é facultativo.
4. ( ) Usar-se ou não a vírgula, nesse caso, não altera o sentido.
5. ( ) O uso da vírgula, nesse caso, enfatiza, ressalta a ideia expressa no termo 4.
6. ( ) O termo 4 pode colocar-se entre 1 e 2, porém entre vírgulas.
7. ( ) O termo 4 pode colocar-se entre 2 e 3, porém entre vírgulas.
8. ( ) As declarações de 1 a 7 correspondem aos parâmetros da norma culta.
9. ( ) Os jornais e a imprensa escrita, de um modo geral, seguem rigidamente tais normas.
10. ( ) A imprensa escrita, de um modo geral, economiza os sinais de pontuação que considera desnecessários ao sentido básico do texto.

VISÃO DETALHADA

USO DA VÍRGULA

Dentro de uma oração

Observe:

– Escolheram um garoto-propaganda **feio**, **atrapalhado**, **desajeitado**, **carente**.
– Meu pai era **respeitoso**, **presente** em casa, **alegre**.

Conclusão:

A vírgula separa termos de mesma função.

Prática

■ Use a vírgula onde for necessário.

11. É necessário lealdade honestidade coragem desprendimento.
12. Nós o encontramos alegre bem disposto e descansado.
13. Toda criança precisa de carinho de atenção de educação.

Observe:

– O professor, **nervoso**, chamou os alunos para uma conversa.
– **Preocupado**, o diretor convocou uma reunião.

Conclusão:

A vírgula separa os predicativos dos núcleos a que se referem.

Prática

■ Coloque as vírgulas necessárias.

14. Consciente de sua responsabilidade o advogado pediu tempo para estudar.
15. A empresa premida pelas dificuldades quase fechou as portas.
16. O ministro ainda doente voltou a despachar em seu gabinete.

Observe:

– **Na virada do século**, a operária Luíza trabalhava na fábrica têxtil Bangu.
– **Hoje**, **nos Estados Unidos**, mais da metade das mulheres trabalha.

Conclusão:

A vírgula separa o adjunto adverbial deslocado do seu lugar normal.

Prática

■ Use as vírgulas adequadamente.

17. No Primeiro Mundo boicotes costumam dar resultados.
18. A televisão na noite de sexta-feira revelou as causas do acidente.
19. Os técnicos tentaram apesar dos empecilhos explicar o raro fenômeno.

Observe:

Brasília, 23 de março de 2009.

Conclusão:

A vírgula separa, nas datas, o topônimo (nome de lugar).

Observe:

– **A mim**, tudo **me** parecia absurdo.
– **Esse dinheiro**, não voltaremos a vê-**lo**.

Conclusão:

Quando se coloca o objeto no início da oração para repeti-lo, usa-se vírgula.

Prática

■ Use corretamente as vírgulas.

20. Um caso assim é preciso estudá-lo cuidadosamente.
21. Aos turistas não lhes importa como chegarão até lá.
22. O contrato convém assiná-lo o quanto antes.

Observe:

– O caso exigia providência urgente; ela, **porém**, parecia não se importar.
– Já foi decidido o seu afastamento; não há, **portanto**, o que reclamar.

Conclusão:

Quando se desloca, do início da oração, a conjunção adversativa ou conclusiva, usam-se vírgulas.

Prática

■ Use adequadamente a vírgula.

23. O mesmo estudo porém mostra que a situação pode melhorar.
24. Essa não é contudo a prática na companhia.
25. Já vai longe o tempo da censura; direi o que quiser pois.

Observe:

– Plínio, **o filho do primeiro casamento**, decidiu que moraria com o pai.
– A verdade, **senhores eleitores**, é que a responsabilidade é sua.

Conclusão:

A vírgula separa o aposto e o vocativo do resto da oração.

Prática

■ Empregue adequada pontuação.

26. Rafael médico-gerente de laboratório criou um manual para emergências.
27. Esse empresário era casado com Heloísa uma ex-bailarina.
28. Na dúvida senhores jurados o réu deve ser favorecido.

Observe:

– Dizem que os homens decidem com o cérebro; as mulheres, com o coração.
– Alguns casos são encaminhados para os hospitais centrais; outros, para os centros de saúde.

Conclusão:

A vírgula substitui um verbo subentendido.

Prática

■ Virgule adequadamente.

29. Jaime estava feliz; Zeca tranquilo.
30. Vera compreendeu tudo; Cláudio quase tudo.
31. Sandra estava radiante; Rosa eufórica.

Observe:

– Esse caso, **por exemplo**, pode ser resolvido rapidamente.
– **Em suma**, sua função era visitar as sucursais.

Conclusão:

A vírgula separa termos ou expressões intercaladas que servem para resumir, incluir, excluir, retificar, exemplificar...

Prática

■ Virgule adequadamente.

32. Esses países inclusive o Sudão são governados por fundamentalistas.
33. Exceto você todos já sabiam das mudanças.
34. Em compensação o país tem batido recordes de crescimento econômico.

Observação:

Vírgulas para intercalação são permutáveis por parênteses ou travessões.

Preste atenção às seguintes frases, os parênteses estão substituídos por travessões (curtinhos por conta da intenção de síntese) e por vírgulas.

1ª O casal era confuso ***(ela mais do que ele), mas*** *fingia naturalidade.*
2ª O casal era confuso ***– ela mais do que ele –, mas*** *fingia naturalidade.*
*3ª O casal estava confuso****, ela mais do que ele, mas*** *fingia naturalidade.*

Atente que, nos dois primeiros exemplos, os parênteses e os travessões estão seguidos de vírgula, porque antecedem a conjunção coordenativa **mas**. No terceiro, não poderia haver duas vírgulas juntas.

Entre orações

Observe:

– Minha mãe faz curso de teatro, ouve palestras, atualiza-se.
– Houve algumas resistências, mas as colônias serão devolvidas.

Conclusão:

A vírgula separa orações coordenadas (exceto as iniciadas por *e*).

Prática

■ Virgule adequadamente.

35. Os lábios tentaram abrir-se num sorriso mas desistiram e fecharam-se.
36. Acordava tomava café lia o jornal e ia para o aeroporto.
37. Ele era metódico portanto não deixaria de telefonar.

Atenção:

Vírgula antes do e

, e

a) Quando se enfatiza o que se segue, seja termo ou oração:

Estava feliz, radiante, **e** agradecida

Ele disse com muita firmeza, **e** a convenceu.

b) Quando o **e** tem sentido de "mas":

Não estudou, **e** sabia tudo.

c) Se se repetir a conjunção **e** (polissíndeto).

Falou, **e** repetiu, **e** gritou, **e** chorou.

d) Para alguns gramáticos, se o sujeito da oração iniciada pelo **e** for diferente do da outra oração.

Ela chegou, **e** Renato fingiu não vê-la.

Vírgula antes do etc.

~~e~~ etc

"etc." é abreviatura de *et cetera*, que, em latim, significa "e o restante", expressão que começa com "e". Como não se enquadra em nenhuma das situações em que se usa vírgula antes do "e", o melhor é não usá-la.

Observe:

– Ronaldo, **que hoje tem 34 anos**, mudou muito.
– Os homens, **que são mortais**, julgam-se imortais.

Conclusão:

A vírgula separa da principal as orações subordinadas adjetivas explicativas.*

Prática

■ Use corretamente a vírgula.

38. O leite que contém cálcio é excelente alimento para as crianças que são desnutridas.
39. Meu pai que falava quatro línguas julgava-se superior às pessoas que só sabiam a língua materna.
40. Os empresários que vieram querem erguer grandes hotéis que atrairão turistas.

Atenção:

A vírgula nunca pode iniciar uma oração adjetiva restritiva (a que está sublinhada no exemplo seguinte), mas pode separar essa oração da que lhe vem após, mesmo quando separa o sujeito (As) do seu verbo (acabam percebendo).

1. As <u>que deixam de respeitar seus semelhantes por quaisquer supostas razões</u>, acabam percebendo que não o deveriam ter feito.
2. Os participantes <u>que ontem à noite nos procuraram</u>, voltaram hoje.

Explica-se essa possibilidade nos exemplos 1 e 2 quer pela extensão da restritiva quer pela opção por uma pausa respiratória. No exemplo 2, alega-se também a separação dos dois verbos vizinhos, pertencentes cada um a uma oração distinta.

Observe:

– **<u>Se</u> não houver empenho de todos**, não se encontrará uma solução.
– **<u>Quando</u> a editora estiver publicando tais trabalhos**, eu aplaudirei.

Conclusão:

A vírgula separa orações subordinadas adverbiais que antecedem a oração principal.

Prática

■ Virgule corretamente.

41. Para usufruir de todas as vantagens os turistas se dispõem a pagar mais.
42. Examinando-se a disputa atual nas capitais a proposta parece vir a calhar.
43. Confirmadas as informações divulgadas pelos jornalistas o jogador teve de desdizer-se.

* *Vide*, em *Análise Sintática Visual*, Período: Orações subordinadas adjetivas.

Observe:

– A democracia, **embora ainda seja imperfeita**, é o melhor sistema de governo.
– A mulher, **se for preciso**, dobra sua jornada de trabalho.

Conclusão:

A vírgula separa orações intercaladas.

Prática

■ Use adequadamente a vírgula.

44. O projeto apesar de merecer alguns reparos parece melhorar a vida do contribuinte.
45. Qualquer pessoa conforme se divulgou na imprensa terá acesso às informações sobre andamento de processos.
46. Nós para garantir nossos direitos contamos com a Justiça.

DOIS-PONTOS

(Pausa pouco maior que a vírgula, indicando frase inconclusa)

Usam-se dois-pontos para:

a. **introduzir uma fala, uma citação:**

A manchete estampava (:) "A mosca morreu!"

b. **anunciar uma enumeração**:

São três os suspeitos (:) o papagaio, a minhoca e o sapo.

c. **anunciar um esclarecimento ou explicação**:

Ele é impaciente (:) não sabe ouvir.

d. **introduzir exemplo(s)**:

...um monossílabo tônico (:) pé.

Prática

■ Com base nas ideias do quadro, assinale **a**, **b**, **c** ou **d** para as afirmações seguintes.

47. ( ) As palavras de origem grega, terminadas em **ma**, são masculinas: o teorema, o drama, o anátema...
48. ( ) De vez em quando, vinha-nos um pressentimento: o velho carpinteiro não estava morto, escondera-se de nós.
49. ( ) Compareceram todos: seu Lucas, padre Abílio, mestre Caetano...
50. ( ) O *maitre* recomendou: "Sirvam gelado".

PONTO E VÍRGULA

Usa-se ponto e vírgula para:

a. **separar orações que tenham vírgula(s) em seu interior**:

Ela agia correto ; ele, errado.

b. **separar itens de uma enumeração**:

O numeral pode:
indicar uma quantidade ;
denotar posição numa sequência ;
determinar número de vezes ;
indicar parte(s) de unidade.

c. **para enfatizar ideias adversativas ou conclusivas**:

Sofreu, mas não chorou. Estudou, portanto mereceu.
Sofreu ; mas não chorou. Estudou ; portanto mereceu.

Prática

■ Com base nas informações do quadro, assinale **a**, **b** ou **c** para as frases seguintes.

51. ( ) Ficamos atentos, esperando que ele viesse; mas ninguém veio.
52. ( ) Os erros eram pequenos, escassos; poderiam, portanto, ser relevados.
53. ( ) A cidade adormecia; a lua suave passeava lentamente; os grilos a festejavam; os sapos cadenciavam seus ritmos...

RETICÊNCIAS

São usadas as reticências para:

a. **indicar suspensão de uma ideia**:

"Ele e eu estávamos indo ... Mas, me diga primeiro, como você chegou até aqui?"

b. **denotar interrupção ou interrupções de fala para conotar hesitação, timidez**:

"É verdade que ... que estava ... estava lá, sim."

c. **denotar interferência da fala de um personagem na de outro**:

"– Mariana me disse ...
– Deixa isso p'ra lá!"

d. **realçar a expressão que se lhe segue**:

"Ela é uma grande ... cilada!"

e. **suprimir trechos de uma citação**:

"Ouviram do Ipiranga ... retumbante."

Nesse caso, usam-se também as reticências entre parênteses:

"Ouviram do Ipiranga (...) retumbante."

Prática

■ Com base no quadro das reticências, assinale a letra que mais se aproxima dos exemplos seguintes.

54. ( ) "As armas e os barões... espalharei por toda a parte." (Camões)
55. ( ) Eu quero... que você... que você se case comigo.
56. ( ) Teresa disse que ... Deixa p'ra lá: não interessa o que ela tenha dito.
57. ( ) Eu acho que você ficou... maluquinha por ele.
58. ( ) É... – adivinhe! – a sua melhor amiga.
59. ( ) – Você gosta dela ou...
– Gosto, com certeza.

TRAVESSÃO, ASPAS DUPLAS E ASPAS SIMPLES

Com base nos exemplos I, II e III, responda **C** ou **E** para as afirmações seguintes:

I – "Eu sofria já o começo de velhice – esta vida era só o demoramento." (J. Guimarães Rosa)

II – "Achei especial o jeito de João Concliz vir, ansiado cauteloso. Ação em que qualquer um anda – nessas semelhantes ocasiões – só encostado nas paredes – 'Você fica aqui, mais você, e você... Você dessa banda... Você ali, você aí acolá...' – arrumação ele ordenava." (J. Guimarães Rosa)

III – "Seu peito, ela recordava,
era branco, firme, polido – um marfim." (Cecília Meireles)

60. ( ) Em I, o travessão está usado em lugar de uma vírgula e introduz uma explicação.
61. ( ) Em II, o primeiro travessão serve para introduzir fala de personagem.
62. ( ) Em II, os dois primeiros travessões servem para destacar a expressão "nessas semelhantes ocasiões".
63. ( ) Em II, o terceiro travessão serve para introduzir fala de personagem.
64. ( ) Em II, ocorre o uso de aspas duplas e simples.
65. ( ) É indiferente o uso de aspas duplas ou simples. Podem-se usar umas ou outras indiferentemente.
66. ( ) Em II, as aspas duplas são usadas, como em I e III, para reproduzir fala de personagens.
67. ( ) Em II, usam-se as aspas simples para reproduzir a fala de um personagem.
68. ( ) Em II, se não houvesse as aspas duplas no início e no fim do texto, não se usariam as aspas simples.
69. ( ) Conclusão: aspas simples se usam dentro de aspas duplas.
70. ( ) Em III, o travessão está introduzindo um resumo das ideias anteriores.
71. ( ) Esse travessão poderia, sem mudança de significado, ser substituído por reticências.
72. ( ) Esse travessão poderia ser substituído por dois-pontos ou reticências.

Prática Geral

Instruções para as questões de números 73 a 76.

Os períodos abaixo apresentam diferenças de pontuação. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta.

73. a) Mas a raiva voltou, e ele teve vontade de devolver o incômodo presente.
    b) Mas, a raiva voltou e ele, teve vontade de devolver o incômodo presente.
    c) Mas a raiva voltou e, ele teve vontade de devolver o incômodo presente.
    d) Mas a raiva, voltou e ele teve, vontade de devolver o incômodo presente.
    e) Mas, a raiva voltou, e ele teve vontade, de devolver o incômodo presente.

74. a) Não sei do que você, está falando, deixe-me pois em paz.
    b) Não sei do que, você está falando: deixe-me, pois em paz.
    c) Não sei do que, você está falando; deixe-me pois, em paz.
    d) Não sei do que você está falando; deixe-me, pois, em paz.
    e) Não sei, do que você está falando, deixe-me pois, em paz.

75. a) As dúvidas, porém, permaneciam as mesmas, por mais que se tentasse esclarecê-las.
    b) As dúvidas porém, permaneciam as mesmas por mais que se tentasse esclarecê-las.

c) As dúvidas, porém permaneciam as mesmas por mais, que se tentasse esclarecê-las.
d) As dúvidas porém permaneciam, as mesmas, por mais que se tentasse esclarecê-las.
e) As dúvidas porém permaneciam as mesmas por mais que se tentasse esclarecê-las.

76. a) O velho professor vivia à parte com ar tristonho sempre, de livro na mão imerso na leitura.
b) O velho professor vivia, à parte com ar tristonho sempre, de livro, na mão, imerso na leitura.
c) O velho professor vivia à parte, com ar tristonho, sempre de livro na mão, imerso na leitura.
d) O velho professor vivia à parte com ar tristonho sempre de livro, na mão, imerso na leitura.
e) O velho, professor, vivia, à parte com ar tristonho, sempre de livro na mão imerso, na leitura.

77. Qual das sequências abaixo jamais admitirá, de acordo com as nossas gramáticas, o emprego de duas vírgulas?
a) O irmão meu que estava doente não chegou na hora.
b) Mesmo que tu chegues atrasado José não deixes de trazer as revistas que te emprestei sábado último.
c) A mulher se divide em quatro partes cabeça tronco membros e espelho.
d) Jamais lhe poderei dizer que isto se passou na casa de uma das mais tradicionais famílias da região os Mesquitas.
e) A muito custo após algumas horas disseram que não haviam chegado os impressos para formalizar a petição.

78. Dadas as afirmações:
I – Em "José, por não concordar com as ordens do chefe, retirou-se.", a supressão de uma das vírgulas constituirá erro, pois virá quebrar a concatenação da oração, por separar o sujeito do predicado.
II – Em "Disse ele muitas coisas e mais coisas teria dito se não fosse a carência de tempo.", é necessária a vírgula antes da conjunção aditiva para separar complementos de verbos diferentes.
III – Usa-se o ponto e vírgula para separar as partes principais de uma frase, sobretudo se longas, nas quais já existam elementos virgulados.
deduzimos que, de acordo com as normas de pontuação, pode(m) estar correta(s)
a) todas.
b) apenas a I.
c) apenas a II.
d) apenas a III.
e) apenas a I e III.

79. Assinale a opção cujos sinais, indicados entre parênteses, não permitem pontuação correta para as frases abaixo.
a) Se a felicidade é proporcional à renda é irrespondível a causa das máquinas se não a questão toda precisa ser examinada. (2 vírgulas e 1 ponto e vírgula)
b) "O mau médico encarece a enfermidade e não lhe dá remédio o mau conselheiro exagera os inconvenientes e não dá meio com que os melhorar." (3 vírgulas e 1 ponto e vírgula)
c) "O beijo das mulheres sérias é frio faz a gente espirrar o das mulheres ardentes gasta-nos os lábios... e o dinheiro." (1 dois-pontos e 1 ponto e vírgula)
d) Chamava-se Isolina a amiga que a consolava Piedade. (1 vírgula e 1 ponto e vírgula)
e) "Depois dos pais que recebem o nosso primeiro grito o solo pátrio recebe os nossos primeiros passos é um duplo receber que é duplo dar." (3 vírgulas e 1 dois-pontos)

80. Observe as frases abaixo quanto à pontuação. Quais as certas?
I – Muito estimado, como pássaro de gaiola dá o pintassilgo, quando cruzado, com o canário-do-reino, um híbrido chamado pintagol.
II – Muito estimado como pássaro de gaiola, dá o pintassilgo, quando cruzado com o canário-do-reino, um híbrido chamado pintagol.
III – Nas minas, no final do século XVIII, viviam-se momentos de insatisfação – a lembrança de um passado perdido –, que propiciaram novas atitudes e novos laços de solidariedade entre os homens.
IV – Nas minas – no final do século XVIII – viviam-se momentos de insatisfação: a lembrança de um passado perdido, que propiciaram novas atitudes e novos laços de solidariedade entre os homens.
V – Pênalti, ou penalidade máxima no futebol, é a falta máxima, dentro da grande área cometida por jogador que defende, que é punida, com um tiro direto – sem barreira, a onze metros do gol.
a) I, IV, V.
b) II, III.
c) II, IV, V.
d) I, III, V.
e) II, IV.

81. Dadas as sentenças:
I – O álbum que comprei contém mais de mil ilustrações.
II – Meu irmão comprou: uma casa, uma geladeira, uma televisão em cores e um gravador; por isso, está com dívidas.
III – É fácil destruir, difícil é construir mesmo que, para isso, tenhamos que nos sacrificar.
verificamos que está (estão) devidamente pontuada(s)
a) apenas a sentença I.
b) apenas a sentença II.
c) apenas a sentença III.
d) apenas as sentenças I e II.
e) todas as sentenças.

82. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Assinale a frase **correta** quanto à pontuação.
a) O parágrafo único do artigo 37, também trata da isenção do imposto em caso semelhante ao estudado.
b) A mãe do soldado implorara piedade, confidenciou-me o tenente; o general porém, mandou executar a sentença.
c) Eu para não ser indiscreto, retirei-me calmamente da sala, quando percebi que o assunto era confidencial.
d) Embora o doente não corresse mais perigo, os médicos resolveram mantê-lo em observação durante doze horas.
e) É alentador, o que os indicadores econômicos demonstram: uma retomada do desenvolvimento em São Paulo, o maior parque industrial brasileiro.

83. (ITA/Vest.) Assinale a opção em que, retirando-se a vírgula ou mudando-se a sua posição, **não** se obtém alteração de sentido.
a) Isso também pesa aos brasileiros, que têm carro a álcool.
b) Pediu que contemplássemos a bela visão, da ampla janela.
c) Mariana foi, logo Mário não pôde ir.
d) Como precisava de ajuda, procurou Maria, sua melhor amiga.
e) Obtivemos, em julho, os passaportes; só em dezembro, porém, é que viajamos.

84. (BRB/N.M./IDR) O cronista desprezou algumas prescrições sobre pontuação da norma culta da língua. Assinale a alternativa em que o trecho reescrito atende a tais regras.
a) Estou certo de que no futuro dentro de uns 500 anos, quando os atuais países desaparecerem do mapa, os universitários estudando civilizações pré-históricas, do século XX, ao serem chamados a falar, sobre o povo brasileiro perguntarão:
b) Estou certo de que, no futuro, dentro de uns 500 anos, quando os atuais países desaparecerem do mapa; os universitários, estudando civilizações pré-históricas do século XX, ao serem chamados a falar sobre o povo brasileiro perguntarão:
c) Estou certo de que, no futuro, dentro de uns 500 anos, quando os atuais países desaparecerem do mapa, os universitários, estudando civilizações pré-históricas do século XX, ao serem chamados a falar sobre o povo brasileiro, perguntarão:
d) Estou certo, de que no futuro – dentro de uns 500 anos – quando os atuais países desaparecerem do mapa, os universitários estudando civilizações pré-históricas do século XX, ao serem chamados a falar sobre o povo brasileiro, perguntarão:

85. (ALCL-DF/N.S./IDR) Marque o período no qual a supressão das vírgulas **não** acarreta modificação de sentido.
a) As discussões prolongaram-se por dias, para que todos pudessem dar sua opinião.
b) A emenda de alteração da Constituição, combatida pelos presidencialistas, ainda não foi a voto.
c) Os entendimentos desenrolaram-se bem, como se previa.
d) A convenção ocorre num momento particularmente difícil para os partidos, que entraram em crise existencial.

O texto abaixo foi transcrito com algum erro. Leia-o atentamente.

A universidade aberta pode ser implantada paulatinamente sem grandes investimentos fixos e já com capacidade para atender grandes públicos, simultaneamente no Distrito Federal e Entorno. Ao mesmo tempo, volta-se para atender a um público fundamental que, ao longo da história foi excluído dos níveis superiores de ensino – os trabalhadores e as camadas populares.

O projeto que ora apresentamos à Câmara Legislativa não tem a intensão de definir a estrutura da universidade. Entendemos que cabe ao GDF criar uma comissão de especialistas, com representantes de todos os segmentos da sociedade, para formular a proposta de estrutura e o programa-piloto da Instituição, no prazo de 120 dias após a publicação da lei. O GDF é quem reúne as melhores condições técnicas para coordenar a implantação de um projeto de tão grande envergadura.

(Deputado Carlos Alberto)

86. (ATCL-DF/N.S./IDR) Quanto às regras de pontuação, existe **erro** na linha
a) 3. b) 4. c) 9. d) 11.

87. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale o período **correto** quanto à pontuação.
a) O Poder Legislativo, na fase atual do processo democrático em marcha no País tende a se firmar, cada vez mais, na consciência da sociedade brasileira, segundo o presidente da Câmara Legislativa do DF.
b) O Poder Legislativo, na fase atual do processo democrático em marcha no País, tende a se firmar, cada vez mais, na consciência da sociedade brasileira, segundo o presidente da Câmara Legislativa do DF.
c) O Poder Legislativo na fase atual do processo democrático em marcha no País, tende a se firmar cada vez mais na consciência da sociedade brasileira, segundo o presidente da Câmara Legislativa do DF.
d) O Poder Legislativo, na fase atual do processo democrático em marcha no País, tende a se firmar, cada vez mais, na consciência da sociedade brasileira, segundo, o presidente da Câmara Legislativa do DF.

88. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale o período **correto** quanto à pontuação.
a) Nenhum brasileiro será extraditado, salvo o naturalizado, em caso de crime comum, praticado antes da naturalização, ou de comprovado envolvimento em tráfico ilícito de entorpecentes e drogas afins, na forma da lei.
b) Todos têm direito de receber dos órgãos públicos informações de seu interesse particular, ou de interesse coletivo ou geral, que serão prestadas no prazo da lei, sob pena de responsabilidade, ressalvadas aquelas, cujo sigilo, seja imprescindível à segurança da sociedade e do Estado.
c) São direitos sociais; a educação, a saúde, o trabalho, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados.

d) Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e estrangeiros residentes no País, a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade.

89. (ATCL-DF/N.S./IDR) A eliminação da vírgula em três das frases abaixo é possível, mas acarretaria alteração de seu sentido.
Assinale a alternativa em que essa eliminação **não** é possível, por tornar ilógica a frase.
a) A mesa, que está no meio da sala, é vermelha.
b) Dedico este livro aos estudantes de minha terra, que não se contentam com superficialidades.
c) Sorte foi ter-se quebrado meu braço esquerdo, que menos falta me faz que o direito.
d) O governador mandou suspender o pagamento dos funcionários, que estavam em greve desde maio.

90. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale o período **incorreto** quanto à pontuação.
a) O tempo de serviço público federal, estadual ou municipal será computado integralmente para os efeitos de aposentadoria e disponibilidade.
b) O tempo de serviço público federal, estadual ou municipal, será computado integralmente para os efeitos de aposentadoria e disponibilidade.
c) O tempo de serviço público federal, estadual ou municipal será computado, integralmente, para os efeitos de aposentadoria e disponibilidade.
d) O tempo de serviço público federal, estadual ou municipal será computado integralmente, para os efeitos de aposentadoria e disponibilidade.

91. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa em que a pontuação está **correta**.
a) Não se justifica que o ilustre Autor, querendo valorizar a nobre missão de ensinar, atribua aos professores um salário mínimo profissional de tão pouca expressão.
b) Não se justifica, que o ilustre Autor, querendo valorizar a nobre missão de ensinar; atribua aos professores um salário mínimo profissional, de tão pouca expressão.
c) Não se justifica que, o ilustre Autor, querendo valorizar: a nobre missão de ensinar, atribua aos professores um salário mínimo profissional de tão pouca expressão.
d) Não se justifica que o ilustre Autor querendo, valorizar a nobre missão de ensinar atribua, aos professores, um salário mínimo profissional, de tão pouca expressão.

92. (TFC-RJ/N.S.) Assinale a opção cujo período apresenta pontuação **correta**.
a) O Vice-Presidente da República, além de outras atribuições que lhe forem conferidas por lei complementar, auxiliará o Presidente sempre que, por ele convocado, para missões especiais.
b) O Vice-Presidente da República, além de outras atribuições, que lhe forem conferidas, por lei complementar, auxiliará o Presidente sempre que por ele convocado para missões especiais.

c) O Vice-Presidente da República, além de outras atribuições que lhe forem conferidas, por lei complementar auxiliará o Presidente, sempre que por ele convocado, para missões especiais.
d) O Vice-Presidente da República, além de outras atribuições, que lhe forem conferidas por lei complementar, auxiliará o Presidente sempre que, por ele convocado, para missões especiais.
e) O Vice-Presidente da República, além de outras atribuições que lhe forem conferidas por lei complementar, auxiliará o Presidente, sempre que por ele convocado para missões especiais.

93. (TFC-RJ/N.S.) Assinale o período **corretamente** pontuado.
a) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis, que, num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.
b) Os carros modernos, são feitos com chapas bastante flexíveis que, num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.
c) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis, que num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.
d) Os carros modernos são feitos, com chapas bastante flexíveis, que, num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.
e) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis que num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.

94. (Ag. Fc. Rend.-SP/N.S.) Assinale a letra correspondente ao período de pontuação **certa**.
a) Acredito que ele não venha; se, entretanto, vier, não o insulte.
b) Acredito que ele não venha; se, entretanto vier não o insulte.
c) Acredito que, ele não venha se, entretanto, vier não o insulte.
d) Acredito que ele não venha, se entretanto, vier não o insulte.

95. (AFRE-SP/N.S.) Assinale a letra correspondente ao período de pontuação **certa**.
a) Ao ser testada a nova rotina revelou-se, inócua, para provocar o desejado aumento, de produtividade.
b) Ao ser testada, a nova rotina, revelou-se inócua para provocar, o desejado aumento de produtividade.
c) Ao ser testada a nova rotina, revelou-se inócua para provocar, o desejado aumento de produtividade.
d) Ao ser testada, a nova rotina revelou-se inócua para provocar o desejado aumento de produtividade.

96. Assinale a frase **errada** quanto à pontuação.
a) A cigarra morre de frio e de fome no inverno.
b) César, chegou, viu e venceu.

c) A cigarra, símbolo da ociosidade, morre de frio e de fome no inverno.
d) Estudamos Português, Francês e Inglês.
e) Mocidade ociosa, velhice vergonhosa.

97. Assinale a opção em que o emprego da vírgula se justifica pela mesma regra que se aplica a "**Era dia de seu aniversário, e a esposa nem sequer o abraçara (...)**"
a) "Passada a surpresa, sentiu-se ainda mais borocochô: (...)"
b) "(...) tinha palavras amáveis, e o ditado da correspondência foi entremeado de suaves brincadeiras da parte dela."
c) "Engasgado, confessou-lhe que em parte nenhuma."
d) "Conteve-se, no prazer ansioso da espera."
e) "Saiu bem mais jovem do bar, e pegou-lhe do braço."

98. (FGV) "Mas a correlação de forças não lhes permite ir mais longe, e essa paralisia favorece o retorno dos acordos bilaterais ou regionais."
No trecho acima, utilizou-se corretamente a vírgula antes do E. Assinale a alternativa em que isso **não** tenha ocorrido.
a) A sentença foi prolatada, e as partes foram intimadas.
b) Os manifestantes desejavam falar com o juiz; chegaram à porta do tribunal e não entraram.
c) Fiz, e faria novamente tudo igual para ser aprovado no concurso.
d) Leio, e releio, e estudo, e me concentro: todos os esforços são poucos.
e) O procurador assinou o documento, e o advogado ficou satisfeito.

99. (Cespe – adaptado) Não se podendo repetir a relação sujeito-objeto, é forçoso afirmar que seria impossível a reprodução exata de qualquer situação de pesquisa, o que ressalta a importância da descrição do fenômeno e o caráter vivo dos postulados teóricos.
Com referência ao texto acima, julgue o item subsequente.
( ) Logo após "pesquisa", estaria gramaticalmente correto e coerente com o desenvolvimento das ideias do texto o emprego do travessão simples no lugar da vírgula.

100. (Cesgranrio) Qual o trecho cuja pontuação está correta?
a) Os monitores mais antigos contêm várias substâncias, como chumbo, bório e fósforo que podem provocar doenças.
b) Os monitores mais antigos contêm várias substâncias; como: chumbo, bório e fósforo, que podem provocar doenças.
c) Os monitores mais antigos contêm várias substâncias (como chumbo, bório e fósforo) que podem provocar doenças.
d) Os monitores mais antigos contêm várias substâncias, como chumbo, bório e fósforo; que podem provocar doenças.
e) Os monitores mais antigos, contêm várias substâncias – como chumbo, bório e fósforo – que podem provocar doenças.

Gabarito

Em verde: ortografia nova; em azul: ortografia antiga; em laranja: não houve alteração

I FONOLOGIA, DIVISÃO SILÁBICA E TRANSLINEAÇÃO

A	kõ	kis	ta	do	su	se	so	é	kes	tão	di	võ	ta	di
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15

1. m ã i
2. P ã u
3. m ã u
4. P a u
5. P a i s
6. P a i s
7. E
8. E
9. C
10. C
11. C
12. C
13. E
14. E
15. C
16. C
17. C
18. i – ĩ
19. ô – õ
20. ê – ẽ
21. u – ũ
22. a – ã
23. ê – é
24. ô – ó
25. c a i
26. c a i
27. l o u r o
28. l u a
29. C
30. C
31. C
32. E
33. C
34. C
35. E
36. b õ d e
37. b õ r o
38. M a r t e
39. n o r t e
40. E
41. C
42. E
43. C
44. C
45. C
46. E l a p a ss o u b ã i o v e s t i d o
47. C
48. E
49. C
50. E
51. C
52. E
53. C
54. C
55. C
56. c – e-gíp-cio, subs-tan-ti-vo
57. b – de-si-lu-são
58. c – per-cep-ção, in-ters-tí-cio
59. d
60. a
61. e
62. a
63. e
64. c – sub-tra-ir
65. d
66. c
67. c
68. c – u-ru-guai-o, sub-li-nhar ou su-bli-nhar
69. b
70. a
71. d
72. a – po-e-ti-sa

73. E
74. E
75. C
76. E – porque não se deve deixar vogal isolada sozinha numa linha; e não se devem separar os nomes próprios personativos.
77. C
78. E (puta)
79. E (nomes de pessoas)
80. E (vogal isolada)

2 ESTRUTURA E FORMAÇÃO DE PALAVRAS

1. C
2. E
3. C
4. C
5. C
6. C
7. E
8. C
9. C
10. C
11. E
12. C
13. E
14. C
15. C
16. C
17. C
18. E
19. E
20. C
21. C
22. C
23. E
24. C
25. C
26. C
27. E
28. C
29. E
30. C
31. C
32. C
33. E
34. C
35. C
36. E
37. E
38. C
39. C
40. C
41. C
42. C
43. C
44. C
45. C
46. C
47. E
48. C
49. C
50. E
51. C
52. C
53. C
54. C
55. E
56. E
57. C
58. E
59. C
60. C
61. E
62. C
63. E
64. C
65. E
66. C
67. E
68. C
69. C
70. E
71. C
72. C
73. E
74. E
75. C
76. E (*bíblion* = livro)

3 ORTOGRAFIA

Alfabeto (norma nova)

1. C
2. C
3. C
4. C
5. C
6. C
7. C
8. C
9. C
10. C

Uso das Letras

11. francês
12. japonesa
13. cortês
14. burguês
15. montanhês
16. camponesa
17. baronesa
18. princesa
19. consulesa
20. papisa
21. poetisa

22. profetisa
23. catequese
24. anáfase
25. hemoptise
26. meiose
27. hidrólise
28. simbiose
29. neurose
30. psicose
31. síntese
32. balizar
33. revezar
34. atraso
35. envasar
36. profetizar
37. civilizar
38. concretizar
39. anarquizar
40. dramatizar
41. banalizar
42. quis, quisesse
43. pôs, pusesse, puser
44. traz
45. diz
46. fiz, fizesse, fizer
47. cozi
48. causa
49. gêiser
50. maisena
51. náusea
52. Sousa
53. pousar
54. apreensão
55. pretensão
56. aspersão
57. imersão
58. inversão
59. diversão
60. aridez
61. aspereza
62. avareza
63. clareza
64. cupidez
65. estupidez
66. cessão
67. acesso
68. excesso
69. progresso
70. regresso
71. impressão
72. opressão
73. depressão
74. omissão
75. demissão
76. permissão
77. assilábico
78. assossegar
79. ressurgir
80. pressupor
81. sobressair
82. dessemelhante
83. atencioso
84. projeção
85. exceção
86. isenção
87. distinção
88. ereção
89. caução
90. louça
91. beiço
92. arcabouço
93. coice
94. feição
95. açafrão
96. açucena
97. almaço
98. paçoca
99. caçanje
100. açaí
101. faixa
102. ameixa
103. madeixa
104. trouxa
105. baixo
106. peixe
107. mexicano
108. mexilhão
109. mexerico
110. enxaguar
111. enxergão
112. enxerido
113. enxurrada
114. enxuto
115. almoxarife
116. oxalá
117. xadrez
118. caxambu
119. muxoxo
120. xavante
121. aragem
122. fuligem
123. malandragem
124. ferrugem
125. selvagem
126. penugem
127. adágio
128. estágio
129. plágio
130. egrégio
131. relógio
132. refúgio
133. Jê
134. jenipapo
135. jerimum
136. jirau
137. alforje
138. caçanje

Uso do Hífen *(norma antiga)*

139. bebida
140. nunca morta
141. sócio que não gasta
142. flor
143. flor
144. social e econômico
145 a 150. com hífen
151 e 152. com hífen
153. Manhuaçu
154. Mojiguaçu

155. altar-mor
156. capim-mirim
157. Manhumirim
158. Mojimirim
159. aquém-fronteiras
160. aquém-mar
161. além-túmulo
162. além-mar
163. recém-vindo
164. pró-leite
165. propor
166. pró-educação
167. prorrogar
168. pré-natal
169. pré-escola
170. pretender
171. pós-operatório
172. pospor
173. sem-vergonha
174. sem-terra
175. bem-querer/benquerer
176. bem-educado
177. bem-falante
178. soto-governador
179. vice-governador
180. vizo-governador
181. nuper-vindo
182. ex-amante
183. co-seno/cosseno
184. co-autor
185. pára-lama
186. pára-choque
187. grão-vizir
188. grã-cruz
189. bel-prazer
190. autoconfiante
191. autodefesa
192. auto-avaliação
193. auto-reconhecimento
194. contradizer
195. contra-indicar
196. contra-regra
197. extra-regimental
198. extraordinário
199. intra-hepático
200. infravermelho
201. infra-som
202. neoclássico
203. neo-simbólico
204. proto-histórico
205. pseudo-etimologia
206. pseudo-sábio
207. pseudociência
208. semi-árido
209. semidesértico
210. supra-renal
211. suprapartidário
212. ultra-humano
213. ultracorreto
214. antediluviano
215. ante-rosto
216. ante-sala
217. anti-herói
218. antidemocrata
219. anti-social
220. arquimilionário
221. arqui-secular
222. sobre-humano
223. sobressalente
224. sobressair ou sobre-sair (VOLP)
225. sobressaltar ou sobre-saltar (VOLP)
226. sobressaltear ou sobre-saltear
227. super-homem
228. super-humano
229. super-resistente
230. inter-resistente
231. superativo
232. superdotado
233. hiper-hedônico
234. hiper-hidrose
235. hiper-rugoso
236. hiper-rancoroso
237. circum-ambiente
238. circum-hospitalar
239. circunavegar
240. pan-hispânico
241. pan-americano
242. mal-humorado
243. mal-agradecido
244. mal-ajambrado/ malajambrado
245. pan-harmônico/ panarmônico
246. pan-africano
247. ad-referendar
248. ad-digital
249. ad-rogar
250. sub-raça
251. sub-região
252. sub-rogar
253. sub-base
254. sub-borato
255. subentender
256. subsecretário
257. sub-hepático/subepático
258. subárea
259. sub-humano/subumano
260. suboficial
261. ab-reação
262. ab-rogar
263. ob-rogar
264. ob-reptício
265. sob-roda
266. sob-rojar
267. abrupção/ab-rupcão
268. abrupto/ab-rupto
269. abruptela/ab-ruptela/
270. abruptipenado/ ab-ruptipenado
271. agridoce
272. ambidestro
273. audiovisual
274. auriverde
275. bissexual
276. homossexual
277. heterossexual
278. ortomolecular
279. minimercado
280. monofásico

281. odontopediatra
282. plurianual
283. poliesportivo
284. isotérmico
285. neurocirurgião
286. televendas
287. monomotorizado

Uso do hífen *(norma nova)*

288. luso-americano
289. afrodescendente
290. teutomania
291. teuto-germânico
292. eurocanal
293. euro-asiático
294. lusofonia
295. luso-moçambiquense
296. franco-angolano
297. francomaçonaria
298. ...devem ter hífen (segundo Evanildo Bechara, *Nova Ortografia*, pág. 91) e, por analogia, os iniciados por **gira**.
299. gira-mundo
300. gira-discos
301. girassol
302. para-brisa(s)
303. para-lama(s)
304. para-choque(s)
305. manda-tudo
306. manda-brasa
307. busca-pé
308. pontapé
309. mandachuva
310. guarda-chuva
311. madrepérola
312. madre-caprina
313. Abre-Campo
314. Rio de Janeiro
315. Quebra-Frasco
316. Todos-os-Santos
317. Três Rios
318. Entre-os-Rios
319. Trás-os-Montes
320. Trinca-Fortes
321. Pendura-Saia
322. Timor-Leste
323. Santa Cruz
324. Guiné-Bissau
325. América do Sul
326. Nova Guiné
327. sul-rio-grandense, rio-grandense-do-sul
328. norte-americano, americano-do-norte
329. porto-alegrense
330. belo-horizontino
331. cruzeirense-do-sul, sul-cruzeirense
332. indo-chinês
333. indochinês
334. centro-africano
335. centroafricano
336. E
337. C
338. C
339. pé de pato
340. baba de moça
341. papo de anjo
342. ponta de lança
343. Florianópolis-Curitiba-Uberlândia-Brasília
344. Brasil-Argentina-Paraguai
345. bálsamo-coral
346. bálsamo-de-cheiro
347. bico-de-papagaio
348. correto
349. bem-me-quer
350. malmequer
351. mata-pasto
352. mata-borrão
353. não-me-toques
354. correto
355. bola-de-neve
356. correto
357. copo-de-leite
358. correto
359. coerdeiro
360. deserdar
361. anti-humano
362. pré-história
363. contra-harmônico
364. inarmônico
365. desarmonia
366. super-harmonia
367. coabitar
368. desabitar
369. anistórico
370. anepático
371. a-histórico
372. anidro
373. eletro-higrometria
374. geo-história
375. inabilidoso
376. ultra-habilidoso
377. coabilidade
378. arqui-hipérbole
379. reaver
380. reouvera
381. reumanizar
382. reidratar
383. re, co, des, in, an
384. supra-auricular
385. contra-atestar
386. reeducação
387. cooperação
388. anti-ibérico
389. arqui-irmão
390. preexistir
391. auto-observação
392. micro-onda
393. semi-inconstante
394. ree, pree, coo, proo
395. circum-navegar
396. pan-hemisférico
397. circum-adjacência
398. circunvagar
399. pan-mágico
400. pan-americano
401. pampsiquismo

402. pan-nigeriano
403. pambrasileiro
404. circunvolução
405. circunlóquio
406. pan-harmônico
407. vogal, m, n
408. hiper-requinte
409. super-revista
410. sub-bloco
411. sub-bosque
412. sub-reitor
413. addsoniano (de addson)
414. pref. ab-rupto
415. adrenalina
416. adrenalite
417. adrenal, ad-renal
418. sub-rogar
419. sub-resfriar
420. abrupto (ou ab-rupto), adrenal (ou ad-renal), adrenalina, adrenalite
421. além-mar
422. aquém-divisa
423. além-pireneus
424. recém-casado
425. recém-nascido
426. sem-cerimônia
427. sem-vergonha
428. sem-número
429. bem-aventurado
430. bem-criado
431. benquerer, benfazer e derivados: benquisto, benquerença, benfeito, benfeitor; topônimos e derivados: Benfica, benfiquense, Bembom, bembonense, Bemposto, bempostano...
432. ex-padre
433. exportar
434. ex-presidente
435. expatriar
436. soto-piloto
437. sota-piloto
438. vizo-monarca
439. vice-presidente
440. pré-natal
441. pós-parto
442. pospor
443. pós-textual
444. postergar
445. pró-europeu
446. propor
447. pró-soviético
448. pré-gravação
449. pré-embrião ou preembrião
450. preeleger
451. pré-esclerose
452. preesclerótico/pré-esclerótico
453. preexistir
454. pré-eleição/preeleição
455. pré-eleito/preeleito
456. pré-eleitoral
457. pré-embrionário
458. pré-embrião/preembrião, mas só pré-embrionário; só pré-esclerose, mas pré-esclerótico/preesclerótico; só preeleger, mas pré-eleito/preeleito, pré-eleição/preeleição...
459. malcriado
460. malfalante
461. mal-amado
462. mal-afamado
463. mal-ajambrado
464. mal-entendido
465. mal-olhado ≠ mau-olhado
466. malvisto
467. correto
468. correto
469. correto
470. correto
471. correto
472. correto
473. correto
474. correto
475. correto
476. Manhumirim
477. Mogiguaçu
478. Ceará-Mirim
479. capim-açu
480. socó-açu
481. tatuaçu
482. cupim-açu
483. tuim-açu

(484) *arco-da-velha*, (485) *ao-deus-dará*, (486) *água-de-colônia*, (487) *à-queima-roupa*, (488) *pé-de-meia*, (489) *cor-de-rosa* e (490) *mais-que-perfeito* são exceções indicadas no Acordo Ortográfico, mas o VOLP também registra (491) *dois-por-dois*. (492) quase entendimento, (493) não agressão, (494) não vingança.

495. agronegócio
496. agromania
497. auricéfalo
498. auroferrífero
499. contravento
500. contraverdade
501. contrafluxo
502. ortofotografia
503. ortomorfismo
504. retrocarregar
505. protoplasma
506. protovértebra
507. aeroespacial
508. suprainventivo
509. autoinvestigação
510. termoelétrica
511. endoestesia
512. hidroavião
513. extrarregular
514. infrassom
515. minissaia
516. biorritmo
517. biossatélite
518. bissecular
519. microssistema
520. microrradiografia
521. circum- -navegar
522. super- -rádio

523. vice- -prefeito
524. soto- -mestre
525. bem- -humorado
526. pós- -graduado

Uso dos Porquês

527 e 528. por que (= por que motivo)
529. por que (... os ideais pelos quais lutamos)
530. por que (... o motivo pelo qual ele não compareceu)
531 a 535. por quê (motivo)
536. porquê
537. porquês
538. porquê
539. Porquês
540. porque (conj. causal)
541. porque (conj. explicativa)
542. porque (conj. final = para que)
543. porque (pergunta com resposta implícita)
544. Por que
545. porque, por que
546. Por quê?
547. porquê
548. porque
549. Por que
550. porque
551. por quê?
552. por que, por que, porquê, porque
553. porque
554. por que (pelo qual), porque (conj. explicativa = resposta)
por que (pelos quais)
555. porquês

Mau ≠ Mal

556. mau
557. maus
558. más
559. mal
560. mal
561. mal
562. E
563. E
564. C
565. C
566. C
567. E
568. C
569. C
570. C
571. Anpac, ONU, PIS
572. AC, AL, AP, AM, BA, CE, DF, ES, GO, MA, MT, MS, MG, PA, PB, PR, PE, PI, RJ, RN, RS, RO, RR, SC, SP, SE, TO
573. Em 2h e 20min, ele percorreu 250 km.
O ponto após km não é do símbolo, mas, como ponto final, apenas termina a frase.

Acentuação Gráfica (norma antiga)

574. nó – lê-lo – ri – cru – pó – nós – fi-lo – fá-lo – vós – cós – noz – pô-lo – mas – voz – cor – vez – vi – nu – má – vês
575. atrás – maio – buriti – através – apôs – você – contêm – camelo – cara – marcá-lo – detê-lo – impô-lo – decidi-lo – recém – porém
576. Porque os terminados em **ens**, para serem acentuados, devem ser oxítonos.
577. cáqui – item – itens – pênsil – pólem – tênis – hífen – hifens – tríceps – fáceis – órfão – polícia – ciência – ímã – nêutron
Obs.: Pelo Formulário Ortográfico, as palavras terminadas em ditongo crescente átono (cárie, água, polícia...) incluem-se na regra das proparoxítonas.
578. câmara – cálculo – falássemos – éramos – médico – trânsito – ínterim – veículo – fotógrafo – édito – úmido – abóbada
579. rói – dói – mói – paranóia – sequóia – geléia – aldeia – apóio ou apoio – chapéu – seu – reuzinho – assembléia
580. caí – caído – caíste – gratuito – cair – caindo – juízo – fluído – juiz – alaúde – balaústre – distribuí – Raul – reú-ne – tainha – rainha – concluí – construí-lo – proíbe – ateísmo
581. agüentas – enxagüei – argúem – apazigüei – tranqüilo – argúi ou argüi – obliqúe – cinqüenta – averigúe – eqüino ou equino – lingüiças – seqüestro – delinqüir – freqüentemente – argüimos – apazigúe
582. Ele provém do sul, mas seus pais provêm do leste.
583. Cada qual diz as coisas que lhe convêm.
584. Ele faz aquilo que lhe convém.
585. O que contêm estas caixas?
586. Os teóricos, agora, revêem os conceitos.

587. Eles provêem a despensa do necessário para uma semana.
588. Eles não descrêem sistematicamente.
589. Ele pára a todo instante para olhar o mapa.
590. Veja se você pára para pensar.
591. Por ordem médica, ela vai pôr um marcapasso por mês.
592. Passava a mão pelo pêlo do animal.
593. Ele se péla de medo pela amiga.

Prática Geral

594. c
595. b
596. a
597. d
598. a
599. c
600. a
601. c
602. a
603. d
604. a
605. a
606. b
607. a
608. d
609. c

Acentuação gráfica *(norma nova)*

610. tem
611. têm
612. juiz
613. juíza
614. também
615. paranoica
616. empáfia
617. sequestrador
618. arguem
619. arguí
620. Ataíde
621. argui
622. voo
623. frequente
624. tuiuiú
625. entretém
626. próximos
627. agueiro
628. amá-los
629. prendê-los
630. fá-lo-á
631. geleia
632. dóceis
633. pôr
634. por
635. claraboia
636. chapéus
637. heróis
638. pôde
639. instruí-lo
640. porém
641. pode
642. forma
643. última
644. fôrma
642. fôrma
643. última
644. forma
645. fóton
646. fótons
647. iândom
648. iândons
649. rádom
650. rádon
651. rádons
652. herôon
653. herôons
654. destróier
655. gêiser
656. blêizer
657. destróieres
658. gêizeres
659. blêizeres
660. taoismo
661. taoista
662. maoismo
663. maoista
664. hinduísmo

Prática

665. c
666. d
667. c
668. b
669. c
670. b
671. a
672. d
673. c
674. b
675. d
676. c
677. a
678. e
679. c
680. a
681. c
682. b
683. c
684. b
685. c
686. a
687. c
688. b
689. b
690. e
691. a
692. d
693. d
694. b
695. e
696. d
697. e
698. b
699. a
700. a
701. a
702. c
703. e

4 SUBSTANTIVO

1. b, d
2. a, d
3. a, c
4. a, d, e
5. a, d, e
6. a, d
7. a, c
8. b, d
9. c
10. d
11. b
12. a
13. C
14. E
15. C
16. c
17. a
18. b
19. leitora
20. pintora
21. atriz
22. governadora
23. imperatriz
24. cerzideira
25. remadora
26. aviadora
27. cantadora ou cantatriz
28. cantora, cantorina ou cantarina
29. embaixatriz (esposa) ou embaixadora (ocupante do cargo)
30. abadessa
31. diaconisa
32. sacerdotisa
33. episcopisa
34. papisa
35. profetisa
36. pitonisa
37. canonisa
38. druidesa, druidisa
39. baronesa
40. condessa
41. duquesa
42. consulesa
43. oficiala
44. alcaidessa ou alcaidina
45. prioresa ou priora
46. bacharela
47. cachorra
48. cadela
49. generala
50. giganta
51. hóspeda
52. elefanta (**aliá** para alguns; **elefoa** já em desuso)
53. pardoca, pardaloca, pardaleja
54. rapariga, moça
55. monja
56. râni ou rani
57. dogesa, dogaresa ou dogaressa
58. sílfide
59. marani
60. varoa, matrona, virago ou mulher
61. sandia
62. tabaroa
63. bode
64. carneiro
65. cupim
66. (ou javalina) javali
67. cavaleiro
68. cavalheiro
69. (ou veada) veado
70. burro
71. zangão ou zângão
72. rinoceronte
73. infanta (pode também ficar invariável)
74. governanta (também invariável)
75. presidenta (também invariável)
76. parenta (também invariável)
77. invariável

	MASCULINO	Ã	OA	ONA	OUTRAS
78.	aldeão	aldeã			
79.	alemão	alemã			
80.	anfitrião	anfitriã	anfitrioa		
81.	beirão		beiroa		
82.	bretão	bretã	bretoa		
83.	ermitão	ermitã	ermitoa		
84.	figurão			figurona	

	MASCULINO	Ã	OA	ONA	OUTRAS
85.	lebrão				lebre
86.	maganão				magana
87.	perdigão				perdiz
88.	respondão			respondona	
89.	sultão				sultana
90.	tecelão	tecelã	teceloa		
91.	valentão			valentona	
92.	vilão	vilã	viloa		

93. a
94. C
95. C
96. C
97. C
98. mesas
99. cafés
100. degraus
101. reféns
102. álbuns
103. jasmins
104. mares
105. colheres
106. gestores
107. xadrezes
108. raízes
109. cruzes
110. ardis
111. barris
112. fósseis
113. mísseis
114. animais
115. sóis
116. papéis
117. pauis
118. cidadãos
119. irmãos
120. cristãos
121. corações
122. frações
123. balões
124. pães
125. capelães
126. cães
127. bolões
128. filhões
129. verdões
130. órfãos
131. sótãos
132. órgãos

		ões	**ãos**	**ães**
133.	alão (cão de fila)	alões	alãos	alães
134.	alazão	alazões	—	alazães
135.	alcorão	alcorões	—	alcorães
136.	aldeão	aldeões	aldeãos	aldeães
137.	anão	anões	anãos	—
138.	ancião	anciões	anciãos	anciães
139.	bastião (baluarte)	bastiões	—	bastiães
140.	bênção	—	bênçãos	—
141.	capelão	—	—	capelães
142.	capitão	—	—	capitães

		ões	ãos	ães
143.	castelão	castelões	castelãos	castelães
144.	charlatão	charlatões	—	charlatães
145.	cidadão	—	cidadãos	—
146.	corrimão	corrimões	corrimãos	—
147.	deão (decano)	deões	deãos	deães
148.	ermitão	ermitões	ermitãos	ermitães
149.	escrivão	—	—	escrivães
150.	feijão	feijões	—	—
151.	fuão (fulano)	fuões	fuãos	—
152.	guardião	guardiões	—	guardiães
153.	hortelão	hortelões	hortelãos	—
154.	mão	—	mãos	—
155.	opinião	opiniões	—	—
156.	órgão	—	órgãos	—
157.	pagão	—	pagãos	—
158.	peão	peões	peãos	peães
159.	pião	piões	piãos	piães
160.	questão	questões	—	—
161.	rufião	rufiões	—	rufiães
162.	sacristão	—	sacristãos	sacristães
163.	sultão	sultões	sultãos	sultães
164.	tabelião	—	—	tabeliães
165.	verão	verões	verãos	—
166.	vilão	vilões	vilãos	—
167.	vulcão	vulcões	vulcãos	vulcães

168. ões
169. C
170. C
171. C
172. ananases
173. ingleses
174. ilhoses
175. os lápis
176. os oásis
177. os ônibus
178. peões + zinhos – peõezinhos
peãos + zinhos – peãozinhos
peães + zinhos – peãezinhos
179. papéis + zinhos – papeizinhos
180. cães + zitos – cãezitos
181. balões + zinhos – balõezinhos
182. aposta (′) – apostos (′)
183. porca (′) – porcos (′)
184. sogra (′) – sogros (^)
185. sogras (′)
186. bolhas (^)
187. rodas (′)

	SINGULAR	PLURAL	
		(^)	(′)
188.	abrolho (^)		abrolhos
189.	adorno (^)	adornos	
190.	almoço (^)	almoços	
191.	arroba (^)	arrobas	
192.	bolha (^)	bolhas	
193.	bolso (^)	bolsos	
194.	cachorro (^)	cachorros	
195.	caroço (^)		caroços
196.	cebola (^)	cebolas	
197.	choco (^)		chocos
198.	coco (^)	cocos	
199.	consolo (^)	consolos	
200.	contorno (^)		contornos
201.	corno (^)		cornos
202.	coro (^)		coros
203.	corpo (^)		corpos
204.	corvo (^)		corvos
205.	cota (′)		cotas
206.	dorso (^)	dorsos	
207.	esforço (^)		esforços
208.	esposa (^)	esposas	
209.	esposo (^)	esposos	
210.	estorvo (^)	estorvos	estorvos
211.	fogo (^)		fogos
212.	folha (^)	folhas	
213.	forno (^)		fornos
214.	foro (^)		foros
215.	fosso (^)		fossos
216.	globo (^)	globos	
217.	imposto (^)		impostos
218.	jogo (^)		jogos
219.	miolo (^)		miolos
220.	moda (′)		modas
221.	molho (′) (de chaves)		molhos

	SINGULAR	PLURAL	
		(^)	(′)
222.	molho (^) (de tomate)	molhos	
223.	morro (^)	morros	
224.	namoro (^)	namoros	
225.	olho (^)		olhos
226.	osso (^)		ossos
227.	ovo (^)		ovos
228.	peroba (′)		perobas
229.	pescoço (^)	pescoços	
230.	piloto (^)	pilotos	
231.	piolho (^)	piolhos	
232.	poço (^)	poços	poços
233.	polvo (^)	polvos	
234.	porto (^)		portos
235.	potro (^)	potros	
236.	povo (^)		povos
237.	reboco (^)	rebocos	
238.	reforço (^)		reforços
239.	repolho (^)	repolhos	
240.	roda (′)		rodas
241.	rogo (^)		rogos
242.	rolha (^)	rolhas	
243.	rolo (^)	rolos	
244.	rosto (^)	rostos	
245.	senhora (′)		senhoras
246.	socorro (^)		socorros
247.	sogra (′)		sogras
248.	sogro (^)	sogros	
249.	sopa (^)	sopas	
250.	sopro (^)	sopros	
251.	sova (′)		sovas
252.	suborno (^)	subornos	
253.	tijolo (^)		tijolos
254.	toco (^)	tocos	tocos
255.	toldo (^)	toldos	
256.	topo (^)	topos	
257.	tremoço (^)		tremoços
258.	troco (^)	trocos	trocos

259. furta-cores
260. quebra-mares
261. porta-bandeiras
262. pára-choques (nova ortografia: para-choques)
263. guarda-chuvas
264. cirurgiões-dentistas
265. tenentes-coronéis
266. couves-flores
267. amores-perfeitos
268. cabras-cegas
269. guardas-civis
270. guardas-noturnos
271. segundas-feiras
272. terças-feiras
273. meios-fios
274. bananas-maçã
275. canetas-tinteiro
276. navios-escola
277. peixes-boi
278. mangas-rosa
279. pães-de-ló (nova ortografia: pães de ló)
280. estrelas-do-mar
281. papos-de-anjo
282. babas-de-moça (nova ortografia: babas de moça)
283. grãos-de-bico
284. vice-presidentes
285. ex-diretores
286. ave-marias
287. grão-duques
288. sempre-vivas
289. abaixo-assinados
290. tico-ticos
291. tique-taques
292. reco-recos
293. corre-corres ou corres-corres
294. pisca-piscas ou piscas-piscas
295. pega-pegas ou pegas-pegas
296. frutas-pão ou frutas-pães
297. guardas-marinha ou guardas-marinhas
298. padres-nossos ou padre-nossos
299. salvos-condutos ou salvo-condutos
300. ruges-ruges ou ruge-ruges
301. os bota-fora
302. os louva-a-Deus
303. os disse-me-disse (nova ortografia: os disse me disse)
304. os leva-e-traz (nova ortografia: os leva e traz)
305. os pisa-mansinho
306. b
307. d
308. d
309. a
310. e
311. d
312. e
313. c
314. a
315. e
316. a
317. C
318. C
319. C
320. C
321. C
322. C
323. C
324. E
325. E
326. ovelhas leiteiras
327. lobos
328. peixes
329. camelos
330. uvas, bananas
331. bispos
332. professores, religiosos
333. vadios
334. navios de guerra
335. cabras
336. músicos
337. garimpeiros
338. peixes pequeninos
339. assassinos, malfeitores
340. sacerdotes
341. cardeais p/ escolher o Papa
342. cardeias com o Papa
343. atores
344. aviões
345. soldados, demônios
346. M
347. M
348. F
349. M
350. F
351. F
352. o
353. o
354. o
355. a
356. o
357. o/a
358. o
359. o
360. a
361. o/a
362. a
363. a
364. o
365. o
366. o
367. o/a
368. o
369. o
370. o
371. o

372. o
373. o
374. o
375. a
376. diaba, diabra, diáboa
377. deusa, deia, diva

5 ARTIGO

1. c
2. a
3. b
4. c
5. d
6. e
7. e
8. E
9. C
10. C
11. C
12. C
13. C
14. C
15. a, c
16. a, c
17. d
18. e
19. a, b, c
20. d

6 ADJETIVO

1. c
2. b
3. a
4. anexa
5. publicada
6. proibida
7. quite
8. final
9. grave
10. penosos
11. quites
12. quitados
13. velhos
14. luso-brasileiros
15. hispano-americanas
16. lítero-musicais (nova ortografia: literomusicais)
17. verde-claras
18. castanho-claros
19. azul-piscina
20. grafite-fosca
21. cinza-pérola
22. verde-mar
23. c
24. a
25. b
26. a
27. b
28. a
29. b
30. C
31. C
32. d (amicíssimo é o certo)
33. a
34. e (os prós e os contras)
35. d
36. E
37. E
38. C
39. C
40. C
41. E
42. E
43. C
44. d
45. d
46. e
47. b
48. a (**menor** é superioridade na qualidade de pequeno; é **mais** pequeno e não menos grande)
49. a (pior é **mais** mau e não menos bom)
50. c
51. acutíssimo
52. amaríssimo
53. antiquíssimo
54. aspérrimo
55. celebérrimo
56. crudelíssimo
57. dulcíssimo
58. docílimo
59. fidelíssimo
60. frigidíssimo
61. incredibilíssimo
62. integérrimo
63. libérrimo
64. minutíssimo
65. nigérrimo
66. nobilíssimo
67. prodigalíssimo
68. publicíssimo
69. superbíssimo
70. tetérimo
71. aquilino
72. ebúrnea
73. acrídeo
74. ígneo
75. leporinos
76. letal
77. hircino
78. capilar
79. bélicas

80. murina
81. anímico
82. columbino
83. cutânea
84. docente
85. discente
86. eólia
87. pluvial
88. fluvial
89. episcopal
90. glacial
91. gástrica e renal
92. áureo e argênteo
93. austral ou meridional
94. boreal ou setentrional
95. baiano e soteropolitano ou salvadorense
96. hierosolimitano
97. chinês, chim ou chino
98. judeu, judaico, judengo, judio
99. egípcio, egipcíaco, egipciano, egiptano

7 PRONOME

1. PA, PS, PS
2. PS, PA
3. PA, PA, PS
4 a 8. R, O, O
9. R, R, O
10. lhe, os
11. o
12. la
13. os
14. lhe
15. mim
16. ti, te
17. si, se
18. nós, nos
19. Ama-lo
20. Fê-los
21. qué-lo
22. to, ta, tos, tas
23. lho, lha, lhos, lhas
24. lho, lha, lhos, lhas
25. no-lo, no-la, no-los, no-las
26. vo-lo, vo-la, vo-los, vo-las
27. Dizem-na
28. Cumprem-nas
29. Põe-no
30. Põem-nos
31. eu
32. eu
33. eu
34. eu
35. consigo
36. consigo
37. com você
38. si
39. C
40. C
41. C
42. C
43. C
44. C
45. E
46. E
47. E
48. C
49. C
50. E
51. C
52. C
53. C
54. E
55. C
56. C
57. C
58. C
59. E
60. E
61. C
62. C
63. C
64. Você
65. Vossa Senhoria
66. Vossa Excelência
67. Vossa Excelência Reverendíssima
68. Vossa Magnificência
69. Sua Senhoria
70. Sua Reverendíssima
71. Sua Magnificência
72. Sua Excelência Reverendíssima
73. Sua Excelência
74. Vossa Senhoria **entende**...
75. Vossa Excelência **tem** todos os **seus** argumentos...
76. Este
77. Esse
78. Esse
79. Aquele
80. Aqueles
81. Esse
82. Este
83. isto, este, esta, estes, estas
84. isso, esse, essa, esses, essas
85. céu, montanhas
86. (1 aquelas; 2 essa; 3 este)
87. Desta vez serei eu que decidirei meu futuro.
88. O crítico elogiou o filme de que (do qual) Paulo Autran participou.
89. O autor cuja obra foi condenada vive na clandestinidade.

90. Passaram as férias na praia onde (em que/na qual) se conheceram.
91. As tribos, que tiveram contato com a civilização, foram dizimadas por doenças.
92. que (eu) vi
93. de quem (eu) falei
94. por quem (eu) procurava
95. em quem (eu) pensava
96. cujo filho (eu) conheço
97. Chegou a mãe do rapaz a qual encontramos no cinema.
98. Chegou a mãe do rapaz o qual encontramos no cinema.
99. Este é o quarto da casa com o qual Julieta sonha.
100. Este é o quarto da casa com a qual Julieta sonha.
101. A filha de Paulo, a qual fugiu ontem, está sem paradeiro definido.
102. A filha de Paulo, o qual fugiu ontem, está sem paradeiro definido.
103. Qual o seu nome?
104. Quem os apoiaria?
105. Quantos virão para o jantar?
106. O que procuras aqui?
107. a
108. c
109. d
110. b
111. Rasgaram-me a roupa.
112. Confiscaram-lhe(s) os bens.
113. Isso nos roubou a vontade.
114. b
115. c
116. a
117. e
118. d
119. Quem, tudo, tudo
120. Alguns, várias
121. Muitas, pouco
122. Certas
123. Cada, quanto
124. Cada qual
125. Quem quer que, cada um
126. seja quem for
127. A gente, todo mundo, a gente
128. b
129. a
130. a
131. d
132. a
133. A resposta que o examinador esperava era a letra c. Entretanto, a letra b também pode ser respondida, desde que se considere o período como optativo (Tomara que Sua Excelência se sinta à vontade...)
134. b
135. a
136. c
137. b
138. d
139. a/d (até 21/12/2012)
140. e
141. c
142. c
143. b
144. c
145. e
146. a
147. c
148. b
149. d
150. isso
151. isto
152. este
153. Estes
154. essas
155. este
156. aqueles, estes
157. esse
158. Aquele, este
159. Esta, aquelas
160. Aquele, este, esse
161. Este, aquela
162. E
163. E
164. C
165. E
166. C
167. E
168. C
169. C
170. essa, nesta

8 NUMERAL

1. C
2. C
3. E
4. C
5. C
6. C

	Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
7.	um	primeiro, primário, primo	———	———
8.	dois	segundo, secundário	dobro, duplo, dúplice	meio, metade
9.	três	terceiro, terciário	triplo, tríplice, trino	terço
10.	quatro	quarto, quarternário	quádruplo	quarto
11.	cinco	quinto	quíntuplo	quinto
12.	seis	sexto	sêxtuplo	sexto
13.	sete	sétimo, setenário	sétuplo	sétimo
14.	oito	oitavo	óctuplo	oitavo
15.	nove	nono	nônuplo	nono
16.	dez	décimo	décuplo	décimo
17.	onze	undécimo, décimo primeiro	undécuplo	onze avos
18.	doze	duodécimo, décimo segundo	duodécuplo	doze avos
19.	treze	décimo terceiro	———	treze avos
20.	catorze	décimo quarto	———	catorze avos
21.	quinze	décimo quinto	———	quinze avos
22.	dezesseis	décimo sexto	———	dezesseis avos
23.	dezessete	décimo sétimo	———	dezessete avos
24.	dezoito	décimo oitavo	———	dezoito avos
25.	dezenove	décimo nono	———	dezenove avos
26.	vinte	vigésimo	———	vigésimo / vinte e ... avos
27.	trinta	trigésimo	———	trigésimo / trinta e... avos
28.	quarenta	quadragésimo	———	quadragésimo / quarenta e...avos
29.	cinquenta	quinquagésimo	———	quinquagésimo / cinquenta e...avos
30.	sessenta	sexagésimo	———	sexagésimo / sessenta e...avos
31.	setenta	se(p)tuagésimo	———	se(p)tuagésimo / setenta e...avos
32.	oitenta	octogésimo	———	octogésimo / oitenta e... avos
33.	noventa	nonagésimo	———	nonagésimo / noventa e ...avos
34.	cem	centésimo	cêntuplo	centésimo / cento e... avos
35.	duzentos	ducentésimo	———	ducentésimo / duzentos e... avos
36.	trezentos	tricentésimo, trecentésimo	———	tricentésimo, trecentésimo / trezentos e... avos
37.	quatrocentos	quadringentésimo	———	quadringentésimo / quatrocentos e... avos
38.	quinhentos	quingentésimo	———	quingentésimo / quinhentos e... avos
39.	seiscentos	seiscentésimo, sexcentésimo	———	seiscentésimo/sexcentésimo / seiscentos e... avos
40.	setecentos	se(p)tingentésimo	———	se(p)tingentésimo / setecentos e... avos
41.	oitocentos	octingentésimo	———	octingentésimo / oitocentos e... avos
42.	novecentos	nongentésimo, noningentésimo	———	nongentésimo, noningentésimo / novecentos e... avos
43.	mil	milésimo	———	milésimo
44.	milhão	milionésimo	———	milionésimo
45.	bilhão	bilionésimo	———	bilionésimo
46.	trilhão	trilionésimo	———	trilionésimo

47. E
48. C – noningentésimo(a) é forma variável de nongentésimo(a).
49. C
50. E
51. E
52. C
53. C
54. C
55. E (Variam em número: duas década(s) mi-lhar(es))
56. C
57. C
58. C
59. C
60. vinte e quatro milhões, cento e trinta e dois mil, quatrocentos e trinta e seis
61. vinte e dois bilhões, trezentos e trinta e três milhões, quatrocentos e trinta e dois mil, cento e vinte e três
62. C
63. C
64. nove mil e cinquenta e seis
65. nove mil e seis
66. nove mil, cento e cinquenta e seis
67. nove mil, trezentos e vinte
68. nove mil e trezentos
69. um terço
70. dois terços
71. cinco oitavos
72. um oitavo
73. três onze avos
74. um vigésimo
75. sete trigésimos
76. quatro trinta e três avos
77. onze ducentésimos
78. treze duzentos e vinte avos
79. E
80. C
81. E
82. C
83. C
84. C
85. C
86. C
87. E
88. C
89. C
90. onze
91. segundo
92. sexto
93. vinte
94. décimo
95. décimo
96. onze
97. décimo
98. onze
99. primeiro
100. nono
101. dez
102. vinte e cinco
103. primeiro
104. dois
105. vinte e cinco
106. trinta e um
107. um
108. um
109. um
110. um
111. um
112. dois
113. nove
114. vinte e dois
115. dez
116. milésimo se(p)tingentésimo quinquagésimo sétimo
117. quadringentésimo octogésimo sexto
118. oito bilhões, setecentos e vinte e três milhões, oitocentos e quarenta e seis mil, cento e vinte e três reais e trinta e cinco centavos
119. cinco ducentésimos
120. dezoito por cento
121. E (trezentas)
122. E (5 de outubro)
123. C
124. C
125. E (um décimo)
126. E (décimo)
127. E (décimo oitavo)
128. E (quadragésima segunda)
129. C (forma cartorial)
130. Sim, a expressão "nem um" é mais enfática, tem mais energia que "nenhum".

9 VERBO

1. C
2. E
3. E
4. C
5. C
6. C

7. E
8. E
9. C
10. C
11. C
12. C
13. C
14. C
15. C
16. E
17. C
18. C
19. C
20. C
21. C
22. C
23. C
24. E
25. C
26. C
27. C
28. C
29. C
30. E
31. C
32. C
33. C
34. C
35. a, c, b
36. b, a, a
37. C
38. C
39. C
40. C
41. C
42. C
43. C
44. C
45. C
46. C
47. C
48. E
49. C
50. C
51. C
52. C
53. C
54. C
55. C
56. E (compramos)
57. E (compram)
58. C
59. E (puderem)
60. E (compram)
61. C
62. E (chegaram)
63. C
64. C
65. E (chegue)
66. E (tivesse)
67. C
68. C
69. C
70. E (terias chegado)
71. C
72. E (saísse)
73. C
74. C
75. E (chovesse ou fizesse)
76. E (estivessem)
77. E (estiverem)
78. C
79. C
80. C
81. E
82. E
83. C
84. C
85. E
86. C
87. E
88. C
89. E
90. C
91. C
92. C
93. C
94. 1 e 3
95. 2
96. 2
97. 1 e 3
98. Pode entender-se que cada um se molha, ou que um molha o outro e por ele é também molhado, isto é, pode haver só ação reflexiva ou só ação recíproca.
99. Quando se quer expressar reciprocidade, usa-se um advérbio esclarecedor: Eles se molham **mutuamente** (ou **reciprocamente**, ou **um ao outro**...).
100. E
101. C
102. C
103. C
104. C
105. C
106. C
107. C
108. C
109. C
110. E
111. C
112. C
113. C
114. C
115. C
116. C
117. Um presente é trazido por ela.
118. Soluções serão trazidas por ela.
119. Perfume era trazido por ela.
120. Perfumes seriam trazidos por ela.
121. Uns presentes estiveram sendo trazidos por ela.

122. Um presente estará sendo trazido por ela.
123. Uns presentes estariam sendo trazidos por ela.
124. Um presente deverá estar sendo trazido por ela.
125. Procurava-se solução.
126. Pedir-se-ia um favor.
127. Fabricar-se-ão barco aqui.
128. Procuravam-se soluções.
129. Pedir-se-iam uns favores.
130. Fabricar-se-ão barcos aqui.
131. C
132. C
133. E
134. C
135. E
136. C
137. C
138. C
139. Voz ativa
140. Voz passiva. Procuram-se líderes
141. Voz ativa
142. Voz passiva. Não se falavam verdades
143. Voz ativa
144. Voz passiva. Sacou-se a caneta
145. Voz passiva. Focaram-se dois tatus
146. Voz ativa
147. C
148. C
149. C
150. C
151. C
152. C
153. C
154. C
155. C
156. C
157. E
158. C
159. E
160. C
161. C
162. C
163. C
164. C
165. C
166. C
167. C
168. C
169. C
170. C
171. C
172. C
173. C
174. C
175. C
176. C
177. E
178. C
179. C
180. C
181. C
182. C
183. C
184. C
185. E
186. C
187. C
188. C
189. E
190. C
191. C
192. C
193. C
194. C
195. C
196. C
197. E
198. C
199. C
200. C
201. C
202. C
203. C
204. C
205. C
206. C
207. C
208. E
209. C
210. C
211. C
212. C
213. C
214. C
215. E
216. E
217. C
218. C
219. C
220. C
221. C
222. C
223. C
224. C
225. C
226. C
227. C
228. C
229. C
230. C
231. C
232. C
233. E
234. C
235. C
236. C
237. C
238. C
239. C
240. C
241. C
242. C
243. C
244. C

245. C
246. E
247. C
248. C
249. ame, leia, fuja
250. ames, leias, fujas
251. ame, leia, fuja
252. amemos, leiamos, fujamos
253. ameis, leiais, fujais
254. amem, leiam, fujam
255. C
256. E
257. C
258. C
259. C
260. C
261. E
262. C
263. C
264. C
265. corre – corras
266. corra – corra
267. corramos – corramos
268. correi – corrais
269. corram – corram
270. Namore, vibre, corra, pule, divirta-se à vontade.
271. Não namores, não vibres, não corras, não pules, não te divirtas à vontade.
272. Diverti-vos, mas não vos esgoteis.
273. pudera – quando puder – se eu pudesse
274. puderas – puderes – pudesses
275. pudera – puder – pudesse
276. pudéramos – pudermos – pudéssemos
277. pudéreis – puderdes – pudésseis
278. puderam – puderem – pudessem
279. quisera – quiser – quisesse
280. vira – vir – visse
281. viera – vier – viesse
282. houvera – houver – houvesse
283. coubera – couber – coubesse
284. C
285. C
286. C
287. C
288. C
289. E
290. C
291. C
292. E
293. C
294. C
295. C
296. ajo – agi – agiria – R
297. caibo – coube – caberia – I
298. creio – cri – creria – I
299. enxáguo – enxaguei – enxaguaria – R
300. vou – fui – iria – I
301. faço – fiz – faria – I
302. mobílio – mobiliei – mobiliaria – R
Obs.: também existem:
Mobilar: mobilo, mobilei, mobilaria – R
Mobilhar: mobilho, mobilhei, mobilharia – R
303. pulo – poli – poliria – I
304. pulo – pulei – pularia – R
305. possuo – possuí – possuiria – R
306. posso – pude – poderia – I
307. quero – quis – quereria – I
308. requeiro – requeri – requereria – I
309. sou – fui – seria – I
310. sumo – sumi – sumiria – R
311. C
312. C
313. E
314. C
315. C
316. C
317. E
318. E
319. E
320. C
321. C
322. C
323. C
324. C
325. C
326. C
327. C
328. C
329. C
330. C
331. C
332. C
333. C
334. C
335. C
336. C
337. C
338. C
339. E
340. C
341. C
342. C
343. C
344. C
345. E
346. C
347. C
348. C
349. C
350. E – O verbo "estar" não forma voz passiva.
351. C

352. C
353. E
354. E
355. C
356. C
357. E
358. C
359. C
360. C
361. C
362. C
363. C
364. C
365. C
366. C
367. C
368. C
369. E
370. C
371. C
372. C
373. C
374. E
375. C
376. E
377. C
378. C
379. C
380. C
381. E
382. C
383. E
384. C
385. C
386. C
387. C
388. C
389. C
390. C
391. E
392. C
393. E
394. C
395. E
396. C
397. C
398. C
399. C
400. C
401. E
402. C
403. C
404. C
405. C
406. C
407. C
408. E
409. C
410. C
411. C
412. C
413. C
414. E
415. C
416. C
417. C
418. i, i, i, a, a, i
419. C
420. C
421. E
422. C
423. C
424. C
425. E
426. C
427. C
428. C
429. E
430. C
431. C
432. C
433. C
434. C
435. C
436. C
437. C
438. C
439. C
440. E
441. C
442. C
443. C
444. E
445. C
446. C
447. C
448. E
449. C
450. C
451. E
452. C
453. C
454. C
455. C
456. C
457. E
458. C
459. C
460. C
461. C
462. C
463. C
464. C
465. C
466. C
467. C
468. C
469. C
470. C
471. C
472. C
473. E
474. C
475. C
476. C
477. C
478. E
479. C
480. C
481. C
482. C
483. C
484. C
485. C
486. C

487. C
488. C
489. C
490. C
491. C
492. C
493. C
494. C
495. proveste, proveu, provera, proveras, provesse, provesses, provido.
496. C
497. C
498. C
499. C
500. C
501. C
502. C
503. C
504. C
505. C
506. C
507. C
508. C
509. C
510. C
511. E
512. C
513. C
514. C
515. C
516. C
517. C
518. C
519. C
520. C
521. C
522. C
523. C
524. C
525. C
526. C
527. C
528. C
529. C
530. E
531. C
532. C
533. C
534. C
535. C
536. C
537. C
538. C
539. C
540. C
541. C
542. C
543. C
544. E
545. C
546. C
547. C
548. E
549. E
550. C
551. C
552. C
553. C
554. C
555. C
556. C
557. C
558. C
559. C
560. E
561. C
562. E
563. C
564. C
565. C
566. C
567. E
568. C
569. C
570. C
571. C
572. C
573. C
574. C
575. C
576. C
577. C
578. C
579. C
580. E
581. C
582. C
583. C
584. C
585. C
586. C
587. C
588. C
589. C
590. C
591. C
592. C
593. C
594. C
595. C
596. C
597. C
598. C
599. C
600. Vai com Deus, sê feliz e, quando saíres, fecha a porta.
Ide com Deus, sede felizes e, quando sairdes, fechai a porta.
601. recupero – reouve
602. reouvemos – recupera
603. expressado/expresso – exprimido/expresso
604. extinguido/extinto – suspendido/suspenso
605. frigido/frito – aberto
606. abrir
607. vir/direi
608. interveio/quis/propusera
609. averigúe/mobílio
Obs.: existe também: mobilar e mobilhar regulares

610. vier/puder
611. frase correta
612. vier
613. vir/vier (verbo ver e vir)
614. vimos
615. vieres
616. vir
617. vires/vier
618. vimos/viemos
619. vier
620. vir
621. vieres
622. vierdes
623. virem
624. vierem
625. c
626. b
627. e
628. e
629. f
630. a
631. a
632. a
633. b
634. d
635. b
636. pret. imperf. indicativo
637. imperativo afirmativo
638. infinitivo
639. pret. imperf. do subjuntivo
640. pret. imperf. do indicativo
641. gerúndio
642. pret. perf. do indicativo
643. pret. perf. do indicativo
644. futuro do subjuntivo
645. pres. do subjuntivo
646. futuro do presente
647. pret. perfeito do indicativo
648. E
649. C
650. E
651. C
652. C
653. C
654. C
655. C
656. C
657. mantive-me
658. contivesse
659. reouve
660. C
661. C
662. (tu / você)
663. C
664. C
665. C
666. valha/valer
667. possa/puder
668. queira/quiser
669. requeira/requerer
670. ponha/puser
671. veja/vir
672. caiba/couber
673. tenha/tiver
674. trague/tragar
675. traga/trouxer
676. saiba/souber
677. remedeie/remediar
678. formos/opuseram
679. virdes/dobreis
680. vieres/trouxeste
681. propuser/intervenha
682. revirem/mantiverem
683. interveio/compuseram
684. será
685. desavieram
686. d
687. b
688. a) A grosseria de Deus me feriu e insultou-me.
b) A grosseria de Deus me ferira e insultara-me.
689. vires / vires / vires
690. b
691. a
692. a
693. e
694. d
695. e
696. e
697. c
698. d
699. b
700. a
701. c
702. e
703. d
704. c
705. d
706. a) Se compraste a máquina, jura-o.
b) Se compuseste um poema, dize-o (ou di-lo).
707. b
708. e
709. e
710. Não saias daqui! Não fujas! Não abandones o que é teu e não me esqueças.
711. a) reouver;
b) compuser
712. c
713. b
714. c
715. d
716. b
717. b
718. a
719. c
720. d
721. b
722. b
723. d
724. c
725. d
726. e
727. b
728. e
729. E (somam > apresentam; somaram > apresentaram)

10 ADVÉRBIO

1. A menina alta cantava alto.
2. As meninas altas cantavam alto.
3. Eram muitos problemas.
4. Eram problemas muito fáceis.
5. muito pouca – muito pouco admirada
6. E
7. C
8. C
9. E
10. C
11. C
12. E
13. E
14. C
15. C
16. C
17. C
18. E
19. C
20. b
21. e
22. a
23. g
24. f
25. f
26. c
27. d
28. b
29. c
30. d
31. a
32. c
33. d
34. b
35. E
36. E
37. C
38. C
39. E
40. C
41. C
42. C
43. C
44. C
45. C
46. C
47. C
48. E
49. C
50. C
51. C
52. C
53. C
54. C
55. E
56. C
57. C
58. C
59. C
60. C
61. C
62. E
63. C
64. C
65. C
66. C
67. C
68. C
69. C
70. C
71. E

	Adv.	Classif.	Loc.Adv.	Classif.
72.	nunca tão	tempo e negação intensidade		
73.	lá	lugar		
74.	tão cedo	intensidade tempo	Por que	causa
75.	Não onde como	negação lugar modo		
76.	Talvez não quando	dúvida negação tempo		
77.			da Espanha	lugar
78.	muito pouco	intensidade intensidade		
79.	bastante	intensidade		
80.	Meio	intensidade		

11 PREPOSIÇÃO

1. d
2. a
3. e
4. c
5. b
6. i
7. h
8. d
9. c
10. b
11. a
12. g
13. f
14. e
15. j
16. k
17. a
18. b
19. a
20. b
21. b (está subentendido o verbo: *"menos eu (vou)."*
22. c
23. ao/pelo
24. à/pela – com
25. no
26. dessa
27. àquelas
28. para
29. sem
30. por
31. c (ler, falar **sobre** um assunto)
32. d (a ideia é de causa: tiritavam por causa do frio)

12 CONJUNÇÃO

1. C
2. C
3. C
4. C
5. E
6. C
7. C
8. C
9. C
10. C
11. C
12. E
13. C
14. C
15. C
16. C
17. C
18. C
19. c
20. b
21. e
22. e
23. a
24. b
25. c
26. d
27. 3 – 10
28. 5
29. 1 – 8
30. 2 – 8
31. 4 – 5
32. 6 – 10
33. 7 – 5
34. 9
35. C
36. E
37. C
38. C
39. C
40. E
41. C
42. i – n
43. l – m
44. o – c – o
45. o – b – o
46. k
47. h – a – i
48. g – f
49. e – j
50. d – l

13 INTERJEIÇÃO

1. b
2. d
3. e
4. c
5. g
6. f
7. a
8. h
9. j
10. i
11. E
12. C
13. C
14. C
15. E
16. C
17. C
18. C
19. C
20. E "Oh! não me chames assim."

14 SEMÂNTICA

1. d
2. c
3. c
4. d
5. c
6. d
7. a
8. b
9. c
10. d
11. a
12. d
13. c
14. b
15. e
16. e
17. a
18. b
19. d
20. c
21. f
22. e
23. eminente – iminente
24. despercebido
25. discrição
26. prescreveu
27. proscreveu
28. tráfego
29. 1
30. 6, 2
31. 6
32. 6, 1
33. 2
34. 5
35. 5
36. 6
37. 2
38. 1
39. 1
40. 1
41. 2
42. 1
43. 2
44. 2, 1
45. 1, 2
46. 3, 2
47. 2
48. 2, 1
49. 2, 1
50. 2, 1
51. 2, 1
52. 1, 2
53. 2, 1
54. 3
55. 1
56. 2
57. 2, 1
58. 3, 2, 1
59. b
60. c
61. e
62. b
63. a
64. a
65. d
66. b
67. a
68. a
69. e
70. e
71. b
72. a
73. b
74. d
75. d
76. C
77. E
78. C
79. C
80. Amazônia

15 CONCORDÂNCIA NOMINAL

1. C
2. C
3. C
4. C
5. E
6. C
7. E
8. C
9. E
10. os / o
11. os / a
12. as / a
13. os / os
14. os / os
15. os / o
16. o
17. a
18. as
19. os
20. os
21. os
22. os
23. os
24. os
25. os
26. as
27. o

28. Estes
29. Elas
30. as
31. es
32. as
33. as
34. os
35. os
36. sós/só
37. as
38. as
39. as
40. as
41. as
42. os
43. quaisquer
44. os
45. C
46. E
47. C
48. C
49. C
50. E
51. C
52. s – os – os
53. s – as – as
54. s – os
55. o – o
56. o – o
57. o – o
58. ∅
59. a – a – ∅
60. ∅ – s
61. a – a – ∅ – as
62. l – l
63. l – is
64. l – is
65. is – is
66. is – l
67. os
68. os
69. o – o
70. o
71. a – a
72. el
73. eis
74. el
75. el
76. eis
77. el
78. eis
79. eis
80. C
81. C
82. C
83. C
84. E
85. C
86. vistos/visto
87. vistos/vista
88. vistos/vistos
89. vistos/vistas
90. azuis
91. cinza
92. azul-claros
93. azul-marinho
94. verde-mar
95. verde-garrafa
96. cor de safira
97. azul-celeste
98. novos/as
99. brasileiros/a
100. táticos/o
101. honestos
102. bovina
103. belos
104. bom
105. proibido
106. permitida
107. claros
108. autores
109. necessário
110. ovalado
111. meia (hora)
112. meias
113. meio
114. anexos
115. merecedora
116. mesmas
117. mesmo
118. mesmo
119. sós
120. só
121. quite – quites
122. leso – lesa
123. tais qual
124. juntos – junto
125. anexas
126. alerta
127. menos
128. menos
129. salvo
130. salvos
131. pseudo – pseudo
132. baratas – barato
133. caras – caro
134. possíveis
135. claros possível
136. funcionário competentes
137. maravilhosa
138. maravilhoso
139. vistos/o
140. longes – longe
141. cauteloso
142. cautelosos
143. necessária
144. meia – meio
145. bastante – bastantes
146. alerta
147. tal quais
148. Santo

16 CONCORDÂNCIA VERBAL

1. amos – am
2. as – o
3. ais – a
4. am
5. am
6. emos
7. emos
8. eis (ou ão)
9. ão
10. am/a
11. am/a
12. am
13. á
14. á
15. a/am
16. a/am
17. a/am
18. a/am
19. fazem
20. impressionaram
21. aproximem-se
22. Procure
23. casará
24. é
25. amedrontaram
26. amedrontou
27. fizeram
28. viemos
29. fez
30. vim
31. acertaram/ou
32. atingem/e
33. noticiou
34. pediram
35. sorria/m
36. calou/aram
37. entendeu/eram
38. casará
39. reclamou/aram
40. venceram
41. vencemos
42. vencestes
43. chamou/ei
44. chamou/aste
45. chamou/amos
46. chamou/astes
47. convidou/aram
48. cantou/aram
49. sairão/eis
50. compreendem/emos
51. fará
52. fará
53. quebrou/aram
54. surgiu/iram
55. pode
56. duvida
57. duvidam
58. passaram
59. estudou
60. atuaram/ou
61. Entraram
62. passaram
63. surpreende
64. enfeitiçam
65. enfeitiça
66. atravessa
67. haja/m
68. haja
69. haja
70. consertam
71. cobrem
72. Afia
73. Fala
74. Procurava
75. Discute
76. Era – sabia
77. chegou
78. entenderam
79. virá
80. soou
81. batia
82. deu
83. C
84. C
85. E
86. E
87. C
88. C
89. E
90. C
91. e
92. b
93. c
94. d
95. a
96. C
97. C
98. E
99. C
100. E
101. C
102. C
103. Basta
104. Faz
105. haverá
106. Há
107. Hão
108. Vai
109. Vai
110. Havia
111. Existiam
112. Devem
113. Deve
114. Chovia
115. Choviam
116. é
117. são
118. são
119. era/m
120. é/são
121. eras
122. sereis
123. é
124. será
125. é
126. era

127. É
128. Serão
129. Eram
130. São
131. é/são
132. era/m
133. foi
134. era
135. é que – foi – que
136. é que – será – que
137. é que – serão – que
138. c
139. b (quinhentas)
140. sobraram
141. ganha/mos
142. Faltaram – houvesse
143. Voltamos/aram
144. resolveram
145. convenceu
146. concordou/aram
147. será
148. serão
149. sereis/ão
150. almoçaremos
151. concordaram
152. concorda
153. concordam/ais
154. embolaram
155. Havia
156. Haviam
157. existiam
158. nasciam
159. deporá/ão
160. foi/foram
161. Passou/aram
162. tivestes/tiveram
163. poderá
164. acreditou
165. comovem/e
166. fica/m impotente/s
167. prejudica/m
168. fez/fizeram
169. podem
170. pode
171. demoveu/ram
172. prepararam
173. preparou
174. chegou/aram
175. saiu/ram
176. cantava/m
177. convence/m
178. está/ão
179. cumprimentam
180. entende/m
181. sumiram
182. venceremos
183. venceriam
184. é que
185. é que
186. venceria/m
187. venceu/emos
188. concordou/aram
189. chegarão/emos
190. chegarão/eis
191. falou
192. levantou/aram
193. estão
194. estão/está
195. estão
196. gritavam
197. apresentaram
198. continua
199. continuam
200. haja/m
201. haja
202. Procurava
203. Procuravam
204. pensava
205. fazem
206. bateu
207. ajuda
208. pareciam
209. parecia
210. é primeiro
211. serão – foi
212. e
213. d
214. d
215. a
216. a
217. a
218. a
219. d
220. d
221. a
222. b
223. d
224. c
225. b (mesma Petrópolis)
226. d
227. e
228. b
229. c
230. d
231. a
232. E
233. C
234. C
235. E
236. C
237. E
238. C
239. E
240. C
241. C
242. C
243. E
244. E
245. C
246. C
247. C
248. C
249. C
250. C
251. E
252. E
253. E
254. E
255. E
256. C
257. E
258. e
259. b
260. e

17 REGÊNCIA

1. C
2. C
3. C
4. E
5. C
6. C
7. C

Regência Verbal

8. C
9. C
10. C
11. aos
12. à
13. a
14. a ele
15. por
16. -no
17. ao
18. o
19. à
20. a ele
21. nela
22. ao
23. a
24. aos/os
25. a ela
26. os
27. aqueles/àqueles
28. as/às
29. por
30. E
31. C
32. C
33. C
34. ∅
35. às
36. aos
37. da
38. ∅
39. ao
40. o – do
41. de – ∅
42. ∅
43. em
44. ∅
45. Esta medida não implica aumento de custo.
46. ... implicava comigo.
47. ... implicou a mudança...
48. C
49. C
50. C
51. C
52. C
53. C
54. E
55. C
56. a
57. de
58. a
59. o – do
60. a/da
61. E
62. E
63. C
64. ∅*
65. ∅*
66. ∅*
67. aos
68. a
69. a
70. às
71. o
72. ao
73. a que
74. os
75. a
76. aos
77. ∅ – a
78. ∅ – a
79. ∅ – a
80. E
81. C
82. C
83. o
84. aos
85. que
86. que
87. ao
88. a que
89. ∅
90. ∅
91. ao – ∅ (a primeira é mais aceita)
92. tu – ti
93. eu – mim
94. eu – tu

As construções consideradas melhores são 95 e 98.

99. E
100. C
101. C Ele pedia (permissão) a José para sair.
102. C
103. Não perguntou o de que falávamos.
104. Não sei o em que pensar.
105. C
106. E
107. C
108. C
109. C
110. Havemos ou hemos pensado, havíamos dito.

* Normalmente a resposta é sem preposição, a não ser que o texto dê a entender que o sujeito namore uma pessoa, ao lado ou em companhia de outra.

111. Como vocês houveram tanto dinheiro?
112. Como eu me houve na festa?
113. Tu vais haver-te com ela. Tu te vais haver com ela.
114. Hemos ou havemos admiração por você.
115. Vós havíeis por correta aquela fala.
116. Vós houvestes por bem concordar.
117. as
118. lhe
119. lhe
120. a
121. lhe
122. a ele
123. a ela, a
124. Aceito seu protesto, mas não concordo com ele.
125. Amo meus filhos e lutarei por eles.
126. Oração correta.
127. Conheço as leis e obedeço a elas.

Regência Nominal

128. C
129. C
130. C
131. E
132. C
133. C
134. C
135. C
136. Ele é contrário a metiras e impaciente com elas.
137. aos
138. por
139. por
140. de
141. de
142. C
143. E
144. C
145. C
146. E
147. C
148. E
149. C
150. E
151. C
152. E
153. C
154. E
155. C
156. C
157. C
158. C
159. C
160. E
161. C
162. C
163. E
164. E
165. C
166. E
167. C
168. E
169. C
170. E
171. C
172. E
173. C
174. a
175. a (~~lhe~~, a ele)
176. d
177. e
178. b
179. c
180. a
181. a
182. d
183. b

18 COLOCAÇÃO OU TOPOLOGIA PRONOMINAL

1. a
2. a
3. b
4. a
5. b
6. a
7. a
8. b
9. a
10. a
11. a
12. a
13. a
14. a
15. a
16. a
17. a
18. a
19. a
20. a
21. a
22. a, c
23. a
24. a
25. a
26. a
27. a
28. a
29. a
30. a
31. a
32. a
33. a

34. a
35. a
36. a
37. a
38. E
39. E
40. C
41. E
42. E
43. C
44. C
45. C
46. b
47. b
48. b
49. b
50. b
51. b
52. b
53. b
54. C
55. C
56. C
57. C
58. E
59. C
60. E
61. C
62. C
63. C
64. Resposta pessoal
65. A forma 1
66. C
67. E (pronome reto)
68. E (pronome reto)
69. C
70. C
71. C
72. E (pronome reto)
73. E (pronome reto)
74. E (pronome reto)
75. C
76. C
77. E
78. E
79. C
80. E
81. C
82. C
83. E
84. C
85. E
86. 67, 72, 78, 83, 84
87. e
88. a
89. d
90. b
91. b
92. c
93. 2
94. 2
95. 2
96. 2
97. 1
98. 2
99. 1
100. 1
101. 1
102. 1
103. 1, 4
104. 1
105. 1
106. 1, 3
107. 2
108. 2, 4/5
109. 1/2
110. 1
111. 1/2
112. 1
113. 1
114. 1
115. 1
116. 1
117. 2
118. 1
119. 1
120. 2
121. 1
122. 1
123. 2
124. Ser-me-á bastante fácil.
125. Beijá-la-ei mais.
126. Perdoar-te-ei.
127. Trar-me-ás resposta.
128. Fá-lo-á bem.
129. Por-nos-emos a seu dispor.
130. e
131. d
132. a

19 CRASE

1. E
2. C
3. E
4. C
5. C
6. C
7. do
8. ao
9. daquele
10. C
11. C
12. E
13. C
14. C
15. E

16. C
17. C
18. E (**aquele** e **aquilo** não são femininos e podem ter crase)
19. C
20. C
21. a
22. à
23. a
24. às
25. E
26. C
27. C
28. ...à procura de ... À medida que ... à proporção que ...
Àquela hora ... à farta ... às claras ... às escondidas ... às pressas ... à larga.
29. ... à padaria, à manicura, à modista ... à repartição ... à estação a tempo ... a levaria a Recife ... a Portugal ... à (ou a) Espanha, à (ou a) França, à (ou a) Inglaterra, à (ou a) Holanda e a Israel ... a primeira vez, a Europa ... à (ou a) África.
30. à
31. a
32. às
33. As
34. a
35. às
36. àquele ... à que
37. a cuja
38. àquilo
39. aquela ... a que
40. a belas casas = casas vagas, indefinidas, generalizadas.
às belas casas = casas definidas na cabeça do emissor e do receptor.

41 e 42. As segundas frases, pela presença do artigo definido, dão ideia de maior concretude, maior proximidade real, maior intimidade com o que se nomeia (a casa).

43. até, até ao
44. até, até à
45. até, até àquele
46. C
47. C
48. C
49. E
50. C
51. C
52. C
53. E
54. C
55. C
56. C
57. E
58. Quando se usa o artigo definido, o campo semântico do substantivo fica definido, especificado, bem conhecido de emissor e receptor. É o caso das segundas frases: **à** Ester, **à** Marlene, **ao** Ernesto. Nas primeiras frases, Ester, Marlene e Ernesto, por **não** terem artigo definido, têm um sentido vago, mais distante, menos íntimo.
59. b, c
60. C
61. C
62. à
63. à
64. A crase é da **preposição a** com o **artigo feminino a**. Antes de masculino, não se usa artigo feminino.
65. Antes de verbo não se usa artigo feminino.
66. Antes de pronomes pessoais não se usa artigo.
67. Antes de pronomes de tratamento não se usa artigo, exceto Madame, Senhora, Senhorita e Dona.
68. E
69. C
70. E
71. C
72. E
73. C
74. C
75. C
76. obrigatória: à (compare com o exercício 69)
77. obrigatória: à (compare com o exercício 69)
78. obrigatória: à (compare com os exercícios 71 e 73)
79. facultativa: a/à (compare com os exercícios 74 e 75)
80. Porque não pode haver artigo definido antes de artigos ou pronomes indefinidos.
81. a
82. a
83. a
84. a
85. Porque não pode haver artigo definido antes de pronome demonstrativo.

86. Porque não há artigo. Se antes de plural houvesse artigo, teria o artigo que estar no plural: Refiro-me **às** pessoas.
87. à
88. a
89. a
90. A, a
91. à, à
92. a, à, a
93. a/à, a, a, às/a
94. a, a
95. a, a (Se for **ao** Júpiter, será, por paralelismo, **à** Minerva. Mas pode-se quebrar o paralelismo. *Vide* página 371).
96. a
97. à porta
98. a casa, à/a sua mãe
99. à, à
100. a este, àquele
101. à/a, à, à
102. à casa dos pais
103. a
104. à, à, à, à
105. a, a, a
106. à/a, à
107. a, a
108. a, à
109. à, à, a
110. Às, à
111. a, à, a
112. À medida que ... à/a Dona ... à Senhorita ... à Madame.
113. a enorme depressão ... a Brasília ... a pessoas ... às irmãs de seu pai.
114. à, à, à
115. às
116. à
117. às
118. a
119. a
120. a
121. a
122. c
123. c
124. c
125. b
126. a
127. b
128. e
129. a
130. a
131. d
132. a

20 PONTUAÇÃO

1. C
2. C
3. C
4. E
5. C
6. C
7. C
8. C
9. E
10. C
11. É necessário lealdade, honestidade, coragem, desprendimento.
12. Nós o encontramos alegre, bem disposto e descansado.
13. Toda criança precisa de carinho, de atenção, de educação.
14. Consciente de sua responsabilidade, o advogado pediu tempo para estudar.
15. A empresa, premida pelas dificuldades, quase fechou as portas.
16. O ministro, ainda doente, voltou a despachar em seu gabinete.
17. No Primeiro Mundo, boicotes costumam dar resultados.
18. A televisão, na noite de sexta-feira, revelou as causas do acidente.
19. Os técnicos tentaram, apesar dos empecilhos, explicar o raro fenômeno.
20. Um caso assim, é preciso estudá-lo cuidadosamente.
21. Aos turistas, não lhes importa como chegarão até lá.
22. O contrato, convém assiná-lo o quanto antes.
23. O mesmo estudo, porém, mostra que a situação pode melhorar.
24. Essa não é, contudo, a prática na companhia.
25. Já vai longe o tempo da censura; direi o que quiser, pois.
26. Rafael, médico-gerente de laboratório, criou um manual para emergências.

27. Esse empresário era casado com Heloísa, uma ex-bailarina.
28. Na dúvida, senhores jurados, o réu deve ser favorecido.
29. Jaime estava feliz; Zeca, tranquilo.
30. Vera compreendeu tudo; Cláudio, quase tudo.
31. Sandra estava radiante; Rosa, eufórica.
32. Esses países, inclusive o Sudão, são governados por fundamentalistas.
33. Exceto você, todos já sabiam das mudanças.
34. Em compensação, o país tem batido recordes de crescimento econômico.
35. Os lábios tentaram abrir-se num sorriso, mas desistiram e fecharam-se.
36. Acordava, tomava café, lia o jornal e ia para o aeroporto.
37. Ele era metódico, portanto não deixaria de telefonar.
38. O leite, que contém cálcio, é excelente alimento para as crianças que são desnutridas.
39. Meu pai, que falava quatro línguas, julgava-se superior às pessoas que só sabiam a língua materna.
40. Os empresários que vieram querem erguer grandes hotéis, que atrairão turistas.
41. Para usufruir de todas as vantagens, os turistas se dispõem a pagar mais.
42. Examinando-se a disputa atual nas capitais, a proposta parece vir a calhar.
43. Confirmadas as informações divulgadas pelos jornalistas, o jogador teve de desdizer-se.
44. O projeto, apesar de merecer alguns reparos, parece melhorar a vida do contribuinte.
45. Qualquer pessoa, conforme se divulgou na imprensa, terá acesso às informações sobre andamento de processos.
46. Nós, para garantir nossos direitos, contamos com a Justiça.
47. d
48. c
49. b
50. a
51. a/c
52. a/c
53. b
54. e
55. b
56. a
57. d/b
58. d
59. c
60. C
61. E
62. C
63. C
64. C
65. E
66. C
67. C
68. C
69. C
70. C
71. E
72. C
73. a
74. d
75. a
76. c
77. d
78. e
79. b
80. b
81. d
82. d
83. e
84. c
85. a
86. b
87. b
88. a
89. c
90. b
91. a
92. e
93. a
94. a
95. d
96. b
97. b (orações de sujeitos diferentes ligadas por **e**)
98. (a) e (e) C, sujeitos diferentes
(b) E, oração adversativa
(c) C, ênfase
(d) C, polissíndeto
99. C
100. c

Bibliografia

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa**. São Paulo: Global, 2009.

ALMEIDA, N. M. de. **Gramática Metódica de Língua Portuguesa**. 40. ed. São Paulo: Saraiva, 1995.

BECHARA, E. **A Nova Ortografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. rev. e ampl. 14. reimpressão. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BRASIL, Presidência da República. **Manual de Redação da Presidência da República**. Gilmar Ferreira Mendes [*et al.*]. Brasília: Presidência da República, 1991.

CAMARA JR., J. M. **Manual de Expressão Oral e Escrita**. Petrópolis: Vozes, 1986.

———. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

CEGALLA, D. P. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. 41. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1998.

CRUZ, J. M. da. **Português Prático: Gramática**. 29. ed. São Paulo: Melhoramentos, s/d.

CUNHA, C. F. da. **Gramática da Língua Portuguesa**. 11. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1985.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DORNELLES, J. A. F. **A Gramática do Concursando**. 2. ed. Brasília: Vestcon, 1996.

FERNANDES, F. **Dicionário de Regimes de Substantivos e Adjetivos**. 23. ed. São Paulo: Globo. 1995.

———. **Dicionário de Verbos e Regimes**. 40. ed. São Paulo: Globo, 1995.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.

FERREIRA, A. B. de H.; PEREIRA, M. da C. **Novo Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1961.

GARCIA, O. M. **Comunicação em Prosa Moderna**. 12. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1985.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KURY, A. da G. **Ortografia, Pontuação, Crase**. 2. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1986.

LIMA, R. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 15. ed. refundida. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1972.

LUFT, C. P. **Dicionário Prático de Regência Nominal**. São Paulo: Ática, 1992.

———. **Dicionário Prático de Regência Verbal**. São Paulo: Ática, 1993.

———. **Gramática Resumida**. 8. ed. Porto Alegre: Globo, 1978.

———. **Grande Manual de Ortografia Globo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1989.

———. **Novo Guia Ortográfico**. 18. ed. Porto Alegre – Rio de Janeiro: Globo, 1986.

MELO, G. C. de. **Gramática Fundamental da Língua Portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.

MESQUITA, R. M.; MARTOS, C. R. **Gramática Pedagógica**. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1980.

OITICICA, J. **Manual de Análise**. 2. ed. 1923.

REIS, O. **Breviário da Conjugação de Verbos**. 38. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1978.

RIBEIRO, M. P. **Gramática Aplicada da Língua Portuguesa**. 20. ed. Rio de Janeiro: Metáfora, 2011.

Formato
17,5 x 21,5cm

Mancha
13 x 17,5cm

Papel
Pólen soft

Gramatura
80 g/m^2

Número de páginas
442

Impressão e acabamento

Vestcon

SEPN 509 Ed. Contag 3º andar CEP 70750-502 Brasília/DF
SAC: (61) 3034 9588 Tel.: (61) 3034 9576 Fax: (61) 3347 4399
www.vestcon.com.br

Ernani Pimentel

Objetivo Conquistado
Simplifica o ensino da Língua Portuguesa, fazendo o estudioso entender, com profundidade e clareza, suas construções e significados.

Finalidade
Preparação para a vida toda e para qualquer tipo de concurso de nível médio e superior, vestibular, PAS, OAB, ENEM...

Método
A prática é o caminho para o bom uso e entendimento das estruturas linguísticas. O estudante é levado constantemente a interagir com o autor e assume, de maneira ímpar, uma postura claramente ativa no processo ensino-aprendizagem que se baseia em mais de 3.400 exercícios resolvidos de concursos e outras provas de âmbito nacional, estadual, distrital e municipal, realizadas até o ano em curso.

Recursos
O leitor é constantemente desafiado a considerar certas ou erradas as afirmações agrupadas. Com isso, constrói seu raciocínio, organizado e claro, sobre Fonologia, Morfologia, Concordância, Regência, Colocação, Crase, Pontuação e Princípios Estruturais das Frases, tudo o de que precisa para expressar-se bem, sem a necessidade de conhecer com profundidade Análise Sintática.

Recurso Extra
Videoaulas com o autor na internet.
Visite o *site* www.vestcon.com.br e assista às aulas ministradas pelo próprio autor, com direito a desconto pela aquisição deste livro.

Por tudo isso, você não precisa descascar a laranja, tirar-lhe a pele, separar os caroços. Nós lhe oferecemos o suco pronto. Saboreie-o.

LLP14

ISBN 978-85-381-0671-5

9 788538 106715

www.Vestcon.com.br

ELSEVIER

MARCELO ROSENTHAL

Gramática para Concursos

Teoria e mais de 1000 questões

6ª Edição

SÉRIE PROVAS & CONCURSOS

- Livro em duas cores para facilitar o aprendizado

Inclui:

- Questões recentes de concursos para fixação

CAMPUS CONCURSOS

Selo de Qualidade
ANPAC
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PROTEÇÃO E APOIO AOS CONCURSOS

Cadastre-se em **www.elsevier.com.br** para conhecer nosso catálogo completo, ter acesso a serviços exclusivos no site e receber informações sobre nossos lançamentos e promoções.

MARCELO ROSENTHAL

Gramática para Concursos

Teoria e mais de 1000 questões

6ª Edição

SÉRIE PROVAS & CONCURSOS

CAMPUS
CONCURSOS

© 2013, Elsevier Editora Ltda.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Revisão: Irênio Silveira Chaves
Editoração Eletrônica: SBNigri Artes e Textos Ltda.
Epub: SBNigri Artes e Textos Ltda.

Coordenador da Série: Sylvio Motta

Elsevier Editora Ltda.
Conhecimento sem Fronteiras
Rua Sete de Setembro, 111 – 16º andar
20050-006 – Centro – Rio de Janeiro – RJ – Brasil

Rua Quintana, 753 – 8º andar
04569-011 – Brooklin – São Paulo – SP – Brasil

Serviço de Atendimento ao Cliente
0800-0265340
atendimento1@elsevier.com

ISBN 978-85-352-7045-7
ISBN (versão eletrônica) 978-85-352-7046-4

Nota: Muito zelo e técnica foram empregados na edição desta obra. No entanto, podem ocorrer erros de digitação, impressão ou dúvida conceitual. Em qualquer das hipóteses, solicitamos a comunicação ao nosso Serviço de Atendimento ao Cliente, para que possamos esclarecer ou encaminhar a questão.
Nem a editora nem o autor assumem qualquer responsabilidade por eventuais danos ou perdas a pessoas ou bens, originados do uso desta publicação.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Rosenthal, Marcelo
Gramática para concursos / Marcelo Rosenthal. – 6. ed. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.
584 p. – (Provas e concursos)

R727g ISBN 978-85-352-7045-7

1. Língua portuguesa – Gramática. 2. Língua portuguesa – Problemas, questões, exercícios. 3. Serviço público – Brasil – Concursos. I. Título.

13-2116. CDD: 469.5
CDU: 811.134.3'36

Dedicatórias

À minha mulher Vânia, à minha filha Júlia, aos meus pais Cláudio (in memoriam) e Edwiges (in memoriam), à minha irmã Edwiges Maria e família, a todos os meus grandes amigos, sobretudo Maurício Bueno. Também não posso deixar de lembrar-me de três amigos tão importantes na minha vida: Mauro Lasmar, Maria Suely da Silva e José Ricardo Pereira Ribeiro – os quais me deram a flor mais bela do meu pequeno jardim.

À memória do meu grande amigo Marco Aurélio Ribeiro de Brito, companheiro da pelada à Copa do Mundo.

Agradecimentos

Ao amigo e professor Paulo Paranhos, que não fez somente um trabalho de revisão, como também emitiu opiniões sobre a teoria, ofereceu-me soluções para problemas que se apresentaram, além de muito gentilmente fazer o prefácio deste livro.

À minha amiga e assistente Lilian Furtado, que colaborou bastante com pesquisa de questões de provas, digitação, revisão e formatação do texto.

Por fim, ao meu grande amigo Fernando Figueiredo, por quem nunca neguei nutrir grande admiração e de quem, em conversas informais, "arranquei" importantíssimas informações sobre a nossa língua. A objetividade de seu trabalho aliada a um grande conhecimento teórico é, para mim, um norte.

O Autor

Marcelo Rosenthal

- Formado em Letras (Português-Alemão) pela UFRJ.
- Ex-professor de Língua Portuguesa do União Concursos.
- Ex-professor de Língua Portuguesa do Pré-Concursos.
- Ex-professor de Língua Portuguesa da Degrau Cultural.
- Ex-professor de Língua Portuguesa do Curso Gabarito.
- Ex-professor de Língua Portuguesa do Curso Metta.
- Ex-professor de Língua Portuguesa do Curso Decisum.
- Professor de Língua Portuguesa da Academia do Concurso Público.
- Professor de Língua Portuguesa da Companhia dos Módulos.
- Técnico Judiciário do Tribunal Regional do Trabalho da Primeira Região.
- Professor em aulas telepresenciais disponíveis pela internet do curso Concurso Virtual – www.concursovirtual.com.br

Apresentação

O meu maior objetivo, ao escrever este material, foi ser objetivo. Sou funcionário público e passei no concurso estudando apenas em apostilas e livros especializados. Então, veio-me o seguinte raciocínio: se hoje eu fosse candidato, que informações me seriam necessárias para ter verdadeira possibilidade de aprovação?

Com esta preocupação de mostrar efetivamente o que cai em provas, comecei a trabalhar. Expus as divergências entre os principais autores e o que as bancas seguem, procurei aprofundar-me em temas comumente explorados nos concursos, porém pouco desenvolvidos nas gramáticas. Além disso, comentei gabaritos de questões, que se revelaram, pela minha experiência profissional, de extrema dificuldade para o candidato.

Por fim, volto a ressaltar a finalidade deste livro: transformar-se em uma literatura prática e específica na área de concursos, onde todos poderão dirimir suas dúvidas e esclarecer pontos de nossa língua que não constam – ou são analisados apenas superficialmente – nas obras tradicionais.

ENTRE O SONO e o sonho,
Entre mim e o que em mim
É o quem eu me suponho,
Corre um rio sem fim.
(Fernando Pessoa)

Marcelo Rosenthal

Prefácio

Até que enfim apareceu uma verdadeira gramática para o concursando. Teoria na medida certa, exercícios retirados das provas das principais bancas, abordagem de temas polêmicos exigidos pelas bancas.

Sim, porque gramáticas – e algumas muito boas – existem várias. Algumas bastante completas e complexas, que, como um dicionário e um catálogo telefônico, todos devem ter uma para consultas. Não são dirigidas a concursos, abordam assuntos que não são importantes para o concursando e, geralmente, não têm exercícios.

Há também as gramáticas escolares, que podem servir para o estudo de alguns pontos, mas são dirigidas ao ensino médio, que têm características muito diferentes. Além de não terem gabarito para os exercícios.

E os livros voltados para concursos? Teoria mínima, exercícios muitos. Mais parecem coletâneas de provas – algumas bastante defasadas – com gabarito. Raramente comentado.

O Professor Rosenthal conseguiu atingir o ponto de equilíbrio entre teoria e prática. Abordagem teórica de todos os principais conteúdos exigidos em concursos públicos na medida certa para o estudo do concursando. Exercícios em boa quantidade, sem exageros, de todos os conteúdos. Interessantes os gabaritos comentados letra a letra em questões dos conteúdos mais complexos.

A correta utilização da gramática como ferramenta para a interpretação de textos. Afinal, a Língua existe para comunicar e não para "gramaticar". Exemplo disso é a utilização de funções agentes e pacientes para o entendimento de frases com alteração semântica.

Importante também a abordagem de pontos complexos – de que muitos autores fogem – como a concordância do adjetivo adjunto e do adjetivo predicativo. A semântica dos tempos verbais. Os valores relacionais e semânticos das preposições. Paralelismo sintático.

Enfim, um livro que pode ser honestamente chamado de GRAMÁTICA PARA CONCURSOS.

Prof. Paulo Paranhos

Sumário

Capa

Cadastro

Folha de Rosto

Créditos

Dedicatórias

Agradecimentos

O Autor

Apresentação

Prefácio

Capítulo 1 – Fonologia

- **1.1. Letra e Fonema**
- **1.2. Ditongo**
  - 1.2.1. Ditongo decrescente
  - 1.2.2. Ditongo crescente
  - 1.2.3. Ditongo oral
  - 1.2.4. Ditongo nasal
  - 1.2.5. Ditongo fonético
- **1.3. Tritongo**
- **1.4. Hiato**
- **1.5. Glide**

1.6. Dígrafo
1.7. Letra diacrítica
1.8. Encontro consonantal
1.9. Exercícios

Capítulo 2 – Ortografia

2.1. Palavras que se escrevem com "ESA"
2.2. Palavras que se escrevem com "EZA"
2.3. Palavras que se escrevem com "ÊS"
2.4. Palavras que se escrevem com "EZ"
2.5. Palavras que se escrevem com "OSO", "OSA"
2.6. Palavras que se escrevem com "ISAR"
2.7. Palavras que se escrevem com "IZAR"
2.8. Palavras que se escrevem com "S"
2.9. Palavras que se escrevem com "Z"
2.10. Palavras que se escrevem com "X"
2.11. Palavras que se escrevem com "CH"
2.12. Palavras que se escrevem com "Ç" ou "C"
2.13. Palavras que se escrevem com "SS"
2.14. Palavras que se escrevem com "SC"
2.15. Palavras que se escrevem com "G"
2.16. Palavras que se escrevem com "J"
2.17. Palavras especiais
2.18. uso do porquê
2.18.1. Porque
2.18.2. Porquê
2.18.3. Por que
2.18.4. Por quê
2.19. Uso do "mal"
2.19.1. Mal (antônimo de bem)
2.19.2. Mal (conjução subordinativa temporal)
2.19.3. Mau (antônimo de bom)
2.20. Uso do hífen em prefixos – regra geral

2.21. Parônimos

2.22. Homônimos

2.23. Casos especiais

2.23.1. Abaixo / a baixo

2.23.2. Acerca de/ cerca de/ a cerca de/ há cerca de

2.23.3. Acima / a cima

2.23.4. Afim / a fim de

2.23.5. Afora / a fora

2.23.6. Ao encontro de / de encontro a

2.23.7. Aparte / à parte

2.23.8. Apedido ou a-pedido / a pedido

2.23.9. Bem-posto / bem posto

2.23.10. Conquanto / com quanto

2.23.11. Contudo / com tudo

2.23.12. Dantes / de antes

2.23.13. Debaixo / de baixo

2.23.14. Demais / de mais

2.23.15. Desapercebido / despercebido

2.23.16. Detrás / de trás

2.23.17. Devagar / de vagar

2.23.18. Dia-a-dia / dia a dia

2.23.19. Em vez de / ao invés de

2.23.20. Enfim / em fim

2.23.21. Enquanto / em quanto

2.23.22. Malgrado / mau grado

2.23.23. Nenhum / nem um

2.23.24. Porventura / por ventura

2.23.25. Porquanto / por quanto

2.23.26. Portanto / por tanto

2.23.27. Sem-cerimônia / sem cerimônia

2.23.28. Sem-fim / sem fim

2.23.29. Sem-número / sem número

2.23.30. Se não / senão
2.23.31. Sobretudo / sobre tudo
2.23.32. Tampouco / tão pouco
2.24. Formas variantes
2.25. Exercícios

Capítulo 3 – Regras de Acentuação

3.1. Monossílabos tônicos
3.2. Oxítonas
3.3. Paroxítonas
3.4. Proparoxítonas
3.5. Ditongos abertos ÉI(S), ÉU(S), ÓI(S)
3.6. "I" e "U", quando isolados numa sílaba
3.7. "OO" ou "EE"
3.8. Acento diferencial
3.8.1. Intensidade
3.8.2. Timbre
3.8.3. Número / pessoa
3.9. Trema
3.10. Exercícios

Capítulo 4 – Estrutura dos Nomes

4.1. Radical
4.2. Afixos
4.3. Vogal temática
4.4. Desinências
4.4.1. De gênero
4.4.2. De número
4.4.3. De grau
4.5. Vogais e consoantes de ligação
4.6. Formação dos nomes
4.6.1. Composição
4.6.1.1. Justaposição

4.6.1.2. Aglutinação
4.6.2. Derivação
4.6.2.1. Sufixal
4.6.2.2. Prefixal
4.6.2.3. Prefixal e sufixal (derivação sucessiva)
4.6.2.4. Parassintética
4.6.2.5. Regressiva
4.6.3. Conversão
4.6.4. Hibridismo
4.6.5. Reduplicação
4.6.6. Abreviação
4.6.7. Sigla
4.6.8. Neologismo
4.7. Prefixos latinos
4.8. Prefixos gregos
4.9. Relação de sufixos
4.10. Correspondência entre prefixos gregos e latinos
4.11. Latinismos
4.12. Exercícios

Capítulo 5 – Substantivo

5.1. Substantivo concreto
5.2. Substantivo abstrato
5.3. Substantivo simples
5.4. Substantivo composto
5.5. Substantivo primitivo
5.6. Substantivo derivado
5.7. Substantivo comum
5.8. Substantivo próprio
5.9. Coletivo
5.10. Flexão nominal
5.10.1. Gênero
5.10.1.1. Comum de dois gêneros

5.10.1.2. Sobrecomum
5.10.1.3. Epiceno ou promíscuo
5.10.1.4. Heterônimo ou desconexo
5.10.1.5. Lista especial de femininos
5.10.1.6. Casos especiais de gênero dos substantivos
5.10.1.7. Substantivos que mudam de sentido com a mudança do gênero
5.10.2. Número
5.10.2.1. Plural de alguns substantivos
5.10.2.2. Regras do plural de substantivos simples
5.10.2.3. Plural dos substantivos compostos
5.10.2.4. Relação de substantivos compostos no plural
5.10.2.5. Plural com metafonia
5.10.3. Grau
5.10.3.1. Aumentativos
5.10.3.2. Diminutivos
5.11. Exercícios

Capítulo 6 – Adjetivo

6.1. Adjetivo restritivo
6.2. Adjetivo explicativo
6.3. Grau dos adjetivos
6.3.1. Comparativo
6.3.2. Superlativo
6.4. Formação dos superlativos absolutos sintéticos
6.5. Relação de superlativos absolutos sintéticos
6.6. Locuções adjetivas
6.6.1. Lista de locuções adjetivas
6.7. Adjetivo com valor subjetivo ou indicativo de “qualidade”
6.8. Adjetivo com valor objetivo ou indicativo de “característica”
6.9. Exercícios

Capítulo 7 – Artigo

7.1. Artigo definido

7.2. Artigo indefinido
7.3. Exercícios

Capítulo 8 – Advérbio

8.1. Graus do advérbio
8.1.1. Comparativo
8.1.2. Superlativo
8.2. Locução adverbial
8.3. Palavras denotativas ou partículas expletivas
8.4. Exercícios

Capítulo 9 – Pronome

9.1. Pronomes pessoais retos
9.2. Pronomes pessoais oblíquos
9.3. Pronomes possessivos
9.4. Pronomes demonstrativos
9.4.1. Usos especiais de pronomes demonstrativos
9.4.2. Casos especiais de pronome demonstrativo
9.5. Pronomes indefinidos
9.6. Pronomes relativos
9.7. Pronomes interrogativos
9.8. Pronomes de tratamento
9.9. Pronome reflexivo
9.10. Pronome recíproco
9.11. Pronome parte integrante do verbo
9.12. Estudo da colocação dos pronomes
9.13. Contração dos pronomes oblíquos átonos em verbos transitivos diretos e indiretos
9.14. Exercícios

Capítulo 10 – Conjunções

10.1. Conjunções coordenativas
10.1.1. Aditivas

10.1.2. Adversativas
10.1.3. Alternativas
10.1.4. Conclusivas
10.1.5. Explicativas
10.2. Conjunções subordinativas
10.2.1. Causais
10.2.2. Concessivas
10.2.3. Condicionais
10.2.4. Temporais
10.2.5. Consecutivas
10.2.6. Finais
10.2.7. Proporcionais
10.2.8. Conformativas
10.2.9. Comparativas
10.2.10. Integrantes
10.3. Exercícios

Capítulo 11 – Preposição

11.1. Essenciais
11.2. Acidentais
11.3. Locuções prepositivas
11.4. Combinação
11.5. Contração
11.6. Valores semânticos das preposições
11.7. Exercícios

Capítulo 12 – Interjeição

Capítulo 13 – Numeral

13.1. Numeral substantivo
13.2. Numeral adjetivo
13.3. Classificação
13.3.1. Multiplicativo

13.3.2. Fracionário
13.3.3. Ordinais
13.3.4. Cardinais
13.4. Exercícios

Capítulo 14 – Verbo

14.1. Verbos regulares
14.2. Verbos irregulares
14.3. Verbos anômalos
14.4. Os valores semânticos dos verbos e as ideais correlações
14.4.1. Modo indicativo
14.4.2. Modo subjuntivo
14.4.3. Modo imperativo
14.4.3.1. Correlação de Tempos
14.5. Estrutura dos verbos
14.5.1. Radical
14.5.2. Vogal temática
14.5.3. Tema
14.5.4. Desinência modo-temporal
14.5.5. Desinência número-pessoal
14.5.5.1. Exercícios
14.6. Formação de imperativo
14.6.1. Exercícios
14.7. Formas nominais
14.7.1. Gerúndio
14.7.1.1. Exercícios
14.7.2. Particípio
14.7.2.1. Particípios Duplos
14.7.2.2. Exercícios
14.7.3. Infinitivo
14.7.3.1. Exercícios
14.8. Falsos derivados
14.8.1. Exercícios

14.9. Verbos impessoais
14.9.1. Exercícios
14.10. Verbos defectivos
14.10.1. Exercícios
14.11. Formas rizotônicas e arrizotônicas verbais
14.11.1. Rizotônicas
14.11.2. Arrizotônicas
14.12. Verbos terminados em IAR
14.13. Verbos terminados em EAR
14.14. Verbos terminados em GUAR
14.14.1. Exercícios
14.15. Verbos terminados em Uir
14.15.1. Exercício
14.16. Verbos prazer, aprazer e desprazer
14.16.1. Exercícios
14.17. Vozes verbais
14.17.1. Voz ativa
14.17.2. Voz passiva
14.17.3. Voz reflexiva
14.17.4. Voz reflexiva com valor recíproco
14.17.4.1. Exercícios
14.18. Tempos compostos
14.18.1. Exercícios
14.19. Exercícios de revisão

Capítulo 15 – Sujeito

15.1. Sujeito simples
15.2. Sujeito composto
15.3. Sujeito inexistente ou oração sem sujeito
15.4. Sujeito indeterminado
15.5. Exercícios

Capítulo 16 – Predicado

16.1. Predicado nominal
16.2. Predicado verbal
16.3. Predicado verbo-nominal
16.4. Exercícios

Capítulo 17 – Predicativo

17.1. Do sujeito
17.2. Do objeto
17.3. Exercícios

Capítulo 18 – Objeto

18.1. Direto
18.2. Indireto
18.3. Direto preposicionado
18.4. Pleonástico
18.5. Objeto direto interno ou cognato
18.6. Exercícios

Capítulo 19 – Complemento Nominal e Adjunto Adnominal

19.1. Complemento nominal
19.1.1. Exercícios
19.2. Adjunto adnominal
19.3. Complemento nominal X adjunto adnominal
19.4. Exercícios
19.5. Exercícios com gabarito comentado acerca de complemento nominal e adjunto adnominal

Capítulo 20 – Adjunto Adverbial

20.1. Classificação
20.2. Exercícios

Capítulo 21 – Agente da Passiva, Aposto e Vocativo

21.1. Agente da Passiva
21.2. Aposto

21.2.1. Aposto denominativo
21.2.2. Aposto explicativo
21.2.3. Aposto enumerativo
21.2.4. Aposto resumitivo
21.2.5. Aposto distributivo
21.3. Vocativo
21.3.1. Exercícios
21.3.2. Análise sintática do pronome oblíquo
21.3.2.1. Exercícios
21.3.3. Análise sintática do pronome relativo
21.3.3.1. Exercícios
21.3.4. Análise sintática de pronome demonstrativo e pronome relativo juntos
21.3.4.1. Exercícios
21.3.5. Exercícios

Capítulo 22 – Classificação de Orações

22.1. Orações coordenadas
22.1.1. Assindéticas
22.1.2. Sindéticas
22.1.2.1. Aditivas
22.1.2.2. Adversativas
22.1.2.3. Alternativas
22.1.2.4. Conclusivas
22.1.2.5. Explicativas
22.2. Exercícios
22.3. Orações subordinadas
22.3.1. Substantivas
22.3.1.1. Subjetivas
22.3.1.2. Objetivas diretas
22.3.1.3. Objetivas indiretas
22.3.1.4. Completivas nominais
22.3.1.5. Predicativas

22.3.1.6. Apositivas
22.3.1.7. Agentes da passiva
22.4. Exercícios
22.5. Orações subordinadas adjetivas
22.6. Exercícios
22.7. Orações subordinadas adverbiais
22.7.1. Causais
22.7.2. Concessivas
22.7.3. Condicionais
22.7.4. Temporais
22.7.5. Consecutivas
22.7.6. Finais
22.7.7. Proporcionais
22.7.8. Conformativas
22.7.9. Comparativas
22.7.10. Modais
22.8. Orações reduzidas
22.9. Exercícios

Capítulo 23 – Paralelismo Sintático

23.1. Exercícios com gabarito comentado sobre paralelismo

Capítulo 24 – Pontuação

24.1. Uso de vírgula
24.2. Uso de ponto e vírgula
24.3. Uso do ponto
24.4. Uso de dois-pontos
24.5. Uso de exclamação
24.6. Uso de interrogação
24.7. Uso de reticências
24.8. Uso de aspas
24.9. Uso de parênteses
24.10. Uso de travessão

24.11. Exercícios

Capítulo 25 – Crase

25.1. Primeira regra básica
25.2. Segunda regra básica
25.3. Terceira regra básica
25.4. Casos Especiais
25.5. Exercícios

Capítulo 26 – Regência

26.1. Regência verbal
26.2. Regência nominal
26.3. Exercícios

Capítulo 27 – Concordância

27.1. Concordância verbal
27.2. Exercícios
27.3. Concordância nominal
27.4. Exercícios

Capítulo 28 – Estilística

28.1. Figuras de som
28.1.1. Aliteração
28.1.2. Onomatopeia
28.2. Figuras de construção ou sintaxe
28.2.1. Anacoluto
28.2.2. Anáfora
28.2.3. Anástrofe ou inversão
28.2.4. Assíndeto
28.2.5. Elipse
28.2.6. Hipálage
28.2.7. Hipérbato
28.2.8. Pleonasmo ou redundância
28.2.9. Polissíndeto

28.2.10. Silepse
28.2.11. Zeugma
28.2.12. Repetição ou reduplicação
28.3. Figuras de pensamento
28.3.1. Antítese
28.3.2. Eufemismo
28.3.3. Hipérbole
28.3.4. Ironia
28.3.5. Paradoxo ou oxímoro
28.3.6. Prosopopeia, personificação ou animismo
28.4. Figuras de palavras
28.4.1. Antonomásia
28.4.2. Catacrese
28.4.3. Comparação ou símile
28.4.4. Metáfora
28.4.5. Metonímia
28.4.6. Sinestesia
28.5. Vícios de linguagem
28.5.1. Ambiguidade
28.5.2. Barbarismo
28.5.3. Cacófato
28.5.4. Solecismo
28.6. Exercícios

Capítulo 29 – Coesão e Coerência Textual

29.1. Coesão sequencial
29.2. Coesão referencial
29.3. Coerência textual
29.4. Exercícios com gabarito comentado

Capítulo 20 – Teoria Argumentativa

30.1. Denotação
30.2. Conotação

30.3. Descrição
30.4. Narração
30.5. Dissertação
30.6. Tese
30.7. Argumento
30.8. Recorrência textual
30.9. Inferência textual
30.10. Exercícios com gabarito comentado sobre teoria argumentativa
30.11. Alteração de funções sintáticas em questões de interpretação
30.12. Exercícios com gabarito comentado sobre alteração de funções sintáticas

Capítulo 31 – Questões Comentadas de Concursos

Apêndice: exercícios de provas com gabarito comentado
Esaf
NCE

Gabarito

Bibliografia

Capítulo 1

Fonologia

Fonologia é o estudo dos sons.

1.1. Letra e Fonema

Letra – É uma representação gráfica do fonema, que é uma formação sonora.

Fonema – É uma formação sonora.

Obs.: Cabe ressaltar que nem sempre uma letra corresponde a um fonema. Por exemplo, a letra "X" pode representar vários sons diferentes, como em TÁXI, EXATO, MUXOXO.

É também interessante observar que existem vocábulos com mais letras do que fonemas, mas também podem existir outros com mais fonemas do que letras.

Ex.: TÁXI – 4 letras e 5 fonemas.

HOJE – 4 letras e 3 fonemas.

1.2. Ditongo

Encontro de uma VOGAL com uma SEMIVOGAL. Ex.: pai, dói, réu, quanto.

1.2.1. Ditongo decrescente

É quando a sequência específica é VOGAL + SEMIVOGAL. Ex.: seis, meu.

1.2.2. Ditongo crescente

É quando a sequência específica é SEMIVOGAL + VOGAL. Ex.: quanto, silêncio.

BIZU

Facilita ao candidato observar que a semivogal terá sempre o som de "i" ou "u", mesmo que não estejam representados por estas letras. Ex.: caos – a letra "o" aqui é uma representação gráfica do fonema "u", por isso não é uma

vogal, e sim uma semivogal, formando, portanto, um ditongo decrescente.

1.2.3. Ditongo oral

É o ditongo pronunciado pela boca sem que o som passe pela narina.
Ex.: viu, boi.

1.2.4. Ditongo nasal

É o ditongo cujo som passa pela narina.
Ex.: não, muito.

1.2.5. Ditongo fonético

É o caso dos ditongos perceptíveis pela pronúncia.
Ex.: Ele tem – A pronúncia desta palavra inclui o fonema "I" apesar de não estar escrito, diferentemente do que ocorre em tempo, onde não há o som deste "I". É sutil a diferença: "TEIM" e "TEMPO". O mesmo fenômeno ocorre com "estavam", que se pronuncia com o acréscimo do fonema "U", o mesmo não sucedendo com "vantagem". Nós pronunciamos "ESTAVÃU" e "VANTAGEM".

1.3. Tritongo

É o encontro sequencial de uma semivogal + uma vogal + uma semivogal.
Ex.: Paraguai, apazigueis.

1.4. Hiato

É o encontro de duas vogais.
Ex.: hiato, uísque.

1.5. Glide

É a sequência de um ditongo + hiato.
Ex.: boia, seio.

Obs.: É sempre importante perceber que em uma sílaba só pode haver uma vogal – nunca mais do que uma, nunca menos do que uma. Então, em um ditongo, o que ocorre é o encontro de uma vogal com uma semivogal e, no tritongo, de uma vogal com duas semivogais.

1.6. Dígrafo

O nome já explica do que se trata: dupla grafia, formando, contudo, apenas um fonema. Os casos são: RR, SS, CH, LH, NH, GU, QU, SC, XC,

SÇ e as NASALIZAÇÕES representadas pelas letras M e N.

Ex.: carro, osso, enchova, molho, unha, jogue, querido, oscilação, exceder, nasço, campo, tonto.

Obs.: As letras ocorrentes nos dígrafos RR, SS, SC, XC, SÇ não podem ficar na mesma sílaba.

Ex.: ex-ce-len-te; guer-ra; as-sas-si-no; nas-cer.

Obs.: "AM" e "EM", em fim de palavra, não formam dígrafos, mas sim ditongos.

Ex.: compravam (vãu), também (beim).

Obs.: Os dígrafos consonantais são aqueles em que a consoante se pronuncia: RR, SS, CH, LH, NH, SC, XC, SÇ, GU e QU – repare que, nesses dois últimos casos, pronunciam-se as consoantes G (GUE) e Q (QUE).

Todos os casos de nasalização formam os dígrafos vocálicos, pois são as vogais nasalizadas que são pronunciadas.

1.7. Letra diacrítica

É a letra não pronunciada nos dígrafos. Nos dígrafos SC, XC, e SÇ, a primeira letra é a diacrítica. As letras M e N nas nasalizações são as diacríticas. Nos demais dígrafos, a segunda letra será a diacrítica.

1.8. Encontro consonantal

É o encontro de consoantes pronunciadas, podendo estar na mesma sílaba ou não. É importante destacar que os dígrafos não constituem encontros consonantais.

Ex.: cratera, corte.

Obs.: A palavra MARCHA possui um dígrafo (CH) e um encontro consonantal (formada pelo R e pelo X que está representado pelo dígrafo CH).

1.9. Exercícios

1. (Analista de Sistemas – Furnas – Funrio) Qual dos provérbios abaixo está acompanhado da correta identificação de dígrafos e encontros consonantais?

a) Quem semeia vento colhe tempestade – quatro dígrafos e dois encontros consonantais.

b) Mais vale um pássaro na mão do que dois voando – quatro dígrafos e nenhum encontro consonantal.

c) Em terra de sapo, mosquito não dá rasante – três dígrafos e dois encontros consonantais.

d) Farinha pouca, meu pirão primeiro – dois dígrafos e um encontro consonantal.

e) Quanto mais eu rezo, mais assombração me aparece – quatro dígrafos e dois

encontros consonantais.

2. (Analista MPOG – Funrio) A única opção em que todas as palavras contêm hiato é:
a) aguardente – historiador – impõem – realidade;
b) desmiolado – incoerente – proibido – seriedade;
c) açaí – alaúde – caraminguás – destruímos;
d) lambari – minhoca – numeroso – polidez;
e) enxaguei – paraguaio – piauiense – saguão.

3. Assinale a opção em que aparece uma letra diacrítica:
a) móvel
b) táxi
c) animais
d) nunca
e) qualidade

4. Assinale a opção em que há mais fonemas do que letras:
a) nexo
b) silêncio
c) máximo
d) ninguém
e) guerra

5. Assinale a opção em que ocorre um ditongo fonético:
a) cueca
b) vadio
c) ninguém
d) biônico
e) hediondo

6. (PUC-SP) Nas palavras ANJINHO, CARROCINHAS, NOSSA e RECOLHENDO, podemos detectar oralmente a seguinte quantidade de fonemas:
a) três, quatro, dois, quatro;
b) cinco, nove, quatro, oito;
c) seis, dez, cinco nove;
d) três, seis, dois, cinco;
e) sete, onze, cinco, dez.

7. (DEPEN – Funrio) Qual a única série de palavras que contém dígrafos consonantais?
a) através – problemas – crateras – caboclos.
b) ternura – caspa – resultado – êxtase.
c) farrista – aquecido – exceto – milharal.
d) tampas – ventania – sintoma – fundação.

e) hálito – hélice – hino – humilde.

8. (TRE-MG) Ambas as palavras contêm exemplo de hiato em:
a) árduo / mãe
b) área / chapéu
c) diário / quota
d) pavio / moer
e) luar / anzóis

9. (Uni-Rio) Assinale a opção em que o vocábulo apresenta ao mesmo tempo um encontro consonantal, um dígrafo consonantal e um ditongo fonético:
a) ninguém
b) coalhou
c) iam
d) nenhum
e) murcham

10. (PUC) Um mesmo fonema pode ser grafado de diferentes maneiras. Qual a lista de palavras que exemplifica essa afirmação?
a) paciente – centro – existência.
b) existência – meses – batizaram.
c) projeto – prejudicando – propõe.
d) quem – quando – psiquiatra.
e) coisa – incomoda – continuidade.

11. (NCE) "... uma vacina experimental atingiu as condições exigidas..."
A letra em destaque no trecho acima transcrito representa o mesmo som da letra destacada em:
a) tó<u>x</u>ico;
b) en<u>x</u>ame;
c) má<u>x</u>imo;
d) ino<u>x</u>idável;
e) ine<u>x</u>orável.

12. (NCE) "Nas noites de Nova Lima, <u>quando</u> buscava repouso..." Quantos fonemas e letras existem na palavra destacada?
a) 4 fonemas / 5 letras / 1 dígrafo
b) 6 fonemas / 4 letras / 1 dígrafo
c) 5 fonemas / 6 letras
d) 6 fonemas / 6 letras
e) 4 fonemas / 6 letras / 1 dígrafo

Capítulo 2

Ortografia

2.1. Palavras que se escrevem com "ESA"

burguesa, chinesa, despesa, escocesa, francesa, inglesa, japonesa, holandesa, mesa, pequinesa, portuguesa etc.

BIZU

Se conseguirmos completar a frase "ELA É", a palavra será sempre com **"S"**.
Ex.: Ela é chinesa. Ela é pequinesa.

2.2. Palavras que se escrevem com "EZA"

alteza, avareza, beleza, crueza, fineza, firmeza, lerdeza, proeza, pureza, singeleza, tristeza etc.

2.3. Palavras que se escrevem com "ÊS"

burguês, chinês, cortês, escocês, francês, inglês, irlandês, montanhês, pedrês, português etc.

BIZU

Se conseguirmos completar a frase "ELE É", a palavra será com "S".
Ex.: Ele é cortês. Ele é burguês. Ele é francês.

2.4. Palavras que se escrevem com "EZ"

altivez, embriaguez, estupidez, intrepidez, palidez, morbidez, pequenez, talvez, vez, viuvez etc.

2.5. Palavras que se escrevem com "OSO", "OSA"

audacioso(a), brioso(a), cauteloso(a), criterioso(a), delicioso(a), formoso(a), gostoso(a), perigoso(a), pomposo(a), teimoso(a), valioso(a)

etc.

2.6. Palavras que se escrevem com "ISAR"

alisar, analisar, avisar, bisar, paralisar, pesquisar, pisar etc.

BIZU

Para que estes vocábulos se escrevam com **"S"**, é necessário que no próprio radical já haja a letra **"S"**.

Ex.: AVISAR-AVISO, ANALISAR-ANÁLISE, BISAR-BIS, PARALISAR-PARALISIA.

2.7. Palavras que se escrevem com "IZAR"

amenizar, avalizar, catequizar, desmobilizar, despersonalizar, esterilizar, estigmatizar, finalizar, generalizar, harmonizar, poetizar, profetizar, racionalizar, sensacionalizar, urbanizar etc.

BIZUS

Apesar de CATEQUIZAR se derivar de CATEQUESE, aquele termo se escreve com **Z** e este, com **S**.

As palavras POETIZAR e PROFETIZAR não se derivam de POETISA e PROFETISA, mas sim de POETA e PROFETA. Por isso as primeiras se escrevem com **Z** e as últimas, com **S**.

2.8. Palavras que se escrevem com "S"

anis, atrás, brasa, compreensão, conversível, coser (costurar), esôfago, esotérico, esoterismo, espectador, esplêndido, estender, esterco, estéril, estorvo, extravasar, fusível, gás, gasolina, guisado, heresia, hesitar, hipnose, hipocrisia, imersão, misto, revés, sesta, asilo, isolar, isquemia, oscular, querosene, quis, quiser, puser, siso, poetisa, profetisa, sacerdotisa, submerso, usina, usufruir, usura, usurpar, versátil, inserto (inserido), consertar (reparar), servo (servente), serração (ato de serrar), intensão (intensidade).

2.9. Palavras que se escrevem com "Z"

azar, azougue, azenha, azeitona, azeite, azinhavre, balizar, bizantino,

bizarro, buzina, cozer (cozinhar), dezena, dizimar, fuzil, aprazível, deslize, falaz, fezes, fugaz, gazeta, giz, gozar, hipnotizar, tez, algazarra, foz, prazerosamente, ojeriza, perspicaz, proeza, desprezar, vazar, revezar, xadrez, azia, aziago.

2.10. Palavras que se escrevem com "X"

bexiga, coxo, engraxar, sintaxe, caxumba, faxina, maxixe, muxoxo, paxá, praxe , xale, xícara, excitante, xavante, xereta, baixo, trouxe, enxada, enxaguar, enxame, enxaqueca, enxerto, enxotar, enxoval, enxugar, enxurrada, enxuto, seixo, faixa, exacerbar, exotérmico, exorcismo, expletivo, expirar, expelir, expectativa, expor, explicar, extasiar, exterminar, extensão, extenso, extorsivo, exuberante, exalar, exaltar, exame, exarar, exaustão, exéquias, exílio, exímio, êxito, êxodo, exonerar, exótico, exumação, broxa (pincel), buxo (arbusto ornamental), xá (título de soberano do Oriente), xeque (incidente no xadrez), coxa (parte da perna), taxa (tributo), quixotesco.

2.11. Palavras que se escrevem com "CH"

enchova, encharcar, encher, enchiqueirar, enchoçar, enchente, enchouriçar, chave, chuchu , chicote, chifre, chispar, chimpanzé, choupana, chorumela, chulo, chumaço, chusma, chavão, charuto, champanha, chacina, chantagem, chaminé, chicana, chibata, chiar, brocha (prego), bucho (estômago de animais), chá (arbusto), cheque (ordem de pagamento), cocha (gamela), tacha (prego).

2.12. Palavras que se escrevem com "Ç" ou "C"

à beça, almaço, terçol, ressurreição, exceção, cessação, açucena, joça, camurça, mormaço, presunção, torção, trança, soçobrar, troço, pança, maçarico, maciço, ruço (grisalho), aguçar, caçula, seção (departamento), retenção, abstenção, disfarçar, alcançar, cetim, incentivo, acento (sinal gráfico), caçar, céticos, cela (aposento), cerração (nevoeiro), cervo (veado), decertar (lutar), empoçar (formar poça), intenção (propósito), paço (palácio), sucinto, silêncio.

2.13. Palavras que se escrevem com "SS"

admissão, demissionário, transmissão, emissor, expressão, expresso, impressionismo, compressor, assado, passar, ingressar, progresso, sucesso, discussão, repercussão, promessa, remessa, agressivo, transgressão,

antiquíssimo, tenacíssimo, excesso, dissensão, sossego, pêssego, massagem, secessão, necessário, escasso, escassez, sessão (reunião), cessão (ceder), sessar (peneirar), russo (natural da Rússia), passo (passada), empossar (dar posse), cassar (anular), dissertar (discorrer).

2.14. Palavras que se escrevem com "SC"

abscissa, abscesso, adolescente, ascensão, ascensorista, consciência, cônscio, descendente, descensão, descentralizar, descente (vazante), discente, disciplina, discípulo, isósceles, nascer, obsceno, oscilação, piscina, rescindir, rescisão, ressuscitar, suscitar.

2.15. Palavras que se escrevem com "G"

angelical, gíria, tigela, rigidez, monge, ogiva, agiota, herege , genuíno, algemas, gergelim, gesso, egípcio, gironda, infringir, bugiganga, viagem (substantivo), vagem, estiagem, folhagem, geringonça, ginete, gengiva, sargento, agir, coragem, ferrugem, tragédia, gesto.

2.16. Palavras que se escrevem com "J"

igrejinha, laje, lajeado, varejista, sarjeta, gorjeta, anjinho, canjica, viajem (verbo), encorajem (verbo), enferrujem (verbo), cafajeste, cerejeira, injeção, enrijecer, berinjela, jejuar, jérsei, interjeição, jesuíta, jiboia, lambujem, majestade, jirau, ultraje, traje, ojeriza, jenipapo, pajé, pajem, jeito, jiló.

2.17. Palavras especiais

aborígine, sesta, empecilho, disenteria, digladiar, dilapidar, discrepância, terebintina, cabeleireiro, manteigueira, manteiga, bandeja, nódoa, botequim, poleiro, tábua, polir, impingir, incesto, incólume, inconteste, incontinenti, corpóreo, indelével, empório, desperdício, desprezo, dessecar, despensa (armário de cozinha), dispensa (licença), discernir, privilégio, dissecar, aterrissar, amerissar, hilaridade, descortino, beneficência, beneficente, prazerosamente, destilação, abóboda, caranguejo, impigem, mendigo, mortadela, óbolo, octogésimo, dignitário, meritíssimo, focinho, destilar, sequer, discrição (discreto), descrição (descrever), bulir, bueiro, ureter, mocambo, sortir (abastecer), surtir (dar resultado), lombriga, ansiar, arriar, lampião, discriminar (isolar), descriminar (inocentar), dentifrício, paletó, periquito, creolina, bodega, soar (som), suar (transpirar), peão (pessoa), pião (brinquedo),

espontâneo, uísque, goela, zoada, pexote, encarnação, rédea, descortinar.

2.18. uso do porquê

2.18.1. Porque

Escrevemos **PORQUE** (junto e sem acento): – quando for conjunção e puder ser substituído por: **visto que, uma vez que.** Dará a ideia de resposta.

Ex.: "Albernaz, também, porque via na sua festa, com um número de folclore, meio de chamar a atenção sobre sua casa, atrair gente..." (Lima Barreto)

"Fi-lo, porque qui-lo" (Jânio Quadros).

2.18.2. Porquê

Escrevemos **PORQUÊ** (junto e com acento):

– quando for **substantivo** e, neste caso, poderá ser substituído por **o motivo, a razão...**

Ex.: Não sei o porquê (motivo) de sua presença aqui.

Explicaram-me o porquê (a razão) de tudo isto ter acontecido.

– quando for uma conjunção em final de frase interrompida.

Ex.: Ele faltou, porquê...

Maria está triste, porquê...

2.18.3. Por que

Escrevemos **POR QUE** (separado e sem acento):

– quando houver uma interrogativa direta

Ex.: Por que ele não veio?

Por que chove tanto no Rio de Janeiro?

– quando houver uma interrogativa indireta, e, neste caso, o termo poderá ser substituído por **POR QUE RAZÃO, POR QUE MOTIVO.**

Ex.: Perguntei por que estava de castigo. (Raul Pompéia)

Não explicaram por que (por que motivo) esta tragédia ocorreu.

– quando o **que** for pronome relativo e puder ser substituído por **qual**.

Ex.: Não conheço o caminho por que (pelo qual) vocês vieram.

As dificuldades por que (pelas quais) passei jamais serão esquecidas.

2.18.4. Por quê

Escrevemos **POR QUÊ** (separado e com acento) quando estiver no fim de uma oração interrogativa direta ou indireta.

Ex.: Ele não veio por quê?
Ele não veio nem disse por quê.

2.19. Uso do "mal"

2.19.1. Mal (antônimo de bem)

Escrevemos **MAL** quando este termo for **substantivo** ou **advérbio**, e, nos dois casos, puder ser substituído pelo antônimo **BEM.**

Ex.: Não devemos praticar o mal (bem).
Eles falam muito mal (bem) de você.
Perivaldo foi mal (bem) utilizado nesta partida.
Ele foi mal (bem) criado pelos pais.
Ele foi mal (bem) educado pelos pais.

2.19.2. Mal (conjução subordinativa temporal)

Escrevemos **MAL** quando este termo for conjunção subordinativa temporal e puder ser substituído por **LOGO QUE, ASSIM QUE.**

Ex.: Mal (assim que) ele chegou, todos saíram.
Mal (logo que) o Flamengo fez o gol, o Bangu empatou.

2.19.3. Mau (antônimo de bom)

Escrevemos **MAU** quando este termo for adjetivo e puder ser substituído pelo seu antônimo **BOM.**

Ex.: Ele é um mau (bom) menino.
Hoje foi um mau (bom) dia.

Obs. : **MAL** (podendo ser substituído por **BEM**) poderá fazer parte de um adjetivo composto, estando ligado a um segundo termo (adjetivo). Haverá hífen se este segundo termo começar por **H** ou por **vogal.**

Ex.: Ele é muito mal-educado.
Ele é mal-humorado.
Houve um mal-entendido.
Ele é malcriado.

Quando **MAU** (podendo ser substituído por **BOM**) estiver ligado a um substantivo, funcionará como adjetivo. A sua forma feminina é: **MÁ.**

Ex.: Ela praticou uma má-educação.
Ele recebeu uma má educação dos pais.
Mariazinha fez uma má-criação.
A má criação dos jovens é reflexo dos problemas econômicos dos pais.

Ele tem um grande mau humor.
As más-criações serão punidas.

!	**ATENÇÃO**:
	Preste atenção ao fato de que, no primeiro, no terceiro e no sexto exemplos, má-educação, má-criação e más-criações formam apenas uma palavra, pois são atitudes, diferentemente do que ocorre nos exemplos da segunda e quarta frases. Portanto, quando for uma **atitude,** caracteriza-se a composição.

2.20. Uso do hífen em prefixos – regra geral

– emprega-se o hífen, quando, após o prefixo, aparecer a mesma letra ou H.

Ex.: Arqui-inimigo, arqui-inteligente, micro-ondas, auto-ônibus, infra-hepático, anti-inflamatório, contra-almirante, sobre-humano, sobre-estimar, ad-digital, sub-biblioteca, sub-humano, inter-regional, super-revista, super-homem

Acrescentem-se os seguintes casos:

a) Nos prefixos terminados em D ou B (ab, ad, ob, sob, sub), além da situação prevista na regra geral (mesma letra ou H), vindo R, usa-se o hífen.
Ex.: ad-referendar, sub-reitor, sob-roda

b) No prefixo CIRCUM, além da situação prevista na regra geral (mesma letra ou H), vindo B, N, P ou VOGAL, também se usa o hífen.
Ex.: circum-escolar, circum-hospitalar, circum-navageção

c) No prefixo PAN, além da situação prevista na regra geral (mesma letra ou H), vindo B, M, P ou VOGAL, também se usa o hífen.
Ex.: pan-harmônico, pan-brasileiro, pan-mágico, pan-americano

d) Emprega-se o hífen, quando o primeiro termo for acentuado (pré, pró, pós).
Ex.: pós-graduação, pré-história, pró-europeu

e) Emprega-se o hífen com os prefixos ex (anterioridade), sota, soto, vice, vizo.
Ex.: ex-presidente, sota-capitão, soto-almirante, vice-governador, vizo-rei

Obs.: Segundo Evanildo Bechara, "nos casos em que não houver perda do som da vogal final do 1º elemento, e o elemento seguinte começar com "h", serão usadas as duas formas gráficas: bi-hebdomadário e biebdomadário; carbo-hidrato e carboidrato; zoo-hematina e zooematina." Tal possibilidade foi explorada pela Fundação Getúlio Vargas, em questões de ortografia, mencionando a correção da ortografia em "megaipótese" e "socioistórico".

NÃO SE USA O HÍFEN NOS PREFIXOS

a) Nas aglutinações dos prefixos co, pro, pre e re com vocábulos iniciados por O ou E:

Ex.: cooperar, coedição, preeleito, preeminência, reelaborar, reedição, proeminente

Obs.: Há alternância entre PRE e PRÉ – que permite as duas ortografias – nos seguintes casos: preembrião / pré-embrião; preesclerótico / pré-esclerótico; preeleito / pré-eleito.

b) Quando, após os prefixos DES e IN, se o segundo elemento perder o H inicial.

Ex.: desumano, inábil

c) Quando a situação não se enquadrar nos itens iniciais A a E deste capítulo.

Ex.: infraestrutura, extraoficial, intrauterino, contraespião, semiárido, adjunto, sublinha, supermercado, antiaéreo, neoimperialismo, pseudoepígrafe, extraescolar, autoaprendizado, contraindicado, autoestima

Obs.: Sendo o prefixo concluído em vogal, e o elemento seguinte iniciado por R ou S, tais consoantes deverão ocorrer dobradas.

Ex.: antirreligioso, contrarrazões, microssistema, minissaia, contrarregra, extrarregular, antissemita, semisselvagem, extrassolar, ultrassecreto

EMPREGO DE HÍFEN NOS COMPOSTOS

a) Emprega-se hífen nas palavras compostas por justaposição, em que os elementos mantêm uma unidade semântica, mas constituem uma tonicidade própria. O primeiro elemento será representado por uma forma substantiva, adjetiva, numeral ou verbal:

Afro-brasileiro, Amor-perfeito, Ano-luz, Arco-íris, Boa-fé, Conta-gotas, Decreto-lei, Guarda-noturno, Luso-brasileiro, Má-fé, Médico-cirurgião, Mesa-redonda, Norte-americano, Porta-aviões, Porta-retrato, Primeiro-ministro, Quebra-mar, Segunda-feira, Sul-africano, Tenente-coronel, Tio-avô, Vaga-lume, Verbo-nominal

Obs.: Não se usa hífen em palavras compostas cuja noção de composição se perdeu:

Paraquedas, Mandachuva, Girassol, Pontapé

Obs.: Outros compostos com a forma verbal "PARA" e "MANDA" continuarão sendo separados por hífen: para-brisa, para-lama, para-choque, manda-tudo.

b) Emprega-se hífen nas formas compostas por grã- ou grão- quando formarem nomes geográficos, ou nas formas verbais e nos compostos ligados por artigo:

Grã-Bretanha, Grão-Pará, Passa-Quatro, Trás-os-Montes, Baía de Todos-os-Santos

c) Emprega-se hífen em compostos que designam espécies botânicas e zoológicas:

Andorinha-do-mar, Cobra-capelo, João-de-barro, Erva-doce

Obs.: Quando os compostos acima tiverem aplicação diferente, não se usará hífen:

Bico de papagaio (nariz adunco), Bola de neve (aquilo que toma vulto rapidamente), Não me toques (melindres)

d) Emprega-se hífen quando o primeiro elemento estiver representado pelas formas além, aquém, recém, bem e sem:

Além-mar, Aquém-mar, Recém-casado, Bem-humorado, Sem-vergonha

Obs.: O advérbio BEM, em muitas situações, ocorre aglutinado ao termo seguinte. Tal situação se dá, quando o significado primitivo dos termos é alterado.

Ex.: bendito (= abençoado), benfeito (= benefício), benfeitor

e) Emprega-se hífen nas palavras terminadas por sufixos de origem tupi-guarani que representam formas adjetivas (-açu = grande; -guaçu = grande; -mirim = pequeno):

Capim-açu, Ceará-mirim, Amoré-guaçu

f) Emprega-se hífen quando o primeiro elemento for "mal" e o segundo elemento começar por vogal, h ou l:

Mal-entendido, Mal-humorado, Mal-limpo

Obs.: Malcriado, malgrado, malvisto etc. Quando mal significar doença, empregar-se-á o hífen: mal-caduco.

NÃO SE EMPREGA O HÍFEN NAS SEGUINTES COMPOSIÇÕES

a) Nas formas empregadas adjetivamente com afro-; anglo-; franco-; indo-; luso-; sino- e semelhantes. Estas continuarão a ser grafadas sem hífen em: Afrodescendente, Anglomania, Eurocêntrico, Eurodeputado

Obs.: Torna-se necessário, como já o era, o emprego do hífen, quando houver mais de uma etnia. Afro-brasileiro, anglo-saxão, euro-asiático.

b) Nas locuções

– substantivas – cão de guarda, fim de semana, mão de obra, sala de jantar
– adjetivas – cor de café com lei, cor de vinho
– pronominais – eu próprio, ninguém mesmo
– adverbiais – à parte, à vontade, depois de amanhã
– prepositivas – a fim de, ao encontro de, apesar de, com objetivo de, de encontro a
– conjuntivas – a fim de que, à medida que

Obs.: Em face de serem termos consagrados pelo uso, conservou-se o hífen em: água-de-colônia, mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao deus-dará, à queima-roupa.

2.21. Parônimos

Palavras com sons parecidos.

absolver	perdoar
absorver	aspirar, sorver
arrear	pôr arreios
arriar	descer
cavaleiro	que cavalga
cavalheiro	cortês
comprimento	extensão
cumprimento	saudação
cumprimento	ato de cumprir
conjectura	suposição, hipótese

conjuntura	oportunidade, situação
deferir	atender
diferir	retardar, divergir
descrição	ato de descrever
discrição	qualidade de discreto
descriminar	inocentar
discriminar	distinguir
despensa	onde se guardam mantimentos
dispensa	ato de dispensar
docente	relativo a professores
discente	relativo a alunos
emigrar	deixar uma região
imigrar	entrar numa região
eminência	excelência
iminência	qualidade de iminente
eminente	elevado
iminente	prestes a ocorrer
estada	permanência de pessoas
estadia	permanência de veículos
flagrante	evidente
fragrante	perfumado
fluir	correr
fruir	desfrutar
imergir	afundar
emergir	vir à tona
inflação	alta de preços
infração	violação
infligir	aplicar pena
infringir	violar
mandado	ordem judicial
mandato	procuração
peão	amansador de cavalgadura
pião	tipo de brinquedo
precedente	que vem antes
procedente	proveniente, que tem fundamento
prescrever	determinar
proscrever	banir, abolir
ratificar	confirmar

retificar	corrigir
soar	produzir som
suar	transpirar
sortir	abastecer
surtir	produzir efeito
sustar	suspender
suster	sustentar
tráfico	negociação
tráfego	trânsito
vultoso	volumoso
vultuoso	congestão na face

2.22. Homônimos

Palavras com a mesma pronúncia.

acender	pôr fogo
ascender	subir
acento	sinal gráfico
assento	onde se senta, lugar
acerto	ato de acertar
asserto	afirmação
caçar	capturar animais
cassar	tornar sem efeito
cela	quarto pequeno
sela	arreio
censo	recenseamento
senso	juízo
cerração	nevoeiro
serração	ato de serrar
cerrar	fechar
serrar	cortar
cervo	veado
servo	criado
chá	bebida
xá	soberano do irã
cheque	ordem de pagamento
xeque	lance no jogo de xadrez
cito	do verbo citar

sito	situado
concertar	ajustar,combinar
consertar	reparar, corrigir
concerto	sessão musical
conserto	reparo
coser	costurar
cozer	cozinhar
esperto	perspicaz
experto	perito
espiar	observar
expiar	pagar pena
espirar	soprar, exalar
expirar	terminar
estrato	camada
extrato	o que se extrai de
incerto	não certo
inserto	inserido
incipiente	principiante
insipiente	ignorante
laço	nó
lasso	frouxo
ruço	grisalho
russo	natural da Rússia
tacha	prego
taxa	imposto, tributo

2.23. Casos especiais

2.23.1. Abaixo / a baixo

Abaixo: Interjeição

Ex.: Abaixo o presidente!

Advérbio (embaixo, em categoria inferior, depois)

Ex.: Abaixo de Deus, as mães.

A baixo: contrário a “de alto”

Ex.: Rasgou os lençóis de alto a baixo.

2.23.2. Acerca de/ cerca de/ a cerca de/ há cerca de

Acerca de: a respeito de.

Ex.: Falamos acerca do filme.

Cerca de: durante, aproximadamente.
Ex.: Falamos cerca de dez minutos.

A cerca de: ideia de distância.
Ex.: Fiquei a cerca de 15 metros da porta.

Há cerca de: existe aproximadamente, aproximadamente no passado.
Ex.: Há cerca de cem pessoas no estádio.

2.23.3. Acima / a cima

Acima: anterior, em grau de categoria superior.
Ex.: De dezoito anos acima.

Em graduação superior.
Ex.: Muito acima do general.

De preferência, em lugar superior, em cima.
Ex.: Buscamos, acima de tudo, a paz.

De cima (interjeição).
Ex.: Acima coração!

A cima: contrário a "de baixo".
Ex.: Costurou a saia de baixo a cima.

2.23.4. Afim / a fim de

Afim: semelhança, parentesco, afinidade.
Ex.: São duas mães afins.

A fim de: com o propósito de, com o objetivo de, com a finalidade de.
Ex.: Estudou a fim de passar no concurso.

2.23.5. Afora / a fora

Afora: o mesmo que "fora", à exceção de, exceto.
Ex.: Todos farão o concurso, afora eles.

A fora: com a ideia de "para fora".
Ex.: Pela rua a fora.

2.23.6. Ao encontro de / de encontro a

Ao encontro de: a favor de, encontrar-se, concordar.
Ex.: Nós não discutimos, visto que minhas ideias foram ao encontro das dele.

De encontro a: Meu carro foi de encontro a um poste.

2.23.7. Aparte / à parte

Aparte: verbo = separar.
Ex.: Não aparte as provas.

substantivo: interrupção.
Ex.: O padre recebeu um aparte.

À parte: locução adverbial = de lado.
Ex.: O resultado será mostrado à parte.

2.23.8. Apedido ou a-pedido / a pedido

Apedido ou a-pedido: substantivo = publicação especial em jornal.
Ex.: Lemos no jornal o apedido do condomínio.

A pedido: locução adverbial = solicitação.
Ex.: Viemos aqui a pedido do diretor.

2.23.9. Bem-posto / bem posto

Bem-posto: elegante.
Ex.: O noivo estava extremamente bem-posto.

Bem posto: posto corretamente.
Ex.: O livro está bem posto na estante.

2.23.10. Conquanto / com quanto

Conquanto: embora; mesmo que.
Ex.: Conquanto João estivesse cansado, ainda saiu de casa.

Com quanto: com que quantitativo.
Ex.: Com quanto dinheiro eles saíram de casa?

2.23.11. Contudo / com tudo

Contudo: entretanto, porém.
Ex.: Maria estava cansada, contudo foi ao teatro.

Com tudo: preposição + pronome = total.
Ex.: Ela saiu de casa com tudo.

2.23.12. Dantes / de antes

Dantes: advérbio = antigamente.
Ex.: Dantes se comia melhor.

De antes: preposição + advérbio = em tempo anterior.
Ex.: Os problemas já vêm de antes de você chegar.

2.23.13. Debaixo / de baixo

Debaixo: em situação inferior.
Ex.: Tomara que não caia quando alguém estiver debaixo.

Na dependência, em decadência.
Ex.: Ficamos debaixo e tivemos que nos render.

Sob:
Ex.: Jaz agora debaixo da terra.

No tempo de; por ocasião de.
Ex.: O sucesso dessas músicas caiu debaixo desse cantor.

Em situação inferior a.
Ex.: Escondam-se debaixo da escada.

De baixo: a parte inferior.
Ex.: Comprei roupa de baixo.

Contrário a "a cima".
Ex.: Examinamos de baixo a cima.

2.23.14. Demais / de mais

Demais: pronome indefinido = outros.
Ex.: Chame os demais candidatos.

Advérbio de intensidade = excessivamente.
Ex.: A mulher fala demais.

Palavra continuativa = além disso.
Ex.: Demais quem trabalha aqui é ela.

De mais: locução adjetiva = muito.
Ex.: Comi doce de mais.

2.23.15. Desapercebido / despercebido

Desapercebido: desavisado.
Ex.: Eu fui ao local errado por estar desapercebido.

Despercebido: sem ser notado, sem perceber a presença.
Ex.: Passei despercebido pela frente do prédio.

2.23.16. Detrás / de trás

Detrás: pela retaguarda.
Ex.: Um atleta não pode cometer uma falta por detrás.

De trás: atrás.

Ex.: Esse som vem lá de trás.

2.23.17. Devagar / de vagar

Devagar: lentamente; sem pressa.
Ex.: Devagar se vai ao longe.

De vagar: de descanso.
Ex.: Escrevo nos momentos de vagar.

2.23.18. Dia-a-dia / dia a dia

Dia-a-dia: substantivo.
Ex.: O dia-a-dia de um casal pode criar problemas.

Dia a dia: locução adverbial = dia por dia.
Ex.: Estudamos dia a dia.

2.23.19. Em vez de / ao invés de

Em vez de: em lugar de.
Ex.: Em vez de fazer Direito, fez Letras.

Ao invés de: ao contrário de.
Ex.: Ao invés de descansar, pôs-se a trabalhar a madrugada inteira.

2.23.20. Enfim / em fim

Enfim: afinal, finalmente.
Ex.: Enfim todos chegaram.

Em fim: no fim.
Ex.: Eles estão em fim de carreira.

2.23.21. Enquanto / em quanto

Enquanto: conjunção = ao mesmo tempo que, em concomitância com.
Ex.: "Enquanto jantava, falei em voz baixa a Casimiro Lopes. (Graciliano Ramos)

Em quanto: preposição + pronome = qual, por quanto.
Ex.: Em quanto tempo se faz a viagem de Rio a São Pedro?

2.23.22. Malgrado / mau grado

Malgrado: embora, ainda que (se não estiver seguido de preposição).
Ex.: Malgrado João quase não tenha estudado, fez excelente teste.

Mau grado: contra a vontade.
Ex.: Paulo cuida do filho de mau grado.

Apesar de (se estiver seguido de preposição).
Ex.: Mau grado ao tempo, sairei.

2.23.23. Nenhum / nem um

Nenhum: ninguém, nada.
Ex.: Nenhum tem razão naquele discurso.

Nem um: um só que fosse.
Ex.: Não bebemos nem uma cerveja.

2.23.24. Porventura / por ventura

Porventura: por acaso.
Ex.: Se porventura não chover, irei à praia.

Por ventura: por sorte.
Ex.: Como não estudei, só passarei por ventura.

2.23.25. Porquanto / por quanto

Porquanto: conjunção = visto que.
Ex.: Apresso-me, porquanto o tempo voa.

Por quanto: designa quantidade, preço.
Ex.: Por quanto venderam o carro?

2.23.26. Portanto / por tanto

Portanto: então, logo.
Ex.: Eles se preparam à beça para o concurso, portanto passarão.

Por tanto: por muita quantidade.
Ex.: "Por tanto amor, por tanta emoção, a vida me fez assim." (Milton Nascimento)

2.23.27. Sem-cerimônia / sem cerimônia

Sem-cerimônia: descortesia.
Ex.: A sem-cerimônia fez com que todos se retirassem.

Sem cerimônia: à vontade.
Ex.: Beba sua cervejinha sem cerimônias.

2.23.28. Sem-fim / sem fim

Sem-fim: número ou quantidade indeterminada.
Ex.: Foi um sem-fim de livros e alunos.

Sem fim: sem término.

Ex.: É uma curva sem fim.

2.23.29. Sem-número / sem número

Sem-número: grande quantidade.
Ex.: Há um sem-número de recados para você.

Sem número: ausência de numeração.
Ex.: A turma ainda está sem número.

2.23.30. Se não / senão

BIZU

Se a palavra "não" puder ser extraída da frase, alterando o seu sentido, porém não gerando erro, o termo "se não" é separado.
Ex.: Se não chover, iremos à praia.

– Observe que o advérbio "não" pode ser extraído, que o período continua correto gramaticalmente.
Ex.: Se chover, iremos à praia.

Por outro lado, se o termo "não" não puder ser suprimido, "senão" é junto.
Ex.: É bom você estudar, senão será reprovado.

– Observe que o termo "não" não pode ser suprimido, pois a frase ficará sem sentido:
Ex.: É bom você estudar, se será reprovado.

2.23.31. Sobretudo / sobre tudo

Sobretudo: especialmente, principalmente.
Ex.: Deves estudar todas as matérias, sobretudo conjunções.

Casacão, capa:
Ex.: O meu sobretudo está molhado.

Sobre tudo: a respeito de tudo, acerca de tudo.
Ex.: Eles conversaram sobre tudo.

2.23.32. Tampouco / tão pouco

Tampouco: também não, nem.
Ex.: Eles não bebem tampouco fumam.

Tão pouco: muito pouco.
Ex.: Ele comeu tão pouco, que logo sentirá fome.

2.24. Formas variantes

cociente	quociente
cotidiano	quotidiano
líquido	líquido
secção	seção
intato	intacto
esperdício	desperdício
antiguidade	antiguidade
sanguíneo	sanguíneo
liquidação	liquidação
líquido	líquido

2.25. Exercícios

Do exercício 1 ao 20, marque a opção em que aparece uma palavra escrita erradamente.

1. a) acensorista			2. a) paisinho
b) decente			b) paisezinhos
c) descente			c) paizinho
d) docente			d) paizinhos
e) discente			e) florzinhas
3. a) espectativa			4. a) aneizinhos
b) esterco			b) anãozinhos
c) espectador			c) coraçõezinhos
d) estender			d) projeteizinhos
e) extenso			e) projetinhos
5. a) êxito			6. a) pagé
b) exílio			b) ojeriza
c) exímio			c) jirau
d) exitar			d) berinjela
e) esotérico			e) tigela
7. a) esôfago			8. a) cafajeste

b) azar			b) jenipapo
c) vazar			c) anginho
d) extravazar			d) angelical
e) avisar			e) gergelim
9. a) embriaguez			10. a) gengibre
b) burguez			b) jeito
c) pedrês			c) sargeta
d) cortês			d) encorajei
e) montanhês			e) monge
11. a) realeza			12. a) majestade
b) beleza			b) jesto
c) pequineza			c) gorjeta
d) marquesa			d) jiló
e) princesa			e) laje
13. a) realizar			14. a) chícara
b) bisar			b) chuchu
c) catequisar			c) enchova
d) poetizar			d) enxoval
e) poetisa			e) xampu
15. a) pesquisar			16. a) lampião
b) paralizar			b) poleiro
c) visar			c) tábua
d) simbolizar			d) goela
e) analisar			e) boeiro
17. a) ascensão			18. a) disenteria
b) excessão			b) degladiar
c) descensão			c) dilapidar
d) contenção			d) empecilho
e) admissão			e) privilégio

19. a) cessação			20. a) manteigueira
b) sensação			b) bandeija
c) cessão			c) cabeleireiro
d) ressucitar			d) rédea
e) ressurreição			e) uísque

21. (Petrobrás – Administrador – Cesgranrio) Um professor de gramática tradicional, ao corrigir uma redação, leu o trecho a seguir e percebeu algumas inadequações gramaticais em sua estrutura.
Os grevistas sabiam o porque da greve, mas não entendiam porque havia tanta repressão. O professor corrigirá essas inadequações, produzindo o seguinte texto:
a) Os grevistas sabiam o por quê da greve, mas não entendiam porque havia tanta repressão.
b) Os grevistas sabiam o porque da greve, mas não entendiam porquê havia tanta repressão.
c) Os grevistas sabiam o porquê da greve, mas não entendiam por que havia tanta repressão.
d) Os grevistas sabiam o por que da greve, mas não entendiam porque havia tanta repressão.
e) Os grevistas sabiam o porquê da greve, mas não entendiam porquê havia tanta repressão.

22. (Uni-Rio) Assinale o item em que uma das palavras não é variante da outra, como as demais:
a) exceção – excessão
b) cousa – coisa
c) secção – seção
d) catorze – quatorze
e) quotidiano – cotidiano

23. (Transpreto – Administrador – Cesgranrio) O elemento em destaque está grafado de acordo com a norma-padrão em:
a) O marciano desintegrou-se **por que** era necessário.
b) O marciano desintegrou-se **porquê**?
c) Não se sabe **por que** o marciano se desintegrou.
d) O marciano desintegrou-se, e não se sabe o **porque**.
e) **Por quê** o marciano se desintegrou?

24. (Transpetro – Administrador – Cesgranrio) Ao escrever frases, que deveriam estar de acordo com a norma-padrão, um funcionário se equivocou constantemente na

ortografia. Ele só NÃO se enganou em:
a) O homem foi acusado de estuprar várias vítimas.
b) A belesa da duquesa era realmente de se admirar.
c) Porque o sapato deslisou na lama, a mulher foi ao chão.
d) Sem exitar, as crianças correram para os brinquedos do parque.
e) Sem maiores pretenções, o time venceu o jogo e se classificou para a final.

25. (Técnico Judiciário – TRF – 1ª Região – FCC) As palavras estão corretamente grafadas na seguinte frase:
a) Que eles viajem sempre é muito bom, mas não é boa a ansiedade com que enfrentam o excesso de passageiros nos aeroportos.
b) Comete muitos deslises, talvez por sua espontaneidade, mas nada que ponha em cheque sua reputação de pessoa cortês.
c) Ele era rabugento e tinha ojeriza ao hábito do sócio de descançar após o almoço sob a frondoza árvore do pátio.
d) Não sei se isso influe, mas a persistência dessa mágoa pode estar sendo o grande impecilho na superação dessa sua crise.
e) O diretor exitou ao aprovar a retenção dessa alta quantia, mas não quiz ser taxado de conivente na concessão de privilégios ilegítimos.

26. (PUC) Assinale o grupo de palavras que completa corretamente as frases abaixo.
Aquela tinha por objetivo descobrir a melhor maneira de o processo de vacinação no país.
Não sei você vai e, portanto, não saberei o encontrar.
a) pesquiza – modernizar – aonde – onde
b) pesquisa – modernizar – aonde – onde
c) pesquisa – modernisar – aonde – aonde
d) pesquiza – modernizar – onde – aonde
e) pesquisa – modernizar – onde – onde

27. Em consonância com o novo acordo ortográfico, que vocábulo a seguir perdeu o hífen?
a) anti-higiênico;
b) ex-almirante;
c) auto-sugestão
d) sub-reino
e) semicírculo

28. Em consonância com o novo acordo ortográfico, que vocábulo passou a ter hífen?
a) antiinflacionário
b) antiético
c) supracitado
d) sobreloja

e) hipermercado

29. (Técnico Judiciário – TRF-1ª Região – FCC) A palavra destacada está empregada corretamente em:
a) Ele é o guardião dos reptis que estão sendo estudados.
b) Com esse cálculo financeiro, o banco aleja os clientes.
c) Se eu me abster, haverá empate na votação.
d) Os guarda-noturnos serão postos na formalidade.
e) Essa máquina mói todos os detritos.

30. Analista Legislativo Senado Federal – FGV – A palavra *megadiversidade* foi grafada corretamente no texto. Assinale a alternativa em que, compondo-se palavra com o elemento *mega*-, obedeceu-se às regras de ortografia.
a) mega-homenagem
b) megaipótese
c) mega sucesso
d) megaritual
e) mega-evento

31. (TRE-MG) "A das atividades industriais provocou frequentes entre os operários. A solução foi a do governo nas negociações".
a) paralisação – discussões – intercessão
b) paralisação – discursões – intersessão
c) paralisação – discussões – interseção
d) paralização – discursões – intercessão
e) paralização – discussões – interseção

32. (TRE-MG) A palavra nos parênteses não preenche adequadamente a lacuna do enunciado em:
a) O crime foi bárbaro. Somente após a do assunto é que foi possível prendê-lo. (descrição)
b) Só seria possível o acusado, se conseguíssemos mais provas que o inocentassem. (descriminar)
c) As negociações só vão os resultados esperados, caso todos compareçam. (sortir)
d) O corpo estava , apenas a cabeça estava fora da água, que subia cada vez mais. (imerso)
e) Como a mercadoria estava muito pesada, o recurso foi o cofre ali mesmo, na escada. (arriar)

33. (TRE-RJ) A alternativa em que a segunda palavra se escreve com a mesma letra ou dígrafo sublinhado na primeira é:
a) "ten<u>s</u>ão" / absten ão
b) "e<u>x</u>terior " / e tender

c) “sucessiva” / exce ão
d) “florescimento” / su inta
e) “empiricismo” / mpecilho

34. (TRE-RJ) “Comprida” tem significado distinto de seu parônimo “cumprida”. Das sentenças abaixo, aquela em que houve troca na escolha dos parônimos entre parênteses é:
a) O acúmulo de vultosas quantias era sinal de bênção divina. (vultosas / vultuosas)
b) Muda-se a ética antes que se consuma a generalização do pecado. (consuma / consume)
c) A expressão “dar um jeito” traz sempre subentendida a intenção de burlar a lei. (subentendida / subtendida)
d) O descumprimento da lei dificilmente passa despercebido na “Common Law” anglo-saxônica. (desapercebido / despercebido)
e) Antes de mais nada, faz-se necessário discriminar que leis favorecem a institucionalização do jeito. (descriminar / discriminar)

35. Qual vocábulo denuncia já estar sendo empregado o novo acordo ortográfico?
a) pan-americano
b) sub-base
c) subsolo
d) arqui-inimigo
e) extra-orçamentário

36. (Técnico Judiciário – TRE-PE – FCC) O par grifado que constitui exemplo de parônimos está em:
a) No espaço de uma noite, o rio havia transbordado e inundado o quintal da casa.
Pela manhã, foi possível constatar a força destrutiva das águas.
b) O rio se convertera em um caudaloso fluxo de águas sujas.
O menino se assustou com a violência barrenta das águas.
c) Famílias eminentes podiam ir para o campo, fugindo do bulício da cidade.
Eram iminentes os riscos causados pela inundação das águas barrentas do rio.
d) Era urgente a necessidade de obras para a contenção do rio.
Havia heroísmo na concentração dos homens que lutavam contra a corrente.
e) No pomar atrás da casa havia frutas, entre elas, mangas e cajus.
Em mangas de camisa, homens tentavam salvar o que as águas levavam.

37. (TRE-RO) extin...ão; conce...ão; suspen...ão; ob...ecar; can...ado. Para completar corretamente as palavras acima usam-se, respectivamente:
a) c – ç – s – sc – s
b) ç – ss – s – c – s
c) s – ss – s – sc – s
d) s – c – s – sc – ç

e) s – c – ç – s – ç

38. (TFC) Indique a alternativa em que não há erro de grafia.
a) Porque chegou atrazado perdeu grande parte do explêndido espetáculo.
b) Pediu-lhe que ascendesse a luz, pois a claridade não era impecilho a seu repouso.
c) Ele não é uma exceção, também é muito ambicioso.
d) Quizera eu que todas as espécies animais estivessem livres de extinção.
e) Não poderia advinhar que sua música viesse a ter tanto hêsito.

39. (TFC) Indique o segmento totalmente correto quanto à grafia.
a) Há intensão de se alcançar um consenso para evitar as divergências entre os parlamentares.
b) É preciso cessarem as disensões para se obter a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases na Educação.
c) Um aquário pode ser tido como um ecossistema, no qual os escrementos dos peixes, depois de decompostos, fornecerão elementos essenciais à vida das plantas.
d) O Sol é o responsável pela emissão de luz, indispensável para a fotossíntese, processo pelo qual as plantas produzem o alimento orgânico primário, assim como praticamente todo o oxigênio na atmosfera.
e) Pesquizas recentes têm atribuído a choques meteóricos a súbita extinção dos dinossauros da face da Terra.

40. (Inspetor da PC-RJ – FGV) Em inospitaleiras (L.82), ao se juntar o prefixo à palavra hospitaleiras, houve perda da letra h.
Assinale a alternativa em que a junção dos dois elementos se deu de forma incorreta, provocando erroneamente a perda da letra h.
a) subumano
b) megaomenagem
c) socioistórico
d) multiabilidoso
e) panispânico

41. (Esaf) Considerando a diversidade de grafia da forma PORQUE, pode-se afirmar que está incorreta a frase:
a) Assino esta revista especializada há muitos anos, mas este mês ela chamou minha atenção de modo especial, e vocês vão logo entender por quê.
b) A decisão final sobre os reajustes das prestações do SFH sairá ainda este mês. Persistem algumas dúvidas porque a indexação voltou só para a parcela do salário até três mínimos.
c) Conforme informação da Caixa Econômica Federal, os mutuários desejam saber porque aqueles que têm data-base em setembro e repasse em sessenta dias terão, em novembro, correção mais elevada.
d) Muitos desconhecem também os motivos por que se aplicarão a todos os mutuários

com contratos de equivalência salarial plena as antecipações bimestrais e quadrimestrais pelo INPC.
e) Por que se aplica o índice da poupança de setembro/90 a agosto/91 mais 3% de ganho real, descontando-se as antecipações?

42. (FCMPA-MG) Assinale o item em que a palavra destacada está incorretamente aplicada.
a) Trouxeram-me um ramalhete de flores fragrantes.
b) A justiça infligiu a pena merecida aos desordeiros.
c) Promoveram uma festa beneficiente para a creche.
d) Devemos ser fiéis ao cumprimento do dever.
e) A cessão de terras compete ao Estado.

43. (Técnico Judiciário – 14ª R – FCC) Das frases abaixo só NÃO há erros de ortografia em:
a) Carbohidratos ricos em fibras são importantes aliados para manter estável o nivel de energia do organismo.
b) Sabe-se que uma substancia encontrada no guaraná pode estimular a função cerebral e auxiliar na concentrasão.
c) Consumir alimentos ricos em vitaminas e minerais pode ajudar a reduzir os efeitos negativos do estresse.
d) O consumo de proteínas e gorduras em exceço pode ser nossivo para o processo digestivo.
e) Manter o organismo mau hidratado pode prejudicar a eliminação de toxínas e provocar sérios problemas de saúde.

44. (TRT) você brinca? ? Ora, me agrada. A experiência passei, foi desagradável. Depois você saberá o .
a) Porque – porquê – porque – porque – por que
b) Por que – porquê – porque – porque – porque
c) Por que – porquê – porque – porque – por quê
d) Porque – porque – por quê – porque – por que
e) Por que – por quê – porque – por que – porquê

45. (Esaf) Marque a alternativa cujas palavras preenchem corretamente as respectivas lacunas, na frase seguinte: "Necessitando o número do cartão do PIS, a data de meu nascimento."
a) ratificar – proscrevi
b) prescrever – discriminei
c) descriminar – retifiquei
d) proscrever – prescrevi
e) retificar – ratifiquei

46. (Unisinos) A frase onde os homônimos e/ou parônimos em destaque estão com significação invertida é:
a) Era iminente a queda do eminente deputado.
b) A justiça infringe uma pena a quem inflige a lei.
c) Vultosa quantia foi gasta para curar sua vultuosa face.
d) O mandado de segurança impediu a cassação do mandato.
e) O nosso censo depende exclusivamente do senso de responsabilidade do IBGE.

47. (Mack) Na oração "Em sua vida, nunca teve muito , apresentava-se sempre no de tarefas " as palavras adequadas para preenchimento das lacunas são:
a) censo – lasso – cumprimento – eminentes
b) senso – lasso – cumprimento – iminentes
c) senso – laço – comprimento – iminentes
d) senso – laço – cumprimento – eminentes
e) censo – lasso – comprimento – iminentes

48. (TFC) Indique a letra na qual as palavras complementam, corretamente, os espaços das frases abaixo.
1. Quem possui deficiência auditiva não consegue os sons com nitidez.
2. Hoje são muitos os governos que passaram a combater o de entorpecentes com rigor.
3. O diretor do presídio pesado castigo aos prisioneiros revoltosos.
a) discriminar – tráfico – infligiu
b) discriminar – tráfico – infringiu
c) descriminar – tráfego – infringiu
d) descriminar – tráfego – infligiu
e) descriminar – tráfico – infringiu

49. (Fuvest) No último da orquestra sinfônica, houve entre os convidados, apesar de ser uma festa .
a) conserto – flagrantes descriminações – beneficente
b) concerto – fragrantes discriminações – beneficiente
c) conserto – flagrantes descriminações – beneficiente
d) concerto – fragrantes discriminações – beneficente
e) concerto – flagrantes discriminações – beneficente

50. (TRE-RJ) A grafia da palavra sublinhada está incorreta em:
a) O deputado defendeu a <u>descriminação</u> da maconha.
b) Sua <u>ascensão</u> à presidência da firma surpreendeu a todos.
c) Todos o julgavam, com razão, demasiadamente <u>pretensioso</u>.
d) Os deputados não queriam acabar com os próprios <u>previlégios</u>.
e) A disputa entre os <u>cônjuges</u> só poderia ser resolvida nos tribunais.

51. (TRE-MG) "Por diversas vezes em prosseguir as investigações. Só conseguiu

a situação com a colaboração de seus assessores". As lacunas do período dado ficam corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) hesitou – amenizar
b) hesitou – amenisar
c) hezitou – amenizar
d) exitou – amenizar
e) exitou – amenisar

52. (TRE-MG) A palavra sublinhada está empregada inadequadamente em:
a) Os moradores sempre o consideraram, pelas suas atitudes, um homem sério e descente.
b) Sempre foi muito místico, por isso não se cansavam de lhe chamar de ascético.
c) Comentava-se que o príncipe só poderia ascender ao trono após a maioridade.
d) Na última publicação do jornalista, a seção de esportes estava ótima.
e) Sabe apreciar uma pintura. Não há dúvida de que possui senso artístico.

53. (Técnico Judiciário – Tribunal Regional Eleitoral – NCE) Pesquisa é vocábulo grafado com S, como se pode ver no texto. O item em que há um vocábulo erradamente grafado com essa letra é.
a) paralisia / análise / atraso;
b) gasoso / baronesa / arrasar;
c) besouro / adeusinho / bis;
d) brasão / freguês / guloseima;
e) marquês / pesadelo / anõesinhos.

54. (Analista Judiciário – Tribunal Regional Eleitoral – NCE) Como se pode ver no texto, obscenamente é um vocábulo grafado com SC. O item abaixo em que um dos vocábulos está erroneamente grafado é:
a) ressuscitar / ascensão / piscina;
b) adolescente / discente / indescente;
c) convalescer / crescer / rescindir;
d) abscesso / florescente / transcender;
e) renascença / piscicultura / miscelânea.

55. (Analista Judiciário – Tribunal Regional do Trabalho) "... Cônscio de sua insignificância como indivíduo...". O item em que uma das palavras indicadas não deve ser escrita com SC é:
a) suscitar, ascender, ascessório;
b) rescindir, transcendência, renascer;
c) discente, descendência, enflorescer;
d) seiscentos, prescindir, acrescentar;
e) discernir, remanescer, fascismo.

56. (Técnico Judiciário – TJ – NCE) "A Carta proíbe a discriminação entre o homem e a mulher...". O vocábulo sublinhado era denominado parônimo (de descriminação). O item abaixo em que houve erro porque houve troca entre parônimos é:

a) Os assertos do discurso presidencial necessitam de confirmação.
b) As conjeturas do economista português foram importantes para nossa reflexão.
c) O ministro pretendia proscrever, para o presidente, uma certa cautela nos discursos.
d) Na iminente situação de perigo, o ministro preferiu adotar uma solução mais drástica.
e) O corrupto pretendia rapar todas as contribuições da campanha eleitoral.

57. (NCE) "E, em vez das simples anotações que seriam preciosas como documento...". A frase abaixo em que em lugar de em vez de seria mais adequado dizer ao invés de é:

a) Em vez de ler, preferiu dormir.
b) Em vez de churrasco, quis feijoada.
c) Em vez de sair, entrou.
d) Em vez de um caderno, encontrou um livro.
e) Em vez de anotações, encontrou um diário completo.

58. (Inspetor da Polícia Civil-RJ/FGV) "Mas porque na verdade não me queres mais" (verso 35). No verso acima, utilizou-se a forma correta *porque*. Assinale a alternativa em que não se tenha utilizado corretamente uma das quatro formas do porquê.

a) É necessário avaliar por quê, ontem, fomos derrotados.
b) Depois de entender por quê, prosseguiu.
c) Não sei por quê nem como.
d) Não entendemos as privações por que passamos.
e) Deve haver um porquê para nossa derrota.

Capítulo 3

Regras de Acentuação

3.1. Monossílabos tônicos

Os monossílabos tônicos terminados em A(S), E(S), O(S) são acentuados.

Ex.: pá, pé, pó, sós.

Obs.: Monossílabos terminados em outras letras não receberão acento, exceto "têm", "vêm" e "pôr".

3.2. Oxítonas

As palavras oxítonas terminadas em A(S), E(S), O(S), EM, ENS são acentuadas.

Ex.: sofá, rapé, cipó, avô, vocês, também, parabéns.

3.3. Paroxítonas

As palavras paroxítonas terminadas em I(S), L, R, X, PS, N, UM, UNS, US, Ã(S), DITONGO(S) são acentuadas.

BIZU

Para memorizar esta regra: UM ROUXINOL FOI AO (ditongo) INAM (ã)PS. Nesta frase, estão contidas todas as terminações dos paroxítonos acentuados.

Ex.: táxi, biquíni, biquínis, júri, júris, móvel, inflamável, revólver, fêmur, tórax, fênix, bíceps, fórceps, hífen, pólen, abdômen, álbum, fórum, álbuns, bônus, ânus, ímã, órfã, órfãs, móveis, inflamáveis...

Obs.: Atenção para o fato de "hífen" possuir acento, mas "item" não. O primeiro é paroxítono terminado em ***N***, o segundo é paroxítono terminado em ***M***. Hifens, polens e abdomens não levam acento, pois não há regra dizendo que paroxítono terminado em ***ENS*** leva acento. No entanto, estas palavras possuem outra forma de plural, com ***ES:*** pólenes, hífenes e abdômenes. Esta

forma alternativa de plural se acentua, pois os vocábulos tornam-se proparoxítonos (observe a regra a seguir).

3.4. Proparoxítonas

Todas as palavras proparoxítonas são acentuadas.

Ex.: Matemática, tóxico, cantaríamos, buscávamos.

Obs.: As palavras paroxítonas terminadas em ditongos crescentes podem ser consideradas também proparoxítonas, e os ditongos crescentes também podem ser interpretados como hiatos.

Ex.: armário, tênue, séries, glória, rádio, oxigênio, sódio, óleo, paciência.

Portanto, estas palavras podem tanto fazer parte da regra das palavras paroxítonas como das proparoxítonas.

Obs.: Era comum, em antigas épocas, a indicação de que alibi, deficit e habitat não seriam acentuados em função do latinismo. Hoje, os dicionários já registram esses vocábulos com acento. Ultimamente, tal questionamento não se tem feito presente nos concursos.

3.5. Ditongos abertos ÉI(S), ÉU(S), ÓI(S)

Serão acentuados os ditongos abertos e tônicos ÉI(S), ÉU(S) e ÓI(S), quando se localizarem na última sílaba ou for a única sílaba.

Ex.: céu, réis, anéis, herói

Obs.: De acordo com a nova ortografia, boia, heroica, geleia etc. perderam o acento, pois o ditongo não ocorre na última sílaba.

3.6. "I" e "U", quando isolados numa sílaba

Acentuam-se "i" e "u", quando isolados numa sílaba, que não a primeira, sendo, no máximo, seguidos de "S".

Ex.: saída, baú, saúva, país, paúra, raízes

Obs.: Se, depois da vogal "i", ocorrer o dígrafo "NH", não haverá acento.

Ex.: rainha, moinho, tainha, sainha

Obs.: De acordo com a nova ortografia, perdeu o acento o I e o U se precedidos de ditongo.

Ex.: feiura, pauis, boiuna

3.7. "OO" ou "EE"

Pelo novo acordo ortográfico, não mais se acentuam os vocábulos que

apresentem "OO" ou "EE".
Ex.: voo, enjoo, coo, moo, veem, leem, creem, deem.

3.8. Acento diferencial

3.8.1. Intensidade

pôr (verbo) – por (preposição)

3.8.2. Timbre

pôde (verbo no pretérito perfeito) – pode (verbo no presente)

3.8.3. Número / pessoa

Obs.: Haverá nos verbos "ter" e "vir" acento diferencial nos seguintes casos:
ele tem – eles têm
ele vem – eles vêm

Quando um verbo se derivar de "ter" e "vir", a terceira pessoa do singular somente se distinguirá da terceira pessoa do plural no Presente do Indicativo através do acento. Aquela terá acento agudo e esta terá acento circunflexo.
ele contém – eles contêm
ele convém – eles convêm

Obs.: Perderam o acento diferencial de intensidade os seguintes vocábulos
para (verbo) – pera (fruta) – polo (substantivo) – pelo (substantivo) – pelo (verbo) – coa (verbo)

3.9. Trema

Pelo novo acordo ortográfico, não mais se emprega o trema.
Ex.: eloquente, tranquilo, aguentar, linguiça.

3.10. Exercícios

Do exercício 1 ao 8, marque a opção em que a ortografia correta do vocábulo é sem acento.

1. a) biquini			2. a) raizes
b) bau			b) biceps
c) urubu			c) rainha
d) sauva			d) poluido
e) balaustre			e) analitico

3. a) polens			4. a) hifen
b) polen			b) hifenes
c) abdomen			c) item
d) polenes			d) album
e) abdomenes			e) albuns
5. a) climax			6. a) revel
b) xerox			b) consul
c) latex			c) estencil
d) cortex			d) dificil
e) ônix			e) têxtil
7. a) faceis			8. a) rubrica
b) jogueis			b) ve
c) estencis			c) ves
d) repteis			d) o porque
e) texteis			e) fenix

9. Na frase "Ele mantem, ou melhor, eles mantem a esperança de pegar este onibus e sair deste pais para so voltar quando a violencia estiver totalmente erradicada e as aguas despoluidas", temos:
a) 4 acentos agudos e 3 circunflexos
b) 4 acentos agudos e 4 circunflexos
c) 5 acentos agudos e 2 circunflexos
d) 4 acentos agudos e 3 circunflexos
e) 5 acentos agudos e 3 circunflexos

10. (Uni-Rio) Assinale a única palavra corretamente acentuada na lista abaixo:
a) gratuíto
b) nóvel
c) décano
d) récem
e) ínterim

11. (Uni-Rio) A palavra que é acentuada de acordo com a mesma regra observada em PARVOÍCE é:
a) constituíram

b) lunático
c) estréia
d) consórcio
e) troféus

12. (UFF) Assinale a opção em que se justifique erroneamente o emprego do acento gráfico.
a) Pôde – acento diferencial para distinguir a forma do pretérito perfeito do presente do indicativo.
b) Ninguém – palavra oxítona terminada em em.
c) Idéia – palavra paroxítona terminada em ditongo oral.
d) Massapê – palavra oxítona terminada em e.
e) Só – monossílabo tônico terminado em o.

13. (Cesgranrio) Assinale a opção em que se erra quanto à explicação do uso do acento gráfico nas palavras destacadas:
a) Porém – também – os vocábulos terminados em – recebem acento agudo, que os marca como oxítonos.
b) Chapéu – idéia – o acento recai sobre a primeira vogal do hiato para indicar a sílaba tônica.
c) Três – chá – só – os monossílabos tônicos terminados em A, E, O são acentuados. Leva-se em conta nesta regra a tonicidade dos monossílabos na frase.
d) Título – hábitos – acentuam-se em português as palavras proparoxítonas.
e) Renânia – dicionário – as palavras paroxítonas terminadas em ditongo oral são acentuadas.

14. (Técnico Judiciário – TRE-SP – FCC) É preciso corrigir deslizes relativos à ortografia oficial e à acentuação gráfica da frase:
a) As obras modernistas não se distinguem apenas pela temática inovadora, mas igualmente pela apreensão do ritmo alucinante da existência moderna.
b) Ainda que celebrassem as máquinas e os aparelhos da civilização moderna, a ficção e a poesia modernista também valorizavam as coisas mais quotidianas e prosaicas.
c) Longe de ser uma excessão, a pintura modernista foi responsável, antes mesmo da literatura, por intensas polêmicas entre artistas e críticos concervadores.
d) No que se refere à poesia modernista, nada parece caracterizar melhor essa extraordinária produção poética do que a opção quase incondicional pelo verso livre.
e) O escândalo não era apenas uma consequência da produção modernista: parecia mesmo um dos objetivos precípuos de artistas dispostos a surpreender e a chocar.

15. (TRT-RJ – CESPE-UnB) Com referência à ortografia oficial e às regras de acentuação de palavras, assinale a opção incorreta.
a) Os vocábulos lágrima e Gênesis seguem a mesma regra de acentuação.
b) As palavras oásis e lápis são acentuadas pelo mesmo motivo.

c) A grafia correta do verbo correspondente a ressurreição é ressucitar.
d) Apesar de a grafia correta do verbo poetizar exigir o emprego da letra "z", o feminino de poeta é grafado com s.
e) O vocábulo traz corresponde apenas a uma das formas do verbo trazer; a forma trás é empregada na indicação de lugar (equivale a parte posterior).

16. (Petrobrás – Técnico Ambiental – Cesgranrio)
O conjunto de palavras paroxítonas que deve receber acentuação é o seguinte:
a) amavel – docil – fossil
b) ideia – heroi – jiboia
c) onix – xerox – tambem
d) levedo – outrem – sinonimo
e) acrobata – alea – recém

17. Auxiliar Portuário – FGV – Assinale a palavra que NÃO tenha sido acentuada pela mesma regra que as demais:
a) sensíveis
b) países
c) consequência
d) comércio
e) seminário

18. (Eletronorte – NCE) Duas palavras que são acentuadas em função da mesma regra são:
a) sanduíche / rápido
b) água / família
c) pátria / saída
d) você / três
e) cafeína / café

19. (NCE) A forma verbal "há" leva acento ortográfico porque:
a) é um monossílabo átono;
b) é forma verbal;
c) é palavra sem valor semântico;
d) é monossílabo tônico terminado em "a";
e) a vogal "a" tem timbre aberto.

20. (CM-Redator / Revisor) Todas as palavras estão acentuadas de acordo com as normas do sistema ortográfico vigente em:
a) ínterim – rúbrica – item
b) arguíste – guarani – fluido
c) delinquência – ambíguo – quinquenal
d) constituía – gratuíto – iníquo

e) prototipo – ímã – raízes

21. (CM – 1º Grau) Apesar de todas as palavras abaixo rimarem com chinês, a opção em que há erro ortográfico, porque uma das palavras é grafada com sufixo distinto dos demais é:
a) burguês – japonês
b) marquês – embriaguês
c) dinamarquês – pequinês
d) pedrês – português
e) holandês – escocês

22. (CM – 1º Grau) Os acentos das palavras subúrbio e revólver explicam-se, respectivamente, porque se têm de acentuar os:
a) paroxítonos terminados em ditongo e os terminados em "r";
b) paroxítonos terminados em ditongo oral e os terminados em "r";
c) proparoxítonos terminados em ditongo oral e os paroxítonos terminados em "r";
d) proparoxítonos terminados em ditongo e os paroxítonos terminados em "r";
e) paroxítonos terminados em ditongo oral e os oxítonos terminados em "r".

23. (AFA) Observe a acentuação destas palavras: além, artística, botânica, cadavérica, é, está, fácil, gênio, há, imutável, já, Luís, ponderável, só, também, vocabulário.
Assinale a opção em que a acentuação de cada palavra se explica por uma regra específica, distinta das regras das demais palavras da alternativa:
a) Há – já – é – só
b) Botânica – além – fácil – Luís
c) Imutável – está – cadavérica – artística
d) Também – gênio – ponderável – vocabulário

24. (NCE) A alternativa em que as duas palavras destacadas recebem acento gráfico pela mesma razão é:
a) público – órgãos
b) também – vêem
c) é – à
d) polêmicas – difícil
e) língua – controvérsias

25. (TJ) Em que item a seguir os vocábulos não têm sua acentuação gráfica justificada pela mesma regra?
a) silêncio – escritórios
b) próxima – trânsito
c) pôr – é
d) fácil – impossível
e) vários – pátio

26. (NCE) Que par de palavras abaixo não tem sua acentuação gráfica justificada com base na mesma regra?
a) súditos – fábrica
b) denúncia – consciência
c) está – já
d) útil – agradável
e) país – saúde

27. (UFRJ) O vocábulo "pôs" leva acento gráfico pelo mesmo motivo de uma das palavras a seguir. Qual?
a) pôr
b) está
c) três
d) compôs
e) têm

28. (NCE) Violência é palavra que recebe acento gráfico pela mesma razão de uma das palavras a seguir. Qual?
a) aí
b) é
c) válidos
d) idéia
e) vácuo

29. Que vocábulo, de acordo com as novas regras ortográficas, perdeu o acento?
a) saída
b) saúva
c) baú
d) bocaiúva
e) saí

30. (UFRJ-Magistério) O vocábulo abaixo que possui acento diferencial por razão distinta dos demais é:
a) pára
b) pôr
c) têm
d) pêra
e) pólo

31. Que vocábulo, de acordo com as novas regras ortográficas, não perdeu o acento.
a) pêlo (substantivo)
b) pélo (verbo)

c) pôr (verbo)
d) pára (verbo)
e) pólo (substantivo)

32. (Advogado – Senado Federal – FGV) Assinale a alternativa em que a palavra indicada tenha sido acentuada por regra distinta das demais.
a) instituídas
b) transparência
c) remuneratório
d) Judiciário
e) Ministério

33. (Técnico Legislativo – Senado Federal – FGV) Assinale a alternativa em que a palavra tenha sido acentuada seguindo a mesma regra que *saúde*.
a) indústria
b) licitatória
c) aí
d) até
e) têm

34. (Analista de Informática Legislativa – Senado Federal – FGV) A palavra *êxito* recebeu acento por se tratar de proparoxítona. Nas alternativas a seguir, em que todas as palavras estão propositalmente grafadas sem acento, uma naturalmente não receberia acento por não se tratar de proparoxítona. Assinale-a.
a) interim
b) rubrica
c) recondito
d) arquetipo
e) lugubre

35. (FNDE-FGV) Assinale a alternativa em que a palavra indicada tenha sido acentuada seguindo a mesma regra que *suíço*.
a) níveis
b) possuíam
c) família
d) cenário
e) diálogo

36. (Administrador – Docas – FGV) Assinale a palavra que tenha sido acentuada por regra DISTINTA das demais.
a) relógio
b) deficiências
c) distância

d) nível
e) níveis

37. (Administrador – Docas – BA – FGV) Assinale a palavra que foi acentuada seguindo a mesma regra que *três* (L.23).
a) prevê (L.32)
b) até (L.40)
c) além (L.34)
d) é (L.16)
e) país (L.17)

38. (Inspetor PC – RJ – FGV) Assinale a alternativa em que o termo tenha sido acentuado seguindo regra distinta dos demais.
a) difíceis (L.55)
b) próprio (L.3)
c) concluída (L.49)
d) consequências (L.37)
e) solidários (L.85)

39. (UEG) Indique o par em que o acento gráfico não tem a mesma função:
a) círculo – líquido
b) notícia – proprietário
c) pôr – pára
d) água – pára
e) difíceis – amáveis

40. (BNDES – Administração – Cesgranrio – adaptada) As palavras que se acentuam pela mesma regra de "prévia" e "até", respectivamente, são:
a) raízes e só
b) inútil e baú
c) infindáveis e você
d) menestréis e sofá
e) hífen e saída

41. (TRE-MT) Segue a mesma regra de acentuação de país a palavra:
a) saúde
b) aliás
c) táxi
d) grêmios
e) heróis

42. (TRE-ES) "Aí" é acentuada pelo mesmo motivo de:
a) aquí

b) dá
c) é
d) baú
e) porém

43. (NCE) A palavra <u>países</u> leva acento porque:
a) é proparoxítona
b) é paroxítona com hiato
c) o "i" é tônico como segunda vogal do hiato
d) apresenta ditongo aberto
e) é paroxítona terminada em "s"

44. (TRE-RJ) A alternativa que apresenta <u>erro</u> quanto à acentuação em um dos vocábulos é:
a) lápis – júri
b) bônus – hífen
c) ânsia – série
d) raízes – amável
e) Anhangabaú – bambú

45. (Analista Judiciário – TRT) No primeiro parágrafo do texto, há uma série de palavras acentuadas graficamente; se agruparmos essas palavras segundo a regra que justifica seus acentos, teríamos os seguintes grupos:
a) (1) é; (2) típico, século, jurídica, características; (3) possível; (4) ciência, própria, doutrinária;
b) (1) é; (2) típico, século, possível; (3) jurídica, características; (4) ciência, própria, doutrinária;
c) (1) é, século; (2) típica, jurídica, características, ciência, próprias, doutrinária; (3) possível;
d) (1) é, século, ciência; (2) típico, jurídico, características, possível; (3) próprias; (4) doutrinárias;
e) (1) é, possível.

46. Que alternativa apresenta vocábulos grafados em consonância com o novo acordo ortográfico.
a) polo, coa, vêem
b) idéias, réis, véu
c) herói, heróico, céu
d) pôr, tranquilo, sóis
e) dêem, enjôo, para

47. (TTN) Assinale o trecho que apresenta <u>erro</u> de acentuação gráfica.
a) Inequivocamente, estudos sociológicos mostram que, para ser eficaz, o chicote,

anátema da sociedade colonial, não precisava bater sobre as costas de todos os escravos.
b) A diferença de ótica entre os díspares movimentos que reivindicam um mesmo amor à natureza se enraízam para além das firulas das discussões político-partidárias.
c) No âmago do famoso santuário, erguido sob a égide dos conquistadores, repousam enormes caixas cilíndricas de oração em forma de mantras, onde o novel na fé se purifica.
d) O alvo da diatribe, o fenômeno da reprovação escolar, é uma tolice inaceitável, mesmo em um paradígma de educação deficitária em relação aos menos favorecidos.
e) Assustada por antigas endemias rurais, a, até então, álacre sociedade brasileira tem, enfim, consciência do horror que seria pôr filhos em um mundo tão inóspito.

48. Que alternativa apresenta vocábulos grafados em consonância com o novo acordo ortográfico.
a) doem, peras, boléia
b) Apazigue, apazígue, apazígua
c) averíguem, averiguem, averiguam
d) crêem, vôo, menestréis
e) pôde, pôr, intervêm

49. (Inspetor de Polícia – Polícia Civil – NCE) O item em que aparece um par de vocábulos acentuados graficamente por motivos distintos é:
a) há – pôr
b) universitários – raciocínio
c) cocaína – heroína
d) lógica – hábito
e) demonstrá-la – aliás

50. (Tribunal Regional do Trabalho) Duas palavras do texto que recebem acento gráfico em razão de regras ortográficas diferentes são:
a) salário – importância
b) é – mês
c) difícil – hábil
d) inexistência – médio
e) diminuído – jurídicos

Capítulo 4

Estrutura dos Nomes

4.1. Radical

Indica o significado dos termos.

Ex.: ferrugem, ferreiro, ferrinho – O radical é FERR, o que faz compreender ser algo relativo a ferro.

4.2. Afixos

Dividem-se em dois tipos: Prefixos que se localizam antes do radical e Sufixos, após.

INFELIZ – Prefixo IN; REELEITO – Prefixo RE.

PENSAMENTO – Sufixo MENTO; ROTAÇÃO – Sufixo – ÇÃO.

4.3. Vogal temática

Localiza-se após o radical nos nomes que não sejam oxítonos ou terminados em consoantes .

Ex.: carro, planta, vida, espaço.

Obs.: São atemáticos os nomes oxítonos ou terminados em consoantes.

Ex.: café, urubu, fêmur, lápis.

4.4. Desinências

4.4.1. De gênero

Indica a contrapartida de gênero masculino/feminino.

Ex.: menino, menina; gato, gata.

Obs.: Há autores que só reconhecem desinência de gênero nos substantivos femininos em contrapartida aos substantivos masculinos, pois a desinência de gênero serviria – na concepção deles – para diferençar o feminino do masculino e não o masculino do feminino.

4.4.2. De número

Indica o plural.

Ex.: casas, meninos.

4.4.3. De grau

Indica o aumentativo ou o diminutivo dos nomes.

Ex.: garotão, garotinho.

4.5. Vogais e consoantes de ligação

Fazem a ligação entre o radical e o sufixo, desinência ou outro radical.

Ex.: cafezinho, gasômetro.

4.6. Formação dos nomes

4.6.1. Composição

Há mais de um radical.

4.6.1.1. Justaposição

Não há perda de fonemas.

Ex.: minissaia, pé de moleque.

4.6.1.2. Aglutinação

Há perda de fonemas.

Ex.: planalto, aguardente.

4.6.2. Derivação

Há apenas um radical.

4.6.2.1. Sufixal

Radical + sufixo.

Ex.: cafeteira, livraria.

4.6.2.2. Prefixal

Prefixo + radical.

Ex.: prefixo, dissílabo.

4.6.2.3. Prefixal e sufixal (derivação sucessiva)

Prefixo + radical + sufixo. Ocorre quando uma palavra possui prefixo e sufixo, sem que um exija a presença do outro.

Ex.: deslealdade, infelizmente.

Observe que estas palavras possuem prefixo e sufixo, porém também existiriam sem a presença de um deles: desleal e lealdade, infeliz e felizmente.

4.6.2.4. Parassintética

Prefixo + radical + sufixo. Acontece quando uma palavra possui prefixo e sufixo obrigatoriamente ao mesmo tempo, ou seja, um exige a presença do outro. A derivação parassintética é formadora de verbo.

Ex.: anoitecer, enlouquecer.

Observe que estas palavras não podem existir somente com prefixo e radical ou radical e sufixo: anoite e noitecer, enlouco e louquecer.

4.6.2.5. Regressiva

Substantivo que se forma de verbo, perdendo fonema.

Ex.: jogo (derivado de jogar), toque (derivado de tocar).

4.6.3. Conversão

Palavra utilizada em classe gramatical diferente da de origem.

Ex.: gilete (substantivo simples), Gillette (substantivo próprio); o falar (substantivo), falar (verbo).

Obs.: Necessário se faz informar que a efetivação deste caso só pode ser observada no contexto.

4.6.4. Hibridismo

Palavra formada por morfemas de origens diferentes.

Ex.: burocracia (francês e grego); sociologia (latim e grego).

4.6.5. Reduplicação

Repetição de parte da palavra.

Ex.: tico-tico, reco-reco.

4.6.6. Abreviação

Parte da palavra pelo todo.

Ex.: moto (motocicleta), pneu (pneumático).

4.6.7. Sigla

Iniciais das palavras.

Ex.: CRF (Clube de Regatas do Flamengo), PT (Partido dos Trabalhadores).

4.6.8. Neologismo

Formação de novas palavras.

Ex.: Nhenhenhém, imexível.

Obs.: Quando um vocábulo já passou por vários processos de formação, deve-se

levar em consideração apenas a última fase. Por exemplo: a palavra ENTERRAR, por parassíntese, formou-se de TERRA e, por sua vez, por regressão, forma ENTERRO. Sendo assim, para a palavra ENTERRO, deve-se avaliar somente o último passo: a regressão. Já a palavra EMPOBRECER, por parassíntese, deriva-se de POBRE. Acrescendo-se o sufixo, forma EMPOBRECIMENTO. Para este vocábulo, leva-se em conta só o último processo: sufixal.

4.7. Prefixos latinos

PREFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
Ab, abs	afastamento, separação	abusar, abster-se
Ad, a	aproximação	adjunto, abeirar
Ambi	duplicidade	ambidestro
Ante	anterioridade	antevéspera
Bene, ben	bem, muito bom	benevolência
Bis, bi	duas vezes	bisavó
Circun	movimento em torno	circunferência
Cis	posição aquém	cisalpino
Com, co	companhia	compartilhar
Contra	oposição	contradição
De	movimento para baixo	decomposição
De, dês	ação contrária, privação	defeito
Di, dis	movimento para vários lados	digerir, discordar
Ex, e, es	movimento para fora	extração, expor
Extra	fora de	extraordinário
In, i	movimento para dentro	ingerir
In, i	negação	inativo
Inter, entre	posição intermediária	intervir
Intro, intra	movimento para dentro	introdução
Per	movimento através	perfeito
Pro	movimento para a frente	progredir
Re	movimento para trás, repetição	reabrir
Retro	movimento para trás	retroceder
Semi	metade	semideus
Sub, sus, su	posição de inferioridade	submeter, subalterno
Super, supra, sobre	posição em cima, excesso	superpor, sobrepor
Trans, tras	através de, além de	transposição

Tres, tras	mudança	tresnoitar
Ultra	posição além do limite	ultrarromântico
Vice, vis	substituição	vice-presidente
Soto, sota	posição inferior	soto-mestre

4.8. Prefixos gregos

PREFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
A, na	negação, privação	ateu, anarquia
Ana	repetição	anagrama
Anfi	duplicidade	anfíbio
Anti	oposição	antiaéreo
Apo	afastamento	apogeu
Arqui, arce	superioridade	arcebispo
Cata	movimento para baixo	catarata
Di	duas vezes	ditongo
Dia	movimento através de	diálogo
Dis	dificuldade	disenteria
Ec, ex	movimento para fora	eczema, êxodo
Endo	movimento para dentro	endovenoso
Epi	posição superior	epiderme
Eu, ev	perfeição, excelência	eufônico
Hemi	metade	hemisfério
Hiper	posição superior, excesso	hipertenso
Hipo	posição inferior	hipotético
Meta	posterioridade, mudança	metátese
Para	proximidade, ao lado de	paradigma
Peri	posição em torno de	perímetro
Pro	anterioridade	profecia
Sim, sin	simultaneidade, companhia	simpático, sinônimo

4.9. Relação de sufixos

SUFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
-ada, -agem, -al	coleção	boiada, ramagem, laranjal
-ame, -edo, -io	agrupamento	vasilhame, arvoredo, mulherio
-aço, -aça, -ão, -arra	aumentativo	ricaço, barcaça, bocarra
-orra, -aréu, -ázio	aumentativo	cabeçorra, povaréu, copázio
-acho, -ejo, -ela, -eta	diminutivo	riacho, lugarejo, ruela, saleta

-ete, -eto, -ico, -iço	diminutivo	artiguete, poemeto, burrico
-isco, -(z)inho	diminutivo	chuvisco, animalzinho
-ota, -ote, -(c)ula	diminutivo	flâmula, gotícula
-(c)ulo, -ucho	diminutivo	papelucho
-dade, -dão	qualidade	paulada, maldade, escuridão
-ação	ação	esperança, oração, detenção
-ência, -ez, -eza	estado	imponência, altivez, beleza
-ície, -mento, -(t)ude	estado, qualidade	calvície, ferimento, quietude
-ume	quantidade, coletivo	negrume, cardume
-ario, -eiro, -dor	profissão	bibliotecário, pedreiro
-nte	agente	vendedor, ajudante
-douro	lugar	bebedouro, dormitório
-al, -ar, -eo	referência, relação	imperial, escolar, férreo
-ano, -ão, -eiro	naturalidade, origem	curitibano, alemão
-ense, -eu, -ino		paraense, europeu, florentino
-ês, -esa		chinês, chinesa
-oso, -udo, -ia, -ismo	abundância, ciência, escola, sistema político	gorduroso, narigudo, astronomia, romantismo, comunismo
ança (ância), ença (ência)	ação ou resultado da ação	Esperança, lembrança, importância, obediência, crença, regência
ura	qualidade	brancura, feiúra
-esa, -isa, -essa	título	baronesa, sacerdotisa, condessa
-ar, -ear, -entar	ação	cantar, guerrear, afugentar
-ficar, -izar	factitivo	dignificar, civilizar
-ecer, -escer	início de ação	amanhecer, amadurecer, florescer
-icar, -itar	ação pouco intensa	bebericar, adocicar
-iscar, -inhar	frequência	chuviscar, escrevinhar
-ear, -ejar	ação repetitiva	espernear, apedrejar

4.10. Correspondência entre prefixos gregos e latinos

PREFIXO LATINO	SIGNIFICADO	PREFIXO GREGO
Ab	afastamento	apo
Ad	proximidade, ao lado	para
Ambi	duplicidade	anfi
Bene	bem, bom	eu
Bi	dois	di
Circum	em torno de	peri

Contra	ação contrária	anti
Cum	simultaneidade	sin
De	movimento de cima para baixo	cata
Des, in	privação, negação	a, na
Ex	movimento para fora	ec, ex
In	interioridade	em
Intra	posição interior	endo
Semi	metade	hemi
Sub	sob, inferior	hipo
Super	sobre, excesso	epi
Trans	através de	dia

4.11. Latinismos

A fortiori	com tanto mais razão
Ab absurdo	por absurdo
Ab initio	desde o princípio
Ad hoc	para isso
Ad instar	à semelhança, à maneira de
Ad honores	pela honra
Ad libitum	à vontade, a seu bel-prazer
Ad referendum	sujeito à aprovação
Ad usum	segundo o costume
Alibi	meio de defesa que o réu apresenta, provando estar em outro local no momento do crime
A priori	antes de qualquer momento
A posteriori	após argumentação
Apud	junto de
Alter ego	outro eu
Curriculum vitae	correr da vida, conjunto de informações pessoais
Data venia	com a devida permissão
De facto	de fato
Errata	especificação dos erros expressos
Et alii	e outros
Ex aequo	com igualdade
Ex autoritate legis	por força da lei
Ex abrupto	de súbito
Ex cathedra	em virtude de autoridade decorrente do título
Ex consensu	com o consentimento

Ex jure	segundo o direito
Ex more	conforme o costume
Ex officio	por obrigação da lei, por dever do cargo
Exempli gratia	por exemplo
Ex lege	de acordo com a lei
Ex nunc	de agora em diante
Ex tunc	desde então, com efeito retroativo
Ex-vi	por força, por efeito
Fac simile	cópia
Habeas corpus	liberdade de locomoção
Hic et nunc	aqui e agora
Honoris causa	por motivo de honra
Ibidem	no mesmo lugar
Idem	igualmente, também
In fine	no fim
In limine	preliminarmente
In albis	sem noção daquilo que deveria saber
In extenso	na íntegra
In limine	desde logo, no início
In loco	no lugar
In sito	no lugar
In totum	totalmente
Ipsis literis	pelas mesmas letras
Ipsis verbis	pelas mesmas palavras – textualmente
Ipso facto	por isso mesmo, pelo próprio fato
Ipso jure	de acordo com o direito
Lato sensu	em sentido amplo
Mutatis mutandis	mudando o que deve ser mudado
Opus	obra musical classificada e numerada
Pari passu	simultaneamente
Passim	aqui e ali, em toda parte
Prima facie	à primeira vista
Pro labore	o pagamento por serviço prestado
Quorum	número mínimo de pessoas presentes exigido por lei ou estatuto para que um órgão funcione
Res non verba	fatos, não palavras
Sic	assim mesmo, escrito desta maneira

Sine die	sem data fixa
Sine jure	sem direito
Sine qua non	indispensável
Sub judice	sob a apreciação judicial
Sui generis	peculiar, sem igual
Status quo	estado em que se encontrava certa questão
Stricto sensu	em sentido restrito
Urbi et orbi	em toda parte
Ut infra	conforme abaixo
Ut retro	conforme atrás
Ut supra	conforme acima
Verbi gratia	por exemplo
Verbo ad verbum	palavra por palavra

4.12. Exercícios

1. (Fiscal – Sefaz – RJ – FGV) Assinale a alternativa em que o elemento *in-* tenha valor idêntico ao de *insuflados*.
a) influxos
b) intermediação
c) inaplicável
d) inúmeras
e) inferir

2. (UFF) A alternativa em que todos os sufixos têm, fundamentalmente, o mesmo valor que o sufixo presente no substantivo percursionista é:
a) barbeiro, bancário, cantor
b) estudante, formigueiro, vestiário
c) jogador, noticiário, pedinte
d) cinzeiro, poetastro, colaborador
e) operário, fazendeiro, budismo

3. (Cesgranrio) Assinale a série de vocábulos em que todos os sufixos exprimem noção de qualidade:
a) sensibilidade – delicadeza – docemente
b) decoração – bronzeado – selvagem
c) franqueza – doçura – ferocidade
d) sentimento – rapidamente – majestosa
e) dourado – vegetação – beleza

4. (PUC) Assinale o vocábulo cujo prefixo é semanticamente diferente do de "intocável":
a) afônico

b) ilegal
c) desconfortável
d) anônimo
e) imigrante

5. (Fiscal – ICMS-RJ – FGV) Com relação aos processos de formação de palavras, analise as afirmativas a seguir:
I. *estruturador*, *civilizacional* **e** *renováveis* **são adjetivos formados por derivação sufixal.**
II. *hominização*, *dilapidação* **e** *autodestruição* **são substantivos formados por composição e derivação.**
III. *autodestruição*, *contrapartida* **e** *responsabilidade* **são substantivos formados por composição.**
Assinale:
a) se somente a afirmativa I estiver correta;
b) se somente a afirmativa II estiver correta;
c) se somente a afirmativa III estiver correta;
d) se somente as afirmativas I e II estiverem corretas;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

6. (Uni-Rio) Numere a coluna da direita, relacionando-a com a da esquerda, pelo significado do prefixo. A seguir, assinale a resposta correta:

1) desesperança			( ) repetição
2) contramarcha			( ) oposição
3) redobra			( ) privação, negação
4) influir			( ) passar além de
5) translúcido			( ) movimento para dentro

a) 3-5-2-1-4
b) 2-3-4-5-1
c) 3-2-1-5-4
d) 4-3-2-1-5
e) 5-4-3-1-2

7. (Uni-Rio) Assinale a opção em que os prefixos têm o mesmo significado:
a) contradizer – antídoto
b) desfolhar – epiderme
c) decapitar – homicídio
d) supercílio – acéfalo
e) semimorto – perianto

8. (Analista de Controle Interno – Sefaz-RJ – FGV) Assinale a palavra formada pelo mesmo processo que corresponsabilidade.

a) necessidades
b) qualificação
c) imprescindível
d) irrestrita
e) governamental

9. (Cesgranrio) Considerando o valor dos sufixos, assinale o par de vocábulos que guardam entre si a mesma relação semântica existente entre "elaborar" / "elaboração".
a) criar / criativo.
b) navegar / navegante.
c) lavar / lavatório.
d) cobrar / cobrança.
e) quebrar / quebradiço.

10. (Fiscal ICMS-RJ – FGV) Assinale a alternativa em que a palavra indicada não seja formada pelo mesmo processo que <u>injustiça</u>.
a) tecnologias
b) auto-organização
c) antielisão
d) ilícito
e) internacional

11. (UGF) Assinale o vocábulo cujo elemento mórfico destacado não corresponde à classificação do "a" de "pequena".
a) perfumadas
b) violenta
c) louca
d) criança
e) formosa

12. (PUC) Na palavra "espantoso", o sufixo OSO acrescenta ao radical o valor semântico de aquilo que provoca ou produz. Assinale a palavra cujo sufixo tem este mesmo significado:
a) apetitoso
b) medroso
c) venenoso
d) vaidoso
e) gostoso

13. (Fuvest) Assinalar a alternativa que registra a palavra que tem sufixo formador de advérbio:
a) Desesperança

b) Pessimismo
c) Empobrecimento
d) Extremamente
e) Sociedade

14. (Fuvest) Assinalar a alternativa em que a primeira palavra apresenta sufixo formador de advérbio e, a segunda, sufixo formador de substantivo:
a) Perfeitamente – varrendo
b) Provavelmente – erro
c) Lentamente – explicação
d) Atrevimento – ignorância
e) Proveniente – furtado

15. (Gama Filho) Assinale a opção em que há erro na identificação do processo de formação de palavra em destaque:
a) semeador – derivação sufixal
b) inimiga – derivação prefixal
c) funerária – hibridismo
d) enterro – derivação regressiva
e) tumba – moenda – composição por justaposição

16. (Uni-Rio) Dentre as palavras abaixo, assinale a única que destoa das demais quanto ao seu processo de formação:
a) dose
b) força
c) marca
d) alegria
e) sonho

17. (Unificado) As palavras "esquartejar", "desculpa" e "irreconhecível" foram formadas, respectivamente, pelos processos de:
a) sufixação, prefixação, parassíntese
b) sufixação, derivação regressiva, prefixação
c) composição por aglutinação, prefixação, sufixação
d) parassíntese, derivação regressiva, prefixação
e) parassíntese, derivação imprópria, parassíntese

18. (NCE) Currículo é a forma portuguesa correspondente ao latinismo *curriculum*; o item abaixo que apresenta um latinismo de significação <u>incorreta</u> é:
a) *a priori* – antecipadamente
b) *alibi* – declaração
c) *sine die* – sem data certa
d) *quantum* – quantidade

e) *et alii* – e outros

19. (UFF) Assinale a opção em que as duas palavras sublinhadas são formadas por um mesmo processo e apresentam a mesma estrutura.

a) "Jamais a Receita vai me pegar por <u>má-fé</u> ou <u>sonegação</u>" (PC Farias/*Exame*, 10/6/1992).

b) "Um deles, <u>peça-chave</u> na cena política nacional, engoliu em seco. 'A nação <u>traumatizada</u>', afirma" (*Exame*, 10/6/1992).

c) " É mais barato investir num <u>superprojeto</u> que se adapte às exigências futuras do que refazer o produto para atender as especificações <u>localizadas</u>" (*Exame*, 10/6/1992).

d) "<u>Verdadeiro</u> tratado sobre o <u>desencanto</u> nacional bruto, o documento que me foi passado pela agência é de tirar o fôlego" (J. Betting / *O Globo*, 6/9/1992).

e) "O leitor de jornais sente que a página <u>policial</u> esfria, se comparada ao <u>noticiário</u> econômico e político em matéria de teor escandaloso" (*Jornal do Brasil*, 9/9/1993).

20. (PUC) Qual a única das opções abaixo que apresenta uma explicação <u>incorreta</u> na análise dos elementos mórficos e/ou na identificação do significado?

a) "Tudo passa a estar condenado a fracassar <u>redondissimamente</u>".

Sufixo -íssimo, com valor de superlativo, e sufixo -mente, formador de advérbio; significado: completamente, inteiramente.

b) "Sociedade como um todo essa <u>alienadona</u> de si mesma".

Sufixo -ona, formador de adjetivo e substantivo atribuindo valor intensivo; significado: muito alienada.

c) "E façamos uma <u>goiabada</u>".

Sufixo -ada, formador de substantivo; significado: o doce feito de goiaba.

d) "Goiabada bem <u>palatável</u>".

Sufixo -vel, formador de adjetivo; significado: do tipo próprio ao palato, comestível, comível.

e) "16 milhões de <u>desempregados</u> sabem disso".

Vocábulo formado por parassintetismo; significado: desocupados, pessoas sem profissão.

21. (Uni-Rio) Assinale a opção em que o vocábulo destacado é formado por derivação regressiva:

a) Opressão
b) Deficiente (adj.)
c) Tribo
d) Adestrar (verbo)
e) Manejo (substantivo)

22. (Unificado) Assinale a opção em que o processo de formação de palavras está <u>indevidamente</u> caracterizado.

a) Pai-nosso: composição por justaposição.

b) Aventuroso: derivação sufixal.
c) Embonecar: composição por aglutinação.
d) Descanso: derivação regressiva.
e) Incerto: derivação prefixal.

23. As palavras "sinceramente", "florzinha" e "homenzarrão" são formadas por derivação:
a) parassintética
b) prefixal
c) imprópria
d) regressiva
e) sufixal

24. (PUC) Considerando o processo de formação de palavras, relacione a coluna da direita com a da esquerda.

(1) Derivação imprópria			( ) Desenredo
(2) Prefixação			( ) Narrador
(3) Prefixação e sufixação			( ) Infinitamente
(4) Sufixação			( ) O voar
(5) Composição por justaposição			( ) Pão-de-mel

a) 3-4-2-5-1
b) 2-4-3-5-1
c) 2-4-3-1-5
d) 4-1-5-2-3
e) 4-1-5-3-2

25. (Cesgranrio) Assinale a opção em que nem todas as palavras provêm de um mesmo radical.
a) Noite, anoitecer, noitada
b) Terra, terreno, aterrorizado
c) Incrível, crente, crer
d) Festa, festeiro, festejar
e) Riqueza, ricaço, enriquecer

26. (UFSC) Assinale a alternativa em que o elemento mórfico em destaque está corretamente analisado.
a) Menina –A: desinência nominal de gênero.
b) Vendeste –E: vogal de ligação.
c) Gasômetro –O: Vogal temática de 2ª conjugação.
d) Amassem –SSE: desinência de 2ª pessoa do plural.
e) Cantaríeis –IS: desinência do imperfeito do subjuntivo.

27. (FCMSCSP) Em qual dos exemplos abaixo está presente um caso de derivação parassintética?
a) Lá vem ele, vitorioso do COMBATE.
b) Ora, vá PLANTAR batatas!
c) Começou o ATAQUE.
d) Assustado, continuou a se DISTANCIAR do animal.
e) Não vou mais me ENTRISTECER, vou é cantar.

28. (Unesp) As palavras "perda", "corredor" e "saca-rolha" são formadas, respectivamente, por:
a) derivação regressiva, derivação sufixal, composição por justaposição;
b) derivação regressiva, derivação sufixal, derivação parassintética;
c) composição por aglutinação, derivação parassintética, derivação regressiva;
d) derivação parassintética, composição por justaposição, composição por aglutinação;
e) derivação por justaposição, composição por aglutinação, derivação prefixal.

29. (Unisinos-RS) A palavra "incorruptível" é formada pelo seguinte processo:
a) derivação prefixal;
b) derivação parassintética;
c) derivação sufixal;
d) derivação prefixal e sufixal;
e) aglutinação.

30. (Inspetor de Polícia – Polícia Civil – NCE) "Inúmeros", "ilícita", "impropriedade" têm em comum:
a) o prefixo negativo;
b) a classe gramatical;
c) o gênero;
d) o número;
e) a forma gráfica.

31. (Ministério Público do Rio de Janeiro – NCE) <u>Fertilização</u> se relaciona a <u>fertilizar</u> como:
a) feliz a infeliz;
b) casamento a casar;
c) fértil a fertilidade;
d) tribo a índios;
e) contente a contentamento.

32. (Ministério Público do Rio de Janeiro – NCE) <u>Pedestres</u>, como sabemos, são os que andam a pé; o vocábulo abaixo que <u>não</u> pertence à mesma família de palavras é:
a) pedestal;

b) pedicure;
c) pedal;
d) pedalinho;
e) pedante.

33. (Ministério Público do Rio de Janeiro – NCE) Assim como "engrandecimento", derivado de "engrandecer", outros verbos possuem substantivos derivados de verbos com o sufixo – mento. O item em que todos os verbos citados possuem substantivos desse tipo é:
a) esmagar – coroar – desenvolver
b) descobrir – prover – entregar
c) receber – pagar – publicar
d) preparar – envolver – reter
e) deslocar – colocar – alocar

34. (Ministério Público do Rio de Janeiro – NCE) A relação entre verbo e substantivo inadequada é:
a) pretender – pretensão
b) adquirir – aquisição
c) agredir – agressão
d) perder – perdida
e) recusar – recusa

35. (INPI – NCE) "Passageiros" é uma palavra formada por:
a) derivação prefixal;
b) derivação sufixal;
c) derivação regressiva;
d) derivação parassintética;
e) composição.

36. (INPI – NCE) A palavra que <u>não</u> é formada por derivação sufixal é:
a) compadrismo
b) camaradagem
c) nacional
d) aproximação
e) vantagens

37. (INPI – NCE) Agrário se refere a campo; o vocábulo abaixo em que esse radical tem significado diferente é:
a) agricultor
b) agridoce
c) agrimensor
d) agreste

e) agrícola

38. (Auxiliar de Almoxarifado – NCE) A alternativa que mostra adjetivo e substantivo cognato (da mesma família de palavras) de forma correta é:
a) frágil / fragilidade
b) pureza / apuro
c) constante / continuidade
d) permanente / pertences
e) predador / pedra

39. (Técnico Judiciário Juramentado – TJ – NCE) Os vocábulos "apagão" e "caladão", presentes no texto, aparecem grafados entre aspas porque são:
a) termos de cunho popular;
b) neologismos;
c) vocábulos que perderam velhos sentidos;
d) de presença comum na mídia;
e) referentes a acontecimentos recentes.

40. (Técnico Judiciário Juramentado – TJ – NCE) O vocábulo abaixo cujo prefixo apresenta o mesmo valor semântico do prefixo presente no vocábulo "erradicar" é:
a) discriminação
b) admissão
c) incapacidade
d) redistribuição
e) exportar

41. (Auxiliar de Cartório – NCE) Hibernação está para inverno, considerados os vários aspectos de sua formação, como:
a) crescimento está para crescer;
b) diminuição está para diminuir;
c) mensal está para mês;
d) liberdade está para livre;
e) animação está para alma.

42. (Auxiliar de Cartório – NCE) Os vocábulos que <u>não</u> possuem formação completamente idêntica são:
a) hibernação / entorpecimento
b) parcial / letárgico
c) explicação / diminuição
d) intensidade / completamente
e) sanguínea / normais

43. (Auxilar de Cartório – NCE) O radical de origem grega "fobia" significa "medo,

aversão"; o vocábulo abaixo que tem sua significação corretamente indicada é:
a) agorafobia – medo dos tempos atuais
b) acrofobia – medo de lugares altos
c) claustrofobia – medo de lugares religiosos
d) hidrofobia – medo de chuva
e) fotofobia – medo de aparecer em público

44. (BB) A palavra "aguardente" formou-se por:
a) hibridismo;
b) aglutinação;
c) justaposição;
d) parassíntese;
e) derivação regressiva.

45. (ETF-SP) Assinalar a alternativa que indique corretamente o processo de formação das palavras <u>sem-terra</u>, <u>sertanista</u> e <u>desconhecido</u>.
a) Composição por justaposição, derivação por sufixação, derivação por prefixação e sufixação.
b) Composição por aglutinação, derivação por sufixação e derivação por parassíntese.
c) Composição por aglutinação, derivação por sufixação e derivação por sufixação.
d) Composição por justaposição, derivação por sufixação e composição por aglutinação.
e) Composição por aglutinação, derivação por sufixação e derivação por prefixação.

46. (NCE) Tevê é uma forma abreviada de televisão; qual das palavras destacadas a seguir também é uma abreviação?
a) Bom
b) Pneu
c) Só
d) Um
e) Caso

47. (NCE) A palavra "milionarismo" não aparece em nenhum dicionário e, por isso mesmo, como deve ser designada?
a) Idiotismo
b) Neologismo
c) Regionalismo
d) Dialeto
e) Popularismo

48. (Ministério Público – RJ – NCE) Corporativismo, populismo, capitalismo mostram que o sufixo "-ismo" tem valor de:
a) coletivo ou grupo;
b) qualidade ou característica;

c) doutrina ou sistema;
d) quantidade ou intensidade;
e) aspecto pejorativo ou negativo.

49. (Ministério Público – RJ – NCE) Subtributação só pode significar:
a) sonegação de impostos;
b) ausência de fiscalização no pagamento dos impostos;
c) taxação injusta, por exagerada;
d) impostos reduzidos;
e) dispensa de pagamento de impostos.

50. (IBGE – NCE) A sigla CPI, presente no texto, significa:
a) Centro de Proteção ao Investidor;
b) Comissão Parlamentar de Inquérito;
c) Cooperativa Parlamentar de Investigação;
d) Casa do Pequeno Investidor;
e) Comissão Privada de Investigação.

51. (CPBS – NCE) Nos vocábulos "imperceptível" e "subterrâneo", os prefixos IM e SUB indicam, respectivamente:
a) dentro de – sobre
b) negação – abaixo de
c) proximidade – sob
d) movimento para dentro – acima de
e) oposição – dentro de

52. (Fiscal – ICMS – RJ – FGV) Assinale a alternativa em que o elemento *in* tenha valor idêntico ao de *insuflados*.
a) Influxos.
b) Intermediação.
c) Insuflados.
d) Inúmeros.
e) Inferir.

53. (Técnico Judiciário Juramentado – TJ – NCE) "... que substituem o Estado em certas regiões (*vide* o PCC) e com a parte corrupta da polícia ..." *Vide* é forma latina correspondente ao verbo "ver". O latinismo a seguir que tem seu significado corretamente indicado é:
a) *sic* – nunca
b) *et allii* – e assim
c) *ad hoc* – isto é
d) *latu sensu* – em sentido restrito
e) *verbi gratia* – por exemplo

54. (TJ – NCE) Etc. é uma expressão latina. O livro *Não perca o seu latim*, de Paulo Rónai, indica vocábulos e expressões latinas bastante comuns em textos jurídicos. O item cujo latinismo tem seu significado incorretamente indicado é:
a) *Alibi* – ausência do acusado no lugar do crime, provada pela sua presença noutro lugar.
b) *Habeas corpus* – garantia constitucional outorgada em favor de quem sofre ou está na iminência de sofrer coação ou violência.
c) *Quorum* – número máximo de pessoas presentes para que um órgão funcione.
d) *Ad hoc* – designado para executar determinada tarefa.
e) *A priori* – anteriormente à experiência.

55. (NCE) O vocábulo "pesquisa" é formado por derivação regressiva. Em que item a seguir a palavra destacada é formada por esse mesmo processo?
a) Houve erros de previsão grosseiros.
b) O motivo é evidente.
c) O eleitor poderia ir à urna.
d) O estudo dos resultados mostrou falhas.
e) O feriado das eleições foi aproveitado.

56. (NCE) No vocábulo "lentamente", como se classifica morfologicamente o elemento "a" em termos diacrônicos?
a) Desinência de gênero
b) Sufixo
c) Desinência número-pessoal
d) Desinência modo-temporal
e) Vogal de ligação

57. (NCE) Assinale o item que o sufixo – mente não apresenta o mesmo valor semântico presente na palavra "lentamente".
a) Rapidamente
b) Finalmente
c) Sutilmente
d) Infelizmente
e) Corajosamente

58. (NCE) Silicose é um vocábulo que apresenta o sufixo OSE indicativo de doença. Em que palavra abaixo esse mesmo sufixo tem valor diferente?
a) Trombose
b) Tuberculose
c) Dermatose
d) Diagnose
e) Psicose

59. (NCE) A palavra "entoação" foi formada por:
a) derivação sufixal
b) derivação prefixal e sufixal
c) parassínteses
d) aglutinação
e) justaposição

60. (NCE) "Omissão" e "intromissão" são vocábulos que diferem pelo prefixo que se junta ao mesmo radical. O mesmo ocorre em:
a) querer / requerer
b) deter / conter
c) haver / reaver
d) contratempo / passatempo
e) finalizar / finalidade

61. (NCE) Há evidente equívoco na indicação do valor semântico do sufixo formador das palavras em:
a) dimensionamento, questionamento (ato ou efeito de)
b) estritamente, explicitamente (modo)
c) autoritarismo; corporativismo (instrumento de ação)
d) responsabilidade, hostilidade (qualidade ou estado)
e) pesquisador, professor (agente)

62. (Coppe) A opção em que os prefixos guardam entre si o mesmo tipo de relação semântica que o observado entre os prefixos de "imobilismo" e "desagregador" é:
a) hemisfério / semimorto
b) antítese / antebraço
c) emergente / importação
d) afonia / eufonia
e) cisandino / translado

63. (NCE) O vocábulo televisão é um hibridismo, já que contém elementos de línguas diversas. Assinale o item em que o vocábulo dado também pode ser visto como hibridismo.
a) perfume
b) catálogo
c) burocracia
d) hipopótamo
e) antropófago

Capítulo 5

Substantivo

Substantivo é o termo que dá nome aos seres.

Ex.: flor, palavra, amor.

5.1. Substantivo concreto

É aquele que, depois da sua existência estar consumada ou deduzida, torna-se independente.

Ex.: bola, Deus, alma, demônio, Saci Pererê, caminho, luz.

5.2. Substantivo abstrato

É aquele que depende e sempre dependerá de um substantivo concreto para existir. Em suma, refere-se a sentimentos, ações ou acontecimentos.

Ex.: crença, felicidade, futebol, caminhada, casamento.

5.3. Substantivo simples

É aquele que contém apenas um radical.

Ex.: saia, flor.

5.4. Substantivo composto

É aquele que contém mais de um radical.

Ex.: minissaia, flor-de-lis.

5.5. Substantivo primitivo

É o substantivo possuindo somente radical, sem afixos.

Ex.: menino, livro.

5.6. Substantivo derivado

É o substantivo possuindo afixos.

Ex.: meninice, livraria.

5.7. Substantivo comum

É o que generaliza, ou seja, não individualiza os seres dentro de um agrupamento específico.

Ex.: país, clube, matéria.

5.8. Substantivo próprio

É o que individualiza os seres dentro de um agrupamento.

Ex.: Brasil, Flamengo, Português.

5.9. Coletivo

Ideia de agrupamento

academia	sábios, artistas		acervo	bens, livros...
alcateia	lobos		armento	bois, vacas, ovelhas
arquipélago	ilhas		assembleia	deputados
atlas	cartas geográficas		bandeira	garimpeiros
biblioteca	livros		cabido	cônegos
cáfila	camelos		caravana	viajantes
cardume	peixes		clero	eclesiáticos
colmeia, enxame	abelhas		comboio	caminhões
concílio	prelados, deuses		confraria	religiosos
congresso	sábios		constelação	estrelas
discoteca	discos		elenco	atores
esquadra	navios		esquadrilha	aviões
fato	cabras		fauna	animais
feixe	luzes, capim		girândola	foguetes
horda	nômades		junta	bois, médicos salteadores
júri	jurados		legião	soldados, anjos
manada	animais pesados		matilha	cães
mó	pessoas		molho	chaves
ninhada	pintos		nuvem	gafanhotos
panapaná	borboletas		pelotão	soldados
quadrilha	ladrões		ramalhete	flores
repertório	peças teatrais		resma	papéis
réstia	cebolas		revoada	pássaros
tropel	cavalos		turba	desordeiros

5.10. Flexão nominal

5.10.1. Gênero

5.10.1.1. Comum de dois gêneros

Designa os indivíduos dos dois sexos mantendo a mesma forma, e o gênero é indicado pelo artigo, adjetivo etc.

Ex.: o acrobata, a acrobata;
o artista, a artista;
o amante, a amante;
o intérprete, a intérprete.

5.10.1.2. Sobrecomum

Possui a mesma forma para o masculino ou feminino e, diferentemente do COMUM-DE-DOIS-GÊNEROS, não varia de gênero.

Ex.: a criança (pode ser um menino ou uma menina);
a testemunha;
o algoz;
o monstro;
a vítima.

5.10.1.3. Epiceno ou promíscuo

Designa animais que possuem apenas uma forma para o masculino e para o feminino.

Ex.: girafa (pode ser girafa macho ou fêmea);
tainha;
avestruz;
barata;
águia.

5.10.1.4. Heterônimo ou desconexo

Designa substantivos cujos femininos se formam com um radical completamente diferente do masculino.

Ex.: homem – mulher
boi – vaca
carneiro – ovelha

5.10.1.5. Lista especial de femininos

abade	abadessa
afegão	afegã

alcaide	alcaidessa, alcaidina
aldeão	aldeã
anfitrião	anfitriã, anfitrioa
ateu	ateia
bispo	episcopisa
bode	cabra
bretão	bretã, bretoa
búfalo	búfala
cação	caçonete
capitari	tartaruga
castelão	castelã
cavaleiro	amazona
cavalheiro	dama
caxaréu, caxarelo	baleia
cônego	cônega, canonisa
confrade	confreira
corujão, bufo	coruja
corvo	corvacha
cupim	arará
czar	czarina
deus	deusa, deia, diva
elefante	aliá, elefanta
embaixador	embaixadora (profissão)
ermitão	ermitoa, ermitã
esquimó	esquimoa
etíope	etiopisa
faisão	faisoa
formigão	formiga
frade	freira
frei	sóror
general	generala
hortelão	horteloa
ilhéu	ilhoa
jacaré	jacaroa
javali	javalina, gironda
jogral	jogralesa
landgrave	landgravina

lebrão	lebre
macharrão	onça
macho, mu, mulo	mula
maestro	maestrina
marajá	marani
marechal	marechala
melro	mélroa, melra
mestre	mestra
monge	monja
papa	papisa
pardal	pardaleja, pardoca, pardaloca
parente	parenta
pavão	pavoa
perdigão	perdiz
pierrô	pierrete
píton	pitonisa
rinoceronte	abada
semideus	semideusa
sultão	sultana
tabaréu	tabaroa
tabelião	tabelioa, tabeliã
tecelão	tecelã, teceloa
temporão	temporã
tigre	tigresa
tubarão	tintureira
varão	varoa, virago
veado	veada, cerva, corça
visconde	viscondessa
zangão ou zângão	abelha

5.10.1.6. Casos especiais de gênero dos substantivos

o ágape	a aluvião
o aneurisma	o apêndice
a áspide	o avestruz
o diabetes	o epítome
o estratagema	a faringe
o gambá	o ou a hélice

a laringe	o lança-perfume
a omoplata	o radical
a ordenança	o ou a personagem
a sentinela	o soprano
o saca-rolhas	o telefonema
a tíbia	a tormenta
a alface	o champanha

5.10.1.7. Substantivos que mudam de sentido com a mudança do gênero

O cabeça (o líder, o chefe)	a cabeça (parte do corpo)
O caixa (trabalhador)	a caixa (objeto)
O capital (dinheiro)	a capital (cidade principal)
O cura (vigário de aldeia)	a cura (restabelecimento de doença)
O guarda (policial)	a guarda (posse)
O guia (pessoa que orienta)	a guia (ato de guiar)
O lente (o professor)	a lente (objeto de vidro)
O língua (o intérprete)	a língua (parte do corpo, idioma)
O moral (ânimo, caráter)	a moral (moral de um fato, conclusão)
O voga (o remador)	a voga (moda, popularidade)

5.10.2. Número

5.10.2.1. Plural de alguns substantivos

abdômen	abdomens, abdômenes
ancião	anciãos, anciães, anciões
anil	anis
ás	ases
atlas	os atlas
aval	avales, avais
cal	cales, cais
capitão	capitães
caráter	caracteres
charlatão	charlatões, charlatãos
cirurgião	cirurgiães, cirurgiões
cônsul	cônsules
corrimão	corrimãos, corrimões
cós	coses, os cós
cútis	as cútis

ermitão	ermitãos, ermitães, ermitões
escrivão	escrivães
éter	éteres
fel	feles, féis
fênix	os fênix, fênices
fóssil	fósseis
fuzil	fuzis
giz	gizes
gravidez	gravidezes
guardião	guardiães, guardiões
hangar	hangares
hífen	hifens, hífenes
hortelão	hortelões, hortelães
lápis	os lápis
látex	os látex
oásis	os oásis
obus	obuses
ônix	os ônix
paiol	paióis
peão	peões, peães
pires	os pires
projetil	projetis
projétil	projéteis
sacristão	sacristães, sacristãos
sílex	os sílex
sultão	sultãos, sultães, sultões
tecelão	tecelões
tênis	os tênis
til	tis
tórax	os tórax
vilão	vilãos, vilães, vilões
vintém	vinténs
vulcão	vulcãos, vulcões

5.10.2.2. Regras do plural de substantivos simples

1) Aos substantivos terminados em vogal ou ditongo oral acrescenta-se ***S***.

Ex.: pé – pés

palavra – palavras
lei – leis
troféu – troféus

2) Aos substantivos terminados nos ditongos nasais ***átonos*** ou na vogal nasal ***ã*** acrescenta-se ***S***.

Ex.: órfão – órfãos
bênção – bênçãos
ímã – ímãs
órfã – órfãs

3) Ocorre com os substantivos terminados em ***EM*** a retirada da última letra e a colocação de ***NS***.

Ex.: homem – homens
vintém – vinténs

4) Aos substantivos terminados em ***S (na sílaba tônica), Z (na sílaba tônica) e R***, acrescenta-se ***ES***.

Ex.: francês – franceses
ás – ases
luz – luzes
rapaz – rapazes
algoz – algozes
dor – dores
caráter – caracteres
júnior – juniores

Obs.: ***Cós*** pode ter duas formas para o plural: ***coses*** ou ***cós***.

5) Os substantivos terminados em ***EN*** normalmente terão duas formas de plural. Poder-se-á acrescentar somente ***S***, como também ***ES***.

!	**ATENÇÃO**:
	Os paroxítonos terminados em **EN**, sofrendo o acréscimo de **S**, perderão o acento. Acrescendo **ES**, o acento será mantido.

Ex.: abdômen – abdomens, abdômenes
hífen – hifens, hífenes
pólen – polens, pólenes

6) Os substantivos terminados em ***AL, OL, UL*** perderão a última letra e receberão ***IS***.

Ex.: jornal – jornais
paiol – paióis
anzol – anzóis

azul – azuis

Obs.: cônsul – cônsules
mal – males
cal – cales, cais
aval – avales, avais
real – réis (moeda), reais

7) Os substantivos terminados em ***IL (tônico)*** perderão a última letra e receberão ***IS***.
Ex.: anil – anis
fuzil – fuzis
projetil – projetis

8) Os substantivos terminados em ***IL (átono)*** perderão a última letra e receberão ***EIS***.
Ex.: fóssil – fósseis
projétil – projéteis

9) Os substantivos terminados em ***EL*** perderão a última letra e receberão ***EIS***.
Ex.: anel – anéis
nível – níveis
móvel – móveis
papel – papéis

Obs.: mel – meles, méis
fel – feles, féis

10) Os substantivos terminados em ***S (na sílaba átona)*** e ***X*** não variam no plural.
Ex.: lápis – os lápis
tênis – os tênis
pires – os pires
tórax – os tórax
sílex – os sílex

5.10.2.3. Plural dos substantivos compostos

1) Quando houver **preposição**, somente o primeiro termo irá para o plural.
Ex.: pão de ló; pães de ló
mula sem cabeça; mulas sem cabeça

2) Quando houver ***substantivo + substantivo (ou adjetivo)***, os dois termos irão para o plural.
Ex.: baixo-relevo; baixos-relevos

obra-prima; obras-primas
cirurgião-dentista; cirurgiões-dentistas
pronto-socorro; prontos-socorros
couve-flor; couves-flores
boa-noite; boas-noites

Obs.: Quando o segundo termo indicar uma **finalidade**, **formato**, **cor** ou **especificação** qualquer do primeiro termo, somente este varia.

Ex.: navio-escola; navios-escola
bomba-relógio; bombas-relógio
pombo-correio; pombos-correio
manga-rosa; mangas-rosa
banana-prata; bananas-prata
decreto-lei; decretos-lei ou decretos-leis

3) Os ***verbos*** e ***advérbios*** serão invariáveis.

Ex.: para-queda; para-quedas
caça-níquel; caça-níqueis
vira-lata; vira-latas
todo-poderoso; todo-poderosos
abaixo-assinado; abaixo-assinados
bota-fora; bota-fora
alto-falantes

Obs. : ***GUARDA*** significando ***POLICIAL*** é substantivo; portanto, se flexiona no plural. Quando ***GUARDA*** significar ***PROTEGER***, será verbo; por conseguinte não possui forma pluralizada.

Ex.: guarda-chuva; guarda-chuvas
guarda-noturno; guardas-noturnos
guarda-mor; guardas-mores
guarda-municipal; guardas-municipais
guarda-roupa; guarda-roupas
guarda-sol; guarda-sóis

Obs.: Segundo Rocha Lima e Evanildo Bechara, quando os ***verbos*** forem ***iguais***, ambos podem variar. Este ainda aceita também que apenas o último termo seja flexionado. Já o Professor Celso Cunha, na Gramática da Língua Portuguesa, não se pronuncia a respeito de tal situação, donde se conclui que o NCE interpretou que este gramático já o inserira nos casos de verbos, formando substantivos compostos, ou seja, sendo invariáveis.

Enfim, segundo Rocha Lima, somente "os piscas-piscas", "os quebras-quebras"; segundo Evanildo Bechara, "os piscas-piscas", "os pisca-piscas", "os quebras-quebras", "os quebra-quebras"; segundo o NCE, "os pisca-pisca", "os quebra-quebra".

4) Quando houver ***numeral***, os dois termos irão para o plural.

Ex.: meio-dia; meios-dias
meia-noite; meias-noites
segunda-feira; segundas-feiras
quinta-feira; quintas-feiras.

5) Quando houver ***onomatopeia***, somente o segundo termo irá para o plural.

Ex.: tique-taque; tique-taques
reco-reco; reco-recos
tico-tico; tico-ticos.

6) Os termos ***VICE, PSEUDO, SUPER, GRÃO (significando grande)*** serão invariáveis.

Ex.: vice-presidente; vice-presidentes
vice-reitor; vice-reitores
pseudorrepresentação; pseudorrepresentações
super-homem; super-homens
grão-duque; grão-duques
grã-duquesa; grã-duquesas
grã-fino; grã-finos
grão-mestre; grão-mestres.

Obs.: grão-de-bico; grãos-de-bico. GRÃO, neste caso, significa, semente, e, como há preposição, somente o primeiro elemento irá para o plural.

5.10.2.4. Relação de substantivos compostos no plural

1)	abaixo-assinado	abaixo-assinados
2)	água-furtada	águas-furtadas
3)	água-marinha	águas-marinhas
4)	alto-relevo	altos-relevos
5)	amor-perfeito	amores-perfeitos
6)	arranha-céu	arranha-céus
7)	assistente-técnico	assistentes-técnicos
8)	auxiliar-judiciário	auxiliares-judiciários
9)	ave-maria	ave-marias
10)	banana-maçã	bananas-maçã

11)	banana-ouro	bananas-ouro
12)	bem-estar	bem-estares
13)	bomba-relógio	bombas-relógio
14)	bom-dia	bons-dias
15)	caça-níquel	caça-níqueis
16)	cavalo-vapor	cavalos-vapor
17)	cirurgião-dentista	cirurgiões-dentistas
18)	conta-gota	conta-gotas
19)	dona-de-casa	donas-de-casa
20)	erva-doce	ervas-doces
21)	ganha-perde	ganha-perde
22)	grã-duquesa	grã-duquesas
23)	grão-de-bico	grãos-de-bico
24)	grão-mestre	grão-mestres
25)	guarda-chuva	guarda-chuvas
26)	guarda-civil	guardas-civis
27)	guarda-sol	guarda-sóis
28)	guarda-volante	guarda-volantes
29)	joão-de-barro	joões-de-barro
30)	lesa-pátria	lesas-pátrias
31)	leva-e-traz	leva-e-traz
32)	livro-caixa	livros-caixa
33)	manga-rosa	mangas-rosa
34)	mata-pasto	mata-pastos
35)	mau-humor	maus-humores
36)	meia-noite	meias-noites
37)	meio-dia	meios-dias
38)	mestre-sala	mestres-sala
39)	mula-sem-cabeça	mulas-sem-cabeça
40)	navio-escola	navios-escola
41)	obra-prima	obras-primas
42)	pai-nosso	pais-nossos
43)	papel-moeda	papéis-moeda
44)	paraqueda	paraquedas
45)	pé de moleque	pés de moleque
46)	pombo-correio	pombos-correio
47)	pôr-do-sol	pores-do-sol

48)	porta-bandeira	porta-bandeiras
49)	pseudorrepresentação	pseudorrepresentações
50)	reco-reco	reco-recos
51)	segunda-feira	segundas-feiras
52)	sempre-viva	sempre-vivas
53)	super-homem	super-homens
54)	tenente-coronel	tenentes-coronéis
55)	tico-tico	tico-ticos
56)	tique-taque	tique-taques
57)	vice-presidente	vice-presidentes
58)	vira-lata	vira-latas

5.10.2.5. Plural com metafonia

Existem substantivos e adjetivos cujas formas de plural se fazem com alteração na vogal tônica, transformando-a de fechada em aberta.

1)	aposto (ô)	apostos (ó)
2)	caroço	caroços
3)	coro	coros
4)	corno	cornos
5)	corpo	corpos
6)	corvo	corvos
7)	despojo	despojos
8)	destroço	destroços
9)	esforço	esforços
10)	estorvo	estorvos
11)	fogo	fogos
12)	forno	fornos
13)	forro	forros
14)	fosso	fossos
15)	imposto	impostos
16)	miolo	miolos
17)	olho	olhos
18)	osso	ossos
19)	ovo	ovos
20)	poço	poços
21)	porco	porcos
22)	porto	portos

23)	posto	postos
24)	povo	povos
25)	socorro	socorros
26)	tijolo	tijolos
27)	torno	tornos
28)	troco	trocos
29)	troço	troços

Obs.: Os adjetivos terminados em OSO também sofrerão a alteração citada acima.

Ex.: nervoso – nervosos

Não sofrem alteração fonética as formas plurais dos seguintes substantivos:

1)	adorno	adornos
2)	almoço	almoços
3)	bojo	bojos
4)	bolso	bolsos
5)	esposo	esposos
6)	estojo	estojos
7)	globo	globos
8)	gosto	gostos
9)	moço	moços
10)	pescoço	pescoços
11)	polvo	polvos
12)	reboco	rebocos
13)	sogro	sogros
14)	soro	soros

5.10.3. Grau

5.10.3.1. Aumentativos

bala	balázio, balaço
beiço	beiçorra
boca	bocarra, boqueirão
cabeça	cabeçorra, cabeçalho
cão	canzarrão
copo	copázio
corpo	corpanzil
cruz	cruzeiro

espanto	espantalho
faca	facalhaz, facalhão, facão
fatia	fatacaz
forno	fornalha
fumo	fumaça
galé	galera, galeão
ladrão	ladravaz
lenço	lençalho
macho	machacaz, machão
mão	manzorra, manopla
navio	naviarra
pedinte	pedinchão, pidão
penha	penhasco
povo	povaréu
prato	pratarraz, pratalho
ramo	ramalho
roedor	roaz
sapato	sapatorra, sapatão
truão	truanaz
vaga	vagalhão
verga	vergalhão
voz	vozeirão

5.10.3.2. Diminutivos

asa	aselha
banco	banqueta
barraca	barraquim
barril	barrilete
cabra	capréola
cal	caliça
capa	capuz
carro	carreta
cavalo	cavalete, cavalicoque
cela	célula
cinto	cintilho
corda	cordel
corpo	corpúsculo
febre	febrícula

flauta	flautim
flor	flósculo, florículo
fogo	fogacho
forma	fórmula
galé	galeota, galeote
globo	glóbulo
grão	grânulo
homem	homúnculo
lobo	lobato
moça	moçoila
mole	molécula
núcleo	nucléolo
ópus	opúsculo
palácio	palacete
pele	película
porção	porciúncula
questão	questiúncula
rabo	rabicho
rei	régulo
riso	risota
sela	selim
verão	veranico
verme	vermículo
verso	versículo
via	viela
vidro	vidrilho

5.11. Exercícios

1. (Cesgranrio) Há um "quer que seja de satânico na pupila da onça" funciona como:

a) substantivo;
b) adjetivo;
c) advérbio;
d) pronome;
e) verbo.

2. (Cesgranrio) Assinale a palavra que pode ser empregada nos dois gêneros, como "motorista":

a) indivíduo;

b) criança;
c) testemunho;
d) intérprete;
e) vítima.

3. (Cesgranrio) Assinale a opção cujo substantivo não tem o plural em "ãos" como "artesãos":
a) cidadão;
b) pagão;
c) cristão;
d) charlatão;
e) irmão.

4. (Cesgranrio) Assinale a opção em que todos os substantivos, quando no plural, apresentam mudança de timbre da vogal tônica, conforme acontece com "povo (ô) / povos (ó)":
a) tijolo, piloto, adorno;
b) ovo, pescoço, olho;
c) globo, posto, bolo;
d) esforço, imposto, jogo;
e) osso, cachorro, transtorno.

5. (Uni-Rio) Fogem a galope os "anjos-aviões".
A flexão no plural de ambos os elementos da composição ocorre no seguinte vocábulo:
a) pé de moleque;
b) guarda-chuva;
c) sempre-viva;
d) verde-amarelo;
e) pai-nosso.

6. (Uni-Rio) Assinale a palavra que difere em gênero (masculino ou feminino) das demais do grupo:
a) análise;
b) cal;
c) libido;
d) milhar;
e) síndrome.

7. (Cesgranrio) Assinale a palavra que só pode ser empregada em um gênero:
a) eletricista;
b) colega;
c) chefe;
d) testemunha;

e) servente.

8. (Uni-Rio) Nas palavras abaixo, há uma com erro de flexão. Assinale-a:
a) irmãozinhos;
b) exportaçõezinhas;
c) lençoizinhos;
d) papelzinhos;
e) heroizinhos.

9. (Fesp) Assinale a alternativa que contenha substantivos, respectivamente, abstrato, concreto e concreto:
a) fada, fé, menino;
b) fé, fada, beijo;
c) beijo, fada, menino;
d) amor, pulo, menino;
e) menino, amor, pulo.

10. (FMU/Fiam – SP) Indique a alternativa em que só aparecem substantivos abstratos:
a) tempo, angústia, saudade, ausência, esperança.
b) angústia, sorriso, luz, ausência, esperança, inimizade.
c) inimigo, luto, luz, esperança, espaço, tempo.
d) angústia, saudade, ausência, esperança, inimizade.
e) espaço, olhos, luz, lábios, ausência, esperança, angústia.

11. (Cesgranrio) Assinale o par de vocábulos que formam o plural como "órfão" e "mata-burro", respectivamente.
a) cristão / guarda-roupa
b) questão / abaixo-assinado
c) alemão / beija-flor
d) tabelião / sexta-feira
e) cidadão / salário-família

12. (Carlos Chagas) Assinale a alternativa em que as formas do plural de todos os substantivos se apresentam de maneira correta:
a) alto-falantes, coraçãozinhos, afazeres, víveres;
b) espadas, frutas-pão, pé de moleques, peixe-bois;
c) vaivéns, animaizinhos, beija-flores, águas-de-colônia;
d) animalzinhos, vaivéns, salários-família, pastelzinhos;
e) guardas-chuvas, guarda-costas, guardas-civis, couves-flores.

13. (TRE-RJ) Segue a mesma regra de formação do plural de "cidadão" o seguinte substantivo:
a) botão;

b) vulcão;
c) cristão;
d) tabelião;
e) escrivão.

14. (TTN) Há <u>erro</u> de flexão no item:
a) "A pessoa humana é vivência das condições espaço-temporais". (L.M. de Almeida)
b) A família Caymmi encontra paralelo com dois clãs do cinema mundial.
c) Hábeis artesãos utilizam técnicas sofisticadíssimas no trabalho com metais.
d) Nos revés da vida precisa-se de coragem para manter a vontade de ser feliz.
e) Ainda hoje alguns cânones da Igreja são discutidos por muitos fiéis.

15. (TRE-SP) As crianças colhiam e no jardim.
a) amor-perfeitos – sempres-vivas
b) amor-perfeitos – sempre-vivas
c) amores-perfeitos – sempre-vivas
d) amores-perfeitos – sempres-vivas
e) amor-perfeitos – sempres-viva

16. (TRE-SP) Os requereram aumento dos .
a) escrivãos – salários-família
b) escrivães – salários-famílias
c) escrivães – salário-famílias
d) escrivães – salários-família
e) escrivãos – salários-famílias

17. (TRE-SP) Será que esses precisam ter as firmas reconhecidas por ?
a) abaixo-assinados – tabeliães
b) abaixos-assinados – tabeliães
c) abaixos-assinado – tabeliões
d) abaixos-assinados – tabeliões
e) abaixo-assinados – tabelião s

18. (TRE-SP) Sua carreira foi sempre muito desigual e cheia de .
a) vaisvéns
b) vaisvém
c) vaivéns
d) vais-e-vens
e) vai-vens

19. (NCE) No termo <u>o bem</u> ocorre uma:
a) adverbialização;
b) adjetivação;

c) pronominalização;
d) substantivação;
e) quatificação

20. (TRE-MT) O termo que faz o plural como "cidadão" é:
a) limão
b) órgão
c) guardião
d) espertalhão
e) balão

21. (Oficial de Cartório da Polícia Civil – NCE) Em muitos casos, as formas nominais dos verbos podem ser substituídas por substantivos cognatos; o segmento abaixo em que a substituição foi feita de forma <u>inadequada</u> é:
a) "... a resultante possibilidade de se planejar, com dados concretos, as medidas..." – a resultante possibilidade de planejamento, com dados concretos, das medidas;
b) "... as medidas destinadas a superar as deficiências existentes"– as medidas destinadas à superioridade das medidas existentes;
c) "... oportunidades para intervir, e tudo o mais" – oportunidades para intervenção, e tudo o mais;
d) "Ninguém procura pesquisar a verdade..." – Ninguém procura a pesquisa da verdade;
e) "Ainda não se procurou verificar a realidade..." – Ainda não se procurou a verificação da realidade.

22. (Técnico Judiciário – TRT) O plural de "café-concerto" é "cafés-concerto". A palavra a seguir que faz o plural do mesmo modo é:
a) segunda-feira;
b) tenente-coronel;
c) quebra-cabeça;
d) caneta-tinteiro;
e) sempre-viva.

23. (Inpi – NCE) O plural correto de "porta-voz" é:
a) os porta-voz;
b) porta-vozes;
c) portas-vozes;
d) portam-vozes;
e) portas-voz.

24. (Inpi – NCE) Gatos, aves e cães no diminutivo plural teriam como formas corretas:
a) gatinhos, avesinhas, cãesinhos;
b) gatinhos, avezinhas, cãezinhos;
c) gatosinhos, avesinhas, cãeszinhos;

d) gatitos, avesitas, cãozitos;
e) gatinhos, avezinhas, cãeszinhos.

25. (Inpi – NCE) "Matérias-primas" faz plural da mesma forma que:
a) porta-voz;
b) guarda-comida;
c) bem-te-vi;
d) aluno-mestre;
e) pisca-pisca.

26. (IBGE – NCE) Consideração tem por plural "considerações"; o vocábulo abaixo que faz o plural da mesma forma é:
a) cidadão;
b) escrivão;
c) irmão;
d) chapelão;
e) ademão.

27. (Auxiliar de Almoxarifado – NCE) "Revoada" é um substantivo de ideia coletiva, como:
a) bananada;
b) colherada;
c) pincelada;
d) mesada;
e) boiada.

28. (Eletronorte – NCE) "Alface", como mostra o texto, é uma palavra do gênero feminino, assim como:
a) mármore;
b) guaraná;
c) champanha;
d) clã;
e) hélice.

29. (Técnico Judiciário Juramentado – TJ – NCE) "Eclipse" é palavra masculina; o vocábulo feminino entre os que estão abaixo é:
a) mármore;
b) alface;
c) telefonema;
d) prisma;
e) cataclisma.

30. (Eletrobrás – NCE) A forma de infinitivo que aparece substantivada nos segmentos

abaixo é:
a) "como entender a resistência da miséria...";
b) "no decorrer das últimas décadas...";
c) "... desde que se passou a registrá-las...";
d) "... começa a exercitar seus músculos";
e) "... por ter se tornado um forte oponente...".

31. (CBMERJ – NCE) O vocábulo "televisão" tem por plural "televisões". Entre os itens abaixo, aquele que apresenta uma forma de plural em –ões errada é:
a) apagões;
b) corrimões;
c) cidadões;
d) vulcões;
e) anões.

32. (CBMERJ – NCE) Já os substantivos "meias-verdades" e "asas-delta" fazem o plural da mesma forma, respectivamente de:
a) guarda-noturno; caneta-tinteiro;
b) segunda-feira; boa-vida;
c) pão-de-ló; navio-escola;
d) guarda-pó; tenente-coronel;
e) abaixo-assinado; banana-maçã.

33. (SUS) O plural metafônico ocorre em morto / mortos.
O par de palavras que também apresenta plural metafônico é:
a) forno e imposto;
b) bolso e ansioso;
c) primoroso e piolho;
d) porco e trono.

34. (NCE) O vocábulo cachorro, no plural, mantém a mesma pronuncia de "o" fechado na segunda sílaba; o vocábulo que muda o timbre da vogal "o" para aberto no plural é:
a) contorno;
b) bolso;
c) bolo;
d) rolo;
e) fofo.

Capítulo 6

Adjetivo

Adjetivo é o termo variável que indica qualidade aos seres.
Ex.: inteligente, possível, feio.

6.1. Adjetivo restritivo

Confere qualidade mutável do ser.
Ex.: água fria, pedra bonita.

6.2. Adjetivo explicativo

Confere qualidade óbvia do ser.
Ex.: fogo quente, pedra dura.

6.3. Grau dos adjetivos

6.3.1. Comparativo

Superioridade – ANALÍTICO: mais ... (do) que.
Ex.: Ele é mais feio (do) que eu.
SINTÉTICO: MAIOR, MENOR, MELHOR, PIOR
Ex.: Maria é menor (do) que João.

Igualdade – tão ... quanto.
Ex.: Ele é tão inteligente quanto eu.

Inferioridade – menos ... (do) que.
Ex.: Ela é menos problemática do que Perivaldo.

Obs.: Há uma situação em que se podem usar MAIS GRANDE, MAIS PEQUENO, MAIS BOM, MAIS RUIM. Tal ocorre quando houver comparação de duas qualidades do mesmo ser.
Ex.: Joana é mais grande do que forte. Luiz é mais bom que inteligente.

6.3.2. Superlativo

Relativo: indica a comparação de alguém com o todo.
– SUPERIODADE:
Ex.: Ele é o aluno mais inteligente de todos.

– INFERIORIDADE:
Ex.: Maria é a menos feia da turma.

Absoluto: exprime uma qualidade exagerada do ser.
– ANALÍTICO (com mais de uma palavra)
Ex.: muito pobre, extremamente feio, estudioso à beça.

– SINTÉTICO (com apenas uma palavra)
Ex.: paupérrimo, feiíssimo.

6.4. Formação dos superlativos absolutos sintéticos

1) Quando o adjetivo terminar em **RE** ou **RO**, o superlativo absoluto sintético se findará em **ÉRRIMO**.
   Ex.: pobre – paupérrimo
   magro – macérrimo
   acre – acérrimo
   negro – nigérrimo.
   Exceção: nobre – nobilíssimo

2) Quando o adjetivo terminar em **IO**, o superlativo absoluto sintético se findará em **IÍSSIMO**.
   Ex.: macio – maciíssimo
   feio – feiíssimo.

   Exceções: sábio – sapientíssimo
   frio – frigidíssimo.

Obs.: Está consagrada na linguagem jurídica a expressão "sumaríssimo", apesar de a gramática prever "sumariíssimo".

3) Quando o adjetivo terminar em **Z**, o superlativo absoluto sintético se findará em **CÍSSIMO**.
   Ex.: loquaz – loquacíssimo
   atroz – atrocíssimo
   feliz – felicíssimo
   feroz – ferocíssimo.

4) Quando o adjetivo terminar em **VEL**, o superlativo absoluto sintético se findará em **BILÍSSIMO**.
   Ex.: amável – amabilíssimo
   terrível – terribilíssimo
   imóvel – imobilíssimo.

5) Quando o adjetivo terminar em **SOM NASAL**, o superlativo absoluto sintético

se findará em **NÍSSIMO**.

Ex.: pagão – paganíssimo
cristão – cristianíssimo
são – saníssimo
comum – comuníssimo.

6.5. Relação de superlativos absolutos sintéticos

acre	acérrimo
afável	afabilíssimo
ágil	agílimo
agudo	acutíssimo
alto	sumo, supremo, altíssimo
amargo	amaríssimo
antigo	antiquíssimo
áspero	aspérrimo
atroz	atrocíssimo
benéfico	beneficentíssimo
benévolo	benevolentíssimo
bom	ótimo, boníssimo
célebre	celebérrimo
célere	celérrimo, celeríssimo
chão	chaníssimo
comum	comuníssimo
cortês	cortesíssimo
cristão	cristianíssimo
cruel	crudelíssimo
doce	dulcíssimo
dócil	docílimo
eficaz	eficacíssimo
fácil	facílimo
fiel	fidelíssimo
frágil	fragílimo
frio	frigidíssimo
geral	generalíssimo
grande	máximo, grandessíssimo
hábil	habilíssimo
humilde	humílimo

incrível	incredibilíssimo
íntegro	integérrimo
jovem	juveníssimo
livre	libérrimo
loquaz	loquacíssimo
macio	maciíssimo
magnífico	magnificentíssimo
magro	macérrimo
maléfico	maleficentíssimo
malévolo	malevolentíssimo
mau	péssimo
mísero	misérrimo
miúdo	minutíssimo
negro	nigérrimo
nobre	nobilíssimo
pagão	paganíssimo
pequeno	mínimo
perspicaz	perspicacíssimo
pessoal	personalíssimo
pródigo	prodigalíssimo
próprio	propriíssimo
provável	probabilíssimo
pulcro	pulquérrimo
ruim	péssimo
sábio	sapientíssimo
sagrado	sacratíssimo
símil, semelhante	simílimo
senil	senílimo
sério	seriíssimo
simples	simplicíssimo
soberbo	superbíssimo
terrível	terribilíssimo
vadio	vadiíssimo
vão	vaníssimo

6.6. Locuções adjetivas

Conjunto de palavras que equivalem a um adjetivo.

6.6.1. Lista de locuções adjetivas

de abelha	apícola
de águia	aquilino
de chumbo	plúmbeo
de cidade	citadino
de cobra	viperino
de fogo	ígneo
de garganta	gutural
de gelo	glacial
de homem	humano
de inverno	hibernal
de lebre	leporino
de macaco	simiesco
de morte	mortal
de nádegas	glúteo
de paixão	passional
de veias	venoso

Obs.: Os adjetivos compostos, por regra, possuem flexão apenas no último elemento.

Ex.: luso-brasileiros, ítalo-americanos, socioeconômicos, azul-claros.

Exceções: – surdo-mudo // surdos-mudos; claro-escuro // claros-escuros – quando nas cores o segundo elemento for substantivo, nenhum se flexiona.

Ex.: camisas azul-petróleo, uniformes verde-oliva.

6.7. Adjetivo com valor subjetivo ou indicativo de "qualidade"

Ocorre quando a qualificação expressa a opinião de quem o utilizou, ou seja, possui nítido valor opinativo.

Ex.: boa compra, cerveja gostosa, bem valioso.

6.8. Adjetivo com valor objetivo ou indicativo de "característica"

Ocorre quando o adjetivo não expõe a opinião de quem o usou. É uma qualidade inerente ao ser.

Ex.: problemas gástricos, indicadores sociais, povo brasileiro.

Obs.: O adjetivo pode se formar através do particípio dos verbos.

Ex.: O aluno preparado passa nos concursos.

6.9. Exercícios

1. (Técnico Judiciário – TRE-PA – FGV) Assinale a palavra que, no texto, NÃO tenha valor adjetivo.

a) melhor – Aliás, o melhor para a democracia seria separar os fundos partidários dos destinados às campanhas eleitorais.
b) muitas – Enfim, as máquinas partidárias muitas vezes se tornam aparelhos ou feudos controlados por poucos e financiados por todos nós.
c) extraordinária – qual a razão para se aumentar de forma tão extraordinária a dotação dos partidos?
d) minhas – Obviamente, minhas propostas são românticas.
e) nove – Isso porque foi aprovado a nove dias do fim do ano o reforço de R$ 100 milhões.

2. (Perito da Polícia Civil – RJ – FGV) Assinale a alternativa em que o segundo termo não funciona como adjetivo do primeiro.

a) Preservação ambiental.
b) Código Florestal.
c) Interesses divergentes.
d) Base aliada.
e) Diversas regiões.

3. (NCE) Em que item a seguir o adjetivo tem valor claramente subjetivo?

a) Próxima sexta-feira.
b) Bom espaço.
c) Líderes comunitários.
d) Panos brancos.
e) Oração silenciosa.

4. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a locução grifada tem valor adjetivo.

a) "Via aos pés o lado adormecido".
b) "O menino de propósito afrontou a vertigem".
c) "Enquanto o Barão de pé, na margem sorria com orgulho".
d) "Conhecendo a força de atração do abismo".
e) "A ideia de vingança agora o enchia de horror".

5. (Cesgranrio) Assinale a opção em que o termo grifado, quando posposto ao substantivo, muda de significação e passa a pertencer a outra classe de palavras:

a) complicada solução;
b) certos lugares;
c) inapreciável valor;
d) engenhosos métodos;
e) extraordinária capacidade.

6. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a locução grifada tem valor adjetivo.
a) "Comprou o papel de seda".
b) "Cortou-o com amor".
c) "Mudava de cor".
d) "Gritava com maldade".
e) "Salteou-o com atiradeiras".

7. (Univ. Fed. de Juiz de Fora-MG) A respeito da frase: "eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor..." (Machado de Assis), são feitas as seguintes afirmações:
I. No primeiro caso, AUTOR é substantivo; DEFUNTO é adjetivo.
II. No segundo caso, DEFUNTO é substantivo; AUTOR é adjetivo.
III. Em ambos os casos, tem-se um substantivo composto.
Assinale:
a) Se I e II forem verdadeiras.
b) Se I e III forem verdadeiras.
c) Se II e III forem verdadeiras.
d) Se todas forem verdadeiras.
e) Se todas forem falsas.

8. (Cesgranrio) Assinale a opção em que ambos os termos não admitem flexão de gênero:
a) inglesa pálida;
b) jovem leitor;
c) alguns mestres;
d) semelhante criatura;
e) moça ideal.

9. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a mudança na ordem dos termos pode alterar o sentido fundamental da expressão:
a) própria usina / usina própria;
b) eminentes físicos / físicos eminentes;
c) rápido desfecho / desfecho rápido;
d) parcelas ponderáveis / ponderáveis parcelas;
e) separação rígida / rígida separação.

10. (Analista de Controle Interno – Sefaz-RJ – FGV) Assinale a palavra que, no texto, NÃO desempenhe papel adjetivo.
a) suficiente – participação cidadã pode representar um alerta, mas não é o suficiente.
b) alguns – Apresentar alguns fatores.
c) sua – Entre a sociedade, a empresa e o Estado, está o profissional contábil, que, por sua vez, é o elo entre Fisco e contribuinte.

d) própria – contribuir de forma direta e irrestrita para a própria sustentação.
e) diversos – Entende-se que a arrecadação incidente sobre os diversos setores produtivos é necessária.

11. (Perito da Polícia Civil – NCE) "Qualquer assaltante" apresenta sentido diferente de "um assaltante qualquer". O par abaixo que não apresenta diferença significativa de sentido é:
a) pobre homem/homem pobre;
b) funcionário competente/competente funcionário;
c) grande mulher/mulher grande;
d) folha branca/branca folha;
e) bom menino/menino bom.

12. (Perito da Polícia Civil – NCE) "... bem da humanidade...", "... obra de destruição...", "... novos meios de matar..."; as expressões sublinhadas são, respectivamente, correspondentes a:
a) humano, destrutiva, mortíferos;
b) humanitário, destruidora, homicidas;
c) humanista, destrutiva, assassinos;
d) humano, destruidora, violentos;
e) humanitário, destruidora, mortais.

13. (Inspetor da Polícia Civil – NCE) O adjetivo cuja expressão correspondente é indicada erradamente é:
a) debates universitários – debates de universidades;
b) professor brilhante – professor de brilho;
c) comentário marginal – comentário à margem;
d) atitudes humanas – atitudes do homem;
e) substâncias ilícitas – substâncias fora da lei.

14. (Ministério Público RJ – NCE) Ao designar como hindus os nascidos na Índia, o autor do texto:
a) preferiu esta designação à de indianos;
b) errou, pois hindu se aplica somente aos adeptos do hinduísmo;
c) quer referir-se somente a uma parte dos habitantes da Índia;
d) designa somente os que adoram a vaca como símbolo religioso;
e) errou, visto que o vocábulo é grafado sem a letra H.

15. (Ministério Público RJ – NCE) Em "O homem urbano do Ocidente...", o vocábulo sublinhado se aplica ao homem:
a) civilizado;
b) culto;
c) não-rural;

d) adulto;
e) contemporâneo.

16. (Ministério Público RJ – NCE) O adjetivo abaixo de valor nitidamente subjetivo é:
a) imprensa brasileira;
b) proposta milionária;
c) incitamento racista;
d) jovem negro;
e) brilhante futuro.

17. (IBGE – NCE) "... me parece <u>infundada</u> a acusação." O adjetivo sublinhado corresponde semanticamente a:
a) sem fundos;
b) sem fundações;
c) sem fundamento;
d) sem finalidade;
e) sem fingimento.

18. (Auxiliar de Cartório – TJ – NCE) Em "... entorpecimento completo ou parcial...", a relação semântica existente entre os adjetivos "completo" e "parcial", repete-se em:
a) inverno e verão;
b) tranquilo e agitado;
c) paralisados e imóveis;
d) branco e claro;
e) amarelo e amarelado.

19. (Auxiliar de Cartório – TJ – NCE) O item em que a correspondência entre adjetivo e substantivo está <u>incorreta</u>, levando-se em conta os valores semânticos dos adjetivos no texto, é:
a) completo / completude;
b) letárgico / letargia;
c) imóveis / imobilismo;
d) sanguínea / sangue;
e) normais / normatividade.

20. (NCE) Nos segmentos "torres gêmeas", "manchete ruim", "jornal brasileiro" e "filme açucarado", os adjetivos de caráter claramente objetivo são:
a) gêmeas / ruim;
b) gêmeas / brasileiro;
c) ruim / brasileiro;
d) brasileiro / açucarado;
e) ruim / açucarado.

21. (Eletrobrás – NCE) O item em que o adjetivo sublinhado, quando deslocado para antes ou depois do substantivo por ele determinado, não apresenta possibilidade de qualquer modificação de sentido é:
a) fato novo;
b) mal velho;
c) poupanças populares;
d) antigas realizações;
e) espantosas propostas.

22. (Cepel – NCE) Em "... com folhas de um verde limpo.", caso houvesse o adjetivo "verde-limpo", esse segmento do texto seria corretamente escrito:
a) folhas verdes-limpo;
b) folhas verdes-limpas;
c) folhas verde-limpas;
d) folhas verde-limpo;
e) folhas verdes-limpos.

23. (Corregedoria da Justiça – RJ – NCE) Em "... exposto ao frio da noite..." e "... de sua incômoda presença...", os dois segmentos sublinhados possuem substantivos e adjetivos, mas com estruturações diferentes (substantivo + locução; adjetivo + substantivo). Se reescrevermos os dois segmentos, trocando as estruturas adotadas, teremos:
a) frio noturno / presença incômoda;
b) frieza da noite / presente incômodo;
c) fria noite / o incômoda da presença;
d) frieza noturna / o incômodo presente;
e) noturno frio / presença da incomodidade.

24. (Engepron – NCE) Entre os itens abaixo, o adjetivo sublinhado que mostra um caráter subjetivo, ou seja, uma opinião do autor, é:
a) multidão imensa;
b) espetáculo emocionante;
c) sentido elevatório;
d) imprensa política;
e) aeronauta brasileiro.

25. (ANTT – NCE) A frase que não apresenta qualquer exemplo de comparativo ou superlativo é:
a) "atender rapidamente os feridos";
b) "registram-se os mais elevados índices";
c) "para salvar o maior número de vítimas";
d) "dirigir nas estradas não é tarefa das mais fáceis";
e) "exigiu a maior concentração de máquinas rodoviárias".

26. (Administrador – MEC – FGV) "Trata-se da construção de uma alternativa à lógica dominante, ao ajustamento de todas as sociedades..."

No trecho acima há:

a) quatro adjetivos;
b) três adjetivos;
c) dois adjetivos;
d) um adjetivo;
e) nenhum adjetivo.

Capítulo 7

Artigo

Artigo é a palavra variável que fica anteposta ao substantivo, indicando seu gênero e número.

7.1. Artigo definido

Indica os seres dentro de uma espécie, individualizando-os: O, A, OS, AS.

7.2. Artigo indefinido

Indica seres quaisquer numa espécie, generalizando-os. UM, UMA, UNS, UMAS

BIZU

O artigo anteposto a qualquer palavra tem o poder de substantivá-la.
Ex.: O azul é a cor mais bonita.

7.3. Exercícios

1. (Univ. Fed. Pará) Observe o uso do artigo nas seguintes frases:
I. "... perdia a sua musculatura estudando em Belém".
II. "... até invejou o fumar do vaqueiro".
III. "... dela a escola era um lombo de búfalo".
IV. "De repente foi ouvido que andava pelo Por Enquanto uma pequena..."
Em quais delas foi usado o recurso da substantivação?
a) Em I e II.
b) Em I e III.
c) Em II e III.
d) Em II e IV.
e) Em III e IV.

2. (Analista de Controle Interno – Sefaz-RJ – FGV) "Ah, filho! Basta ser uma boa pessoa, fazer o bem ao próximo, não mentir e comer os legumes!"
Na fala da mãe, há:
a) um artigo;

b) dois artigos;
c) três artigos;
d) cinco artigos;
e) quatro artigos.

3. (Esan-SP) Em qual dos casos o artigo denota familiaridade?
a) O Amazonas é um rio imenso.
b) D. Manoel, o Venturoso, era bastante esperto.
c) O Antônio comunicou-se com o João.
d) O professor João Ribeiro está doente.
e) Os Lusíadas são um poema épico.

4. (ITA) Determine o caso em que o artigo tem valor de qualificativo.
a) Estes são os candidatos de que lhe falei.
b) Procure-o, ele é o médico.
c) Certeza e exatidão, estas qualidades não as tenho.
d) Os problemas que o afligem não me deixam descuidado.
e) Muita é a procura; pouca a oferta.

5. (Técnico Legislativo – Senado Federal – FGV) "...existe a percepção de que algo tem que ser feito a mais para de fato levar a saúde a toda a população."
A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:
I. *Em levar a saúde a toda a população*, **há uma preposição e dois artigos.**
II. *Em levar a saúde a toda a população*, **a última ocorrência da palavra** *a* **poderia ser suprimida sem provocar grave alteração de sentido.**
III. *Em levar a saúde a toda a população*, **a primeira ocorrência da palavra** *a* **poderia ser suprimida sem provocar grave alteração de sentido.**
Assinale:
a) se somente os itens II e III estiverem corretos;
b) se todos os itens estiverem corretos;
c) se nenhum item estiver correto;
d) se somente os itens I e II estiverem corretos;
e) se somente os itens I e III estiverem corretos.

6. (Inspetor de Polícia Civil – FGV) "Ora, as mazelas da imigração só podem ser resolvidas com a integração dos estrangeiros às sociedades, associada a uma enfática cooperação internacional, a fim de extrair da miséria e da desesperança a larga franja demográfica em que nascerá o futuro ser humano a expulsar."
No trecho acima, há:
a) 7 artigos definidos e 3 ocorrências da preposição *a;*
b) 8 artigos definidos e 4 ocorrências da preposição *a;*
c) 9 artigos definidos e 4 ocorrências da preposição *a;*
d) 9 artigos definidos e 3 ocorrências da preposição *a;*

e) 8 artigos definidos e 2 ocorrências da preposição *a.*

7. (Perito da Polícia Civil-RJ/FGV) "Atinge toda a região e a si mesmo, pois o Equador é credor no âmbito do CCR, e a efetiva realização da ameaça de não honrar compromisso assumido o impedirá de receber aquilo que lhe é devido" (L.50-53).
No trecho acima há:
a) sete artigos;
b) seis artigos;
c) cinco artigos;
d) quatro artigos;
e) três artigos.

Capítulo 8

Advérbio

Advérbio é a palavra geralmente invariável que modifica a ideia do verbo. Os advérbios de intensidade, além de modificarem a ideia do verbo, também podem modificar a ideia de um adjetivo ou de outro advérbio.

Ex.: Xuxa canta bem.

Observe que "bem" é advérbio porque está modificando a ideia do verbo "cantar". É também importante ressaltar o fato de o advérbio ser invariável, e, ao passar toda a frase para o plural, somente o advérbio não acompanhará.

Ex.: Xuxa e Angélica cantam bem.

O sujeito foi para o plural, o verbo também, mas o advérbio não se modificou.

Ex.: Xuxa e Angélica cantam muito bem.

Nessa frase, há dois advérbios: BEM é advérbio de modo, modificando a ideia do verbo "cantar", e MUITO é advérbio, modificando a ideia do outro advérbio "bem", acrescendo valor de intensidade.

Ex.: Elas são muito bonitas.

"Muito" é advérbio, pois intensifica a ideia do adjetivo "bonitas".

O advérbio pode passar uma série de ideias a serem observadas a seguir:

– de modo

Ex.: Estou bem.

Agi erradamente.

– de lugar

Ex.: Ele ficou aqui.

– de tempo

Ex.: Cheguei ontem.

– de intensidade

Ex.: "Que rica que era a Titi" (Eça de Queirós).

– de negação

Ex.: Ele não virá.

– de afirmação

Ex.: Certamente ele virá.

– de dúvida

Ex.: Talvez ele venha.

Advérbio Interrogativo – COMO, ONDE, QUANDO, POR QUE.

Como este fato aconteceu?
Onde ele estava?
Quando ele morreu?
Por que ninguém me contou nada?

8.1. Graus do advérbio

8.1.1. Comparativo

De superioridade

Ex.: Eu falo mais do que você.

De igualdade

Ex.: Eu falo tanto quanto você.

De inferioridade

Ex.: Eu falo menos do que você.

8.1.2. Superlativo

Absoluto sintético

Ex.: Cheguei tardíssimo.

Absoluto analítico

Ex.: Cheguei tarde à beça.

8.2. Locução adverbial

Conjunto de duas ou mais palavras que funcionam como advérbio. Normalmente se forma através da associação de preposição com substantivo, verbo ou advérbio.

Ex.: Eu te vi cara a cara.
Ele veio de longe.
Ele fez o trabalho às pressas.

Obs.: Os advérbios terminados em MENTE se originam de formas adjetivas femininas, pois o sufixo em questão se derivou do substantivo MENTE significando "cérebro".

Ex.: Positivamente – mente positiva

Contrariamente – mente contrária

8.3. Palavras denotativas ou partículas expletivas

Palavras ou locuções invariáveis – o que pode levar o usuário da língua à classificação errônea de advérbio – que não modificam o verbo, nem o adjetivo, nem o advérbio.

1 – **De exclusão** – apenas, exceto, só, somente...

Ex.: Todos foram à praia, exceto João.

2 – **De inclusão** – até, até mesmo, mesmo, inclusive...

Ex.: Todos sambaram, inclusive Fritz.

3 – **De explicação** – por exemplo, ou seja, isto é...

Ex.: A situação estava complicada. Por exemplo, ninguém quis se comprometer.

4 – **De realce** – se, é que...

Ex.: "Foi-se a noite" (Castro Alves).

Ex.: "A cor é que tem cor nas asas de borboleta" (Fernando Pessoa).

5 – **De retificação** – isto é, ou seja, ou melhor, aliás...

Ex.: Ninguém veio, aliás Manoel veio.

8.4. Exercícios

1. (Unificado) "Duma feita os canhamboras perceberam que não tinham mais escravos..." A locução sublinhada denota nesse contexto:

a) tempo;
b) oposição;
c) conclusão;
d) comparação;
e) consequência.

2. (Auditor – Sefaz-RJ – FGV) Assinale a palavra que, no texto, NÃO tenha valor adverbial.

a) mais – ganhem cada vez mais espaço no Brasil.
b) bastante – dessa possibilidade vem se dando de forma bastante tímida.
c) penal – sob pena de serem responsabilizadas penal e administrativamente.
d) só – ... não só das empresas estrangeiras situadas no Brasil, mas também...
e) antes – que pretendem implementar, o quanto antes, práticas administrativas.

3. (UFF) A expressão assinalada tem valor adverbial em:

a) "A história do casamento de Maria Benedita é curta".
b) "Se não fosse a epidemia das Alagoas talvez não chegasse a haver casamento".

c) "... não contendo o respeito que aquele bêbado tinha ao princípio da propriedade".
d) "... não é preciso estar embriagado para acender um charuto nas misérias alheias".
e) "Sem pedir licença à dona das ruínas".

4. (Uni-Rio) Assinale a opção em que a expressão sublinhada não tem o mesmo valor gramatical identificado em:
"Nunca mais andarei de bicicleta".
a) Ela percorreu a estrada a pé.
b) Encontrei meu inimigo cara a cara.
c) Nosso tio vagava pelas ruas com fome.
d) Enfrentamos sempre o perigo de frente.
e) João terminou a pesquisa às pressas.

5. (Uni-Rio) Assinale a frase em que as palavras destacadas correspondem, pela ordem, a substantivo, adjetivo, advérbio.
a) FELIZ a NAÇÃO que emprega BASTANTES recursos na educação.
b) As ESCOLAS organizadas fazem um EXTRAORDINÁRIO BEM à educação.
c) O GOVERNO que acultura SEU povo passa à HISTÓRIA.
d) Educação e CULTURA fazem FORTE um país BEM promissor.
e) A PREPARAÇÃO da JUVENTUDE forja o AMANHÃ de um país.

6. (CBMERJ – NCE) Os advérbios terminados em –mente são formados pela junção desse sufixo à forma feminina de adjetivo. Os dois exemplos abaixo em que não é possível indicar formalmente o gênero do adjetivo são:
a) simplesmente / aproximadamente
b) aproximadamente / diariamente
c) diariamente / normalmente
d) normalmente / simplesmente
e) simplesmente / diariamente

7. (NCE) Nos quatro segmentos a seguir, há advérbios terminados pelo sufixo – mente.
1) "... extirpou definitivamente o sebastianismo da vida nacional"
2) "Finalmente, a superexposição das mazelas..."
3) "... que ajudou simbolicamente a desfraldar..."
4) "... que os recursos públicos se destinem majoritariamente..."
Assinale o item em que o comentário sobre seu emprego ou formação não esteja correto:
a) Todos os advérbios apresentados foram formados a partir de adjetivos.
b) Os advérbios se distribuem em advérbios de tempo e de modo.
c) Todos os advérbios são formados a partir da forma feminina dos adjetivos primitivos.
d) Nem todos os adjetivos primitivos mostram distinção formal de gênero de substantivo.
e) Todos os advérbios se referem aos verbos das orações em que estão inseridos.

8. (NCE) "Devagar se vai ao longe, mas quando se chega lá não se encontra mais ninguém" (Millôr Fernandes).
Indique a circunstância apontada corretamente.
a) Devagar – circunstância de modo.
b) Lá – circunstância de finalidade.
c) Mais – circunstância de intensidade.
d) Longe – circunstância de tempo.
e) Quando – circunstância de lugar.

9. (NCE) Na palavra "ansiosamente", o adjetivo que serve de base para a formação do advérbio está no gênero feminino. A que se deve esse fato?
a) Porque todos os advérbios são formados com a forma feminina dos adjetivos.
b) Porque, historicamente, corresponde a uma concordância com o substantivo "mente".
c) Porque mantém o gênero da palavra "ânsia".
d) Porque, desse modo, se evita a repetição desagradável do som da vogal "o".
e) Porque a forma feminina facilita a pronúncia pela inclusão de uma vogal entre duas consoantes.

10. (NCE) <u>De repente</u> foi assaltada por um adolescente". A expressão destacada tem valor de:
a) substantivo;
b) adjetivo;
c) adverbial;
d) pronominal;
e) verbal.

Capítulo 9

Pronome

Pronome é o termo que substitui o nome. Como NOME engloba substantivos e adjetivos, evidentemente o pronome funciona como substantivo ou adjetivo.

O pronome será substantivo quando substituir um substantivo.

Ex.: Sinfronésia morreu. Alguém morreu.

→ O pronome ALGUÉM substitui o substantivo SINFRONÉSIA; portanto, é um pronome substantivo.

O pronome será adjetivo quando acompanhar um substantivo.

Ex.: Minha cadela é bonita.

→ MINHA é um pronome adjetivo porque acompanha o substantivo CADELA.

9.1. Pronomes pessoais retos

Trata-se do pronome pessoal que funciona como sujeito ou predicativo do sujeito. EU e TU são sempre pronomes retos, enquanto ELE, ELA, NÓS, VÓS, ELES e ELAS são pronomes retos se funcionarem como sujeito ou predicativo ou são pronomes oblíquos caso possuam outra função sintática.

Ex.: Eles fizeram o trabalho.

→ ELES é pronome reto porque funciona como sujeito.

Entreguei a eles o trabalho.

→ ELES é pronome oblíquo porque funciona como objeto indireto.

9.2. Pronomes pessoais oblíquos

ME, MIM, COMIGO, TE, TI, CONTIGO, LHE, O, A, SE, SI, CONSIGO, NOS, CONOSCO, VOS, CONVOSCO, LHES, OS, AS.

BIZU

Como já se advertira, os pronomes pessoais EU e TU só podem ser retos,

visto que inevitavelmente funcionam como sujeito ou predicativo do sujeito. Cabe ressaltar que, ao contrário do que aprendemos nas escolas, é possível usar "MIM" ou "TI" antes de verbos no infinitivo. Tal ocorre quando se puder separar o pronome do verbo, evidenciando-se que aquele não será sujeito deste.

Ex.: É importante para mim fazer esse trabalho.

→ Observe que é exequível separar o pronome MIM do verbo FAZER, como podemos constatar a seguir:

Fazer esse trabalho é importante para mim.

Sendo assim, o uso de MIM, e não de EU, torna-se obrigatório. Em contrapartida, se não for admissível separar o pronome pessoal do verbo, torna-se patente que o pronome funciona como sujeito, então só pode ser utilizado o pronome pessoal reto (EU).

Ex.: Ele trouxe o material para eu fazer o trabalho.

→ Observe que a frase não possui sentido, separando-se o pronome pessoal do verbo FAZER; portanto este pronome pessoal há de ser reto, e a utilização de EU faz-se "imperiosa".

Obs.: As formas COMIGO, CONTIGO, CONSIGO, CONOSCO e CONVOSCO, regidas de preposição COM, apresentam-se com as preposições aglutinadas aos pronomes.

Ex.: Ele brincou conosco ontem.

→ Observe, contudo, que se torna equivocada a contração das preposições com os pronomes oblíquos átonos quando após aparecer MESMOS, PRÓPRIOS, OUTROS, AMBOS, TODOS ou NUMERAIS.

Ex.: Eles viajarão com nós todos. Manoel e Joaquim foram injustos com eles próprios.

Obs.: Os pronomes oblíquos tônicos obrigatoriamente vêm após preposição, mesmo que o verbo seja transitivo direto.

Ex.: Ele viu a nós ontem. Eu ouvirei a ti sempre.

Obs.: Com a preposição ATÉ, usam-se as formas oblíquas tônicas MIM, TI etc.

Ex.: Ele veio até mim.

Observe, porém, que, se o termo ATÉ indicar valor de inclusão, usa-se a forma reta EU, TU, ELE...

Ex.: Todos foram à praia, até eu.

9.3. Pronomes possessivos

Dão ideia de posse.
MEU, MINHA, MEUS, MINHAS, TEU, TUA, TEUS, TUAS, SEU, SUA, SEUS, SUAS, NOSSO, NOSSA, NOSSOS, NOSSAS, VOSSO, VOSSAS.

Obs.: Há casos em que um pronome oblíquo tem valor possessivo.

Ex.: "O beijo de Capitu fechava-me os lábios" (Machado de Assis).
→ fechava os meus lábios

"Ainda hei de tirar-te a vergonha" (Raul Pompéia).
→ Ainda hei de tirar a tua vergonha.

9.4. Pronomes demonstrativos

Situam a pessoa ou a coisa designada em relação ao espaço.
Os casos mais comuns são ISTO, ISSO, AQUILO, ESTE(S), ESSE(S), AQUELE(S), ESTA(S), ESSA(S), AQUELA(S).

Ex.: Aquele cachorro é meu.
Não gosto desta situação.

9.4.1. Usos especiais de pronomes demonstrativos

Quando há três termos já citados, para evitarmos a repetição destes termos, usam-se os pronomes demonstrativos AQUELE(S), AQUELA(S), AQUILO, referentes ao primeiro; ESSE(S), ESSA(S), ISSO, ao segundo; ESTE(S), ESTA(S), ISTO, ao último.

Ex.: Ayrton Senna, Xuxa e Pelé são os brasileiros mais conhecidos no mundo. Este (Pelé) é o atleta do século, aquele (Ayrton Senna) foi o maior piloto de todos os tempos e essa (Xuxa) é a apresentadora mais requisitada da América do Sul.

Obs.: Havendo apenas dois seres, AQUELE se referirá ao mais longínquo e ESTE, ao mais próximo.

Ex.: Fernanda Montenegro e Paulo Gracindo foram os maiores atores brasileiros. Este foi o protagonista de O Bem Amado e aquela, de Central do Brasil.

É também interessante ressaltar que devem ser usados ESTE(S), ESTA(S), ISTO para algo que esteja próximo de quem esteja falando; ESSE(S), ESSA(S), ISSO para algo que esteja próximo da pessoa com quem se está falando; e AQUELE(S), AQUELA(S), AQUILO, para algo que esteja próximo de uma terceira pessoa sobre a qual se está falando.

Ex.: Este (próximo de quem está falando) lápis é meu.
Esse (próximo da pessoa com quem se está falando) lápis é seu.
Aquele (próximo de uma terceira pessoa sobre a qual se está falando) lápis

é do Manoel.

9.4.2. Casos especiais de pronome demonstrativo

1) O, A, OS, AS serão pronomes demonstrativos quando antecederem o pronome relativo "QUE" ou a preposição "de" e puderem ser substituídos por AQUILO, AQUELE(S), AQUELA(S).

Ex.: "O (aquilo) que estragou tudo foi esse ciúme, Paulo" (Graciliano Ramos).

Vi bem a (aquela) que saiu.

"Mas que melhor metafísica que a (aquela) delas" (Fernando Pessoa).

Obs.: Vale observar que, confirmando serem O, A, OS, AS pronomes demonstrativos, também se ratifica ser o "que" pronome relativo. Aproveitando o penúltimo exemplo, conclui-se que A é pronome demonstrativo e QUE, pronome relativo.

BIZU

Muito raramente "o" poderá ser pronome demonstrativo, não precedendo a preposição "de" ou o pronome relativo "que". Tal se dá quando for remissivo a uma ação ou a uma oração.

Ex.: – João, eu soube que você brigou com a sua namorada.

– Paulo, eu não **o** fiz.

→ Perceba que, nessa situação, o pronome demonstrativo "o" refere-se ao ato de brigar com a namorada, podendo ser substituído, inclusive, pela palavra "isso" – Eu não fiz isso.

Ex.: – João, você viu o Carlos?

– Paulo, eu não **o** vi.

Já, neste caso, o pronome oblíquo é referente a Carlos, e não a uma ação – Eu não vi Carlos.

TAL é pronome demonstrativo quando significar "ESTE", "ESSE", "AQUELE".

Ex.: Tal (esta) foi a decisão, mas não a aguardávamos.

Você me veio com tal (aquele) cansaço.

Mesmo quando significar "IDÊNTICO", "IGUAL".

Ex.: Na mesma (IGUAL, IDÊNTICA) hora em que eu a vi ontem, eu a vi hoje.

PRÓPRIO, quando fizer referência a algo já mencionado.
Ex.: Ele fez mal aos outros e a si próprio (ele).

SEMELHANTE, quando for sinônimo de TAL.
Ex.: Nunca diria semelhantes (tais) palavras.

9.5. Pronomes indefinidos

Referem-se, de forma vaga, à 3ª pessoa:
TODO, TODOS, TODA, TODAS, TUDO, ALGUM, ALGUNS, ALGUMA, ALGUMAS, ALGUÉM, ALGO, NENHUM, NENHUNS, NENHUMA, NENHUMAS, NINGUÉM, NADA, OUTRO, OUTRA, OUTROS, OUTRAS, OUTREM, MUITO, MUITA, MUITOS, MUITAS, POUCO, POUCA, POUCOS, POUCAS, QUANTO, QUANTA, QUANTOS, QUANTAS, MAIS, MENOS, BASTANTE, BASTANTES, CADA, QUALQUER, QUAISQUER, TANTO, TANTA, TANTOS, TANTAS, DEMAIS, VÁRIOS, VÁRIAS, QUE (QUAL), QUEM, UM, UMA, UNS, UMAS.

Ex.: Já não tenho mais tempo.
Eu vi que (qual) aluno fugiu de sala.

Obs.: É importante não confundir o pronome indefinido QUE com o pronome relativo QUE. Aquele ocorrerá quando puder ser substituído por QUAL ou QUAIS; já este, por O QUAL, A QUAL, OS QUAIS, AS QUAIS.

É também essencial não misturar pronome indefinido com advérbio. Aquele é variável e se liga a um substantivo. Já o advérbio é invariável e relaciona-se com verbo, adjetivo ou outro advérbio. Convém ressaltar que o vocábulo "certo" será pronome indefinido, quando equivaler a "qualquer" ou "algum" e **não** for antônimo de "errado".

Ex.: Estamos bastante confiantes.

→ Observe que "bastante" é invariável e intensifica o adjetivo "confiantes".

Possuímos bastantes alunos em sala.

→ O termo "bastantes" liga-se ao substantivo "alunos" e é variável, portanto classificando-se como pronome indefinido.

Ela possui menos preocupação do que nós.

→ Como o vocábulo "menos" determina o substantivo "preocupação", classifica-se pronome indefinido.

Ela está menos preocupada do que nós.

→ Como o termo "menos" está ligado ao adjetivo "preocupada", evidencia-se

ser advérbio.

Certos trabalhos não deveriam ser feitos.

→ "Certos", nessa frase, aproxima-se semanticamente de "alguns" e não é antônimo de "errado", portanto é pronome indefinido.

Foram feitos os trabalhos certos.

→ "Certos" nessa frase é antônimo de errado, classificando-se como adjetivo.

9.6. Pronomes relativos

São pronomes relativos "o qual", "a qual", "os quais", "as quais", ou quaisquer outros termos que possam ser substituídos por estes mencionados. A finalidade do pronome relativo é evitar a repetição do termo antecedente na oração em que ocorre.

Ex.: Não conheço o lugar onde ele mora.

→ "Onde" é pronome relativo porque pode ser substituído por "no qual" e refere-se ao antecedente "lugar".

Falei as palavras que você queria ouvir.

→ "Que" é pronome relativo porque pode ser substituído por "as quais" e refere-se ao termo "as palavras".

Nas estruturas em que O, A, OS, AS aparecerem antes de "que" – e puderem ser substituídos por AQUILO, AQUELE(S), AQUELA(S) –, O, A, OS, AS serão pronomes demonstrativos e o QUE será relativo. Nessa situação o antecedente do relativo será sempre o demonstrativo.

Obs.: Ainda será o antecedente do pronome relativo somente o demonstrativo, mesmo quando este estiver combinado a uma preposição.

Ex.: "Fora de mim, alheio ao que penso" (Fernando Pessoa) – ao que penso (àquilo que penso).

Necessitamos daquelas (de + aquelas) que chegaram geladas.

Também são pronomes relativos CUJO, CUJA, CUJOS, CUJAS.

Ex.: É bonita a cidade por cujas ruas passei.

Conheci um escritor de cujos livros gosto muito.

Obs.: Existem alguns pronomes relativos que ocorrem sem antecedentes. Alguns gramáticos, no caso, interpretam que existe um antecedente implícito. A esses pronomes cabe a denominação de "relativos indefinidos".

Ex.: "Quem com ferro fere com ferro será ferido".

→ O pronome relativo indefinido QUEM poderia ser substituído por "aquele que", havendo então um antecedente implícito para o relativo "que" ou "quem"

que seria “aquele”.

“O único mistério é haver quem pense no mistério” (Fernando Pessoa).

→ ... haver aquele que pense...

Esta interpretação causou uma dúvida quanto à classificação da oração. Ao fim das orações adjetivas, esse assunto será retomado e aprofundado.

9.7. Pronomes interrogativos

Aparecem em interrogações diretas ou indiretas: QUE, QUEM, O QUE.

Ex.: Que fazes aqui?

Não sei quem faltou à aula.

9.8. Pronomes de tratamento

Locuções que valem pelo PRONOME PESSOAL, designando especificamente a pessoa com quem se fala.

VOSSA ALTEZA – V.A. – príncipes, arquiduques, duques

VOSSA EMINÊNCIA – V. Emª. – cardeais

VOSSA EXCELÊNCIA – V. Exª. – altas autoridades do governo e das classes armadas

VOSSA MAGNIFICÊNCIA – V. Magª. – reitores das universidades

VOSSA MAJESTADE – V. M. – reis, imperadores

VOSSA EXCELÊNCIA REVERENDÍSSIMA – V. Exª. Revmª. – bispos e arcebispos

VOSSA PATERNIDADE – V.P. – abades, superiores de conventos

VOSSA REVERENDÍSSIMA – V. Revmª. – sacerdotes em geral

VOSSA SANTIDADE – V.S. – papas

VOSSA SENHORIA – V. Sª. – funcionários públicos graduados, oficiais até coronel, pessoas de cerimônia.

VOCÊ – qualquer pessoa.

9.9. Pronome reflexivo

Quando o objeto direto (ou indireto) é a mesma pessoa do sujeito.

Ex.: “Fez-se de desentendido” (Fernando Sabino).

Obs.: O reflexivo relativo à terceira pessoa – tanto do singular quanto do plural. – se apresenta de três formas diferentes: SE, SI, CONSIGO.

Ex.: Eles se inscreveram no concurso.

Ele só gosta de si mesmo.

Eles só se preocupam com eles mesmos.

9.10. Pronome recíproco

Quando sujeitos e objetos trocam atos recíprocos.

Ex.: "Olharam-se e morreram dando um grito" (Castro Alves). – (Um olhou para o outro que olhou para um)

Vocês se amam. (Você ama Maria, Maria ama você.)

9.11. Pronome parte integrante do verbo

Existem alguns verbos que são denominados como pronominais. Esta situação implica que necessariamente verbo e pronome oblíquo estejam sempre na mesma pessoa. Ressalte-se, contudo, que não se trata de voz reflexiva, pois neste caso há uma efetiva coincidência entre o ser agente e o ser paciente. A parte integrante do verbo não representa semanticamente um ser, portanto não possui função sintática.

Ex.: Ele se referiu ao trabalho. Nós nos referimos à partida de futebol. Nós nos interessamos por música. Tu te lembras do fato?

9.12. Estudo da colocação dos pronomes

1) Nunca se pode começar uma oração por pronomes oblíquos.

Ex.: "Me come, me cospe, me beija..." (Raul Seixas).

Esta frase está errada, pois ela está se iniciando por pronome oblíquo. O certo seria: "Come-me, cospe-me, beija-me...".

É óbvio que o autor aí fez valer a licença poética. Certamente o texto não teria o mesmo valor se o rigor gramatical fosse obedecido. Inclusive é interessante lembrar que até já há autores compreendendo que o uso do pronome oblíquo átono poderia iniciar orações, já que, no Brasil, o pronome átono não é tão átono. No entanto, o que vale ainda é a forma tradicional. O NCE, no concurso da CVM-2005, admitiu não ser grave o pronome oblíquo iniciar orações.

2) Os pronomes oblíquos são atraídos por conjunções subordinativas, advérbios, pronomes interrogativos, relativos e indefinidos, expressões exclamativas (Deus os ajude!) e preposição EM com verbo no gerúndio.

Ex.: Ela sempre ajudou-te.

→ Esta frase está errada, pois o pronome oblíquo deveria vir antes do verbo uma vez que o advérbio SEMPRE o está atraindo.

Obs.: Ressalte-se que o único obstáculo para um pronome oblíquo posicionar-se antes de verbo é se estiver iniciando oração. Preste atenção aos exemplos a

seguir:

Ex.: "E quando ele punha-se a contar histórias de castidade..." (Raul Pompeia).

→ O pronome pessoal reto "ELE" não atrai o pronome oblíquo "se", no entanto não há nada que obste esse posicionamento. Poderia também localizar-se antes do verbo, ou seja, também estaria escorreito "ele se punha".

Ex.: "Pernambuco! Um dia eu vi-te" (Castro Alves).

→ Também a construção poderia se dar assim: "Um dia eu te vi".

Alguém nos viu.

→ Já neste exemplo, "ALGUÉM" é pronome indefinido, por conseguinte atrai o pronome oblíquo, não admitindo outro posicionamento para o pronome.

Outros exemplos:

Em se tratando de político, nunca poderemos confiar neles.

Quem te viu lá?

Não viajei, pois me cansei muito no dia anterior.

3) Colocação pronominal em locuções verbais.

A tradição gramatical orienta que, estando o último verbo no infinitivo ou gerúndio, o pronome tanto poderá aparecer antes como depois da locução.

Ex.: Não te posso ver daqui. / Não posso ver-te daqui.

Não te estou vendo. / Não estou vendo-te.

Obs.: Neste caso, mesmo que haja termo atraindo o pronome oblíquo, a gramática não faz qualquer oposição ao uso do pronome após a locução verbal.

Contudo, o uso do dia a dia gera uma situação peculiar. O único lugar onde não deveria estar o pronome é o que todos usam, ou seja, entre os verbos. Por isso, os gramáticos mais modernos já aceitam tal posicionamento com duas ressalvas:

1ª – Se houver termo que atraia o pronome oblíquo, este não poderá estar ligado ao primeiro verbo com hífen.

Ex.: Não estou te vendo daqui. (certo)

Não estou-te vendo daqui. (errado)

Ele está nos vendo daqui. (certo)

Ele está-nos vendo daqui. (certo)

2ª – O que ocorre aqui é a influência da Linguística, isso é, a gramática se amoldando ao uso popular. Então, cabe vislumbrar mais um caso

interessante: com os pronomes oblíquos O, A, OS, AS, a forma tradicional (antes ou depois da locução) se torna a única. Tal ocorre em razão de a orientação gramatical coincidir com o uso diário da população.

Ex.: Não o pude ver. (certo)
Não pude vê-lo. (certo)
Não pude o ver. (errado)

Obs.: O NCE, em algumas provas, solicitou ao candidato a análise de questões em que poderia haver mais de uma opção correta. Sendo assim, o candidato deveria ter o discernimento para escolher a alternativa mais adequada. O estudo da colocação pronominal em locuções verbais (com último verbo no infinitivo ou gerúndio) foi abordado na prova para o Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro em 2004, e a banca fez valer a visão tradicional, ou seja, apesar de o uso do pronome oblíquo entre os verbos já estar deveras difundida, a forma conservadora – com o pronome oblíquo átono antes ou depois da locução – acabou por prevalecer.

Quando o último verbo encontrar-se no particípio, o pronome deverá vir antes ou no meio da locução.
Ele nos tem visto diariamente. / Ele tem-nos visto diariamente.

4) O verbo no infinitivo admite a colocação de pronome átono ao seu fim, mesmo havendo termo que o atraia.
Ex.: Não encontrar-te amanhã será triste.

5) O objeto direto e o predicativo de 3ª pessoa são substituídos pelos pronomes oblíquos **O, A, OS** e ***AS.***
Ex.: Eu comprei o carro. – Eu o comprei.
"Nada somos que valha
Somo-lo mais que em vão" (Fernando Pessoa).

6) O objeto indireto, o complemento nominal e o adjunto adnominal (com ideia de posse), ou seja, os termos preposicionados de 3ª pessoa – representando pessoa ou termo no campo semântico de pessoa – são substituídos pelos pronomes oblíquos ***LHE*** e ***LHES***.
Ex.: Eu entreguei o material aos alunos. Eu lhes entreguei o material. Roubei o fruto da árvore. Roubei-lhe o fruto.

7) Os verbos, terminados em **R, S** ou **Z,** ligados aos pronomes oblíquos **O, A, OS,**

AS, perderão sua última letra, e ao pronome oblíquo será acrescentada a letra ***L***. Encontramos as pessoas. O termo AS PESSOAS é objeto direto, por isso é substituído por AS.

Ex.: Encontramos + AS = Encontramo-las.

8) Aos pronomes oblíquos **O, A, OS** e **AS,** ligados a verbos que terminem em som nasal, será acrescentada a letra ***N***.

Ex: Põe as cartas. Põe-nas. Encontraram os meninos. Encontraram-nos.

9) Quando o verbo estiver na 1ª pessoa do plural e o pronome oblíquo também na 1ª pessoa do plural, o verbo perde o ***S*** final.

Ex.: Ajoelhamos + nos = ajoelhamo-nos, encontramos + nos = encontramo-nos.

REGRAS

1) Ocorre **próclise** quando o pronome oblíquo aparece antes do verbo.

Ex.: Eu te explico tudo.

Observe que o pronome oblíquo TE vem antes do verbo EXPLICAR.

2) Ocorre **ênclise** quando o pronome oblíquo aparece depois do verbo.

Ex.: Explico-te tudo.

Observe que o pronome oblíquo TE aparece depois do verbo EXPLICAR.

3) Ocorre **apossínclise** quando há a intercalação de vocábulo entre o pronome átono e o verbo.

Ex.: "... se me não enganou é gente da polícia" (Bernardo Guimarães).

"Se me ainda amas, por amor não ames:
Traíras-me comigo" (Fernando Pessoa).

4) Poderá ocorrer a **mesóclise** somente no futuro do presente do indicativo e no futuro do pretérito, onde exatamente nunca poderá haver a ênclise.

Ex.: Obedecerei ao paciente.

→ AO PACIENTE é objeto indireto; portanto, pode ser substituído pelo pronome oblíquo LHE. Como o verbo está no futuro do presente do indicativo, não pode ser usada a ênclise; no entanto a próclise também está descartada pelo fato de se iniciar a oração por pronome oblíquo; portanto não se pode usar o pronome oblíquo nem antes nem depois do verbo, apenas restando o interior do verbo. Ao dividir o verbo para se proceder à mesóclise, vai-se até a letra R do infinitivo, coloca-se o pronome oblíquo e, por fim, o restante do verbo.

Ex.: Obedecer-lhe-ei.

Compraríamos o carro. Comprá-lo-íamos.

→ Observe que O CARRO é objeto direto, portanto o substituímos pelo pronome oblíquo O; e, na divisão do verbo, este pronome oblíquo caiu exatamente depois da letra R, ocorrendo o mesmo fenômeno da regra 7, ou seja, extrai-se esta última letra do verbo e ao pronome oblíquo acrescenta-se a letra L.

BIZU

É fundamental o candidato atentar-se à presença do pronome apassivador SE, transformando objeto direto em sujeito.

Ex.: Admitiu-se a falha.

→ Se não houvesse o pronome SE, o termo A FALHA seria objeto direto; contudo, como há a partícula apassivadora, o objeto direto transforma-se em sujeito, exigindo que a substituição se faça não por um pronome oblíquo, e sim por um pronome reto.

Admitiu-se ela.

Obs.: Às vezes, também ocorre a presença do pronome apassivador com outro pronome átono, ambos ligados ao mesmo verbo.

Ex.: "Afigurou-se-lhe estar nos braços..." (Aluísio de Azevedo).

"Fez-se-me desesperada necessidade a companhia da boa senhora" (Raul Pompeia).

9.13. Contração dos pronomes oblíquos átonos em verbos transitivos diretos e indiretos

OD OI

Ex.: Pediram um favor a mim.

ME + O, A, OS, AS = MO, MA, MOS, MAS

Pediram-mo.

Ex.: "O que me dás. Dás-mo" (Fernando Pessoa).

OD OI

Entregarei os documentos a ti.

TE + O, A, OS, AS = TO, TA, TOS, TAS

Entregar-tos-ei.

OD OI

Indico a saída a todos.

LHE(S) + O, A, OS, AS = LHO, LHA, LHOS, LHAS

Indico-lha.

OD OI

Avisaram a notícia a nós.

NOS + O, A, OS, AS = NO-LO, NO-LA, NO-LOS, NO-LAS

Avisaram-no-la.

OD OI

Explicarei as matérias a vós.

VOS + O, A, OS, AS = VO-LO, VO-LA, VO-LOS, VO-LAS

Explicar-vo-las-ei.

BIZU

Os pronomes podem ter valor **anafórico (anáfora)** ou **dêitico (dêixis).**

Anafórico será o termo que fizer referência a termos anteriores. Todo pronome relativo é por natureza anafórico, pois sempre será remissivo a termos antecedentes.

Ex.: O candidato **que** estuda passa.

O pronome relativo "que" é remissivo a "o candidato".

O livro, não **o** li ontem.

O pronome oblíquo "o" refere-se a "o livro".

João e Paulo não compareceram à aula. Este, por se encontrar doente; e aquele, em razão de não ter acordado.

→ Os pronomes demonstrativos "este" (referindo-se a Paulo) e "aquele" (referindo-se a João) possuem valor anafórico, já que são alusivos a termos anteriores.

Dêitico será o elemento que tem por objetivo localizar o fato no tempo ou no espaço, mas não defini-lo. Enfim, é qualquer referência de lugar ou de tempo. Interessante torna-se observar que o NCE foi a banca que explorou tal tema e, nas questões de concursos até então, só utilizou situação de valor espacial. É essencial informar que o advérbio também poderá ter valor dêitico.

Serão dêiticas expressões como cá, aqui, lá, onde, os pronomes demonstrativos quando localizam o bem em referência ao emissor, receptor ou terceiros.

Ex.: Este material é muito bom.

→ O pronome demonstrativo "este" indica que o material está mais próximo do emissor da mensagem ou é de sua posse.

Esse material é muito bom.

→ O pronome demonstrativo "esse" indica que o material está mais próximo do receptor da mensagem ou é de sua posse.

9.14. Exercícios

1. (Corregedoria geral da Justiça – RJ – NCE) Em "... para SE defender contra o frio da noite", o valor morfossintático da palavra em maiúsculas neste segmento está repetido em:

a) Vou contar um fato: quero saber SE o conheces.
b) Os meninos SE ajudam uns aos outros.
c) Todas as pessoas passam por ele, sem saber do que SE trata.
d) Cada um deles SE incumbe de sua tarefa.
e) Quando SE olha para ele, a cena é triste.

2. Assinale a opção em que o termo sublinhado tem a sua classe gramatical incorretamente indicada.

a) Ele estava <u>muito</u> nervoso. – advérbio
b) <u>Muito</u> político deveria ser expulso do Congresso. – pronome indefinido
c) Maria possui <u>menos</u> calma do que nós. – pronome indefinido
d) Ela é <u>menos</u> calma do que nós. – advérbio
e) Ele está <u>todo</u> preocupado com a situação política do país. – pronome indefinido

3. (TCU-Esaf) A alternativa em que há erro na substituição do termo sublinhado por pronome pessoal reto ou oblíquo é:

a) Ouvira <u>o pastor</u> advertir o povo =
Ouvira-o advertir o povo.
b) Carregamos <u>cargas pesadas</u> em caminhões =
Carregamo-las em caminhões.
c) Integrando-se <u>a ferrovia</u> nos sistemas =
Integrando-se ela nos sistemas.
d) Contemplavam melancólicos <u>o êxodo da mão de obra</u> =
Contemplavam-na melancólicos.
e) Nos aterros de Tabatinga, por onde rodavam <u>as rodas de carretel dos comboios</u> =
Nos aterros de Tabatinga, por onde rodavam elas.

4. (TCU) Assinale a alternativa incorreta quanto à colocação dos termos na oração.
a) Está prevista a possibilidade de o chefe do setor tomar decisões a este respeito, sem prévia consulta a superiores.
b) Encaminhar-se-á a decisão do grupo, após a reunião da próxima semana.
c) Não estabelecer-se-á qualquer norma, sem consulta ao órgão superior.
d) Quanto aos programas de treinamento, há necessidade de promovê-los periodicamente.

5. (Banco do Brasil) "O funcionário que se inscrever, fará a prova amanhã". Com relação à colocação do pronome "SE":
1 – Ocorre próclise em função do pronome relativo.
2 – Deveria ocorrer ênclise.
3 – A mesóclise é impraticável.
4 – Tanto a ênclise quanto a próclise são aceitáveis.
a) Está correta apenas a primeira afirmativa.
b) Apenas a terceira afirmativa está correta.
c) Somente a segunda afirmativa está correta.
d) São corretas a primeira e a terceira afirmativas.
e) A quarta afirmativa é a única correta.

6. (TCEMG – Eng. Perito – FCC) As estrelas brilham no céu, e quem fica a observar <u>as estrelas</u>, sentindo a magia <u>das estrelas</u>, considera <u>as estrelas</u> signos de um grande mistério.
Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, respectivamente, por:
a) lhes observar – sentindo a magia delas – considera-as
b) as observar – sentindo sua magia – lhes considera
c) observá-las – sentindo-as a magia – as considera
d) observá-las – sentindo-lhes a magia – considera-as
e) lhes observar – sentindo-lhes a magia – considera-lhes

7. (Cesgranrio) Assinale a opção em que o pronome LHE apresenta o mesmo valor significativo que possui em "assanhando-lhe os desejos".
a) O resultado do jogo lhe era indiferente.
b) Sobreveio-lhe uma desgraça.
c) Não lhe disse que viajaria hoje.
d) Chamavam-lhe carinhosamente de Mané.
e) O médico teve de engessar-lhe a perna.

8. (Técnico Judiciário – TRE-RN – FCC) A reconstrução de um segmento do texto, com um diferente emprego pronominal, que mantém a correção e o sentido originais é:
a) *não havia meio de alcançá-la* = não havia como alcançar-lhe.

b) *o jarro era pesado demais para ele* = o jarro lhe era por demais pesado.
c) *atirando-as dentro do jarro* = atirando-lhes para dentro do jarro.
d) *O corvo, então, tentou virá-lo* = O corvo, então, lhe tentou virar.
e) *pegando-as uma a uma* = pegando-lhes uma a uma.

9. (Técnico Judiciário – TRE-PE – FCC)
... nem por isso deixa de cultuar Delacroix ...
Cézanne admira a maestria plástica de Rubens ...
... já encontramos a chave do enigma cézanneano.
A substituição dos elementos grifados nas frases acima pelos pronomes correspondentes, com os necessários ajustes, terá como resultado, respectivamente:
a) nem por isso deixa de cultuar-lhe / Cézanne a admira / já a encontramos;
b) nem por isso deixa de cultuá-lo / Cézanne lhe admira / já lhe encontramos;
c) nem por isso deixa de lhe cultuar / Cézanne a admira / já encontramos-na;
d) nem por isso deixa de a cultuar / Cézanne lhe admira / já lhe encontramos;
e) nem por isso deixa de cultuá-lo / Cézanne a admira / já a encontramos.

10. (Fiscal da Receita Estadual – AP – FGV) Em termos antropológicos, o jeitinho *pode ser atribuído a um suposto caráter emocional do brasileiro / o que favorecia boas relações de comércio e tráfico de influência.*
Quanto ao emprego de pronomes pessoais, os trechos sublinhados foram corretamente reescritos em:
a) pode ser-lhes atribuído / as favorecia;
b) pode ser a ele atribuído / lhes favorecia;
c) pode ser atribuído a ele / as favorecia;
d) pode-o ser atribuído / as favorecia;
e) pode sê-lo atribuído / lhes favorecia.

11. (NCE) O pronome "LHES" tem com o verbo que se prende na frase "tampouco deve, como os políticos, se amoldar aos desejos de seus eleitores para ganhar-lhes os votos" as mesmas relações sintáticas e de sentido que se encontram no exemplo da opção:
a) Se seus irmão quiserem, posso emprestar-lhes meu carro.
b) Os uniformes das crianças já estão desbotados, mas só lhes posso comprar outro no mês que vem.
c) Eles são nossos amigos; não lhes podemos negar ajuda num momento tão difícil.
d) Os romanos, crendo-se superiores aos povos germânicos, chamavam-lhes bárbaros.
e) O policial ameaçava os detidos a fim de arrancar-lhes uma confissão.

12. (Cesgranrio) Assinale a opção em que houve erro, ao se substituir a expressão grifada pelo pronome oblíquo.
a) "Estimam seu torrão" / estimam-no.
b) Fazer conhecidos seus costumes / fazê-los conhecidos.
c) "Viu os partidos de cana" / viu-os.

d) "Sorver o ar ácido" / sorver-lhe.
e) "O homem tirava tudo da terra". / o homem tirava-lhe tudo.

13. (TRT) Se substituirmos as palavras sublinhadas em: 1 – com a aprovação dos que presenciaram a cena e 2 – a violência começa a gerar expectativas por pronomes pessoais, as substituições corretas, de acordo com a norma culta, estarão na seguinte alternativa:
a) 1– com a aprovação dos que presenciaram-na.
2– a violência começa a as gerar.
b) 1– com a aprovação dos que a presenciaram.
2– a violência começa a gerar-lhes.
c) 1– com a aprovação dos que presenciaram ela.
2– a violência começa a gerar a elas.
d) 1– com a aprovação dos que a presenciaram.
2– a violência começa a gerá-las.
e) 1– com a aprovação dos que a presenciaram.
2– a violência começa a gerar-las.

14. (Cesgranrio) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da frase abaixo:
Dialeto social popular não se confunde com linguagem especial, pois , ao contrário _____, é de uso restrito e pode funcionar como signo de grupo.
a) esse/daquela;
b) essa/desse;
c) aquele/dessa;
d) esta/daquele;
e) este/desta.

15. (Analista Judiciário – TJ – FCC) ***constituindo [...] um índice de uma época; indiciam os fatos históricos; portam a marca do homem;***
Substituindo-se os elementos grifados acima por um pronome, fazendo-se as alterações necessárias, o resultado correto será, respectivamente:
a) constituindo-o – indiciam-nos – portam-na
b) constituindo-lhe – indiciam-nos – portam-lhe
c) lhe constituindo – lhe indiciam – portam-no
d) constituindo-o – o indiciam – portam-lhe
e) constituindo-a – os indiciam – portam-na

16. Assinale a opção em que o pronome oblíquo possui nítido valor possessivo.
a) Chegaram ao ônibus, sentaram-se e iniciaram a viagem.
b) Compreendo-te e considero que te será desagradável tal excursão.
c) Escutaram-nos atentamente as últimas palavras.
d) Avisar-vos-emos todas as notícias.

e) Consideramos-te pronto para a execução deste serviço.

17. (TRT) A substituição do termo sublinhado por um pronome pessoal só está correta, de acordo com a norma culta, na seguinte alternativa.
a) O movimento visa a encontrar soluções.
O movimento visa a encontrar elas.
b) A campanha apresentou vários desdobramentos.
A campanha apresentou-lhes.
c) Esses momentos históricos apresentam facetas negativas.
Esses momentos históricos apresentam-as.
d) Assistimos ao desfile de corruptos.
Assistimo-lo.
e) O movimento busca reverter a deterioração.
O movimento busca revertê-la.

18. (NCE) "A descoberta da América pelos europeus, nos fins do século quinze, deu lugar a uma transplantação da cultura europeia para este Continente. Tal empreendimento constitui, porém, uma aventura impregnada de duplicidade".
"Proclamavam os europeus ao aqui chegarem para expandir nestas plagas o cristianismo..."
"... movia-os o propósito de exploração e fortuna. A história do período colonial é a história desses dois objetivos a se ajudarem mutuamente na tarefa real e não confessada da espoliação continental".
"Nascemos, assim, divididos entre propósitos reais e propósitos proclamados. A essa duplicidade da própria sociedade nascente, dividida entre senhores e escravos..."
A seguir, cada um deles é classificado quanto à função textual, na ordem em que ocorrem. Assinale a opção correta:
a) dêitico; dêitico; anafórico; anafórico, anafórico;
b) dêitico; anafórico; anafórico; anafórico, dêitico;
c) anafórico; dêitico; dêitico, anafórico; dêitico;
d) dêitico; dêitico; dêitico; anafórico; dêitico;
e) anafórico; dêitico; dêitico; anafórico; anafórico.

19. (Suesc) "Quaresma, comparando outras terras com o Brasil, não podia deixar de valorizar as belezas naturais em detrimento ".
Assinale a opção que completa corretamente as lacunas na frase acima:
a) deste – daquela
b) destes – deste
c) deste – daquelas
d) desses – daquelas
e) desse – dessas

20. (Esaf) Substituindo o segmento sublinhado pelo pronome correspondente, houve

erro em um item. Assinale-o.
a) Não vimos sair os grevistas.
Não os vimos sair.
b) Conduz a noiva ao altar.
Conduze-a ao altar.
c) Mantém-se sempre ótima posição.
Mantém-se ela sempre.
d) Propusemos essa medida ao diretor.
Propusemos-lhe essa medida.
e) Visamos a um emprego melhor.
Visamos a ele.

21. (Esaf) Indique a letra que corresponde a erro de natureza ortográfica ou gramatical ou a alguma impropriedade vocabular.
A Amazônia ainda sob o aspecto estritamente físico, conhecê-mo-la (A) aos fragmentos. Mais de um século de perseverantes pesquisas e uma literatura inestimável, de numerosas monografias, mostram-no-la (B) sob incontáveis aspectos parcelados. O espírito humano, deparando-o (C) maior dos problemas fisiográficos, e versando-o, tem-se atido (D) a um processo obrigatoriamente analítico, que se, por um lado, é o único apto a facultar elementos seguros determinantes de uma síntese ulterior, por outro, impossibilita o descortino (E) desafogado do conjunto.
a) A
b) B
c) C
d) D
e) E

22. (CM-2º Grau) Observando as recomendações quanto à colocação dos pronomes oblíquos átonos, pode-se afirmar que está correta a frase:
a) O dinheiro que entreguei-lhe era meu.
b) No curso de Pedagogia estudaria-se provavelmente História da Educação.
c) Nunca enganamo-nos a esse respeito.
d) Em tempos de vacas magras, compra-se o indispensável.
e) Caso procurem-me, diga que viajei.

23. (CM-3º Grau) A colocação proclítica ou enclítica do pronome oblíquo é facultativa na frase:
a) Essa medida nos proporcionou uma qualidade de vida melhor.
b) Abrigamos nessa casa as pessoas que se encontrarem em apuros.
c) Não se poupariam esforços nesse sentido.
d) Atravessaram por entre as árvores, sem que ninguém se desse conta.
e) "... certa auréola que te faz divina!" (Cruz e Souza).

24. (CM-redator/revisor) Consoante as normas da língua vigente, o pronome está colocado com erro em:
a) As reuniões tornavam-se eventos de grande repercussão.
b) As reuniões se tornavam eventos de grande repercussão.
c) As reuniões se tornariam eventos de grande repercussão.
d) As reuniões tornariam-se eventos de grande repercussão.
e) As reuniões tornar-se-ão eventos de grande repercussão.

25. (TTN) Assinale a frase em que a colocação do pronome pessoal oblíquo não obedece às normas do português padrão.
a) Essas vitórias pouco importam; alcançaram-nas os que tinham mais dinheiro.
b) Entregaram-me a encomenda ontem, resta agora a vocês oferecerem-na ao chefe.
c) Ele me evitava constantemente!... Ter-lhe-iam falado a meu respeito?
d) Estamos nos sentindo desolados: temos prevenido-o várias vezes e ele não nos escuta.
e) O Presidente cumprimentou o Vice dizendo: – Fostes incumbidos de difícil missão, mas cumpriste-la com denodo e eficiência.

26. Assinale a opção em que não ocorre falha de natureza morfossintática.
a) Nunca haverá problemas entre tu e eles.
b) Será interessante para tu a leitura de jornais.
c) É necessário para eu estudar sempre.
d) Será bom para ti fazer essa viagem.
e) Já comprei as passagens para mim fazer essa viagem.

27. (Coope) O pronome lhe está empregado em desacordo com as normas da língua culta em:
a) O irmão do capitão pôs-lhe a mão no peito.
b) Tudo quanto o amigo lhe relatara não passava de ficção.
c) Pediu ao irmão que lhe visitasse na fazenda.
d) De repente veio-lhe uma vontade imensa de chorar.
e) Não era possível proibi-lo de fazer o que lhe era necessário.

28. (Pref. Santos – ADV – FCC) Meus olhos estão bastante usados, mas não considero meus olhos inaptos para ver as miragens que seduzem meus olhos, e não atribuo a meus olhos o poder de alguma autêntica revelação.
Evitam-se as repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados por, respectivamente:
a) não lhes considero – que seduzem-os – não lhes atribuo
b) não considero-os – que seduzem-nos – não os atribuo
c) não os considero – que lhes seduzem – não atribuo-lhes
d) não os considero – que os seduzem – lhes atribuo
e) não lhes considero – que os seduzem – não lhes atribuo

29. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC). A substituição do elemento grifado pelo pronome correspondente, com os necessários ajustes no segmento, foi realizada de modo INCORRETO em:

a) *virão apenas aguçar* *antigos dilemas* = virão apenas aguçá-los
b) *que passou* *pelos eventos da abolição e da República* = que passou por eles
c) Como esperar *transformações sociais profundas* = Como esperá-las
d) *percorre o* *país* = percorre-o
e) *que atinge* *a intelectualidade brasileira* = que lhe atinge

30. (DNOCS-FCC) O e-mail veio para ficar, ainda que alguns considerem o e-mail uma invasão de privacidade, ou mesmo atribuam ao e-mail os desleixos linguísticos que costumam caracterizar o e-mail.
Evitam-se as viciosas repetições do trecho acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) lhe considerem – lhe atribuam – caracterizá-lo.
b) o considerem – lhe atribuam – caracterizá-lo.
c) considerem-no – o atribuam – caracterizar-lhe.
d) considerem-lhe – atribuam-no – o caracterizar.
e) o considerem – atribuam-no – lhe caracterizar.

31. (Sefaz-SP-FCC) A informalidade é instável, mas como muitos consideram a informalidade o único meio de sobreviver, tendem a atribuir à informalidade um caráter permanente, receando substituir a informalidade pelo risco de uma outra situação desconhecida.
Evitam-se as viciosas repetições do texto acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) a consideram – atribuir-lhe – substituí-la
b) a consideram – atribuí-la – a substituir
c) lhe consideram – atribuir-lhe – substituir-lhe
d) consideram-na – atribuir a ela – lhe substituir
e) consideram-lhe – atribuí-la – substituí-la

32. (Mack) "Este inferno de amar – como eu amo! – / Quem mo pôs aqui n'alma ... quem foi? / Esta chama que alenta e consome, / Que é a vida – e que a vida destrói – / Como é que se veio a atear, / Quando – ai quando se há-de apagar?" (Almeida Garret).
No texto, os pronomes eu – quem – este, são, respectivamente:

a) indefinido – pessoal – indefinido
b) pessoal – interrogativo – demonstrativo
c) pessoal – indefinido – demonstrativo
d) interrogativo – pessoal – indefinido
e) indefinido – pessoal – interrogativo

33. (UF-MA) Identifique a oração em que a palavra "certo" é pronome indefinido.
a) Certo, perdeste o juízo.
b) Certo rapaz te procurou.
c) Escolheste o rapaz certo.
d) Marque o conceito certo.
e) Não deixe o certo pelo errado.

34. (UnB) Assinale a melhor resposta. O resultado das combinações: "põe + o", "reténs + as", "deduz + a", é:
a) pões-lo, reténs-la, dedu-la
b) põe-no, retém-nas, dedu-la
c) pões-lo, retém-las, deduz-la
d) põe-no, retém-las, dedu-la
e) põe-lo, retém-las, dedu-la

35. (UM-SP) "Ninguém atinge a perfeição alicerçado na busca de valores materiais, nem mesmo os que consideram tal atitude um privilégio dado pela existência." Os pronomes destacados no período acima classificam-se, respectivamente, como:
a) indefinido – demonstrativo – relativo – demonstrativo;
b) indefinido – pessoal oblíquo – relativo – indefinido;
c) de tratamento – demonstrativo – indefinido – demonstrativo;
d) de tratamento – pessoal oblíquo – indefinido – demonstrativo;
e) demonstrativo – demonstrativo – relativo – demonstrativo.

36. (Agente Fiscal-PR) Distinga o item no qual a colocação dos pronomes está exata.
a) Vender-no-la-íamos por quê? Devolvida-me a carta, partirei. Eles e elas se desculparam. Deram-nos. O que não deve dizer-me?
b) Tenho queixado-me com razão. Deram-nos. Depois de devolvido-lhe o recibo, ficarei sossegado. O que não se deve dizer? Tens a obrigação de me pagares tudo.
c) Deus te abençoe! Será proveitoso estudando a lição, e não decorando-a. O que não deve-se dizer? Irei quando convidar-me-ão. Se se quiser, tudo irá bem.
d) Valha-me Jesus! Ó João, se levante! Tenho alcançado-te nas provas. Não se as procuram. O que me preocupa, é esta prova.
e) Peça e dar-se-lhe-á. Por que vo-las venderíamos? O livro, meus amigos, hei de devolver-lho. A carta e o dinheiro não os remeterei logo. O que se não deve dizer?

37. (TRF-4R-FCC-2010) Houve muitas discussões sobre medidas para se minimizar o aquecimento global, já que todos consideram <u>o aquecimento global</u> uma questão crucial para a humanidade, embora poucos tomem medidas concretas para reduzir <u>o aquecimento global</u>, não havendo sequer consenso quanto às verbas necessárias para mitigar os efeitos <u>do aquecimento global</u>.
Evitam-se as viciosas repetições do período acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) lhe consideram – reduzi-lo – mitigá-los aos efeitos
b) o consideram – reduzi-lo – mitigar-lhe os efeitos
c) consideram-no – reduzir-lhe – mitigar-lhes os efeitos
d) o consideram – reduzir-lhe – mitigar-lhe os efeitos
e) consideram-lhe – o reduzir – mitigar-lhe seus efeitos

38. (Fiscal – ICMS – FGV) Em "exauri-los" e "poder-se-á", construiu-se corretamente a junção do pronome à forma verbal. Assinale a alternativa em que isso não ocorreu.
a) cancelaríamos + as = cancelá-las-íamos
b) permitireis + os = permiti-los-eis
c) fizestes + lhes = fizeste-lhes
d) encontraram + os = encontraram-nos
e) aprenderás + as = aprendê-las-ás

39. (TRT) Indique a opção <u>incorreta</u>.
a) Receba Vossa Excelência os cumprimentos de seus subordinados.
b) Sua Excelência, o Ministro da Justiça, chegou acompanhado de outras autoridades.
c) Reiteramos nosso apreço a Vossa Senhoria e vossos subordinados.
d) Solicitamos a Sua Senhoria que encaminhasse suas sugestões por escrito.
e) Concordamos com Vossa Excelência e com seus subordinados.

40. Assinale a opção em que o pronome oblíquo possui nítido valor possessivo.
a) Pegamos-lhe as mãos e sentimos toda a sua preocupação.
b) Encontramo-lo desacordado e demos-lhe todo socorro.
c) Enviar-lhe-emos as cartas para sua análise.
d) Admitamos nossas falhas e todos as perdoarão.
e) Perdoar-lhe-ei ainda que não admita seus erros.

41. (Esaf) O pronome pessoal está empregado incorretamente em:
a) Não consegui entendê-lo naquela confusão.
b) É para mim fiscalizar aqueles volumes.
c) Tudo ficou esclarecido entre mim e ti.
d) Por favor, mande-o entrar e sentar-se.
e) Fizeram-no esperar demais hoje.

42. (Esaf) Assinale a frase em que o pronome oblíquo átono está colocado <u>incorretamente</u>.
a) O guarda chamou-nos a atenção para os pivetes.
b) Quantas lágrimas se derramaram pelo jovem casal!
c) Ninguém nos convencerá de que esta notícia seja verdade.
d) As pessoas afastaram-se daquele pacote suspeito.
e) O vizinho cumprimentou o casal, se retirando imediatamente.

43. (TRE-MT) Segundo a norma culta, há erro (de uso ou de colocação) na substituição do termo sublinhado por um pronome, em:
a) O ministro não teve muitos escrúpulos naquela hora. / O ministro não teve-os naquela hora.
b) Ele estava pronto para salvar a Itália. / Ele estava pronto para salvá-la.
c) Eles terminaram as provas hoje. / Eles terminaram-nas hoje.
d) Todos queriam que o professor entregasse o livro ao melhor aluno. / Todos queriam que o professor lhe entregasse o livro.
e) Ele nunca perdoaria ao irmão aquela omissão. / Ele nunca lhe perdoaria aquela omissão.

44. (TRE-MG) Assinale a opção em que a colocação do pronome sublinhado esteja correta, segundo o registro escrito culto.
a) Os vizinhos haviam pedido-me muita atenção ao atravessar a rua.
b) Mesmo considerando que éramos famosos, ninguém veio receber-nos.
c) Faria-me um grande favor não contando as novidades a meus pais.
d) Pelo que pudemos entender, ninguém vai-nos denunciar ao delegado.
e) O aluno logo interessou-se pelo assunto, assim que a arguição começou.

45. (TRE-RO) Observe as frases.
I. "Política só se ganha com muito dinheiro".
II. "Acaba logo esquecendo-se do pouco que aprendeu".
III. "Que a mão não me para mais quieta".
IV. "Pé-de-Meia prefere carregar-lhe a mão durante o serviço todo".
A colocação do pronome oblíquo átono não está de acordo com a preferência da norma culta da língua:
a) somente na I;
b) somente na II;
c) somente na III;
d) somente na II e na IV;
e) somente na III e na IV.

46. (Fuvest) "Ensinar-me-lo-ias, se o soubesses, mas não sabes-o." A frase acima estaria de acordo com a norma gramatical, usando-se, onde estão as formas sublinhadas:
a) Ensinar-mo-ias – o soubesses – o sabes;
b) Ensinarias-mo – soubesse-lo – sabe-lo;
c) Ensinarias-mo – soubesses-lo – o sabes;
d) Ensinar-mo-ias – soubesses-o – sabe-lo;
e) Ensinarias-mo – soubesse-lo – o sabes.

47. (TRE-MT) A substituição do termo sublinhado por um pronome pessoal está correta em todas as alternativas, exceto em:

a) O governo deu ênfase às questões econômicas. O governo deu ênfase a elas.
b) Os ministros defenderam o plano de estabilização. Os ministros defenderam-no.
c) A companhia recebeu os avisos. A companhia recebeu-os.
d) Ele diz as frases em tom bem baixo. Ele diz-las em tom baixo.
e) Ele recusou a dar maiores explicações. Ele recusou a dá-las.

48. (TRE-RJ) A frase em que há erro quanto ao emprego do pronome "lhe" é:
a) Nunca lhe diria mentira.
b) Ter-lhe-iam falado a meu respeito?
c) Louvemos-lhe, porque ele o merece.
d) De Fernando só lhe conhecia a fama.
e) Sei que não lhe agrada essa conversa.

49. (TRE-MG) Assinale a opção em que a colocação do pronome oblíquo está incorreta quanto à norma culta da língua.
a) Não pude dar-lhe os cumprimentos, por estar fora da cidade.
b) Agora tem-se dado muito apoio técnico ao pequeno empresário.
c) Ter-lhe-íamos pedido ajuda, se o víssemos antes do resultado.
d) Como me propiciou momentos agradáveis, fui bastante paciente.
e) Quem o levará a tomar decisões tão importantes para o País?

50. Assinale a opção em que há um termo sublinhado com classificação gramatical errônea:
a) Entregou-me as folhas. – pronome substantivo pessoal oblíquo
b) Roubaram-me os documentos. – pronome adjetivo pessoal oblíquo
c) Os materiais serão úteis a nós. – pronome substantivo pessoal oblíquo
d) Eles voltarão mais tarde. – pronome substantivo pessoal reto
e) A ele daremos as dicas. – pronome substantivo pessoal reto

51. Assinale a opção em que há um pronome inadequadamente utilizado.
a) Custou a mim acordar cedo.
b) Convém a mim dizer a verdade.
c) Será conveniente para mim estudar.
d) Foi fundamental para eu ter hábito de estudo.
e) Sempre haverá livros para eu ler.

52. (Cespe-UnB) Quanto à correção da substituição do trecho sublinhado pela forma apresentada em negrito, julgue os itens abaixo.
a) "Já fez sua declaração de imposto de renda?" / Já a fez?
b) "Os decretos-leis (...) abanam o rabo negativamente". / Os decretos-leis abanam-lhe negativamente.
c) "Mas se tiveres alguma dúvida" / Mas se tiveres ela.
d) "Os decretos-leis tentam barrar um senhor distinto". / Os decretos leis tentam barrá-

lo.
e) "Agora é só (...) encheres este formulário-sanfona". / Agora é só (...) o encheres.

53. (NCE) "Os pronomes demonstrativos situam a pessoa ou a coisa designada relativamente às pessoas gramaticais. [...] A capacidade de mostrar um objeto sem nomeá-lo chama-se função dêitica [...], é a que caracteriza fundamentalmente esta classe de pronomes".
(CUNHA. Celso F. da; CINTRA, L. F. Lindley, *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 319.)
Os demonstrativos empregam-se também como elemento de coesão textual e têm, neste caso, em geral, função anafórica.
Assinale o item em que a função exercida pelo demonstrativo está incorretamente identificada.
a) "[...] a habitação conjugal, e a esta se recusa a voltar" (art. 234 – Código Civil) – função anafórica.
b) "Salvo disposição especial deste código e não tendo sido ajustado da época para o pagamento, o credor pode exigi-lo imediatamente" (art. 952 – Código Civil) – função dêitica.
c) A cessão de crédito não vale em relação ao devedor, senão quando a este notificada [...] – função anafórica.
d) "Cabe ao juiz suprir a outorga da mulher, quando esta a denegue sem motivo justo, ou lhe seja impossível dá-la (arts. 235, 238 e 239)" (art. 237 – Código Civil) – função dêitica.
e) "As terras de que trata este artigo tradicionalmente são inalienáveis e indisponíveis, e os direitos sobre elas, imprescritíveis" (§ 4º – Constituição da República Federativa do Brasil – texto 1) – função dêitica.

54. (NCE) O trecho "Então, incapazes de trazê-lo para a nossa domesticidade, consideramo-lo um elemento da paisagem, e pintamo-lo" vem reescrito abaixo com alterações no emprego dos pronomes pessoais. A frase que continua gramaticalmente correta no uso culto após essas alterações é:
a) Então, incapazes de o trazer para a nossa domesticidade, o consideramos um elemento da paisagem, e lhe pintamos.
b) Então, incapazes de trazer-lhe para a nossa domesticidade, consideramo-lo um elemento da paisagem, e o pintamos.
c) Então, incapazes de o trazer para a nossa domesticidade, lhe consideramos um elemento da paisagem, e pintamo-lo.
d) Então, incapazes de o trazer para a nossa domesticidade, o consideramo-lo um elemento da paisagem e pintamos-lhe.
e) Então, incapazes de o trazer para a nossa domesticidade, consideramo-lo um elemento da paisagem e o pintamos.

55. (Analista Judiciário – TRE-PE – FCC) Os mais fortes empreendiam a conquista colonial, legitimavam a conquista colonial, atribuindo à conquista colonial o mérito de

uma transformação civilizadora que tornava a conquista colonial uma espécie de benemerência.
Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:
a) legitimavam-na – atribuindo-lhe – a tornava
b) a legitimavam – atribuindo-na – tornava-lhe
c) legitimavam-na – lhe atribuindo – lhe tornava
d) legitimavam-lhe – a atribuindo – a tornava
e) legitimavam-a – lhe atribuindo – tornava-a

56. (TRF-2ª Região – FCC) Amemos as ilhas, mas não emprestemos às ilhas o condão mágico da felicidade, pois quando fantasiamos as ilhas esquecemo-nos de que, ao habitar ilhas, leva-se para elas tudo o que já nos habita.
Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:
a) lhes emprestemos – lhes fantasiamos – habitá-las
b) emprestemos-lhes – as fantasiamos – habitar-lhes
c) as emprestemos – fantasiamo-las – as habitar
d) lhes emprestemos – as fantasiamos – habitá-las
e) as emprestemos – lhes fantasiamos – habitar-lhes

Capítulo 10

Conjunções

A conjunção é o principal elemento de coesão textual. É muito importante observar que a nomenclatura das conjunções possui o sufixo "ativo" – contendo valor agente –, ou seja, é ela – conjunção – quem coordena ou subordina, e a oração, por consequência, ficará coordenada ou subordinada. Enfim, faz a ligação entre termos independentes ou orações. Quando o termo é formado por mais de uma palavra, denomina-se locução conjuntiva ou conjuncional.

10.1. Conjunções coordenativas

10.1.1. Aditivas

Estabelecem ideia de adição. As conjunções mais comuns são E, NEM, TAMPOUCO.

Ex.: "... deixou a parede como estava e só respirou aliviado..." (Luis Fernando Veríssimo).

→ A conjunção E estabelece uma relação de soma, pois o sujeito pratica as duas ações (deixar e respirar).

"Não há justiça nem há religião" (Graciliano Ramos).

→ A conjunção NEM – sinônima de TAMPOUCO – estabelece uma relação de adição – adição negativa –, pois, neste caso, ocorre a soma de elementos negados. Então, segundo o texto, não existem os dois elementos.

10.1.2. Adversativas

Estabelecem uma relação de adversidade, contrariedade, oposição, ressalva. A ideia de adversidade normalmente cria uma expectativa que não se concretiza. As conjunções mais comuns são: MAS, PORÉM, CONTUDO, TODAVIA, ENTRETANTO, NO ENTANTO, NÃO OBSTANTE.

Ex.: Ela foi ao cinema, contudo não se divertiu.

"Quis despedir; receei, porém, que o momento fosse impróprio..." (Graciliano Ramos).

→ Observe que as conjunções CONTUDO e PORÉM introduzem uma

oposição à expectativa criada na oração anterior.

BIZU

É também deveras aconselhável perceber as ideias que passam as orações, pois pode haver situações nas quais as conjunções introduzam ideias inesperadas.

Ex.: Ela não estudou e passou.

→ Observe que a conjunção E, que normalmente é aditiva, aqui introduz uma ideia que estabelece uma relação de contrariedade, afinal foi criada uma expectativa na primeira oração (que ela não passe, pois ela não estudou) não confirmada na segunda. É também interessante observar que aí a conjunção E é sinônima de MAS, PORÉM, CONTUDO.

Obs.: Ele não só estuda, mas também trabalha.

→ Analise que, se houver um condicionamento de que, ao observar a existência da conjunção MAS, já considerá-la adversativa, o candidato estará incorrendo em um erro grave nesta frase, pois o MAS, no caso, não é sinônimo de PORÉM, CONTUDO, TODAVIA. Muito pelo contrário, MAS TAMBÉM introduz uma ideia que estabelece uma relação de soma, afinal o sujeito (ele) estuda e trabalha (faz as duas ações). As estruturas iniciadas por "não só", "não somente" e "não apenas" inevitavelmente conduzirão a expressões aditivas. Volvendo ao exemplo, quando se diz "Ele não só estuda", o advérbio NÃO exerce a função de um elemento de negação, isto é, está negando... Mas não nega a ação de estudar, e sim o termo de restrição "só". Se o "não" fosse extraído do período, "ele só estudaria e não teria mais nenhuma outra atividade". Outros sinônimos de "mas também" são "como também" e "outrossim". Nas locuções MAS TAMBÉM e COMO TAMBÉM, o termo TAMBÉM pode ficar implícito.

Ex.: Ele não apenas nada, mas corre.

10.1.3. Alternativas

Introduzem uma ideia de opção, alternância. As conjunções mais comuns são OU...OU, ORA...ORA, QUER...QUER, SEJA...SEJA.

Ex.: "Ou paga ou eu mando sangrá-lo devagarinho" (Graciliano Ramos).

→ Observe que a conjunção OU estabelece uma opção, escolha. Se a pessoa pagar, o outro não mandará sangrá-lo; caso não pague, o outro mandará sangrá-lo.

Ora estudo ora trabalho.

→ Observe que, nesta frase, o sujeito EU possui duas atividades: estudar e trabalhar. Contudo é interessante perceber que os fatos não acontecem simultaneamente, ou seja, eles se alternam.

"Quer no prazer, quer na dor" (Castro Alves).

Obs.: Importa salientar que às vezes a conjunção OU pode ter valor aditivo.

Ex.: Gostava de encher o apartamento de amigos, ou sair com a turma..." (Luis Fernando Veríssimo).

→ A conjunção OU no exemplo introduz mais uma atividade que dá prazer ao sujeito tácito.

10.1.4. Conclusivas

Introduzem uma ideia de conclusão, dedução. As conjunções mais comuns são LOGO, PORTANTO, ENTÃO, POR CONSEGUINTE.

Ex.: "Penso, logo existo" (Descartes).

→ Observe que, nesta frase, a conjunção LOGO introduz uma ideia de conclusão, pois o que está dito nesta frase é uma dedução, uma filosofia, algo que não pode ser comprovado.

Estudei muito, portanto vou passar no concurso.

→ Observe que a conjunção PORTANTO introduz uma dedução, algo que só estará comprovado quando da publicação da lista dos aprovados.

Obs.: Outros conectores que também exprimem ideia de conclusão são DESTARTE e DESSARTE. Esses vocábulos se originaram das formas aglutinadas "desta parte" e "dessa parte", significando "sendo assim", "dessa forma". Normalmente introduzem parágrafos ou períodos que estejam fechando uma ideia.

Ex.: Está chovendo à beça. Destarte, não irei à praia.

10.1.5. Explicativas

Introduzem uma ideia de EXPLICAÇÃO relacionada normalmente a uma ordem, advertência, sugestão ou solicitação. Dessarte, para que haja uma oração explicativa, há a necessidade quase sempre de um verbo no imperativo. As conjunções mais comuns são: QUE, PORQUE, POIS, JÁ QUE, VISTO QUE, UMA VEZ QUE, DADO QUE, PORQUANTO, COMO.

Ex.: "Ouvi, que não vereis com vãs façanhas..." (Camões).

"E não tenha medo, que eles não são de nada" (Fernando Sabino).

→ Observe que as conjunções PORQUE e QUE iniciam explicações para

ordens indicadas na oração anterior (foi efetuada a ordem OUVI, pois o sujeito VÓS não poderá ver vãs façanhas; foi dada a ordem para o sujeito não ter medo, com a justificativa de que eles não são de nada).

Obs.: É muito comum haver a confusão entre este caso que estamos analisando e o seguinte (conjunção subordinativa causal). No próximo caso, começaremos a analisar a relação causa-efeito. Na explicação, não pode haver tal relação. Só é admissível uma conjunção ser explicativa, mesmo sem verbo no imperativo, se o fato por ela introduzido não gerar um efeito.

Ex.: Choveu, porque as ruas estão alagadas.

→ Não se pode analisar o "porque" como causal, porquanto haveria a indicação de que "as ruas estarem alagadas" seria causa e "chover", consequência. Esta interpretação não faz sentido. Cabe aí apenas a ideia de explicação.

Ele vai viajar, já que vi suas malas prontas.

→ Não se pode dizer que "ver as malas estarem prontas" seja causa e "ele viajar", efeito. Então, a função da segunda oração é apenas de explicar, ou seja, o que me esclarece que ele vai viajar é o fato de suas malas estarem prontas.

10.2. Conjunções subordinativas

10.2.1. Causais

Introduzem uma ideia de CAUSA. É fundamental relatar que aqui se inicia a relação causa-efeito. Toda causa representa o fato anterior. Já o efeito, o fato posterior. Aí é onde se difere da ideia de explicação. Lá não há relação causa-efeito, e sim apenas uma justificativa para uma ordem, solicitação ou conselho. Também se torna importante frisar que os conectores são os mesmos, daí a dificuldade de observar a diferença.

Ex.: "Alegres vinham todos, porque creem..." (Camões).

"E como a barba me vinha, basta e negra, aceitei com orgulho a alcunha de Raposão" (Machado de Assis).

Não cheguei atrasado, porquanto não queria ser demitido.

→ As conjunções PORQUE, COMO e PORQUANTO conferem à oração em que ocorrem uma ideia de causa, já a outra oração encerrará valor de consequência.

Obs.: Como já foi dito anteriormente, é de extrema importância o candidato não se condicionar a que uma conjunção possuirá sempre a mesma classificação. Analise o conector POIS nas três frases a seguir.

Ex.: Ele ainda não fez os quadros; não devem, pois, ter chegado as tintas.

Ele ainda não fez os quadros, pois ainda não chegaram as tintas.
Faça os quadros, pois já chegaram as tintas.

→ Observe que o primeiro POIS está numa oração que contém ideia de dedução, podendo ser substituído por PORTANTO, LOGO, ENTÃO. Não se possui a informação de as tintas não terem chegado, então o que se fez foi uma dedução, uma conclusão. Sendo assim, o primeiro POIS é uma CONJUNÇÃO COORDENATIVA CONCLUSIVA.

→ Observe que o segundo POIS introduz uma ideia de causa na primeira oração, podendo ser permutado por PORQUE, JÁ QUE, PORQUANTO, e a outra oração representa o efeito. Além disso, não há nenhum verbo no imperativo, só restando a hipótese de ser SUBORDINATIVA CAUSAL.

→ Já o terceiro POIS, mesmo sendo substituído pelas mesmas conjunções do exemplo anterior, apenas indica uma justificativa, uma explicação para a ordem citada na primeira oração, não estabelecendo entre as duas a relação causa-efeito.

10.2.2. Concessivas

Introduzem uma oração cujo fato ocorrente não altera o fato da outra oração. As conjunções são: EMBORA, MESMO QUE, AINDA QUE, CONQUANTO, MALGRADO, SE BEM QUE, POR MAIS QUE, POR MENOS QUE, POSTO QUE.

Ex.: "Nem mesmo a afilhada a tirava dessa reserva, embora a estimasse mais que a todos" (Lima Barreto).

→ A conjunção EMBORA introduz uma oração contendo um fato incapaz de modificar o fato da outra. O fato de "estimá-la mais que a todos" não o impede de "continuar reservado".

Ex.: Conquanto fosse tarde, ainda saí de casa.

→ Observe que a conjunção CONQUANTO introduz uma oração que não muda o fato da outra oração. O fato de ser tarde não cerceia o fato de eu sair.

Obs.: Ocorre uma situação curiosa com a conjunção POSTO QUE: Vinícius de Moraes, na última estrofe do "Soneto de Orfeu", utilizou esta conjunção com valor causal (licença poética). Este uso influenciou tanto a cultura, que se tornou muito mais utilizado do que no próprio sentido original e exigido pela norma culta.

"Eu possa dizer do meu amor (que tive)
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure".

BIZU

É importante também chamar a atenção do candidato para o fato de que as conjunções concessivas podem indicar um fato concreto ou hipotético.

Ex.: Ainda que eu volte cansado do trabalho, irei à boate.

→ A primeira oração indica um fato hipotético (não sei se estarei cansado ou não) que não altera o desfecho.

Embora eu esteja cansado, irei à boate.

→ A primeira oração indica um fato concreto (eu estou cansado) que não altera o desfecho.

10.2.3. Condicionais

Introduzem uma ideia de condição. Esta ideia é exatamente oposta à da concessão. Um fato sempre vai depender do outro. As conjunções são SE, CASO, A NÃO SER QUE, A MENOS QUE, DESDE QUE, CONTANTO QUE.

BIZU

Caro candidato, ultimamente têm caído bastantes questões em concursos em que é solicitada a relação causa-efeito. E, em muitas dessas situações, a causa é representada por conectores condicionais. Tal é possível, pois há uma proximidade significativa entre as duas ideias. Ambas representam os fatos anteriores e geram uma consequência, distinguindo-se apenas pelo fato de a causa ser fato prévio concreto, e a condição, fato prévio hipotético.

Ex.: Contanto que não chova, vou à praia.

→ Observe que a conjunção CONTANTO QUE introduz uma condição (não chover) para eu ir à praia. Observe que aí reside a oposição à concessão, pois, enquanto a condição prevê uma suposição para a realização da consequência, a concessão demonstra a anulação da hipótese (MESMO QUE CHOVA, VOU À PRAIA – vou à praia independentemente de chover ou não). Lembremos também que a condição <u>não chover</u> gera a consequência <u>de ir ou não à praia</u>.

<u>Caso</u> haja uma solução, tentarei até o fim.

→ A conjunção CASO sugere a condição que poderá gerar o efeito <u>de eu tentar até o fim</u>; se não houver solução, não tentarei até o fim.

10.2.4. Temporais

Indicam uma marcação de tempo. As conjunções mais comuns são: QUANDO, MAL, LOGO QUE, APENAS (sinônimo de quando), DESDE QUE, NO MOMENTO QUE, ENQUANTO.

Ex.: "Quando você foi embora, fez-se noite em meu viver..." (Milton Nascimento).

→ A conjunção QUANDO indica apenas o momento em que o fato da segunda oração teve início, não estabelecendo entre eles uma necessária relação causa-efeito.

Apenas ele chegou, todos saíram.

→ A conjunção APENAS designa somente a hora em que todos saíram, não sendo necessariamente a causa de todos saírem.

"Mal o pai colocou o papel na máquina, o menino começou a empurrar uma cadeira pela sala" (Fernando Sabino).

→ A conjunção MAL explicita que, logo após a ação do pai, ocorreu a ação do menino.

"Enquanto jantava, falei em voz baixa a Casimiro Lopes" (Graciliano Ramos).

→ Conjunção ENQUANTO sugere que as duas ações ocorreram (***jantar*** e ***falar baixo a Casimiro Lopes***) simultaneamente.

Obs.: Vale a pena analisar a conjunção DESDE QUE nas frases a seguir.

Ex.: Desde que economizemos, compraremos tudo.

→ A locução conjuncional DESDE QUE introduz uma condição para que possamos comprar tudo, portanto a locução conjuncional é subordinativa condicional.

Desde que voltou, nossos problemas começaram.

→ A locução conjuncional DESDE QUE indica apenas o momento em que se iniciaram os problemas, não sendo a volta da pessoa necessariamente a causa.

10.2.5. Consecutivas

Introduzem uma ideia de consequência. Normalmente na oração principal aparecerá um elemento que dê intensificação (tão, tal, tamanho, tanto). A conjunção mais comum é QUE.

Ex.: "Abraçou-me com tal ímpeto, que não pude evitá-lo" (Machado de Assis).

Ex.: "... e era tão linda, morena e dourada pelo sol, que eu ia, no silêncio do ar, atirar-lhe um beijo..." (Eça de Queirós).

→ Observe, nas duas frases, que apareceu a expressão de intensidade (TAL, TÃO) na oração principal e a conjunção QUE introduzindo valor de consequência, na primeira frase (não pude evitá-lo) e na segunda (eu ia, no silêncio do ar, atirar-lhe um beijo...).

10.2.6. Finais

Introduzem uma ideia de finalidade, objetivo.

Todas as conjunções finais podem ser substituídas pela palavra OBJETIVO.

É interessante citar que a conjunção PORQUE pode significar PARA QUE, A FIM DE QUE, COM OBJETIVO DE QUE, DE TAL SORTE QUE...

BIZU

Você deve ficar atento ao fato de que as bancas têm relacionado, principalmente em questões de interpretação de textos, a ideia de finalidade à de consequência. Tal é efetivamente cabível visto que ambas representam fatos posteriores. Tome cuidado, pois, no primeiro momento, a finalidade passa a sensação de que se trata de fato anterior, mas é justamente o oposto, como ficará esclarecido nos exemplos a seguir.

Ex.: Vim aqui para que (com o objetivo de que) pudesse analisar o problema.

→ Atenção: o primeiro fato a acontecer é "vir aqui" e o segundo fato "poder analisar o problema", então "poder analisar o problema" não faz com que "eu venha aqui, e sim "vir aqui" é que faz com que "eu possa analisar o problema".

João deve estudar a fim de que (com o objetivo de que) tenha a sua vaga assegurada no concurso.

→ Atenção: o fato anterior é "João dever estudar", o posterior é "ter a vaga assegurada". O posterior não leva à ocorrência do anterior; o anterior é que leva à ocorrência do posterior.

10.2.7. Proporcionais

Introduzem uma ideia de proporção. As conjunções mais comuns são: À MEDIDA QUE, À PROPORÇÃO QUE, AO PASSO QUE, QUANTO.

Ex.: Quanto mais como, mais engordo.

→ A conjunção QUANTO introduz a proporção entre comer e engordar. Se comer pouco, engorda-se pouco; se comer muito, engorda-se muito.

"À medida, porém, que as horas se passavam, sentiam-me cair num estado

de perplexidade e covardia" (Graciliano Ramos).

→ A conjunção À MEDIDA QUE introduz a proporção entre as horas se passarem e a pessoa sentir-se cair num estado de perplexidade e covardia. Quanto mais as horas foram se passando, mais ele se sentia perplexo.

"O trovador, à proporção que lia, ia mudando de fisionomia" (Lima Barreto).

→ A conjunção À PROPORÇÃO QUE indica que dois fatos aconteciam simultânea e proporcionalmente.

10.2.8. Conformativas

Introduzem uma ideia de conformidade, de estar de acordo. As conjunções mais comuns são: DE ACORDO COM QUE, CONFORME, COMO, SEGUNDO, CONSOANTE, EM CONSONÂNCIA COM QUE.

Ex.: Agi conforme me foi ordenado.

→ A conjunção CONFORME introduz a conformidade da ação com o que foi ordenado.

Fez a obra como manda a lei.

→ A conjunção COMO introduz a conformidade da realização da obra com o que manda a lei.

10.2.9. Comparativas

Introduzem uma ideia de comparação. Esta comparação pode ser de superioridade, igualdade ou inferioridade. As conjunções mais comuns são (DO) QUE, COMO, CONFORME.

Ex.: Agi conforme você agiu.

→ A conjunção CONFORME estabelece uma comparação de igualdade entre a ação do sujeito da primeira oração (eu) e o sujeito da segunda (você).

"D. Glória vê máquinas e homens que funcionam como as máquinas" (Graciliano Ramos).

→ A conjunção COMO introduz uma comparação de igualdade da forma como são vistos o homem e a máquina.

Obs.: O conector TAL QUAL, de valor comparativo, registra uma situação peculiar. TAL concorda com o primeiro elemento e QUAL com o segundo.

Ex.: Ela é tal qual a mãe.

Elas são tais qual a mãe.

Ela é tal quais as amigas.

Elas são tais quais as amigas.

"E as raízes se torcem quais serpentes" (Castro Alves).

Ex.: "Mais do que palavra
Diarreia é arma que fere e mata" (Ferreira Goulart).

Observe que o texto demonstra a importância maior da diarreia como arma do que como mera palavra.

Ex.: "Mostra ser mais velho do que seus comparsas uma boa dezena de anos" (Bernardo Guimarães).

→ A conjunção DO QUE denuncia que a idade do cidadão citado é superior à de seus comparsas.

João bebe menos do que Maria.

→ A conjunção DO QUE indica que João bebe uma quantidade inferior à Maria.

Nestes dois exemplos, o leitor deve observar que a conjunção pode ser QUE ou DO QUE. O termo DO é totalmente dispensável tanto semântica como sintaticamente. A Esaf e a UnB cobram bastante essa informação em concursos.

10.2.10. Integrantes

Introduzem orações que podem ser substituídas pela palavra ISSO.

Ex.: Ele dizia que não adiantava pegar cor na praia..." (Luis Fernando Veríssimo).

→ Observe que a segunda oração é introduzida por uma conjunção subordinativa integrante, podendo (a segunda oração) ser substituída inteiramente pela palavra ISSO: ELE DIZIA ISSO.

Ex.: Ele não disse se vem.

→ SE é conjunção integrante, pois a oração que ela introduz pode ser substituída pela palavra ISSO: Ele não disse isso.

10.3. Exercícios

1. Dê a classificação completa das CONJUNÇÕES e LOCUÇÕES CONJUNTIVAS sublinhadas nas frases a seguir.

1) Malgrado estivesse triste, recebeu os amigos com sorrisos.

2) A não ser que ele esteja doente, sua ausência torna-se inexplicável.

3) Como a criança dormiu, os pais puderam ver televisão.

4) Ele não somente esteve aqui, como cumprimentou todos.

5) Ele esteve aqui, mas não cumprimentou ninguém.

6) A direção do curso não nos participou se haverá aula.

7) A direção nos lembrou o horário das aulas porque não nos atrasássemos.

8) Ele bebeu, que passou mal.

9) Segundo informou a direção, no próximo sábado haverá aula.

10) Eles já tomaram todas as precauções, portanto não haverá mais problemas.

11) Ficaremos aqui ou voltaremos para casa.

12) Estudem bastante, porquanto o edital será publicado na próxima semana.

13) Os candidatos devem estudar como os já aprovados.

14) Mal a criança começou a ver o desenho, dormiu.

15) Quanto mais estudamos, mais possibilidades temos de passar.

16) À medida que os políticos enriquecem, o povo empobrece.

17) Fizemos muito mais do que efetivamente deveríamos fazer.

18) Ora estudamos ora trabalhamos.

19) Os alunos do simulado vêm estudando bastante, logo os primeiros lugares serão conquistados por eles.

20) Não necessitamos de que nos falem o óbvio.

21) Posto que o traficante diga a verdade, ninguém acreditará nele.

22) Desde que ele se sinta bem aqui, poderá ficar.

23) Desde que ele chegou aqui, começou a passar mal.

24) João quase não estudou e fez excelente prova.

25) Maria não lavou as roupas tampouco as passou.

26) Uma vez que o material ainda não chegou, a aula será adiada.

27) Não percas a paciência, visto que Maria é apenas uma criança.

28) Consoante as regras estabeleciam, não poderá haver mais faltas.

29) As crianças tanto fizeram, que ficaram de castigo.

30) Estarei presente em todas as reuniões do condomínio para que não falem mal de mim.

2. (Fecap) Classifique as palavras como nas construções seguintes, numerando, convenientemente, os parênteses.
1) preposição
2) conj. subord. causal
3) conj. subord. conformativa
4) conj. coord. aditiva
5) adv. interrogativo de modo
( ) Perguntamos como chegaste aqui.
( ) Percorrera as salas como eu mandara.
( ) Tinha-o como amigo.
( ) Como estivesse frio, fiquei em casa.
( ) Tanto ele como o irmão são meus amigos.
a) 2 – 4 – 5 – 3 – 1
b) 4 – 5 – 3 – 1 – 2
c) 5 – 3 – 1 – 2 – 4
d) 3 – 1 – 2 – 4 – 5
e) 1 – 2 – 4 – 5 – 3

3. (AFC – CGU – Esaf) Assinale a opção em que o preenchimento da lacuna com o conectivo abaixo resulta em erro gramatical ou incoerência textual no seguinte fragmento.
A dívida pública brasileira é uma velha herança. ____(A)_____aumentou consideravelmente nos anos 80, ____(B)_____ os juros internacionais subiram muito. Mais de 40 países foram arrastados pela crise da dívida, a partir de 1982. ____(C)____ seus governos foram capazes de reorganizar as contas públicas e de reduzir o peso da dívida. ____(D)____o Brasil continuou prisioneiro do endividamento inflado naquele período e, além disso, permitiu o aumento de seu peso nos anos seguintes. ____(E)____, a carga tributária brasileira é maior que a de todos ou quase todos os países emergentes e até mais pesada que a de algumas economias avançadas, como os EUA e o Japão. ***(Adaptado de O Estado de São Paulo, Notas & Informações. 21 de abril de 2012)***
a) Portanto

b) quando
c) Porém
d) Mas
e) No entanto

4. (UM-SP) Assinale a alternativa em que a palavra "como" assume valor de conjunção subordinativa conformativa.
a) Como ele mesmo afirmou, viveu sempre tropeçando nos embrulhos da vida.
b) Como não tivesse condições necessárias para competir, participou com muita insegurança das atividades esportivas.
c) As frustrações caminham rápidas como as tempestades das matas devastadoras.
d) Indaguei-me apreensiva como papai tinha assumido aquela contínua postura de contemplação.
e) Como as leis eram tentativas naquele vilarejo, todos os moradores tentavam um meio de obediência às normas morais.

5. (Analista de Controle Interno – Sefaz-RJ – FGV) ***Entre a sociedade, a empresa e o Estado, está o profissional contábil, que, por sua vez, é o elo entre Fisco e contribuinte. É de fundamental importância que esse profissional aprimore seu entendimento tributário, percebendo sua necessidade. Ratifica-se, assim, o conceito de que a conscientização tributária pode representar um ponto de partida para a formação cidadã como uma das formas eficazes de atender às demandas sociais, com maior controle sobre a coisa pública.***
As ocorrências do QUE no período acima classificam-se, respectivamente, como
a) pronome relativo – pronome relativo – pronome relativo
b) pronome relativo – conjunção – conjunção
c) conjunção – conjunção – conjunção
d) conjunção – pronome relativo – pronome relativo
e) pronome relativo – pronome relativo – conjunção

6. (Analista de Controle Interno – Sefaz-RJ – FGV) ***Ao analisar o progresso da humanidade, percebe-se que o desenvolvimento social e econômico foi*** **possível porque o homem sistema-tizou formas de organização entre os povos.**
Assinale a alternativa em que a alteração da estrutura destacada no período acima tenha provocado alteração sintática e semântica.
a) porquanto o homem tenha sistematizado formas de organização entre os povos
b) pois o homem sistematizou formas de organização entre os povos
c) conquanto o homem tenha sistematizado formas de organização entre os povos
d) já que o homem sistematizou formas de organização entre os povos
e) uma vez que o homem sistematizou formas de organização entre os povos

7. (Analista de Controle Interno – Sefaz-RJ – FGV) ***Nesse sentido, se a evasão tributária é uma doença social, seu combate ou tratamento não pode ficar restrito aos seus***

agentes; é necessário o envolvimento de toda a sociedade.
Assinale o termo que NÃO poderia ser colocado após o ponto-e-vírgula sob pena de provocar grave alteração de sentido.
a) portanto,
b) não obstante,
c) logo,
d) nesse sentido,
e) assim,

8. (TRE-RJ) O conectivo sublinhado estabelece uma ligação malfeita (coesão inadequada), quanto ao sentido, em:
a) Li este livro, *mas* não o entendi.
b) Como chegou atrasado, proibiram-no de entrar.
c) Ainda que ele queira, ninguém o ajudará em suas tarefas.
d) Estudou muito pouco para o concurso, pois conseguiu passar.
e) Tudo terminará bem, desde que o chefe permita a saída de todos.

9. (TRE-MT) Na frase "De um ano que, afinal, também não teve muitos escrúpulos, pois só se contradisse", a palavra pois pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:
a) portanto;
b) por conseguinte;
c) visto que;
d) caso;
e) ainda que.

10. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a conjunção "e" está empregada com valor adversativo.
a) "Deixou viúva e órfãos miúdos".
b) "Para diminuir a mortalidade e aumentar a produção, proibi a aguardente".
c) "Tenho visto criaturas que trabalham demais e não progridem".
d) "Iniciei a pomicultura e a avicultura".
e) "Perdi dois caboclos e levei um tiro de emboscada".

11. (Fiscal – Sefaz-RJ – FGV)
Diga que você me adora
Que você lamenta e chora
A nossa separação
Às pessoas que eu detesto
Diga sempre que eu não presto
No trecho acima há quantas ocorrências, respectivamente, de pronomes e conjunções?
a) Sete e cinco.
b) Cinco e cinco.
c) Seis e cinco.

d) Sete e quatro.
e) Seis e quatro.

12. (Técnico Judiciário – TRE-PA – FGV) *Ficam hibernando à espera do momento eleitoral quando deveriam estar em praça pública em busca de militantes e se expondo ao debate.*
A conjunção quando, no período acima, tem valor:
a) proporciona;
b) comparativo;
c) consecutivo;
d) temporal;
e) concessivo.

13. (TFC) Assinale a única opção que provoca mudança de sentido, se colocada no lugar da palavra destacada no texto abaixo.
"Malgrado fosse muito inteligente, não obteve bons resultados nas provas do concurso".
a) Embora.
b) Se bem que.
c) Dado que.
d) Ainda que.
e) Não obstante.

14. (Piloto Policial – Polícia Civil-RJ – FGV) Leia o seguinte texto, início do romance *Olhai os lírios do campo*, de Érico Veríssimo:
O médico sai do quarto n. 122.(*) A enfermeira vem ao seu encontro.
— Irmã Isolda – diz ele em voz baixa –, avise o Dr. Eugênio(*). É um caso perdido. Questão de horas, talvez de minutos. E ela sabe que vai morrer...
Os conectores que poderiam ser empregados de forma adequada ao sentido do texto no lugar dos asteriscos são:
a) enquanto, e;
b) quando, mas;
c) visto que, logo;
d) e, pois;
e) assim que, porque.

15. (Técnico Judiciário – TRE-AP – FCC) *A própria legislação admite que a identidade seja confirmada em recinto policial. A imposição de multa, porém, parece abusiva.*
Propõe-se a organização das frases acima num só bloco, iniciado por "A imposição de multa parece abusiva". Para que o sentido original se mantenha, as frases terão de ser conectadas por meio de:
a) ainda que;
b) mas;
c) dado que;

d) contanto que;
e) visto que.

16. (Analista – Fiocruz – FGV) "Caso a pessoa esteja dirigindo, no entanto, falar ao telefone pode se tornar uma tragédia"; a conjunção sublinhada pode ser substituída por todos os conectivos abaixo, mantendo-se o sentido original, exceto em:
a) porém
b) todavia
c) apesar de
d) entretanto
e) contudo

17. (Fiscal da Receita Estadual – AP – FGV) ***Deve-se isso ao fato de as instituições brasileiras terem sido concebidas de forma coercitiva e unilateral, não havendo diálogo entre governantes e governados, mas apenas a imposição de uma lei e de uma ordem consideradas artificiais, quando não inconvenientes aos interesses das elites políticas e econômicas de então.***
A respeito do uso do vocábulo quando no fragmento acima, pode-se afirmar que se trata de uma conjunção:
a) subordinativa com valor semântico de condição;
b) coordenativa com valor semântico de tempo;
c) coordenativa com valor semântico de finalidade;
d) subordinativa com valor semântico de concessão;
e) coordenativa com valor semântico de explicação.

18. (NCE) "<u>Como os dados se referem a um único país e apenas às adoções legais</u>, pode-se constatar que este país vive hoje dramaticamente uma verdadeira diáspora da infância abandonada". O segmento destacado dá ideia de:
a) causa;
b) comparação;
c) conformidade;
d) condição;
e) concessão.

19. (NCE) "A língua é um bem que percorre as gerações, passando de uma à outra, e será tão mais bem transmitida quanto mais estável for, ou, pelo menos, quanto menos interferências arbitrárias sofrer". As duas últimas orações subordinadas do período estabelecem com a sua principal uma relação de:
a) proporcionalidade;
b) temporalidade;
c) consequência;
d) comparação;
e) causalidade.

20. (NCE – TJ) Vocábulos que iniciam parágrafos como "mas" (3º §), "para que" (6º§) colaboram para que se mantenha no texto:
a) a coerência argumentativa;
b) a coesão formal;
c) a argumentação lógica;
d) a organização narrativa;
e) a estruturação enunciativa.

21. (NCE – TJ) Em "Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material....", a presença do segmento "não são apenas de ordem material" indica que, na continuidade do texto, haverá:
a) um termo de valor aditivo e pertencente a uma outra ordem;
b) um termo de valor adversativo e pertencente a uma ordem diferente da citada;
c) um termo de valor explicativo e pertencente à mesma ordem já referida;
d) um termo de valor concessivo e pertencente a uma ordem diversa;
e) um termo de valor conclusivo e pertencente à ordem citada anteriormente.

22. (AFTN – Esaf) Escreva diante de cada texto, adaptado de Aliomar Baleeiro, o número do operador lógico que preenche corretamente a lacuna.
( ) É característica da taxa a especialização do serviço em proveito direto ou por ato do contribuinte, , na aplicação do imposto, não se procura apurar se há qualquer interesse, direto ou indireto, por parte de quem o paga.
( ) Em 1896, Amaro Cavalcânti ponderava que a palavra "taxa", sem embargo de ser igualmente usada como sinônimo geral de impostos, não devia ser assim entendida ou empregada; , na sua acepção própria, designa o gênero de contribuição que os indivíduos pagam por um serviço diretamente recebido.
( ) O pagamento das taxas é facultativo; é, por assim dizer, o preço do serviço obtido e em que cada um o exige ou dele tira proveito.
( ) As taxas se devem revestir sempre do caráter de contraprestação inerente a essa espécie de tributos. Ao adotar-se interpretação outra, malograr-se-ão todas as cautelas da Constituição, que estabeleceu e quer uma rígida discriminação de competência, , prevendo a reedição de velhos abusos fiscais mascarados com o nome de taxas, preceituou proibição inequívoca.
( ) As despesas de administração da justiça poderiam ser pagas convenientemente por uma contribuição particular, que a ocasião o exigisse.
( ) Enquanto pelas taxas, o indivíduo procura obter um serviço que lhe é útil pessoalmente, o Estado, , procura, pelo imposto, os meios de satisfazer as despesas necessárias da administração.
( ) Os clássicos, assim como os contemporâneos, não divergem sobre a noção básica de taxa, se separem acerca de outros pontos acessórios.
(1) embora
(2) ao passo que

(3) à medida
(4) tanto assim que
(5) na medida
(6) visto como
(7) ao contrário
A sequência numérica correta é:
a) 6, 5, 1, 3, 4, 7, 2;
b) 1, 7, 5, 4, 2, 3, 6;
c) 2, 6, 5, 4, 3, 7, 1;
d) 1, 3, 2, 6, 5, 7, 4;
e) 2, 5, 6, 7, 4, 3, 1.

23. (NCE-TJ) "... ficaria louca se continuasse sozinha". A relação entre essas duas orações mostra que:
a) a segunda só se realiza se a primeira não se realizar;
b) a primeira se realiza contanto que a segunda não se realize;
c) a segunda é consequência da primeira;
d) a primeira é motivada pela segunda;
e) a primeira é uma hipótese para a realização da segunda.

24. (UCMG) Em "Orai porque não entreis em tentação", o valor da conjunção do período é de:
a) causa;
b) condição;
c) conformidade;
d) explicação;
e) finalidade.

25. (Oficial de Justiça – NCE) Nos itens abaixo, o emprego da conjunção OU (em maiúsculas) só tem nítido valor alternativo em:
a) "Quantos foram presos OU espancados pela liberdade de dizer o que pensam?"
b) "BMW OU bicicleta, o que conta é a sensação de poder sentar-se ao veículo e resolver em que direção partir."
c) "É a liberdade de escolher os canais (restritos em países totalitários), de ver um programa imbecil ou um jogo, OU estar tão perto das notícias quanto um presidente da República..."
d) "... só nos preocupamos com o que não temos OU com o que está ameaçado."
e) "É estar próximo de reis, heróis, criminosos, superatletas OU cafajestes..."

26. (TRF – Esaf) O globalismo é uma configuração histórico social abrangente, convivendo com as mais diversas formas sociais de vida e trabalho, mas também assinalando condições e possibilidades, impasses e perspectivas, dilemas e horizontes. no âmbito do globalismo emergem ou ressurgem localismos, provincianismos,

nacionalismos, regionalismos, colonialismos, imperialismos, etnicismos, racismos e fundamentalismos; se reavivam os debates, as pesquisas e as aflições sobre a identidade e a diversidade, a integração e a fragmentação. Mas o que se desenvolve e predomina, recobrindo e impregnando as mais diferentes situações, é o globalismo. A despeito de tudo o que preexiste e subsiste, em todas as suas peculiaridades, generalizam-se as relações, os processos e as estruturas que constituem o globalismo (*A Era do Globalismo*, Octávio Ianni).
Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas, assegurando a coerência da informação.
a) Tanto é assim que / assim como
b) A fim de que / desde que
c) Contanto que / ainda que
d) Contudo / mas não
e) Por pouco que / sempre que

27. (TFC – Esaf) Indique a sequência que preenche corretamente as lacunas.
A Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco) estima que há 880 milhões de analfabetos adultos e 115 milhões de jovens em idade escolar fora da escola, entre a população mundial. A Unesco, , não divulgou os números para cada país pesquisado. Em setembro do ano passado, o Ministério da Educação divulgou os dados mais recentes sobre o Brasil, 14,7% da população entre 14 e 49 anos de idade continua analfabeta. Houve uma grande redução do problema, , há 20 anos, mais de 30% da população naquela faixa etária não sabia ler e escrever.
O Ministério relacionou a queda dos índices de analfabetismo com o aumento da escolaridade: em 1980, apenas 49% das crianças entre 7 e 14 anos estavam na escola, percentual que subiu para 96% no ano passado. O Brasil reduziu pela metade o percentual de analfabetos na população, dobrou o número de crianças em idade escolar nas salas de aula. Esse avanço é relevante, a simples alfabetização já não é mais suficiente para a conquista de emprego num mercado de trabalho competitivo. (*O Estado de S. Paulo* – Notas e Informações, 22/4/2000, p. A3)
a) porém – onde – pois – porque – contudo.
b) entretanto – apesar de – já que – por que – mas.
c) apesar de – entretanto – pois – por que – mas.
d) no entanto – onde – apesar de – já que – por que.
e) pois – porque – apesar de – já que – entretanto.

28. (AFRF – Esaf) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.
A economia lida com o problema usar de maneira mais eficiente possível todos os recursos disponíveis de um país, alcançar o nível mais alto possível de satisfação da procura ilimitada da sociedade por bens e serviços. O objetivo máximo da economia é satisfazer as necessidades humanas de produtos. A questão é que, as necessidades sejam praticamente ilimitadas, os recursos (naturais, mão de obra, capital e tecnologia) são escassos. (Adaptado de *Enciclopédia Compacta de Conhecimentos Gerais – Isto É*, p.

204 e 205)
a) como / para / assim.
b) de / de qual / desta forma.
c) de como / de modo a / embora.
d) de que / em que / para que.
e) por que / porque / enquanto.

29. (TRT-RJ) "... o Brasil é um país onde há leis que pegam e leis que não pegam, como se isso fosse uma originalidade brasileira como a jabuticaba". A alternativa em que se expressa a mesma ideia contida nesse segmento do texto é:
a) Como a jabuticaba, é uma originalidade brasileira o fato de haver leis que pegam e leis que não pegam.
b) Apesar de não ser uma originalidade brasileira, como a jabuticaba, há no país leis que pegam e leis que não pegam.
c) No Brasil há leis que pegam e leis que não pegam, como a jabuticaba, mas isso não é uma originalidade brasileira.
d) Como a jabuticaba, há no Brasil leis que pegam e leis que não pegam, embora isso não seja uma originalidade brasileira.
e) O Brasil é um país onde há leis que pegam e leis que não pegam e isso é marca da originalidade brasileira, como a jabuticaba.

30. (Eletrobrás – NCE) "Se você disser ao cidadão desprevenido que o leite, por ser essencial, deve sair das mãos dos particulares para cooperativas ou entidades estatais, se você disser que os bancos, vivendo exclusivamente das poupanças populares, não têm nenhuma razão de estar em mãos privadas, o cidadão o olhará com olhos perplexos de quem vê alguém propondo algo muito perigoso." O comentário correto a respeito deste segmento do texto é:
a) os dois segmentos iniciados pela conjunção SE indicam condições para que se realize a consequência citada;
b) o cidadão só olhará com espanto o autor das ideias citadas se elas já estiverem transformadas em realidade;
c) os adjetivos estatais e privadas são sinônimos no contexto em que estão inseridos;
d) o segmento poupanças populares equivale semanticamente a popularidade das poupanças;
e) o "algo muito perigoso" a que alude o texto se localiza no terreno cultural.

31. (MPOG-Esaf) Assinale a opção que preenche as lacunas do texto, tornando-o coeso e coerente.
Apesar de diferenças ideológicas ou acadêmicas a respeito da natureza das atividades que o Estado deve desempenhar, parece haver um consenso formado a respeito de como o Estado deve desempenhar essas atividades.
1 vigora o ideal de um governo representativo, em que os cidadãos elegem seus representantes, sob o regime de um mandato imperativo.

2 , há diversos exemplos de disfunções dos arranjos institucionais do Estado, que o tornam muito mais identificado com os interesses das elites.
3 , ao longo do século XX, o desenvolvimento de um Estado social democrático de direito resultou num processo de consolidação de estruturas voltadas também à prestação de serviços e implementação de políticas sociais.

	1	2	3
a)	Não mais	Mesmo assim	Portanto
b)	Entretanto	Diante disso	Mesmo assim
c)	Para sempre	Sendo assim	Nesse sentido
d)	Ainda	Entretanto	Não obstante
e)	Embora	Portanto	Entretanto

32. (Aud. Tesouro Mun. Fortaleza – Esaf) Assinale a opção que completa de forma coesa e coerente as lacunas do texto abaixo.
Sendo a síntese de fatores objetivos e subjetivos que não se esgotam no processo de trabalho propriamente dito, os elementos constitutivos da cultura do trabalho precisam ser considerados em sua historicidade, não apenas condicionada pela realidade externa, 1 pelas diferentes motivações que orientam a ação coletiva. 2 a cultura do trabalho resulta da dinâmica interna de um determinado sistema cultural, temos que considerar que, também nos empreendimentos populares, ela é o resultado de suas inter-relações com os outros sistemas.

a)	já como			Haja visto que
b)	mas também			Se
c)	mas não			Apesar de
d)	mas também			Embora
e)	entretanto			Se

33. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) *Não direi mal dos tradutores, e Godofredo Rangel era dos bons.*
O tipo de articulação lógica que se estabelece entre os dois segmentos é equivalente ao que se estabelece entre os segmentos destacados em:
a) Ele não é mau tradutor, // mesmo assim a editora o dispensou.
b) Seu texto não chegou a ser criticado, // até porque não lhe faltavam altas virtudes.
c) Foi muito elogiado como tradutor, // no entanto lhe faltavam dotes de criador.
d) Há muito rigor na crítica aos tradutores, // não importa quanto venham a esforçar-se.
e) Vem colhendo os frutos de sua tradução, // razão pela qual pensa em fazer uma nova carreira.

34. (MP – NCE) "O homem contemporâneo não é onívoro como seu antepassado pré-

histórico". Esse segmento traz uma ambiguidade que desapareceria se fosse reescrito, mantendo-se o sentido pretendido no texto, da seguinte forma:
a) O homem contemporâneo não é onívoro como era seu antepassado pré-histórico.
b) Como seu antepassado pré-histórico, o homem contemporâneo não é onívoro.
c) O homem contemporâneo, como seu antepassado pré-histórico, não é onívoro.
d) O homem contemporâneo e seu antepassado pré-histórico não são onívoros.
e) O antepassado pré-histórico do homem contemporâneo não é onívoro como ele.

35. (Auxiliar de Cartório – NCE) O segmento "Quando hibernam..." mostra:
a) um tempo que se realizam os fatos citados a seguir;
b) uma condição para que os fatos seguintes se realizem;
c) um lugar em que se realizam os fatos apontados na continuidade do texto;
d) uma situação concessiva, quando relacionada aos fatos seguintes;
e) uma explicação causadora dos fatos citados a seguir.

36. (BNDES-NCE) Na frase "Ou vai ou racha!", a conjunção OU tem o mesmo valor significativo que apresenta na seguinte frase:
a) O turista compreendia inglês ou francês com facilidade.
b) As vaias ou aplausos não perturbaram o presidente.
c) O empregado faz o que deve ou perde o emprego.
d) Na hora da premiação, chorava ou ria.
e) Morávamos no segundo ou no terceiro andar.

37. (NCE) No último parágrafo do texto, o autor declara chegar a uma conclusão e, para isso, utiliza a conjunção conclusiva portanto; a relação entre conectivo e valor semântico corretamente colocada entre os abaixo, é:
a) tal qual = comparação;
b) mesmo que = adversidade;
c) onde = tempo;
d) para que = direção;
e) à proporção que = lugar.

38. (Secretaria de Fazenda – PI – Esaf) O secretário da Receita Federal, na audiência pública na comissão especial da Câmara, <u>disse apreciar</u>(1) a proposta de emenda constitucional que prorroga a CPMF, <u>uma vez que</u>(2) 4.516 pessoas físicas isentas de tributação ou omissas movimentaram, juntas, mais de R$ 25 bilhões no ano passado com operações individuais <u>que</u>(3) ultrapassaram R$ 10 milhões. Afirmou também que outras 2.449 pessoas jurídicas imunes, inativas, isentas, omissas ou optantes do imposto Simples movimentaram, juntas, R$ 147 bilhões. A movimentação desses "contribuintes" é desproporcional e ofende o senso comum. Desse total, 857 contribuintes já foram fiscalizados, <u>que</u>(4) resultou num lançamento tributário da ordem de R$ 400 milhões, além de outras iniciativas de ordem judicial. Qualquer tipo de imposto está sujeito à sonegação, mas a CPMF é mais resistente que qualquer outro, tanto à sonegação <u>quanto</u>

à(5) elisão fiscal (Adaptado de Nelson Breve, www.estadao.com.br – 6/11/2001).
Para que o texto fique correto, é necessário substituir:
a) "disse apreciar"(1) por disse que apreciava;
b) "uma vez que"(2) por já que;
c) "que"(3) por as quais;
d) "que"(4) por o que;
e) "quanto à"(5) por como à.

39. (NCE) A substituição da locução grifada pelo elemento à direita altera sensivelmente o sentido do enunciado em:
a) "Por enquanto, para ver-se o que deve ser visto, será útil entender latim" / Por ora.
b) "O que faria o governo em face de mais uma estremeção no circuito financeiro internacional" / frente a.
c) "Nada mudaria na política econômica, afirmou, desde que mantida a condição *ceteris paribus*" / posto que.
d) "Tarefa gigantesca, ainda mais porque precisamos tomar iniciativas agora / especialmente.
e) "o que menos se tem é alguma coisa parecida com a placidez do *ceteris paribus* – a não ser que se use a expressão, retorcendo-a para referência ao próprio quadro de incertezas" / a menos que.

40. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – FCC) ***Mais brasileira, mais tradicional, mais poética, incomparavelmente, é a festa de Nossa Senhora da Glória. O pequeno oiteiro da Glória, com a sua capelinha duas vezes secular, é um dos sítios mais aprazíveis, mais ingenuamente pitorescos da cidade. As velhas casas da encosta cederam lugar a construções modernas. Entretanto a igrejinha tem tanto caráter na sua simplicidade que ela só e mais uma meia dúzia de palmeiras bastam a guardar a fisionomia tradicional da colina*.**
(Manuel Bandeira. Fragmento de Crônicas da Província do Brasil. In: Poesia completa e prosa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, v. único, 1993. p. 449)
A articulação sintático-semântica entre as orações do período grifado acima denota relação de
a) condição e ressalva.
b) consequência e temporalidade.
c) causa e consequência.
d) fato real e temporalidade.
e) constatação e sua causa imediata.

41. (NCE) Em "Numa pólis bem constituída, todos correm para as assembleias; sob um mau governo...", que conjunção poderia substituir adequadamente o ponto e vírgula entre os dois termos destacados?
a) mesmo que
b) visto que

c) sem que
d) embora
e) todavia

42. (NCE) O sentido de "As reuniões cresceram, assumiram fortes dimensões políticas e tornaram-se eventos de grande repercussão, <u>ainda que</u> prejudicadas pela censura vigente" fica sensivelmente alterado com a substituição da locução sublinhada por:
a) conquanto;
b) posto que;
c) visto como;
d) não obstante;
e) malgrado.

43. (Técnico Judiciário – TRE-SP – FCC) ***Mas, <u>embora ele não tivesse sido nomeado</u>, todos sabiam quem era o comandante*.**
Em relação à frase em que está inserido, o segmento grifado acima possui um sentido:
a) condicional;
b) causal;
c) concessivo;
d) comparativo;
e) conclusivo.

44. (NCE) Em "tampouco deve (...) se amoldar aos desejos de seus eleitores...", "tampouco" é substituível, sem prejuízo do sentido, por:
a) sobretudo não;
b) ainda assim não;
c) também não;
d) apesar disso não;
e) particularmente não.

45. (Coppe) Na frase "As crendices variam, a matemática é a mesma para toda a humanidade, sendo, , confiável e útil, a crendices estão envoltas nas trevas da vaguidade e da superstição", as lacunas podem ser preenchidas, respectivamente, por:
a) embora, por conseguinte, enquanto;
b) no entanto, logo, ao passo que;
c) mas, portanto, ao passo que;
d) ainda que, portanto, à medida que;
e) porém, logo, ao passo que.

Capítulo 11

Preposição

Preposição é a palavra invariável que relaciona dois termos, subordinando o segundo ao primeiro.

11.1. Essenciais

Funcionam apenas como preposição.
A, ANTE, APÓS, ATÉ, COM, CONTRA, DE, DESDE, EM, ENTRE, PARA, PER, PERANTE, POR, SEM, SOB, SOBRE, TRÁS.

11.2. Acidentais

Palavras que, excepcionalmente, podem funcionar como preposição.
CONFORME, SEGUNDO, CONSOANTE, MEDIANTE, FORA, EXCETO, SALVO, DURANTE, TIRANTE, FEITO, QUE (sinônimo de DE).

Ex.: "Já em 1876, segundo o testemunho de um sacerdote, que ali fora..." (Euclides da Cunha).

Ex.: Tenho que estudar.

QUE acidentalmente funciona como sinônimo da preposição DE: Tenho de estudar. Esse, inclusive, é o entendimento da FGV. Já o Cespe, na prova de Escrivão – PF 2002, classificou o QUE como conjunção.

Obs.: Somente com preposições essenciais, utilizam-se pronomes oblíquos tônicos.

Ex.: Sem ti, não iremos à praia.

Já com preposições acidentais, utilizam-se os pronomes retos.

Ex.: Todos foram à praia, exceto tu.

11.3. Locuções prepositivas

Mais de uma palavra com função de preposição (a última palavra deve ser uma preposição essencial).
ABAIXO DE, JUNTO DE, COM OBJETIVO DE, CERCA DE, ACERCA DE, AO ENCONTRO DE (a favor de), DE ENCONTRO A (contra).

Obs.: A gramática admite a ocorrência de duas preposições em sequência em apenas dois casos: "para com" e "até a".

Ex.: "E me fiz todo gratidão para com ele..." (Raul Pompeia).

"Desde a porta até ao fundo do quintal" (Machado de Assis).

11.4. Combinação

Junção de preposição com outra classe gramatical sem alteração fonética.

AO, AONDE.

11.5. Contração

Junção de preposição com outra classe gramatical com alteração fonética.

ÀS, DA, DOS, NO, DAQUELE.

Obs.: É importantíssimo ressaltar que, quando o termo posterior à preposição funcionar como sujeito, não poderá haver a combinação ou a contração.

Ex.: Não houve possibilidade de o professor resolver o problema.

Observe que "o professor" é sujeito do verbo "resolver", sendo assim não se pode unir a preposição DE ao artigo O.

Não gostamos do problema criado.

"Do problema criado" é objeto indireto, portanto a combinação da preposição com artigo será obrigatória.

BIZU

Chamo a atenção para o fato de a Esaf explorar casos de combinação ou contração facultativas. Isso ocorre quando o elemento seguinte à preposição não funcionar como sujeito e a sonoridade da combinação for desagradável. Tal situação já levou ao quase desuso as contrações COM + O, A, OS, AS – COO, COA, COOS, COAS. Também serão facultativas

contrações de preposição com artigos indefinidos (um, uma, uns, umas – quando não participarem do sujeito) e pronomes indefinidos (outro, outra, outros, outras – quando não participarem do sujeito), e da preposição DE com o termo ONDE.

Ex: "No cimo dum outeiro" (Fernando Pessoa) – DUM ou DE UM

"Não há certeza doutra, mas suspeita" (Camões) – DOUTRA ou DE

OUTRA
"Quem eram? Donde vinham? – Pouco importa?" (Castro Alves) – DONDE ou DE ONDE

11.6. Valores semânticos das preposições

A

Condição – A continuarem os sintomas, procure um médico!
Concessão – Ela nada comia a não ser sanduíche.
Direção – "Levaram-no à Capital da Bahia" (Euclides da Cunha).
Tempo – "Ao voltar, bem escovado, bem perfumado, achei a lancha atulhada" (Eça de Queirós).
Fim – "Ela despedaçou o lacre a ler a Seixas o papel" (José de Alencar).
Instrumento – Fizemos a prova a lápis.
Meio – Andar a cavalo.
Modo – Falar aos gritos.
Lugar – "Dormindo imenso ao luar" (Castro Alves).
Semelhança, conformidade – Maria saiu aos avós.

ANTE

Posição anterior ou frontal – Quedou-se ante o quadro, admirando-o.
Causa – Ante o desfecho inevitável, todos se prepararam para o pior.

APÓS

Tempo posterior – As aulas terão início após as festas de fim de ano.
Lugar posterior – João está após Pedro.

ATÉ

Limite de lugar – Iremos até Copacabana.
Limite de tempo – As aulas começarão até às duas horas.

COM

Companhia – "Dom Casmurro, domingo vou jantar com você" (Machado de Assis).
Soma – Quando unimos o conhecimento de Paulo com a esperteza de João, teremos o ser humano ideal.
Modo – "Puxei, com a mão a tremer, a minha chávena de chá..." (Eça de Queirós).
Instrumento – Fizemos o trabalho com o computador.

Condição – Com sorte, não pegaremos engarrafamento.
Causa – Ele empobreceu com o Plano Collor.

DE
Posse – Lápis de João.
Finalidade – "E o coração... é instrumento de sopro ou de percussão?" (Fernando Sabino).
Origem – "Afirmava-se que o fogo começara de uma sala" (Raul Pompeia).
Matéria – "A urbs monstruosa, de barro..." (Euclides da Cunha).
Causa – "A filha, pode ser que pálida de medo, dissimulava..." (Machado de Assis).
Modo – Ele vive de pequenos furtos.
Assunto – "Falamos dos colegas..." (Raul Pompeia).
Lugar – Estávamos de longe analisando o problema.
Tempo – "Acordo de noite, subitamente" (Fernando Pessoa).
Meio – "... coça a cabeça, irresoluto: de ônibus ou de táxi?" (Fernando Sabino).

DESDE
Afastamento de um lugar – Estou correndo desde o início da rua.
Início de um tempo – Desde a chegada dele, tivemos problemas.

EM
Lugar – "Os navios no mar apodreciam" (Castro Alves).
Modo – É bom viver uns tempos em paz.
Tempo – Em duas horas, ele estará presente.
Causa – Ele estava triste em não poder viajar.
Finalidade – Ela veio aqui em auxílio.
Matéria – A estátua é feita em ouro.

ENTRE
Posição intermediária no espaço – Moramos entre Copacabana e Ipanema.
Posição intermediária no tempo – Entre duas e três horas, estaremos lá.

PARA
Direção – "Foi assim que me encaminhei para o undiscovered country de Hamlet..." (Machado de Assis).
Finalidade – "... escrava rebelde e insensata, não terás mãos nem pés para

pôr em prática teus sinistros intentos" (Bernardo Guimarães).
Conformidade – Para João, Flamengo é o melhor time do campeonato.
Restrição – Proibido para menores.

PER (DESUSO) / **POR**
Lugar – Viajamos por estradas inóspitas.
Causa – "O parasita, feliz por ver quanto o amigo aviltava a mulher..." (Aluísio de Azevedo).
Tempo – "Eu sei que vou te amar / por toda a minha vida" (Vinicius de Moraes).
Agente – O trabalho foi feito por João.
Meio – Nós nos falamos por telefone.
Comparação – "Sabe que o tomam por outro" (Fernando Sabino).

PERANTE
Diante de – Ficamos perante o professor durante duas horas.

SEM
Ausência (falta) – "Sem ela o que é a vida?" (Castro Alves).
Condição – Sem passaporte, não poderão viajar.

SOB
Posição inferior – Conversamos sob a ponte.
Proteção – Estávamos sob o amparo da lei.
Sujeição – "Fazia-se a crítica dos novos sob um ponto de vista inteiramente deles" (Raul Pompeia).

SOBRE
Posição superior – "O pé direito sobre um monte enorme de carvões..." (Raul Pompeia).
Assunto – "Documento iniludível permitindo o corpo de delito sobre os desmando de um povo" (Euclides da Cunha).
Preferência (acima de) – Amar a Deus sobre todas as coisas.

TRÁS
(DESUSO) – atrás de, depois de...

ATENÇÃO: As preposições podem ter valor nocional ou relacional. Este

assunto, que é uma das preferências do NCE, será desenvolvido no capítulo de sintaxe, mais particularmente na comparação entre complemento nominal e adjunto adnominal.

11.7. Exercícios

1. (Analista Judiciário – TRE-PE – FCC) A oração sublinhada exprime uma finalidade em:
a) Ele trabalha por trabalhar, e não por qualquer razão mais nobre.
b) Kucinski escreveu um livro por sentir-se indignado com as atitudes de seus colegas.
c) Há jornalistas que perseguem valores éticos para orientá-los no exercício de sua profissão.
d) A ideia de trabalhar para a comunidade não está comovendo os jovens profissionais.
e) Ele dedicou parte de sua vida ao jornalismo enquanto acreditava na alta relevância de sua profissão.

2. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a preposição COM exprime a mesma ideia que possui em "Surge a lua cheia para chorar com os poetas".
a) O menino machucou-se com a faca.
b) Ela se afastou com um súbito choro.
c) Tinha empobrecido com as secas.
d) Deve-se rir com alguém, não de alguém.
e) Ele se confundiu com a minha resposta.

3. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a preposição DE exprime a mesma ideia que possui em "a cair de fome".
a) De tanto chorar, os seus olhos ficaram inchados.
b) De noite, todos os gatos são pardos.
c) Chegaram hoje cedo de Pernambuco.
d) Devemos nutrir o espírito de boas leituras.
e) Carregava no bolso um relógio de ouro.

4. (UFF) A opção em que a preposição destacada tem valor indicado entre parênteses é:
a) "Vou-me embora de Pasárgada" (movimento de afastamento de um ponto).
b) "Tem prostitutas para a gente namorar" (direção).
c) Já comprei ida sem volta" (posição de inferioridade).
d) "Andarei de bicicleta" (posse).
e) Em Pasárgada tem tudo" (posição no interior de dois limites indicados).

5. (Fiscal – SEFAZ-RJ – FGV) ***É certo que a mudança do enfoque sobre o tema, no âmbito das empresas – principalmente, as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos de postura administrativa decorrentes da adoção de critérios de responsabilização penal da pessoa jurídica em seus países de origem. Tais mudanças, inevitavelmente, terão que abranger as práticas administrativas de suas congêneres***

espalhadas pelo mundo, a fim de evitar respingos de responsabilização em sua matriz.
No trecho acima, as ocorrências da palavra QUE classificam-se, respectivamente, como:
a) pronome relativo e preposição;
b) conjunção integrante e preposição;
c) conjunção integrante e conjunção integrante;
d) pronome relativo e conjunção integrante;
e) preposição e pronome relativo.

6. (Perito da Polícia Civil – RJ – FGV) "*Por* precaução, a maioria dos médicos recomenda evitar a combinação de bebida e remédios".
A preposição "*por*", no fragmento acima, tem valor de:
a) meio;
b) modo;
c) condição;
d) consequência;
e) causa.

7. (UFF) Em "Ela despedaçou o lacre <u>a</u> ler a Seixas o papel", a preposição assinalada introduz uma ideia de:
a) consequência;
b) causa;
c) condição;
d) fim;
e) modo.

8. (Técnico Judiciário – TRE-PA – FGV) *Aliás, o melhor para a democracia seria separar os fundos partidários dos destinados às campanhas eleitorais*. **A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:**
I. Há três preposições.
II. Há quatro artigos.
III. Há um pronome demonstrativo.
Assinale:
a) se todas as afirmativas estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se nenhuma afirmativa estiver correta;
d) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
e) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

9. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) *<u>A despeito do</u> sucesso, o ganha-pão do escritor seria obtido...*
O elemento grifado acima pode ser corretamente substituído, sem alteração do sentido original, por:
a) Em razão do

b) Conquanto o
c) Em que pese o
d) Em vista do
e) A partir do

10. (Técnico Judiciário – TRT-14ªRegião – FCC)
Logo, são eles que veem,
não eu que, mesmo cônscio
do logro, lhes sou grato
por anteciparem em mim
o Édipo curioso
de suas próprias trevas.
(José Paulo Paes)
"por anteciparem em mim"
O segmento acima introduz no contexto noção de:
a) condição;
b) consequência;
c) ressalva;
d) causa;
e) temporalidade.

11. (Fiscal – ICMS – RJ – FGV) ***É certo que a mudança do enfoque sobre o tema, no âmbito das empresas – principalmente, as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos de postura administrativa decorrentes da adoção de critérios de responsabilização penal da pessoa jurídica em seus países de origem. Tais mudanças, inevitavelmente, terão que abranger as práticas administrativas de suas congêneres espalhadas pelo mundo, a fim de evitar respingos de responsabilização em sua matriz.***
No trecho acima, as ocorrências da palavra QUE classificam-se, respectivamente, como:
a) Pronome relativo e preposição;
b) Conjunção integrante e preposição;
c) Conjunção integrante e conjunção integrante;
d) Pronome relativo e conjunção integrante;
e) Preposição e pronome relativo.

12. (TJ) "Nas empresas, que saiam para a rua."
"... definam um bom espaço para se encontrar..."
Qual a noção indicada pela preposição PARA, respectivamente, nos dois casos acima?
a) lugar / finalidade
b) finalidade / tempo
c) condição / modo
d) tempo / lugar
e) direção / finalidade

13. (Fundec) Observe o valor das preposições empregadas e, depois de enumerar de acordo, aponte a alternativa correta.

1 – Morrer a três passos do cemitério			( ) Proximidade
2 – Escrever a lápis			( ) Instrumento
3 – Falar aos gritos			( ) Modo
4 – Estar ao telefone			( ) Distância
5 – Voltar a pé			( ) Meio

a) 2 – 1 – 4 – 5 – 3
b) 2 – 3 – 5 – 4 – 1
c) 4 – 2 – 3 – 1 – 5
d) 4 – 1 – 5 – 3 – 2

14. O segmento do texto cujo elemento destacado tem seu valor semântico incorretamente indicado é:
a) "EM oito anos..." = tempo;
b) "... visitantes DE outros estados..." = origem;
c) "... da economia DA cidade..." = propriedade;
d) "... não sabe lidar, POR falta de ação integrada..." = causa;
e) "... falar EM dinheiro mal aplicado..." = oposição.

15. (TRT) A alternativa abaixo em que o conectivo em destaque tem seu valor semântico erradamente indicado é:
a) "... não há polícia suficiente para fazê-la ser cumprida" = finalidade;
b) "... uma originalidade brasileira como a jabuticaba." = comparação;
c) "... muita lei que não pega por falta dessa sintonia" = causa;
d) "... existe uma lei óbvia segundo a qual..." = ordenação;
e) "... mas raramente usam capacete" = adversidade.

16. (NCE) "De uma colina, onde se descortinava toda a cidade, dois homens mantinham silêncio olhando os dois corpos que balançavam lado a lado no patíbulo da praça". O item em que a preposição sublinhada (sozinha ou combinada) tem o mesmo valor semântico da preposição de (no segmento do texto) é:
a) "... era o juiz mais sábio e justo <u>de</u> todo o país".
b) "... que perdoou ao frio assassino <u>do</u> filho?"
c) "Qual a razão <u>desta</u> sentença, senhor juiz?"
d) "E o juiz, do fundo <u>de</u> sua sabedoria, disse..."
e) "... no patíbulo <u>da</u> praça".

17. (ANA – NCE) "Morrerão <u>de</u> doenças", o valor semântico da preposição sublinhada repete-se em:
a) As águas ficarão contaminadas de bactérias.

b) Os estudos mostraram a contaminação das águas.
c) As águas contaminadas são a causa de doenças.
d) A água dos rios é mais contaminada que a marinha.
e) Os habitantes do Sul padecem de frio.

18. (Radiobrás – NCE) O item em que o valor do vocábulo em maiúsculas está erradamente indicado é:
a) "... quando se trata de carta PARA namorada..." – destinação;
b) "... e ATÉ entre os ambulantes" – inclusão;
c) "... seguem na letra à mão DE Paulo" – posse;
d) "... há meses NA cidade, ... – lugar;
e) "Eles confiam em mim PORQUE sou mais velho" – explicação.

19. (Engepron – NCE) O item em que o valor da preposição está incorretamente identificado é:
a) "Foi a 23 de outubro de 1906" = tempo;
b) "reservada a essas tentativas" = finalidade;
c) "nas margens do Sena, em Neuilly" = lugar;
d) "tomava um valor suficiente para erguê-lo" = direção;
e) "foi calculada em 35 quilômetros" = aproximação.

20. (TCES – NCE) Em que frase a seguir, o valor semântico da preposição <u>de</u> é idêntico àquele com que aparece no título (Dos Deputados ou Representantes)?
a) Os deputados são representantes <u>do</u> povo.
b) Os políticos falavam <u>de</u> política.
c) Os interesses <u>do</u> Estado são discutidos na assembleia.
d) Toda a legitimidade provém <u>das</u> eleições.
e) A eleição <u>de</u> deputados é essencial à democracia.

21. (Cor. Geral – RJ – NCE) "Na realidade, o fenômeno do quarto de Lucila se reproduz com velocidade em outras casas de todo o país, em resposta a um apelo irresistível..." Qual das preposições a seguir poderia substituir a preposição em nessa frase, conservando-se o seu significado?
a) para
b) de
c) por
d) com
e) como

22. (TJ – RJ – NCE) Indique o item em que o valor nocional da preposição destacada não está corretamente indicado:
a) "Para quem mora <u>na</u> favela..." – <u>lugar</u>.
b) "... <u>para</u> ele, "a rua" também é familiar." – <u>direção</u>.

c) "... condição para obter crédito..." – finalidade.
d) "... para não ser olhado com medo..." – modo.
e) "... identificada apenas por seu estereótipo..." – meio.

23. (UnB / Cespe – SMF / Maceió – AL – Fiscal de Tributos Municipais) Para o presidente da OAB, pesou na decisão de mudança do decreto o parecer elaborado por dois advogados, que contém o seguinte trecho: "O decreto pune os bons contribuintes, deles retirando qualquer garantia, visto que sempre dependerão de humores da fiscalização, pródiga em ofertar à lei distorcida interpretação. É que o fisco, até por dever de ofício, sempre tem por 'suspeitos' todos os cidadãos."
Silvana de Freitas. *In: Internet:* <http://www.folha.com.br>. Acesso em 28/12/2002 (com adaptações).
1) A expressão "visto que" (l. 4) pode ser corretamente substituída por "porquanto", mantendo-se a correção sintática e semântica do período.
2) As preposições "Para" (l. 1) e "por" (l. 6) podem ser substituídas por "segundo" e "como", respectivamente, sem prejuízo à correção gramatical das orações em que ocorrem.

Capítulo 12

Interjeição

Expressão que traduz os sentimentos e as reações das pessoas.

INTERJEIÇÕES MAIS COMUNS:
De exclamação – Viva!
De admiração – Oh!
De alívio – Ah!
De aplauso – Bravo!
De desejo – Oxalá!
De dor – Ai! Ui!
De chamamento – Psiu!
De satisfação – Oba!
De solicitação de silêncio – Chi!

Capítulo 13

Numeral

São palavras que dão ideia de quantidade ou ordem dos seres.

13.1. Numeral substantivo

Não funciona ao lado de um substantivo.
Ex.: Os primeiros já chegaram.

13.2. Numeral adjetivo

Funciona ao lado de um substantivo.
Ex.: Os primeiros concorrentes já chegaram.

13.3. Classificação

13.3.1. Multiplicativo

Indica multiplicação.
Ex.: dobro, triplo, quádruplo...

13.3.2. Fracionário

Indica a ideia de divisão.
Ex.: metade, um terço, quinze avos...

13.3.3. Ordinais	13.3.4. Cardinais
primeiro	um
segundo	dois
terceiro	três
quarto	quatro
quinto	cinco
sexto	seis
sétimo	sete
oitavo	oito
nono	nove
décimo	dez

décimo primeiro ou undécimo	onze
décimo segundo ou duodécimo	doze
décimo terceiro	treze
décimo quarto	quatorze ou catorze
vigésimo	vinte
vigésimo primeiro	vinte e um
trigésimo	trinta
quadragésimo	quarenta
quinquagésimo	cinquenta
sexagésimo	sessenta
septuagésimo ou setuagésimo	setenta
octogésimo	oitenta
nonagésimo	noventa
centésimo	cem
ducentésimo	duzentos
trecentésimo	trezentos
quadringentésimo	quatrocentos
quingentésimo	quinhentos
seiscentésimo, sexcentésimo	seiscentos
septingentésimo, setingentésimo	setecentos
octingentésimo	oitocentos
nongentésimo, noningentésimo	novecentos
milésimo	mil
dez milésimos	dez mil
cem milésimos	cem mil
milionésimo	um milhão
bilionésimo	um bilhão

Observações

1– Para designar séculos, reis, papas, capítulos, contos, devem ser empregados os ordinais até décimo e os cardinais para os demais. Também é interessante ressaltar que, nestes casos, a escrita deve ser em algarismos romanos.

Ex.: D. Pedro I (primeiro)

Século XX (vinte)

2– Com a preposição EM, as palavras “página”, “folha” e “capítulo” ficarão no singular e, consequentemente, o numeral será invariável.

Ex.: Na página vinte e dois...; na folha trinta e um...

Já com a preposição A, tanto se podem usar os vocábulos "página", "folha" e "capítulo" no singular ou no plural. Usando-se no singular, a consequência é a mesma da ocorrida com a preposição EM. No entanto, com o termo no plural, o numeral o acompanha.

Ex.: à pagina dois, a páginas duas, à folha vinte e um, a folhas vinte e uma...

13.4. Exercícios

1. (Uni-Rio) Para CEM, a língua só tem uma forma de ordinal, CENTÉSIMO, usado pelo autor. Assinale o item, em que o ordinal correspondente ao cardinal admite duas formas:

a) 100
b) 90
c) 13
d) 7
e) 600

2. (Puccamp-SP) Os ordinais referentes aos números 80, 300, 700 e 90 são, respectivamente:

a) octagésimo, trecentésimo, septingentésimo, nongentésimo;
b) octogésimo, trecentésimo, septingentésimo, nonagésimo;
c) octingentésimo, tricentésimo, septuagésimo, nonagésimo;
d) octogésimo, tricentésimo, septuagésimo, nongentésimo;
e) nenhuma das respostas anteriores.

3. (Univ. Fed. de Juiz de Fora – MG) Marque o emprego incorreto do numeral.

a) século III (três)
b) página 102 (cento e dois)
c) 80o (octogésimo)
d) capítulo XI (onze)
e) X tomo (décimo)

4. (Fupe) Indique o item em que os numerais estão corretamente empregados:

a) Ao Papa Paulo Seis sucedeu João Paulo Primeiro.
b) Após o parágrafo nono, virá o parágrafo décimo.
c) Depois do capítulo sexto, li o capítulo décimo primeiro.
d) Antes do artigo dez vem o artigo nono.
e) O artigo vigésimo segundo foi revogado.

5. (FMU) Sabendo-se que os numerais podem ser cardinais, ordinais, multiplicativos e fracionários, podemos dar os seguintes exemplos:

a) um (cardinal), primeiro (ordinal), Leão onze (multiplicativo) e meio (fracionário);

b) um (cardinal), milésimo (ordinal), undécuplo (multiplicativo) e meio fracionário);
c) um (ordinal), primeiro (cardinal), Leão onze (multiplicativo) e meio (fracionário);
d) um (ordinal), primeiro (cardinal), cêntuplo (multiplicativo) e centésimo (fracionário);
e) um (cardinal), primeiro (ordinal), duplo (multiplicativo), não existindo numeral denominado fracionário.

6. (Unesp) Assinale o caso em que não haja expressão numérica de sentido indefinido.
a) Ele é o duodécimo colocado.
b) Quer que veja este filme pela milésima vez?
c) "Na guerra os meus dedos dispararam mil mortes".
d) "A vida tem uma só entrada; a saída é por cem portas".
e) n.d.a.

7. (Corregedoria Geral da justiça – RJ – NCE) "Mas estamos em pleno século XX..." O item abaixo em que devemos ler o algarismo romano como ordinal é:
a) no século XI antes de Cristo;
b) o papa recebeu o nome de João XXIII;
c) no século XII da nossa era;
d) Inocêncio X foi papa;
e) Luís XVI foi rei da França.

8. (Infraero – NCE) O algarismo romano XIX é lido como numeral cardinal; o item em que o algarismo romano deve ser lido como ordinal é:
a) Luís XVI;
b) João XXIII;
c) Pio X;
d) século XXI;
e) casa II.

Capítulo 14

Verbo

Verbo é o termo variável de número e pessoa que pode expressar ideia de estado, qualidade, ação, acontecimento etc., localizando seu tempo.

14.1. Verbos regulares

São aqueles que não sofrem alterações fonéticas no radical e seguem o modelo de desinências dos verbos de 1ª, 2ª e 3ª conjugação, elencados a seguir.

1ª Conjugação – Cantar –

Indicativo

Presente				Pretérito Perfeito				Pretérito Imperfeito			
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP
Cant	-	-	o	Cant	e	-	i	Cant	a	va	-
Cant	a	-	s	Cant	a	-	ste	Cant	a	va	s
Cant	a	-	-	Cant	o	-	u	Cant	a	va	-
Cant	a	-	mos	Cant	a	-	mos	Cant	á	va	mos
Cant	a	-	is	Cant	a	-	stes	Cant	á	ve	is
Cant	a	-	m	Cant	a	-	ram	Cant	a	va	m
Pretérito Mais-que-Perfeito				Futuro do Presente				Futuro do Pretérito			
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP
Cant	a	ra	-	Cant	a	re	i	Cant	a	ria	-
Cant	a	ra	s	Cant	a	rá	s	Cant	a	ria	s
Cant	a	ra	-	Cant	a	rá	-	Cant	a	ria	-
Cant	á	ra	mos	Cant	a	re	mos	Cant	a	ría	mos
Cant	á	re	is	Cant	a	re	is	Cant	a	ríe	is
Cant	a	ra	m	Cant	a	rã	o	Cant	a	ria	m

Subjuntivo

Presente				Pretérito Imperfeito				Futuro			
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP
Cant	-	e	-	Cant	a	sse	-	Cant	a	r	-
Cant	-	e	s	Cant	a	sse	s	Cant	a	r	es
Cant	-	e	-	Cant	a	sse	-	Cant	a	r	-
Cant	-	e	mos	Cant	á	sse	mos	Cant	a	r	mos
Cant	-	e	is	Cant	á	sse	is	Cant	a	r	des
Cant	-	e	m	Cant	a	sse	m	Cant	a	r	em

Imperativo

Afirmativo				Negativo				
RAD	VT	DMT	DNP		RAD	VT	DMT	DNP
Cant	a	-	-	não	Cant	-	e	s
Cant	-	e	-	não	Cant	-	e	-
Cant	-	e	mos	não	Cant	-	e	mos
Cant	a	-	i	não	Cant	-	e	is
Cant	-	e	m	não	Cant	-	e	m

2ª Conjugação – Vender –

Indicativo

Presente				Pretérito Perfeito				Pretérito Imperfeito			
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP
Vend	-	-	o	Vend	-	-	i	Vend	i	a	-
Vend	e	-	s	Vend	e	-	ste	Vend	i	a	s
Vend	e	-	-	Vend	e	-	u	Vend	i	a	-
Vend	e	-	mos	Vend	e	-	mos	Vend	í	a	mos
Vend	e	-	is	Vend	e	-	stes	Vend	í	e	is
Vend	e	-	m	Vend	e	-	ram	Vend	i	a	m

Pretérito Mais-que-Perfeito				Futuro do Presente				Futuro do Pretérito			
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP
Vend	e	ra	-	Vend	e	re	i	Vend	e	ria	-
Vend	e	ra	s	Vend	e	rá	s	Vend	e	ria	s
Vend	e	ra	-	Vend	e	rá	-	Vend	e	ria	-

Vend	ê	ra	mos	Vend	e	re	mos	Vend	e	ría	mos
Vend	ê	re	is	Vend	e	re	is	Vend	e	ríe	is
Vend	e	ra	m	Vend	e	rã	o	Vend	e	ria	m

Subjuntivo

Presente				Pretérito Imperfeito				Futuro			
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP
Vend	-	a	-	Vend	e	sse	-	Vend	e	r	-
Vend	-	a	s	Vend	e	sse	s	Vend	e	r	es
Vend	-	a	-	Vend	e	sse	-	Vend	e	r	-
Vend	-	a	mos	Vend	ê	sse	mos	Vend	e	r	mos
Vend	-	a	is	Vend	ê	sse	is	Vend	e	r	des
Vend	-	a	m	Vend	e	sse	m	Vend	e	r	em

Imperativo

Afirmativo				Negativo				
RAD	VT	DMT	DNP		RAD	VT	DMT	DNP
Vend	e	-	-	não	Vend	-	a	s
Vend	-	a	-	não	Vend	-	a	-
Vend	-	a	mos	não	Vend	-	a	mos
Vend	e	-	i	não	Vend	-	a	is
Vend	-	a	m	não	Vend	-	a	m

3ª Conjugação – Partir –

Indicativo

Presente				Pretérito Perfeito				Pretérito Imperfeito			
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP
Part	-	-	o	Part	-	-	i	Part	i	a	-
Part	e	-	s	Part	i	-	ste	Part	i	a	s
Part	e	-	-	Part	i	-	u	Part	i	a	-
Part	i	-	mos	Part	i	-	mos	Part	í	a	mos
Part	-	-	is	Part	i	-	stes	Part	í	e	is
Part	e	-	m	Part	i	-	ram	Part	i	a	m

Pretérito Mais-que-Perfeito				Futuro do Presente				Futuro do Pretérito			
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP
Part	i	ra	-	Part	i	re	i	Part	i	ria	-
Part	i	ra	s	Part	i	rá	s	Part	i	ria	s
Part	i	ra	-	Part	i	rá	-	Part	i	ria	-
Part	í	ra	mos	Part	i	re	mos	Part	i	ría	mos
Part	í	re	is	Part	i	re	is	Part	i	ríe	is
Part	i	ra	m	Part	i	rã	o	Part	i	ria	m

Subjuntivo

Presente				Pretérito Imperfeito				Futuro			
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP
Part	-	a	-	Part	i	sse	-	Part	i	r	-
Part	-	a	s	Part	i	sse	s	Part	i	r	es
Part	-	a	-	Part	i	sse	-	Part	i	r	-
Part	-	a	mos	Part	í	sse	mos	Part	i	r	mos
Part	-	a	is	Part	í	sse	is	Part	i	r	des
Part	-	a	m	Part	i	sse	m	Part	i	r	em

Imperativo

Afirmativo				Negativo				
RAD	VT	DMT	DNP		RAD	VT	DMT	DNP
Part	e	-	-	não	Part	-	a	s
Part	-	a	-	não	Part	-	a	-
Part	-	a	mos	não	Part	-	a	mos
Part	-	-	i	não	Part	-	a	is
Part	-	a	m	não	Part	-	a	m

14.2. Verbos irregulares

São verbos que sofrem alterações nos radicais ou nas desinências, contudo ainda guardam alguma característica das formas infinitivas.

Estar

Indicativo

Presente: estou, estás, está, estamos, estais, estão
Pretérito Perfeito: estive, estiveste, esteve, estivemos, estivestes, estiveram
Pretérito Imperfeito: estava, estavas, estava, estávamos, estáveis, estavam
Pretérito Mais-que-Perfeito: estivera, estiveras, estivera, estivéramos, estivéreis, estiveram
Futuro do Presente: estarei, estarás, estará, estaremos, estareis, estarão
Futuro do Pretérito: estaria, estarias, estaria, estaríamos, estaríeis, estariam

Subjuntivo

Presente: esteja, estejas, esteja, estejamos, estejais, estejam
Pretérito Imperfeito: estivesse, estivesses, estivesse, estivéssemos, estivésseis, estivessem
Futuro: estiver, estiveres, estiver, estivermos, estiverdes, estiverem

Imperativo

Afirmativo: está, esteja, estejamos, estai, estejam
Negativo: estejas, esteja, estejamos, estejais, estejam

Haver

Indicativo

Presente: hei, hás, há, havemos (ou hemos), haveis (ou heis), hão
Pretérito Perfeito: houve, houveste, houve, houvemos, houvestes, houveram
Pretérito Imperfeito: havia, havias, havia, havíamos, havíeis, haviam
Pretérito Mais-que-Perfeito: houvera, houveras, houvera, houvéramos, houvéreis, houveram
Futuro do Presente: haverei, haverás, haverá, haveremos, havereis, haverão
Futuro do Pretérito: haveria, haverias, haveria, haveríamos, haveríeis, haveriam

Subjuntivo

Presente: haja, hajas, haja, hajamos, hajais, hajam
Pretérito Imperfeito: houvesse, houvesses, houvesse, houvéssemos, houvésseis, houvessem
Futuro: houver, houveres, houver, houvermos, houverdes, houverem

Imperativo
Afirmativo: há, haja, hajamos, havei, hajam
Negativo: hajas, haja, hajamos, hajais, hajam

Ver

Indicativo
Presente: vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem
Pretérito Perfeito: vi, viste, viu, vimos, vistes, viram
Pretérito Imperfeito: via, vias, via, víamos, víeis, viam
Pretérito Mais-que-Perfeito: vira, viras, vira, víramos, víreis, viram
Futuro do Presente: verei, verás, verá, veremos, vereis, verão
Futuro do pretérito: veria, verias, veria, veríamos, veríeis, veriam

Subjuntivo
Presente: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam
Pretérito Imperfeito: visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem
Futuro: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem

Imperativo
Afirmativo: vê, veja, vejamos, vede, vejam
Negativo: vejas, veja, vejamos, vejais, vejam

Obs.: Por este verbo se conjugam os verbos ANTEVER, ENTREVER, PREVER e REVER.

Vir

Indicativo:
Presente: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm
Pretérito Perfeito: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram
Pretérito Imperfeito: vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham
Pretérito Mais-que-Perfeito: viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram
Futuro do Presente: virei, virás, virá, viremos, vireis, virão
Futuro do Pretérito: viria, virias, viria, viríamos, viríeis, viriam

Subjuntivo:
Presente: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham
Pretérito Imperfeito: viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem
Futuro: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem

Imperativo:
Afirmativo: vem, venha, venhamos, vinde, venham
Negativo: venhas, venha, venhamos, venhais, venham

Obs.: Por este verbo se conjugam ADVIR, CONVIR, INTERVIR, PROVIR, RECONVIR, SOBREVIR, AVIR-SE, DESAVIR-SE e DESCONVIR.

Ter

Indicativo
Presente: tenho, tens, tem, temos, tendes, têm
Pretérito Perfeito: tive, tiveste, teve, tivemos, tivestes, tiveram
Pretérito Imperfeito: tinha, tinhas, tinha, tínhamos, tínheis, tinham
Pretérito Mais-que-Perfeito: tivera, tiveras, tivera, tivéramos, tivéreis, tiveram
Futuro do Presente: terei, terás, terá, teremos, tereis, terão
Futuro do Pretérito: teria, terias, teria, teríamos, teríeis, teriam

Subjuntivo
Presente: tenha, tenhas, tenha, tenhamos, tenhais, tenham
Pretérito Imperfeito: tivesse, tivesses, tivesse, tivéssemos, tivésseis, tivessem
Futuro: tiver, tiveres, tiver, tivermos, tiverdes, tiverem

Imperativo
Afirmativo: tem, tenha, tenhamos, tende, tenham
Negativo: tenhas, tenha, tenhamos, tenhais, tenham

Obs.: Por este verbo se conjugam ABSTER-SE, CONTER, ENTRETER, MANTER, OBTER, RETER e SUSTER.

Pôr

Indicativo
Presente: ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem
Pretérito Perfeito: pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram
Pretérito Imperfeito: punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham
Pretérito Mais-que-perfeito: pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram

Futuro do Presente: porei, porás, porá, poremos, poreis, porão
Futuro do Pretérito: poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poriam

Subjuntivo
Presente: ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham
Pretérito Imperfeito: pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, puséssеis, pusessem
Futuro: puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem

Imperativo
Afirmativo: põe, ponha, ponhamos, ponde, ponham
Negativo: ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham

Obs.: Por este verbo se conjugam ANTEPOR, APOR, COMPOR, CONTRAPOR, DECOMPOR, DEPOR, DESCOMPOR, DISPOR, ENTREPOR, EXPOR, IMPOR, INDISPOR, INTERPOR, JUSTAPOR, OPOR, POSPOR, PREPOR, PROPOR, PREDISPOR, PRESSUPOR, RECOMPOR, REPOR, SOBREPOR, SOTOPOR, SUPERPOR, SUPOR, TRANSPOR.

Crer

Indicativo
Presente: creio, crês, crê, cremos, credes, creem
Pretérito Perfeito: cri, creste, creu, cremos, crestes, creram
Pretérito Imperfeito: cria, crias, cria, críamos, críeis, criam
Pretérito Mais-que-Perfeito: crera, creras, crera, crêramos, crêreis, creram
Futuro do Presente: crerei, crerás, crerá, creremos, crereis, crerão
Futuro do Pretérito: creria, crerias, creria, creríamos, creríeis, creriam

Subjuntivo
Presente: creia, creias, creia, creiamos, creiais, creiam
Pretérito Imperfeito: cresse, cresses, cresse, crêssemos, crêsseis, cressem
Futuro: crer, creres, crer, crermos, crerdes, crerem

Imperativo
Afirmativo: crê, creia, creiamos, crede, creiam
Negativo: creias, creia, creiamos, creiais, creiam

Obs.: Conforme este verbo, também se conjugarão LER, RELER, TRESLER e

DESCRER.

Rir

Indicativo
Presente: rio, ris, ri, rimos, rides, riem
Pretérito Perfeito: ri, riste, riu, rimos, ristes, riram
Pretérito Imperfeito: ria, rias, ria, ríamos, ríeis, riam
Pretérito Mais-que-Perfeito: rira, riras, rira, ríramos, ríreis, riram
Futuro do Presente: rirei, rirás, rirá, riremos, rireis, rirão
Futuro do Pretérito: riria, ririas, riria, riríamos, riríeis, ririam

Subjuntivo
Presente: ria, rias, ria, riamos, riais, riam
Pretérito Imperfeito: risse, risses, risse, ríssemos, rísseis, rissem
Futuro: rir, rires, rir, rirmos, rirdes, rirem

Imperativo:
Afirmativo: ri, ria, riamos, ride, riam
Negativo: rias, ria, riamos, riais, riam

Obs.: O verbo SORRIR se conjuga tal qual RIR.

Medir

Indicativo
Presente: meço, medes, mede, medimos, medis, medem
Pretérito Perfeito: medi, mediste, mediu, medimos, medistes, mediram
Pretérito Imperfeito: media, medias, media, medíamos, medíeis, mediam
Pretérito Mais-que-Perfeito: medira, mediras, medira, medíramos, medíreis, mediram
Futuro do Presente: medirei, medirás, medirá, mediremos, medireis, medirão
Futuro do Pretérito: mediria, medirias, mediria, mediríamos, mediríeis, mediriam

Subjuntivo
Presente: meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam
Pretérito Imperfeito: medisse, medisses, medisse, medíssemos, medísseis, medissem
Futuro: medir, medires, medir, medirmos, medirdes, medirem

Imperativo
Afirmativo: mede, meça, meçamos, medi, meçam
Negativo: meças, meça, meçamos, meçais, meçam

Obs.: Tal qual o verbo MEDIR, conjugamos os verbos PEDIR, DESPEDIR, EXPEDIR, IMPEDIR, DESIMPEDIR, DESMEDIR-SE, COMEDIR-SE e DESCOMEDIR-SE.

Caber

Indicativo
Presente: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem
Pretérito Perfeito: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam
Pretérito Imperfeito: cabia, cabias, cabia, cabíamos, cabíeis, cabiam
Pretérito Mais-que-Perfeito: coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam
Futuro do Presente: caberei, caberás, caberá, caberemos, cabereis, caberão
Futuro do Pretérito: caberia, caberias, caberia, caberíamos, caberíeis, caberiam

Subjuntivo
Presente: caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam
Pretérito Imperfeito: coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem
Futuro: couber, couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem

Obs.: Este verbo, em razão de seu significado, não possui imperativo.
O verbo DESCABER se conjuga tal qual CABER.

Fazer

Indicativo
Presente: faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem
Pretérito Perfeito: fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram
Pretérito Imperfeito: fazia, fazias, fazia, fazíamos, fazíeis, faziam
Pretérito Mais-que-Perfeito: fizera, fizeras, fizera, fizéramos, fizéreis, fizeram
Futuro do Presente: farei, farás, fará, faremos, fareis, farão

Futuro do Pretérito: faria, farias, faria, faríamos, faríeis, fariam

Subjuntivo
Presente: faça, faças, faça, façamos, façais, façam
Pretérito Imperfeito: fizesse, fizesses, fizesse, fizéssemos, fizésseis, fizessem
Futuro: fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem

Imperativo
Afirmativo: faze (ou faz), faça, façamos, fazei, façam
Negativo: faças, faça, façamos, façais, façam

Obs.: Conforme FAZER também se conjugam DESFAZER, REFAZER, AFAZER, CONTRAFAZER, LIQUEFAZER, PERFAZER, RAREFAZER e SATISFAZER.

Dizer

Indicativo
Presente: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem
Pretérito Perfeito: disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram
Pretérito Imperfeito: dizia, dizias, dizia, dizíamos, dizíeis, diziam
Pretérito Mais-que-Perfeito: dissera, disseras, dissera, disséramos, disséreis, disseram
Futuro do Presente: direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão
Futuro do Pretérito: diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam

Subjuntivo
Presente: diga, digas, diga, digamos, digais, digam
Pretérito Imperfeito: dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem
Futuro: disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem

Imperativo
Afirmativo: dize (ou diz), diga, digamos, dizei, digam
Negativo: digas, diga, digamos, digais, digam

Obs.: Conforme este verbo também se conjugam BENDIZER, CONDIZER, CONTRADIZER, DESDIZER, ENTREDIZER, INTERDIZER, MALDIZER, PREDIZER, REDIZER e TRESDIZER.

Trazer

Indicativo

Presente: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem

Pretérito Perfeito: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram

Pretérito Imperfeito: trazia, trazias, trazia, trazíamos, trazíeis, traziam

Pretérito Mais-que-Perfeito: trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram

Futuro do Presente: trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão

Futuro do Pretérito: traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam

Subjuntivo

Presente: traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam

Pretérito Imperfeito: trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem

Futuro: trouxer, trouxeres, trouxer, trouxermos, trouxerdes, trouxerem

Imperativo

Afirmativo: traze (ou traz), traga, tragamos, trazei, tragam

Negativo: tragas, traga, tragamos, tragais, tragam

Saber

Indicativo

Presente: sei, sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem

Pretérito Perfeito: soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, souberam

Pretérito Imperfeito: sabia, sabias, sabia, sabíamos, sabíeis, sabiam

Pretérito Mais-que-Perfeito: soubera, souberas, soubera, soubéramos, soubéreis, souberam

Futuro do Presente: saberei, saberás, saberá, saberemos, sabereis, saberão

Futuro do Pretérito: saberia, saberias, saberia, saberíamos, saberíeis, saberiam

Subjuntivo

Presente: saiba, saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam

Pretérito Imperfeito: soubesse, soubesses, soubesse, soubéssemos, soubésseis, soubessem

Futuro: souber, souberes, souber, soubermos, souberdes, souberem

Imperativo
Afirmativo: sabe, saiba, saibamos, sabei, saibam
Negativo: saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam

Valer

Indicativo
Presente: valho, vales, vale, valemos, valeis, valem
Pretérito Perfeito: vali, valeste, valeu, valemos, valestes, valeram
Pretérito Imperfeito: valia, valias, valia, valíamos, valíeis, valiam
Pretérito Mais-que-Perfeito: valera, valeras, valera, valêramos, valêreis, valeram
Futuro do Presente: valerei, valerás, valerá, valeremos, valereis, valerão
Futuro do Pretérito: valeria, valerias, valeria, valeríamos, valeríeis, valeriam

Subjuntivo
Presente: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham
Pretérito Imperfeito: valesse, valesses, valesse, valêssemos, valêsseis, valessem
Futuro: valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valerem

Imperativo
Afirmativo: vale, valha, valhamos, valei, valham
Negativo: valhas, valha, valhamos, valhais, valham

Obs.: Conforme VALER, são conjugados DESVALER e EQUIVALER.

Poder

Indicativo
Presente: posso, podes, pode, podemos, podeis, podem
Pretérito Perfeito: pude, pudeste, pôde, pudemos, pudestes, puderam
Pretérito Imperfeito: podia, podias, podia, podíamos, podíeis, podiam
Pretérito Mais-que-Perfeito: pudera, puderas, pudera, pudéramos, pudéreis, puderam
Futuro do Presente: poderei, poderás, poderá, poderemos, podereis, poderão
Futuro do Pretérito: poderia, poderias, poderia, poderíamos, poderíeis, poderiam

Subjuntivo
Presente: possa, possas, possa, possamos, possais, possam
Pretérito Imperfeito: pudesse, pudesses, pudesse, pudéssemos, pudésseis, pudessem
Futuro: puder, puderes, puder, pudermos, puderdes, puderem

Imperativo
Afirmativo: pode, possa, possamos, podei, possam
Negativo: possas, possa, possamos, possais, possam

Obs.: Há autores que defendem, por motivos semânticos, não existir o imperativo deste verbo.

14.3. Verbos anômalos

São verbos que possuem pessoas e, às vezes, tempos inteiros não guardando elementos da estrutura infinitiva dos verbos. Por exemplo, o presente do subjuntivo do verbo IR é VÁ. Nesta forma verbal (vá), não há sequer uma letra da forma infinitiva (IR).

Ser

Indicativo
Presente: sou, és, é, somos, sois, são
Pretérito Perfeito: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram
Pretérito Imperfeito: era, eras, era, éramos, éreis, eram
Pretérito Mais-que-Perfeito: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram
Futuro do Presente: serei, serás, será, seremos, sereis, serão
Futuro do Pretérito: seria, serias, seria, seríamos, seríeis, seriam

Subjuntivo
Presente: seja, sejas, seja, sejamos, sejais, sejam
Pretérito Imperfeito: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem
Futuro: for, fores, for, formos, fordes, forem

Imperativo
Afirmativo: sê, seja, sejamos, sede, sejam
Negativo: sejas, seja, sejamos, sejais, sejam

Ir

Indicativo
Presente: vou, vais, vai, vamos, ides, vão
Pretérito Perfeito: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram
Pretérito Imperfeito: ia, ias, ia, íamos, íeis, iam
Pretérito Mais-que-Perfeito: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram
Futuro do Presente: irei, irás, irá, iremos, ireis, irão
Futuro do Pretérito: iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam

Subjuntivo
Presente: vá, vás, vá, vamos, vades, vão
Pretérito imperfeito: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem
Futuro: for, fores, for, formos, fordes, forem

Imperativo
Afirmativo: vai, vá, vamos, ide, vão
Negativo: vás, vá, vamos, vades, vão

14.4. Os valores semânticos dos verbos e as ideais correlações

1º PASSO. O usuário da língua deve compreender que a ideia de presente não é o momento em que se vive, ou o do recebimento da mensagem. Toda referência de tempo presente é o momento em que o texto é confeccionado, ou seja, o momento quando o autor produz o texto.

14.4.1. Modo indicativo

Indica um evento real, não hipotético.

Presente – Indica um hábito presente. Não há necessidade efetiva de o fato estar ocorrendo. Para a sua conjugação, é recomendável o uso de "atualmente".
Ex.: Leio jornal todos os dias.

Pretérito perfeito – Indica um evento passado isolado, pontual. Pode-se usar o termo "ontem" para efetuar a sua conjugação.
Ex.: Você leu o jornal do último sábado?

Pretérito imperfeito – Denota um evento habitual, costumeiro no passado. Para a sua conjugação, é interessante o uso de "antigamente".
Ex.: Nós nos encontrávamos diariamente.

Pretérito mais-que-perfeito – Denota uma ação passada anterior a outro fato também passado. É importante frisar que, para o seu uso ser perfeito, é fundamental já haver outro elemento também com ideia de passado.

Ex.: Quando eu entrei na sala, ela já desligara a televisão.

→ Observe que a ação de desligar a televisão é pretérita e ainda anterior a outra ação passada: a de entrar na sala.

Futuro do presente – Indica uma ação futura em relação ao momento em que o texto foi confeccionado ou em relação a uma condição futura. Por consequência, acabará coligado ao futuro do subjuntivo. Para a sua conjugação, pode ser utilizado "amanhã".

Ex.: Na próxima semana, faremos a prova.

Se você estudar, aprenderá a matéria.

Futuro do pretérito – Indica uma consequência futura de um fato passado. É importante compreender que, nesta situação, a referência não é o momento em que o autor confeccionou o texto. Diferentemente do futuro do presente (futuro em relação ao momento presente – momento da criação do texto), o evento é um efeito futuro de um fato que não ocorreu. Sendo assim, a consequência poderia ser certa, provável ou duvidosa, em conformidade com os elementos que o texto oferecer. Torna-se, por fim, fundamental concluir que, por este tempo representar uma consequência futura de fato passado, é natural que fique coligado ao pretérito imperfeito do subjuntivo.

Ex.: Se você trouxesse uma cerveja, eu a beberia.

→ Preste atenção a esta explicação: a condição não ocorreu, portanto o efeito também não. Imagine a seguinte situação: o autor da frase gosta de todas as marcas de cerveja, portanto se o outro trouxesse a cerveja, ele com certeza beberia. Digamos que ele goste apenas de 50% das marcas, então, se o outro trouxesse a cerveja, possivelmente (dúvida) o autor da frase beberia. Por fim, imaginemos que o texto indique que há a aprovação de quase todas as cervejas, portanto, se o outro trouxesse a cerveja, o autor provavelmente a beberia. Destarte, torna-se fundamental o contexto para se concluir se a consequência é certa, provável ou duvidosa.

Obs.: O futuro do pretérito também pode indicar uma ideia de polidez. É muito comum a resposta GOSTARIA quando alguém nos oferece algo. Este uso

indica uma forma mais educada de expressão.

Os verbos no pretérito imperfeito do indicativo, mormente de segunda e terceira conjugação, tornam-se parecidos com os do futuro do pretérito. Então em várias ocasiões, percebe-se que o pretérito imperfeito acaba substituindo o futuro do pretérito. Nas questões de correlação, tal fato parece ser admitido pelo NCE, o mesmo já não ocorrendo com a Esaf.

Ex.: A consequência de tal fato é que, até mesmo quando o verbo indicar ideia de polidez, faz-se possível o verbo no pretérito imperfeito, substituindo o futuro do pretérito. Leitor, imagine a seguinte situação: se alguém perguntar se você deseja água (e você está com sede), o que você responderia? Provavelmente, "eu aceitaria" ou "eu aceitava", ambos com valor de polidez.

Obs.: Mais raro é o uso do futuro do presente do indicativo com valor de polidez. Caro candidato a um cargo público, pense na seguinte situação. Você está assistindo a uma aula e percebe que o professor equivocou-se. Como chamar a atenção dele? Você poderia dizer: – Professor, o senhor está enganado! Você também poderia dizer o mesmo de forma mais polida: – Professor, o senhor não estará (estaria) enganado?

14.4.2. Modo subjuntivo

Indica evento hipotético, possível, duvidoso.

Presente – Fato atual expressando possibilidade, dúvida. Pode-se utilizar MARIA QUER QUE para a sua conjugação neste tempo.

Ex.: Talvez ele venha.

Pretérito imperfeito – Mostra uma situação hipotética no passado que geraria um efeito futuro. É recomendável utilizar "se ontem" para a conjugação verbal neste tempo.

Ex.: Se ele estudasse, aprenderia a matéria.

Futuro – Indica uma condição futura anterior a uma consequência também futura. Podem-se utilizar as estruturas "se amanhã" ou o consagrado "quando" para conjugação verbal neste tempo.

Ex.: Se ele voltar aqui, todos ficarão felizes.

14.4.3. Modo imperativo

Indica ideia de ordem (quem recebe é obrigado a cumpri-la), solicitação (quem recebe o pedido não é o beneficiado), conselho (quem recebe a sugestão é o beneficiado).

Ex.: Por favor, pega um copo de cerveja.

→ Pedido, solicitação (quem pediu é o beneficiado)

Ex.: Soldado, venha aqui!

→ Ordem (o soldado é obrigado a cumprir a ordem)

Ex.: Não te atrases, que serás demitido.

→ Conselho, sugestão (quem recebe o conselho é o beneficiado pelo próprio conselho)

BIZU

Torna-se fundamental lembrar ao leitor que a língua não é uma ciência exata. Verbos podem ser usados em um determinado tempo – mormente o presente – com valor semântico de outro.

Ex.: "Se, até amanhã à tarde, você não tiver devolvido a cadeira, a mesa e a máquina de escrever, mando um caminhão buscar em sua casa e conto para os jornais, faço um barulho louco" (Fernando Sabino). – "Mando", "conto" e "faço" estão no presente do indicativo com valor de futuro do presente.

Ex.: No dia primeiro de maio de 1994, morre o piloto Ayrton Senna.

Observe que o verbo no presente do indicativo tem ideia de pretérito perfeito. Esta situação também foi registrada como presente histórico.

Ex.: Se eu te vejo amanhã, eu te entregarei o material.

→ VEJO no presente do indicativo possui gritante valor de futuro do subjuntivo.

Obs.: As questões relativas a esse assunto aparecerão no final do capítulo, quando você já estiver bem familiarizado com a conjugação verbal.

14.4.3.1. Correlação de Tempos

1. (TRT-14ª Região – FCC) Está adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase:

a) Um fim talvez justificaria os meios caso estes implicarem sacrifícios que não se distribuam desigualmente.

b) Ele acredita que haverão de justificar-se todos os meios quando os fins representarem um ganho de alcance coletivo.
c) Tão logo fossem denunciados os horrores do stalinismo, os comunistas devem ter revisto suas antigas convicções.
d) Será que alguém acreditou que uma sociedade sem classes e sem preconceitos possa ter-se formado num regime autoritário?
e) Se a catequese pudesse propagar a fé religiosa sem recorrer à intimidação, talvez os convertidos tenham sido mais numerosos.

2. (TRT-24ª Região – FCC) Está plenamente adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase:
a) As leis de perfeição teriam por objeto mais a bondade do homem que as seguisse do que a da sociedade na qual fossem observadas.
b) As leis de perfeição tinham por objeto mais a bondade dos homens que as seguir do que a da sociedade na qual serão observadas.
c) As leis de perfeição terão por objeto mais a bondade dos homens que as tivessem seguido do que a da sociedade na qual terão sido observadas.
d) As leis de perfeição teriam por objeto mais a bondade do homem que as siga do que a da sociedade na qual têm sido observadas.
e) As leis de perfeição terão tido por objeto mais a bondade do homem que viesse a segui-las do que a da sociedade na qual fossem observadas.

3. (TRT-23ª Região – FCC) Está adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase:
a) Os criminosos que tenham ultrajado a pátria seriam forçados a servi-la pelo tempo que se julgava necessário.
b) Os que vierem a ultrajar a pátria deveriam ser submetidos a um castigo que trouxera consigo uma clara lição.
c) Ninguém seria indiferente a uma vultosa soma que venha a receber como indenização ao delito que o prejudique.
d) O próprio criminoso, se mantivesse alguma dose de decência, possa tirar proveito da lição a que seja submetido.
e) Sempre houve povos que, por forte convicção, evitaram a guerra, ainda quando fossem provocados.

4. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) Está adequada a correlação entre tempos e modos verbais em:
a) Os cientistas devem, a partir de agora, tratar de mudar o ser humano, mesmo que até hoje não revelariam mais do que um pálido esforço ao buscar compreendê-lo.
b) O que for de esquerda ou de direita teria sido agora relativizado pelas descobertas do DNA, cujas projeções têm esvaziado essa clássica divisão.
c) Se os cientistas vierem a se preocupar com as questões ideológicas de que as futuras descobertas se revestissem, terão corrido o risco de partidarizar a ciência.

d) Felizes são as moscas, que nem precisavam saber nada de política ou de DNA para irem levando sua vida em conformidade com o que a natureza lhes determinasse como destino.
e) A esquerda já chegou a glorificar a ação de líderes personalistas, cujo autoritarismo obviamente excedia os limites de uma sociedade que se queria justa e igualitária

5. (Analista Judiciário – TRE-SP – FCC) Está inadequada a correlação entre tempos e modos verbais no seguinte caso:
a) Muitos se lembrariam da alegria voraz com que eram disputadas as toneladas da vítima.
b) Foi salva graças à religião ecológica que andava na moda e que por um momento estabelecera uma trégua entre todos.
c) Um malvado sugere que se dê por perdida a batalha e comecemos logo a repartir os bifes.
d) Depois de se haver debatido por três dias na areia da praia a jubarte acabara sendo salva por uma traineira que vinha socorrê-la.
e) Já informado do salvamento da baleia, o cronista teve um sonho em que o animal lhe surgiu com a força de um símbolo.

6. (Analista Infraero – FCC) Está adequada a correlação entre os tempos e os modos verbais na seguinte frase:
a) Seria mesmo possível que alguém tome o bilhete como cartão de embarque, ou não reconhecesse as mensagens dos monitores?
b) A quantos não terá ocorrido confundir o bilhete com o cartão de embarque, ou se embaralhando com as mensagens dos monitores?
c) É possível que um novato venha a confundir o bilhete com o cartão de embarque, ou que ignorasse as siglas que desfilem nos monitores.
d) Não estranha que um novato confunda o bilhete com o cartão de embarque, ou demonstre ignorar as siglas que desfilam nos monitores.
e) Não deveria estranhar que um novato confundira o bilhete com o cartão de embarque, ou que ignora as siglas que desfilam nos monitores.

7. (Área Juridica – TRF-4ª Região – FCC) Está correta a articulação entre os tempos e modos verbais na frase:
a) Embora a leitura nos faça conhecer a particularidade do Afeganistão, o que tornaria o romance irresistível será a história singular de Amir, o protagonista.
b) Mesmo que a leitura nos fazia conhecer a particularidade do Afeganistão, o que torna o romance irresistível teria sido a história singular de Amir, o protagonista.
c) Tanto mais a leitura nos fazia conhecer a particularidade do Afeganistão, tanto mais a história singular de Amir, o protagonista, tornou o romance irresistível.
d) Se a leitura nos fazia conhecer a particularidade do Afeganistão, o que tornava o romance irresistível era a história singular de Amir, o protagonista.
e) A leitura nos faria conhecer a particularidade do Afeganistão, mas fora a história

singular de Amir, o protagonista, que tornasse o romance irresistível.

8. (Analista Judiciário – TRT-11ª Região – FCC). ***Estamos** vivendo uma época em que a bandeira da discriminação se **apresenta** em seu sentido mais positivo: **trata**-se de aplicar políticas afirmativas para promover aqueles que **vêm** sofrendo discriminações históricas.*

Mantém-se adequada correlação entre tempos e modos verbais com a substituição das formas sublinhadas no trecho acima, na ordem dada, por:

a) Estávamos – apresentava – tratava-se – vinham
b) Estaríamos – apresentara – tratava-se – viessem
c) Estaremos – apresente – tratar-se-ia – venham
d) Estávamos – apresentou – tratar-se-á – venham
e) Estaremos – apresentara – tratava-se – viessem

9. (Técnico Judiciário – TRE-SP – FCC) Se eu perder esse trem, que sai agora às onze horas, só ..... pegar outro trem amanhã de manhã.

A forma verbal que preenche corretamente a lacuna da frase acima, em que foram reescritos em prosa alguns versos de Adoniran, é:

a) conseguiria.
b) conseguirei.
c) conseguia.
d) consegui.
e) consiga.

10. (Fiscal – ISS-SP – Esaf) Está bem observada a correlação entre os tempos e modos verbais na construção do período:

a) Se não variassem de cultura para cultura, as regras de convívio terão alcançado, efetivamente, a chamada validade universal.
b) Tendo cabido ao homo sapiens discriminar critérios de convívio, conseguiu ele criar uma organização social que, até hoje, não abdica de punir quem os desrespeite.
c) A relação de equilíbrio entre direitos e deveres comuns estava sendo prejudicada caso se viesse a permitir a existência de privilégios.
d) Para que não se consagrasse o péssimo exemplo da impunidade, faz-se necessária a sanção dos que vierem a cometer delitos.
e) Enquanto os animais continuam regulando-se pela "lei da selva", os homens estariam sempre se esforçando para tê-la superado.

14.5. Estrutura dos verbos

14.5.1. Radical

Onde está contido o significado dos verbos. Posiciona-se até a última letra antes da vogal temática.

Ex.: Cantar – radical CANT, Vender – radical VEND.

14.5.2. Vogal temática

Vogal que se posta logo após o radical. Serve para indicar a conjugação dos verbos.

Ex.: Cantar é de 1ª conjugação porque, depois do radical, ocorre "A"; vender é de 2ª, porque depois vem "E"; e partir é de 3ª, porque depois vem "I".

BIZU

Nunca haverá vogal temática no presente do subjuntivo. Observe que, neste tempo, depois do radical, jamais virá a letra corresponde à conjugação.

Ex.: CANTE (verbo cantar – 1ª conjugação, vogal temática A)
VENDA (verbo vender – 2ª conjugação, vogal temática E)
PARTA (verbo partir – 3ª conjugação, vogal temática I).

Observações:

Os verbos de 1ª conjugação (VOGAL TEMÁTICA – A) apresentarão, excepcionalmente, "E" e "O" como vogais temáticas alomórficas (forma diferente) na primeira e na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo.

Ex.: Cantei – E – vogal temática alomórfica; cantou – O – vogal temática alomórfica.

Os verbos de 2ª conjugação (VOGAL TEMÁTICA – E) apresentarão, excepcionalmente, "I" como vogal temática alomórfica em todo o pretérito imperfeito do indicativo.

Ex.: Vendia, vendias, vendia, vendíamos, vendíeis, vendiam. Também no particípio apresentarão "I" como vogal temática alomórfica.

Ex.: Vendido, bebido.

Os verbos de 3ª conjugação (VOGAL TEMÁTICA – I) apresentarão, excepcionalmente, "I" como desinência número-pessoal na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo.

Ex.: PARTI – "I" – desinência número-pessoal.

Também apresentarão E como vogal temática alomórfica na 2ª e 3ª singular e 3ª do plural do presente do indicativo. Ex.: partes, parte, partem, abres, abre, abrem.

O verbo PÔR e seus derivados são de 2ª conjugação, porque se originam do latim POER.

14.5.3. Tema

É a soma do radical com a vogal temática.

Ex.: Em cantar, o radical é CANT e a vogal temática é A, portanto o tema é CANTA; em vender, o radical é VEND e a vogal temática é E, portanto o tema é VENDE.

14.5.4. Desinência modo-temporal

Como o próprio nome diz, serve para designar tempo e modo dos verbos. Observe, por exemplo, que, no pretérito imperfeito do subjuntivo, logo após o tema, aparecerá em todas as pessoas SSE (cantasse, cantasses, cantasse, cantássemos, cantásseis, cantassem). É importante que o candidato perceba que este fato não é uma mera coincidência e sim que o SSE faz com que o verbo esteja no pretérito imperfeito (tempo) do subjuntivo (modo). O mesmo ocorre com "A" no presente do subjuntivo dos verbos de 2ª e 3ª conjugações (parta, partas, parta, partamos, partais, partam), "R" no futuro do subjuntivo (vender, venderes, vender, vendermos, venderdes, venderem).

Observações:

O presente e o pretérito perfeito do indicativo nunca possuirão desinência modo-temporal.

É comum, na 2ª pessoa do plural, haver a alteração de "A" em "E" na desinência modo-temporal.

Ex.: canta**va**, canta**vas**, canta**va**, cantá**va**mos, cantá**ve**is, canta**vam** (pretérito imperfeito do indicativo); canta**ra**, canta**ras**, canta**ra**, cantá**ra**mos, cantá**re**is, canta**ram** (pretérito mais-que-perfeito do indicativo); canta**ria**, canta**rias**, canta**ria**, canta**ría**mos, canta**ríe**is, canta**riam** (futuro do pretérito do indicativo); vendi**a**, vendi**as**, vendi**a**, vendí**a**mos, vendí**e**is, vendi**am** (pretérito imperfeito do indicativo).

No futuro do indicativo, RE e RA revezar-se-ão na DMT (canta**re**i, canta**rá**s, canta**rá**, canta**re**mos, canta**re**is, canta**rã**o).

14.5.5. Desinência número-pessoal

Serve para designar pessoa (1ª, 2ª ou 3ª) e número (singular ou plural) dos verbos.

Ex.: MOS – observe que independentemente do verbo e do tempo, MOS é sempre desinência número-pessoal, pois demarca a 1ª pessoa do plural (cantaremos, fizemos, estávamos, queremos, fomos).

14.5.5.1. Exercícios

1. Destaque todos os elementos das formas verbais abaixo, conforme o exemplo.

a) COMPRÁSSEMOS – COMPR (RADICAL), A (VOGAL TEMÁTICA), COMPRA (TEMA), SSE (DMT) e MOS (DNP).
b) ENCONTREI
c) VENCIDO
d) GARANTI
e) GARANTEM
f) GARANTE
g) ENTENDIA
h) AGUENTOU
i) PASSASSEM
j) PASSEM
k) QUERO
l) VENCÍEIS
m) PEDIU
n) ENTENDAMOS
o) ADMITIA
p) ADMITI
q) COMEU
r) COMIAS

2. (Facha) Assinale o item em que houve erro ao se destacar e/ou classificar elemento mórfico do vocábulo ABOTOAM.

a) radical – abot.
b) vogal temática – a.
c) desinência número-pessoal – m.
d) desinência modo-temporal – zero.
e) tema – abotoa.

3. (Facha) Aponte o tópico onde se erra na caracterização do elemento mórfico.

a) Em "sabemos", a desinência número-pessoal é MOS.
b) Em "identifica", a desinência número-pessoal é ZERO.
c) Em "encontrou", a vogal temática está modificada.
d) Em "pensou", a desinência número-pessoal é U.
e) Em "põe", a vogal temática é ZERO.

4. (UFPB) Os elementos mórficos sublinhados são, respectivamente, vogal temática,

desinência modo-temporal e desinência número-pessoal, em:
a) compr<u>e</u>m – senti<u>r</u>ão – sopr<u>a</u>m
b) prometeu – compra<u>va</u> – sentire<u>m</u>
c) senti<u>a</u>m – sopra<u>mos</u> – prometer<u>a</u>
d) prometamos – compraríamos – senti<u>ra</u>
e) compr<u>a</u>reis – senti<u>sse</u> – prometes<u>te</u>

5. (UFPB) Os elementos mórficos sublinhados são, respectivamente, vogal temática, desinência número-pessoal e desinência modo-temporal, em:
a) cant<u>a</u>ste – mandara<u>m</u> – ench<u>a</u>
b) importa<u>va</u> – redij<u>o</u> – vence<u>ra</u>
c) class<u>e</u> – aprend<u>e</u>r – arrum<u>e</u>
d) ficav<u>a</u>m – saí<u>sse</u> – preferi<u>ste</u>
e) judia<u>ção</u> – corr<u>i</u> – desafiara<u>s</u>

6. (UFPB) Os elementos estruturais sublinhados nas formas verbais FICA<u>RA</u> – <u>TOM</u>ANDO – PEDISSE<u>M</u> – <u>CONHECE</u>SSE são, respectivamente:
a) desinência número-pessoal; tema; desinência modo-temporal; radical;
b) desinência modo-temporal; radical; desinência número-pessoal; tema;
c) radical; desinência modo-temporal; tema; desinência número-pessoal;
d) desinência modo-temporal; tema; desinência número-pessoal; radical;
e) tema; radical; desinência modo-temporal; desinência número-pessoal.

14.6. Formação de imperativo

Inicialmente, é prudente compreender que, por motivos semânticos, não há a primeira pessoa do singular. Não faz sentido ordenar, advertir, aconselhar ou suplicar a si mesmo.

O imperativo negativo é uma réplica do presente do subjuntivo, excluindo-se a 1ª pessoa do singular.

Ex.: presente do subjuntivo do verbo DIZER – Maria quer que eu diga; Maria quer que tu digas; Maria quer que ele diga; Maria quer que nós digamos; Maria quer que vós digais; Maria quer que eles digam. Portanto, o imperativo negativo é: não digas tu, não diga você, não digamos nós, não digais vós, não digam vocês.

O imperativo afirmativo possui a seguinte formação: as duas segundas pessoas advêm do presente do indicativo sem "s"; e as outras pessoas, do presente do subjuntivo.

Ex.: mede tu (origina-se de tu medes – presente do indicativo sem "s")
meça você ou ele (origina-se de Maria quer que ele meça – presente do subjuntivo)

meçamos nós (origina-se de Maria quer que nós meçamos – presente do subjuntivo)
medi vós (origina-se de vós medis – presente do indicativo sem "s")
meçam vocês ou eles (origina-se de Maria quer que eles meçam – presente do subjuntivo)

Obs.: 1– O verbo "ser" é exceção na formação das duas segundas pessoas do imperativo afirmativo. As formas são "sê" tu e "sede" vós.

Obs.: 2– Alguns autores têm admitido para os verbos "dizer", "fazer", "trazer", "querer" e os terminados em "uzir" duas formas de imperativo afirmativo na 2ª pessoa do singular. São elas: dize e diz, faze e faz, traze e traz, quere e quer, e produze e produz. Tal se justifica em função de as formas oficiais DIZE, FAZE, TRAZE, QUERE e PRODUZE estarem em desuso na variante brasileira da Língua Portuguesa. É conveniente esclarecer que, numa prova, a forma preferencial, mesmo em desuso, é a tradicional (DIZE, FAZE, TRAZE, QUERE, PRODUZE).

14.6.1. Exercícios

1. (EPCar) Observe: "Procura curtir sem queixa o mal que te crucia".
Se convertêssemos a afirmação em negação e o singular em plural, a opção correta seria a letra:
a) Não procura curtir sem queixa o mal que os crucia.
b) Não procurai curtir sem queixa o mal que vos crucia.
c) Não procureis curtir sem queixa o mal que vos cruciais.
d) Não procurai curtir sem queixa o mal que vos cruciais.
e) Não procureis curtir sem queixa o mal que vos crucia.

2. (MEC – FGV) ***"Pense num bairro de periferia, (...) mas imagine uma vizinhança de gente simpática, (...) e você localiza em Rio Branco (...)"*** **(L.1-5)**
Assinale a alternativa em que, passando-se a forma você para vós, as alterações foram efetuadas seguindo a norma culta.
a) Pensais num bairro de periferia, (...) mas imaginais uma vizinhança de gente simpática, (...) e vós localizais em Rio Branco (...)
b) Pensai num bairro de periferia, (...) mas imaginai uma vizinhança de gente simpática, (...) e vós localizai em Rio Branco (...)
c) Penseis num bairro de periferia, (...) mas imagineis uma vizinhança de gente simpática, (...) e vós localizais em Rio Branco (...)
d) Penseis num bairro de periferia, (...) mas imagineis uma vizinhança de gente simpática, (...) e vós localizeis em Rio Branco (...)
e) Pensai num bairro de periferia, (...) mas imaginai uma vizinhança de gente simpática, (...) e vós localizais em Rio Branco (...)

3. (Fiscal – Sefaz-RJ – FGV) Assinale a alternativa em que a alteração da fala do homem do quadrinho NÃO tenha sido feita com adequação à norma culta. Não leve em conta possível alteração de sentido.
a) Quando tu voltares, traz um copo de água bem gelada para mim!
b) Quando vós voltardes, trazei um copo de água bem gelada para mim!
c) Quando tu voltares, não tragas um copo de água bem gelada para mim!
d) Quando vós voltardes, não tragais um copo de água bem gelada para mim!
e) Quando vós voltardes, não trazeis um copo de água bem gelada para mim!

4. (Fiscal – ICMS – RJ – FGV) Assinale a alternativa em que a alteração da fala do homem do quadrinho NÃO tenha sido feita com adequação à norma culta. Não leve em conta possível alteração de sentido.
a) Quando tu voltares, traz um copo de água bem gelada para mim.
b) Quando vós voltardes, trazei um copo de água bem gelada para mim.
c) Quando tu voltares, não tragas um copo de água bem gelada para mim.
d) Quando vós voltardes, não tragais um copo de água bem gelada para mim.
e) Quando vós voltardes, não trazeis um copo de água bem gelada para mim.

5. Assinale a opção escorreita.
a) Sê estudioso e passará no concurso!
b) Diz a verdade e não será castigado!
c) Produza bastante e terás o reconhecimento de todos!
d) Faz os exercícios e aprenderá a matéria!
e) Traze a cerveja e serás bem recebido!

6. Assinale a opção incorreta.
a) Sede flamenguistas e sereis mais felizes!
b) Quere a sorte e tu a terás!
c) Vem logo e não te atrases!
d) Impõe-te e conquistarás o respeito de todos!
e) Veja o jornal, mas não vejas a novela!

7. Assinale a opção que completa adequadamente as lacunas.
bastante, os obstáculos e nunca !
a) Estuda – vence – desistas
b) Estude – vence – desista
c) Estuda – vença – desistas
d) Estude – vence – desiste
e) Estude – vença – desistas

8. Assinale a opção que completa inadequadamente as lacunas.
os ingressos cedo ao estádio e não com ninguém!

a) Garante – chega – brigues
b) Garanta – chegue – brigue
c) Garantam – cheguem – briguem
d) Garanti – chegai – brigueis
e) Garantes – chegues – brigues

9. Estando os verbos no imperativo, assinale a opção que completa inadequadamente as lacunas.
a janela, mas não a porta!
a) Abre – abras
b) Abra – abra
c) Abramos – abramos
d) Abri – abri
e) Abram – abram

10. (Auxiliar de Necropsia – NCE) Se colocarmos a forma verbal do título – saiba – na segunda pessoa do singular do imperativo negativo, a forma correta será:
a) não sabe;
b) não sabes;
c) não saiba;
d) não saibas;
e) não soubeste.

11. (Papiloscopista – NCE) Se a forma verbal "tenha" estivesse na forma negativa da mesma pessoa do imperativo, sua forma correta seria:
a) não tem;
b) não tenhas;
c) não tende;
d) não tenha;
e) não tens.

12. (MP – NCE) "Recuse o convite e não troque o Brasil pela Itália". Se, em lugar da terceira pessoa, o autor do texto empregasse a segunda pessoa do singular, as formas convenientes dos verbos seriam:
a) recusa / não troca
b) recusas / não trocas
c) recusa / não troques
d) recuse / não troca
e) recuses / não trocas

13. (NCE) Em qual das seguintes alternativas procedeu-se corretamente à mudança do tratamento VÓS para TU, ao se reescrever o enunciado "Disponde de mim e crede-me / amigo muito agradecido"?

a) Dispõe de mim, e crê-me amigo...
b) Disponha de mim, e creia-me amigo...
c) Dispõe de mim, e creia-me amigo...
d) Disponha de mim, e crês-me amigo...
e) Disponha de mim, e crê-me amigo...

14. (Inspetor da Polícia Civil – RJ – FGV) "Então despes a luva para eu ler-te a mão" (verso 6) Assinale a alternativa em que, passando-se o primeiro verbo do verso acima para o imperativo e alterando-se a pessoa do discurso, manteve-se adequação à norma culta.
a) Então dispais a luva para eu ler-vos a mão.
b) Então despe a luva para eu ler-vos a mão.
c) Então despi a luva para eu ler-vos a mão.
d) Então despis a luva para eu ler-vos a mão.
e) Então dispai a luva para eu ler-vos a mão.

15. (NCE) Assinale a alternativa gramaticalmente correta.
a) Não chores, cala, suporta a tua dor.
b) Não chore, cala, suporta a tua dor.
c) Não chora, cale, suporte a sua dor.
d) Não chores, cales, suportes a sua dor.
e) Não chores, cale, suporte a tua dor

16. (TTN) Assinale a sentença que contém erro na forma verbal.
a) "Examinai todas as coisas e retende o que for melhor" (extraído de um marcador de páginas).
b) Detenhamo-nos nos aspectos centrais do pensamento marxista para que saibamos extrair dele o que melhor se aproveita para os dias atuais.
c) Para que elaboremos propostas inovadoras, é preciso que ponhamos nossa criatividade a serviço da geração de ideias inusitadas.
d) Mas não caiamos na tentação de julgar todos os dirigentes políticos como se fossem uns aproveitadores, que usam os cargos apenas para se locupletarem.
e) Se almejardes o saber, vades aos livros e conviveis com os sábios.

14.7. Formas nominais

As formas nominais têm essa nomenclatura, pois, apesar de continuarem a ser verbos, possuem valor de substantivo, adjetivo ou de advérbio.

Ex.: Exercícios resolvidos (resolvidos – valor adjetivo); ler (a leitura – valor substantivo) jornais é sempre conveniente; estudando (Se estudares – valor adverbial), passarás.

14.7.1. Gerúndio

Indica, na maioria das vezes, uma ação simultânea à outra oração exposta no período. São formas de gerúndio: cantando, vendendo, partindo, sendo, estando, havendo, vendo, vindo, tendo, pondo, indo...

Ex.: Ele recebeu João, dando-lhe um abraço.

Observe que há uma ideia de concomitância entre o ato de "receber" e o ato de "dar o abraço".

14.7.1.1. Exercícios

1. (PC-NCE) "Ele se saía muito bem tecendo considerações críticas sobre o provão..." O gerúndio "tecendo" mostra uma ação:

a) que antecede a do verbo da oração anterior;
b) posterior à do verbo da oração anterior;
c) que é a consequência da ação da oração anterior;
d) simultânea à do verbo da oração anterior;
e) que mostra oposição à ação da oração anterior.

2. (NCE) "... que a roubou, ameaçando cortar a garganta do garoto". O bom uso do gerúndio requer que sua ação seja simultânea à do verbo principal, como ocorre nesse segmento do texto. Assim, é exemplo de mau uso do gerúndio a frase:

a) O assaltante gritou, abrindo a porta.
b) O motorista acovardou-se, abaixando o vidro.
c) O assaltante entrou, sentando-se no banco traseiro.
d) O marginal ameaçou-o, mostrando a arma.
e) O motorista obedeceu, acelerando o carro.

3. (NCE – MPE – RJ) Uma das regras do emprego do gerúndio recomenda que ele seja empregado quando indicar "contemporaneidade entre a ação expressa pelo verbo principal e o gerúndio". Observe as seguintes frases:

I. "Quero registrar a triste situação por que passam milhões de crianças brasileiras, em sua maioria desassistidas, desnutridas, sem educação básica, CAMINHANDO rumo a um futuro incerto e infeliz".

II. "Os menores de Brasil desassistidos em seus lares ganham as ruas em busca de uma forma de vida, CAINDO nas malhas da prostituição..."

III. Mesmo assim, tal atividade deve ser reconhecidamente leve, EXCLUINDO-SE, por exemplo, o trabalho exercido nas indústrias, nas oficinas e na agricultura".

A(s) frase(s) em que essa norma foi desrespeitada é(são):

a) I – III
b) I – II
c) II – III
d) I
e) II

14.7.2. Particípio

Cantado, vendido, partido, sido, estado, havido, visto, vindo, tido, posto, ido... Existem verbos com formas abundantes de particípio. Eis uma relação deles.

14.7.2.1. Particípios Duplos

	REGULAR	IRREGULAR
acender	acendido	aceso
aceitar	aceitado	aceito
assentar	assentado	assento, assente
benzer	benzido	bento
concluir	concluído	concluso
desenvolver	desenvolvido	desenvolto
eleger	elegido	eleito
entregar	entregado	entregue
enxugar	enxugado	enxuto
erigir	erigido	ereto
expressar	expressado	expresso
exprimir	exprimido	expresso
expulsar	expulsado	expulso
extinguir	extinguido	extinto
findar	findado	findo
frigir	frigido	frito
ganhar	ganhado	ganho
gastar	gastado	gasto
imergir	imergido	imerso
imprimir	imprimido	impresso
inserir	inserido	inserto
isentar	isentado	isento
juntar	juntado	junto
limpar	limpado	limpo
matar	matado	morto
morrer	morrido	morto
omitir	omitido	omisso
pagar	pagado	pago
pegar	pegado	pego

prender	prendido	preso
romper	rompido	roto
submergir	submergido	submerso
suspender	suspendido	suspenso
tingir	tingido	tinto

BIZUS

1) É preferencial o uso do particípio regular quando o auxiliar for "ter" ou "haver". Em contrapartida, a utilização do irregular torna-se mais interessante, sendo o auxiliar "ser" ou "estar".
2) Para se chegar ao gerúndio, basta usar o verbo ESTAR como auxiliar.
   Ex.: Estou cantando; estás fazendo...
3) Para se chegar ao particípio, basta usar o verbo TER como auxiliar.
   Ex.: Tenho feito; tivesse dito...
4) Os verbos VIR e derivados possuem formas coincidentes no particípio e no gerúndio. Caso haja dificuldades para reconhecer o tempo do verbo, substitua pelo verbo IR; se aparecer INDO, é gerúndio; se aparecer IDO, é particípio.
   Ex.: Quando ela saiu, eu já tinha vindo (ido – portanto, o verbo está no particípio).
   Eu já estou vindo (indo – portanto, o verbo está no gerúndio).

14.7.2.2. Exercícios

1. (MP-NCE) "Noticiando" é forma do gerúndio do verbo noticiar. A frase em que a forma verbal destacada pode <u>não</u> estar no gerúndio é:

a) As notícias estão <u>chegando</u> da Itália cada vez mais rapidamente.
b) <u>Transformando</u>-se o ódio em amor, acabam-se as guerras.
c) <u>Vindo</u> o resultado, os clientes começaram a protestar.
d) Os jogadores italianos estão <u>reclamando</u> dos estrangeiros.
e) O atleta viajou, <u>completando</u> sua missão.

2. (Administrador – Transpetro) A forma verbal em destaque está empregada de acordo com a norma-padrão em:

a) O diretor foi **trago** ao auditório para uma reunião.
b) O aluno foi **suspendido** por três dias pela direção da escola.
c) O réu tinha sido **isento** da culpa, quando nova prova incriminatória o condenou.
d) A autoridade havia **extinto** a lei, quando novo crime tornou a justificar o seu uso.
e) Pedro já tinha **pegado** os ingressos na recepção, quando soube que o espetáculo fora

cancelado.

14.7.3. Infinitivo

Forma nominal que só posiciona o tempo do fato em combinação com outro verbo exposto no contexto.

Infinitivo impessoal – cantar, vender, partir, ser, estar, haver, ver, vir, ter, pôr, ir...

Infinitivo pessoal – cantar (eu), cantares (tu), cantar (ele), cantarmos (nós), cantardes (vós), cantarem (eles)

BIZUS

1) Todos os verbos no infinitivo pessoal são regulares, inclusive os irregulares e os anômalos. Para conjugarmos os verbos neste tempo, basta acrescentar à forma infinitiva as seguintes desinências: 0 (nada), es, 0 (nada), mos, des, em.
2) Dificilmente cai em prova a distinção entre o infinitivo pessoal e impessoal. Tal se deve ao fato de os principais autores informarem não haver regras, e sim tendências. Contudo, dois tópicos são óbvios: quando o sujeito estiver explícito, e imediatamente anterior ao verbo, este estará no infinitivo pessoal, ou seja, flexionar-se-á; quando houver locução verbal, o verbo principal (no infinitivo) nunca se flexiona.
3) Atenção à distinção entre o futuro do subjuntivo e o infinitivo pessoal. A terminação desses dois tempos é idêntica, ficando, inclusive, todos os verbos regulares iguais nesses tempos. Existem dois caminhos para diferençar um tempo do outro.
   a) Se o verbo estiver ligado a uma preposição ou a uma locução prepositiva, o verbo estará no infinitivo pessoal. Se o verbo estiver ligado a uma conjunção ou a uma locução conjuntiva, o verbo estará no futuro do subjuntivo.
   b) Observe que as terminações, como já fora esclarecido, são coincidentes (R – RES – R – RMOS – RDES – REM). Portanto, aparecendo uma forma verbal com uma dessas terminações, basta substituí-la pela expressão FAZER O TRABALHO. Caso apareça FAZER O TRABALHO, o verbo estará no infinitivo pessoal; caso apareça FIZER O TRABALHO, o verbo estará no futuro do subjuntivo.
   Ex.: Se saíres (FIZER O TRABALHO) agora, perderás o último capítulo da novela.

– A forma verbal "saíres" encontra-se no futuro do subjuntivo.

Para saíres (fazer o trabalho) agora, é necessário que tenhas terminado os exercícios.

– Observe que ao substituir SAÍRES por FAZER (sem a preocupação com a concordância), fica fácil concluir que o verbo está no infinitivo pessoal.

Assim que terminarmos (FIZER O EXERCÍCIO) o exercício, voltaremos para casa.

→ A forma verbal "terminarmos", por ser substituída por FIZER, está no futuro do subjuntivo.

Convém terminarmos (FAZERMOS O TRABALHO) o exercício.

→ Quando substituímos "TERMINARMOS" por "FAZER", logo se deduz que o verbo está no infinitivo.

Obs.: Muita atenção com os verbos irregulares, principalmente os derivados do TER, PÔR, VIR e VER.

É muito comum cair em prova questão com frases contendo a seguinte estrutura:

Assim que exporem a opinião, todos ouvirão.

→ Nesta situação, o caminho que considero mais fácil para o candidato é, ao observar a terminação do verbo (REM), substituí-lo pelo FAZER, resultando em <u>FIZER</u> O TRABALHO. Então, logo se detecta que o verbo está no futuro do subjuntivo. Sendo assim, não se deve trabalhar com EXPOR, mas com o verbo PÔR, conjugando como se aprende nas escolas, ou seja, usando o QUANDO. Quando eu puser, quando tu puseres, quando ele puser, quando nós pusermos, quando vós puserdes, quando eles puserem. Se a forma correta é "quando eles puserem", o certo é "Assim que expuserem".

Ex.: Depois de exporem suas opiniões, todos ouvirão.

→ Ao observar a terminação REM, automaticamente deve ser feita a substituição por FAZER. O resultado será "Depois de <u>fazer</u> o trabalho...", logo a forma verbal encontra-se no infinitivo pessoal. Como todos os verbos no infinitivo pessoal são regulares, basta acrescentar as desinências já mencionadas à forma infinitiva: EXPOR, EXPORES, EXPOR, EXPORMOS, EXPORDES, EXPOREM.

Se ele manter a calma, fará boa prova.

→ A terminação "R" denuncia que o verbo está no futuro do subjuntivo ou no

infinitivo pessoal. Dessa forma, torna-se interessante substituí-lo pelo verbo FAZER, resultando "Se ela fizer o trabalho..." Então, o verbo MANTER deveria estar no futuro do subjuntivo. Com a exceção do infinitivo, em que todos os verbos são regulares, convém ao usuário da língua o emprego do verbo (TER) no futuro do subjuntivo: quando eu tiver, quando tu tiveres, quando ele tiver... Então, a forma verbal correta é MANTIVER.

Antes de se abster na votação, o eleitor deve analisar as duas propostas de administração.

→ Novamente temos a terminação R, já implicando a ocorrência do futuro do subjuntivo ou do infinitivo pessoal. Nosso passo prévio é substituir por FAZER OU FIZER. Na frase, a substituição resulta em ANTES DE FAZER O TRABALHO, logo o verbo está no infinitivo pessoal. Neste tempo, todos os verbos são regulares, portanto só nos resta acrescer à forma infinitiva ABSTER aquelas terminações já aludidas. O infinitivo pessoal do verbo "abster" é ABSTER, ABSTERES, ABSTER, ABSTERMOS, ABSTERDES, ABSTEREM. Fica claro, então, que a frase está perfeita.

BIZU

Também é deveras conveniente chamar a atenção para a conjugação do futuro do subjuntivo do verbo VER: o correto é VIR, VIRES, VIR, VIRMOS, VIRDES, VIREM.

Ex.: Se eu te vir amanhã, entregar-te-ei o material.

Será muito bom se nós nos virmos.

Já no infinitivo pessoal, todos os verbos são regulares, e o verbo VER não será exceção: VER, VERES, VER, VERMOS, VERDES, VEREM.

Também é interessante observar a conjugação do verbo VIR no futuro do subjuntivo: VIER, VIERES, VIER, VIERMOS, VIERDES, VIEREM.

Se eles vierem ao Rio, nós os encontraremos.

No infinitivo pessoal, todos os verbos são regulares: VIR, VIRES, VIR, VIRMOS, VIRDES, VIREM.

Se você é bom observador, percebeu que o futuro do subjuntivo do verbo VER é idêntico ao infinitivo pessoal do verbo VIR. De vez em quando, as bancas fazem comentário a respeito dessa coincidência.

14.7.3.1. Exercícios

1. Assinale a opção em que o verbo PÔR ou um de seus derivados esteja incorretamente flexionado.

a) Para expormos nossos trabalhos, torna-se mister que os entreguemos com antecedência.
b) Não haverá consequências, se repusermos os bens que foram extraviados.
c) Uma das missões do setor de recursos humanos é pôr as pessoas certas em lugares certos.
d) João da Silva foi contratado para compor o elenco da peça *Uma missão nas estrelas*.
e) Sentir-te-ás deveras melhor assim que expores toda a tua frustração.

2. Assinale a opção em que o verbo TER ou um de seus derivados esteja indevidamente flexionado.
a) Os atletas se houveram aquém do esperado em virtude de não manterem a calma nos momentos decisivos.
b) Os deputados foram elogiados por não se absterem na votação do *Impeachment* do Presidente.
c) As obras serão retomadas se o setor responsável obtiver os recursos para tal.
d) As crianças somente sairão depois que se entreterem.
e) A revolta atingirá proporções inimagináveis, se a polícia não contiver a força da população.

3. Assinale a alternativa em que haja uma forma verbal inadequadamente conjugada.
a) Não ocorrerão outros desenlaces se a equipe econômica sustiver o atual índice de inflação.
b) Sempre que retem a documentação dos funcionários, a empresa transgride as normas da legislação trabalhista.
c) Sempre que retiver a documentação dos funcionários, a empresa transgredirá as normas da legislação trabalhista.
d) A população e o governo mantêm-se atentos aos focos de desestabilização política.
e) Quando a sociedade realmente detém o poder, não ocorrem as distorções significativas quanto à distribuição de renda.

4. Há uma opção contendo uma falha quanto à flexão verbal. Assinale-a.
a) Se propuseres um contrato para uma grande estrela da televisão, espera um "não" como resposta.
b) Para te opores a nossas reivindicações, expõe teus argumentos.
c) Se os advogados interpuserem recurso à decisão do Colegiado, cometerão um equívoco substancioso.
d) O estudo de legislação ambiental pressupõe conhecimentos em outros áreas do conhecimento.
e) Se o usuário da língua compuser um período com um sujeito composto que se pospõem ao verbo, poderá este ser flexionado em concordância com a soma dos núcleos ou só com o mais próximo.

5. Indique a alternativa que possua uma inadequação de uma forma verbal.

a) Se você se predispuser a fazer este trabalho, faça-o com esmero.
b) Para transpordes todos os obstáculos, sede sempre otimistas e nunca desistais de vossos sonhos!
c) Devolvam tudo aquilo que obterem de forma ilícita.
d) Mantém-te calmo sempre que estiveres em situação conflituosa.
e) Depois de estarem há um mês em um hospital do município, os traficantes serão transferidos para o presídio da Frei Caneca.

6. Nos períodos abaixo, ocorre um verbo indevidamente conjugado. Indique-o.
a) Para ires de avião a São Paulo, é necessário que adquiras a passagem com antecedência.
b) Se fores a Minas, traze uma boa cachaça caseira!
c) Se intervires no tumulto, faze-o com decisão!
d) Não foste convidado, por não convires ao sistema.
e) Assim que os documentos provierem da direção geral, remetê-los-emos para a presidência.

7. Há uma alternativa contendo uma falha quanto à flexão verbal. Assinale-a.
a) Mesmo que expusessem seus motivos, não obteriam êxito em suas reivindicações.
b) Eles sairiam ainda que muito se entretivessem.
c) Se prevíssemos que haveria tão poucos inscritos no concurso, não desistiríamos.
d) Se João se houvesse bem na prova, conquistaria a vaga.
e) Os pais não se oporiam se as escolas intervissem na relação de seus alunos com a própria família.

8. Assinale a opção que completa adequadamente as lacunas.
Sempre que a São Paulo e que o tempo está nublado, rapidamente para o Rio de Janeiro.
a) fores – veres – vem
b) fores – vires – venha
c) ires – vires – vem
d) fordes – virdes – vinde
e) ires – veres – venha

9. (TRT) As lacunas das frases: 1 – "Não sem teus pais" e 2 – "Se eles te , te chamarão", são completadas, corretamente, pelas formas verbais:
a) vás – virem
b) vá – verem
c) ide – vir
d) vás – verem

10. (TRT) As lacunas da frase "se tu aqui e nos , não saberás o que fazer" são

preenchidas, corretamente, por:
a) vieres – vires
b) vieres – vir
c) vieres – vireis
d) vires – veres
e) vires – vires

11. (Cesgranrio) Assinale o período em que aparece forma verbal incorretamente empregada em relação à norma culta da língua.
a) Se o compadre trouxesse a rabeca, a gente do ofício ficaria exultante.
b) Quando verem o Leonardo, ficarão surpresos com os trajes que usava.
c) Leonardo propusera que se dançasse o minuete da corte.
d) Se o Leonardo quiser, a festa terá ares aristocráticos.
e) O Leonardo não interveio na decisão da escolha do padrinho do filho.

12. (UF de São Carlos) Indique a alternativa que completa corretamente as lacunas das frases:
I – Se nos a fazer um esforço conjunto, teremos um país sério.
II – o televisor ligado, para te informares dos últimos acontecimentos.
III – Não havia programa que o povo, após o último noticiário.
a) propormos – Mantenha – entretesse
b) propusermos – Mantém – entretesse
c) propormos – Mantém – entretivesse
d) propormos – Mantém – entretesse
e) propusermos – Mantém – entretivesse

13. (Faap) Assinale a resposta correspondente à alternativa que completa corretamente os espaços em branco: Se você o , por favor -lhe que para apressar o processo.
a) ver – peça – intervenha
b) vir – peça – intervém
c) vir – peça – intervenha
d) ver – pede – intervenha
e) vir – peças – interviesse

14. (BB-UnB) Flexão verbal incorreta:
a) Se vir o tal colega, falar-lhe-ei.
b) Se eu pôr o verbo no plural, erro de novo.
c) Se eu vier cedo, aguardo-o.
d) Se a duplicata estiver certa, paguem-na.
e) Se eu for tarde, esperem-me.

15. (FGV) Assinale o item em que há erro quanto à flexão verbal.
a) Quando eu vir o resultado, ficarei tranquilo.

b) Aceito o lugar para o qual me proporem.
c) Quando estudar o problema, ficará sabendo a verdade.
d) Sairás assim que te convier.
e) O fato está patente a quem se detiver a observá-lo.

16. (Dasp) Assinale a única alternativa em que há erro de flexão verbal.
a) Quando eu o vir, acertarei as contas.
b) Se ele propor um aumento de verba, direi que não teremos recursos.
c) O governo interveio na região.
d) Os funcionários vêm aqui hoje.
e) Na tentativa de solucionar o problema, eles se desavieram.

17. (Med-Santos) Assinale a letra correspondente à frase inteiramente correta para tratamento "o senhor": "Quando nos debates, ser moderado nas expressões e bem nas suas ideias".
a) intervier – procure – suas – coloque
b) intervier – procure – suas – coloca
c) intervir – procura – tuas – coloques
d) intervieres – procure – suas – coloque
e) intervier – procures – suas – coloque

18. (NCE) Assinale a opção que preencha as lacunas corretamente.
I – Ficareis maravilhados, se o resultado. (ver)
II – Sereis perdoados, se o que tirastes. (repor)
III – Não dê atenção a quem lhe negócios ilícitos. (propor)
IV – Nós lhe daremos o recado assim que o . (ver)
a) virdes – repuserdes – propuser – virmos
b) vires – repordes – propor – vermos
c) veres – repuserdes – propuserdes – virmos
d) vês – repordes – propordes – vermos
e) ver – repuseres – propor – vemos

19. (TRT – 23ª Região – FCC) O verbo corretamente empregado e flexionado está grifado em:
a) É de se imaginar que, se os viajantes setecentistas <u>antevessem</u> as dificuldades que iriam deparar, muitos deles desistiriam da aventura antes mesmo de embarcar.
b) O que quer que os <u>compelisse</u>, cabe admirar a coragem desses homens que partiam para o desconhecido sem saber o que os aguardava a cada volta do rio.
c) Caso não se <u>surtisse</u> com os mantimentos necessários para o longo percurso, o viajante corria o risco de literalmente morrer de fome antes de chegar ao destino.
d) Se não maldiziam os santos, é bastante provável que muitos dos viajantes <u>maldizessem</u> ao menos o destino diante das terríveis tribulações que deviam enfrentar.
e) Na história da humanidade, desbravadores foram não raro aqueles que <u>sobreporam</u> o

desejo de enriquecer à relativa segurança de uma vida sedentária.

20. (Administrador – Petrobras – Cesgranrio) O seguinte verbo em destaque NÃO está conjugado de acordo com a norma-padrão:
a) Se essa tarefa não **couber** a ele, pedimos a outro.
b) **Baniram** os exercícios que não ajudavam a escrever bem.
c) Assim que **dispormos** do gabarito, saberemos o resultado.
d) **Cremos** em nossa capacidade para a realização da prova.
e) Todos **líamos** muito durante a época de escola.

21. (TRE-SP) Ele que a sensatez dos convidados a euforia geral e as dúvidas.
a) supusera – freasse – desfizesse
b) supora – freasse – desfizesse
c) supusera – freiasse – desfazesse
d) supora – freiasse – desfizesse
e) supora – freiasse – desfazesse

22. (TRE-SP) Tendo na operação, os funcionários se a serviços essenciais e executaram as tarefas que lhes .
a) intervido – ativeram – caberam
b) intervido – ateram – couberam
c) intervindo – ateram – caberam
d) intervindo – ativeram – couberam
e) intervido – ativeram – couberam

23. (TRE-MT)
I – Os leitores de jornal não os artigos mais longos.
II – Se eles a programação, já será ótimo.
III – Quando ele , receba-o com delicadeza.
As formas que preenchem, corretamente, as lacunas das frases acima são:
a) leem – obtiverem – vir
b) lêem – obtiverem – vier
c) leem – obterem – vier
d) lêem – obterem – ver
e) lêm – obtiverem – vir

24. (TRE-MT) Só está correta a forma verbal grifada na frase:
a) Embora ele <u>esteje</u> indicado, o Senado ainda não o aprovou.
b) Ele <u>passeiava</u> diariamente no parque.
c) Quando eles <u>trouxerem</u> a permissão, poderão entrar.
d) Se <u>mantermos</u> as posições, o inimigo não avançará.
e) Os deputados se <u>entretiam</u> com esses discursos.

25. (Fiscal – Sefaz-RJ – FGV) Na frase do 4o parágrafo do texto *"A liberdade supõe a operação sobre alternativas;"*, o verbo irregular foi flexionado corretamente.
Assinale a alternativa em que se apresenta flexão incorreta da forma verbal.
a) Eles impunham condições para que o acordo fosse assinado.
b) O julgador interveio na polêmica sobre os critérios de seleção.
c) Não foi confirmado se a banca quereria dar à redação caráter eliminatório.
d) Se os autores se disporem a ratear o valor, a publicação da revista será certa.
e) É necessário que atentemos para a questão da mudança de paradigma científico.

26. (NCE) "Saibam quantos esta virem que, no ano (...), aos (...)..."
No texto, a forma verbal VIREM:
a) Corresponde à forma correta e atual do verbo VER, que, no futuro do subjuntivo, é homônimo do verbo VIR.
b) Corresponde a uma forma arcaica do verbo VER, que ficou fixada na linguagem jurídica, e a flexão correta atual, no futuro do subjuntivo, é VEREM.
c) Corresponde à forma correta e atual do infinitivo flexionado do verbo VIR.
d) Corresponde à forma correta e atual do verbo VER, que se encontra flexionado no futuro do subjuntivo.
e) Corresponde a uma forma que pertence única e exclusivamente à linguagem jurídica, uma vez que a flexão do verbo VER, no futuro do subjuntivo, na terceira pessoa do plural é VEREM.

27. (UFRJ-NCE) Se nós FIZERMOS. A forma verbal sublinhada pertence ao futuro do subjuntivo do verbo FAZER; a alternativa em que há erro na conjugação desse mesmo tempo é:
a) Quando os políticos intervierem no processo, tudo ficará melhor.
b) Quando vocês o verem, digam-lhe que estive aqui.
c) Só sairei quando houver bom tempo.
d) Quando forem aprovados, serão empregados.
e) Se couber recurso, eu o farei.

14.8. Falsos derivados

Existem dois verbos bastante perigosos para o candidato a um concurso público: REQUERER e PROVER.
O verbo REQUERER não se deriva integralmente do verbo QUERER, então você deve ficar atento às diferenças entre os dois verbos.

Querer e Requerer

Indicativo

Presente	Presente	Pretérito Perfeito	Pretérito Perfeito
quero	requeiro	quis	requeri

queres	requeres	quiseste	requereste
quer	requere (ou requer)	quis	requereu
queremos	requeremos	quisemos	requeremos
quereis	requereis	quisestes	requerestes
querem	requerem	quiseram	requereram

Pretérito Imperfeito	Pretérito Imperfeito	Pretérito Mais-que-Perfeito	Pretérito Mais-que-Perfeito
queria	requeria	quisera	requerera
querias	requerias	quiseras	requereras
queria	requeria	quisera	requerera
queríamos	requeríamos	quiséramos	requerêramos
queríeis	requeríeis	quiséreis	requerêreis
queriam	requeriam	quiseram	requereram

Futuro do Presente	Futuro do Presente	Futuro do Pretérito	Futuro do Pretérito
quererei	requererei	quereria	requereria
quererás	requererás	quererias	requererias
quererá	requererá	quereria	requereria
quereremos	requereremos	quereríamos	requereríamos
querereis	requereis	quereríeis	requereríeis
quererão	requererão	quereriam	requereriam

Subjuntivo

Presente	Presente
queira	requeira
queiras	requeiras
queira	requeira
queiramos	requeiramos
queirais	requeirais
queiram	requeiram

Pretérito Imperfeito	Pretérito Imperfeito
quisesse	requeresse

quisesses	requeresses
quisesse	requeresse
quiséssemos	requerêssemos
quisésseis	requerêsseis
quisessem	requeressem

Futuro	Futuro
quiser	requerer
quiseres	requereres
quiser	requerer
quisermos	requerermos
quiserdes	requererdes
quiserem	requererem

Imperativo

Afirmativo	Afirmativo	Negativo	Negativo
quere (ou quer)	requere	não queiras	não requeiras
queira	requeira	não queira	não requeira
queiramos	requeiramos	não queiramos	não requeiramos
querei	requerei	não queirais	não requeirais
queiram	requeiram	não queiram	não requeiram

Obs.: Os verbos BENQUERER, DESQUERER e MALQUERER são conjugados como o verbo QUERER.

Prover

Indicativo

Presente: provejo, provês, provê, provemos, provedes, proveem

Pretérito Perfeito: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram

Pretérito Imperfeito: provia, provias, provia, províamos, províeis, proviam

Pretérito Mais-que-Perfeito: provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram

Futuro do Presente: proverei, proverás, proverá, proveremos, provereis, proverão

Futuro do Pretérito: proveria, proverias, proveria, proveríamos, proveríeis, proveriam

Subjuntivo
Presente: proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam
Pretérito Imperfeito: provesse, provesses, provesse, provêssemos, provêsseis, provessem
Futuro: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, preverem

Imperativo
Afirmativo: provê, proveja, provejamos, provede, provejam
Negativo: provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam

BIZU

Sempre é importante lembrar que o caso do verbo PROVER é uma exceção. Os verbos REVER, ANTEVER, PREVER derivam-se integralmente do VER. É muito bom não confundir PROVER (abastecer) com PREVER (antever – fazer uma previsão) e PROVIR (vir de), que se deriva totalmente do verbo VIR.

14.8.1. Exercícios

1. (TRF) Assinale a opção que completa adequadamente as lacunas.
Se eles de recursos o setor e se aos inconvenientes de um período de transição, a reforma se viabilizará.
a) proverem – dispuserem;
b) provirem – dispuserem;
c) provierem – dispuserem;
d) proverem – disporem;
e) provirem – disporem.

2. (NCE) Requerimento é substantivo derivado do verbo REQUERER; a alternativa em que a forma deste verbo está conjugada corretamente é:
a) eu requero;
b) ela requis;
c) se eles requizessem;
d) ele requereu;
e) eles requiseram.

3. (Técnico Judiciário – TJ – FCC) Está adequada a flexão de todos os verbos da frase:
a) É possível que ele requera imediatamente sua aposentadoria;
otimista, espera que o pedido não lhe seja denegado.

b) O autor estaria disposto a trabalhar no que lhe conviesse,
depois de aposentado, para assim imunizar-se contra os males do ócio.
c) Se o autor manter com disciplina o cômputo diário do que resta para aposentar-se, fará contas pelos próximos seis meses e 28 dias.
d) Se nos propormos a trabalhar depois de aposentados, evitaremos os males que costumam acometer os ociosos.
e) Os que haverem de se aposentar proximamente serão submissos a uma averiguação, a fim de serem saldadas as dívidas pendentes.

4. (Técnico Judiciário – TRE-AP – FCC) Está corretamente empregada a palavra destacada na frase
a) Constitue uma grande tarefa transportar todo aquele material.
b) As pessoas mais conscientes requereram anulação daquele privilégio.
c) Os fiscais reteram o material dos artistas.
d) Quando ele vir até aqui, trataremos do assunto.
e) Se eles porem as pastas na caixa ainda hoje, pode despachá-la imediatamente.

5. (Fuvest) Ele a seca e a casa de mantimentos.
a) preveu – proveu
b) provera – provira
c) previra – previera
d) preveu – provera
e) previu – proveu

6. (TTN) Assinale a alternativa que apresenta incorreção verbal.
a) Observa-se que muitos boatos provêm de algumas pessoas insensatas.
b) Se você quiser reaver os objetos roubados, tome as providências com urgência.
c) Prevendo novos aumentos de preços, muitos consumidores proveram suas casas.
d) O Ministro da Fazenda previu as despesas com o funcionalismo público, em 1989.
e) No jogo de domingo, quando o juiz interviu numa cobrança de falta, foi inábil.

7. (AJ-TRT-UFRJ-NCE) "... vieram a significar, no plano social,..." O item a seguir em que o verbo destacado está conjugado <u>erradamente</u> é:
a) Se o virmos por lá, daremos o recado.
b) Os advogados interviram na discussão.
c) A empregada proveu a despensa com o necessário.
d) Quando vimos para cá, sentimo-nos contentes.
e) Os aparelhos provieram dos Estados Unidos.

8. (TRT-Fundec) Das frases abaixo, a única correta quanto à flexão verbal, de acordo com a norma culta da língua, é:
a) Se proporem uma outra crônica, argumente que não há mais espaço nesta edição.
b) Com a cooperação de todos, o jornalista creu que havia condição de escrever a

reportagem.
c) Os candidatos só poderão se inscrever no concurso de crônicas, se o requiserem.
d) Os alunos de minha escola jamais obteram incentivo para redigir textos em crônicas.

9. (Oficial de Justiça) Tendo em conta a flexão verbal, é correto afirmar que as formas PROVÉM, PROVEM, PROVEEM e PROVÊM, referem-se, respectivamente, aos seguintes verbos:
a) prover, provir,provar e provir;
b) provir, provar, prover e provir;
c) provar, prover, provir e prover;
d) provir, provar, provir e prover.

10. (TRE-RJ) "E quando os mórmons se viram frente ao problema de povoar um deserto, não hesitaram em sancionar a poligamia". Das sentenças abaixo, construídas com verbos derivados de ver, aquela cuja lacuna se completa corretamente com a forma entre parênteses é:
a) Os mórmons as dificuldades a serem enfrentadas. (anteveram)
b) Quando os mórmons as dificuldades a enfrentar, agem corajosamente. (entrevêm)
c) Os mórmons já se tinham dos recursos necessários para seguir para o deserto. (provisto)
d) Se os mórmons as dificuldades que enfrentariam, talvez tivessem desistido. (prevessem)
e) Sempre que os mórmons a história da colonização do deserto, sentir-se-ão honrados. (revirem)

11. (Analista Judiciário – TST – FCC) A flexão de todas as formas verbais está plenamente adequada na frase:
a) Os que virem a desrespeitar quem não tem fé deverão merecer o repúdio público de todos os homens de bem.
b) Deixar de professar uma fé não constitue delito algum, ao contrário do que julgam os fanáticos de sempre.
c) Ninguém quererá condenar um ateu que se imbui do valor da ética e da moral no convívio com seus semelhantes.
d) Se não nos dispormos a praticar a tolerância, que razão teremos para nos vangloriarmos de nossa fé religiosa?
e) Quem requiser respeito para a fé que professa deve dispor-se a respeitar quem não adotou uma religião.

12.
a) Ela requereu que eu intervisse na questão.
b) Ela requis que eu intervisse na questão.
c) Ela requis que eu interviesse na questão.
d) Ela requereu que eu intervisse na questão.

e) Ela requereu que eu interviesse na questão.

13.
a) A polícia deteve a carga dos milhões de caixas de remédio.
b) A polícia deteu a carga dos milhões de caixas de remédio.
c) A polícia deteu a carga das milhões de caixas de remédios.
d) A polícia deteve a carga das milhões de caixas de remédio.
e) A polícia deteve a carga dos milhões das caixas de remédio.

14.
a) Não venha agora com os teus problemas de desinteria e astigmatismo.
b) Não venhas agora com os teus problemas de desinteria e estigmatismo.
c) Não venha agora com os seus problemas de disenteria e astigmatismo.
d) Não venha agora com os seus problemas de desinteria e astigmatismo.
e) Não venhas agora com os teus problemas de disenteria e estigmatismo.

14.9. Verbos impessoais

São verbos impessoais aqueles que não possuem pessoa (sujeito). Sendo assim, o sujeito é inexistente – oração sem sujeito –, obrigando o verbo a se restringir à terceira pessoa do singular.

a) Verbos, no sentido denotativo, que indicam fenômenos da natureza.

Ex: chover, trovejar, nevar, ventar...

Esses verbos só podem ser conjugados na 3ª pessoa do singular e também são chamados de verbos impessoais.

Obs.: Às vezes, um desses verbos pode estar no sentido conotativo, cabendo a sua flexão.

Ex.: Choveram laranjas na feira.

→ Nesse caso, a forma verbal "choveram" não é impessoal, o sujeito é LARANJAS, por isso a concordância entre eles.

b) Verbo HAVER, nos sentidos de EXISTIR e de tempo decorrido, e verbo FAZER, também no sentido de tempo decorrido, só podem ser conjugados na 3ª pessoa do singular e também são verbos impessoais.

Ex.: Havia 20 alunos em sala.

Deve haver 30 anos da chegada do homem à Lua.

Faz 20 dias que ela chegou...

Obs.: É relevante saber que os verbos auxiliares pegam as características dos verbos principais.

Ex.: Pode (no singular devido à presença do verbo principal HAVER no

sentido de existir) haver problemas.
Deve (no singular devido à presença do verbo principal FAZER no sentido de tempo passado) fazer três semanas que João viajou.
"... houve templos, houve cultos, houve leis" (Raul Pompeia).

c) O verbo TRATAR, acompanhado do pronome SE, quando semanticamente não puder ter sujeito.
Ex.: Trata-se de uma discussão descabida.
→ Observe que NINGUÉM PODE TRATAR DA DISCUSSÃO, sendo assim, como semanticamente o verbo não pode ter referente, o verbo se torna impessoal.

d) Os verbos BASTAR e CHEGAR, no sentido de PARAR.
Ex.: Chega de confusão.
Basta de briga.

Obs.: O verbo TER, no sentido de EXISTIR, HAVER, OCORRER, em tese, não poderia ser empregado. Contudo, não há como se negar que seu uso já se encontra consagrado, inclusive se registrando exemplos de textos de Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade: "Em Pasárgada tem tudo", "Tem uma pedra no meio do caminho". A maioria das bancas ainda não admite tal uso, mas o NCE, no concurso da Polícia Civil de 2001, indicou que o verbo TER estaria sendo utilizado como impessoal, não entrando no mérito se o uso estaria correto ou não. O Professor Celso Cunha, na página 142 da Gramática da Língua Portuguesa, classifica o uso do verbo TER, na acepção de EXISTIR, como coloquial.

14.9.1. Exercícios

1. (Administrador – Petrobras – Cesgranrio) De acordo com a norma-padrão, a frase que não precisa ser corrigida pelo Professor Carlos Góis, mencionado pelo Texto II, é:
a) Houveram muitos acertos naquela prova.
b) Existia poucos alunos com dúvidas na sala.
c) Ocorreram poucas dúvidas sobre a matéria.
d) Devem haver muitos aprovados este ano.
e) Vão fazer dois anos que estudei a matéria.

2. (Administrador – Transpreto – Cesgranrio) Os alunos, em uma aula de Português, receberam como tarefa passar a frase abaixo para o plural e para o passado (pretérito perfeito e imperfeito), levando-se em conta a norma-padrão da língua.
Há opinião contrária à do diretor.

Acertaram a tarefa aqueles que escreveram:
a) Houve opiniões contrárias às dos diretores / Havia opiniões contrárias às dos diretores.
b) Houve opiniões contrárias à dos diretores / Haviam opiniões contrárias à dos diretores.
c) Houveram opiniões contrárias à dos diretores / Haviam opiniões contrárias à dos diretores.
d) Houveram opiniões contrárias às dos diretores / Haviam opiniões contrárias às dos diretores.
e) Houveram opiniões contrárias às dos diretores / Havia opiniões contrárias às dos diretores.

3. (NCE) "... mas não havia infraestrutura para recrutar os cerca de 20 mil voluntários necessários".
O verbo HAVER presente nesse trecho do texto é impessoal. A alternativa em que o verbo HAVER foi mal utilizado é:
a) Não me haviam alertado para o perigo os técnicos do laboratório.
b) Refaria esses trabalhos e quantos mais houvessem para fazer.
c) Pouco mais de mil pessoas havia nas salas de aula.
d) Houveram por bem sair mais cedo os professores.
e) É provável que haja falhas graves nesse projeto.

4. (Magistério-NCE) "... de há muito acomete o frágil organismo social no qual vivemos". O item abaixo em que a forma do verbo "haver" está <u>erradamente</u> empregada no lugar da preposição a é:
a) Os jornais brasileiros, há vários meses, só falam de corrupção.
b) Há bastante gente a quem se pode acusar de corrupção.
c) O Brasil está há algumas semanas de começar a economia de luz.
d) De há meses para cá o frio tem aumentado.
e) O país sofre de corrupção há várias décadas.

5. O verbo sublinhado <u>não</u> é impessoal na frase:
a) <u>Houve</u> momentos de indecisão.
b) A criança <u>amanheceu</u> gripada.
c) No inverno, <u>anoitece</u> mais cedo.
d) <u>Faz</u> muito tempo que não o vejo.
e) <u>Basta</u> de tolices.

6. (Senado Federal – FGV) "...há outras formas de garantir a transparência..." Assinale a alternativa em que, alterando-se o trecho acima, manteve-se adequação à norma culta.
a) ...há de existir outras formas de garantir a transparência...
b) ...hão de haver outras formas de garantir a transparência...
c) ...devem existir outras formas de garantir a transparência...
d) ...devem haver outras formas de garantir a transparência...

e) ...podem haver outras formas de garantir a transparência...

7. (Fiscal – Sefaz-RJ – FGV) No Brasil, por exemplo, existem regras de criminal compliance... Assinale a alternativa em que a alteração do trecho acima tenha provocado INADEQUAÇÃO quanto à norma culta. Não leve em conta a alteração de sentido.
a) No Brasil, por exemplo, haverá regras de *criminal compliance*...
b) No Brasil, por exemplo, deve haver regras de *criminal compliance*...
c) No Brasil, por exemplo, há de existir regras de *criminal compliance*...
d) No Brasil, por exemplo, devem existir regras de *criminal compliance*...
e) No Brasil, por exemplo, poderão existir regras de *criminal compliance*...

8. (UFRJ-NCE) "... há três décadas ele mantém sua fama em ascendência". Nesta frase o verbo HAVER não varia, pois se trata de uma oração sem sujeito. Assinale a opção que completar corretamente a frase? "Quantos dias que não o vemos? bem uns dez".
a) faz – hão de haver
b) fazem – há de haver
c) fazem – hão de haver
d) faz – há de haver
e) fazem – hão de haverem

14.10. Verbos defectivos

São os que, por algum tipo de anomalia, não apresentam todas as pessoas em sua conjugação.

1) São defectivos abolir, banir, colorir, demolir, exaurir, explodir, extorquir, falir, acontecer, suceder, ocorrer, doer.

2) Há verbos que nossos ouvidos nos induzem a considerar que sejam defectivos, mão não o são: ADERIR, COMPETIR e POLIR. Existem as formas verbais ***EU COMPITO***, Maria quer que ***EU COMPITA... EU ADIRO***, Maria quer que ***TU ADIRAS, EU PULO, TU PULES...***

3) Caro candidato, se você fizer prova para a área fiscal, sobretudo se o concurso for organizado pela Esaf, fique atento aos verbos EMERGIR e IMERGIR. Há uma divergência entre o que ensina Celso Cunha e o que informa Evanildo Bechara. Este indica serem os dois verbos apenas irregulares, conjugando-se tais quais SUBMERGIR e ASPERGIR (EMERJO, MARIA QUER QUE EU EMERJA, TU EMERJAS...). Já aquele entende que SUBMERGIR e ASPERGIR possuem conjugação completa, mas EMERGIR e IMERGIR, não. Estes dois verbos não poderiam ser conjugados quando, após o radical, aparecessem as

letras A ou O. Este assunto caiu na prova de Analista de Finanças e Controle (Esaf), com a banca demonstrando claramente a opção por considerar os verbos defectivos, conforme Celso Cunha.

4) O verbo ADEQUAR ou (ADEQUAR-SE como mais utilizado) não pode ser conjugado em todo o presente do subjuntivo, e no presente do indicativo só existem as formas de 1ª pessoa do plural e de 2ª pessoa do plural. Por consequência, o imperativo também só conterá a forma de 2ª pessoa do plural do afirmativo. É bom esclarecer que nas pessoas existentes o verbo ADEQUAR-SE segue o modelo dos verbos regulares de 1ª conjugação.

5) Precaver e reaver só existem onde, na conjugação do verbo HAVER, houver a letra **V.**
   – O verbo REAVER só existe onde no verbo HAVER aparecer a letra V, ficando exatamente igual ao HAVER.
   – O verbo PRECAVER também só existe onde no verbo HAVER aparecer a letra V. Contudo onde este verbo existir, funcionará como um verbo regular de segunda conjugação, seguindo o modelo do verbo VENDER.

Ex: HAVER		REAVER		PRECAVER

Presente do Indicativo

hei	não há forma	não há forma
hás	não há forma	não há forma
há	não há forma	não há forma
havemos	reavemos	precavemos
haveis	reaveis	precaveis
hão	não há forma	não há forma

Pretérito Perfeito do Indicativo

houve	reouve	precavi
houveste	reouveste	precaveste
houve	reouve	precaveu
houvemos	reouvemos	precavemos
houvestes	reouvestes	precavestes
houveram	reouveram	precaveram

14.10.1. Exercícios

1. (Escriturário – BB – Cesgranrio) O verbo entre parênteses está conjugado de acordo com a norma-padrão em:
a) Desse jeito, ele fale a loja do pai. (falir)
b) O príncipe branda a sua espada às margens do rio. (brandir)
c) Os jardins florem na primavera. (florir)
d) Eu me precavejo dos resfriados com boa alimentação. (precaver)
e) Nós reouvemos os objetos roubados na rua. (reaver).

2. (CEE – Tecnológica-SP) Aponte a frase correta.
a) Avançaram sobre ele, não se conteram.
b) Não repilais quem de vós se aproxima.
c) Se você não prever a ocasião, como agarrá-la?
d) Requiseram inutilmente, não lhe deferiram o pedido.
e) Busquei por muito tempo, mas não reavi o que perdera.

3. (UnB-DF) Assinale o item que contém as formas verbais corretas.
a) reouve – intervi
b) reouve – intervim
c) rehouve – intervim
d) reavi – intervi
e) rehavi – intervim

4. (ITA) Assinale o caso em que o verbo destacado estiver correto.
a) **Eu me precavo** deve ser substituído por **eu me precavejo**.
b) **Eu me precavenho** contra os dias de chuva.
c) **Eu reavi** o que perdera há dois anos.
d) Problemas graves **me reteram** no escritório.
e) Nenhuma das frases acima.

5. (ITA) Vi, mas não ; o policial viu, e também não , dois agentes secretos viram, e não . Se todos nós , talvez tantas mortes.
a) intervir – interviu – intervieram – tivéssemos intervido – teríamos evitado
b) me precavi – se precaveio – se precaveram – nos precavíssemos – não teria havido
c) me contive – se conteve – contiveram – houvéssemos contido – tivéssemos impedido
d) me precavi – se precaveu – precaviram – precavêssemo-nos – não houvesse
e) intervim – interveio – intervieram – tivéssemos intervindo – houvéssemos evitado

6. (ANS – Analista – FCC) Tendo como parâmetro a norma culta da língua, assinale a alternativa que contém forma verbal corretamente empregada.
a) Portugal proveu o Brasil de uma estrutura encontrada apenas em metrópoles.
b) A Inglaterra conviu em que seria mais prudente ajudar na vinda de D. João VI para o Brasil.

c) As grandes nações se precavêem de infortúnios com planejamento.
d) Algumas ex-colônias requiseram a emancipação política antes que nosso país o fizesse.
e) Quando os historiadores reverem o episódio, certamente encontrarão passagens difíceis de interpretar

7. (DNOCS – FCC) É preciso corrigir uma forma verbal flexionada na frase:
a) O e-mail interveio de tal forma em nossa vida que ninguém imagina viver sem se valer dele a todo momento.
b) Se uma mensagem eletrônica contiver algum vírus, o usuário incauto será prejudicado, ao abri-la.
c) Caso não nos disponhamos a receber todo e qualquer e-mail, será preciso que nos munamos de algum filtro oferecido pela Internet.
d) Se uma mensagem provier de um desconhecido, será preciso submetê-la a um antivírus específico.
e) Ele se precaveio e instalou em seu computador um poderoso antivírus, para evitar que algum e-mail o contaminasse.

8. (AFTN) Indique o período correto.
a) Se você reaver seus cruzados retidos, empreste-me algum dinheiro.
b) Se tu reaveres teus cruzados retidos, poderás me emprestar uma parte?
c) Caso você reaveja seus cruzados retidos, pode emprestar-me uns cem mil?
d) Se eu reavesse meus cruzados retidos, emprestar-te-ia uma parte.
e) Todos neste país reaveremos os cruzados bloqueados, nos prazos estipulados pela lei.

9. (Esaf) Assinale a alternativa que apresenta um verbo <u>incorretamente</u> flexionado.
a) O enxoval conviria às noivas dos bairros mais pobres.
b) Não despeças os carregadores antes do desembarque.
c) Os policiais interviram nos protestos dos grevistas.
d) A noiva precaveu-se contra os prejuízos da mudança.
e) Eu expeço, primeiramente, as malas dos estudantes

10. (TRF) Das opções que se seguem, a que está correta quanto à flexão verbal é:
a) Se o governo se precavisse, evitaria acidentes como esse.
b) Com um pouco de sorte, talvez o senhor reaveja os documentos extraviados.
c) Meus filhos só vêm televisão depois que terminam os deveres escolares.
d) As autoridades interviram no rumo dos acontecimentos.
e) A empresa que projetou a usina não se precaveu como deveria.

11. (FCC) Marque a opção cujo verbo apresenta correta flexão.
a) "Se eu reavesse meu dinheiro retido, emprestar-te-ia uma parte".
b) "Toda dúvida que sobrevir deverá ser imediatamente esclarecida. Isso, sim, é transparência".

c) "A impunidade só terá fim quando se desfazer da cobertura política e todos forem iguais perante a lei..."
d) "Se alguém se deter em olhar na tevê, detalhadamente, o rosto do presidente, vai verificar que estão aparecendo alguns fios de cabelos brancos em sua cabeça".
e) Chefonildo interveio imediatamente, pois esses servidores não parecia serem culpados. Quando reouveram o material perdido, desavieram-se na sua distribuição.

12. (Esaf) Assinale a opção em que a mudança de pessoa verbal provoca erro.
a) Requeremos a pavimentação da rua Vicente de Carvalho.
Requeiro a pavimentação da rua Vicente de Carvalho.
b) Apesar do espaço pequeno, temos certeza de que cabemos aí.
Apesar do espaço pequeno, tenho certeza de que caibo aí.
c) Se não nos precavemos a tempo, seremos ludibriados.
Se não me precavenho a tempo, serei ludibriado.
d) Graças ao seu auxílio, reaveremos os documentos.
Graças ao seu auxílio, reaverei os documentos.
e) Nós valemos tanto quanto acreditamos ser nosso valor.
Eu valho tanto quanto acredito ser meu valor.

13. Leia com atenção as frases a seguir, tendo em vista o verbo destacado.
I. Eles adequam suas necessidades ao material disponível.
II. Finalmente reavi meus documentos.
III. Assim que eles proporem o acordo, aceitaremos.
IV. Ele se precaveu para não ter problemas mais tarde.
V. Sempre que proveres a despensa, poderás viajar com tranquilidade.
Estão corretas as formas verbais empregadas em:
a) I e II;
b) II e IV;
c) III e V;
d) IV e V;
e) I e V.

14.11. Formas rizotônicas e arrizotônicas verbais

14.11.1. Rizotônicas

São as formas verbais em que a sílaba tônica recai totalmente sobre o radical.

Ex.: fales, brigo, parte, faze, indica, olho.

A sílaba tônica dessas formas verbais é respectivamente: ***fa, bri, par, fa, di, o*** e recaem sobre os radicais ***fal, brig, part, faz, indic, olh.***

14.11.2. Arrizotônicas

São as formas verbais em que a sílaba tônica não recai sobre o radical.

Ex.: falei, brigamos, parti, fazia, indicou, olharei.

A sílaba tônica dessas formas verbais é respectivamente: ***lei, ga, ti, zi, cou, rei*** e não recai sobre os radicais ***fal, brig, part, faz, indic, olh.***

14.12. Verbos terminados em IAR

Os verbos terminados em ***IAR*** são REGULARES, com **exceção** de: **MEDIAR, ANSIAR, REMEDIAR, INCENDIAR, ODIAR** e **INTERMEDIAR,** que terão o acréscimo da letra **E** nas formas rizotônicas.

Ex.: REMEDIAR (PRESENTE DO INDICATIVO)

remedeio		remediamos
remedeias		remediais
remedeia		remedeiam

REMEDIAR (PRESENTE DO SUBJUNTIVO)

remedeie		remediemos
remedeies		remedieis
remedeie		remedeiem

Analisando este verbo, podemos observar que o radical é **REMEDI,** portanto é justamente quando a sílaba tônica recai sobre **DI,** que se torna necessário o acréscimo da letra **E** entre as letras **D** e **I.**

Obs.: Já o verbo **MOBILIAR** conjuga-se incidindo-se sílaba tônica em BI nas formas rizotônicas.

Presente do Indicativo: mobílio, mobílias, mobília, mobiliamos, mobiliais, mobíliam

Presente do Subjuntivo: mobílie, mobílies, mobílie, mobiliemos, mobilieis, mobíliem

Imperativo Afirmativo: mobília, mobílie, mobiliemos, mobiliai, mobíliem

Imperativo Negativo: mobílies, mobílie, mobiliemos, mobilieis, mobíliem

14.13. Verbos terminados em EAR

Os verbos terminados em **EAR** terão o acréscimo da letra **I** nas formas rizotônicas.

Ex.: NOMEAR (PRESENTE DO INDICATIVO)

nomeio		nomeamos
nomeias		nomeais

nomeia		nomeiam

NOMEAR (PRESENTE DO SUBJUNTIVO)

nomeie		nomeemos
nomeies		nomeeis
nomeie		nomeiem

Analisando este verbo, podemos observar que seu radical é **NOME**, portanto é justamente quando a sílaba tônica recai sobre **ME**, que se torna fundamental a inserção da letra I nesta sílaba.

14.14. Verbos terminados em GUAR

1) AGUAR, APANIGUAR, APAZIGUAR, APROPINQUAR, AVERIGUAR, DESAGUAR, ENXAGUAR, OBLIQUAR, DELINQUIR e afins poderão ou não ser acentuados nas formas rizotônicas.

Obs.: Com a reforma ortográfica, a flexão passsa a admitir as seguintes formas:

AVERIGUAR

PRESENTE DO INDICATIVO	PRESENTE DO INDICATIVO
eu averiguo	eu averíguo
tu averiguas	tu averíguas
ele averigua	ele averígua
nós averiguamos	nós averiguamos
vós averiguais	vós averiguais
eles averiguam	eles averíguam

AVERIGUAR

PRESENTE DO SUBJUNTIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO
eu averigue	eu averígue
tu averigues	tu averígues
ele averigue	ele averígue
nós averiguemos	nós averiguemos
vós averigueis	vós averigueis
eles averiguem	eles averíguem

14.14.1. Exercícios

1. (Cesgranrio) Assinale a forma errada do verbo pontear.
a) ponteias
b) ponteiamos
c) pontearei
d) ponteiam
e) ponteie

2. (ITA) Examinando as afirmações de que a terceira pessoa do singular do presente do indicativo é:
Progredir é progrede.
Ansiar é ansia.
Remediar é remedia.
Transgredir é transgride.
Verifica-se que:
a) apenas uma está correta;
b) apenas duas estão corretas;
c) todas estão corretas;
d) três estão corretas;
e) nenhuma está correta.

3. (Analista – TCE-CE – FCC) Estão corretamente grafadas e flexionadas todas formas verbais da frase:
a) Por vezes, é a intuição de um juiz que intermedia o que está no processo e o espírito da lei.
b) Se não se dispuser a examinar bem o caso e não se prover da melhor intuição, poderá proceder injustamente.
c) A intuição costuma acessorar os juízes, nos casos mais complexos que se lhes apresentam.
d) É frequente que um juiz remedie uma omissão da lei valendo-se do que lhe diz sua intuição.
e) Caso a intuição do juiz não intervisse naquele caso, o réu seria injustamente condenado.

4. (Analista Judiciário – TRE-PE – FCC) Numa carta em que um velho jornalista se dirigisse a um recém-contratado do jornal, seria plenamente aceitável a redação da seguinte frase:
a) Não temais, meu caro, a concorrência de teus colegas: confia em teus próprios valores, aferre-se a eles e segue em frente.
b) Os valores que nortearão suas decisões profissionais não devem, meu caro, desmerecer os valores pessoais de que você se orgulha.
c) Se te vierem ameaçar as piores tentações, fuja delas, amigo, não as dê qualquer atenção, e não terás motivo de arrependimento.
d) Aprenderás com o tempo, meu jovem, que mesmo nas pequenas decisões que adotar,

devem inspirá-lo os valores maiores da ética.
e) Bem-vindo seja, colega, e atenta para que a ansiedade da competição não lhe desvie da missão que a comunidade nos confiou.

5. (TRF – 2ª Região – FCC) O emprego, a grafia e a flexão dos verbos estão corretos em:
a) A revalorização e a nova proeminência de Paraty não prescindiram e não requiseram mais do que o esquecimento e a passagem do tempo.
b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre renegada a um segundo plano, eis que ela imerge do esquecimento, em 1974.
c) A cada novo ciclo econômico retificava-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, sobreviram longos anos de esquecimento.
d) A Casa Azul envidará todos os esforços, refreando as ações predatórias, para que a cidade não sucumba aos atropelos do turismo selvagem.
e) Paraty imbuiu da sorte e do destino os meios para que obtesse, agora em definitivo, o prestígio de um polo turístico de inegável valor histórico.

6. (TRE-MT) Só está correta a forma verbal grifada na frase:
a) Embora ele <u>esteje</u> indicado, o Senado ainda não o aprovou.
b) Ele <u>passeiava</u> diariamente no parque.
c) Quando eles <u>trouxerem</u> a permissão, poderão entrar.
d) Se <u>mantermos</u> as posições, o inimigo não avançará.
e) Os deputados se <u>entretiam</u> com esses discursos.

7. Observe e analise as formas verbais das frases a seguir:
1 – Eu me precavi na época do pacote econômico.
2 – Ele já proveu a geladeira com muitas frutas.
3 – Os inspetores intermedeiam na discussão dos alunos.
4 – Desejamos que eles floreiem os ambientes.
5 – Eles desejam que nós vamos ao teatro.
Estão corretas as frases:
a) todas;
b) 1, 2, 4, 5;
c) 1, 2, 3, 4;
d) 1, 2, 3, 5;
e) 3, 4, 5.

8. (CM) A flexão do verbo "macaquear" está em desacordo com a norma culta na opção:
a) Nós macaqueiamos a visão do Português.
b) O brasileiro macaqueia a visão do Português.
c) Talvez macaqueemos a visão do Português.
d) É possível que os brasileiros macaqueiem a visão do Português.
e) Os brasileiros macaqueiam a visão do Português.

9. (TJ-NCE) "Para outras, é apenas o prazer de saber que a distância não mais cerceia a comunicação, por boba que seja." A frase abaixo em que há uma forma, ligada aos verbos terminados em – ear, grafada erradamente é:
a) É perigoso que passeiemos à noite.
b) A civilização sofre freadas em seu progresso.
c) O homem receoso não luta pela liberdade.
d) Todos nós ceamos no Natal.
e) É injusto que os países totalitários cerceiem a comunicação.

10. (Epcar) Em apenas uma das frases a forma verbal está incorreta. Assinale-a.
a) Desejo que me ouçais com atenção.
b) Se eles se precavessem, não sofreriam o acidente.
c) Se intervissem, o conflito cessaria.
d) Não odieis vosso irmão.
e) Trá-lo-ei assim que me pedires.

11. (UFRJ) "... que aqui viveram e ainda vivem..." Este mesmo fragmento, com o verbo "ansiar" nos mesmos tempos e pessoas do verbo VIVER, ficaria:
a) ... que aqui ansiaram e ainda anseiam...
b) ... que aqui ansiavam a ainda anseiam...
c) ... que aqui ansiaram e ainda ansiam...
d) ... que aqui ansiarão e ainda anseiem...
e) ... que aqui anseiaram e ainda ansiam...

12. (PM – Bahia – Técnico – FCC) Está correta a flexão do verbo sublinhado na frase:
a) Se alguém ver o outro como um aliado, só terá a ganhar.
b) Quando convir, adotar-se-ão medidas repressivas.
c) Quando o caso requiser, adotam-se medidas mais duras.
d) O tolo acha melhor que se remedeie uma situação em vez de a prever.
e) Aquelas ações repressivas não proviram da vontade da população.

13. (Escrivão de Policia Civil do Estado do Maranhão – FCC) O verbo corretamente flexionado está grifado na frase:
a) As tropas americanas não conteram os ataques da população enfurecida à Biblioteca Nacional.
b) Saqueadores de museus contrabandeiam obras de raro valor arqueológico no mercado internacional.
c) Nazistas se proporam a destruir, em enormes fogueiras, livros considerados perigosos na Alemanha.
d) O problema que sobreviu à invasão americana no Iraque foi a destruição de peças arqueológicas raríssimas.
e) Os invasores do Iraque não antevieram as funestas consequências dos saques, como o contrabando de obras valiosas.

14. (MPE – Pernambuco – Técnico ministerial – Área Administrativa – FCC) O verbo grifado está corretamente flexionado na frase:
a) Veem sendo adotadas medidas para a reprodução de músicas sem o pagamento dos respectivos direitos autorais.
b) Na disputa jurídica, as artistas reaveram o direito de receber os valores decorrentes da divulgação de sua obra.
c) Grandes indústrias intermediam os interesses dos compositores, firmando-se no mercado com extraordinários lucros.
d) Alguns amigos do cantor proporam-se a financiar a gravação de suas músicas, na certeza de sucesso imediato.
e) O disco manteve-se em primeiro lugar nas vendas durante semanas, garantindo a recuperação dos gastos da produção.

15. (TRE-Amapá – Téc. Judiciário – FCC) Está corretamente flexionada a forma verbal sublinhada na frase:
a) Se alguém propor medidas para a economia de energia, que seja ouvido com atenção.
b) Caso uma represa contenhe pouco volume de água, as turbinas da usina desligam-se.
c) Seria preciso que refizéssemos os cálculos da energia que estamos gastando.
d) Só damos valor às coisas quando elas já escasseiaram.
e) Se não determos os desperdícios, pagaremos cada vez mais caros por eles.

Nas questões de 16 e 17, marque a opção em que há forma verbal incorreta.
16. (NCE – UFRJ)
a) Se nos **convirem** as respostas, não o processaremos.
b) Para que eles **reouvessem** o que perderam, era necessário calma.
c) Os policiais que **intervieram** na proposta, serão afastados.
d) Quando **propusermos** medidas eficazes, seremos contratados.
e) Para **preverem** as falhas, deverão estudar muito mais.

17. (NCE – UFRJ)
a) Só **previram** as questões referentes ao orçamento dos novos estados.
b) Os cidadãos que **supuseram** tal medida, abandonarão a cidade.
c) Se **requiséssemos** a documentação necessária, haveria desordem.
d) Talvez nós **nomeemos** pessoas mais interessadas no projeto.
e) Não **magoem** aqueles amigos que sempre estiveram com vocês.

14.15. Verbos terminados em Uir

Não apresentam alterações vocálicas no radical, havendo apenas a substituição do "e" pelo "i" na 2ª e na 3ª do singular.

Ex.: Presente do Indicativo – obstruo, obstruis, obstrui, obstruímos, obstruís, obstruem

Obs.: Nos verbos "arguir" e "redarguir", se o "u" for tônico seguido de "e" ou "i" , possuirá acento agudo; caso seja átono, possuirá trema.

Ex.: Presente do Indicativo – Arguo, argúis, argúi, arguimos, arguis, argúem

Pretérito Imperfeito do Subjuntivo – arguisse, arguisses, arguisse, arguíssemos, arguísseis, arguissem

Obs.: ARGUIR e REDARGUIR perdem o acento agudo nas formas rizotônicas.

ARGUIR	REDARGUIR
PRESENTE DO INDICATIVO	**PRESENTE DO INDICATIVO**
eu arguo	eu redarguo
tu arguis	tu redarguis
ele argui	ele redargui
nós arguímos	nós redarguímos
vós arguís	vós redarguís
eles arguem	eles redarguem

ARGUIR	REDARGUIR
PRESENTE DO SUBJUNTIVO	**PRESENTE DO SUBJUNTIVO**
eu argua	eu redargua
tu arguas	tu redarguas
ele argua	ele redargua
nós arguamos	nós redarguamos
vós arguais	vós redarguais
eles arguam	eles redarguam

Obs.: O verbo DELINQUIR, antes defectivo, agora passa a ter todas as suas formas conjugadas.

Obs.: Já em conformidade com a reforma ortográfica.

Obs.: Os verbos CONTRUIR, DESTRUIR, RECONSTRUIR, bem como ENTUPIR (e cognatos) admitem O ou U na segunda pessoa do singular, na terceira pessoa do singular e na terceira pessoa do plural do presente do indicativo.

Ex.: tu constróis (construis), ele constrói (construi), eles constroem (construem)

14.15.1. Exercício

1. (NCE) "A sociedade mantém as Forças Armadas inoperantes no caso".

"Devem as Forças Armadas intervir no processo..."
"... construir e conservar estradas..."
Que item a seguir mostra as formas correspondentes dos verbos das frases acima – MANTER, INTERVIR e CONSTRUIR – na terceira pessoa do plural do presente do indicativo?
a) mantêm – intervêm – construem
b) mantém – intervêm – constroem
c) mantêem – intervêem – constroem
d) mantêm – intervêem – constroem
e) mantém – intervém – constroem

14.16. Verbos prazer, aprazer e desprazer

Têm uma característica peculiar. No pretérito perfeito do indicativo, no pretérito mais-que-perfeito do indicativo, no pretérito imperfeito do subjuntivo e no futuro do subjuntivo, seguem o modelo do verbo HAVER.

Ex.: Pretérito perfeito do indicativo – Eu houve (aprouve), tu houveste (aprouveste), ele houve (aprouve), nós houvemos (aprouvemos), vós houvestes (aprouvestes), eles houveram (aprouveram)

Pretérito mais-que-perfeito – Eu houvera (aprouvera), tu houveras (aprouveras), ele houvera (aprouvera), nós houvéramos (aprouvéramos), vós houvéreis (aprouvéreis), eles houveram (aprouveram)

Pretérito imperfeito do subjuntivo – Se ontem eu houvesse (aprouvesse), tu houvesses (aprouvesses), ele houvesse (aprouvesse), houvéssemos (aprouvéssemos), houvésseis (aprouvésseis), houvessem (aprouvessem)

Futuro do subjuntivo – Quando eu houver (aprouver), tu houveres (aprouveres), ele houver (aprouver), houvermos (aprouvermos), houverdes (aprouverdes), houverem (aprouverem).

Obs.: Nos demais tempos, estes verbos seguirão o modelo dos verbos regulares de 2ª conjugação.

O verbo PRAZER só é conjugado na 3ª pessoa do singular e na 3ª pessoa do plural em todos os tempos.

O verbo comprazer denuncia uma divergência entre os gramáticos Celso Ferreira da Cunha e Evanildo Bechara. Segundo Cunha, este verbo seria regular em todos os tempos e pessoas; já Bechara considera que o verbo também guarda a mesma irregularidade apresentada pelos verbos PRAZER, APRAZER e DESPRAZER.

14.16.1. Exercícios

1. (MPU – Técnico – Área Adm. – FCC) Todas as formas verbais estão corretamente flexionadas na frase:
a) O cronista dá a entender que jamais interveio para libertar um inseto.
b) Se não convisse matar para comer, a natureza não o determinaria.
c) Nunca me aprouveu matar para comer; aguardo que matem por mim.
d) Se a natureza revesse sua principal lei, que tipo de vida haveria?
e) Se a vida não se compor com a morte, romper-se-á todo o equilíbrio.

2. (TCEMG – Eng. Perito – FCC) Todos os verbos estão corretamente empregados e flexionados na frase:
a) Se eu voltar à mesma escola e os alunos proporem as mesmas perguntas, os debates não deixarão de ter o mesmo calor da primeira vez.
b) Se o autor do texto não retesse o mesmo entusiasmo de menino pelas perguntas, não haveria todo aquele magnetismo durante o colóquio.
c) Ao autor aprouve suspender a palestra convencional e deter-se nas perguntas fundamentais que as crianças lhe propuseram.
d) Imergia das questões formuladas aquela vitalidade própria das crianças que não se resiguinam à passividade diante dos mistérios do mundo.
e) Seria interessante que os cientistas convissem em que é fundamental não perder o contato com a curiosidade que se constitue ainda na infância.

3. (CM) Considerando-se a norma culta da língua, há <u>erro</u> quanto à escolha da forma verbal empregada em:
a) Se o país reouver o clima natural dos anos 60.
b) Se o governo revir a atual apolítica econômica.
c) Se lhe aprouver reunir o grupo para discutir.
d) Se a emenda não convier ao governo.
e) Se os jovens se absterem de votar.

4. (TRT-20 R. – FCC) Estão corretamente flexionadas as formas verbais da frase:
a) Temos a impressão de que um bêbado, andando na rua, somente executará os movimentos que lhe aprazer.
b) As teorias do acaso não granjeam muitos adeptos numa época em que imperam os determinismos de todo tipo.
c) Pode-se considerar aleatório todo fenômeno ou comportamento que não provir, aparentemente, de um padrão já definido.
d) Os exemplos que o leitor se propor a acompanhar no livro convencê-lo-ão do importante papel do acaso em nossa vida.
e) Se não conviesse aos físicos estudar a aleatoriedade, esta ficaria adstrita ao campo das crendices e superstições.

14.17. Vozes verbais

A nomenclatura das vozes se baseia nos sujeitos, isto é, se o verbo

concordar com o ser que pratica a ação, a voz é ativa; se o verbo concordar com o sujeito que sofre a ação, a voz é passiva. Se o sujeito pratica e recebe a mesma ação verbal, a voz é reflexiva.

14.17.1. Voz ativa

Ex.: "Eles andam de bicicleta." Observe que a forma verbal ANDAM está na 3ª pessoa do plural porque o sujeito ELES está na 3ª pessoa do plural. O verbo é obrigado a concordar com o sujeito, e como neste caso o sujeito é ativo, a voz é ativa.

14.17.2. Voz passiva

Ex.: "O trabalho foi feito por mim." Observe que a forma verbal **FOI FEITO** está na 3ª pessoa do singular, porque o sujeito **O TRABALHO** também está na 3ª pessoa do singular. Como, neste caso, o sujeito é passivo, a voz é passiva.

Obs. : Só existe voz passiva com verbo transitivo direto (ou transitivo direto e indireto), pois só o objeto direto da voz ativa pode transformar-se em sujeito da passiva. A frase dada como exemplo nasceu desta: "Eu fiz o trabalho." **O TRABALHO,** que era o objeto direto da voz ativa, passa a ser o sujeito da passiva.

A voz passiva pode ser analítica ou sintética.

Será ***Analítica*** – também chamada de "com auxiliar" –, quando houver VERBO SER + VERBO TRANSITIVO DIRETO (no particípio).

Ex.: O carro será (verbo SER) comprado (VTD – particípio) por Manoel (agente da passiva).

Obs.: Podem também ser utilizados outros verbos auxiliares, como ESTAR, FICAR, ANDAR, IR, VIR, VIVER...

Ex.: Ele vai acompanhado dos amigos.

A dúvida ficou esclarecida.

Será ***Sintética*** – também chamada de "pronominal" –, quando houver VERBO TRANSITIVO DIRETO + PRONOME "SE".

Ex.: Vendem-se (VTD + PRONOME "SE") carros (SUJEITO).

Aluga-se (VTD + PRONOME "SE") vaga (SUJEITO).

BIZUS

1) Preste atenção ao fato de que só o objeto direto da voz ativa pode

transformar-se em sujeito da passiva.

Ex.: Assistimos ao filme (objeto indireto). Não devemos dizer "O filme foi assistido por nós".

Esta frase está errada, porque não se pode passar o objeto indireto da voz ativa para sujeito da passiva.

Ex.: Pagamos o salário (objeto direto) ao empregado (objeto indireto).

Está perfeita a seguinte frase: "O salário foi pago ao empregado por nós", pois o objeto direto da voz ativa pode transformar-se em sujeito da passiva; no entanto não se deve dizer "O empregado foi pago por nós", pois o que era objeto indireto da voz ativa não pode ser alterado para sujeito da passiva. Tal se dá pelo fato de o objeto indireto ser termo preposicionado, fator impeditivo de transformá-lo em sujeito.

Obs.: São admitidos como exceções os verbos OBEDECER e DESOBEDECER. Estes verbos são os únicos transitivos indiretos que admitem voz passiva.

Ex.: Obedeço ao regulamento. – O regulamento é obedecido por mim.

Não desobedecerás à lei. – A lei não será desobedecida por ti.

Esta situação se justifica pelo histórico desses verbos. OBEDECER e DESOBEDECER eram transitivos diretos, sem uso de preposição. Contudo, começaram a ser utilizados com a preposição A e a gramática registrou essa alteração. O verbo passou a ser transitivo indireto, entretanto manteve a antiga possibilidade de reescritura na voz passiva.

2) Fundamental se faz observar que, na transcrição da voz ativa para a passiva ou vice-versa, o tempo verbal da frase original há de ser mantido. Tal se justifica pelo fato de, caso ocorra a mudança no tempo do verbo, obviamente será alterado o sentido da frase. Então, não se trata meramente de uma vaidade gramatical, mas sim de uma exigência semântica.

Ex.: João fazia exercícios diariamente. – Observe que, na frase origi-nal, a forma verbal "fazia" encontra-se no pretérito imperfeito, logo a sua reescritura há de se dar com o verbo auxiliar "ser" também no pretérito imperfeito do indicativo, objetivando, assim, respeitar o sentido do período. – Exercícios eram (pretérito imperfeito do indicativo) feitos por João diariamente.

3) É importante o usuário da língua aprender a distinguir o índice de indeterminação do sujeito do pronome apassivador. Este se relaciona com verbos transitivos diretos e resultará na formação da voz passiva. Já aquele

estará ligado a verbos que não sejam transitivos diretos e não implicará a formação de voz passiva. As principais consequências são que, sendo o pronome SE apassivador, o termo que funcionaria como objeto direto se transforma em sujeito, portanto o verbo se torna obrigado a concordar com ele. Já o pronome SE, sendo índice de indeterminação do sujeito, indica que evidentemente o sujeito é indeterminado e, por consequência, o verbo necessariamente flexiona-se apenas na terceira pessoa do singular.

Ex.: Fez-se o trabalho.

– Se não houvesse o pronome SE, o termo "o trabalho" seria objeto direto. Então o verbo é transitivo direto que, ligado ao pronome SE, forma a voz passiva sintética, alterando a função sintática de "o trabalho" para sujeito. Dessa forma, se o termo for flexionado para o plural, o verbo vai acompanhá-lo. – Fizeram-se os trabalhos.

Precisa-se de cerveja.

– Se não ocorresse o pronome SE, o termo "de cerveja" funcionaria como objeto indireto. Portanto, o verbo é transitivo indireto que, relacionado ao pronome "se", NÃO forma a voz passiva. Aquele termo que seria objeto indireto continua sendo objeto indireto, então o verbo não se flexiona. – Precisa-se de cervejas.

Ouve-se bem daqui.

– BEM funciona como adjunto adverbial de modo, DAQUI, como adjunto adverbial de lugar. Não há nessa frase nenhum termo que complemente a ideia do verbo, o qual, por conseguinte é intransitivo. Verbo intransitivo ligado ao pronome SE não caracteriza a voz passiva. O SE é índice de indeterminação do sujeito e, dessa forma, o verbo só se conjuga na terceira pessoa do singular.

Daqui se ouve bem a música.

– BEM continua funcionando como adjunto adverbial de modo, DAQUI, como adjunto adverbial de lugar. Porém, nessa frase, há a ocorrência de "a música", que, sem a presença do "SE", funcionaria como objeto direto. Portanto, se haveria objeto direto é porque o verbo é transitivo direto que, ligado ao pronome SE, forma a voz passiva. Aquele termo que seria objeto direto é alterado para sujeito, obrigando o verbo a acompanhá-lo.

Daqui se ouvem bem as músicas.

Obs.: Há a ideia passiva em estruturas como: Só me batizei com dez anos. / Como tu te chamas?

14.17.3. Voz reflexiva

É quando há coincidência entre o ser que pratica a ação e o que sofre a ação.

Ex.: O rapaz se entregou à polícia.

→ Observe que a pessoa que pratica a ação é a mesma que a sofre. O rapaz entregou e o rapaz foi entregue.

Eu me vi numa situação complicada.

→ Observe que quem vê e quem é visto é o mesmo ser.

14.17.4. Voz reflexiva com valor recíproco

Expressa um tipo de reflexividade, em que um ser pratica a ação em outrem e dele sofre a mesma ação.

Ex.: Eles se beijaram.

→ A ação indica que um beijou o outro.

14.17.4.1. Exercícios

1. (Carlos Chagas-BA) Transpondo para a voz passiva a frase: "Haveriam de comprar, ainda, um trator maior", obtém-se a forma verbal:

a) comprariam
b) comprar-se-ia
c) teria sido comprado
d) ter-se-ia comprado
e) haveria de ser comprado

2. (FMU) Leia a seguinte passagem na voz passiva: "O receio é substituído pelo pavor, pelo respeito, pela emoção ..." Se passarmos para a voz ativa, teremos:

a) O pavor e o respeito substituíram-se pela emoção e o receio.
b) O pavor e o receio substituem a emoção e o respeito.
c) O pavor, o respeito e a emoção são substituídos pelo receio.
d) O pavor, o respeito e a emoção substituem-se.
e) O pavor, o respeito e a emoção substituem o receio.

3. (TRT-RJ – Cespe-UnB) O texto apresenta uma oração na voz passiva no trecho

a) "A série de dados do CAGED tem início em 1992"
b) "o crescimento no número de empregos formais criados foi de 38,7%".
c) "'Pode haver uma diminuição na escalada de compra de bens duráveis'".
d) 'Os preços dos bens duráveis (...) não estão aumentando'.
e) "No caso da indústria de transformação, por exemplo, foram criadas 146 mil vagas".

4. (Administrador – Petrobras – Cesgranrio) No Texto I, a frase "os alunos desfizeram o equívoco antes que ele se criasse" apresenta voz passiva pronominal no trecho em

destaque.
A seguinte frase apresenta idêntico fenômeno:
a) Necessita-se de muito estudo para a realização das provas.
b) É-se bastante exigente com Língua portuguesa nesta escola.
c) Vive-se sempre em busca de melhores oportunidades.
d) Acredita-se na possibilidade de superação do aluno.
e) Criou-se um método de estudo diferente no curso.

5. (Analista Judiciário – Informática – TJ – FCC) A frase que admite transposição para a voz PASSIVA é:
a) *Quando a Bem-amada vier com seus olhos tristes*...
b) *O chapéu dele está aí*...
c) ... *chegou à conclusão de que o funcionário*...
d) *Leio a reclamação de um repórter irritado*...
e) ... *precisava falar com um delegado*...

6. (Analista Judiciário — TJ-RJ – FCC) ***... antiga Selinunte, que foi fundada no século VI a.C. por colonos gregos e arrasada por Haníbal em 409 a.C.***
Reescrevendo-se a frase acima na voz ativa, as formas verbais resultantes serão, respectivamente:
a) fundou – arrasou
b) fundaram – arrasou
c) fundou – arrasaram
d) fundam – arrasa
e) fundariam – arrasaria

7. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) Transpondo-se para a voz passiva a frase "O estilo e o assunto do artigo viriam a sensibilizar a leitora", obtém-se a forma verbal:
a) vinha sendo sensibilizada.
b) veio a ser sensibilizada.
c) viria a ser sensibilizada.
d) vêm sensibilizando-a.
e) viriam a ser sensibilizados.

8. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – FCC) O verbo que NÃO admite transposição para a voz passiva está em:
a) ... *a República aterrou aquela zona* ...
b) *O Cais do Valongo ficava longe da vista dos cariocas* ...
c) ... *a prefeitura pôs em execução uma ampla reforma*...
d) ... *uma equipe de pesquisadores do Museu Nacional encontrou o piso do Cais do Valongo.*
e) ... *e a cobriu com ruas e praças*.

9. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – FCC) *As ruas estavam ocupadas pela multidão*...
A forma verbal resultante da transposição da frase acima para a voz ativa é:
a) ocupava-se;
b) ocupavam;
c) ocupou;
d) ocupa;
e) ocupava.

10. (Técnico Judiciário – TRE-SP – FCC) ... *ao fazer isto, ele exprimiu a realidade tão paulista do italiano recoberto pela terra e do brasileiro das raízes europeias*.
Transpondo-se a frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante será:
a) foi expressa;
b) exprimia-se;
c) é exprimida;
d) vem sendo exprimida;
e) era expressa.

11. (TRE-SP) Transpondo para a voz passiva a frase "O auxiliar judiciário estava organizando os arquivos", obtém-se a forma verbal:
a) foram sendo organizados;
b) estavam sendo organizados;
c) foram organizados;
d) tinham sido organizados;
e) eram organizados.

12. (TRE-SP) Transpondo para a voz ativa a frase "Os pretendentes ao cargo teriam sido cadastrados pelo coordenador", obtém-se a forma:
a) cadastraria;
b) terá cadastrado;
c) seriam cadastrados;
d) teria cadastrado;
e) tinha cadastrado.

13. (Técnico Judiciário – TRE-RN – FCC) ... *viu pedrinhas ali perto*. **(3º parágrafo)**
A passagem para a voz passiva da frase acima resulta na seguinte forma verbal:
a) são vistas;
b) tinha visto;
c) foram vistas;
d) viu-se;
e) é visto.

14. (NCE) "O Governo de nosso Estado combate e denuncia todas as formas de violência".

Qual seria a forma adequada dessa mesma frase se a começássemos de outra forma: "O Governo de nosso Estado pretende que..." e se o restante do período fosse colocado na voz passiva pronominal?
a) Que se combata e se denuncie todas as formas de violência.
b) Que todas as formas de violência sejam denunciadas e combatidas.
c) Que todas as formas de violência se combatam e se denuncie.
d) Que se combatam e se denunciem todas as formas de violência.
e) Que se combate e se denuncia todas as formas de violência.

15. (TJ-NCE) A frase "desliguem o motor" corresponde, na voz passiva com auxiliar, a "que o motor seja desligado".
Qual a correspondência do mesmo tipo inadequadamente realizada?
a) abram as portas – as portas sejam abertas.
b) se afastem das mesas – as mesas sejam afastadas.
c) interrompam a refeição – a refeição seja interrompida.
d) definam um bom espaço – um bom espaço seja definido.
e) ritualizem o ato de parar – o ato de parar seja ritualizado.

16. (NCE) A única frase que está na voz passiva é:
a) Muitos cidadãos estão buscando novas soluções para velhos problemas.
b) A luta contra a corrupção é de todos nós.
c) Os depoimentos na CPI foram acompanhados por grande público.
d) Estamos vivendo um momento de incertezas.
e) Toda a população vai colaborar com o Viva Rio.

17. (NCE) Qual a forma de voz ativa da frase "... para não ser olhado com medo"?
a) Para que não o olhem com medo.
b) Para que não o olhassem com medo.
c) Para não o olharem com medo.
d) Para que não fosse olhado com medo.
e) Para que alguém não o olhe com medo.

18. (NCE) Em que item a seguir <u>não</u> ocorre um verbo na forma de voz passiva?
a) Das fendas de uma rocha se desprendiam emanações...
b) ... que eram tidas como profecias, oráculos.
c) E precisavam ser interpretadas.
d) Tinham duplo sentido, eram ambíguos.
e) E lhes foi dito que a profecia estava certa.

19. (NCE) A eletricidade era empregada para acender lâmpadas. Redigiu-se, de outra forma, a frase acima. Assinale a alternativa em que se verifica uma perfeita correspondência entre as duas formas de redação.
a) Empregou-se a eletricidade para acender lâmpadas.

b) A eletricidade poderia ser empregada para acender lâmpadas.
c) Empregava-se a eletricidade para acender lâmpadas.
d) Para acender lâmpadas, emprega-se a eletricidade.
e) A eletricidade será empregada para acender lâmpadas.

20. (Analista Judiciário – TST – FCC) Transpondo-se para a voz passiva a construção Os ateus despertariam a ira de qualquer fanático, a forma verbal obtida será:
a) seria despertada.
b) teria sido despertada.
c) despertar-se-á.
d) fora despertada.
e) teriam despertado.

21. (NCE) "O controle de várias formas de energia deu ao homem um enorme poder..." No trecho acima, o verbo "dar" pode causar a impressão de que o homem é um ser passivo. Na realidade, porém, sabe-se que o homem procura ser agente. Que alternativa mostra mais claramente o caráter ativo do homem?
a) O controle de várias formas de energia concedeu ao homem um enorme poder.
b) Ao homem foi dado poder pelo controle de várias formas de energia.
c) O homem conquistou um enorme poder com o controle de várias formas de energia.
d) Deu-se ao homem um enorme poder de controlar várias formas de energia.
e) O homem herdou o controle de várias formas de energia.

22. (Magistério-NCE) "... que é discutido em todos os lugares". Esta frase está na voz passiva analítica e sua forma correspondente na voz ativa é:
a) que se discutiu em todos os lugares;
b) que discutem em todos os lugares;
c) que foi discutido em todos os lugares;
d) que se discute em todos os lugares;
e) que discutiram em todos os lugares.

23. (Magistério-NCE) "Trata-se de um mal endêmico na sociedade brasileira..." Se colocarmos "mal endêmico" no plural, a forma correta do verbo "tratar-se" será:
a) trata-se;
b) tratam-se;
c) são tratados;
d) trataram-se;
e) tratou-se.

24. (Técnico de Necropsia) "O projeto foi recebido com ceticismo pela comunidade científica".Colocando-se esse segmento do texto na voz ativa, tem-se como forma correta:
a) Recebeu-se o projeto com ceticismo.

b) Receberam o projeto com ceticismo.
c) A comunidade científica recebeu o projeto com ceticismo.
d) A comunidade científica foi recebida com ceticismo pelo projeto.
e) Receberam-se com ceticismo o projeto pela comunidade científica.

25. (NCE) "... todos procurem conhecer seus direitos e exijam que eles sejam respeitados..." Se reescrevermos as orações sublinhadas, conservando-se as vozes verbais, teríamos como resposta adequada:
a) todos procurem conhecer seus direitos e exijam serem respeitados;
b) todos procurem conhecer seus direitos e exigir ser respeitados;
c) todos procuram conhecer seus direitos e exijam respeitá-los;
d) todos procurem que se conheçam os direitos e exijam que eles sejam respeitados;
e) todos procurem que conheçam seus direitos e exijam que eles se respeitem.

26. (PF) A Língua Portuguesa possibilita diferentes maneiras de se dizer a mesma coisa, com pequenas alterações morfossintáticas. Uma delas diz respeito à mudança da voz verbal, da ativa para a passiva ou vice-versa. Julgue se as reescrituras que se seguem, mudando-se a voz, mantêm o mesmo sentido das respectivas passagens no texto.
1. "Por ser uma palavra de entendimento eminentemente técnico, não encontramos significado para toxicologia nos dicionários da língua portuguesa". / Para a palavra toxicologia, não foi encontrado por nós significado nos dicionários da língua portuguesa, por ser de entendimento eminentemente técnico.
2. "Pelo entendimento, concluímos que toxicologia é o estudo analítico dos riscos oferecidos por produtos químicos ao ser humano". / Foi concluído por nós, pelo entendimento, que toxicologia é o estudo analítico dos riscos que produtos químicos oferecem ao ser humano.
3. "A análise toxicológica de produtos químicos está relacionada, em medicina do Trabalho, ao trabalho realizado por profissionais da saúde ocupacional". / O trabalho que profissionais de saúde ocupacional realizam relaciona a análise toxicológica de produtos químicos pela Medicina do Trabalho.
4. "Estando elas, ou não, dentro dos limites de tolerância fixados pela legislação pertinente". / A legislação pertinente fixará limites de tolerância onde elas podem estar, ou não.
5. "No Brasil, poucos são os produtos químicos cujos limites de tolerância são fixados". / Fixa-se poucos limites de tolerância para os produtos químicos, no Brasil.

27. (PF) A língua possibilita diferentes maneiras de se dizer a mesma coisa, com pequenas alterações morfossintáticas. Uma delas diz respeito à mudança da voz verbal, da ativa para a passiva, ou vice-versa. Julgue se as reescrituras que se seguem, feitas em voz passiva, mantêm o mesmo sentido das respectivas passagens no texto.
1. "As crianças não recebem números ao nascer". / *Números não são atribuídos às crianças ao nascer*.
2. "A numeração pura e simples viria garantir identidade insofismável". / *Identidade*

insofismável viria ser garantida pela numeração pura e simples.
3. "Fruir a graça das coisas naturais e o que lhes acrescentou a imaginação humana. / *A fruição da graça pelas coisas naturais foi acrescentada ao prazer pela vida por conta da imaginação humana*.
4. "Território quase só mistério que aos poucos se foi desbravando, mantendo ainda bolsões de sombra". / *Território quase só mistério, aos poucos foi sendo desbravado, mantendo ainda bolsões de sombra*.
5. "Meu querido e desconhecido irmão no 100.000.000, onde quer que estejas nascendo, fica de olho no futuro, presta atenção nas coisas para que não façam de ti subproduto de consumo, e boa viagem pelo século XXI adentro". / *Onde quer que estejas por nascer, meu querido e desconhecido irmão no 100.000.000, olha bem o futuro, presta atenção nas coisas, para que não sejas feito um subproduto de consumo e viajes bem pelo século XXI adentro*.

28. (BC – Esaf) Analise os itens a respeito das formas verbais no texto.
Uma profunda transformação tecnológica será promovida nos bancos brasileiros neste primeiro semestre para que eles se adaptem às normas determinadas pelo Banco Central (BC), que preveem a reestruturação do Sistema de Pagamentos Brasileiro (SPB). O novo modelo entra em vigor no dia 1o de outubro, quando já deve estar em funcionamento a transferência de grandes valores com liquidação bruta em tempo real e o monitoramento on line da conta reservas bancárias mantida no BC, que se livrará da obrigação de cobrir os saldos negativos deixados pelos bancos nas operações dia-a-dia. Se, de um lado, as cerca de 170 instituições financeiras movimentam-se para modernizar seu aparato tecnológico, de outro as indústrias de software travam uma batalha para conquistar uma fatia dos investimentos que serão feitos (*Gazeta Mercantil*, 20/2/2001, com adaptações).
I. Mantém-se a correção gramática e a ideia de voz passiva ao se substituir a expressão verbal "será promovida" (l. 1) por promover-se-á.
II. O emprego do modo verbal de "adaptem" (l. 2) é exigência da estrutura sintática iniciada por "para que".
III. O emprego de "preveem" (l. 3) segue as regras de conjugação de outros verbos do mesmo paradigma, como prevenir e vir.
IV. O emprego do tempo presente em "entra em vigor" (l. 3/4) desrespeita as regras da conjugação verbal e da coerência textual porque o texto pede que aí se empregue o futuro entrará.
Estão corretos apenas os itens:
a) I e II;
b) I, II e IV;
c) II e III;
d) II, III e IV;
e) III e IV.

14.18. Tempos compostos

Os tempos compostos serão formados através do verbo auxiliar TER ou HAVER acompanhado do verbo principal no particípio. Para o candidato, torna-se deveras importante saber o tempo do verbo auxiliar, mas não como fim, e sim como meio. Utilize a tabela e os exemplos a seguir para esclarecimentos sobre o assunto.

TEMPOS COMPOSTOS	**VERBOS AUXILIARES**	
	INDICATIVO	SUBJUNTIVO
PRETÉRITO PERFEITO	PRESENTE tenho / hei	PRESENTE tenha / haja
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO	PRETÉRITO IMPERFEITO tinha / havia	PRETÉRITO IMPERFEITO tivesse / houvesse
FUTURO	FUTURO terei / haverei	FUTURO tiver / houver
FUTURO DO PRETÉRITO	FUTURO DO PRETÉRITO teria / haveria	_____

Ex.: Na forma verbal TENHO DITO, você deve atentar-se para o tempo do verbo auxiliar "tenho" (presente do indicativo). Aplique essa informação na tabela acima e poderá concluir que a locução está no pretérito perfeito composto do indicativo.

Já na forma verbal sublinhada na frase "Eu desejo que eles já tenham feito o exercício.", como o verbo auxiliar "tenham" encontra-se no presente do subjuntivo, a composição estará no pretérito perfeito do subjuntivo – tempo este que não existe nas formas verbais simples.

Na frase "Quando eu recebi o dinheiro, elas já tinham vendido o apartamento.", como o verbo auxiliar "tinham" está no pretérito imperfeito do indicativo, a composição está no pretérito mais-que-perfeito do indicativo.

No fragmento "se eles houvessem estudado...", o verbo auxiliar "houvessem" está no pretérito imperfeito do subjuntivo, levando-nos a concluir que a forma verbal composta encontra-se no pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo – outra forma verbal que não contém correspondência nos tempos simples.

No período "Quando o professor chegar, eu já terei feito todos os exercícios.", o verbo auxiliar "terei" encontra-se no futuro do presente do indicativo, levando a composição ao futuro composto do indicativo.

Na frase "Se ele tiver feito os exercícios, haverá aprendido a matéria", o verbo auxiliar "tiver" está no futuro do subjuntivo, portanto a composição

está no futuro composto do subjuntivo.

No período "Se você houvesse trazido água, eu a teria bebido", o verbo auxiliar "teria" encontra-se no futuro do pretérito do indicativo, portanto a forma verbal composta está no futuro do pretérito composto do indicativo.

Obs.:

1) É importante frisar que verbos auxiliares em um determinado modo (indicativo ou subjuntivo) só podem formar tempos compostos no mesmo modo verbal.
2) É fundamental compreender que, entre as formas verbais simples e compostas, há uma correspondência de nomenclatura; no entanto, inexiste correspondência semântica. O pretérito perfeito simples do indicativo e o pretérito perfeito composto do indicativo possuem valores diferentes.

   Ex.: O pretérito perfeito simples do indicativo, como já foi dito no início do capítulo, indica uma ideia de evento passado já realizado, finalizado, não costumeiro (Li jornal ontem.). Já o pretérito perfeito composto do indicativo demonstra um fato que tem seu início em um ponto passado, mas que se estende, pelo menos, até o momento presente – momento da confecção do texto (Tenho lido jornal).

   O futuro do presente simples do indicativo demonstra um evento que se inicia em um ponto futuro em relação ao momento em que o texto foi escrito (Farei o trabalho amanhã).

   Já o futuro composto do indicativo explicita um evento futuro em relação ao momento do texto, porém necessariamente anterior a um outro evento exposto (Quando você chegar, eu já terei feito o trabalho).

   Dentre os tempos simples e compostos, o único que possui sempre o mesmo valor semântico é o pretérito mais-que-perfeito do indicativo – evento passado anterior a outro evento passado (Quando Maria me indicou a rua certa, eu já entrara na errada). Neste caso, a substituição de "entrara" por "tinha entrado" (pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo) não gera prejuízo semântico para o período.
3) Além dos tempos já mencionados na tabela, há mais dois outros: o infinitivo composto – com o verbo auxiliar no infinitivo (ter/haver feito) – e o gerúndio composto – com o verbo auxiliar no gerúndio (tendo/havendo feito).

14.18.1. Exercícios

1. Dê os tempos, respectivamente, em que se encontram as seguintes formas verbais

compostas:
1 – HOUVÉSSEMOS FEITO
2 – TENHAMOS EXPLICADO
3 – TENS LEMBRADO
4 – HAVIAM TRAZIDO
a) Pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo – pretérito perfeito do subjuntivo – pretérito perfeito do indicativo – pretérito mais-que-perfeito do indicativo.
b) Pretérito mais-que-perfeito do indicativo – pretérito perfeito do indicativo – pretérito perfeito do subjuntivo – pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo.
c) Pretérito imperfeito do subjuntivo – presente do subjuntivo – presente do indicativo- pretérito imperfeito do indicativo.
d) Pretérito mais-que-perfeito do indicativo – presente do indicativo – presente do subjuntivo, pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo.
e) Pretérito perfeito do indicativo – pretérito mais-que-perfeito do indicativo – pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo – pretérito perfeito do subjuntivo.

2. (Uni-Rio) Em "Basta que ele <u>tenha existido</u>", a forma verbal está no:
a) perfeito composto do indicativo;
b) mais-que-perfeito composto do subjuntivo;
c) presente composto do subjuntivo;
d) mais-que-perfeito composto do indicativo;
e) perfeito composto do subjuntivo.

3. (Professor Superior/Fesp) Nas orações apresentadas abaixo, os tempos verbais destacados classificam-se, respectivamente, como:
I – Se dependesse de mim, teria vetado.
II – Nunca ouvi dizer que uma dessas trocas tenha tido resultado aproveitável.
a) particípio composto e pretérito perfeito composto do indicativo;
b) pretérito perfeito composto do indicativo e pretérito imperfeito do subjuntivo;
c) futuro do pretérito composto do indicativo e presente composto do indicativo;
d) futuro do pretérito composto do indicativo e pretérito perfeito composto do subjuntivo;
e) futuro do presente composto do indicativo e pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo.

4. (Técnico Judiciário – TRE-SP – FCC) ***Já <u>tenho lido</u> que ele usa uma língua misturada de italiano e português*.**
No segmento grifado acima, Antonio Candido usou determinada forma verbal que poderia ser substituída, sem prejuízo para correção e a lógica, por:
a) li;
b) lia;
c) lera;
d) leria;
e) leio.

5. (Fuvest) Passando-se o verbo do trecho: "aquilo que o auditório já sabe" para o futuro composto do subjuntivo, obtém-se a forma verbal:
a) terá sabido;
b) ter sabido;
c) tiver sabido;
d) tenha sabido;
e) souber.

6. Marque a opção em que a forma verbal do tempo composto corresponde à forma verbal do tempo simples, modificando o modo, na frase abaixo:
"Quando eu cheguei, ela já saíra".
a) tinha saído
b) tenha saído
c) tem saído
d) tivesse saído
e) teria saído

7. (Faap) "Os infantes não chegariam lá, ou, se chegassem, seria a duras penas ..." As formas verbais compostas correspondentes às formas simples destacadas são, respectivamente:
a) tinha chegado – tivessem chegado
b) não há – tinha chegado
c) teriam chegado – têm chegado
d) terão chegado – tivessem chegado
e) teriam chegado – não há

8. (NCE) "Cidadezinha que não coube no mapa..."
Assinale o item que apresenta o tempo composto correspondente à forma verbal sublinhada:
a) tivesse cabido
b) tinha cabido
c) têm cabido
d) tenha cabido
e) tem cabido

9. (UFRJ) A forma verbal "expôs" corresponde à terceira pessoa do singular do pretérito perfeito simples do indicativo. Como seria a forma dessa mesma pessoa no pretérito perfeito composto do indicativo?
a) havia exposto
b) tinha exposto
c) tem exposto
d) teve exposto

e) foi exposto

10. (Analista – TRE-TO – FCC) ***Minha outra mulher teve uma educação rigorosa, mas mesmo assim mamãe nunca entendeu por que eu escolhera justamente aquela, entre tantas meninas de uma família distinta*.**
O verbo grifado na frase acima pode ser substituído, sem que se altere o sentido e a correção originais, e o modo verbal, por:
a) escolheria;
b) havia escolhido;
c) houvera escolhido;
d) escolhesse;
e) teria escolhido.

14.19. Exercícios de revisão

1. (Analista Judiciário – Informática – TJ-RJ – FCC) ... ***dia em que a circulação duplicava*.**
O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está em:
a) ... *e já fez muitas moçoilas e rapazes barbados chorarem*.
b) ... *editaria a obra às próprias custas* ...
c) ... *a produção jornalística é pouco divulgada*.
d) *Macedo era mesmo um agitador.*
e) *Nosso escritor usaria de suas boas relações* ...

2. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) Ambos os segmentos do texto têm o verbo empregado nos mesmos tempo e modo:
a) *O humor que perdura na* Belle Époque *brasileira*... // ... *embora nem sempre esta imagem corresponda à realidade*.
b) ... *transformações sociais que elas traziam. // ... esta mesma ansiedade expressava-se*...
c) *Abre-se um espaço para a representação humorística... //... que seriam a própria negação do progresso*...
d) ... *embora nem sempre esta imagem corresponda à realidade. // ... uma atmosfera que ansiava por cosmopolitismo*...
e) ... *transformações sociais que elas traziam. // ... que seriam a própria negação do progresso*...

3. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – FCC) Fomos uma geração de bons meninos.
O verbo empregado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:
a) Nos anos de 1970 e 80 ainda surgiram heróis interessantes...
b) Os heróis eram o exemplo máximo de bravura, doação pessoal e virtude.
c) Atualmente não sei.
d) Gibis abasteciam de ética o vasto campo da fantasia infantil...

e) ... mas alguns parecem cheios de rancor...

4. (AFC – Esaf) Assinale a opção que foi transcrita <u>com problemas</u> na correlação dos tempos verbais.

a) Em setembro de 1998, pesquisa realizada com o apoio do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) procurou medir a capacidade do trabalhador brasileiro de entender o que lê e estabelecer relações entre quantidades expressas em números, com critérios semelhantes aos usados nos países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), que reúne os 29 principais países industrializados.

b) Seria assustador que 82% dos entrevistados não entenderam a conta de juros reais que incidam, por exemplo, na prestação de um eletrodoméstico. Na era da informática, que tipo de oportunidade profissional pode ter uma pessoa com tais carências de qualificação?

c) A pesquisa, realizada em várias cidades brasileiras, entre a população de baixa escolaridade, entre 15 e 55 anos, mostrou que, entre 69% e 81% (conforme a região) dos 2 mil entrevistados, quando solicitados a analisar texto informativo simples, apenas reconheciam o tema, sem assimilar o sentido do texto.

d) A oferta de escolaridade combate o analfabetismo absoluto, como prova o caso brasileiro, mas não garante capacidade de apreensão, compreensão e concentração que os empregos modernos exigem.

e) Por isso a Unesco insiste em que é preciso "educação de qualidade". Alfabetizar custa pouco – o Comunidade Solidária gasta US$ 34 *per capita*. Educar para o moderno mercado de trabalho tem custo bem mais elevado, mas são poucos os países dispostos a pagá-lo.

(*O Estado de S. Paulo* – Notas e Informações, 22/4/2000, p. A3, com adaptações).

5. (AFC – Esaf) Assinale a opção em que a correlação entre tempos e modos verbais constitui <u>erro</u> de sintaxe.

a) Há pelo menos dois séculos, desde que Adam Smith inaugurou a profissão, os economistas consomem boa parte de seu tempo, enaltecendo os benefícios do livre comércio e pregando a liberdade econômica.

b) O mundo perfeito, garantem, é aquele em que não há nenhum tipo de obstáculo ao fluxo de mercadorias, pessoas e ideias.

c) Deixada sem amarras, a economia funcionaria de maneira harmoniosa, regida por uma mão invisível que a fazia viver sempre em equilíbrio.

d) Presa, seria como uma máquina com areia nas engrenagens, cujo atrito traria desperdício de energia e empobreceria os cidadãos.

e) A virada do milênio reservou um paradoxo e tanto para os seguidores do economista escocês. Nunca como agora o mundo aderiu com tanta garra a suas teses.

(Adaptado de *Exame*, 1/11/2000, p.135)

6. (AFC – Esaf) Assinale a opção em que a flexão verbal constitui <u>erro</u> de construção sintática:

a) A luz elétrica aumentou o número de horas de trabalho, e as estradas de ferro permitiram que os produtos e as pessoas circularem muito mais fácil e rapidamente.
b) As invenções de maior impacto científico e social não são as que promovem necessariamente os maiores ganhos econômicos.
c) A prensa tipográfica, para alguns a invenção mais importante do milênio, teve pouco efeito mensurável sobre o crescimento da produção per capita.
d) Cientificamente falando, talvez a *Internet* não seja tão significativa quanto a prensa, o telégrafo ou a eletricidade, mas seu impacto econômico é provavelmente muito maior.
e) Um dos motivos disso seria o fato de que o custo das comunicações nas tecnologias anteriores nunca caiu tanto como agora.
(Adaptado de *Negócios Exame*, p. 94.)

Leia o texto seguinte para responder à questão 7 (TFC – Esaf).

1	O saber produzido pelo Iluminismo não conduzia à emancipação e sim à técnica e ciência moderna que mantêm com seu objeto uma relação ditatorial. Se Kant ainda podia acreditar que a razão humana permitiria emancipar os homens de seus entraves, auxiliando-os a dominar e controlar a natureza externa e interna, temos de reconhecer
5	hoje que essa razão iluminista foi abortada. A razão que hoje se manifesta na ciência e na técnica é uma razão instrumental, repressiva. Enquanto o mito original se transformava em Iluminismo, a natureza se convertia em cega objetividade. Inicialmente a razão instrumental da ciência e técnica positivista tinha sido parte integrante da razão iluminista, mas no decorrer do tempo ela se autonomizou,
10	voltando-se inclusive contra as suas tendências emancipatórias.

(B. Freitag, *A Teoria Crítica Ontem e Hoje*, p. 35, com adaptações).

7. Indique a afirmação <u>incorreta</u> a respeito do emprego das formas verbais no texto:
a) O verbo "mantêm" (l. 2) refere-se tanto a "técnica" quanto a "ciência moderna".
b) O emprego do futuro do pretérito em "permitiria" (l. 3) ressalta a possibilidade de ocorrer a ação expressa pelo verbo seguinte, "emancipar" (l. 3), não sua ocorrência real.
c) Conserva-se a correção gramatical da oração retirando-se a vírgula e substituindo-se a forma de gerúndio "auxiliando-os" (l. 3) por e *auxiliá-los*.
d) Conserva-se a correção gramatical ao substituir "foi abortada" (l.5) por *abortou-se*.
e) A locução verbal "tinha sido" (l.8) está no singular para concordar com "técnica positivista" (l.8).

8. (Sefaz – Pará – Esaf) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas.
Pela primeira vez na história, uma dúzia de países – sem guerra nem violência, somente com negociações e entendimento democrático – parte essencial de sua soberania para uma moeda única ao bem-estar
coletivo. problemas no horizonte. Mas esse empreendimento admirável do Velho Mundo já está servindo aos interesses dos brasileiros.
(Luiz Felipe de Alencastro, *Veja*, 16/1/2002, p. 22.)
a) abandonam – criarem – com o visto – A
b) abandona – criar – visando – Há
c) abandonaram – criarem – com vistas – A
d) abandona – criarem – com vista – Haverão

e) abandonam – criar – para visar – Haverão

9. (Sefaz – Pará – Esaf) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas.
Se a Espanha – a segunda maior investidora na Argentina (25,7% dos investimentos estrangeiros) e no Brasil (15,6% dos investimentos) – não escorada pelo euro, a peseta e a economia espanhola rolado ladeira abaixo. No contexto pós-Guerra Fria, em que a hegemonia americana que as nações se esborrachem, a crise argentina uma dimensão muito mais ampla, atingindo o Brasil em cheio.
(Luiz Felipe de Alencastro, *Veja*, 16/1/2002, p. 22.)
a) está – terão – deixava – tomava
b) esteve – terão – deixa – tomava
c) estava – teriam – deixava – tomou
d) estivesse – teriam – deixa – tomaria
e) estivessem – teria – deixou – tomaria

10. (Sefaz – Pará – Esaf) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas.
No primeiro mundo, as taxas de crescimento para a metade em relação ao que foram nos primeiros 20 anos após a Segunda Guerra Mundial, enquanto as taxas de desemprego , principalmente na Europa, e o milagre japonês
que aos anos 80, afinal nos anos 90. Na América Latina e no Leste Europeu, que se recusam a realizar o ajustamento fiscal nos anos 70, a crise se desencadeia nos anos 80 com muito mais violência.
a) reduzem – aumenta – sobreviveria – soçobraria
b) reduzem-se – aumenta – sobrevive – soçobra
c) reduziram – aumentam – sobrevivera – soçobram
d) reduziam – aumentaram – sobrevivera – soçobra
e) reduzem-se – aumentam – sobrevivera – soçobra

11. (AFC – Esaf) Indique a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.
É preciso que a discussão da reforma tributária norteada pela mesma premissa básica que inspirou várias propostas de reforma, defendidas tanto pelo Executivo como pelo Congresso, a partir do final de 1997. Por divergentes que , tais propostas partiram todas do mesmo diagnóstico. De que a reforma que necessária a eliminação dos tributos cumulativos, bem como do IPI, ICMS e ISS, e a introdução de uma forma de taxação indireta, centrada em esquema amplo e coerente de impostos sobre valor adicionado. A grande questão – e é nisso que as propostas é como fazer essa mudança.
(Adaptado de Rogério L. F. Werneck, *Estado de S. Paulo*, 27/10/2000.)
a) volta a ser – tenham sido – fazia-se – requer – divergem
b) volte a serem – fossem – se fez – requeresse – divergiram
c) volte a ser – tenham sido – se fazia – requeria – divergem
d) volte sendo – eram – se faria – requeriam – divergirão
e) voltem a ser – tivessem sido – fazia – requerem – diverge

12. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – FCC) ... *justamente onde funcionavam as principais repartições públicas da Colônia*.
O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está em:
a) *O tráfico negreiro, por si só, era um dos setores mais dinâmicos da economia.*
b) *O Valongo deixou de ser porto negreiro em 1831...*
c) *Os historiadores estimam...*
d) ... *a prefeitura pôs em execução uma ampla reforma da decadente zona portuária.*
e) ... *os burocratas começaram a ficar perturbados...*

TEXTO (MP) – RACISMO
O Globo, 13/7/2001
A imprensa brasileira vem noticiando uma proposta milionária do Lazio da Itália, que pretende adquirir o passe do zagueiro Juan por 10 milhões de dólares. Este é o time cuja torcida já agrediu o jogador brasileiro Antonio Carlos, do Roma, e perdeu o mando de campo por incitamento racista em pleno estádio.
Aqui fica uma sugestão a este jovem negro, atleta brasileiro de 22 anos, com um brilhante futuro profissional: recuse o convite e não troque o Brasil pela Itália, pois moedas não resgatam a dignidade. Diga não aos xenófobos e racistas.

13. (MP) "A imprensa brasileira vem noticiando..." Com a utilização do tempo verbal destacado, o autor do texto quer referir-se a uma ação que:
a) acaba de terminar;
b) acaba de começar;
c) se iniciou antes de outra ação passada;
d) se iniciou há pouco tempo e permanece no presente;
e) se repete no passado e no presente.

14. (MP) Considerando que a ação de agredir o jogador brasileiro Antonio Carlos ocorreu antes de o Lazio perder o mando do campo, ação também passada, o verbo "agredir" deveria estar no:
a) mais-que-perfeito do indicativo;
b) imperfeito do indicativo;
c) futuro do pretérito;
d) imperfeito do subjuntivo;
e) presente do subjuntivo.

15. (TRT) "... porque o trabalhador não tem interesse no resultado". A frase a seguir em que o verbo ter ou derivado é conjugado e grafado de forma correta é:
a) A lei não contem exceções.
b) Os advogados têem cópias das leis.
c) A leitura dos documentos entreteu os advogados.
d) Quando deter o marginal, o policial ficará satisfeito.

e) Quando retém os documentos, a escola contraria as leis.

16. (TRT) "... vieram a significar, no plano social..." O item a seguir em que o verbo destacado está conjugado erradamente é:
a) Se o virmos por lá, daremos o recado.
b) Os advogados interviram na discussão.
c) A empregada proveu a despensa com o necessário.
d) Quando vimos para cá, sentimo-nos contentes.
e) Os aparelhos provieram dos Estados Unidos.

17. (Fiscal de Rendas – SP)
Um dia ele chegou tão diferente do seu jeito de sempre chegar
Olhou-a de um jeito muito mais quente do que sempre costuma olhar
E não maldisse a vida quanto era o seu jeito de sempre falar.
(Trecho de Valsinha, de Chico Buarque de Holanda e Vinícius de Moraes).
Quanto ao tempo verbal, "maldisse" está para "maldizer" assim como:
a) previsse está prever;
b) proviu está para prover;
c) interveio está para intervir;
d) reouvesse está para reaver;
e) precavesse está para precaver.

18. (Bacen) Assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, as lacunas da frase abaixo.
Se que não pode mais amar-me, -me então.
Suas palavras amenas -me; nosso amor.
a) vir – esqueça – detiveram – protejamos
b) vires – esqueça – deteram – protejamos
c) veres – esquece – detiveram – protejamos
d) ver – esqueça – deteram – protejamos
e) vir – esquece – deteram – protejemos

19. (TRF) Das frases abaixo, a que contém erro de flexão verbal é:
a) Aqui se hastia a bandeira todo dia.
b) Nosso esforço será no sentido de obter outras propostas orçamentárias e aprovar a que melhor convier à Instituição.
c) Tais espetáculos incendeiam os espíritos e acirram os conflitos.
d) Se os municípios da região não se provessem do indispensável, grandes tragédias adviriam na época da seca.
e) Esperamos que eles vão até lá e que investiguem por eles mesmos.

20. (TRF) A respeito da frase "As negociações deverão ser concluídas até outubro", pode-se dizer que:

a) Está na voz passiva analítica, e na voz ativa ficaria "As negociações deverão concluir-se até outubro".
b) Está na voz passiva sintética, e na voz passiva analítica ficaria "Deverão concluir as negociações até outubro".
c) Está na voz passiva sintética, e na passiva analítica ficaria "As negociações deverão concluir-se até outubro".
d) Está na voz passiva analítica, e na voz passiva sintética ficaria "Dever-se-ão concluir as negociações até outubro".
e) Está na voz passiva analítica, e na voz reflexiva ficaria "As negociações deverão concluir-se até outubro".

21. (Fiscal de Rendas – SP) As lacunas dos trechos abaixo estão preenchidos, correta e respectivamente em:
É esperto: recorreria ao governo, se lhe . Com as reformas que virão, é bom que o contribuinte a ideia de sonegar impostos. dele quando afirma que os recursos não do Estado.
a) convesse – repele – Diverjo – provém
b) convisse – repile – Divirjo – provem
c) convisse – repila – Diverjo – provém
d) conviesse – repila – Divirjo – provêm
e) conviesse – repele – Divirjo – provém

22. (TRF) Das frases abaixo, a que contém erro na flexão verbal é:
a) O acidente ocorreu porque o Rui não conseguir freiar o carro.
b) Se a comunidade nos provesse do equipamento de que necessitamos para prestar a ela mesma esse serviço, todos sairíamos ganhando.
c) Os espíritos se incendeiam toda vez que se fala em fazer justiça.
d) Se a associação se mantivesse coerente com sua própria doutrina, cresceria sua credibilidade.
e) Quem se interpuser entre o Ricardo e a Cristina não contará com o meu apoio.

23. (TRF) A opção em que a explicação dada para o sentido da forma verbal grifada está incorreta é:
a) No século III a. C. <u>chega</u> o latim à Península Ibérica: presente histórico.
b) Furacão <u>mata</u> 20 adultos e 3 crianças na Califórnia (manchete de jornal): presente com valor de pretérito.
c) Eu <u>aceitaria</u> um cafezinho: futuro do pretérito indicando momento posterior a um tempo passado.
d) Eu <u>aceitava</u> um cafezinho: pretérito imperfeito para indicar polidez.
e) Eu <u>aceito</u> um cafezinho: presente simultâneo ao momento da fala.

24. (PUC) Uma das alternativas abaixo está errada quando à correspondência no emprego dos tempos verbais. Assinale qual é esta alternativa.

a) Porque arrumara carona, chegou cedo à cidade.
b) Se tivesse arrumado carona, chegaria cedo à cidade.
c) Embora arrume carona, chegará tarde.
d) Embora tenha arrumado carona, chegou tarde.
e) Se arrumar carona, chegaria cedo à cidade.

25. (Cesgranrio) Não há devida correlação temporal das formas verbais em:
a) Seria conveniente que o leitor ficasse sem saber quem era Miss Dollar.
b) É conveniente que o leitor ficaria sem saber quem é Miss Dollar.
c) Era conveniente que o leitor ficasse sem saber quem é Miss Dollar.
d) Será conveniente que o leitor fique sem saber quem era Miss Dollar.
e) Foi conveniente que o leitor ficasse sem saber quem era Miss Dollar.

26. (NCE) Qual o valor do futuro do pretérito na frase seguinte: "Quando chegamos ao colégio em 1916, a cidade teria apenas uns cinquenta mil habitantes"?
a) Fato futuro, anterior a outro fato futuro.
b) Fato futuro, relacionado com o passado.
c) Suposição, relativamente a um momento futuro.
d) Suposição, relativamente a um momento passado.
e) Configuração de um fato já passado.

27. (Técnico Judiciário – TRE-SP – FCC) ... *em que as melhores cadências do samba e da canção se aliaram com naturalidade às deformações normais de português brasileiro*... O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:
a) *São Paulo muda muito...*
b) ... *para nos porem no Alto da Mooca...*
c) *Talvez João Rubinato não exista...*
d) ... *Adoniran não a deixará acabar...*
e) *Mas a cidade que nossa geração conheceu...*

28. (TRT – Fundec) Das frases abaixo, a única correta quanto à flexão verbal, de acordo com a norma culta da língua, é:
a) Se proporem uma outra crônica, argumente que não há mais espaço nesta edição.
b) Com a cooperação de todos, o jornalista creu que havia condição de escrever a reportagem.
c) Os candidatos só poderão se inscrever no concurso de crônicas, se o requiserem.
d) Os alunos de minha escola jamais obteram incentivo para redigir textos em crônicas.
e) Se o autor da crônica intervir na questão, não ocorrerão outras críticas ferinas.

29. (TRT – Fundec) Das alterações feitas na frase "Os pais não têm onde deixar suas crianças quando vão para a lavoura", aquela que está <u>incorreta</u> quanto à flexão verbal, de acordo com as normas da língua culta, é:
a) Os pais só entretêm as crianças quando se dispõem a brincar com elas.

b) Os pais só reveem as crianças quando refazem o caminho de volta para casa.
c) Os pais reouveram as crianças depois que se dispuseram a voltar para casa.
d) Os pais não se dispunham a ficar com as crianças quando estas lhes contradiziam as ordens.
e) Os pais desdisseram as crianças quando interviram em seus maus costumes.

30. (TRT – Fundec) Onde <u>se adotam</u> novos métodos.
A forma verbal que tem o mesmo sentido da grifada na frase acima é:
a) tinham adotado;
b) tem sido adotado;
c) se adotou;
d) é adotado;
e) são adotados.

31. (TRT – Fundec) de alguns estudos sobre o stress no trabalho, com resultados semelhantes, não os países.
a) Acabam – ser concluídos – importam.
b) Acaba – ser concluído – importam.
c) Acaba – ser concluído – importa.
d) Acabam – ser concluído – importam.
e) Acaba – ser concluídos – importa.

32. (TRT – Fundec) A reciclagem do lixo inorgânico também poderia gerar lucros.
Transpondo a frase acima para a voz passiva, a forma verbal passa a ser:
a) poderia ser gerado;
b) teriam podido gerar;
c) tinham gerado;
d) poderiam ser gerados;
e) pode ser gerado.

33. (Fundec – Proderj) Na correlação entre os dois verbos sublinhados no trecho "Do décimo andar à rua, <u>seria</u> a vertigem, se <u>chegássemos</u> muito à janela...", o enunciador manifesta uma atitude de:
a) Certeza, pois sabe que o fato não pode acontecer.
b) Subjetividade, pois não sabe se o fato tem possibilidade de acontecer.
c) Dúvida quanto à possibilidade de um fato acontecer, pois não há hipótese de o outro também acontecer.
d) Certeza quanto à possibilidade de um fato acontecer, na condição de também o outro acontecer.
e) Descrença sobre a realização do fato, pois está condicionado à realização de outro fato.

A CIÊNCIA

A ciência permanecerá sempre a satisfação do desejo mais alto da nossa natureza, a curioidade; ela fornecerá sempre ao homem o único meio que ele possui para melhorar a própria sorte (Renan).

34. (PC – NCE) O emprego do futuro do presente do indicativo no segmento significa:
a) certeza dos fatos futuros;
b) possibilidade de fatos futuros;
c) incerteza dos fatos futuros;
d) dúvida sobre os fatos futuros;
e) desejo do autor sobre os fatos futuros.

35. (Administrador – Petrobras – Cesgranrio) No poema, o verso "O português são dois" está de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa. A frase em que também se respeita a norma-padrão, com relação à concordância, é:
a) Na reunião, houveram muitos imprevistos.
b) Estranhou-se as mudanças na empresa.
c) Devem fazer cinco meses que não o vejo.
d) Precisam-se de vendedores nesta loja.
e) Pensou-se muito nas sugestões dos funcionários.

36. (Administrador – Transpetro – Cesgranrio) Num anúncio que contenha a frase "Vende-se filhotes de *pedigree*.", para adequá-lo à norma-padrão, será necessário redigi-lo da seguinte forma:
a) Vende-se filhotes que têm *pedigree*.
b) Vende-se filhotes os quais tem *pedigree*.
c) Vendem-se filhotes que tem *pedigree*.
d) Vendem-se filhotes que têm *pedigree*.
e) Vendem-se filhotes os quais tem *pedigree*.

37. (Técnico Ambiental – Petrobras – Cesgranrio) Na frase "Os brasileiros encaram o futuro com otimismo", que forma verbal substitui encaram, mantendo-se grafada corretamente?
a) Vem
b) Vêm
c) Veem
d) Vede
e) Venhem

38. (CNEN – NCE) "Um programa de educação infantil encontra a sua essência na proposta da vida regida pela castidade". O uso do presente do indicativo neste segmento do texto se justifica porque:
a) enuncia um fato atual;
b) indica estados permanentes;

c) expressa uma ação habitual;
d) dá vivacidade a fatos ocorridos;
e) marca um fato futuro, mas próximo.

39. (MP – NCE) "... uma liberdade até agora desconhecidas". O advérbio agora se refere a(o):
a) momento em que o texto é lido;
b) momento em que a lei exista;
c) momento em que o texto foi escrito;
d) momento futuro de liberdade e segurança;
e) qualquer momento.

40. (INPI – NCE) "As aeromoças ainda teriam tentado prendê-lo num compartimento na traseira, mas estava bloqueado". O emprego da forma verbal teriam tentado indica que a ação:
a) é uma possibilidade e não uma certeza;
b) ocorreu após largo espaço de tempo;
c) vai ocorrer num futuro próximo;
d) vai ocorrer num futuro distante;
e) ocorreu várias vezes no passado.

41. (INPI – NCE) "... desses mesmos sentimentos que têm levado o Brasil à beira do abismo..." A forma verbal têm levado indica uma ação:
a) que já terminou;
b) anterior a outra ação passada;
c) habitual no passado;
d) iniciada no passado que continua no presente;
e) iniciada no presente que continua no futuro.

42. (IBGE – NCE) "... que realmente havia levado a máquina para casa..." A forma verbal sublinhada equivale a:
a) levava;
b) levou;
c) leva;
d) levara;
e) levasse.

43. (NCE) "De repente foi assaltada por um adolescente..." Esta frase, na voz passiva analítica, tem como correspondente na voz ativa a frase:
a) De repente assaltou-se um adolescente.
b) Um adolescente, de repente, assaltou (a senhora)..."
c) De repente, uma senhora foi assaltada..."
d) De repente, um adolescente assalta (uma senhora)..."

e) Um adolescente foi assaltado por uma senhora, de repente.

44. (Técnico Judiciário – TRE-PE – FCC) Nos meses de verão, saíamos para um arrabalde mais afastado do bulício da Cidade, quase sempre Monteiro ou Caxangá.
A frase em que ambos os verbos grifados estão flexionados nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima é:
a) Atrás de casa, na funda ribanceira, corria o rio, à cuja beira se especava o banheiro de palha.
b) Talvez tivéssemos que voltar para o Recife, as águas tinham subido muito durante a noite...
c) Enquanto esperávamos o trem na Estação de Caxangá, fomos dar uma espiada ao rio à entrada da ponte.
d) ... que o riozinho manso onde eu me banhava sem medo todos os dias se pudesse converter naquele caudal furioso de águas sujas.
e) No dia seguinte, soubemos que tínhamos saído a tempo.

45. (Engepron – NCE) "Os aperfeiçoamentos do aparelho, com o tempo viriam, certamente, como depois vieram..." O emprego do futuro do pretérito, no caso, se justifica porque se trata de:
a) uma ação provável;
b) uma ação futura em relação ao tempo passado;
c) uma ação completamente passada;
d) um fato hipotético;
e) um fato que é fruto da imaginação humana.

46. (Técnico Judiciário – TRE-RN – FCC)
I. Nos versos *Agora eu era o herói e A gente agora já não tinha medo*, o uso do advérbio *agora* mostra-se inadequado, pois os verbos conjugados no pretérito imperfeito designam fatos transcorridos no tempo passado.
II. Em *Finja que agora eu era o seu brinquedo e Sim, me dê a mão*, os verbos grifados estão flexionados no mesmo modo.
III. Substituindo-se a expressão a *gente* pelo pronome *nós* nos versos *A gente agora já não tinha medo e Acho que a gente nem tinha nascido*, a forma verbal resultante, sem alterar o contexto, será *teríamos*.
Está correto o que se afirma em:
a) I, apenas;
b) II, apenas;
c) III, apenas;
d) I e II, apenas;
e) I, II e III.

47. (CBMERJ – NCE) "Mais uma vez vindos das casas e das fábricas". A forma VINDO corresponde ao particípio e ao gerúndio do verbo VIR. Assinale a frase abaixo em que a

forma corresponde ao particípio.
a) Vindo em crescimento, a poluição preocupa.
b) O lixo estava vindo para o aterro sanitário.
c) O lixo é recolhido, vindo, em seguida, para o aterro.
d) O lixo tem vindo todos os dias para o aterro.
e) Os caminhões estão vindo para o trabalho.

48. (Eletronorte – NCE) "Rodeados" é um adjetivo pertencente à mesma família do verbo "rodear". O item que apresenta uma forma equivocada desse verbo é:
a) Espero que vocês se rodeiem de pessoas capazes.
b) Não duvido de que nós nos rodeemos de espíritos fraternos.
c) O novo Papa se rodeará de líderes competentes.
d) Todos os presidentes se rodiavam de ministros inteligentes.
e) Nós nos rodeamos de coisas boas e caras.

49. (Eletronorte – NCE) "Quem foi neste verão..." A identificação do verão a que se refere o texto só é possível se soubermos:
a) a data da publicação do artigo;
b) quem é o autor do texto;
c) que estação predominava nessa época;
d) em que mês foi escrito o texto;
e) em que jornal ou revista o texto foi publicado.

50. (Esaf) Assinale a opção que resulta correta após a mudança dos tempos verbais do trecho a seguir.
"Se analisarmos o que aconteceu ao longo deste século, vamos perceber que aquelas características sofreram uma reversão".
a) Se analisamos o que aconteceu ao longo deste século, perceberíamos que aquelas características sofreram uma reversão.
b) Se analisássemos o que aconteceu ao longo deste século, perceberíamos que aquelas características sofreram uma reversão.
c) Se analisarmos o que aconteceu ao longo deste século, iríamos perceber que aquelas características sofreram uma reversão.
d) Se analisássemos o que aconteceu ao longo deste século, perceberemos que aquelas características sofreram uma reversão.
e) Se analisarmos o que aconteceu ao longo deste século, íamos perceber que aquelas características sofreram uma reversão.

51. (Esaf) Assinale a opção com erro.
a) O exército foi ao sítio de Canudos – no alto sertão baiano, a 400 km de Salvador – há quase cem anos, para caçar o maior de todos os subversivos de começo da República, líder de um movimento que provocou 20 mil mortes.
b) Fazem cem anos que Antônio Conselheiro, acossado pelas forças políticas da Bahia,

encerrou sua longa peregrinação pelo sertão e instalou-se no povoado de Canudos, às margens do rio Vasa-Barris, de onde jamais sairia.
c) Começou a escrever-se, aí, um dos capítulos mais amargos e sangrentos da história do país.
d) A Guerra dos Canudos, ocorrida entre 1896 e 1897, é apontada por historiadores como o grande genocídio da história do Brasil.
e) Foram necessárias quatro expedições do governo federal para acabar com o arraial – tido como foco de sediciosos monarquistas.

Capítulo 15

Sujeito

Sujeito é o termo com o qual o verbo é obrigado a concordar. Caso o sujeito se flexione, o verbo deverá acompanhá-lo em número e pessoa.

"O mar sem fim é portuguez" (sic) (Fernando Pessoa).

→ "O mar sem fim" é sujeito, pois, se passarmos este termo para o plural, o verbo será obrigado a acompanhá-lo: "Os mares sem fim são portugueses."

15.1. Sujeito simples

Há apenas um núcleo.

Ex.: "Começou a circular o expresso 2222..." (Gilberto Gil).

→ O sujeito desta oração absoluta é O EXPRESSO 2222, contudo o seu núcleo é apenas EXPRESSO.

15.2. Sujeito composto

Há mais de um núcleo.

Ex.: "João e Maria se entreolharam" (Luis Fernando Veríssimo).

→ JOÃO e MARIA são os núcleos do sujeito.

15.3. Sujeito inexistente ou oração sem sujeito

Ocorre com os verbos impessoais, ou seja, verbos que não possuem pessoa (sujeito).

– Verbos que indicam fenômenos da natureza em seu sentido denotativo.

Ex.: Ventou.

Choverá bastante amanhã.

Não nevou ontem.

Obs.: Na frase "Choverá laranja na feira amanhã", o verbo CHOVER está no sentido conotativo e possui um sujeito simples (laranja), inclusive podendo se perceber que, caso LARANJA seja flexionado para o plural, o verbo o acompanhará (CHOVERAM LARANJAS).

– Verbo HAVER no sentido de EXISTIR e de TEMPO PASSADO.

Ex.: "Onde há músculos em fúria em cada galho" (Castro Alves).

Deve haver muitos carros no estacionamento.

Havia muitos problemas. Tem que haver soluções.
Ele esteve aqui há cinco dias.
Eu voltei há três anos.

→ Observe que, nestas frases, o verbo é obrigado a permanecer na 3ª pessoa do singular.

– Verbo FAZER no sentido de TEMPO PASSADO.

Ex.: Faz vinte anos que a tragédia ocorreu.
Deve fazer quinze dias que João voltou de São Pedro.

→ Observe que, nestas frases, o verbo é obrigado a permanecer na 3ª pessoa do singular.

– o Verbo TRATAR, quando acompanhado do pronome SE não tendo referente.

Ex.: Trata-se de uma discussão descabida.

→ Repare que no exemplo não pode haver um elemento agente para o verbo TRATAR. A Esaf já utilizou este caso em prova.

– O verbo TER no sentido de EXISTIR, embora ainda seja considerado errado pela gramática – mesmo já ocorrendo tantos registros de seu uso na literatura –, já foi citado pelo NCE no concurso da Polícia Civil de 2001. É importante frisar que a banca não questionou o mérito de a frase estar certa ou errada, apenas indicou que, na frase "Nesta rua tem um bosque.", o verbo "TER" estaria sendo utilizado como impessoal. O gramático Celso Cunha o cita como linguagem coloquial.

– Verbos CHEGAR e BASTAR no sentido de PARAR.

Ex.: Chega de confusão! Basta de brigas!

15.4. Sujeito indeterminado

O sujeito existe, contudo não se torna possível identificá-lo.

– Verbos na 3ª pessoa do plural que não possuam determinante.

Ex.: "Ali pelas nove bateram na porta" (Luis Fernando Veríssimo).
Roubaram meu carro.
Picharam o muro.

→ Observe que alguém praticou essas ações, todavia inexiste a possibilidade de identificá-lo. Além disso, os três verbos na 3ª pessoa do plural (BATERAM, ROUBARAM e PICHARAM), não havendo qualquer elemento no contexto com quem estejam concordando, indicam que seus sujeitos são indeterminados.

Ex.: Eles aprontaram, quebraram a vidraça, roubaram meu carro, picharam

o muro.

→ Observe que as quatro formas verbais que aí aparecem (APRONTARAM, QUEBRARAM, ROUBARAM e PICHARAM) estão na terceira do plural, concordando com o termo ELES que aparece explícito na 1ª oração, portanto em todas as orações o sujeito é simples (eles).

Não pode haver sujeito indeterminado com outras pessoas do discurso, porque já ficaria óbvia ao menos uma das pessoas do sujeito.

Ex.: Fizemos o trabalho.

→ O sujeito é simples NÓS e nunca poderia ser considerado indeterminado, pois ao menos uma pessoa fica reconhecida nesta frase (EU – inserido semanticamente no pronome NÓS).

Ex.: Fizeste todo o trabalho.

→ TU é sujeito simples – identificável –, porquanto é a própria pessoa com quem se está falando.

– Verbos que não sejam transitivos diretos na 3ª pessoa do singular, ligados ao pronome SE.

Ex.: Precisa-se de muitas cervejas.

Assistiu-se a vários filmes.

→ Observe que os verbos são transitivos indiretos (PRECISAR e ASSISTIR) e ficam obrigatoriamente na 3ª pessoa do singular quando relacionados com o pronome SE.

Obs.: Se o verbo for TRANSITIVO DIRETO relacionado com o pronome SE, o assunto recairá sobre VOZ PASSIVA e o sujeito será o termo paciente. Ex.: Fez-se o trabalho. Fizeram-se os trabalhos.

→ Observe que o verbo FAZER é transitivo direto ligado ao pronome SE, fazendo com que o termo paciente se transforme em sujeito, portanto obrigando o próprio verbo a concordar com O TRABALHO – FEZ (SINGULAR) e OS TRABALHOS – FIZERAM (PLURAL).

– Verbos no infinitivo (3ª pessoa do singular) sem que haja a determinação explícita do sujeito.

Ex.: Convém estudar bastante. É fundamental ler jornal diariamente.

Obs.: A NGB não prevê a denominação SUJEITO OCULTO, apesar de Celso Cunha registrá-la. O NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO indica quatro acepções para a palavra OCULTO: 1) escondido, encoberto; 2) não devassado, inexplorado, desconhecido; 3) não manifesto, recôndito, secreto; 4) misterioso, sobrenatural.

Ex.: Na frase "Compramos um carro.", não se pode dizer que o sujeito é oculto – segundo os sentidos apontados no dicionário –, pois, apesar de o sujeito não ocorrer explícito, torna-se evidente, através da desinência número-pessoal, que se trata da pessoa "nós". É cabível, por outro lado, denominar este sujeito de desinencial.

15.5. Exercícios

1. Correlacione.
(1) SUJEITO SIMPLES
(2) SUJEITO COMPOSTO
(3) SUJEITO INDETERMINADO
(4) SUJEITO INEXISTENTE
( ) Admitiu-se o erro.
( ) Chegou-se a uma triste conclusão.
( ) Faz três meses da volta de Manoel.
( ) Choveram pedras nesta briga terrível.
( ) Ventava todos os dias em Granada.
( ) Derrubaram mais um governo na América Central.
( ) Tim Maia e sua banda não compareceram a outro espetáculo.
( ) Não se pedem favores nesta firma.
( ) Não se acreditou em nenhuma de suas palavras.
( ) Não voltarão mais para o Brasil meu irmão e sua esposa.
( ) Aqui se trata de doenças incuráveis.
( ) Trata-se de uma interpretação da lei.

2. (IME) Nas seguintes orações:
"Pede-se silêncio"; "A caverna anoitecia aos poucos"; "Fazia um calor tremendo naquela tarde"; o sujeito se classifica, respectivamente, como:
a) indeterminado, inexistente, simples;
b) oculto, simples, inexistente;
c) inexistente, inexistente, inexistente;
d) oculto, inexistente, simples;
e) simples, simples, inexistente.

3. (Analista Judiciário – TRE-PE – FCC)
O termo sublinhado em Sabe-se quão barbaramente <u>os ingleses</u> subjugaram os hindus exerce a função de ....., a mesma função sintática que é exercida por ..... na frase Cometeram-se incontáveis violências contra os hindus.
Preenchem corretamente as lacunas do enunciado acima, respectivamente:
a) objeto direto – **os hindus**.
b) sujeito – **os hindus**
c) sujeito – **violências**

d) agente da passiva – **os hindus**
e) agente da passiva – **violências**

4. (Unificado) Entre as frases abaixo, somente uma apresenta sujeito indeterminado. Assinale-a.
a) Há a marca da vida nas pessoas.
b) Não se necessita de lavadeira.
c) Vai um sujeito pela rua.
d) Não se engomou seu paletó.
e) Pede-se um pouco de paciência.

5. (FMU)
"Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heroico brado retumbante..."
O sujeito da afirmação com que se inicia o Hino Nacional é:
a) indeterminado;
b) um povo heroico;
c) as margens plácidas do Ipiranga;
d) do Ipiranga;
e) o brado retumbante.

6. (Técnico Judiciário – TRE-PA – FGV) ***Mas, afinal, qual a razão para se aumentar de forma tão extraordinária a dotação dos partidos?***
Assinale a alternativa que desempenhe, no texto, função sintática idêntica ao do termo grifado no período acima.
a) as dívidas de campanha- Muito simples: a necessidade de eles pagarem as dívidas de campanha.
b) meros instrumentos de tomada do poder – E não ser meros instrumentos de tomada do poder.
c) um agravante – No caso dos partidos políticos brasileiros, existe um agravante.
d) aparelhos ou feudos – Enfim, as máquinas partidárias muitas vezes se tornam aparelhos ou feudos controlados por poucos e financiados por todos nós.
e) suas propostas – Ambas as propostas visam trazer partidos e candidatos para as ruas, oferecendo suas propostas e buscando recursos para a sua existência e para as campanhas eleitorais.

7. (FMU) Há crianças sem carinho / Disseram-me a verdade / Construíram-se represas. Os sujeitos das orações acima são, respectivamente:
a) inexistente, indeterminado, simples;
b) indeterminado, implícito, indeterminado;
c) simples, indeterminado, indeterminado;
d) inexistente, inexistente, simples;
e) indeterminado, simples, inexistente;

8. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – FCC) ... *das varandas pendiam* ***colchas, toalhas bordadas e outros adereços*****.**
O segmento grifado exerce na frase acima a função de:
a) sujeito;
b) objeto direto;
c) objeto indireto;
d) adjunto adverbial;
e) adjunto adnominal

9. (UM-SP) O sujeito é simples e determinado em:
a) Há somente um candidato ao novo cargo, doutor?
b) Vive-se bem ao ar livre.
c) Na reunião de alunos, só havia pais.
d) Que calor, filho!
e) Viam-se eleitores indecisos durante a pesquisa.

10. (UM – SP) Preencha a segunda coluna conforme o código estabelecido na primeira e assinale a alternativa correta de acordo com essa relação.
(1) sujeito determinado simples
(2) sujeito indeterminado
(3) sujeito desinencial (implícito na terminação verbal)
(4) sujeito paciente
(5) sujeito inexistente
( ) Era um mistério curioso aquela vida.
( ) No auge da rebelião, houve um tiroteio de quinze minutos entre policiais e bandidos.
( ) Quando se dispõe de força interna, vive-se melhor.
( ) Corrigiram-se os artigos após a última emenda do jornalista.
( ) Nem quererá despejá-lo imediatamente.
a) 5 – 3 – 2 – 1 – 4
b) 5 – 3 – 2 – 4 – 1
c) 1 – 5 – 2 – 4 – 3
d) 1 – 3 – 5 – 2 – 4
e) 1 – 5 – 3 – 2 – 4

11. (Proc. Geral da Justiça – RJ – NCE) "O Brasil não conseguirá resolver os problemas da miséria e da infância abandonada em 1994..."
Se transformarmos esta oração do texto numa oração de sujeito indeterminado, qual seria uma de sua possíveis formas?
a) Não conseguiremos resolver os problemas da miséria e da infância abandonada em 1994.
b) Não se conseguirá resolver os problemas da miséria e da infância abandonada em 1994.

c) Não se conseguirão resolver os problemas da miséria e da infância abandonada em 1994.
d) Os problemas da miséria e da infância abandonada não conseguirão ser resolvidos em 1994.
e) Não conseguirão resolver os problemas da miséria e da infância em 1994.

12. (An. Jud. – TRE – RJ – NCE) O segmento do texto que apresenta um sujeito posposto ao verbo é:
a) "Anestesiada e derrotada, a sociedade nem está percebendo a enorme inversão de valores em curso."
b) "Parece aceitar como normal que um grupo de criminosos estenda faixas pela cidade e nelas fale de paz."
c) "Há um coro, embora surdo, que tenta retratar criminosos como coitadinhos..."
d) "Coitadinhos e vítimas de um sistema ineficiente, aqui, são os parentes dos abatidos pela violência..."
e) "Mas não merecem um micrograma que seja de privilégios..."

13. (INPI – NCE) O segmento do texto em que o sujeito está posposto ao verbo é:
a) Isto não acontecerá de novo...
b) Segundo os relatos, o animal foi embarcado no dia 17 de outubro...
c) E mais, nele viajou por seis horas.
d) ... garante um representante da empresa.
e) Há coisas que só acontecem nos Estados Unidos.

Capítulo 16

Predicado

O predicado representa a soma de todos os elementos da oração, exceto o sujeito e o vocativo.

Ex.: Sinfronésia morreu. SINFRONÉSIA é sujeito; MORREU, predicado.

16.1. Predicado nominal

Ocorre quando o núcleo é o predicativo. Há a necessidade de um verbo de ligação relacional, ou seja, verbos que expressem apenas a relação de estado ou qualidade entre o sujeito e o elemento que o adjetiva. São verbos de ligação SER, ESTAR ou qualquer outro que contenha o mesmo valor semântico. Contudo, ainda há uma outra condição para o verbo ser de ligação: a necessidade da existência do predicativo. Aí ocorre uma outra exigência: como muito bem esclarece Celso Cunha, somente o substantivo, o adjetivo, o pronome, o numeral e a oração (como veremos em orações substantivas) podem funcionar como predicativo. Normalmente o predicativo varia em gênero e número consoante o termo que qualifica.

Ex.: Maria está cansada.

→ ESTÁ é verbo de ligação, pois há um termo variável (CANSADO – CANSADA – CANSADOS – CANSADAS) qualificando o sujeito. Como há, então, o verbo de ligação, o predicado é nominal. CANSADA é o predicativo do sujeito, portanto é o núcleo do predicado nominal.

"Eu sou uma escrava" (Bernardo Guimarães).

→ O verbo SER é de ligação, pois o termo UMA ESCRAVA é variável e funciona como predicativo do sujeito.

"Os meses de verão em Lisboa eram depois dolorosos" (Eça de Queirós).

→ Observe que o adjetivo "dolorosos" já está flexionado no plural, concordando com o núcleo do sujeito "meses".

→ "O resto está no escritório, na minha banca" (Graciliano Ramos).

ESTÁ não é verbo de ligação, uma vez que inexiste o predicativo (NO ESCRITÓRIO é adjunto adverbial de lugar, ou seja, não funciona como

predicativo). "ESTÁ" é verbo intransitivo e o predicado é verbal.

Obs.: O Professor Evanildo Bechara aduz que outras classes gramaticais também poderiam funcionar como predicativo, dentre eles o advérbio, expondo os seguintes exemplos: "Os vizinhos estão bem"; "Os jovens são assim".

16.2. Predicado verbal

Ocorre quando o núcleo é um verbo que não seja de ligação, ou seja, um verbo transitivo direto, verbo transitivo indireto, verbo transitivo direto e indireto ou verbo intransitivo (verbos nocionais que expressam ação, fenômeno ou movimento).

Ex.: "Tenho cá meus motivos..." (Bernardo Guimarães).

→ TENHO é verbo transitivo direto, funcionando como núcleo do predicado verbal.

16.3. Predicado verbo-nominal

Ocorre quando há dois núcleos: um verbal (que não seja verbo de ligação) e outro nominal (predicativo).

Ex.: "Uma das religiosas apanhou-o ligeira e cheia de misericórdia" (Eça de Queirós).

→ APANHOU é verbo transitivo direto, formalizando o predicado verbal e LIGEIRA E CHEIA (termos variáveis que qualificam UMA DAS RELIGIOSAS), predicativos do sujeito, formalizando o predicado nominal. Temos, portanto, três núcleos, um verbal (COMPREI) e dois nominais (LIGEIRA e CHEIA); sendo assim, o predicado é verbo-nominal.

"Quaresma vinha desanimado" (Lima Barreto).

→ VINHA é verbo intransitivo, já caracterizando, portanto, o núcleo do predicado verbal e DESANIMADO é predicativo do sujeito, núcleo do predicado nominal. Logo o predicado é verbo-nominal.

Obs.: O predicado verbo-nominal também pode ser caracterizado com a ocorrência do predicativo do objeto. O predicativo, no caso, em vez de qualificar o sujeito, qualifica o objeto – mais adiante veremos a diferença entre predicativo do objeto e adjunto adnominal.

Ex.: Considero este assunto interessante.

→ Observe que "interessante" está qualificando o objeto direto "este assunto".

Chamei ao aluno de amigo.

→ O predicativo do objeto "de amigo" que se encontra preposicionado qualifica o objeto indireto "ao aluno".

16.4. Exercícios

1. Correlacione.
(1) PREDICADO NOMINAL
(2) PREDICADO VERBAL
(3) PREDICADO VERBO-NOMINAL
( ) Ficarei aqui.
( ) Ficarei extremamente assustado.
( ) Ela anda muito perturbada ultimamente.
( ) Ela anda muito bem.
( ) Ela anda todos os dias em volta do Maracanã.
( ) Ela anda todos os dias apressada em volta do Maracanã.
( ) Ele sempre chega atrasado ao trabalho.
( ) Permaneceu calado diante do problema.
( ) Permaneceu no Rio de Janeiro por motivos particulares.
( ) Ele pedirá este favor a você extremamente envergonhado.
( ) Achamos o livro muito bom.

2. (Rural) Assinale a passagem onde se indica erroneamente a predicação do verbo em destaque.
a) "Também não cantarei o mundo futuro" (transitivo direto).
b) "Estou preso à vida" (de ligação).
c) "Vamos de mãos dadas" (transitivo indireto).
d) "Não direi os suspiros ao anoitecer" (transitivo direto).
e) "Não fugirei para as ilhas" (intransitivo).

3. (IME) Numa oração do tipo: "As meninas assistiram alegres ao espetáculo", temos:
a) predicado verbal;
b) predicado verbo-nominal;
c) predicado nominal.

4. (Unificado) Em relação à predicação verbal, marque a opção em que a classificação apresentada corresponde ao verbo do respectivo exemplo.
a) Verbo transitivo direto – "entrava a polícia".
b) Verbo transitivo direto – "Quer entregar-ma?..."
c) Verbo de ligação – "Onde está ela?"
d) Verbo intransitivo – "ia atrás, pálido, com as mãos cruzadas nas costas".
e) Verbo transitivo direto e indireto – "parava à porta da rua uma carruagem".

5. Correlacione corretamente a 1a coluna de acordo com a 2a e assinale a opção que corresponde à sequência correta.
( ) Ele anda muito bem, principalmente depois que recebeu as notícias alegres.
( ) Ele andou ontem pela cidade inteira.

( ) Ele anda extremamente desgastado porque está trabalhando demasiadamente.
( ) O prefeito andou ontem pela cidade muito preocupado com os engarrafamentos.
(1) Predicado nominal
(2) Predicado verbal
(3) Predicado verbo-nominal
a) 2 – 2 – 1 – 3
b) 1 – 2 – 1 – 3
c) 1 – 2 – 3 – 2
d) 2 – 2 – 3 – 2

6. (Cespe-UnB) "Mas hoje ele fez um negócio que me deixou 'encucado'..."
No trecho, a oração sublinhada contém um predicado:
a) Verbal com adjunto adverbial de modo;
b) Nominal com predicativo do sujeito;
c) Verbo-nominal com predicativo do objeto indireto;
d) Verbal com adjunto adnominal do objeto direto;
e) Verbo-nominal com predicativo do objeto direto.

7. (PUC) Na oração: "A inspiração é fugaz, violenta", podemos afirmar que o predicado é:
a) Verbo-nominal, porque o verbo é de ligação e vem seguido de dois predicativos.
b) Nominal, porque o verbo é de ligação.
c) Verbal, porque o verbo é de ligação e são atribuídas duas caracterizações ao sujeito.
d) Verbo-nominal, porque o verbo é de ligação e vem seguido de dois advérbios de modo.
e) Nominal, porque o verbo tem sua significação completada por dois nomes que funcionam como adjuntos adnominais.

8. (TTN) Observe as duas orações abaixo:
I – Os fiscais ficaram preocupados com o alto índice de sonegação fiscal.
II – Houve uma sensível queda na arrecadação do ICM em alguns Estados.
Quanto ao predicado, elas classificam-se, respectivamente, como:
a) nominal e verbo-nominal;
b) verbo-nominal e verbal;
c) nominal e verbal;
d) verbal e verbo-nominal;
e) verbal e nominal.

9. (Unimep-SP)
I. Pedro está adoentado.
II. Pedro está no hospital.
a) O predicado é verbal em I e II.
b) O predicado é nominal em I e II.
c) O predicado é verbo-nominal em I e II.
d) O predicado é verbal em I e nominal em II.

e) O predicado é nominal em I e verbal em II.

Capítulo 17

Predicativo

Predicativo é o vocábulo variável que possui como função qualificar um ser.

17.1. Do sujeito

Palavra variável que dá qualidade ao sujeito, estando afastado deste por verbo. Somente o substantivo, o adjetivo, o numeral, o pronome e uma oração podem funcionar como predicativo.

Ex.: Maria devia ser bonita.

→ BONITA é um termo variável que dá qualidade ao sujeito MARIA, estando afastado deste termo por verbo (DEVE SER).

17.2. Do objeto

Palavra variável que dá qualidade ao OBJETO.

Ex.: "... e acabou alcunhando-me Dom Casmurro" (Machado de Assis).

→ DOM CASMURRO qualifica o objeto direto ME.

BIZU

Para diferençar PREDICATIVO DO OBJETO do ADJUNTO ADNOMINAL: passar para a voz passiva e observar a função sintática que passa a ter o termo que dava qualidade ao núcleo do objeto direto. Caso passe a ser predicativo do sujeito, o termo era predicativo do objeto. Caso, na transformação da ativa para a passiva, fique certificado que o termo é adjunto adnominal, é porque ele já o era na voz ativa.

Ex.: Considerei a criança bonita.

→ BONITA é predicativo do objeto, pois dá qualidade ao objeto direto CRIANÇA e, ao passarmos esta frase para a voz passiva (A criança foi considerada bonita por mim.), o termo BONITA passa a ser predicativo do

sujeito.

Vi uma criança bonita.

→ BONITA é adjunto adnominal, pois, ao ser passada esta frase da voz ativa para a voz passiva (Uma criança bonita foi vista por mim.), BONITA continua adjunto adnominal.

– **Predicativo preposicionado do sujeito** – Ele foi apelidado de enrolado por João.

→ DE ENROLADO é predicativo preposicionado do sujeito ELE.

– **Predicativo preposicionado do objeto** – Chamei Paulo de servidor público.

→ DE SERVIDOR PÚBLICO é predicativo preposicionado do objeto, pois dá qualidade ao objeto direto PAULO.

17.3. Exercícios

1. Correlacione.

(1) Predicativo do sujeito
(2) Predicativo do objeto
(3) Predicativo preposicionado do sujeito
(4) Predicativo preposicionado do objeto
(5) Adjunto adnominal

( ) Li um livro bastante interessante.
( ) Achei o livro bastante interessante.
( ) Ele sempre foi muito mal-humorado.
( ) Chamei-os de diferentes.
( ) Eles eram chamados de diferentes por todos.
( ) Encontrei-os mortos.
( ) Bebi uma cerveja geladíssima.

2. (Técnico Judiciário – TRE-SP – FCC) ***Este conceito é relativo, pois em arte não há originalidade absoluta.***
... a sua contribuição maior foi a liberdade de criação e expressão.
Ambos os elementos acima grifados exercem nas respectivas frases a função de:
a) adjunto adverbial;
b) objeto direto;
c) complemento nominal;
d) predicativo;
e) objeto indireto.

3. (Auditor – Sefaz-RJ – FGV) Porém, sofrendo o Brasil os influxos de modelos legislativos estrangeiros, assim como estando as matrizes das empresas transnacionais

que aqui operam sujeitas às normas de seus países de origem, não tardará para que as práticas que envolvem o criminal compliance sejam estendidas a diversos outros segmentos da economia.

A palavra sujeitas exerce, no texto, função sintática de:

a) complemento nominal;
b) objeto direto;
c) predicativo do objeto;
d) predicativo do sujeito;
e) adjunto adverbial de modo.

4. (Inspetor da Polícia Civil – RJ/FGV) "...o Estado pode considerar *desnecessária* a tradução dos documentos..." (L.37-38)

No trecho acima, o termo destacado exerce função sintática de:

a) adjunto adnominal;
b) adjunto adverbial;
c) complemento nominal;
d) predicativo do objeto;
e) predicativo do sujeito.

Capítulo 18

Objeto

O objeto é o complemento de verbo.

18.1. Direto

Complemento de verbo transitivo direto.

Ex.: "... fomos para o Hotel de Josafat firmar o nosso contrato, bebendo vasta cerveja" (Eça de Queirós).

→ Observe que os termos O NOSSO CONTRATO e VASTA CERVEJA complementam, respectivamente, a ideia dos verbos FIRMAR e BEBENDO sem preposição.

18.2. Indireto

Complemento de verbo transitivo indireto.

Ex.: Assistirei a um bom filme. "De nada mais necessitava aquela gente" (Euclides da Cunha).

Os termos A UM BOM FILME e DE NADA MAIS complementam, respectivamente, a ideia das formas verbais ASSISTIREI e NECESSITAVA com as preposições A e DE.

18.3. Direto preposicionado

Complemento de verbo transitivo direto, todavia contendo, excepcionalmente, preposição. Ocorre em duas ocasiões.

a) Com valor enfático.

Ex.: "... Preciso usar da linguagem dos homens..." (Fernando Pessoa).

→ O verbo USAR é transitivo direto, contudo a preposição DE é utilizada para dar ênfase à frase e poderia ser retirada (usar a linguagem).

Amo a meus familiares acima de tudo.

→ O verbo AMAR é transitivo direto, entretanto está sendo usada a preposição A, dando mais estilo à frase.

b) A segunda possibilidade de seu uso é motivado pela necessidade de se reconhecerem as funções sintáticas dos termos, quando não estão na ordem

natural da frase (SUJEITO-VERBO-OBJETO).

Ex.: O Flamengo vencerá o Fluminense.

→ A interpretação desta frase é bastante simples e não causa problemas, pois está redigida em sua ordem natural. Logo, o sujeito é O FLAMENGO; em seguida aparece o verbo transitivo direto VENCERÁ; e, por fim, o objeto direto FLUMINENSE. FLAMENGO, por ser sujeito, pratica a ação de VENCER, e FLUMINENSE, por ser objeto direto, sofre a ação verbal de ser vencido.

No entanto, se a frase fosse "Venceu o Flamengo o Fluminense", com a ordem natural desfeita, torna-se impossível determinar o que exatamente ocorreu. Não se sabe quem é quem, ou seja, se FLAMENGO é sujeito ou objeto direto, e FLUMINENSE, também. A língua, então, para esclarecer esta dúvida, recorre ao uso da preposição para distinguir sujeito e objeto. Como o sujeito nunca poderá ser preposicionado, caberá ao objeto a companhia da preposição. "Venceu o Flamengo ao Fluminense" ou "Venceu ao Fluminense o Flamengo". Em ambas as frases, FLAMENGO é sujeito, pois não aparece preposicionado e, por outro lado, FLUMINENSE, nas duas frases, é o objeto, mesmo com a inversão dos termos.

18.4. Pleonástico

Como o próprio nome diz, é quando o objeto aparece repetido na oração.

Ex.: Ao amigo, dar-lhe-ei a camisa.

→ LHE repete o objeto indireto AO AMIGO.

O dinheiro, entrego-o amanhã ao João.

→ O pronome oblíquo O repete o objeto direto O DINHEIRO.

18.5. Objeto direto interno ou cognato

Ocorre com verbos que normalmente seriam intransitivos, mas que excepcionalmente possuem complemento. Este tem o mesmo radical do verbo, daí as nomenclaturas COGNATO (mesma natureza – radical) ou INTERNO (partes internas do verbo e do complemento são idênticas).

Ex.: Sonhei sonhos terríveis.

Morreu uma morte gloriosa.

→ Observe que os verbos SONHAR e MORRER, normalmente, são intransitivos; contudo nessas frases funcionam como transitivos diretos e seus complementos (SONHOS e MORTE) têm o mesmo radical dos verbos.

"Acresce que chovia – peneirava – uma chuvinha miúda, triste e constante..." (Machado de Assis).

Obs.: Rocha Lima faz distinção entre objeto indireto e complemento relativo. Ambos seriam preposicionados, complementando a ideia de verbo. No entanto, o primeiro diria respeito à pessoa ou à coisa a que se destina a ação, regendo com as preposições A ou PARA e podendo ser substituído pelos pronomes átonos LHE ou LHES. Já o segundo não representa a pessoa ou a coisa a quem se destina a ação ou que tira proveito da situação, e sim o ser sobre o qual recai a ação.

Ex.: Entregarei o material para os alunos.

→ A expressão "para os alunos" indica a quem se destina a ação de entregar o material, portanto funcionando como objeto indireto.

Necessito de água.

→ O termo "de água" representa o ser sobre o qual recai a ação verbal.

Nos concursos públicos, não é feita tal distinção, sendo os dois casos absorvidos pelo objeto indireto

18.6. Exercícios

1. Correlacione.

(1) OBJETO DIRETO
(2) OBJETO INDIRETO
(3) OBJETO DIRETO PREPOSICIONADO
(4) OBJETO DIRETO PLEONÁSTICO
(5) OBJETO INDIRETO PLEONÁSTICO
(6) OBJETO DIRETO COGNATO

( ) A meus pais, dei-lhes um belo presente.
( ) Não queríamos uma solução tão complicada.
( ) Não concordo com esta posição do Governo.
( ) Nós deveríamos viver uma vida mais livre.
( ) Nunca mais beberei desta água.
( ) Não deves admitir o erro.
( ) As manchas, devemos retirá-las por precaução.
( ) Chorei um choro compulsivo com a morte de Ayrton Senna.
( ) Interessei-me pela resposta que você me daria.
( ) Todos deveriam amar ao próximo como a si mesmo.

2. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) Os verbos que exigem o mesmo tipo de complemento estão empregados nos segmentos transcritos em:

a) *A vida é triste e complicada. // ... mergulhemos de corpo e alma no cafezinho.*
b) *... alguém dará o nosso recado sem endereço. // A vida é triste e complicada.*
c) *Tinha razão o rapaz... // Depois de esperar duas ou três horas...*

d) *Para quem espera nervosamente... // Depois de esperar duas ou três horas...*
e) *Tinha razão o rapaz... // ... mergulhemos de corpo e alma no cafezinho.*

3. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) ... *embora nem sempre esta imagem corresponda à realidade*.
O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está empregado em:
a) *... uma atmosfera* [...] *percorre o país numa ânsia sôfrega pela europeização e pela modernização.*
b) *Há, em princípio, a produção humorística...*
c) *... um humor* [...] *que vê a si próprio como civilizador e cultor de gestos nobres...*
d) *... seu efeito desconcertante foi, por isso mesmo, maior e mais profundo.*
e) *... intelectualidade brasileira, que passou pelos eventos da abolição e da República.*

4. (Técnico Judiciário – TRE-SP – FCC) ... *João Rubinato, que adotou o nome de um amigo funcionário do Correio*...
O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está empregado em:
a) *... que já acabou com a garoa...*
b) *... e produziu uma obra radicalmente brasileira...*
c) *... a que se sobrepôs à velha cidadezinha provinciana...*
d) *Adoniran Barbosa é um paulista de cerne...*
e) *... e depois fugir, com ela e conosco, para a terra da poesia...*

5. (MPU) ... *para aprovar, até o final de 2009, um texto... (2o parágrafo do Texto II)*
O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o do grifado acima está na frase:
a) *De fato, o resultado é modesto.*
b) *... como fugir aos temas...*
c) *... já respondem por 20% do total das emissões globais.*
d) *... que já estão na atmosfera...*
e) *... só prejudica formas insustentáveis de desenvolvimento.*

6. (Analista Judiciário – TRT – 1ª R- FCC) ... *em diversos pontos controversos, desempatou controvérsias*...
O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está em:
a) *Os milhares de africanos que morreram por conta da viagem ou de padecimentos posteriores...*
b) *Entre 1758 e 1851, por aquelas pedras passaram pelo menos 600 mil escravos trazidos d'África.*
c) *A própria construção do cais teve o propósito de...*
d) *... mas as melhores descrições* [...] *saíram todas da pena de viajantes estrangeiros.*
e) *Os negros ficavam expostos no térreo de sobrados...*

7. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) Atentando-se para a sintaxe, é INCORRETO afirmar que, em:

a) ... *vê a si próprio como civilizador e cultor de gestos nobres, embora nem sempre esta imagem corresponda à realidade*, o elemento grifado introduz uma oração subordinada adverbial concessiva.

b) *Há, em princípio, a produção humorística*, o verbo grifado é impessoal e o sujeito da oração, inexistente.

c) ... *desilusão republicana que atinge a intelectualidade brasileira*, o segmento grifado exerce a função de objeto direto.

d) *Abre-se um espaço para a representação humorística*, o segmento grifado exerce a função de sujeito.

e) *O advento da República viria proclamar, inicialmente, uma atitude de repúdio*, o segmento grifado desempenha o papel de predicativo do sujeito.

8. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – FCC) Atentando-se para a sintaxe, é correto afirmar:

a) Em *A lei e a ordem eram a regra*, o segmento grifado é complemento verbal de eram.

b) Na frase *Na televisão, os heróis urram, gritam, destroem, torturam, tão estridentes quanto os arqui-inimigos maléficos*, o segmento grifado é complemento verbal dos verbos destroem e torturam.

c) Na frase *Éramos viciados em gibis*, estamos diante de um sujeito indeterminado.

d) Em *Gibis abasteciam de ética o vasto campo da fantasia infantil*, o segmento grifado exerce a função de objeto indireto.

e) Na frase *Eles eram o lado certo que combatia o lado errado*, o segmento grifado exerce a função de predicativo do sujeito.

Capítulo 19

Complemento Nominal e Adjunto Adnominal

19.1. Complemento nominal

Complemento nominal é o termo preposicionado que complementa a ideia de substantivo abstrato, adjetivo e advérbio.

Ex.: Não tenho interesse por bebidas alcoólicas.

POR BEBIDAS ALCOÓLICAS é complemento nominal, pois complementa a ideia do substantivo abstrato INTERESSE.

Obs.: É bom perceber que o complemento nominal se parece bastante com o objeto indireto, contudo o complemento nominal completa com preposição a ideia de UM NOME e o objeto indireto completa com preposição a ideia de um verbo.

Ex.: Sou contrário a suas opiniões.

A SUAS OPINIÕES é complemento nominal, pois completa com preposição a ideia do adjetivo CONTRÁRIO.

Agi favoravelmente a seu interesse.

A SEU INTERESSE é complemento nominal, pois completa a ideia de um advérbio (FAVORAVELMENTE).

Moro perto de você.

DE VOCÊ é complemento nominal, pois completa a ideia de um advérbio (PERTO).

19.1.1. Exercícios

1. Correlacione.

(1) Complemento nominal

(2) Objeto indireto

( ) Sinto necessidade de uma água gelada.

( ) Necessito de uma água gelada.

( ) Não confio em você.

( ) Não tenho confiança em você.

( ) Ele não se interessou pelos documentos.

( ) Ele não manifestou interesse pelos documentos.

19.2. Adjunto adnominal

Termo acessório que tem função adjetiva e está sempre ligado a um substantivo.

Funcionam como adjuntos adnominais:

– os artigos. Os homens devem estar preparados para a guerra.
– os adjetivos. Bons homens estão acompanhados de maus amigos.
– os numerais adjetivos. O primeiro quadro era desejado por três compradores.
– os pronomes adjetivos. Aqueles ladrões levaram meu relógio.
– as locuções adjetivas. A torcida do Flamengo (flamenguista) cantou músicas de provocação (provocativas).

19.3. Complemento nominal X adjunto adnominal

Tal estudo restringe-se a elementos preposicionados, portanto torna-se fundamental observar a que termo o elemento preposicionado está atrelado. Este assunto cai reiteradamente nos concursos organizados pelo NCE.

– Quando o termo preposicionado está ligado a um substantivo concreto, geralmente, é adjunto adnominal.

Ex.: "Se a modernidade alterou a face do mundo..." (Luiz Paulo da Moita Lopes).

"O que o colono do Maranhão pretendia..." (Carlos de Laet).

→ Os termos sublinhados estão atrelados aos vocábulos FACE e COLONO (substantivos concretos), funcionando como adjuntos adnominais.

Obs.: Quando o elemento preposicionado está atrelado a um substantivo concreto, estabelecendo um nome oficial para o termo, é aposto.

Ex.: A Praia de Copacabana anda bastante poluída.

→ O termo "de Copacabana" está atrelado à palavra "Praia", sendo oficialmente o nome da praia. Neste caso, o termo é aposto.

– Quando o termo preposicionado está ligado a um advérbio, é complemento nominal.

Ex.: "... era atirado dentro da caverna..." (Luis Fernando Veríssimo).

Agi contrariamente aos interesses dos empresários.

→ Os termos sublinhados estão complementando a ideia iniciada por advérbios (DENTRO e CONTRARIAMENTE), funcionando como complemento nominal. A regência de DENTRO e CONTRARIAMENTE exige respectivamente a ocorrência das preposições DE e A.

– Quando o termo preposicionado complementa a ideia de um adjetivo, normalmente será complemento nominal.

Ex.: Ele é útil à empresa.

Somos adeptos da generosidade.

→ Os adjetivos ÚTIL e ADEPTOS exigem as preposições A e DE, respectivamente, indicando que os termos a eles ligados funcionem como complementos nominais.

Obs.: Se o termo preposicionado (com preposição PARA), complementando a ideia de adjetivo ou de verbo, acrescentar ao período um valor de fim, será classificado como adjunto adverbial de finalidade.

Ex.: "... necessária para trabalhar com aplicações..." (André Gurgel).

"O cavaleiro estava pronto para entrar na caverna..." (Luis Fernando Veríssimo)

→ Nestes exemplos, a preposição PARA introduz termos complementando adjetivos (NECESSÁRIA e PRONTO), acrescentando ao período valor de finalidade. "... necessária para (a fim de / com o objetivo de) trabalhar com aplicações..."

– Quando o termo preposicionado (exceto DE) complementa substantivo abstrato é complemento nominal.

Ex.: Sentimos confiança em você.

"O direito à educação, ao trabalho, ao salário justo..." (Jaime Pinsky).

"Tenho interesse por música".

Obs.: Neste caso, o complemento nominal parece-se demasiadamente com o objeto indireto.

Ex.: Confiamos em você.

Interesso-me por música.

→ Atente-se ao fator que distingue as duas funções sintáticas: O termo "em você", na primeira ocasião, conclui a ideia iniciada por "confiança" (substantivo abstrato – nome), portanto sendo complemento nominal; já na segunda ocasião, complementa "Confiamos" (verbo), classificando-se, pois, como objeto indireto.

→ Quando o termo preposicionado (preposição DE) relaciona-se com um substantivo abstrato, torna-se necessário analisar se tal elemento possui valor agente ou paciente em relação ao nome. O valor "agente" ocorre ao se interpretar o elemento como o praticante da ação ou como o possuidor da ideia constante no substantivo. Tal se concretizando, o termo preposicionado é classificado como adjunto adnominal. Contudo, se o termo preposicionado

sofrer a ação exposta no substantivo, será complemento nominal.

Ex.: "As necessidades do povo não são satisfeitas pelo professor."

→ Observe que, neste caso, o termo "do povo" acrescenta ao período um valor de posse (as necessidades são do povo; o povo necessita), funcionando, então, como adjunto adnominal.

"Sentimos necessidade de tempo para o exercício."

→ O termo "de tempo" é paciente de "necessidade" (o tempo não necessita; alguém necessita de tempo), trabalhando como complemento nominal.

"A explicação da matéria foi interessante."

→ A matéria não explicou e sim foi explicada, funcionando, assim, como complemento nominal.

"A explicação do professor foi interessante."

→ O professor explicou, a explicação é do professor, logo o termo sublinhado possui nítido valor agente, sendo adjunto adnominal.

"... que têm afetado a compreensão da classe social, do gênero, da sexualidade..." (Luiz Paulo da Moita Lopes).

→ Os termos sublinhados complementam o substantivo abstrato "compreensão", informando o que deveria ser compreendido (valor paciente), funcionando, por conseguinte, como complemento nominal.

"... vermos a multiplicidade da vida humana..."

→ É nítido o valor agente (a multiplicidade é da vida humana, a vida humana é múltipla, a vida humana possui multiplicidade), funcionando, logo, como adjunto adnominal.

Há situações em que o termo preposicionado tanto pode ter valor agente como valor paciente, precisando, portanto, de contexto para a definição de sua função sintática. Numa questão de vestibular da Fuvest, tal foi retratado do seguinte modo:

"A matança dos marginais escandalizou a população". Explique os dois sentidos que podem ser atribuídos à frase e uma possível mudança de função sintática decorrente desta mudança de interpretação do período".

→ O candidato teria que explicar que "os marginais" tanto poderiam matar como poderiam ser mortos. Na primeira interpretação, seria adjunto adnominal; na segunda, complemento nominal.

"O julgamento do professor ocorrerá amanhã".

→ Esta frase dá margem à dupla interpretação, podendo "o professor" julgar ou ser julgado, justificando-se, assim, a necessidade de contexto para dirimir a

dúvida quanto à função sintática do elemento sublinhado.

O NCE da UFRJ, banca organizadora de concursos, costuma confeccionar questões referentes a este assunto. Contudo, nem sempre são utilizadas as nomenclaturas complemento nominal e adjunto adnominal. Em muitas oportunidades, é solicitado ao candidato a opção em que o termo preposicionado possui valor agente ou paciente. Sendo assim, é aconselhável ao concursando observar que o termo, tendo a função sintática de adjunto adnominal ou aposto (nomenclaturas oficiais), possuirá valor agente. Por outro lado, caso o termo preposicionado funcione como complemento nominal ou objeto indireto, possuirá valor paciente.

Ex.: "Trata-se de um fenômeno..." (M. Lúcia de Arruda & Martins Aranha).

→ O termo sublinhado complementa com preposição a ideia de um verbo, compondo um objeto indireto, possuindo, portanto, valor paciente.

"Antes o lazer era privilégio dos nobres..." (M. Lúcia de Arruda & Martins Aranha).

→ O termo sublinhado tem valor possessivo, constituindo um adjunto adnominal, contendo, pois, valor agente.

"A mecanização, a divisão e organização das tarefas..." (M. Lúcia de Arruda & Martins Aranha).

→ Interpretando-se o período, depreende-se que "as tarefas" são mecanizadas, divididas e organizadas. Destarte, classifica-se o termo como complemento nominal, possuindo, então, valor paciente.

Outras nomenclaturas também bastante citadas pela aludida banca são preposição nocional e preposição relacional.

A preposição nocional acrescenta ao período um valor semântico, introduzindo o adjunto adnominal, o aposto (nomenclatura oficial) e o adjunto adverbial.

Ex.: "... não para de atormentá-lo com pergunta de todo jaez" (Dom Lucas Moreira Neves).

→ A preposição COM introduz um adjunto adverbial de modo, sendo, portanto, nocional.

"Controlava a vida do lugar" (Luiz Fernando Veríssimo).

→ O termo sublinhado indica valor de posse (o lugar tem vida), funcionando como adjunto adnominal e consequentemente a preposição é nocional.

"Morre-se mais na violência do Rio e de São Paulo" (João Ubaldo Ribeiro).

→ Perceba que o termo grifado possui valor agente (posse – Rio e São Paulo

possuem a violência), funcionando como adjunto adnominal. Desta forma, as ocorrências da preposição DE têm valor nocional.

> "... isso foi bom para amenizar o ideologismo que nos cegava" (Arnaldo Jabor).

→ Observe que o termo preposicionado acrescenta ao período valor de FINALIDADE, podendo, inclusive, substituir-se a preposição PARA por A FIM DE, COM O OBJETIVO DE, COM A FINALIDADE DE. Destarte, neste caso, a preposição é nocional.

> A preposição relacional é uma exigência do termo antecedente, não acrescentando ao período qualquer valor semântico. Somente a regência nominal ou verbal pode exigir a presença de uma preposição, portanto a preposição relacional introduzirá o objeto indireto ou o complemento nominal.
>
> Ele é essencial para o grupo.

→ O termo sublinhado funciona como complemento nominal, pois a preposição PARA ocorre tão somente em função da exigência feita pelo adjetivo "essencial", classificando-se, pois, como relacional.

> "Há categorias de pessoas que, lá com suas razões, têm raiva ou ressentimento da imprensa" (João Ubaldo Ribeiro).

→ O termo sublinhado funciona como complemento nominal (a imprensa é paciente de ressentimento), portanto a preposição que o introduz é relacional.

> "... já escrevi em defesa de policiais..." (João Ubaldo Ribeiro).

→ Observe que neste período o termo sublinhado possui nítido valor paciente (os policiais não se defendem, eles são defendidos), funcionando como complemento nominal. Destarte, a preposição é relacional.

> "O Senhor deu esta autoridade à Igreja..." (Dom Eugenio Sales).

→ O termo sublinhado funciona como objeto indireto, pois complementa a ideia do verbo DAR. Como é uma exigência gramatical do verbo, a preposição não acrescenta ao período qualquer valor semântico, classificando-se como relacional.

19.4. Exercícios

1. Correlacione.

(1) Complemento nominal

(2) Adjunto adnominal

( ) A construção da ponte foi benéfica a todos.

( ) A construção do engenheiro foi elogiada por todos.

( ) A invenção da vacina demonstra os avanços da medicina.
( ) A invenção de Sabin resolveu o problema da poliomielite.
( ) Ninguém entendeu a resolução do problema.
( ) Ninguém entendeu a resolução do professor.

2. (NCE) Indique o item em que os dois elementos precedidos da preposição DE desempenham a mesma função sintática.
a) "... os problemas da miséria..." / "A tomada de consciência..."
b) "Assaltos e sequestros de parentes..." / "... a superexposição das mazelas brasileiras..."
c) "... deu-se conta da existência..." / "... sequência inédita de presidentes desastrados..."
d) "O escândalo do Orçamento..." / "... extirpou definitivamente o sebastianismo da vida nacional."
e) "... Brasil do Primeiro Mundo..." / "... com a transferência de tarefas e recursos..."

Leia o texto a seguir e responda às questões 3 e 4.
"Se é para o bem de todos e felicidade geral da Nação, diga ao povo que fico!" (D. Pedro I).

3. (ICMS-RJ/FGV) "No Brasil, o debate sobre ética tributária só recentemente ganhou vulto em decorrência do aumento da carga tributária, da expansão da 'indústria de liminares', do visível aperfeiçoamento da administração fiscal, da estabilidade econômica e da crescente inserção do país na economia globalizada."
No trecho grifado do excerto acima, em relação às ocorrências e complemento nominal, é correto afirmar que há:
a) Quatro casos.
b) Cinco casos.
c) Oito casos.
d) Seis casos.
e) Dois casos.

4. (AFRM – Angra dos Reis – FGV) Já há evidências de que mudanças climáticas introduziram epidemias em regiões anteriormente livres delas.
Em relação à estrutura sintática do período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. Há, em todo o período, dois casos de complemento nominal.
II. Há, em todo o período, dois casos de objeto direto.
III. Há, em todo o período, dois casos de adjunto adnominal.
Assinale:
a) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
b) se todas as afirmativas estiverem corretas;
c) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
d) se nenhuma afirmativa estiver correta;
e) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.

5. (CM – RJ – NCE) Algumas preposições são empregadas de forma obrigatória devido à presença de termos anteriores que as exigem; o item abaixo em que a preposição destacada está nesse caso é:
a) um conjunto DE pessoas;
b) necessidade DE se ajudarem;
c) os meios DE transportes;
d) a base DE suas esperanças;
e) grande quantidade DE alimentos.

6. (Perito da Polícia Civil – RJ – FGV) Na expressão "votação *do Código Florestal*", o termo sublinhado é paciente do termo anterior, ou seja, o Código Florestal é votado. Assinale a alternativa em que o termo destacado exerce essa mesma função.
a) Exploração *de terras*.
b) Competitividade *do setor*.
c) Tamanho *de interesses divergentes*.
d) Funcionamento *da base aliada*.
e) Leque *de simpatizantes*.

7. (CBPS – NCS) O termo que funciona como complemento do termo anterior é:
a) "Soube de tudo isso..."
b) "Amanhece na ilha de Heron"
c) "Sobre a imensa faixa de areia..."
d) "... os tufos de algas..."
e) "Alguns grãos de areia..."

8. (Magistério – NCE) O item em que a preposição de (do, da, dos, das) tem valor predominantemente gramatical, e não semântico, é:
a) ... a nova geração de intelectuais...
b) ... porta-voz da frustração...
c) ... encontrar um nome de cientista...
d) ... o filho direto do protesto...
e) ... resgatar o homem de seus males...

9. (Técnico Judiciário – TRE-PA – FGV) ***Partidos são fundamentais para a consolidação da democracia e o permanente desenvolvimento da cidadania e devem existir – de verdade – em bases cotidianas*.**
Os termos sublinhados no período acima classificam-se, respectivamente, como:
a) adjunto adnominal e adjunto adnominal;
b) complemento nominal e complemento nominal;
c) adjunto adnominal e complemento nominal;
d) complemento nominal e adjunto adnominal;
e) objeto indireto e objeto indireto.

10. (Auditor – Sefaz-RJ – FGV) No Brasil, por exemplo, existem regras de *criminal compliance* previstas na Lei dos Crimes de Lavagem de Dinheiro – Lei 9.613, de 3 de março de 1998 – que sujeitam as pessoas físicas e jurídicas que tenham como atividade principal ou acessória a captação, intermediação e aplicação de recursos financeiros, compra e venda de moeda estrangeira ou ouro ou títulos ou valores mobiliários, à obrigação de comunicar aos órgãos oficiais sobre as operações tidas como "suspeitas", sob pena de serem responsabilizadas penal e administrativamente.
Assinale o termo que, no texto, desempenhe função sintática idêntica à de *à obrigação*.
a) às normas – que aqui operam sujeitas às normas de seus países de origem.
b) de ajustamentos – É certo que a mudança do enfoque sobre o tema, no âmbito das empresas – principalmente, as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos.
c) a diversas obrigações – Tem-se, *grosso modo*, por *compliance* a submissão ou a obediência a diversas obrigações impostas às empresas privadas.
d) da adoção – decorrerá também de ajustamentos de postura administrativa decorrentes da adoção de critérios.
e) dessa possibilidade – é certo que a adoção, na prática, dessa possibilidade vem se dando de forma bastante tímida.

11. (Polícia Civil – DF – NCE)
I – "agências DE TURISMO"
II – "grau crescente DE INSEGURANÇA"
III – "trabalho DE INVESTIGAÇÃO POLICIAL"
IV – "por falta DE AÇÃO INTEGRADA"
Entre os segmentos acima, em maiúsculas, aquele que apresenta função distinta da função dos demais é:
a) I;
b) II;
c) III;
d) IV;
e) nenhum deles.

12. (Analista de Informática Legislativa – Senado Federal – FGV) "Entretanto, após algumas décadas de excessivo crescimento dos gastos governamentais e da crise financeira que se abateu sobre inúmeros governos..." (L.7-9)
Assinale a alternativa que indique corretamente a quantidade de complementos nominais no trecho acima.
a) Nenhum.
b) Dois.
c) Um.
d) Três.
e) Quatro.

13. (Proc. Geral da Just. – RJ – NCE) Em que item abaixo a preposição destacada, isolada ou em combinação com artigo, tem valor puramente gramatical e não nocional, como nos demais casos?
a) "... como o ano em que o Brasil do Primeiro Mundo deu-se conta da existência..."
b) ... constituir um lembrete muito eficaz para as elites de que o Haiti é aqui".
c) "... fortaleceu a tese da necessidade de descentralização e despolitização das políticas sociais, com a transferência de tarefas e recursos aos municípios".
d) "... passou a duvidar até da existência de Deus".
e) "... os vícios do modelo centralista..."

14. (NCE-UFRJ) O caso em que o segmento precedido da preposição DE tem valor paciente e não de agente do termo anterior é:
a) ... gastar rios de dinheiro com regozijo.
b) O festival de autocongratulação consumia boa parte...
c) ... o cotidiano brasileiro está cheio de dores de problemática das agências.
d) É melhor que a imaginação das agências.
e) ... estamos no país da solucionática.

Obs.: Em virtude da complexidade deste assunto, expomos mais 12 exercícios com gabarito comentado para você poder tirar todas as dúvidas.

19.5. Exercícios com gabarito comentado acerca de complemento nominal e adjunto adnominal

1. (U-Bauru) Assinale a alternativa em que a expressão grifada tem a função de complemento nominal.
a) A curiosidade do homem incentiva-o à pesquisa.
b) A cidade de Londres merece ser conhecida por todos.
c) O respeito ao próximo é dever de todos.
d) O coitado do velho mendigava pela cidade.
e) O receio de errar dificulta o aprendizado das línguas.
Resposta: Alternativa E.
Na opção A, a curiosidade é do homem (posse – valor agente – adjunto adnominal).
Na letra B, o termo sublinhado está atrelado ao termo CIDADE que é substantivo concreto, já impossibilitando o fato de o termo ser complemento nominal. Porém é interessante observar que Londres é o nome da cidade, funcionando, portanto, como aposto.
Na opção C, TODOS possuem o dever (o dever é de todos – posse – adjunto adnominal) de respeitar o próximo.
Na opção D, o termo DO VELHO está atrelado ao substantivo concreto COITADO (adjetivo substantivado representando uma pessoa, por isso, concreto), funcionando como adjunto adnominal.
A opção E, que é a resposta, apresenta um termo que possui nítido valor paciente em

relação ao termo receio, afinal ERRAR não possui receio, não receia. Se a frase fosse "O receio do professor é o adiamento das provas.", o termo DO PROFESSOR estaria ligado a RECEIO, contudo estabelecendo valor de posse, pois indicaria que o receio seria do professor, ou seja, o professor é quem receia, funcionando, assim, como adjunto adnominal.

2. (NCE-UFRJ) "O eleitor deu pouquíssima importância às eleições para governador". O termo destacado exerce a função de complemento nominal de "eleições". Que termo destacado a seguir exerce essa mesma função?
a) Votos **em branco**.
b) Manchetes **dos jornais**.
c) Institutos **de pesquisa**.
d) Interrupção **para o dever cívico**.
e) Comportamento **do grupo**.
Resposta: Alternativa D.
As opções A, B e C podem ser excluídas rapidamente, em virtude de os termos destacados estarem atrelados a substantivos concretos, sendo, então, adjuntos adnominais. Na opção E, o termo DO GRUPO possui nítido valor agente (o comportamento é do grupo, o grupo se comporta), também funcionando como adjunto adnominal. A opção D apresenta um termo que complementa a ideia de INTERRUPÇÃO de forma passiva, funcionando como complemento nominal.

3. (NCE-UFRJ) As preposições podem ser usadas com valor relacional (uma exigência gramatical) ou valor nocional (contribuição de sentido). Em que frase a seguir o uso da preposição é uma exigência do termo anterior?
a) Eleições para governador.
b) Os votos de cabrestos.
c) Caixas de fósforo.
d) Folha em branco.
e) Dia sem trabalho
Resposta: Alternativa A.
Nas opções B, C, D e E, os termos preposicionados estão atrelados a substantivos concretos, funcionando como adjunto adnominal. Sendo assim, a preposição é nocional. Já na opção A, o termo preposicionado complementa de forma passiva a ideia do substantivo abstrato "eleições", funcionando, assim, como complemento nominal. Neste caso, a preposição que introduz o complemento nominal possui valor apenas gramatical (relacional).

4. (NCE-UFRJ) Em quantas frases abaixo o termo destacado não é agente, mas paciente do termo anterior?
1) "No campo <u>da educação</u>...
2) "... como instrumento <u>de manutenção</u>..."
3) "... manutenção <u>de *status*</u>..."

4) "... pântano de pobreza..."
a) Quatro.
b) Três.
c) Duas.
d) Uma.
e) Nenhuma.
Resposta: Alternativa D.
Nos itens 1, 2 e 4, os termos sublinhados estão atrelados a substantivos concretos, funcionando como adjunto adnominal (valor agente). No item 3, o termo sublinhado está atrelado ao termo MANUTENÇÃO que é substantivo abstrato. Observe que semanticamente "O *STATUS* NÃO MANTÉM E SIM É MANTIDO", então o termo sublinhado funciona como complemento nominal (valor paciente).

5. (NCE-UFRJ) Em que item a seguir a preposição destacada, em lugar de valor nocional, tem valor puramente gramatical?
a) "... a questão das Forças Armadas de um país..."
b) "As Forças Armadas são insuficientes para combater a desordem".
c) "As tentativas de comprometê-las..."
d) "... nem mantém uma indústria de armamento..."
e) "... oferece condições de topografia e miséria..."
Resposta: Alternativa C.
As opções A e D logo são eliminadas, pois os termos preposicionados estão atrelados a substantivos concretos, funcionando como adjunto adnominal. A opção B apresenta uma oração reduzida com valor de finalidade – sendo a preposição PARA nocional – atrelada a um adjetivo (insuficientes). A opção E apresenta termos com valor de posse (adjunto adnominal – preposição nocional), afinal TOPOGRAFIA E MISÉRIA possuem suas próprias condições. Na opção C, COMPROMETER não faz TENTATIVAS, e sim alguém faz TENTATIVAS DE COMPROMETER. Portanto, COMPROMETÊ-LAS é passivo em relação à ação contida no substantivo abstrato, sendo complemento nominal, portanto a preposição é relacional.

6. (NCE-UFRJ) "A diminuição do amor à pátria, a ação do interesse particular, a imensidão dos Estados, as conquistas, os abusos do Governo fizeram..." Assinale o item em que se classificam corretamente as funções sintáticas dos termos destacados:
a) Todos os elementos são complementos nominais.
b) Todos os elementos são adjuntos adnominais.
c) Só dois elementos são adjuntos adnominais.
d) Só um elemento é complemento nominal.
e) Só um elemento é adjunto adnominal.
Resposta: Alternativa D.
O termo À PÁTRIA complementa a ideia do substantivo abstrato com valor paciente, sendo, portanto, complemento nominal. Os demais termos preposicionados possuem nítido valor agente (O INTERESSE PARTICULAR AGE, A IMENSIDÃO É DOS ESTADOS, O

GOVERNO ABUSA), classificando-se, assim, como adjuntos adnominais.

7. (NCE-UFRJ) As salas de aula estão cheias de crianças e jovens... Em que item a seguir o elemento destacado desempenha a mesma função sintática do termo sublinhado na frase dada?

a) Os meios de comunicação e nas tecnologias...
b) ... mudaram a vida das pessoas nos séculos...
c) Interferindo na organização de seus afazeres diários...
d) Determinando o ritmo de trabalho...
e) ... os modernos instrumentos da comunicação...

Resposta: Alternativa C.

Na frase do enunciado, o termo sublinhado funciona como complemento nominal, dado que é preposicionado e está completando a ideia de um adjetivo. Sendo assim, o que se deseja na questão é a alternativa em que o termo sublinhado possua a função de complemento nominal. As opções A e E podem ser imediatamente descartadas, pois os substantivos MEIOS e INSTRUMENTOS são substantivos concretos, sendo os termos destacados adjuntos adnominais. Já as opções B e E também podem ser eliminadas, porquanto os termos DAS PESSOAS (a vida é das pessoas) e DE TRABALHO (o trabalho possui seu próprio ritmo) têm valor de posse, funcionando como adjunto adnominal. Por fim, na opção C, o termo AFAZERES DIÁRIOS não ORGANIZAM, e sim SÃO ORGANIZADOS, possuindo valor paciente, classificando-se como complemento nominal.

8. (UFRJ-NCE) Algumas preposições são empregadas de forma obrigatória devido à presença de termos anteriores que as exigem. O item abaixo em que a preposição destacada está nesse caso é:

a) Um conjunto DE pessoas.
b) Necessidade DE se ajudarem.
c) Os meios DE transportes.
d) A base DE suas esperanças.
e) Grande quantidade DE alimentos.

Resposta: Alternativa B.

As opções A, C e D apresentam termos que estão atrelados a substantivos concretos, funcionando, portanto, como adjunto adnominal, e a preposição, por consequência, será nocional. Na opção E, a preposição DE introduz um termo (adjunto adnominal) que tem valor de posse em relação ao termo QUANTIDADE (os alimentos possuem quantidade), classificando-se como nocional. Já na opção B, a preposição DE introduz um elemento passivo (complemento nominal) em relação ao substantivo abstrato NECESSIDADE, classificando-se como relacional.

9. (NCE-UFRJ) O termo que funciona como adjunto adnominal, entre os sublinhados abaixo, é:

a) "... trazer o cigarro para mais perto do adolescente, mas..."
b) "Penso que o cigarro é atraente para o adolescente..."

c) "... como sugerem as propagandas de cigarro..."
d) "... e abre um canal de comunicação numa linguagem comum..."
e) "... é uma fase carregada de situações estressantes."
Resposta: Alternativa D.
Na opção A, o termo sublinhado complementa a ideia do advérbio PERTO, funcionando como complemento nominal.
Nas opções B e E, os termos destacados complementam a ideia dos adjetivos ATRAENTE e CARREGADA, funcionando como complemento nominal.
Na opção C, CIGARRO não propaga e sim é propagado, tendo valor paciente, funcionando como complemento nominal.
Na opção D, o termo destacado está atrelado ao substantivo concreto CANAIS, funcionando como adjunto adnominal.

10. (NCE-UFRJ) O item em que a preposição DE (combinada ou não) é uma exigência da estruturação gramatical da frase e não da necessidade de acrescentar-se um novo dado semântico ao texto é:
a) "Corrupção é a grande questão do país".
b) "Trata-se de um mal endêmico na sociedade brasileira..."
c) "... é outra razão para a amargura de nossa gente".
d) "... pode abrir a porta desse futuro..."
e) "... se elegeram com a bandeira da luta anticorrupção".
Resposta: Alternativa B.
As opções D e E podem ser descartadas de imediato, pois as preposições introduzem termos que estão atrelados a substantivos concretos (mesmo sendo utilizados com valor conotativo, os substantivos PORTA e BANDEIRA continuam nesses contextos sendo concretos). Na opção A, a preposição DE introduz elemento com valor agente, pois é o país quem questiona. Na opção C, a preposição DE introduz termo que possui nítido valor de posse (a amargura é de nossa gente). Na opção B, a preposição DE introduz um objeto indireto, ou seja, a preposição é fruto da regência verbal, podendo ser classificada como relacional.

11. (NCE-UFRJ) O item a seguir em que o termo destacado representa um agente e não um paciente do termo anterior é:
a) Código de trânsito.
b) Educação para o trânsito.
c) Formação do magistério.
d) Treinamento de professores.
e) Atender a mais esta nova exigência.
Resposta: Alternativa A.
A opção B apresenta termo introduzido por preposição PARA que complementa substantivo abstrato, funcionando como complemento nominal, tendo, consequentemente, valor paciente.
As opções C e D apresentam termos que complementam substantivo abstrato com

preposição DE. Neste caso, torna-se necessário interpretar o sentido: O MAGISTÉRIO É FORMADO, OS PROFESSORES SÃO TREINADOS. Portanto, os termos destacados possuem valor paciente, funcionando como complementos nominais.
A opção E apresenta um mero objeto indireto, portanto o termo destacado tem valor paciente.
A opção A apresenta um termo atrelado a um substantivo concreto, funcionando como adjunto adnominal, possuindo, portanto, valor agente.

12. (NCE-UFRJ) Que elemento do texto, precedido da preposição DE exerce função sintática de adjunto adnominal e não de complemento nominal?
a) "... tom da voz..."
b) "... pertinho do céu..."
c) "... percepção de uma cidade..."
d) "... cuidado de não ser reconhecido..."
e) "... distinto do que é utilizado..."
Resposta: Alternativa A.
Na opção B, o termo DO CÉU complementa a regência do advérbio PERTINHO.
Na opção C, seria necessário o contexto, para a compreensão de que A CIDADE PERCEBE ou A CIDADE É PERCEBIDA
Na opção D, a oração reduzida complementa a ideia de CUIDADO.
Na opção E, o pronome demonstrativo O combinado à preposição DE complementa a ideia do adjetivo DISTINTO.
A opção A apresenta um termo que contém valor de posse em relação ao vocábulo TOM: a voz possui tom.

Capítulo 20

Adjunto Adverbial

Adjunto adverbial é o termo que modifica a ideia de verbo, adjetivo e de outro advérbio. O trabalho aqui se baseia na semântica, pois o mais importante é a percepção da ideia que passa o adjunto adverbial.

20.1. Classificação

1) LUGAR – "Corre o rio e entra no mar" (Fernando Pessoa) "Aqui – os filhos que vos pedem pão..." (Castro Alves).
2) TEMPO – "Canto nest'hora, como o bardo antigo" (Castro Alves). Às duas horas acordarei.
3) MODO – Fez o trabalho apressadamente. Ele passa bem.
4) INTENSIDADE – "Das priscas eras, que bem longe vão" (Castro Alves). Ele estuda à beça.
5) AFIRMAÇÃO – Sim, ele virá. Com certeza ele virá.
6) NEGAÇÃO – Jamais isto será feito. "Vi que não há natureza" (Fernando Pessoa).
7) DÚVIDA – Possivelmente ele virá. "Talvez por isso entraram os objetos..." (Machado de Assis).
8) IRONIA – Certamente a noite virará dia. Dida nunca "engolirá um frango".
9) CONCESSÃO – Embora cansado, fiz todo o trabalho. "Não obstante a defesa do escudeiro, Pery conseguiu amarrá-lo..." (José de Alencar).
10) CONDIÇÃO – Sem você, não farei o trabalho. Com sorte, chegarei à solução.
11) FINALIDADE – Pedir-te-ei em casamento. Visitou o estabelecimento para fiscalização.
12) ASSUNTO – "Falai-lhe dos cabelos" (Castro Alves). "Não falo de amor quase nada..." (Raul Seixas).
13) MEIO – Vim de ônibus. Mandei notícias por um bilhete.
14) INSTRUMENTO – Ele assassinou o inimigo com uma faca. Fiz a prova à caneta.
15) CAUSA – Eu, de enternecido, esquecera a merenda (Eça de Queirós). Empobreceu com as secas.

16) DE COMPANHIA – Irei ao cinema com minha mulher. Somente saio em companhia de meus irmãos.
17) PREÇO – O passe de Robinho custa R$ 50.000.000,00.

20.2. Exercícios

1. Correlacione.
1) LUGAR
2) TEMPO
3) MODO
4) INTENSIDADE
5) AFIRMAÇÃO
6) NEGAÇÃO
7) DÚVIDA
8) IRONIA
9) CONCESSÃO
10) CONDIÇÃO
11) FINALIDADE
12) ASSUNTO
13) MEIO
14) INSTRUMENTO
15) CAUSA
16) DE COMPANHIA
17) PREÇO
I. ( )( ) Iremos à praia de ônibus.
II. ( )( )( ) Mesmo com dor de cabeça, foi ao teatro comigo.
III. ( )( )( ) Conversamos sobre o problema por telefone para resolver o problema.
IV. ( )( ) Na faculdade eu era mais feliz.
V. ( )( ) Na faculdade eu estudava bastante.
VI. ( )( ) Sem o material, não poderás acompanhar a aula.
VII. ( ) Ele empobreceu com o plano econômico.
VIII. ( )( )( ) Certamente, no próximo ano, o salário mínimo valerá mil dólares.
IX. ( )( )( ) No Nordeste, o povo ainda morre de fome.
X. ( )( ) "Apesar de você, amanhã há de ser novo dia..." (Chico Buarque)
XI. ( )( ) Fizemos a prova a lápis para não sermos eliminados do concurso.
XII. ( )( ) Agiu rapidamente para a solução do problema.
XIII.( )( )( ) De forma alguma, voltarás de São Paulo de ônibus.
XIV.( )( )( ) Embora com dificuldades, certamente o povo brasileiro lutará por uma vida melhor.
XV. ( )( ) Eles agiram violentamente por medo.

2. (UFF) A expressão destacada tem valor adverbial em:
a) "A história *do casamento* de Maria Benedita é curta".

b) "Se não fosse a epidemia *das Alagoas*, talvez não chegasse a haver esse casamento".
c) "... não contando a respeito que aquele bêbado tinha ao princípio *da propriedade*".
d) "... não é preciso estar embriagado para acender um charuto *nas misérias alheias*".
e) "Sem pedir licença à dona *das ruínas*".

3. (Unificado)
V.7 – "No povo meu poema está maduro..."
V.13 – "Ao povo seu poema aqui devolvo..."
Os termos "NO POVO" (v.7) e AO POVO (v.13) exercem, respectivamente, as funções sintáticas de:
a) objeto indireto e adjunto adverbial;
b) objeto indireto e complemento nominal;
c) complemento nominal e objeto indireto;
d) adjunto adverbial e adjunto adverbial;
a) adjunto adverbial e objeto indireto.

4. (FTM-Aracaju) Das expressões destacadas abaixo, com as ideias de tempo ou lugar, a única que tem a função sintática do adjunto adverbial é:
a) "Já ouvi os poetas de Aracaju".
b) "... atravessar os subúrbios escuros e sujos".
c) "... passar a noite de inverno debaixo da ponte".
d) "Queria agora caminhar com os ladrões pela noite".
e) "... sentindo no coração as pancadas dos pés das mulheres da noite".

5. (Agência Saúde Pública – NCE) O item em que o termo sublinhado não está devidamente classificado segundo o seu valor semântico é:
a) "... falam <u>sobre a existência de Atlântida</u>,..." = assunto.
b) <u>Na época</u>, muito estudiosos chegaram..." = tempo.
c) "Nessa ilha, <u>segundo descrição feita ao filósofo Platão</u>..." = conformidade.
d) "... ninguém se preocupou <u>muito</u>..." = intensidade.
e) "... tratou de passar a notícia <u>adiante</u>..." = lugar.

6. (Secretaria de Saúde do Piauí – NCE) O segmento que apresenta o correto valor do elemento sublinhado é:
a) "... carregando <u>em seu bico</u>..." = instrumento.
b) "... água <u>do rio</u>..." = tempo.
c) "... se alastrava <u>na floresta</u>..." = lugar.
d) "... apagar aquele incêndio <u>com essas gotinhas d'água</u>?" = companhia.
e) "Estou <u>apenas</u> fazendo a minha parte" = oposição.

Capítulo 21

Agente da Passiva, Aposto e Vocativo

21.1. Agente da Passiva

Agente da passiva é o termo que pratica a ação na VOZ PASSIVA.

O agente da passiva é introduzido pela preposição POR. Excepcionalmente a preposição DE, sendo sinônima de POR, também pode iniciar o agente da passiva.

Ex.: O trabalho foi feito por todos.

"O João da Costa, moço do comércio, estimado do patrão e dos colegas..." (Aluísio de Azevedo).

21.2. Aposto

Aposto é o termo de natureza substantiva que repete algo já designado com fins de algum tipo de esclarecimento.

Ex.: Pelé, Rei do Futebol, fez o milésimo gol num jogo contra o Vasco. REI DO FUTEBOL é aposto de Pelé.

21.2.1. Aposto denominativo

Ex.: Praia de Copacabana, Presidente Lula.

21.2.2. Aposto explicativo

Ex.: Xuxa, a rainha dos baixinhos, está extremamente famosa também na Argentina.

21.2.3. Aposto enumerativo

Ex.: Comprei frutas: laranja, maçã, pêra.

21.2.4. Aposto resumitivo

Ex.: Na festa havia Ferrari, BMW, Peugeot, enfim só carros estrangeiros.

21.2.5. Aposto distributivo

Ex.: Eles, cada um de seu jeito, resolveram os problemas. Vieram dois rapazes; este, de calças compridas e aquele, de bermudas.

21.3. Vocativo

Vocativo é o termo que indica um chamamento (pessoa com quem se fala).

Ex.: Pressentimentos de que, Isaura? (Bernardo Guimarães).

21.3.1. Exercícios

1. Correlacione.

(1) AGENTE DA PASSIVA
(2) APOSTO
(3) VOCATIVO

( ) "Jesus Cristo, Jesus Cristo, eu estou aqui" (Roberto Carlos).
( ) Jesus Cristo, o ser mais sábio de todos os tempos, deu-nos grandes ensinamentos.
( ) Eu fui ensinado pela vida.
( ) Manoel já era conhecido de todos.
( ) Tu moras na rua Barata Ribeiro?
( ) Que fazes aqui, Manoel?

21.3.2. Análise sintática do pronome oblíquo

BIZU

Substitui-se o pronome oblíquo pela palavra MENINO. A função sintática que tiver a palavra MENINO será a mesma função sintática do pronome oblíquo.

Ex.: "Nós queríamos que você nos ensinasse umas cantigas" (Lima Barreto).

→ Substituindo-se NOS por AO MENINO (... ensinasse umas cantigas AO MENINO), chega-se à conclusão de que AO MENINO é objeto indireto, portanto NOS é OBJETO INDIRETO.

Ex.: "Então a Adélia, ..., puxou-me a face" (Eça de Queirós).

→ Puxou a face DO MENINO – adjunto adnominal, NOS – adjunto adnominal.

Ex.: "... envolvendo-a na sua cama de prata..." (Aluísio de Azevedo).

→ Envolvendo O MENINO – objeto direto, A – objeto direto.

Ex.: "... pode a sorte não te ser favorável..." (José de Alencar).

→ Não ser favorável AO MENINO – complemento nominal, TE – complemento nominal.

É importante citar que, nos casos dos verbos causativos (verbos que indicam a causa da outra ação – mandar, deixar, fazer...) e sensitivos

(verbos que sugerem os sentidos – ver, ouvir, observar, escutar), o pronome oblíquo átono funcionará como sujeito do verbo seguinte no infinitivo. A situação é tão atípica, que nem o verbo será obrigado a concordar com o sujeito – o estudo da flexão do verbo seguinte receberá uma análise mais aprofundada no capítulo de concordância.

Ex.: "Marcela... mandou-o a uma loja na vizinhança, comprar o vidro" (Machado de Assis).

"A vista de uma sota faz-me às vezes estremecer o coração em emoções mais vivas..." (Bernardo Guimarães).

"É o meu maior prazer vê-lo brilhar" (Lamartine Babo).

"Deixou-se ficar espiando..." (Aluísio de Azevedo).

Obs.: Há alguns pronomes oblíquos átonos que não possuem função sintática. São aqueles que não representam um ser: o pronome apassivador, o índice de indeterminação do sujeito e a parte integrante dos verbos (nos verbos pronominais).

Ex.: Fez-se o trabalho.

– O pronome apassivador SE não representa uma pessoa, não podendo, portanto, possuir função sintática.

Ex.: Precisa-se de mais operários.

– O índice de indeterminação do sujeito SE, demarcando o sujeito (agente) indeterminado e sendo o elemento paciente "de mais operários", não representa um ser, não possuindo função sintática.

Ex.: Eu me referi a seu trabalho.

→ Observe que o termo agente da ação é o pronome reto EU (mesmo que não aparecesse explícito), já o elemento paciente é "a seu trabalho". Então o pronome oblíquo ME só tem valor estrutural, não substituindo uma pessoa. Sendo assim, não possui função sintática.

21.3.2.1. Exercícios

1. Dê a função sintática dos termos sublinhados.

a) Viram-me ontem.
b) Entregaram-me os documentos.
c) Roubaram-me os documentos.
d) Roubaram-me.
e) Ele me é extremamente útil.
f) Maria sempre nos será extremamente agradável.
g) Desculpe por pisar-te o pé.
h) Dar-vos-ei todos os jornais.
i) Deixar-nos-ão ficar aqui.

j) Ele te viu estudar ontem.

21.3.3. Análise sintática do pronome relativo

BIZU

1º passo – isolar a oração em que aparece o pronome relativo.
2º passo – formar uma nova frase somente com aquela oração já isolada, substituindo o pronome relativo pelo termo antecedente.
3º passo – ao reconhecer a função sintática que terá este termo substitutivo do pronome relativo, estará também sendo reconhecida a função sintática do próprio pronome relativo.

Ex.: Roubaram as canetas que comprei ontem.

→ A oração em que aparece o pronome relativo é QUE COMPREI ONTEM. Forma-se uma nova frase somente com esta oração, mas deve ser substituído o pronome relativo pelo termo antecedente (AS CANETAS).

A frase fica: COMPREI ONTEM AS CANETAS. A função sintática de AS CANETAS é objeto direto, portanto QUE também será objeto direto.

As crianças a quem entreguei as provas já estão mais aliviadas.

→ Isole a oração em que aparece o pronome relativo – A QUEM ENTREGUEI AS PROVAS. Forma-se uma nova frase com esta oração, substituindo-se o pronome relativo QUEM pelo termo antecedente AS CRIANÇAS – ENTREGUEI AS PROVAS ÀS CRIANÇAS. ÀS CRIANÇAS é objeto indireto, portanto A QUEM é objeto indireto.

Obs.: Os pronomes relativos CUJO, CUJA, CUJOS, CUJAS quase sempre funcionam como adjuntos adnominais, até porque encerram valor de posse. Muito raramente podem também funcionar como complemento nominal, desde que possuam valor paciente.

Ex.: O réu de cujo julgamento participei foi condenado a dez anos de prisão.

→ Observe que o pronome relativo "cujo" refere-se ao termo o réu. Substituindo-se o termo pelo antecedente, resultaria "Participei do julgamento do réu". "O réu" não julgou e, sim, foi julgado, possuindo nítido valor paciente, funcionando, então, como complemento nominal.

21.3.3.1. Exercícios

1. Dê a função sintática do pronome relativo:

a) Falei as palavras que você queria ouvir.

b) Falei as palavras que deveriam ser faladas.
c) As cervejas de que sinto necessidade já estão geladas.
d) As cervejas de que necessito já estão geladas.
e) É linda a cidade em que moro.
f) Meu pai é a única pessoa em quem confio.
g) Meu pai é a única pessoa em quem tenho confiança.
h) As crianças que estavam desaparecidas foram encontradas.
i) As soluções que eu dei não te agradaram.
j) As soluções a que sempre fui favorável finalmente foram tomadas.
k) Futebol é o único assunto por que efetivamente me interesso.
l) Futebol é o único assunto por que efetivamente tenho interesse.
m) É muito bonito o local para onde vou.

21.3.4. Análise sintática de pronome demonstrativo e pronome relativo juntos

BIZU

1º passo – Relembrar que, quando O, A, OS, AS – combinados ou não com preposição – aparecerem antes de QUE e puderem ser substituídos por AQUILO, AQUELE(S), AQUELA(S), serão pronomes demonstrativos e QUE será relativo.

2º passo – É fundamental o candidato ficar ciente de que pronome demonstrativo e pronome relativo não podem ficar na mesma oração, até porque o antecedente do pronome relativo será o demonstrativo – e só o demonstrativo, mesmo que combinado a uma preposição –, portanto os dois pronomes representam o mesmo ser.

3º passo – Isolar a oração principal e substituir O, A, OS, AS por AQUILO, AQUELE(S), AQUELA(S) para determinar a função do demonstrativo.

4º passo – Isolar a oração subordinada e substituir o pronome relativo pelo antecedente – o pronome demonstrativo O, A, OS, AS. No fim, substitua O, A, OS, AS por AQUILO, AQUELE(S), AQUELA(S).

Ex.: "O que eu não quero perder é a sua missão nova" (Machado de Assis).

→ Na frase, o pronome demonstrativo O aparece antes do relativo QUE. Pronome demonstrativo e pronome relativo não podem ficar na mesma oração, logo a primeira oração é: "O é a sua missão nova". Substituindo o pronome demonstrativo O por AQUILO teremos "Aquilo é a sua missão nova". AQUILO funciona como sujeito, função esta do demonstrativo O. Isolando a oração subordinada "que eu não quero perder", substituir o relativo "que" pelo antecedente, o demonstrativo O. Por fim, substituir O por AQUILO, ficando a

frase “eu não quero perder aquilo”. AQUILO funciona como objeto direto, função esta do pronome relativo QUE.

Ex.: “Não sabeis que ele é protegido e amado pelos que pouco se importam se morremos ou vivemos” (José de Alencar).

→ ... amado POR AQUELES – agente da passiva, PELOS – agente da passiva; AQUELES pouco se importam... – sujeito, QUE – sujeito.

Ex.: Não gostei do que eles disseram.

→ Na frase, o pronome demonstrativo O aparece combinado com a preposição DE. Para determinar a função do demonstrativo, basta isolar a oração principal e substituir O por AQUILO, não se esquecendo de combinar com a preposição ocorrente na primeira oração: “Não gostei daquilo”. DAQUILO funciona como objeto indireto, função sintática de DO. Agora vamos passar para a função do relativo: isolemos a segunda oração e substituamos o pronome relativo QUE pelo antecedente O (FUNDAMENTAL ficar atento ao fato de que o antecedente do pronome relativo é só o demonstrativo e não o demonstrativo combinado com a preposição. Sendo assim, o antecedente não é o “do” – de + o – e sim somente “o”. Este caso de reconhecimento do antecedente do relativo já foi utilizado em várias oportunidades em concursos públicos). Depois troquemos O por AQUILO, ficando a frase “Eles disseram aquilo”. AQUILO é objeto direto, função do relativo.

Ex.: As que estudam passam.

→ Na frase, o pronome demonstrativo AS aparece antes do relativo QUE. É sempre muito importante lembrar que demonstrativo e relativo não podem ficar na mesma oração, portanto a primeira oração é “As passam”. Substituamos o demonstrativo AS por AQUELAS, ficando o período “Aquelas passam”. AQUELAS funciona como sujeito, função do demonstrativo AS. Vejamos agora a função do relativo: isolemos a oração intercalada “que estudam” e substituamos o QUE pelo antecedente, o demonstrativo AS. Por fim, alteremos AS por AQUELAS, resultando: “Aquelas estudam”. AQUELAS funciona como sujeito, então é a função do relativo.

21.3.4.1. Exercícios

1. Dê a função sintática tanto do pronome relativo quanto do pronome demonstrativo nas frases a seguir.

I. Tens certeza do que se disse?

II. Confiamos no que os professores ensinam.

III. Não sabemos o que ele será na empresa.

IV. Aos que sempre fazem o que querem eu dou atenção.

21.3.5. Exercícios

1. (AFTN) Leia o trecho abaixo e identifique a opção que faz correspondência incorreta entre as duas colunas: "Ainda quando a vida mais não fosse que a urna da saudade, o sacrário da memória dos bons, isso bastava para a reputarmos um benefício celeste, e cobrirmos de reconhecimento a generosidade de quem no-la doou" (Ruy Barbosa).

	Termos destacados:		Função sintática da oração:
a)	a		objeto direto
b)	um benefício celeste		predicativo do objeto direto
c)	a generosidade		objeto direto
d)	quem		objeto indireto
e)	no		objeto indireto

2. (TFC) Assinale a letra em que a função sintática indicada pelo termo do texto NÃO está correta.
Com franqueza, estava arrependido de ter vindo. Agora que ficava preso, ardia por andar lá fora, e recapitulava o campo e o morro, pensava nos outros meninos vadios, o Chico Telha, o Américo, o Carlos das Escadinhas, a fina flor do bairro e do gênero humano. Para cúmulo de desespero, vi através das vidraças da escola, no claro azul do céu, por cima do morro do Livramento, um papagaio de papel, alto e largo, preso de uma corda imensa, que bojava no ar, uma cousa soberba. E eu na escola, sentado, pernas unidas, com o livro de leitura e a gramática nos joelhos.

a)	com franqueza (l. 1)		adjunto adverbial
b)	o campo e o morro (l. 2)		objetos diretos
c)	um papagaio de papel (l. 5)		sujeito
d)	alto e largo (l. 5)		adjuntos adnominais
e)	a fina flor do bairro (l. 3)		aposto

3. (UF-MG) Em todas as alternativas, o termo destacado está corretamente classificado, exceto em:
a) Ele sabia o **que** ignorava e não se atrevia a julgar tudo. (sujeito)
b) O padeiro ofereceu-lhe alguma coisa e perguntou amavelmente o **que** havia de novo. (objeto direto)
c) Eu não sei **que** mal me faz essa mulher com seu rosto à Botticelli. (adjunto adnominal)
d) É um sentimento perfeitamente imbecil, **de que** até hoje não me pude libertar. (objeto indireto)
e) Era um galope para a riqueza, **em que** se atropelava a todos, os amigos e inimigos. (adjunto adverbial)

4. (PUC) Não revelou o que descobrira a ninguém. Assinale a alternativa em que se analisa a classe gramatical e a função sintática das palavras destacadas, respeitando a ordem em que elas ocorrem:
a) artigo, adjunto adnominal, conjunção integrante, conectivo;
b) pronome demonstrativo, sujeito, conjunção integrante, conectivo;
c) artigo, adjunto adnominal, pronome relativo, sujeito;
d) pronome demonstrativo, objeto direto, pronome relativo, objeto direto;
e) artigo, adjunto adnominal, pronome relativo, objeto direto.

5. (UF-Uberlândia) Todos os itens abaixo apresentam o pronome relativo com função de objeto direto, exceto:
a) "Aurélia não se deixava inebriar pelo culto que lhe rendiam".
b) "Está fadigada de ontem? perguntou a viúva com a expressão de afetada ternura que exigia o seu cargo".
c) "... com a riqueza que lhe deixou seu avô, sozinha no mundo, por força que havia de ser enganada".
d) "... O Lemos não estava de todo restabelecido do atordoamento que sofrera".
e) "Não o entendiam assim aquelas três criaturas, que se desviviam pelo ente querido".

6. (FEI-SP) Em: "Usando do direito <u>que</u> <u>lhe</u> confere a Constituição", as palavras grifadas exercem a função respectivamente de:
a) objeto direto e objeto direto;
b) sujeito e objeto direto;
c) objeto indireto e sujeito;
d) sujeito e sujeito;
e) objeto direto e objeto indireto.

7. (UFF) Numa das alternativas abaixo, a função sintática do pronome relativo é a mesma que seu antecedente exerce na oração principal. Assinale-a.
a) Depois disso, entrou-se na era do vale-tudo, que desembocou nos aniquilamentos de Hiroshima e Nagasaki.
b) Hiroshima desapareceu sob o clarão de uma explosão que provocou, quase instantaneamente, a morte de cem mil pessoas.
c) Como não houve qualquer ataque, muitos japoneses que estavam em terra imaginaram tratar-se de uma provocação.
d) As bombas que os EUA jogaram sobre o Japão tinham como alvo a URSS.
e) A bordo do navio Augusta, que retornava para os EUA, Truman autorizou o bombardeio.

8. (UFF) Assinale a opção em que um <u>pronome relativo</u> apresenta <u>a mesma função sintática</u> do *<u>que</u>* no fragmento "e em vez de nos guardarem as fazendas, são os que maior estrago nos fazem nelas".
a) "O primeiro réu que condenei era um moço limpo".

b) "Contestou que lhe coubesse a iniciativa ou inspiração do crime".
c) "Alguém foi que lembrou esse modo de sacudir".
d) "Mas Deus, que via os corações, diria ao criminoso verdadeiro o merecido castigo".
e) "Ao contrário, o defensor mostrou que o abatimento e a palidez significavam a lástima da inocência caluniada.

9. (Rural) Em "Descobririas o menino que sustenta esse homem", a análise correta é:
a) TU – sujeito de "descobririas"; O MENINO – sujeito de "sustenta".
b) O MENINO – objeto direto; ESSE HOMEM – sujeito.
c) QUE – sujeito; ESSE HOMEM – objeto direto.
d) O MENINO – sujeito; ESSE HOMEM – objeto direto.
e) QUE – objeto direto; O MENINO – sujeito.

10. (Mack) Nas frases abaixo, o pronome oblíquo está corretamente classificado, exceto em:
a) "Fugia-lhe é certo, metia o papel no bolso ..." (objeto indireto).
b) "... ou pedir-me à noite a bênção do costume" (objeto indireto).
c) "Todas essas ações eram repulsivas: eu tolerava-as ..." (objeto direto).
d) "... que vivia mais perto de mim que ninguém" (objeto indireto).
e) "... eu jurava matá-los a ambos ..." (objeto direto).

11. (NCE) "... pois ninguém se interessa pelo que nelas acontece..." Assinale o comentário incorreto sobre os elementos participantes desse trecho:
a) a segunda oração depende semanticamente da primeira;
b) o antecedente do relativo QUE é o pronome demonstrativo O;
c) o uso da preposição EM (nelas) indica semanticamente lugar;
d) o pronome indefinido NINGUÉM indetermina o sujeito da oração;
e) o uso do pronome pessoal ELAS evita a repetição de termos idênticos.

12. (NCE) "O exemplo de Los Angeles, onde grupos sociais se organizaram para buscar soluções para seus problemas..." Assinale o comentário incorreto sobre o segmento destacado:
a) ONDE é um advérbio de lugar.
b) ONDE se refere a Los Angeles.
c) GRUPOS SOCIAIS exerce a função de sujeito.
d) O pronome SE se refere a "GRUPOS SOCIAIS".
e) O pronome SE exerce a função de objeto direto.

13. Nas frases "Não tememos o que o deputado vai dizer na CPI" e "Gostamos do que se disse na CPI", o termo QUE exerce, respectivamente, a função de:
a) objeto direto – sujeito;
b) objeto direto – objeto direto;
c) sujeito – sujeito;

d) sujeito – objeto direto;
e) complemento nominal – complemento nominal.

14. (NCE) Assinale o comentário inadequado sobre a oração daquele lugar onde se matam pobres de fome e crianças à bala.
a) A frase se encontra na voz passiva sintética ou pronominal.
b) O uso do demonstrativo AQUELE tem valor pejorativo.
c) A conjunção coordenada une de fome e à bala.
d) ONDE tem sentido dêitico.
e) De fome e à bala têm função de adjuntos adverbiais.

15. (Farias Brito) "Um prólogo a um livro de versos é cousa que se não lê, e quase sempre com razão" (Silvio Romero). O verbo "lê":
a) está na voz passiva e seu sujeito é "que";
b) está na voz ativa, seu sujeito é "cousa" e seu objeto direto é "versos";
c) está na voz reflexiva, e o sujeito "versos" pratica e recebe a ação, ao mesmo tempo;
d) sugere reciprocidade de ação, pois há troca de ações entre os "versos" e quem os lê;
e) funciona acidentalmente como verbo de ligação, com predicativo oculto.

16. "Não tenho confiança no que você diz". Em relação a este período só não podemos afirmar:
a) a segunda oração é subordinada adjetiva restritiva;
b) a função sintática de "no" é complemento nominal;
c) "que" funciona como objeto direto;
d) "no" é a contração da preposição EM com o artigo o;
e) "confiança" é objeto direto da primeira oração.

17. (NCE) A única alternativa em que a palavra SE exerce função sintática é:
a) "Ao se debruçar sobre ela..."
b) "... experimenta-se o sabor do infinito..."
c) "... destrancam-se as portas..."
d) "... a pessoa se inscreve no enredo do mundo".
e) "Num momento em que se percebe que a passagem pela escola..."

18. (Cespe – UnB)
Ninguém fica indiferente à publicidade televisiva.
Não deixe seus pulmões correrem o risco de uma golfada de livre.
A publicidade é usada com a finalidade de iludir as pessoas.
Considerando os trechos acima, assinale o item que contém, respectivamente, a função sintática dos termos sublinhados:
a) complemento nominal / objeto direto / predicativo do sujeito
b) complemento nominal / sujeito / objeto direto
c) objeto indireto / objeto direto / adjunto adverbial

d) complemento nominal / objeto direto / adjunto adnominal
e) adjunto adnominal / sujeito / complemento nominal

19. (Bacen – Esaf) Assinale a opção incorreta a respeito das estruturas linguísticas do texto abaixo.
Temos uma legislação processual com dispositivos que permitem ao devedor, a pretexto de questionar uma cláusula contratual ou uma garantia dada em uma operação, deixar de pagar o principal. O que isso traz de consequência? Traz um aumento muito grande de inadimplência, que se traduz em um aumento de custo para o tomador. O prejuízo operacional sofrido pela instituição financeira, em decorrência dessa inadimplência, faz com que os bons pagadores acabem arcando com parte dessa conta, suportando uma taxa de juro maior e até desestimulando outros tomadores, que gostariam de expandir ou crescer seus empreendimentos com apoio no crédito.
(Gabriel Jorge Ferreira, em entrevista à *Resenha BM&F*, com adaptações.)
a) A forma verbal "Temos", ao iniciar o texto, indica que autor e leitores partilham a situação que vem descrita a seguir.
b) A oração "deixar de pagar o principal" (l. 2 e 3), apesar de não ter sujeito gramatical, refere-se semanticamente a "devedor"(l. 1).
c) O pronome "que" (l. 4) refere-se a "inadimplência" (l. 3) e constitui o sujeito da oração em que ocorre.
d) A oração reduzida "sofrido pela instituição financeira" (l. 4 e 5) corresponde à ideia que também pode ser expressa pela oração que a instituição financeira sofreu.
e) "Dessa inadimplência" (l. 5) constitui o sujeito da oração que tem como predicado "faz" (l. 5).

20. (Cespe-UnB) Considerando-se o trecho "Havia <u>os</u> que tinham medo, havia <u>os</u> que falavam de castigo", marque o item em que a afirmação está correta.
a) Ambas as palavras sublinhadas são pronomes pessoais retos e funcionam como sujeito do verbo "haver".
b) Ambas as palavras sublinhadas são pronomes pessoais oblíquos e funcionam como sujeito do verbo "haver".
c) Apenas a primeira palavra sublinhada é pronome demonstrativo e funciona como sujeito do verbo "haver".
d) Ambas as palavras sublinhadas são pronomes demonstrativos e funcionam como objeto direto.
e) Apenas a segunda palavra sublinhada é pronome demonstrativo e funciona como sujeito da oração seguinte.

21. Assinale a opção em que o pronome oblíquo possui função sintática.
a) Eu já me esqueci de tudo.
b) Eles se recordaram do passado.
c) Tu te lembras do ocorrido?
d) Lembraram-me que haverá expediente.

e) Vive-se bem no Rio de Janeiro.

22. Assinale a opção em que o pronome oblíquo possui função sintática.
a) Ele se referia simplesmente ao ócio.
b) Ajoelhamo-nos e rezamos por nossos pecados.
c) Entendeu-se finalmente que aquela seria a melhor opção.
d) Já não se assiste a filmes tão bons como antigamente.
e) Eles se amaram como dois animais (Alceu Valença).

23. (NCE – TRT) No segmento "... surgiram as condições sociais que tornaram possível o aparecimento do Direito do Trabalho...", o pronome relativo "que" retoma um termo anterior que passa a ser sujeito da oração seguinte. Em quantos segmentos a seguir essa mesma estrutura se repete?
1º – "... representam a base que possibilitou o desenvolvimento da nova economia".
2º – "... igual ao patrão que o contratava".
3º – "... era muito inferior ao que se exigia do artesão qualificado na época precedente".
4º – "... para efetuar as simples tarefas que as máquinas ainda eram incapazes de fazer".
a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) nenhum

24. (TJ – NCE) "... com hábitos que tornam necessários muitos bens produzidos pela indústria,..." O comentário adequado à estrutura desse segmento do texto é:
a) A forma "necessários" poderia ser substituída, de modo correto, por "necessário".
b) O pronome "que" refere-se a "hábitos" e é sujeito do verbo seguinte.
c) "Pela indústria" representa o paciente da ação verbal.
d) O pronome indefinido "muitos" concorda com "produzidos".
e) O verbo "tornar" está no plural porque concorda com o sujeito "bens".

Capítulo 22

Classificação de Orações

Amigo leitor, as orações coordenadas e as subordinadas adverbiais já foram analisadas no estudo de conjunções. Faremos aqui uma revisão. É bom lembrar que as conjunções são o principal elemento de coesão textual – daí inclusive se justificam as nomenclaturas "coordenativa" ou "subordinativa". O sufixo "ativo" possui valor agente, indicando que a conjunção coordena ou subordina; por consequência, a oração ficará coordenada ou subordinada. Cabe, neste momento, a análise também de orações sem conjunções, sobretudo as reduzidas.

22.1. Orações coordenadas

Principal característica: são independentes.

22.1.1. Assindéticas

Sem uso de conectivos.

Ex.: Maria lava, passa, prepara a comida...

A frase é composta por três orações e não há conectivo ligando-as, portanto as três orações são coordenadas assindéticas.

22.1.2. Sindéticas

Com uso de conectivos. A seguir, veremos uma relação de orações coordenadas sindéticas.

22.1.2.1. Aditivas

Dão ideia de adição, soma, acréscimo. As conjunções e locuções conjuntivas mais comuns são: E, NEM, MAS TAMBÉM, COMO TAMBÉM, OUTROSSIM, TAMPOUCO.

Ex.: "... ainda há tempo de salvar o Brasil e já conseguiu a adesão de todos os Homens..." (Luis Fernando Verissimo).

"O outro homem não o saudamos, nem ele nos viu" (Eça de Queirós).

22.1.2.2. Adversativas

Expõem ideia de contrariedade, adversidade, oposição à expectativa criada

na outra oração. As conjunções mais comuns são:
MAS, PORÉM, CONTUDO, TODAVIA, ENTRETANTO, NO ENTANTO e NÃO OBSTANTE.

Ex.: Maria não estava triste, contudo chorou copiosamente.
"Não me queixo, mas sofro" (José de Alencar).

Obs.: É mais importante o candidato preocupar-se com a ideia que passa a oração do que decorar conjunções. Observe os exemplos seguintes:
Foi à praia e não tomou banho de mar.
Não só foi à praia mas também tomou banho de mar.

→ Na primeira frase, apesar de aparecer a conjunção E, a ideia que ocorre é de adversidade, pois é criada uma expectativa na primeira oração, contudo a segunda não concretiza a expectativa criada. Quando se fala FOI À PRAIA, espera-se que a pessoa TOME BANHO DE MAR, no entanto tal não ocorre.

Já na segunda frase, apesar de aparecer a palavra MAS, a ideia é de soma, pois o indivíduo foi à praia e tomou banho de mar, ou seja, praticou as duas ações. É sempre interessante não esquecer que estruturas iniciadas por "não apenas", "não só" ou "não somente", inevitavelmente, vão desembocar em orações aditivas. Isso acontece, pois, como o termo "não" tem a função de negar os elementos restritivos "somente", "só" e "apenas", além de a ação exposta naquela oração se efetivar, também a ação exposta na oração seguinte se realizará. Voltando ao exemplo "Ele não só foi à praia", se não houvesse o "não", ele somente teria ido à praia e não haveria feito mais nada. Mas como o "não" negou o "só", "Ele não só foi à praia", como também realizou outra ação.

22.1.2.3. Alternativas

Relatam ideia de opção, escolha, alternância. As conjunções mais comuns são: OU...OU, ORA...ORA, QUER...QUER.

Ex.: "Ser ou não ser..." (W. Shakespeare).
"Ou porque o amor antigo o obrigava,
ou porque a gente forte o merecia" (Camões).
Ora eu vejo um bom filme ora eu ouço música.
"É o meu maior prazer vê-lo brilhar seja na terra seja no mar" (Lamartine Babo).

→ Nas duas primeiras frases, a conjunção OU introduz uma ideia de opção, escolha que se contrapõe à oração anterior.

Na duas últimas frases, as conjunções ORA e SEJA introduzem nas orações a ideia de fatos que se alternam.

Obs.: Às vezes, a conjunção "ou" pode possuir valor aditivo, como na frase: "Estamos preparados para dormir ou para ficar acordados."

→ Observe que, na realidade, nós estamos preparados para as duas ações: dormir e ficar acordados.

22.1.2.4. Conclusivas

Expressam ideia de CONCLUSÃO, DEDUÇÃO, SUPOSIÇÃO. As conjunções mais comuns são: ENTÃO, LOGO, PORTANTO.

"Penso, logo existo" (R. Descartes).

Minha mulher preparou o almoço, logo a comida está insuportável.

→ Nas duas frases, observe que a ideia que fica mais clara é a de dedução; no primeiro caso, uma dedução filosófica e, no segundo caso, uma dedução baseada provavelmente em experiências anteriores que levam o sujeito (EU – IMPLÍCITO) a chegar a esta conclusão.

22.1.2.5. Explicativas

Designam valor de EXPLICAÇÃO. As conjunções mais comuns são QUE, PORQUE, JÁ QUE, VISTO QUE, PORQUANTO...

Obs.: Normalmente o verbo da outra oração se encontra no **IMPERATIVO.**

Ex.: Vem logo, que já está tarde.

Não fales mais nada, porque tuas palavras podem ser prejudiciais a ti.

→ Nas duas frases, QUE e PORQUE introduzem uma explicação para a ordem (daí o uso do IMPERATIVO) que ocorre na oração anterior.

Obs.: Ocorre mais raramente o fato de uma oração coordenada explicativa aparecer numa situação em que o verbo da outra oração não esteja no imperativo. Tal acontece quando não houver uma relação causa-efeito.

Manoel esteve aqui, uma vez que eu vi a chave dele.

→ Não se pode dizer que "eu ver a chave dele" é a causa de "Manoel ter estado aqui". Então o fato de a chave de Manoel estar ali, no máximo, esclarece ou explica que ele esteve ali.

João bebeu cerveja, visto que deixou o copo sujo na pia.

→ É inviável compreender que "João ter deixado o copo sujo na pia" seja a causa de "ele ter bebido cerveja". No entanto, o fato de haver o copo sujo na pia esclarece ou explica que João bebeu cerveja.

22.2. Exercícios

1. Correlacione:

(1) O. C. S. ADITIVA
(2) O. C. S. ADVERSATIVA
(3) O. C. S. ALTERNATIVA
(4) O. C. S. CONCLUSIVA
(5) O. C. S. EXPLICATIVA

( ) Não falem muito, porque já estão atrapalhando a concentração do professor.
( ) Não veio à escola, portanto deve estar muito doente.
( ) Ou ele estuda ou sai do colégio.
( ) O professor não só come muito, mas também bebe demasiadamente.
( ) Sinfrô colocou o seu melhor vestido e não foi à festa.
( ) Não sei nem quero saber dos seus problemas.
( ) Falei a verdade, entretanto ninguém acredita em mim.
( ) Ora ele diz uma coisa ora ele diz outra.
( ) Ele não assistiu às aulas, portanto não tem condições de fazer a prova.
( ) Fale a verdade, que não será castigado.

2. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a conjunção E está empregada com valor adversativo:

a) "Deixou viúva e órfãos miúdos".
b) "Para diminuir a mortalidade e aumentar a produção, proibi a aguardente".
c) "Tenho visto criaturas que trabalham demais e não progridem".
d) "Iniciei a pomicultura e a avicultura".
e) "Perdi dois caboclos e levei um tiro de emboscada".

3. (NCE) "Na verdade, a palavra escrita <u>não apenas</u> permanece..." O segmento sublinhado indica que, na progressão do texto, vai aparecer um segmento com valor de:

a) comparação;
b) retificação;
c) condição;
d) adição;
e) alternância.

22.3. Orações subordinadas

A oração subordinada é apenas uma função sintática da oração principal.

22.3.1. Substantivas

Podem ser substituídas pela palavra "ISSO". Funcionam como substantivos. O termo que normalmente introduz as orações subordinadas substantivas é a conjunção integrante.

22.3.1.1. Subjetivas

Funcionam como sujeito da oração principal.

Ex.: Convém que você volte logo (isso).

→ Isso convém.

ISSO é sujeito, portanto a oração QUE VOCÊ VOLTE LOGO é sujeito da oração principal. A oração é subordinada substantiva subjetiva.

Obs.: A única diferença entre a oração subordinada substantiva subjetiva e um sujeito não oracional é que o primeiro contém verbo, por isso forma uma oração. Cada oração possui seu sujeito, seu predicado... Então, se uma oração for subjetiva, inevitavelmente (mesmo ela tendo o seu próprio sujeito) funcionará como sujeito da outra. Sendo assim, caso seja determinado identificar o sujeito das duas orações na frase dada como exemplo, a resposta seria: QUE VOCÊ VOLTE LOGO – sujeito da oração principal e VOCÊ, sujeito da oração subordinada.

Outros exemplos: É importante que tudo se resolva.

Dir-se-ia que estava debaixo do império de algum terrível pressentimento (Bernardo Guimarães).

Será fundamental resolver o trabalho.

BIZU

Não é coincidência o fato de, em todos os exemplos, o verbo da oração principal estar sempre na terceira pessoa do singular. Tal se justifica em virtude de o verbo ser obrigado a concordar com o sujeito – que no caso é oracional (a pessoa da oração é a terceira pessoa do singular, ainda que todos os vocábulos nela presentes estejam no plural).

22.3.1.2. Objetivas diretas

Funcionam como objeto direto da oração principal.

Ex.: "Eu disse que havia muitos herdeiros à coroa de Portugal" (Carlos Olavo).

→ A oração sublinhada pode ser substituída pela palavra ISSO ("Eu disse isso"). ISSO é objeto direto, portanto a oração é subordinada substantiva objetiva direta.

Obs.: Se a banca pedir, na frase utilizada como exemplo, todos os complementos verbais, o candidato deve lembrar-se de que complemento de verbo é objeto e, se a oração subordinada substantiva é objetiva direta, é porque ela funciona como objeto direto da oração principal. Portanto, a resposta

completa seria: "que havia muitos herdeiros à coroa de Portugal" – objeto direto da oração principal; MUITOS HERDEIROS – objeto direto da oração subordinada.

Outros exemplos: Garanto que tudo será resolvido.
Peço que tenham calma.
Permiti que todos saíssem.
Ele perguntou se estava tudo bem.

22.3.1.3. Objetivas indiretas

Funcionam como objeto indireto da oração principal.

Ex.: Necessito de que tenham calma (disso).

→ DISSO é objeto indireto, pois está completando a ideia do verbo NECESSITO com a preposição DE, portanto a oração é subordinada substantiva objetiva indireta.

Outros exemplos: Não devo concordar com que faças isso.
Pedi um favor a quem estava presente.
Lembrei-me de que ainda não descansei.
Interessei-me por que viesses logo.

22.3.1.4. Completivas nominais

Funcionam como complemento nominal da oração principal.

Ex.: Tenho certeza de que tudo se resolverá (disso).

→ DISSO é complemento nominal, pois completa a ideia do nome CERTEZA com a preposição DE, portanto a oração é subordinada substantiva completiva nominal.

Outros exemplos: Manifestei interesse por que viesses logo.
Sinto necessidade de que me deem uma cerveja.
ou contrário a que tomes uma posição intransigente.

22.3.1.5. Predicativas

Funcionam como predicativo do sujeito da oração principal.

Ex.: "O certo é que ele ... esbarrou com um velho amigo" (Fernando Sabino).

→ A oração QUE ELE ... ESBARROU COM UM VELHO AMIGO pode ser substituída pela palavra ISSO e funciona como predicativo do sujeito da oração principal, portanto a oração é subordinada substantiva predicativa.

Outros exemplos: Meus votos são que você se restabeleça logo.
O meu pedido é que não perturbem.

O provável é que tudo acabe bem.

22.3.1.6. Apositivas

Funcionam como aposto da oração principal. Neste caso, a substituição da oração pela palavra ISSO torna-se inviável, contudo a percepção de que a oração é apositiva não é das mais difíceis, até porque normalmente esta oração aparecerá depois de dois-pontos. É também importante lembrar que a oração apositiva é apenas um aposto que possui um verbo, formando uma oração.

Ex.: Só digo cinco palavras: que o Flamengo será campeão.

QUE O FLA SERÁ CAMPEÃO é um aposto que forma uma oração, pois possui verbo. Logo, a oração é subordinada substantiva apositiva.

Obs.: Os DOIS-PONTOS serão substituídos por uma vírgula quando a oração apositiva estiver anteposta à oração principal.

Ex.: Que tragam cerveja, só peço esse favor.

→ Observe que, se invertermos o posicionamento das duas orações, os DOIS-PONTOS aparecem na frase – Só peço este favor: QUE TRAGAM CERVEJA.

Outros exemplos: Só tenho certeza de um fato: que todos nós, um dia, morreremos.

Que a Princesa morreu, foi essa a única notícia de que tivemos conhecimento.

Só entendi uma coisa: que ele não virá.

22.3.1.7. Agentes da passiva

Funcionam como agente da passiva da oração principal. Aqui também se torna inviável a substituição da oração pela palavra ISSO. É bastante fácil identificar esta oração, pois apresentará sempre a mesma estrutura. Para que haja um agente da passiva oracional, é necessário haver uma voz passiva analítica (verbo SER + VTD no particípio) e depois POR QUEM.

Ex.: O exercício foi resolvido por quem estudou.

→ POR QUEM ESTUDOU funciona como agente da passiva, da mesma forma que PELO ALUNO. Distinguem-se os dois pelo fato de o primeiro possuir um verbo, formando, assim, uma oração, que terá a função de agente da passiva.

Outros exemplos: O campeonato será vencido por quem acumular mais pontos.

A resposta é dada por quem pesquisa.

O pedido foi feito por quem tinha interesse.

Obs.: A Nomenclatura Gramatical Brasileira não prevê esta oração. Contudo, vários gramáticos – dentre eles, Celso Cunha – reconhecem a sua existência.

BIZU

É fundamental explicar que as bancas não têm solicitado ao candidato a classificação das orações como se fazia tradicionalmente. Isso não quer dizer que o assunto não caia em prova. Neste momento, aqui será esclarecido como o assunto se faz presente nos concursos. Como já fora informado, a oração subordinada é apenas uma função sintática da oração principal. Logo se uma oração é subjetiva, funciona como sujeito... então a oração subordinada é sujeito da oração principal, exigindo, inclusive, que o verbo da oração principal esteja na terceira pessoa do singular, para que se faça a perfeita concordância (é bom realçar o fato de que a pessoa de qualquer oração é a terceira do singular – corresponde a um fato –, mesmo que todos os termos nela presentes estejam no plural. Então, sendo a oração subjetiva, o verbo da oração principal estará sempre na terceira pessoa do singular). Na frase "Convém que vocês estudem bastante", a forma verbal "Convém" encontra-se na terceira pessoa do singular para concordar com o seu sujeito – a oração subordinada – "que vocês estudem".

Às vezes, é solicitado ao candidato o reconhecimento de termos que contenham a mesma função sintática. Na frase "Garanto que eles farão o trabalho", os termos "que eles farão o trabalho" e "o trabalho" possuem a mesma função. Explica-se: a oração "que eles farão o trabalho" é objetiva direta, logo funciona como objeto direto da oração principal e o termo "o trabalho" também é objeto direto, só que da oração subordinada.

É também um caso ocorrente em concursos o pedido de substituição de uma oração por uma forma nominal correspondente. Se a oração for substantiva, torna-se necessário transformar o verbo – a fim de excluir a oração – em substantivo.

Ex.: É certo que ele vem.

→ Para que se proceda à substituição da oração subordinada por uma forma nominal correspondente, é necessário que se transforme o verbo VIR em substantivo, resultando "vinda". Portanto, o resultado é: "É certa a vinda dele".

Obs.: Os autores Rocha Lima e Evanildo Bechara registram ainda a denominação oração subordinada substantiva completiva relativa – funcionaria como a objetiva indireta, contudo o complemento não seria a

pessoa ou a coisa a que se destina a ação, mas a coisa sobre a qual recai a ação. Nas provas, esta classificação é absorvida pela oração subordinada substantiva objetiva indireta.

Convém informar que, o complemento sendo oracional, é comum a preposição ser suprimida.

Ex.: Acredito (em) que haverá aula.

Gostariamos (de) que ele viesse.

Importantíssimo é o leitor, desde já, possuir o conceito de oração reduzida. Trata-se de oração sem conjunção ou pronome relativo – a preposição é mantida quando houver –, e o verbo estará numa das formas nominais: infinitivo, gerúndio ou particípio. No caso das orações subordinadas substantivas, só há a redução com verbos no infinitivo.

Ex.:

ORAÇÃO DESENVOLVIDA	ORAÇÃO REDUZIDA
Convém que estudemos bastante.	Convém estudarmos bastante.
Não há necessidade de que ele venha.	Não há necessidade de ele vir.
Garanto que João fará o trabalho.	Garanto João fazer o trabalho.
O certo é que vocês não parem.	O certo é vocês não pararem.

→ No primeiro par, as orações subordinadas substantivas são subjetivas. No segundo, as orações são completivas nominais, no terceiro, são objetivas diretas. No quarto, são predicativas.

Obs.: É possível em alguns casos a omissão da conjunção integrante. Normalmente, tal ocorre quando o verbo exprimir uma solicitação ou ordem.

Ex.: Solicito a V. Sª. (que) indique o endereço.

Determinamos (que) seja convocada a testemunha.

Pode-se, nestes períodos, extrair a conjunção integrante sem prejuízo semântico ou sintático.

Obs.: As orações interrogativas indiretas se unem às principais através de pronomes ou advérbios interrogativos, sem a presença da conjunção integrante. Tal ocorre quase sempre com orações subordinadas substantivas objetivas diretas.

Ex.: Perguntei para onde eles iriam.

→ Substituindo a segunda oração "para onde eles iriam" pela palavra "isso",

percebe-se que a oração funciona como objeto direto, mesmo havendo a preposição PARA. Esta preposição é decorrente da interrogação (Para onde eles vão?) e não da regência do verbo "perguntar".

Ex.: "Às vezes você me pergunta por que eu sou tão calado..." (Raul Seixas).

A oração "por que eu sou tão calado" funciona como objeto direto do verbo "pergunta". A preposição POR não é decorrente da regência do verbo "perguntar" e sim do questionamento (Por que eu sou tão calado?).

Ex.: "Agora eu lhes mostro com quantos paus se faz uma canoa" (Graciliano Ramos).

→ A preposição COM não é decorrente da regência do verbo da oração anterior e sim do questionamento (Com quantos paus se faz uma canoa?). A oração "com quantos paus se faz uma canoa funciona como objeto direto da forma verbal "mostra".

Obs.: Há também a ocorrência de orações justapostas, sem a presença da conjunção integrante. Basta, no caso, apenas a sua natural sequência. Normalmente, essas situações acontecem em orações objetivas diretas ou apositivas e funcionam de forma quase independente.

Ex.: Fiz apenas este pedido: tragam o material.

→ Observe que as duas orações são praticamente independentes, não havendo necessidade da conjunção integrante. A segunda oração é subordinada substantiva apositiva.

Ele disse aos parentes: não demorem muito!

→ As duas orações são praticamente independentes, sendo que a segunda funciona como objeto direto da primeira.

22.4. Exercícios

1. Correlacione.

(1) ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA SUBJETIVA
(2) ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA OBJETIVA DIRETA
(3) ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA OBJETIVA INDIRETA
(4) ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA COMPLETIVA NOMINAL
(5) ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA PREDICATIVA
(6) ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA APOSITIVA
(7) ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA AGENTE DA PASSIVA

( ) Não concordo com que falem palavrões aqui.
( ) Ele não informou se haverá aula.
( ) O esperado é que ele ainda chegue.
( ) Compreendeu-se que amanhã haverá aula.
( ) A matéria foi entendida por quem a estudou.

( ) Convém que todos estudem bastante.
( ) Avisamos a seguinte notícia: que no feriado não haverá aula.
( ) Tínhamos esperança de que houvesse aula.
( ) Somos favoráveis a que se mantenha o corpo docente.
( ) Precisamos de que tudo se resolva rapidamente.
( ) Pedi que chegassem logo.
( ) O fundamental é que todos estejam presentes.
( ) É fundamental que todos estejam presentes.
( ) O assunto foi mencionado por quem o pesquisou.
( ) As minhas intenções são que tudo se resolva.
( ) Tens certeza de que ele ainda virá?
( ) Ele não esclareceu sobre o que fala o livro.

2. (Analista de Controle Interno – Sefaz-RJ – FGV) Ao analisar o progresso da humanidade, percebe-se que o desenvolvimento social e econômico foi possível porque o homem sistematizou formas de organização entre os povos.
Assinale a alternativa em que a oração desempenhe função sintática DISTINTA da de *que o desenvolvimento social e econômico foi possível*.
a) Entende-se que a arrecadação incidente sobre os diversos setores produtivos é necessária para a manutenção da máquina governamental, para a sustentação do Estado em suas atribuições sociais e para aplicação na melhoria da qualidade de vida da população.
b) É imprescindível que a tributação seja suportável.
c) É dever do Estado manter as necessidades básicas da população.
d) É de fundamental importância que esse profissional aprimore seu entendimento tributário.
e) Entretanto, interesses diversos sempre deixaram a sociedade à margem do processo, como se ela não precisasse participar de forma efetiva das decisões econômicas e, em contrapartida, contribuir de forma direta e irrestrita para a própria sustentação.

3. (PUC-Rio)
"Espia se ele está na esquina".
Qual das opções abaixo não analisa corretamente esse período?
a) Período composto por subordinação.
b) Conjunção integrante iniciando a 2ª oração.
c) Verbo da 1ª oração: transitivo direto.
d) Verbo da 2ª oração: de ligação.
e) Frase em discurso direto.

4. (Técnico Judiciário – TJ – FCC) ***Os historiadores estimam que 4 milhões de africanos foram trazidos à força para o Brasil*.**
A função sintática do segmento grifado acima é a mesma do segmento também grifado em:

a) *Os negros vindos da África trabalharam nas lavouras de cana-de-açúcar e café...*
b) *O Valongo deixou de ser porto negreiro em 1831...*
c) *Sobre ele, o Império construiu o Cais da Imperatriz...*
d) *... justamente onde funcionavam as principais repartições públicas da Colônia.*
e) *... os burocratas começaram a ficar perturbados com as cenas degradantes do mercado de escravos.*

5. Se suprimirmos o pronome indefindo "Ninguém" e acrescentarmos "se" à forma verbal "informou", na frase "Ninguém informou que haverá aula", o sujeito da oração principal é:
a) ninguém;
b) aula;
c) indeterminado;
d) que haverá aula;
e) inexistente.

6. (NCE) "... Quer sempre que alguém lhe dê atenção e que todos a respeitem". Transformando a última oração em forma nominal, temos como forma adequada:
a) (quer) que seja respeitada por todos;
b) (quer) que haja respeito por parte de todos;
c) (quer) respeito de todos;
d) (quer) que se respeite a todos;
e) (quer) que todos sejam respeitados.

7. (NCE – Oficial de Justiça – TJ) "Causa certo desconforto intelectual ver substituídas por objetos de consumo as discussões sobre liberdade e o heroísmo dos atos que levaram à sua preservação em múltiplos domínios da existência humana." O comentário correto a respeito desse segmento do texto é:
a) Os sujeitos de "causa" e "levaram" estão pospostos.
b "Substituídas" é adjetivo que só se refere semanticamente ao substantivo "discussões".
c) O pronome "sua" se refere semanticamente a "heroísmo".
d) "Substituídas" e "heroísmo" são vocábulos acentuados pela mesma razão.
e) O pronome relativo "que" tem por antecedente "heroísmo".

8. (NCE – Técnico Judiciário Juramentado – TJ) "... é necessário diminuir as distâncias sociais..." Se reescrevermos esse segmento do texto com a transformação da oração reduzida em forma nominal, teremos:
a) É necessária a diminuição das distâncias sociais.
b) É necessário que diminuamos as distâncias sociais.
c) É necessário que as distâncias sociais sejam diminuídas.
d) Há necessidade de se diminuírem as distâncias sociais.
e) Há necessidade da diminuição das distâncias sociais.

9. Em relação ao texto abaixo, assinale a opção em que dois termos não possuam a mesma função sintática.

Houve um tempo em que a interpretação dos militares brasileiros sobre Lei e Ordem era rasgar as leis e ferir a ordem. Hoje em dia, eles demonstram com convicção terem aprendido o que não podem fazer. Acompanham com atenção os índices de popularidade das Forças Armadas, que vem aumentando ano após ano desde 94.

Numa pesquisa feita em maio, registrou-se que 75% dos brasileiros confiam nas Forças Armadas, e só 20% não confiam.

a) "um tempo" (l. 1) – "rasgar as leis e ferir a ordem" (l. 2)
b) "terem aprendido o" (l. 3) – "que" (l. 2/3)
c) "em que" (l. 1) – "Hoje em dia" (l. 2)
d) "o" (l. 3) – os índices de popularidade das Forças Armadas (l. 3/4)
e) "que 75% dos brasileiros confiam nas Forças Armadas" (l. 5/6) – "75% dos brasileiros" (l. 5)

22.5. Orações subordinadas adjetivas

O pronome relativo sempre introduz uma oração subordinada adjetiva. São pronomes relativos O QUAL, A QUAL, OS QUAIS, AS QUAIS ou quaisquer outros termos que possam ser substituídos por estes já mencionados. São também pronomes relativos CUJO, CUJA, CUJOS e CUJAS.

Ex.: Roubaram o relógio que (O QUAL) comprei ontem.

→ A oração sublinhada introduzida pelo pronome relativo QUE é subordinada adjetiva.

O bairro onde (NO QUAL) moro é muito bonito.

→ ONDE MORO é uma oração subordinada adjetiva, pois ONDE é pronome relativo, fato que é constatado pela possibilidade de substituição por NO QUAL.

A oração subordinada adjetiva pode ser restritiva ou explicativa. Será restritiva quando não estiver isolada através de vírgula, travessão ou parênteses, e será explicativa se as pontuações aludidas procederem ao seu isolamento.

Ex.: Os operários que (os quais) fizeram greve foram demitidos.

Os operários – que (os quais) fizeram greve – foram demitidos.

Obs.: É fundamental lembrar que, nos atuais concursos públicos, é muito difícil as bancas solicitarem ao candidato a classificação de uma oração, o que não significa o assunto quedar-se ausente nas provas. A exigência hoje é a percepção de que a pontuação altera muito mais do que uma mera

classificação de oração, modificando também o seu valor semântico. Então, retornando às duas frases, utilizadas no exemplo, tem-se: em ambas, o QUE é pronome relativo; contudo, na primeira frase, o pronome relativo não é precedido de pontuação, portanto a oração é subordinada adjetiva restritiva. Sendo assim, a ideia é de restrição. As palavras que melhor expressam essa ideia são SOMENTE, SÓ, APENAS. A ideia contida na primeira frase é "somente os operários que fizeram greve serão demitidos"; já na segunda frase, a oração adjetiva é isolada através de travessões, por conseguinte a oração é subordinada adjetiva explicativa. Portanto, o candidato deve condicionar-se à ideia de explicação, à ideia de "porquê". A frase deve ser interpretada como: "Os operários foram demitidos porque fizeram greve".

Ex.: Os professores cujos alunos são bagunceiros ficam glabros mais cedo.

→ Nem todos os professores ficam glabros mais cedo, somente aquele que tem seus alunos bagunceiros. Portanto a oração CUJOS ALUNOS SÃO BAGUNCEIROS é subordinada adjetiva restritiva.

Os professores, cujos alunos são bagunceiros, ficam glabros mais cedo.

→ A interpretação desta frase é que "os professores ficam glabros mais cedo, pois seus alunos são bagunceiros".

"O Capitão, que a tudo estava atento,
Tanto com estas se alegrou..." (Camões).

→ O sentido dos dois versos é "O Capitão, visto que a tudo estava atento, tanto com estas se alegrou..."

Obs.: As orações, contendo pronomes indefinidos relativos – pronomes relativos sem antecedentes –, segundo Evanildo Bechara, tanto podem ser classificadas como subordinadas substantivas quanto subordinadas adjetivas. Para Rocha Lima, só cabe a classificação de oração adjetiva. O NCE já a interpretou como oração substantiva.

Ex.: Quem fuma muito morre cedo.

→ Para esta frase, caberiam duas interpretações, sendo a primeira: "AQUELE QUE FUMA MUITO MORRE CEDO". A oração "que fuma muito" seria subordinada adjetiva restritiva. Então o pronome relativo indefinido QUEM englobaria os dois termos: o antecedente implícito AQUELE e o relativo QUE. A outra interpretação cabível é a de que, como ocorre com adjetivos que, com a presença de artigo, são substantivados, a oração adjetiva, nessa estrutura, fica substantivada, já que se substitui um ser. Então, a oração QUEM FUMA MUITO representa um ser que funciona como sujeito da oração seguinte. Segundo esta visão, a oração é subordinada substantiva subjetiva – tese esta adotada pelo NCE.

Obs.: Não podemos esquecer que, como já se informou nas orações subordinadas substantivas, toda oração subordinada é apenas uma função sintática da oração principal. Toda oração subordinada adjetiva é adjunto adnominal da principal.

22.6. Exercícios

1. (Uni-Rio) Assinale o item em que há uma oração, quanto à classificação, idêntica à segunda do período: "Pernoitamos depois junto a um açude lamacento, onde patos nadavam".

a) "As virilhas suadas ardiam-me, o chouto do animal sacolejava-me..".
b) "De onde vinham as figuras desconhecidas para encontrar-nos?"
c) "Fiz o resto da viagem com um moço alegre, que tentou explicar-me as chaminés dos banguês..."
d) "Os mais graúdos percebiam que a viagem era alegre".
e) "Surgiam regatos, cresceram tanto que se transformaram em rios..."

2. (UE-BA) Meu pai, <u>que havia arrancado três dentes</u>, não pôde viajar naquele dia.
A oração grifada classifica-se como subordinada:

a) adverbial temporal;
b) substantiva predicativa;
c) adjetiva restritiva;
d) substantiva apositiva;
e) adjetiva explicativa.

3. (EU-Ponta Grossa-PR)
"Quando o enterro passou
Os homens que se achavam no café
Tiraram o chapéu maquinalmente"
(Manuel Bandeira)
A oração <u>que se achavam no café</u> é:

a) subordinada adverbial condicional;
b) coordenada sindética adversativa;
c) subordinada substantiva subjetiva;
d) subordinada substantiva objetiva direta;
e) subordinada adjetiva restritiva.

4. Maria disse que não virá.
Maria disse o que todos deveriam dizer.
Em relação às frases acima, o único comentário falso é:

a) A segunda oração da primeira frase é subordinada substantiva objetiva direta.
b) O <u>QUE</u> que introduz a segunda oração do primeiro período é conjunção subordinativa integrante.

c) O termo O que surge na segunda oração é pronome demonstrativo.
d) O termo QUE ocorrente na segunda frase é pronome relativo.
e) A primeira oração da segunda frase é MARIA DISSE.

5. Os viajantes, que possuírem passaporte, poderão viajar.
Em relação a esta frase, o único comentário falso é que:
a) Somente os viajantes que possuírem passaporte poderão viajar.
b) Os viajantes poderão viajar porque possuem passaporte.
c) QUE é pronome relativo como classe gramatical e sujeito como função sintática.
d) A segunda oração é QUE POSSUÍREM PASSAPORTE.
e) A oração subordinada é adjetiva explicativa.

6. (PUC) Assinale o período em que há uma oração adjetiva restritiva.
a) A casa onde estou é ótima.
b) Brasília, que é capital do Brasil, é linda.
c) Penso que você é de bom coração.
d) Vê-se que você é de bom coração.
e) Nada obsta a que você se empregue.

7. (Faap) "Não compreendíamos a razão por que o ladrão não montava a cavalo". A oração em destaque é:
a) subordinada adjetiva restritiva;
b) subordinada adjetiva explicativa;
c) subordinada adverbial causal;
d) substantiva objetiva direta;
e) substantiva completiva nominal.

8. (UFPA) Assinale a opção que apresenta um período com oração subordinada adjetiva.
a) Ele falou que compraria a casa.
b) Não fale alto, que ele pode ouvir.
c) Vamos embora, que o dia está amanhecendo.
d) Em time que ganha não se mexe.
e) Parece que a prova não está difícil.

9. (Farias Brito) "O homem que cala e ouve não dissipa o que sabe e aprende o que ignora" (Marquês de Maricá: Máximas). Separando por barras (/) as orações desse período, teremos:
a) O homem que cala / e ouve / não dissipa o que sabe / e aprende o que ignora.
b) O homem / que cala e ouve / não dissipa / o que sabe e aprende / o que ignora.
c) O homem que / cala e ouve / não dissipa o que sabe / e aprende o que ignora.
d) O homem que cala e ouve / não dissipa o que sabe / e aprende o que ignora.
e) O homem / que cala / e ouve / não dissipa o / que sabe / e aprende o / que ignora.

10. (PC-NCE) "Há poucos dias, assistindo a um desses debates universitários que a gente pensa que não vão dar em nada, ouvi um raciocínio que não me saiu mais da cabeça". O comentário correto sobre esse segmento do texto é:
a) Os três quês do texto pertencem à idêntica classe gramatical.
b) A expressão a gente, por dar ideia de quantidade, deve levar o verbo para o plural.
c) A forma verbal vão deveria ser substituída pela forma vai.
d) A forma verbal vão dar transmite ideia de possibilidade.
e) A última oração do texto restringe o sentido do substantivo raciocínio.

11. (PC-NCE) "O que me interessou foi um comentário marginal que ele fez – e o exemplo que escolheu para ilustrar seu comentário". A forma menos adequada de reescrevermos o texto acima, respeitando-se o sentido original, é:
a) Interessou-me um comentário marginal que ele fez – e o exemplo escolhido para ilustrar seu comentário.
b) Interessaram-me não só um comentário marginal que ele fez, como também o exemplo que escolheu para a ilustração de seu comentário.
c) O que me interessou foram um comentário marginal (que ele fez) e o exemplo (que escolheu para ilustrar seu comentário).
d) Um comentário marginal que ele fez e o exemplo que escolheu para ilustrar seu comentário foi o que me interessou.
e) Um comentário marginal feito por ele e o exemplo escolhido para a ilustração de seu comentário foi o que me interessou.

12. (NCE) "Quem fala em flor não diz tudo". Assinale o comentário correto sobre o verso destacado.
a) O sujeito da segunda oração é a oração anterior.
b) O sujeito da primeira oração é a segunda da oração.
c) O objeto direto da primeira oração é a segunda oração.
d) O objeto direto da segunda é a primeira oração.
e) O período formado pelo verso é composto de uma oração absoluta.

22.7. Orações subordinadas adverbiais

Relembrando o que já se informou nas orações substantivas e nas adjetivas, a oração subordinada é apenas uma função sintática da oração principal, cabendo à subordinada adverbial a função de adjunto adverbial. Então, se uma oração é subordinada adverbial causal, conclui-se que funciona como adjunto adverbial de causa; se uma oração é subordinada adverbial temporal, é um adjunto adverbial de tempo...

22.7.1. Causais

Possuem uma ideia de CAUSA, RAZÃO, MOTIVO. São diferentes das ORAÇÕES COORDENADAS EXPLICATIVAS, pois estabelecem a relação

causa-efeito. As conjunções mais comuns são: POIS, PORQUE, COMO, JÁ QUE, VISTO QUE, PORQUANTO...

Ex.: Trabalho muito porque preciso de dinheiro.

Como estava frio, saí de casaco.

Já que ele foi embora, vou também.

→ As conjunções PORQUE, COMO e JÁ QUE introduzem uma ideia de causa para o fato que ocorre na outra oração.

Relembremos a diferença semântica que sugere a conjunção POIS nas frases a seguir.

Ele ainda não chegou; está, pois, preso no trânsito.

Ele ainda não chegou, pois está preso no trânsito.

Volte logo, pois está tarde.

→ Observe que o primeiro POIS está numa oração que tem ideia de dedução. Não se tem a informação de que ELE ESTÁ PRESO NO TRÂNSITO, então se procede a esta dedução. Sendo assim, o primeiro POIS é uma CONJUNÇÃO COORDENATIVA CONCLUSIVA.

→ Observe que o segundo POIS introduz uma ideia de causa para a primeira oração, tendo a segunda oração o valor de consequência.

→ Já o terceiro POIS também introduz uma ideia de EXPLICAÇÃO para a ordem inserida na primeira oração.

22.7.2. Concessivas

Possuem uma oração cujo fato não modifica o evento da outra oração. As conjunções mais comuns são: EMBORA, MESMO QUE, AINDA QUE, CONQUANTO (sinônimo de embora), MALGRADO...

Ex.: "Ainda que não haja brisa nenhuma, parece

Que passa, um momento, uma leve brisa" (Fernando Pessoa).

→ A conjunção AINDA QUE introduz uma oração incapaz de modificar o evento da outra oração, ou seja, o fato de não haver brisa acaba por não alterar o efeito: parecer que passa uma leve brisa.

Malgrado ele admitisse o erro, não o reparou.

→ Observe que a conjunção MALGRADO introduz uma oração que não muda o evento da outra oração. O fato de ser tarde não me impede de sair.

Mesmo que ele venha, não resolverá o problema.

→ Observe que o fato de ele vir (ou não) não altera a consequência: o problema não será resolvido.

BIZU

É bom não olvidar que algumas conjunções concessivas introduzem fatos concretos e outras fatos hipotéticos que não alteram o efeito. Revendo o terceiro exemplo, observe que a conjunção MESMO QUE introduz uma situação hipotética (não se sabe se ele virá ou não) que não altera o outro fato (o problema não será resolvido). Já no segundo exemplo, o fato concreto de a pessoa já admitir o erro não altera o fato de não repará-lo.

22.7.3. Condicionais

Possuem uma ideia de condição, hipótese. Esta ideia é exatamente oposta à da concessão. Um fato sempre vai depender do outro. As conjunções mais comuns são SE, CASO, CONTANTO QUE, A NÃO SER QUE, A MENOS QUE...

Obs.: É fundamental relembrar que a ideia de condição está intimamente ligada à ideia de causa. Tal se justifica por ambas representarem fatos anteriores que gerarão efeitos. Diferem-se apenas quanto ao fato de a condição designar uma situação incerta e a causa indicar uma certeza.

Ex.: "Eu teria um desgosto profundo, se faltasse o Flamengo no mundo" (Lamartine Babo).

→ Observe que a conjunção SE introduz uma condição (se faltasse o Flamengo no mundo) para que eu tivesse um desgosto profundo. Cumpre observar a proximidade dos valores de causa e condição. A segunda oração (se faltasse o Flamengo no mundo) gera uma consequência (Eu teria um desgosto profundo).

Caso você melhore, volte logo para casa.

→ A conjunção CASO introduz a condição para que ele volte para casa. A pessoa melhorando (não é sabido se vai melhorar ou não) gera a consequência de poder voltar para casa. Observe como a condição expressa uma ideia oposta à concessão. Na frase "Mesmo que você melhore, não voltará para casa.", o fato de a pessoa melhorar – ou não – não altera o efeito: não poderá voltar para casa.

22.7.4. Temporais

Possuem uma ideia de marcação de tempo. É como se uma oração possuísse a função de marcar o tempo do outro fato. As conjunções mais comuns são: QUANDO, MAL, LOGO QUE, APENAS (sinônimo de quando).

Ex.: "Assim que resolveu estudar, seu rendimento melhorou."

→ Observe que a conjunção ASSIM QUE introduz uma marcação temporal,

funcionando como “A partir do dia em que”.

Ex.: Apenas ele limpou a casa, as moscas sumiram.

→ Antes de o sujeito ELE limpar a casa, as moscas existiam; depois que a casa foi limpa, as moscas sumiram.

Obs.: Vale a pena analisar a conjunção DESDE QUE nas frases a seguir.

Ex.: Desde que economizemos, compraremos tudo.

→ A locução conjuncional DESDE QUE introduz uma condição para que possamos comprar tudo, portanto a locução conjuncional é subordinativa condicional.

Ex.: Desde que ele chegou, nunca mais houve problemas.

→ Observe que a conjunção DESDE QUE marca o início da época em que os problemas se findaram, significando “A partir do dia em que ele chegou...”

Obs.: Há casos de orações temporais sem conectores.

Ex.: Ele chegou há (faz) duas semanas.

22.7.5. Consecutivas

Possuem uma ideia de consequência. Normalmente na oração principal aparecerá um destes elementos de intensidade (tão, tal, tamanho, tanto). A conjunção mais comum é QUE.

Ex.: “Amo tanto e de tanto amar, acho que ela é bonita” (Chico Buarque).

“... e com tamanho empenho a lamentou, que a boa mulher o escolheu para confidente das suas desventuras” (Aluísio de Azevedo).

→ Observe, nas duas frases, que apareceu o advérbio de intensidade (TANTO, TÃO) na oração principal e as consequências introduzidas pela conjunção QUE – implícita no primeiro exemplo, antes de “acho” – são na primeira frase (acho que ela é bonita) e na segunda frase (a boa mulher o escolheu para confidente das suas desventuras).

22.7.6. Finais

Possuem uma ideia de finalidade, objetivo. Todas as conjunções finais podem ser substituídas pela palavra OBJETIVO.

BIZU

É imperioso relembrar que a ideia de finalidade está relacionada à ideia de consequência, pois ambas representam os fatos posteriores. Diferem quanto

ao fato de que a consequência é fato certo e o objetivo é fato esperado, expectativa.

Ex.: "Dai vós fervor ao nosso atrevimento,
Para que estes meus versos vossos sejam" (Camões).

→ Nos versos, o fato anterior é "Dai vós fervor ao nosso atrevimento" (representa a causa), e o fato posterior é "para que estes meus versos vossos sejam" (representa a expectativa de consequência que pode se efetivar ou não).

Ex.: Venha logo a fim de que (com o objetivo de que) possa encontrar-nos.

→ Na frase, o fato anterior é a pessoa vir e o posterior, poder encontrar-nos. Logo "vir aqui" leva à possibilidade de "encontrar-nos" e não "encontrar-nos" que levaria à possibilidade de "a pessoa vir logo".

22.7.7. Proporcionais

Possuem uma ideia de proporção. As conjunções mais comuns são: À MEDIDA QUE, À PROPORÇÃO QUE, QUANTO.

Ex.: Quanto menos ele reclama, mais ele conquista a simpatia de todos.

→ A conjunção QUANTO introduz a proporção entre ELE MENOS RECLAMAR e ELE CONQUISTAR A SIMPATIA DE TODOS. Se reclamar pouco, conquista mais a simpatia de todos; se ele reclamar muito, ele conquista menos a simpatia de todos.

Ex.: À medida que engolia uma troça, uma pilhéria, vinha-lhe meditar sobre a sua lembrança" (Lima Barreto).

→ A conjunção À MEDIDA QUE introduz a proporção entre ENGOLIR E VIR-LHE MEDITAR.

22.7.8. Conformativas

Possuem uma ideia de conformidade, de estar de acordo. As conjunções mais comuns são: DE ACORDO COM QUE, CONFORME, COMO.

Ex.: Agi conforme me foi ordenado.

→ A conjunção CONFORME introduz a conformidade da ação com o que foi ordenado.

Bebi apenas dois copos de cerveja, como manda a lei.

→ A conjunção COMO introduz a conformidade de BEBER DOIS COPOS DE CERVEJA com o que manda a lei.

22.7.9. Comparativas

Possuem uma ideia de comparação. Esta comparação pode ser de superioridade, igualdade ou inferioridade. As conjunções mais comuns são (DO) QUE, COMO, CONFORME.

Ex.: Agi conforme você agiu.

→ A conjunção CONFORME estabelece uma comparação de igualdade entre a ação do sujeito da primeira oração (eu) e o sujeito da segunda (você).

"Viver contigo qual Jacó vivera" (Castro Alves).

→ A conjunção QUAL introduz uma comparação de igualdade da forma como alguém e Jacó viveram com a outra pessoa.

"... às vezes mais fétidos do que a evaporação de um lameiro" (Aluísio de Azevedo).

→ A conjunção DO QUE introduz uma ideia de que algo mencionado anteriormente seja mais fétido que o lameiro, estando o verbo da segunda oração subentendido.

"Interdizia-o menos por debelar um vício que para previnir desordens" (Euclides da Cunha).

→ A conjunção QUE indica ter ocorrido a ação menos por um motivo do que pelo outro.

Obs.: Convém lembrar que o termo "do", nas expressões comparativas de superioridade ou de inferioridade "do que", pode ser extraído sem prejuízo semântico ou gramatical.

22.7.10. Modais

Acrescentam ao período valor de modo. É interessante esclarecer que esta oração não está prevista na NGB, contudo os principais gramáticos a citam, como Evanildo Bechara e Rocha Lima.

Ex.: Não estudava sem que reclamasse.

→ Observe que a oração "sem que reclamasse" indica o modo como estudava (reclamando).

22.8. Orações reduzidas

As orações podem ser reduzidas de infinitivo, gerúndio e particípio. A oração reduzida funciona como a desenvolvida, contudo não possui conectivo (conjunção, pronome relativo etc.) e seu verbo tem que estar reduzido, ou seja, no infinitivo, gerúndio ou particípio.

Ex.: É importante responder as perguntas (isso).

→ Esta oração funciona como QUE RESPONDAM AS QUESTÕES. As únicas

diferenças são que, em RESPONDER AS QUESTÕES, não há o conectivo QUE, e o verbo RESPONDER está na forma reduzida (infinitivo). ISSO é importante. ISSO é sujeito, portanto a oração é subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo.

"Não sou digna de ouvir de sua boca essa palavra doce" (Bernardo Guimarães).

→ Esta oração funciona como DE QUE OUÇA DE SUA BOCA ESSA PALAVRA DOCE. A diferença é que não há o conectivo (QUE) e o verbo está no infinitivo (OUVIR). DISSO funciona como complemento nominal, a oração é subordinada substantiva completiva nominal reduzida de infinitivo.

As crianças vindas de São Paulo já estão abrigadas.

→ VINDAS DE SÃO PAULO = QUE (as quais) VIERAM DE SÃO PAULO. QUE seria pronome relativo, portanto a oração é subordinada adjetiva restritiva reduzida de particípio.

Chegando o inverno, comprarei um casaco.

→ CHEGANDO O INVERNO = QUANDO O INVERNO CHEGAR. Antes de o inverno chegar, não comprarei um casaco; assim que o inverno chegar, comprarei um casaco. A oração é subordinada adverbial temporal reduzida de gerúndio.

Ele veio aqui para me ver.

→ PARA ME VER = PARA QUE (com o objetivo de que) ME VISSE. A oração é subordinada adverbial final reduzida de infinitivo.

Desaparecida a causa, cessará o efeito.

→ DESAPARECIDA A CAUSA (SE A CAUSA ESTIVER DESAPARECIDA). A oração é subordinada adverbial condicional reduzida de particípio. Também se pode interpretar a oração reduzida como temporal, pois é cabivel desenvolvê-la assim: "Quando desaparecer a causa, cessará o efeito."

Não sendo professor, deu aulas maravilhosas.

→ NÃO SENDO PROFESSOR = EMBORA NÃO FOSSE PROFESSOR. A oração é subordinada adverbial concessiva reduzida de gerúndio.

Fazendo os exercícios, poderão sair.

→ A oração reduzida de gerúndio FAZENDO OS EXERCÍCIOS pode indicar ideia de condição ou tempo. Pode-se interpretá-la como "Se fizerem os exercícios", possuindo valor de condição; também se pode interpretá-la como "Depois que fizerem os exercícios", caracterizando-se o valor de tempo.

Ele bebe cerveja sorrindo.

→ A oração reduzida de gerúndio "sorrindo" indica o modo como ele bebe cerveja. Esta oração não está prevista na NGB.

Feitos os trabalhos, puderam sair.

→ A oração reduzida de particípio pode indicar duas ideias: "depois que os trabalhos foram feitos", sugerindo valor de tempo; contudo também cabe a interpretação "Visto que fizeram os trabalhos", encerrando valor de causa.

22.9. Exercícios

1. (Fiscal – ICMS-RJ – FGV) ***Esposamos a ideia de que os sofrimentos atuais possuem uma significação que transcende a crise civilizacional.***

Com relação à frase transcrita, analise as afirmativas a seguir:

I. O primeiro *que* é uma conjunção integrante e serve para articular um complemento oracional ao substantivo abstrato *ideia*.

II. O segundo *que* é um pronome interrogativo cujo uso se justifica em razão da seguinte pergunta: que significação transcende a crise civilizacional?

III. As duas ocorrências de *que* promovem a estruturação do período composto, já que introduzem a oração subordinada substantiva e a subordinada adjetiva, respectivamente.

Assinale:

a) se somente a afirmativa I estiver correta;
b) se somente a afirmativa II estiver correta;
c) se somente a afirmativa III estiver correta;
d) se somente as afirmativas I e III estiverem corretas;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

2. (Analista de Controle – TCE-PR – FCC) A oração sublinhada exerce a função de sujeito dentro do seguinte período:

a) Montesquieu preferiu guiar-se pelos valores civis, em vez de se deixar levar pelo finalismo religioso.
b) A um espírito sensível e religioso não convém ler um filósofo como Montesquieu buscando apoio espiritual.
c) Um estudo sério da história das ciências jurídicas não pode prescindir dos métodos de que se vale Montesquieu em **O espírito das leis**.
d) As ciências humanas deveriam libertar-se da religião, assim como ocorreu com as ciências naturais.
e) O método de Montesquieu valorizou as instituições humanas e solapou o finalismo teológico e moral.

3. (Unimep)

I. Mário estudou muito e foi reprovado!

II. Mário estudou muito e foi aprovado!

Em I e II, a conjunção E tem, respectivamente, valor:

a) aditivo e conclusivo;
b) adversativo e aditivo;
c) aditivo e aditivo;
d) adversativo e conclusivo;
e) concessivo e causal.

4. (UC-MG) A classificação da oração grifada está correta em todas as opções, exceto em:
a) Ela sabia que ele estava fazendo o certo – subordinada substantiva objetiva indireta.
b) Era a primeira vez que ficava assim tão perto de uma mulher – subordinada substantiva subjetiva.
c) Mas não estava neles modificar um namoro que nascera difícil, cercado, travado – subordinada adjetiva.
d) O momento foi tão intenso que ela teve medo – subordinada adverbial consecutiva.
e) Solta que você está me machucando – coordenada sindética explicativa.

5. (Analista de Controle Interno – Sefaz-RJ – FGV) Ah, filho! Basta ser uma boa pessoa, fazer o bem ao próximo, não mentir e comer os legumes!
Em relação à fala da mãe, analise as afirmativas a seguir:
I. Há quatro orações.
II. Todas as orações da fala são coordenadas.
III. Todas as orações são desenvolvidas.
Assinale:
a) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas I e III estiverem correta;
c) se nenhuma afirmativa estiver correta;
d) se todas as afirmativas estiverem corretas;
e) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.

6. (Esansp) Na frase "Como anoitecesse, recolhi-me pouco depois e deitei-me" (Monteiro Lobato), a oração destacada é:
a) coordenada sindética explicativa;
b) subordinada adverbial causal;
c) subordinada adverbial conformativa;
d) subordinada adjetiva explicativa;
e) subordinada adverbial final.

7. (Auditor – Sefaz-RJ – FGV) ***Na Espanha, por exemplo, a recentíssima reforma do Código Penal – que atende diretivas da União Europeia sobre o tema – trouxe, no artigo 31 bis, não só a possibilidade de responsabilização penal da pessoa jurídica (por delitos que sejam cometidos no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização será aferida nos casos concretos (ela será aplicável [...], em função da inoperância de***

controles empresariais, sobre atividades desempenhadas pelas pessoas físicas que as dirigem ou que agem em seu nome).

A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:

I. Há uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração coordenada sindética alternativa.

II. Há três orações na voz passiva, mas somente uma com agente da passiva explícito.

III. Há quatro orações subordinadas adjetivas desenvolvidas e uma oração subordinada adjetiva reduzida.

Assinale:

a) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
d) se nenhuma afirmativa estiver correta;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

8. (Técnico Judiciário – TRE-PA – FGV) *Minha proposta é a de que o fundo partidário seja composto por uma quantia mínima para o partido manter uma estrutura básica.*

A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:

I. O período poderia ser redigido, sem incorrer em inadequação gramatical ou semântica, da seguinte maneira: *Minha proposta é que o fundo partidário seja composto por uma quantia mínima para o partido manter uma estrutura básica.*

II. O período é composto por três orações.

III. No período há uma oração reduzida de particípio.

Assinale:

a) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se nenhuma afirmativa estiver correta;
d) se todas as afirmativas estiverem corretas;
e) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.

9. (Analista – Fiocruz – FGV) "Qualquer dúvida, <u>por mais banal que seja, torna-se umaurgência inadiável</u>"; a oração sublinhada não equivale a:

a) embora seja muito banal
b) apesar de ser muito banal
c) contanto que seja muito banal
d) mesmo sendo muito banal
e) ainda que seja muito banal

10. (Senado Federal – FGV) "*Mas o fato é que transparência deixou de ser um processo de observação cristalina* para assumir um discurso de políticas de averiguação de custos engessadas que pouco ou quase nada retratam as necessidades de populações distintas."

A oração grifada no trecho acima classifica-se como:

a) subordinada substantiva predicativa;
b) subordinada adjetiva restritiva;
c) subordinada substantiva subjetiva;
d) subordinada substantiva objetiva direta;
e) subordinada adjetiva explicativa.

11. (Analista de Controle Interno – Sefaz-RJ – FGV) ***Ao analisar o progresso da humanidade, percebe-se que o desenvolvimento social e econômico foi possível porque o homem sistematizou formas de organização entre os povos*****.**
A oração sublinhada no período acima tem valor:
a) causal;
b) concessivo;
c) comparativo;
d) temporal;
e) consecutivo.

12. (Perito da Polícia Civil-RJ – FGV) "Na dúvida, deve-se optar pela segurança de não consumir álcool usando medicamentos". A oração reduzida de gerúndio – *usando medicamentos* – pode ser adequadamente substituída por:
a) depois de usar medicamentos;
b) quando se usam medicamentos;
c) antes de usar medicamentos;
d) apesar de usar medicamentos;
e) logo que se usam medicamentos.

13. "Aqueles com aptidão a ajudá-los, se não estimulados por cenários competitivos, estarão fadados a não encontrar motivação para o exercício de suas funções."
A respeito do período acima, analise os itens a seguir:
I. O período é composto por quatro orações.
II. Há três orações reduzidas.
III. Há uma oração coordenada.
Assinale:
a) se todos os itens estiverem corretos;
b) se somente o item II estiver correto;
c) se somente o item III estiver correto;
d) se somente o item I estiver correto;
e) se nenhum item estiver correto.

14. ***Vê-se, pois, que o plano ético permeia todas as ações humanas*****.**
Com relação à frase transcrita e a análise sintática tradicional, considere as afirmativas a seguir.
I. O vocábulo *que* é uma conjunção integrante e presta-se a articular a oração subjetiva ao núcleo verbal que a subordina.

II. A forma verbal *vê-se* está na voz ativa e seu sujeito recebe a classificação de sujeito indeterminado.
III. O período estrutura-se por coordenação, sendo a segunda oração coordenada sindética conclusiva introduzida pela conjunção *pois*.
Assinale:
a) se somente a afirmativa I estiver correta;
b) se somente a afirmativa II estiver correta;
c) se somente a afirmativa III estiver correta;
d) se somente as afirmativas I e III estiverem corretas;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

Leia o texto a seguir para responder às questões 15 a 19 (NCE – TRT).

Texto 1 – A amamentação do filho
Délio Maranhão e Luiz Inácio B. Carvalho
Para amamentar o próprio filho, até que este complete seis meses de idade, terá a mulher direito, durante a jornada, a dois descansos especiais, de meia hora cada um. Quando o exigir a saúde da criança, tais descansos poderão continuar, além dos seis meses, a critério da autoridade competente (art. 396 da Consolidação)
Tratando-se de descansos especiais, serão concedidos sem prejuízo do intervalo normal para o repouso e alimentação, dentro da jornada, e nesta computados.

15. No desenvolvimento do texto acima, muitos termos referem-se a termos anteriores; o item em que a referência a um termo anterior não está correta é:
a) "... até que este complete seis meses de idade,..." – o próprio filho.
b) "... durante a jornada..." – de amamentação do filho.
c) "... de meia hora cada um." – descanso especial.
d) "... tais descansos poderão continuar..." – os descansos especiais.
e) "... além dos seis meses..." – seis meses de idade do filho.

16. O item em que o elemento destacado não tem sua significação corretamente indicada é:
a) "Para amamentar" – finalidade.
b) "... até que este complete..." – tempo.
c) "... durante a jornada..." – tempo.
d) "... a critério da autoridade competente" – conformidade.
e) "... sem prejuízo do intervalo normal..." – condição.

17. "Para amamentar o próprio filho, até que este complete seis meses de idade, terá a mulher direito, durante a jornada, a dois descansos especiais, de meia hora cada um". O comentário correto a respeito da estrutura sintática desse período é:
a) O sujeito do verbo da oração principal está proposto.
b) A oração subordinada do período indica finalidade.

c) O complemento nominal de "direito" é "durante a jornada".
d) "Para amamentar o próprio filho" é adjunto ligado à oração subordinada.
e) "Especiais" é predicativo do sujeito.

18. "Quando o exigir a saúde da criança..." Colocando-se a oração em ordem direta e substituindo-se o pronome oblíquo por seu correspondente semântico, teremos a seguinte oração:
a) Quando exigir o amamentar a saúde da criança...
b) Quando a saúde da criança exigir tais medidas...
c) Quando o amamentar for exigido pela saúde da criança...
d) Quando a saúde da criança o exigir...
e) Quando a saúde da criança exigi-lo...

19. "Tratando-se de descansos especiais..." O item em que se inclui adequadamente uma conjunção à oração reduzida desse segmento é:
a) Mesmo que se trate de descansos especiais...
b) Já que se trata de descansos especiais...
c) Ainda que se trate de descansos especiais...
d) Quando se trate de descansos especiais...
e) No momento em que se trate de descansos especiais...

20. (MP – NCE – com adaptações) A oração "usando os recursos naturais de seu meio ambiente" no período "Os índios brasileiros proveem sua subsistência usando os recursos naturais de seu meio ambiente" transmite ideia de:
a) modo;
b) finalidade;
c) meio;
d) tempo;
e) condição.

21. (MP – NCE) "Sempre que se reúnem para lamuriar, os empresários falam no Custo Brasil, no preço que pagam para fazer negócios num país com regras obsoletas e vícios incrustados". O comentário <u>incorreto</u> feito sobre os conectores desse segmento do texto é:
a) A expressão sempre que tem valor de tempo.
b) O conectivo para tem ideia de finalidade.
c) A preposição em no termo no Custo Brasil tem valor de assunto.
d) A preposição em no termo num país tem valor de lugar.
e) A preposição com tem valor de companhia.

22. (MP – NCE) "... no preço que pagam para fazer negócios..." A forma desenvolvida da oração reduzida iniciada por para fazer é:
a) ... para que se façam negócios...

b) ... para que fizessem negócios...
c) ... para que façam negócios...
d) ... para fazerem negócios...
e) ... para que sejam feitos negócios...

23. (IBGE – NCE) "Tendo sido designado por Vossa Senhoria para apurar as denúncias de irregularidades ocorridas no aeroporto de Marília, submeto à apreciação de Vossa Senhoria o relatório das diligências que nesse sentido efetuei."
"Tendo sido designado por Vossa Senhoria..." Esta oração inicial do texto tem valor:
a) concessivo;
b) temporal;
c) conclusivo;
d) causal;
e) consecutivo.

24. (NCE) "<u>Como controlamos a produção de nosso próprio alimento</u>, somos a primeira espécie na história ..." A oração sublinhada apresenta, em relação à seguinte, o valor de:
a) condição;
b) modo;
c) comparação;
d) conclusão;
e) causa.

25. (Eletrobrás – NCE) "... que o leite, por ser essencial, deve sair das mãos dos particulares..." O item abaixo que <u>não</u> substitui de forma adequada o termo sublinhado é:
a) visto;
b) em razão de;
c) devido a;
d) em virtude de;
e) apesar de.

26. (ANTT – NCE) "Com a duplicação, o movimento diário da estrada elevou-se a duzentos mil veículos". O conector "com" só <u>não</u> pode ser substituído de forma adequada por:
a) a partir de;
b) por causa de;
c) em razão de;
d) apesar de;
e) depois de.

27. (ANTT – NCE) "... onde, nas suas magníficas estradas, registram-se os maiores

índices (de acidentes)". A relação entre os dois segmentos desse fragmento é bem expressa em:
a) ... embora as suas magníficas estradas, registram...
b) ... por causa de sua magníficas estradas, registram...
c) ... em vista de suas magníficas estradas, registram...
d) ... depois de suas magníficas estradas, registram...
e) ... a partir de suas magníficas estradas, registram...

28. (CBMERJ – NCE) "Para escapar dos escorchantes tributos, os donos de minas e os grandes senhores de terra colocavam ouro em pó..." O conectivo PARA só não pode ser substituído por:
a) a fim de;
b) com o intuito de;
c) com o fim de;
d) à vista de;
e) na intenção de.

29. (CBMERJ – NCE) "As imagens maiores, devidamente recheadas, eram enviadas a parentes distantes, inclusive de além-mar, como se fossem presentes". Neste segmento do texto, o conectivo COMO dá ideia de:
a) modo;
b) finalidade;
c) conformidade;
d) meio;
e) comparação.

30. (NCE) "POR maior que tenha sido a indignação..."; "... não sabe lidar, POR falta de ação integrada..." As duas ocorrências do vocábulo em maiúsculas correspondem semanticamente às ideias de, respectivamente:
a) meio – modo;
b) causa – meio;
c) concessão – causa;
d) modo – explicação;
e) explicação – concessão.

31. (NCE) Leia atentamente o trecho abaixo:
"... serão feitos, a cada seis meses, exames laboratoriais para detectar a presença do HIV e de outros vírus causadores de doenças sexualmente transmissíveis no sangue dos voluntários".
A alternativa em que a substituição do trecho em destaque implica alteração do significado do texto é:
a) ... a fim de que se detecte a presença do HIV e de outros vírus causadores de doenças sexualmente transmissíveis no sangue dos voluntários.

b) ... para que se detecte a presença do HIV e de outros vírus causadores de doenças sexualmente transmissíveis no sangue dos voluntários.
c) ... porque se detecte a presença do HIV e de outros vírus causadores de doenças sexualmente transmissíveis no sangue dos voluntários.
d) ... conquanto se detecte a presença do HIV e de outros vírus causadores de doenças sexualmente transmissíveis no sangue dos voluntários.
e) ... de tal sorte que se detecte a presença do HIV e de outros vírus causadores de doenças sexualmente transmissíveis no sangue dos voluntários.

32. (BNDES – NCE) Na frase "Ou vai ou racha!", a conjunção OU tem o mesmo valor significativo que apresenta na seguinte frase:
a) O turista compreendia inglês ou francês com facilidade.
b) As vaias ou os aplausos não perturbaram o presidente.
c) O empregado faz o que deve ou perde o emprego.
d) Na hora da premiação, chorava ou ria.
e) Morávamos no segundo ou no terceiro andar.

33. (PF – Cespe-UnB) Julgue se os itens seguintes apresentam relações de sentido que correspondem à estrutura semântica dada pela fórmula genérica abaixo, em que X é uma estrutura linguística que expressa condição ou concessão, e Y é uma estrutura linguística afirmativa.
X, não Y.
1) Apesar da proteção da justiça e do Estado, não parece que a resolução dos conflitos se desvie do âmbito privado.
2) Embora a nossa concepção de violência tenha sido ampliada, não é possível afirmar que nossa sensibilidade e tolerância em relação a ela estejam igualmente distribuídas.
3) Se alguns autores propõem que estamos vivendo um movimento de pacificação progressiva da vida em sociedade, não estão afirmando que esse processo seja fácil.
4) Não devemos pensar na pacificação da sociedade de forma isolada, mas sim dentro de um conceito mais geral das transformações econômicas que afetam o mundo.
5) Violência, direitos, justiça e o papel do Estado, se analisados como problemas fundamentais, estão dentro do quadro das transformações ocorridas, não só econômicas como também políticas.

Leia o texto abaixo para responder às questões 33 e 34.
A economia brasileira, há alguns anos, apresentava fortes barreiras protecionistas, e controles cambiais provocavam a valorização artificial do câmbio comercial, havendo ágio expressivo no mercado livre. A realidade hoje é outra. As barreiras tarifárias foram muito reduzidas, a taxa de câmbio é flutuante e não há diferença significativa entre o mercado oficial e o paralelo. Os modelos econométricos disponíveis, por menos precisos que sejam, são unânimes em apontar para uma desvalorização do real acima do seu equilíbrio de longo prazo, e não o contrário. Logo, onde está o problema? Por que gastar escassos recursos públicos – pois não se faz política industrial sem eles – para

poupar divisas quando o mercado já está bem sinalizado nesta direção? Pode até haver outras razões para justificar a política proposta. Mas economia de divisas não é uma delas.

34. (AFC – Esaf) Assinale a opção em que as duas expressões exercem a mesma função sintática no texto.

a) "controles cambiais" (l. 2) = "fortes barreiras protecionistas" (l. 1)
b) "a valorização artificial do câmbio comercial" (l. 2) = "A economia brasileira" (l. 1)
c) "há alguns anos" (l. 1) = "hoje" (l. 3)
d) "a taxa de câmbio" (l. 4) = "diferença significativa" (l. 4)
e) "escassos recursos públicos" (l. 7/8) = "o mercado" (l. 9)

35. (AFC – Esaf) Julgue as asserções abaixo e marque a opção correspondente.

I. Caso a expressão "diferença significativa" (l. 4) seja colocada no plural a forma verbal que a antecede deve ser obrigatoriamente flexionada.
II. Se o artigo em "o paralelo" (l. 5) for eliminado, prejudica-se a compreensão de que existe, antes de "paralelo" elipse da palavra "mercado" (l. 4).
III. A expressão "por menos precisos que sejam" (l. 5) permite a inferência de que o leitor pode considerar "Os modelos econométricos" (l. 5) pouco precisos.
IV. A grafia de "Por que" (l. 7) justifica-se por se tratar de conjunção explicativa.
V. O termo "delas" (l. 10) refere-se ao antecedente "outras razões" (l. 9).
A quantidade de item(ns) <u>incorreto(s)</u> é:

a) 1;
b) 2;
c) 3;
d) 4;
e) 5.

Capítulo 23

Paralelismo Sintático

Quando dois ou mais termos estão ligados a uma mesma expressão e são equivalentes sintaticamente, ocorre o paralelismo sintático. Nas situações de paralelismo, o termo repetido pode ser extraído do período.

Ex.: "A das Dores, sim, afirmavam que fora casada e que largara o marido para meter-se com um homem do comércio" (Aluísio de Azevedo).

→ As duas orações objetivas diretas (que fora casada) e (e que largara o marido...) complementam a ideia do verbo "afirmavam", podendo a segunda conjunção integrante (que) ser suprimida do período.

Ex.: Gosto de ler, de ouvir música ou de ver um bom filme.

→ As orações reduzidas "de ler", "de ouvir música", e "ou de ver um bom filme" funcionam como objeto indireto do verbo gostar. Essas três orações são equivalentes sintaticamente e só é obrigatória a presença da primeira preposição DE, podendo as demais ser suprimidas do período.

Ex.: "Não sabe se é bom ou ruim" (Raul Seixas).

→ As orações "se é bom" e "ou ruim" completam a ideia do verbo "saber", funcionando como objeto direto. Perceba que o autor da frase fez a opção por não repetir a expressão "se é", que poderia ser inserida sem prejuízo gramatical ou semântico.

Ex.: O candidato que estuda e que faz exercícios passa.

→ As orações "que estuda" e "e que faz exercícios" são subordinadas adjetivas, com os pronomes relativos "QUE" tendo como antecedente o termo "O candidato". O segundo pronome relativo poderia ser extraído da frase sem alterar o sentido, tampouco prejudicar a correção.

Ex.: "... mostraria a Isabel como eu a estimo e quanto a desejo feliz" (José de Alencar).

→ As orações "como eu a estimo" e "e quanto a desejo feliz" são equivalentes sintaticamente e complementam de forma direta a ideia da forma verbal "mostraria".

Obs.: Nos exemplos mencionados, as orações em paralelismo, além de serem subordinadas, como explicado, são também coordenadas entre si.

23.1. Exercícios com gabarito comentado sobre paralelismo

1. (MP – NCE) "Para os pedestres... / Para os comerciantes... / Para os que moram ou trabalham no centro da cidade... Para o próprio automobilista..." Os segmentos do texto são um exemplo de:

a) redundância;
b) construção paralela;
c) exemplificação;
d) repetição desnecessária;
e) pleonasmo.

Resposta: Alternativa B.

Observe que, mesmo o período não estando completo, as três estruturas iniciadas pela preposição PARA são equivalentes sintaticamente e estão em paralelismo.

2. (AFRF – Esaf) Considere o seguinte período do texto para analisar os esquemas propostos abaixo: "Descumprir a lei gera o risco da punição prevista pelo Código Penal ou de sofrer sanções civis".

A = descumprir a lei
B = gera o risco
C = da punição prevista pelo Código Penal
D = de sofrer sanções civis

Considerando que as setas representam relações sintáticas entre as expressões linguísticas, assinale a opção que corresponde à estrutura do período.

a) 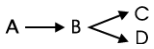

b) 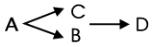

c)

d) 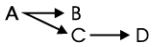

e) 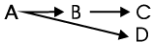

Resposta: Alternativa A.

As estruturas C e D são paralelas e complementam o sentido do vocábulo "risco" (B). Descumprir a lei gera dois riscos: o risco da punição prevista pelo Código Penal e o risco de sofrer sanções civis. Portanto C e D estão ligados a B, denunciando que a resposta seja a alternativa A.

3. (PF – UnB) Lembremos que a modernidade se caracteriza não apenas por um novo modo de produção e de vida, mas também por uma nova forma de relacionamento entre os homens na sociedade, o que influi até mesmo no julgamento que fazemos uns dos

outros. Essa forma de relacionamento, que vem desde a Revolução Industrial, é intermediada pelo trabalho, e os parâmetros para julgar as pessoas são o dinheiro e a propriedade.

Entretanto, trabalho e dinheiro não estão disponíveis para todos. Em cidades superpopulosas, em meio às crises das indústrias, frequentemente os trabalhadores se veem sem meios de sobreviver. Essa relação entre os homens é, portanto, uma relação desigual, em que geralmente os trabalhadores estão em desvantagem, já que não possuem meios estáveis de sobrevivência e dependem de empregadores.

Andréa Buoro *et al. Violência urbana – dilemas e desafios*. São Paulo: Atual, 1999, p. 26.

Com respeito às ideias do texto, julgue os itens a seguir.

1) A argumentação do texto reforça a ideia de que os parâmetros do dinheiro e da propriedade são justos e igualitários.

2) O segundo parágrafo é um comentário que apresenta ideias desfavoráveis à situação apresentada no primeiro.

3) O emprego do tempo e modo verbais de "Lembremos" (l. 1) indica uma sugestão para o raciocínio que se segue.

4) A expressão "mas também" (l. 2) introduz a complementação da ideia iniciada pela expressão antecedente "não apenas" (l. 1).

5) Pelas relações semânticas, a estrutura linguística localizada após a última vírgula do texto corresponde ao seguinte esquema:

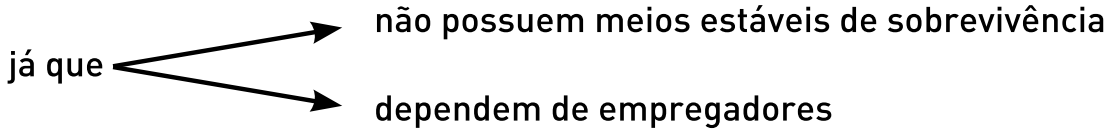

Resposta: E – C – C – C – C

O item 1 contraria totalmente a argumentação do texto, visto que nele se expôs que "Essa relação entre os homens é, portanto, uma relação desigual, em que geralmente os trabalhadores estão em desvantagem". ERRADO

Já o item 2 indica uma constatação adequada ao verbete, uma vez que, ao iniciar o segundo parágrafo através da conjunção coordenativa adversativa ENTRETANTO, torna-se evidente que algo presente no segundo parágrafo está em oposição ao primeiro. CERTO

O item 3 refere-se à semântica de verbos. O verbo no imperativo pode passar uma ideia de ordem, sugestão ou pedido. Como as pessoas não são obrigadas a realizar o que autor orienta, não se trata de uma ordem. O que distingue o conselho (sugestão) do pedido é quem se beneficia da orientação. Como os beneficiados são as próprias pessoas que receberam a orientação, o imperativo indica uma sugestão ou conselho. CERTO

O item 4 apresenta a estrutura "não apenas", em que o elemento de negação "não" nega a restrição "apenas", obrigando o uso de conector aditivo. CERTO

O item 5 demonstra o paralelismo ocorrente entre duas orações subordinadas adverbiais causais e coordenadas entre si. A conjunção JÁ QUE introduz a ideia de causa para as duas orações, podendo, inclusive, ser inserida antes da última oração. CERTO

4. (Auditor do Tesouro Municipal – Prefeitura de Fortaleza – Esaf) Em relação ao texto,

assinale a opção incorreta.

A concentração do capital, que se encontra na origem do capitalismo, permitiu a invenção de meios automáticos de produção e distribuição, ou seja, em que o trabalho humano é substituído por "forças naturais" de animais domesticados, da água corrente, do vento etc. Em seguida, foram inventadas formas mais complexas de captação e governo da energia do vapor, da eletricidade, de derivados do petróleo etc.

a) A expressão "que se encontra na origem do capitalismo" (l. 1 e 2) está entre vírgulas por se tratar de oração de natureza explicativa.

b) Pode-se, sem prejuízo para o período, inserir a preposição de antes da palavra "distribuição" (l. 2).

c) De acordo com a norma escrita culta, "em que" (l. 2) pode ser substituído por nos quais, e a coesão textual é mantida.

d) A expressão "foram inventadas" (l. 4) pode ser substituída, sem prejuízo para a correção do período, pela estrutura inventaram-se.

e) A palavra "governo" (l. 5) está sendo empregada com o sentido de propriedade oficial.

Resposta: Alternativa E.

A opção A trabalha a oração subordinada adjetiva, isolada através de vírgulas, classificada, então, como explicativa.

A opção B abrange o conhecimento de paralelismo, mostrando que os termos "de produção" e "distribuição" estão ligados a "meios automáticos" e a preposição DE poderia ser repetido antes do último componente.

A opção C sugere a substituição do pronome relativo "em que" por "nos quais", que pode ser feita, em virtude de o antecedente do pronome ser o termo "meios automáticos".

A opção D apresenta uma perfeita proposta de substituição da voz passiva analítica pela voz passiva sintética, principalmente, levando-se em conta que o tempo do verbo foi mantido.

A resposta é a opção E, porquanto o termo "governo" está sendo utilizado no valor de "administração".

5. (TRF – Esaf) Assinale o segmento do texto em que há <u>erro</u> de paralelismo sintático.

a) Estão participando da operação em Barretos cerca de 18 auditores da Receita. Ainda fazem parte da equipe especialistas em programas de computadores para acessar arquivos que possam conter dados importantes nas empresas.

b) Quanto aos documentos que forem recolhidos pelos agentes, todos serão analisados. Caso haja indício de sonegação, será instaurado processo no Ministério Público.

c) Além da ação judicial, poderão ser feitas autuações nos estabelecimentos em que as irregularidades se comprovarem. O valor das autuações ainda não foi divulgado pelo delegado, mas ele garantiu que a cobrança pode ser retroativa.

d) O presidente do clube Os Independentes afirma não ter receio quanto à arrecadação de impostos e que achando normal a atitude dos auditores da Receita Federal. "Sabemos que eles estão fazendo isso com todas as entidades sem fins lucrativos".

e) Disse, ainda, que o escritório que cuida da contabilidade do clube Os Independentes está acompanhando o caso ao lado da Receita Federal. Ele não acredita que a

fiscalização da Receita Federal possa causar algum dano à imagem do clube.
(Rogério Pagnan, *Folha de S. Paulo*, 15/8/2000, p. F2, com adaptações.)

Resposta: Alternativa D.

A alternativa apresenta uma situação de incoerência no paralelismo sintático. O verbo AFIRMA possui dois complementos: NÃO TER RECEIO QUANTO À ARRECADAÇÃO FEDERAL e QUE ACHANDO NORMAL. Observe que não houve o mesmo critério nas duas complementações: a primeira apresenta uma estrutura reduzida de infinitivo e a segunda é introduzida por conjunção integrante, indicando que a última oração estaria desenvolvida e com verbo no gerúndio, não proporcionando sentido ao período.

6. (AFRF – 2005) Leia o texto para responder à questão.

Olhamos e não vemos. Não conseguimos olhar nada pela primeira vez. Já o primeiro olhar é preconceituoso – dá informação falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada, anterior ao ato de olhar. O economista cheio de teorias pensa que sabe o remédio para a inflação, a origem da miséria, o segredo da estabilidade e quanto desaforo a democracia aguenta. Erra como o médico, o astrônomo ou o caixa que aceita o cheque do homem elegante, de terno e cabelo com brilhantina que parece ser rico, mas é estelionatário.

Só que no caso do economista, não é apenas o paciente que fica com dor de cabeça, ou mais um cheque sem fundo. São 10% de desempregados. Um deles acaba apontando um revólver para a sua cabeça. Nada é visto pela primeira vez. Ninguém olha atentamente como as corujas, antes de propor ou piar.

(João Sayad. A primeira vez. *Revista TAM*, julho de 2005, com adaptações.)

Assinale o esquema que representa corretamente a estrutura sintático-semântica do período sintático do texto (desconsidere a pontuação e as letras maiúsculas).

a) (l. 1 e 2) o primeiro olhar → é preconceituoso
→ dá informação → falsa
→ ou verdadeira
→ mas sempre pré-fabricada

b) (l. 3 e 4) O economista → cheio de teorias
→ pensa que sabe
→ o remédio para → a inflação
→ a origem da miséria
→ o segredo da estabilidade
→ e quanto desaforo

c) (l. 4 e 5) Erra como → o medido
→ o astrônomo
→ ou o caixa
→ que aceita o cheque do homem elegante

d) (l. 7 e 8) não é apenas o paciente → com dor de cabeça
→ ou mais um cheque sem fundo

e) (l. 8, 9 e 10) são 10% de desempregados → um deles apontando → um revólver
→ para sua cabeça
→ Nada é visto pela primeira vez
→ Ninguém olha atentamente como...

Resposta: Alternativa A.

Nesta questão de paralelismo sintático, a única alternativa que respeita a equivalência sintática é a A. Isso se justifica pelo fato de as formas verbais "é" e "dá", ambas na linha 2, possuírem um mesmo referente – o sujeito "o primeiro olhar" (l. 1). Posteriormente, o objeto direto "informação" (l. 2) é qualificado por três adjuntos adnominais: "falsa", "verdadeira" e "mas sempre pré-fabricada".

A alternativa B não apresenta equivalência sintática entre as expressões "cheio de teorias" (l. 3) e "pensa que sabe o remédio para" (l. 3), visto que o primeiro apenas qualifica seu referente e o segundo indica a ação realizada pelo sujeito.

Na alternativa C, os termos "o médico" (l. 5), "o astrônomo" (l. 5) e "ou o caixa" (l. 5) estão, de forma paralela, comparados ao "economista" quanto ao fato de errar. Contudo, o último termo citado "que aceita o cheque do homem elegante" (l. 5/6) não é mais um ser comparado ao economista, mas sim uma qualificação para o termo "o caixa".

Na alternativa D, a perfeita equivalência sintática seria relacionar os termos "o paciente que fica com dor de cabeça" (l. 7/8) e "ou mais um cheque sem fundo" (l. 8) a "não é apenas" (l. 7).

Na alternativa E, ocorrem várias falhas de designação de paralelismo. As duas últimas frases guardam grande independência, não se relacionando com elementos anteriores. Também não são equivalentes "um revólver" (l. 9) e "para sua cabeça" (l. 9), que possuem funções distintas.

7. (Depen – Funrio) Chama-se adequação sintática a construção coerente de períodos e orações, observadas as relações existentes entre seus termos e a sua organização. Qual o parágrafo dentre os abaixo transcritos que preserva o princípio do paralelismo sintático, segundo o qual quaisquer elementos da frase coordenados entre si devem apresentar estrutura gramatical similar?

a) Aqui não pretendemos defender a ideia de mais intervenção do Estado na economia ou que ele volte a produzir aço em grande quantidade.

b) Aqui não pretendemos defender a ideia de que o Estado intervenha mais na economia ou que volte a produzir aço em grande quantidade.

c) Aqui não pretendemos defender a ideia de que o Estado intervenha mais na economia ou a volta de uma produção de aço em grande quantidade.

d) Aqui não pretendemos defender a ideia de que a intervenção do Estado deva ser maior na economia ou uma produção de aço voltando a ter quantidade.

e) Aqui não pretendemos defender a ideia de um Estado intervindo mais na economia ou que ele volte à produção de aço em grande quantidade.

Resposta: Alternativa B.

Existem dois termos complementando sintaticamente o sentido do vocábulo IDEIA. Em face da lógica, tais complementos devem manter estrutura o mais semelhante possível. Na alternativa A, o primeiro complemento tem como núcleo INTERVENÇÃO; já o segundo complemento é oracional, sendo o núcleo o verbo VOLTE A PRODUZIR. Na alternativa B, os dois complementos são oracionais, tendo como núcleos, respectivamente, as formas verbais INTERVENHA e VOLTE A PRODUZIR. Na alternativa C, o primeiro complemento é oracional (verbo INTERVENHA); o segundo é não oracional, sendo o núcleo o substantivo VOLTA. Na D, embora os complementos sejam oracionais, o primeiro complemento se dá com o verbo no presente do subjuntivo, formando uma oração desenvolvida, o segundo se realiza com a forma verbal VOLTANDO no gerúndio, o que caracteriza a oração reduzida. Na E, o primeiro complemento é oracional, porém reduzido de gerúndio INTERVINDO; já o segundo é desenvolvido, com a presença da conjunção integrante e o verbo no presente do subjuntivo – VOLTE.

8. (TRT-SC/Cetro) Na famosa obra *Comunicação em prosa moderna*, Othon M. Garcia afirma que "quaisquer elementos da frase – sejam orações sejam termos dela –, coordenados entre si devam, em princípio pelo menos, apresentar estrutura gramatical idêntica, pois não se podem coordenar frases que não comportem constituintes do mesmo tipo". Assinale a alternativa em que a reescritura do terceiro parágrafo respeita a recomendação do famoso estudioso:

a) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório não só por seu modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo, mas também por oferecer na rede pública de saúde terapias de interrupção do tabagismo.

b) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório não só por ter um modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo, mas também pelo oferecimento, na rede pública de saúde, de terapias de interrupção do tabagismo.

c) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório por seu modelo de

maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo e pelo oferecimento, na rede pública de saúde, de terapias de interrupção do tabagismo.
d) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório por ter um modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo e pelo oferecimento na rede pública de saúde, de terapias de interrupção do tabagismo.
e) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório não apenas por seu modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo como também por oferecer na rede pública de saúde terapias de interrupção do tabagismo.

Resposta: Alternativa C.
Elementos em paralelismo devem guardar estrutura gramatical bem similar. Repare que a preposição POR introduz duas causas para o Brasil receber a menção elogiosa. Essas duas causas estão conectadas ou pelo par NÃO SÓ ... MAS (COMO) (TAMBÉM) ou pela conjunção E. Na alternativa A, a primeira causa possui como núcleo MODELO (não oracional); a segunda causa, OFERECER (oracional). Na B, a primeira causa tem como núcleo TER (oracional); a segunda causa tem como núcleo OFERECIMENTO (não oracional). Na alternativa C, as duas causas somadas têm como núcleos elementos não oracionais (MODELO e OFERECIMENTO). Na alternativa D, a primeira causa é baseada em termo oracional (TER); a segunda causa tem como núcleo o substantivo OFERECIMENTO. Na E, a primeira causa possui como núcleo o substantivo MODELO; a segunda, o verbo OFERECER.

9. (Petrobras – Cesgranrio) Observe as sentenças abaixo, retiradas de uma reclamação, feita por uma secretária, sobre um móvel enviado com defeitos. Qual delas não tem erro de paralelismo?
a) O produto logo no início mostrou má-qualidade no acabamento e que tinha as gavetas emperradas.
b) O novo móvel deve estar dentro dos critérios previamente combinados, e que seja enviado o mais rapidamente possível.
c) Além disso, o manual de instalação tem mais de 150 páginas e pouca clareza.
d) Assim, gostaríamos de pedir a troca do móvel enviado, que não foi aprovado pela gerência e por outros interessados.
e) Recomendamos a V.S. retirar o móvel inadequado e que envie outro, de melhor qualidade, para substituí-lo.
Resposta: Alternativa D.
Na alternativa A, há dois objetos diretos complementando o verbo MOSTROU. O primeiro objeto é não oracional (má-qualidade no acabamento); o segundo complemento é oracional (que tinha as gavetas emperradas). Na alternativa B, nem há coerência textual. Como há o verbo auxiliar DEVE, formando no primeiro termo a locução DEVE ESTAR, o segundo termo também deveria formar a locução (DEVE SER). Na alternativa C, o primeiro complemento para TEM é um substantivo concreto (PÁGINAS) apresentado com elemento numérico preciso (150); o segundo complemento é um substantivo abstrato (CLAREZA), apresentado com inexatidão (POUCA CLAREZA). Na alternativa D, os dois

agentes da passiva são apresentados com substantivos concretos (GERÊNCIA e INTERESSADOS). Na alternativa E, os dois objetos diretos de RECOMENDAMOS são oracionais, contudo o primeiro é reduzido de infinitivo (RETIRAR) e o segundo é desenvolvido (QUE ENVIE OUTRO).

Capítulo 24

Pontuação

A pontuação serve para marcar a pausa e a entoação. Aqui ficará explicado em que momentos deverão ser utilizados estes sinais gráficos.

24.1. Uso de vírgula

A vírgula deve ser utilizada para:

a) isolar o vocativo;

Ex.: Manoel, venha cá!
Venha cá, Manoel!
Diga, Manoel, a verdade!

b) separar as orações coordenadas assindéticas;

Ex.: Ele bebeu, bebeu, bebeu e dormiu.
Maria lava, passa, prepara a comida, arruma a casa e é uma boa mãe.

c) separar orações ligadas pela conjunção E com sujeitos diferentes;

Ex.: Maria lava, e Joana passa.
"Insisti no oferecimento da madeira, e ele estremeceu" (Graciliano Ramos).
"Abriu-lhe logo uma conta corrente, e a quitandeira,..., dava um pulo até à venda..." (Aluísio de Azevedo).

Obs.: Esta vírgula já foi obrigatória, agora é considerada facultativa.
Se o sujeito das duas orações fosse o mesmo, não haveria vírgula.

Ex.: Maria lava e passa.
Ele já chegou e já foi embora.

d) separar termos com a mesma função sintática ou elementos de uma enumeração;

Ex.: Maria, Manoel, Pedro, Paulo e Renato saíram.
Comprei banana, maçã, pera, abacaxi, abacate e laranja.

e) indicar a supressão do verbo;

Ex.: Ele foi à praia, e eu, também.
Ele disse a verdade: contudo ela, não.

f) é importantíssimo esclarecer que entre sujeito e verbo não pode haver vírgula, da mesma forma que entre verbo e complemento. Todavia, caso haja um termo intercalando aquelas funções, a orientação gramatical indica o seu isolamento;

– conjunção: Ex.: Ele disse, todavia, a verdade.

– aposto: Ex.: Pelé, Rei do Futebol, foi demitido do Santos.

Obs.: Os adjuntos adverbiais intercalando uma sequência lógica (sujeito-verbo ou verbo-complemento) ou mesmo no início de orações poderão aparecer isolados, ou seja, a(s) vírgula(s) é(são) facultativa(s):

Ex.: Ele, com toda certeza, virá. OU Ele com toda certeza virá.

O NCE tem exigido ultimamente dos candidatos a escolha pela opção mais adequada. Há a assunção de que pode haver opções corretas, e o candidato é obrigado a discernir qual é a melhor. No exemplo anterior, as duas formas estão corretas; contudo, se você tiver que optar por uma das duas, escolha a estrutura com vírgula, já que o adjunto adverbial interrompeu uma sequência lógica.

Caso o adjunto adverbial ocorra após o complemento, ou seja, no lugar previsto pela gramática, não deverá estar isolado.

Ex.: Ele virá com toda certeza.

g) separar as orações subordinadas antepostas às principais;

Ex.: Se chover, não vou à praia.

"Quando você foi embora, fez-se noite em meu viver..." (Milton Nascimento).

Embora estivesse triste, não chorou.

Que João não virá, nós já sabemos.

Obs.: Agostinho Dias Carneiro, em seu livro Redação em Construção, alega, tal qual Celso Cunha, que a vírgula é obrigatória para separar orações adverbiais, principalmente se antepostas à principal. No concurso para Técnico Judiciário do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, em 2004, houve uma questão com duas opções extremamente parecidas: 1) "Os juízes intervieram quando viram os réus frente a frente"; 2) "Os juízes intervieram, quando viram os réus frente a frente". Portanto, a diferença entre as alternativas se deu tão somente quanto ao uso da vírgula. Seguindo-se Celso Cunha e Agostinho Dias Carneiro, a resposta deveria ser a que contém a vírgula, pois, relembrando o que asseveram, tal pontuação é obrigatória, principalmente se a oração adverbial vier anteposta à principal. Como a oração subordinada está posposta à principal, chega-se à conclusão, através da redação dos brilhantes autores, de que a vírgula é opcional, sendo a

construção preferencial com a vírgula. No entanto, a banca optou pela alternativa sem a vírgula, fato que me fez concluir que o critério utilizado foi o respeito à ordem das orações (principal – subordinada adverbial).

Ex.: Não vou à praia(,) se chover.

"Deus fala, quando a turba está quieta" (Castro Alves).

h) separar as orações coordenadas adversativas, conclusivas e explicativas;

Ex.: Choveu à beça ontem, no entanto fui à praia.

Ele estudou bastante, portanto passará no concurso.

Volta logo, pois está tarde.

i) isolar conjunção coordenativa adversativa ou conclusiva deslocada;

Ex.: A chuva, no entanto, não atrapalhou a festa.

João deve, portanto, chegar mais tarde.

Obs.: Se a conjunção coordenativa adversativa ou conclusiva iniciar período, a vírgula será facultativa.

Ex.: Entretanto(,) todos retornaram cedo para casa.

Então(,) ele fará o trabalho.

j) isolar os termos **DIGO, DIGO MELHOR, OU SEJA, ISTO É;**

Ex.: A vida é triste, ou melhor, muito triste.

Comprei uma caneta, isto é, um lápis.

k) separar as orações subordinadas adjetivas explicativas;

Ex.: Os alunos, que fizeram bagunça, foram expulsos.

BIZU

As orações subordinadas adjetivas, quando isoladas por vírgula, serão explicativas; quando não, serão restritivas. A frase acima significa que os alunos foram expulsos porque fizeram bagunça. Se a frase fosse "Os alunos que fizeram bagunça foram expulsos", significaria que somente aqueles alunos que fizeram bagunça foram expulsos. O melhor, portanto, neste caso, é o leitor se condicionar a perceber a presença da vírgula. Havendo a vírgula, há a ideia de explicação, de por quê. Não havendo, a ideia é de restrição. Portanto, as vírgulas modificam completamente o sentido das orações subordinadas adjetivas. É importante também esclarecer que a oração explicativa também pode encontrar-se isolada através de travessões ou parênteses.

l) separar, nas datas, o nome do local;

Ex.: Rio de Janeiro, 19 de agosto de 1994.

m) separar as orações reduzidas quando iniciarem uma frase;

Ex.: Dadas as explicações, todos o desculparam.

Ao analisar a situação do país, quase se suicidou.

Percebendo os erros, corrigiu-os.

n) Uso de vírgula antes de **ETC**.

Em tese, não deveria ser aceito, pois é coerente a ausência da vírgula em função de "et" em "et coetera" significar "e". Como é óbvio que, em "Ele comprou camisa, bermuda, gravata e outros", não há vírgula antes de "e", também não deve haver vírgula antes de "**et**". No entanto, como este uso se encontra deveras difundido, Evanildo Bechara o admite, e na Gramática da Língua Portuguesa, Celso Cunha, conquanto não tenha realizado análise sobre seu uso no livro, empregou a vírgula antes de "etc." em várias oportunidades.

Ex.: Ele comprou camisa, bermuda, gravata (,) etc.

24.2. Uso de ponto e vírgula

O ponto e vírgula deve ser utilizado para:

a) separar os itens de uma enumeração;

Ex.: Zico, jogador do Flamengo, foi vendido para a Udinese; Falcão, jogador do Internacional, para o Roma; Sócrates, do Corinthians, para a Fiorentina.

b) separar orações coordenadas assindéticas ou sindéticas adversativas e conclusivas. Normalmente aparecem em frases em que já tenha aparecido a vírgula.

Ex.: Comprei laranja, maçã, pera e banana; no entanto, não comprei nenhum legume.

Falei, falei, falei, e ele ficou calado; logo, ele compreendeu tudo.

"Pensei em prometer algumas dezenas de padre-nossos; tinha, porém, outra promessa em aberto e outro favor pendente" (Machado de Assis).

Obs.: É importante esclarecer que todas as ocorrências de ponto e vírgula podem ser substituídas pelo ponto.

24.3. Uso do ponto

O ponto deve ser utilizado para:

a) indicar o fim de uma frase;

Ex.: Falei e disse.

b) marcar uma abreviação.

Ex.: V. Ex.ª

24.4. Uso de dois-pontos

Os dois-pontos devem ser utilizados para:

a) indicar a introdução de uma fala;

Ex.: Descartes disse: "Penso, logo existo".

b) introduzir um aposto ou uma oração subordinada substantiva apositiva;

Ex.: Comprei frutas: laranja, maçã, pera e manga.

Só disse algumas palavras: que não voltes mais.

c) introduzir um exemplo ou observação.

Ex.: Exemplo: Observação:

24.5. Uso de exclamação

O ponto de exclamação deve ser utilizado para:

a) indicar surpresa, espanto, dor, alegria e ordem.

Ex.: Que espetáculo!

Vá agora!

24.6. Uso de interrogação

O ponto de interrogação deve ser utilizado para:

a) indicar uma interrogativa ***direta***.

Ex.: Por que ele não veio?

Quando Maricota falará contigo?

24.7. Uso de reticências

As reticências devem ser utilizadas para:

a) indicar uma interrupção de um pensamento;

Ex.: Ele não veio, porque...

b) indicar uma ideia de continuidade;

Ex.: Talvez os filhos dos filhos... dos nossos filhos tenham um mundo melhor.

c) pode também indicar uma ideia de ironia.

Ex.: Os políticos são certamente cidadãos muito honestos...

24.8. Uso de aspas

As aspas devem ser utilizadas para:

a) indicar uma citação;

Ex.: "Jogo é jogo, treino é treino", dizia Didi.

b) indicar neologismos, estrangeirismos, gírias etc.

Ex.: Dario dizia que havia sempre uma "solucionática" para toda problemática.

Magri disse que a economia é "imexível".

Os políticos gastam uma fortuna com "outdoor".

– "Bicho", foi sensacional.

c) citar obras artísticas ou científicas.

Ex.: Li "Dom Casmurro" três vezes.

24.9. Uso de parênteses

Os parênteses devem ser utilizados para:

a) acrescentar ao texto comentários ou explicações acessórias.

Ex.: Ayrton Senna (1960-1994) foi o maior ídolo do automobilismo nacional.

As imagens tácitas (implícitas), às vezes, são mais bonitas.

24.10. Uso de travessão

O travessão deve ser utilizado para:

a) ligar palavras que formam uma cadeia na frase;

Ex.: A estrada Rio – São Paulo não está muito bem cuidada.

b) indicar a mudança de interlocutor nos diálogos;

Ex.: – Manoel, porque você faltou?

– João, faltei porque estava doente.

c) acrescentar ideia de explicação ao texto.

Ex.: O candidato – que estuda – passa.

Ronaldo Gaúcho, melhor atleta de 2004 e 2005, é o expoente da seleção brasileira na Copa de 2006.

Obs.: Os parênteses, o(s) travessão(ões) e a(s) vírgulas podem ser utilizados para acrescentar valor de explicação ao período indistintamente.

Ex.: Lula – um ex-operário – chegou à presidência.

Lula (um ex-operário) chegou à presidência.

Lula, um ex-operário, chegou à presidência.

24.11. Exercícios

1. (Analista de Planejamento e Orçamento – MPOG – Esaf) Em relação ao emprego dos sinais de pontuação no texto, assinale a opção correta.

O modo solidário de produção e distribuição parece à primeira vista um híbrido entre o capitalismo e a pequena produção de mercadorias. Mas, na realidade, ele constitui uma síntese que supera ambos. A unidade típica da economia solidária é a cooperativa de produção, cujos princípios organizativos são: posse coletiva dos meios de produção pelas pessoas que as utilizam para produzir; gestão democrática da empresa ou por participação direta (quando o número de cooperadores não é demasiado) ou por representação; repartição da receita líquida entre os cooperadores por critérios aprovados após discussões e negociações entre todos; destinação do excedente anual (denominado sobras) também por critérios acertados entre todos os cooperadores. A cota básica do capital de cada cooperador não é remunerada, somas adicionais emprestadas à cooperativa proporcionam a menor taxa de juros do mercado.

(*Paul Singer*)

a) Se a expressão "à primeira vista" (l.1) estivesse entre vírgulas, o período ficaria gramaticalmente prejudicado.

b) O sinal de dois-pontos (l.4) justifica-se por anteceder citação de depoimento alheio ao autor do texto.

c) As três ocorrências de sinal de ponto e vírgula (l.5, 7 e 9) têm justificativas gramaticais diferentes.

d) Se o emprego de parênteses (l.6, 7 e 9) for substituído por vírgulas, a coerência do texto fica prejudicada.

e) Os parênteses que isolam a expressão "denominado sobras" (l.9) podem, sem prejuízo para o texto, ser substituídos por travessões ou por vírgulas.

2. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) ***O caso Montaigne na tradição literária da amizade não é propriamente uma exceção. Como os povos felizes, que – já se disse – não têm história: os sentimentos vitais, contentes e continentes, poucas vezes, enquanto vigem, dublam-se em reflexão e discurso. Por isso, certamente, a clave da perda marca tanto essa literatura e a tinge tão estranhamente de melancolia. (É que talvez os relevos dos grandes sentimentos humanos só se deixem mesmo apalpar pelo avesso: a falta permite, mais facilmente, sondar a profundidade do pleno, a dor, do contentamento.)***

Atente para as afirmações seguintes sobre a pontuação empregada na frase acima, transcrita do 1o parágrafo do texto.

I. O uso dos parênteses para isolar a frase justifica-se por se tratar de uma digressão que, embora relacionada à reflexão feita no parágrafo, interrompe momentaneamente o fluxo do pensamento.

II. Os dois-pontos introduzem um segmento que constitui, de certo modo, uma ressalva ao que se afirma no segmento imediatamente anterior.

III. As vírgulas que isolam o segmento *mais facilmente* poderiam ser retiradas sem prejuízo para a correção e a lógica.

Está correto o que se afirma em:

a) I, apenas;

b) I e II, apenas;
c) I e III, apenas;
d) II e III, apenas;
e) I, II e III.

3. (AFTE – Esaf) Marque a assertiva errada em relação ao texto seguinte:
O ano de 2003 é marcado pela recessão econômica no Brasil e em vários países do mundo. Aqui, o clima foi de expectativa em relação a um novo governo que assumiu o País diante de um grave quadro de desigualdade social. O Brasil assistiu, estarrecido, no outro lado do mundo, a uma invasão no Oriente Médio promovida pela dupla Bush/Blair. E o terrorismo só recrudesceu. De que forma todos esses acontecimentos podem ter influído no imaginário do executivo brasileiro?
(*Carta Capital*, no 307)
a) A substituição de "é marcado" (l.1) por marca-se mantém a informação original e a correção gramatical do período.
b) A vírgula depois de "Aqui" (l.2) pode ser dispensada sem prejuízo da correção por tratar-se de pontuação facultativa.
c) "Expectador" é uma palavra cognata de "Expectativa", mas ao contrário dessa pode também ser grafada com "s" na primeira sílaba, sem alteração de sentido.
d) Se as vírgulas que estão isolando "estarrecido" (l.3) forem substituídas por travessões, o período permanece correto.
e) A preposição "a" em "a uma invasão" (l.4) caracteriza a escrita formal, culta e, geralmente, é dispensada se usado um estilo menos formal.

Leia o texto a seguir para responder à questão 4.

Enquanto o patrimônio tradicional continua sendo responsabilidade dos Estados, a promoção da cultura moderna é cada vez mais tarefa de empresas e órgãos privados. Dessa diferença derivam dois estilos de ação cultural. Enquanto os governos pensam sua política em termos de proteção e preservação do patrimônio histórico, as iniciativas inovadoras ficam nas mãos da sociedade civil, especialmente daqueles que dispõem de poder econômico para financiar arriscando. Uns e outros buscam na arte dois tipos de ganho simbólico: os Estados, legitimidade e consenso ao aparecer como representantes da história nacional; as empresas, obter lucro e construir através da cultura de ponta, renovadora, uma imagem "não interessada" de sua expansão econômica.
(Nestor Garcia Canclini. *Culturas Híbridas*, p. 33, com adaptações)

4. (AFRF – Esaf) Assinale a alteração na pontuação que provoca incoerência textual ou erro gramatical no texto.
a) A substituição do ponto final depois de "cultural" (l.3) por **dois-pontos**.
b) A substituição dos dois-pontos depois de "simbólico" (l.7) pelo sinal de **ponto e vírgula**.
c) A substituição do sinal de ponto-e-vírgula depois de "nacional" (l.8) pela conjunção **e**.
d) A inserção de uma vírgula depois de "construir" (l.8).

e) A retirada da vírgula depois de "ponta" (l.8).

5. (AFRF – Esaf) No texto abaixo foram substituídos sinais de pontuação por números. Assinale a sequência de sinais de pontuação que devem ser inseridos nos espaços indicados para que o texto se torne coerente e gramaticalmente correto. Desconsidere a necessidade de transformar letras minúsculas em maiúsculas.

Os seres humanos sofrem sempre conflitos de interesse com os ressentimentos, facções, coalizões e instáveis alianças que os acompanham (1) no entanto, o que mais interessa nesses fenômenos conflituosos não é o quanto eles nos separam, mas quão frequentemente eles são neutralizados, perdoados e desculpados. Nos seres humanos (2) com seu extraordinário dom narrativo, uma das principais formas de manutenção da paz é o dom humano de apresentar (3) dramatizar e explicar as circunstâncias atenuantes em torno de violações que ameaçam introduzir conflito na habitualidade da vida (4) o objetivo de tal narrativa não é reconciliar, não é legitimar, nem mesmo desculpar, mas antes (5) explicar.

(Jerome Bruner. *Atos de significação*, com adaptações)

a)	;	,	.	:	.
b)	;	-	;	.	;
c)	,	;	-	;	:
d)	,	.	:	;	:
e)	.	,	,	.	,

6. (Susep – Esaf) Os trechos abaixo constituem um texto. Assinale a opção em que o emprego dos sinais de pontuação está correto.

a) A preservação do crescimento da China, por suas particularidades se faz com redução dos efeitos irradiadores sobre as demais economias.

b) Isto porque a estabilidade do crescimento do PIB chinês, mascara um fato crucial, qual seja, a forte redução do investimento nessa economia.

c) Um longo período de aumento do investimento, durante o qual chegou-se a incrementos acima de 40% ao ano termina por engendrar um excesso de capacidade de produção em vários segmentos, cuja digestão demandará algum tempo.

d) Isto obviamente, não significa desaceleração no sentido tradicional, ou seja, do produto corrente, mas implica menor efeito irradiador sobre as economias das quais a China importa máquinas e equipamentos.

e) Outro aspecto do desenvolvimento recente na China é a redução do coeficiente importado em razão da entrada em operação de plantas produtoras de *commodities* industriais.

7. (TRF) Considere os períodos I, II e III, pontuados de duas maneiras diferentes.

I. Entregues os documentos pelo correio, seguirão outras informações relativas ao processo.

Entregues os documentos, pelo correio seguirão outras informações, relativas ao

processo.
II. A audiência será marcada de imediato pelo advogado e o promotor conjuntamente.
A audiência será marcada, de imediato, pelo advogado e o promotor conjuntamente.
III. É bom que se arquivem os processos que estão com o prazo vencido.
É bom que se arquivem os processos, que estão com o prazo vencido.
Com a pontuação diferente, ocorreu alteração de significado em:
a) I, somente;
b) II, somente;
c) I e II;
d) I e III;
e) II e III.

8. (ANA – Esaf) Em relação à pontuação do texto, assinale a opção correta.
A água pode ter diversas finalidades, como: abastecimento humano, dessedentação animal, irrigação, indústria, geração de energia elétrica, lazer, navegação etc. Muitas vezes, esses usos podem ser concorrentes, o que gera conflitos entre setores usuários ou mesmo impactos ambientais.
Nesse sentido, é necessário gerir e regular os recursos hídricos, acomodando as demandas econômicas, sociais e ambientais por água em níveis sustentáveis, para permitir a convivência dos usos atuais e futuros da água sem conflitos. Por isso, a outorga é fundamental, pois, ordenando e regularizando o uso da água, é possível assegurar ao usuário o efetivo acesso a ela, bem como realizar o controle quantitativo e qualitativo dos usos desse precioso recurso.
(*José Machado http://www.ana.gov.br/SalaImprensa/artigos/set.2008.pdf*)
a) As vírgulas da linha dois justificam-se porque isolam elementos de mesma função gramatical componentes de uma enumeração.
b) O emprego do sinal de dois-pontos (ℓ.1) justifica-se por anteceder oração subordinada adjetiva restritiva.
c) A vírgula após "Muitas vezes" (ℓ.4) justifica-se para isolar conjunção temporal.
d) O emprego de vírgula após "hídricos" (ℓ.8) justifica-se para isolar oração subordinada adverbial comparativa.
e) O emprego de vírgula após "fundamental" (ℓ.11) justifica-se por isolar oração subordinada adverbial condicional.

9. (ARF – Esaf) Assinale o trecho do texto adaptado de Boris Fausto (Memória e História) em que, na transcrição, foram plenamente atendidas as regras de pontuação.
a) Em uma fila no banco, na época em que, no Brasil, houve congelamento dos depósitos bancários, uma jovem, de traços orientais, permanecia calada e, aparentemente, atenta aos movimentos de todos, como se a qualquer momento, alguém pudesse passar à sua frente.
b) Pensei, ainda, em lembrá-la de que, por outro lado, a experiência dos japoneses no Brasil estava longe de representar um desastre. No entanto, bastou olhar para a neta do sol nascente e, logo, perceber que ela se transportara para outras esferas, alheia à fila e

a tudo o mais que a rodeava.
c) Não era nada disso. A jovem decifrou o enigma, em tom suspiroso, explicando que, no começo dos anos de 1930, grande parte da família decidira emigrar para a Califórnia, mas seu avô meio aventureiro, optara infelizmente, pelo Brasil.
d) Tentei esboçar um discurso sociológico, ponderando, que os imigrantes japoneses localizados na costa do Pacífico, tinham atravessado momentos adversos, especialmente, no curso da Segunda Guerra Mundial, quando muitos deles foram transferidos para campos de confinamento no meio-oeste americano.
e) De repente, sua voz se ergueu enigmática: "A culpa de tudo isso é do meu avô." Nos segundos seguintes, a melhor hipótese que me passou pela cabeça, foi a de um avô conservador, aconselhando a neta a poupar, em vez de gastar, apoiado em uma versão japonesa da fábula da cigarra e da formiga.

10. (ARF – Esaf) Assinale a justificativa correta para o emprego de vírgula.
A economia real nos Estados Unidos e na Europa segue em compasso de espera. Isso significa que o produto e o emprego seguem em declínio, (1) mas a uma velocidade menor. Seja como for, as injeções de liquidez, os programas de compra de ativos podres, (2) as garantias oferecidas pelas autoridades e a capitalização das instituições financeiras não fizeram pouco. Além de construir um piso para a deflação de ativos, as intervenções de provimento de liquidez suscitaram, (3) diriam os keynesianos, (3) um movimento global no interior da circulação financeira. O inchaço da circulação financeira teve efeitos mesquinhos sobre a circulação industrial, (4) ou seja, (4) sobre a movimentação do crédito e da moeda destinada a impulsionar a produção e o emprego. Observa-se, (5) no entanto, (5) um rearranjo dentro do estoque de riqueza que responde aos preços esperados dos ativos "especulativos" por parte dos investidores que sobreviveram ao colapso da liquidez. Agarrados aos salva-vidas lançados com generosidade pelo gestor em última instância do dinheiro – esse bem público objeto da cobiça privada – os senhores da finança tratam de restaurar as práticas e operações de "normalização dos mercados", isto é, aquelas que levaram à crise.
(Luiz Gonzaga Beluzzo, adaptado do *Valor Econômico* de 14 de outubro de 2009)
a) (1) A vírgula separa oração coordenada assindética.
b) (2) A vírgula separa elementos de mesma função sintática componentes de uma enumeração.
c) (3) As vírgulas isolam uma expressão apositiva.
d) (4) As vírgulas isolam conjunção coordenativa conclusiva.
e) (5) As vírgulas isolam conjunção subordinativa concessiva intercalada na oração principal.

11. (DNOCS – FCC) A pontuação desta frase está inteiramente correta:
a) A dialética sendo uma verdade mais séria, do que se costuma crer, manifesta-se no processo de resistência, da cultura popular.
b) De fato a cultura de massa com a enorme força de que dispõe, costuma apropriar-se das formas da cultura popular, inapelavelmente.

c) A socialização, proveniente das boas relações comunitárias constitui, sem dúvida, uma bela forma de autopreservação, na cultura popular.
d) As escolas de samba, nas festas promovidas para turistas, constituem matéria-prima e *mão de obra*, simultaneamente, para o capital.
e) Costumam, as diferentes manifestações de cultura popular, descaracterizar-se de vez que não resistem, às pressões da cultura de massa.

12. (TCM – CE) Está plenamente adequada a pontuação da seguinte frase:
a) A rotina, afirmam alguns, é inimiga da criatividade, mas essa tese, segundo o cronista, é uma falácia: basta ver o que já ocorreu em nossa literatura.
b) A rotina, afirmam alguns: é inimiga da criatividade; mas essa tese segundo o cronista é uma falácia, basta ver o que já ocorreu em nossa literatura.
c) A rotina – afirmam alguns – é inimiga da criatividade: mas essa tese, segundo o cronista, é uma falácia, basta ver o que já ocorreu, em nossa literatura.
d) A rotina, afirmam alguns, é inimiga da criatividade; mas essa tese segundo o cronista, é uma falácia, basta ver, o que já ocorreu em nossa literatura.
e) A rotina, afirmam alguns, é inimiga da criatividade mas, essa tese, segundo o cronista, é uma falácia: basta ver o que já ocorreu, em nossa literatura.

13. (MPE – RN – FCC) É preciso corrigir a pontuação da frase:
a) Não obstante a imagem de candura, as crianças podem ser perversas por conta dos instintos, manifestação que, aliás, nos comandam a todos.
b) Não apenas as crianças, também os adultos cedem aos instintos primitivos, de cuja manifestação, muitas vezes, tendemos a nos envergonhar.
c) O autor não se mostra nada simpático à tese da bondade natural, proposta e defendida por Rousseau, embora admita o grande prestígio de que goza esse filósofo.
d) No século 18, marcado pela ação dos pensadores iluministas, pedagogos como Rousseau, desejosos de mudanças, propuseram teses revolucionárias.
e) Deve-se à aparência meiga das crianças, boa parte da crença de que elas são seres angelicais, e por isso, incapazes de cometer crueldades.

14. (MPE – SE – FCC) A pontuação está inteiramente correta na frase:
a) Nosso admirável poeta Carlos Drummond de Andrade, em um poema antológico, foi capaz de definir em um único verso um atributo do tédio: esse sentimento mortal que, se descuidarmos, pode tomar conta de nós.
b) Nosso admirável poeta, Carlos Drummond de Andrade, em um poema antológico foi capaz de definir em um único verso: um atributo do tédio; esse sentimento mortal que se descuidarmos, pode tomar conta de nós.
c) Nosso admirável poeta Carlos Drummond de Andrade em um poema antológico, foi capaz de definir em um único verso, um atributo do tédio, esse sentimento mortal, que se descuidarmos pode tomar conta de nós.
d) Nosso admirável poeta, Carlos Drummond de Andrade em um poema antológico foi capaz de definir em um único verso, um atributo do tédio; esse sentimento mortal, que se

descuidarmos pode tomar conta de nós.
e) Nosso admirável poeta Carlos Drummond de Andrade, em um poema antológico foi capaz, de definir em um único verso, um atributo do tédio, esse sentimento mortal que, se descuidarmos pode tomar conta de nós.

15. (AFTN) Indique o trecho que apresenta erro quanto ao emprego dos sinais de pontuação.
a) "Interferências demagógicas de governos, levaram o Sistema Brasileiro de Habitação à falência em que hoje se encontra". (*Folha de São Paulo*, 05/10/1989, p. A-4.)
b) "Mas a disputa pelos direitos do livro – a ser editado no Brasil, evidentemente, pela Marco Zero, da qual Márcio de Souza é diretor – apenas começou". (*Leia*, agosto / 1989, p. 14.)
c) "O convite veio de Jofre Rodrigues, sócio principal da produtora J. N. Filmes. Assim que a notícia foi divulgada na Europa, editoras alemãs, francesas e americanas começaram a assediar o agente literário Thomas Colchio, que responde pelo escritor brasileiro na França". (*Leia*, agosto / 1994, p. 14.)
d) "Ao lado da disputa pelos direitos de filmagem da vida do líder seringueiro Chico Mendes, arma-se uma outra briga: o alvo, agora, é o argumento do filme, que será escrito pelo romancista amazonense Márcio de Souza". (*Leia*, agosto / 1994, p. 14.)
e) "O bom humor voltou à vida de Arraes depois do encontro com Brizola na semana passada. Exatamente o que conversaram os dois políticos ninguém sabe". (*Folha de São Paulo*, 5/10/1989, p. A-4.)

16. (TRF-2ª Região – FCC) A pontuação está plenamente adequada na frase:
a) O cronista, diante da possibilidade de habitar uma ilha, enumera uma série de argumentos que, a princípio, desqualificariam as supostas vantagens de um insulamento, mas, ao fim e ao cabo, convence-se de que está na ilha a última chance de desfrutarmos nossa liberdade.
b) O cronista diante da possibilidade, de habitar uma ilha, enumera uma série de argumentos, que a princípio desqualificariam as supostas vantagens de um insulamento, mas ao fim e ao cabo, convence-se de que está na ilha a última chance de desfrutarmos nossa liberdade.
c) O cronista diante da possibilidade de habitar uma ilha enumera uma série de argumentos, que a princípio, desqualificariam as supostas vantagens de um insulamento; mas ao fim e ao cabo convence-se, de que está na ilha a última chance de desfrutarmos nossa liberdade.
d) O cronista, diante da possibilidade de habitar uma ilha enumera uma série de argumentos, que a princípio, desqualificariam as supostas vantagens de um insulamento mas, ao fim e ao cabo convence-se de que está na ilha, a última chance de desfrutarmos nossa liberdade.
e) O cronista, diante da possibilidade de habitar uma ilha enumera uma série de argumentos que a princípio, desqualificariam as supostas vantagens de um insulamento; mas ao fim e ao cabo, convence-se de que, está na ilha, a última chance de desfrutarmos

nossa liberdade.

17. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) A supressão das vírgulas altera o sentido da seguinte frase:
a) Meninos de rua são, quase sempre, vistos como párias sociais, e não como vítimas.
b) Saber que, felizmente, há instituições como o SAID é motivo para alento e renovação de esperanças.
c) Não há, hoje em dia, quem possa alegar desconhecimento da situação dos jovens viciados.
d) Aqui e ali, podemos nos deparar com o trágico quadro de menores entregues ao destino das ruas.
e) Os menores de rua, que o vício das drogas arrebatou, demandam com urgência que os resgatemos desse inferno.

18. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – FCC) Está plenamente adequada a pontuação da seguinte frase:
a) Embora ansioso, por aposentar-se, o autor não parece convicto de que, o ócio lhe fará bem; tanto assim que vez ou outra imagina atividades, que passará a exercer.
b) Embora ansioso por aposentar-se o autor, não parece convicto, de que o ócio lhe fará bem, tanto assim que vez ou outra, imagina atividades que passará a exercer.
c) Embora ansioso por aposentar-se, o autor, não parece convicto de que o ócio lhe fará bem, tanto assim que, vez ou outra, imagina atividades, que passará a exercer.
d) Embora ansioso por aposentar-se, o autor não parece convicto de que o ócio lhe fará bem, tanto assim que, vez ou outra, imagina atividades que passará a exercer.
e) Embora ansioso, por aposentar-se, o autor não parece convicto de que o ócio lhe fará bem: tanto assim, que vez ou outra, imagina atividades que passará a exercer.

(AFTN) Nas questões 19 e 20, marque o texto em que os sinais de pontuação não foram usados corretamente.
19.
a) Denis de Rougemont tornou o Romance de Tristão e Isolda, datado do século XVII, como o "nascimento da paixão" no Ocidente.
b) Contra o casamento de interesse e contra a concepção cristã do casamento feliz por amor, a paixão é um estado amoroso que parece se alimentar da sua própria impossibilidade, encontrando a sua máxima realização no seu obstáculo supremo, que é a morte.
c) Rastreando os enigmas da paixão, contidos em Tristão e Isolda, Rougemont aponta as fontes do mito nas heresias de fundo maniqueístas, para as quais a morte, representa a passagem da Noite da matéria para o Dia luminoso do espírito.
d) Vivendo, no seu transporte febril, a promessa vigente de uma libertação dos limites da existência e da infelicidade do viver, os amantes, que se buscam e que se afastam, mais fiéis à própria paixão do que ao desejo da presença do outro, buscam transfigurar a morte em triunfo.

e) Implícito no código cortês da poesia trovadoresca, recorrente numa longa tradição literária, alimentado na ficção de massas (e dissipado do seu fundamento místico), o amor-paixão vigora em contradição com as normas sociais e a ortodoxia religiosa. (José Miguel Winsk; com adaptações)

20.
a) Uma das articulações clássicas da tradição marxista, a que junta a pobreza à dominação, se desfez nas sociedades desenvolvidas: cada vez mais se torna possível a satisfação das necessidades econômicas sem que as exigências políticas sejam atendidas.
b) Neste sentido, faz-se problemática a conceituação de progresso.
c) Mais complexas ainda, se tornam as definições sobre o conceito se pensarmos em um outro elemento, dificilmente presente nas reflexões tradicionais da filosofia política – a questão da felicidade.
d) Esta, juntamente com o tema da paixão, foi reduzida, na nossa tradição, ao domínio da subjetividade, do psicológico.
e) Propomo-nos a pensar a dimensão da paixão na política e tomamos, como ponto de partida, alguns artigos de Walter Benjamin (Kátia Muricy; com adaptações).

21. (Sefaz – SP – FCC) A pontuação está plenamente adequada na frase:
a) Aos que condenam a nostalgia argumentando, contra o passadismo, pode-se responder com a frase de um pensador: segundo o qual a saudade de tempos melhores, longe de ser reacionária, instiga-nos a esperar mais do presente.
b) Aos que condenam a nostalgia, argumentando contra o passadismo, pode-se responder, com a frase de um pensador, segundo o qual a saudade de tempos melhores longe de ser reacionária, instiga-nos a esperar mais do presente.
c) Aos que condenam a nostalgia argumentando contra o passadismo, pode-se responder com a frase, de um pensador, segundo o qual: a saudade de tempos melhores, longe de ser reacionária, instiga-nos a esperar mais do presente.
d) Aos que condenam a nostalgia argumentando contra o passadismo, pode-se responder com a frase de um pensador, segundo o qual a saudade de tempos melhores, longe de ser reacionária, instiga-nos a esperar mais do presente.
e) Aos que condenam a nostalgia, argumentando contra o passadismo pode-se responder com a frase de um pensador, segundo o qual, a saudade de tempos melhores, longe de ser reacionária instiga-nos a esperar mais do presente.

22. (TFC) Assinale o período corretamente pontuado.
a) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis, que, num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.
b) Os carros modernos, são feitos com chapas bastante flexíveis que, num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.
c) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis, que num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.

d) Os carros modernos são feitos, com chapas bastante flexíveis, que, num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.
e) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis que num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.

23. (TRT – 8R – FCC) Desconsiderada a sua organização em versos, a primeira estrofe da canção está corretamente pontuada em:
a) Quando eu me encontrava preso na cela de uma cadeia, foi que vi, pela primeira vez, as tais fotografias em que apareces: inteira. Porém, lá não estavas, nua e sim coberta de nuvens...
b) Quando eu me encontrava preso, na cela de uma cadeia foi que vi pela primeira vez, as tais fotografias, em que apareces inteira: porém, lá não estavas nua, e sim coberta de nuvens...
c) Quando eu me encontrava preso na cela de uma cadeia, foi que vi pela primeira vez as tais fotografias em que apareces inteira. Porém, lá não estavas nua e, sim, coberta de nuvens...
d) Quando eu me encontrava, preso na cela de uma cadeia, foi que vi pela primeira vez as tais fotografias em que apareces inteira, porém: lá não estavas nua e sim coberta de nuvens...
e) Quando eu me encontrava preso na cela, de uma cadeia, foi que vi pela primeira vez as tais fotografias em que apareces, inteira. Porém, lá, não estavas nua e sim, coberta de nuvens...

24. (Analista Judiciário – TRE-SP – FCC) Está inteiramente adequada a pontuação do seguinte período:
a) Em qualquer escalão do governo costuma haver mais cedo, ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado, por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança que ficam ao sabor, das conveniências políticas.
b) Em qualquer escalão, do governo, costuma haver mais cedo ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.
c) Em qualquer escalão do governo, costuma haver, mais cedo ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.
d) Em qualquer escalão do governo costuma haver, mais cedo ou mais tarde, atritos, entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso e o pessoal, indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.
e) Em qualquer escalão do governo costuma haver mais cedo, ou mais tarde atritos, entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado, por concurso, e o pessoal indicado, para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

25. (Técnico Judiciário – TRE-SP – FCC) Está inteiramente correta e adequada a pontuação da seguinte frase:

a) Mesmo nas obras modernistas que, por um motivo ou outro, parecem hoje datadas, pode-se reconhecer a importância que tiveram, na época, para a busca da liberdade de criação e expressão, conquista que Mário de Andrade não se cansou de acentuar.
b) Mesmo nas obras modernistas, que por um motivo, ou outro, parecem hoje datadas pode-se reconhecer a importância que tiveram na época, para a busca da liberdade de criação e expressão, conquista que Mário de Andrade não se cansou, de acentuar.
c) Mesmo nas obras modernistas, que por um motivo ou outro, parecem hoje datadas, pode-se reconhecer a importância que tiveram, na época, para a busca da liberdade de criação e expressão: conquista, que Mário de Andrade não se cansou de acentuar.
d) Mesmo nas obras modernistas que, por um motivo ou outro, parecem hoje datadas pode-se reconhecer, a importância que tiveram na época, para a busca da liberdade de criação e expressão, conquista que, Mário de Andrade, não se cansou de acentuar.
e) Mesmo nas obras modernistas que por um motivo ou outro, parecem hoje datadas, pode-se reconhecer a importância que tiveram, na época para a busca da liberdade de criação e expressão; conquista que Mário de Andrade não se cansou de acentuar.

26. (TTN) Assinale a alternativa que apresenta o emprego correto dos sinais de pontuação.
a) Na Suíça, delegados de 103 países, grande parte deles com as vestes africanas, determinaram a proibição total da caça aos elefantes. (Trechos da *Isto é / Senhor*, 25/10/1989.)
b) Na Suíça, delegados de 103 países, grande parte deles com suas vestes africanas, determinaram a proibição total, da caça aos elefantes.
c) Na Suíça delegados de 103 países, grande parte deles com suas vestes africanas determinaram a proibição total, da caça aos elefantes.
d) Na Suíça, delegados de 103 países, grande parte deles com suas vestes africanas determinaram a proibição, total da caça aos elefantes.
e) Na Suíça, delegados de 103 países grande parte deles com suas vestes africanas determinaram, a proibição total da caça aos elefantes.

27. (Técnico Judiciário – TRE-SP – FCC) ***Esta cidade que está acabando, que já acabou com a garoa, os bondes, o trem da Cantareira, as cantigas do Bexiga, Adoniran não a deixará acabar*...**
Mantendo-se, em linhas gerais, o sentido original, uma redação alternativa para a frase acima, em que se respeitam as regras de pontuação, é:
a) Adoniran não deixará acabar, a cidade que está acabando, e que já acabou com a garoa, os bondes, o trem da Cantareira, as cantigas do Bexiga...
b) Adoniran não deixará acabar a cidade, que está acabando e que já acabou, com a garoa, os bondes, o trem da Cantareira, as cantigas do Bexiga...
c) Adoniran, não deixará acabar a cidade, que está acabando – e que já acabou – com a garoa, os bondes, o trem da Cantareira, as cantigas do Bexiga...
d) Adoniran não deixará acabar a cidade que está acabando e que já acabou com a garoa, os bondes, o trem da Cantareira, as cantigas do Bexiga...

e) Adoniran, não deixará acabar a cidade que está acabando e que, já acabou, com a garoa, os bondes, o trem da Cantareira, as cantigas do Bexiga...

28. (TRE – AL – FCC) A pontuação está inteiramente adequada na frase:
a) Será preciso, talvez, redefinir a infância já que as crianças de hoje, ao que tudo indica nada mais têm a ver com as de ontem.
b) Será preciso, talvez redefinir a infância: já que as crianças, de hoje, ao que tudo indica nada têm a ver, com as de ontem.
c) Será preciso, talvez: redefinir a infância, já que as crianças de hoje ao que tudo indica, nada têm a ver com as de ontem.
d) Será preciso, talvez redefinir a infância? – já que as crianças de hoje ao que tudo indica, nada têm a ver com as de ontem.
e) Será preciso, talvez, redefinir a infância, já que as crianças de hoje, ao que tudo indica, nada têm a ver com as de ontem.

29. (TTN) Marque o texto onde ocorre <u>erro</u> de pontuação.
a) Os estabelecimentos fundados por portugueses, lá pelos anos de 1618, começavam no Pará, quase sob o Equador, e terminavam em Cananeia, além do trópico.
b) Entre uma e outra capitania havia longos espaços desertos, de dezenas de léguas de extensão. A população de língua europeia, cabia folgadamente em cinco algarismos.
c) A camada ínfima da população era formada por escravos, filhos da terra, africanos ou seus descendentes.
d) Os filhos da terra eram menos numerosos pela pouca densidade originária da população indígena, pelos grandes êxodos que os afastaram da costa, pelas constantes epidemias que os dizimaram, pelos embaraços, nem sempre inúteis, opostos ao seu escravizamento.
e) Acima desta população, sem terra e sem liberdade, seguiam-se os portugueses de nascimento ou origem, sem terra, porém livres: feitores, mestres de açúcar, oficiais mecânicos, vivendo dos seus salários ou do feitio de obras encomendadas. (Capistrano de Abreu, com adaptações.)

30. (TTN) Indique o trecho em que os sinais de pontuação estão bem empregados.
a) O principal dado da pesquisa do DataFolha sobre a sucessão presidencial, publicada ontem, é o fato de que, pela primeira vez desde abril, os números indicam que haverá um segundo turno.
b) O principal dado, da pesquisa do DataFolha, sobre a sucessão presidencial, publicada ontem, é o fato de que pela primeira vez, desde abril, os números indicam que haverá um segundo turno.
c) O principal dado da pesquisa do DataFolha sobre a sucessão presidencial publicada ontem, é o fato de, que pela primeira vez, desde abril, os números indicam que haverá um segundo turno.
d) O principal dado da pesquisa do DataFolha, sobre a sucessão presidencial, publicada ontem é o fato de, que pela primeira vez, desde abril, os números indicam que haverá um

segundo turno.
e) O principal dado da pesquisa do DataFolha sobre a sucessão presidencial publicada, ontem, é o fato de que pela primeira vez, desde abril os números indicam que haverá um segundo turno.

(AFTN) Nos textos apresentados nas questões 31 e 32, marque o período em que ocorre erro de pontuação.

31.
a) Em todas as culturas, o processo pelo qual a lei geral suplanta a lei particular, faz-se acompanhar de crises mais ou menos graves e prolongadas, que podem afetar, profundamente, a estrutura da sociedade. (Sérgio Buarque de Holanda, com adaptações.)
b) Ninguém exprimiu, com mais intensidade, a oposição e mesmo a incompatibilidade fundamental entre o Estado e a família do que Sófocles.
c) Creonte encarna a noção abstrata, impessoal da Cidade em luta contra essa realidade concreta e tangível que é a família.
d) Antígona, sepultando Polinice contra as ordenações do Estado, atrai sobre si a cólera do irmão, que não age em nome de sua vontade pessoal, mas da suposta vontade geral dos cidadãos.
e) O conflito entre Antígona e Creonte é de todas as épocas, e preserva-se sua veemência ainda em nossos dias.

32.
a) No período colonial, haverá forçosamente de ocupar-se de sujeitos e obras de escasso ou até nenhum valor literário, como são quase todas as dessa época. (José Veríssimo, com adaptações.)
b) Por um mau patriotismo, sentimento funesto a toda a história, que necessariamente vicia, e também por vaidade da erudição, presumiram os nossos historiadores literários avultar e valorizar o seu assunto, ou o seu próprio conhecimento dele, com fartos róis de autores e obras, acompanhados de elogios desmarcados e impertinentes qualificativos.
c) Não obstante o pregão patriótico, tais nomes e obras continuaram desconhecidos, eles e elas não lidos.
d) Igualmente não desejo continuar a fazer da história da nossa literatura um cemitério, enchendo-o de autores de todo mortos, alguns ao nascer.
e) Não quero cair no mesmo engano e supor que a crítica ou história literária, têm faculdades para dar vida e mérito ao que de si não tem.

33. (AFTE – RN – Esaf) Marque a versão do fragmento de texto de Delfim Netto (em *Carta Capital*) que está em desacordo com as normas de emprego dos sinais de pontuação.
a) É um pesadelo a Ata da última reunião do Conselho de Política Monetária (Copom)! O parágrafo 26 lembra que as metas inflacionárias são fixadas pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) e que, ao BC, resta cumpri-las. Estabelecido esse *hedge*, o "ambiente"

da ata é de um radicalismo absoluto: obedecê-las, custe o que custar!
b) É um pesadelo a Ata da última reunião do Conselho de Política Monetária (Copom): o parágrafo 26 lembra que as metas inflacionárias são fixadas pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) e que, ao BC, resta cumpri-las. Estabelecido esse *hedge*, o "ambiente" da ata é de um radicalismo absoluto: obedecê-las, custe o que custar!
c) É um pesadelo a Ata da última reunião do Conselho de Política Monetária (Copom). O parágrafo 26 lembra que as metas inflacionárias são fixadas pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) e que, ao BC, resta cumpri-las. Estabelecido esse *hedge*, o "ambiente" da ata é de um radicalismo absoluto: obedecê-las, custe o que custar!
d) É um pesadelo a Ata da última reunião do Conselho de Política Monetária (Copom)! O parágrafo 26 lembra que, as metas inflacionárias são fixadas pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) e que, ao BC, resta cumpri-las. Estabelecido esse *hedge*, o "ambiente" da ata é de um radicalismo absoluto: obedecê-las, custe o que custar!
e) É um pesadelo a Ata da última reunião do Conselho de Política Monetária (Copom)! O parágrafo 26 lembra que as metas inflacionárias são fixadas pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) e que, ao BC, resta cumpri-las. Estabelecido esse *hedge*, o "ambiente" da ata é de um radicalismo absoluto. Obedecê-las, custe o que custar!

34. (Fiscal ICMS-RJ – FGV) ***O risco não vem de alguma ameaça cósmica – o choque de algum meteoro ou asteroide rasante – nem de algum cataclismo natural produzido pela própria Terra – um terremoto sem proporções ou algum deslocamento fenomenal de placas tectônicas*****.**
Assinale a alternativa que apresente a função correta dos travessões empregados no fragmento acima:
a) Destacar o argumento que constitui a informação mais relevante do período.
b) Introduzir discurso direto, indicando a mudança de interlocutor.
c) Isolar informação aposta que exemplifica o enunciado anterior.
d) Marcar a aceleração da voz na melodia típica das orações restritivas.
e) Assinalar a pausa máxima da voz numa entoação ascendente.

35. (Comissário da Justiça da Criança e da Juventude – NCE)
Governo
Creio no governo pelo povo; creio, porém, que o governo do povo tem uma base de sua legitimidade na cultura da inteligência nacional pelo desenvolvimento nacional do ensino, no qual as maiores liberalidades do Tesouro substituirão sempre o mais reprodutivo emprego da riqueza pública...
(Rui Barbosa)
As vírgulas que separam a conjunção porém se devem:
a) ao deslocamento da conjunção para o meio da frase;
b) à necessidade de destacar uma ideia essencial ao texto;
c) ao fato de uma conjunção adversativa vir sempre entre vírgulas;
d) à presença de um sujeito posposto;
e) a uma característica estilística de Rui Barbosa.

36. (TRT – 9a Região – NCE) Observe o uso das vírgulas em "Sabe-se que o governo, para enfrentar a crise, adotará uma pluralidade de medidas". A justificativa para o emprego de vírgulas neste exemplo é a mesma válida para a opção:
a) "... com a qual se pretende conferir a tais medidas, por maldosas que sejam, um atestado de bom comportamento".
b) "Nos últimos anos, substituiu-se o 'em desenvolvimento' por 'emergente', palavra que igualmente se opõe ao 'sub'."
c) "O terceiro, 'conjunto de medidas' em lugar de 'pacote', fala exclusivamente à sensibilidade brasileira (...)".
d) "O que isso tudo quer dizer é que quando é difícil modificar a sociedade, ou o governo, modifica-se a linguagem".
e) "'Excluído', dirá o leitor, tem um sentido diverso".

37. (Auditor – Sefaz-RJ – FGV) ***Porém, sofrendo o Brasil os influxos de modelos legislativos estrangeiros, assim como estando as matrizes das empresas transnacionais que aqui operam sujeitas às normas de seus países de origem, não tardará para que as práticas que envolvem o criminal compliance sejam estendidas a diversos outros segmentos da economia.***
Assinale a alternativa em que a alteração do período acima tenha mantido adequação quanto ao seu sentido original e correção quanto à pontuação.
a) Sofrendo o Brasil, no entanto, os influxos de modelos legislativos estrangeiros – assim como estando as matrizes das empresas transnacionais que aqui operam sujeitas às normas de seus países de origem –, não tardará para que as práticas que envolvem o *criminal compliance* sejam estendidas a diversos outros segmentos da economia.
b) Entretanto, sofrendo o Brasil os influxos de modelos legislativos estrangeiros, – assim como estando as matrizes das empresas transnacionais que aqui operam sujeitas às normas de seus países de origem – não tardará para que as práticas que envolvem o *criminal compliance* sejam estendidas a diversos outros segmentos da economia.
c) Sofrendo, contudo, o Brasil os influxos de modelos legislativos estrangeiros – assim como estando as matrizes das empresas transnacionais que aqui operam sujeitas às normas de seus países de origem – não tardará para que as práticas que envolvem o *criminal compliance* sejam estendidas a diversos outros segmentos da economia.
d) Todavia, sofrendo o Brasil os influxos de modelos legislativos estrangeiros, – assim como estando as atrizes das empresas transnacionais que aqui operam sujeitas às normas de seus países de origem –, não tardará para que as práticas que envolvem o *criminal compliance* sejam estendidas a diversos outros segmentos da economia.
e) Contudo, sofrendo o Brasil os influxos de modelos legislativos estrangeiros – assim como estando as matrizes das empresas transnacionais que aqui operam sujeitas às normas de seus países de origem, não tardará para que as práticas que envolvem o *criminal compliance* sejam estendidas a diversos outros segmentos da economia.

38. (AFC – Esaf) Assinale o diagnóstico correto acerca do emprego das vírgulas no

trecho seguinte.
A nova disciplina das sociedades limitadas, está presente no Código Civil de 2002, que inovou em relação ao diploma anterior e tratou de matéria de cunho eminentemente comercial, revogando, assim, neste aspecto, o vetusto Código Comercial que datava do século passado.
a) O trecho está corretamente pontuado: não sobram nem faltam vírgulas.
b) O erro de pontuação está no mau emprego da vírgula colocada após a palavra "limitadas". Sendo ela eliminada, o trecho torna-se gramaticalmente correto.
c) Para o trecho ficar corretamente pontuado, é preciso eliminar a vírgula colocada após a palavra "limitadas" e inserir uma vírgula após a palavra "comercial".
d) Há três erros de pontuação: ausência de vírgula após a palavra "presente", presença da vírgula depois de "2002" e presença da vírgula depois da palavra "revogando".
e) Basta uma vírgula isolando a oração adjetiva explicativa "que datava do século passado" para o trecho ficar corretamente pontuado.

39. (TRF – 4ª Região – FCC) Há <u>incorreções</u> na pontuação da seguinte frase:
a) A tarefa tem de ser levada a termo, apesar da dimensão dela; caso contrário, as crianças e os adolescentes infratores poderão tornar-se criminosos reincidentes.
b) Por mais precária que seja, a estrutura familiar, afastar dela um jovem, não é melhor do que interná-lo, no sistema atual da Febem.
c) Restituir o sistema da Febem a um estado operacional é medida emergencial a ser tomada pelo Estado, numa primeira linha de atuação.
d) As ações adotadas pelo governador, a partir da rebelião de outubro de 1999, não surtiram o efeito pretendido, em vista da que acaba de ocorrer.
e) Apesar de a construção de unidades mais funcionais ser uma boa medida, o prazo estipulado para a realização das obras não atende, de modo algum, à emergência da situação.

40. (TRT – 24ª Região – FCC) Modificando-se a ordem interna de frases do texto, a pontuação estará correta em:
a) Poderíamos lembrar recuando no tempo, que na África do Sul, o regime do *apartheid* representou um manifesto escárnio contra a Declaração dos Direitos Humanos.
b) Que tal informação não é improcedente por sua própria experiência, qualquer cidadão pode verificar.
c) No Brasil, costuma-se dizer, que há leis que "pegam" e leis que "não pegam".
d) Como deixar de reconhecer, a partir de então, que já "não pega" a arbitragem da própria Organização das Nações Unidas?
e) A contrapelo das decisões da ONU se deu a invasão do Iraque: mas confiná-la, aos limites do território nacional, talvez seja injusto.

41. (Analista Judiciário – TRE-PE – FCC) Está plenamente adequada a pontuação da frase:
a) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo tentar justificar, suas ações pela

pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
b) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho; pois os velhos jornalistas igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
c) Não cabe aos jovens, ao menos, os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois, os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
d) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
e) Não cabe aos jovens, ao menos, os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados não costumavam abdicar, dos princípios éticos.

42. (Técnico Judiciário – TRE-RN – FCC)
Eu enfrentava os batalhões
Os alemães e seus canhões
Guardava o meu bodoque
E ensaiava um rock
Para as matinês
Os versos acima estão corretamente pontuados em:
a) Eu enfrentava, os batalhões – os alemães e seus canhões –, guardava o meu bodoque e ensaiava um rock: para as matinês.
b) Eu enfrentava, os batalhões, os alemães e seus canhões. Guardava o meu bodoque e ensaiava um rock, para as matinês.
c) Eu enfrentava: os batalhões, os alemães e seus canhões – guardava o meu bodoque e ensaiava, um rock para as matinês.
d) Eu enfrentava os batalhões; os alemães e seus canhões: guardava o meu bodoque e ensaiava um rock – para as matinês.
e) Eu enfrentava os batalhões, os alemães e seus canhões; guardava o meu bodoque e ensaiava um rock para as matinês.

43. (TRF – 5ª Região – Fundec) Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:
a) De acordo com Marilena Chauí – a autora do texto –, é preciso desconfiar das afirmações que, aparentemente óbvias, não resistem a uma análise mais concreta e mais rigorosa.
b) De acordo com Marilena Chauí, a autora do texto: é preciso desconfiar das afirmações que aparentemente óbvias, não resistem a uma análise, mais concreta e mais rigorosa.
c) De acordo com Marilena Chauí, a autora do texto; é preciso: desconfiar das afirmações que, aparentemente óbvias não resistem, a uma análise mais concreta, e mais rigorosa.
d) De acordo com Marilena Chauí, a autora do texto, é preciso desconfiar, das

afirmações, que aparentemente óbvias não resistem a uma análise, mais concreta e mais rigorosa.
e) De acordo com Marilena Chauí, – a autora do texto – é preciso desconfiar das afirmações, que, aparentemente óbvias não resistem a uma análise mais concreta e, mais rigorosa.

44. (AFRF – Esaf) Marque o trecho com pontuação correta.
a) Com efeito pareceu, a Nabuco, que carecendo o Brasil, como os demais países do continente, de um desenho institucional capaz de lhe conferir a consistência que ele, ainda, não podia extrair de sua invertebrada sociedade havia sido a Monarquia, que permitira a construção do Estado de direito no Brasil.
b) Com efeito pareceu a Nabuco que carecendo o Brasil (como os demais países do continente), de um desenho institucional capaz de lhe conferir a consistência, que ele ainda não podia extrair de sua invertebrada sociedade, havia sido a Monarquia que permitira a construção do Estado de direito no Brasil.
c) Com efeito, pareceu a Nabuco que, carecendo o Brasil, como os demais países do continente, de um desenho institucional capaz de lhe conferir a consistência que ele ainda não podia extrair de sua invertebrada sociedade, havia sido a Monarquia que permitira a construção do Estado de direito no Brasil.
d) Com efeito, pareceu a Nabuco, que carecendo o Brasil, como os demais países do continente, de um desenho institucional, capaz de lhe conferir a consistência, que ele ainda não podia extrair de sua invertebrada sociedade, havia sido a Monarquia, que permitira a construção do Estado de direito no Brasil.
e) Com efeito: pareceu a Nabuco que, carecendo o Brasil – como os demais países do continente – de um desenho institucional, capaz de lhe conferir a consistência, que ele ainda não podia extrair de sua invertebrada sociedade havia sido a Monarquia, que permitira a construção do Estado de direito no Brasil. *(Christian Edward Cyril Lynch, "O Império é que era a República: a monarquia republicana de Joaquim Nabuco". Lua Nova: Revista de Cultura e Política, nº 85, 2012)*

45. (TRT – 5ª Região – Fundec) Está inteiramente adequada a pontuação do seguinte período:
a) Poucos imaginam entre os turistas estrangeiros: que assistindo ao desfile carnavalesco estão presenciando um espetáculo – cuja euforia se assenta, sobre regras bem estabelecidas.
b) Poucos imaginam, entre os turistas estrangeiros, que, assistindo ao desfile carnavalesco, estão presenciando um espetáculo cuja euforia se assenta sobre regras bem estabelecidas.
c) Poucos imaginam, entre os turistas estrangeiros, que assistindo ao desfile carnavalesco, estão presenciando um espetáculo cuja euforia, se assenta sobre regras bem estabelecidas.
d) Poucos imaginam – entre os turistas estrangeiros – que assistindo ao desfile carnavalesco estão presenciando um espetáculo cuja euforia, se assenta sobre regras

bem estabelecidas.
e) Poucos imaginam entre os turistas estrangeiros que, assistindo ao desfile carnavalesco estão, presenciando, um espetáculo cuja euforia se assenta: sobre regras bem estabelecidas.

46. (INSS – Esaf) Assinale a opção incorreta quanto ao emprego dos sinais de pontuação.
a) O governo conseguiu uma vitória importante na área dos acidentes de trabalho: o Programa Nacional de Redução dos Acidentes Fatais do Trabalho reduziu em 34,27% o número de mortes entre 1999 e 2001.
b) Os ministros comemoraram a redução que só foi possível, devido à ação integrada desenvolvida pelo governo, e amparada no engajamento de toda a sociedade.
c) O governo continuará agindo para reduzir ainda mais o número de acidentes e de mortes. Um decreto já encaminhado para exame do Presidente da República, por exemplo, reclassifica os 593 setores da economia de acordo com o grau de risco que oferecem aos trabalhadores.
d) Hoje as empresas contribuem com alíquotas de 1% a 3% sobre a folha de salários para o custeio do acidente de trabalho, de acordo com a atividade que desenvolvem.
e) Ao analisar os dados dos últimos quatro anos, a Previdência constatou que muitos segmentos estão classificados erradamente, ou seja, são responsáveis por um grande número de acidentes, mas estão listados, por exemplo, na área de menor risco, com alíquota mínima.
(*O Estado de S. Paulo*.)

Nas questões 47 e 48 (MPU – Esaf), baseadas em Machado de Assis, assinale o item em que uma das sentenças não foi pontuada corretamente.
47.
a) Longa foi a agonia, longa e cruel, de uma crueldade minuciosa, fria, repisada, que me encheu de dor e estupefação. / Longa foi a agonia, longa e cruel, de uma crueldade minuciosa e fria, repisada, que me encheu de dor e estupefação.
b) Conhecia a morte de oitiva; quando muito, tinha-a visto já petrificada no rosto de algum cadáver, que acompanhei ao cemitério. / Conhecia a morte de oitiva, quando muito; tinha-a visto já petrificada no rosto de algum cadáver, que acompanhei ao cemitério.
c) Às vezes caçava, outras dormia, outras lia, lia muito, outras enfim não fazia nada. / Às vezes caçava; outras dormia, outras lia, lia muito, outras, enfim, não fazia nada.
d) Fiquei prostrado. E contudo era eu, nesse tempo, um fiel compêndio de trivialidade e presunção. / Fiquei prostrado. E, contudo, era eu, nesse tempo, um fiel compêndio de trivialidade e presunção.
e) Talvez espante ao leitor, a franqueza com que lhe exponho e realço a minha mediocridade; advirta que a franqueza é a primeira virtude de um defunto. / Talvez espante ao leitor a franqueza com que lhe exponho e realço a minha mediocridade; advirta que a franqueza é a primeira virtude de um defunto.

48.
a) Assim eu, Brás Cubas, descobri uma lei sublime, a lei da equivalência das janelas, e estabeleci que o modo de compensar uma janela fechada, é abrir outra. / Assim eu, Brás Cubas, descobri uma lei sublime, a lei da equivalência das janelas, e estabeleci que o modo de compensar uma janela fechada é abrir outra.
b) Este ar não é só puro. É balsâmico; é uma transpiração dos eternos jardins. / Este ar não é só puro. É balsâmico, é uma transpiração dos eternos jardins.
c) Vi, claramente vista, a meia dobra da véspera, redonda, brilhante, multiplicando-se por si mesma por dez. / Vi, claramente vista, a meia dobra da véspera, redonda, brilhante, multiplicando-se, por si mesma, por dez.
d) Fizeste bem, Cubas; andaste perfeitamente. / Fizeste bem, Cubas. Andaste perfeitamente.
e) E eu espraiava todo o meu ser na contemplação daquele ato, revia-me nele, achava-me bom, talvez, grande. / E eu espraiava todo o meu ser na contemplação daquele ato, revia-me nele, achava-me bom, talvez grande.

49. (IRB – Esaf) Os trechos abaixo constituem um texto. Assinale a opção que apresenta erro no emprego dos sinais de pontuação.
a) No Brasil, mesmo depois da Proclamação da República, o Estado continuou sendo um organização nacional frágil, com baixa capacidade de incorporação social e mobilização política interna, e sem vontade ou pretensões expansivas.
b) Do ponto de vista estritamente econômico, foi uma economia "primário-exportadora", até a crise mundial de 1930, seguindo uma trajetória de crescimento e modernização restrita a suas atividades ligadas à exportação e submetendo-se quase que inteiramente, às regras e políticas liberais impostas pelo padrão-ouro.
c) Essa forma de inserção econômica internacional permitiu que o Brasil crescesse até os anos 30, graças à complementaridade entre a sua economia e a economia mundial.
d) Cresceu, sobretudo, devido à integração do País com as finanças inglesas, o que permitiu que o país obtivesse o financiamento externo indispensável para evitar crises mais agudas no balanço de pagamentos.
e) Essa primeira experiência liberal de desenvolvimento demonstrou ter um limite crônico de "restrição externa", que era trazido pelos seus problemas de balanço de pagamentos e pela fragilidade da sua moeda.
(Adaptado de José Luís Fiori, *Brasil: Inserção Mundial e Desenvolvimento*.)

50. (TRF) Assinale a opção em que o texto foi transcrito com erro no emprego dos sinais de pontuação.
a) Em célebre artigo, Keynes ironizou a ideia de que a busca do interesse privado levaria necessariamente ao bem-estar coletivo: "Não é uma dedução correta dos princípios da teoria econômica afirmar que o egoísmo esclarecido leva sempre ao interesse público. Nem é verdade que o autointeresse é, em geral, esclarecido".
b) O "amor ao dinheiro" é o sentimento que domina o indivíduo na economia mercantil-capitalista. Objeto do desejo, o dinheiro é também o refúgio para conter a incontornável

incerteza quanto ao futuro.
c) Nos momentos em que o medo do futuro é superado pelo otimismo quanto aos resultados dos novos empreendimentos, os espíritos animais atropelam qualquer cálculo racional e produzem nova riqueza e novas fontes de trabalho.
d) Mas o sucesso não aplaca senão, excita o desejo suscitando a febre de investimentos excessivos e mal dirigidos – bolhas especulativas nos mercados de ações; tudo isso, apoiado no endividamento imprudente.
e) Na reversão da exuberância irracional, o medo do futuro vai predominar. A busca obsessiva e irracional pela riqueza concentra-se, então, na posse do dinheiro em si (ou substitutos próximos, como os títulos da dívida pública) como riqueza inerte.
(Luiz Gonzaga Belluzzo, com modificações.)

Capítulo 25

Crase

A crase indica a união de sons idênticos. Um tipo de crase é demarcado pelo acento grave: a junção de ***A*** (preposição) + ***A*** (quase sempre artigo). Logo, se temos um artigo ***A*** ou ***AS,*** evidencia-se a ocorrência de um termo que admite a presença deles. Por este motivo, nunca poderá haver crase antes de verbo, pronomes pessoais ou quaisquer outras palavras que impossibilitem a utilização do artigo.

Há três regras básicas que precisam ser compreendidas por todos aqueles que queiram utilizar corretamente o acento grave.

25.1. Primeira regra básica

Se substituirmos o substantivo feminino por um substantivo masculino e o termo que preceder este substantivo alterar-se de A para AO , fica clara a ocorrência da crase.

Ex.: Entregamos a carta a professora.

Entregamos o dinheiro ao professor.

→ Percebemos que antes do primeiro substantivo (carta-dinheiro) só há o artigo, pois passamos de A para O, então não devendo haver crase neste caso. No entanto, antes do segundo substantivo (professora-professor), o termo passou de A para AO, o que caracteriza a existência tanto da preposição quanto do artigo, consequentemente formalizando a crase. Portanto, a frase correta seria:

"Entregamos a carta à professora".

25.2. Segunda regra básica

Quando houver verbos que derem ideia de locomoção, não se deve aplicar aquela primeira regra básica. O procedimento mais adequado para este caso é o de transformar a frase "ir a", "locomover-se a", "dirigir-se a", por "volto". Aparecendo depois deste verbo a palavra "de", não há crase; aparecendo "da", há crase.

Ex.: Fui a Copacabana.

Fui à Urca.

→ Em "Fui a Copacabana", não há crase porque eu substituo por "volto de Copacabana"; no entanto, em "fui a Urca", substituo por "volto da Urca", caracterizando o uso da crase. Portanto, o correto seria "Vou à Urca".

"Vamos à missa?" (Fernando Sabino). // Eu volto da missa.

"Já o leitor compreendeu que era a Razão que voltava a casa" (Machado de Assis). // Voltava de casa.

"Antes de ir à casa do Conselheiro Dutra..." (Machado de Assis). // Volta da casa do Conselheiro Dutra.

25.3. Terceira regra básica

Pode haver também a utilização do acento grave, quando se junta a preposição A aos pronomes demonstrativos AQUILO, AQUELE, AQUELES, AQUELA e AQUELAS.

A dica para discernir se há crase ou não antes destes pronomes demonstrativos é substituí-los por outros pronomes demonstrativos (isto, este, estes, esta, estas, isso, esse, esses, essa, essas). Caso apareça a preposição A, revela-se a necessidade da crase; caso contrário, a crase não existirá.

Ex.: Eu me referi aquilo. (Eu me referi a isso)

→ Na substituição, apareceu a preposição, Logo, há a crase. O certo é: "Eu me referi àquilo".

Vendi aqueles biscoitos. (Vendi estes biscoitos)

→ Na substituição não apareceu a preposição. Então não há a crase e a frase já está correta.

Aquele lugar eu não vou. (A este lugar não vou)

→ Na substituição apareceu a preposição. Portanto, há a crase. O certo é: "Àquele lugar eu não vou".

Aquele livro eu não li. (Este livro eu não li)

→ Na substituição não apareceu a preposição, portanto não há a crase e a frase já está correta.

"Que importa àquele a quem já nada importa" (Fernando Pessoa).

25.4. Casos Especiais

1) Nunca haverá crase antes da palavra terra, quando esta significar terra firme, solo, chão.

Ex.: Depois de dois meses no mar, voltei a terra.

→ Não houve crase nesta frase, pois a palavra terra aí significa terra firme.

2) As locuções adverbiais, prepositivas e conjuntivas centradas em elementos femininos possuem acento grave: à toda, à tona, à janela, à beça, à direita (ou à esquerda), à solta, à vontade, às claras, às vezes, às custas de, à força, à uma, à procura, à cata, à mesa, às segundas, à medida que, à proporção que, à beira de, à mercê de, à toa, às escondidas...

Ex.: "E esta palavra não vinha à toa" (Machado de Assis).

"Já viste às vezes, quando o sol de Maio" (Castro Alves).

Obs.: Evanildo Bechara aduz que locuções adverbiais femininas regidas de preposição A, por motivo de clareza, devem ocorrer com acento grave.

Ex.: Fiz o teste a caneta.

Segundo Bechara, o A possui acento grave, mesmo inexistindo a crase.

No concurso do Banco de Brasil de São Paulo (Cespe-UnB-2002), tal questionamento foi feito – preencher à máquina – e, por fim, o item acabou anulado.

Obs.: A expressão "à luz" em "dar à luz" possui acento grave, pois se trata de um mero objeto indireto.

Ex.: Dar um bebê à luz (ao mundo).

3) Utilização de crase com palavra implícita.

Ex.: Ele se veste à (moda de) Luís XV.

Ele foi à (indústria) Fiat.

4) Antes de hora:

a) hora do relógio – usa-se a crase;

Ex.: Ele chegou às duas e quinze. Ele chegou à uma. Ele virá às três.

Ex.: "... às oito horas, o diretor aparecia a uma porta..." (Raul Pompeia).

b) tempo passado – usa-se o verbo "haver";

Ex.: Ele chegou há uma hora atrás. Ele já chegou há quinze minutos.

c) tempo futuro – usa-se a preposição ***A***.

Ex.: Ele chegará daqui a dez minutos.

5) O verbo PREFERIR pressupõe a ideia de que, numa comparação, um elemento é o escolhido e outro, preterido. Sendo assim, este verbo não admite a presença de MAIS ou MENOS. Outro aspecto interessante a ser observado é a impossibilidade de reger com a expressão DO QUE, tornando-se obrigatório o uso da preposição A. Por fim, como já se informara, dois seres são comparados, então a coerência gramatical exige a utilização do mesmo critério. Se o primeiro estiver acompanhado de artigo, o segundo também o será. Caso contrário, nenhum deles estará precedido de artigo.

Ex.: Prefiro televisão a rádio.
Prefiro a televisão ao rádio.
Prefiro rádio a televisão.
Prefiro o rádio à televisão.

6) Este caso é deveras parecido com o anterior, diferençando-se apenas pelo fato de não mais tratar-se de comparação, mas sim de designar o limite mínimo e o máximo da duração de um tempo. Destarte, se no limite mínimo ocorrer o artigo, no máximo também existirá; caso contrário, ambos não serão precedidos de artigo.

Observe: "Trabalho de domingo a sábado".

→ Antes do termo DOMINGO há apenas a ocorrência da preposição DE, por isso apenas a ocorrência da preposição A antes do termo sábado.

"Trabalho do domingo ao sábado".

→ Antes do termo DOMINGO há a ocorrência da contração da preposição DE com o artigo O, sendo assim antes do termo sábado a ocorrência do artigo se faz necessária.

"Trabalho de segunda a sexta".

→ Não há artigo antes de SEGUNDA e SEXTA, somente as preposições DE e A.

"Trabalho da segunda à sexta".

→ Há o artigo antes de ambos os termos, daí a explicação da existência da crase.

"Trabalho de duas a oito horas".

→ Não há artigo antes de duas nem antes de oito.

"Trabalho das duas às oito horas".

Há artigo contraído com a preposição antes de duas e antes de oito, justificando assim a ocorrência do acento grave.

Obs.: É importante também esclarecer que estes dois últimos exemplos aludidos possuem valores semânticos diferentes. Em "Trabalho de duas a oito horas", o significado da frase indica que o período mínimo de trabalho é de duas horas e o máximo de oito. Já em "Trabalho das duas às oito horas", o valor do período é de que o meu trabalho tem início impreterivelmente às duas e finaliza-se também impreterivelmente às oito horas.

7) O uso do artigo antes de pronome possessivo é facultativo.

Ex.: Pedi um favor a (ou ao) meu tio.
Pedi um favor a (ou à minha tia).
Pedi um favor a (ou às) minhas primas.

"Tu voltas à tua tribo" (José de Alencar).
Fui a (ou às) suas casas.
"... o susto que causaria a minha mãe fez rejeitá-la..." (Machado de Assis).

Obs.: Antes de pronome substantivo possessivo, o artigo torna-se obrigatório.
Ex.: Irei a(à) sua casa e você virá à minha.

→ O primeiro pronome possessivo tem valor adjetivo (determina o substantivo), por isso a crase é facultativa. Já o segundo é substantivo (substitui o substantivo), obrigando a presença do artigo, o que acaba por exigir a presença do acento grave.

8) Normalmente é facultativo o uso do artigo antes de substantivos no plural.
Ex.: Sou contrário a atos grosseiros.
Sou contrário aos atos grosseiros.
Sou contrário a ações grosseiras.
Sou contrário às ações grosseiras.

9) Não há crase antes de <u>Nossa Senhora</u> e nomes de santos (não podem possuir artigos).
Ex.: Fui a Santa Maria.
Pedi ajuda a Santa Edwiges.
Referi-me a Nossa Senhora.
Pedi um favor à santa.

10) Antes de Virgem Santíssima, pode haver crase.
Ex.: Sempre orei à Virgem Santíssima.

11) Não haverá crase entre termos idênticos.
Ex.: Cara a cara.
Olho a olho.
Boca a boca.

12) Utilização de crase antes de <u>qual</u>. Para que haja crase antes desta palavra é fundamental que a regência peça a preposição A e o termo antecedente seja um substantivo feminino.
Ex.: Esta foi a notícia à qual fiz referência.

→ Observe que "fazer referência" exige a preposição A e o termo antecedente do pronome relativo é um substantivo feminino.

Ex.: É linda a cidade à qual fui ontem.

Obs.: É importante esclarecer que neste caso não há ocorrência da contração de preposição com pronome relativo, mas sim da preposição A com a parte integrante do pronome relativo A (A QUAL).

13) Somente pode haver crase antes do ***que*** quando houver uma palavra implícita feminina e a regência exigir a preposição A.

Aludi a essa novela e à (novela) que acabou nesta semana.

Fui à Cidade Maravilhosa e à (cidade) que tu me recomendaste.

Obs.: Gramaticalmente, a existência deste caso de crase demarca a ocorrência do encontro da preposição A com o pronome demonstrativo A. A leitura dos exemplos acima também se poderia proceder da seguinte forma: "Aludi a essa novela e à (àquela) que acabou nesta semana". Fui à Cidade Maravilhosa e à (àquela) que tu recomendaste.

14) O artigo é facultativo antes de <u>África</u>, <u>Europa</u>, <u>Espanha</u>, <u>França</u>, <u>Holanda</u>, <u>Escócia</u> etc.

Ex.: Fui à (ou <u>a</u>) França.

– Volta da (ou <u>de</u>) França.

Quero ir à (ou <u>a</u>) Espanha.

– Volta da (ou <u>de</u>) Espanha.

Obs.: A forma sem artigo está em desuso.

15) Depois da preposição ATÉ, o uso da preposição A é facultativo.

Ex.: Fui até o (ou ao) Leblon. Fui até a (ou à) Urca.

"Desde a porta até ao fundo do quintal..." (Machado de Assis).

"Cambaleei até à pedra" (Raul Pompeia).

16) Antes de pronome de tratamento, não há artigo.

Ex.: Peço ajuda a Vossa Excelência.

Obs.: Os pronomes de tratamento SENHORA, SENHORITA, DAMA, DONA e MADAME admitem a presença de artigo. Haverá a crase se a regência exigir a preposição A.

Ex.: Eu vi a senhora (o senhor) ontem.

Peço um favor à senhora (ao senhor).

17) Em situações de paralelismo sintático, em que dois ou mais elementos estão complementando com preposição a ideia de um termo, há várias possibilidades de construção do período:

– pode utilizar-se somente a primeira preposição;

– pode utilizar-se somente a preposição antes de cada elemento;

– pode utilizar-se a preposição e o artigo antes apenas do primeiro elemento;

– pode utilizar-se a preposição e o artigo antes do todos os elementos.

Então são possíveis as seguintes construções:

Ex.: Estes materiais são destinados a alunos, professores e direção.

Estes materiais são destinados a alunos, a professores e a direção.

Estes materiais são destinados aos alunos, professores e direção.
Estes materiais são destinados aos alunos, aos professores e à direção.
"Esse encerramento em si mesmo deu-lhe não sei que ar de estranho a tudo, às competições, às ambições..." (Lima Barreto).
"... geralmente estranho à indústria pouco abstrata dos tecelões e à trama concreta das lançadeiras" (Raul Pompeia).

18) Antes de nome próprio, o uso do artigo é facultativo.
Ex.: Entreguei o material a (ao) João. // Entreguei o material a (à) Maria. // "Pery pediu, então, a (à) Cecy que escrevesse para Álvaro..." (José de Alencar).

25.5. Exercícios

1. (AFC – CGU – Esaf) No que diz respeito ao uso do sinal de crase, assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto abaixo.
Uma mera observação __(1)__olho nu já basta para constatar que parcela relevante do spread está ligada direta ou indiretamente, __(2)__ políticas públicas, sejam tributárias regulatórias ou de outra natureza. Parece, pois, difícil avançar na questão dos *spreads*, sem que tais políticas sejam, no mínimo, reavaliadas, obviamente não perdendo de vista os legítimos objetivos de cada uma delas. Por outro lado, o aumento da eficiência do sistema bancário é igualmente relevante para __(3)__ queda dos *spreads*. Isso sugere que "parte da bola", pelo menos, está com os bancos, públicos e privados, que devem se tornar cada vez mais eficientes nas funções de intermediários financeiros. Em suma, é necessário um permanente diálogo entre o setor bancário e o governo, com vistas __(4)__ implementação de medidas sustentáveis para redução de *spread*, objetivo que deve ser atingido sem ameaças __(5)__ estabilidade financeira. (Adaptado de Gustavo Loyola, Baixar "*spreads*" exige medidas sustentáveis. O Estado de São Paulo, 21 de abril de 2012)

	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
a)	à	às	a	à	à
b)	a	as	a	à	a
c)	a	às	a	à	à
d)	a	a	à	a	a
e)	à	a	à	a	à

2. (Administrador – Petrobras – Cesgranrio) A palavra a, na língua portuguesa, pode ser grafada de três formas distintas entre si, sem que a pronúncia se altere: a, à, há. No entanto, significado e classe gramatical dessas palavras variam.
A frase abaixo deverá sofrer algumas alterações nas palavras em destaque para adequar-se à norma-padrão.
A muito tempo não vejo a parte da minha família a qual foi deixada de herança a fazenda

a que todos devotavam grande afeto.
De acordo com a norma-padrão, a correção implicaria, respectivamente, esta sequência de palavras:
a) A – a – à – há – à
b) À – à – a – a – a
c) Há – a – à – a – a
d) Há – à – à – a – a
e) Há – a – a – à – à

3. (Administrador – Casa da Moeda – Cesgranrio)Observa-se o uso adequado do acento grave no trecho "estamos nos referindo à não ativação de elementos" .
Verifica-se um DESRESPEITO à norma-padrão quanto ao emprego desse acento em:
a) O professor se reportou àquele texto de Machado de Assis.
b) Sonhamos em viajar à terra de Gonçalves Dias.
c) Ele sempre fazia alusão à palavras de seu poeta favorito.
d) Os alunos compreenderam o poema à custa de muito empenho.
e) Prefiro as poesias de Drummond às de Olavo Bilac.

4. (Analista de Controle Interno – Sefaz-RJ – FGV) ***Ratifica-se, assim, o conceito de que a conscientização tributária pode representar um ponto de partida para a formação cidadã como uma das formas eficazes de atender às demandas sociais, com maior controle sobre a coisa pública*****.**
No período acima, empregou-se corretamente o acento grave para indicar o fenômeno da crase. Assinale a alternativa em que o acento grave tenha sido empregado corretamente.
a) Em visita ao Rio, fomos à Copacabana da Bossa Nova.
b) Esta prova vai de 13h às 18h.
c) Finalmente fiquei face à face com a tão esperada prova.
d) Os candidatos somente podem deixar o local de prova à partir das 15h.
e) Pedimos um bife à cavalo.

5. (Técnico Judiciário – TRE-RN – FCC) Graças ..... resistência de portugueses e espanhóis, a Inglaterra furou o bloqueio imposto por Napoleão e deu início ..... campanha vitoriosa que causaria ..... queda do imperador francês.
Preenchem as lacunas da frase acima, na ordem dada,
a) a – à – a
b) à – a – a
c) à – à – a
d) a – a – à
e) à – a – à

6. (AFRF – Esaf) Indique a opção que corresponde a erro gramatical na transcrição do texto.

A(1) seca nos Estados Unidos prenuncia mais uma fase de preços altos para os alimentos, com perspectivas de bons ganhos para os exportadores e de graves dificuldades para as(2) economias pobres e dependentes da importação de comida. Um dia depois de anunciada no Brasil a maior safra de grãos e oleaginosas de todos os tempos, o governo americano confirmou grandes perdas nas lavouras de soja e milho. A(3) longa estiagem, excepcionalmente severa, afeta mais de 60% do país e a maior parte das regiões agrícolas. O mercado reagiu imediatamente às(4) novas estimativas, divulgadas pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, com indicações de redução dos estoques na temporada 2012-2013. O Brasil será um dos países em condições de aproveitar às(5) oportunidades abertas pela quebra da safra americana.
(*O Brasil e a seca nos EUA, Editorial, O Estado de S. Paulo, 12/8/2012*)
a) A (1)
b) as (2)
c) A (3)
d) às (4)
e) às (5)

7. (TRF – Auxiliar Judiciário) A alternativa com erro no emprego do acento indicativo da crase é:
a) A maioria dos homens passa de uma condição à outra.
b) Explicava sua experiência à sua filha.
c) Deveria explicar sua experiência à essa gente.
d) Esperou do meio-dia às quatro horas.
e) Vivenciou desde os projetos ambiciosos às experiências sem importância.

8. (UFRJ-Corregedoria Geral da Justiça) "... necessidade de se ajudarem umas às outras..." O acento grave indicativo da crase, neste caso, é resultante da:
a) presença simultânea de uma preposição e de um artigo definido feminino;
b) necessidade de se indicar a presença de um complemento diferente do anterior;
c) combinação de uma preposição com um pronome indefinido;
d) contração de uma preposição com um pronome demonstrativo;
e) obrigação de evitar-se a ambiguidade.

9. (TTN) Preencha as lacunas da frase abaixo e assinale a alternativa correta.
"Comunicamos Vossa Senhoria que encaminhamos petição anexa Divisão de Fiscalização que está apta prestar informações solicitadas".
a) a – a – à – a – as
b) à – a – à – a – às
c) a – à – a – à – as
d) à – à – a – à – às
e) à – a – à – à – as

10. (Analista Tributário – Esaf) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas

do texto adaptado do *Jornal do Brasil*, Editorial, 7/10/2009.
Vários, e de distintos naipes, foram os questionamentos __1__ construção do IDH como tal. Por que não mortalidade infantil de crianças abaixo de 5 anos de idade em vez de expectativa de vida? Por que não incluir outros indicadores, tais como nível de pobreza, déficit habitacional, acesso __2__ água potável e saneamento básico? Por que não acrescentar outras dimensões relacionadas __3__ meio ambiente (que afeta o padrão de vida desta e das próximas gerações), aos direitos civis e políticos, __4__ segurança pessoal e no trabalho, __5__ facilidade de locomoção? Qual a confiabilidade dos dados fornecidos por quase duas centenas de países? Há uma escassez de informação em relação __6__ maioria das dimensões sugeridas para uma comparação internacional, sem contar __7__ confiabilidade dos dados.
a) na – da – no – na – de – a – uma
b) da – à – com o – com a – da – com a – da
c) a – na – pelo – da – na – da – à
d) pela – de – a – em – com a – pela – com a
e) à – a – ao – à – à – à – a

11. (TRF 4a Região – Técnico Judiciário – Espec. Informática – FCC) A presença de núcleos habitacionais próximos ..... regiões costeiras oferece riscos ..... manutenção do ecossistema marinho, com prejuízos incalculáveis ..... diversas espécies.
As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) as – à – à
b) as – a – a
c) às – à – à
d) às – a – a
e) às – à – a

12. (TCE-MG – Auxi. Cont. externo – FCC) A reação ..... sensação de medo é essencial para nossa segurança física e o temor ..... medidas de controle social impede-nos de fazer o mal ..... outras pessoas.
As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) à – a – a
b) à – à – a
c) à – à – à
d) a – a – à
e) a – a – a

13. (SEP) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto abaixo.
Ao acabar a Segunda Guerra Mundial, o mundo esperava nunca mais assistir __1__ tragédias humanitárias como a que dizimou a vida de seis milhões de pessoas entre 1939 e 1945. __2__ esperanças, porém, mostraram-se vãs.
Gaza serve de exemplo. Encurralada, __3__ população da faixa de 362km² (1,5 milhão de pessoas) protagoniza o horror que escandaliza __4__ consciências civilizadas dos

cinco continentes e mobiliza protestos nas principais cidades da Terra. O cenário assusta. Homens, mulheres e crianças que se concentram numa das regiões de maior densidade populacional do planeta são as vítimas de uma guerra na qual não são soldados. Submetidos __5__ uma chuva de mísseis __6__ onze dias, tiveram o território invadido também por terra. Tanques, armas e os militares mais bem treinados do mundo abrem caminho no terreno em que cada centímetro é disputado por milhares de pessoas. O apagão, aliado ao frio e __7__ falta de água potável, acrescenta desespero ao ambiente digno do inferno de Dante.
(*Correio Braziliense, Editorial, 6/1/2009.)*
a) à – Às – a – umas – à – a – à
b) a – Essas – uma – às – a – há – a
c) a – As – a – as – a – há – à
d) à – Umas – à – à – a – a – uma
e) às – Tais – essa – essas – à – a – a

14. (Administrador – MEC – FGV) "O movimento altermundialista deverá também responder à nova situação mundial nascida da crise escancarada da fase neoliberal da globalização capitalista." No trecho acima, empregou-se corretamente o acento grave indicativo de crase. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.
a) Eles visaram à premiação no concurso.
b) Sempre nos referimos à Florianópolis dos açorianos.
c) Nossos cursos vão de 8h às 18h.
d) A solução foi sair à francesa.
e) Fizemos uma longa visita à casa nova dos nossos amigos.

15. (Analista Legislativo – Senado Federal – FGV) "É sabido que a terra não pertence aos índios; antes, são eles que pertencem à terra."
No período acima, utilizou-se corretamente o acento indicativo de crase antes da palavra *terra*. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.
a) Voltarei à terra natal.
b) A sonda espacial retornará em breve à Terra.
c) Quando chegamos à terra, ainda sentíamos em nosso corpo o balanço do mar.
d) Eu me referia à terra dos meus antepassados.
e) Havendo descuido, a areia será misturada à terra.

16. (Polícia Legislativa – Senado Federal – FGV) Assinale a alternativa em que se tenha optado corretamente por utilizar ou não o acento grave indicativo de crase.
a) Vou à Brasília dos meus sonhos.
b) Nosso expediente é de segunda à sexta.
c) Pretendo viajar a Paraíba.
d) Ele gosta de bife à cavalo.
e) Ele tem dinheiro à valer.

17. (Técnico Legislativo – Senado Federal – FGV) "É um atentado às liberdades constitucionais!"
Na frase acima, utilizou-se corretamente o acento grave para indicar a crase. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.
a) O evento vai da segunda à sexta.
b) Fomos à Bahia.
c) Ela sempre sai às pressas.
d) Sempre pedimos filé à Osvaldo Aranha.
e) Nós nos enfrentamos cara à cara.

18. (FGV) Em *à tarde*, *à Grécia* e *às quatro horas da tarde*, utilizou-se corretamente o acento indicativo da crase.
Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.
a) Dirigimo-nos a Fortaleza dos nossos antepassados.
b) Eles se referiram às horas que passamos juntos.
c) Sempre nos falamos à noite.
d) Eles se encontraram à uma hora da manhã.
e) A ida à Itália fez bem aos noivos.

19. (Ass. Leg. – FCC) Orientação espiritual ..... todas as pessoas é um dos propósitos ..... que escritores e pensadores vêm se dedicando, porque a perplexidade e a dúvida são inevitáveis ..... condição humana.
As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) à – a – à
b) à – à – a
c) a – a – à
d) a – à – à
e) a – a – a

20. (Def. Púb.-SP – FCC) O grau de emoção em torno de uma situação qualquer determina o tempo de armazenamento e as características relacionadas ..... ela, permitindo sua associação ..... outros fatos ocorridos durante ..... vida.
As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) à – a – a
b) a – a – a
c) a – à – à
d) a – a – à
e) à – à – a

21. (Técnico Judiciário – TRE-PE – FCC)
Ainda que riqueza [...] à custa do trabalho escravo ...
A sociedade colonial no Brasil [...] desenvolveu-se [...] à sombra das grandes plantações de açúcar ...

Do mesmo modo que nas frases acima, está correto o emprego da crase em:
a) combate à fome.
b) vendas à prazo.
c) escrito à lápis.
d) avião à jato.
e) defender à unhas e dentes.

22. (TFC) Marque o item que se completa de forma correta com a sequência seguinte – há; à(s).
a) algum tempo, a tecnologia revolucionária em áreas que vão da cirurgia plástica armas nucleares.
b) O raio *laser* se revela altura de um bisturi de alta precisão anos.
c) quem afirme que áreas da medicina em que o uso do raio *laser* é imprescindível.
d) A novidade surgiu na França onde o *laser* está sendo usado na restauração da Catedral de Amiens, recuperando vestígios das cores aplicadas sete séculos.
e) Debaixo da fuligem que conferiu um tom acinzentalado igreja, o *laser* revelou uma gama de dourados, azuis e vermelhos existentes épocas da feitura de obras góticas.
(Adap. de *Veja*, 10/3/1993).

23. (TRE-MT) O uso do acento grave (indicativo de crase ou não) está <u>incorreto</u> em:
a) Primeiro vou à feira, depois é que vou trabalhar.
b) Às vezes não podemos fazer o que nos foi ordenado.
c) Não devemos fazer referências àqueles casos.
d) Sairemos às cinco da manhã.
e) Isto não seria útil à ela.

24. (TRE-MG) O acento grave, indicador de crase, está empregado <u>incorretamente</u> em:
a) Tal lei se aplica, necessariamente, à mulheres de índole violenta.
b) As novelas, às quais assisti, problematizam a questão da droga.
c) Entregou as chaves da loja àquele senhor que nos desacatou na praça.
d) O delegado disse ao prefeito e aos vereadores que estava à procura dos foragidos.
e) O bom atendimento às pessoas pobres deve ser prioridade da nova administração.

25. (TRE-RJ) "A tensão social poderia levar-nos <u>a duas extremas posições</u>". Das expressões que substituem a sublinhada na passagem acima, aquela cujo <u>a</u> pode ter o acento grave indicativo de crase é:
a) <u>a</u> mesma posição;
b) <u>a</u> certa posição;
c) <u>a</u> alguma posição;
d) <u>a</u> qualquer posição;
e) <u>a</u> posições distintas.

26. (TRE-RO)

I. O povo da região vai votar à pé ou à cavalo.
II. Pedimos à V. Excelência que não se esqueça do povão, que não o elegeu à toa.
III. O cabo eleitoral dirigiu-se à ela e ensinou-lhe a copiar o nome.
IV. Permaneceram reunidos à noite, face a face, a conversar.
A ocorrência de crase está corretamente indicada:
a) somente na I;
b) somente na II;
c) somente na III;
d) somente na IV;
e) somente na II e na IV.

27. (ATRFB – Esaf) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical na transcrição do texto abaixo.
A pequena reação da indústria em junho (crescimento de 0,2% em relação a maio) não foi suficiente para compensar a (1) queda da produção no primeiro semestre, da ordem de 3,8%, quando comparada à (2) produção do mesmo período de 2011. Segundo o IBGE, responsável por essa estatística, a indústria brasileira hoje produz o mesmo que há (3) três anos. Mesmo que o setor tenha passado por um ponto de inflexão, como acredita o ministro da Fazenda, Guido Mantega, é pouco provável que a (4) produção chegue à (5) registrar crescimento em 2012. Os especialistas projetam uma queda de até 2%, o que contribuirá para o fraco desempenho do Produto Interno Bruto (PIB) este ano.
(Editorial, O Globo, 3/8/2012)
a) (1) a
b) (2) à
c) (3) há
d) (4) a
e) (5) à

28. (TRE-RJ) O "a" (sublinhado) que deverá levar o acento grave indicativo de crase está na seguinte alternativa:
a) Eles entregam pizza a domicílio.
b) O menino não quis ir a casa dos tios.
c) A encomenda foi entregue a uma pessoa estranha.
d) As moças começaram a gritar logo no início do filme.
e) O fiscal não se referia a candidatas, mas a candidatos.

29. (TRE-MG) O uso da crase está incorreto em:
a) Chegaram a argumentar cara à cara que não aceitariam sugestões.
b) Já demos nossa contribuição à associação beneficente do bairro.
c) À custa de sacrifício, os estudantes conseguiram ser aprovados.
d) Transmita àqueles jovens nossa mensagem de esperança no futuro.
e) Esta construção é igual à que meu primo construiu na periferia.

30. (TTN) Assinale o item que preenche corretamente as lacunas da frase: "Em virtude de investigações psicológicas que me referi, nota-se crescente aceitação de que é preciso pôr termo indulgência e inação com que temos assistido escalada da pornoviolência." (S. Pfrom)

a) à – a – à – a
b) a – à – à – à
c) a – a – a – à
d) à – à – a – a
e) a – à – a – à

31. (TTN) Marque a letra cuja sequência preenche corretamente, pela ordem de aparecimento, as lacunas abaixo: "O exame das propostas da reforma fiscal, primeira abordagem, leva conclusão de que carga tributária continuará incidir mais sobre salários e menos sobre lucros e grandes fortunas".

a) à – à – a – a
b) à – a – à – a
c) a – a – a – à
d) a – à – a – a
e) a – a – à – a

32. (AFTN) Assinale a frase na qual a palavra não deve receber o acento indicativo de crase.

a) Os apelos a internacionalização da Amazônia ganham contornos de avalanche.
b) Toda manhã a esta hora, depois de ler o jornal do dia, fico deprimida.
c) Aquela hora morta da madrugada todos estavam recolhidos ao leito.
d) Muitas das reivindicações dos sindicatos trabalhistas, são semelhantes as da classe patronal.
e) Os petroleiros apresentaram ao Ministro uma pauta de reivindicações igual a que haviam divulgado no ano anterior.

33. (TRF – 4R – Técnico Judiciário – FCC) Os elefantes apresentam necessidades parecidas com ..... dos seres humanos e, para oferecer ..... eles os cuidados exigidos, os especialistas têm recorrido até mesmo ..... táticas inovadoras.
As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:

a) as – a – à
b) as – a – a
c) as – à – à
d) às – à – a
e) às – a – a

34. (Gov. BA – Soldado da PM – FCC) O uso do sinal da crase é injustificável em:

a) Lembrem-se às autoridades de terem sempre em mente o valor da prevenção.
b) Não cabe às pessoas de boa-fé repudiar medidas de prevenção ao crime.

c) É penoso assistir às cenas de violência que se multiplicam nas metrópoles.
d) Atribui-se às medidas preventivas uma eficácia maior que a da repressão.
e) À inteligência da prevenção opõem-se aqueles que preferem a força da repressão.

35. (Fiscal da Receita Estadual – AP – FGV) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas do fragmento a seguir:
***O texto refere-se _____ teses antropológicas, cujos temas interessam _____ todos que se dispuserem _____ investigar a história do jeitinho brasileiro*.**
a) as – à – à.
b) às– a – à.
c) às – a – a.
d) as – à – a.
e) às – à – a.

36. (Analista Judiciário – TRT-RJ – FCC) ... pessoas de fora, estranhas ..... cidade, a vida urbana exerce uma constante atração, apesar dos congestionamentos e dos altos índices de violência, inevitáveis sob... condições urbanas de alta densidade demográfica.
Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:
a) Às – à – as
b) As – à – às
c) As – a – às
d) Às – a – às
e) As – à – as

37. (TRT) No trecho "Do décimo andar à rua", foi usado adequadamente o acento indicativo da crase. O mesmo <u>não</u> ocorre na frase:
a) Há muito não se assistia à peças com tanto senso crítico com estas.
b) Chegando-se à varanda, era possível admirar a paisagem.
c) Do Leblon a Ipanema e de Jacarepaguá à Barra, todas as vias expressa estavam engarrafadas.
d) O povo referia-se às nossas praias como redutos de esgoto e mau cheiro.
e) As ondas dirigiam-se à direita e à esquerda do palanque sobre a areia.

38. (TRF) Atente para as seguintes frases:
I. À qualquer hora estamos dispostos a assistir à cenas de guerra.
II. Àquela hora da noite, ainda estávamos atentos à transmissão das cenas da guerra.
III. Daqui a uma hora esse canal passará a transmitir a comunicação que o Presidente fará à Nação.
Quanto à necessidade de usar-se o sinal de crase, está inteiramente correto o que se lê em:
a) I, II e III;
b) I e II, somente;
c) I e III, somente;

d) II, somente;
e) II e III, somente.

39. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) ... ***e chegou à conclusão de que o funcionário passou o dia inteiro tomando café*****.**
Do mesmo modo que se justifica o sinal indicativo de crase em destaque na frase acima, está correto o seu emprego em:
a) e chegou à uma conclusão totalmente inesperada.
b) e chegou então à tirar conclusões precipitadas.
c) e chegou à tempo de ouvir as conclusões finais.
d) e chegou finalmente à inevitável conclusão.
e) e chegou à conclusões as mais disparatadas.

40. (AFC – Esaf) Assinale a opção que preenche de forma correta as lacunas do texto.
João Paulo II, com a acuidade de sua inteligência e a abrangência e profundidade de sua vivência, cultura e saber, clamou com forte carisma, como verdadeiro herdeiro dos profetas bíblicos, 1 perenidade e atualidade dos valores que nos foram transmitidos pelo povo da Aliança e levados 2 perfeição por Jesus Cristo, que revelou a vocação 3 transcendência da humanidade, seu sentido maior e definitivo. O hedonismo e o utilitarismo induzem 4 relativização do
respeito 5 vida humana, em especial 6 dos mais frágeis e indefesos.
(Paulo Leão, "A fé não teme a razão", *Folha de S. Paulo*, 9/4/2005, com adaptações.)

	1	2	3	4	5	6
a)	a	à	à	a	à	à
b)	a	à	à	à	à	a
c)	à	à	a	a	a	à
d)	à	a	a	a	a	à
e)	à	a	à	a	à	à

41. (AFPS – Esaf) Assinale a opção que preenche de forma correta as lacunas do texto.
Está em exame na Casa Civil anteprojeto de lei que instituirá um sistema de incentivo (1) redução dos acidentes e de punição das empresas que submetem seus trabalhadores (2) risco. (3) intenção é reduzir pela metade ou dobrar (4) alíquotas de contribuição para cobertura de acidentes trabalhistas, dependendo do caso. Uma empresa que esteja abaixo da média nacional de acidentes, por exemplo, pode vir (5) pagar menos. O contrário acontecerá (6) empresa que tiver registrado número de acidentes muito acima da média do seu setor. Ela poderá ter (7) alíquota duplicada.
(*O Estado de S.Paulo.*)

	1	2	3	4	5	6	7
a)	a	à	À	às	à	a	à
b)	à	a	A	às	à	a	a

c)	a	à	A	as	a	a	à
d)	à	a	A	as	a	à	a
e)	a	à	À	às	à	à	à

42. (Bacen – Esaf) Para que o fragmento de texto abaixo respeite as regras de regência da norma culta, assinale a opção que preenche corretamente as lacunas na ordem indicada. Desde julho de 2000 a revista *Banco Hoje* vem estimulando debate em torno das transformações que envolvem implementação do SPD. O esforço empreendido é muito inferior vantagens no que diz respeito evolução do sistema financeiro nacional e oportunidades de integração com o mercado global.
(*Banco Hoje*, março de 2001, com adaptações)
a) à – as – à – às
b) a – às – a – às
c) à – às – à – as
d) a – às – à – às
e) a – às – a – as

43. (TRF – FCC) A necessidade ou não do sinal de crase está inteiramente observada na frase:
a) Deve-se à luta das feministas o respeito aos direitos que cabem também às outras parcelas de injustiçados que integram a nossa sociedade.
b) Encontra-se a disposição dos interessados a nova edição do Código Civil, à qual, aliás, já se fizeram objeções à torto e à direito.
c) À vista do que dispõe o novo código, não caberá à ninguém a condição "natural" de cabeça de casal, à qual, até então, se reservava para o homem.
d) Pode ser que à curto prazo o novo código esteja obsoleto em vários pontos, à exemplo do que ocorreu com o antigo.
e) Não se impute à uma mulher a culpa de não ter lutado por seus direitos; todas as pressões sociais sempre a conduziram àquela "virtuosa" resignação.

44. (TRE / SP – AJ – FCC) Há falta ou ocorrência indevida do sinal de crase no período:
a) Não se estenderam os benefícios da tecnologia àqueles que sempre viveram à margem do progresso.
b) Ao pensamento do autor opõem-se àqueles que preferem a exclusividade à universalização dos benefícios trazidos pela tecnologia.
c) É sobretudo à luz da ética e da política que se revela claramente a exclusão que tem sido imposta à grande maioria da população do planeta.
d) Não se devem levar àqueles que estão excluídos informações falsas, como a de que os avanços tecnológicos servem a todas as pessoas.
e) Quando se atribui a não importa quem seja algum direito exclusivo, a essa exclusividade corresponderão muitas exclusões.

45. (TRT – FCC) Quanto à necessidade ou não de utilização do sinal de crase, está

inteiramente correta a frase:
a) Quem está à alguma distância de Campo Grande não pode avaliar à contento o mérito da polêmica à que se refere o texto.
b) Não é aqueles que se instalam nos gabinetes oficiais que cabe a interdição do uso de uma língua à cuja preservação estejam devotados milhares de falantes.
c) Quem visa à restringir a utilização de uma língua das minorias deveria também se ater à toda e qualquer má utilização das chamadas línguas oficiais.
d) As decisões que se tomam à revelia do interesse das populações são semelhantes àquelas tomadas na vigência dos atos institucionais da ditadura militar.
e) Quem se manifeste contrário à uma única manifestação de arbitrariedade está manifestando sua hostilidade à todas as medidas arbitrárias.

46. (TRF – 4ª Região – Auxiliar Judiciário – FCC) Gostaria de ter ido ..... ruazinha, onde encontraria amigos reunidos ..... sombra das árvores, ... conversar alegremente.
As lacunas da frase acima estão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) àquela – à – a
b) àquela – à – à
c) àquela – a – a
d) aquela – à – a
e) aquela – a – à

47. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – FCC) Diz o autor que ..... pelo menos cinco anos vem contando os dias para sua aposentadoria (daqui ..... seis meses, segundo seus cálculos), ... partir da qual pensa em dedicar-se ..... jardinagem.
Completam adequadamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:
a) há – a – a – à
b) a – há – a – à
c) há – a – à – a
d) a – há – à – à
e) há – há – a – a

48. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC)
Você é ..... favor da alegria?
Nenhum bem é superior ..... alegria de viver aqui e agora.
Não há bem preferível ..... felicidade da pessoa que está diante de nós, aqui e agora.
(Reflexões de Pierre Levy. O fogo liberador. São Paulo: Iluminuras, 2001)
Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:
a) à – à – à
b) a – à – a
c) à – a – à
d) à – à – a
e) a – à – à

49. (NCE-Corregedoria Geral da Justiça) "... necessidade de se ajudarem umas às outras..." O acento grave indicativo da crase, neste caso, é resultante da:

a) Presença simultânea de uma preposição e de um artigo definido feminino.
b) Necessidade de se indicar a presença de um complemento diferente do anterior.
c) Combinação de uma preposição com um pronome indefinido.
d) Contração de uma preposição com um pronome demonstrativo.
e) Obrigação de evitar-se a ambiguidade.

50. (AFTE – RN) Marque o item que preenche de forma correta as lacunas do texto seguinte.

Institucionalizada partir das lutas antiabsolutistas, no século 18, e da expansão dos movimentos constitucionalistas, no século 19, democracia representativa foi consolidada ao longo de um processo histórico marcado pelo reconhecimento de três gerações de direitos humanos: os relativos cidadania civil e política, os relativos cidadania social e econômica e os relativos cidadania "pós-material", que se caracterizam pelo direito qualidade de vida, um meio ambiente saudável, tutela dos interesses difusos e ao reconhecimento da diferença e da subjetividade.

(Baseado em Mário Antônio Lobato de Paiva, em www.ambitojurídico.com.br)

a) a – à – à – a – à – à – a – a
b) a – a – à – à – à – à – a – à
c) à – a – a – à – à – a – a – à
d) à – a – a – à – à – à – a – à
e) a – à – à – a – à – à – a – à

Capítulo 26

Regência

26.1. Regência verbal

1) **ACEDER, ALUDIR** e **ANUIR** – verbos transitivos indiretos – exigem sempre a preposição *A*.

Ex.: Ninguém anuiu ao meu pedido.

Ele acedeu à chamada.

2) **AGRADAR**

a) no sentido de satisfazer – verbo transitivo indireto (a);

Ex.: O professor agrada a todos os alunos.

b) no sentido de acariciar – verbo transitivo direto.

Ex.: O rapaz agradou os cabelos da namorada.

3) **AJUDAR** – no sentido de assistir, atender, prestar ajuda – verbo transitivo direto.

Ex.: Ajudaremos os desabrigados.

Devemos ajudar todos.

Obs.: Já há autores aceitando a construção com preposição A. No entanto, tal possibilidade ainda não se verificou nas provas.

4) **ASPIRAR**

a) no sentido de respirar, puxar o ar, sorver – o verbo será transitivo direto;

Ex.: Aspiro o ar.

Aspiro a fumaça.

b) no sentido de desejar, querer – o verbo será transitivo indireto, regendo a preposição A.

Ex.: Aspiro ao cargo.

Aspiro à chefia.

5) **ASSISTIR**

a) no sentido de ver, presenciar – verbo transitivo indireto, exigindo a preposição **A;**

Ex.: Assisto ao filme.

Assisto à novela.

Obs.: Celso Cunha classifica como coloquial o uso do verbo "assistir" nesta acepção sem preposição, ou seja, como transitivo direto.

b) no sentido de dar assistência, ajudar, atender – pode tanto ser considerado verbo transitivo direto como verbo transitivo indireto;

Ex.: O médico assiste ao paciente.

O médico assiste o paciente.

O médico assiste a paciente.

O médico assiste à paciente.

Substituindo pelos pronomes oblíquos correspondentes, tanto estaria correto dizermos "O médico o assistiu"; "O médico a assistiu" e também "O médico lhe assistiu".

c) no sentido de caber, pertencer, ser pertinente – o verbo será transitivo indireto (a);

Ex.: Esse direito não assiste ao grupo.

d) no sentido de morar – o verbo será intransitivo, contudo exige a ocorrência da preposição ***EM*** (no adjunto adverbial de lugar).

Ex.: Assisto em Copacabana.

6) **ATENDER**

a) no sentido de deferir – verbo transitivo direto;

Ex.: Atendemos o teu pedido.

b) no sentido de dar atenção – verbo transitivo direto ou indireto.

Ex.: Não atenderemos a (à) turma.

7) **AVISAR, INFORMAR, PARTICIPAR, ALERTAR, ALARMAR, ADVERTIR, LEMBRAR...**

Estes verbos são duplamente bitransitivos, pois tanto podemos dizer "Quem informa, informa alguma coisa a alguém" como também poderíamos dizer "Quem informa, informa alguém de alguma coisa".

Ex.: Informei o fato ao povo. Informei o povo do fato.

Avisei a notícia a todos. Avisei todos da notícia.

"Maria lembrou a João que naquela noite eles tinham ficado de jantar na casa de Pedro e Luíza" (Luis Fernando Veríssimo).

8) **CHAMAR**

a) Será transitivo direto no sentido de mandar vir;

Ex.: Chamei o menino.

Chamei-o.

"... certa influência política o chamou" (Euclides da Cunha).

b) Poderá ser transitivo direto ou indireto no sentido de apelidar/qualificar.

Ex.: Chamei o rapaz de mestre.

Chamei ao rapaz de mestre.

Chamei-o de mestre.

Chamei-lhe de mestre.

Obs.: Nestes casos, é possível suprimir a preposição DE, pois a gramática permite que o predicativo do objeto "de mestre" ocorra preposicionado ou não.

Ex.: "Chamavam-lhe Pombinha" (Aluísio de Azevedo).

9) **CHEGAR**

Não se pode dizer na língua culta "chegar em", pois o correto é "**chegar a**".

Ex.: "... em chegando a casa, ficarei boa" (Bernardo Guimarães). "Ao chegar à Santa Cruz, no alto..." (Euclides da Cunha).

Nunca se poderá dizer "Cheguei em casa".

10) **CUSTAR**

a) no sentido de ter valor – verbo intransitivo (adjunto adverbial de preço);

Ex.: Romário custa U$ 6.000.000,00. A casa custou trezentos milhões de cruzeiros reais.

b) no sentido de ser difícil, demorar – verbo transitivo indireto, regendo a preposição A.

Obs.: Neste caso, o verbo só pode ser conjugado na terceira pessoa do singular, tendo como sujeito a coisa que é difícil (expressa por um verbo no infinito) e a pessoa para a qual a coisa é difícil é objeto indireto.

Ex.: Custa-me ver a verdade. Custou-nos solucionar este caso. "... pouco me custa fazer-lhe a vontade" (Bernardo Guimarães).

Portanto, seria totalmente errado dizer: "Eu custo a ver a verdade". "Nós custamos a solucionar este caso".

11) **GOSTAR**

a) no sentido de ter afeição, aprovar, adorar. – verbo transitivo indireto exigindo a preposição de.

Ex.: Gostamos muito de você. Gostavas muito de futebol.

b) no sentido de **provar** – verbo transitivo direto.

Ex.: Gostei a cerveja, mas não a aprovei. Gostamos a sensação da paz e aprovamos.

12) **IMPLICAR**

a) no sentido de ter implicância – verbo transitivo indireto, regendo a preposição com;

Ex.: Todos implicam com o topete do Itamar.

b) no sentido de resultar, acarretar – a gramática tradicional classifica-o como transitivo direto, contudo a forma transitiva indireta, regendo a preposição EM, está totalmente difundida no Brasil, e algumas bancas – como Esaf e NCE – já admitem também esta construção.

Ex.: A conquista da Copa do Mundo implicou a (na) felicidade de todos os brasileiros por aproximadamente cinco minutos, porém infelizmente logo após a vida voltou ao normal.

Obs.: Apesar de muitos gramáticos assegurarem que este verbo – na acepção de resultar, importar – seja apenas transitivo direto (Evanildo Bechara cita apenas esta construção), bancas já realizaram questões admitindo "gritantemente" as duas possibilidades de regência. Isso talvez aconteça em virtude de Rocha Lima admitir o uso da preposição, esclarecendo: "Está ganhando foros de cidade na língua culta a sintaxe 'implicar em'. Tal procedimento implica desdouro (ou: em desdouro) para você".

Os sinônimos de IMPLICAR não sofrem o mesmo fenômeno. RESULTAR é transitivo indireto, exigindo a preposição EM; ACARRETAR somente pode ser transitivo direto.

13) **INSURGIR**

a) no sentido de rebelar-se, revoltar-se – verbo pronominal transitivo indireto, exigindo a presença da preposição contra;

Ex.: "Insurge-se contra a Igreja Romana" (Euclides da Cunha).

b) no sentido de sair, emergir – verbo transitivo indireto, exigindo a ocorrência da preposição de.

Ex.: Ele insurgiu do fundo do mar.

14) **LEMBRAR** e **ESQUECER**

a) Utilizando-se o pronome oblíquo, será obrigatório o uso da preposição DE. Neste caso, o verbo é transitivo indireto.

Ex.: Lembro-me de você. Esquecemo-nos do mundo. "João Nogueira lembrou-se de que era homem de responsabilidade" (Graciliano Ramos). "Cala-te, Isaura... até quando pretendes lembrar-te desse maldito incidente?" (Bernardo Guimarães).

"Lembrava-se das pesadas chuteiras" (Fernando Sabino).

b) Não se utilizando o pronome oblíquo também não se poderá usar a preposição. Neste caso, o verbo é transitivo direto.

Ex.: Lembro o fato. Esquecemos o mundo.

"E os filhos d'águias o Poder esquece" (Castro Alves).

Obs.: O que não se pode fazer é utilizar a preposição sem utilizar o pronome oblíquo e vice-versa.

Ex.: Lembro do fato. Esquecemos do mundo.

Estas duas últimas frases estão, por este motivo, totalmente erradas.

O verbo LEMBRAR também pode ser utilizado no sentido de INFORMAR, AVISAR, ALERTAR... A regência de LEMBRAR se fará tal quais estes verbos.

Ex.: Lembramos (avisamos) o encontro aos amigos. / Lembramos (informamos) os amigos do encontro.

O verbo ESQUECER também pode ser utilizado na acepção de "cair no esquecimento", tornando-se o elemento olvidado sujeito do verbo e a pessoa que efetivamente não se recorda objeto.

Ex.: "Nunca me esqueceu o seminário, creia" (Machado de Assis).

15) **NAMORAR**

Exige complemento sem preposição. Portanto, é errado dizer "João namora com Maria". A forma correta é: "João namora Maria".

16) **OBEDECER** e **DESOBEDECER**

Serão sempre transitivos indiretos, regendo a preposição A.

Ex.: "Até hoje lhe desobedecemos" (José de Alencar).

"Obedecia à finalidade irresistível de velhos impulsos ancestrais" (Euclides da Cunha).

Desobedeço aos pais.

Desobedeço-lhes.

Obs.: Torna-se sempre conveniente lembrar que estes dois verbos são os únicos transitivos indiretos que admitem construção na voz passiva.

Ex.: O regulamento é obedecido por mim. – As leis são desobedecidas por nós.

17) **PAGAR** e **PERDOAR** Ambos são bitransitivos, pedindo objeto direto para a coisa que se paga ou perdoa e objeto indireto para a pessoa a quem se paga ou perdoa.

Ex.: Paguei o salário ao empregado. Perdoei o pecado ao pecador.

Obs.: É mister relembrar o fato de que só existe voz passiva com verbo transitivo direto, pois somente o objeto direto da voz ativa pode passar a ser sujeito da voz passiva. Quando o verbo é transitivo direto e indireto, somente seu objeto direto pode passar a ser sujeito da voz passiva. Portanto, pode-se dizer: "O salário foi pago"; "O pecado foi perdoado"; mas nunca poderá ser dito: "O empregado foi pago". "O pecador foi perdoado". Nestas duas últimas

frases, os objetos indiretos da voz ativa se transformaram em sujeitos da voz passiva, o que é proibido na Língua Portuguesa.

18) **PENSAR**

a) no sentido de **raciocinar** – verbo transitivo indireto, regendo a preposição em;

Ex.: "Pensar no sentido das cousas" (Fernando Pessoa).

b) vale a pena observar este verbo em um sentido especial: "Cuidar, aplicar curativos". Neste sentido, é transitivo direto.

Ex.: Pensamos as nossas feridas.

O médico pensou meus machucados.

19) **PREFERIR**

Nunca se poderá utilizar a palavra MAIS, e a preposição obrigatória é A. A construção correta é: "preferir uma coisa a outra" e NUNCA "preferir mais uma coisa do que outra"

Ex.: Prefiro cerveja a refrigerante.

Prefiro a cerveja ao refrigerante.

Prefiro refrigerante a cerveja.

Prefiro o refrigerante à cerveja.

"Capitu preferia tudo ao seminário" (Machado de Assis).

Obs.: Vale a pena observar que, na comparação dos termos, se utilizamos artigo antes de um dos termos, temos que utilizar artigo antes do outro; se não utilizarmos artigo antes de um dos termos, não podemos utilizar artigo antes do outro. Não se esqueça de que a **PREPOSICÃO A É OBRIGATÓRIA.**

20) **PRESIDIR**

a) no sentido de administrar – verbo transitivo direto;

Ex.: Lula preside o Brasil.

b) no sentido de coordenar, organizar – verbo transitivo direto ou indireto (com preposição A).

Ex.: O professor preside o (ao) encontro dos mestres no fim de ano.

21) **PROCEDER**

a) no sentido de agir – verbo intransitivo;

Ex.: Ele procedeu bem.

b) no sentido de realizar – verbo transitivo indireto, regendo a preposição a;

Ex.: O Governo procedeu a eleições gerais.

c) no sentido de ser pertinente – verbo intransitivo;

Ex.: Esse argumento não procede.

d) no sentido de ser oriundo – verbo intransitivo, com adjunto adverbial de lugar exigindo a preposição DE.
Ex.: Ele procedeu de São Paulo.

22) **QUERER**

a) no sentido de desejar será verbo transitivo direto;
Ex.: Eu quero dinheiro. Eu o quero.

b) no sentido de amar, gostar de será verbo transitivo indireto e exigirá a preposição **A**.
Ex.: A mãe quer ao filho. A mãe lhe quer.

23) **RESPONDER**

a) no sentido de dar a resposta em referência ao questionamento – verbo transitivo indireto;
Ex.: Ele respondeu a todas as perguntas.

b) no sentido de expressar efetivamente qual é a resposta – verbo transitivo direto;
Ex.: Ele não respondeu se haverá aula.

c) no sentido de responder algo a alguém – verbo transitivo direto e indireto;
Ex.: Ele respondeu a pergunta ao professor.
"Não soube responder a um amigo" (Fernando Sabino).

d) no sentido de ser responsável, responsabilizar-se – complemento com preposição POR.
Ex.: Ele respondeu pela turma.

24) **SERVIR**

a) no sentido de ser útil – verbo transitivo indireto;
Ex.: Ele serve para o trabalho a ser executado.

b) no sentido de pôr a mesa – verbo intransitivo ou transitivo direto ou transitivo direto e indireto;
Ex.: Ela servirá às sete da manhã. Ele servirá o jantar às dezenove horas. O empregado serviu jantar ao patrão.

c) no sentido de prestar serviços militares – verbo intransitivo;
Ex.: Ele serviu no exército.

d) no sentido de prestar serviços, ajudar – verbo transitivo direto ou indireto com preposição A;
Ex.: Ele servirá ao Flamengo nos próximos dois anos. Ele sempre servirá os pobres.

e) no sentido de atender a necessidade – verbo transitivo indireto.

Ex.: Esse posicionamento serve ao grupo.

25) **SIMPATIZAR**

O verbo é transitivo indireto (preposição COM), mas não admite a ocorrência do pronome parte integrante.

Portanto é errado "Simpatizo-me contigo". O correto é "Simpatizo contigo".

26) **SITUAR** – verbo intransitivo que exige a presença da preposição EM. É usado principalmente nas formas de particípio (sito / situado).

Ex.: O banco, sito na rua Barata Ribeiro, já sofreu vários assaltos.

Obs.: Não se pode dizer "sito à rua".

27) **USUFRUIR** – no sentido de utilizar-se, gozar de – verbo transitivo direto

Ex.: Não há tempo para usufruirmos nossa casa de praia.

Obs.: Este verbo vem sendo utilizado com muita frequência com preposição DE.

Ex.: Não há tempo para usufruirmos de nossa casa de praia.

28) **VISAR**

a) no sentido de mirar – o verbo será transitivo direto;

Ex.: O arqueiro visou o alvo. O arqueiro visou a maçã.

b) no sentido de desejar – a maioria das gramáticas considera o verbo neste valor como transitivo indireto. O professor Celso Cunha admite a dupla possibilidade (indireto ou direto), inclusive relatando que a transitividade direta é dominante na linguagem coloquial, tendendo também a sê-lo na linguagem literária. A Coppe, no concurso para o Tribunal Regional Federal, fez uma questão mencionando esta dupla possibilidade de regência;

Ex.: Visei ao cargo (o cargo).

Visei à posição (a posição).

"Todos os seus atos, todos, fosse o mais simples, visavam um interesse primário" (Aluísio de Azevedo).

"Visava uma delinquência especial" (Euclides da Cunha).

c) no sentido de dar visto – o verbo será transitivo direto.

Ex.: O gerente visou o cheque. O chefe visou toda a documentação.

BIZU

A construção com dois ou mais verbos e apenas um complemento estará correta se os dois verbos possuírem a mesma regência.

Ex.: Quero e beberei uma cerveja.

Gosto e preciso de trabalho.

→ Observe que, nos dois exemplos, os verbos contêm a mesma transitividade (QUERER e BEBER são transitivos diretos e GOSTAR e PRECISAR são transitivos indiretos, exigindo a preposição DE).

"Isaura estava com o ouvido aguçado e do interior da casa ouvira e compreendera tudo" (Bernardo Guimarães). TUDO é objeto direto tanto do verbo OUVIRA quanto do "COMPREENDERA".

26.2. Regência nominal

1) Adjetivos que pedem a preposição **A**:

acessível, adequado, alheio, análogo, anterior, apto, atento, avesso, compreensível, desagradável, desatento, desfavorável, desleal, equivalente, estranho, favorável, fiel, grato, habituado, hostil, idêntico, imediato, indiferente, inerente, inferior, insensível, leal, necessário, nocivo, obediente, oneroso, oposto, paralelo, peculiar, posterior, prejudicial, prestes, propício, próximo, sensível, semelhante, superior, útil, visível.

2) Substantivos que pedem a preposição **A**:

adesão, agradecimento, alusão, ameaça, amizade, apelo, aplicação, aspiração, semelhante, adaptação, aviso, amor, confissão, convite, declaração, descida, obediência, exposição, gratidão, horror, humilhação, lamentação, pagamento, perdão, redução, referência, renúncia, submissão, temor.

3) Adjetivos que pedem preposição **DE**:

acusado, afastado, amante, ameaçado, ávido, carente, ciente, cheio, curioso, desconfiado, descendente, desgostoso, despojado, destituído, diferente, difícil, digno, indigno, excluído, exonerado, fugido, isento, merecedor, natural, passível, preservado, proibido, revestido, sedento, sujo, suspeito, tachado, vazio.

4) Substantivos que pedem preposição **DE**:

absolvição, abundância, afastamento, aparência, ascensão, aprendizagem, busca, carência, certeza, ciência, compreensão, contenção, conspiração, continuação, cessão, decoração, desperdício, despedida, eleição, encomenda, embelezamento, necessidade, urgência, vinda.

5) Adjetivos que pedem outras preposições:

aborrecido com, afável com (para com), ansioso de (por), apaixonado de

(por), apoiado em, apto a (para), assustado com, atento a (em), capaz de (para), comparado a (com), conforme a (com), cruel com (para com), eleito a (por, em, como), último a (de, em), responsável por, rico de (em).

6) Alguns substantivos que pedem outras preposições:

aborrecimento com, abundância de (em), cautela com, acordo com, admiração por, ânsia por, paixão por, apoio em, atestado contra (a favor), batalha com (contra), briga com, casamento com, coincidência com, combate com (contra), concordância com (em), conspiração contra (com, para), crueldade com (para com), vício em (com, de), vinculação com, união com.

26.3. Exercícios

1. (Técnico Judiciário – TRE-RN – FCC)

O clima <u>pouco favorável ao cultivo da cana</u> levou a atividade econômica para a pecuária.

O mesmo tipo de regência nominal que se observa acima ocorre no segmento também grifado em:

a) *O litoral oriental compõe <u>o Polo Costa das Dunas</u> – com belas praias, falésias, dunas e o maior cajueiro do mundo...*

b) *Os 410 <u>quilômetros de praias</u> garantem um lugar especial para o turismo na economia estadual.*

c) *A ocupação portuguesa só se efetivou no final do século, com a fundação do Forte dos Reis Magos e da Vila de Natal.*

d) *Em Caicó há vários açudes e formações rochosas naturais que desafiam <u>a imaginação do homem</u>.*

e) *Em Santa Cruz, a subida ao Monte Carmelo desvenda <u>toda a beleza do sertão potiguar</u> ...*

2. (TRE-MG) A preposição nos parênteses <u>não</u> preenche corretamente a lacuna do período em:

a) O perigo o qual informaram a mulher era conhecido de quase todos. (sobre)

b) A menina que ele deparou trouxe-lhe muita esperança. (com)

c) O triste acontecimento que lembramos esclareceu a verdade. (de)

d) O jovem que chamamos de imprudente saiu às pressas. (a)

e) A verdade que ansiávamos surgiria a qualquer momento. (por)

3. (TTN) Marque a alternativa <u>incorreta</u> quanto à regência verbal.

a) Na verdade, não simpatizo com suas ideias inovadoras.

b) Para trabalhar, muitos preferem a empresa privada ao serviço público.

c) Lamentavelmente, não conheço a lei que te referes.

d) Existem muitos meios a que podemos recorrer neste caso.

e) Se todos chegam à mesma conclusão, devem estar certos.

4. (AFC – CGU) Assinale o trecho do texto adaptado do *Jornal do Commercio* (PE), de 12/01/2008, que apresenta erro de regência.

a) Depois de um longo período em que apresentou taxas de crescimento econômico que não iam além dos 3%, o Brasil fecha o ano de 2007 com uma expansão de 5,3%, certamente a maior taxa registrada na última década.

b) Os dados ainda não são definitivos, mas tudo sugere que serão confirmados. A entidade responsável pelo estudo foi a conhecida Comissão Econômica para a América Latina (Cepal).

c) Não há dúvida de que os números são bons, num momento em que atingimos um bom superávit em conta-corrente, em que se revela queda no desemprego e até se anuncia a ampliação de nossas reservas monetárias, além da descoberta de novas fontes de petróleo.

d) Mesmo assim, olhando-se para os vizinhos de continente, percebe-se que nossa performance é inferior a que foi atribuída a Argentina (8,6%) e a alguns outros países com participação menor no conjunto dos bens produzidos pela América Latina.

e) Nem é preciso olhar os exemplos da China, Índia e Rússia, com crescimento acima desses patamares. Ao conjunto inteiro da América Latina, o organismo internacional está atribuindo um crescimento médio, em 2007, de 5,6%, um pouco maior do que o do Brasil.

5. (Técnico Judiciário – TRE-PE – FCC) ... *as casas de Portugal <u>enviaram</u> ramos para o ultramar...*

O verbo que também é empregado com a mesma regência do grifado acima está em:

a) *Observa Oliveira Martins que a população colonial no Brasil...*

b) *... iniciaram os portugueses a colonização em larga escala dos trópicos...*

c) *... importou numa nova fase e num novo tipo de colonização...*

d) *... perversão de instinto econômico que cedo desviou o português da atividade...*

e) *O colonizador português do Brasil foi o primeiro, dentre...*

6. (TRE-RJ) "porque implica em cobrar o tempo" / porque implica cobrar o tempo. A construção do verbo <u>implicar</u> com a preposição <u>em</u> resulta, provavelmente, de um cruzamento sintático com verbo sinônimo (<u>importar</u>), sendo considerada errônea por alguns gramáticos. A alternativa em que há erro de regência na segunda das sentenças é:

a) Preferimos pagar juros a ficar sem o produto. / Preferimos pagar juros do que ficar sem o produto.

b) Esquecemos facilmente o belo arrazoado aquiniano. / Esquecemo-nos facilmente do belo arrazoado aquiniano.

c) Queremos informar-lhes que nossos juros são baixos. / Queremos informá-los de que nossos juros são baixos.

d) Ainda nos lembramos da belíssima aula de filosofia tomista. / Ainda nos lembra a

belíssima aula de filosofia tomista.
e) Se cobrar juros é pecado, chamamos de pecadores todos os banqueiros. / Se cobrar juros é pecado, chamamos pecadores a todos os banqueiros.

7. (TRE-RJ) A desigualdade jurídica do feudalismo alude o autor se faz presente ainda hoje nos países terras existe visível descompasso entre a riqueza e a pobreza. Tendo em vista o emprego dos pronomes relativos, completam-se corretamente as lacunas da sentença acima com:
a) a qual / cujas
b) a que / em cujas
c) à qual / em cuja as
d) o qual / por cujas
e) ao qual / cuja as

8. (Cesgranrio) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da seguinte frase: Toda comunidade, aspirações e necessidades devem vincular-se os temas da pesquisa científica, possui uma cultura própria, precisa ser preservada.
a) cujas / de que
b) a cujas / que
c) cujas / pela qual
d) cuja / que
e) a cujas / de que

9. (TTN) Há <u>erro</u> de regência no item:
a) Algumas ideias vinham ao encontro das reivindicações dos funcionários, contentando-os, outras não.
b) Todos aspiravam a uma promoção funcional, entretanto poucos se dedicavam àquele trabalho, por ser desgastante.
c) Continuaram em silêncio, enquanto o relator procedia à leitura do texto final.
d) No momento este Departamento não pode prescindir de seus serviços devido ao grande volume de trabalho.
e) Informamos a V. Senhoria sobre os prazos de entrega das novas propostas, às quais devem ser respondidas com urgência.

10. (TTN) Considere o texto abaixo.
– "Eu queria saber é quem está no aparelho.
– Ah, sim. No aparelho não está ninguém.
– Como não está, se você está me respondendo?
– Eu estou fora do aparelho. Dentro do aparelho não cabe ninguém.
– Engraçadinho! Então, quem está ao aparelho?
– Agora melhorou. Estou eu, para servi-lo".
(C. Drummond de Andrade)
Marque o par de verbos com problema de regência idêntico ao do texto.

a) Meditar um assunto – meditar sobre um assunto.
b) Sentar à mesa – sentar na mesa.
c) Estar em casa – estar na casa.
d) Assistir o doente – assistir ao doente.
e) Chamar o padre – chamar pelo padre.

11. (TTN) Assinale a alternativa <u>incorreta</u> quanto à regência.
a) Creio que os trabalhadores estão muito conscientes de suas obrigações para com a Pátria.
b) O filme a que me refiro aborda corajosamente a problemática dos direitos humanos.
c) Esta nova adaptação teatral do grande romance não está agradando ao público; eu, porém, prefiro esta àquela.
d) O trabalho inovador de Gláuber Rocha que lhe falei chama-se *Deus e o Diabo na Terra do Sol*.
e) José crê que a classe operária está em condições de desempenhar um papel importante na condução dos problemas nacionais.

12. (TRT) Assinale a alternativa que completa convenientemente as lacunas abaixo.
I. Certifiquei de que o prazo esgotara-se.
II. Recebi em meu escritório.
III. Informo que as notas fiscais estão rasuradas.
IV. Avisei de que tudo fora resolvido.
a) o – o – lhe – o
b) o – o – o – o
c) lhe – lhe – lhe – o
d) o – lhe – lhe – o
e) lhe – lhe – o – o

13. (TTN) Assinale o trecho que apresenta sintaxe de regência correta.
a) A rigorosa seca que assola os estados do Nordeste impede que essa região desenvolva e atinja os níveis de crescimento socioeconômicos desejados.
b) Se o Brasil tornasse independente dos empréstimos externos, poderia voltar a crescer no mesmo ritmo de desenvolvimento das décadas anteriores.
c) Surpreende-nos o fato de o Estado de São Paulo, que muito se difere do sul do país, ter engrossado as estatísticas favoráveis à criação de um Brasil do sul.
d) É reducionista atribuirmos apenas à seca a razão que leva a população do norte e nordeste a se migrar para o sul.
e) A pretendida separação que pleiteiam os estados do sul acarretará, se vier a se concretizar, a perda da identidade nacional.

14. (Administrador – Petrobras – Cesgranrio) Segundo diria o Professor Carlos Góis, mencionado no Texto II, a frase cuja regência do verbo respeita a norma-padrão é:
a) Esquecemo-nos daquelas regras gramaticais.

b) Os professores avisaram aos alunos da prova.
c) Deve-se obedecer o português padrão.
d) Assistimos uma aula brilhante.
e) Todos aspiram o término do curso.

15. (Administrador – Transpetro – Cesgranrio) A frase Compramos apostilas que nos serão úteis nos estudos está reescrita de acordo com a norma-padrão em:
a) Compramos apostilas cujas nos serão úteis nos estudos.
b) Compramos apostilas as cujas nos serão úteis nos estudos.
c) Compramos apostilas a qual nos serão úteis nos estudos.
d) Compramos apostilas as quais nos serão úteis nos estudos.
e) Compramos apostilas às quais nos serão úteis nos estudos.

16. (Escriturário – BB – Cesgranrio) A frase em que a presença ou ausência da preposição está de acordo com a norma-padrão é:
a) A certeza que a sorte chegará para mim é grande.
b) Preciso de que me arranjem um emprego.
c) Convidei à Maria para vir ao escritório.
d) A necessidade que ele viesse me ajudar me fez chamá-lo.
e) Às dez horas em ponto, estarei à sua casa.

17. (Esaf) Observe as palavras sublinhadas e indique a frase que apresenta regência nominal correta.
a) Por ser muito estudioso, ele tinha grande <u>amor</u> a seus livros.
b) Havia muitos anos que não via o filho, por isso estava <u>ansioso</u> em vê-lo.
c) <u>Alheio</u> para com o julgamento, o réu permanecia calado.
d) Coitado! Foi preso porque era <u>suspeito</u> por um crime que não cometeu.
e) Tínhamos o <u>propósito</u> em dizer toda a verdade, mas nos impediram de fazê-lo.

18. (Esaf) A frase que apresenta <u>erro</u> de regência do verbo ASSISTIR é:
a) Não fui ver o filme, embora quisesse assistir-lhe.
b) Não lhe assiste o direito de humilhar ninguém.
c) Ele assiste às aulas sempre com muita serenidade.
d) Aqueles médicos assistem os doentes com dedicação.
e) Assistiu aos jogos da Seleção sem nenhum entusiasmo.

19. (Esaf) Observe, nos períodos abaixo, a regência dos verbos e dos nomes.
I. As constantes faltas ao trabalho implicaram a sua demissão.
II. Procederemos à abertura do inquérito.
III. O cargo a que aspiramos é disputado por todos.
IV. Prefiro mais estudar do que trabalhar.
V. Sua atitude é incompatível ao ambiente.
Assinale a sequência que corresponde aos períodos corretos.

a) I, II e IV.
b) II, III e IV.
c) II, IV e V.
d) I, II e III.
e) I, III e IV.

20. (AFT) Avalie as afirmações abaixo, a respeito do emprego das estruturas linguísticas no texto, para assinalar a opção correta.
Quando se ouve a palavra "preço", as primeiras imagens que invadem nossa mente são as de cartazes de liquidação, máquinas registradoras, cheques e cartões de crédito. Mesmo nas sociedades orientais, menos capitalistas que a nossa, a ideia de preço é sempre ligada à noção de objeto de valor.
Porém, diferentemente do que a mídia informa, nem tudo pode ser comprado e parcelado em três vezes no cartão. As coisas realmente importantes da vida têm seu preço, isso é certo, mas a forma de pagamento é bem diversa das praticadas nos *shopping centers*.
Na infinita negociação que é viver, se sairá melhor aquele que possuir uma sólida corrente de reservas emocionais e de bom-senso do que aquele que confia apenas em sua coleção de cartões de plástico. Lucrará mais aquele que souber responder com sabedoria a pergunta: vale a pena pagar o preço?
I. Para a coerência textual, o vocábulo "as" (l.1) tanto pode ser interpretado como um pronome, substituindo o substantivo "imagens" (l.1), quanto como um artigo definido que deixa implícita a concordância com "imagens".
II. O acento indicativo de crase em "à noção" (l.3) decorre da presença da preposição a, exigida por "ligada" (l.6) e do artigo determinante de "noção".
III. Por ser expressa a comparação em estrutura oracional, o termo "do que" (l.5) por ser escrito apenas como "que", sem prejuízo da correção gramatical do texto.
IV. A retirada do pronome em "isso é certo" (l.6) resulta em erro gramatical, por que a oração fica sem sujeito; o que prejudica a coesão textual.
V. Devido ao emprego da vírgula, mantém-se a coerência textual e a correção gramatical ao empregar o pronome átono depois do verbo em "se sairá" (l. 8).
VI. As regras gramaticais possibilitam também o emprego do acento indicador de crase em "a pergunta" (l. 10): à pergunta.
Estão corretos apenas os itens:
a) I, II e VI;
b) I, II, III e V;
c) I, IV e VI;
d) II, III, V e VI;
e) III, IV e V.

21. (Susep) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical inserido no texto.
O etanol ainda está longe de ter um mercado global. Apresentado <u>desde o</u>(1) início da década como a grande solução energética para o mundo, para substituir uma fonte não

renovável (o petróleo) e reduzir a emissão (2) de poluentes, o etanol ainda não conquistou os fabricantes de veículos e os consumidores do mundo inteiro. Falta uma padronização internacional para transformar-lhe (3) em uma *commodity* facilmente comercializável nos diferentes mercados e ainda persistem barreiras protecionistas em muitos países. Nos EUA, por exemplo, há uma tarifa de importação de US$ 0,54 por galão. Para entrar na União Europeia, o etanol brasileiro paga 19 centavos de euro por litro. É grande o potencial de mercado para o etanol brasileiro nos EUA. Na União Europeia, o potencial é menor, pois lá (4) o programa energético prevê a utilização de 10% de combustíveis renováveis no consumo total em 2020. Cálculos da União da Indústria da Cana-de-Açúcar – Única indicam que isso resultaria na demanda de 14 bilhões de litros de etanol por ano (outra parte seria atendida (5) por biodiesel).
(*O Estado de S. Paulo*, Editorial, 18/02/2010, com adaptações)
a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

22. (AFTN) Assinale a única frase cuja lacuna não deve ser preenchida por um pronome relativo preposicionado.
a) O relator da emenda constitucional apresentou proposições todos simpatizavam.
b) Recordaram com carinho a ponte trocaram o primeiro beijo.
c) Fui ver hoje o filme mais gosto.
d) Guimarães Rosa é o escritor brasileiro mais gosto.
e) Esta é a região fronteira agrícola deve ser aplicada.

23. (TRE-MT) Há erro de regência verbal, de acordo com a norma culta, em:
a) O informante não precisou do dinheiro ganho.
b) Eles se referiram sobre o outro governo.
c) Todos preferiram o elogio à censura.
d) Eis o ponto de que discordo.
e) Seu telefone não atende às chamadas.

24. (TRE-MT)
I. O livro me refiro não está traduzido.
II. Os candidatos cartões foram extraviados, poderão fazer a prova.
Os termos que completam, respectivamente, as lacunas das frases acima são:
a) que – cujos os
b) ao qual – dos quais
c) onde – cujos
d) a que – cujos
e) que – dos quais

25. (TRE-MG) Observe a regência dos verbos das frases reescritas nos itens a seguir:
I. Chamaremos os inimigos de hipócritas. Chamaremos aos inimigos de hipócritas;
II. Informei-lhe o meu desprezo por tudo. Informei-lhe do meu desprezo por tudo;
III. O funcionário esqueceu o importante acontecimento. O funcionário esqueceu-se o importante acontecimento.
A frase reescrita está com a regência correta em:
a) I apenas;
b) II apenas;
c) III apenas;
d) I e III apenas;
e) I, II e III.

26. (Técnico Judiciário – TRE-AP – FCC) O segmento grifado está empregado corretamente em:
a) A incompatibilidade da encomenda e a prestação de serviços gerou o conflito.
b) A curiosidade é inata do ser humano.
c) Foi sempre devotado pela ciência.
d) A sua declaração o indispôs com os colegas.
e) Compenetrou-se sobre a necessidade de estudar.

27. (Bacen – Esaf) Os trechos a seguir constituem um texto. Assinale a opção que apresenta erro de regência.
a) Desde abril, já é possível perceber algum decréscimo da atividade econômica, com queda da produção de bens de consumo duráveis, especialmente eletrodomésticos, e do faturamento real do comércio varejista.
b) Apesar da queda da inflação em maio, espera-se aceleração no terceiro trimestre, fenômeno igual ao observado nos dois últimos anos, em decorrência da concentração de aumentos dos preços administrados.
c) Os principais focos de incerteza em relação às perspectivas para a taxa de inflação nos próximos anos referem-se a evolução do preço internacional do petróleo, o comportamento dos preços administrados domésticos e o ambiente econômico externo.
d) Desde maio, porém, entraram em foco outros fatores: o racionamento de energia elétrica, a intensificação da instabilidade política interna e a depreciação acentuada da taxa de câmbio.
e) A mais nova fonte de incerteza é o choque derivado da limitação de oferta de energia elétrica no País, pois há grande dificuldade em se avaliar seus efeitos com o grau de precisão desejável.
(Trechos adaptados do *Relatório de Inflação* – Banco Central do Brasil, junho de 2001– volume 3, nº 2, p. 7 e 8.)

28. (Bacen – Esaf) Assinale a opção em que a regência está de acordo com as regras da norma culta.
a) As funções de autoridade monetária foram sendo transferidas progressivamente do

Banco do Brasil para o BC, enquanto as atividades atípicas exercidas por esse último, como as relacionadas ao fomento e à administração da dívida pública federal, foram transferidas para o Tesouro Nacional.
b) A Constituição de 1988 consagra dispositivos importantes para a atuação do BC, como ao do exercício exclusivo da competência da União para emitir moeda e o da necessidade de aprovação prévia pelo Senado Federal, em votação secreta, após arguição pública, dos designados pelo Presidente da República para os cargos de presidente e diretores.
c) A Constituição vedou o BC a concessão direta ou indireta de empréstimos ao Tesouro Nacional. A Constituição de 1988 prevê ainda, em seu artigo 192, a elaboração de Lei Complementar do Sistema Financeiro Nacional, que deverá substituir a Lei nº 4.595, abrangendo vários e importantes aspectos da estruturação e atuação do Banco Central.
d) Em 1998 o Banco Central retomou o processo de Planejamento Institucional, com à realização de um encontro de planejamento ao nível estratégico, contando pela participação do Presidente e diretores, e de encontros de planejamento no nível tático, que contaram com a participação do corpo gerencial das unidades especial, centrais e regionais.
e) No encontro ao nível estratégico foram definidos a missão do Banco, seus macroprocessos e os objetivos estratégicos para o horizonte de três anos, além das diretrizes balizadoras das ações para assegurar à estabilidade do poder de compra da moeda nacional.

29. (Ass. Leg. – FCC) ***... que faz com que em certas ocasiões...*** **(último parágrafo)**
A lacuna que deverá ser corretamente preenchida pela expressão grifada acima está em:
a) O mercado editorial de autoajuda, ... abrange várias categorias, cresce a olhos vistos em todo o mundo.
b) O conteúdo dos livros de autoajuda, ... os leitores acreditam, serve de inspiração para o sucesso na vida e na carreira profissional.
c) Os leitores estão convictos ..... essas publicações serão a inspiração para uma vida mais harmônica e feliz.
d) Os livros de autoajuda procuram conduzir as pessoas a obterem com tenacidade tudo aquilo ..... sonham.
e) A literatura de autoajuda constitui, no momento, os meios ..... as pessoas recorrem para viver melhor.

30. (TRT – Fundec) Sobre a regência do verbo assistir na oração "a Região Metropolitana finalmente assistia ao início de um capítulo bom da novela protagonizada por mais de 3 milhões de pessoas", pode-se afirmar que:
a) Está correta, porque o verbo foi empregado como transitivo indireto, no sentido de ser do direito.
b) É semelhante à regência do verbo amar em frases como "Deve-se amar ao próximo".
c) Admite a construção passiva, que seria: "O início de um capítulo bom da novela protagonizada por mais de 3 milhões de pessoas era assistido finalmente pela Região

Metropolitana.
d) Está consoante com a língua escrita padrão, mas divergente dos hábitos da língua falada no Brasil.
e) É a recomendada pela norma culta da língua, mas não é a habitualmente praticada pelos escritores contemporâneos.

31. (Proderj – FEC) No trecho "... asseguramos que as comunidades locais devem usufruir de benefícios decorrentes da exploração de recursos naturais encontrados em suas terras", observa-se que o verbo em destaque está regido pela preposição de, numa variante "de" regência da língua contemporânea. Das frases abaixo, aquela em que foi usada uma regência que contraria as normas da língua culta, pois não admite variante, é:
a) Poucos países abstiveram-se de participar da conferência.
b) Muitas vezes é difícil resistir as tentações da riqueza fácil e imediata.
c) Os mais jovens têm de suceder aos mais velhos nas lutas pelo meio ambiente.
d) Devemos prezar as ideias favoráveis às fontes renováveis de energia.
e) A plateia gostaria de que todos os países abraçassem a proposta brasileira.

32. (Proderj – FEC) De acordo com as normas de regência verbal do português contemporâneo, a oração "... que visam o bem público" também poderia estar expressa na forma "... que visam ao bem público", caracterizando-se como um caso de dupla regência. Dos casos abaixo relacionados, o que apresenta erro, por não se caracterizar como um caso de dupla regência, é o que está na opção:
a) Os companheiros o abraçaram num gesto de fraternidade. / Os companheiros lhe abraçaram num gesto de fraternidade.
b) A decisão implica uma reformulação dos planos. / A decisão implica numa reformulação dos planos.
c) Todos estão usufruindo as garantias oferecidas pela empresa. / Todos estão usufruindo das garantias oferecidas pela empresa.
d) Os interessados assistiram à palestra com toda a atenção. / Os interessados assistiram a palestra com toda a atenção.
e) Os colegas o chamavam de benfeitor da humanidade. / Os colegas lhe chamavam de benfeitor da humanidade.

33. (Esaf) Aponte o trecho correto quanto à regência.
a) Quando se desativa uma linha de trem, estão-se isolando muitas localidades que perderão o único meio de transporte que dispõem.
b) Em muitas cidades pequenas, no interior do País, prevalece a ideia, a qual se desconfia o próprio Prefeito seja adepto, de que o trem é meio de transporte obsoleto.
c) Como é interesse do País de que o preço do frete diminua, são urgentes e imprescindíveis investimentos em nosso sistema ferroviário.
d) A partir dos anos 50, o baixo custo do petróleo justificou a opção do transporte de carga por rodovias, às quais foram ganhando cada vez mais preferência.

e) No Brasil, dadas suas dimensões continentais, deve-se dar preferência às ferrovias para a movimentação de cargas.

34. (TRF-12ª – FCC) Está correto o emprego do elemento sublinhado em:
a) A obra de ficção **A guerra dos mundos**, em cuja Orson Welles se baseou, ganhou dramática adaptação radiofônica.
b) A tecnologia de ponta, sobre a qual por vezes pairam desconfianças, leva-nos apenas aonde queremos ir.
c) O cotidiano contemporâneo deixa-se afetar pelas conquistas técnicas, de cujas muita gente alimenta sérias desconfianças.
d) A segunda metade da década de 90, aonde se consolidou a multimídia, foi um marco na vida contemporânea.
e) O homem do nosso tempo, diante dos admiráveis recursos nos quais jamais sonhou alcançar, é por vezes um deslumbrado.

35. (TRE – SP – AJ – FCC) Está correto o emprego de ambas as expressões sublinhadas na frase:
a) O autor do texto, de cuja convicção é que estamos longe do desenvolvimento social, desconfia dos avanços tecnológicos com os quais muita gente demonstra plena admiração.
b) A modernidade técnica, na qual o autor faz suas restrições, não trouxe consigo o desenvolvimento social pelo qual tantos aspiram.
c) Muita gente acredita de que a tecnologia serve a todos, quando o que os fatos têm demonstrado é de que ela acaba servindo aos mesmos privilegiados de sempre.
d) O escritor a cujo nome se faz referência no texto foi um dos expoentes do movimento abolicionista brasileiro, ao qual aderiram muitos outros homens ilustres do século XIX.
e) É tal a velocidade em cuja vêm ocorrendo os avanços tecnológicos que os homens nem têm tempo para pensar nos excluídos, naqueles para quem essa velocidade não beneficia.

36. (Fiscal da Receita Estadual – AP – FGV) De acordo com a norma padrão, o pronome relativo está corretamente empregado apenas na seguinte alternativa:
a) Essas são algumas ideias por cujos os ensinamentos procuro me guiar.
b) Aquelas são as mais antigas histórias de comércio as quais se tem memória.
c) Apresentou um projeto que a principal filosofia dele é a democratização do saber.
d) O comportamento ético por que um povo se orienta define seu caráter.
e) O filósofo onde me refiro defendeu tese recentemente.

37. (TRF-4ª Região – FCC) Está correto o emprego do elemento sublinhado em:
a) A obra de ficção **A guerra dos mundos**, em cuja Orson Welles se baseou, ganhou dramática adaptação radiofônica.
b) A tecnologia de ponta, sobre a qual por vezes pairam desconfianças, leva-nos apenas aonde queremos ir.

c) O cotidiano contemporâneo deixa-se afetar pelas conquistas técnicas, de cujas muita gente alimenta sérias desconfianças.
d) A segunda metade da década de 90, aonde se consolidou a multimídia, foi um marco na vida contemporânea.
e) O homem do nosso tempo, diante dos admiráveis recursos nos quais jamais sonhou alcançar, é por vezes um deslumbrado.

38. (Analista Judiciário – TRT-1R – FCC) ... ***condição da qual os habitantes das cidades consideram difícil, talvez impossível, fugir*****. (último parágrafo) Mantendo-se a correção e a lógica, o verbo grifado acima pode ser substituído, sem qualquer outra alteração na frase em que se encontra, APENAS por:**
a) escapar;
b) afastar;
c) evadir;
d) evitar;
e) prevenir.

39. (Analista Judiciário – TRT-24ª Região) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:
a) Os recursos da internet, dos quais podemos nos valer a qualquer momento, permitem veicular mensagens por cujo conteúdo seremos responsáveis.
b) Artistas plásticos, que suas obras lhes interessa divulgar, frequentam os espaços da internet, mediante aos quais promovem a divulgação de seu trabalho.
c) Jornalistas veteranos, de cujas colunas tantos leitores já frequentaram, passaram a criar seus próprios blogs, pelos quais acrescentam uma dose de subjetivismo.
d) É comum que, num blog, os assuntos públicos, a cujo interesse social ninguém duvida, coabitem aos assuntos particulares, que a poucos interessará.
e) As múltiplas formas de linguagem com que o autor de um blog pode lançar mão obrigam-no a se familiarizar com técnicas de que jamais cogitou dominar.

40. (Fiscal – ICMS – FGV) ***O leitor já viu onde quero chegar*****. (L. 40)**
Assinale a alternativa cuja estrutura seja equivalente semanticamente à apresentada acima, mas que dela se diferencie quanto à adequação da linguagem ao padrão normativo.
a) Já observou o leitor onde quero chegar.
b) O leitor já viu aonde quero chegar.
c) Quero chegar onde o leitor já viu.
d) Em que ponto quero chegar o leitor já viu.
e) O leitor já viu em cujo local quero chegar.

41. (Fiscal – ICMS – FGV) Assinale a alternativa em que, alterando-se o trecho "a fim de que o estado realize as funções a que constitucionalmente está vinculado", não se obedeceu à norma culta. Despreze as alterações de sentido.

a) A fim de que o Estado realize as funções às quais constantemente se refere.
b) A fim de que o Estado realize as funções às quais prefere à instabilidade.
c) A fim de que o Estado realize as funções de cujos objetivos constantemente nos lembramos.
d) A fim de que o Estado realize as funções cujas implicações quase sempre esquecemos.
e) A fim de que o Estado realize as funções as quais se dispôs a efetivar.

42. (FNDE – FGV) Assinale a alternativa em que, alterando-se o trecho *construção de um diálogo (...) que as novas tecnologias permitem* (L.89-92), não se obedeceu às regras gramaticais de regência verbal. Ignore as alterações de sentido em relação ao texto original.
a) Construção de um diálogo (...) a que as novas tecnologias aludem.
b) Construção de um diálogo (...) que as novas tecnologias carecem.
c) Construção de um diálogo (...) a que as novas tecnologias procedem.
d) Construção de um diálogo (...) a que as novas tecnologias se referem.
e) Construção de um diálogo (...) que as novas tecnologias atingem.

43. (TRT-20ª – FCC) ... *além do que lhes permitem os recursos de que dispõem...* A expressão pronominal grifada acima deverá preencher corretamente a lacuna da frase:
a) A nova classe média desenvolveu padrões de consumo ..... só serão sustentáveis se houver salários dignos.
b) Os novos valores sociais, ... se deparam os autores do estudo incluem a valorização da educação.
c) As oscilações de renda familiar, ... o estudo se refere, oferecem riscos à manutenção dos padrões de consumo.
d) Foi realizado um estudo recente, ... se encontram informações importantes sobre a mobilidade social brasileira.
e) A amplitude da ascensão social ..... se fala é condizente com a redução das desigualdades de renda da população.

44. (Analista Judiciário – TRT – 23ª Região) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:
a) Os argumentos de que devemos nos agarrar devem se pautar nos limites da racionalidade e da justiça.
b) Os casos históricos em que Voltaire recorre em seu texto ajudam-no a demonstrar de que a pena de morte é ineficaz.
c) A pena de talião é um recurso de cuja eficácia muitos defendem, ninguém se abale em tentar demonstrá-la.
d) Os castigos a que se submetem os criminosos devem corresponder à gravidade de que se reveste o crime.
e) As ideias liberais, de cuja propagação Voltaire se lançou, estimulam legisladores em quem não falte o senso de justiça.

45. (Técnico Judiciário – TRT-23ª Região – FCC) ... ***e com o tempo em que você pode trabalhar*.**

O segmento grifado na frase acima preenche corretamente a lacuna da frase:

a) Muitos escritores afirmam não saber lidar com a fama ..... almejam em determinado momento de suas carreiras.

b) Alguns escritores menores tentam demonstrar em suas obras uma erudição ..... não possuem de fato.

c) Não por coincidência, o jornalismo é uma profissão ..... vários escritores recorrem em determinado momento de suas vidas.

d) O mercado cinematográfico internacional .... muitos roteiristas iniciantes tentam se inserir é por demais competitivo e estressante.

e) Dizem que o trabalho árduo e diário e uma disciplina tenaz são as principais armas ..... um jovem escritor deve se valer.

46. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) ... ***e que vem de certa harmonia misteriosa a que tendem o branco, o preto, o roxo e o moreno*...**

O segmento grifado preenche corretamente a lacuna da frase:

a) As autoridades contavam ..... se fizessem consultas à população para definir os projetos de melhoria de toda a área.

b) As transformações ..... se refere o historiador descaracterizaram toda a área destinada, de início, a pesquisas.

c) A necessidade de inovações foi o argumento ..... se valeram os urbanistas para defender o projeto apresentado.

d) A ninguém ocorreu demonstrar ..... não seria possível impedir a derrubada de algumas antigas construções.

e) Seriam necessários novos e diferentes projetos urbanísticos, ... permanecessem intocadas as construções originais.

47. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) Está INADEQUADO o emprego do elemento sublinhado na frase:

a) A traição a que por vezes está sujeita nossa audição pode ter resultados divertidos.

b) Os sons das palavras, a cujos poucas vezes dedicamos plena atenção, podem ser bastante enganosos.

c) A melodia e o ritmo de uma frase, em cujo embalo podemos nos equivocar, valem pelo efeito poético.

d) E afinal, por onde andará dona Ondirá, senhora misteriosa de quem o leitor foi fã cativo, quando menino?

e) E dona Quiçás, a quem Nat King Cole jamais teve a honra de ser apresentado, morará ainda em Madri?

48. (Analista Judiciário – TRE-SP – FCC) Está correto o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

a) A argumentação na qual se valeu o ministro baseava-se numa analogia em cuja pretendia confundir função técnica com função política.
b) As funções para cujo desempenho exige-se alta habilitação jamais caberão a quem se promova apenas pela aclamação do voto.
c) Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto do que a promoção pelo mérito onde nem todos confiam.
d) A má reputação de que se imputa ao "assembleísmo" é análoga àquela em que se reveste a "meritocracia".
e) A convicção de cuja não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo à natureza do caso.

49. (Técnico Judiciário – TRE-SP – FCC) ... ***procurava incorporar à escrita o ritmo da fala*****...**
O verbo empregado no texto com a mesma regência do grifado acima está em:
a) *... consagrar literariamente o vocabulário usual.*
b) *... dar estado de literatura aos fatos da civilização moderna.*
c) *No Brasil, ele significou principalmente libertação dos modelos acadêmicos...*
d) *... que a sua contribuição maior foi a liberdade de criação e expressão.*
e) *... os modernistas promoveram uma valorização diferente do léxico...*

50. (AFRF – Esaf) Marque a opção em que ambos os períodos estão gramaticalmente corretos.
a) O racismo no sentido de prática discriminatória em razão da etinia de uma pessoa ou grupo, atenta, primeiro, contra a própria organização política brasileira. / O racismo, no sentido de prática discriminatória, em razão da etnia de uma pessoa ou grupo, atenta, primeiro, contra a própria organização política brasileira.
b) A prática do racismo é definida como crime na Lei nº 7.716/1989, isto é, nessa lei estão definidas várias condutas que implicam tratamento discriminatório, motivado pelo preconceito racial. / A prática do racismo é definida como crime na lei nº 7.716/1989, isto é, nessa Lei estão definidas várias condutas que implicam em tratamento discriminatório, motivado pelo preconceito racial.
c) O racismo é crime de ação múltipla ou de conteúdo variado, de maneira que a prática, no mesmo contexto de ação, de mais de um núcleo acarreta uma única incriminação. / O racismo é crime de ação múltipla ou de conteúdo variado, de maneira que a prática no mesmo contexto de ação, de mais de um núcleo, acarreta em uma única incriminação.
d) O incitamento à discriminação não afasta a possibilidade de cometimento também de injúria, motivada pela discriminação ou qualquer outro crime contra a honra, previsto no CPB ou mesmo na Lei de Imprensa. / O incitamento à descriminação não afasta a possibilidade de cometimento também de injúria, motivado pela descriminação ou quaisquer outro crime contra a honra, previsto no CPB ou mesmo na Lei de Imprensa.
e) A prática de tortura motivada pelo racismo, crime que tem por sujeito passivo o indivíduo, não afasta a incriminação de eventual crime de racismo previsto na legislação brasileira, que tem por sujeito passivo primário a coletividade, com lesões jurídicas da

mesma forma diferenciadas: o primeiro, a integridade física, saúde e liberdade individual, e os demais, a paz pública. / A prática de tortura motivada pelo racismo, crime que tem por sujeito passivo o indivíduo, não afasta a incriminação de eventual crime de racismo previsto na legislação brasileira, que tem por sujeito passivo primário a coletividade, com lesões jurídicas da mesma forma diferenciadas, o primeiro a integridade física, saúde e liberdade individual, e os demais a paz pública.
(Baseado em Carlos Frederico de Oliveira Pereira)

Capítulo 27

Concordância

27.1. Concordância verbal

O conceito geral é o verbo ser obrigado a concordar com o sujeito. Aqui serão analisadas situações especiais de concordância.

1) **DOIS OU MAIS NÚCLEOS DE SUJEITO E UM VERBO**

a) SUJEITO COMPOSTO ANTEPOSTO AO VERBO – concordância por soma.

Ex.: Eu e tu (NÓS) fomos ao cinema.
Ele e tu (VÓS) fostes ao cinema.
Ela e eu (NÓS) iremos ao Maracanã.

b) SUJEITO COMPOSTO POSPOSTO AO VERBO – concordância pode ser por soma ou atrativa.

Ex.: Fomos (ou FUI) eu e tu ao cinema.
Fostes (ou FOSTE) tu e ele ao cinema.
Iremos (ou IRÁ) ele e eu o cinema.
"e veio a guerra, a violência, a invasão..." (Raul Pompéia).

– A forma verbal "veio" poderia ser substituída por VIERAM.

Obs.: A soma se dará pela hierarquia das pessoas. A primeira pessoa se sobrepõe às demais, e a segunda, à terceira. No entanto, como a segunda pessoa do plural está em desuso na língua corrente no Brasil, a forma coloquial VOCÊS (3ª pessoa do plural) a tem substituído.

Ex.: Tu e João fareis (ou farão – forma que vem sendo aceita) o trabalho.

2) **QUEM** – o verbo tanto poderá concordar com o pronome relativo QUEM (terceira pessoa do singular) como também poderá fazê-lo com o antecedente do QUEM.

Ex.: Fui eu quem fez (ou FIZ) o trabalho.
Fomos nós quem fez (ou FIZEMOS) o trabalho.
Fostes vós quem fez (ou FIZESTES) o trabalho.

Obs.: O Professor Celso Cunha indica que a concordância com a 3ª pessoa do

singular é a construção prevista pela regra, mas sendo também aceita a concordância com o antecedente do QUEM.

3) **QUE** – o verbo concordará com o termo antecedente do pronome relativo QUE (quando este for o sujeito da oração).

Ex.: Fui eu que fiz o trabalho.

Fomos nós que fizemos o trabalho.

Fostes vós que fizestes o trabalho.

Obs.: Se o antecedente do pronome relativo QUE funcionar como predicativo do sujeito, o verbo tanto poderá concordar com o predicativo como poderá concordar com o sujeito da oração anterior.

Ex.: Eu fui o primeiro que chegou – concordância com o predicativo "o primeiro".

Eu fui o primeiro que cheguei – concordância com o sujeito da oração anterior.

4) **UM E OUTRO** – o verbo tanto poderá estar na terceira pessoa do singular como na terceira pessoa do plural, mas o substantivo ficará sempre no singular.

Ex.: Um e outro aluno fez (ou FIZERAM) o trabalho.

Obs.: O usuário da língua incorrerá em erro se flexionar o substantivo no plural.

BIZU

A utilização da expressão NEM UM NEM OUTRO como sujeito causa uma divergência entre os professores Celso Cunha e Evanildo Bechara. Este indica que o verbo somente poderá flexionar-se no singular (Nem um nem outro compareceu ao trabalho); já aquele informa que, funcionando como pronome substantivo, poderá levar o verbo para o singular ou plural (Nem um nem outro compareceu – ou compareceram – ao trabalho). Ainda segundo Cunha, se a expressão funcionar como pronome adjetivo – determinando um substantivo –, o verbo apenas poderá ocorrer no singular (Nem um nem outro funcionário compareceu ao trabalho).

5) **UNS DE NÓS, ALGUNS DE NÓS, POUCOS DE NÓS, MUITOS DE NÓS, QUAISQUER DE NÓS** – o verbo tanto poderá estar na primeira pessoa do plural como na terceira pessoa do plural.

Ex.: Uns de nós trabalhamos (ou TRABALHARAM) aqui.

Muitos de nós estamos (ou ESTÃO) insatisfeitos.
Quaisquer de nós podemos (ou PODEM) fazer este trabalho.

6) **UNS DE VÓS, ALGUNS DE VÓS, POUCOS DE VÓS, MUITOS DE VÓS, QUAISQUER DE VÓS** – o verbo tanto poderá estar na segunda pessoa do plural como na terceira pessoa do plural.

Ex.: Uns de vós trabalhastes (ou TRABALHARAM) aqui.
Muitos de vós estais (ou ESTÃO) insatisfeitos.
Quaisquer de vós podeis (ou PODEM) fazer este trabalho.

Obs.: Em relação aos casos 5 e 6, se o primeiro termo estiver no singular, o verbo só poderá estar no singular.

Ex.: Um de nós poderá fazer este trabalho. Algum de vós esteve aqui?

→ Esta única possibilidade de concordância ocorre por motivos semânticos. Quando dizemos "Uns de nós poderão (poderemos) fazer o trabalho, interpreta-se que "uns poderão fazer o trabalho" ou "nós poderemos fazer o trabalho; no entanto, quando se diz "Um de nós poderá fazer o trabalho", é importante ressaltar que só esse "um" poderá fazer o trabalho, os outros elementos (participantes do NÓS), não.

O NCE já questionou qual das duas construções possíveis (ESCRIVÃO – PC – 2001) seria a mais adequada e indicou como resposta a que fazia a concordância com o verbo na terceira pessoa do plural. Interpretei a opção feita pela banca como uma preferência pela concordância com o núcleo do sujeito (UNS, ALGUNS, MUITOS, POUCOS, QUAISQUER) e não com o adjunto adnominal (DE NÓS, DE VÓS). É também possível que a escolha pela terceira pessoa do plural, em detrimento da segunda pessoa do plural, tenha ocorrido em virtude de "vós" estar em desuso na variante brasileira da língua portuguesa.

7) **COLETIVO** – apesar de o coletivo dar uma ideia pluralizada, o verbo deverá estar na terceira pessoa do singular, a não ser que o próprio coletivo esteja no plural.

Ex.: O cardume viajou por todo o oceano.
Os cardumes viajaram por todo o oceano.

Obs.: Se o termo **coletivo** possuir um adjunto adnominal, o verbo tanto poderá concordar com o coletivo como também poderá concordar com o adjunto adnominal.

Ex.: A manada de elefantes destruiu (ou DESTRUÍRAM) toda a floresta.
O cardume de tainhas está chegando à costa brasileira (ou estão).

Se houver distanciamento entre o coletivo e o verbo, torna-se opcional a flexão do verbo no singular ou no plural.

Ex.: O grupo invadiu a minha residência à meia-noite. Roubaram tudo.

8) **UM TERÇO, 30%, A METADE, A MAIOR PARTE, A MENOR PARTE, UMA PARTE, A MAIORIA DE, A MINORIA DE... –** estes termos ou quaisquer outros que indicarem ideia partitiva ou fracionária, quando possuírem um adjunto adnominal, admitirão que o verbo tanto concorde com estes termos em negrito, como também com o adjunto adnominal.

Ex.: A maior parte dos alunos fez (ou FIZERAM) o trabalho.

Um terço dos fumantes tem (ou TÊM) problemas respiratórios.

9) **PRONOME DE TRATAMENTO –** o verbo deverá estar na terceira pessoa.

Ex.: V. Sª. está se sentindo bem?

V. Exª. deveria obedecer às vontades do povo da mesma forma que o povo lhe obedece.

Obs.: O pronome de tratamento V. Exª., como já se disse, é de terceira pessoa. Logo, quando outro pronome for referente ao ser V. Exª., deverá estar flexionado também na terceira pessoa, não cabendo o uso do oblíquo "vos" ou do possessivo "vosso".

10) **UM DOS QUE –** o verbo tanto poderá estar na terceira pessoa do singular como na terceira pessoa do plural.

Ex.: Ele é um dos que mais estuda (ou ESTUDAM).

Manoel foi um dos que fez (ou FIZERAM) o trabalho.

Obs.: O motivo de haver a dupla possibilidade de concordância se dá em virtude de o pronome relativo QUE poder ter como antecedente UM ou OS (combinado à preposição DE).

– SEM QUE –

Já a estrutura UM DOS só admite a construção com o verbo na terceira pessoa do singular. Isso se justifica através da semântica. Quando se diz "Manoel foi um dos que fez o trabalho", não só Manoel fez o trabalho, como outros também o fizeram. No entanto, quando se informa "Um dos alunos fez o trabalho", só cabe a interpretação de que "um" fez o trabalho, não os demais.

11) **MAIS DE UM –** apesar de a ideia ser pluralizada, o verbo estará na terceira pessoa do singular.

Ex.: Mais de um atleta brasileiro recebeu cartão amarelo.

Mais de uma moça viajou para Paris.

12) **MENOS DE DOIS** – apesar de a ideia ser de singular, o verbo estará na terceira pessoa do plural.

Ex.: Menos de dois homens ainda se encontram presos.

Menos de duas pessoas tentaram fugir.

13) **CERCA DE, PERTO DE** – o verbo concordará sempre com o numeral.

Ex.: Cerca de 70 alunos estavam presentes.

14) **OU** – se houver nítida ideia de exclusão, a concordância do verbo se dará atrativamente. Se ocorrer a possibilidade de soma dos núcleos, o verbo pode concordar com o termo mais próximo ou com a adição.

Ex.: Ele ou tu serás eleito para representante da turma. Ele ou tu farás (fareis) o trabalho.

15) **GRADAÇÃO** – quando houver dois ou mais termos no mesmo campo semântico, o verbo poderá concordar com a soma deles ou com o mais próximo.

Ex.: A tristeza, a angústia, o sofrimento tomou (tomaram) conta dos vascaínos depois que o Pet acertou aquele belíssimo chute no último minuto do jogo.

16) **VERBOS PARECER e COSTUMAR** – estes verbos poderão ou não formar uma locução com a forma verbal seguinte. Se não formarem, os verbos PARECER e COSTUMAR deverão ocorrer na terceira pessoa do singular, caso contrário, eles concordarão com o sujeito.

Ex.: Eles parecem fazer o trabalho.

→ O verbo PARECEM concordou com o sujeito ELES, formando assim uma locução verbal com o FAZER.

Eles parece fazerem o trabalho.

→ Nesta estrutura, o verbo PARECE forma sozinho uma oração, por isso o verbo FAZEREM é obrigado a concordar com ELES.

Os alunos pareciam estar cansados.

→ O verbo PARECIAM concorda com OS ALUNOS, formando assim com o ESTAR uma locução verbal.

Os alunos parecia estarem cansados.

→ Nesta estrutura, o verbo PARECIA forma sozinho uma oração principal, e o verbo ESTAREM, por consequência, é obrigado a concordar com OS ALUNOS.

Obs.: Na frase "Os alunos parece que estudam bastante", a forma verbal "parece"

somente poderá ocorrer no singular. Tal ocorre em função de haver duas orações: 1ª – que os alunos estudam bastante; 2ª – Parece. A primeira oração é sujeito da segunda (Isso parece), portanto o verbo "parecer" deve ficar na terceira pessoa do singular para concordar com o sujeito oracional.

17) **TÍTULOS NO PLURAL**

a) quando o título estiver precedido de artigo, o verbo concordará com ele;

Ex.: Os Estados Unidos são sempre contrários a qualquer movimento ambientalista.

O Os Lusíadas é uma das maiores obras literárias de todos os tempos.

b) não havendo artigo ou outro determinante – segundo Celso Cunha –, o verbo deverá vir no singular.

Ex.: Estados Unidos contraria o interesse do resto do mundo.

Obs.: O Professor Evanildo Bechara considera que o verbo deverá estar no plural, exceto com o verbo SER, situação que torna a flexão em número facultativa.

Ex.: Estados Unidos contrariam o interesse do restante do mundo.

Estados Unidos são (é) a maior potência bélica do planeta.

18) **VERBOS CAUSATIVOS E SENSITIVOS COM SUJEITO NO PLURAL**

a) quando o sujeito (substantivo no plural) estiver postado entre os dois verbos, sendo o primeiro causativo ou sensitivo, deverá o segundo (no infinitivo) estar no plural;

Ex.: Ele mandou os alunos fazerem os exercícios.

b) quando o sujeito (substantivo no plural) estiver postado após os dois verbos, preferencialmente o segundo deverá estar no singular, podendo, também, ocorrer no plural;

Ex.: Ele viu entrar (ou entrarem) as crianças.

"Vi sair daquelas folhas muitos perfis de seminaristas" (Machado de Assis).

"Manda sair os dois!" (José de Alencar).

c) quando o sujeito for pronome oblíquo, a concordância normalmente se faz com singular, admitindo-se o plural, forma mais rara.

Ex.: Nós deixamo-los partir (ou partirem).

19) **VERBO SER**

a) predominância da pessoa sobre a coisa;

Ex.: A vida são os homens.

A criança é as minhas esperanças.

b) predominância do pronome pessoal sobre o nome;

Ex.: O errado aqui sou eu.
Loucos somos nós.

c) predominância do pronome pessoal ou nome sobre pronomes interrogativos;
Ex.: Quem és tu?
Que são tristezas?

d) predominância do plural sobre singular ou palavra invariável;
Ex.: Tudo são flores.
A vida eram uns problemas.

Obs.: Já também são aceitas as formas deste item concordando com o outro termo. Ou seja, também poderíamos dizer:
Ex.: Tudo é flores
A vida era uns problemas.

O NCE indicou na prova de CNEN em 2002 a preferência pela forma singular na seguinte estrutura "Greves é algo..."

e) predomina o singular quando houver **é muito, é pouco, é mais de**;
Ex.: Três mil reais é mais do que preciso.
Cinco mil reais é muito pouco.

f) predomina a concordância do verbo com o numeral indicado pela **distância, hora** ou **data**;
Ex.: De Copacabana ao Centro são 10 quilômetros.
Eram duas horas.
Hoje são 28 de abril.

Obs.: Também podemos utilizar neste último exemplo a palavra dia. Neste caso, o verbo concordará com este termo.
Ex.: Hoje é dia 28 de abril.
Já há autores mais modernos que também aceitam "Hoje é 28 de abril", baseando-se no fato de a palavra dia estar implícita na frase.

g) A expressão **ERA UMA VEZ** é invariável.
Ex.: Era uma vez cinco milhões de eleitores.

20) **SUJEITOS LIGADOS PELA PREPOSIÇÃO COM** – poderá vir o verbo no singular – caso se queira realçar somente o primeiro núcleo – ou no plural, concordando com a soma.
Ex.: João com Maria foi (foram) ao teatro.

21) **SUJEITOS LIGADOS POR CONJUNÇÃO COMPARATIVA OU POR PRONOME INDEFINIDO MAIS** – este caso é bastante parecido com o

anterior. Destacando-se apenas o primeiro sujeito, o verbo deverá ocorrer no singular. Sendo a intenção realçar o sujeito composto, o verbo estará no plural.

Ex.: O professor, como o aluno, deve (devem) atentar-se sempre aos novos materiais publicados.

Ex.: "... e à noite lá estava ele rente, mais a Bertoleza, a removerem tábuas, tijolos..." (Aluísio de Azevedo).

22) **SUJEITOS LIGADOS PELA CONJUNÇÃO NEM –** poderá o verbo ocorrer no singular, destacando-se apenas um dos núcleos, ou no plural, em concordância com a soma.

Ex.: Nem o professor nem o diretor compreendeu (compreenderam) a reivindicação dos alunos.

23) **SUJEITOS RESUMIDOS POR PRONOME INDEFINIDO –** a concordância se dá com o pronome indefinido.

Ex.: A chuva, os ventos, o cansaço, a pouca visibilidade, nada o fazia desistir.

24) **SUJEITO ORACIONAL –** o verbo da oração principal ocorrerá na terceira pessoa do singular.

Ex.: Convém estudarmos bastante. / É importante que todos leiam este livro.

Obs.: Este caso já fora amplamente analisado em orações substantivas.

25) **SOAR, BATER, DAR –** concorda com o numeral indicador de hora.

Ex.: Soaram cinco horas da tarde. / Bateu meio-dia no meu relógio.

Obs.: Se a palavra "relógio" for transformada em sujeito, o verbo o acompanha.

Ex.: O relógio deu quatro horas.

26) **SILEPSE –** concordância ideológica.

Ex.: Todos (3ª pessoa do plural) estamos (1ª pessoa do plural, o emissor da mensagem está se incluindo) muito insatisfeitos com as denúncias de corrupção no governo.

O povo (3ª do singular) iremos (o autor da frase se inclui) às urnas no próximo ano.

27) **HAVER –** no sentido de EXISTIR ou de TEMPO DECORRIDO, é impessoal, portanto só poderá ocorrer na terceira pessoa do singular.

Ex.: Há muitos alunos em sala. Deve haver soluções. Ele já chegou há muitos dias.

Obs.: O verbo EXISTIR, mesmo sendo sinônimo de HAVER, é pessoal, contendo sujeito e sendo obrigado a concordar com ele.

Ex.: Existem problemas a serem resolvidos. Devem existir soluções. Hão de

existir soluções.

É importante relembrar que o termo "soluções" na frase "Deve haver soluções" funciona como objeto direto; já na frase "Devem existir soluções", funciona como sujeito.

28) **FAZER** – no sentido de TEMPO DECORRIDO ou METEOROLÓGICO, é impessoal, só podendo ocorrer na terceira pessoa do singular.

Ex.: Faz vinte anos que não o vejo. Vai fazer quatro semanas que iniciamos o trabalho. Tudo nos leva a crer que nos próximos anos fará invernos muito frios.

29) **VERBO + SE** – neste assunto, é importante o candidato relembrar a distinção entre pronome apassivador e índice de indeterminação do sujeito. Caso o pronome SE esteja relacionado a um verbo transitivo direto, fica caracterizada a voz passiva sintética, obrigando o verbo a concordar com o sujeito (antigo objeto direto da voz ativa). Caso o pronome SE esteja relacionado a um verbo que não seja transitivo direto, funciona como índice de indeterminação do sujeito, limitando o verbo a flexionar-se tão somente na terceira pessoa do singular.

Ex.: Aspira-se bom ar em São Pedro. Aspiram-se bons ares em São Pedro.

Aspira-se a bom cargo nesta empresa. Aspira-se a bons cargos nesta empresa.

27.2. Exercícios

1. (Auditor – Sefaz-RJ – FGV) ***Que você pagou pra mim.***

Assinale a alternativa em que a alteração do verso acima tenha sido feita de acordo com a norma culta. Não leve em conta possível alteração de sentido.

a) Que Vossa Excelência pagou pra mim.
b) Que vós pagaste pra mim.
c) Que Vossa Senhoria pagastes pra mim.
d) Que tu pagastes pra mim.
e) Que tu pagáreis pra mim.

2. (Pref. SP – FCC) As normas de concordância verbal estão plenamente observadas na frase:

a) Não deveriam caber aos jovens estudantes o peso das responsabilidades políticas que o autor a eles pretende atribuir.
b) É fatal que venham a decepcionar-se com os jovens todo aquele que os vê como sujeitos políticos já inteiramente constituídos.
c) O embate a que se costumam lançar os jovens estudantes são quase sempre marcados por uma natural imaturidade política.
d) Não se devem confiar a um jovem os atributos políticos que mesmo ao político mais

experiente costumam faltar.
e) Creio que nenhuma referência a autores como Nelson Rodrigues ou Maquiavel poderão trazer alento aos jovens idealistas.

3. (AFTN) Indique o único segmento que apresenta concordância verbal condizente com as normas do português padrão.
a) O funcionamento dos dois hemisférios cerebrais são necessários tanto para as atividades artísticas como para as científicas.
b) As diferentes divisões e subdivisões a que se submetem a área de ciências humanas provocam uma indesejável pulverização de domínios do conhecimento.
c) Normalmente, a aplicação de métodos quantitativos e exatos acabam por distorcer as linhas de raciocínio em ciências humanas.
d) Uma das premissas básicas do conjunto de assunções teóricas e epistemológicas do trabalho que ora vem a lume é a concepção da Arte como uma entre as muitas formas por meio das quais o conhecimento humano se expressa.
e) Não existem fórmulas precisas ou exatas para avaliar uma obra de arte, não existe um padrão de medida ou quantificação, tampouco podem haver modelos rígidos pré-estabelecidos.

4. (Def. Pública-SP – FCC) A concordância verbal e nominal está inteiramente correta na frase:
a) As mais recentes descobertas da ciência pode levar ao desenvolvimento de tratamentos que controlem a perda de memória, melhorando a capacidade cerebral.
b) Os pesquisadores descobriram que existe situações que favorece a memorização mais duradoura, possibilitando a realização das tarefas cotidianas no trabalho, por exemplo.
c) Está sendo feito estudos sobre a capacidade do cérebro humano de reter informações e processá-las, o que torna possível as lembranças do que aconteceu.
d) A visão de uma obra de arte dispara a comunicação entre neurônios, e o tamanho do impacto causado pela imagem é o que define como será guardada na memória.
e) Memória implícita é aquela que se refere aos conhecimentos, hábitos e habilidades, como andar de bicicleta, que é evocado de maneira automática.

5. (TRT-9R – FCC) As normas de concordância verbal estão plenamente acatadas na frase:
a) Não devem os leitores de hoje imaginar que cabiam aos filósofos antigos preocupar-se com questões que já não fazem sentido.
b) Leitores de hoje, não devemos imaginar que a um filósofo clássico ocorressem tão somente questões específicas de sua época histórica.
c) Nenhum de nossos desejos, de acordo com Sêneca, deveriam transpor nossos limites, fronteiras que se deve sempre determinar.
d) A cada um dos princípios do estoicismo devem corresponder, como se postulavam entre os estoicos, lúcida e consequente iniciativa nossa.
e) Àqueles que não temem refletir sobre a morte reserva-se as recompensas de uma

vida mais lúcida e mais intensa.

6. (Fiscal – ICMS – FGV) "... mostram que um terço dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição...". Assinale a alternativa em que, ao se alterar o termo "um terço", não se tenha mantido a concordância em conformidade com a norma culta. Desconsidere a possibilidade de concordância atrativa.

a) Mostram que 0,27% dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.
b) Mostram que menos de 2% dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foram tributados apenas por aquela contribuição.
c) Mostram que grande parte dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.
d) Mostram que três quartos dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foram tributados apenas por aquela contribuição.
e) Mostram que 1,6 milhão dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.

7. (Alesp – FCC) A concordância verbal e nominal está inteiramente correta em:

a) Presume-se que já tenha sido extinto muitas espécies da fauna e da flora com a destruição de enormes extensões de florestas.
b) Os desequilíbrios no ecossistema de uma floresta pode pôr em risco a sobrevivência de certas espécie de plantas.
c) Deve valer para todos os países as medidas de segurança a ser tomada em relação à preservação de florestas.
d) Para a restauração de áreas ocupadas por atividades agrícolas, é observado os tipos de uso do solo e as características do entorno para traçar o projeto de ação.
e) Projetos desenvolvidos por especialistas mostram que é possível conciliar restauração de florestas nativas com o manejo sustentável de seus recursos naturais.

8. (MPE – SE – FCC) Há uma transgressão das normas de concordância verbal na frase:

a) Não é à variação dos esquemas táticos que se deve imputar o fato de conviverem, em uma Copa do Mundo, a tristeza e a exaltação.
b) Entre paixões opostas costumam movimentar-se, nos dramáticos jogos da Copa, o sentimento dos torcedores mais fanáticos.
c) Sempre haverá nos versos de Carlos Drummond de Andrade reflexões poéticas que se enraízam nas experiências da vida.
d) Não coube aos brasileiros, na Copa de 2010, vivenciar os dramas que caracterizam as partidas a que leva o emparelhamento final.
e) A alternância entre paixões intensas e opostas, como ocorre ao longo da Copa do Mundo, não faz bem aos cardíacos.

9. (Sefaz – SP – FCC) As normas de concordância verbal encontram-se plenamente

observadas na frase:
a) Apenas se submetem às condições de baixa remuneração e falta de garantias trabalhistas quem não tem acesso às vantagens de um emprego formal.
b) Incluem-se entre as tantas vantagens que proporcionam o trabalho assalariado a pensão para os que se acidentam e o seguro para os que perdem o emprego.
c) Não deveria causar espanto a ninguém, com um crescimento econômico anual em torno de 7%, os índices de redução da informalidade, no ciclo da industrialização nacional.
d) Acredita-se serem possíveis que as atividades laborais do mercado informal possam, num certo momento, propiciar a transição para o emprego assalariado formal.
e) Caso não os afetasse a redução do desenvolvimento econômico, nos últimos anos, seriam outros os índices de ocupação de postos do trabalho formal no Brasil.

10. (AFTN) Indique a única frase que passaria a apresentar erro de concordância verbal, se tivesse o verbo sublinhado no singular:
a) "Um dos soldadinhos que me acompanhavam chorava como um desgraçado" (G. Ramos).
b) "Os sentenciados houveram do poder público a comutação da pena" (G. Góis).
c) "E quanto enfim cuidava e quanto via, eram tudo memórias de alegria" (Camões).
d) "O conselho se reuniu, e decidiram recomeçar a guerra" (B. Guimarães).
e) "Um turbilhão de sentimentos nos acodem" (L. Coelho).

11. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) Com as alterações propostas entre parênteses para o segmento grifado nas frases abaixo, o verbo que se mantém corretamente no singular é:
a) a modernização do Rio se teria feito **(as obras de modernização)**
b) Mas nunca se esquece ele de que **(esses autores)**
c) por que vem passando a mais bela das cidades do Brasil **(as mais belas cidades do Brasil)**
d) continua a haver um Rio de Janeiro do tempo dos Franceses **(tradições no Rio de Janeiro)**
e) do que a cidade parece ter de eterno **(as belezas da cidade)**

12. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do singular para preencher adequadamente a lacuna da frase:
a) Não ..... (**corresponder**) aos surpreendentes desdobramentos da descoberta do DNA análoga evolução no plano das questões éticas.
b) Mesmo a um pesquisador de ponta não ..... (**haver**) de convir as disputas éticas, pois ele ainda engatinha nessa nova descoberta.
c) De todas as projeções que se ..... (**fazer**) a partir da manipulação do DNA, a mais assustadora é a programação de tipos pessoais.
d) A um direitista não ..... (**deixar**) de assustar, quando isso não lhe convém, iniciativas econômicas que o Estado reivindica para si.

e) Não ..... (**parecer**) uma incongruência, para os esquerdistas, os excessos personalistas do líder de um movimento socialista.

13. (TRF – Esaf) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.
A história política e econômica do planeta, desde meados da década de 70, vêm registrando (1) – na contramão da proposta keynesiana – uma intensificação das pressões para a liberalização das contas de capital e para a desregulamentação financeira. E ainda pior, a utopia do Estado racional transfigurou-se (2) no pesadelo do Estado plutocrático (3), arena onde as gangues privadas se engalfinham (4) para impor (5) seus interesses.
(Luiz Gonzaga Belluzzo, com modificações.)
a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

14. (TTN) Assinale o período que apresenta erro de concordância verbal.
a) As relações dos ecologistas com uma grande empresa que desrespeitava as normas de preservação ambiental, começa a melhorar, para o benefício da humanidade.
b) Até 1995, 50% de recursos energéticos e de matéria-prima serão economizados por uma empresa que pretende investir 160 milhões de dólares no projeto.
c) Hoje não só o grupo dos ecologistas carrega a bandeira ambientalista, mas também aqueles empresários que centram seus objetivos no uso racional dos recursos naturais.
d) Os Estados Unidos são o país mais rico e poluidor do mundo, entretanto não defendem a tese do "desenvolvimento sustentável", a exemplo de muitas nações ricas.
e) É preciso ver que águas contaminadas, ar carregado de poluentes e florestas devastadas exigem o manejo correto da natureza, num país povoado de miseráveis.

15. (TTN) Marque o trecho que contém erro quanto à sintaxe de concordância.
a) O projeto de integração que vêm realizando as frágeis democracia uruguaia, argentina e brasileira é um esforço inegavelmente significativo para o cone sul.
b) Há registros de um sistema de exames competitivos elaborado por chineses, há mais de 2.000 anos antes de Cristo, para selecionar crianças superdotadas.
c) Grande número de programas têm sido direcionados, nos EUA, para áreas consideradas prioritárias pelo Estado, como matemática e ciências.
d) Ignorância, preconceito e tradição mantêm vivas uma série de ideias que dificultam a implementação de programas direcionados às crianças superdotadas.
e) São extremamente importantes, para se criar um ambiente favorável ao desenvolvimento dos superdotados, a criação de uma variedade de experiências de aprendizagem enriquecedoras e estimulantes.

16. (Analista Judiciário – TRF-2ª Região – FCC) As normas de concordância verbal estão

plenamente observadas na frase:
a) Evitem-se, sempre que possível, qualquer excesso no convívio humano: nem proximidade por demais estreita, nem distância exagerada.
b) Os vários atrativos de que dispõem a vida nas ilhas não são, segundo o cronista, exclusividade delas.
c) Cabem aos poetas imaginar espaços mágicos nos quais realizemos nossos desejos, como a Pasárgada de Manuel Bandeira.
d) Muita gente haveriam de levar para uma ilha os mesmos vícios a que se houvesse rendido nos atropelos da vida urbana.
e) A poucas pessoas conviria trocar a rotina dos *shoppings* pela serenidade absoluta de uma pequena ilha.

17. (TTN) Indique o trecho em que ocorre erro de concordância verbal, segundo o padrão culto da Língua Portuguesa.
a) O momento é grave. Cabe aos políticos a obrigação de manter a serenidade e o equilíbrio nos debates; que certamente passarão para o plenário da Câmara e do Senado. (*Jornal de Brasília*, 27/8/1992.)
b) A outra das terras por elas exploradas, pela mesma época, os portugueses deram o nome de Brasil, porque havia ali muito do pau conhecido por esse nome. Foi sorte. Havia também muitos macacos, nessa mesma terra, e muitos papagaios. (*Veja*, nº 134, 6/7/1994.)
c) Os cheques pré-datados, que permite aos lojistas financiar seus clientes nas compras a prazo, em alguns casos representam até a metade dos cheques recebidos pelo comércio. (*O Globo*, 15/1/1994.)
d) Os desarranjos na economia se expressam na ordem social por desequilíbrios calamitosos. São o desemprego generalizado, as pressões inflacionárias, a queda do produto, a depressão das massas e, síntese dialética, a violência (*Correio Brasiliense*, 8/7/1994.)
e) Mas, se, para além das palavras, se considerarem os atos do Executivo e as atuais negociações, parece que as pressões já começam a ter efeito. Há dez dias o país foi surpreendido com a nova versão do Orçamento que prevê uma elevação de mais de U$ 10 bilhões nos gastos do governo e igual aumento na estimativa das receitas. (*Folha de São Paulo*, 13/5/1994.)

18. (AFTN) Está correta a concordância verbal na sentença:
a) As discussões que se trata sobre a questão do endividamento externo serão o tema central do encontro.
b) Durante o seminário, apresentou-se três propostas diferentes de revisão da lei salarial.
c) Incluir-se no parecer do relator as alterações aceitas de comum acordo para todos os partidos.
d) Seria ingênuo pensar que as restrições palacianas ao projeto decorre apenas de idiossincrasias pessoais.

e) Positivamente falta clareza e seriedade na condução dos negócios públicos.

19. (AFRF – Esaf) Assinale a opção que apresenta erro de concordância verbal.
a) A Internet não é um acontecimento sem paralelo na História da humanidade.
b) Ela tem muito em comum com o telégrafo, inventado na década de 1830, que acarretou também uma redução brutal nos custos de comunicação e aumentou o fluxo de informações na economia.
c) Mas em hipótese alguma a Internet virou totalmente de cabeça para baixo os pressupostos econômicos tradicionais.
d) O valor da tecnologia da informação e da Internet residem em sua capacidade de armazenar, analisar e transmitir informações instantaneamente, seja para onde for, a um custo ínfimo.
e) A tecnologia da informação e a Internet amplificam o poder da mente da mesma forma que as tecnologias da Revolução Industrial amplificaram o poder dos músculos.

20. (Técnico Ambiental – Petrobras – Cesgranrio) A concordância está de acordo com a norma-padrão em:
a) Vai acontecer muitas inovações no século XXI.
b) Existe cientistas que investigam produtos para 2050.
c) A maioria dos brasileiros acredita que o mundo vai melhorar.
d) O passeio aos planetas e às estações espaciais vão ser normais no futuro.
e) Daqui a alguns anos, provavelmente haverão lojas com robôs vendedores.

21. (Técnico Judiciário – TRE-PA – FGV) ***Desse valor, R$ 265 milhões são oriundos do Orçamento da União*****...**
Assinale a alternativa em que se tenha mantido correção gramatical ao se alterar o trecho acima.
a) Desse valor, R$ 1,9 milhões são oriundos do Orçamento da União...
b) Desse valor, R$ 0,25 milhões são oriundos do Orçamento da União...
c) Desse valor, R$ 1,3 milhões é oriundo do Orçamento da União...
d) Desse valor, R$ 0,98 milhão são oriundos do Orçamento da União...
e) Desse valor, R$ 1,25 milhão é oriundo do Orçamento da União...

22. (Técnico Judiciário – TRE-RN – FCC) Com a substituição dos segmentos grifados pela expressão entre parênteses ao final da transcrição, o verbo que deverá ser colocado no plural está em:
a) *... em breve, o local vai abrigar um complexo voltado principalmente para o turismo religioso. (a região do Agreste/Trairi).*
b) *A ocupação portuguesa só se efetivou no final do século, com a fundação do Forte dos Reis Magos e da Vila de Natal. (A ocupação pelos portugueses).*
c) *A região é grande produtora de sal, petróleo e frutas... (A região de dunas, falésias e praias desertas).*
d) *O turismo de aventura encontra seu espaço no Polo Serrano ... (O turismo voltado para*

atividades de aventura).
e) *... e começou a ganhar importância* <u>*a extração do sal*</u> *... (os recursos obtidos com a extração do sal).*

23. (Analista de Gestão em Saúde – Fiocruz – FGV) "A maioria dessas pesquisas aponta para um aumento..."; no caso desse segmento do texto, há uma dupla possibilidade de concordância, como no seguinte trecho:
a) As pesquisas sobre o tema privilegiaram a estética.
b) Um milhão de pesquisas já mostrou essa verdade.
c) Bandos de pesquisadores trabalhavam sobre o tema.
d) Os telefones celulares são um problema para a segurança.
e) Milhares de telefones celulares são empregados no Brasil.

24. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) Quanto às normas de concordância verbal, está plenamente correta a frase:
a) Há desculpas que a ninguém compete pedir, mas Godofredo Rangel parecia pedi-las, quando se lhe reconheciam qualidades de escritor.
b) O isolamento em que vivem os artistas nas pequenas cidades do interior acabam por torná-los uns melancólicos.
c) Por que não se reconhece os atributos de um bom tradutor, que bem poderia lhe propiciar o mesmo prestígio devido a um ficcionista?
d) Os sociólogos costumam condenar os estereótipos, mas Drummond vale-se deles para admitirem os laços singulares de sua amizade.
e) Não faltam aos mineiros de grande sensibilidade, afirma Drummond, ainda quando distantes, o calor dos grandes afetos.

25. (Técnico judiciário – TJ-RJ – FCC) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do plural para preencher de modo adequado a lacuna desta frase:
a) Será que um dia se ..... (**atingir**) a cifra de inimagináveis vinte bilhões de habitantes?
b) Infelizmente não ..... (**caber**) aos homens, desde a sua criação, escolher a solidariedade como seu atributo natural.
c) Não é difícil imaginar o que nos ..... (**reservar**) o adensamento das aglomerações urbanas.
d) Aos jornais se ..... (**impor**) reduzir as páginas, o mesmo ocorrendo com o palavreado de seus articulistas.
e) Até mesmo a regime de emagrecimento ..... (**dever**) submeter-se os homens do futuro.

26. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – FCC) Com as alterações propostas entre parênteses para o segmento grifado nas frases abaixo, o verbo que poderá permanecer corretamente empregado no singular está em:
a) <u>*1 milhão*</u> *entrou no país pelo Valongo* **(1 milhão de escravos).**

b) *Quando foi proibida a importação de escravos* **(as atividades escravocratas).**
c) *O Império construiu o Cais da Imperatriz* **(os representantes do Império).**
d) *O maior porto de chegada de escravos desapareceu* **(Os portos).**
e) *O Valongo deixou de ser porto negreiro em 1831* **(As adjacências do Valongo).**

27. (Analista Judiciário – TRE-SP – FCC) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do plural para preencher de modo adequado a lacuna da seguinte frase:
a) As acusações que ..... (**promover**) quem defende o "assembleísmo" baseiam-se na decantada "soberania" das assembleias.
b) Não ..... (**convir**) aos radicais da meritocracia admitir que pode haver boas resoluções obtidas pelo critério do voto.
c) Por que ..... (**haver**) de caber a um simples passageiro as responsabilidades do comando de uma aeronave?
d) O que aos bons políticos não ..... (**poder**) faltar, sobretudo nos momentos de decisão, é o espírito público.
e) Não ..... (**caber**) às associações de classe, em assembleias, avaliar o mérito técnico, julgar a qualificação profissional de alguém.

28. (Analista Judiciário – TRT-1ª Região – FCC) O verbo que pode ser empregado corretamente também no singular, sem outra alteração na frase, está grifado em:
a) *... por aquelas pedras passaram pelo menos 600 mil escravos trazidos d'África.*
b) *Metade deles tinham entre 10 e 19 anos.*
c) *Em 1817, contaram-se 50 salas...*
d) *Os milhares de africanos que morreram por conta da viagem [...] foram jogados numa área...*
e) *... os dois pesados volumes da obra estão criteriosamente ilustrados.*

29. (AFC – Esaf) Assinale a opção sem erro de concordância.
a) O peso do reajuste de 10% da tabela de Imposto de Renda das pessoas físicas nas contas públicas – inserido em medida provisória que tem provocado tantas dissensões no Congresso – poderia ser amortecido com folga se não tivesse sido criado, há dez anos, dois mecanismos para aliviar o bolso de grandes empresas.
b) No campo dos benefícios dos transgênicos está a maior produtividade e o menor uso de defensivos agrícolas. Por outro lado, passível de discussão e pendente de provas científicas estão os malefícios ao meio ambiente e à saúde do homem.
c) Estudo comprovou que fatores hormonais podem aumentar a susceptibilidade de meninas à infestação por piolhos. A incidência discriminada por grau de intensidade de infestação e idade mostram que, entre os seis e oito anos, a parasitose alcança o nível máximo.
d) Em áreas de integração econômica que já alcançaram a fase de mercado comum (definida na União Europeia como fusão de mercados nacionais), o processo de eliminação de barreiras alfandegárias impede o uso de instrumentos fiscais que possam

dificultar a livre circulação de mercadorias, ou seja, exclui-se o uso do tributo com fins de controle fiscal.
e) Os intercâmbios econômicos entre os Estados, no cenário mundial, quando não inseridos em blocos de integração (como, por exemplo, as trocas comerciais entre Brasil e Espanha), também se veem afetados por novas perspectivas da fiscalidade e pela exigência de se excluir esses controles.

30. (Bacen – Esaf) Assinale a opção em que o trecho foi transcrito com erro de concordância verbal.
a) Antes da criação do Banco Central, as autoridades monetárias brasileiras eram a Superintendência da Moeda e do Crédito – Sumoc, o Banco do Brasil – BB e o Tesouro Nacional que, em conjunto, exerciam funções típicas de um banco central, paralelamente ao desempenho de suas atribuições próprias.
b) A Sumoc, criada com a finalidade de exercer o controle monetário e preparar a organização de um banco central, fixava os percentuais de reservas obrigatórias dos bancos, as taxas do redesconto e da assistência financeira de liquidez, bem como os juros sobre depósitos bancários.
c) Além de receberem os depósitos compulsórios e voluntários dos bancos comerciais, o Banco do Brasil, por sua vez, desempenhava as funções de controlador das operações de comércio exterior, executor de operações cambiais em nome de empresas públicas e do Tesouro Nacional, executor das normas estabelecidas pela Sumoc e pelo Banco de Crédito Agrícola, Comercial e Industrial.
d) O Tesouro Nacional era o órgão emissor de papel-moeda, cujo processamento, por ser complexo, acabava envolvendo diversos órgãos do governo. No ato da criação do Banco Central, no entanto, não ocorreu o seu completo aprimoramento institucional.
e) Embora o Tesouro Nacional fosse o banco emissor, realizava as emissões em função das necessidades do Banco do Brasil e não detinha com exclusividade os depósitos das instituições financeiras, que recolhiam suas reservas voluntárias ao Banco do Brasil, além de diversas outras disfunções.
(Trechos adaptados de http://www.bcb.gov.br – Histórico.)

31. (TRF – 1ª Região – FCC) As normas de concordância verbal estão inteiramente respeitadas somente na frase:
a) Quando se fatigam os corpos, as almas restam mais sossegadas e limpas.
b) O que aflige o autor é os compromissos e os ofícios vãos, com os quais se envolvem permanentemente.
c) Não dura senão um rápido instante os vislumbres de uma vida mais simples.
d) Todas as coisas que se sonha nascem de carências reais.
e) Se houvessem mais coisas simples em nossa vida, não sonharíamos tanto com elas.

32. (TRF – 1ª Região – FCC) Para preencher de modo correto a lacuna da frase, o verbo indicado entre parênteses deverá adotar uma forma do plural em:
a) As normas que num código legal se (estipular) devem acompanhar a prática das ações

sociais.
b) As recentes alterações que (haver) no Código Civil brasileiro são elogiáveis em muitos aspectos.
c) Não nos (dizer) respeito definir o que é ou não é legítimo, se não distinguimos entre o que é e o que não é um fato social.
d) Se dos postulados dos códigos (nascer) todo direito, a justiça humana seria uma simples convenção.
e) Ao longo das lutas feministas tanta coisa se (conquistar) que muitos dispositivos legais se tornaram imediatamente obsoletos.

33. (TTN) Indique o texto que contém <u>defeito</u> na estrutura sintática.
a) O culto dos deuses africanos no Brasil abrangem diferentes ritos, aos quais se convencionara denominar "nações".
b) As culturas negras que mais contribuíram para a consolidação das religiões africanas no Brasil vieram de diferentes regiões, cada uma com deuses, rituais e línguas próprias.
c) As nações, são portanto, organizações originárias de diferentes etnias, troncos linguísticos e regiões africanas, que se constituíram no Brasil através de agrupamentos de escravos de diversas origens, em processos de sincretismo às vezes originados na África.
d) Hoje, em São Paulo, podem ser encontradas casas de três vertentes básicas. As matrizes culturais predominantes são banto, iorubá e fon. Há também variações angolas do tipo congo.
e) Num terreiro pode ser encontrado mais de um rito, além da umbanda e do candomblé, este em geral incorporado como rito paralelo.
(Reginaldo Prandi e Vagner Gonçalves, com adaptações.)

34. (TRF – 5ª Região – FCC) Para preencher corretamente a lacuna, o verbo indicado entre parênteses deverá ser flexionado numa forma do plural na seguinte frase:
a) A menos que se (perder) no tempo, essas imagens "higienizadas" testemunharão para sempre a insensibilidade de nossa época.
b) Uma das marcas dessas transmissões jornalísticas (estar) nas semelhanças que guardam com as imagens de um jogo eletrônico.
c) Mesmo que não (criar) outros efeitos, esse tipo de transmissão já seria nocivo por implicar a banalização da violência.
d) Se tudo o que as câmeras captassem (chegar) até nós, sem uma edição maliciosa, nossas reações seriam bem outras.
e) As pessoas a quem se (dirigir) esse tipo de telejornalismo são vistas mais como consumidores de entretenimento do que como cidadãos.

35. (Analista Judiciário – TRT-14ª Região – FCC) Estão plenamente observadas as normas de concordância verbal na frase:
a) Destinam-se aos homens-placa um lugar visível nas ruas e nas praças, ao passo que lhes é suprimida a visibilidade social.

b) As duas tábuas em que se comprimem o famigerado homem-placa carregam ditos que soam irônicos, como "compro ouro".
c) Não se compara aos vexames dos homens-placa a exposição pública a que se submetem os guardadores de carros.
d) Ao se revogarem o emprego de carros-placa na propaganda imobiliária, poupou-se a todos uma demonstração de mau gosto.
e) Não sensibilizavam aos possíveis interessados em apartamentos de luxo a visão grotesca daqueles velhos carros-placa.

36. (Sefaz-SP – FCC) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do plural para preencher corretamente a lacuna da frase:
a) Sempre ..... (**poder**) caber a quem tenha escrito um belo poema os aplausos de um leitor que se disporá a parodiá-lo.
b) Não ..... (**costumar**) haver, nas viagens de trem, passageiros vociferando por causa de um contratempo.
c) O ritmo dos trens, que ao dos negócios e ao dos amores ..... (**chegar**) a se associar, era uma medida do tempo e da vida.
d) Eram inesquecíveis os momentos que uma parada do trem, nos confins do mundo, nos ..... (**permitir**) desfrutar.
e) A nenhum dos passageiros ..... (**perturbar**), de fato, a vagarosidade daqueles trens cheios de poesia.

37. (TRT – 24ª Região – FCC) Na reconstrução de uma frase do texto, desrespeitou-se a concordância verbal em:
a) Às economias nacionais não se permite, modernamente, que se desenvolvam de modo autônomo e competente.
b) Ainda não se encontraram, para essas duas tendências contraditórias, quaisquer possibilidades de harmonização.
c) Quando não se está ligado ao progresso da vida moderna, como ocorre com boa parte dos brasileiros, paga-se com as consequências do atraso.
d) Devem-se às oscilações dos líderes da economia mundial boa parcela do desequilíbrio da nossa própria economia.
e) Devido à dificuldade de se ajustarem ao ritmo variável da economia mundial, há medidas que, mesmo necessárias, deixamos de tomar.

38. (TRT – 24ª Região – FCC) Para se atender às normas de concordância, é preciso <u>corrigir</u> a forma verbal sublinhada na frase:
a) Não nos <u>parece</u> que sejam irrelevantes quaisquer medidas que visem à preservação de línguas utilizadas pelas minorias.
b) Que não se <u>meça</u> esforços para se preservar ou resgatar um fato cultural que ajude a compreender o nosso passado histórico.
c) <u>Tem havido</u> muitas pressões para garantir os direitos das minorias, tais como a utilização e a veiculação de línguas que resistem ao desaparecimento.

d) As populações a quem interessa preservar seus direitos históricos devem unir-se e mobilizar-se contra medidas autoritárias.
e) Caso politicamente não convenha às autoridades do Ministério das Comunicações proibir o programa "Nheengatu", este será mantido em sua forma original.

39. (Analista Judiciário – TST – FCC) As normas de concordância verbal estão plenamente acatadas em:
a) Aos ateus não se devem dispensar o mesmo tratamento de que foram vítimas os primeiros adeptos do cristianismo.
b) Nunca faltaram aos homens de todas as épocas o recurso das crenças no sobrenatural e a empolgação pelas artes da magia.
c) Não se deixam levar pelas crenças transcendentes quem só costuma atender as exigências do pensamento racional.
d) Poupem-se da ira dos fanáticos de sempre aquele tipo de pesquisador que se baseia tão somente nos fenômenos que se podem avaliar.
e) Nunca se abrandaram nos homens e mulheres que não se valem da fé religiosa a reação hostil dos que se proclamam filhos de Deus.

40. (TRF – 1ª Região – FCC) O verbo indicado entre parênteses adotará obrigatoriamente uma forma do plural para preencher de modo correto a lacuna da frase:
a) Foi nos anos 80 que (ocorrer) a pesquisa dos estudiosos americanos.
b) (resultar) do excesso de exercícios algumas complicações para a nossa vida.
c) Mesmo quando (prejudicar-se) com os excessos, o atleta compulsivo os comete.
d) (acarretar) uma série de malefícios essa ginástica feita de modo compulsivo.
e) Quando (praticar) tantos exercícios, o atleta compulsivo não avalia os efeitos.

41. (TRT – 20ª Região – FCC) A concordância está feita corretamente em:
a) Os poucos anos de escolaridade do trabalhador são insuficientes para um bom uso das inovações tecnológicas.
b) O número de postos de trabalho geralmente aumentam quando as empresas elevam a produtividade.
c) Os trabalhadores que perdem o emprego pode ser admitido em novos postos, dependendo do nível de escolaridade.
d) Existe vários efeitos que é resultante da aplicação da tecnologia, capazes de gerar novos empregos.
e) A recuperação de novos postos de trabalho nas empresas são possíveis para candidatos com formação adequada a eles.

42. (TRT – 21ª Região – FCC) As formas verbais sublinhadas respeitam as normas de concordância na frase:
a) Não caberiam aos caboclos ter consciência de todas as coisas que o progresso lhes trariam.
b) Entre os diversos fatores que determinam o estresse, um dos mais importantes está

nos hábitos alimentares.
c) Toda a comunidade de Aracampinas acabaram por se envolver em tanta melhoria que passaram a ficar ao seu alcance.
d) Tão logo surgiu, as primeiras manifestações de estresse deixou bem claro que se deviam às novidades do cotidiano.
e) Fogão a gás, televisão, luz elétrica, tudo fascinavam os caboclos, a quem ninguém advertiram da outra face da moeda.

43. (TRT – 21ª Região – FCC) O verbo indicado entre parêntenses deverá se flexionar numa forma do plural para completar corretamente a lacuna da frase.
a) Por mais que se (haver) beneficiado com o progresso, os caboclos não deixaram de sofrer algumas de suas desvantagens.
b) Em todas as vezes que se (falar) dos benefícios do progresso, costuma-se omitir o quanto ele pode ser prejudicial.
c) Até mesmo às fraldas descartáveis (ter) acesso, agora, a mulher que vive em Aracampinas.
d) Entre as novidades com que se (entusiasmar) o morador de Aracampinas estão a televisão e o telefone.
e) Pouca gente (poder) censurar a atração que têm os moradores pelas novidades que chegaram a Aracampinas.

44. (TRT – 24ª Região – FCC) As normas de concordância estão inteiramente respeitadas na frase:
a) Muitos julgam imprescindíveis que se consulte os especialistas para que se avalie com precisão os livros de uma velha biblioteca.
b) Qualquer um dos que entram desprevenidos numa velha biblioteca podem se defrontar com surpresas de que jamais se esquecerá.
c) Mesmo que hajam passado cem anos, as fotos revelam instantâneos de um presente perdido, no qual não se contava com os efeitos do tempo.
d) Nada do que se lê nos grandes livros, mesmo quando extinta a época em que foram escritos, parecem envelhecidos para quem os compreende.
e) Lá estão, como se fosse hoje, a imagem das jovens e sorridentes senhorinhas daqueles tempos, inteiramente alheias ao passar do tempo.

45. (TRT – 24ª Região – FCC) O verbo indicado entre parênteses adotará, obrigatoriamente, uma forma no plural, ao se flexionar na seguinte frase:
a) À grande maioria dos livros de uma biblioteca (caber) um destino dos mais melancólicos.
b) É comum que livros antigos, na perspectiva de um herdeiro pouco afeito às letras, (representar) mais um incômodo do que uma dádiva.
c) (costumar) haver muitas surpresas para quem se propõe a vasculhar uma antiga biblioteca.
d) Pouca gente, tendo o compromisso de avaliar uma biblioteca, (saber) separar com

rigor os livros valiosos dos que não o são.
e) (ocorrer) a muitos imaginar que uma velha biblioteca valerá mais pela quantidade do que pela qualidade dos livros.

46. (TRT – 24ª Região – FCC) O verbo indicado entre parênteses deverá ser flexionado numa forma do singular para preencher corretamente a lacuna da seguinte frase:
I. Ninguém, entre nós, (habilitar-se) a tempo de se inscrever no próximo concurso.
II. A quitação de todas as prestações restantes só se (dar) se ganharmos a causa.
III. Por mais que nos (ameaçar) de recorrer à justiça, nossos fiadores sabem que não nos é possível quitar essa dívida.
Atende ao enunciado da questão somente o que está em:
a) I e II;
b) I e III;
c) II e III;
d) II;
e) III.

47. (AFC – Esaf) Assinale a norma gramatical que justifica, com correção e propriedade, a flexão plural do verbo ser no período abaixo:
"Já é mais do que conhecido que o principal problema do sistema tributário nacional são justamente as contribuições, e não os impostos propriamente ditos".
(Revista CNT, "Lixo tributário".)
a) "Com os verbos ser e parecer a concordância se faz de preferência com o predicativo, se este é plural" (Luiz Antonio Sacconi).
b) "Nas frases em que ocorre a locução invariável é que, o verbo concorda com o substantivo ou pronome que a precede, pois são eles efetivamente o seu sujeito" (Celso Cunha & Lindley Cintra).
c) "Se tanto o sujeito como o predicativo forem personativos e nenhum dos dois for pronome pessoal, a concordância será facultativa (pode-se concordar com o sujeito ou o predicativo)" (Dileta S. Martins & Lúbia S. Zilberknop).
d) "Expressões de sentido quantitativo (...) acompanhadas de complemento no plural admitem concordância verbal no singular ou no plural" (*Manual de Redação da Presidência da República*).
e) "Se o sujeito composto tem os seus núcleos ligados por série aditiva enfática (...), o verbo concorda com o mais próximo ou vai ao plural (o que é mais comum quando o verbo vem antes do sujeito)" (Evanildo Bechara).

48. (TRT – 7ª Região – Esaf) Para cada verbo sublinhado no texto, fez-se corresponder uma regra gramatical (com letra idêntica). Indique a regra que não explica nem se aplica à concordância verbal empregada.
Pelo menos 90% dos brasileiros <u>são</u>(a) pobres. O que não quer dizer que os 10% restantes <u>sejam</u>(b) ricos. No século vinte, o Brasil foi um entre os cinco países que mais <u>cresceram</u>(c) no mundo. Junto com nossas mazelas, <u>cresceram</u>(d) também o número de

brasileiros e a expectativa de vida. Somos, na América Latina, um dos dois países que menos acreditam(e) na democracia. (Octaciano Nogueira, "A tentação de sonhar", *Folha de S. Paulo*, 23/11/2003, p. 21.)

a) Quando o predicado é constituído de verbo de ligação, o verbo e o predicativo deixam-se influenciar pelo número e pelo gênero do partitivo (Napoleão Mendes de Almeida).

b) Se o número percentual vem determinado por artigo ou por pronome adjetivo, faz-se com eles a concordância (Luiz Antonio Sacconi).

c) A expressão mais de um pede o verbo no singular, a não ser que esteja repetida ou haja ideia de reciprocidade (Hileta Martins & Lubia Zilberknop).

d) Se o sujeito for composto, o verbo irá, normalmente, para o plural, qualquer que seja a sua posição em relação ao sujeito (Evanildo Bechara).

e) Quando o relativo que vem antecedido das expressões um dos, uma das (+ substantivo), o verbo de que ele é sujeito vai para a 3a pessoa do plural (Celso Cunha & Lindley Cintra).

49. (AFRF – Esaf) Assinale a opção em que o trecho do texto foi transcrito com erro de concordância.

a) A Superintendência da Receita Federal em Minas Gerais montou equipe de auditores para fiscalizar os integrantes da "máfia" de adulteração de combustíveis. Foram concluídas nos dois últimos meses as primeiras sete ações fiscais, com lançamentos de crédito tributário no valor aproximado de 2 milhões de reais. Outras duas ações fiscais estarão sendo encerradas em breve e vão gerar créditos tributários da ordem de 6 milhões de reais.

b) As fiscalizações já concluídas se referem a empresas, abrangendo também os seus respectivos sócios, sobre os quais pesa a acusação da prática de adulteração de combustíveis, fato este que envolveu até mesmo o assassinato do Promotor que investigava o caso.

c) No decorrer dos trabalhos já encerrados, foram constatados fortes indícios da prática de crime contra a ordem tributária, e, ainda, fraude, sonegação e conluio, tendo em vista a utilização de "laranjas" na constituição das empresas, além da prática do uso de "notas calçadas" e de "livros paralelos".

d) De acordo com as investigações realizadas, a sistemática utilizada para a distribuição irregular dos solventes adquiridos pelas empresas, assim como de combustíveis já adulterados, envolvem a emissão de notas fiscais calçadas e paralelas, além da utilização de empresas "fantasmas" ou inabilitadas, como destinatárias fictícias das mercadorias nas notas fiscais.

e) O trabalho continua e se estende por todo o Estado. Já estão em andamento dezoito outras ações fiscais em pessoas físicas e jurídicas, podendo, após o término do trabalho de pesquisa da equipe, outras ações serem incluídas. Estes programas fazem parte de um esforço coordenado da Receita Federal com outros órgãos, no combate às atividades ilícitas.

(Adaptado de www.receita.fazenda.gov.br, 9/9/2003.)

50. (IRB – Esaf) Assinale o período inteiramente correto quanto às regras gramaticais de concordância.

a) Tornar as regras entre os países que aderirem à Alca – Área de Livre Comércio das Américas – mais eficiente, para permitir, entre outros pontos, que as empresas de seguro consigam, mais facilmente, autorização para operarem nos países que fizerem parte do acordo.

b) Essa é uma das metas do grupo que se reuniu no início desse mês em Miami, nos Estados Unidos, para discutirem a importância de os Governos envolvidos nesse processo iniciarem, o mais breve possível, as negociações visando harmonizar seus sistemas de seguro.

c) Constava também, na pauta de discussão, questões relacionadas com as dificuldades enfrentadas pelo mercado segurador, como a falta de um ambiente regulatório em que predominem a clareza e a estabilidade, o acesso aos mercados e a transparência das negociações.

d) Formado por executivos de várias associações, o grupo determinou ainda que se deve enfatizar as operações de resseguro, mas sempre de acordo com os padrões internacionais de regulamentação da atividade.

e) Os executivos acreditam que o sucesso das negociações, que devem continuar ao longo desse ano, poderão aumentar significativamente as opções de novos produtos disponíveis nos mercados que fizerem parte da Alca, o que, consequentemente, contribuirá para fortalecer o mercado segurador nesses países.

(Baseado em "Brasil e Estados Unidos discutem seguro na Alca", Fenaseg *On-line*.)

27.3. Concordância nominal

O conceito básico é que o adjetivo (ou qualquer outro termo com valor adjetivo) concorde com o termo determinado.

1) **DOIS OU MAIS SUBSTANTIVOS E UM ADJETIVO**

a) **SUBSTANTIVOS ANTEPOSTOS AO ADJETIVO –** poderá haver dois tipos de concordância. A concordância poderá ser por proximidade ou por soma. Na concordância por soma, se um dos substantivos for masculino, este gênero prevalecerá.

Ex.: Aluno e aluna bonita (concordância por proximidade).
Aluno e aluna bonitos (concordância por soma).
Aluna e aluno bonito (concordância por proximidade).
Aluna e aluno bonitos (concordância por soma).

Obs.: Na soma, o termo masculino sempre prevalecerá. Para que haja a forma feminina e plural, na adição dos núcleos, é necessário que todos os elementos, sem exceção, sejam femininos.

b) **SUBSTANTIVOS POSPOSTOS AO ADJETIVO –** há duas visões deveras

divergentes.

1 – O Professor Evanildo Bechara assevera que tanto o adjetivo poderá concordar com o mais próximo dos substantivos como poderá concordar com a ideia somada

Ex.: Lerei interessante (interessantes) jornal e livro.

2 – O Professor Celso Cunha indica que, se o adjetivo possuir função predicativa, poderá ocorrer no singular ou no plural em coerência com a concordância verbal.

Ex.: É simpática a aluna e o aluno. / São simpáticos a aluna e o aluno.

→ Observe que, no primeiro exemplo, "simpática" está no singular concordando com o mais próximo dos núcleos (aluna), tal qual o verbo SER; já, no segundo exemplo, "simpáticos" está no plural, pois concorda com a soma dos núcleos, como também acontece com o verbo SER.

Ex.: Considerei interessante (interessantes) o livro e o jornal.

→ Como interessante(s) funciona nesta frase como predicativo do objeto, tanto poderá ocorrer no singular, concordando com "o livro" ou no plural, com "o livro e o jornal". É interessante, neste momento, você rever a diferença entre predicativo do objeto e adjunto adnominal.

Celso Cunha, ao citar o adjunto adnominal antecedendo dois ou mais substantivos, assegura que a concordância dele se fará apenas com o mais próximo dos núcleos.

Ex.: Lerei interessante livro e jornal.

→ É justamente neste ponto a divergência entre os dois autores. Enquanto Bechara admite a dupla possibilidade de concordância – "interessante" ou "interessantes", independentemente da função sintática do adjetivo –, Celso Cunha aceita somente a concordância atrativa quando o adjunto adnominal – "interessante" – preceder dois ou mais substantivos. Apesar de, particularmente, eu considerar a visão de Evanildo Bechara mais prática e objetiva, não posso omitir que o NCE segue gritantemente a visão de Celso Cunha.

Além disso, o Professor Celso Cunha cita exceções para a regra de adjetivo (adjunto adnominal) precedendo substantivos: sendo os substantivos nomes próprios ou indicadores de parentesco, o adjetivo deverá estar flexionado no plural.

Ex.: Vi, na semana passada, os simpáticos mãe e pai do Aníbal. / Os insuperáveis Carlos e João estarão presentes em nossa festa.

2) **VERBO SER**

Quando o sujeito do verbo "ser" possuir um adjunto adnominal, o

predicativo do sujeito terá o mesmo gênero desse adjunto adnominal. Quando o verbo "ser" não possuir nenhum determinante, o predicativo ficará no masculino (neutro).

Ex.: Cerveja é bom.
A cerveja é boa.
Entrada é proibido.
A entrada é proibida.

3) **ALERTA –** é advérbio e, consequentemente, invariável.

Ex.: Devemos estar sempre alerta.
Os bombeiros ficarão alerta.

4) **QUITE –** é adjetivo, portanto variável.

Ex.: Estou quite.
Estamos quites.

5) **BASTANTE –** quando advérbio, é invariável; quando pronome indefinido, variável.

Ex.: Ele está bastante cansado. Eles estão bastante cansados.
Bastante dia neste ano fez frio. Bastantes dias neste ano fez frio.

BIZU

BASTANTE funciona exatamente como MUITO. Se MUITO puder ser flexionado, BASTANTE também poderá sê-lo.

6) **MEIO –** quando numeral, é variável; quando advérbio, é invariável.

Ex.: Comi meia batata e meio tomate.
Meio-dia; meios-dias; meia-noite; meias-noites.
Ela está meio cansada. Elas estão meio cansadas.
"Agora era um moço de meia-idade" (Fernando Sabino).

7) **HAJA(M) VISTA –** o termo serve para exemplificação. Caso o exemplificado esteja no singular, o verbo somente poderá estar no singular; caso o elemento exemplificado esteja no plural, o verbo tanto poderá vir no singular como no plural.

Ex.: Os últimos fatos foram alegres, haja vista o nascimento de João.
A literatura brasileira é muito rica, haja(m) vista os maravilhosos livros de Machado de Assis.

8) **SÓ –** quando significar sozinho, será variável e, quando significar somente, será invariável.

Ex.: Ele fez o trabalho só. Eles fizeram o trabalho sós. SÓ – SOZINHO

Só ele fez o trabalho. Só eles fizeram o trabalho. SÓ – SOMENTE

"Estávamos a um canto mal iluminado do pátio, quase sós" (Raul Pompéia).

"Só os relógios do céu terão marcado esse tempo" (Machado de Assis).

Obs.: A locução adjetiva "a sós" é invariável.

Ex.: "Ficando a sós com um de cada vez..." (Aluísio de Azevedo).

9) **MUITO OBRIGADA –** As mulheres devem dizer.

MUITO OBRIGADO – Os homens devem dizer.

Ex.: Disse a moça muito obrigada. Ele disse à moça muito obrigado.

10) **ANEXO, INCLUSO, APENSO** são variáveis.

Ex.: A lista de preços inclusa foi aprovada pela diretoria.

As fotografias estavam anexas à carta.

A petição segue apensa ao processo.

11) **EM ANEXO, EM INCLUSO, EM APENSO –** são invariáveis.

Ex.: A lista de preços em incluso foi aprovada pela diretoria.

As fotografias estavam em anexo à carta.

A petição segue em apenso ao processo.

12) **SALVO –** quando significar exceto, será invariável. Quando for o particípio verbal, será variável.

Ex.: Salvo Maria, todos acreditavam em você. Salvo Maria e João, todos acreditavam em você.

Salva Maria, passei a me preocupar com os outros doentes. Salvas Maria e Joana, passei a me preocupar com os outros doentes.

13) **LESO –** é adjetivo, por isso, variável.

Ex.: Foi um crime de lesa-pátria. Foi um crime de leso-patriotismo.

14) **PSEUDO –** é prefixo, por isso, é invariável.

Ex.: Pseudopatriotas. Pseudorrepresentações.

15) **MESMO –** Quando significar "próprio" é variável. Porém quando significar até mesmo é invariável.

Ex.: Ela mesma (própria) fez o almoço. / Mesmo (até mesmo) ela fez o almoço.

16) **POSSÍVEL**

a) nas estruturas com **o mais, o menos, o melhor, o pior, quanto,** o adjetivo possível estará no singular;

Ex.: Fiz todos os esforços quanto possível. / São alunos o mais estudiosos possível.

b) já nas estruturas com **os mais, os menos, os melhores, os piores**, possível virá no plural.
Ex.: São alunos os mais possíveis estudiosos.

17) **TODO**

a) quando for pronome indefinido é variável;
Ex.: Toda pessoa deve investir em ações.

b) quando for advérbio é invariável.
Ex.: Ela está todo preocupada.

Obs.: A população vem adotando a variação, com o respaldo de vários autores, para o advérbio TODO há longa data "Ela está toda preocupada." No adjetivo composto "todo-poderosa", TODO não se pode flexionar.

18) **DADO, VISTO –** Formas adjetivadas variáveis.
Ex.: Dadas as dificuldades, não viajaremos amanhã.

19) **CONCORDÂNCIA COM NUMERAIS**

a) os cardinais aparecendo como ordinais, não há flexão;
Ex.: A camisa dez de Pelé é histórica. / Foi arrancada a página dois do livro

b) na linguagem jurídica é utilizada a seguinte expressão:
Ex.: O documento está a folhas trinta e um do processo.

20) **SILEPSE –** concordância ideológica.
Ex.: V. Exª. é deveras simpático (o adjetivo está na forma masculina, pois o ser a que se refere é homem).

21) **MONSTRO –** funcionando como adjetivo é invariável.
Ex.: Estou com uma dor de cabeça monstro.

27.4. Exercícios

1. (CVM – Esaf) Os períodos seguintes compõem um texto. Marque o que contém erro de estruturação sintática.

a) O filósofo alemão Jügen Habermas vem insistindo: o fim do Estado Nacional como instância reguladora do mercado também torna obsoleta as formas tradicionais do exercício de cidadania.

b) Sofrendo o impacto direto do movimento de globalização econômica, os cidadãos, os tribunais, os parlamentos continuam ilhados nos territórios nacionais.

c) Caso não apareçam instâncias supranacionais de exercício de cidadania, afirma Habermas, haverá uma regressão política no Ocidente.

d) O filósofo alemão fez essas declarações em Paris, pensando sobretudo na Europa, onde medrou e estendeu-se o conceito moderno de democracia.

e) Mas os brasileiros, envolvidos no Mercosul, deveriam ficar atentos ao problema. Convenhamos, a tradição e a prática democrática não são o forte de nossos países. (Luiz

Felipe de Alencastro, *Veja*)

2. (Sefaz – APOFP-SP) Os trechos abaixo constituem sequencialmente um texto adaptado do Editorial do *Correio Braziliense* de 6/1/2009.
Assinale a opção em que o segmento está gramaticalmente correto.
a) Antes dos conflitos, Gaza estava estrangulada. Sitiada entre o mar e o muro construído por Israel (que controlam entradas e saídas de pessoas e produtos), a estreita faixa depende totalmente de Telavive.
b) Representantes do Hamas aceitaram ir ao Egito para negociar uma solução. Até agora as iniciativas foram inútil.
c) A resposta desproporcional já fez centenas de mortos e milhares de feridos entre os civis. No vácuo da transição de governo nos Estados Unidos e dos feriados de fim de ano, os países da Europa faz tentativas de obter trégua afim de abrir espaço para a diplomacia.
d) O bloqueio de dezoito meses escasseou alimentos, agasalhos, remédios. O cessar-fogo, que previa o levantamento do cerco, não obteve êxito. Essa a razão, segundo o Hamas, grupo que controla Gaza, de romper a trégua com lançamento de foguetes contra o país vizinho.
e) Também inútil foram às resoluções da ONU, sistematicamente desrespeitadas ao longo de sessenta anos. No meio do tiroteio, milhões de inocentes. Eles pagam a conta de outros.

3. (Sefaz – APOFP-SP) Os trechos abaixo constituem sequencialmente um texto adaptado do Editorial do *Estado de Minas* de 6/1/2009. Assinale a opção em que o segmento está gramaticalmente correto.
a) Como um rotundo e vergonhoso fracasso – é assim que as autoridades e a própria sociedade deveria encarar os números que provam, mais uma vez, a incontrolável capacidade do motorista brasileiro e das estradas que corta o país de transformar o descanso, o lazer e a viagem em tragédias.
b) Até parece que nunca divulgou-se qualquer coisa à respeito do perigo que se esconde nas curvas mal feitas e no excesso de velocidade nas rodovias, ou sobre a carona para a morte que representa o efeito da bebida sob o motorista.
c) Foi 124 mortes, no período de 20 de dezembro até 4 de janeiro, somente nas estradas que corta o território mineiro. Nas rodovias estaduais, morreram 35 pessoas e 475 ficaram feridas. Na malha rodoviária federal mineira, a tragédia teve dimensão alarmante: 89 mortes, representando aumento de 53% em relação ao ano passado.
d) Afinal, tão inaceitável quanto o tamanho da tragédia é o conformismo com a sua macabra repetição. Se os números deste fim e começo de ano não servirem de combustível para uma reação firme e produtiva, então é por que já se perderam até mesmo o compromisso com a vida.
e) As estatísticas estão aí a desafiar o bom senso e, sobretudo, a honestidade que todos temos de ter para reconhecer que têm faltado indignação e atitude suficientes para se exigir e para se construir o fim dessa barbárie.

4. (Susep) Os trechos a seguir constituem um texto adaptado de *O Estado de S. Paulo*, Editorial, 18/02/2010. Assinale a opção gramaticalmente correta.

a) A decisão da Agência de Proteção Ambiental (EPA) dos Estados Unidos de considerar o etanol produzido à partir da cana-de-açúcar um biocombustível avançado, que reduz a emissão de dióxido de carbono em pelo menos 40% na comparação com a gasolina, derruba uma das principais barreiras à entrada do álcool brasileiro no mercado americano e, desse modo, pode representar a abertura do mercado global para o produto nacional.

b) Para entrar no mercado americano, no entanto o etanol brasileiro precisa vencer outros obstáculos, alguns criados pela política externa do Brasil, como a aproximação ao Irã, que causou a perda do apoio ao produto brasileiro até agora dada pelo Congresso Americano.

c) A certificação do etanol de cana como biocombustível avançado pela EPA é importante para o Brasil. O Ato de Segurança e Independência Energética, de 2007, que define regras para os EUA alcançarem as metas de segurança energética e redução da emissão de gases de efeito estufa, estabelecem um consumo mínimo de biocombustíveis de 45 bilhões de litros em 2010 e de 136 bilhões de litros daqui a 12 anos.

d) Do total de biocombustíveis a ser consumido em 2022, 80 bilhões de litros está reservado para os avançados, que são o celulósico (ainda em fase experimental) e o diesel de biomassa, entre outros. A EPA incluiu o etanol de cana-de-açúcar entre os biocombustíveis avançados, ao reconhecerem que, em relação à gasolina, ele reduz a emissão de dióxido de carbono em 61%, bem mais que o mínimo exigido de 40%.

e) Por isso, do total de 80 bilhões que serão consumidos anualmente daqui a 12 anos, o etanol responderá por 15 bilhões de litros. Esse volume corresponde a três vezes o total exportado pelo Brasil em 2008. Em decisão anterior, a EPA contabilizara os efeitos de emissões associadas ao desmatamento provocado pela expansão das áreas plantadas com cana, e considerara que a redução da emissão de dióxido de carbono em relação à gasolina seria de apenas 26%.

5. (Analista Tributário da Receita Federal) Assinale o trecho do texto adaptado de Maria Rita Kehl (*O tempo e o cão: a atualidade das depressões*. São Paulo: Boitempo, 2009) em que, na transcrição, foram plenamente atendidas as regras de concordância e regência da norma escrita formal da Língua Portuguesa.

a) Paradoxalmente, as mesmas inovações tecnológicas destinadas a nos poupar o tempo de certas tarefas manuais e aumentar o tempo ocioso vem produzindo um sentimento crescente de encurtamento à temporalidade. Tal sentimento talvez esteja relacionado com o encolhimento da duração.

b) A vivência contemporânea da temporalidade é dominada por um subproduto das ideologias da produtividade, às quais reza que se devem aproveitar, ao máximo, cada momento da vida.

c) Desligado do frágil fio que ata o presente à experiência passada, voltado, sofregamente, para o futuro, o indivíduo sofre com o encurtamento da duração. Assim,

desvalorizam-se o tempo vivido e o saber que sustenta os atos significativos da existência.
d) Segundo Bergson, a duração se mede pela sensação de continuidade entre o instante presente, o passado imediato e o futuro próximos; no entanto, nada indica que o registro psíquico dessas duas formas do tempo que alongam o presente devam limitar-se em curtos períodos antes e depois do brevíssimo instante.
e) Talvez a medida do transcorrer do tempo não individual não se assemelhe com o desenrolar de um fio, mas do tecer de uma rede que abriga e embala um grande número de pessoas ligado entre si pela experiência.

6. (Analista Tributário da Receita Federal) Assinale a opção em que o trecho do texto de Emir Sader (*A nova toupeira: os caminhos da esquerda latino-americana*) foi transcrito com correção gramatical.
a) Atualmente, as alternativas de contraposição a hegemonia enfrentam os dois pilares centrais do sistema dominante: o modelo neoliberal e a hegemonia imperial estadunidense. É no confronto com aqueles que se tem de medir o processo de construção de "outro mundo possível", para se analisar seus avanços, revezes, obstáculos e perspectivas.
b) De certa maneira, pode-se resumir os eixos que articulam o poder atual no mundo à partir de três grandes monopólios: o das armas, o do dinheiro e o da palavra. O primeiro reflete a política de militarização dos conflitos, em que os Estados Unidos acreditam dispor de superioridade inquestionável.
c) A região tem-se mostrado refratária a política de guerra infinita promovida pelos Estados Unidos. Internamente, a Colômbia, epicentro regional da política estadunidense, permanece isolada. No entanto, em seu conjunto, a América Latina produziu espaços de autonomia relativa no tocante a hegemonia econômica e política dos Estados Unidos, o que a torna o elo mais frágil da cadeia neoliberal no século XXI.
d) O terceiro trata-se do monopólio da mídia privada no processo – profundamente seletivo e antidemocrático – de formação da opinião pública. Palco inicial da implantação do modelo neoliberal e sua vítima privilegiada, a América Latina passa por uma espécie de ressaca do neoliberalismo, com governos que rompem com o modelo e com outros que buscam readequações que lhe permitam não sucumbir com ele.
e) O segundo retrata a política neoliberal de mercantilização de todas as relações sociais e dos recursos naturais, que tem buscado produzir um mundo em que tudo tem preço, tudo se vende, tudo se compra e cuja utopia são os grandes centros de compras.

7. (Aneel – Esaf) Assinale a opção gramaticalmente correta.
a) A liberação dos recursos abre uma nova fase do programa "Luz para Todos", que é coordenado pelo Ministério de Minas e Energia e foi lançado em novembro de 2003.
b) Durante esse período, foram instalados comitês gestores estaduais, assinados os termos de compromisso com os estados e finalizados as negociações com as concessionárias para definição das condições contratuais e do valor das obras.
c) A próxima etapa será a assinatura dos contratos entre as concessionárias e os

governos estaduais, também parceiro do programa.
d) O acesso à energia elétrica será gratuita para todos os consumidores. As famílias de baixa renda cadastradas nos programas sociais do Governo Federal receberão gratuitamente as ligações internas de suas residências.
e) Hoje, mais de 12 milhões de brasileiros não tem acesso à energia elétrica, o equivalente à soma da população dos Estados do Piauí, Mato Grosso do Sul, Amazonas e Distrito Federal.

8. (Maranhão – Sepog – Agente de Polícia – Biólogo – FCC) A concordância está inteiramente correta na frase:
a) Ao longo da História, líderes religiosos e políticos, de vastíssimo conhecimento, ordenaram a destruição de livros.
b) Paixões humanas podem serem destrutivas, como documenta diversas obras históricas em épocas e lugares diferentes.
c) Conta a História que teria sido destruído obras importantes e significativas para o desenvolvimento cultural da humanidade.
d) É assustador os relatos de danos causados a instituições culturais no Iraque, após a invasão do exército americano.
e) A queima de livros em diferentes épocas históricas atestam a força destruidora do fanatismo, tanto político quanto religioso.

9. (TRE MS – TJ – Área Adm. – FCC) A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:
a) Observa-se, na Amazônia, algumas clareiras de desmatamento, que parece surgir sem ligação com a presença humana, embora possam ser avistadas áreas de pastagens.
b) Imagens de satélites indica a existência de enormes áreas de pastagens em locais onde era antes apenas matas de transição, entre a floresta fechada e o cerrado.
c) Pequenos animais da floresta, assim como os pássaros, é vetor que disseminam sementes, indispensável para a permanência da mata principal.
d) Parques indígenas da Amazônia oferece vasta extensão de mata preservada, que se tornam de grande interesse para a conservação da biodiversidade.
e) Nas áreas desmatadas para a abertura de pastos e depois abandonadas, arbustos formam uma variada mata secundária, à medida que as invadem.

10. (MPU /An. – Área Arq. – FCC) A concordância está totalmente de acordo com a norma-padrão da língua em:
a) Acredito que as orientações dele, porque parecem pouco claro, não terão de serem seguidas antes de um esclarecimento maior.
b) Considerou digna de ser encaminhada a julgamento dos avaliadores a última versão do projeto-piloto, pois, se podem existir fragilidades, elas certamente hão de ser mínimas.
c) Elas se consideraram responsável pelo erro e julgaram legítimo as cobranças que lhe serão feitas de agora em diante.

d) Dado as contingências do momento, os diretores houveram por bem atender aos prazos, e prometeram reavaliar, tanto quanto fossem, as demais exigências do contrato.
e) Devem fazer mais de três meses que não os vejo; tantos dias de afastamento poderia ser entendido como descaso, mas quero dizer que lhes dedico muito afeto.

11. (TCE – MG/Eng. Perito – FCC) Quanto à concordância verbal, a frase inteiramente correta é:
a) Entre as questões essenciais, que a todo cientista deve importar, estão as que se prendem à origem e ao destino do ser humano.
b) Não houvesse outras razões, bastaria a propriedade das perguntas que lhe dirigiu o público para fazê-lo sentir-se um professor privilegiado.
c) Só é dado alimentarem a curiosidade e a insatisfação ao cientista que não abdica de fazer as perguntas fundamentais.
d) Diante do interesse que representavam cada uma das perguntas que lhe cabiam responder, o professor sentiu-se um privilegiado.
e) O autor considerou um privilégio o fato de o interrogarem, com perguntas tão instigantes, aquele público curioso que encontrou na escola.

12. (Administrador – Casa da Moeda – Cesgranrio) No que se refere ao fenômeno da concordância nominal, no subtítulo do texto, o termo textuais também admite a forma singular.
O período em que, conforme a norma-padrão, o termo destacado pode assumir tanto a forma singular quanto a plural é:
a) **Bastantes** poemas foram lidos na aula.
b) Custam **caro** os jornais de domingo.
c) Vendem-se quadros e esculturas **usados**.
d) Compramos livro e jornal **velhos**.
e) Na estante, dicionário e livros **jogados**.

13. (Fiscal – ISS – RJ) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado de *O Estado de S. Paulo*, Editorial, de 1/6/2010.
Assinale a opção em que não foram inseridos erros gramaticais e o trecho foi transcrito de forma gramaticalmente correta.
a) Os consumidores pagam juros maiores porque obtém crédito com prazos maiores e prestações menores. Alguns fatos recentes estão contribuindo para um aumento da demanda, assim como, das pressões inflacionárias.
b) A economia brasileira vive um processo de aquecimento que as últimas modificações da conjuntura estão agravando. O aquecimento tem sua origem no inchaço cada vez maior da demanda doméstica, que até agora não foi afetada pelo aumento da taxa Selic.
c) À política de "bondades" do governo, em vigor nos últimos meses, veio se acrescentar à do Legislativo, que se aproveita do período eleitoral para propor medidas mais condescendentes. Isso aumenta perigosamente o poder aquisitivo da população.
d) Chegamos, agora, a uma situação de quase pleno emprego, em que os salários não

são mais determinados pela qualificação da mão de obra, mas pela dificuldade de contratar os trabalhadores necessários. O resultado é um aumento salarial duradouro, cujo peso na formação de preços.
e) É claro que a indústria tem dificuldades em acompanhar o ritmo de crescimento da demanda doméstica, recorrendo para isso à importações, que nem sempre têm preços menores do que os apresentados pela produção nacional.

14. (Analista de Controle Interno – Sefaz-RJ – FGV) ***Nesse sentido, se a evasão tributária é uma doença social, seu combate ou tratamento não pode ficar restrito aos seus agentes; é necessário o envolvimento de toda a sociedade*****. Assinale a alternativa em que a alteração do trecho destacado no período acima NÃO tenha sido feita de acordo com a norma culta. Não leve em conta alteração de sentido.**
a) é necessária a discussão aberta entre todos os membros da sociedade
b) é necessário debate com toda a sociedade
c) é necessário abertura política para se discutir a questão
d) é necessária participação de toda a sociedade
e) é necessária a organização de um debate público a respeito da questão.

15. (Fiscal da Receita Estadual – AP – FGV) Assinale a alternativa que apresenta uma concordância nominal incorreta.
a) Persistência é necessário à obtenção de resultados positivos na carreira profissional.
b) As questões definidas serão bastantes para a arguição do doutorando.
c) Vão incluídos na pasta do congressista a programação e o mapa dos locais dos eventos.
d) Consideraram-se satisfatórios os resumos encaminhados à organização do simpósio.
e) Anexo à tese vão as cópias dos documentos históricos referidos no artigo.

16. (Técnico Judiciário – 23ª Região – FCC) A concordância verbal e nominal está inteiramente correta em:
a) O interesse pelos acontecimentos que envolveram os cangaceiros e seus hábitos peculiares levam sempre a novas interpretações desse fenômeno do sertão brasileiro.
b) A roupa com proteção de couro e o chapéu de abas viradas, que facilitavam a visão de emboscadas, traziam adereços que buscava resguardar os integrantes do bando.
c) Consta que os cangaceiros, num gesto de grandeza, quando pretendia invadir uma determinada fazenda, informava ao dono o dia e a hora desse ataque.
d) A vestimenta adotada pelos cangaceiros eram uma adaptação da roupa dos vaqueiros sertanejos, adequado ao ambiente, com o calor do dia e o frio da noite.
e) Para esses guerreiros surgidos com o cangaço, os elementos que compunham seu traje criavam uma espécie de blindagem contra os perigos que corriam.

17. (Oficial de Defensoria Pública – Defensoria Pública-SP – FCC) A concordância verbal e nominal está inteiramente correta na frase:
a) As mais recentes descobertas da ciência pode levar ao desenvolvimento de

tratamentos que controlem a perda de memória, melhorando a capacidade cerebral.
b) Os pesquisadores descobriram que existe situações que favorece a memorização mais duradoura, possibilitando a realização das tarefas cotidianas no trabalho, por exemplo.
c) Está sendo feito estudos sobre a capacidade do cérebro humano de reter informações e processá-las, o que torna possível as lembranças do que aconteceu.
d) A visão de uma obra de arte dispara a comunicação entre neurônios, e o tamanho do impacto causado pela imagem é o que define como será guardada na memória.
e) Memória implícita é aquela que se refere aos conhecimentos, hábitos e habilidades, como andar de bicicleta, que é evocado de maneira automática.

18. (Esaf) Levando em consideração as regras de concordância nominal, escreva (1) para as frases corretas e (2) para as incorretas.
( ) Quando a senhora terminou de abrir as malas, já era meio-dia e meia.
( ) A própria sogra presenciou a abertura das malas; sim, ela mesmo.
( ) Anexo àquela carta destinada ao pai da moça, foram remetidas as joias.
( ) Ao final da tarde, a senhora mostrava-se meio apreensiva.
( ) Naquelas bagagens havia joias muito preciosas.
A sequência correta é:
a) 1, 1, 2, 2, 1;
b) 2, 1, 1, 2, 2;
c) 1, 2, 1, 2, 1;
d) 2, 2, 1, 1, 2;
e) 1, 2, 2, 1, 1.

19. (Esaf) Aponte o trecho correto, no tocante à concordância.
a) Muitos com certeza ficaram surpresos com a quantidade de cartazes que, de uma hora para outra, foi espalhado pelos quatro cantos da universidade.
b) Mais uma vez as chapas se formaram às escondidas dos estudantes, sem que se tivessem qualquer acesso às informações.
c) Nossa postura sempre foi a de procurar ampliar as possibilidades da participação do maior número possíveis de estudantes neste processo.
d) O caminho mais correto seria a formação de uma chapa ampla que englobasse todas as posições e correntes de pensamento, e que estas representassem o fruto das discussões que foi levado nas reuniões de cada departamento.
e) Obedecendo ao prazo legal, a discussão será restrita e o espaço destinado às campanhas eleitorais será expressamente curto; não concordamos em limitações ou restrições às discussões necessariamente sérias.

20. (AFTN – Esaf) Marque o conjunto que apresenta uma concordância <u>não</u> compatível com a norma padrão:
a) Atitudes e gestos belicosos / belicosas atitudes e gestos.
b) Amor e ira eternos / eterna ira e vingança.
c) Os preocupados pai e mãe / os famosos Machado e Alencar.

d) Seguem em anexo as fotos / Seguem anexas as fotos.
e) Os candidatos não eram nenhum bobocas / Não votaram em candidato nenhum.

21. (Área Administrativa – TRF- 4ª Região – FCC) A concordância verbo-nominal está Inteiramente correta na frase:
a) Em todas as épocas, ocorreram ataques de elefantes em várias regiões, porém a média de pessoas expostas a eles era quase insignificante.
b) O sentimento familiar entre manadas de elefantes são intensos, e muitas vezes os ataques de um animal constitui reação a uma iniciativa humana.
c) Elefantes que desenvolvem comportamento agressivo acaba abatidos a tiro para que se evite os ataques a pessoas e a propriedades.
d) Imagens do cérebro de elefantes apresentadas em estudo recente apontou a importância do convívio com animais mais velhos durante a infância.
e) Nos últimos anos, na Índia, foi morta mais de 500 pessoas, atacadas por elefantes em fúria, aparentemente explicáveis por stress pós-traumático.

22. (TFC – Esaf) Assinale a opção em que <u>não</u> há <u>erro</u>.
a) Seguem anexo os formulários pedidos.
b) Não vou comprar esta camisa. Ela está muito caro!
c) Estas questões são bastantes difíceis.
d) Eu lhes peço que as deixem sós.
e) Estando pronto os preparativos para o início da corrida, foi dada a largada.

23. (TRE – MT) De acordo com a norma culta, só está <u>incorreta</u> a concordância do termo grifado em:
a) Remeto-lhe <u>anexo</u> as certidões.
b) No shopping ela comprou vestidos e roupas <u>caras</u>.
c) Na reunião foi discutida a política <u>latino-americana</u>.
d) É meio-dia e <u>meia</u>.
e) <u>Bons</u> argumentos foram apresentados na exposição do conferencista.

24. (TRE – RO) Marque a opção em que está correta a concordância.
a) Informatizou-se algumas juntas apuradoras.
b) Ler o quê? Escrever o quê? Aí as coisas ficaram bastantes esquisitas.
c) Fazem alguns anos que a fraude eleitoral se instalou em alguns Estados.
d) Seria necessário os computadores para se evitar as fraudes das eleições passadas.
e) Deveriam existir, em todos os Estados, eleições informatizadas.

25. (TRE – RJ) Com relação ao adjetivo sublinhado, há erro de concordância nominal em:
a) Estavam <u>atrasados</u> a irmã e o irmão.
b) A loja vendera carros e moto <u>usadas</u>.
c) Ele comprou mamões e mangas <u>maduras</u>.
d) As listas de preço seguiam <u>anexas</u> a esta carta.

e) Os trabalhadores não quiseram fazer horas extras.

26. (Fiscal – ISS – RJ) Assinale a opção em que, ao ser transcrito, o fragmento do editorial adaptado da Revista *Veja*, de 4 de agosto, 2010, desrespeitou a gramática da norma culta.

a) Assim, resistiu as intempéries desencadeadas pela crise internacional e continua no rumo certo. Os indicadores são tão bons que uma bravata se espalhou pelos cinco continentes como se for realidade.

b) O Brasil vai muito bem graças ao permanente compromisso com a estabilidade, o dinamismo da iniciativa privada, a racionalidade e a regulação avançada do eficiente sistema bancário.

c) Um dos resultados é que entidades filantrópicas dos países de fato ricos estão desistindo de investir em projetos sociais brasileiros, enquanto aumentam suas verbas para aqueles em andamento na África.

d) Segundo ela, o Brasil se tornou uma nação rica, de Primeiro Mundo, que não precisa da ajuda de ninguém e ainda empresta dinheiro aos países ricos.

e) Certos clichês comportam verdades. Um deles é o de que o Brasil é um país de contrastes. Pegue-se o caso dos indicadores gerais de economia.

27. (TTN – Esaf) A concordância nominal está incorreta no item:

a) "É um filme para aquelas pessoas que têm uma certa curiosidade sobre si mesmas" (Spielberg).

b) "Salvo alguns desastres, obtêm-se bons resultados, desde que não se tente filosofar no palco de maneira confusa" (T. Guimarães).

c) Ficavam bastantes contrariados com a negligência de algum companheiro durante o treinamento.

d) A folhas vinte e uma do processo, encontra-se o comprovante de pagamento.

e) Estando o carnê e a procuração anexos ao processo, faltavam-lhe dados para explicar o caso.

28. (TRE – RJ) "A aplicação das máquinas agrícolas tornará também a batata mais barata".

Na função de predicativo, "barato" e "caro" são adjetivos e concordam em gênero e número com o substantivo a que se referem; na função de adjunto adverbial de intensidade (ou preço), são advérbios que admitem facultativamente a concordância atrativa.

Das frases abaixo, aquela em que há erro de concordância nominal, por não se observar uma das normas acima, é:

a) Com o uso de certas máquinas os legumes estão ficando muito mais caro.

b) A batata está sendo vendida mais barata com o uso de certas máquinas.

c) O uso de certas máquinas faz com que custem mais barato as batatas.

d) A batata está custando mais cara com o uso de certas máquinas.

e) O uso de certas máquinas deixa muito mais baratos os legumes.

29. (Of. Just. – TJ – NCE) "Parece possível distinguir duas tendências fundamentais..." A frase a seguir em que o adjetivo "possível" apresenta gênero de modelo idêntico ao da frase destacada do texto é:
a) É possível a admiração ou a recusa diante de um grupo estranho.
b) Torna-se possível a observação dos fatos destacados no texto.
c) Parece possível a desconfiança diante do que é novo.
d) É possível que ninguém seja profeta em sua terra.
e) Continua possível a existência das duas tendências citadas no texto.

30. (TRE) Julgamos ao espírito humano as indagações constantes sobre o que é verdade. Ocorre porém que, em nosso presente estágio evolutivo, as verdades são variadas .
As palavras ou expressões que completam corretamente as lacunas da passagem acima são:
a) natural / o mais / possível
b) naturais / o mais / possível
c) natural / as mais / possíveis
d) natural / o mais / possíveis
e) naturais / as mais / possível

31. (Agente de Documentação – TCE-PB – FCC) A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:
a) No século XX, a produção em massa permitiu que objetos, antes de posse restrita a reis, fossem acessíveis a toda a população.
b) Sempre existiu colecionadores de objetos, que exerce maior poder de atração sobre pessoas quanto mais estranho ele é.
c) No século XIX, foi dividido as áreas temáticas da ciência, surgindo então os colecionadores especializados em reunir um único tipo de objetos.
d) Permaneceu imutável por séculos as razões que levam algumas pessoas a colecionar objetos, algumas delas de gosto duvidoso.
e) O costume de enviar marinheiros pelo mundo para encontrar objetos exóticos mudaram a paisagem de alguns países e modernizaram a Europa.

32. (Of. Just. – TJ – NCE) O caso a seguir em que a concordância do vocábulo "possível" é equivocada, segundo a norma culta da língua portuguesa, é:
a) Dentro do possível, observaram-se duas tendências na reação ao grupo estranho.
b) As observações do autor do texto foram a mais pertinentes possíveis.
c) É possível que duas tendências existam.
d) Os estrangeiros tornaram possível a admiração por suas obras.
e) Foi possível observar os fatos descritos.

33. (Analista Judiciário – TRT 4ª Região – FCC) As normas de concordância verbal e nominal estão plenamente atendidas na frase:

a) Reservam-se os artistas o direito (ou privilégio?) de escolherem o gênero e a forma que lhes pareçam os mais adequados ao seu intento de expressão.
b) Não se reconhecia na crônica, antes de Rubem Braga, quaisquer méritos que pudessem alçá-la à altura dos chamados grandes gêneros literários.
c) Não cabem aos críticos ou aos historiadores da literatura estipular se o gênero de uma ou outra obra é maior ou menor em si mesmos.
d) Uma vez submetido ao poder de sedução de seu estilo admirável, é possível que custassem aos leitores de Rubem Braga ficar aguardando a crônica seguinte.
e) Não lhe bastassem, além do estilo límpido, ter os olhos de um grande fotógrafo, Rubem Braga ainda frequentava as alturas da poesia lírica.

34. (Aux. Cart. TJ – NCE) "... seja promovida nas escolas de Primeiro, Segundo e Terceiro Grau". O item a seguir em que ocorre um caso de concordância nominal idêntico ao que está destacado nessa frase do texto é:
a) Procedimento, trabalho e amor cristão.
b) A lei mostrava um novo objetivo e tática.
c) O governo merece eterno agradecimento e elogio.
d) O ministro mostrou bela cultura e talento.
e) Esta e aquela motivação da lei são justas.

35. (CBMERJ – NCE) "Mulheres e homens bonitos". A única forma <u>errada</u> entre as que estão abaixo, mantendo-se o sentido original é:
a) bonitas mulheres e homens;
b) bonitos homens e mulheres;
c) homens e mulheres bonitas;
d) homens e mulheres bonitos;
e) bonitos mulheres e homens.

36. (Técnico em Regulação de Saúde Suplementar – ANS – FCC) A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:
a) O desenvolvimento de técnicas de produção e de distribuição de alimentos permitiu a expansão da espécie humana em todo o planeta.
b) Ocorreu mudanças expressivas, ao longo dos tempos, na relação do homem com os alimentos, que foi se tornando mais variados e disponíveis.
c) Os hábitos alimentares, parte significativa da cultura de cada país, tornou-se uma das principais atividades econômicas do homem.
d) Com o início da agricultura, a tarefa de conseguir alimentos passaram a exigir menos esforço e os períodos de escassez de comida foi menos frequente.
e) A visão de uma cesta repleta de pães quentinhos são tão apetitosos que fica difícil resistir à tentação de comer mais que o necessário.

37. (Analista Judiciário – TRE-PB – FCC) A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:

a) Segundo alguns cientistas, as mais brilhantes fórmulas da física ou da biologia é comparável ao que de melhor foi feito na literatura do século XX.
b) O princípio da economia aproxima a poesia, com seu inigualável poder de síntese, das equações matemáticas, que resumem grande quantidade de informações.
c) Nem sempre as informações que se encontra disponível para um cientista pode orientá-lo na busca de soluções para o problema que tentam resolver.
d) Cientistas, em toda a História, defende a ideia de que tanto a estética científica quanto a artística se caracteriza pela busca da ordem em seu mais alto grau.
e) A emoção é um dos ingredientes mais importantes da estética científica, embora se pensem que deve estar distantes dos objetivos dos pesquisadores.

38. (Secretário de Procuradoria e Promotoria – NCE) "... caminhando rumo a um <u>futuro incerto e infeliz</u>". Se trocarmos as classes dos vocábulos sublinhados, escrevendo substantivos em lugar de adjetivos e vice-versa, teremos como forma correta desse mesmo segmento:
a) Caminhando rumo à incerteza e à infelicidade futuras.
b) Caminhando rumo a incerteza e a infelicidade futura.
c) Caminhando incerta e infelizmente para o futuro.
d) Caminhando rumo à incerteza do futuro e à infelicidade.
e) Caminhando rumo às futuras incerteza e infelicidade.

39. (Secretário de Procuradoria – NCE) "O Brasil tem hoje grande força e grande fraqueza".
Observe a seguir diversas formas de se reescrever a frase inicial do texto, sem a repetição do adjetivo grande.
I. O Brasil tem hoje força e fraqueza grandes.
II. O Brasil tem hoje força e fraqueza grande.
III. O Brasil tem hoje grande força e fraqueza.
IV. O Brasil tem hoje grandes força e fraqueza.
As frases que têm forma adequada são somente:
a) I – II – III – IV;
b) I – II – III;
c) I – IV;
d) II – III;
e) I – III.

40. (Auxiliar de Cartório – NCE) "... respiração e circulação sanguínea". Na *Nova gramática do português contemporâneo*, p. 265, o Prof. Celso Cunha diz: "(Quando o adjetivo vem depois dos substantivos), se os substantivos são do mesmo gênero e do singular, o adjetivo toma o gênero dos substantivos e, quanto ao número, vai: para o singular (concordância mais comum) ou para o plural (concordância mais rara)". Assim sendo:
a) O adjetivo sanguínea poderia também aparecer com a forma sanguíneas.

b) O autor preferiu a concordância mais rara à comum.
c) O autor do texto cometeu um erro de concordância.
d) Razões semânticas fazem que a única forma possível do adjetivo seja sanguínea.
e) A única forma correta do adjetivo é sanguíneas.

41. (Técnico Jud. Juramentado – NCE) "O terceiro e o quarto objetivos..." O caso de concordância nominal presente neste segmento do texto encontra-se referido no item:
a) O adjetivo, quer em função de adjunto adnominal, quer em função de predicativo, desde que se refira a um único substantivo, com ele concorda em gênero e número.
b) quando o adjetivo se associa a mais de um substantivo, o adjetivo concorda em gênero e número com o substantivo mais próximo.
c) se os substantivos são de gêneros diferentes e do singular, o adjetivo pode concordar com o substantivo mas próximo.
d) É possível que o adjetivo predicativo concorde com o sujeito mais próximo se estiver anteposto aos substantivos.
e) no caso de uma só palavra determinada e mais de uma determinante, a palavra determinada irá para o plural ou ficará no singular.

42. (TJ – SP – Vunesp) De acordo com a norma culta, a concordância nominal e verbal está correta em:
a) As características do solo são as mais variadas possível.
b) A olhos vistos Lúcia envelhecia mais do que rapidamente.
c) Envio-lhe, em anexos, a declaração de bens solicitada.
d) Ela parecia meia confusa ao dar aquelas explicações.
e) Qualquer que sejam as dúvidas, procure saná-las logo.

43. (Técnico Judiciário – Espec. Informática – TRF 4ª Região – FCC) A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:
a) Sistemas integrados de arrecadação e controle da visitação pública deve ser instalada em todos os parques nacionais.
b) Nações, mesmo de extensão menor que a do Brasil, está se tornando um dos destinos preferidos de turismo internacional.
c) O Brasil exibe um enorme potencial turístico, com suas belezas naturais, que não se encontra devidamente explorado.
d) A presença de turistas em áreas protegidas pelo Ibama, que permanece sem planos de conservação, são irregulares.
e) O Brasil tem vários parques nacionais, mas é poucos os que estão oficialmente abertos à visitação de turistas, nacional ou internacional.

44. (Assistente Administrativo – FGV) Assinale a alternativa em que <u>não</u> ocorra erro de concordância verbal ou nominal.
a) Elas mesmo decidiram resolver o problema que afligia a todos.
b) Quando ela disse "obrigado", todos aplaudiram.

c) Os coordenadores do projeto decidiram ficar só.
d) Ganharam bastantes elogios da diretoria.
e) Havia pedido emprestado cinco pares de meia.

45. (An. Jud. – Fundec) Está <u>incorreta</u> a forma como se fez a concordância nominal na frase:
a) Os trens e as estações foram reformadas.
b) Os engenheiros construíram um viaduto e uma passarela nova.
c) Pela ferrovia trafegavam vagões e locomotivas refrigerados.
d) Os planos previam projetos e estruturas recém idealizadas.
e) Os índices social e econômico de desenvolvimento da Região Metropolitana são baixíssimos.

46. (TRE – NCE) "... pelos governos federal, estadual e municipal." O item abaixo que exemplifica o mesmo tipo de concordância nominal do segmento retirado do texto é:
a) Vivia em tranquilos bosques e montanhas.
b) A professora estava com um vestido e um chapéu escuro.
c) Passou quarta, quinta e sexta trabalhosas no Rio.
d) Viu as bandeiras brasileira e francesa.
e) Era novo o livro e a caneta.

47. (TRT – 7ª Região – Esaf) Julgue os itens como certos ou errados quanto à concordância nominal ou verbal, colocando C ou E nos parênteses. Assinale, a seguir, a opção que contém a sequência correta. O artigo 1.725 do novo Código Civil informa que, não havendo estipulação em contrato escrito, os bens móveis e imóveis onerosamente adquiridos por um ou por ambos os companheiros, no período em que durar a união estável, são considerados fruto do trabalho e da colaboração comum. Mesmo que se equivoque os companheiros na aquisição de quaisquer bens, as regras para transação por contrato escrito entre os adquirentes, encontrados nesse artigo, podem ser alteradas, modificando, por exemplo, os percentuais ou cotas condominiais entre eles existente.
(Baseado em "A união estável no novo Código Civil", Álvaro Villaça Azevedo, *Correio Braziliense*, 17/11/2003.)
( ) ambos os companheiros
( ) fruto
( ) equivoque
( ) encontrados
( ) existente
a) E – C – C – E – C
b) C – C – E – C – C
c) C – E – E – E – E
d) E – C – E – C – C
e) C – E – C – C – E

48. (TRT-20ª Região – FCC) A concordância está feita corretamente em:
a) Os poucos anos de escolaridade do trabalhador são insuficientes para um bom uso das inovações tecnológicas.
b) O número de postos de trabalho geralmente aumentam quando as empresas elevam a produtividade.
c) Os trabalhadores que perdem o emprego pode ser admitido em novos postos, dependendo do nível de escolaridade.
d) Existe vários efeitos que é resultante da aplicação da tecnologia, capazes de gerar novos empregos.
e) A recuperação de novos postos de trabalho nas empresas são possíveis para candidatos com formação adequada a eles.

49. (TRT – An. Jud.) "Crianças de dez, oito e até seis anos de idade tinham inteligência bastante para serem treinadas..." A frase a seguir em que a palavra bastante está <u>incorretamente</u> empregada é:
a) Não houve chuvas bastante para resolver o problema da agricultura.
b) Tinha bastantes chances de conseguir o emprego.
c) Não trabalhou nesses dias o bastante para repor o tempo perdido.
d) Não possuía amigos bastante competentes para o trabalho.
e) As novas tecnologias eram bastante prejudiciais aos trabalhadores.

50. (NCE) "... as revistas e os jornais brasileiros..." Com o deslocamento dos termos da frase, a única forma <u>incorreta</u> é:
a) as brasileiras revistas e jornais;
b) os brasileiros jornais e revistas;
c) os brasileiros revistas e jornais;
d) os jornais e as revistas brasileiras;
e) os jornais e as revistas brasileiros.

Capítulo 28

Estilística

28.1. Figuras de som

28.1.1. Aliteração

Indica a repetição de fonemas (consoantes) idênticos ou semelhantes no início de palavras de uma frase ou de versos de uma poesia.

Ex.: "O rato roeu a roupa do rei de Roma".

28.1.2. Onomatopeia

Figura que procura representar graficamente sons.

Ex.: Zum-zum, trim, atchhhim...

28.2. Figuras de construção ou sintaxe

28.2.1. Anacoluto

Consiste no aparecimento de um termo no início de um período que não terá ligação sintática com o restante dos termos posteriores.

Ex.: "Eles, o seu único desejo é exterminar-nos" (Garret).

"O Presidente, estes cidadãos não quiseram ouvir-nos".

28.2.2. Anáfora

Consiste na repetição de uma ou mais palavras no início de diferentes versos ou frases.

Ex.: "Depois eu dou. Depois eu deixo. Depois eu levo. Depois eu conto" (F. Sabino).

"É pau... É pedra... É o fim do caminho... É um pedaço de toco..." (Tom Jobim).

Não sei, não vi, não quero saber.

Alguém falou, alguém gritou, alguém brigou.

28.2.3. Anástrofe ou inversão

Consiste na inversão da ordem direta da frase.

Ex.: Ao Flu o Fla vencerá (a ordem natural seria "O Fla vencerá o Flu").

"Sabe mortos enterrar?" (J.C. Melo Neto) (Sabe enterrar mortos?)

Obs.: É um tipo de inversão mais brando que o HIPÉRBATO.

28.2.4. Assíndeto

Consiste na construção de sequência de orações coordenadas aditivas; não apresentando, contudo, conjunção.

Ex.: "Vim, vi, venci" (Julio César).

Ele lava, passa, prepara a comida, massageia os pés do marido.

28.2.5. Elipse

Consiste na omissão de um termo facilmente subentendido.

Ex.: "Na terra, tanta guerra, tanto engano" (Camões).

Na terra há tanta guerra, há tanto engano.

"Uma de suas funções, como membro da presidência da Câmara, era a de zelar pelos móveis e demais pertences" (Fernando Sabino).

→ ... era a (função) de zelar...

28.2.6. Hipálage

Consiste em atribuir a um ser ou coisa uma qualidade ou ação que logicamente pertence a outro ser que também está expresso na mesma frase.

Ex.: "O voo negro dos urubus fazia..." (G. Ramos) (Negro, na verdade, é qualificativo para "urubus").

O movimento pesado dos elefantes... (o movimento não é pesado, e sim os elefantes).

28.2.7. Hipérbato

Indica inversão de termos dentro de orações ou versos. Esta inversão é mais significativa do que a anástrofe.

Ex.: "Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
de um povo heroico brado retumbante..."

– As margens plácidas do Ipiranga ouviram o brado retumbante de um povo heroico.

"É esta de teu querido pai a mesma barba
a mesma boca e testa (T. A. Gonzaga).

– É esta a mesma barba, a mesma boca e testa de teu querido pai.

28.2.8. Pleonasmo ou redundância

Emprego de palavras ou expressões de significado equivalente, com a

finalidade de reforçar uma ideia.

Ex.: Vi com meus próprios olhos a terrível cena.

Perdoe-me pelo amor divino de Deus.

28.2.9. Polissíndeto

Consiste na repetição intencional de conjunções, ligando palavras ou orações de período.

Ex.: Ele fala, e reclama, e bebe, e xinga...

Maria não lava, nem passa, nem trabalha, nem faz a comida.

28.2.10. Silepse

Também conhecida como concordância ideológica, esta figura ocorre quando a concordância se faz não com a palavra expressa na frase, mas com a ideia que esta palavra sugere.

a) de gênero

Ex.: Vossa Majestade é muito bondoso.

Sua Santidade estava abatido.

b) de número

Ex.: Coisa curiosa é aquela gente. Divertem-se com tão pouco.

A banda Flor chegou ao sucesso depois de cinco anos. Já gravaram oito discos.

c) de pessoa

Ex.: Os brasileiros somos muito desconfiados.

28.2.11. Zeugma

É a omissão de uma palavra já expressa anteriormente na oração. Trata-se de um caso especial de elipse.

Ex.: Na França há tanta riqueza, no Brasil tanta pobreza. (... no Brasil há tanta pobreza.)

Eu fiz os salgados, Maria os doces. (... Maria fez os doces.)

28.2.12. Repetição ou reduplicação

Consiste na repetição proposital de palavras ou expressões, tanto na poesia quanto na prosa.

Ex.: "Cantei, Cantei, Cantei,

Como é cruel cantar assim..." (Chico Buarque).

28.3. Figuras de pensamento

28.3.1. Antítese

Consiste na colocação, lado a lado, de termos opostos, mas que não causam ideias sem nexo.

Ex.: "Cabelos longos, ideias curtas".

Uma exposição clara para uma ideia tão complicada.

28.3.2. Eufemismo

Indica a atenuação ou suavização de ideias consideradas desagradáveis, cruéis ou ofensivas.

Ex.: Ele entregou a alma a Deus (em vez de: Ele morreu).

Ela sofre de doença ruim (em vez de: câncer).

28.3.3. Hipérbole

Consiste no exagero proposital das coisas.

Ex.: Ele morreu de medo quando me viu.

Nós chegamos aqui há um século.

28.3.4. Ironia

Consiste em expressar o contrário do que se pensa, mas dando a entender o real pensamento. Normalmente, a ironia adquire traços humorísticos.

Ex.: Aqueles amorosos bandidos mataram a família inteira.

Os confiáveis deputados precisam receber o "mensalão", pois seus salários são muitos baixos.

28.3.5. Paradoxo ou oxímoro

Trata-se de uma figura que relaciona duas palavras antônimas, dando conceitos contraditórios. "Aparentemente" a frase fica sem sentido.

Ex.: "Amor é fogo que não se vê
É ferida que dói e não se sente
É um contentamento descontente
É dor que desatina sem doer" (Camões).

Sinto-me solitário nesta multidão...

28.3.6. Prosopopeia, personificação ou animismo

Consiste em atribuir vida ou qualidades humanas a seres inanimados, irracionais, mortos ou abstratos.

Ex.: "As rosas não falam..." (Cartola).

Uma talhada de melancia com seus alegres caroços (C. Lispector).

28.4. Figuras de palavras

28.4.1. Antonomásia

Indica a substituição de nome próprio por nome comum ou por expressão ligada ao termo substituído.

Ex.: Rei do Futebol (em lugar de Pelé).

Cidade Maravilhosa (em vez de Rio de Janeiro).

28.4.2. Catacrese

É uma figura que consiste no uso impróprio de vocábulo por falta de outro mais específico para a designação de um ser ou de uma ação.

Ex.: O pé do vaso está quebrado (pé – parte que serve para sustentar o corpo humano).

Embarcou naquele avião gigantesco (embarcar significa entrar num navio).

28.4.3. Comparação ou símile

Como o próprio nome indica, formaliza-se uma ideia de comparação. Contudo, é fundamental ressaltar que há a necessidade de um conectivo explicitando a comparação.

Ex.: "Beijou sua mulher como se fosse a única" (Chico Buarque).

Ele agiu feito os santos.

28.4.4. Metáfora

Atribuição a uma pessoa ou coisa de uma qualidade que não lhe cabe logicamente. Essa transferência de significado de um termo para outro baseia-se na semelhança de características que o emissor da mensagem encontra entre os dois termos comparados. É uma comparação de ordem subjetiva, sem o conectivo que indica esta comparação.

Ex.: Maria é uma flor.

Vê-se que Carlos é uma fera enjaulada.

28.4.5. Metonímia

É a substituição de sentido de um termo por outro que com ele apresenta relação lógica e constante.

a) autor – obra

Ex.: Ele nunca leu Machado de Assis (os livros de Machado de Assis).

b) conteúdo – continente

Ex.: Comi dois pratos (não se comem os pratos; come-se o conteúdo dos

pratos).

c) inventor – invento

Ex.: Graham Bell permitiu que a humanidade se comunicasse melhor (na realidade, o invento de Graham Bell, o telefone).

d) símbolo – coisa simbolizada

Ex.: Nunca abandones a cruz (cruz – símbolo da religião).

e) instrumento – pessoa que o utiliza

Ex.: Ele é um grande raquete (ele é um grande jogador de tênis).

Obs.: Existe um tipo especial de metonímia chamado sinédoque, que se baseia em outras relações.

a) parte – todo

Ex.: Os seus olhos espertos indicavam a porta de entrada.

b) matéria – objeto

Ex.: O cristal tinia sobre a mesa de jantar.

c) marca do produto substitui o produto.

Ex.: O Ford quase nos atropelou.

28.4.6. Sinestesia

Consiste na fusão de sensações percebidas por diferentes órgãos do sentido.

Ex.: Comia o sabor (gosto) vermelho (visão) da fruta.

Claro (visão) perfume (olfato) vagava pelo ar.

28.5. Vícios de linguagem

28.5.1. Ambiguidade

Ocorre sempre que uma palavra admite duas ou mais interpretações.

Ex.: "O julgamento do professor ocorrerá amanhã" (não se sabe se o professor julgou ou foi julgado).

"Flamengo venceu o Palmeiras jogando em casa" (não fica evidenciado quem jogou em casa).

28.5.2. Barbarismo

Consiste em grafia ou pronúncia inadequada ao padrão culto da língua.

Ex.: "degladiar", "previlégio", "necrópsia", "rúbrica".

28.5.3. Cacófato

Indica uma formação sonora desagradável. Tal se dá por formação de

palavrões ou repetição excessiva de uma estrutura fonética.

Ex.: Já está pronto o álbum da Maria. Não percebemos como estava a boca dela.

Devemos depreender a devida demanda de um delicado momento político.

28.5.4. Solecismo

Falha de ordem sintática.

Ex.: Haviam muitas pessoas no auditório. Procederemos as aulas de apoio à partir de julho.

28.6. Exercícios

1. (PUC-SP)
"O pavão é um arco-íris de plumas".
"... de tudo que ele suscita e esplende e estremece e delira..."
Enquanto procedimento estilístico, temos, respectivamente:
a) metáfora e polissíndeto;
b) comparação e repetição;
c) metonímia e aliteração;
d) hipérbole e anacoluto;
e) anáfora e metáfora.

2. (Fuvest-SP) Identifique a figura de linguagem presente no verso em destaque.
"Quando a indesejada das gentes chegar
(Não sei se dura ou coroável),
Talvez eu tenha medo.
Talvez eu sorria e diga:
– Alô, iniludível".
a) Clímax.
b) Eufemismo.
c) Sínquise.
d) Catacrese.
e) Pleonasmo.

3. (UM-SP) Aponte a figura: "Naquela terrível luta, muitos adormeceram para sempre".
a) Antítese.
b) Eufemismo.
c) Anacoluto.
d) Prosopopeia.
e) Pleonasmo.

4. (FMU-SP) Em "Dizem que os cariocas somos pouco dados aos jardins públicos", há:

a) pleonasmo;
b) hipérbato de pessoa;
c) silepse de gênero;
d) silepse de pessoa;
e) silepse de número.

5. Qual é a figura de linguagem presente no seguinte fragmento: "Uma pessoa de cabeça desarrumada é assim: defende a pena de morte e o ensino gratuito nas universidades públicas. É a favor do aborto e se diz católico. Votou Lula em 2002 e José Serra em 2004. È contra as cotas nas universidades e milita numa ONG de defesa da Mata Atlântica"?
a) Antítese.
b) Metáfora.
c) Paradoxo.
d) Metonímia.
e) Hipérbole.

6. (TRE – NCE) "Que paz? Não foram esses mesmos adoráveis senhores que decapitaram ou mandaram decapitar seus próprios companheiros de comunidade durante as recentes rebeliões?" – "Não foram esses mesmos adoráveis senhores..." Neste segmento, ocorre um exemplo de uma figura denominada:
a) metáfora;
b) metonímia;
c) ironia;
d) eufemismo;
e) hipérbole.

7. (INPI – NCE) Embarcar, na sua origem, era empregado com referência a barco, mas no texto aparece com referência a avião. O item abaixo em que a palavra sublinhada também mostra desvio do sentido original é:
a) O avião vai <u>decolar</u> com o porco a bordo.
b) O porco chegou a <u>enterrar</u> as patas na comida.
c) Os passageiros "<u>humanos</u>" estranharam o fato.
d) A <u>poltrona</u> ficou estragada por causa do peso do porco.
e) A investigação do <u>incidente</u> vai demorar.

8. (IBGE – NCE) Em "Vossa Senhoria parece preocupado com o furto da máquina de escrever", há uma figura conhecida por:
a) metáfora;
b) silepse de gênero;
c) silepse de número;
d) silepse de pessoa;
e) catacrese.

A expressão surgiu em Minas Gerais, nos tempos do Brasil colonial e designa o sujeito sonso, fingido. Naquela época, auge da mineração, eram elevadíssimos os impostos cobrados pelo rei de Portugal, nosso avozinho, tão bonzinho...

9. (CFC – NCE) "nosso avozinho, tão bonzinho"; no contexto em que aparecem, esses segmentos são exemplos de:

a) metáfora;
b) ironia;
c) hipérbole;
d) eufemismo;
e) comparação.

10. (TJ-NCE) "Como pode ver na entrevista, ganhar dinheiro no Brasil é sopa". Nesta frase, aparece uma figura sintática e uma figura de palavra. Assinale a alternativa que identifique essas figuras.

a) Hipérbato e metáfora.
b) Silepse e metonímia.
c) Elipse e metonínia.
d) Elipse e metáfora.
e) Anacoluto e catacrese.

11. (Oficial de Justiça Avaliador – TJ – NCE) "E acoplado a ele vem a web, com sua cacofonia de informações, excessivas e desencontradas..." Cacofonia (neste segmento usado figuradamente) é "qualquer efeito desagradável ao ouvido em uma sequência de palavras" (Michaelis – *Moderno dicionário da língua portuguesa*, SP, Melhoramentos, 1998). O item abaixo que pode ser exemplo de cacofonia é:

a) A liberdade, como a concebo, não se confunde com o consumismo.
b) Uma das liberdades modernas é a de ir e vir.
c) A natureza humana se preocupa quando aparece algum perigo.
d) Quando não se pode desfrutar o luxo, começa-se a desdenhar dele.
e) A liberdade foi corrompida pela sociedade de consumo.

(ANTT – NCE)

O Professor Desfontaines está longe de desprezar as coisas efêmeras. E por isso me trouxe a frase de quatro pétalas, que guardei como flor ressequida em velho livro, e que o chofer lhe entregara.

12. "... e que o chofer lhe entregara". Esse segmento mostra uma ambiguidade que é sanada pela reescritura abaixo desse mesmo segmento:

a) E que lhe fora entregue pelo chofer.
b) E que lhe entregara o chofer.
c) Frase essa que o chofer lhe entregara.
d) Livro esse que o chofer lhe entregara.

e) Cujo chofer lhe entregara.

13. (PC – NCE) "... e o exemplo que escolheu para ilustrar SEU comentário". O item abaixo em que o uso do possessivo SEU gera ambiguidade é:

a) O publicitário fez comentários sobre SEU *outdoor*.
b) O cronista levou o cachorro em SEU automóvel.
c) O jornalista transportou as mercadorias em SEU horário de trabalho.
d) O secretário viu o professor do debate em SEU escritório.
e) O jornalista nada dizia sobre SEU texto.

Capítulo 29

Coesão e Coerência Textual

Ao observar um texto bem construído, bem definido, quando não há possibilidade de o leitor perder a sequência dos fatos, tampouco a relação entre os conjuntos, constata-se que há coesão. Qualquer elemento que faça a ligação entre os vários fragmentos do texto possui função coesiva. Enfim, essa conexão interna entre os vários enunciados do texto denomina-se coesão.

29.1. Coesão sequencial

É a coesão normalmente feita por conjunções, ligando termos, orações ou períodos, estabelecendo entre eles uma relação de sentido. Quando uma oração é introduzida pela conjunção TODAVIA, já se sabe que o fragmento está em oposição a algo citado anteriormente. Ao observar a presença da conjunção ENQUANTO, já se imagina que dois fatos estão acontecendo simultaneamente. A ocorrência do conector PORQUE sugere que a ideia introduzida indicará uma causa para um fato anteriormente relatado. Já o conector ENTÃO indica que a oração em que ocorre é uma conclusão para algo citado anteriormente.

Ex.: Chovia muito, todavia fui à praia.
Enquanto eu falava, ela dormia.
Voltei cedo para casa, porque estava cansado.
Ele não chegou, então deve estar parado no trânsito.

29.2. Coesão referencial

É a conexão feita através de termos (normalmente os pronomes) que fazem referência a elementos anteriormente citados no texto.

Ex.: Lula, Pelé e Xuxa são extremamente famosos. Esse foi o principal jogador de futebol de todos os tempos, aquele é o atual Presidente do Brasil e esta, apresentadora de programas infantis.

Observe que os pronomes demonstrativos Esse (referente a Pelé), aquele (a Lula) e esta (a Xuxa) ligam o segundo período ao anterior.

Adeus, nepotes (Luiz Garcia, O Globo, 25/10/2005)

De vez em quando, uma boa notícia: a sentença de morte para o nepotismo no Judiciário, por exemplo. A decisão do Conselho Nacional de Justiça, anunciada terça-feira, não abre exceções: é proibido a juízes de todas as instâncias e a chefes de seções e departamentos a nomeação de parentes até terceiro grau.

Também está vedado o velho golpe do nepotismo cruzado: você nomeia o meu e eu nomeio o seu.

O Ministério Público vai pelo mesmo caminho. Enquanto isso, aqui no Estado do Rio já está em vigor emenda constitucional que proíbe dar um jeito na vida de cônjuge, companheiro e parente até terceiro grau: pai, mãe, avós, filhos, netos, bisnetos, tios, sobrinhos, primos e até sogros e cunhados. E vale para Executivo, Legislativo e Judiciário, sem esquecer Ministério Público e Tribunal de Contas.

Não acabou: o projeto de lei que corre no Congresso, também rigoroso e abrangente, tem chances de ser aprovado até o fim do ano. Pelo menos foi o que previu outro dia, quase prometendo, o deputado Aldo Rebelo.

Portanto, há sinais suficientes de que pode ir longe a blitz contra os nepotes. Assim se chamavam sobrinhos de papas, nomeados conselheiros do Vaticano, num tempo, muito antigo, lá onde o Renascimento fazia a curva, em que — diziam pessoas de má-fé (ou de nenhuma fé) — papas tinham sobrinhos que muitas vezes eram a cara dos tios.

Comentários sobre o texto: na linha 2, o termo "a decisão" refere-se ao fim do nepotismo (l. 1/2); no início do segundo parágrafo, o termo "também" indica que o fato a ser anunciado é acrescido ao evento anterior já anunciado. Repare que os pronomes "você", "meu", "eu" e "seu", além de denunciarem a coesão efetiva entre os seres, designam a relação eu-meu e você-seu invertida. No início do terceiro parágrafo, a expressão "mesmo caminho" é referente também ao fim do nepotismo. Depois o elemento "E vale" sugere que Executivo, Legislativo e Judiciário, sem esquecer Ministério Público e Tribunal de Contas, também serão enquadrados na emenda constitucional. O quarto parágrafo, ao iniciar-se com "Não acabou", já sugere que o fato anterior abrangerá outros órgãos. O último parágrafo é iniciado através da conjunção conclusiva PORTANTO, indicando que o texto já ofereceu elementos suficientes para iniciar-se a conclusão. O termo "Assim" refere-se a "nepotes". Por fim, o termo "tios" está relacionado, ironicamente, aos "papas". Vê-se, então, que o texto

possui vários elementos que têm como função ligar unidades, encadeando-as, criando uma sequência lógica.

29.3. Coerência textual

É a ocorrência de um texto que, além de apresentar-se coeso, há de fazer sentido. Um texto pode ser coeso sem ser coerente, mas nunca poderá ser coerente sem ser coeso. O autor de um texto pode fazer uso de elementos coesivos, contudo o texto pode não possuir sentido. O estudo de coerência prevê a ocorrência de uma linha de raciocínio, lógica no pensamento, harmonia entre fatos e, principalmente, não pode haver contradição.

Ex.: Lula, Pelé e Xuxa são extremamente famosos. Esse foi jogador de futebol, aquele é o atual Presidente do Brasil e esta é muito bonita.

→ Observe que o texto é coeso, pois, tal qual no exemplo anterior, utilizam-se pronomes demonstrativos para ligar a segunda frase à primeira. No entanto, o texto não é coerente, porquanto não houve a manutenção de uma linha de raciocínio. Enquanto os dois primeiros foram apresentados pela profissão, a referência à última diz respeito não à sua profissão, mas à beleza física.

BIZU

A Esaf já fez muitas provas em que era exigido do candidato a montagem ou a continuação do texto. É recomendável no caso usar primeiramente a coesão e depois a coerência. Nas questões de montagem de textos, o passo prévio é observar se há, nos tópicos, elementos remissivos (termos que façam referência a expressões anteriores). Caso isso ocorra, o tópico não pode iniciar o texto. Por exemplo: se você se deparar com o tópico "Entretanto, não houve tempo para resolver o problema", já se pode ter a certeza de que não pode estar no início do texto, já que a conjunção ENTRETANTO indica uma oposição a algo outrora aludido. Caso se posicione no princípio, vai opor-se a quê? Também o tópico "Eles não indicaram a saída" não pode postar-se no início do verbete, uma vez que o pronome pessoal ELES refere-se a pessoas já mencionadas. Outra estrutura que não pode localizar-se no início é: "Não conseguiram demonstrá-la". Aí ocorrem dois fatos que obstam o posicionamento inicial: o verbo na terceira plural referindo-se a pessoas já apresentadas no texto, e o pronome oblíquo A em DEMONSTRÁ-LA, que indica a ocorrência de elemento feminino e singular antecedente. A partir de então, você deve partir para as alternativas. Há questões que, ao se vislumbrar o primeiro tópico, já se chega à resposta.

29.4. Exercícios com gabarito comentado

1. (Auditor do Tribunal de Contas do Estado do Paraná) Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os de forma a comporem um texto coeso e coerente e assinale a opção correta.

( ) Cada um desses casos analisados tem suas peculiaridades próprias dentro de um Brasil que se configura como um continente, com realidades bastante distintas entre si.

( ) Anteviu o grande jurista o importante papel a ser reservado a esses tribunais, aliadas que estariam a seus integrantes, a competência técnica, a imparcialidade profissional e a sensibilidade social, no trabalho de cunho educativo, orientado em seminários.

( ) Surgiram as Cortes de Contas do Brasil pela inspiração de Rui Barbosa, cujo sesquicentenário comemorou-se em 1999.

( ) O exame exaustivo de processos, que consome horas de leitura, análise e reflexão sobre o caso, é tantas vezes incomodado pela celeridade com que se cobra o seu pronunciamento – uma exigência que muitas vezes não se justifica, já que os pareceres emitidos pelas Cortes de Contas não se amoldam a modelos estereótipos que obedeçam ao resultado do sempre-igual de equações matemáticas.

( ) Atuam eles de maneira construtiva, sem se eximirem, quando pertinente, de indicar as irregularidades que encontram no exercício de sua atividade de fiscalização.

(Itens adaptados de Ubiratan Aguiar, XX Congresso dos Tribunais de Contas do Brasil, Sessão Solene de Abertura, 12/10/1999 – www.tcu.gov.br)

a) 4 – 5 – 3 – 2 – 1
b) 5 – 2 – 1 – 4 – 3
c) 3 – 1 – 2 – 5 – 4
d) 3 – 4 – 5 – 1 – 2
e) 1 – 4 – 5 – 3 – 2

Resposta: Alternativa B.

Observe que o primeiro tópico não pode dar início ao texto, já que a expressão "Cada um desses casos analisados" indica que já foram mencionados anteriormente "esses casos analisados".

O segundo tópico também não poderá iniciá-lo, pois a expressão "Anteviu o grande jurista" sugere que este jurista já fora citado.

O terceiro não possui elementos remissivos, podendo iniciar o texto.

O quarto tópico não pode introduzir o texto, porquanto a expressão "análise e reflexão sobre o caso" indica que um caso já fora relatado.

O último tópico também não pode dar início, visto que o pronome "eles" refere-se a seres já aludidos.

Então, somente o terceiro tópico poderá iniciar o texto. Dentre as opções, só há uma indicando esse posicionamento: a alternativa B.

2. (TRF – 2003) Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e, em seguida, assinale a sequência correspondente.

( ) As operações de compra de imóveis pelas *off shores* também estão sendo

monitoradas pela Receita. Os dados serão comparados com as declarações de Imposto de Renda dos residentes no Brasil e até com o cadastro de imóveis das prefeituras.
( ) Sem identificação dos donos, cujos nomes são mantidos em sigilo pela legislação dos países onde estão registradas, muitas dessas empresas fazem negócios no Brasil, como a participação em empreendimentos comerciais ou industriais, compra e aluguel de imóveis.
( ) Além de não saber quem são os proprietários dessas *off shores*, pois não há mecanismos legais que permitem acesso aos verdadeiros donos, o governo também não tem conhecimento da origem desse dinheiro aplicado no País, sem o recolhimento dos impostos devidos.
( ) A Receita Federal está fechando o cerco contra as empresas estrangeiras sediadas em paraísos fiscais que atuam no Brasil, conhecidas como *off shores*.
( ) Para reduzir essa evasão fiscal, a Receita está identificando as pessoas físicas que alugam imóveis de luxo pertencentes a pessoas jurídicas ou mesmo físicas que atuam em paraísos fiscais. Toda remessa de aluguel é tributada.
(Adaptado de Ana D'Angelo, Andrea Cordeiro e Vicente Nunes, *Correio Braziliense*, 8/9/2003.)
a) 1, 2, 4, 3, 5
b) 2, 3, 5, 4, 1
c) 5, 2, 3, 1, 4
d) 1, 5, 4, 3, 2
e) 3, 2, 1, 5, 4
O primeiro tópico não pode dar início ao texto, pois o elemento "também" indica que esse fato está sendo acrescido a eventos anteriores.
O segundo tópico também não poderá iniciá-lo, pois a expressão "Sem identificação dos donos" indica que esses seres são donos de algo já citado.
O terceiro tópico também não pode dar início ao texto, pois a oração "Além de não saber quem são os proprietários dessas ***off shores***" sugere que as ***off shores*** já foram anteriormente mencionadas.
O quarto tópico pode iniciar o texto, já que não há qualquer elemento que faça a remissão a termos anteriores.
A oração "Para reduzir essa evasão fiscal" indica que a ocorrência fiscal já fora relatada em fragmento anterior do texto, não podendo, portanto, iniciá-lo.
Então, como somente o quarto tópico pode iniciar o texto, e só há uma opção (C) indicando isso, será a resposta.

(Técnico da Receita Federal – TRF – Esaf)
3. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e, em seguida, assinale a sequência correspondente.
( ) Em geral, esta firma é constituída apenas para atuar como subsidiária da estrangeira, intermediando seus negócios. Caso a empresa compre imóvel no Brasil, tem que haver registro, tem que existir um responsável, com CPF, o que permite o controle.
( ) O investidor estrangeiro entra no Brasil via Bolsa de Valores, fundos de investimentos

ou como sócio de uma empresa brasileira.
( ) O secretário da Receita admite, no entanto, que não há mecanismos para controlar a atuação de brasileiros que mandam dinheiro ilícito para os paraísos fiscais e o repatriam por meio de negócios realizados em nome das *off shores*.
( ) E também a contabilidade da empresa, em tais países, não precisa ser auditada. Os donos dos recursos podem movimentar dinheiro ou constituir empresas por vários meios que omitem seus nomes, como o sistema de ações ao portador.
( ) Esses países conhecidos como paraísos fiscais têm como principais atrativos a legislação tributária branda, com direito até a isenção de impostos, e garantia de sigilo bancário, comercial e societário.
(Adaptado de Ana D'Angelo, Andrea Cordeiro e Vicente Nunes, *Correio Braziliense*, 8/9/2003.)
a) 1, 2, 4, 3, 5
b) 2, 1, 3, 5, 4
c) 3, 2, 1, 5, 4
d) 1, 5, 4, 3, 2
e) 5, 2, 3, 1, 4
O primeiro tópico inicia-se com "esta firma", o que já denuncia que a firma já fora citada; portanto não poderá iniciar o texto.
O segundo tópico não tem elemento que mencione passagens anteriores, portanto pode iniciar o texto.
A conjunção NO ENTANTO sugere que o terceiro tópico se opõe a algo já aludido.
O fragmento "E também a contabilidade da empresa, em tais países" possui vários elementos que denunciam ser este tópico uma continuidade, como a conjunção E que indica que a ideia introduzida está sendo adicionada a algo já relatado. Depois o pronome demonstrativo "tais" denunciando que os países já foram mencionados.
O último tópico é iniciado por "Esses países", o que já deixa claro que os países já foram anteriormente relatados.
Como somente o segundo tópico pode iniciar o texto, já se chega à resposta. (B)

4. (AFRF – Esaf) Os trechos a seguir foram adaptados de um texto de Gilson Schwartz, mas estão desordenados. Numere-os de forma que constituam um texto coeso e coerente e assinale a opção correta correspondente.
( ) No caso do Brasil, que já tem fundos setoriais em apoio ao desenvolvimento tecnológico, resta saber como será a distribuição desses recursos e que impacto terão no sistema econômico.
( ) Entretanto, criar a cultura organizacional necessária nessas redes para que os recursos e as políticas públicas tenham mais eficácia não é algo trivial.
( ) As pesquisas que se fazem internacionalmente sugerem que o segredo do desenvolvimento com base na inovação tecnológica está menos no volume de recursos e mais na qualidade das redes que se formam para recebê-los.
( ) Claro que a existência desses recursos para investir é condição necessária, mas não é suficiente. As políticas públicas brasileiras teriam, provavelmente, mais chance de êxito

se incluíssem entre os seus objetivos a própria mudança cultural e comportamental das suas organizações.
( ) Exige, por exemplo, a formação de grupos articulados de cooperação para produção de conhecimento, ou seja, sistemas incompatíveis com as práticas institucionais e empresariais.
a) 3, 4, 1, 5, 2
b) 2, 5, 4, 3, 1
c) 4, 2, 1, 5, 3
d) 3, 4, 2, 1, 5
e) 5, 1, 3, 2, 4
O primeiro tópico não pode estar iniciando o texto, porque a expressão "No caso do Brasil" indica que o caso já foi citado em outros lugares ou de forma generalizada.
A conjunção ENTRETANTO no início do segundo tópico já descarta qualquer possibilidade de iniciar o texto.
O terceiro tópico não possui elementos remissivos, podendo iniciar o texto.
Como no princípio do quarto tópico aparece o termo "desses recursos", já ocorre a indicação de que os recursos já foram citadas em passagens anteriores.
A expressão "Exige, por exemplo," indica que algo anteriormente citado servirá de elemento a ser exemplificado.
Sendo assim, há duas possibilidades de resposta: A e C. A sequência da opção C (3º tópico – 2º tópico) é melhor do que da A (3º tópico – 5º tópico), visto que o fragmento "Entretanto criar a cultura organizacional nessas redes", citado no segundo tópico, indica que as redes já deveriam ter sidos citadas, o que efetivamente ocorre no terceiro tópico (menos no volume de recursos e mais na qualidade das redes que se formam para recebê-los).

5. (Auditor Fiscal da Receita Estadual – RN – Esaf) Os fragmentos abaixo compõem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os para que constituam um texto coeso e coerente e indique a opção que apresenta a sequência correta.
A – Mas é necessário ressaltar que juízes e tribunais com essa configuração, ou seja, real e efetivamente independentes, somente existem nos países em que vigora o Estado Democrático de Direito.
B – O Judiciário tem a função de promover a paz social, restabelecendo a ordem e até mesmo punindo os infratores, independentemente da camada social a que pertençam.
C – Essas prerrogativas, isso é, as garantias da magistratura, não constituem privilégio pessoal do magistrado, mas direito do cidadão.
D – E é exatamente por isto que os órgãos do Judiciário, os tribunais e os magistrados devem gozar de prerrogativas para o exercício dessa missão, sob pena de somente poderem exercê-la em relação aos pobres e às pessoas que não tenham qualquer influência político-social.
E – Evidentemente esse cidadão, que eventualmente tenha um direito violado, somente terá proclamada a justiça a seu favor se houver juízes e tribunais independentes, isentos da possibilidade de interferências e pressões indevidas de quem quer que seja.

a) A, C, D, E, B
b) B, D, C, E, A
c) C, B, E, A, D
d) D, A, B, C, E
e) B, E, C, D, A

O primeiro tópico não pode iniciar o texto, em virtude de a conjunção MAS sugerir adversidade a algo já ocorrido.

O segundo tópico, não possuindo elementos citados, remissivos a passagens anteriores, pode dar início ao texto.

A expressão "Essas prerrogativas" no início do terceiro tópico já indica que as expressões já foram mencionadas.

O fragmento "E é exatamente por isto", no início do quarto tópico, possui dois elementos coesivos: a conjunção "E", denunciando haver uma adição entre a ideia que está sendo introduzida e ideias anteriores e o termo "por isto", indicando que um evento anterior é causa para o que se propõe no tópico.

No último tópico, o termo "Esse cidadão" sugere que o cidadão já fora citado.

Então somente o segundo tópico poderá dar início ao texto, excluindo, por conseguinte, as opções A, C e D. Na opção E, a sequência dos tópicos é B-E. No início do tópico E, o termo ESSE CIDADÃO sugere que o cidadão já deveria ter sido citado, o que não ocorre no tópico B. Então a opção E está excluída. Já a sequência B-D é perfeita. Observe que "por isto" (tópico D) faz referência à função de promover a paz social que o Judiciário possui (tópico B). Depois o termo "dessa missão" (tópico D) também é referente à função (tópico B). Por isso, a resposta é a opção B.

6. (Analista de Finanças e Controle – Esaf) Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão fora da sequência correta. Ordene-os de forma a comporem um texto que respeita a progressão das ideias, a coesão e a coerência do texto. Assinale, a seguir, a opção correta.

( ) O Ministro da Fazenda argumentou que não há como abrir mão da atual carga de tributos enquanto o país tiver de investir em projetos sociais e manter em ordem seus compromissos fiscais.

( ) Além disso, é preciso que o governo federal demonstre capacidade política para levar adiante uma verdadeira reforma tributária, que simplifique e racionalize o atual sistema.

( ) Podem ser adotadas medidas, no entanto, que auxiliem na redução da carga tributária e no aumento de eficiência das políticas públicas, tais como cortes de despesas correntes e melhora na qualidade dos gastos sociais.

( ) A despeito das crescentes críticas de diversos setores da sociedade à elevação da carga tributária, o governo reafirmou que não irá diminuir o peso dos impostos no curto prazo.

( ) É preciso que os recursos empregados pelo governo em saúde, educação, auxílio-desemprego e outros benefícios sociais cheguem aos destinatários sem as perdas que a burocracia estatal hoje impõe.

(Adaptado do editorial "Cortar despesas", *Folha de S. Paulo*, 13/3/2005.)

a) 4 – 5 – 3 – 2 – 1
b) 5 – 4 – 3 – 1 – 2
c) 2 – 5 – 3 – 1 – 4
d) 1 – 3 – 2 – 4 – 5
e) 3 – 5 – 1 – 4 – 2

O primeiro tópico não pode iniciar o texto, visto que a estrutura "O Ministro da Fazenda argumentou" indica que a tese já fora mencionada anteriormente.
O segundo tópico também não poderá iniciar o texto, pois o termo "Além disso" sugere que este fragmento estará sendo acrescido a algo anteriormente aludido.
No terceiro tópico, a presença de "No entanto" denuncia a adversidade a algo já relatado.
O quarto tópico não faz referência a elementos citados em outros fragmentos textuais, portanto pode dar início ao texto.
O quinto tópico também pode dar início ao texto, pois não possui elementos remissivos.
Ficam excluídas as opções D e E.
A opção A indica a sequência último-penúltimo recortes. Observe que o texto não fica coeso tampouco coerente. "É preciso que os recursos empregados pelo governo em saúde, educação, auxílio-desemprego e outros benefícios sociais cheguem aos destinatários sem as perdas que a burocracia estatal hoje impõe. A despeito das crescentes críticas de diversos setores da sociedade à elevação da carga tributária, o governo reafirmou que não irá diminuir o peso dos impostos no curto prazo". O primeiro período fala sobre as necessidades de se fazer chegarem ao destinatário recursos sem perdas burocráticas. O segundo período, sem qualquer ligação com o primeiro, já muda o enfoque completamente, expressando as críticas que a sociedade faz à elevação da carga tributária. A opção B inverte a relação dos dois tópicos anteriormente citados na opção A, ou seja, indica a sequência penúltimo-último. "A despeito das crescentes críticas de diversos setores da sociedade à elevação da carga tributária, o governo reafirmou que não irá diminuir o peso dos impostos no curto prazo. É preciso que os recursos empregados pelo governo em saúde, educação, auxílio-desemprego e outros benefícios sociais cheguem aos destinatários sem as perdas que a burocracia estatal hoje impõe". O texto continua incoerente, pois o primeiro tópico somente indica a crítica da sociedade à alta carga tributária e o segundo, sem coesão com o primeiro, já fala sobre a necessidade de os recursos chegarem a seus destinatários. A resposta é a opção C. A opção C indica a sequência penúltimo-primeiro tópicos, constituindo-se assim: "A despeito das crescentes críticas de diversos setores da sociedade à elevação da carga tributária, o governo reafirmou que não irá diminuir o peso dos impostos no curto prazo. O Ministro da Fazenda argumentou que não há como abrir mão da atual carga de tributos enquanto o país tiver de investir em projetos sociais e manter em ordem seus compromissos fiscais". Observe como o texto fica coeso e coerente. O quarto tópico indica que a sociedade critica a alta carga tributária e que o governo não irá diminuir o peso dos impostos no curto prazo. O primeiro tópico esclarece o porquê de não diminuir o valor dos impostos. A resposta é a opção C.

7. (AFRF – Esaf) Marque, em cada item, o período que inicia o respectivo texto de forma coesa e coerente. Depois, escolha a sequência correta.
(Itens baseados em Emir Sader)
I
O abandono da tematização do capitalismo, do imperialismo, das relações centro-periferia, de conceitos como exploração, alienação, dominação, abriu caminho para o triunfo do liberalismo.
(X) O socialismo, em consequência desses fatores, desapareceu do horizonte histórico, em virtude de ter ganho atualidade política com a vitória da Revolução Soviética de 1917.
(Y) O triunfo do neoliberalismo se consolidou quando o pensamento social passou a ser dominado por teses conservadoras.
II
Compravam um passaporte para o camarote dos vencedores. Mas, como "há uma dignidade que o vencedor não pode alcançar", como dizia Borges, o que ganharam em prestígio perderam em capacidade de análise.
(X) Os que abandonaram Marx com soltura de corpo e com alívio, como se se desvencilhassem de um peso, na verdade não trocavam um autor por outro, mas uma classe por outra.
(Y) Eles substituíram a exploração de classes e de países pela temática do totalitarismo, aperfeiçoando suas análises políticas ao vinculá-las à dimensão social.
III
No mundo contemporâneo, tais modos nos permitem compreender a etapa atual do capitalismo, em sua fase de hegemonia política norte-americana.
(X) Para atender a atualidade, são necessários modos de compreensão férteis, capazes de dar conta das relações entre a objetividade e a subjetividade, entre os homens como produtores e como produtos da história.
(Y) Trata-se de uma compreensão míope, que ignora componentes essenciais ao fenômeno do capitalismo que estamos vivendo.
IV
Quem pode entender a política militarista dos EUA e do seu complexo militar-industrial sem a atualização da noção de imperialismo?
(X) Quem pode entender hoje a crise econômica internacional fora dos esquemas da superprodução, essencial ao capitalismo?
(Y) Portanto, é a unipolaridade vigente há uma década que busca impor a dicotomia livre mercado/protecionismo.
V
Nunca as relações mercantis tiveram tanta universalidade, seja dentro de cada país, seja nas novas fronteiras do capitalismo.
(X) O capitalismo dá mostras de enfrentar forte declínio, que leva os especialistas a preverem profunda fragmentação na ordem econômica interna de cada nação.
(Y) Assiste-se ao capitalismo em plena fase imperialista consolidada, em que as formas de dominação se multiplicam.

a) X,X,Y,Y,X
b) Y,X,X,X,Y
c) Y,Y,X,X,Y
d) X,Y,Y,X,Y
e) X,Y,Y,X,X

Esta questão exige que o candidato leia o enunciado com bastante calma e perceba haver a solicitação tão somente do início do texto em cada item, ou seja, não pode haver em X ou Y elementos remissivos. Por exemplo, no item 1, o fragmento "Em consequência desses fatores" indica que os fatores já deveriam ter sido citadas anteriormente. Então, o item 1 só pode ser iniciado por Y. Sobraram apenas as opções B e C. No item 2, X não apresenta elementos remissivos, podendo iniciar o texto. Já Y é introduzido "Eles substituíram", indicando que o pronome ELES refere-se a elementos que teoricamente já deveriam ter sido mencionados. O segundo item é X. Portanto, já se chega à resposta. Opção B.

Capítulo 30

Teoria Argumentativa

Amigo leitor, é inegável que o trabalho de interpretação requer um pouco de intuição e de experiência pessoal, mormente o hábito da leitura. Se não o tens, que passes a tê-lo. No entanto, além do aspecto instintivo e da bagagem cultural, há algumas técnicas de interpretação fundamentais para quem deseja fazer uma boa prova de concurso público. Este capítulo trabalhará, de forma resumida e objetiva, as técnicas cabíveis para que o candidato chegue à resposta correta nas questões de concursos públicos. Deixo bem claro aqui que não pretendo me alongar em demasia quanto aos elementos teóricos, mas passar somente as informações mais importantes para o candidato acertar questões deste assunto (considerado verdadeiro tabu, com respostas que às vezes os mais despreparados acham ininteligíveis) em concursos públicos. O primeiro passo é retornar ao capítulo de conjunções e lê-lo com todo carinho, refazer os exercícios etc. Depois, dar uma passada pelas preposições, observar as relações causa-efeito em conjunções e preposições. Após é interessante rever a semântica de verbos, os valores de prefixos e sufixos, os homônimos e parônimos, latinismos, restrição e explicação nas orações adjetivas... Não há mais hoje em dia como se falar em interpretação sem falar em gramática, tal qual não há como se falar em gramática sem falar em interpretação. As questões de gramática são contextualizadas.

30.1. Denotação

Vocabulário utilizado no sentido oficial – valor que se encontra registrado nos dicionários.

30.2. Conotação

Vocabulário utilizado no sentido figurado, contextual – valor que não se encontra registrado nos dicionários.

Obs.: Os dicionários registram várias acepções que as palavras denotam. Porém, quando os vocábulos carregam valores outros que recebem das estruturas textuais, indica-se a ocorrência da conotação.

Ex.: Estou com fome e degustarei um abacaxi.

→ O vocábulo "abacaxi" está no sentido denotativo, oficial, representando a fruta.

Ex.: A denúncia de corrupção é um abacaxi para o governo.

→ O termo "abacaxi" está sendo utilizado no sentido figurado, significando "problema".

Ex.: A medicina aos poucos está superando o câncer.

→ "Câncer" está no sentido denotativo e oficial que se encontra registrado nos dicionários.

Ex.: A classe política é um câncer para o nosso país.

→ "Câncer está no sentido conotativo, não significando oficialmente a doença.

30.3. Descrição

Texto ou fragmento de texto que tem por fim formar a imagem de um ser, de um objeto, de um lugar ou uma ambiente em um determinado momento. É fundamental perceber que a descrição não indica uma sequência temporal. Pelo contrário, na descrição de uma situação, os fatos ocorrem simultaneamente, podendo-se, inclusive, inverter a ordem dos eventos. Compara-se a descrição à fotografia.

Ex: O professor tem aproximadamente quarenta anos, um metro e oitenta, noventa quilos, cabelos castanhos e ralos, barba espessa e usa óculos.

Enquanto o professor explicava a matéria, os alunos das primeiras fileiras prestavam atenção. Já os das fileiras intermediárias dormiam e os das fileiras do fundo jogavam bolinhas de papel uns nos outros.

→ Observe que, nos dois exemplos, procurou-se fazer uma descrição. No primeiro caso, de uma pessoa; no segundo, de um ambiente. Repare que, neste, a ordem dos fatos poderia ser invertida, pois os eventos são concomitantes. "Enquanto o professor explicava a matéria, os alunos das fileiras do fundo jogavam bolinhas de papel uns nos outros. Já os das fileiras intermediárias dormiam e os das primeiras fileiras prestavam atenção."

"A sala era pequena e de telha vã. Pelas paredes, velhos cromos de folhinhas, registros de santos, recortes de ilustrações de jornais baralhavam-se e subiam por elas até dous terços da altura. Ao lado de uma Nossa Senhora da Penha, havia um retrato de Vitor Emanuel – uma cabeça de mulher em posição de sonho – parecia olhar um São João Batista ao lado. No alto da porta que levava ao interior da casa, uma

lamparina, numa cantoneira, enchia de fuligem a Conceição de louça" (Lima Barreto).

→ A intenção deste fragmento de texto é formar a imagem da sala, desde o seu tamanho até os elementos que a compõem.

30.4. Narração

Texto ou fragmento de texto que tem por fim relatar uma sequência de fatos ou ações. Ao contrário da descrição – onde os fatos ocorrem simultaneamente –, a narração sugere eventos acontecendo em sucessão. Compara-se a um filme.

Ex.: "Os aimorés haviam reiniciado a luta, cada vez mais sequiosos de vingança. Os selvagens, não querendo que ninguém se salvasse, principalmente Pery, abateram uma árvore que era um ponto de comunicação praticável entre a residência de D. Antônio de Mariz e a cabana do índio.

Ao primeiro golpe do machado de pedra sobre o tronco, Pery estremeceu e ia despedaçar a cabeça do inimigo com a clavina; conteve-se, porém, e acabou de torcer uma corda com os filamentos de uma das palmeiras que serviam de esteio à sua cabana. A árvore, afinal, caiu e os aimorés, mais tranquilos, continuavam os preparativos para o combate final que contavam dar durante a madrugada" (José de Alencar).

Este fragmento de texto narra sequencialmente os fatos que se sucederam. Uma fotografia não indicaria todo o ocorrido. Haveria a necessidade de um filme para demonstrar a sucessão de acontecimentos: Pery estremeceu; depois foi despedaçar a cabeça do inimigo; posteriormente se conteve; finalmente, torceu uma corda.

Obs.: Também é importante esclarecer que o texto é considerado narrativo quando o autor mencionar dizeres de terceiros. O dizer é também uma ação. Da mesma maneira que se entende como narração o fato de acordar, levantar, escovar os dentes, beber um café, vestir-se e sair para trabalhar, também se compreende como narração o fato de um autor informar o que terceiros dizem, informam, esclarecem, citam etc.

Um pouco de bom-senso sempre ajuda

(Augusto Nunes – 28/10/2005 – com adaptações.)

Em Mato Grosso, a febre aftosa provoca o extermínio de milhares de cabeças de gado. Em Portugal, ao lado de Marisa Letícia, o Presidente Lula diz que está tudo dominado. Na fronteira com o Paraguai, técnicos do Ministério da Agricultura confirmam o aparecimento de novos focos da

doença. Na Espanha, Lula declara que o problema, restrito a um único rebanho, já foi resolvido.
De volta ao Brasil, esbanjou felicidade. “Nós precisamos viajar o mundo e ir conhecendo as pessoas”, ensinou em lulês na quinta-feira. Qualificou de “excepcionais” os resultados do giro europeu.
“Nada é mais prazeroso para um ser humano do que deitar todo santo dia com a cabeça no travesseiro e dizer: hoje valeu a pena governar este país”, aplaudiu-se. Contratempos sempre haverá. “Não acredito em nenhum país que não tenha problema”, disse em Moscou. “Se não tivesse problema, não tinha política, tudo se resolvia num convento.”

Observe que o autor do texto narra, de forma irônica, os dizeres do Presidente Lula. Este fragmento é predominantemente narrativo.

30.5. Dissertação

Texto que se caracteriza pela interpretação e análise da realidade por meio de conceitos abstratos. Difere-se aí da descrição e da narração, visto que nestes há a predominância de elementos concretos. Na dissertação, não há a preocupação com a formação da imagem de um objeto, de um ser ou de uma situação, tampouco indica-se a sequência de ações. Neste tipo de verbete, o esperado é uma tomada de posição do autor em relação a um assunto e os meios utilizados para a defesa dessa posição. Enfim, a dissertação pressupõe a indicação de uma opinião (tese) acerca do tema proposto e os recursos (argumentos) para apoiar a opinião.

30.6. Tese

É a opinião do autor do texto sobre um determinado assunto. Existem as teses abrangentes e as específicas. As teses abrangentes normalmente – é fundamental o leitor compreender o uso do vocabulário “normalmente” e não “sempre”; trata-se aqui de estudo de língua, e não de ciência exata – posicionam-se no parágrafo introdutório (onde se expõe a opinião geral – tópico frasal – do autor e a subdivisão dos tópicos apresentados) e no último parágrafo (quando se retoma a introdução e faz-se o fechamento) dos textos dissertativos. Como o texto há de ser coeso, os parágrafos do desenvolvimento devem se remeter ao introdutório e reapresentar os tópicos expostos. Então, por exemplo, no segundo parágrafo, o primeiro tópico exibido na introdução deverá ser reapresentado e após será iniciada a argumentação. Como cada parágrafo do desenvolvimento deve ser uma análise de cada tópico apresentado, pode-se entender que os tópicos

indicarão as subdivisões da introdução abrangente. Daí denominá-la de específica, cabendo também outros nomes: individual, pequena, desdobramento de tese etc.

30.7. Argumento

É o meio utilizado para a defesa da tese. O argumento funciona como um meio de convencimento de que a opinião é cabível, consistente e coerente. Existem vários recursos de argumentação:

- **exemplos –** normalmente são fatos narrados que exemplificam, justificam ou esclarecem a tese apresentada. Tem-se uma opinião sobre determinado tema e apresenta-se um exemplo que comprove tal posicionamento;
- **dados estatísticos –** informações colhidas junto a órgãos de pesquisa capazes de dar fundamento a uma tese apresentada. O autor do texto demonstra seu posicionamento acerca de um assunto e, ao defendê-lo, utiliza-se de dados e elementos numéricos para o apoio a seu parecer;
- **analogias –** a tese é defendida através de comparações. Obviamente, para haver a coerência textual, a comparação terá de ser sempre favorável à opinião exposta pelo autor;
- **evidências –** a tese é defendida por uma certeza manifesta, por uma unidade cuja expressão não apresenta dúvida quanto à sua verdade ou quanto à sua falsidade;
- **informações de terceiros –** a tese é apoiada por informações de terceiros (normalmente algum especialista no assunto). É sempre importante lembrar que "informações de terceiros" são recursos narrativos de argumentação. Normalmente quando há no texto a referência a dizeres de autoridades no objeto tratado, as bancas questionam o motivo de tal. Dentre as opções, indicam que se sucede para dar importância ao assunto em voga. Essa explicação não é correta, pois a justificativa de esclarecer a procedência da informação é dar-lhe valor, autoridade, importância. Destarte, no caso, a importância é da informação que funciona como recurso de argumentação e não do tema desenvolvido.

O Brasil das cabeças desarrumadas

Elio Gaspari (O Globo)

O resultado do referendo fez um bem ao país. Instaurou o império das cabeças desarrumadas, e o Brasil precisa delas.

Uma pessoa de cabeça desarrumada é assim: defende a pena de morte e o ensino gratuito nas universidades públicas. É a favor do aborto e se diz

católico. Votou Lula em 2002 e José Serra em 2004. É contra as cotas nas universidades e milita numa ONG de defesa da Mata Atlântica. Por desarrumada, essa cabeça pode pensar tudo ao contrário e não faz a menor diferença. A desarrumação determina e incentiva o debate. Opõe-se a um mundo de ideias ordenadas no qual a pessoa deve se preocupar em "pensar direito", entendendo-se que sempre haverá alguém explicando o que vem a ser "pensar direito".

Houve uma época em que a expressão "raciocinar em bloco" designava, com alguma ironia, inteligências ou culturas privilegiadas, sacerdotes do bem-pensar. Aceitando-se as virtudes do mestre, esperava-se sua opinião e ia-se atrás. Essa atitude tanto pode colocar uma pessoa na condição de discípulo de um grande pensador como pode embalá-la na treva da ignorância. O segundo caso ocorre com maior frequência.

As cabeças arrumadas brasileiras, atraídas pela construção de modelos intelectuais harmônicos, dão pouca atenção ao funcionamento da sociedade. Preferem evitar o assunto. Alguns exemplos.

O bem-pensar urbano do Rio de Janeiro legislou que é proibido construir apartamentos com menos de 30 metros quadrados. Coisa de gente muito bem educada. Faltou dizer onde vai morar uma família que não tem dinheiro para essa metragem. Na favela, por certo. A discussão dessa lei de incentivo à favelização está fora do debate urbano carioca.

O bem-pensar tributário estabeleceu que os serviços de telefonia devem ser taxados com mão de ferro, pois vai-se tomar dinheiro do andar de cima para custear investimentos que atenderão ao de baixo. Deu no seguinte: o patrão fala com Paris de graça pelo Skype e a empregada paga R$ 5 por um telefonema de dez minutos para Bangu. Um imposto destinado a buscar justiça produz injustiça, mas o tema está fora da agenda dos teletecas.

O bem-pensar diplomático levou Lula a propor uma cruzada mundial contra a fome. Fez isso em Genebra, Paris e Nova York. Passados dois anos, contou que gostaria de arrumar recursos para combater a desnutrição da África, aumentando as taxas de embarque nos aeroportos brasileiros. Falta dizer aos usuários do Galeão que eles pagam uma das taxas mais altas do mundo, o dobro do que se cobra no Aeroporto Kennedy.

Num caso mais farisaico, tome-se o exemplo da legislação penal brasileira. Bem pensada, faz inveja a um advogado sueco. São muitos os doutores que fazem palestras pelo mundo descrevendo essa joia de modernidade. Jamais um ministro da Justiça contará que as maravilhas são parolas. O que vale

mesmo é a lei da massa. O bandido que entra na prisão passa a uma nova instância judicial, a de seus pares. Maltratou a mãe? Morre. Estupro? Se não morrer, sofre o que fez. Respeito, só para os estelionatários.

No Brasil das cabeças desarrumadas cada tema poderá ser discutido e avaliado isoladamente. Muitas opiniões resultarão contraditórias, mas é esse exercício do juízo individual que enriquece o debate público.

Harmonia e nexo podem ser desejáveis, mas é preferível conviver com pessoas de cabeça desarrumada cujas opiniões não formam um nexo final do que aturar gente que tem muito nexo mas não se responsabiliza pelas opiniões que dá.

→ Observe: o tópico frasal apresenta dois elementos a serem desenvolvidos: "Instaurou o império das cabeças desarrumadas, e o Brasil precisa delas". O segundo parágrafo reapresenta apenas o primeiro tópico da tese abrangente (a tese particular): "Uma pessoa de cabeça desarrumada é assim". A partir daí, o autor começa a utilizar o recurso da exemplificação para a defesa da pequena tese: "defende a pena de morte e o ensino gratuito nas universidades públicas. É a favor do aborto e se diz católico. Votou Lula em 2002 e José Serra em 2004. É contra as cotas nas universidades e milita numa Ong de defesa da Mata Atlântica".

→ O sexto parágrafo retoma a segunda parte do tópico frasal da introdução "e o Brasil precisa delas."): "As cabeças arrumadas brasileiras, atraídas pela construção de modelos intelectuais harmônicos, dão pouca atenção ao funcionamento da sociedade. Preferem evitar o assunto". Observe que o próprio autor do texto indica que a tese está se findando, pois ao fim deste parágrafo, ele escreve "alguns exemplos:". Então, a partir daí até o antepenúltimo parágrafo, ocorrerão apenas exemplos para defender o fato de o Brasil precisar de cabeças desarrumadas. Os dois últimos parágrafos retomam o parágrafo introdutório sem a preocupação de oferecer outros argumentos, indicando tão somente a conclusão de tudo o que se defendeu.

A nova política (Merval Pereira)

O referendo sobre o desarmamento revelou, além da intensidade do sentimento negativo do eleitorado em relação à atuação do Poder Público, a vitalidade da chamada "sociedade global", fenômeno que caracteriza as sociedades modernas que, com os meios tecnológicos de que dispõem hoje, podem existir independentemente das instituições políticas e do sistema de comunicação de massa, segundo análise do sociólogo Manuel

Castells, da Universidade Southern Califórnia, nos Estados Unidos, um dos seus principais teóricos.

Segundo ele, a crise de legitimidade política, caracterizada por um distanciamento crescente entre os cidadãos e seus representantes, faz com que a sociedade civil tente preencher o "vazio de representação", através de "mobilizações espontâneas usando sistemas autônomos de comunicação".

Internet e comunicação sem fio, como os telefones celulares, "proveem um espaço público como instrumento de organização e meio de debate, diálogo e decisões coletivas", ressalta Castells. A sociedade civil representada nesses debates, como aconteceu no referendo especialmente através da Internet, seria "um canal para a transformação do Estado".

Miguel Darcy de Oliveira, fundador da Comunitas, uma organização da sociedade civil de interesse público para o fortalecimento da sociedade civil e a promoção do desenvolvimento social no Brasil, acha que o debate sobre desarmamento revelou dois fenômenos convergentes: o poder da Internet como ambiente para a formação de opiniões, e a capacidade do cidadão de pensar pela própria cabeça, confrontar pontos de vista, deliberar e tomar posição.

Para Miguel Darcy, a importância da Internet está em ser "o espaço por excelência para a livre expressão e debate. Cada um expõe seu ponto de vista, muitas vezes numa linguagem bem mais simples e direta do que a usada em textos escritos. Abre-se assim fórum de ideias aberto à contribuição de múltiplos participantes. Uma opinião não tem mais peso ou autoridade do que uma outra. Não há instância de controle do que pode ou não ser dito, do que é ou não politicamente correto. O que conta é o debate que se instala e se irradia com grande velocidade". Ele ressalta que, durante a campanha do referendo, o movimento na Internet cresceu de maneira espontânea e inesperada.

"Amigos e colegas trocaram e-mails sobre os pontos de vista em discussão. Idéias foram confrontadas numa grande conversação que começou no ambiente virtual e se prolongou nos espaços de trabalho, na família, na escola. Gente que habitualmente pensava do mesmo modo se via agora defendendo posições conflitantes. Apelos emocionais e argumentos simplistas foram questionados. Cada um se viu diante do desafio de elaborar, sustentar e, eventualmente, modificar sua opinião."

Apesar de a penetração da Internet ainda ser pequena no Brasil, sua capacidade de formação de opinião foi demonstrada durante a campanha

do referendo, tornando-se um exemplo eloquente da emergência de um espaço público de debate e deliberação "que ninguém controla e que é altamente democrático". Assim como Castells, Miguel Darcy de Oliveira classifica a participação de muitos neste campo argumentativo como "a melhor resposta dos cidadãos à crise da velha política e sua contribuição à invenção de uma democracia que se alicerça numa sociedade civil e numa opinião pública participante".

O secretário municipal de Urbanismo do Rio, Alfredo Sirkis, diz que a vitória do "Não" no referendo não deve ser vista como da direita ou do conservadorismo. Ele diz que votou nulo, e classificou o referendo de "inócuo, demagógico, meramente midiático, um faz-de-conta, bem à moda brasileira, onde a vitória eventual do 'Sim' em nada mudaria a situação de violência fora do controle, nem contribuiria para o desarmamento em nada minimamente efetivo".

Um dos maiores desafios da esquerda é a questão da segurança e da violência, admite Sirkis. "Se não soubermos tratar disso, não teremos futuro. Foi a lição aprendida por Clinton e Blair, que protagonizaram as duas únicas experiências bem-sucedidas à esquerda (nos respectivos contextos) que garantiram seu sucesso e reeleição." Sem uma política clara em relação à segurança, Sirkis diz que a esquerda conseguirá "dentro de algum tempo, aí sim, empurrar para a direita todo esse imenso contingente que votou 'Não'".

Já o cientista político Bolívar Lamounier acha que o resultado do plebiscito certamente vai deixar muitas almas boas chocadas e quiçá desiludidas com o recurso à chamada "democracia direta", muito usada principalmente por governos populistas, como o de Chávez, na Venezuela. Não é à toa que o Presidente Lula chegou a pensar em colocar seu governo a julgamento público junto com o referendo das armas. Seria um erro político grosseiro, mas revela o espírito de sua política. Em seu livro recentemente lançado, Da independência a Lula: dois séculos de política brasileira, Bolívar Lamounier critica a "democracia direta".

Ele lembra que a utopia da democracia "direta" nutre-se de práticas vigentes num pequeno grupo de países, como nos Estados Unidos. Segundo Lamounier, de "direta" ela tem muito pouco: "no mais das vezes, trata-se de uma guerra entre lobbies, dissidências dos partidos e, não raro, de grupos racistas em geral muito bem financiados; ou então, visa amplificar a ressonância de propostas ou campanhas promovidas ao mesmo tempo através dos canais políticos normais". Segundo ele, "a

possibilidade de manipulação é inerente ao instrumento, pois a autoridade incumbida de propor os quesitos pode ficar muito aquém da neutralidade".
O cientista político lembra que "desde que começaram a ser realizados, há cerca de dois séculos, plebiscitos e referendos foram quase sempre um jogo de cartas marcadas, com o objetivo de legitimar decisões autoritárias, ratificar ocupações de território alheio, e assim por diante".

Observe que este texto é dissertativo, pois revela a opinião do autor do texto logo em seu início: "O referendo sobre o desarmamento revelou, além da intensidade do sentimento negativo do eleitorado em relação à atuação do poder público, a vitalidade da chamada 'sociedade global'." A partir daí, são utilizados depoimentos de terceiros como recurso de argumentação. Logo após a vírgula em que se encerra a tese do autor, inicia-se sua defesa: "fenômeno que caracteriza as sociedades modernas que, com os meios tecnológicos de que dispõem hoje, podem existir independentemente das instituições políticas e do sistema de comunicação de massa, segundo análise do sociólogo Manuel Castells, da Universidade Southern Califórnia, nos Estados Unidos, um dos seus principais teóricos".
Até o fim do texto, o autor não volta a emitir opiniões nem para concluir o texto. A partir da análise de Manuel Castells, o texto segue com uma longa narração em que são utilizados apenas depoimentos de peritos acerca do tema tratado. Deduz-se, portanto, que o recurso argumentativo utilizado foi a informação de terceiros. É fundamental chamar a atenção do leitor que o autor do texto apresenta cada um de seus depoentes. Tal identificação se faz necessária visto que confere credibilidade às informações. Então, ao dizer que Manuel Castells é sociólogo da Universidade Southern Califórnia, nos Estados Unidos, e um dos seus principais teóricos, a informação ganha peso, a argumentação se torna válida, a defesa da opinião ganha autoridade. Enfim, a identificação do depoente se torna necessária não para produzir credibilidade para o tema e sim para o argumento.
É importante não esquecer que as questões de interpretação são confeccionadas com a intenção de deixar o candidato em dúvida entre duas opções. São, normalmente, estas opções coerentes com texto, porém, às vezes, não o são com as perguntas formuladas. Você terá que aprender a responder exatamente o que está sendo perguntado. O estudo a seguir é referente aos enunciados das questões.

30.8. Recorrência textual

Ocorre quando a banca exige algo que esteja claro no texto. Enunciados que se apresentam como "Segundo o texto", "De acordo com o texto", "O autor diz que" impõem que as respostas estejam explícitas no texto. Sendo assim, é possível que uma opção esteja efetivamente em conformidade com as ideias expostas no texto, e a outra seja uma dedução, às vezes até coerente, decorrente dos elementos do texto. Se o enunciado foi um daqueles mencionados, a resposta haverá de ser a primeira opção.

É importante observar que toda questão relativa a valor semântico dos vocábulos (sinonímia) é de recorrência textual, pois não se deseja saber o sinônimo da palavra isoladamente, mas sim no contexto. Por exemplo, as palavras "participar" e "informar" são sinônimas? A resposta certa é "talvez", "dependendo do contexto". Na frase "Participei de uma festa ontem", o verbo PARTICIPAR não é sinônimo de "INFORMAR". No entanto, na frase "Participei a todos que o deputado foi processado", o verbo PARTICIPAR já se torna sinônimo de INFORMAR.

30.9. Inferência textual

Ocorre quando a banca exige do candidato algo que esteja além do texto. Enunciados que se apresentam como "Deduz-se...", "Depreende-se...", "Conclui-se", "Infere-se", "O que o autor quis dizer com..." impõem que a resposta correta não seja algo que esteja explícito, mas sim subentendido. É uma dedução. Perceba a diferença entre "O que o autor informou...?" e "O que o autor pretendeu dizer com...?" No primeiro caso, a banca exige algo que o autor informou, ou seja, algo explícito no texto; já, no segundo caso, o candidato deve imaginar o que o autor pretendeu dizer.

BIZU

Como já se mencionara, o fundamental é o candidato aprender a responder ao que está sendo perguntado. Portanto, se no enunciado da questão houver a proposição "Segundo o fragmento X", você irá se restringir a responder sobre o fragmento X, mesmo que este fragmento se oponha ao restante do texto. Se a banca expuser um fragmento finalizado com reticências (XXXX...), você deverá retornar ao texto e observar onde aquela ideia acabará. Se for proposta uma inferência acerca da totalidade do texto, e não de um fragmento, o candidato deverá procurar a resposta no tópico frasal (normalmente no início do texto), onde estará presente a tese abrangente.

30.10. Exercícios com gabarito comentado sobre teoria argumentativa

A FOME

Cerca de vinte milhões de crianças e mais de vinte milhões de adultos morrem anualmente de fome e subnutrição. A informação é do diretor-geral da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO), Edouard Sadema, segundo o qual, se observássemos um minuto de silêncio por cada pessoa que morreu no ano passado por causas relacionadas com a fome, estaríamos em pé, calados, ainda depois de acabado o século... Ele citou, entre a lista de paradoxos que o panorama econômico mundial oferece, o ato de que os gastos militares de todo o mundo aumentaram em proporções colossais, e sua quantia foi superior vinte vezes ao total de assistência oficial ao desenvolvimento. O custo de um só porta-aviões nuclear, disse ele, é superior ao Produto Nacional Bruto (PNB) de 53 países. Os países em desenvolvimento gastam anualmente com importação de armas o equivalente a suas importações totais de alimentos. (Caderno econômico do jornal *A Tarde*, Salvador.)

1. Por que o jornalista dá, no primeiro texto, a fonte de sua informação?

a) Porque quer demonstrar a importância do tema tratado.
b) Porque é obrigado a declarar como chegou a essa informação.
c) Porque quer dar autoridade ao que informa.
d) Porque todo texto jornalístico faz isso.
e) Porque quer provocar sensacionalismo.

Resposta: Alternativa C.

Não se pode dizer que o texto seja dissertativo, pois a opinião do autor do texto não aparece de forma explícita. Aqui só há narração (o autor está narrando todos os dizeres do diretor-geral da ONU) e argumentação (O recurso utilizado foi o conjunto de informações fornecido pelo diretor-geral da ONU). Como já se informara, ao identificar o fornecedor da informação, não se expõe a importância do tema, mas sim da informação. Quando se diz que a informação é prestada pelo diretor-geral da ONU, ganha peso, credibilidade, autoridade e se torna um significativo recurso de argumentação.

(Técnico Judiciário Juramentado – TJ – RJ – NCE)
TEXTO – VIVER EM SOCIEDADE
Dalmo de Abreu Dallari

A sociedade humana é um conjunto de pessoas ligadas pela necessidade de se ajudarem umas às outras, a fim de que possam garantir a continuidade da vida e satisfazer seus interesses e desejos.
Sem vida em sociedade, as pessoas não conseguiriam sobreviver, pois o ser humano, durante muito tempo, necessita de outros para conseguir alimentação e abrigo. E no mundo moderno, com a grande maioria das pessoas morando na cidade, com hábitos

que tornam necessários muitos bens produzidos pela indústria, não há quem não necessite dos outros muitas vezes por dia.
Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material, como os alimentos, a roupa, a moradia, os meios de transporte e os cuidados de saúde. Elas são também de ordem espiritual e psicológica. Toda pessoa humana necessita de afeto, precisa amar e sentir-se amada, quer sempre que alguém lhe dê atenção e que todos a respeitem. Além disso, todo ser humano tem suas crenças, tem sua fé em alguma coisa, que é a base de suas esperanças.
Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos. Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitada de dar e receber afeto. E muito provavelmente ficaria louca se continuasse sozinha por muito tempo.
Mas, justamente porque vivendo em sociedade é que a pessoa humana pode satisfazer suas necessidades, é preciso que a sociedade seja organizada de tal modo que sirva, realmente, para esse fim. E não basta que a vida social permita apenas a satisfação de algumas necessidades da pessoa humana ou de todas as necessidades de apenas algumas pessoas. A sociedade organizada com justiça é aquela em que se procura fazer com que todas as pessoas possam satisfazer todas as suas necessidades, é aquela em que todos, desde o momento em que nascem, têm as mesmas oportunidades, aquela em que os benefícios e encargos são repartidos igualmente entre todos.
Para que essa repartição se faça com justiça, é preciso que todos procurem conhecer seus direitos e exijam que eles sejam respeitados, como também devem conhecer e cumprir seus deveres e suas responsabilidades sociais.

2. Segundo o primeiro parágrafo do texto:
a) As pessoas se ajudam mutuamente a fim de formar uma sociedade.
b) A garantia da continuidade da vida é dada pela satisfação dos desejos das pessoas.
c) A satisfação dos interesses e desejos das pessoas leva à vida em sociedade.
d) Não seria possível a sobrevivência se não existisse sociedade.
e) Sem a ajuda mútua, as pessoas levariam uma vida isenta de desejos.
Resposta: Alternativa D.
Normalmente o candidato fica em dúvida entre as opções C e D. A tendência é marcar a alternativa C. No entanto, esta opção possui uma falha técnica: houve a inversão da relação causa-efeito. Lembre-se do que foi exposto em conjunções. O conector "a fim de que" acrescenta ao período valor de finalidade (a ideia de finalidade está relacionada à de consequência). O que ocorre anteriormente é "a existência da sociedade" e depois "a satisfação de interesses e desejos", portanto não se pode dizer que a satisfação dos interesses leva à vida em sociedade, mas sim que a sociedade é que leva à satisfação de interesses e desejos. Já se ouviu muito que a opção D não poderia ser a resposta, já que

o enunciado (de recorrência) exige uma resposta presente no primeiro parágrafo e a resposta estaria no segundo. Todavia, este argumento se torna insuficiente à medida que se observa a ideia já presente no primeiro parágrafo (sociedade existe para garantir a continuidade da vida). Enfim, é fundamental perceber a organização do texto. O primeiro parágrafo apresenta dois tópicos a serem desenvolvidos (tese abrangente): a sociedade existe para garantir a continuidade da vida e a sociedade existe para satisfazer interesses e desejos. O segundo parágrafo retoma apenas o primeiro tópico (tese particular) da tese abrangente, modificando as palavras, e somente a partir da conjunção "pois" inicia-se a argumentação.

3. "... pois o ser humano, durante muito tempo, necessita de outros para conseguir alimentação e abrigo". A expressão "durante muito tempo" se refere certamente ao período:

a) da velhice;
b) da gravidez;
c) de doenças;
d) da infância;
e) do trabalho.

Resposta: Alternativa D.

Observe que a questão é de inferência textual. Na pergunta, não está mencionado que a resposta estaria no texto, além de a expressão "certamente" indicar que se trata de uma dedução. Então, façamos a dedução... Em que período de nossas vidas, certamente, precisaríamos de alguém para conseguir alimentação e moradia. Com certeza, o período em que todos são dependentes é a infância, pois na velhice (caso cheguemos a ela) há a possibilidade de mantermo-nos independentes. Mas quando crianças, não.

4. "Elas são também de ordem espiritual e psicológica". As palavras que exemplificam, respectivamente, na continuidade do texto as necessidades espiritual e psicológica, são:

a) afeto / atenção;
b) crenças / afeto;
c) fé / crenças;
d) amar / ser amada;
e) atenção / esperanças.

Resposta: Alternativa B.

Observe que, nesta questão, estão sendo solicitadas ao candidato palavras que sirvam de exemplo para uma tese específica. O terceiro parágrafo representa o segundo tópico apresentado na introdução (satisfazer interesses e desejos), mudando-se apenas os vocábulos: "Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material, como os alimentos, a roupa, a moradia, os meios de transporte e os cuidados de saúde. Elas são também de ordem espiritual e psicológica". Então a tese específica é que há interesses de ordem espiritual e psicológica. Os exemplos, que servem de argumentos, não respeitam a ordem da tese, vindo primeiro os de ordem psicológica (toda pessoa humana necessita de afeto, precisa amar e sentir-se amada, quer sempre que alguém

lhe dê atenção e que todos a respeitem) e depois os de ordem espiritual (além disso, todo ser humano tem suas crenças, tem sua fé em alguma coisa, que é a base de suas esperanças).

5. "Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida..." Este segmento do texto teria redação mais clara se:
a) Substituíssemos a primeira vírgula pela conjunção aditiva E.
b) Repetíssemos o sujeito na segunda oração.
c) Deslocássemos as ocorrências do advérbio "não" para antes de "apenas".
d) Mudássemos a ordem das orações, de modo a colocar a última como primeira.
e) Omitíssemos o substantivo "seres".
Resposta: Alternativa C.
Primeiramente, observe a presença de reticências. Já é um indício de que se deve retornar àquele fragmento do texto. Além disso, você já leu o texto e, no primeiro parágrafo, o autor já manifestou que a sociedade existe para garantir a continuidade da vida. No início do segundo parágrafo, ele assevera que "Sem vida em sociedade, as pessoas não conseguiriam sobreviver". Então, como as pessoas vivem juntas, vivem em sociedade, fica evidenciado que a intenção do autor não era negar o verbo VIVER. O objetivo dele era negar o elemento de restrição "apenas", pois o advérbio "não", ao negar o apenas, na realidade estaria negando o fato de haver apenas um motivo para os seres humanos viverem em sociedade – porque escolhem esse modo de vida –, indicando haver outro motivo – mas (mas também, indicando ideia de soma) porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana.

6. "Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia..." O uso do futuro do pretérito, nesse segmento, tem valor de:
a) probabilidade;
b) certeza;
c) dúvida;
d) conclusão;
e) condição.
Resposta: Alternativa A.
É fundamental perceber que o enunciado da questão já demonstra que o futuro do pretérito pode passar várias ideias. A expressão "O uso do futuro do pretérito, nesse segmento, tem valor de" indica que este mesmo tempo, em outros fragmentos, pode ter valores diferentes. O futuro do pretérito designa uma consequência futura (que pode ser certa, provável ou duvidosa) de um fato passado. Portanto, o contexto tem que oferecer algum elemento que denuncie de forma precisa esta ideia. O segmento apontado é extraído com reticências já convocando o candidato a retornar ao texto e observar onde a ideia é finalizada. No fim do mesmo parágrafo, ocorre outro verbo no futuro do pretérito (ficaria) antecedido do adjunto adverbial "provavelmente". A palavra-chave "provavelmente" esclarece que a visão do autor do texto é que muito provavelmente a pessoa ficaria louca se continuasse sozinha. Se não chega a ser uma certeza que a

pessoa ficaria louca, também não é uma dúvida o fato de ela estar em pouco tempo sentido falta de companhia, mas sim uma situação extremamente provável.

7. "... ficaria louca se continuasse sozinha". A relação entre essas duas orações mostra que:
a) A segunda só se realiza se a primeira não realizar-se.
b) A primeira se realiza contanto que a segunda não se realize.
c) A segunda é consequência da primeira.
d) A primeira é motivada pela segunda.
e) A primeira é uma hipótese para a realização da segunda.
Resposta Alternativa D.
É fundamental lembrar que a ideia de condição está extremamente relacionada à ideia de causa. Há duas orações: "ficaria louca" e "se continuasse sozinha". Primeiro a pessoa tem que continuar sozinha para depois ficar louca. Então a segunda oração é uma condição (hipótese) para a realização da primeira, oposto do que indica a opção E. As duas primeiras opções são absurdas. Por fim, o candidato fica em dúvida entre as opções C e D. Conforme já se esclarecera, o fato anterior é "se continuasse sozinha", o posterior é "ficaria louca", logo o fato de "continuar sozinha" motiva o fato de a pessoa enlouquecer.

(PC – RJ – NCE)
TEXTO – DROGAS: A MÍDIA ESTÁ DENTRO
Eugênio Bucci

Há poucos dias, assistindo a um desses debates universitários que a gente pensa que não vão dar em nada, ouvi um raciocínio que não me saiu mais da cabeça. Ouvi-o de um professor – um professor brilhante, é bom que se diga. Ele se saía muito bem, tecendo considerações críticas sobre o provão. Aliás, o debate era sobre o provão, mas isso não vem ao caso. O que me interessou foi um comentário marginal que ele fez – e o exemplo que escolheu para ilustrar seu comentário. Primeiro, ele disse que a publicidade não pode tudo, ou melhor, que nem todas as atitudes humanas são ditadas pela propaganda. Sim, a tese é óbvia, ninguém discorda disso, mas o mais interessante veio depois. Para corroborar sua constatação, o professor lembrou que muita gente cheira cocaína e, no entanto, não há propaganda de cocaína na TV. Qual a conclusão lógica? Isso mesmo: nem todo hábito de consumo é ditado pela publicidade.
A favor da mesma tese, poderíamos dizer que, muitas vezes, a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público. Inúmeros esforços publicitários não resultam em nada. Continuemos no campo das substâncias ilícitas. Existem insistentes campanhas antidrogas nos meios de comunicação, algumas um tanto soporíferas, outras mais terroristas, e todas fracassam. Moral da história? Nem que seja para consumir produtos químicos ilegais, ainda somos minimamente livres diante do poder da mídia. Temos alguma autonomia para formar nossas decisões.
Tudo certo? Creio que não. Concordo que a mídia não pode tudo, concordo que as

pessoas conseguem guardar alguma independência em sua relação com a publicidade, mas acho que o professor cometeu duas impropriedades: anunciou uma tese fácil demais e, para demonstrá-la, escolheu um exemplo ingênuo demais. Embora não vejamos um comercial promovendo explicitamente o consumo de cocaína, ou de maconha, ou de heroína, ou de crack, a verdade é que os meios de comunicação nos bombardeiam, durante 24 horas por dia, com a propaganda não de drogas, mas do efeito das drogas. A publicidade, nesse sentido, não refreia, mas reforça o desejo pelo efeito das drogas. Por favor, não se pode culpar os publicitários por isso – eles, assim como todo mundo, não sabem o que fazem.

8. DROGAS: A MÍDIA ESTÁ DENTRO. Com esse título o autor:
a) Condena a mídia por sua participação na difusão do consumo de drogas.
b) Mostra que a mídia se envolve, de algum modo, com o tema das drogas.
c) Faz um jogo de palavras, denunciando o incentivo ao consumo de drogas pela mídia.
d) Demonstra a utilidade da mídia em campanhas antidrogas.
e) Indica que a mídia é bastante conhecedora do tema das drogas.
Resposta: Alternativa B.
A opção A é negada pelo fragmento "Não se pode culpar os publicitários por isso". A opção C expõe uma inverdade: a mídia incentiva o consumo de drogas (muito pelo contrário, a mídia propaga, segundo o texto, de forma equivocada, os malefícios da droga). As opções D e E contradizem o texto (eles, assim como todo mundo, não sabem o que fazem). Sobrou apenas a opção B.

9. A expressão destacada que tem seu significado corretamente expresso é:
a) "... que a gente pensa que <u>não vão dar em nada</u>"– que não vão chegar a ser publicados.
b) "... ouvi um raciocínio que <u>não me saiu mais da cabeça</u>"– que me deixou com dor de cabeça.
c) "... o debate era sobre o provão, mas <u>isso não vem ao caso</u>"– tem pouca importância.
d) "... um professor brilhante, <u>é bom que se diga</u>" – é importante destacar isso.
e) "Ele <u>se saía muito bem</u>..." – ele desviava do assunto principal.
Resposta: Alternativa D.
As questões de significado são de recorrência, portanto o candidato deverá buscar a mais fiel à ideia contida no texto. As opções A, B e E são absurdas, logo restando as alternativas C e D. A opção C possui uma falha, quando se diz que o assunto possui pouca importância... não foi isso que o autor quis dizer. A expressão "isso não vem ao caso" sugere apenas que, neste momento, o assunto "provão" não será analisado, podendo sê-lo em outra hora. A opção D é bastante fidedigna, pois indica ser essencial informar que o professor era brilhante, tal qual o texto original esclarecera.

10. "O que me interessou foi um comentário <u>marginal</u>..." O vocábulo destacado significa:
a) subliminar;
b) maldoso;
c) anormal;

d) desprezível;
e) paralelo.
Resposta: Alternativa E.
Outra questão de sinonímia. O termo "marginal" no contexto (a questão é de recorrência) tem valor de "à margem", ou seja, o que não é o principal. Portanto, a resposta é a opção E.

11. "Primeiro, ele disse que a publicidade não pode tudo, ou melhor, que nem todas as atitudes humanas são ditadas pela propaganda". A expressão "ou melhor" indica:
a) retificação;
b) esclarecimento;
c) alternância;
d) incerteza;
e) ratificação.
Resposta: Alternativa B.
A expressão OU MELHOR indica que a informação anterior será apenas melhorada, não corrigida. Portanto não é uma retificação. Também não se pode dizer que a informação será confirmada, pois, mesmo não sendo corrigida, ela sofrerá alterações. Então, a resposta não pode ser a opção E. As opções C e D são absurdas. A que melhor responde a questão é a opção B, pois OU MELHOR sugere que ocorrerá algum tipo de esclarecimento para a informação prestada anteriormente.

12. "Sim a tese é óbvia..."; "Para corroborar sua constatação, o professor lembrou que muita gente cheira cocaína e, no entanto, não há propaganda de cocaína na TV". Em termos argumentativos, podemos dizer, com base nestes dois segmentos, que:
a) A tese é acompanhada de argumento que a defende.
b) A tese leva a uma conclusão explícita.
c) A tese parte de uma premissa falsa.
d) A tese não é acompanhada de dados que a comprovem.
e) A tese é falaciosa e não pode ser provada.
Resposta: Alternativa A.
Neste momento da prova, haverá uma sequência de questões envolvendo TESE e ARGUMENTO. O professor apresentado no texto aduz a seguinte tese: "ele disse que a publicidade não pode tudo, ou melhor, que nem todas as atitudes humanas são ditadas pela propaganda". Quando assevera que "muita gente cheira cocaína e, no entanto, não há propaganda de cocaína na TV", ele está indicando o argumento que defende a sua tese. É fundamental esclarecer que a tese não leva a uma conclusão, e sim, a tese é baseada em argumentos. A resposta é a opção A.

13. "Para corroborar sua constatação..." No caso do professor citado no texto, seu pensamento é apoiado por:
a) opinião própria;
b) estatística;

c) testemunho de autoridade;
d) evidência;
e) analogia.
Resposta: Alternativa D.
O pensamento do professor é apoiado por um exemplo: "muita gente cheira cocaína e, no entanto, não há propaganda de cocaína na TV". A melhor resposta seria "exemplo". Contudo, não há esta opção. A opção A é excluída em virtude da tese não poder ser apoiada em opinião, já que ambas indicam a mesma ideia. Não há elementos numéricos, comparações ou informações prestadas ao professor por terceiros, eliminando-se, por conseguinte, as alternativas B, C e E. Portanto, sobra a opção D. Dentre os recursos de argumentação, a evidência é apresentada como uma certeza manifesta, da qual não há como se discordar. E realmente, não há como negar que "muita gente cheira cocaína e, no entanto, não há propaganda de cocaína na TV".

14. Muitas vezes a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público; esta afirmação:
a) Funciona como mais um argumento para a tese emitida pelo professor.
b) Desmoraliza o falso argumento citado pelo professor no debate.
c) Confirma a tese de que a publicidade pode tudo.
d) É mais um argumento do professor em defesa do que pensa.
e) Representa mais uma dúvida do jornalista sobre o tema debatido.
Resposta: Alternativa A.
Nesta questão, normalmente o candidato fica em dúvida entre as opções A e D. Apesar de serem extremamente parecidas, ocorre uma diferença sutil, porém fundamental. A opção D possui uma falha técnica: o professor expõe uma tese (a publicidade não pode tudo, ou melhor, nem todas as atitudes humanas são ditadas pela propaganda. Depois indica um argumento: "muita gente cheira cocaína e, no entanto, não há propaganda de cocaína na TV". Já o fragmento "Muitas vezes a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público" não é afirmado pelo professor, mas sim pelo autor do texto. Portanto, não é mais um argumento do professor – é do autor do texto – para a tese emitida pelo professor. A opção A é a resposta, pois não há a indicação de quem é o argumento (então, errado não está) para a tese emitida pelo professor. É interessante observar que o autor do texto não se opõe à tese do professor – tanto é que ele diz: a tese é óbvia, ninguém discute –, discordando, sim, do exemplo utilizado para apoiar seu pensamento: o fato de muita gente cheirar cocaína e não haver propaganda de cocaína na TV.

15. Toda publicidade muda hábitos / X é publicidade contrária ao consumo de cocaína / X vai mudar o hábito de consumo da cocaína. Este silogismo, considerando-se o que é dito no texto, <u>não</u> é verdadeiro porque:
a) A premissa não é verdadeira.
b) Um dos termos do silogismo possui ambiguidade.
c) A conclusão não é uma decorrência lógica da premissa.

d) A premissa não é suficiente para a conclusão.
e) A organização dos termos está fora da disposição padrão.
Resposta: Alternativa A.
O estudo de lógica indica que silogismo pressupõe a ocorrência de duas premissas (uma geral e outra específica) para se chegar a uma conclusão. Por exemplo: premissa geral (todo gordo come muito); premissa específica (João é gordo); conclusão (logo, João come muito). O silogismo proposto é equivocado, pois a primeira premissa contradiz o texto: "Muitas vezes a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público".

(MP – RJ – NCE)
TEXTO: RECURSOS HUMANOS

Li que a espécie humana é um sucesso sem precedentes. Nenhuma outra com uma proporção parecida de peso e volume se iguala à nossa em termos de sobrevivência e proliferação. E tudo se deve à agricultura. Como controlamos a produção do nosso próprio alimento, somos a primeira espécie na história do planeta a poder viver fora de seu ecossistema de nascença. Isso nos deu mobilidade e a sociabilidade que nos salvaram do processo de seleção, que limitou outros bichos de tamanho equivalente e que acontece quando uma linhagem genética dependente de um ecossistema restrito fica geograficamente isolada e só evolui como outra espécie. É por isso que não temos mudado muito, mas também não nos extinguimos.
Luís Fernando Veríssimo

16. Segundo o texto, o sucesso da espécie humana é medido:
a) Por sua capacidade de viver fora de seu ecossistema.
b) Por sua sobrevivência e proliferação.
c) Por possibilidade de produzir seu próprio alimento.
d) Por sua inalterabilidade e resistência à extinção.
e) Por sua agricultura.
Resposta: Alternativa B.
Nesta questão é fundamental o candidato atentar-se ao que está sendo perguntado. Se a pergunta fosse "Segundo o texto, o sucesso da espécie humana é devido", a banca intencionaria que o candidato esclarecesse o motivo do sucesso da espécie humana, e a resposta seria "à agricultura". Contudo, o que se interroga é o meio de medição do sucesso da espécie, ou seja, em que critérios comparativos o homem supera outros animais de acordo com o texto. O fragmento que denuncia a resposta é: "Nenhuma outra com uma proporção parecida de peso e volume se iguala à nossa em termos de sobrevivência e proliferação". Portanto a resposta é a opção B.

17. Dizer que a espécie humana "é um sucesso sem precedentes" equivale a dizer que:
a) Não há explicações possíveis para esse sucesso.
b) Poucas espécies tiveram sucesso semelhante.
c) Nada ocorreu antes que pudesse explicar esse fato.

d) Nenhuma outra espécie já atingiu tal sucesso.
e) Nosso sucesso é independente de nossos antepassados.
Resposta: Alternativa D.
O significado de "sem precedentes" indica que nunca houve anteriormente algo igual ao citado, sendo assim como o texto sugere que a espécie humana é um sucesso sem precedentes, é porque nenhuma outra espécie chegara a tal sucesso.

18. "Nenhuma outra com uma proporção parecida de peso e volume se iguala à nossa em termos de sobrevivência e proliferação". Pode-se inferir desse segmento que:
a) Não há outras espécies com a mesma proporção de peso e volume que a espécie humana.
b) Só a espécie humana vai sobreviver.
c) Só a espécie humana proliferou de forma tão rápida e ampla.
d) Sobrevivência e proliferação são valores que medem o sucesso de uma espécie.
e) Nossa proporção de peso e volume ajudou a nossa espécie a ter sucesso.
Resposta: Alternativa D.
É determinado ao candidato que proceda à inferência tão-somente deste fragmento. Portanto, torna-se fundamental ater-se apenas a este trecho. A opção A é inadequada, pois o fragmento não sugere que inexistam outras espécies com a mesma proporção e volume, esclarecendo, sim, que não há espécies de mesma proporção e volume que tenham atingido tamanho sucesso em termos de sobrevivência e proliferação. A opção B é absurda, porquanto, em momento algum, o fragmento indica que as outras espécies não sobreviverão (apenas não tiveram o mesmo sucesso que a humana). O sucesso da proliferação não necessariamente está relacionada à velocidade com que isso ocorrera, excluindo-se, assim, a alternativa C. A opção E também acaba eliminada, em virtude de o trecho jamais sugerir que a proporção de peso e volume ajudou a espécie humana a ter o sucesso mencionado, até mesmo porque nele é admitida a possibilidade de ocorrência de outras espécies com a mesma proporção de peso e volume e, no entanto, não atingiram o mesmo sucesso da humana. Enfim, se o que difere a espécie humana das demais é o sucesso quanto à proliferação e sobrevivência, é porque esses dois elementos são utilizados como critérios de comparações entre as espécies.

(Auditor Fiscal da Receita Federal – AFRF)
Leia o texto abaixo para responder às questões 19 e 20.

Em artigo publicado na década de 90, o Professor Paul Krugman explicava que todos aqueles países que falavam inglês haviam tido um desempenho econômico acima da média de seus vizinhos e que o inglês estava se tornando rapidamente a língua franca dos negócios, do turismo e da *internet*. Assim, os processos de fusão de empresas, tão comuns naquele tempo, só teriam sucesso se utilizassem o inglês como língua de integração das corporações.
Essa visão nos preocupou quando resolvemos integrar todas as áreas de consultoria espalhadas pela América Latina em uma única divisão de consultoria. Mas ficou uma

pergunta no ar: "que língua oficial adotar"? O espanhol ou o português acirraria a rivalidade que já era bastante grande no campo dos esportes. Adotar o inglês teria a vantagem da neutralidade e da facilidade de interação com nossos colegas de outras regiões, mas com perda significativa na agilidade da comunicação e no andamento das reuniões. Foi adotada então uma postura única: haveria três línguas oficiais. Essa pequena sutileza significava, na verdade, que todos eram obrigados a entender as três línguas, mas poderiam se expressar no idioma em que se sentissem mais à vontade. Hoje, cinco anos depois, sentimos que essa decisão foi fundamental para o nosso processo de integração, e a lição aprendida é que muitas vezes a criatividade local pode ser mais efetiva que verdades importadas.
(José Luiz Rossi, "Integração cultural na América Latina", *Classe Especial*, 89/2001, com adaptações.)

19. Marque a opção incorreta a respeito do emprego das estruturas linguísticas do texto.
a) As duas ocorrências da conjunção "que" (l.2/3) têm a função de demarcar o início das duas orações ligadas por "e" (l.3), mas, sintaticamente, o terceiro que pode ser omitido.
b) A preposição "em" (l.7), exigida pelas regras de regência do verbo "integrar" (l.6), pode sofrer contração com o artigo que a segue, sem prejudicar a correção e as ideias do texto.
c) Para preservar a correção gramatical, se fosse usada a expressão Ao se adotar, em lugar de somente "Adotar" (l.9), seria obrigatória a mudança de "teria" (l.9) para haveria.
d) Preserva-se a correção gramatical do texto e o sentido do adjetivo da estrutura "com perda significativa" (l.10) ao substituí-la por significaria perder.
e) Mantém-se a estrutura sintática de voz passiva e a ideia de passividade ao empregar Adotou-se em lugar de "Foi adotada" (l.11).
Resposta: Questão Anulada
O gabarito provisório indicou como resposta a alternativa D. Realmente, a opção D indica um comentário, tanto no aspecto semântico como no aspecto sintático, absurdo em relação ao texto. O adjetivo "significativa" tem valor de "substanciosa", "grande" e alterando-se para "significaria perder", o adjetivo perde tal sentido. Além disso, há mudança na regência, visto que a estrutura "perda significativa" exige a preposição EM e "significaria perder" não trabalha com preposição.
A opção E está perfeita, uma vez que há tão somente a proposta de substituição da voz passiva analítica pela voz passiva sintética, havendo ainda o cuidado de manter-se o tempo do verbo.
Na opção C, quando a banca propõe a substituição de "ADOTAR" por "AO SE ADOTAR", torna-se essencial o candidato atentar-se à alteração do sentido do verbo TERIA. Na frase, "Adotar o Inglês teria a vantagem da neutralidade", "teria" significa "possuiria; Já em "Ao se adotar o Inglês, teria a vantagem da neutralidade", "teria" passa a significar "haveria", "ocorreria", o que a gramática normativa ainda não admite.
Na opção B, a análise recai sobre a combinação facultativa de preposição com artigo indefinido. Como o termo "em uma única divisão de consultoria" não funciona como

sujeito, a contração da preposição com o artigo indefinido é opcional.
A opção A foi o motivo de a questão ser anulada. A opção A foi muito bem imaginada, contudo infelizmente houve um engano quanto à designação da linha do primeiro "que". O "que" que deveria ser citado é o primeiro, não o segundo do período. A alternativa trabalhou o paralelismo sintático, em que duas orações subordinadas substantivas objetivas diretas estão ligadas ao mesmo verbo, repetindo-se a conjunção integrante. A segunda conjunção poderia ser omitida. A alternativa acabou sendo a justificativa da anulação, visto que, em vez de a conjunção ser citada, foi mencionado, por engano, o pronome relativo "que".

20. Marque a opção em que, de acordo com as ideias do texto, existe uma relação de condição do tipo Se X então Y.
a) X = falássemos inglês
Y = teríamos desempenho econômico acima da média
b) X = adotássemos inglês como língua oficial
Y = agilizaríamos a comunicação
c) X = empregássemos espanhol ou português
Y = exarcebaríamos a rivalidade
d) X = houvesse três línguas oficiais
Y = teríamos facilidade de interação com outras regiões
e) X = entendêssemos as três línguas
Y = deveríamos nos expressar nas três línguas
Resposta: Alternativa C.
As alternativas B, D e E estão em oposição ao texto, ficando o candidato em dúvida entre as opções A e C. O enunciado da questão "de acordo com as ideias do texto" indica que está sendo solicitado ao candidato uma alternativa de recorrência textual. A opção A, apesar de ser coerente com o texto, é uma inferência, porquanto o texto apenas assevera que todos os países que falavam inglês tiveram desempenho econômico acima da média, não sugerindo que, se outros também o falassem, também obteriam desempenho acima da média dos vizinhos. A opção C não é uma inferência, é algo que está efetivamente em consonância com as ideias do texto, alterando-se tão somente os vocábulos. O texto informa que "o Espanhol ou o Português acirraria a rivalidade, que já era bastante grande no campo dos esportes." Ou seja, a rivalidade já existia, apenas aumentaria (ou exacerbaria, conforme apontado na opção C).

(Sefa – Pará – esaf) Leia o texto abaixo para responder às questões 21 e 22.

1	Não é preciso ser adepto da tradição intelectual para reconhecer os inconvenientes da praxe de preterição do influxo interno, a que falta a convicção não só das teorias, mas também das suas implicações menos próximas, de sua relação com o movimento social
3	conjunto, e da relevância do próprio trabalho e dos assuntos estudados. Percepções e teses notáveis a respeito da cultura do país são decapitadas periodicamente, e problemas a muito custo identificados e assumidos ficam sem o desdobramento que lhes
	poderia corresponder. O prejuízo acarretado pode se comprovar pela via contrária, lembrando a estatura isolada de uns

6	poucos escritores como Machado de Assis, Mário de Andrade e, hoje, Antônio Cândido, cuja qualidade se prende a este ponto.

(SCHWARZ, Roberto, *Cultura e política*, p. 110.)

21. Em relação às estruturas do texto, assinale a opção <u>incorreta</u>.

a) A substituição de "a que" (l. 2) por à qual não acarreta prejuízo à correção gramatical do período.

b) O emprego de "mas também" (l. 2) é exigência decorrente do emprego de "não só" (l. 4).

c) A estrutura sintática do período em que ocorrem estabelece as seguintes relações de dependência entre os termos:

falta a convicção

- das teorias (l. 2)
- das suas implicações menos próximas (l. 2 e 3)
- de sua relação com o movimento social conjunto (l. 3)
- da relevância (l. 3)
- do próprio trabalho e (l. 3 e 4)
- dos assuntos estudados (l. 4).

d) Em "a muito custo" (l. 5) o "a" funciona como uma preposição.

e) O emprego do pronome "lhes", em "lhes poderia" (l. 6), está empregado de forma proclítica em virtude da presença do "que" (l. 6).

Resposta: Alternativa C.

A opção A está perfeita, já que o pronome relativo "que" precedido da preposição "a" é referente ao termo "praxe de preterição do influxo interno", cujo o núcleo é "praxe", admitindo, portanto, a substituição pelo pronome relativo "a qual" que, somado à preposição "a", resulta em "à qual". A estrutura iniciada por "não só" (o elemento de negação "não" negando o termo restrição "só") desemboca inevitavelmente no conector aditivo, logo a opção B está certa. A opção D assevera corretamente que "a" é preposição, em virtude de os termos seguintes serem masculinos. Como o pronome relativo sempre atrai o pronome oblíquo átono, o comentário proferido na opção E se dá com extrema correção. A alternativa C é de paralelismo, estabelecendo relações inadequadas entre os termos. Observe que os quatro primeiros elementos realmente estão relacionados ao vocábulo "convicção", contudo os dois últimos "do próprio trabalho" e "dos assuntos estudados" estão ligados ao termo "relevância".

22. Assinale a opção que continua o texto de forma coesa e coerente.

a) Com aquela praxe de conciliar o estrangeiro com o autóctone, a convivência familiar e estabilizada entre concepções em princípio incompatíveis esteve no centro da inquietação ideológico-moral do Brasil desde sempre.

b) A certos intelectuais tal herança colonial de preocupar-se apenas com o que vem do próprio país parecia um resíduo que logo seria superado pela marcha desse progresso.

c) Outros intelectuais viam naquele movimento o país autêntico, o Brasil genuíno, original, o berço a ser protegido e preservado contra imitações absurdas.

d) A nenhum deles faltou informação nem abertura para a atualidade. Entretanto, souberam retomar criticamente o trabalho dos predecessores, entendido não como peso morto, mas como elemento dinâmico, subjacente às contradições contemporâneas.
e) Outros ainda desejavam harmonizar esse progresso com trabalho escravo, para não abrir mão de nenhum dos dois, e outros mais consideravam que esta conciliação já existia e era desmoralizante.
(Adaptado de SCHWARZ, Roberto, *Cultura e política*.)
Resposta: Alternativa D.
O texto fala sobre a incoveniência de preterir o movimento cultural do Brasil Esclarece que falta convicção a essa prática e afirma que percepções e teses acerca da cultura do país são decapitadas e acabam não tendo as consequências que deveriam ter. A partir daí, é dado um exemplo em oposição a essa tese, mostrando a atitude isolada de alguns autores que possuíam o grande mérito justamente de rever percepções e teses, dando-lhes o adequado desdobramento. Como a questão solicita uma continuidade do texto, é óbvio que haverá de se dar de forma coesa. O texto, sendo encerrado na citação dos três autores, só poderá ter sequência, citando algo relativo a eles. A opção D é iniciada por "A nenhum deles" – o pronome deles refere-se aos três autores –, demonstrando a coesão textual, e termina dizendo que retomaram criticamente a obra de outros autores (não decapitaram a tese deles), também demonstrando coerência.

23. (AFC – Esaf) Julgue como verdadeiras (V) ou falsas (F) as assertivas que comparam os dois parágrafos abaixo. Indique, a seguir, a sequência correta.
A despeito do bom desempenho da economia brasileira em 2004, em torno de 37% dos consumidores reduziram gastos em bens e serviços, segundo pesquisa do instituto ACNielsen, enquanto outros 24% optaram por excluir integralmente determinados produtos de seu consumo.
Embora a pesquisa identifique um quadro melhor do que o de 2003, os resultados parecem sinalizar que a renda média dos brasileiros continua relativamente deprimida, o que inibe o dinamismo do consumo doméstico, sobretudo nas camadas de baixa renda.
(Editorial "Evolução do consumo", da *Folha de S. Paulo*, 11/4/2005.)
( ) Ambos iniciam com frase ou oração que têm valor adverbial de concessão.
( ) O tópico em torno do qual gira o primeiro parágrafo é o bom desempenho da economia; no segundo parágrafo, o assunto central é o dinamismo da economia brasileira.
( ) Ambos avaliam positivamente o desempenho da economia brasileira no ano de 2004.
( ) As informações contidas no primeiro parágrafo exibem resultados de pesquisa sobre o consumo doméstico no ano de 2004; no segundo parágrafo, é fornecida uma interpretação dos dados revelados pela pesquisa.
A sequência correta é:
a) V – F – V – V
b) V – V – V – F
c) F – V – F – F
d) F – F – V – V

e) V – V – F – F

Resposta: Alternativa A.

Os dois primeiros itens são suficientes para se chegar à resposta. O primeiro item está correto, visto que os conectores "A despeito de" e "Embora" possuem efetivamente valor concessivo. Já o segundo item apresenta uma falha: o primeiro tópico tem como paráfrase o fato de os consumidores reduzirem gastos em bens e serviços, mesmo ocorrendo o bom desempenho da economia brasileira em 2004.

24. (AFC – Esaf)

Em novembro do ano passado, a Revolta da Vacina fez cem anos. A obrigatoriedade da vacinação obrigatória antivariólica foi estabelecida por lei em 31 de outubro de 1904, e cercava o cidadão por todos os lados. Exigia atestado de vacinação para matrícula em escola, emprego, hospedagem, viagem, casamento, e previa multas para os recalcitrantes. A reação começara desde a aprovação do projeto. Oradores operários argumentavam que era grave ofensa à honra do chefe de família ter seu lar, em sua ausência, invadido por médicos, perante os quais sua mulher e filhas seriam obrigadas a se desvendarem para receberem a vacina no braço. Finda a resistência, a polícia varreu a área conflagrada, prendendo os suspeitos de sempre. O saldo final de vítimas foi de 30 mortos, 110 feridos e 945 presos.

Analisando essa revolta popular, José Murilo de Carvalho afirma que ela "é emblemática da dificuldade de relacionamento entre governo e povo no Brasil. Seu aspecto mais interessante é que não teve um lado errado e um lado certo, bons e maus".

Assinale a opção que analisa a revolta da vacina com a mesma interpretação que lhe dá José Murilo de Carvalho.

a) Quando o drástico, posto que necessário, projeto de regulamentação da lei de obrigatoriedade da vacina contra a varíola vazou para a imprensa, os políticos da oposição cerraram fileira contra a vacina, na ânsia de enfraquecer o Presidente Rodrigues Alves.

b) A revolta foi um trágico desencontro entre a política bem intencionada e esclarecida de Oswaldo Cruz, Diretor-Geral da Saúde Pública, e valores populares que tinham a ver com a dignidade pessoal e a inviolabilidade do lar.

c) A assim chamada "Revolta da Vacina" colocou em confronto, cada qual em sua trincheira, militares e políticos da oposição que queriam derrubar o governo, de um lado; de outro, jornais governistas e autoridades que apoiavam Rodrigues Alves.

d) Os positivistas tratavam a obrigatoriedade da vacina como despotismo sanitário e estigmatizavam a vacina como sendo o túmulo da liberdade.

e) A revolta foi consequência do obscurantismo popular, da ação ensandecida de uma "turba-multa irresponsável de analfabetos", segundo palavras de Olavo Bilac.

Resposta: Alternativa B.

A opção A indica que a lei da obrigatoriedade da vacina vazou para a imprensa, fato não ocorrido no texto.

A opção C torna-se absurda ao sugerir que a revolta tinha cunho político.

A opção D cita os positivistas, que, em momento algum, foram mencionados no texto.
A opção E sugere que a revolta se deu com os analfabetos, fato que contradiz o texto.

(AFC – Esaf) Leia o texto para responder às questões 25 e 26.

O que leva um compositor popular consagrado, uma glória da MPB, a escrever romances?

Para responder a essa pergunta, convém lembrarmos algumas características da personalidade de Chico Buarque de Holanda. Primeiro, a forte presença de um pai que, além de ser um historiador notável, era um fino crítico literário. Depois, o fato de Chico ter se dado conta de que sua genial produção musical não bastava para dizer tudo que ele tinha a nos dizer.

Não se pode dizer que o que o Chico nos diz nos romances não tem nada a ver com o que ele passa aos seus ouvintes através das suas canções. No recém-lançado *Budapeste*, por exemplo, eu, pessoalmente, vejo um clima de bem-humorada resignação do personagem com suas limitações, um clima que me parece que encontrei, em alguns momentos, na sua obra musical. Uma coisa, porém, são as imagens sugestivas das canções; outra é a complexa construção de um romance. A distância entre ambas talvez pudesse ser comparada àquela que vai das delicadas e rústicas capelas românicas às imponentes catedrais góticas.

Chico Buarque percorreu esse caminho com toda a humildade de quem queria aprender a fazer melhor, mas também com a autoconfiança de quem sabia que podia se tornar um mestre romancista.

Valeu a pena. A autodisciplina lhe permitiu mergulhar mais fundo na confusão da nossa realidade, nas ambiguidades do nosso tempo. A ficção, às vezes, possibilita uma percepção mais aguda das questões em que estamos todos tropeçando. No caso deste romance mais recente de Chico Buarque, temos um rico material para repensarmos, sorrindo, o problema da nossa identidade: quem somos nós, afinal?

(Leandro Konder, *Jornal do Brasil*, 18/10/2003.)

25. Em relação às ideias do texto, assinale a opção que apresenta inferência <u>incorreta</u>.

a) Um compositor consagrado pode considerar sua produção musical insuficiente para expressar suas ideias.
b) A convivência com pessoas que produzem obras importantes na história e na crítica literária pode contribuir para estimular a escrita de romances.
c) Chico Buarque não precisou aprender a escrever romances, pois isso já fazia parte de sua vida como compositor e como herdeiro de um talento familiar.
d) Algumas características da obra musical de Chico Buarque permanecem em sua obra romanesca.
e) A construção romanesca é muito mais complexa que a elaboração de canções da música popular.

Resposta: Alternativa C.

Há contradição entre o fragmento "Uma coisa, porém, são as imagens sugestivas das canções; outra é a complexa construção de um romance. A distância entre ambas talvez

pudesse ser comparada àquela que vai das delicadas e rústicas capelas românicas às imponentes catedrais góticas. Chico Buarque percorreu esse caminho com toda a humildade de quem queria aprender a fazer melhor". Perceba que o texto assevera que a mesma distância existente entre fazer canções e romances ocorre entre delicadas e rústicas capelas com imponentes catedrais góticas. Destarte, compor canções fazia parte de sua rotina, o mesmo não se pode dizer de escrever romances.

26. Em relação ao texto, assinale a opção correta.

a) A pergunta inicial contém o pressuposto de que, para o senso comum, uma pessoa consagrada como compositor deve sempre se aventurar a escrever romances.

b) Da expressão "seus ouvintes" (l.8) no segundo parágrafo, infere-se que o autor do texto lê os romances, mas não ouve as músicas de Chico Buarque.

c) O sinal indicativo de crase em "àquela que vai das delicadas..." (l.13) é opcional.

d) Em "autodisciplina lhe" (l.17) o pronome é fator de coesão textual que se refere a "tempo" (l.18).

e) A literatura pode desvelar de forma mais esclarecedora algumas questões complexas da nossa realidade.

Resposta: Alternativa E.

A opção A é incorreta, visto que o texto sugere apenas que existem características na personalidade de Chico Buarque – sem mencionar outros compositores – que o levaram a escrever romances.

A opção B é absurda, pois, se o autor compara as composições com o livro, obviamente conhece os dois tipos de obra de Chico Buarque.

A opção C não pode ser a resposta, uma vez que a crase é obrigatória, pois é resultado da soma da preposição A, regida por "comparada", com o pronome demonstrativo "aquela".

A opção D é inadequada, porquanto o pronome oblíquo "lhe" refere-se ao próprio Chico Buarque.

(AFRF – Esaf) Leia o texto seguinte para responder às questões de 27 a 29.

Vinte e quatro séculos atrás, Sócrates, Platão e Aristóteles lançaram as bases do estudo científico da sociedade e da política. Muito se aprendeu depois disso, mas os princípios que eles formularam conservam toda a sua força de exigências incontornáveis. O mais importante é a distinção entre o discurso dos agentes e o discurso do cientista que o analisa.

Doxa (opinião) e episteme (ciência) são os termos que os designam respectivamente, mas estas palavras tanto se desgastaram pelo uso que, para torná-las novamente úteis, é preciso explicar o seu sentido em termos atualizados. Foi o que fez Edmund Husserl com a distinção entre discurso "pré-analítico" e o discurso tornado consciente pela análise de seus significados embutidos. Por exemplo, na linguagem corrente, podemos opor o comunismo ao anticomunismo como duas ideologias. No entanto, comunismo é uma ideologia, mas o anticomunismo não é uma ideologia, é a simples rejeição de uma ideologia.

É analisando e decompondo compactados verbais como esse e comparando-os com os dados disponíveis que o estudioso pode chegar a compreender a situação em termos bem diferentes daqueles do agente político. Mas também é certo que os próprios conceitos científicos daí obtidos podem incorporar-se depois no discurso político, tornando-se expressões da doxa. É isso, precisamente, o que se denomina uma ideologia: um discurso de ação política composto de conceitos científicos esvaziados de seu conteúdo analítico e imantados de carga simbólica. Então, é preciso novas e novas análises para neutralizar a mutação da ciência em ideologia. (Olavo de Carvalho, com cortes.)

27. Indique o item que está de acordo com as ideias desenvolvidas no texto.

a) É no conhecimento produzido pelos filósofos da Grécia Antiga que se encontram as mais consistentes análises científicas a respeito de política e sociedade.

b) Boa parte da produção científica do mundo contemporâneo distancia-se dos axiomas formulados por Sócrates, Platão e Aristóteles, devido à incompatibilidade entre princípios filosóficos e rigor formal da ciência.

c) Os discursos dos agentes políticos devem ser rechaçados porque se fundamentam na "doxa", não contemplando, portanto, os conceitos científicos vigentes.

d) O discurso "pré-analítico" prescinde de análise da realidade concreta e caracteriza-se por abordar os significados implícitos dos enunciados produzidos na instância pública.

e) O esvaziamento de significado a que os conceitos científicos estão sujeitos pelo seu uso em instâncias sociais não exclusivamente científicas gera a necessidade de renovação de terminologia na ciência.

Resposta: Alternativa E.

A opção A é inadequada, dado que o texto indica que os filósofos lançaram as bases do estudo da sociedade e da política e não as mais consistentes análises científicas.

A opção B torna-se errada, já que o motivo indicado no item "devido à incompatibilidade entre princípios filosóficos e rigor formal da ciência" não é o mesmo apontado no texto (essas palavras se desgastaram tanto pelo uso).

Em momento algum, o texto sugere que os discursos dos agentes políticos devem ser rechaçados, por isso a opção C deve ser descartada.

A opção D deve ser excluída em virtude de o discurso pré-analítico não fazer abordagem aos significados implícitos dos enunciados produzidos na instância pública.

28. Assinale o item que expressa uma ideia depreendida dos sentidos explícitos e implícitos que compõem a rede temática do texto.

a) Apesar de os princípios filosóficos carregarem em si uma regulação e se basearem exclusivamente na "doxa", eles sobrevivem às contingências históricas, como bem o demonstra a atualidade dos princípios formulados na Grécia Antiga.

b) Por meio do conhecimento científico, as sociedades buscam interpretações da realidade que não se orientem na ideologia, cabendo, portanto, à "episteme" a análise crítica dos discursos que circulam na sociedade.

c) A formação da corrente de pensamento anticomunista exemplifica a supremacia do

discurso epistemológico e representa a reação da sociedade a análises subjetivas dos fatos históricos.
d) A ciência tende a tornar-se cada vez mais dogmática e menos neutra, intensificando, portanto, seus procedimentos persecutórios perante os discursos dos agentes políticos que banalizam conceitos científicos.
e) Os filósofos gregos previram a mutação da ciência em ideologia, ao analisarem a força simbólica que esta assume nos discursos hegemônicos dos agentes políticos.
Resposta: Alternativa B.
Em momento algum, o texto indica que os filósofos se baseiam "exclusivamente" na doxa, por isso a opção A deve ser descartada.
A opção C contradiz totalmente o texto, pois a corrente de pensamento anticomunista é exemplo da doxa, não do discurso epistemológico.
Em momento algum, o texto sugere que a ciência vai tornar-se persecutória, portanto sendo excluída a alternativa D.
A opção E vai de encontro às ideias do verbete, em virtude de o autor, não os filósofos gregos, esclarecer que deve haver novas análises para neutralizar a mutação da ciência em ideologia.

29. Marque com (V) as afirmações verdadeiras e com (F) as falsas. Indique, em seguida, a sequência correta.
( ) Mantém-se a correção gramatical substituindo-se a expressão "Vinte e quatro séculos atrás" (l. 1) por "Há vinte e quatro séculos" ou por "Fazem vinte e quatro séculos".
( ) A oração "Muito se aprendeu depois disso" (l. 3) poderia ser substituída por "Aprenderam-se muitas coisas depois", preservando-se o sentido e a correção gramatical do texto.
( ) Compromete-se a clareza do texto e há prejuízo para a correção gramatical do período se o pronome da expressão "estas palavras" (l. 7) for substituído por "essas".
( ) A oração "que é preciso explicar o seu sentido em termos atualizados" (l. 6 e 7) expressa consequência, sendo correto, portanto, substituir "que" pelo conector "porquanto".
( ) No segundo parágrafo, predomina a articulação semântica e sintática de oposição na produção de sentido dos enunciados.
a) F, V, F, F, V
b) F, F, F, F, V
c) V, V, V, F, F
d) F, F, V, V, V
e) V, F, F, V, V
Resposta: Alternativa A.
Os dois primeiros itens já são suficientes para se chegar à resposta. O primeiro tópico é indevido, já que são propostas duas substituições, estando a primeira correta e a segunda, errada. O verbo "fazer" no sentido de tempo passado é impessoal, não podendo ser conjugado no plural. Sendo assim, o certo é "faz vinte e quatro séculos..."

O segundo tópico é perfeito, porquanto, caso se substitua "Muito" por "muitas coisas", não há alteração semântica. Além disso, o pronome SE é apassivador, transformando "muitas coisas" em sujeito, então o verbo deve ser flexionado no plural.

(AFRF – Esaf) Questões 30, 31 e 32.
Falar em direitos humanos pressupõe localizar a realidade que os faz emergir no contexto sociopolítico e histórico-estrutural do processo contraditório de criação das sociedades. Implica, em suma, desvendar, a cada momento deste processo, o que venha a resultar como direitos novos até então escondidos sob a lógica perversa de regimes políticos, sociais e econômicos, injustos e comprometedores da liberdade humana.
Este ponto de vista referencial determina a dimensão do problema dos direitos humanos na América Latina. Neste contexto, a fiel abordagem acerca das condições presentes e dos caminhos futuros dos direitos humanos passa, necessariamente, pela reflexão em torno das relações econômicas internacionais entre países periféricos e países centrais.
As desarticulações que desta situação resultam não chegam a modificar a base estrutural destas relações: a extrema dependência a que estão submetidos os países periféricos, tanto no que concerne ao agravamento das condições de trabalho e de vida (degradação dos salários e dos benefícios sociais), quanto na dependência tecnológica, cultural e ideológica.
(Núcleo de Estudos para a Paz e Direitos Humanos, UnB. *In: Introdução Crítica ao Direito*, com adaptações.)

30. Assinale a opção que não estabelece uma continuidade coerente e gramaticalmente correta para o texto.
a) Nesta parte do mundo, imensas parcelas da população não têm minimamente garantida sua sobrevivência material. Como, pois, reivindicar direitos fundamentais se a estrutura da sociedade não permite o desenvolvimento da consciência em sua razão plena?
b) Por conseguinte, a questão dos Direitos tem significado político, enquanto realização histórica de uma sociedade de plena superação das desigualdades, como organização social da liberdade.
c) Assim, pois, a opressão substitui a liberdade. A percepção da complexidade da realidade latino-americana remete diretamente a uma compreensão da questão do homem ao substitui-lo pela questão da tecnologia.
d) Na América Latina, por isso, a luta pelos direitos humanos engloba e unifica em um mesmo momento histórico, atual, a reivindicação dos direitos pessoais.
e) Não nos esqueçamos que a construção do autoritarismo, que marcou profundamente nossas estruturas sociais, configurou o sistema político imprescindível para a manutenção e reprodução dessa dependência.
Resposta: Alternativa C.
O candidato deve atentar-se ao enunciado. Lá está solicitada a opção que não estabelece uma continuidade coerente e "gramaticalmente correta". Você deve partir direto para as opções e observar se há alguma com erro. Se houver, marque-a. Caso contrário, retorne

ao texto e veja a que não é coerente a ele. Nesta questão, nem haveria a necessidade de tal, visto que a opção C contém gritante falha de ortografia (substituí-lo).

31. Assinale a opção em que, no texto, a expressão que antecede a barra não retoma a ideia da segunda expressão que sucede a barra.

a) "Realidade" (l. 1) / "contexto sociopolítico e histórico-estrutural do processo" (l. 1 e 2).
b) "Deste processo" (l. 3) / "processo contraditório de criação das sociedades" (l. 2).
c) "Este ponto de vista referencial" (l. 7) / ideias expressas no primeiro parágrafo.
d) "Neste contexto" (l. 8) / discussão sobre os direitos humanos na América Latina.
e) "Desta situação" (l. 12) / relações econômicas internacionais entre países periféricos e países centrais.

Resposta: Alternativa A.

O enunciado da questão determina ao candidato que encontre a opção em que a primeira expressão "retome a ideia já citada anteriormente". A opção A indica um termo que faria menção a algo localizado posteriormente. É óbvio que um elemento anterior não pode retomar o posterior.

32. Analise os seguintes itens a respeito do emprego das estruturas linguísticas do texto, para, em seguida, assinalar a opção correta.

I. O paralelismo sintático e semântico entre "pressupõe" (l. 1) e "Implica" (l. 3) evidencia que remetem ao mesmo sujeito oracional.

II. O tempo e modo verbal em que "venha" (l. 4) está empregado indicam incerteza, dúvida a respeito do que pode vir a ser resultante em termos de "direitos novos" (l. 4).

III. As regras de regência nominal permitem que "dependência" (l. 13) também seja empregada com a preposição com; por isso está igualmente correto: a extrema dependência com que estão submetidos...

IV. "Concerne" (l. 14) apresenta dois complementos sintáticos: (a) "agravamento das condições de trabalho e de vida" (l. 14/15), e (b) "dependência tecnológica, cultural e ideológica" (l. 16/17).

Estão corretos apenas:

a) I e II.
b) I, II e III.
c) I e III.
d) II, III e IV.
e) II e IV.

Resposta: Alternativa A.

A análise dos três primeiros tópicos já é suficiente para se chegar à resposta.

O tópico I está correto, visto que "Falar em direitos humanos" é sujeito tanto do verbo "pressupõe" como do verbo "implica".

O tópico II também está correto, já que a forma verbal "venha", estando no modo subjuntivo, indica uma situação hipotética, não uma certeza, podendo no contexto, inclusive, ser acrescentada a palavra "porventura" (Implica, em suma, desvendar, a cada momento deste processo, o que, porventura, venha a resultar como direitos novos).

O tópico III possui uma grave falha, pois o termo que exige a presença da preposição "a" não é dependência, e sim "submetidos".

O texto abaixo serve de base para as questões 33 e 34.
Santo Agostinho (354-430), um dos grandes formuladores do catolicismo, uniu a teologia à filosofia. Sua contribuição para o estudo das taxas de juros, ainda que involuntária, foi tremenda. Em suas *Confissões*, o bispo de Hipona, filho de Santa Mônica, conta que, ainda adolescente, clamou a Deus que lhe concedesse a castidade e a continência e fez uma ressalva – ansiava por essa graça, mas não de imediato. Ele admitiu que receava perder a concupiscência natural da puberdade. A atitude de Santo Agostinho traduz impecavelmente a urgência do ser humano em viver o aqui e agora. Essa atitude alia-se ao desejo de adiar quanto puder a dor e arcar com as consequências do desfrute presente – sejam elas de ordem financeira ou de saúde. É justamente essa urgência que explica a predisposição das pessoas, empresas e países a pagar altas taxas de juros para usufruir o mais rápido possível seu objeto de desejo.
("Viver agora, pagar depois" (Fragmento). *In*: Economia e Negócios, *Revista Veja*, 30/3/2005, p. 90.)

33. (AFRE – MG) Assinale a opção correta com base no que se depreende do texto.
a) Na adolescência, o bispo de Hipona foi concupiscente.
b) O clamor de Santo Agostinho a Deus incluía o adiamento dos prazeres libidinosos.
c) A predisposição para o pagamento de altas taxas de juros é causa da urgência de se querer viver intensamente o momento presente.
d) A atitude tomada pelo filósofo católico, na adolescência, diferenciava-o dos demais homens e prenunciava a santificação futura.
e) O teólogo e filósofo do catolicismo contribuiu significativamente para a formulação do conceito das taxas de juros, ainda que fosse contrário à matéria.
Resposta: Alternativa A.
Observe que você não precisará saber o significado da palavra "concupiscente" para acertar a questão. No enunciado, é exigido do candidato uma inferência (dedução). No texto, está indicado que Santo Agostinho tinha medo de perder a concupiscência natural da puberdade. Então, podemos depreender que, se ele tinha medo de perder a concupiscência, é porque ele a possuía no período da puberdade (adolescência).

34. Julgue as afirmações a respeito do texto como verdadeiras (V) ou falsas (F), para marcar, a seguir, a opção correta.
( ) Em virtude do paralelismo sintático, o acento grave, em "à filosofia" (l.2), poderia ser eliminado.
( ) Estaria garantida a correção gramatical do texto se o pronome possessivo que inicia um período, na linha 2, fosse substituído, nessa mesma posição, pelo pronome "cujo", flexionado no feminino (cuja), e o ponto fosse substituído por uma vírgula.
( ) Haveria alteração do sentido original do texto se a expressão "ainda adolescente" (l.4) fosse deslocada para a posição imediatamente posterior à forma verbal "conta" (l.4).

( ) Dada a relação de sentido que se estabelece no período, a conjunção "e" (l.5 – 2ª ocorrência) poderia ser substituída, mantendo-se a coerência textual, pela conjunção "mas" precedida de vírgula.
( ) O complemento verbal "seu objeto de desejo" (l. 12) poderia vir precedido da preposição "de", atendendo-se à regência do verbo "usufruir".
A sequência correta obtida é:
a) V, F, F, V, V;
b) F, V, V, V, F;
c) V, V, F, F, V;
d) V, F, V, F, F;
e) F, F, V, V, V.
Resposta: Alternativa E.
A análise das duas primeiras afirmações já é suficiente para se chegar à resposta.
A primeira afirmação é falsa, visto que os termos não se encontram em paralelismo sintático. Um termo é objeto direto e o outro, indireto. O verbo "unir" exige um elemento sem preposição e outro, com.
A segunda afirmação também é falsa, porquanto o período quedar-se-ia totalmente incoerente com a substituição proposta. O pronome relativo "cujo" liga o termo seguinte ao antecedente, estabelecendo a ideia de posse, fato que não pode ocorrer com os termos "contribuição" e "filosofia".

30.11. Alteração de funções sintáticas em questões de interpretação

Muitas questões de interpretação de textos são resolvidas através do conhecimento gramatical. Por exemplo, existem funções sintáticas que possuem o mesmo valor semântico, como o sujeito ativo, o agente da passiva e o adjunto adnominal. Estas três funções sintáticas possuem valor ativo (agente, de quem pratica a ação), e as bancas tão somente reescrevem as frases alterando as funções sintáticas, sem modificar, contudo, a ideia contida. Em contrapartida, há também as funções sintáticas com valor paciente: os objetos, o sujeito passivo e o complemento nominal.

Ex.: **O professor** errou e causou estranheza a todos.
O erro **do professor** causou estranheza a todos.
O erro cometido **pelo professor** causou estranheza a todos.

→ Observe que o termo "professor", acompanhado ou não de preposição, funciona, na primeira frase, como sujeito ativo; na segunda, como adjunto adnominal; na terceira, como agente da passiva. Mesmo este termo tendo funções sintáticas distintas, mantém o mesmo valor semântico. Nas três frases, é o professor que erra.

Ex.: Ler **jornais** é importante.
Jornais serem lidos é importante.
A leitura **de jornais** é importante.

→ Observe que o termo "jornais", acompanhado ou não de preposição, funciona, na primeira frase, como objeto direto; na segunda, como sujeito passivo; na terceira, como complemento nominal. Apesar de o termo possuir funções sintáticas diferentes, a ideia dos três períodos é a mesma: jornais devem ser lidos.

30.12. Exercícios com gabarito comentado sobre alteração de funções sintáticas

1. (Of. Just. – TJ – NCE) "Como conciliar a liberdade com a inevitável ação restritiva do Estado?" Nesse segmento do texto, o articulista afirma que:
a) o Estado age obrigatoriamente contra a liberdade;
b) é impossível haver liberdade e governo ditatorial;
c) ainda não se chegou a unir os cidadãos e o governo;
d) cidadãos e governo devem trabalhar juntos pela liberdade;
e) o Estado é o responsável pela liberdade da população.
Resposta: Alternativa A.
Observe que o termo "do Estado" possui valor agente, funcionando como adjunto adnominal. Se você transformá-lo em sujeito ativo, o resultado será: "O Estado age inevitavelmente restringindo a liberdade". A alternativa A apenas substituiu "inevitavelmente" por um sinônimo: "obrigatoriamente".

2. (Of. Just. – TJ – NCE) "O primeiro templo da liberdade burguesa é o supermercado. E m<u>que pesem as angustiantes restrições do contracheque</u>, são as prateleiras abundantemente supridas que satisfazem a liberdade do consumo..." O segmento sublinhado corresponde semanticamente a:
a) As despesas do supermercado são muito pesadas no orçamento doméstico.
b) Os salários não permitem que se compre tudo o que se deseja.
c) As limitações de crédito impedem que se compre o necessário.
d) A inflação prejudica o acesso da população aos bens de consumo.
e) A satisfação de comprar só é permitida após o recebimento do salário.
Resposta: Alternativa B.
O termo "do contracheque" possui valor agente, funcionando como adjunto adnominal. Reescrevendo-se o período, transformando o adjunto adnominal em sujeito ativo, o resultado será: "o contracheque restringe o consumo". No texto, "contracheque" está sendo utilizado como sinônimo de "salário", "restringir" e "não permitir" são equivalentes, "consumir" e "comprar" possuem o mesmo valor.

3. (Of. Just. – TJ – NCE) "Não houve ideal comunista que resistisse às tentações do

supermercado". Com esse segmento do texto, o autor quer dizer que:
a) Todo ideal comunista se opõe aos ideais capitalistas.
b) A ideologia comunista sofre pressões por parte dos consumidores.
c) Os supermercados socialistas são menos variados que os do mundo capitalista.
d) O ideal comunista ainda resiste à procura desenfreada por bens de consumo.
e) As tentações do supermercado abalaram as estruturas capitalistas.
Resposta: Alternativa B.
É uma questão de inferência textual, pois você terá que deduzir o que o autor quis dizer neste segmento. Observe que o termo "do supermercado" tem valor agente, funcionando como adjunto adnominal. Transformando-o em sujeito de voz ativa, o resultado será: "O supermercado tentou (os consumidores) e não houve ideal comunista que resistisse a essa tentação (criada pelos supermercados)". Depreende-se, então, que a tentação criada aos consumidores pelos supermercados fez com que a ideologia comunista sofresse pressões até não mais resistir.

4. (MP – NCE) "... pois moedas não resgatam a dignidade". Reescrevendo-se este segmento do texto, mantendo-se o seu sentido original, a única forma inadequada é:
a) Visto que a dignidade não é resgatada por moedas.
b) Porque moedas não são o resgate da dignidade.
c) Porquanto a dignidade não se resgata com moedas.
d) Já que por moedas não é resgatada a dignidade.
e) Pela razão de que a dignidade não é resgatada por moedas.
Resposta: Alternativa C.
Questão muito bem imaginada, levando o candidato a pensar que a resposta sairia pela conector. As conjunções VISTO QUE, PORQUE, PORQUANTO, JÁ QUE e PELA RAZÃO DE QUE têm valor explicativo. Portanto, não se atinge a resposta por este caminho. O termo "dignidade", por possuir valor paciente, é objeto direto, podendo alterar sua função sintática para complemento nominal ou sujeito passivo. Nas opções A, D e E, "dignidade" se transforma em sujeito de voz passiva analítica; na C, em sujeito de voz passiva sintética; na B, em complemento nominal. Mais uma vez não chegamos à resposta. Partamos agora para uma última análise: "Moedas" funciona como sujeito ativo, podendo transformar-se em agente da passiva ou adjunto adnominal. Nas alternativas A, D e E, o termo se transformou em agente da passiva. Na opção B, continuou sendo sujeito da voz ativa. Na alternativa C, o sujeito ativo (termo que praticava a ação) foi transformado em adjunto adverbial de instrumento, ou seja, o termo perdeu sua carga semântica – de praticar a ação – e passou a ter o valor de ser um instrumento utilizado para se praticar a ação.

5. (Técnico Judiciário Juramentado – TJ – NCE) "... a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana". Reescrevendo-se este segmento do texto com a manutenção de seu sentido original, temos como forma adequada:
a) A natureza humana necessita da vida em sociedade.
b) A vida em sociedade necessita da natureza humana.

c) A necessidade da natureza humana é uma vida em sociedade.
d) Uma necessidade da natureza humana é a vida em sociedade.
e) A natureza humana é necessária à vida em sociedade.
Resposta: Alternativa A.
As alternativas B e E são absurdas, contradizendo totalmente a ideia do segmento, não merecendo grandes análises. Normalmente, o candidato fica em dúvida entre as opções A, D e E. Quando o texto diz "... a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana", fica claro que "uma necessidade da natureza humana" está apenas qualificando "a vida em sociedade", não entrando no mérito se existem outras necessidades ou não. A simples inversão proposta na alternativa D sugere uma situação sutilmente diferente do texto, pois quando se informa que "uma necessidade da natureza humana é a vida em sociedade", torna-se evidente a existência de várias necessidades, uma delas é a vida em sociedade. Na opção C, por sua vez, sendo redigido que "a necessidade da natureza humana é uma vida em sociedade", há a sugestão de que a única necessidade da natureza é uma vida em sociedade, distanciando-se semanticamente da ideia exposta no texto. A alternativa A não altera o sentido original, modificando tão somente a função sintática de alguns elementos. O termo "da natureza humana", possuindo valor agente, funciona como adjunto adnominal e é transformado em sujeito ativo – se é uma necessidade da natureza humana, obviamente a natureza humana necessita. Por fim, fica evidente que, tal qual ocorre no segmento original, diz-se apenas que a natureza humana necessita da vida em sociedade, não sugerindo se necessita também de mais alguma coisa ou não.

Capítulo 31

Questões Comentadas de Concursos

A intenção, neste capítulo, é mostrar a você questões polêmicas, interessantes ou que possuam diversos assuntos cobrados simultaneamente. Essa é a nova "cara" das provas de Língua Portuguesa nos concursos, onde, em apenas uma questão, são exigidas do candidato, por exemplo, noções de regência, concordância, topologia pronominal, classificação de orações, funções sintáticas e, até mesmo, interpretação de textos. Sendo assim, foi feita essa seleção abaixo, com gabarito comentado item a item, enriquecendo mais ainda seu conhecimento e aumentando suas possibilidades de aprovação.

Leia o texto para responder à questão 1.

O advento da moderna indústria tecnológica fez com que o contexto em que passa a dispor-se a máquina mudasse completamente de configuração. Entretanto, tal mudança obedece a certas coordenadas que começam a ser pensadas já na antiga Grécia, que novamente se relacionam com a questão da verdade. É que a verdade, a partir de Platão e Aristóteles, passa a ser determinada de um modo novo, verificando-se uma transmutação em sua própria essência. Desde então, entende-se usualmente a verdade como sendo o resultado de uma adequação, ou seja, a verdade pode ser constatada sempre que a ideia que o sujeito forma de determinado objeto coincida com esse objeto.

(Gerd Bornheim. *Racionalidade e acaso*. fragmento)

1. (AFRF – Esaf) Assinale a opção correta a respeito do uso das estruturas linguísticas do texto.

a) Mantém-se a coerência da argumentação ao substituir "fez" (l. 1) por **faz**; mas para que a correção gramatical seja mantida, torna-se obrigatória então a substituição de "mudasse" (l. 2) para **mude**.

b) Preservam-se as relações de sentido entre "contexto" (l. 1) e "máquina" (l. 2) com a substituição do pronome relativo "que" (l. 1) por **qual**, mantendo-se obrigatória a presença de "em".

c) Tanto a supressão da preposição no termo "a certas coordenadas" (l. 3) como sua substituição por **às** preservam as relações de sentido e respeitam as regras de regência verbal.

d) A construção da textualidade mostra que o advérbio "então" (l. 6) refere-se ao tempo de "Platão e Aristóteles" (l. 5); por isso, preservam-se a coerência e a correção do texto

ao substituir "Desde então" (l. 6) por **Adiante desses filósofos**.
e) A expressão "ou seja" (l. 7) permite a troca de lugar entre os termos "adequação" (l. 7) e "verdade pode ser constatada sempre que a ideia que o sujeito forma de determinado objeto coincida com esse objeto" (l. 7, 8 e 9), sem prejudicar a correção gramatical do texto.
Gabarito: Alternativa A.
A substituição de "fez" por "faz" acarretou a mudança na estrutura temporal, passando todo o contexto do passado para o presente, exigindo, consequentemente, a correlação presente do indicativo – presente do subjuntivo.
Na alternativa B, o pronome relativo "que" deveria ser substituído por "o qual" e não por somente "qual", resultando "no qual".
Na alternativa C, apesar de a regência do verbo "obedecer" exigir a presença da preposição A e normalmente o artigo ser facultativo antes de substantivos no plural, a ocorrência do pronome indefinido "certas" proíbe o uso do artigo, não sendo possível "às".
A proposta de reescritura feita na alternativa D é absurda, pois "Adiante" significa "em frente", "frente a".
A reescritura proposta na alternativa E é descabida, pois observe o resultado: "Desde então, entende-se usualmente a verdade como sendo o resultado de a verdade pode ser constatada sempre que a ideia que o sujeito forma de determinado objeto coincida com esse objeto, ou seja, uma adequação. A estrutura "de a verdade" exige que o verbo seguinte esteja no infinitivo, reduzindo a oração.

Leia o fragmento de texto abaixo para responder à questão 2.
O enquadramento pós-estruturalista da teoria da comunicação analisa o modo como a comunicação eletronicamente mediada (o que eu chamo modo de informação) desafia, e ao mesmo tempo reforça, os sistemas de dominação emergentes na sociedade e cultura pós-moderna. A minha tese é que o modo de informação decreta uma reconfiguração radical da linguagem, que constitui sujeitos fora do padrão do indivíduo racional e autônomo. Esse sujeito familiar moderno é deslocado pelo "modo de informação" em favor de um que seja múltiplo, disseminado e descentrado, interpelado continuamente como uma identidade instável. Na cultura, essa instabilidade coloca tanto perigos como desafios que se tornam parte de um movimento político – ou se estão relacionados com as políticas feministas, minorias étnicas/raciais, posições gays e lésbicas, podem conduzir a um desafio fundamental às instituições e estruturas sociais modernas.
(Haik Poster. *A segunda era dos mídia*)

2. (AFRF – Esaf) Julgue como falsos (F) ou verdadeiros (V) os seguintes itens a respeito das estruturas linguísticas do texto.
( ) Preservam-se as relações semânticas e a correção gramatical do texto ao deslocar "pós-estruturalista" (l. 1) para depois de " teoria da comunicação" (l. 1).
( ) Preserva-se a correção gramatical e a coerência, mas alteram-se as relações

semânticas do texto ao substituir "o que" (l. 2) por a que.
( ) "Esse sujeito familiar" (l. 6) corresponde ao "indivíduo racional e autônomo" (l. 6).
( ) Preservam-se as relações semânticas e a correção gramatical do texto ao substituir "como" (l. 8) pela preposição por.
( ) O desenvolvimento da textualidade mostra que, na linha 9, se o termo "desafios" fosse substituído por o desafio, a flexão de plural em "que se tornam" deveria ser substituída pela flexão de singular.
A sequência obtida é:
a) V-F-V-V-F
b) V-V-F-F-V
c) F-V-V-F-F
d) F-F-V-V-V
e) F-V-V-F-V
Gabarito: Alternativa C.
O primeiro item é errado, pois o deslocamento de "pós-estruturalista" altera o sentido do texto, tendo em vista que o termo qualificava "enquadramento", passando a adjetivar "teoria da comunicação." (l. 1)
A análise apresentada no segundo item é adequada, visto que, alterando-se "o que" por "a que", apesar de haver pequena alteração no sentido do texto, ainda assim é conservada sua coerência: "o" em "o que" funciona como pronome demonstrativo, sendo referente à "comunicação eletronicamente mediada" (l. 2). Já em "a que" é o pronome relativo "que" que possui como antecedente "comunicação eletronicamente mediada". Também é importante frisar que ocorre alteração de ordem sintática, porquanto a regência do verbo "chamar", no sentido de qualificar, tanto pode ser transitivo direto como transitivo indireto, regendo a preposição "a". Sendo assim, no primeiro caso, o verbo era transitivo direto e no segundo, transitivo indireto.
O terceiro item apresenta uma informação verdadeira, uma vez que o texto procura demonstrar a transformação que o "sujeito familiar" acaba sofrendo por imposição da comunicação eletronicamente mediada. Ele sofre uma reconfiguração, saindo do padrão racional e autônomo, constituindo-se em um múltiplo, descentrado, disseminado e instável, formando, por fim, o que o texto denomina de sujeito familiar moderno.
O quarto item possui um erro, pois, ao substituir-se "como" por "por", a ideia de comparação se desfaz, e o valor agente é inserido: O sentido "Ele é interpelado tal qual uma identidade instável" é substituído por "Uma identidade instável o interpela.
O último item contém um comentário falso, dado que o pronome relativo "que" poderia ter como antecedente "desafio" ou a composição "tanto perigos como desafio", podendo o verbo ocorrer no singular ou no plural.

Leia o texto para responder à questão 3.
Boa parte de nossa infelicidade ou aflição nasce do fato de vivermos rodeados (por vezes esmagados ou algemados) por mitos. Nem falo dos belos, grandiosos ou enigmáticos mitos da Antiguidade Grega. Falo, sim, dos mitinhos bobos que inventou nosso inconsciente medroso, sempre beirando precipícios com olhos míopes e passo

temeroso. Inventam-se os mitos, ou deixamos que aflorem, e construímos em cima deles a nossa desgraça.
(Lya Luft, "Faxina nos mitos". *Veja*, 20 de abril, 2005, com adaptações)

3. (Técnico da Receita Federal – Esaf) Julgue os seguintes itens a respeito das estruturas linguísticas do texto:
I. De acordo com as regras gramaticais, o verbo da primeira oração do texto poderia ser empregado tanto no singular quanto no plural.
II. É pela flexão de número no verbo da oração subordinada, "que inventou nosso inconsciente medroso"(l. 3/4), que são identificados o sujeito e o objeto dessa oração.
III. A ideia de "sempre beirando precipícios com olhos míopes e passo temeroso"(l. 4 e 5) constitui uma forma figurativa para explicar "mitinhos"(l. 3).
IV. O desenvolvimento do texto mostra que inventar e deixar aflorar são empregados para indicar a passividade dos mitos na sua criação.
Estão corretos apenas:
a) I e II;
b) I e III;
c) II e III;
d) III e IV;
e) II e IV.
Gabarito: Alternativa E.
O primeiro comentário é inadequado, visto que a forma verbal "nasce" concorda com "Boa parte". A concordância atrativa, no plural, seria cabível, se o termo mais próximo estivesse no plural.
O segundo comentário é perfeito, porquanto só há a certeza de que "nosso inconsciente medroso" funciona como sujeito, em virtude de a forma verbal "inventou" estar no singular. Se o verbo estivesse no plural, haveria a indicação de que o pronome relativo "que", referente a "os mitinhos bobos", seria sujeito. Contudo, também não há como negar que esta possibilidade gramatical geraria incoerência textual.
O termo "sempre beirando precipícios com olhos míopes e passo temeroso", constante no terceiro item, qualifica "nosso inconsciente medroso", não possuindo qualquer relação com "mitinhos".
O último período apresenta uma assertiva verdadeira, porquanto o termo "os mitos" funciona como sujeito paciente de "inventaram-se". Também há a ideia passiva na segunda estrutura, já que a ideia é de "deixar" aflorar os mitos.

4. (Técnico da Receita Federal – Esaf) No trecho abaixo, foram inseridos erros no que respeita ao emprego da norma gramatical padrão. Para eliminá-los do trecho, foram propostas seis alterações. Analise-as e responda ao que se pede.
O ministro da Controladoria Geral da União, Waldir Pires, escreveu uma longa carta a Oded Grajew, na qual reconhece que o Brasil ainda carece de ações preventivas no combate à corrupção. Diante de uma máquina estatal pouco transparente e que reage as tentativas de publicidade das suas ações, o País surpreende-se com os casos de

corrupção, e só os descobre quando já são esquemas consolidados e milionários.
Waldir Pires afirma que vem mudando essa realidade. Criou o Portal da Transparência e o sistema de auditoria por sorteio, estabeleceu convênio para troca de informações com o Ministério Público, articulou-se com a Polícia Federal em diversas operações que a PF realizou nos últimos anos.
A carta do ministro para Oded, tornada pública, gerou uma segunda carta, dessa vez do presidente da União Nacional dos Analistas e Técnicos de Finanças e Controle (Unacon), Fernando Antunes, que reconhece o desejo real da CGU de tornar o Estado brasileiro mais transparente. Consequentemente admite a existência de uma queda-de-braço entre setores do governo. Nem a todos interessa a publicidade dos atos governamentais.
(Adaptado de Rudolfo Lago, *Correio Braziliense*, 24/10/2005)
Alterações propostas:
I. Usar o acento grave para indicar ocorrência de crase na expressão "reage as tentativas" (l. 4).
II. Alterar a configuração morfossintática do final do primeiro parágrafo para: só descobrindo-os quando já são esquemas consolidados e milionários.
III. Desenvolver a oração reduzida da linha 11 na seguinte oração adverbial: quando se tornou pública.
IV. Substituir "Consequentemente" (l. 14) por Mas.
V. Reescrever a última oração do terceiro parágrafo assim: Não são todos que se interessam pela publicidade dos atos governamentais.
Indique a opção que relaciona apenas as alterações necessárias para eliminar os erros gramaticais do trecho.
a) I, IV e V.
b) I, II, III, e IV.
c) I e IV.
d) II e IV.
e) III, IV e V.
Gabarito: Alternativa C.
O primeiro comentário é adequado, visto que a preposição "a" é exigência do verbo "reagir". A frase tanto ficaria correta com "a" como com "às", lembrando ser o artigo facultativo antes de substantivo no plural.
O segundo comentário não é correto, uma vez que o termo invariável "só" atrai o pronome oblíquo, exigindo a próclise. Além disso, a questão exige que a reescritura se faça necessária, ou seja, a frase original teria que estar errada, o que não ocorre neste caso.
No terceiro comentário, a proposta de reescritura é adequada, contudo a estrutura original também era. Sendo assim, não é necessária a alteração.
O quarto item apresenta uma alteração efetivamente necessária, já que é claro não ocorrer uma relação de causa-efeito, mas sim a oposição entre a ideia exposta anteriormente – o desejo real da CGU de tornar o Estado brasileiro mais transparente – e o fato de a publicidade dos atos governamentais não ser de interesse de todos os setores

do governo. Sendo assim, faz-se necessária a substituição de "consequentemente" por um conector de caráter adversativo.
No último item, apesar de a reescritura proposta no último item estar perfeita, ela se torna desnecessária, dado que o texto original também já se encontrava escorreito.

5. (Tribunal de Justiça da Bahia – 2005 – Cespe – UnB)
Não há dúvida de que, no início do século XXI, os Estados Unidos da América chegaram mais perto do que nunca da possibilidade de constituição de um "império mundial". Mas, se o mundo chegasse a esse ponto e constituísse um império global, isso significaria – ao mesmo tempo e por definição – o fim do sistema político interestatal. E o mais provável, do ponto de vista econômico, é que tal transformação viesse a significar também o fim do capitalismo. Em uma linguagem mais próxima da física e da termodinâmica do que da dialética hegeliana, pode-se dizer que a expansão do poder global na direção do império mundial é, ao mesmo tempo, uma força que levaria o sistema mundial à entropia, ao provocar sua homogeneização interna e o desaparecimento das hierarquias e conflitos responsáveis pelo dinamismo e pela ordem do próprio sistema.
(José Luís Fiori. *Correio Braziliense*, 25/12/2004 – com adaptações).
Em relação ao texto acima, julgue os itens que se seguem.

1	O emprego da preposição "de" em "Não há dúvida de que" (l. 1) justifica-se pela regência da forma verbal "há".
2	Como na sequência há um complemento oracional, a omissão da preposição "de" em "Não há dúvida de que" (l. 1) também estaria de acordo com as exigências da norma escrita culta.
3	Como o primeiro período do texto apresenta ideia relativa a um único país, o emprego do verbo chegar no singular — chegou — estaria de acordo com as exigências de concordância da norma escrita culta, sem necessidade de outras alterações no texto.
4	Mantêm-se a correção gramatical do período e as informações originais do texto ao se eliminar a palavra sublinhada em "mais perto do que nunca" (l. 2).
5	O emprego do futuro do pretérito em "significaria" (l. 4) é decorrente do emprego de estrutura antecedente que tem valor condicional, formada por verbo no imperfeito do subjuntivo.
6	Pelos sentidos do texto, é correto inferir que a palavra "entropia" (l. 9) está sendo empregada com o significado de equilíbrio, organização.
7	Para o trecho "que levaria (...) à entropia" (l. 8-9), estaria também de acordo com as exigências da norma escrita culta qualquer uma das seguintes reescrituras: que levaria a entropia ao sistema mundial, que levaria à entropia o sistema mundial, que iria levar o sistema mundial à entropia.
8	Infere-se das informações e dos sentidos do texto que o dinamismo e a ordem do sistema político interestatal em vigor atualmente no mundo podem prescindir de hierarquias e conflitos.

Gabarito 1: Errado. O uso da preposição "de" é decorrente da regência de "dúvida".
Gabarito 2: Certo. Nas orações subordinadas substantivas objetivas indiretas e nas orações subordinadas substantivas completivas nominais, é comum a preposição ser suprimida, vide comentário realizado no ***bizu*** do item 24.3.1.7.
Gabarito 3: Errado. Quando o título é precedido de determinante, no caso o artigo, o verbo é obrigado a concordar com o determinante, só cabendo o verbo no plural.
Gabarito 4: Certo. Neste livro, há o esclarecimento de que, nas conjunções comparativas, a palavra "do" em "do que" é totalmente dispensável, sem gerar problemas tanto no aspecto semântico quanto no sintático.

Gabarito 5: Certo. O uso do futuro do pretérito em consequência da ocorrência do pretérito imperfeito do subjuntivo é correto. Cabe lembrar o capítulo de aspectos verbais, onde há a informação de que, quando se cria uma condição passada – pretérito imperfeito do subjuntivo –, a consequência deve ocorrer posteriormente (a essa condição passada), daí o emprego do futuro do pretérito.

Gabarito 6: Errado. O significado de "entropia" é medida de quantidade de desordem de um sistema", pois a argumentação do texto justamente sugere que a homogeneização do sistema, o desaparecimento das hierarquias e conflitos são responsáveis pelo dinamismo e pela ordem do próprio sistema. Ou seja, caso não haja heterogeneidade, hierarquia e conflitos, o sistema entrará em desordem.

Gabarito 7: Anulado. Todas as propostas de reescritura estão de acordo com a norma culta. No entanto, a primeira redação altera o sentido do texto, invertendo os objetos. Em virtude disso, o item foi anulado, pois, pela visão meramente gramatical, o item satisfaz a exigência; contudo, pelo aspecto semântico, a ideia original, na primeira estrutura, é alterada.

Gabarito 8: Errado. A interpretação do item encontra-se em desacordo com o texto, visto que o texto adverte que o dinamismo e a ordem do sistema são frutos das hierarquias e dos conflitos, não podendo, portanto, prescindir deles.

Leia o texto abaixo para responder às questões 6 a 9.

O QUE É... DECISÃO

1	No mundo corporativo, há algo vagamente conhecido como "processo decisório", que são aqueles insondáveis critérios adotados pela alta direção da empresa para chegar a decisões que o funcionário não consegue entender. Tudo começa com a própria origem da palavra "decisão", que se formou a partir do verbo latino *caedere* (cortar). Dependendo do prefixo que se utiliza, a palavra assume um significado diferente: "incisão" é cortar para dentro, "rescisão" é cortar de novo, "concisão" é o que já foi cortado, e assim por diante. E *dis caedere*, de onde veio "decisão", significa "cortar fora". Decidir é, portanto, extirpar de uma situação tudo o que está atrapalhando e ficar só com o que interessa.
10	E, por falar em cortar, todo mundo já deve ter ouvido a célebre história do não menos célebre rei Salomão, mas permitam-me recontá-la, transportando os acontecimentos para uma empresa moderna. Então, está um dia o rei Salomão em seu palácio, quando duas mulheres são introduzidas na sala do trono. Aos berros e puxões de cabelo, as duas disputam a maternidade de uma criança recém-nascida. Ambas possuem argumentos sólidos: testemunhos da gravidez recente, depoimentos das parteiras, certidões de nascimento. Mas, obviamente, uma das duas está mentindo: havia perdido o seu bebê e, para compensar a dor, surrupiara o filho da outra. Como os testes de DNA só seriam inventados dali a milênios, nenhuma das autoridades imperiais consultadas pelas litigantes havia conseguido dar uma solução satisfatória ao impasse.
21	Então Salomão, em sua sabedoria, chama um guarda, manda-o cortar a criança ao meio e dar metade para cada uma das reclamantes. Diante da catástrofe iminente, a verdadeira mãe suplica: "Não! Se for assim, ó meu Senhor, dê a criança inteira e viva à outra!", enquanto a falsa mãe faz aquela cara de "tudo bem, corta aí". Pronto. Salomão manda entregar o bebê à mãe em pânico, e a história se encerra com essa salomônica demonstração de conhecimento da natureza humana.
27	Mas isso aconteceu antigamente. Se fosse hoje, com certeza as duas mulheres optariam pela primeira alternativa (porque ambas teriam feito um curso de Tomada de Decisões). Aí é que entram os processos decisórios dos salomões corporativos. Um gerente salomão perguntaria à mãe putativa A: "Se eu lhe der esse menino, ó mulher, o que dele esperas no futuro?" E ela diria: "Quero que ele cresça com liberdade, que aprenda a cantar com os pássaros e que possa viver 100 anos de felicidade". E a mesma pergunta seria feita à mãe putativa B, que de pronto responderia: "Que o menino cresça forte e obediente e que possa um dia, por Vossa glória e pela glória de Vosso reino, morrer no campo de batalha". Então, sem piscar, o gerente salomão ordenaria que o bebê fosse entregue à mãe putativa B.
38	Por quê? Porque na salomônica lógica das empresas, a decisão dificilmente favorece o funcionário que tem o argumento mais racional, mais sensato, mais justo ou mais humano. A balança sempre pende para os putativos que trazem mais benefício para o sistema.

(GEHRINGER, Max. *Você* S/A, jan. 2002)

(Transpetro – Petrobras – Cesgranrio)

6. Indique a opção na qual as frases "Se fosse hoje, com certeza as duas mulheres optariam pela primeira alternativa..." (l. 27-28) e "Aí é que entram os processos decisórios dos salomões corporativos." (l. 29-30) aparecem reescritas em um único período, sem alteração do sentido original.

a) Caso isso acontecesse nos dias atuais, as duas mulheres fariam a mesma escolha influenciadas pelas decisões de seu gerente salomão.

b) No mundo de hoje, as duas mulheres levariam em consideração para decidir os critérios do rei Salomão e escolheriam a primeira opção.

c) Atualmente, as duas mulheres poderiam escolher a primeira possibilidade levando em conta os interesses do sistema empresarial.

d) Com a nova mentalidade, a escolha das duas mulheres seria por não dividir a criança, já que conheceriam as regras empresariais.

e) Uma vez que hoje as duas mulheres optariam pela mesma alternativa, os "salomões corporativos" recorreriam a processos de decisão.

Gabarito: Alternativa E.

Normalmente, nesta questão, o candidato teria dúvida entre as alternativas A e E. No entanto, a opção A possui uma falha: retornando ao texto, torna-se evidente que as mulheres fariam a mesma escolha em virtude de terem realizado um curso de Tomada de Decisões. A resposta (alternativa E) denuncia um fato já bastante comentado no capítulo de conjunções: a relação entre condição e causa. No texto original, a conjunção "Se" possui valor de condição. Na reescritura, o conector "Uma vez que" acrescenta ao período um valor de causa. As duas conjunções introduzem situações anteriores, gerando grande proximidade de ideias. Também é mister informar que, no contexto, o termo "Aí" possui a ideia de "neste caso". Sendo assim, os processos decisórios seriam utilizados no caso de as duas mulheres fazerem a mesma opção.

7. Com base no período "Como os testes de DNA só seriam inventados dali a milênios, nenhuma das autoridades imperiais consultadas pelas litigantes havia conseguido dar uma solução satisfatória ao impasse." (l. 18-20), pode-se inferir que:

a) os testes de DNA poderiam contribuir para a solução do problema;

b) as soluções encontradas pelas autoridades não satisfizeram às litigantes;

c) as supostas mães das crianças consultaram as autoridades para resolver o impasse;

d) só dali a muitos anos os cientistas inventariam os testes de DNA;

e) não havia autoridade imperial capaz de resolver o impasse.

Gabarito: Alternativa A.

Esta questão foi muito bem imaginada, possuindo quatro alternativas coerentes com o texto. A solução é observar o enunciado: lá a banca solicita ao candidato uma inferência textual (pode-se inferir que), não servindo como resposta algo explícito no texto. A alternativa B está explícita, visto que está presente no texto que as autoridades imperiais consultadas não deram uma solução satisfatória. A opção C também está explícita, dado que o texto fornece a informação de que houve autoridades imperiais consultadas pelas

mães-litigantes. A alternativa D também é recorrente ao texto, porquanto está exposto que os testes de DNA somente seriam inventados dali a milênios. A alternativa E é a única incoerente, dado que no texto fica evidente que nenhuma das autoridades imperiais "consultadas" conseguiu dar uma solução para o impasse, o que não quer dizer que obrigatoriamente nenhuma autoridade imperial conseguiria dá-la, havendo a possibilidade de autoridades não consultadas fazerem-no. A alternativa A é a resposta, em conformidade com a exigência feita no enunciado, ou seja, uma inferência (dedução) a partir dos elementos do texto. Pode-se deduzir que o impasse, nos dias atuais, poderia ser solucionado através dos testes de DNA. É fundamental frisar que o texto não informa que os testes de DNA poderiam contribuir para a solução do problema, no entanto é uma conclusão que o leitor poderia extrair do fragmento.

8. Por meio de uma carta, os funcionários aos superiores.
Com respeito à regência, a forma verbal que preenche adequadamente a lacuna acima é:
a) chamaram;
b) convidaram;
c) cumprimentaram;
d) pressionaram;
e) responderam.
Gabarito: Alternativa E.
Questão de regência em que os verbos apresentados nas alternativas B, C e D somente poderiam funcionar sem preposição. O verbo "chamar", no sentido de mandar vir, convocar, é transitivo direto, regendo, portanto, sem preposição. No entanto, também é cabível o uso da preposição "por" (chamar pelos superiores). Se este verbo estivesse no sentido de "qualificar", tanto poderia ser transitivo direto como indireto, regendo a preposição A. A alternativa E é a única que contém um verbo que, neste contexto, rege a preposição, sendo, portanto, a resposta.

9. Assinale a opção em que o sinal de dois-pontos tem a mesma função apresentada em "Mas, obviamente, uma das duas está mentindo: havia perdido o seu bebê e, para compensar a dor, surrupiara o filho da outra." (l. 16-18)
a) O diretor apresentou dados convincentes: a pesquisa de opinião, o último balanço da empresa e cartas de clientes.
b) Os critérios adotados para admissão de funcionários são sempre os mesmos: organização, competência e capacidade de trabalhar em equipe.
c) Tomar decisões em momentos de crise pode ser danoso: muitas vezes um impulso substitui o bom-senso.
d) Dois motivos o levaram a pedir demissão: uma nova oferta de trabalho e a possibilidade de trabalhar no exterior.
e) Quando soube que não seria promovido, ele fez o seguinte: mandou uma carta para a vice-presidência e marcou uma reunião com a equipe.
Gabarito: Alternativa C.

O sinal de dois-pontos no texto original tem como função introduzir uma causa para a ideia exposta na oração anterior, podendo inclusive ser substituído por uma conjunção subordinativa causal: "Mas, obviamente, uma das duas está mentindo, porque havia perdido o seu bebê e, para compensar a dor, surrupiara o filho da outra." Nas alternativas A, B, D e E, o sinal de dois-pontos está sendo utilizado tão somente para introduzir apostos. Na alternativa C, o sinal de dois-pontos efetivamente possui o mesmo caráter da frase do enunciado: Tomar decisões em momentos de crise pode ser danoso, porque muitas vezes um impulso substitui o bom-senso.

10. (Técnico Judiciário – Concurso TRE-AL – Cespe – UnB) Na cidade de Atenas, considerava-se cidadão (thetes) qualquer ateniense maior de 18 anos que tivesse prestado serviço militar e que fosse homem livre. Da reforma de Clistenes em diante, os homens da cidade não usariam mais o nome da família, mas, sim, o do demos a que pertenciam. Manifestariam sua fidelidade não mais à família (gens) em que haviam nascido, mas à comunidade (demói) – em que viviam, transferindo sua afeição de uma instância menor para uma maior. O objetivo do sistema era a participação de todos nos assuntos públicos, determinando que a representação popular se fizesse não por eleição, mas por sorteio.
(Internet: http://www.educaterra.terra.com.br/voltaire/politica/democracia2.htm.
Acesso em 16/7/2004 (com adaptações).)
Considerando o texto acima, julgue os itens a seguir.

1.	A estrutura em voz passiva "considerava-se" (l. 1) poderia ser substituída por outra forma de passiva, era considerado, sem comprometer a coerência do texto.
2.	A correção gramatical e a coerência textual seriam mantidas ao se retirar o pronome "que" (l. 2).
3.	O emprego de futuro do pretérito em "usariam" (l. 3) e "Manifestariam" (l. 4) indica que as ações expressas por essas formas verbais devem ser consideradas a partir da "reforma de Clistenes" (l. 2-3).
4.	Por se tratar de uso opcional, a retirada da preposição em "a que" (l. 4) preservaria a correção gramatical e a coerência do texto.
5.	Mantém-se o respeito às regras de regência da forma verbal "transferindo" (l. 6) e à correção gramatical do período ao se substituir a preposição "para" (l. 6) por à.
6.	De acordo com a argumentação do texto, a expressão "instância menor" (l. 6) deve ser compreendida como a comunidade do cidadão.
7.	Depreende-se do texto que a representação popular por meio de sorteio era considerada mais adequada do que a eleição, para propiciar a participação de todos os cidadãos nos assuntos públicos de Atenas.

Gabarito 1: Certo. O comentário é adequado, uma vez que o verbo "considerar" é transitivo direto que, com a presença do pronome apassivador "se", forma a voz passiva sintética. É feita a proposta de alteração para a voz passiva analítica, acrescentando-se o verbo auxiliar "ser" no mesmo tempo da estrutura original, o pretérito imperfeito do indicativo. Sendo assim, está havendo apenas a substituição de uma forma passiva por outra e a coerência textual não fica prejudicada, visto que os tempos verbais são respeitados.
Gabarito 2: Certo. Questão de paralelismo sintático, em que há duas orações subordinadas adjetivas, introduzidas por pronomes relativos, relacionadas a apenas uma oração principal. Como os dois pronomes relativos QUE, na linha 2, são referentes a

"qualquer ateniense maior de 18 anos" (linhas 1-2), basta usar apenas o primeiro, ficando o segundo subentendido. É sempre importante lembrar que, em situações de paralelismo, o elemento repetido pode ser suprimido.
Gabarito 3: Certo. O tempo futuro do pretérito, como a própria nomenclatura sugere, indica uma consequência futura de um fato passado. Fica claro que o fato passado é a "reforma de Clistenes que gera dois efeitos:
"Os homens da cidade não usariam mais o nome da família, mas, sim, o do demos a que pertenciam"; e "manifestariam sua fidelidade não mais à família (*gens*) em que haviam nascido, mas à comunidade (*demói*) em que viviam".
Gabarito 4: Errado. A preposição "a" não pode ser extraída, pois sua ocorrência é exigida pela regência do verbo "pertencer": algo pertencer **a** alguém.
Gabarito 5: Errado. Este comentário nunca poderia ser adequado, visto que não se pode usar "a" com acento grave antecedendo artigo indefinido.
Gabarito 6: Errado. A instância menor, citada no texto, é a família, a que anteriormente o cidadão era fiel e cujo nome usava. Da reforma de Clistenes em diante, o homem passa a usar o nome da comunidade a que pertenciam (demói), sendo fiel a ela.
Gabarito 7: Certo. É cabível inferir do último período "O objetivo do sistema era a participação de todos nos assuntos públicos, determinando que a representação popular se fizesse não por eleição, mas por sorteio." que o sorteio propiciaria participação mais efetiva da comunidade nos assuntos públicos, se comparado ao sistema de eleições.

11. (Administrador – BNDES – NCE) Em texto da *Folha de São Paulo*, um morador das margens de uma grande rodovia declarava o seguinte:
Hoje já passaram por aqui milhares de caminhões e automóveis, mas eu e minha família já estamos habituados com isso; os garotos até brincam, jogando pedra nos pneus.
Há, nesse texto, um conjunto de palavras cujo significado depende da enunciação, ou seja, da situação em que o texto foi produzido. Entre as alternativas abaixo, aquela que indica um termo que não está nesse caso é:
a) hoje;
b) aqui;
c) eu;
d) minha família;
e) isso.
Gabarito: Alternativa E.
Questão que trabalha o plano da enunciação – segundo o **dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**, o significado de *enunciado* é: "Ato individual de utilização da língua pelo falante ao produzir um enunciado num dado contexto comunicativo". A situação referida teve um narrador, ocorreu num determinado tempo e lugar. Se essa mesma estória fosse contada por outro narrador, em lugar diferente e no dia seguinte, por exemplo, várias palavras necessariamente sofreriam alteração: "**Ontem** já passaram por **lá** milhares de caminhões e automóveis, mas **João** e **sua família** já estavam habituados com **isso**; os garotos até brincavam, jogando pedra nos pneus." Pode-se, portanto, observar que o único vocábulo que não sofreu alteração foi "isso".

12. (Administrador – BNDES – NCE) Uma indicação de como tomar-se determinado medicamento registrava: "tomar dois comprimidos, de dois tipos diferentes a cada duas horas". A frase, por ser ambígua, pode gerar confusão: tomar um ou dois comprimidos de cada tipo? A frase abaixo que não traz qualquer possibilidade de ambiguidade é:

a) Pedro e José encontraram-se com João.
b) A perturbação do chefe prejudicou o projeto.
c) O gerente falou com o cliente que mora perto do banco.
d) O funcionário, em sua sala, falou com o chefe.
e) Pedro encontrou o irmão entrando na loja.

Gabarito: Alternativa D.

A alternativa A gera uma dúvida: não se sabe se Pedro e José juntos encontraram-se com João, ou se cada um separadamente encontrou-se com João.

A alternativa B também possui uma ambiguidade: sem contexto, não há como se determinar se o chefe estava perturbando ou sendo perturbado. Inclusive tal situação cria dúvida quanto à função sintática de "do chefe": com valor agente (o chefe perturbando os outros e, por isso, prejudicando o projeto) – adjunto adnominal; com valor paciente (o chefe sendo perturbado e, por isso, prejudicando o projeto) – complemento nominal. Na alternativa C, não fica determinado quem mora perto do banco: o gerente ou o cliente. A opção E apresenta também uma ambiguidade, pois não se sabe quem entrou na loja: Pedro ou o irmão.

Leia o texto abaixo para responder às questões 13 e 14.

Falei de esquisitices. Aqui está uma, que prova ao mesmo tempo a capacidade política deste povo e a grande observação de seus legisladores. Refiro-me ao processo eleitoral. Assisti a uma eleição que aqui se fez em fins de novembro. Como em toda a parte, este povo andou em busca da verdade eleitoral. Reformou muito e sempre; esbarrava-se, porém, diante de vícios e paixões, que as leis não podem eliminar. Vários processos foram experimentados, todos deixados ao cabo de alguns anos. É curioso que alguns deles coincidissem com os nossos de um e de outro mundo. Os males não eram gerais, mas eram grandes. Havia eleições boas e pacíficas, mas a violência, a corrupção e a fraude inutilizavam em algumas partes as leis e os esforços leais dos governos. Votos vendidos, votos inventados, votos destruídos, era difícil que todas as eleições fossem puras e seguras. Para a violência havia aqui uma classe de homens, felizmente extinta, a que chamam pela língua do país, *Kapangas* ou *kapengas*. Eram esbirros particulares, assalariados para amedrontar os eleitores e, quando fosse preciso, quebrar as urnas e as cabeças. Às vezes quebravam só as cabeças e metiam nas urnas maços de cédulas. Estas cédulas eram depois apuradas com as outras, pela razão especiosa de que mais valia atribuir a um candidato algum pequeno saldo de votos que tirar-lhe os que deveras lhe foram dados pela vontade soberana do país. A corrupção era menor que a fraude; mas a fraude tinha todas as formas. Enfim, muitos eleitores, tomados de susto ou de descrença, não acudiam às urnas.

(Machado de Assis. *A semana.* In: *Obra completa*. VIII. Rio de Janeiro: Aguilar. 1973. p. 757)

13. (Analista Judiciário – TRE – RJ – Cespe/UnB) Em relação ao texto, assinale a opção incorreta.

a) Após o termo "uma" (l. 1), subentende-se a elipse da palavra **esquisitice**.

b) Caso a expressão "aqui se faz" (l. 3) seja substituída por **aqui foi feita**, prejudica-se a correção gramatical do período.

c) Em "esbarrava-se" (l. 5), o termo "se" indica indeterminação do sujeito.

d) O emprego da vírgula após "paixões" (l. 5) justifica-se porque a oração subsequente é explicativa.

Gabarito: Alternativa B.

A alternativa A apresenta um comentário correto, visto que o artigo indefinido "uma" realmente sugere a ocorrência do termo presente no período anterior: "Falei de esquisitices. Aqui está uma **esquisitice**". A alternativa B é a resposta. Analisemo-la. O enunciado da questão solicita a opção errada. A substituição "aqui se fez" por "aqui foi feita" é perfeita, uma vez que houve tão-somente a reconstrução da frase com a voz passiva sintética no lugar da analítica, inclusive havendo o cuidado de se conservar o tempo verbal: o pretérito perfeito do indicativo (FEZ – FOI). Como nesta alternativa, está afirmado que a alteração prejudica a correção gramatical, fato que não ocorre, acaba por ser a resposta para o enunciado. A alternativa C apresenta uma assertiva adequada, porquanto o pronome "se", ligado a um verbo intransitivo, na terceira pessoa do singular, com a indefinição (não a inexistência) do autor da ação de "esbarrar", funciona como índice de indeterminação do sujeito. O assunto presente na alternativa D vem sendo bastante explorado pelas bancas. O candidato deve estar sempre atento à ocorrência de pontuação antes de pronome relativo. A palavra seguinte a "paixões" é o relativo "que", o qual, por sua vez, é precedido de vírgula. Não podemos esquecer que pronomes relativos, precedidos de vírgula, travessão ou parênteses, introduzem orações subordinadas adjetivas explicativas. Caso contrário, a oração será subordinada adjetiva restritiva.

14. (Analista Judiciário – TRE – RJ – Cespe/UnB) De acordo com o texto, julgue os itens a seguir.

I. A reiteração da palavra "votos" (l. 10-11) confere ênfase à ideia apresentada no período.

II. Pelos sentidos do texto, conclui-se que a palavras "esbirros" (l. 13) está sendo empregada com o mesmo significado que tem atualmente a palavra capanga.

III. A expressão "lhe foram dados" (l. 18) pode, sem prejuízo para a correção gramatical do período, ser substituída por foram dados a ele.

IV. A palavra "corrupção" (l. 19) está sendo empregada como sinônima de "fraude" (l. 19).

A quantidade de itens certos é igual a:

a) 1;

b) 2;

c) 3;
d) 4.
Gabarito: Alternativa C.
Há três itens corretos.
Item I – correto. Não era necessário o autor do texto escrever três vezes a palavra **votos**. Bastava a primeira. Como o autor reiterou o uso, torna-se evidente sua intenção de enfatizar, destacar a ideia presente naquele período.
Item II – correto. Mesmo que o candidato desconheça o significado da palavra "esbirros", torna-se bastante fácil deduzi-lo. A frase "Eram esbirros particulares, assalariados para amedrontar os eleitores e, quando fosse preciso, quebrar as urnas e as cabeças." possui o objetivo de definir o sentido de "*kapangas*" ou "*kapengas*", ocorrentes no sentido anterior.
Item III – correto. Como o pronome oblíquo é remissivo a "candidato", e o verbo "dar" rege, em referência à pessoa, a preposição "a", não há qualquer inconveniência gramatical ou semântica a substituição proposta.
Item IV – incorreto. A frase "A corrupção era menor que a fraude; mas a fraude tinha todas as formas." apresenta uma comparação entre "corrupção" e "fraude", ou seja, se um elemento é maior ou menor do que o outro, obviamente eles não podem funcionar como o mesmo ser.

Leia o texto abaixo para responder às questões 15 e 16.

Uma das condições principais da pós-modernidade é o fato de ninguém poder ou dever discuti-la como condição histórico-geográfica. Com efeito, nunca é fácil elaborar uma avaliação crítica de uma situação avassaladoramente presente. Os termos do debate, da descrição e da representação são, com frequência, tão circunscritos que parece não haver como escapar de interpretações que não sejam tão autorreferenciais. É convencional nestes dias, por exemplo, descartar toda sugestão de que a "economia" (como quer que se entenda essa palavra vaga) possa ser determinante da vida cultural, mesmo "em última instância". O estranho na produção cultural pós-moderna é o ponto até o qual a mera procura de lucros é determinante em primeira instância.
(David Harvey. *Condição pós-moderna*, p. 301, com adaptações)

15. (AFC – Esaf) Assinale a relação lógica que não se depreende do texto.
a) Ser uma situação presente é causa de não se poder discutir a pós-modernidade.
b) Elaborar uma avaliação crítica implica debater, descrever e representar.
c) Se há produção cultural, há a busca de lucros.
d) Se a pós-modernidade fosse uma condição histórico-geográfica, a economia seria determinante na vida cultural.
e) Interpretações autorreferenciais são frequentes como resultado de avaliações de uma situação presente.
Gabarito: Alternativa D.
A alternativa A apresenta uma dedução correta, visto que a relação causa-efeito se

evidencia nos dois primeiros períodos. Infere-se do verbete que é muito mais fácil proceder a uma avaliação efetivamente crítica dos fatos pretéritos do que dos fatos presentes, então se torna espinhoso discutir a pós-modernidade, pois é justamente a época em que vivemos e, por isso, acabamos não sendo isentos.
A alternativa B é uma inferência do segundo e do terceiro período. "Os termos do debate, da descrição e da representação", que estruturam a elaboração da avaliação crítica, acabam se tornando prejudicados, em virtude de a análise ser relativa a tempo presente.
A alternativa C é uma conclusão do último período. Lá se informa que a mera procura de lucros é determinante em primeira instância na produção cultural pós-moderna.
A alternativa D é a resposta, pois expõe uma inferência inadequada ao texto. Inicialmente não se pode afirmar que a pós-modernidade é uma condição histórico-geográfica, e sim o fato de ninguém poder ou dever discutir a pós-modernidade. Também é indevido concluir do texto que a economia não é determinante na vida cultural, pois a visão não é dele e sim de terceiros (verbo "descartar" no infinitivo impessoal, indeterminando o sujeito da oração): "É convencional nestes dias, por exemplo, descartar toda sugestão de que a "economia" (como quer que se entenda essa palavra vaga) possa ser determinante da vida cultural, mesmo "em última instância". E depreende-se que essa visão errônea de terceiros ocorre justamente pela dificuldade de se ter uma visão crítica dos fatos, quando eles ainda são presentes.
A alternativa E apresenta uma inferência perfeita do verbete, porquanto fica implícito que justamente a dificuldade de se fazer uma análise crítica da pós-modernidade provém do fato de estarmos vivendo esse período, fato que acaba por comprometer o estudo devido justamente ao nosso envolvimento que acaba por excluir a isenção do exame, gerando interpretações autorreferenciais.

16. (AFC – Esaf) Avalie as seguintes afirmações a respeito das estruturas linguísticas do texto para assinalar a opção correta.
I. O singular do verbo da primeira oração do texto deve-se à expressão "Uma das" (l. 1); se, em seu lugar, fossem empregados termos que mantivessem o sujeito no plural, como por exemplo, Entre as, o verbo deveria ser flexionado necessariamente no plural.
II. Na linha 4, a opção pelo verbo "parece", iniciando a oração, exige o emprego de uma forma impessoal de verbo no seu desenvolvimento: daí o uso de singular em "não haver como escapar" (l. 4/5).
III. O emprego da preposição da preposição de é obrigatória antes do pronome relativo "que" (l. 6), pois aí se inicia uma oração subordinada que completa a ideia de "sugestão" (l. 7).
IV. A palavra "mesmo" (l. 7), empregada com valor adverbial de ainda que, sugere que o autor antecipa uma rejeição ao argumento que explicita na oração anterior.
A quantidade de itens corretos é:
a) 0;
b) 1;
c) 2;
d) 3;

e) 4.

Gabarito: Alternativa B (Atenção: gabarito alterado no recurso de C para B)

Item I – Errado. O comentário não é procedente, uma vez que a substituição proposta causa, até mesmo, incoerência. Além disso, o verbo poderia concordar com o termo "o fato".

Item II – Errado – A ocorrência do verbo "parecer" não exige necessariamente a presença de um verbo impessoal, por exemplo: Parece estarem presentes mais pessoas hoje do que ontem.

Item III – Errado. A banca considerou, inicialmente, este item correto, alterando-o após a análise dos recursos. Há alguns problemas importantes a serem examinados: o "que" citado não é pronome relativo, mas sim conjunção integrante; também é interessante observar que, na visão inicial com o item correto, fica indicado que o uso da preposição nas orações completivas nominais seria obrigatória, contrariando, até mesmo, a visão do Cespe-UnB, conforme se evidencia no item 2 da questão 5 deste capítulo.

Item IV – Certo. A assertiva é pertinente, pois é característica da concessão sugerir uma oposição – ou rejeição – ao outro fato exposto.

Leia o seguinte texto para responder à questão 17.

A entrada dos anos 2000 têm trazido a reversão das expectativas de que haveria a inauguração de tempos de fraternidade, harmonia e entendimento da humanidade. Os resultados das cúpulas mundiais alimentaram esperanças que novos tempos trariam novas perspectivas referentes a qualidade de vida e relacionamento humano em todos os níveis. Contudo, o movimento que se observa em nível mundial sinaliza perdas que ainda não podemos avaliar. O recrudescimento do conservadorismo e de práticas autoritárias, efetivadas à sombra do medo, tem representado fonte de frustração dos ideais historicamente buscados.

(Roseli Fischmann, *Correio Braziliense*. 26/8/2002, com adaptações)

17. (Auditor Fiscal da Previdência Social – Esaf) Para que o texto fique gramaticalmente correto é obrigatória:

I. A retirada do acento de "têm" (l. 1).

II. A retirada da preposição antes de "que haveria (l. 1).

III. A inserção da preposição de diante de "que novos tempos" (l. 3).

IV. A inserção do sinal indicativo de crase em "a qualidade" (l. 4).

V. A substituição da expressão "em nível mundial" (l. 5) por mundialmente.

VI. A substituição de "efetivadas" (l. 7) por efetivados.

VII. A inserção do acento circunflexo em "tem" (l. 7).

a) Apenas I e III estão corretos.

b) Apenas I, IV e V estão corretos.

c) Apenas II, III, IV e V estão corretos.

d) Apenas III, IV, V, VI e VII estão corretos.

e) Todos os itens estão corretos.

Gabarito: Alternativa A.

A alteração proposta no item I é obrigatória, visto que o sujeito de "têm trazido" é "A entrada dos anos 2000", cujo núcleo é "entrada", impossibilitando o verbo de flexionar-se no plural.
A alteração proposta no item II não é necessária, visto que "expectativas" rege a preposição DE, EXPECTATIVAS DE...
A alteração proposta no item III é obrigatória na visão da Esaf, contradizendo o Cespe-UnB. Realmente o nome "expectativas" rege a preposição "de"; contudo a sua complementação se dá com uma oração, não com termo não oracional. É normal nas orações subordinadas substantivas objetivas indiretas e completivas nominais, a preposição ser suprimida, como foi mostrado no item 2 da questão 5 deste capítulo. No entanto, a Esaf considera, pelo menos na completiva nominal, obrigatória a inserção da preposição. Observe também o item III da questão 16 deste capítulo.
A alteração proposta no item IV não se faz necessária, porquanto a frase original já está escorreita. Há aqui uma estrutura paralela, em que o autor preteriu o artigo, utilizando, apenas em uma oportunidade, a preposição "A" – exigência de "referentes" – regendo "qualidade de vida" e "relacionamento humano" (observar o item 17 do capítulo 25.4).
A alteração proposta no item V também não é necessária, visto que a estrutura original está correta, e a proposição de reescritura também o está; sendo assim, não é obrigatória a alteração.
A alteração proposta no item VI também não é necessária, já que a construção original está correta.
O adjetivo "efetivadas" concorda atrativamente com "práticas autoritárias", e "efetivados" concorda por soma com "conservadorismo" e "práticas autoritárias".
A alteração proposta no item VII é inadequada, uma vez que o verbo "tem representado" concorda com "recrudescimento", devendo, portanto, flexionar-se no singular, ou seja, sem acento.

18. (Auditor Fiscal do Trabalho – Esaf) Julgue como verdadeiros (V) ou falsos (F) os itens a respeito do texto abaixo.
Uma única inovação ocorrida no século XV teve enorme influência para o progresso, a inclusão social e a redução da pobreza. Foi a invenção do conceito de capital social pelo frei Luca Paccioli, o criador da contabilidade. Antes de Luca Paccioli, um comerciante ou produtor que não pagasse suas dívidas poderia ter todas os bens pessoais, como casa, móveis e poupança, arrestados por um juiz ou credor.
Muitos cientistas políticos e sociólogos usam o termo capital social de forma equivocada, numa tentativa deliberada de confundir o leitor.
(Adaptado de Stephen Kanitz, "O Capital social". *Veja*. 12 de abril, 2006)
( ) Depreende-se da expressão "Uma única inovação" (l. 1) que as demais inovações ocorridas no século XV não resistem até hoje.
( ) Preservam-se a coerência textual e a correção gramatical ao trocar "invenção (l. 2) por <u>criação</u> e "criador" (l. 3) por <u>inventor</u>, respectivamente.
( ) Apesar de se classificar como artigo indefinido, o artigo "um" (l. 3) tem a função de determinar, no texto, "comerciante" (l. 4) e "produtor" (l. 4).

( ) Por integrar uma enumeração, a vírgula depois de "poupança" (l. 5) é facultativa e pode ser suprimida sem que se prejudique a correção gramatical do texto.
( ) Por constituir um valor oposto às informações do primeiro parágrafo, o período final do texto admite ser iniciado pelo conectivo. No entanto, seguido de vírgula, fazendo-se os ajustes nas iniciais maiúsculas.
A sequência correta é:
a) V V F V F
b) F V F F V
c) V F F F V
d) F V V F F
e) F F V V F
Gabarito: Alternativa B.
O primeiro comentário é absurdo, haja vista o descabimento de tal inferência. No início do texto, houve tão somente o destaque ao fato de a invenção do conceito de capital social possuir substanciosa importância para o progresso, a inclusão social e a redução da pobreza, não induzindo à compreensão de inexistirem outras invenções ocorridas no século passado que resistissem até hoje.
O segundo comentário é perfeito, até porque, no contexto, há a sinonímia entre os vocábulos.
O terceiro comentário é incorreto, visto que, como a própria nomenclatura sugere, o artigo indefinido não define, não determina. Observando-se o contexto, fica constatado que qualquer (não um específico ou determinado) comerciante ou produtor que não pagasse suas dívidas poderia ter todos os bens pessoais arrestados.
A afirmação contida no quarto item não se coaduna com a norma gramatical, uma vez que, havendo uma vírgula a finalizar o fragmento intercalado "como casa, móveis e poupança", não pode ser extraída aquela que o inicia.
O último item expõe uma assertiva correta, dado que há uma oposição entre o efetivo significado de capital social, criado por Luca Paccioli, e o sentido errôneo utilizado por muitos cientistas políticos e sociólogos. Sendo assim, é escorreito o uso da conjunção adversativa introduzindo o parágrafo conclusivo.

19. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – NCE) A VERDADE E A FANTASIA – Presidente do TJ/RJ
Um espectro ronda a Justiça brasileira neste final de ano: a Reforma do Judiciário. Espectro porque a realidade do Judiciário e a necessidade da sua reforma foram, nos últimos meses, deformados pelo "manto diáfano da fantasia".
Comemoramos o nosso dia (8 de dezembro) sob o fogo cruzado da má-vontade e da desinformação. O Judiciário não pode ser culpabilizado pelo que a mídia chama com exagero de impunidade. A polícia não prende, não investiga e nós, presos à aplicação da lei, pagamos o pato. Além disso, há um cipoal de leis, medidas provisórias que acabam por atravancar nossos corredores.
Temos oferecido à sociedade ideias e propostas de melhoria da prestação de Justiça. Um exemplo: o julgamento virtual, que acelera a tramitação, elimina papel e dispensa deslocamentos de advogados...

Entre o segundo e o terceiro parágrafos do texto, em função dos significados por eles veiculados, poderíamos inserir o conectivo:
a) apesar de;
b) porque;
c) ainda que;
d) contanto que;
e) nem.
Gabarito: Alternativa A.
Fica claro que a relação existente entre os parágrafos é de concessão: o fato de o Judiciário oferecer à sociedade ideias e propostas de melhorias do seu próprio trabalho não impede que a Justiça seja culpabilizada pelo que a mídia chama de impunidade. Sendo assim, haveria duas alternativas com conectores concessivos: A e C. No entanto, há uma pequena diferença entre os conectores: A locução prepositiva APESAR DE introduz um **fato concreto** que não altera o desfecho; já a locução conjuntiva AINDA QUE introduz um **fato hipotético** que não altera o desfecho. Se o terceiro parágrafo se iniciasse com AINDA QUE, haveria uma pequena alteração do sentido original, visto que não há hipótese, e sim, situação concreta. Não há dúvidas de que o Judiciário tem oferecido ideias e propostas (Apesar de o Judiciário oferecer à sociedade ideias e propostas de melhorias do seu próprio trabalho, a Justiça acaba sendo culpabilizada pelo que a mídia chama de impunidade). Se a resposta fosse "Ainda que o Judiciário ofereça à sociedade ideias e propostas de melhorias do seu próprio trabalho, a Justiça acabará sendo culpabilizada pelo que a mídia chama de impunidade", não haveria a certeza de a Justiça ter oferecido ou não à sociedade ideias e propostas). Caro candidato, nos Capítulos 10.2.2 e 22.7.2, este assunto foi abordado.

20. (AGU – NCE) Os adjetivos são uma classe de palavra que determina palavras em função substantiva e indicam características ou qualidades desses substantivos; o item com um adjetivo sublinhado com valor de característica é:
a) "Há um caminho **simples**: proibir";
b) "Pois cidadãos **responsáveis** e consumidores **conscientes** se forjam com informação";
c) "Não poderia haver reivindicação mais **justa**...";
d) "Sejam elas **ilegais**, **perigosas** ou socialmente condenáveis;
e) Para todo problema **complicado** há uma solução...".
Gabarito: Alternativa D.
O adjetivo com valor de característica é o que possui um atributo objetivo, ou seja, independe da opinião de seu usuário. Perceba que os adjetivos "simples" **(A)**, "responsáveis" **(B),** "conscientes" **(B),** "justa" **(C),** "perigosas" **(D)** e "complicado" **(E)** possuem valor subjetivo, ou seja, é uma adjetivação que sugere a opinião de quem o utiliza; portanto, o que pode ser simples, responsável, consciente, justo, perigoso e complicado para uns, pode não ser necessariamente para outros. Já o adjetivo "ilegais" **(opção D)** é uma adjetivação indiscutível, isto é, não há possibilidade de uma atitude ser considerada legal por uns e ilegal por outros.

21. (Agente de Polícia Federal – Cespe – UnB) A vida humana como valor jurídico

Vivemos sob a égide de uma Constituição que orienta o Estado no sentido da dignidade da pessoa humana, tendo como normas a promoção do bem comum, a garantia da integridade física e moral do cidadão e a proteção incondicional do direito à vida. Essa proteção é de tal forma solene que o atentado a essa integridade eleva-se à condição de ato de lesa-humanidade: um atentado contra todos os homens.

Afirma-se que a Constituição do Brasil protege a vida e que tudo aquilo que soa diferente é contrário ao Direito e por isso não pode realizar-se. Todavia, dizer que a vida depende da proteção da Carta Maior é superfetação porque a vida está acima das normas e compõe todos os artigos, parágrafos, incisos e alíneas de todas as constituintes.

A cada dia que passa, a consciência atual, despertada e aturdida pela insensibilidade e pela indiferença do mundo tecnicista, começa a se reencontrar com a mais lógica de suas normas: a tutela da vida. Essa consciência de que a vida humana necessita de uma imperiosa proteção vai criando uma série de regras que se ajustam mais e mais com cada agressão sofrida, não apenas no sentido de se criar dispositivos legais, mas como maneira de estabelecer formas mais fraternas de convivência. Este, sim, seria o melhor caminho.

Tudo isso vai sedimentando a ideia de que a vida de todo ser humano é ornada de especial dignidade, o que deve ser colocado de forma clara em defesa da proteção das necessidades e da sobrevivência de cada um. Esses direitos fundamentais e irrecusáveis da pessoa humana devem ser definidos por um conjunto de normas que possibilitem que cada um tenha condições de desenvolver suas aptidões e suas possibilidades.

(Internet: http://www.dhnet.org.br/denuncia/tortura/textos/pericia.htm. Acesso em ago./2004 – com adaptações.)

Considerando as ideias e a estrutura do texto acima, julgue os itens de 1 a 5.

1	O texto defende que a sociedade brasileira, apesar de vítima da violência do contexto tecnológico atual, tem por valor superafetado a proteção do direito à vida, garantido constitucionalmente.
2	Entre os pilares que sustentam a Carta Magna brasileira — a dignidade da pessoa, o respeito ao cidadão, a garantia da sua integridade, o fortalecimento do bem comum e o resguardo do direito à vida —, sobreleva-se este último, pela qualidade de incondicional.
3	É redundante afirmar que a Constituição do Brasil dá especial ênfase à defesa à existência no país, uma vez que a vida sobreleva-se a constituições sociais e está pressuposta em vários dispositivos legais.
4	O texto argumenta que é universal e incontestável a consciência de que urge o estabelecimento de formas mais fraternas de convivência no mundo atual.
5	O texto estrutura-se de forma dissertativa, com léxico predominantemente denotativo, apesar de haver palavras empregadas em sentido conotativo, a exemplo de "soa" e "ornada".

Gabarito 1: Errado. O texto informa justamente o contrário, como esclarece o seguinte fragmento: "dizer que a vida depende da proteção da Carta Maior é superfetação (redundância) porque a vida está acima das normas e compõe todos os artigos, parágrafos, incisos e alíneas de todas as constituintes". Observe que no texto original, a palavra é "superfetação" que significa redundância, pleonasmo. No item, já aparece "superafetado", alterando completamente o sentido do texto. Portanto, a vida encontra-se sobre as normas.

Gabarito 2: Certo. Em conformidade com o texto, observa-se que a proteção incondicional do direito à vida é de tal forma solene que o atentado a essa integridade eleva-se à condição de ato de lesa-humanidade: um atentado contra todos os homens.
Gabarito 3: Errado. Realmente há redundância em tal atitude, no entanto a causa apontada é errada. "A vida sobreleva-se **às normas (não a constituições sociais)** e compõe todos os artigos, parágrafos, incisos e alíneas de todas as constituintes".
Gabarito 4: Errado. Não há no texto qualquer referência à necessidade de se ter percepção de que urge o estabelecimento de formas mais fraternas de convivência no mundo atual, mas sim de que é fundamental a concepção de que a vida humana precisa ser efetivamente protegida, sobretudo em virtude da consciência atual, que se encontra despertada e aturdida pela insensibilidade e pela indiferença do mundo tecnicista.
Gabarito 5: Certo. O texto é dissertativo, dado que nele está exposta a opinião do autor, seguida de argumentação que a defende. O vocabulário utilizado é predominantemente dissertativo, ou seja, as palavras não são utilizadas no sentido figurado, exceto "soa" e "ornada", cujos significados oficiais são respectivamente: ornamentar, enfeitar, adornar; emitir ou produzir som. No entanto, os vocábulos foram utilizados nos seguintes sentidos: que se fala, que se diz; é baseada, é fundamentada.

O Presidente da República, no uso da atribuição que lhe confere o art. 55, item I, da Constituição Federal, DECRETA:
Art. 1º. A Carreira Policial Federal far-se-á nas categorias funcionais de Delegado de Polícia Federal, Perito Criminal Federal, Censor Federal, Escrivão de Polícia Federal, Agente de Polícia Federal e Papiloscopista Policial Federal, mediante progressão funcional, de conformidade com as normas estabelecidas pelo Poder Executivo.
Art. 2º. A hierarquia na Carreira Policial Federal se estabelece primordialmente das classes mais elevadas para as menores e, na mesma classe, pelo padrão superior.
Art. 3º. O ingresso nas categorias funcionais da Carreira Policial Federal ocorrerá sempre no padrão I das classes iniciais, mediante nomeação ou progressão funcional.
(Internet: http://www.apcf.org.br. Acesso em ago./2004 – com adaptações.)
Quanto ao texto acima, julgue os itens a seguir.

6	A colocação e a grafia de "DECRETA:" e a repetição de "Art." nos parágrafos, alterando o padrão regular, indica que se trata de um tipo específico de redação: é um texto legal, oficial.
7	No "Art. 1º.", a expressão verbal "far-se-á" equivale, sintática e semanticamente, ao desdobramento é feita.
8	No texto, as expressões grafadas com inicial maiúscula constituem unidades de sentido, classificadas como substantivos compostos, em que o recorrente adjetivo "Federal" faz parte do nome próprio.
9	A palavra "mediante", nos arts. 1º e 3º, está empregada com o sentido de por intermédio de.
10	Confrontando a redação dos dois últimos períodos, constata-se não haver paralelismo sintático com referência ao tempo verbal, uma vez que em um está sendo empregado o presente e no outro, o futuro do presente do modo indicativo.

Gabarito 6: Certo. Trata-se efetivamente de redação oficial, em que o texto é caracterizado pela impessoalidade – os verbos são empregados na pessoa neutra, ou seja, a terceira pessoa do singular – e segue o padrão das normas da ABNT.
Gabarito 7: Errado. A equivalência sintática ocorre, visto que apenas está havendo alteração da voz passiva sintética para analítica. Contudo, semanticamente os sentidos

diferem-se porquanto, na frase original, está sendo utilizado o futuro do presente do indicativo e, na reescritura, o presente do indicativo.
Gabarito 8: Certo. A Polícia Federal é um órgão, portanto o substantivo **Polícia** e o adjetivo **Federal** juntos formam apenas uma unidade significativa, caracterizando a composição. Tal ocorre também em todos os outros exemplos.
Gabarito 9: Certo. A ideia de meio se faz presente, também sendo cabível a substituição por "através de".
Gabarito 10: Certo. O paralelismo prevê equivalência sintática, portanto as estrutura devem ser similares e, consequentemente, os verbos deveriam ocorrer no mesmo tempo.

Ben Hur, um senhor de aspecto venerando, prepara-se para comemorar os seus 86 anos de vida. Homem grande e de olhar calmo, perito aposentado da Polícia Federal, é um perito à moda antiga: entrou para a Polícia Federal em 1955, após um curso ministrado pelo PCF Villanova (hoje, uma referência para os profissionais da área).
Foram 71 anos dedicados ao serviço público, pois antes trabalhou como guarda civil patrulhando o trânsito em uma motocicleta. Uma de suas memórias mais queridas foi ter participado da inauguração de um dos maiores estádios de futebol do mundo – o Maracanã –, em 1950.
A Polícia Federal foi minha casa, minha vida, orgulha-se o perito aposentado. Ele diz ainda que gostava muito do trabalho que realizava: "Fazia com muito amor e respeito".
Das 1.260 perícias realizadas, nenhum laudo cancelado. "Apenas um foi contestado, mas fui ao juiz e expliquei tudo. Deu tudo certo", afirmou. Ben Hur lembra que as técnicas periciais eram outras.
"A perícia no meu tempo era feita à mão. Também não tínhamos máquina fotográfica para auxiliar no trabalho", disse ele. Entre uma lembrança e outra, não esquece de elogiar seus atuais colegas. "Os peritos sempre foram muito respeitados".
Depois de tantos anos servindo a sociedade, hoje o perito aposentado aproveita seu descanso curtindo os netos, sem nunca deixar de reverenciar a querida esposa, falecida no início da década de 90, a quem ele, até hoje, dedica muito amor e carinho.
(*Idem*, *ibidem* – com adaptações.)
Os fragmentos seguintes, na ordem em que são apresentados, correspondem a reescrituras sucessivas dos parágrafos do texto acima. Julgue-os quanto à correção gramatical e à manutenção das ideias originais.

11	Ben Hur, um senhor de olhar calmo e venerável aparência, perito aposentado, ingressou na Polícia Federal à maneira de antigamente: depois de um curso ministrado por um profissional mais experiente que hoje é considerado uma referência na área da perícia.
12	Ben Hur trabalhou, inicialmente como guarda-civil, patrulhando o trânsito de motocicleta. Desta época, uma de suas recordações mais queridas foi ter tomado parte da inauguração do Maracanã, em 1950.
13	O perito aposentado afirmou, vaidosamente, que a Polícia Federal era a sua casa, a sua vida, e que apreciava muito da atividade que realizava com amor e respeito. Não teve cancelado sequer um dos mil, duzentos e sessenta laudos periciais realizados; apenas uma vez foi contestado, mas ele foi ao juiz e explicou tudo, saindo vitorioso ao final.
14	As técnicas periciais antigamente eram outras: a perícia era feita à mão, não existiam máquina fotográfica para auxiliar o trabalho; mesmo assim, os peritos sempre eram muito elogiados.
	Por ser uma pessoa muito afetuosa, Ben Hur serviu à sociedade brasileira muitos anos, e agora, aposentado, aproveita o

15	descanso, para cuidar dos netos e lembrar da querida esposa, falecida no início dos anos 90, cujo carinho e amor, até hoje, ele dedica.

Gabarito 11: Certo. Os vocábulos "venerando" e "venerável" são sinônimos tais quais "aspecto" e "aparência". Ben Hur é um perito à moda antiga, visto que ingressou no órgão à moda antiga, isto é, fazendo um curso com o perito Villanova – donde é cabível inferir que se para ingressar na função de perícia da Polícia Federal era necessário fazer um curso com Villanova, é porque este obviamente era mais experiente do que aquele. Por fim, também ficou explícito no período que Villanova é ainda hoje uma referência para os peritos.
Gabarito 12: Errado. Não é necessário proceder a grandes análises. Logo no início do período há uma falha de pontuação: já que foi utilizada uma vírgula antes do adjunto adverbial "inicialmente", que se encontra intercalado, deveria haver outra após.
Gabarito 13: Errado. Há falha de regência, pois o verbo "apreciar" é transitivo direto, não admitindo, pois, a presença da preposição DE.
Gabarito 14: Errado. Há falha de concordância verbal, pois, sendo o sujeito de "existiam" "máquina fotográfica", o verbo deveria encontrar-se no singular.
Gabarito 15: Errado. Há falha de regência verbal e de uso de pronome relativo. Os verbos "lembrar", "recordar" e "esquecer" regem a preposição "de" quando forem pronominais. Portanto, haveria duas formas de escrever o período: "lembrar-se da querida esposa" ou "lembrar a querida esposa". A utilização de "cujo" não é cabível, até por não haver a ideia de posse, devendo ser substituído por "a quem" ou "à qual". A preposição A é exigida pela regência do verbo "dedicar": dedicar carinho e amor **à** esposa.

22. (Delegado de Polícia Federal – Cespe – UnB) A análise que a sociedade costuma fazer da violência urbana é fundamentada em fatores emocionais, quase sempre gerados por um crime chocante, pela falta de segurança nas ruas do bairro, por preconceito social ou por discriminação. As conclusões dos estudos científicos não são levadas em conta na definição de políticas públicas. Como reflexo dessa atitude, o tratamento da violência evoluiu pouco no decorrer do século XX, ao contrário do que ocorreu com o tratamento das infecções, do câncer ou da Aids. Nos últimos anos, entretanto, estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais precisos para avaliar a influência dos fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes sociais da violência urbana: pobreza, impunidade, acesso a armamento, narcotráfico, intolerância social, ruptura de laços familiares, imigração, corrupção de autoridades ou descrédito na justiça.
(Dráuzio Varella. Internet: http://www.drauziovarella.com.br – com adaptações.)
Em relação ao texto acima, julgue os itens que se seguem.

1	As informações do texto indicam que, além da consideração de "fatores emocionais" (l. 2) que geram violência, as políticas públicas voltadas para a segurança dos cidadãos baseiam-se frequentemente nas "conclusões dos estudos científicos" (l. 4) que focalizam esse tema.
2	A expressão "Como reflexo dessa atitude" (l. 5) introduz uma ideia que é uma consequência em relação à informação antecedente. Portanto poderia, sem prejuízo da correção e do sentido do texto, ser substituída pela palavra Consequentemente.
	A substituição do termo "estão sendo desenvolvidos" (l. 7-8) por estavam se desenvolvendo provoca alterações estruturais

3	sem alterar semanticamente a informação original nem transgredir as normas da escrita culta.
4	Na linha 9, o emprego do sinal indicativo de crase em "às raízes" justifica-se pela regência de "associados" e pela presença de artigo; o sinal deveria ser eliminado caso o artigo fosse suprimido.
5	Na linha 10, estaria gramaticalmente correta a inserção, entre a palavra "urbana" e o sinal de dois-pontos, de qualquer uma das seguintes expressões, antecedidas de vírgula: como, tais como, quais sejam, entre as quais se destacam.
6	É correto inferir do texto que houve evolução no tratamento de certas doenças porque estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais exatos para avaliar seus fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes da violência.

Gabarito 1: Errado. Na definição de políticas públicas, somente são levados em conta fatores emocionais que geram violência, não se dando importância às conclusões dos estudos científicos.

Gabarito 2: Certo. Reflexo, nesse contexto, é sinônimo de efeito, consequência. O termo "dessa atitude" é remissivo ao fato exposto no período antecedente. Destarte, "As conclusões dos estudos científicos não são levadas em conta na definição de políticas públicas" são as causas de "o tratamento da violência evoluir pouco no decorrer do século XX".

Gabarito 3: Errado. Não há alterações estruturais, uma vez que apenas ocorreu a transposição da voz passiva analítica para voz passiva sintética. No item, também é informado que não ocorreu alteração de ordem semântica, o que é uma inverdade: "estão sendo desenvolvidas" indica um fato presente; "estavam se desenvolvendo" indica um fato pretérito.

Gabarito 4: Certo. A regência do adjetivo "associados" exige a preposição "a" e, como o artigo é geralmente facultativo antes de substantivo no plural, pode-se construir a estrutura das seguintes formas: "associados às" e "associados a".

Gabarito 5: Certo. Observe que as inserções mantêm a correção gramatical e o sentido do texto: "Nos últimos anos, entretanto, estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais precisos para avaliar a influência dos fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes sociais da violência urbana**, como**: pobreza, impunidade, acesso a armamento, narcotráfico, intolerância social, ruptura de laços familiares, imigração, corrupção de autoridades ou descrédito na justiça."; "Nos últimos anos, entretanto, estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais precisos para avaliar a influência dos fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes sociais da violência urbana**, tais como**: pobreza, impunidade, acesso a armamento, narcotráfico, intolerância social, ruptura de laços familiares, imigração, corrupção de autoridades ou descrédito na justiça."; "Nos últimos anos, entretanto, estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais precisos para avaliar a influência dos fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes sociais da violência urbana**, quais sejam**: pobreza, impunidade, acesso a armamento, narcotráfico, intolerância social, ruptura de laços familiares, imigração, corrupção de autoridades ou descrédito na justiça."; "Nos últimos anos, entretanto, estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais precisos para avaliar a influência dos fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes sociais da violência urbana**, entre as quais se destacam**: pobreza, impunidade, acesso a armamento, narcotráfico, intolerância social, ruptura de laços familiares, imigração, corrupção de autoridades ou descrédito na

justiça.”.

Gabarito 6: Errado. A evolução de que trata esse item é referente à evolução do tratamento da violência nos últimos tempos, passando a levar em consideração as análises científicas mais precisas capazes de avaliar a influência dos fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes sociais da violência urbana.

Diversos municípios brasileiros, especialmente aqueles que se urbanizaram de forma muito rápida, não oferecem à população espaços públicos para a prática de atividades culturais, esportivas e de lazer. A ausência desses espaços limita a criação e o fortalecimento de redes de relações sociais. Em um tecido social esgarçado, a violência é cada vez maior, ameaçando a vida e enclausurando ainda mais as pessoas nos espaços domésticos.

(Internet: http://www.polis.org.br – com adaptações.)

Considerando o texto I, julgue os seguintes itens.

7	A expressão “tecido social esgarçado” (l. 4) está empregada em sentido figurado e representa a ideia de que as estruturas sociais estão fortalecidas em suas instituições oficiais.
8	A inserção da palavra consequentemente, entre vírgulas, antes de “cada vez” (l. 5) torna explícita a relação entre ideias desse período e aquelas apresentadas anteriormente no texto.
9	A expressão “ainda mais” (l. 5) reforça a ideia implícita de que há dois motivos para o enclausuramento das pessoas: a falta de espaços públicos que favoreçam as relações sociais com atividades culturais, esportivas e de lazer e o aumento da ameaça de violência.

Gabarito 7: Errado. É fato que “tecido social esgarçado” está sendo utilizado conotativamente, no entanto o sentido contextual indicado não está correto. O termo, no texto, significa estrutura social rompida, desgastada.

Gabarito 8: Certo. Existe a relação causa-efeito entre haver “um tecido social esgarçado” e consequentemente “a violência ser cada vez maior”.

Gabarito 9: Certo. Realmente a falta de espaços públicos que favoreçam as relações sociais com atividades culturais, por si só, já geraria o enclausuramento das pessoas. Além disso, ainda ocorre o aumento da violência, criando mais um motivo para as pessoas não saírem de suas casas.

Entre os primatas, o aumento da densidade populacional não conduz necessariamente à violência desenfreada. Diante da redução do espaço físico, criamos leis mais fortes para controlar os impulsos individuais e impedir a barbárie. Tal estratégia de sobrevivência tem lógica evolucionista: descendemos de ancestrais que tiveram sucesso na defesa da integridade de seus grupos; os incapazes de fazê-lo não deixaram descendentes. Definitivamente, não somos como os ratos.

(Dráuzio Varella. Internet: http://www.drauziovarella.com.br – com adaptações.)

Acerca dos textos I e II, julgue os itens a seguir.

10	Tanto no texto I como no II, a questão do espaço físico como um dos fatores intervenientes no processo de intensificação da violência é vista sob o prisma da densidade populacional excessiva.

11	Como a escolha de estruturas gramaticais pode evidenciar informações pressupostas e significações implícitas, no texto II, o emprego da forma verbal em primeira pessoa — "criamos"— autoriza a inferência de que os seres humanos pertencem à ordem dos primatas.
12	Por funcionar como um recurso coesivo de substituição de ideias já apresentadas, no texto II, a expressão "Tal estratégia de sobrevivência" retoma o termo antecedente "violência desenfreada".

Gabarito 10: Errado. A ideia indicada no item vai ao encontro da exposta no texto I, no entanto o texto II a contradiz: "Entre os primatas, o aumento da densidade populacional não conduz necessariamente à violência desenfreada.". E como os homens descendem desses primatas, obtiveram sucesso na defesa da integridade de seus grupos.
Gabarito 11: Certo. É possível inferir tal informação, já que o aumento da densidade populacional, entre os primatas, não conduz necessariamente à violência desenfreada e, por isso, criamos (inclui autor, leitores e todos os seres humanos – primatas são os macacos, os antropóides e os homens) leis mais fortes para controlar os impulsos individuais e impedir a barbárie.
Gabarito 12: Errado. "Tal estratégia de sobrevivência" é remissivo à criação de leis mais fortes para controlar os impulsos individuais e impedir a barbárie.

Os fragmentos contidos nos itens subsequentes foram adaptados de um texto escrito por Ângela Lacerda para a Agência Estado. Julgue-os quanto à correção gramatical.

13	O programa Escola Aberta, que usa as escolas nos fins de semana para atividades culturais, sociais e esportivas de alunos e jovens da comunidade reduziu os índices de violência registrados nos estabelecimentos e melhorou o aproveitamento escolar.
14	Em Pernambuco e no Rio de Janeiro, primeiros estados a adotarem o programa recomendado pela Unesco, o índice de redução de criminalidade para as escolas que implantaram o Escola Aberta desde o ano 2000 foi de 60% em relação às escolas que não o adotaram.
15	A maior redução da violência observada nos locais onde o programa tem mais tempo de existência mostram, segundo a Unesco, que os resultados vão se tornando melhores a longo prazo, ou seja, a proporção que a comunidade se apropiaria do programa.

Gabarito 13: Errado. A oração subordinada adjetiva explicativa está intercalada e é iniciada com vírgula no início, contudo não é concluída com o mesmo sinal de pontuação.
Gabarito 14: Certo. Não há qualquer falha de ordem gramatical.
Gabarito 15: Errado. Há três falhas: a forma verbal "mostram" deveria estar no singular, concordando com "a maior redução da violência"; "a proporção que" deveria estar com acento grave: À PROPORÇÃO QUE; e a ortografia de "apropiaria", sendo APROPRIARIA a forma correta.

23. (MPOG) Assinale a opção correta a respeito do uso das estruturas linguísticas no texto.
Os economistas brasileiros se concentram, no exame das causas da crise, na proposta de meios e modos de contorná-la. Com isso, não levam em conta dois pontos. O primeiro é que as medidas contra a crise, que vêm sendo adotadas tanto em países subdesenvolvidos como desenvolvidos, são fundamentalmente corretas. O segundo ponto é que a crise atual, como todas as anteriores, acabará, mais cedo ou mais tarde, por ser corrigida. E, quando isso ocorrer, se voltará às fórmulas neoliberais apenas com regulamentação mais estrita da atividade bancária.

(Adaptado de João Paulo Magalhães, *O que fazer depois da crise*. Correio Braziliense, 12 de setembro, 2009)

a) Seriam preservadas a correção gramatical e a coerência do texto ao usar o pronome em "contorná-la"(ℓ.2) antes do verbo, escrevendo: **modos de a contornar**.

b) Para evitar as três ocorrências consecutivas de "que" (ℓ.3 e 5), a retirada dessa conjunção antes de "a crise atual"(ℓ .5) manteria a correção gramatical e a coerência do texto.

c) Na linha 3, o acento circunflexo em "vêm" indica que a concordância se faz com "medidas", mas estaria igualmente correto e coerente com a argumentação escrever o verbo sem acento, optando, então, pela concordância com "crise".

d) O pronome em "quando isso"(ℓ.6) resume e retoma, em relações de coesão, o mesmo referente do pronome em "Com isso"(ℓ.2), ou seja, o exame da crise feito pelos economistas.

e) Seriam respeitadas as regras gramaticais e as relações entre os argumentos ao empregar o verbo em "se voltará"(ℓ.6) no plural, escrevendo **voltarão-se**.

Gabarito: Alternativa A

O único impedimento para o emprego da próclise é se o pronome oblíquo iniciar oração, o que não é o caso. Portanto, tanto se pode trabalhar com a próclise como com a ênclise, estando as construções MODOS DE CONTORNÁ-LA ou MODOS DE A CONTORNAR corretas.

Na alternativa B, para que seja suprimida a conjunção integrante, seria necessário reduzir a oração e transpor a forma verbal SÃO para o infinitivo: O primeiro é as medidas ... serem fundamentalmente corretas.

O início do comentário na alternativa C está correto. No entanto, a sequência apresenta comentário errado, pois se VEM estiver no singular, haveria incoerência e falha de concordância nominal, pois "adotadas" também deveria ocorrer no singular. Além disso, a intelecção do período seria absurda: A CRISE VEM SENDO ADOTADAS.

A alternativa D apresenta falha de coesão, pois o termo ISSO, nas duas ocorrências, é remissivo a termos distintos: No primeiro caso, refere-se a "Os economistas brasileiros se concentram, no exame das causas da crise, na proposta de meios e modos de contorná-la."; Já, no segundo caso, refere-se a "O segundo ponto é que a crise atual, como todas as anteriores, acabará, mais cedo ou mais tarde, por ser corrigida.".

Na alternativa E, há falha grosseira: verbos no futuro do presente do indicativo nunca admitem ênclise.

24. (APOFP) Em relação ao texto abaixo, assinale a opção correta.

A invasão israelense intensifica o ambiente de privações e ameaças à integridade física em que vivem os habitantes de Gaza. Além dos intensos bombardeios aéreos, que mataram centenas de palestinos – entre eles várias mulheres e crianças –, faltam víveres e medicamentos, e os cortes no fornecimento de água e luz são constantes. Ao que consta, pois Israel impede a entrada da imprensa no território invadido, o objetivo inicial da ação terrestre é isolar o norte da faixa litorânea, de onde parte a maioria dos ataques com foguetes contra o sul israelense, do restante do território palestino. A

cidade de Gaza, com mais de 400 mil habitantes, foi sitiada. Além dos intoleráveis danos, humanos e materiais, que impõe aos palestinos, o estrangulamento militar desfechado por Israel está repleto de incertezas quanto à sua eficácia.
(*Folha de S. Paulo*, Editorial, 5/1/2009)
a) O sinal indicativo de crase em "à integridade"(ℓ.1) justifica-se pela regência de "intensifica"(ℓ.1) e pela presença de artigo definido feminino singular.
b) O segmento "de onde parte a maioria dos ataques com foguetes contra o sul israelense"(ℓ.6 e 7) está entre vírgulas por tratar-se de oração subordinada adjetiva explicativa.
c) O emprego de vírgula após "aéreos"(ℓ.2) justifica-se para isolar a oração de natureza restritiva subsequente.
d) A expressão "Ao que consta"(ℓ.5) indica que os autores têm certeza absoluta da informação apresentada.
e) O pronome relativo "que"(ℓ.2) retoma o sentido do termo antecedente: "integridade física".
Gabarito : Alternativa B.
Na alternativa A, há comentário incorreto visto que a presença da preposição A é decorrente da regência de AMEAÇAS.
O comentário da alternativa B é perfeito, pois ONDE – por poder ser substituído por O QUAL, formando DO QUAL – é pronome relativo antecedido de vírgula, caracterizando a oração subordinada adjetiva explicativa.
Já o comentário da alternativa C é absurdo, uma vez que a presença da vírgula nunca poderá indicar a presença de uma restrição. É justamente o oposto: a ausência da pontuação é que poderá caracterizar a restrição.
A alternativa D apresenta comentário inadequado, porquanto o autor, ao empregar a expressão "ao que consta" sugere ser uma informação de terceiros pela qual ele não se responsabiliza. Sendo assim, fica no campo da possibilidade, da hipótese, e não da certeza.
A alternativa E também apresenta comentário errado, pois o pronome relativo refere-se a "ambiente", inclusive podendo ser substituído por O QUAL, formando NO QUAL.

25. (AFTE-RN – Esaf) Marque a assertiva errada em relação ao seguinte texto:
O momento é de resgatar a essências, guiar-se pelo bom-senso e praticar a ética junto a consumidores, fornecedores, acionistas e comunidade. Num mundo estarrecido pelas guerras, pelo terrorismo e pelo imperialismo a qualquer preço, ganham admiração o diálogo, a transparência e a contribuição para uma sociedade melhor. Fora e dentro do meio empresarial.
a) Seria também correto escrever-se: o momento é de se resgatarem as essências.
b) Em "praticar a ética" seria correto empregar-se um índice de indeterminação do sujeito.
c) A preposição em "a consumidores" poderia ser contraída ao artigo definido masculino plural.
d) A forma "num" como em "num mundo" só poderia ser empregada em linguagem oral.

e) A forma verbal "ganham" poderia estar corretamente flexionada no singular.
Gabarito: Alternativa D.
Alternativa A. O comentário é correto, uma vez que, ao se acrescentar o pronome "se" à forma verbal "resgatarem", o termo "as essências", que funcionava como objeto direto, passa a ser sujeito, fazendo com que o verbo também se flexione.
Alternativa B. Alternativa polêmica, porquanto, havendo o acréscimo do pronome "SE", não ocorre a indeterminação do sujeito, e sim a voz passiva sintética: "praticar-se a ética". Sob o ponto de vista semântico, o agente da ação de "praticar" está indeterminado, contudo o sujeito sintático passa a ser "a ética", tal qual aconteceu na alternativa A. Inclusive, passando-se o termo "a ética" para o plural, a forma verbal "praticar" deve acompanhar: "praticarem-se as éticas". Caro candidato, esta situação já foi explorada em outras provas realizadas pela Esaf, portanto você deve ter cuidado sempre que o verbo transitivo direto (na terceira pessoa do singular) estiver acompanhado do pronome SE. É possível que a Esaf classifique o SE como pronome apassivador, sendo o termo paciente sujeito; como também é possível que o classifique como índice de indeterminação do sujeito, tornando-se, por conseguinte, o sujeito indeterminado.
Alternativa C. Questão de paralelismo sintático, em que tanto se pode usar apenas a preposição "a" antes do bloco de termos que complementam a ideia de "junto" como também se pode empregar a preposição "a" combinada ao "os" (aos) antes do bloco: "aos consumidores, fornecedores, acionistas e comunidade". Ocorrem duas outras possibilidades de reescritura; pode haver a utilização apenas da preposição antes de cada termo: "a consumidores, a fornecedores, a acionistas e a comunidade"; pode haver a combinação de preposição e artigo antes de cada termo: "aos consumidores, aos fornecedores, aos acionistas e à comunidade".
Alternativa D: A combinação da preposição com artigo indefinido, não funcionando como sujeito, é de caráter facultativo. Destarte, tal emprego é correto não apenas na linguagem oral, mas também na escrita.
Alternativa E: Quando o verbo encontra-se antes de sujeito composto, tanto poderá concordar com a soma dos núcleos, conforme se observa no texto original, como poderá concordar com o mais próximo, consoante se propõe na alternativa.

26. (Auditor-Fiscal do Trabalho – Esaf) Assinale a opção de proposta de alteração para o texto que resulta em erro gramatical e/ou incoerência textual.
No atual estágio da sociedade brasileira, se se deseja um regime democrático, não basta abolir a necessidade de bens básicos. É necessário que o processo produtivo seja capaz de continuar, com eficiência, a produção e a oferta de bens considerados supérfluos. Em se tratando de um compromisso democrático, uma hierarquia de prioridades deve colocar o básico sobre o supérfluo. O que deve servir como incentivo para a proposta de casar democracia, fim da apartação e eficiência econômica em geral é o fato de que o potencial econômico do país permite otimismo quanto à possibilidade de atender todas essas necessidades, dentro de uma estratégia em que o tempo não será muito longo.

(Adaptado de Cristovam Buarque. *Da modernidade técnica à modernidade ética*, p. 29)
a) Substituir a relação expressa por "em que o tempo" (l. 18 e 19) pela relação expressa por **cujo tempo**.
b) Inserir o pronome indicativo de indeterminação de sujeito depois de "abolir"(l. 3), resultando em: **abolir-se**.
c) Retirar a preposição da expressão "Em se tratando" (l. 8), deslocando-se o pronome para depois do verbo e fazendo-se os ajustes nas iniciais maiúsculas; o que resulta em **Tratando-se**.
d) Inserir a preposição **a** antes de "todas essas necessidades"(l. 17).
e) Substituir o conectivo de valor condicional "se" (l. 2) por **caso**, resultando em: **caso se**.
Gabarito: Alternativa E.
A substituição de **se** por caso, levando à estrutura **caso se**, exigiria a alteração do tempo verbal do presente do indicativo – deseja – para o presente do subjuntivo – deseje.
As demais opções.
a) A substituição de **em que o** por **cujo** mantém a correção gramatical.
b) Inserir a partícula **se** após **abolir**, resultando em **abolir-se**, não provoca erro gramatical; mas, de acordo com as melhores gramáticas, essa partícula é **um pronome apassivador** e não "pronome indicativo de indeterminação do sujeito". O pronome indica a indeterminação do agente da ação verbal. Ainda segundo o entendimento gramatical predominante, com verbos que não admitem voz passiva, indicará a indeterminação do sujeito da voz ativa; com verbos que admitem voz passiva, indicará a indeterminação do agente da passiva. Essa divergência entre o entendimento da Esaf e o das gramáticas normalmente indicadas como modelo – Celso Cunha, Rocha Lima, Evanildo Bechara, Domingos Paschoal Cegalla etc. – pode também ser verificada na prova **da Enap**, a seguir.
c) A preposição "em" antes de gerúndio força a próclise; se a retirarmos, o verbo "tratando" iniciará o período, tornando a ênclise obrigatória, pois não é admitido pela norma culta que pronome oblíquo inicie frase ou período .
d) O verbo atender admite duas regências: transitivo direto ou transitivo indireto regendo a preposição a.

Leia o texto abaixo para responder à questão 27
As pesquisas desenvolvidas nos vários centros nacionais e internacionais, tanto em animais quanto em seres humanos, têm demonstrado que o tratamento regenerativo com células-tronco está deixando de ser uma utopia, podendo tornar-se importante recurso para o tratamento de diversas doenças. As pesquisas mostram que essas células têm potencial capaz de reparar as alterações determinadas pelas doenças que provocam perda ou diminuição da capacidade funcional de determinados órgãos do nosso corpo. Assim, especula-se que os transplantes de células-tronco possam vir a beneficiar doenças do coração, doenças neurovegetativas, degeneração celular ligada ao envelhecimento e a tratar certas formas de câncer, como as leucemias.
(*O Globo*, 11/3/2006. José Barbosa Filho e Roberto Benchimol Barbosa)

27. (Enap – Esaf) Assinale a opção correta em relação às formas verbais do texto.
a) "Têm"(l. 4) está no plural para concordar com "seres humanos".
b) "Está deixando de ser" (l. 5 e 6) concorda com "células-tronco".
c) "Provocam" (l. 12) está no plural para concordar com "pesquisas"(l. 9).
d) "Especula-se"(l. 14/15) apresenta sujeito explícito.
e) "A tratar" (l. 19) forma locução verbal com "possam vir"(l. 16).
Gabarito: Alternativa E.
Alternativa A: "Têm" (l. 3) está no plural para concordar com o núcleo do sujeito "pesquisas" (l. 1).
Alternativa B: O comentário realizado não poderia estar correto jamais, visto que um verbo não pode estar flexionado no singular (está deixando de ser) com objetivo de concordar com um termo no plural (células-tronco). Nem há necessidade de retornar ao texto.
Alternativa C: O sujeito de provocam (l. 9) é o pronome relativo "que", cujo antecedente é "doenças".
Alternativa D: Alternativa polêmica. Mais uma vez a Esaf classifica o pronome apassivador SE como índice de indeterminação do sujeito. O verbo "especular" é transitivo direto que, atrelado ao pronome SE, caracteriza a voz passiva sintética, fazendo com que a oração seguinte, que se classificaria como objetiva direta, se transforme em subjetiva. Sendo assim, a oração iniciada através da conjunção integrante "que" (l. 11) funciona como sujeito da oração anterior. No entanto, é sempre bom lembrar, como já ocorrera em outras provas, que a construção de verbo na terceira pessoa do singular, mesmo sendo transitivo direto, atrelado ao pronome SE, e estando o agente da ação indeterminado, é considerada, por vezes, pela Esaf não como formadora de voz passiva sintética, mas sim de voz ativa, classificando-se o SE como índice de indeterminação do sujeito e, consequentemente, o sujeito passa a ser indeterminado.
Alternativa E: O termo "a tratar" (l. 14), assim como "a beneficiar", forma com os auxiliares "possam vir" uma locução.

28. (Sefaz-MG – NCE – 2007) O item cuja reformulação ALTERA o sentido original do segmento é:
a) "Os tempos mudam" – mudam os tempos.
b) "... os astrônomos descobrem novos objetos" – novos objetos são descobertos pelos astrônomos.
c) "... de que se suspeitava" – do que era suspeitado.
d) "... ele é apenas um dentre inúmeros universos" – dentre inúmeros universos ele é somente um.
e) "... como uma bolha em um enorme tanque borbulhante de cerveja" – como uma bolha de cerveja em um enorme tanque borbulhante.
Gabarito: Alternativa E.
É fundamental você atentar-se ao comando da questão. Exige-se uma alternativa em que haja alteração do sentido original. O candidato é induzido a marcar a opção C, visto que o erro gramatical é crasso. Contudo, é imperioso repetir, não se pede erro

gramatical. Apesar de a alternativa C apresentar falha grosseira, não se pode aduzir que a ideia original foi alterada. Já na alternativa E, tal ocorre. Na frase original, "o tanque é que é de cerveja"; já na reescritura, "a bolha é que passa a ser de cerveja".

29. (Eletronuclear – NCE) "A febre é um sinal de alerta de que algo vai mal no organismo." Uma maneira ERRADA de reescrever-se essa mesma frase porque altera o seu sentido original é:

a) A febre alerta para o fato de que algo vai mal no organismo.
b) A febre sinaliza de que, no organismo, algo vai mal.
c) Quando algo vai mal no organismo, a febre nos alerta para esse fato.
d) Se algo vai mal no organismo, a febre aparece como um sinal de alerta.
e) Algo que vai mal no organismo alerta para o sinal da febre.

Gabarito: Alternativa E.

Outra questão que exige do candidato grande atenção ao que se exige no comando da questão. Repito: o grande segredo está na interpretação do enunciado. O candidato é totalmente induzido a marcar a alternativa B, visto que o verbo sinalizar é transitivo direto, sendo o emprego da preposição da preposição DE absurdo. Essa alternativa contém falha gramatical que, entretanto, não compromete o sentido original. Já alternativa E apresenta informação que vai de encontro ao período, senão vejamos: ideia original – A febre alerta para a existência de algo errado no organismo; reescritura – algo errado no organismo alerta para a existência da febre.

30. (Analista Legislativo – Senado Federal – FGV) "... *aspirava-se*, antes de tudo, à restauração plena das liberdades e garantias individuais e à edificação de uma democracia sem adjetivos."

Assinale a alternativa em que a substituição da forma verbal no trecho acima não tenha provocado inadequação à norma culta. Despreze as alterações de sentido.

a) ... implicava-se, antes de tudo, na restauração plena das liberdades e garantias individuais e na edificação de uma democracia sem adjetivos.
b) ... visava-se, antes de tudo, à restauração plena das liberdades e garantias individuais e à edificação de uma democracia sem adjetivos.
c) ... almejava-se, antes de tudo, a restauração plena das liberdades e garantias individuais e à edificação de uma democracia sem adjetivos.
d) ... procedia-se, antes de tudo, a restauração plena das liberdades e garantias individuais e a edificação de uma democracia sem adjetivos.
e) ... buscava-se, antes de tudo, à restauração plena das liberdades e garantias individuais e à edificação de uma democracia sem adjetivos.

Gabarito: Alternativa B.

É interessante comentar essa questão, porquanto fica denunciada a visão da Fundação Getúlio Vargas quanto à regência do verbo IMPLICAR. Como a alternativa A, segundo a banca, apresenta inadequação gramatical, conclui-se que ela não admite o emprego da preposição EM, em consonância com a visão de Evanildo Bechara, mas em oposição à de Rocha Lima e Celso Pedro Luft. Também é fundamental ressaltar que esse

posicionamento é divergente de outras bancas, como a Esaf (AFRF-2002).

31. (Perito Criminal da Polícia Civil – RJ – FGV) "O público brasileiro tem ouvido, com alguma frequência, notícias a respeito de possível rebelião de países vizinhos contra aquilo que seus governantes chamam de dívidas ilegítimas."
A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:
I. Seria igualmente correto redigir o trecho da seguinte forma: O público brasileiro tem ouvido, com alguma frequência, notícias a respeito de possível rebelião de países vizinhos contra o que seus governantes chamam de dívidas ilegítimas.
II. Seria igualmente correto redigir o trecho da seguinte forma: O público brasileiro tem ouvido, com alguma frequência, notícias a respeito de possível rebelião de países vizinhos contra aquilo que seus governantes chamam dívidas ilegítimas.
III. No trecho, há uma palavra com grafia incorreta.
Assinale:
a) Se apenas os itens I e II estiverem corretos.
b) Se apenas os itens I e III estiverem corretos.
c) Se apenas os itens II e III estiverem corretos.
d) Se nenhum item estiver correto.
e) Se todos os itens estiverem corretos.
Gabarito: Alternativa A.
É imperioso chamar a atenção do candidato para o fato de que esta questão já aborda as novas regras de ortografia – item III. Mas antes de chegar a esse item, façamos uma análise dos dois primeiros:
Item I – O comentário se faz com correção, porquanto "o" pode funcionar como pronome demonstrativo, capacitado a substituir "aquilo".
Item II – A análise também é perfeita, pois o predicativo do objeto "de dívidas ilegítimas" pode ocorrer tanto com preposição como sem. Também é interessante ressaltar que o verbo "chamar" na acepção de "qualificar" pode ser transitivo direto ou indireto, sendo, por conseguinte a preposição "a" – a ser inserida antes de "que" – opcional. Sendo assim, haveria quatro formas diferentes de redigir o fragmento: contra aquilo **que** seus governantes chamam de **dívidas ilegítimas**; contra aquilo **que** seus governantes chamam **dívidas ilegítimas**; contra aquilo a **que** seus governantes chamam **de dívidas ilegítimas**; contra aquilo **a que** seus governantes chamam **dívidas ilegítimas**.
Item III – Consoante o novo acordo ortográfico, o trema torna-se desnecessário. Destarte, a partir de 1º de janeiro de 2009 – a prova foi realizada em 2009 –, não há desacerto em grafar "frequência" sem trema. É importante frisar que, se "frequência" estivesse redigido com trema, também não se poderia considerar incorreto, uma vez que a antiga ortografia ainda é válida até o fim de 2012. Sendo assim, como não há nenhum vocábulo no trecho com grafia errônea, o item III apresenta comentário inadequado.

Apêndice: exercícios de provas com gabarito comentado

Esaf

1. (AFTE – RN – Esaf) Marque o item em que um dos trechos apresenta erro gramatical:
a) Não se pretende aqui negar o óbvio: que, em termos de línguas, passado histórico, tradições culturais, problemas comuns, os povos da América Latina são menos diferentes entre si do que em outros continentes. / Não se pretende aqui negar o óbvio: em termos de línguas, passado histórico, tradições culturais, problemas comuns, os povos da América Latina são menos diferentes entre si do que em outros continentes.
b) Na Europa, Ásia e África, às vezes, um só país abriga cem idiomas e etnias distintas. / Na Europa, Ásia e África, por vezes, um só país abriga cem idiomas e etnias distintas.
c) A unidade básica na América Latina não tem impedido, contudo, que se venha acentuando, nos últimos tempos, tendência à crescente diversificação entre o México, a América Central e o Caribe, de um lado, e a América do Sul, do outro. / Não obstante a unidade básica a América Latina não tem impedido, contudo, que se acentuem, nos últimos tempos, tendência à crescente diversificação entre o México, a América Central e o Caribe, de um lado, e a América do Sul, do outro.
d) A diferenciação vem-se fazendo mais nítida em dois setores fundamentais: o grau de instabilidade política e a dependência econômica e comercial em relação aos Estados Unidos. / As diferenças vêm-se configurando mais nítidas em dois setores fundamentais: o grau de instabilidade política e a dependência econômica e comercial em relação aos Estados Unidos.
e) Até os anos 80, a América Central era o "homem doente" do continente, com o sandinismo no poder na Nicarágua, a guerrilha fortemente organizada em El Salvador e a guerra civil com tinturas de genocídio na Guatemala. / Até os anos 80, a América Central era o "homem doente" do continente: o sandinismo no poder na Nicarágua, a guerrilha fortemente organizada em El Salvador e a guerra civil com tinturas de genocídio na Guatemala.
Resposta: Opção C, há duas falhas gramaticais na segunda frase. Inicialmente, após o vocábulo "básica", deveria haver uma vírgula, pois ocorre um adjunto adverbial com corpo extenso antecipado. Outro erro é flexionar "acentuem" no plural, visto que seu sujeito é "crescente diversificação" no singular.

Nas questões 2 e 3 (AFTE – RN), marque a sequência do texto com erro gramatical.

2.

a) Em 1946, visando impulsionar a liberalização comercial e combater práticas protecionistas adotadas desde a década de 30, 23 países, posteriormente denominados fundadores, iniciaram negociações tarifárias.

b) A primeira rodada de negociações resultou em 45.000 concessões, e o conjunto de normas e concessões tarifárias estabelecido passou a ser denominado Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio – Gatt.

c) Os membros fundadores, juntamente com outros países, formaram um grupo em que elaborou o projeto de criação da Organização Internacional do Comércio – OIC, sendo os Estados Unidos um dos países mais atuantes no convencimento da ideia do liberalismo comercial regulamentado em bases multilaterais.

d) O foro de discussões, que se estendeu de novembro de 1947 a março de 1948, ocorreu em Havana, Cuba, e culminou com a assinatura da Carta de Havana, na qual constava a criação da OIC.

e) O projeto de criação da OIC era ambicioso, pois, além de estabelecer disciplinas para o comércio de bens, continha normas sobre emprego, práticas comerciais restritivas, investimentos estrangeiros e serviços.

Resposta: A opção C apresenta um erro de regência, uma vez que o pronome relativo "que", ao funcionar como sujeito do verbo elaborou", não permitiria a presença da preposição "em".

3.

a) A geografia ainda conta, e muito, apesar de tudo o que se diz sobre a globalização e seu suposto efeito de anular a distância.

b) Não é novidade que, desde os primórdios coloniais, os ianques sempre dispensaram, para o bem e para o mal, atenção prioritária ao seu entorno físico imediato, boa parte dos quais – da Flórida e Porto Rico a Louisiana, Texas, Califórnia – compraram, anexaram ou associaram.

c) A Doutrina Monroe, a política do *big stick*, as guerras contra o México e a Espanha, as repetidas intervenções e ocupações na Nicarágua, no Haiti, em Cuba e no Panamá tiveram basicamente por cenário essas extensões terrestres e marítimas do norte.

d) Nesse sentido, existe uma linha de continuidade histórica do passado com o padrão recente. O *big stick* e as intervenções sobreviveram no apoio aos "contras", nas operações clandestinas de financiamento e orientação ao combate musculoso da guerrilha, chegando diretamente ao uso da força em Granada e no Panamá.

e) Mais ao sul, exceto em episódios como a queda de Allende e, em razão das drogas e da guerrilha colombiana, os métodos são mais sutis.

(Baseado em Rubens Ricupero)

Resposta: A opção B indica a presença do pronome relativo "dos quais" no plural, devendo ser remissivo a algo que deveria estar no plural. Não há antecedente no plural prejudicando inclusive a coerência do texto.

4. (An. Compras – Pref. Recife – Esaf) Marque o item sublinhado cujo emprego fere as normas da gramática normativa.

Em 1994, quando o Real nasceu, os bancos estimavam de que(A) a população "bancarizável" (os que têm(B) rendimento para ter uma conta em banco) somava(C) 44 milhões de brasileiros. Com a estabilidade da moeda, muitos analistas previram(D) a ampliação desse(E) número. Hoje, o setor aponta para os mesmos 44 milhões.

a) A
b) B
c) C
d) D
e) E

Resposta: A opção A apresenta uma falha de regência verbal, porquanto o verbo "estimar" é transitivo direto, não permitindo a ocorrência da preposição DE.

5. (MPOG – Esaf) Assinale a opção em que o trecho do texto foi transcrito com erro gramatical.

a) Tornou-se indispensável a profissionalização do corpo de funcionários, para que submetidos aos deveres objetivos de seus cargos, com competências claras e vinculação hierárquica, sejam merecedores de remuneração e benefícios condignos.
b) A organização do corpo de funcionários em carreiras, com as inerentes perspectivas de ascensão por meio de promoções, permitiria aferir, simultaneamente, o mérito e o direito para que os melhores galgassem as posições mais importantes.
c) No entanto, os burocratas inclinam-se a desempenhar suas tarefas administrativas seguindo critérios utilitários e materiais, distanciando-se eventualmente dos interesses da sociedade.
d) A autorreprodução da burocracia é um exemplo de disfunção, assim como a subordinação dos burocratas ao Governo, e não ao Estado, que dá origem à tecnocracia.
e) A elevação da conscientização e do controle social, o papel da imprensa e a mobilização dos servidores em defesa de uma gestão pública comprometida com a transparência são de grande valia para o aperfeiçoamento do Estado.

Resposta: A opção A apresenta uma falha de pontuação, já que a conjunção "para que" introduz uma ideia de finalidade cuja sequência é "sejam merecedores..." Como há uma intercalação entre o conector e a continuação, deveria haver uma vírgula antes de "submetidos", até porque já ocorre entra antes de "sejam".

6. (MPOG – Esaf) Assinale a opção em que uma das duas versões do texto apresenta erro gramatical.

a) A economia deveria ocupar-se em garantir sustentavelmente a sobrevivência para todos os indivíduos e todas as sociedades, libertando assim o tempo, a energia e a criatividade dos seres humanos para as tarefas superiores do seu desenvolvimento. / A economia deveria ocupar-se da garantia sustentável da sobrevivência para todos os indivíduos e todas as sociedades, e libertar, assim, o tempo, a energia e a criatividade dos seres humanos para as tarefas superiores do seu desenvolvimento.

b) O conhecimento e a criatividade criam valor nos produtos que geram, e geram produtos que vão muito além daqueles que garantem a sobrevivência física do trabalhador. / Produtos com valor e que vão muito além daqueles que garantem a sobrevivência física do trabalhador são criados pelo conhecimento e criatividade.
c) É preciso esforço para que o trabalho, conhecimento e criatividade humanos se libertem dos grilhões que hoje os amarram e subordinam à simples necessidade de sobreviver. / Para que o trabalho, conhecimento e criatividade, hoje amarrados e subordinados por grilhões à simples necessidade de sobreviver, sejam libertados, é preciso esforço.
d) O trabalho, o conhecimento e a criatividade são meios para o ser humano estabelecer relações consigo próprio, com o mundo e com as outras pessoas. / Alguns dos meios pelos quais o ser humano estabeleça relações consigo próprio, com o mundo e com as outras pessoas são o trabalho, o conhecimento e a criatividade.
e) A única política de desenvolvimento que faz sentido é aquela que tenha como referencial as necessidades, aspirações e recursos de cada povo e nação. / A política de desenvolvimento que tenha como referencial as necessidades, aspirações e recursos de cada povo e nação é a única que faz sentido.
Resposta: Na opção D, segunda frase, a estrutura frasal não permite que a forma verbal "estabeleça" se conjugue no presente do subjuntivo, devendo ocorrer no presente do indicativo: "estabelece".

7. (Aneel – Esaf) Entre as diferentes versões do trecho, assinale a gramaticalmente incorreta.
a) Há milhões de pneus descartados em nosso País que podem se tornar uma grande fonte alternativa de combustível para as cimenteiras. O processo de trituração é caro, mas compensa, pois, enquanto o pneu gera 8.200 kcal, o carvão gera 6.280 kcal.
b) Podem se tornar uma grande fonte alternativa de combustível para as cimenteiras os milhões de pneus descartados em nosso País. O processo de trituração, embora seja caro, compensa. O pneu gera 8.200 kcal, enquanto o carvão gera 6.280 kcal.
c) Em nosso País, os milhões de pneus descartados podem se tornarem uma grande fonte alternativa de combustível para as cimenteiras. O processo de trituração é caro, mas compensa, pois, enquanto o pneu gera 8.200 kcal, o carvão gera 6.280 kcal.
d) Uma grande fonte alternativa de combustível para as cimenteiras pode vir dos milhões de pneus descartados em nosso País. Embora o processo de trituração seja caro, compensa: o pneu gera 8.200 kcal, enquanto o carvão gera 6.280 kcal.
e) Há milhões de pneus descartados em nosso País. Eles podem se tornar uma grande fonte alternativa de combustível para as cimenteiras. O processo de trituração compensa, embora seja caro, já que o pneu gera 8.200 kcal, enquanto o carvão gera 6.280 kcal.
Resposta: Na opção C ocorre uma locução verbal, estando o último verbo também flexionado, formalizando uma das falhas mais condenadas pela gramática.

8. (Aneel – Esaf) Assinale a opção em que uma das versões do trecho está

gramaticalmente incorreta.
a) O acesso à energia elétrica também contribuirá para a integração das políticas sociais do Governo Federal, ao possibilitar que as regiões atendidas se beneficiem de serviços básicos de saúde, educação, abastecimento de água e comunicação. / Ao possibilitar que as regiões atendidas se beneficiem de serviços básicos de saúde, educação, abastecimento de água e comunicação, o acesso à energia elétrica também contribuirá para a integração das políticas sociais do Governo Federal.
b) A comunidade de Nazaré, em Novo Santo Antônio (PI), foi a primeira localidade atendida pelo projeto "Luz para Todos" por estar localizada no município com menor índice de atendimento no País (8%). / A primeira localidade atendida pelo projeto "Luz para Todos" foi a comunidade de Nazaré, por estar localizada no município com menor índice de atendimento no país (8%): Novo Santo Antônio (PI).
c) O acesso à energia elétrica permitiu a instalação de um centro comunitário para produção de farinha, bombeamento de água para abastecimento da localidade, instalação de computadores na escola e de antena parabólica para transmissão de programas educativos. / A instalação de um centro comunitário para produção de farinha, bombeamento de água para abastecimento da localidade, instalação de computadores na escola e de antena parabólica para transmissão de programas educativos foi possível pelo acesso à energia elétrica.
d) Com a universalização do acesso à energia elétrica, o Governo Federal pode utilizar-lhe como instrumento para o desenvolvimento econômico das comunidades e para a redução da pobreza e da fome. / O Governo Federal pode utilizar a universalização do acesso à energia elétrica como instrumento para o desenvolvimento econômico das comunidades e para a redução da pobreza e da fome.
e) O uso de recursos públicos reduzirá significativamente os impactos tarifários nas contas de luz, já que a implantação do programa resulta de uma parceria com as concessionárias de energia elétrica e os governos estaduais. / A implantação do programa resulta de uma parceria entre as concessionárias de energia elétrica e os governos estaduais, de modo que o uso de recursos públicos reduzirá significativamente os impactos tarifários nas contas de luz.
Resposta: A opção D possui uma falha de regência verbal logo na primeira frase. Como o verbo "utilizar" é transitivo direto, o pronome oblíquo não poderia ser "lhe". O correto seria "pode utilizá-lo".

9. (Aneel – Esaf) Assinale a opção gramaticalmente correta.
a) A liberação dos recursos abre uma nova fase do programa "Luz para Todos", que é coordenado pelo Ministério de Minas e Energia e foi lançado em novembro de 2003.
b) Durante esse período, foram instalados comitês gestores estaduais, assinados os termos de compromisso com os estados e finalizados as negociações com as concessionárias para definição das condições contratuais e do valor das obras.
c) A próxima etapa será a assinatura dos contratos entre as concessionárias e os governos estaduais, também parceiro do programa.
d) O acesso à energia elétrica será gratuita para todos os consumidores. As famílias de

baixa renda cadastradas nos programas sociais do Governo Federal receberão gratuitamente as ligações internas de suas residências.
e) Hoje, mais de 12 milhões de brasileiros não tem acesso à energia elétrica, o equivalente à soma da população dos Estados do Piauí, Mato Grosso do Sul, Amazonas e Distrito Federal.
Resposta: A única opção que não contém erro gramatical é a opção A. A opção B possui falha de concordância nominal, pois "finalizados" deveria estar na forma feminina, visto que está qualificando o substantivo "negociações". A opção C também apresenta duas falhas de concordância nominal, pois o termo "parceiro" no singular é referente a "governos estaduais", devendo ocorrer no plural: "parceiros"; e "será gratuita" é inadequado (deveria ser "será gratuito"), pois se refere a "acesso". Na opção D, o erro é de regência, uma vez que "as famílias receberam as ligações" na residência, devendo aparecer a preposição "em", e não a preposição "de". Na opção E, a falha é de concordância verbal, pois sendo o sujeito "mais de 12 milhões", a forma verbal "tem" deveria estar no plural "têm".

10. (Aneel – Esaf) Assinale o trecho que apresenta erro gramatical.
a) A energia elétrica pode ser obtida de várias maneiras, mas aquela obtida por meio da usina hidrelétrica é a mais conhecida e explorada no Brasil.
b) Pode-se obter energia das marés: constrói-se uma barragem para represar a água das marés quando essas estiverem altas; ao entrarem em queda geram energia, como nas usinas hidrelétricas.
c) A energia eólica é proveniente dos ventos, que possibilitam a movimentação de uma turbina ligada a um gerador que produz energia elétrica. O grande potencial eólico brasileiro encontra-se no Norte e Nordeste, parte da Bahia e de Minas Gerais e no Sul.
d) A energia nuclear é gerada pela radiação do elemento urânio, que é colocado em um recipiente próprio para gerar calor, que por sua vez aquecerá uma serpentina com água, produzindo vapor. As turbinas, ligadas a um gerador elétrico, produzem eletricidade por meio do vapor.
e) As usinas de biomassa utilizam resíduos orgânicos como carburantes. Há dois tipos: por vapor d'água e por gaseificação. As usinas por vapor d'água, que é mais utilizada e mais baratas, queimam material carburante em uma caldeira.
Resposta: A opção E apresenta grave falha de concordância, dado que "é mais utilizada" é referente ao antecedente do pronome relativo "que", ou seja, "as usinas por vapor d'água", devendo, pois, ocorrer no plural: "são mais utilizadas".

11. (MPU – Esaf) Os trechos abaixo compõem um texto. Assinale o fragmento que apresenta incorreção gramatical.
a) Um filme não é apenas um filme, mas também a maneira como ele se comunica com o público. O título do novo documentário de Maria Augusta Ramos vem todo escrito em letras minúsculas: justiça.
b) A primeira informação que recebemos é a de que o filme talvez não se refira ao sistema judiciário, comumente grafado como Justiça, mas a uma acepção mais genérica

da palavra.
c) O filme parece ver a justiça como categoria abstrata, ou então como substantivo que designa não só a justiça criminal, mas também a justiça social. A grafia pode sugerir, ainda, uma crítica ao sistema judiciário.
d) Como se o título afirmasse: "do jeito que é feita no Brasil, a chamada justiça não merece uma maiúscula". De fato, não é alheia às intenções da realizadora o desejo de que o filme contribua para as discussões em torno da reforma judiciária brasileira.
e) O filme, vencedor do Festival Vision du Réel (Nyon, Suíça, 2004), mostra o horror das cadeias apinhadas de homens, o drama das visitas familiares sem o menor espaço para privacidade, o coro assustador dos simpatizantes do Comando Vermelho.
Resposta: A opção D apresenta erro de concordância, visto que o adjetivo "alheia" qualifica o substantivo "desejo", devendo ocorrer na forma masculina: "alheio".

12. (MPU – Esaf) Indique a opção em que o trecho está incorreto gramaticalmente.
a) As transformações tecnológicas, já que não existe sociedade civilizada sem lei, apenas tornam mais complexas as regras que, muitas vezes, incomodam e atrapalham, mas que continuarão sendo uma garantia fundamental de desenvolvimento com justiça.
b) Não existe sociedade civilizada sem lei e as transformações tecnológicas apenas tornam mais complexas as regras que, muitas vezes, incomodam e atrapalham, mas que continuarão sendo uma garantia fundamental de desenvolvimento com justiça.
c) Não existe sociedade civilizada sem lei, por isso as transformações tecnológicas apenas tornam mais complexas as regras que, muitas vezes, incomodam e atrapalham, mas que, no entanto, continuarão sendo uma garantia fundamental de desenvolvimento com justiça.
d) Não existe sociedade civilizada sem lei. As transformações tecnológicas apenas tornam mais complexas as regras que, muitas vezes incomodam e atrapalham, mas que, continuarão sendo garantias fundamentais de desenvolvimento com justiça.
e) As transformações tecnológicas apenas tornam mais complexas as regras que, muitas vezes, incomodam e atrapalham, mas que continuarão sendo uma garantia fundamental de desenvolvimento com justiça. Não existe sociedade civilizada sem lei.
Resposta: A opção D apresenta uma falha de pontuação, porquanto o adjunto adverbial "muitas vezes" interrompe uma sequência lógica. A gramática até admite que o adjunto adverbial deslocado, contendo corpo pequeno, não esteja isolado por vírgula, contudo se ao fim dele a pontuação aparecer, o mesmo deveria ocorrer em seu início. Enfim, ou se coloca a vírgula antes e depois de "muitas vezes", ou nenhuma vírgula.

13. (TRF – Esaf) Assinale o trecho do texto que foi transcrito com erro.
a) Os direitos humanos, a grande conquista moderna, procedem da ideia de que o governo está a serviço dos cidadãos, e não o contrário. Cada indivíduo, antes mesmo de fazer parte do poder político, já detêm direitos que são seus, pelo simples ato de nascer.
b) É esse vínculo dos direitos humanos ao nascimento que permite dizer que eles são direitos naturais. Já o Estado é um instrumento para realizar fins comuns às pessoas.
c) Vários teóricos da política, ao longo dos séculos XVII e XVIII, afirmaram que o Estado

nasceria de um contrato. Eles foram indevidamente contestados depois que os avanços da história mostraram que seria impossível a pessoas isoladas entre si desenvolverem a sofisticação necessária para adotar o conjunto de regras e leis que forma um Estado.
d) O que os contratualistas pretendiam não era tanto afirmar uma verdade histórica, ou sequer uma hipótese, mas expressar uma ideia filosófica forte, revolucionária: o indivíduo tem prioridade sobre o Estado.
e) Mesmo que cada um de nós, em sua vida, nasça dentro de um Estado — e, portanto, depois dele –, este último somente tem validade como ferramenta ou meio para promover fins que são os nossos.
Resposta: A opção A apresenta contém grande falha de concordância verbal, pois a forma verbal "detêm" deveria estar no singular (detém", concordando com o seu sujeito "cada indivíduo").

Nas questões 14 e 15, assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia das palavras.
14. (TRF – Esaf) O Tribunal de Contas da União, por meio do (1) Acórdão (2) nº 1.137, de 13 de agosto de 2003, apresentou o resultado de trabalhos de inspeção realizados junto aos Órgãos Centrais, à (3) Delegacia da Receita Federal em Brasília e à Delegacia Especial de Instituições Financeiras em São Paulo, tendo por objeto avaliar o controle exercido pela Superintendência da Receita Federal sobre à (4) rede arrecadadora de receitas federais. Em diversos trechos de seu relatório, aquele Tribunal reconhece os benefícios advindos (5) do Projeto de Reestruturação do Controle da Rede Arrecadadora de Receitas Federais – Projeto Nova Rarf.
a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5
Resposta: A opção D contém falha gritante de regência, já que a preposição "sobre" não admite a ocorrência de outra preposição. Sendo assim, o "à" não poderia estar com acento grave.

15. (TRF – Esaf) A sociedade humana, desde os seus primórdios, soube desenvolver as dimensões essenciais de sua atividade prática — e já por isso o homem pôde (1)ser definido como tendo sido, desde a sua origem, um animal técnico, ou seja, uma criatura afeita à fainas (2) da transformação da natureza. Foi a filosofia grega, no entanto, e apenas ela, que conseguiu estabelecer aquelas categorias fundamentais para o desdobramento da tecnologia. Não que esse desdobramento estivesse desde sempre (3) na mira daqueles primeiros pensadores gregos. Em verdade (4), a ligação entre esse pensamento das categorias de base e a sua subserviência ao desenvolvimento da tecnologia só viria a manifestar-se (5) dois milênios mais tarde.
a) 1
b) 2

c) 3
d) 4
e) 5
Resposta: Na opção B, o substantivo "fainas", estando no plural, só poderia admitir o artigo no plural. Portanto, pode-se omitir o artigo, ficando a estrutura "Afeita a fainas" ou utilizar o artigo, ficando "afeito às fainas".

16. (TRF – Esaf) Assinale a opção em que o trecho do texto foi transcrito com erro de sintaxe.
a) As empresas do setor imobiliário que deixaram de prestar contas das transações realizadas em 2002 vão ser alvo de investigação da Receita Federal. Imobiliárias, construtoras e incorporadoras tinham prazo limitado para entregar a Declaração de Informação sobre Atividades Imobiliárias – Dimob.
b) A estimativa é de que metade das empresas não declarou, mas o coordenador geral de Fiscalização da Receita acredita que muitas delas ainda vão cumprir a exigência. Até o prazo foram entregues 21.395 declarações, mas nos registros da Receita constam em cerca de 40 mil empresas que estariam obrigadas a declarar.
c) O coordenador diz que os dados da Dimob serão confrontados com as informações da declaração das empresas e das pessoas físicas. O coordenador afirma ainda que as informações serão cruzadas com os dados da CPMF, que têm sido instrumento indispensável ao trabalho de fiscalização do órgão.
d) Na declaração, as imobiliárias só devem informar as operações realizadas no ano passado. As empresas que não tiveram atividades em 2002 estão desobrigadas de prestar contas. Quem deixou de entregar a declaração no prazo pagará multa mínima de R$ 5 mil por mês-calendário. Em caso de omissão ou informação de dados incorretos ou incompletos, a multa será de 5% sobre o valor da transação.
e) Essa declaração foi criada em fevereiro de 2003 para identificar as operações de venda e aluguel de imóveis. A Receita quer saber, por exemplo, a data, o valor da transação e a comissão paga ao corretor. No ano passado, foram fiscalizadas 495 empresas do setor, cujas autuações somaram R$ 1,2 bilhão.
Resposta: A opção B contém erro de regência, visto que o termo "cerca de 40 mil empresas" funciona como sujeito, portanto não admitindo a ocorrência da preposição "em".

Nas questões 17 e 18, marque o item sublinhado que represente impropriedade vocabular, erro gramatical ou ortográfico.
17. (An. Com. Ext. – Esaf) A democracia, segundo Aristóteles, é forma de governo. Esse entendimento milenar (A) assim se conservou entre os publicistas (B) romanos e os teólogos da Idade Média. Não discreparam (C) também do juízo aristotélico pensadores políticos do tomo (D) de Montesquieu e Rousseau, presos as heranças (E) clássicas.
a) A
b) B
c) C

d) D
e) E
Resposta: A opção E apresenta erro de regência, uma vez que o adjetivo "presos" exige a ocorrência da preposição "a", portanto poderiam existir duas formas corretas de redigir: somente a preposição "a" ou somando a preposição A com o artigo AS, formando "ÀS".

18. (An. Com. Ext. – Esaf) Há (A) tempos está em tramitação no Congresso proposta para reforma do sistema financeiro que concede independência plena ao Banco Central. São fortes as pressões para que a matéria seja aprovada ainda sob (B) o atual governo. A iniciativa contempla contradição insanável (C). Não existe fórmula política capaz de aumentar a independência do BC. Nenhuma agência governamental superaria-o (D) em matéria de liberdade. Atua independentemente (E) de qualquer controle externo.
a) A
b) B
c) C
d) D
e) E
Resposta: A opção D possui uma terrível falha de topologia pronominal. Verbos no futuro do pretérito não admitem ênclise. Como o adjetivo "governamental" não atrai o pronome oblíquo, tanto poderia ser usada a próclise "o superaria" como a mesóclise "superá-lo-ia".

19. (AFRF – Esaf) Assinale a opção em que uma das duas formas de redação do texto, independentemente de alteração semântica, apresenta erro gramatical ou problema de sintaxe.
a) A globalização é a manifestação hodierna das ambiguidades que marcaram os primórdios dos tempos modernos. / Das ambiguidades que foram marcas dos primórdios dos tempos modernos, a globalização é a manifestação contemporânea.
b) De forma semelhante ao que aconteceu no passado, o mundo atravessa um período de transição que parece completar a "grande transformação" iniciada no século XVI. / O mundo atravessa um período de transição – de forma semelhante ao acontecido no passado – que parece ser complemento da "grande transformação" iniciada no século XVI.
c) Com a navegação em rede, estreitando os laços entre os povos e reunindo-os numa única sociedade, o processo de internacionalização econômico-político tende a fechar o ciclo que começou com a circunavegação. / O processo de internacionalização econômico-político que começou com a circunavegação tende a fechar o ciclo com a navegação em rede, estreitando os laços entre os povos, reunindo-os numa única sociedade.
d) Conquanto intensas modificações tenham ocorrido ao longo desses quinhentos anos, a história volta a se repetir. / Volta-se a ser repetida a história, apesar das intensas modificações ocorridas ao longo desses quinhentos anos.
e) A globalização não se dá nos mesmos níveis para todos os países e todas as pessoas,

e tem beneficiado os países centrais em detrimento da grande maioria das regiões mais carentes. / Beneficiando os países centrais em prejuízo da grande maioria das regiões mais carentes, a globalização não ocorre nos mesmos níveis para todos os países e todas as pessoas.
Resposta: A opção D contém erro na reescritura. A estrutura "volta a ser repetida" já está na voz passiva, não admitindo, pois, a presença do pronome apassivador "se".

20. (AFRF – Esaf) O texto adaptado de Hindenburgo Pereira Diniz, "Advertência importante", (*Correio Braziliense*, 17/3/2003) foi fragmentado para compor as opções abaixo. Assinale o trecho que foi transcrito desrespeitando as regras gramaticais:
a) Tendo em vista as limitações da estrutura empresarial brasileira e a conveniência de resguardarem-se certos segmentos sob controle nativo, jamais acreditei que o progresso floresça beneficamente entre nós sem a presença ativa do Estado nas áreas da segurança (interna e externa), educação, saúde, infraestrutura, tecnologia e promoção de fomento financeiro de longo prazo às atividades produtivas conduzidas pela iniciativa privada.
b) Por certo, a mesma conclusão não é necessariamente válida nas economias ricas, animadas por atores e coadjuvantes sadios e preparados, dotadas de condições estruturais avançadas e eficazes, centros de iniciativas privadas importantes e florescentes.
c) Da mesma forma, é preciso considerar-se a situação do equilíbrio monetário interno. Sem dinheiro relativamente estável, fica difícil, mesmo para leigos conscientes, imaginar solução respeitável preocupada apenas com a importância maior do crescimento material.
d) Desequilibrando-se monetariamente demais, as proporções dos valores relativos desaparecem as condições de utilizar a moeda como meio eficiente de promover à expansão econômica. Contudo, não cabe deixar de priorizar melhor destino a metas permanentes.
e) Portanto, nesta etapa ainda inicial da história da humanidade (do *homo economicus*), tudo recomenda cuidado com a sanidade desse instrumento essencial à realização completa de nossas necessidades materiais e dos sonhos que estimulam a ação dos empreendedores.
Resposta: A opção D, além de apresentar uma estrutura de péssima qualidade, por isso comprometendo o sentido do texto, contém algumas falhas gramaticais: não se sabe quem é o sujeito do verbo "desaparecem" e a regência do verbo "promover" não admite a ocorrência da preposição "a", portanto o uso da crase é equivocado.

NCE

(ANP – NCE)
As questões de 1 a 6 mostram uma mesma ideia escrita de cinco formas distintas. Você deve assinalar a forma mais adequada, levando em consideração sua correção,

precisão, clareza e elegância.

1.

a) Os guardas-civis intervieram na discussão dos espectadores.
b) Os guarda-civis interviram na discursão dos expectadores.
c) Os guardas-civis interviram na discussão dos expectadores.
d) Os guarda-civis intervieram na discursão dos espectadores.
e) Os guarda-civil interviram na discussão dos expectadores.

Resposta: Opção A. A ortografia correta dos termos é guardas-civis (guarda quando for sinônimo" de "policial" faz com que os dois termos se flexionem), discussão e espectadores (expectador é sinônimo de aquele que aguarda com expectativa). O verbo "intervir" deriva-se do verbo "vir". No pretérito perfeito, a forma correta é "eles vieram", portanto "eles intervieram".

2.

a) Os policiais averíguam onde querem trabalhar os escrivãos.
b) Os policiais averíguam aonde querem trabalhar os escrivãos.
c) Os policiais averiguam onde querem trabalhar os escrivães.
d) Os policiais averiguam aonde querem trabalhar os escrivães.
e) Os policiais averiguam onde querem trabalhar os escrivões.

Resposta: Opção C. O verbo AVERIGUAR possui obrigatoriamente o "u" tônico nas formas rizotônicas. Portanto, "averiguam" com acento não existe. Quando a regência exige a preposição A, utiliza-se "aonde"; quando a regência exige a preposição EM, usa-se "onde". O sentido na frase é: "eles vão trabalhar em (ONDE) um lugar". Por fim, o plural de "escrivão" é "escrivães".

3.

a) Quando nos vermos de novo, eu te cumprimentarei.
b) Quando nos vermos de novo, eu cumprimentar-te-ei.
c) Quando virmo-nos de novo, eu te comprimentarei.
d) Quando nos virmos de novo, eu te cumprimentarei.
e) Eu te cumprimentarei quando nos vermos de novo.

Resposta: Opção D. "Quando" é uma conjunção subordinativa, portanto atrai o pronome oblíquo NOS, excluindo a opção C. Ocorre a dúvida "virmos" ou "vermos". Observe que os dois verbos terminam em RMOS. Dessa forma, há a necessidade de se identificar se o verbo está no futuro do subjuntivo ou no infinitivo pessoal. No capítulo de verbos, ficou esclarecido que o melhor caminho é substituir pelo verbo "fazer". Caso apareça "fazer", o verbo está no infinitivo pessoal; caso apareça "fizer, o verbo está no futuro do subjuntivo. A frase alterada assim fica: "Quando fizer de novo...", o que nos indica estar o verbo "ver" no futuro do subjuntivo. Futuro do subjuntivo do verbo VER: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem. Sendo assim, eliminam-se as alternativas A, B e E.

4.

a) Vossa Excelência, o Presidente, vem com os ministros a reunião?

b) Sua Excelência, o Presidente, vem com os ministros à reunião?
c) Vossa Excelência, o Presidente, vêm com os ministros para a reunião?
d) Vossa Excelência, o Presidente, vem com os ministros na reunião?
e) Sua Excelência, o Presidente, vêm com os ministros para a reunião?
Resposta: Opção B. A ocorrência do aposto explicativo, o Presidente, denuncia que não se está falando diretamente com o Presidente, mas algo a respeito dele. Dessa forma, não se pode utilizar Vossa Excelência (pronome de tratamento usado para se dirigir à própria autoridade) e sim "Sua Excelência". Além disso, o pronome de tratamento está no singular, e o verbo presente na opção E (vêm) encontra-se no plural.

5.
a) Se liga aos teus amigos para sobreviveres.
b) Ligue-se aos teus amigos para sobreviver.
c) Liga-te aos teus amigos para sobreviver.
d) Liga-se aos seus amigos para sobreviveres.
e) Se ligue a teus amigos para sobreviver.
Resposta: Opção C. Nunca se pode iniciar oração através de pronome oblíquo átono, portanto excluem-se as opções A e E. A opção D possui uma falha de concordância: o verbo "liga" está na segunda pessoa do singular do imperativo afirmativo e o pronome reflexivo "se" encontra-se na terceira. A opção B até teve um início escorreito, contudo a sequência se deu de forma desastrosa. A expressão "Ligue-se" está perfeita, pois verbo no imperativo e pronome reflexivo estão na terceira pessoa do singular, porém o pronome possessivo "teus" em seguida, referente ao mesmo ser, encontra-se na segunda pessoa do singular.

6.
a) Prefiro isso que fazer aquilo.
b) Prefiro isso a fazer aquilo.
c) Prefiro isso do que fazer aquilo.
d) Prefiro isso do que a fazer aquilo.
e) Prefiro isso a que fazer aquilo.
Resposta: Opção B. A regência do verbo PREFERIR não admite a preposição DE, e sim somente a preposição A. Também é incorreto o uso de "que".

(TJ – Técnico Judiciário – NCE)
Da questão 7 à questão 12, você terá cinco formas da mesma frase. Você deve indicar a de forma mais adequada e correta, segundo a norma culta.

7.
a) O Tribunal funciona, aos sábados, das 7 as 12 horas.
b) O Tribunal funciona aos sábados de 7 à 12 horas.
c) O Tribunal funciona, aos sábados, de 7 às 12 horas.
d) O Tribunal funciona, aos sábados, das 7 às 12 horas.

e) O Tribunal, aos sábados, funciona, de 7 à 12 horas.
Resposta: Opção D. A gramática exige o uso do artigo antes de hora(s), no sentido de hora exata. Portanto, a única opção em que há o artigo antes de sete (combinado com a preposição "de") e de 12 (combinado com a preposição "a") é a resposta.

8.
a) Se alguém vir o processo, retire-o do pacote em que está.
b) Se alguém ver o processo, retira-o do pacote em que está.
c) Se alguém ver o processo, retire ele do pacote em que está.
d) Se alguém vir o processo, retira-o do pacote em que está.
e) Se alguém ver o processo, retire-o do pacote em que está.
Resposta: Opção A. Questão bastante polêmica, visto que duas opções estão corretas gramaticalmente. Inicialmente, eliminemos as alternativas incorretas. A dúvida "ver" ou "vir" se esclarece, com a substituição pelo verbo FAZER (se alguém fizer). Portanto está o verbo no futuro do subjuntivo. O futuro do subjuntivo do verbo VER é "vir, vires, vir, virmos, virdes, virem". Estão excluídas as opções B, C e E. As opções A e D estão corretas, visto que não necessariamente a mesma pessoa que verá o pacote será aquela que deverá retirá-lo. Então, o outro verbo, que está no imperativo, tanto poderia aparecer na segunda pessoa do singular como na terceira. Sendo assim, o candidato será a obrigado a escolher qual das duas corretas é a mais adequada. A banca optou pela opção A, por fazer a concordância com o sujeito da oração anterior.

9.
a) O promotor esqueceu vários papeizinhos na gaveta.
b) O promotor se esqueceu de vários papeiszinhos na gaveta.
c) O promotor esqueceu-se de vários papeiszinhos na gaveta.
d) O promotor esqueceu vários papeiszinhos na gaveta.
e) O promotor se esqueceu vários papeizinhos na gaveta.
Resposta: Opção A. A regência do verbo ESQUECER admite duas possibilidades: com pronome oblíquo, o verbo é transitivo indireto, exigindo a presença da preposição DE; sem pronome oblíquo, o verbo é transitivo direto, não admitindo o uso de preposições. Portanto, a opção E já está excluída. Quando se flexiona um substantivo no plural e diminutivo concomitantemente, deve-se inicialmente passá-lo para o plural (papéis). Após, insere-se "ZINHO" entre PAPÉI e o S. Como a sílaba tônica passa a ser "zi", o vocábulo acaba por perder o acento.

10.
a) Parecem ter havido bastantes erros no processo.
b) Parece ter havido bastante erros no processo.
c) Parecem ter havido bastante erros no processo.
d) Parece ter havido bastantes erros no processo.
e) Parece terem havido bastante erros no processo.
Resposta: Opção D. O verbo HAVER ocorre no sentido de EXISTIR. Nesse caso, ele é

impessoal. Esta característica dele é passada para os auxiliares, portanto estes não podem ser flexionados. Destarte, as opções A, C e D já estão eliminadas. A opção B acaba também excluída, visto que BASTANTE, nesta frase, funciona como pronome indefinido, concordando com o substantivo ERROS, tornando-se, portanto, variável.

11.
a) Os juízes interviram quando viram os réus frente a frente.
b) Os juízes intervieram quando viram os réus frente à frente.
c) Os juízes intervieram, quando viram os réus frente a frente.
d) Os juízes interviram, quando viram os réus frente à frente.
e) Os juízes intervieram quando viram os réus frente a frente.
Resposta: Opção E. Trata-se de outra questão extremamente polêmica, visto que duas alternativas estão corretas gramaticalmente. Inicialmente, vamos excluir as erradas. O verbo INTERVIR deriva-se do verbo VIR, cuja forma na terceira pessoa do plural do pretérito perfeito é VIERAM. Logo, a forma correta é INTERVIERAM. Sendo assim, as alternativas A e D estão eliminadas. A opção B também deve ser excluída, já que não se justifica o uso de crase em "frente à frente" (no interior de termos repetidos, não há acento grave). Portanto, estão corretas as opções C e E. A única diferença existente entre as opções é o uso da vírgula. O critério utilizado para indicar que a alternativa A é a mais adequada provavelmente é a ordem das orações. Toda oração subordinada adverbial é um adjunto adverbial. Logo, se o adjunto adverbial oracional posiciona-se ao fim da oração principal, não há motivo para o emprego de pontuação a fim de isolar as orações.

12.
a) Espero que lhes tenha prevenido de que quero apartes durante a sessão.
b) Espero que os tenha prevenido que quero apartes durante a seção.
c) Espero que os tenha prevenido de que quero apartes durante a sessão.
d) Espero que lhes tenha prevenido que quero apartes durante a seção.
e) Espero que os tenha prevenido de que quero apartes durante a seção.
Resposta: Opção C. As opções A e B são excluídas por erros de regência verbal. Na opção A, há dois objetos indiretos ligados ao verbo PREVENIR (lhes / de que quero apartes durante a sessão) e a opção B possui dois objetos diretos atrelados ao verbo PREVENIR (os / que quero apartes durante a seção). As opções D e E são excluídas em função de falha de ortografia. É cabível somente o vocábulo "sessão", em virtude de o período indicar que os apartes ocorrerão durante a reunião.

(Papiloscopista – NCE)
Nas questões 13 a 15, há uma forma da frase considerada como correta, levando-se em conta a norma culta da língua. Assinale-a em cada questão.
13.
a) Não houve mais brigas entre eu e ela.
b) Não houveram mais brigas entre eu e ela.
c) Não houve mais brigas entre ela e eu.

d) Não houve mais brigas entre mim e ela.
e) Não houveram mais brigas entre ela e mim.
Resposta: Opção D. Podemos logo excluir as alternativas B e D, uma vez que o verbo HAVER, no sentido de EXISTIR, é impessoal, podendo ser conjugado apenas na terceira pessoa do singular. O termo, sendo preposicionado, fato que já serve para indicar que não funciona como sujeito, sugere que o pronome não seja reto, mas sim oblíquo. Sendo assim, todas as opções em que o pronome EU foi utilizado devem ser excluídas.

14.
a) Ela requereu que eu intervisse na questão.
b) Ela requis que eu intervisse na questão.
c) Ela requis que eu interviesse na questão.
d) Ela requereu que eu intervisse na questão.
e) Ela requereu que eu interviesse na questão.
Resposta: Opção E. É fundamental recordar que o verbo REQUERER não se deriva integralmente do verbo QUERER. No pretérito perfeito, este verbo funciona como regular de segunda conjugação, podendo-se utilizar o verbo VENDER como paradigma (VENDEU – REQUEREU). Já o verbo INTERVIR deriva-se integralmente do verbo VIR. A terminação SSE – denuncia estar o verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo (SE ELE VIESSE – SE ELE INTERVIESSE).

15.
a) Não devem haver respostas à perguntas maleducadas.
b) Não deve haver respostas à perguntas maueducadas.
c) Não deve haver respostas a perguntas mal-educadas.
d) Não devem haver respostas às perguntas maleducadas.
e) Não devem haver respostas a perguntas maueducadas.
Resposta: Opção C. As alternativas A, D e E devem ser excluídas, visto que o verbo HAVER, no sentido de EXISTIR, é impessoal. Essa característica é transferida para o auxiliar que, obrigatoriamente, deve ocorrer na terceira pessoa do singular. Como "mal", no caso, faz parte de um adjetivo composto, deve ser redigido com hífen; como é antônimo de BEM, deve ser escrito com "L".

(CNEN – NCE) As questões 16 a 18 apresentam a mesma formulação, ou seja, deve-se marcar o item cuja frase se apresenta redigida da forma mais adequada, considerando-se clareza, elegância, precisão e correção.
16.
a) Em anexo, seguem os documentos comprovadores de que o imóvel referido estava situado na Rua Santa Clara.
b) Anexo, seguem os documentos comprovadores de que o imóvel referido estava situado à Rua Santa Clara.
c) Anexos seguem os documentos comprovadores de que o imóvel referido estava situado à Rua Santa Clara.

d) Em anexos, seguem os documentos comprovadores de que o imóvel referido estava situado na Rua Santa Clara.
e) Anexo seguem os documentos comprovadores de que o imóvel referido estava situado na Rua Santa Clara.
Resposta: Opção A. Com a preposição EM, ANEXO é invariável; já sem a preposição, ANEXO deve concordar com o elemento que determina, ou seja, EM ANEXO ou ANEXOS SEGUEM OS DOCUMENTOS. Excluem-se as alternativas B, D e E. SITUADO e SITO são formas de particípio do verbo SITUAR. Este verbo sugere um valor de algo estático, parado, portanto, não admitindo o uso da preposição A, devendo-se usar em seu lugar a preposição EM.

17.
a) Ao se ouvir os primeiros votos, iniciou-se os quebras-quebras.
b) Ao se ouvirem os primeiros votos, iniciaram-se os quebra-quebra.
c) Ao se ouvir os primeiros votos, iniciaram-se os quebra-quebras.
d) Ao se ouvir os primeiros votos, iniciou-se os quebra-quebra.
e) Ao se ouvirem os primeiros votos, iniciou-se os quebra-quebra.
Resposta: Opção B. Mais uma questão polêmica. Nas duas orações, o pronome SE é apassivador, pois está ligado a verbos transitivos diretos. Então, os termos "os primeiros votos" e "os quebra-quebra(s)", que eram objetos diretos sem o pronome SE, transformam-se em sujeitos de voz passiva, exigindo que os verbos também se flexionem no plural. Aí, já se chega à resposta (opção B). O problema está em "os quebra-quebra". Não há autores que defendam o uso invariável de substantivos compostos no plural formados por verbos idênticos.

18.
a) Eram espetáculos de artistas famosos e todos tinham desejo de assisti-los pela TV.
b) Eram espetáculos de artistas famosos e todos tinham desejo de assistir a eles pela TV.
c) Eram espetáculos de artistas famosos e todos tinham desejo de assistir-lhes pela tevê.
d) Era espetáculos de artistas famosos e todos tinham desejos de assisti-los pela televisão.
e) Eram espetáculos de artistas famosos e todos tinham desejos de assistir-los pela TV.
Resposta: Opção B. O verbo ASSISTIR no sentido de VER é transitivo indireto, não admitindo o uso do pronome oblíquo O. Sendo assim, as alternativas A, D e E ficam excluídas. A opção C também se elimina, visto que o verbo ASSISTIR, em tal acepção, não tem como complemento pessoa, portanto não aceitando o uso do pronome oblíquo LHES.

(Inspetor da Polícia Civil – NCE) As questões 19 e 20 apresentam a mesma formulação, ou seja, deve-se marcar o item cuja frase se apresenta redigida da forma mais adequada, considerando-se clareza, elegância, precisão e correção.

19.
a) Quais de vós pretendem fazer da exceção uma regra a fim de melhorarem nossa imagem?
b) Quais de vós pretendeis fazer da exceção uma regra afim de melhorarem nossa imagem?
c) Quais de vós pretendem fazer da excessão uma regra a fim de melhorar nossa imagem?
d) Quais de vós pretendeis fazer da exceção uma regra a fim de melhorardes nossa imagem?
e) Quais de vós pretendem fazer da excessão uma regra afim de melhorarem nossa imagem?
Resposta: Opção A. Questão polêmica, havendo duas alternativas corretas: A e D. As opções C e E são, de imediato, excluídas em função da ortografia de "exceção". A alternativa B contém uma falha de concordância, visto que o primeiro verbo se encontra na segunda pessoa do plural e o segundo verbo encontra-se na terceira pessoa do plural, estando ambos a referir-se aos mesmos seres. A estrutura QUAIS DE VÓS admite tanto o uso do verbo na terceira pessoa do plural, como na segunda pessoa do plural, estando, pois, as alternativas A e E escorreitas. O critério usado para dizer-se que a opção A é a mais adequada se deu, provavelmente, pela escolha da concordância com o núcleo do sujeito e não com o adjunto adnominal. Outra interpretação cabível é o fato de a segunda pessoa do plural estar em desuso na variante brasileira da língua portuguesa, devendo privilegiar-se a terceira pessoa do plural.

20.
a) O juiz chegou antes deles decidirem sobre o custo dos telefonemas e cartas enviadas.
b) O juíz chegou antes de eles decidirem sobre o custo das telefonemas e cartas enviadas.
c) O juiz chegou antes de eles decidirem sobre o custo dos telefonemas e cartas enviadas.
d) O juíz chegou antes deles decidirem sobre o custo das telefonemas e cartas enviados.
e) O juíz chegou antes deles decidirem sobre o custo dos telefonemas e cartas enviados.
Resposta: Opção C. Como o pronome "eles" funciona como sujeito do verbo "decidirem", não poderá estar contraído com a preposição DE. TELEFONEMA é substantivo masculino, só podendo ser precedido do artigo "o". Além disso, "enviadas" teria que estar na forma feminina, visto que, por motivos semânticos, somente poderia referir-se ao termo "cartas".

Gabarito

CAPÍTULO 1

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
B	B	D	A	C	B	C	D	E	B	E	C

CAPÍTULO 2

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
A	E	A	B	D	A	D	C	B	C	C	B
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
C	A	B	E	B	B	D	B	C	A	C	A
25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
A	B	C	A	E	B	A	C	E	B	D	C
37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
B	C	D	E	C	C	C	E	E	B	B	A
49	50	51	52	53	54	55	56	57	58		
E	D	A	A	E	B	A	C	C	C		

CAPÍTULO 3

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
C	C	A	C	B	A	B	A	E	E	A	C

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
B	C	C	A	B	B	D	C	B	B	B	E
25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
C	C	C	E	D	C	C	A	C	B	B	D
37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
D	C	D	C	A	D	C	E	A	D	D	E
49	50	49	50	49	50	49	50	49	50	49	50
A	E	A	E	A	E	A	E	A	E	A	E

CAPÍTULO 4

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
A	A	C	E	A	C	A	C	D	A	D	A
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
D	C	C	D	D	B	E	E	E	C	E	C
25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
B	A	E	A	D	A	B	E	A	D	B	E
37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
B	A	B	E	E	D	B	B	A	B	B	C
49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60
D	B	B	A	E	C	D	A	B	D	A	B
61	62	63	61	62	63	61	62	63	61	62	63
C	A	C	C	A	C	C	A	C	C	A	C

CAPÍTULO 5

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
A	D	B	D	E	D	D	D	C	D	A	C
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
C	D	C	D	A	C	D	B	B	D	B	B
25	26	27	28	29	30	31	32	33	34		
D	D	E	E	B	B	C	A	A	A		

CAPÍTULO 6

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
A	E	B	D	B	A	A	D	A	A	D	A
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
A	A	C	E	C	B	E	B	E	C	C	B
25	26	25	26	25	26	25	26	25	26	25	26
A	D	A	D	A	D	A	D	A	D	A	D

CAPÍTULO 7

1	2	3	4	5	6	7
D	E	C	B	E	C	B

CAPÍTULO 8

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
A	A	D	C	D	D	C	A	B	C

CAPÍTULO 9

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
D	E	D	C	D	D	E	B	E	C	E	D

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
D	D	A	C	E	E	C	B	A	D	A	D
25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
D	D	C	D	E	B	A	B	B	D	A	E
37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
B	C	C	A	B	E	A	B	B	A	D	C
49	50	51	52	53	54	55	56				
B	E	D	C-E-E-C-C	D	E	A	D				

CAPÍTULO 10

1)

1	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONCESSIVA
2	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONDICIONAL
3	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CAUSAL
4	CONJUNÇÃO COORDENATIVA ADITIVA
5	CONJUNÇÃO COORDENATIVA ADVERSATIVA
6	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA INTEGRANTE
7	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA FINAL
8	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONSECUTIVA
9	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONFORMATIVA
10	CONJUNÇÃO COORDENATIVA CONCLUSIVA
11	CONJUNÇÃO COORDENATIVA ALTERNATIVA
12	CONJUNÇÃO COORDENATIVA EXPLICATIVA
13	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA COMPARATIVA
14	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA TEMPORAL
15	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA PROPORCIONAL
16	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA PROPORCIONAL
17	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA COMPARATIVA
18	CONJUNÇÃO COORDENATIVA ALTERNATIVA
19	CONJUNÇÃO COORDENATIVA CONCLUSIVA
20	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA INTEGRANTE
21	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONCESSIVA
22	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONDICIONAL

23	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA TEMPORAL
24	CONJUNÇÃO COORDENATIVA ADVERSATIVA
25	CONJUNÇÃO COORDENATIVA ADITIVA
26	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CAUSAL
27	CONJUNÇÃO COORDENATIVA EXPLICATIVA
28	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONFORMATIVA
29	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONSECUTIVA
30	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA FINAL

2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
C	A	A	B	C	B	D	C	C	D	E	C
14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25
D	A	C	A	A	A	B	A	C	D	E	B
26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37
A	A	C	B	A	D	B	B	A	A	C	A
38	39	40	41	42	43	44	45				
D	C	C	E	C	C	C	C				

CAPÍTULO 11

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
C	D	A	A	B	E	D	A	C	D	B	E
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	
C	E	D	D	E	E	D	B	E	B	1-C; 2-C.	

CAPÍTULO 13

1	2	3	4	5	6	7	8
E	B	A	B	B	A	D	C

CAPÍTULO 14
SEÇÃO 14.4.3.1

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
B	A	E	E	D	D	D	A	B	B

SEÇÃO 14.5
1)

b	RD-ENCONTR, VT ALOMÓRFICA-E, DNP-I;
c	RD-VENC, VT ALOMÓRFICA-I, DMT-DO;
d	RD-GARANT, DNP-I;
e	RD-GARANT, VT ALOMÓRFICA-E, DNP-M;
f	RD-GARANT, VT ALOMÓFICA-E;
g	RD-ENTEND; V T ALOMÓRFICA-I, DMT-A;
h	RD-AGUENT; VT ALOMÓRFICA-O, DNP-U;
i	RD-PASS; VT-A; DMT-SSE; DNP-M;
j	RD-PASS, DMT-E, DNP-M;
k	RD-QUER; DNP-O;
l	RD-VENC, VT ALOMÓRFICA-I, DMT-E, DNP-IS;
m	RD-PED, VT-I, DNP-U;
n	RD-ENTEND, DMT-A, DNP-MOS;
o	RD- ADMIT, VT-I, DMT-A;
p	RD- ADMIT, DNP-I;
q	RD-COM, VT-E, DNP-U;
r	RD-COM, VT ALOMÓRFICA-I, DMT-A, DNP-S;

2	3	4	5	6
A	E	E	A	B

SEÇÃO 14.6.1

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
E	E	E	E	E	E	A	E	D	D	D	C
13	14	15	16	13	14	15	16	13	14	15	16
A	C	A	E	A	C	A	E	A	C	A	E

SEÇÃO 14.7.1

1	2	3
D	C	A

SEÇÃO 14.7.2

1	2
C	E

SEÇÃO 14.7.3

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
E	D	B	E	C	C	E	D	A	A	B	E
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
C	B	B	B	A	A	B	C	A	D	B	C
25	26	27	25	26	27	25	26	27	25	26	27
D	D	B	D	D	B	D	D	B	D	D	B

SEÇÃO 14.8.1

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
A	D	B	B	E	E	B	B	B	E	C	E
13	14										
A	C										

SEÇÃO 14.9.1

1	2	3	4	5	6	7	8
C	A	B	C	B	C	C	D

SEÇÃO 14.10.1

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
E	B	B	E	E	A	E	E	C	E	E	C	D

SEÇÃO 14.14.1

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
B	A	B	B	D	C	A	A	A	C	A	D
13	14	15	16	17							
B	E	C	A	C							

SEÇÃO 14.15.1

1
A

SEÇÃO 14.16.1

1	2	3	4
A	C	E	E

SEÇÃO 14.17.4.1

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
E	E	E	E	D	B	C	B	E	A	B	D
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
C	D	B	C	C	D	C	A	C	B	A	C
25	26	27	28	25	26	27	28	25	26	27	28
A	C-C-E-E-E	E-C-E-C-E	A	A	C-C-E-E-E	E-C-E-C-E	A	A	C-C-E-E-E	E-C-E-C-E	A

SEÇÃO 14.18.1

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
A	E	D	A	C	D	E	E	C	B

SEÇÃO 14.19

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
D	B	A	B	C	A	E	B	D	E	C	A
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
D	A	E	B	C	A	A	D	D	A	C	E
25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
B	D	E	B	E	E	A	D	D	A	E	D
37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
C	B	C	A	D	D	B	A	B	B	D	D
49	50	51	49	50	51	49	50	51	49	50	51
A	B	B	A	B	B	A	B	B	A	B	B

CAPÍTULO 15

1	2	3	4	5	6	7	8	9
1,3,4,1,4,3,2,1,3,2,3,4	E	C	B	C	C	A	A	E
10	11	12	13					
C	E	D	D					

CAPÍTULO 16

1	2	3	4	5	6	7	8	9
2,1,1,2,2,3,3,1,2,3,3	C	B	D	A	E	B	C	E

CAPÍTULO 17

1	2	3	4

5,2,1,4,3,2,5	D	D	D

CAPÍTULO 18

1	2	3	4	5	6	7	8
5,1,2,6,3,1,4,6,2,3	C	E	B	E	C	E	D

CAPÍTULO 19
SEÇÃO 19.1.1

1
1,2,2,1,2,1

SEÇÃO 19.4

1	2	3	4	5	6	7	8	9
1-2-1-2-1-2	B	E	B	B	A	A	E	B
10	11	12	13	14				
B	E	A	D	C				

CAPÍTULO 20

1		
I – 1, 13;	VI – 10, 6;	XI – 14, 11;
II – 9, 1, 16;	VII – 15;	XII – 3, 11
III – 12, 13, 11;	VIII – 8, 2, 17;	XIII – 6, 1, 13;
IV – 2, 4;	IX – 1, 2, 15;	XIV – 9, 5, 11;
V – 1, 4	X – 9, 2;	XV – 3, 15;

2	3	4	5	6
D	E	D	E	C

CAPÍTULO 21
SEÇÃO 21.3.1

1
3,2,1,1,2,3

SEÇÃO 21.3.2.1

1
a) objeto direto; b) objeto indireto; c) adjunto adnominal; d) objeto direto; e) complemento nominal; f) complemento nominal; g) adjunto adnominal; h) objeto indireto; i) sujeito; j) sujeito.

SEÇÃO 21.3.3.1

1
a) objeto direto; b) sujeito; c) complemento nominal; d) objeto indireto; e) adjunto adverbial de lugar; f) objeto indireto; g) complemento nominal; h) sujeito; i) objeto direto; j) complemento nominal; k) objeto indireto; l) complemento nominal; m) adjunto adverbial de lugar.

SEÇÃO 21.3.4.1

1
I – complemento nominal – sujeito; II – objeto indireto – objeto direto; III – objeto direto – predicativo do sujeito; IV – objeto indireto – sujeito – objeto direto – objeto direto.

SEÇÃO 21.3.5

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
D	C	A	D	E	E	C	D	C	D	D	A
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
A	C	A	D	D	B	E	D	D	E	C	B

CAPÍTULO 22
SEÇÃO 22.2

1	2	3
5-4-3-1-2-1-2-3-4-5	C	D

SEÇÃO 22.4

1	2	3	4	5	6	7	8	9
3,2,5,1,7,1,6,4,4,3,2,5,1,7,5,4,2	E	D	C	D	C	D	A	A

SEÇÃO 22.6

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
C	E	E	E	A	A	A	D	E	E	C	A

SEÇÃO 22.9

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
D	B	B	A	C	B	E	E	C	A	D	B
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
D	D	B	E	A	B	B	C	E	B	D	E
25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	
E	D	A	D	E	C	D	C	C-C-C-E-E	C	B	

CAPÍTULO 24.11

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
E	C	C	E	E	E	D	A	B	B	D	A
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
E	A	A	A	E	D	C	C	D	A	C	C
25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
A	A	D	E	B	A	A	E	D	C	A	A
37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
A	C	B	D	D	E	A	C	B	B	E	A
49	50	49	50	49	50	49	50	49	50	49	50
B	D	B	D	B	D	B	D	B	D	B	D

CAPÍTULO 25

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12

C	C	C	A	C	E	C	A	A	E	E	A
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
C	C	C	A	E	A	C	B	A	A	E	A
25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
A	D	E	B	A	B	A	B	B	A	C	A
37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
A	E	D	B	D	D	A	B	D	A	A	E
49	50	49	50	49	50	49	50	49	50	49	50
A	B	A	B	A	B	A	B	A	B	A	B

CAPÍTULO 26

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
C	C	C	D	D	A	D	B	E	B	D	A
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
E	A	D	B	A	A	D	A	C	E	B	D
25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
A	D	C	A	D	E	B	A	E	B	D	D
37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
B	A	A	B	B	B	E	D	D	B	B	B
49	50	49	50	49	50	49	50	49	50	49	50
B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B

CAPÍTULO 27
SEÇÃO 27.2

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
A	D	D	D	B	C	E	B	E	B	D	A
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
A	A	E	E	C	E	D	C	E	E	B	A
25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
E	A	C	B	D	C	A	A	A	A	C	A
37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
D	B	B	B	A	B	A	C	B	A	A	C
49	50	49	50	49	50	49	50	49	50	49	50
D	B	D	B	D	B	D	B	D	B	D	B

SEÇÃO 27.4

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
A	D	E	E	C	E	A	A	E	B	B	D
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
B	D	E	E	D	E	E	E	A	D	A	E
25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
B	A	C	A	D	B	A	B	A	E	E	A
37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
B	A	B	D	E	B	C	D	A	D	C	A
49	50	49	50	49	50	49	50	49	50	49	50
A	C	A	C	A	C	A	C	A	C	A	C

CAPÍTULO 28

SEÇÃO 28.6

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
A	B	B	D	C	C	B	B	B	D	A	C	D

Bibliografia

Alencar, José de. O Guarani. 7. ed. São Paulo: Minerva, 1965.

Alves, Castro. Espumas Flutuantes. Rio de Janeiro: Record, 1997.

Aquino, Renato Monteiro de. Interpretação de Textos (Série Provas e Concusos). Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2005.

Aquino, Renato Monteiro de. Português para Concursos (Série Provas e Concursos). Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2005.

Assis, Joaquim Maria Machado de. Memórias Póstumas de Brás Cubas. Edição única. São Paulo: Abril Cultural, 1998.

Assis, Joaquim Maria Machado de. Dom Casmurro. Edição única. São Paulo: Abril Cultural, 1998.

Barreto, Afonso Henriques de Lima. Triste Fim de Policarpo Quaresma. 3. ed. São Paulo: Ática, 1987.

Bechara, Evanildo. Gramática Escolar da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

Bechara, Evanildo. Moderna Gramática Portuguesa. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

Câmara JR., Joaquim Mattoso. Estrutura da Língua Portuguesa. 35. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

Camões, Luís Vaz de. Os Lusíadas. Edição única. São Paulo: Abril Cultural, 1997.

Carneiro, Agostinho Dias. Redação em Construção. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2003.

Cunha, Celso Ferreira da. Gramática da Língua Portuguesa. 10. ed. [s.l.]: FAE, 1984.

Cunha, Celso Ferreira da; CINTRA, Luís Filipe Lindley. Nova Gramática do Português Contemporâneo. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

Cunha, Euclides da. Os Sertões. Edição única. Editora Abril, 1969.

Dubois, Jean. Dicionário de Linguística. São Paulo: Cultrix, 1993.

Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário Aurélio. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

Figueiredo, Fernando. Português no Concurso Público. 2. ed. Edição do autor. [s.l.], 1999.

Garcia, Othon Moacyr. Comunicação em Prosa Moderna. 20. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001.
Guimarães, Bernardo. A Escrava Isaura. Edição especial. [s.l.]: Sociedade Comercial e Editorial Santiago. Publicações Europa América, 1998.
Ida, Manuel Said Ali. Gramática Histórica da Língua Portuguesa. 6. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1966.
Lima, Carlos Henrique de Rocha Lima. Gramática Normativa da Língua Portuguesa. 25. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.
Luft, Celso Pedro. Moderna Gramática Brasileira. 2. ed. Rio de Janeiro: Globo, 2002.
Pessoa, Fernando. Poemas Escolhidos. O Globo, Klick Editora, 1997.
Pompéia, Raul. O Ateneu. O Globo, Klick Editora, 1997.
Queirós, Eça de. A relíquia. O Globo, Klick Editora, 1997.
Queirós, Eça de. O Primo Basílio. Edição única. São Paulo: Abril Cultural, 1969.
Ramos, Graciliano. São Bernardo. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.
Reis, Otelo. Breviário da Conjugação de Verbos. 54. ed. [s.l.]: Editora Villa Rica, 2001.
Ribeiro, Manoel Pinto. Gramática Aplicada da Língua Portuguesa. 15. ed. Rio de Janeiro: Metáfora Editora, 2005.
Sabino, Fernando. A Mulher do Vizinho. Edição Integral. São Paulo: Círculo do Livro, 1962.
VerÍssimo, Luis Fernando. As Mentiras que os Homens Contam. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ELSEVIER

MARCELO ROSENTHAL

Gramática para Concursos

Teoria e mais de 1000 questões

6ª Edição

SÉRIE PROVAS & CONCURSOS

- Livro em duas cores para facilitar o aprendizado

Inclui:

- Questões recentes de concursos para fixação

CAMPUS CONCURSOS

Selo de Qualidade
ANPAC
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PROTEÇÃO E APOIO AOS CONCURSOS

Cadastre-se em **www.elsevier.com.br** para conhecer nosso catálogo completo, ter acesso a serviços exclusivos no site e receber informações sobre nossos lançamentos e promoções.

MARCELO ROSENTHAL

Gramática para Concursos

Teoria e mais de 1000 questões

6ª Edição

SÉRIE PROVAS & CONCURSOS

CAMPUS
CONCURSOS

© 2013, Elsevier Editora Ltda.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Revisão: Irênio Silveira Chaves
Editoração Eletrônica: SBNigri Artes e Textos Ltda.
Epub: SBNigri Artes e Textos Ltda.

Coordenador da Série: Sylvio Motta

Elsevier Editora Ltda.
Conhecimento sem Fronteiras
Rua Sete de Setembro, 111 – 16º andar
20050-006 – Centro – Rio de Janeiro – RJ – Brasil

Rua Quintana, 753 – 8º andar
04569-011 – Brooklin – São Paulo – SP – Brasil

Serviço de Atendimento ao Cliente
0800-0265340
atendimento1@elsevier.com

ISBN 978-85-352-7045-7
ISBN (versão eletrônica) 978-85-352-7046-4

Nota: Muito zelo e técnica foram empregados na edição desta obra. No entanto, podem ocorrer erros de digitação, impressão ou dúvida conceitual. Em qualquer das hipóteses, solicitamos a comunicação ao nosso Serviço de Atendimento ao Cliente, para que possamos esclarecer ou encaminhar a questão.
Nem a editora nem o autor assumem qualquer responsabilidade por eventuais danos ou perdas a pessoas ou bens, originados do uso desta publicação.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Rosenthal, Marcelo
Gramática para concursos / Marcelo Rosenthal. – 6. ed. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.
584 p. – (Provas e concursos)

R727g ISBN 978-85-352-7045-7

1. Língua portuguesa – Gramática. 2. Língua portuguesa – Problemas, questões, exercícios. 3. Serviço público – Brasil – Concursos. I. Título.

13-2116. CDD: 469.5
CDU: 811.134.3'36

Dedicatórias

À minha mulher Vânia, à minha filha Júlia, aos meus pais Cláudio (in memoriam) e Edwiges (in memoriam), à minha irmã Edwiges Maria e família, a todos os meus grandes amigos, sobretudo Maurício Bueno. Também não posso deixar de lembrar-me de três amigos tão importantes na minha vida: Mauro Lasmar, Maria Suely da Silva e José Ricardo Pereira Ribeiro – os quais me deram a flor mais bela do meu pequeno jardim.

À memória do meu grande amigo Marco Aurélio Ribeiro de Brito, companheiro da pelada à Copa do Mundo.

Agradecimentos

Ao amigo e professor Paulo Paranhos, que não fez somente um trabalho de revisão, como também emitiu opiniões sobre a teoria, ofereceu-me soluções para problemas que se apresentaram, além de muito gentilmente fazer o prefácio deste livro.

À minha amiga e assistente Lilian Furtado, que colaborou bastante com pesquisa de questões de provas, digitação, revisão e formatação do texto.

Por fim, ao meu grande amigo Fernando Figueiredo, por quem nunca neguei nutrir grande admiração e de quem, em conversas informais, "arranquei" importantíssimas informações sobre a nossa língua. A objetividade de seu trabalho aliada a um grande conhecimento teórico é, para mim, um norte.

O Autor

Marcelo Rosenthal

- Formado em Letras (Português-Alemão) pela UFRJ.
- Ex-professor de Língua Portuguesa do União Concursos.
- Ex-professor de Língua Portuguesa do Pré-Concursos.
- Ex-professor de Língua Portuguesa da Degrau Cultural.
- Ex-professor de Língua Portuguesa do Curso Gabarito.
- Ex-professor de Língua Portuguesa do Curso Metta.
- Ex-professor de Língua Portuguesa do Curso Decisum.
- Professor de Língua Portuguesa da Academia do Concurso Público.
- Professor de Língua Portuguesa da Companhia dos Módulos.
- Técnico Judiciário do Tribunal Regional do Trabalho da Primeira Região.
- Professor em aulas telepresenciais disponíveis pela internet do curso Concurso Virtual – www.concursovirtual.com.br

Apresentação

O meu maior objetivo, ao escrever este material, foi ser objetivo. Sou funcionário público e passei no concurso estudando apenas em apostilas e livros especializados. Então, veio-me o seguinte raciocínio: se hoje eu fosse candidato, que informações me seriam necessárias para ter verdadeira possibilidade de aprovação?

Com esta preocupação de mostrar efetivamente o que cai em provas, comecei a trabalhar. Expus as divergências entre os principais autores e o que as bancas seguem, procurei aprofundar-me em temas comumente explorados nos concursos, porém pouco desenvolvidos nas gramáticas. Além disso, comentei gabaritos de questões, que se revelaram, pela minha experiência profissional, de extrema dificuldade para o candidato.

Por fim, volto a ressaltar a finalidade deste livro: transformar-se em uma literatura prática e específica na área de concursos, onde todos poderão dirimir suas dúvidas e esclarecer pontos de nossa língua que não constam – ou são analisados apenas superficialmente – nas obras tradicionais.

ENTRE O SONO e o sonho,
Entre mim e o que em mim
É o quem eu me suponho,
Corre um rio sem fim.
(Fernando Pessoa)

Marcelo Rosenthal

Prefácio

Até que enfim apareceu uma verdadeira gramática para o concursando. Teoria na medida certa, exercícios retirados das provas das principais bancas, abordagem de temas polêmicos exigidos pelas bancas.

Sim, porque gramáticas – e algumas muito boas – existem várias. Algumas bastante completas e complexas, que, como um dicionário e um catálogo telefônico, todos devem ter uma para consultas. Não são dirigidas a concursos, abordam assuntos que não são importantes para o concursando e, geralmente, não têm exercícios.

Há também as gramáticas escolares, que podem servir para o estudo de alguns pontos, mas são dirigidas ao ensino médio, que têm características muito diferentes. Além de não terem gabarito para os exercícios.

E os livros voltados para concursos? Teoria mínima, exercícios muitos. Mais parecem coletâneas de provas – algumas bastante defasadas – com gabarito. Raramente comentado.

O Professor Rosenthal conseguiu atingir o ponto de equilíbrio entre teoria e prática. Abordagem teórica de todos os principais conteúdos exigidos em concursos públicos na medida certa para o estudo do concursando. Exercícios em boa quantidade, sem exageros, de todos os conteúdos. Interessantes os gabaritos comentados letra a letra em questões dos conteúdos mais complexos.

A correta utilização da gramática como ferramenta para a interpretação de textos. Afinal, a Língua existe para comunicar e não para "gramaticar". Exemplo disso é a utilização de funções agentes e pacientes para o entendimento de frases com alteração semântica.

Importante também a abordagem de pontos complexos – de que muitos autores fogem – como a concordância do adjetivo adjunto e do adjetivo predicativo. A semântica dos tempos verbais. Os valores relacionais e semânticos das preposições. Paralelismo sintático.

Enfim, um livro que pode ser honestamente chamado de GRAMÁTICA PARA CONCURSOS.

Prof. Paulo Paranhos

Sumário

Capa

Cadastro

Folha de Rosto

Créditos

Dedicatórias

Agradecimentos

O Autor

Apresentação

Prefácio

Capítulo 1 – Fonologia

- **1.1. Letra e Fonema**
- **1.2. Ditongo**
  - 1.2.1. Ditongo decrescente
  - 1.2.2. Ditongo crescente
  - 1.2.3. Ditongo oral
  - 1.2.4. Ditongo nasal
  - 1.2.5. Ditongo fonético
- **1.3. Tritongo**
- **1.4. Hiato**
- **1.5. Glide**

1.6. Dígrafo
1.7. Letra diacrítica
1.8. Encontro consonantal
1.9. Exercícios

Capítulo 2 – Ortografia

2.1. Palavras que se escrevem com "ESA"
2.2. Palavras que se escrevem com "EZA"
2.3. Palavras que se escrevem com "ÊS"
2.4. Palavras que se escrevem com "EZ"
2.5. Palavras que se escrevem com "OSO", "OSA"
2.6. Palavras que se escrevem com "ISAR"
2.7. Palavras que se escrevem com "IZAR"
2.8. Palavras que se escrevem com "S"
2.9. Palavras que se escrevem com "Z"
2.10. Palavras que se escrevem com "X"
2.11. Palavras que se escrevem com "CH"
2.12. Palavras que se escrevem com "Ç" ou "C"
2.13. Palavras que se escrevem com "SS"
2.14. Palavras que se escrevem com "SC"
2.15. Palavras que se escrevem com "G"
2.16. Palavras que se escrevem com "J"
2.17. Palavras especiais
2.18. uso do porquê
2.18.1. Porque
2.18.2. Porquê
2.18.3. Por que
2.18.4. Por quê
2.19. Uso do "mal"
2.19.1. Mal (antônimo de bem)
2.19.2. Mal (conjução subordinativa temporal)
2.19.3. Mau (antônimo de bom)
2.20. Uso do hífen em prefixos – regra geral

2.21. Parônimos

2.22. Homônimos

2.23. Casos especiais

2.23.1. Abaixo / a baixo

2.23.2. Acerca de/ cerca de/ a cerca de/ há cerca de

2.23.3. Acima / a cima

2.23.4. Afim / a fim de

2.23.5. Afora / a fora

2.23.6. Ao encontro de / de encontro a

2.23.7. Aparte / à parte

2.23.8. Apedido ou a-pedido / a pedido

2.23.9. Bem-posto / bem posto

2.23.10. Conquanto / com quanto

2.23.11. Contudo / com tudo

2.23.12. Dantes / de antes

2.23.13. Debaixo / de baixo

2.23.14. Demais / de mais

2.23.15. Desapercebido / despercebido

2.23.16. Detrás / de trás

2.23.17. Devagar / de vagar

2.23.18. Dia-a-dia / dia a dia

2.23.19. Em vez de / ao invés de

2.23.20. Enfim / em fim

2.23.21. Enquanto / em quanto

2.23.22. Malgrado / mau grado

2.23.23. Nenhum / nem um

2.23.24. Porventura / por ventura

2.23.25. Porquanto / por quanto

2.23.26. Portanto / por tanto

2.23.27. Sem-cerimônia / sem cerimônia

2.23.28. Sem-fim / sem fim

2.23.29. Sem-número / sem número

2.23.30. Se não / senão
2.23.31. Sobretudo / sobre tudo
2.23.32. Tampouco / tão pouco
2.24. Formas variantes
2.25. Exercícios

Capítulo 3 – Regras de Acentuação

3.1. Monossílabos tônicos
3.2. Oxítonas
3.3. Paroxítonas
3.4. Proparoxítonas
3.5. Ditongos abertos ÉI(S), ÉU(S), ÓI(S)
3.6. "I" e "U", quando isolados numa sílaba
3.7. "OO" ou "EE"
3.8. Acento diferencial
3.8.1. Intensidade
3.8.2. Timbre
3.8.3. Número / pessoa
3.9. Trema
3.10. Exercícios

Capítulo 4 – Estrutura dos Nomes

4.1. Radical
4.2. Afixos
4.3. Vogal temática
4.4. Desinências
4.4.1. De gênero
4.4.2. De número
4.4.3. De grau
4.5. Vogais e consoantes de ligação
4.6. Formação dos nomes
4.6.1. Composição
4.6.1.1. Justaposição

4.6.1.2. Aglutinação
4.6.2. Derivação
4.6.2.1. Sufixal
4.6.2.2. Prefixal
4.6.2.3. Prefixal e sufixal (derivação sucessiva)
4.6.2.4. Parassintética
4.6.2.5. Regressiva
4.6.3. Conversão
4.6.4. Hibridismo
4.6.5. Reduplicação
4.6.6. Abreviação
4.6.7. Sigla
4.6.8. Neologismo
4.7. Prefixos latinos
4.8. Prefixos gregos
4.9. Relação de sufixos
4.10. Correspondência entre prefixos gregos e latinos
4.11. Latinismos
4.12. Exercícios

Capítulo 5 – Substantivo

5.1. Substantivo concreto
5.2. Substantivo abstrato
5.3. Substantivo simples
5.4. Substantivo composto
5.5. Substantivo primitivo
5.6. Substantivo derivado
5.7. Substantivo comum
5.8. Substantivo próprio
5.9. Coletivo
5.10. Flexão nominal
5.10.1. Gênero
5.10.1.1. Comum de dois gêneros

5.10.1.2. Sobrecomum
5.10.1.3. Epiceno ou promíscuo
5.10.1.4. Heterônimo ou desconexo
5.10.1.5. Lista especial de femininos
5.10.1.6. Casos especiais de gênero dos substantivos
5.10.1.7. Substantivos que mudam de sentido com a mudança do gênero
5.10.2. Número
5.10.2.1. Plural de alguns substantivos
5.10.2.2. Regras do plural de substantivos simples
5.10.2.3. Plural dos substantivos compostos
5.10.2.4. Relação de substantivos compostos no plural
5.10.2.5. Plural com metafonia
5.10.3. Grau
5.10.3.1. Aumentativos
5.10.3.2. Diminutivos
5.11. Exercícios

Capítulo 6 – Adjetivo

6.1. Adjetivo restritivo
6.2. Adjetivo explicativo
6.3. Grau dos adjetivos
6.3.1. Comparativo
6.3.2. Superlativo
6.4. Formação dos superlativos absolutos sintéticos
6.5. Relação de superlativos absolutos sintéticos
6.6. Locuções adjetivas
6.6.1. Lista de locuções adjetivas
6.7. Adjetivo com valor subjetivo ou indicativo de “qualidade”
6.8. Adjetivo com valor objetivo ou indicativo de “característica”
6.9. Exercícios

Capítulo 7 – Artigo

7.1. Artigo definido

7.2. Artigo indefinido
7.3. Exercícios

Capítulo 8 – Advérbio

8.1. Graus do advérbio
8.1.1. Comparativo
8.1.2. Superlativo
8.2. Locução adverbial
8.3. Palavras denotativas ou partículas expletivas
8.4. Exercícios

Capítulo 9 – Pronome

9.1. Pronomes pessoais retos
9.2. Pronomes pessoais oblíquos
9.3. Pronomes possessivos
9.4. Pronomes demonstrativos
9.4.1. Usos especiais de pronomes demonstrativos
9.4.2. Casos especiais de pronome demonstrativo
9.5. Pronomes indefinidos
9.6. Pronomes relativos
9.7. Pronomes interrogativos
9.8. Pronomes de tratamento
9.9. Pronome reflexivo
9.10. Pronome recíproco
9.11. Pronome parte integrante do verbo
9.12. Estudo da colocação dos pronomes
9.13. Contração dos pronomes oblíquos átonos em verbos transitivos diretos e indiretos
9.14. Exercícios

Capítulo 10 – Conjunções

10.1. Conjunções coordenativas
10.1.1. Aditivas

10.1.2. Adversativas
10.1.3. Alternativas
10.1.4. Conclusivas
10.1.5. Explicativas
10.2. Conjunções subordinativas
10.2.1. Causais
10.2.2. Concessivas
10.2.3. Condicionais
10.2.4. Temporais
10.2.5. Consecutivas
10.2.6. Finais
10.2.7. Proporcionais
10.2.8. Conformativas
10.2.9. Comparativas
10.2.10. Integrantes
10.3. Exercícios

Capítulo 11 – Preposição

11.1. Essenciais
11.2. Acidentais
11.3. Locuções prepositivas
11.4. Combinação
11.5. Contração
11.6. Valores semânticos das preposições
11.7. Exercícios

Capítulo 12 – Interjeição

Capítulo 13 – Numeral

13.1. Numeral substantivo
13.2. Numeral adjetivo
13.3. Classificação
13.3.1. Multiplicativo

13.3.2. Fracionário
13.3.3. Ordinais
13.3.4. Cardinais
13.4. Exercícios

Capítulo 14 – Verbo

14.1. Verbos regulares
14.2. Verbos irregulares
14.3. Verbos anômalos
14.4. Os valores semânticos dos verbos e as ideais correlações
14.4.1. Modo indicativo
14.4.2. Modo subjuntivo
14.4.3. Modo imperativo
14.4.3.1. Correlação de Tempos
14.5. Estrutura dos verbos
14.5.1. Radical
14.5.2. Vogal temática
14.5.3. Tema
14.5.4. Desinência modo-temporal
14.5.5. Desinência número-pessoal
14.5.5.1. Exercícios
14.6. Formação de imperativo
14.6.1. Exercícios
14.7. Formas nominais
14.7.1. Gerúndio
14.7.1.1. Exercícios
14.7.2. Particípio
14.7.2.1. Particípios Duplos
14.7.2.2. Exercícios
14.7.3. Infinitivo
14.7.3.1. Exercícios
14.8. Falsos derivados
14.8.1. Exercícios

14.9. Verbos impessoais
14.9.1. Exercícios
14.10. Verbos defectivos
14.10.1. Exercícios
14.11. Formas rizotônicas e arrizotônicas verbais
14.11.1. Rizotônicas
14.11.2. Arrizotônicas
14.12. Verbos terminados em IAR
14.13. Verbos terminados em EAR
14.14. Verbos terminados em GUAR
14.14.1. Exercícios
14.15. Verbos terminados em Uir
14.15.1. Exercício
14.16. Verbos prazer, aprazer e desprazer
14.16.1. Exercícios
14.17. Vozes verbais
14.17.1. Voz ativa
14.17.2. Voz passiva
14.17.3. Voz reflexiva
14.17.4. Voz reflexiva com valor recíproco
14.17.4.1. Exercícios
14.18. Tempos compostos
14.18.1. Exercícios
14.19. Exercícios de revisão

Capítulo 15 – Sujeito

15.1. Sujeito simples
15.2. Sujeito composto
15.3. Sujeito inexistente ou oração sem sujeito
15.4. Sujeito indeterminado
15.5. Exercícios

Capítulo 16 – Predicado

16.1. Predicado nominal
16.2. Predicado verbal
16.3. Predicado verbo-nominal
16.4. Exercícios

Capítulo 17 – Predicativo

17.1. Do sujeito
17.2. Do objeto
17.3. Exercícios

Capítulo 18 – Objeto

18.1. Direto
18.2. Indireto
18.3. Direto preposicionado
18.4. Pleonástico
18.5. Objeto direto interno ou cognato
18.6. Exercícios

Capítulo 19 – Complemento Nominal e Adjunto Adnominal

19.1. Complemento nominal
19.1.1. Exercícios
19.2. Adjunto adnominal
19.3. Complemento nominal X adjunto adnominal
19.4. Exercícios
19.5. Exercícios com gabarito comentado acerca de complemento nominal e adjunto adnominal

Capítulo 20 – Adjunto Adverbial

20.1. Classificação
20.2. Exercícios

Capítulo 21 – Agente da Passiva, Aposto e Vocativo

21.1. Agente da Passiva
21.2. Aposto

21.2.1. Aposto denominativo
21.2.2. Aposto explicativo
21.2.3. Aposto enumerativo
21.2.4. Aposto resumitivo
21.2.5. Aposto distributivo
21.3. Vocativo
21.3.1. Exercícios
21.3.2. Análise sintática do pronome oblíquo
21.3.2.1. Exercícios
21.3.3. Análise sintática do pronome relativo
21.3.3.1. Exercícios
21.3.4. Análise sintática de pronome demonstrativo e pronome relativo juntos
21.3.4.1. Exercícios
21.3.5. Exercícios

Capítulo 22 – Classificação de Orações

22.1. Orações coordenadas
22.1.1. Assindéticas
22.1.2. Sindéticas
22.1.2.1. Aditivas
22.1.2.2. Adversativas
22.1.2.3. Alternativas
22.1.2.4. Conclusivas
22.1.2.5. Explicativas
22.2. Exercícios
22.3. Orações subordinadas
22.3.1. Substantivas
22.3.1.1. Subjetivas
22.3.1.2. Objetivas diretas
22.3.1.3. Objetivas indiretas
22.3.1.4. Completivas nominais
22.3.1.5. Predicativas

22.3.1.6. Apositivas
22.3.1.7. Agentes da passiva
22.4. Exercícios
22.5. Orações subordinadas adjetivas
22.6. Exercícios
22.7. Orações subordinadas adverbiais
22.7.1. Causais
22.7.2. Concessivas
22.7.3. Condicionais
22.7.4. Temporais
22.7.5. Consecutivas
22.7.6. Finais
22.7.7. Proporcionais
22.7.8. Conformativas
22.7.9. Comparativas
22.7.10. Modais
22.8. Orações reduzidas
22.9. Exercícios

Capítulo 23 – Paralelismo Sintático

23.1. Exercícios com gabarito comentado sobre paralelismo

Capítulo 24 – Pontuação

24.1. Uso de vírgula
24.2. Uso de ponto e vírgula
24.3. Uso do ponto
24.4. Uso de dois-pontos
24.5. Uso de exclamação
24.6. Uso de interrogação
24.7. Uso de reticências
24.8. Uso de aspas
24.9. Uso de parênteses
24.10. Uso de travessão

24.11. Exercícios

Capítulo 25 – Crase

25.1. Primeira regra básica
25.2. Segunda regra básica
25.3. Terceira regra básica
25.4. Casos Especiais
25.5. Exercícios

Capítulo 26 – Regência

26.1. Regência verbal
26.2. Regência nominal
26.3. Exercícios

Capítulo 27 – Concordância

27.1. Concordância verbal
27.2. Exercícios
27.3. Concordância nominal
27.4. Exercícios

Capítulo 28 – Estilística

28.1. Figuras de som
28.1.1. Aliteração
28.1.2. Onomatopeia
28.2. Figuras de construção ou sintaxe
28.2.1. Anacoluto
28.2.2. Anáfora
28.2.3. Anástrofe ou inversão
28.2.4. Assíndeto
28.2.5. Elipse
28.2.6. Hipálage
28.2.7. Hipérbato
28.2.8. Pleonasmo ou redundância
28.2.9. Polissíndeto

28.2.10. Silepse
28.2.11. Zeugma
28.2.12. Repetição ou reduplicação
28.3. Figuras de pensamento
28.3.1. Antítese
28.3.2. Eufemismo
28.3.3. Hipérbole
28.3.4. Ironia
28.3.5. Paradoxo ou oxímoro
28.3.6. Prosopopeia, personificação ou animismo
28.4. Figuras de palavras
28.4.1. Antonomásia
28.4.2. Catacrese
28.4.3. Comparação ou símile
28.4.4. Metáfora
28.4.5. Metonímia
28.4.6. Sinestesia
28.5. Vícios de linguagem
28.5.1. Ambiguidade
28.5.2. Barbarismo
28.5.3. Cacófato
28.5.4. Solecismo
28.6. Exercícios

Capítulo 29 – Coesão e Coerência Textual

29.1. Coesão sequencial
29.2. Coesão referencial
29.3. Coerência textual
29.4. Exercícios com gabarito comentado

Capítulo 20 – Teoria Argumentativa

30.1. Denotação
30.2. Conotação

30.3. Descrição
30.4. Narração
30.5. Dissertação
30.6. Tese
30.7. Argumento
30.8. Recorrência textual
30.9. Inferência textual
30.10. Exercícios com gabarito comentado sobre teoria argumentativa
30.11. Alteração de funções sintáticas em questões de interpretação
30.12. Exercícios com gabarito comentado sobre alteração de funções sintáticas

Capítulo 31 – Questões Comentadas de Concursos

Apêndice: exercícios de provas com gabarito comentado
Esaf
NCE

Gabarito

Bibliografia

Capítulo 1

Fonologia

Fonologia é o estudo dos sons.

1.1. Letra e Fonema

Letra – É uma representação gráfica do fonema, que é uma formação sonora.

Fonema – É uma formação sonora.

Obs.: Cabe ressaltar que nem sempre uma letra corresponde a um fonema. Por exemplo, a letra "X" pode representar vários sons diferentes, como em TÁXI, EXATO, MUXOXO.

É também interessante observar que existem vocábulos com mais letras do que fonemas, mas também podem existir outros com mais fonemas do que letras.

Ex.: TÁXI – 4 letras e 5 fonemas.

HOJE – 4 letras e 3 fonemas.

1.2. Ditongo

Encontro de uma VOGAL com uma SEMIVOGAL. Ex.: pai, dói, réu, quanto.

1.2.1. Ditongo decrescente

É quando a sequência específica é VOGAL + SEMIVOGAL. Ex.: seis, meu.

1.2.2. Ditongo crescente

É quando a sequência específica é SEMIVOGAL + VOGAL. Ex.: quanto, silêncio.

BIZU

Facilita ao candidato observar que a semivogal terá sempre o som de "i" ou "u", mesmo que não estejam representados por estas letras. Ex.: caos – a letra "o" aqui é uma representação gráfica do fonema "u", por isso não é uma

vogal, e sim uma semivogal, formando, portanto, um ditongo decrescente.

1.2.3. Ditongo oral

É o ditongo pronunciado pela boca sem que o som passe pela narina.
Ex.: viu, boi.

1.2.4. Ditongo nasal

É o ditongo cujo som passa pela narina.
Ex.: não, muito.

1.2.5. Ditongo fonético

É o caso dos ditongos perceptíveis pela pronúncia.
Ex.: Ele tem – A pronúncia desta palavra inclui o fonema "I" apesar de não estar escrito, diferentemente do que ocorre em tempo, onde não há o som deste "I". É sutil a diferença: "TEIM" e "TEMPO". O mesmo fenômeno ocorre com "estavam", que se pronuncia com o acréscimo do fonema "U", o mesmo não sucedendo com "vantagem". Nós pronunciamos "ESTAVÃU" e "VANTAGEM".

1.3. Tritongo

É o encontro sequencial de uma semivogal + uma vogal + uma semivogal.
Ex.: Paraguai, apazigueis.

1.4. Hiato

É o encontro de duas vogais.
Ex.: hiato, uísque.

1.5. Glide

É a sequência de um ditongo + hiato.
Ex.: boia, seio.

Obs.: É sempre importante perceber que em uma sílaba só pode haver uma vogal – nunca mais do que uma, nunca menos do que uma. Então, em um ditongo, o que ocorre é o encontro de uma vogal com uma semivogal e, no tritongo, de uma vogal com duas semivogais.

1.6. Dígrafo

O nome já explica do que se trata: dupla grafia, formando, contudo, apenas um fonema. Os casos são: RR, SS, CH, LH, NH, GU, QU, SC, XC,

SÇ e as NASALIZAÇÕES representadas pelas letras M e N.

Ex.: carro, osso, enchova, molho, unha, jogue, querido, oscilação, exceder, nasço, campo, tonto.

Obs.: As letras ocorrentes nos dígrafos RR, SS, SC, XC, SÇ não podem ficar na mesma sílaba.

Ex.: ex-ce-len-te; guer-ra; as-sas-si-no; nas-cer.

Obs.: "AM" e "EM", em fim de palavra, não formam dígrafos, mas sim ditongos.

Ex.: compravam (vãu), também (beim).

Obs.: Os dígrafos consonantais são aqueles em que a consoante se pronuncia: RR, SS, CH, LH, NH, SC, XC, SÇ, GU e QU – repare que, nesses dois últimos casos, pronunciam-se as consoantes G (GUE) e Q (QUE).

Todos os casos de nasalização formam os dígrafos vocálicos, pois são as vogais nasalizadas que são pronunciadas.

1.7. Letra diacrítica

É a letra não pronunciada nos dígrafos. Nos dígrafos SC, XC, e SÇ, a primeira letra é a diacrítica. As letras M e N nas nasalizações são as diacríticas. Nos demais dígrafos, a segunda letra será a diacrítica.

1.8. Encontro consonantal

É o encontro de consoantes pronunciadas, podendo estar na mesma sílaba ou não. É importante destacar que os dígrafos não constituem encontros consonantais.

Ex.: cratera, corte.

Obs.: A palavra MARCHA possui um dígrafo (CH) e um encontro consonantal (formada pelo R e pelo X que está representado pelo dígrafo CH).

1.9. Exercícios

1. (Analista de Sistemas – Furnas – Funrio) Qual dos provérbios abaixo está acompanhado da correta identificação de dígrafos e encontros consonantais?

a) Quem semeia vento colhe tempestade – quatro dígrafos e dois encontros consonantais.

b) Mais vale um pássaro na mão do que dois voando – quatro dígrafos e nenhum encontro consonantal.

c) Em terra de sapo, mosquito não dá rasante – três dígrafos e dois encontros consonantais.

d) Farinha pouca, meu pirão primeiro – dois dígrafos e um encontro consonantal.

e) Quanto mais eu rezo, mais assombração me aparece – quatro dígrafos e dois

encontros consonantais.

2. (Analista MPOG – Funrio) A única opção em que todas as palavras contêm hiato é:
a) aguardente – historiador – impõem – realidade;
b) desmiolado – incoerente – proibido – seriedade;
c) açaí – alaúde – caraminguás – destruímos;
d) lambari – minhoca – numeroso – polidez;
e) enxaguei – paraguaio – piauiense – saguão.

3. Assinale a opção em que aparece uma letra diacrítica:
a) móvel
b) táxi
c) animais
d) nunca
e) qualidade

4. Assinale a opção em que há mais fonemas do que letras:
a) nexo
b) silêncio
c) máximo
d) ninguém
e) guerra

5. Assinale a opção em que ocorre um ditongo fonético:
a) cueca
b) vadio
c) ninguém
d) biônico
e) hediondo

6. (PUC-SP) Nas palavras ANJINHO, CARROCINHAS, NOSSA e RECOLHENDO, podemos detectar oralmente a seguinte quantidade de fonemas:
a) três, quatro, dois, quatro;
b) cinco, nove, quatro, oito;
c) seis, dez, cinco nove;
d) três, seis, dois, cinco;
e) sete, onze, cinco, dez.

7. (DEPEN – Funrio) Qual a única série de palavras que contém dígrafos consonantais?
a) através – problemas – crateras – caboclos.
b) ternura – caspa – resultado – êxtase.
c) farrista – aquecido – exceto – milharal.
d) tampas – ventania – sintoma – fundação.

e) hálito – hélice – hino – humilde.

8. (TRE-MG) Ambas as palavras contêm exemplo de hiato em:
a) árduo / mãe
b) área / chapéu
c) diário / quota
d) pavio / moer
e) luar / anzóis

9. (Uni-Rio) Assinale a opção em que o vocábulo apresenta ao mesmo tempo um encontro consonantal, um dígrafo consonantal e um ditongo fonético:
a) ninguém
b) coalhou
c) iam
d) nenhum
e) murcham

10. (PUC) Um mesmo fonema pode ser grafado de diferentes maneiras. Qual a lista de palavras que exemplifica essa afirmação?
a) paciente – centro – existência.
b) existência – meses – batizaram.
c) projeto – prejudicando – propõe.
d) quem – quando – psiquiatra.
e) coisa – incomoda – continuidade.

11. (NCE) "... uma vacina experimental atingiu as condições exigidas..."
A letra em destaque no trecho acima transcrito representa o mesmo som da letra destacada em:
a) tó<u>x</u>ico;
b) en<u>x</u>ame;
c) má<u>x</u>imo;
d) ino<u>x</u>idável;
e) ine<u>x</u>orável.

12. (NCE) "Nas noites de Nova Lima, <u>quando</u> buscava repouso..." Quantos fonemas e letras existem na palavra destacada?
a) 4 fonemas / 5 letras / 1 dígrafo
b) 6 fonemas / 4 letras / 1 dígrafo
c) 5 fonemas / 6 letras
d) 6 fonemas / 6 letras
e) 4 fonemas / 6 letras / 1 dígrafo

Capítulo 2

Ortografia

2.1. Palavras que se escrevem com "ESA"

burguesa, chinesa, despesa, escocesa, francesa, inglesa, japonesa, holandesa, mesa, pequinesa, portuguesa etc.

BIZU

Se conseguirmos completar a frase "ELA É", a palavra será sempre com **"S"**.
Ex.: Ela é chinesa. Ela é pequinesa.

2.2. Palavras que se escrevem com "EZA"

alteza, avareza, beleza, crueza, fineza, firmeza, lerdeza, proeza, pureza, singeleza, tristeza etc.

2.3. Palavras que se escrevem com "ÊS"

burguês, chinês, cortês, escocês, francês, inglês, irlandês, montanhês, pedrês, português etc.

BIZU

Se conseguirmos completar a frase "ELE É", a palavra será com "S".
Ex.: Ele é cortês. Ele é burguês. Ele é francês.

2.4. Palavras que se escrevem com "EZ"

altivez, embriaguez, estupidez, intrepidez, palidez, morbidez, pequenez, talvez, vez, viuvez etc.

2.5. Palavras que se escrevem com "OSO", "OSA"

audacioso(a), brioso(a), cauteloso(a), criterioso(a), delicioso(a), formoso(a), gostoso(a), perigoso(a), pomposo(a), teimoso(a), valioso(a)

etc.

2.6. Palavras que se escrevem com "ISAR"

alisar, analisar, avisar, bisar, paralisar, pesquisar, pisar etc.

BIZU

Para que estes vocábulos se escrevam com **"S"**, é necessário que no próprio radical já haja a letra **"S"**.

Ex.: AVISAR-AVISO, ANALISAR-ANÁLISE, BISAR-BIS, PARALISAR-PARALISIA.

2.7. Palavras que se escrevem com "IZAR"

amenizar, avalizar, catequizar, desmobilizar, despersonalizar, esterilizar, estigmatizar, finalizar, generalizar, harmonizar, poetizar, profetizar, racionalizar, sensacionalizar, urbanizar etc.

BIZUS

Apesar de CATEQUIZAR se derivar de CATEQUESE, aquele termo se escreve com **Z** e este, com **S**.

As palavras POETIZAR e PROFETIZAR não se derivam de POETISA e PROFETISA, mas sim de POETA e PROFETA. Por isso as primeiras se escrevem com **Z** e as últimas, com **S**.

2.8. Palavras que se escrevem com "S"

anis, atrás, brasa, compreensão, conversível, coser (costurar), esôfago, esotérico, esoterismo, espectador, esplêndido, estender, esterco, estéril, estorvo, extravasar, fusível, gás, gasolina, guisado, heresia, hesitar, hipnose, hipocrisia, imersão, misto, revés, sesta, asilo, isolar, isquemia, oscular, querosene, quis, quiser, puser, siso, poetisa, profetisa, sacerdotisa, submerso, usina, usufruir, usura, usurpar, versátil, inserto (inserido), consertar (reparar), servo (servente), serração (ato de serrar), intensão (intensidade).

2.9. Palavras que se escrevem com "Z"

azar, azougue, azenha, azeitona, azeite, azinhavre, balizar, bizantino,

bizarro, buzina, cozer (cozinhar), dezena, dizimar, fuzil, aprazível, deslize, falaz, fezes, fugaz, gazeta, giz, gozar, hipnotizar, tez, algazarra, foz, prazerosamente, ojeriza, perspicaz, proeza, desprezar, vazar, revezar, xadrez, azia, aziago.

2.10. Palavras que se escrevem com "X"

bexiga, coxo, engraxar, sintaxe, caxumba, faxina, maxixe, muxoxo, paxá, praxe , xale, xícara, excitante, xavante, xereta, baixo, trouxe, enxada, enxaguar, enxame, enxaqueca, enxerto, enxotar, enxoval, enxugar, enxurrada, enxuto, seixo, faixa, exacerbar, exotérmico, exorcismo, expletivo, expirar, expelir, expectativa, expor, explicar, extasiar, exterminar, extensão, extenso, extorsivo, exuberante, exalar, exaltar, exame, exarar, exaustão, exéquias, exílio, exímio, êxito, êxodo, exonerar, exótico, exumação, broxa (pincel), buxo (arbusto ornamental), xá (título de soberano do Oriente), xeque (incidente no xadrez), coxa (parte da perna), taxa (tributo), quixotesco.

2.11. Palavras que se escrevem com "CH"

enchova, encharcar, encher, enchiqueirar, enchoçar, enchente, enchouriçar, chave, chuchu , chicote, chifre, chispar, chimpanzé, choupana, chorumela, chulo, chumaço, chusma, chavão, charuto, champanha, chacina, chantagem, chaminé, chicana, chibata, chiar, brocha (prego), bucho (estômago de animais), chá (arbusto), cheque (ordem de pagamento), cocha (gamela), tacha (prego).

2.12. Palavras que se escrevem com "Ç" ou "C"

à beça, almaço, terçol, ressurreição, exceção, cessação, açucena, joça, camurça, mormaço, presunção, torção, trança, soçobrar, troço, pança, maçarico, maciço, ruço (grisalho), aguçar, caçula, seção (departamento), retenção, abstenção, disfarçar, alcançar, cetim, incentivo, acento (sinal gráfico), caçar, céticos, cela (aposento), cerração (nevoeiro), cervo (veado), decertar (lutar), empoçar (formar poça), intenção (propósito), paço (palácio), sucinto, silêncio.

2.13. Palavras que se escrevem com "SS"

admissão, demissionário, transmissão, emissor, expressão, expresso, impressionismo, compressor, assado, passar, ingressar, progresso, sucesso, discussão, repercussão, promessa, remessa, agressivo, transgressão,

antiquíssimo, tenacíssimo, excesso, dissensão, sossego, pêssego, massagem, secessão, necessário, escasso, escassez, sessão (reunião), cessão (ceder), sessar (peneirar), russo (natural da Rússia), passo (passada), empossar (dar posse), cassar (anular), dissertar (discorrer).

2.14. Palavras que se escrevem com "SC"

abscissa, abscesso, adolescente, ascensão, ascensorista, consciência, cônscio, descendente, descensão, descentralizar, descente (vazante), discente, disciplina, discípulo, isósceles, nascer, obsceno, oscilação, piscina, rescindir, rescisão, ressuscitar, suscitar.

2.15. Palavras que se escrevem com "G"

angelical, gíria, tigela, rigidez, monge, ogiva, agiota, herege , genuíno, algemas, gergelim, gesso, egípcio, gironda, infringir, bugiganga, viagem (substantivo), vagem, estiagem, folhagem, geringonça, ginete, gengiva, sargento, agir, coragem, ferrugem, tragédia, gesto.

2.16. Palavras que se escrevem com "J"

igrejinha, laje, lajeado, varejista, sarjeta, gorjeta, anjinho, canjica, viajem (verbo), encorajem (verbo), enferrujem (verbo), cafajeste, cerejeira, injeção, enrijecer, berinjela, jejuar, jérsei, interjeição, jesuíta, jiboia, lambujem, majestade, jirau, ultraje, traje, ojeriza, jenipapo, pajé, pajem, jeito, jiló.

2.17. Palavras especiais

aborígine, sesta, empecilho, disenteria, digladiar, dilapidar, discrepância, terebintina, cabeleireiro, manteigueira, manteiga, bandeja, nódoa, botequim, poleiro, tábua, polir, impingir, incesto, incólume, inconteste, incontinenti, corpóreo, indelével, empório, desperdício, desprezo, dessecar, despensa (armário de cozinha), dispensa (licença), discernir, privilégio, dissecar, aterrissar, amerissar, hilaridade, descortino, beneficência, beneficente, prazerosamente, destilação, abóboda, caranguejo, impigem, mendigo, mortadela, óbolo, octogésimo, dignitário, meritíssimo, focinho, destilar, sequer, discrição (discreto), descrição (descrever), bulir, bueiro, ureter, mocambo, sortir (abastecer), surtir (dar resultado), lombriga, ansiar, arriar, lampião, discriminar (isolar), descriminar (inocentar), dentifrício, paletó, periquito, creolina, bodega, soar (som), suar (transpirar), peão (pessoa), pião (brinquedo),

espontâneo, uísque, goela, zoada, pexote, encarnação, rédea, descortinar.

2.18. uso do porquê

2.18.1. Porque

Escrevemos **PORQUE** (junto e sem acento): – quando for conjunção e puder ser substituído por: **visto que, uma vez que.** Dará a ideia de resposta.

Ex.: "Albernaz, também, porque via na sua festa, com um número de folclore, meio de chamar a atenção sobre sua casa, atrair gente..." (Lima Barreto)

"Fi-lo, porque qui-lo" (Jânio Quadros).

2.18.2. Porquê

Escrevemos **PORQUÊ** (junto e com acento):

– quando for **substantivo** e, neste caso, poderá ser substituído por **o motivo, a razão...**

Ex.: Não sei o porquê (motivo) de sua presença aqui.

Explicaram-me o porquê (a razão) de tudo isto ter acontecido.

– quando for uma conjunção em final de frase interrompida.

Ex.: Ele faltou, porquê...

Maria está triste, porquê...

2.18.3. Por que

Escrevemos **POR QUE** (separado e sem acento):

– quando houver uma interrogativa direta

Ex.: Por que ele não veio?

Por que chove tanto no Rio de Janeiro?

– quando houver uma interrogativa indireta, e, neste caso, o termo poderá ser substituído por **POR QUE RAZÃO, POR QUE MOTIVO.**

Ex.: Perguntei por que estava de castigo. (Raul Pompéia)

Não explicaram por que (por que motivo) esta tragédia ocorreu.

– quando o **que** for pronome relativo e puder ser substituído por **qual**.

Ex.: Não conheço o caminho por que (pelo qual) vocês vieram.

As dificuldades por que (pelas quais) passei jamais serão esquecidas.

2.18.4. Por quê

Escrevemos **POR QUÊ** (separado e com acento) quando estiver no fim de uma oração interrogativa direta ou indireta.

Ex.: Ele não veio por quê?
Ele não veio nem disse por quê.

2.19. Uso do "mal"

2.19.1. Mal (antônimo de bem)

Escrevemos **MAL** quando este termo for **substantivo** ou **advérbio**, e, nos dois casos, puder ser substituído pelo antônimo **BEM.**

Ex.: Não devemos praticar o mal (bem).
Eles falam muito mal (bem) de você.
Perivaldo foi mal (bem) utilizado nesta partida.
Ele foi mal (bem) criado pelos pais.
Ele foi mal (bem) educado pelos pais.

2.19.2. Mal (conjução subordinativa temporal)

Escrevemos **MAL** quando este termo for conjunção subordinativa temporal e puder ser substituído por **LOGO QUE, ASSIM QUE.**

Ex.: Mal (assim que) ele chegou, todos saíram.
Mal (logo que) o Flamengo fez o gol, o Bangu empatou.

2.19.3. Mau (antônimo de bom)

Escrevemos **MAU** quando este termo for adjetivo e puder ser substituído pelo seu antônimo **BOM.**

Ex.: Ele é um mau (bom) menino.
Hoje foi um mau (bom) dia.

Obs. : **MAL** (podendo ser substituído por **BEM**) poderá fazer parte de um adjetivo composto, estando ligado a um segundo termo (adjetivo). Haverá hífen se este segundo termo começar por **H** ou por **vogal.**

Ex.: Ele é muito mal-educado.
Ele é mal-humorado.
Houve um mal-entendido.
Ele é malcriado.

Quando **MAU** (podendo ser substituído por **BOM**) estiver ligado a um substantivo, funcionará como adjetivo. A sua forma feminina é: **MÁ.**

Ex.: Ela praticou uma má-educação.
Ele recebeu uma má educação dos pais.
Mariazinha fez uma má-criação.
A má criação dos jovens é reflexo dos problemas econômicos dos pais.

Ele tem um grande mau humor.
As más-criações serão punidas.

!	**ATENÇÃO**:
	Preste atenção ao fato de que, no primeiro, no terceiro e no sexto exemplos, má-educação, má-criação e más-criações formam apenas uma palavra, pois são atitudes, diferentemente do que ocorre nos exemplos da segunda e quarta frases. Portanto, quando for uma **atitude,** caracteriza-se a composição.

2.20. Uso do hífen em prefixos – regra geral

– emprega-se o hífen, quando, após o prefixo, aparecer a mesma letra ou H.

Ex.: Arqui-inimigo, arqui-inteligente, micro-ondas, auto-ônibus, infra-hepático, anti-inflamatório, contra-almirante, sobre-humano, sobre-estimar, ad-digital, sub-biblioteca, sub-humano, inter-regional, super-revista, super-homem

Acrescentem-se os seguintes casos:

a) Nos prefixos terminados em D ou B (ab, ad, ob, sob, sub), além da situação prevista na regra geral (mesma letra ou H), vindo R, usa-se o hífen.
Ex.: ad-referendar, sub-reitor, sob-roda

b) No prefixo CIRCUM, além da situação prevista na regra geral (mesma letra ou H), vindo B, N, P ou VOGAL, também se usa o hífen.
Ex.: circum-escolar, circum-hospitalar, circum-navageção

c) No prefixo PAN, além da situação prevista na regra geral (mesma letra ou H), vindo B, M, P ou VOGAL, também se usa o hífen.
Ex.: pan-harmônico, pan-brasileiro, pan-mágico, pan-americano

d) Emprega-se o hífen, quando o primeiro termo for acentuado (pré, pró, pós).
Ex.: pós-graduação, pré-história, pró-europeu

e) Emprega-se o hífen com os prefixos ex (anterioridade), sota, soto, vice, vizo.
Ex.: ex-presidente, sota-capitão, soto-almirante, vice-governador, vizo-rei

Obs.: Segundo Evanildo Bechara, "nos casos em que não houver perda do som da vogal final do 1º elemento, e o elemento seguinte começar com "h", serão usadas as duas formas gráficas: bi-hebdomadário e biebdomadário; carbo-hidrato e carboidrato; zoo-hematina e zooematina." Tal possibilidade foi explorada pela Fundação Getúlio Vargas, em questões de ortografia, mencionando a correção da ortografia em "megaipótese" e "socioistórico".

NÃO SE USA O HÍFEN NOS PREFIXOS

a) Nas aglutinações dos prefixos co, pro, pre e re com vocábulos iniciados por O ou E:

Ex.: cooperar, coedição, preeleito, preeminência, reelaborar, reedição, proeminente

Obs.: Há alternância entre PRE e PRÉ – que permite as duas ortografias – nos seguintes casos: preembrião / pré-embrião; preesclerótico / pré-esclerótico; preeleito / pré-eleito.

b) Quando, após os prefixos DES e IN, se o segundo elemento perder o H inicial.

Ex.: desumano, inábil

c) Quando a situação não se enquadrar nos itens iniciais A a E deste capítulo.

Ex.: infraestrutura, extraoficial, intrauterino, contraespião, semiárido, adjunto, sublinha, supermercado, antiaéreo, neoimperialismo, pseudoepígrafe, extraescolar, autoaprendizado, contraindicado, autoestima

Obs.: Sendo o prefixo concluído em vogal, e o elemento seguinte iniciado por R ou S, tais consoantes deverão ocorrer dobradas.

Ex.: antirreligioso, contrarrazões, microssistema, minissaia, contrarregra, extrarregular, antissemita, semisselvagem, extrassolar, ultrassecreto

EMPREGO DE HÍFEN NOS COMPOSTOS

a) Emprega-se hífen nas palavras compostas por justaposição, em que os elementos mantêm uma unidade semântica, mas constituem uma tonicidade própria. O primeiro elemento será representado por uma forma substantiva, adjetiva, numeral ou verbal:

Afro-brasileiro, Amor-perfeito, Ano-luz, Arco-íris, Boa-fé, Conta-gotas, Decreto-lei, Guarda-noturno, Luso-brasileiro, Má-fé, Médico-cirurgião, Mesa-redonda, Norte-americano, Porta-aviões, Porta-retrato, Primeiro-ministro, Quebra-mar, Segunda-feira, Sul-africano, Tenente-coronel, Tio-avô, Vaga-lume, Verbo-nominal

Obs.: Não se usa hífen em palavras compostas cuja noção de composição se perdeu:

Paraquedas, Mandachuva, Girassol, Pontapé

Obs.: Outros compostos com a forma verbal "PARA" e "MANDA" continuarão sendo separados por hífen: para-brisa, para-lama, para-choque, manda-tudo.

b) Emprega-se hífen nas formas compostas por grã- ou grão- quando formarem nomes geográficos, ou nas formas verbais e nos compostos ligados por artigo:

Grã-Bretanha, Grão-Pará, Passa-Quatro, Trás-os-Montes, Baía de Todos-os-Santos

c) Emprega-se hífen em compostos que designam espécies botânicas e zoológicas:

Andorinha-do-mar, Cobra-capelo, João-de-barro, Erva-doce

Obs.: Quando os compostos acima tiverem aplicação diferente, não se usará hífen:

Bico de papagaio (nariz adunco), Bola de neve (aquilo que toma vulto rapidamente), Não me toques (melindres)

d) Emprega-se hífen quando o primeiro elemento estiver representado pelas formas além, aquém, recém, bem e sem:

Além-mar, Aquém-mar, Recém-casado, Bem-humorado, Sem-vergonha

Obs.: O advérbio BEM, em muitas situações, ocorre aglutinado ao termo seguinte. Tal situação se dá, quando o significado primitivo dos termos é alterado.

Ex.: bendito (= abençoado), benfeito (= benefício), benfeitor

e) Emprega-se hífen nas palavras terminadas por sufixos de origem tupi-guarani que representam formas adjetivas (-açu = grande; -guaçu = grande; -mirim = pequeno):

Capim-açu, Ceará-mirim, Amoré-guaçu

f) Emprega-se hífen quando o primeiro elemento for "mal" e o segundo elemento começar por vogal, h ou l:

Mal-entendido, Mal-humorado, Mal-limpo

Obs.: Malcriado, malgrado, malvisto etc. Quando mal significar doença, empregar-se-á o hífen: mal-caduco.

NÃO SE EMPREGA O HÍFEN NAS SEGUINTES COMPOSIÇÕES

a) Nas formas empregadas adjetivamente com afro-; anglo-; franco-; indo-; luso-; sino- e semelhantes. Estas continuarão a ser grafadas sem hífen em: Afrodescendente, Anglomania, Eurocêntrico, Eurodeputado

Obs.: Torna-se necessário, como já o era, o emprego do hífen, quando houver mais de uma etnia. Afro-brasileiro, anglo-saxão, euro-asiático.

b) Nas locuções

– substantivas – cão de guarda, fim de semana, mão de obra, sala de jantar
– adjetivas – cor de café com lei, cor de vinho
– pronominais – eu próprio, ninguém mesmo
– adverbiais – à parte, à vontade, depois de amanhã
– prepositivas – a fim de, ao encontro de, apesar de, com objetivo de, de encontro a
– conjuntivas – a fim de que, à medida que

Obs.: Em face de serem termos consagrados pelo uso, conservou-se o hífen em: água-de-colônia, mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao deus-dará, à queima-roupa.

2.21. Parônimos

Palavras com sons parecidos.

absolver	perdoar
absorver	aspirar, sorver
arrear	pôr arreios
arriar	descer
cavaleiro	que cavalga
cavalheiro	cortês
comprimento	extensão
cumprimento	saudação
cumprimento	ato de cumprir
conjectura	suposição, hipótese

conjuntura	oportunidade, situação
deferir	atender
diferir	retardar, divergir
descrição	ato de descrever
discrição	qualidade de discreto
descriminar	inocentar
discriminar	distinguir
despensa	onde se guardam mantimentos
dispensa	ato de dispensar
docente	relativo a professores
discente	relativo a alunos
emigrar	deixar uma região
imigrar	entrar numa região
eminência	excelência
iminência	qualidade de iminente
eminente	elevado
iminente	prestes a ocorrer
estada	permanência de pessoas
estadia	permanência de veículos
flagrante	evidente
fragrante	perfumado
fluir	correr
fruir	desfrutar
imergir	afundar
emergir	vir à tona
inflação	alta de preços
infração	violação
infligir	aplicar pena
infringir	violar
mandado	ordem judicial
mandato	procuração
peão	amansador de cavalgadura
pião	tipo de brinquedo
precedente	que vem antes
procedente	proveniente, que tem fundamento
prescrever	determinar
proscrever	banir, abolir
ratificar	confirmar

retificar	corrigir
soar	produzir som
suar	transpirar
sortir	abastecer
surtir	produzir efeito
sustar	suspender
suster	sustentar
tráfico	negociação
tráfego	trânsito
vultoso	volumoso
vultuoso	congestão na face

2.22. Homônimos

Palavras com a mesma pronúncia.

acender	pôr fogo
ascender	subir
acento	sinal gráfico
assento	onde se senta, lugar
acerto	ato de acertar
asserto	afirmação
caçar	capturar animais
cassar	tornar sem efeito
cela	quarto pequeno
sela	arreio
censo	recenseamento
senso	juízo
cerração	nevoeiro
serração	ato de serrar
cerrar	fechar
serrar	cortar
cervo	veado
servo	criado
chá	bebida
xá	soberano do irã
cheque	ordem de pagamento
xeque	lance no jogo de xadrez
cito	do verbo citar

sito	situado
concertar	ajustar,combinar
consertar	reparar, corrigir
concerto	sessão musical
conserto	reparo
coser	costurar
cozer	cozinhar
esperto	perspicaz
experto	perito
espiar	observar
expiar	pagar pena
espirar	soprar, exalar
expirar	terminar
estrato	camada
extrato	o que se extrai de
incerto	não certo
inserto	inserido
incipiente	principiante
insipiente	ignorante
laço	nó
lasso	frouxo
ruço	grisalho
russo	natural da Rússia
tacha	prego
taxa	imposto, tributo

2.23. Casos especiais

2.23.1. Abaixo / a baixo

Abaixo: Interjeição

Ex.: Abaixo o presidente!

Advérbio (embaixo, em categoria inferior, depois)

Ex.: Abaixo de Deus, as mães.

A baixo: contrário a “de alto”

Ex.: Rasgou os lençóis de alto a baixo.

2.23.2. Acerca de/ cerca de/ a cerca de/ há cerca de

Acerca de: a respeito de.

Ex.: Falamos acerca do filme.

Cerca de: durante, aproximadamente.
Ex.: Falamos cerca de dez minutos.

A cerca de: ideia de distância.
Ex.: Fiquei a cerca de 15 metros da porta.

Há cerca de: existe aproximadamente, aproximadamente no passado.
Ex.: Há cerca de cem pessoas no estádio.

2.23.3. Acima / a cima

Acima: anterior, em grau de categoria superior.
Ex.: De dezoito anos acima.

Em graduação superior.
Ex.: Muito acima do general.

De preferência, em lugar superior, em cima.
Ex.: Buscamos, acima de tudo, a paz.

De cima (interjeição).
Ex.: Acima coração!

A cima: contrário a "de baixo".
Ex.: Costurou a saia de baixo a cima.

2.23.4. Afim / a fim de

Afim: semelhança, parentesco, afinidade.
Ex.: São duas mães afins.

A fim de: com o propósito de, com o objetivo de, com a finalidade de.
Ex.: Estudou a fim de passar no concurso.

2.23.5. Afora / a fora

Afora: o mesmo que "fora", à exceção de, exceto.
Ex.: Todos farão o concurso, afora eles.

A fora: com a ideia de "para fora".
Ex.: Pela rua a fora.

2.23.6. Ao encontro de / de encontro a

Ao encontro de: a favor de, encontrar-se, concordar.
Ex.: Nós não discutimos, visto que minhas ideias foram ao encontro das dele.

De encontro a: Meu carro foi de encontro a um poste.

2.23.7. Aparte / à parte

Aparte: verbo = separar.
Ex.: Não aparte as provas.

substantivo: interrupção.
Ex.: O padre recebeu um aparte.

À parte: locução adverbial = de lado.
Ex.: O resultado será mostrado à parte.

2.23.8. Apedido ou a-pedido / a pedido

Apedido ou a-pedido: substantivo = publicação especial em jornal.
Ex.: Lemos no jornal o apedido do condomínio.

A pedido: locução adverbial = solicitação.
Ex.: Viemos aqui a pedido do diretor.

2.23.9. Bem-posto / bem posto

Bem-posto: elegante.
Ex.: O noivo estava extremamente bem-posto.

Bem posto: posto corretamente.
Ex.: O livro está bem posto na estante.

2.23.10. Conquanto / com quanto

Conquanto: embora; mesmo que.
Ex.: Conquanto João estivesse cansado, ainda saiu de casa.

Com quanto: com que quantitativo.
Ex.: Com quanto dinheiro eles saíram de casa?

2.23.11. Contudo / com tudo

Contudo: entretanto, porém.
Ex.: Maria estava cansada, contudo foi ao teatro.

Com tudo: preposição + pronome = total.
Ex.: Ela saiu de casa com tudo.

2.23.12. Dantes / de antes

Dantes: advérbio = antigamente.
Ex.: Dantes se comia melhor.

De antes: preposição + advérbio = em tempo anterior.
Ex.: Os problemas já vêm de antes de você chegar.

2.23.13. Debaixo / de baixo

Debaixo: em situação inferior.
Ex.: Tomara que não caia quando alguém estiver debaixo.

Na dependência, em decadência.
Ex.: Ficamos debaixo e tivemos que nos render.

Sob:
Ex.: Jaz agora debaixo da terra.

No tempo de; por ocasião de.
Ex.: O sucesso dessas músicas caiu debaixo desse cantor.

Em situação inferior a.
Ex.: Escondam-se debaixo da escada.

De baixo: a parte inferior.
Ex.: Comprei roupa de baixo.

Contrário a "a cima".
Ex.: Examinamos de baixo a cima.

2.23.14. Demais / de mais

Demais: pronome indefinido = outros.
Ex.: Chame os demais candidatos.

Advérbio de intensidade = excessivamente.
Ex.: A mulher fala demais.

Palavra continuativa = além disso.
Ex.: Demais quem trabalha aqui é ela.

De mais: locução adjetiva = muito.
Ex.: Comi doce de mais.

2.23.15. Desapercebido / despercebido

Desapercebido: desavisado.
Ex.: Eu fui ao local errado por estar desapercebido.

Despercebido: sem ser notado, sem perceber a presença.
Ex.: Passei despercebido pela frente do prédio.

2.23.16. Detrás / de trás

Detrás: pela retaguarda.
Ex.: Um atleta não pode cometer uma falta por detrás.

De trás: atrás.

Ex.: Esse som vem lá de trás.

2.23.17. Devagar / de vagar

Devagar: lentamente; sem pressa.
Ex.: Devagar se vai ao longe.

De vagar: de descanso.
Ex.: Escrevo nos momentos de vagar.

2.23.18. Dia-a-dia / dia a dia

Dia-a-dia: substantivo.
Ex.: O dia-a-dia de um casal pode criar problemas.

Dia a dia: locução adverbial = dia por dia.
Ex.: Estudamos dia a dia.

2.23.19. Em vez de / ao invés de

Em vez de: em lugar de.
Ex.: Em vez de fazer Direito, fez Letras.

Ao invés de: ao contrário de.
Ex.: Ao invés de descansar, pôs-se a trabalhar a madrugada inteira.

2.23.20. Enfim / em fim

Enfim: afinal, finalmente.
Ex.: Enfim todos chegaram.

Em fim: no fim.
Ex.: Eles estão em fim de carreira.

2.23.21. Enquanto / em quanto

Enquanto: conjunção = ao mesmo tempo que, em concomitância com.
Ex.: "Enquanto jantava, falei em voz baixa a Casimiro Lopes. (Graciliano Ramos)

Em quanto: preposição + pronome = qual, por quanto.
Ex.: Em quanto tempo se faz a viagem de Rio a São Pedro?

2.23.22. Malgrado / mau grado

Malgrado: embora, ainda que (se não estiver seguido de preposição).
Ex.: Malgrado João quase não tenha estudado, fez excelente teste.

Mau grado: contra a vontade.
Ex.: Paulo cuida do filho de mau grado.

Apesar de (se estiver seguido de preposição).
Ex.: Mau grado ao tempo, sairei.

2.23.23. Nenhum / nem um

Nenhum: ninguém, nada.
Ex.: Nenhum tem razão naquele discurso.

Nem um: um só que fosse.
Ex.: Não bebemos nem uma cerveja.

2.23.24. Porventura / por ventura

Porventura: por acaso.
Ex.: Se porventura não chover, irei à praia.

Por ventura: por sorte.
Ex.: Como não estudei, só passarei por ventura.

2.23.25. Porquanto / por quanto

Porquanto: conjunção = visto que.
Ex.: Apresso-me, porquanto o tempo voa.

Por quanto: designa quantidade, preço.
Ex.: Por quanto venderam o carro?

2.23.26. Portanto / por tanto

Portanto: então, logo.
Ex.: Eles se preparam à beça para o concurso, portanto passarão.

Por tanto: por muita quantidade.
Ex.: "Por tanto amor, por tanta emoção, a vida me fez assim." (Milton Nascimento)

2.23.27. Sem-cerimônia / sem cerimônia

Sem-cerimônia: descortesia.
Ex.: A sem-cerimônia fez com que todos se retirassem.

Sem cerimônia: à vontade.
Ex.: Beba sua cervejinha sem cerimônias.

2.23.28. Sem-fim / sem fim

Sem-fim: número ou quantidade indeterminada.
Ex.: Foi um sem-fim de livros e alunos.

Sem fim: sem término.

Ex.: É uma curva sem fim.

2.23.29. Sem-número / sem número

Sem-número: grande quantidade.
Ex.: Há um sem-número de recados para você.

Sem número: ausência de numeração.
Ex.: A turma ainda está sem número.

2.23.30. Se não / senão

BIZU

Se a palavra "não" puder ser extraída da frase, alterando o seu sentido, porém não gerando erro, o termo "se não" é separado.
Ex.: Se não chover, iremos à praia.

– Observe que o advérbio "não" pode ser extraído, que o período continua correto gramaticalmente.
Ex.: Se chover, iremos à praia.

Por outro lado, se o termo "não" não puder ser suprimido, "senão" é junto.
Ex.: É bom você estudar, senão será reprovado.

– Observe que o termo "não" não pode ser suprimido, pois a frase ficará sem sentido:
Ex.: É bom você estudar, se será reprovado.

2.23.31. Sobretudo / sobre tudo

Sobretudo: especialmente, principalmente.
Ex.: Deves estudar todas as matérias, sobretudo conjunções.

Casacão, capa:
Ex.: O meu sobretudo está molhado.

Sobre tudo: a respeito de tudo, acerca de tudo.
Ex.: Eles conversaram sobre tudo.

2.23.32. Tampouco / tão pouco

Tampouco: também não, nem.
Ex.: Eles não bebem tampouco fumam.

Tão pouco: muito pouco.
Ex.: Ele comeu tão pouco, que logo sentirá fome.

2.24. Formas variantes

cociente	quociente
cotidiano	quotidiano
líquido	líquido
secção	seção
intato	intacto
esperdício	desperdício
antiguidade	antiguidade
sanguíneo	sanguíneo
liquidação	liquidação
líquido	líquido

2.25. Exercícios

Do exercício 1 ao 20, marque a opção em que aparece uma palavra escrita erradamente.

1. a) acensorista			2. a) paisinho
b) decente			b) paisezinhos
c) descente			c) paizinho
d) docente			d) paizinhos
e) discente			e) florzinhas
3. a) espectativa			4. a) aneizinhos
b) esterco			b) anãozinhos
c) espectador			c) coraçõezinhos
d) estender			d) projeteizinhos
e) extenso			e) projetinhos
5. a) êxito			6. a) pagé
b) exílio			b) ojeriza
c) exímio			c) jirau
d) exitar			d) berinjela
e) esotérico			e) tigela
7. a) esôfago			8. a) cafajeste

b) azar			b) jenipapo
c) vazar			c) anginho
d) extravazar			d) angelical
e) avisar			e) gergelim
9. a) embriaguez			10. a) gengibre
b) burguez			b) jeito
c) pedrês			c) sargeta
d) cortês			d) encorajei
e) montanhês			e) monge
11. a) realeza			12. a) majestade
b) beleza			b) jesto
c) pequineza			c) gorjeta
d) marquesa			d) jiló
e) princesa			e) laje
13. a) realizar			14. a) chícara
b) bisar			b) chuchu
c) catequisar			c) enchova
d) poetizar			d) enxoval
e) poetisa			e) xampu
15. a) pesquisar			16. a) lampião
b) paralizar			b) poleiro
c) visar			c) tábua
d) simbolizar			d) goela
e) analisar			e) boeiro
17. a) ascensão			18. a) disenteria
b) excessão			b) degladiar
c) descensão			c) dilapidar
d) contenção			d) empecilho
e) admissão			e) privilégio

19. a) cessação			20. a) manteigueira
b) sensação			b) bandeija
c) cessão			c) cabeleireiro
d) ressucitar			d) rédea
e) ressurreição			e) uísque

21. (Petrobrás – Administrador – Cesgranrio) Um professor de gramática tradicional, ao corrigir uma redação, leu o trecho a seguir e percebeu algumas inadequações gramaticais em sua estrutura.
Os grevistas sabiam o porque da greve, mas não entendiam porque havia tanta repressão. O professor corrigirá essas inadequações, produzindo o seguinte texto:
a) Os grevistas sabiam o por quê da greve, mas não entendiam porque havia tanta repressão.
b) Os grevistas sabiam o porque da greve, mas não entendiam porquê havia tanta repressão.
c) Os grevistas sabiam o porquê da greve, mas não entendiam por que havia tanta repressão.
d) Os grevistas sabiam o por que da greve, mas não entendiam porque havia tanta repressão.
e) Os grevistas sabiam o porquê da greve, mas não entendiam porquê havia tanta repressão.

22. (Uni-Rio) Assinale o item em que uma das palavras não é variante da outra, como as demais:
a) exceção – excessão
b) cousa – coisa
c) secção – seção
d) catorze – quatorze
e) quotidiano – cotidiano

23. (Transpreto – Administrador – Cesgranrio) O elemento em destaque está grafado de acordo com a norma-padrão em:
a) O marciano desintegrou-se **por que** era necessário.
b) O marciano desintegrou-se **porquê**?
c) Não se sabe **por que** o marciano se desintegrou.
d) O marciano desintegrou-se, e não se sabe o **porque**.
e) **Por quê** o marciano se desintegrou?

24. (Transpetro – Administrador – Cesgranrio) Ao escrever frases, que deveriam estar de acordo com a norma-padrão, um funcionário se equivocou constantemente na

ortografia. Ele só NÃO se enganou em:
a) O homem foi acusado de estuprar várias vítimas.
b) A belesa da duquesa era realmente de se admirar.
c) Porque o sapato deslisou na lama, a mulher foi ao chão.
d) Sem exitar, as crianças correram para os brinquedos do parque.
e) Sem maiores pretenções, o time venceu o jogo e se classificou para a final.

25. (Técnico Judiciário – TRF – 1ª Região – FCC) As palavras estão corretamente grafadas na seguinte frase:
a) Que eles viajem sempre é muito bom, mas não é boa a ansiedade com que enfrentam o excesso de passageiros nos aeroportos.
b) Comete muitos deslises, talvez por sua espontaneidade, mas nada que ponha em cheque sua reputação de pessoa cortês.
c) Ele era rabugento e tinha ojeriza ao hábito do sócio de descançar após o almoço sob a frondoza árvore do pátio.
d) Não sei se isso influe, mas a persistência dessa mágoa pode estar sendo o grande impecilho na superação dessa sua crise.
e) O diretor exitou ao aprovar a retenção dessa alta quantia, mas não quiz ser taxado de conivente na concessão de privilégios ilegítimos.

26. (PUC) Assinale o grupo de palavras que completa corretamente as frases abaixo.
Aquela tinha por objetivo descobrir a melhor maneira de o processo de vacinação no país.
Não sei você vai e, portanto, não saberei o encontrar.
a) pesquiza – modernizar – aonde – onde
b) pesquisa – modernizar – aonde – onde
c) pesquisa – modernisar – aonde – aonde
d) pesquiza – modernizar – onde – aonde
e) pesquisa – modernizar – onde – onde

27. Em consonância com o novo acordo ortográfico, que vocábulo a seguir perdeu o hífen?
a) anti-higiênico;
b) ex-almirante;
c) auto-sugestão
d) sub-reino
e) semicírculo

28. Em consonância com o novo acordo ortográfico, que vocábulo passou a ter hífen?
a) antiinflacionário
b) antiético
c) supracitado
d) sobreloja

e) hipermercado

29. (Técnico Judiciário – TRF-1ª Região – FCC) A palavra destacada está empregada corretamente em:
a) Ele é o guardião dos reptis que estão sendo estudados.
b) Com esse cálculo financeiro, o banco aleja os clientes.
c) Se eu me abster, haverá empate na votação.
d) Os guarda-noturnos serão postos na formalidade.
e) Essa máquina mói todos os detritos.

30. Analista Legislativo Senado Federal – FGV – A palavra *megadiversidade* foi grafada corretamente no texto. Assinale a alternativa em que, compondo-se palavra com o elemento *mega*-, obedeceu-se às regras de ortografia.
a) mega-homenagem
b) megaipótese
c) mega sucesso
d) megaritual
e) mega-evento

31. (TRE-MG) "A das atividades industriais provocou frequentes entre os operários. A solução foi a do governo nas negociações".
a) paralisação – discussões – intercessão
b) paralisação – discursões – intersessão
c) paralisação – discussões – interseção
d) paralização – discursões – intercessão
e) paralização – discussões – interseção

32. (TRE-MG) A palavra nos parênteses não preenche adequadamente a lacuna do enunciado em:
a) O crime foi bárbaro. Somente após a do assunto é que foi possível prendê-lo. (descrição)
b) Só seria possível o acusado, se conseguíssemos mais provas que o inocentassem. (descriminar)
c) As negociações só vão os resultados esperados, caso todos compareçam. (sortir)
d) O corpo estava , apenas a cabeça estava fora da água, que subia cada vez mais. (imerso)
e) Como a mercadoria estava muito pesada, o recurso foi o cofre ali mesmo, na escada. (arriar)

33. (TRE-RJ) A alternativa em que a segunda palavra se escreve com a mesma letra ou dígrafo sublinhado na primeira é:
a) "ten<u>s</u>ão" / absten ão
b) "e<u>x</u>terior " / e tender

c) “sucessiva” / exce ão
d) “florescimento” / su inta
e) “empiricismo” / mpecilho

34. (TRE-RJ) “Comprida” tem significado distinto de seu parônimo “cumprida”. Das sentenças abaixo, aquela em que houve troca na escolha dos parônimos entre parênteses é:
a) O acúmulo de vultosas quantias era sinal de bênção divina. (vultosas / vultuosas)
b) Muda-se a ética antes que se consuma a generalização do pecado. (consuma / consume)
c) A expressão “dar um jeito” traz sempre subentendida a intenção de burlar a lei. (subentendida / subtendida)
d) O descumprimento da lei dificilmente passa despercebido na “Common Law” anglo-saxônica. (desapercebido / despercebido)
e) Antes de mais nada, faz-se necessário discriminar que leis favorecem a institucionalização do jeito. (descriminar / discriminar)

35. Qual vocábulo denuncia já estar sendo empregado o novo acordo ortográfico?
a) pan-americano
b) sub-base
c) subsolo
d) arqui-inimigo
e) extra-orçamentário

36. (Técnico Judiciário – TRE-PE – FCC) O par grifado que constitui exemplo de parônimos está em:
a) No espaço de uma noite, o rio havia transbordado e inundado o quintal da casa.
Pela manhã, foi possível constatar a força destrutiva das águas.
b) O rio se convertera em um caudaloso fluxo de águas sujas.
O menino se assustou com a violência barrenta das águas.
c) Famílias eminentes podiam ir para o campo, fugindo do bulício da cidade.
Eram iminentes os riscos causados pela inundação das águas barrentas do rio.
d) Era urgente a necessidade de obras para a contenção do rio.
Havia heroísmo na concentração dos homens que lutavam contra a corrente.
e) No pomar atrás da casa havia frutas, entre elas, mangas e cajus.
Em mangas de camisa, homens tentavam salvar o que as águas levavam.

37. (TRE-RO) extin...ão; conce...ão; suspen...ão; ob...ecar; can...ado. Para completar corretamente as palavras acima usam-se, respectivamente:
a) c – ç – s – sc – s
b) ç – ss – s – c – s
c) s – ss – s – sc – s
d) s – c – s – sc – ç

e) s – c – ç – s – ç

38. (TFC) Indique a alternativa em que não há erro de grafia.
a) Porque chegou atrazado perdeu grande parte do explêndido espetáculo.
b) Pediu-lhe que ascendesse a luz, pois a claridade não era impecilho a seu repouso.
c) Ele não é uma exceção, também é muito ambicioso.
d) Quizera eu que todas as espécies animais estivessem livres de extinção.
e) Não poderia advinhar que sua música viesse a ter tanto hêsito.

39. (TFC) Indique o segmento totalmente correto quanto à grafia.
a) Há intensão de se alcançar um consenso para evitar as divergências entre os parlamentares.
b) É preciso cessarem as disensões para se obter a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases na Educação.
c) Um aquário pode ser tido como um ecossistema, no qual os escrementos dos peixes, depois de decompostos, fornecerão elementos essenciais à vida das plantas.
d) O Sol é o responsável pela emissão de luz, indispensável para a fotossíntese, processo pelo qual as plantas produzem o alimento orgânico primário, assim como praticamente todo o oxigênio na atmosfera.
e) Pesquizas recentes têm atribuído a choques meteóricos a súbita extinção dos dinossauros da face da Terra.

40. (Inspetor da PC-RJ – FGV) Em inospitaleiras (L.82), ao se juntar o prefixo à palavra hospitaleiras, houve perda da letra h.
Assinale a alternativa em que a junção dos dois elementos se deu de forma incorreta, provocando erroneamente a perda da letra h.
a) subumano
b) megaomenagem
c) socioistórico
d) multiabilidoso
e) panispânico

41. (Esaf) Considerando a diversidade de grafia da forma PORQUE, pode-se afirmar que está incorreta a frase:
a) Assino esta revista especializada há muitos anos, mas este mês ela chamou minha atenção de modo especial, e vocês vão logo entender por quê.
b) A decisão final sobre os reajustes das prestações do SFH sairá ainda este mês. Persistem algumas dúvidas porque a indexação voltou só para a parcela do salário até três mínimos.
c) Conforme informação da Caixa Econômica Federal, os mutuários desejam saber porque aqueles que têm data-base em setembro e repasse em sessenta dias terão, em novembro, correção mais elevada.
d) Muitos desconhecem também os motivos por que se aplicarão a todos os mutuários

com contratos de equivalência salarial plena as antecipações bimestrais e quadrimestrais pelo INPC.
e) Por que se aplica o índice da poupança de setembro/90 a agosto/91 mais 3% de ganho real, descontando-se as antecipações?

42. (FCMPA-MG) Assinale o item em que a palavra destacada está incorretamente aplicada.
a) Trouxeram-me um ramalhete de flores fragrantes.
b) A justiça infligiu a pena merecida aos desordeiros.
c) Promoveram uma festa beneficiente para a creche.
d) Devemos ser fiéis ao cumprimento do dever.
e) A cessão de terras compete ao Estado.

43. (Técnico Judiciário – 14ª R – FCC) Das frases abaixo só NÃO há erros de ortografia em:
a) Carbohidratos ricos em fibras são importantes aliados para manter estável o nivel de energia do organismo.
b) Sabe-se que uma substancia encontrada no guaraná pode estimular a função cerebral e auxiliar na concentrasão.
c) Consumir alimentos ricos em vitaminas e minerais pode ajudar a reduzir os efeitos negativos do estresse.
d) O consumo de proteínas e gorduras em exceço pode ser nossivo para o processo digestivo.
e) Manter o organismo mau hidratado pode prejudicar a eliminação de toxínas e provocar sérios problemas de saúde.

44. (TRT) você brinca? ? Ora, me agrada. A experiência passei, foi desagradável. Depois você saberá o .
a) Porque – porquê – porque – porque – por que
b) Por que – porquê – porque – porque – porque
c) Por que – porquê – porque – porque – por quê
d) Porque – porque – por quê – porque – por que
e) Por que – por quê – porque – por que – porquê

45. (Esaf) Marque a alternativa cujas palavras preenchem corretamente as respectivas lacunas, na frase seguinte: "Necessitando o número do cartão do PIS, a data de meu nascimento."
a) ratificar – proscrevi
b) prescrever – discriminei
c) descriminar – retifiquei
d) proscrever – prescrevi
e) retificar – ratifiquei

46. (Unisinos) A frase onde os homônimos e/ou parônimos em destaque estão com significação invertida é:
a) Era iminente a queda do eminente deputado.
b) A justiça infringe uma pena a quem inflige a lei.
c) Vultosa quantia foi gasta para curar sua vultuosa face.
d) O mandado de segurança impediu a cassação do mandato.
e) O nosso censo depende exclusivamente do senso de responsabilidade do IBGE.

47. (Mack) Na oração "Em sua vida, nunca teve muito , apresentava-se sempre no de tarefas " as palavras adequadas para preenchimento das lacunas são:
a) censo – lasso – cumprimento – eminentes
b) senso – lasso – cumprimento – iminentes
c) senso – laço – comprimento – iminentes
d) senso – laço – cumprimento – eminentes
e) censo – lasso – comprimento – iminentes

48. (TFC) Indique a letra na qual as palavras complementam, corretamente, os espaços das frases abaixo.
1. Quem possui deficiência auditiva não consegue os sons com nitidez.
2. Hoje são muitos os governos que passaram a combater o de entorpecentes com rigor.
3. O diretor do presídio pesado castigo aos prisioneiros revoltosos.
a) discriminar – tráfico – infligiu
b) discriminar – tráfico – infringiu
c) descriminar – tráfego – infringiu
d) descriminar – tráfego – infligiu
e) descriminar – tráfico – infringiu

49. (Fuvest) No último da orquestra sinfônica, houve entre os convidados, apesar de ser uma festa .
a) conserto – flagrantes descriminações – beneficente
b) concerto – fragrantes discriminações – beneficiente
c) conserto – flagrantes descriminações – beneficiente
d) concerto – fragrantes discriminações – beneficente
e) concerto – flagrantes discriminações – beneficente

50. (TRE-RJ) A grafia da palavra sublinhada está incorreta em:
a) O deputado defendeu a <u>descriminação</u> da maconha.
b) Sua <u>ascensão</u> à presidência da firma surpreendeu a todos.
c) Todos o julgavam, com razão, demasiadamente <u>pretensioso</u>.
d) Os deputados não queriam acabar com os próprios <u>previlégios</u>.
e) A disputa entre os <u>cônjuges</u> só poderia ser resolvida nos tribunais.

51. (TRE-MG) "Por diversas vezes em prosseguir as investigações. Só conseguiu

a situação com a colaboração de seus assessores". As lacunas do período dado ficam corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) hesitou – amenizar
b) hesitou – amenisar
c) hezitou – amenizar
d) exitou – amenizar
e) exitou – amenisar

52. (TRE-MG) A palavra sublinhada está empregada inadequadamente em:
a) Os moradores sempre o consideraram, pelas suas atitudes, um homem sério e descente.
b) Sempre foi muito místico, por isso não se cansavam de lhe chamar de ascético.
c) Comentava-se que o príncipe só poderia ascender ao trono após a maioridade.
d) Na última publicação do jornalista, a seção de esportes estava ótima.
e) Sabe apreciar uma pintura. Não há dúvida de que possui senso artístico.

53. (Técnico Judiciário – Tribunal Regional Eleitoral – NCE) Pesquisa é vocábulo grafado com S, como se pode ver no texto. O item em que há um vocábulo erradamente grafado com essa letra é.
a) paralisia / análise / atraso;
b) gasoso / baronesa / arrasar;
c) besouro / adeusinho / bis;
d) brasão / freguês / guloseima;
e) marquês / pesadelo / anõesinhos.

54. (Analista Judiciário – Tribunal Regional Eleitoral – NCE) Como se pode ver no texto, obscenamente é um vocábulo grafado com SC. O item abaixo em que um dos vocábulos está erroneamente grafado é:
a) ressuscitar / ascensão / piscina;
b) adolescente / discente / indescente;
c) convalescer / crescer / rescindir;
d) abscesso / florescente / transcender;
e) renascença / piscicultura / miscelânea.

55. (Analista Judiciário – Tribunal Regional do Trabalho) "... Cônscio de sua insignificância como indivíduo...". O item em que uma das palavras indicadas não deve ser escrita com SC é:
a) suscitar, ascender, ascessório;
b) rescindir, transcendência, renascer;
c) discente, descendência, enflorescer;
d) seiscentos, prescindir, acrescentar;
e) discernir, remanescer, fascismo.

56. (Técnico Judiciário – TJ – NCE) "A Carta proíbe a discriminação entre o homem e a mulher...". O vocábulo sublinhado era denominado parônimo (de descriminação). O item abaixo em que houve erro porque houve troca entre parônimos é:

a) Os assertos do discurso presidencial necessitam de confirmação.
b) As conjeturas do economista português foram importantes para nossa reflexão.
c) O ministro pretendia proscrever, para o presidente, uma certa cautela nos discursos.
d) Na iminente situação de perigo, o ministro preferiu adotar uma solução mais drástica.
e) O corrupto pretendia rapar todas as contribuições da campanha eleitoral.

57. (NCE) "E, em vez das simples anotações que seriam preciosas como documento...". A frase abaixo em que em lugar de em vez de seria mais adequado dizer ao invés de é:

a) Em vez de ler, preferiu dormir.
b) Em vez de churrasco, quis feijoada.
c) Em vez de sair, entrou.
d) Em vez de um caderno, encontrou um livro.
e) Em vez de anotações, encontrou um diário completo.

58. (Inspetor da Polícia Civil-RJ/FGV) "Mas porque na verdade não me queres mais" (verso 35). No verso acima, utilizou-se a forma correta *porque*. Assinale a alternativa em que não se tenha utilizado corretamente uma das quatro formas do porquê.

a) É necessário avaliar por quê, ontem, fomos derrotados.
b) Depois de entender por quê, prosseguiu.
c) Não sei por quê nem como.
d) Não entendemos as privações por que passamos.
e) Deve haver um porquê para nossa derrota.

Capítulo 3

Regras de Acentuação

3.1. Monossílabos tônicos

Os monossílabos tônicos terminados em A(S), E(S), O(S) são acentuados.

Ex.: pá, pé, pó, sós.

Obs.: Monossílabos terminados em outras letras não receberão acento, exceto "têm", "vêm" e "pôr".

3.2. Oxítonas

As palavras oxítonas terminadas em A(S), E(S), O(S), EM, ENS são acentuadas.

Ex.: sofá, rapé, cipó, avô, vocês, também, parabéns.

3.3. Paroxítonas

As palavras paroxítonas terminadas em I(S), L, R, X, PS, N, UM, UNS, US, Ã(S), DITONGO(S) são acentuadas.

BIZU

Para memorizar esta regra: UM ROUXINOL FOI AO (ditongo) INAM (ã)PS. Nesta frase, estão contidas todas as terminações dos paroxítonos acentuados.

Ex.: táxi, biquíni, biquínis, júri, júris, móvel, inflamável, revólver, fêmur, tórax, fênix, bíceps, fórceps, hífen, pólen, abdômen, álbum, fórum, álbuns, bônus, ânus, ímã, órfã, órfãs, móveis, inflamáveis...

Obs.: Atenção para o fato de "hífen" possuir acento, mas "item" não. O primeiro é paroxítono terminado em ***N***, o segundo é paroxítono terminado em ***M***. Hifens, polens e abdomens não levam acento, pois não há regra dizendo que paroxítono terminado em ***ENS*** leva acento. No entanto, estas palavras possuem outra forma de plural, com ***ES:*** pólenes, hífenes e abdômenes. Esta

forma alternativa de plural se acentua, pois os vocábulos tornam-se proparoxítonos (observe a regra a seguir).

3.4. Proparoxítonas

Todas as palavras proparoxítonas são acentuadas.

Ex.: Matemática, tóxico, cantaríamos, buscávamos.

Obs.: As palavras paroxítonas terminadas em ditongos crescentes podem ser consideradas também proparoxítonas, e os ditongos crescentes também podem ser interpretados como hiatos.

Ex.: armário, tênue, séries, glória, rádio, oxigênio, sódio, óleo, paciência.

Portanto, estas palavras podem tanto fazer parte da regra das palavras paroxítonas como das proparoxítonas.

Obs.: Era comum, em antigas épocas, a indicação de que alibi, deficit e habitat não seriam acentuados em função do latinismo. Hoje, os dicionários já registram esses vocábulos com acento. Ultimamente, tal questionamento não se tem feito presente nos concursos.

3.5. Ditongos abertos ÉI(S), ÉU(S), ÓI(S)

Serão acentuados os ditongos abertos e tônicos ÉI(S), ÉU(S) e ÓI(S), quando se localizarem na última sílaba ou for a única sílaba.

Ex.: céu, réis, anéis, herói

Obs.: De acordo com a nova ortografia, boia, heroica, geleia etc. perderam o acento, pois o ditongo não ocorre na última sílaba.

3.6. "I" e "U", quando isolados numa sílaba

Acentuam-se "i" e "u", quando isolados numa sílaba, que não a primeira, sendo, no máximo, seguidos de "S".

Ex.: saída, baú, saúva, país, paúra, raízes

Obs.: Se, depois da vogal "i", ocorrer o dígrafo "NH", não haverá acento.

Ex.: rainha, moinho, tainha, sainha

Obs.: De acordo com a nova ortografia, perdeu o acento o I e o U se precedidos de ditongo.

Ex.: feiura, pauis, boiuna

3.7. "OO" ou "EE"

Pelo novo acordo ortográfico, não mais se acentuam os vocábulos que

apresentem "OO" ou "EE".
Ex.: voo, enjoo, coo, moo, veem, leem, creem, deem.

3.8. Acento diferencial

3.8.1. Intensidade

pôr (verbo) – por (preposição)

3.8.2. Timbre

pôde (verbo no pretérito perfeito) – pode (verbo no presente)

3.8.3. Número / pessoa

Obs.: Haverá nos verbos "ter" e "vir" acento diferencial nos seguintes casos:
ele tem – eles têm
ele vem – eles vêm

Quando um verbo se derivar de "ter" e "vir", a terceira pessoa do singular somente se distinguirá da terceira pessoa do plural no Presente do Indicativo através do acento. Aquela terá acento agudo e esta terá acento circunflexo.
ele contém – eles contêm
ele convém – eles convêm

Obs.: Perderam o acento diferencial de intensidade os seguintes vocábulos
para (verbo) – pera (fruta) – polo (substantivo) – pelo (substantivo) – pelo (verbo) – coa (verbo)

3.9. Trema

Pelo novo acordo ortográfico, não mais se emprega o trema.
Ex.: eloquente, tranquilo, aguentar, linguiça.

3.10. Exercícios

Do exercício 1 ao 8, marque a opção em que a ortografia correta do vocábulo é sem acento.

1. a) biquini			2. a) raizes
b) bau			b) biceps
c) urubu			c) rainha
d) sauva			d) poluido
e) balaustre			e) analitico

3. a) polens			4. a) hifen
b) polen			b) hifenes
c) abdomen			c) item
d) polenes			d) album
e) abdomenes			e) albuns
5. a) climax			6. a) revel
b) xerox			b) consul
c) latex			c) estencil
d) cortex			d) dificil
e) ônix			e) têxtil
7. a) faceis			8. a) rubrica
b) jogueis			b) ve
c) estencis			c) ves
d) repteis			d) o porque
e) texteis			e) fenix

9. Na frase "Ele mantem, ou melhor, eles mantem a esperança de pegar este onibus e sair deste pais para so voltar quando a violencia estiver totalmente erradicada e as aguas despoluidas", temos:
a) 4 acentos agudos e 3 circunflexos
b) 4 acentos agudos e 4 circunflexos
c) 5 acentos agudos e 2 circunflexos
d) 4 acentos agudos e 3 circunflexos
e) 5 acentos agudos e 3 circunflexos

10. (Uni-Rio) Assinale a única palavra corretamente acentuada na lista abaixo:
a) gratuíto
b) nóvel
c) décano
d) récem
e) ínterim

11. (Uni-Rio) A palavra que é acentuada de acordo com a mesma regra observada em PARVOÍCE é:
a) constituíram

b) lunático
c) estréia
d) consórcio
e) troféus

12. (UFF) Assinale a opção em que se justifique erroneamente o emprego do acento gráfico.
a) Pôde – acento diferencial para distinguir a forma do pretérito perfeito do presente do indicativo.
b) Ninguém – palavra oxítona terminada em em.
c) Idéia – palavra paroxítona terminada em ditongo oral.
d) Massapê – palavra oxítona terminada em e.
e) Só – monossílabo tônico terminado em o.

13. (Cesgranrio) Assinale a opção em que se erra quanto à explicação do uso do acento gráfico nas palavras destacadas:
a) Porém – também – os vocábulos terminados em – recebem acento agudo, que os marca como oxítonos.
b) Chapéu – idéia – o acento recai sobre a primeira vogal do hiato para indicar a sílaba tônica.
c) Três – chá – só – os monossílabos tônicos terminados em A, E, O são acentuados. Leva-se em conta nesta regra a tonicidade dos monossílabos na frase.
d) Título – hábitos – acentuam-se em português as palavras proparoxítonas.
e) Renânia – dicionário – as palavras paroxítonas terminadas em ditongo oral são acentuadas.

14. (Técnico Judiciário – TRE-SP – FCC) É preciso corrigir deslizes relativos à ortografia oficial e à acentuação gráfica da frase:
a) As obras modernistas não se distinguem apenas pela temática inovadora, mas igualmente pela apreensão do ritmo alucinante da existência moderna.
b) Ainda que celebrassem as máquinas e os aparelhos da civilização moderna, a ficção e a poesia modernista também valorizavam as coisas mais quotidianas e prosaicas.
c) Longe de ser uma excessão, a pintura modernista foi responsável, antes mesmo da literatura, por intensas polêmicas entre artistas e críticos concervadores.
d) No que se refere à poesia modernista, nada parece caracterizar melhor essa extraordinária produção poética do que a opção quase incondicional pelo verso livre.
e) O escândalo não era apenas uma consequência da produção modernista: parecia mesmo um dos objetivos precípuos de artistas dispostos a surpreender e a chocar.

15. (TRT-RJ – CESPE-UnB) Com referência à ortografia oficial e às regras de acentuação de palavras, assinale a opção incorreta.
a) Os vocábulos lágrima e Gênesis seguem a mesma regra de acentuação.
b) As palavras oásis e lápis são acentuadas pelo mesmo motivo.

c) A grafia correta do verbo correspondente a ressurreição é ressucitar.
d) Apesar de a grafia correta do verbo poetizar exigir o emprego da letra "z", o feminino de poeta é grafado com s.
e) O vocábulo traz corresponde apenas a uma das formas do verbo trazer; a forma trás é empregada na indicação de lugar (equivale a parte posterior).

16. (Petrobrás – Técnico Ambiental – Cesgranrio)
O conjunto de palavras paroxítonas que deve receber acentuação é o seguinte:
a) amavel – docil – fossil
b) ideia – heroi – jiboia
c) onix – xerox – tambem
d) levedo – outrem – sinonimo
e) acrobata – alea – recém

17. Auxiliar Portuário – FGV – Assinale a palavra que NÃO tenha sido acentuada pela mesma regra que as demais:
a) sensíveis
b) países
c) consequência
d) comércio
e) seminário

18. (Eletronorte – NCE) Duas palavras que são acentuadas em função da mesma regra são:
a) sanduíche / rápido
b) água / família
c) pátria / saída
d) você / três
e) cafeína / café

19. (NCE) A forma verbal "há" leva acento ortográfico porque:
a) é um monossílabo átono;
b) é forma verbal;
c) é palavra sem valor semântico;
d) é monossílabo tônico terminado em "a";
e) a vogal "a" tem timbre aberto.

20. (CM-Redator / Revisor) Todas as palavras estão acentuadas de acordo com as normas do sistema ortográfico vigente em:
a) ínterim – rúbrica – item
b) arguíste – guarani – fluido
c) delinquência – ambíguo – quinquenal
d) constituía – gratuíto – iníquo

e) prototipo – ímã – raízes

21. (CM – 1º Grau) Apesar de todas as palavras abaixo rimarem com chinês, a opção em que há erro ortográfico, porque uma das palavras é grafada com sufixo distinto dos demais é:
a) burguês – japonês
b) marquês – embriaguês
c) dinamarquês – pequinês
d) pedrês – português
e) holandês – escocês

22. (CM – 1º Grau) Os acentos das palavras subúrbio e revólver explicam-se, respectivamente, porque se têm de acentuar os:
a) paroxítonos terminados em ditongo e os terminados em "r";
b) paroxítonos terminados em ditongo oral e os terminados em "r";
c) proparoxítonos terminados em ditongo oral e os paroxítonos terminados em "r";
d) proparoxítonos terminados em ditongo e os paroxítonos terminados em "r";
e) paroxítonos terminados em ditongo oral e os oxítonos terminados em "r".

23. (AFA) Observe a acentuação destas palavras: além, artística, botânica, cadavérica, é, está, fácil, gênio, há, imutável, já, Luís, ponderável, só, também, vocabulário.
Assinale a opção em que a acentuação de cada palavra se explica por uma regra específica, distinta das regras das demais palavras da alternativa:
a) Há – já – é – só
b) Botânica – além – fácil – Luís
c) Imutável – está – cadavérica – artística
d) Também – gênio – ponderável – vocabulário

24. (NCE) A alternativa em que as duas palavras destacadas recebem acento gráfico pela mesma razão é:
a) público – órgãos
b) também – vêem
c) é – à
d) polêmicas – difícil
e) língua – controvérsias

25. (TJ) Em que item a seguir os vocábulos não têm sua acentuação gráfica justificada pela mesma regra?
a) silêncio – escritórios
b) próxima – trânsito
c) pôr – é
d) fácil – impossível
e) vários – pátio

26. (NCE) Que par de palavras abaixo não tem sua acentuação gráfica justificada com base na mesma regra?
a) súditos – fábrica
b) denúncia – consciência
c) está – já
d) útil – agradável
e) país – saúde

27. (UFRJ) O vocábulo "pôs" leva acento gráfico pelo mesmo motivo de uma das palavras a seguir. Qual?
a) pôr
b) está
c) três
d) compôs
e) têm

28. (NCE) Violência é palavra que recebe acento gráfico pela mesma razão de uma das palavras a seguir. Qual?
a) aí
b) é
c) válidos
d) idéia
e) vácuo

29. Que vocábulo, de acordo com as novas regras ortográficas, perdeu o acento?
a) saída
b) saúva
c) baú
d) bocaiúva
e) saí

30. (UFRJ-Magistério) O vocábulo abaixo que possui acento diferencial por razão distinta dos demais é:
a) pára
b) pôr
c) têm
d) pêra
e) pólo

31. Que vocábulo, de acordo com as novas regras ortográficas, não perdeu o acento.
a) pêlo (substantivo)
b) pélo (verbo)

c) pôr (verbo)
d) pára (verbo)
e) pólo (substantivo)

32. (Advogado – Senado Federal – FGV) Assinale a alternativa em que a palavra indicada tenha sido acentuada por regra distinta das demais.
a) instituídas
b) transparência
c) remuneratório
d) Judiciário
e) Ministério

33. (Técnico Legislativo – Senado Federal – FGV) Assinale a alternativa em que a palavra tenha sido acentuada seguindo a mesma regra que *saúde*.
a) indústria
b) licitatória
c) aí
d) até
e) têm

34. (Analista de Informática Legislativa – Senado Federal – FGV) A palavra *êxito* recebeu acento por se tratar de proparoxítona. Nas alternativas a seguir, em que todas as palavras estão propositalmente grafadas sem acento, uma naturalmente não receberia acento por não se tratar de proparoxítona. Assinale-a.
a) interim
b) rubrica
c) recondito
d) arquetipo
e) lugubre

35. (FNDE-FGV) Assinale a alternativa em que a palavra indicada tenha sido acentuada seguindo a mesma regra que *suíço*.
a) níveis
b) possuíam
c) família
d) cenário
e) diálogo

36. (Administrador – Docas – FGV) Assinale a palavra que tenha sido acentuada por regra DISTINTA das demais.
a) relógio
b) deficiências
c) distância

d) nível
e) níveis

37. (Administrador – Docas – BA – FGV) Assinale a palavra que foi acentuada seguindo a mesma regra que *três* (L.23).
a) prevê (L.32)
b) até (L.40)
c) além (L.34)
d) é (L.16)
e) país (L.17)

38. (Inspetor PC – RJ – FGV) Assinale a alternativa em que o termo tenha sido acentuado seguindo regra distinta dos demais.
a) difíceis (L.55)
b) próprio (L.3)
c) concluída (L.49)
d) consequências (L.37)
e) solidários (L.85)

39. (UEG) Indique o par em que o acento gráfico não tem a mesma função:
a) círculo – líquido
b) notícia – proprietário
c) pôr – pára
d) água – pára
e) difíceis – amáveis

40. (BNDES – Administração – Cesgranrio – adaptada) As palavras que se acentuam pela mesma regra de "prévia" e "até", respectivamente, são:
a) raízes e só
b) inútil e baú
c) infindáveis e você
d) menestréis e sofá
e) hífen e saída

41. (TRE-MT) Segue a mesma regra de acentuação de país a palavra:
a) saúde
b) aliás
c) táxi
d) grêmios
e) heróis

42. (TRE-ES) "Aí" é acentuada pelo mesmo motivo de:
a) aquí

b) dá
c) é
d) baú
e) porém

43. (NCE) A palavra <u>países</u> leva acento porque:
a) é proparoxítona
b) é paroxítona com hiato
c) o "i" é tônico como segunda vogal do hiato
d) apresenta ditongo aberto
e) é paroxítona terminada em "s"

44. (TRE-RJ) A alternativa que apresenta <u>erro</u> quanto à acentuação em um dos vocábulos é:
a) lápis – júri
b) bônus – hífen
c) ânsia – série
d) raízes – amável
e) Anhangabaú – bambú

45. (Analista Judiciário – TRT) No primeiro parágrafo do texto, há uma série de palavras acentuadas graficamente; se agruparmos essas palavras segundo a regra que justifica seus acentos, teríamos os seguintes grupos:
a) (1) é; (2) típico, século, jurídica, características; (3) possível; (4) ciência, própria, doutrinária;
b) (1) é; (2) típico, século, possível; (3) jurídica, características; (4) ciência, própria, doutrinária;
c) (1) é, século; (2) típica, jurídica, características, ciência, próprias, doutrinária; (3) possível;
d) (1) é, século, ciência; (2) típico, jurídico, características, possível; (3) próprias; (4) doutrinárias;
e) (1) é, possível.

46. Que alternativa apresenta vocábulos grafados em consonância com o novo acordo ortográfico.
a) polo, coa, vêem
b) idéias, réis, véu
c) herói, heróico, céu
d) pôr, tranquilo, sóis
e) dêem, enjôo, para

47. (TTN) Assinale o trecho que apresenta <u>erro</u> de acentuação gráfica.
a) Inequivocamente, estudos sociológicos mostram que, para ser eficaz, o chicote,

anátema da sociedade colonial, não precisava bater sobre as costas de todos os escravos.
b) A diferença de ótica entre os díspares movimentos que reivindicam um mesmo amor à natureza se enraízam para além das firulas das discussões político-partidárias.
c) No âmago do famoso santuário, erguido sob a égide dos conquistadores, repousam enormes caixas cilíndricas de oração em forma de mantras, onde o novel na fé se purifica.
d) O alvo da diatribe, o fenômeno da reprovação escolar, é uma tolice inaceitável, mesmo em um paradígma de educação deficitária em relação aos menos favorecidos.
e) Assustada por antigas endemias rurais, a, até então, álacre sociedade brasileira tem, enfim, consciência do horror que seria pôr filhos em um mundo tão inóspito.

48. Que alternativa apresenta vocábulos grafados em consonância com o novo acordo ortográfico.
a) doem, peras, boléia
b) Apazigue, apazígue, apazígua
c) averíguem, averiguem, averiguam
d) crêem, vôo, menestréis
e) pôde, pôr, intervêm

49. (Inspetor de Polícia – Polícia Civil – NCE) O item em que aparece um par de vocábulos acentuados graficamente por motivos distintos é:
a) há – pôr
b) universitários – raciocínio
c) cocaína – heroína
d) lógica – hábito
e) demonstrá-la – aliás

50. (Tribunal Regional do Trabalho) Duas palavras do texto que recebem acento gráfico em razão de regras ortográficas diferentes são:
a) salário – importância
b) é – mês
c) difícil – hábil
d) inexistência – médio
e) diminuído – jurídicos

Capítulo 4

Estrutura dos Nomes

4.1. Radical

Indica o significado dos termos.

Ex.: ferrugem, ferreiro, ferrinho – O radical é FERR, o que faz compreender ser algo relativo a ferro.

4.2. Afixos

Dividem-se em dois tipos: Prefixos que se localizam antes do radical e Sufixos, após.

INFELIZ – Prefixo IN; REELEITO – Prefixo RE.

PENSAMENTO – Sufixo MENTO; ROTAÇÃO – Sufixo – ÇÃO.

4.3. Vogal temática

Localiza-se após o radical nos nomes que não sejam oxítonos ou terminados em consoantes .

Ex.: carro, planta, vida, espaço.

Obs.: São atemáticos os nomes oxítonos ou terminados em consoantes.

Ex.: café, urubu, fêmur, lápis.

4.4. Desinências

4.4.1. De gênero

Indica a contrapartida de gênero masculino/feminino.

Ex.: menino, menina; gato, gata.

Obs.: Há autores que só reconhecem desinência de gênero nos substantivos femininos em contrapartida aos substantivos masculinos, pois a desinência de gênero serviria – na concepção deles – para diferençar o feminino do masculino e não o masculino do feminino.

4.4.2. De número

Indica o plural.

Ex.: casas, meninos.

4.4.3. De grau

Indica o aumentativo ou o diminutivo dos nomes.

Ex.: garotão, garotinho.

4.5. Vogais e consoantes de ligação

Fazem a ligação entre o radical e o sufixo, desinência ou outro radical.

Ex.: cafezinho, gasômetro.

4.6. Formação dos nomes

4.6.1. Composição

Há mais de um radical.

4.6.1.1. Justaposição

Não há perda de fonemas.

Ex.: minissaia, pé de moleque.

4.6.1.2. Aglutinação

Há perda de fonemas.

Ex.: planalto, aguardente.

4.6.2. Derivação

Há apenas um radical.

4.6.2.1. Sufixal

Radical + sufixo.

Ex.: cafeteira, livraria.

4.6.2.2. Prefixal

Prefixo + radical.

Ex.: prefixo, dissílabo.

4.6.2.3. Prefixal e sufixal (derivação sucessiva)

Prefixo + radical + sufixo. Ocorre quando uma palavra possui prefixo e sufixo, sem que um exija a presença do outro.

Ex.: deslealdade, infelizmente.

Observe que estas palavras possuem prefixo e sufixo, porém também existiriam sem a presença de um deles: desleal e lealdade, infeliz e felizmente.

4.6.2.4. Parassintética

Prefixo + radical + sufixo. Acontece quando uma palavra possui prefixo e sufixo obrigatoriamente ao mesmo tempo, ou seja, um exige a presença do outro. A derivação parassintética é formadora de verbo.

Ex.: anoitecer, enlouquecer.

Observe que estas palavras não podem existir somente com prefixo e radical ou radical e sufixo: anoite e noitecer, enlouco e louquecer.

4.6.2.5. Regressiva

Substantivo que se forma de verbo, perdendo fonema.

Ex.: jogo (derivado de jogar), toque (derivado de tocar).

4.6.3. Conversão

Palavra utilizada em classe gramatical diferente da de origem.

Ex.: gilete (substantivo simples), Gillette (substantivo próprio); o falar (substantivo), falar (verbo).

Obs.: Necessário se faz informar que a efetivação deste caso só pode ser observada no contexto.

4.6.4. Hibridismo

Palavra formada por morfemas de origens diferentes.

Ex.: burocracia (francês e grego); sociologia (latim e grego).

4.6.5. Reduplicação

Repetição de parte da palavra.

Ex.: tico-tico, reco-reco.

4.6.6. Abreviação

Parte da palavra pelo todo.

Ex.: moto (motocicleta), pneu (pneumático).

4.6.7. Sigla

Iniciais das palavras.

Ex.: CRF (Clube de Regatas do Flamengo), PT (Partido dos Trabalhadores).

4.6.8. Neologismo

Formação de novas palavras.

Ex.: Nhenhenhém, imexível.

Obs.: Quando um vocábulo já passou por vários processos de formação, deve-se

levar em consideração apenas a última fase. Por exemplo: a palavra ENTERRAR, por parassíntese, formou-se de TERRA e, por sua vez, por regressão, forma ENTERRO. Sendo assim, para a palavra ENTERRO, deve-se avaliar somente o último passo: a regressão. Já a palavra EMPOBRECER, por parassíntese, deriva-se de POBRE. Acrescendo-se o sufixo, forma EMPOBRECIMENTO. Para este vocábulo, leva-se em conta só o último processo: sufixal.

4.7. Prefixos latinos

PREFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
Ab, abs	afastamento, separação	abusar, abster-se
Ad, a	aproximação	adjunto, abeirar
Ambi	duplicidade	ambidestro
Ante	anterioridade	antevéspera
Bene, ben	bem, muito bom	benevolência
Bis, bi	duas vezes	bisavó
Circun	movimento em torno	circunferência
Cis	posição aquém	cisalpino
Com, co	companhia	compartilhar
Contra	oposição	contradição
De	movimento para baixo	decomposição
De, dês	ação contrária, privação	defeito
Di, dis	movimento para vários lados	digerir, discordar
Ex, e, es	movimento para fora	extração, expor
Extra	fora de	extraordinário
In, i	movimento para dentro	ingerir
In, i	negação	inativo
Inter, entre	posição intermediária	intervir
Intro, intra	movimento para dentro	introdução
Per	movimento através	perfeito
Pro	movimento para a frente	progredir
Re	movimento para trás, repetição	reabrir
Retro	movimento para trás	retroceder
Semi	metade	semideus
Sub, sus, su	posição de inferioridade	submeter, subalterno
Super, supra, sobre	posição em cima, excesso	superpor, sobrepor
Trans, tras	através de, além de	transposição

Tres, tras	mudança	tresnoitar
Ultra	posição além do limite	ultrarromântico
Vice, vis	substituição	vice-presidente
Soto, sota	posição inferior	soto-mestre

4.8. Prefixos gregos

PREFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
A, na	negação, privação	ateu, anarquia
Ana	repetição	anagrama
Anfi	duplicidade	anfíbio
Anti	oposição	antiaéreo
Apo	afastamento	apogeu
Arqui, arce	superioridade	arcebispo
Cata	movimento para baixo	catarata
Di	duas vezes	ditongo
Dia	movimento através de	diálogo
Dis	dificuldade	disenteria
Ec, ex	movimento para fora	eczema, êxodo
Endo	movimento para dentro	endovenoso
Epi	posição superior	epiderme
Eu, ev	perfeição, excelência	eufônico
Hemi	metade	hemisfério
Hiper	posição superior, excesso	hipertenso
Hipo	posição inferior	hipotético
Meta	posterioridade, mudança	metátese
Para	proximidade, ao lado de	paradigma
Peri	posição em torno de	perímetro
Pro	anterioridade	profecia
Sim, sin	simultaneidade, companhia	simpático, sinônimo

4.9. Relação de sufixos

SUFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
-ada, -agem, -al	coleção	boiada, ramagem, laranjal
-ame, -edo, -io	agrupamento	vasilhame, arvoredo, mulherio
-aço, -aça, -ão, -arra	aumentativo	ricaço, barcaça, bocarra
-orra, -aréu, -ázio	aumentativo	cabeçorra, povaréu, copázio
-acho, -ejo, -ela, -eta	diminutivo	riacho, lugarejo, ruela, saleta

-ete, -eto, -ico, -iço	diminutivo	artiguete, poemeto, burrico
-isco, -(z)inho	diminutivo	chuvisco, animalzinho
-ota, -ote, -(c)ula	diminutivo	flâmula, gotícula
-(c)ulo, -ucho	diminutivo	papelucho
-dade, -dão	qualidade	paulada, maldade, escuridão
-ação	ação	esperança, oração, detenção
-ência, -ez, -eza	estado	imponência, altivez, beleza
-ície, -mento, -(t)ude	estado, qualidade	calvície, ferimento, quietude
-ume	quantidade, coletivo	negrume, cardume
-ario, -eiro, -dor	profissão	bibliotecário, pedreiro
-nte	agente	vendedor, ajudante
-douro	lugar	bebedouro, dormitório
-al, -ar, -eo	referência, relação	imperial, escolar, férreo
-ano, -ão, -eiro	naturalidade, origem	curitibano, alemão
-ense, -eu, -ino		paraense, europeu, florentino
-ês, -esa		chinês, chinesa
-oso, -udo, -ia, -ismo	abundância, ciência, escola, sistema político	gorduroso, narigudo, astronomia, romantismo, comunismo
ança (ância), ença (ência)	ação ou resultado da ação	Esperança, lembrança, importância, obediência, crença, regência
ura	qualidade	brancura, feiúra
-esa, -isa, -essa	título	baronesa, sacerdotisa, condessa
-ar, -ear, -entar	ação	cantar, guerrear, afugentar
-ficar, -izar	factitivo	dignificar, civilizar
-ecer, -escer	início de ação	amanhecer, amadurecer, florescer
-icar, -itar	ação pouco intensa	bebericar, adocicar
-iscar, -inhar	frequência	chuviscar, escrevinhar
-ear, -ejar	ação repetitiva	espernear, apedrejar

4.10. Correspondência entre prefixos gregos e latinos

PREFIXO LATINO	SIGNIFICADO	PREFIXO GREGO
Ab	afastamento	apo
Ad	proximidade, ao lado	para
Ambi	duplicidade	anfi
Bene	bem, bom	eu
Bi	dois	di
Circum	em torno de	peri

Contra	ação contrária	anti
Cum	simultaneidade	sin
De	movimento de cima para baixo	cata
Des, in	privação, negação	a, na
Ex	movimento para fora	ec, ex
In	interioridade	em
Intra	posição interior	endo
Semi	metade	hemi
Sub	sob, inferior	hipo
Super	sobre, excesso	epi
Trans	através de	dia

4.11. Latinismos

A fortiori	com tanto mais razão
Ab absurdo	por absurdo
Ab initio	desde o princípio
Ad hoc	para isso
Ad instar	à semelhança, à maneira de
Ad honores	pela honra
Ad libitum	à vontade, a seu bel-prazer
Ad referendum	sujeito à aprovação
Ad usum	segundo o costume
Alibi	meio de defesa que o réu apresenta, provando estar em outro local no momento do crime
A priori	antes de qualquer momento
A posteriori	após argumentação
Apud	junto de
Alter ego	outro eu
Curriculum vitae	correr da vida, conjunto de informações pessoais
Data venia	com a devida permissão
De facto	de fato
Errata	especificação dos erros expressos
Et alii	e outros
Ex aequo	com igualdade
Ex autoritate legis	por força da lei
Ex abrupto	de súbito
Ex cathedra	em virtude de autoridade decorrente do título
Ex consensu	com o consentimento

Ex jure	segundo o direito
Ex more	conforme o costume
Ex officio	por obrigação da lei, por dever do cargo
Exempli gratia	por exemplo
Ex lege	de acordo com a lei
Ex nunc	de agora em diante
Ex tunc	desde então, com efeito retroativo
Ex-vi	por força, por efeito
Fac simile	cópia
Habeas corpus	liberdade de locomoção
Hic et nunc	aqui e agora
Honoris causa	por motivo de honra
Ibidem	no mesmo lugar
Idem	igualmente, também
In fine	no fim
In limine	preliminarmente
In albis	sem noção daquilo que deveria saber
In extenso	na íntegra
In limine	desde logo, no início
In loco	no lugar
In sito	no lugar
In totum	totalmente
Ipsis literis	pelas mesmas letras
Ipsis verbis	pelas mesmas palavras – textualmente
Ipso facto	por isso mesmo, pelo próprio fato
Ipso jure	de acordo com o direito
Lato sensu	em sentido amplo
Mutatis mutandis	mudando o que deve ser mudado
Opus	obra musical classificada e numerada
Pari passu	simultaneamente
Passim	aqui e ali, em toda parte
Prima facie	à primeira vista
Pro labore	o pagamento por serviço prestado
Quorum	número mínimo de pessoas presentes exigido por lei ou estatuto para que um órgão funcione
Res non verba	fatos, não palavras
Sic	assim mesmo, escrito desta maneira

Sine die	sem data fixa
Sine jure	sem direito
Sine qua non	indispensável
Sub judice	sob a apreciação judicial
Sui generis	peculiar, sem igual
Status quo	estado em que se encontrava certa questão
Stricto sensu	em sentido restrito
Urbi et orbi	em toda parte
Ut infra	conforme abaixo
Ut retro	conforme atrás
Ut supra	conforme acima
Verbi gratia	por exemplo
Verbo ad verbum	palavra por palavra

4.12. Exercícios

1. (Fiscal – Sefaz – RJ – FGV) Assinale a alternativa em que o elemento *in-* tenha valor idêntico ao de *insuflados*.
a) influxos
b) intermediação
c) inaplicável
d) inúmeras
e) inferir

2. (UFF) A alternativa em que todos os sufixos têm, fundamentalmente, o mesmo valor que o sufixo presente no substantivo percursionista é:
a) barbeiro, bancário, cantor
b) estudante, formigueiro, vestiário
c) jogador, noticiário, pedinte
d) cinzeiro, poetastro, colaborador
e) operário, fazendeiro, budismo

3. (Cesgranrio) Assinale a série de vocábulos em que todos os sufixos exprimem noção de qualidade:
a) sensibilidade – delicadeza – docemente
b) decoração – bronzeado – selvagem
c) franqueza – doçura – ferocidade
d) sentimento – rapidamente – majestosa
e) dourado – vegetação – beleza

4. (PUC) Assinale o vocábulo cujo prefixo é semanticamente diferente do de "intocável":
a) afônico

b) ilegal
c) desconfortável
d) anônimo
e) imigrante

5. (Fiscal – ICMS-RJ – FGV) Com relação aos processos de formação de palavras, analise as afirmativas a seguir:
I. *estruturador*, *civilizacional* **e** *renováveis* **são adjetivos formados por derivação sufixal.**
II. *hominização*, *dilapidação* **e** *autodestruição* **são substantivos formados por composição e derivação.**
III. *autodestruição*, *contrapartida* **e** *responsabilidade* **são substantivos formados por composição.**
Assinale:
a) se somente a afirmativa I estiver correta;
b) se somente a afirmativa II estiver correta;
c) se somente a afirmativa III estiver correta;
d) se somente as afirmativas I e II estiverem corretas;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

6. (Uni-Rio) Numere a coluna da direita, relacionando-a com a da esquerda, pelo significado do prefixo. A seguir, assinale a resposta correta:

1) desesperança			( ) repetição
2) contramarcha			( ) oposição
3) redobra			( ) privação, negação
4) influir			( ) passar além de
5) translúcido			( ) movimento para dentro

a) 3-5-2-1-4
b) 2-3-4-5-1
c) 3-2-1-5-4
d) 4-3-2-1-5
e) 5-4-3-1-2

7. (Uni-Rio) Assinale a opção em que os prefixos têm o mesmo significado:
a) contradizer – antídoto
b) desfolhar – epiderme
c) decapitar – homicídio
d) supercílio – acéfalo
e) semimorto – perianto

8. (Analista de Controle Interno – Sefaz-RJ – FGV) Assinale a palavra formada pelo mesmo processo que corresponsabilidade.

a) necessidades
b) qualificação
c) imprescindível
d) irrestrita
e) governamental

9. (Cesgranrio) Considerando o valor dos sufixos, assinale o par de vocábulos que guardam entre si a mesma relação semântica existente entre "elaborar" / "elaboração".
a) criar / criativo.
b) navegar / navegante.
c) lavar / lavatório.
d) cobrar / cobrança.
e) quebrar / quebradiço.

10. (Fiscal ICMS-RJ – FGV) Assinale a alternativa em que a palavra indicada não seja formada pelo mesmo processo que <u>injustiça</u>.
a) tecnologias
b) auto-organização
c) antielisão
d) ilícito
e) internacional

11. (UGF) Assinale o vocábulo cujo elemento mórfico destacado não corresponde à classificação do "a" de "pequena".
a) perfumadas
b) violenta
c) louca
d) criança
e) formosa

12. (PUC) Na palavra "espantoso", o sufixo OSO acrescenta ao radical o valor semântico de aquilo que provoca ou produz. Assinale a palavra cujo sufixo tem este mesmo significado:
a) apetitoso
b) medroso
c) venenoso
d) vaidoso
e) gostoso

13. (Fuvest) Assinalar a alternativa que registra a palavra que tem sufixo formador de advérbio:
a) Desesperança

b) Pessimismo
c) Empobrecimento
d) Extremamente
e) Sociedade

14. (Fuvest) Assinalar a alternativa em que a primeira palavra apresenta sufixo formador de advérbio e, a segunda, sufixo formador de substantivo:
a) Perfeitamente – varrendo
b) Provavelmente – erro
c) Lentamente – explicação
d) Atrevimento – ignorância
e) Proveniente – furtado

15. (Gama Filho) Assinale a opção em que há erro na identificação do processo de formação de palavra em destaque:
a) semeador – derivação sufixal
b) inimiga – derivação prefixal
c) funerária – hibridismo
d) enterro – derivação regressiva
e) tumba – moenda – composição por justaposição

16. (Uni-Rio) Dentre as palavras abaixo, assinale a única que destoa das demais quanto ao seu processo de formação:
a) dose
b) força
c) marca
d) alegria
e) sonho

17. (Unificado) As palavras "esquartejar", "desculpa" e "irreconhecível" foram formadas, respectivamente, pelos processos de:
a) sufixação, prefixação, parassíntese
b) sufixação, derivação regressiva, prefixação
c) composição por aglutinação, prefixação, sufixação
d) parassíntese, derivação regressiva, prefixação
e) parassíntese, derivação imprópria, parassíntese

18. (NCE) Currículo é a forma portuguesa correspondente ao latinismo *curriculum*; o item abaixo que apresenta um latinismo de significação <u>incorreta</u> é:
a) *a priori* – antecipadamente
b) *alibi* – declaração
c) *sine die* – sem data certa
d) *quantum* – quantidade

e) *et alii* – e outros

19. (UFF) Assinale a opção em que as duas palavras sublinhadas são formadas por um mesmo processo e apresentam a mesma estrutura.

a) "Jamais a Receita vai me pegar por <u>má-fé</u> ou <u>sonegação</u>" (PC Farias/*Exame*, 10/6/1992).

b) "Um deles, <u>peça-chave</u> na cena política nacional, engoliu em seco. 'A nação <u>traumatizada</u>', afirma" (*Exame*, 10/6/1992).

c) " É mais barato investir num <u>superprojeto</u> que se adapte às exigências futuras do que refazer o produto para atender as especificações <u>localizadas</u>" (*Exame*, 10/6/1992).

d) "<u>Verdadeiro</u> tratado sobre o <u>desencanto</u> nacional bruto, o documento que me foi passado pela agência é de tirar o fôlego" (J. Betting / *O Globo*, 6/9/1992).

e) "O leitor de jornais sente que a página <u>policial</u> esfria, se comparada ao <u>noticiário</u> econômico e político em matéria de teor escandaloso" (*Jornal do Brasil*, 9/9/1993).

20. (PUC) Qual a única das opções abaixo que apresenta uma explicação <u>incorreta</u> na análise dos elementos mórficos e/ou na identificação do significado?

a) "Tudo passa a estar condenado a fracassar <u>redondissimamente</u>".

Sufixo -íssimo, com valor de superlativo, e sufixo -mente, formador de advérbio; significado: completamente, inteiramente.

b) "Sociedade como um todo essa <u>alienadona</u> de si mesma".

Sufixo -ona, formador de adjetivo e substantivo atribuindo valor intensivo; significado: muito alienada.

c) "E façamos uma <u>goiabada</u>".

Sufixo -ada, formador de substantivo; significado: o doce feito de goiaba.

d) "Goiabada bem <u>palatável</u>".

Sufixo -vel, formador de adjetivo; significado: do tipo próprio ao palato, comestível, comível.

e) "16 milhões de <u>desempregados</u> sabem disso".

Vocábulo formado por parassintetismo; significado: desocupados, pessoas sem profissão.

21. (Uni-Rio) Assinale a opção em que o vocábulo destacado é formado por derivação regressiva:

a) Opressão
b) Deficiente (adj.)
c) Tribo
d) Adestrar (verbo)
e) Manejo (substantivo)

22. (Unificado) Assinale a opção em que o processo de formação de palavras está <u>indevidamente</u> caracterizado.

a) Pai-nosso: composição por justaposição.

b) Aventuroso: derivação sufixal.
c) Embonecar: composição por aglutinação.
d) Descanso: derivação regressiva.
e) Incerto: derivação prefixal.

23. As palavras "sinceramente", "florzinha" e "homenzarrão" são formadas por derivação:
a) parassintética
b) prefixal
c) imprópria
d) regressiva
e) sufixal

24. (PUC) Considerando o processo de formação de palavras, relacione a coluna da direita com a da esquerda.

(1) Derivação imprópria			( ) Desenredo
(2) Prefixação			( ) Narrador
(3) Prefixação e sufixação			( ) Infinitamente
(4) Sufixação			( ) O voar
(5) Composição por justaposição			( ) Pão-de-mel

a) 3-4-2-5-1
b) 2-4-3-5-1
c) 2-4-3-1-5
d) 4-1-5-2-3
e) 4-1-5-3-2

25. (Cesgranrio) Assinale a opção em que nem todas as palavras provêm de um mesmo radical.
a) Noite, anoitecer, noitada
b) Terra, terreno, aterrorizado
c) Incrível, crente, crer
d) Festa, festeiro, festejar
e) Riqueza, ricaço, enriquecer

26. (UFSC) Assinale a alternativa em que o elemento mórfico em destaque está corretamente analisado.
a) Menina –A: desinência nominal de gênero.
b) Vendeste –E: vogal de ligação.
c) Gasômetro –O: Vogal temática de 2ª conjugação.
d) Amassem –SSE: desinência de 2ª pessoa do plural.
e) Cantaríeis –IS: desinência do imperfeito do subjuntivo.

27. (FCMSCSP) Em qual dos exemplos abaixo está presente um caso de derivação parassintética?
a) Lá vem ele, vitorioso do COMBATE.
b) Ora, vá PLANTAR batatas!
c) Começou o ATAQUE.
d) Assustado, continuou a se DISTANCIAR do animal.
e) Não vou mais me ENTRISTECER, vou é cantar.

28. (Unesp) As palavras "perda", "corredor" e "saca-rolha" são formadas, respectivamente, por:
a) derivação regressiva, derivação sufixal, composição por justaposição;
b) derivação regressiva, derivação sufixal, derivação parassintética;
c) composição por aglutinação, derivação parassintética, derivação regressiva;
d) derivação parassintética, composição por justaposição, composição por aglutinação;
e) derivação por justaposição, composição por aglutinação, derivação prefixal.

29. (Unisinos-RS) A palavra "incorruptível" é formada pelo seguinte processo:
a) derivação prefixal;
b) derivação parassintética;
c) derivação sufixal;
d) derivação prefixal e sufixal;
e) aglutinação.

30. (Inspetor de Polícia – Polícia Civil – NCE) "Inúmeros", "ilícita", "impropriedade" têm em comum:
a) o prefixo negativo;
b) a classe gramatical;
c) o gênero;
d) o número;
e) a forma gráfica.

31. (Ministério Público do Rio de Janeiro – NCE) <u>Fertilização</u> se relaciona a <u>fertilizar</u> como:
a) feliz a infeliz;
b) casamento a casar;
c) fértil a fertilidade;
d) tribo a índios;
e) contente a contentamento.

32. (Ministério Público do Rio de Janeiro – NCE) <u>Pedestres</u>, como sabemos, são os que andam a pé; o vocábulo abaixo que <u>não</u> pertence à mesma família de palavras é:
a) pedestal;

b) pedicure;
c) pedal;
d) pedalinho;
e) pedante.

33. (Ministério Público do Rio de Janeiro – NCE) Assim como "engrandecimento", derivado de "engrandecer", outros verbos possuem substantivos derivados de verbos com o sufixo – mento. O item em que todos os verbos citados possuem substantivos desse tipo é:
a) esmagar – coroar – desenvolver
b) descobrir – prover – entregar
c) receber – pagar – publicar
d) preparar – envolver – reter
e) deslocar – colocar – alocar

34. (Ministério Público do Rio de Janeiro – NCE) A relação entre verbo e substantivo inadequada é:
a) pretender – pretensão
b) adquirir – aquisição
c) agredir – agressão
d) perder – perdida
e) recusar – recusa

35. (INPI – NCE) "Passageiros" é uma palavra formada por:
a) derivação prefixal;
b) derivação sufixal;
c) derivação regressiva;
d) derivação parassintética;
e) composição.

36. (INPI – NCE) A palavra que <u>não</u> é formada por derivação sufixal é:
a) compadrismo
b) camaradagem
c) nacional
d) aproximação
e) vantagens

37. (INPI – NCE) Agrário se refere a campo; o vocábulo abaixo em que esse radical tem significado diferente é:
a) agricultor
b) agridoce
c) agrimensor
d) agreste

e) agrícola

38. (Auxiliar de Almoxarifado – NCE) A alternativa que mostra adjetivo e substantivo cognato (da mesma família de palavras) de forma correta é:
a) frágil / fragilidade
b) pureza / apuro
c) constante / continuidade
d) permanente / pertences
e) predador / pedra

39. (Técnico Judiciário Juramentado – TJ – NCE) Os vocábulos "apagão" e "caladão", presentes no texto, aparecem grafados entre aspas porque são:
a) termos de cunho popular;
b) neologismos;
c) vocábulos que perderam velhos sentidos;
d) de presença comum na mídia;
e) referentes a acontecimentos recentes.

40. (Técnico Judiciário Juramentado – TJ – NCE) O vocábulo abaixo cujo prefixo apresenta o mesmo valor semântico do prefixo presente no vocábulo "erradicar" é:
a) discriminação
b) admissão
c) incapacidade
d) redistribuição
e) exportar

41. (Auxiliar de Cartório – NCE) Hibernação está para inverno, considerados os vários aspectos de sua formação, como:
a) crescimento está para crescer;
b) diminuição está para diminuir;
c) mensal está para mês;
d) liberdade está para livre;
e) animação está para alma.

42. (Auxiliar de Cartório – NCE) Os vocábulos que <u>não</u> possuem formação completamente idêntica são:
a) hibernação / entorpecimento
b) parcial / letárgico
c) explicação / diminuição
d) intensidade / completamente
e) sanguínea / normais

43. (Auxilar de Cartório – NCE) O radical de origem grega "fobia" significa "medo,

aversão"; o vocábulo abaixo que tem sua significação corretamente indicada é:
a) agorafobia – medo dos tempos atuais
b) acrofobia – medo de lugares altos
c) claustrofobia – medo de lugares religiosos
d) hidrofobia – medo de chuva
e) fotofobia – medo de aparecer em público

44. (BB) A palavra "aguardente" formou-se por:
a) hibridismo;
b) aglutinação;
c) justaposição;
d) parassíntese;
e) derivação regressiva.

45. (ETF-SP) Assinalar a alternativa que indique corretamente o processo de formação das palavras <u>sem-terra</u>, <u>sertanista</u> e <u>desconhecido</u>.
a) Composição por justaposição, derivação por sufixação, derivação por prefixação e sufixação.
b) Composição por aglutinação, derivação por sufixação e derivação por parassíntese.
c) Composição por aglutinação, derivação por sufixação e derivação por sufixação.
d) Composição por justaposição, derivação por sufixação e composição por aglutinação.
e) Composição por aglutinação, derivação por sufixação e derivação por prefixação.

46. (NCE) Tevê é uma forma abreviada de televisão; qual das palavras destacadas a seguir também é uma abreviação?
a) Bom
b) Pneu
c) Só
d) Um
e) Caso

47. (NCE) A palavra "milionarismo" não aparece em nenhum dicionário e, por isso mesmo, como deve ser designada?
a) Idiotismo
b) Neologismo
c) Regionalismo
d) Dialeto
e) Popularismo

48. (Ministério Público – RJ – NCE) Corporativismo, populismo, capitalismo mostram que o sufixo "-ismo" tem valor de:
a) coletivo ou grupo;
b) qualidade ou característica;

c) doutrina ou sistema;
d) quantidade ou intensidade;
e) aspecto pejorativo ou negativo.

49. (Ministério Público – RJ – NCE) Subtributação só pode significar:
a) sonegação de impostos;
b) ausência de fiscalização no pagamento dos impostos;
c) taxação injusta, por exagerada;
d) impostos reduzidos;
e) dispensa de pagamento de impostos.

50. (IBGE – NCE) A sigla CPI, presente no texto, significa:
a) Centro de Proteção ao Investidor;
b) Comissão Parlamentar de Inquérito;
c) Cooperativa Parlamentar de Investigação;
d) Casa do Pequeno Investidor;
e) Comissão Privada de Investigação.

51. (CPBS – NCE) Nos vocábulos "imperceptível" e "subterrâneo", os prefixos IM e SUB indicam, respectivamente:
a) dentro de – sobre
b) negação – abaixo de
c) proximidade – sob
d) movimento para dentro – acima de
e) oposição – dentro de

52. (Fiscal – ICMS – RJ – FGV) Assinale a alternativa em que o elemento *in* tenha valor idêntico ao de *insuflados*.
a) Influxos.
b) Intermediação.
c) Insuflados.
d) Inúmeros.
e) Inferir.

53. (Técnico Judiciário Juramentado – TJ – NCE) "... que substituem o Estado em certas regiões (*vide* o PCC) e com a parte corrupta da polícia ..." *Vide* é forma latina correspondente ao verbo "ver". O latinismo a seguir que tem seu significado corretamente indicado é:
a) *sic* – nunca
b) *et allii* – e assim
c) *ad hoc* – isto é
d) *latu sensu* – em sentido restrito
e) *verbi gratia* – por exemplo

54. (TJ – NCE) Etc. é uma expressão latina. O livro *Não perca o seu latim*, de Paulo Rónai, indica vocábulos e expressões latinas bastante comuns em textos jurídicos. O item cujo latinismo tem seu significado incorretamente indicado é:
a) *Alibi* – ausência do acusado no lugar do crime, provada pela sua presença noutro lugar.
b) *Habeas corpus* – garantia constitucional outorgada em favor de quem sofre ou está na iminência de sofrer coação ou violência.
c) *Quorum* – número máximo de pessoas presentes para que um órgão funcione.
d) *Ad hoc* – designado para executar determinada tarefa.
e) *A priori* – anteriormente à experiência.

55. (NCE) O vocábulo "pesquisa" é formado por derivação regressiva. Em que item a seguir a palavra destacada é formada por esse mesmo processo?
a) Houve erros de previsão grosseiros.
b) O motivo é evidente.
c) O eleitor poderia ir à urna.
d) O estudo dos resultados mostrou falhas.
e) O feriado das eleições foi aproveitado.

56. (NCE) No vocábulo "lentamente", como se classifica morfologicamente o elemento "a" em termos diacrônicos?
a) Desinência de gênero
b) Sufixo
c) Desinência número-pessoal
d) Desinência modo-temporal
e) Vogal de ligação

57. (NCE) Assinale o item que o sufixo – mente não apresenta o mesmo valor semântico presente na palavra "lentamente".
a) Rapidamente
b) Finalmente
c) Sutilmente
d) Infelizmente
e) Corajosamente

58. (NCE) Silicose é um vocábulo que apresenta o sufixo OSE indicativo de doença. Em que palavra abaixo esse mesmo sufixo tem valor diferente?
a) Trombose
b) Tuberculose
c) Dermatose
d) Diagnose
e) Psicose

59. (NCE) A palavra "entoação" foi formada por:
a) derivação sufixal
b) derivação prefixal e sufixal
c) parassínteses
d) aglutinação
e) justaposição

60. (NCE) "Omissão" e "intromissão" são vocábulos que diferem pelo prefixo que se junta ao mesmo radical. O mesmo ocorre em:
a) querer / requerer
b) deter / conter
c) haver / reaver
d) contratempo / passatempo
e) finalizar / finalidade

61. (NCE) Há evidente equívoco na indicação do valor semântico do sufixo formador das palavras em:
a) dimensionamento, questionamento (ato ou efeito de)
b) estritamente, explicitamente (modo)
c) autoritarismo; corporativismo (instrumento de ação)
d) responsabilidade, hostilidade (qualidade ou estado)
e) pesquisador, professor (agente)

62. (Coppe) A opção em que os prefixos guardam entre si o mesmo tipo de relação semântica que o observado entre os prefixos de "imobilismo" e "desagregador" é:
a) hemisfério / semimorto
b) antítese / antebraço
c) emergente / importação
d) afonia / eufonia
e) cisandino / translado

63. (NCE) O vocábulo televisão é um hibridismo, já que contém elementos de línguas diversas. Assinale o item em que o vocábulo dado também pode ser visto como hibridismo.
a) perfume
b) catálogo
c) burocracia
d) hipopótamo
e) antropófago

Capítulo 5

Substantivo

Substantivo é o termo que dá nome aos seres.

Ex.: flor, palavra, amor.

5.1. Substantivo concreto

É aquele que, depois da sua existência estar consumada ou deduzida, torna-se independente.

Ex.: bola, Deus, alma, demônio, Saci Pererê, caminho, luz.

5.2. Substantivo abstrato

É aquele que depende e sempre dependerá de um substantivo concreto para existir. Em suma, refere-se a sentimentos, ações ou acontecimentos.

Ex.: crença, felicidade, futebol, caminhada, casamento.

5.3. Substantivo simples

É aquele que contém apenas um radical.

Ex.: saia, flor.

5.4. Substantivo composto

É aquele que contém mais de um radical.

Ex.: minissaia, flor-de-lis.

5.5. Substantivo primitivo

É o substantivo possuindo somente radical, sem afixos.

Ex.: menino, livro.

5.6. Substantivo derivado

É o substantivo possuindo afixos.

Ex.: meninice, livraria.

5.7. Substantivo comum

É o que generaliza, ou seja, não individualiza os seres dentro de um agrupamento específico.

Ex.: país, clube, matéria.

5.8. Substantivo próprio

É o que individualiza os seres dentro de um agrupamento.

Ex.: Brasil, Flamengo, Português.

5.9. Coletivo

Ideia de agrupamento

academia	sábios, artistas		acervo	bens, livros...
alcateia	lobos		armento	bois, vacas, ovelhas
arquipélago	ilhas		assembleia	deputados
atlas	cartas geográficas		bandeira	garimpeiros
biblioteca	livros		cabido	cônegos
cáfila	camelos		caravana	viajantes
cardume	peixes		clero	eclesiáticos
colmeia, enxame	abelhas		comboio	caminhões
concílio	prelados, deuses		confraria	religiosos
congresso	sábios		constelação	estrelas
discoteca	discos		elenco	atores
esquadra	navios		esquadrilha	aviões
fato	cabras		fauna	animais
feixe	luzes, capim		girândola	foguetes
horda	nômades		junta	bois, médicos salteadores
júri	jurados		legião	soldados, anjos
manada	animais pesados		matilha	cães
mó	pessoas		molho	chaves
ninhada	pintos		nuvem	gafanhotos
panapaná	borboletas		pelotão	soldados
quadrilha	ladrões		ramalhete	flores
repertório	peças teatrais		resma	papéis
réstia	cebolas		revoada	pássaros
tropel	cavalos		turba	desordeiros

5.10. Flexão nominal

5.10.1. Gênero

5.10.1.1. Comum de dois gêneros

Designa os indivíduos dos dois sexos mantendo a mesma forma, e o gênero é indicado pelo artigo, adjetivo etc.

Ex.: o acrobata, a acrobata;
o artista, a artista;
o amante, a amante;
o intérprete, a intérprete.

5.10.1.2. Sobrecomum

Possui a mesma forma para o masculino ou feminino e, diferentemente do COMUM-DE-DOIS-GÊNEROS, não varia de gênero.

Ex.: a criança (pode ser um menino ou uma menina);
a testemunha;
o algoz;
o monstro;
a vítima.

5.10.1.3. Epiceno ou promíscuo

Designa animais que possuem apenas uma forma para o masculino e para o feminino.

Ex.: girafa (pode ser girafa macho ou fêmea);
tainha;
avestruz;
barata;
águia.

5.10.1.4. Heterônimo ou desconexo

Designa substantivos cujos femininos se formam com um radical completamente diferente do masculino.

Ex.: homem – mulher
boi – vaca
carneiro – ovelha

5.10.1.5. Lista especial de femininos

abade	abadessa
afegão	afegã

alcaide	alcaidessa, alcaidina
aldeão	aldeã
anfitrião	anfitriã, anfitrioa
ateu	ateia
bispo	episcopisa
bode	cabra
bretão	bretã, bretoa
búfalo	búfala
cação	caçonete
capitari	tartaruga
castelão	castelã
cavaleiro	amazona
cavalheiro	dama
caxaréu, caxarelo	baleia
cônego	cônega, canonisa
confrade	confreira
corujão, bufo	coruja
corvo	corvacha
cupim	arará
czar	czarina
deus	deusa, deia, diva
elefante	aliá, elefanta
embaixador	embaixadora (profissão)
ermitão	ermitoa, ermitã
esquimó	esquimoa
etíope	etiopisa
faisão	faisoa
formigão	formiga
frade	freira
frei	sóror
general	generala
hortelão	horteloa
ilhéu	ilhoa
jacaré	jacaroa
javali	javalina, gironda
jogral	jogralesa
landgrave	landgravina

lebrão	lebre
macharrão	onça
macho, mu, mulo	mula
maestro	maestrina
marajá	marani
marechal	marechala
melro	mélroa, melra
mestre	mestra
monge	monja
papa	papisa
pardal	pardaleja, pardoca, pardaloca
parente	parenta
pavão	pavoa
perdigão	perdiz
pierrô	pierrete
píton	pitonisa
rinoceronte	abada
semideus	semideusa
sultão	sultana
tabaréu	tabaroa
tabelião	tabelioa, tabeliã
tecelão	tecelã, teceloa
temporão	temporã
tigre	tigresa
tubarão	tintureira
varão	varoa, virago
veado	veada, cerva, corça
visconde	viscondessa
zangão ou zângão	abelha

5.10.1.6. Casos especiais de gênero dos substantivos

o ágape	a aluvião
o aneurisma	o apêndice
a áspide	o avestruz
o diabetes	o epítome
o estratagema	a faringe
o gambá	o ou a hélice

a laringe	o lança-perfume
a omoplata	o radical
a ordenança	o ou a personagem
a sentinela	o soprano
o saca-rolhas	o telefonema
a tíbia	a tormenta
a alface	o champanha

5.10.1.7. Substantivos que mudam de sentido com a mudança do gênero

O cabeça (o líder, o chefe)	a cabeça (parte do corpo)
O caixa (trabalhador)	a caixa (objeto)
O capital (dinheiro)	a capital (cidade principal)
O cura (vigário de aldeia)	a cura (restabelecimento de doença)
O guarda (policial)	a guarda (posse)
O guia (pessoa que orienta)	a guia (ato de guiar)
O lente (o professor)	a lente (objeto de vidro)
O língua (o intérprete)	a língua (parte do corpo, idioma)
O moral (ânimo, caráter)	a moral (moral de um fato, conclusão)
O voga (o remador)	a voga (moda, popularidade)

5.10.2. Número

5.10.2.1. Plural de alguns substantivos

abdômen	abdomens, abdômenes
ancião	anciãos, anciães, anciões
anil	anis
ás	ases
atlas	os atlas
aval	avales, avais
cal	cales, cais
capitão	capitães
caráter	caracteres
charlatão	charlatões, charlatãos
cirurgião	cirurgiães, cirurgiões
cônsul	cônsules
corrimão	corrimãos, corrimões
cós	coses, os cós
cútis	as cútis

ermitão	ermitãos, ermitães, ermitões
escrivão	escrivães
éter	éteres
fel	feles, féis
fênix	os fênix, fênices
fóssil	fósseis
fuzil	fuzis
giz	gizes
gravidez	gravidezes
guardião	guardiães, guardiões
hangar	hangares
hífen	hifens, hífenes
hortelão	hortelões, hortelães
lápis	os lápis
látex	os látex
oásis	os oásis
obus	obuses
ônix	os ônix
paiol	paióis
peão	peões, peães
pires	os pires
projetil	projetis
projétil	projéteis
sacristão	sacristães, sacristãos
sílex	os sílex
sultão	sultãos, sultães, sultões
tecelão	tecelões
tênis	os tênis
til	tis
tórax	os tórax
vilão	vilãos, vilães, vilões
vintém	vinténs
vulcão	vulcãos, vulcões

5.10.2.2. Regras do plural de substantivos simples

1) Aos substantivos terminados em vogal ou ditongo oral acrescenta-se ***S***.

Ex.: pé – pés

palavra – palavras
lei – leis
troféu – troféus

2) Aos substantivos terminados nos ditongos nasais ***átonos*** ou na vogal nasal ***ã*** acrescenta-se ***S***.

Ex.: órfão – órfãos
bênção – bênçãos
ímã – ímãs
órfã – órfãs

3) Ocorre com os substantivos terminados em ***EM*** a retirada da última letra e a colocação de ***NS***.

Ex.: homem – homens
vintém – vinténs

4) Aos substantivos terminados em ***S (na sílaba tônica), Z (na sílaba tônica) e R***, acrescenta-se ***ES***.

Ex.: francês – franceses
ás – ases
luz – luzes
rapaz – rapazes
algoz – algozes
dor – dores
caráter – caracteres
júnior – juniores

Obs.: ***Cós*** pode ter duas formas para o plural: ***coses*** ou ***cós***.

5) Os substantivos terminados em ***EN*** normalmente terão duas formas de plural. Poder-se-á acrescentar somente ***S***, como também ***ES***.

!	**ATENÇÃO**:
	Os paroxítonos terminados em **EN**, sofrendo o acréscimo de **S**, perderão o acento. Acrescendo **ES**, o acento será mantido.

Ex.: abdômen – abdomens, abdômenes
hífen – hifens, hífenes
pólen – polens, pólenes

6) Os substantivos terminados em ***AL, OL, UL*** perderão a última letra e receberão ***IS***.

Ex.: jornal – jornais
paiol – paióis
anzol – anzóis

azul – azuis

Obs.: cônsul – cônsules
mal – males
cal – cales, cais
aval – avales, avais
real – réis (moeda), reais

7) Os substantivos terminados em ***IL (tônico)*** perderão a última letra e receberão ***IS***.
Ex.: anil – anis
fuzil – fuzis
projetil – projetis

8) Os substantivos terminados em ***IL (átono)*** perderão a última letra e receberão ***EIS***.
Ex.: fóssil – fósseis
projétil – projéteis

9) Os substantivos terminados em ***EL*** perderão a última letra e receberão ***EIS***.
Ex.: anel – anéis
nível – níveis
móvel – móveis
papel – papéis

Obs.: mel – meles, méis
fel – feles, féis

10) Os substantivos terminados em ***S (na sílaba átona)*** e ***X*** não variam no plural.
Ex.: lápis – os lápis
tênis – os tênis
pires – os pires
tórax – os tórax
sílex – os sílex

5.10.2.3. Plural dos substantivos compostos

1) Quando houver **preposição**, somente o primeiro termo irá para o plural.
Ex.: pão de ló; pães de ló
mula sem cabeça; mulas sem cabeça

2) Quando houver ***substantivo + substantivo (ou adjetivo)***, os dois termos irão para o plural.
Ex.: baixo-relevo; baixos-relevos

obra-prima; obras-primas
cirurgião-dentista; cirurgiões-dentistas
pronto-socorro; prontos-socorros
couve-flor; couves-flores
boa-noite; boas-noites

Obs.: Quando o segundo termo indicar uma **finalidade**, **formato**, **cor** ou **especificação** qualquer do primeiro termo, somente este varia.

Ex.: navio-escola; navios-escola
bomba-relógio; bombas-relógio
pombo-correio; pombos-correio
manga-rosa; mangas-rosa
banana-prata; bananas-prata
decreto-lei; decretos-lei ou decretos-leis

3) Os ***verbos*** e ***advérbios*** serão invariáveis.

Ex.: para-queda; para-quedas
caça-níquel; caça-níqueis
vira-lata; vira-latas
todo-poderoso; todo-poderosos
abaixo-assinado; abaixo-assinados
bota-fora; bota-fora
alto-falantes

Obs. : ***GUARDA*** significando ***POLICIAL*** é substantivo; portanto, se flexiona no plural. Quando ***GUARDA*** significar ***PROTEGER***, será verbo; por conseguinte não possui forma pluralizada.

Ex.: guarda-chuva; guarda-chuvas
guarda-noturno; guardas-noturnos
guarda-mor; guardas-mores
guarda-municipal; guardas-municipais
guarda-roupa; guarda-roupas
guarda-sol; guarda-sóis

Obs.: Segundo Rocha Lima e Evanildo Bechara, quando os ***verbos*** forem ***iguais***, ambos podem variar. Este ainda aceita também que apenas o último termo seja flexionado. Já o Professor Celso Cunha, na Gramática da Língua Portuguesa, não se pronuncia a respeito de tal situação, donde se conclui que o NCE interpretou que este gramático já o inserira nos casos de verbos, formando substantivos compostos, ou seja, sendo invariáveis.

Enfim, segundo Rocha Lima, somente "os piscas-piscas", "os quebras-quebras"; segundo Evanildo Bechara, "os piscas-piscas", "os pisca-piscas", "os quebras-quebras", "os quebra-quebras"; segundo o NCE, "os pisca-pisca", "os quebra-quebra".

4) Quando houver ***numeral***, os dois termos irão para o plural.

Ex.: meio-dia; meios-dias
meia-noite; meias-noites
segunda-feira; segundas-feiras
quinta-feira; quintas-feiras.

5) Quando houver ***onomatopeia***, somente o segundo termo irá para o plural.

Ex.: tique-taque; tique-taques
reco-reco; reco-recos
tico-tico; tico-ticos.

6) Os termos ***VICE, PSEUDO, SUPER, GRÃO (significando grande)*** serão invariáveis.

Ex.: vice-presidente; vice-presidentes
vice-reitor; vice-reitores
pseudorrepresentação; pseudorrepresentações
super-homem; super-homens
grão-duque; grão-duques
grã-duquesa; grã-duquesas
grã-fino; grã-finos
grão-mestre; grão-mestres.

Obs.: grão-de-bico; grãos-de-bico. GRÃO, neste caso, significa, semente, e, como há preposição, somente o primeiro elemento irá para o plural.

5.10.2.4. Relação de substantivos compostos no plural

1)	abaixo-assinado	abaixo-assinados
2)	água-furtada	águas-furtadas
3)	água-marinha	águas-marinhas
4)	alto-relevo	altos-relevos
5)	amor-perfeito	amores-perfeitos
6)	arranha-céu	arranha-céus
7)	assistente-técnico	assistentes-técnicos
8)	auxiliar-judiciário	auxiliares-judiciários
9)	ave-maria	ave-marias
10)	banana-maçã	bananas-maçã

11)	banana-ouro	bananas-ouro
12)	bem-estar	bem-estares
13)	bomba-relógio	bombas-relógio
14)	bom-dia	bons-dias
15)	caça-níquel	caça-níqueis
16)	cavalo-vapor	cavalos-vapor
17)	cirurgião-dentista	cirurgiões-dentistas
18)	conta-gota	conta-gotas
19)	dona-de-casa	donas-de-casa
20)	erva-doce	ervas-doces
21)	ganha-perde	ganha-perde
22)	grã-duquesa	grã-duquesas
23)	grão-de-bico	grãos-de-bico
24)	grão-mestre	grão-mestres
25)	guarda-chuva	guarda-chuvas
26)	guarda-civil	guardas-civis
27)	guarda-sol	guarda-sóis
28)	guarda-volante	guarda-volantes
29)	joão-de-barro	joões-de-barro
30)	lesa-pátria	lesas-pátrias
31)	leva-e-traz	leva-e-traz
32)	livro-caixa	livros-caixa
33)	manga-rosa	mangas-rosa
34)	mata-pasto	mata-pastos
35)	mau-humor	maus-humores
36)	meia-noite	meias-noites
37)	meio-dia	meios-dias
38)	mestre-sala	mestres-sala
39)	mula-sem-cabeça	mulas-sem-cabeça
40)	navio-escola	navios-escola
41)	obra-prima	obras-primas
42)	pai-nosso	pais-nossos
43)	papel-moeda	papéis-moeda
44)	paraqueda	paraquedas
45)	pé de moleque	pés de moleque
46)	pombo-correio	pombos-correio
47)	pôr-do-sol	pores-do-sol

48)	porta-bandeira	porta-bandeiras
49)	pseudorrepresentação	pseudorrepresentações
50)	reco-reco	reco-recos
51)	segunda-feira	segundas-feiras
52)	sempre-viva	sempre-vivas
53)	super-homem	super-homens
54)	tenente-coronel	tenentes-coronéis
55)	tico-tico	tico-ticos
56)	tique-taque	tique-taques
57)	vice-presidente	vice-presidentes
58)	vira-lata	vira-latas

5.10.2.5. Plural com metafonia

Existem substantivos e adjetivos cujas formas de plural se fazem com alteração na vogal tônica, transformando-a de fechada em aberta.

1)	aposto (ô)	apostos (ó)
2)	caroço	caroços
3)	coro	coros
4)	corno	cornos
5)	corpo	corpos
6)	corvo	corvos
7)	despojo	despojos
8)	destroço	destroços
9)	esforço	esforços
10)	estorvo	estorvos
11)	fogo	fogos
12)	forno	fornos
13)	forro	forros
14)	fosso	fossos
15)	imposto	impostos
16)	miolo	miolos
17)	olho	olhos
18)	osso	ossos
19)	ovo	ovos
20)	poço	poços
21)	porco	porcos
22)	porto	portos

23)	posto	postos
24)	povo	povos
25)	socorro	socorros
26)	tijolo	tijolos
27)	torno	tornos
28)	troco	trocos
29)	troço	troços

Obs.: Os adjetivos terminados em OSO também sofrerão a alteração citada acima.

Ex.: nervoso – nervosos

Não sofrem alteração fonética as formas plurais dos seguintes substantivos:

1)	adorno	adornos
2)	almoço	almoços
3)	bojo	bojos
4)	bolso	bolsos
5)	esposo	esposos
6)	estojo	estojos
7)	globo	globos
8)	gosto	gostos
9)	moço	moços
10)	pescoço	pescoços
11)	polvo	polvos
12)	reboco	rebocos
13)	sogro	sogros
14)	soro	soros

5.10.3. Grau

5.10.3.1. Aumentativos

bala	balázio, balaço
beiço	beiçorra
boca	bocarra, boqueirão
cabeça	cabeçorra, cabeçalho
cão	canzarrão
copo	copázio
corpo	corpanzil
cruz	cruzeiro

espanto	espantalho
faca	facalhaz, facalhão, facão
fatia	fatacaz
forno	fornalha
fumo	fumaça
galé	galera, galeão
ladrão	ladravaz
lenço	lençalho
macho	machacaz, machão
mão	manzorra, manopla
navio	naviarra
pedinte	pedinchão, pidão
penha	penhasco
povo	povaréu
prato	pratarraz, pratalho
ramo	ramalho
roedor	roaz
sapato	sapatorra, sapatão
truão	truanaz
vaga	vagalhão
verga	vergalhão
voz	vozeirão

5.10.3.2. Diminutivos

asa	aselha
banco	banqueta
barraca	barraquim
barril	barrilete
cabra	capréola
cal	caliça
capa	capuz
carro	carreta
cavalo	cavalete, cavalicoque
cela	célula
cinto	cintilho
corda	cordel
corpo	corpúsculo
febre	febrícula

flauta	flautim
flor	flósculo, florículo
fogo	fogacho
forma	fórmula
galé	galeota, galeote
globo	glóbulo
grão	grânulo
homem	homúnculo
lobo	lobato
moça	moçoila
mole	molécula
núcleo	nucléolo
ópus	opúsculo
palácio	palacete
pele	película
porção	porciúncula
questão	questiúncula
rabo	rabicho
rei	régulo
riso	risota
sela	selim
verão	veranico
verme	vermículo
verso	versículo
via	viela
vidro	vidrilho

5.11. Exercícios

1. (Cesgranrio) Há um "quer que seja de satânico na pupila da onça" funciona como:

a) substantivo;
b) adjetivo;
c) advérbio;
d) pronome;
e) verbo.

2. (Cesgranrio) Assinale a palavra que pode ser empregada nos dois gêneros, como "motorista":

a) indivíduo;

b) criança;
c) testemunho;
d) intérprete;
e) vítima.

3. (Cesgranrio) Assinale a opção cujo substantivo não tem o plural em "ãos" como "artesãos":
a) cidadão;
b) pagão;
c) cristão;
d) charlatão;
e) irmão.

4. (Cesgranrio) Assinale a opção em que todos os substantivos, quando no plural, apresentam mudança de timbre da vogal tônica, conforme acontece com "povo (ô) / povos (ó)":
a) tijolo, piloto, adorno;
b) ovo, pescoço, olho;
c) globo, posto, bolo;
d) esforço, imposto, jogo;
e) osso, cachorro, transtorno.

5. (Uni-Rio) Fogem a galope os "anjos-aviões".
A flexão no plural de ambos os elementos da composição ocorre no seguinte vocábulo:
a) pé de moleque;
b) guarda-chuva;
c) sempre-viva;
d) verde-amarelo;
e) pai-nosso.

6. (Uni-Rio) Assinale a palavra que difere em gênero (masculino ou feminino) das demais do grupo:
a) análise;
b) cal;
c) libido;
d) milhar;
e) síndrome.

7. (Cesgranrio) Assinale a palavra que só pode ser empregada em um gênero:
a) eletricista;
b) colega;
c) chefe;
d) testemunha;

e) servente.

8. (Uni-Rio) Nas palavras abaixo, há uma com erro de flexão. Assinale-a:
a) irmãozinhos;
b) exportaçõezinhas;
c) lençoizinhos;
d) papelzinhos;
e) heroizinhos.

9. (Fesp) Assinale a alternativa que contenha substantivos, respectivamente, abstrato, concreto e concreto:
a) fada, fé, menino;
b) fé, fada, beijo;
c) beijo, fada, menino;
d) amor, pulo, menino;
e) menino, amor, pulo.

10. (FMU/Fiam – SP) Indique a alternativa em que só aparecem substantivos abstratos:
a) tempo, angústia, saudade, ausência, esperança.
b) angústia, sorriso, luz, ausência, esperança, inimizade.
c) inimigo, luto, luz, esperança, espaço, tempo.
d) angústia, saudade, ausência, esperança, inimizade.
e) espaço, olhos, luz, lábios, ausência, esperança, angústia.

11. (Cesgranrio) Assinale o par de vocábulos que formam o plural como "órfão" e "mata-burro", respectivamente.
a) cristão / guarda-roupa
b) questão / abaixo-assinado
c) alemão / beija-flor
d) tabelião / sexta-feira
e) cidadão / salário-família

12. (Carlos Chagas) Assinale a alternativa em que as formas do plural de todos os substantivos se apresentam de maneira correta:
a) alto-falantes, coraçãozinhos, afazeres, víveres;
b) espadas, frutas-pão, pé de moleques, peixe-bois;
c) vaivéns, animaizinhos, beija-flores, águas-de-colônia;
d) animalzinhos, vaivéns, salários-família, pastelzinhos;
e) guardas-chuvas, guarda-costas, guardas-civis, couves-flores.

13. (TRE-RJ) Segue a mesma regra de formação do plural de "cidadão" o seguinte substantivo:
a) botão;

b) vulcão;
c) cristão;
d) tabelião;
e) escrivão.

14. (TTN) Há <u>erro</u> de flexão no item:
a) "A pessoa humana é vivência das condições espaço-temporais". (L.M. de Almeida)
b) A família Caymmi encontra paralelo com dois clãs do cinema mundial.
c) Hábeis artesãos utilizam técnicas sofisticadíssimas no trabalho com metais.
d) Nos revés da vida precisa-se de coragem para manter a vontade de ser feliz.
e) Ainda hoje alguns cânones da Igreja são discutidos por muitos fiéis.

15. (TRE-SP) As crianças colhiam e no jardim.
a) amor-perfeitos – sempres-vivas
b) amor-perfeitos – sempre-vivas
c) amores-perfeitos – sempre-vivas
d) amores-perfeitos – sempres-vivas
e) amor-perfeitos – sempres-viva

16. (TRE-SP) Os requereram aumento dos .
a) escrivãos – salários-família
b) escrivães – salários-famílias
c) escrivães – salário-famílias
d) escrivães – salários-família
e) escrivãos – salários-famílias

17. (TRE-SP) Será que esses precisam ter as firmas reconhecidas por ?
a) abaixo-assinados – tabeliães
b) abaixos-assinados – tabeliães
c) abaixos-assinado – tabeliões
d) abaixos-assinados – tabeliões
e) abaixo-assinados – tabelião s

18. (TRE-SP) Sua carreira foi sempre muito desigual e cheia de .
a) vaisvéns
b) vaisvém
c) vaivéns
d) vais-e-vens
e) vai-vens

19. (NCE) No termo <u>o bem</u> ocorre uma:
a) adverbialização;
b) adjetivação;

c) pronominalização;
d) substantivação;
e) quatificação

20. (TRE-MT) O termo que faz o plural como "cidadão" é:
a) limão
b) órgão
c) guardião
d) espertalhão
e) balão

21. (Oficial de Cartório da Polícia Civil – NCE) Em muitos casos, as formas nominais dos verbos podem ser substituídas por substantivos cognatos; o segmento abaixo em que a substituição foi feita de forma <u>inadequada</u> é:
a) "... a resultante possibilidade de se planejar, com dados concretos, as medidas..." – a resultante possibilidade de planejamento, com dados concretos, das medidas;
b) "... as medidas destinadas a superar as deficiências existentes"– as medidas destinadas à superioridade das medidas existentes;
c) "... oportunidades para intervir, e tudo o mais" – oportunidades para intervenção, e tudo o mais;
d) "Ninguém procura pesquisar a verdade..." – Ninguém procura a pesquisa da verdade;
e) "Ainda não se procurou verificar a realidade..." – Ainda não se procurou a verificação da realidade.

22. (Técnico Judiciário – TRT) O plural de "café-concerto" é "cafés-concerto". A palavra a seguir que faz o plural do mesmo modo é:
a) segunda-feira;
b) tenente-coronel;
c) quebra-cabeça;
d) caneta-tinteiro;
e) sempre-viva.

23. (Inpi – NCE) O plural correto de "porta-voz" é:
a) os porta-voz;
b) porta-vozes;
c) portas-vozes;
d) portam-vozes;
e) portas-voz.

24. (Inpi – NCE) Gatos, aves e cães no diminutivo plural teriam como formas corretas:
a) gatinhos, avesinhas, cãesinhos;
b) gatinhos, avezinhas, cãezinhos;
c) gatosinhos, avesinhas, cãeszinhos;

d) gatitos, avesitas, cãozitos;
e) gatinhos, avezinhas, cãeszinhos.

25. (Inpi – NCE) "Matérias-primas" faz plural da mesma forma que:
a) porta-voz;
b) guarda-comida;
c) bem-te-vi;
d) aluno-mestre;
e) pisca-pisca.

26. (IBGE – NCE) Consideração tem por plural "considerações"; o vocábulo abaixo que faz o plural da mesma forma é:
a) cidadão;
b) escrivão;
c) irmão;
d) chapelão;
e) ademão.

27. (Auxiliar de Almoxarifado – NCE) "Revoada" é um substantivo de ideia coletiva, como:
a) bananada;
b) colherada;
c) pincelada;
d) mesada;
e) boiada.

28. (Eletronorte – NCE) "Alface", como mostra o texto, é uma palavra do gênero feminino, assim como:
a) mármore;
b) guaraná;
c) champanha;
d) clã;
e) hélice.

29. (Técnico Judiciário Juramentado – TJ – NCE) "Eclipse" é palavra masculina; o vocábulo feminino entre os que estão abaixo é:
a) mármore;
b) alface;
c) telefonema;
d) prisma;
e) cataclisma.

30. (Eletrobrás – NCE) A forma de infinitivo que aparece substantivada nos segmentos

abaixo é:
a) "como entender a resistência da miséria...";
b) "no decorrer das últimas décadas...";
c) "... desde que se passou a registrá-las...";
d) "... começa a exercitar seus músculos";
e) "... por ter se tornado um forte oponente...".

31. (CBMERJ – NCE) O vocábulo "televisão" tem por plural "televisões". Entre os itens abaixo, aquele que apresenta uma forma de plural em –ões errada é:
a) apagões;
b) corrimões;
c) cidadões;
d) vulcões;
e) anões.

32. (CBMERJ – NCE) Já os substantivos "meias-verdades" e "asas-delta" fazem o plural da mesma forma, respectivamente de:
a) guarda-noturno; caneta-tinteiro;
b) segunda-feira; boa-vida;
c) pão-de-ló; navio-escola;
d) guarda-pó; tenente-coronel;
e) abaixo-assinado; banana-maçã.

33. (SUS) O plural metafônico ocorre em morto / mortos.
O par de palavras que também apresenta plural metafônico é:
a) forno e imposto;
b) bolso e ansioso;
c) primoroso e piolho;
d) porco e trono.

34. (NCE) O vocábulo cachorro, no plural, mantém a mesma pronuncia de "o" fechado na segunda sílaba; o vocábulo que muda o timbre da vogal "o" para aberto no plural é:
a) contorno;
b) bolso;
c) bolo;
d) rolo;
e) fofo.

Capítulo 6

Adjetivo

Adjetivo é o termo variável que indica qualidade aos seres.
Ex.: inteligente, possível, feio.

6.1. Adjetivo restritivo

Confere qualidade mutável do ser.
Ex.: água fria, pedra bonita.

6.2. Adjetivo explicativo

Confere qualidade óbvia do ser.
Ex.: fogo quente, pedra dura.

6.3. Grau dos adjetivos

6.3.1. Comparativo

Superioridade – ANALÍTICO: mais ... (do) que.
Ex.: Ele é mais feio (do) que eu.
SINTÉTICO: MAIOR, MENOR, MELHOR, PIOR
Ex.: Maria é menor (do) que João.

Igualdade – tão ... quanto.
Ex.: Ele é tão inteligente quanto eu.

Inferioridade – menos ... (do) que.
Ex.: Ela é menos problemática do que Perivaldo.

Obs.: Há uma situação em que se podem usar MAIS GRANDE, MAIS PEQUENO, MAIS BOM, MAIS RUIM. Tal ocorre quando houver comparação de duas qualidades do mesmo ser.
Ex.: Joana é mais grande do que forte. Luiz é mais bom que inteligente.

6.3.2. Superlativo

Relativo: indica a comparação de alguém com o todo.
– SUPERIODADE:
Ex.: Ele é o aluno mais inteligente de todos.

– INFERIORIDADE:
Ex.: Maria é a menos feia da turma.

Absoluto: exprime uma qualidade exagerada do ser.
– ANALÍTICO (com mais de uma palavra)
Ex.: muito pobre, extremamente feio, estudioso à beça.

– SINTÉTICO (com apenas uma palavra)
Ex.: paupérrimo, feiíssimo.

6.4. Formação dos superlativos absolutos sintéticos

1) Quando o adjetivo terminar em **RE** ou **RO**, o superlativo absoluto sintético se findará em **ÉRRIMO**.
   Ex.: pobre – paupérrimo
   magro – macérrimo
   acre – acérrimo
   negro – nigérrimo.
   Exceção: nobre – nobilíssimo

2) Quando o adjetivo terminar em **IO**, o superlativo absoluto sintético se findará em **IÍSSIMO**.
   Ex.: macio – maciíssimo
   feio – feiíssimo.

   Exceções: sábio – sapientíssimo
   frio – frigidíssimo.

Obs.: Está consagrada na linguagem jurídica a expressão "sumaríssimo", apesar de a gramática prever "sumariíssimo".

3) Quando o adjetivo terminar em **Z**, o superlativo absoluto sintético se findará em **CÍSSIMO**.
   Ex.: loquaz – loquacíssimo
   atroz – atrocíssimo
   feliz – felicíssimo
   feroz – ferocíssimo.

4) Quando o adjetivo terminar em **VEL**, o superlativo absoluto sintético se findará em **BILÍSSIMO**.
   Ex.: amável – amabilíssimo
   terrível – terribilíssimo
   imóvel – imobilíssimo.

5) Quando o adjetivo terminar em **SOM NASAL**, o superlativo absoluto sintético

se findará em **NÍSSIMO**.

Ex.: pagão – paganíssimo
cristão – cristianíssimo
são – saníssimo
comum – comuníssimo.

6.5. Relação de superlativos absolutos sintéticos

acre	acérrimo
afável	afabilíssimo
ágil	agílimo
agudo	acutíssimo
alto	sumo, supremo, altíssimo
amargo	amaríssimo
antigo	antiquíssimo
áspero	aspérrimo
atroz	atrocíssimo
benéfico	beneficentíssimo
benévolo	benevolentíssimo
bom	ótimo, boníssimo
célebre	celebérrimo
célere	celérrimo, celeríssimo
chão	chaníssimo
comum	comuníssimo
cortês	cortesíssimo
cristão	cristianíssimo
cruel	crudelíssimo
doce	dulcíssimo
dócil	docílimo
eficaz	eficacíssimo
fácil	facílimo
fiel	fidelíssimo
frágil	fragílimo
frio	frigidíssimo
geral	generalíssimo
grande	máximo, grandessíssimo
hábil	habilíssimo
humilde	humílimo

incrível	incredibilíssimo
íntegro	integérrimo
jovem	juveníssimo
livre	libérrimo
loquaz	loquacíssimo
macio	maciíssimo
magnífico	magnificentíssimo
magro	macérrimo
maléfico	maleficentíssimo
malévolo	malevolentíssimo
mau	péssimo
mísero	misérrimo
miúdo	minutíssimo
negro	nigérrimo
nobre	nobilíssimo
pagão	paganíssimo
pequeno	mínimo
perspicaz	perspicacíssimo
pessoal	personalíssimo
pródigo	prodigalíssimo
próprio	propriíssimo
provável	probabilíssimo
pulcro	pulquérrimo
ruim	péssimo
sábio	sapientíssimo
sagrado	sacratíssimo
símil, semelhante	simílimo
senil	senílimo
sério	seriíssimo
simples	simplicíssimo
soberbo	superbíssimo
terrível	terribilíssimo
vadio	vadiíssimo
vão	vaníssimo

6.6. Locuções adjetivas

Conjunto de palavras que equivalem a um adjetivo.

6.6.1. Lista de locuções adjetivas

de abelha	apícola
de águia	aquilino
de chumbo	plúmbeo
de cidade	citadino
de cobra	viperino
de fogo	ígneo
de garganta	gutural
de gelo	glacial
de homem	humano
de inverno	hibernal
de lebre	leporino
de macaco	simiesco
de morte	mortal
de nádegas	glúteo
de paixão	passional
de veias	venoso

Obs.: Os adjetivos compostos, por regra, possuem flexão apenas no último elemento.

Ex.: luso-brasileiros, ítalo-americanos, socioeconômicos, azul-claros.

Exceções: – surdo-mudo // surdos-mudos; claro-escuro // claros-escuros – quando nas cores o segundo elemento for substantivo, nenhum se flexiona.

Ex.: camisas azul-petróleo, uniformes verde-oliva.

6.7. Adjetivo com valor subjetivo ou indicativo de "qualidade"

Ocorre quando a qualificação expressa a opinião de quem o utilizou, ou seja, possui nítido valor opinativo.

Ex.: boa compra, cerveja gostosa, bem valioso.

6.8. Adjetivo com valor objetivo ou indicativo de "característica"

Ocorre quando o adjetivo não expõe a opinião de quem o usou. É uma qualidade inerente ao ser.

Ex.: problemas gástricos, indicadores sociais, povo brasileiro.

Obs.: O adjetivo pode se formar através do particípio dos verbos.

Ex.: O aluno preparado passa nos concursos.

6.9. Exercícios

1. (Técnico Judiciário – TRE-PA – FGV) Assinale a palavra que, no texto, NÃO tenha valor adjetivo.

a) melhor – Aliás, o melhor para a democracia seria separar os fundos partidários dos destinados às campanhas eleitorais.
b) muitas – Enfim, as máquinas partidárias muitas vezes se tornam aparelhos ou feudos controlados por poucos e financiados por todos nós.
c) extraordinária – qual a razão para se aumentar de forma tão extraordinária a dotação dos partidos?
d) minhas – Obviamente, minhas propostas são românticas.
e) nove – Isso porque foi aprovado a nove dias do fim do ano o reforço de R$ 100 milhões.

2. (Perito da Polícia Civil – RJ – FGV) Assinale a alternativa em que o segundo termo não funciona como adjetivo do primeiro.

a) Preservação ambiental.
b) Código Florestal.
c) Interesses divergentes.
d) Base aliada.
e) Diversas regiões.

3. (NCE) Em que item a seguir o adjetivo tem valor claramente subjetivo?

a) Próxima sexta-feira.
b) Bom espaço.
c) Líderes comunitários.
d) Panos brancos.
e) Oração silenciosa.

4. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a locução grifada tem valor adjetivo.

a) "Via aos pés o lado adormecido".
b) "O menino de propósito afrontou a vertigem".
c) "Enquanto o Barão de pé, na margem sorria com orgulho".
d) "Conhecendo a força de atração do abismo".
e) "A ideia de vingança agora o enchia de horror".

5. (Cesgranrio) Assinale a opção em que o termo grifado, quando posposto ao substantivo, muda de significação e passa a pertencer a outra classe de palavras:

a) complicada solução;
b) certos lugares;
c) inapreciável valor;
d) engenhosos métodos;
e) extraordinária capacidade.

6. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a locução grifada tem valor adjetivo.
a) "Comprou o papel de seda".
b) "Cortou-o com amor".
c) "Mudava de cor".
d) "Gritava com maldade".
e) "Salteou-o com atiradeiras".

7. (Univ. Fed. de Juiz de Fora-MG) A respeito da frase: "eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor..." (Machado de Assis), são feitas as seguintes afirmações:
I. No primeiro caso, AUTOR é substantivo; DEFUNTO é adjetivo.
II. No segundo caso, DEFUNTO é substantivo; AUTOR é adjetivo.
III. Em ambos os casos, tem-se um substantivo composto.
Assinale:
a) Se I e II forem verdadeiras.
b) Se I e III forem verdadeiras.
c) Se II e III forem verdadeiras.
d) Se todas forem verdadeiras.
e) Se todas forem falsas.

8. (Cesgranrio) Assinale a opção em que ambos os termos não admitem flexão de gênero:
a) inglesa pálida;
b) jovem leitor;
c) alguns mestres;
d) semelhante criatura;
e) moça ideal.

9. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a mudança na ordem dos termos pode alterar o sentido fundamental da expressão:
a) própria usina / usina própria;
b) eminentes físicos / físicos eminentes;
c) rápido desfecho / desfecho rápido;
d) parcelas ponderáveis / ponderáveis parcelas;
e) separação rígida / rígida separação.

10. (Analista de Controle Interno – Sefaz-RJ – FGV) Assinale a palavra que, no texto, NÃO desempenhe papel adjetivo.
a) suficiente – participação cidadã pode representar um alerta, mas não é o suficiente.
b) alguns – Apresentar alguns fatores.
c) sua – Entre a sociedade, a empresa e o Estado, está o profissional contábil, que, por sua vez, é o elo entre Fisco e contribuinte.

d) própria – contribuir de forma direta e irrestrita para a própria sustentação.
e) diversos – Entende-se que a arrecadação incidente sobre os diversos setores produtivos é necessária.

11. (Perito da Polícia Civil – NCE) "Qualquer assaltante" apresenta sentido diferente de "um assaltante qualquer". O par abaixo que não apresenta diferença significativa de sentido é:
a) pobre homem/homem pobre;
b) funcionário competente/competente funcionário;
c) grande mulher/mulher grande;
d) folha branca/branca folha;
e) bom menino/menino bom.

12. (Perito da Polícia Civil – NCE) "... bem da humanidade...", "... obra de destruição...", "... novos meios de matar..."; as expressões sublinhadas são, respectivamente, correspondentes a:
a) humano, destrutiva, mortíferos;
b) humanitário, destruidora, homicidas;
c) humanista, destrutiva, assassinos;
d) humano, destruidora, violentos;
e) humanitário, destruidora, mortais.

13. (Inspetor da Polícia Civil – NCE) O adjetivo cuja expressão correspondente é indicada erradamente é:
a) debates universitários – debates de universidades;
b) professor brilhante – professor de brilho;
c) comentário marginal – comentário à margem;
d) atitudes humanas – atitudes do homem;
e) substâncias ilícitas – substâncias fora da lei.

14. (Ministério Público RJ – NCE) Ao designar como hindus os nascidos na Índia, o autor do texto:
a) preferiu esta designação à de indianos;
b) errou, pois hindu se aplica somente aos adeptos do hinduísmo;
c) quer referir-se somente a uma parte dos habitantes da Índia;
d) designa somente os que adoram a vaca como símbolo religioso;
e) errou, visto que o vocábulo é grafado sem a letra H.

15. (Ministério Público RJ – NCE) Em "O homem urbano do Ocidente...", o vocábulo sublinhado se aplica ao homem:
a) civilizado;
b) culto;
c) não-rural;

d) adulto;
e) contemporâneo.

16. (Ministério Público RJ – NCE) O adjetivo abaixo de valor nitidamente subjetivo é:
a) imprensa brasileira;
b) proposta milionária;
c) incitamento racista;
d) jovem negro;
e) brilhante futuro.

17. (IBGE – NCE) "... me parece <u>infundada</u> a acusação." O adjetivo sublinhado corresponde semanticamente a:
a) sem fundos;
b) sem fundações;
c) sem fundamento;
d) sem finalidade;
e) sem fingimento.

18. (Auxiliar de Cartório – TJ – NCE) Em "... entorpecimento completo ou parcial...", a relação semântica existente entre os adjetivos "completo" e "parcial", repete-se em:
a) inverno e verão;
b) tranquilo e agitado;
c) paralisados e imóveis;
d) branco e claro;
e) amarelo e amarelado.

19. (Auxiliar de Cartório – TJ – NCE) O item em que a correspondência entre adjetivo e substantivo está <u>incorreta</u>, levando-se em conta os valores semânticos dos adjetivos no texto, é:
a) completo / completude;
b) letárgico / letargia;
c) imóveis / imobilismo;
d) sanguínea / sangue;
e) normais / normatividade.

20. (NCE) Nos segmentos "torres gêmeas", "manchete ruim", "jornal brasileiro" e "filme açucarado", os adjetivos de caráter claramente objetivo são:
a) gêmeas / ruim;
b) gêmeas / brasileiro;
c) ruim / brasileiro;
d) brasileiro / açucarado;
e) ruim / açucarado.

21. (Eletrobrás – NCE) O item em que o adjetivo sublinhado, quando deslocado para antes ou depois do substantivo por ele determinado, não apresenta possibilidade de qualquer modificação de sentido é:
a) fato novo;
b) mal velho;
c) poupanças populares;
d) antigas realizações;
e) espantosas propostas.

22. (Cepel – NCE) Em "... com folhas de um verde limpo.", caso houvesse o adjetivo "verde-limpo", esse segmento do texto seria corretamente escrito:
a) folhas verdes-limpo;
b) folhas verdes-limpas;
c) folhas verde-limpas;
d) folhas verde-limpo;
e) folhas verdes-limpos.

23. (Corregedoria da Justiça – RJ – NCE) Em "... exposto ao frio da noite..." e "... de sua incômoda presença...", os dois segmentos sublinhados possuem substantivos e adjetivos, mas com estruturações diferentes (substantivo + locução; adjetivo + substantivo). Se reescrevermos os dois segmentos, trocando as estruturas adotadas, teremos:
a) frio noturno / presença incômoda;
b) frieza da noite / presente incômodo;
c) fria noite / o incômoda da presença;
d) frieza noturna / o incômodo presente;
e) noturno frio / presença da incomodidade.

24. (Engepron – NCE) Entre os itens abaixo, o adjetivo sublinhado que mostra um caráter subjetivo, ou seja, uma opinião do autor, é:
a) multidão imensa;
b) espetáculo emocionante;
c) sentido elevatório;
d) imprensa política;
e) aeronauta brasileiro.

25. (ANTT – NCE) A frase que não apresenta qualquer exemplo de comparativo ou superlativo é:
a) "atender rapidamente os feridos";
b) "registram-se os mais elevados índices";
c) "para salvar o maior número de vítimas";
d) "dirigir nas estradas não é tarefa das mais fáceis";
e) "exigiu a maior concentração de máquinas rodoviárias".

26. (Administrador – MEC – FGV) "Trata-se da construção de uma alternativa à lógica dominante, ao ajustamento de todas as sociedades..."

No trecho acima há:

a) quatro adjetivos;
b) três adjetivos;
c) dois adjetivos;
d) um adjetivo;
e) nenhum adjetivo.

Capítulo 7

Artigo

Artigo é a palavra variável que fica anteposta ao substantivo, indicando seu gênero e número.

7.1. Artigo definido

Indica os seres dentro de uma espécie, individualizando-os: O, A, OS, AS.

7.2. Artigo indefinido

Indica seres quaisquer numa espécie, generalizando-os. UM, UMA, UNS, UMAS

BIZU

O artigo anteposto a qualquer palavra tem o poder de substantivá-la.
Ex.: O azul é a cor mais bonita.

7.3. Exercícios

1. (Univ. Fed. Pará) Observe o uso do artigo nas seguintes frases:
I. "... perdia a sua musculatura estudando em Belém".
II. "... até invejou o fumar do vaqueiro".
III. "... dela a escola era um lombo de búfalo".
IV. "De repente foi ouvido que andava pelo Por Enquanto uma pequena..."
Em quais delas foi usado o recurso da substantivação?
a) Em I e II.
b) Em I e III.
c) Em II e III.
d) Em II e IV.
e) Em III e IV.

2. (Analista de Controle Interno – Sefaz-RJ – FGV) "Ah, filho! Basta ser uma boa pessoa, fazer o bem ao próximo, não mentir e comer os legumes!"
Na fala da mãe, há:
a) um artigo;

b) dois artigos;
c) três artigos;
d) cinco artigos;
e) quatro artigos.

3. (Esan-SP) Em qual dos casos o artigo denota familiaridade?
a) O Amazonas é um rio imenso.
b) D. Manoel, o Venturoso, era bastante esperto.
c) O Antônio comunicou-se com o João.
d) O professor João Ribeiro está doente.
e) Os Lusíadas são um poema épico.

4. (ITA) Determine o caso em que o artigo tem valor de qualificativo.
a) Estes são os candidatos de que lhe falei.
b) Procure-o, ele é o médico.
c) Certeza e exatidão, estas qualidades não as tenho.
d) Os problemas que o afligem não me deixam descuidado.
e) Muita é a procura; pouca a oferta.

5. (Técnico Legislativo – Senado Federal – FGV) "...existe a percepção de que algo tem que ser feito a mais para de fato levar a saúde a toda a população."
A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:
I. *Em levar a saúde a toda a população*, **há uma preposição e dois artigos.**
II. *Em levar a saúde a toda a população*, **a última ocorrência da palavra** *a* **poderia ser suprimida sem provocar grave alteração de sentido.**
III. *Em levar a saúde a toda a população*, **a primeira ocorrência da palavra** *a* **poderia ser suprimida sem provocar grave alteração de sentido.**
Assinale:
a) se somente os itens II e III estiverem corretos;
b) se todos os itens estiverem corretos;
c) se nenhum item estiver correto;
d) se somente os itens I e II estiverem corretos;
e) se somente os itens I e III estiverem corretos.

6. (Inspetor de Polícia Civil – FGV) "Ora, as mazelas da imigração só podem ser resolvidas com a integração dos estrangeiros às sociedades, associada a uma enfática cooperação internacional, a fim de extrair da miséria e da desesperança a larga franja demográfica em que nascerá o futuro ser humano a expulsar."
No trecho acima, há:
a) 7 artigos definidos e 3 ocorrências da preposição *a;*
b) 8 artigos definidos e 4 ocorrências da preposição *a;*
c) 9 artigos definidos e 4 ocorrências da preposição *a;*
d) 9 artigos definidos e 3 ocorrências da preposição *a;*

e) 8 artigos definidos e 2 ocorrências da preposição *a.*

7. (Perito da Polícia Civil-RJ/FGV) "Atinge toda a região e a si mesmo, pois o Equador é credor no âmbito do CCR, e a efetiva realização da ameaça de não honrar compromisso assumido o impedirá de receber aquilo que lhe é devido" (L.50-53).
No trecho acima há:
a) sete artigos;
b) seis artigos;
c) cinco artigos;
d) quatro artigos;
e) três artigos.

Capítulo 8

Advérbio

Advérbio é a palavra geralmente invariável que modifica a ideia do verbo. Os advérbios de intensidade, além de modificarem a ideia do verbo, também podem modificar a ideia de um adjetivo ou de outro advérbio.

Ex.: Xuxa canta bem.

Observe que "bem" é advérbio porque está modificando a ideia do verbo "cantar". É também importante ressaltar o fato de o advérbio ser invariável, e, ao passar toda a frase para o plural, somente o advérbio não acompanhará.

Ex.: Xuxa e Angélica cantam bem.

O sujeito foi para o plural, o verbo também, mas o advérbio não se modificou.

Ex.: Xuxa e Angélica cantam muito bem.

Nessa frase, há dois advérbios: BEM é advérbio de modo, modificando a ideia do verbo "cantar", e MUITO é advérbio, modificando a ideia do outro advérbio "bem", acrescendo valor de intensidade.

Ex.: Elas são muito bonitas.

"Muito" é advérbio, pois intensifica a ideia do adjetivo "bonitas".

O advérbio pode passar uma série de ideias a serem observadas a seguir:

– de modo

Ex.: Estou bem.

Agi erradamente.

– de lugar

Ex.: Ele ficou aqui.

– de tempo

Ex.: Cheguei ontem.

– de intensidade

Ex.: "Que rica que era a Titi" (Eça de Queirós).

– de negação

Ex.: Ele não virá.

– de afirmação

Ex.: Certamente ele virá.

– de dúvida

Ex.: Talvez ele venha.

Advérbio Interrogativo – COMO, ONDE, QUANDO, POR QUE.

Como este fato aconteceu?
Onde ele estava?
Quando ele morreu?
Por que ninguém me contou nada?

8.1. Graus do advérbio

8.1.1. Comparativo

De superioridade

Ex.: Eu falo mais do que você.

De igualdade

Ex.: Eu falo tanto quanto você.

De inferioridade

Ex.: Eu falo menos do que você.

8.1.2. Superlativo

Absoluto sintético

Ex.: Cheguei tardíssimo.

Absoluto analítico

Ex.: Cheguei tarde à beça.

8.2. Locução adverbial

Conjunto de duas ou mais palavras que funcionam como advérbio. Normalmente se forma através da associação de preposição com substantivo, verbo ou advérbio.

Ex.: Eu te vi cara a cara.
Ele veio de longe.
Ele fez o trabalho às pressas.

Obs.: Os advérbios terminados em MENTE se originam de formas adjetivas femininas, pois o sufixo em questão se derivou do substantivo MENTE significando "cérebro".

Ex.: Positivamente – mente positiva

Contrariamente – mente contrária

8.3. Palavras denotativas ou partículas expletivas

Palavras ou locuções invariáveis – o que pode levar o usuário da língua à classificação errônea de advérbio – que não modificam o verbo, nem o adjetivo, nem o advérbio.

1 – **De exclusão** – apenas, exceto, só, somente...

Ex.: Todos foram à praia, exceto João.

2 – **De inclusão** – até, até mesmo, mesmo, inclusive...

Ex.: Todos sambaram, inclusive Fritz.

3 – **De explicação** – por exemplo, ou seja, isto é...

Ex.: A situação estava complicada. Por exemplo, ninguém quis se comprometer.

4 – **De realce** – se, é que...

Ex.: "Foi-se a noite" (Castro Alves).

Ex.: "A cor é que tem cor nas asas de borboleta" (Fernando Pessoa).

5 – **De retificação** – isto é, ou seja, ou melhor, aliás...

Ex.: Ninguém veio, aliás Manoel veio.

8.4. Exercícios

1. (Unificado) "Duma feita os canhamboras perceberam que não tinham mais escravos..." A locução sublinhada denota nesse contexto:

a) tempo;
b) oposição;
c) conclusão;
d) comparação;
e) consequência.

2. (Auditor – Sefaz-RJ – FGV) Assinale a palavra que, no texto, NÃO tenha valor adverbial.

a) mais – ganhem cada vez mais espaço no Brasil.
b) bastante – dessa possibilidade vem se dando de forma bastante tímida.
c) penal – sob pena de serem responsabilizadas penal e administrativamente.
d) só – ... não só das empresas estrangeiras situadas no Brasil, mas também...
e) antes – que pretendem implementar, o quanto antes, práticas administrativas.

3. (UFF) A expressão assinalada tem valor adverbial em:

a) "A história do casamento de Maria Benedita é curta".
b) "Se não fosse a epidemia das Alagoas talvez não chegasse a haver casamento".

c) "... não contendo o respeito que aquele bêbado tinha ao princípio da propriedade".
d) "... não é preciso estar embriagado para acender um charuto nas misérias alheias".
e) "Sem pedir licença à dona das ruínas".

4. (Uni-Rio) Assinale a opção em que a expressão sublinhada não tem o mesmo valor gramatical identificado em:
"Nunca mais andarei de bicicleta".
a) Ela percorreu a estrada a pé.
b) Encontrei meu inimigo cara a cara.
c) Nosso tio vagava pelas ruas com fome.
d) Enfrentamos sempre o perigo de frente.
e) João terminou a pesquisa às pressas.

5. (Uni-Rio) Assinale a frase em que as palavras destacadas correspondem, pela ordem, a substantivo, adjetivo, advérbio.
a) FELIZ a NAÇÃO que emprega BASTANTES recursos na educação.
b) As ESCOLAS organizadas fazem um EXTRAORDINÁRIO BEM à educação.
c) O GOVERNO que acultura SEU povo passa à HISTÓRIA.
d) Educação e CULTURA fazem FORTE um país BEM promissor.
e) A PREPARAÇÃO da JUVENTUDE forja o AMANHÃ de um país.

6. (CBMERJ – NCE) Os advérbios terminados em –mente são formados pela junção desse sufixo à forma feminina de adjetivo. Os dois exemplos abaixo em que não é possível indicar formalmente o gênero do adjetivo são:
a) simplesmente / aproximadamente
b) aproximadamente / diariamente
c) diariamente / normalmente
d) normalmente / simplesmente
e) simplesmente / diariamente

7. (NCE) Nos quatro segmentos a seguir, há advérbios terminados pelo sufixo – mente.
1) "... extirpou definitivamente o sebastianismo da vida nacional"
2) "Finalmente, a superexposição das mazelas..."
3) "... que ajudou simbolicamente a desfraldar..."
4) "... que os recursos públicos se destinem majoritariamente..."
Assinale o item em que o comentário sobre seu emprego ou formação não esteja correto:
a) Todos os advérbios apresentados foram formados a partir de adjetivos.
b) Os advérbios se distribuem em advérbios de tempo e de modo.
c) Todos os advérbios são formados a partir da forma feminina dos adjetivos primitivos.
d) Nem todos os adjetivos primitivos mostram distinção formal de gênero de substantivo.
e) Todos os advérbios se referem aos verbos das orações em que estão inseridos.

8. (NCE) "Devagar se vai ao longe, mas quando se chega lá não se encontra mais ninguém" (Millôr Fernandes).
Indique a circunstância apontada corretamente.
a) Devagar – circunstância de modo.
b) Lá – circunstância de finalidade.
c) Mais – circunstância de intensidade.
d) Longe – circunstância de tempo.
e) Quando – circunstância de lugar.

9. (NCE) Na palavra "ansiosamente", o adjetivo que serve de base para a formação do advérbio está no gênero feminino. A que se deve esse fato?
a) Porque todos os advérbios são formados com a forma feminina dos adjetivos.
b) Porque, historicamente, corresponde a uma concordância com o substantivo "mente".
c) Porque mantém o gênero da palavra "ânsia".
d) Porque, desse modo, se evita a repetição desagradável do som da vogal "o".
e) Porque a forma feminina facilita a pronúncia pela inclusão de uma vogal entre duas consoantes.

10. (NCE) <u>De repente</u> foi assaltada por um adolescente". A expressão destacada tem valor de:
a) substantivo;
b) adjetivo;
c) adverbial;
d) pronominal;
e) verbal.

Capítulo 9

Pronome

Pronome é o termo que substitui o nome. Como NOME engloba substantivos e adjetivos, evidentemente o pronome funciona como substantivo ou adjetivo.

O pronome será substantivo quando substituir um substantivo.

Ex.: Sinfronésia morreu. Alguém morreu.

→ O pronome ALGUÉM substitui o substantivo SINFRONÉSIA; portanto, é um pronome substantivo.

O pronome será adjetivo quando acompanhar um substantivo.

Ex.: Minha cadela é bonita.

→ MINHA é um pronome adjetivo porque acompanha o substantivo CADELA.

9.1. Pronomes pessoais retos

Trata-se do pronome pessoal que funciona como sujeito ou predicativo do sujeito. EU e TU são sempre pronomes retos, enquanto ELE, ELA, NÓS, VÓS, ELES e ELAS são pronomes retos se funcionarem como sujeito ou predicativo ou são pronomes oblíquos caso possuam outra função sintática.

Ex.: Eles fizeram o trabalho.

→ ELES é pronome reto porque funciona como sujeito.

Entreguei a eles o trabalho.

→ ELES é pronome oblíquo porque funciona como objeto indireto.

9.2. Pronomes pessoais oblíquos

ME, MIM, COMIGO, TE, TI, CONTIGO, LHE, O, A, SE, SI, CONSIGO, NOS, CONOSCO, VOS, CONVOSCO, LHES, OS, AS.

BIZU

Como já se advertira, os pronomes pessoais EU e TU só podem ser retos,

visto que inevitavelmente funcionam como sujeito ou predicativo do sujeito. Cabe ressaltar que, ao contrário do que aprendemos nas escolas, é possível usar "MIM" ou "TI" antes de verbos no infinitivo. Tal ocorre quando se puder separar o pronome do verbo, evidenciando-se que aquele não será sujeito deste.

Ex.: É importante para mim fazer esse trabalho.

→ Observe que é exequível separar o pronome MIM do verbo FAZER, como podemos constatar a seguir:

Fazer esse trabalho é importante para mim.

Sendo assim, o uso de MIM, e não de EU, torna-se obrigatório. Em contrapartida, se não for admissível separar o pronome pessoal do verbo, torna-se patente que o pronome funciona como sujeito, então só pode ser utilizado o pronome pessoal reto (EU).

Ex.: Ele trouxe o material para eu fazer o trabalho.

→ Observe que a frase não possui sentido, separando-se o pronome pessoal do verbo FAZER; portanto este pronome pessoal há de ser reto, e a utilização de EU faz-se "imperiosa".

Obs.: As formas COMIGO, CONTIGO, CONSIGO, CONOSCO e CONVOSCO, regidas de preposição COM, apresentam-se com as preposições aglutinadas aos pronomes.

Ex.: Ele brincou conosco ontem.

→ Observe, contudo, que se torna equivocada a contração das preposições com os pronomes oblíquos átonos quando após aparecer MESMOS, PRÓPRIOS, OUTROS, AMBOS, TODOS ou NUMERAIS.

Ex.: Eles viajarão com nós todos. Manoel e Joaquim foram injustos com eles próprios.

Obs.: Os pronomes oblíquos tônicos obrigatoriamente vêm após preposição, mesmo que o verbo seja transitivo direto.

Ex.: Ele viu a nós ontem. Eu ouvirei a ti sempre.

Obs.: Com a preposição ATÉ, usam-se as formas oblíquas tônicas MIM, TI etc.

Ex.: Ele veio até mim.

Observe, porém, que, se o termo ATÉ indicar valor de inclusão, usa-se a forma reta EU, TU, ELE...

Ex.: Todos foram à praia, até eu.

9.3. Pronomes possessivos

Dão ideia de posse.
MEU, MINHA, MEUS, MINHAS, TEU, TUA, TEUS, TUAS, SEU, SUA, SEUS, SUAS, NOSSO, NOSSA, NOSSOS, NOSSAS, VOSSO, VOSSAS.

Obs.: Há casos em que um pronome oblíquo tem valor possessivo.

Ex.: "O beijo de Capitu fechava-me os lábios" (Machado de Assis).
→ fechava os meus lábios

"Ainda hei de tirar-te a vergonha" (Raul Pompéia).
→ Ainda hei de tirar a tua vergonha.

9.4. Pronomes demonstrativos

Situam a pessoa ou a coisa designada em relação ao espaço.
Os casos mais comuns são ISTO, ISSO, AQUILO, ESTE(S), ESSE(S), AQUELE(S), ESTA(S), ESSA(S), AQUELA(S).

Ex.: Aquele cachorro é meu.
Não gosto desta situação.

9.4.1. Usos especiais de pronomes demonstrativos

Quando há três termos já citados, para evitarmos a repetição destes termos, usam-se os pronomes demonstrativos AQUELE(S), AQUELA(S), AQUILO, referentes ao primeiro; ESSE(S), ESSA(S), ISSO, ao segundo; ESTE(S), ESTA(S), ISTO, ao último.

Ex.: Ayrton Senna, Xuxa e Pelé são os brasileiros mais conhecidos no mundo. Este (Pelé) é o atleta do século, aquele (Ayrton Senna) foi o maior piloto de todos os tempos e essa (Xuxa) é a apresentadora mais requisitada da América do Sul.

Obs.: Havendo apenas dois seres, AQUELE se referirá ao mais longínquo e ESTE, ao mais próximo.

Ex.: Fernanda Montenegro e Paulo Gracindo foram os maiores atores brasileiros. Este foi o protagonista de O Bem Amado e aquela, de Central do Brasil.

É também interessante ressaltar que devem ser usados ESTE(S), ESTA(S), ISTO para algo que esteja próximo de quem esteja falando; ESSE(S), ESSA(S), ISSO para algo que esteja próximo da pessoa com quem se está falando; e AQUELE(S), AQUELA(S), AQUILO, para algo que esteja próximo de uma terceira pessoa sobre a qual se está falando.

Ex.: Este (próximo de quem está falando) lápis é meu.
Esse (próximo da pessoa com quem se está falando) lápis é seu.
Aquele (próximo de uma terceira pessoa sobre a qual se está falando) lápis

é do Manoel.

9.4.2. Casos especiais de pronome demonstrativo

1) O, A, OS, AS serão pronomes demonstrativos quando antecederem o pronome relativo "QUE" ou a preposição "de" e puderem ser substituídos por AQUILO, AQUELE(S), AQUELA(S).

Ex.: "O (aquilo) que estragou tudo foi esse ciúme, Paulo" (Graciliano Ramos).

Vi bem a (aquela) que saiu.

"Mas que melhor metafísica que a (aquela) delas" (Fernando Pessoa).

Obs.: Vale observar que, confirmando serem O, A, OS, AS pronomes demonstrativos, também se ratifica ser o "que" pronome relativo. Aproveitando o penúltimo exemplo, conclui-se que A é pronome demonstrativo e QUE, pronome relativo.

BIZU

Muito raramente "o" poderá ser pronome demonstrativo, não precedendo a preposição "de" ou o pronome relativo "que". Tal se dá quando for remissivo a uma ação ou a uma oração.

Ex.: – João, eu soube que você brigou com a sua namorada.

– Paulo, eu não **o** fiz.

→ Perceba que, nessa situação, o pronome demonstrativo "o" refere-se ao ato de brigar com a namorada, podendo ser substituído, inclusive, pela palavra "isso" – Eu não fiz isso.

Ex.: – João, você viu o Carlos?

– Paulo, eu não **o** vi.

Já, neste caso, o pronome oblíquo é referente a Carlos, e não a uma ação – Eu não vi Carlos.

TAL é pronome demonstrativo quando significar "ESTE", "ESSE", "AQUELE".

Ex.: Tal (esta) foi a decisão, mas não a aguardávamos.

Você me veio com tal (aquele) cansaço.

Mesmo quando significar "IDÊNTICO", "IGUAL".

Ex.: Na mesma (IGUAL, IDÊNTICA) hora em que eu a vi ontem, eu a vi hoje.

PRÓPRIO, quando fizer referência a algo já mencionado.
Ex.: Ele fez mal aos outros e a si próprio (ele).

SEMELHANTE, quando for sinônimo de TAL.
Ex.: Nunca diria semelhantes (tais) palavras.

9.5. Pronomes indefinidos

Referem-se, de forma vaga, à 3ª pessoa:
TODO, TODOS, TODA, TODAS, TUDO, ALGUM, ALGUNS, ALGUMA, ALGUMAS, ALGUÉM, ALGO, NENHUM, NENHUNS, NENHUMA, NENHUMAS, NINGUÉM, NADA, OUTRO, OUTRA, OUTROS, OUTRAS, OUTREM, MUITO, MUITA, MUITOS, MUITAS, POUCO, POUCA, POUCOS, POUCAS, QUANTO, QUANTA, QUANTOS, QUANTAS, MAIS, MENOS, BASTANTE, BASTANTES, CADA, QUALQUER, QUAISQUER, TANTO, TANTA, TANTOS, TANTAS, DEMAIS, VÁRIOS, VÁRIAS, QUE (QUAL), QUEM, UM, UMA, UNS, UMAS.

Ex.: Já não tenho mais tempo.
Eu vi que (qual) aluno fugiu de sala.

Obs.: É importante não confundir o pronome indefinido QUE com o pronome relativo QUE. Aquele ocorrerá quando puder ser substituído por QUAL ou QUAIS; já este, por O QUAL, A QUAL, OS QUAIS, AS QUAIS.

É também essencial não misturar pronome indefinido com advérbio. Aquele é variável e se liga a um substantivo. Já o advérbio é invariável e relaciona-se com verbo, adjetivo ou outro advérbio. Convém ressaltar que o vocábulo "certo" será pronome indefinido, quando equivaler a "qualquer" ou "algum" e **não** for antônimo de "errado".

Ex.: Estamos bastante confiantes.

→ Observe que "bastante" é invariável e intensifica o adjetivo "confiantes".

Possuímos bastantes alunos em sala.

→ O termo "bastantes" liga-se ao substantivo "alunos" e é variável, portanto classificando-se como pronome indefinido.

Ela possui menos preocupação do que nós.

→ Como o vocábulo "menos" determina o substantivo "preocupação", classifica-se pronome indefinido.

Ela está menos preocupada do que nós.

→ Como o termo "menos" está ligado ao adjetivo "preocupada", evidencia-se

ser advérbio.

Certos trabalhos não deveriam ser feitos.

→ "Certos", nessa frase, aproxima-se semanticamente de "alguns" e não é antônimo de "errado", portanto é pronome indefinido.

Foram feitos os trabalhos certos.

→ "Certos" nessa frase é antônimo de errado, classificando-se como adjetivo.

9.6. Pronomes relativos

São pronomes relativos "o qual", "a qual", "os quais", "as quais", ou quaisquer outros termos que possam ser substituídos por estes mencionados. A finalidade do pronome relativo é evitar a repetição do termo antecedente na oração em que ocorre.

Ex.: Não conheço o lugar onde ele mora.

→ "Onde" é pronome relativo porque pode ser substituído por "no qual" e refere-se ao antecedente "lugar".

Falei as palavras que você queria ouvir.

→ "Que" é pronome relativo porque pode ser substituído por "as quais" e refere-se ao termo "as palavras".

Nas estruturas em que O, A, OS, AS aparecerem antes de "que" – e puderem ser substituídos por AQUILO, AQUELE(S), AQUELA(S) –, O, A, OS, AS serão pronomes demonstrativos e o QUE será relativo. Nessa situação o antecedente do relativo será sempre o demonstrativo.

Obs.: Ainda será o antecedente do pronome relativo somente o demonstrativo, mesmo quando este estiver combinado a uma preposição.

Ex.: "Fora de mim, alheio ao que penso" (Fernando Pessoa) – ao que penso (àquilo que penso).

Necessitamos daquelas (de + aquelas) que chegaram geladas.

Também são pronomes relativos CUJO, CUJA, CUJOS, CUJAS.

Ex.: É bonita a cidade por cujas ruas passei.

Conheci um escritor de cujos livros gosto muito.

Obs.: Existem alguns pronomes relativos que ocorrem sem antecedentes. Alguns gramáticos, no caso, interpretam que existe um antecedente implícito. A esses pronomes cabe a denominação de "relativos indefinidos".

Ex.: "Quem com ferro fere com ferro será ferido".

→ O pronome relativo indefinido QUEM poderia ser substituído por "aquele que", havendo então um antecedente implícito para o relativo "que" ou "quem"

que seria “aquele”.

“O único mistério é haver quem pense no mistério” (Fernando Pessoa).

→ ... haver aquele que pense...

Esta interpretação causou uma dúvida quanto à classificação da oração. Ao fim das orações adjetivas, esse assunto será retomado e aprofundado.

9.7. Pronomes interrogativos

Aparecem em interrogações diretas ou indiretas: QUE, QUEM, O QUE.

Ex.: Que fazes aqui?

Não sei quem faltou à aula.

9.8. Pronomes de tratamento

Locuções que valem pelo PRONOME PESSOAL, designando especificamente a pessoa com quem se fala.

VOSSA ALTEZA – V.A. – príncipes, arquiduques, duques

VOSSA EMINÊNCIA – V. Emª. – cardeais

VOSSA EXCELÊNCIA – V. Exª. – altas autoridades do governo e das classes armadas

VOSSA MAGNIFICÊNCIA – V. Magª. – reitores das universidades

VOSSA MAJESTADE – V. M. – reis, imperadores

VOSSA EXCELÊNCIA REVERENDÍSSIMA – V. Exª. Revmª. – bispos e arcebispos

VOSSA PATERNIDADE – V.P. – abades, superiores de conventos

VOSSA REVERENDÍSSIMA – V. Revmª. – sacerdotes em geral

VOSSA SANTIDADE – V.S. – papas

VOSSA SENHORIA – V. Sª. – funcionários públicos graduados, oficiais até coronel, pessoas de cerimônia.

VOCÊ – qualquer pessoa.

9.9. Pronome reflexivo

Quando o objeto direto (ou indireto) é a mesma pessoa do sujeito.

Ex.: “Fez-se de desentendido” (Fernando Sabino).

Obs.: O reflexivo relativo à terceira pessoa – tanto do singular quanto do plural. – se apresenta de três formas diferentes: SE, SI, CONSIGO.

Ex.: Eles se inscreveram no concurso.

Ele só gosta de si mesmo.

Eles só se preocupam com eles mesmos.

9.10. Pronome recíproco

Quando sujeitos e objetos trocam atos recíprocos.

Ex.: "Olharam-se e morreram dando um grito" (Castro Alves). – (Um olhou para o outro que olhou para um)

Vocês se amam. (Você ama Maria, Maria ama você.)

9.11. Pronome parte integrante do verbo

Existem alguns verbos que são denominados como pronominais. Esta situação implica que necessariamente verbo e pronome oblíquo estejam sempre na mesma pessoa. Ressalte-se, contudo, que não se trata de voz reflexiva, pois neste caso há uma efetiva coincidência entre o ser agente e o ser paciente. A parte integrante do verbo não representa semanticamente um ser, portanto não possui função sintática.

Ex.: Ele se referiu ao trabalho. Nós nos referimos à partida de futebol. Nós nos interessamos por música. Tu te lembras do fato?

9.12. Estudo da colocação dos pronomes

1) Nunca se pode começar uma oração por pronomes oblíquos.

Ex.: "Me come, me cospe, me beija..." (Raul Seixas).

Esta frase está errada, pois ela está se iniciando por pronome oblíquo. O certo seria: "Come-me, cospe-me, beija-me...".

É óbvio que o autor aí fez valer a licença poética. Certamente o texto não teria o mesmo valor se o rigor gramatical fosse obedecido. Inclusive é interessante lembrar que até já há autores compreendendo que o uso do pronome oblíquo átono poderia iniciar orações, já que, no Brasil, o pronome átono não é tão átono. No entanto, o que vale ainda é a forma tradicional. O NCE, no concurso da CVM-2005, admitiu não ser grave o pronome oblíquo iniciar orações.

2) Os pronomes oblíquos são atraídos por conjunções subordinativas, advérbios, pronomes interrogativos, relativos e indefinidos, expressões exclamativas (Deus os ajude!) e preposição EM com verbo no gerúndio.

Ex.: Ela sempre ajudou-te.

→ Esta frase está errada, pois o pronome oblíquo deveria vir antes do verbo uma vez que o advérbio SEMPRE o está atraindo.

Obs.: Ressalte-se que o único obstáculo para um pronome oblíquo posicionar-se antes de verbo é se estiver iniciando oração. Preste atenção aos exemplos a

seguir:

Ex.: "E quando ele punha-se a contar histórias de castidade..." (Raul Pompeia).

→ O pronome pessoal reto "ELE" não atrai o pronome oblíquo "se", no entanto não há nada que obste esse posicionamento. Poderia também localizar-se antes do verbo, ou seja, também estaria escorreito "ele se punha".

Ex.: "Pernambuco! Um dia eu vi-te" (Castro Alves).

→ Também a construção poderia se dar assim: "Um dia eu te vi".

Alguém nos viu.

→ Já neste exemplo, "ALGUÉM" é pronome indefinido, por conseguinte atrai o pronome oblíquo, não admitindo outro posicionamento para o pronome.

Outros exemplos:

Em se tratando de político, nunca poderemos confiar neles.

Quem te viu lá?

Não viajei, pois me cansei muito no dia anterior.

3) Colocação pronominal em locuções verbais.

A tradição gramatical orienta que, estando o último verbo no infinitivo ou gerúndio, o pronome tanto poderá aparecer antes como depois da locução.

Ex.: Não te posso ver daqui. / Não posso ver-te daqui.

Não te estou vendo. / Não estou vendo-te.

Obs.: Neste caso, mesmo que haja termo atraindo o pronome oblíquo, a gramática não faz qualquer oposição ao uso do pronome após a locução verbal.

Contudo, o uso do dia a dia gera uma situação peculiar. O único lugar onde não deveria estar o pronome é o que todos usam, ou seja, entre os verbos. Por isso, os gramáticos mais modernos já aceitam tal posicionamento com duas ressalvas:

1ª – Se houver termo que atraia o pronome oblíquo, este não poderá estar ligado ao primeiro verbo com hífen.

Ex.: Não estou te vendo daqui. (certo)

Não estou-te vendo daqui. (errado)

Ele está nos vendo daqui. (certo)

Ele está-nos vendo daqui. (certo)

2ª – O que ocorre aqui é a influência da Linguística, isso é, a gramática se amoldando ao uso popular. Então, cabe vislumbrar mais um caso

interessante: com os pronomes oblíquos O, A, OS, AS, a forma tradicional (antes ou depois da locução) se torna a única. Tal ocorre em razão de a orientação gramatical coincidir com o uso diário da população.

Ex.: Não o pude ver. (certo)
Não pude vê-lo. (certo)
Não pude o ver. (errado)

Obs.: O NCE, em algumas provas, solicitou ao candidato a análise de questões em que poderia haver mais de uma opção correta. Sendo assim, o candidato deveria ter o discernimento para escolher a alternativa mais adequada. O estudo da colocação pronominal em locuções verbais (com último verbo no infinitivo ou gerúndio) foi abordado na prova para o Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro em 2004, e a banca fez valer a visão tradicional, ou seja, apesar de o uso do pronome oblíquo entre os verbos já estar deveras difundida, a forma conservadora – com o pronome oblíquo átono antes ou depois da locução – acabou por prevalecer.

Quando o último verbo encontrar-se no particípio, o pronome deverá vir antes ou no meio da locução.
Ele nos tem visto diariamente. / Ele tem-nos visto diariamente.

4) O verbo no infinitivo admite a colocação de pronome átono ao seu fim, mesmo havendo termo que o atraia.
Ex.: Não encontrar-te amanhã será triste.

5) O objeto direto e o predicativo de 3ª pessoa são substituídos pelos pronomes oblíquos **O, A, OS** e ***AS.***
Ex.: Eu comprei o carro. – Eu o comprei.
"Nada somos que valha
Somo-lo mais que em vão" (Fernando Pessoa).

6) O objeto indireto, o complemento nominal e o adjunto adnominal (com ideia de posse), ou seja, os termos preposicionados de 3ª pessoa – representando pessoa ou termo no campo semântico de pessoa – são substituídos pelos pronomes oblíquos ***LHE*** e ***LHES***.
Ex.: Eu entreguei o material aos alunos. Eu lhes entreguei o material. Roubei o fruto da árvore. Roubei-lhe o fruto.

7) Os verbos, terminados em **R, S** ou **Z,** ligados aos pronomes oblíquos **O, A, OS,**

AS, perderão sua última letra, e ao pronome oblíquo será acrescentada a letra ***L***. Encontramos as pessoas. O termo AS PESSOAS é objeto direto, por isso é substituído por AS.

Ex.: Encontramos + AS = Encontramo-las.

8) Aos pronomes oblíquos **O, A, OS** e **AS,** ligados a verbos que terminem em som nasal, será acrescentada a letra ***N***.

Ex: Põe as cartas. Põe-nas. Encontraram os meninos. Encontraram-nos.

9) Quando o verbo estiver na 1ª pessoa do plural e o pronome oblíquo também na 1ª pessoa do plural, o verbo perde o ***S*** final.

Ex.: Ajoelhamos + nos = ajoelhamo-nos, encontramos + nos = encontramo-nos.

REGRAS

1) Ocorre **próclise** quando o pronome oblíquo aparece antes do verbo.

Ex.: Eu te explico tudo.

Observe que o pronome oblíquo TE vem antes do verbo EXPLICAR.

2) Ocorre **ênclise** quando o pronome oblíquo aparece depois do verbo.

Ex.: Explico-te tudo.

Observe que o pronome oblíquo TE aparece depois do verbo EXPLICAR.

3) Ocorre **apossínclise** quando há a intercalação de vocábulo entre o pronome átono e o verbo.

Ex.: "... se me não enganou é gente da polícia" (Bernardo Guimarães).

"Se me ainda amas, por amor não ames:
Traíras-me comigo" (Fernando Pessoa).

4) Poderá ocorrer a **mesóclise** somente no futuro do presente do indicativo e no futuro do pretérito, onde exatamente nunca poderá haver a ênclise.

Ex.: Obedecerei ao paciente.

→ AO PACIENTE é objeto indireto; portanto, pode ser substituído pelo pronome oblíquo LHE. Como o verbo está no futuro do presente do indicativo, não pode ser usada a ênclise; no entanto a próclise também está descartada pelo fato de se iniciar a oração por pronome oblíquo; portanto não se pode usar o pronome oblíquo nem antes nem depois do verbo, apenas restando o interior do verbo. Ao dividir o verbo para se proceder à mesóclise, vai-se até a letra R do infinitivo, coloca-se o pronome oblíquo e, por fim, o restante do verbo.

Ex.: Obedecer-lhe-ei.

Compraríamos o carro. Comprá-lo-íamos.

→ Observe que O CARRO é objeto direto, portanto o substituímos pelo pronome oblíquo O; e, na divisão do verbo, este pronome oblíquo caiu exatamente depois da letra R, ocorrendo o mesmo fenômeno da regra 7, ou seja, extrai-se esta última letra do verbo e ao pronome oblíquo acrescenta-se a letra L.

BIZU

É fundamental o candidato atentar-se à presença do pronome apassivador SE, transformando objeto direto em sujeito.

Ex.: Admitiu-se a falha.

→ Se não houvesse o pronome SE, o termo A FALHA seria objeto direto; contudo, como há a partícula apassivadora, o objeto direto transforma-se em sujeito, exigindo que a substituição se faça não por um pronome oblíquo, e sim por um pronome reto.

Admitiu-se ela.

Obs.: Às vezes, também ocorre a presença do pronome apassivador com outro pronome átono, ambos ligados ao mesmo verbo.

Ex.: "Afigurou-se-lhe estar nos braços..." (Aluísio de Azevedo).

"Fez-se-me desesperada necessidade a companhia da boa senhora" (Raul Pompeia).

9.13. Contração dos pronomes oblíquos átonos em verbos transitivos diretos e indiretos

OD OI

Ex.: Pediram um favor a mim.

ME + O, A, OS, AS = MO, MA, MOS, MAS

Pediram-mo.

Ex.: "O que me dás. Dás-mo" (Fernando Pessoa).

OD OI

Entregarei os documentos a ti.

TE + O, A, OS, AS = TO, TA, TOS, TAS

Entregar-tos-ei.

OD OI

Indico a saída a todos.

LHE(S) + O, A, OS, AS = LHO, LHA, LHOS, LHAS

Indico-lha.

OD OI

Avisaram a notícia a nós.

NOS + O, A, OS, AS = NO-LO, NO-LA, NO-LOS, NO-LAS

Avisaram-no-la.

OD OI

Explicarei as matérias a vós.

VOS + O, A, OS, AS = VO-LO, VO-LA, VO-LOS, VO-LAS

Explicar-vo-las-ei.

BIZU

Os pronomes podem ter valor **anafórico (anáfora)** ou **dêitico (dêixis).**

Anafórico será o termo que fizer referência a termos anteriores. Todo pronome relativo é por natureza anafórico, pois sempre será remissivo a termos antecedentes.

Ex.: O candidato **que** estuda passa.

O pronome relativo "que" é remissivo a "o candidato".

O livro, não **o** li ontem.

O pronome oblíquo "o" refere-se a "o livro".

João e Paulo não compareceram à aula. Este, por se encontrar doente; e aquele, em razão de não ter acordado.

→ Os pronomes demonstrativos "este" (referindo-se a Paulo) e "aquele" (referindo-se a João) possuem valor anafórico, já que são alusivos a termos anteriores.

Dêitico será o elemento que tem por objetivo localizar o fato no tempo ou no espaço, mas não defini-lo. Enfim, é qualquer referência de lugar ou de tempo. Interessante torna-se observar que o NCE foi a banca que explorou tal tema e, nas questões de concursos até então, só utilizou situação de valor espacial. É essencial informar que o advérbio também poderá ter valor dêitico.

Serão dêiticas expressões como cá, aqui, lá, onde, os pronomes demonstrativos quando localizam o bem em referência ao emissor, receptor ou terceiros.

Ex.: Este material é muito bom.

→ O pronome demonstrativo "este" indica que o material está mais próximo do emissor da mensagem ou é de sua posse.

Esse material é muito bom.

→ O pronome demonstrativo "esse" indica que o material está mais próximo do receptor da mensagem ou é de sua posse.

9.14. Exercícios

1. (Corregedoria geral da Justiça – RJ – NCE) Em "... para SE defender contra o frio da noite", o valor morfossintático da palavra em maiúsculas neste segmento está repetido em:

a) Vou contar um fato: quero saber SE o conheces.
b) Os meninos SE ajudam uns aos outros.
c) Todas as pessoas passam por ele, sem saber do que SE trata.
d) Cada um deles SE incumbe de sua tarefa.
e) Quando SE olha para ele, a cena é triste.

2. Assinale a opção em que o termo sublinhado tem a sua classe gramatical incorretamente indicada.

a) Ele estava <u>muito</u> nervoso. – advérbio
b) <u>Muito</u> político deveria ser expulso do Congresso. – pronome indefinido
c) Maria possui <u>menos</u> calma do que nós. – pronome indefinido
d) Ela é <u>menos</u> calma do que nós. – advérbio
e) Ele está <u>todo</u> preocupado com a situação política do país. – pronome indefinido

3. (TCU-Esaf) A alternativa em que há erro na substituição do termo sublinhado por pronome pessoal reto ou oblíquo é:

a) Ouvira <u>o pastor</u> advertir o povo =
Ouvira-o advertir o povo.
b) Carregamos <u>cargas pesadas</u> em caminhões =
Carregamo-las em caminhões.
c) Integrando-se <u>a ferrovia</u> nos sistemas =
Integrando-se ela nos sistemas.
d) Contemplavam melancólicos <u>o êxodo da mão de obra</u> =
Contemplavam-na melancólicos.
e) Nos aterros de Tabatinga, por onde rodavam <u>as rodas de carretel dos comboios</u> =
Nos aterros de Tabatinga, por onde rodavam elas.

4. (TCU) Assinale a alternativa incorreta quanto à colocação dos termos na oração.
a) Está prevista a possibilidade de o chefe do setor tomar decisões a este respeito, sem prévia consulta a superiores.
b) Encaminhar-se-á a decisão do grupo, após a reunião da próxima semana.
c) Não estabelecer-se-á qualquer norma, sem consulta ao órgão superior.
d) Quanto aos programas de treinamento, há necessidade de promovê-los periodicamente.

5. (Banco do Brasil) "O funcionário que se inscrever, fará a prova amanhã". Com relação à colocação do pronome "SE":
1 – Ocorre próclise em função do pronome relativo.
2 – Deveria ocorrer ênclise.
3 – A mesóclise é impraticável.
4 – Tanto a ênclise quanto a próclise são aceitáveis.
a) Está correta apenas a primeira afirmativa.
b) Apenas a terceira afirmativa está correta.
c) Somente a segunda afirmativa está correta.
d) São corretas a primeira e a terceira afirmativas.
e) A quarta afirmativa é a única correta.

6. (TCEMG – Eng. Perito – FCC) As estrelas brilham no céu, e quem fica a observar <u>as estrelas</u>, sentindo a magia <u>das estrelas</u>, considera <u>as estrelas</u> signos de um grande mistério.
Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, respectivamente, por:
a) lhes observar – sentindo a magia delas – considera-as
b) as observar – sentindo sua magia – lhes considera
c) observá-las – sentindo-as a magia – as considera
d) observá-las – sentindo-lhes a magia – considera-as
e) lhes observar – sentindo-lhes a magia – considera-lhes

7. (Cesgranrio) Assinale a opção em que o pronome LHE apresenta o mesmo valor significativo que possui em "assanhando-lhe os desejos".
a) O resultado do jogo lhe era indiferente.
b) Sobreveio-lhe uma desgraça.
c) Não lhe disse que viajaria hoje.
d) Chamavam-lhe carinhosamente de Mané.
e) O médico teve de engessar-lhe a perna.

8. (Técnico Judiciário – TRE-RN – FCC) A reconstrução de um segmento do texto, com um diferente emprego pronominal, que mantém a correção e o sentido originais é:
a) *não havia meio de alcançá-la* = não havia como alcançar-lhe.

b) *o jarro era pesado demais para ele* = o jarro lhe era por demais pesado.
c) *atirando-as dentro do jarro* = atirando-lhes para dentro do jarro.
d) *O corvo, então, tentou virá-lo* = O corvo, então, lhe tentou virar.
e) *pegando-as uma a uma* = pegando-lhes uma a uma.

9. (Técnico Judiciário – TRE-PE – FCC)
... nem por isso deixa de cultuar Delacroix ...
Cézanne admira a maestria plástica de Rubens ...
... já encontramos a chave do enigma cézanneano.
A substituição dos elementos grifados nas frases acima pelos pronomes correspondentes, com os necessários ajustes, terá como resultado, respectivamente:
a) nem por isso deixa de cultuar-lhe / Cézanne a admira / já a encontramos;
b) nem por isso deixa de cultuá-lo / Cézanne lhe admira / já lhe encontramos;
c) nem por isso deixa de lhe cultuar / Cézanne a admira / já encontramos-na;
d) nem por isso deixa de a cultuar / Cézanne lhe admira / já lhe encontramos;
e) nem por isso deixa de cultuá-lo / Cézanne a admira / já a encontramos.

10. (Fiscal da Receita Estadual – AP – FGV) Em termos antropológicos, o jeitinho *pode ser atribuído a um suposto caráter emocional do brasileiro / o que favorecia boas relações de comércio e tráfico de influência.*
Quanto ao emprego de pronomes pessoais, os trechos sublinhados foram corretamente reescritos em:
a) pode ser-lhes atribuído / as favorecia;
b) pode ser a ele atribuído / lhes favorecia;
c) pode ser atribuído a ele / as favorecia;
d) pode-o ser atribuído / as favorecia;
e) pode sê-lo atribuído / lhes favorecia.

11. (NCE) O pronome "LHES" tem com o verbo que se prende na frase "tampouco deve, como os políticos, se amoldar aos desejos de seus eleitores para ganhar-lhes os votos" as mesmas relações sintáticas e de sentido que se encontram no exemplo da opção:
a) Se seus irmão quiserem, posso emprestar-lhes meu carro.
b) Os uniformes das crianças já estão desbotados, mas só lhes posso comprar outro no mês que vem.
c) Eles são nossos amigos; não lhes podemos negar ajuda num momento tão difícil.
d) Os romanos, crendo-se superiores aos povos germânicos, chamavam-lhes bárbaros.
e) O policial ameaçava os detidos a fim de arrancar-lhes uma confissão.

12. (Cesgranrio) Assinale a opção em que houve erro, ao se substituir a expressão grifada pelo pronome oblíquo.
a) "Estimam seu torrão" / estimam-no.
b) Fazer conhecidos seus costumes / fazê-los conhecidos.
c) "Viu os partidos de cana" / viu-os.

d) "Sorver o ar ácido" / sorver-lhe.
e) "O homem tirava tudo da terra". / o homem tirava-lhe tudo.

13. (TRT) Se substituirmos as palavras sublinhadas em: 1 – com a aprovação dos que presenciaram a cena e 2 – a violência começa a gerar expectativas por pronomes pessoais, as substituições corretas, de acordo com a norma culta, estarão na seguinte alternativa:
a) 1– com a aprovação dos que presenciaram-na.
2– a violência começa a as gerar.
b) 1– com a aprovação dos que a presenciaram.
2– a violência começa a gerar-lhes.
c) 1– com a aprovação dos que presenciaram ela.
2– a violência começa a gerar a elas.
d) 1– com a aprovação dos que a presenciaram.
2– a violência começa a gerá-las.
e) 1– com a aprovação dos que a presenciaram.
2– a violência começa a gerar-las.

14. (Cesgranrio) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da frase abaixo:
Dialeto social popular não se confunde com linguagem especial, pois , ao contrário _____, é de uso restrito e pode funcionar como signo de grupo.
a) esse/daquela;
b) essa/desse;
c) aquele/dessa;
d) esta/daquele;
e) este/desta.

15. (Analista Judiciário – TJ – FCC) ***constituindo [...] um índice de uma época; indiciam os fatos históricos; portam a marca do homem;***
Substituindo-se os elementos grifados acima por um pronome, fazendo-se as alterações necessárias, o resultado correto será, respectivamente:
a) constituindo-o – indiciam-nos – portam-na
b) constituindo-lhe – indiciam-nos – portam-lhe
c) lhe constituindo – lhe indiciam – portam-no
d) constituindo-o – o indiciam – portam-lhe
e) constituindo-a – os indiciam – portam-na

16. Assinale a opção em que o pronome oblíquo possui nítido valor possessivo.
a) Chegaram ao ônibus, sentaram-se e iniciaram a viagem.
b) Compreendo-te e considero que te será desagradável tal excursão.
c) Escutaram-nos atentamente as últimas palavras.
d) Avisar-vos-emos todas as notícias.

e) Consideramos-te pronto para a execução deste serviço.

17. (TRT) A substituição do termo sublinhado por um pronome pessoal só está correta, de acordo com a norma culta, na seguinte alternativa.
a) O movimento visa a encontrar soluções.
O movimento visa a encontrar elas.
b) A campanha apresentou vários desdobramentos.
A campanha apresentou-lhes.
c) Esses momentos históricos apresentam facetas negativas.
Esses momentos históricos apresentam-as.
d) Assistimos ao desfile de corruptos.
Assistimo-lo.
e) O movimento busca reverter a deterioração.
O movimento busca revertê-la.

18. (NCE) "A descoberta da América pelos europeus, nos fins do século quinze, deu lugar a uma transplantação da cultura europeia para este Continente. Tal empreendimento constitui, porém, uma aventura impregnada de duplicidade".
"Proclamavam os europeus ao aqui chegarem para expandir nestas plagas o cristianismo..."
"... movia-os o propósito de exploração e fortuna. A história do período colonial é a história desses dois objetivos a se ajudarem mutuamente na tarefa real e não confessada da espoliação continental".
"Nascemos, assim, divididos entre propósitos reais e propósitos proclamados. A essa duplicidade da própria sociedade nascente, dividida entre senhores e escravos..."
A seguir, cada um deles é classificado quanto à função textual, na ordem em que ocorrem. Assinale a opção correta:
a) dêitico; dêitico; anafórico; anafórico, anafórico;
b) dêitico; anafórico; anafórico; anafórico, dêitico;
c) anafórico; dêitico; dêitico, anafórico; dêitico;
d) dêitico; dêitico; dêitico; anafórico; dêitico;
e) anafórico; dêitico; dêitico; anafórico; anafórico.

19. (Suesc) "Quaresma, comparando outras terras com o Brasil, não podia deixar de valorizar as belezas naturais em detrimento ".
Assinale a opção que completa corretamente as lacunas na frase acima:
a) deste – daquela
b) destes – deste
c) deste – daquelas
d) desses – daquelas
e) desse – dessas

20. (Esaf) Substituindo o segmento sublinhado pelo pronome correspondente, houve

erro em um item. Assinale-o.
a) Não vimos sair os grevistas.
Não os vimos sair.
b) Conduz a noiva ao altar.
Conduze-a ao altar.
c) Mantém-se sempre ótima posição.
Mantém-se ela sempre.
d) Propusemos essa medida ao diretor.
Propusemos-lhe essa medida.
e) Visamos a um emprego melhor.
Visamos a ele.

21. (Esaf) Indique a letra que corresponde a erro de natureza ortográfica ou gramatical ou a alguma impropriedade vocabular.
A Amazônia ainda sob o aspecto estritamente físico, conhecê-mo-la (A) aos fragmentos. Mais de um século de perseverantes pesquisas e uma literatura inestimável, de numerosas monografias, mostram-no-la (B) sob incontáveis aspectos parcelados. O espírito humano, deparando-o (C) maior dos problemas fisiográficos, e versando-o, tem-se atido (D) a um processo obrigatoriamente analítico, que se, por um lado, é o único apto a facultar elementos seguros determinantes de uma síntese ulterior, por outro, impossibilita o descortino (E) desafogado do conjunto.
a) A
b) B
c) C
d) D
e) E

22. (CM-2º Grau) Observando as recomendações quanto à colocação dos pronomes oblíquos átonos, pode-se afirmar que está correta a frase:
a) O dinheiro que entreguei-lhe era meu.
b) No curso de Pedagogia estudaria-se provavelmente História da Educação.
c) Nunca enganamo-nos a esse respeito.
d) Em tempos de vacas magras, compra-se o indispensável.
e) Caso procurem-me, diga que viajei.

23. (CM-3º Grau) A colocação proclítica ou enclítica do pronome oblíquo é facultativa na frase:
a) Essa medida nos proporcionou uma qualidade de vida melhor.
b) Abrigamos nessa casa as pessoas que se encontrarem em apuros.
c) Não se poupariam esforços nesse sentido.
d) Atravessaram por entre as árvores, sem que ninguém se desse conta.
e) "... certa auréola que te faz divina!" (Cruz e Souza).

24. (CM-redator/revisor) Consoante as normas da língua vigente, o pronome está colocado com erro em:
a) As reuniões tornavam-se eventos de grande repercussão.
b) As reuniões se tornavam eventos de grande repercussão.
c) As reuniões se tornariam eventos de grande repercussão.
d) As reuniões tornariam-se eventos de grande repercussão.
e) As reuniões tornar-se-ão eventos de grande repercussão.

25. (TTN) Assinale a frase em que a colocação do pronome pessoal oblíquo não obedece às normas do português padrão.
a) Essas vitórias pouco importam; alcançaram-nas os que tinham mais dinheiro.
b) Entregaram-me a encomenda ontem, resta agora a vocês oferecerem-na ao chefe.
c) Ele me evitava constantemente!... Ter-lhe-iam falado a meu respeito?
d) Estamos nos sentindo desolados: temos prevenido-o várias vezes e ele não nos escuta.
e) O Presidente cumprimentou o Vice dizendo: – Fostes incumbidos de difícil missão, mas cumpriste-la com denodo e eficiência.

26. Assinale a opção em que não ocorre falha de natureza morfossintática.
a) Nunca haverá problemas entre tu e eles.
b) Será interessante para tu a leitura de jornais.
c) É necessário para eu estudar sempre.
d) Será bom para ti fazer essa viagem.
e) Já comprei as passagens para mim fazer essa viagem.

27. (Coope) O pronome lhe está empregado em desacordo com as normas da língua culta em:
a) O irmão do capitão pôs-lhe a mão no peito.
b) Tudo quanto o amigo lhe relatara não passava de ficção.
c) Pediu ao irmão que lhe visitasse na fazenda.
d) De repente veio-lhe uma vontade imensa de chorar.
e) Não era possível proibi-lo de fazer o que lhe era necessário.

28. (Pref. Santos – ADV – FCC) Meus olhos estão bastante usados, mas não considero meus olhos inaptos para ver as miragens que seduzem meus olhos, e não atribuo a meus olhos o poder de alguma autêntica revelação.
Evitam-se as repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados por, respectivamente:
a) não lhes considero – que seduzem-os – não lhes atribuo
b) não considero-os – que seduzem-nos – não os atribuo
c) não os considero – que lhes seduzem – não atribuo-lhes
d) não os considero – que os seduzem – lhes atribuo
e) não lhes considero – que os seduzem – não lhes atribuo

29. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC). A substituição do elemento grifado pelo pronome correspondente, com os necessários ajustes no segmento, foi realizada de modo INCORRETO em:

a) *virão apenas aguçar* *antigos dilemas* = virão apenas aguçá-los
b) *que passou* *pelos eventos da abolição e da República* = que passou por eles
c) Como esperar *transformações sociais profundas* = Como esperá-las
d) *percorre o* *país* = percorre-o
e) *que atinge* *a intelectualidade brasileira* = que lhe atinge

30. (DNOCS-FCC) O e-mail veio para ficar, ainda que alguns considerem o e-mail uma invasão de privacidade, ou mesmo atribuam ao e-mail os desleixos linguísticos que costumam caracterizar o e-mail.
Evitam-se as viciosas repetições do trecho acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) lhe considerem – lhe atribuam – caracterizá-lo.
b) o considerem – lhe atribuam – caracterizá-lo.
c) considerem-no – o atribuam – caracterizar-lhe.
d) considerem-lhe – atribuam-no – o caracterizar.
e) o considerem – atribuam-no – lhe caracterizar.

31. (Sefaz-SP-FCC) A informalidade é instável, mas como muitos consideram a informalidade o único meio de sobreviver, tendem a atribuir à informalidade um caráter permanente, receando substituir a informalidade pelo risco de uma outra situação desconhecida.
Evitam-se as viciosas repetições do texto acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) a consideram – atribuir-lhe – substituí-la
b) a consideram – atribuí-la – a substituir
c) lhe consideram – atribuir-lhe – substituir-lhe
d) consideram-na – atribuir a ela – lhe substituir
e) consideram-lhe – atribuí-la – substituí-la

32. (Mack) "Este inferno de amar – como eu amo! – / Quem mo pôs aqui n'alma ... quem foi? / Esta chama que alenta e consome, / Que é a vida – e que a vida destrói – / Como é que se veio a atear, / Quando – ai quando se há-de apagar?" (Almeida Garret).
No texto, os pronomes eu – quem – este, são, respectivamente:

a) indefinido – pessoal – indefinido
b) pessoal – interrogativo – demonstrativo
c) pessoal – indefinido – demonstrativo
d) interrogativo – pessoal – indefinido
e) indefinido – pessoal – interrogativo

33. (UF-MA) Identifique a oração em que a palavra "certo" é pronome indefinido.
a) Certo, perdeste o juízo.
b) Certo rapaz te procurou.
c) Escolheste o rapaz certo.
d) Marque o conceito certo.
e) Não deixe o certo pelo errado.

34. (UnB) Assinale a melhor resposta. O resultado das combinações: "põe + o", "reténs + as", "deduz + a", é:
a) pões-lo, reténs-la, dedu-la
b) põe-no, retém-nas, dedu-la
c) pões-lo, retém-las, deduz-la
d) põe-no, retém-las, dedu-la
e) põe-lo, retém-las, dedu-la

35. (UM-SP) "Ninguém atinge a perfeição alicerçado na busca de valores materiais, nem mesmo os que consideram tal atitude um privilégio dado pela existência." Os pronomes destacados no período acima classificam-se, respectivamente, como:
a) indefinido – demonstrativo – relativo – demonstrativo;
b) indefinido – pessoal oblíquo – relativo – indefinido;
c) de tratamento – demonstrativo – indefinido – demonstrativo;
d) de tratamento – pessoal oblíquo – indefinido – demonstrativo;
e) demonstrativo – demonstrativo – relativo – demonstrativo.

36. (Agente Fiscal-PR) Distinga o item no qual a colocação dos pronomes está exata.
a) Vender-no-la-íamos por quê? Devolvida-me a carta, partirei. Eles e elas se desculparam. Deram-nos. O que não deve dizer-me?
b) Tenho queixado-me com razão. Deram-nos. Depois de devolvido-lhe o recibo, ficarei sossegado. O que não se deve dizer? Tens a obrigação de me pagares tudo.
c) Deus te abençoe! Será proveitoso estudando a lição, e não decorando-a. O que não deve-se dizer? Irei quando convidar-me-ão. Se se quiser, tudo irá bem.
d) Valha-me Jesus! Ó João, se levante! Tenho alcançado-te nas provas. Não se as procuram. O que me preocupa, é esta prova.
e) Peça e dar-se-lhe-á. Por que vo-las venderíamos? O livro, meus amigos, hei de devolver-lho. A carta e o dinheiro não os remeterei logo. O que se não deve dizer?

37. (TRF-4R-FCC-2010) Houve muitas discussões sobre medidas para se minimizar o aquecimento global, já que todos consideram <u>o aquecimento global</u> uma questão crucial para a humanidade, embora poucos tomem medidas concretas para reduzir <u>o aquecimento global</u>, não havendo sequer consenso quanto às verbas necessárias para mitigar os efeitos <u>do aquecimento global</u>.
Evitam-se as viciosas repetições do período acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) lhe consideram – reduzi-lo – mitigá-los aos efeitos
b) o consideram – reduzi-lo – mitigar-lhe os efeitos
c) consideram-no – reduzir-lhe – mitigar-lhes os efeitos
d) o consideram – reduzir-lhe – mitigar-lhe os efeitos
e) consideram-lhe – o reduzir – mitigar-lhe seus efeitos

38. (Fiscal – ICMS – FGV) Em "exauri-los" e "poder-se-á", construiu-se corretamente a junção do pronome à forma verbal. Assinale a alternativa em que isso não ocorreu.
a) cancelaríamos + as = cancelá-las-íamos
b) permitireis + os = permiti-los-eis
c) fizestes + lhes = fizeste-lhes
d) encontraram + os = encontraram-nos
e) aprenderás + as = aprendê-las-ás

39. (TRT) Indique a opção <u>incorreta</u>.
a) Receba Vossa Excelência os cumprimentos de seus subordinados.
b) Sua Excelência, o Ministro da Justiça, chegou acompanhado de outras autoridades.
c) Reiteramos nosso apreço a Vossa Senhoria e vossos subordinados.
d) Solicitamos a Sua Senhoria que encaminhasse suas sugestões por escrito.
e) Concordamos com Vossa Excelência e com seus subordinados.

40. Assinale a opção em que o pronome oblíquo possui nítido valor possessivo.
a) Pegamos-lhe as mãos e sentimos toda a sua preocupação.
b) Encontramo-lo desacordado e demos-lhe todo socorro.
c) Enviar-lhe-emos as cartas para sua análise.
d) Admitamos nossas falhas e todos as perdoarão.
e) Perdoar-lhe-ei ainda que não admita seus erros.

41. (Esaf) O pronome pessoal está empregado incorretamente em:
a) Não consegui entendê-lo naquela confusão.
b) É para mim fiscalizar aqueles volumes.
c) Tudo ficou esclarecido entre mim e ti.
d) Por favor, mande-o entrar e sentar-se.
e) Fizeram-no esperar demais hoje.

42. (Esaf) Assinale a frase em que o pronome oblíquo átono está colocado <u>incorretamente</u>.
a) O guarda chamou-nos a atenção para os pivetes.
b) Quantas lágrimas se derramaram pelo jovem casal!
c) Ninguém nos convencerá de que esta notícia seja verdade.
d) As pessoas afastaram-se daquele pacote suspeito.
e) O vizinho cumprimentou o casal, se retirando imediatamente.

43. (TRE-MT) Segundo a norma culta, há erro (de uso ou de colocação) na substituição do termo sublinhado por um pronome, em:
a) O ministro não teve muitos escrúpulos naquela hora. / O ministro não teve-os naquela hora.
b) Ele estava pronto para salvar a Itália. / Ele estava pronto para salvá-la.
c) Eles terminaram as provas hoje. / Eles terminaram-nas hoje.
d) Todos queriam que o professor entregasse o livro ao melhor aluno. / Todos queriam que o professor lhe entregasse o livro.
e) Ele nunca perdoaria ao irmão aquela omissão. / Ele nunca lhe perdoaria aquela omissão.

44. (TRE-MG) Assinale a opção em que a colocação do pronome sublinhado esteja correta, segundo o registro escrito culto.
a) Os vizinhos haviam pedido-me muita atenção ao atravessar a rua.
b) Mesmo considerando que éramos famosos, ninguém veio receber-nos.
c) Faria-me um grande favor não contando as novidades a meus pais.
d) Pelo que pudemos entender, ninguém vai-nos denunciar ao delegado.
e) O aluno logo interessou-se pelo assunto, assim que a arguição começou.

45. (TRE-RO) Observe as frases.
I. "Política só se ganha com muito dinheiro".
II. "Acaba logo esquecendo-se do pouco que aprendeu".
III. "Que a mão não me para mais quieta".
IV. "Pé-de-Meia prefere carregar-lhe a mão durante o serviço todo".
A colocação do pronome oblíquo átono não está de acordo com a preferência da norma culta da língua:
a) somente na I;
b) somente na II;
c) somente na III;
d) somente na II e na IV;
e) somente na III e na IV.

46. (Fuvest) "Ensinar-me-lo-ias, se o soubesses, mas não sabes-o." A frase acima estaria de acordo com a norma gramatical, usando-se, onde estão as formas sublinhadas:
a) Ensinar-mo-ias – o soubesses – o sabes;
b) Ensinarias-mo – soubesse-lo – sabe-lo;
c) Ensinarias-mo – soubesses-lo – o sabes;
d) Ensinar-mo-ias – soubesses-o – sabe-lo;
e) Ensinarias-mo – soubesse-lo – o sabes.

47. (TRE-MT) A substituição do termo sublinhado por um pronome pessoal está correta em todas as alternativas, exceto em:

a) O governo deu ênfase às questões econômicas. O governo deu ênfase a elas.
b) Os ministros defenderam o plano de estabilização. Os ministros defenderam-no.
c) A companhia recebeu os avisos. A companhia recebeu-os.
d) Ele diz as frases em tom bem baixo. Ele diz-las em tom baixo.
e) Ele recusou a dar maiores explicações. Ele recusou a dá-las.

48. (TRE-RJ) A frase em que há erro quanto ao emprego do pronome "lhe" é:
a) Nunca lhe diria mentira.
b) Ter-lhe-iam falado a meu respeito?
c) Louvemos-lhe, porque ele o merece.
d) De Fernando só lhe conhecia a fama.
e) Sei que não lhe agrada essa conversa.

49. (TRE-MG) Assinale a opção em que a colocação do pronome oblíquo está incorreta quanto à norma culta da língua.
a) Não pude dar-lhe os cumprimentos, por estar fora da cidade.
b) Agora tem-se dado muito apoio técnico ao pequeno empresário.
c) Ter-lhe-íamos pedido ajuda, se o víssemos antes do resultado.
d) Como me propiciou momentos agradáveis, fui bastante paciente.
e) Quem o levará a tomar decisões tão importantes para o País?

50. Assinale a opção em que há um termo sublinhado com classificação gramatical errônea:
a) Entregou-me as folhas. – pronome substantivo pessoal oblíquo
b) Roubaram-me os documentos. – pronome adjetivo pessoal oblíquo
c) Os materiais serão úteis a nós. – pronome substantivo pessoal oblíquo
d) Eles voltarão mais tarde. – pronome substantivo pessoal reto
e) A ele daremos as dicas. – pronome substantivo pessoal reto

51. Assinale a opção em que há um pronome inadequadamente utilizado.
a) Custou a mim acordar cedo.
b) Convém a mim dizer a verdade.
c) Será conveniente para mim estudar.
d) Foi fundamental para eu ter hábito de estudo.
e) Sempre haverá livros para eu ler.

52. (Cespe-UnB) Quanto à correção da substituição do trecho sublinhado pela forma apresentada em negrito, julgue os itens abaixo.
a) "Já fez sua declaração de imposto de renda?" / Já a fez?
b) "Os decretos-leis (...) abanam o rabo negativamente". / Os decretos-leis abanam-lhe negativamente.
c) "Mas se tiveres alguma dúvida" / Mas se tiveres ela.
d) "Os decretos-leis tentam barrar um senhor distinto". / Os decretos leis tentam barrá-

lo.
e) "Agora é só (...) encheres este formulário-sanfona". / Agora é só (...) o encheres.

53. (NCE) "Os pronomes demonstrativos situam a pessoa ou a coisa designada relativamente às pessoas gramaticais. [...] A capacidade de mostrar um objeto sem nomeá-lo chama-se função dêitica [...], é a que caracteriza fundamentalmente esta classe de pronomes".
(CUNHA. Celso F. da; CINTRA, L. F. Lindley, *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 319.)
Os demonstrativos empregam-se também como elemento de coesão textual e têm, neste caso, em geral, função anafórica.
Assinale o item em que a função exercida pelo demonstrativo está incorretamente identificada.
a) "[...] a habitação conjugal, e a esta se recusa a voltar" (art. 234 – Código Civil) – função anafórica.
b) "Salvo disposição especial deste código e não tendo sido ajustado da época para o pagamento, o credor pode exigi-lo imediatamente" (art. 952 – Código Civil) – função dêitica.
c) A cessão de crédito não vale em relação ao devedor, senão quando a este notificada [...] – função anafórica.
d) "Cabe ao juiz suprir a outorga da mulher, quando esta a denegue sem motivo justo, ou lhe seja impossível dá-la (arts. 235, 238 e 239)" (art. 237 – Código Civil) – função dêitica.
e) "As terras de que trata este artigo tradicionalmente são inalienáveis e indisponíveis, e os direitos sobre elas, imprescritíveis" (§ 4º – Constituição da República Federativa do Brasil – texto 1) – função dêitica.

54. (NCE) O trecho "Então, incapazes de trazê-lo para a nossa domesticidade, consideramo-lo um elemento da paisagem, e pintamo-lo" vem reescrito abaixo com alterações no emprego dos pronomes pessoais. A frase que continua gramaticalmente correta no uso culto após essas alterações é:
a) Então, incapazes de o trazer para a nossa domesticidade, o consideramos um elemento da paisagem, e lhe pintamos.
b) Então, incapazes de trazer-lhe para a nossa domesticidade, consideramo-lo um elemento da paisagem, e o pintamos.
c) Então, incapazes de o trazer para a nossa domesticidade, lhe consideramos um elemento da paisagem, e pintamo-lo.
d) Então, incapazes de o trazer para a nossa domesticidade, o consideramo-lo um elemento da paisagem e pintamos-lhe.
e) Então, incapazes de o trazer para a nossa domesticidade, consideramo-lo um elemento da paisagem e o pintamos.

55. (Analista Judiciário – TRE-PE – FCC) Os mais fortes empreendiam a conquista colonial, legitimavam a conquista colonial, atribuindo à conquista colonial o mérito de

uma transformação civilizadora que tornava a conquista colonial uma espécie de benemerência.
Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:
a) legitimavam-na – atribuindo-lhe – a tornava
b) a legitimavam – atribuindo-na – tornava-lhe
c) legitimavam-na – lhe atribuindo – lhe tornava
d) legitimavam-lhe – a atribuindo – a tornava
e) legitimavam-a – lhe atribuindo – tornava-a

56. (TRF-2ª Região – FCC) Amemos as ilhas, mas não emprestemos às ilhas o condão mágico da felicidade, pois quando fantasiamos as ilhas esquecemo-nos de que, ao habitar ilhas, leva-se para elas tudo o que já nos habita.
Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:
a) lhes emprestemos – lhes fantasiamos – habitá-las
b) emprestemos-lhes – as fantasiamos – habitar-lhes
c) as emprestemos – fantasiamo-las – as habitar
d) lhes emprestemos – as fantasiamos – habitá-las
e) as emprestemos – lhes fantasiamos – habitar-lhes

Capítulo 10

Conjunções

A conjunção é o principal elemento de coesão textual. É muito importante observar que a nomenclatura das conjunções possui o sufixo "ativo" – contendo valor agente –, ou seja, é ela – conjunção – quem coordena ou subordina, e a oração, por consequência, ficará coordenada ou subordinada. Enfim, faz a ligação entre termos independentes ou orações. Quando o termo é formado por mais de uma palavra, denomina-se locução conjuntiva ou conjuncional.

10.1. Conjunções coordenativas

10.1.1. Aditivas

Estabelecem ideia de adição. As conjunções mais comuns são E, NEM, TAMPOUCO.

Ex.: "... deixou a parede como estava e só respirou aliviado..." (Luis Fernando Veríssimo).

→ A conjunção E estabelece uma relação de soma, pois o sujeito pratica as duas ações (deixar e respirar).

"Não há justiça nem há religião" (Graciliano Ramos).

→ A conjunção NEM – sinônima de TAMPOUCO – estabelece uma relação de adição – adição negativa –, pois, neste caso, ocorre a soma de elementos negados. Então, segundo o texto, não existem os dois elementos.

10.1.2. Adversativas

Estabelecem uma relação de adversidade, contrariedade, oposição, ressalva. A ideia de adversidade normalmente cria uma expectativa que não se concretiza. As conjunções mais comuns são: MAS, PORÉM, CONTUDO, TODAVIA, ENTRETANTO, NO ENTANTO, NÃO OBSTANTE.

Ex.: Ela foi ao cinema, contudo não se divertiu.

"Quis despedir; receei, porém, que o momento fosse impróprio..." (Graciliano Ramos).

→ Observe que as conjunções CONTUDO e PORÉM introduzem uma

oposição à expectativa criada na oração anterior.

BIZU

É também deveras aconselhável perceber as ideias que passam as orações, pois pode haver situações nas quais as conjunções introduzam ideias inesperadas.

Ex.: Ela não estudou e passou.

→ Observe que a conjunção E, que normalmente é aditiva, aqui introduz uma ideia que estabelece uma relação de contrariedade, afinal foi criada uma expectativa na primeira oração (que ela não passe, pois ela não estudou) não confirmada na segunda. É também interessante observar que aí a conjunção E é sinônima de MAS, PORÉM, CONTUDO.

Obs.: Ele não só estuda, mas também trabalha.

→ Analise que, se houver um condicionamento de que, ao observar a existência da conjunção MAS, já considerá-la adversativa, o candidato estará incorrendo em um erro grave nesta frase, pois o MAS, no caso, não é sinônimo de PORÉM, CONTUDO, TODAVIA. Muito pelo contrário, MAS TAMBÉM introduz uma ideia que estabelece uma relação de soma, afinal o sujeito (ele) estuda e trabalha (faz as duas ações). As estruturas iniciadas por "não só", "não somente" e "não apenas" inevitavelmente conduzirão a expressões aditivas. Volvendo ao exemplo, quando se diz "Ele não só estuda", o advérbio NÃO exerce a função de um elemento de negação, isto é, está negando... Mas não nega a ação de estudar, e sim o termo de restrição "só". Se o "não" fosse extraído do período, "ele só estudaria e não teria mais nenhuma outra atividade". Outros sinônimos de "mas também" são "como também" e "outrossim". Nas locuções MAS TAMBÉM e COMO TAMBÉM, o termo TAMBÉM pode ficar implícito.

Ex.: Ele não apenas nada, mas corre.

10.1.3. Alternativas

Introduzem uma ideia de opção, alternância. As conjunções mais comuns são OU...OU, ORA...ORA, QUER...QUER, SEJA...SEJA.

Ex.: "Ou paga ou eu mando sangrá-lo devagarinho" (Graciliano Ramos).

→ Observe que a conjunção OU estabelece uma opção, escolha. Se a pessoa pagar, o outro não mandará sangrá-lo; caso não pague, o outro mandará sangrá-lo.

Ora estudo ora trabalho.

→ Observe que, nesta frase, o sujeito EU possui duas atividades: estudar e trabalhar. Contudo é interessante perceber que os fatos não acontecem simultaneamente, ou seja, eles se alternam.

"Quer no prazer, quer na dor" (Castro Alves).

Obs.: Importa salientar que às vezes a conjunção OU pode ter valor aditivo.

Ex.: Gostava de encher o apartamento de amigos, ou sair com a turma..." (Luis Fernando Veríssimo).

→ A conjunção OU no exemplo introduz mais uma atividade que dá prazer ao sujeito tácito.

10.1.4. Conclusivas

Introduzem uma ideia de conclusão, dedução. As conjunções mais comuns são LOGO, PORTANTO, ENTÃO, POR CONSEGUINTE.

Ex.: "Penso, logo existo" (Descartes).

→ Observe que, nesta frase, a conjunção LOGO introduz uma ideia de conclusão, pois o que está dito nesta frase é uma dedução, uma filosofia, algo que não pode ser comprovado.

Estudei muito, portanto vou passar no concurso.

→ Observe que a conjunção PORTANTO introduz uma dedução, algo que só estará comprovado quando da publicação da lista dos aprovados.

Obs.: Outros conectores que também exprimem ideia de conclusão são DESTARTE e DESSARTE. Esses vocábulos se originaram das formas aglutinadas "desta parte" e "dessa parte", significando "sendo assim", "dessa forma". Normalmente introduzem parágrafos ou períodos que estejam fechando uma ideia.

Ex.: Está chovendo à beça. Destarte, não irei à praia.

10.1.5. Explicativas

Introduzem uma ideia de EXPLICAÇÃO relacionada normalmente a uma ordem, advertência, sugestão ou solicitação. Dessarte, para que haja uma oração explicativa, há a necessidade quase sempre de um verbo no imperativo. As conjunções mais comuns são: QUE, PORQUE, POIS, JÁ QUE, VISTO QUE, UMA VEZ QUE, DADO QUE, PORQUANTO, COMO.

Ex.: "Ouvi, que não vereis com vãs façanhas..." (Camões).

"E não tenha medo, que eles não são de nada" (Fernando Sabino).

→ Observe que as conjunções PORQUE e QUE iniciam explicações para

ordens indicadas na oração anterior (foi efetuada a ordem OUVI, pois o sujeito VÓS não poderá ver vãs façanhas; foi dada a ordem para o sujeito não ter medo, com a justificativa de que eles não são de nada).

Obs.: É muito comum haver a confusão entre este caso que estamos analisando e o seguinte (conjunção subordinativa causal). No próximo caso, começaremos a analisar a relação causa-efeito. Na explicação, não pode haver tal relação. Só é admissível uma conjunção ser explicativa, mesmo sem verbo no imperativo, se o fato por ela introduzido não gerar um efeito.

Ex.: Choveu, porque as ruas estão alagadas.

→ Não se pode analisar o "porque" como causal, porquanto haveria a indicação de que "as ruas estarem alagadas" seria causa e "chover", consequência. Esta interpretação não faz sentido. Cabe aí apenas a ideia de explicação.

Ele vai viajar, já que vi suas malas prontas.

→ Não se pode dizer que "ver as malas estarem prontas" seja causa e "ele viajar", efeito. Então, a função da segunda oração é apenas de explicar, ou seja, o que me esclarece que ele vai viajar é o fato de suas malas estarem prontas.

10.2. Conjunções subordinativas

10.2.1. Causais

Introduzem uma ideia de CAUSA. É fundamental relatar que aqui se inicia a relação causa-efeito. Toda causa representa o fato anterior. Já o efeito, o fato posterior. Aí é onde se difere da ideia de explicação. Lá não há relação causa-efeito, e sim apenas uma justificativa para uma ordem, solicitação ou conselho. Também se torna importante frisar que os conectores são os mesmos, daí a dificuldade de observar a diferença.

Ex.: "Alegres vinham todos, porque creem..." (Camões).

"E como a barba me vinha, basta e negra, aceitei com orgulho a alcunha de Raposão" (Machado de Assis).

Não cheguei atrasado, porquanto não queria ser demitido.

→ As conjunções PORQUE, COMO e PORQUANTO conferem à oração em que ocorrem uma ideia de causa, já a outra oração encerrará valor de consequência.

Obs.: Como já foi dito anteriormente, é de extrema importância o candidato não se condicionar a que uma conjunção possuirá sempre a mesma classificação. Analise o conector POIS nas três frases a seguir.

Ex.: Ele ainda não fez os quadros; não devem, pois, ter chegado as tintas.

Ele ainda não fez os quadros, pois ainda não chegaram as tintas.
Faça os quadros, pois já chegaram as tintas.

→ Observe que o primeiro POIS está numa oração que contém ideia de dedução, podendo ser substituído por PORTANTO, LOGO, ENTÃO. Não se possui a informação de as tintas não terem chegado, então o que se fez foi uma dedução, uma conclusão. Sendo assim, o primeiro POIS é uma CONJUNÇÃO COORDENATIVA CONCLUSIVA.

→ Observe que o segundo POIS introduz uma ideia de causa na primeira oração, podendo ser permutado por PORQUE, JÁ QUE, PORQUANTO, e a outra oração representa o efeito. Além disso, não há nenhum verbo no imperativo, só restando a hipótese de ser SUBORDINATIVA CAUSAL.

→ Já o terceiro POIS, mesmo sendo substituído pelas mesmas conjunções do exemplo anterior, apenas indica uma justificativa, uma explicação para a ordem citada na primeira oração, não estabelecendo entre as duas a relação causa-efeito.

10.2.2. Concessivas

Introduzem uma oração cujo fato ocorrente não altera o fato da outra oração. As conjunções são: EMBORA, MESMO QUE, AINDA QUE, CONQUANTO, MALGRADO, SE BEM QUE, POR MAIS QUE, POR MENOS QUE, POSTO QUE.

Ex.: "Nem mesmo a afilhada a tirava dessa reserva, embora a estimasse mais que a todos" (Lima Barreto).

→ A conjunção EMBORA introduz uma oração contendo um fato incapaz de modificar o fato da outra. O fato de "estimá-la mais que a todos" não o impede de "continuar reservado".

Ex.: Conquanto fosse tarde, ainda saí de casa.

→ Observe que a conjunção CONQUANTO introduz uma oração que não muda o fato da outra oração. O fato de ser tarde não cerceia o fato de eu sair.

Obs.: Ocorre uma situação curiosa com a conjunção POSTO QUE: Vinícius de Moraes, na última estrofe do "Soneto de Orfeu", utilizou esta conjunção com valor causal (licença poética). Este uso influenciou tanto a cultura, que se tornou muito mais utilizado do que no próprio sentido original e exigido pela norma culta.

"Eu possa dizer do meu amor (que tive)
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure".

BIZU

É importante também chamar a atenção do candidato para o fato de que as conjunções concessivas podem indicar um fato concreto ou hipotético.

Ex.: Ainda que eu volte cansado do trabalho, irei à boate.

→ A primeira oração indica um fato hipotético (não sei se estarei cansado ou não) que não altera o desfecho.

Embora eu esteja cansado, irei à boate.

→ A primeira oração indica um fato concreto (eu estou cansado) que não altera o desfecho.

10.2.3. Condicionais

Introduzem uma ideia de condição. Esta ideia é exatamente oposta à da concessão. Um fato sempre vai depender do outro. As conjunções são SE, CASO, A NÃO SER QUE, A MENOS QUE, DESDE QUE, CONTANTO QUE.

BIZU

Caro candidato, ultimamente têm caído bastantes questões em concursos em que é solicitada a relação causa-efeito. E, em muitas dessas situações, a causa é representada por conectores condicionais. Tal é possível, pois há uma proximidade significativa entre as duas ideias. Ambas representam os fatos anteriores e geram uma consequência, distinguindo-se apenas pelo fato de a causa ser fato prévio concreto, e a condição, fato prévio hipotético.

Ex.: Contanto que não chova, vou à praia.

→ Observe que a conjunção CONTANTO QUE introduz uma condição (não chover) para eu ir à praia. Observe que aí reside a oposição à concessão, pois, enquanto a condição prevê uma suposição para a realização da consequência, a concessão demonstra a anulação da hipótese (MESMO QUE CHOVA, VOU À PRAIA – vou à praia independentemente de chover ou não). Lembremos também que a condição <u>não chover</u> gera a consequência <u>de ir ou não à praia</u>.

<u>Caso</u> haja uma solução, tentarei até o fim.

→ A conjunção CASO sugere a condição que poderá gerar o efeito <u>de eu tentar até o fim</u>; se não houver solução, não tentarei até o fim.

10.2.4. Temporais

Indicam uma marcação de tempo. As conjunções mais comuns são: QUANDO, MAL, LOGO QUE, APENAS (sinônimo de quando), DESDE QUE, NO MOMENTO QUE, ENQUANTO.

Ex.: "Quando você foi embora, fez-se noite em meu viver..." (Milton Nascimento).

→ A conjunção QUANDO indica apenas o momento em que o fato da segunda oração teve início, não estabelecendo entre eles uma necessária relação causa-efeito.

Apenas ele chegou, todos saíram.

→ A conjunção APENAS designa somente a hora em que todos saíram, não sendo necessariamente a causa de todos saírem.

"Mal o pai colocou o papel na máquina, o menino começou a empurrar uma cadeira pela sala" (Fernando Sabino).

→ A conjunção MAL explicita que, logo após a ação do pai, ocorreu a ação do menino.

"Enquanto jantava, falei em voz baixa a Casimiro Lopes" (Graciliano Ramos).

→ Conjunção ENQUANTO sugere que as duas ações ocorreram (***jantar*** e ***falar baixo a Casimiro Lopes***) simultaneamente.

Obs.: Vale a pena analisar a conjunção DESDE QUE nas frases a seguir.

Ex.: Desde que economizemos, compraremos tudo.

→ A locução conjuncional DESDE QUE introduz uma condição para que possamos comprar tudo, portanto a locução conjuncional é subordinativa condicional.

Desde que voltou, nossos problemas começaram.

→ A locução conjuncional DESDE QUE indica apenas o momento em que se iniciaram os problemas, não sendo a volta da pessoa necessariamente a causa.

10.2.5. Consecutivas

Introduzem uma ideia de consequência. Normalmente na oração principal aparecerá um elemento que dê intensificação (tão, tal, tamanho, tanto). A conjunção mais comum é QUE.

Ex.: "Abraçou-me com tal ímpeto, que não pude evitá-lo" (Machado de Assis).

Ex.: "... e era tão linda, morena e dourada pelo sol, que eu ia, no silêncio do ar, atirar-lhe um beijo..." (Eça de Queirós).

→ Observe, nas duas frases, que apareceu a expressão de intensidade (TAL, TÃO) na oração principal e a conjunção QUE introduzindo valor de consequência, na primeira frase (não pude evitá-lo) e na segunda (eu ia, no silêncio do ar, atirar-lhe um beijo...).

10.2.6. Finais

Introduzem uma ideia de finalidade, objetivo.

Todas as conjunções finais podem ser substituídas pela palavra OBJETIVO.

É interessante citar que a conjunção PORQUE pode significar PARA QUE, A FIM DE QUE, COM OBJETIVO DE QUE, DE TAL SORTE QUE...

BIZU

Você deve ficar atento ao fato de que as bancas têm relacionado, principalmente em questões de interpretação de textos, a ideia de finalidade à de consequência. Tal é efetivamente cabível visto que ambas representam fatos posteriores. Tome cuidado, pois, no primeiro momento, a finalidade passa a sensação de que se trata de fato anterior, mas é justamente o oposto, como ficará esclarecido nos exemplos a seguir.

Ex.: Vim aqui para que (com o objetivo de que) pudesse analisar o problema.

→ Atenção: o primeiro fato a acontecer é "vir aqui" e o segundo fato "poder analisar o problema", então "poder analisar o problema" não faz com que "eu venha aqui, e sim "vir aqui" é que faz com que "eu possa analisar o problema".

João deve estudar a fim de que (com o objetivo de que) tenha a sua vaga assegurada no concurso.

→ Atenção: o fato anterior é "João dever estudar", o posterior é "ter a vaga assegurada". O posterior não leva à ocorrência do anterior; o anterior é que leva à ocorrência do posterior.

10.2.7. Proporcionais

Introduzem uma ideia de proporção. As conjunções mais comuns são: À MEDIDA QUE, À PROPORÇÃO QUE, AO PASSO QUE, QUANTO.

Ex.: Quanto mais como, mais engordo.

→ A conjunção QUANTO introduz a proporção entre comer e engordar. Se comer pouco, engorda-se pouco; se comer muito, engorda-se muito.

"À medida, porém, que as horas se passavam, sentiam-me cair num estado

de perplexidade e covardia" (Graciliano Ramos).

→ A conjunção À MEDIDA QUE introduz a proporção entre as horas se passarem e a pessoa sentir-se cair num estado de perplexidade e covardia. Quanto mais as horas foram se passando, mais ele se sentia perplexo.

"O trovador, à proporção que lia, ia mudando de fisionomia" (Lima Barreto).

→ A conjunção À PROPORÇÃO QUE indica que dois fatos aconteciam simultânea e proporcionalmente.

10.2.8. Conformativas

Introduzem uma ideia de conformidade, de estar de acordo. As conjunções mais comuns são: DE ACORDO COM QUE, CONFORME, COMO, SEGUNDO, CONSOANTE, EM CONSONÂNCIA COM QUE.

Ex.: Agi conforme me foi ordenado.

→ A conjunção CONFORME introduz a conformidade da ação com o que foi ordenado.

Fez a obra como manda a lei.

→ A conjunção COMO introduz a conformidade da realização da obra com o que manda a lei.

10.2.9. Comparativas

Introduzem uma ideia de comparação. Esta comparação pode ser de superioridade, igualdade ou inferioridade. As conjunções mais comuns são (DO) QUE, COMO, CONFORME.

Ex.: Agi conforme você agiu.

→ A conjunção CONFORME estabelece uma comparação de igualdade entre a ação do sujeito da primeira oração (eu) e o sujeito da segunda (você).

"D. Glória vê máquinas e homens que funcionam como as máquinas" (Graciliano Ramos).

→ A conjunção COMO introduz uma comparação de igualdade da forma como são vistos o homem e a máquina.

Obs.: O conector TAL QUAL, de valor comparativo, registra uma situação peculiar. TAL concorda com o primeiro elemento e QUAL com o segundo.

Ex.: Ela é tal qual a mãe.

Elas são tais qual a mãe.

Ela é tal quais as amigas.

Elas são tais quais as amigas.

"E as raízes se torcem quais serpentes" (Castro Alves).

Ex.: "Mais do que palavra
Diarreia é arma que fere e mata" (Ferreira Goulart).

Observe que o texto demonstra a importância maior da diarreia como arma do que como mera palavra.

Ex.: "Mostra ser mais velho do que seus comparsas uma boa dezena de anos" (Bernardo Guimarães).

→ A conjunção DO QUE denuncia que a idade do cidadão citado é superior à de seus comparsas.

João bebe menos do que Maria.

→ A conjunção DO QUE indica que João bebe uma quantidade inferior à Maria.

Nestes dois exemplos, o leitor deve observar que a conjunção pode ser QUE ou DO QUE. O termo DO é totalmente dispensável tanto semântica como sintaticamente. A Esaf e a UnB cobram bastante essa informação em concursos.

10.2.10. Integrantes

Introduzem orações que podem ser substituídas pela palavra ISSO.

Ex.: Ele dizia que não adiantava pegar cor na praia..." (Luis Fernando Veríssimo).

→ Observe que a segunda oração é introduzida por uma conjunção subordinativa integrante, podendo (a segunda oração) ser substituída inteiramente pela palavra ISSO: ELE DIZIA ISSO.

Ex.: Ele não disse se vem.

→ SE é conjunção integrante, pois a oração que ela introduz pode ser substituída pela palavra ISSO: Ele não disse isso.

10.3. Exercícios

1. Dê a classificação completa das CONJUNÇÕES e LOCUÇÕES CONJUNTIVAS sublinhadas nas frases a seguir.

1) Malgrado estivesse triste, recebeu os amigos com sorrisos.

2) A não ser que ele esteja doente, sua ausência torna-se inexplicável.

3) Como a criança dormiu, os pais puderam ver televisão.

4) Ele não somente esteve aqui, como cumprimentou todos.

5) Ele esteve aqui, mas não cumprimentou ninguém.

6) A direção do curso não nos participou se haverá aula.

7) A direção nos lembrou o horário das aulas porque não nos atrasássemos.

8) Ele bebeu, que passou mal.

9) Segundo informou a direção, no próximo sábado haverá aula.

10) Eles já tomaram todas as precauções, portanto não haverá mais problemas.

11) Ficaremos aqui ou voltaremos para casa.

12) Estudem bastante, porquanto o edital será publicado na próxima semana.

13) Os candidatos devem estudar como os já aprovados.

14) Mal a criança começou a ver o desenho, dormiu.

15) Quanto mais estudamos, mais possibilidades temos de passar.

16) À medida que os políticos enriquecem, o povo empobrece.

17) Fizemos muito mais do que efetivamente deveríamos fazer.

18) Ora estudamos ora trabalhamos.

19) Os alunos do simulado vêm estudando bastante, logo os primeiros lugares serão conquistados por eles.

20) Não necessitamos de que nos falem o óbvio.

21) Posto que o traficante diga a verdade, ninguém acreditará nele.

22) Desde que ele se sinta bem aqui, poderá ficar.

23) Desde que ele chegou aqui, começou a passar mal.

24) João quase não estudou e fez excelente prova.

25) Maria não lavou as roupas tampouco as passou.

26) Uma vez que o material ainda não chegou, a aula será adiada.

27) Não percas a paciência, visto que Maria é apenas uma criança.

28) Consoante as regras estabeleciam, não poderá haver mais faltas.

29) As crianças tanto fizeram, que ficaram de castigo.

30) Estarei presente em todas as reuniões do condomínio para que não falem mal de mim.

2. (Fecap) Classifique as palavras como nas construções seguintes, numerando, convenientemente, os parênteses.
1) preposição
2) conj. subord. causal
3) conj. subord. conformativa
4) conj. coord. aditiva
5) adv. interrogativo de modo
( ) Perguntamos como chegaste aqui.
( ) Percorrera as salas como eu mandara.
( ) Tinha-o como amigo.
( ) Como estivesse frio, fiquei em casa.
( ) Tanto ele como o irmão são meus amigos.
a) 2 – 4 – 5 – 3 – 1
b) 4 – 5 – 3 – 1 – 2
c) 5 – 3 – 1 – 2 – 4
d) 3 – 1 – 2 – 4 – 5
e) 1 – 2 – 4 – 5 – 3

3. (AFC – CGU – Esaf) Assinale a opção em que o preenchimento da lacuna com o conectivo abaixo resulta em erro gramatical ou incoerência textual no seguinte fragmento.
A dívida pública brasileira é uma velha herança. ____(A)_____aumentou consideravelmente nos anos 80, ____(B)_____ os juros internacionais subiram muito. Mais de 40 países foram arrastados pela crise da dívida, a partir de 1982. ____(C)____ seus governos foram capazes de reorganizar as contas públicas e de reduzir o peso da dívida. ____(D)____o Brasil continuou prisioneiro do endividamento inflado naquele período e, além disso, permitiu o aumento de seu peso nos anos seguintes. ____(E)____, a carga tributária brasileira é maior que a de todos ou quase todos os países emergentes e até mais pesada que a de algumas economias avançadas, como os EUA e o Japão. ***(Adaptado de O Estado de São Paulo, Notas & Informações. 21 de abril de 2012)***
a) Portanto

b) quando
c) Porém
d) Mas
e) No entanto

4. (UM-SP) Assinale a alternativa em que a palavra "como" assume valor de conjunção subordinativa conformativa.
a) Como ele mesmo afirmou, viveu sempre tropeçando nos embrulhos da vida.
b) Como não tivesse condições necessárias para competir, participou com muita insegurança das atividades esportivas.
c) As frustrações caminham rápidas como as tempestades das matas devastadoras.
d) Indaguei-me apreensiva como papai tinha assumido aquela contínua postura de contemplação.
e) Como as leis eram tentativas naquele vilarejo, todos os moradores tentavam um meio de obediência às normas morais.

5. (Analista de Controle Interno – Sefaz-RJ – FGV) ***Entre a sociedade, a empresa e o Estado, está o profissional contábil, que, por sua vez, é o elo entre Fisco e contribuinte. É de fundamental importância que esse profissional aprimore seu entendimento tributário, percebendo sua necessidade. Ratifica-se, assim, o conceito de que a conscientização tributária pode representar um ponto de partida para a formação cidadã como uma das formas eficazes de atender às demandas sociais, com maior controle sobre a coisa pública.***
As ocorrências do QUE no período acima classificam-se, respectivamente, como
a) pronome relativo – pronome relativo – pronome relativo
b) pronome relativo – conjunção – conjunção
c) conjunção – conjunção – conjunção
d) conjunção – pronome relativo – pronome relativo
e) pronome relativo – pronome relativo – conjunção

6. (Analista de Controle Interno – Sefaz-RJ – FGV) ***Ao analisar o progresso da humanidade, percebe-se que o desenvolvimento social e econômico foi*** **possível porque o homem sistema-tizou formas de organização entre os povos.**
Assinale a alternativa em que a alteração da estrutura destacada no período acima tenha provocado alteração sintática e semântica.
a) porquanto o homem tenha sistematizado formas de organização entre os povos
b) pois o homem sistematizou formas de organização entre os povos
c) conquanto o homem tenha sistematizado formas de organização entre os povos
d) já que o homem sistematizou formas de organização entre os povos
e) uma vez que o homem sistematizou formas de organização entre os povos

7. (Analista de Controle Interno – Sefaz-RJ – FGV) ***Nesse sentido, se a evasão tributária é uma doença social, seu combate ou tratamento não pode ficar restrito aos seus***

agentes; é necessário o envolvimento de toda a sociedade.
Assinale o termo que NÃO poderia ser colocado após o ponto-e-vírgula sob pena de provocar grave alteração de sentido.
a) portanto,
b) não obstante,
c) logo,
d) nesse sentido,
e) assim,

8. (TRE-RJ) O conectivo sublinhado estabelece uma ligação malfeita (coesão inadequada), quanto ao sentido, em:
a) Li este livro, *mas* não o entendi.
b) Como chegou atrasado, proibiram-no de entrar.
c) Ainda que ele queira, ninguém o ajudará em suas tarefas.
d) Estudou muito pouco para o concurso, pois conseguiu passar.
e) Tudo terminará bem, desde que o chefe permita a saída de todos.

9. (TRE-MT) Na frase "De um ano que, afinal, também não teve muitos escrúpulos, pois só se contradisse", a palavra pois pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:
a) portanto;
b) por conseguinte;
c) visto que;
d) caso;
e) ainda que.

10. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a conjunção "e" está empregada com valor adversativo.
a) "Deixou viúva e órfãos miúdos".
b) "Para diminuir a mortalidade e aumentar a produção, proibi a aguardente".
c) "Tenho visto criaturas que trabalham demais e não progridem".
d) "Iniciei a pomicultura e a avicultura".
e) "Perdi dois caboclos e levei um tiro de emboscada".

11. (Fiscal – Sefaz-RJ – FGV)
Diga que você me adora
Que você lamenta e chora
A nossa separação
Às pessoas que eu detesto
Diga sempre que eu não presto
No trecho acima há quantas ocorrências, respectivamente, de pronomes e conjunções?
a) Sete e cinco.
b) Cinco e cinco.
c) Seis e cinco.

d) Sete e quatro.
e) Seis e quatro.

12. (Técnico Judiciário – TRE-PA – FGV) *Ficam hibernando à espera do momento eleitoral quando deveriam estar em praça pública em busca de militantes e se expondo ao debate.*
A conjunção quando, no período acima, tem valor:
a) proporciona;
b) comparativo;
c) consecutivo;
d) temporal;
e) concessivo.

13. (TFC) Assinale a única opção que provoca mudança de sentido, se colocada no lugar da palavra destacada no texto abaixo.
"Malgrado fosse muito inteligente, não obteve bons resultados nas provas do concurso".
a) Embora.
b) Se bem que.
c) Dado que.
d) Ainda que.
e) Não obstante.

14. (Piloto Policial – Polícia Civil-RJ – FGV) Leia o seguinte texto, início do romance *Olhai os lírios do campo*, de Érico Veríssimo:
O médico sai do quarto n. 122.(*) A enfermeira vem ao seu encontro.
— Irmã Isolda – diz ele em voz baixa –, avise o Dr. Eugênio(*). É um caso perdido. Questão de horas, talvez de minutos. E ela sabe que vai morrer...
Os conectores que poderiam ser empregados de forma adequada ao sentido do texto no lugar dos asteriscos são:
a) enquanto, e;
b) quando, mas;
c) visto que, logo;
d) e, pois;
e) assim que, porque.

15. (Técnico Judiciário – TRE-AP – FCC) *A própria legislação admite que a identidade seja confirmada em recinto policial. A imposição de multa, porém, parece abusiva.*
Propõe-se a organização das frases acima num só bloco, iniciado por "A imposição de multa parece abusiva". Para que o sentido original se mantenha, as frases terão de ser conectadas por meio de:
a) ainda que;
b) mas;
c) dado que;

d) contanto que;
e) visto que.

16. (Analista – Fiocruz – FGV) "Caso a pessoa esteja dirigindo, no entanto, falar ao telefone pode se tornar uma tragédia"; a conjunção sublinhada pode ser substituída por todos os conectivos abaixo, mantendo-se o sentido original, exceto em:
a) porém
b) todavia
c) apesar de
d) entretanto
e) contudo

17. (Fiscal da Receita Estadual – AP – FGV) ***Deve-se isso ao fato de as instituições brasileiras terem sido concebidas de forma coercitiva e unilateral, não havendo diálogo entre governantes e governados, mas apenas a imposição de uma lei e de uma ordem consideradas artificiais, quando não inconvenientes aos interesses das elites políticas e econômicas de então.***
A respeito do uso do vocábulo quando no fragmento acima, pode-se afirmar que se trata de uma conjunção:
a) subordinativa com valor semântico de condição;
b) coordenativa com valor semântico de tempo;
c) coordenativa com valor semântico de finalidade;
d) subordinativa com valor semântico de concessão;
e) coordenativa com valor semântico de explicação.

18. (NCE) "<u>Como os dados se referem a um único país e apenas às adoções legais</u>, pode-se constatar que este país vive hoje dramaticamente uma verdadeira diáspora da infância abandonada". O segmento destacado dá ideia de:
a) causa;
b) comparação;
c) conformidade;
d) condição;
e) concessão.

19. (NCE) "A língua é um bem que percorre as gerações, passando de uma à outra, e será tão mais bem transmitida quanto mais estável for, ou, pelo menos, quanto menos interferências arbitrárias sofrer". As duas últimas orações subordinadas do período estabelecem com a sua principal uma relação de:
a) proporcionalidade;
b) temporalidade;
c) consequência;
d) comparação;
e) causalidade.

20. (NCE – TJ) Vocábulos que iniciam parágrafos como "mas" (3º §), "para que" (6º§) colaboram para que se mantenha no texto:
a) a coerência argumentativa;
b) a coesão formal;
c) a argumentação lógica;
d) a organização narrativa;
e) a estruturação enunciativa.

21. (NCE – TJ) Em "Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material....", a presença do segmento "não são apenas de ordem material" indica que, na continuidade do texto, haverá:
a) um termo de valor aditivo e pertencente a uma outra ordem;
b) um termo de valor adversativo e pertencente a uma ordem diferente da citada;
c) um termo de valor explicativo e pertencente à mesma ordem já referida;
d) um termo de valor concessivo e pertencente a uma ordem diversa;
e) um termo de valor conclusivo e pertencente à ordem citada anteriormente.

22. (AFTN – Esaf) Escreva diante de cada texto, adaptado de Aliomar Baleeiro, o número do operador lógico que preenche corretamente a lacuna.
( ) É característica da taxa a especialização do serviço em proveito direto ou por ato do contribuinte, , na aplicação do imposto, não se procura apurar se há qualquer interesse, direto ou indireto, por parte de quem o paga.
( ) Em 1896, Amaro Cavalcânti ponderava que a palavra "taxa", sem embargo de ser igualmente usada como sinônimo geral de impostos, não devia ser assim entendida ou empregada; , na sua acepção própria, designa o gênero de contribuição que os indivíduos pagam por um serviço diretamente recebido.
( ) O pagamento das taxas é facultativo; é, por assim dizer, o preço do serviço obtido e em que cada um o exige ou dele tira proveito.
( ) As taxas se devem revestir sempre do caráter de contraprestação inerente a essa espécie de tributos. Ao adotar-se interpretação outra, malograr-se-ão todas as cautelas da Constituição, que estabeleceu e quer uma rígida discriminação de competência, , prevendo a reedição de velhos abusos fiscais mascarados com o nome de taxas, preceituou proibição inequívoca.
( ) As despesas de administração da justiça poderiam ser pagas convenientemente por uma contribuição particular, que a ocasião o exigisse.
( ) Enquanto pelas taxas, o indivíduo procura obter um serviço que lhe é útil pessoalmente, o Estado, , procura, pelo imposto, os meios de satisfazer as despesas necessárias da administração.
( ) Os clássicos, assim como os contemporâneos, não divergem sobre a noção básica de taxa, se separem acerca de outros pontos acessórios.
(1) embora
(2) ao passo que

(3) à medida
(4) tanto assim que
(5) na medida
(6) visto como
(7) ao contrário
A sequência numérica correta é:
a) 6, 5, 1, 3, 4, 7, 2;
b) 1, 7, 5, 4, 2, 3, 6;
c) 2, 6, 5, 4, 3, 7, 1;
d) 1, 3, 2, 6, 5, 7, 4;
e) 2, 5, 6, 7, 4, 3, 1.

23. (NCE-TJ) "... ficaria louca se continuasse sozinha". A relação entre essas duas orações mostra que:
a) a segunda só se realiza se a primeira não se realizar;
b) a primeira se realiza contanto que a segunda não se realize;
c) a segunda é consequência da primeira;
d) a primeira é motivada pela segunda;
e) a primeira é uma hipótese para a realização da segunda.

24. (UCMG) Em "Orai porque não entreis em tentação", o valor da conjunção do período é de:
a) causa;
b) condição;
c) conformidade;
d) explicação;
e) finalidade.

25. (Oficial de Justiça – NCE) Nos itens abaixo, o emprego da conjunção OU (em maiúsculas) só tem nítido valor alternativo em:
a) "Quantos foram presos OU espancados pela liberdade de dizer o que pensam?"
b) "BMW OU bicicleta, o que conta é a sensação de poder sentar-se ao veículo e resolver em que direção partir."
c) "É a liberdade de escolher os canais (restritos em países totalitários), de ver um programa imbecil ou um jogo, OU estar tão perto das notícias quanto um presidente da República..."
d) "... só nos preocupamos com o que não temos OU com o que está ameaçado."
e) "É estar próximo de reis, heróis, criminosos, superatletas OU cafajestes..."

26. (TRF – Esaf) O globalismo é uma configuração histórico social abrangente, convivendo com as mais diversas formas sociais de vida e trabalho, mas também assinalando condições e possibilidades, impasses e perspectivas, dilemas e horizontes. no âmbito do globalismo emergem ou ressurgem localismos, provincianismos,

nacionalismos, regionalismos, colonialismos, imperialismos, etnicismos, racismos e fundamentalismos; se reavivam os debates, as pesquisas e as aflições sobre a identidade e a diversidade, a integração e a fragmentação. Mas o que se desenvolve e predomina, recobrindo e impregnando as mais diferentes situações, é o globalismo. A despeito de tudo o que preexiste e subsiste, em todas as suas peculiaridades, generalizam-se as relações, os processos e as estruturas que constituem o globalismo (*A Era do Globalismo*, Octávio Ianni).
Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas, assegurando a coerência da informação.
a) Tanto é assim que / assim como
b) A fim de que / desde que
c) Contanto que / ainda que
d) Contudo / mas não
e) Por pouco que / sempre que

27. (TFC – Esaf) Indique a sequência que preenche corretamente as lacunas.
A Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco) estima que há 880 milhões de analfabetos adultos e 115 milhões de jovens em idade escolar fora da escola, entre a população mundial. A Unesco, , não divulgou os números para cada país pesquisado. Em setembro do ano passado, o Ministério da Educação divulgou os dados mais recentes sobre o Brasil, 14,7% da população entre 14 e 49 anos de idade continua analfabeta. Houve uma grande redução do problema, , há 20 anos, mais de 30% da população naquela faixa etária não sabia ler e escrever.
O Ministério relacionou a queda dos índices de analfabetismo com o aumento da escolaridade: em 1980, apenas 49% das crianças entre 7 e 14 anos estavam na escola, percentual que subiu para 96% no ano passado. O Brasil reduziu pela metade o percentual de analfabetos na população, dobrou o número de crianças em idade escolar nas salas de aula. Esse avanço é relevante, a simples alfabetização já não é mais suficiente para a conquista de emprego num mercado de trabalho competitivo. (*O Estado de S. Paulo* – Notas e Informações, 22/4/2000, p. A3)
a) porém – onde – pois – porque – contudo.
b) entretanto – apesar de – já que – por que – mas.
c) apesar de – entretanto – pois – por que – mas.
d) no entanto – onde – apesar de – já que – por que.
e) pois – porque – apesar de – já que – entretanto.

28. (AFRF – Esaf) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.
A economia lida com o problema usar de maneira mais eficiente possível todos os recursos disponíveis de um país, alcançar o nível mais alto possível de satisfação da procura ilimitada da sociedade por bens e serviços. O objetivo máximo da economia é satisfazer as necessidades humanas de produtos. A questão é que, as necessidades sejam praticamente ilimitadas, os recursos (naturais, mão de obra, capital e tecnologia) são escassos. (Adaptado de *Enciclopédia Compacta de Conhecimentos Gerais – Isto É*, p.

204 e 205)
a) como / para / assim.
b) de / de qual / desta forma.
c) de como / de modo a / embora.
d) de que / em que / para que.
e) por que / porque / enquanto.

29. (TRT-RJ) "... o Brasil é um país onde há leis que pegam e leis que não pegam, como se isso fosse uma originalidade brasileira como a jabuticaba". A alternativa em que se expressa a mesma ideia contida nesse segmento do texto é:
a) Como a jabuticaba, é uma originalidade brasileira o fato de haver leis que pegam e leis que não pegam.
b) Apesar de não ser uma originalidade brasileira, como a jabuticaba, há no país leis que pegam e leis que não pegam.
c) No Brasil há leis que pegam e leis que não pegam, como a jabuticaba, mas isso não é uma originalidade brasileira.
d) Como a jabuticaba, há no Brasil leis que pegam e leis que não pegam, embora isso não seja uma originalidade brasileira.
e) O Brasil é um país onde há leis que pegam e leis que não pegam e isso é marca da originalidade brasileira, como a jabuticaba.

30. (Eletrobrás – NCE) "Se você disser ao cidadão desprevenido que o leite, por ser essencial, deve sair das mãos dos particulares para cooperativas ou entidades estatais, se você disser que os bancos, vivendo exclusivamente das poupanças populares, não têm nenhuma razão de estar em mãos privadas, o cidadão o olhará com olhos perplexos de quem vê alguém propondo algo muito perigoso." O comentário correto a respeito deste segmento do texto é:
a) os dois segmentos iniciados pela conjunção SE indicam condições para que se realize a consequência citada;
b) o cidadão só olhará com espanto o autor das ideias citadas se elas já estiverem transformadas em realidade;
c) os adjetivos estatais e privadas são sinônimos no contexto em que estão inseridos;
d) o segmento poupanças populares equivale semanticamente a popularidade das poupanças;
e) o "algo muito perigoso" a que alude o texto se localiza no terreno cultural.

31. (MPOG-Esaf) Assinale a opção que preenche as lacunas do texto, tornando-o coeso e coerente.
Apesar de diferenças ideológicas ou acadêmicas a respeito da natureza das atividades que o Estado deve desempenhar, parece haver um consenso formado a respeito de como o Estado deve desempenhar essas atividades.
1 vigora o ideal de um governo representativo, em que os cidadãos elegem seus representantes, sob o regime de um mandato imperativo.

2 , há diversos exemplos de disfunções dos arranjos institucionais do Estado, que o tornam muito mais identificado com os interesses das elites.
3 , ao longo do século XX, o desenvolvimento de um Estado social democrático de direito resultou num processo de consolidação de estruturas voltadas também à prestação de serviços e implementação de políticas sociais.

	1	2	3
a)	Não mais	Mesmo assim	Portanto
b)	Entretanto	Diante disso	Mesmo assim
c)	Para sempre	Sendo assim	Nesse sentido
d)	Ainda	Entretanto	Não obstante
e)	Embora	Portanto	Entretanto

32. (Aud. Tesouro Mun. Fortaleza – Esaf) Assinale a opção que completa de forma coesa e coerente as lacunas do texto abaixo.
Sendo a síntese de fatores objetivos e subjetivos que não se esgotam no processo de trabalho propriamente dito, os elementos constitutivos da cultura do trabalho precisam ser considerados em sua historicidade, não apenas condicionada pela realidade externa, 1 pelas diferentes motivações que orientam a ação coletiva. 2 a cultura do trabalho resulta da dinâmica interna de um determinado sistema cultural, temos que considerar que, também nos empreendimentos populares, ela é o resultado de suas inter-relações com os outros sistemas.

a)	já como			Haja visto que
b)	mas também			Se
c)	mas não			Apesar de
d)	mas também			Embora
e)	entretanto			Se

33. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) *Não direi mal dos tradutores, e Godofredo Rangel era dos bons.*
O tipo de articulação lógica que se estabelece entre os dois segmentos é equivalente ao que se estabelece entre os segmentos destacados em:
a) Ele não é mau tradutor, // mesmo assim a editora o dispensou.
b) Seu texto não chegou a ser criticado, // até porque não lhe faltavam altas virtudes.
c) Foi muito elogiado como tradutor, // no entanto lhe faltavam dotes de criador.
d) Há muito rigor na crítica aos tradutores, // não importa quanto venham a esforçar-se.
e) Vem colhendo os frutos de sua tradução, // razão pela qual pensa em fazer uma nova carreira.

34. (MP – NCE) "O homem contemporâneo não é onívoro como seu antepassado pré-

histórico". Esse segmento traz uma ambiguidade que desapareceria se fosse reescrito, mantendo-se o sentido pretendido no texto, da seguinte forma:
a) O homem contemporâneo não é onívoro como era seu antepassado pré-histórico.
b) Como seu antepassado pré-histórico, o homem contemporâneo não é onívoro.
c) O homem contemporâneo, como seu antepassado pré-histórico, não é onívoro.
d) O homem contemporâneo e seu antepassado pré-histórico não são onívoros.
e) O antepassado pré-histórico do homem contemporâneo não é onívoro como ele.

35. (Auxiliar de Cartório – NCE) O segmento "Quando hibernam..." mostra:
a) um tempo que se realizam os fatos citados a seguir;
b) uma condição para que os fatos seguintes se realizem;
c) um lugar em que se realizam os fatos apontados na continuidade do texto;
d) uma situação concessiva, quando relacionada aos fatos seguintes;
e) uma explicação causadora dos fatos citados a seguir.

36. (BNDES-NCE) Na frase "Ou vai ou racha!", a conjunção OU tem o mesmo valor significativo que apresenta na seguinte frase:
a) O turista compreendia inglês ou francês com facilidade.
b) As vaias ou aplausos não perturbaram o presidente.
c) O empregado faz o que deve ou perde o emprego.
d) Na hora da premiação, chorava ou ria.
e) Morávamos no segundo ou no terceiro andar.

37. (NCE) No último parágrafo do texto, o autor declara chegar a uma conclusão e, para isso, utiliza a conjunção conclusiva portanto; a relação entre conectivo e valor semântico corretamente colocada entre os abaixo, é:
a) tal qual = comparação;
b) mesmo que = adversidade;
c) onde = tempo;
d) para que = direção;
e) à proporção que = lugar.

38. (Secretaria de Fazenda – PI – Esaf) O secretário da Receita Federal, na audiência pública na comissão especial da Câmara, <u>disse apreciar</u>(1) a proposta de emenda constitucional que prorroga a CPMF, <u>uma vez que</u>(2) 4.516 pessoas físicas isentas de tributação ou omissas movimentaram, juntas, mais de R$ 25 bilhões no ano passado com operações individuais <u>que</u>(3) ultrapassaram R$ 10 milhões. Afirmou também que outras 2.449 pessoas jurídicas imunes, inativas, isentas, omissas ou optantes do imposto Simples movimentaram, juntas, R$ 147 bilhões. A movimentação desses "contribuintes" é desproporcional e ofende o senso comum. Desse total, 857 contribuintes já foram fiscalizados, <u>que</u>(4) resultou num lançamento tributário da ordem de R$ 400 milhões, além de outras iniciativas de ordem judicial. Qualquer tipo de imposto está sujeito à sonegação, mas a CPMF é mais resistente que qualquer outro, tanto à sonegação <u>quanto</u>

à(5) elisão fiscal (Adaptado de Nelson Breve, www.estadao.com.br – 6/11/2001).
Para que o texto fique correto, é necessário substituir:
a) "disse apreciar"(1) por disse que apreciava;
b) "uma vez que"(2) por já que;
c) "que"(3) por as quais;
d) "que"(4) por o que;
e) "quanto à"(5) por como à.

39. (NCE) A substituição da locução grifada pelo elemento à direita altera sensivelmente o sentido do enunciado em:
a) "Por enquanto, para ver-se o que deve ser visto, será útil entender latim" / Por ora.
b) "O que faria o governo em face de mais uma estremeção no circuito financeiro internacional" / frente a.
c) "Nada mudaria na política econômica, afirmou, desde que mantida a condição *ceteris paribus*" / posto que.
d) "Tarefa gigantesca, ainda mais porque precisamos tomar iniciativas agora / especialmente.
e) "o que menos se tem é alguma coisa parecida com a placidez do *ceteris paribus* – a não ser que se use a expressão, retorcendo-a para referência ao próprio quadro de incertezas" / a menos que.

40. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – FCC) ***Mais brasileira, mais tradicional, mais poética, incomparavelmente, é a festa de Nossa Senhora da Glória. O pequeno oiteiro da Glória, com a sua capelinha duas vezes secular, é um dos sítios mais aprazíveis, mais ingenuamente pitorescos da cidade. As velhas casas da encosta cederam lugar a construções modernas. Entretanto a igrejinha tem tanto caráter na sua simplicidade que ela só e mais uma meia dúzia de palmeiras bastam a guardar a fisionomia tradicional da colina*.**
(Manuel Bandeira. Fragmento de Crônicas da Província do Brasil. In: Poesia completa e prosa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, v. único, 1993. p. 449)
A articulação sintático-semântica entre as orações do período grifado acima denota relação de
a) condição e ressalva.
b) consequência e temporalidade.
c) causa e consequência.
d) fato real e temporalidade.
e) constatação e sua causa imediata.

41. (NCE) Em "Numa pólis bem constituída, todos correm para as assembleias; sob um mau governo...", que conjunção poderia substituir adequadamente o ponto e vírgula entre os dois termos destacados?
a) mesmo que
b) visto que

c) sem que
d) embora
e) todavia

42. (NCE) O sentido de "As reuniões cresceram, assumiram fortes dimensões políticas e tornaram-se eventos de grande repercussão, <u>ainda que</u> prejudicadas pela censura vigente" fica sensivelmente alterado com a substituição da locução sublinhada por:
a) conquanto;
b) posto que;
c) visto como;
d) não obstante;
e) malgrado.

43. (Técnico Judiciário – TRE-SP – FCC) ***Mas, <u>embora ele não tivesse sido nomeado</u>, todos sabiam quem era o comandante*.**
Em relação à frase em que está inserido, o segmento grifado acima possui um sentido:
a) condicional;
b) causal;
c) concessivo;
d) comparativo;
e) conclusivo.

44. (NCE) Em "tampouco deve (...) se amoldar aos desejos de seus eleitores...", "tampouco" é substituível, sem prejuízo do sentido, por:
a) sobretudo não;
b) ainda assim não;
c) também não;
d) apesar disso não;
e) particularmente não.

45. (Coppe) Na frase "As crendices variam, a matemática é a mesma para toda a humanidade, sendo, , confiável e útil, a crendices estão envoltas nas trevas da vaguidade e da superstição", as lacunas podem ser preenchidas, respectivamente, por:
a) embora, por conseguinte, enquanto;
b) no entanto, logo, ao passo que;
c) mas, portanto, ao passo que;
d) ainda que, portanto, à medida que;
e) porém, logo, ao passo que.

Capítulo 11

Preposição

Preposição é a palavra invariável que relaciona dois termos, subordinando o segundo ao primeiro.

11.1. Essenciais

Funcionam apenas como preposição.
A, ANTE, APÓS, ATÉ, COM, CONTRA, DE, DESDE, EM, ENTRE, PARA, PER, PERANTE, POR, SEM, SOB, SOBRE, TRÁS.

11.2. Acidentais

Palavras que, excepcionalmente, podem funcionar como preposição.
CONFORME, SEGUNDO, CONSOANTE, MEDIANTE, FORA, EXCETO, SALVO, DURANTE, TIRANTE, FEITO, QUE (sinônimo de DE).

Ex.: "Já em 1876, segundo o testemunho de um sacerdote, que ali fora..." (Euclides da Cunha).

Ex.: Tenho que estudar.

QUE acidentalmente funciona como sinônimo da preposição DE: Tenho de estudar. Esse, inclusive, é o entendimento da FGV. Já o Cespe, na prova de Escrivão – PF 2002, classificou o QUE como conjunção.

Obs.: Somente com preposições essenciais, utilizam-se pronomes oblíquos tônicos.

Ex.: Sem ti, não iremos à praia.

Já com preposições acidentais, utilizam-se os pronomes retos.

Ex.: Todos foram à praia, exceto tu.

11.3. Locuções prepositivas

Mais de uma palavra com função de preposição (a última palavra deve ser uma preposição essencial).
ABAIXO DE, JUNTO DE, COM OBJETIVO DE, CERCA DE, ACERCA DE, AO ENCONTRO DE (a favor de), DE ENCONTRO A (contra).

Obs.: A gramática admite a ocorrência de duas preposições em sequência em apenas dois casos: "para com" e "até a".

Ex.: "E me fiz todo gratidão para com ele..." (Raul Pompeia).

"Desde a porta até ao fundo do quintal" (Machado de Assis).

11.4. Combinação

Junção de preposição com outra classe gramatical sem alteração fonética.

AO, AONDE.

11.5. Contração

Junção de preposição com outra classe gramatical com alteração fonética.

ÀS, DA, DOS, NO, DAQUELE.

Obs.: É importantíssimo ressaltar que, quando o termo posterior à preposição funcionar como sujeito, não poderá haver a combinação ou a contração.

Ex.: Não houve possibilidade de o professor resolver o problema.

Observe que "o professor" é sujeito do verbo "resolver", sendo assim não se pode unir a preposição DE ao artigo O.

Não gostamos do problema criado.

"Do problema criado" é objeto indireto, portanto a combinação da preposição com artigo será obrigatória.

BIZU

Chamo a atenção para o fato de a Esaf explorar casos de combinação ou contração facultativas. Isso ocorre quando o elemento seguinte à preposição não funcionar como sujeito e a sonoridade da combinação for desagradável. Tal situação já levou ao quase desuso as contrações COM + O, A, OS, AS – COO, COA, COOS, COAS. Também serão facultativas

contrações de preposição com artigos indefinidos (um, uma, uns, umas – quando não participarem do sujeito) e pronomes indefinidos (outro, outra, outros, outras – quando não participarem do sujeito), e da preposição DE com o termo ONDE.

Ex: "No cimo dum outeiro" (Fernando Pessoa) – DUM ou DE UM

"Não há certeza doutra, mas suspeita" (Camões) – DOUTRA ou DE

OUTRA
"Quem eram? Donde vinham? – Pouco importa?" (Castro Alves) – DONDE ou DE ONDE

11.6. Valores semânticos das preposições

A

Condição – A continuarem os sintomas, procure um médico!
Concessão – Ela nada comia a não ser sanduíche.
Direção – "Levaram-no à Capital da Bahia" (Euclides da Cunha).
Tempo – "Ao voltar, bem escovado, bem perfumado, achei a lancha atulhada" (Eça de Queirós).
Fim – "Ela despedaçou o lacre a ler a Seixas o papel" (José de Alencar).
Instrumento – Fizemos a prova a lápis.
Meio – Andar a cavalo.
Modo – Falar aos gritos.
Lugar – "Dormindo imenso ao luar" (Castro Alves).
Semelhança, conformidade – Maria saiu aos avós.

ANTE

Posição anterior ou frontal – Quedou-se ante o quadro, admirando-o.
Causa – Ante o desfecho inevitável, todos se prepararam para o pior.

APÓS

Tempo posterior – As aulas terão início após as festas de fim de ano.
Lugar posterior – João está após Pedro.

ATÉ

Limite de lugar – Iremos até Copacabana.
Limite de tempo – As aulas começarão até às duas horas.

COM

Companhia – "Dom Casmurro, domingo vou jantar com você" (Machado de Assis).
Soma – Quando unimos o conhecimento de Paulo com a esperteza de João, teremos o ser humano ideal.
Modo – "Puxei, com a mão a tremer, a minha chávena de chá..." (Eça de Queirós).
Instrumento – Fizemos o trabalho com o computador.

Condição – Com sorte, não pegaremos engarrafamento.
Causa – Ele empobreceu com o Plano Collor.

DE
Posse – Lápis de João.
Finalidade – "E o coração... é instrumento de sopro ou de percussão?" (Fernando Sabino).
Origem – "Afirmava-se que o fogo começara de uma sala" (Raul Pompeia).
Matéria – "A urbs monstruosa, de barro..." (Euclides da Cunha).
Causa – "A filha, pode ser que pálida de medo, dissimulava..." (Machado de Assis).
Modo – Ele vive de pequenos furtos.
Assunto – "Falamos dos colegas..." (Raul Pompeia).
Lugar – Estávamos de longe analisando o problema.
Tempo – "Acordo de noite, subitamente" (Fernando Pessoa).
Meio – "... coça a cabeça, irresoluto: de ônibus ou de táxi?" (Fernando Sabino).

DESDE
Afastamento de um lugar – Estou correndo desde o início da rua.
Início de um tempo – Desde a chegada dele, tivemos problemas.

EM
Lugar – "Os navios no mar apodreciam" (Castro Alves).
Modo – É bom viver uns tempos em paz.
Tempo – Em duas horas, ele estará presente.
Causa – Ele estava triste em não poder viajar.
Finalidade – Ela veio aqui em auxílio.
Matéria – A estátua é feita em ouro.

ENTRE
Posição intermediária no espaço – Moramos entre Copacabana e Ipanema.
Posição intermediária no tempo – Entre duas e três horas, estaremos lá.

PARA
Direção – "Foi assim que me encaminhei para o undiscovered country de Hamlet..." (Machado de Assis).
Finalidade – "... escrava rebelde e insensata, não terás mãos nem pés para

pôr em prática teus sinistros intentos" (Bernardo Guimarães).
Conformidade – Para João, Flamengo é o melhor time do campeonato.
Restrição – Proibido para menores.

PER (DESUSO) / **POR**
Lugar – Viajamos por estradas inóspitas.
Causa – "O parasita, feliz por ver quanto o amigo aviltava a mulher..." (Aluísio de Azevedo).
Tempo – "Eu sei que vou te amar / por toda a minha vida" (Vinicius de Moraes).
Agente – O trabalho foi feito por João.
Meio – Nós nos falamos por telefone.
Comparação – "Sabe que o tomam por outro" (Fernando Sabino).

PERANTE
Diante de – Ficamos perante o professor durante duas horas.

SEM
Ausência (falta) – "Sem ela o que é a vida?" (Castro Alves).
Condição – Sem passaporte, não poderão viajar.

SOB
Posição inferior – Conversamos sob a ponte.
Proteção – Estávamos sob o amparo da lei.
Sujeição – "Fazia-se a crítica dos novos sob um ponto de vista inteiramente deles" (Raul Pompeia).

SOBRE
Posição superior – "O pé direito sobre um monte enorme de carvões..." (Raul Pompeia).
Assunto – "Documento iniludível permitindo o corpo de delito sobre os desmando de um povo" (Euclides da Cunha).
Preferência (acima de) – Amar a Deus sobre todas as coisas.

TRÁS
(DESUSO) – atrás de, depois de...

ATENÇÃO: As preposições podem ter valor nocional ou relacional. Este

assunto, que é uma das preferências do NCE, será desenvolvido no capítulo de sintaxe, mais particularmente na comparação entre complemento nominal e adjunto adnominal.

11.7. Exercícios

1. (Analista Judiciário – TRE-PE – FCC) A oração sublinhada exprime uma finalidade em:
a) Ele trabalha por trabalhar, e não por qualquer razão mais nobre.
b) Kucinski escreveu um livro por sentir-se indignado com as atitudes de seus colegas.
c) Há jornalistas que perseguem valores éticos para orientá-los no exercício de sua profissão.
d) A ideia de trabalhar para a comunidade não está comovendo os jovens profissionais.
e) Ele dedicou parte de sua vida ao jornalismo enquanto acreditava na alta relevância de sua profissão.

2. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a preposição COM exprime a mesma ideia que possui em "Surge a lua cheia para chorar com os poetas".
a) O menino machucou-se com a faca.
b) Ela se afastou com um súbito choro.
c) Tinha empobrecido com as secas.
d) Deve-se rir com alguém, não de alguém.
e) Ele se confundiu com a minha resposta.

3. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a preposição DE exprime a mesma ideia que possui em "a cair de fome".
a) De tanto chorar, os seus olhos ficaram inchados.
b) De noite, todos os gatos são pardos.
c) Chegaram hoje cedo de Pernambuco.
d) Devemos nutrir o espírito de boas leituras.
e) Carregava no bolso um relógio de ouro.

4. (UFF) A opção em que a preposição destacada tem valor indicado entre parênteses é:
a) "Vou-me embora de Pasárgada" (movimento de afastamento de um ponto).
b) "Tem prostitutas para a gente namorar" (direção).
c) Já comprei ida sem volta" (posição de inferioridade).
d) "Andarei de bicicleta" (posse).
e) Em Pasárgada tem tudo" (posição no interior de dois limites indicados).

5. (Fiscal – SEFAZ-RJ – FGV) ***É certo que a mudança do enfoque sobre o tema, no âmbito das empresas – principalmente, as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos de postura administrativa decorrentes da adoção de critérios de responsabilização penal da pessoa jurídica em seus países de origem. Tais mudanças, inevitavelmente, terão que abranger as práticas administrativas de suas congêneres***

espalhadas pelo mundo, a fim de evitar respingos de responsabilização em sua matriz.
No trecho acima, as ocorrências da palavra QUE classificam-se, respectivamente, como:
a) pronome relativo e preposição;
b) conjunção integrante e preposição;
c) conjunção integrante e conjunção integrante;
d) pronome relativo e conjunção integrante;
e) preposição e pronome relativo.

6. (Perito da Polícia Civil – RJ – FGV) "*Por* precaução, a maioria dos médicos recomenda evitar a combinação de bebida e remédios".
A preposição "*por*", no fragmento acima, tem valor de:
a) meio;
b) modo;
c) condição;
d) consequência;
e) causa.

7. (UFF) Em "Ela despedaçou o lacre <u>a</u> ler a Seixas o papel", a preposição assinalada introduz uma ideia de:
a) consequência;
b) causa;
c) condição;
d) fim;
e) modo.

8. (Técnico Judiciário – TRE-PA – FGV) *Aliás, o melhor para a democracia seria separar os fundos partidários dos destinados às campanhas eleitorais*. **A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:**
I. Há três preposições.
II. Há quatro artigos.
III. Há um pronome demonstrativo.
Assinale:
a) se todas as afirmativas estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se nenhuma afirmativa estiver correta;
d) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
e) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

9. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) *<u>A despeito do</u> sucesso, o ganha-pão do escritor seria obtido...*
O elemento grifado acima pode ser corretamente substituído, sem alteração do sentido original, por:
a) Em razão do

b) Conquanto o
c) Em que pese o
d) Em vista do
e) A partir do

10. (Técnico Judiciário – TRT-14ªRegião – FCC)
Logo, são eles que veem,
não eu que, mesmo cônscio
do logro, lhes sou grato
por anteciparem em mim
o Édipo curioso
de suas próprias trevas.
(José Paulo Paes)
"por anteciparem em mim"
O segmento acima introduz no contexto noção de:
a) condição;
b) consequência;
c) ressalva;
d) causa;
e) temporalidade.

11. (Fiscal – ICMS – RJ – FGV) ***É certo que a mudança do enfoque sobre o tema, no âmbito das empresas – principalmente, as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos de postura administrativa decorrentes da adoção de critérios de responsabilização penal da pessoa jurídica em seus países de origem. Tais mudanças, inevitavelmente, terão que abranger as práticas administrativas de suas congêneres espalhadas pelo mundo, a fim de evitar respingos de responsabilização em sua matriz.***
No trecho acima, as ocorrências da palavra QUE classificam-se, respectivamente, como:
a) Pronome relativo e preposição;
b) Conjunção integrante e preposição;
c) Conjunção integrante e conjunção integrante;
d) Pronome relativo e conjunção integrante;
e) Preposição e pronome relativo.

12. (TJ) "Nas empresas, que saiam para a rua."
"... definam um bom espaço para se encontrar..."
Qual a noção indicada pela preposição PARA, respectivamente, nos dois casos acima?
a) lugar / finalidade
b) finalidade / tempo
c) condição / modo
d) tempo / lugar
e) direção / finalidade

13. (Fundec) Observe o valor das preposições empregadas e, depois de enumerar de acordo, aponte a alternativa correta.

1 – Morrer a três passos do cemitério			( ) Proximidade
2 – Escrever a lápis			( ) Instrumento
3 – Falar aos gritos			( ) Modo
4 – Estar ao telefone			( ) Distância
5 – Voltar a pé			( ) Meio

a) 2 – 1 – 4 – 5 – 3
b) 2 – 3 – 5 – 4 – 1
c) 4 – 2 – 3 – 1 – 5
d) 4 – 1 – 5 – 3 – 2

14. O segmento do texto cujo elemento destacado tem seu valor semântico incorretamente indicado é:
a) "EM oito anos..." = tempo;
b) "... visitantes DE outros estados..." = origem;
c) "... da economia DA cidade..." = propriedade;
d) "... não sabe lidar, POR falta de ação integrada..." = causa;
e) "... falar EM dinheiro mal aplicado..." = oposição.

15. (TRT) A alternativa abaixo em que o conectivo em destaque tem seu valor semântico erradamente indicado é:
a) "... não há polícia suficiente para fazê-la ser cumprida" = finalidade;
b) "... uma originalidade brasileira como a jabuticaba." = comparação;
c) "... muita lei que não pega por falta dessa sintonia" = causa;
d) "... existe uma lei óbvia segundo a qual..." = ordenação;
e) "... mas raramente usam capacete" = adversidade.

16. (NCE) "De uma colina, onde se descortinava toda a cidade, dois homens mantinham silêncio olhando os dois corpos que balançavam lado a lado no patíbulo da praça". O item em que a preposição sublinhada (sozinha ou combinada) tem o mesmo valor semântico da preposição de (no segmento do texto) é:
a) "... era o juiz mais sábio e justo <u>de</u> todo o país".
b) "... que perdoou ao frio assassino <u>do</u> filho?"
c) "Qual a razão <u>desta</u> sentença, senhor juiz?"
d) "E o juiz, do fundo <u>de</u> sua sabedoria, disse..."
e) "... no patíbulo <u>da</u> praça".

17. (ANA – NCE) "Morrerão <u>de</u> doenças", o valor semântico da preposição sublinhada repete-se em:
a) As águas ficarão contaminadas de bactérias.

b) Os estudos mostraram a contaminação das águas.
c) As águas contaminadas são a causa de doenças.
d) A água dos rios é mais contaminada que a marinha.
e) Os habitantes do Sul padecem de frio.

18. (Radiobrás – NCE) O item em que o valor do vocábulo em maiúsculas está erradamente indicado é:
a) "... quando se trata de carta PARA namorada..." – destinação;
b) "... e ATÉ entre os ambulantes" – inclusão;
c) "... seguem na letra à mão DE Paulo" – posse;
d) "... há meses NA cidade, ... – lugar;
e) "Eles confiam em mim PORQUE sou mais velho" – explicação.

19. (Engepron – NCE) O item em que o valor da preposição está incorretamente identificado é:
a) "Foi a 23 de outubro de 1906" = tempo;
b) "reservada a essas tentativas" = finalidade;
c) "nas margens do Sena, em Neuilly" = lugar;
d) "tomava um valor suficiente para erguê-lo" = direção;
e) "foi calculada em 35 quilômetros" = aproximação.

20. (TCES – NCE) Em que frase a seguir, o valor semântico da preposição <u>de</u> é idêntico àquele com que aparece no título (Dos Deputados ou Representantes)?
a) Os deputados são representantes <u>do</u> povo.
b) Os políticos falavam <u>de</u> política.
c) Os interesses <u>do</u> Estado são discutidos na assembleia.
d) Toda a legitimidade provém <u>das</u> eleições.
e) A eleição <u>de</u> deputados é essencial à democracia.

21. (Cor. Geral – RJ – NCE) "Na realidade, o fenômeno do quarto de Lucila se reproduz com velocidade em outras casas de todo o país, em resposta a um apelo irresistível..." Qual das preposições a seguir poderia substituir a preposição em nessa frase, conservando-se o seu significado?
a) para
b) de
c) por
d) com
e) como

22. (TJ – RJ – NCE) Indique o item em que o valor nocional da preposição destacada não está corretamente indicado:
a) "Para quem mora <u>na</u> favela..." – <u>lugar</u>.
b) "... <u>para</u> ele, "a rua" também é familiar." – <u>direção</u>.

c) "... condição para obter crédito..." – finalidade.
d) "... para não ser olhado com medo..." – modo.
e) "... identificada apenas por seu estereótipo..." – meio.

23. (UnB / Cespe – SMF / Maceió – AL – Fiscal de Tributos Municipais) Para o presidente da OAB, pesou na decisão de mudança do decreto o parecer elaborado por dois advogados, que contém o seguinte trecho: "O decreto pune os bons contribuintes, deles retirando qualquer garantia, visto que sempre dependerão de humores da fiscalização, pródiga em ofertar à lei distorcida interpretação. É que o fisco, até por dever de ofício, sempre tem por 'suspeitos' todos os cidadãos."
Silvana de Freitas. *In: Internet:* <http://www.folha.com.br>. Acesso em 28/12/2002 (com adaptações).
1) A expressão "visto que" (l. 4) pode ser corretamente substituída por "porquanto", mantendo-se a correção sintática e semântica do período.
2) As preposições "Para" (l. 1) e "por" (l. 6) podem ser substituídas por "segundo" e "como", respectivamente, sem prejuízo à correção gramatical das orações em que ocorrem.

Capítulo 12

Interjeição

Expressão que traduz os sentimentos e as reações das pessoas.

INTERJEIÇÕES MAIS COMUNS:
De exclamação – Viva!
De admiração – Oh!
De alívio – Ah!
De aplauso – Bravo!
De desejo – Oxalá!
De dor – Ai! Ui!
De chamamento – Psiu!
De satisfação – Oba!
De solicitação de silêncio – Chi!

Capítulo 13

Numeral

São palavras que dão ideia de quantidade ou ordem dos seres.

13.1. Numeral substantivo

Não funciona ao lado de um substantivo.
Ex.: Os primeiros já chegaram.

13.2. Numeral adjetivo

Funciona ao lado de um substantivo.
Ex.: Os primeiros concorrentes já chegaram.

13.3. Classificação

13.3.1. Multiplicativo

Indica multiplicação.
Ex.: dobro, triplo, quádruplo...

13.3.2. Fracionário

Indica a ideia de divisão.
Ex.: metade, um terço, quinze avos...

13.3.3. Ordinais	13.3.4. Cardinais
primeiro	um
segundo	dois
terceiro	três
quarto	quatro
quinto	cinco
sexto	seis
sétimo	sete
oitavo	oito
nono	nove
décimo	dez

décimo primeiro ou undécimo	onze
décimo segundo ou duodécimo	doze
décimo terceiro	treze
décimo quarto	quatorze ou catorze
vigésimo	vinte
vigésimo primeiro	vinte e um
trigésimo	trinta
quadragésimo	quarenta
quinquagésimo	cinquenta
sexagésimo	sessenta
septuagésimo ou setuagésimo	setenta
octogésimo	oitenta
nonagésimo	noventa
centésimo	cem
ducentésimo	duzentos
trecentésimo	trezentos
quadringentésimo	quatrocentos
quingentésimo	quinhentos
seiscentésimo, sexcentésimo	seiscentos
septingentésimo, setingentésimo	setecentos
octingentésimo	oitocentos
nongentésimo, noningentésimo	novecentos
milésimo	mil
dez milésimos	dez mil
cem milésimos	cem mil
milionésimo	um milhão
bilionésimo	um bilhão

Observações

1– Para designar séculos, reis, papas, capítulos, contos, devem ser empregados os ordinais até décimo e os cardinais para os demais. Também é interessante ressaltar que, nestes casos, a escrita deve ser em algarismos romanos.

Ex.: D. Pedro I (primeiro)

Século XX (vinte)

2– Com a preposição EM, as palavras “página”, “folha” e “capítulo” ficarão no singular e, consequentemente, o numeral será invariável.

Ex.: Na página vinte e dois...; na folha trinta e um...

Já com a preposição A, tanto se podem usar os vocábulos "página", "folha" e "capítulo" no singular ou no plural. Usando-se no singular, a consequência é a mesma da ocorrida com a preposição EM. No entanto, com o termo no plural, o numeral o acompanha.

Ex.: à pagina dois, a páginas duas, à folha vinte e um, a folhas vinte e uma...

13.4. Exercícios

1. (Uni-Rio) Para CEM, a língua só tem uma forma de ordinal, CENTÉSIMO, usado pelo autor. Assinale o item, em que o ordinal correspondente ao cardinal admite duas formas:

a) 100
b) 90
c) 13
d) 7
e) 600

2. (Puccamp-SP) Os ordinais referentes aos números 80, 300, 700 e 90 são, respectivamente:

a) octagésimo, trecentésimo, septingentésimo, nongentésimo;
b) octogésimo, trecentésimo, septingentésimo, nonagésimo;
c) octingentésimo, tricentésimo, septuagésimo, nonagésimo;
d) octogésimo, tricentésimo, septuagésimo, nongentésimo;
e) nenhuma das respostas anteriores.

3. (Univ. Fed. de Juiz de Fora – MG) Marque o emprego incorreto do numeral.

a) século III (três)
b) página 102 (cento e dois)
c) 80o (octogésimo)
d) capítulo XI (onze)
e) X tomo (décimo)

4. (Fupe) Indique o item em que os numerais estão corretamente empregados:

a) Ao Papa Paulo Seis sucedeu João Paulo Primeiro.
b) Após o parágrafo nono, virá o parágrafo décimo.
c) Depois do capítulo sexto, li o capítulo décimo primeiro.
d) Antes do artigo dez vem o artigo nono.
e) O artigo vigésimo segundo foi revogado.

5. (FMU) Sabendo-se que os numerais podem ser cardinais, ordinais, multiplicativos e fracionários, podemos dar os seguintes exemplos:

a) um (cardinal), primeiro (ordinal), Leão onze (multiplicativo) e meio (fracionário);

b) um (cardinal), milésimo (ordinal), undécuplo (multiplicativo) e meio fracionário);
c) um (ordinal), primeiro (cardinal), Leão onze (multiplicativo) e meio (fracionário);
d) um (ordinal), primeiro (cardinal), cêntuplo (multiplicativo) e centésimo (fracionário);
e) um (cardinal), primeiro (ordinal), duplo (multiplicativo), não existindo numeral denominado fracionário.

6. (Unesp) Assinale o caso em que não haja expressão numérica de sentido indefinido.
a) Ele é o duodécimo colocado.
b) Quer que veja este filme pela milésima vez?
c) "Na guerra os meus dedos dispararam mil mortes".
d) "A vida tem uma só entrada; a saída é por cem portas".
e) n.d.a.

7. (Corregedoria Geral da justiça – RJ – NCE) "Mas estamos em pleno século XX..." O item abaixo em que devemos ler o algarismo romano como ordinal é:
a) no século XI antes de Cristo;
b) o papa recebeu o nome de João XXIII;
c) no século XII da nossa era;
d) Inocêncio X foi papa;
e) Luís XVI foi rei da França.

8. (Infraero – NCE) O algarismo romano XIX é lido como numeral cardinal; o item em que o algarismo romano deve ser lido como ordinal é:
a) Luís XVI;
b) João XXIII;
c) Pio X;
d) século XXI;
e) casa II.

Capítulo 14

Verbo

Verbo é o termo variável de número e pessoa que pode expressar ideia de estado, qualidade, ação, acontecimento etc., localizando seu tempo.

14.1. Verbos regulares

São aqueles que não sofrem alterações fonéticas no radical e seguem o modelo de desinências dos verbos de 1ª, 2ª e 3ª conjugação, elencados a seguir.

1ª Conjugação – Cantar –

Indicativo

Presente				Pretérito Perfeito				Pretérito Imperfeito			
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP
Cant	-	-	o	Cant	e	-	i	Cant	a	va	-
Cant	a	-	s	Cant	a	-	ste	Cant	a	va	s
Cant	a	-	-	Cant	o	-	u	Cant	a	va	-
Cant	a	-	mos	Cant	a	-	mos	Cant	á	va	mos
Cant	a	-	is	Cant	a	-	stes	Cant	á	ve	is
Cant	a	-	m	Cant	a	-	ram	Cant	a	va	m
Pretérito Mais-que-Perfeito				Futuro do Presente				Futuro do Pretérito			
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP
Cant	a	ra	-	Cant	a	re	i	Cant	a	ria	-
Cant	a	ra	s	Cant	a	rá	s	Cant	a	ria	s
Cant	a	ra	-	Cant	a	rá	-	Cant	a	ria	-
Cant	á	ra	mos	Cant	a	re	mos	Cant	a	ría	mos
Cant	á	re	is	Cant	a	re	is	Cant	a	ríe	is
Cant	a	ra	m	Cant	a	rã	o	Cant	a	ria	m

Subjuntivo

Presente				Pretérito Imperfeito				Futuro			
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP
Cant	-	e	-	Cant	a	sse	-	Cant	a	r	-
Cant	-	e	s	Cant	a	sse	s	Cant	a	r	es
Cant	-	e	-	Cant	a	sse	-	Cant	a	r	-
Cant	-	e	mos	Cant	á	sse	mos	Cant	a	r	mos
Cant	-	e	is	Cant	á	sse	is	Cant	a	r	des
Cant	-	e	m	Cant	a	sse	m	Cant	a	r	em

Imperativo

Afirmativo				Negativo				
RAD	VT	DMT	DNP		RAD	VT	DMT	DNP
Cant	a	-	-	não	Cant	-	e	s
Cant	-	e	-	não	Cant	-	e	-
Cant	-	e	mos	não	Cant	-	e	mos
Cant	a	-	i	não	Cant	-	e	is
Cant	-	e	m	não	Cant	-	e	m

2ª Conjugação – Vender –

Indicativo

Presente				Pretérito Perfeito				Pretérito Imperfeito			
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP
Vend	-	-	o	Vend	-	-	i	Vend	i	a	-
Vend	e	-	s	Vend	e	-	ste	Vend	i	a	s
Vend	e	-	-	Vend	e	-	u	Vend	i	a	-
Vend	e	-	mos	Vend	e	-	mos	Vend	í	a	mos
Vend	e	-	is	Vend	e	-	stes	Vend	í	e	is
Vend	e	-	m	Vend	e	-	ram	Vend	i	a	m

Pretérito Mais-que-Perfeito				Futuro do Presente				Futuro do Pretérito			
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP
Vend	e	ra	-	Vend	e	re	i	Vend	e	ria	-
Vend	e	ra	s	Vend	e	rá	s	Vend	e	ria	s
Vend	e	ra	-	Vend	e	rá	-	Vend	e	ria	-

Vend	ê	ra	mos	Vend	e	re	mos	Vend	e	ría	mos
Vend	ê	re	is	Vend	e	re	is	Vend	e	ríe	is
Vend	e	ra	m	Vend	e	rã	o	Vend	e	ria	m

Subjuntivo

Presente				Pretérito Imperfeito				Futuro			
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP
Vend	-	a	-	Vend	e	sse	-	Vend	e	r	-
Vend	-	a	s	Vend	e	sse	s	Vend	e	r	es
Vend	-	a	-	Vend	e	sse	-	Vend	e	r	-
Vend	-	a	mos	Vend	ê	sse	mos	Vend	e	r	mos
Vend	-	a	is	Vend	ê	sse	is	Vend	e	r	des
Vend	-	a	m	Vend	e	sse	m	Vend	e	r	em

Imperativo

Afirmativo				Negativo				
RAD	VT	DMT	DNP		RAD	VT	DMT	DNP
Vend	e	-	-	não	Vend	-	a	s
Vend	-	a	-	não	Vend	-	a	-
Vend	-	a	mos	não	Vend	-	a	mos
Vend	e	-	i	não	Vend	-	a	is
Vend	-	a	m	não	Vend	-	a	m

3ª Conjugação – Partir –

Indicativo

Presente				Pretérito Perfeito				Pretérito Imperfeito			
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP
Part	-	-	o	Part	-	-	i	Part	i	a	-
Part	e	-	s	Part	i	-	ste	Part	i	a	s
Part	e	-	-	Part	i	-	u	Part	i	a	-
Part	i	-	mos	Part	i	-	mos	Part	í	a	mos
Part	-	-	is	Part	i	-	stes	Part	í	e	is
Part	e	-	m	Part	i	-	ram	Part	i	a	m

Pretérito Mais-que-Perfeito				Futuro do Presente				Futuro do Pretérito			
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP
Part	i	ra	-	Part	i	re	i	Part	i	ria	-
Part	i	ra	s	Part	i	rá	s	Part	i	ria	s
Part	i	ra	-	Part	i	rá	-	Part	i	ria	-
Part	í	ra	mos	Part	i	re	mos	Part	i	ría	mos
Part	í	re	is	Part	i	re	is	Part	i	ríe	is
Part	i	ra	m	Part	i	rã	o	Part	i	ria	m

Subjuntivo

Presente				Pretérito Imperfeito				Futuro			
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP
Part	-	a	-	Part	i	sse	-	Part	i	r	-
Part	-	a	s	Part	i	sse	s	Part	i	r	es
Part	-	a	-	Part	i	sse	-	Part	i	r	-
Part	-	a	mos	Part	í	sse	mos	Part	i	r	mos
Part	-	a	is	Part	í	sse	is	Part	i	r	des
Part	-	a	m	Part	i	sse	m	Part	i	r	em

Imperativo

Afirmativo				Negativo				
RAD	VT	DMT	DNP		RAD	VT	DMT	DNP
Part	e	-	-	não	Part	-	a	s
Part	-	a	-	não	Part	-	a	-
Part	-	a	mos	não	Part	-	a	mos
Part	-	-	i	não	Part	-	a	is
Part	-	a	m	não	Part	-	a	m

14.2. Verbos irregulares

São verbos que sofrem alterações nos radicais ou nas desinências, contudo ainda guardam alguma característica das formas infinitivas.

Estar

Indicativo

Presente: estou, estás, está, estamos, estais, estão
Pretérito Perfeito: estive, estiveste, esteve, estivemos, estivestes, estiveram
Pretérito Imperfeito: estava, estavas, estava, estávamos, estáveis, estavam
Pretérito Mais-que-Perfeito: estivera, estiveras, estivera, estivéramos, estivéreis, estiveram
Futuro do Presente: estarei, estarás, estará, estaremos, estareis, estarão
Futuro do Pretérito: estaria, estarias, estaria, estaríamos, estaríeis, estariam

Subjuntivo

Presente: esteja, estejas, esteja, estejamos, estejais, estejam
Pretérito Imperfeito: estivesse, estivesses, estivesse, estivéssemos, estivésseis, estivessem
Futuro: estiver, estiveres, estiver, estivermos, estiverdes, estiverem

Imperativo

Afirmativo: está, esteja, estejamos, estai, estejam
Negativo: estejas, esteja, estejamos, estejais, estejam

Haver

Indicativo

Presente: hei, hás, há, havemos (ou hemos), haveis (ou heis), hão
Pretérito Perfeito: houve, houveste, houve, houvemos, houvestes, houveram
Pretérito Imperfeito: havia, havias, havia, havíamos, havíeis, haviam
Pretérito Mais-que-Perfeito: houvera, houveras, houvera, houvéramos, houvéreis, houveram
Futuro do Presente: haverei, haverás, haverá, haveremos, havereis, haverão
Futuro do Pretérito: haveria, haverias, haveria, haveríamos, haveríeis, haveriam

Subjuntivo

Presente: haja, hajas, haja, hajamos, hajais, hajam
Pretérito Imperfeito: houvesse, houvesses, houvesse, houvéssemos, houvésseis, houvessem
Futuro: houver, houveres, houver, houvermos, houverdes, houverem

Imperativo
Afirmativo: há, haja, hajamos, havei, hajam
Negativo: hajas, haja, hajamos, hajais, hajam

Ver

Indicativo
Presente: vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem
Pretérito Perfeito: vi, viste, viu, vimos, vistes, viram
Pretérito Imperfeito: via, vias, via, víamos, víeis, viam
Pretérito Mais-que-Perfeito: vira, viras, vira, víramos, víreis, viram
Futuro do Presente: verei, verás, verá, veremos, vereis, verão
Futuro do pretérito: veria, verias, veria, veríamos, veríeis, veriam

Subjuntivo
Presente: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam
Pretérito Imperfeito: visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem
Futuro: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem

Imperativo
Afirmativo: vê, veja, vejamos, vede, vejam
Negativo: vejas, veja, vejamos, vejais, vejam

Obs.: Por este verbo se conjugam os verbos ANTEVER, ENTREVER, PREVER e REVER.

Vir

Indicativo:
Presente: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm
Pretérito Perfeito: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram
Pretérito Imperfeito: vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham
Pretérito Mais-que-Perfeito: viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram
Futuro do Presente: virei, virás, virá, viremos, vireis, virão
Futuro do Pretérito: viria, virias, viria, viríamos, viríeis, viriam

Subjuntivo:
Presente: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham
Pretérito Imperfeito: viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem
Futuro: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem

Imperativo:
Afirmativo: vem, venha, venhamos, vinde, venham
Negativo: venhas, venha, venhamos, venhais, venham

Obs.: Por este verbo se conjugam ADVIR, CONVIR, INTERVIR, PROVIR, RECONVIR, SOBREVIR, AVIR-SE, DESAVIR-SE e DESCONVIR.

Ter

Indicativo
Presente: tenho, tens, tem, temos, tendes, têm
Pretérito Perfeito: tive, tiveste, teve, tivemos, tivestes, tiveram
Pretérito Imperfeito: tinha, tinhas, tinha, tínhamos, tínheis, tinham
Pretérito Mais-que-Perfeito: tivera, tiveras, tivera, tivéramos, tivéreis, tiveram
Futuro do Presente: terei, terás, terá, teremos, tereis, terão
Futuro do Pretérito: teria, terias, teria, teríamos, teríeis, teriam

Subjuntivo
Presente: tenha, tenhas, tenha, tenhamos, tenhais, tenham
Pretérito Imperfeito: tivesse, tivesses, tivesse, tivéssemos, tivésseis, tivessem
Futuro: tiver, tiveres, tiver, tivermos, tiverdes, tiverem

Imperativo
Afirmativo: tem, tenha, tenhamos, tende, tenham
Negativo: tenhas, tenha, tenhamos, tenhais, tenham

Obs.: Por este verbo se conjugam ABSTER-SE, CONTER, ENTRETER, MANTER, OBTER, RETER e SUSTER.

Pôr

Indicativo
Presente: ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem
Pretérito Perfeito: pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram
Pretérito Imperfeito: punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham
Pretérito Mais-que-perfeito: pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram

Futuro do Presente: porei, porás, porá, poremos, poreis, porão
Futuro do Pretérito: poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poriam

Subjuntivo
Presente: ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham
Pretérito Imperfeito: pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, puséssеis, pusessem
Futuro: puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem

Imperativo
Afirmativo: põe, ponha, ponhamos, ponde, ponham
Negativo: ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham

Obs.: Por este verbo se conjugam ANTEPOR, APOR, COMPOR, CONTRAPOR, DECOMPOR, DEPOR, DESCOMPOR, DISPOR, ENTREPOR, EXPOR, IMPOR, INDISPOR, INTERPOR, JUSTAPOR, OPOR, POSPOR, PREPOR, PROPOR, PREDISPOR, PRESSUPOR, RECOMPOR, REPOR, SOBREPOR, SOTOPOR, SUPERPOR, SUPOR, TRANSPOR.

Crer

Indicativo
Presente: creio, crês, crê, cremos, credes, creem
Pretérito Perfeito: cri, creste, creu, cremos, crestes, creram
Pretérito Imperfeito: cria, crias, cria, críamos, críeis, criam
Pretérito Mais-que-Perfeito: crera, creras, crera, crêramos, crêreis, creram
Futuro do Presente: crerei, crerás, crerá, creremos, crereis, crerão
Futuro do Pretérito: creria, crerias, creria, creríamos, creríeis, creriam

Subjuntivo
Presente: creia, creias, creia, creiamos, creiais, creiam
Pretérito Imperfeito: cresse, cresses, cresse, crêssemos, crêsseis, cressem
Futuro: crer, creres, crer, crermos, crerdes, crerem

Imperativo
Afirmativo: crê, creia, creiamos, crede, creiam
Negativo: creias, creia, creiamos, creiais, creiam

Obs.: Conforme este verbo, também se conjugarão LER, RELER, TRESLER e

DESCRER.

Rir

Indicativo
Presente: rio, ris, ri, rimos, rides, riem
Pretérito Perfeito: ri, riste, riu, rimos, ristes, riram
Pretérito Imperfeito: ria, rias, ria, ríamos, ríeis, riam
Pretérito Mais-que-Perfeito: rira, riras, rira, ríramos, ríreis, riram
Futuro do Presente: rirei, rirás, rirá, riremos, rireis, rirão
Futuro do Pretérito: riria, ririas, riria, riríamos, riríeis, ririam

Subjuntivo
Presente: ria, rias, ria, riamos, riais, riam
Pretérito Imperfeito: risse, risses, risse, ríssemos, rísseis, rissem
Futuro: rir, rires, rir, rirmos, rirdes, rirem

Imperativo:
Afirmativo: ri, ria, riamos, ride, riam
Negativo: rias, ria, riamos, riais, riam

Obs.: O verbo SORRIR se conjuga tal qual RIR.

Medir

Indicativo
Presente: meço, medes, mede, medimos, medis, medem
Pretérito Perfeito: medi, mediste, mediu, medimos, medistes, mediram
Pretérito Imperfeito: media, medias, media, medíamos, medíeis, mediam
Pretérito Mais-que-Perfeito: medira, mediras, medira, medíramos, medíreis, mediram
Futuro do Presente: medirei, medirás, medirá, mediremos, medireis, medirão
Futuro do Pretérito: mediria, medirias, mediria, mediríamos, mediríeis, mediriam

Subjuntivo
Presente: meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam
Pretérito Imperfeito: medisse, medisses, medisse, medíssemos, medísseis, medissem
Futuro: medir, medires, medir, medirmos, medirdes, medirem

Imperativo
Afirmativo: mede, meça, meçamos, medi, meçam
Negativo: meças, meça, meçamos, meçais, meçam

Obs.: Tal qual o verbo MEDIR, conjugamos os verbos PEDIR, DESPEDIR, EXPEDIR, IMPEDIR, DESIMPEDIR, DESMEDIR-SE, COMEDIR-SE e DESCOMEDIR-SE.

Caber

Indicativo
Presente: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem
Pretérito Perfeito: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam
Pretérito Imperfeito: cabia, cabias, cabia, cabíamos, cabíeis, cabiam
Pretérito Mais-que-Perfeito: coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam
Futuro do Presente: caberei, caberás, caberá, caberemos, cabereis, caberão
Futuro do Pretérito: caberia, caberias, caberia, caberíamos, caberíeis, caberiam

Subjuntivo
Presente: caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam
Pretérito Imperfeito: coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem
Futuro: couber, couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem

Obs.: Este verbo, em razão de seu significado, não possui imperativo.
O verbo DESCABER se conjuga tal qual CABER.

Fazer

Indicativo
Presente: faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem
Pretérito Perfeito: fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram
Pretérito Imperfeito: fazia, fazias, fazia, fazíamos, fazíeis, faziam
Pretérito Mais-que-Perfeito: fizera, fizeras, fizera, fizéramos, fizéreis, fizeram
Futuro do Presente: farei, farás, fará, faremos, fareis, farão

Futuro do Pretérito: faria, farias, faria, faríamos, faríeis, fariam

Subjuntivo
Presente: faça, faças, faça, façamos, façais, façam
Pretérito Imperfeito: fizesse, fizesses, fizesse, fizéssemos, fizésseis, fizessem
Futuro: fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem

Imperativo
Afirmativo: faze (ou faz), faça, façamos, fazei, façam
Negativo: faças, faça, façamos, façais, façam

Obs.: Conforme FAZER também se conjugam DESFAZER, REFAZER, AFAZER, CONTRAFAZER, LIQUEFAZER, PERFAZER, RAREFAZER e SATISFAZER.

Dizer

Indicativo
Presente: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem
Pretérito Perfeito: disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram
Pretérito Imperfeito: dizia, dizias, dizia, dizíamos, dizíeis, diziam
Pretérito Mais-que-Perfeito: dissera, disseras, dissera, disséramos, disséreis, disseram
Futuro do Presente: direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão
Futuro do Pretérito: diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam

Subjuntivo
Presente: diga, digas, diga, digamos, digais, digam
Pretérito Imperfeito: dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem
Futuro: disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem

Imperativo
Afirmativo: dize (ou diz), diga, digamos, dizei, digam
Negativo: digas, diga, digamos, digais, digam

Obs.: Conforme este verbo também se conjugam BENDIZER, CONDIZER, CONTRADIZER, DESDIZER, ENTREDIZER, INTERDIZER, MALDIZER, PREDIZER, REDIZER e TRESDIZER.

Trazer

Indicativo

Presente: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem

Pretérito Perfeito: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram

Pretérito Imperfeito: trazia, trazias, trazia, trazíamos, trazíeis, traziam

Pretérito Mais-que-Perfeito: trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram

Futuro do Presente: trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão

Futuro do Pretérito: traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam

Subjuntivo

Presente: traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam

Pretérito Imperfeito: trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem

Futuro: trouxer, trouxeres, trouxer, trouxermos, trouxerdes, trouxerem

Imperativo

Afirmativo: traze (ou traz), traga, tragamos, trazei, tragam

Negativo: tragas, traga, tragamos, tragais, tragam

Saber

Indicativo

Presente: sei, sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem

Pretérito Perfeito: soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, souberam

Pretérito Imperfeito: sabia, sabias, sabia, sabíamos, sabíeis, sabiam

Pretérito Mais-que-Perfeito: soubera, souberas, soubera, soubéramos, soubéreis, souberam

Futuro do Presente: saberei, saberás, saberá, saberemos, sabereis, saberão

Futuro do Pretérito: saberia, saberias, saberia, saberíamos, saberíeis, saberiam

Subjuntivo

Presente: saiba, saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam

Pretérito Imperfeito: soubesse, soubesses, soubesse, soubéssemos, soubésseis, soubessem

Futuro: souber, souberes, souber, soubermos, souberdes, souberem

Imperativo
Afirmativo: sabe, saiba, saibamos, sabei, saibam
Negativo: saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam

Valer

Indicativo
Presente: valho, vales, vale, valemos, valeis, valem
Pretérito Perfeito: vali, valeste, valeu, valemos, valestes, valeram
Pretérito Imperfeito: valia, valias, valia, valíamos, valíeis, valiam
Pretérito Mais-que-Perfeito: valera, valeras, valera, valêramos, valêreis, valeram
Futuro do Presente: valerei, valerás, valerá, valeremos, valereis, valerão
Futuro do Pretérito: valeria, valerias, valeria, valeríamos, valeríeis, valeriam

Subjuntivo
Presente: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham
Pretérito Imperfeito: valesse, valesses, valesse, valêssemos, valêsseis, valessem
Futuro: valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valerem

Imperativo
Afirmativo: vale, valha, valhamos, valei, valham
Negativo: valhas, valha, valhamos, valhais, valham

Obs.: Conforme VALER, são conjugados DESVALER e EQUIVALER.

Poder

Indicativo
Presente: posso, podes, pode, podemos, podeis, podem
Pretérito Perfeito: pude, pudeste, pôde, pudemos, pudestes, puderam
Pretérito Imperfeito: podia, podias, podia, podíamos, podíeis, podiam
Pretérito Mais-que-Perfeito: pudera, puderas, pudera, pudéramos, pudéreis, puderam
Futuro do Presente: poderei, poderás, poderá, poderemos, podereis, poderão
Futuro do Pretérito: poderia, poderias, poderia, poderíamos, poderíeis, poderiam

Subjuntivo
Presente: possa, possas, possa, possamos, possais, possam
Pretérito Imperfeito: pudesse, pudesses, pudesse, pudéssemos, pudésseis, pudessem
Futuro: puder, puderes, puder, pudermos, puderdes, puderem

Imperativo
Afirmativo: pode, possa, possamos, podei, possam
Negativo: possas, possa, possamos, possais, possam

Obs.: Há autores que defendem, por motivos semânticos, não existir o imperativo deste verbo.

14.3. Verbos anômalos

São verbos que possuem pessoas e, às vezes, tempos inteiros não guardando elementos da estrutura infinitiva dos verbos. Por exemplo, o presente do subjuntivo do verbo IR é VÁ. Nesta forma verbal (vá), não há sequer uma letra da forma infinitiva (IR).

Ser

Indicativo
Presente: sou, és, é, somos, sois, são
Pretérito Perfeito: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram
Pretérito Imperfeito: era, eras, era, éramos, éreis, eram
Pretérito Mais-que-Perfeito: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram
Futuro do Presente: serei, serás, será, seremos, sereis, serão
Futuro do Pretérito: seria, serias, seria, seríamos, seríeis, seriam

Subjuntivo
Presente: seja, sejas, seja, sejamos, sejais, sejam
Pretérito Imperfeito: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem
Futuro: for, fores, for, formos, fordes, forem

Imperativo
Afirmativo: sê, seja, sejamos, sede, sejam
Negativo: sejas, seja, sejamos, sejais, sejam

Ir

Indicativo
Presente: vou, vais, vai, vamos, ides, vão
Pretérito Perfeito: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram
Pretérito Imperfeito: ia, ias, ia, íamos, íeis, iam
Pretérito Mais-que-Perfeito: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram
Futuro do Presente: irei, irás, irá, iremos, ireis, irão
Futuro do Pretérito: iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam

Subjuntivo
Presente: vá, vás, vá, vamos, vades, vão
Pretérito imperfeito: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem
Futuro: for, fores, for, formos, fordes, forem

Imperativo
Afirmativo: vai, vá, vamos, ide, vão
Negativo: vás, vá, vamos, vades, vão

14.4. Os valores semânticos dos verbos e as ideais correlações

1º PASSO. O usuário da língua deve compreender que a ideia de presente não é o momento em que se vive, ou o do recebimento da mensagem. Toda referência de tempo presente é o momento em que o texto é confeccionado, ou seja, o momento quando o autor produz o texto.

14.4.1. Modo indicativo

Indica um evento real, não hipotético.

Presente – Indica um hábito presente. Não há necessidade efetiva de o fato estar ocorrendo. Para a sua conjugação, é recomendável o uso de "atualmente".
Ex.: Leio jornal todos os dias.

Pretérito perfeito – Indica um evento passado isolado, pontual. Pode-se usar o termo "ontem" para efetuar a sua conjugação.
Ex.: Você leu o jornal do último sábado?

Pretérito imperfeito – Denota um evento habitual, costumeiro no passado. Para a sua conjugação, é interessante o uso de "antigamente".
Ex.: Nós nos encontrávamos diariamente.

Pretérito mais-que-perfeito – Denota uma ação passada anterior a outro fato também passado. É importante frisar que, para o seu uso ser perfeito, é fundamental já haver outro elemento também com ideia de passado.

Ex.: Quando eu entrei na sala, ela já desligara a televisão.

→ Observe que a ação de desligar a televisão é pretérita e ainda anterior a outra ação passada: a de entrar na sala.

Futuro do presente – Indica uma ação futura em relação ao momento em que o texto foi confeccionado ou em relação a uma condição futura. Por consequência, acabará coligado ao futuro do subjuntivo. Para a sua conjugação, pode ser utilizado "amanhã".

Ex.: Na próxima semana, faremos a prova.

Se você estudar, aprenderá a matéria.

Futuro do pretérito – Indica uma consequência futura de um fato passado. É importante compreender que, nesta situação, a referência não é o momento em que o autor confeccionou o texto. Diferentemente do futuro do presente (futuro em relação ao momento presente – momento da criação do texto), o evento é um efeito futuro de um fato que não ocorreu. Sendo assim, a consequência poderia ser certa, provável ou duvidosa, em conformidade com os elementos que o texto oferecer. Torna-se, por fim, fundamental concluir que, por este tempo representar uma consequência futura de fato passado, é natural que fique coligado ao pretérito imperfeito do subjuntivo.

Ex.: Se você trouxesse uma cerveja, eu a beberia.

→ Preste atenção a esta explicação: a condição não ocorreu, portanto o efeito também não. Imagine a seguinte situação: o autor da frase gosta de todas as marcas de cerveja, portanto se o outro trouxesse a cerveja, ele com certeza beberia. Digamos que ele goste apenas de 50% das marcas, então, se o outro trouxesse a cerveja, possivelmente (dúvida) o autor da frase beberia. Por fim, imaginemos que o texto indique que há a aprovação de quase todas as cervejas, portanto, se o outro trouxesse a cerveja, o autor provavelmente a beberia. Destarte, torna-se fundamental o contexto para se concluir se a consequência é certa, provável ou duvidosa.

Obs.: O futuro do pretérito também pode indicar uma ideia de polidez. É muito comum a resposta GOSTARIA quando alguém nos oferece algo. Este uso

indica uma forma mais educada de expressão.

Os verbos no pretérito imperfeito do indicativo, mormente de segunda e terceira conjugação, tornam-se parecidos com os do futuro do pretérito. Então em várias ocasiões, percebe-se que o pretérito imperfeito acaba substituindo o futuro do pretérito. Nas questões de correlação, tal fato parece ser admitido pelo NCE, o mesmo já não ocorrendo com a Esaf.

Ex.: A consequência de tal fato é que, até mesmo quando o verbo indicar ideia de polidez, faz-se possível o verbo no pretérito imperfeito, substituindo o futuro do pretérito. Leitor, imagine a seguinte situação: se alguém perguntar se você deseja água (e você está com sede), o que você responderia? Provavelmente, "eu aceitaria" ou "eu aceitava", ambos com valor de polidez.

Obs.: Mais raro é o uso do futuro do presente do indicativo com valor de polidez. Caro candidato a um cargo público, pense na seguinte situação. Você está assistindo a uma aula e percebe que o professor equivocou-se. Como chamar a atenção dele? Você poderia dizer: – Professor, o senhor está enganado! Você também poderia dizer o mesmo de forma mais polida: – Professor, o senhor não estará (estaria) enganado?

14.4.2. Modo subjuntivo

Indica evento hipotético, possível, duvidoso.

Presente – Fato atual expressando possibilidade, dúvida. Pode-se utilizar MARIA QUER QUE para a sua conjugação neste tempo.

Ex.: Talvez ele venha.

Pretérito imperfeito – Mostra uma situação hipotética no passado que geraria um efeito futuro. É recomendável utilizar "se ontem" para a conjugação verbal neste tempo.

Ex.: Se ele estudasse, aprenderia a matéria.

Futuro – Indica uma condição futura anterior a uma consequência também futura. Podem-se utilizar as estruturas "se amanhã" ou o consagrado "quando" para conjugação verbal neste tempo.

Ex.: Se ele voltar aqui, todos ficarão felizes.

14.4.3. Modo imperativo

Indica ideia de ordem (quem recebe é obrigado a cumpri-la), solicitação (quem recebe o pedido não é o beneficiado), conselho (quem recebe a sugestão é o beneficiado).

Ex.: Por favor, pega um copo de cerveja.

→ Pedido, solicitação (quem pediu é o beneficiado)

Ex.: Soldado, venha aqui!

→ Ordem (o soldado é obrigado a cumprir a ordem)

Ex.: Não te atrases, que serás demitido.

→ Conselho, sugestão (quem recebe o conselho é o beneficiado pelo próprio conselho)

BIZU

Torna-se fundamental lembrar ao leitor que a língua não é uma ciência exata. Verbos podem ser usados em um determinado tempo – mormente o presente – com valor semântico de outro.

Ex.: "Se, até amanhã à tarde, você não tiver devolvido a cadeira, a mesa e a máquina de escrever, mando um caminhão buscar em sua casa e conto para os jornais, faço um barulho louco" (Fernando Sabino). – "Mando", "conto" e "faço" estão no presente do indicativo com valor de futuro do presente.

Ex.: No dia primeiro de maio de 1994, morre o piloto Ayrton Senna.

Observe que o verbo no presente do indicativo tem ideia de pretérito perfeito. Esta situação também foi registrada como presente histórico.

Ex.: Se eu te vejo amanhã, eu te entregarei o material.

→ VEJO no presente do indicativo possui gritante valor de futuro do subjuntivo.

Obs.: As questões relativas a esse assunto aparecerão no final do capítulo, quando você já estiver bem familiarizado com a conjugação verbal.

14.4.3.1. Correlação de Tempos

1. (TRT-14ª Região – FCC) Está adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase:

a) Um fim talvez justificaria os meios caso estes implicarem sacrifícios que não se distribuam desigualmente.

b) Ele acredita que haverão de justificar-se todos os meios quando os fins representarem um ganho de alcance coletivo.
c) Tão logo fossem denunciados os horrores do stalinismo, os comunistas devem ter revisto suas antigas convicções.
d) Será que alguém acreditou que uma sociedade sem classes e sem preconceitos possa ter-se formado num regime autoritário?
e) Se a catequese pudesse propagar a fé religiosa sem recorrer à intimidação, talvez os convertidos tenham sido mais numerosos.

2. (TRT-24ª Região – FCC) Está plenamente adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase:
a) As leis de perfeição teriam por objeto mais a bondade do homem que as seguisse do que a da sociedade na qual fossem observadas.
b) As leis de perfeição tinham por objeto mais a bondade dos homens que as seguir do que a da sociedade na qual serão observadas.
c) As leis de perfeição terão por objeto mais a bondade dos homens que as tivessem seguido do que a da sociedade na qual terão sido observadas.
d) As leis de perfeição teriam por objeto mais a bondade do homem que as siga do que a da sociedade na qual têm sido observadas.
e) As leis de perfeição terão tido por objeto mais a bondade do homem que viesse a segui-las do que a da sociedade na qual fossem observadas.

3. (TRT-23ª Região – FCC) Está adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase:
a) Os criminosos que tenham ultrajado a pátria seriam forçados a servi-la pelo tempo que se julgava necessário.
b) Os que vierem a ultrajar a pátria deveriam ser submetidos a um castigo que trouxera consigo uma clara lição.
c) Ninguém seria indiferente a uma vultosa soma que venha a receber como indenização ao delito que o prejudique.
d) O próprio criminoso, se mantivesse alguma dose de decência, possa tirar proveito da lição a que seja submetido.
e) Sempre houve povos que, por forte convicção, evitaram a guerra, ainda quando fossem provocados.

4. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) Está adequada a correlação entre tempos e modos verbais em:
a) Os cientistas devem, a partir de agora, tratar de mudar o ser humano, mesmo que até hoje não revelariam mais do que um pálido esforço ao buscar compreendê-lo.
b) O que for de esquerda ou de direita teria sido agora relativizado pelas descobertas do DNA, cujas projeções têm esvaziado essa clássica divisão.
c) Se os cientistas vierem a se preocupar com as questões ideológicas de que as futuras descobertas se revestissem, terão corrido o risco de partidarizar a ciência.

d) Felizes são as moscas, que nem precisavam saber nada de política ou de DNA para irem levando sua vida em conformidade com o que a natureza lhes determinasse como destino.
e) A esquerda já chegou a glorificar a ação de líderes personalistas, cujo autoritarismo obviamente excedia os limites de uma sociedade que se queria justa e igualitária

5. (Analista Judiciário – TRE-SP – FCC) Está inadequada a correlação entre tempos e modos verbais no seguinte caso:
a) Muitos se lembrariam da alegria voraz com que eram disputadas as toneladas da vítima.
b) Foi salva graças à religião ecológica que andava na moda e que por um momento estabelecera uma trégua entre todos.
c) Um malvado sugere que se dê por perdida a batalha e comecemos logo a repartir os bifes.
d) Depois de se haver debatido por três dias na areia da praia a jubarte acabara sendo salva por uma traineira que vinha socorrê-la.
e) Já informado do salvamento da baleia, o cronista teve um sonho em que o animal lhe surgiu com a força de um símbolo.

6. (Analista Infraero – FCC) Está adequada a correlação entre os tempos e os modos verbais na seguinte frase:
a) Seria mesmo possível que alguém tome o bilhete como cartão de embarque, ou não reconhecesse as mensagens dos monitores?
b) A quantos não terá ocorrido confundir o bilhete com o cartão de embarque, ou se embaralhando com as mensagens dos monitores?
c) É possível que um novato venha a confundir o bilhete com o cartão de embarque, ou que ignorasse as siglas que desfilem nos monitores.
d) Não estranha que um novato confunda o bilhete com o cartão de embarque, ou demonstre ignorar as siglas que desfilam nos monitores.
e) Não deveria estranhar que um novato confundira o bilhete com o cartão de embarque, ou que ignora as siglas que desfilam nos monitores.

7. (Área Juridica – TRF-4ª Região – FCC) Está correta a articulação entre os tempos e modos verbais na frase:
a) Embora a leitura nos faça conhecer a particularidade do Afeganistão, o que tornaria o romance irresistível será a história singular de Amir, o protagonista.
b) Mesmo que a leitura nos fazia conhecer a particularidade do Afeganistão, o que torna o romance irresistível teria sido a história singular de Amir, o protagonista.
c) Tanto mais a leitura nos fazia conhecer a particularidade do Afeganistão, tanto mais a história singular de Amir, o protagonista, tornou o romance irresistível.
d) Se a leitura nos fazia conhecer a particularidade do Afeganistão, o que tornava o romance irresistível era a história singular de Amir, o protagonista.
e) A leitura nos faria conhecer a particularidade do Afeganistão, mas fora a história

singular de Amir, o protagonista, que tornasse o romance irresistível.

8. (Analista Judiciário – TRT-11ª Região – FCC). ***Estamos** vivendo uma época em que a bandeira da discriminação se **apresenta** em seu sentido mais positivo: **trata**-se de aplicar políticas afirmativas para promover aqueles que **vêm** sofrendo discriminações históricas.*

Mantém-se adequada correlação entre tempos e modos verbais com a substituição das formas sublinhadas no trecho acima, na ordem dada, por:

a) Estávamos – apresentava – tratava-se – vinham
b) Estaríamos – apresentara – tratava-se – viessem
c) Estaremos – apresente – tratar-se-ia – venham
d) Estávamos – apresentou – tratar-se-á – venham
e) Estaremos – apresentara – tratava-se – viessem

9. (Técnico Judiciário – TRE-SP – FCC) Se eu perder esse trem, que sai agora às onze horas, só ..... pegar outro trem amanhã de manhã.

A forma verbal que preenche corretamente a lacuna da frase acima, em que foram reescritos em prosa alguns versos de Adoniran, é:

a) conseguiria.
b) conseguirei.
c) conseguia.
d) consegui.
e) consiga.

10. (Fiscal – ISS-SP – Esaf) Está bem observada a correlação entre os tempos e modos verbais na construção do período:

a) Se não variassem de cultura para cultura, as regras de convívio terão alcançado, efetivamente, a chamada validade universal.
b) Tendo cabido ao homo sapiens discriminar critérios de convívio, conseguiu ele criar uma organização social que, até hoje, não abdica de punir quem os desrespeite.
c) A relação de equilíbrio entre direitos e deveres comuns estava sendo prejudicada caso se viesse a permitir a existência de privilégios.
d) Para que não se consagrasse o péssimo exemplo da impunidade, faz-se necessária a sanção dos que vierem a cometer delitos.
e) Enquanto os animais continuam regulando-se pela "lei da selva", os homens estariam sempre se esforçando para tê-la superado.

14.5. Estrutura dos verbos

14.5.1. Radical

Onde está contido o significado dos verbos. Posiciona-se até a última letra antes da vogal temática.

Ex.: Cantar – radical CANT, Vender – radical VEND.

14.5.2. Vogal temática

Vogal que se posta logo após o radical. Serve para indicar a conjugação dos verbos.

Ex.: Cantar é de 1ª conjugação porque, depois do radical, ocorre "A"; vender é de 2ª, porque depois vem "E"; e partir é de 3ª, porque depois vem "I".

BIZU

Nunca haverá vogal temática no presente do subjuntivo. Observe que, neste tempo, depois do radical, jamais virá a letra corresponde à conjugação.

Ex.: CANTE (verbo cantar – 1ª conjugação, vogal temática A)
VENDA (verbo vender – 2ª conjugação, vogal temática E)
PARTA (verbo partir – 3ª conjugação, vogal temática I).

Observações:

Os verbos de 1ª conjugação (VOGAL TEMÁTICA – A) apresentarão, excepcionalmente, "E" e "O" como vogais temáticas alomórficas (forma diferente) na primeira e na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo.

Ex.: Cantei – E – vogal temática alomórfica; cantou – O – vogal temática alomórfica.

Os verbos de 2ª conjugação (VOGAL TEMÁTICA – E) apresentarão, excepcionalmente, "I" como vogal temática alomórfica em todo o pretérito imperfeito do indicativo.

Ex.: Vendia, vendias, vendia, vendíamos, vendíeis, vendiam. Também no particípio apresentarão "I" como vogal temática alomórfica.

Ex.: Vendido, bebido.

Os verbos de 3ª conjugação (VOGAL TEMÁTICA – I) apresentarão, excepcionalmente, "I" como desinência número-pessoal na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo.

Ex.: PARTI – "I" – desinência número-pessoal.

Também apresentarão E como vogal temática alomórfica na 2ª e 3ª singular e 3ª do plural do presente do indicativo. Ex.: partes, parte, partem, abres, abre, abrem.

O verbo PÔR e seus derivados são de 2ª conjugação, porque se originam do latim POER.

14.5.3. Tema

É a soma do radical com a vogal temática.

Ex.: Em cantar, o radical é CANT e a vogal temática é A, portanto o tema é CANTA; em vender, o radical é VEND e a vogal temática é E, portanto o tema é VENDE.

14.5.4. Desinência modo-temporal

Como o próprio nome diz, serve para designar tempo e modo dos verbos. Observe, por exemplo, que, no pretérito imperfeito do subjuntivo, logo após o tema, aparecerá em todas as pessoas SSE (cantasse, cantasses, cantasse, cantássemos, cantásseis, cantassem). É importante que o candidato perceba que este fato não é uma mera coincidência e sim que o SSE faz com que o verbo esteja no pretérito imperfeito (tempo) do subjuntivo (modo). O mesmo ocorre com "A" no presente do subjuntivo dos verbos de 2ª e 3ª conjugações (parta, partas, parta, partamos, partais, partam), "R" no futuro do subjuntivo (vender, venderes, vender, vendermos, venderdes, venderem).

Observações:

O presente e o pretérito perfeito do indicativo nunca possuirão desinência modo-temporal.

É comum, na 2ª pessoa do plural, haver a alteração de "A" em "E" na desinência modo-temporal.

Ex.: canta**va**, canta**vas**, canta**va**, cantá**va**mos, cantá**ve**is, canta**vam** (pretérito imperfeito do indicativo); canta**ra**, canta**ras**, canta**ra**, cantá**ra**mos, cantá**re**is, canta**ram** (pretérito mais-que-perfeito do indicativo); canta**ria**, canta**rias**, canta**ria**, canta**ría**mos, canta**ríe**is, canta**riam** (futuro do pretérito do indicativo); vendi**a**, vendi**as**, vendi**a**, vendí**a**mos, vendí**e**is, vendi**am** (pretérito imperfeito do indicativo).

No futuro do indicativo, RE e RA revezar-se-ão na DMT (canta**re**i, canta**rá**s, canta**rá**, canta**re**mos, canta**re**is, canta**rã**o).

14.5.5. Desinência número-pessoal

Serve para designar pessoa (1ª, 2ª ou 3ª) e número (singular ou plural) dos verbos.

Ex.: MOS – observe que independentemente do verbo e do tempo, MOS é sempre desinência número-pessoal, pois demarca a 1ª pessoa do plural (cantaremos, fizemos, estávamos, queremos, fomos).

14.5.5.1. Exercícios

1. Destaque todos os elementos das formas verbais abaixo, conforme o exemplo.

a) COMPRÁSSEMOS – COMPR (RADICAL), A (VOGAL TEMÁTICA), COMPRA (TEMA), SSE (DMT) e MOS (DNP).
b) ENCONTREI
c) VENCIDO
d) GARANTI
e) GARANTEM
f) GARANTE
g) ENTENDIA
h) AGUENTOU
i) PASSASSEM
j) PASSEM
k) QUERO
l) VENCÍEIS
m) PEDIU
n) ENTENDAMOS
o) ADMITIA
p) ADMITI
q) COMEU
r) COMIAS

2. (Facha) Assinale o item em que houve erro ao se destacar e/ou classificar elemento mórfico do vocábulo ABOTOAM.

a) radical – abot.
b) vogal temática – a.
c) desinência número-pessoal – m.
d) desinência modo-temporal – zero.
e) tema – abotoa.

3. (Facha) Aponte o tópico onde se erra na caracterização do elemento mórfico.

a) Em "sabemos", a desinência número-pessoal é MOS.
b) Em "identifica", a desinência número-pessoal é ZERO.
c) Em "encontrou", a vogal temática está modificada.
d) Em "pensou", a desinência número-pessoal é U.
e) Em "põe", a vogal temática é ZERO.

4. (UFPB) Os elementos mórficos sublinhados são, respectivamente, vogal temática,

desinência modo-temporal e desinência número-pessoal, em:
a) compr<u>e</u>m – senti<u>r</u>ão – sopr<u>a</u>m
b) prometeu – compra<u>va</u> – sentire<u>m</u>
c) senti<u>a</u>m – sopra<u>mos</u> – prometer<u>a</u>
d) prometamos – compraríamos – senti<u>ra</u>
e) compr<u>a</u>reis – senti<u>sse</u> – prometes<u>te</u>

5. (UFPB) Os elementos mórficos sublinhados são, respectivamente, vogal temática, desinência número-pessoal e desinência modo-temporal, em:
a) cant<u>a</u>ste – mandara<u>m</u> – ench<u>a</u>
b) importa<u>va</u> – redij<u>o</u> – vence<u>ra</u>
c) class<u>e</u> – aprend<u>e</u>r – arrum<u>e</u>
d) ficav<u>a</u>m – saí<u>sse</u> – preferi<u>ste</u>
e) judia<u>ção</u> – corr<u>i</u> – desafiara<u>s</u>

6. (UFPB) Os elementos estruturais sublinhados nas formas verbais FICA<u>RA</u> – <u>TOM</u>ANDO – PEDISSE<u>M</u> – <u>CONHECE</u>SSE são, respectivamente:
a) desinência número-pessoal; tema; desinência modo-temporal; radical;
b) desinência modo-temporal; radical; desinência número-pessoal; tema;
c) radical; desinência modo-temporal; tema; desinência número-pessoal;
d) desinência modo-temporal; tema; desinência número-pessoal; radical;
e) tema; radical; desinência modo-temporal; desinência número-pessoal.

14.6. Formação de imperativo

Inicialmente, é prudente compreender que, por motivos semânticos, não há a primeira pessoa do singular. Não faz sentido ordenar, advertir, aconselhar ou suplicar a si mesmo.

O imperativo negativo é uma réplica do presente do subjuntivo, excluindo-se a 1ª pessoa do singular.

Ex.: presente do subjuntivo do verbo DIZER – Maria quer que eu diga; Maria quer que tu digas; Maria quer que ele diga; Maria quer que nós digamos; Maria quer que vós digais; Maria quer que eles digam. Portanto, o imperativo negativo é: não digas tu, não diga você, não digamos nós, não digais vós, não digam vocês.

O imperativo afirmativo possui a seguinte formação: as duas segundas pessoas advêm do presente do indicativo sem "s"; e as outras pessoas, do presente do subjuntivo.

Ex.: mede tu (origina-se de tu medes – presente do indicativo sem "s")
meça você ou ele (origina-se de Maria quer que ele meça – presente do subjuntivo)

meçamos nós (origina-se de Maria quer que nós meçamos – presente do subjuntivo)
medi vós (origina-se de vós medis – presente do indicativo sem "s")
meçam vocês ou eles (origina-se de Maria quer que eles meçam – presente do subjuntivo)

Obs.: 1– O verbo "ser" é exceção na formação das duas segundas pessoas do imperativo afirmativo. As formas são "sê" tu e "sede" vós.

Obs.: 2– Alguns autores têm admitido para os verbos "dizer", "fazer", "trazer", "querer" e os terminados em "uzir" duas formas de imperativo afirmativo na 2ª pessoa do singular. São elas: dize e diz, faze e faz, traze e traz, quere e quer, e produze e produz. Tal se justifica em função de as formas oficiais DIZE, FAZE, TRAZE, QUERE e PRODUZE estarem em desuso na variante brasileira da Língua Portuguesa. É conveniente esclarecer que, numa prova, a forma preferencial, mesmo em desuso, é a tradicional (DIZE, FAZE, TRAZE, QUERE, PRODUZE).

14.6.1. Exercícios

1. (EPCar) Observe: "Procura curtir sem queixa o mal que te crucia".
Se convertêssemos a afirmação em negação e o singular em plural, a opção correta seria a letra:
a) Não procura curtir sem queixa o mal que os crucia.
b) Não procurai curtir sem queixa o mal que vos crucia.
c) Não procureis curtir sem queixa o mal que vos cruciais.
d) Não procurai curtir sem queixa o mal que vos cruciais.
e) Não procureis curtir sem queixa o mal que vos crucia.

2. (MEC – FGV) ***"Pense num bairro de periferia, (...) mas imagine uma vizinhança de gente simpática, (...) e você localiza em Rio Branco (...)"*** **(L.1-5)**
Assinale a alternativa em que, passando-se a forma você para vós, as alterações foram efetuadas seguindo a norma culta.
a) Pensais num bairro de periferia, (...) mas imaginais uma vizinhança de gente simpática, (...) e vós localizais em Rio Branco (...)
b) Pensai num bairro de periferia, (...) mas imaginai uma vizinhança de gente simpática, (...) e vós localizai em Rio Branco (...)
c) Penseis num bairro de periferia, (...) mas imagineis uma vizinhança de gente simpática, (...) e vós localizais em Rio Branco (...)
d) Penseis num bairro de periferia, (...) mas imagineis uma vizinhança de gente simpática, (...) e vós localizeis em Rio Branco (...)
e) Pensai num bairro de periferia, (...) mas imaginai uma vizinhança de gente simpática, (...) e vós localizais em Rio Branco (...)

3. (Fiscal – Sefaz-RJ – FGV) Assinale a alternativa em que a alteração da fala do homem do quadrinho NÃO tenha sido feita com adequação à norma culta. Não leve em conta possível alteração de sentido.
a) Quando tu voltares, traz um copo de água bem gelada para mim!
b) Quando vós voltardes, trazei um copo de água bem gelada para mim!
c) Quando tu voltares, não tragas um copo de água bem gelada para mim!
d) Quando vós voltardes, não tragais um copo de água bem gelada para mim!
e) Quando vós voltardes, não trazeis um copo de água bem gelada para mim!

4. (Fiscal – ICMS – RJ – FGV) Assinale a alternativa em que a alteração da fala do homem do quadrinho NÃO tenha sido feita com adequação à norma culta. Não leve em conta possível alteração de sentido.
a) Quando tu voltares, traz um copo de água bem gelada para mim.
b) Quando vós voltardes, trazei um copo de água bem gelada para mim.
c) Quando tu voltares, não tragas um copo de água bem gelada para mim.
d) Quando vós voltardes, não tragais um copo de água bem gelada para mim.
e) Quando vós voltardes, não trazeis um copo de água bem gelada para mim.

5. Assinale a opção escorreita.
a) Sê estudioso e passará no concurso!
b) Diz a verdade e não será castigado!
c) Produza bastante e terás o reconhecimento de todos!
d) Faz os exercícios e aprenderá a matéria!
e) Traze a cerveja e serás bem recebido!

6. Assinale a opção incorreta.
a) Sede flamenguistas e sereis mais felizes!
b) Quere a sorte e tu a terás!
c) Vem logo e não te atrases!
d) Impõe-te e conquistarás o respeito de todos!
e) Veja o jornal, mas não vejas a novela!

7. Assinale a opção que completa adequadamente as lacunas.
bastante, os obstáculos e nunca !
a) Estuda – vence – desistas
b) Estude – vence – desista
c) Estuda – vença – desistas
d) Estude – vence – desiste
e) Estude – vença – desistas

8. Assinale a opção que completa inadequadamente as lacunas.
os ingressos cedo ao estádio e não com ninguém!

a) Garante – chega – brigues
b) Garanta – chegue – brigue
c) Garantam – cheguem – briguem
d) Garanti – chegai – brigueis
e) Garantes – chegues – brigues

9. Estando os verbos no imperativo, assinale a opção que completa inadequadamente as lacunas.
a janela, mas não a porta!
a) Abre – abras
b) Abra – abra
c) Abramos – abramos
d) Abri – abri
e) Abram – abram

10. (Auxiliar de Necropsia – NCE) Se colocarmos a forma verbal do título – saiba – na segunda pessoa do singular do imperativo negativo, a forma correta será:
a) não sabe;
b) não sabes;
c) não saiba;
d) não saibas;
e) não soubeste.

11. (Papiloscopista – NCE) Se a forma verbal "tenha" estivesse na forma negativa da mesma pessoa do imperativo, sua forma correta seria:
a) não tem;
b) não tenhas;
c) não tende;
d) não tenha;
e) não tens.

12. (MP – NCE) "Recuse o convite e não troque o Brasil pela Itália". Se, em lugar da terceira pessoa, o autor do texto empregasse a segunda pessoa do singular, as formas convenientes dos verbos seriam:
a) recusa / não troca
b) recusas / não trocas
c) recusa / não troques
d) recuse / não troca
e) recuses / não trocas

13. (NCE) Em qual das seguintes alternativas procedeu-se corretamente à mudança do tratamento VÓS para TU, ao se reescrever o enunciado "Disponde de mim e crede-me / amigo muito agradecido"?

a) Dispõe de mim, e crê-me amigo...
b) Disponha de mim, e creia-me amigo...
c) Dispõe de mim, e creia-me amigo...
d) Disponha de mim, e crês-me amigo...
e) Disponha de mim, e crê-me amigo...

14. (Inspetor da Polícia Civil – RJ – FGV) "Então despes a luva para eu ler-te a mão" (verso 6) Assinale a alternativa em que, passando-se o primeiro verbo do verso acima para o imperativo e alterando-se a pessoa do discurso, manteve-se adequação à norma culta.
a) Então dispais a luva para eu ler-vos a mão.
b) Então despe a luva para eu ler-vos a mão.
c) Então despi a luva para eu ler-vos a mão.
d) Então despis a luva para eu ler-vos a mão.
e) Então dispai a luva para eu ler-vos a mão.

15. (NCE) Assinale a alternativa gramaticalmente correta.
a) Não chores, cala, suporta a tua dor.
b) Não chore, cala, suporta a tua dor.
c) Não chora, cale, suporte a sua dor.
d) Não chores, cales, suportes a sua dor.
e) Não chores, cale, suporte a tua dor

16. (TTN) Assinale a sentença que contém erro na forma verbal.
a) "Examinai todas as coisas e retende o que for melhor" (extraído de um marcador de páginas).
b) Detenhamo-nos nos aspectos centrais do pensamento marxista para que saibamos extrair dele o que melhor se aproveita para os dias atuais.
c) Para que elaboremos propostas inovadoras, é preciso que ponhamos nossa criatividade a serviço da geração de ideias inusitadas.
d) Mas não caiamos na tentação de julgar todos os dirigentes políticos como se fossem uns aproveitadores, que usam os cargos apenas para se locupletarem.
e) Se almejardes o saber, vades aos livros e conviveis com os sábios.

14.7. Formas nominais

As formas nominais têm essa nomenclatura, pois, apesar de continuarem a ser verbos, possuem valor de substantivo, adjetivo ou de advérbio.

Ex.: Exercícios resolvidos (resolvidos – valor adjetivo); ler (a leitura – valor substantivo) jornais é sempre conveniente; estudando (Se estudares – valor adverbial), passarás.

14.7.1. Gerúndio

Indica, na maioria das vezes, uma ação simultânea à outra oração exposta no período. São formas de gerúndio: cantando, vendendo, partindo, sendo, estando, havendo, vendo, vindo, tendo, pondo, indo...

Ex.: Ele recebeu João, dando-lhe um abraço.

Observe que há uma ideia de concomitância entre o ato de "receber" e o ato de "dar o abraço".

14.7.1.1. Exercícios

1. (PC-NCE) "Ele se saía muito bem tecendo considerações críticas sobre o provão..." O gerúndio "tecendo" mostra uma ação:

a) que antecede a do verbo da oração anterior;
b) posterior à do verbo da oração anterior;
c) que é a consequência da ação da oração anterior;
d) simultânea à do verbo da oração anterior;
e) que mostra oposição à ação da oração anterior.

2. (NCE) "... que a roubou, ameaçando cortar a garganta do garoto". O bom uso do gerúndio requer que sua ação seja simultânea à do verbo principal, como ocorre nesse segmento do texto. Assim, é exemplo de mau uso do gerúndio a frase:

a) O assaltante gritou, abrindo a porta.
b) O motorista acovardou-se, abaixando o vidro.
c) O assaltante entrou, sentando-se no banco traseiro.
d) O marginal ameaçou-o, mostrando a arma.
e) O motorista obedeceu, acelerando o carro.

3. (NCE – MPE – RJ) Uma das regras do emprego do gerúndio recomenda que ele seja empregado quando indicar "contemporaneidade entre a ação expressa pelo verbo principal e o gerúndio". Observe as seguintes frases:

I. "Quero registrar a triste situação por que passam milhões de crianças brasileiras, em sua maioria desassistidas, desnutridas, sem educação básica, CAMINHANDO rumo a um futuro incerto e infeliz".

II. "Os menores de Brasil desassistidos em seus lares ganham as ruas em busca de uma forma de vida, CAINDO nas malhas da prostituição..."

III. Mesmo assim, tal atividade deve ser reconhecidamente leve, EXCLUINDO-SE, por exemplo, o trabalho exercido nas indústrias, nas oficinas e na agricultura".

A(s) frase(s) em que essa norma foi desrespeitada é(são):

a) I – III
b) I – II
c) II – III
d) I
e) II

14.7.2. Particípio

Cantado, vendido, partido, sido, estado, havido, visto, vindo, tido, posto, ido... Existem verbos com formas abundantes de particípio. Eis uma relação deles.

14.7.2.1. Particípios Duplos

	REGULAR	IRREGULAR
acender	acendido	aceso
aceitar	aceitado	aceito
assentar	assentado	assento, assente
benzer	benzido	bento
concluir	concluído	concluso
desenvolver	desenvolvido	desenvolto
eleger	elegido	eleito
entregar	entregado	entregue
enxugar	enxugado	enxuto
erigir	erigido	ereto
expressar	expressado	expresso
exprimir	exprimido	expresso
expulsar	expulsado	expulso
extinguir	extinguido	extinto
findar	findado	findo
frigir	frigido	frito
ganhar	ganhado	ganho
gastar	gastado	gasto
imergir	imergido	imerso
imprimir	imprimido	impresso
inserir	inserido	inserto
isentar	isentado	isento
juntar	juntado	junto
limpar	limpado	limpo
matar	matado	morto
morrer	morrido	morto
omitir	omitido	omisso
pagar	pagado	pago
pegar	pegado	pego

prender	prendido	preso
romper	rompido	roto
submergir	submergido	submerso
suspender	suspendido	suspenso
tingir	tingido	tinto

BIZUS

1) É preferencial o uso do particípio regular quando o auxiliar for "ter" ou "haver". Em contrapartida, a utilização do irregular torna-se mais interessante, sendo o auxiliar "ser" ou "estar".
2) Para se chegar ao gerúndio, basta usar o verbo ESTAR como auxiliar.
   Ex.: Estou cantando; estás fazendo...
3) Para se chegar ao particípio, basta usar o verbo TER como auxiliar.
   Ex.: Tenho feito; tivesse dito...
4) Os verbos VIR e derivados possuem formas coincidentes no particípio e no gerúndio. Caso haja dificuldades para reconhecer o tempo do verbo, substitua pelo verbo IR; se aparecer INDO, é gerúndio; se aparecer IDO, é particípio.
   Ex.: Quando ela saiu, eu já tinha vindo (ido – portanto, o verbo está no particípio).
   Eu já estou vindo (indo – portanto, o verbo está no gerúndio).

14.7.2.2. Exercícios

1. (MP-NCE) "Noticiando" é forma do gerúndio do verbo noticiar. A frase em que a forma verbal destacada pode <u>não</u> estar no gerúndio é:

a) As notícias estão <u>chegando</u> da Itália cada vez mais rapidamente.
b) <u>Transformando</u>-se o ódio em amor, acabam-se as guerras.
c) <u>Vindo</u> o resultado, os clientes começaram a protestar.
d) Os jogadores italianos estão <u>reclamando</u> dos estrangeiros.
e) O atleta viajou, <u>completando</u> sua missão.

2. (Administrador – Transpetro) A forma verbal em destaque está empregada de acordo com a norma-padrão em:

a) O diretor foi **trago** ao auditório para uma reunião.
b) O aluno foi **suspendido** por três dias pela direção da escola.
c) O réu tinha sido **isento** da culpa, quando nova prova incriminatória o condenou.
d) A autoridade havia **extinto** a lei, quando novo crime tornou a justificar o seu uso.
e) Pedro já tinha **pegado** os ingressos na recepção, quando soube que o espetáculo fora

cancelado.

14.7.3. Infinitivo

Forma nominal que só posiciona o tempo do fato em combinação com outro verbo exposto no contexto.

Infinitivo impessoal – cantar, vender, partir, ser, estar, haver, ver, vir, ter, pôr, ir...

Infinitivo pessoal – cantar (eu), cantares (tu), cantar (ele), cantarmos (nós), cantardes (vós), cantarem (eles)

BIZUS

1) Todos os verbos no infinitivo pessoal são regulares, inclusive os irregulares e os anômalos. Para conjugarmos os verbos neste tempo, basta acrescentar à forma infinitiva as seguintes desinências: 0 (nada), es, 0 (nada), mos, des, em.
2) Dificilmente cai em prova a distinção entre o infinitivo pessoal e impessoal. Tal se deve ao fato de os principais autores informarem não haver regras, e sim tendências. Contudo, dois tópicos são óbvios: quando o sujeito estiver explícito, e imediatamente anterior ao verbo, este estará no infinitivo pessoal, ou seja, flexionar-se-á; quando houver locução verbal, o verbo principal (no infinitivo) nunca se flexiona.
3) Atenção à distinção entre o futuro do subjuntivo e o infinitivo pessoal. A terminação desses dois tempos é idêntica, ficando, inclusive, todos os verbos regulares iguais nesses tempos. Existem dois caminhos para diferençar um tempo do outro.
   a) Se o verbo estiver ligado a uma preposição ou a uma locução prepositiva, o verbo estará no infinitivo pessoal. Se o verbo estiver ligado a uma conjunção ou a uma locução conjuntiva, o verbo estará no futuro do subjuntivo.
   b) Observe que as terminações, como já fora esclarecido, são coincidentes (R – RES – R – RMOS – RDES – REM). Portanto, aparecendo uma forma verbal com uma dessas terminações, basta substituí-la pela expressão FAZER O TRABALHO. Caso apareça FAZER O TRABALHO, o verbo estará no infinitivo pessoal; caso apareça FIZER O TRABALHO, o verbo estará no futuro do subjuntivo.
   Ex.: Se saíres (FIZER O TRABALHO) agora, perderás o último capítulo da novela.

– A forma verbal "saíres" encontra-se no futuro do subjuntivo.

Para saíres (fazer o trabalho) agora, é necessário que tenhas terminado os exercícios.

– Observe que ao substituir SAÍRES por FAZER (sem a preocupação com a concordância), fica fácil concluir que o verbo está no infinitivo pessoal.

Assim que terminarmos (FIZER O EXERCÍCIO) o exercício, voltaremos para casa.

→ A forma verbal "terminarmos", por ser substituída por FIZER, está no futuro do subjuntivo.

Convém terminarmos (FAZERMOS O TRABALHO) o exercício.

→ Quando substituímos "TERMINARMOS" por "FAZER", logo se deduz que o verbo está no infinitivo.

Obs.: Muita atenção com os verbos irregulares, principalmente os derivados do TER, PÔR, VIR e VER.

É muito comum cair em prova questão com frases contendo a seguinte estrutura:

Assim que exporem a opinião, todos ouvirão.

→ Nesta situação, o caminho que considero mais fácil para o candidato é, ao observar a terminação do verbo (REM), substituí-lo pelo FAZER, resultando em <u>FIZER</u> O TRABALHO. Então, logo se detecta que o verbo está no futuro do subjuntivo. Sendo assim, não se deve trabalhar com EXPOR, mas com o verbo PÔR, conjugando como se aprende nas escolas, ou seja, usando o QUANDO. Quando eu puser, quando tu puseres, quando ele puser, quando nós pusermos, quando vós puserdes, quando eles puserem. Se a forma correta é "quando eles puserem", o certo é "Assim que expuserem".

Ex.: Depois de exporem suas opiniões, todos ouvirão.

→ Ao observar a terminação REM, automaticamente deve ser feita a substituição por FAZER. O resultado será "Depois de <u>fazer</u> o trabalho...", logo a forma verbal encontra-se no infinitivo pessoal. Como todos os verbos no infinitivo pessoal são regulares, basta acrescentar as desinências já mencionadas à forma infinitiva: EXPOR, EXPORES, EXPOR, EXPORMOS, EXPORDES, EXPOREM.

Se ele manter a calma, fará boa prova.

→ A terminação "R" denuncia que o verbo está no futuro do subjuntivo ou no

infinitivo pessoal. Dessa forma, torna-se interessante substituí-lo pelo verbo FAZER, resultando "Se ela fizer o trabalho..." Então, o verbo MANTER deveria estar no futuro do subjuntivo. Com a exceção do infinitivo, em que todos os verbos são regulares, convém ao usuário da língua o emprego do verbo (TER) no futuro do subjuntivo: quando eu tiver, quando tu tiveres, quando ele tiver... Então, a forma verbal correta é MANTIVER.

Antes de se abster na votação, o eleitor deve analisar as duas propostas de administração.

→ Novamente temos a terminação R, já implicando a ocorrência do futuro do subjuntivo ou do infinitivo pessoal. Nosso passo prévio é substituir por FAZER OU FIZER. Na frase, a substituição resulta em ANTES DE FAZER O TRABALHO, logo o verbo está no infinitivo pessoal. Neste tempo, todos os verbos são regulares, portanto só nos resta acrescer à forma infinitiva ABSTER aquelas terminações já aludidas. O infinitivo pessoal do verbo "abster" é ABSTER, ABSTERES, ABSTER, ABSTERMOS, ABSTERDES, ABSTEREM. Fica claro, então, que a frase está perfeita.

BIZU

Também é deveras conveniente chamar a atenção para a conjugação do futuro do subjuntivo do verbo VER: o correto é VIR, VIRES, VIR, VIRMOS, VIRDES, VIREM.

Ex.: Se eu te vir amanhã, entregar-te-ei o material.

Será muito bom se nós nos virmos.

Já no infinitivo pessoal, todos os verbos são regulares, e o verbo VER não será exceção: VER, VERES, VER, VERMOS, VERDES, VEREM.

Também é interessante observar a conjugação do verbo VIR no futuro do subjuntivo: VIER, VIERES, VIER, VIERMOS, VIERDES, VIEREM.

Se eles vierem ao Rio, nós os encontraremos.

No infinitivo pessoal, todos os verbos são regulares: VIR, VIRES, VIR, VIRMOS, VIRDES, VIREM.

Se você é bom observador, percebeu que o futuro do subjuntivo do verbo VER é idêntico ao infinitivo pessoal do verbo VIR. De vez em quando, as bancas fazem comentário a respeito dessa coincidência.

14.7.3.1. Exercícios

1. Assinale a opção em que o verbo PÔR ou um de seus derivados esteja incorretamente flexionado.

a) Para expormos nossos trabalhos, torna-se mister que os entreguemos com antecedência.
b) Não haverá consequências, se repusermos os bens que foram extraviados.
c) Uma das missões do setor de recursos humanos é pôr as pessoas certas em lugares certos.
d) João da Silva foi contratado para compor o elenco da peça *Uma missão nas estrelas*.
e) Sentir-te-ás deveras melhor assim que expores toda a tua frustração.

2. Assinale a opção em que o verbo TER ou um de seus derivados esteja indevidamente flexionado.
a) Os atletas se houveram aquém do esperado em virtude de não manterem a calma nos momentos decisivos.
b) Os deputados foram elogiados por não se absterem na votação do *Impeachment* do Presidente.
c) As obras serão retomadas se o setor responsável obtiver os recursos para tal.
d) As crianças somente sairão depois que se entreterem.
e) A revolta atingirá proporções inimagináveis, se a polícia não contiver a força da população.

3. Assinale a alternativa em que haja uma forma verbal inadequadamente conjugada.
a) Não ocorrerão outros desenlaces se a equipe econômica sustiver o atual índice de inflação.
b) Sempre que retem a documentação dos funcionários, a empresa transgride as normas da legislação trabalhista.
c) Sempre que retiver a documentação dos funcionários, a empresa transgredirá as normas da legislação trabalhista.
d) A população e o governo mantêm-se atentos aos focos de desestabilização política.
e) Quando a sociedade realmente detém o poder, não ocorrem as distorções significativas quanto à distribuição de renda.

4. Há uma opção contendo uma falha quanto à flexão verbal. Assinale-a.
a) Se propuseres um contrato para uma grande estrela da televisão, espera um "não" como resposta.
b) Para te opores a nossas reivindicações, expõe teus argumentos.
c) Se os advogados interpuserem recurso à decisão do Colegiado, cometerão um equívoco substancioso.
d) O estudo de legislação ambiental pressupõe conhecimentos em outros áreas do conhecimento.
e) Se o usuário da língua compuser um período com um sujeito composto que se pospõem ao verbo, poderá este ser flexionado em concordância com a soma dos núcleos ou só com o mais próximo.

5. Indique a alternativa que possua uma inadequação de uma forma verbal.

a) Se você se predispuser a fazer este trabalho, faça-o com esmero.
b) Para transpordes todos os obstáculos, sede sempre otimistas e nunca desistais de vossos sonhos!
c) Devolvam tudo aquilo que obterem de forma ilícita.
d) Mantém-te calmo sempre que estiveres em situação conflituosa.
e) Depois de estarem há um mês em um hospital do município, os traficantes serão transferidos para o presídio da Frei Caneca.

6. Nos períodos abaixo, ocorre um verbo indevidamente conjugado. Indique-o.
a) Para ires de avião a São Paulo, é necessário que adquiras a passagem com antecedência.
b) Se fores a Minas, traze uma boa cachaça caseira!
c) Se intervires no tumulto, faze-o com decisão!
d) Não foste convidado, por não convires ao sistema.
e) Assim que os documentos provierem da direção geral, remetê-los-emos para a presidência.

7. Há uma alternativa contendo uma falha quanto à flexão verbal. Assinale-a.
a) Mesmo que expusessem seus motivos, não obteriam êxito em suas reivindicações.
b) Eles sairiam ainda que muito se entretivessem.
c) Se prevíssemos que haveria tão poucos inscritos no concurso, não desistiríamos.
d) Se João se houvesse bem na prova, conquistaria a vaga.
e) Os pais não se oporiam se as escolas intervissem na relação de seus alunos com a própria família.

8. Assinale a opção que completa adequadamente as lacunas.
Sempre que a São Paulo e que o tempo está nublado, rapidamente para o Rio de Janeiro.
a) fores – veres – vem
b) fores – vires – venha
c) ires – vires – vem
d) fordes – virdes – vinde
e) ires – veres – venha

9. (TRT) As lacunas das frases: 1 – "Não sem teus pais" e 2 – "Se eles te , te chamarão", são completadas, corretamente, pelas formas verbais:
a) vás – virem
b) vá – verem
c) ide – vir
d) vás – verem

10. (TRT) As lacunas da frase "se tu aqui e nos , não saberás o que fazer" são

preenchidas, corretamente, por:
a) vieres – vires
b) vieres – vir
c) vieres – vireis
d) vires – veres
e) vires – vires

11. (Cesgranrio) Assinale o período em que aparece forma verbal incorretamente empregada em relação à norma culta da língua.
a) Se o compadre trouxesse a rabeca, a gente do ofício ficaria exultante.
b) Quando verem o Leonardo, ficarão surpresos com os trajes que usava.
c) Leonardo propusera que se dançasse o minuete da corte.
d) Se o Leonardo quiser, a festa terá ares aristocráticos.
e) O Leonardo não interveio na decisão da escolha do padrinho do filho.

12. (UF de São Carlos) Indique a alternativa que completa corretamente as lacunas das frases:
I – Se nos a fazer um esforço conjunto, teremos um país sério.
II – o televisor ligado, para te informares dos últimos acontecimentos.
III – Não havia programa que o povo, após o último noticiário.
a) propormos – Mantenha – entretesse
b) propusermos – Mantém – entretesse
c) propormos – Mantém – entretivesse
d) propormos – Mantém – entretesse
e) propusermos – Mantém – entretivesse

13. (Faap) Assinale a resposta correspondente à alternativa que completa corretamente os espaços em branco: Se você o , por favor -lhe que para apressar o processo.
a) ver – peça – intervenha
b) vir – peça – intervém
c) vir – peça – intervenha
d) ver – pede – intervenha
e) vir – peças – interviesse

14. (BB-UnB) Flexão verbal incorreta:
a) Se vir o tal colega, falar-lhe-ei.
b) Se eu pôr o verbo no plural, erro de novo.
c) Se eu vier cedo, aguardo-o.
d) Se a duplicata estiver certa, paguem-na.
e) Se eu for tarde, esperem-me.

15. (FGV) Assinale o item em que há erro quanto à flexão verbal.
a) Quando eu vir o resultado, ficarei tranquilo.

b) Aceito o lugar para o qual me proporem.
c) Quando estudar o problema, ficará sabendo a verdade.
d) Sairás assim que te convier.
e) O fato está patente a quem se detiver a observá-lo.

16. (Dasp) Assinale a única alternativa em que há erro de flexão verbal.
a) Quando eu o vir, acertarei as contas.
b) Se ele propor um aumento de verba, direi que não teremos recursos.
c) O governo interveio na região.
d) Os funcionários vêm aqui hoje.
e) Na tentativa de solucionar o problema, eles se desavieram.

17. (Med-Santos) Assinale a letra correspondente à frase inteiramente correta para tratamento "o senhor": "Quando nos debates, ser moderado nas expressões e bem nas suas ideias".
a) intervier – procure – suas – coloque
b) intervier – procure – suas – coloca
c) intervir – procura – tuas – coloques
d) intervieres – procure – suas – coloque
e) intervier – procures – suas – coloque

18. (NCE) Assinale a opção que preencha as lacunas corretamente.
I – Ficareis maravilhados, se o resultado. (ver)
II – Sereis perdoados, se o que tirastes. (repor)
III – Não dê atenção a quem lhe negócios ilícitos. (propor)
IV – Nós lhe daremos o recado assim que o . (ver)
a) virdes – repuserdes – propuser – virmos
b) vires – repordes – propor – vermos
c) veres – repuserdes – propuserdes – virmos
d) vês – repordes – propordes – vermos
e) ver – repuseres – propor – vemos

19. (TRT – 23ª Região – FCC) O verbo corretamente empregado e flexionado está grifado em:
a) É de se imaginar que, se os viajantes setecentistas <u>antevessem</u> as dificuldades que iriam deparar, muitos deles desistiriam da aventura antes mesmo de embarcar.
b) O que quer que os <u>compelisse</u>, cabe admirar a coragem desses homens que partiam para o desconhecido sem saber o que os aguardava a cada volta do rio.
c) Caso não se <u>surtisse</u> com os mantimentos necessários para o longo percurso, o viajante corria o risco de literalmente morrer de fome antes de chegar ao destino.
d) Se não maldiziam os santos, é bastante provável que muitos dos viajantes <u>maldizessem</u> ao menos o destino diante das terríveis tribulações que deviam enfrentar.
e) Na história da humanidade, desbravadores foram não raro aqueles que <u>sobreporam</u> o

desejo de enriquecer à relativa segurança de uma vida sedentária.

20. (Administrador – Petrobras – Cesgranrio) O seguinte verbo em destaque NÃO está conjugado de acordo com a norma-padrão:
a) Se essa tarefa não **couber** a ele, pedimos a outro.
b) **Baniram** os exercícios que não ajudavam a escrever bem.
c) Assim que **dispormos** do gabarito, saberemos o resultado.
d) **Cremos** em nossa capacidade para a realização da prova.
e) Todos **líamos** muito durante a época de escola.

21. (TRE-SP) Ele que a sensatez dos convidados a euforia geral e as dúvidas.
a) supusera – freasse – desfizesse
b) supora – freasse – desfizesse
c) supusera – freiasse – desfazesse
d) supora – freiasse – desfizesse
e) supora – freiasse – desfazesse

22. (TRE-SP) Tendo na operação, os funcionários se a serviços essenciais e executaram as tarefas que lhes .
a) intervido – ativeram – caberam
b) intervido – ateram – couberam
c) intervindo – ateram – caberam
d) intervindo – ativeram – couberam
e) intervido – ativeram – couberam

23. (TRE-MT)
I – Os leitores de jornal não os artigos mais longos.
II – Se eles a programação, já será ótimo.
III – Quando ele , receba-o com delicadeza.
As formas que preenchem, corretamente, as lacunas das frases acima são:
a) leem – obtiverem – vir
b) lêem – obtiverem – vier
c) leem – obterem – vier
d) lêem – obterem – ver
e) lêm – obtiverem – vir

24. (TRE-MT) Só está correta a forma verbal grifada na frase:
a) Embora ele <u>esteje</u> indicado, o Senado ainda não o aprovou.
b) Ele <u>passeiava</u> diariamente no parque.
c) Quando eles <u>trouxerem</u> a permissão, poderão entrar.
d) Se <u>mantermos</u> as posições, o inimigo não avançará.
e) Os deputados se <u>entretiam</u> com esses discursos.

25. (Fiscal – Sefaz-RJ – FGV) Na frase do 4o parágrafo do texto *"A liberdade supõe a operação sobre alternativas;"*, o verbo irregular foi flexionado corretamente.
Assinale a alternativa em que se apresenta flexão incorreta da forma verbal.
a) Eles impunham condições para que o acordo fosse assinado.
b) O julgador interveio na polêmica sobre os critérios de seleção.
c) Não foi confirmado se a banca quereria dar à redação caráter eliminatório.
d) Se os autores se disporem a ratear o valor, a publicação da revista será certa.
e) É necessário que atentemos para a questão da mudança de paradigma científico.

26. (NCE) "Saibam quantos esta virem que, no ano (...), aos (...)..."
No texto, a forma verbal VIREM:
a) Corresponde à forma correta e atual do verbo VER, que, no futuro do subjuntivo, é homônimo do verbo VIR.
b) Corresponde a uma forma arcaica do verbo VER, que ficou fixada na linguagem jurídica, e a flexão correta atual, no futuro do subjuntivo, é VEREM.
c) Corresponde à forma correta e atual do infinitivo flexionado do verbo VIR.
d) Corresponde à forma correta e atual do verbo VER, que se encontra flexionado no futuro do subjuntivo.
e) Corresponde a uma forma que pertence única e exclusivamente à linguagem jurídica, uma vez que a flexão do verbo VER, no futuro do subjuntivo, na terceira pessoa do plural é VEREM.

27. (UFRJ-NCE) Se nós FIZERMOS. A forma verbal sublinhada pertence ao futuro do subjuntivo do verbo FAZER; a alternativa em que há erro na conjugação desse mesmo tempo é:
a) Quando os políticos intervierem no processo, tudo ficará melhor.
b) Quando vocês o verem, digam-lhe que estive aqui.
c) Só sairei quando houver bom tempo.
d) Quando forem aprovados, serão empregados.
e) Se couber recurso, eu o farei.

14.8. Falsos derivados

Existem dois verbos bastante perigosos para o candidato a um concurso público: REQUERER e PROVER.
O verbo REQUERER não se deriva integralmente do verbo QUERER, então você deve ficar atento às diferenças entre os dois verbos.

Querer e Requerer

Indicativo

Presente	Presente	Pretérito Perfeito	Pretérito Perfeito
quero	requeiro	quis	requeri

queres	requeres	quiseste	requereste
quer	requere (ou requer)	quis	requereu
queremos	requeremos	quisemos	requeremos
quereis	requereis	quisestes	requerestes
querem	requerem	quiseram	requereram

Pretérito Imperfeito	Pretérito Imperfeito	Pretérito Mais-que-Perfeito	Pretérito Mais-que-Perfeito
queria	requeria	quisera	requerera
querias	requerias	quiseras	requereras
queria	requeria	quisera	requerera
queríamos	requeríamos	quiséramos	requerêramos
queríeis	requeríeis	quiséreis	requerêreis
queriam	requeriam	quiseram	requereram

Futuro do Presente	Futuro do Presente	Futuro do Pretérito	Futuro do Pretérito
quererei	requererei	quereria	requereria
quererás	requererás	quererias	requererias
quererá	requererá	quereria	requereria
quereremos	requereremos	quereríamos	requereríamos
querereis	requereis	quereríeis	requereríeis
quererão	requererão	quereriam	requereriam

Subjuntivo

Presente	Presente
queira	requeira
queiras	requeiras
queira	requeira
queiramos	requeiramos
queirais	requeirais
queiram	requeiram

Pretérito Imperfeito	Pretérito Imperfeito
quisesse	requeresse

quisesses	requeresses
quisesse	requeresse
quiséssemos	requerêssemos
quisésseis	requerêsseis
quisessem	requeressem

Futuro	Futuro
quiser	requerer
quiseres	requereres
quiser	requerer
quisermos	requerermos
quiserdes	requererdes
quiserem	requererem

Imperativo

Afirmativo	Afirmativo	Negativo	Negativo
quere (ou quer)	requere	não queiras	não requeiras
queira	requeira	não queira	não requeira
queiramos	requeiramos	não queiramos	não requeiramos
querei	requerei	não queirais	não requeirais
queiram	requeiram	não queiram	não requeiram

Obs.: Os verbos BENQUERER, DESQUERER e MALQUERER são conjugados como o verbo QUERER.

Prover

Indicativo

Presente: provejo, provês, provê, provemos, provedes, proveem

Pretérito Perfeito: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram

Pretérito Imperfeito: provia, provias, provia, províamos, províeis, proviam

Pretérito Mais-que-Perfeito: provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram

Futuro do Presente: proverei, proverás, proverá, proveremos, provereis, proverão

Futuro do Pretérito: proveria, proverias, proveria, proveríamos, proveríeis, proveriam

Subjuntivo
Presente: proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam
Pretérito Imperfeito: provesse, provesses, provesse, provêssemos, provêsseis, provessem
Futuro: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, preverem

Imperativo
Afirmativo: provê, proveja, provejamos, provede, provejam
Negativo: provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam

BIZU

Sempre é importante lembrar que o caso do verbo PROVER é uma exceção. Os verbos REVER, ANTEVER, PREVER derivam-se integralmente do VER. É muito bom não confundir PROVER (abastecer) com PREVER (antever – fazer uma previsão) e PROVIR (vir de), que se deriva totalmente do verbo VIR.

14.8.1. Exercícios

1. (TRF) Assinale a opção que completa adequadamente as lacunas.
Se eles de recursos o setor e se aos inconvenientes de um período de transição, a reforma se viabilizará.
a) proverem – dispuserem;
b) provirem – dispuserem;
c) provierem – dispuserem;
d) proverem – disporem;
e) provirem – disporem.

2. (NCE) Requerimento é substantivo derivado do verbo REQUERER; a alternativa em que a forma deste verbo está conjugada corretamente é:
a) eu requero;
b) ela requis;
c) se eles requizessem;
d) ele requereu;
e) eles requiseram.

3. (Técnico Judiciário – TJ – FCC) Está adequada a flexão de todos os verbos da frase:
a) É possível que ele requera imediatamente sua aposentadoria;
otimista, espera que o pedido não lhe seja denegado.

b) O autor estaria disposto a trabalhar no que lhe conviesse,
depois de aposentado, para assim imunizar-se contra os males do ócio.
c) Se o autor manter com disciplina o cômputo diário do que resta para aposentar-se, fará contas pelos próximos seis meses e 28 dias.
d) Se nos propormos a trabalhar depois de aposentados, evitaremos os males que costumam acometer os ociosos.
e) Os que haverem de se aposentar proximamente serão submissos a uma averiguação, a fim de serem saldadas as dívidas pendentes.

4. (Técnico Judiciário – TRE-AP – FCC) Está corretamente empregada a palavra destacada na frase
a) Constitue uma grande tarefa transportar todo aquele material.
b) As pessoas mais conscientes requereram anulação daquele privilégio.
c) Os fiscais reteram o material dos artistas.
d) Quando ele vir até aqui, trataremos do assunto.
e) Se eles porem as pastas na caixa ainda hoje, pode despachá-la imediatamente.

5. (Fuvest) Ele a seca e a casa de mantimentos.
a) preveu – proveu
b) provera – provira
c) previra – previera
d) preveu – provera
e) previu – proveu

6. (TTN) Assinale a alternativa que apresenta incorreção verbal.
a) Observa-se que muitos boatos provêm de algumas pessoas insensatas.
b) Se você quiser reaver os objetos roubados, tome as providências com urgência.
c) Prevendo novos aumentos de preços, muitos consumidores proveram suas casas.
d) O Ministro da Fazenda previu as despesas com o funcionalismo público, em 1989.
e) No jogo de domingo, quando o juiz interviu numa cobrança de falta, foi inábil.

7. (AJ-TRT-UFRJ-NCE) "... vieram a significar, no plano social,..." O item a seguir em que o verbo destacado está conjugado <u>erradamente</u> é:
a) Se o virmos por lá, daremos o recado.
b) Os advogados interviram na discussão.
c) A empregada proveu a despensa com o necessário.
d) Quando vimos para cá, sentimo-nos contentes.
e) Os aparelhos provieram dos Estados Unidos.

8. (TRT-Fundec) Das frases abaixo, a única correta quanto à flexão verbal, de acordo com a norma culta da língua, é:
a) Se proporem uma outra crônica, argumente que não há mais espaço nesta edição.
b) Com a cooperação de todos, o jornalista creu que havia condição de escrever a

reportagem.
c) Os candidatos só poderão se inscrever no concurso de crônicas, se o requiserem.
d) Os alunos de minha escola jamais obteram incentivo para redigir textos em crônicas.

9. (Oficial de Justiça) Tendo em conta a flexão verbal, é correto afirmar que as formas PROVÉM, PROVEM, PROVEEM e PROVÊM, referem-se, respectivamente, aos seguintes verbos:
a) prover, provir,provar e provir;
b) provir, provar, prover e provir;
c) provar, prover, provir e prover;
d) provir, provar, provir e prover.

10. (TRE-RJ) "E quando os mórmons se viram frente ao problema de povoar um deserto, não hesitaram em sancionar a poligamia". Das sentenças abaixo, construídas com verbos derivados de ver, aquela cuja lacuna se completa corretamente com a forma entre parênteses é:
a) Os mórmons as dificuldades a serem enfrentadas. (anteveram)
b) Quando os mórmons as dificuldades a enfrentar, agem corajosamente. (entrevêm)
c) Os mórmons já se tinham dos recursos necessários para seguir para o deserto. (provisto)
d) Se os mórmons as dificuldades que enfrentariam, talvez tivessem desistido. (prevessem)
e) Sempre que os mórmons a história da colonização do deserto, sentir-se-ão honrados. (revirem)

11. (Analista Judiciário – TST – FCC) A flexão de todas as formas verbais está plenamente adequada na frase:
a) Os que virem a desrespeitar quem não tem fé deverão merecer o repúdio público de todos os homens de bem.
b) Deixar de professar uma fé não constitue delito algum, ao contrário do que julgam os fanáticos de sempre.
c) Ninguém quererá condenar um ateu que se imbui do valor da ética e da moral no convívio com seus semelhantes.
d) Se não nos dispormos a praticar a tolerância, que razão teremos para nos vangloriarmos de nossa fé religiosa?
e) Quem requiser respeito para a fé que professa deve dispor-se a respeitar quem não adotou uma religião.

12.
a) Ela requereu que eu intervisse na questão.
b) Ela requis que eu intervisse na questão.
c) Ela requis que eu interviesse na questão.
d) Ela requereu que eu intervisse na questão.

e) Ela requereu que eu interviesse na questão.

13.
a) A polícia deteve a carga dos milhões de caixas de remédio.
b) A polícia deteu a carga dos milhões de caixas de remédio.
c) A polícia deteu a carga das milhões de caixas de remédios.
d) A polícia deteve a carga das milhões de caixas de remédio.
e) A polícia deteve a carga dos milhões das caixas de remédio.

14.
a) Não venha agora com os teus problemas de desinteria e astigmatismo.
b) Não venhas agora com os teus problemas de desinteria e estigmatismo.
c) Não venha agora com os seus problemas de disenteria e astigmatismo.
d) Não venha agora com os seus problemas de desinteria e astigmatismo.
e) Não venhas agora com os teus problemas de disenteria e estigmatismo.

14.9. Verbos impessoais

São verbos impessoais aqueles que não possuem pessoa (sujeito). Sendo assim, o sujeito é inexistente – oração sem sujeito –, obrigando o verbo a se restringir à terceira pessoa do singular.

a) Verbos, no sentido denotativo, que indicam fenômenos da natureza.

Ex: chover, trovejar, nevar, ventar...

Esses verbos só podem ser conjugados na 3ª pessoa do singular e também são chamados de verbos impessoais.

Obs.: Às vezes, um desses verbos pode estar no sentido conotativo, cabendo a sua flexão.

Ex.: Choveram laranjas na feira.

→ Nesse caso, a forma verbal "choveram" não é impessoal, o sujeito é LARANJAS, por isso a concordância entre eles.

b) Verbo HAVER, nos sentidos de EXISTIR e de tempo decorrido, e verbo FAZER, também no sentido de tempo decorrido, só podem ser conjugados na 3ª pessoa do singular e também são verbos impessoais.

Ex.: Havia 20 alunos em sala.

Deve haver 30 anos da chegada do homem à Lua.

Faz 20 dias que ela chegou...

Obs.: É relevante saber que os verbos auxiliares pegam as características dos verbos principais.

Ex.: Pode (no singular devido à presença do verbo principal HAVER no

sentido de existir) haver problemas.
Deve (no singular devido à presença do verbo principal FAZER no sentido de tempo passado) fazer três semanas que João viajou.
"... houve templos, houve cultos, houve leis" (Raul Pompeia).

c) O verbo TRATAR, acompanhado do pronome SE, quando semanticamente não puder ter sujeito.
Ex.: Trata-se de uma discussão descabida.
→ Observe que NINGUÉM PODE TRATAR DA DISCUSSÃO, sendo assim, como semanticamente o verbo não pode ter referente, o verbo se torna impessoal.

d) Os verbos BASTAR e CHEGAR, no sentido de PARAR.
Ex.: Chega de confusão.
Basta de briga.

Obs.: O verbo TER, no sentido de EXISTIR, HAVER, OCORRER, em tese, não poderia ser empregado. Contudo, não há como se negar que seu uso já se encontra consagrado, inclusive se registrando exemplos de textos de Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade: "Em Pasárgada tem tudo", "Tem uma pedra no meio do caminho". A maioria das bancas ainda não admite tal uso, mas o NCE, no concurso da Polícia Civil de 2001, indicou que o verbo TER estaria sendo utilizado como impessoal, não entrando no mérito se o uso estaria correto ou não. O Professor Celso Cunha, na página 142 da Gramática da Língua Portuguesa, classifica o uso do verbo TER, na acepção de EXISTIR, como coloquial.

14.9.1. Exercícios

1. (Administrador – Petrobras – Cesgranrio) De acordo com a norma-padrão, a frase que não precisa ser corrigida pelo Professor Carlos Góis, mencionado pelo Texto II, é:
a) Houveram muitos acertos naquela prova.
b) Existia poucos alunos com dúvidas na sala.
c) Ocorreram poucas dúvidas sobre a matéria.
d) Devem haver muitos aprovados este ano.
e) Vão fazer dois anos que estudei a matéria.

2. (Administrador – Transpreto – Cesgranrio) Os alunos, em uma aula de Português, receberam como tarefa passar a frase abaixo para o plural e para o passado (pretérito perfeito e imperfeito), levando-se em conta a norma-padrão da língua.
Há opinião contrária à do diretor.

Acertaram a tarefa aqueles que escreveram:
a) Houve opiniões contrárias às dos diretores / Havia opiniões contrárias às dos diretores.
b) Houve opiniões contrárias à dos diretores / Haviam opiniões contrárias à dos diretores.
c) Houveram opiniões contrárias à dos diretores / Haviam opiniões contrárias à dos diretores.
d) Houveram opiniões contrárias às dos diretores / Haviam opiniões contrárias às dos diretores.
e) Houveram opiniões contrárias às dos diretores / Havia opiniões contrárias às dos diretores.

3. (NCE) "... mas não havia infraestrutura para recrutar os cerca de 20 mil voluntários necessários".
O verbo HAVER presente nesse trecho do texto é impessoal. A alternativa em que o verbo HAVER foi mal utilizado é:
a) Não me haviam alertado para o perigo os técnicos do laboratório.
b) Refaria esses trabalhos e quantos mais houvessem para fazer.
c) Pouco mais de mil pessoas havia nas salas de aula.
d) Houveram por bem sair mais cedo os professores.
e) É provável que haja falhas graves nesse projeto.

4. (Magistério-NCE) "... de há muito acomete o frágil organismo social no qual vivemos". O item abaixo em que a forma do verbo "haver" está <u>erradamente</u> empregada no lugar da preposição a é:
a) Os jornais brasileiros, há vários meses, só falam de corrupção.
b) Há bastante gente a quem se pode acusar de corrupção.
c) O Brasil está há algumas semanas de começar a economia de luz.
d) De há meses para cá o frio tem aumentado.
e) O país sofre de corrupção há várias décadas.

5. O verbo sublinhado <u>não</u> é impessoal na frase:
a) <u>Houve</u> momentos de indecisão.
b) A criança <u>amanheceu</u> gripada.
c) No inverno, <u>anoitece</u> mais cedo.
d) <u>Faz</u> muito tempo que não o vejo.
e) <u>Basta</u> de tolices.

6. (Senado Federal – FGV) "...há outras formas de garantir a transparência..." Assinale a alternativa em que, alterando-se o trecho acima, manteve-se adequação à norma culta.
a) ...há de existir outras formas de garantir a transparência...
b) ...hão de haver outras formas de garantir a transparência...
c) ...devem existir outras formas de garantir a transparência...
d) ...devem haver outras formas de garantir a transparência...

e) ...podem haver outras formas de garantir a transparência...

7. (Fiscal – Sefaz-RJ – FGV) No Brasil, por exemplo, existem regras de criminal compliance... Assinale a alternativa em que a alteração do trecho acima tenha provocado INADEQUAÇÃO quanto à norma culta. Não leve em conta a alteração de sentido.
a) No Brasil, por exemplo, haverá regras de *criminal compliance*...
b) No Brasil, por exemplo, deve haver regras de *criminal compliance*...
c) No Brasil, por exemplo, há de existir regras de *criminal compliance*...
d) No Brasil, por exemplo, devem existir regras de *criminal compliance*...
e) No Brasil, por exemplo, poderão existir regras de *criminal compliance*...

8. (UFRJ-NCE) "... há três décadas ele mantém sua fama em ascendência". Nesta frase o verbo HAVER não varia, pois se trata de uma oração sem sujeito. Assinale a opção que completar corretamente a frase? "Quantos dias que não o vemos? bem uns dez".
a) faz – hão de haver
b) fazem – há de haver
c) fazem – hão de haver
d) faz – há de haver
e) fazem – hão de haverem

14.10. Verbos defectivos

São os que, por algum tipo de anomalia, não apresentam todas as pessoas em sua conjugação.

1) São defectivos abolir, banir, colorir, demolir, exaurir, explodir, extorquir, falir, acontecer, suceder, ocorrer, doer.

2) Há verbos que nossos ouvidos nos induzem a considerar que sejam defectivos, mão não o são: ADERIR, COMPETIR e POLIR. Existem as formas verbais ***EU COMPITO***, Maria quer que ***EU COMPITA... EU ADIRO***, Maria quer que ***TU ADIRAS, EU PULO, TU PULES...***

3) Caro candidato, se você fizer prova para a área fiscal, sobretudo se o concurso for organizado pela Esaf, fique atento aos verbos EMERGIR e IMERGIR. Há uma divergência entre o que ensina Celso Cunha e o que informa Evanildo Bechara. Este indica serem os dois verbos apenas irregulares, conjugando-se tais quais SUBMERGIR e ASPERGIR (EMERJO, MARIA QUER QUE EU EMERJA, TU EMERJAS...). Já aquele entende que SUBMERGIR e ASPERGIR possuem conjugação completa, mas EMERGIR e IMERGIR, não. Estes dois verbos não poderiam ser conjugados quando, após o radical, aparecessem as

letras A ou O. Este assunto caiu na prova de Analista de Finanças e Controle (Esaf), com a banca demonstrando claramente a opção por considerar os verbos defectivos, conforme Celso Cunha.

4) O verbo ADEQUAR ou (ADEQUAR-SE como mais utilizado) não pode ser conjugado em todo o presente do subjuntivo, e no presente do indicativo só existem as formas de 1ª pessoa do plural e de 2ª pessoa do plural. Por consequência, o imperativo também só conterá a forma de 2ª pessoa do plural do afirmativo. É bom esclarecer que nas pessoas existentes o verbo ADEQUAR-SE segue o modelo dos verbos regulares de 1ª conjugação.

5) Precaver e reaver só existem onde, na conjugação do verbo HAVER, houver a letra **V.**
   – O verbo REAVER só existe onde no verbo HAVER aparecer a letra V, ficando exatamente igual ao HAVER.
   – O verbo PRECAVER também só existe onde no verbo HAVER aparecer a letra V. Contudo onde este verbo existir, funcionará como um verbo regular de segunda conjugação, seguindo o modelo do verbo VENDER.

Ex: HAVER		REAVER		PRECAVER

Presente do Indicativo

hei	não há forma	não há forma
hás	não há forma	não há forma
há	não há forma	não há forma
havemos	reavemos	precavemos
haveis	reaveis	precaveis
hão	não há forma	não há forma

Pretérito Perfeito do Indicativo

houve	reouve	precavi
houveste	reouveste	precaveste
houve	reouve	precaveu
houvemos	reouvemos	precavemos
houvestes	reouvestes	precavestes
houveram	reouveram	precaveram

14.10.1. Exercícios

1. (Escriturário – BB – Cesgranrio) O verbo entre parênteses está conjugado de acordo com a norma-padrão em:
a) Desse jeito, ele fale a loja do pai. (falir)
b) O príncipe branda a sua espada às margens do rio. (brandir)
c) Os jardins florem na primavera. (florir)
d) Eu me precavejo dos resfriados com boa alimentação. (precaver)
e) Nós reouvemos os objetos roubados na rua. (reaver).

2. (CEE – Tecnológica-SP) Aponte a frase correta.
a) Avançaram sobre ele, não se conteram.
b) Não repilais quem de vós se aproxima.
c) Se você não prever a ocasião, como agarrá-la?
d) Requiseram inutilmente, não lhe deferiram o pedido.
e) Busquei por muito tempo, mas não reavi o que perdera.

3. (UnB-DF) Assinale o item que contém as formas verbais corretas.
a) reouve – intervi
b) reouve – intervim
c) rehouve – intervim
d) reavi – intervi
e) rehavi – intervim

4. (ITA) Assinale o caso em que o verbo destacado estiver correto.
a) **Eu me precavo** deve ser substituído por **eu me precavejo**.
b) **Eu me precavenho** contra os dias de chuva.
c) **Eu reavi** o que perdera há dois anos.
d) Problemas graves **me reteram** no escritório.
e) Nenhuma das frases acima.

5. (ITA) Vi, mas não ; o policial viu, e também não , dois agentes secretos viram, e não . Se todos nós , talvez tantas mortes.
a) intervir – interviu – intervieram – tivéssemos intervido – teríamos evitado
b) me precavi – se precaveio – se precaveram – nos precavíssemos – não teria havido
c) me contive – se conteve – contiveram – houvéssemos contido – tivéssemos impedido
d) me precavi – se precaveu – precaviram – precavêssemo-nos – não houvesse
e) intervim – interveio – intervieram – tivéssemos intervindo – houvéssemos evitado

6. (ANS – Analista – FCC) Tendo como parâmetro a norma culta da língua, assinale a alternativa que contém forma verbal corretamente empregada.
a) Portugal proveu o Brasil de uma estrutura encontrada apenas em metrópoles.
b) A Inglaterra conviu em que seria mais prudente ajudar na vinda de D. João VI para o Brasil.

c) As grandes nações se precavêem de infortúnios com planejamento.
d) Algumas ex-colônias requiseram a emancipação política antes que nosso país o fizesse.
e) Quando os historiadores reverem o episódio, certamente encontrarão passagens difíceis de interpretar

7. (DNOCS – FCC) É preciso corrigir uma forma verbal flexionada na frase:
a) O e-mail interveio de tal forma em nossa vida que ninguém imagina viver sem se valer dele a todo momento.
b) Se uma mensagem eletrônica contiver algum vírus, o usuário incauto será prejudicado, ao abri-la.
c) Caso não nos disponhamos a receber todo e qualquer e-mail, será preciso que nos munamos de algum filtro oferecido pela Internet.
d) Se uma mensagem provier de um desconhecido, será preciso submetê-la a um antivírus específico.
e) Ele se precaveio e instalou em seu computador um poderoso antivírus, para evitar que algum e-mail o contaminasse.

8. (AFTN) Indique o período correto.
a) Se você reaver seus cruzados retidos, empreste-me algum dinheiro.
b) Se tu reaveres teus cruzados retidos, poderás me emprestar uma parte?
c) Caso você reaveja seus cruzados retidos, pode emprestar-me uns cem mil?
d) Se eu reavesse meus cruzados retidos, emprestar-te-ia uma parte.
e) Todos neste país reaveremos os cruzados bloqueados, nos prazos estipulados pela lei.

9. (Esaf) Assinale a alternativa que apresenta um verbo <u>incorretamente</u> flexionado.
a) O enxoval conviria às noivas dos bairros mais pobres.
b) Não despeças os carregadores antes do desembarque.
c) Os policiais interviram nos protestos dos grevistas.
d) A noiva precaveu-se contra os prejuízos da mudança.
e) Eu expeço, primeiramente, as malas dos estudantes

10. (TRF) Das opções que se seguem, a que está correta quanto à flexão verbal é:
a) Se o governo se precavisse, evitaria acidentes como esse.
b) Com um pouco de sorte, talvez o senhor reaveja os documentos extraviados.
c) Meus filhos só vêm televisão depois que terminam os deveres escolares.
d) As autoridades interviram no rumo dos acontecimentos.
e) A empresa que projetou a usina não se precaveu como deveria.

11. (FCC) Marque a opção cujo verbo apresenta correta flexão.
a) "Se eu reavesse meu dinheiro retido, emprestar-te-ia uma parte".
b) "Toda dúvida que sobrevir deverá ser imediatamente esclarecida. Isso, sim, é transparência".

c) "A impunidade só terá fim quando se desfazer da cobertura política e todos forem iguais perante a lei..."
d) "Se alguém se deter em olhar na tevê, detalhadamente, o rosto do presidente, vai verificar que estão aparecendo alguns fios de cabelos brancos em sua cabeça".
e) Chefonildo interveio imediatamente, pois esses servidores não parecia serem culpados. Quando reouveram o material perdido, desavieram-se na sua distribuição.

12. (Esaf) Assinale a opção em que a mudança de pessoa verbal provoca erro.
a) Requeremos a pavimentação da rua Vicente de Carvalho.
Requeiro a pavimentação da rua Vicente de Carvalho.
b) Apesar do espaço pequeno, temos certeza de que cabemos aí.
Apesar do espaço pequeno, tenho certeza de que caibo aí.
c) Se não nos precavemos a tempo, seremos ludibriados.
Se não me precavenho a tempo, serei ludibriado.
d) Graças ao seu auxílio, reaveremos os documentos.
Graças ao seu auxílio, reaverei os documentos.
e) Nós valemos tanto quanto acreditamos ser nosso valor.
Eu valho tanto quanto acredito ser meu valor.

13. Leia com atenção as frases a seguir, tendo em vista o verbo destacado.
I. Eles adequam suas necessidades ao material disponível.
II. Finalmente reavi meus documentos.
III. Assim que eles proporem o acordo, aceitaremos.
IV. Ele se precaveu para não ter problemas mais tarde.
V. Sempre que proveres a despensa, poderás viajar com tranquilidade.
Estão corretas as formas verbais empregadas em:
a) I e II;
b) II e IV;
c) III e V;
d) IV e V;
e) I e V.

14.11. Formas rizotônicas e arrizotônicas verbais

14.11.1. Rizotônicas

São as formas verbais em que a sílaba tônica recai totalmente sobre o radical.

Ex.: fales, brigo, parte, faze, indica, olho.

A sílaba tônica dessas formas verbais é respectivamente: ***fa, bri, par, fa, di, o*** e recaem sobre os radicais ***fal, brig, part, faz, indic, olh.***

14.11.2. Arrizotônicas

São as formas verbais em que a sílaba tônica não recai sobre o radical.

Ex.: falei, brigamos, parti, fazia, indicou, olharei.

A sílaba tônica dessas formas verbais é respectivamente: ***lei, ga, ti, zi, cou, rei*** e não recai sobre os radicais ***fal, brig, part, faz, indic, olh.***

14.12. Verbos terminados em IAR

Os verbos terminados em ***IAR*** são REGULARES, com **exceção** de: **MEDIAR, ANSIAR, REMEDIAR, INCENDIAR, ODIAR** e **INTERMEDIAR,** que terão o acréscimo da letra **E** nas formas rizotônicas.

Ex.: REMEDIAR (PRESENTE DO INDICATIVO)

remedeio		remediamos
remedeias		remediais
remedeia		remedeiam

REMEDIAR (PRESENTE DO SUBJUNTIVO)

remedeie		remediemos
remedeies		remedieis
remedeie		remedeiem

Analisando este verbo, podemos observar que o radical é **REMEDI,** portanto é justamente quando a sílaba tônica recai sobre **DI,** que se torna necessário o acréscimo da letra **E** entre as letras **D** e **I.**

Obs.: Já o verbo **MOBILIAR** conjuga-se incidindo-se sílaba tônica em BI nas formas rizotônicas.

Presente do Indicativo: mobílio, mobílias, mobília, mobiliamos, mobiliais, mobíliam

Presente do Subjuntivo: mobílie, mobílies, mobílie, mobiliemos, mobilieis, mobíliem

Imperativo Afirmativo: mobília, mobílie, mobiliemos, mobiliai, mobíliem

Imperativo Negativo: mobílies, mobílie, mobiliemos, mobilieis, mobíliem

14.13. Verbos terminados em EAR

Os verbos terminados em **EAR** terão o acréscimo da letra **I** nas formas rizotônicas.

Ex.: NOMEAR (PRESENTE DO INDICATIVO)

nomeio		nomeamos
nomeias		nomeais

nomeia		nomeiam

NOMEAR (PRESENTE DO SUBJUNTIVO)

nomeie		nomeemos
nomeies		nomeeis
nomeie		nomeiem

Analisando este verbo, podemos observar que seu radical é **NOME**, portanto é justamente quando a sílaba tônica recai sobre **ME**, que se torna fundamental a inserção da letra I nesta sílaba.

14.14. Verbos terminados em GUAR

1) AGUAR, APANIGUAR, APAZIGUAR, APROPINQUAR, AVERIGUAR, DESAGUAR, ENXAGUAR, OBLIQUAR, DELINQUIR e afins poderão ou não ser acentuados nas formas rizotônicas.

Obs.: Com a reforma ortográfica, a flexão passsa a admitir as seguintes formas:

AVERIGUAR

PRESENTE DO INDICATIVO	PRESENTE DO INDICATIVO
eu averiguo	eu averíguo
tu averiguas	tu averíguas
ele averigua	ele averígua
nós averiguamos	nós averiguamos
vós averiguais	vós averiguais
eles averiguam	eles averíguam

AVERIGUAR

PRESENTE DO SUBJUNTIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO
eu averigue	eu averígue
tu averigues	tu averígues
ele averigue	ele averígue
nós averiguemos	nós averiguemos
vós averigueis	vós averigueis
eles averiguem	eles averíguem

14.14.1. Exercícios

1. (Cesgranrio) Assinale a forma errada do verbo pontear.
a) ponteias
b) ponteiamos
c) pontearei
d) ponteiam
e) ponteie

2. (ITA) Examinando as afirmações de que a terceira pessoa do singular do presente do indicativo é:
Progredir é progrede.
Ansiar é ansia.
Remediar é remedia.
Transgredir é transgride.
Verifica-se que:
a) apenas uma está correta;
b) apenas duas estão corretas;
c) todas estão corretas;
d) três estão corretas;
e) nenhuma está correta.

3. (Analista – TCE-CE – FCC) Estão corretamente grafadas e flexionadas todas formas verbais da frase:
a) Por vezes, é a intuição de um juiz que intermedia o que está no processo e o espírito da lei.
b) Se não se dispuser a examinar bem o caso e não se prover da melhor intuição, poderá proceder injustamente.
c) A intuição costuma acessorar os juízes, nos casos mais complexos que se lhes apresentam.
d) É frequente que um juiz remedie uma omissão da lei valendo-se do que lhe diz sua intuição.
e) Caso a intuição do juiz não intervisse naquele caso, o réu seria injustamente condenado.

4. (Analista Judiciário – TRE-PE – FCC) Numa carta em que um velho jornalista se dirigisse a um recém-contratado do jornal, seria plenamente aceitável a redação da seguinte frase:
a) Não temais, meu caro, a concorrência de teus colegas: confia em teus próprios valores, aferre-se a eles e segue em frente.
b) Os valores que nortearão suas decisões profissionais não devem, meu caro, desmerecer os valores pessoais de que você se orgulha.
c) Se te vierem ameaçar as piores tentações, fuja delas, amigo, não as dê qualquer atenção, e não terás motivo de arrependimento.
d) Aprenderás com o tempo, meu jovem, que mesmo nas pequenas decisões que adotar,

devem inspirá-lo os valores maiores da ética.
e) Bem-vindo seja, colega, e atenta para que a ansiedade da competição não lhe desvie da missão que a comunidade nos confiou.

5. (TRF – 2ª Região – FCC) O emprego, a grafia e a flexão dos verbos estão corretos em:
a) A revalorização e a nova proeminência de Paraty não prescindiram e não requiseram mais do que o esquecimento e a passagem do tempo.
b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre renegada a um segundo plano, eis que ela imerge do esquecimento, em 1974.
c) A cada novo ciclo econômico retificava-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, sobreviram longos anos de esquecimento.
d) A Casa Azul envidará todos os esforços, refreando as ações predatórias, para que a cidade não sucumba aos atropelos do turismo selvagem.
e) Paraty imbuiu da sorte e do destino os meios para que obtesse, agora em definitivo, o prestígio de um polo turístico de inegável valor histórico.

6. (TRE-MT) Só está correta a forma verbal grifada na frase:
a) Embora ele <u>esteje</u> indicado, o Senado ainda não o aprovou.
b) Ele <u>passeiava</u> diariamente no parque.
c) Quando eles <u>trouxerem</u> a permissão, poderão entrar.
d) Se <u>mantermos</u> as posições, o inimigo não avançará.
e) Os deputados se <u>entretiam</u> com esses discursos.

7. Observe e analise as formas verbais das frases a seguir:
1 – Eu me precavi na época do pacote econômico.
2 – Ele já proveu a geladeira com muitas frutas.
3 – Os inspetores intermedeiam na discussão dos alunos.
4 – Desejamos que eles floreiem os ambientes.
5 – Eles desejam que nós vamos ao teatro.
Estão corretas as frases:
a) todas;
b) 1, 2, 4, 5;
c) 1, 2, 3, 4;
d) 1, 2, 3, 5;
e) 3, 4, 5.

8. (CM) A flexão do verbo "macaquear" está em desacordo com a norma culta na opção:
a) Nós macaqueiamos a visão do Português.
b) O brasileiro macaqueia a visão do Português.
c) Talvez macaqueemos a visão do Português.
d) É possível que os brasileiros macaqueiem a visão do Português.
e) Os brasileiros macaqueiam a visão do Português.

9. (TJ-NCE) "Para outras, é apenas o prazer de saber que a distância não mais cerceia a comunicação, por boba que seja." A frase abaixo em que há uma forma, ligada aos verbos terminados em – ear, grafada erradamente é:
a) É perigoso que passeiemos à noite.
b) A civilização sofre freadas em seu progresso.
c) O homem receoso não luta pela liberdade.
d) Todos nós ceamos no Natal.
e) É injusto que os países totalitários cerceiem a comunicação.

10. (Epcar) Em apenas uma das frases a forma verbal está incorreta. Assinale-a.
a) Desejo que me ouçais com atenção.
b) Se eles se precavessem, não sofreriam o acidente.
c) Se intervissem, o conflito cessaria.
d) Não odieis vosso irmão.
e) Trá-lo-ei assim que me pedires.

11. (UFRJ) "... que aqui viveram e ainda vivem..." Este mesmo fragmento, com o verbo "ansiar" nos mesmos tempos e pessoas do verbo VIVER, ficaria:
a) ... que aqui ansiaram e ainda anseiam...
b) ... que aqui ansiavam a ainda anseiam...
c) ... que aqui ansiaram e ainda ansiam...
d) ... que aqui ansiarão e ainda anseiem...
e) ... que aqui anseiaram e ainda ansiam...

12. (PM – Bahia – Técnico – FCC) Está correta a flexão do verbo sublinhado na frase:
a) Se alguém ver o outro como um aliado, só terá a ganhar.
b) Quando convir, adotar-se-ão medidas repressivas.
c) Quando o caso requiser, adotam-se medidas mais duras.
d) O tolo acha melhor que se remedeie uma situação em vez de a prever.
e) Aquelas ações repressivas não proviram da vontade da população.

13. (Escrivão de Policia Civil do Estado do Maranhão – FCC) O verbo corretamente flexionado está grifado na frase:
a) As tropas americanas não conteram os ataques da população enfurecida à Biblioteca Nacional.
b) Saqueadores de museus contrabandeiam obras de raro valor arqueológico no mercado internacional.
c) Nazistas se proporam a destruir, em enormes fogueiras, livros considerados perigosos na Alemanha.
d) O problema que sobreviu à invasão americana no Iraque foi a destruição de peças arqueológicas raríssimas.
e) Os invasores do Iraque não antevieram as funestas consequências dos saques, como o contrabando de obras valiosas.

14. (MPE – Pernambuco – Técnico ministerial – Área Administrativa – FCC) O verbo grifado está corretamente flexionado na frase:
a) Veem sendo adotadas medidas para a reprodução de músicas sem o pagamento dos respectivos direitos autorais.
b) Na disputa jurídica, as artistas reaveram o direito de receber os valores decorrentes da divulgação de sua obra.
c) Grandes indústrias intermediam os interesses dos compositores, firmando-se no mercado com extraordinários lucros.
d) Alguns amigos do cantor proporam-se a financiar a gravação de suas músicas, na certeza de sucesso imediato.
e) O disco manteve-se em primeiro lugar nas vendas durante semanas, garantindo a recuperação dos gastos da produção.

15. (TRE-Amapá – Téc. Judiciário – FCC) Está corretamente flexionada a forma verbal sublinhada na frase:
a) Se alguém propor medidas para a economia de energia, que seja ouvido com atenção.
b) Caso uma represa contenhe pouco volume de água, as turbinas da usina desligam-se.
c) Seria preciso que refizéssemos os cálculos da energia que estamos gastando.
d) Só damos valor às coisas quando elas já escasseiaram.
e) Se não determos os desperdícios, pagaremos cada vez mais caros por eles.

Nas questões de 16 e 17, marque a opção em que há forma verbal incorreta.
16. (NCE – UFRJ)
a) Se nos **convirem** as respostas, não o processaremos.
b) Para que eles **reouvessem** o que perderam, era necessário calma.
c) Os policiais que **intervieram** na proposta, serão afastados.
d) Quando **propusermos** medidas eficazes, seremos contratados.
e) Para **preverem** as falhas, deverão estudar muito mais.

17. (NCE – UFRJ)
a) Só **previram** as questões referentes ao orçamento dos novos estados.
b) Os cidadãos que **supuseram** tal medida, abandonarão a cidade.
c) Se **requiséssemos** a documentação necessária, haveria desordem.
d) Talvez nós **nomeemos** pessoas mais interessadas no projeto.
e) Não **magoem** aqueles amigos que sempre estiveram com vocês.

14.15. Verbos terminados em Uir

Não apresentam alterações vocálicas no radical, havendo apenas a substituição do "e" pelo "i" na 2ª e na 3ª do singular.

Ex.: Presente do Indicativo – obstruo, obstruis, obstrui, obstruímos, obstruís, obstruem

Obs.: Nos verbos "arguir" e "redarguir", se o "u" for tônico seguido de "e" ou "i" , possuirá acento agudo; caso seja átono, possuirá trema.

Ex.: Presente do Indicativo – Arguo, argúis, argúi, arguimos, arguis, argúem

Pretérito Imperfeito do Subjuntivo – arguisse, arguisses, arguisse, arguíssemos, arguísseis, arguissem

Obs.: ARGUIR e REDARGUIR perdem o acento agudo nas formas rizotônicas.

ARGUIR	REDARGUIR
PRESENTE DO INDICATIVO	**PRESENTE DO INDICATIVO**
eu arguo	eu redarguo
tu arguis	tu redarguis
ele argui	ele redargui
nós arguímos	nós redarguímos
vós arguís	vós redarguís
eles arguem	eles redarguem

ARGUIR	REDARGUIR
PRESENTE DO SUBJUNTIVO	**PRESENTE DO SUBJUNTIVO**
eu argua	eu redargua
tu arguas	tu redarguas
ele argua	ele redargua
nós arguamos	nós redarguamos
vós arguais	vós redarguais
eles arguam	eles redarguam

Obs.: O verbo DELINQUIR, antes defectivo, agora passa a ter todas as suas formas conjugadas.

Obs.: Já em conformidade com a reforma ortográfica.

Obs.: Os verbos CONTRUIR, DESTRUIR, RECONSTRUIR, bem como ENTUPIR (e cognatos) admitem O ou U na segunda pessoa do singular, na terceira pessoa do singular e na terceira pessoa do plural do presente do indicativo.

Ex.: tu constróis (construis), ele constrói (construi), eles constroem (construem)

14.15.1. Exercício

1. (NCE) "A sociedade mantém as Forças Armadas inoperantes no caso".

"Devem as Forças Armadas intervir no processo..."
"... construir e conservar estradas..."
Que item a seguir mostra as formas correspondentes dos verbos das frases acima – MANTER, INTERVIR e CONSTRUIR – na terceira pessoa do plural do presente do indicativo?
a) mantêm – intervêm – construem
b) mantém – intervêm – constroem
c) mantêem – intervêem – constroem
d) mantêm – intervêem – constroem
e) mantém – intervém – constroem

14.16. Verbos prazer, aprazer e desprazer

Têm uma característica peculiar. No pretérito perfeito do indicativo, no pretérito mais-que-perfeito do indicativo, no pretérito imperfeito do subjuntivo e no futuro do subjuntivo, seguem o modelo do verbo HAVER.

Ex.: Pretérito perfeito do indicativo – Eu houve (aprouve), tu houveste (aprouveste), ele houve (aprouve), nós houvemos (aprouvemos), vós houvestes (aprouvestes), eles houveram (aprouveram)

Pretérito mais-que-perfeito – Eu houvera (aprouvera), tu houveras (aprouveras), ele houvera (aprouvera), nós houvéramos (aprouvéramos), vós houvéreis (aprouvéreis), eles houveram (aprouveram)

Pretérito imperfeito do subjuntivo – Se ontem eu houvesse (aprouvesse), tu houvesses (aprouvesses), ele houvesse (aprouvesse), houvéssemos (aprouvéssemos), houvésseis (aprouvésseis), houvessem (aprouvessem)

Futuro do subjuntivo – Quando eu houver (aprouver), tu houveres (aprouveres), ele houver (aprouver), houvermos (aprouvermos), houverdes (aprouverdes), houverem (aprouverem).

Obs.: Nos demais tempos, estes verbos seguirão o modelo dos verbos regulares de 2ª conjugação.

O verbo PRAZER só é conjugado na 3ª pessoa do singular e na 3ª pessoa do plural em todos os tempos.

O verbo comprazer denuncia uma divergência entre os gramáticos Celso Ferreira da Cunha e Evanildo Bechara. Segundo Cunha, este verbo seria regular em todos os tempos e pessoas; já Bechara considera que o verbo também guarda a mesma irregularidade apresentada pelos verbos PRAZER, APRAZER e DESPRAZER.

14.16.1. Exercícios

1. (MPU – Técnico – Área Adm. – FCC) Todas as formas verbais estão corretamente flexionadas na frase:
a) O cronista dá a entender que jamais interveio para libertar um inseto.
b) Se não convisse matar para comer, a natureza não o determinaria.
c) Nunca me aprouveu matar para comer; aguardo que matem por mim.
d) Se a natureza revesse sua principal lei, que tipo de vida haveria?
e) Se a vida não se compor com a morte, romper-se-á todo o equilíbrio.

2. (TCEMG – Eng. Perito – FCC) Todos os verbos estão corretamente empregados e flexionados na frase:
a) Se eu voltar à mesma escola e os alunos proporem as mesmas perguntas, os debates não deixarão de ter o mesmo calor da primeira vez.
b) Se o autor do texto não retesse o mesmo entusiasmo de menino pelas perguntas, não haveria todo aquele magnetismo durante o colóquio.
c) Ao autor aprouve suspender a palestra convencional e deter-se nas perguntas fundamentais que as crianças lhe propuseram.
d) Imergia das questões formuladas aquela vitalidade própria das crianças que não se resiguinam à passividade diante dos mistérios do mundo.
e) Seria interessante que os cientistas convissem em que é fundamental não perder o contato com a curiosidade que se constitue ainda na infância.

3. (CM) Considerando-se a norma culta da língua, há <u>erro</u> quanto à escolha da forma verbal empregada em:
a) Se o país reouver o clima natural dos anos 60.
b) Se o governo revir a atual apolítica econômica.
c) Se lhe aprouver reunir o grupo para discutir.
d) Se a emenda não convier ao governo.
e) Se os jovens se absterem de votar.

4. (TRT-20 R. – FCC) Estão corretamente flexionadas as formas verbais da frase:
a) Temos a impressão de que um bêbado, andando na rua, somente executará os movimentos que lhe aprazer.
b) As teorias do acaso não granjeam muitos adeptos numa época em que imperam os determinismos de todo tipo.
c) Pode-se considerar aleatório todo fenômeno ou comportamento que não provir, aparentemente, de um padrão já definido.
d) Os exemplos que o leitor se propor a acompanhar no livro convencê-lo-ão do importante papel do acaso em nossa vida.
e) Se não conviesse aos físicos estudar a aleatoriedade, esta ficaria adstrita ao campo das crendices e superstições.

14.17. Vozes verbais

A nomenclatura das vozes se baseia nos sujeitos, isto é, se o verbo

concordar com o ser que pratica a ação, a voz é ativa; se o verbo concordar com o sujeito que sofre a ação, a voz é passiva. Se o sujeito pratica e recebe a mesma ação verbal, a voz é reflexiva.

14.17.1. Voz ativa

Ex.: "Eles andam de bicicleta." Observe que a forma verbal ANDAM está na 3ª pessoa do plural porque o sujeito ELES está na 3ª pessoa do plural. O verbo é obrigado a concordar com o sujeito, e como neste caso o sujeito é ativo, a voz é ativa.

14.17.2. Voz passiva

Ex.: "O trabalho foi feito por mim." Observe que a forma verbal **FOI FEITO** está na 3ª pessoa do singular, porque o sujeito **O TRABALHO** também está na 3ª pessoa do singular. Como, neste caso, o sujeito é passivo, a voz é passiva.

Obs. : Só existe voz passiva com verbo transitivo direto (ou transitivo direto e indireto), pois só o objeto direto da voz ativa pode transformar-se em sujeito da passiva. A frase dada como exemplo nasceu desta: "Eu fiz o trabalho." **O TRABALHO,** que era o objeto direto da voz ativa, passa a ser o sujeito da passiva.

A voz passiva pode ser analítica ou sintética.

Será ***Analítica*** – também chamada de "com auxiliar" –, quando houver VERBO SER + VERBO TRANSITIVO DIRETO (no particípio).

Ex.: O carro será (verbo SER) comprado (VTD – particípio) por Manoel (agente da passiva).

Obs.: Podem também ser utilizados outros verbos auxiliares, como ESTAR, FICAR, ANDAR, IR, VIR, VIVER...

Ex.: Ele vai acompanhado dos amigos.

A dúvida ficou esclarecida.

Será ***Sintética*** – também chamada de "pronominal" –, quando houver VERBO TRANSITIVO DIRETO + PRONOME "SE".

Ex.: Vendem-se (VTD + PRONOME "SE") carros (SUJEITO).

Aluga-se (VTD + PRONOME "SE") vaga (SUJEITO).

BIZUS

1) Preste atenção ao fato de que só o objeto direto da voz ativa pode

transformar-se em sujeito da passiva.

Ex.: Assistimos ao filme (objeto indireto). Não devemos dizer "O filme foi assistido por nós".

Esta frase está errada, porque não se pode passar o objeto indireto da voz ativa para sujeito da passiva.

Ex.: Pagamos o salário (objeto direto) ao empregado (objeto indireto).

Está perfeita a seguinte frase: "O salário foi pago ao empregado por nós", pois o objeto direto da voz ativa pode transformar-se em sujeito da passiva; no entanto não se deve dizer "O empregado foi pago por nós", pois o que era objeto indireto da voz ativa não pode ser alterado para sujeito da passiva. Tal se dá pelo fato de o objeto indireto ser termo preposicionado, fator impeditivo de transformá-lo em sujeito.

Obs.: São admitidos como exceções os verbos OBEDECER e DESOBEDECER. Estes verbos são os únicos transitivos indiretos que admitem voz passiva.

Ex.: Obedeço ao regulamento. – O regulamento é obedecido por mim.

Não desobedecerás à lei. – A lei não será desobedecida por ti.

Esta situação se justifica pelo histórico desses verbos. OBEDECER e DESOBEDECER eram transitivos diretos, sem uso de preposição. Contudo, começaram a ser utilizados com a preposição A e a gramática registrou essa alteração. O verbo passou a ser transitivo indireto, entretanto manteve a antiga possibilidade de reescritura na voz passiva.

2) Fundamental se faz observar que, na transcrição da voz ativa para a passiva ou vice-versa, o tempo verbal da frase original há de ser mantido. Tal se justifica pelo fato de, caso ocorra a mudança no tempo do verbo, obviamente será alterado o sentido da frase. Então, não se trata meramente de uma vaidade gramatical, mas sim de uma exigência semântica.

Ex.: João fazia exercícios diariamente. – Observe que, na frase origi-nal, a forma verbal "fazia" encontra-se no pretérito imperfeito, logo a sua reescritura há de se dar com o verbo auxiliar "ser" também no pretérito imperfeito do indicativo, objetivando, assim, respeitar o sentido do período. – Exercícios eram (pretérito imperfeito do indicativo) feitos por João diariamente.

3) É importante o usuário da língua aprender a distinguir o índice de indeterminação do sujeito do pronome apassivador. Este se relaciona com verbos transitivos diretos e resultará na formação da voz passiva. Já aquele

estará ligado a verbos que não sejam transitivos diretos e não implicará a formação de voz passiva. As principais consequências são que, sendo o pronome SE apassivador, o termo que funcionaria como objeto direto se transforma em sujeito, portanto o verbo se torna obrigado a concordar com ele. Já o pronome SE, sendo índice de indeterminação do sujeito, indica que evidentemente o sujeito é indeterminado e, por consequência, o verbo necessariamente flexiona-se apenas na terceira pessoa do singular.

Ex.: Fez-se o trabalho.

– Se não houvesse o pronome SE, o termo "o trabalho" seria objeto direto. Então o verbo é transitivo direto que, ligado ao pronome SE, forma a voz passiva sintética, alterando a função sintática de "o trabalho" para sujeito. Dessa forma, se o termo for flexionado para o plural, o verbo vai acompanhá-lo. – Fizeram-se os trabalhos.

Precisa-se de cerveja.

– Se não ocorresse o pronome SE, o termo "de cerveja" funcionaria como objeto indireto. Portanto, o verbo é transitivo indireto que, relacionado ao pronome "se", NÃO forma a voz passiva. Aquele termo que seria objeto indireto continua sendo objeto indireto, então o verbo não se flexiona. – Precisa-se de cervejas.

Ouve-se bem daqui.

– BEM funciona como adjunto adverbial de modo, DAQUI, como adjunto adverbial de lugar. Não há nessa frase nenhum termo que complemente a ideia do verbo, o qual, por conseguinte é intransitivo. Verbo intransitivo ligado ao pronome SE não caracteriza a voz passiva. O SE é índice de indeterminação do sujeito e, dessa forma, o verbo só se conjuga na terceira pessoa do singular.

Daqui se ouve bem a música.

– BEM continua funcionando como adjunto adverbial de modo, DAQUI, como adjunto adverbial de lugar. Porém, nessa frase, há a ocorrência de "a música", que, sem a presença do "SE", funcionaria como objeto direto. Portanto, se haveria objeto direto é porque o verbo é transitivo direto que, ligado ao pronome SE, forma a voz passiva. Aquele termo que seria objeto direto é alterado para sujeito, obrigando o verbo a acompanhá-lo.

Daqui se ouvem bem as músicas.

Obs.: Há a ideia passiva em estruturas como: Só me batizei com dez anos. / Como tu te chamas?

14.17.3. Voz reflexiva

É quando há coincidência entre o ser que pratica a ação e o que sofre a ação.

Ex.: O rapaz se entregou à polícia.

→ Observe que a pessoa que pratica a ação é a mesma que a sofre. O rapaz entregou e o rapaz foi entregue.

Eu me vi numa situação complicada.

→ Observe que quem vê e quem é visto é o mesmo ser.

14.17.4. Voz reflexiva com valor recíproco

Expressa um tipo de reflexividade, em que um ser pratica a ação em outrem e dele sofre a mesma ação.

Ex.: Eles se beijaram.

→ A ação indica que um beijou o outro.

14.17.4.1. Exercícios

1. (Carlos Chagas-BA) Transpondo para a voz passiva a frase: "Haveriam de comprar, ainda, um trator maior", obtém-se a forma verbal:

a) comprariam
b) comprar-se-ia
c) teria sido comprado
d) ter-se-ia comprado
e) haveria de ser comprado

2. (FMU) Leia a seguinte passagem na voz passiva: "O receio é substituído pelo pavor, pelo respeito, pela emoção ..." Se passarmos para a voz ativa, teremos:

a) O pavor e o respeito substituíram-se pela emoção e o receio.
b) O pavor e o receio substituem a emoção e o respeito.
c) O pavor, o respeito e a emoção são substituídos pelo receio.
d) O pavor, o respeito e a emoção substituem-se.
e) O pavor, o respeito e a emoção substituem o receio.

3. (TRT-RJ – Cespe-UnB) O texto apresenta uma oração na voz passiva no trecho

a) "A série de dados do CAGED tem início em 1992"
b) "o crescimento no número de empregos formais criados foi de 38,7%".
c) "'Pode haver uma diminuição na escalada de compra de bens duráveis'".
d) 'Os preços dos bens duráveis (...) não estão aumentando'.
e) "No caso da indústria de transformação, por exemplo, foram criadas 146 mil vagas".

4. (Administrador – Petrobras – Cesgranrio) No Texto I, a frase "os alunos desfizeram o equívoco antes que ele se criasse" apresenta voz passiva pronominal no trecho em

destaque.
A seguinte frase apresenta idêntico fenômeno:
a) Necessita-se de muito estudo para a realização das provas.
b) É-se bastante exigente com Língua portuguesa nesta escola.
c) Vive-se sempre em busca de melhores oportunidades.
d) Acredita-se na possibilidade de superação do aluno.
e) Criou-se um método de estudo diferente no curso.

5. (Analista Judiciário – Informática – TJ – FCC) A frase que admite transposição para a voz PASSIVA é:
a) *Quando a Bem-amada vier com seus olhos tristes*...
b) *O chapéu dele está aí*...
c) ... *chegou à conclusão de que o funcionário*...
d) *Leio a reclamação de um repórter irritado*...
e) ... *precisava falar com um delegado*...

6. (Analista Judiciário — TJ-RJ – FCC) ***... antiga Selinunte, que foi fundada no século VI a.C. por colonos gregos e arrasada por Haníbal em 409 a.C.***
Reescrevendo-se a frase acima na voz ativa, as formas verbais resultantes serão, respectivamente:
a) fundou – arrasou
b) fundaram – arrasou
c) fundou – arrasaram
d) fundam – arrasa
e) fundariam – arrasaria

7. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) Transpondo-se para a voz passiva a frase "O estilo e o assunto do artigo viriam a sensibilizar a leitora", obtém-se a forma verbal:
a) vinha sendo sensibilizada.
b) veio a ser sensibilizada.
c) viria a ser sensibilizada.
d) vêm sensibilizando-a.
e) viriam a ser sensibilizados.

8. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – FCC) O verbo que NÃO admite transposição para a voz passiva está em:
a) ... *a República aterrou aquela zona* ...
b) *O Cais do Valongo ficava longe da vista dos cariocas* ...
c) ... *a prefeitura pôs em execução uma ampla reforma*...
d) ... *uma equipe de pesquisadores do Museu Nacional encontrou o piso do Cais do Valongo.*
e) ... *e a cobriu com ruas e praças*.

9. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – FCC) *As ruas estavam ocupadas pela multidão*...
A forma verbal resultante da transposição da frase acima para a voz ativa é:
a) ocupava-se;
b) ocupavam;
c) ocupou;
d) ocupa;
e) ocupava.

10. (Técnico Judiciário – TRE-SP – FCC) ... *ao fazer isto, ele exprimiu a realidade tão paulista do italiano recoberto pela terra e do brasileiro das raízes europeias*.
Transpondo-se a frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante será:
a) foi expressa;
b) exprimia-se;
c) é exprimida;
d) vem sendo exprimida;
e) era expressa.

11. (TRE-SP) Transpondo para a voz passiva a frase "O auxiliar judiciário estava organizando os arquivos", obtém-se a forma verbal:
a) foram sendo organizados;
b) estavam sendo organizados;
c) foram organizados;
d) tinham sido organizados;
e) eram organizados.

12. (TRE-SP) Transpondo para a voz ativa a frase "Os pretendentes ao cargo teriam sido cadastrados pelo coordenador", obtém-se a forma:
a) cadastraria;
b) terá cadastrado;
c) seriam cadastrados;
d) teria cadastrado;
e) tinha cadastrado.

13. (Técnico Judiciário – TRE-RN – FCC) ... *viu pedrinhas ali perto*. **(3º parágrafo)**
A passagem para a voz passiva da frase acima resulta na seguinte forma verbal:
a) são vistas;
b) tinha visto;
c) foram vistas;
d) viu-se;
e) é visto.

14. (NCE) "O Governo de nosso Estado combate e denuncia todas as formas de violência".

Qual seria a forma adequada dessa mesma frase se a começássemos de outra forma: "O Governo de nosso Estado pretende que..." e se o restante do período fosse colocado na voz passiva pronominal?
a) Que se combata e se denuncie todas as formas de violência.
b) Que todas as formas de violência sejam denunciadas e combatidas.
c) Que todas as formas de violência se combatam e se denuncie.
d) Que se combatam e se denunciem todas as formas de violência.
e) Que se combate e se denuncia todas as formas de violência.

15. (TJ-NCE) A frase "desliguem o motor" corresponde, na voz passiva com auxiliar, a "que o motor seja desligado".
Qual a correspondência do mesmo tipo inadequadamente realizada?
a) abram as portas – as portas sejam abertas.
b) se afastem das mesas – as mesas sejam afastadas.
c) interrompam a refeição – a refeição seja interrompida.
d) definam um bom espaço – um bom espaço seja definido.
e) ritualizem o ato de parar – o ato de parar seja ritualizado.

16. (NCE) A única frase que está na voz passiva é:
a) Muitos cidadãos estão buscando novas soluções para velhos problemas.
b) A luta contra a corrupção é de todos nós.
c) Os depoimentos na CPI foram acompanhados por grande público.
d) Estamos vivendo um momento de incertezas.
e) Toda a população vai colaborar com o Viva Rio.

17. (NCE) Qual a forma de voz ativa da frase "... para não ser olhado com medo"?
a) Para que não o olhem com medo.
b) Para que não o olhassem com medo.
c) Para não o olharem com medo.
d) Para que não fosse olhado com medo.
e) Para que alguém não o olhe com medo.

18. (NCE) Em que item a seguir <u>não</u> ocorre um verbo na forma de voz passiva?
a) Das fendas de uma rocha se desprendiam emanações...
b) ... que eram tidas como profecias, oráculos.
c) E precisavam ser interpretadas.
d) Tinham duplo sentido, eram ambíguos.
e) E lhes foi dito que a profecia estava certa.

19. (NCE) A eletricidade era empregada para acender lâmpadas. Redigiu-se, de outra forma, a frase acima. Assinale a alternativa em que se verifica uma perfeita correspondência entre as duas formas de redação.
a) Empregou-se a eletricidade para acender lâmpadas.

b) A eletricidade poderia ser empregada para acender lâmpadas.
c) Empregava-se a eletricidade para acender lâmpadas.
d) Para acender lâmpadas, emprega-se a eletricidade.
e) A eletricidade será empregada para acender lâmpadas.

20. (Analista Judiciário – TST – FCC) Transpondo-se para a voz passiva a construção Os ateus despertariam a ira de qualquer fanático, a forma verbal obtida será:
a) seria despertada.
b) teria sido despertada.
c) despertar-se-á.
d) fora despertada.
e) teriam despertado.

21. (NCE) "O controle de várias formas de energia deu ao homem um enorme poder..." No trecho acima, o verbo "dar" pode causar a impressão de que o homem é um ser passivo. Na realidade, porém, sabe-se que o homem procura ser agente. Que alternativa mostra mais claramente o caráter ativo do homem?
a) O controle de várias formas de energia concedeu ao homem um enorme poder.
b) Ao homem foi dado poder pelo controle de várias formas de energia.
c) O homem conquistou um enorme poder com o controle de várias formas de energia.
d) Deu-se ao homem um enorme poder de controlar várias formas de energia.
e) O homem herdou o controle de várias formas de energia.

22. (Magistério-NCE) "... que é discutido em todos os lugares". Esta frase está na voz passiva analítica e sua forma correspondente na voz ativa é:
a) que se discutiu em todos os lugares;
b) que discutem em todos os lugares;
c) que foi discutido em todos os lugares;
d) que se discute em todos os lugares;
e) que discutiram em todos os lugares.

23. (Magistério-NCE) "Trata-se de um mal endêmico na sociedade brasileira..." Se colocarmos "mal endêmico" no plural, a forma correta do verbo "tratar-se" será:
a) trata-se;
b) tratam-se;
c) são tratados;
d) trataram-se;
e) tratou-se.

24. (Técnico de Necropsia) "O projeto foi recebido com ceticismo pela comunidade científica".Colocando-se esse segmento do texto na voz ativa, tem-se como forma correta:
a) Recebeu-se o projeto com ceticismo.

b) Receberam o projeto com ceticismo.
c) A comunidade científica recebeu o projeto com ceticismo.
d) A comunidade científica foi recebida com ceticismo pelo projeto.
e) Receberam-se com ceticismo o projeto pela comunidade científica.

25. (NCE) "... todos procurem conhecer seus direitos e exijam que eles sejam respeitados..." Se reescrevermos as orações sublinhadas, conservando-se as vozes verbais, teríamos como resposta adequada:
a) todos procurem conhecer seus direitos e exijam serem respeitados;
b) todos procurem conhecer seus direitos e exigir ser respeitados;
c) todos procuram conhecer seus direitos e exijam respeitá-los;
d) todos procurem que se conheçam os direitos e exijam que eles sejam respeitados;
e) todos procurem que conheçam seus direitos e exijam que eles se respeitem.

26. (PF) A Língua Portuguesa possibilita diferentes maneiras de se dizer a mesma coisa, com pequenas alterações morfossintáticas. Uma delas diz respeito à mudança da voz verbal, da ativa para a passiva ou vice-versa. Julgue se as reescrituras que se seguem, mudando-se a voz, mantêm o mesmo sentido das respectivas passagens no texto.
1. "Por ser uma palavra de entendimento eminentemente técnico, não encontramos significado para toxicologia nos dicionários da língua portuguesa". / Para a palavra toxicologia, não foi encontrado por nós significado nos dicionários da língua portuguesa, por ser de entendimento eminentemente técnico.
2. "Pelo entendimento, concluímos que toxicologia é o estudo analítico dos riscos oferecidos por produtos químicos ao ser humano". / Foi concluído por nós, pelo entendimento, que toxicologia é o estudo analítico dos riscos que produtos químicos oferecem ao ser humano.
3. "A análise toxicológica de produtos químicos está relacionada, em medicina do Trabalho, ao trabalho realizado por profissionais da saúde ocupacional". / O trabalho que profissionais de saúde ocupacional realizam relaciona a análise toxicológica de produtos químicos pela Medicina do Trabalho.
4. "Estando elas, ou não, dentro dos limites de tolerância fixados pela legislação pertinente". / A legislação pertinente fixará limites de tolerância onde elas podem estar, ou não.
5. "No Brasil, poucos são os produtos químicos cujos limites de tolerância são fixados". / Fixa-se poucos limites de tolerância para os produtos químicos, no Brasil.

27. (PF) A língua possibilita diferentes maneiras de se dizer a mesma coisa, com pequenas alterações morfossintáticas. Uma delas diz respeito à mudança da voz verbal, da ativa para a passiva, ou vice-versa. Julgue se as reescrituras que se seguem, feitas em voz passiva, mantêm o mesmo sentido das respectivas passagens no texto.
1. "As crianças não recebem números ao nascer". / *Números não são atribuídos às crianças ao nascer*.
2. "A numeração pura e simples viria garantir identidade insofismável". / *Identidade*

insofismável viria ser garantida pela numeração pura e simples.
3. "Fruir a graça das coisas naturais e o que lhes acrescentou a imaginação humana. / *A fruição da graça pelas coisas naturais foi acrescentada ao prazer pela vida por conta da imaginação humana*.
4. "Território quase só mistério que aos poucos se foi desbravando, mantendo ainda bolsões de sombra". / *Território quase só mistério, aos poucos foi sendo desbravado, mantendo ainda bolsões de sombra*.
5. "Meu querido e desconhecido irmão no 100.000.000, onde quer que estejas nascendo, fica de olho no futuro, presta atenção nas coisas para que não façam de ti subproduto de consumo, e boa viagem pelo século XXI adentro". / *Onde quer que estejas por nascer, meu querido e desconhecido irmão no 100.000.000, olha bem o futuro, presta atenção nas coisas, para que não sejas feito um subproduto de consumo e viajes bem pelo século XXI adentro*.

28. (BC – Esaf) Analise os itens a respeito das formas verbais no texto.
Uma profunda transformação tecnológica será promovida nos bancos brasileiros neste primeiro semestre para que eles se adaptem às normas determinadas pelo Banco Central (BC), que preveem a reestruturação do Sistema de Pagamentos Brasileiro (SPB). O novo modelo entra em vigor no dia 1o de outubro, quando já deve estar em funcionamento a transferência de grandes valores com liquidação bruta em tempo real e o monitoramento on line da conta reservas bancárias mantida no BC, que se livrará da obrigação de cobrir os saldos negativos deixados pelos bancos nas operações dia-a-dia. Se, de um lado, as cerca de 170 instituições financeiras movimentam-se para modernizar seu aparato tecnológico, de outro as indústrias de software travam uma batalha para conquistar uma fatia dos investimentos que serão feitos (*Gazeta Mercantil*, 20/2/2001, com adaptações).
I. Mantém-se a correção gramática e a ideia de voz passiva ao se substituir a expressão verbal "será promovida" (l. 1) por promover-se-á.
II. O emprego do modo verbal de "adaptem" (l. 2) é exigência da estrutura sintática iniciada por "para que".
III. O emprego de "preveem" (l. 3) segue as regras de conjugação de outros verbos do mesmo paradigma, como prevenir e vir.
IV. O emprego do tempo presente em "entra em vigor" (l. 3/4) desrespeita as regras da conjugação verbal e da coerência textual porque o texto pede que aí se empregue o futuro entrará.
Estão corretos apenas os itens:
a) I e II;
b) I, II e IV;
c) II e III;
d) II, III e IV;
e) III e IV.

14.18. Tempos compostos

Os tempos compostos serão formados através do verbo auxiliar TER ou HAVER acompanhado do verbo principal no particípio. Para o candidato, torna-se deveras importante saber o tempo do verbo auxiliar, mas não como fim, e sim como meio. Utilize a tabela e os exemplos a seguir para esclarecimentos sobre o assunto.

TEMPOS COMPOSTOS	**VERBOS AUXILIARES**	
	INDICATIVO	SUBJUNTIVO
PRETÉRITO PERFEITO	PRESENTE tenho / hei	PRESENTE tenha / haja
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO	PRETÉRITO IMPERFEITO tinha / havia	PRETÉRITO IMPERFEITO tivesse / houvesse
FUTURO	FUTURO terei / haverei	FUTURO tiver / houver
FUTURO DO PRETÉRITO	FUTURO DO PRETÉRITO teria / haveria	_____

Ex.: Na forma verbal TENHO DITO, você deve atentar-se para o tempo do verbo auxiliar "tenho" (presente do indicativo). Aplique essa informação na tabela acima e poderá concluir que a locução está no pretérito perfeito composto do indicativo.

Já na forma verbal sublinhada na frase "Eu desejo que eles já tenham feito o exercício.", como o verbo auxiliar "tenham" encontra-se no presente do subjuntivo, a composição estará no pretérito perfeito do subjuntivo – tempo este que não existe nas formas verbais simples.

Na frase "Quando eu recebi o dinheiro, elas já tinham vendido o apartamento.", como o verbo auxiliar "tinham" está no pretérito imperfeito do indicativo, a composição está no pretérito mais-que-perfeito do indicativo.

No fragmento "se eles houvessem estudado...", o verbo auxiliar "houvessem" está no pretérito imperfeito do subjuntivo, levando-nos a concluir que a forma verbal composta encontra-se no pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo – outra forma verbal que não contém correspondência nos tempos simples.

No período "Quando o professor chegar, eu já terei feito todos os exercícios.", o verbo auxiliar "terei" encontra-se no futuro do presente do indicativo, levando a composição ao futuro composto do indicativo.

Na frase "Se ele tiver feito os exercícios, haverá aprendido a matéria", o verbo auxiliar "tiver" está no futuro do subjuntivo, portanto a composição

está no futuro composto do subjuntivo.

No período "Se você houvesse trazido água, eu a teria bebido", o verbo auxiliar "teria" encontra-se no futuro do pretérito do indicativo, portanto a forma verbal composta está no futuro do pretérito composto do indicativo.

Obs.:

1) É importante frisar que verbos auxiliares em um determinado modo (indicativo ou subjuntivo) só podem formar tempos compostos no mesmo modo verbal.
2) É fundamental compreender que, entre as formas verbais simples e compostas, há uma correspondência de nomenclatura; no entanto, inexiste correspondência semântica. O pretérito perfeito simples do indicativo e o pretérito perfeito composto do indicativo possuem valores diferentes.

   Ex.: O pretérito perfeito simples do indicativo, como já foi dito no início do capítulo, indica uma ideia de evento passado já realizado, finalizado, não costumeiro (Li jornal ontem.). Já o pretérito perfeito composto do indicativo demonstra um fato que tem seu início em um ponto passado, mas que se estende, pelo menos, até o momento presente – momento da confecção do texto (Tenho lido jornal).

   O futuro do presente simples do indicativo demonstra um evento que se inicia em um ponto futuro em relação ao momento em que o texto foi escrito (Farei o trabalho amanhã).

   Já o futuro composto do indicativo explicita um evento futuro em relação ao momento do texto, porém necessariamente anterior a um outro evento exposto (Quando você chegar, eu já terei feito o trabalho).

   Dentre os tempos simples e compostos, o único que possui sempre o mesmo valor semântico é o pretérito mais-que-perfeito do indicativo – evento passado anterior a outro evento passado (Quando Maria me indicou a rua certa, eu já entrara na errada). Neste caso, a substituição de "entrara" por "tinha entrado" (pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo) não gera prejuízo semântico para o período.
3) Além dos tempos já mencionados na tabela, há mais dois outros: o infinitivo composto – com o verbo auxiliar no infinitivo (ter/haver feito) – e o gerúndio composto – com o verbo auxiliar no gerúndio (tendo/havendo feito).

14.18.1. Exercícios

1. Dê os tempos, respectivamente, em que se encontram as seguintes formas verbais

compostas:
1 – HOUVÉSSEMOS FEITO
2 – TENHAMOS EXPLICADO
3 – TENS LEMBRADO
4 – HAVIAM TRAZIDO
a) Pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo – pretérito perfeito do subjuntivo – pretérito perfeito do indicativo – pretérito mais-que-perfeito do indicativo.
b) Pretérito mais-que-perfeito do indicativo – pretérito perfeito do indicativo – pretérito perfeito do subjuntivo – pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo.
c) Pretérito imperfeito do subjuntivo – presente do subjuntivo – presente do indicativo- pretérito imperfeito do indicativo.
d) Pretérito mais-que-perfeito do indicativo – presente do indicativo – presente do subjuntivo, pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo.
e) Pretérito perfeito do indicativo – pretérito mais-que-perfeito do indicativo – pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo – pretérito perfeito do subjuntivo.

2. (Uni-Rio) Em "Basta que ele <u>tenha existido</u>", a forma verbal está no:
a) perfeito composto do indicativo;
b) mais-que-perfeito composto do subjuntivo;
c) presente composto do subjuntivo;
d) mais-que-perfeito composto do indicativo;
e) perfeito composto do subjuntivo.

3. (Professor Superior/Fesp) Nas orações apresentadas abaixo, os tempos verbais destacados classificam-se, respectivamente, como:
I – Se dependesse de mim, teria vetado.
II – Nunca ouvi dizer que uma dessas trocas tenha tido resultado aproveitável.
a) particípio composto e pretérito perfeito composto do indicativo;
b) pretérito perfeito composto do indicativo e pretérito imperfeito do subjuntivo;
c) futuro do pretérito composto do indicativo e presente composto do indicativo;
d) futuro do pretérito composto do indicativo e pretérito perfeito composto do subjuntivo;
e) futuro do presente composto do indicativo e pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo.

4. (Técnico Judiciário – TRE-SP – FCC) ***Já <u>tenho lido</u> que ele usa uma língua misturada de italiano e português*.**
No segmento grifado acima, Antonio Candido usou determinada forma verbal que poderia ser substituída, sem prejuízo para correção e a lógica, por:
a) li;
b) lia;
c) lera;
d) leria;
e) leio.

5. (Fuvest) Passando-se o verbo do trecho: "aquilo que o auditório já sabe" para o futuro composto do subjuntivo, obtém-se a forma verbal:
a) terá sabido;
b) ter sabido;
c) tiver sabido;
d) tenha sabido;
e) souber.

6. Marque a opção em que a forma verbal do tempo composto corresponde à forma verbal do tempo simples, modificando o modo, na frase abaixo:
"Quando eu cheguei, ela já saíra".
a) tinha saído
b) tenha saído
c) tem saído
d) tivesse saído
e) teria saído

7. (Faap) "Os infantes não chegariam lá, ou, se chegassem, seria a duras penas ..." As formas verbais compostas correspondentes às formas simples destacadas são, respectivamente:
a) tinha chegado – tivessem chegado
b) não há – tinha chegado
c) teriam chegado – têm chegado
d) terão chegado – tivessem chegado
e) teriam chegado – não há

8. (NCE) "Cidadezinha que não coube no mapa..."
Assinale o item que apresenta o tempo composto correspondente à forma verbal sublinhada:
a) tivesse cabido
b) tinha cabido
c) têm cabido
d) tenha cabido
e) tem cabido

9. (UFRJ) A forma verbal "expôs" corresponde à terceira pessoa do singular do pretérito perfeito simples do indicativo. Como seria a forma dessa mesma pessoa no pretérito perfeito composto do indicativo?
a) havia exposto
b) tinha exposto
c) tem exposto
d) teve exposto

e) foi exposto

10. (Analista – TRE-TO – FCC) ***Minha outra mulher teve uma educação rigorosa, mas mesmo assim mamãe nunca entendeu por que eu escolhera justamente aquela, entre tantas meninas de uma família distinta*.**
O verbo grifado na frase acima pode ser substituído, sem que se altere o sentido e a correção originais, e o modo verbal, por:
a) escolheria;
b) havia escolhido;
c) houvera escolhido;
d) escolhesse;
e) teria escolhido.

14.19. Exercícios de revisão

1. (Analista Judiciário – Informática – TJ-RJ – FCC) ... ***dia em que a circulação duplicava*.**
O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está em:
a) ... *e já fez muitas moçoilas e rapazes barbados chorarem*.
b) ... *editaria a obra às próprias custas* ...
c) ... *a produção jornalística é pouco divulgada*.
d) *Macedo era mesmo um agitador.*
e) *Nosso escritor usaria de suas boas relações* ...

2. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) Ambos os segmentos do texto têm o verbo empregado nos mesmos tempo e modo:
a) *O humor que perdura na* Belle Époque *brasileira*... // ... *embora nem sempre esta imagem corresponda à realidade*.
b) ... *transformações sociais que elas traziam. // ... esta mesma ansiedade expressava-se*...
c) *Abre-se um espaço para a representação humorística... //... que seriam a própria negação do progresso*...
d) ... *embora nem sempre esta imagem corresponda à realidade. // ... uma atmosfera que ansiava por cosmopolitismo*...
e) ... *transformações sociais que elas traziam. // ... que seriam a própria negação do progresso*...

3. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – FCC) Fomos uma geração de bons meninos.
O verbo empregado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:
a) Nos anos de 1970 e 80 ainda surgiram heróis interessantes...
b) Os heróis eram o exemplo máximo de bravura, doação pessoal e virtude.
c) Atualmente não sei.
d) Gibis abasteciam de ética o vasto campo da fantasia infantil...

e) ... mas alguns parecem cheios de rancor...

4. (AFC – Esaf) Assinale a opção que foi transcrita <u>com problemas</u> na correlação dos tempos verbais.

a) Em setembro de 1998, pesquisa realizada com o apoio do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) procurou medir a capacidade do trabalhador brasileiro de entender o que lê e estabelecer relações entre quantidades expressas em números, com critérios semelhantes aos usados nos países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), que reúne os 29 principais países industrializados.

b) Seria assustador que 82% dos entrevistados não entenderam a conta de juros reais que incidam, por exemplo, na prestação de um eletrodoméstico. Na era da informática, que tipo de oportunidade profissional pode ter uma pessoa com tais carências de qualificação?

c) A pesquisa, realizada em várias cidades brasileiras, entre a população de baixa escolaridade, entre 15 e 55 anos, mostrou que, entre 69% e 81% (conforme a região) dos 2 mil entrevistados, quando solicitados a analisar texto informativo simples, apenas reconheciam o tema, sem assimilar o sentido do texto.

d) A oferta de escolaridade combate o analfabetismo absoluto, como prova o caso brasileiro, mas não garante capacidade de apreensão, compreensão e concentração que os empregos modernos exigem.

e) Por isso a Unesco insiste em que é preciso "educação de qualidade". Alfabetizar custa pouco – o Comunidade Solidária gasta US$ 34 *per capita*. Educar para o moderno mercado de trabalho tem custo bem mais elevado, mas são poucos os países dispostos a pagá-lo.

(*O Estado de S. Paulo* – Notas e Informações, 22/4/2000, p. A3, com adaptações).

5. (AFC – Esaf) Assinale a opção em que a correlação entre tempos e modos verbais constitui <u>erro</u> de sintaxe.

a) Há pelo menos dois séculos, desde que Adam Smith inaugurou a profissão, os economistas consomem boa parte de seu tempo, enaltecendo os benefícios do livre comércio e pregando a liberdade econômica.

b) O mundo perfeito, garantem, é aquele em que não há nenhum tipo de obstáculo ao fluxo de mercadorias, pessoas e ideias.

c) Deixada sem amarras, a economia funcionaria de maneira harmoniosa, regida por uma mão invisível que a fazia viver sempre em equilíbrio.

d) Presa, seria como uma máquina com areia nas engrenagens, cujo atrito traria desperdício de energia e empobreceria os cidadãos.

e) A virada do milênio reservou um paradoxo e tanto para os seguidores do economista escocês. Nunca como agora o mundo aderiu com tanta garra a suas teses.

(Adaptado de *Exame*, 1/11/2000, p.135)

6. (AFC – Esaf) Assinale a opção em que a flexão verbal constitui <u>erro</u> de construção sintática:

a) A luz elétrica aumentou o número de horas de trabalho, e as estradas de ferro permitiram que os produtos e as pessoas circularem muito mais fácil e rapidamente.
b) As invenções de maior impacto científico e social não são as que promovem necessariamente os maiores ganhos econômicos.
c) A prensa tipográfica, para alguns a invenção mais importante do milênio, teve pouco efeito mensurável sobre o crescimento da produção per capita.
d) Cientificamente falando, talvez a *Internet* não seja tão significativa quanto a prensa, o telégrafo ou a eletricidade, mas seu impacto econômico é provavelmente muito maior.
e) Um dos motivos disso seria o fato de que o custo das comunicações nas tecnologias anteriores nunca caiu tanto como agora.
(Adaptado de *Negócios Exame*, p. 94.)

Leia o texto seguinte para responder à questão 7 (TFC – Esaf).

1	O saber produzido pelo Iluminismo não conduzia à emancipação e sim à técnica e ciência moderna que mantêm com seu objeto uma relação ditatorial. Se Kant ainda podia acreditar que a razão humana permitiria emancipar os homens de seus entraves, auxiliando-os a dominar e controlar a natureza externa e interna, temos de reconhecer
5	hoje que essa razão iluminista foi abortada. A razão que hoje se manifesta na ciência e na técnica é uma razão instrumental, repressiva. Enquanto o mito original se transformava em Iluminismo, a natureza se convertia em cega objetividade. Inicialmente a razão instrumental da ciência e técnica positivista tinha sido parte integrante da razão iluminista, mas no decorrer do tempo ela se autonomizou,
10	voltando-se inclusive contra as suas tendências emancipatórias.

(B. Freitag, *A Teoria Crítica Ontem e Hoje*, p. 35, com adaptações).

7. Indique a afirmação <u>incorreta</u> a respeito do emprego das formas verbais no texto:
a) O verbo "mantêm" (l. 2) refere-se tanto a "técnica" quanto a "ciência moderna".
b) O emprego do futuro do pretérito em "permitiria" (l. 3) ressalta a possibilidade de ocorrer a ação expressa pelo verbo seguinte, "emancipar" (l. 3), não sua ocorrência real.
c) Conserva-se a correção gramatical da oração retirando-se a vírgula e substituindo-se a forma de gerúndio "auxiliando-os" (l. 3) por e *auxiliá-los*.
d) Conserva-se a correção gramatical ao substituir "foi abortada" (l.5) por *abortou-se*.
e) A locução verbal "tinha sido" (l.8) está no singular para concordar com "técnica positivista" (l.8).

8. (Sefaz – Pará – Esaf) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas.
Pela primeira vez na história, uma dúzia de países – sem guerra nem violência, somente com negociações e entendimento democrático – parte essencial de sua soberania para uma moeda única ao bem-estar
coletivo. problemas no horizonte. Mas esse empreendimento admirável do Velho Mundo já está servindo aos interesses dos brasileiros.
(Luiz Felipe de Alencastro, *Veja*, 16/1/2002, p. 22.)
a) abandonam – criarem – com o visto – A
b) abandona – criar – visando – Há
c) abandonaram – criarem – com vistas – A
d) abandona – criarem – com vista – Haverão

e) abandonam – criar – para visar – Haverão

9. (Sefaz – Pará – Esaf) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas.
Se a Espanha – a segunda maior investidora na Argentina (25,7% dos investimentos estrangeiros) e no Brasil (15,6% dos investimentos) – não escorada pelo euro, a peseta e a economia espanhola rolado ladeira abaixo. No contexto pós-Guerra Fria, em que a hegemonia americana que as nações se esborrachem, a crise argentina uma dimensão muito mais ampla, atingindo o Brasil em cheio.
(Luiz Felipe de Alencastro, *Veja*, 16/1/2002, p. 22.)
a) está – terão – deixava – tomava
b) esteve – terão – deixa – tomava
c) estava – teriam – deixava – tomou
d) estivesse – teriam – deixa – tomaria
e) estivessem – teria – deixou – tomaria

10. (Sefaz – Pará – Esaf) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas.
No primeiro mundo, as taxas de crescimento para a metade em relação ao que foram nos primeiros 20 anos após a Segunda Guerra Mundial, enquanto as taxas de desemprego , principalmente na Europa, e o milagre japonês
que aos anos 80, afinal nos anos 90. Na América Latina e no Leste Europeu, que se recusam a realizar o ajustamento fiscal nos anos 70, a crise se desencadeia nos anos 80 com muito mais violência.
a) reduzem – aumenta – sobreviveria – soçobraria
b) reduzem-se – aumenta – sobrevive – soçobra
c) reduziram – aumentam – sobrevivera – soçobram
d) reduziam – aumentaram – sobrevivera – soçobra
e) reduzem-se – aumentam – sobrevivera – soçobra

11. (AFC – Esaf) Indique a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.
É preciso que a discussão da reforma tributária norteada pela mesma premissa básica que inspirou várias propostas de reforma, defendidas tanto pelo Executivo como pelo Congresso, a partir do final de 1997. Por divergentes que , tais propostas partiram todas do mesmo diagnóstico. De que a reforma que necessária a eliminação dos tributos cumulativos, bem como do IPI, ICMS e ISS, e a introdução de uma forma de taxação indireta, centrada em esquema amplo e coerente de impostos sobre valor adicionado. A grande questão – e é nisso que as propostas é como fazer essa mudança.
(Adaptado de Rogério L. F. Werneck, *Estado de S. Paulo*, 27/10/2000.)
a) volta a ser – tenham sido – fazia-se – requer – divergem
b) volte a serem – fossem – se fez – requeresse – divergiram
c) volte a ser – tenham sido – se fazia – requeria – divergem
d) volte sendo – eram – se faria – requeriam – divergirão
e) voltem a ser – tivessem sido – fazia – requerem – diverge

12. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – FCC) ... *justamente onde funcionavam as principais repartições públicas da Colônia*.
O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está em:
a) *O tráfico negreiro, por si só, era um dos setores mais dinâmicos da economia.*
b) *O Valongo deixou de ser porto negreiro em 1831...*
c) *Os historiadores estimam...*
d) ... *a prefeitura pôs em execução uma ampla reforma da decadente zona portuária.*
e) ... *os burocratas começaram a ficar perturbados...*

TEXTO (MP) – RACISMO
O Globo, 13/7/2001
A imprensa brasileira vem noticiando uma proposta milionária do Lazio da Itália, que pretende adquirir o passe do zagueiro Juan por 10 milhões de dólares. Este é o time cuja torcida já agrediu o jogador brasileiro Antonio Carlos, do Roma, e perdeu o mando de campo por incitamento racista em pleno estádio.
Aqui fica uma sugestão a este jovem negro, atleta brasileiro de 22 anos, com um brilhante futuro profissional: recuse o convite e não troque o Brasil pela Itália, pois moedas não resgatam a dignidade. Diga não aos xenófobos e racistas.

13. (MP) "A imprensa brasileira vem noticiando..." Com a utilização do tempo verbal destacado, o autor do texto quer referir-se a uma ação que:
a) acaba de terminar;
b) acaba de começar;
c) se iniciou antes de outra ação passada;
d) se iniciou há pouco tempo e permanece no presente;
e) se repete no passado e no presente.

14. (MP) Considerando que a ação de agredir o jogador brasileiro Antonio Carlos ocorreu antes de o Lazio perder o mando do campo, ação também passada, o verbo "agredir" deveria estar no:
a) mais-que-perfeito do indicativo;
b) imperfeito do indicativo;
c) futuro do pretérito;
d) imperfeito do subjuntivo;
e) presente do subjuntivo.

15. (TRT) "... porque o trabalhador não tem interesse no resultado". A frase a seguir em que o verbo ter ou derivado é conjugado e grafado de forma correta é:
a) A lei não contem exceções.
b) Os advogados têem cópias das leis.
c) A leitura dos documentos entreteu os advogados.
d) Quando deter o marginal, o policial ficará satisfeito.

e) Quando retém os documentos, a escola contraria as leis.

16. (TRT) "... vieram a significar, no plano social..." O item a seguir em que o verbo destacado está conjugado erradamente é:
a) Se o virmos por lá, daremos o recado.
b) Os advogados interviram na discussão.
c) A empregada proveu a despensa com o necessário.
d) Quando vimos para cá, sentimo-nos contentes.
e) Os aparelhos provieram dos Estados Unidos.

17. (Fiscal de Rendas – SP)
Um dia ele chegou tão diferente do seu jeito de sempre chegar
Olhou-a de um jeito muito mais quente do que sempre costuma olhar
E não maldisse a vida quanto era o seu jeito de sempre falar.
(Trecho de Valsinha, de Chico Buarque de Holanda e Vinícius de Moraes).
Quanto ao tempo verbal, "maldisse" está para "maldizer" assim como:
a) previsse está prever;
b) proviu está para prover;
c) interveio está para intervir;
d) reouvesse está para reaver;
e) precavesse está para precaver.

18. (Bacen) Assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, as lacunas da frase abaixo.
Se que não pode mais amar-me, -me então.
Suas palavras amenas -me; nosso amor.
a) vir – esqueça – detiveram – protejamos
b) vires – esqueça – deteram – protejamos
c) veres – esquece – detiveram – protejamos
d) ver – esqueça – deteram – protejamos
e) vir – esquece – deteram – protejemos

19. (TRF) Das frases abaixo, a que contém erro de flexão verbal é:
a) Aqui se hastia a bandeira todo dia.
b) Nosso esforço será no sentido de obter outras propostas orçamentárias e aprovar a que melhor convier à Instituição.
c) Tais espetáculos incendeiam os espíritos e acirram os conflitos.
d) Se os municípios da região não se provessem do indispensável, grandes tragédias adviriam na época da seca.
e) Esperamos que eles vão até lá e que investiguem por eles mesmos.

20. (TRF) A respeito da frase "As negociações deverão ser concluídas até outubro", pode-se dizer que:

a) Está na voz passiva analítica, e na voz ativa ficaria "As negociações deverão concluir-se até outubro".
b) Está na voz passiva sintética, e na voz passiva analítica ficaria "Deverão concluir as negociações até outubro".
c) Está na voz passiva sintética, e na passiva analítica ficaria "As negociações deverão concluir-se até outubro".
d) Está na voz passiva analítica, e na voz passiva sintética ficaria "Dever-se-ão concluir as negociações até outubro".
e) Está na voz passiva analítica, e na voz reflexiva ficaria "As negociações deverão concluir-se até outubro".

21. (Fiscal de Rendas – SP) As lacunas dos trechos abaixo estão preenchidos, correta e respectivamente em:
É esperto: recorreria ao governo, se lhe . Com as reformas que virão, é bom que o contribuinte a ideia de sonegar impostos. dele quando afirma que os recursos não do Estado.
a) convesse – repele – Diverjo – provém
b) convisse – repile – Divirjo – provem
c) convisse – repila – Diverjo – provém
d) conviesse – repila – Divirjo – provêm
e) conviesse – repele – Divirjo – provém

22. (TRF) Das frases abaixo, a que contém erro na flexão verbal é:
a) O acidente ocorreu porque o Rui não conseguir freiar o carro.
b) Se a comunidade nos provesse do equipamento de que necessitamos para prestar a ela mesma esse serviço, todos sairíamos ganhando.
c) Os espíritos se incendeiam toda vez que se fala em fazer justiça.
d) Se a associação se mantivesse coerente com sua própria doutrina, cresceria sua credibilidade.
e) Quem se interpuser entre o Ricardo e a Cristina não contará com o meu apoio.

23. (TRF) A opção em que a explicação dada para o sentido da forma verbal grifada está incorreta é:
a) No século III a. C. <u>chega</u> o latim à Península Ibérica: presente histórico.
b) Furacão <u>mata</u> 20 adultos e 3 crianças na Califórnia (manchete de jornal): presente com valor de pretérito.
c) Eu <u>aceitaria</u> um cafezinho: futuro do pretérito indicando momento posterior a um tempo passado.
d) Eu <u>aceitava</u> um cafezinho: pretérito imperfeito para indicar polidez.
e) Eu <u>aceito</u> um cafezinho: presente simultâneo ao momento da fala.

24. (PUC) Uma das alternativas abaixo está errada quando à correspondência no emprego dos tempos verbais. Assinale qual é esta alternativa.

a) Porque arrumara carona, chegou cedo à cidade.
b) Se tivesse arrumado carona, chegaria cedo à cidade.
c) Embora arrume carona, chegará tarde.
d) Embora tenha arrumado carona, chegou tarde.
e) Se arrumar carona, chegaria cedo à cidade.

25. (Cesgranrio) Não há devida correlação temporal das formas verbais em:
a) Seria conveniente que o leitor ficasse sem saber quem era Miss Dollar.
b) É conveniente que o leitor ficaria sem saber quem é Miss Dollar.
c) Era conveniente que o leitor ficasse sem saber quem é Miss Dollar.
d) Será conveniente que o leitor fique sem saber quem era Miss Dollar.
e) Foi conveniente que o leitor ficasse sem saber quem era Miss Dollar.

26. (NCE) Qual o valor do futuro do pretérito na frase seguinte: "Quando chegamos ao colégio em 1916, a cidade teria apenas uns cinquenta mil habitantes"?
a) Fato futuro, anterior a outro fato futuro.
b) Fato futuro, relacionado com o passado.
c) Suposição, relativamente a um momento futuro.
d) Suposição, relativamente a um momento passado.
e) Configuração de um fato já passado.

27. (Técnico Judiciário – TRE-SP – FCC) ... *em que as melhores cadências do samba e da canção se aliaram com naturalidade às deformações normais de português brasileiro*... O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:
a) *São Paulo muda muito...*
b) ... *para nos porem no Alto da Mooca...*
c) *Talvez João Rubinato não exista...*
d) ... *Adoniran não a deixará acabar...*
e) *Mas a cidade que nossa geração conheceu...*

28. (TRT – Fundec) Das frases abaixo, a única correta quanto à flexão verbal, de acordo com a norma culta da língua, é:
a) Se proporem uma outra crônica, argumente que não há mais espaço nesta edição.
b) Com a cooperação de todos, o jornalista creu que havia condição de escrever a reportagem.
c) Os candidatos só poderão se inscrever no concurso de crônicas, se o requiserem.
d) Os alunos de minha escola jamais obteram incentivo para redigir textos em crônicas.
e) Se o autor da crônica intervir na questão, não ocorrerão outras críticas ferinas.

29. (TRT – Fundec) Das alterações feitas na frase "Os pais não têm onde deixar suas crianças quando vão para a lavoura", aquela que está <u>incorreta</u> quanto à flexão verbal, de acordo com as normas da língua culta, é:
a) Os pais só entretêm as crianças quando se dispõem a brincar com elas.

b) Os pais só reveem as crianças quando refazem o caminho de volta para casa.
c) Os pais reouveram as crianças depois que se dispuseram a voltar para casa.
d) Os pais não se dispunham a ficar com as crianças quando estas lhes contradiziam as ordens.
e) Os pais desdisseram as crianças quando interviram em seus maus costumes.

30. (TRT – Fundec) Onde <u>se adotam</u> novos métodos.
A forma verbal que tem o mesmo sentido da grifada na frase acima é:
a) tinham adotado;
b) tem sido adotado;
c) se adotou;
d) é adotado;
e) são adotados.

31. (TRT – Fundec) de alguns estudos sobre o stress no trabalho, com resultados semelhantes, não os países.
a) Acabam – ser concluídos – importam.
b) Acaba – ser concluído – importam.
c) Acaba – ser concluído – importa.
d) Acabam – ser concluído – importam.
e) Acaba – ser concluídos – importa.

32. (TRT – Fundec) A reciclagem do lixo inorgânico também poderia gerar lucros.
Transpondo a frase acima para a voz passiva, a forma verbal passa a ser:
a) poderia ser gerado;
b) teriam podido gerar;
c) tinham gerado;
d) poderiam ser gerados;
e) pode ser gerado.

33. (Fundec – Proderj) Na correlação entre os dois verbos sublinhados no trecho "Do décimo andar à rua, <u>seria</u> a vertigem, se <u>chegássemos</u> muito à janela...", o enunciador manifesta uma atitude de:
a) Certeza, pois sabe que o fato não pode acontecer.
b) Subjetividade, pois não sabe se o fato tem possibilidade de acontecer.
c) Dúvida quanto à possibilidade de um fato acontecer, pois não há hipótese de o outro também acontecer.
d) Certeza quanto à possibilidade de um fato acontecer, na condição de também o outro acontecer.
e) Descrença sobre a realização do fato, pois está condicionado à realização de outro fato.

A CIÊNCIA

A ciência permanecerá sempre a satisfação do desejo mais alto da nossa natureza, a curioidade; ela fornecerá sempre ao homem o único meio que ele possui para melhorar a própria sorte (Renan).

34. (PC – NCE) O emprego do futuro do presente do indicativo no segmento significa:
a) certeza dos fatos futuros;
b) possibilidade de fatos futuros;
c) incerteza dos fatos futuros;
d) dúvida sobre os fatos futuros;
e) desejo do autor sobre os fatos futuros.

35. (Administrador – Petrobras – Cesgranrio) No poema, o verso "O português são dois" está de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa. A frase em que também se respeita a norma-padrão, com relação à concordância, é:
a) Na reunião, houveram muitos imprevistos.
b) Estranhou-se as mudanças na empresa.
c) Devem fazer cinco meses que não o vejo.
d) Precisam-se de vendedores nesta loja.
e) Pensou-se muito nas sugestões dos funcionários.

36. (Administrador – Transpetro – Cesgranrio) Num anúncio que contenha a frase "Vende-se filhotes de *pedigree*.", para adequá-lo à norma-padrão, será necessário redigi-lo da seguinte forma:
a) Vende-se filhotes que têm *pedigree*.
b) Vende-se filhotes os quais tem *pedigree*.
c) Vendem-se filhotes que tem *pedigree*.
d) Vendem-se filhotes que têm *pedigree*.
e) Vendem-se filhotes os quais tem *pedigree*.

37. (Técnico Ambiental – Petrobras – Cesgranrio) Na frase "Os brasileiros encaram o futuro com otimismo", que forma verbal substitui encaram, mantendo-se grafada corretamente?
a) Vem
b) Vêm
c) Veem
d) Vede
e) Venhem

38. (CNEN – NCE) "Um programa de educação infantil encontra a sua essência na proposta da vida regida pela castidade". O uso do presente do indicativo neste segmento do texto se justifica porque:
a) enuncia um fato atual;
b) indica estados permanentes;

c) expressa uma ação habitual;
d) dá vivacidade a fatos ocorridos;
e) marca um fato futuro, mas próximo.

39. (MP – NCE) "... uma liberdade até agora desconhecidas". O advérbio agora se refere a(o):
a) momento em que o texto é lido;
b) momento em que a lei exista;
c) momento em que o texto foi escrito;
d) momento futuro de liberdade e segurança;
e) qualquer momento.

40. (INPI – NCE) "As aeromoças ainda teriam tentado prendê-lo num compartimento na traseira, mas estava bloqueado". O emprego da forma verbal teriam tentado indica que a ação:
a) é uma possibilidade e não uma certeza;
b) ocorreu após largo espaço de tempo;
c) vai ocorrer num futuro próximo;
d) vai ocorrer num futuro distante;
e) ocorreu várias vezes no passado.

41. (INPI – NCE) "... desses mesmos sentimentos que têm levado o Brasil à beira do abismo..." A forma verbal têm levado indica uma ação:
a) que já terminou;
b) anterior a outra ação passada;
c) habitual no passado;
d) iniciada no passado que continua no presente;
e) iniciada no presente que continua no futuro.

42. (IBGE – NCE) "... que realmente havia levado a máquina para casa..." A forma verbal sublinhada equivale a:
a) levava;
b) levou;
c) leva;
d) levara;
e) levasse.

43. (NCE) "De repente foi assaltada por um adolescente..." Esta frase, na voz passiva analítica, tem como correspondente na voz ativa a frase:
a) De repente assaltou-se um adolescente.
b) Um adolescente, de repente, assaltou (a senhora)..."
c) De repente, uma senhora foi assaltada..."
d) De repente, um adolescente assalta (uma senhora)..."

e) Um adolescente foi assaltado por uma senhora, de repente.

44. (Técnico Judiciário – TRE-PE – FCC) Nos meses de verão, saíamos para um arrabalde mais afastado do bulício da Cidade, quase sempre Monteiro ou Caxangá.
A frase em que ambos os verbos grifados estão flexionados nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima é:
a) Atrás de casa, na funda ribanceira, corria o rio, à cuja beira se especava o banheiro de palha.
b) Talvez tivéssemos que voltar para o Recife, as águas tinham subido muito durante a noite...
c) Enquanto esperávamos o trem na Estação de Caxangá, fomos dar uma espiada ao rio à entrada da ponte.
d) ... que o riozinho manso onde eu me banhava sem medo todos os dias se pudesse converter naquele caudal furioso de águas sujas.
e) No dia seguinte, soubemos que tínhamos saído a tempo.

45. (Engepron – NCE) "Os aperfeiçoamentos do aparelho, com o tempo viriam, certamente, como depois vieram..." O emprego do futuro do pretérito, no caso, se justifica porque se trata de:
a) uma ação provável;
b) uma ação futura em relação ao tempo passado;
c) uma ação completamente passada;
d) um fato hipotético;
e) um fato que é fruto da imaginação humana.

46. (Técnico Judiciário – TRE-RN – FCC)
I. Nos versos *Agora eu era o herói e A gente agora já não tinha medo*, o uso do advérbio *agora* mostra-se inadequado, pois os verbos conjugados no pretérito imperfeito designam fatos transcorridos no tempo passado.
II. Em *Finja que agora eu era o seu brinquedo e Sim, me dê a mão*, os verbos grifados estão flexionados no mesmo modo.
III. Substituindo-se a expressão a *gente* pelo pronome *nós* nos versos *A gente agora já não tinha medo e Acho que a gente nem tinha nascido*, a forma verbal resultante, sem alterar o contexto, será *teríamos*.
Está correto o que se afirma em:
a) I, apenas;
b) II, apenas;
c) III, apenas;
d) I e II, apenas;
e) I, II e III.

47. (CBMERJ – NCE) "Mais uma vez vindos das casas e das fábricas". A forma VINDO corresponde ao particípio e ao gerúndio do verbo VIR. Assinale a frase abaixo em que a

forma corresponde ao particípio.
a) Vindo em crescimento, a poluição preocupa.
b) O lixo estava vindo para o aterro sanitário.
c) O lixo é recolhido, vindo, em seguida, para o aterro.
d) O lixo tem vindo todos os dias para o aterro.
e) Os caminhões estão vindo para o trabalho.

48. (Eletronorte – NCE) "Rodeados" é um adjetivo pertencente à mesma família do verbo "rodear". O item que apresenta uma forma equivocada desse verbo é:
a) Espero que vocês se rodeiem de pessoas capazes.
b) Não duvido de que nós nos rodeemos de espíritos fraternos.
c) O novo Papa se rodeará de líderes competentes.
d) Todos os presidentes se rodiavam de ministros inteligentes.
e) Nós nos rodeamos de coisas boas e caras.

49. (Eletronorte – NCE) "Quem foi neste verão..." A identificação do verão a que se refere o texto só é possível se soubermos:
a) a data da publicação do artigo;
b) quem é o autor do texto;
c) que estação predominava nessa época;
d) em que mês foi escrito o texto;
e) em que jornal ou revista o texto foi publicado.

50. (Esaf) Assinale a opção que resulta correta após a mudança dos tempos verbais do trecho a seguir.
"Se analisarmos o que aconteceu ao longo deste século, vamos perceber que aquelas características sofreram uma reversão".
a) Se analisamos o que aconteceu ao longo deste século, perceberíamos que aquelas características sofreram uma reversão.
b) Se analisássemos o que aconteceu ao longo deste século, perceberíamos que aquelas características sofreram uma reversão.
c) Se analisarmos o que aconteceu ao longo deste século, iríamos perceber que aquelas características sofreram uma reversão.
d) Se analisássemos o que aconteceu ao longo deste século, perceberemos que aquelas características sofreram uma reversão.
e) Se analisarmos o que aconteceu ao longo deste século, íamos perceber que aquelas características sofreram uma reversão.

51. (Esaf) Assinale a opção com erro.
a) O exército foi ao sítio de Canudos – no alto sertão baiano, a 400 km de Salvador – há quase cem anos, para caçar o maior de todos os subversivos de começo da República, líder de um movimento que provocou 20 mil mortes.
b) Fazem cem anos que Antônio Conselheiro, acossado pelas forças políticas da Bahia,

encerrou sua longa peregrinação pelo sertão e instalou-se no povoado de Canudos, às margens do rio Vasa-Barris, de onde jamais sairia.
c) Começou a escrever-se, aí, um dos capítulos mais amargos e sangrentos da história do país.
d) A Guerra dos Canudos, ocorrida entre 1896 e 1897, é apontada por historiadores como o grande genocídio da história do Brasil.
e) Foram necessárias quatro expedições do governo federal para acabar com o arraial – tido como foco de sediciosos monarquistas.

Capítulo 15

Sujeito

Sujeito é o termo com o qual o verbo é obrigado a concordar. Caso o sujeito se flexione, o verbo deverá acompanhá-lo em número e pessoa.

"O mar sem fim é portuguez" (sic) (Fernando Pessoa).

→ "O mar sem fim" é sujeito, pois, se passarmos este termo para o plural, o verbo será obrigado a acompanhá-lo: "Os mares sem fim são portugueses."

15.1. Sujeito simples

Há apenas um núcleo.

Ex.: "Começou a circular o expresso 2222..." (Gilberto Gil).

→ O sujeito desta oração absoluta é O EXPRESSO 2222, contudo o seu núcleo é apenas EXPRESSO.

15.2. Sujeito composto

Há mais de um núcleo.

Ex.: "João e Maria se entreolharam" (Luis Fernando Veríssimo).

→ JOÃO e MARIA são os núcleos do sujeito.

15.3. Sujeito inexistente ou oração sem sujeito

Ocorre com os verbos impessoais, ou seja, verbos que não possuem pessoa (sujeito).

– Verbos que indicam fenômenos da natureza em seu sentido denotativo.

Ex.: Ventou.

Choverá bastante amanhã.

Não nevou ontem.

Obs.: Na frase "Choverá laranja na feira amanhã", o verbo CHOVER está no sentido conotativo e possui um sujeito simples (laranja), inclusive podendo se perceber que, caso LARANJA seja flexionado para o plural, o verbo o acompanhará (CHOVERAM LARANJAS).

– Verbo HAVER no sentido de EXISTIR e de TEMPO PASSADO.

Ex.: "Onde há músculos em fúria em cada galho" (Castro Alves).

Deve haver muitos carros no estacionamento.

Havia muitos problemas. Tem que haver soluções.
Ele esteve aqui há cinco dias.
Eu voltei há três anos.

→ Observe que, nestas frases, o verbo é obrigado a permanecer na 3ª pessoa do singular.

– Verbo FAZER no sentido de TEMPO PASSADO.

Ex.: Faz vinte anos que a tragédia ocorreu.
Deve fazer quinze dias que João voltou de São Pedro.

→ Observe que, nestas frases, o verbo é obrigado a permanecer na 3ª pessoa do singular.

– o Verbo TRATAR, quando acompanhado do pronome SE não tendo referente.

Ex.: Trata-se de uma discussão descabida.

→ Repare que no exemplo não pode haver um elemento agente para o verbo TRATAR. A Esaf já utilizou este caso em prova.

– O verbo TER no sentido de EXISTIR, embora ainda seja considerado errado pela gramática – mesmo já ocorrendo tantos registros de seu uso na literatura –, já foi citado pelo NCE no concurso da Polícia Civil de 2001. É importante frisar que a banca não questionou o mérito de a frase estar certa ou errada, apenas indicou que, na frase "Nesta rua tem um bosque.", o verbo "TER" estaria sendo utilizado como impessoal. O gramático Celso Cunha o cita como linguagem coloquial.

– Verbos CHEGAR e BASTAR no sentido de PARAR.

Ex.: Chega de confusão! Basta de brigas!

15.4. Sujeito indeterminado

O sujeito existe, contudo não se torna possível identificá-lo.

– Verbos na 3ª pessoa do plural que não possuam determinante.

Ex.: "Ali pelas nove bateram na porta" (Luis Fernando Veríssimo).
Roubaram meu carro.
Picharam o muro.

→ Observe que alguém praticou essas ações, todavia inexiste a possibilidade de identificá-lo. Além disso, os três verbos na 3ª pessoa do plural (BATERAM, ROUBARAM e PICHARAM), não havendo qualquer elemento no contexto com quem estejam concordando, indicam que seus sujeitos são indeterminados.

Ex.: Eles aprontaram, quebraram a vidraça, roubaram meu carro, picharam

o muro.

→ Observe que as quatro formas verbais que aí aparecem (APRONTARAM, QUEBRARAM, ROUBARAM e PICHARAM) estão na terceira do plural, concordando com o termo ELES que aparece explícito na 1ª oração, portanto em todas as orações o sujeito é simples (eles).

Não pode haver sujeito indeterminado com outras pessoas do discurso, porque já ficaria óbvia ao menos uma das pessoas do sujeito.

Ex.: Fizemos o trabalho.

→ O sujeito é simples NÓS e nunca poderia ser considerado indeterminado, pois ao menos uma pessoa fica reconhecida nesta frase (EU – inserido semanticamente no pronome NÓS).

Ex.: Fizeste todo o trabalho.

→ TU é sujeito simples – identificável –, porquanto é a própria pessoa com quem se está falando.

– Verbos que não sejam transitivos diretos na 3ª pessoa do singular, ligados ao pronome SE.

Ex.: Precisa-se de muitas cervejas.

Assistiu-se a vários filmes.

→ Observe que os verbos são transitivos indiretos (PRECISAR e ASSISTIR) e ficam obrigatoriamente na 3ª pessoa do singular quando relacionados com o pronome SE.

Obs.: Se o verbo for TRANSITIVO DIRETO relacionado com o pronome SE, o assunto recairá sobre VOZ PASSIVA e o sujeito será o termo paciente. Ex.: Fez-se o trabalho. Fizeram-se os trabalhos.

→ Observe que o verbo FAZER é transitivo direto ligado ao pronome SE, fazendo com que o termo paciente se transforme em sujeito, portanto obrigando o próprio verbo a concordar com O TRABALHO – FEZ (SINGULAR) e OS TRABALHOS – FIZERAM (PLURAL).

– Verbos no infinitivo (3ª pessoa do singular) sem que haja a determinação explícita do sujeito.

Ex.: Convém estudar bastante. É fundamental ler jornal diariamente.

Obs.: A NGB não prevê a denominação SUJEITO OCULTO, apesar de Celso Cunha registrá-la. O NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO indica quatro acepções para a palavra OCULTO: 1) escondido, encoberto; 2) não devassado, inexplorado, desconhecido; 3) não manifesto, recôndito, secreto; 4) misterioso, sobrenatural.

Ex.: Na frase "Compramos um carro.", não se pode dizer que o sujeito é oculto – segundo os sentidos apontados no dicionário –, pois, apesar de o sujeito não ocorrer explícito, torna-se evidente, através da desinência número-pessoal, que se trata da pessoa "nós". É cabível, por outro lado, denominar este sujeito de desinencial.

15.5. Exercícios

1. Correlacione.
(1) SUJEITO SIMPLES
(2) SUJEITO COMPOSTO
(3) SUJEITO INDETERMINADO
(4) SUJEITO INEXISTENTE
( ) Admitiu-se o erro.
( ) Chegou-se a uma triste conclusão.
( ) Faz três meses da volta de Manoel.
( ) Choveram pedras nesta briga terrível.
( ) Ventava todos os dias em Granada.
( ) Derrubaram mais um governo na América Central.
( ) Tim Maia e sua banda não compareceram a outro espetáculo.
( ) Não se pedem favores nesta firma.
( ) Não se acreditou em nenhuma de suas palavras.
( ) Não voltarão mais para o Brasil meu irmão e sua esposa.
( ) Aqui se trata de doenças incuráveis.
( ) Trata-se de uma interpretação da lei.

2. (IME) Nas seguintes orações:
"Pede-se silêncio"; "A caverna anoitecia aos poucos"; "Fazia um calor tremendo naquela tarde"; o sujeito se classifica, respectivamente, como:
a) indeterminado, inexistente, simples;
b) oculto, simples, inexistente;
c) inexistente, inexistente, inexistente;
d) oculto, inexistente, simples;
e) simples, simples, inexistente.

3. (Analista Judiciário – TRE-PE – FCC)
O termo sublinhado em Sabe-se quão barbaramente <u>os ingleses</u> subjugaram os hindus exerce a função de ....., a mesma função sintática que é exercida por ..... na frase Cometeram-se incontáveis violências contra os hindus.
Preenchem corretamente as lacunas do enunciado acima, respectivamente:
a) objeto direto – **os hindus**.
b) sujeito – **os hindus**
c) sujeito – **violências**

d) agente da passiva – **os hindus**
e) agente da passiva – **violências**

4. (Unificado) Entre as frases abaixo, somente uma apresenta sujeito indeterminado. Assinale-a.
a) Há a marca da vida nas pessoas.
b) Não se necessita de lavadeira.
c) Vai um sujeito pela rua.
d) Não se engomou seu paletó.
e) Pede-se um pouco de paciência.

5. (FMU)
"Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heroico brado retumbante..."
O sujeito da afirmação com que se inicia o Hino Nacional é:
a) indeterminado;
b) um povo heroico;
c) as margens plácidas do Ipiranga;
d) do Ipiranga;
e) o brado retumbante.

6. (Técnico Judiciário – TRE-PA – FGV) ***Mas, afinal, qual a razão para se aumentar de forma tão extraordinária a dotação dos partidos?***
Assinale a alternativa que desempenhe, no texto, função sintática idêntica ao do termo grifado no período acima.
a) as dívidas de campanha- Muito simples: a necessidade de eles pagarem as dívidas de campanha.
b) meros instrumentos de tomada do poder – E não ser meros instrumentos de tomada do poder.
c) um agravante – No caso dos partidos políticos brasileiros, existe um agravante.
d) aparelhos ou feudos – Enfim, as máquinas partidárias muitas vezes se tornam aparelhos ou feudos controlados por poucos e financiados por todos nós.
e) suas propostas – Ambas as propostas visam trazer partidos e candidatos para as ruas, oferecendo suas propostas e buscando recursos para a sua existência e para as campanhas eleitorais.

7. (FMU) Há crianças sem carinho / Disseram-me a verdade / Construíram-se represas. Os sujeitos das orações acima são, respectivamente:
a) inexistente, indeterminado, simples;
b) indeterminado, implícito, indeterminado;
c) simples, indeterminado, indeterminado;
d) inexistente, inexistente, simples;
e) indeterminado, simples, inexistente;

8. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – FCC) ... *das varandas pendiam* ***colchas, toalhas bordadas e outros adereços*****.**
O segmento grifado exerce na frase acima a função de:
a) sujeito;
b) objeto direto;
c) objeto indireto;
d) adjunto adverbial;
e) adjunto adnominal

9. (UM-SP) O sujeito é simples e determinado em:
a) Há somente um candidato ao novo cargo, doutor?
b) Vive-se bem ao ar livre.
c) Na reunião de alunos, só havia pais.
d) Que calor, filho!
e) Viam-se eleitores indecisos durante a pesquisa.

10. (UM – SP) Preencha a segunda coluna conforme o código estabelecido na primeira e assinale a alternativa correta de acordo com essa relação.
(1) sujeito determinado simples
(2) sujeito indeterminado
(3) sujeito desinencial (implícito na terminação verbal)
(4) sujeito paciente
(5) sujeito inexistente
( ) Era um mistério curioso aquela vida.
( ) No auge da rebelião, houve um tiroteio de quinze minutos entre policiais e bandidos.
( ) Quando se dispõe de força interna, vive-se melhor.
( ) Corrigiram-se os artigos após a última emenda do jornalista.
( ) Nem quererá despejá-lo imediatamente.
a) 5 – 3 – 2 – 1 – 4
b) 5 – 3 – 2 – 4 – 1
c) 1 – 5 – 2 – 4 – 3
d) 1 – 3 – 5 – 2 – 4
e) 1 – 5 – 3 – 2 – 4

11. (Proc. Geral da Justiça – RJ – NCE) "O Brasil não conseguirá resolver os problemas da miséria e da infância abandonada em 1994..."
Se transformarmos esta oração do texto numa oração de sujeito indeterminado, qual seria uma de sua possíveis formas?
a) Não conseguiremos resolver os problemas da miséria e da infância abandonada em 1994.
b) Não se conseguirá resolver os problemas da miséria e da infância abandonada em 1994.

c) Não se conseguirão resolver os problemas da miséria e da infância abandonada em 1994.
d) Os problemas da miséria e da infância abandonada não conseguirão ser resolvidos em 1994.
e) Não conseguirão resolver os problemas da miséria e da infância em 1994.

12. (An. Jud. – TRE – RJ – NCE) O segmento do texto que apresenta um sujeito posposto ao verbo é:
a) "Anestesiada e derrotada, a sociedade nem está percebendo a enorme inversão de valores em curso."
b) "Parece aceitar como normal que um grupo de criminosos estenda faixas pela cidade e nelas fale de paz."
c) "Há um coro, embora surdo, que tenta retratar criminosos como coitadinhos..."
d) "Coitadinhos e vítimas de um sistema ineficiente, aqui, são os parentes dos abatidos pela violência..."
e) "Mas não merecem um micrograma que seja de privilégios..."

13. (INPI – NCE) O segmento do texto em que o sujeito está posposto ao verbo é:
a) Isto não acontecerá de novo...
b) Segundo os relatos, o animal foi embarcado no dia 17 de outubro...
c) E mais, nele viajou por seis horas.
d) ... garante um representante da empresa.
e) Há coisas que só acontecem nos Estados Unidos.

Capítulo 16

Predicado

O predicado representa a soma de todos os elementos da oração, exceto o sujeito e o vocativo.

Ex.: Sinfronésia morreu. SINFRONÉSIA é sujeito; MORREU, predicado.

16.1. Predicado nominal

Ocorre quando o núcleo é o predicativo. Há a necessidade de um verbo de ligação relacional, ou seja, verbos que expressem apenas a relação de estado ou qualidade entre o sujeito e o elemento que o adjetiva. São verbos de ligação SER, ESTAR ou qualquer outro que contenha o mesmo valor semântico. Contudo, ainda há uma outra condição para o verbo ser de ligação: a necessidade da existência do predicativo. Aí ocorre uma outra exigência: como muito bem esclarece Celso Cunha, somente o substantivo, o adjetivo, o pronome, o numeral e a oração (como veremos em orações substantivas) podem funcionar como predicativo. Normalmente o predicativo varia em gênero e número consoante o termo que qualifica.

Ex.: Maria está cansada.

→ ESTÁ é verbo de ligação, pois há um termo variável (CANSADO – CANSADA – CANSADOS – CANSADAS) qualificando o sujeito. Como há, então, o verbo de ligação, o predicado é nominal. CANSADA é o predicativo do sujeito, portanto é o núcleo do predicado nominal.

"Eu sou uma escrava" (Bernardo Guimarães).

→ O verbo SER é de ligação, pois o termo UMA ESCRAVA é variável e funciona como predicativo do sujeito.

"Os meses de verão em Lisboa eram depois dolorosos" (Eça de Queirós).

→ Observe que o adjetivo "dolorosos" já está flexionado no plural, concordando com o núcleo do sujeito "meses".

→ "O resto está no escritório, na minha banca" (Graciliano Ramos).

ESTÁ não é verbo de ligação, uma vez que inexiste o predicativo (NO ESCRITÓRIO é adjunto adverbial de lugar, ou seja, não funciona como

predicativo). "ESTÁ" é verbo intransitivo e o predicado é verbal.

Obs.: O Professor Evanildo Bechara aduz que outras classes gramaticais também poderiam funcionar como predicativo, dentre eles o advérbio, expondo os seguintes exemplos: "Os vizinhos estão bem"; "Os jovens são assim".

16.2. Predicado verbal

Ocorre quando o núcleo é um verbo que não seja de ligação, ou seja, um verbo transitivo direto, verbo transitivo indireto, verbo transitivo direto e indireto ou verbo intransitivo (verbos nocionais que expressam ação, fenômeno ou movimento).

Ex.: "Tenho cá meus motivos..." (Bernardo Guimarães).

→ TENHO é verbo transitivo direto, funcionando como núcleo do predicado verbal.

16.3. Predicado verbo-nominal

Ocorre quando há dois núcleos: um verbal (que não seja verbo de ligação) e outro nominal (predicativo).

Ex.: "Uma das religiosas apanhou-o ligeira e cheia de misericórdia" (Eça de Queirós).

→ APANHOU é verbo transitivo direto, formalizando o predicado verbal e LIGEIRA E CHEIA (termos variáveis que qualificam UMA DAS RELIGIOSAS), predicativos do sujeito, formalizando o predicado nominal. Temos, portanto, três núcleos, um verbal (COMPREI) e dois nominais (LIGEIRA e CHEIA); sendo assim, o predicado é verbo-nominal.

"Quaresma vinha desanimado" (Lima Barreto).

→ VINHA é verbo intransitivo, já caracterizando, portanto, o núcleo do predicado verbal e DESANIMADO é predicativo do sujeito, núcleo do predicado nominal. Logo o predicado é verbo-nominal.

Obs.: O predicado verbo-nominal também pode ser caracterizado com a ocorrência do predicativo do objeto. O predicativo, no caso, em vez de qualificar o sujeito, qualifica o objeto – mais adiante veremos a diferença entre predicativo do objeto e adjunto adnominal.

Ex.: Considero este assunto interessante.

→ Observe que "interessante" está qualificando o objeto direto "este assunto".

Chamei ao aluno de amigo.

→ O predicativo do objeto "de amigo" que se encontra preposicionado qualifica o objeto indireto "ao aluno".

16.4. Exercícios

1. Correlacione.
(1) PREDICADO NOMINAL
(2) PREDICADO VERBAL
(3) PREDICADO VERBO-NOMINAL
( ) Ficarei aqui.
( ) Ficarei extremamente assustado.
( ) Ela anda muito perturbada ultimamente.
( ) Ela anda muito bem.
( ) Ela anda todos os dias em volta do Maracanã.
( ) Ela anda todos os dias apressada em volta do Maracanã.
( ) Ele sempre chega atrasado ao trabalho.
( ) Permaneceu calado diante do problema.
( ) Permaneceu no Rio de Janeiro por motivos particulares.
( ) Ele pedirá este favor a você extremamente envergonhado.
( ) Achamos o livro muito bom.

2. (Rural) Assinale a passagem onde se indica erroneamente a predicação do verbo em destaque.
a) "Também não cantarei o mundo futuro" (transitivo direto).
b) "Estou preso à vida" (de ligação).
c) "Vamos de mãos dadas" (transitivo indireto).
d) "Não direi os suspiros ao anoitecer" (transitivo direto).
e) "Não fugirei para as ilhas" (intransitivo).

3. (IME) Numa oração do tipo: "As meninas assistiram alegres ao espetáculo", temos:
a) predicado verbal;
b) predicado verbo-nominal;
c) predicado nominal.

4. (Unificado) Em relação à predicação verbal, marque a opção em que a classificação apresentada corresponde ao verbo do respectivo exemplo.
a) Verbo transitivo direto – "entrava a polícia".
b) Verbo transitivo direto – "Quer entregar-ma?..."
c) Verbo de ligação – "Onde está ela?"
d) Verbo intransitivo – "ia atrás, pálido, com as mãos cruzadas nas costas".
e) Verbo transitivo direto e indireto – "parava à porta da rua uma carruagem".

5. Correlacione corretamente a 1a coluna de acordo com a 2a e assinale a opção que corresponde à sequência correta.
( ) Ele anda muito bem, principalmente depois que recebeu as notícias alegres.
( ) Ele andou ontem pela cidade inteira.

( ) Ele anda extremamente desgastado porque está trabalhando demasiadamente.
( ) O prefeito andou ontem pela cidade muito preocupado com os engarrafamentos.
(1) Predicado nominal
(2) Predicado verbal
(3) Predicado verbo-nominal
a) 2 – 2 – 1 – 3
b) 1 – 2 – 1 – 3
c) 1 – 2 – 3 – 2
d) 2 – 2 – 3 – 2

6. (Cespe-UnB) "Mas hoje ele fez um negócio que me deixou 'encucado'..."
No trecho, a oração sublinhada contém um predicado:
a) Verbal com adjunto adverbial de modo;
b) Nominal com predicativo do sujeito;
c) Verbo-nominal com predicativo do objeto indireto;
d) Verbal com adjunto adnominal do objeto direto;
e) Verbo-nominal com predicativo do objeto direto.

7. (PUC) Na oração: "A inspiração é fugaz, violenta", podemos afirmar que o predicado é:
a) Verbo-nominal, porque o verbo é de ligação e vem seguido de dois predicativos.
b) Nominal, porque o verbo é de ligação.
c) Verbal, porque o verbo é de ligação e são atribuídas duas caracterizações ao sujeito.
d) Verbo-nominal, porque o verbo é de ligação e vem seguido de dois advérbios de modo.
e) Nominal, porque o verbo tem sua significação completada por dois nomes que funcionam como adjuntos adnominais.

8. (TTN) Observe as duas orações abaixo:
I – Os fiscais ficaram preocupados com o alto índice de sonegação fiscal.
II – Houve uma sensível queda na arrecadação do ICM em alguns Estados.
Quanto ao predicado, elas classificam-se, respectivamente, como:
a) nominal e verbo-nominal;
b) verbo-nominal e verbal;
c) nominal e verbal;
d) verbal e verbo-nominal;
e) verbal e nominal.

9. (Unimep-SP)
I. Pedro está adoentado.
II. Pedro está no hospital.
a) O predicado é verbal em I e II.
b) O predicado é nominal em I e II.
c) O predicado é verbo-nominal em I e II.
d) O predicado é verbal em I e nominal em II.

e) O predicado é nominal em I e verbal em II.

Capítulo 17

Predicativo

Predicativo é o vocábulo variável que possui como função qualificar um ser.

17.1. Do sujeito

Palavra variável que dá qualidade ao sujeito, estando afastado deste por verbo. Somente o substantivo, o adjetivo, o numeral, o pronome e uma oração podem funcionar como predicativo.

Ex.: Maria devia ser bonita.

→ BONITA é um termo variável que dá qualidade ao sujeito MARIA, estando afastado deste termo por verbo (DEVE SER).

17.2. Do objeto

Palavra variável que dá qualidade ao OBJETO.

Ex.: "... e acabou alcunhando-me Dom Casmurro" (Machado de Assis).

→ DOM CASMURRO qualifica o objeto direto ME.

BIZU

Para diferençar PREDICATIVO DO OBJETO do ADJUNTO ADNOMINAL: passar para a voz passiva e observar a função sintática que passa a ter o termo que dava qualidade ao núcleo do objeto direto. Caso passe a ser predicativo do sujeito, o termo era predicativo do objeto. Caso, na transformação da ativa para a passiva, fique certificado que o termo é adjunto adnominal, é porque ele já o era na voz ativa.

Ex.: Considerei a criança bonita.

→ BONITA é predicativo do objeto, pois dá qualidade ao objeto direto CRIANÇA e, ao passarmos esta frase para a voz passiva (A criança foi considerada bonita por mim.), o termo BONITA passa a ser predicativo do

sujeito.

Vi uma criança bonita.

→ BONITA é adjunto adnominal, pois, ao ser passada esta frase da voz ativa para a voz passiva (Uma criança bonita foi vista por mim.), BONITA continua adjunto adnominal.

– **Predicativo preposicionado do sujeito** – Ele foi apelidado de enrolado por João.

→ DE ENROLADO é predicativo preposicionado do sujeito ELE.

– **Predicativo preposicionado do objeto** – Chamei Paulo de servidor público.

→ DE SERVIDOR PÚBLICO é predicativo preposicionado do objeto, pois dá qualidade ao objeto direto PAULO.

17.3. Exercícios

1. Correlacione.

(1) Predicativo do sujeito
(2) Predicativo do objeto
(3) Predicativo preposicionado do sujeito
(4) Predicativo preposicionado do objeto
(5) Adjunto adnominal

( ) Li um livro bastante interessante.
( ) Achei o livro bastante interessante.
( ) Ele sempre foi muito mal-humorado.
( ) Chamei-os de diferentes.
( ) Eles eram chamados de diferentes por todos.
( ) Encontrei-os mortos.
( ) Bebi uma cerveja geladíssima.

2. (Técnico Judiciário – TRE-SP – FCC) ***Este conceito é relativo, pois em arte não há originalidade absoluta.***
... a sua contribuição maior foi a liberdade de criação e expressão.
Ambos os elementos acima grifados exercem nas respectivas frases a função de:
a) adjunto adverbial;
b) objeto direto;
c) complemento nominal;
d) predicativo;
e) objeto indireto.

3. (Auditor – Sefaz-RJ – FGV) Porém, sofrendo o Brasil os influxos de modelos legislativos estrangeiros, assim como estando as matrizes das empresas transnacionais

que aqui operam sujeitas às normas de seus países de origem, não tardará para que as práticas que envolvem o criminal compliance sejam estendidas a diversos outros segmentos da economia.

A palavra sujeitas exerce, no texto, função sintática de:

a) complemento nominal;
b) objeto direto;
c) predicativo do objeto;
d) predicativo do sujeito;
e) adjunto adverbial de modo.

4. (Inspetor da Polícia Civil – RJ/FGV) "...o Estado pode considerar *desnecessária* a tradução dos documentos..." (L.37-38)

No trecho acima, o termo destacado exerce função sintática de:

a) adjunto adnominal;
b) adjunto adverbial;
c) complemento nominal;
d) predicativo do objeto;
e) predicativo do sujeito.

Capítulo 18

Objeto

O objeto é o complemento de verbo.

18.1. Direto

Complemento de verbo transitivo direto.

Ex.: "... fomos para o Hotel de Josafat firmar o nosso contrato, bebendo vasta cerveja" (Eça de Queirós).

→ Observe que os termos O NOSSO CONTRATO e VASTA CERVEJA complementam, respectivamente, a ideia dos verbos FIRMAR e BEBENDO sem preposição.

18.2. Indireto

Complemento de verbo transitivo indireto.

Ex.: Assistirei a um bom filme. "De nada mais necessitava aquela gente" (Euclides da Cunha).

Os termos A UM BOM FILME e DE NADA MAIS complementam, respectivamente, a ideia das formas verbais ASSISTIREI e NECESSITAVA com as preposições A e DE.

18.3. Direto preposicionado

Complemento de verbo transitivo direto, todavia contendo, excepcionalmente, preposição. Ocorre em duas ocasiões.

a) Com valor enfático.

Ex.: "... Preciso usar da linguagem dos homens..." (Fernando Pessoa).

→ O verbo USAR é transitivo direto, contudo a preposição DE é utilizada para dar ênfase à frase e poderia ser retirada (usar a linguagem).

Amo a meus familiares acima de tudo.

→ O verbo AMAR é transitivo direto, entretanto está sendo usada a preposição A, dando mais estilo à frase.

b) A segunda possibilidade de seu uso é motivado pela necessidade de se reconhecerem as funções sintáticas dos termos, quando não estão na ordem

natural da frase (SUJEITO-VERBO-OBJETO).

Ex.: O Flamengo vencerá o Fluminense.

→ A interpretação desta frase é bastante simples e não causa problemas, pois está redigida em sua ordem natural. Logo, o sujeito é O FLAMENGO; em seguida aparece o verbo transitivo direto VENCERÁ; e, por fim, o objeto direto FLUMINENSE. FLAMENGO, por ser sujeito, pratica a ação de VENCER, e FLUMINENSE, por ser objeto direto, sofre a ação verbal de ser vencido.

No entanto, se a frase fosse "Venceu o Flamengo o Fluminense", com a ordem natural desfeita, torna-se impossível determinar o que exatamente ocorreu. Não se sabe quem é quem, ou seja, se FLAMENGO é sujeito ou objeto direto, e FLUMINENSE, também. A língua, então, para esclarecer esta dúvida, recorre ao uso da preposição para distinguir sujeito e objeto. Como o sujeito nunca poderá ser preposicionado, caberá ao objeto a companhia da preposição. "Venceu o Flamengo ao Fluminense" ou "Venceu ao Fluminense o Flamengo". Em ambas as frases, FLAMENGO é sujeito, pois não aparece preposicionado e, por outro lado, FLUMINENSE, nas duas frases, é o objeto, mesmo com a inversão dos termos.

18.4. Pleonástico

Como o próprio nome diz, é quando o objeto aparece repetido na oração.

Ex.: Ao amigo, dar-lhe-ei a camisa.

→ LHE repete o objeto indireto AO AMIGO.

O dinheiro, entrego-o amanhã ao João.

→ O pronome oblíquo O repete o objeto direto O DINHEIRO.

18.5. Objeto direto interno ou cognato

Ocorre com verbos que normalmente seriam intransitivos, mas que excepcionalmente possuem complemento. Este tem o mesmo radical do verbo, daí as nomenclaturas COGNATO (mesma natureza – radical) ou INTERNO (partes internas do verbo e do complemento são idênticas).

Ex.: Sonhei sonhos terríveis.

Morreu uma morte gloriosa.

→ Observe que os verbos SONHAR e MORRER, normalmente, são intransitivos; contudo nessas frases funcionam como transitivos diretos e seus complementos (SONHOS e MORTE) têm o mesmo radical dos verbos.

"Acresce que chovia – peneirava – uma chuvinha miúda, triste e constante..." (Machado de Assis).

Obs.: Rocha Lima faz distinção entre objeto indireto e complemento relativo. Ambos seriam preposicionados, complementando a ideia de verbo. No entanto, o primeiro diria respeito à pessoa ou à coisa a que se destina a ação, regendo com as preposições A ou PARA e podendo ser substituído pelos pronomes átonos LHE ou LHES. Já o segundo não representa a pessoa ou a coisa a quem se destina a ação ou que tira proveito da situação, e sim o ser sobre o qual recai a ação.

Ex.: Entregarei o material para os alunos.

→ A expressão "para os alunos" indica a quem se destina a ação de entregar o material, portanto funcionando como objeto indireto.

Necessito de água.

→ O termo "de água" representa o ser sobre o qual recai a ação verbal.

Nos concursos públicos, não é feita tal distinção, sendo os dois casos absorvidos pelo objeto indireto

18.6. Exercícios

1. Correlacione.

(1) OBJETO DIRETO
(2) OBJETO INDIRETO
(3) OBJETO DIRETO PREPOSICIONADO
(4) OBJETO DIRETO PLEONÁSTICO
(5) OBJETO INDIRETO PLEONÁSTICO
(6) OBJETO DIRETO COGNATO

( ) A meus pais, dei-lhes um belo presente.
( ) Não queríamos uma solução tão complicada.
( ) Não concordo com esta posição do Governo.
( ) Nós deveríamos viver uma vida mais livre.
( ) Nunca mais beberei desta água.
( ) Não deves admitir o erro.
( ) As manchas, devemos retirá-las por precaução.
( ) Chorei um choro compulsivo com a morte de Ayrton Senna.
( ) Interessei-me pela resposta que você me daria.
( ) Todos deveriam amar ao próximo como a si mesmo.

2. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) Os verbos que exigem o mesmo tipo de complemento estão empregados nos segmentos transcritos em:

a) *A vida é triste e complicada. // ... mergulhemos de corpo e alma no cafezinho.*
b) *... alguém dará o nosso recado sem endereço. // A vida é triste e complicada.*
c) *Tinha razão o rapaz... // Depois de esperar duas ou três horas...*

d) *Para quem espera nervosamente... // Depois de esperar duas ou três horas...*
e) *Tinha razão o rapaz... // ... mergulhemos de corpo e alma no cafezinho.*

3. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) ... *embora nem sempre esta imagem corresponda à realidade*.
O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está empregado em:
a) *... uma atmosfera* [...] *percorre o país numa ânsia sôfrega pela europeização e pela modernização.*
b) *Há, em princípio, a produção humorística...*
c) *... um humor* [...] *que vê a si próprio como civilizador e cultor de gestos nobres...*
d) *... seu efeito desconcertante foi, por isso mesmo, maior e mais profundo.*
e) *... intelectualidade brasileira, que passou pelos eventos da abolição e da República.*

4. (Técnico Judiciário – TRE-SP – FCC) ... *João Rubinato, que adotou o nome de um amigo funcionário do Correio*...
O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está empregado em:
a) *... que já acabou com a garoa...*
b) *... e produziu uma obra radicalmente brasileira...*
c) *... a que se sobrepôs à velha cidadezinha provinciana...*
d) *Adoniran Barbosa é um paulista de cerne...*
e) *... e depois fugir, com ela e conosco, para a terra da poesia...*

5. (MPU) ... *para aprovar, até o final de 2009, um texto... (2o parágrafo do Texto II)*
O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o do grifado acima está na frase:
a) *De fato, o resultado é modesto.*
b) *... como fugir aos temas...*
c) *... já respondem por 20% do total das emissões globais.*
d) *... que já estão na atmosfera...*
e) *... só prejudica formas insustentáveis de desenvolvimento.*

6. (Analista Judiciário – TRT – 1ª R- FCC) ... *em diversos pontos controversos, desempatou controvérsias*...
O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está em:
a) *Os milhares de africanos que morreram por conta da viagem ou de padecimentos posteriores...*
b) *Entre 1758 e 1851, por aquelas pedras passaram pelo menos 600 mil escravos trazidos d'África.*
c) *A própria construção do cais teve o propósito de...*
d) *... mas as melhores descrições* [...] *saíram todas da pena de viajantes estrangeiros.*
e) *Os negros ficavam expostos no térreo de sobrados...*

7. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) Atentando-se para a sintaxe, é INCORRETO afirmar que, em:

a) ... *vê a si próprio como civilizador e cultor de gestos nobres, embora nem sempre esta imagem corresponda à realidade*, o elemento grifado introduz uma oração subordinada adverbial concessiva.

b) *Há, em princípio, a produção humorística*, o verbo grifado é impessoal e o sujeito da oração, inexistente.

c) ... *desilusão republicana que atinge a intelectualidade brasileira*, o segmento grifado exerce a função de objeto direto.

d) *Abre-se um espaço para a representação humorística*, o segmento grifado exerce a função de sujeito.

e) *O advento da República viria proclamar, inicialmente, uma atitude de repúdio*, o segmento grifado desempenha o papel de predicativo do sujeito.

8. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – FCC) Atentando-se para a sintaxe, é correto afirmar:

a) Em *A lei e a ordem eram a regra*, o segmento grifado é complemento verbal de eram.

b) Na frase *Na televisão, os heróis urram, gritam, destroem, torturam, tão estridentes quanto os arqui-inimigos maléficos*, o segmento grifado é complemento verbal dos verbos destroem e torturam.

c) Na frase *Éramos viciados em gibis*, estamos diante de um sujeito indeterminado.

d) Em *Gibis abasteciam de ética o vasto campo da fantasia infantil*, o segmento grifado exerce a função de objeto indireto.

e) Na frase *Eles eram o lado certo que combatia o lado errado*, o segmento grifado exerce a função de predicativo do sujeito.

Capítulo 19

Complemento Nominal e Adjunto Adnominal

19.1. Complemento nominal

Complemento nominal é o termo preposicionado que complementa a ideia de substantivo abstrato, adjetivo e advérbio.

Ex.: Não tenho interesse por bebidas alcoólicas.

POR BEBIDAS ALCOÓLICAS é complemento nominal, pois complementa a ideia do substantivo abstrato INTERESSE.

Obs.: É bom perceber que o complemento nominal se parece bastante com o objeto indireto, contudo o complemento nominal completa com preposição a ideia de UM NOME e o objeto indireto completa com preposição a ideia de um verbo.

Ex.: Sou contrário a suas opiniões.

A SUAS OPINIÕES é complemento nominal, pois completa com preposição a ideia do adjetivo CONTRÁRIO.

Agi favoravelmente a seu interesse.

A SEU INTERESSE é complemento nominal, pois completa a ideia de um advérbio (FAVORAVELMENTE).

Moro perto de você.

DE VOCÊ é complemento nominal, pois completa a ideia de um advérbio (PERTO).

19.1.1. Exercícios

1. Correlacione.

(1) Complemento nominal

(2) Objeto indireto

( ) Sinto necessidade de uma água gelada.

( ) Necessito de uma água gelada.

( ) Não confio em você.

( ) Não tenho confiança em você.

( ) Ele não se interessou pelos documentos.

( ) Ele não manifestou interesse pelos documentos.

19.2. Adjunto adnominal

Termo acessório que tem função adjetiva e está sempre ligado a um substantivo.

Funcionam como adjuntos adnominais:

– os artigos. Os homens devem estar preparados para a guerra.
– os adjetivos. Bons homens estão acompanhados de maus amigos.
– os numerais adjetivos. O primeiro quadro era desejado por três compradores.
– os pronomes adjetivos. Aqueles ladrões levaram meu relógio.
– as locuções adjetivas. A torcida do Flamengo (flamenguista) cantou músicas de provocação (provocativas).

19.3. Complemento nominal X adjunto adnominal

Tal estudo restringe-se a elementos preposicionados, portanto torna-se fundamental observar a que termo o elemento preposicionado está atrelado. Este assunto cai reiteradamente nos concursos organizados pelo NCE.

– Quando o termo preposicionado está ligado a um substantivo concreto, geralmente, é adjunto adnominal.

Ex.: "Se a modernidade alterou a face do mundo..." (Luiz Paulo da Moita Lopes).

"O que o colono do Maranhão pretendia..." (Carlos de Laet).

→ Os termos sublinhados estão atrelados aos vocábulos FACE e COLONO (substantivos concretos), funcionando como adjuntos adnominais.

Obs.: Quando o elemento preposicionado está atrelado a um substantivo concreto, estabelecendo um nome oficial para o termo, é aposto.

Ex.: A Praia de Copacabana anda bastante poluída.

→ O termo "de Copacabana" está atrelado à palavra "Praia", sendo oficialmente o nome da praia. Neste caso, o termo é aposto.

– Quando o termo preposicionado está ligado a um advérbio, é complemento nominal.

Ex.: "... era atirado dentro da caverna..." (Luis Fernando Veríssimo).

Agi contrariamente aos interesses dos empresários.

→ Os termos sublinhados estão complementando a ideia iniciada por advérbios (DENTRO e CONTRARIAMENTE), funcionando como complemento nominal. A regência de DENTRO e CONTRARIAMENTE exige respectivamente a ocorrência das preposições DE e A.

– Quando o termo preposicionado complementa a ideia de um adjetivo, normalmente será complemento nominal.

Ex.: Ele é útil à empresa.

Somos adeptos da generosidade.

→ Os adjetivos ÚTIL e ADEPTOS exigem as preposições A e DE, respectivamente, indicando que os termos a eles ligados funcionem como complementos nominais.

Obs.: Se o termo preposicionado (com preposição PARA), complementando a ideia de adjetivo ou de verbo, acrescentar ao período um valor de fim, será classificado como adjunto adverbial de finalidade.

Ex.: "... necessária para trabalhar com aplicações..." (André Gurgel).

"O cavaleiro estava pronto para entrar na caverna..." (Luis Fernando Veríssimo)

→ Nestes exemplos, a preposição PARA introduz termos complementando adjetivos (NECESSÁRIA e PRONTO), acrescentando ao período valor de finalidade. "... necessária para (a fim de / com o objetivo de) trabalhar com aplicações..."

– Quando o termo preposicionado (exceto DE) complementa substantivo abstrato é complemento nominal.

Ex.: Sentimos confiança em você.

"O direito à educação, ao trabalho, ao salário justo..." (Jaime Pinsky).

"Tenho interesse por música".

Obs.: Neste caso, o complemento nominal parece-se demasiadamente com o objeto indireto.

Ex.: Confiamos em você.

Interesso-me por música.

→ Atente-se ao fator que distingue as duas funções sintáticas: O termo "em você", na primeira ocasião, conclui a ideia iniciada por "confiança" (substantivo abstrato – nome), portanto sendo complemento nominal; já na segunda ocasião, complementa "Confiamos" (verbo), classificando-se, pois, como objeto indireto.

→ Quando o termo preposicionado (preposição DE) relaciona-se com um substantivo abstrato, torna-se necessário analisar se tal elemento possui valor agente ou paciente em relação ao nome. O valor "agente" ocorre ao se interpretar o elemento como o praticante da ação ou como o possuidor da ideia constante no substantivo. Tal se concretizando, o termo preposicionado é classificado como adjunto adnominal. Contudo, se o termo preposicionado

sofrer a ação exposta no substantivo, será complemento nominal.

Ex.: "As necessidades do povo não são satisfeitas pelo professor."

→ Observe que, neste caso, o termo "do povo" acrescenta ao período um valor de posse (as necessidades são do povo; o povo necessita), funcionando, então, como adjunto adnominal.

"Sentimos necessidade de tempo para o exercício."

→ O termo "de tempo" é paciente de "necessidade" (o tempo não necessita; alguém necessita de tempo), trabalhando como complemento nominal.

"A explicação da matéria foi interessante."

→ A matéria não explicou e sim foi explicada, funcionando, assim, como complemento nominal.

"A explicação do professor foi interessante."

→ O professor explicou, a explicação é do professor, logo o termo sublinhado possui nítido valor agente, sendo adjunto adnominal.

"... que têm afetado a compreensão da classe social, do gênero, da sexualidade..." (Luiz Paulo da Moita Lopes).

→ Os termos sublinhados complementam o substantivo abstrato "compreensão", informando o que deveria ser compreendido (valor paciente), funcionando, por conseguinte, como complemento nominal.

"... vermos a multiplicidade da vida humana..."

→ É nítido o valor agente (a multiplicidade é da vida humana, a vida humana é múltipla, a vida humana possui multiplicidade), funcionando, logo, como adjunto adnominal.

Há situações em que o termo preposicionado tanto pode ter valor agente como valor paciente, precisando, portanto, de contexto para a definição de sua função sintática. Numa questão de vestibular da Fuvest, tal foi retratado do seguinte modo:

"A matança dos marginais escandalizou a população". Explique os dois sentidos que podem ser atribuídos à frase e uma possível mudança de função sintática decorrente desta mudança de interpretação do período".

→ O candidato teria que explicar que "os marginais" tanto poderiam matar como poderiam ser mortos. Na primeira interpretação, seria adjunto adnominal; na segunda, complemento nominal.

"O julgamento do professor ocorrerá amanhã".

→ Esta frase dá margem à dupla interpretação, podendo "o professor" julgar ou ser julgado, justificando-se, assim, a necessidade de contexto para dirimir a

dúvida quanto à função sintática do elemento sublinhado.

O NCE da UFRJ, banca organizadora de concursos, costuma confeccionar questões referentes a este assunto. Contudo, nem sempre são utilizadas as nomenclaturas complemento nominal e adjunto adnominal. Em muitas oportunidades, é solicitado ao candidato a opção em que o termo preposicionado possui valor agente ou paciente. Sendo assim, é aconselhável ao concursando observar que o termo, tendo a função sintática de adjunto adnominal ou aposto (nomenclaturas oficiais), possuirá valor agente. Por outro lado, caso o termo preposicionado funcione como complemento nominal ou objeto indireto, possuirá valor paciente.

Ex.: "Trata-se de um fenômeno..." (M. Lúcia de Arruda & Martins Aranha).

→ O termo sublinhado complementa com preposição a ideia de um verbo, compondo um objeto indireto, possuindo, portanto, valor paciente.

"Antes o lazer era privilégio dos nobres..." (M. Lúcia de Arruda & Martins Aranha).

→ O termo sublinhado tem valor possessivo, constituindo um adjunto adnominal, contendo, pois, valor agente.

"A mecanização, a divisão e organização das tarefas..." (M. Lúcia de Arruda & Martins Aranha).

→ Interpretando-se o período, depreende-se que "as tarefas" são mecanizadas, divididas e organizadas. Destarte, classifica-se o termo como complemento nominal, possuindo, então, valor paciente.

Outras nomenclaturas também bastante citadas pela aludida banca são preposição nocional e preposição relacional.

A preposição nocional acrescenta ao período um valor semântico, introduzindo o adjunto adnominal, o aposto (nomenclatura oficial) e o adjunto adverbial.

Ex.: "... não para de atormentá-lo com pergunta de todo jaez" (Dom Lucas Moreira Neves).

→ A preposição COM introduz um adjunto adverbial de modo, sendo, portanto, nocional.

"Controlava a vida do lugar" (Luiz Fernando Veríssimo).

→ O termo sublinhado indica valor de posse (o lugar tem vida), funcionando como adjunto adnominal e consequentemente a preposição é nocional.

"Morre-se mais na violência do Rio e de São Paulo" (João Ubaldo Ribeiro).

→ Perceba que o termo grifado possui valor agente (posse – Rio e São Paulo

possuem a violência), funcionando como adjunto adnominal. Desta forma, as ocorrências da preposição DE têm valor nocional.

> "... isso foi bom para amenizar o ideologismo que nos cegava" (Arnaldo Jabor).

→ Observe que o termo preposicionado acrescenta ao período valor de FINALIDADE, podendo, inclusive, substituir-se a preposição PARA por A FIM DE, COM O OBJETIVO DE, COM A FINALIDADE DE. Destarte, neste caso, a preposição é nocional.

> A preposição relacional é uma exigência do termo antecedente, não acrescentando ao período qualquer valor semântico. Somente a regência nominal ou verbal pode exigir a presença de uma preposição, portanto a preposição relacional introduzirá o objeto indireto ou o complemento nominal.
>
> Ele é essencial para o grupo.

→ O termo sublinhado funciona como complemento nominal, pois a preposição PARA ocorre tão somente em função da exigência feita pelo adjetivo "essencial", classificando-se, pois, como relacional.

> "Há categorias de pessoas que, lá com suas razões, têm raiva ou ressentimento da imprensa" (João Ubaldo Ribeiro).

→ O termo sublinhado funciona como complemento nominal (a imprensa é paciente de ressentimento), portanto a preposição que o introduz é relacional.

> "... já escrevi em defesa de policiais..." (João Ubaldo Ribeiro).

→ Observe que neste período o termo sublinhado possui nítido valor paciente (os policiais não se defendem, eles são defendidos), funcionando como complemento nominal. Destarte, a preposição é relacional.

> "O Senhor deu esta autoridade à Igreja..." (Dom Eugenio Sales).

→ O termo sublinhado funciona como objeto indireto, pois complementa a ideia do verbo DAR. Como é uma exigência gramatical do verbo, a preposição não acrescenta ao período qualquer valor semântico, classificando-se como relacional.

19.4. Exercícios

1. Correlacione.

(1) Complemento nominal

(2) Adjunto adnominal

( ) A construção da ponte foi benéfica a todos.

( ) A construção do engenheiro foi elogiada por todos.

( ) A invenção da vacina demonstra os avanços da medicina.
( ) A invenção de Sabin resolveu o problema da poliomielite.
( ) Ninguém entendeu a resolução do problema.
( ) Ninguém entendeu a resolução do professor.

2. (NCE) Indique o item em que os dois elementos precedidos da preposição DE desempenham a mesma função sintática.
a) "... os problemas da miséria..." / "A tomada de consciência..."
b) "Assaltos e sequestros de parentes..." / "... a superexposição das mazelas brasileiras..."
c) "... deu-se conta da existência..." / "... sequência inédita de presidentes desastrados..."
d) "O escândalo do Orçamento..." / "... extirpou definitivamente o sebastianismo da vida nacional."
e) "... Brasil do Primeiro Mundo..." / "... com a transferência de tarefas e recursos..."

Leia o texto a seguir e responda às questões 3 e 4.
"Se é para o bem de todos e felicidade geral da Nação, diga ao povo que fico!" (D. Pedro I).

3. (ICMS-RJ/FGV) "No Brasil, o debate sobre ética tributária só recentemente ganhou vulto em decorrência do aumento da carga tributária, da expansão da 'indústria de liminares', do visível aperfeiçoamento da administração fiscal, da estabilidade econômica e da crescente inserção do país na economia globalizada."
No trecho grifado do excerto acima, em relação às ocorrências e complemento nominal, é correto afirmar que há:
a) Quatro casos.
b) Cinco casos.
c) Oito casos.
d) Seis casos.
e) Dois casos.

4. (AFRM – Angra dos Reis – FGV) Já há evidências de que mudanças climáticas introduziram epidemias em regiões anteriormente livres delas.
Em relação à estrutura sintática do período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. Há, em todo o período, dois casos de complemento nominal.
II. Há, em todo o período, dois casos de objeto direto.
III. Há, em todo o período, dois casos de adjunto adnominal.
Assinale:
a) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
b) se todas as afirmativas estiverem corretas;
c) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
d) se nenhuma afirmativa estiver correta;
e) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.

5. (CM – RJ – NCE) Algumas preposições são empregadas de forma obrigatória devido à presença de termos anteriores que as exigem; o item abaixo em que a preposição destacada está nesse caso é:
a) um conjunto DE pessoas;
b) necessidade DE se ajudarem;
c) os meios DE transportes;
d) a base DE suas esperanças;
e) grande quantidade DE alimentos.

6. (Perito da Polícia Civil – RJ – FGV) Na expressão "votação *do Código Florestal*", o termo sublinhado é paciente do termo anterior, ou seja, o Código Florestal é votado. Assinale a alternativa em que o termo destacado exerce essa mesma função.
a) Exploração *de terras*.
b) Competitividade *do setor*.
c) Tamanho *de interesses divergentes*.
d) Funcionamento *da base aliada*.
e) Leque *de simpatizantes*.

7. (CBPS – NCS) O termo que funciona como complemento do termo anterior é:
a) "Soube de tudo isso..."
b) "Amanhece na ilha de Heron"
c) "Sobre a imensa faixa de areia..."
d) "... os tufos de algas..."
e) "Alguns grãos de areia..."

8. (Magistério – NCE) O item em que a preposição de (do, da, dos, das) tem valor predominantemente gramatical, e não semântico, é:
a) ... a nova geração de intelectuais...
b) ... porta-voz da frustração...
c) ... encontrar um nome de cientista...
d) ... o filho direto do protesto...
e) ... resgatar o homem de seus males...

9. (Técnico Judiciário – TRE-PA – FGV) ***Partidos são fundamentais para a consolidação da democracia e o permanente desenvolvimento da cidadania e devem existir – de verdade – em bases cotidianas*.**
Os termos sublinhados no período acima classificam-se, respectivamente, como:
a) adjunto adnominal e adjunto adnominal;
b) complemento nominal e complemento nominal;
c) adjunto adnominal e complemento nominal;
d) complemento nominal e adjunto adnominal;
e) objeto indireto e objeto indireto.

10. (Auditor – Sefaz-RJ – FGV) No Brasil, por exemplo, existem regras de *criminal compliance* previstas na Lei dos Crimes de Lavagem de Dinheiro – Lei 9.613, de 3 de março de 1998 – que sujeitam as pessoas físicas e jurídicas que tenham como atividade principal ou acessória a captação, intermediação e aplicação de recursos financeiros, compra e venda de moeda estrangeira ou ouro ou títulos ou valores mobiliários, à obrigação de comunicar aos órgãos oficiais sobre as operações tidas como "suspeitas", sob pena de serem responsabilizadas penal e administrativamente.
Assinale o termo que, no texto, desempenhe função sintática idêntica à de *à obrigação*.
a) às normas – que aqui operam sujeitas às normas de seus países de origem.
b) de ajustamentos – É certo que a mudança do enfoque sobre o tema, no âmbito das empresas – principalmente, as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos.
c) a diversas obrigações – Tem-se, *grosso modo*, por *compliance* a submissão ou a obediência a diversas obrigações impostas às empresas privadas.
d) da adoção – decorrerá também de ajustamentos de postura administrativa decorrentes da adoção de critérios.
e) dessa possibilidade – é certo que a adoção, na prática, dessa possibilidade vem se dando de forma bastante tímida.

11. (Polícia Civil – DF – NCE)
I – "agências DE TURISMO"
II – "grau crescente DE INSEGURANÇA"
III – "trabalho DE INVESTIGAÇÃO POLICIAL"
IV – "por falta DE AÇÃO INTEGRADA"
Entre os segmentos acima, em maiúsculas, aquele que apresenta função distinta da função dos demais é:
a) I;
b) II;
c) III;
d) IV;
e) nenhum deles.

12. (Analista de Informática Legislativa – Senado Federal – FGV) "Entretanto, após algumas décadas de excessivo crescimento dos gastos governamentais e da crise financeira que se abateu sobre inúmeros governos..." (L.7-9)
Assinale a alternativa que indique corretamente a quantidade de complementos nominais no trecho acima.
a) Nenhum.
b) Dois.
c) Um.
d) Três.
e) Quatro.

13. (Proc. Geral da Just. – RJ – NCE) Em que item abaixo a preposição destacada, isolada ou em combinação com artigo, tem valor puramente gramatical e não nocional, como nos demais casos?
a) "... como o ano em que o Brasil do Primeiro Mundo deu-se conta da existência..."
b) ... constituir um lembrete muito eficaz para as elites de que o Haiti é aqui".
c) "... fortaleceu a tese da necessidade de descentralização e despolitização das políticas sociais, com a transferência de tarefas e recursos aos municípios".
d) "... passou a duvidar até da existência de Deus".
e) "... os vícios do modelo centralista..."

14. (NCE-UFRJ) O caso em que o segmento precedido da preposição DE tem valor paciente e não de agente do termo anterior é:
a) ... gastar rios de dinheiro com regozijo.
b) O festival de autocongratulação consumia boa parte...
c) ... o cotidiano brasileiro está cheio de dores de problemática das agências.
d) É melhor que a imaginação das agências.
e) ... estamos no país da solucionática.

Obs.: Em virtude da complexidade deste assunto, expomos mais 12 exercícios com gabarito comentado para você poder tirar todas as dúvidas.

19.5. Exercícios com gabarito comentado acerca de complemento nominal e adjunto adnominal

1. (U-Bauru) Assinale a alternativa em que a expressão grifada tem a função de complemento nominal.
a) A curiosidade do homem incentiva-o à pesquisa.
b) A cidade de Londres merece ser conhecida por todos.
c) O respeito ao próximo é dever de todos.
d) O coitado do velho mendigava pela cidade.
e) O receio de errar dificulta o aprendizado das línguas.
Resposta: Alternativa E.
Na opção A, a curiosidade é do homem (posse – valor agente – adjunto adnominal).
Na letra B, o termo sublinhado está atrelado ao termo CIDADE que é substantivo concreto, já impossibilitando o fato de o termo ser complemento nominal. Porém é interessante observar que Londres é o nome da cidade, funcionando, portanto, como aposto.
Na opção C, TODOS possuem o dever (o dever é de todos – posse – adjunto adnominal) de respeitar o próximo.
Na opção D, o termo DO VELHO está atrelado ao substantivo concreto COITADO (adjetivo substantivado representando uma pessoa, por isso, concreto), funcionando como adjunto adnominal.
A opção E, que é a resposta, apresenta um termo que possui nítido valor paciente em

relação ao termo receio, afinal ERRAR não possui receio, não receia. Se a frase fosse "O receio do professor é o adiamento das provas.", o termo DO PROFESSOR estaria ligado a RECEIO, contudo estabelecendo valor de posse, pois indicaria que o receio seria do professor, ou seja, o professor é quem receia, funcionando, assim, como adjunto adnominal.

2. (NCE-UFRJ) "O eleitor deu pouquíssima importância às eleições para governador". O termo destacado exerce a função de complemento nominal de "eleições". Que termo destacado a seguir exerce essa mesma função?
a) Votos **em branco**.
b) Manchetes **dos jornais**.
c) Institutos **de pesquisa**.
d) Interrupção **para o dever cívico**.
e) Comportamento **do grupo**.
Resposta: Alternativa D.
As opções A, B e C podem ser excluídas rapidamente, em virtude de os termos destacados estarem atrelados a substantivos concretos, sendo, então, adjuntos adnominais. Na opção E, o termo DO GRUPO possui nítido valor agente (o comportamento é do grupo, o grupo se comporta), também funcionando como adjunto adnominal. A opção D apresenta um termo que complementa a ideia de INTERRUPÇÃO de forma passiva, funcionando como complemento nominal.

3. (NCE-UFRJ) As preposições podem ser usadas com valor relacional (uma exigência gramatical) ou valor nocional (contribuição de sentido). Em que frase a seguir o uso da preposição é uma exigência do termo anterior?
a) Eleições para governador.
b) Os votos de cabrestos.
c) Caixas de fósforo.
d) Folha em branco.
e) Dia sem trabalho
Resposta: Alternativa A.
Nas opções B, C, D e E, os termos preposicionados estão atrelados a substantivos concretos, funcionando como adjunto adnominal. Sendo assim, a preposição é nocional. Já na opção A, o termo preposicionado complementa de forma passiva a ideia do substantivo abstrato "eleições", funcionando, assim, como complemento nominal. Neste caso, a preposição que introduz o complemento nominal possui valor apenas gramatical (relacional).

4. (NCE-UFRJ) Em quantas frases abaixo o termo destacado não é agente, mas paciente do termo anterior?
1) "No campo <u>da educação</u>...
2) "... como instrumento <u>de manutenção</u>..."
3) "... manutenção <u>de *status*</u>..."

4) "... pântano de pobreza..."
a) Quatro.
b) Três.
c) Duas.
d) Uma.
e) Nenhuma.
Resposta: Alternativa D.
Nos itens 1, 2 e 4, os termos sublinhados estão atrelados a substantivos concretos, funcionando como adjunto adnominal (valor agente). No item 3, o termo sublinhado está atrelado ao termo MANUTENÇÃO que é substantivo abstrato. Observe que semanticamente "O *STATUS* NÃO MANTÉM E SIM É MANTIDO", então o termo sublinhado funciona como complemento nominal (valor paciente).

5. (NCE-UFRJ) Em que item a seguir a preposição destacada, em lugar de valor nocional, tem valor puramente gramatical?
a) "... a questão das Forças Armadas de um país..."
b) "As Forças Armadas são insuficientes para combater a desordem".
c) "As tentativas de comprometê-las..."
d) "... nem mantém uma indústria de armamento..."
e) "... oferece condições de topografia e miséria..."
Resposta: Alternativa C.
As opções A e D logo são eliminadas, pois os termos preposicionados estão atrelados a substantivos concretos, funcionando como adjunto adnominal. A opção B apresenta uma oração reduzida com valor de finalidade – sendo a preposição PARA nocional – atrelada a um adjetivo (insuficientes). A opção E apresenta termos com valor de posse (adjunto adnominal – preposição nocional), afinal TOPOGRAFIA E MISÉRIA possuem suas próprias condições. Na opção C, COMPROMETER não faz TENTATIVAS, e sim alguém faz TENTATIVAS DE COMPROMETER. Portanto, COMPROMETÊ-LAS é passivo em relação à ação contida no substantivo abstrato, sendo complemento nominal, portanto a preposição é relacional.

6. (NCE-UFRJ) "A diminuição do amor à pátria, a ação do interesse particular, a imensidão dos Estados, as conquistas, os abusos do Governo fizeram..." Assinale o item em que se classificam corretamente as funções sintáticas dos termos destacados:
a) Todos os elementos são complementos nominais.
b) Todos os elementos são adjuntos adnominais.
c) Só dois elementos são adjuntos adnominais.
d) Só um elemento é complemento nominal.
e) Só um elemento é adjunto adnominal.
Resposta: Alternativa D.
O termo À PÁTRIA complementa a ideia do substantivo abstrato com valor paciente, sendo, portanto, complemento nominal. Os demais termos preposicionados possuem nítido valor agente (O INTERESSE PARTICULAR AGE, A IMENSIDÃO É DOS ESTADOS, O

GOVERNO ABUSA), classificando-se, assim, como adjuntos adnominais.

7. (NCE-UFRJ) As salas de aula estão cheias de crianças e jovens... Em que item a seguir o elemento destacado desempenha a mesma função sintática do termo sublinhado na frase dada?

a) Os meios de comunicação e nas tecnologias...
b) ... mudaram a vida das pessoas nos séculos...
c) Interferindo na organização de seus afazeres diários...
d) Determinando o ritmo de trabalho...
e) ... os modernos instrumentos da comunicação...

Resposta: Alternativa C.

Na frase do enunciado, o termo sublinhado funciona como complemento nominal, dado que é preposicionado e está completando a ideia de um adjetivo. Sendo assim, o que se deseja na questão é a alternativa em que o termo sublinhado possua a função de complemento nominal. As opções A e E podem ser imediatamente descartadas, pois os substantivos MEIOS e INSTRUMENTOS são substantivos concretos, sendo os termos destacados adjuntos adnominais. Já as opções B e E também podem ser eliminadas, porquanto os termos DAS PESSOAS (a vida é das pessoas) e DE TRABALHO (o trabalho possui seu próprio ritmo) têm valor de posse, funcionando como adjunto adnominal. Por fim, na opção C, o termo AFAZERES DIÁRIOS não ORGANIZAM, e sim SÃO ORGANIZADOS, possuindo valor paciente, classificando-se como complemento nominal.

8. (UFRJ-NCE) Algumas preposições são empregadas de forma obrigatória devido à presença de termos anteriores que as exigem. O item abaixo em que a preposição destacada está nesse caso é:

a) Um conjunto DE pessoas.
b) Necessidade DE se ajudarem.
c) Os meios DE transportes.
d) A base DE suas esperanças.
e) Grande quantidade DE alimentos.

Resposta: Alternativa B.

As opções A, C e D apresentam termos que estão atrelados a substantivos concretos, funcionando, portanto, como adjunto adnominal, e a preposição, por consequência, será nocional. Na opção E, a preposição DE introduz um termo (adjunto adnominal) que tem valor de posse em relação ao termo QUANTIDADE (os alimentos possuem quantidade), classificando-se como nocional. Já na opção B, a preposição DE introduz um elemento passivo (complemento nominal) em relação ao substantivo abstrato NECESSIDADE, classificando-se como relacional.

9. (NCE-UFRJ) O termo que funciona como adjunto adnominal, entre os sublinhados abaixo, é:

a) "... trazer o cigarro para mais perto do adolescente, mas..."
b) "Penso que o cigarro é atraente para o adolescente..."

c) "... como sugerem as propagandas de cigarro..."
d) "... e abre um canal de comunicação numa linguagem comum..."
e) "... é uma fase carregada de situações estressantes."
Resposta: Alternativa D.
Na opção A, o termo sublinhado complementa a ideia do advérbio PERTO, funcionando como complemento nominal.
Nas opções B e E, os termos destacados complementam a ideia dos adjetivos ATRAENTE e CARREGADA, funcionando como complemento nominal.
Na opção C, CIGARRO não propaga e sim é propagado, tendo valor paciente, funcionando como complemento nominal.
Na opção D, o termo destacado está atrelado ao substantivo concreto CANAIS, funcionando como adjunto adnominal.

10. (NCE-UFRJ) O item em que a preposição DE (combinada ou não) é uma exigência da estruturação gramatical da frase e não da necessidade de acrescentar-se um novo dado semântico ao texto é:
a) "Corrupção é a grande questão do país".
b) "Trata-se de um mal endêmico na sociedade brasileira..."
c) "... é outra razão para a amargura de nossa gente".
d) "... pode abrir a porta desse futuro..."
e) "... se elegeram com a bandeira da luta anticorrupção".
Resposta: Alternativa B.
As opções D e E podem ser descartadas de imediato, pois as preposições introduzem termos que estão atrelados a substantivos concretos (mesmo sendo utilizados com valor conotativo, os substantivos PORTA e BANDEIRA continuam nesses contextos sendo concretos). Na opção A, a preposição DE introduz elemento com valor agente, pois é o país quem questiona. Na opção C, a preposição DE introduz termo que possui nítido valor de posse (a amargura é de nossa gente). Na opção B, a preposição DE introduz um objeto indireto, ou seja, a preposição é fruto da regência verbal, podendo ser classificada como relacional.

11. (NCE-UFRJ) O item a seguir em que o termo destacado representa um agente e não um paciente do termo anterior é:
a) Código de trânsito.
b) Educação para o trânsito.
c) Formação do magistério.
d) Treinamento de professores.
e) Atender a mais esta nova exigência.
Resposta: Alternativa A.
A opção B apresenta termo introduzido por preposição PARA que complementa substantivo abstrato, funcionando como complemento nominal, tendo, consequentemente, valor paciente.
As opções C e D apresentam termos que complementam substantivo abstrato com

preposição DE. Neste caso, torna-se necessário interpretar o sentido: O MAGISTÉRIO É FORMADO, OS PROFESSORES SÃO TREINADOS. Portanto, os termos destacados possuem valor paciente, funcionando como complementos nominais.
A opção E apresenta um mero objeto indireto, portanto o termo destacado tem valor paciente.
A opção A apresenta um termo atrelado a um substantivo concreto, funcionando como adjunto adnominal, possuindo, portanto, valor agente.

12. (NCE-UFRJ) Que elemento do texto, precedido da preposição DE exerce função sintática de adjunto adnominal e não de complemento nominal?
a) "... tom da voz..."
b) "... pertinho do céu..."
c) "... percepção de uma cidade..."
d) "... cuidado de não ser reconhecido..."
e) "... distinto do que é utilizado..."
Resposta: Alternativa A.
Na opção B, o termo DO CÉU complementa a regência do advérbio PERTINHO.
Na opção C, seria necessário o contexto, para a compreensão de que A CIDADE PERCEBE ou A CIDADE É PERCEBIDA
Na opção D, a oração reduzida complementa a ideia de CUIDADO.
Na opção E, o pronome demonstrativo O combinado à preposição DE complementa a ideia do adjetivo DISTINTO.
A opção A apresenta um termo que contém valor de posse em relação ao vocábulo TOM: a voz possui tom.

Capítulo 20

Adjunto Adverbial

Adjunto adverbial é o termo que modifica a ideia de verbo, adjetivo e de outro advérbio. O trabalho aqui se baseia na semântica, pois o mais importante é a percepção da ideia que passa o adjunto adverbial.

20.1. Classificação

1) LUGAR – "Corre o rio e entra no mar" (Fernando Pessoa) "Aqui – os filhos que vos pedem pão..." (Castro Alves).
2) TEMPO – "Canto nest'hora, como o bardo antigo" (Castro Alves). Às duas horas acordarei.
3) MODO – Fez o trabalho apressadamente. Ele passa bem.
4) INTENSIDADE – "Das priscas eras, que bem longe vão" (Castro Alves). Ele estuda à beça.
5) AFIRMAÇÃO – Sim, ele virá. Com certeza ele virá.
6) NEGAÇÃO – Jamais isto será feito. "Vi que não há natureza" (Fernando Pessoa).
7) DÚVIDA – Possivelmente ele virá. "Talvez por isso entraram os objetos..." (Machado de Assis).
8) IRONIA – Certamente a noite virará dia. Dida nunca "engolirá um frango".
9) CONCESSÃO – Embora cansado, fiz todo o trabalho. "Não obstante a defesa do escudeiro, Pery conseguiu amarrá-lo..." (José de Alencar).
10) CONDIÇÃO – Sem você, não farei o trabalho. Com sorte, chegarei à solução.
11) FINALIDADE – Pedir-te-ei em casamento. Visitou o estabelecimento para fiscalização.
12) ASSUNTO – "Falai-lhe dos cabelos" (Castro Alves). "Não falo de amor quase nada..." (Raul Seixas).
13) MEIO – Vim de ônibus. Mandei notícias por um bilhete.
14) INSTRUMENTO – Ele assassinou o inimigo com uma faca. Fiz a prova à caneta.
15) CAUSA – Eu, de enternecido, esquecera a merenda (Eça de Queirós). Empobreceu com as secas.

16) DE COMPANHIA – Irei ao cinema com minha mulher. Somente saio em companhia de meus irmãos.
17) PREÇO – O passe de Robinho custa R$ 50.000.000,00.

20.2. Exercícios

1. Correlacione.
1) LUGAR
2) TEMPO
3) MODO
4) INTENSIDADE
5) AFIRMAÇÃO
6) NEGAÇÃO
7) DÚVIDA
8) IRONIA
9) CONCESSÃO
10) CONDIÇÃO
11) FINALIDADE
12) ASSUNTO
13) MEIO
14) INSTRUMENTO
15) CAUSA
16) DE COMPANHIA
17) PREÇO
I. ( )( ) Iremos à praia de ônibus.
II. ( )( )( ) Mesmo com dor de cabeça, foi ao teatro comigo.
III. ( )( )( ) Conversamos sobre o problema por telefone para resolver o problema.
IV. ( )( ) Na faculdade eu era mais feliz.
V. ( )( ) Na faculdade eu estudava bastante.
VI. ( )( ) Sem o material, não poderás acompanhar a aula.
VII. ( ) Ele empobreceu com o plano econômico.
VIII. ( )( )( ) Certamente, no próximo ano, o salário mínimo valerá mil dólares.
IX. ( )( )( ) No Nordeste, o povo ainda morre de fome.
X. ( )( ) "Apesar de você, amanhã há de ser novo dia..." (Chico Buarque)
XI. ( )( ) Fizemos a prova a lápis para não sermos eliminados do concurso.
XII. ( )( ) Agiu rapidamente para a solução do problema.
XIII.( )( )( ) De forma alguma, voltarás de São Paulo de ônibus.
XIV.( )( )( ) Embora com dificuldades, certamente o povo brasileiro lutará por uma vida melhor.
XV. ( )( ) Eles agiram violentamente por medo.

2. (UFF) A expressão destacada tem valor adverbial em:
a) "A história *do casamento* de Maria Benedita é curta".

b) "Se não fosse a epidemia *das Alagoas*, talvez não chegasse a haver esse casamento".
c) "... não contando a respeito que aquele bêbado tinha ao princípio *da propriedade*".
d) "... não é preciso estar embriagado para acender um charuto *nas misérias alheias*".
e) "Sem pedir licença à dona *das ruínas*".

3. (Unificado)
V.7 – "No povo meu poema está maduro..."
V.13 – "Ao povo seu poema aqui devolvo..."
Os termos "NO POVO" (v.7) e AO POVO (v.13) exercem, respectivamente, as funções sintáticas de:
a) objeto indireto e adjunto adverbial;
b) objeto indireto e complemento nominal;
c) complemento nominal e objeto indireto;
d) adjunto adverbial e adjunto adverbial;
a) adjunto adverbial e objeto indireto.

4. (FTM-Aracaju) Das expressões destacadas abaixo, com as ideias de tempo ou lugar, a única que tem a função sintática do adjunto adverbial é:
a) "Já ouvi os poetas de Aracaju".
b) "... atravessar os subúrbios escuros e sujos".
c) "... passar a noite de inverno debaixo da ponte".
d) "Queria agora caminhar com os ladrões pela noite".
e) "... sentindo no coração as pancadas dos pés das mulheres da noite".

5. (Agência Saúde Pública – NCE) O item em que o termo sublinhado não está devidamente classificado segundo o seu valor semântico é:
a) "... falam <u>sobre a existência de Atlântida</u>,..." = assunto.
b) <u>Na época</u>, muito estudiosos chegaram..." = tempo.
c) "Nessa ilha, <u>segundo descrição feita ao filósofo Platão</u>..." = conformidade.
d) "... ninguém se preocupou <u>muito</u>..." = intensidade.
e) "... tratou de passar a notícia <u>adiante</u>..." = lugar.

6. (Secretaria de Saúde do Piauí – NCE) O segmento que apresenta o correto valor do elemento sublinhado é:
a) "... carregando <u>em seu bico</u>..." = instrumento.
b) "... água <u>do rio</u>..." = tempo.
c) "... se alastrava <u>na floresta</u>..." = lugar.
d) "... apagar aquele incêndio <u>com essas gotinhas d'água</u>?" = companhia.
e) "Estou <u>apenas</u> fazendo a minha parte" = oposição.

Capítulo 21

Agente da Passiva, Aposto e Vocativo

21.1. Agente da Passiva

Agente da passiva é o termo que pratica a ação na VOZ PASSIVA.

O agente da passiva é introduzido pela preposição POR. Excepcionalmente a preposição DE, sendo sinônima de POR, também pode iniciar o agente da passiva.

Ex.: O trabalho foi feito por todos.

"O João da Costa, moço do comércio, estimado do patrão e dos colegas..." (Aluísio de Azevedo).

21.2. Aposto

Aposto é o termo de natureza substantiva que repete algo já designado com fins de algum tipo de esclarecimento.

Ex.: Pelé, Rei do Futebol, fez o milésimo gol num jogo contra o Vasco. REI DO FUTEBOL é aposto de Pelé.

21.2.1. Aposto denominativo

Ex.: Praia de Copacabana, Presidente Lula.

21.2.2. Aposto explicativo

Ex.: Xuxa, a rainha dos baixinhos, está extremamente famosa também na Argentina.

21.2.3. Aposto enumerativo

Ex.: Comprei frutas: laranja, maçã, pêra.

21.2.4. Aposto resumitivo

Ex.: Na festa havia Ferrari, BMW, Peugeot, enfim só carros estrangeiros.

21.2.5. Aposto distributivo

Ex.: Eles, cada um de seu jeito, resolveram os problemas. Vieram dois rapazes; este, de calças compridas e aquele, de bermudas.

21.3. Vocativo

Vocativo é o termo que indica um chamamento (pessoa com quem se fala).

Ex.: Pressentimentos de que, Isaura? (Bernardo Guimarães).

21.3.1. Exercícios

1. Correlacione.

(1) AGENTE DA PASSIVA
(2) APOSTO
(3) VOCATIVO

( ) "Jesus Cristo, Jesus Cristo, eu estou aqui" (Roberto Carlos).
( ) Jesus Cristo, o ser mais sábio de todos os tempos, deu-nos grandes ensinamentos.
( ) Eu fui ensinado pela vida.
( ) Manoel já era conhecido de todos.
( ) Tu moras na rua Barata Ribeiro?
( ) Que fazes aqui, Manoel?

21.3.2. Análise sintática do pronome oblíquo

BIZU

Substitui-se o pronome oblíquo pela palavra MENINO. A função sintática que tiver a palavra MENINO será a mesma função sintática do pronome oblíquo.

Ex.: "Nós queríamos que você nos ensinasse umas cantigas" (Lima Barreto).

→ Substituindo-se NOS por AO MENINO (... ensinasse umas cantigas AO MENINO), chega-se à conclusão de que AO MENINO é objeto indireto, portanto NOS é OBJETO INDIRETO.

Ex.: "Então a Adélia, ..., puxou-me a face" (Eça de Queirós).

→ Puxou a face DO MENINO – adjunto adnominal, NOS – adjunto adnominal.

Ex.: "... envolvendo-a na sua cama de prata..." (Aluísio de Azevedo).

→ Envolvendo O MENINO – objeto direto, A – objeto direto.

Ex.: "... pode a sorte não te ser favorável..." (José de Alencar).

→ Não ser favorável AO MENINO – complemento nominal, TE – complemento nominal.

É importante citar que, nos casos dos verbos causativos (verbos que indicam a causa da outra ação – mandar, deixar, fazer...) e sensitivos

(verbos que sugerem os sentidos – ver, ouvir, observar, escutar), o pronome oblíquo átono funcionará como sujeito do verbo seguinte no infinitivo. A situação é tão atípica, que nem o verbo será obrigado a concordar com o sujeito – o estudo da flexão do verbo seguinte receberá uma análise mais aprofundada no capítulo de concordância.

Ex.: "Marcela... mandou-o a uma loja na vizinhança, comprar o vidro" (Machado de Assis).

"A vista de uma sota faz-me às vezes estremecer o coração em emoções mais vivas..." (Bernardo Guimarães).

"É o meu maior prazer vê-lo brilhar" (Lamartine Babo).

"Deixou-se ficar espiando..." (Aluísio de Azevedo).

Obs.: Há alguns pronomes oblíquos átonos que não possuem função sintática. São aqueles que não representam um ser: o pronome apassivador, o índice de indeterminação do sujeito e a parte integrante dos verbos (nos verbos pronominais).

Ex.: Fez-se o trabalho.

– O pronome apassivador SE não representa uma pessoa, não podendo, portanto, possuir função sintática.

Ex.: Precisa-se de mais operários.

– O índice de indeterminação do sujeito SE, demarcando o sujeito (agente) indeterminado e sendo o elemento paciente "de mais operários", não representa um ser, não possuindo função sintática.

Ex.: Eu me referi a seu trabalho.

→ Observe que o termo agente da ação é o pronome reto EU (mesmo que não aparecesse explícito), já o elemento paciente é "a seu trabalho". Então o pronome oblíquo ME só tem valor estrutural, não substituindo uma pessoa. Sendo assim, não possui função sintática.

21.3.2.1. Exercícios

1. Dê a função sintática dos termos sublinhados.

a) Viram-me ontem.
b) Entregaram-me os documentos.
c) Roubaram-me os documentos.
d) Roubaram-me.
e) Ele me é extremamente útil.
f) Maria sempre nos será extremamente agradável.
g) Desculpe por pisar-te o pé.
h) Dar-vos-ei todos os jornais.
i) Deixar-nos-ão ficar aqui.

j) Ele te viu estudar ontem.

21.3.3. Análise sintática do pronome relativo

BIZU

1º passo – isolar a oração em que aparece o pronome relativo.
2º passo – formar uma nova frase somente com aquela oração já isolada, substituindo o pronome relativo pelo termo antecedente.
3º passo – ao reconhecer a função sintática que terá este termo substitutivo do pronome relativo, estará também sendo reconhecida a função sintática do próprio pronome relativo.

Ex.: Roubaram as canetas que comprei ontem.

→ A oração em que aparece o pronome relativo é QUE COMPREI ONTEM. Forma-se uma nova frase somente com esta oração, mas deve ser substituído o pronome relativo pelo termo antecedente (AS CANETAS).

A frase fica: COMPREI ONTEM AS CANETAS. A função sintática de AS CANETAS é objeto direto, portanto QUE também será objeto direto.

As crianças a quem entreguei as provas já estão mais aliviadas.

→ Isole a oração em que aparece o pronome relativo – A QUEM ENTREGUEI AS PROVAS. Forma-se uma nova frase com esta oração, substituindo-se o pronome relativo QUEM pelo termo antecedente AS CRIANÇAS – ENTREGUEI AS PROVAS ÀS CRIANÇAS. ÀS CRIANÇAS é objeto indireto, portanto A QUEM é objeto indireto.

Obs.: Os pronomes relativos CUJO, CUJA, CUJOS, CUJAS quase sempre funcionam como adjuntos adnominais, até porque encerram valor de posse. Muito raramente podem também funcionar como complemento nominal, desde que possuam valor paciente.

Ex.: O réu de cujo julgamento participei foi condenado a dez anos de prisão.

→ Observe que o pronome relativo "cujo" refere-se ao termo o réu. Substituindo-se o termo pelo antecedente, resultaria "Participei do julgamento do réu". "O réu" não julgou e, sim, foi julgado, possuindo nítido valor paciente, funcionando, então, como complemento nominal.

21.3.3.1. Exercícios

1. Dê a função sintática do pronome relativo:

a) Falei as palavras que você queria ouvir.

b) Falei as palavras que deveriam ser faladas.
c) As cervejas de que sinto necessidade já estão geladas.
d) As cervejas de que necessito já estão geladas.
e) É linda a cidade em que moro.
f) Meu pai é a única pessoa em quem confio.
g) Meu pai é a única pessoa em quem tenho confiança.
h) As crianças que estavam desaparecidas foram encontradas.
i) As soluções que eu dei não te agradaram.
j) As soluções a que sempre fui favorável finalmente foram tomadas.
k) Futebol é o único assunto por que efetivamente me interesso.
l) Futebol é o único assunto por que efetivamente tenho interesse.
m) É muito bonito o local para onde vou.

21.3.4. Análise sintática de pronome demonstrativo e pronome relativo juntos

BIZU

1º passo – Relembrar que, quando O, A, OS, AS – combinados ou não com preposição – aparecerem antes de QUE e puderem ser substituídos por AQUILO, AQUELE(S), AQUELA(S), serão pronomes demonstrativos e QUE será relativo.

2º passo – É fundamental o candidato ficar ciente de que pronome demonstrativo e pronome relativo não podem ficar na mesma oração, até porque o antecedente do pronome relativo será o demonstrativo – e só o demonstrativo, mesmo que combinado a uma preposição –, portanto os dois pronomes representam o mesmo ser.

3º passo – Isolar a oração principal e substituir O, A, OS, AS por AQUILO, AQUELE(S), AQUELA(S) para determinar a função do demonstrativo.

4º passo – Isolar a oração subordinada e substituir o pronome relativo pelo antecedente – o pronome demonstrativo O, A, OS, AS. No fim, substitua O, A, OS, AS por AQUILO, AQUELE(S), AQUELA(S).

Ex.: "O que eu não quero perder é a sua missão nova" (Machado de Assis).

→ Na frase, o pronome demonstrativo O aparece antes do relativo QUE. Pronome demonstrativo e pronome relativo não podem ficar na mesma oração, logo a primeira oração é: "O é a sua missão nova". Substituindo o pronome demonstrativo O por AQUILO teremos "Aquilo é a sua missão nova". AQUILO funciona como sujeito, função esta do demonstrativo O. Isolando a oração subordinada "que eu não quero perder", substituir o relativo "que" pelo antecedente, o demonstrativo O. Por fim, substituir O por AQUILO, ficando a

frase “eu não quero perder aquilo”. AQUILO funciona como objeto direto, função esta do pronome relativo QUE.

Ex.: “Não sabeis que ele é protegido e amado pelos que pouco se importam se morremos ou vivemos” (José de Alencar).

→ ... amado POR AQUELES – agente da passiva, PELOS – agente da passiva; AQUELES pouco se importam... – sujeito, QUE – sujeito.

Ex.: Não gostei do que eles disseram.

→ Na frase, o pronome demonstrativo O aparece combinado com a preposição DE. Para determinar a função do demonstrativo, basta isolar a oração principal e substituir O por AQUILO, não se esquecendo de combinar com a preposição ocorrente na primeira oração: “Não gostei daquilo”. DAQUILO funciona como objeto indireto, função sintática de DO. Agora vamos passar para a função do relativo: isolemos a segunda oração e substituamos o pronome relativo QUE pelo antecedente O (FUNDAMENTAL ficar atento ao fato de que o antecedente do pronome relativo é só o demonstrativo e não o demonstrativo combinado com a preposição. Sendo assim, o antecedente não é o “do” – de + o – e sim somente “o”. Este caso de reconhecimento do antecedente do relativo já foi utilizado em várias oportunidades em concursos públicos). Depois troquemos O por AQUILO, ficando a frase “Eles disseram aquilo”. AQUILO é objeto direto, função do relativo.

Ex.: As que estudam passam.

→ Na frase, o pronome demonstrativo AS aparece antes do relativo QUE. É sempre muito importante lembrar que demonstrativo e relativo não podem ficar na mesma oração, portanto a primeira oração é “As passam”. Substituamos o demonstrativo AS por AQUELAS, ficando o período “Aquelas passam”. AQUELAS funciona como sujeito, função do demonstrativo AS. Vejamos agora a função do relativo: isolemos a oração intercalada “que estudam” e substituamos o QUE pelo antecedente, o demonstrativo AS. Por fim, alteremos AS por AQUELAS, resultando: “Aquelas estudam”. AQUELAS funciona como sujeito, então é a função do relativo.

21.3.4.1. Exercícios

1. Dê a função sintática tanto do pronome relativo quanto do pronome demonstrativo nas frases a seguir.

I. Tens certeza do que se disse?

II. Confiamos no que os professores ensinam.

III. Não sabemos o que ele será na empresa.

IV. Aos que sempre fazem o que querem eu dou atenção.

21.3.5. Exercícios

1. (AFTN) Leia o trecho abaixo e identifique a opção que faz correspondência incorreta entre as duas colunas: "Ainda quando a vida mais não fosse que a urna da saudade, o sacrário da memória dos bons, isso bastava para a reputarmos um benefício celeste, e cobrirmos de reconhecimento a generosidade de quem no-la doou" (Ruy Barbosa).

	Termos destacados:		Função sintática da oração:
a)	a		objeto direto
b)	um benefício celeste		predicativo do objeto direto
c)	a generosidade		objeto direto
d)	quem		objeto indireto
e)	no		objeto indireto

2. (TFC) Assinale a letra em que a função sintática indicada pelo termo do texto NÃO está correta.
Com franqueza, estava arrependido de ter vindo. Agora que ficava preso, ardia por andar lá fora, e recapitulava o campo e o morro, pensava nos outros meninos vadios, o Chico Telha, o Américo, o Carlos das Escadinhas, a fina flor do bairro e do gênero humano. Para cúmulo de desespero, vi através das vidraças da escola, no claro azul do céu, por cima do morro do Livramento, um papagaio de papel, alto e largo, preso de uma corda imensa, que bojava no ar, uma cousa soberba. E eu na escola, sentado, pernas unidas, com o livro de leitura e a gramática nos joelhos.

a)	com franqueza (l. 1)		adjunto adverbial
b)	o campo e o morro (l. 2)		objetos diretos
c)	um papagaio de papel (l. 5)		sujeito
d)	alto e largo (l. 5)		adjuntos adnominais
e)	a fina flor do bairro (l. 3)		aposto

3. (UF-MG) Em todas as alternativas, o termo destacado está corretamente classificado, exceto em:
a) Ele sabia o **que** ignorava e não se atrevia a julgar tudo. (sujeito)
b) O padeiro ofereceu-lhe alguma coisa e perguntou amavelmente o **que** havia de novo. (objeto direto)
c) Eu não sei **que** mal me faz essa mulher com seu rosto à Botticelli. (adjunto adnominal)
d) É um sentimento perfeitamente imbecil, **de que** até hoje não me pude libertar. (objeto indireto)
e) Era um galope para a riqueza, **em que** se atropelava a todos, os amigos e inimigos. (adjunto adverbial)

4. (PUC) Não revelou o que descobrira a ninguém. Assinale a alternativa em que se analisa a classe gramatical e a função sintática das palavras destacadas, respeitando a ordem em que elas ocorrem:
a) artigo, adjunto adnominal, conjunção integrante, conectivo;
b) pronome demonstrativo, sujeito, conjunção integrante, conectivo;
c) artigo, adjunto adnominal, pronome relativo, sujeito;
d) pronome demonstrativo, objeto direto, pronome relativo, objeto direto;
e) artigo, adjunto adnominal, pronome relativo, objeto direto.

5. (UF-Uberlândia) Todos os itens abaixo apresentam o pronome relativo com função de objeto direto, exceto:
a) "Aurélia não se deixava inebriar pelo culto que lhe rendiam".
b) "Está fadigada de ontem? perguntou a viúva com a expressão de afetada ternura que exigia o seu cargo".
c) "... com a riqueza que lhe deixou seu avô, sozinha no mundo, por força que havia de ser enganada".
d) "... O Lemos não estava de todo restabelecido do atordoamento que sofrera".
e) "Não o entendiam assim aquelas três criaturas, que se desviviam pelo ente querido".

6. (FEI-SP) Em: "Usando do direito <u>que</u> <u>lhe</u> confere a Constituição", as palavras grifadas exercem a função respectivamente de:
a) objeto direto e objeto direto;
b) sujeito e objeto direto;
c) objeto indireto e sujeito;
d) sujeito e sujeito;
e) objeto direto e objeto indireto.

7. (UFF) Numa das alternativas abaixo, a função sintática do pronome relativo é a mesma que seu antecedente exerce na oração principal. Assinale-a.
a) Depois disso, entrou-se na era do vale-tudo, que desembocou nos aniquilamentos de Hiroshima e Nagasaki.
b) Hiroshima desapareceu sob o clarão de uma explosão que provocou, quase instantaneamente, a morte de cem mil pessoas.
c) Como não houve qualquer ataque, muitos japoneses que estavam em terra imaginaram tratar-se de uma provocação.
d) As bombas que os EUA jogaram sobre o Japão tinham como alvo a URSS.
e) A bordo do navio Augusta, que retornava para os EUA, Truman autorizou o bombardeio.

8. (UFF) Assinale a opção em que um <u>pronome relativo</u> apresenta <u>a mesma função sintática</u> do *<u>que</u>* no fragmento "e em vez de nos guardarem as fazendas, são os que maior estrago nos fazem nelas".
a) "O primeiro réu que condenei era um moço limpo".

b) "Contestou que lhe coubesse a iniciativa ou inspiração do crime".
c) "Alguém foi que lembrou esse modo de sacudir".
d) "Mas Deus, que via os corações, diria ao criminoso verdadeiro o merecido castigo".
e) "Ao contrário, o defensor mostrou que o abatimento e a palidez significavam a lástima da inocência caluniada.

9. (Rural) Em "Descobririas o menino que sustenta esse homem", a análise correta é:
a) TU – sujeito de "descobririas"; O MENINO – sujeito de "sustenta".
b) O MENINO – objeto direto; ESSE HOMEM – sujeito.
c) QUE – sujeito; ESSE HOMEM – objeto direto.
d) O MENINO – sujeito; ESSE HOMEM – objeto direto.
e) QUE – objeto direto; O MENINO – sujeito.

10. (Mack) Nas frases abaixo, o pronome oblíquo está corretamente classificado, exceto em:
a) "Fugia-lhe é certo, metia o papel no bolso ..." (objeto indireto).
b) "... ou pedir-me à noite a bênção do costume" (objeto indireto).
c) "Todas essas ações eram repulsivas: eu tolerava-as ..." (objeto direto).
d) "... que vivia mais perto de mim que ninguém" (objeto indireto).
e) "... eu jurava matá-los a ambos ..." (objeto direto).

11. (NCE) "... pois ninguém se interessa pelo que nelas acontece..." Assinale o comentário incorreto sobre os elementos participantes desse trecho:
a) a segunda oração depende semanticamente da primeira;
b) o antecedente do relativo QUE é o pronome demonstrativo O;
c) o uso da preposição EM (nelas) indica semanticamente lugar;
d) o pronome indefinido NINGUÉM indetermina o sujeito da oração;
e) o uso do pronome pessoal ELAS evita a repetição de termos idênticos.

12. (NCE) "O exemplo de Los Angeles, onde grupos sociais se organizaram para buscar soluções para seus problemas..." Assinale o comentário incorreto sobre o segmento destacado:
a) ONDE é um advérbio de lugar.
b) ONDE se refere a Los Angeles.
c) GRUPOS SOCIAIS exerce a função de sujeito.
d) O pronome SE se refere a "GRUPOS SOCIAIS".
e) O pronome SE exerce a função de objeto direto.

13. Nas frases "Não tememos o que o deputado vai dizer na CPI" e "Gostamos do que se disse na CPI", o termo QUE exerce, respectivamente, a função de:
a) objeto direto – sujeito;
b) objeto direto – objeto direto;
c) sujeito – sujeito;

d) sujeito – objeto direto;
e) complemento nominal – complemento nominal.

14. (NCE) Assinale o comentário inadequado sobre a oração daquele lugar onde se matam pobres de fome e crianças à bala.
a) A frase se encontra na voz passiva sintética ou pronominal.
b) O uso do demonstrativo AQUELE tem valor pejorativo.
c) A conjunção coordenada une de fome e à bala.
d) ONDE tem sentido dêitico.
e) De fome e à bala têm função de adjuntos adverbiais.

15. (Farias Brito) "Um prólogo a um livro de versos é cousa que se não lê, e quase sempre com razão" (Silvio Romero). O verbo "lê":
a) está na voz passiva e seu sujeito é "que";
b) está na voz ativa, seu sujeito é "cousa" e seu objeto direto é "versos";
c) está na voz reflexiva, e o sujeito "versos" pratica e recebe a ação, ao mesmo tempo;
d) sugere reciprocidade de ação, pois há troca de ações entre os "versos" e quem os lê;
e) funciona acidentalmente como verbo de ligação, com predicativo oculto.

16. "Não tenho confiança no que você diz". Em relação a este período só não podemos afirmar:
a) a segunda oração é subordinada adjetiva restritiva;
b) a função sintática de "no" é complemento nominal;
c) "que" funciona como objeto direto;
d) "no" é a contração da preposição EM com o artigo o;
e) "confiança" é objeto direto da primeira oração.

17. (NCE) A única alternativa em que a palavra SE exerce função sintática é:
a) "Ao se debruçar sobre ela..."
b) "... experimenta-se o sabor do infinito..."
c) "... destrancam-se as portas..."
d) "... a pessoa se inscreve no enredo do mundo".
e) "Num momento em que se percebe que a passagem pela escola..."

18. (Cespe – UnB)
Ninguém fica indiferente à publicidade televisiva.
Não deixe seus pulmões correrem o risco de uma golfada de livre.
A publicidade é usada com a finalidade de iludir as pessoas.
Considerando os trechos acima, assinale o item que contém, respectivamente, a função sintática dos termos sublinhados:
a) complemento nominal / objeto direto / predicativo do sujeito
b) complemento nominal / sujeito / objeto direto
c) objeto indireto / objeto direto / adjunto adverbial

d) complemento nominal / objeto direto / adjunto adnominal
e) adjunto adnominal / sujeito / complemento nominal

19. (Bacen – Esaf) Assinale a opção incorreta a respeito das estruturas linguísticas do texto abaixo.
Temos uma legislação processual com dispositivos que permitem ao devedor, a pretexto de questionar uma cláusula contratual ou uma garantia dada em uma operação, deixar de pagar o principal. O que isso traz de consequência? Traz um aumento muito grande de inadimplência, que se traduz em um aumento de custo para o tomador. O prejuízo operacional sofrido pela instituição financeira, em decorrência dessa inadimplência, faz com que os bons pagadores acabem arcando com parte dessa conta, suportando uma taxa de juro maior e até desestimulando outros tomadores, que gostariam de expandir ou crescer seus empreendimentos com apoio no crédito.
(Gabriel Jorge Ferreira, em entrevista à *Resenha BM&F*, com adaptações.)
a) A forma verbal "Temos", ao iniciar o texto, indica que autor e leitores partilham a situação que vem descrita a seguir.
b) A oração "deixar de pagar o principal" (l. 2 e 3), apesar de não ter sujeito gramatical, refere-se semanticamente a "devedor"(l. 1).
c) O pronome "que" (l. 4) refere-se a "inadimplência" (l. 3) e constitui o sujeito da oração em que ocorre.
d) A oração reduzida "sofrido pela instituição financeira" (l. 4 e 5) corresponde à ideia que também pode ser expressa pela oração que a instituição financeira sofreu.
e) "Dessa inadimplência" (l. 5) constitui o sujeito da oração que tem como predicado "faz" (l. 5).

20. (Cespe-UnB) Considerando-se o trecho "Havia <u>os</u> que tinham medo, havia <u>os</u> que falavam de castigo", marque o item em que a afirmação está correta.
a) Ambas as palavras sublinhadas são pronomes pessoais retos e funcionam como sujeito do verbo "haver".
b) Ambas as palavras sublinhadas são pronomes pessoais oblíquos e funcionam como sujeito do verbo "haver".
c) Apenas a primeira palavra sublinhada é pronome demonstrativo e funciona como sujeito do verbo "haver".
d) Ambas as palavras sublinhadas são pronomes demonstrativos e funcionam como objeto direto.
e) Apenas a segunda palavra sublinhada é pronome demonstrativo e funciona como sujeito da oração seguinte.

21. Assinale a opção em que o pronome oblíquo possui função sintática.
a) Eu já me esqueci de tudo.
b) Eles se recordaram do passado.
c) Tu te lembras do ocorrido?
d) Lembraram-me que haverá expediente.

e) Vive-se bem no Rio de Janeiro.

22. Assinale a opção em que o pronome oblíquo possui função sintática.
a) Ele se referia simplesmente ao ócio.
b) Ajoelhamo-nos e rezamos por nossos pecados.
c) Entendeu-se finalmente que aquela seria a melhor opção.
d) Já não se assiste a filmes tão bons como antigamente.
e) Eles se amaram como dois animais (Alceu Valença).

23. (NCE – TRT) No segmento "... surgiram as condições sociais que tornaram possível o aparecimento do Direito do Trabalho...", o pronome relativo "que" retoma um termo anterior que passa a ser sujeito da oração seguinte. Em quantos segmentos a seguir essa mesma estrutura se repete?
1º – "... representam a base que possibilitou o desenvolvimento da nova economia".
2º – "... igual ao patrão que o contratava".
3º – "... era muito inferior ao que se exigia do artesão qualificado na época precedente".
4º – "... para efetuar as simples tarefas que as máquinas ainda eram incapazes de fazer".
a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) nenhum

24. (TJ – NCE) "... com hábitos que tornam necessários muitos bens produzidos pela indústria,..." O comentário adequado à estrutura desse segmento do texto é:
a) A forma "necessários" poderia ser substituída, de modo correto, por "necessário".
b) O pronome "que" refere-se a "hábitos" e é sujeito do verbo seguinte.
c) "Pela indústria" representa o paciente da ação verbal.
d) O pronome indefinido "muitos" concorda com "produzidos".
e) O verbo "tornar" está no plural porque concorda com o sujeito "bens".

Capítulo 22

Classificação de Orações

Amigo leitor, as orações coordenadas e as subordinadas adverbiais já foram analisadas no estudo de conjunções. Faremos aqui uma revisão. É bom lembrar que as conjunções são o principal elemento de coesão textual – daí inclusive se justificam as nomenclaturas "coordenativa" ou "subordinativa". O sufixo "ativo" possui valor agente, indicando que a conjunção coordena ou subordina; por consequência, a oração ficará coordenada ou subordinada. Cabe, neste momento, a análise também de orações sem conjunções, sobretudo as reduzidas.

22.1. Orações coordenadas

Principal característica: são independentes.

22.1.1. Assindéticas

Sem uso de conectivos.

Ex.: Maria lava, passa, prepara a comida...

A frase é composta por três orações e não há conectivo ligando-as, portanto as três orações são coordenadas assindéticas.

22.1.2. Sindéticas

Com uso de conectivos. A seguir, veremos uma relação de orações coordenadas sindéticas.

22.1.2.1. Aditivas

Dão ideia de adição, soma, acréscimo. As conjunções e locuções conjuntivas mais comuns são: E, NEM, MAS TAMBÉM, COMO TAMBÉM, OUTROSSIM, TAMPOUCO.

Ex.: "... ainda há tempo de salvar o Brasil e já conseguiu a adesão de todos os Homens..." (Luis Fernando Verissimo).

"O outro homem não o saudamos, nem ele nos viu" (Eça de Queirós).

22.1.2.2. Adversativas

Expõem ideia de contrariedade, adversidade, oposição à expectativa criada

na outra oração. As conjunções mais comuns são:
MAS, PORÉM, CONTUDO, TODAVIA, ENTRETANTO, NO ENTANTO e NÃO OBSTANTE.

Ex.: Maria não estava triste, contudo chorou copiosamente.
"Não me queixo, mas sofro" (José de Alencar).

Obs.: É mais importante o candidato preocupar-se com a ideia que passa a oração do que decorar conjunções. Observe os exemplos seguintes:
Foi à praia e não tomou banho de mar.
Não só foi à praia mas também tomou banho de mar.

→ Na primeira frase, apesar de aparecer a conjunção E, a ideia que ocorre é de adversidade, pois é criada uma expectativa na primeira oração, contudo a segunda não concretiza a expectativa criada. Quando se fala FOI À PRAIA, espera-se que a pessoa TOME BANHO DE MAR, no entanto tal não ocorre.

Já na segunda frase, apesar de aparecer a palavra MAS, a ideia é de soma, pois o indivíduo foi à praia e tomou banho de mar, ou seja, praticou as duas ações. É sempre interessante não esquecer que estruturas iniciadas por "não apenas", "não só" ou "não somente", inevitavelmente, vão desembocar em orações aditivas. Isso acontece, pois, como o termo "não" tem a função de negar os elementos restritivos "somente", "só" e "apenas", além de a ação exposta naquela oração se efetivar, também a ação exposta na oração seguinte se realizará. Voltando ao exemplo "Ele não só foi à praia", se não houvesse o "não", ele somente teria ido à praia e não haveria feito mais nada. Mas como o "não" negou o "só", "Ele não só foi à praia", como também realizou outra ação.

22.1.2.3. Alternativas

Relatam ideia de opção, escolha, alternância. As conjunções mais comuns são: OU...OU, ORA...ORA, QUER...QUER.

Ex.: "Ser ou não ser..." (W. Shakespeare).
"Ou porque o amor antigo o obrigava,
ou porque a gente forte o merecia" (Camões).
Ora eu vejo um bom filme ora eu ouço música.
"É o meu maior prazer vê-lo brilhar seja na terra seja no mar" (Lamartine Babo).

→ Nas duas primeiras frases, a conjunção OU introduz uma ideia de opção, escolha que se contrapõe à oração anterior.

Na duas últimas frases, as conjunções ORA e SEJA introduzem nas orações a ideia de fatos que se alternam.

Obs.: Às vezes, a conjunção "ou" pode possuir valor aditivo, como na frase: "Estamos preparados para dormir ou para ficar acordados."

→ Observe que, na realidade, nós estamos preparados para as duas ações: dormir e ficar acordados.

22.1.2.4. Conclusivas

Expressam ideia de CONCLUSÃO, DEDUÇÃO, SUPOSIÇÃO. As conjunções mais comuns são: ENTÃO, LOGO, PORTANTO.

"Penso, logo existo" (R. Descartes).

Minha mulher preparou o almoço, logo a comida está insuportável.

→ Nas duas frases, observe que a ideia que fica mais clara é a de dedução; no primeiro caso, uma dedução filosófica e, no segundo caso, uma dedução baseada provavelmente em experiências anteriores que levam o sujeito (EU – IMPLÍCITO) a chegar a esta conclusão.

22.1.2.5. Explicativas

Designam valor de EXPLICAÇÃO. As conjunções mais comuns são QUE, PORQUE, JÁ QUE, VISTO QUE, PORQUANTO...

Obs.: Normalmente o verbo da outra oração se encontra no **IMPERATIVO.**

Ex.: Vem logo, que já está tarde.

Não fales mais nada, porque tuas palavras podem ser prejudiciais a ti.

→ Nas duas frases, QUE e PORQUE introduzem uma explicação para a ordem (daí o uso do IMPERATIVO) que ocorre na oração anterior.

Obs.: Ocorre mais raramente o fato de uma oração coordenada explicativa aparecer numa situação em que o verbo da outra oração não esteja no imperativo. Tal acontece quando não houver uma relação causa-efeito.

Manoel esteve aqui, uma vez que eu vi a chave dele.

→ Não se pode dizer que "eu ver a chave dele" é a causa de "Manoel ter estado aqui". Então o fato de a chave de Manoel estar ali, no máximo, esclarece ou explica que ele esteve ali.

João bebeu cerveja, visto que deixou o copo sujo na pia.

→ É inviável compreender que "João ter deixado o copo sujo na pia" seja a causa de "ele ter bebido cerveja". No entanto, o fato de haver o copo sujo na pia esclarece ou explica que João bebeu cerveja.

22.2. Exercícios

1. Correlacione:

(1) O. C. S. ADITIVA
(2) O. C. S. ADVERSATIVA
(3) O. C. S. ALTERNATIVA
(4) O. C. S. CONCLUSIVA
(5) O. C. S. EXPLICATIVA

( ) Não falem muito, porque já estão atrapalhando a concentração do professor.
( ) Não veio à escola, portanto deve estar muito doente.
( ) Ou ele estuda ou sai do colégio.
( ) O professor não só come muito, mas também bebe demasiadamente.
( ) Sinfrô colocou o seu melhor vestido e não foi à festa.
( ) Não sei nem quero saber dos seus problemas.
( ) Falei a verdade, entretanto ninguém acredita em mim.
( ) Ora ele diz uma coisa ora ele diz outra.
( ) Ele não assistiu às aulas, portanto não tem condições de fazer a prova.
( ) Fale a verdade, que não será castigado.

2. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a conjunção E está empregada com valor adversativo:

a) "Deixou viúva e órfãos miúdos".
b) "Para diminuir a mortalidade e aumentar a produção, proibi a aguardente".
c) "Tenho visto criaturas que trabalham demais e não progridem".
d) "Iniciei a pomicultura e a avicultura".
e) "Perdi dois caboclos e levei um tiro de emboscada".

3. (NCE) "Na verdade, a palavra escrita <u>não apenas</u> permanece..." O segmento sublinhado indica que, na progressão do texto, vai aparecer um segmento com valor de:

a) comparação;
b) retificação;
c) condição;
d) adição;
e) alternância.

22.3. Orações subordinadas

A oração subordinada é apenas uma função sintática da oração principal.

22.3.1. Substantivas

Podem ser substituídas pela palavra "ISSO". Funcionam como substantivos. O termo que normalmente introduz as orações subordinadas substantivas é a conjunção integrante.

22.3.1.1. Subjetivas

Funcionam como sujeito da oração principal.

Ex.: Convém que você volte logo (isso).

→ Isso convém.

ISSO é sujeito, portanto a oração QUE VOCÊ VOLTE LOGO é sujeito da oração principal. A oração é subordinada substantiva subjetiva.

Obs.: A única diferença entre a oração subordinada substantiva subjetiva e um sujeito não oracional é que o primeiro contém verbo, por isso forma uma oração. Cada oração possui seu sujeito, seu predicado... Então, se uma oração for subjetiva, inevitavelmente (mesmo ela tendo o seu próprio sujeito) funcionará como sujeito da outra. Sendo assim, caso seja determinado identificar o sujeito das duas orações na frase dada como exemplo, a resposta seria: QUE VOCÊ VOLTE LOGO – sujeito da oração principal e VOCÊ, sujeito da oração subordinada.

Outros exemplos: É importante que tudo se resolva.

Dir-se-ia que estava debaixo do império de algum terrível pressentimento (Bernardo Guimarães).

Será fundamental resolver o trabalho.

BIZU

Não é coincidência o fato de, em todos os exemplos, o verbo da oração principal estar sempre na terceira pessoa do singular. Tal se justifica em virtude de o verbo ser obrigado a concordar com o sujeito – que no caso é oracional (a pessoa da oração é a terceira pessoa do singular, ainda que todos os vocábulos nela presentes estejam no plural).

22.3.1.2. Objetivas diretas

Funcionam como objeto direto da oração principal.

Ex.: "Eu disse que havia muitos herdeiros à coroa de Portugal" (Carlos Olavo).

→ A oração sublinhada pode ser substituída pela palavra ISSO ("Eu disse isso"). ISSO é objeto direto, portanto a oração é subordinada substantiva objetiva direta.

Obs.: Se a banca pedir, na frase utilizada como exemplo, todos os complementos verbais, o candidato deve lembrar-se de que complemento de verbo é objeto e, se a oração subordinada substantiva é objetiva direta, é porque ela funciona como objeto direto da oração principal. Portanto, a resposta

completa seria: "que havia muitos herdeiros à coroa de Portugal" – objeto direto da oração principal; MUITOS HERDEIROS – objeto direto da oração subordinada.

Outros exemplos: Garanto que tudo será resolvido.
Peço que tenham calma.
Permiti que todos saíssem.
Ele perguntou se estava tudo bem.

22.3.1.3. Objetivas indiretas

Funcionam como objeto indireto da oração principal.

Ex.: Necessito de que tenham calma (disso).

→ DISSO é objeto indireto, pois está completando a ideia do verbo NECESSITO com a preposição DE, portanto a oração é subordinada substantiva objetiva indireta.

Outros exemplos: Não devo concordar com que faças isso.
Pedi um favor a quem estava presente.
Lembrei-me de que ainda não descansei.
Interessei-me por que viesses logo.

22.3.1.4. Completivas nominais

Funcionam como complemento nominal da oração principal.

Ex.: Tenho certeza de que tudo se resolverá (disso).

→ DISSO é complemento nominal, pois completa a ideia do nome CERTEZA com a preposição DE, portanto a oração é subordinada substantiva completiva nominal.

Outros exemplos: Manifestei interesse por que viesses logo.
Sinto necessidade de que me deem uma cerveja.
ou contrário a que tomes uma posição intransigente.

22.3.1.5. Predicativas

Funcionam como predicativo do sujeito da oração principal.

Ex.: "O certo é que ele ... esbarrou com um velho amigo" (Fernando Sabino).

→ A oração QUE ELE ... ESBARROU COM UM VELHO AMIGO pode ser substituída pela palavra ISSO e funciona como predicativo do sujeito da oração principal, portanto a oração é subordinada substantiva predicativa.

Outros exemplos: Meus votos são que você se restabeleça logo.
O meu pedido é que não perturbem.

O provável é que tudo acabe bem.

22.3.1.6. Apositivas

Funcionam como aposto da oração principal. Neste caso, a substituição da oração pela palavra ISSO torna-se inviável, contudo a percepção de que a oração é apositiva não é das mais difíceis, até porque normalmente esta oração aparecerá depois de dois-pontos. É também importante lembrar que a oração apositiva é apenas um aposto que possui um verbo, formando uma oração.

Ex.: Só digo cinco palavras: que o Flamengo será campeão.

QUE O FLA SERÁ CAMPEÃO é um aposto que forma uma oração, pois possui verbo. Logo, a oração é subordinada substantiva apositiva.

Obs.: Os DOIS-PONTOS serão substituídos por uma vírgula quando a oração apositiva estiver anteposta à oração principal.

Ex.: Que tragam cerveja, só peço esse favor.

→ Observe que, se invertermos o posicionamento das duas orações, os DOIS-PONTOS aparecem na frase – Só peço este favor: QUE TRAGAM CERVEJA.

Outros exemplos: Só tenho certeza de um fato: que todos nós, um dia, morreremos.

Que a Princesa morreu, foi essa a única notícia de que tivemos conhecimento.

Só entendi uma coisa: que ele não virá.

22.3.1.7. Agentes da passiva

Funcionam como agente da passiva da oração principal. Aqui também se torna inviável a substituição da oração pela palavra ISSO. É bastante fácil identificar esta oração, pois apresentará sempre a mesma estrutura. Para que haja um agente da passiva oracional, é necessário haver uma voz passiva analítica (verbo SER + VTD no particípio) e depois POR QUEM.

Ex.: O exercício foi resolvido por quem estudou.

→ POR QUEM ESTUDOU funciona como agente da passiva, da mesma forma que PELO ALUNO. Distinguem-se os dois pelo fato de o primeiro possuir um verbo, formando, assim, uma oração, que terá a função de agente da passiva.

Outros exemplos: O campeonato será vencido por quem acumular mais pontos.

A resposta é dada por quem pesquisa.

O pedido foi feito por quem tinha interesse.

Obs.: A Nomenclatura Gramatical Brasileira não prevê esta oração. Contudo, vários gramáticos – dentre eles, Celso Cunha – reconhecem a sua existência.

BIZU

É fundamental explicar que as bancas não têm solicitado ao candidato a classificação das orações como se fazia tradicionalmente. Isso não quer dizer que o assunto não caia em prova. Neste momento, aqui será esclarecido como o assunto se faz presente nos concursos. Como já fora informado, a oração subordinada é apenas uma função sintática da oração principal. Logo se uma oração é subjetiva, funciona como sujeito... então a oração subordinada é sujeito da oração principal, exigindo, inclusive, que o verbo da oração principal esteja na terceira pessoa do singular, para que se faça a perfeita concordância (é bom realçar o fato de que a pessoa de qualquer oração é a terceira do singular – corresponde a um fato –, mesmo que todos os termos nela presentes estejam no plural. Então, sendo a oração subjetiva, o verbo da oração principal estará sempre na terceira pessoa do singular). Na frase "Convém que vocês estudem bastante", a forma verbal "Convém" encontra-se na terceira pessoa do singular para concordar com o seu sujeito – a oração subordinada – "que vocês estudem".

Às vezes, é solicitado ao candidato o reconhecimento de termos que contenham a mesma função sintática. Na frase "Garanto que eles farão o trabalho", os termos "que eles farão o trabalho" e "o trabalho" possuem a mesma função. Explica-se: a oração "que eles farão o trabalho" é objetiva direta, logo funciona como objeto direto da oração principal e o termo "o trabalho" também é objeto direto, só que da oração subordinada.

É também um caso ocorrente em concursos o pedido de substituição de uma oração por uma forma nominal correspondente. Se a oração for substantiva, torna-se necessário transformar o verbo – a fim de excluir a oração – em substantivo.

Ex.: É certo que ele vem.

→ Para que se proceda à substituição da oração subordinada por uma forma nominal correspondente, é necessário que se transforme o verbo VIR em substantivo, resultando "vinda". Portanto, o resultado é: "É certa a vinda dele".

Obs.: Os autores Rocha Lima e Evanildo Bechara registram ainda a denominação oração subordinada substantiva completiva relativa – funcionaria como a objetiva indireta, contudo o complemento não seria a

pessoa ou a coisa a que se destina a ação, mas a coisa sobre a qual recai a ação. Nas provas, esta classificação é absorvida pela oração subordinada substantiva objetiva indireta.

Convém informar que, o complemento sendo oracional, é comum a preposição ser suprimida.

Ex.: Acredito (em) que haverá aula.

Gostariamos (de) que ele viesse.

Importantíssimo é o leitor, desde já, possuir o conceito de oração reduzida. Trata-se de oração sem conjunção ou pronome relativo – a preposição é mantida quando houver –, e o verbo estará numa das formas nominais: infinitivo, gerúndio ou particípio. No caso das orações subordinadas substantivas, só há a redução com verbos no infinitivo.

Ex.:

ORAÇÃO DESENVOLVIDA	ORAÇÃO REDUZIDA
Convém que estudemos bastante.	Convém estudarmos bastante.
Não há necessidade de que ele venha.	Não há necessidade de ele vir.
Garanto que João fará o trabalho.	Garanto João fazer o trabalho.
O certo é que vocês não parem.	O certo é vocês não pararem.

→ No primeiro par, as orações subordinadas substantivas são subjetivas. No segundo, as orações são completivas nominais, no terceiro, são objetivas diretas. No quarto, são predicativas.

Obs.: É possível em alguns casos a omissão da conjunção integrante. Normalmente, tal ocorre quando o verbo exprimir uma solicitação ou ordem.

Ex.: Solicito a V. Sª. (que) indique o endereço.

Determinamos (que) seja convocada a testemunha.

Pode-se, nestes períodos, extrair a conjunção integrante sem prejuízo semântico ou sintático.

Obs.: As orações interrogativas indiretas se unem às principais através de pronomes ou advérbios interrogativos, sem a presença da conjunção integrante. Tal ocorre quase sempre com orações subordinadas substantivas objetivas diretas.

Ex.: Perguntei para onde eles iriam.

→ Substituindo a segunda oração "para onde eles iriam" pela palavra "isso",

percebe-se que a oração funciona como objeto direto, mesmo havendo a preposição PARA. Esta preposição é decorrente da interrogação (Para onde eles vão?) e não da regência do verbo "perguntar".

Ex.: "Às vezes você me pergunta por que eu sou tão calado..." (Raul Seixas).

A oração "por que eu sou tão calado" funciona como objeto direto do verbo "pergunta". A preposição POR não é decorrente da regência do verbo "perguntar" e sim do questionamento (Por que eu sou tão calado?).

Ex.: "Agora eu lhes mostro com quantos paus se faz uma canoa" (Graciliano Ramos).

→ A preposição COM não é decorrente da regência do verbo da oração anterior e sim do questionamento (Com quantos paus se faz uma canoa?). A oração "com quantos paus se faz uma canoa funciona como objeto direto da forma verbal "mostra".

Obs.: Há também a ocorrência de orações justapostas, sem a presença da conjunção integrante. Basta, no caso, apenas a sua natural sequência. Normalmente, essas situações acontecem em orações objetivas diretas ou apositivas e funcionam de forma quase independente.

Ex.: Fiz apenas este pedido: tragam o material.

→ Observe que as duas orações são praticamente independentes, não havendo necessidade da conjunção integrante. A segunda oração é subordinada substantiva apositiva.

Ele disse aos parentes: não demorem muito!

→ As duas orações são praticamente independentes, sendo que a segunda funciona como objeto direto da primeira.

22.4. Exercícios

1. Correlacione.

(1) ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA SUBJETIVA
(2) ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA OBJETIVA DIRETA
(3) ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA OBJETIVA INDIRETA
(4) ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA COMPLETIVA NOMINAL
(5) ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA PREDICATIVA
(6) ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA APOSITIVA
(7) ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA AGENTE DA PASSIVA

( ) Não concordo com que falem palavrões aqui.
( ) Ele não informou se haverá aula.
( ) O esperado é que ele ainda chegue.
( ) Compreendeu-se que amanhã haverá aula.
( ) A matéria foi entendida por quem a estudou.

( ) Convém que todos estudem bastante.
( ) Avisamos a seguinte notícia: que no feriado não haverá aula.
( ) Tínhamos esperança de que houvesse aula.
( ) Somos favoráveis a que se mantenha o corpo docente.
( ) Precisamos de que tudo se resolva rapidamente.
( ) Pedi que chegassem logo.
( ) O fundamental é que todos estejam presentes.
( ) É fundamental que todos estejam presentes.
( ) O assunto foi mencionado por quem o pesquisou.
( ) As minhas intenções são que tudo se resolva.
( ) Tens certeza de que ele ainda virá?
( ) Ele não esclareceu sobre o que fala o livro.

2. (Analista de Controle Interno – Sefaz-RJ – FGV) Ao analisar o progresso da humanidade, percebe-se que o desenvolvimento social e econômico foi possível porque o homem sistematizou formas de organização entre os povos.
Assinale a alternativa em que a oração desempenhe função sintática DISTINTA da de *que o desenvolvimento social e econômico foi possível*.
a) Entende-se que a arrecadação incidente sobre os diversos setores produtivos é necessária para a manutenção da máquina governamental, para a sustentação do Estado em suas atribuições sociais e para aplicação na melhoria da qualidade de vida da população.
b) É imprescindível que a tributação seja suportável.
c) É dever do Estado manter as necessidades básicas da população.
d) É de fundamental importância que esse profissional aprimore seu entendimento tributário.
e) Entretanto, interesses diversos sempre deixaram a sociedade à margem do processo, como se ela não precisasse participar de forma efetiva das decisões econômicas e, em contrapartida, contribuir de forma direta e irrestrita para a própria sustentação.

3. (PUC-Rio)
"Espia se ele está na esquina".
Qual das opções abaixo não analisa corretamente esse período?
a) Período composto por subordinação.
b) Conjunção integrante iniciando a 2ª oração.
c) Verbo da 1ª oração: transitivo direto.
d) Verbo da 2ª oração: de ligação.
e) Frase em discurso direto.

4. (Técnico Judiciário – TJ – FCC) ***Os historiadores estimam que 4 milhões de africanos foram trazidos à força para o Brasil*.**
A função sintática do segmento grifado acima é a mesma do segmento também grifado em:

a) *Os negros vindos da África trabalharam nas lavouras de cana-de-açúcar e café...*
b) *O Valongo deixou de ser porto negreiro em 1831...*
c) *Sobre ele, o Império construiu o Cais da Imperatriz...*
d) *... justamente onde funcionavam as principais repartições públicas da Colônia.*
e) *... os burocratas começaram a ficar perturbados com as cenas degradantes do mercado de escravos.*

5. Se suprimirmos o pronome indefindo "Ninguém" e acrescentarmos "se" à forma verbal "informou", na frase "Ninguém informou que haverá aula", o sujeito da oração principal é:
a) ninguém;
b) aula;
c) indeterminado;
d) que haverá aula;
e) inexistente.

6. (NCE) "... Quer sempre que alguém lhe dê atenção e que todos a respeitem". Transformando a última oração em forma nominal, temos como forma adequada:
a) (quer) que seja respeitada por todos;
b) (quer) que haja respeito por parte de todos;
c) (quer) respeito de todos;
d) (quer) que se respeite a todos;
e) (quer) que todos sejam respeitados.

7. (NCE – Oficial de Justiça – TJ) "Causa certo desconforto intelectual ver substituídas por objetos de consumo as discussões sobre liberdade e o heroísmo dos atos que levaram à sua preservação em múltiplos domínios da existência humana." O comentário correto a respeito desse segmento do texto é:
a) Os sujeitos de "causa" e "levaram" estão pospostos.
b "Substituídas" é adjetivo que só se refere semanticamente ao substantivo "discussões".
c) O pronome "sua" se refere semanticamente a "heroísmo".
d) "Substituídas" e "heroísmo" são vocábulos acentuados pela mesma razão.
e) O pronome relativo "que" tem por antecedente "heroísmo".

8. (NCE – Técnico Judiciário Juramentado – TJ) "... é necessário diminuir as distâncias sociais..." Se reescrevermos esse segmento do texto com a transformação da oração reduzida em forma nominal, teremos:
a) É necessária a diminuição das distâncias sociais.
b) É necessário que diminuamos as distâncias sociais.
c) É necessário que as distâncias sociais sejam diminuídas.
d) Há necessidade de se diminuírem as distâncias sociais.
e) Há necessidade da diminuição das distâncias sociais.

9. Em relação ao texto abaixo, assinale a opção em que dois termos não possuam a mesma função sintática.

Houve um tempo em que a interpretação dos militares brasileiros sobre Lei e Ordem era rasgar as leis e ferir a ordem. Hoje em dia, eles demonstram com convicção terem aprendido o que não podem fazer. Acompanham com atenção os índices de popularidade das Forças Armadas, que vem aumentando ano após ano desde 94.

Numa pesquisa feita em maio, registrou-se que 75% dos brasileiros confiam nas Forças Armadas, e só 20% não confiam.

a) "um tempo" (l. 1) – "rasgar as leis e ferir a ordem" (l. 2)
b) "terem aprendido o" (l. 3) – "que" (l. 2/3)
c) "em que" (l. 1) – "Hoje em dia" (l. 2)
d) "o" (l. 3) – os índices de popularidade das Forças Armadas (l. 3/4)
e) "que 75% dos brasileiros confiam nas Forças Armadas" (l. 5/6) – "75% dos brasileiros" (l. 5)

22.5. Orações subordinadas adjetivas

O pronome relativo sempre introduz uma oração subordinada adjetiva. São pronomes relativos O QUAL, A QUAL, OS QUAIS, AS QUAIS ou quaisquer outros termos que possam ser substituídos por estes já mencionados. São também pronomes relativos CUJO, CUJA, CUJOS e CUJAS.

Ex.: Roubaram o relógio que (O QUAL) comprei ontem.

→ A oração sublinhada introduzida pelo pronome relativo QUE é subordinada adjetiva.

O bairro onde (NO QUAL) moro é muito bonito.

→ ONDE MORO é uma oração subordinada adjetiva, pois ONDE é pronome relativo, fato que é constatado pela possibilidade de substituição por NO QUAL.

A oração subordinada adjetiva pode ser restritiva ou explicativa. Será restritiva quando não estiver isolada através de vírgula, travessão ou parênteses, e será explicativa se as pontuações aludidas procederem ao seu isolamento.

Ex.: Os operários que (os quais) fizeram greve foram demitidos.

Os operários – que (os quais) fizeram greve – foram demitidos.

Obs.: É fundamental lembrar que, nos atuais concursos públicos, é muito difícil as bancas solicitarem ao candidato a classificação de uma oração, o que não significa o assunto quedar-se ausente nas provas. A exigência hoje é a percepção de que a pontuação altera muito mais do que uma mera

classificação de oração, modificando também o seu valor semântico. Então, retornando às duas frases, utilizadas no exemplo, tem-se: em ambas, o QUE é pronome relativo; contudo, na primeira frase, o pronome relativo não é precedido de pontuação, portanto a oração é subordinada adjetiva restritiva. Sendo assim, a ideia é de restrição. As palavras que melhor expressam essa ideia são SOMENTE, SÓ, APENAS. A ideia contida na primeira frase é "somente os operários que fizeram greve serão demitidos"; já na segunda frase, a oração adjetiva é isolada através de travessões, por conseguinte a oração é subordinada adjetiva explicativa. Portanto, o candidato deve condicionar-se à ideia de explicação, à ideia de "porquê". A frase deve ser interpretada como: "Os operários foram demitidos porque fizeram greve".

Ex.: Os professores cujos alunos são bagunceiros ficam glabros mais cedo.

→ Nem todos os professores ficam glabros mais cedo, somente aquele que tem seus alunos bagunceiros. Portanto a oração CUJOS ALUNOS SÃO BAGUNCEIROS é subordinada adjetiva restritiva.

Os professores, cujos alunos são bagunceiros, ficam glabros mais cedo.

→ A interpretação desta frase é que "os professores ficam glabros mais cedo, pois seus alunos são bagunceiros".

"O Capitão, que a tudo estava atento,
Tanto com estas se alegrou..." (Camões).

→ O sentido dos dois versos é "O Capitão, visto que a tudo estava atento, tanto com estas se alegrou..."

Obs.: As orações, contendo pronomes indefinidos relativos – pronomes relativos sem antecedentes –, segundo Evanildo Bechara, tanto podem ser classificadas como subordinadas substantivas quanto subordinadas adjetivas. Para Rocha Lima, só cabe a classificação de oração adjetiva. O NCE já a interpretou como oração substantiva.

Ex.: Quem fuma muito morre cedo.

→ Para esta frase, caberiam duas interpretações, sendo a primeira: "AQUELE QUE FUMA MUITO MORRE CEDO". A oração "que fuma muito" seria subordinada adjetiva restritiva. Então o pronome relativo indefinido QUEM englobaria os dois termos: o antecedente implícito AQUELE e o relativo QUE. A outra interpretação cabível é a de que, como ocorre com adjetivos que, com a presença de artigo, são substantivados, a oração adjetiva, nessa estrutura, fica substantivada, já que se substitui um ser. Então, a oração QUEM FUMA MUITO representa um ser que funciona como sujeito da oração seguinte. Segundo esta visão, a oração é subordinada substantiva subjetiva – tese esta adotada pelo NCE.

Obs.: Não podemos esquecer que, como já se informou nas orações subordinadas substantivas, toda oração subordinada é apenas uma função sintática da oração principal. Toda oração subordinada adjetiva é adjunto adnominal da principal.

22.6. Exercícios

1. (Uni-Rio) Assinale o item em que há uma oração, quanto à classificação, idêntica à segunda do período: "Pernoitamos depois junto a um açude lamacento, onde patos nadavam".

a) "As virilhas suadas ardiam-me, o chouto do animal sacolejava-me..".
b) "De onde vinham as figuras desconhecidas para encontrar-nos?"
c) "Fiz o resto da viagem com um moço alegre, que tentou explicar-me as chaminés dos banguês..."
d) "Os mais graúdos percebiam que a viagem era alegre".
e) "Surgiam regatos, cresceram tanto que se transformaram em rios..."

2. (UE-BA) Meu pai, <u>que havia arrancado três dentes</u>, não pôde viajar naquele dia.
A oração grifada classifica-se como subordinada:

a) adverbial temporal;
b) substantiva predicativa;
c) adjetiva restritiva;
d) substantiva apositiva;
e) adjetiva explicativa.

3. (EU-Ponta Grossa-PR)
"Quando o enterro passou
Os homens que se achavam no café
Tiraram o chapéu maquinalmente"
(Manuel Bandeira)
A oração <u>que se achavam no café</u> é:

a) subordinada adverbial condicional;
b) coordenada sindética adversativa;
c) subordinada substantiva subjetiva;
d) subordinada substantiva objetiva direta;
e) subordinada adjetiva restritiva.

4. Maria disse que não virá.
Maria disse o que todos deveriam dizer.
Em relação às frases acima, o único comentário falso é:

a) A segunda oração da primeira frase é subordinada substantiva objetiva direta.
b) O <u>QUE</u> que introduz a segunda oração do primeiro período é conjunção subordinativa integrante.

c) O termo O que surge na segunda oração é pronome demonstrativo.
d) O termo QUE ocorrente na segunda frase é pronome relativo.
e) A primeira oração da segunda frase é MARIA DISSE.

5. Os viajantes, que possuírem passaporte, poderão viajar.
Em relação a esta frase, o único comentário falso é que:
a) Somente os viajantes que possuírem passaporte poderão viajar.
b) Os viajantes poderão viajar porque possuem passaporte.
c) QUE é pronome relativo como classe gramatical e sujeito como função sintática.
d) A segunda oração é QUE POSSUÍREM PASSAPORTE.
e) A oração subordinada é adjetiva explicativa.

6. (PUC) Assinale o período em que há uma oração adjetiva restritiva.
a) A casa onde estou é ótima.
b) Brasília, que é capital do Brasil, é linda.
c) Penso que você é de bom coração.
d) Vê-se que você é de bom coração.
e) Nada obsta a que você se empregue.

7. (Faap) "Não compreendíamos a razão por que o ladrão não montava a cavalo". A oração em destaque é:
a) subordinada adjetiva restritiva;
b) subordinada adjetiva explicativa;
c) subordinada adverbial causal;
d) substantiva objetiva direta;
e) substantiva completiva nominal.

8. (UFPA) Assinale a opção que apresenta um período com oração subordinada adjetiva.
a) Ele falou que compraria a casa.
b) Não fale alto, que ele pode ouvir.
c) Vamos embora, que o dia está amanhecendo.
d) Em time que ganha não se mexe.
e) Parece que a prova não está difícil.

9. (Farias Brito) "O homem que cala e ouve não dissipa o que sabe e aprende o que ignora" (Marquês de Maricá: Máximas). Separando por barras (/) as orações desse período, teremos:
a) O homem que cala / e ouve / não dissipa o que sabe / e aprende o que ignora.
b) O homem / que cala e ouve / não dissipa / o que sabe e aprende / o que ignora.
c) O homem que / cala e ouve / não dissipa o que sabe / e aprende o que ignora.
d) O homem que cala e ouve / não dissipa o que sabe / e aprende o que ignora.
e) O homem / que cala / e ouve / não dissipa o / que sabe / e aprende o / que ignora.

10. (PC-NCE) "Há poucos dias, assistindo a um desses debates universitários que a gente pensa que não vão dar em nada, ouvi um raciocínio que não me saiu mais da cabeça". O comentário correto sobre esse segmento do texto é:
a) Os três quês do texto pertencem à idêntica classe gramatical.
b) A expressão a gente, por dar ideia de quantidade, deve levar o verbo para o plural.
c) A forma verbal vão deveria ser substituída pela forma vai.
d) A forma verbal vão dar transmite ideia de possibilidade.
e) A última oração do texto restringe o sentido do substantivo raciocínio.

11. (PC-NCE) "O que me interessou foi um comentário marginal que ele fez – e o exemplo que escolheu para ilustrar seu comentário". A forma menos adequada de reescrevermos o texto acima, respeitando-se o sentido original, é:
a) Interessou-me um comentário marginal que ele fez – e o exemplo escolhido para ilustrar seu comentário.
b) Interessaram-me não só um comentário marginal que ele fez, como também o exemplo que escolheu para a ilustração de seu comentário.
c) O que me interessou foram um comentário marginal (que ele fez) e o exemplo (que escolheu para ilustrar seu comentário).
d) Um comentário marginal que ele fez e o exemplo que escolheu para ilustrar seu comentário foi o que me interessou.
e) Um comentário marginal feito por ele e o exemplo escolhido para a ilustração de seu comentário foi o que me interessou.

12. (NCE) "Quem fala em flor não diz tudo". Assinale o comentário correto sobre o verso destacado.
a) O sujeito da segunda oração é a oração anterior.
b) O sujeito da primeira oração é a segunda da oração.
c) O objeto direto da primeira oração é a segunda oração.
d) O objeto direto da segunda é a primeira oração.
e) O período formado pelo verso é composto de uma oração absoluta.

22.7. Orações subordinadas adverbiais

Relembrando o que já se informou nas orações substantivas e nas adjetivas, a oração subordinada é apenas uma função sintática da oração principal, cabendo à subordinada adverbial a função de adjunto adverbial. Então, se uma oração é subordinada adverbial causal, conclui-se que funciona como adjunto adverbial de causa; se uma oração é subordinada adverbial temporal, é um adjunto adverbial de tempo...

22.7.1. Causais

Possuem uma ideia de CAUSA, RAZÃO, MOTIVO. São diferentes das ORAÇÕES COORDENADAS EXPLICATIVAS, pois estabelecem a relação

causa-efeito. As conjunções mais comuns são: POIS, PORQUE, COMO, JÁ QUE, VISTO QUE, PORQUANTO...

Ex.: Trabalho muito porque preciso de dinheiro.

Como estava frio, saí de casaco.

Já que ele foi embora, vou também.

→ As conjunções PORQUE, COMO e JÁ QUE introduzem uma ideia de causa para o fato que ocorre na outra oração.

Relembremos a diferença semântica que sugere a conjunção POIS nas frases a seguir.

Ele ainda não chegou; está, pois, preso no trânsito.

Ele ainda não chegou, pois está preso no trânsito.

Volte logo, pois está tarde.

→ Observe que o primeiro POIS está numa oração que tem ideia de dedução. Não se tem a informação de que ELE ESTÁ PRESO NO TRÂNSITO, então se procede a esta dedução. Sendo assim, o primeiro POIS é uma CONJUNÇÃO COORDENATIVA CONCLUSIVA.

→ Observe que o segundo POIS introduz uma ideia de causa para a primeira oração, tendo a segunda oração o valor de consequência.

→ Já o terceiro POIS também introduz uma ideia de EXPLICAÇÃO para a ordem inserida na primeira oração.

22.7.2. Concessivas

Possuem uma oração cujo fato não modifica o evento da outra oração. As conjunções mais comuns são: EMBORA, MESMO QUE, AINDA QUE, CONQUANTO (sinônimo de embora), MALGRADO...

Ex.: "Ainda que não haja brisa nenhuma, parece

Que passa, um momento, uma leve brisa" (Fernando Pessoa).

→ A conjunção AINDA QUE introduz uma oração incapaz de modificar o evento da outra oração, ou seja, o fato de não haver brisa acaba por não alterar o efeito: parecer que passa uma leve brisa.

Malgrado ele admitisse o erro, não o reparou.

→ Observe que a conjunção MALGRADO introduz uma oração que não muda o evento da outra oração. O fato de ser tarde não me impede de sair.

Mesmo que ele venha, não resolverá o problema.

→ Observe que o fato de ele vir (ou não) não altera a consequência: o problema não será resolvido.

BIZU

É bom não olvidar que algumas conjunções concessivas introduzem fatos concretos e outras fatos hipotéticos que não alteram o efeito. Revendo o terceiro exemplo, observe que a conjunção MESMO QUE introduz uma situação hipotética (não se sabe se ele virá ou não) que não altera o outro fato (o problema não será resolvido). Já no segundo exemplo, o fato concreto de a pessoa já admitir o erro não altera o fato de não repará-lo.

22.7.3. Condicionais

Possuem uma ideia de condição, hipótese. Esta ideia é exatamente oposta à da concessão. Um fato sempre vai depender do outro. As conjunções mais comuns são SE, CASO, CONTANTO QUE, A NÃO SER QUE, A MENOS QUE...

Obs.: É fundamental relembrar que a ideia de condição está intimamente ligada à ideia de causa. Tal se justifica por ambas representarem fatos anteriores que gerarão efeitos. Diferem-se apenas quanto ao fato de a condição designar uma situação incerta e a causa indicar uma certeza.

Ex.: "Eu teria um desgosto profundo, se faltasse o Flamengo no mundo" (Lamartine Babo).

→ Observe que a conjunção SE introduz uma condição (se faltasse o Flamengo no mundo) para que eu tivesse um desgosto profundo. Cumpre observar a proximidade dos valores de causa e condição. A segunda oração (se faltasse o Flamengo no mundo) gera uma consequência (Eu teria um desgosto profundo).

Caso você melhore, volte logo para casa.

→ A conjunção CASO introduz a condição para que ele volte para casa. A pessoa melhorando (não é sabido se vai melhorar ou não) gera a consequência de poder voltar para casa. Observe como a condição expressa uma ideia oposta à concessão. Na frase "Mesmo que você melhore, não voltará para casa.", o fato de a pessoa melhorar – ou não – não altera o efeito: não poderá voltar para casa.

22.7.4. Temporais

Possuem uma ideia de marcação de tempo. É como se uma oração possuísse a função de marcar o tempo do outro fato. As conjunções mais comuns são: QUANDO, MAL, LOGO QUE, APENAS (sinônimo de quando).

Ex.: "Assim que resolveu estudar, seu rendimento melhorou."

→ Observe que a conjunção ASSIM QUE introduz uma marcação temporal,

funcionando como “A partir do dia em que”.

Ex.: Apenas ele limpou a casa, as moscas sumiram.

→ Antes de o sujeito ELE limpar a casa, as moscas existiam; depois que a casa foi limpa, as moscas sumiram.

Obs.: Vale a pena analisar a conjunção DESDE QUE nas frases a seguir.

Ex.: Desde que economizemos, compraremos tudo.

→ A locução conjuncional DESDE QUE introduz uma condição para que possamos comprar tudo, portanto a locução conjuncional é subordinativa condicional.

Ex.: Desde que ele chegou, nunca mais houve problemas.

→ Observe que a conjunção DESDE QUE marca o início da época em que os problemas se findaram, significando “A partir do dia em que ele chegou...”

Obs.: Há casos de orações temporais sem conectores.

Ex.: Ele chegou há (faz) duas semanas.

22.7.5. Consecutivas

Possuem uma ideia de consequência. Normalmente na oração principal aparecerá um destes elementos de intensidade (tão, tal, tamanho, tanto). A conjunção mais comum é QUE.

Ex.: “Amo tanto e de tanto amar, acho que ela é bonita” (Chico Buarque).

“... e com tamanho empenho a lamentou, que a boa mulher o escolheu para confidente das suas desventuras” (Aluísio de Azevedo).

→ Observe, nas duas frases, que apareceu o advérbio de intensidade (TANTO, TÃO) na oração principal e as consequências introduzidas pela conjunção QUE – implícita no primeiro exemplo, antes de “acho” – são na primeira frase (acho que ela é bonita) e na segunda frase (a boa mulher o escolheu para confidente das suas desventuras).

22.7.6. Finais

Possuem uma ideia de finalidade, objetivo. Todas as conjunções finais podem ser substituídas pela palavra OBJETIVO.

BIZU

É imperioso relembrar que a ideia de finalidade está relacionada à ideia de consequência, pois ambas representam os fatos posteriores. Diferem quanto

ao fato de que a consequência é fato certo e o objetivo é fato esperado, expectativa.

Ex.: "Dai vós fervor ao nosso atrevimento,
Para que estes meus versos vossos sejam" (Camões).

→ Nos versos, o fato anterior é "Dai vós fervor ao nosso atrevimento" (representa a causa), e o fato posterior é "para que estes meus versos vossos sejam" (representa a expectativa de consequência que pode se efetivar ou não).

Ex.: Venha logo a fim de que (com o objetivo de que) possa encontrar-nos.

→ Na frase, o fato anterior é a pessoa vir e o posterior, poder encontrar-nos. Logo "vir aqui" leva à possibilidade de "encontrar-nos" e não "encontrar-nos" que levaria à possibilidade de "a pessoa vir logo".

22.7.7. Proporcionais

Possuem uma ideia de proporção. As conjunções mais comuns são: À MEDIDA QUE, À PROPORÇÃO QUE, QUANTO.

Ex.: Quanto menos ele reclama, mais ele conquista a simpatia de todos.

→ A conjunção QUANTO introduz a proporção entre ELE MENOS RECLAMAR e ELE CONQUISTAR A SIMPATIA DE TODOS. Se reclamar pouco, conquista mais a simpatia de todos; se ele reclamar muito, ele conquista menos a simpatia de todos.

Ex.: À medida que engolia uma troça, uma pilhéria, vinha-lhe meditar sobre a sua lembrança" (Lima Barreto).

→ A conjunção À MEDIDA QUE introduz a proporção entre ENGOLIR E VIR-LHE MEDITAR.

22.7.8. Conformativas

Possuem uma ideia de conformidade, de estar de acordo. As conjunções mais comuns são: DE ACORDO COM QUE, CONFORME, COMO.

Ex.: Agi conforme me foi ordenado.

→ A conjunção CONFORME introduz a conformidade da ação com o que foi ordenado.

Bebi apenas dois copos de cerveja, como manda a lei.

→ A conjunção COMO introduz a conformidade de BEBER DOIS COPOS DE CERVEJA com o que manda a lei.

22.7.9. Comparativas

Possuem uma ideia de comparação. Esta comparação pode ser de superioridade, igualdade ou inferioridade. As conjunções mais comuns são (DO) QUE, COMO, CONFORME.

Ex.: Agi conforme você agiu.

→ A conjunção CONFORME estabelece uma comparação de igualdade entre a ação do sujeito da primeira oração (eu) e o sujeito da segunda (você).

"Viver contigo qual Jacó vivera" (Castro Alves).

→ A conjunção QUAL introduz uma comparação de igualdade da forma como alguém e Jacó viveram com a outra pessoa.

"... às vezes mais fétidos do que a evaporação de um lameiro" (Aluísio de Azevedo).

→ A conjunção DO QUE introduz uma ideia de que algo mencionado anteriormente seja mais fétido que o lameiro, estando o verbo da segunda oração subentendido.

"Interdizia-o menos por debelar um vício que para previnir desordens" (Euclides da Cunha).

→ A conjunção QUE indica ter ocorrido a ação menos por um motivo do que pelo outro.

Obs.: Convém lembrar que o termo "do", nas expressões comparativas de superioridade ou de inferioridade "do que", pode ser extraído sem prejuízo semântico ou gramatical.

22.7.10. Modais

Acrescentam ao período valor de modo. É interessante esclarecer que esta oração não está prevista na NGB, contudo os principais gramáticos a citam, como Evanildo Bechara e Rocha Lima.

Ex.: Não estudava sem que reclamasse.

→ Observe que a oração "sem que reclamasse" indica o modo como estudava (reclamando).

22.8. Orações reduzidas

As orações podem ser reduzidas de infinitivo, gerúndio e particípio. A oração reduzida funciona como a desenvolvida, contudo não possui conectivo (conjunção, pronome relativo etc.) e seu verbo tem que estar reduzido, ou seja, no infinitivo, gerúndio ou particípio.

Ex.: É importante responder as perguntas (isso).

→ Esta oração funciona como QUE RESPONDAM AS QUESTÕES. As únicas

diferenças são que, em RESPONDER AS QUESTÕES, não há o conectivo QUE, e o verbo RESPONDER está na forma reduzida (infinitivo). ISSO é importante. ISSO é sujeito, portanto a oração é subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo.

"Não sou digna de ouvir de sua boca essa palavra doce" (Bernardo Guimarães).

→ Esta oração funciona como DE QUE OUÇA DE SUA BOCA ESSA PALAVRA DOCE. A diferença é que não há o conectivo (QUE) e o verbo está no infinitivo (OUVIR). DISSO funciona como complemento nominal, a oração é subordinada substantiva completiva nominal reduzida de infinitivo.

As crianças vindas de São Paulo já estão abrigadas.

→ VINDAS DE SÃO PAULO = QUE (as quais) VIERAM DE SÃO PAULO. QUE seria pronome relativo, portanto a oração é subordinada adjetiva restritiva reduzida de particípio.

Chegando o inverno, comprarei um casaco.

→ CHEGANDO O INVERNO = QUANDO O INVERNO CHEGAR. Antes de o inverno chegar, não comprarei um casaco; assim que o inverno chegar, comprarei um casaco. A oração é subordinada adverbial temporal reduzida de gerúndio.

Ele veio aqui para me ver.

→ PARA ME VER = PARA QUE (com o objetivo de que) ME VISSE. A oração é subordinada adverbial final reduzida de infinitivo.

Desaparecida a causa, cessará o efeito.

→ DESAPARECIDA A CAUSA (SE A CAUSA ESTIVER DESAPARECIDA). A oração é subordinada adverbial condicional reduzida de particípio. Também se pode interpretar a oração reduzida como temporal, pois é cabivel desenvolvê-la assim: "Quando desaparecer a causa, cessará o efeito."

Não sendo professor, deu aulas maravilhosas.

→ NÃO SENDO PROFESSOR = EMBORA NÃO FOSSE PROFESSOR. A oração é subordinada adverbial concessiva reduzida de gerúndio.

Fazendo os exercícios, poderão sair.

→ A oração reduzida de gerúndio FAZENDO OS EXERCÍCIOS pode indicar ideia de condição ou tempo. Pode-se interpretá-la como "Se fizerem os exercícios", possuindo valor de condição; também se pode interpretá-la como "Depois que fizerem os exercícios", caracterizando-se o valor de tempo.

Ele bebe cerveja sorrindo.

→ A oração reduzida de gerúndio "sorrindo" indica o modo como ele bebe cerveja. Esta oração não está prevista na NGB.

Feitos os trabalhos, puderam sair.

→ A oração reduzida de particípio pode indicar duas ideias: "depois que os trabalhos foram feitos", sugerindo valor de tempo; contudo também cabe a interpretação "Visto que fizeram os trabalhos", encerrando valor de causa.

22.9. Exercícios

1. (Fiscal – ICMS-RJ – FGV) ***Esposamos a ideia de que os sofrimentos atuais possuem uma significação que transcende a crise civilizacional.***

Com relação à frase transcrita, analise as afirmativas a seguir:

I. O primeiro *que* é uma conjunção integrante e serve para articular um complemento oracional ao substantivo abstrato *ideia*.

II. O segundo *que* é um pronome interrogativo cujo uso se justifica em razão da seguinte pergunta: que significação transcende a crise civilizacional?

III. As duas ocorrências de *que* promovem a estruturação do período composto, já que introduzem a oração subordinada substantiva e a subordinada adjetiva, respectivamente.

Assinale:

a) se somente a afirmativa I estiver correta;
b) se somente a afirmativa II estiver correta;
c) se somente a afirmativa III estiver correta;
d) se somente as afirmativas I e III estiverem corretas;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

2. (Analista de Controle – TCE-PR – FCC) A oração sublinhada exerce a função de sujeito dentro do seguinte período:

a) Montesquieu preferiu guiar-se pelos valores civis, em vez de se deixar levar pelo finalismo religioso.
b) A um espírito sensível e religioso não convém ler um filósofo como Montesquieu buscando apoio espiritual.
c) Um estudo sério da história das ciências jurídicas não pode prescindir dos métodos de que se vale Montesquieu em **O espírito das leis**.
d) As ciências humanas deveriam libertar-se da religião, assim como ocorreu com as ciências naturais.
e) O método de Montesquieu valorizou as instituições humanas e solapou o finalismo teológico e moral.

3. (Unimep)

I. Mário estudou muito e foi reprovado!

II. Mário estudou muito e foi aprovado!

Em I e II, a conjunção E tem, respectivamente, valor:

a) aditivo e conclusivo;
b) adversativo e aditivo;
c) aditivo e aditivo;
d) adversativo e conclusivo;
e) concessivo e causal.

4. (UC-MG) A classificação da oração grifada está correta em todas as opções, exceto em:
a) Ela sabia que ele estava fazendo o certo – subordinada substantiva objetiva indireta.
b) Era a primeira vez que ficava assim tão perto de uma mulher – subordinada substantiva subjetiva.
c) Mas não estava neles modificar um namoro que nascera difícil, cercado, travado – subordinada adjetiva.
d) O momento foi tão intenso que ela teve medo – subordinada adverbial consecutiva.
e) Solta que você está me machucando – coordenada sindética explicativa.

5. (Analista de Controle Interno – Sefaz-RJ – FGV) Ah, filho! Basta ser uma boa pessoa, fazer o bem ao próximo, não mentir e comer os legumes!
Em relação à fala da mãe, analise as afirmativas a seguir:
I. Há quatro orações.
II. Todas as orações da fala são coordenadas.
III. Todas as orações são desenvolvidas.
Assinale:
a) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas I e III estiverem correta;
c) se nenhuma afirmativa estiver correta;
d) se todas as afirmativas estiverem corretas;
e) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.

6. (Esansp) Na frase "Como anoitecesse, recolhi-me pouco depois e deitei-me" (Monteiro Lobato), a oração destacada é:
a) coordenada sindética explicativa;
b) subordinada adverbial causal;
c) subordinada adverbial conformativa;
d) subordinada adjetiva explicativa;
e) subordinada adverbial final.

7. (Auditor – Sefaz-RJ – FGV) ***Na Espanha, por exemplo, a recentíssima reforma do Código Penal – que atende diretivas da União Europeia sobre o tema – trouxe, no artigo 31 bis, não só a possibilidade de responsabilização penal da pessoa jurídica (por delitos que sejam cometidos no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização será aferida nos casos concretos (ela será aplicável [...], em função da inoperância de***

controles empresariais, sobre atividades desempenhadas pelas pessoas físicas que as dirigem ou que agem em seu nome).

A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:

I. Há uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração coordenada sindética alternativa.

II. Há três orações na voz passiva, mas somente uma com agente da passiva explícito.

III. Há quatro orações subordinadas adjetivas desenvolvidas e uma oração subordinada adjetiva reduzida.

Assinale:

a) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
d) se nenhuma afirmativa estiver correta;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

8. (Técnico Judiciário – TRE-PA – FGV) *Minha proposta é a de que o fundo partidário seja composto por uma quantia mínima para o partido manter uma estrutura básica.*

A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:

I. O período poderia ser redigido, sem incorrer em inadequação gramatical ou semântica, da seguinte maneira: *Minha proposta é que o fundo partidário seja composto por uma quantia mínima para o partido manter uma estrutura básica.*

II. O período é composto por três orações.

III. No período há uma oração reduzida de particípio.

Assinale:

a) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se nenhuma afirmativa estiver correta;
d) se todas as afirmativas estiverem corretas;
e) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.

9. (Analista – Fiocruz – FGV) "Qualquer dúvida, <u>por mais banal que seja, torna-se umaurgência inadiável</u>"; a oração sublinhada não equivale a:

a) embora seja muito banal
b) apesar de ser muito banal
c) contanto que seja muito banal
d) mesmo sendo muito banal
e) ainda que seja muito banal

10. (Senado Federal – FGV) "*Mas o fato é que transparência deixou de ser um processo de observação cristalina* para assumir um discurso de políticas de averiguação de custos engessadas que pouco ou quase nada retratam as necessidades de populações distintas."

A oração grifada no trecho acima classifica-se como:

a) subordinada substantiva predicativa;
b) subordinada adjetiva restritiva;
c) subordinada substantiva subjetiva;
d) subordinada substantiva objetiva direta;
e) subordinada adjetiva explicativa.

11. (Analista de Controle Interno – Sefaz-RJ – FGV) ***Ao analisar o progresso da humanidade, percebe-se que o desenvolvimento social e econômico foi possível porque o homem sistematizou formas de organização entre os povos*****.**
A oração sublinhada no período acima tem valor:
a) causal;
b) concessivo;
c) comparativo;
d) temporal;
e) consecutivo.

12. (Perito da Polícia Civil-RJ – FGV) "Na dúvida, deve-se optar pela segurança de não consumir álcool usando medicamentos". A oração reduzida de gerúndio – *usando medicamentos* – pode ser adequadamente substituída por:
a) depois de usar medicamentos;
b) quando se usam medicamentos;
c) antes de usar medicamentos;
d) apesar de usar medicamentos;
e) logo que se usam medicamentos.

13. "Aqueles com aptidão a ajudá-los, se não estimulados por cenários competitivos, estarão fadados a não encontrar motivação para o exercício de suas funções."
A respeito do período acima, analise os itens a seguir:
I. O período é composto por quatro orações.
II. Há três orações reduzidas.
III. Há uma oração coordenada.
Assinale:
a) se todos os itens estiverem corretos;
b) se somente o item II estiver correto;
c) se somente o item III estiver correto;
d) se somente o item I estiver correto;
e) se nenhum item estiver correto.

14. ***Vê-se, pois, que o plano ético permeia todas as ações humanas*****.**
Com relação à frase transcrita e a análise sintática tradicional, considere as afirmativas a seguir.
I. O vocábulo *que* é uma conjunção integrante e presta-se a articular a oração subjetiva ao núcleo verbal que a subordina.

II. A forma verbal *vê-se* está na voz ativa e seu sujeito recebe a classificação de sujeito indeterminado.
III. O período estrutura-se por coordenação, sendo a segunda oração coordenada sindética conclusiva introduzida pela conjunção *pois*.
Assinale:
a) se somente a afirmativa I estiver correta;
b) se somente a afirmativa II estiver correta;
c) se somente a afirmativa III estiver correta;
d) se somente as afirmativas I e III estiverem corretas;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

Leia o texto a seguir para responder às questões 15 a 19 (NCE – TRT).

Texto 1 – A amamentação do filho
Délio Maranhão e Luiz Inácio B. Carvalho
Para amamentar o próprio filho, até que este complete seis meses de idade, terá a mulher direito, durante a jornada, a dois descansos especiais, de meia hora cada um. Quando o exigir a saúde da criança, tais descansos poderão continuar, além dos seis meses, a critério da autoridade competente (art. 396 da Consolidação)
Tratando-se de descansos especiais, serão concedidos sem prejuízo do intervalo normal para o repouso e alimentação, dentro da jornada, e nesta computados.

15. No desenvolvimento do texto acima, muitos termos referem-se a termos anteriores; o item em que a referência a um termo anterior não está correta é:
a) "... até que este complete seis meses de idade,..." – o próprio filho.
b) "... durante a jornada..." – de amamentação do filho.
c) "... de meia hora cada um." – descanso especial.
d) "... tais descansos poderão continuar..." – os descansos especiais.
e) "... além dos seis meses..." – seis meses de idade do filho.

16. O item em que o elemento destacado não tem sua significação corretamente indicada é:
a) "Para amamentar" – finalidade.
b) "... até que este complete..." – tempo.
c) "... durante a jornada..." – tempo.
d) "... a critério da autoridade competente" – conformidade.
e) "... sem prejuízo do intervalo normal..." – condição.

17. "Para amamentar o próprio filho, até que este complete seis meses de idade, terá a mulher direito, durante a jornada, a dois descansos especiais, de meia hora cada um". O comentário correto a respeito da estrutura sintática desse período é:
a) O sujeito do verbo da oração principal está proposto.
b) A oração subordinada do período indica finalidade.

c) O complemento nominal de "direito" é "durante a jornada".
d) "Para amamentar o próprio filho" é adjunto ligado à oração subordinada.
e) "Especiais" é predicativo do sujeito.

18. "Quando o exigir a saúde da criança..." Colocando-se a oração em ordem direta e substituindo-se o pronome oblíquo por seu correspondente semântico, teremos a seguinte oração:
a) Quando exigir o amamentar a saúde da criança...
b) Quando a saúde da criança exigir tais medidas...
c) Quando o amamentar for exigido pela saúde da criança...
d) Quando a saúde da criança o exigir...
e) Quando a saúde da criança exigi-lo...

19. "Tratando-se de descansos especiais..." O item em que se inclui adequadamente uma conjunção à oração reduzida desse segmento é:
a) Mesmo que se trate de descansos especiais...
b) Já que se trata de descansos especiais...
c) Ainda que se trate de descansos especiais...
d) Quando se trate de descansos especiais...
e) No momento em que se trate de descansos especiais...

20. (MP – NCE – com adaptações) A oração "usando os recursos naturais de seu meio ambiente" no período "Os índios brasileiros proveem sua subsistência usando os recursos naturais de seu meio ambiente" transmite ideia de:
a) modo;
b) finalidade;
c) meio;
d) tempo;
e) condição.

21. (MP – NCE) "Sempre que se reúnem para lamuriar, os empresários falam no Custo Brasil, no preço que pagam para fazer negócios num país com regras obsoletas e vícios incrustados". O comentário <u>incorreto</u> feito sobre os conectores desse segmento do texto é:
a) A expressão sempre que tem valor de tempo.
b) O conectivo para tem ideia de finalidade.
c) A preposição em no termo no Custo Brasil tem valor de assunto.
d) A preposição em no termo num país tem valor de lugar.
e) A preposição com tem valor de companhia.

22. (MP – NCE) "... no preço que pagam para fazer negócios..." A forma desenvolvida da oração reduzida iniciada por para fazer é:
a) ... para que se façam negócios...

b) ... para que fizessem negócios...
c) ... para que façam negócios...
d) ... para fazerem negócios...
e) ... para que sejam feitos negócios...

23. (IBGE – NCE) "Tendo sido designado por Vossa Senhoria para apurar as denúncias de irregularidades ocorridas no aeroporto de Marília, submeto à apreciação de Vossa Senhoria o relatório das diligências que nesse sentido efetuei."
"Tendo sido designado por Vossa Senhoria..." Esta oração inicial do texto tem valor:
a) concessivo;
b) temporal;
c) conclusivo;
d) causal;
e) consecutivo.

24. (NCE) "<u>Como controlamos a produção de nosso próprio alimento</u>, somos a primeira espécie na história ..." A oração sublinhada apresenta, em relação à seguinte, o valor de:
a) condição;
b) modo;
c) comparação;
d) conclusão;
e) causa.

25. (Eletrobrás – NCE) "... que o leite, por ser essencial, deve sair das mãos dos particulares..." O item abaixo que <u>não</u> substitui de forma adequada o termo sublinhado é:
a) visto;
b) em razão de;
c) devido a;
d) em virtude de;
e) apesar de.

26. (ANTT – NCE) "Com a duplicação, o movimento diário da estrada elevou-se a duzentos mil veículos". O conector "com" só <u>não</u> pode ser substituído de forma adequada por:
a) a partir de;
b) por causa de;
c) em razão de;
d) apesar de;
e) depois de.

27. (ANTT – NCE) "... onde, nas suas magníficas estradas, registram-se os maiores

índices (de acidentes)". A relação entre os dois segmentos desse fragmento é bem expressa em:
a) ... embora as suas magníficas estradas, registram...
b) ... por causa de sua magníficas estradas, registram...
c) ... em vista de suas magníficas estradas, registram...
d) ... depois de suas magníficas estradas, registram...
e) ... a partir de suas magníficas estradas, registram...

28. (CBMERJ – NCE) "Para escapar dos escorchantes tributos, os donos de minas e os grandes senhores de terra colocavam ouro em pó..." O conectivo PARA só não pode ser substituído por:
a) a fim de;
b) com o intuito de;
c) com o fim de;
d) à vista de;
e) na intenção de.

29. (CBMERJ – NCE) "As imagens maiores, devidamente recheadas, eram enviadas a parentes distantes, inclusive de além-mar, como se fossem presentes". Neste segmento do texto, o conectivo COMO dá ideia de:
a) modo;
b) finalidade;
c) conformidade;
d) meio;
e) comparação.

30. (NCE) "POR maior que tenha sido a indignação..."; "... não sabe lidar, POR falta de ação integrada..." As duas ocorrências do vocábulo em maiúsculas correspondem semanticamente às ideias de, respectivamente:
a) meio – modo;
b) causa – meio;
c) concessão – causa;
d) modo – explicação;
e) explicação – concessão.

31. (NCE) Leia atentamente o trecho abaixo:
"... serão feitos, a cada seis meses, exames laboratoriais para detectar a presença do HIV e de outros vírus causadores de doenças sexualmente transmissíveis no sangue dos voluntários".
A alternativa em que a substituição do trecho em destaque implica alteração do significado do texto é:
a) ... a fim de que se detecte a presença do HIV e de outros vírus causadores de doenças sexualmente transmissíveis no sangue dos voluntários.

b) ... para que se detecte a presença do HIV e de outros vírus causadores de doenças sexualmente transmissíveis no sangue dos voluntários.
c) ... porque se detecte a presença do HIV e de outros vírus causadores de doenças sexualmente transmissíveis no sangue dos voluntários.
d) ... conquanto se detecte a presença do HIV e de outros vírus causadores de doenças sexualmente transmissíveis no sangue dos voluntários.
e) ... de tal sorte que se detecte a presença do HIV e de outros vírus causadores de doenças sexualmente transmissíveis no sangue dos voluntários.

32. (BNDES – NCE) Na frase "Ou vai ou racha!", a conjunção OU tem o mesmo valor significativo que apresenta na seguinte frase:
a) O turista compreendia inglês ou francês com facilidade.
b) As vaias ou os aplausos não perturbaram o presidente.
c) O empregado faz o que deve ou perde o emprego.
d) Na hora da premiação, chorava ou ria.
e) Morávamos no segundo ou no terceiro andar.

33. (PF – Cespe-UnB) Julgue se os itens seguintes apresentam relações de sentido que correspondem à estrutura semântica dada pela fórmula genérica abaixo, em que X é uma estrutura linguística que expressa condição ou concessão, e Y é uma estrutura linguística afirmativa.
X, não Y.
1) Apesar da proteção da justiça e do Estado, não parece que a resolução dos conflitos se desvie do âmbito privado.
2) Embora a nossa concepção de violência tenha sido ampliada, não é possível afirmar que nossa sensibilidade e tolerância em relação a ela estejam igualmente distribuídas.
3) Se alguns autores propõem que estamos vivendo um movimento de pacificação progressiva da vida em sociedade, não estão afirmando que esse processo seja fácil.
4) Não devemos pensar na pacificação da sociedade de forma isolada, mas sim dentro de um conceito mais geral das transformações econômicas que afetam o mundo.
5) Violência, direitos, justiça e o papel do Estado, se analisados como problemas fundamentais, estão dentro do quadro das transformações ocorridas, não só econômicas como também políticas.

Leia o texto abaixo para responder às questões 33 e 34.
A economia brasileira, há alguns anos, apresentava fortes barreiras protecionistas, e controles cambiais provocavam a valorização artificial do câmbio comercial, havendo ágio expressivo no mercado livre. A realidade hoje é outra. As barreiras tarifárias foram muito reduzidas, a taxa de câmbio é flutuante e não há diferença significativa entre o mercado oficial e o paralelo. Os modelos econométricos disponíveis, por menos precisos que sejam, são unânimes em apontar para uma desvalorização do real acima do seu equilíbrio de longo prazo, e não o contrário. Logo, onde está o problema? Por que gastar escassos recursos públicos – pois não se faz política industrial sem eles – para

poupar divisas quando o mercado já está bem sinalizado nesta direção? Pode até haver outras razões para justificar a política proposta. Mas economia de divisas não é uma delas.

34. (AFC – Esaf) Assinale a opção em que as duas expressões exercem a mesma função sintática no texto.

a) "controles cambiais" (l. 2) = "fortes barreiras protecionistas" (l. 1)
b) "a valorização artificial do câmbio comercial" (l. 2) = "A economia brasileira" (l. 1)
c) "há alguns anos" (l. 1) = "hoje" (l. 3)
d) "a taxa de câmbio" (l. 4) = "diferença significativa" (l. 4)
e) "escassos recursos públicos" (l. 7/8) = "o mercado" (l. 9)

35. (AFC – Esaf) Julgue as asserções abaixo e marque a opção correspondente.

I. Caso a expressão "diferença significativa" (l. 4) seja colocada no plural a forma verbal que a antecede deve ser obrigatoriamente flexionada.
II. Se o artigo em "o paralelo" (l. 5) for eliminado, prejudica-se a compreensão de que existe, antes de "paralelo" elipse da palavra "mercado" (l. 4).
III. A expressão "por menos precisos que sejam" (l. 5) permite a inferência de que o leitor pode considerar "Os modelos econométricos" (l. 5) pouco precisos.
IV. A grafia de "Por que" (l. 7) justifica-se por se tratar de conjunção explicativa.
V. O termo "delas" (l. 10) refere-se ao antecedente "outras razões" (l. 9).
A quantidade de item(ns) <u>incorreto(s)</u> é:

a) 1;
b) 2;
c) 3;
d) 4;
e) 5.

Capítulo 23

Paralelismo Sintático

Quando dois ou mais termos estão ligados a uma mesma expressão e são equivalentes sintaticamente, ocorre o paralelismo sintático. Nas situações de paralelismo, o termo repetido pode ser extraído do período.

Ex.: "A das Dores, sim, afirmavam que fora casada e que largara o marido para meter-se com um homem do comércio" (Aluísio de Azevedo).

→ As duas orações objetivas diretas (que fora casada) e (e que largara o marido...) complementam a ideia do verbo "afirmavam", podendo a segunda conjunção integrante (que) ser suprimida do período.

Ex.: Gosto de ler, de ouvir música ou de ver um bom filme.

→ As orações reduzidas "de ler", "de ouvir música", e "ou de ver um bom filme" funcionam como objeto indireto do verbo gostar. Essas três orações são equivalentes sintaticamente e só é obrigatória a presença da primeira preposição DE, podendo as demais ser suprimidas do período.

Ex.: "Não sabe se é bom ou ruim" (Raul Seixas).

→ As orações "se é bom" e "ou ruim" completam a ideia do verbo "saber", funcionando como objeto direto. Perceba que o autor da frase fez a opção por não repetir a expressão "se é", que poderia ser inserida sem prejuízo gramatical ou semântico.

Ex.: O candidato que estuda e que faz exercícios passa.

→ As orações "que estuda" e "e que faz exercícios" são subordinadas adjetivas, com os pronomes relativos "QUE" tendo como antecedente o termo "O candidato". O segundo pronome relativo poderia ser extraído da frase sem alterar o sentido, tampouco prejudicar a correção.

Ex.: "... mostraria a Isabel como eu a estimo e quanto a desejo feliz" (José de Alencar).

→ As orações "como eu a estimo" e "e quanto a desejo feliz" são equivalentes sintaticamente e complementam de forma direta a ideia da forma verbal "mostraria".

Obs.: Nos exemplos mencionados, as orações em paralelismo, além de serem subordinadas, como explicado, são também coordenadas entre si.

23.1. Exercícios com gabarito comentado sobre paralelismo

1. (MP – NCE) "Para os pedestres... / Para os comerciantes... / Para os que moram ou trabalham no centro da cidade... Para o próprio automobilista..." Os segmentos do texto são um exemplo de:

a) redundância;
b) construção paralela;
c) exemplificação;
d) repetição desnecessária;
e) pleonasmo.

Resposta: Alternativa B.

Observe que, mesmo o período não estando completo, as três estruturas iniciadas pela preposição PARA são equivalentes sintaticamente e estão em paralelismo.

2. (AFRF – Esaf) Considere o seguinte período do texto para analisar os esquemas propostos abaixo: "Descumprir a lei gera o risco da punição prevista pelo Código Penal ou de sofrer sanções civis".

A = descumprir a lei
B = gera o risco
C = da punição prevista pelo Código Penal
D = de sofrer sanções civis

Considerando que as setas representam relações sintáticas entre as expressões linguísticas, assinale a opção que corresponde à estrutura do período.

a) 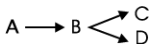

b) 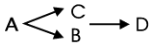

c)

d) 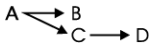

e) 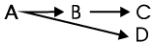

Resposta: Alternativa A.

As estruturas C e D são paralelas e complementam o sentido do vocábulo "risco" (B). Descumprir a lei gera dois riscos: o risco da punição prevista pelo Código Penal e o risco de sofrer sanções civis. Portanto C e D estão ligados a B, denunciando que a resposta seja a alternativa A.

3. (PF – UnB) Lembremos que a modernidade se caracteriza não apenas por um novo modo de produção e de vida, mas também por uma nova forma de relacionamento entre os homens na sociedade, o que influi até mesmo no julgamento que fazemos uns dos

outros. Essa forma de relacionamento, que vem desde a Revolução Industrial, é intermediada pelo trabalho, e os parâmetros para julgar as pessoas são o dinheiro e a propriedade.

Entretanto, trabalho e dinheiro não estão disponíveis para todos. Em cidades superpopulosas, em meio às crises das indústrias, frequentemente os trabalhadores se veem sem meios de sobreviver. Essa relação entre os homens é, portanto, uma relação desigual, em que geralmente os trabalhadores estão em desvantagem, já que não possuem meios estáveis de sobrevivência e dependem de empregadores.

Andréa Buoro *et al. Violência urbana – dilemas e desafios*. São Paulo: Atual, 1999, p. 26.

Com respeito às ideias do texto, julgue os itens a seguir.

1) A argumentação do texto reforça a ideia de que os parâmetros do dinheiro e da propriedade são justos e igualitários.

2) O segundo parágrafo é um comentário que apresenta ideias desfavoráveis à situação apresentada no primeiro.

3) O emprego do tempo e modo verbais de "Lembremos" (l. 1) indica uma sugestão para o raciocínio que se segue.

4) A expressão "mas também" (l. 2) introduz a complementação da ideia iniciada pela expressão antecedente "não apenas" (l. 1).

5) Pelas relações semânticas, a estrutura linguística localizada após a última vírgula do texto corresponde ao seguinte esquema:

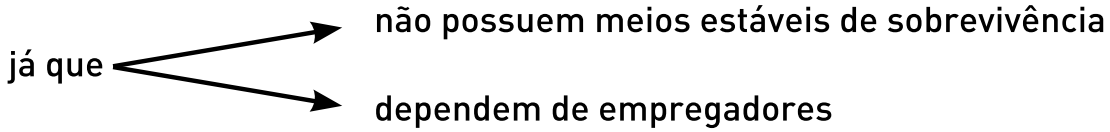

Resposta: E – C – C – C – C

O item 1 contraria totalmente a argumentação do texto, visto que nele se expôs que "Essa relação entre os homens é, portanto, uma relação desigual, em que geralmente os trabalhadores estão em desvantagem". ERRADO

Já o item 2 indica uma constatação adequada ao verbete, uma vez que, ao iniciar o segundo parágrafo através da conjunção coordenativa adversativa ENTRETANTO, torna-se evidente que algo presente no segundo parágrafo está em oposição ao primeiro. CERTO

O item 3 refere-se à semântica de verbos. O verbo no imperativo pode passar uma ideia de ordem, sugestão ou pedido. Como as pessoas não são obrigadas a realizar o que autor orienta, não se trata de uma ordem. O que distingue o conselho (sugestão) do pedido é quem se beneficia da orientação. Como os beneficiados são as próprias pessoas que receberam a orientação, o imperativo indica uma sugestão ou conselho. CERTO

O item 4 apresenta a estrutura "não apenas", em que o elemento de negação "não" nega a restrição "apenas", obrigando o uso de conector aditivo. CERTO

O item 5 demonstra o paralelismo ocorrente entre duas orações subordinadas adverbiais causais e coordenadas entre si. A conjunção JÁ QUE introduz a ideia de causa para as duas orações, podendo, inclusive, ser inserida antes da última oração. CERTO

4. (Auditor do Tesouro Municipal – Prefeitura de Fortaleza – Esaf) Em relação ao texto,

assinale a opção incorreta.

A concentração do capital, que se encontra na origem do capitalismo, permitiu a invenção de meios automáticos de produção e distribuição, ou seja, em que o trabalho humano é substituído por "forças naturais" de animais domesticados, da água corrente, do vento etc. Em seguida, foram inventadas formas mais complexas de captação e governo da energia do vapor, da eletricidade, de derivados do petróleo etc.

a) A expressão "que se encontra na origem do capitalismo" (l. 1 e 2) está entre vírgulas por se tratar de oração de natureza explicativa.

b) Pode-se, sem prejuízo para o período, inserir a preposição de antes da palavra "distribuição" (l. 2).

c) De acordo com a norma escrita culta, "em que" (l. 2) pode ser substituído por nos quais, e a coesão textual é mantida.

d) A expressão "foram inventadas" (l. 4) pode ser substituída, sem prejuízo para a correção do período, pela estrutura inventaram-se.

e) A palavra "governo" (l. 5) está sendo empregada com o sentido de propriedade oficial.

Resposta: Alternativa E.

A opção A trabalha a oração subordinada adjetiva, isolada através de vírgulas, classificada, então, como explicativa.

A opção B abrange o conhecimento de paralelismo, mostrando que os termos "de produção" e "distribuição" estão ligados a "meios automáticos" e a preposição DE poderia ser repetido antes do último componente.

A opção C sugere a substituição do pronome relativo "em que" por "nos quais", que pode ser feita, em virtude de o antecedente do pronome ser o termo "meios automáticos".

A opção D apresenta uma perfeita proposta de substituição da voz passiva analítica pela voz passiva sintética, principalmente, levando-se em conta que o tempo do verbo foi mantido.

A resposta é a opção E, porquanto o termo "governo" está sendo utilizado no valor de "administração".

5. (TRF – Esaf) Assinale o segmento do texto em que há <u>erro</u> de paralelismo sintático.

a) Estão participando da operação em Barretos cerca de 18 auditores da Receita. Ainda fazem parte da equipe especialistas em programas de computadores para acessar arquivos que possam conter dados importantes nas empresas.

b) Quanto aos documentos que forem recolhidos pelos agentes, todos serão analisados. Caso haja indício de sonegação, será instaurado processo no Ministério Público.

c) Além da ação judicial, poderão ser feitas autuações nos estabelecimentos em que as irregularidades se comprovarem. O valor das autuações ainda não foi divulgado pelo delegado, mas ele garantiu que a cobrança pode ser retroativa.

d) O presidente do clube Os Independentes afirma não ter receio quanto à arrecadação de impostos e que achando normal a atitude dos auditores da Receita Federal. "Sabemos que eles estão fazendo isso com todas as entidades sem fins lucrativos".

e) Disse, ainda, que o escritório que cuida da contabilidade do clube Os Independentes está acompanhando o caso ao lado da Receita Federal. Ele não acredita que a

fiscalização da Receita Federal possa causar algum dano à imagem do clube.
(Rogério Pagnan, *Folha de S. Paulo*, 15/8/2000, p. F2, com adaptações.)

Resposta: Alternativa D.

A alternativa apresenta uma situação de incoerência no paralelismo sintático. O verbo AFIRMA possui dois complementos: NÃO TER RECEIO QUANTO À ARRECADAÇÃO FEDERAL e QUE ACHANDO NORMAL. Observe que não houve o mesmo critério nas duas complementações: a primeira apresenta uma estrutura reduzida de infinitivo e a segunda é introduzida por conjunção integrante, indicando que a última oração estaria desenvolvida e com verbo no gerúndio, não proporcionando sentido ao período.

6. (AFRF – 2005) Leia o texto para responder à questão.

Olhamos e não vemos. Não conseguimos olhar nada pela primeira vez. Já o primeiro olhar é preconceituoso – dá informação falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada, anterior ao ato de olhar. O economista cheio de teorias pensa que sabe o remédio para a inflação, a origem da miséria, o segredo da estabilidade e quanto desaforo a democracia aguenta. Erra como o médico, o astrônomo ou o caixa que aceita o cheque do homem elegante, de terno e cabelo com brilhantina que parece ser rico, mas é estelionatário.

Só que no caso do economista, não é apenas o paciente que fica com dor de cabeça, ou mais um cheque sem fundo. São 10% de desempregados. Um deles acaba apontando um revólver para a sua cabeça. Nada é visto pela primeira vez. Ninguém olha atentamente como as corujas, antes de propor ou piar.

(João Sayad. A primeira vez. *Revista TAM*, julho de 2005, com adaptações.)

Assinale o esquema que representa corretamente a estrutura sintático-semântica do período sintático do texto (desconsidere a pontuação e as letras maiúsculas).

a) (l. 1 e 2) o primeiro olhar → é preconceituoso
→ dá informação → falsa
→ ou verdadeira
→ mas sempre pré-fabricada

b) (l. 3 e 4) O economista → cheio de teorias
→ pensa que sabe
→ o remédio para → a inflação
→ a origem da miséria
→ o segredo da estabilidade
→ e quanto desaforo

c) (l. 4 e 5) Erra como → o medido
→ o astrônomo
→ ou o caixa
→ que aceita o cheque do homem elegante

d) (l. 7 e 8) não é apenas o paciente → com dor de cabeça
→ ou mais um cheque sem fundo

e) (l. 8, 9 e 10) são 10% de desempregados → um deles apontando → um revólver
→ para sua cabeça
→ Nada é visto pela primeira vez
→ Ninguém olha atentamente como...

Resposta: Alternativa A.

Nesta questão de paralelismo sintático, a única alternativa que respeita a equivalência sintática é a A. Isso se justifica pelo fato de as formas verbais "é" e "dá", ambas na linha 2, possuírem um mesmo referente – o sujeito "o primeiro olhar" (l. 1). Posteriormente, o objeto direto "informação" (l. 2) é qualificado por três adjuntos adnominais: "falsa", "verdadeira" e "mas sempre pré-fabricada".

A alternativa B não apresenta equivalência sintática entre as expressões "cheio de teorias" (l. 3) e "pensa que sabe o remédio para" (l. 3), visto que o primeiro apenas qualifica seu referente e o segundo indica a ação realizada pelo sujeito.

Na alternativa C, os termos "o médico" (l. 5), "o astrônomo" (l. 5) e "ou o caixa" (l. 5) estão, de forma paralela, comparados ao "economista" quanto ao fato de errar. Contudo, o último termo citado "que aceita o cheque do homem elegante" (l. 5/6) não é mais um ser comparado ao economista, mas sim uma qualificação para o termo "o caixa".

Na alternativa D, a perfeita equivalência sintática seria relacionar os termos "o paciente que fica com dor de cabeça" (l. 7/8) e "ou mais um cheque sem fundo" (l. 8) a "não é apenas" (l. 7).

Na alternativa E, ocorrem várias falhas de designação de paralelismo. As duas últimas frases guardam grande independência, não se relacionando com elementos anteriores. Também não são equivalentes "um revólver" (l. 9) e "para sua cabeça" (l. 9), que possuem funções distintas.

7. (Depen – Funrio) Chama-se adequação sintática a construção coerente de períodos e orações, observadas as relações existentes entre seus termos e a sua organização. Qual o parágrafo dentre os abaixo transcritos que preserva o princípio do paralelismo sintático, segundo o qual quaisquer elementos da frase coordenados entre si devem apresentar estrutura gramatical similar?

a) Aqui não pretendemos defender a ideia de mais intervenção do Estado na economia ou que ele volte a produzir aço em grande quantidade.

b) Aqui não pretendemos defender a ideia de que o Estado intervenha mais na economia ou que volte a produzir aço em grande quantidade.

c) Aqui não pretendemos defender a ideia de que o Estado intervenha mais na economia ou a volta de uma produção de aço em grande quantidade.

d) Aqui não pretendemos defender a ideia de que a intervenção do Estado deva ser maior na economia ou uma produção de aço voltando a ter quantidade.

e) Aqui não pretendemos defender a ideia de um Estado intervindo mais na economia ou que ele volte à produção de aço em grande quantidade.

Resposta: Alternativa B.

Existem dois termos complementando sintaticamente o sentido do vocábulo IDEIA. Em face da lógica, tais complementos devem manter estrutura o mais semelhante possível. Na alternativa A, o primeiro complemento tem como núcleo INTERVENÇÃO; já o segundo complemento é oracional, sendo o núcleo o verbo VOLTE A PRODUZIR. Na alternativa B, os dois complementos são oracionais, tendo como núcleos, respectivamente, as formas verbais INTERVENHA e VOLTE A PRODUZIR. Na alternativa C, o primeiro complemento é oracional (verbo INTERVENHA); o segundo é não oracional, sendo o núcleo o substantivo VOLTA. Na D, embora os complementos sejam oracionais, o primeiro complemento se dá com o verbo no presente do subjuntivo, formando uma oração desenvolvida, o segundo se realiza com a forma verbal VOLTANDO no gerúndio, o que caracteriza a oração reduzida. Na E, o primeiro complemento é oracional, porém reduzido de gerúndio INTERVINDO; já o segundo é desenvolvido, com a presença da conjunção integrante e o verbo no presente do subjuntivo – VOLTE.

8. (TRT-SC/Cetro) Na famosa obra *Comunicação em prosa moderna*, Othon M. Garcia afirma que "quaisquer elementos da frase – sejam orações sejam termos dela –, coordenados entre si devam, em princípio pelo menos, apresentar estrutura gramatical idêntica, pois não se podem coordenar frases que não comportem constituintes do mesmo tipo". Assinale a alternativa em que a reescritura do terceiro parágrafo respeita a recomendação do famoso estudioso:

a) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório não só por seu modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo, mas também por oferecer na rede pública de saúde terapias de interrupção do tabagismo.

b) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório não só por ter um modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo, mas também pelo oferecimento, na rede pública de saúde, de terapias de interrupção do tabagismo.

c) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório por seu modelo de

maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo e pelo oferecimento, na rede pública de saúde, de terapias de interrupção do tabagismo.
d) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório por ter um modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo e pelo oferecimento na rede pública de saúde, de terapias de interrupção do tabagismo.
e) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório não apenas por seu modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo como também por oferecer na rede pública de saúde terapias de interrupção do tabagismo.

Resposta: Alternativa C.
Elementos em paralelismo devem guardar estrutura gramatical bem similar. Repare que a preposição POR introduz duas causas para o Brasil receber a menção elogiosa. Essas duas causas estão conectadas ou pelo par NÃO SÓ ... MAS (COMO) (TAMBÉM) ou pela conjunção E. Na alternativa A, a primeira causa possui como núcleo MODELO (não oracional); a segunda causa, OFERECER (oracional). Na B, a primeira causa tem como núcleo TER (oracional); a segunda causa tem como núcleo OFERECIMENTO (não oracional). Na alternativa C, as duas causas somadas têm como núcleos elementos não oracionais (MODELO e OFERECIMENTO). Na alternativa D, a primeira causa é baseada em termo oracional (TER); a segunda causa tem como núcleo o substantivo OFERECIMENTO. Na E, a primeira causa possui como núcleo o substantivo MODELO; a segunda, o verbo OFERECER.

9. (Petrobras – Cesgranrio) Observe as sentenças abaixo, retiradas de uma reclamação, feita por uma secretária, sobre um móvel enviado com defeitos. Qual delas não tem erro de paralelismo?
a) O produto logo no início mostrou má-qualidade no acabamento e que tinha as gavetas emperradas.
b) O novo móvel deve estar dentro dos critérios previamente combinados, e que seja enviado o mais rapidamente possível.
c) Além disso, o manual de instalação tem mais de 150 páginas e pouca clareza.
d) Assim, gostaríamos de pedir a troca do móvel enviado, que não foi aprovado pela gerência e por outros interessados.
e) Recomendamos a V.S. retirar o móvel inadequado e que envie outro, de melhor qualidade, para substituí-lo.
Resposta: Alternativa D.
Na alternativa A, há dois objetos diretos complementando o verbo MOSTROU. O primeiro objeto é não oracional (má-qualidade no acabamento); o segundo complemento é oracional (que tinha as gavetas emperradas). Na alternativa B, nem há coerência textual. Como há o verbo auxiliar DEVE, formando no primeiro termo a locução DEVE ESTAR, o segundo termo também deveria formar a locução (DEVE SER). Na alternativa C, o primeiro complemento para TEM é um substantivo concreto (PÁGINAS) apresentado com elemento numérico preciso (150); o segundo complemento é um substantivo abstrato (CLAREZA), apresentado com inexatidão (POUCA CLAREZA). Na alternativa D, os dois

agentes da passiva são apresentados com substantivos concretos (GERÊNCIA e INTERESSADOS). Na alternativa E, os dois objetos diretos de RECOMENDAMOS são oracionais, contudo o primeiro é reduzido de infinitivo (RETIRAR) e o segundo é desenvolvido (QUE ENVIE OUTRO).

Capítulo 24

Pontuação

A pontuação serve para marcar a pausa e a entoação. Aqui ficará explicado em que momentos deverão ser utilizados estes sinais gráficos.

24.1. Uso de vírgula

A vírgula deve ser utilizada para:

a) isolar o vocativo;

Ex.: Manoel, venha cá!
Venha cá, Manoel!
Diga, Manoel, a verdade!

b) separar as orações coordenadas assindéticas;

Ex.: Ele bebeu, bebeu, bebeu e dormiu.
Maria lava, passa, prepara a comida, arruma a casa e é uma boa mãe.

c) separar orações ligadas pela conjunção E com sujeitos diferentes;

Ex.: Maria lava, e Joana passa.
"Insisti no oferecimento da madeira, e ele estremeceu" (Graciliano Ramos).
"Abriu-lhe logo uma conta corrente, e a quitandeira,..., dava um pulo até à venda..." (Aluísio de Azevedo).

Obs.: Esta vírgula já foi obrigatória, agora é considerada facultativa.
Se o sujeito das duas orações fosse o mesmo, não haveria vírgula.

Ex.: Maria lava e passa.
Ele já chegou e já foi embora.

d) separar termos com a mesma função sintática ou elementos de uma enumeração;

Ex.: Maria, Manoel, Pedro, Paulo e Renato saíram.
Comprei banana, maçã, pera, abacaxi, abacate e laranja.

e) indicar a supressão do verbo;

Ex.: Ele foi à praia, e eu, também.
Ele disse a verdade: contudo ela, não.

f) é importantíssimo esclarecer que entre sujeito e verbo não pode haver vírgula, da mesma forma que entre verbo e complemento. Todavia, caso haja um termo intercalando aquelas funções, a orientação gramatical indica o seu isolamento;

– conjunção: Ex.: Ele disse, todavia, a verdade.

– aposto: Ex.: Pelé, Rei do Futebol, foi demitido do Santos.

Obs.: Os adjuntos adverbiais intercalando uma sequência lógica (sujeito-verbo ou verbo-complemento) ou mesmo no início de orações poderão aparecer isolados, ou seja, a(s) vírgula(s) é(são) facultativa(s):

Ex.: Ele, com toda certeza, virá. OU Ele com toda certeza virá.

O NCE tem exigido ultimamente dos candidatos a escolha pela opção mais adequada. Há a assunção de que pode haver opções corretas, e o candidato é obrigado a discernir qual é a melhor. No exemplo anterior, as duas formas estão corretas; contudo, se você tiver que optar por uma das duas, escolha a estrutura com vírgula, já que o adjunto adverbial interrompeu uma sequência lógica.

Caso o adjunto adverbial ocorra após o complemento, ou seja, no lugar previsto pela gramática, não deverá estar isolado.

Ex.: Ele virá com toda certeza.

g) separar as orações subordinadas antepostas às principais;

Ex.: Se chover, não vou à praia.

"Quando você foi embora, fez-se noite em meu viver..." (Milton Nascimento).

Embora estivesse triste, não chorou.

Que João não virá, nós já sabemos.

Obs.: Agostinho Dias Carneiro, em seu livro Redação em Construção, alega, tal qual Celso Cunha, que a vírgula é obrigatória para separar orações adverbiais, principalmente se antepostas à principal. No concurso para Técnico Judiciário do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, em 2004, houve uma questão com duas opções extremamente parecidas: 1) "Os juízes intervieram quando viram os réus frente a frente"; 2) "Os juízes intervieram, quando viram os réus frente a frente". Portanto, a diferença entre as alternativas se deu tão somente quanto ao uso da vírgula. Seguindo-se Celso Cunha e Agostinho Dias Carneiro, a resposta deveria ser a que contém a vírgula, pois, relembrando o que asseveram, tal pontuação é obrigatória, principalmente se a oração adverbial vier anteposta à principal. Como a oração subordinada está posposta à principal, chega-se à conclusão, através da redação dos brilhantes autores, de que a vírgula é opcional, sendo a

construção preferencial com a vírgula. No entanto, a banca optou pela alternativa sem a vírgula, fato que me fez concluir que o critério utilizado foi o respeito à ordem das orações (principal – subordinada adverbial).

Ex.: Não vou à praia(,) se chover.

"Deus fala, quando a turba está quieta" (Castro Alves).

h) separar as orações coordenadas adversativas, conclusivas e explicativas;

Ex.: Choveu à beça ontem, no entanto fui à praia.

Ele estudou bastante, portanto passará no concurso.

Volta logo, pois está tarde.

i) isolar conjunção coordenativa adversativa ou conclusiva deslocada;

Ex.: A chuva, no entanto, não atrapalhou a festa.

João deve, portanto, chegar mais tarde.

Obs.: Se a conjunção coordenativa adversativa ou conclusiva iniciar período, a vírgula será facultativa.

Ex.: Entretanto(,) todos retornaram cedo para casa.

Então(,) ele fará o trabalho.

j) isolar os termos **DIGO, DIGO MELHOR, OU SEJA, ISTO É;**

Ex.: A vida é triste, ou melhor, muito triste.

Comprei uma caneta, isto é, um lápis.

k) separar as orações subordinadas adjetivas explicativas;

Ex.: Os alunos, que fizeram bagunça, foram expulsos.

BIZU

As orações subordinadas adjetivas, quando isoladas por vírgula, serão explicativas; quando não, serão restritivas. A frase acima significa que os alunos foram expulsos porque fizeram bagunça. Se a frase fosse "Os alunos que fizeram bagunça foram expulsos", significaria que somente aqueles alunos que fizeram bagunça foram expulsos. O melhor, portanto, neste caso, é o leitor se condicionar a perceber a presença da vírgula. Havendo a vírgula, há a ideia de explicação, de por quê. Não havendo, a ideia é de restrição. Portanto, as vírgulas modificam completamente o sentido das orações subordinadas adjetivas. É importante também esclarecer que a oração explicativa também pode encontrar-se isolada através de travessões ou parênteses.

l) separar, nas datas, o nome do local;

Ex.: Rio de Janeiro, 19 de agosto de 1994.

m) separar as orações reduzidas quando iniciarem uma frase;

Ex.: Dadas as explicações, todos o desculparam.

Ao analisar a situação do país, quase se suicidou.

Percebendo os erros, corrigiu-os.

n) Uso de vírgula antes de **ETC**.

Em tese, não deveria ser aceito, pois é coerente a ausência da vírgula em função de "et" em "et coetera" significar "e". Como é óbvio que, em "Ele comprou camisa, bermuda, gravata e outros", não há vírgula antes de "e", também não deve haver vírgula antes de "**et**". No entanto, como este uso se encontra deveras difundido, Evanildo Bechara o admite, e na Gramática da Língua Portuguesa, Celso Cunha, conquanto não tenha realizado análise sobre seu uso no livro, empregou a vírgula antes de "etc." em várias oportunidades.

Ex.: Ele comprou camisa, bermuda, gravata (,) etc.

24.2. Uso de ponto e vírgula

O ponto e vírgula deve ser utilizado para:

a) separar os itens de uma enumeração;

Ex.: Zico, jogador do Flamengo, foi vendido para a Udinese; Falcão, jogador do Internacional, para o Roma; Sócrates, do Corinthians, para a Fiorentina.

b) separar orações coordenadas assindéticas ou sindéticas adversativas e conclusivas. Normalmente aparecem em frases em que já tenha aparecido a vírgula.

Ex.: Comprei laranja, maçã, pera e banana; no entanto, não comprei nenhum legume.

Falei, falei, falei, e ele ficou calado; logo, ele compreendeu tudo.

"Pensei em prometer algumas dezenas de padre-nossos; tinha, porém, outra promessa em aberto e outro favor pendente" (Machado de Assis).

Obs.: É importante esclarecer que todas as ocorrências de ponto e vírgula podem ser substituídas pelo ponto.

24.3. Uso do ponto

O ponto deve ser utilizado para:

a) indicar o fim de uma frase;

Ex.: Falei e disse.

b) marcar uma abreviação.

Ex.: V. Ex.ª

24.4. Uso de dois-pontos

Os dois-pontos devem ser utilizados para:

a) indicar a introdução de uma fala;

Ex.: Descartes disse: "Penso, logo existo".

b) introduzir um aposto ou uma oração subordinada substantiva apositiva;

Ex.: Comprei frutas: laranja, maçã, pera e manga.

Só disse algumas palavras: que não voltes mais.

c) introduzir um exemplo ou observação.

Ex.: Exemplo: Observação:

24.5. Uso de exclamação

O ponto de exclamação deve ser utilizado para:

a) indicar surpresa, espanto, dor, alegria e ordem.

Ex.: Que espetáculo!

Vá agora!

24.6. Uso de interrogação

O ponto de interrogação deve ser utilizado para:

a) indicar uma interrogativa ***direta***.

Ex.: Por que ele não veio?

Quando Maricota falará contigo?

24.7. Uso de reticências

As reticências devem ser utilizadas para:

a) indicar uma interrupção de um pensamento;

Ex.: Ele não veio, porque...

b) indicar uma ideia de continuidade;

Ex.: Talvez os filhos dos filhos... dos nossos filhos tenham um mundo melhor.

c) pode também indicar uma ideia de ironia.

Ex.: Os políticos são certamente cidadãos muito honestos...

24.8. Uso de aspas

As aspas devem ser utilizadas para:

a) indicar uma citação;

Ex.: "Jogo é jogo, treino é treino", dizia Didi.

b) indicar neologismos, estrangeirismos, gírias etc.

Ex.: Dario dizia que havia sempre uma "solucionática" para toda problemática.

Magri disse que a economia é "imexível".

Os políticos gastam uma fortuna com "outdoor".

– "Bicho", foi sensacional.

c) citar obras artísticas ou científicas.

Ex.: Li "Dom Casmurro" três vezes.

24.9. Uso de parênteses

Os parênteses devem ser utilizados para:

a) acrescentar ao texto comentários ou explicações acessórias.

Ex.: Ayrton Senna (1960-1994) foi o maior ídolo do automobilismo nacional.

As imagens tácitas (implícitas), às vezes, são mais bonitas.

24.10. Uso de travessão

O travessão deve ser utilizado para:

a) ligar palavras que formam uma cadeia na frase;

Ex.: A estrada Rio – São Paulo não está muito bem cuidada.

b) indicar a mudança de interlocutor nos diálogos;

Ex.: – Manoel, porque você faltou?

– João, faltei porque estava doente.

c) acrescentar ideia de explicação ao texto.

Ex.: O candidato – que estuda – passa.

Ronaldo Gaúcho, melhor atleta de 2004 e 2005, é o expoente da seleção brasileira na Copa de 2006.

Obs.: Os parênteses, o(s) travessão(ões) e a(s) vírgulas podem ser utilizados para acrescentar valor de explicação ao período indistintamente.

Ex.: Lula – um ex-operário – chegou à presidência.

Lula (um ex-operário) chegou à presidência.

Lula, um ex-operário, chegou à presidência.

24.11. Exercícios

1. (Analista de Planejamento e Orçamento – MPOG – Esaf) Em relação ao emprego dos sinais de pontuação no texto, assinale a opção correta.

O modo solidário de produção e distribuição parece à primeira vista um híbrido entre o capitalismo e a pequena produção de mercadorias. Mas, na realidade, ele constitui uma síntese que supera ambos. A unidade típica da economia solidária é a cooperativa de produção, cujos princípios organizativos são: posse coletiva dos meios de produção pelas pessoas que as utilizam para produzir; gestão democrática da empresa ou por participação direta (quando o número de cooperadores não é demasiado) ou por representação; repartição da receita líquida entre os cooperadores por critérios aprovados após discussões e negociações entre todos; destinação do excedente anual (denominado sobras) também por critérios acertados entre todos os cooperadores. A cota básica do capital de cada cooperador não é remunerada, somas adicionais emprestadas à cooperativa proporcionam a menor taxa de juros do mercado.

(*Paul Singer*)

a) Se a expressão "à primeira vista" (l.1) estivesse entre vírgulas, o período ficaria gramaticalmente prejudicado.

b) O sinal de dois-pontos (l.4) justifica-se por anteceder citação de depoimento alheio ao autor do texto.

c) As três ocorrências de sinal de ponto e vírgula (l.5, 7 e 9) têm justificativas gramaticais diferentes.

d) Se o emprego de parênteses (l.6, 7 e 9) for substituído por vírgulas, a coerência do texto fica prejudicada.

e) Os parênteses que isolam a expressão "denominado sobras" (l.9) podem, sem prejuízo para o texto, ser substituídos por travessões ou por vírgulas.

2. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) ***O caso Montaigne na tradição literária da amizade não é propriamente uma exceção. Como os povos felizes, que – já se disse – não têm história: os sentimentos vitais, contentes e continentes, poucas vezes, enquanto vigem, dublam-se em reflexão e discurso. Por isso, certamente, a clave da perda marca tanto essa literatura e a tinge tão estranhamente de melancolia. (É que talvez os relevos dos grandes sentimentos humanos só se deixem mesmo apalpar pelo avesso: a falta permite, mais facilmente, sondar a profundidade do pleno, a dor, do contentamento.)***

Atente para as afirmações seguintes sobre a pontuação empregada na frase acima, transcrita do 1o parágrafo do texto.

I. O uso dos parênteses para isolar a frase justifica-se por se tratar de uma digressão que, embora relacionada à reflexão feita no parágrafo, interrompe momentaneamente o fluxo do pensamento.

II. Os dois-pontos introduzem um segmento que constitui, de certo modo, uma ressalva ao que se afirma no segmento imediatamente anterior.

III. As vírgulas que isolam o segmento *mais facilmente* poderiam ser retiradas sem prejuízo para a correção e a lógica.

Está correto o que se afirma em:

a) I, apenas;

b) I e II, apenas;
c) I e III, apenas;
d) II e III, apenas;
e) I, II e III.

3. (AFTE – Esaf) Marque a assertiva errada em relação ao texto seguinte:
O ano de 2003 é marcado pela recessão econômica no Brasil e em vários países do mundo. Aqui, o clima foi de expectativa em relação a um novo governo que assumiu o País diante de um grave quadro de desigualdade social. O Brasil assistiu, estarrecido, no outro lado do mundo, a uma invasão no Oriente Médio promovida pela dupla Bush/Blair. E o terrorismo só recrudesceu. De que forma todos esses acontecimentos podem ter influído no imaginário do executivo brasileiro?
(*Carta Capital*, no 307)
a) A substituição de "é marcado" (l.1) por marca-se mantém a informação original e a correção gramatical do período.
b) A vírgula depois de "Aqui" (l.2) pode ser dispensada sem prejuízo da correção por tratar-se de pontuação facultativa.
c) "Expectador" é uma palavra cognata de "Expectativa", mas ao contrário dessa pode também ser grafada com "s" na primeira sílaba, sem alteração de sentido.
d) Se as vírgulas que estão isolando "estarrecido" (l.3) forem substituídas por travessões, o período permanece correto.
e) A preposição "a" em "a uma invasão" (l.4) caracteriza a escrita formal, culta e, geralmente, é dispensada se usado um estilo menos formal.

Leia o texto a seguir para responder à questão 4.

Enquanto o patrimônio tradicional continua sendo responsabilidade dos Estados, a promoção da cultura moderna é cada vez mais tarefa de empresas e órgãos privados. Dessa diferença derivam dois estilos de ação cultural. Enquanto os governos pensam sua política em termos de proteção e preservação do patrimônio histórico, as iniciativas inovadoras ficam nas mãos da sociedade civil, especialmente daqueles que dispõem de poder econômico para financiar arriscando. Uns e outros buscam na arte dois tipos de ganho simbólico: os Estados, legitimidade e consenso ao aparecer como representantes da história nacional; as empresas, obter lucro e construir através da cultura de ponta, renovadora, uma imagem "não interessada" de sua expansão econômica.
(Nestor Garcia Canclini. *Culturas Híbridas*, p. 33, com adaptações)

4. (AFRF – Esaf) Assinale a alteração na pontuação que provoca incoerência textual ou erro gramatical no texto.
a) A substituição do ponto final depois de "cultural" (l.3) por **dois-pontos**.
b) A substituição dos dois-pontos depois de "simbólico" (l.7) pelo sinal de **ponto e vírgula**.
c) A substituição do sinal de ponto-e-vírgula depois de "nacional" (l.8) pela conjunção **e**.
d) A inserção de uma vírgula depois de "construir" (l.8).

e) A retirada da vírgula depois de "ponta" (l.8).

5. (AFRF – Esaf) No texto abaixo foram substituídos sinais de pontuação por números. Assinale a sequência de sinais de pontuação que devem ser inseridos nos espaços indicados para que o texto se torne coerente e gramaticalmente correto. Desconsidere a necessidade de transformar letras minúsculas em maiúsculas.

Os seres humanos sofrem sempre conflitos de interesse com os ressentimentos, facções, coalizões e instáveis alianças que os acompanham (1) no entanto, o que mais interessa nesses fenômenos conflituosos não é o quanto eles nos separam, mas quão frequentemente eles são neutralizados, perdoados e desculpados. Nos seres humanos (2) com seu extraordinário dom narrativo, uma das principais formas de manutenção da paz é o dom humano de apresentar (3) dramatizar e explicar as circunstâncias atenuantes em torno de violações que ameaçam introduzir conflito na habitualidade da vida (4) o objetivo de tal narrativa não é reconciliar, não é legitimar, nem mesmo desculpar, mas antes (5) explicar.

(Jerome Bruner. *Atos de significação*, com adaptações)

a)	;	,	.	:	.
b)	;	-	;	.	;
c)	,	;	-	;	:
d)	,	.	:	;	:
e)	.	,	,	.	,

6. (Susep – Esaf) Os trechos abaixo constituem um texto. Assinale a opção em que o emprego dos sinais de pontuação está correto.

a) A preservação do crescimento da China, por suas particularidades se faz com redução dos efeitos irradiadores sobre as demais economias.

b) Isto porque a estabilidade do crescimento do PIB chinês, mascara um fato crucial, qual seja, a forte redução do investimento nessa economia.

c) Um longo período de aumento do investimento, durante o qual chegou-se a incrementos acima de 40% ao ano termina por engendrar um excesso de capacidade de produção em vários segmentos, cuja digestão demandará algum tempo.

d) Isto obviamente, não significa desaceleração no sentido tradicional, ou seja, do produto corrente, mas implica menor efeito irradiador sobre as economias das quais a China importa máquinas e equipamentos.

e) Outro aspecto do desenvolvimento recente na China é a redução do coeficiente importado em razão da entrada em operação de plantas produtoras de *commodities* industriais.

7. (TRF) Considere os períodos I, II e III, pontuados de duas maneiras diferentes.

I. Entregues os documentos pelo correio, seguirão outras informações relativas ao processo.

Entregues os documentos, pelo correio seguirão outras informações, relativas ao

processo.
II. A audiência será marcada de imediato pelo advogado e o promotor conjuntamente.
A audiência será marcada, de imediato, pelo advogado e o promotor conjuntamente.
III. É bom que se arquivem os processos que estão com o prazo vencido.
É bom que se arquivem os processos, que estão com o prazo vencido.
Com a pontuação diferente, ocorreu alteração de significado em:
a) I, somente;
b) II, somente;
c) I e II;
d) I e III;
e) II e III.

8. (ANA – Esaf) Em relação à pontuação do texto, assinale a opção correta.
A água pode ter diversas finalidades, como: abastecimento humano, dessedentação animal, irrigação, indústria, geração de energia elétrica, lazer, navegação etc. Muitas vezes, esses usos podem ser concorrentes, o que gera conflitos entre setores usuários ou mesmo impactos ambientais.
Nesse sentido, é necessário gerir e regular os recursos hídricos, acomodando as demandas econômicas, sociais e ambientais por água em níveis sustentáveis, para permitir a convivência dos usos atuais e futuros da água sem conflitos. Por isso, a outorga é fundamental, pois, ordenando e regularizando o uso da água, é possível assegurar ao usuário o efetivo acesso a ela, bem como realizar o controle quantitativo e qualitativo dos usos desse precioso recurso.
(*José Machado http://www.ana.gov.br/SalaImprensa/artigos/set.2008.pdf*)
a) As vírgulas da linha dois justificam-se porque isolam elementos de mesma função gramatical componentes de uma enumeração.
b) O emprego do sinal de dois-pontos (ℓ.1) justifica-se por anteceder oração subordinada adjetiva restritiva.
c) A vírgula após "Muitas vezes" (ℓ.4) justifica-se para isolar conjunção temporal.
d) O emprego de vírgula após "hídricos" (ℓ.8) justifica-se para isolar oração subordinada adverbial comparativa.
e) O emprego de vírgula após "fundamental" (ℓ.11) justifica-se por isolar oração subordinada adverbial condicional.

9. (ARF – Esaf) Assinale o trecho do texto adaptado de Boris Fausto (Memória e História) em que, na transcrição, foram plenamente atendidas as regras de pontuação.
a) Em uma fila no banco, na época em que, no Brasil, houve congelamento dos depósitos bancários, uma jovem, de traços orientais, permanecia calada e, aparentemente, atenta aos movimentos de todos, como se a qualquer momento, alguém pudesse passar à sua frente.
b) Pensei, ainda, em lembrá-la de que, por outro lado, a experiência dos japoneses no Brasil estava longe de representar um desastre. No entanto, bastou olhar para a neta do sol nascente e, logo, perceber que ela se transportara para outras esferas, alheia à fila e

a tudo o mais que a rodeava.
c) Não era nada disso. A jovem decifrou o enigma, em tom suspiroso, explicando que, no começo dos anos de 1930, grande parte da família decidira emigrar para a Califórnia, mas seu avô meio aventureiro, optara infelizmente, pelo Brasil.
d) Tentei esboçar um discurso sociológico, ponderando, que os imigrantes japoneses localizados na costa do Pacífico, tinham atravessado momentos adversos, especialmente, no curso da Segunda Guerra Mundial, quando muitos deles foram transferidos para campos de confinamento no meio-oeste americano.
e) De repente, sua voz se ergueu enigmática: "A culpa de tudo isso é do meu avô." Nos segundos seguintes, a melhor hipótese que me passou pela cabeça, foi a de um avô conservador, aconselhando a neta a poupar, em vez de gastar, apoiado em uma versão japonesa da fábula da cigarra e da formiga.

10. (ARF – Esaf) Assinale a justificativa correta para o emprego de vírgula.
A economia real nos Estados Unidos e na Europa segue em compasso de espera. Isso significa que o produto e o emprego seguem em declínio, (1) mas a uma velocidade menor. Seja como for, as injeções de liquidez, os programas de compra de ativos podres, (2) as garantias oferecidas pelas autoridades e a capitalização das instituições financeiras não fizeram pouco. Além de construir um piso para a deflação de ativos, as intervenções de provimento de liquidez suscitaram, (3) diriam os keynesianos, (3) um movimento global no interior da circulação financeira. O inchaço da circulação financeira teve efeitos mesquinhos sobre a circulação industrial, (4) ou seja, (4) sobre a movimentação do crédito e da moeda destinada a impulsionar a produção e o emprego. Observa-se, (5) no entanto, (5) um rearranjo dentro do estoque de riqueza que responde aos preços esperados dos ativos "especulativos" por parte dos investidores que sobreviveram ao colapso da liquidez. Agarrados aos salva-vidas lançados com generosidade pelo gestor em última instância do dinheiro – esse bem público objeto da cobiça privada – os senhores da finança tratam de restaurar as práticas e operações de "normalização dos mercados", isto é, aquelas que levaram à crise.
(Luiz Gonzaga Beluzzo, adaptado do *Valor Econômico* de 14 de outubro de 2009)
a) (1) A vírgula separa oração coordenada assindética.
b) (2) A vírgula separa elementos de mesma função sintática componentes de uma enumeração.
c) (3) As vírgulas isolam uma expressão apositiva.
d) (4) As vírgulas isolam conjunção coordenativa conclusiva.
e) (5) As vírgulas isolam conjunção subordinativa concessiva intercalada na oração principal.

11. (DNOCS – FCC) A pontuação desta frase está inteiramente correta:
a) A dialética sendo uma verdade mais séria, do que se costuma crer, manifesta-se no processo de resistência, da cultura popular.
b) De fato a cultura de massa com a enorme força de que dispõe, costuma apropriar-se das formas da cultura popular, inapelavelmente.

c) A socialização, proveniente das boas relações comunitárias constitui, sem dúvida, uma bela forma de autopreservação, na cultura popular.
d) As escolas de samba, nas festas promovidas para turistas, constituem matéria-prima e *mão de obra*, simultaneamente, para o capital.
e) Costumam, as diferentes manifestações de cultura popular, descaracterizar-se de vez que não resistem, às pressões da cultura de massa.

12. (TCM – CE) Está plenamente adequada a pontuação da seguinte frase:
a) A rotina, afirmam alguns, é inimiga da criatividade, mas essa tese, segundo o cronista, é uma falácia: basta ver o que já ocorreu em nossa literatura.
b) A rotina, afirmam alguns: é inimiga da criatividade; mas essa tese segundo o cronista é uma falácia, basta ver o que já ocorreu em nossa literatura.
c) A rotina – afirmam alguns – é inimiga da criatividade: mas essa tese, segundo o cronista, é uma falácia, basta ver o que já ocorreu, em nossa literatura.
d) A rotina, afirmam alguns, é inimiga da criatividade; mas essa tese segundo o cronista, é uma falácia, basta ver, o que já ocorreu em nossa literatura.
e) A rotina, afirmam alguns, é inimiga da criatividade mas, essa tese, segundo o cronista, é uma falácia: basta ver o que já ocorreu, em nossa literatura.

13. (MPE – RN – FCC) É preciso corrigir a pontuação da frase:
a) Não obstante a imagem de candura, as crianças podem ser perversas por conta dos instintos, manifestação que, aliás, nos comandam a todos.
b) Não apenas as crianças, também os adultos cedem aos instintos primitivos, de cuja manifestação, muitas vezes, tendemos a nos envergonhar.
c) O autor não se mostra nada simpático à tese da bondade natural, proposta e defendida por Rousseau, embora admita o grande prestígio de que goza esse filósofo.
d) No século 18, marcado pela ação dos pensadores iluministas, pedagogos como Rousseau, desejosos de mudanças, propuseram teses revolucionárias.
e) Deve-se à aparência meiga das crianças, boa parte da crença de que elas são seres angelicais, e por isso, incapazes de cometer crueldades.

14. (MPE – SE – FCC) A pontuação está inteiramente correta na frase:
a) Nosso admirável poeta Carlos Drummond de Andrade, em um poema antológico, foi capaz de definir em um único verso um atributo do tédio: esse sentimento mortal que, se descuidarmos, pode tomar conta de nós.
b) Nosso admirável poeta, Carlos Drummond de Andrade, em um poema antológico foi capaz de definir em um único verso: um atributo do tédio; esse sentimento mortal que se descuidarmos, pode tomar conta de nós.
c) Nosso admirável poeta Carlos Drummond de Andrade em um poema antológico, foi capaz de definir em um único verso, um atributo do tédio, esse sentimento mortal, que se descuidarmos pode tomar conta de nós.
d) Nosso admirável poeta, Carlos Drummond de Andrade em um poema antológico foi capaz de definir em um único verso, um atributo do tédio; esse sentimento mortal, que se

descuidarmos pode tomar conta de nós.
e) Nosso admirável poeta Carlos Drummond de Andrade, em um poema antológico foi capaz, de definir em um único verso, um atributo do tédio, esse sentimento mortal que, se descuidarmos pode tomar conta de nós.

15. (AFTN) Indique o trecho que apresenta erro quanto ao emprego dos sinais de pontuação.
a) "Interferências demagógicas de governos, levaram o Sistema Brasileiro de Habitação à falência em que hoje se encontra". (*Folha de São Paulo*, 05/10/1989, p. A-4.)
b) "Mas a disputa pelos direitos do livro – a ser editado no Brasil, evidentemente, pela Marco Zero, da qual Márcio de Souza é diretor – apenas começou". (*Leia*, agosto / 1989, p. 14.)
c) "O convite veio de Jofre Rodrigues, sócio principal da produtora J. N. Filmes. Assim que a notícia foi divulgada na Europa, editoras alemãs, francesas e americanas começaram a assediar o agente literário Thomas Colchio, que responde pelo escritor brasileiro na França". (*Leia*, agosto / 1994, p. 14.)
d) "Ao lado da disputa pelos direitos de filmagem da vida do líder seringueiro Chico Mendes, arma-se uma outra briga: o alvo, agora, é o argumento do filme, que será escrito pelo romancista amazonense Márcio de Souza". (*Leia*, agosto / 1994, p. 14.)
e) "O bom humor voltou à vida de Arraes depois do encontro com Brizola na semana passada. Exatamente o que conversaram os dois políticos ninguém sabe". (*Folha de São Paulo*, 5/10/1989, p. A-4.)

16. (TRF-2ª Região – FCC) A pontuação está plenamente adequada na frase:
a) O cronista, diante da possibilidade de habitar uma ilha, enumera uma série de argumentos que, a princípio, desqualificariam as supostas vantagens de um insulamento, mas, ao fim e ao cabo, convence-se de que está na ilha a última chance de desfrutarmos nossa liberdade.
b) O cronista diante da possibilidade, de habitar uma ilha, enumera uma série de argumentos, que a princípio desqualificariam as supostas vantagens de um insulamento, mas ao fim e ao cabo, convence-se de que está na ilha a última chance de desfrutarmos nossa liberdade.
c) O cronista diante da possibilidade de habitar uma ilha enumera uma série de argumentos, que a princípio, desqualificariam as supostas vantagens de um insulamento; mas ao fim e ao cabo convence-se, de que está na ilha a última chance de desfrutarmos nossa liberdade.
d) O cronista, diante da possibilidade de habitar uma ilha enumera uma série de argumentos, que a princípio, desqualificariam as supostas vantagens de um insulamento mas, ao fim e ao cabo convence-se de que está na ilha, a última chance de desfrutarmos nossa liberdade.
e) O cronista, diante da possibilidade de habitar uma ilha enumera uma série de argumentos que a princípio, desqualificariam as supostas vantagens de um insulamento; mas ao fim e ao cabo, convence-se de que, está na ilha, a última chance de desfrutarmos

nossa liberdade.

17. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) A supressão das vírgulas altera o sentido da seguinte frase:
a) Meninos de rua são, quase sempre, vistos como párias sociais, e não como vítimas.
b) Saber que, felizmente, há instituições como o SAID é motivo para alento e renovação de esperanças.
c) Não há, hoje em dia, quem possa alegar desconhecimento da situação dos jovens viciados.
d) Aqui e ali, podemos nos deparar com o trágico quadro de menores entregues ao destino das ruas.
e) Os menores de rua, que o vício das drogas arrebatou, demandam com urgência que os resgatemos desse inferno.

18. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – FCC) Está plenamente adequada a pontuação da seguinte frase:
a) Embora ansioso, por aposentar-se, o autor não parece convicto de que, o ócio lhe fará bem; tanto assim que vez ou outra imagina atividades, que passará a exercer.
b) Embora ansioso por aposentar-se o autor, não parece convicto, de que o ócio lhe fará bem, tanto assim que vez ou outra, imagina atividades que passará a exercer.
c) Embora ansioso por aposentar-se, o autor, não parece convicto de que o ócio lhe fará bem, tanto assim que, vez ou outra, imagina atividades, que passará a exercer.
d) Embora ansioso por aposentar-se, o autor não parece convicto de que o ócio lhe fará bem, tanto assim que, vez ou outra, imagina atividades que passará a exercer.
e) Embora ansioso, por aposentar-se, o autor não parece convicto de que o ócio lhe fará bem: tanto assim, que vez ou outra, imagina atividades que passará a exercer.

(AFTN) Nas questões 19 e 20, marque o texto em que os sinais de pontuação não foram usados corretamente.
19.
a) Denis de Rougemont tornou o Romance de Tristão e Isolda, datado do século XVII, como o "nascimento da paixão" no Ocidente.
b) Contra o casamento de interesse e contra a concepção cristã do casamento feliz por amor, a paixão é um estado amoroso que parece se alimentar da sua própria impossibilidade, encontrando a sua máxima realização no seu obstáculo supremo, que é a morte.
c) Rastreando os enigmas da paixão, contidos em Tristão e Isolda, Rougemont aponta as fontes do mito nas heresias de fundo maniqueístas, para as quais a morte, representa a passagem da Noite da matéria para o Dia luminoso do espírito.
d) Vivendo, no seu transporte febril, a promessa vigente de uma libertação dos limites da existência e da infelicidade do viver, os amantes, que se buscam e que se afastam, mais fiéis à própria paixão do que ao desejo da presença do outro, buscam transfigurar a morte em triunfo.

e) Implícito no código cortês da poesia trovadoresca, recorrente numa longa tradição literária, alimentado na ficção de massas (e dissipado do seu fundamento místico), o amor-paixão vigora em contradição com as normas sociais e a ortodoxia religiosa. (José Miguel Winsk; com adaptações)

20.
a) Uma das articulações clássicas da tradição marxista, a que junta a pobreza à dominação, se desfez nas sociedades desenvolvidas: cada vez mais se torna possível a satisfação das necessidades econômicas sem que as exigências políticas sejam atendidas.
b) Neste sentido, faz-se problemática a conceituação de progresso.
c) Mais complexas ainda, se tornam as definições sobre o conceito se pensarmos em um outro elemento, dificilmente presente nas reflexões tradicionais da filosofia política – a questão da felicidade.
d) Esta, juntamente com o tema da paixão, foi reduzida, na nossa tradição, ao domínio da subjetividade, do psicológico.
e) Propomo-nos a pensar a dimensão da paixão na política e tomamos, como ponto de partida, alguns artigos de Walter Benjamin (Kátia Muricy; com adaptações).

21. (Sefaz – SP – FCC) A pontuação está plenamente adequada na frase:
a) Aos que condenam a nostalgia argumentando, contra o passadismo, pode-se responder com a frase de um pensador: segundo o qual a saudade de tempos melhores, longe de ser reacionária, instiga-nos a esperar mais do presente.
b) Aos que condenam a nostalgia, argumentando contra o passadismo, pode-se responder, com a frase de um pensador, segundo o qual a saudade de tempos melhores longe de ser reacionária, instiga-nos a esperar mais do presente.
c) Aos que condenam a nostalgia argumentando contra o passadismo, pode-se responder com a frase, de um pensador, segundo o qual: a saudade de tempos melhores, longe de ser reacionária, instiga-nos a esperar mais do presente.
d) Aos que condenam a nostalgia argumentando contra o passadismo, pode-se responder com a frase de um pensador, segundo o qual a saudade de tempos melhores, longe de ser reacionária, instiga-nos a esperar mais do presente.
e) Aos que condenam a nostalgia, argumentando contra o passadismo pode-se responder com a frase de um pensador, segundo o qual, a saudade de tempos melhores, longe de ser reacionária instiga-nos a esperar mais do presente.

22. (TFC) Assinale o período corretamente pontuado.
a) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis, que, num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.
b) Os carros modernos, são feitos com chapas bastante flexíveis que, num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.
c) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis, que num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.

d) Os carros modernos são feitos, com chapas bastante flexíveis, que, num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.
e) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis que num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.

23. (TRT – 8R – FCC) Desconsiderada a sua organização em versos, a primeira estrofe da canção está corretamente pontuada em:
a) Quando eu me encontrava preso na cela de uma cadeia, foi que vi, pela primeira vez, as tais fotografias em que apareces: inteira. Porém, lá não estavas, nua e sim coberta de nuvens...
b) Quando eu me encontrava preso, na cela de uma cadeia foi que vi pela primeira vez, as tais fotografias, em que apareces inteira: porém, lá não estavas nua, e sim coberta de nuvens...
c) Quando eu me encontrava preso na cela de uma cadeia, foi que vi pela primeira vez as tais fotografias em que apareces inteira. Porém, lá não estavas nua e, sim, coberta de nuvens...
d) Quando eu me encontrava, preso na cela de uma cadeia, foi que vi pela primeira vez as tais fotografias em que apareces inteira, porém: lá não estavas nua e sim coberta de nuvens...
e) Quando eu me encontrava preso na cela, de uma cadeia, foi que vi pela primeira vez as tais fotografias em que apareces, inteira. Porém, lá, não estavas nua e sim, coberta de nuvens...

24. (Analista Judiciário – TRE-SP – FCC) Está inteiramente adequada a pontuação do seguinte período:
a) Em qualquer escalão do governo costuma haver mais cedo, ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado, por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança que ficam ao sabor, das conveniências políticas.
b) Em qualquer escalão, do governo, costuma haver mais cedo ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.
c) Em qualquer escalão do governo, costuma haver, mais cedo ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.
d) Em qualquer escalão do governo costuma haver, mais cedo ou mais tarde, atritos, entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso e o pessoal, indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.
e) Em qualquer escalão do governo costuma haver mais cedo, ou mais tarde atritos, entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado, por concurso, e o pessoal indicado, para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

25. (Técnico Judiciário – TRE-SP – FCC) Está inteiramente correta e adequada a pontuação da seguinte frase:

a) Mesmo nas obras modernistas que, por um motivo ou outro, parecem hoje datadas, pode-se reconhecer a importância que tiveram, na época, para a busca da liberdade de criação e expressão, conquista que Mário de Andrade não se cansou de acentuar.
b) Mesmo nas obras modernistas, que por um motivo, ou outro, parecem hoje datadas pode-se reconhecer a importância que tiveram na época, para a busca da liberdade de criação e expressão, conquista que Mário de Andrade não se cansou, de acentuar.
c) Mesmo nas obras modernistas, que por um motivo ou outro, parecem hoje datadas, pode-se reconhecer a importância que tiveram, na época, para a busca da liberdade de criação e expressão: conquista, que Mário de Andrade não se cansou de acentuar.
d) Mesmo nas obras modernistas que, por um motivo ou outro, parecem hoje datadas pode-se reconhecer, a importância que tiveram na época, para a busca da liberdade de criação e expressão, conquista que, Mário de Andrade, não se cansou de acentuar.
e) Mesmo nas obras modernistas que por um motivo ou outro, parecem hoje datadas, pode-se reconhecer a importância que tiveram, na época para a busca da liberdade de criação e expressão; conquista que Mário de Andrade não se cansou de acentuar.

26. (TTN) Assinale a alternativa que apresenta o emprego correto dos sinais de pontuação.
a) Na Suíça, delegados de 103 países, grande parte deles com as vestes africanas, determinaram a proibição total da caça aos elefantes. (Trechos da *Isto é / Senhor*, 25/10/1989.)
b) Na Suíça, delegados de 103 países, grande parte deles com suas vestes africanas, determinaram a proibição total, da caça aos elefantes.
c) Na Suíça delegados de 103 países, grande parte deles com suas vestes africanas determinaram a proibição total, da caça aos elefantes.
d) Na Suíça, delegados de 103 países, grande parte deles com suas vestes africanas determinaram a proibição, total da caça aos elefantes.
e) Na Suíça, delegados de 103 países grande parte deles com suas vestes africanas determinaram, a proibição total da caça aos elefantes.

27. (Técnico Judiciário – TRE-SP – FCC) ***Esta cidade que está acabando, que já acabou com a garoa, os bondes, o trem da Cantareira, as cantigas do Bexiga, Adoniran não a deixará acabar*...**
Mantendo-se, em linhas gerais, o sentido original, uma redação alternativa para a frase acima, em que se respeitam as regras de pontuação, é:
a) Adoniran não deixará acabar, a cidade que está acabando, e que já acabou com a garoa, os bondes, o trem da Cantareira, as cantigas do Bexiga...
b) Adoniran não deixará acabar a cidade, que está acabando e que já acabou, com a garoa, os bondes, o trem da Cantareira, as cantigas do Bexiga...
c) Adoniran, não deixará acabar a cidade, que está acabando – e que já acabou – com a garoa, os bondes, o trem da Cantareira, as cantigas do Bexiga...
d) Adoniran não deixará acabar a cidade que está acabando e que já acabou com a garoa, os bondes, o trem da Cantareira, as cantigas do Bexiga...

e) Adoniran, não deixará acabar a cidade que está acabando e que, já acabou, com a garoa, os bondes, o trem da Cantareira, as cantigas do Bexiga...

28. (TRE – AL – FCC) A pontuação está inteiramente adequada na frase:
a) Será preciso, talvez, redefinir a infância já que as crianças de hoje, ao que tudo indica nada mais têm a ver com as de ontem.
b) Será preciso, talvez redefinir a infância: já que as crianças, de hoje, ao que tudo indica nada têm a ver, com as de ontem.
c) Será preciso, talvez: redefinir a infância, já que as crianças de hoje ao que tudo indica, nada têm a ver com as de ontem.
d) Será preciso, talvez redefinir a infância? – já que as crianças de hoje ao que tudo indica, nada têm a ver com as de ontem.
e) Será preciso, talvez, redefinir a infância, já que as crianças de hoje, ao que tudo indica, nada têm a ver com as de ontem.

29. (TTN) Marque o texto onde ocorre <u>erro</u> de pontuação.
a) Os estabelecimentos fundados por portugueses, lá pelos anos de 1618, começavam no Pará, quase sob o Equador, e terminavam em Cananeia, além do trópico.
b) Entre uma e outra capitania havia longos espaços desertos, de dezenas de léguas de extensão. A população de língua europeia, cabia folgadamente em cinco algarismos.
c) A camada ínfima da população era formada por escravos, filhos da terra, africanos ou seus descendentes.
d) Os filhos da terra eram menos numerosos pela pouca densidade originária da população indígena, pelos grandes êxodos que os afastaram da costa, pelas constantes epidemias que os dizimaram, pelos embaraços, nem sempre inúteis, opostos ao seu escravizamento.
e) Acima desta população, sem terra e sem liberdade, seguiam-se os portugueses de nascimento ou origem, sem terra, porém livres: feitores, mestres de açúcar, oficiais mecânicos, vivendo dos seus salários ou do feitio de obras encomendadas. (Capistrano de Abreu, com adaptações.)

30. (TTN) Indique o trecho em que os sinais de pontuação estão bem empregados.
a) O principal dado da pesquisa do DataFolha sobre a sucessão presidencial, publicada ontem, é o fato de que, pela primeira vez desde abril, os números indicam que haverá um segundo turno.
b) O principal dado, da pesquisa do DataFolha, sobre a sucessão presidencial, publicada ontem, é o fato de que pela primeira vez, desde abril, os números indicam que haverá um segundo turno.
c) O principal dado da pesquisa do DataFolha sobre a sucessão presidencial publicada ontem, é o fato de, que pela primeira vez, desde abril, os números indicam que haverá um segundo turno.
d) O principal dado da pesquisa do DataFolha, sobre a sucessão presidencial, publicada ontem é o fato de, que pela primeira vez, desde abril, os números indicam que haverá um

segundo turno.
e) O principal dado da pesquisa do DataFolha sobre a sucessão presidencial publicada, ontem, é o fato de que pela primeira vez, desde abril os números indicam que haverá um segundo turno.

(AFTN) Nos textos apresentados nas questões 31 e 32, marque o período em que ocorre erro de pontuação.

31.
a) Em todas as culturas, o processo pelo qual a lei geral suplanta a lei particular, faz-se acompanhar de crises mais ou menos graves e prolongadas, que podem afetar, profundamente, a estrutura da sociedade. (Sérgio Buarque de Holanda, com adaptações.)
b) Ninguém exprimiu, com mais intensidade, a oposição e mesmo a incompatibilidade fundamental entre o Estado e a família do que Sófocles.
c) Creonte encarna a noção abstrata, impessoal da Cidade em luta contra essa realidade concreta e tangível que é a família.
d) Antígona, sepultando Polinice contra as ordenações do Estado, atrai sobre si a cólera do irmão, que não age em nome de sua vontade pessoal, mas da suposta vontade geral dos cidadãos.
e) O conflito entre Antígona e Creonte é de todas as épocas, e preserva-se sua veemência ainda em nossos dias.

32.
a) No período colonial, haverá forçosamente de ocupar-se de sujeitos e obras de escasso ou até nenhum valor literário, como são quase todas as dessa época. (José Veríssimo, com adaptações.)
b) Por um mau patriotismo, sentimento funesto a toda a história, que necessariamente vicia, e também por vaidade da erudição, presumiram os nossos historiadores literários avultar e valorizar o seu assunto, ou o seu próprio conhecimento dele, com fartos róis de autores e obras, acompanhados de elogios desmarcados e impertinentes qualificativos.
c) Não obstante o pregão patriótico, tais nomes e obras continuaram desconhecidos, eles e elas não lidos.
d) Igualmente não desejo continuar a fazer da história da nossa literatura um cemitério, enchendo-o de autores de todo mortos, alguns ao nascer.
e) Não quero cair no mesmo engano e supor que a crítica ou história literária, têm faculdades para dar vida e mérito ao que de si não tem.

33. (AFTE – RN – Esaf) Marque a versão do fragmento de texto de Delfim Netto (em *Carta Capital*) que está em desacordo com as normas de emprego dos sinais de pontuação.
a) É um pesadelo a Ata da última reunião do Conselho de Política Monetária (Copom)! O parágrafo 26 lembra que as metas inflacionárias são fixadas pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) e que, ao BC, resta cumpri-las. Estabelecido esse *hedge*, o "ambiente"

da ata é de um radicalismo absoluto: obedecê-las, custe o que custar!
b) É um pesadelo a Ata da última reunião do Conselho de Política Monetária (Copom): o parágrafo 26 lembra que as metas inflacionárias são fixadas pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) e que, ao BC, resta cumpri-las. Estabelecido esse *hedge*, o "ambiente" da ata é de um radicalismo absoluto: obedecê-las, custe o que custar!
c) É um pesadelo a Ata da última reunião do Conselho de Política Monetária (Copom). O parágrafo 26 lembra que as metas inflacionárias são fixadas pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) e que, ao BC, resta cumpri-las. Estabelecido esse *hedge*, o "ambiente" da ata é de um radicalismo absoluto: obedecê-las, custe o que custar!
d) É um pesadelo a Ata da última reunião do Conselho de Política Monetária (Copom)! O parágrafo 26 lembra que, as metas inflacionárias são fixadas pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) e que, ao BC, resta cumpri-las. Estabelecido esse *hedge*, o "ambiente" da ata é de um radicalismo absoluto: obedecê-las, custe o que custar!
e) É um pesadelo a Ata da última reunião do Conselho de Política Monetária (Copom)! O parágrafo 26 lembra que as metas inflacionárias são fixadas pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) e que, ao BC, resta cumpri-las. Estabelecido esse *hedge*, o "ambiente" da ata é de um radicalismo absoluto. Obedecê-las, custe o que custar!

34. (Fiscal ICMS-RJ – FGV) ***O risco não vem de alguma ameaça cósmica – o choque de algum meteoro ou asteroide rasante – nem de algum cataclismo natural produzido pela própria Terra – um terremoto sem proporções ou algum deslocamento fenomenal de placas tectônicas*****.**
Assinale a alternativa que apresente a função correta dos travessões empregados no fragmento acima:
a) Destacar o argumento que constitui a informação mais relevante do período.
b) Introduzir discurso direto, indicando a mudança de interlocutor.
c) Isolar informação aposta que exemplifica o enunciado anterior.
d) Marcar a aceleração da voz na melodia típica das orações restritivas.
e) Assinalar a pausa máxima da voz numa entoação ascendente.

35. (Comissário da Justiça da Criança e da Juventude – NCE)
Governo
Creio no governo pelo povo; creio, porém, que o governo do povo tem uma base de sua legitimidade na cultura da inteligência nacional pelo desenvolvimento nacional do ensino, no qual as maiores liberalidades do Tesouro substituirão sempre o mais reprodutivo emprego da riqueza pública...
(Rui Barbosa)
As vírgulas que separam a conjunção porém se devem:
a) ao deslocamento da conjunção para o meio da frase;
b) à necessidade de destacar uma ideia essencial ao texto;
c) ao fato de uma conjunção adversativa vir sempre entre vírgulas;
d) à presença de um sujeito posposto;
e) a uma característica estilística de Rui Barbosa.

36. (TRT – 9a Região – NCE) Observe o uso das vírgulas em "Sabe-se que o governo, para enfrentar a crise, adotará uma pluralidade de medidas". A justificativa para o emprego de vírgulas neste exemplo é a mesma válida para a opção:
a) "... com a qual se pretende conferir a tais medidas, por maldosas que sejam, um atestado de bom comportamento".
b) "Nos últimos anos, substituiu-se o 'em desenvolvimento' por 'emergente', palavra que igualmente se opõe ao 'sub'."
c) "O terceiro, 'conjunto de medidas' em lugar de 'pacote', fala exclusivamente à sensibilidade brasileira (...)".
d) "O que isso tudo quer dizer é que quando é difícil modificar a sociedade, ou o governo, modifica-se a linguagem".
e) "'Excluído', dirá o leitor, tem um sentido diverso".

37. (Auditor – Sefaz-RJ – FGV) ***Porém, sofrendo o Brasil os influxos de modelos legislativos estrangeiros, assim como estando as matrizes das empresas transnacionais que aqui operam sujeitas às normas de seus países de origem, não tardará para que as práticas que envolvem o criminal compliance sejam estendidas a diversos outros segmentos da economia.***
Assinale a alternativa em que a alteração do período acima tenha mantido adequação quanto ao seu sentido original e correção quanto à pontuação.
a) Sofrendo o Brasil, no entanto, os influxos de modelos legislativos estrangeiros – assim como estando as matrizes das empresas transnacionais que aqui operam sujeitas às normas de seus países de origem –, não tardará para que as práticas que envolvem o *criminal compliance* sejam estendidas a diversos outros segmentos da economia.
b) Entretanto, sofrendo o Brasil os influxos de modelos legislativos estrangeiros, – assim como estando as matrizes das empresas transnacionais que aqui operam sujeitas às normas de seus países de origem – não tardará para que as práticas que envolvem o *criminal compliance* sejam estendidas a diversos outros segmentos da economia.
c) Sofrendo, contudo, o Brasil os influxos de modelos legislativos estrangeiros – assim como estando as matrizes das empresas transnacionais que aqui operam sujeitas às normas de seus países de origem – não tardará para que as práticas que envolvem o *criminal compliance* sejam estendidas a diversos outros segmentos da economia.
d) Todavia, sofrendo o Brasil os influxos de modelos legislativos estrangeiros, – assim como estando as atrizes das empresas transnacionais que aqui operam sujeitas às normas de seus países de origem –, não tardará para que as práticas que envolvem o *criminal compliance* sejam estendidas a diversos outros segmentos da economia.
e) Contudo, sofrendo o Brasil os influxos de modelos legislativos estrangeiros – assim como estando as matrizes das empresas transnacionais que aqui operam sujeitas às normas de seus países de origem, não tardará para que as práticas que envolvem o *criminal compliance* sejam estendidas a diversos outros segmentos da economia.

38. (AFC – Esaf) Assinale o diagnóstico correto acerca do emprego das vírgulas no

trecho seguinte.
A nova disciplina das sociedades limitadas, está presente no Código Civil de 2002, que inovou em relação ao diploma anterior e tratou de matéria de cunho eminentemente comercial, revogando, assim, neste aspecto, o vetusto Código Comercial que datava do século passado.
a) O trecho está corretamente pontuado: não sobram nem faltam vírgulas.
b) O erro de pontuação está no mau emprego da vírgula colocada após a palavra "limitadas". Sendo ela eliminada, o trecho torna-se gramaticalmente correto.
c) Para o trecho ficar corretamente pontuado, é preciso eliminar a vírgula colocada após a palavra "limitadas" e inserir uma vírgula após a palavra "comercial".
d) Há três erros de pontuação: ausência de vírgula após a palavra "presente", presença da vírgula depois de "2002" e presença da vírgula depois da palavra "revogando".
e) Basta uma vírgula isolando a oração adjetiva explicativa "que datava do século passado" para o trecho ficar corretamente pontuado.

39. (TRF – 4ª Região – FCC) Há <u>incorreções</u> na pontuação da seguinte frase:
a) A tarefa tem de ser levada a termo, apesar da dimensão dela; caso contrário, as crianças e os adolescentes infratores poderão tornar-se criminosos reincidentes.
b) Por mais precária que seja, a estrutura familiar, afastar dela um jovem, não é melhor do que interná-lo, no sistema atual da Febem.
c) Restituir o sistema da Febem a um estado operacional é medida emergencial a ser tomada pelo Estado, numa primeira linha de atuação.
d) As ações adotadas pelo governador, a partir da rebelião de outubro de 1999, não surtiram o efeito pretendido, em vista da que acaba de ocorrer.
e) Apesar de a construção de unidades mais funcionais ser uma boa medida, o prazo estipulado para a realização das obras não atende, de modo algum, à emergência da situação.

40. (TRT – 24ª Região – FCC) Modificando-se a ordem interna de frases do texto, a pontuação estará correta em:
a) Poderíamos lembrar recuando no tempo, que na África do Sul, o regime do *apartheid* representou um manifesto escárnio contra a Declaração dos Direitos Humanos.
b) Que tal informação não é improcedente por sua própria experiência, qualquer cidadão pode verificar.
c) No Brasil, costuma-se dizer, que há leis que "pegam" e leis que "não pegam".
d) Como deixar de reconhecer, a partir de então, que já "não pega" a arbitragem da própria Organização das Nações Unidas?
e) A contrapelo das decisões da ONU se deu a invasão do Iraque: mas confiná-la, aos limites do território nacional, talvez seja injusto.

41. (Analista Judiciário – TRE-PE – FCC) Está plenamente adequada a pontuação da frase:
a) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo tentar justificar, suas ações pela

pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
b) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho; pois os velhos jornalistas igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
c) Não cabe aos jovens, ao menos, os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois, os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
d) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
e) Não cabe aos jovens, ao menos, os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados não costumavam abdicar, dos princípios éticos.

42. (Técnico Judiciário – TRE-RN – FCC)
Eu enfrentava os batalhões
Os alemães e seus canhões
Guardava o meu bodoque
E ensaiava um rock
Para as matinês
Os versos acima estão corretamente pontuados em:
a) Eu enfrentava, os batalhões – os alemães e seus canhões –, guardava o meu bodoque e ensaiava um rock: para as matinês.
b) Eu enfrentava, os batalhões, os alemães e seus canhões. Guardava o meu bodoque e ensaiava um rock, para as matinês.
c) Eu enfrentava: os batalhões, os alemães e seus canhões – guardava o meu bodoque e ensaiava, um rock para as matinês.
d) Eu enfrentava os batalhões; os alemães e seus canhões: guardava o meu bodoque e ensaiava um rock – para as matinês.
e) Eu enfrentava os batalhões, os alemães e seus canhões; guardava o meu bodoque e ensaiava um rock para as matinês.

43. (TRF – 5ª Região – Fundec) Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:
a) De acordo com Marilena Chauí – a autora do texto –, é preciso desconfiar das afirmações que, aparentemente óbvias, não resistem a uma análise mais concreta e mais rigorosa.
b) De acordo com Marilena Chauí, a autora do texto: é preciso desconfiar das afirmações que aparentemente óbvias, não resistem a uma análise, mais concreta e mais rigorosa.
c) De acordo com Marilena Chauí, a autora do texto; é preciso: desconfiar das afirmações que, aparentemente óbvias não resistem, a uma análise mais concreta, e mais rigorosa.
d) De acordo com Marilena Chauí, a autora do texto, é preciso desconfiar, das

afirmações, que aparentemente óbvias não resistem a uma análise, mais concreta e mais rigorosa.
e) De acordo com Marilena Chauí, – a autora do texto – é preciso desconfiar das afirmações, que, aparentemente óbvias não resistem a uma análise mais concreta e, mais rigorosa.

44. (AFRF – Esaf) Marque o trecho com pontuação correta.
a) Com efeito pareceu, a Nabuco, que carecendo o Brasil, como os demais países do continente, de um desenho institucional capaz de lhe conferir a consistência que ele, ainda, não podia extrair de sua invertebrada sociedade havia sido a Monarquia, que permitira a construção do Estado de direito no Brasil.
b) Com efeito pareceu a Nabuco que carecendo o Brasil (como os demais países do continente), de um desenho institucional capaz de lhe conferir a consistência, que ele ainda não podia extrair de sua invertebrada sociedade, havia sido a Monarquia que permitira a construção do Estado de direito no Brasil.
c) Com efeito, pareceu a Nabuco que, carecendo o Brasil, como os demais países do continente, de um desenho institucional capaz de lhe conferir a consistência que ele ainda não podia extrair de sua invertebrada sociedade, havia sido a Monarquia que permitira a construção do Estado de direito no Brasil.
d) Com efeito, pareceu a Nabuco, que carecendo o Brasil, como os demais países do continente, de um desenho institucional, capaz de lhe conferir a consistência, que ele ainda não podia extrair de sua invertebrada sociedade, havia sido a Monarquia, que permitira a construção do Estado de direito no Brasil.
e) Com efeito: pareceu a Nabuco que, carecendo o Brasil – como os demais países do continente – de um desenho institucional, capaz de lhe conferir a consistência, que ele ainda não podia extrair de sua invertebrada sociedade havia sido a Monarquia, que permitira a construção do Estado de direito no Brasil. *(Christian Edward Cyril Lynch, "O Império é que era a República: a monarquia republicana de Joaquim Nabuco". Lua Nova: Revista de Cultura e Política, nº 85, 2012)*

45. (TRT – 5ª Região – Fundec) Está inteiramente adequada a pontuação do seguinte período:
a) Poucos imaginam entre os turistas estrangeiros: que assistindo ao desfile carnavalesco estão presenciando um espetáculo – cuja euforia se assenta, sobre regras bem estabelecidas.
b) Poucos imaginam, entre os turistas estrangeiros, que, assistindo ao desfile carnavalesco, estão presenciando um espetáculo cuja euforia se assenta sobre regras bem estabelecidas.
c) Poucos imaginam, entre os turistas estrangeiros, que assistindo ao desfile carnavalesco, estão presenciando um espetáculo cuja euforia, se assenta sobre regras bem estabelecidas.
d) Poucos imaginam – entre os turistas estrangeiros – que assistindo ao desfile carnavalesco estão presenciando um espetáculo cuja euforia, se assenta sobre regras

bem estabelecidas.
e) Poucos imaginam entre os turistas estrangeiros que, assistindo ao desfile carnavalesco estão, presenciando, um espetáculo cuja euforia se assenta: sobre regras bem estabelecidas.

46. (INSS – Esaf) Assinale a opção incorreta quanto ao emprego dos sinais de pontuação.
a) O governo conseguiu uma vitória importante na área dos acidentes de trabalho: o Programa Nacional de Redução dos Acidentes Fatais do Trabalho reduziu em 34,27% o número de mortes entre 1999 e 2001.
b) Os ministros comemoraram a redução que só foi possível, devido à ação integrada desenvolvida pelo governo, e amparada no engajamento de toda a sociedade.
c) O governo continuará agindo para reduzir ainda mais o número de acidentes e de mortes. Um decreto já encaminhado para exame do Presidente da República, por exemplo, reclassifica os 593 setores da economia de acordo com o grau de risco que oferecem aos trabalhadores.
d) Hoje as empresas contribuem com alíquotas de 1% a 3% sobre a folha de salários para o custeio do acidente de trabalho, de acordo com a atividade que desenvolvem.
e) Ao analisar os dados dos últimos quatro anos, a Previdência constatou que muitos segmentos estão classificados erradamente, ou seja, são responsáveis por um grande número de acidentes, mas estão listados, por exemplo, na área de menor risco, com alíquota mínima.
(*O Estado de S. Paulo*.)

Nas questões 47 e 48 (MPU – Esaf), baseadas em Machado de Assis, assinale o item em que uma das sentenças não foi pontuada corretamente.
47.
a) Longa foi a agonia, longa e cruel, de uma crueldade minuciosa, fria, repisada, que me encheu de dor e estupefação. / Longa foi a agonia, longa e cruel, de uma crueldade minuciosa e fria, repisada, que me encheu de dor e estupefação.
b) Conhecia a morte de oitiva; quando muito, tinha-a visto já petrificada no rosto de algum cadáver, que acompanhei ao cemitério. / Conhecia a morte de oitiva, quando muito; tinha-a visto já petrificada no rosto de algum cadáver, que acompanhei ao cemitério.
c) Às vezes caçava, outras dormia, outras lia, lia muito, outras enfim não fazia nada. / Às vezes caçava; outras dormia, outras lia, lia muito, outras, enfim, não fazia nada.
d) Fiquei prostrado. E contudo era eu, nesse tempo, um fiel compêndio de trivialidade e presunção. / Fiquei prostrado. E, contudo, era eu, nesse tempo, um fiel compêndio de trivialidade e presunção.
e) Talvez espante ao leitor, a franqueza com que lhe exponho e realço a minha mediocridade; advirta que a franqueza é a primeira virtude de um defunto. / Talvez espante ao leitor a franqueza com que lhe exponho e realço a minha mediocridade; advirta que a franqueza é a primeira virtude de um defunto.

48.
a) Assim eu, Brás Cubas, descobri uma lei sublime, a lei da equivalência das janelas, e estabeleci que o modo de compensar uma janela fechada, é abrir outra. / Assim eu, Brás Cubas, descobri uma lei sublime, a lei da equivalência das janelas, e estabeleci que o modo de compensar uma janela fechada é abrir outra.
b) Este ar não é só puro. É balsâmico; é uma transpiração dos eternos jardins. / Este ar não é só puro. É balsâmico, é uma transpiração dos eternos jardins.
c) Vi, claramente vista, a meia dobra da véspera, redonda, brilhante, multiplicando-se por si mesma por dez. / Vi, claramente vista, a meia dobra da véspera, redonda, brilhante, multiplicando-se, por si mesma, por dez.
d) Fizeste bem, Cubas; andaste perfeitamente. / Fizeste bem, Cubas. Andaste perfeitamente.
e) E eu espraiava todo o meu ser na contemplação daquele ato, revia-me nele, achava-me bom, talvez, grande. / E eu espraiava todo o meu ser na contemplação daquele ato, revia-me nele, achava-me bom, talvez grande.

49. (IRB – Esaf) Os trechos abaixo constituem um texto. Assinale a opção que apresenta erro no emprego dos sinais de pontuação.
a) No Brasil, mesmo depois da Proclamação da República, o Estado continuou sendo um organização nacional frágil, com baixa capacidade de incorporação social e mobilização política interna, e sem vontade ou pretensões expansivas.
b) Do ponto de vista estritamente econômico, foi uma economia "primário-exportadora", até a crise mundial de 1930, seguindo uma trajetória de crescimento e modernização restrita a suas atividades ligadas à exportação e submetendo-se quase que inteiramente, às regras e políticas liberais impostas pelo padrão-ouro.
c) Essa forma de inserção econômica internacional permitiu que o Brasil crescesse até os anos 30, graças à complementaridade entre a sua economia e a economia mundial.
d) Cresceu, sobretudo, devido à integração do País com as finanças inglesas, o que permitiu que o país obtivesse o financiamento externo indispensável para evitar crises mais agudas no balanço de pagamentos.
e) Essa primeira experiência liberal de desenvolvimento demonstrou ter um limite crônico de "restrição externa", que era trazido pelos seus problemas de balanço de pagamentos e pela fragilidade da sua moeda.
(Adaptado de José Luís Fiori, *Brasil: Inserção Mundial e Desenvolvimento*.)

50. (TRF) Assinale a opção em que o texto foi transcrito com erro no emprego dos sinais de pontuação.
a) Em célebre artigo, Keynes ironizou a ideia de que a busca do interesse privado levaria necessariamente ao bem-estar coletivo: "Não é uma dedução correta dos princípios da teoria econômica afirmar que o egoísmo esclarecido leva sempre ao interesse público. Nem é verdade que o autointeresse é, em geral, esclarecido".
b) O "amor ao dinheiro" é o sentimento que domina o indivíduo na economia mercantil-capitalista. Objeto do desejo, o dinheiro é também o refúgio para conter a incontornável

incerteza quanto ao futuro.
c) Nos momentos em que o medo do futuro é superado pelo otimismo quanto aos resultados dos novos empreendimentos, os espíritos animais atropelam qualquer cálculo racional e produzem nova riqueza e novas fontes de trabalho.
d) Mas o sucesso não aplaca senão, excita o desejo suscitando a febre de investimentos excessivos e mal dirigidos – bolhas especulativas nos mercados de ações; tudo isso, apoiado no endividamento imprudente.
e) Na reversão da exuberância irracional, o medo do futuro vai predominar. A busca obsessiva e irracional pela riqueza concentra-se, então, na posse do dinheiro em si (ou substitutos próximos, como os títulos da dívida pública) como riqueza inerte.
(Luiz Gonzaga Belluzzo, com modificações.)

Capítulo 25

Crase

A crase indica a união de sons idênticos. Um tipo de crase é demarcado pelo acento grave: a junção de ***A*** (preposição) + ***A*** (quase sempre artigo). Logo, se temos um artigo ***A*** ou ***AS,*** evidencia-se a ocorrência de um termo que admite a presença deles. Por este motivo, nunca poderá haver crase antes de verbo, pronomes pessoais ou quaisquer outras palavras que impossibilitem a utilização do artigo.

Há três regras básicas que precisam ser compreendidas por todos aqueles que queiram utilizar corretamente o acento grave.

25.1. Primeira regra básica

Se substituirmos o substantivo feminino por um substantivo masculino e o termo que preceder este substantivo alterar-se de A para AO , fica clara a ocorrência da crase.

Ex.: Entregamos a carta a professora.

Entregamos o dinheiro ao professor.

→ Percebemos que antes do primeiro substantivo (carta-dinheiro) só há o artigo, pois passamos de A para O, então não devendo haver crase neste caso. No entanto, antes do segundo substantivo (professora-professor), o termo passou de A para AO, o que caracteriza a existência tanto da preposição quanto do artigo, consequentemente formalizando a crase. Portanto, a frase correta seria:

"Entregamos a carta à professora".

25.2. Segunda regra básica

Quando houver verbos que derem ideia de locomoção, não se deve aplicar aquela primeira regra básica. O procedimento mais adequado para este caso é o de transformar a frase "ir a", "locomover-se a", "dirigir-se a", por "volto". Aparecendo depois deste verbo a palavra "de", não há crase; aparecendo "da", há crase.

Ex.: Fui a Copacabana.

Fui à Urca.

→ Em "Fui a Copacabana", não há crase porque eu substituo por "volto de Copacabana"; no entanto, em "fui a Urca", substituo por "volto da Urca", caracterizando o uso da crase. Portanto, o correto seria "Vou à Urca".

"Vamos à missa?" (Fernando Sabino). // Eu volto da missa.

"Já o leitor compreendeu que era a Razão que voltava a casa" (Machado de Assis). // Voltava de casa.

"Antes de ir à casa do Conselheiro Dutra..." (Machado de Assis). // Volta da casa do Conselheiro Dutra.

25.3. Terceira regra básica

Pode haver também a utilização do acento grave, quando se junta a preposição A aos pronomes demonstrativos AQUILO, AQUELE, AQUELES, AQUELA e AQUELAS.

A dica para discernir se há crase ou não antes destes pronomes demonstrativos é substituí-los por outros pronomes demonstrativos (isto, este, estes, esta, estas, isso, esse, esses, essa, essas). Caso apareça a preposição A, revela-se a necessidade da crase; caso contrário, a crase não existirá.

Ex.: Eu me referi aquilo. (Eu me referi a isso)

→ Na substituição, apareceu a preposição, Logo, há a crase. O certo é: "Eu me referi àquilo".

Vendi aqueles biscoitos. (Vendi estes biscoitos)

→ Na substituição não apareceu a preposição. Então não há a crase e a frase já está correta.

Aquele lugar eu não vou. (A este lugar não vou)

→ Na substituição apareceu a preposição. Portanto, há a crase. O certo é: "Àquele lugar eu não vou".

Aquele livro eu não li. (Este livro eu não li)

→ Na substituição não apareceu a preposição, portanto não há a crase e a frase já está correta.

"Que importa àquele a quem já nada importa" (Fernando Pessoa).

25.4. Casos Especiais

1) Nunca haverá crase antes da palavra terra, quando esta significar terra firme, solo, chão.

Ex.: Depois de dois meses no mar, voltei a terra.

→ Não houve crase nesta frase, pois a palavra terra aí significa terra firme.

2) As locuções adverbiais, prepositivas e conjuntivas centradas em elementos femininos possuem acento grave: à toda, à tona, à janela, à beça, à direita (ou à esquerda), à solta, à vontade, às claras, às vezes, às custas de, à força, à uma, à procura, à cata, à mesa, às segundas, à medida que, à proporção que, à beira de, à mercê de, à toa, às escondidas...

Ex.: "E esta palavra não vinha à toa" (Machado de Assis).

"Já viste às vezes, quando o sol de Maio" (Castro Alves).

Obs.: Evanildo Bechara aduz que locuções adverbiais femininas regidas de preposição A, por motivo de clareza, devem ocorrer com acento grave.

Ex.: Fiz o teste a caneta.

Segundo Bechara, o A possui acento grave, mesmo inexistindo a crase.

No concurso do Banco de Brasil de São Paulo (Cespe-UnB-2002), tal questionamento foi feito – preencher à máquina – e, por fim, o item acabou anulado.

Obs.: A expressão "à luz" em "dar à luz" possui acento grave, pois se trata de um mero objeto indireto.

Ex.: Dar um bebê à luz (ao mundo).

3) Utilização de crase com palavra implícita.

Ex.: Ele se veste à (moda de) Luís XV.

Ele foi à (indústria) Fiat.

4) Antes de hora:

a) hora do relógio – usa-se a crase;

Ex.: Ele chegou às duas e quinze. Ele chegou à uma. Ele virá às três.

Ex.: "... às oito horas, o diretor aparecia a uma porta..." (Raul Pompeia).

b) tempo passado – usa-se o verbo "haver";

Ex.: Ele chegou há uma hora atrás. Ele já chegou há quinze minutos.

c) tempo futuro – usa-se a preposição ***A***.

Ex.: Ele chegará daqui a dez minutos.

5) O verbo PREFERIR pressupõe a ideia de que, numa comparação, um elemento é o escolhido e outro, preterido. Sendo assim, este verbo não admite a presença de MAIS ou MENOS. Outro aspecto interessante a ser observado é a impossibilidade de reger com a expressão DO QUE, tornando-se obrigatório o uso da preposição A. Por fim, como já se informara, dois seres são comparados, então a coerência gramatical exige a utilização do mesmo critério. Se o primeiro estiver acompanhado de artigo, o segundo também o será. Caso contrário, nenhum deles estará precedido de artigo.

Ex.: Prefiro televisão a rádio.
Prefiro a televisão ao rádio.
Prefiro rádio a televisão.
Prefiro o rádio à televisão.

6) Este caso é deveras parecido com o anterior, diferençando-se apenas pelo fato de não mais tratar-se de comparação, mas sim de designar o limite mínimo e o máximo da duração de um tempo. Destarte, se no limite mínimo ocorrer o artigo, no máximo também existirá; caso contrário, ambos não serão precedidos de artigo.

Observe: "Trabalho de domingo a sábado".

→ Antes do termo DOMINGO há apenas a ocorrência da preposição DE, por isso apenas a ocorrência da preposição A antes do termo sábado.

"Trabalho do domingo ao sábado".

→ Antes do termo DOMINGO há a ocorrência da contração da preposição DE com o artigo O, sendo assim antes do termo sábado a ocorrência do artigo se faz necessária.

"Trabalho de segunda a sexta".

→ Não há artigo antes de SEGUNDA e SEXTA, somente as preposições DE e A.

"Trabalho da segunda à sexta".

→ Há o artigo antes de ambos os termos, daí a explicação da existência da crase.

"Trabalho de duas a oito horas".

→ Não há artigo antes de duas nem antes de oito.

"Trabalho das duas às oito horas".

Há artigo contraído com a preposição antes de duas e antes de oito, justificando assim a ocorrência do acento grave.

Obs.: É importante também esclarecer que estes dois últimos exemplos aludidos possuem valores semânticos diferentes. Em "Trabalho de duas a oito horas", o significado da frase indica que o período mínimo de trabalho é de duas horas e o máximo de oito. Já em "Trabalho das duas às oito horas", o valor do período é de que o meu trabalho tem início impreterivelmente às duas e finaliza-se também impreterivelmente às oito horas.

7) O uso do artigo antes de pronome possessivo é facultativo.

Ex.: Pedi um favor a (ou ao) meu tio.
Pedi um favor a (ou à minha tia).
Pedi um favor a (ou às) minhas primas.

"Tu voltas à tua tribo" (José de Alencar).
Fui a (ou às) suas casas.
"... o susto que causaria a minha mãe fez rejeitá-la..." (Machado de Assis).

Obs.: Antes de pronome substantivo possessivo, o artigo torna-se obrigatório.
Ex.: Irei a(à) sua casa e você virá à minha.

→ O primeiro pronome possessivo tem valor adjetivo (determina o substantivo), por isso a crase é facultativa. Já o segundo é substantivo (substitui o substantivo), obrigando a presença do artigo, o que acaba por exigir a presença do acento grave.

8) Normalmente é facultativo o uso do artigo antes de substantivos no plural.
Ex.: Sou contrário a atos grosseiros.
Sou contrário aos atos grosseiros.
Sou contrário a ações grosseiras.
Sou contrário às ações grosseiras.

9) Não há crase antes de <u>Nossa Senhora</u> e nomes de santos (não podem possuir artigos).
Ex.: Fui a Santa Maria.
Pedi ajuda a Santa Edwiges.
Referi-me a Nossa Senhora.
Pedi um favor à santa.

10) Antes de Virgem Santíssima, pode haver crase.
Ex.: Sempre orei à Virgem Santíssima.

11) Não haverá crase entre termos idênticos.
Ex.: Cara a cara.
Olho a olho.
Boca a boca.

12) Utilização de crase antes de <u>qual</u>. Para que haja crase antes desta palavra é fundamental que a regência peça a preposição A e o termo antecedente seja um substantivo feminino.
Ex.: Esta foi a notícia à qual fiz referência.

→ Observe que "fazer referência" exige a preposição A e o termo antecedente do pronome relativo é um substantivo feminino.

Ex.: É linda a cidade à qual fui ontem.

Obs.: É importante esclarecer que neste caso não há ocorrência da contração de preposição com pronome relativo, mas sim da preposição A com a parte integrante do pronome relativo A (A QUAL).

13) Somente pode haver crase antes do ***que*** quando houver uma palavra implícita feminina e a regência exigir a preposição A.

Aludi a essa novela e à (novela) que acabou nesta semana.

Fui à Cidade Maravilhosa e à (cidade) que tu me recomendaste.

Obs.: Gramaticalmente, a existência deste caso de crase demarca a ocorrência do encontro da preposição A com o pronome demonstrativo A. A leitura dos exemplos acima também se poderia proceder da seguinte forma: "Aludi a essa novela e à (àquela) que acabou nesta semana". Fui à Cidade Maravilhosa e à (àquela) que tu recomendaste.

14) O artigo é facultativo antes de <u>África</u>, <u>Europa</u>, <u>Espanha</u>, <u>França</u>, <u>Holanda</u>, <u>Escócia</u> etc.

Ex.: Fui à (ou <u>a</u>) França.

– Volta da (ou <u>de</u>) França.

Quero ir à (ou <u>a</u>) Espanha.

– Volta da (ou <u>de</u>) Espanha.

Obs.: A forma sem artigo está em desuso.

15) Depois da preposição ATÉ, o uso da preposição A é facultativo.

Ex.: Fui até o (ou ao) Leblon. Fui até a (ou à) Urca.

"Desde a porta até ao fundo do quintal..." (Machado de Assis).

"Cambaleei até à pedra" (Raul Pompeia).

16) Antes de pronome de tratamento, não há artigo.

Ex.: Peço ajuda a Vossa Excelência.

Obs.: Os pronomes de tratamento SENHORA, SENHORITA, DAMA, DONA e MADAME admitem a presença de artigo. Haverá a crase se a regência exigir a preposição A.

Ex.: Eu vi a senhora (o senhor) ontem.

Peço um favor à senhora (ao senhor).

17) Em situações de paralelismo sintático, em que dois ou mais elementos estão complementando com preposição a ideia de um termo, há várias possibilidades de construção do período:

– pode utilizar-se somente a primeira preposição;

– pode utilizar-se somente a preposição antes de cada elemento;

– pode utilizar-se a preposição e o artigo antes apenas do primeiro elemento;

– pode utilizar-se a preposição e o artigo antes do todos os elementos.

Então são possíveis as seguintes construções:

Ex.: Estes materiais são destinados a alunos, professores e direção.

Estes materiais são destinados a alunos, a professores e a direção.

Estes materiais são destinados aos alunos, professores e direção.
Estes materiais são destinados aos alunos, aos professores e à direção.
"Esse encerramento em si mesmo deu-lhe não sei que ar de estranho a tudo, às competições, às ambições..." (Lima Barreto).
"... geralmente estranho à indústria pouco abstrata dos tecelões e à trama concreta das lançadeiras" (Raul Pompeia).

18) Antes de nome próprio, o uso do artigo é facultativo.
Ex.: Entreguei o material a (ao) João. // Entreguei o material a (à) Maria. // "Pery pediu, então, a (à) Cecy que escrevesse para Álvaro..." (José de Alencar).

25.5. Exercícios

1. (AFC – CGU – Esaf) No que diz respeito ao uso do sinal de crase, assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto abaixo.
Uma mera observação __(1)__olho nu já basta para constatar que parcela relevante do spread está ligada direta ou indiretamente, __(2)__ políticas públicas, sejam tributárias regulatórias ou de outra natureza. Parece, pois, difícil avançar na questão dos *spreads*, sem que tais políticas sejam, no mínimo, reavaliadas, obviamente não perdendo de vista os legítimos objetivos de cada uma delas. Por outro lado, o aumento da eficiência do sistema bancário é igualmente relevante para __(3)__ queda dos *spreads*. Isso sugere que "parte da bola", pelo menos, está com os bancos, públicos e privados, que devem se tornar cada vez mais eficientes nas funções de intermediários financeiros. Em suma, é necessário um permanente diálogo entre o setor bancário e o governo, com vistas __(4)__ implementação de medidas sustentáveis para redução de *spread*, objetivo que deve ser atingido sem ameaças __(5)__ estabilidade financeira. (Adaptado de Gustavo Loyola, Baixar "*spreads*" exige medidas sustentáveis. O Estado de São Paulo, 21 de abril de 2012)

	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
a)	à	às	a	à	à
b)	a	as	a	à	a
c)	a	às	a	à	à
d)	a	a	à	a	a
e)	à	a	à	a	à

2. (Administrador – Petrobras – Cesgranrio) A palavra a, na língua portuguesa, pode ser grafada de três formas distintas entre si, sem que a pronúncia se altere: a, à, há. No entanto, significado e classe gramatical dessas palavras variam.
A frase abaixo deverá sofrer algumas alterações nas palavras em destaque para adequar-se à norma-padrão.
A muito tempo não vejo a parte da minha família a qual foi deixada de herança a fazenda

a que todos devotavam grande afeto.
De acordo com a norma-padrão, a correção implicaria, respectivamente, esta sequência de palavras:
a) A – a – à – há – à
b) À – à – a – a – a
c) Há – a – à – a – a
d) Há – à – à – a – a
e) Há – a – a – à – à

3. (Administrador – Casa da Moeda – Cesgranrio)Observa-se o uso adequado do acento grave no trecho "estamos nos referindo à não ativação de elementos" .
Verifica-se um DESRESPEITO à norma-padrão quanto ao emprego desse acento em:
a) O professor se reportou àquele texto de Machado de Assis.
b) Sonhamos em viajar à terra de Gonçalves Dias.
c) Ele sempre fazia alusão à palavras de seu poeta favorito.
d) Os alunos compreenderam o poema à custa de muito empenho.
e) Prefiro as poesias de Drummond às de Olavo Bilac.

4. (Analista de Controle Interno – Sefaz-RJ – FGV) ***Ratifica-se, assim, o conceito de que a conscientização tributária pode representar um ponto de partida para a formação cidadã como uma das formas eficazes de atender às demandas sociais, com maior controle sobre a coisa pública*****.**
No período acima, empregou-se corretamente o acento grave para indicar o fenômeno da crase. Assinale a alternativa em que o acento grave tenha sido empregado corretamente.
a) Em visita ao Rio, fomos à Copacabana da Bossa Nova.
b) Esta prova vai de 13h às 18h.
c) Finalmente fiquei face à face com a tão esperada prova.
d) Os candidatos somente podem deixar o local de prova à partir das 15h.
e) Pedimos um bife à cavalo.

5. (Técnico Judiciário – TRE-RN – FCC) Graças ..... resistência de portugueses e espanhóis, a Inglaterra furou o bloqueio imposto por Napoleão e deu início ..... campanha vitoriosa que causaria ..... queda do imperador francês.
Preenchem as lacunas da frase acima, na ordem dada,
a) a – à – a
b) à – a – a
c) à – à – a
d) a – a – à
e) à – a – à

6. (AFRF – Esaf) Indique a opção que corresponde a erro gramatical na transcrição do texto.

A(1) seca nos Estados Unidos prenuncia mais uma fase de preços altos para os alimentos, com perspectivas de bons ganhos para os exportadores e de graves dificuldades para as(2) economias pobres e dependentes da importação de comida. Um dia depois de anunciada no Brasil a maior safra de grãos e oleaginosas de todos os tempos, o governo americano confirmou grandes perdas nas lavouras de soja e milho. A(3) longa estiagem, excepcionalmente severa, afeta mais de 60% do país e a maior parte das regiões agrícolas. O mercado reagiu imediatamente às(4) novas estimativas, divulgadas pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, com indicações de redução dos estoques na temporada 2012-2013. O Brasil será um dos países em condições de aproveitar às(5) oportunidades abertas pela quebra da safra americana.
(*O Brasil e a seca nos EUA, Editorial, O Estado de S. Paulo, 12/8/2012*)
a) A (1)
b) as (2)
c) A (3)
d) às (4)
e) às (5)

7. (TRF – Auxiliar Judiciário) A alternativa com erro no emprego do acento indicativo da crase é:
a) A maioria dos homens passa de uma condição à outra.
b) Explicava sua experiência à sua filha.
c) Deveria explicar sua experiência à essa gente.
d) Esperou do meio-dia às quatro horas.
e) Vivenciou desde os projetos ambiciosos às experiências sem importância.

8. (UFRJ-Corregedoria Geral da Justiça) "... necessidade de se ajudarem umas às outras..." O acento grave indicativo da crase, neste caso, é resultante da:
a) presença simultânea de uma preposição e de um artigo definido feminino;
b) necessidade de se indicar a presença de um complemento diferente do anterior;
c) combinação de uma preposição com um pronome indefinido;
d) contração de uma preposição com um pronome demonstrativo;
e) obrigação de evitar-se a ambiguidade.

9. (TTN) Preencha as lacunas da frase abaixo e assinale a alternativa correta.
"Comunicamos Vossa Senhoria que encaminhamos petição anexa Divisão de Fiscalização que está apta prestar informações solicitadas".
a) a – a – à – a – as
b) à – a – à – a – às
c) a – à – a – à – as
d) à – à – a – à – às
e) à – a – à – à – as

10. (Analista Tributário – Esaf) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas

do texto adaptado do *Jornal do Brasil*, Editorial, 7/10/2009.
Vários, e de distintos naipes, foram os questionamentos __1__ construção do IDH como tal. Por que não mortalidade infantil de crianças abaixo de 5 anos de idade em vez de expectativa de vida? Por que não incluir outros indicadores, tais como nível de pobreza, déficit habitacional, acesso __2__ água potável e saneamento básico? Por que não acrescentar outras dimensões relacionadas __3__ meio ambiente (que afeta o padrão de vida desta e das próximas gerações), aos direitos civis e políticos, __4__ segurança pessoal e no trabalho, __5__ facilidade de locomoção? Qual a confiabilidade dos dados fornecidos por quase duas centenas de países? Há uma escassez de informação em relação __6__ maioria das dimensões sugeridas para uma comparação internacional, sem contar __7__ confiabilidade dos dados.
a) na – da – no – na – de – a – uma
b) da – à – com o – com a – da – com a – da
c) a – na – pelo – da – na – da – à
d) pela – de – a – em – com a – pela – com a
e) à – a – ao – à – à – à – a

11. (TRF 4a Região – Técnico Judiciário – Espec. Informática – FCC) A presença de núcleos habitacionais próximos ..... regiões costeiras oferece riscos ..... manutenção do ecossistema marinho, com prejuízos incalculáveis ..... diversas espécies.
As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) as – à – à
b) as – a – a
c) às – à – à
d) às – a – a
e) às – à – a

12. (TCE-MG – Auxi. Cont. externo – FCC) A reação ..... sensação de medo é essencial para nossa segurança física e o temor ..... medidas de controle social impede-nos de fazer o mal ..... outras pessoas.
As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) à – a – a
b) à – à – a
c) à – à – à
d) a – a – à
e) a – a – a

13. (SEP) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto abaixo.
Ao acabar a Segunda Guerra Mundial, o mundo esperava nunca mais assistir __1__ tragédias humanitárias como a que dizimou a vida de seis milhões de pessoas entre 1939 e 1945. __2__ esperanças, porém, mostraram-se vãs.
Gaza serve de exemplo. Encurralada, __3__ população da faixa de 362km² (1,5 milhão de pessoas) protagoniza o horror que escandaliza __4__ consciências civilizadas dos

cinco continentes e mobiliza protestos nas principais cidades da Terra. O cenário assusta. Homens, mulheres e crianças que se concentram numa das regiões de maior densidade populacional do planeta são as vítimas de uma guerra na qual não são soldados. Submetidos __5__ uma chuva de mísseis __6__ onze dias, tiveram o território invadido também por terra. Tanques, armas e os militares mais bem treinados do mundo abrem caminho no terreno em que cada centímetro é disputado por milhares de pessoas. O apagão, aliado ao frio e __7__ falta de água potável, acrescenta desespero ao ambiente digno do inferno de Dante.
(*Correio Braziliense, Editorial, 6/1/2009.)*
a) à – Às – a – umas – à – a – à
b) a – Essas – uma – às – a – há – a
c) a – As – a – as – a – há – à
d) à – Umas – à – à – a – a – uma
e) às – Tais – essa – essas – à – a – a

14. (Administrador – MEC – FGV) "O movimento altermundialista deverá também responder à nova situação mundial nascida da crise escancarada da fase neoliberal da globalização capitalista." No trecho acima, empregou-se corretamente o acento grave indicativo de crase. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.
a) Eles visaram à premiação no concurso.
b) Sempre nos referimos à Florianópolis dos açorianos.
c) Nossos cursos vão de 8h às 18h.
d) A solução foi sair à francesa.
e) Fizemos uma longa visita à casa nova dos nossos amigos.

15. (Analista Legislativo – Senado Federal – FGV) "É sabido que a terra não pertence aos índios; antes, são eles que pertencem à terra."
No período acima, utilizou-se corretamente o acento indicativo de crase antes da palavra *terra*. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.
a) Voltarei à terra natal.
b) A sonda espacial retornará em breve à Terra.
c) Quando chegamos à terra, ainda sentíamos em nosso corpo o balanço do mar.
d) Eu me referia à terra dos meus antepassados.
e) Havendo descuido, a areia será misturada à terra.

16. (Polícia Legislativa – Senado Federal – FGV) Assinale a alternativa em que se tenha optado corretamente por utilizar ou não o acento grave indicativo de crase.
a) Vou à Brasília dos meus sonhos.
b) Nosso expediente é de segunda à sexta.
c) Pretendo viajar a Paraíba.
d) Ele gosta de bife à cavalo.
e) Ele tem dinheiro à valer.

17. (Técnico Legislativo – Senado Federal – FGV) "É um atentado às liberdades constitucionais!"
Na frase acima, utilizou-se corretamente o acento grave para indicar a crase. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.
a) O evento vai da segunda à sexta.
b) Fomos à Bahia.
c) Ela sempre sai às pressas.
d) Sempre pedimos filé à Osvaldo Aranha.
e) Nós nos enfrentamos cara à cara.

18. (FGV) Em *à tarde*, *à Grécia* e *às quatro horas da tarde*, utilizou-se corretamente o acento indicativo da crase.
Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.
a) Dirigimo-nos a Fortaleza dos nossos antepassados.
b) Eles se referiram às horas que passamos juntos.
c) Sempre nos falamos à noite.
d) Eles se encontraram à uma hora da manhã.
e) A ida à Itália fez bem aos noivos.

19. (Ass. Leg. – FCC) Orientação espiritual ..... todas as pessoas é um dos propósitos ..... que escritores e pensadores vêm se dedicando, porque a perplexidade e a dúvida são inevitáveis ..... condição humana.
As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) à – a – à
b) à – à – a
c) a – a – à
d) a – à – à
e) a – a – a

20. (Def. Púb.-SP – FCC) O grau de emoção em torno de uma situação qualquer determina o tempo de armazenamento e as características relacionadas ..... ela, permitindo sua associação ..... outros fatos ocorridos durante ..... vida.
As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) à – a – a
b) a – a – a
c) a – à – à
d) a – a – à
e) à – à – a

21. (Técnico Judiciário – TRE-PE – FCC)
Ainda que riqueza [...] à custa do trabalho escravo ...
A sociedade colonial no Brasil [...] desenvolveu-se [...] à sombra das grandes plantações de açúcar ...

Do mesmo modo que nas frases acima, está correto o emprego da crase em:
a) combate à fome.
b) vendas à prazo.
c) escrito à lápis.
d) avião à jato.
e) defender à unhas e dentes.

22. (TFC) Marque o item que se completa de forma correta com a sequência seguinte – há; à(s).
a) algum tempo, a tecnologia revolucionária em áreas que vão da cirurgia plástica armas nucleares.
b) O raio *laser* se revela altura de um bisturi de alta precisão anos.
c) quem afirme que áreas da medicina em que o uso do raio *laser* é imprescindível.
d) A novidade surgiu na França onde o *laser* está sendo usado na restauração da Catedral de Amiens, recuperando vestígios das cores aplicadas sete séculos.
e) Debaixo da fuligem que conferiu um tom acinzentalado igreja, o *laser* revelou uma gama de dourados, azuis e vermelhos existentes épocas da feitura de obras góticas.
(Adap. de *Veja*, 10/3/1993).

23. (TRE-MT) O uso do acento grave (indicativo de crase ou não) está <u>incorreto</u> em:
a) Primeiro vou à feira, depois é que vou trabalhar.
b) Às vezes não podemos fazer o que nos foi ordenado.
c) Não devemos fazer referências àqueles casos.
d) Sairemos às cinco da manhã.
e) Isto não seria útil à ela.

24. (TRE-MG) O acento grave, indicador de crase, está empregado <u>incorretamente</u> em:
a) Tal lei se aplica, necessariamente, à mulheres de índole violenta.
b) As novelas, às quais assisti, problematizam a questão da droga.
c) Entregou as chaves da loja àquele senhor que nos desacatou na praça.
d) O delegado disse ao prefeito e aos vereadores que estava à procura dos foragidos.
e) O bom atendimento às pessoas pobres deve ser prioridade da nova administração.

25. (TRE-RJ) "A tensão social poderia levar-nos <u>a duas extremas posições</u>". Das expressões que substituem a sublinhada na passagem acima, aquela cujo <u>a</u> pode ter o acento grave indicativo de crase é:
a) <u>a</u> mesma posição;
b) <u>a</u> certa posição;
c) <u>a</u> alguma posição;
d) <u>a</u> qualquer posição;
e) <u>a</u> posições distintas.

26. (TRE-RO)

I. O povo da região vai votar à pé ou à cavalo.
II. Pedimos à V. Excelência que não se esqueça do povão, que não o elegeu à toa.
III. O cabo eleitoral dirigiu-se à ela e ensinou-lhe a copiar o nome.
IV. Permaneceram reunidos à noite, face a face, a conversar.
A ocorrência de crase está corretamente indicada:
a) somente na I;
b) somente na II;
c) somente na III;
d) somente na IV;
e) somente na II e na IV.

27. (ATRFB – Esaf) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical na transcrição do texto abaixo.
A pequena reação da indústria em junho (crescimento de 0,2% em relação a maio) não foi suficiente para compensar a (1) queda da produção no primeiro semestre, da ordem de 3,8%, quando comparada à (2) produção do mesmo período de 2011. Segundo o IBGE, responsável por essa estatística, a indústria brasileira hoje produz o mesmo que há (3) três anos. Mesmo que o setor tenha passado por um ponto de inflexão, como acredita o ministro da Fazenda, Guido Mantega, é pouco provável que a (4) produção chegue à (5) registrar crescimento em 2012. Os especialistas projetam uma queda de até 2%, o que contribuirá para o fraco desempenho do Produto Interno Bruto (PIB) este ano.
(Editorial, O Globo, 3/8/2012)
a) (1) a
b) (2) à
c) (3) há
d) (4) a
e) (5) à

28. (TRE-RJ) O "a" (sublinhado) que deverá levar o acento grave indicativo de crase está na seguinte alternativa:
a) Eles entregam pizza a domicílio.
b) O menino não quis ir a casa dos tios.
c) A encomenda foi entregue a uma pessoa estranha.
d) As moças começaram a gritar logo no início do filme.
e) O fiscal não se referia a candidatas, mas a candidatos.

29. (TRE-MG) O uso da crase está incorreto em:
a) Chegaram a argumentar cara à cara que não aceitariam sugestões.
b) Já demos nossa contribuição à associação beneficente do bairro.
c) À custa de sacrifício, os estudantes conseguiram ser aprovados.
d) Transmita àqueles jovens nossa mensagem de esperança no futuro.
e) Esta construção é igual à que meu primo construiu na periferia.

30. (TTN) Assinale o item que preenche corretamente as lacunas da frase: "Em virtude de investigações psicológicas que me referi, nota-se crescente aceitação de que é preciso pôr termo indulgência e inação com que temos assistido escalada da pornoviolência." (S. Pfrom)

a) à – a – à – a
b) a – à – à – à
c) a – a – a – à
d) à – à – a – a
e) a – à – a – à

31. (TTN) Marque a letra cuja sequência preenche corretamente, pela ordem de aparecimento, as lacunas abaixo: "O exame das propostas da reforma fiscal, primeira abordagem, leva conclusão de que carga tributária continuará incidir mais sobre salários e menos sobre lucros e grandes fortunas".

a) à – à – a – a
b) à – a – à – a
c) a – a – a – à
d) a – à – a – a
e) a – a – à – a

32. (AFTN) Assinale a frase na qual a palavra não deve receber o acento indicativo de crase.

a) Os apelos a internacionalização da Amazônia ganham contornos de avalanche.
b) Toda manhã a esta hora, depois de ler o jornal do dia, fico deprimida.
c) Aquela hora morta da madrugada todos estavam recolhidos ao leito.
d) Muitas das reivindicações dos sindicatos trabalhistas, são semelhantes as da classe patronal.
e) Os petroleiros apresentaram ao Ministro uma pauta de reivindicações igual a que haviam divulgado no ano anterior.

33. (TRF – 4R – Técnico Judiciário – FCC) Os elefantes apresentam necessidades parecidas com ..... dos seres humanos e, para oferecer ..... eles os cuidados exigidos, os especialistas têm recorrido até mesmo ..... táticas inovadoras.
As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:

a) as – a – à
b) as – a – a
c) as – à – à
d) às – à – a
e) às – a – a

34. (Gov. BA – Soldado da PM – FCC) O uso do sinal da crase é injustificável em:

a) Lembrem-se às autoridades de terem sempre em mente o valor da prevenção.
b) Não cabe às pessoas de boa-fé repudiar medidas de prevenção ao crime.

c) É penoso assistir às cenas de violência que se multiplicam nas metrópoles.
d) Atribui-se às medidas preventivas uma eficácia maior que a da repressão.
e) À inteligência da prevenção opõem-se aqueles que preferem a força da repressão.

35. (Fiscal da Receita Estadual – AP – FGV) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas do fragmento a seguir:
***O texto refere-se _____ teses antropológicas, cujos temas interessam _____ todos que se dispuserem _____ investigar a história do jeitinho brasileiro*.**
a) as – à – à.
b) às– a – à.
c) às – a – a.
d) as – à – a.
e) às – à – a.

36. (Analista Judiciário – TRT-RJ – FCC) ... pessoas de fora, estranhas ..... cidade, a vida urbana exerce uma constante atração, apesar dos congestionamentos e dos altos índices de violência, inevitáveis sob... condições urbanas de alta densidade demográfica.
Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:
a) Às – à – as
b) As – à – às
c) As – a – às
d) Às – a – às
e) As – à – as

37. (TRT) No trecho "Do décimo andar à rua", foi usado adequadamente o acento indicativo da crase. O mesmo <u>não</u> ocorre na frase:
a) Há muito não se assistia à peças com tanto senso crítico com estas.
b) Chegando-se à varanda, era possível admirar a paisagem.
c) Do Leblon a Ipanema e de Jacarepaguá à Barra, todas as vias expressa estavam engarrafadas.
d) O povo referia-se às nossas praias como redutos de esgoto e mau cheiro.
e) As ondas dirigiam-se à direita e à esquerda do palanque sobre a areia.

38. (TRF) Atente para as seguintes frases:
I. À qualquer hora estamos dispostos a assistir à cenas de guerra.
II. Àquela hora da noite, ainda estávamos atentos à transmissão das cenas da guerra.
III. Daqui a uma hora esse canal passará a transmitir a comunicação que o Presidente fará à Nação.
Quanto à necessidade de usar-se o sinal de crase, está inteiramente correto o que se lê em:
a) I, II e III;
b) I e II, somente;
c) I e III, somente;

d) II, somente;
e) II e III, somente.

39. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) ... ***e chegou à conclusão de que o funcionário passou o dia inteiro tomando café*****.**
Do mesmo modo que se justifica o sinal indicativo de crase em destaque na frase acima, está correto o seu emprego em:
a) e chegou à uma conclusão totalmente inesperada.
b) e chegou então à tirar conclusões precipitadas.
c) e chegou à tempo de ouvir as conclusões finais.
d) e chegou finalmente à inevitável conclusão.
e) e chegou à conclusões as mais disparatadas.

40. (AFC – Esaf) Assinale a opção que preenche de forma correta as lacunas do texto.
João Paulo II, com a acuidade de sua inteligência e a abrangência e profundidade de sua vivência, cultura e saber, clamou com forte carisma, como verdadeiro herdeiro dos profetas bíblicos, 1 perenidade e atualidade dos valores que nos foram transmitidos pelo povo da Aliança e levados 2 perfeição por Jesus Cristo, que revelou a vocação 3 transcendência da humanidade, seu sentido maior e definitivo. O hedonismo e o utilitarismo induzem 4 relativização do
respeito 5 vida humana, em especial 6 dos mais frágeis e indefesos.
(Paulo Leão, "A fé não teme a razão", *Folha de S. Paulo*, 9/4/2005, com adaptações.)

	1	2	3	4	5	6
a)	a	à	à	a	à	à
b)	a	à	à	à	à	a
c)	à	à	a	a	a	à
d)	à	a	a	a	a	à
e)	à	a	à	a	à	à

41. (AFPS – Esaf) Assinale a opção que preenche de forma correta as lacunas do texto.
Está em exame na Casa Civil anteprojeto de lei que instituirá um sistema de incentivo (1) redução dos acidentes e de punição das empresas que submetem seus trabalhadores (2) risco. (3) intenção é reduzir pela metade ou dobrar (4) alíquotas de contribuição para cobertura de acidentes trabalhistas, dependendo do caso. Uma empresa que esteja abaixo da média nacional de acidentes, por exemplo, pode vir (5) pagar menos. O contrário acontecerá (6) empresa que tiver registrado número de acidentes muito acima da média do seu setor. Ela poderá ter (7) alíquota duplicada.
(*O Estado de S.Paulo.*)

	1	2	3	4	5	6	7
a)	a	à	À	às	à	a	à
b)	à	a	A	às	à	a	a

c)	a	à	A	as	a	a	à
d)	à	a	A	as	a	à	a
e)	a	à	À	às	à	à	à

42. (Bacen – Esaf) Para que o fragmento de texto abaixo respeite as regras de regência da norma culta, assinale a opção que preenche corretamente as lacunas na ordem indicada. Desde julho de 2000 a revista *Banco Hoje* vem estimulando debate em torno das transformações que envolvem implementação do SPD. O esforço empreendido é muito inferior vantagens no que diz respeito evolução do sistema financeiro nacional e oportunidades de integração com o mercado global.
(*Banco Hoje*, março de 2001, com adaptações)
a) à – as – à – às
b) a – às – a – às
c) à – às – à – as
d) a – às – à – às
e) a – às – a – as

43. (TRF – FCC) A necessidade ou não do sinal de crase está inteiramente observada na frase:
a) Deve-se à luta das feministas o respeito aos direitos que cabem também às outras parcelas de injustiçados que integram a nossa sociedade.
b) Encontra-se a disposição dos interessados a nova edição do Código Civil, à qual, aliás, já se fizeram objeções à torto e à direito.
c) À vista do que dispõe o novo código, não caberá à ninguém a condição "natural" de cabeça de casal, à qual, até então, se reservava para o homem.
d) Pode ser que à curto prazo o novo código esteja obsoleto em vários pontos, à exemplo do que ocorreu com o antigo.
e) Não se impute à uma mulher a culpa de não ter lutado por seus direitos; todas as pressões sociais sempre a conduziram àquela "virtuosa" resignação.

44. (TRE / SP – AJ – FCC) Há falta ou ocorrência indevida do sinal de crase no período:
a) Não se estenderam os benefícios da tecnologia àqueles que sempre viveram à margem do progresso.
b) Ao pensamento do autor opõem-se àqueles que preferem a exclusividade à universalização dos benefícios trazidos pela tecnologia.
c) É sobretudo à luz da ética e da política que se revela claramente a exclusão que tem sido imposta à grande maioria da população do planeta.
d) Não se devem levar àqueles que estão excluídos informações falsas, como a de que os avanços tecnológicos servem a todas as pessoas.
e) Quando se atribui a não importa quem seja algum direito exclusivo, a essa exclusividade corresponderão muitas exclusões.

45. (TRT – FCC) Quanto à necessidade ou não de utilização do sinal de crase, está

inteiramente correta a frase:
a) Quem está à alguma distância de Campo Grande não pode avaliar à contento o mérito da polêmica à que se refere o texto.
b) Não é aqueles que se instalam nos gabinetes oficiais que cabe a interdição do uso de uma língua à cuja preservação estejam devotados milhares de falantes.
c) Quem visa à restringir a utilização de uma língua das minorias deveria também se ater à toda e qualquer má utilização das chamadas línguas oficiais.
d) As decisões que se tomam à revelia do interesse das populações são semelhantes àquelas tomadas na vigência dos atos institucionais da ditadura militar.
e) Quem se manifeste contrário à uma única manifestação de arbitrariedade está manifestando sua hostilidade à todas as medidas arbitrárias.

46. (TRF – 4ª Região – Auxiliar Judiciário – FCC) Gostaria de ter ido ..... ruazinha, onde encontraria amigos reunidos ..... sombra das árvores, ... conversar alegremente.
As lacunas da frase acima estão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) àquela – à – a
b) àquela – à – à
c) àquela – a – a
d) aquela – à – a
e) aquela – a – à

47. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – FCC) Diz o autor que ..... pelo menos cinco anos vem contando os dias para sua aposentadoria (daqui ..... seis meses, segundo seus cálculos), ... partir da qual pensa em dedicar-se ..... jardinagem.
Completam adequadamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:
a) há – a – a – à
b) a – há – a – à
c) há – a – à – a
d) a – há – à – à
e) há – há – a – a

48. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC)
Você é ..... favor da alegria?
Nenhum bem é superior ..... alegria de viver aqui e agora.
Não há bem preferível ..... felicidade da pessoa que está diante de nós, aqui e agora.
(Reflexões de Pierre Levy. O fogo liberador. São Paulo: Iluminuras, 2001)
Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:
a) à – à – à
b) a – à – a
c) à – a – à
d) à – à – a
e) a – à – à

49. (NCE-Corregedoria Geral da Justiça) "... necessidade de se ajudarem umas às outras..." O acento grave indicativo da crase, neste caso, é resultante da:

a) Presença simultânea de uma preposição e de um artigo definido feminino.
b) Necessidade de se indicar a presença de um complemento diferente do anterior.
c) Combinação de uma preposição com um pronome indefinido.
d) Contração de uma preposição com um pronome demonstrativo.
e) Obrigação de evitar-se a ambiguidade.

50. (AFTE – RN) Marque o item que preenche de forma correta as lacunas do texto seguinte.

Institucionalizada partir das lutas antiabsolutistas, no século 18, e da expansão dos movimentos constitucionalistas, no século 19, democracia representativa foi consolidada ao longo de um processo histórico marcado pelo reconhecimento de três gerações de direitos humanos: os relativos cidadania civil e política, os relativos cidadania social e econômica e os relativos cidadania "pós-material", que se caracterizam pelo direito qualidade de vida, um meio ambiente saudável, tutela dos interesses difusos e ao reconhecimento da diferença e da subjetividade.

(Baseado em Mário Antônio Lobato de Paiva, em www.ambitojurídico.com.br)

a) a – à – à – a – à – à – a – a
b) a – a – à – à – à – à – a – à
c) à – a – a – à – à – a – a – à
d) à – a – a – à – à – à – a – à
e) a – à – à – a – à – à – a – à

Capítulo 26

Regência

26.1. Regência verbal

1) **ACEDER, ALUDIR** e **ANUIR** – verbos transitivos indiretos – exigem sempre a preposição *A*.

Ex.: Ninguém anuiu ao meu pedido.

Ele acedeu à chamada.

2) **AGRADAR**

a) no sentido de satisfazer – verbo transitivo indireto (a);

Ex.: O professor agrada a todos os alunos.

b) no sentido de acariciar – verbo transitivo direto.

Ex.: O rapaz agradou os cabelos da namorada.

3) **AJUDAR** – no sentido de assistir, atender, prestar ajuda – verbo transitivo direto.

Ex.: Ajudaremos os desabrigados.

Devemos ajudar todos.

Obs.: Já há autores aceitando a construção com preposição A. No entanto, tal possibilidade ainda não se verificou nas provas.

4) **ASPIRAR**

a) no sentido de respirar, puxar o ar, sorver – o verbo será transitivo direto;

Ex.: Aspiro o ar.

Aspiro a fumaça.

b) no sentido de desejar, querer – o verbo será transitivo indireto, regendo a preposição A.

Ex.: Aspiro ao cargo.

Aspiro à chefia.

5) **ASSISTIR**

a) no sentido de ver, presenciar – verbo transitivo indireto, exigindo a preposição **A;**

Ex.: Assisto ao filme.

Assisto à novela.

Obs.: Celso Cunha classifica como coloquial o uso do verbo "assistir" nesta acepção sem preposição, ou seja, como transitivo direto.

b) no sentido de dar assistência, ajudar, atender – pode tanto ser considerado verbo transitivo direto como verbo transitivo indireto;

Ex.: O médico assiste ao paciente.

O médico assiste o paciente.

O médico assiste a paciente.

O médico assiste à paciente.

Substituindo pelos pronomes oblíquos correspondentes, tanto estaria correto dizermos "O médico o assistiu"; "O médico a assistiu" e também "O médico lhe assistiu".

c) no sentido de caber, pertencer, ser pertinente – o verbo será transitivo indireto (a);

Ex.: Esse direito não assiste ao grupo.

d) no sentido de morar – o verbo será intransitivo, contudo exige a ocorrência da preposição ***EM*** (no adjunto adverbial de lugar).

Ex.: Assisto em Copacabana.

6) **ATENDER**

a) no sentido de deferir – verbo transitivo direto;

Ex.: Atendemos o teu pedido.

b) no sentido de dar atenção – verbo transitivo direto ou indireto.

Ex.: Não atenderemos a (à) turma.

7) **AVISAR, INFORMAR, PARTICIPAR, ALERTAR, ALARMAR, ADVERTIR, LEMBRAR...**

Estes verbos são duplamente bitransitivos, pois tanto podemos dizer "Quem informa, informa alguma coisa a alguém" como também poderíamos dizer "Quem informa, informa alguém de alguma coisa".

Ex.: Informei o fato ao povo. Informei o povo do fato.

Avisei a notícia a todos. Avisei todos da notícia.

"Maria lembrou a João que naquela noite eles tinham ficado de jantar na casa de Pedro e Luíza" (Luis Fernando Veríssimo).

8) **CHAMAR**

a) Será transitivo direto no sentido de mandar vir;

Ex.: Chamei o menino.

Chamei-o.

"... certa influência política o chamou" (Euclides da Cunha).

b) Poderá ser transitivo direto ou indireto no sentido de apelidar/qualificar.

Ex.: Chamei o rapaz de mestre.

Chamei ao rapaz de mestre.

Chamei-o de mestre.

Chamei-lhe de mestre.

Obs.: Nestes casos, é possível suprimir a preposição DE, pois a gramática permite que o predicativo do objeto "de mestre" ocorra preposicionado ou não.

Ex.: "Chamavam-lhe Pombinha" (Aluísio de Azevedo).

9) **CHEGAR**

Não se pode dizer na língua culta "chegar em", pois o correto é "**chegar a**".

Ex.: "... em chegando a casa, ficarei boa" (Bernardo Guimarães). "Ao chegar à Santa Cruz, no alto..." (Euclides da Cunha).

Nunca se poderá dizer "Cheguei em casa".

10) **CUSTAR**

a) no sentido de ter valor – verbo intransitivo (adjunto adverbial de preço);

Ex.: Romário custa U$ 6.000.000,00. A casa custou trezentos milhões de cruzeiros reais.

b) no sentido de ser difícil, demorar – verbo transitivo indireto, regendo a preposição A.

Obs.: Neste caso, o verbo só pode ser conjugado na terceira pessoa do singular, tendo como sujeito a coisa que é difícil (expressa por um verbo no infinito) e a pessoa para a qual a coisa é difícil é objeto indireto.

Ex.: Custa-me ver a verdade. Custou-nos solucionar este caso. "... pouco me custa fazer-lhe a vontade" (Bernardo Guimarães).

Portanto, seria totalmente errado dizer: "Eu custo a ver a verdade". "Nós custamos a solucionar este caso".

11) **GOSTAR**

a) no sentido de ter afeição, aprovar, adorar. – verbo transitivo indireto exigindo a preposição de.

Ex.: Gostamos muito de você. Gostavas muito de futebol.

b) no sentido de **provar** – verbo transitivo direto.

Ex.: Gostei a cerveja, mas não a aprovei. Gostamos a sensação da paz e aprovamos.

12) **IMPLICAR**

a) no sentido de ter implicância – verbo transitivo indireto, regendo a preposição com;

Ex.: Todos implicam com o topete do Itamar.

b) no sentido de resultar, acarretar – a gramática tradicional classifica-o como transitivo direto, contudo a forma transitiva indireta, regendo a preposição EM, está totalmente difundida no Brasil, e algumas bancas – como Esaf e NCE – já admitem também esta construção.

Ex.: A conquista da Copa do Mundo implicou a (na) felicidade de todos os brasileiros por aproximadamente cinco minutos, porém infelizmente logo após a vida voltou ao normal.

Obs.: Apesar de muitos gramáticos assegurarem que este verbo – na acepção de resultar, importar – seja apenas transitivo direto (Evanildo Bechara cita apenas esta construção), bancas já realizaram questões admitindo "gritantemente" as duas possibilidades de regência. Isso talvez aconteça em virtude de Rocha Lima admitir o uso da preposição, esclarecendo: "Está ganhando foros de cidade na língua culta a sintaxe 'implicar em'. Tal procedimento implica desdouro (ou: em desdouro) para você".

Os sinônimos de IMPLICAR não sofrem o mesmo fenômeno. RESULTAR é transitivo indireto, exigindo a preposição EM; ACARRETAR somente pode ser transitivo direto.

13) **INSURGIR**

a) no sentido de rebelar-se, revoltar-se – verbo pronominal transitivo indireto, exigindo a presença da preposição contra;

Ex.: "Insurge-se contra a Igreja Romana" (Euclides da Cunha).

b) no sentido de sair, emergir – verbo transitivo indireto, exigindo a ocorrência da preposição de.

Ex.: Ele insurgiu do fundo do mar.

14) **LEMBRAR** e **ESQUECER**

a) Utilizando-se o pronome oblíquo, será obrigatório o uso da preposição DE. Neste caso, o verbo é transitivo indireto.

Ex.: Lembro-me de você. Esquecemo-nos do mundo. "João Nogueira lembrou-se de que era homem de responsabilidade" (Graciliano Ramos). "Cala-te, Isaura... até quando pretendes lembrar-te desse maldito incidente?" (Bernardo Guimarães).

"Lembrava-se das pesadas chuteiras" (Fernando Sabino).

b) Não se utilizando o pronome oblíquo também não se poderá usar a preposição. Neste caso, o verbo é transitivo direto.

Ex.: Lembro o fato. Esquecemos o mundo.

"E os filhos d'águias o Poder esquece" (Castro Alves).

Obs.: O que não se pode fazer é utilizar a preposição sem utilizar o pronome oblíquo e vice-versa.

Ex.: Lembro do fato. Esquecemos do mundo.

Estas duas últimas frases estão, por este motivo, totalmente erradas.

O verbo LEMBRAR também pode ser utilizado no sentido de INFORMAR, AVISAR, ALERTAR... A regência de LEMBRAR se fará tal quais estes verbos.

Ex.: Lembramos (avisamos) o encontro aos amigos. / Lembramos (informamos) os amigos do encontro.

O verbo ESQUECER também pode ser utilizado na acepção de "cair no esquecimento", tornando-se o elemento olvidado sujeito do verbo e a pessoa que efetivamente não se recorda objeto.

Ex.: "Nunca me esqueceu o seminário, creia" (Machado de Assis).

15) **NAMORAR**

Exige complemento sem preposição. Portanto, é errado dizer "João namora com Maria". A forma correta é: "João namora Maria".

16) **OBEDECER** e **DESOBEDECER**

Serão sempre transitivos indiretos, regendo a preposição A.

Ex.: "Até hoje lhe desobedecemos" (José de Alencar).

"Obedecia à finalidade irresistível de velhos impulsos ancestrais" (Euclides da Cunha).

Desobedeço aos pais.

Desobedeço-lhes.

Obs.: Torna-se sempre conveniente lembrar que estes dois verbos são os únicos transitivos indiretos que admitem construção na voz passiva.

Ex.: O regulamento é obedecido por mim. – As leis são desobedecidas por nós.

17) **PAGAR** e **PERDOAR** Ambos são bitransitivos, pedindo objeto direto para a coisa que se paga ou perdoa e objeto indireto para a pessoa a quem se paga ou perdoa.

Ex.: Paguei o salário ao empregado. Perdoei o pecado ao pecador.

Obs.: É mister relembrar o fato de que só existe voz passiva com verbo transitivo direto, pois somente o objeto direto da voz ativa pode passar a ser sujeito da voz passiva. Quando o verbo é transitivo direto e indireto, somente seu objeto direto pode passar a ser sujeito da voz passiva. Portanto, pode-se dizer: "O salário foi pago"; "O pecado foi perdoado"; mas nunca poderá ser dito: "O empregado foi pago". "O pecador foi perdoado". Nestas duas últimas

frases, os objetos indiretos da voz ativa se transformaram em sujeitos da voz passiva, o que é proibido na Língua Portuguesa.

18) **PENSAR**

a) no sentido de **raciocinar** – verbo transitivo indireto, regendo a preposição em;

Ex.: "Pensar no sentido das cousas" (Fernando Pessoa).

b) vale a pena observar este verbo em um sentido especial: "Cuidar, aplicar curativos". Neste sentido, é transitivo direto.

Ex.: Pensamos as nossas feridas.

O médico pensou meus machucados.

19) **PREFERIR**

Nunca se poderá utilizar a palavra MAIS, e a preposição obrigatória é A. A construção correta é: "preferir uma coisa a outra" e NUNCA "preferir mais uma coisa do que outra"

Ex.: Prefiro cerveja a refrigerante.

Prefiro a cerveja ao refrigerante.

Prefiro refrigerante a cerveja.

Prefiro o refrigerante à cerveja.

"Capitu preferia tudo ao seminário" (Machado de Assis).

Obs.: Vale a pena observar que, na comparação dos termos, se utilizamos artigo antes de um dos termos, temos que utilizar artigo antes do outro; se não utilizarmos artigo antes de um dos termos, não podemos utilizar artigo antes do outro. Não se esqueça de que a **PREPOSICÃO A É OBRIGATÓRIA.**

20) **PRESIDIR**

a) no sentido de administrar – verbo transitivo direto;

Ex.: Lula preside o Brasil.

b) no sentido de coordenar, organizar – verbo transitivo direto ou indireto (com preposição A).

Ex.: O professor preside o (ao) encontro dos mestres no fim de ano.

21) **PROCEDER**

a) no sentido de agir – verbo intransitivo;

Ex.: Ele procedeu bem.

b) no sentido de realizar – verbo transitivo indireto, regendo a preposição a;

Ex.: O Governo procedeu a eleições gerais.

c) no sentido de ser pertinente – verbo intransitivo;

Ex.: Esse argumento não procede.

d) no sentido de ser oriundo – verbo intransitivo, com adjunto adverbial de lugar exigindo a preposição DE.
Ex.: Ele procedeu de São Paulo.

22) **QUERER**

a) no sentido de desejar será verbo transitivo direto;
Ex.: Eu quero dinheiro. Eu o quero.

b) no sentido de amar, gostar de será verbo transitivo indireto e exigirá a preposição **A**.
Ex.: A mãe quer ao filho. A mãe lhe quer.

23) **RESPONDER**

a) no sentido de dar a resposta em referência ao questionamento – verbo transitivo indireto;
Ex.: Ele respondeu a todas as perguntas.

b) no sentido de expressar efetivamente qual é a resposta – verbo transitivo direto;
Ex.: Ele não respondeu se haverá aula.

c) no sentido de responder algo a alguém – verbo transitivo direto e indireto;
Ex.: Ele respondeu a pergunta ao professor.
"Não soube responder a um amigo" (Fernando Sabino).

d) no sentido de ser responsável, responsabilizar-se – complemento com preposição POR.
Ex.: Ele respondeu pela turma.

24) **SERVIR**

a) no sentido de ser útil – verbo transitivo indireto;
Ex.: Ele serve para o trabalho a ser executado.

b) no sentido de pôr a mesa – verbo intransitivo ou transitivo direto ou transitivo direto e indireto;
Ex.: Ela servirá às sete da manhã. Ele servirá o jantar às dezenove horas. O empregado serviu jantar ao patrão.

c) no sentido de prestar serviços militares – verbo intransitivo;
Ex.: Ele serviu no exército.

d) no sentido de prestar serviços, ajudar – verbo transitivo direto ou indireto com preposição A;
Ex.: Ele servirá ao Flamengo nos próximos dois anos. Ele sempre servirá os pobres.

e) no sentido de atender a necessidade – verbo transitivo indireto.

Ex.: Esse posicionamento serve ao grupo.

25) **SIMPATIZAR**

O verbo é transitivo indireto (preposição COM), mas não admite a ocorrência do pronome parte integrante.

Portanto é errado "Simpatizo-me contigo". O correto é "Simpatizo contigo".

26) **SITUAR** – verbo intransitivo que exige a presença da preposição EM. É usado principalmente nas formas de particípio (sito / situado).

Ex.: O banco, sito na rua Barata Ribeiro, já sofreu vários assaltos.

Obs.: Não se pode dizer "sito à rua".

27) **USUFRUIR** – no sentido de utilizar-se, gozar de – verbo transitivo direto

Ex.: Não há tempo para usufruirmos nossa casa de praia.

Obs.: Este verbo vem sendo utilizado com muita frequência com preposição DE.

Ex.: Não há tempo para usufruirmos de nossa casa de praia.

28) **VISAR**

a) no sentido de mirar – o verbo será transitivo direto;

Ex.: O arqueiro visou o alvo. O arqueiro visou a maçã.

b) no sentido de desejar – a maioria das gramáticas considera o verbo neste valor como transitivo indireto. O professor Celso Cunha admite a dupla possibilidade (indireto ou direto), inclusive relatando que a transitividade direta é dominante na linguagem coloquial, tendendo também a sê-lo na linguagem literária. A Coppe, no concurso para o Tribunal Regional Federal, fez uma questão mencionando esta dupla possibilidade de regência;

Ex.: Visei ao cargo (o cargo).

Visei à posição (a posição).

"Todos os seus atos, todos, fosse o mais simples, visavam um interesse primário" (Aluísio de Azevedo).

"Visava uma delinquência especial" (Euclides da Cunha).

c) no sentido de dar visto – o verbo será transitivo direto.

Ex.: O gerente visou o cheque. O chefe visou toda a documentação.

BIZU

A construção com dois ou mais verbos e apenas um complemento estará correta se os dois verbos possuírem a mesma regência.

Ex.: Quero e beberei uma cerveja.

Gosto e preciso de trabalho.

→ Observe que, nos dois exemplos, os verbos contêm a mesma transitividade (QUERER e BEBER são transitivos diretos e GOSTAR e PRECISAR são transitivos indiretos, exigindo a preposição DE).

"Isaura estava com o ouvido aguçado e do interior da casa ouvira e compreendera tudo" (Bernardo Guimarães). TUDO é objeto direto tanto do verbo OUVIRA quanto do "COMPREENDERA".

26.2. Regência nominal

1) Adjetivos que pedem a preposição **A**:

acessível, adequado, alheio, análogo, anterior, apto, atento, avesso, compreensível, desagradável, desatento, desfavorável, desleal, equivalente, estranho, favorável, fiel, grato, habituado, hostil, idêntico, imediato, indiferente, inerente, inferior, insensível, leal, necessário, nocivo, obediente, oneroso, oposto, paralelo, peculiar, posterior, prejudicial, prestes, propício, próximo, sensível, semelhante, superior, útil, visível.

2) Substantivos que pedem a preposição **A**:

adesão, agradecimento, alusão, ameaça, amizade, apelo, aplicação, aspiração, semelhante, adaptação, aviso, amor, confissão, convite, declaração, descida, obediência, exposição, gratidão, horror, humilhação, lamentação, pagamento, perdão, redução, referência, renúncia, submissão, temor.

3) Adjetivos que pedem preposição **DE**:

acusado, afastado, amante, ameaçado, ávido, carente, ciente, cheio, curioso, desconfiado, descendente, desgostoso, despojado, destituído, diferente, difícil, digno, indigno, excluído, exonerado, fugido, isento, merecedor, natural, passível, preservado, proibido, revestido, sedento, sujo, suspeito, tachado, vazio.

4) Substantivos que pedem preposição **DE**:

absolvição, abundância, afastamento, aparência, ascensão, aprendizagem, busca, carência, certeza, ciência, compreensão, contenção, conspiração, continuação, cessão, decoração, desperdício, despedida, eleição, encomenda, embelezamento, necessidade, urgência, vinda.

5) Adjetivos que pedem outras preposições:

aborrecido com, afável com (para com), ansioso de (por), apaixonado de

(por), apoiado em, apto a (para), assustado com, atento a (em), capaz de (para), comparado a (com), conforme a (com), cruel com (para com), eleito a (por, em, como), último a (de, em), responsável por, rico de (em).

6) Alguns substantivos que pedem outras preposições:

aborrecimento com, abundância de (em), cautela com, acordo com, admiração por, ânsia por, paixão por, apoio em, atestado contra (a favor), batalha com (contra), briga com, casamento com, coincidência com, combate com (contra), concordância com (em), conspiração contra (com, para), crueldade com (para com), vício em (com, de), vinculação com, união com.

26.3. Exercícios

1. (Técnico Judiciário – TRE-RN – FCC)

O clima <u>pouco favorável ao cultivo da cana</u> levou a atividade econômica para a pecuária.

O mesmo tipo de regência nominal que se observa acima ocorre no segmento também grifado em:

a) *O litoral oriental compõe <u>o Polo Costa das Dunas</u> – com belas praias, falésias, dunas e o maior cajueiro do mundo...*

b) *Os 410 <u>quilômetros de praias</u> garantem um lugar especial para o turismo na economia estadual.*

c) *A ocupação portuguesa só se efetivou no final do século, com a fundação do Forte dos Reis Magos e da Vila de Natal.*

d) *Em Caicó há vários açudes e formações rochosas naturais que desafiam <u>a imaginação do homem</u>.*

e) *Em Santa Cruz, a subida ao Monte Carmelo desvenda <u>toda a beleza do sertão potiguar</u> ...*

2. (TRE-MG) A preposição nos parênteses <u>não</u> preenche corretamente a lacuna do período em:

a) O perigo o qual informaram a mulher era conhecido de quase todos. (sobre)

b) A menina que ele deparou trouxe-lhe muita esperança. (com)

c) O triste acontecimento que lembramos esclareceu a verdade. (de)

d) O jovem que chamamos de imprudente saiu às pressas. (a)

e) A verdade que ansiávamos surgiria a qualquer momento. (por)

3. (TTN) Marque a alternativa <u>incorreta</u> quanto à regência verbal.

a) Na verdade, não simpatizo com suas ideias inovadoras.

b) Para trabalhar, muitos preferem a empresa privada ao serviço público.

c) Lamentavelmente, não conheço a lei que te referes.

d) Existem muitos meios a que podemos recorrer neste caso.

e) Se todos chegam à mesma conclusão, devem estar certos.

4. (AFC – CGU) Assinale o trecho do texto adaptado do *Jornal do Commercio* (PE), de 12/01/2008, que apresenta erro de regência.

a) Depois de um longo período em que apresentou taxas de crescimento econômico que não iam além dos 3%, o Brasil fecha o ano de 2007 com uma expansão de 5,3%, certamente a maior taxa registrada na última década.

b) Os dados ainda não são definitivos, mas tudo sugere que serão confirmados. A entidade responsável pelo estudo foi a conhecida Comissão Econômica para a América Latina (Cepal).

c) Não há dúvida de que os números são bons, num momento em que atingimos um bom superávit em conta-corrente, em que se revela queda no desemprego e até se anuncia a ampliação de nossas reservas monetárias, além da descoberta de novas fontes de petróleo.

d) Mesmo assim, olhando-se para os vizinhos de continente, percebe-se que nossa performance é inferior a que foi atribuída a Argentina (8,6%) e a alguns outros países com participação menor no conjunto dos bens produzidos pela América Latina.

e) Nem é preciso olhar os exemplos da China, Índia e Rússia, com crescimento acima desses patamares. Ao conjunto inteiro da América Latina, o organismo internacional está atribuindo um crescimento médio, em 2007, de 5,6%, um pouco maior do que o do Brasil.

5. (Técnico Judiciário – TRE-PE – FCC) ... *as casas de Portugal <u>enviaram</u> ramos para o ultramar...*

O verbo que também é empregado com a mesma regência do grifado acima está em:

a) *Observa Oliveira Martins que a população colonial no Brasil...*

b) *... iniciaram os portugueses a colonização em larga escala dos trópicos...*

c) *... importou numa nova fase e num novo tipo de colonização...*

d) *... perversão de instinto econômico que cedo desviou o português da atividade...*

e) *O colonizador português do Brasil foi o primeiro, dentre...*

6. (TRE-RJ) "porque implica em cobrar o tempo" / porque implica cobrar o tempo. A construção do verbo <u>implicar</u> com a preposição <u>em</u> resulta, provavelmente, de um cruzamento sintático com verbo sinônimo (<u>importar</u>), sendo considerada errônea por alguns gramáticos. A alternativa em que há erro de regência na segunda das sentenças é:

a) Preferimos pagar juros a ficar sem o produto. / Preferimos pagar juros do que ficar sem o produto.

b) Esquecemos facilmente o belo arrazoado aquiniano. / Esquecemo-nos facilmente do belo arrazoado aquiniano.

c) Queremos informar-lhes que nossos juros são baixos. / Queremos informá-los de que nossos juros são baixos.

d) Ainda nos lembramos da belíssima aula de filosofia tomista. / Ainda nos lembra a

belíssima aula de filosofia tomista.
e) Se cobrar juros é pecado, chamamos de pecadores todos os banqueiros. / Se cobrar juros é pecado, chamamos pecadores a todos os banqueiros.

7. (TRE-RJ) A desigualdade jurídica do feudalismo alude o autor se faz presente ainda hoje nos países terras existe visível descompasso entre a riqueza e a pobreza. Tendo em vista o emprego dos pronomes relativos, completam-se corretamente as lacunas da sentença acima com:
a) a qual / cujas
b) a que / em cujas
c) à qual / em cuja as
d) o qual / por cujas
e) ao qual / cuja as

8. (Cesgranrio) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da seguinte frase: Toda comunidade, aspirações e necessidades devem vincular-se os temas da pesquisa científica, possui uma cultura própria, precisa ser preservada.
a) cujas / de que
b) a cujas / que
c) cujas / pela qual
d) cuja / que
e) a cujas / de que

9. (TTN) Há <u>erro</u> de regência no item:
a) Algumas ideias vinham ao encontro das reivindicações dos funcionários, contentando-os, outras não.
b) Todos aspiravam a uma promoção funcional, entretanto poucos se dedicavam àquele trabalho, por ser desgastante.
c) Continuaram em silêncio, enquanto o relator procedia à leitura do texto final.
d) No momento este Departamento não pode prescindir de seus serviços devido ao grande volume de trabalho.
e) Informamos a V. Senhoria sobre os prazos de entrega das novas propostas, às quais devem ser respondidas com urgência.

10. (TTN) Considere o texto abaixo.
– "Eu queria saber é quem está no aparelho.
– Ah, sim. No aparelho não está ninguém.
– Como não está, se você está me respondendo?
– Eu estou fora do aparelho. Dentro do aparelho não cabe ninguém.
– Engraçadinho! Então, quem está ao aparelho?
– Agora melhorou. Estou eu, para servi-lo".
(C. Drummond de Andrade)
Marque o par de verbos com problema de regência idêntico ao do texto.

a) Meditar um assunto – meditar sobre um assunto.
b) Sentar à mesa – sentar na mesa.
c) Estar em casa – estar na casa.
d) Assistir o doente – assistir ao doente.
e) Chamar o padre – chamar pelo padre.

11. (TTN) Assinale a alternativa <u>incorreta</u> quanto à regência.
a) Creio que os trabalhadores estão muito conscientes de suas obrigações para com a Pátria.
b) O filme a que me refiro aborda corajosamente a problemática dos direitos humanos.
c) Esta nova adaptação teatral do grande romance não está agradando ao público; eu, porém, prefiro esta àquela.
d) O trabalho inovador de Gláuber Rocha que lhe falei chama-se *Deus e o Diabo na Terra do Sol*.
e) José crê que a classe operária está em condições de desempenhar um papel importante na condução dos problemas nacionais.

12. (TRT) Assinale a alternativa que completa convenientemente as lacunas abaixo.
I. Certifiquei de que o prazo esgotara-se.
II. Recebi em meu escritório.
III. Informo que as notas fiscais estão rasuradas.
IV. Avisei de que tudo fora resolvido.
a) o – o – lhe – o
b) o – o – o – o
c) lhe – lhe – lhe – o
d) o – lhe – lhe – o
e) lhe – lhe – o – o

13. (TTN) Assinale o trecho que apresenta sintaxe de regência correta.
a) A rigorosa seca que assola os estados do Nordeste impede que essa região desenvolva e atinja os níveis de crescimento socioeconômicos desejados.
b) Se o Brasil tornasse independente dos empréstimos externos, poderia voltar a crescer no mesmo ritmo de desenvolvimento das décadas anteriores.
c) Surpreende-nos o fato de o Estado de São Paulo, que muito se difere do sul do país, ter engrossado as estatísticas favoráveis à criação de um Brasil do sul.
d) É reducionista atribuirmos apenas à seca a razão que leva a população do norte e nordeste a se migrar para o sul.
e) A pretendida separação que pleiteiam os estados do sul acarretará, se vier a se concretizar, a perda da identidade nacional.

14. (Administrador – Petrobras – Cesgranrio) Segundo diria o Professor Carlos Góis, mencionado no Texto II, a frase cuja regência do verbo respeita a norma-padrão é:
a) Esquecemo-nos daquelas regras gramaticais.

b) Os professores avisaram aos alunos da prova.
c) Deve-se obedecer o português padrão.
d) Assistimos uma aula brilhante.
e) Todos aspiram o término do curso.

15. (Administrador – Transpetro – Cesgranrio) A frase Compramos apostilas que nos serão úteis nos estudos está reescrita de acordo com a norma-padrão em:
a) Compramos apostilas cujas nos serão úteis nos estudos.
b) Compramos apostilas as cujas nos serão úteis nos estudos.
c) Compramos apostilas a qual nos serão úteis nos estudos.
d) Compramos apostilas as quais nos serão úteis nos estudos.
e) Compramos apostilas às quais nos serão úteis nos estudos.

16. (Escriturário – BB – Cesgranrio) A frase em que a presença ou ausência da preposição está de acordo com a norma-padrão é:
a) A certeza que a sorte chegará para mim é grande.
b) Preciso de que me arranjem um emprego.
c) Convidei à Maria para vir ao escritório.
d) A necessidade que ele viesse me ajudar me fez chamá-lo.
e) Às dez horas em ponto, estarei à sua casa.

17. (Esaf) Observe as palavras sublinhadas e indique a frase que apresenta regência nominal correta.
a) Por ser muito estudioso, ele tinha grande <u>amor</u> a seus livros.
b) Havia muitos anos que não via o filho, por isso estava <u>ansioso</u> em vê-lo.
c) <u>Alheio</u> para com o julgamento, o réu permanecia calado.
d) Coitado! Foi preso porque era <u>suspeito</u> por um crime que não cometeu.
e) Tínhamos o <u>propósito</u> em dizer toda a verdade, mas nos impediram de fazê-lo.

18. (Esaf) A frase que apresenta <u>erro</u> de regência do verbo ASSISTIR é:
a) Não fui ver o filme, embora quisesse assistir-lhe.
b) Não lhe assiste o direito de humilhar ninguém.
c) Ele assiste às aulas sempre com muita serenidade.
d) Aqueles médicos assistem os doentes com dedicação.
e) Assistiu aos jogos da Seleção sem nenhum entusiasmo.

19. (Esaf) Observe, nos períodos abaixo, a regência dos verbos e dos nomes.
I. As constantes faltas ao trabalho implicaram a sua demissão.
II. Procederemos à abertura do inquérito.
III. O cargo a que aspiramos é disputado por todos.
IV. Prefiro mais estudar do que trabalhar.
V. Sua atitude é incompatível ao ambiente.
Assinale a sequência que corresponde aos períodos corretos.

a) I, II e IV.
b) II, III e IV.
c) II, IV e V.
d) I, II e III.
e) I, III e IV.

20. (AFT) Avalie as afirmações abaixo, a respeito do emprego das estruturas linguísticas no texto, para assinalar a opção correta.
Quando se ouve a palavra "preço", as primeiras imagens que invadem nossa mente são as de cartazes de liquidação, máquinas registradoras, cheques e cartões de crédito. Mesmo nas sociedades orientais, menos capitalistas que a nossa, a ideia de preço é sempre ligada à noção de objeto de valor.
Porém, diferentemente do que a mídia informa, nem tudo pode ser comprado e parcelado em três vezes no cartão. As coisas realmente importantes da vida têm seu preço, isso é certo, mas a forma de pagamento é bem diversa das praticadas nos *shopping centers*.
Na infinita negociação que é viver, se sairá melhor aquele que possuir uma sólida corrente de reservas emocionais e de bom-senso do que aquele que confia apenas em sua coleção de cartões de plástico. Lucrará mais aquele que souber responder com sabedoria a pergunta: vale a pena pagar o preço?
I. Para a coerência textual, o vocábulo "as" (l.1) tanto pode ser interpretado como um pronome, substituindo o substantivo "imagens" (l.1), quanto como um artigo definido que deixa implícita a concordância com "imagens".
II. O acento indicativo de crase em "à noção" (l.3) decorre da presença da preposição a, exigida por "ligada" (l.6) e do artigo determinante de "noção".
III. Por ser expressa a comparação em estrutura oracional, o termo "do que" (l.5) por ser escrito apenas como "que", sem prejuízo da correção gramatical do texto.
IV. A retirada do pronome em "isso é certo" (l.6) resulta em erro gramatical, por que a oração fica sem sujeito; o que prejudica a coesão textual.
V. Devido ao emprego da vírgula, mantém-se a coerência textual e a correção gramatical ao empregar o pronome átono depois do verbo em "se sairá" (l. 8).
VI. As regras gramaticais possibilitam também o emprego do acento indicador de crase em "a pergunta" (l. 10): à pergunta.
Estão corretos apenas os itens:
a) I, II e VI;
b) I, II, III e V;
c) I, IV e VI;
d) II, III, V e VI;
e) III, IV e V.

21. (Susep) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical inserido no texto.
O etanol ainda está longe de ter um mercado global. Apresentado <u>desde o</u>(1) início da década como a grande solução energética para o mundo, para substituir uma fonte não

renovável (o petróleo) e reduzir a emissão (2) de poluentes, o etanol ainda não conquistou os fabricantes de veículos e os consumidores do mundo inteiro. Falta uma padronização internacional para transformar-lhe (3) em uma *commodity* facilmente comercializável nos diferentes mercados e ainda persistem barreiras protecionistas em muitos países. Nos EUA, por exemplo, há uma tarifa de importação de US$ 0,54 por galão. Para entrar na União Europeia, o etanol brasileiro paga 19 centavos de euro por litro. É grande o potencial de mercado para o etanol brasileiro nos EUA. Na União Europeia, o potencial é menor, pois lá (4) o programa energético prevê a utilização de 10% de combustíveis renováveis no consumo total em 2020. Cálculos da União da Indústria da Cana-de-Açúcar – Única indicam que isso resultaria na demanda de 14 bilhões de litros de etanol por ano (outra parte seria atendida (5) por biodiesel).
(*O Estado de S. Paulo*, Editorial, 18/02/2010, com adaptações)
a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

22. (AFTN) Assinale a única frase cuja lacuna não deve ser preenchida por um pronome relativo preposicionado.
a) O relator da emenda constitucional apresentou proposições todos simpatizavam.
b) Recordaram com carinho a ponte trocaram o primeiro beijo.
c) Fui ver hoje o filme mais gosto.
d) Guimarães Rosa é o escritor brasileiro mais gosto.
e) Esta é a região fronteira agrícola deve ser aplicada.

23. (TRE-MT) Há erro de regência verbal, de acordo com a norma culta, em:
a) O informante não precisou do dinheiro ganho.
b) Eles se referiram sobre o outro governo.
c) Todos preferiram o elogio à censura.
d) Eis o ponto de que discordo.
e) Seu telefone não atende às chamadas.

24. (TRE-MT)
I. O livro me refiro não está traduzido.
II. Os candidatos cartões foram extraviados, poderão fazer a prova.
Os termos que completam, respectivamente, as lacunas das frases acima são:
a) que – cujos os
b) ao qual – dos quais
c) onde – cujos
d) a que – cujos
e) que – dos quais

25. (TRE-MG) Observe a regência dos verbos das frases reescritas nos itens a seguir:
I. Chamaremos os inimigos de hipócritas. Chamaremos aos inimigos de hipócritas;
II. Informei-lhe o meu desprezo por tudo. Informei-lhe do meu desprezo por tudo;
III. O funcionário esqueceu o importante acontecimento. O funcionário esqueceu-se o importante acontecimento.
A frase reescrita está com a regência correta em:
a) I apenas;
b) II apenas;
c) III apenas;
d) I e III apenas;
e) I, II e III.

26. (Técnico Judiciário – TRE-AP – FCC) O segmento grifado está empregado corretamente em:
a) A incompatibilidade da encomenda e a prestação de serviços gerou o conflito.
b) A curiosidade é inata do ser humano.
c) Foi sempre devotado pela ciência.
d) A sua declaração o indispôs com os colegas.
e) Compenetrou-se sobre a necessidade de estudar.

27. (Bacen – Esaf) Os trechos a seguir constituem um texto. Assinale a opção que apresenta erro de regência.
a) Desde abril, já é possível perceber algum decréscimo da atividade econômica, com queda da produção de bens de consumo duráveis, especialmente eletrodomésticos, e do faturamento real do comércio varejista.
b) Apesar da queda da inflação em maio, espera-se aceleração no terceiro trimestre, fenômeno igual ao observado nos dois últimos anos, em decorrência da concentração de aumentos dos preços administrados.
c) Os principais focos de incerteza em relação às perspectivas para a taxa de inflação nos próximos anos referem-se a evolução do preço internacional do petróleo, o comportamento dos preços administrados domésticos e o ambiente econômico externo.
d) Desde maio, porém, entraram em foco outros fatores: o racionamento de energia elétrica, a intensificação da instabilidade política interna e a depreciação acentuada da taxa de câmbio.
e) A mais nova fonte de incerteza é o choque derivado da limitação de oferta de energia elétrica no País, pois há grande dificuldade em se avaliar seus efeitos com o grau de precisão desejável.
(Trechos adaptados do *Relatório de Inflação* – Banco Central do Brasil, junho de 2001– volume 3, nº 2, p. 7 e 8.)

28. (Bacen – Esaf) Assinale a opção em que a regência está de acordo com as regras da norma culta.
a) As funções de autoridade monetária foram sendo transferidas progressivamente do

Banco do Brasil para o BC, enquanto as atividades atípicas exercidas por esse último, como as relacionadas ao fomento e à administração da dívida pública federal, foram transferidas para o Tesouro Nacional.
b) A Constituição de 1988 consagra dispositivos importantes para a atuação do BC, como ao do exercício exclusivo da competência da União para emitir moeda e o da necessidade de aprovação prévia pelo Senado Federal, em votação secreta, após arguição pública, dos designados pelo Presidente da República para os cargos de presidente e diretores.
c) A Constituição vedou o BC a concessão direta ou indireta de empréstimos ao Tesouro Nacional. A Constituição de 1988 prevê ainda, em seu artigo 192, a elaboração de Lei Complementar do Sistema Financeiro Nacional, que deverá substituir a Lei nº 4.595, abrangendo vários e importantes aspectos da estruturação e atuação do Banco Central.
d) Em 1998 o Banco Central retomou o processo de Planejamento Institucional, com à realização de um encontro de planejamento ao nível estratégico, contando pela participação do Presidente e diretores, e de encontros de planejamento no nível tático, que contaram com a participação do corpo gerencial das unidades especial, centrais e regionais.
e) No encontro ao nível estratégico foram definidos a missão do Banco, seus macroprocessos e os objetivos estratégicos para o horizonte de três anos, além das diretrizes balizadoras das ações para assegurar à estabilidade do poder de compra da moeda nacional.

29. (Ass. Leg. – FCC) ***... que faz com que em certas ocasiões...*** **(último parágrafo)**
A lacuna que deverá ser corretamente preenchida pela expressão grifada acima está em:
a) O mercado editorial de autoajuda, ... abrange várias categorias, cresce a olhos vistos em todo o mundo.
b) O conteúdo dos livros de autoajuda, ... os leitores acreditam, serve de inspiração para o sucesso na vida e na carreira profissional.
c) Os leitores estão convictos ..... essas publicações serão a inspiração para uma vida mais harmônica e feliz.
d) Os livros de autoajuda procuram conduzir as pessoas a obterem com tenacidade tudo aquilo ..... sonham.
e) A literatura de autoajuda constitui, no momento, os meios ..... as pessoas recorrem para viver melhor.

30. (TRT – Fundec) Sobre a regência do verbo assistir na oração "a Região Metropolitana finalmente assistia ao início de um capítulo bom da novela protagonizada por mais de 3 milhões de pessoas", pode-se afirmar que:
a) Está correta, porque o verbo foi empregado como transitivo indireto, no sentido de ser do direito.
b) É semelhante à regência do verbo amar em frases como "Deve-se amar ao próximo".
c) Admite a construção passiva, que seria: "O início de um capítulo bom da novela protagonizada por mais de 3 milhões de pessoas era assistido finalmente pela Região

Metropolitana.
d) Está consoante com a língua escrita padrão, mas divergente dos hábitos da língua falada no Brasil.
e) É a recomendada pela norma culta da língua, mas não é a habitualmente praticada pelos escritores contemporâneos.

31. (Proderj – FEC) No trecho "... asseguramos que as comunidades locais devem usufruir de benefícios decorrentes da exploração de recursos naturais encontrados em suas terras", observa-se que o verbo em destaque está regido pela preposição de, numa variante "de" regência da língua contemporânea. Das frases abaixo, aquela em que foi usada uma regência que contraria as normas da língua culta, pois não admite variante, é:
a) Poucos países abstiveram-se de participar da conferência.
b) Muitas vezes é difícil resistir as tentações da riqueza fácil e imediata.
c) Os mais jovens têm de suceder aos mais velhos nas lutas pelo meio ambiente.
d) Devemos prezar as ideias favoráveis às fontes renováveis de energia.
e) A plateia gostaria de que todos os países abraçassem a proposta brasileira.

32. (Proderj – FEC) De acordo com as normas de regência verbal do português contemporâneo, a oração "... que visam o bem público" também poderia estar expressa na forma "... que visam ao bem público", caracterizando-se como um caso de dupla regência. Dos casos abaixo relacionados, o que apresenta erro, por não se caracterizar como um caso de dupla regência, é o que está na opção:
a) Os companheiros o abraçaram num gesto de fraternidade. / Os companheiros lhe abraçaram num gesto de fraternidade.
b) A decisão implica uma reformulação dos planos. / A decisão implica numa reformulação dos planos.
c) Todos estão usufruindo as garantias oferecidas pela empresa. / Todos estão usufruindo das garantias oferecidas pela empresa.
d) Os interessados assistiram à palestra com toda a atenção. / Os interessados assistiram a palestra com toda a atenção.
e) Os colegas o chamavam de benfeitor da humanidade. / Os colegas lhe chamavam de benfeitor da humanidade.

33. (Esaf) Aponte o trecho correto quanto à regência.
a) Quando se desativa uma linha de trem, estão-se isolando muitas localidades que perderão o único meio de transporte que dispõem.
b) Em muitas cidades pequenas, no interior do País, prevalece a ideia, a qual se desconfia o próprio Prefeito seja adepto, de que o trem é meio de transporte obsoleto.
c) Como é interesse do País de que o preço do frete diminua, são urgentes e imprescindíveis investimentos em nosso sistema ferroviário.
d) A partir dos anos 50, o baixo custo do petróleo justificou a opção do transporte de carga por rodovias, às quais foram ganhando cada vez mais preferência.

e) No Brasil, dadas suas dimensões continentais, deve-se dar preferência às ferrovias para a movimentação de cargas.

34. (TRF-12ª – FCC) Está correto o emprego do elemento sublinhado em:
a) A obra de ficção **A guerra dos mundos**, em cuja Orson Welles se baseou, ganhou dramática adaptação radiofônica.
b) A tecnologia de ponta, sobre a qual por vezes pairam desconfianças, leva-nos apenas aonde queremos ir.
c) O cotidiano contemporâneo deixa-se afetar pelas conquistas técnicas, de cujas muita gente alimenta sérias desconfianças.
d) A segunda metade da década de 90, aonde se consolidou a multimídia, foi um marco na vida contemporânea.
e) O homem do nosso tempo, diante dos admiráveis recursos nos quais jamais sonhou alcançar, é por vezes um deslumbrado.

35. (TRE – SP – AJ – FCC) Está correto o emprego de ambas as expressões sublinhadas na frase:
a) O autor do texto, de cuja convicção é que estamos longe do desenvolvimento social, desconfia dos avanços tecnológicos com os quais muita gente demonstra plena admiração.
b) A modernidade técnica, na qual o autor faz suas restrições, não trouxe consigo o desenvolvimento social pelo qual tantos aspiram.
c) Muita gente acredita de que a tecnologia serve a todos, quando o que os fatos têm demonstrado é de que ela acaba servindo aos mesmos privilegiados de sempre.
d) O escritor a cujo nome se faz referência no texto foi um dos expoentes do movimento abolicionista brasileiro, ao qual aderiram muitos outros homens ilustres do século XIX.
e) É tal a velocidade em cuja vêm ocorrendo os avanços tecnológicos que os homens nem têm tempo para pensar nos excluídos, naqueles para quem essa velocidade não beneficia.

36. (Fiscal da Receita Estadual – AP – FGV) De acordo com a norma padrão, o pronome relativo está corretamente empregado apenas na seguinte alternativa:
a) Essas são algumas ideias por cujos os ensinamentos procuro me guiar.
b) Aquelas são as mais antigas histórias de comércio as quais se tem memória.
c) Apresentou um projeto que a principal filosofia dele é a democratização do saber.
d) O comportamento ético por que um povo se orienta define seu caráter.
e) O filósofo onde me refiro defendeu tese recentemente.

37. (TRF-4ª Região – FCC) Está correto o emprego do elemento sublinhado em:
a) A obra de ficção **A guerra dos mundos**, em cuja Orson Welles se baseou, ganhou dramática adaptação radiofônica.
b) A tecnologia de ponta, sobre a qual por vezes pairam desconfianças, leva-nos apenas aonde queremos ir.

c) O cotidiano contemporâneo deixa-se afetar pelas conquistas técnicas, de cujas muita gente alimenta sérias desconfianças.
d) A segunda metade da década de 90, aonde se consolidou a multimídia, foi um marco na vida contemporânea.
e) O homem do nosso tempo, diante dos admiráveis recursos nos quais jamais sonhou alcançar, é por vezes um deslumbrado.

38. (Analista Judiciário – TRT-1R – FCC) ... ***condição da qual os habitantes das cidades consideram difícil, talvez impossível, fugir*****. (último parágrafo) Mantendo-se a correção e a lógica, o verbo grifado acima pode ser substituído, sem qualquer outra alteração na frase em que se encontra, APENAS por:**
a) escapar;
b) afastar;
c) evadir;
d) evitar;
e) prevenir.

39. (Analista Judiciário – TRT-24ª Região) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:
a) Os recursos da internet, dos quais podemos nos valer a qualquer momento, permitem veicular mensagens por cujo conteúdo seremos responsáveis.
b) Artistas plásticos, que suas obras lhes interessa divulgar, frequentam os espaços da internet, mediante aos quais promovem a divulgação de seu trabalho.
c) Jornalistas veteranos, de cujas colunas tantos leitores já frequentaram, passaram a criar seus próprios blogs, pelos quais acrescentam uma dose de subjetivismo.
d) É comum que, num blog, os assuntos públicos, a cujo interesse social ninguém duvida, coabitem aos assuntos particulares, que a poucos interessará.
e) As múltiplas formas de linguagem com que o autor de um blog pode lançar mão obrigam-no a se familiarizar com técnicas de que jamais cogitou dominar.

40. (Fiscal – ICMS – FGV) ***O leitor já viu onde quero chegar*****. (L. 40)**
Assinale a alternativa cuja estrutura seja equivalente semanticamente à apresentada acima, mas que dela se diferencie quanto à adequação da linguagem ao padrão normativo.
a) Já observou o leitor onde quero chegar.
b) O leitor já viu aonde quero chegar.
c) Quero chegar onde o leitor já viu.
d) Em que ponto quero chegar o leitor já viu.
e) O leitor já viu em cujo local quero chegar.

41. (Fiscal – ICMS – FGV) Assinale a alternativa em que, alterando-se o trecho "a fim de que o estado realize as funções a que constitucionalmente está vinculado", não se obedeceu à norma culta. Despreze as alterações de sentido.

a) A fim de que o Estado realize as funções às quais constantemente se refere.
b) A fim de que o Estado realize as funções às quais prefere à instabilidade.
c) A fim de que o Estado realize as funções de cujos objetivos constantemente nos lembramos.
d) A fim de que o Estado realize as funções cujas implicações quase sempre esquecemos.
e) A fim de que o Estado realize as funções as quais se dispôs a efetivar.

42. (FNDE – FGV) Assinale a alternativa em que, alterando-se o trecho *construção de um diálogo (...) que as novas tecnologias permitem* (L.89-92), não se obedeceu às regras gramaticais de regência verbal. Ignore as alterações de sentido em relação ao texto original.
a) Construção de um diálogo (...) a que as novas tecnologias aludem.
b) Construção de um diálogo (...) que as novas tecnologias carecem.
c) Construção de um diálogo (...) a que as novas tecnologias procedem.
d) Construção de um diálogo (...) a que as novas tecnologias se referem.
e) Construção de um diálogo (...) que as novas tecnologias atingem.

43. (TRT-20ª – FCC) ... *além do que lhes permitem os recursos de que dispõem...* A expressão pronominal grifada acima deverá preencher corretamente a lacuna da frase:
a) A nova classe média desenvolveu padrões de consumo ..... só serão sustentáveis se houver salários dignos.
b) Os novos valores sociais, ... se deparam os autores do estudo incluem a valorização da educação.
c) As oscilações de renda familiar, ... o estudo se refere, oferecem riscos à manutenção dos padrões de consumo.
d) Foi realizado um estudo recente, ... se encontram informações importantes sobre a mobilidade social brasileira.
e) A amplitude da ascensão social ..... se fala é condizente com a redução das desigualdades de renda da população.

44. (Analista Judiciário – TRT – 23ª Região) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:
a) Os argumentos de que devemos nos agarrar devem se pautar nos limites da racionalidade e da justiça.
b) Os casos históricos em que Voltaire recorre em seu texto ajudam-no a demonstrar de que a pena de morte é ineficaz.
c) A pena de talião é um recurso de cuja eficácia muitos defendem, ninguém se abale em tentar demonstrá-la.
d) Os castigos a que se submetem os criminosos devem corresponder à gravidade de que se reveste o crime.
e) As ideias liberais, de cuja propagação Voltaire se lançou, estimulam legisladores em quem não falte o senso de justiça.

45. (Técnico Judiciário – TRT-23ª Região – FCC) ... ***e com o tempo em que você pode trabalhar*.**

O segmento grifado na frase acima preenche corretamente a lacuna da frase:

a) Muitos escritores afirmam não saber lidar com a fama ..... almejam em determinado momento de suas carreiras.

b) Alguns escritores menores tentam demonstrar em suas obras uma erudição ..... não possuem de fato.

c) Não por coincidência, o jornalismo é uma profissão ..... vários escritores recorrem em determinado momento de suas vidas.

d) O mercado cinematográfico internacional .... muitos roteiristas iniciantes tentam se inserir é por demais competitivo e estressante.

e) Dizem que o trabalho árduo e diário e uma disciplina tenaz são as principais armas ..... um jovem escritor deve se valer.

46. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) ... ***e que vem de certa harmonia misteriosa a que tendem o branco, o preto, o roxo e o moreno*...**

O segmento grifado preenche corretamente a lacuna da frase:

a) As autoridades contavam ..... se fizessem consultas à população para definir os projetos de melhoria de toda a área.

b) As transformações ..... se refere o historiador descaracterizaram toda a área destinada, de início, a pesquisas.

c) A necessidade de inovações foi o argumento ..... se valeram os urbanistas para defender o projeto apresentado.

d) A ninguém ocorreu demonstrar ..... não seria possível impedir a derrubada de algumas antigas construções.

e) Seriam necessários novos e diferentes projetos urbanísticos, ... permanecessem intocadas as construções originais.

47. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) Está INADEQUADO o emprego do elemento sublinhado na frase:

a) A traição a que por vezes está sujeita nossa audição pode ter resultados divertidos.

b) Os sons das palavras, a cujos poucas vezes dedicamos plena atenção, podem ser bastante enganosos.

c) A melodia e o ritmo de uma frase, em cujo embalo podemos nos equivocar, valem pelo efeito poético.

d) E afinal, por onde andará dona Ondirá, senhora misteriosa de quem o leitor foi fã cativo, quando menino?

e) E dona Quiçás, a quem Nat King Cole jamais teve a honra de ser apresentado, morará ainda em Madri?

48. (Analista Judiciário – TRE-SP – FCC) Está correto o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

a) A argumentação na qual se valeu o ministro baseava-se numa analogia em cuja pretendia confundir função técnica com função política.
b) As funções para cujo desempenho exige-se alta habilitação jamais caberão a quem se promova apenas pela aclamação do voto.
c) Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto do que a promoção pelo mérito onde nem todos confiam.
d) A má reputação de que se imputa ao "assembleísmo" é análoga àquela em que se reveste a "meritocracia".
e) A convicção de cuja não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo à natureza do caso.

49. (Técnico Judiciário – TRE-SP – FCC) ... ***procurava incorporar à escrita o ritmo da fala*****...**
O verbo empregado no texto com a mesma regência do grifado acima está em:
a) *... consagrar literariamente o vocabulário usual.*
b) *... dar estado de literatura aos fatos da civilização moderna.*
c) *No Brasil, ele significou principalmente libertação dos modelos acadêmicos...*
d) *... que a sua contribuição maior foi a liberdade de criação e expressão.*
e) *... os modernistas promoveram uma valorização diferente do léxico...*

50. (AFRF – Esaf) Marque a opção em que ambos os períodos estão gramaticalmente corretos.
a) O racismo no sentido de prática discriminatória em razão da etinia de uma pessoa ou grupo, atenta, primeiro, contra a própria organização política brasileira. / O racismo, no sentido de prática discriminatória, em razão da etnia de uma pessoa ou grupo, atenta, primeiro, contra a própria organização política brasileira.
b) A prática do racismo é definida como crime na Lei nº 7.716/1989, isto é, nessa lei estão definidas várias condutas que implicam tratamento discriminatório, motivado pelo preconceito racial. / A prática do racismo é definida como crime na lei nº 7.716/1989, isto é, nessa Lei estão definidas várias condutas que implicam em tratamento discriminatório, motivado pelo preconceito racial.
c) O racismo é crime de ação múltipla ou de conteúdo variado, de maneira que a prática, no mesmo contexto de ação, de mais de um núcleo acarreta uma única incriminação. / O racismo é crime de ação múltipla ou de conteúdo variado, de maneira que a prática no mesmo contexto de ação, de mais de um núcleo, acarreta em uma única incriminação.
d) O incitamento à discriminação não afasta a possibilidade de cometimento também de injúria, motivada pela discriminação ou qualquer outro crime contra a honra, previsto no CPB ou mesmo na Lei de Imprensa. / O incitamento à descriminação não afasta a possibilidade de cometimento também de injúria, motivado pela descriminação ou quaisquer outro crime contra a honra, previsto no CPB ou mesmo na Lei de Imprensa.
e) A prática de tortura motivada pelo racismo, crime que tem por sujeito passivo o indivíduo, não afasta a incriminação de eventual crime de racismo previsto na legislação brasileira, que tem por sujeito passivo primário a coletividade, com lesões jurídicas da

mesma forma diferenciadas: o primeiro, a integridade física, saúde e liberdade individual, e os demais, a paz pública. / A prática de tortura motivada pelo racismo, crime que tem por sujeito passivo o indivíduo, não afasta a incriminação de eventual crime de racismo previsto na legislação brasileira, que tem por sujeito passivo primário a coletividade, com lesões jurídicas da mesma forma diferenciadas, o primeiro a integridade física, saúde e liberdade individual, e os demais a paz pública.
(Baseado em Carlos Frederico de Oliveira Pereira)

Capítulo 27

Concordância

27.1. Concordância verbal

O conceito geral é o verbo ser obrigado a concordar com o sujeito. Aqui serão analisadas situações especiais de concordância.

1) **DOIS OU MAIS NÚCLEOS DE SUJEITO E UM VERBO**

a) SUJEITO COMPOSTO ANTEPOSTO AO VERBO – concordância por soma.

Ex.: Eu e tu (NÓS) fomos ao cinema.
Ele e tu (VÓS) fostes ao cinema.
Ela e eu (NÓS) iremos ao Maracanã.

b) SUJEITO COMPOSTO POSPOSTO AO VERBO – concordância pode ser por soma ou atrativa.

Ex.: Fomos (ou FUI) eu e tu ao cinema.
Fostes (ou FOSTE) tu e ele ao cinema.
Iremos (ou IRÁ) ele e eu o cinema.
"e veio a guerra, a violência, a invasão..." (Raul Pompéia).

– A forma verbal "veio" poderia ser substituída por VIERAM.

Obs.: A soma se dará pela hierarquia das pessoas. A primeira pessoa se sobrepõe às demais, e a segunda, à terceira. No entanto, como a segunda pessoa do plural está em desuso na língua corrente no Brasil, a forma coloquial VOCÊS (3ª pessoa do plural) a tem substituído.

Ex.: Tu e João fareis (ou farão – forma que vem sendo aceita) o trabalho.

2) **QUEM** – o verbo tanto poderá concordar com o pronome relativo QUEM (terceira pessoa do singular) como também poderá fazê-lo com o antecedente do QUEM.

Ex.: Fui eu quem fez (ou FIZ) o trabalho.
Fomos nós quem fez (ou FIZEMOS) o trabalho.
Fostes vós quem fez (ou FIZESTES) o trabalho.

Obs.: O Professor Celso Cunha indica que a concordância com a 3ª pessoa do

singular é a construção prevista pela regra, mas sendo também aceita a concordância com o antecedente do QUEM.

3) **QUE** – o verbo concordará com o termo antecedente do pronome relativo QUE (quando este for o sujeito da oração).

Ex.: Fui eu que fiz o trabalho.

Fomos nós que fizemos o trabalho.

Fostes vós que fizestes o trabalho.

Obs.: Se o antecedente do pronome relativo QUE funcionar como predicativo do sujeito, o verbo tanto poderá concordar com o predicativo como poderá concordar com o sujeito da oração anterior.

Ex.: Eu fui o primeiro que chegou – concordância com o predicativo "o primeiro".

Eu fui o primeiro que cheguei – concordância com o sujeito da oração anterior.

4) **UM E OUTRO** – o verbo tanto poderá estar na terceira pessoa do singular como na terceira pessoa do plural, mas o substantivo ficará sempre no singular.

Ex.: Um e outro aluno fez (ou FIZERAM) o trabalho.

Obs.: O usuário da língua incorrerá em erro se flexionar o substantivo no plural.

BIZU

A utilização da expressão NEM UM NEM OUTRO como sujeito causa uma divergência entre os professores Celso Cunha e Evanildo Bechara. Este indica que o verbo somente poderá flexionar-se no singular (Nem um nem outro compareceu ao trabalho); já aquele informa que, funcionando como pronome substantivo, poderá levar o verbo para o singular ou plural (Nem um nem outro compareceu – ou compareceram – ao trabalho). Ainda segundo Cunha, se a expressão funcionar como pronome adjetivo – determinando um substantivo –, o verbo apenas poderá ocorrer no singular (Nem um nem outro funcionário compareceu ao trabalho).

5) **UNS DE NÓS, ALGUNS DE NÓS, POUCOS DE NÓS, MUITOS DE NÓS, QUAISQUER DE NÓS** – o verbo tanto poderá estar na primeira pessoa do plural como na terceira pessoa do plural.

Ex.: Uns de nós trabalhamos (ou TRABALHARAM) aqui.

Muitos de nós estamos (ou ESTÃO) insatisfeitos.
Quaisquer de nós podemos (ou PODEM) fazer este trabalho.

6) **UNS DE VÓS, ALGUNS DE VÓS, POUCOS DE VÓS, MUITOS DE VÓS, QUAISQUER DE VÓS** – o verbo tanto poderá estar na segunda pessoa do plural como na terceira pessoa do plural.

Ex.: Uns de vós trabalhastes (ou TRABALHARAM) aqui.
Muitos de vós estais (ou ESTÃO) insatisfeitos.
Quaisquer de vós podeis (ou PODEM) fazer este trabalho.

Obs.: Em relação aos casos 5 e 6, se o primeiro termo estiver no singular, o verbo só poderá estar no singular.

Ex.: Um de nós poderá fazer este trabalho. Algum de vós esteve aqui?

→ Esta única possibilidade de concordância ocorre por motivos semânticos. Quando dizemos "Uns de nós poderão (poderemos) fazer o trabalho, interpreta-se que "uns poderão fazer o trabalho" ou "nós poderemos fazer o trabalho; no entanto, quando se diz "Um de nós poderá fazer o trabalho", é importante ressaltar que só esse "um" poderá fazer o trabalho, os outros elementos (participantes do NÓS), não.

O NCE já questionou qual das duas construções possíveis (ESCRIVÃO – PC – 2001) seria a mais adequada e indicou como resposta a que fazia a concordância com o verbo na terceira pessoa do plural. Interpretei a opção feita pela banca como uma preferência pela concordância com o núcleo do sujeito (UNS, ALGUNS, MUITOS, POUCOS, QUAISQUER) e não com o adjunto adnominal (DE NÓS, DE VÓS). É também possível que a escolha pela terceira pessoa do plural, em detrimento da segunda pessoa do plural, tenha ocorrido em virtude de "vós" estar em desuso na variante brasileira da língua portuguesa.

7) **COLETIVO** – apesar de o coletivo dar uma ideia pluralizada, o verbo deverá estar na terceira pessoa do singular, a não ser que o próprio coletivo esteja no plural.

Ex.: O cardume viajou por todo o oceano.
Os cardumes viajaram por todo o oceano.

Obs.: Se o termo **coletivo** possuir um adjunto adnominal, o verbo tanto poderá concordar com o coletivo como também poderá concordar com o adjunto adnominal.

Ex.: A manada de elefantes destruiu (ou DESTRUÍRAM) toda a floresta.
O cardume de tainhas está chegando à costa brasileira (ou estão).

Se houver distanciamento entre o coletivo e o verbo, torna-se opcional a flexão do verbo no singular ou no plural.

Ex.: O grupo invadiu a minha residência à meia-noite. Roubaram tudo.

8) **UM TERÇO, 30%, A METADE, A MAIOR PARTE, A MENOR PARTE, UMA PARTE, A MAIORIA DE, A MINORIA DE... –** estes termos ou quaisquer outros que indicarem ideia partitiva ou fracionária, quando possuírem um adjunto adnominal, admitirão que o verbo tanto concorde com estes termos em negrito, como também com o adjunto adnominal.

Ex.: A maior parte dos alunos fez (ou FIZERAM) o trabalho.

Um terço dos fumantes tem (ou TÊM) problemas respiratórios.

9) **PRONOME DE TRATAMENTO –** o verbo deverá estar na terceira pessoa.

Ex.: V. Sª. está se sentindo bem?

V. Exª. deveria obedecer às vontades do povo da mesma forma que o povo lhe obedece.

Obs.: O pronome de tratamento V. Exª., como já se disse, é de terceira pessoa. Logo, quando outro pronome for referente ao ser V. Exª., deverá estar flexionado também na terceira pessoa, não cabendo o uso do oblíquo "vos" ou do possessivo "vosso".

10) **UM DOS QUE –** o verbo tanto poderá estar na terceira pessoa do singular como na terceira pessoa do plural.

Ex.: Ele é um dos que mais estuda (ou ESTUDAM).

Manoel foi um dos que fez (ou FIZERAM) o trabalho.

Obs.: O motivo de haver a dupla possibilidade de concordância se dá em virtude de o pronome relativo QUE poder ter como antecedente UM ou OS (combinado à preposição DE).

– SEM QUE –

Já a estrutura UM DOS só admite a construção com o verbo na terceira pessoa do singular. Isso se justifica através da semântica. Quando se diz "Manoel foi um dos que fez o trabalho", não só Manoel fez o trabalho, como outros também o fizeram. No entanto, quando se informa "Um dos alunos fez o trabalho", só cabe a interpretação de que "um" fez o trabalho, não os demais.

11) **MAIS DE UM –** apesar de a ideia ser pluralizada, o verbo estará na terceira pessoa do singular.

Ex.: Mais de um atleta brasileiro recebeu cartão amarelo.

Mais de uma moça viajou para Paris.

12) **MENOS DE DOIS** – apesar de a ideia ser de singular, o verbo estará na terceira pessoa do plural.

Ex.: Menos de dois homens ainda se encontram presos.

Menos de duas pessoas tentaram fugir.

13) **CERCA DE, PERTO DE** – o verbo concordará sempre com o numeral.

Ex.: Cerca de 70 alunos estavam presentes.

14) **OU** – se houver nítida ideia de exclusão, a concordância do verbo se dará atrativamente. Se ocorrer a possibilidade de soma dos núcleos, o verbo pode concordar com o termo mais próximo ou com a adição.

Ex.: Ele ou tu serás eleito para representante da turma. Ele ou tu farás (fareis) o trabalho.

15) **GRADAÇÃO** – quando houver dois ou mais termos no mesmo campo semântico, o verbo poderá concordar com a soma deles ou com o mais próximo.

Ex.: A tristeza, a angústia, o sofrimento tomou (tomaram) conta dos vascaínos depois que o Pet acertou aquele belíssimo chute no último minuto do jogo.

16) **VERBOS PARECER e COSTUMAR** – estes verbos poderão ou não formar uma locução com a forma verbal seguinte. Se não formarem, os verbos PARECER e COSTUMAR deverão ocorrer na terceira pessoa do singular, caso contrário, eles concordarão com o sujeito.

Ex.: Eles parecem fazer o trabalho.

→ O verbo PARECEM concordou com o sujeito ELES, formando assim uma locução verbal com o FAZER.

Eles parece fazerem o trabalho.

→ Nesta estrutura, o verbo PARECE forma sozinho uma oração, por isso o verbo FAZEREM é obrigado a concordar com ELES.

Os alunos pareciam estar cansados.

→ O verbo PARECIAM concorda com OS ALUNOS, formando assim com o ESTAR uma locução verbal.

Os alunos parecia estarem cansados.

→ Nesta estrutura, o verbo PARECIA forma sozinho uma oração principal, e o verbo ESTAREM, por consequência, é obrigado a concordar com OS ALUNOS.

Obs.: Na frase "Os alunos parece que estudam bastante", a forma verbal "parece"

somente poderá ocorrer no singular. Tal ocorre em função de haver duas orações: 1ª – que os alunos estudam bastante; 2ª – Parece. A primeira oração é sujeito da segunda (Isso parece), portanto o verbo "parecer" deve ficar na terceira pessoa do singular para concordar com o sujeito oracional.

17) **TÍTULOS NO PLURAL**

a) quando o título estiver precedido de artigo, o verbo concordará com ele;

Ex.: Os Estados Unidos são sempre contrários a qualquer movimento ambientalista.

O Os Lusíadas é uma das maiores obras literárias de todos os tempos.

b) não havendo artigo ou outro determinante – segundo Celso Cunha –, o verbo deverá vir no singular.

Ex.: Estados Unidos contraria o interesse do resto do mundo.

Obs.: O Professor Evanildo Bechara considera que o verbo deverá estar no plural, exceto com o verbo SER, situação que torna a flexão em número facultativa.

Ex.: Estados Unidos contrariam o interesse do restante do mundo.

Estados Unidos são (é) a maior potência bélica do planeta.

18) **VERBOS CAUSATIVOS E SENSITIVOS COM SUJEITO NO PLURAL**

a) quando o sujeito (substantivo no plural) estiver postado entre os dois verbos, sendo o primeiro causativo ou sensitivo, deverá o segundo (no infinitivo) estar no plural;

Ex.: Ele mandou os alunos fazerem os exercícios.

b) quando o sujeito (substantivo no plural) estiver postado após os dois verbos, preferencialmente o segundo deverá estar no singular, podendo, também, ocorrer no plural;

Ex.: Ele viu entrar (ou entrarem) as crianças.

"Vi sair daquelas folhas muitos perfis de seminaristas" (Machado de Assis).

"Manda sair os dois!" (José de Alencar).

c) quando o sujeito for pronome oblíquo, a concordância normalmente se faz com singular, admitindo-se o plural, forma mais rara.

Ex.: Nós deixamo-los partir (ou partirem).

19) **VERBO SER**

a) predominância da pessoa sobre a coisa;

Ex.: A vida são os homens.

A criança é as minhas esperanças.

b) predominância do pronome pessoal sobre o nome;

Ex.: O errado aqui sou eu.
Loucos somos nós.

c) predominância do pronome pessoal ou nome sobre pronomes interrogativos;
Ex.: Quem és tu?
Que são tristezas?

d) predominância do plural sobre singular ou palavra invariável;
Ex.: Tudo são flores.
A vida eram uns problemas.

Obs.: Já também são aceitas as formas deste item concordando com o outro termo. Ou seja, também poderíamos dizer:
Ex.: Tudo é flores
A vida era uns problemas.

O NCE indicou na prova de CNEN em 2002 a preferência pela forma singular na seguinte estrutura "Greves é algo..."

e) predomina o singular quando houver **é muito, é pouco, é mais de**;
Ex.: Três mil reais é mais do que preciso.
Cinco mil reais é muito pouco.

f) predomina a concordância do verbo com o numeral indicado pela **distância, hora** ou **data**;
Ex.: De Copacabana ao Centro são 10 quilômetros.
Eram duas horas.
Hoje são 28 de abril.

Obs.: Também podemos utilizar neste último exemplo a palavra dia. Neste caso, o verbo concordará com este termo.
Ex.: Hoje é dia 28 de abril.
Já há autores mais modernos que também aceitam "Hoje é 28 de abril", baseando-se no fato de a palavra dia estar implícita na frase.

g) A expressão **ERA UMA VEZ** é invariável.
Ex.: Era uma vez cinco milhões de eleitores.

20) **SUJEITOS LIGADOS PELA PREPOSIÇÃO COM** – poderá vir o verbo no singular – caso se queira realçar somente o primeiro núcleo – ou no plural, concordando com a soma.
Ex.: João com Maria foi (foram) ao teatro.

21) **SUJEITOS LIGADOS POR CONJUNÇÃO COMPARATIVA OU POR PRONOME INDEFINIDO MAIS** – este caso é bastante parecido com o

anterior. Destacando-se apenas o primeiro sujeito, o verbo deverá ocorrer no singular. Sendo a intenção realçar o sujeito composto, o verbo estará no plural.

Ex.: O professor, como o aluno, deve (devem) atentar-se sempre aos novos materiais publicados.

Ex.: "... e à noite lá estava ele rente, mais a Bertoleza, a removerem tábuas, tijolos..." (Aluísio de Azevedo).

22) **SUJEITOS LIGADOS PELA CONJUNÇÃO NEM –** poderá o verbo ocorrer no singular, destacando-se apenas um dos núcleos, ou no plural, em concordância com a soma.

Ex.: Nem o professor nem o diretor compreendeu (compreenderam) a reivindicação dos alunos.

23) **SUJEITOS RESUMIDOS POR PRONOME INDEFINIDO –** a concordância se dá com o pronome indefinido.

Ex.: A chuva, os ventos, o cansaço, a pouca visibilidade, nada o fazia desistir.

24) **SUJEITO ORACIONAL –** o verbo da oração principal ocorrerá na terceira pessoa do singular.

Ex.: Convém estudarmos bastante. / É importante que todos leiam este livro.

Obs.: Este caso já fora amplamente analisado em orações substantivas.

25) **SOAR, BATER, DAR –** concorda com o numeral indicador de hora.

Ex.: Soaram cinco horas da tarde. / Bateu meio-dia no meu relógio.

Obs.: Se a palavra "relógio" for transformada em sujeito, o verbo o acompanha.

Ex.: O relógio deu quatro horas.

26) **SILEPSE –** concordância ideológica.

Ex.: Todos (3ª pessoa do plural) estamos (1ª pessoa do plural, o emissor da mensagem está se incluindo) muito insatisfeitos com as denúncias de corrupção no governo.

O povo (3ª do singular) iremos (o autor da frase se inclui) às urnas no próximo ano.

27) **HAVER –** no sentido de EXISTIR ou de TEMPO DECORRIDO, é impessoal, portanto só poderá ocorrer na terceira pessoa do singular.

Ex.: Há muitos alunos em sala. Deve haver soluções. Ele já chegou há muitos dias.

Obs.: O verbo EXISTIR, mesmo sendo sinônimo de HAVER, é pessoal, contendo sujeito e sendo obrigado a concordar com ele.

Ex.: Existem problemas a serem resolvidos. Devem existir soluções. Hão de

existir soluções.

É importante relembrar que o termo "soluções" na frase "Deve haver soluções" funciona como objeto direto; já na frase "Devem existir soluções", funciona como sujeito.

28) **FAZER** – no sentido de TEMPO DECORRIDO ou METEOROLÓGICO, é impessoal, só podendo ocorrer na terceira pessoa do singular.

Ex.: Faz vinte anos que não o vejo. Vai fazer quatro semanas que iniciamos o trabalho. Tudo nos leva a crer que nos próximos anos fará invernos muito frios.

29) **VERBO + SE** – neste assunto, é importante o candidato relembrar a distinção entre pronome apassivador e índice de indeterminação do sujeito. Caso o pronome SE esteja relacionado a um verbo transitivo direto, fica caracterizada a voz passiva sintética, obrigando o verbo a concordar com o sujeito (antigo objeto direto da voz ativa). Caso o pronome SE esteja relacionado a um verbo que não seja transitivo direto, funciona como índice de indeterminação do sujeito, limitando o verbo a flexionar-se tão somente na terceira pessoa do singular.

Ex.: Aspira-se bom ar em São Pedro. Aspiram-se bons ares em São Pedro.

Aspira-se a bom cargo nesta empresa. Aspira-se a bons cargos nesta empresa.

27.2. Exercícios

1. (Auditor – Sefaz-RJ – FGV) ***Que você pagou pra mim.***

Assinale a alternativa em que a alteração do verso acima tenha sido feita de acordo com a norma culta. Não leve em conta possível alteração de sentido.

a) Que Vossa Excelência pagou pra mim.
b) Que vós pagaste pra mim.
c) Que Vossa Senhoria pagastes pra mim.
d) Que tu pagastes pra mim.
e) Que tu pagáreis pra mim.

2. (Pref. SP – FCC) As normas de concordância verbal estão plenamente observadas na frase:

a) Não deveriam caber aos jovens estudantes o peso das responsabilidades políticas que o autor a eles pretende atribuir.
b) É fatal que venham a decepcionar-se com os jovens todo aquele que os vê como sujeitos políticos já inteiramente constituídos.
c) O embate a que se costumam lançar os jovens estudantes são quase sempre marcados por uma natural imaturidade política.
d) Não se devem confiar a um jovem os atributos políticos que mesmo ao político mais

experiente costumam faltar.
e) Creio que nenhuma referência a autores como Nelson Rodrigues ou Maquiavel poderão trazer alento aos jovens idealistas.

3. (AFTN) Indique o único segmento que apresenta concordância verbal condizente com as normas do português padrão.
a) O funcionamento dos dois hemisférios cerebrais são necessários tanto para as atividades artísticas como para as científicas.
b) As diferentes divisões e subdivisões a que se submetem a área de ciências humanas provocam uma indesejável pulverização de domínios do conhecimento.
c) Normalmente, a aplicação de métodos quantitativos e exatos acabam por distorcer as linhas de raciocínio em ciências humanas.
d) Uma das premissas básicas do conjunto de assunções teóricas e epistemológicas do trabalho que ora vem a lume é a concepção da Arte como uma entre as muitas formas por meio das quais o conhecimento humano se expressa.
e) Não existem fórmulas precisas ou exatas para avaliar uma obra de arte, não existe um padrão de medida ou quantificação, tampouco podem haver modelos rígidos pré-estabelecidos.

4. (Def. Pública-SP – FCC) A concordância verbal e nominal está inteiramente correta na frase:
a) As mais recentes descobertas da ciência pode levar ao desenvolvimento de tratamentos que controlem a perda de memória, melhorando a capacidade cerebral.
b) Os pesquisadores descobriram que existe situações que favorece a memorização mais duradoura, possibilitando a realização das tarefas cotidianas no trabalho, por exemplo.
c) Está sendo feito estudos sobre a capacidade do cérebro humano de reter informações e processá-las, o que torna possível as lembranças do que aconteceu.
d) A visão de uma obra de arte dispara a comunicação entre neurônios, e o tamanho do impacto causado pela imagem é o que define como será guardada na memória.
e) Memória implícita é aquela que se refere aos conhecimentos, hábitos e habilidades, como andar de bicicleta, que é evocado de maneira automática.

5. (TRT-9R – FCC) As normas de concordância verbal estão plenamente acatadas na frase:
a) Não devem os leitores de hoje imaginar que cabiam aos filósofos antigos preocupar-se com questões que já não fazem sentido.
b) Leitores de hoje, não devemos imaginar que a um filósofo clássico ocorressem tão somente questões específicas de sua época histórica.
c) Nenhum de nossos desejos, de acordo com Sêneca, deveriam transpor nossos limites, fronteiras que se deve sempre determinar.
d) A cada um dos princípios do estoicismo devem corresponder, como se postulavam entre os estoicos, lúcida e consequente iniciativa nossa.
e) Àqueles que não temem refletir sobre a morte reserva-se as recompensas de uma

vida mais lúcida e mais intensa.

6. (Fiscal – ICMS – FGV) "... mostram que um terço dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição...". Assinale a alternativa em que, ao se alterar o termo "um terço", não se tenha mantido a concordância em conformidade com a norma culta. Desconsidere a possibilidade de concordância atrativa.

a) Mostram que 0,27% dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.
b) Mostram que menos de 2% dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foram tributados apenas por aquela contribuição.
c) Mostram que grande parte dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.
d) Mostram que três quartos dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foram tributados apenas por aquela contribuição.
e) Mostram que 1,6 milhão dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.

7. (Alesp – FCC) A concordância verbal e nominal está inteiramente correta em:

a) Presume-se que já tenha sido extinto muitas espécies da fauna e da flora com a destruição de enormes extensões de florestas.
b) Os desequilíbrios no ecossistema de uma floresta pode pôr em risco a sobrevivência de certas espécie de plantas.
c) Deve valer para todos os países as medidas de segurança a ser tomada em relação à preservação de florestas.
d) Para a restauração de áreas ocupadas por atividades agrícolas, é observado os tipos de uso do solo e as características do entorno para traçar o projeto de ação.
e) Projetos desenvolvidos por especialistas mostram que é possível conciliar restauração de florestas nativas com o manejo sustentável de seus recursos naturais.

8. (MPE – SE – FCC) Há uma transgressão das normas de concordância verbal na frase:

a) Não é à variação dos esquemas táticos que se deve imputar o fato de conviverem, em uma Copa do Mundo, a tristeza e a exaltação.
b) Entre paixões opostas costumam movimentar-se, nos dramáticos jogos da Copa, o sentimento dos torcedores mais fanáticos.
c) Sempre haverá nos versos de Carlos Drummond de Andrade reflexões poéticas que se enraízam nas experiências da vida.
d) Não coube aos brasileiros, na Copa de 2010, vivenciar os dramas que caracterizam as partidas a que leva o emparelhamento final.
e) A alternância entre paixões intensas e opostas, como ocorre ao longo da Copa do Mundo, não faz bem aos cardíacos.

9. (Sefaz – SP – FCC) As normas de concordância verbal encontram-se plenamente

observadas na frase:
a) Apenas se submetem às condições de baixa remuneração e falta de garantias trabalhistas quem não tem acesso às vantagens de um emprego formal.
b) Incluem-se entre as tantas vantagens que proporcionam o trabalho assalariado a pensão para os que se acidentam e o seguro para os que perdem o emprego.
c) Não deveria causar espanto a ninguém, com um crescimento econômico anual em torno de 7%, os índices de redução da informalidade, no ciclo da industrialização nacional.
d) Acredita-se serem possíveis que as atividades laborais do mercado informal possam, num certo momento, propiciar a transição para o emprego assalariado formal.
e) Caso não os afetasse a redução do desenvolvimento econômico, nos últimos anos, seriam outros os índices de ocupação de postos do trabalho formal no Brasil.

10. (AFTN) Indique a única frase que passaria a apresentar erro de concordância verbal, se tivesse o verbo sublinhado no singular:
a) "Um dos soldadinhos que me acompanhavam chorava como um desgraçado" (G. Ramos).
b) "Os sentenciados houveram do poder público a comutação da pena" (G. Góis).
c) "E quanto enfim cuidava e quanto via, eram tudo memórias de alegria" (Camões).
d) "O conselho se reuniu, e decidiram recomeçar a guerra" (B. Guimarães).
e) "Um turbilhão de sentimentos nos acodem" (L. Coelho).

11. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) Com as alterações propostas entre parênteses para o segmento grifado nas frases abaixo, o verbo que se mantém corretamente no singular é:
a) a modernização do Rio se teria feito **(as obras de modernização)**
b) Mas nunca se esquece ele de que **(esses autores)**
c) por que vem passando a mais bela das cidades do Brasil **(as mais belas cidades do Brasil)**
d) continua a haver um Rio de Janeiro do tempo dos Franceses **(tradições no Rio de Janeiro)**
e) do que a cidade parece ter de eterno **(as belezas da cidade)**

12. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do singular para preencher adequadamente a lacuna da frase:
a) Não ..... (**corresponder**) aos surpreendentes desdobramentos da descoberta do DNA análoga evolução no plano das questões éticas.
b) Mesmo a um pesquisador de ponta não ..... (**haver**) de convir as disputas éticas, pois ele ainda engatinha nessa nova descoberta.
c) De todas as projeções que se ..... (**fazer**) a partir da manipulação do DNA, a mais assustadora é a programação de tipos pessoais.
d) A um direitista não ..... (**deixar**) de assustar, quando isso não lhe convém, iniciativas econômicas que o Estado reivindica para si.

e) Não ..... (**parecer**) uma incongruência, para os esquerdistas, os excessos personalistas do líder de um movimento socialista.

13. (TRF – Esaf) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.
A história política e econômica do planeta, desde meados da década de 70, vêm registrando (1) – na contramão da proposta keynesiana – uma intensificação das pressões para a liberalização das contas de capital e para a desregulamentação financeira. E ainda pior, a utopia do Estado racional transfigurou-se (2) no pesadelo do Estado plutocrático (3), arena onde as gangues privadas se engalfinham (4) para impor (5) seus interesses.
(Luiz Gonzaga Belluzzo, com modificações.)
a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

14. (TTN) Assinale o período que apresenta erro de concordância verbal.
a) As relações dos ecologistas com uma grande empresa que desrespeitava as normas de preservação ambiental, começa a melhorar, para o benefício da humanidade.
b) Até 1995, 50% de recursos energéticos e de matéria-prima serão economizados por uma empresa que pretende investir 160 milhões de dólares no projeto.
c) Hoje não só o grupo dos ecologistas carrega a bandeira ambientalista, mas também aqueles empresários que centram seus objetivos no uso racional dos recursos naturais.
d) Os Estados Unidos são o país mais rico e poluidor do mundo, entretanto não defendem a tese do "desenvolvimento sustentável", a exemplo de muitas nações ricas.
e) É preciso ver que águas contaminadas, ar carregado de poluentes e florestas devastadas exigem o manejo correto da natureza, num país povoado de miseráveis.

15. (TTN) Marque o trecho que contém erro quanto à sintaxe de concordância.
a) O projeto de integração que vêm realizando as frágeis democracia uruguaia, argentina e brasileira é um esforço inegavelmente significativo para o cone sul.
b) Há registros de um sistema de exames competitivos elaborado por chineses, há mais de 2.000 anos antes de Cristo, para selecionar crianças superdotadas.
c) Grande número de programas têm sido direcionados, nos EUA, para áreas consideradas prioritárias pelo Estado, como matemática e ciências.
d) Ignorância, preconceito e tradição mantêm vivas uma série de ideias que dificultam a implementação de programas direcionados às crianças superdotadas.
e) São extremamente importantes, para se criar um ambiente favorável ao desenvolvimento dos superdotados, a criação de uma variedade de experiências de aprendizagem enriquecedoras e estimulantes.

16. (Analista Judiciário – TRF-2ª Região – FCC) As normas de concordância verbal estão

plenamente observadas na frase:
a) Evitem-se, sempre que possível, qualquer excesso no convívio humano: nem proximidade por demais estreita, nem distância exagerada.
b) Os vários atrativos de que dispõem a vida nas ilhas não são, segundo o cronista, exclusividade delas.
c) Cabem aos poetas imaginar espaços mágicos nos quais realizemos nossos desejos, como a Pasárgada de Manuel Bandeira.
d) Muita gente haveriam de levar para uma ilha os mesmos vícios a que se houvesse rendido nos atropelos da vida urbana.
e) A poucas pessoas conviria trocar a rotina dos *shoppings* pela serenidade absoluta de uma pequena ilha.

17. (TTN) Indique o trecho em que ocorre erro de concordância verbal, segundo o padrão culto da Língua Portuguesa.
a) O momento é grave. Cabe aos políticos a obrigação de manter a serenidade e o equilíbrio nos debates; que certamente passarão para o plenário da Câmara e do Senado. (*Jornal de Brasília*, 27/8/1992.)
b) A outra das terras por elas exploradas, pela mesma época, os portugueses deram o nome de Brasil, porque havia ali muito do pau conhecido por esse nome. Foi sorte. Havia também muitos macacos, nessa mesma terra, e muitos papagaios. (*Veja*, nº 134, 6/7/1994.)
c) Os cheques pré-datados, que permite aos lojistas financiar seus clientes nas compras a prazo, em alguns casos representam até a metade dos cheques recebidos pelo comércio. (*O Globo*, 15/1/1994.)
d) Os desarranjos na economia se expressam na ordem social por desequilíbrios calamitosos. São o desemprego generalizado, as pressões inflacionárias, a queda do produto, a depressão das massas e, síntese dialética, a violência (*Correio Brasiliense*, 8/7/1994.)
e) Mas, se, para além das palavras, se considerarem os atos do Executivo e as atuais negociações, parece que as pressões já começam a ter efeito. Há dez dias o país foi surpreendido com a nova versão do Orçamento que prevê uma elevação de mais de U$ 10 bilhões nos gastos do governo e igual aumento na estimativa das receitas. (*Folha de São Paulo*, 13/5/1994.)

18. (AFTN) Está correta a concordância verbal na sentença:
a) As discussões que se trata sobre a questão do endividamento externo serão o tema central do encontro.
b) Durante o seminário, apresentou-se três propostas diferentes de revisão da lei salarial.
c) Incluir-se no parecer do relator as alterações aceitas de comum acordo para todos os partidos.
d) Seria ingênuo pensar que as restrições palacianas ao projeto decorre apenas de idiossincrasias pessoais.

e) Positivamente falta clareza e seriedade na condução dos negócios públicos.

19. (AFRF – Esaf) Assinale a opção que apresenta erro de concordância verbal.
a) A Internet não é um acontecimento sem paralelo na História da humanidade.
b) Ela tem muito em comum com o telégrafo, inventado na década de 1830, que acarretou também uma redução brutal nos custos de comunicação e aumentou o fluxo de informações na economia.
c) Mas em hipótese alguma a Internet virou totalmente de cabeça para baixo os pressupostos econômicos tradicionais.
d) O valor da tecnologia da informação e da Internet residem em sua capacidade de armazenar, analisar e transmitir informações instantaneamente, seja para onde for, a um custo ínfimo.
e) A tecnologia da informação e a Internet amplificam o poder da mente da mesma forma que as tecnologias da Revolução Industrial amplificaram o poder dos músculos.

20. (Técnico Ambiental – Petrobras – Cesgranrio) A concordância está de acordo com a norma-padrão em:
a) Vai acontecer muitas inovações no século XXI.
b) Existe cientistas que investigam produtos para 2050.
c) A maioria dos brasileiros acredita que o mundo vai melhorar.
d) O passeio aos planetas e às estações espaciais vão ser normais no futuro.
e) Daqui a alguns anos, provavelmente haverão lojas com robôs vendedores.

21. (Técnico Judiciário – TRE-PA – FGV) ***Desse valor, R$ 265 milhões são oriundos do Orçamento da União*****...**
Assinale a alternativa em que se tenha mantido correção gramatical ao se alterar o trecho acima.
a) Desse valor, R$ 1,9 milhões são oriundos do Orçamento da União...
b) Desse valor, R$ 0,25 milhões são oriundos do Orçamento da União...
c) Desse valor, R$ 1,3 milhões é oriundo do Orçamento da União...
d) Desse valor, R$ 0,98 milhão são oriundos do Orçamento da União...
e) Desse valor, R$ 1,25 milhão é oriundo do Orçamento da União...

22. (Técnico Judiciário – TRE-RN – FCC) Com a substituição dos segmentos grifados pela expressão entre parênteses ao final da transcrição, o verbo que deverá ser colocado no plural está em:
a) *... em breve, o local vai abrigar um complexo voltado principalmente para o turismo religioso. (a região do Agreste/Trairi).*
b) *A ocupação portuguesa só se efetivou no final do século, com a fundação do Forte dos Reis Magos e da Vila de Natal. (A ocupação pelos portugueses).*
c) *A região é grande produtora de sal, petróleo e frutas... (A região de dunas, falésias e praias desertas).*
d) *O turismo de aventura encontra seu espaço no Polo Serrano ... (O turismo voltado para*

atividades de aventura).
e) *... e começou a ganhar importância* <u>*a extração do sal*</u> *... (os recursos obtidos com a extração do sal).*

23. (Analista de Gestão em Saúde – Fiocruz – FGV) "A maioria dessas pesquisas aponta para um aumento..."; no caso desse segmento do texto, há uma dupla possibilidade de concordância, como no seguinte trecho:
a) As pesquisas sobre o tema privilegiaram a estética.
b) Um milhão de pesquisas já mostrou essa verdade.
c) Bandos de pesquisadores trabalhavam sobre o tema.
d) Os telefones celulares são um problema para a segurança.
e) Milhares de telefones celulares são empregados no Brasil.

24. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) Quanto às normas de concordância verbal, está plenamente correta a frase:
a) Há desculpas que a ninguém compete pedir, mas Godofredo Rangel parecia pedi-las, quando se lhe reconheciam qualidades de escritor.
b) O isolamento em que vivem os artistas nas pequenas cidades do interior acabam por torná-los uns melancólicos.
c) Por que não se reconhece os atributos de um bom tradutor, que bem poderia lhe propiciar o mesmo prestígio devido a um ficcionista?
d) Os sociólogos costumam condenar os estereótipos, mas Drummond vale-se deles para admitirem os laços singulares de sua amizade.
e) Não faltam aos mineiros de grande sensibilidade, afirma Drummond, ainda quando distantes, o calor dos grandes afetos.

25. (Técnico judiciário – TJ-RJ – FCC) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do plural para preencher de modo adequado a lacuna desta frase:
a) Será que um dia se ..... (**atingir**) a cifra de inimagináveis vinte bilhões de habitantes?
b) Infelizmente não ..... (**caber**) aos homens, desde a sua criação, escolher a solidariedade como seu atributo natural.
c) Não é difícil imaginar o que nos ..... (**reservar**) o adensamento das aglomerações urbanas.
d) Aos jornais se ..... (**impor**) reduzir as páginas, o mesmo ocorrendo com o palavreado de seus articulistas.
e) Até mesmo a regime de emagrecimento ..... (**dever**) submeter-se os homens do futuro.

26. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – FCC) Com as alterações propostas entre parênteses para o segmento grifado nas frases abaixo, o verbo que poderá permanecer corretamente empregado no singular está em:
a) <u>*1 milhão*</u> *entrou no país pelo Valongo* **(1 milhão de escravos).**

b) *Quando foi proibida a importação de escravos* **(as atividades escravocratas).**
c) *O Império construiu o Cais da Imperatriz* **(os representantes do Império).**
d) *O maior porto de chegada de escravos desapareceu* **(Os portos).**
e) *O Valongo deixou de ser porto negreiro em 1831* **(As adjacências do Valongo).**

27. (Analista Judiciário – TRE-SP – FCC) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do plural para preencher de modo adequado a lacuna da seguinte frase:
a) As acusações que ..... (**promover**) quem defende o "assembleísmo" baseiam-se na decantada "soberania" das assembleias.
b) Não ..... (**convir**) aos radicais da meritocracia admitir que pode haver boas resoluções obtidas pelo critério do voto.
c) Por que ..... (**haver**) de caber a um simples passageiro as responsabilidades do comando de uma aeronave?
d) O que aos bons políticos não ..... (**poder**) faltar, sobretudo nos momentos de decisão, é o espírito público.
e) Não ..... (**caber**) às associações de classe, em assembleias, avaliar o mérito técnico, julgar a qualificação profissional de alguém.

28. (Analista Judiciário – TRT-1ª Região – FCC) O verbo que pode ser empregado corretamente também no singular, sem outra alteração na frase, está grifado em:
a) *... por aquelas pedras passaram pelo menos 600 mil escravos trazidos d'África.*
b) *Metade deles tinham entre 10 e 19 anos.*
c) *Em 1817, contaram-se 50 salas...*
d) *Os milhares de africanos que morreram por conta da viagem [...] foram jogados numa área...*
e) *... os dois pesados volumes da obra estão criteriosamente ilustrados.*

29. (AFC – Esaf) Assinale a opção sem erro de concordância.
a) O peso do reajuste de 10% da tabela de Imposto de Renda das pessoas físicas nas contas públicas – inserido em medida provisória que tem provocado tantas dissensões no Congresso – poderia ser amortecido com folga se não tivesse sido criado, há dez anos, dois mecanismos para aliviar o bolso de grandes empresas.
b) No campo dos benefícios dos transgênicos está a maior produtividade e o menor uso de defensivos agrícolas. Por outro lado, passível de discussão e pendente de provas científicas estão os malefícios ao meio ambiente e à saúde do homem.
c) Estudo comprovou que fatores hormonais podem aumentar a susceptibilidade de meninas à infestação por piolhos. A incidência discriminada por grau de intensidade de infestação e idade mostram que, entre os seis e oito anos, a parasitose alcança o nível máximo.
d) Em áreas de integração econômica que já alcançaram a fase de mercado comum (definida na União Europeia como fusão de mercados nacionais), o processo de eliminação de barreiras alfandegárias impede o uso de instrumentos fiscais que possam

dificultar a livre circulação de mercadorias, ou seja, exclui-se o uso do tributo com fins de controle fiscal.
e) Os intercâmbios econômicos entre os Estados, no cenário mundial, quando não inseridos em blocos de integração (como, por exemplo, as trocas comerciais entre Brasil e Espanha), também se veem afetados por novas perspectivas da fiscalidade e pela exigência de se excluir esses controles.

30. (Bacen – Esaf) Assinale a opção em que o trecho foi transcrito com erro de concordância verbal.
a) Antes da criação do Banco Central, as autoridades monetárias brasileiras eram a Superintendência da Moeda e do Crédito – Sumoc, o Banco do Brasil – BB e o Tesouro Nacional que, em conjunto, exerciam funções típicas de um banco central, paralelamente ao desempenho de suas atribuições próprias.
b) A Sumoc, criada com a finalidade de exercer o controle monetário e preparar a organização de um banco central, fixava os percentuais de reservas obrigatórias dos bancos, as taxas do redesconto e da assistência financeira de liquidez, bem como os juros sobre depósitos bancários.
c) Além de receberem os depósitos compulsórios e voluntários dos bancos comerciais, o Banco do Brasil, por sua vez, desempenhava as funções de controlador das operações de comércio exterior, executor de operações cambiais em nome de empresas públicas e do Tesouro Nacional, executor das normas estabelecidas pela Sumoc e pelo Banco de Crédito Agrícola, Comercial e Industrial.
d) O Tesouro Nacional era o órgão emissor de papel-moeda, cujo processamento, por ser complexo, acabava envolvendo diversos órgãos do governo. No ato da criação do Banco Central, no entanto, não ocorreu o seu completo aprimoramento institucional.
e) Embora o Tesouro Nacional fosse o banco emissor, realizava as emissões em função das necessidades do Banco do Brasil e não detinha com exclusividade os depósitos das instituições financeiras, que recolhiam suas reservas voluntárias ao Banco do Brasil, além de diversas outras disfunções.
(Trechos adaptados de http://www.bcb.gov.br – Histórico.)

31. (TRF – 1ª Região – FCC) As normas de concordância verbal estão inteiramente respeitadas somente na frase:
a) Quando se fatigam os corpos, as almas restam mais sossegadas e limpas.
b) O que aflige o autor é os compromissos e os ofícios vãos, com os quais se envolvem permanentemente.
c) Não dura senão um rápido instante os vislumbres de uma vida mais simples.
d) Todas as coisas que se sonha nascem de carências reais.
e) Se houvessem mais coisas simples em nossa vida, não sonharíamos tanto com elas.

32. (TRF – 1ª Região – FCC) Para preencher de modo correto a lacuna da frase, o verbo indicado entre parênteses deverá adotar uma forma do plural em:
a) As normas que num código legal se (estipular) devem acompanhar a prática das ações

sociais.
b) As recentes alterações que (haver) no Código Civil brasileiro são elogiáveis em muitos aspectos.
c) Não nos (dizer) respeito definir o que é ou não é legítimo, se não distinguimos entre o que é e o que não é um fato social.
d) Se dos postulados dos códigos (nascer) todo direito, a justiça humana seria uma simples convenção.
e) Ao longo das lutas feministas tanta coisa se (conquistar) que muitos dispositivos legais se tornaram imediatamente obsoletos.

33. (TTN) Indique o texto que contém <u>defeito</u> na estrutura sintática.
a) O culto dos deuses africanos no Brasil abrangem diferentes ritos, aos quais se convencionara denominar "nações".
b) As culturas negras que mais contribuíram para a consolidação das religiões africanas no Brasil vieram de diferentes regiões, cada uma com deuses, rituais e línguas próprias.
c) As nações, são portanto, organizações originárias de diferentes etnias, troncos linguísticos e regiões africanas, que se constituíram no Brasil através de agrupamentos de escravos de diversas origens, em processos de sincretismo às vezes originados na África.
d) Hoje, em São Paulo, podem ser encontradas casas de três vertentes básicas. As matrizes culturais predominantes são banto, iorubá e fon. Há também variações angolas do tipo congo.
e) Num terreiro pode ser encontrado mais de um rito, além da umbanda e do candomblé, este em geral incorporado como rito paralelo.
(Reginaldo Prandi e Vagner Gonçalves, com adaptações.)

34. (TRF – 5ª Região – FCC) Para preencher corretamente a lacuna, o verbo indicado entre parênteses deverá ser flexionado numa forma do plural na seguinte frase:
a) A menos que se (perder) no tempo, essas imagens "higienizadas" testemunharão para sempre a insensibilidade de nossa época.
b) Uma das marcas dessas transmissões jornalísticas (estar) nas semelhanças que guardam com as imagens de um jogo eletrônico.
c) Mesmo que não (criar) outros efeitos, esse tipo de transmissão já seria nocivo por implicar a banalização da violência.
d) Se tudo o que as câmeras captassem (chegar) até nós, sem uma edição maliciosa, nossas reações seriam bem outras.
e) As pessoas a quem se (dirigir) esse tipo de telejornalismo são vistas mais como consumidores de entretenimento do que como cidadãos.

35. (Analista Judiciário – TRT-14ª Região – FCC) Estão plenamente observadas as normas de concordância verbal na frase:
a) Destinam-se aos homens-placa um lugar visível nas ruas e nas praças, ao passo que lhes é suprimida a visibilidade social.

b) As duas tábuas em que se comprimem o famigerado homem-placa carregam ditos que soam irônicos, como "compro ouro".
c) Não se compara aos vexames dos homens-placa a exposição pública a que se submetem os guardadores de carros.
d) Ao se revogarem o emprego de carros-placa na propaganda imobiliária, poupou-se a todos uma demonstração de mau gosto.
e) Não sensibilizavam aos possíveis interessados em apartamentos de luxo a visão grotesca daqueles velhos carros-placa.

36. (Sefaz-SP – FCC) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do plural para preencher corretamente a lacuna da frase:
a) Sempre ..... (**poder**) caber a quem tenha escrito um belo poema os aplausos de um leitor que se disporá a parodiá-lo.
b) Não ..... (**costumar**) haver, nas viagens de trem, passageiros vociferando por causa de um contratempo.
c) O ritmo dos trens, que ao dos negócios e ao dos amores ..... (**chegar**) a se associar, era uma medida do tempo e da vida.
d) Eram inesquecíveis os momentos que uma parada do trem, nos confins do mundo, nos ..... (**permitir**) desfrutar.
e) A nenhum dos passageiros ..... (**perturbar**), de fato, a vagarosidade daqueles trens cheios de poesia.

37. (TRT – 24ª Região – FCC) Na reconstrução de uma frase do texto, desrespeitou-se a concordância verbal em:
a) Às economias nacionais não se permite, modernamente, que se desenvolvam de modo autônomo e competente.
b) Ainda não se encontraram, para essas duas tendências contraditórias, quaisquer possibilidades de harmonização.
c) Quando não se está ligado ao progresso da vida moderna, como ocorre com boa parte dos brasileiros, paga-se com as consequências do atraso.
d) Devem-se às oscilações dos líderes da economia mundial boa parcela do desequilíbrio da nossa própria economia.
e) Devido à dificuldade de se ajustarem ao ritmo variável da economia mundial, há medidas que, mesmo necessárias, deixamos de tomar.

38. (TRT – 24ª Região – FCC) Para se atender às normas de concordância, é preciso <u>corrigir</u> a forma verbal sublinhada na frase:
a) Não nos <u>parece</u> que sejam irrelevantes quaisquer medidas que visem à preservação de línguas utilizadas pelas minorias.
b) Que não se <u>meça</u> esforços para se preservar ou resgatar um fato cultural que ajude a compreender o nosso passado histórico.
c) <u>Tem havido</u> muitas pressões para garantir os direitos das minorias, tais como a utilização e a veiculação de línguas que resistem ao desaparecimento.

d) As populações a quem interessa preservar seus direitos históricos devem unir-se e mobilizar-se contra medidas autoritárias.
e) Caso politicamente não convenha às autoridades do Ministério das Comunicações proibir o programa "Nheengatu", este será mantido em sua forma original.

39. (Analista Judiciário – TST – FCC) As normas de concordância verbal estão plenamente acatadas em:
a) Aos ateus não se devem dispensar o mesmo tratamento de que foram vítimas os primeiros adeptos do cristianismo.
b) Nunca faltaram aos homens de todas as épocas o recurso das crenças no sobrenatural e a empolgação pelas artes da magia.
c) Não se deixam levar pelas crenças transcendentes quem só costuma atender as exigências do pensamento racional.
d) Poupem-se da ira dos fanáticos de sempre aquele tipo de pesquisador que se baseia tão somente nos fenômenos que se podem avaliar.
e) Nunca se abrandaram nos homens e mulheres que não se valem da fé religiosa a reação hostil dos que se proclamam filhos de Deus.

40. (TRF – 1ª Região – FCC) O verbo indicado entre parênteses adotará obrigatoriamente uma forma do plural para preencher de modo correto a lacuna da frase:
a) Foi nos anos 80 que (ocorrer) a pesquisa dos estudiosos americanos.
b) (resultar) do excesso de exercícios algumas complicações para a nossa vida.
c) Mesmo quando (prejudicar-se) com os excessos, o atleta compulsivo os comete.
d) (acarretar) uma série de malefícios essa ginástica feita de modo compulsivo.
e) Quando (praticar) tantos exercícios, o atleta compulsivo não avalia os efeitos.

41. (TRT – 20ª Região – FCC) A concordância está feita corretamente em:
a) Os poucos anos de escolaridade do trabalhador são insuficientes para um bom uso das inovações tecnológicas.
b) O número de postos de trabalho geralmente aumentam quando as empresas elevam a produtividade.
c) Os trabalhadores que perdem o emprego pode ser admitido em novos postos, dependendo do nível de escolaridade.
d) Existe vários efeitos que é resultante da aplicação da tecnologia, capazes de gerar novos empregos.
e) A recuperação de novos postos de trabalho nas empresas são possíveis para candidatos com formação adequada a eles.

42. (TRT – 21ª Região – FCC) As formas verbais sublinhadas respeitam as normas de concordância na frase:
a) Não caberiam aos caboclos ter consciência de todas as coisas que o progresso lhes trariam.
b) Entre os diversos fatores que determinam o estresse, um dos mais importantes está

nos hábitos alimentares.
c) Toda a comunidade de Aracampinas acabaram por se envolver em tanta melhoria que passaram a ficar ao seu alcance.
d) Tão logo surgiu, as primeiras manifestações de estresse deixou bem claro que se deviam às novidades do cotidiano.
e) Fogão a gás, televisão, luz elétrica, tudo fascinavam os caboclos, a quem ninguém advertiram da outra face da moeda.

43. (TRT – 21ª Região – FCC) O verbo indicado entre parêntenses deverá se flexionar numa forma do plural para completar corretamente a lacuna da frase.
a) Por mais que se (haver) beneficiado com o progresso, os caboclos não deixaram de sofrer algumas de suas desvantagens.
b) Em todas as vezes que se (falar) dos benefícios do progresso, costuma-se omitir o quanto ele pode ser prejudicial.
c) Até mesmo às fraldas descartáveis (ter) acesso, agora, a mulher que vive em Aracampinas.
d) Entre as novidades com que se (entusiasmar) o morador de Aracampinas estão a televisão e o telefone.
e) Pouca gente (poder) censurar a atração que têm os moradores pelas novidades que chegaram a Aracampinas.

44. (TRT – 24ª Região – FCC) As normas de concordância estão inteiramente respeitadas na frase:
a) Muitos julgam imprescindíveis que se consulte os especialistas para que se avalie com precisão os livros de uma velha biblioteca.
b) Qualquer um dos que entram desprevenidos numa velha biblioteca podem se defrontar com surpresas de que jamais se esquecerá.
c) Mesmo que hajam passado cem anos, as fotos revelam instantâneos de um presente perdido, no qual não se contava com os efeitos do tempo.
d) Nada do que se lê nos grandes livros, mesmo quando extinta a época em que foram escritos, parecem envelhecidos para quem os compreende.
e) Lá estão, como se fosse hoje, a imagem das jovens e sorridentes senhorinhas daqueles tempos, inteiramente alheias ao passar do tempo.

45. (TRT – 24ª Região – FCC) O verbo indicado entre parênteses adotará, obrigatoriamente, uma forma no plural, ao se flexionar na seguinte frase:
a) À grande maioria dos livros de uma biblioteca (caber) um destino dos mais melancólicos.
b) É comum que livros antigos, na perspectiva de um herdeiro pouco afeito às letras, (representar) mais um incômodo do que uma dádiva.
c) (costumar) haver muitas surpresas para quem se propõe a vasculhar uma antiga biblioteca.
d) Pouca gente, tendo o compromisso de avaliar uma biblioteca, (saber) separar com

rigor os livros valiosos dos que não o são.
e) (ocorrer) a muitos imaginar que uma velha biblioteca valerá mais pela quantidade do que pela qualidade dos livros.

46. (TRT – 24ª Região – FCC) O verbo indicado entre parênteses deverá ser flexionado numa forma do singular para preencher corretamente a lacuna da seguinte frase:
I. Ninguém, entre nós, (habilitar-se) a tempo de se inscrever no próximo concurso.
II. A quitação de todas as prestações restantes só se (dar) se ganharmos a causa.
III. Por mais que nos (ameaçar) de recorrer à justiça, nossos fiadores sabem que não nos é possível quitar essa dívida.
Atende ao enunciado da questão somente o que está em:
a) I e II;
b) I e III;
c) II e III;
d) II;
e) III.

47. (AFC – Esaf) Assinale a norma gramatical que justifica, com correção e propriedade, a flexão plural do verbo ser no período abaixo:
"Já é mais do que conhecido que o principal problema do sistema tributário nacional são justamente as contribuições, e não os impostos propriamente ditos".
(Revista CNT, "Lixo tributário".)
a) "Com os verbos ser e parecer a concordância se faz de preferência com o predicativo, se este é plural" (Luiz Antonio Sacconi).
b) "Nas frases em que ocorre a locução invariável é que, o verbo concorda com o substantivo ou pronome que a precede, pois são eles efetivamente o seu sujeito" (Celso Cunha & Lindley Cintra).
c) "Se tanto o sujeito como o predicativo forem personativos e nenhum dos dois for pronome pessoal, a concordância será facultativa (pode-se concordar com o sujeito ou o predicativo)" (Dileta S. Martins & Lúbia S. Zilberknop).
d) "Expressões de sentido quantitativo (...) acompanhadas de complemento no plural admitem concordância verbal no singular ou no plural" (*Manual de Redação da Presidência da República*).
e) "Se o sujeito composto tem os seus núcleos ligados por série aditiva enfática (...), o verbo concorda com o mais próximo ou vai ao plural (o que é mais comum quando o verbo vem antes do sujeito)" (Evanildo Bechara).

48. (TRT – 7ª Região – Esaf) Para cada verbo sublinhado no texto, fez-se corresponder uma regra gramatical (com letra idêntica). Indique a regra que não explica nem se aplica à concordância verbal empregada.
Pelo menos 90% dos brasileiros <u>são</u>(a) pobres. O que não quer dizer que os 10% restantes <u>sejam</u>(b) ricos. No século vinte, o Brasil foi um entre os cinco países que mais <u>cresceram</u>(c) no mundo. Junto com nossas mazelas, <u>cresceram</u>(d) também o número de

brasileiros e a expectativa de vida. Somos, na América Latina, um dos dois países que menos acreditam(e) na democracia. (Octaciano Nogueira, "A tentação de sonhar", *Folha de S. Paulo*, 23/11/2003, p. 21.)

a) Quando o predicado é constituído de verbo de ligação, o verbo e o predicativo deixam-se influenciar pelo número e pelo gênero do partitivo (Napoleão Mendes de Almeida).

b) Se o número percentual vem determinado por artigo ou por pronome adjetivo, faz-se com eles a concordância (Luiz Antonio Sacconi).

c) A expressão mais de um pede o verbo no singular, a não ser que esteja repetida ou haja ideia de reciprocidade (Hileta Martins & Lubia Zilberknop).

d) Se o sujeito for composto, o verbo irá, normalmente, para o plural, qualquer que seja a sua posição em relação ao sujeito (Evanildo Bechara).

e) Quando o relativo que vem antecedido das expressões um dos, uma das (+ substantivo), o verbo de que ele é sujeito vai para a 3a pessoa do plural (Celso Cunha & Lindley Cintra).

49. (AFRF – Esaf) Assinale a opção em que o trecho do texto foi transcrito com erro de concordância.

a) A Superintendência da Receita Federal em Minas Gerais montou equipe de auditores para fiscalizar os integrantes da "máfia" de adulteração de combustíveis. Foram concluídas nos dois últimos meses as primeiras sete ações fiscais, com lançamentos de crédito tributário no valor aproximado de 2 milhões de reais. Outras duas ações fiscais estarão sendo encerradas em breve e vão gerar créditos tributários da ordem de 6 milhões de reais.

b) As fiscalizações já concluídas se referem a empresas, abrangendo também os seus respectivos sócios, sobre os quais pesa a acusação da prática de adulteração de combustíveis, fato este que envolveu até mesmo o assassinato do Promotor que investigava o caso.

c) No decorrer dos trabalhos já encerrados, foram constatados fortes indícios da prática de crime contra a ordem tributária, e, ainda, fraude, sonegação e conluio, tendo em vista a utilização de "laranjas" na constituição das empresas, além da prática do uso de "notas calçadas" e de "livros paralelos".

d) De acordo com as investigações realizadas, a sistemática utilizada para a distribuição irregular dos solventes adquiridos pelas empresas, assim como de combustíveis já adulterados, envolvem a emissão de notas fiscais calçadas e paralelas, além da utilização de empresas "fantasmas" ou inabilitadas, como destinatárias fictícias das mercadorias nas notas fiscais.

e) O trabalho continua e se estende por todo o Estado. Já estão em andamento dezoito outras ações fiscais em pessoas físicas e jurídicas, podendo, após o término do trabalho de pesquisa da equipe, outras ações serem incluídas. Estes programas fazem parte de um esforço coordenado da Receita Federal com outros órgãos, no combate às atividades ilícitas.

(Adaptado de www.receita.fazenda.gov.br, 9/9/2003.)

50. (IRB – Esaf) Assinale o período inteiramente correto quanto às regras gramaticais de concordância.

a) Tornar as regras entre os países que aderirem à Alca – Área de Livre Comércio das Américas – mais eficiente, para permitir, entre outros pontos, que as empresas de seguro consigam, mais facilmente, autorização para operarem nos países que fizerem parte do acordo.

b) Essa é uma das metas do grupo que se reuniu no início desse mês em Miami, nos Estados Unidos, para discutirem a importância de os Governos envolvidos nesse processo iniciarem, o mais breve possível, as negociações visando harmonizar seus sistemas de seguro.

c) Constava também, na pauta de discussão, questões relacionadas com as dificuldades enfrentadas pelo mercado segurador, como a falta de um ambiente regulatório em que predominem a clareza e a estabilidade, o acesso aos mercados e a transparência das negociações.

d) Formado por executivos de várias associações, o grupo determinou ainda que se deve enfatizar as operações de resseguro, mas sempre de acordo com os padrões internacionais de regulamentação da atividade.

e) Os executivos acreditam que o sucesso das negociações, que devem continuar ao longo desse ano, poderão aumentar significativamente as opções de novos produtos disponíveis nos mercados que fizerem parte da Alca, o que, consequentemente, contribuirá para fortalecer o mercado segurador nesses países.

(Baseado em "Brasil e Estados Unidos discutem seguro na Alca", Fenaseg *On-line*.)

27.3. Concordância nominal

O conceito básico é que o adjetivo (ou qualquer outro termo com valor adjetivo) concorde com o termo determinado.

1) **DOIS OU MAIS SUBSTANTIVOS E UM ADJETIVO**

a) **SUBSTANTIVOS ANTEPOSTOS AO ADJETIVO –** poderá haver dois tipos de concordância. A concordância poderá ser por proximidade ou por soma. Na concordância por soma, se um dos substantivos for masculino, este gênero prevalecerá.

Ex.: Aluno e aluna bonita (concordância por proximidade).
Aluno e aluna bonitos (concordância por soma).
Aluna e aluno bonito (concordância por proximidade).
Aluna e aluno bonitos (concordância por soma).

Obs.: Na soma, o termo masculino sempre prevalecerá. Para que haja a forma feminina e plural, na adição dos núcleos, é necessário que todos os elementos, sem exceção, sejam femininos.

b) **SUBSTANTIVOS POSPOSTOS AO ADJETIVO –** há duas visões deveras

divergentes.

1 – O Professor Evanildo Bechara assevera que tanto o adjetivo poderá concordar com o mais próximo dos substantivos como poderá concordar com a ideia somada

Ex.: Lerei interessante (interessantes) jornal e livro.

2 – O Professor Celso Cunha indica que, se o adjetivo possuir função predicativa, poderá ocorrer no singular ou no plural em coerência com a concordância verbal.

Ex.: É simpática a aluna e o aluno. / São simpáticos a aluna e o aluno.

→ Observe que, no primeiro exemplo, "simpática" está no singular concordando com o mais próximo dos núcleos (aluna), tal qual o verbo SER; já, no segundo exemplo, "simpáticos" está no plural, pois concorda com a soma dos núcleos, como também acontece com o verbo SER.

Ex.: Considerei interessante (interessantes) o livro e o jornal.

→ Como interessante(s) funciona nesta frase como predicativo do objeto, tanto poderá ocorrer no singular, concordando com "o livro" ou no plural, com "o livro e o jornal". É interessante, neste momento, você rever a diferença entre predicativo do objeto e adjunto adnominal.

Celso Cunha, ao citar o adjunto adnominal antecedendo dois ou mais substantivos, assegura que a concordância dele se fará apenas com o mais próximo dos núcleos.

Ex.: Lerei interessante livro e jornal.

→ É justamente neste ponto a divergência entre os dois autores. Enquanto Bechara admite a dupla possibilidade de concordância – "interessante" ou "interessantes", independentemente da função sintática do adjetivo –, Celso Cunha aceita somente a concordância atrativa quando o adjunto adnominal – "interessante" – preceder dois ou mais substantivos. Apesar de, particularmente, eu considerar a visão de Evanildo Bechara mais prática e objetiva, não posso omitir que o NCE segue gritantemente a visão de Celso Cunha.

Além disso, o Professor Celso Cunha cita exceções para a regra de adjetivo (adjunto adnominal) precedendo substantivos: sendo os substantivos nomes próprios ou indicadores de parentesco, o adjetivo deverá estar flexionado no plural.

Ex.: Vi, na semana passada, os simpáticos mãe e pai do Aníbal. / Os insuperáveis Carlos e João estarão presentes em nossa festa.

2) **VERBO SER**

Quando o sujeito do verbo "ser" possuir um adjunto adnominal, o

predicativo do sujeito terá o mesmo gênero desse adjunto adnominal. Quando o verbo "ser" não possuir nenhum determinante, o predicativo ficará no masculino (neutro).

Ex.: Cerveja é bom.
A cerveja é boa.
Entrada é proibido.
A entrada é proibida.

3) **ALERTA –** é advérbio e, consequentemente, invariável.

Ex.: Devemos estar sempre alerta.
Os bombeiros ficarão alerta.

4) **QUITE –** é adjetivo, portanto variável.

Ex.: Estou quite.
Estamos quites.

5) **BASTANTE –** quando advérbio, é invariável; quando pronome indefinido, variável.

Ex.: Ele está bastante cansado. Eles estão bastante cansados.
Bastante dia neste ano fez frio. Bastantes dias neste ano fez frio.

BIZU

BASTANTE funciona exatamente como MUITO. Se MUITO puder ser flexionado, BASTANTE também poderá sê-lo.

6) **MEIO –** quando numeral, é variável; quando advérbio, é invariável.

Ex.: Comi meia batata e meio tomate.
Meio-dia; meios-dias; meia-noite; meias-noites.
Ela está meio cansada. Elas estão meio cansadas.
"Agora era um moço de meia-idade" (Fernando Sabino).

7) **HAJA(M) VISTA –** o termo serve para exemplificação. Caso o exemplificado esteja no singular, o verbo somente poderá estar no singular; caso o elemento exemplificado esteja no plural, o verbo tanto poderá vir no singular como no plural.

Ex.: Os últimos fatos foram alegres, haja vista o nascimento de João.
A literatura brasileira é muito rica, haja(m) vista os maravilhosos livros de Machado de Assis.

8) **SÓ –** quando significar sozinho, será variável e, quando significar somente, será invariável.

Ex.: Ele fez o trabalho só. Eles fizeram o trabalho sós. SÓ – SOZINHO

Só ele fez o trabalho. Só eles fizeram o trabalho. SÓ – SOMENTE

"Estávamos a um canto mal iluminado do pátio, quase sós" (Raul Pompéia).

"Só os relógios do céu terão marcado esse tempo" (Machado de Assis).

Obs.: A locução adjetiva "a sós" é invariável.

Ex.: "Ficando a sós com um de cada vez..." (Aluísio de Azevedo).

9) **MUITO OBRIGADA –** As mulheres devem dizer.

MUITO OBRIGADO – Os homens devem dizer.

Ex.: Disse a moça muito obrigada. Ele disse à moça muito obrigado.

10) **ANEXO, INCLUSO, APENSO** são variáveis.

Ex.: A lista de preços inclusa foi aprovada pela diretoria.

As fotografias estavam anexas à carta.

A petição segue apensa ao processo.

11) **EM ANEXO, EM INCLUSO, EM APENSO –** são invariáveis.

Ex.: A lista de preços em incluso foi aprovada pela diretoria.

As fotografias estavam em anexo à carta.

A petição segue em apenso ao processo.

12) **SALVO –** quando significar exceto, será invariável. Quando for o particípio verbal, será variável.

Ex.: Salvo Maria, todos acreditavam em você. Salvo Maria e João, todos acreditavam em você.

Salva Maria, passei a me preocupar com os outros doentes. Salvas Maria e Joana, passei a me preocupar com os outros doentes.

13) **LESO –** é adjetivo, por isso, variável.

Ex.: Foi um crime de lesa-pátria. Foi um crime de leso-patriotismo.

14) **PSEUDO –** é prefixo, por isso, é invariável.

Ex.: Pseudopatriotas. Pseudorrepresentações.

15) **MESMO –** Quando significar "próprio" é variável. Porém quando significar até mesmo é invariável.

Ex.: Ela mesma (própria) fez o almoço. / Mesmo (até mesmo) ela fez o almoço.

16) **POSSÍVEL**

a) nas estruturas com **o mais, o menos, o melhor, o pior, quanto,** o adjetivo possível estará no singular;

Ex.: Fiz todos os esforços quanto possível. / São alunos o mais estudiosos possível.

b) já nas estruturas com **os mais, os menos, os melhores, os piores**, possível virá no plural.
Ex.: São alunos os mais possíveis estudiosos.

17) **TODO**

a) quando for pronome indefinido é variável;
Ex.: Toda pessoa deve investir em ações.

b) quando for advérbio é invariável.
Ex.: Ela está todo preocupada.

Obs.: A população vem adotando a variação, com o respaldo de vários autores, para o advérbio TODO há longa data "Ela está toda preocupada." No adjetivo composto "todo-poderosa", TODO não se pode flexionar.

18) **DADO, VISTO –** Formas adjetivadas variáveis.
Ex.: Dadas as dificuldades, não viajaremos amanhã.

19) **CONCORDÂNCIA COM NUMERAIS**

a) os cardinais aparecendo como ordinais, não há flexão;
Ex.: A camisa dez de Pelé é histórica. / Foi arrancada a página dois do livro

b) na linguagem jurídica é utilizada a seguinte expressão:
Ex.: O documento está a folhas trinta e um do processo.

20) **SILEPSE –** concordância ideológica.
Ex.: V. Exª. é deveras simpático (o adjetivo está na forma masculina, pois o ser a que se refere é homem).

21) **MONSTRO –** funcionando como adjetivo é invariável.
Ex.: Estou com uma dor de cabeça monstro.

27.4. Exercícios

1. (CVM – Esaf) Os períodos seguintes compõem um texto. Marque o que contém erro de estruturação sintática.

a) O filósofo alemão Jügen Habermas vem insistindo: o fim do Estado Nacional como instância reguladora do mercado também torna obsoleta as formas tradicionais do exercício de cidadania.

b) Sofrendo o impacto direto do movimento de globalização econômica, os cidadãos, os tribunais, os parlamentos continuam ilhados nos territórios nacionais.

c) Caso não apareçam instâncias supranacionais de exercício de cidadania, afirma Habermas, haverá uma regressão política no Ocidente.

d) O filósofo alemão fez essas declarações em Paris, pensando sobretudo na Europa, onde medrou e estendeu-se o conceito moderno de democracia.

e) Mas os brasileiros, envolvidos no Mercosul, deveriam ficar atentos ao problema. Convenhamos, a tradição e a prática democrática não são o forte de nossos países. (Luiz

Felipe de Alencastro, *Veja*)

2. (Sefaz – APOFP-SP) Os trechos abaixo constituem sequencialmente um texto adaptado do Editorial do *Correio Braziliense* de 6/1/2009.
Assinale a opção em que o segmento está gramaticalmente correto.
a) Antes dos conflitos, Gaza estava estrangulada. Sitiada entre o mar e o muro construído por Israel (que controlam entradas e saídas de pessoas e produtos), a estreita faixa depende totalmente de Telavive.
b) Representantes do Hamas aceitaram ir ao Egito para negociar uma solução. Até agora as iniciativas foram inútil.
c) A resposta desproporcional já fez centenas de mortos e milhares de feridos entre os civis. No vácuo da transição de governo nos Estados Unidos e dos feriados de fim de ano, os países da Europa faz tentativas de obter trégua afim de abrir espaço para a diplomacia.
d) O bloqueio de dezoito meses escasseou alimentos, agasalhos, remédios. O cessar-fogo, que previa o levantamento do cerco, não obteve êxito. Essa a razão, segundo o Hamas, grupo que controla Gaza, de romper a trégua com lançamento de foguetes contra o país vizinho.
e) Também inútil foram às resoluções da ONU, sistematicamente desrespeitadas ao longo de sessenta anos. No meio do tiroteio, milhões de inocentes. Eles pagam a conta de outros.

3. (Sefaz – APOFP-SP) Os trechos abaixo constituem sequencialmente um texto adaptado do Editorial do *Estado de Minas* de 6/1/2009. Assinale a opção em que o segmento está gramaticalmente correto.
a) Como um rotundo e vergonhoso fracasso – é assim que as autoridades e a própria sociedade deveria encarar os números que provam, mais uma vez, a incontrolável capacidade do motorista brasileiro e das estradas que corta o país de transformar o descanso, o lazer e a viagem em tragédias.
b) Até parece que nunca divulgou-se qualquer coisa à respeito do perigo que se esconde nas curvas mal feitas e no excesso de velocidade nas rodovias, ou sobre a carona para a morte que representa o efeito da bebida sob o motorista.
c) Foi 124 mortes, no período de 20 de dezembro até 4 de janeiro, somente nas estradas que corta o território mineiro. Nas rodovias estaduais, morreram 35 pessoas e 475 ficaram feridas. Na malha rodoviária federal mineira, a tragédia teve dimensão alarmante: 89 mortes, representando aumento de 53% em relação ao ano passado.
d) Afinal, tão inaceitável quanto o tamanho da tragédia é o conformismo com a sua macabra repetição. Se os números deste fim e começo de ano não servirem de combustível para uma reação firme e produtiva, então é por que já se perderam até mesmo o compromisso com a vida.
e) As estatísticas estão aí a desafiar o bom senso e, sobretudo, a honestidade que todos temos de ter para reconhecer que têm faltado indignação e atitude suficientes para se exigir e para se construir o fim dessa barbárie.

4. (Susep) Os trechos a seguir constituem um texto adaptado de *O Estado de S. Paulo*, Editorial, 18/02/2010. Assinale a opção gramaticalmente correta.

a) A decisão da Agência de Proteção Ambiental (EPA) dos Estados Unidos de considerar o etanol produzido à partir da cana-de-açúcar um biocombustível avançado, que reduz a emissão de dióxido de carbono em pelo menos 40% na comparação com a gasolina, derruba uma das principais barreiras à entrada do álcool brasileiro no mercado americano e, desse modo, pode representar a abertura do mercado global para o produto nacional.

b) Para entrar no mercado americano, no entanto o etanol brasileiro precisa vencer outros obstáculos, alguns criados pela política externa do Brasil, como a aproximação ao Irã, que causou a perda do apoio ao produto brasileiro até agora dada pelo Congresso Americano.

c) A certificação do etanol de cana como biocombustível avançado pela EPA é importante para o Brasil. O Ato de Segurança e Independência Energética, de 2007, que define regras para os EUA alcançarem as metas de segurança energética e redução da emissão de gases de efeito estufa, estabelecem um consumo mínimo de biocombustíveis de 45 bilhões de litros em 2010 e de 136 bilhões de litros daqui a 12 anos.

d) Do total de biocombustíveis a ser consumido em 2022, 80 bilhões de litros está reservado para os avançados, que são o celulósico (ainda em fase experimental) e o diesel de biomassa, entre outros. A EPA incluiu o etanol de cana-de-açúcar entre os biocombustíveis avançados, ao reconhecerem que, em relação à gasolina, ele reduz a emissão de dióxido de carbono em 61%, bem mais que o mínimo exigido de 40%.

e) Por isso, do total de 80 bilhões que serão consumidos anualmente daqui a 12 anos, o etanol responderá por 15 bilhões de litros. Esse volume corresponde a três vezes o total exportado pelo Brasil em 2008. Em decisão anterior, a EPA contabilizara os efeitos de emissões associadas ao desmatamento provocado pela expansão das áreas plantadas com cana, e considerara que a redução da emissão de dióxido de carbono em relação à gasolina seria de apenas 26%.

5. (Analista Tributário da Receita Federal) Assinale o trecho do texto adaptado de Maria Rita Kehl (*O tempo e o cão: a atualidade das depressões*. São Paulo: Boitempo, 2009) em que, na transcrição, foram plenamente atendidas as regras de concordância e regência da norma escrita formal da Língua Portuguesa.

a) Paradoxalmente, as mesmas inovações tecnológicas destinadas a nos poupar o tempo de certas tarefas manuais e aumentar o tempo ocioso vem produzindo um sentimento crescente de encurtamento à temporalidade. Tal sentimento talvez esteja relacionado com o encolhimento da duração.

b) A vivência contemporânea da temporalidade é dominada por um subproduto das ideologias da produtividade, às quais reza que se devem aproveitar, ao máximo, cada momento da vida.

c) Desligado do frágil fio que ata o presente à experiência passada, voltado, sofregamente, para o futuro, o indivíduo sofre com o encurtamento da duração. Assim,

desvalorizam-se o tempo vivido e o saber que sustenta os atos significativos da existência.
d) Segundo Bergson, a duração se mede pela sensação de continuidade entre o instante presente, o passado imediato e o futuro próximos; no entanto, nada indica que o registro psíquico dessas duas formas do tempo que alongam o presente devam limitar-se em curtos períodos antes e depois do brevíssimo instante.
e) Talvez a medida do transcorrer do tempo não individual não se assemelhe com o desenrolar de um fio, mas do tecer de uma rede que abriga e embala um grande número de pessoas ligado entre si pela experiência.

6. (Analista Tributário da Receita Federal) Assinale a opção em que o trecho do texto de Emir Sader (*A nova toupeira: os caminhos da esquerda latino-americana*) foi transcrito com correção gramatical.
a) Atualmente, as alternativas de contraposição a hegemonia enfrentam os dois pilares centrais do sistema dominante: o modelo neoliberal e a hegemonia imperial estadunidense. É no confronto com aqueles que se tem de medir o processo de construção de "outro mundo possível", para se analisar seus avanços, revezes, obstáculos e perspectivas.
b) De certa maneira, pode-se resumir os eixos que articulam o poder atual no mundo à partir de três grandes monopólios: o das armas, o do dinheiro e o da palavra. O primeiro reflete a política de militarização dos conflitos, em que os Estados Unidos acreditam dispor de superioridade inquestionável.
c) A região tem-se mostrado refratária a política de guerra infinita promovida pelos Estados Unidos. Internamente, a Colômbia, epicentro regional da política estadunidense, permanece isolada. No entanto, em seu conjunto, a América Latina produziu espaços de autonomia relativa no tocante a hegemonia econômica e política dos Estados Unidos, o que a torna o elo mais frágil da cadeia neoliberal no século XXI.
d) O terceiro trata-se do monopólio da mídia privada no processo – profundamente seletivo e antidemocrático – de formação da opinião pública. Palco inicial da implantação do modelo neoliberal e sua vítima privilegiada, a América Latina passa por uma espécie de ressaca do neoliberalismo, com governos que rompem com o modelo e com outros que buscam readequações que lhe permitam não sucumbir com ele.
e) O segundo retrata a política neoliberal de mercantilização de todas as relações sociais e dos recursos naturais, que tem buscado produzir um mundo em que tudo tem preço, tudo se vende, tudo se compra e cuja utopia são os grandes centros de compras.

7. (Aneel – Esaf) Assinale a opção gramaticalmente correta.
a) A liberação dos recursos abre uma nova fase do programa "Luz para Todos", que é coordenado pelo Ministério de Minas e Energia e foi lançado em novembro de 2003.
b) Durante esse período, foram instalados comitês gestores estaduais, assinados os termos de compromisso com os estados e finalizados as negociações com as concessionárias para definição das condições contratuais e do valor das obras.
c) A próxima etapa será a assinatura dos contratos entre as concessionárias e os

governos estaduais, também parceiro do programa.
d) O acesso à energia elétrica será gratuita para todos os consumidores. As famílias de baixa renda cadastradas nos programas sociais do Governo Federal receberão gratuitamente as ligações internas de suas residências.
e) Hoje, mais de 12 milhões de brasileiros não tem acesso à energia elétrica, o equivalente à soma da população dos Estados do Piauí, Mato Grosso do Sul, Amazonas e Distrito Federal.

8. (Maranhão – Sepog – Agente de Polícia – Biólogo – FCC) A concordância está inteiramente correta na frase:
a) Ao longo da História, líderes religiosos e políticos, de vastíssimo conhecimento, ordenaram a destruição de livros.
b) Paixões humanas podem serem destrutivas, como documenta diversas obras históricas em épocas e lugares diferentes.
c) Conta a História que teria sido destruído obras importantes e significativas para o desenvolvimento cultural da humanidade.
d) É assustador os relatos de danos causados a instituições culturais no Iraque, após a invasão do exército americano.
e) A queima de livros em diferentes épocas históricas atestam a força destruidora do fanatismo, tanto político quanto religioso.

9. (TRE MS – TJ – Área Adm. – FCC) A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:
a) Observa-se, na Amazônia, algumas clareiras de desmatamento, que parece surgir sem ligação com a presença humana, embora possam ser avistadas áreas de pastagens.
b) Imagens de satélites indica a existência de enormes áreas de pastagens em locais onde era antes apenas matas de transição, entre a floresta fechada e o cerrado.
c) Pequenos animais da floresta, assim como os pássaros, é vetor que disseminam sementes, indispensável para a permanência da mata principal.
d) Parques indígenas da Amazônia oferece vasta extensão de mata preservada, que se tornam de grande interesse para a conservação da biodiversidade.
e) Nas áreas desmatadas para a abertura de pastos e depois abandonadas, arbustos formam uma variada mata secundária, à medida que as invadem.

10. (MPU /An. – Área Arq. – FCC) A concordância está totalmente de acordo com a norma-padrão da língua em:
a) Acredito que as orientações dele, porque parecem pouco claro, não terão de serem seguidas antes de um esclarecimento maior.
b) Considerou digna de ser encaminhada a julgamento dos avaliadores a última versão do projeto-piloto, pois, se podem existir fragilidades, elas certamente hão de ser mínimas.
c) Elas se consideraram responsável pelo erro e julgaram legítimo as cobranças que lhe serão feitas de agora em diante.

d) Dado as contingências do momento, os diretores houveram por bem atender aos prazos, e prometeram reavaliar, tanto quanto fossem, as demais exigências do contrato.
e) Devem fazer mais de três meses que não os vejo; tantos dias de afastamento poderia ser entendido como descaso, mas quero dizer que lhes dedico muito afeto.

11. (TCE – MG/Eng. Perito – FCC) Quanto à concordância verbal, a frase inteiramente correta é:
a) Entre as questões essenciais, que a todo cientista deve importar, estão as que se prendem à origem e ao destino do ser humano.
b) Não houvesse outras razões, bastaria a propriedade das perguntas que lhe dirigiu o público para fazê-lo sentir-se um professor privilegiado.
c) Só é dado alimentarem a curiosidade e a insatisfação ao cientista que não abdica de fazer as perguntas fundamentais.
d) Diante do interesse que representavam cada uma das perguntas que lhe cabiam responder, o professor sentiu-se um privilegiado.
e) O autor considerou um privilégio o fato de o interrogarem, com perguntas tão instigantes, aquele público curioso que encontrou na escola.

12. (Administrador – Casa da Moeda – Cesgranrio) No que se refere ao fenômeno da concordância nominal, no subtítulo do texto, o termo textuais também admite a forma singular.
O período em que, conforme a norma-padrão, o termo destacado pode assumir tanto a forma singular quanto a plural é:
a) **Bastantes** poemas foram lidos na aula.
b) Custam **caro** os jornais de domingo.
c) Vendem-se quadros e esculturas **usados**.
d) Compramos livro e jornal **velhos**.
e) Na estante, dicionário e livros **jogados**.

13. (Fiscal – ISS – RJ) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado de *O Estado de S. Paulo*, Editorial, de 1/6/2010.
Assinale a opção em que não foram inseridos erros gramaticais e o trecho foi transcrito de forma gramaticalmente correta.
a) Os consumidores pagam juros maiores porque obtém crédito com prazos maiores e prestações menores. Alguns fatos recentes estão contribuindo para um aumento da demanda, assim como, das pressões inflacionárias.
b) A economia brasileira vive um processo de aquecimento que as últimas modificações da conjuntura estão agravando. O aquecimento tem sua origem no inchaço cada vez maior da demanda doméstica, que até agora não foi afetada pelo aumento da taxa Selic.
c) À política de "bondades" do governo, em vigor nos últimos meses, veio se acrescentar à do Legislativo, que se aproveita do período eleitoral para propor medidas mais condescendentes. Isso aumenta perigosamente o poder aquisitivo da população.
d) Chegamos, agora, a uma situação de quase pleno emprego, em que os salários não

são mais determinados pela qualificação da mão de obra, mas pela dificuldade de contratar os trabalhadores necessários. O resultado é um aumento salarial duradouro, cujo peso na formação de preços.
e) É claro que a indústria tem dificuldades em acompanhar o ritmo de crescimento da demanda doméstica, recorrendo para isso à importações, que nem sempre têm preços menores do que os apresentados pela produção nacional.

14. (Analista de Controle Interno – Sefaz-RJ – FGV) ***Nesse sentido, se a evasão tributária é uma doença social, seu combate ou tratamento não pode ficar restrito aos seus agentes; é necessário o envolvimento de toda a sociedade*****. Assinale a alternativa em que a alteração do trecho destacado no período acima NÃO tenha sido feita de acordo com a norma culta. Não leve em conta alteração de sentido.**
a) é necessária a discussão aberta entre todos os membros da sociedade
b) é necessário debate com toda a sociedade
c) é necessário abertura política para se discutir a questão
d) é necessária participação de toda a sociedade
e) é necessária a organização de um debate público a respeito da questão.

15. (Fiscal da Receita Estadual – AP – FGV) Assinale a alternativa que apresenta uma concordância nominal incorreta.
a) Persistência é necessário à obtenção de resultados positivos na carreira profissional.
b) As questões definidas serão bastantes para a arguição do doutorando.
c) Vão incluídos na pasta do congressista a programação e o mapa dos locais dos eventos.
d) Consideraram-se satisfatórios os resumos encaminhados à organização do simpósio.
e) Anexo à tese vão as cópias dos documentos históricos referidos no artigo.

16. (Técnico Judiciário – 23ª Região – FCC) A concordância verbal e nominal está inteiramente correta em:
a) O interesse pelos acontecimentos que envolveram os cangaceiros e seus hábitos peculiares levam sempre a novas interpretações desse fenômeno do sertão brasileiro.
b) A roupa com proteção de couro e o chapéu de abas viradas, que facilitavam a visão de emboscadas, traziam adereços que buscava resguardar os integrantes do bando.
c) Consta que os cangaceiros, num gesto de grandeza, quando pretendia invadir uma determinada fazenda, informava ao dono o dia e a hora desse ataque.
d) A vestimenta adotada pelos cangaceiros eram uma adaptação da roupa dos vaqueiros sertanejos, adequado ao ambiente, com o calor do dia e o frio da noite.
e) Para esses guerreiros surgidos com o cangaço, os elementos que compunham seu traje criavam uma espécie de blindagem contra os perigos que corriam.

17. (Oficial de Defensoria Pública – Defensoria Pública-SP – FCC) A concordância verbal e nominal está inteiramente correta na frase:
a) As mais recentes descobertas da ciência pode levar ao desenvolvimento de

tratamentos que controlem a perda de memória, melhorando a capacidade cerebral.
b) Os pesquisadores descobriram que existe situações que favorece a memorização mais duradoura, possibilitando a realização das tarefas cotidianas no trabalho, por exemplo.
c) Está sendo feito estudos sobre a capacidade do cérebro humano de reter informações e processá-las, o que torna possível as lembranças do que aconteceu.
d) A visão de uma obra de arte dispara a comunicação entre neurônios, e o tamanho do impacto causado pela imagem é o que define como será guardada na memória.
e) Memória implícita é aquela que se refere aos conhecimentos, hábitos e habilidades, como andar de bicicleta, que é evocado de maneira automática.

18. (Esaf) Levando em consideração as regras de concordância nominal, escreva (1) para as frases corretas e (2) para as incorretas.
( ) Quando a senhora terminou de abrir as malas, já era meio-dia e meia.
( ) A própria sogra presenciou a abertura das malas; sim, ela mesmo.
( ) Anexo àquela carta destinada ao pai da moça, foram remetidas as joias.
( ) Ao final da tarde, a senhora mostrava-se meio apreensiva.
( ) Naquelas bagagens havia joias muito preciosas.
A sequência correta é:
a) 1, 1, 2, 2, 1;
b) 2, 1, 1, 2, 2;
c) 1, 2, 1, 2, 1;
d) 2, 2, 1, 1, 2;
e) 1, 2, 2, 1, 1.

19. (Esaf) Aponte o trecho correto, no tocante à concordância.
a) Muitos com certeza ficaram surpresos com a quantidade de cartazes que, de uma hora para outra, foi espalhado pelos quatro cantos da universidade.
b) Mais uma vez as chapas se formaram às escondidas dos estudantes, sem que se tivessem qualquer acesso às informações.
c) Nossa postura sempre foi a de procurar ampliar as possibilidades da participação do maior número possíveis de estudantes neste processo.
d) O caminho mais correto seria a formação de uma chapa ampla que englobasse todas as posições e correntes de pensamento, e que estas representassem o fruto das discussões que foi levado nas reuniões de cada departamento.
e) Obedecendo ao prazo legal, a discussão será restrita e o espaço destinado às campanhas eleitorais será expressamente curto; não concordamos em limitações ou restrições às discussões necessariamente sérias.

20. (AFTN – Esaf) Marque o conjunto que apresenta uma concordância <u>não</u> compatível com a norma padrão:
a) Atitudes e gestos belicosos / belicosas atitudes e gestos.
b) Amor e ira eternos / eterna ira e vingança.
c) Os preocupados pai e mãe / os famosos Machado e Alencar.

d) Seguem em anexo as fotos / Seguem anexas as fotos.
e) Os candidatos não eram nenhum bobocas / Não votaram em candidato nenhum.

21. (Área Administrativa – TRF- 4ª Região – FCC) A concordância verbo-nominal está Inteiramente correta na frase:
a) Em todas as épocas, ocorreram ataques de elefantes em várias regiões, porém a média de pessoas expostas a eles era quase insignificante.
b) O sentimento familiar entre manadas de elefantes são intensos, e muitas vezes os ataques de um animal constitui reação a uma iniciativa humana.
c) Elefantes que desenvolvem comportamento agressivo acaba abatidos a tiro para que se evite os ataques a pessoas e a propriedades.
d) Imagens do cérebro de elefantes apresentadas em estudo recente apontou a importância do convívio com animais mais velhos durante a infância.
e) Nos últimos anos, na Índia, foi morta mais de 500 pessoas, atacadas por elefantes em fúria, aparentemente explicáveis por stress pós-traumático.

22. (TFC – Esaf) Assinale a opção em que <u>não</u> há <u>erro</u>.
a) Seguem anexo os formulários pedidos.
b) Não vou comprar esta camisa. Ela está muito caro!
c) Estas questões são bastantes difíceis.
d) Eu lhes peço que as deixem sós.
e) Estando pronto os preparativos para o início da corrida, foi dada a largada.

23. (TRE – MT) De acordo com a norma culta, só está <u>incorreta</u> a concordância do termo grifado em:
a) Remeto-lhe <u>anexo</u> as certidões.
b) No shopping ela comprou vestidos e roupas <u>caras</u>.
c) Na reunião foi discutida a política <u>latino-americana</u>.
d) É meio-dia e <u>meia</u>.
e) <u>Bons</u> argumentos foram apresentados na exposição do conferencista.

24. (TRE – RO) Marque a opção em que está correta a concordância.
a) Informatizou-se algumas juntas apuradoras.
b) Ler o quê? Escrever o quê? Aí as coisas ficaram bastantes esquisitas.
c) Fazem alguns anos que a fraude eleitoral se instalou em alguns Estados.
d) Seria necessário os computadores para se evitar as fraudes das eleições passadas.
e) Deveriam existir, em todos os Estados, eleições informatizadas.

25. (TRE – RJ) Com relação ao adjetivo sublinhado, há erro de concordância nominal em:
a) Estavam <u>atrasados</u> a irmã e o irmão.
b) A loja vendera carros e moto <u>usadas</u>.
c) Ele comprou mamões e mangas <u>maduras</u>.
d) As listas de preço seguiam <u>anexas</u> a esta carta.

e) Os trabalhadores não quiseram fazer horas extras.

26. (Fiscal – ISS – RJ) Assinale a opção em que, ao ser transcrito, o fragmento do editorial adaptado da Revista *Veja*, de 4 de agosto, 2010, desrespeitou a gramática da norma culta.

a) Assim, resistiu as intempéries desencadeadas pela crise internacional e continua no rumo certo. Os indicadores são tão bons que uma bravata se espalhou pelos cinco continentes como se for realidade.

b) O Brasil vai muito bem graças ao permanente compromisso com a estabilidade, o dinamismo da iniciativa privada, a racionalidade e a regulação avançada do eficiente sistema bancário.

c) Um dos resultados é que entidades filantrópicas dos países de fato ricos estão desistindo de investir em projetos sociais brasileiros, enquanto aumentam suas verbas para aqueles em andamento na África.

d) Segundo ela, o Brasil se tornou uma nação rica, de Primeiro Mundo, que não precisa da ajuda de ninguém e ainda empresta dinheiro aos países ricos.

e) Certos clichês comportam verdades. Um deles é o de que o Brasil é um país de contrastes. Pegue-se o caso dos indicadores gerais de economia.

27. (TTN – Esaf) A concordância nominal está incorreta no item:

a) "É um filme para aquelas pessoas que têm uma certa curiosidade sobre si mesmas" (Spielberg).

b) "Salvo alguns desastres, obtêm-se bons resultados, desde que não se tente filosofar no palco de maneira confusa" (T. Guimarães).

c) Ficavam bastantes contrariados com a negligência de algum companheiro durante o treinamento.

d) A folhas vinte e uma do processo, encontra-se o comprovante de pagamento.

e) Estando o carnê e a procuração anexos ao processo, faltavam-lhe dados para explicar o caso.

28. (TRE – RJ) "A aplicação das máquinas agrícolas tornará também a batata mais barata".

Na função de predicativo, "barato" e "caro" são adjetivos e concordam em gênero e número com o substantivo a que se referem; na função de adjunto adverbial de intensidade (ou preço), são advérbios que admitem facultativamente a concordância atrativa.

Das frases abaixo, aquela em que há erro de concordância nominal, por não se observar uma das normas acima, é:

a) Com o uso de certas máquinas os legumes estão ficando muito mais caro.

b) A batata está sendo vendida mais barata com o uso de certas máquinas.

c) O uso de certas máquinas faz com que custem mais barato as batatas.

d) A batata está custando mais cara com o uso de certas máquinas.

e) O uso de certas máquinas deixa muito mais baratos os legumes.

29. (Of. Just. – TJ – NCE) "Parece possível distinguir duas tendências fundamentais..." A frase a seguir em que o adjetivo "possível" apresenta gênero de modelo idêntico ao da frase destacada do texto é:
a) É possível a admiração ou a recusa diante de um grupo estranho.
b) Torna-se possível a observação dos fatos destacados no texto.
c) Parece possível a desconfiança diante do que é novo.
d) É possível que ninguém seja profeta em sua terra.
e) Continua possível a existência das duas tendências citadas no texto.

30. (TRE) Julgamos ao espírito humano as indagações constantes sobre o que é verdade. Ocorre porém que, em nosso presente estágio evolutivo, as verdades são variadas .
As palavras ou expressões que completam corretamente as lacunas da passagem acima são:
a) natural / o mais / possível
b) naturais / o mais / possível
c) natural / as mais / possíveis
d) natural / o mais / possíveis
e) naturais / as mais / possível

31. (Agente de Documentação – TCE-PB – FCC) A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:
a) No século XX, a produção em massa permitiu que objetos, antes de posse restrita a reis, fossem acessíveis a toda a população.
b) Sempre existiu colecionadores de objetos, que exerce maior poder de atração sobre pessoas quanto mais estranho ele é.
c) No século XIX, foi dividido as áreas temáticas da ciência, surgindo então os colecionadores especializados em reunir um único tipo de objetos.
d) Permaneceu imutável por séculos as razões que levam algumas pessoas a colecionar objetos, algumas delas de gosto duvidoso.
e) O costume de enviar marinheiros pelo mundo para encontrar objetos exóticos mudaram a paisagem de alguns países e modernizaram a Europa.

32. (Of. Just. – TJ – NCE) O caso a seguir em que a concordância do vocábulo "possível" é equivocada, segundo a norma culta da língua portuguesa, é:
a) Dentro do possível, observaram-se duas tendências na reação ao grupo estranho.
b) As observações do autor do texto foram a mais pertinentes possíveis.
c) É possível que duas tendências existam.
d) Os estrangeiros tornaram possível a admiração por suas obras.
e) Foi possível observar os fatos descritos.

33. (Analista Judiciário – TRT 4ª Região – FCC) As normas de concordância verbal e nominal estão plenamente atendidas na frase:

a) Reservam-se os artistas o direito (ou privilégio?) de escolherem o gênero e a forma que lhes pareçam os mais adequados ao seu intento de expressão.
b) Não se reconhecia na crônica, antes de Rubem Braga, quaisquer méritos que pudessem alçá-la à altura dos chamados grandes gêneros literários.
c) Não cabem aos críticos ou aos historiadores da literatura estipular se o gênero de uma ou outra obra é maior ou menor em si mesmos.
d) Uma vez submetido ao poder de sedução de seu estilo admirável, é possível que custassem aos leitores de Rubem Braga ficar aguardando a crônica seguinte.
e) Não lhe bastassem, além do estilo límpido, ter os olhos de um grande fotógrafo, Rubem Braga ainda frequentava as alturas da poesia lírica.

34. (Aux. Cart. TJ – NCE) "... seja promovida nas escolas de Primeiro, Segundo e Terceiro Grau". O item a seguir em que ocorre um caso de concordância nominal idêntico ao que está destacado nessa frase do texto é:
a) Procedimento, trabalho e amor cristão.
b) A lei mostrava um novo objetivo e tática.
c) O governo merece eterno agradecimento e elogio.
d) O ministro mostrou bela cultura e talento.
e) Esta e aquela motivação da lei são justas.

35. (CBMERJ – NCE) "Mulheres e homens bonitos". A única forma <u>errada</u> entre as que estão abaixo, mantendo-se o sentido original é:
a) bonitas mulheres e homens;
b) bonitos homens e mulheres;
c) homens e mulheres bonitas;
d) homens e mulheres bonitos;
e) bonitos mulheres e homens.

36. (Técnico em Regulação de Saúde Suplementar – ANS – FCC) A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:
a) O desenvolvimento de técnicas de produção e de distribuição de alimentos permitiu a expansão da espécie humana em todo o planeta.
b) Ocorreu mudanças expressivas, ao longo dos tempos, na relação do homem com os alimentos, que foi se tornando mais variados e disponíveis.
c) Os hábitos alimentares, parte significativa da cultura de cada país, tornou-se uma das principais atividades econômicas do homem.
d) Com o início da agricultura, a tarefa de conseguir alimentos passaram a exigir menos esforço e os períodos de escassez de comida foi menos frequente.
e) A visão de uma cesta repleta de pães quentinhos são tão apetitosos que fica difícil resistir à tentação de comer mais que o necessário.

37. (Analista Judiciário – TRE-PB – FCC) A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:

a) Segundo alguns cientistas, as mais brilhantes fórmulas da física ou da biologia é comparável ao que de melhor foi feito na literatura do século XX.
b) O princípio da economia aproxima a poesia, com seu inigualável poder de síntese, das equações matemáticas, que resumem grande quantidade de informações.
c) Nem sempre as informações que se encontra disponível para um cientista pode orientá-lo na busca de soluções para o problema que tentam resolver.
d) Cientistas, em toda a História, defende a ideia de que tanto a estética científica quanto a artística se caracteriza pela busca da ordem em seu mais alto grau.
e) A emoção é um dos ingredientes mais importantes da estética científica, embora se pensem que deve estar distantes dos objetivos dos pesquisadores.

38. (Secretário de Procuradoria e Promotoria – NCE) "... caminhando rumo a um <u>futuro incerto e infeliz</u>". Se trocarmos as classes dos vocábulos sublinhados, escrevendo substantivos em lugar de adjetivos e vice-versa, teremos como forma correta desse mesmo segmento:
a) Caminhando rumo à incerteza e à infelicidade futuras.
b) Caminhando rumo a incerteza e a infelicidade futura.
c) Caminhando incerta e infelizmente para o futuro.
d) Caminhando rumo à incerteza do futuro e à infelicidade.
e) Caminhando rumo às futuras incerteza e infelicidade.

39. (Secretário de Procuradoria – NCE) "O Brasil tem hoje grande força e grande fraqueza".
Observe a seguir diversas formas de se reescrever a frase inicial do texto, sem a repetição do adjetivo grande.
I. O Brasil tem hoje força e fraqueza grandes.
II. O Brasil tem hoje força e fraqueza grande.
III. O Brasil tem hoje grande força e fraqueza.
IV. O Brasil tem hoje grandes força e fraqueza.
As frases que têm forma adequada são somente:
a) I – II – III – IV;
b) I – II – III;
c) I – IV;
d) II – III;
e) I – III.

40. (Auxiliar de Cartório – NCE) "... respiração e circulação sanguínea". Na *Nova gramática do português contemporâneo*, p. 265, o Prof. Celso Cunha diz: "(Quando o adjetivo vem depois dos substantivos), se os substantivos são do mesmo gênero e do singular, o adjetivo toma o gênero dos substantivos e, quanto ao número, vai: para o singular (concordância mais comum) ou para o plural (concordância mais rara)". Assim sendo:
a) O adjetivo sanguínea poderia também aparecer com a forma sanguíneas.

b) O autor preferiu a concordância mais rara à comum.
c) O autor do texto cometeu um erro de concordância.
d) Razões semânticas fazem que a única forma possível do adjetivo seja sanguínea.
e) A única forma correta do adjetivo é sanguíneas.

41. (Técnico Jud. Juramentado – NCE) "O terceiro e o quarto objetivos..." O caso de concordância nominal presente neste segmento do texto encontra-se referido no item:
a) O adjetivo, quer em função de adjunto adnominal, quer em função de predicativo, desde que se refira a um único substantivo, com ele concorda em gênero e número.
b) quando o adjetivo se associa a mais de um substantivo, o adjetivo concorda em gênero e número com o substantivo mais próximo.
c) se os substantivos são de gêneros diferentes e do singular, o adjetivo pode concordar com o substantivo mas próximo.
d) É possível que o adjetivo predicativo concorde com o sujeito mais próximo se estiver anteposto aos substantivos.
e) no caso de uma só palavra determinada e mais de uma determinante, a palavra determinada irá para o plural ou ficará no singular.

42. (TJ – SP – Vunesp) De acordo com a norma culta, a concordância nominal e verbal está correta em:
a) As características do solo são as mais variadas possível.
b) A olhos vistos Lúcia envelhecia mais do que rapidamente.
c) Envio-lhe, em anexos, a declaração de bens solicitada.
d) Ela parecia meia confusa ao dar aquelas explicações.
e) Qualquer que sejam as dúvidas, procure saná-las logo.

43. (Técnico Judiciário – Espec. Informática – TRF 4ª Região – FCC) A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:
a) Sistemas integrados de arrecadação e controle da visitação pública deve ser instalada em todos os parques nacionais.
b) Nações, mesmo de extensão menor que a do Brasil, está se tornando um dos destinos preferidos de turismo internacional.
c) O Brasil exibe um enorme potencial turístico, com suas belezas naturais, que não se encontra devidamente explorado.
d) A presença de turistas em áreas protegidas pelo Ibama, que permanece sem planos de conservação, são irregulares.
e) O Brasil tem vários parques nacionais, mas é poucos os que estão oficialmente abertos à visitação de turistas, nacional ou internacional.

44. (Assistente Administrativo – FGV) Assinale a alternativa em que <u>não</u> ocorra erro de concordância verbal ou nominal.
a) Elas mesmo decidiram resolver o problema que afligia a todos.
b) Quando ela disse "obrigado", todos aplaudiram.

c) Os coordenadores do projeto decidiram ficar só.
d) Ganharam bastantes elogios da diretoria.
e) Havia pedido emprestado cinco pares de meia.

45. (An. Jud. – Fundec) Está <u>incorreta</u> a forma como se fez a concordância nominal na frase:
a) Os trens e as estações foram reformadas.
b) Os engenheiros construíram um viaduto e uma passarela nova.
c) Pela ferrovia trafegavam vagões e locomotivas refrigerados.
d) Os planos previam projetos e estruturas recém idealizadas.
e) Os índices social e econômico de desenvolvimento da Região Metropolitana são baixíssimos.

46. (TRE – NCE) "... pelos governos federal, estadual e municipal." O item abaixo que exemplifica o mesmo tipo de concordância nominal do segmento retirado do texto é:
a) Vivia em tranquilos bosques e montanhas.
b) A professora estava com um vestido e um chapéu escuro.
c) Passou quarta, quinta e sexta trabalhosas no Rio.
d) Viu as bandeiras brasileira e francesa.
e) Era novo o livro e a caneta.

47. (TRT – 7ª Região – Esaf) Julgue os itens como certos ou errados quanto à concordância nominal ou verbal, colocando C ou E nos parênteses. Assinale, a seguir, a opção que contém a sequência correta. O artigo 1.725 do novo Código Civil informa que, não havendo estipulação em contrato escrito, os bens móveis e imóveis onerosamente adquiridos por um ou por ambos os companheiros, no período em que durar a união estável, são considerados fruto do trabalho e da colaboração comum. Mesmo que se equivoque os companheiros na aquisição de quaisquer bens, as regras para transação por contrato escrito entre os adquirentes, encontrados nesse artigo, podem ser alteradas, modificando, por exemplo, os percentuais ou cotas condominiais entre eles existente.
(Baseado em "A união estável no novo Código Civil", Álvaro Villaça Azevedo, *Correio Braziliense*, 17/11/2003.)
( ) ambos os companheiros
( ) fruto
( ) equivoque
( ) encontrados
( ) existente
a) E – C – C – E – C
b) C – C – E – C – C
c) C – E – E – E – E
d) E – C – E – C – C
e) C – E – C – C – E

48. (TRT-20ª Região – FCC) A concordância está feita corretamente em:
a) Os poucos anos de escolaridade do trabalhador são insuficientes para um bom uso das inovações tecnológicas.
b) O número de postos de trabalho geralmente aumentam quando as empresas elevam a produtividade.
c) Os trabalhadores que perdem o emprego pode ser admitido em novos postos, dependendo do nível de escolaridade.
d) Existe vários efeitos que é resultante da aplicação da tecnologia, capazes de gerar novos empregos.
e) A recuperação de novos postos de trabalho nas empresas são possíveis para candidatos com formação adequada a eles.

49. (TRT – An. Jud.) "Crianças de dez, oito e até seis anos de idade tinham inteligência bastante para serem treinadas..." A frase a seguir em que a palavra bastante está <u>incorretamente</u> empregada é:
a) Não houve chuvas bastante para resolver o problema da agricultura.
b) Tinha bastantes chances de conseguir o emprego.
c) Não trabalhou nesses dias o bastante para repor o tempo perdido.
d) Não possuía amigos bastante competentes para o trabalho.
e) As novas tecnologias eram bastante prejudiciais aos trabalhadores.

50. (NCE) "... as revistas e os jornais brasileiros..." Com o deslocamento dos termos da frase, a única forma <u>incorreta</u> é:
a) as brasileiras revistas e jornais;
b) os brasileiros jornais e revistas;
c) os brasileiros revistas e jornais;
d) os jornais e as revistas brasileiras;
e) os jornais e as revistas brasileiros.

Capítulo 28

Estilística

28.1. Figuras de som

28.1.1. Aliteração

Indica a repetição de fonemas (consoantes) idênticos ou semelhantes no início de palavras de uma frase ou de versos de uma poesia.

Ex.: "O rato roeu a roupa do rei de Roma".

28.1.2. Onomatopeia

Figura que procura representar graficamente sons.

Ex.: Zum-zum, trim, atchhhim...

28.2. Figuras de construção ou sintaxe

28.2.1. Anacoluto

Consiste no aparecimento de um termo no início de um período que não terá ligação sintática com o restante dos termos posteriores.

Ex.: "Eles, o seu único desejo é exterminar-nos" (Garret).

"O Presidente, estes cidadãos não quiseram ouvir-nos".

28.2.2. Anáfora

Consiste na repetição de uma ou mais palavras no início de diferentes versos ou frases.

Ex.: "Depois eu dou. Depois eu deixo. Depois eu levo. Depois eu conto" (F. Sabino).

"É pau... É pedra... É o fim do caminho... É um pedaço de toco..." (Tom Jobim).

Não sei, não vi, não quero saber.

Alguém falou, alguém gritou, alguém brigou.

28.2.3. Anástrofe ou inversão

Consiste na inversão da ordem direta da frase.

Ex.: Ao Flu o Fla vencerá (a ordem natural seria "O Fla vencerá o Flu").

"Sabe mortos enterrar?" (J.C. Melo Neto) (Sabe enterrar mortos?)

Obs.: É um tipo de inversão mais brando que o HIPÉRBATO.

28.2.4. Assíndeto

Consiste na construção de sequência de orações coordenadas aditivas; não apresentando, contudo, conjunção.

Ex.: "Vim, vi, venci" (Julio César).

Ele lava, passa, prepara a comida, massageia os pés do marido.

28.2.5. Elipse

Consiste na omissão de um termo facilmente subentendido.

Ex.: "Na terra, tanta guerra, tanto engano" (Camões).

Na terra há tanta guerra, há tanto engano.

"Uma de suas funções, como membro da presidência da Câmara, era a de zelar pelos móveis e demais pertences" (Fernando Sabino).

→ ... era a (função) de zelar...

28.2.6. Hipálage

Consiste em atribuir a um ser ou coisa uma qualidade ou ação que logicamente pertence a outro ser que também está expresso na mesma frase.

Ex.: "O voo negro dos urubus fazia..." (G. Ramos) (Negro, na verdade, é qualificativo para "urubus").

O movimento pesado dos elefantes... (o movimento não é pesado, e sim os elefantes).

28.2.7. Hipérbato

Indica inversão de termos dentro de orações ou versos. Esta inversão é mais significativa do que a anástrofe.

Ex.: "Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
de um povo heroico brado retumbante..."

– As margens plácidas do Ipiranga ouviram o brado retumbante de um povo heroico.

"É esta de teu querido pai a mesma barba
a mesma boca e testa (T. A. Gonzaga).

– É esta a mesma barba, a mesma boca e testa de teu querido pai.

28.2.8. Pleonasmo ou redundância

Emprego de palavras ou expressões de significado equivalente, com a

finalidade de reforçar uma ideia.

Ex.: Vi com meus próprios olhos a terrível cena.

Perdoe-me pelo amor divino de Deus.

28.2.9. Polissíndeto

Consiste na repetição intencional de conjunções, ligando palavras ou orações de período.

Ex.: Ele fala, e reclama, e bebe, e xinga...

Maria não lava, nem passa, nem trabalha, nem faz a comida.

28.2.10. Silepse

Também conhecida como concordância ideológica, esta figura ocorre quando a concordância se faz não com a palavra expressa na frase, mas com a ideia que esta palavra sugere.

a) de gênero

Ex.: Vossa Majestade é muito bondoso.

Sua Santidade estava abatido.

b) de número

Ex.: Coisa curiosa é aquela gente. Divertem-se com tão pouco.

A banda Flor chegou ao sucesso depois de cinco anos. Já gravaram oito discos.

c) de pessoa

Ex.: Os brasileiros somos muito desconfiados.

28.2.11. Zeugma

É a omissão de uma palavra já expressa anteriormente na oração. Trata-se de um caso especial de elipse.

Ex.: Na França há tanta riqueza, no Brasil tanta pobreza. (... no Brasil há tanta pobreza.)

Eu fiz os salgados, Maria os doces. (... Maria fez os doces.)

28.2.12. Repetição ou reduplicação

Consiste na repetição proposital de palavras ou expressões, tanto na poesia quanto na prosa.

Ex.: "Cantei, Cantei, Cantei,

Como é cruel cantar assim..." (Chico Buarque).

28.3. Figuras de pensamento

28.3.1. Antítese

Consiste na colocação, lado a lado, de termos opostos, mas que não causam ideias sem nexo.

Ex.: "Cabelos longos, ideias curtas".

Uma exposição clara para uma ideia tão complicada.

28.3.2. Eufemismo

Indica a atenuação ou suavização de ideias consideradas desagradáveis, cruéis ou ofensivas.

Ex.: Ele entregou a alma a Deus (em vez de: Ele morreu).

Ela sofre de doença ruim (em vez de: câncer).

28.3.3. Hipérbole

Consiste no exagero proposital das coisas.

Ex.: Ele morreu de medo quando me viu.

Nós chegamos aqui há um século.

28.3.4. Ironia

Consiste em expressar o contrário do que se pensa, mas dando a entender o real pensamento. Normalmente, a ironia adquire traços humorísticos.

Ex.: Aqueles amorosos bandidos mataram a família inteira.

Os confiáveis deputados precisam receber o "mensalão", pois seus salários são muitos baixos.

28.3.5. Paradoxo ou oxímoro

Trata-se de uma figura que relaciona duas palavras antônimas, dando conceitos contraditórios. "Aparentemente" a frase fica sem sentido.

Ex.: "Amor é fogo que não se vê
É ferida que dói e não se sente
É um contentamento descontente
É dor que desatina sem doer" (Camões).

Sinto-me solitário nesta multidão...

28.3.6. Prosopopeia, personificação ou animismo

Consiste em atribuir vida ou qualidades humanas a seres inanimados, irracionais, mortos ou abstratos.

Ex.: "As rosas não falam..." (Cartola).

Uma talhada de melancia com seus alegres caroços (C. Lispector).

28.4. Figuras de palavras

28.4.1. Antonomásia

Indica a substituição de nome próprio por nome comum ou por expressão ligada ao termo substituído.

Ex.: Rei do Futebol (em lugar de Pelé).

Cidade Maravilhosa (em vez de Rio de Janeiro).

28.4.2. Catacrese

É uma figura que consiste no uso impróprio de vocábulo por falta de outro mais específico para a designação de um ser ou de uma ação.

Ex.: O pé do vaso está quebrado (pé – parte que serve para sustentar o corpo humano).

Embarcou naquele avião gigantesco (embarcar significa entrar num navio).

28.4.3. Comparação ou símile

Como o próprio nome indica, formaliza-se uma ideia de comparação. Contudo, é fundamental ressaltar que há a necessidade de um conectivo explicitando a comparação.

Ex.: "Beijou sua mulher como se fosse a única" (Chico Buarque).

Ele agiu feito os santos.

28.4.4. Metáfora

Atribuição a uma pessoa ou coisa de uma qualidade que não lhe cabe logicamente. Essa transferência de significado de um termo para outro baseia-se na semelhança de características que o emissor da mensagem encontra entre os dois termos comparados. É uma comparação de ordem subjetiva, sem o conectivo que indica esta comparação.

Ex.: Maria é uma flor.

Vê-se que Carlos é uma fera enjaulada.

28.4.5. Metonímia

É a substituição de sentido de um termo por outro que com ele apresenta relação lógica e constante.

a) autor – obra

Ex.: Ele nunca leu Machado de Assis (os livros de Machado de Assis).

b) conteúdo – continente

Ex.: Comi dois pratos (não se comem os pratos; come-se o conteúdo dos

pratos).

c) inventor – invento

Ex.: Graham Bell permitiu que a humanidade se comunicasse melhor (na realidade, o invento de Graham Bell, o telefone).

d) símbolo – coisa simbolizada

Ex.: Nunca abandones a cruz (cruz – símbolo da religião).

e) instrumento – pessoa que o utiliza

Ex.: Ele é um grande raquete (ele é um grande jogador de tênis).

Obs.: Existe um tipo especial de metonímia chamado sinédoque, que se baseia em outras relações.

a) parte – todo

Ex.: Os seus olhos espertos indicavam a porta de entrada.

b) matéria – objeto

Ex.: O cristal tinia sobre a mesa de jantar.

c) marca do produto substitui o produto.

Ex.: O Ford quase nos atropelou.

28.4.6. Sinestesia

Consiste na fusão de sensações percebidas por diferentes órgãos do sentido.

Ex.: Comia o sabor (gosto) vermelho (visão) da fruta.

Claro (visão) perfume (olfato) vagava pelo ar.

28.5. Vícios de linguagem

28.5.1. Ambiguidade

Ocorre sempre que uma palavra admite duas ou mais interpretações.

Ex.: "O julgamento do professor ocorrerá amanhã" (não se sabe se o professor julgou ou foi julgado).

"Flamengo venceu o Palmeiras jogando em casa" (não fica evidenciado quem jogou em casa).

28.5.2. Barbarismo

Consiste em grafia ou pronúncia inadequada ao padrão culto da língua.

Ex.: "degladiar", "previlégio", "necrópsia", "rúbrica".

28.5.3. Cacófato

Indica uma formação sonora desagradável. Tal se dá por formação de

palavrões ou repetição excessiva de uma estrutura fonética.

Ex.: Já está pronto o álbum da Maria. Não percebemos como estava a boca dela.

Devemos depreender a devida demanda de um delicado momento político.

28.5.4. Solecismo

Falha de ordem sintática.

Ex.: Haviam muitas pessoas no auditório. Procederemos as aulas de apoio à partir de julho.

28.6. Exercícios

1. (PUC-SP)
"O pavão é um arco-íris de plumas".
"... de tudo que ele suscita e esplende e estremece e delira..."
Enquanto procedimento estilístico, temos, respectivamente:
a) metáfora e polissíndeto;
b) comparação e repetição;
c) metonímia e aliteração;
d) hipérbole e anacoluto;
e) anáfora e metáfora.

2. (Fuvest-SP) Identifique a figura de linguagem presente no verso em destaque.
"Quando a indesejada das gentes chegar
(Não sei se dura ou coroável),
Talvez eu tenha medo.
Talvez eu sorria e diga:
– Alô, iniludível".
a) Clímax.
b) Eufemismo.
c) Sínquise.
d) Catacrese.
e) Pleonasmo.

3. (UM-SP) Aponte a figura: "Naquela terrível luta, muitos adormeceram para sempre".
a) Antítese.
b) Eufemismo.
c) Anacoluto.
d) Prosopopeia.
e) Pleonasmo.

4. (FMU-SP) Em "Dizem que os cariocas somos pouco dados aos jardins públicos", há:

a) pleonasmo;
b) hipérbato de pessoa;
c) silepse de gênero;
d) silepse de pessoa;
e) silepse de número.

5. Qual é a figura de linguagem presente no seguinte fragmento: "Uma pessoa de cabeça desarrumada é assim: defende a pena de morte e o ensino gratuito nas universidades públicas. É a favor do aborto e se diz católico. Votou Lula em 2002 e José Serra em 2004. È contra as cotas nas universidades e milita numa ONG de defesa da Mata Atlântica"?
a) Antítese.
b) Metáfora.
c) Paradoxo.
d) Metonímia.
e) Hipérbole.

6. (TRE – NCE) "Que paz? Não foram esses mesmos adoráveis senhores que decapitaram ou mandaram decapitar seus próprios companheiros de comunidade durante as recentes rebeliões?" – "Não foram esses mesmos adoráveis senhores..." Neste segmento, ocorre um exemplo de uma figura denominada:
a) metáfora;
b) metonímia;
c) ironia;
d) eufemismo;
e) hipérbole.

7. (INPI – NCE) Embarcar, na sua origem, era empregado com referência a barco, mas no texto aparece com referência a avião. O item abaixo em que a palavra sublinhada também mostra desvio do sentido original é:
a) O avião vai <u>decolar</u> com o porco a bordo.
b) O porco chegou a <u>enterrar</u> as patas na comida.
c) Os passageiros "<u>humanos</u>" estranharam o fato.
d) A <u>poltrona</u> ficou estragada por causa do peso do porco.
e) A investigação do <u>incidente</u> vai demorar.

8. (IBGE – NCE) Em "Vossa Senhoria parece preocupado com o furto da máquina de escrever", há uma figura conhecida por:
a) metáfora;
b) silepse de gênero;
c) silepse de número;
d) silepse de pessoa;
e) catacrese.

A expressão surgiu em Minas Gerais, nos tempos do Brasil colonial e designa o sujeito sonso, fingido. Naquela época, auge da mineração, eram elevadíssimos os impostos cobrados pelo rei de Portugal, nosso avozinho, tão bonzinho...

9. (CFC – NCE) "nosso avozinho, tão bonzinho"; no contexto em que aparecem, esses segmentos são exemplos de:

a) metáfora;
b) ironia;
c) hipérbole;
d) eufemismo;
e) comparação.

10. (TJ-NCE) "Como pode ver na entrevista, ganhar dinheiro no Brasil é sopa". Nesta frase, aparece uma figura sintática e uma figura de palavra. Assinale a alternativa que identifique essas figuras.

a) Hipérbato e metáfora.
b) Silepse e metonímia.
c) Elipse e metonínia.
d) Elipse e metáfora.
e) Anacoluto e catacrese.

11. (Oficial de Justiça Avaliador – TJ – NCE) "E acoplado a ele vem a web, com sua cacofonia de informações, excessivas e desencontradas..." Cacofonia (neste segmento usado figuradamente) é "qualquer efeito desagradável ao ouvido em uma sequência de palavras" (Michaelis – *Moderno dicionário da língua portuguesa*, SP, Melhoramentos, 1998). O item abaixo que pode ser exemplo de cacofonia é:

a) A liberdade, como a concebo, não se confunde com o consumismo.
b) Uma das liberdades modernas é a de ir e vir.
c) A natureza humana se preocupa quando aparece algum perigo.
d) Quando não se pode desfrutar o luxo, começa-se a desdenhar dele.
e) A liberdade foi corrompida pela sociedade de consumo.

(ANTT – NCE)

O Professor Desfontaines está longe de desprezar as coisas efêmeras. E por isso me trouxe a frase de quatro pétalas, que guardei como flor ressequida em velho livro, e que o chofer lhe entregara.

12. "... e que o chofer lhe entregara". Esse segmento mostra uma ambiguidade que é sanada pela reescritura abaixo desse mesmo segmento:

a) E que lhe fora entregue pelo chofer.
b) E que lhe entregara o chofer.
c) Frase essa que o chofer lhe entregara.
d) Livro esse que o chofer lhe entregara.

e) Cujo chofer lhe entregara.

13. (PC – NCE) "... e o exemplo que escolheu para ilustrar SEU comentário". O item abaixo em que o uso do possessivo SEU gera ambiguidade é:

a) O publicitário fez comentários sobre SEU *outdoor*.
b) O cronista levou o cachorro em SEU automóvel.
c) O jornalista transportou as mercadorias em SEU horário de trabalho.
d) O secretário viu o professor do debate em SEU escritório.
e) O jornalista nada dizia sobre SEU texto.

Capítulo 29

Coesão e Coerência Textual

Ao observar um texto bem construído, bem definido, quando não há possibilidade de o leitor perder a sequência dos fatos, tampouco a relação entre os conjuntos, constata-se que há coesão. Qualquer elemento que faça a ligação entre os vários fragmentos do texto possui função coesiva. Enfim, essa conexão interna entre os vários enunciados do texto denomina-se coesão.

29.1. Coesão sequencial

É a coesão normalmente feita por conjunções, ligando termos, orações ou períodos, estabelecendo entre eles uma relação de sentido. Quando uma oração é introduzida pela conjunção TODAVIA, já se sabe que o fragmento está em oposição a algo citado anteriormente. Ao observar a presença da conjunção ENQUANTO, já se imagina que dois fatos estão acontecendo simultaneamente. A ocorrência do conector PORQUE sugere que a ideia introduzida indicará uma causa para um fato anteriormente relatado. Já o conector ENTÃO indica que a oração em que ocorre é uma conclusão para algo citado anteriormente.

Ex.: Chovia muito, todavia fui à praia.
Enquanto eu falava, ela dormia.
Voltei cedo para casa, porque estava cansado.
Ele não chegou, então deve estar parado no trânsito.

29.2. Coesão referencial

É a conexão feita através de termos (normalmente os pronomes) que fazem referência a elementos anteriormente citados no texto.

Ex.: Lula, Pelé e Xuxa são extremamente famosos. Esse foi o principal jogador de futebol de todos os tempos, aquele é o atual Presidente do Brasil e esta, apresentadora de programas infantis.

Observe que os pronomes demonstrativos Esse (referente a Pelé), aquele (a Lula) e esta (a Xuxa) ligam o segundo período ao anterior.

Adeus, nepotes (Luiz Garcia, O Globo, 25/10/2005)

De vez em quando, uma boa notícia: a sentença de morte para o nepotismo no Judiciário, por exemplo. A decisão do Conselho Nacional de Justiça, anunciada terça-feira, não abre exceções: é proibido a juízes de todas as instâncias e a chefes de seções e departamentos a nomeação de parentes até terceiro grau.

Também está vedado o velho golpe do nepotismo cruzado: você nomeia o meu e eu nomeio o seu.

O Ministério Público vai pelo mesmo caminho. Enquanto isso, aqui no Estado do Rio já está em vigor emenda constitucional que proíbe dar um jeito na vida de cônjuge, companheiro e parente até terceiro grau: pai, mãe, avós, filhos, netos, bisnetos, tios, sobrinhos, primos e até sogros e cunhados. E vale para Executivo, Legislativo e Judiciário, sem esquecer Ministério Público e Tribunal de Contas.

Não acabou: o projeto de lei que corre no Congresso, também rigoroso e abrangente, tem chances de ser aprovado até o fim do ano. Pelo menos foi o que previu outro dia, quase prometendo, o deputado Aldo Rebelo.

Portanto, há sinais suficientes de que pode ir longe a blitz contra os nepotes. Assim se chamavam sobrinhos de papas, nomeados conselheiros do Vaticano, num tempo, muito antigo, lá onde o Renascimento fazia a curva, em que — diziam pessoas de má-fé (ou de nenhuma fé) — papas tinham sobrinhos que muitas vezes eram a cara dos tios.

Comentários sobre o texto: na linha 2, o termo "a decisão" refere-se ao fim do nepotismo (l. 1/2); no início do segundo parágrafo, o termo "também" indica que o fato a ser anunciado é acrescido ao evento anterior já anunciado. Repare que os pronomes "você", "meu", "eu" e "seu", além de denunciarem a coesão efetiva entre os seres, designam a relação eu-meu e você-seu invertida. No início do terceiro parágrafo, a expressão "mesmo caminho" é referente também ao fim do nepotismo. Depois o elemento "E vale" sugere que Executivo, Legislativo e Judiciário, sem esquecer Ministério Público e Tribunal de Contas, também serão enquadrados na emenda constitucional. O quarto parágrafo, ao iniciar-se com "Não acabou", já sugere que o fato anterior abrangerá outros órgãos. O último parágrafo é iniciado através da conjunção conclusiva PORTANTO, indicando que o texto já ofereceu elementos suficientes para iniciar-se a conclusão. O termo "Assim" refere-se a "nepotes". Por fim, o termo "tios" está relacionado, ironicamente, aos "papas". Vê-se, então, que o texto

possui vários elementos que têm como função ligar unidades, encadeando-as, criando uma sequência lógica.

29.3. Coerência textual

É a ocorrência de um texto que, além de apresentar-se coeso, há de fazer sentido. Um texto pode ser coeso sem ser coerente, mas nunca poderá ser coerente sem ser coeso. O autor de um texto pode fazer uso de elementos coesivos, contudo o texto pode não possuir sentido. O estudo de coerência prevê a ocorrência de uma linha de raciocínio, lógica no pensamento, harmonia entre fatos e, principalmente, não pode haver contradição.

Ex.: Lula, Pelé e Xuxa são extremamente famosos. Esse foi jogador de futebol, aquele é o atual Presidente do Brasil e esta é muito bonita.

→ Observe que o texto é coeso, pois, tal qual no exemplo anterior, utilizam-se pronomes demonstrativos para ligar a segunda frase à primeira. No entanto, o texto não é coerente, porquanto não houve a manutenção de uma linha de raciocínio. Enquanto os dois primeiros foram apresentados pela profissão, a referência à última diz respeito não à sua profissão, mas à beleza física.

BIZU

A Esaf já fez muitas provas em que era exigido do candidato a montagem ou a continuação do texto. É recomendável no caso usar primeiramente a coesão e depois a coerência. Nas questões de montagem de textos, o passo prévio é observar se há, nos tópicos, elementos remissivos (termos que façam referência a expressões anteriores). Caso isso ocorra, o tópico não pode iniciar o texto. Por exemplo: se você se deparar com o tópico "Entretanto, não houve tempo para resolver o problema", já se pode ter a certeza de que não pode estar no início do texto, já que a conjunção ENTRETANTO indica uma oposição a algo outrora aludido. Caso se posicione no princípio, vai opor-se a quê? Também o tópico "Eles não indicaram a saída" não pode postar-se no início do verbete, uma vez que o pronome pessoal ELES refere-se a pessoas já mencionadas. Outra estrutura que não pode localizar-se no início é: "Não conseguiram demonstrá-la". Aí ocorrem dois fatos que obstam o posicionamento inicial: o verbo na terceira plural referindo-se a pessoas já apresentadas no texto, e o pronome oblíquo A em DEMONSTRÁ-LA, que indica a ocorrência de elemento feminino e singular antecedente. A partir de então, você deve partir para as alternativas. Há questões que, ao se vislumbrar o primeiro tópico, já se chega à resposta.

29.4. Exercícios com gabarito comentado

1. (Auditor do Tribunal de Contas do Estado do Paraná) Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os de forma a comporem um texto coeso e coerente e assinale a opção correta.

( ) Cada um desses casos analisados tem suas peculiaridades próprias dentro de um Brasil que se configura como um continente, com realidades bastante distintas entre si.

( ) Anteviu o grande jurista o importante papel a ser reservado a esses tribunais, aliadas que estariam a seus integrantes, a competência técnica, a imparcialidade profissional e a sensibilidade social, no trabalho de cunho educativo, orientado em seminários.

( ) Surgiram as Cortes de Contas do Brasil pela inspiração de Rui Barbosa, cujo sesquicentenário comemorou-se em 1999.

( ) O exame exaustivo de processos, que consome horas de leitura, análise e reflexão sobre o caso, é tantas vezes incomodado pela celeridade com que se cobra o seu pronunciamento – uma exigência que muitas vezes não se justifica, já que os pareceres emitidos pelas Cortes de Contas não se amoldam a modelos estereótipos que obedeçam ao resultado do sempre-igual de equações matemáticas.

( ) Atuam eles de maneira construtiva, sem se eximirem, quando pertinente, de indicar as irregularidades que encontram no exercício de sua atividade de fiscalização.

(Itens adaptados de Ubiratan Aguiar, XX Congresso dos Tribunais de Contas do Brasil, Sessão Solene de Abertura, 12/10/1999 – www.tcu.gov.br)

a) 4 – 5 – 3 – 2 – 1
b) 5 – 2 – 1 – 4 – 3
c) 3 – 1 – 2 – 5 – 4
d) 3 – 4 – 5 – 1 – 2
e) 1 – 4 – 5 – 3 – 2

Resposta: Alternativa B.

Observe que o primeiro tópico não pode dar início ao texto, já que a expressão "Cada um desses casos analisados" indica que já foram mencionados anteriormente "esses casos analisados".

O segundo tópico também não poderá iniciá-lo, pois a expressão "Anteviu o grande jurista" sugere que este jurista já fora citado.

O terceiro não possui elementos remissivos, podendo iniciar o texto.

O quarto tópico não pode introduzir o texto, porquanto a expressão "análise e reflexão sobre o caso" indica que um caso já fora relatado.

O último tópico também não pode dar início, visto que o pronome "eles" refere-se a seres já aludidos.

Então, somente o terceiro tópico poderá iniciar o texto. Dentre as opções, só há uma indicando esse posicionamento: a alternativa B.

2. (TRF – 2003) Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e, em seguida, assinale a sequência correspondente.

( ) As operações de compra de imóveis pelas *off shores* também estão sendo

monitoradas pela Receita. Os dados serão comparados com as declarações de Imposto de Renda dos residentes no Brasil e até com o cadastro de imóveis das prefeituras.
( ) Sem identificação dos donos, cujos nomes são mantidos em sigilo pela legislação dos países onde estão registradas, muitas dessas empresas fazem negócios no Brasil, como a participação em empreendimentos comerciais ou industriais, compra e aluguel de imóveis.
( ) Além de não saber quem são os proprietários dessas *off shores*, pois não há mecanismos legais que permitem acesso aos verdadeiros donos, o governo também não tem conhecimento da origem desse dinheiro aplicado no País, sem o recolhimento dos impostos devidos.
( ) A Receita Federal está fechando o cerco contra as empresas estrangeiras sediadas em paraísos fiscais que atuam no Brasil, conhecidas como *off shores*.
( ) Para reduzir essa evasão fiscal, a Receita está identificando as pessoas físicas que alugam imóveis de luxo pertencentes a pessoas jurídicas ou mesmo físicas que atuam em paraísos fiscais. Toda remessa de aluguel é tributada.
(Adaptado de Ana D'Angelo, Andrea Cordeiro e Vicente Nunes, *Correio Braziliense*, 8/9/2003.)
a) 1, 2, 4, 3, 5
b) 2, 3, 5, 4, 1
c) 5, 2, 3, 1, 4
d) 1, 5, 4, 3, 2
e) 3, 2, 1, 5, 4
O primeiro tópico não pode dar início ao texto, pois o elemento "também" indica que esse fato está sendo acrescido a eventos anteriores.
O segundo tópico também não poderá iniciá-lo, pois a expressão "Sem identificação dos donos" indica que esses seres são donos de algo já citado.
O terceiro tópico também não pode dar início ao texto, pois a oração "Além de não saber quem são os proprietários dessas ***off shores***" sugere que as ***off shores*** já foram anteriormente mencionadas.
O quarto tópico pode iniciar o texto, já que não há qualquer elemento que faça a remissão a termos anteriores.
A oração "Para reduzir essa evasão fiscal" indica que a ocorrência fiscal já fora relatada em fragmento anterior do texto, não podendo, portanto, iniciá-lo.
Então, como somente o quarto tópico pode iniciar o texto, e só há uma opção (C) indicando isso, será a resposta.

(Técnico da Receita Federal – TRF – Esaf)
3. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e, em seguida, assinale a sequência correspondente.
( ) Em geral, esta firma é constituída apenas para atuar como subsidiária da estrangeira, intermediando seus negócios. Caso a empresa compre imóvel no Brasil, tem que haver registro, tem que existir um responsável, com CPF, o que permite o controle.
( ) O investidor estrangeiro entra no Brasil via Bolsa de Valores, fundos de investimentos

ou como sócio de uma empresa brasileira.
( ) O secretário da Receita admite, no entanto, que não há mecanismos para controlar a atuação de brasileiros que mandam dinheiro ilícito para os paraísos fiscais e o repatriam por meio de negócios realizados em nome das *off shores*.
( ) E também a contabilidade da empresa, em tais países, não precisa ser auditada. Os donos dos recursos podem movimentar dinheiro ou constituir empresas por vários meios que omitem seus nomes, como o sistema de ações ao portador.
( ) Esses países conhecidos como paraísos fiscais têm como principais atrativos a legislação tributária branda, com direito até a isenção de impostos, e garantia de sigilo bancário, comercial e societário.
(Adaptado de Ana D'Angelo, Andrea Cordeiro e Vicente Nunes, *Correio Braziliense*, 8/9/2003.)
a) 1, 2, 4, 3, 5
b) 2, 1, 3, 5, 4
c) 3, 2, 1, 5, 4
d) 1, 5, 4, 3, 2
e) 5, 2, 3, 1, 4
O primeiro tópico inicia-se com "esta firma", o que já denuncia que a firma já fora citada; portanto não poderá iniciar o texto.
O segundo tópico não tem elemento que mencione passagens anteriores, portanto pode iniciar o texto.
A conjunção NO ENTANTO sugere que o terceiro tópico se opõe a algo já aludido.
O fragmento "E também a contabilidade da empresa, em tais países" possui vários elementos que denunciam ser este tópico uma continuidade, como a conjunção E que indica que a ideia introduzida está sendo adicionada a algo já relatado. Depois o pronome demonstrativo "tais" denunciando que os países já foram mencionados.
O último tópico é iniciado por "Esses países", o que já deixa claro que os países já foram anteriormente relatados.
Como somente o segundo tópico pode iniciar o texto, já se chega à resposta. (B)

4. (AFRF – Esaf) Os trechos a seguir foram adaptados de um texto de Gilson Schwartz, mas estão desordenados. Numere-os de forma que constituam um texto coeso e coerente e assinale a opção correta correspondente.
( ) No caso do Brasil, que já tem fundos setoriais em apoio ao desenvolvimento tecnológico, resta saber como será a distribuição desses recursos e que impacto terão no sistema econômico.
( ) Entretanto, criar a cultura organizacional necessária nessas redes para que os recursos e as políticas públicas tenham mais eficácia não é algo trivial.
( ) As pesquisas que se fazem internacionalmente sugerem que o segredo do desenvolvimento com base na inovação tecnológica está menos no volume de recursos e mais na qualidade das redes que se formam para recebê-los.
( ) Claro que a existência desses recursos para investir é condição necessária, mas não é suficiente. As políticas públicas brasileiras teriam, provavelmente, mais chance de êxito

se incluíssem entre os seus objetivos a própria mudança cultural e comportamental das suas organizações.
( ) Exige, por exemplo, a formação de grupos articulados de cooperação para produção de conhecimento, ou seja, sistemas incompatíveis com as práticas institucionais e empresariais.
a) 3, 4, 1, 5, 2
b) 2, 5, 4, 3, 1
c) 4, 2, 1, 5, 3
d) 3, 4, 2, 1, 5
e) 5, 1, 3, 2, 4
O primeiro tópico não pode estar iniciando o texto, porque a expressão "No caso do Brasil" indica que o caso já foi citado em outros lugares ou de forma generalizada.
A conjunção ENTRETANTO no início do segundo tópico já descarta qualquer possibilidade de iniciar o texto.
O terceiro tópico não possui elementos remissivos, podendo iniciar o texto.
Como no princípio do quarto tópico aparece o termo "desses recursos", já ocorre a indicação de que os recursos já foram citadas em passagens anteriores.
A expressão "Exige, por exemplo," indica que algo anteriormente citado servirá de elemento a ser exemplificado.
Sendo assim, há duas possibilidades de resposta: A e C. A sequência da opção C (3º tópico – 2º tópico) é melhor do que da A (3º tópico – 5º tópico), visto que o fragmento "Entretanto criar a cultura organizacional nessas redes", citado no segundo tópico, indica que as redes já deveriam ter sidos citadas, o que efetivamente ocorre no terceiro tópico (menos no volume de recursos e mais na qualidade das redes que se formam para recebê-los).

5. (Auditor Fiscal da Receita Estadual – RN – Esaf) Os fragmentos abaixo compõem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os para que constituam um texto coeso e coerente e indique a opção que apresenta a sequência correta.
A – Mas é necessário ressaltar que juízes e tribunais com essa configuração, ou seja, real e efetivamente independentes, somente existem nos países em que vigora o Estado Democrático de Direito.
B – O Judiciário tem a função de promover a paz social, restabelecendo a ordem e até mesmo punindo os infratores, independentemente da camada social a que pertençam.
C – Essas prerrogativas, isso é, as garantias da magistratura, não constituem privilégio pessoal do magistrado, mas direito do cidadão.
D – E é exatamente por isto que os órgãos do Judiciário, os tribunais e os magistrados devem gozar de prerrogativas para o exercício dessa missão, sob pena de somente poderem exercê-la em relação aos pobres e às pessoas que não tenham qualquer influência político-social.
E – Evidentemente esse cidadão, que eventualmente tenha um direito violado, somente terá proclamada a justiça a seu favor se houver juízes e tribunais independentes, isentos da possibilidade de interferências e pressões indevidas de quem quer que seja.

a) A, C, D, E, B
b) B, D, C, E, A
c) C, B, E, A, D
d) D, A, B, C, E
e) B, E, C, D, A

O primeiro tópico não pode iniciar o texto, em virtude de a conjunção MAS sugerir adversidade a algo já ocorrido.

O segundo tópico, não possuindo elementos citados, remissivos a passagens anteriores, pode dar início ao texto.

A expressão "Essas prerrogativas" no início do terceiro tópico já indica que as expressões já foram mencionadas.

O fragmento "E é exatamente por isto", no início do quarto tópico, possui dois elementos coesivos: a conjunção "E", denunciando haver uma adição entre a ideia que está sendo introduzida e ideias anteriores e o termo "por isto", indicando que um evento anterior é causa para o que se propõe no tópico.

No último tópico, o termo "Esse cidadão" sugere que o cidadão já fora citado.

Então somente o segundo tópico poderá dar início ao texto, excluindo, por conseguinte, as opções A, C e D. Na opção E, a sequência dos tópicos é B-E. No início do tópico E, o termo ESSE CIDADÃO sugere que o cidadão já deveria ter sido citado, o que não ocorre no tópico B. Então a opção E está excluída. Já a sequência B-D é perfeita. Observe que "por isto" (tópico D) faz referência à função de promover a paz social que o Judiciário possui (tópico B). Depois o termo "dessa missão" (tópico D) também é referente à função (tópico B). Por isso, a resposta é a opção B.

6. (Analista de Finanças e Controle – Esaf) Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão fora da sequência correta. Ordene-os de forma a comporem um texto que respeita a progressão das ideias, a coesão e a coerência do texto. Assinale, a seguir, a opção correta.

( ) O Ministro da Fazenda argumentou que não há como abrir mão da atual carga de tributos enquanto o país tiver de investir em projetos sociais e manter em ordem seus compromissos fiscais.

( ) Além disso, é preciso que o governo federal demonstre capacidade política para levar adiante uma verdadeira reforma tributária, que simplifique e racionalize o atual sistema.

( ) Podem ser adotadas medidas, no entanto, que auxiliem na redução da carga tributária e no aumento de eficiência das políticas públicas, tais como cortes de despesas correntes e melhora na qualidade dos gastos sociais.

( ) A despeito das crescentes críticas de diversos setores da sociedade à elevação da carga tributária, o governo reafirmou que não irá diminuir o peso dos impostos no curto prazo.

( ) É preciso que os recursos empregados pelo governo em saúde, educação, auxílio-desemprego e outros benefícios sociais cheguem aos destinatários sem as perdas que a burocracia estatal hoje impõe.

(Adaptado do editorial "Cortar despesas", *Folha de S. Paulo*, 13/3/2005.)

a) 4 – 5 – 3 – 2 – 1
b) 5 – 4 – 3 – 1 – 2
c) 2 – 5 – 3 – 1 – 4
d) 1 – 3 – 2 – 4 – 5
e) 3 – 5 – 1 – 4 – 2

O primeiro tópico não pode iniciar o texto, visto que a estrutura "O Ministro da Fazenda argumentou" indica que a tese já fora mencionada anteriormente.
O segundo tópico também não poderá iniciar o texto, pois o termo "Além disso" sugere que este fragmento estará sendo acrescido a algo anteriormente aludido.
No terceiro tópico, a presença de "No entanto" denuncia a adversidade a algo já relatado.
O quarto tópico não faz referência a elementos citados em outros fragmentos textuais, portanto pode dar início ao texto.
O quinto tópico também pode dar início ao texto, pois não possui elementos remissivos.
Ficam excluídas as opções D e E.
A opção A indica a sequência último-penúltimo recortes. Observe que o texto não fica coeso tampouco coerente. "É preciso que os recursos empregados pelo governo em saúde, educação, auxílio-desemprego e outros benefícios sociais cheguem aos destinatários sem as perdas que a burocracia estatal hoje impõe. A despeito das crescentes críticas de diversos setores da sociedade à elevação da carga tributária, o governo reafirmou que não irá diminuir o peso dos impostos no curto prazo". O primeiro período fala sobre as necessidades de se fazer chegarem ao destinatário recursos sem perdas burocráticas. O segundo período, sem qualquer ligação com o primeiro, já muda o enfoque completamente, expressando as críticas que a sociedade faz à elevação da carga tributária. A opção B inverte a relação dos dois tópicos anteriormente citados na opção A, ou seja, indica a sequência penúltimo-último. "A despeito das crescentes críticas de diversos setores da sociedade à elevação da carga tributária, o governo reafirmou que não irá diminuir o peso dos impostos no curto prazo. É preciso que os recursos empregados pelo governo em saúde, educação, auxílio-desemprego e outros benefícios sociais cheguem aos destinatários sem as perdas que a burocracia estatal hoje impõe". O texto continua incoerente, pois o primeiro tópico somente indica a crítica da sociedade à alta carga tributária e o segundo, sem coesão com o primeiro, já fala sobre a necessidade de os recursos chegarem a seus destinatários. A resposta é a opção C. A opção C indica a sequência penúltimo-primeiro tópicos, constituindo-se assim: "A despeito das crescentes críticas de diversos setores da sociedade à elevação da carga tributária, o governo reafirmou que não irá diminuir o peso dos impostos no curto prazo. O Ministro da Fazenda argumentou que não há como abrir mão da atual carga de tributos enquanto o país tiver de investir em projetos sociais e manter em ordem seus compromissos fiscais". Observe como o texto fica coeso e coerente. O quarto tópico indica que a sociedade critica a alta carga tributária e que o governo não irá diminuir o peso dos impostos no curto prazo. O primeiro tópico esclarece o porquê de não diminuir o valor dos impostos. A resposta é a opção C.

7. (AFRF – Esaf) Marque, em cada item, o período que inicia o respectivo texto de forma coesa e coerente. Depois, escolha a sequência correta.
(Itens baseados em Emir Sader)
I
O abandono da tematização do capitalismo, do imperialismo, das relações centro-periferia, de conceitos como exploração, alienação, dominação, abriu caminho para o triunfo do liberalismo.
(X) O socialismo, em consequência desses fatores, desapareceu do horizonte histórico, em virtude de ter ganho atualidade política com a vitória da Revolução Soviética de 1917.
(Y) O triunfo do neoliberalismo se consolidou quando o pensamento social passou a ser dominado por teses conservadoras.
II
Compravam um passaporte para o camarote dos vencedores. Mas, como "há uma dignidade que o vencedor não pode alcançar", como dizia Borges, o que ganharam em prestígio perderam em capacidade de análise.
(X) Os que abandonaram Marx com soltura de corpo e com alívio, como se se desvencilhassem de um peso, na verdade não trocavam um autor por outro, mas uma classe por outra.
(Y) Eles substituíram a exploração de classes e de países pela temática do totalitarismo, aperfeiçoando suas análises políticas ao vinculá-las à dimensão social.
III
No mundo contemporâneo, tais modos nos permitem compreender a etapa atual do capitalismo, em sua fase de hegemonia política norte-americana.
(X) Para atender a atualidade, são necessários modos de compreensão férteis, capazes de dar conta das relações entre a objetividade e a subjetividade, entre os homens como produtores e como produtos da história.
(Y) Trata-se de uma compreensão míope, que ignora componentes essenciais ao fenômeno do capitalismo que estamos vivendo.
IV
Quem pode entender a política militarista dos EUA e do seu complexo militar-industrial sem a atualização da noção de imperialismo?
(X) Quem pode entender hoje a crise econômica internacional fora dos esquemas da superprodução, essencial ao capitalismo?
(Y) Portanto, é a unipolaridade vigente há uma década que busca impor a dicotomia livre mercado/protecionismo.
V
Nunca as relações mercantis tiveram tanta universalidade, seja dentro de cada país, seja nas novas fronteiras do capitalismo.
(X) O capitalismo dá mostras de enfrentar forte declínio, que leva os especialistas a preverem profunda fragmentação na ordem econômica interna de cada nação.
(Y) Assiste-se ao capitalismo em plena fase imperialista consolidada, em que as formas de dominação se multiplicam.

a) X,X,Y,Y,X
b) Y,X,X,X,Y
c) Y,Y,X,X,Y
d) X,Y,Y,X,Y
e) X,Y,Y,X,X

Esta questão exige que o candidato leia o enunciado com bastante calma e perceba haver a solicitação tão somente do início do texto em cada item, ou seja, não pode haver em X ou Y elementos remissivos. Por exemplo, no item 1, o fragmento "Em consequência desses fatores" indica que os fatores já deveriam ter sido citadas anteriormente. Então, o item 1 só pode ser iniciado por Y. Sobraram apenas as opções B e C. No item 2, X não apresenta elementos remissivos, podendo iniciar o texto. Já Y é introduzido "Eles substituíram", indicando que o pronome ELES refere-se a elementos que teoricamente já deveriam ter sido mencionados. O segundo item é X. Portanto, já se chega à resposta. Opção B.

Capítulo 30

Teoria Argumentativa

Amigo leitor, é inegável que o trabalho de interpretação requer um pouco de intuição e de experiência pessoal, mormente o hábito da leitura. Se não o tens, que passes a tê-lo. No entanto, além do aspecto instintivo e da bagagem cultural, há algumas técnicas de interpretação fundamentais para quem deseja fazer uma boa prova de concurso público. Este capítulo trabalhará, de forma resumida e objetiva, as técnicas cabíveis para que o candidato chegue à resposta correta nas questões de concursos públicos. Deixo bem claro aqui que não pretendo me alongar em demasia quanto aos elementos teóricos, mas passar somente as informações mais importantes para o candidato acertar questões deste assunto (considerado verdadeiro tabu, com respostas que às vezes os mais despreparados acham ininteligíveis) em concursos públicos. O primeiro passo é retornar ao capítulo de conjunções e lê-lo com todo carinho, refazer os exercícios etc. Depois, dar uma passada pelas preposições, observar as relações causa-efeito em conjunções e preposições. Após é interessante rever a semântica de verbos, os valores de prefixos e sufixos, os homônimos e parônimos, latinismos, restrição e explicação nas orações adjetivas... Não há mais hoje em dia como se falar em interpretação sem falar em gramática, tal qual não há como se falar em gramática sem falar em interpretação. As questões de gramática são contextualizadas.

30.1. Denotação

Vocabulário utilizado no sentido oficial – valor que se encontra registrado nos dicionários.

30.2. Conotação

Vocabulário utilizado no sentido figurado, contextual – valor que não se encontra registrado nos dicionários.

Obs.: Os dicionários registram várias acepções que as palavras denotam. Porém, quando os vocábulos carregam valores outros que recebem das estruturas textuais, indica-se a ocorrência da conotação.

Ex.: Estou com fome e degustarei um abacaxi.

→ O vocábulo "abacaxi" está no sentido denotativo, oficial, representando a fruta.

Ex.: A denúncia de corrupção é um abacaxi para o governo.

→ O termo "abacaxi" está sendo utilizado no sentido figurado, significando "problema".

Ex.: A medicina aos poucos está superando o câncer.

→ "Câncer" está no sentido denotativo e oficial que se encontra registrado nos dicionários.

Ex.: A classe política é um câncer para o nosso país.

→ "Câncer está no sentido conotativo, não significando oficialmente a doença.

30.3. Descrição

Texto ou fragmento de texto que tem por fim formar a imagem de um ser, de um objeto, de um lugar ou uma ambiente em um determinado momento. É fundamental perceber que a descrição não indica uma sequência temporal. Pelo contrário, na descrição de uma situação, os fatos ocorrem simultaneamente, podendo-se, inclusive, inverter a ordem dos eventos. Compara-se a descrição à fotografia.

Ex: O professor tem aproximadamente quarenta anos, um metro e oitenta, noventa quilos, cabelos castanhos e ralos, barba espessa e usa óculos.

Enquanto o professor explicava a matéria, os alunos das primeiras fileiras prestavam atenção. Já os das fileiras intermediárias dormiam e os das fileiras do fundo jogavam bolinhas de papel uns nos outros.

→ Observe que, nos dois exemplos, procurou-se fazer uma descrição. No primeiro caso, de uma pessoa; no segundo, de um ambiente. Repare que, neste, a ordem dos fatos poderia ser invertida, pois os eventos são concomitantes. "Enquanto o professor explicava a matéria, os alunos das fileiras do fundo jogavam bolinhas de papel uns nos outros. Já os das fileiras intermediárias dormiam e os das primeiras fileiras prestavam atenção."

"A sala era pequena e de telha vã. Pelas paredes, velhos cromos de folhinhas, registros de santos, recortes de ilustrações de jornais baralhavam-se e subiam por elas até dous terços da altura. Ao lado de uma Nossa Senhora da Penha, havia um retrato de Vitor Emanuel – uma cabeça de mulher em posição de sonho – parecia olhar um São João Batista ao lado. No alto da porta que levava ao interior da casa, uma

lamparina, numa cantoneira, enchia de fuligem a Conceição de louça" (Lima Barreto).

→ A intenção deste fragmento de texto é formar a imagem da sala, desde o seu tamanho até os elementos que a compõem.

30.4. Narração

Texto ou fragmento de texto que tem por fim relatar uma sequência de fatos ou ações. Ao contrário da descrição – onde os fatos ocorrem simultaneamente –, a narração sugere eventos acontecendo em sucessão. Compara-se a um filme.

Ex.: "Os aimorés haviam reiniciado a luta, cada vez mais sequiosos de vingança. Os selvagens, não querendo que ninguém se salvasse, principalmente Pery, abateram uma árvore que era um ponto de comunicação praticável entre a residência de D. Antônio de Mariz e a cabana do índio.

Ao primeiro golpe do machado de pedra sobre o tronco, Pery estremeceu e ia despedaçar a cabeça do inimigo com a clavina; conteve-se, porém, e acabou de torcer uma corda com os filamentos de uma das palmeiras que serviam de esteio à sua cabana. A árvore, afinal, caiu e os aimorés, mais tranquilos, continuavam os preparativos para o combate final que contavam dar durante a madrugada" (José de Alencar).

Este fragmento de texto narra sequencialmente os fatos que se sucederam. Uma fotografia não indicaria todo o ocorrido. Haveria a necessidade de um filme para demonstrar a sucessão de acontecimentos: Pery estremeceu; depois foi despedaçar a cabeça do inimigo; posteriormente se conteve; finalmente, torceu uma corda.

Obs.: Também é importante esclarecer que o texto é considerado narrativo quando o autor mencionar dizeres de terceiros. O dizer é também uma ação. Da mesma maneira que se entende como narração o fato de acordar, levantar, escovar os dentes, beber um café, vestir-se e sair para trabalhar, também se compreende como narração o fato de um autor informar o que terceiros dizem, informam, esclarecem, citam etc.

Um pouco de bom-senso sempre ajuda

(Augusto Nunes – 28/10/2005 – com adaptações.)

Em Mato Grosso, a febre aftosa provoca o extermínio de milhares de cabeças de gado. Em Portugal, ao lado de Marisa Letícia, o Presidente Lula diz que está tudo dominado. Na fronteira com o Paraguai, técnicos do Ministério da Agricultura confirmam o aparecimento de novos focos da

doença. Na Espanha, Lula declara que o problema, restrito a um único rebanho, já foi resolvido.
De volta ao Brasil, esbanjou felicidade. “Nós precisamos viajar o mundo e ir conhecendo as pessoas”, ensinou em lulês na quinta-feira. Qualificou de “excepcionais” os resultados do giro europeu.
“Nada é mais prazeroso para um ser humano do que deitar todo santo dia com a cabeça no travesseiro e dizer: hoje valeu a pena governar este país”, aplaudiu-se. Contratempos sempre haverá. “Não acredito em nenhum país que não tenha problema”, disse em Moscou. “Se não tivesse problema, não tinha política, tudo se resolvia num convento.”

Observe que o autor do texto narra, de forma irônica, os dizeres do Presidente Lula. Este fragmento é predominantemente narrativo.

30.5. Dissertação

Texto que se caracteriza pela interpretação e análise da realidade por meio de conceitos abstratos. Difere-se aí da descrição e da narração, visto que nestes há a predominância de elementos concretos. Na dissertação, não há a preocupação com a formação da imagem de um objeto, de um ser ou de uma situação, tampouco indica-se a sequência de ações. Neste tipo de verbete, o esperado é uma tomada de posição do autor em relação a um assunto e os meios utilizados para a defesa dessa posição. Enfim, a dissertação pressupõe a indicação de uma opinião (tese) acerca do tema proposto e os recursos (argumentos) para apoiar a opinião.

30.6. Tese

É a opinião do autor do texto sobre um determinado assunto. Existem as teses abrangentes e as específicas. As teses abrangentes normalmente – é fundamental o leitor compreender o uso do vocabulário “normalmente” e não “sempre”; trata-se aqui de estudo de língua, e não de ciência exata – posicionam-se no parágrafo introdutório (onde se expõe a opinião geral – tópico frasal – do autor e a subdivisão dos tópicos apresentados) e no último parágrafo (quando se retoma a introdução e faz-se o fechamento) dos textos dissertativos. Como o texto há de ser coeso, os parágrafos do desenvolvimento devem se remeter ao introdutório e reapresentar os tópicos expostos. Então, por exemplo, no segundo parágrafo, o primeiro tópico exibido na introdução deverá ser reapresentado e após será iniciada a argumentação. Como cada parágrafo do desenvolvimento deve ser uma análise de cada tópico apresentado, pode-se entender que os tópicos

indicarão as subdivisões da introdução abrangente. Daí denominá-la de específica, cabendo também outros nomes: individual, pequena, desdobramento de tese etc.

30.7. Argumento

É o meio utilizado para a defesa da tese. O argumento funciona como um meio de convencimento de que a opinião é cabível, consistente e coerente. Existem vários recursos de argumentação:

- **exemplos –** normalmente são fatos narrados que exemplificam, justificam ou esclarecem a tese apresentada. Tem-se uma opinião sobre determinado tema e apresenta-se um exemplo que comprove tal posicionamento;
- **dados estatísticos –** informações colhidas junto a órgãos de pesquisa capazes de dar fundamento a uma tese apresentada. O autor do texto demonstra seu posicionamento acerca de um assunto e, ao defendê-lo, utiliza-se de dados e elementos numéricos para o apoio a seu parecer;
- **analogias –** a tese é defendida através de comparações. Obviamente, para haver a coerência textual, a comparação terá de ser sempre favorável à opinião exposta pelo autor;
- **evidências –** a tese é defendida por uma certeza manifesta, por uma unidade cuja expressão não apresenta dúvida quanto à sua verdade ou quanto à sua falsidade;
- **informações de terceiros –** a tese é apoiada por informações de terceiros (normalmente algum especialista no assunto). É sempre importante lembrar que "informações de terceiros" são recursos narrativos de argumentação. Normalmente quando há no texto a referência a dizeres de autoridades no objeto tratado, as bancas questionam o motivo de tal. Dentre as opções, indicam que se sucede para dar importância ao assunto em voga. Essa explicação não é correta, pois a justificativa de esclarecer a procedência da informação é dar-lhe valor, autoridade, importância. Destarte, no caso, a importância é da informação que funciona como recurso de argumentação e não do tema desenvolvido.

O Brasil das cabeças desarrumadas

Elio Gaspari (O Globo)

O resultado do referendo fez um bem ao país. Instaurou o império das cabeças desarrumadas, e o Brasil precisa delas.

Uma pessoa de cabeça desarrumada é assim: defende a pena de morte e o ensino gratuito nas universidades públicas. É a favor do aborto e se diz

católico. Votou Lula em 2002 e José Serra em 2004. É contra as cotas nas universidades e milita numa ONG de defesa da Mata Atlântica. Por desarrumada, essa cabeça pode pensar tudo ao contrário e não faz a menor diferença. A desarrumação determina e incentiva o debate. Opõe-se a um mundo de ideias ordenadas no qual a pessoa deve se preocupar em "pensar direito", entendendo-se que sempre haverá alguém explicando o que vem a ser "pensar direito".

Houve uma época em que a expressão "raciocinar em bloco" designava, com alguma ironia, inteligências ou culturas privilegiadas, sacerdotes do bem-pensar. Aceitando-se as virtudes do mestre, esperava-se sua opinião e ia-se atrás. Essa atitude tanto pode colocar uma pessoa na condição de discípulo de um grande pensador como pode embalá-la na treva da ignorância. O segundo caso ocorre com maior frequência.

As cabeças arrumadas brasileiras, atraídas pela construção de modelos intelectuais harmônicos, dão pouca atenção ao funcionamento da sociedade. Preferem evitar o assunto. Alguns exemplos.

O bem-pensar urbano do Rio de Janeiro legislou que é proibido construir apartamentos com menos de 30 metros quadrados. Coisa de gente muito bem educada. Faltou dizer onde vai morar uma família que não tem dinheiro para essa metragem. Na favela, por certo. A discussão dessa lei de incentivo à favelização está fora do debate urbano carioca.

O bem-pensar tributário estabeleceu que os serviços de telefonia devem ser taxados com mão de ferro, pois vai-se tomar dinheiro do andar de cima para custear investimentos que atenderão ao de baixo. Deu no seguinte: o patrão fala com Paris de graça pelo Skype e a empregada paga R$ 5 por um telefonema de dez minutos para Bangu. Um imposto destinado a buscar justiça produz injustiça, mas o tema está fora da agenda dos teletecas.

O bem-pensar diplomático levou Lula a propor uma cruzada mundial contra a fome. Fez isso em Genebra, Paris e Nova York. Passados dois anos, contou que gostaria de arrumar recursos para combater a desnutrição da África, aumentando as taxas de embarque nos aeroportos brasileiros. Falta dizer aos usuários do Galeão que eles pagam uma das taxas mais altas do mundo, o dobro do que se cobra no Aeroporto Kennedy.

Num caso mais farisaico, tome-se o exemplo da legislação penal brasileira. Bem pensada, faz inveja a um advogado sueco. São muitos os doutores que fazem palestras pelo mundo descrevendo essa joia de modernidade. Jamais um ministro da Justiça contará que as maravilhas são parolas. O que vale

mesmo é a lei da massa. O bandido que entra na prisão passa a uma nova instância judicial, a de seus pares. Maltratou a mãe? Morre. Estupro? Se não morrer, sofre o que fez. Respeito, só para os estelionatários.

No Brasil das cabeças desarrumadas cada tema poderá ser discutido e avaliado isoladamente. Muitas opiniões resultarão contraditórias, mas é esse exercício do juízo individual que enriquece o debate público.

Harmonia e nexo podem ser desejáveis, mas é preferível conviver com pessoas de cabeça desarrumada cujas opiniões não formam um nexo final do que aturar gente que tem muito nexo mas não se responsabiliza pelas opiniões que dá.

→ Observe: o tópico frasal apresenta dois elementos a serem desenvolvidos: "Instaurou o império das cabeças desarrumadas, e o Brasil precisa delas". O segundo parágrafo reapresenta apenas o primeiro tópico da tese abrangente (a tese particular): "Uma pessoa de cabeça desarrumada é assim". A partir daí, o autor começa a utilizar o recurso da exemplificação para a defesa da pequena tese: "defende a pena de morte e o ensino gratuito nas universidades públicas. É a favor do aborto e se diz católico. Votou Lula em 2002 e José Serra em 2004. É contra as cotas nas universidades e milita numa Ong de defesa da Mata Atlântica".

→ O sexto parágrafo retoma a segunda parte do tópico frasal da introdução "e o Brasil precisa delas."): "As cabeças arrumadas brasileiras, atraídas pela construção de modelos intelectuais harmônicos, dão pouca atenção ao funcionamento da sociedade. Preferem evitar o assunto". Observe que o próprio autor do texto indica que a tese está se findando, pois ao fim deste parágrafo, ele escreve "alguns exemplos:". Então, a partir daí até o antepenúltimo parágrafo, ocorrerão apenas exemplos para defender o fato de o Brasil precisar de cabeças desarrumadas. Os dois últimos parágrafos retomam o parágrafo introdutório sem a preocupação de oferecer outros argumentos, indicando tão somente a conclusão de tudo o que se defendeu.

A nova política (Merval Pereira)

O referendo sobre o desarmamento revelou, além da intensidade do sentimento negativo do eleitorado em relação à atuação do Poder Público, a vitalidade da chamada "sociedade global", fenômeno que caracteriza as sociedades modernas que, com os meios tecnológicos de que dispõem hoje, podem existir independentemente das instituições políticas e do sistema de comunicação de massa, segundo análise do sociólogo Manuel

Castells, da Universidade Southern Califórnia, nos Estados Unidos, um dos seus principais teóricos.

Segundo ele, a crise de legitimidade política, caracterizada por um distanciamento crescente entre os cidadãos e seus representantes, faz com que a sociedade civil tente preencher o "vazio de representação", através de "mobilizações espontâneas usando sistemas autônomos de comunicação".

Internet e comunicação sem fio, como os telefones celulares, "proveem um espaço público como instrumento de organização e meio de debate, diálogo e decisões coletivas", ressalta Castells. A sociedade civil representada nesses debates, como aconteceu no referendo especialmente através da Internet, seria "um canal para a transformação do Estado".

Miguel Darcy de Oliveira, fundador da Comunitas, uma organização da sociedade civil de interesse público para o fortalecimento da sociedade civil e a promoção do desenvolvimento social no Brasil, acha que o debate sobre desarmamento revelou dois fenômenos convergentes: o poder da Internet como ambiente para a formação de opiniões, e a capacidade do cidadão de pensar pela própria cabeça, confrontar pontos de vista, deliberar e tomar posição.

Para Miguel Darcy, a importância da Internet está em ser "o espaço por excelência para a livre expressão e debate. Cada um expõe seu ponto de vista, muitas vezes numa linguagem bem mais simples e direta do que a usada em textos escritos. Abre-se assim fórum de ideias aberto à contribuição de múltiplos participantes. Uma opinião não tem mais peso ou autoridade do que uma outra. Não há instância de controle do que pode ou não ser dito, do que é ou não politicamente correto. O que conta é o debate que se instala e se irradia com grande velocidade". Ele ressalta que, durante a campanha do referendo, o movimento na Internet cresceu de maneira espontânea e inesperada.

"Amigos e colegas trocaram e-mails sobre os pontos de vista em discussão. Idéias foram confrontadas numa grande conversação que começou no ambiente virtual e se prolongou nos espaços de trabalho, na família, na escola. Gente que habitualmente pensava do mesmo modo se via agora defendendo posições conflitantes. Apelos emocionais e argumentos simplistas foram questionados. Cada um se viu diante do desafio de elaborar, sustentar e, eventualmente, modificar sua opinião."

Apesar de a penetração da Internet ainda ser pequena no Brasil, sua capacidade de formação de opinião foi demonstrada durante a campanha

do referendo, tornando-se um exemplo eloquente da emergência de um espaço público de debate e deliberação "que ninguém controla e que é altamente democrático". Assim como Castells, Miguel Darcy de Oliveira classifica a participação de muitos neste campo argumentativo como "a melhor resposta dos cidadãos à crise da velha política e sua contribuição à invenção de uma democracia que se alicerça numa sociedade civil e numa opinião pública participante".

O secretário municipal de Urbanismo do Rio, Alfredo Sirkis, diz que a vitória do "Não" no referendo não deve ser vista como da direita ou do conservadorismo. Ele diz que votou nulo, e classificou o referendo de "inócuo, demagógico, meramente midiático, um faz-de-conta, bem à moda brasileira, onde a vitória eventual do 'Sim' em nada mudaria a situação de violência fora do controle, nem contribuiria para o desarmamento em nada minimamente efetivo".

Um dos maiores desafios da esquerda é a questão da segurança e da violência, admite Sirkis. "Se não soubermos tratar disso, não teremos futuro. Foi a lição aprendida por Clinton e Blair, que protagonizaram as duas únicas experiências bem-sucedidas à esquerda (nos respectivos contextos) que garantiram seu sucesso e reeleição." Sem uma política clara em relação à segurança, Sirkis diz que a esquerda conseguirá "dentro de algum tempo, aí sim, empurrar para a direita todo esse imenso contingente que votou 'Não'".

Já o cientista político Bolívar Lamounier acha que o resultado do plebiscito certamente vai deixar muitas almas boas chocadas e quiçá desiludidas com o recurso à chamada "democracia direta", muito usada principalmente por governos populistas, como o de Chávez, na Venezuela. Não é à toa que o Presidente Lula chegou a pensar em colocar seu governo a julgamento público junto com o referendo das armas. Seria um erro político grosseiro, mas revela o espírito de sua política. Em seu livro recentemente lançado, Da independência a Lula: dois séculos de política brasileira, Bolívar Lamounier critica a "democracia direta".

Ele lembra que a utopia da democracia "direta" nutre-se de práticas vigentes num pequeno grupo de países, como nos Estados Unidos. Segundo Lamounier, de "direta" ela tem muito pouco: "no mais das vezes, trata-se de uma guerra entre lobbies, dissidências dos partidos e, não raro, de grupos racistas em geral muito bem financiados; ou então, visa amplificar a ressonância de propostas ou campanhas promovidas ao mesmo tempo através dos canais políticos normais". Segundo ele, "a

possibilidade de manipulação é inerente ao instrumento, pois a autoridade incumbida de propor os quesitos pode ficar muito aquém da neutralidade".
O cientista político lembra que "desde que começaram a ser realizados, há cerca de dois séculos, plebiscitos e referendos foram quase sempre um jogo de cartas marcadas, com o objetivo de legitimar decisões autoritárias, ratificar ocupações de território alheio, e assim por diante".

Observe que este texto é dissertativo, pois revela a opinião do autor do texto logo em seu início: "O referendo sobre o desarmamento revelou, além da intensidade do sentimento negativo do eleitorado em relação à atuação do poder público, a vitalidade da chamada 'sociedade global'." A partir daí, são utilizados depoimentos de terceiros como recurso de argumentação. Logo após a vírgula em que se encerra a tese do autor, inicia-se sua defesa: "fenômeno que caracteriza as sociedades modernas que, com os meios tecnológicos de que dispõem hoje, podem existir independentemente das instituições políticas e do sistema de comunicação de massa, segundo análise do sociólogo Manuel Castells, da Universidade Southern Califórnia, nos Estados Unidos, um dos seus principais teóricos".
Até o fim do texto, o autor não volta a emitir opiniões nem para concluir o texto. A partir da análise de Manuel Castells, o texto segue com uma longa narração em que são utilizados apenas depoimentos de peritos acerca do tema tratado. Deduz-se, portanto, que o recurso argumentativo utilizado foi a informação de terceiros. É fundamental chamar a atenção do leitor que o autor do texto apresenta cada um de seus depoentes. Tal identificação se faz necessária visto que confere credibilidade às informações. Então, ao dizer que Manuel Castells é sociólogo da Universidade Southern Califórnia, nos Estados Unidos, e um dos seus principais teóricos, a informação ganha peso, a argumentação se torna válida, a defesa da opinião ganha autoridade. Enfim, a identificação do depoente se torna necessária não para produzir credibilidade para o tema e sim para o argumento.
É importante não esquecer que as questões de interpretação são confeccionadas com a intenção de deixar o candidato em dúvida entre duas opções. São, normalmente, estas opções coerentes com texto, porém, às vezes, não o são com as perguntas formuladas. Você terá que aprender a responder exatamente o que está sendo perguntado. O estudo a seguir é referente aos enunciados das questões.

30.8. Recorrência textual

Ocorre quando a banca exige algo que esteja claro no texto. Enunciados que se apresentam como "Segundo o texto", "De acordo com o texto", "O autor diz que" impõem que as respostas estejam explícitas no texto. Sendo assim, é possível que uma opção esteja efetivamente em conformidade com as ideias expostas no texto, e a outra seja uma dedução, às vezes até coerente, decorrente dos elementos do texto. Se o enunciado foi um daqueles mencionados, a resposta haverá de ser a primeira opção.

É importante observar que toda questão relativa a valor semântico dos vocábulos (sinonímia) é de recorrência textual, pois não se deseja saber o sinônimo da palavra isoladamente, mas sim no contexto. Por exemplo, as palavras "participar" e "informar" são sinônimas? A resposta certa é "talvez", "dependendo do contexto". Na frase "Participei de uma festa ontem", o verbo PARTICIPAR não é sinônimo de "INFORMAR". No entanto, na frase "Participei a todos que o deputado foi processado", o verbo PARTICIPAR já se torna sinônimo de INFORMAR.

30.9. Inferência textual

Ocorre quando a banca exige do candidato algo que esteja além do texto. Enunciados que se apresentam como "Deduz-se...", "Depreende-se...", "Conclui-se", "Infere-se", "O que o autor quis dizer com..." impõem que a resposta correta não seja algo que esteja explícito, mas sim subentendido. É uma dedução. Perceba a diferença entre "O que o autor informou...?" e "O que o autor pretendeu dizer com...?" No primeiro caso, a banca exige algo que o autor informou, ou seja, algo explícito no texto; já, no segundo caso, o candidato deve imaginar o que o autor pretendeu dizer.

BIZU

Como já se mencionara, o fundamental é o candidato aprender a responder ao que está sendo perguntado. Portanto, se no enunciado da questão houver a proposição "Segundo o fragmento X", você irá se restringir a responder sobre o fragmento X, mesmo que este fragmento se oponha ao restante do texto. Se a banca expuser um fragmento finalizado com reticências (XXXX...), você deverá retornar ao texto e observar onde aquela ideia acabará. Se for proposta uma inferência acerca da totalidade do texto, e não de um fragmento, o candidato deverá procurar a resposta no tópico frasal (normalmente no início do texto), onde estará presente a tese abrangente.

30.10. Exercícios com gabarito comentado sobre teoria argumentativa

A FOME

Cerca de vinte milhões de crianças e mais de vinte milhões de adultos morrem anualmente de fome e subnutrição. A informação é do diretor-geral da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO), Edouard Sadema, segundo o qual, se observássemos um minuto de silêncio por cada pessoa que morreu no ano passado por causas relacionadas com a fome, estaríamos em pé, calados, ainda depois de acabado o século... Ele citou, entre a lista de paradoxos que o panorama econômico mundial oferece, o ato de que os gastos militares de todo o mundo aumentaram em proporções colossais, e sua quantia foi superior vinte vezes ao total de assistência oficial ao desenvolvimento. O custo de um só porta-aviões nuclear, disse ele, é superior ao Produto Nacional Bruto (PNB) de 53 países. Os países em desenvolvimento gastam anualmente com importação de armas o equivalente a suas importações totais de alimentos. (Caderno econômico do jornal *A Tarde*, Salvador.)

1. Por que o jornalista dá, no primeiro texto, a fonte de sua informação?

a) Porque quer demonstrar a importância do tema tratado.
b) Porque é obrigado a declarar como chegou a essa informação.
c) Porque quer dar autoridade ao que informa.
d) Porque todo texto jornalístico faz isso.
e) Porque quer provocar sensacionalismo.

Resposta: Alternativa C.

Não se pode dizer que o texto seja dissertativo, pois a opinião do autor do texto não aparece de forma explícita. Aqui só há narração (o autor está narrando todos os dizeres do diretor-geral da ONU) e argumentação (O recurso utilizado foi o conjunto de informações fornecido pelo diretor-geral da ONU). Como já se informara, ao identificar o fornecedor da informação, não se expõe a importância do tema, mas sim da informação. Quando se diz que a informação é prestada pelo diretor-geral da ONU, ganha peso, credibilidade, autoridade e se torna um significativo recurso de argumentação.

(Técnico Judiciário Juramentado – TJ – RJ – NCE)
TEXTO – VIVER EM SOCIEDADE
Dalmo de Abreu Dallari

A sociedade humana é um conjunto de pessoas ligadas pela necessidade de se ajudarem umas às outras, a fim de que possam garantir a continuidade da vida e satisfazer seus interesses e desejos.
Sem vida em sociedade, as pessoas não conseguiriam sobreviver, pois o ser humano, durante muito tempo, necessita de outros para conseguir alimentação e abrigo. E no mundo moderno, com a grande maioria das pessoas morando na cidade, com hábitos

que tornam necessários muitos bens produzidos pela indústria, não há quem não necessite dos outros muitas vezes por dia.
Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material, como os alimentos, a roupa, a moradia, os meios de transporte e os cuidados de saúde. Elas são também de ordem espiritual e psicológica. Toda pessoa humana necessita de afeto, precisa amar e sentir-se amada, quer sempre que alguém lhe dê atenção e que todos a respeitem. Além disso, todo ser humano tem suas crenças, tem sua fé em alguma coisa, que é a base de suas esperanças.
Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos. Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitada de dar e receber afeto. E muito provavelmente ficaria louca se continuasse sozinha por muito tempo.
Mas, justamente porque vivendo em sociedade é que a pessoa humana pode satisfazer suas necessidades, é preciso que a sociedade seja organizada de tal modo que sirva, realmente, para esse fim. E não basta que a vida social permita apenas a satisfação de algumas necessidades da pessoa humana ou de todas as necessidades de apenas algumas pessoas. A sociedade organizada com justiça é aquela em que se procura fazer com que todas as pessoas possam satisfazer todas as suas necessidades, é aquela em que todos, desde o momento em que nascem, têm as mesmas oportunidades, aquela em que os benefícios e encargos são repartidos igualmente entre todos.
Para que essa repartição se faça com justiça, é preciso que todos procurem conhecer seus direitos e exijam que eles sejam respeitados, como também devem conhecer e cumprir seus deveres e suas responsabilidades sociais.

2. Segundo o primeiro parágrafo do texto:
a) As pessoas se ajudam mutuamente a fim de formar uma sociedade.
b) A garantia da continuidade da vida é dada pela satisfação dos desejos das pessoas.
c) A satisfação dos interesses e desejos das pessoas leva à vida em sociedade.
d) Não seria possível a sobrevivência se não existisse sociedade.
e) Sem a ajuda mútua, as pessoas levariam uma vida isenta de desejos.
Resposta: Alternativa D.
Normalmente o candidato fica em dúvida entre as opções C e D. A tendência é marcar a alternativa C. No entanto, esta opção possui uma falha técnica: houve a inversão da relação causa-efeito. Lembre-se do que foi exposto em conjunções. O conector "a fim de que" acrescenta ao período valor de finalidade (a ideia de finalidade está relacionada à de consequência). O que ocorre anteriormente é "a existência da sociedade" e depois "a satisfação de interesses e desejos", portanto não se pode dizer que a satisfação dos interesses leva à vida em sociedade, mas sim que a sociedade é que leva à satisfação de interesses e desejos. Já se ouviu muito que a opção D não poderia ser a resposta, já que

o enunciado (de recorrência) exige uma resposta presente no primeiro parágrafo e a resposta estaria no segundo. Todavia, este argumento se torna insuficiente à medida que se observa a ideia já presente no primeiro parágrafo (sociedade existe para garantir a continuidade da vida). Enfim, é fundamental perceber a organização do texto. O primeiro parágrafo apresenta dois tópicos a serem desenvolvidos (tese abrangente): a sociedade existe para garantir a continuidade da vida e a sociedade existe para satisfazer interesses e desejos. O segundo parágrafo retoma apenas o primeiro tópico (tese particular) da tese abrangente, modificando as palavras, e somente a partir da conjunção "pois" inicia-se a argumentação.

3. "... pois o ser humano, durante muito tempo, necessita de outros para conseguir alimentação e abrigo". A expressão "durante muito tempo" se refere certamente ao período:

a) da velhice;
b) da gravidez;
c) de doenças;
d) da infância;
e) do trabalho.

Resposta: Alternativa D.

Observe que a questão é de inferência textual. Na pergunta, não está mencionado que a resposta estaria no texto, além de a expressão "certamente" indicar que se trata de uma dedução. Então, façamos a dedução... Em que período de nossas vidas, certamente, precisaríamos de alguém para conseguir alimentação e moradia. Com certeza, o período em que todos são dependentes é a infância, pois na velhice (caso cheguemos a ela) há a possibilidade de mantermo-nos independentes. Mas quando crianças, não.

4. "Elas são também de ordem espiritual e psicológica". As palavras que exemplificam, respectivamente, na continuidade do texto as necessidades espiritual e psicológica, são:

a) afeto / atenção;
b) crenças / afeto;
c) fé / crenças;
d) amar / ser amada;
e) atenção / esperanças.

Resposta: Alternativa B.

Observe que, nesta questão, estão sendo solicitadas ao candidato palavras que sirvam de exemplo para uma tese específica. O terceiro parágrafo representa o segundo tópico apresentado na introdução (satisfazer interesses e desejos), mudando-se apenas os vocábulos: "Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material, como os alimentos, a roupa, a moradia, os meios de transporte e os cuidados de saúde. Elas são também de ordem espiritual e psicológica". Então a tese específica é que há interesses de ordem espiritual e psicológica. Os exemplos, que servem de argumentos, não respeitam a ordem da tese, vindo primeiro os de ordem psicológica (toda pessoa humana necessita de afeto, precisa amar e sentir-se amada, quer sempre que alguém

lhe dê atenção e que todos a respeitem) e depois os de ordem espiritual (além disso, todo ser humano tem suas crenças, tem sua fé em alguma coisa, que é a base de suas esperanças).

5. "Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida..." Este segmento do texto teria redação mais clara se:
a) Substituíssemos a primeira vírgula pela conjunção aditiva E.
b) Repetíssemos o sujeito na segunda oração.
c) Deslocássemos as ocorrências do advérbio "não" para antes de "apenas".
d) Mudássemos a ordem das orações, de modo a colocar a última como primeira.
e) Omitíssemos o substantivo "seres".
Resposta: Alternativa C.
Primeiramente, observe a presença de reticências. Já é um indício de que se deve retornar àquele fragmento do texto. Além disso, você já leu o texto e, no primeiro parágrafo, o autor já manifestou que a sociedade existe para garantir a continuidade da vida. No início do segundo parágrafo, ele assevera que "Sem vida em sociedade, as pessoas não conseguiriam sobreviver". Então, como as pessoas vivem juntas, vivem em sociedade, fica evidenciado que a intenção do autor não era negar o verbo VIVER. O objetivo dele era negar o elemento de restrição "apenas", pois o advérbio "não", ao negar o apenas, na realidade estaria negando o fato de haver apenas um motivo para os seres humanos viverem em sociedade – porque escolhem esse modo de vida –, indicando haver outro motivo – mas (mas também, indicando ideia de soma) porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana.

6. "Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia..." O uso do futuro do pretérito, nesse segmento, tem valor de:
a) probabilidade;
b) certeza;
c) dúvida;
d) conclusão;
e) condição.
Resposta: Alternativa A.
É fundamental perceber que o enunciado da questão já demonstra que o futuro do pretérito pode passar várias ideias. A expressão "O uso do futuro do pretérito, nesse segmento, tem valor de" indica que este mesmo tempo, em outros fragmentos, pode ter valores diferentes. O futuro do pretérito designa uma consequência futura (que pode ser certa, provável ou duvidosa) de um fato passado. Portanto, o contexto tem que oferecer algum elemento que denuncie de forma precisa esta ideia. O segmento apontado é extraído com reticências já convocando o candidato a retornar ao texto e observar onde a ideia é finalizada. No fim do mesmo parágrafo, ocorre outro verbo no futuro do pretérito (ficaria) antecedido do adjunto adverbial "provavelmente". A palavra-chave "provavelmente" esclarece que a visão do autor do texto é que muito provavelmente a pessoa ficaria louca se continuasse sozinha. Se não chega a ser uma certeza que a

pessoa ficaria louca, também não é uma dúvida o fato de ela estar em pouco tempo sentido falta de companhia, mas sim uma situação extremamente provável.

7. "... ficaria louca se continuasse sozinha". A relação entre essas duas orações mostra que:
a) A segunda só se realiza se a primeira não realizar-se.
b) A primeira se realiza contanto que a segunda não se realize.
c) A segunda é consequência da primeira.
d) A primeira é motivada pela segunda.
e) A primeira é uma hipótese para a realização da segunda.
Resposta Alternativa D.
É fundamental lembrar que a ideia de condição está extremamente relacionada à ideia de causa. Há duas orações: "ficaria louca" e "se continuasse sozinha". Primeiro a pessoa tem que continuar sozinha para depois ficar louca. Então a segunda oração é uma condição (hipótese) para a realização da primeira, oposto do que indica a opção E. As duas primeiras opções são absurdas. Por fim, o candidato fica em dúvida entre as opções C e D. Conforme já se esclarecera, o fato anterior é "se continuasse sozinha", o posterior é "ficaria louca", logo o fato de "continuar sozinha" motiva o fato de a pessoa enlouquecer.

(PC – RJ – NCE)
TEXTO – DROGAS: A MÍDIA ESTÁ DENTRO
Eugênio Bucci

Há poucos dias, assistindo a um desses debates universitários que a gente pensa que não vão dar em nada, ouvi um raciocínio que não me saiu mais da cabeça. Ouvi-o de um professor – um professor brilhante, é bom que se diga. Ele se saía muito bem, tecendo considerações críticas sobre o provão. Aliás, o debate era sobre o provão, mas isso não vem ao caso. O que me interessou foi um comentário marginal que ele fez – e o exemplo que escolheu para ilustrar seu comentário. Primeiro, ele disse que a publicidade não pode tudo, ou melhor, que nem todas as atitudes humanas são ditadas pela propaganda. Sim, a tese é óbvia, ninguém discorda disso, mas o mais interessante veio depois. Para corroborar sua constatação, o professor lembrou que muita gente cheira cocaína e, no entanto, não há propaganda de cocaína na TV. Qual a conclusão lógica? Isso mesmo: nem todo hábito de consumo é ditado pela publicidade.
A favor da mesma tese, poderíamos dizer que, muitas vezes, a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público. Inúmeros esforços publicitários não resultam em nada. Continuemos no campo das substâncias ilícitas. Existem insistentes campanhas antidrogas nos meios de comunicação, algumas um tanto soporíferas, outras mais terroristas, e todas fracassam. Moral da história? Nem que seja para consumir produtos químicos ilegais, ainda somos minimamente livres diante do poder da mídia. Temos alguma autonomia para formar nossas decisões.
Tudo certo? Creio que não. Concordo que a mídia não pode tudo, concordo que as

pessoas conseguem guardar alguma independência em sua relação com a publicidade, mas acho que o professor cometeu duas impropriedades: anunciou uma tese fácil demais e, para demonstrá-la, escolheu um exemplo ingênuo demais. Embora não vejamos um comercial promovendo explicitamente o consumo de cocaína, ou de maconha, ou de heroína, ou de crack, a verdade é que os meios de comunicação nos bombardeiam, durante 24 horas por dia, com a propaganda não de drogas, mas do efeito das drogas. A publicidade, nesse sentido, não refreia, mas reforça o desejo pelo efeito das drogas. Por favor, não se pode culpar os publicitários por isso – eles, assim como todo mundo, não sabem o que fazem.

8. DROGAS: A MÍDIA ESTÁ DENTRO. Com esse título o autor:
a) Condena a mídia por sua participação na difusão do consumo de drogas.
b) Mostra que a mídia se envolve, de algum modo, com o tema das drogas.
c) Faz um jogo de palavras, denunciando o incentivo ao consumo de drogas pela mídia.
d) Demonstra a utilidade da mídia em campanhas antidrogas.
e) Indica que a mídia é bastante conhecedora do tema das drogas.
Resposta: Alternativa B.
A opção A é negada pelo fragmento "Não se pode culpar os publicitários por isso". A opção C expõe uma inverdade: a mídia incentiva o consumo de drogas (muito pelo contrário, a mídia propaga, segundo o texto, de forma equivocada, os malefícios da droga). As opções D e E contradizem o texto (eles, assim como todo mundo, não sabem o que fazem). Sobrou apenas a opção B.

9. A expressão destacada que tem seu significado corretamente expresso é:
a) "... que a gente pensa que <u>não vão dar em nada</u>"– que não vão chegar a ser publicados.
b) "... ouvi um raciocínio que <u>não me saiu mais da cabeça</u>"– que me deixou com dor de cabeça.
c) "... o debate era sobre o provão, mas <u>isso não vem ao caso</u>"– tem pouca importância.
d) "... um professor brilhante, <u>é bom que se diga</u>" – é importante destacar isso.
e) "Ele <u>se saía muito bem</u>..." – ele desviava do assunto principal.
Resposta: Alternativa D.
As questões de significado são de recorrência, portanto o candidato deverá buscar a mais fiel à ideia contida no texto. As opções A, B e E são absurdas, logo restando as alternativas C e D. A opção C possui uma falha, quando se diz que o assunto possui pouca importância... não foi isso que o autor quis dizer. A expressão "isso não vem ao caso" sugere apenas que, neste momento, o assunto "provão" não será analisado, podendo sê-lo em outra hora. A opção D é bastante fidedigna, pois indica ser essencial informar que o professor era brilhante, tal qual o texto original esclarecera.

10. "O que me interessou foi um comentário <u>marginal</u>..." O vocábulo destacado significa:
a) subliminar;
b) maldoso;
c) anormal;

d) desprezível;
e) paralelo.
Resposta: Alternativa E.
Outra questão de sinonímia. O termo "marginal" no contexto (a questão é de recorrência) tem valor de "à margem", ou seja, o que não é o principal. Portanto, a resposta é a opção E.

11. "Primeiro, ele disse que a publicidade não pode tudo, ou melhor, que nem todas as atitudes humanas são ditadas pela propaganda". A expressão "ou melhor" indica:
a) retificação;
b) esclarecimento;
c) alternância;
d) incerteza;
e) ratificação.
Resposta: Alternativa B.
A expressão OU MELHOR indica que a informação anterior será apenas melhorada, não corrigida. Portanto não é uma retificação. Também não se pode dizer que a informação será confirmada, pois, mesmo não sendo corrigida, ela sofrerá alterações. Então, a resposta não pode ser a opção E. As opções C e D são absurdas. A que melhor responde a questão é a opção B, pois OU MELHOR sugere que ocorrerá algum tipo de esclarecimento para a informação prestada anteriormente.

12. "Sim a tese é óbvia..."; "Para corroborar sua constatação, o professor lembrou que muita gente cheira cocaína e, no entanto, não há propaganda de cocaína na TV". Em termos argumentativos, podemos dizer, com base nestes dois segmentos, que:
a) A tese é acompanhada de argumento que a defende.
b) A tese leva a uma conclusão explícita.
c) A tese parte de uma premissa falsa.
d) A tese não é acompanhada de dados que a comprovem.
e) A tese é falaciosa e não pode ser provada.
Resposta: Alternativa A.
Neste momento da prova, haverá uma sequência de questões envolvendo TESE e ARGUMENTO. O professor apresentado no texto aduz a seguinte tese: "ele disse que a publicidade não pode tudo, ou melhor, que nem todas as atitudes humanas são ditadas pela propaganda". Quando assevera que "muita gente cheira cocaína e, no entanto, não há propaganda de cocaína na TV", ele está indicando o argumento que defende a sua tese. É fundamental esclarecer que a tese não leva a uma conclusão, e sim, a tese é baseada em argumentos. A resposta é a opção A.

13. "Para corroborar sua constatação..." No caso do professor citado no texto, seu pensamento é apoiado por:
a) opinião própria;
b) estatística;

c) testemunho de autoridade;
d) evidência;
e) analogia.
Resposta: Alternativa D.
O pensamento do professor é apoiado por um exemplo: "muita gente cheira cocaína e, no entanto, não há propaganda de cocaína na TV". A melhor resposta seria "exemplo". Contudo, não há esta opção. A opção A é excluída em virtude da tese não poder ser apoiada em opinião, já que ambas indicam a mesma ideia. Não há elementos numéricos, comparações ou informações prestadas ao professor por terceiros, eliminando-se, por conseguinte, as alternativas B, C e E. Portanto, sobra a opção D. Dentre os recursos de argumentação, a evidência é apresentada como uma certeza manifesta, da qual não há como se discordar. E realmente, não há como negar que "muita gente cheira cocaína e, no entanto, não há propaganda de cocaína na TV".

14. Muitas vezes a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público; esta afirmação:
a) Funciona como mais um argumento para a tese emitida pelo professor.
b) Desmoraliza o falso argumento citado pelo professor no debate.
c) Confirma a tese de que a publicidade pode tudo.
d) É mais um argumento do professor em defesa do que pensa.
e) Representa mais uma dúvida do jornalista sobre o tema debatido.
Resposta: Alternativa A.
Nesta questão, normalmente o candidato fica em dúvida entre as opções A e D. Apesar de serem extremamente parecidas, ocorre uma diferença sutil, porém fundamental. A opção D possui uma falha técnica: o professor expõe uma tese (a publicidade não pode tudo, ou melhor, nem todas as atitudes humanas são ditadas pela propaganda. Depois indica um argumento: "muita gente cheira cocaína e, no entanto, não há propaganda de cocaína na TV". Já o fragmento "Muitas vezes a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público" não é afirmado pelo professor, mas sim pelo autor do texto. Portanto, não é mais um argumento do professor – é do autor do texto – para a tese emitida pelo professor. A opção A é a resposta, pois não há a indicação de quem é o argumento (então, errado não está) para a tese emitida pelo professor. É interessante observar que o autor do texto não se opõe à tese do professor – tanto é que ele diz: a tese é óbvia, ninguém discute –, discordando, sim, do exemplo utilizado para apoiar seu pensamento: o fato de muita gente cheirar cocaína e não haver propaganda de cocaína na TV.

15. Toda publicidade muda hábitos / X é publicidade contrária ao consumo de cocaína / X vai mudar o hábito de consumo da cocaína. Este silogismo, considerando-se o que é dito no texto, <u>não</u> é verdadeiro porque:
a) A premissa não é verdadeira.
b) Um dos termos do silogismo possui ambiguidade.
c) A conclusão não é uma decorrência lógica da premissa.

d) A premissa não é suficiente para a conclusão.
e) A organização dos termos está fora da disposição padrão.
Resposta: Alternativa A.
O estudo de lógica indica que silogismo pressupõe a ocorrência de duas premissas (uma geral e outra específica) para se chegar a uma conclusão. Por exemplo: premissa geral (todo gordo come muito); premissa específica (João é gordo); conclusão (logo, João come muito). O silogismo proposto é equivocado, pois a primeira premissa contradiz o texto: "Muitas vezes a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público".

(MP – RJ – NCE)
TEXTO: RECURSOS HUMANOS

Li que a espécie humana é um sucesso sem precedentes. Nenhuma outra com uma proporção parecida de peso e volume se iguala à nossa em termos de sobrevivência e proliferação. E tudo se deve à agricultura. Como controlamos a produção do nosso próprio alimento, somos a primeira espécie na história do planeta a poder viver fora de seu ecossistema de nascença. Isso nos deu mobilidade e a sociabilidade que nos salvaram do processo de seleção, que limitou outros bichos de tamanho equivalente e que acontece quando uma linhagem genética dependente de um ecossistema restrito fica geograficamente isolada e só evolui como outra espécie. É por isso que não temos mudado muito, mas também não nos extinguimos.
Luís Fernando Veríssimo

16. Segundo o texto, o sucesso da espécie humana é medido:
a) Por sua capacidade de viver fora de seu ecossistema.
b) Por sua sobrevivência e proliferação.
c) Por possibilidade de produzir seu próprio alimento.
d) Por sua inalterabilidade e resistência à extinção.
e) Por sua agricultura.
Resposta: Alternativa B.
Nesta questão é fundamental o candidato atentar-se ao que está sendo perguntado. Se a pergunta fosse "Segundo o texto, o sucesso da espécie humana é devido", a banca intencionaria que o candidato esclarecesse o motivo do sucesso da espécie humana, e a resposta seria "à agricultura". Contudo, o que se interroga é o meio de medição do sucesso da espécie, ou seja, em que critérios comparativos o homem supera outros animais de acordo com o texto. O fragmento que denuncia a resposta é: "Nenhuma outra com uma proporção parecida de peso e volume se iguala à nossa em termos de sobrevivência e proliferação". Portanto a resposta é a opção B.

17. Dizer que a espécie humana "é um sucesso sem precedentes" equivale a dizer que:
a) Não há explicações possíveis para esse sucesso.
b) Poucas espécies tiveram sucesso semelhante.
c) Nada ocorreu antes que pudesse explicar esse fato.

d) Nenhuma outra espécie já atingiu tal sucesso.
e) Nosso sucesso é independente de nossos antepassados.
Resposta: Alternativa D.
O significado de "sem precedentes" indica que nunca houve anteriormente algo igual ao citado, sendo assim como o texto sugere que a espécie humana é um sucesso sem precedentes, é porque nenhuma outra espécie chegara a tal sucesso.

18. "Nenhuma outra com uma proporção parecida de peso e volume se iguala à nossa em termos de sobrevivência e proliferação". Pode-se inferir desse segmento que:
a) Não há outras espécies com a mesma proporção de peso e volume que a espécie humana.
b) Só a espécie humana vai sobreviver.
c) Só a espécie humana proliferou de forma tão rápida e ampla.
d) Sobrevivência e proliferação são valores que medem o sucesso de uma espécie.
e) Nossa proporção de peso e volume ajudou a nossa espécie a ter sucesso.
Resposta: Alternativa D.
É determinado ao candidato que proceda à inferência tão-somente deste fragmento. Portanto, torna-se fundamental ater-se apenas a este trecho. A opção A é inadequada, pois o fragmento não sugere que inexistam outras espécies com a mesma proporção e volume, esclarecendo, sim, que não há espécies de mesma proporção e volume que tenham atingido tamanho sucesso em termos de sobrevivência e proliferação. A opção B é absurda, porquanto, em momento algum, o fragmento indica que as outras espécies não sobreviverão (apenas não tiveram o mesmo sucesso que a humana). O sucesso da proliferação não necessariamente está relacionada à velocidade com que isso ocorrera, excluindo-se, assim, a alternativa C. A opção E também acaba eliminada, em virtude de o trecho jamais sugerir que a proporção de peso e volume ajudou a espécie humana a ter o sucesso mencionado, até mesmo porque nele é admitida a possibilidade de ocorrência de outras espécies com a mesma proporção de peso e volume e, no entanto, não atingiram o mesmo sucesso da humana. Enfim, se o que difere a espécie humana das demais é o sucesso quanto à proliferação e sobrevivência, é porque esses dois elementos são utilizados como critérios de comparações entre as espécies.

(Auditor Fiscal da Receita Federal – AFRF)
Leia o texto abaixo para responder às questões 19 e 20.

Em artigo publicado na década de 90, o Professor Paul Krugman explicava que todos aqueles países que falavam inglês haviam tido um desempenho econômico acima da média de seus vizinhos e que o inglês estava se tornando rapidamente a língua franca dos negócios, do turismo e da *internet*. Assim, os processos de fusão de empresas, tão comuns naquele tempo, só teriam sucesso se utilizassem o inglês como língua de integração das corporações.
Essa visão nos preocupou quando resolvemos integrar todas as áreas de consultoria espalhadas pela América Latina em uma única divisão de consultoria. Mas ficou uma

pergunta no ar: "que língua oficial adotar"? O espanhol ou o português acirraria a rivalidade que já era bastante grande no campo dos esportes. Adotar o inglês teria a vantagem da neutralidade e da facilidade de interação com nossos colegas de outras regiões, mas com perda significativa na agilidade da comunicação e no andamento das reuniões. Foi adotada então uma postura única: haveria três línguas oficiais. Essa pequena sutileza significava, na verdade, que todos eram obrigados a entender as três línguas, mas poderiam se expressar no idioma em que se sentissem mais à vontade. Hoje, cinco anos depois, sentimos que essa decisão foi fundamental para o nosso processo de integração, e a lição aprendida é que muitas vezes a criatividade local pode ser mais efetiva que verdades importadas.
(José Luiz Rossi, "Integração cultural na América Latina", *Classe Especial*, 89/2001, com adaptações.)

19. Marque a opção incorreta a respeito do emprego das estruturas linguísticas do texto.
a) As duas ocorrências da conjunção "que" (l.2/3) têm a função de demarcar o início das duas orações ligadas por "e" (l.3), mas, sintaticamente, o terceiro que pode ser omitido.
b) A preposição "em" (l.7), exigida pelas regras de regência do verbo "integrar" (l.6), pode sofrer contração com o artigo que a segue, sem prejudicar a correção e as ideias do texto.
c) Para preservar a correção gramatical, se fosse usada a expressão Ao se adotar, em lugar de somente "Adotar" (l.9), seria obrigatória a mudança de "teria" (l.9) para haveria.
d) Preserva-se a correção gramatical do texto e o sentido do adjetivo da estrutura "com perda significativa" (l.10) ao substituí-la por significaria perder.
e) Mantém-se a estrutura sintática de voz passiva e a ideia de passividade ao empregar Adotou-se em lugar de "Foi adotada" (l.11).
Resposta: Questão Anulada
O gabarito provisório indicou como resposta a alternativa D. Realmente, a opção D indica um comentário, tanto no aspecto semântico como no aspecto sintático, absurdo em relação ao texto. O adjetivo "significativa" tem valor de "substanciosa", "grande" e alterando-se para "significaria perder", o adjetivo perde tal sentido. Além disso, há mudança na regência, visto que a estrutura "perda significativa" exige a preposição EM e "significaria perder" não trabalha com preposição.
A opção E está perfeita, uma vez que há tão somente a proposta de substituição da voz passiva analítica pela voz passiva sintética, havendo ainda o cuidado de manter-se o tempo do verbo.
Na opção C, quando a banca propõe a substituição de "ADOTAR" por "AO SE ADOTAR", torna-se essencial o candidato atentar-se à alteração do sentido do verbo TERIA. Na frase, "Adotar o Inglês teria a vantagem da neutralidade", "teria" significa "possuiria; Já em "Ao se adotar o Inglês, teria a vantagem da neutralidade", "teria" passa a significar "haveria", "ocorreria", o que a gramática normativa ainda não admite.
Na opção B, a análise recai sobre a combinação facultativa de preposição com artigo indefinido. Como o termo "em uma única divisão de consultoria" não funciona como

sujeito, a contração da preposição com o artigo indefinido é opcional.
A opção A foi o motivo de a questão ser anulada. A opção A foi muito bem imaginada, contudo infelizmente houve um engano quanto à designação da linha do primeiro "que". O "que" que deveria ser citado é o primeiro, não o segundo do período. A alternativa trabalhou o paralelismo sintático, em que duas orações subordinadas substantivas objetivas diretas estão ligadas ao mesmo verbo, repetindo-se a conjunção integrante. A segunda conjunção poderia ser omitida. A alternativa acabou sendo a justificativa da anulação, visto que, em vez de a conjunção ser citada, foi mencionado, por engano, o pronome relativo "que".

20. Marque a opção em que, de acordo com as ideias do texto, existe uma relação de condição do tipo Se X então Y.
a) X = falássemos inglês
Y = teríamos desempenho econômico acima da média
b) X = adotássemos inglês como língua oficial
Y = agilizaríamos a comunicação
c) X = empregássemos espanhol ou português
Y = exarcebaríamos a rivalidade
d) X = houvesse três línguas oficiais
Y = teríamos facilidade de interação com outras regiões
e) X = entendêssemos as três línguas
Y = deveríamos nos expressar nas três línguas
Resposta: Alternativa C.
As alternativas B, D e E estão em oposição ao texto, ficando o candidato em dúvida entre as opções A e C. O enunciado da questão "de acordo com as ideias do texto" indica que está sendo solicitado ao candidato uma alternativa de recorrência textual. A opção A, apesar de ser coerente com o texto, é uma inferência, porquanto o texto apenas assevera que todos os países que falavam inglês tiveram desempenho econômico acima da média, não sugerindo que, se outros também o falassem, também obteriam desempenho acima da média dos vizinhos. A opção C não é uma inferência, é algo que está efetivamente em consonância com as ideias do texto, alterando-se tão somente os vocábulos. O texto informa que "o Espanhol ou o Português acirraria a rivalidade, que já era bastante grande no campo dos esportes." Ou seja, a rivalidade já existia, apenas aumentaria (ou exacerbaria, conforme apontado na opção C).

(Sefa – Pará – esaf) Leia o texto abaixo para responder às questões 21 e 22.

1	Não é preciso ser adepto da tradição intelectual para reconhecer os inconvenientes da praxe de preterição do influxo interno, a que falta a convicção não só das teorias, mas também das suas implicações menos próximas, de sua relação com o movimento social
3	conjunto, e da relevância do próprio trabalho e dos assuntos estudados. Percepções e teses notáveis a respeito da cultura do país são decapitadas periodicamente, e problemas a muito custo identificados e assumidos ficam sem o desdobramento que lhes
	poderia corresponder. O prejuízo acarretado pode se comprovar pela via contrária, lembrando a estatura isolada de uns

6	poucos escritores como Machado de Assis, Mário de Andrade e, hoje, Antônio Cândido, cuja qualidade se prende a este ponto.

(SCHWARZ, Roberto, *Cultura e política*, p. 110.)

21. Em relação às estruturas do texto, assinale a opção <u>incorreta</u>.

a) A substituição de "a que" (l. 2) por à qual não acarreta prejuízo à correção gramatical do período.

b) O emprego de "mas também" (l. 2) é exigência decorrente do emprego de "não só" (l. 4).

c) A estrutura sintática do período em que ocorrem estabelece as seguintes relações de dependência entre os termos:

falta a convicção

- das teorias (l. 2)
- das suas implicações menos próximas (l. 2 e 3)
- de sua relação com o movimento social conjunto (l. 3)
- da relevância (l. 3)
- do próprio trabalho e (l. 3 e 4)
- dos assuntos estudados (l. 4).

d) Em "a muito custo" (l. 5) o "a" funciona como uma preposição.

e) O emprego do pronome "lhes", em "lhes poderia" (l. 6), está empregado de forma proclítica em virtude da presença do "que" (l. 6).

Resposta: Alternativa C.

A opção A está perfeita, já que o pronome relativo "que" precedido da preposição "a" é referente ao termo "praxe de preterição do influxo interno", cujo o núcleo é "praxe", admitindo, portanto, a substituição pelo pronome relativo "a qual" que, somado à preposição "a", resulta em "à qual". A estrutura iniciada por "não só" (o elemento de negação "não" negando o termo restrição "só") desemboca inevitavelmente no conector aditivo, logo a opção B está certa. A opção D assevera corretamente que "a" é preposição, em virtude de os termos seguintes serem masculinos. Como o pronome relativo sempre atrai o pronome oblíquo átono, o comentário proferido na opção E se dá com extrema correção. A alternativa C é de paralelismo, estabelecendo relações inadequadas entre os termos. Observe que os quatro primeiros elementos realmente estão relacionados ao vocábulo "convicção", contudo os dois últimos "do próprio trabalho" e "dos assuntos estudados" estão ligados ao termo "relevância".

22. Assinale a opção que continua o texto de forma coesa e coerente.

a) Com aquela praxe de conciliar o estrangeiro com o autóctone, a convivência familiar e estabilizada entre concepções em princípio incompatíveis esteve no centro da inquietação ideológico-moral do Brasil desde sempre.

b) A certos intelectuais tal herança colonial de preocupar-se apenas com o que vem do próprio país parecia um resíduo que logo seria superado pela marcha desse progresso.

c) Outros intelectuais viam naquele movimento o país autêntico, o Brasil genuíno, original, o berço a ser protegido e preservado contra imitações absurdas.

d) A nenhum deles faltou informação nem abertura para a atualidade. Entretanto, souberam retomar criticamente o trabalho dos predecessores, entendido não como peso morto, mas como elemento dinâmico, subjacente às contradições contemporâneas.
e) Outros ainda desejavam harmonizar esse progresso com trabalho escravo, para não abrir mão de nenhum dos dois, e outros mais consideravam que esta conciliação já existia e era desmoralizante.
(Adaptado de SCHWARZ, Roberto, *Cultura e política*.)
Resposta: Alternativa D.
O texto fala sobre a incoveniência de preterir o movimento cultural do Brasil Esclarece que falta convicção a essa prática e afirma que percepções e teses acerca da cultura do país são decapitadas e acabam não tendo as consequências que deveriam ter. A partir daí, é dado um exemplo em oposição a essa tese, mostrando a atitude isolada de alguns autores que possuíam o grande mérito justamente de rever percepções e teses, dando-lhes o adequado desdobramento. Como a questão solicita uma continuidade do texto, é óbvio que haverá de se dar de forma coesa. O texto, sendo encerrado na citação dos três autores, só poderá ter sequência, citando algo relativo a eles. A opção D é iniciada por "A nenhum deles" – o pronome deles refere-se aos três autores –, demonstrando a coesão textual, e termina dizendo que retomaram criticamente a obra de outros autores (não decapitaram a tese deles), também demonstrando coerência.

23. (AFC – Esaf) Julgue como verdadeiras (V) ou falsas (F) as assertivas que comparam os dois parágrafos abaixo. Indique, a seguir, a sequência correta.
A despeito do bom desempenho da economia brasileira em 2004, em torno de 37% dos consumidores reduziram gastos em bens e serviços, segundo pesquisa do instituto ACNielsen, enquanto outros 24% optaram por excluir integralmente determinados produtos de seu consumo.
Embora a pesquisa identifique um quadro melhor do que o de 2003, os resultados parecem sinalizar que a renda média dos brasileiros continua relativamente deprimida, o que inibe o dinamismo do consumo doméstico, sobretudo nas camadas de baixa renda.
(Editorial "Evolução do consumo", da *Folha de S. Paulo*, 11/4/2005.)
( ) Ambos iniciam com frase ou oração que têm valor adverbial de concessão.
( ) O tópico em torno do qual gira o primeiro parágrafo é o bom desempenho da economia; no segundo parágrafo, o assunto central é o dinamismo da economia brasileira.
( ) Ambos avaliam positivamente o desempenho da economia brasileira no ano de 2004.
( ) As informações contidas no primeiro parágrafo exibem resultados de pesquisa sobre o consumo doméstico no ano de 2004; no segundo parágrafo, é fornecida uma interpretação dos dados revelados pela pesquisa.
A sequência correta é:
a) V – F – V – V
b) V – V – V – F
c) F – V – F – F
d) F – F – V – V

e) V – V – F – F

Resposta: Alternativa A.

Os dois primeiros itens são suficientes para se chegar à resposta. O primeiro item está correto, visto que os conectores "A despeito de" e "Embora" possuem efetivamente valor concessivo. Já o segundo item apresenta uma falha: o primeiro tópico tem como paráfrase o fato de os consumidores reduzirem gastos em bens e serviços, mesmo ocorrendo o bom desempenho da economia brasileira em 2004.

24. (AFC – Esaf)

Em novembro do ano passado, a Revolta da Vacina fez cem anos. A obrigatoriedade da vacinação obrigatória antivariólica foi estabelecida por lei em 31 de outubro de 1904, e cercava o cidadão por todos os lados. Exigia atestado de vacinação para matrícula em escola, emprego, hospedagem, viagem, casamento, e previa multas para os recalcitrantes. A reação começara desde a aprovação do projeto. Oradores operários argumentavam que era grave ofensa à honra do chefe de família ter seu lar, em sua ausência, invadido por médicos, perante os quais sua mulher e filhas seriam obrigadas a se desvendarem para receberem a vacina no braço. Finda a resistência, a polícia varreu a área conflagrada, prendendo os suspeitos de sempre. O saldo final de vítimas foi de 30 mortos, 110 feridos e 945 presos.

Analisando essa revolta popular, José Murilo de Carvalho afirma que ela "é emblemática da dificuldade de relacionamento entre governo e povo no Brasil. Seu aspecto mais interessante é que não teve um lado errado e um lado certo, bons e maus".

Assinale a opção que analisa a revolta da vacina com a mesma interpretação que lhe dá José Murilo de Carvalho.

a) Quando o drástico, posto que necessário, projeto de regulamentação da lei de obrigatoriedade da vacina contra a varíola vazou para a imprensa, os políticos da oposição cerraram fileira contra a vacina, na ânsia de enfraquecer o Presidente Rodrigues Alves.

b) A revolta foi um trágico desencontro entre a política bem intencionada e esclarecida de Oswaldo Cruz, Diretor-Geral da Saúde Pública, e valores populares que tinham a ver com a dignidade pessoal e a inviolabilidade do lar.

c) A assim chamada "Revolta da Vacina" colocou em confronto, cada qual em sua trincheira, militares e políticos da oposição que queriam derrubar o governo, de um lado; de outro, jornais governistas e autoridades que apoiavam Rodrigues Alves.

d) Os positivistas tratavam a obrigatoriedade da vacina como despotismo sanitário e estigmatizavam a vacina como sendo o túmulo da liberdade.

e) A revolta foi consequência do obscurantismo popular, da ação ensandecida de uma "turba-multa irresponsável de analfabetos", segundo palavras de Olavo Bilac.

Resposta: Alternativa B.

A opção A indica que a lei da obrigatoriedade da vacina vazou para a imprensa, fato não ocorrido no texto.

A opção C torna-se absurda ao sugerir que a revolta tinha cunho político.

A opção D cita os positivistas, que, em momento algum, foram mencionados no texto.
A opção E sugere que a revolta se deu com os analfabetos, fato que contradiz o texto.

(AFC – Esaf) Leia o texto para responder às questões 25 e 26.

O que leva um compositor popular consagrado, uma glória da MPB, a escrever romances?

Para responder a essa pergunta, convém lembrarmos algumas características da personalidade de Chico Buarque de Holanda. Primeiro, a forte presença de um pai que, além de ser um historiador notável, era um fino crítico literário. Depois, o fato de Chico ter se dado conta de que sua genial produção musical não bastava para dizer tudo que ele tinha a nos dizer.

Não se pode dizer que o que o Chico nos diz nos romances não tem nada a ver com o que ele passa aos seus ouvintes através das suas canções. No recém-lançado *Budapeste*, por exemplo, eu, pessoalmente, vejo um clima de bem-humorada resignação do personagem com suas limitações, um clima que me parece que encontrei, em alguns momentos, na sua obra musical. Uma coisa, porém, são as imagens sugestivas das canções; outra é a complexa construção de um romance. A distância entre ambas talvez pudesse ser comparada àquela que vai das delicadas e rústicas capelas românicas às imponentes catedrais góticas.

Chico Buarque percorreu esse caminho com toda a humildade de quem queria aprender a fazer melhor, mas também com a autoconfiança de quem sabia que podia se tornar um mestre romancista.

Valeu a pena. A autodisciplina lhe permitiu mergulhar mais fundo na confusão da nossa realidade, nas ambiguidades do nosso tempo. A ficção, às vezes, possibilita uma percepção mais aguda das questões em que estamos todos tropeçando. No caso deste romance mais recente de Chico Buarque, temos um rico material para repensarmos, sorrindo, o problema da nossa identidade: quem somos nós, afinal?

(Leandro Konder, *Jornal do Brasil*, 18/10/2003.)

25. Em relação às ideias do texto, assinale a opção que apresenta inferência <u>incorreta</u>.

a) Um compositor consagrado pode considerar sua produção musical insuficiente para expressar suas ideias.
b) A convivência com pessoas que produzem obras importantes na história e na crítica literária pode contribuir para estimular a escrita de romances.
c) Chico Buarque não precisou aprender a escrever romances, pois isso já fazia parte de sua vida como compositor e como herdeiro de um talento familiar.
d) Algumas características da obra musical de Chico Buarque permanecem em sua obra romanesca.
e) A construção romanesca é muito mais complexa que a elaboração de canções da música popular.

Resposta: Alternativa C.

Há contradição entre o fragmento "Uma coisa, porém, são as imagens sugestivas das canções; outra é a complexa construção de um romance. A distância entre ambas talvez

pudesse ser comparada àquela que vai das delicadas e rústicas capelas românicas às imponentes catedrais góticas. Chico Buarque percorreu esse caminho com toda a humildade de quem queria aprender a fazer melhor". Perceba que o texto assevera que a mesma distância existente entre fazer canções e romances ocorre entre delicadas e rústicas capelas com imponentes catedrais góticas. Destarte, compor canções fazia parte de sua rotina, o mesmo não se pode dizer de escrever romances.

26. Em relação ao texto, assinale a opção correta.

a) A pergunta inicial contém o pressuposto de que, para o senso comum, uma pessoa consagrada como compositor deve sempre se aventurar a escrever romances.

b) Da expressão "seus ouvintes" (l.8) no segundo parágrafo, infere-se que o autor do texto lê os romances, mas não ouve as músicas de Chico Buarque.

c) O sinal indicativo de crase em "àquela que vai das delicadas..." (l.13) é opcional.

d) Em "autodisciplina lhe" (l.17) o pronome é fator de coesão textual que se refere a "tempo" (l.18).

e) A literatura pode desvelar de forma mais esclarecedora algumas questões complexas da nossa realidade.

Resposta: Alternativa E.

A opção A é incorreta, visto que o texto sugere apenas que existem características na personalidade de Chico Buarque – sem mencionar outros compositores – que o levaram a escrever romances.

A opção B é absurda, pois, se o autor compara as composições com o livro, obviamente conhece os dois tipos de obra de Chico Buarque.

A opção C não pode ser a resposta, uma vez que a crase é obrigatória, pois é resultado da soma da preposição A, regida por "comparada", com o pronome demonstrativo "aquela".

A opção D é inadequada, porquanto o pronome oblíquo "lhe" refere-se ao próprio Chico Buarque.

(AFRF – Esaf) Leia o texto seguinte para responder às questões de 27 a 29.

Vinte e quatro séculos atrás, Sócrates, Platão e Aristóteles lançaram as bases do estudo científico da sociedade e da política. Muito se aprendeu depois disso, mas os princípios que eles formularam conservam toda a sua força de exigências incontornáveis. O mais importante é a distinção entre o discurso dos agentes e o discurso do cientista que o analisa.

Doxa (opinião) e episteme (ciência) são os termos que os designam respectivamente, mas estas palavras tanto se desgastaram pelo uso que, para torná-las novamente úteis, é preciso explicar o seu sentido em termos atualizados. Foi o que fez Edmund Husserl com a distinção entre discurso "pré-analítico" e o discurso tornado consciente pela análise de seus significados embutidos. Por exemplo, na linguagem corrente, podemos opor o comunismo ao anticomunismo como duas ideologias. No entanto, comunismo é uma ideologia, mas o anticomunismo não é uma ideologia, é a simples rejeição de uma ideologia.

É analisando e decompondo compactados verbais como esse e comparando-os com os dados disponíveis que o estudioso pode chegar a compreender a situação em termos bem diferentes daqueles do agente político. Mas também é certo que os próprios conceitos científicos daí obtidos podem incorporar-se depois no discurso político, tornando-se expressões da doxa. É isso, precisamente, o que se denomina uma ideologia: um discurso de ação política composto de conceitos científicos esvaziados de seu conteúdo analítico e imantados de carga simbólica. Então, é preciso novas e novas análises para neutralizar a mutação da ciência em ideologia. (Olavo de Carvalho, com cortes.)

27. Indique o item que está de acordo com as ideias desenvolvidas no texto.

a) É no conhecimento produzido pelos filósofos da Grécia Antiga que se encontram as mais consistentes análises científicas a respeito de política e sociedade.

b) Boa parte da produção científica do mundo contemporâneo distancia-se dos axiomas formulados por Sócrates, Platão e Aristóteles, devido à incompatibilidade entre princípios filosóficos e rigor formal da ciência.

c) Os discursos dos agentes políticos devem ser rechaçados porque se fundamentam na "doxa", não contemplando, portanto, os conceitos científicos vigentes.

d) O discurso "pré-analítico" prescinde de análise da realidade concreta e caracteriza-se por abordar os significados implícitos dos enunciados produzidos na instância pública.

e) O esvaziamento de significado a que os conceitos científicos estão sujeitos pelo seu uso em instâncias sociais não exclusivamente científicas gera a necessidade de renovação de terminologia na ciência.

Resposta: Alternativa E.

A opção A é inadequada, dado que o texto indica que os filósofos lançaram as bases do estudo da sociedade e da política e não as mais consistentes análises científicas.

A opção B torna-se errada, já que o motivo indicado no item "devido à incompatibilidade entre princípios filosóficos e rigor formal da ciência" não é o mesmo apontado no texto (essas palavras se desgastaram tanto pelo uso).

Em momento algum, o texto sugere que os discursos dos agentes políticos devem ser rechaçados, por isso a opção C deve ser descartada.

A opção D deve ser excluída em virtude de o discurso pré-analítico não fazer abordagem aos significados implícitos dos enunciados produzidos na instância pública.

28. Assinale o item que expressa uma ideia depreendida dos sentidos explícitos e implícitos que compõem a rede temática do texto.

a) Apesar de os princípios filosóficos carregarem em si uma regulação e se basearem exclusivamente na "doxa", eles sobrevivem às contingências históricas, como bem o demonstra a atualidade dos princípios formulados na Grécia Antiga.

b) Por meio do conhecimento científico, as sociedades buscam interpretações da realidade que não se orientem na ideologia, cabendo, portanto, à "episteme" a análise crítica dos discursos que circulam na sociedade.

c) A formação da corrente de pensamento anticomunista exemplifica a supremacia do

discurso epistemológico e representa a reação da sociedade a análises subjetivas dos fatos históricos.
d) A ciência tende a tornar-se cada vez mais dogmática e menos neutra, intensificando, portanto, seus procedimentos persecutórios perante os discursos dos agentes políticos que banalizam conceitos científicos.
e) Os filósofos gregos previram a mutação da ciência em ideologia, ao analisarem a força simbólica que esta assume nos discursos hegemônicos dos agentes políticos.
Resposta: Alternativa B.
Em momento algum, o texto indica que os filósofos se baseiam "exclusivamente" na doxa, por isso a opção A deve ser descartada.
A opção C contradiz totalmente o texto, pois a corrente de pensamento anticomunista é exemplo da doxa, não do discurso epistemológico.
Em momento algum, o texto sugere que a ciência vai tornar-se persecutória, portanto sendo excluída a alternativa D.
A opção E vai de encontro às ideias do verbete, em virtude de o autor, não os filósofos gregos, esclarecer que deve haver novas análises para neutralizar a mutação da ciência em ideologia.

29. Marque com (V) as afirmações verdadeiras e com (F) as falsas. Indique, em seguida, a sequência correta.
( ) Mantém-se a correção gramatical substituindo-se a expressão "Vinte e quatro séculos atrás" (l. 1) por "Há vinte e quatro séculos" ou por "Fazem vinte e quatro séculos".
( ) A oração "Muito se aprendeu depois disso" (l. 3) poderia ser substituída por "Aprenderam-se muitas coisas depois", preservando-se o sentido e a correção gramatical do texto.
( ) Compromete-se a clareza do texto e há prejuízo para a correção gramatical do período se o pronome da expressão "estas palavras" (l. 7) for substituído por "essas".
( ) A oração "que é preciso explicar o seu sentido em termos atualizados" (l. 6 e 7) expressa consequência, sendo correto, portanto, substituir "que" pelo conector "porquanto".
( ) No segundo parágrafo, predomina a articulação semântica e sintática de oposição na produção de sentido dos enunciados.
a) F, V, F, F, V
b) F, F, F, F, V
c) V, V, V, F, F
d) F, F, V, V, V
e) V, F, F, V, V
Resposta: Alternativa A.
Os dois primeiros itens já são suficientes para se chegar à resposta. O primeiro tópico é indevido, já que são propostas duas substituições, estando a primeira correta e a segunda, errada. O verbo "fazer" no sentido de tempo passado é impessoal, não podendo ser conjugado no plural. Sendo assim, o certo é "faz vinte e quatro séculos..."

O segundo tópico é perfeito, porquanto, caso se substitua "Muito" por "muitas coisas", não há alteração semântica. Além disso, o pronome SE é apassivador, transformando "muitas coisas" em sujeito, então o verbo deve ser flexionado no plural.

(AFRF – Esaf) Questões 30, 31 e 32.
Falar em direitos humanos pressupõe localizar a realidade que os faz emergir no contexto sociopolítico e histórico-estrutural do processo contraditório de criação das sociedades. Implica, em suma, desvendar, a cada momento deste processo, o que venha a resultar como direitos novos até então escondidos sob a lógica perversa de regimes políticos, sociais e econômicos, injustos e comprometedores da liberdade humana.
Este ponto de vista referencial determina a dimensão do problema dos direitos humanos na América Latina. Neste contexto, a fiel abordagem acerca das condições presentes e dos caminhos futuros dos direitos humanos passa, necessariamente, pela reflexão em torno das relações econômicas internacionais entre países periféricos e países centrais.
As desarticulações que desta situação resultam não chegam a modificar a base estrutural destas relações: a extrema dependência a que estão submetidos os países periféricos, tanto no que concerne ao agravamento das condições de trabalho e de vida (degradação dos salários e dos benefícios sociais), quanto na dependência tecnológica, cultural e ideológica.
(Núcleo de Estudos para a Paz e Direitos Humanos, UnB. *In: Introdução Crítica ao Direito*, com adaptações.)

30. Assinale a opção que não estabelece uma continuidade coerente e gramaticalmente correta para o texto.
a) Nesta parte do mundo, imensas parcelas da população não têm minimamente garantida sua sobrevivência material. Como, pois, reivindicar direitos fundamentais se a estrutura da sociedade não permite o desenvolvimento da consciência em sua razão plena?
b) Por conseguinte, a questão dos Direitos tem significado político, enquanto realização histórica de uma sociedade de plena superação das desigualdades, como organização social da liberdade.
c) Assim, pois, a opressão substitui a liberdade. A percepção da complexidade da realidade latino-americana remete diretamente a uma compreensão da questão do homem ao substitui-lo pela questão da tecnologia.
d) Na América Latina, por isso, a luta pelos direitos humanos engloba e unifica em um mesmo momento histórico, atual, a reivindicação dos direitos pessoais.
e) Não nos esqueçamos que a construção do autoritarismo, que marcou profundamente nossas estruturas sociais, configurou o sistema político imprescindível para a manutenção e reprodução dessa dependência.
Resposta: Alternativa C.
O candidato deve atentar-se ao enunciado. Lá está solicitada a opção que não estabelece uma continuidade coerente e "gramaticalmente correta". Você deve partir direto para as opções e observar se há alguma com erro. Se houver, marque-a. Caso contrário, retorne

ao texto e veja a que não é coerente a ele. Nesta questão, nem haveria a necessidade de tal, visto que a opção C contém gritante falha de ortografia (substituí-lo).

31. Assinale a opção em que, no texto, a expressão que antecede a barra não retoma a ideia da segunda expressão que sucede a barra.

a) "Realidade" (l. 1) / "contexto sociopolítico e histórico-estrutural do processo" (l. 1 e 2).
b) "Deste processo" (l. 3) / "processo contraditório de criação das sociedades" (l. 2).
c) "Este ponto de vista referencial" (l. 7) / ideias expressas no primeiro parágrafo.
d) "Neste contexto" (l. 8) / discussão sobre os direitos humanos na América Latina.
e) "Desta situação" (l. 12) / relações econômicas internacionais entre países periféricos e países centrais.

Resposta: Alternativa A.

O enunciado da questão determina ao candidato que encontre a opção em que a primeira expressão "retome a ideia já citada anteriormente". A opção A indica um termo que faria menção a algo localizado posteriormente. É óbvio que um elemento anterior não pode retomar o posterior.

32. Analise os seguintes itens a respeito do emprego das estruturas linguísticas do texto, para, em seguida, assinalar a opção correta.

I. O paralelismo sintático e semântico entre "pressupõe" (l. 1) e "Implica" (l. 3) evidencia que remetem ao mesmo sujeito oracional.

II. O tempo e modo verbal em que "venha" (l. 4) está empregado indicam incerteza, dúvida a respeito do que pode vir a ser resultante em termos de "direitos novos" (l. 4).

III. As regras de regência nominal permitem que "dependência" (l. 13) também seja empregada com a preposição com; por isso está igualmente correto: a extrema dependência com que estão submetidos...

IV. "Concerne" (l. 14) apresenta dois complementos sintáticos: (a) "agravamento das condições de trabalho e de vida" (l. 14/15), e (b) "dependência tecnológica, cultural e ideológica" (l. 16/17).

Estão corretos apenas:

a) I e II.
b) I, II e III.
c) I e III.
d) II, III e IV.
e) II e IV.

Resposta: Alternativa A.

A análise dos três primeiros tópicos já é suficiente para se chegar à resposta.

O tópico I está correto, visto que "Falar em direitos humanos" é sujeito tanto do verbo "pressupõe" como do verbo "implica".

O tópico II também está correto, já que a forma verbal "venha", estando no modo subjuntivo, indica uma situação hipotética, não uma certeza, podendo no contexto, inclusive, ser acrescentada a palavra "porventura" (Implica, em suma, desvendar, a cada momento deste processo, o que, porventura, venha a resultar como direitos novos).

O tópico III possui uma grave falha, pois o termo que exige a presença da preposição "a" não é dependência, e sim "submetidos".

O texto abaixo serve de base para as questões 33 e 34.
Santo Agostinho (354-430), um dos grandes formuladores do catolicismo, uniu a teologia à filosofia. Sua contribuição para o estudo das taxas de juros, ainda que involuntária, foi tremenda. Em suas *Confissões*, o bispo de Hipona, filho de Santa Mônica, conta que, ainda adolescente, clamou a Deus que lhe concedesse a castidade e a continência e fez uma ressalva – ansiava por essa graça, mas não de imediato. Ele admitiu que receava perder a concupiscência natural da puberdade. A atitude de Santo Agostinho traduz impecavelmente a urgência do ser humano em viver o aqui e agora. Essa atitude alia-se ao desejo de adiar quanto puder a dor e arcar com as consequências do desfrute presente – sejam elas de ordem financeira ou de saúde. É justamente essa urgência que explica a predisposição das pessoas, empresas e países a pagar altas taxas de juros para usufruir o mais rápido possível seu objeto de desejo.
("Viver agora, pagar depois" (Fragmento). *In*: Economia e Negócios, *Revista Veja*, 30/3/2005, p. 90.)

33. (AFRE – MG) Assinale a opção correta com base no que se depreende do texto.
a) Na adolescência, o bispo de Hipona foi concupiscente.
b) O clamor de Santo Agostinho a Deus incluía o adiamento dos prazeres libidinosos.
c) A predisposição para o pagamento de altas taxas de juros é causa da urgência de se querer viver intensamente o momento presente.
d) A atitude tomada pelo filósofo católico, na adolescência, diferenciava-o dos demais homens e prenunciava a santificação futura.
e) O teólogo e filósofo do catolicismo contribuiu significativamente para a formulação do conceito das taxas de juros, ainda que fosse contrário à matéria.
Resposta: Alternativa A.
Observe que você não precisará saber o significado da palavra "concupiscente" para acertar a questão. No enunciado, é exigido do candidato uma inferência (dedução). No texto, está indicado que Santo Agostinho tinha medo de perder a concupiscência natural da puberdade. Então, podemos depreender que, se ele tinha medo de perder a concupiscência, é porque ele a possuía no período da puberdade (adolescência).

34. Julgue as afirmações a respeito do texto como verdadeiras (V) ou falsas (F), para marcar, a seguir, a opção correta.
( ) Em virtude do paralelismo sintático, o acento grave, em "à filosofia" (l.2), poderia ser eliminado.
( ) Estaria garantida a correção gramatical do texto se o pronome possessivo que inicia um período, na linha 2, fosse substituído, nessa mesma posição, pelo pronome "cujo", flexionado no feminino (cuja), e o ponto fosse substituído por uma vírgula.
( ) Haveria alteração do sentido original do texto se a expressão "ainda adolescente" (l.4) fosse deslocada para a posição imediatamente posterior à forma verbal "conta" (l.4).

( ) Dada a relação de sentido que se estabelece no período, a conjunção "e" (l.5 – 2ª ocorrência) poderia ser substituída, mantendo-se a coerência textual, pela conjunção "mas" precedida de vírgula.
( ) O complemento verbal "seu objeto de desejo" (l. 12) poderia vir precedido da preposição "de", atendendo-se à regência do verbo "usufruir".
A sequência correta obtida é:
a) V, F, F, V, V;
b) F, V, V, V, F;
c) V, V, F, F, V;
d) V, F, V, F, F;
e) F, F, V, V, V.
Resposta: Alternativa E.
A análise das duas primeiras afirmações já é suficiente para se chegar à resposta.
A primeira afirmação é falsa, visto que os termos não se encontram em paralelismo sintático. Um termo é objeto direto e o outro, indireto. O verbo "unir" exige um elemento sem preposição e outro, com.
A segunda afirmação também é falsa, porquanto o período quedar-se-ia totalmente incoerente com a substituição proposta. O pronome relativo "cujo" liga o termo seguinte ao antecedente, estabelecendo a ideia de posse, fato que não pode ocorrer com os termos "contribuição" e "filosofia".

30.11. Alteração de funções sintáticas em questões de interpretação

Muitas questões de interpretação de textos são resolvidas através do conhecimento gramatical. Por exemplo, existem funções sintáticas que possuem o mesmo valor semântico, como o sujeito ativo, o agente da passiva e o adjunto adnominal. Estas três funções sintáticas possuem valor ativo (agente, de quem pratica a ação), e as bancas tão somente reescrevem as frases alterando as funções sintáticas, sem modificar, contudo, a ideia contida. Em contrapartida, há também as funções sintáticas com valor paciente: os objetos, o sujeito passivo e o complemento nominal.

Ex.: **O professor** errou e causou estranheza a todos.
O erro **do professor** causou estranheza a todos.
O erro cometido **pelo professor** causou estranheza a todos.

→ Observe que o termo "professor", acompanhado ou não de preposição, funciona, na primeira frase, como sujeito ativo; na segunda, como adjunto adnominal; na terceira, como agente da passiva. Mesmo este termo tendo funções sintáticas distintas, mantém o mesmo valor semântico. Nas três frases, é o professor que erra.

Ex.: Ler **jornais** é importante.
Jornais serem lidos é importante.
A leitura **de jornais** é importante.

→ Observe que o termo "jornais", acompanhado ou não de preposição, funciona, na primeira frase, como objeto direto; na segunda, como sujeito passivo; na terceira, como complemento nominal. Apesar de o termo possuir funções sintáticas diferentes, a ideia dos três períodos é a mesma: jornais devem ser lidos.

30.12. Exercícios com gabarito comentado sobre alteração de funções sintáticas

1. (Of. Just. – TJ – NCE) "Como conciliar a liberdade com a inevitável ação restritiva do Estado?" Nesse segmento do texto, o articulista afirma que:
a) o Estado age obrigatoriamente contra a liberdade;
b) é impossível haver liberdade e governo ditatorial;
c) ainda não se chegou a unir os cidadãos e o governo;
d) cidadãos e governo devem trabalhar juntos pela liberdade;
e) o Estado é o responsável pela liberdade da população.
Resposta: Alternativa A.
Observe que o termo "do Estado" possui valor agente, funcionando como adjunto adnominal. Se você transformá-lo em sujeito ativo, o resultado será: "O Estado age inevitavelmente restringindo a liberdade". A alternativa A apenas substituiu "inevitavelmente" por um sinônimo: "obrigatoriamente".

2. (Of. Just. – TJ – NCE) "O primeiro templo da liberdade burguesa é o supermercado. E m<u>que pesem as angustiantes restrições do contracheque</u>, são as prateleiras abundantemente supridas que satisfazem a liberdade do consumo..." O segmento sublinhado corresponde semanticamente a:
a) As despesas do supermercado são muito pesadas no orçamento doméstico.
b) Os salários não permitem que se compre tudo o que se deseja.
c) As limitações de crédito impedem que se compre o necessário.
d) A inflação prejudica o acesso da população aos bens de consumo.
e) A satisfação de comprar só é permitida após o recebimento do salário.
Resposta: Alternativa B.
O termo "do contracheque" possui valor agente, funcionando como adjunto adnominal. Reescrevendo-se o período, transformando o adjunto adnominal em sujeito ativo, o resultado será: "o contracheque restringe o consumo". No texto, "contracheque" está sendo utilizado como sinônimo de "salário", "restringir" e "não permitir" são equivalentes, "consumir" e "comprar" possuem o mesmo valor.

3. (Of. Just. – TJ – NCE) "Não houve ideal comunista que resistisse às tentações do

supermercado". Com esse segmento do texto, o autor quer dizer que:
a) Todo ideal comunista se opõe aos ideais capitalistas.
b) A ideologia comunista sofre pressões por parte dos consumidores.
c) Os supermercados socialistas são menos variados que os do mundo capitalista.
d) O ideal comunista ainda resiste à procura desenfreada por bens de consumo.
e) As tentações do supermercado abalaram as estruturas capitalistas.
Resposta: Alternativa B.
É uma questão de inferência textual, pois você terá que deduzir o que o autor quis dizer neste segmento. Observe que o termo "do supermercado" tem valor agente, funcionando como adjunto adnominal. Transformando-o em sujeito de voz ativa, o resultado será: "O supermercado tentou (os consumidores) e não houve ideal comunista que resistisse a essa tentação (criada pelos supermercados)". Depreende-se, então, que a tentação criada aos consumidores pelos supermercados fez com que a ideologia comunista sofresse pressões até não mais resistir.

4. (MP – NCE) "... pois moedas não resgatam a dignidade". Reescrevendo-se este segmento do texto, mantendo-se o seu sentido original, a única forma inadequada é:
a) Visto que a dignidade não é resgatada por moedas.
b) Porque moedas não são o resgate da dignidade.
c) Porquanto a dignidade não se resgata com moedas.
d) Já que por moedas não é resgatada a dignidade.
e) Pela razão de que a dignidade não é resgatada por moedas.
Resposta: Alternativa C.
Questão muito bem imaginada, levando o candidato a pensar que a resposta sairia pela conector. As conjunções VISTO QUE, PORQUE, PORQUANTO, JÁ QUE e PELA RAZÃO DE QUE têm valor explicativo. Portanto, não se atinge a resposta por este caminho. O termo "dignidade", por possuir valor paciente, é objeto direto, podendo alterar sua função sintática para complemento nominal ou sujeito passivo. Nas opções A, D e E, "dignidade" se transforma em sujeito de voz passiva analítica; na C, em sujeito de voz passiva sintética; na B, em complemento nominal. Mais uma vez não chegamos à resposta. Partamos agora para uma última análise: "Moedas" funciona como sujeito ativo, podendo transformar-se em agente da passiva ou adjunto adnominal. Nas alternativas A, D e E, o termo se transformou em agente da passiva. Na opção B, continuou sendo sujeito da voz ativa. Na alternativa C, o sujeito ativo (termo que praticava a ação) foi transformado em adjunto adverbial de instrumento, ou seja, o termo perdeu sua carga semântica – de praticar a ação – e passou a ter o valor de ser um instrumento utilizado para se praticar a ação.

5. (Técnico Judiciário Juramentado – TJ – NCE) "... a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana". Reescrevendo-se este segmento do texto com a manutenção de seu sentido original, temos como forma adequada:
a) A natureza humana necessita da vida em sociedade.
b) A vida em sociedade necessita da natureza humana.

c) A necessidade da natureza humana é uma vida em sociedade.
d) Uma necessidade da natureza humana é a vida em sociedade.
e) A natureza humana é necessária à vida em sociedade.
Resposta: Alternativa A.
As alternativas B e E são absurdas, contradizendo totalmente a ideia do segmento, não merecendo grandes análises. Normalmente, o candidato fica em dúvida entre as opções A, D e E. Quando o texto diz "... a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana", fica claro que "uma necessidade da natureza humana" está apenas qualificando "a vida em sociedade", não entrando no mérito se existem outras necessidades ou não. A simples inversão proposta na alternativa D sugere uma situação sutilmente diferente do texto, pois quando se informa que "uma necessidade da natureza humana é a vida em sociedade", torna-se evidente a existência de várias necessidades, uma delas é a vida em sociedade. Na opção C, por sua vez, sendo redigido que "a necessidade da natureza humana é uma vida em sociedade", há a sugestão de que a única necessidade da natureza é uma vida em sociedade, distanciando-se semanticamente da ideia exposta no texto. A alternativa A não altera o sentido original, modificando tão somente a função sintática de alguns elementos. O termo "da natureza humana", possuindo valor agente, funciona como adjunto adnominal e é transformado em sujeito ativo – se é uma necessidade da natureza humana, obviamente a natureza humana necessita. Por fim, fica evidente que, tal qual ocorre no segmento original, diz-se apenas que a natureza humana necessita da vida em sociedade, não sugerindo se necessita também de mais alguma coisa ou não.

Capítulo 31

Questões Comentadas de Concursos

A intenção, neste capítulo, é mostrar a você questões polêmicas, interessantes ou que possuam diversos assuntos cobrados simultaneamente. Essa é a nova "cara" das provas de Língua Portuguesa nos concursos, onde, em apenas uma questão, são exigidas do candidato, por exemplo, noções de regência, concordância, topologia pronominal, classificação de orações, funções sintáticas e, até mesmo, interpretação de textos. Sendo assim, foi feita essa seleção abaixo, com gabarito comentado item a item, enriquecendo mais ainda seu conhecimento e aumentando suas possibilidades de aprovação.

Leia o texto para responder à questão 1.

O advento da moderna indústria tecnológica fez com que o contexto em que passa a dispor-se a máquina mudasse completamente de configuração. Entretanto, tal mudança obedece a certas coordenadas que começam a ser pensadas já na antiga Grécia, que novamente se relacionam com a questão da verdade. É que a verdade, a partir de Platão e Aristóteles, passa a ser determinada de um modo novo, verificando-se uma transmutação em sua própria essência. Desde então, entende-se usualmente a verdade como sendo o resultado de uma adequação, ou seja, a verdade pode ser constatada sempre que a ideia que o sujeito forma de determinado objeto coincida com esse objeto.

(Gerd Bornheim. *Racionalidade e acaso*. fragmento)

1. (AFRF – Esaf) Assinale a opção correta a respeito do uso das estruturas linguísticas do texto.

a) Mantém-se a coerência da argumentação ao substituir "fez" (l. 1) por **faz**; mas para que a correção gramatical seja mantida, torna-se obrigatória então a substituição de "mudasse" (l. 2) para **mude**.

b) Preservam-se as relações de sentido entre "contexto" (l. 1) e "máquina" (l. 2) com a substituição do pronome relativo "que" (l. 1) por **qual**, mantendo-se obrigatória a presença de "em".

c) Tanto a supressão da preposição no termo "a certas coordenadas" (l. 3) como sua substituição por **às** preservam as relações de sentido e respeitam as regras de regência verbal.

d) A construção da textualidade mostra que o advérbio "então" (l. 6) refere-se ao tempo de "Platão e Aristóteles" (l. 5); por isso, preservam-se a coerência e a correção do texto

ao substituir "Desde então" (l. 6) por **Adiante desses filósofos**.
e) A expressão "ou seja" (l. 7) permite a troca de lugar entre os termos "adequação" (l. 7) e "verdade pode ser constatada sempre que a ideia que o sujeito forma de determinado objeto coincida com esse objeto" (l. 7, 8 e 9), sem prejudicar a correção gramatical do texto.
Gabarito: Alternativa A.
A substituição de "fez" por "faz" acarretou a mudança na estrutura temporal, passando todo o contexto do passado para o presente, exigindo, consequentemente, a correlação presente do indicativo – presente do subjuntivo.
Na alternativa B, o pronome relativo "que" deveria ser substituído por "o qual" e não por somente "qual", resultando "no qual".
Na alternativa C, apesar de a regência do verbo "obedecer" exigir a presença da preposição A e normalmente o artigo ser facultativo antes de substantivos no plural, a ocorrência do pronome indefinido "certas" proíbe o uso do artigo, não sendo possível "às".
A proposta de reescritura feita na alternativa D é absurda, pois "Adiante" significa "em frente", "frente a".
A reescritura proposta na alternativa E é descabida, pois observe o resultado: "Desde então, entende-se usualmente a verdade como sendo o resultado de a verdade pode ser constatada sempre que a ideia que o sujeito forma de determinado objeto coincida com esse objeto, ou seja, uma adequação. A estrutura "de a verdade" exige que o verbo seguinte esteja no infinitivo, reduzindo a oração.

Leia o fragmento de texto abaixo para responder à questão 2.
O enquadramento pós-estruturalista da teoria da comunicação analisa o modo como a comunicação eletronicamente mediada (o que eu chamo modo de informação) desafia, e ao mesmo tempo reforça, os sistemas de dominação emergentes na sociedade e cultura pós-moderna. A minha tese é que o modo de informação decreta uma reconfiguração radical da linguagem, que constitui sujeitos fora do padrão do indivíduo racional e autônomo. Esse sujeito familiar moderno é deslocado pelo "modo de informação" em favor de um que seja múltiplo, disseminado e descentrado, interpelado continuamente como uma identidade instável. Na cultura, essa instabilidade coloca tanto perigos como desafios que se tornam parte de um movimento político – ou se estão relacionados com as políticas feministas, minorias étnicas/raciais, posições gays e lésbicas, podem conduzir a um desafio fundamental às instituições e estruturas sociais modernas.
(Haik Poster. *A segunda era dos mídia*)

2. (AFRF – Esaf) Julgue como falsos (F) ou verdadeiros (V) os seguintes itens a respeito das estruturas linguísticas do texto.
( ) Preservam-se as relações semânticas e a correção gramatical do texto ao deslocar "pós-estruturalista" (l. 1) para depois de " teoria da comunicação" (l. 1).
( ) Preserva-se a correção gramatical e a coerência, mas alteram-se as relações

semânticas do texto ao substituir "o que" (l. 2) por a que.
( ) "Esse sujeito familiar" (l. 6) corresponde ao "indivíduo racional e autônomo" (l. 6).
( ) Preservam-se as relações semânticas e a correção gramatical do texto ao substituir "como" (l. 8) pela preposição por.
( ) O desenvolvimento da textualidade mostra que, na linha 9, se o termo "desafios" fosse substituído por o desafio, a flexão de plural em "que se tornam" deveria ser substituída pela flexão de singular.
A sequência obtida é:
a) V-F-V-V-F
b) V-V-F-F-V
c) F-V-V-F-F
d) F-F-V-V-V
e) F-V-V-F-V
Gabarito: Alternativa C.
O primeiro item é errado, pois o deslocamento de "pós-estruturalista" altera o sentido do texto, tendo em vista que o termo qualificava "enquadramento", passando a adjetivar "teoria da comunicação." (l. 1)
A análise apresentada no segundo item é adequada, visto que, alterando-se "o que" por "a que", apesar de haver pequena alteração no sentido do texto, ainda assim é conservada sua coerência: "o" em "o que" funciona como pronome demonstrativo, sendo referente à "comunicação eletronicamente mediada" (l. 2). Já em "a que" é o pronome relativo "que" que possui como antecedente "comunicação eletronicamente mediada". Também é importante frisar que ocorre alteração de ordem sintática, porquanto a regência do verbo "chamar", no sentido de qualificar, tanto pode ser transitivo direto como transitivo indireto, regendo a preposição "a". Sendo assim, no primeiro caso, o verbo era transitivo direto e no segundo, transitivo indireto.
O terceiro item apresenta uma informação verdadeira, uma vez que o texto procura demonstrar a transformação que o "sujeito familiar" acaba sofrendo por imposição da comunicação eletronicamente mediada. Ele sofre uma reconfiguração, saindo do padrão racional e autônomo, constituindo-se em um múltiplo, descentrado, disseminado e instável, formando, por fim, o que o texto denomina de sujeito familiar moderno.
O quarto item possui um erro, pois, ao substituir-se "como" por "por", a ideia de comparação se desfaz, e o valor agente é inserido: O sentido "Ele é interpelado tal qual uma identidade instável" é substituído por "Uma identidade instável o interpela.
O último item contém um comentário falso, dado que o pronome relativo "que" poderia ter como antecedente "desafio" ou a composição "tanto perigos como desafio", podendo o verbo ocorrer no singular ou no plural.

Leia o texto para responder à questão 3.
Boa parte de nossa infelicidade ou aflição nasce do fato de vivermos rodeados (por vezes esmagados ou algemados) por mitos. Nem falo dos belos, grandiosos ou enigmáticos mitos da Antiguidade Grega. Falo, sim, dos mitinhos bobos que inventou nosso inconsciente medroso, sempre beirando precipícios com olhos míopes e passo

temeroso. Inventam-se os mitos, ou deixamos que aflorem, e construímos em cima deles a nossa desgraça.
(Lya Luft, "Faxina nos mitos". *Veja*, 20 de abril, 2005, com adaptações)

3. (Técnico da Receita Federal – Esaf) Julgue os seguintes itens a respeito das estruturas linguísticas do texto:
I. De acordo com as regras gramaticais, o verbo da primeira oração do texto poderia ser empregado tanto no singular quanto no plural.
II. É pela flexão de número no verbo da oração subordinada, "que inventou nosso inconsciente medroso"(l. 3/4), que são identificados o sujeito e o objeto dessa oração.
III. A ideia de "sempre beirando precipícios com olhos míopes e passo temeroso"(l. 4 e 5) constitui uma forma figurativa para explicar "mitinhos"(l. 3).
IV. O desenvolvimento do texto mostra que inventar e deixar aflorar são empregados para indicar a passividade dos mitos na sua criação.
Estão corretos apenas:
a) I e II;
b) I e III;
c) II e III;
d) III e IV;
e) II e IV.
Gabarito: Alternativa E.
O primeiro comentário é inadequado, visto que a forma verbal "nasce" concorda com "Boa parte". A concordância atrativa, no plural, seria cabível, se o termo mais próximo estivesse no plural.
O segundo comentário é perfeito, porquanto só há a certeza de que "nosso inconsciente medroso" funciona como sujeito, em virtude de a forma verbal "inventou" estar no singular. Se o verbo estivesse no plural, haveria a indicação de que o pronome relativo "que", referente a "os mitinhos bobos", seria sujeito. Contudo, também não há como negar que esta possibilidade gramatical geraria incoerência textual.
O termo "sempre beirando precipícios com olhos míopes e passo temeroso", constante no terceiro item, qualifica "nosso inconsciente medroso", não possuindo qualquer relação com "mitinhos".
O último período apresenta uma assertiva verdadeira, porquanto o termo "os mitos" funciona como sujeito paciente de "inventaram-se". Também há a ideia passiva na segunda estrutura, já que a ideia é de "deixar" aflorar os mitos.

4. (Técnico da Receita Federal – Esaf) No trecho abaixo, foram inseridos erros no que respeita ao emprego da norma gramatical padrão. Para eliminá-los do trecho, foram propostas seis alterações. Analise-as e responda ao que se pede.
O ministro da Controladoria Geral da União, Waldir Pires, escreveu uma longa carta a Oded Grajew, na qual reconhece que o Brasil ainda carece de ações preventivas no combate à corrupção. Diante de uma máquina estatal pouco transparente e que reage as tentativas de publicidade das suas ações, o País surpreende-se com os casos de

corrupção, e só os descobre quando já são esquemas consolidados e milionários.
Waldir Pires afirma que vem mudando essa realidade. Criou o Portal da Transparência e o sistema de auditoria por sorteio, estabeleceu convênio para troca de informações com o Ministério Público, articulou-se com a Polícia Federal em diversas operações que a PF realizou nos últimos anos.
A carta do ministro para Oded, tornada pública, gerou uma segunda carta, dessa vez do presidente da União Nacional dos Analistas e Técnicos de Finanças e Controle (Unacon), Fernando Antunes, que reconhece o desejo real da CGU de tornar o Estado brasileiro mais transparente. Consequentemente admite a existência de uma queda-de-braço entre setores do governo. Nem a todos interessa a publicidade dos atos governamentais.
(Adaptado de Rudolfo Lago, *Correio Braziliense*, 24/10/2005)
Alterações propostas:
I. Usar o acento grave para indicar ocorrência de crase na expressão "reage as tentativas" (l. 4).
II. Alterar a configuração morfossintática do final do primeiro parágrafo para: só descobrindo-os quando já são esquemas consolidados e milionários.
III. Desenvolver a oração reduzida da linha 11 na seguinte oração adverbial: quando se tornou pública.
IV. Substituir "Consequentemente" (l. 14) por Mas.
V. Reescrever a última oração do terceiro parágrafo assim: Não são todos que se interessam pela publicidade dos atos governamentais.
Indique a opção que relaciona apenas as alterações necessárias para eliminar os erros gramaticais do trecho.
a) I, IV e V.
b) I, II, III, e IV.
c) I e IV.
d) II e IV.
e) III, IV e V.
Gabarito: Alternativa C.
O primeiro comentário é adequado, visto que a preposição "a" é exigência do verbo "reagir". A frase tanto ficaria correta com "a" como com "às", lembrando ser o artigo facultativo antes de substantivo no plural.
O segundo comentário não é correto, uma vez que o termo invariável "só" atrai o pronome oblíquo, exigindo a próclise. Além disso, a questão exige que a reescritura se faça necessária, ou seja, a frase original teria que estar errada, o que não ocorre neste caso.
No terceiro comentário, a proposta de reescritura é adequada, contudo a estrutura original também era. Sendo assim, não é necessária a alteração.
O quarto item apresenta uma alteração efetivamente necessária, já que é claro não ocorrer uma relação de causa-efeito, mas sim a oposição entre a ideia exposta anteriormente – o desejo real da CGU de tornar o Estado brasileiro mais transparente – e o fato de a publicidade dos atos governamentais não ser de interesse de todos os setores

do governo. Sendo assim, faz-se necessária a substituição de "consequentemente" por um conector de caráter adversativo.
No último item, apesar de a reescritura proposta no último item estar perfeita, ela se torna desnecessária, dado que o texto original também já se encontrava escorreito.

5. (Tribunal de Justiça da Bahia – 2005 – Cespe – UnB)
Não há dúvida de que, no início do século XXI, os Estados Unidos da América chegaram mais perto do que nunca da possibilidade de constituição de um "império mundial". Mas, se o mundo chegasse a esse ponto e constituísse um império global, isso significaria – ao mesmo tempo e por definição – o fim do sistema político interestatal. E o mais provável, do ponto de vista econômico, é que tal transformação viesse a significar também o fim do capitalismo. Em uma linguagem mais próxima da física e da termodinâmica do que da dialética hegeliana, pode-se dizer que a expansão do poder global na direção do império mundial é, ao mesmo tempo, uma força que levaria o sistema mundial à entropia, ao provocar sua homogeneização interna e o desaparecimento das hierarquias e conflitos responsáveis pelo dinamismo e pela ordem do próprio sistema.
(José Luís Fiori. *Correio Braziliense*, 25/12/2004 – com adaptações).
Em relação ao texto acima, julgue os itens que se seguem.

1	O emprego da preposição "de" em "Não há dúvida de que" (l. 1) justifica-se pela regência da forma verbal "há".
2	Como na sequência há um complemento oracional, a omissão da preposição "de" em "Não há dúvida de que" (l. 1) também estaria de acordo com as exigências da norma escrita culta.
3	Como o primeiro período do texto apresenta ideia relativa a um único país, o emprego do verbo chegar no singular — chegou — estaria de acordo com as exigências de concordância da norma escrita culta, sem necessidade de outras alterações no texto.
4	Mantêm-se a correção gramatical do período e as informações originais do texto ao se eliminar a palavra sublinhada em "mais perto do que nunca" (l. 2).
5	O emprego do futuro do pretérito em "significaria" (l. 4) é decorrente do emprego de estrutura antecedente que tem valor condicional, formada por verbo no imperfeito do subjuntivo.
6	Pelos sentidos do texto, é correto inferir que a palavra "entropia" (l. 9) está sendo empregada com o significado de equilíbrio, organização.
7	Para o trecho "que levaria (...) à entropia" (l. 8-9), estaria também de acordo com as exigências da norma escrita culta qualquer uma das seguintes reescrituras: que levaria a entropia ao sistema mundial, que levaria à entropia o sistema mundial, que iria levar o sistema mundial à entropia.
8	Infere-se das informações e dos sentidos do texto que o dinamismo e a ordem do sistema político interestatal em vigor atualmente no mundo podem prescindir de hierarquias e conflitos.

Gabarito 1: Errado. O uso da preposição "de" é decorrente da regência de "dúvida".
Gabarito 2: Certo. Nas orações subordinadas substantivas objetivas indiretas e nas orações subordinadas substantivas completivas nominais, é comum a preposição ser suprimida, vide comentário realizado no ***bizu*** do item 24.3.1.7.
Gabarito 3: Errado. Quando o título é precedido de determinante, no caso o artigo, o verbo é obrigado a concordar com o determinante, só cabendo o verbo no plural.
Gabarito 4: Certo. Neste livro, há o esclarecimento de que, nas conjunções comparativas, a palavra "do" em "do que" é totalmente dispensável, sem gerar problemas tanto no aspecto semântico quanto no sintático.

Gabarito 5: Certo. O uso do futuro do pretérito em consequência da ocorrência do pretérito imperfeito do subjuntivo é correto. Cabe lembrar o capítulo de aspectos verbais, onde há a informação de que, quando se cria uma condição passada – pretérito imperfeito do subjuntivo –, a consequência deve ocorrer posteriormente (a essa condição passada), daí o emprego do futuro do pretérito.

Gabarito 6: Errado. O significado de "entropia" é medida de quantidade de desordem de um sistema", pois a argumentação do texto justamente sugere que a homogeneização do sistema, o desaparecimento das hierarquias e conflitos são responsáveis pelo dinamismo e pela ordem do próprio sistema. Ou seja, caso não haja heterogeneidade, hierarquia e conflitos, o sistema entrará em desordem.

Gabarito 7: Anulado. Todas as propostas de reescritura estão de acordo com a norma culta. No entanto, a primeira redação altera o sentido do texto, invertendo os objetos. Em virtude disso, o item foi anulado, pois, pela visão meramente gramatical, o item satisfaz a exigência; contudo, pelo aspecto semântico, a ideia original, na primeira estrutura, é alterada.

Gabarito 8: Errado. A interpretação do item encontra-se em desacordo com o texto, visto que o texto adverte que o dinamismo e a ordem do sistema são frutos das hierarquias e dos conflitos, não podendo, portanto, prescindir deles.

Leia o texto abaixo para responder às questões 6 a 9.

O QUE É... DECISÃO

1	No mundo corporativo, há algo vagamente conhecido como "processo decisório", que são aqueles insondáveis critérios adotados pela alta direção da empresa para chegar a decisões que o funcionário não consegue entender. Tudo começa com a própria origem da palavra "decisão", que se formou a partir do verbo latino *caedere* (cortar). Dependendo do prefixo que se utiliza, a palavra assume um significado diferente: "incisão" é cortar para dentro, "rescisão" é cortar de novo, "concisão" é o que já foi cortado, e assim por diante. E *dis caedere*, de onde veio "decisão", significa "cortar fora". Decidir é, portanto, extirpar de uma situação tudo o que está atrapalhando e ficar só com o que interessa.
10	E, por falar em cortar, todo mundo já deve ter ouvido a célebre história do não menos célebre rei Salomão, mas permitam-me recontá-la, transportando os acontecimentos para uma empresa moderna. Então, está um dia o rei Salomão em seu palácio, quando duas mulheres são introduzidas na sala do trono. Aos berros e puxões de cabelo, as duas disputam a maternidade de uma criança recém-nascida. Ambas possuem argumentos sólidos: testemunhos da gravidez recente, depoimentos das parteiras, certidões de nascimento. Mas, obviamente, uma das duas está mentindo: havia perdido o seu bebê e, para compensar a dor, surrupiara o filho da outra. Como os testes de DNA só seriam inventados dali a milênios, nenhuma das autoridades imperiais consultadas pelas litigantes havia conseguido dar uma solução satisfatória ao impasse.
21	Então Salomão, em sua sabedoria, chama um guarda, manda-o cortar a criança ao meio e dar metade para cada uma das reclamantes. Diante da catástrofe iminente, a verdadeira mãe suplica: "Não! Se for assim, ó meu Senhor, dê a criança inteira e viva à outra!", enquanto a falsa mãe faz aquela cara de "tudo bem, corta aí". Pronto. Salomão manda entregar o bebê à mãe em pânico, e a história se encerra com essa salomônica demonstração de conhecimento da natureza humana.
27	Mas isso aconteceu antigamente. Se fosse hoje, com certeza as duas mulheres optariam pela primeira alternativa (porque ambas teriam feito um curso de Tomada de Decisões). Aí é que entram os processos decisórios dos salomões corporativos. Um gerente salomão perguntaria à mãe putativa A: "Se eu lhe der esse menino, ó mulher, o que dele esperas no futuro?" E ela diria: "Quero que ele cresça com liberdade, que aprenda a cantar com os pássaros e que possa viver 100 anos de felicidade". E a mesma pergunta seria feita à mãe putativa B, que de pronto responderia: "Que o menino cresça forte e obediente e que possa um dia, por Vossa glória e pela glória de Vosso reino, morrer no campo de batalha". Então, sem piscar, o gerente salomão ordenaria que o bebê fosse entregue à mãe putativa B.
38	Por quê? Porque na salomônica lógica das empresas, a decisão dificilmente favorece o funcionário que tem o argumento mais racional, mais sensato, mais justo ou mais humano. A balança sempre pende para os putativos que trazem mais benefício para o sistema.

(GEHRINGER, Max. *Você* S/A, jan. 2002)

(Transpetro – Petrobras – Cesgranrio)

6. Indique a opção na qual as frases "Se fosse hoje, com certeza as duas mulheres optariam pela primeira alternativa..." (l. 27-28) e "Aí é que entram os processos decisórios dos salomões corporativos." (l. 29-30) aparecem reescritas em um único período, sem alteração do sentido original.

a) Caso isso acontecesse nos dias atuais, as duas mulheres fariam a mesma escolha influenciadas pelas decisões de seu gerente salomão.

b) No mundo de hoje, as duas mulheres levariam em consideração para decidir os critérios do rei Salomão e escolheriam a primeira opção.

c) Atualmente, as duas mulheres poderiam escolher a primeira possibilidade levando em conta os interesses do sistema empresarial.

d) Com a nova mentalidade, a escolha das duas mulheres seria por não dividir a criança, já que conheceriam as regras empresariais.

e) Uma vez que hoje as duas mulheres optariam pela mesma alternativa, os "salomões corporativos" recorreriam a processos de decisão.

Gabarito: Alternativa E.

Normalmente, nesta questão, o candidato teria dúvida entre as alternativas A e E. No entanto, a opção A possui uma falha: retornando ao texto, torna-se evidente que as mulheres fariam a mesma escolha em virtude de terem realizado um curso de Tomada de Decisões. A resposta (alternativa E) denuncia um fato já bastante comentado no capítulo de conjunções: a relação entre condição e causa. No texto original, a conjunção "Se" possui valor de condição. Na reescritura, o conector "Uma vez que" acrescenta ao período um valor de causa. As duas conjunções introduzem situações anteriores, gerando grande proximidade de ideias. Também é mister informar que, no contexto, o termo "Aí" possui a ideia de "neste caso". Sendo assim, os processos decisórios seriam utilizados no caso de as duas mulheres fazerem a mesma opção.

7. Com base no período "Como os testes de DNA só seriam inventados dali a milênios, nenhuma das autoridades imperiais consultadas pelas litigantes havia conseguido dar uma solução satisfatória ao impasse." (l. 18-20), pode-se inferir que:

a) os testes de DNA poderiam contribuir para a solução do problema;

b) as soluções encontradas pelas autoridades não satisfizeram às litigantes;

c) as supostas mães das crianças consultaram as autoridades para resolver o impasse;

d) só dali a muitos anos os cientistas inventariam os testes de DNA;

e) não havia autoridade imperial capaz de resolver o impasse.

Gabarito: Alternativa A.

Esta questão foi muito bem imaginada, possuindo quatro alternativas coerentes com o texto. A solução é observar o enunciado: lá a banca solicita ao candidato uma inferência textual (pode-se inferir que), não servindo como resposta algo explícito no texto. A alternativa B está explícita, visto que está presente no texto que as autoridades imperiais consultadas não deram uma solução satisfatória. A opção C também está explícita, dado que o texto fornece a informação de que houve autoridades imperiais consultadas pelas

mães-litigantes. A alternativa D também é recorrente ao texto, porquanto está exposto que os testes de DNA somente seriam inventados dali a milênios. A alternativa E é a única incoerente, dado que no texto fica evidente que nenhuma das autoridades imperiais "consultadas" conseguiu dar uma solução para o impasse, o que não quer dizer que obrigatoriamente nenhuma autoridade imperial conseguiria dá-la, havendo a possibilidade de autoridades não consultadas fazerem-no. A alternativa A é a resposta, em conformidade com a exigência feita no enunciado, ou seja, uma inferência (dedução) a partir dos elementos do texto. Pode-se deduzir que o impasse, nos dias atuais, poderia ser solucionado através dos testes de DNA. É fundamental frisar que o texto não informa que os testes de DNA poderiam contribuir para a solução do problema, no entanto é uma conclusão que o leitor poderia extrair do fragmento.

8. Por meio de uma carta, os funcionários aos superiores.
Com respeito à regência, a forma verbal que preenche adequadamente a lacuna acima é:
a) chamaram;
b) convidaram;
c) cumprimentaram;
d) pressionaram;
e) responderam.
Gabarito: Alternativa E.
Questão de regência em que os verbos apresentados nas alternativas B, C e D somente poderiam funcionar sem preposição. O verbo "chamar", no sentido de mandar vir, convocar, é transitivo direto, regendo, portanto, sem preposição. No entanto, também é cabível o uso da preposição "por" (chamar pelos superiores). Se este verbo estivesse no sentido de "qualificar", tanto poderia ser transitivo direto como indireto, regendo a preposição A. A alternativa E é a única que contém um verbo que, neste contexto, rege a preposição, sendo, portanto, a resposta.

9. Assinale a opção em que o sinal de dois-pontos tem a mesma função apresentada em "Mas, obviamente, uma das duas está mentindo: havia perdido o seu bebê e, para compensar a dor, surrupiara o filho da outra." (l. 16-18)
a) O diretor apresentou dados convincentes: a pesquisa de opinião, o último balanço da empresa e cartas de clientes.
b) Os critérios adotados para admissão de funcionários são sempre os mesmos: organização, competência e capacidade de trabalhar em equipe.
c) Tomar decisões em momentos de crise pode ser danoso: muitas vezes um impulso substitui o bom-senso.
d) Dois motivos o levaram a pedir demissão: uma nova oferta de trabalho e a possibilidade de trabalhar no exterior.
e) Quando soube que não seria promovido, ele fez o seguinte: mandou uma carta para a vice-presidência e marcou uma reunião com a equipe.
Gabarito: Alternativa C.

O sinal de dois-pontos no texto original tem como função introduzir uma causa para a ideia exposta na oração anterior, podendo inclusive ser substituído por uma conjunção subordinativa causal: "Mas, obviamente, uma das duas está mentindo, porque havia perdido o seu bebê e, para compensar a dor, surrupiara o filho da outra." Nas alternativas A, B, D e E, o sinal de dois-pontos está sendo utilizado tão somente para introduzir apostos. Na alternativa C, o sinal de dois-pontos efetivamente possui o mesmo caráter da frase do enunciado: Tomar decisões em momentos de crise pode ser danoso, porque muitas vezes um impulso substitui o bom-senso.

10. (Técnico Judiciário – Concurso TRE-AL – Cespe – UnB) Na cidade de Atenas, considerava-se cidadão (thetes) qualquer ateniense maior de 18 anos que tivesse prestado serviço militar e que fosse homem livre. Da reforma de Clistenes em diante, os homens da cidade não usariam mais o nome da família, mas, sim, o do demos a que pertenciam. Manifestariam sua fidelidade não mais à família (gens) em que haviam nascido, mas à comunidade (demói) – em que viviam, transferindo sua afeição de uma instância menor para uma maior. O objetivo do sistema era a participação de todos nos assuntos públicos, determinando que a representação popular se fizesse não por eleição, mas por sorteio.
(Internet: http://www.educaterra.terra.com.br/voltaire/politica/democracia2.htm.
Acesso em 16/7/2004 (com adaptações).)
Considerando o texto acima, julgue os itens a seguir.

1.	A estrutura em voz passiva "considerava-se" (l. 1) poderia ser substituída por outra forma de passiva, era considerado, sem comprometer a coerência do texto.
2.	A correção gramatical e a coerência textual seriam mantidas ao se retirar o pronome "que" (l. 2).
3.	O emprego de futuro do pretérito em "usariam" (l. 3) e "Manifestariam" (l. 4) indica que as ações expressas por essas formas verbais devem ser consideradas a partir da "reforma de Clistenes" (l. 2-3).
4.	Por se tratar de uso opcional, a retirada da preposição em "a que" (l. 4) preservaria a correção gramatical e a coerência do texto.
5.	Mantém-se o respeito às regras de regência da forma verbal "transferindo" (l. 6) e à correção gramatical do período ao se substituir a preposição "para" (l. 6) por à.
6.	De acordo com a argumentação do texto, a expressão "instância menor" (l. 6) deve ser compreendida como a comunidade do cidadão.
7.	Depreende-se do texto que a representação popular por meio de sorteio era considerada mais adequada do que a eleição, para propiciar a participação de todos os cidadãos nos assuntos públicos de Atenas.

Gabarito 1: Certo. O comentário é adequado, uma vez que o verbo "considerar" é transitivo direto que, com a presença do pronome apassivador "se", forma a voz passiva sintética. É feita a proposta de alteração para a voz passiva analítica, acrescentando-se o verbo auxiliar "ser" no mesmo tempo da estrutura original, o pretérito imperfeito do indicativo. Sendo assim, está havendo apenas a substituição de uma forma passiva por outra e a coerência textual não fica prejudicada, visto que os tempos verbais são respeitados.
Gabarito 2: Certo. Questão de paralelismo sintático, em que há duas orações subordinadas adjetivas, introduzidas por pronomes relativos, relacionadas a apenas uma oração principal. Como os dois pronomes relativos QUE, na linha 2, são referentes a

"qualquer ateniense maior de 18 anos" (linhas 1-2), basta usar apenas o primeiro, ficando o segundo subentendido. É sempre importante lembrar que, em situações de paralelismo, o elemento repetido pode ser suprimido.
Gabarito 3: Certo. O tempo futuro do pretérito, como a própria nomenclatura sugere, indica uma consequência futura de um fato passado. Fica claro que o fato passado é a "reforma de Clistenes que gera dois efeitos:
"Os homens da cidade não usariam mais o nome da família, mas, sim, o do demos a que pertenciam"; e "manifestariam sua fidelidade não mais à família (*gens*) em que haviam nascido, mas à comunidade (*demói*) em que viviam".
Gabarito 4: Errado. A preposição "a" não pode ser extraída, pois sua ocorrência é exigida pela regência do verbo "pertencer": algo pertencer **a** alguém.
Gabarito 5: Errado. Este comentário nunca poderia ser adequado, visto que não se pode usar "a" com acento grave antecedendo artigo indefinido.
Gabarito 6: Errado. A instância menor, citada no texto, é a família, a que anteriormente o cidadão era fiel e cujo nome usava. Da reforma de Clistenes em diante, o homem passa a usar o nome da comunidade a que pertenciam (demói), sendo fiel a ela.
Gabarito 7: Certo. É cabível inferir do último período "O objetivo do sistema era a participação de todos nos assuntos públicos, determinando que a representação popular se fizesse não por eleição, mas por sorteio." que o sorteio propiciaria participação mais efetiva da comunidade nos assuntos públicos, se comparado ao sistema de eleições.

11. (Administrador – BNDES – NCE) Em texto da *Folha de São Paulo*, um morador das margens de uma grande rodovia declarava o seguinte:
Hoje já passaram por aqui milhares de caminhões e automóveis, mas eu e minha família já estamos habituados com isso; os garotos até brincam, jogando pedra nos pneus.
Há, nesse texto, um conjunto de palavras cujo significado depende da enunciação, ou seja, da situação em que o texto foi produzido. Entre as alternativas abaixo, aquela que indica um termo que não está nesse caso é:
a) hoje;
b) aqui;
c) eu;
d) minha família;
e) isso.
Gabarito: Alternativa E.
Questão que trabalha o plano da enunciação – segundo o **dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**, o significado de *enunciado* é: "Ato individual de utilização da língua pelo falante ao produzir um enunciado num dado contexto comunicativo". A situação referida teve um narrador, ocorreu num determinado tempo e lugar. Se essa mesma estória fosse contada por outro narrador, em lugar diferente e no dia seguinte, por exemplo, várias palavras necessariamente sofreriam alteração: "**Ontem** já passaram por **lá** milhares de caminhões e automóveis, mas **João** e **sua família** já estavam habituados com **isso**; os garotos até brincavam, jogando pedra nos pneus." Pode-se, portanto, observar que o único vocábulo que não sofreu alteração foi "isso".

12. (Administrador – BNDES – NCE) Uma indicação de como tomar-se determinado medicamento registrava: "tomar dois comprimidos, de dois tipos diferentes a cada duas horas". A frase, por ser ambígua, pode gerar confusão: tomar um ou dois comprimidos de cada tipo? A frase abaixo que não traz qualquer possibilidade de ambiguidade é:

a) Pedro e José encontraram-se com João.
b) A perturbação do chefe prejudicou o projeto.
c) O gerente falou com o cliente que mora perto do banco.
d) O funcionário, em sua sala, falou com o chefe.
e) Pedro encontrou o irmão entrando na loja.

Gabarito: Alternativa D.

A alternativa A gera uma dúvida: não se sabe se Pedro e José juntos encontraram-se com João, ou se cada um separadamente encontrou-se com João.

A alternativa B também possui uma ambiguidade: sem contexto, não há como se determinar se o chefe estava perturbando ou sendo perturbado. Inclusive tal situação cria dúvida quanto à função sintática de "do chefe": com valor agente (o chefe perturbando os outros e, por isso, prejudicando o projeto) – adjunto adnominal; com valor paciente (o chefe sendo perturbado e, por isso, prejudicando o projeto) – complemento nominal. Na alternativa C, não fica determinado quem mora perto do banco: o gerente ou o cliente. A opção E apresenta também uma ambiguidade, pois não se sabe quem entrou na loja: Pedro ou o irmão.

Leia o texto abaixo para responder às questões 13 e 14.

Falei de esquisitices. Aqui está uma, que prova ao mesmo tempo a capacidade política deste povo e a grande observação de seus legisladores. Refiro-me ao processo eleitoral. Assisti a uma eleição que aqui se fez em fins de novembro. Como em toda a parte, este povo andou em busca da verdade eleitoral. Reformou muito e sempre; esbarrava-se, porém, diante de vícios e paixões, que as leis não podem eliminar. Vários processos foram experimentados, todos deixados ao cabo de alguns anos. É curioso que alguns deles coincidissem com os nossos de um e de outro mundo. Os males não eram gerais, mas eram grandes. Havia eleições boas e pacíficas, mas a violência, a corrupção e a fraude inutilizavam em algumas partes as leis e os esforços leais dos governos. Votos vendidos, votos inventados, votos destruídos, era difícil que todas as eleições fossem puras e seguras. Para a violência havia aqui uma classe de homens, felizmente extinta, a que chamam pela língua do país, *Kapangas* ou *kapengas*. Eram esbirros particulares, assalariados para amedrontar os eleitores e, quando fosse preciso, quebrar as urnas e as cabeças. Às vezes quebravam só as cabeças e metiam nas urnas maços de cédulas. Estas cédulas eram depois apuradas com as outras, pela razão especiosa de que mais valia atribuir a um candidato algum pequeno saldo de votos que tirar-lhe os que deveras lhe foram dados pela vontade soberana do país. A corrupção era menor que a fraude; mas a fraude tinha todas as formas. Enfim, muitos eleitores, tomados de susto ou de descrença, não acudiam às urnas.

(Machado de Assis. *A semana.* In: *Obra completa*. VIII. Rio de Janeiro: Aguilar. 1973. p. 757)

13. (Analista Judiciário – TRE – RJ – Cespe/UnB) Em relação ao texto, assinale a opção incorreta.

a) Após o termo "uma" (l. 1), subentende-se a elipse da palavra **esquisitice**.

b) Caso a expressão "aqui se faz" (l. 3) seja substituída por **aqui foi feita**, prejudica-se a correção gramatical do período.

c) Em "esbarrava-se" (l. 5), o termo "se" indica indeterminação do sujeito.

d) O emprego da vírgula após "paixões" (l. 5) justifica-se porque a oração subsequente é explicativa.

Gabarito: Alternativa B.

A alternativa A apresenta um comentário correto, visto que o artigo indefinido "uma" realmente sugere a ocorrência do termo presente no período anterior: "Falei de esquisitices. Aqui está uma **esquisitice**". A alternativa B é a resposta. Analisemo-la. O enunciado da questão solicita a opção errada. A substituição "aqui se fez" por "aqui foi feita" é perfeita, uma vez que houve tão-somente a reconstrução da frase com a voz passiva sintética no lugar da analítica, inclusive havendo o cuidado de se conservar o tempo verbal: o pretérito perfeito do indicativo (FEZ – FOI). Como nesta alternativa, está afirmado que a alteração prejudica a correção gramatical, fato que não ocorre, acaba por ser a resposta para o enunciado. A alternativa C apresenta uma assertiva adequada, porquanto o pronome "se", ligado a um verbo intransitivo, na terceira pessoa do singular, com a indefinição (não a inexistência) do autor da ação de "esbarrar", funciona como índice de indeterminação do sujeito. O assunto presente na alternativa D vem sendo bastante explorado pelas bancas. O candidato deve estar sempre atento à ocorrência de pontuação antes de pronome relativo. A palavra seguinte a "paixões" é o relativo "que", o qual, por sua vez, é precedido de vírgula. Não podemos esquecer que pronomes relativos, precedidos de vírgula, travessão ou parênteses, introduzem orações subordinadas adjetivas explicativas. Caso contrário, a oração será subordinada adjetiva restritiva.

14. (Analista Judiciário – TRE – RJ – Cespe/UnB) De acordo com o texto, julgue os itens a seguir.

I. A reiteração da palavra "votos" (l. 10-11) confere ênfase à ideia apresentada no período.

II. Pelos sentidos do texto, conclui-se que a palavras "esbirros" (l. 13) está sendo empregada com o mesmo significado que tem atualmente a palavra capanga.

III. A expressão "lhe foram dados" (l. 18) pode, sem prejuízo para a correção gramatical do período, ser substituída por foram dados a ele.

IV. A palavra "corrupção" (l. 19) está sendo empregada como sinônima de "fraude" (l. 19).

A quantidade de itens certos é igual a:

a) 1;

b) 2;

c) 3;
d) 4.
Gabarito: Alternativa C.
Há três itens corretos.
Item I – correto. Não era necessário o autor do texto escrever três vezes a palavra **votos**. Bastava a primeira. Como o autor reiterou o uso, torna-se evidente sua intenção de enfatizar, destacar a ideia presente naquele período.
Item II – correto. Mesmo que o candidato desconheça o significado da palavra "esbirros", torna-se bastante fácil deduzi-lo. A frase "Eram esbirros particulares, assalariados para amedrontar os eleitores e, quando fosse preciso, quebrar as urnas e as cabeças." possui o objetivo de definir o sentido de "*kapangas*" ou "*kapengas*", ocorrentes no sentido anterior.
Item III – correto. Como o pronome oblíquo é remissivo a "candidato", e o verbo "dar" rege, em referência à pessoa, a preposição "a", não há qualquer inconveniência gramatical ou semântica a substituição proposta.
Item IV – incorreto. A frase "A corrupção era menor que a fraude; mas a fraude tinha todas as formas." apresenta uma comparação entre "corrupção" e "fraude", ou seja, se um elemento é maior ou menor do que o outro, obviamente eles não podem funcionar como o mesmo ser.

Leia o texto abaixo para responder às questões 15 e 16.

Uma das condições principais da pós-modernidade é o fato de ninguém poder ou dever discuti-la como condição histórico-geográfica. Com efeito, nunca é fácil elaborar uma avaliação crítica de uma situação avassaladoramente presente. Os termos do debate, da descrição e da representação são, com frequência, tão circunscritos que parece não haver como escapar de interpretações que não sejam tão autorreferenciais. É convencional nestes dias, por exemplo, descartar toda sugestão de que a "economia" (como quer que se entenda essa palavra vaga) possa ser determinante da vida cultural, mesmo "em última instância". O estranho na produção cultural pós-moderna é o ponto até o qual a mera procura de lucros é determinante em primeira instância.
(David Harvey. *Condição pós-moderna*, p. 301, com adaptações)

15. (AFC – Esaf) Assinale a relação lógica que não se depreende do texto.
a) Ser uma situação presente é causa de não se poder discutir a pós-modernidade.
b) Elaborar uma avaliação crítica implica debater, descrever e representar.
c) Se há produção cultural, há a busca de lucros.
d) Se a pós-modernidade fosse uma condição histórico-geográfica, a economia seria determinante na vida cultural.
e) Interpretações autorreferenciais são frequentes como resultado de avaliações de uma situação presente.
Gabarito: Alternativa D.
A alternativa A apresenta uma dedução correta, visto que a relação causa-efeito se

evidencia nos dois primeiros períodos. Infere-se do verbete que é muito mais fácil proceder a uma avaliação efetivamente crítica dos fatos pretéritos do que dos fatos presentes, então se torna espinhoso discutir a pós-modernidade, pois é justamente a época em que vivemos e, por isso, acabamos não sendo isentos.
A alternativa B é uma inferência do segundo e do terceiro período. "Os termos do debate, da descrição e da representação", que estruturam a elaboração da avaliação crítica, acabam se tornando prejudicados, em virtude de a análise ser relativa a tempo presente.
A alternativa C é uma conclusão do último período. Lá se informa que a mera procura de lucros é determinante em primeira instância na produção cultural pós-moderna.
A alternativa D é a resposta, pois expõe uma inferência inadequada ao texto. Inicialmente não se pode afirmar que a pós-modernidade é uma condição histórico-geográfica, e sim o fato de ninguém poder ou dever discutir a pós-modernidade. Também é indevido concluir do texto que a economia não é determinante na vida cultural, pois a visão não é dele e sim de terceiros (verbo "descartar" no infinitivo impessoal, indeterminando o sujeito da oração): "É convencional nestes dias, por exemplo, descartar toda sugestão de que a "economia" (como quer que se entenda essa palavra vaga) possa ser determinante da vida cultural, mesmo "em última instância". E depreende-se que essa visão errônea de terceiros ocorre justamente pela dificuldade de se ter uma visão crítica dos fatos, quando eles ainda são presentes.
A alternativa E apresenta uma inferência perfeita do verbete, porquanto fica implícito que justamente a dificuldade de se fazer uma análise crítica da pós-modernidade provém do fato de estarmos vivendo esse período, fato que acaba por comprometer o estudo devido justamente ao nosso envolvimento que acaba por excluir a isenção do exame, gerando interpretações autorreferenciais.

16. (AFC – Esaf) Avalie as seguintes afirmações a respeito das estruturas linguísticas do texto para assinalar a opção correta.
I. O singular do verbo da primeira oração do texto deve-se à expressão "Uma das" (l. 1); se, em seu lugar, fossem empregados termos que mantivessem o sujeito no plural, como por exemplo, Entre as, o verbo deveria ser flexionado necessariamente no plural.
II. Na linha 4, a opção pelo verbo "parece", iniciando a oração, exige o emprego de uma forma impessoal de verbo no seu desenvolvimento: daí o uso de singular em "não haver como escapar" (l. 4/5).
III. O emprego da preposição da preposição de é obrigatória antes do pronome relativo "que" (l. 6), pois aí se inicia uma oração subordinada que completa a ideia de "sugestão" (l. 7).
IV. A palavra "mesmo" (l. 7), empregada com valor adverbial de ainda que, sugere que o autor antecipa uma rejeição ao argumento que explicita na oração anterior.
A quantidade de itens corretos é:
a) 0;
b) 1;
c) 2;
d) 3;

e) 4.

Gabarito: Alternativa B (Atenção: gabarito alterado no recurso de C para B)

Item I – Errado. O comentário não é procedente, uma vez que a substituição proposta causa, até mesmo, incoerência. Além disso, o verbo poderia concordar com o termo "o fato".

Item II – Errado – A ocorrência do verbo "parecer" não exige necessariamente a presença de um verbo impessoal, por exemplo: Parece estarem presentes mais pessoas hoje do que ontem.

Item III – Errado. A banca considerou, inicialmente, este item correto, alterando-o após a análise dos recursos. Há alguns problemas importantes a serem examinados: o "que" citado não é pronome relativo, mas sim conjunção integrante; também é interessante observar que, na visão inicial com o item correto, fica indicado que o uso da preposição nas orações completivas nominais seria obrigatória, contrariando, até mesmo, a visão do Cespe-UnB, conforme se evidencia no item 2 da questão 5 deste capítulo.

Item IV – Certo. A assertiva é pertinente, pois é característica da concessão sugerir uma oposição – ou rejeição – ao outro fato exposto.

Leia o seguinte texto para responder à questão 17.

A entrada dos anos 2000 têm trazido a reversão das expectativas de que haveria a inauguração de tempos de fraternidade, harmonia e entendimento da humanidade. Os resultados das cúpulas mundiais alimentaram esperanças que novos tempos trariam novas perspectivas referentes a qualidade de vida e relacionamento humano em todos os níveis. Contudo, o movimento que se observa em nível mundial sinaliza perdas que ainda não podemos avaliar. O recrudescimento do conservadorismo e de práticas autoritárias, efetivadas à sombra do medo, tem representado fonte de frustração dos ideais historicamente buscados.

(Roseli Fischmann, *Correio Braziliense*. 26/8/2002, com adaptações)

17. (Auditor Fiscal da Previdência Social – Esaf) Para que o texto fique gramaticalmente correto é obrigatória:

I. A retirada do acento de "têm" (l. 1).

II. A retirada da preposição antes de "que haveria (l. 1).

III. A inserção da preposição de diante de "que novos tempos" (l. 3).

IV. A inserção do sinal indicativo de crase em "a qualidade" (l. 4).

V. A substituição da expressão "em nível mundial" (l. 5) por mundialmente.

VI. A substituição de "efetivadas" (l. 7) por efetivados.

VII. A inserção do acento circunflexo em "tem" (l. 7).

a) Apenas I e III estão corretos.

b) Apenas I, IV e V estão corretos.

c) Apenas II, III, IV e V estão corretos.

d) Apenas III, IV, V, VI e VII estão corretos.

e) Todos os itens estão corretos.

Gabarito: Alternativa A.

A alteração proposta no item I é obrigatória, visto que o sujeito de "têm trazido" é "A entrada dos anos 2000", cujo núcleo é "entrada", impossibilitando o verbo de flexionar-se no plural.
A alteração proposta no item II não é necessária, visto que "expectativas" rege a preposição DE, EXPECTATIVAS DE...
A alteração proposta no item III é obrigatória na visão da Esaf, contradizendo o Cespe-UnB. Realmente o nome "expectativas" rege a preposição "de"; contudo a sua complementação se dá com uma oração, não com termo não oracional. É normal nas orações subordinadas substantivas objetivas indiretas e completivas nominais, a preposição ser suprimida, como foi mostrado no item 2 da questão 5 deste capítulo. No entanto, a Esaf considera, pelo menos na completiva nominal, obrigatória a inserção da preposição. Observe também o item III da questão 16 deste capítulo.
A alteração proposta no item IV não se faz necessária, porquanto a frase original já está escorreita. Há aqui uma estrutura paralela, em que o autor preteriu o artigo, utilizando, apenas em uma oportunidade, a preposição "A" – exigência de "referentes" – regendo "qualidade de vida" e "relacionamento humano" (observar o item 17 do capítulo 25.4).
A alteração proposta no item V também não é necessária, visto que a estrutura original está correta, e a proposição de reescritura também o está; sendo assim, não é obrigatória a alteração.
A alteração proposta no item VI também não é necessária, já que a construção original está correta.
O adjetivo "efetivadas" concorda atrativamente com "práticas autoritárias", e "efetivados" concorda por soma com "conservadorismo" e "práticas autoritárias".
A alteração proposta no item VII é inadequada, uma vez que o verbo "tem representado" concorda com "recrudescimento", devendo, portanto, flexionar-se no singular, ou seja, sem acento.

18. (Auditor Fiscal do Trabalho – Esaf) Julgue como verdadeiros (V) ou falsos (F) os itens a respeito do texto abaixo.
Uma única inovação ocorrida no século XV teve enorme influência para o progresso, a inclusão social e a redução da pobreza. Foi a invenção do conceito de capital social pelo frei Luca Paccioli, o criador da contabilidade. Antes de Luca Paccioli, um comerciante ou produtor que não pagasse suas dívidas poderia ter todas os bens pessoais, como casa, móveis e poupança, arrestados por um juiz ou credor.
Muitos cientistas políticos e sociólogos usam o termo capital social de forma equivocada, numa tentativa deliberada de confundir o leitor.
(Adaptado de Stephen Kanitz, "O Capital social". *Veja*. 12 de abril, 2006)
( ) Depreende-se da expressão "Uma única inovação" (l. 1) que as demais inovações ocorridas no século XV não resistem até hoje.
( ) Preservam-se a coerência textual e a correção gramatical ao trocar "invenção (l. 2) por <u>criação</u> e "criador" (l. 3) por <u>inventor</u>, respectivamente.
( ) Apesar de se classificar como artigo indefinido, o artigo "um" (l. 3) tem a função de determinar, no texto, "comerciante" (l. 4) e "produtor" (l. 4).

( ) Por integrar uma enumeração, a vírgula depois de "poupança" (l. 5) é facultativa e pode ser suprimida sem que se prejudique a correção gramatical do texto.
( ) Por constituir um valor oposto às informações do primeiro parágrafo, o período final do texto admite ser iniciado pelo conectivo. No entanto, seguido de vírgula, fazendo-se os ajustes nas iniciais maiúsculas.
A sequência correta é:
a) V V F V F
b) F V F F V
c) V F F F V
d) F V V F F
e) F F V V F
Gabarito: Alternativa B.
O primeiro comentário é absurdo, haja vista o descabimento de tal inferência. No início do texto, houve tão somente o destaque ao fato de a invenção do conceito de capital social possuir substanciosa importância para o progresso, a inclusão social e a redução da pobreza, não induzindo à compreensão de inexistirem outras invenções ocorridas no século passado que resistissem até hoje.
O segundo comentário é perfeito, até porque, no contexto, há a sinonímia entre os vocábulos.
O terceiro comentário é incorreto, visto que, como a própria nomenclatura sugere, o artigo indefinido não define, não determina. Observando-se o contexto, fica constatado que qualquer (não um específico ou determinado) comerciante ou produtor que não pagasse suas dívidas poderia ter todos os bens pessoais arrestados.
A afirmação contida no quarto item não se coaduna com a norma gramatical, uma vez que, havendo uma vírgula a finalizar o fragmento intercalado "como casa, móveis e poupança", não pode ser extraída aquela que o inicia.
O último item expõe uma assertiva correta, dado que há uma oposição entre o efetivo significado de capital social, criado por Luca Paccioli, e o sentido errôneo utilizado por muitos cientistas políticos e sociólogos. Sendo assim, é escorreito o uso da conjunção adversativa introduzindo o parágrafo conclusivo.

19. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – NCE) A VERDADE E A FANTASIA – Presidente do TJ/RJ
Um espectro ronda a Justiça brasileira neste final de ano: a Reforma do Judiciário. Espectro porque a realidade do Judiciário e a necessidade da sua reforma foram, nos últimos meses, deformados pelo "manto diáfano da fantasia".
Comemoramos o nosso dia (8 de dezembro) sob o fogo cruzado da má-vontade e da desinformação. O Judiciário não pode ser culpabilizado pelo que a mídia chama com exagero de impunidade. A polícia não prende, não investiga e nós, presos à aplicação da lei, pagamos o pato. Além disso, há um cipoal de leis, medidas provisórias que acabam por atravancar nossos corredores.
Temos oferecido à sociedade ideias e propostas de melhoria da prestação de Justiça. Um exemplo: o julgamento virtual, que acelera a tramitação, elimina papel e dispensa deslocamentos de advogados...

Entre o segundo e o terceiro parágrafos do texto, em função dos significados por eles veiculados, poderíamos inserir o conectivo:
a) apesar de;
b) porque;
c) ainda que;
d) contanto que;
e) nem.
Gabarito: Alternativa A.
Fica claro que a relação existente entre os parágrafos é de concessão: o fato de o Judiciário oferecer à sociedade ideias e propostas de melhorias do seu próprio trabalho não impede que a Justiça seja culpabilizada pelo que a mídia chama de impunidade. Sendo assim, haveria duas alternativas com conectores concessivos: A e C. No entanto, há uma pequena diferença entre os conectores: A locução prepositiva APESAR DE introduz um **fato concreto** que não altera o desfecho; já a locução conjuntiva AINDA QUE introduz um **fato hipotético** que não altera o desfecho. Se o terceiro parágrafo se iniciasse com AINDA QUE, haveria uma pequena alteração do sentido original, visto que não há hipótese, e sim, situação concreta. Não há dúvidas de que o Judiciário tem oferecido ideias e propostas (Apesar de o Judiciário oferecer à sociedade ideias e propostas de melhorias do seu próprio trabalho, a Justiça acaba sendo culpabilizada pelo que a mídia chama de impunidade). Se a resposta fosse "Ainda que o Judiciário ofereça à sociedade ideias e propostas de melhorias do seu próprio trabalho, a Justiça acabará sendo culpabilizada pelo que a mídia chama de impunidade", não haveria a certeza de a Justiça ter oferecido ou não à sociedade ideias e propostas). Caro candidato, nos Capítulos 10.2.2 e 22.7.2, este assunto foi abordado.

20. (AGU – NCE) Os adjetivos são uma classe de palavra que determina palavras em função substantiva e indicam características ou qualidades desses substantivos; o item com um adjetivo sublinhado com valor de característica é:
a) "Há um caminho **simples**: proibir";
b) "Pois cidadãos **responsáveis** e consumidores **conscientes** se forjam com informação";
c) "Não poderia haver reivindicação mais **justa**...";
d) "Sejam elas **ilegais**, **perigosas** ou socialmente condenáveis;
e) Para todo problema **complicado** há uma solução...".
Gabarito: Alternativa D.
O adjetivo com valor de característica é o que possui um atributo objetivo, ou seja, independe da opinião de seu usuário. Perceba que os adjetivos "simples" **(A)**, "responsáveis" **(B),** "conscientes" **(B),** "justa" **(C),** "perigosas" **(D)** e "complicado" **(E)** possuem valor subjetivo, ou seja, é uma adjetivação que sugere a opinião de quem o utiliza; portanto, o que pode ser simples, responsável, consciente, justo, perigoso e complicado para uns, pode não ser necessariamente para outros. Já o adjetivo "ilegais" **(opção D)** é uma adjetivação indiscutível, isto é, não há possibilidade de uma atitude ser considerada legal por uns e ilegal por outros.

21. (Agente de Polícia Federal – Cespe – UnB) A vida humana como valor jurídico

Vivemos sob a égide de uma Constituição que orienta o Estado no sentido da dignidade da pessoa humana, tendo como normas a promoção do bem comum, a garantia da integridade física e moral do cidadão e a proteção incondicional do direito à vida. Essa proteção é de tal forma solene que o atentado a essa integridade eleva-se à condição de ato de lesa-humanidade: um atentado contra todos os homens.

Afirma-se que a Constituição do Brasil protege a vida e que tudo aquilo que soa diferente é contrário ao Direito e por isso não pode realizar-se. Todavia, dizer que a vida depende da proteção da Carta Maior é superfetação porque a vida está acima das normas e compõe todos os artigos, parágrafos, incisos e alíneas de todas as constituintes.

A cada dia que passa, a consciência atual, despertada e aturdida pela insensibilidade e pela indiferença do mundo tecnicista, começa a se reencontrar com a mais lógica de suas normas: a tutela da vida. Essa consciência de que a vida humana necessita de uma imperiosa proteção vai criando uma série de regras que se ajustam mais e mais com cada agressão sofrida, não apenas no sentido de se criar dispositivos legais, mas como maneira de estabelecer formas mais fraternas de convivência. Este, sim, seria o melhor caminho.

Tudo isso vai sedimentando a ideia de que a vida de todo ser humano é ornada de especial dignidade, o que deve ser colocado de forma clara em defesa da proteção das necessidades e da sobrevivência de cada um. Esses direitos fundamentais e irrecusáveis da pessoa humana devem ser definidos por um conjunto de normas que possibilitem que cada um tenha condições de desenvolver suas aptidões e suas possibilidades.

(Internet: http://www.dhnet.org.br/denuncia/tortura/textos/pericia.htm. Acesso em ago./2004 – com adaptações.)

Considerando as ideias e a estrutura do texto acima, julgue os itens de 1 a 5.

1	O texto defende que a sociedade brasileira, apesar de vítima da violência do contexto tecnológico atual, tem por valor superafetado a proteção do direito à vida, garantido constitucionalmente.
2	Entre os pilares que sustentam a Carta Magna brasileira — a dignidade da pessoa, o respeito ao cidadão, a garantia da sua integridade, o fortalecimento do bem comum e o resguardo do direito à vida —, sobreleva-se este último, pela qualidade de incondicional.
3	É redundante afirmar que a Constituição do Brasil dá especial ênfase à defesa à existência no país, uma vez que a vida sobreleva-se a constituições sociais e está pressuposta em vários dispositivos legais.
4	O texto argumenta que é universal e incontestável a consciência de que urge o estabelecimento de formas mais fraternas de convivência no mundo atual.
5	O texto estrutura-se de forma dissertativa, com léxico predominantemente denotativo, apesar de haver palavras empregadas em sentido conotativo, a exemplo de "soa" e "ornada".

Gabarito 1: Errado. O texto informa justamente o contrário, como esclarece o seguinte fragmento: "dizer que a vida depende da proteção da Carta Maior é superfetação (redundância) porque a vida está acima das normas e compõe todos os artigos, parágrafos, incisos e alíneas de todas as constituintes". Observe que no texto original, a palavra é "superfetação" que significa redundância, pleonasmo. No item, já aparece "superafetado", alterando completamente o sentido do texto. Portanto, a vida encontra-se sobre as normas.

Gabarito 2: Certo. Em conformidade com o texto, observa-se que a proteção incondicional do direito à vida é de tal forma solene que o atentado a essa integridade eleva-se à condição de ato de lesa-humanidade: um atentado contra todos os homens.
Gabarito 3: Errado. Realmente há redundância em tal atitude, no entanto a causa apontada é errada. "A vida sobreleva-se **às normas (não a constituições sociais)** e compõe todos os artigos, parágrafos, incisos e alíneas de todas as constituintes".
Gabarito 4: Errado. Não há no texto qualquer referência à necessidade de se ter percepção de que urge o estabelecimento de formas mais fraternas de convivência no mundo atual, mas sim de que é fundamental a concepção de que a vida humana precisa ser efetivamente protegida, sobretudo em virtude da consciência atual, que se encontra despertada e aturdida pela insensibilidade e pela indiferença do mundo tecnicista.
Gabarito 5: Certo. O texto é dissertativo, dado que nele está exposta a opinião do autor, seguida de argumentação que a defende. O vocabulário utilizado é predominantemente dissertativo, ou seja, as palavras não são utilizadas no sentido figurado, exceto "soa" e "ornada", cujos significados oficiais são respectivamente: ornamentar, enfeitar, adornar; emitir ou produzir som. No entanto, os vocábulos foram utilizados nos seguintes sentidos: que se fala, que se diz; é baseada, é fundamentada.

O Presidente da República, no uso da atribuição que lhe confere o art. 55, item I, da Constituição Federal, DECRETA:
Art. 1º. A Carreira Policial Federal far-se-á nas categorias funcionais de Delegado de Polícia Federal, Perito Criminal Federal, Censor Federal, Escrivão de Polícia Federal, Agente de Polícia Federal e Papiloscopista Policial Federal, mediante progressão funcional, de conformidade com as normas estabelecidas pelo Poder Executivo.
Art. 2º. A hierarquia na Carreira Policial Federal se estabelece primordialmente das classes mais elevadas para as menores e, na mesma classe, pelo padrão superior.
Art. 3º. O ingresso nas categorias funcionais da Carreira Policial Federal ocorrerá sempre no padrão I das classes iniciais, mediante nomeação ou progressão funcional.
(Internet: http://www.apcf.org.br. Acesso em ago./2004 – com adaptações.)
Quanto ao texto acima, julgue os itens a seguir.

6	A colocação e a grafia de "DECRETA:" e a repetição de "Art." nos parágrafos, alterando o padrão regular, indica que se trata de um tipo específico de redação: é um texto legal, oficial.
7	No "Art. 1º.", a expressão verbal "far-se-á" equivale, sintática e semanticamente, ao desdobramento é feita.
8	No texto, as expressões grafadas com inicial maiúscula constituem unidades de sentido, classificadas como substantivos compostos, em que o recorrente adjetivo "Federal" faz parte do nome próprio.
9	A palavra "mediante", nos arts. 1º e 3º, está empregada com o sentido de por intermédio de.
10	Confrontando a redação dos dois últimos períodos, constata-se não haver paralelismo sintático com referência ao tempo verbal, uma vez que em um está sendo empregado o presente e no outro, o futuro do presente do modo indicativo.

Gabarito 6: Certo. Trata-se efetivamente de redação oficial, em que o texto é caracterizado pela impessoalidade – os verbos são empregados na pessoa neutra, ou seja, a terceira pessoa do singular – e segue o padrão das normas da ABNT.
Gabarito 7: Errado. A equivalência sintática ocorre, visto que apenas está havendo alteração da voz passiva sintética para analítica. Contudo, semanticamente os sentidos

diferem-se porquanto, na frase original, está sendo utilizado o futuro do presente do indicativo e, na reescritura, o presente do indicativo.
Gabarito 8: Certo. A Polícia Federal é um órgão, portanto o substantivo **Polícia** e o adjetivo **Federal** juntos formam apenas uma unidade significativa, caracterizando a composição. Tal ocorre também em todos os outros exemplos.
Gabarito 9: Certo. A ideia de meio se faz presente, também sendo cabível a substituição por "através de".
Gabarito 10: Certo. O paralelismo prevê equivalência sintática, portanto as estrutura devem ser similares e, consequentemente, os verbos deveriam ocorrer no mesmo tempo.

Ben Hur, um senhor de aspecto venerando, prepara-se para comemorar os seus 86 anos de vida. Homem grande e de olhar calmo, perito aposentado da Polícia Federal, é um perito à moda antiga: entrou para a Polícia Federal em 1955, após um curso ministrado pelo PCF Villanova (hoje, uma referência para os profissionais da área).
Foram 71 anos dedicados ao serviço público, pois antes trabalhou como guarda civil patrulhando o trânsito em uma motocicleta. Uma de suas memórias mais queridas foi ter participado da inauguração de um dos maiores estádios de futebol do mundo – o Maracanã –, em 1950.
A Polícia Federal foi minha casa, minha vida, orgulha-se o perito aposentado. Ele diz ainda que gostava muito do trabalho que realizava: "Fazia com muito amor e respeito".
Das 1.260 perícias realizadas, nenhum laudo cancelado. "Apenas um foi contestado, mas fui ao juiz e expliquei tudo. Deu tudo certo", afirmou. Ben Hur lembra que as técnicas periciais eram outras.
"A perícia no meu tempo era feita à mão. Também não tínhamos máquina fotográfica para auxiliar no trabalho", disse ele. Entre uma lembrança e outra, não esquece de elogiar seus atuais colegas. "Os peritos sempre foram muito respeitados".
Depois de tantos anos servindo a sociedade, hoje o perito aposentado aproveita seu descanso curtindo os netos, sem nunca deixar de reverenciar a querida esposa, falecida no início da década de 90, a quem ele, até hoje, dedica muito amor e carinho.
(*Idem*, *ibidem* – com adaptações.)
Os fragmentos seguintes, na ordem em que são apresentados, correspondem a reescrituras sucessivas dos parágrafos do texto acima. Julgue-os quanto à correção gramatical e à manutenção das ideias originais.

11	Ben Hur, um senhor de olhar calmo e venerável aparência, perito aposentado, ingressou na Polícia Federal à maneira de antigamente: depois de um curso ministrado por um profissional mais experiente que hoje é considerado uma referência na área da perícia.
12	Ben Hur trabalhou, inicialmente como guarda-civil, patrulhando o trânsito de motocicleta. Desta época, uma de suas recordações mais queridas foi ter tomado parte da inauguração do Maracanã, em 1950.
13	O perito aposentado afirmou, vaidosamente, que a Polícia Federal era a sua casa, a sua vida, e que apreciava muito da atividade que realizava com amor e respeito. Não teve cancelado sequer um dos mil, duzentos e sessenta laudos periciais realizados; apenas uma vez foi contestado, mas ele foi ao juiz e explicou tudo, saindo vitorioso ao final.
14	As técnicas periciais antigamente eram outras: a perícia era feita à mão, não existiam máquina fotográfica para auxiliar o trabalho; mesmo assim, os peritos sempre eram muito elogiados.
	Por ser uma pessoa muito afetuosa, Ben Hur serviu à sociedade brasileira muitos anos, e agora, aposentado, aproveita o

15	descanso, para cuidar dos netos e lembrar da querida esposa, falecida no início dos anos 90, cujo carinho e amor, até hoje, ele dedica.

Gabarito 11: Certo. Os vocábulos "venerando" e "venerável" são sinônimos tais quais "aspecto" e "aparência". Ben Hur é um perito à moda antiga, visto que ingressou no órgão à moda antiga, isto é, fazendo um curso com o perito Villanova – donde é cabível inferir que se para ingressar na função de perícia da Polícia Federal era necessário fazer um curso com Villanova, é porque este obviamente era mais experiente do que aquele. Por fim, também ficou explícito no período que Villanova é ainda hoje uma referência para os peritos.
Gabarito 12: Errado. Não é necessário proceder a grandes análises. Logo no início do período há uma falha de pontuação: já que foi utilizada uma vírgula antes do adjunto adverbial "inicialmente", que se encontra intercalado, deveria haver outra após.
Gabarito 13: Errado. Há falha de regência, pois o verbo "apreciar" é transitivo direto, não admitindo, pois, a presença da preposição DE.
Gabarito 14: Errado. Há falha de concordância verbal, pois, sendo o sujeito de "existiam" "máquina fotográfica", o verbo deveria encontrar-se no singular.
Gabarito 15: Errado. Há falha de regência verbal e de uso de pronome relativo. Os verbos "lembrar", "recordar" e "esquecer" regem a preposição "de" quando forem pronominais. Portanto, haveria duas formas de escrever o período: "lembrar-se da querida esposa" ou "lembrar a querida esposa". A utilização de "cujo" não é cabível, até por não haver a ideia de posse, devendo ser substituído por "a quem" ou "à qual". A preposição A é exigida pela regência do verbo "dedicar": dedicar carinho e amor **à** esposa.

22. (Delegado de Polícia Federal – Cespe – UnB) A análise que a sociedade costuma fazer da violência urbana é fundamentada em fatores emocionais, quase sempre gerados por um crime chocante, pela falta de segurança nas ruas do bairro, por preconceito social ou por discriminação. As conclusões dos estudos científicos não são levadas em conta na definição de políticas públicas. Como reflexo dessa atitude, o tratamento da violência evoluiu pouco no decorrer do século XX, ao contrário do que ocorreu com o tratamento das infecções, do câncer ou da Aids. Nos últimos anos, entretanto, estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais precisos para avaliar a influência dos fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes sociais da violência urbana: pobreza, impunidade, acesso a armamento, narcotráfico, intolerância social, ruptura de laços familiares, imigração, corrupção de autoridades ou descrédito na justiça.
(Dráuzio Varella. Internet: http://www.drauziovarella.com.br – com adaptações.)
Em relação ao texto acima, julgue os itens que se seguem.

1	As informações do texto indicam que, além da consideração de "fatores emocionais" (l. 2) que geram violência, as políticas públicas voltadas para a segurança dos cidadãos baseiam-se frequentemente nas "conclusões dos estudos científicos" (l. 4) que focalizam esse tema.
2	A expressão "Como reflexo dessa atitude" (l. 5) introduz uma ideia que é uma consequência em relação à informação antecedente. Portanto poderia, sem prejuízo da correção e do sentido do texto, ser substituída pela palavra Consequentemente.
	A substituição do termo "estão sendo desenvolvidos" (l. 7-8) por estavam se desenvolvendo provoca alterações estruturais

3	sem alterar semanticamente a informação original nem transgredir as normas da escrita culta.
4	Na linha 9, o emprego do sinal indicativo de crase em "às raízes" justifica-se pela regência de "associados" e pela presença de artigo; o sinal deveria ser eliminado caso o artigo fosse suprimido.
5	Na linha 10, estaria gramaticalmente correta a inserção, entre a palavra "urbana" e o sinal de dois-pontos, de qualquer uma das seguintes expressões, antecedidas de vírgula: como, tais como, quais sejam, entre as quais se destacam.
6	É correto inferir do texto que houve evolução no tratamento de certas doenças porque estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais exatos para avaliar seus fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes da violência.

Gabarito 1: Errado. Na definição de políticas públicas, somente são levados em conta fatores emocionais que geram violência, não se dando importância às conclusões dos estudos científicos.

Gabarito 2: Certo. Reflexo, nesse contexto, é sinônimo de efeito, consequência. O termo "dessa atitude" é remissivo ao fato exposto no período antecedente. Destarte, "As conclusões dos estudos científicos não são levadas em conta na definição de políticas públicas" são as causas de "o tratamento da violência evoluir pouco no decorrer do século XX".

Gabarito 3: Errado. Não há alterações estruturais, uma vez que apenas ocorreu a transposição da voz passiva analítica para voz passiva sintética. No item, também é informado que não ocorreu alteração de ordem semântica, o que é uma inverdade: "estão sendo desenvolvidas" indica um fato presente; "estavam se desenvolvendo" indica um fato pretérito.

Gabarito 4: Certo. A regência do adjetivo "associados" exige a preposição "a" e, como o artigo é geralmente facultativo antes de substantivo no plural, pode-se construir a estrutura das seguintes formas: "associados às" e "associados a".

Gabarito 5: Certo. Observe que as inserções mantêm a correção gramatical e o sentido do texto: "Nos últimos anos, entretanto, estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais precisos para avaliar a influência dos fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes sociais da violência urbana**, como**: pobreza, impunidade, acesso a armamento, narcotráfico, intolerância social, ruptura de laços familiares, imigração, corrupção de autoridades ou descrédito na justiça."; "Nos últimos anos, entretanto, estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais precisos para avaliar a influência dos fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes sociais da violência urbana**, tais como**: pobreza, impunidade, acesso a armamento, narcotráfico, intolerância social, ruptura de laços familiares, imigração, corrupção de autoridades ou descrédito na justiça."; "Nos últimos anos, entretanto, estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais precisos para avaliar a influência dos fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes sociais da violência urbana**, quais sejam**: pobreza, impunidade, acesso a armamento, narcotráfico, intolerância social, ruptura de laços familiares, imigração, corrupção de autoridades ou descrédito na justiça."; "Nos últimos anos, entretanto, estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais precisos para avaliar a influência dos fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes sociais da violência urbana**, entre as quais se destacam**: pobreza, impunidade, acesso a armamento, narcotráfico, intolerância social, ruptura de laços familiares, imigração, corrupção de autoridades ou descrédito na

justiça.”.

Gabarito 6: Errado. A evolução de que trata esse item é referente à evolução do tratamento da violência nos últimos tempos, passando a levar em consideração as análises científicas mais precisas capazes de avaliar a influência dos fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes sociais da violência urbana.

Diversos municípios brasileiros, especialmente aqueles que se urbanizaram de forma muito rápida, não oferecem à população espaços públicos para a prática de atividades culturais, esportivas e de lazer. A ausência desses espaços limita a criação e o fortalecimento de redes de relações sociais. Em um tecido social esgarçado, a violência é cada vez maior, ameaçando a vida e enclausurando ainda mais as pessoas nos espaços domésticos.

(Internet: http://www.polis.org.br – com adaptações.)

Considerando o texto I, julgue os seguintes itens.

7	A expressão “tecido social esgarçado” (l. 4) está empregada em sentido figurado e representa a ideia de que as estruturas sociais estão fortalecidas em suas instituições oficiais.
8	A inserção da palavra consequentemente, entre vírgulas, antes de “cada vez” (l. 5) torna explícita a relação entre ideias desse período e aquelas apresentadas anteriormente no texto.
9	A expressão “ainda mais” (l. 5) reforça a ideia implícita de que há dois motivos para o enclausuramento das pessoas: a falta de espaços públicos que favoreçam as relações sociais com atividades culturais, esportivas e de lazer e o aumento da ameaça de violência.

Gabarito 7: Errado. É fato que “tecido social esgarçado” está sendo utilizado conotativamente, no entanto o sentido contextual indicado não está correto. O termo, no texto, significa estrutura social rompida, desgastada.

Gabarito 8: Certo. Existe a relação causa-efeito entre haver “um tecido social esgarçado” e consequentemente “a violência ser cada vez maior”.

Gabarito 9: Certo. Realmente a falta de espaços públicos que favoreçam as relações sociais com atividades culturais, por si só, já geraria o enclausuramento das pessoas. Além disso, ainda ocorre o aumento da violência, criando mais um motivo para as pessoas não saírem de suas casas.

Entre os primatas, o aumento da densidade populacional não conduz necessariamente à violência desenfreada. Diante da redução do espaço físico, criamos leis mais fortes para controlar os impulsos individuais e impedir a barbárie. Tal estratégia de sobrevivência tem lógica evolucionista: descendemos de ancestrais que tiveram sucesso na defesa da integridade de seus grupos; os incapazes de fazê-lo não deixaram descendentes. Definitivamente, não somos como os ratos.

(Dráuzio Varella. Internet: http://www.drauziovarella.com.br – com adaptações.)

Acerca dos textos I e II, julgue os itens a seguir.

10	Tanto no texto I como no II, a questão do espaço físico como um dos fatores intervenientes no processo de intensificação da violência é vista sob o prisma da densidade populacional excessiva.

11	Como a escolha de estruturas gramaticais pode evidenciar informações pressupostas e significações implícitas, no texto II, o emprego da forma verbal em primeira pessoa — "criamos"— autoriza a inferência de que os seres humanos pertencem à ordem dos primatas.
12	Por funcionar como um recurso coesivo de substituição de ideias já apresentadas, no texto II, a expressão "Tal estratégia de sobrevivência" retoma o termo antecedente "violência desenfreada".

Gabarito 10: Errado. A ideia indicada no item vai ao encontro da exposta no texto I, no entanto o texto II a contradiz: "Entre os primatas, o aumento da densidade populacional não conduz necessariamente à violência desenfreada.". E como os homens descendem desses primatas, obtiveram sucesso na defesa da integridade de seus grupos.
Gabarito 11: Certo. É possível inferir tal informação, já que o aumento da densidade populacional, entre os primatas, não conduz necessariamente à violência desenfreada e, por isso, criamos (inclui autor, leitores e todos os seres humanos – primatas são os macacos, os antropóides e os homens) leis mais fortes para controlar os impulsos individuais e impedir a barbárie.
Gabarito 12: Errado. "Tal estratégia de sobrevivência" é remissivo à criação de leis mais fortes para controlar os impulsos individuais e impedir a barbárie.

Os fragmentos contidos nos itens subsequentes foram adaptados de um texto escrito por Ângela Lacerda para a Agência Estado. Julgue-os quanto à correção gramatical.

13	O programa Escola Aberta, que usa as escolas nos fins de semana para atividades culturais, sociais e esportivas de alunos e jovens da comunidade reduziu os índices de violência registrados nos estabelecimentos e melhorou o aproveitamento escolar.
14	Em Pernambuco e no Rio de Janeiro, primeiros estados a adotarem o programa recomendado pela Unesco, o índice de redução de criminalidade para as escolas que implantaram o Escola Aberta desde o ano 2000 foi de 60% em relação às escolas que não o adotaram.
15	A maior redução da violência observada nos locais onde o programa tem mais tempo de existência mostram, segundo a Unesco, que os resultados vão se tornando melhores a longo prazo, ou seja, a proporção que a comunidade se apropiaria do programa.

Gabarito 13: Errado. A oração subordinada adjetiva explicativa está intercalada e é iniciada com vírgula no início, contudo não é concluída com o mesmo sinal de pontuação.
Gabarito 14: Certo. Não há qualquer falha de ordem gramatical.
Gabarito 15: Errado. Há três falhas: a forma verbal "mostram" deveria estar no singular, concordando com "a maior redução da violência"; "a proporção que" deveria estar com acento grave: À PROPORÇÃO QUE; e a ortografia de "apropiaria", sendo APROPRIARIA a forma correta.

23. (MPOG) Assinale a opção correta a respeito do uso das estruturas linguísticas no texto.
Os economistas brasileiros se concentram, no exame das causas da crise, na proposta de meios e modos de contorná-la. Com isso, não levam em conta dois pontos. O primeiro é que as medidas contra a crise, que vêm sendo adotadas tanto em países subdesenvolvidos como desenvolvidos, são fundamentalmente corretas. O segundo ponto é que a crise atual, como todas as anteriores, acabará, mais cedo ou mais tarde, por ser corrigida. E, quando isso ocorrer, se voltará às fórmulas neoliberais apenas com regulamentação mais estrita da atividade bancária.

(Adaptado de João Paulo Magalhães, *O que fazer depois da crise*. Correio Braziliense, 12 de setembro, 2009)

a) Seriam preservadas a correção gramatical e a coerência do texto ao usar o pronome em "contorná-la"(ℓ.2) antes do verbo, escrevendo: **modos de a contornar**.

b) Para evitar as três ocorrências consecutivas de "que" (ℓ.3 e 5), a retirada dessa conjunção antes de "a crise atual"(ℓ .5) manteria a correção gramatical e a coerência do texto.

c) Na linha 3, o acento circunflexo em "vêm" indica que a concordância se faz com "medidas", mas estaria igualmente correto e coerente com a argumentação escrever o verbo sem acento, optando, então, pela concordância com "crise".

d) O pronome em "quando isso"(ℓ.6) resume e retoma, em relações de coesão, o mesmo referente do pronome em "Com isso"(ℓ.2), ou seja, o exame da crise feito pelos economistas.

e) Seriam respeitadas as regras gramaticais e as relações entre os argumentos ao empregar o verbo em "se voltará"(ℓ.6) no plural, escrevendo **voltarão-se**.

Gabarito: Alternativa A

O único impedimento para o emprego da próclise é se o pronome oblíquo iniciar oração, o que não é o caso. Portanto, tanto se pode trabalhar com a próclise como com a ênclise, estando as construções MODOS DE CONTORNÁ-LA ou MODOS DE A CONTORNAR corretas.

Na alternativa B, para que seja suprimida a conjunção integrante, seria necessário reduzir a oração e transpor a forma verbal SÃO para o infinitivo: O primeiro é as medidas ... serem fundamentalmente corretas.

O início do comentário na alternativa C está correto. No entanto, a sequência apresenta comentário errado, pois se VEM estiver no singular, haveria incoerência e falha de concordância nominal, pois "adotadas" também deveria ocorrer no singular. Além disso, a intelecção do período seria absurda: A CRISE VEM SENDO ADOTADAS.

A alternativa D apresenta falha de coesão, pois o termo ISSO, nas duas ocorrências, é remissivo a termos distintos: No primeiro caso, refere-se a "Os economistas brasileiros se concentram, no exame das causas da crise, na proposta de meios e modos de contorná-la."; Já, no segundo caso, refere-se a "O segundo ponto é que a crise atual, como todas as anteriores, acabará, mais cedo ou mais tarde, por ser corrigida.".

Na alternativa E, há falha grosseira: verbos no futuro do presente do indicativo nunca admitem ênclise.

24. (APOFP) Em relação ao texto abaixo, assinale a opção correta.

A invasão israelense intensifica o ambiente de privações e ameaças à integridade física em que vivem os habitantes de Gaza. Além dos intensos bombardeios aéreos, que mataram centenas de palestinos – entre eles várias mulheres e crianças –, faltam víveres e medicamentos, e os cortes no fornecimento de água e luz são constantes. Ao que consta, pois Israel impede a entrada da imprensa no território invadido, o objetivo inicial da ação terrestre é isolar o norte da faixa litorânea, de onde parte a maioria dos ataques com foguetes contra o sul israelense, do restante do território palestino. A

cidade de Gaza, com mais de 400 mil habitantes, foi sitiada. Além dos intoleráveis danos, humanos e materiais, que impõe aos palestinos, o estrangulamento militar desfechado por Israel está repleto de incertezas quanto à sua eficácia.
(*Folha de S. Paulo*, Editorial, 5/1/2009)
a) O sinal indicativo de crase em "à integridade"(ℓ.1) justifica-se pela regência de "intensifica"(ℓ.1) e pela presença de artigo definido feminino singular.
b) O segmento "de onde parte a maioria dos ataques com foguetes contra o sul israelense"(ℓ.6 e 7) está entre vírgulas por tratar-se de oração subordinada adjetiva explicativa.
c) O emprego de vírgula após "aéreos"(ℓ.2) justifica-se para isolar a oração de natureza restritiva subsequente.
d) A expressão "Ao que consta"(ℓ.5) indica que os autores têm certeza absoluta da informação apresentada.
e) O pronome relativo "que"(ℓ.2) retoma o sentido do termo antecedente: "integridade física".
Gabarito : Alternativa B.
Na alternativa A, há comentário incorreto visto que a presença da preposição A é decorrente da regência de AMEAÇAS.
O comentário da alternativa B é perfeito, pois ONDE – por poder ser substituído por O QUAL, formando DO QUAL – é pronome relativo antecedido de vírgula, caracterizando a oração subordinada adjetiva explicativa.
Já o comentário da alternativa C é absurdo, uma vez que a presença da vírgula nunca poderá indicar a presença de uma restrição. É justamente o oposto: a ausência da pontuação é que poderá caracterizar a restrição.
A alternativa D apresenta comentário inadequado, porquanto o autor, ao empregar a expressão "ao que consta" sugere ser uma informação de terceiros pela qual ele não se responsabiliza. Sendo assim, fica no campo da possibilidade, da hipótese, e não da certeza.
A alternativa E também apresenta comentário errado, pois o pronome relativo refere-se a "ambiente", inclusive podendo ser substituído por O QUAL, formando NO QUAL.

25. (AFTE-RN – Esaf) Marque a assertiva errada em relação ao seguinte texto:
O momento é de resgatar a essências, guiar-se pelo bom-senso e praticar a ética junto a consumidores, fornecedores, acionistas e comunidade. Num mundo estarrecido pelas guerras, pelo terrorismo e pelo imperialismo a qualquer preço, ganham admiração o diálogo, a transparência e a contribuição para uma sociedade melhor. Fora e dentro do meio empresarial.
a) Seria também correto escrever-se: o momento é de se resgatarem as essências.
b) Em "praticar a ética" seria correto empregar-se um índice de indeterminação do sujeito.
c) A preposição em "a consumidores" poderia ser contraída ao artigo definido masculino plural.
d) A forma "num" como em "num mundo" só poderia ser empregada em linguagem oral.

e) A forma verbal "ganham" poderia estar corretamente flexionada no singular.
Gabarito: Alternativa D.
Alternativa A. O comentário é correto, uma vez que, ao se acrescentar o pronome "se" à forma verbal "resgatarem", o termo "as essências", que funcionava como objeto direto, passa a ser sujeito, fazendo com que o verbo também se flexione.
Alternativa B. Alternativa polêmica, porquanto, havendo o acréscimo do pronome "SE", não ocorre a indeterminação do sujeito, e sim a voz passiva sintética: "praticar-se a ética". Sob o ponto de vista semântico, o agente da ação de "praticar" está indeterminado, contudo o sujeito sintático passa a ser "a ética", tal qual aconteceu na alternativa A. Inclusive, passando-se o termo "a ética" para o plural, a forma verbal "praticar" deve acompanhar: "praticarem-se as éticas". Caro candidato, esta situação já foi explorada em outras provas realizadas pela Esaf, portanto você deve ter cuidado sempre que o verbo transitivo direto (na terceira pessoa do singular) estiver acompanhado do pronome SE. É possível que a Esaf classifique o SE como pronome apassivador, sendo o termo paciente sujeito; como também é possível que o classifique como índice de indeterminação do sujeito, tornando-se, por conseguinte, o sujeito indeterminado.
Alternativa C. Questão de paralelismo sintático, em que tanto se pode usar apenas a preposição "a" antes do bloco de termos que complementam a ideia de "junto" como também se pode empregar a preposição "a" combinada ao "os" (aos) antes do bloco: "aos consumidores, fornecedores, acionistas e comunidade". Ocorrem duas outras possibilidades de reescritura; pode haver a utilização apenas da preposição antes de cada termo: "a consumidores, a fornecedores, a acionistas e a comunidade"; pode haver a combinação de preposição e artigo antes de cada termo: "aos consumidores, aos fornecedores, aos acionistas e à comunidade".
Alternativa D: A combinação da preposição com artigo indefinido, não funcionando como sujeito, é de caráter facultativo. Destarte, tal emprego é correto não apenas na linguagem oral, mas também na escrita.
Alternativa E: Quando o verbo encontra-se antes de sujeito composto, tanto poderá concordar com a soma dos núcleos, conforme se observa no texto original, como poderá concordar com o mais próximo, consoante se propõe na alternativa.

26. (Auditor-Fiscal do Trabalho – Esaf) Assinale a opção de proposta de alteração para o texto que resulta em erro gramatical e/ou incoerência textual.
No atual estágio da sociedade brasileira, se se deseja um regime democrático, não basta abolir a necessidade de bens básicos. É necessário que o processo produtivo seja capaz de continuar, com eficiência, a produção e a oferta de bens considerados supérfluos. Em se tratando de um compromisso democrático, uma hierarquia de prioridades deve colocar o básico sobre o supérfluo. O que deve servir como incentivo para a proposta de casar democracia, fim da apartação e eficiência econômica em geral é o fato de que o potencial econômico do país permite otimismo quanto à possibilidade de atender todas essas necessidades, dentro de uma estratégia em que o tempo não será muito longo.

(Adaptado de Cristovam Buarque. *Da modernidade técnica à modernidade ética*, p. 29)
a) Substituir a relação expressa por "em que o tempo" (l. 18 e 19) pela relação expressa por **cujo tempo**.
b) Inserir o pronome indicativo de indeterminação de sujeito depois de "abolir"(l. 3), resultando em: **abolir-se**.
c) Retirar a preposição da expressão "Em se tratando" (l. 8), deslocando-se o pronome para depois do verbo e fazendo-se os ajustes nas iniciais maiúsculas; o que resulta em **Tratando-se**.
d) Inserir a preposição **a** antes de "todas essas necessidades"(l. 17).
e) Substituir o conectivo de valor condicional "se" (l. 2) por **caso**, resultando em: **caso se**.
Gabarito: Alternativa E.
A substituição de **se** por caso, levando à estrutura **caso se**, exigiria a alteração do tempo verbal do presente do indicativo – deseja – para o presente do subjuntivo – deseje.
As demais opções.
a) A substituição de **em que o** por **cujo** mantém a correção gramatical.
b) Inserir a partícula **se** após **abolir**, resultando em **abolir-se**, não provoca erro gramatical; mas, de acordo com as melhores gramáticas, essa partícula é **um pronome apassivador** e não "pronome indicativo de indeterminação do sujeito". O pronome indica a indeterminação do agente da ação verbal. Ainda segundo o entendimento gramatical predominante, com verbos que não admitem voz passiva, indicará a indeterminação do sujeito da voz ativa; com verbos que admitem voz passiva, indicará a indeterminação do agente da passiva. Essa divergência entre o entendimento da Esaf e o das gramáticas normalmente indicadas como modelo – Celso Cunha, Rocha Lima, Evanildo Bechara, Domingos Paschoal Cegalla etc. – pode também ser verificada na prova **da Enap**, a seguir.
c) A preposição "em" antes de gerúndio força a próclise; se a retirarmos, o verbo "tratando" iniciará o período, tornando a ênclise obrigatória, pois não é admitido pela norma culta que pronome oblíquo inicie frase ou período .
d) O verbo atender admite duas regências: transitivo direto ou transitivo indireto regendo a preposição a.

Leia o texto abaixo para responder à questão 27
As pesquisas desenvolvidas nos vários centros nacionais e internacionais, tanto em animais quanto em seres humanos, têm demonstrado que o tratamento regenerativo com células-tronco está deixando de ser uma utopia, podendo tornar-se importante recurso para o tratamento de diversas doenças. As pesquisas mostram que essas células têm potencial capaz de reparar as alterações determinadas pelas doenças que provocam perda ou diminuição da capacidade funcional de determinados órgãos do nosso corpo. Assim, especula-se que os transplantes de células-tronco possam vir a beneficiar doenças do coração, doenças neurovegetativas, degeneração celular ligada ao envelhecimento e a tratar certas formas de câncer, como as leucemias.
(*O Globo*, 11/3/2006. José Barbosa Filho e Roberto Benchimol Barbosa)

27. (Enap – Esaf) Assinale a opção correta em relação às formas verbais do texto.
a) "Têm"(l. 4) está no plural para concordar com "seres humanos".
b) "Está deixando de ser" (l. 5 e 6) concorda com "células-tronco".
c) "Provocam" (l. 12) está no plural para concordar com "pesquisas"(l. 9).
d) "Especula-se"(l. 14/15) apresenta sujeito explícito.
e) "A tratar" (l. 19) forma locução verbal com "possam vir"(l. 16).
Gabarito: Alternativa E.
Alternativa A: "Têm" (l. 3) está no plural para concordar com o núcleo do sujeito "pesquisas" (l. 1).
Alternativa B: O comentário realizado não poderia estar correto jamais, visto que um verbo não pode estar flexionado no singular (está deixando de ser) com objetivo de concordar com um termo no plural (células-tronco). Nem há necessidade de retornar ao texto.
Alternativa C: O sujeito de provocam (l. 9) é o pronome relativo "que", cujo antecedente é "doenças".
Alternativa D: Alternativa polêmica. Mais uma vez a Esaf classifica o pronome apassivador SE como índice de indeterminação do sujeito. O verbo "especular" é transitivo direto que, atrelado ao pronome SE, caracteriza a voz passiva sintética, fazendo com que a oração seguinte, que se classificaria como objetiva direta, se transforme em subjetiva. Sendo assim, a oração iniciada através da conjunção integrante "que" (l. 11) funciona como sujeito da oração anterior. No entanto, é sempre bom lembrar, como já ocorrera em outras provas, que a construção de verbo na terceira pessoa do singular, mesmo sendo transitivo direto, atrelado ao pronome SE, e estando o agente da ação indeterminado, é considerada, por vezes, pela Esaf não como formadora de voz passiva sintética, mas sim de voz ativa, classificando-se o SE como índice de indeterminação do sujeito e, consequentemente, o sujeito passa a ser indeterminado.
Alternativa E: O termo "a tratar" (l. 14), assim como "a beneficiar", forma com os auxiliares "possam vir" uma locução.

28. (Sefaz-MG – NCE – 2007) O item cuja reformulação ALTERA o sentido original do segmento é:
a) "Os tempos mudam" – mudam os tempos.
b) "... os astrônomos descobrem novos objetos" – novos objetos são descobertos pelos astrônomos.
c) "... de que se suspeitava" – do que era suspeitado.
d) "... ele é apenas um dentre inúmeros universos" – dentre inúmeros universos ele é somente um.
e) "... como uma bolha em um enorme tanque borbulhante de cerveja" – como uma bolha de cerveja em um enorme tanque borbulhante.
Gabarito: Alternativa E.
É fundamental você atentar-se ao comando da questão. Exige-se uma alternativa em que haja alteração do sentido original. O candidato é induzido a marcar a opção C, visto que o erro gramatical é crasso. Contudo, é imperioso repetir, não se pede erro

gramatical. Apesar de a alternativa C apresentar falha grosseira, não se pode aduzir que a ideia original foi alterada. Já na alternativa E, tal ocorre. Na frase original, "o tanque é que é de cerveja"; já na reescritura, "a bolha é que passa a ser de cerveja".

29. (Eletronuclear – NCE) "A febre é um sinal de alerta de que algo vai mal no organismo." Uma maneira ERRADA de reescrever-se essa mesma frase porque altera o seu sentido original é:

a) A febre alerta para o fato de que algo vai mal no organismo.
b) A febre sinaliza de que, no organismo, algo vai mal.
c) Quando algo vai mal no organismo, a febre nos alerta para esse fato.
d) Se algo vai mal no organismo, a febre aparece como um sinal de alerta.
e) Algo que vai mal no organismo alerta para o sinal da febre.

Gabarito: Alternativa E.

Outra questão que exige do candidato grande atenção ao que se exige no comando da questão. Repito: o grande segredo está na interpretação do enunciado. O candidato é totalmente induzido a marcar a alternativa B, visto que o verbo sinalizar é transitivo direto, sendo o emprego da preposição da preposição DE absurdo. Essa alternativa contém falha gramatical que, entretanto, não compromete o sentido original. Já alternativa E apresenta informação que vai de encontro ao período, senão vejamos: ideia original – A febre alerta para a existência de algo errado no organismo; reescritura – algo errado no organismo alerta para a existência da febre.

30. (Analista Legislativo – Senado Federal – FGV) "... *aspirava-se*, antes de tudo, à restauração plena das liberdades e garantias individuais e à edificação de uma democracia sem adjetivos."

Assinale a alternativa em que a substituição da forma verbal no trecho acima não tenha provocado inadequação à norma culta. Despreze as alterações de sentido.

a) ... implicava-se, antes de tudo, na restauração plena das liberdades e garantias individuais e na edificação de uma democracia sem adjetivos.
b) ... visava-se, antes de tudo, à restauração plena das liberdades e garantias individuais e à edificação de uma democracia sem adjetivos.
c) ... almejava-se, antes de tudo, a restauração plena das liberdades e garantias individuais e à edificação de uma democracia sem adjetivos.
d) ... procedia-se, antes de tudo, a restauração plena das liberdades e garantias individuais e a edificação de uma democracia sem adjetivos.
e) ... buscava-se, antes de tudo, à restauração plena das liberdades e garantias individuais e à edificação de uma democracia sem adjetivos.

Gabarito: Alternativa B.

É interessante comentar essa questão, porquanto fica denunciada a visão da Fundação Getúlio Vargas quanto à regência do verbo IMPLICAR. Como a alternativa A, segundo a banca, apresenta inadequação gramatical, conclui-se que ela não admite o emprego da preposição EM, em consonância com a visão de Evanildo Bechara, mas em oposição à de Rocha Lima e Celso Pedro Luft. Também é fundamental ressaltar que esse

posicionamento é divergente de outras bancas, como a Esaf (AFRF-2002).

31. (Perito Criminal da Polícia Civil – RJ – FGV) "O público brasileiro tem ouvido, com alguma frequência, notícias a respeito de possível rebelião de países vizinhos contra aquilo que seus governantes chamam de dívidas ilegítimas."
A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:
I. Seria igualmente correto redigir o trecho da seguinte forma: O público brasileiro tem ouvido, com alguma frequência, notícias a respeito de possível rebelião de países vizinhos contra o que seus governantes chamam de dívidas ilegítimas.
II. Seria igualmente correto redigir o trecho da seguinte forma: O público brasileiro tem ouvido, com alguma frequência, notícias a respeito de possível rebelião de países vizinhos contra aquilo que seus governantes chamam dívidas ilegítimas.
III. No trecho, há uma palavra com grafia incorreta.
Assinale:
a) Se apenas os itens I e II estiverem corretos.
b) Se apenas os itens I e III estiverem corretos.
c) Se apenas os itens II e III estiverem corretos.
d) Se nenhum item estiver correto.
e) Se todos os itens estiverem corretos.
Gabarito: Alternativa A.
É imperioso chamar a atenção do candidato para o fato de que esta questão já aborda as novas regras de ortografia – item III. Mas antes de chegar a esse item, façamos uma análise dos dois primeiros:
Item I – O comentário se faz com correção, porquanto "o" pode funcionar como pronome demonstrativo, capacitado a substituir "aquilo".
Item II – A análise também é perfeita, pois o predicativo do objeto "de dívidas ilegítimas" pode ocorrer tanto com preposição como sem. Também é interessante ressaltar que o verbo "chamar" na acepção de "qualificar" pode ser transitivo direto ou indireto, sendo, por conseguinte a preposição "a" – a ser inserida antes de "que" – opcional. Sendo assim, haveria quatro formas diferentes de redigir o fragmento: contra aquilo **que** seus governantes chamam de **dívidas ilegítimas**; contra aquilo **que** seus governantes chamam **dívidas ilegítimas**; contra aquilo a **que** seus governantes chamam **de dívidas ilegítimas**; contra aquilo **a que** seus governantes chamam **dívidas ilegítimas**.
Item III – Consoante o novo acordo ortográfico, o trema torna-se desnecessário. Destarte, a partir de 1º de janeiro de 2009 – a prova foi realizada em 2009 –, não há desacerto em grafar "frequência" sem trema. É importante frisar que, se "frequência" estivesse redigido com trema, também não se poderia considerar incorreto, uma vez que a antiga ortografia ainda é válida até o fim de 2012. Sendo assim, como não há nenhum vocábulo no trecho com grafia errônea, o item III apresenta comentário inadequado.

Apêndice: exercícios de provas com gabarito comentado

Esaf

1. (AFTE – RN – Esaf) Marque o item em que um dos trechos apresenta erro gramatical:
a) Não se pretende aqui negar o óbvio: que, em termos de línguas, passado histórico, tradições culturais, problemas comuns, os povos da América Latina são menos diferentes entre si do que em outros continentes. / Não se pretende aqui negar o óbvio: em termos de línguas, passado histórico, tradições culturais, problemas comuns, os povos da América Latina são menos diferentes entre si do que em outros continentes.
b) Na Europa, Ásia e África, às vezes, um só país abriga cem idiomas e etnias distintas. / Na Europa, Ásia e África, por vezes, um só país abriga cem idiomas e etnias distintas.
c) A unidade básica na América Latina não tem impedido, contudo, que se venha acentuando, nos últimos tempos, tendência à crescente diversificação entre o México, a América Central e o Caribe, de um lado, e a América do Sul, do outro. / Não obstante a unidade básica a América Latina não tem impedido, contudo, que se acentuem, nos últimos tempos, tendência à crescente diversificação entre o México, a América Central e o Caribe, de um lado, e a América do Sul, do outro.
d) A diferenciação vem-se fazendo mais nítida em dois setores fundamentais: o grau de instabilidade política e a dependência econômica e comercial em relação aos Estados Unidos. / As diferenças vêm-se configurando mais nítidas em dois setores fundamentais: o grau de instabilidade política e a dependência econômica e comercial em relação aos Estados Unidos.
e) Até os anos 80, a América Central era o "homem doente" do continente, com o sandinismo no poder na Nicarágua, a guerrilha fortemente organizada em El Salvador e a guerra civil com tinturas de genocídio na Guatemala. / Até os anos 80, a América Central era o "homem doente" do continente: o sandinismo no poder na Nicarágua, a guerrilha fortemente organizada em El Salvador e a guerra civil com tinturas de genocídio na Guatemala.
Resposta: Opção C, há duas falhas gramaticais na segunda frase. Inicialmente, após o vocábulo "básica", deveria haver uma vírgula, pois ocorre um adjunto adverbial com corpo extenso antecipado. Outro erro é flexionar "acentuem" no plural, visto que seu sujeito é "crescente diversificação" no singular.

Nas questões 2 e 3 (AFTE – RN), marque a sequência do texto com erro gramatical.

2.

a) Em 1946, visando impulsionar a liberalização comercial e combater práticas protecionistas adotadas desde a década de 30, 23 países, posteriormente denominados fundadores, iniciaram negociações tarifárias.

b) A primeira rodada de negociações resultou em 45.000 concessões, e o conjunto de normas e concessões tarifárias estabelecido passou a ser denominado Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio – Gatt.

c) Os membros fundadores, juntamente com outros países, formaram um grupo em que elaborou o projeto de criação da Organização Internacional do Comércio – OIC, sendo os Estados Unidos um dos países mais atuantes no convencimento da ideia do liberalismo comercial regulamentado em bases multilaterais.

d) O foro de discussões, que se estendeu de novembro de 1947 a março de 1948, ocorreu em Havana, Cuba, e culminou com a assinatura da Carta de Havana, na qual constava a criação da OIC.

e) O projeto de criação da OIC era ambicioso, pois, além de estabelecer disciplinas para o comércio de bens, continha normas sobre emprego, práticas comerciais restritivas, investimentos estrangeiros e serviços.

Resposta: A opção C apresenta um erro de regência, uma vez que o pronome relativo "que", ao funcionar como sujeito do verbo elaborou", não permitiria a presença da preposição "em".

3.

a) A geografia ainda conta, e muito, apesar de tudo o que se diz sobre a globalização e seu suposto efeito de anular a distância.

b) Não é novidade que, desde os primórdios coloniais, os ianques sempre dispensaram, para o bem e para o mal, atenção prioritária ao seu entorno físico imediato, boa parte dos quais – da Flórida e Porto Rico a Louisiana, Texas, Califórnia – compraram, anexaram ou associaram.

c) A Doutrina Monroe, a política do *big stick*, as guerras contra o México e a Espanha, as repetidas intervenções e ocupações na Nicarágua, no Haiti, em Cuba e no Panamá tiveram basicamente por cenário essas extensões terrestres e marítimas do norte.

d) Nesse sentido, existe uma linha de continuidade histórica do passado com o padrão recente. O *big stick* e as intervenções sobreviveram no apoio aos "contras", nas operações clandestinas de financiamento e orientação ao combate musculoso da guerrilha, chegando diretamente ao uso da força em Granada e no Panamá.

e) Mais ao sul, exceto em episódios como a queda de Allende e, em razão das drogas e da guerrilha colombiana, os métodos são mais sutis.

(Baseado em Rubens Ricupero)

Resposta: A opção B indica a presença do pronome relativo "dos quais" no plural, devendo ser remissivo a algo que deveria estar no plural. Não há antecedente no plural prejudicando inclusive a coerência do texto.

4. (An. Compras – Pref. Recife – Esaf) Marque o item sublinhado cujo emprego fere as normas da gramática normativa.

Em 1994, quando o Real nasceu, os bancos estimavam de que(A) a população "bancarizável" (os que têm(B) rendimento para ter uma conta em banco) somava(C) 44 milhões de brasileiros. Com a estabilidade da moeda, muitos analistas previram(D) a ampliação desse(E) número. Hoje, o setor aponta para os mesmos 44 milhões.

a) A
b) B
c) C
d) D
e) E

Resposta: A opção A apresenta uma falha de regência verbal, porquanto o verbo "estimar" é transitivo direto, não permitindo a ocorrência da preposição DE.

5. (MPOG – Esaf) Assinale a opção em que o trecho do texto foi transcrito com erro gramatical.

a) Tornou-se indispensável a profissionalização do corpo de funcionários, para que submetidos aos deveres objetivos de seus cargos, com competências claras e vinculação hierárquica, sejam merecedores de remuneração e benefícios condignos.
b) A organização do corpo de funcionários em carreiras, com as inerentes perspectivas de ascensão por meio de promoções, permitiria aferir, simultaneamente, o mérito e o direito para que os melhores galgassem as posições mais importantes.
c) No entanto, os burocratas inclinam-se a desempenhar suas tarefas administrativas seguindo critérios utilitários e materiais, distanciando-se eventualmente dos interesses da sociedade.
d) A autorreprodução da burocracia é um exemplo de disfunção, assim como a subordinação dos burocratas ao Governo, e não ao Estado, que dá origem à tecnocracia.
e) A elevação da conscientização e do controle social, o papel da imprensa e a mobilização dos servidores em defesa de uma gestão pública comprometida com a transparência são de grande valia para o aperfeiçoamento do Estado.

Resposta: A opção A apresenta uma falha de pontuação, já que a conjunção "para que" introduz uma ideia de finalidade cuja sequência é "sejam merecedores..." Como há uma intercalação entre o conector e a continuação, deveria haver uma vírgula antes de "submetidos", até porque já ocorre entra antes de "sejam".

6. (MPOG – Esaf) Assinale a opção em que uma das duas versões do texto apresenta erro gramatical.

a) A economia deveria ocupar-se em garantir sustentavelmente a sobrevivência para todos os indivíduos e todas as sociedades, libertando assim o tempo, a energia e a criatividade dos seres humanos para as tarefas superiores do seu desenvolvimento. / A economia deveria ocupar-se da garantia sustentável da sobrevivência para todos os indivíduos e todas as sociedades, e libertar, assim, o tempo, a energia e a criatividade dos seres humanos para as tarefas superiores do seu desenvolvimento.

b) O conhecimento e a criatividade criam valor nos produtos que geram, e geram produtos que vão muito além daqueles que garantem a sobrevivência física do trabalhador. / Produtos com valor e que vão muito além daqueles que garantem a sobrevivência física do trabalhador são criados pelo conhecimento e criatividade.
c) É preciso esforço para que o trabalho, conhecimento e criatividade humanos se libertem dos grilhões que hoje os amarram e subordinam à simples necessidade de sobreviver. / Para que o trabalho, conhecimento e criatividade, hoje amarrados e subordinados por grilhões à simples necessidade de sobreviver, sejam libertados, é preciso esforço.
d) O trabalho, o conhecimento e a criatividade são meios para o ser humano estabelecer relações consigo próprio, com o mundo e com as outras pessoas. / Alguns dos meios pelos quais o ser humano estabeleça relações consigo próprio, com o mundo e com as outras pessoas são o trabalho, o conhecimento e a criatividade.
e) A única política de desenvolvimento que faz sentido é aquela que tenha como referencial as necessidades, aspirações e recursos de cada povo e nação. / A política de desenvolvimento que tenha como referencial as necessidades, aspirações e recursos de cada povo e nação é a única que faz sentido.
Resposta: Na opção D, segunda frase, a estrutura frasal não permite que a forma verbal "estabeleça" se conjugue no presente do subjuntivo, devendo ocorrer no presente do indicativo: "estabelece".

7. (Aneel – Esaf) Entre as diferentes versões do trecho, assinale a gramaticalmente incorreta.
a) Há milhões de pneus descartados em nosso País que podem se tornar uma grande fonte alternativa de combustível para as cimenteiras. O processo de trituração é caro, mas compensa, pois, enquanto o pneu gera 8.200 kcal, o carvão gera 6.280 kcal.
b) Podem se tornar uma grande fonte alternativa de combustível para as cimenteiras os milhões de pneus descartados em nosso País. O processo de trituração, embora seja caro, compensa. O pneu gera 8.200 kcal, enquanto o carvão gera 6.280 kcal.
c) Em nosso País, os milhões de pneus descartados podem se tornarem uma grande fonte alternativa de combustível para as cimenteiras. O processo de trituração é caro, mas compensa, pois, enquanto o pneu gera 8.200 kcal, o carvão gera 6.280 kcal.
d) Uma grande fonte alternativa de combustível para as cimenteiras pode vir dos milhões de pneus descartados em nosso País. Embora o processo de trituração seja caro, compensa: o pneu gera 8.200 kcal, enquanto o carvão gera 6.280 kcal.
e) Há milhões de pneus descartados em nosso País. Eles podem se tornar uma grande fonte alternativa de combustível para as cimenteiras. O processo de trituração compensa, embora seja caro, já que o pneu gera 8.200 kcal, enquanto o carvão gera 6.280 kcal.
Resposta: Na opção C ocorre uma locução verbal, estando o último verbo também flexionado, formalizando uma das falhas mais condenadas pela gramática.

8. (Aneel – Esaf) Assinale a opção em que uma das versões do trecho está

gramaticalmente incorreta.
a) O acesso à energia elétrica também contribuirá para a integração das políticas sociais do Governo Federal, ao possibilitar que as regiões atendidas se beneficiem de serviços básicos de saúde, educação, abastecimento de água e comunicação. / Ao possibilitar que as regiões atendidas se beneficiem de serviços básicos de saúde, educação, abastecimento de água e comunicação, o acesso à energia elétrica também contribuirá para a integração das políticas sociais do Governo Federal.
b) A comunidade de Nazaré, em Novo Santo Antônio (PI), foi a primeira localidade atendida pelo projeto "Luz para Todos" por estar localizada no município com menor índice de atendimento no País (8%). / A primeira localidade atendida pelo projeto "Luz para Todos" foi a comunidade de Nazaré, por estar localizada no município com menor índice de atendimento no país (8%): Novo Santo Antônio (PI).
c) O acesso à energia elétrica permitiu a instalação de um centro comunitário para produção de farinha, bombeamento de água para abastecimento da localidade, instalação de computadores na escola e de antena parabólica para transmissão de programas educativos. / A instalação de um centro comunitário para produção de farinha, bombeamento de água para abastecimento da localidade, instalação de computadores na escola e de antena parabólica para transmissão de programas educativos foi possível pelo acesso à energia elétrica.
d) Com a universalização do acesso à energia elétrica, o Governo Federal pode utilizar-lhe como instrumento para o desenvolvimento econômico das comunidades e para a redução da pobreza e da fome. / O Governo Federal pode utilizar a universalização do acesso à energia elétrica como instrumento para o desenvolvimento econômico das comunidades e para a redução da pobreza e da fome.
e) O uso de recursos públicos reduzirá significativamente os impactos tarifários nas contas de luz, já que a implantação do programa resulta de uma parceria com as concessionárias de energia elétrica e os governos estaduais. / A implantação do programa resulta de uma parceria entre as concessionárias de energia elétrica e os governos estaduais, de modo que o uso de recursos públicos reduzirá significativamente os impactos tarifários nas contas de luz.
Resposta: A opção D possui uma falha de regência verbal logo na primeira frase. Como o verbo "utilizar" é transitivo direto, o pronome oblíquo não poderia ser "lhe". O correto seria "pode utilizá-lo".

9. (Aneel – Esaf) Assinale a opção gramaticalmente correta.
a) A liberação dos recursos abre uma nova fase do programa "Luz para Todos", que é coordenado pelo Ministério de Minas e Energia e foi lançado em novembro de 2003.
b) Durante esse período, foram instalados comitês gestores estaduais, assinados os termos de compromisso com os estados e finalizados as negociações com as concessionárias para definição das condições contratuais e do valor das obras.
c) A próxima etapa será a assinatura dos contratos entre as concessionárias e os governos estaduais, também parceiro do programa.
d) O acesso à energia elétrica será gratuita para todos os consumidores. As famílias de

baixa renda cadastradas nos programas sociais do Governo Federal receberão gratuitamente as ligações internas de suas residências.
e) Hoje, mais de 12 milhões de brasileiros não tem acesso à energia elétrica, o equivalente à soma da população dos Estados do Piauí, Mato Grosso do Sul, Amazonas e Distrito Federal.
Resposta: A única opção que não contém erro gramatical é a opção A. A opção B possui falha de concordância nominal, pois "finalizados" deveria estar na forma feminina, visto que está qualificando o substantivo "negociações". A opção C também apresenta duas falhas de concordância nominal, pois o termo "parceiro" no singular é referente a "governos estaduais", devendo ocorrer no plural: "parceiros"; e "será gratuita" é inadequado (deveria ser "será gratuito"), pois se refere a "acesso". Na opção D, o erro é de regência, uma vez que "as famílias receberam as ligações" na residência, devendo aparecer a preposição "em", e não a preposição "de". Na opção E, a falha é de concordância verbal, pois sendo o sujeito "mais de 12 milhões", a forma verbal "tem" deveria estar no plural "têm".

10. (Aneel – Esaf) Assinale o trecho que apresenta erro gramatical.
a) A energia elétrica pode ser obtida de várias maneiras, mas aquela obtida por meio da usina hidrelétrica é a mais conhecida e explorada no Brasil.
b) Pode-se obter energia das marés: constrói-se uma barragem para represar a água das marés quando essas estiverem altas; ao entrarem em queda geram energia, como nas usinas hidrelétricas.
c) A energia eólica é proveniente dos ventos, que possibilitam a movimentação de uma turbina ligada a um gerador que produz energia elétrica. O grande potencial eólico brasileiro encontra-se no Norte e Nordeste, parte da Bahia e de Minas Gerais e no Sul.
d) A energia nuclear é gerada pela radiação do elemento urânio, que é colocado em um recipiente próprio para gerar calor, que por sua vez aquecerá uma serpentina com água, produzindo vapor. As turbinas, ligadas a um gerador elétrico, produzem eletricidade por meio do vapor.
e) As usinas de biomassa utilizam resíduos orgânicos como carburantes. Há dois tipos: por vapor d'água e por gaseificação. As usinas por vapor d'água, que é mais utilizada e mais baratas, queimam material carburante em uma caldeira.
Resposta: A opção E apresenta grave falha de concordância, dado que "é mais utilizada" é referente ao antecedente do pronome relativo "que", ou seja, "as usinas por vapor d'água", devendo, pois, ocorrer no plural: "são mais utilizadas".

11. (MPU – Esaf) Os trechos abaixo compõem um texto. Assinale o fragmento que apresenta incorreção gramatical.
a) Um filme não é apenas um filme, mas também a maneira como ele se comunica com o público. O título do novo documentário de Maria Augusta Ramos vem todo escrito em letras minúsculas: justiça.
b) A primeira informação que recebemos é a de que o filme talvez não se refira ao sistema judiciário, comumente grafado como Justiça, mas a uma acepção mais genérica

da palavra.
c) O filme parece ver a justiça como categoria abstrata, ou então como substantivo que designa não só a justiça criminal, mas também a justiça social. A grafia pode sugerir, ainda, uma crítica ao sistema judiciário.
d) Como se o título afirmasse: "do jeito que é feita no Brasil, a chamada justiça não merece uma maiúscula". De fato, não é alheia às intenções da realizadora o desejo de que o filme contribua para as discussões em torno da reforma judiciária brasileira.
e) O filme, vencedor do Festival Vision du Réel (Nyon, Suíça, 2004), mostra o horror das cadeias apinhadas de homens, o drama das visitas familiares sem o menor espaço para privacidade, o coro assustador dos simpatizantes do Comando Vermelho.
Resposta: A opção D apresenta erro de concordância, visto que o adjetivo "alheia" qualifica o substantivo "desejo", devendo ocorrer na forma masculina: "alheio".

12. (MPU – Esaf) Indique a opção em que o trecho está incorreto gramaticalmente.
a) As transformações tecnológicas, já que não existe sociedade civilizada sem lei, apenas tornam mais complexas as regras que, muitas vezes, incomodam e atrapalham, mas que continuarão sendo uma garantia fundamental de desenvolvimento com justiça.
b) Não existe sociedade civilizada sem lei e as transformações tecnológicas apenas tornam mais complexas as regras que, muitas vezes, incomodam e atrapalham, mas que continuarão sendo uma garantia fundamental de desenvolvimento com justiça.
c) Não existe sociedade civilizada sem lei, por isso as transformações tecnológicas apenas tornam mais complexas as regras que, muitas vezes, incomodam e atrapalham, mas que, no entanto, continuarão sendo uma garantia fundamental de desenvolvimento com justiça.
d) Não existe sociedade civilizada sem lei. As transformações tecnológicas apenas tornam mais complexas as regras que, muitas vezes incomodam e atrapalham, mas que, continuarão sendo garantias fundamentais de desenvolvimento com justiça.
e) As transformações tecnológicas apenas tornam mais complexas as regras que, muitas vezes, incomodam e atrapalham, mas que continuarão sendo uma garantia fundamental de desenvolvimento com justiça. Não existe sociedade civilizada sem lei.
Resposta: A opção D apresenta uma falha de pontuação, porquanto o adjunto adverbial "muitas vezes" interrompe uma sequência lógica. A gramática até admite que o adjunto adverbial deslocado, contendo corpo pequeno, não esteja isolado por vírgula, contudo se ao fim dele a pontuação aparecer, o mesmo deveria ocorrer em seu início. Enfim, ou se coloca a vírgula antes e depois de "muitas vezes", ou nenhuma vírgula.

13. (TRF – Esaf) Assinale o trecho do texto que foi transcrito com erro.
a) Os direitos humanos, a grande conquista moderna, procedem da ideia de que o governo está a serviço dos cidadãos, e não o contrário. Cada indivíduo, antes mesmo de fazer parte do poder político, já detêm direitos que são seus, pelo simples ato de nascer.
b) É esse vínculo dos direitos humanos ao nascimento que permite dizer que eles são direitos naturais. Já o Estado é um instrumento para realizar fins comuns às pessoas.
c) Vários teóricos da política, ao longo dos séculos XVII e XVIII, afirmaram que o Estado

nasceria de um contrato. Eles foram indevidamente contestados depois que os avanços da história mostraram que seria impossível a pessoas isoladas entre si desenvolverem a sofisticação necessária para adotar o conjunto de regras e leis que forma um Estado.
d) O que os contratualistas pretendiam não era tanto afirmar uma verdade histórica, ou sequer uma hipótese, mas expressar uma ideia filosófica forte, revolucionária: o indivíduo tem prioridade sobre o Estado.
e) Mesmo que cada um de nós, em sua vida, nasça dentro de um Estado — e, portanto, depois dele –, este último somente tem validade como ferramenta ou meio para promover fins que são os nossos.
Resposta: A opção A apresenta contém grande falha de concordância verbal, pois a forma verbal "detêm" deveria estar no singular (detém", concordando com o seu sujeito "cada indivíduo").

Nas questões 14 e 15, assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia das palavras.
14. (TRF – Esaf) O Tribunal de Contas da União, por meio do (1) Acórdão (2) nº 1.137, de 13 de agosto de 2003, apresentou o resultado de trabalhos de inspeção realizados junto aos Órgãos Centrais, à (3) Delegacia da Receita Federal em Brasília e à Delegacia Especial de Instituições Financeiras em São Paulo, tendo por objeto avaliar o controle exercido pela Superintendência da Receita Federal sobre à (4) rede arrecadadora de receitas federais. Em diversos trechos de seu relatório, aquele Tribunal reconhece os benefícios advindos (5) do Projeto de Reestruturação do Controle da Rede Arrecadadora de Receitas Federais – Projeto Nova Rarf.
a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5
Resposta: A opção D contém falha gritante de regência, já que a preposição "sobre" não admite a ocorrência de outra preposição. Sendo assim, o "à" não poderia estar com acento grave.

15. (TRF – Esaf) A sociedade humana, desde os seus primórdios, soube desenvolver as dimensões essenciais de sua atividade prática — e já por isso o homem pôde (1)ser definido como tendo sido, desde a sua origem, um animal técnico, ou seja, uma criatura afeita à fainas (2) da transformação da natureza. Foi a filosofia grega, no entanto, e apenas ela, que conseguiu estabelecer aquelas categorias fundamentais para o desdobramento da tecnologia. Não que esse desdobramento estivesse desde sempre (3) na mira daqueles primeiros pensadores gregos. Em verdade (4), a ligação entre esse pensamento das categorias de base e a sua subserviência ao desenvolvimento da tecnologia só viria a manifestar-se (5) dois milênios mais tarde.
a) 1
b) 2

c) 3
d) 4
e) 5
Resposta: Na opção B, o substantivo "fainas", estando no plural, só poderia admitir o artigo no plural. Portanto, pode-se omitir o artigo, ficando a estrutura "Afeita a fainas" ou utilizar o artigo, ficando "afeito às fainas".

16. (TRF – Esaf) Assinale a opção em que o trecho do texto foi transcrito com erro de sintaxe.
a) As empresas do setor imobiliário que deixaram de prestar contas das transações realizadas em 2002 vão ser alvo de investigação da Receita Federal. Imobiliárias, construtoras e incorporadoras tinham prazo limitado para entregar a Declaração de Informação sobre Atividades Imobiliárias – Dimob.
b) A estimativa é de que metade das empresas não declarou, mas o coordenador geral de Fiscalização da Receita acredita que muitas delas ainda vão cumprir a exigência. Até o prazo foram entregues 21.395 declarações, mas nos registros da Receita constam em cerca de 40 mil empresas que estariam obrigadas a declarar.
c) O coordenador diz que os dados da Dimob serão confrontados com as informações da declaração das empresas e das pessoas físicas. O coordenador afirma ainda que as informações serão cruzadas com os dados da CPMF, que têm sido instrumento indispensável ao trabalho de fiscalização do órgão.
d) Na declaração, as imobiliárias só devem informar as operações realizadas no ano passado. As empresas que não tiveram atividades em 2002 estão desobrigadas de prestar contas. Quem deixou de entregar a declaração no prazo pagará multa mínima de R$ 5 mil por mês-calendário. Em caso de omissão ou informação de dados incorretos ou incompletos, a multa será de 5% sobre o valor da transação.
e) Essa declaração foi criada em fevereiro de 2003 para identificar as operações de venda e aluguel de imóveis. A Receita quer saber, por exemplo, a data, o valor da transação e a comissão paga ao corretor. No ano passado, foram fiscalizadas 495 empresas do setor, cujas autuações somaram R$ 1,2 bilhão.
Resposta: A opção B contém erro de regência, visto que o termo "cerca de 40 mil empresas" funciona como sujeito, portanto não admitindo a ocorrência da preposição "em".

Nas questões 17 e 18, marque o item sublinhado que represente impropriedade vocabular, erro gramatical ou ortográfico.
17. (An. Com. Ext. – Esaf) A democracia, segundo Aristóteles, é forma de governo. Esse entendimento milenar (A) assim se conservou entre os publicistas (B) romanos e os teólogos da Idade Média. Não discreparam (C) também do juízo aristotélico pensadores políticos do tomo (D) de Montesquieu e Rousseau, presos as heranças (E) clássicas.
a) A
b) B
c) C

d) D
e) E
Resposta: A opção E apresenta erro de regência, uma vez que o adjetivo "presos" exige a ocorrência da preposição "a", portanto poderiam existir duas formas corretas de redigir: somente a preposição "a" ou somando a preposição A com o artigo AS, formando "ÀS".

18. (An. Com. Ext. – Esaf) Há (A) tempos está em tramitação no Congresso proposta para reforma do sistema financeiro que concede independência plena ao Banco Central. São fortes as pressões para que a matéria seja aprovada ainda sob (B) o atual governo. A iniciativa contempla contradição insanável (C). Não existe fórmula política capaz de aumentar a independência do BC. Nenhuma agência governamental superaria-o (D) em matéria de liberdade. Atua independentemente (E) de qualquer controle externo.
a) A
b) B
c) C
d) D
e) E
Resposta: A opção D possui uma terrível falha de topologia pronominal. Verbos no futuro do pretérito não admitem ênclise. Como o adjetivo "governamental" não atrai o pronome oblíquo, tanto poderia ser usada a próclise "o superaria" como a mesóclise "superá-lo-ia".

19. (AFRF – Esaf) Assinale a opção em que uma das duas formas de redação do texto, independentemente de alteração semântica, apresenta erro gramatical ou problema de sintaxe.
a) A globalização é a manifestação hodierna das ambiguidades que marcaram os primórdios dos tempos modernos. / Das ambiguidades que foram marcas dos primórdios dos tempos modernos, a globalização é a manifestação contemporânea.
b) De forma semelhante ao que aconteceu no passado, o mundo atravessa um período de transição que parece completar a "grande transformação" iniciada no século XVI. / O mundo atravessa um período de transição – de forma semelhante ao acontecido no passado – que parece ser complemento da "grande transformação" iniciada no século XVI.
c) Com a navegação em rede, estreitando os laços entre os povos e reunindo-os numa única sociedade, o processo de internacionalização econômico-político tende a fechar o ciclo que começou com a circunavegação. / O processo de internacionalização econômico-político que começou com a circunavegação tende a fechar o ciclo com a navegação em rede, estreitando os laços entre os povos, reunindo-os numa única sociedade.
d) Conquanto intensas modificações tenham ocorrido ao longo desses quinhentos anos, a história volta a se repetir. / Volta-se a ser repetida a história, apesar das intensas modificações ocorridas ao longo desses quinhentos anos.
e) A globalização não se dá nos mesmos níveis para todos os países e todas as pessoas,

e tem beneficiado os países centrais em detrimento da grande maioria das regiões mais carentes. / Beneficiando os países centrais em prejuízo da grande maioria das regiões mais carentes, a globalização não ocorre nos mesmos níveis para todos os países e todas as pessoas.
Resposta: A opção D contém erro na reescritura. A estrutura "volta a ser repetida" já está na voz passiva, não admitindo, pois, a presença do pronome apassivador "se".

20. (AFRF – Esaf) O texto adaptado de Hindenburgo Pereira Diniz, "Advertência importante", (*Correio Braziliense*, 17/3/2003) foi fragmentado para compor as opções abaixo. Assinale o trecho que foi transcrito desrespeitando as regras gramaticais:
a) Tendo em vista as limitações da estrutura empresarial brasileira e a conveniência de resguardarem-se certos segmentos sob controle nativo, jamais acreditei que o progresso floresça beneficamente entre nós sem a presença ativa do Estado nas áreas da segurança (interna e externa), educação, saúde, infraestrutura, tecnologia e promoção de fomento financeiro de longo prazo às atividades produtivas conduzidas pela iniciativa privada.
b) Por certo, a mesma conclusão não é necessariamente válida nas economias ricas, animadas por atores e coadjuvantes sadios e preparados, dotadas de condições estruturais avançadas e eficazes, centros de iniciativas privadas importantes e florescentes.
c) Da mesma forma, é preciso considerar-se a situação do equilíbrio monetário interno. Sem dinheiro relativamente estável, fica difícil, mesmo para leigos conscientes, imaginar solução respeitável preocupada apenas com a importância maior do crescimento material.
d) Desequilibrando-se monetariamente demais, as proporções dos valores relativos desaparecem as condições de utilizar a moeda como meio eficiente de promover à expansão econômica. Contudo, não cabe deixar de priorizar melhor destino a metas permanentes.
e) Portanto, nesta etapa ainda inicial da história da humanidade (do *homo economicus*), tudo recomenda cuidado com a sanidade desse instrumento essencial à realização completa de nossas necessidades materiais e dos sonhos que estimulam a ação dos empreendedores.
Resposta: A opção D, além de apresentar uma estrutura de péssima qualidade, por isso comprometendo o sentido do texto, contém algumas falhas gramaticais: não se sabe quem é o sujeito do verbo "desaparecem" e a regência do verbo "promover" não admite a ocorrência da preposição "a", portanto o uso da crase é equivocado.

NCE

(ANP – NCE)
As questões de 1 a 6 mostram uma mesma ideia escrita de cinco formas distintas. Você deve assinalar a forma mais adequada, levando em consideração sua correção,

precisão, clareza e elegância.

1.

a) Os guardas-civis intervieram na discussão dos espectadores.
b) Os guarda-civis interviram na discursão dos expectadores.
c) Os guardas-civis interviram na discussão dos expectadores.
d) Os guarda-civis intervieram na discursão dos espectadores.
e) Os guarda-civil interviram na discussão dos expectadores.

Resposta: Opção A. A ortografia correta dos termos é guardas-civis (guarda quando for sinônimo" de "policial" faz com que os dois termos se flexionem), discussão e espectadores (expectador é sinônimo de aquele que aguarda com expectativa). O verbo "intervir" deriva-se do verbo "vir". No pretérito perfeito, a forma correta é "eles vieram", portanto "eles intervieram".

2.

a) Os policiais averíguam onde querem trabalhar os escrivãos.
b) Os policiais averíguam aonde querem trabalhar os escrivãos.
c) Os policiais averiguam onde querem trabalhar os escrivães.
d) Os policiais averiguam aonde querem trabalhar os escrivães.
e) Os policiais averiguam onde querem trabalhar os escrivões.

Resposta: Opção C. O verbo AVERIGUAR possui obrigatoriamente o "u" tônico nas formas rizotônicas. Portanto, "averiguam" com acento não existe. Quando a regência exige a preposição A, utiliza-se "aonde"; quando a regência exige a preposição EM, usa-se "onde". O sentido na frase é: "eles vão trabalhar em (ONDE) um lugar". Por fim, o plural de "escrivão" é "escrivães".

3.

a) Quando nos vermos de novo, eu te cumprimentarei.
b) Quando nos vermos de novo, eu cumprimentar-te-ei.
c) Quando virmo-nos de novo, eu te comprimentarei.
d) Quando nos virmos de novo, eu te cumprimentarei.
e) Eu te cumprimentarei quando nos vermos de novo.

Resposta: Opção D. "Quando" é uma conjunção subordinativa, portanto atrai o pronome oblíquo NOS, excluindo a opção C. Ocorre a dúvida "virmos" ou "vermos". Observe que os dois verbos terminam em RMOS. Dessa forma, há a necessidade de se identificar se o verbo está no futuro do subjuntivo ou no infinitivo pessoal. No capítulo de verbos, ficou esclarecido que o melhor caminho é substituir pelo verbo "fazer". Caso apareça "fazer", o verbo está no infinitivo pessoal; caso apareça "fizer, o verbo está no futuro do subjuntivo. A frase alterada assim fica: "Quando fizer de novo...", o que nos indica estar o verbo "ver" no futuro do subjuntivo. Futuro do subjuntivo do verbo VER: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem. Sendo assim, eliminam-se as alternativas A, B e E.

4.

a) Vossa Excelência, o Presidente, vem com os ministros a reunião?

b) Sua Excelência, o Presidente, vem com os ministros à reunião?
c) Vossa Excelência, o Presidente, vêm com os ministros para a reunião?
d) Vossa Excelência, o Presidente, vem com os ministros na reunião?
e) Sua Excelência, o Presidente, vêm com os ministros para a reunião?
Resposta: Opção B. A ocorrência do aposto explicativo, o Presidente, denuncia que não se está falando diretamente com o Presidente, mas algo a respeito dele. Dessa forma, não se pode utilizar Vossa Excelência (pronome de tratamento usado para se dirigir à própria autoridade) e sim "Sua Excelência". Além disso, o pronome de tratamento está no singular, e o verbo presente na opção E (vêm) encontra-se no plural.

5.
a) Se liga aos teus amigos para sobreviveres.
b) Ligue-se aos teus amigos para sobreviver.
c) Liga-te aos teus amigos para sobreviver.
d) Liga-se aos seus amigos para sobreviveres.
e) Se ligue a teus amigos para sobreviver.
Resposta: Opção C. Nunca se pode iniciar oração através de pronome oblíquo átono, portanto excluem-se as opções A e E. A opção D possui uma falha de concordância: o verbo "liga" está na segunda pessoa do singular do imperativo afirmativo e o pronome reflexivo "se" encontra-se na terceira. A opção B até teve um início escorreito, contudo a sequência se deu de forma desastrosa. A expressão "Ligue-se" está perfeita, pois verbo no imperativo e pronome reflexivo estão na terceira pessoa do singular, porém o pronome possessivo "teus" em seguida, referente ao mesmo ser, encontra-se na segunda pessoa do singular.

6.
a) Prefiro isso que fazer aquilo.
b) Prefiro isso a fazer aquilo.
c) Prefiro isso do que fazer aquilo.
d) Prefiro isso do que a fazer aquilo.
e) Prefiro isso a que fazer aquilo.
Resposta: Opção B. A regência do verbo PREFERIR não admite a preposição DE, e sim somente a preposição A. Também é incorreto o uso de "que".

(TJ – Técnico Judiciário – NCE)
Da questão 7 à questão 12, você terá cinco formas da mesma frase. Você deve indicar a de forma mais adequada e correta, segundo a norma culta.

7.
a) O Tribunal funciona, aos sábados, das 7 as 12 horas.
b) O Tribunal funciona aos sábados de 7 à 12 horas.
c) O Tribunal funciona, aos sábados, de 7 às 12 horas.
d) O Tribunal funciona, aos sábados, das 7 às 12 horas.

e) O Tribunal, aos sábados, funciona, de 7 à 12 horas.
Resposta: Opção D. A gramática exige o uso do artigo antes de hora(s), no sentido de hora exata. Portanto, a única opção em que há o artigo antes de sete (combinado com a preposição "de") e de 12 (combinado com a preposição "a") é a resposta.

8.
a) Se alguém vir o processo, retire-o do pacote em que está.
b) Se alguém ver o processo, retira-o do pacote em que está.
c) Se alguém ver o processo, retire ele do pacote em que está.
d) Se alguém vir o processo, retira-o do pacote em que está.
e) Se alguém ver o processo, retire-o do pacote em que está.
Resposta: Opção A. Questão bastante polêmica, visto que duas opções estão corretas gramaticalmente. Inicialmente, eliminemos as alternativas incorretas. A dúvida "ver" ou "vir" se esclarece, com a substituição pelo verbo FAZER (se alguém fizer). Portanto está o verbo no futuro do subjuntivo. O futuro do subjuntivo do verbo VER é "vir, vires, vir, virmos, virdes, virem". Estão excluídas as opções B, C e E. As opções A e D estão corretas, visto que não necessariamente a mesma pessoa que verá o pacote será aquela que deverá retirá-lo. Então, o outro verbo, que está no imperativo, tanto poderia aparecer na segunda pessoa do singular como na terceira. Sendo assim, o candidato será a obrigado a escolher qual das duas corretas é a mais adequada. A banca optou pela opção A, por fazer a concordância com o sujeito da oração anterior.

9.
a) O promotor esqueceu vários papeizinhos na gaveta.
b) O promotor se esqueceu de vários papeiszinhos na gaveta.
c) O promotor esqueceu-se de vários papeiszinhos na gaveta.
d) O promotor esqueceu vários papeiszinhos na gaveta.
e) O promotor se esqueceu vários papeizinhos na gaveta.
Resposta: Opção A. A regência do verbo ESQUECER admite duas possibilidades: com pronome oblíquo, o verbo é transitivo indireto, exigindo a presença da preposição DE; sem pronome oblíquo, o verbo é transitivo direto, não admitindo o uso de preposições. Portanto, a opção E já está excluída. Quando se flexiona um substantivo no plural e diminutivo concomitantemente, deve-se inicialmente passá-lo para o plural (papéis). Após, insere-se "ZINHO" entre PAPÉI e o S. Como a sílaba tônica passa a ser "zi", o vocábulo acaba por perder o acento.

10.
a) Parecem ter havido bastantes erros no processo.
b) Parece ter havido bastante erros no processo.
c) Parecem ter havido bastante erros no processo.
d) Parece ter havido bastantes erros no processo.
e) Parece terem havido bastante erros no processo.
Resposta: Opção D. O verbo HAVER ocorre no sentido de EXISTIR. Nesse caso, ele é

impessoal. Esta característica dele é passada para os auxiliares, portanto estes não podem ser flexionados. Destarte, as opções A, C e D já estão eliminadas. A opção B acaba também excluída, visto que BASTANTE, nesta frase, funciona como pronome indefinido, concordando com o substantivo ERROS, tornando-se, portanto, variável.

11.
a) Os juízes interviram quando viram os réus frente a frente.
b) Os juízes intervieram quando viram os réus frente à frente.
c) Os juízes intervieram, quando viram os réus frente a frente.
d) Os juízes interviram, quando viram os réus frente à frente.
e) Os juízes intervieram quando viram os réus frente a frente.
Resposta: Opção E. Trata-se de outra questão extremamente polêmica, visto que duas alternativas estão corretas gramaticalmente. Inicialmente, vamos excluir as erradas. O verbo INTERVIR deriva-se do verbo VIR, cuja forma na terceira pessoa do plural do pretérito perfeito é VIERAM. Logo, a forma correta é INTERVIERAM. Sendo assim, as alternativas A e D estão eliminadas. A opção B também deve ser excluída, já que não se justifica o uso de crase em "frente à frente" (no interior de termos repetidos, não há acento grave). Portanto, estão corretas as opções C e E. A única diferença existente entre as opções é o uso da vírgula. O critério utilizado para indicar que a alternativa A é a mais adequada provavelmente é a ordem das orações. Toda oração subordinada adverbial é um adjunto adverbial. Logo, se o adjunto adverbial oracional posiciona-se ao fim da oração principal, não há motivo para o emprego de pontuação a fim de isolar as orações.

12.
a) Espero que lhes tenha prevenido de que quero apartes durante a sessão.
b) Espero que os tenha prevenido que quero apartes durante a seção.
c) Espero que os tenha prevenido de que quero apartes durante a sessão.
d) Espero que lhes tenha prevenido que quero apartes durante a seção.
e) Espero que os tenha prevenido de que quero apartes durante a seção.
Resposta: Opção C. As opções A e B são excluídas por erros de regência verbal. Na opção A, há dois objetos indiretos ligados ao verbo PREVENIR (lhes / de que quero apartes durante a sessão) e a opção B possui dois objetos diretos atrelados ao verbo PREVENIR (os / que quero apartes durante a seção). As opções D e E são excluídas em função de falha de ortografia. É cabível somente o vocábulo "sessão", em virtude de o período indicar que os apartes ocorrerão durante a reunião.

(Papiloscopista – NCE)
Nas questões 13 a 15, há uma forma da frase considerada como correta, levando-se em conta a norma culta da língua. Assinale-a em cada questão.
13.
a) Não houve mais brigas entre eu e ela.
b) Não houveram mais brigas entre eu e ela.
c) Não houve mais brigas entre ela e eu.

d) Não houve mais brigas entre mim e ela.
e) Não houveram mais brigas entre ela e mim.
Resposta: Opção D. Podemos logo excluir as alternativas B e D, uma vez que o verbo HAVER, no sentido de EXISTIR, é impessoal, podendo ser conjugado apenas na terceira pessoa do singular. O termo, sendo preposicionado, fato que já serve para indicar que não funciona como sujeito, sugere que o pronome não seja reto, mas sim oblíquo. Sendo assim, todas as opções em que o pronome EU foi utilizado devem ser excluídas.

14.
a) Ela requereu que eu intervisse na questão.
b) Ela requis que eu intervisse na questão.
c) Ela requis que eu interviesse na questão.
d) Ela requereu que eu intervisse na questão.
e) Ela requereu que eu interviesse na questão.
Resposta: Opção E. É fundamental recordar que o verbo REQUERER não se deriva integralmente do verbo QUERER. No pretérito perfeito, este verbo funciona como regular de segunda conjugação, podendo-se utilizar o verbo VENDER como paradigma (VENDEU – REQUEREU). Já o verbo INTERVIR deriva-se integralmente do verbo VIR. A terminação SSE – denuncia estar o verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo (SE ELE VIESSE – SE ELE INTERVIESSE).

15.
a) Não devem haver respostas à perguntas maleducadas.
b) Não deve haver respostas à perguntas maueducadas.
c) Não deve haver respostas a perguntas mal-educadas.
d) Não devem haver respostas às perguntas maleducadas.
e) Não devem haver respostas a perguntas maueducadas.
Resposta: Opção C. As alternativas A, D e E devem ser excluídas, visto que o verbo HAVER, no sentido de EXISTIR, é impessoal. Essa característica é transferida para o auxiliar que, obrigatoriamente, deve ocorrer na terceira pessoa do singular. Como "mal", no caso, faz parte de um adjetivo composto, deve ser redigido com hífen; como é antônimo de BEM, deve ser escrito com "L".

(CNEN – NCE) As questões 16 a 18 apresentam a mesma formulação, ou seja, deve-se marcar o item cuja frase se apresenta redigida da forma mais adequada, considerando-se clareza, elegância, precisão e correção.
16.
a) Em anexo, seguem os documentos comprovadores de que o imóvel referido estava situado na Rua Santa Clara.
b) Anexo, seguem os documentos comprovadores de que o imóvel referido estava situado à Rua Santa Clara.
c) Anexos seguem os documentos comprovadores de que o imóvel referido estava situado à Rua Santa Clara.

d) Em anexos, seguem os documentos comprovadores de que o imóvel referido estava situado na Rua Santa Clara.
e) Anexo seguem os documentos comprovadores de que o imóvel referido estava situado na Rua Santa Clara.
Resposta: Opção A. Com a preposição EM, ANEXO é invariável; já sem a preposição, ANEXO deve concordar com o elemento que determina, ou seja, EM ANEXO ou ANEXOS SEGUEM OS DOCUMENTOS. Excluem-se as alternativas B, D e E. SITUADO e SITO são formas de particípio do verbo SITUAR. Este verbo sugere um valor de algo estático, parado, portanto, não admitindo o uso da preposição A, devendo-se usar em seu lugar a preposição EM.

17.
a) Ao se ouvir os primeiros votos, iniciou-se os quebras-quebras.
b) Ao se ouvirem os primeiros votos, iniciaram-se os quebra-quebra.
c) Ao se ouvir os primeiros votos, iniciaram-se os quebra-quebras.
d) Ao se ouvir os primeiros votos, iniciou-se os quebra-quebra.
e) Ao se ouvirem os primeiros votos, iniciou-se os quebra-quebra.
Resposta: Opção B. Mais uma questão polêmica. Nas duas orações, o pronome SE é apassivador, pois está ligado a verbos transitivos diretos. Então, os termos "os primeiros votos" e "os quebra-quebra(s)", que eram objetos diretos sem o pronome SE, transformam-se em sujeitos de voz passiva, exigindo que os verbos também se flexionem no plural. Aí, já se chega à resposta (opção B). O problema está em "os quebra-quebra". Não há autores que defendam o uso invariável de substantivos compostos no plural formados por verbos idênticos.

18.
a) Eram espetáculos de artistas famosos e todos tinham desejo de assisti-los pela TV.
b) Eram espetáculos de artistas famosos e todos tinham desejo de assistir a eles pela TV.
c) Eram espetáculos de artistas famosos e todos tinham desejo de assistir-lhes pela tevê.
d) Era espetáculos de artistas famosos e todos tinham desejos de assisti-los pela televisão.
e) Eram espetáculos de artistas famosos e todos tinham desejos de assistir-los pela TV.
Resposta: Opção B. O verbo ASSISTIR no sentido de VER é transitivo indireto, não admitindo o uso do pronome oblíquo O. Sendo assim, as alternativas A, D e E ficam excluídas. A opção C também se elimina, visto que o verbo ASSISTIR, em tal acepção, não tem como complemento pessoa, portanto não aceitando o uso do pronome oblíquo LHES.

(Inspetor da Polícia Civil – NCE) As questões 19 e 20 apresentam a mesma formulação, ou seja, deve-se marcar o item cuja frase se apresenta redigida da forma mais adequada, considerando-se clareza, elegância, precisão e correção.

19.
a) Quais de vós pretendem fazer da exceção uma regra a fim de melhorarem nossa imagem?
b) Quais de vós pretendeis fazer da exceção uma regra afim de melhorarem nossa imagem?
c) Quais de vós pretendem fazer da excessão uma regra a fim de melhorar nossa imagem?
d) Quais de vós pretendeis fazer da exceção uma regra a fim de melhorardes nossa imagem?
e) Quais de vós pretendem fazer da excessão uma regra afim de melhorarem nossa imagem?
Resposta: Opção A. Questão polêmica, havendo duas alternativas corretas: A e D. As opções C e E são, de imediato, excluídas em função da ortografia de "exceção". A alternativa B contém uma falha de concordância, visto que o primeiro verbo se encontra na segunda pessoa do plural e o segundo verbo encontra-se na terceira pessoa do plural, estando ambos a referir-se aos mesmos seres. A estrutura QUAIS DE VÓS admite tanto o uso do verbo na terceira pessoa do plural, como na segunda pessoa do plural, estando, pois, as alternativas A e E escorreitas. O critério usado para dizer-se que a opção A é a mais adequada se deu, provavelmente, pela escolha da concordância com o núcleo do sujeito e não com o adjunto adnominal. Outra interpretação cabível é o fato de a segunda pessoa do plural estar em desuso na variante brasileira da língua portuguesa, devendo privilegiar-se a terceira pessoa do plural.

20.
a) O juiz chegou antes deles decidirem sobre o custo dos telefonemas e cartas enviadas.
b) O juíz chegou antes de eles decidirem sobre o custo das telefonemas e cartas enviadas.
c) O juiz chegou antes de eles decidirem sobre o custo dos telefonemas e cartas enviadas.
d) O juíz chegou antes deles decidirem sobre o custo das telefonemas e cartas enviados.
e) O juíz chegou antes deles decidirem sobre o custo dos telefonemas e cartas enviados.
Resposta: Opção C. Como o pronome "eles" funciona como sujeito do verbo "decidirem", não poderá estar contraído com a preposição DE. TELEFONEMA é substantivo masculino, só podendo ser precedido do artigo "o". Além disso, "enviadas" teria que estar na forma feminina, visto que, por motivos semânticos, somente poderia referir-se ao termo "cartas".

Gabarito

CAPÍTULO 1

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
B	B	D	A	C	B	C	D	E	B	E	C

CAPÍTULO 2

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
A	E	A	B	D	A	D	C	B	C	C	B
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
C	A	B	E	B	B	D	B	C	A	C	A
25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
A	B	C	A	E	B	A	C	E	B	D	C
37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
B	C	D	E	C	C	C	E	E	B	B	A
49	50	51	52	53	54	55	56	57	58		
E	D	A	A	E	B	A	C	C	C		

CAPÍTULO 3

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
C	C	A	C	B	A	B	A	E	E	A	C

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
B	C	C	A	B	B	D	C	B	B	B	E
25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
C	C	C	E	D	C	C	A	C	B	B	D
37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
D	C	D	C	A	D	C	E	A	D	D	E
49	50	49	50	49	50	49	50	49	50	49	50
A	E	A	E	A	E	A	E	A	E	A	E

CAPÍTULO 4

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
A	A	C	E	A	C	A	C	D	A	D	A
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
D	C	C	D	D	B	E	E	E	C	E	C
25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
B	A	E	A	D	A	B	E	A	D	B	E
37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
B	A	B	E	E	D	B	B	A	B	B	C
49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60
D	B	B	A	E	C	D	A	B	D	A	B
61	62	63	61	62	63	61	62	63	61	62	63
C	A	C	C	A	C	C	A	C	C	A	C

CAPÍTULO 5

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
A	D	B	D	E	D	D	D	C	D	A	C
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
C	D	C	D	A	C	D	B	B	D	B	B
25	26	27	28	29	30	31	32	33	34		
D	D	E	E	B	B	C	A	A	A		

CAPÍTULO 6

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
A	E	B	D	B	A	A	D	A	A	D	A
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
A	A	C	E	C	B	E	B	E	C	C	B
25	26	25	26	25	26	25	26	25	26	25	26
A	D	A	D	A	D	A	D	A	D	A	D

CAPÍTULO 7

1	2	3	4	5	6	7
D	E	C	B	E	C	B

CAPÍTULO 8

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
A	A	D	C	D	D	C	A	B	C

CAPÍTULO 9

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
D	E	D	C	D	D	E	B	E	C	E	D

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
D	D	A	C	E	E	C	B	A	D	A	D
25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
D	D	C	D	E	B	A	B	B	D	A	E
37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
B	C	C	A	B	E	A	B	B	A	D	C
49	50	51	52	53	54	55	56				
B	E	D	C-E-E-C-C	D	E	A	D				

CAPÍTULO 10

1)

1	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONCESSIVA
2	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONDICIONAL
3	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CAUSAL
4	CONJUNÇÃO COORDENATIVA ADITIVA
5	CONJUNÇÃO COORDENATIVA ADVERSATIVA
6	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA INTEGRANTE
7	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA FINAL
8	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONSECUTIVA
9	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONFORMATIVA
10	CONJUNÇÃO COORDENATIVA CONCLUSIVA
11	CONJUNÇÃO COORDENATIVA ALTERNATIVA
12	CONJUNÇÃO COORDENATIVA EXPLICATIVA
13	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA COMPARATIVA
14	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA TEMPORAL
15	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA PROPORCIONAL
16	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA PROPORCIONAL
17	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA COMPARATIVA
18	CONJUNÇÃO COORDENATIVA ALTERNATIVA
19	CONJUNÇÃO COORDENATIVA CONCLUSIVA
20	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA INTEGRANTE
21	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONCESSIVA
22	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONDICIONAL

23	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA TEMPORAL
24	CONJUNÇÃO COORDENATIVA ADVERSATIVA
25	CONJUNÇÃO COORDENATIVA ADITIVA
26	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CAUSAL
27	CONJUNÇÃO COORDENATIVA EXPLICATIVA
28	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONFORMATIVA
29	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONSECUTIVA
30	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA FINAL

2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
C	A	A	B	C	B	D	C	C	D	E	C
14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25
D	A	C	A	A	A	B	A	C	D	E	B
26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37
A	A	C	B	A	D	B	B	A	A	C	A
38	39	40	41	42	43	44	45				
D	C	C	E	C	C	C	C				

CAPÍTULO 11

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
C	D	A	A	B	E	D	A	C	D	B	E
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	
C	E	D	D	E	E	D	B	E	B	1-C; 2-C.	

CAPÍTULO 13

1	2	3	4	5	6	7	8
E	B	A	B	B	A	D	C

CAPÍTULO 14
SEÇÃO 14.4.3.1

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
B	A	E	E	D	D	D	A	B	B

SEÇÃO 14.5
1)

b	RD-ENCONTR, VT ALOMÓRFICA-E, DNP-I;
c	RD-VENC, VT ALOMÓRFICA-I, DMT-DO;
d	RD-GARANT, DNP-I;
e	RD-GARANT, VT ALOMÓRFICA-E, DNP-M;
f	RD-GARANT, VT ALOMÓFICA-E;
g	RD-ENTEND; V T ALOMÓRFICA-I, DMT-A;
h	RD-AGUENT; VT ALOMÓRFICA-O, DNP-U;
i	RD-PASS; VT-A; DMT-SSE; DNP-M;
j	RD-PASS, DMT-E, DNP-M;
k	RD-QUER; DNP-O;
l	RD-VENC, VT ALOMÓRFICA-I, DMT-E, DNP-IS;
m	RD-PED, VT-I, DNP-U;
n	RD-ENTEND, DMT-A, DNP-MOS;
o	RD- ADMIT, VT-I, DMT-A;
p	RD- ADMIT, DNP-I;
q	RD-COM, VT-E, DNP-U;
r	RD-COM, VT ALOMÓRFICA-I, DMT-A, DNP-S;

2	3	4	5	6
A	E	E	A	B

SEÇÃO 14.6.1

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
E	E	E	E	E	E	A	E	D	D	D	C
13	14	15	16	13	14	15	16	13	14	15	16
A	C	A	E	A	C	A	E	A	C	A	E

SEÇÃO 14.7.1

1	2	3
D	C	A

SEÇÃO 14.7.2

1	2
C	E

SEÇÃO 14.7.3

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
E	D	B	E	C	C	E	D	A	A	B	E
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
C	B	B	B	A	A	B	C	A	D	B	C
25	26	27	25	26	27	25	26	27	25	26	27
D	D	B	D	D	B	D	D	B	D	D	B

SEÇÃO 14.8.1

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
A	D	B	B	E	E	B	B	B	E	C	E
13	14										
A	C										

SEÇÃO 14.9.1

1	2	3	4	5	6	7	8
C	A	B	C	B	C	C	D

SEÇÃO 14.10.1

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
E	B	B	E	E	A	E	E	C	E	E	C	D

SEÇÃO 14.14.1

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
B	A	B	B	D	C	A	A	A	C	A	D
13	14	15	16	17							
B	E	C	A	C							

SEÇÃO 14.15.1

1
A

SEÇÃO 14.16.1

1	2	3	4
A	C	E	E

SEÇÃO 14.17.4.1

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
E	E	E	E	D	B	C	B	E	A	B	D
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
C	D	B	C	C	D	C	A	C	B	A	C
25	26	27	28	25	26	27	28	25	26	27	28
A	C-C-E-E-E	E-C-E-C-E	A	A	C-C-E-E-E	E-C-E-C-E	A	A	C-C-E-E-E	E-C-E-C-E	A

SEÇÃO 14.18.1

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
A	E	D	A	C	D	E	E	C	B

SEÇÃO 14.19

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
D	B	A	B	C	A	E	B	D	E	C	A
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
D	A	E	B	C	A	A	D	D	A	C	E
25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
B	D	E	B	E	E	A	D	D	A	E	D
37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
C	B	C	A	D	D	B	A	B	B	D	D
49	50	51	49	50	51	49	50	51	49	50	51
A	B	B	A	B	B	A	B	B	A	B	B

CAPÍTULO 15

1	2	3	4	5	6	7	8	9
1,3,4,1,4,3,2,1,3,2,3,4	E	C	B	C	C	A	A	E
10	11	12	13					
C	E	D	D					

CAPÍTULO 16

1	2	3	4	5	6	7	8	9
2,1,1,2,2,3,3,1,2,3,3	C	B	D	A	E	B	C	E

CAPÍTULO 17

1	2	3	4

5,2,1,4,3,2,5	D	D	D

CAPÍTULO 18

1	2	3	4	5	6	7	8
5,1,2,6,3,1,4,6,2,3	C	E	B	E	C	E	D

CAPÍTULO 19
SEÇÃO 19.1.1

1
1,2,2,1,2,1

SEÇÃO 19.4

1	2	3	4	5	6	7	8	9
1-2-1-2-1-2	B	E	B	B	A	A	E	B
10	11	12	13	14				
B	E	A	D	C				

CAPÍTULO 20

1		
I – 1, 13;	VI – 10, 6;	XI – 14, 11;
II – 9, 1, 16;	VII – 15;	XII – 3, 11
III – 12, 13, 11;	VIII – 8, 2, 17;	XIII – 6, 1, 13;
IV – 2, 4;	IX – 1, 2, 15;	XIV – 9, 5, 11;
V – 1, 4	X – 9, 2;	XV – 3, 15;

2	3	4	5	6
D	E	D	E	C

CAPÍTULO 21
SEÇÃO 21.3.1

1
3,2,1,1,2,3

SEÇÃO 21.3.2.1

1
a) objeto direto; b) objeto indireto; c) adjunto adnominal; d) objeto direto; e) complemento nominal; f) complemento nominal; g) adjunto adnominal; h) objeto indireto; i) sujeito; j) sujeito.

SEÇÃO 21.3.3.1

1
a) objeto direto; b) sujeito; c) complemento nominal; d) objeto indireto; e) adjunto adverbial de lugar; f) objeto indireto; g) complemento nominal; h) sujeito; i) objeto direto; j) complemento nominal; k) objeto indireto; l) complemento nominal; m) adjunto adverbial de lugar.

SEÇÃO 21.3.4.1

1
I – complemento nominal – sujeito; II – objeto indireto – objeto direto; III – objeto direto – predicativo do sujeito; IV – objeto indireto – sujeito – objeto direto – objeto direto.

SEÇÃO 21.3.5

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
D	C	A	D	E	E	C	D	C	D	D	A
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
A	C	A	D	D	B	E	D	D	E	C	B

CAPÍTULO 22
SEÇÃO 22.2

1	2	3
5-4-3-1-2-1-2-3-4-5	C	D

SEÇÃO 22.4

1	2	3	4	5	6	7	8	9
3,2,5,1,7,1,6,4,4,3,2,5,1,7,5,4,2	E	D	C	D	C	D	A	A

SEÇÃO 22.6

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
C	E	E	E	A	A	A	D	E	E	C	A

SEÇÃO 22.9

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
D	B	B	A	C	B	E	E	C	A	D	B
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
D	D	B	E	A	B	B	C	E	B	D	E
25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	
E	D	A	D	E	C	D	C	C-C-C-E-E	C	B	

CAPÍTULO 24.11

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
E	C	C	E	E	E	D	A	B	B	D	A
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
E	A	A	A	E	D	C	C	D	A	C	C
25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
A	A	D	E	B	A	A	E	D	C	A	A
37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
A	C	B	D	D	E	A	C	B	B	E	A
49	50	49	50	49	50	49	50	49	50	49	50
B	D	B	D	B	D	B	D	B	D	B	D

CAPÍTULO 25

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12

C	C	C	A	C	E	C	A	A	E	E	A
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
C	C	C	A	E	A	C	B	A	A	E	A
25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
A	D	E	B	A	B	A	B	B	A	C	A
37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
A	E	D	B	D	D	A	B	D	A	A	E
49	50	49	50	49	50	49	50	49	50	49	50
A	B	A	B	A	B	A	B	A	B	A	B

CAPÍTULO 26

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
C	C	C	D	D	A	D	B	E	B	D	A
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
E	A	D	B	A	A	D	A	C	E	B	D
25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
A	D	C	A	D	E	B	A	E	B	D	D
37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
B	A	A	B	B	B	E	D	D	B	B	B
49	50	49	50	49	50	49	50	49	50	49	50
B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B

CAPÍTULO 27
SEÇÃO 27.2

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
A	D	D	D	B	C	E	B	E	B	D	A
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
A	A	E	E	C	E	D	C	E	E	B	A
25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
E	A	C	B	D	C	A	A	A	A	C	A
37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
D	B	B	B	A	B	A	C	B	A	A	C
49	50	49	50	49	50	49	50	49	50	49	50
D	B	D	B	D	B	D	B	D	B	D	B

SEÇÃO 27.4

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
A	D	E	E	C	E	A	A	E	B	B	D
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
B	D	E	E	D	E	E	E	A	D	A	E
25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
B	A	C	A	D	B	A	B	A	E	E	A
37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
B	A	B	D	E	B	C	D	A	D	C	A
49	50	49	50	49	50	49	50	49	50	49	50
A	C	A	C	A	C	A	C	A	C	A	C

CAPÍTULO 28

SEÇÃO 28.6

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
A	B	B	D	C	C	B	B	B	D	A	C	D

Bibliografia

Alencar, José de. O Guarani. 7. ed. São Paulo: Minerva, 1965.

Alves, Castro. Espumas Flutuantes. Rio de Janeiro: Record, 1997.

Aquino, Renato Monteiro de. Interpretação de Textos (Série Provas e Concusos). Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2005.

Aquino, Renato Monteiro de. Português para Concursos (Série Provas e Concursos). Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2005.

Assis, Joaquim Maria Machado de. Memórias Póstumas de Brás Cubas. Edição única. São Paulo: Abril Cultural, 1998.

Assis, Joaquim Maria Machado de. Dom Casmurro. Edição única. São Paulo: Abril Cultural, 1998.

Barreto, Afonso Henriques de Lima. Triste Fim de Policarpo Quaresma. 3. ed. São Paulo: Ática, 1987.

Bechara, Evanildo. Gramática Escolar da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

Bechara, Evanildo. Moderna Gramática Portuguesa. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

Câmara JR., Joaquim Mattoso. Estrutura da Língua Portuguesa. 35. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

Camões, Luís Vaz de. Os Lusíadas. Edição única. São Paulo: Abril Cultural, 1997.

Carneiro, Agostinho Dias. Redação em Construção. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2003.

Cunha, Celso Ferreira da. Gramática da Língua Portuguesa. 10. ed. [s.l.]: FAE, 1984.

Cunha, Celso Ferreira da; CINTRA, Luís Filipe Lindley. Nova Gramática do Português Contemporâneo. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

Cunha, Euclides da. Os Sertões. Edição única. Editora Abril, 1969.

Dubois, Jean. Dicionário de Linguística. São Paulo: Cultrix, 1993.

Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário Aurélio. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

Figueiredo, Fernando. Português no Concurso Público. 2. ed. Edição do autor. [s.l.], 1999.

Garcia, Othon Moacyr. Comunicação em Prosa Moderna. 20. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001.
Guimarães, Bernardo. A Escrava Isaura. Edição especial. [s.l.]: Sociedade Comercial e Editorial Santiago. Publicações Europa América, 1998.
Ida, Manuel Said Ali. Gramática Histórica da Língua Portuguesa. 6. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1966.
Lima, Carlos Henrique de Rocha Lima. Gramática Normativa da Língua Portuguesa. 25. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.
Luft, Celso Pedro. Moderna Gramática Brasileira. 2. ed. Rio de Janeiro: Globo, 2002.
Pessoa, Fernando. Poemas Escolhidos. O Globo, Klick Editora, 1997.
Pompéia, Raul. O Ateneu. O Globo, Klick Editora, 1997.
Queirós, Eça de. A relíquia. O Globo, Klick Editora, 1997.
Queirós, Eça de. O Primo Basílio. Edição única. São Paulo: Abril Cultural, 1969.
Ramos, Graciliano. São Bernardo. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.
Reis, Otelo. Breviário da Conjugação de Verbos. 54. ed. [s.l.]: Editora Villa Rica, 2001.
Ribeiro, Manoel Pinto. Gramática Aplicada da Língua Portuguesa. 15. ed. Rio de Janeiro: Metáfora Editora, 2005.
Sabino, Fernando. A Mulher do Vizinho. Edição Integral. São Paulo: Círculo do Livro, 1962.
VerÍssimo, Luis Fernando. As Mentiras que os Homens Contam. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ELSEVIER

MARCELO ROSENTHAL

Gramática para Concursos

Teoria e mais de 1000 questões

6ª Edição

SÉRIE PROVAS & CONCURSOS

- Livro em duas cores para facilitar o aprendizado

Inclui:

- Questões recentes de concursos para fixação

CAMPUS CONCURSOS

Selo de Qualidade
ANPAC
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PROTEÇÃO E APOIO AOS CONCURSOS

Cadastre-se em **www.elsevier.com.br** para conhecer nosso catálogo completo, ter acesso a serviços exclusivos no site e receber informações sobre nossos lançamentos e promoções.

MARCELO ROSENTHAL

Gramática para Concursos

Teoria e mais de 1000 questões

6ª Edição

SÉRIE PROVAS & CONCURSOS

CAMPUS
CONCURSOS

© 2013, Elsevier Editora Ltda.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Revisão: Irênio Silveira Chaves
Editoração Eletrônica: SBNigri Artes e Textos Ltda.
Epub: SBNigri Artes e Textos Ltda.

Coordenador da Série: Sylvio Motta

Elsevier Editora Ltda.
Conhecimento sem Fronteiras
Rua Sete de Setembro, 111 – 16º andar
20050-006 – Centro – Rio de Janeiro – RJ – Brasil

Rua Quintana, 753 – 8º andar
04569-011 – Brooklin – São Paulo – SP – Brasil

Serviço de Atendimento ao Cliente
0800-0265340
atendimento1@elsevier.com

ISBN 978-85-352-7045-7
ISBN (versão eletrônica) 978-85-352-7046-4

Nota: Muito zelo e técnica foram empregados na edição desta obra. No entanto, podem ocorrer erros de digitação, impressão ou dúvida conceitual. Em qualquer das hipóteses, solicitamos a comunicação ao nosso Serviço de Atendimento ao Cliente, para que possamos esclarecer ou encaminhar a questão.
Nem a editora nem o autor assumem qualquer responsabilidade por eventuais danos ou perdas a pessoas ou bens, originados do uso desta publicação.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Rosenthal, Marcelo
Gramática para concursos / Marcelo Rosenthal. – 6. ed. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.
584 p. – (Provas e concursos)

R727g ISBN 978-85-352-7045-7

1. Língua portuguesa – Gramática. 2. Língua portuguesa – Problemas, questões, exercícios. 3. Serviço público – Brasil – Concursos. I. Título.

13-2116. CDD: 469.5
CDU: 811.134.3'36

Dedicatórias

À minha mulher Vânia, à minha filha Júlia, aos meus pais Cláudio (in memoriam) e Edwiges (in memoriam), à minha irmã Edwiges Maria e família, a todos os meus grandes amigos, sobretudo Maurício Bueno. Também não posso deixar de lembrar-me de três amigos tão importantes na minha vida: Mauro Lasmar, Maria Suely da Silva e José Ricardo Pereira Ribeiro – os quais me deram a flor mais bela do meu pequeno jardim.

À memória do meu grande amigo Marco Aurélio Ribeiro de Brito, companheiro da pelada à Copa do Mundo.

Agradecimentos

Ao amigo e professor Paulo Paranhos, que não fez somente um trabalho de revisão, como também emitiu opiniões sobre a teoria, ofereceu-me soluções para problemas que se apresentaram, além de muito gentilmente fazer o prefácio deste livro.

À minha amiga e assistente Lilian Furtado, que colaborou bastante com pesquisa de questões de provas, digitação, revisão e formatação do texto.

Por fim, ao meu grande amigo Fernando Figueiredo, por quem nunca neguei nutrir grande admiração e de quem, em conversas informais, "arranquei" importantíssimas informações sobre a nossa língua. A objetividade de seu trabalho aliada a um grande conhecimento teórico é, para mim, um norte.

O Autor

Marcelo Rosenthal

- Formado em Letras (Português-Alemão) pela UFRJ.
- Ex-professor de Língua Portuguesa do União Concursos.
- Ex-professor de Língua Portuguesa do Pré-Concursos.
- Ex-professor de Língua Portuguesa da Degrau Cultural.
- Ex-professor de Língua Portuguesa do Curso Gabarito.
- Ex-professor de Língua Portuguesa do Curso Metta.
- Ex-professor de Língua Portuguesa do Curso Decisum.
- Professor de Língua Portuguesa da Academia do Concurso Público.
- Professor de Língua Portuguesa da Companhia dos Módulos.
- Técnico Judiciário do Tribunal Regional do Trabalho da Primeira Região.
- Professor em aulas telepresenciais disponíveis pela internet do curso Concurso Virtual – www.concursovirtual.com.br

Apresentação

O meu maior objetivo, ao escrever este material, foi ser objetivo. Sou funcionário público e passei no concurso estudando apenas em apostilas e livros especializados. Então, veio-me o seguinte raciocínio: se hoje eu fosse candidato, que informações me seriam necessárias para ter verdadeira possibilidade de aprovação?

Com esta preocupação de mostrar efetivamente o que cai em provas, comecei a trabalhar. Expus as divergências entre os principais autores e o que as bancas seguem, procurei aprofundar-me em temas comumente explorados nos concursos, porém pouco desenvolvidos nas gramáticas. Além disso, comentei gabaritos de questões, que se revelaram, pela minha experiência profissional, de extrema dificuldade para o candidato.

Por fim, volto a ressaltar a finalidade deste livro: transformar-se em uma literatura prática e específica na área de concursos, onde todos poderão dirimir suas dúvidas e esclarecer pontos de nossa língua que não constam – ou são analisados apenas superficialmente – nas obras tradicionais.

ENTRE O SONO e o sonho,
Entre mim e o que em mim
É o quem eu me suponho,
Corre um rio sem fim.
(Fernando Pessoa)

Marcelo Rosenthal

Prefácio

Até que enfim apareceu uma verdadeira gramática para o concursando. Teoria na medida certa, exercícios retirados das provas das principais bancas, abordagem de temas polêmicos exigidos pelas bancas.

Sim, porque gramáticas – e algumas muito boas – existem várias. Algumas bastante completas e complexas, que, como um dicionário e um catálogo telefônico, todos devem ter uma para consultas. Não são dirigidas a concursos, abordam assuntos que não são importantes para o concursando e, geralmente, não têm exercícios.

Há também as gramáticas escolares, que podem servir para o estudo de alguns pontos, mas são dirigidas ao ensino médio, que têm características muito diferentes. Além de não terem gabarito para os exercícios.

E os livros voltados para concursos? Teoria mínima, exercícios muitos. Mais parecem coletâneas de provas – algumas bastante defasadas – com gabarito. Raramente comentado.

O Professor Rosenthal conseguiu atingir o ponto de equilíbrio entre teoria e prática. Abordagem teórica de todos os principais conteúdos exigidos em concursos públicos na medida certa para o estudo do concursando. Exercícios em boa quantidade, sem exageros, de todos os conteúdos. Interessantes os gabaritos comentados letra a letra em questões dos conteúdos mais complexos.

A correta utilização da gramática como ferramenta para a interpretação de textos. Afinal, a Língua existe para comunicar e não para "gramaticar". Exemplo disso é a utilização de funções agentes e pacientes para o entendimento de frases com alteração semântica.

Importante também a abordagem de pontos complexos – de que muitos autores fogem – como a concordância do adjetivo adjunto e do adjetivo predicativo. A semântica dos tempos verbais. Os valores relacionais e semânticos das preposições. Paralelismo sintático.

Enfim, um livro que pode ser honestamente chamado de GRAMÁTICA PARA CONCURSOS.

Prof. Paulo Paranhos

Sumário

Capa

Cadastro

Folha de Rosto

Créditos

Dedicatórias

Agradecimentos

O Autor

Apresentação

Prefácio

Capítulo 1 – Fonologia

- **1.1. Letra e Fonema**
- **1.2. Ditongo**
  - 1.2.1. Ditongo decrescente
  - 1.2.2. Ditongo crescente
  - 1.2.3. Ditongo oral
  - 1.2.4. Ditongo nasal
  - 1.2.5. Ditongo fonético
- **1.3. Tritongo**
- **1.4. Hiato**
- **1.5. Glide**

1.6. Dígrafo
1.7. Letra diacrítica
1.8. Encontro consonantal
1.9. Exercícios

Capítulo 2 – Ortografia

2.1. Palavras que se escrevem com "ESA"
2.2. Palavras que se escrevem com "EZA"
2.3. Palavras que se escrevem com "ÊS"
2.4. Palavras que se escrevem com "EZ"
2.5. Palavras que se escrevem com "OSO", "OSA"
2.6. Palavras que se escrevem com "ISAR"
2.7. Palavras que se escrevem com "IZAR"
2.8. Palavras que se escrevem com "S"
2.9. Palavras que se escrevem com "Z"
2.10. Palavras que se escrevem com "X"
2.11. Palavras que se escrevem com "CH"
2.12. Palavras que se escrevem com "Ç" ou "C"
2.13. Palavras que se escrevem com "SS"
2.14. Palavras que se escrevem com "SC"
2.15. Palavras que se escrevem com "G"
2.16. Palavras que se escrevem com "J"
2.17. Palavras especiais
2.18. uso do porquê
2.18.1. Porque
2.18.2. Porquê
2.18.3. Por que
2.18.4. Por quê
2.19. Uso do "mal"
2.19.1. Mal (antônimo de bem)
2.19.2. Mal (conjução subordinativa temporal)
2.19.3. Mau (antônimo de bom)
2.20. Uso do hífen em prefixos – regra geral

2.21. Parônimos

2.22. Homônimos

2.23. Casos especiais

2.23.1. Abaixo / a baixo

2.23.2. Acerca de/ cerca de/ a cerca de/ há cerca de

2.23.3. Acima / a cima

2.23.4. Afim / a fim de

2.23.5. Afora / a fora

2.23.6. Ao encontro de / de encontro a

2.23.7. Aparte / à parte

2.23.8. Apedido ou a-pedido / a pedido

2.23.9. Bem-posto / bem posto

2.23.10. Conquanto / com quanto

2.23.11. Contudo / com tudo

2.23.12. Dantes / de antes

2.23.13. Debaixo / de baixo

2.23.14. Demais / de mais

2.23.15. Desapercebido / despercebido

2.23.16. Detrás / de trás

2.23.17. Devagar / de vagar

2.23.18. Dia-a-dia / dia a dia

2.23.19. Em vez de / ao invés de

2.23.20. Enfim / em fim

2.23.21. Enquanto / em quanto

2.23.22. Malgrado / mau grado

2.23.23. Nenhum / nem um

2.23.24. Porventura / por ventura

2.23.25. Porquanto / por quanto

2.23.26. Portanto / por tanto

2.23.27. Sem-cerimônia / sem cerimônia

2.23.28. Sem-fim / sem fim

2.23.29. Sem-número / sem número

2.23.30. Se não / senão
2.23.31. Sobretudo / sobre tudo
2.23.32. Tampouco / tão pouco
2.24. Formas variantes
2.25. Exercícios

Capítulo 3 – Regras de Acentuação

3.1. Monossílabos tônicos
3.2. Oxítonas
3.3. Paroxítonas
3.4. Proparoxítonas
3.5. Ditongos abertos ÉI(S), ÉU(S), ÓI(S)
3.6. "I" e "U", quando isolados numa sílaba
3.7. "OO" ou "EE"
3.8. Acento diferencial
3.8.1. Intensidade
3.8.2. Timbre
3.8.3. Número / pessoa
3.9. Trema
3.10. Exercícios

Capítulo 4 – Estrutura dos Nomes

4.1. Radical
4.2. Afixos
4.3. Vogal temática
4.4. Desinências
4.4.1. De gênero
4.4.2. De número
4.4.3. De grau
4.5. Vogais e consoantes de ligação
4.6. Formação dos nomes
4.6.1. Composição
4.6.1.1. Justaposição

4.6.1.2. Aglutinação
4.6.2. Derivação
4.6.2.1. Sufixal
4.6.2.2. Prefixal
4.6.2.3. Prefixal e sufixal (derivação sucessiva)
4.6.2.4. Parassintética
4.6.2.5. Regressiva
4.6.3. Conversão
4.6.4. Hibridismo
4.6.5. Reduplicação
4.6.6. Abreviação
4.6.7. Sigla
4.6.8. Neologismo
4.7. Prefixos latinos
4.8. Prefixos gregos
4.9. Relação de sufixos
4.10. Correspondência entre prefixos gregos e latinos
4.11. Latinismos
4.12. Exercícios

Capítulo 5 – Substantivo

5.1. Substantivo concreto
5.2. Substantivo abstrato
5.3. Substantivo simples
5.4. Substantivo composto
5.5. Substantivo primitivo
5.6. Substantivo derivado
5.7. Substantivo comum
5.8. Substantivo próprio
5.9. Coletivo
5.10. Flexão nominal
5.10.1. Gênero
5.10.1.1. Comum de dois gêneros

5.10.1.2. Sobrecomum
5.10.1.3. Epiceno ou promíscuo
5.10.1.4. Heterônimo ou desconexo
5.10.1.5. Lista especial de femininos
5.10.1.6. Casos especiais de gênero dos substantivos
5.10.1.7. Substantivos que mudam de sentido com a mudança do gênero
5.10.2. Número
5.10.2.1. Plural de alguns substantivos
5.10.2.2. Regras do plural de substantivos simples
5.10.2.3. Plural dos substantivos compostos
5.10.2.4. Relação de substantivos compostos no plural
5.10.2.5. Plural com metafonia
5.10.3. Grau
5.10.3.1. Aumentativos
5.10.3.2. Diminutivos
5.11. Exercícios

Capítulo 6 – Adjetivo

6.1. Adjetivo restritivo
6.2. Adjetivo explicativo
6.3. Grau dos adjetivos
6.3.1. Comparativo
6.3.2. Superlativo
6.4. Formação dos superlativos absolutos sintéticos
6.5. Relação de superlativos absolutos sintéticos
6.6. Locuções adjetivas
6.6.1. Lista de locuções adjetivas
6.7. Adjetivo com valor subjetivo ou indicativo de “qualidade”
6.8. Adjetivo com valor objetivo ou indicativo de “característica”
6.9. Exercícios

Capítulo 7 – Artigo

7.1. Artigo definido

7.2. Artigo indefinido
7.3. Exercícios

Capítulo 8 – Advérbio

8.1. Graus do advérbio
8.1.1. Comparativo
8.1.2. Superlativo
8.2. Locução adverbial
8.3. Palavras denotativas ou partículas expletivas
8.4. Exercícios

Capítulo 9 – Pronome

9.1. Pronomes pessoais retos
9.2. Pronomes pessoais oblíquos
9.3. Pronomes possessivos
9.4. Pronomes demonstrativos
9.4.1. Usos especiais de pronomes demonstrativos
9.4.2. Casos especiais de pronome demonstrativo
9.5. Pronomes indefinidos
9.6. Pronomes relativos
9.7. Pronomes interrogativos
9.8. Pronomes de tratamento
9.9. Pronome reflexivo
9.10. Pronome recíproco
9.11. Pronome parte integrante do verbo
9.12. Estudo da colocação dos pronomes
9.13. Contração dos pronomes oblíquos átonos em verbos transitivos diretos e indiretos
9.14. Exercícios

Capítulo 10 – Conjunções

10.1. Conjunções coordenativas
10.1.1. Aditivas

10.1.2. Adversativas
10.1.3. Alternativas
10.1.4. Conclusivas
10.1.5. Explicativas
10.2. Conjunções subordinativas
10.2.1. Causais
10.2.2. Concessivas
10.2.3. Condicionais
10.2.4. Temporais
10.2.5. Consecutivas
10.2.6. Finais
10.2.7. Proporcionais
10.2.8. Conformativas
10.2.9. Comparativas
10.2.10. Integrantes
10.3. Exercícios

Capítulo 11 – Preposição

11.1. Essenciais
11.2. Acidentais
11.3. Locuções prepositivas
11.4. Combinação
11.5. Contração
11.6. Valores semânticos das preposições
11.7. Exercícios

Capítulo 12 – Interjeição

Capítulo 13 – Numeral

13.1. Numeral substantivo
13.2. Numeral adjetivo
13.3. Classificação
13.3.1. Multiplicativo

13.3.2. Fracionário
13.3.3. Ordinais
13.3.4. Cardinais
13.4. Exercícios

Capítulo 14 – Verbo

14.1. Verbos regulares
14.2. Verbos irregulares
14.3. Verbos anômalos
14.4. Os valores semânticos dos verbos e as ideais correlações
14.4.1. Modo indicativo
14.4.2. Modo subjuntivo
14.4.3. Modo imperativo
14.4.3.1. Correlação de Tempos
14.5. Estrutura dos verbos
14.5.1. Radical
14.5.2. Vogal temática
14.5.3. Tema
14.5.4. Desinência modo-temporal
14.5.5. Desinência número-pessoal
14.5.5.1. Exercícios
14.6. Formação de imperativo
14.6.1. Exercícios
14.7. Formas nominais
14.7.1. Gerúndio
14.7.1.1. Exercícios
14.7.2. Particípio
14.7.2.1. Particípios Duplos
14.7.2.2. Exercícios
14.7.3. Infinitivo
14.7.3.1. Exercícios
14.8. Falsos derivados
14.8.1. Exercícios

14.9. Verbos impessoais
14.9.1. Exercícios
14.10. Verbos defectivos
14.10.1. Exercícios
14.11. Formas rizotônicas e arrizotônicas verbais
14.11.1. Rizotônicas
14.11.2. Arrizotônicas
14.12. Verbos terminados em IAR
14.13. Verbos terminados em EAR
14.14. Verbos terminados em GUAR
14.14.1. Exercícios
14.15. Verbos terminados em Uir
14.15.1. Exercício
14.16. Verbos prazer, aprazer e desprazer
14.16.1. Exercícios
14.17. Vozes verbais
14.17.1. Voz ativa
14.17.2. Voz passiva
14.17.3. Voz reflexiva
14.17.4. Voz reflexiva com valor recíproco
14.17.4.1. Exercícios
14.18. Tempos compostos
14.18.1. Exercícios
14.19. Exercícios de revisão

Capítulo 15 – Sujeito

15.1. Sujeito simples
15.2. Sujeito composto
15.3. Sujeito inexistente ou oração sem sujeito
15.4. Sujeito indeterminado
15.5. Exercícios

Capítulo 16 – Predicado

16.1. Predicado nominal
16.2. Predicado verbal
16.3. Predicado verbo-nominal
16.4. Exercícios

Capítulo 17 – Predicativo

17.1. Do sujeito
17.2. Do objeto
17.3. Exercícios

Capítulo 18 – Objeto

18.1. Direto
18.2. Indireto
18.3. Direto preposicionado
18.4. Pleonástico
18.5. Objeto direto interno ou cognato
18.6. Exercícios

Capítulo 19 – Complemento Nominal e Adjunto Adnominal

19.1. Complemento nominal
19.1.1. Exercícios
19.2. Adjunto adnominal
19.3. Complemento nominal X adjunto adnominal
19.4. Exercícios
19.5. Exercícios com gabarito comentado acerca de complemento nominal e adjunto adnominal

Capítulo 20 – Adjunto Adverbial

20.1. Classificação
20.2. Exercícios

Capítulo 21 – Agente da Passiva, Aposto e Vocativo

21.1. Agente da Passiva
21.2. Aposto

21.2.1. Aposto denominativo
21.2.2. Aposto explicativo
21.2.3. Aposto enumerativo
21.2.4. Aposto resumitivo
21.2.5. Aposto distributivo
21.3. Vocativo
21.3.1. Exercícios
21.3.2. Análise sintática do pronome oblíquo
21.3.2.1. Exercícios
21.3.3. Análise sintática do pronome relativo
21.3.3.1. Exercícios
21.3.4. Análise sintática de pronome demonstrativo e pronome relativo juntos
21.3.4.1. Exercícios
21.3.5. Exercícios

Capítulo 22 – Classificação de Orações

22.1. Orações coordenadas
22.1.1. Assindéticas
22.1.2. Sindéticas
22.1.2.1. Aditivas
22.1.2.2. Adversativas
22.1.2.3. Alternativas
22.1.2.4. Conclusivas
22.1.2.5. Explicativas
22.2. Exercícios
22.3. Orações subordinadas
22.3.1. Substantivas
22.3.1.1. Subjetivas
22.3.1.2. Objetivas diretas
22.3.1.3. Objetivas indiretas
22.3.1.4. Completivas nominais
22.3.1.5. Predicativas

22.3.1.6. Apositivas
22.3.1.7. Agentes da passiva
22.4. Exercícios
22.5. Orações subordinadas adjetivas
22.6. Exercícios
22.7. Orações subordinadas adverbiais
22.7.1. Causais
22.7.2. Concessivas
22.7.3. Condicionais
22.7.4. Temporais
22.7.5. Consecutivas
22.7.6. Finais
22.7.7. Proporcionais
22.7.8. Conformativas
22.7.9. Comparativas
22.7.10. Modais
22.8. Orações reduzidas
22.9. Exercícios

Capítulo 23 – Paralelismo Sintático

23.1. Exercícios com gabarito comentado sobre paralelismo

Capítulo 24 – Pontuação

24.1. Uso de vírgula
24.2. Uso de ponto e vírgula
24.3. Uso do ponto
24.4. Uso de dois-pontos
24.5. Uso de exclamação
24.6. Uso de interrogação
24.7. Uso de reticências
24.8. Uso de aspas
24.9. Uso de parênteses
24.10. Uso de travessão

24.11. Exercícios

Capítulo 25 – Crase

25.1. Primeira regra básica
25.2. Segunda regra básica
25.3. Terceira regra básica
25.4. Casos Especiais
25.5. Exercícios

Capítulo 26 – Regência

26.1. Regência verbal
26.2. Regência nominal
26.3. Exercícios

Capítulo 27 – Concordância

27.1. Concordância verbal
27.2. Exercícios
27.3. Concordância nominal
27.4. Exercícios

Capítulo 28 – Estilística

28.1. Figuras de som
28.1.1. Aliteração
28.1.2. Onomatopeia
28.2. Figuras de construção ou sintaxe
28.2.1. Anacoluto
28.2.2. Anáfora
28.2.3. Anástrofe ou inversão
28.2.4. Assíndeto
28.2.5. Elipse
28.2.6. Hipálage
28.2.7. Hipérbato
28.2.8. Pleonasmo ou redundância
28.2.9. Polissíndeto

28.2.10. Silepse
28.2.11. Zeugma
28.2.12. Repetição ou reduplicação
28.3. Figuras de pensamento
28.3.1. Antítese
28.3.2. Eufemismo
28.3.3. Hipérbole
28.3.4. Ironia
28.3.5. Paradoxo ou oxímoro
28.3.6. Prosopopeia, personificação ou animismo
28.4. Figuras de palavras
28.4.1. Antonomásia
28.4.2. Catacrese
28.4.3. Comparação ou símile
28.4.4. Metáfora
28.4.5. Metonímia
28.4.6. Sinestesia
28.5. Vícios de linguagem
28.5.1. Ambiguidade
28.5.2. Barbarismo
28.5.3. Cacófato
28.5.4. Solecismo
28.6. Exercícios

Capítulo 29 – Coesão e Coerência Textual

29.1. Coesão sequencial
29.2. Coesão referencial
29.3. Coerência textual
29.4. Exercícios com gabarito comentado

Capítulo 20 – Teoria Argumentativa

30.1. Denotação
30.2. Conotação

30.3. Descrição
30.4. Narração
30.5. Dissertação
30.6. Tese
30.7. Argumento
30.8. Recorrência textual
30.9. Inferência textual
30.10. Exercícios com gabarito comentado sobre teoria argumentativa
30.11. Alteração de funções sintáticas em questões de interpretação
30.12. Exercícios com gabarito comentado sobre alteração de funções sintáticas

Capítulo 31 – Questões Comentadas de Concursos

Apêndice: exercícios de provas com gabarito comentado
Esaf
NCE

Gabarito

Bibliografia

Capítulo 1

Fonologia

Fonologia é o estudo dos sons.

1.1. Letra e Fonema

Letra – É uma representação gráfica do fonema, que é uma formação sonora.

Fonema – É uma formação sonora.

Obs.: Cabe ressaltar que nem sempre uma letra corresponde a um fonema. Por exemplo, a letra "X" pode representar vários sons diferentes, como em TÁXI, EXATO, MUXOXO.

É também interessante observar que existem vocábulos com mais letras do que fonemas, mas também podem existir outros com mais fonemas do que letras.

Ex.: TÁXI – 4 letras e 5 fonemas.

HOJE – 4 letras e 3 fonemas.

1.2. Ditongo

Encontro de uma VOGAL com uma SEMIVOGAL. Ex.: pai, dói, réu, quanto.

1.2.1. Ditongo decrescente

É quando a sequência específica é VOGAL + SEMIVOGAL. Ex.: seis, meu.

1.2.2. Ditongo crescente

É quando a sequência específica é SEMIVOGAL + VOGAL. Ex.: quanto, silêncio.

BIZU

Facilita ao candidato observar que a semivogal terá sempre o som de "i" ou "u", mesmo que não estejam representados por estas letras. Ex.: caos – a letra "o" aqui é uma representação gráfica do fonema "u", por isso não é uma

vogal, e sim uma semivogal, formando, portanto, um ditongo decrescente.

1.2.3. Ditongo oral

É o ditongo pronunciado pela boca sem que o som passe pela narina.
Ex.: viu, boi.

1.2.4. Ditongo nasal

É o ditongo cujo som passa pela narina.
Ex.: não, muito.

1.2.5. Ditongo fonético

É o caso dos ditongos perceptíveis pela pronúncia.
Ex.: Ele tem – A pronúncia desta palavra inclui o fonema "I" apesar de não estar escrito, diferentemente do que ocorre em tempo, onde não há o som deste "I". É sutil a diferença: "TEIM" e "TEMPO". O mesmo fenômeno ocorre com "estavam", que se pronuncia com o acréscimo do fonema "U", o mesmo não sucedendo com "vantagem". Nós pronunciamos "ESTAVÃU" e "VANTAGEM".

1.3. Tritongo

É o encontro sequencial de uma semivogal + uma vogal + uma semivogal.
Ex.: Paraguai, apazigueis.

1.4. Hiato

É o encontro de duas vogais.
Ex.: hiato, uísque.

1.5. Glide

É a sequência de um ditongo + hiato.
Ex.: boia, seio.

Obs.: É sempre importante perceber que em uma sílaba só pode haver uma vogal – nunca mais do que uma, nunca menos do que uma. Então, em um ditongo, o que ocorre é o encontro de uma vogal com uma semivogal e, no tritongo, de uma vogal com duas semivogais.

1.6. Dígrafo

O nome já explica do que se trata: dupla grafia, formando, contudo, apenas um fonema. Os casos são: RR, SS, CH, LH, NH, GU, QU, SC, XC,

SÇ e as NASALIZAÇÕES representadas pelas letras M e N.

Ex.: carro, osso, enchova, molho, unha, jogue, querido, oscilação, exceder, nasço, campo, tonto.

Obs.: As letras ocorrentes nos dígrafos RR, SS, SC, XC, SÇ não podem ficar na mesma sílaba.

Ex.: ex-ce-len-te; guer-ra; as-sas-si-no; nas-cer.

Obs.: "AM" e "EM", em fim de palavra, não formam dígrafos, mas sim ditongos.

Ex.: compravam (vãu), também (beim).

Obs.: Os dígrafos consonantais são aqueles em que a consoante se pronuncia: RR, SS, CH, LH, NH, SC, XC, SÇ, GU e QU – repare que, nesses dois últimos casos, pronunciam-se as consoantes G (GUE) e Q (QUE).

Todos os casos de nasalização formam os dígrafos vocálicos, pois são as vogais nasalizadas que são pronunciadas.

1.7. Letra diacrítica

É a letra não pronunciada nos dígrafos. Nos dígrafos SC, XC, e SÇ, a primeira letra é a diacrítica. As letras M e N nas nasalizações são as diacríticas. Nos demais dígrafos, a segunda letra será a diacrítica.

1.8. Encontro consonantal

É o encontro de consoantes pronunciadas, podendo estar na mesma sílaba ou não. É importante destacar que os dígrafos não constituem encontros consonantais.

Ex.: cratera, corte.

Obs.: A palavra MARCHA possui um dígrafo (CH) e um encontro consonantal (formada pelo R e pelo X que está representado pelo dígrafo CH).

1.9. Exercícios

1. (Analista de Sistemas – Furnas – Funrio) Qual dos provérbios abaixo está acompanhado da correta identificação de dígrafos e encontros consonantais?

a) Quem semeia vento colhe tempestade – quatro dígrafos e dois encontros consonantais.

b) Mais vale um pássaro na mão do que dois voando – quatro dígrafos e nenhum encontro consonantal.

c) Em terra de sapo, mosquito não dá rasante – três dígrafos e dois encontros consonantais.

d) Farinha pouca, meu pirão primeiro – dois dígrafos e um encontro consonantal.

e) Quanto mais eu rezo, mais assombração me aparece – quatro dígrafos e dois

encontros consonantais.

2. (Analista MPOG – Funrio) A única opção em que todas as palavras contêm hiato é:
a) aguardente – historiador – impõem – realidade;
b) desmiolado – incoerente – proibido – seriedade;
c) açaí – alaúde – caraminguás – destruímos;
d) lambari – minhoca – numeroso – polidez;
e) enxaguei – paraguaio – piauiense – saguão.

3. Assinale a opção em que aparece uma letra diacrítica:
a) móvel
b) táxi
c) animais
d) nunca
e) qualidade

4. Assinale a opção em que há mais fonemas do que letras:
a) nexo
b) silêncio
c) máximo
d) ninguém
e) guerra

5. Assinale a opção em que ocorre um ditongo fonético:
a) cueca
b) vadio
c) ninguém
d) biônico
e) hediondo

6. (PUC-SP) Nas palavras ANJINHO, CARROCINHAS, NOSSA e RECOLHENDO, podemos detectar oralmente a seguinte quantidade de fonemas:
a) três, quatro, dois, quatro;
b) cinco, nove, quatro, oito;
c) seis, dez, cinco nove;
d) três, seis, dois, cinco;
e) sete, onze, cinco, dez.

7. (DEPEN – Funrio) Qual a única série de palavras que contém dígrafos consonantais?
a) através – problemas – crateras – caboclos.
b) ternura – caspa – resultado – êxtase.
c) farrista – aquecido – exceto – milharal.
d) tampas – ventania – sintoma – fundação.

e) hálito – hélice – hino – humilde.

8. (TRE-MG) Ambas as palavras contêm exemplo de hiato em:
a) árduo / mãe
b) área / chapéu
c) diário / quota
d) pavio / moer
e) luar / anzóis

9. (Uni-Rio) Assinale a opção em que o vocábulo apresenta ao mesmo tempo um encontro consonantal, um dígrafo consonantal e um ditongo fonético:
a) ninguém
b) coalhou
c) iam
d) nenhum
e) murcham

10. (PUC) Um mesmo fonema pode ser grafado de diferentes maneiras. Qual a lista de palavras que exemplifica essa afirmação?
a) paciente – centro – existência.
b) existência – meses – batizaram.
c) projeto – prejudicando – propõe.
d) quem – quando – psiquiatra.
e) coisa – incomoda – continuidade.

11. (NCE) "... uma vacina experimental atingiu as condições exigidas..."
A letra em destaque no trecho acima transcrito representa o mesmo som da letra destacada em:
a) tó<u>x</u>ico;
b) en<u>x</u>ame;
c) má<u>x</u>imo;
d) ino<u>x</u>idável;
e) ine<u>x</u>orável.

12. (NCE) "Nas noites de Nova Lima, <u>quando</u> buscava repouso..." Quantos fonemas e letras existem na palavra destacada?
a) 4 fonemas / 5 letras / 1 dígrafo
b) 6 fonemas / 4 letras / 1 dígrafo
c) 5 fonemas / 6 letras
d) 6 fonemas / 6 letras
e) 4 fonemas / 6 letras / 1 dígrafo

Capítulo 2

Ortografia

2.1. Palavras que se escrevem com "ESA"

burguesa, chinesa, despesa, escocesa, francesa, inglesa, japonesa, holandesa, mesa, pequinesa, portuguesa etc.

BIZU

Se conseguirmos completar a frase "ELA É", a palavra será sempre com **"S"**.
Ex.: Ela é chinesa. Ela é pequinesa.

2.2. Palavras que se escrevem com "EZA"

alteza, avareza, beleza, crueza, fineza, firmeza, lerdeza, proeza, pureza, singeleza, tristeza etc.

2.3. Palavras que se escrevem com "ÊS"

burguês, chinês, cortês, escocês, francês, inglês, irlandês, montanhês, pedrês, português etc.

BIZU

Se conseguirmos completar a frase "ELE É", a palavra será com "S".
Ex.: Ele é cortês. Ele é burguês. Ele é francês.

2.4. Palavras que se escrevem com "EZ"

altivez, embriaguez, estupidez, intrepidez, palidez, morbidez, pequenez, talvez, vez, viuvez etc.

2.5. Palavras que se escrevem com "OSO", "OSA"

audacioso(a), brioso(a), cauteloso(a), criterioso(a), delicioso(a), formoso(a), gostoso(a), perigoso(a), pomposo(a), teimoso(a), valioso(a)

etc.

2.6. Palavras que se escrevem com "ISAR"

alisar, analisar, avisar, bisar, paralisar, pesquisar, pisar etc.

BIZU

Para que estes vocábulos se escrevam com **"S"**, é necessário que no próprio radical já haja a letra **"S"**.

Ex.: AVISAR-AVISO, ANALISAR-ANÁLISE, BISAR-BIS, PARALISAR-PARALISIA.

2.7. Palavras que se escrevem com "IZAR"

amenizar, avalizar, catequizar, desmobilizar, despersonalizar, esterilizar, estigmatizar, finalizar, generalizar, harmonizar, poetizar, profetizar, racionalizar, sensacionalizar, urbanizar etc.

BIZUS

Apesar de CATEQUIZAR se derivar de CATEQUESE, aquele termo se escreve com **Z** e este, com **S**.

As palavras POETIZAR e PROFETIZAR não se derivam de POETISA e PROFETISA, mas sim de POETA e PROFETA. Por isso as primeiras se escrevem com **Z** e as últimas, com **S**.

2.8. Palavras que se escrevem com "S"

anis, atrás, brasa, compreensão, conversível, coser (costurar), esôfago, esotérico, esoterismo, espectador, esplêndido, estender, esterco, estéril, estorvo, extravasar, fusível, gás, gasolina, guisado, heresia, hesitar, hipnose, hipocrisia, imersão, misto, revés, sesta, asilo, isolar, isquemia, oscular, querosene, quis, quiser, puser, siso, poetisa, profetisa, sacerdotisa, submerso, usina, usufruir, usura, usurpar, versátil, inserto (inserido), consertar (reparar), servo (servente), serração (ato de serrar), intensão (intensidade).

2.9. Palavras que se escrevem com "Z"

azar, azougue, azenha, azeitona, azeite, azinhavre, balizar, bizantino,

bizarro, buzina, cozer (cozinhar), dezena, dizimar, fuzil, aprazível, deslize, falaz, fezes, fugaz, gazeta, giz, gozar, hipnotizar, tez, algazarra, foz, prazerosamente, ojeriza, perspicaz, proeza, desprezar, vazar, revezar, xadrez, azia, aziago.

2.10. Palavras que se escrevem com "X"

bexiga, coxo, engraxar, sintaxe, caxumba, faxina, maxixe, muxoxo, paxá, praxe , xale, xícara, excitante, xavante, xereta, baixo, trouxe, enxada, enxaguar, enxame, enxaqueca, enxerto, enxotar, enxoval, enxugar, enxurrada, enxuto, seixo, faixa, exacerbar, exotérmico, exorcismo, expletivo, expirar, expelir, expectativa, expor, explicar, extasiar, exterminar, extensão, extenso, extorsivo, exuberante, exalar, exaltar, exame, exarar, exaustão, exéquias, exílio, exímio, êxito, êxodo, exonerar, exótico, exumação, broxa (pincel), buxo (arbusto ornamental), xá (título de soberano do Oriente), xeque (incidente no xadrez), coxa (parte da perna), taxa (tributo), quixotesco.

2.11. Palavras que se escrevem com "CH"

enchova, encharcar, encher, enchiqueirar, enchoçar, enchente, enchouriçar, chave, chuchu , chicote, chifre, chispar, chimpanzé, choupana, chorumela, chulo, chumaço, chusma, chavão, charuto, champanha, chacina, chantagem, chaminé, chicana, chibata, chiar, brocha (prego), bucho (estômago de animais), chá (arbusto), cheque (ordem de pagamento), cocha (gamela), tacha (prego).

2.12. Palavras que se escrevem com "Ç" ou "C"

à beça, almaço, terçol, ressurreição, exceção, cessação, açucena, joça, camurça, mormaço, presunção, torção, trança, soçobrar, troço, pança, maçarico, maciço, ruço (grisalho), aguçar, caçula, seção (departamento), retenção, abstenção, disfarçar, alcançar, cetim, incentivo, acento (sinal gráfico), caçar, céticos, cela (aposento), cerração (nevoeiro), cervo (veado), decertar (lutar), empoçar (formar poça), intenção (propósito), paço (palácio), sucinto, silêncio.

2.13. Palavras que se escrevem com "SS"

admissão, demissionário, transmissão, emissor, expressão, expresso, impressionismo, compressor, assado, passar, ingressar, progresso, sucesso, discussão, repercussão, promessa, remessa, agressivo, transgressão,

antiquíssimo, tenacíssimo, excesso, dissensão, sossego, pêssego, massagem, secessão, necessário, escasso, escassez, sessão (reunião), cessão (ceder), sessar (peneirar), russo (natural da Rússia), passo (passada), empossar (dar posse), cassar (anular), dissertar (discorrer).

2.14. Palavras que se escrevem com "SC"

abscissa, abscesso, adolescente, ascensão, ascensorista, consciência, cônscio, descendente, descensão, descentralizar, descente (vazante), discente, disciplina, discípulo, isósceles, nascer, obsceno, oscilação, piscina, rescindir, rescisão, ressuscitar, suscitar.

2.15. Palavras que se escrevem com "G"

angelical, gíria, tigela, rigidez, monge, ogiva, agiota, herege , genuíno, algemas, gergelim, gesso, egípcio, gironda, infringir, bugiganga, viagem (substantivo), vagem, estiagem, folhagem, geringonça, ginete, gengiva, sargento, agir, coragem, ferrugem, tragédia, gesto.

2.16. Palavras que se escrevem com "J"

igrejinha, laje, lajeado, varejista, sarjeta, gorjeta, anjinho, canjica, viajem (verbo), encorajem (verbo), enferrujem (verbo), cafajeste, cerejeira, injeção, enrijecer, berinjela, jejuar, jérsei, interjeição, jesuíta, jiboia, lambujem, majestade, jirau, ultraje, traje, ojeriza, jenipapo, pajé, pajem, jeito, jiló.

2.17. Palavras especiais

aborígine, sesta, empecilho, disenteria, digladiar, dilapidar, discrepância, terebintina, cabeleireiro, manteigueira, manteiga, bandeja, nódoa, botequim, poleiro, tábua, polir, impingir, incesto, incólume, inconteste, incontinenti, corpóreo, indelével, empório, desperdício, desprezo, dessecar, despensa (armário de cozinha), dispensa (licença), discernir, privilégio, dissecar, aterrissar, amerissar, hilaridade, descortino, beneficência, beneficente, prazerosamente, destilação, abóboda, caranguejo, impigem, mendigo, mortadela, óbolo, octogésimo, dignitário, meritíssimo, focinho, destilar, sequer, discrição (discreto), descrição (descrever), bulir, bueiro, ureter, mocambo, sortir (abastecer), surtir (dar resultado), lombriga, ansiar, arriar, lampião, discriminar (isolar), descriminar (inocentar), dentifrício, paletó, periquito, creolina, bodega, soar (som), suar (transpirar), peão (pessoa), pião (brinquedo),

espontâneo, uísque, goela, zoada, pexote, encarnação, rédea, descortinar.

2.18. uso do porquê

2.18.1. Porque

Escrevemos **PORQUE** (junto e sem acento): – quando for conjunção e puder ser substituído por: **visto que, uma vez que.** Dará a ideia de resposta.

Ex.: "Albernaz, também, porque via na sua festa, com um número de folclore, meio de chamar a atenção sobre sua casa, atrair gente..." (Lima Barreto)

"Fi-lo, porque qui-lo" (Jânio Quadros).

2.18.2. Porquê

Escrevemos **PORQUÊ** (junto e com acento):

– quando for **substantivo** e, neste caso, poderá ser substituído por **o motivo, a razão...**

Ex.: Não sei o porquê (motivo) de sua presença aqui.

Explicaram-me o porquê (a razão) de tudo isto ter acontecido.

– quando for uma conjunção em final de frase interrompida.

Ex.: Ele faltou, porquê...

Maria está triste, porquê...

2.18.3. Por que

Escrevemos **POR QUE** (separado e sem acento):

– quando houver uma interrogativa direta

Ex.: Por que ele não veio?

Por que chove tanto no Rio de Janeiro?

– quando houver uma interrogativa indireta, e, neste caso, o termo poderá ser substituído por **POR QUE RAZÃO, POR QUE MOTIVO.**

Ex.: Perguntei por que estava de castigo. (Raul Pompéia)

Não explicaram por que (por que motivo) esta tragédia ocorreu.

– quando o **que** for pronome relativo e puder ser substituído por **qual**.

Ex.: Não conheço o caminho por que (pelo qual) vocês vieram.

As dificuldades por que (pelas quais) passei jamais serão esquecidas.

2.18.4. Por quê

Escrevemos **POR QUÊ** (separado e com acento) quando estiver no fim de uma oração interrogativa direta ou indireta.

Ex.: Ele não veio por quê?
Ele não veio nem disse por quê.

2.19. Uso do "mal"

2.19.1. Mal (antônimo de bem)

Escrevemos **MAL** quando este termo for **substantivo** ou **advérbio**, e, nos dois casos, puder ser substituído pelo antônimo **BEM.**

Ex.: Não devemos praticar o mal (bem).
Eles falam muito mal (bem) de você.
Perivaldo foi mal (bem) utilizado nesta partida.
Ele foi mal (bem) criado pelos pais.
Ele foi mal (bem) educado pelos pais.

2.19.2. Mal (conjução subordinativa temporal)

Escrevemos **MAL** quando este termo for conjunção subordinativa temporal e puder ser substituído por **LOGO QUE, ASSIM QUE.**

Ex.: Mal (assim que) ele chegou, todos saíram.
Mal (logo que) o Flamengo fez o gol, o Bangu empatou.

2.19.3. Mau (antônimo de bom)

Escrevemos **MAU** quando este termo for adjetivo e puder ser substituído pelo seu antônimo **BOM.**

Ex.: Ele é um mau (bom) menino.
Hoje foi um mau (bom) dia.

Obs. : **MAL** (podendo ser substituído por **BEM**) poderá fazer parte de um adjetivo composto, estando ligado a um segundo termo (adjetivo). Haverá hífen se este segundo termo começar por **H** ou por **vogal.**

Ex.: Ele é muito mal-educado.
Ele é mal-humorado.
Houve um mal-entendido.
Ele é malcriado.

Quando **MAU** (podendo ser substituído por **BOM**) estiver ligado a um substantivo, funcionará como adjetivo. A sua forma feminina é: **MÁ.**

Ex.: Ela praticou uma má-educação.
Ele recebeu uma má educação dos pais.
Mariazinha fez uma má-criação.
A má criação dos jovens é reflexo dos problemas econômicos dos pais.

Ele tem um grande mau humor.
As más-criações serão punidas.

!	**ATENÇÃO**:
	Preste atenção ao fato de que, no primeiro, no terceiro e no sexto exemplos, má-educação, má-criação e más-criações formam apenas uma palavra, pois são atitudes, diferentemente do que ocorre nos exemplos da segunda e quarta frases. Portanto, quando for uma **atitude,** caracteriza-se a composição.

2.20. Uso do hífen em prefixos – regra geral

– emprega-se o hífen, quando, após o prefixo, aparecer a mesma letra ou H.

Ex.: Arqui-inimigo, arqui-inteligente, micro-ondas, auto-ônibus, infra-hepático, anti-inflamatório, contra-almirante, sobre-humano, sobre-estimar, ad-digital, sub-biblioteca, sub-humano, inter-regional, super-revista, super-homem

Acrescentem-se os seguintes casos:

a) Nos prefixos terminados em D ou B (ab, ad, ob, sob, sub), além da situação prevista na regra geral (mesma letra ou H), vindo R, usa-se o hífen.
Ex.: ad-referendar, sub-reitor, sob-roda

b) No prefixo CIRCUM, além da situação prevista na regra geral (mesma letra ou H), vindo B, N, P ou VOGAL, também se usa o hífen.
Ex.: circum-escolar, circum-hospitalar, circum-navageção

c) No prefixo PAN, além da situação prevista na regra geral (mesma letra ou H), vindo B, M, P ou VOGAL, também se usa o hífen.
Ex.: pan-harmônico, pan-brasileiro, pan-mágico, pan-americano

d) Emprega-se o hífen, quando o primeiro termo for acentuado (pré, pró, pós).
Ex.: pós-graduação, pré-história, pró-europeu

e) Emprega-se o hífen com os prefixos ex (anterioridade), sota, soto, vice, vizo.
Ex.: ex-presidente, sota-capitão, soto-almirante, vice-governador, vizo-rei

Obs.: Segundo Evanildo Bechara, "nos casos em que não houver perda do som da vogal final do 1º elemento, e o elemento seguinte começar com "h", serão usadas as duas formas gráficas: bi-hebdomadário e biebdomadário; carbo-hidrato e carboidrato; zoo-hematina e zooematina." Tal possibilidade foi explorada pela Fundação Getúlio Vargas, em questões de ortografia, mencionando a correção da ortografia em "megaipótese" e "socioistórico".

NÃO SE USA O HÍFEN NOS PREFIXOS

a) Nas aglutinações dos prefixos co, pro, pre e re com vocábulos iniciados por O ou E:

Ex.: cooperar, coedição, preeleito, preeminência, reelaborar, reedição, proeminente

Obs.: Há alternância entre PRE e PRÉ – que permite as duas ortografias – nos seguintes casos: preembrião / pré-embrião; preesclerótico / pré-esclerótico; preeleito / pré-eleito.

b) Quando, após os prefixos DES e IN, se o segundo elemento perder o H inicial.

Ex.: desumano, inábil

c) Quando a situação não se enquadrar nos itens iniciais A a E deste capítulo.

Ex.: infraestrutura, extraoficial, intrauterino, contraespião, semiárido, adjunto, sublinha, supermercado, antiaéreo, neoimperialismo, pseudoepígrafe, extraescolar, autoaprendizado, contraindicado, autoestima

Obs.: Sendo o prefixo concluído em vogal, e o elemento seguinte iniciado por R ou S, tais consoantes deverão ocorrer dobradas.

Ex.: antirreligioso, contrarrazões, microssistema, minissaia, contrarregra, extrarregular, antissemita, semisselvagem, extrassolar, ultrassecreto

EMPREGO DE HÍFEN NOS COMPOSTOS

a) Emprega-se hífen nas palavras compostas por justaposição, em que os elementos mantêm uma unidade semântica, mas constituem uma tonicidade própria. O primeiro elemento será representado por uma forma substantiva, adjetiva, numeral ou verbal:

Afro-brasileiro, Amor-perfeito, Ano-luz, Arco-íris, Boa-fé, Conta-gotas, Decreto-lei, Guarda-noturno, Luso-brasileiro, Má-fé, Médico-cirurgião, Mesa-redonda, Norte-americano, Porta-aviões, Porta-retrato, Primeiro-ministro, Quebra-mar, Segunda-feira, Sul-africano, Tenente-coronel, Tio-avô, Vaga-lume, Verbo-nominal

Obs.: Não se usa hífen em palavras compostas cuja noção de composição se perdeu:

Paraquedas, Mandachuva, Girassol, Pontapé

Obs.: Outros compostos com a forma verbal "PARA" e "MANDA" continuarão sendo separados por hífen: para-brisa, para-lama, para-choque, manda-tudo.

b) Emprega-se hífen nas formas compostas por grã- ou grão- quando formarem nomes geográficos, ou nas formas verbais e nos compostos ligados por artigo:

Grã-Bretanha, Grão-Pará, Passa-Quatro, Trás-os-Montes, Baía de Todos-os-Santos

c) Emprega-se hífen em compostos que designam espécies botânicas e zoológicas:

Andorinha-do-mar, Cobra-capelo, João-de-barro, Erva-doce

Obs.: Quando os compostos acima tiverem aplicação diferente, não se usará hífen:

Bico de papagaio (nariz adunco), Bola de neve (aquilo que toma vulto rapidamente), Não me toques (melindres)

d) Emprega-se hífen quando o primeiro elemento estiver representado pelas formas além, aquém, recém, bem e sem:

Além-mar, Aquém-mar, Recém-casado, Bem-humorado, Sem-vergonha

Obs.: O advérbio BEM, em muitas situações, ocorre aglutinado ao termo seguinte. Tal situação se dá, quando o significado primitivo dos termos é alterado.

Ex.: bendito (= abençoado), benfeito (= benefício), benfeitor

e) Emprega-se hífen nas palavras terminadas por sufixos de origem tupi-guarani que representam formas adjetivas (-açu = grande; -guaçu = grande; -mirim = pequeno):

Capim-açu, Ceará-mirim, Amoré-guaçu

f) Emprega-se hífen quando o primeiro elemento for "mal" e o segundo elemento começar por vogal, h ou l:

Mal-entendido, Mal-humorado, Mal-limpo

Obs.: Malcriado, malgrado, malvisto etc. Quando mal significar doença, empregar-se-á o hífen: mal-caduco.

NÃO SE EMPREGA O HÍFEN NAS SEGUINTES COMPOSIÇÕES

a) Nas formas empregadas adjetivamente com afro-; anglo-; franco-; indo-; luso-; sino- e semelhantes. Estas continuarão a ser grafadas sem hífen em: Afrodescendente, Anglomania, Eurocêntrico, Eurodeputado

Obs.: Torna-se necessário, como já o era, o emprego do hífen, quando houver mais de uma etnia. Afro-brasileiro, anglo-saxão, euro-asiático.

b) Nas locuções

– substantivas – cão de guarda, fim de semana, mão de obra, sala de jantar
– adjetivas – cor de café com lei, cor de vinho
– pronominais – eu próprio, ninguém mesmo
– adverbiais – à parte, à vontade, depois de amanhã
– prepositivas – a fim de, ao encontro de, apesar de, com objetivo de, de encontro a
– conjuntivas – a fim de que, à medida que

Obs.: Em face de serem termos consagrados pelo uso, conservou-se o hífen em: água-de-colônia, mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao deus-dará, à queima-roupa.

2.21. Parônimos

Palavras com sons parecidos.

absolver	perdoar
absorver	aspirar, sorver
arrear	pôr arreios
arriar	descer
cavaleiro	que cavalga
cavalheiro	cortês
comprimento	extensão
cumprimento	saudação
cumprimento	ato de cumprir
conjectura	suposição, hipótese

conjuntura	oportunidade, situação
deferir	atender
diferir	retardar, divergir
descrição	ato de descrever
discrição	qualidade de discreto
descriminar	inocentar
discriminar	distinguir
despensa	onde se guardam mantimentos
dispensa	ato de dispensar
docente	relativo a professores
discente	relativo a alunos
emigrar	deixar uma região
imigrar	entrar numa região
eminência	excelência
iminência	qualidade de iminente
eminente	elevado
iminente	prestes a ocorrer
estada	permanência de pessoas
estadia	permanência de veículos
flagrante	evidente
fragrante	perfumado
fluir	correr
fruir	desfrutar
imergir	afundar
emergir	vir à tona
inflação	alta de preços
infração	violação
infligir	aplicar pena
infringir	violar
mandado	ordem judicial
mandato	procuração
peão	amansador de cavalgadura
pião	tipo de brinquedo
precedente	que vem antes
procedente	proveniente, que tem fundamento
prescrever	determinar
proscrever	banir, abolir
ratificar	confirmar

retificar	corrigir
soar	produzir som
suar	transpirar
sortir	abastecer
surtir	produzir efeito
sustar	suspender
suster	sustentar
tráfico	negociação
tráfego	trânsito
vultoso	volumoso
vultuoso	congestão na face

2.22. Homônimos

Palavras com a mesma pronúncia.

acender	pôr fogo
ascender	subir
acento	sinal gráfico
assento	onde se senta, lugar
acerto	ato de acertar
asserto	afirmação
caçar	capturar animais
cassar	tornar sem efeito
cela	quarto pequeno
sela	arreio
censo	recenseamento
senso	juízo
cerração	nevoeiro
serração	ato de serrar
cerrar	fechar
serrar	cortar
cervo	veado
servo	criado
chá	bebida
xá	soberano do irã
cheque	ordem de pagamento
xeque	lance no jogo de xadrez
cito	do verbo citar

sito	situado
concertar	ajustar,combinar
consertar	reparar, corrigir
concerto	sessão musical
conserto	reparo
coser	costurar
cozer	cozinhar
esperto	perspicaz
experto	perito
espiar	observar
expiar	pagar pena
espirar	soprar, exalar
expirar	terminar
estrato	camada
extrato	o que se extrai de
incerto	não certo
inserto	inserido
incipiente	principiante
insipiente	ignorante
laço	nó
lasso	frouxo
ruço	grisalho
russo	natural da Rússia
tacha	prego
taxa	imposto, tributo

2.23. Casos especiais

2.23.1. Abaixo / a baixo

Abaixo: Interjeição

Ex.: Abaixo o presidente!

Advérbio (embaixo, em categoria inferior, depois)

Ex.: Abaixo de Deus, as mães.

A baixo: contrário a “de alto”

Ex.: Rasgou os lençóis de alto a baixo.

2.23.2. Acerca de/ cerca de/ a cerca de/ há cerca de

Acerca de: a respeito de.

Ex.: Falamos acerca do filme.

Cerca de: durante, aproximadamente.
Ex.: Falamos cerca de dez minutos.

A cerca de: ideia de distância.
Ex.: Fiquei a cerca de 15 metros da porta.

Há cerca de: existe aproximadamente, aproximadamente no passado.
Ex.: Há cerca de cem pessoas no estádio.

2.23.3. Acima / a cima

Acima: anterior, em grau de categoria superior.
Ex.: De dezoito anos acima.

Em graduação superior.
Ex.: Muito acima do general.

De preferência, em lugar superior, em cima.
Ex.: Buscamos, acima de tudo, a paz.

De cima (interjeição).
Ex.: Acima coração!

A cima: contrário a "de baixo".
Ex.: Costurou a saia de baixo a cima.

2.23.4. Afim / a fim de

Afim: semelhança, parentesco, afinidade.
Ex.: São duas mães afins.

A fim de: com o propósito de, com o objetivo de, com a finalidade de.
Ex.: Estudou a fim de passar no concurso.

2.23.5. Afora / a fora

Afora: o mesmo que "fora", à exceção de, exceto.
Ex.: Todos farão o concurso, afora eles.

A fora: com a ideia de "para fora".
Ex.: Pela rua a fora.

2.23.6. Ao encontro de / de encontro a

Ao encontro de: a favor de, encontrar-se, concordar.
Ex.: Nós não discutimos, visto que minhas ideias foram ao encontro das dele.

De encontro a: Meu carro foi de encontro a um poste.

2.23.7. Aparte / à parte

Aparte: verbo = separar.
Ex.: Não aparte as provas.

substantivo: interrupção.
Ex.: O padre recebeu um aparte.

À parte: locução adverbial = de lado.
Ex.: O resultado será mostrado à parte.

2.23.8. Apedido ou a-pedido / a pedido

Apedido ou a-pedido: substantivo = publicação especial em jornal.
Ex.: Lemos no jornal o apedido do condomínio.

A pedido: locução adverbial = solicitação.
Ex.: Viemos aqui a pedido do diretor.

2.23.9. Bem-posto / bem posto

Bem-posto: elegante.
Ex.: O noivo estava extremamente bem-posto.

Bem posto: posto corretamente.
Ex.: O livro está bem posto na estante.

2.23.10. Conquanto / com quanto

Conquanto: embora; mesmo que.
Ex.: Conquanto João estivesse cansado, ainda saiu de casa.

Com quanto: com que quantitativo.
Ex.: Com quanto dinheiro eles saíram de casa?

2.23.11. Contudo / com tudo

Contudo: entretanto, porém.
Ex.: Maria estava cansada, contudo foi ao teatro.

Com tudo: preposição + pronome = total.
Ex.: Ela saiu de casa com tudo.

2.23.12. Dantes / de antes

Dantes: advérbio = antigamente.
Ex.: Dantes se comia melhor.

De antes: preposição + advérbio = em tempo anterior.
Ex.: Os problemas já vêm de antes de você chegar.

2.23.13. Debaixo / de baixo

Debaixo: em situação inferior.
Ex.: Tomara que não caia quando alguém estiver debaixo.

Na dependência, em decadência.
Ex.: Ficamos debaixo e tivemos que nos render.

Sob:
Ex.: Jaz agora debaixo da terra.

No tempo de; por ocasião de.
Ex.: O sucesso dessas músicas caiu debaixo desse cantor.

Em situação inferior a.
Ex.: Escondam-se debaixo da escada.

De baixo: a parte inferior.
Ex.: Comprei roupa de baixo.

Contrário a "a cima".
Ex.: Examinamos de baixo a cima.

2.23.14. Demais / de mais

Demais: pronome indefinido = outros.
Ex.: Chame os demais candidatos.

Advérbio de intensidade = excessivamente.
Ex.: A mulher fala demais.

Palavra continuativa = além disso.
Ex.: Demais quem trabalha aqui é ela.

De mais: locução adjetiva = muito.
Ex.: Comi doce de mais.

2.23.15. Desapercebido / despercebido

Desapercebido: desavisado.
Ex.: Eu fui ao local errado por estar desapercebido.

Despercebido: sem ser notado, sem perceber a presença.
Ex.: Passei despercebido pela frente do prédio.

2.23.16. Detrás / de trás

Detrás: pela retaguarda.
Ex.: Um atleta não pode cometer uma falta por detrás.

De trás: atrás.

Ex.: Esse som vem lá de trás.

2.23.17. Devagar / de vagar

Devagar: lentamente; sem pressa.
Ex.: Devagar se vai ao longe.

De vagar: de descanso.
Ex.: Escrevo nos momentos de vagar.

2.23.18. Dia-a-dia / dia a dia

Dia-a-dia: substantivo.
Ex.: O dia-a-dia de um casal pode criar problemas.

Dia a dia: locução adverbial = dia por dia.
Ex.: Estudamos dia a dia.

2.23.19. Em vez de / ao invés de

Em vez de: em lugar de.
Ex.: Em vez de fazer Direito, fez Letras.

Ao invés de: ao contrário de.
Ex.: Ao invés de descansar, pôs-se a trabalhar a madrugada inteira.

2.23.20. Enfim / em fim

Enfim: afinal, finalmente.
Ex.: Enfim todos chegaram.

Em fim: no fim.
Ex.: Eles estão em fim de carreira.

2.23.21. Enquanto / em quanto

Enquanto: conjunção = ao mesmo tempo que, em concomitância com.
Ex.: "Enquanto jantava, falei em voz baixa a Casimiro Lopes. (Graciliano Ramos)

Em quanto: preposição + pronome = qual, por quanto.
Ex.: Em quanto tempo se faz a viagem de Rio a São Pedro?

2.23.22. Malgrado / mau grado

Malgrado: embora, ainda que (se não estiver seguido de preposição).
Ex.: Malgrado João quase não tenha estudado, fez excelente teste.

Mau grado: contra a vontade.
Ex.: Paulo cuida do filho de mau grado.

Apesar de (se estiver seguido de preposição).
Ex.: Mau grado ao tempo, sairei.

2.23.23. Nenhum / nem um

Nenhum: ninguém, nada.
Ex.: Nenhum tem razão naquele discurso.

Nem um: um só que fosse.
Ex.: Não bebemos nem uma cerveja.

2.23.24. Porventura / por ventura

Porventura: por acaso.
Ex.: Se porventura não chover, irei à praia.

Por ventura: por sorte.
Ex.: Como não estudei, só passarei por ventura.

2.23.25. Porquanto / por quanto

Porquanto: conjunção = visto que.
Ex.: Apresso-me, porquanto o tempo voa.

Por quanto: designa quantidade, preço.
Ex.: Por quanto venderam o carro?

2.23.26. Portanto / por tanto

Portanto: então, logo.
Ex.: Eles se preparam à beça para o concurso, portanto passarão.

Por tanto: por muita quantidade.
Ex.: "Por tanto amor, por tanta emoção, a vida me fez assim." (Milton Nascimento)

2.23.27. Sem-cerimônia / sem cerimônia

Sem-cerimônia: descortesia.
Ex.: A sem-cerimônia fez com que todos se retirassem.

Sem cerimônia: à vontade.
Ex.: Beba sua cervejinha sem cerimônias.

2.23.28. Sem-fim / sem fim

Sem-fim: número ou quantidade indeterminada.
Ex.: Foi um sem-fim de livros e alunos.

Sem fim: sem término.

Ex.: É uma curva sem fim.

2.23.29. Sem-número / sem número

Sem-número: grande quantidade.
Ex.: Há um sem-número de recados para você.

Sem número: ausência de numeração.
Ex.: A turma ainda está sem número.

2.23.30. Se não / senão

BIZU

Se a palavra "não" puder ser extraída da frase, alterando o seu sentido, porém não gerando erro, o termo "se não" é separado.
Ex.: Se não chover, iremos à praia.

– Observe que o advérbio "não" pode ser extraído, que o período continua correto gramaticalmente.
Ex.: Se chover, iremos à praia.

Por outro lado, se o termo "não" não puder ser suprimido, "senão" é junto.
Ex.: É bom você estudar, senão será reprovado.

– Observe que o termo "não" não pode ser suprimido, pois a frase ficará sem sentido:
Ex.: É bom você estudar, se será reprovado.

2.23.31. Sobretudo / sobre tudo

Sobretudo: especialmente, principalmente.
Ex.: Deves estudar todas as matérias, sobretudo conjunções.

Casacão, capa:
Ex.: O meu sobretudo está molhado.

Sobre tudo: a respeito de tudo, acerca de tudo.
Ex.: Eles conversaram sobre tudo.

2.23.32. Tampouco / tão pouco

Tampouco: também não, nem.
Ex.: Eles não bebem tampouco fumam.

Tão pouco: muito pouco.
Ex.: Ele comeu tão pouco, que logo sentirá fome.

2.24. Formas variantes

cociente	quociente
cotidiano	quotidiano
líquido	líquido
secção	seção
intato	intacto
esperdício	desperdício
antiguidade	antiguidade
sanguíneo	sanguíneo
liquidação	liquidação
líquido	líquido

2.25. Exercícios

Do exercício 1 ao 20, marque a opção em que aparece uma palavra escrita erradamente.

1. a) acensorista			2. a) paisinho
b) decente			b) paisezinhos
c) descente			c) paizinho
d) docente			d) paizinhos
e) discente			e) florzinhas
3. a) espectativa			4. a) aneizinhos
b) esterco			b) anãozinhos
c) espectador			c) coraçõezinhos
d) estender			d) projeteizinhos
e) extenso			e) projetinhos
5. a) êxito			6. a) pagé
b) exílio			b) ojeriza
c) exímio			c) jirau
d) exitar			d) berinjela
e) esotérico			e) tigela
7. a) esôfago			8. a) cafajeste

b) azar			b) jenipapo
c) vazar			c) anginho
d) extravazar			d) angelical
e) avisar			e) gergelim
9. a) embriaguez			10. a) gengibre
b) burguez			b) jeito
c) pedrês			c) sargeta
d) cortês			d) encorajei
e) montanhês			e) monge
11. a) realeza			12. a) majestade
b) beleza			b) jesto
c) pequineza			c) gorjeta
d) marquesa			d) jiló
e) princesa			e) laje
13. a) realizar			14. a) chícara
b) bisar			b) chuchu
c) catequisar			c) enchova
d) poetizar			d) enxoval
e) poetisa			e) xampu
15. a) pesquisar			16. a) lampião
b) paralizar			b) poleiro
c) visar			c) tábua
d) simbolizar			d) goela
e) analisar			e) boeiro
17. a) ascensão			18. a) disenteria
b) excessão			b) degladiar
c) descensão			c) dilapidar
d) contenção			d) empecilho
e) admissão			e) privilégio

19. a) cessação			20. a) manteigueira
b) sensação			b) bandeija
c) cessão			c) cabeleireiro
d) ressucitar			d) rédea
e) ressurreição			e) uísque

21. (Petrobrás – Administrador – Cesgranrio) Um professor de gramática tradicional, ao corrigir uma redação, leu o trecho a seguir e percebeu algumas inadequações gramaticais em sua estrutura.
Os grevistas sabiam o porque da greve, mas não entendiam porque havia tanta repressão. O professor corrigirá essas inadequações, produzindo o seguinte texto:
a) Os grevistas sabiam o por quê da greve, mas não entendiam porque havia tanta repressão.
b) Os grevistas sabiam o porque da greve, mas não entendiam porquê havia tanta repressão.
c) Os grevistas sabiam o porquê da greve, mas não entendiam por que havia tanta repressão.
d) Os grevistas sabiam o por que da greve, mas não entendiam porque havia tanta repressão.
e) Os grevistas sabiam o porquê da greve, mas não entendiam porquê havia tanta repressão.

22. (Uni-Rio) Assinale o item em que uma das palavras não é variante da outra, como as demais:
a) exceção – excessão
b) cousa – coisa
c) secção – seção
d) catorze – quatorze
e) quotidiano – cotidiano

23. (Transpreto – Administrador – Cesgranrio) O elemento em destaque está grafado de acordo com a norma-padrão em:
a) O marciano desintegrou-se **por que** era necessário.
b) O marciano desintegrou-se **porquê**?
c) Não se sabe **por que** o marciano se desintegrou.
d) O marciano desintegrou-se, e não se sabe o **porque**.
e) **Por quê** o marciano se desintegrou?

24. (Transpetro – Administrador – Cesgranrio) Ao escrever frases, que deveriam estar de acordo com a norma-padrão, um funcionário se equivocou constantemente na

ortografia. Ele só NÃO se enganou em:
a) O homem foi acusado de estuprar várias vítimas.
b) A belesa da duquesa era realmente de se admirar.
c) Porque o sapato deslisou na lama, a mulher foi ao chão.
d) Sem exitar, as crianças correram para os brinquedos do parque.
e) Sem maiores pretenções, o time venceu o jogo e se classificou para a final.

25. (Técnico Judiciário – TRF – 1ª Região – FCC) As palavras estão corretamente grafadas na seguinte frase:
a) Que eles viajem sempre é muito bom, mas não é boa a ansiedade com que enfrentam o excesso de passageiros nos aeroportos.
b) Comete muitos deslises, talvez por sua espontaneidade, mas nada que ponha em cheque sua reputação de pessoa cortês.
c) Ele era rabugento e tinha ojeriza ao hábito do sócio de descançar após o almoço sob a frondoza árvore do pátio.
d) Não sei se isso influe, mas a persistência dessa mágoa pode estar sendo o grande impecilho na superação dessa sua crise.
e) O diretor exitou ao aprovar a retenção dessa alta quantia, mas não quiz ser taxado de conivente na concessão de privilégios ilegítimos.

26. (PUC) Assinale o grupo de palavras que completa corretamente as frases abaixo.
Aquela tinha por objetivo descobrir a melhor maneira de o processo de vacinação no país.
Não sei você vai e, portanto, não saberei o encontrar.
a) pesquiza – modernizar – aonde – onde
b) pesquisa – modernizar – aonde – onde
c) pesquisa – modernisar – aonde – aonde
d) pesquiza – modernizar – onde – aonde
e) pesquisa – modernizar – onde – onde

27. Em consonância com o novo acordo ortográfico, que vocábulo a seguir perdeu o hífen?
a) anti-higiênico;
b) ex-almirante;
c) auto-sugestão
d) sub-reino
e) semicírculo

28. Em consonância com o novo acordo ortográfico, que vocábulo passou a ter hífen?
a) antiinflacionário
b) antiético
c) supracitado
d) sobreloja

e) hipermercado

29. (Técnico Judiciário – TRF-1ª Região – FCC) A palavra destacada está empregada corretamente em:
a) Ele é o guardião dos reptis que estão sendo estudados.
b) Com esse cálculo financeiro, o banco aleja os clientes.
c) Se eu me abster, haverá empate na votação.
d) Os guarda-noturnos serão postos na formalidade.
e) Essa máquina mói todos os detritos.

30. Analista Legislativo Senado Federal – FGV – A palavra *megadiversidade* foi grafada corretamente no texto. Assinale a alternativa em que, compondo-se palavra com o elemento *mega*-, obedeceu-se às regras de ortografia.
a) mega-homenagem
b) megaipótese
c) mega sucesso
d) megaritual
e) mega-evento

31. (TRE-MG) "A das atividades industriais provocou frequentes entre os operários. A solução foi a do governo nas negociações".
a) paralisação – discussões – intercessão
b) paralisação – discursões – intersessão
c) paralisação – discussões – interseção
d) paralização – discursões – intercessão
e) paralização – discussões – interseção

32. (TRE-MG) A palavra nos parênteses não preenche adequadamente a lacuna do enunciado em:
a) O crime foi bárbaro. Somente após a do assunto é que foi possível prendê-lo. (descrição)
b) Só seria possível o acusado, se conseguíssemos mais provas que o inocentassem. (descriminar)
c) As negociações só vão os resultados esperados, caso todos compareçam. (sortir)
d) O corpo estava , apenas a cabeça estava fora da água, que subia cada vez mais. (imerso)
e) Como a mercadoria estava muito pesada, o recurso foi o cofre ali mesmo, na escada. (arriar)

33. (TRE-RJ) A alternativa em que a segunda palavra se escreve com a mesma letra ou dígrafo sublinhado na primeira é:
a) "ten<u>s</u>ão" / absten ão
b) "e<u>x</u>terior " / e tender

c) “sucessiva” / exce ão
d) “florescimento” / su inta
e) “empiricismo” / mpecilho

34. (TRE-RJ) “Comprida” tem significado distinto de seu parônimo “cumprida”. Das sentenças abaixo, aquela em que houve troca na escolha dos parônimos entre parênteses é:
a) O acúmulo de vultosas quantias era sinal de bênção divina. (vultosas / vultuosas)
b) Muda-se a ética antes que se consuma a generalização do pecado. (consuma / consume)
c) A expressão “dar um jeito” traz sempre subentendida a intenção de burlar a lei. (subentendida / subtendida)
d) O descumprimento da lei dificilmente passa despercebido na “Common Law” anglo-saxônica. (desapercebido / despercebido)
e) Antes de mais nada, faz-se necessário discriminar que leis favorecem a institucionalização do jeito. (descriminar / discriminar)

35. Qual vocábulo denuncia já estar sendo empregado o novo acordo ortográfico?
a) pan-americano
b) sub-base
c) subsolo
d) arqui-inimigo
e) extra-orçamentário

36. (Técnico Judiciário – TRE-PE – FCC) O par grifado que constitui exemplo de parônimos está em:
a) No espaço de uma noite, o rio havia transbordado e inundado o quintal da casa.
Pela manhã, foi possível constatar a força destrutiva das águas.
b) O rio se convertera em um caudaloso fluxo de águas sujas.
O menino se assustou com a violência barrenta das águas.
c) Famílias eminentes podiam ir para o campo, fugindo do bulício da cidade.
Eram iminentes os riscos causados pela inundação das águas barrentas do rio.
d) Era urgente a necessidade de obras para a contenção do rio.
Havia heroísmo na concentração dos homens que lutavam contra a corrente.
e) No pomar atrás da casa havia frutas, entre elas, mangas e cajus.
Em mangas de camisa, homens tentavam salvar o que as águas levavam.

37. (TRE-RO) extin...ão; conce...ão; suspen...ão; ob...ecar; can...ado. Para completar corretamente as palavras acima usam-se, respectivamente:
a) c – ç – s – sc – s
b) ç – ss – s – c – s
c) s – ss – s – sc – s
d) s – c – s – sc – ç

e) s – c – ç – s – ç

38. (TFC) Indique a alternativa em que não há erro de grafia.
a) Porque chegou atrazado perdeu grande parte do explêndido espetáculo.
b) Pediu-lhe que ascendesse a luz, pois a claridade não era impecilho a seu repouso.
c) Ele não é uma exceção, também é muito ambicioso.
d) Quizera eu que todas as espécies animais estivessem livres de extinção.
e) Não poderia advinhar que sua música viesse a ter tanto hêsito.

39. (TFC) Indique o segmento totalmente correto quanto à grafia.
a) Há intensão de se alcançar um consenso para evitar as divergências entre os parlamentares.
b) É preciso cessarem as disensões para se obter a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases na Educação.
c) Um aquário pode ser tido como um ecossistema, no qual os escrementos dos peixes, depois de decompostos, fornecerão elementos essenciais à vida das plantas.
d) O Sol é o responsável pela emissão de luz, indispensável para a fotossíntese, processo pelo qual as plantas produzem o alimento orgânico primário, assim como praticamente todo o oxigênio na atmosfera.
e) Pesquizas recentes têm atribuído a choques meteóricos a súbita extinção dos dinossauros da face da Terra.

40. (Inspetor da PC-RJ – FGV) Em inospitaleiras (L.82), ao se juntar o prefixo à palavra hospitaleiras, houve perda da letra h.
Assinale a alternativa em que a junção dos dois elementos se deu de forma incorreta, provocando erroneamente a perda da letra h.
a) subumano
b) megaomenagem
c) socioistórico
d) multiabilidoso
e) panispânico

41. (Esaf) Considerando a diversidade de grafia da forma PORQUE, pode-se afirmar que está incorreta a frase:
a) Assino esta revista especializada há muitos anos, mas este mês ela chamou minha atenção de modo especial, e vocês vão logo entender por quê.
b) A decisão final sobre os reajustes das prestações do SFH sairá ainda este mês. Persistem algumas dúvidas porque a indexação voltou só para a parcela do salário até três mínimos.
c) Conforme informação da Caixa Econômica Federal, os mutuários desejam saber porque aqueles que têm data-base em setembro e repasse em sessenta dias terão, em novembro, correção mais elevada.
d) Muitos desconhecem também os motivos por que se aplicarão a todos os mutuários

com contratos de equivalência salarial plena as antecipações bimestrais e quadrimestrais pelo INPC.
e) Por que se aplica o índice da poupança de setembro/90 a agosto/91 mais 3% de ganho real, descontando-se as antecipações?

42. (FCMPA-MG) Assinale o item em que a palavra destacada está incorretamente aplicada.
a) Trouxeram-me um ramalhete de flores fragrantes.
b) A justiça infligiu a pena merecida aos desordeiros.
c) Promoveram uma festa beneficiente para a creche.
d) Devemos ser fiéis ao cumprimento do dever.
e) A cessão de terras compete ao Estado.

43. (Técnico Judiciário – 14ª R – FCC) Das frases abaixo só NÃO há erros de ortografia em:
a) Carbohidratos ricos em fibras são importantes aliados para manter estável o nivel de energia do organismo.
b) Sabe-se que uma substancia encontrada no guaraná pode estimular a função cerebral e auxiliar na concentrasão.
c) Consumir alimentos ricos em vitaminas e minerais pode ajudar a reduzir os efeitos negativos do estresse.
d) O consumo de proteínas e gorduras em exceço pode ser nossivo para o processo digestivo.
e) Manter o organismo mau hidratado pode prejudicar a eliminação de toxínas e provocar sérios problemas de saúde.

44. (TRT) você brinca? ? Ora, me agrada. A experiência passei, foi desagradável. Depois você saberá o .
a) Porque – porquê – porque – porque – por que
b) Por que – porquê – porque – porque – porque
c) Por que – porquê – porque – porque – por quê
d) Porque – porque – por quê – porque – por que
e) Por que – por quê – porque – por que – porquê

45. (Esaf) Marque a alternativa cujas palavras preenchem corretamente as respectivas lacunas, na frase seguinte: "Necessitando o número do cartão do PIS, a data de meu nascimento."
a) ratificar – proscrevi
b) prescrever – discriminei
c) descriminar – retifiquei
d) proscrever – prescrevi
e) retificar – ratifiquei

46. (Unisinos) A frase onde os homônimos e/ou parônimos em destaque estão com significação invertida é:
a) Era iminente a queda do eminente deputado.
b) A justiça infringe uma pena a quem inflige a lei.
c) Vultosa quantia foi gasta para curar sua vultuosa face.
d) O mandado de segurança impediu a cassação do mandato.
e) O nosso censo depende exclusivamente do senso de responsabilidade do IBGE.

47. (Mack) Na oração "Em sua vida, nunca teve muito , apresentava-se sempre no de tarefas " as palavras adequadas para preenchimento das lacunas são:
a) censo – lasso – cumprimento – eminentes
b) senso – lasso – cumprimento – iminentes
c) senso – laço – comprimento – iminentes
d) senso – laço – cumprimento – eminentes
e) censo – lasso – comprimento – iminentes

48. (TFC) Indique a letra na qual as palavras complementam, corretamente, os espaços das frases abaixo.
1. Quem possui deficiência auditiva não consegue os sons com nitidez.
2. Hoje são muitos os governos que passaram a combater o de entorpecentes com rigor.
3. O diretor do presídio pesado castigo aos prisioneiros revoltosos.
a) discriminar – tráfico – infligiu
b) discriminar – tráfico – infringiu
c) descriminar – tráfego – infringiu
d) descriminar – tráfego – infligiu
e) descriminar – tráfico – infringiu

49. (Fuvest) No último da orquestra sinfônica, houve entre os convidados, apesar de ser uma festa .
a) conserto – flagrantes descriminações – beneficente
b) concerto – fragrantes discriminações – beneficiente
c) conserto – flagrantes descriminações – beneficiente
d) concerto – fragrantes discriminações – beneficente
e) concerto – flagrantes discriminações – beneficente

50. (TRE-RJ) A grafia da palavra sublinhada está incorreta em:
a) O deputado defendeu a <u>descriminação</u> da maconha.
b) Sua <u>ascensão</u> à presidência da firma surpreendeu a todos.
c) Todos o julgavam, com razão, demasiadamente <u>pretensioso</u>.
d) Os deputados não queriam acabar com os próprios <u>previlégios</u>.
e) A disputa entre os <u>cônjuges</u> só poderia ser resolvida nos tribunais.

51. (TRE-MG) "Por diversas vezes em prosseguir as investigações. Só conseguiu

a situação com a colaboração de seus assessores". As lacunas do período dado ficam corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) hesitou – amenizar
b) hesitou – amenisar
c) hezitou – amenizar
d) exitou – amenizar
e) exitou – amenisar

52. (TRE-MG) A palavra sublinhada está empregada inadequadamente em:
a) Os moradores sempre o consideraram, pelas suas atitudes, um homem sério e descente.
b) Sempre foi muito místico, por isso não se cansavam de lhe chamar de ascético.
c) Comentava-se que o príncipe só poderia ascender ao trono após a maioridade.
d) Na última publicação do jornalista, a seção de esportes estava ótima.
e) Sabe apreciar uma pintura. Não há dúvida de que possui senso artístico.

53. (Técnico Judiciário – Tribunal Regional Eleitoral – NCE) Pesquisa é vocábulo grafado com S, como se pode ver no texto. O item em que há um vocábulo erradamente grafado com essa letra é.
a) paralisia / análise / atraso;
b) gasoso / baronesa / arrasar;
c) besouro / adeusinho / bis;
d) brasão / freguês / guloseima;
e) marquês / pesadelo / anõesinhos.

54. (Analista Judiciário – Tribunal Regional Eleitoral – NCE) Como se pode ver no texto, obscenamente é um vocábulo grafado com SC. O item abaixo em que um dos vocábulos está erroneamente grafado é:
a) ressuscitar / ascensão / piscina;
b) adolescente / discente / indescente;
c) convalescer / crescer / rescindir;
d) abscesso / florescente / transcender;
e) renascença / piscicultura / miscelânea.

55. (Analista Judiciário – Tribunal Regional do Trabalho) "... Cônscio de sua insignificância como indivíduo...". O item em que uma das palavras indicadas não deve ser escrita com SC é:
a) suscitar, ascender, ascessório;
b) rescindir, transcendência, renascer;
c) discente, descendência, enflorescer;
d) seiscentos, prescindir, acrescentar;
e) discernir, remanescer, fascismo.

56. (Técnico Judiciário – TJ – NCE) "A Carta proíbe a discriminação entre o homem e a mulher...". O vocábulo sublinhado era denominado parônimo (de descriminação). O item abaixo em que houve erro porque houve troca entre parônimos é:

a) Os assertos do discurso presidencial necessitam de confirmação.
b) As conjeturas do economista português foram importantes para nossa reflexão.
c) O ministro pretendia proscrever, para o presidente, uma certa cautela nos discursos.
d) Na iminente situação de perigo, o ministro preferiu adotar uma solução mais drástica.
e) O corrupto pretendia rapar todas as contribuições da campanha eleitoral.

57. (NCE) "E, em vez das simples anotações que seriam preciosas como documento...". A frase abaixo em que em lugar de em vez de seria mais adequado dizer ao invés de é:

a) Em vez de ler, preferiu dormir.
b) Em vez de churrasco, quis feijoada.
c) Em vez de sair, entrou.
d) Em vez de um caderno, encontrou um livro.
e) Em vez de anotações, encontrou um diário completo.

58. (Inspetor da Polícia Civil-RJ/FGV) "Mas porque na verdade não me queres mais" (verso 35). No verso acima, utilizou-se a forma correta *porque*. Assinale a alternativa em que não se tenha utilizado corretamente uma das quatro formas do porquê.

a) É necessário avaliar por quê, ontem, fomos derrotados.
b) Depois de entender por quê, prosseguiu.
c) Não sei por quê nem como.
d) Não entendemos as privações por que passamos.
e) Deve haver um porquê para nossa derrota.

Capítulo 3

Regras de Acentuação

3.1. Monossílabos tônicos

Os monossílabos tônicos terminados em A(S), E(S), O(S) são acentuados.

Ex.: pá, pé, pó, sós.

Obs.: Monossílabos terminados em outras letras não receberão acento, exceto "têm", "vêm" e "pôr".

3.2. Oxítonas

As palavras oxítonas terminadas em A(S), E(S), O(S), EM, ENS são acentuadas.

Ex.: sofá, rapé, cipó, avô, vocês, também, parabéns.

3.3. Paroxítonas

As palavras paroxítonas terminadas em I(S), L, R, X, PS, N, UM, UNS, US, Ã(S), DITONGO(S) são acentuadas.

BIZU

Para memorizar esta regra: UM ROUXINOL FOI AO (ditongo) INAM (ã)PS. Nesta frase, estão contidas todas as terminações dos paroxítonos acentuados.

Ex.: táxi, biquíni, biquínis, júri, júris, móvel, inflamável, revólver, fêmur, tórax, fênix, bíceps, fórceps, hífen, pólen, abdômen, álbum, fórum, álbuns, bônus, ânus, ímã, órfã, órfãs, móveis, inflamáveis...

Obs.: Atenção para o fato de "hífen" possuir acento, mas "item" não. O primeiro é paroxítono terminado em ***N***, o segundo é paroxítono terminado em ***M***. Hifens, polens e abdomens não levam acento, pois não há regra dizendo que paroxítono terminado em ***ENS*** leva acento. No entanto, estas palavras possuem outra forma de plural, com ***ES:*** pólenes, hífenes e abdômenes. Esta

forma alternativa de plural se acentua, pois os vocábulos tornam-se proparoxítonos (observe a regra a seguir).

3.4. Proparoxítonas

Todas as palavras proparoxítonas são acentuadas.

Ex.: Matemática, tóxico, cantaríamos, buscávamos.

Obs.: As palavras paroxítonas terminadas em ditongos crescentes podem ser consideradas também proparoxítonas, e os ditongos crescentes também podem ser interpretados como hiatos.

Ex.: armário, tênue, séries, glória, rádio, oxigênio, sódio, óleo, paciência.

Portanto, estas palavras podem tanto fazer parte da regra das palavras paroxítonas como das proparoxítonas.

Obs.: Era comum, em antigas épocas, a indicação de que alibi, deficit e habitat não seriam acentuados em função do latinismo. Hoje, os dicionários já registram esses vocábulos com acento. Ultimamente, tal questionamento não se tem feito presente nos concursos.

3.5. Ditongos abertos ÉI(S), ÉU(S), ÓI(S)

Serão acentuados os ditongos abertos e tônicos ÉI(S), ÉU(S) e ÓI(S), quando se localizarem na última sílaba ou for a única sílaba.

Ex.: céu, réis, anéis, herói

Obs.: De acordo com a nova ortografia, boia, heroica, geleia etc. perderam o acento, pois o ditongo não ocorre na última sílaba.

3.6. "I" e "U", quando isolados numa sílaba

Acentuam-se "i" e "u", quando isolados numa sílaba, que não a primeira, sendo, no máximo, seguidos de "S".

Ex.: saída, baú, saúva, país, paúra, raízes

Obs.: Se, depois da vogal "i", ocorrer o dígrafo "NH", não haverá acento.

Ex.: rainha, moinho, tainha, sainha

Obs.: De acordo com a nova ortografia, perdeu o acento o I e o U se precedidos de ditongo.

Ex.: feiura, pauis, boiuna

3.7. "OO" ou "EE"

Pelo novo acordo ortográfico, não mais se acentuam os vocábulos que

apresentem "OO" ou "EE".
Ex.: voo, enjoo, coo, moo, veem, leem, creem, deem.

3.8. Acento diferencial

3.8.1. Intensidade

pôr (verbo) – por (preposição)

3.8.2. Timbre

pôde (verbo no pretérito perfeito) – pode (verbo no presente)

3.8.3. Número / pessoa

Obs.: Haverá nos verbos "ter" e "vir" acento diferencial nos seguintes casos:
ele tem – eles têm
ele vem – eles vêm

Quando um verbo se derivar de "ter" e "vir", a terceira pessoa do singular somente se distinguirá da terceira pessoa do plural no Presente do Indicativo através do acento. Aquela terá acento agudo e esta terá acento circunflexo.
ele contém – eles contêm
ele convém – eles convêm

Obs.: Perderam o acento diferencial de intensidade os seguintes vocábulos
para (verbo) – pera (fruta) – polo (substantivo) – pelo (substantivo) – pelo (verbo) – coa (verbo)

3.9. Trema

Pelo novo acordo ortográfico, não mais se emprega o trema.
Ex.: eloquente, tranquilo, aguentar, linguiça.

3.10. Exercícios

Do exercício 1 ao 8, marque a opção em que a ortografia correta do vocábulo é sem acento.

1. a) biquini			2. a) raizes
b) bau			b) biceps
c) urubu			c) rainha
d) sauva			d) poluido
e) balaustre			e) analitico

3. a) polens			4. a) hifen
b) polen			b) hifenes
c) abdomen			c) item
d) polenes			d) album
e) abdomenes			e) albuns
5. a) climax			6. a) revel
b) xerox			b) consul
c) latex			c) estencil
d) cortex			d) dificil
e) ônix			e) têxtil
7. a) faceis			8. a) rubrica
b) jogueis			b) ve
c) estencis			c) ves
d) repteis			d) o porque
e) texteis			e) fenix

9. Na frase "Ele mantem, ou melhor, eles mantem a esperança de pegar este onibus e sair deste pais para so voltar quando a violencia estiver totalmente erradicada e as aguas despoluidas", temos:
a) 4 acentos agudos e 3 circunflexos
b) 4 acentos agudos e 4 circunflexos
c) 5 acentos agudos e 2 circunflexos
d) 4 acentos agudos e 3 circunflexos
e) 5 acentos agudos e 3 circunflexos

10. (Uni-Rio) Assinale a única palavra corretamente acentuada na lista abaixo:
a) gratuíto
b) nóvel
c) décano
d) récem
e) ínterim

11. (Uni-Rio) A palavra que é acentuada de acordo com a mesma regra observada em PARVOÍCE é:
a) constituíram

b) lunático
c) estréia
d) consórcio
e) troféus

12. (UFF) Assinale a opção em que se justifique erroneamente o emprego do acento gráfico.
a) Pôde – acento diferencial para distinguir a forma do pretérito perfeito do presente do indicativo.
b) Ninguém – palavra oxítona terminada em em.
c) Idéia – palavra paroxítona terminada em ditongo oral.
d) Massapê – palavra oxítona terminada em e.
e) Só – monossílabo tônico terminado em o.

13. (Cesgranrio) Assinale a opção em que se erra quanto à explicação do uso do acento gráfico nas palavras destacadas:
a) Porém – também – os vocábulos terminados em – recebem acento agudo, que os marca como oxítonos.
b) Chapéu – idéia – o acento recai sobre a primeira vogal do hiato para indicar a sílaba tônica.
c) Três – chá – só – os monossílabos tônicos terminados em A, E, O são acentuados. Leva-se em conta nesta regra a tonicidade dos monossílabos na frase.
d) Título – hábitos – acentuam-se em português as palavras proparoxítonas.
e) Renânia – dicionário – as palavras paroxítonas terminadas em ditongo oral são acentuadas.

14. (Técnico Judiciário – TRE-SP – FCC) É preciso corrigir deslizes relativos à ortografia oficial e à acentuação gráfica da frase:
a) As obras modernistas não se distinguem apenas pela temática inovadora, mas igualmente pela apreensão do ritmo alucinante da existência moderna.
b) Ainda que celebrassem as máquinas e os aparelhos da civilização moderna, a ficção e a poesia modernista também valorizavam as coisas mais quotidianas e prosaicas.
c) Longe de ser uma excessão, a pintura modernista foi responsável, antes mesmo da literatura, por intensas polêmicas entre artistas e críticos concervadores.
d) No que se refere à poesia modernista, nada parece caracterizar melhor essa extraordinária produção poética do que a opção quase incondicional pelo verso livre.
e) O escândalo não era apenas uma consequência da produção modernista: parecia mesmo um dos objetivos precípuos de artistas dispostos a surpreender e a chocar.

15. (TRT-RJ – CESPE-UnB) Com referência à ortografia oficial e às regras de acentuação de palavras, assinale a opção incorreta.
a) Os vocábulos lágrima e Gênesis seguem a mesma regra de acentuação.
b) As palavras oásis e lápis são acentuadas pelo mesmo motivo.

c) A grafia correta do verbo correspondente a ressurreição é ressucitar.
d) Apesar de a grafia correta do verbo poetizar exigir o emprego da letra "z", o feminino de poeta é grafado com s.
e) O vocábulo traz corresponde apenas a uma das formas do verbo trazer; a forma trás é empregada na indicação de lugar (equivale a parte posterior).

16. (Petrobrás – Técnico Ambiental – Cesgranrio)
O conjunto de palavras paroxítonas que deve receber acentuação é o seguinte:
a) amavel – docil – fossil
b) ideia – heroi – jiboia
c) onix – xerox – tambem
d) levedo – outrem – sinonimo
e) acrobata – alea – recém

17. Auxiliar Portuário – FGV – Assinale a palavra que NÃO tenha sido acentuada pela mesma regra que as demais:
a) sensíveis
b) países
c) consequência
d) comércio
e) seminário

18. (Eletronorte – NCE) Duas palavras que são acentuadas em função da mesma regra são:
a) sanduíche / rápido
b) água / família
c) pátria / saída
d) você / três
e) cafeína / café

19. (NCE) A forma verbal "há" leva acento ortográfico porque:
a) é um monossílabo átono;
b) é forma verbal;
c) é palavra sem valor semântico;
d) é monossílabo tônico terminado em "a";
e) a vogal "a" tem timbre aberto.

20. (CM-Redator / Revisor) Todas as palavras estão acentuadas de acordo com as normas do sistema ortográfico vigente em:
a) ínterim – rúbrica – item
b) arguíste – guarani – fluido
c) delinquência – ambíguo – quinquenal
d) constituía – gratuíto – iníquo

e) prototipo – ímã – raízes

21. (CM – 1º Grau) Apesar de todas as palavras abaixo rimarem com chinês, a opção em que há erro ortográfico, porque uma das palavras é grafada com sufixo distinto dos demais é:
a) burguês – japonês
b) marquês – embriaguês
c) dinamarquês – pequinês
d) pedrês – português
e) holandês – escocês

22. (CM – 1º Grau) Os acentos das palavras subúrbio e revólver explicam-se, respectivamente, porque se têm de acentuar os:
a) paroxítonos terminados em ditongo e os terminados em "r";
b) paroxítonos terminados em ditongo oral e os terminados em "r";
c) proparoxítonos terminados em ditongo oral e os paroxítonos terminados em "r";
d) proparoxítonos terminados em ditongo e os paroxítonos terminados em "r";
e) paroxítonos terminados em ditongo oral e os oxítonos terminados em "r".

23. (AFA) Observe a acentuação destas palavras: além, artística, botânica, cadavérica, é, está, fácil, gênio, há, imutável, já, Luís, ponderável, só, também, vocabulário.
Assinale a opção em que a acentuação de cada palavra se explica por uma regra específica, distinta das regras das demais palavras da alternativa:
a) Há – já – é – só
b) Botânica – além – fácil – Luís
c) Imutável – está – cadavérica – artística
d) Também – gênio – ponderável – vocabulário

24. (NCE) A alternativa em que as duas palavras destacadas recebem acento gráfico pela mesma razão é:
a) público – órgãos
b) também – vêem
c) é – à
d) polêmicas – difícil
e) língua – controvérsias

25. (TJ) Em que item a seguir os vocábulos não têm sua acentuação gráfica justificada pela mesma regra?
a) silêncio – escritórios
b) próxima – trânsito
c) pôr – é
d) fácil – impossível
e) vários – pátio

26. (NCE) Que par de palavras abaixo não tem sua acentuação gráfica justificada com base na mesma regra?
a) súditos – fábrica
b) denúncia – consciência
c) está – já
d) útil – agradável
e) país – saúde

27. (UFRJ) O vocábulo "pôs" leva acento gráfico pelo mesmo motivo de uma das palavras a seguir. Qual?
a) pôr
b) está
c) três
d) compôs
e) têm

28. (NCE) Violência é palavra que recebe acento gráfico pela mesma razão de uma das palavras a seguir. Qual?
a) aí
b) é
c) válidos
d) idéia
e) vácuo

29. Que vocábulo, de acordo com as novas regras ortográficas, perdeu o acento?
a) saída
b) saúva
c) baú
d) bocaiúva
e) saí

30. (UFRJ-Magistério) O vocábulo abaixo que possui acento diferencial por razão distinta dos demais é:
a) pára
b) pôr
c) têm
d) pêra
e) pólo

31. Que vocábulo, de acordo com as novas regras ortográficas, não perdeu o acento.
a) pêlo (substantivo)
b) pélo (verbo)

c) pôr (verbo)
d) pára (verbo)
e) pólo (substantivo)

32. (Advogado – Senado Federal – FGV) Assinale a alternativa em que a palavra indicada tenha sido acentuada por regra distinta das demais.
a) instituídas
b) transparência
c) remuneratório
d) Judiciário
e) Ministério

33. (Técnico Legislativo – Senado Federal – FGV) Assinale a alternativa em que a palavra tenha sido acentuada seguindo a mesma regra que *saúde*.
a) indústria
b) licitatória
c) aí
d) até
e) têm

34. (Analista de Informática Legislativa – Senado Federal – FGV) A palavra *êxito* recebeu acento por se tratar de proparoxítona. Nas alternativas a seguir, em que todas as palavras estão propositalmente grafadas sem acento, uma naturalmente não receberia acento por não se tratar de proparoxítona. Assinale-a.
a) interim
b) rubrica
c) recondito
d) arquetipo
e) lugubre

35. (FNDE-FGV) Assinale a alternativa em que a palavra indicada tenha sido acentuada seguindo a mesma regra que *suíço*.
a) níveis
b) possuíam
c) família
d) cenário
e) diálogo

36. (Administrador – Docas – FGV) Assinale a palavra que tenha sido acentuada por regra DISTINTA das demais.
a) relógio
b) deficiências
c) distância

d) nível
e) níveis

37. (Administrador – Docas – BA – FGV) Assinale a palavra que foi acentuada seguindo a mesma regra que *três* (L.23).
a) prevê (L.32)
b) até (L.40)
c) além (L.34)
d) é (L.16)
e) país (L.17)

38. (Inspetor PC – RJ – FGV) Assinale a alternativa em que o termo tenha sido acentuado seguindo regra distinta dos demais.
a) difíceis (L.55)
b) próprio (L.3)
c) concluída (L.49)
d) consequências (L.37)
e) solidários (L.85)

39. (UEG) Indique o par em que o acento gráfico não tem a mesma função:
a) círculo – líquido
b) notícia – proprietário
c) pôr – pára
d) água – pára
e) difíceis – amáveis

40. (BNDES – Administração – Cesgranrio – adaptada) As palavras que se acentuam pela mesma regra de "prévia" e "até", respectivamente, são:
a) raízes e só
b) inútil e baú
c) infindáveis e você
d) menestréis e sofá
e) hífen e saída

41. (TRE-MT) Segue a mesma regra de acentuação de país a palavra:
a) saúde
b) aliás
c) táxi
d) grêmios
e) heróis

42. (TRE-ES) "Aí" é acentuada pelo mesmo motivo de:
a) aquí

b) dá
c) é
d) baú
e) porém

43. (NCE) A palavra <u>países</u> leva acento porque:
a) é proparoxítona
b) é paroxítona com hiato
c) o "i" é tônico como segunda vogal do hiato
d) apresenta ditongo aberto
e) é paroxítona terminada em "s"

44. (TRE-RJ) A alternativa que apresenta <u>erro</u> quanto à acentuação em um dos vocábulos é:
a) lápis – júri
b) bônus – hífen
c) ânsia – série
d) raízes – amável
e) Anhangabaú – bambú

45. (Analista Judiciário – TRT) No primeiro parágrafo do texto, há uma série de palavras acentuadas graficamente; se agruparmos essas palavras segundo a regra que justifica seus acentos, teríamos os seguintes grupos:
a) (1) é; (2) típico, século, jurídica, características; (3) possível; (4) ciência, própria, doutrinária;
b) (1) é; (2) típico, século, possível; (3) jurídica, características; (4) ciência, própria, doutrinária;
c) (1) é, século; (2) típica, jurídica, características, ciência, próprias, doutrinária; (3) possível;
d) (1) é, século, ciência; (2) típico, jurídico, características, possível; (3) próprias; (4) doutrinárias;
e) (1) é, possível.

46. Que alternativa apresenta vocábulos grafados em consonância com o novo acordo ortográfico.
a) polo, coa, vêem
b) idéias, réis, véu
c) herói, heróico, céu
d) pôr, tranquilo, sóis
e) dêem, enjôo, para

47. (TTN) Assinale o trecho que apresenta <u>erro</u> de acentuação gráfica.
a) Inequivocamente, estudos sociológicos mostram que, para ser eficaz, o chicote,

anátema da sociedade colonial, não precisava bater sobre as costas de todos os escravos.
b) A diferença de ótica entre os díspares movimentos que reivindicam um mesmo amor à natureza se enraízam para além das firulas das discussões político-partidárias.
c) No âmago do famoso santuário, erguido sob a égide dos conquistadores, repousam enormes caixas cilíndricas de oração em forma de mantras, onde o novel na fé se purifica.
d) O alvo da diatribe, o fenômeno da reprovação escolar, é uma tolice inaceitável, mesmo em um paradígma de educação deficitária em relação aos menos favorecidos.
e) Assustada por antigas endemias rurais, a, até então, álacre sociedade brasileira tem, enfim, consciência do horror que seria pôr filhos em um mundo tão inóspito.

48. Que alternativa apresenta vocábulos grafados em consonância com o novo acordo ortográfico.
a) doem, peras, boléia
b) Apazigue, apazígue, apazígua
c) averíguem, averiguem, averiguam
d) crêem, vôo, menestréis
e) pôde, pôr, intervêm

49. (Inspetor de Polícia – Polícia Civil – NCE) O item em que aparece um par de vocábulos acentuados graficamente por motivos distintos é:
a) há – pôr
b) universitários – raciocínio
c) cocaína – heroína
d) lógica – hábito
e) demonstrá-la – aliás

50. (Tribunal Regional do Trabalho) Duas palavras do texto que recebem acento gráfico em razão de regras ortográficas diferentes são:
a) salário – importância
b) é – mês
c) difícil – hábil
d) inexistência – médio
e) diminuído – jurídicos

Capítulo 4

Estrutura dos Nomes

4.1. Radical

Indica o significado dos termos.

Ex.: ferrugem, ferreiro, ferrinho – O radical é FERR, o que faz compreender ser algo relativo a ferro.

4.2. Afixos

Dividem-se em dois tipos: Prefixos que se localizam antes do radical e Sufixos, após.

INFELIZ – Prefixo IN; REELEITO – Prefixo RE.

PENSAMENTO – Sufixo MENTO; ROTAÇÃO – Sufixo – ÇÃO.

4.3. Vogal temática

Localiza-se após o radical nos nomes que não sejam oxítonos ou terminados em consoantes .

Ex.: carro, planta, vida, espaço.

Obs.: São atemáticos os nomes oxítonos ou terminados em consoantes.

Ex.: café, urubu, fêmur, lápis.

4.4. Desinências

4.4.1. De gênero

Indica a contrapartida de gênero masculino/feminino.

Ex.: menino, menina; gato, gata.

Obs.: Há autores que só reconhecem desinência de gênero nos substantivos femininos em contrapartida aos substantivos masculinos, pois a desinência de gênero serviria – na concepção deles – para diferençar o feminino do masculino e não o masculino do feminino.

4.4.2. De número

Indica o plural.

Ex.: casas, meninos.

4.4.3. De grau

Indica o aumentativo ou o diminutivo dos nomes.

Ex.: garotão, garotinho.

4.5. Vogais e consoantes de ligação

Fazem a ligação entre o radical e o sufixo, desinência ou outro radical.

Ex.: cafezinho, gasômetro.

4.6. Formação dos nomes

4.6.1. Composição

Há mais de um radical.

4.6.1.1. Justaposição

Não há perda de fonemas.

Ex.: minissaia, pé de moleque.

4.6.1.2. Aglutinação

Há perda de fonemas.

Ex.: planalto, aguardente.

4.6.2. Derivação

Há apenas um radical.

4.6.2.1. Sufixal

Radical + sufixo.

Ex.: cafeteira, livraria.

4.6.2.2. Prefixal

Prefixo + radical.

Ex.: prefixo, dissílabo.

4.6.2.3. Prefixal e sufixal (derivação sucessiva)

Prefixo + radical + sufixo. Ocorre quando uma palavra possui prefixo e sufixo, sem que um exija a presença do outro.

Ex.: deslealdade, infelizmente.

Observe que estas palavras possuem prefixo e sufixo, porém também existiriam sem a presença de um deles: desleal e lealdade, infeliz e felizmente.

4.6.2.4. Parassintética

Prefixo + radical + sufixo. Acontece quando uma palavra possui prefixo e sufixo obrigatoriamente ao mesmo tempo, ou seja, um exige a presença do outro. A derivação parassintética é formadora de verbo.

Ex.: anoitecer, enlouquecer.

Observe que estas palavras não podem existir somente com prefixo e radical ou radical e sufixo: anoite e noitecer, enlouco e louquecer.

4.6.2.5. Regressiva

Substantivo que se forma de verbo, perdendo fonema.

Ex.: jogo (derivado de jogar), toque (derivado de tocar).

4.6.3. Conversão

Palavra utilizada em classe gramatical diferente da de origem.

Ex.: gilete (substantivo simples), Gillette (substantivo próprio); o falar (substantivo), falar (verbo).

Obs.: Necessário se faz informar que a efetivação deste caso só pode ser observada no contexto.

4.6.4. Hibridismo

Palavra formada por morfemas de origens diferentes.

Ex.: burocracia (francês e grego); sociologia (latim e grego).

4.6.5. Reduplicação

Repetição de parte da palavra.

Ex.: tico-tico, reco-reco.

4.6.6. Abreviação

Parte da palavra pelo todo.

Ex.: moto (motocicleta), pneu (pneumático).

4.6.7. Sigla

Iniciais das palavras.

Ex.: CRF (Clube de Regatas do Flamengo), PT (Partido dos Trabalhadores).

4.6.8. Neologismo

Formação de novas palavras.

Ex.: Nhenhenhém, imexível.

Obs.: Quando um vocábulo já passou por vários processos de formação, deve-se

levar em consideração apenas a última fase. Por exemplo: a palavra ENTERRAR, por parassíntese, formou-se de TERRA e, por sua vez, por regressão, forma ENTERRO. Sendo assim, para a palavra ENTERRO, deve-se avaliar somente o último passo: a regressão. Já a palavra EMPOBRECER, por parassíntese, deriva-se de POBRE. Acrescendo-se o sufixo, forma EMPOBRECIMENTO. Para este vocábulo, leva-se em conta só o último processo: sufixal.

4.7. Prefixos latinos

PREFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
Ab, abs	afastamento, separação	abusar, abster-se
Ad, a	aproximação	adjunto, abeirar
Ambi	duplicidade	ambidestro
Ante	anterioridade	antevéspera
Bene, ben	bem, muito bom	benevolência
Bis, bi	duas vezes	bisavó
Circun	movimento em torno	circunferência
Cis	posição aquém	cisalpino
Com, co	companhia	compartilhar
Contra	oposição	contradição
De	movimento para baixo	decomposição
De, dês	ação contrária, privação	defeito
Di, dis	movimento para vários lados	digerir, discordar
Ex, e, es	movimento para fora	extração, expor
Extra	fora de	extraordinário
In, i	movimento para dentro	ingerir
In, i	negação	inativo
Inter, entre	posição intermediária	intervir
Intro, intra	movimento para dentro	introdução
Per	movimento através	perfeito
Pro	movimento para a frente	progredir
Re	movimento para trás, repetição	reabrir
Retro	movimento para trás	retroceder
Semi	metade	semideus
Sub, sus, su	posição de inferioridade	submeter, subalterno
Super, supra, sobre	posição em cima, excesso	superpor, sobrepor
Trans, tras	através de, além de	transposição

Tres, tras	mudança	tresnoitar
Ultra	posição além do limite	ultrarromântico
Vice, vis	substituição	vice-presidente
Soto, sota	posição inferior	soto-mestre

4.8. Prefixos gregos

PREFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
A, na	negação, privação	ateu, anarquia
Ana	repetição	anagrama
Anfi	duplicidade	anfíbio
Anti	oposição	antiaéreo
Apo	afastamento	apogeu
Arqui, arce	superioridade	arcebispo
Cata	movimento para baixo	catarata
Di	duas vezes	ditongo
Dia	movimento através de	diálogo
Dis	dificuldade	disenteria
Ec, ex	movimento para fora	eczema, êxodo
Endo	movimento para dentro	endovenoso
Epi	posição superior	epiderme
Eu, ev	perfeição, excelência	eufônico
Hemi	metade	hemisfério
Hiper	posição superior, excesso	hipertenso
Hipo	posição inferior	hipotético
Meta	posterioridade, mudança	metátese
Para	proximidade, ao lado de	paradigma
Peri	posição em torno de	perímetro
Pro	anterioridade	profecia
Sim, sin	simultaneidade, companhia	simpático, sinônimo

4.9. Relação de sufixos

SUFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
-ada, -agem, -al	coleção	boiada, ramagem, laranjal
-ame, -edo, -io	agrupamento	vasilhame, arvoredo, mulherio
-aço, -aça, -ão, -arra	aumentativo	ricaço, barcaça, bocarra
-orra, -aréu, -ázio	aumentativo	cabeçorra, povaréu, copázio
-acho, -ejo, -ela, -eta	diminutivo	riacho, lugarejo, ruela, saleta

-ete, -eto, -ico, -iço	diminutivo	artiguete, poemeto, burrico
-isco, -(z)inho	diminutivo	chuvisco, animalzinho
-ota, -ote, -(c)ula	diminutivo	flâmula, gotícula
-(c)ulo, -ucho	diminutivo	papelucho
-dade, -dão	qualidade	paulada, maldade, escuridão
-ação	ação	esperança, oração, detenção
-ência, -ez, -eza	estado	imponência, altivez, beleza
-ície, -mento, -(t)ude	estado, qualidade	calvície, ferimento, quietude
-ume	quantidade, coletivo	negrume, cardume
-ario, -eiro, -dor	profissão	bibliotecário, pedreiro
-nte	agente	vendedor, ajudante
-douro	lugar	bebedouro, dormitório
-al, -ar, -eo	referência, relação	imperial, escolar, férreo
-ano, -ão, -eiro	naturalidade, origem	curitibano, alemão
-ense, -eu, -ino		paraense, europeu, florentino
-ês, -esa		chinês, chinesa
-oso, -udo, -ia, -ismo	abundância, ciência, escola, sistema político	gorduroso, narigudo, astronomia, romantismo, comunismo
ança (ância), ença (ência)	ação ou resultado da ação	Esperança, lembrança, importância, obediência, crença, regência
ura	qualidade	brancura, feiúra
-esa, -isa, -essa	título	baronesa, sacerdotisa, condessa
-ar, -ear, -entar	ação	cantar, guerrear, afugentar
-ficar, -izar	factitivo	dignificar, civilizar
-ecer, -escer	início de ação	amanhecer, amadurecer, florescer
-icar, -itar	ação pouco intensa	bebericar, adocicar
-iscar, -inhar	frequência	chuviscar, escrevinhar
-ear, -ejar	ação repetitiva	espernear, apedrejar

4.10. Correspondência entre prefixos gregos e latinos

PREFIXO LATINO	SIGNIFICADO	PREFIXO GREGO
Ab	afastamento	apo
Ad	proximidade, ao lado	para
Ambi	duplicidade	anfi
Bene	bem, bom	eu
Bi	dois	di
Circum	em torno de	peri

Contra	ação contrária	anti
Cum	simultaneidade	sin
De	movimento de cima para baixo	cata
Des, in	privação, negação	a, na
Ex	movimento para fora	ec, ex
In	interioridade	em
Intra	posição interior	endo
Semi	metade	hemi
Sub	sob, inferior	hipo
Super	sobre, excesso	epi
Trans	através de	dia

4.11. Latinismos

A fortiori	com tanto mais razão
Ab absurdo	por absurdo
Ab initio	desde o princípio
Ad hoc	para isso
Ad instar	à semelhança, à maneira de
Ad honores	pela honra
Ad libitum	à vontade, a seu bel-prazer
Ad referendum	sujeito à aprovação
Ad usum	segundo o costume
Alibi	meio de defesa que o réu apresenta, provando estar em outro local no momento do crime
A priori	antes de qualquer momento
A posteriori	após argumentação
Apud	junto de
Alter ego	outro eu
Curriculum vitae	correr da vida, conjunto de informações pessoais
Data venia	com a devida permissão
De facto	de fato
Errata	especificação dos erros expressos
Et alii	e outros
Ex aequo	com igualdade
Ex autoritate legis	por força da lei
Ex abrupto	de súbito
Ex cathedra	em virtude de autoridade decorrente do título
Ex consensu	com o consentimento

Ex jure	segundo o direito
Ex more	conforme o costume
Ex officio	por obrigação da lei, por dever do cargo
Exempli gratia	por exemplo
Ex lege	de acordo com a lei
Ex nunc	de agora em diante
Ex tunc	desde então, com efeito retroativo
Ex-vi	por força, por efeito
Fac simile	cópia
Habeas corpus	liberdade de locomoção
Hic et nunc	aqui e agora
Honoris causa	por motivo de honra
Ibidem	no mesmo lugar
Idem	igualmente, também
In fine	no fim
In limine	preliminarmente
In albis	sem noção daquilo que deveria saber
In extenso	na íntegra
In limine	desde logo, no início
In loco	no lugar
In sito	no lugar
In totum	totalmente
Ipsis literis	pelas mesmas letras
Ipsis verbis	pelas mesmas palavras – textualmente
Ipso facto	por isso mesmo, pelo próprio fato
Ipso jure	de acordo com o direito
Lato sensu	em sentido amplo
Mutatis mutandis	mudando o que deve ser mudado
Opus	obra musical classificada e numerada
Pari passu	simultaneamente
Passim	aqui e ali, em toda parte
Prima facie	à primeira vista
Pro labore	o pagamento por serviço prestado
Quorum	número mínimo de pessoas presentes exigido por lei ou estatuto para que um órgão funcione
Res non verba	fatos, não palavras
Sic	assim mesmo, escrito desta maneira

Sine die	sem data fixa
Sine jure	sem direito
Sine qua non	indispensável
Sub judice	sob a apreciação judicial
Sui generis	peculiar, sem igual
Status quo	estado em que se encontrava certa questão
Stricto sensu	em sentido restrito
Urbi et orbi	em toda parte
Ut infra	conforme abaixo
Ut retro	conforme atrás
Ut supra	conforme acima
Verbi gratia	por exemplo
Verbo ad verbum	palavra por palavra

4.12. Exercícios

1. (Fiscal – Sefaz – RJ – FGV) Assinale a alternativa em que o elemento *in-* tenha valor idêntico ao de *insuflados*.
a) influxos
b) intermediação
c) inaplicável
d) inúmeras
e) inferir

2. (UFF) A alternativa em que todos os sufixos têm, fundamentalmente, o mesmo valor que o sufixo presente no substantivo percursionista é:
a) barbeiro, bancário, cantor
b) estudante, formigueiro, vestiário
c) jogador, noticiário, pedinte
d) cinzeiro, poetastro, colaborador
e) operário, fazendeiro, budismo

3. (Cesgranrio) Assinale a série de vocábulos em que todos os sufixos exprimem noção de qualidade:
a) sensibilidade – delicadeza – docemente
b) decoração – bronzeado – selvagem
c) franqueza – doçura – ferocidade
d) sentimento – rapidamente – majestosa
e) dourado – vegetação – beleza

4. (PUC) Assinale o vocábulo cujo prefixo é semanticamente diferente do de "intocável":
a) afônico

b) ilegal
c) desconfortável
d) anônimo
e) imigrante

5. (Fiscal – ICMS-RJ – FGV) Com relação aos processos de formação de palavras, analise as afirmativas a seguir:
I. *estruturador*, *civilizacional* **e** *renováveis* **são adjetivos formados por derivação sufixal.**
II. *hominização*, *dilapidação* **e** *autodestruição* **são substantivos formados por composição e derivação.**
III. *autodestruição*, *contrapartida* **e** *responsabilidade* **são substantivos formados por composição.**
Assinale:
a) se somente a afirmativa I estiver correta;
b) se somente a afirmativa II estiver correta;
c) se somente a afirmativa III estiver correta;
d) se somente as afirmativas I e II estiverem corretas;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

6. (Uni-Rio) Numere a coluna da direita, relacionando-a com a da esquerda, pelo significado do prefixo. A seguir, assinale a resposta correta:

1) desesperança			( ) repetição
2) contramarcha			( ) oposição
3) redobra			( ) privação, negação
4) influir			( ) passar além de
5) translúcido			( ) movimento para dentro

a) 3-5-2-1-4
b) 2-3-4-5-1
c) 3-2-1-5-4
d) 4-3-2-1-5
e) 5-4-3-1-2

7. (Uni-Rio) Assinale a opção em que os prefixos têm o mesmo significado:
a) contradizer – antídoto
b) desfolhar – epiderme
c) decapitar – homicídio
d) supercílio – acéfalo
e) semimorto – perianto

8. (Analista de Controle Interno – Sefaz-RJ – FGV) Assinale a palavra formada pelo mesmo processo que corresponsabilidade.

a) necessidades
b) qualificação
c) imprescindível
d) irrestrita
e) governamental

9. (Cesgranrio) Considerando o valor dos sufixos, assinale o par de vocábulos que guardam entre si a mesma relação semântica existente entre "elaborar" / "elaboração".
a) criar / criativo.
b) navegar / navegante.
c) lavar / lavatório.
d) cobrar / cobrança.
e) quebrar / quebradiço.

10. (Fiscal ICMS-RJ – FGV) Assinale a alternativa em que a palavra indicada não seja formada pelo mesmo processo que <u>injustiça</u>.
a) tecnologias
b) auto-organização
c) antielisão
d) ilícito
e) internacional

11. (UGF) Assinale o vocábulo cujo elemento mórfico destacado não corresponde à classificação do "a" de "pequena".
a) perfumadas
b) violenta
c) louca
d) criança
e) formosa

12. (PUC) Na palavra "espantoso", o sufixo OSO acrescenta ao radical o valor semântico de aquilo que provoca ou produz. Assinale a palavra cujo sufixo tem este mesmo significado:
a) apetitoso
b) medroso
c) venenoso
d) vaidoso
e) gostoso

13. (Fuvest) Assinalar a alternativa que registra a palavra que tem sufixo formador de advérbio:
a) Desesperança

b) Pessimismo
c) Empobrecimento
d) Extremamente
e) Sociedade

14. (Fuvest) Assinalar a alternativa em que a primeira palavra apresenta sufixo formador de advérbio e, a segunda, sufixo formador de substantivo:
a) Perfeitamente – varrendo
b) Provavelmente – erro
c) Lentamente – explicação
d) Atrevimento – ignorância
e) Proveniente – furtado

15. (Gama Filho) Assinale a opção em que há erro na identificação do processo de formação de palavra em destaque:
a) semeador – derivação sufixal
b) inimiga – derivação prefixal
c) funerária – hibridismo
d) enterro – derivação regressiva
e) tumba – moenda – composição por justaposição

16. (Uni-Rio) Dentre as palavras abaixo, assinale a única que destoa das demais quanto ao seu processo de formação:
a) dose
b) força
c) marca
d) alegria
e) sonho

17. (Unificado) As palavras "esquartejar", "desculpa" e "irreconhecível" foram formadas, respectivamente, pelos processos de:
a) sufixação, prefixação, parassíntese
b) sufixação, derivação regressiva, prefixação
c) composição por aglutinação, prefixação, sufixação
d) parassíntese, derivação regressiva, prefixação
e) parassíntese, derivação imprópria, parassíntese

18. (NCE) Currículo é a forma portuguesa correspondente ao latinismo *curriculum*; o item abaixo que apresenta um latinismo de significação <u>incorreta</u> é:
a) *a priori* – antecipadamente
b) *alibi* – declaração
c) *sine die* – sem data certa
d) *quantum* – quantidade

e) *et alii* – e outros

19. (UFF) Assinale a opção em que as duas palavras sublinhadas são formadas por um mesmo processo e apresentam a mesma estrutura.

a) "Jamais a Receita vai me pegar por <u>má-fé</u> ou <u>sonegação</u>" (PC Farias/*Exame*, 10/6/1992).

b) "Um deles, <u>peça-chave</u> na cena política nacional, engoliu em seco. 'A nação <u>traumatizada</u>', afirma" (*Exame*, 10/6/1992).

c) " É mais barato investir num <u>superprojeto</u> que se adapte às exigências futuras do que refazer o produto para atender as especificações <u>localizadas</u>" (*Exame*, 10/6/1992).

d) "<u>Verdadeiro</u> tratado sobre o <u>desencanto</u> nacional bruto, o documento que me foi passado pela agência é de tirar o fôlego" (J. Betting / *O Globo*, 6/9/1992).

e) "O leitor de jornais sente que a página <u>policial</u> esfria, se comparada ao <u>noticiário</u> econômico e político em matéria de teor escandaloso" (*Jornal do Brasil*, 9/9/1993).

20. (PUC) Qual a única das opções abaixo que apresenta uma explicação <u>incorreta</u> na análise dos elementos mórficos e/ou na identificação do significado?

a) "Tudo passa a estar condenado a fracassar <u>redondissimamente</u>".

Sufixo -íssimo, com valor de superlativo, e sufixo -mente, formador de advérbio; significado: completamente, inteiramente.

b) "Sociedade como um todo essa <u>alienadona</u> de si mesma".

Sufixo -ona, formador de adjetivo e substantivo atribuindo valor intensivo; significado: muito alienada.

c) "E façamos uma <u>goiabada</u>".

Sufixo -ada, formador de substantivo; significado: o doce feito de goiaba.

d) "Goiabada bem <u>palatável</u>".

Sufixo -vel, formador de adjetivo; significado: do tipo próprio ao palato, comestível, comível.

e) "16 milhões de <u>desempregados</u> sabem disso".

Vocábulo formado por parassintetismo; significado: desocupados, pessoas sem profissão.

21. (Uni-Rio) Assinale a opção em que o vocábulo destacado é formado por derivação regressiva:

a) Opressão
b) Deficiente (adj.)
c) Tribo
d) Adestrar (verbo)
e) Manejo (substantivo)

22. (Unificado) Assinale a opção em que o processo de formação de palavras está <u>indevidamente</u> caracterizado.

a) Pai-nosso: composição por justaposição.

b) Aventuroso: derivação sufixal.
c) Embonecar: composição por aglutinação.
d) Descanso: derivação regressiva.
e) Incerto: derivação prefixal.

23. As palavras "sinceramente", "florzinha" e "homenzarrão" são formadas por derivação:
a) parassintética
b) prefixal
c) imprópria
d) regressiva
e) sufixal

24. (PUC) Considerando o processo de formação de palavras, relacione a coluna da direita com a da esquerda.

(1) Derivação imprópria			( ) Desenredo
(2) Prefixação			( ) Narrador
(3) Prefixação e sufixação			( ) Infinitamente
(4) Sufixação			( ) O voar
(5) Composição por justaposição			( ) Pão-de-mel

a) 3-4-2-5-1
b) 2-4-3-5-1
c) 2-4-3-1-5
d) 4-1-5-2-3
e) 4-1-5-3-2

25. (Cesgranrio) Assinale a opção em que nem todas as palavras provêm de um mesmo radical.
a) Noite, anoitecer, noitada
b) Terra, terreno, aterrorizado
c) Incrível, crente, crer
d) Festa, festeiro, festejar
e) Riqueza, ricaço, enriquecer

26. (UFSC) Assinale a alternativa em que o elemento mórfico em destaque está corretamente analisado.
a) Menina –A: desinência nominal de gênero.
b) Vendeste –E: vogal de ligação.
c) Gasômetro –O: Vogal temática de 2ª conjugação.
d) Amassem –SSE: desinência de 2ª pessoa do plural.
e) Cantaríeis –IS: desinência do imperfeito do subjuntivo.

27. (FCMSCSP) Em qual dos exemplos abaixo está presente um caso de derivação parassintética?
a) Lá vem ele, vitorioso do COMBATE.
b) Ora, vá PLANTAR batatas!
c) Começou o ATAQUE.
d) Assustado, continuou a se DISTANCIAR do animal.
e) Não vou mais me ENTRISTECER, vou é cantar.

28. (Unesp) As palavras "perda", "corredor" e "saca-rolha" são formadas, respectivamente, por:
a) derivação regressiva, derivação sufixal, composição por justaposição;
b) derivação regressiva, derivação sufixal, derivação parassintética;
c) composição por aglutinação, derivação parassintética, derivação regressiva;
d) derivação parassintética, composição por justaposição, composição por aglutinação;
e) derivação por justaposição, composição por aglutinação, derivação prefixal.

29. (Unisinos-RS) A palavra "incorruptível" é formada pelo seguinte processo:
a) derivação prefixal;
b) derivação parassintética;
c) derivação sufixal;
d) derivação prefixal e sufixal;
e) aglutinação.

30. (Inspetor de Polícia – Polícia Civil – NCE) "Inúmeros", "ilícita", "impropriedade" têm em comum:
a) o prefixo negativo;
b) a classe gramatical;
c) o gênero;
d) o número;
e) a forma gráfica.

31. (Ministério Público do Rio de Janeiro – NCE) <u>Fertilização</u> se relaciona a <u>fertilizar</u> como:
a) feliz a infeliz;
b) casamento a casar;
c) fértil a fertilidade;
d) tribo a índios;
e) contente a contentamento.

32. (Ministério Público do Rio de Janeiro – NCE) <u>Pedestres</u>, como sabemos, são os que andam a pé; o vocábulo abaixo que <u>não</u> pertence à mesma família de palavras é:
a) pedestal;

b) pedicure;
c) pedal;
d) pedalinho;
e) pedante.

33. (Ministério Público do Rio de Janeiro – NCE) Assim como "engrandecimento", derivado de "engrandecer", outros verbos possuem substantivos derivados de verbos com o sufixo – mento. O item em que todos os verbos citados possuem substantivos desse tipo é:
a) esmagar – coroar – desenvolver
b) descobrir – prover – entregar
c) receber – pagar – publicar
d) preparar – envolver – reter
e) deslocar – colocar – alocar

34. (Ministério Público do Rio de Janeiro – NCE) A relação entre verbo e substantivo inadequada é:
a) pretender – pretensão
b) adquirir – aquisição
c) agredir – agressão
d) perder – perdida
e) recusar – recusa

35. (INPI – NCE) "Passageiros" é uma palavra formada por:
a) derivação prefixal;
b) derivação sufixal;
c) derivação regressiva;
d) derivação parassintética;
e) composição.

36. (INPI – NCE) A palavra que <u>não</u> é formada por derivação sufixal é:
a) compadrismo
b) camaradagem
c) nacional
d) aproximação
e) vantagens

37. (INPI – NCE) Agrário se refere a campo; o vocábulo abaixo em que esse radical tem significado diferente é:
a) agricultor
b) agridoce
c) agrimensor
d) agreste

e) agrícola

38. (Auxiliar de Almoxarifado – NCE) A alternativa que mostra adjetivo e substantivo cognato (da mesma família de palavras) de forma correta é:
a) frágil / fragilidade
b) pureza / apuro
c) constante / continuidade
d) permanente / pertences
e) predador / pedra

39. (Técnico Judiciário Juramentado – TJ – NCE) Os vocábulos "apagão" e "caladão", presentes no texto, aparecem grafados entre aspas porque são:
a) termos de cunho popular;
b) neologismos;
c) vocábulos que perderam velhos sentidos;
d) de presença comum na mídia;
e) referentes a acontecimentos recentes.

40. (Técnico Judiciário Juramentado – TJ – NCE) O vocábulo abaixo cujo prefixo apresenta o mesmo valor semântico do prefixo presente no vocábulo "erradicar" é:
a) discriminação
b) admissão
c) incapacidade
d) redistribuição
e) exportar

41. (Auxiliar de Cartório – NCE) Hibernação está para inverno, considerados os vários aspectos de sua formação, como:
a) crescimento está para crescer;
b) diminuição está para diminuir;
c) mensal está para mês;
d) liberdade está para livre;
e) animação está para alma.

42. (Auxiliar de Cartório – NCE) Os vocábulos que <u>não</u> possuem formação completamente idêntica são:
a) hibernação / entorpecimento
b) parcial / letárgico
c) explicação / diminuição
d) intensidade / completamente
e) sanguínea / normais

43. (Auxilar de Cartório – NCE) O radical de origem grega "fobia" significa "medo,

aversão"; o vocábulo abaixo que tem sua significação corretamente indicada é:
a) agorafobia – medo dos tempos atuais
b) acrofobia – medo de lugares altos
c) claustrofobia – medo de lugares religiosos
d) hidrofobia – medo de chuva
e) fotofobia – medo de aparecer em público

44. (BB) A palavra "aguardente" formou-se por:
a) hibridismo;
b) aglutinação;
c) justaposição;
d) parassíntese;
e) derivação regressiva.

45. (ETF-SP) Assinalar a alternativa que indique corretamente o processo de formação das palavras <u>sem-terra</u>, <u>sertanista</u> e <u>desconhecido</u>.
a) Composição por justaposição, derivação por sufixação, derivação por prefixação e sufixação.
b) Composição por aglutinação, derivação por sufixação e derivação por parassíntese.
c) Composição por aglutinação, derivação por sufixação e derivação por sufixação.
d) Composição por justaposição, derivação por sufixação e composição por aglutinação.
e) Composição por aglutinação, derivação por sufixação e derivação por prefixação.

46. (NCE) Tevê é uma forma abreviada de televisão; qual das palavras destacadas a seguir também é uma abreviação?
a) Bom
b) Pneu
c) Só
d) Um
e) Caso

47. (NCE) A palavra "milionarismo" não aparece em nenhum dicionário e, por isso mesmo, como deve ser designada?
a) Idiotismo
b) Neologismo
c) Regionalismo
d) Dialeto
e) Popularismo

48. (Ministério Público – RJ – NCE) Corporativismo, populismo, capitalismo mostram que o sufixo "-ismo" tem valor de:
a) coletivo ou grupo;
b) qualidade ou característica;

c) doutrina ou sistema;
d) quantidade ou intensidade;
e) aspecto pejorativo ou negativo.

49. (Ministério Público – RJ – NCE) Subtributação só pode significar:
a) sonegação de impostos;
b) ausência de fiscalização no pagamento dos impostos;
c) taxação injusta, por exagerada;
d) impostos reduzidos;
e) dispensa de pagamento de impostos.

50. (IBGE – NCE) A sigla CPI, presente no texto, significa:
a) Centro de Proteção ao Investidor;
b) Comissão Parlamentar de Inquérito;
c) Cooperativa Parlamentar de Investigação;
d) Casa do Pequeno Investidor;
e) Comissão Privada de Investigação.

51. (CPBS – NCE) Nos vocábulos "imperceptível" e "subterrâneo", os prefixos IM e SUB indicam, respectivamente:
a) dentro de – sobre
b) negação – abaixo de
c) proximidade – sob
d) movimento para dentro – acima de
e) oposição – dentro de

52. (Fiscal – ICMS – RJ – FGV) Assinale a alternativa em que o elemento *in* tenha valor idêntico ao de *insuflados*.
a) Influxos.
b) Intermediação.
c) Insuflados.
d) Inúmeros.
e) Inferir.

53. (Técnico Judiciário Juramentado – TJ – NCE) "... que substituem o Estado em certas regiões (*vide* o PCC) e com a parte corrupta da polícia ..." *Vide* é forma latina correspondente ao verbo "ver". O latinismo a seguir que tem seu significado corretamente indicado é:
a) *sic* – nunca
b) *et allii* – e assim
c) *ad hoc* – isto é
d) *latu sensu* – em sentido restrito
e) *verbi gratia* – por exemplo

54. (TJ – NCE) Etc. é uma expressão latina. O livro *Não perca o seu latim*, de Paulo Rónai, indica vocábulos e expressões latinas bastante comuns em textos jurídicos. O item cujo latinismo tem seu significado incorretamente indicado é:
a) *Alibi* – ausência do acusado no lugar do crime, provada pela sua presença noutro lugar.
b) *Habeas corpus* – garantia constitucional outorgada em favor de quem sofre ou está na iminência de sofrer coação ou violência.
c) *Quorum* – número máximo de pessoas presentes para que um órgão funcione.
d) *Ad hoc* – designado para executar determinada tarefa.
e) *A priori* – anteriormente à experiência.

55. (NCE) O vocábulo "pesquisa" é formado por derivação regressiva. Em que item a seguir a palavra destacada é formada por esse mesmo processo?
a) Houve erros de previsão grosseiros.
b) O motivo é evidente.
c) O eleitor poderia ir à urna.
d) O estudo dos resultados mostrou falhas.
e) O feriado das eleições foi aproveitado.

56. (NCE) No vocábulo "lentamente", como se classifica morfologicamente o elemento "a" em termos diacrônicos?
a) Desinência de gênero
b) Sufixo
c) Desinência número-pessoal
d) Desinência modo-temporal
e) Vogal de ligação

57. (NCE) Assinale o item que o sufixo – mente não apresenta o mesmo valor semântico presente na palavra "lentamente".
a) Rapidamente
b) Finalmente
c) Sutilmente
d) Infelizmente
e) Corajosamente

58. (NCE) Silicose é um vocábulo que apresenta o sufixo OSE indicativo de doença. Em que palavra abaixo esse mesmo sufixo tem valor diferente?
a) Trombose
b) Tuberculose
c) Dermatose
d) Diagnose
e) Psicose

59. (NCE) A palavra "entoação" foi formada por:
a) derivação sufixal
b) derivação prefixal e sufixal
c) parassínteses
d) aglutinação
e) justaposição

60. (NCE) "Omissão" e "intromissão" são vocábulos que diferem pelo prefixo que se junta ao mesmo radical. O mesmo ocorre em:
a) querer / requerer
b) deter / conter
c) haver / reaver
d) contratempo / passatempo
e) finalizar / finalidade

61. (NCE) Há evidente equívoco na indicação do valor semântico do sufixo formador das palavras em:
a) dimensionamento, questionamento (ato ou efeito de)
b) estritamente, explicitamente (modo)
c) autoritarismo; corporativismo (instrumento de ação)
d) responsabilidade, hostilidade (qualidade ou estado)
e) pesquisador, professor (agente)

62. (Coppe) A opção em que os prefixos guardam entre si o mesmo tipo de relação semântica que o observado entre os prefixos de "imobilismo" e "desagregador" é:
a) hemisfério / semimorto
b) antítese / antebraço
c) emergente / importação
d) afonia / eufonia
e) cisandino / translado

63. (NCE) O vocábulo televisão é um hibridismo, já que contém elementos de línguas diversas. Assinale o item em que o vocábulo dado também pode ser visto como hibridismo.
a) perfume
b) catálogo
c) burocracia
d) hipopótamo
e) antropófago

Capítulo 5

Substantivo

Substantivo é o termo que dá nome aos seres.

Ex.: flor, palavra, amor.

5.1. Substantivo concreto

É aquele que, depois da sua existência estar consumada ou deduzida, torna-se independente.

Ex.: bola, Deus, alma, demônio, Saci Pererê, caminho, luz.

5.2. Substantivo abstrato

É aquele que depende e sempre dependerá de um substantivo concreto para existir. Em suma, refere-se a sentimentos, ações ou acontecimentos.

Ex.: crença, felicidade, futebol, caminhada, casamento.

5.3. Substantivo simples

É aquele que contém apenas um radical.

Ex.: saia, flor.

5.4. Substantivo composto

É aquele que contém mais de um radical.

Ex.: minissaia, flor-de-lis.

5.5. Substantivo primitivo

É o substantivo possuindo somente radical, sem afixos.

Ex.: menino, livro.

5.6. Substantivo derivado

É o substantivo possuindo afixos.

Ex.: meninice, livraria.

5.7. Substantivo comum

É o que generaliza, ou seja, não individualiza os seres dentro de um agrupamento específico.

Ex.: país, clube, matéria.

5.8. Substantivo próprio

É o que individualiza os seres dentro de um agrupamento.

Ex.: Brasil, Flamengo, Português.

5.9. Coletivo

Ideia de agrupamento

academia	sábios, artistas		acervo	bens, livros...
alcateia	lobos		armento	bois, vacas, ovelhas
arquipélago	ilhas		assembleia	deputados
atlas	cartas geográficas		bandeira	garimpeiros
biblioteca	livros		cabido	cônegos
cáfila	camelos		caravana	viajantes
cardume	peixes		clero	eclesiáticos
colmeia, enxame	abelhas		comboio	caminhões
concílio	prelados, deuses		confraria	religiosos
congresso	sábios		constelação	estrelas
discoteca	discos		elenco	atores
esquadra	navios		esquadrilha	aviões
fato	cabras		fauna	animais
feixe	luzes, capim		girândola	foguetes
horda	nômades		junta	bois, médicos salteadores
júri	jurados		legião	soldados, anjos
manada	animais pesados		matilha	cães
mó	pessoas		molho	chaves
ninhada	pintos		nuvem	gafanhotos
panapaná	borboletas		pelotão	soldados
quadrilha	ladrões		ramalhete	flores
repertório	peças teatrais		resma	papéis
réstia	cebolas		revoada	pássaros
tropel	cavalos		turba	desordeiros

5.10. Flexão nominal

5.10.1. Gênero

5.10.1.1. Comum de dois gêneros

Designa os indivíduos dos dois sexos mantendo a mesma forma, e o gênero é indicado pelo artigo, adjetivo etc.

Ex.: o acrobata, a acrobata;
o artista, a artista;
o amante, a amante;
o intérprete, a intérprete.

5.10.1.2. Sobrecomum

Possui a mesma forma para o masculino ou feminino e, diferentemente do COMUM-DE-DOIS-GÊNEROS, não varia de gênero.

Ex.: a criança (pode ser um menino ou uma menina);
a testemunha;
o algoz;
o monstro;
a vítima.

5.10.1.3. Epiceno ou promíscuo

Designa animais que possuem apenas uma forma para o masculino e para o feminino.

Ex.: girafa (pode ser girafa macho ou fêmea);
tainha;
avestruz;
barata;
águia.

5.10.1.4. Heterônimo ou desconexo

Designa substantivos cujos femininos se formam com um radical completamente diferente do masculino.

Ex.: homem – mulher
boi – vaca
carneiro – ovelha

5.10.1.5. Lista especial de femininos

abade	abadessa
afegão	afegã

alcaide	alcaidessa, alcaidina
aldeão	aldeã
anfitrião	anfitriã, anfitrioa
ateu	ateia
bispo	episcopisa
bode	cabra
bretão	bretã, bretoa
búfalo	búfala
cação	caçonete
capitari	tartaruga
castelão	castelã
cavaleiro	amazona
cavalheiro	dama
caxaréu, caxarelo	baleia
cônego	cônega, canonisa
confrade	confreira
corujão, bufo	coruja
corvo	corvacha
cupim	arará
czar	czarina
deus	deusa, deia, diva
elefante	aliá, elefanta
embaixador	embaixadora (profissão)
ermitão	ermitoa, ermitã
esquimó	esquimoa
etíope	etiopisa
faisão	faisoa
formigão	formiga
frade	freira
frei	sóror
general	generala
hortelão	horteloa
ilhéu	ilhoa
jacaré	jacaroa
javali	javalina, gironda
jogral	jogralesa
landgrave	landgravina

lebrão	lebre
macharrão	onça
macho, mu, mulo	mula
maestro	maestrina
marajá	marani
marechal	marechala
melro	mélroa, melra
mestre	mestra
monge	monja
papa	papisa
pardal	pardaleja, pardoca, pardaloca
parente	parenta
pavão	pavoa
perdigão	perdiz
pierrô	pierrete
píton	pitonisa
rinoceronte	abada
semideus	semideusa
sultão	sultana
tabaréu	tabaroa
tabelião	tabelioa, tabeliã
tecelão	tecelã, teceloa
temporão	temporã
tigre	tigresa
tubarão	tintureira
varão	varoa, virago
veado	veada, cerva, corça
visconde	viscondessa
zangão ou zângão	abelha

5.10.1.6. Casos especiais de gênero dos substantivos

o ágape	a aluvião
o aneurisma	o apêndice
a áspide	o avestruz
o diabetes	o epítome
o estratagema	a faringe
o gambá	o ou a hélice

a laringe	o lança-perfume
a omoplata	o radical
a ordenança	o ou a personagem
a sentinela	o soprano
o saca-rolhas	o telefonema
a tíbia	a tormenta
a alface	o champanha

5.10.1.7. Substantivos que mudam de sentido com a mudança do gênero

O cabeça (o líder, o chefe)	a cabeça (parte do corpo)
O caixa (trabalhador)	a caixa (objeto)
O capital (dinheiro)	a capital (cidade principal)
O cura (vigário de aldeia)	a cura (restabelecimento de doença)
O guarda (policial)	a guarda (posse)
O guia (pessoa que orienta)	a guia (ato de guiar)
O lente (o professor)	a lente (objeto de vidro)
O língua (o intérprete)	a língua (parte do corpo, idioma)
O moral (ânimo, caráter)	a moral (moral de um fato, conclusão)
O voga (o remador)	a voga (moda, popularidade)

5.10.2. Número

5.10.2.1. Plural de alguns substantivos

abdômen	abdomens, abdômenes
ancião	anciãos, anciães, anciões
anil	anis
ás	ases
atlas	os atlas
aval	avales, avais
cal	cales, cais
capitão	capitães
caráter	caracteres
charlatão	charlatões, charlatãos
cirurgião	cirurgiães, cirurgiões
cônsul	cônsules
corrimão	corrimãos, corrimões
cós	coses, os cós
cútis	as cútis

ermitão	ermitãos, ermitães, ermitões
escrivão	escrivães
éter	éteres
fel	feles, féis
fênix	os fênix, fênices
fóssil	fósseis
fuzil	fuzis
giz	gizes
gravidez	gravidezes
guardião	guardiães, guardiões
hangar	hangares
hífen	hifens, hífenes
hortelão	hortelões, hortelães
lápis	os lápis
látex	os látex
oásis	os oásis
obus	obuses
ônix	os ônix
paiol	paióis
peão	peões, peães
pires	os pires
projetil	projetis
projétil	projéteis
sacristão	sacristães, sacristãos
sílex	os sílex
sultão	sultãos, sultães, sultões
tecelão	tecelões
tênis	os tênis
til	tis
tórax	os tórax
vilão	vilãos, vilães, vilões
vintém	vinténs
vulcão	vulcãos, vulcões

5.10.2.2. Regras do plural de substantivos simples

1) Aos substantivos terminados em vogal ou ditongo oral acrescenta-se ***S***.

Ex.: pé – pés

palavra – palavras
lei – leis
troféu – troféus

2) Aos substantivos terminados nos ditongos nasais ***átonos*** ou na vogal nasal ***ã*** acrescenta-se ***S***.

Ex.: órfão – órfãos
bênção – bênçãos
ímã – ímãs
órfã – órfãs

3) Ocorre com os substantivos terminados em ***EM*** a retirada da última letra e a colocação de ***NS***.

Ex.: homem – homens
vintém – vinténs

4) Aos substantivos terminados em ***S (na sílaba tônica), Z (na sílaba tônica) e R***, acrescenta-se ***ES***.

Ex.: francês – franceses
ás – ases
luz – luzes
rapaz – rapazes
algoz – algozes
dor – dores
caráter – caracteres
júnior – juniores

Obs.: ***Cós*** pode ter duas formas para o plural: ***coses*** ou ***cós***.

5) Os substantivos terminados em ***EN*** normalmente terão duas formas de plural. Poder-se-á acrescentar somente ***S***, como também ***ES***.

!	**ATENÇÃO**:
	Os paroxítonos terminados em **EN**, sofrendo o acréscimo de **S**, perderão o acento. Acrescendo **ES**, o acento será mantido.

Ex.: abdômen – abdomens, abdômenes
hífen – hifens, hífenes
pólen – polens, pólenes

6) Os substantivos terminados em ***AL, OL, UL*** perderão a última letra e receberão ***IS***.

Ex.: jornal – jornais
paiol – paióis
anzol – anzóis

azul – azuis

Obs.: cônsul – cônsules
mal – males
cal – cales, cais
aval – avales, avais
real – réis (moeda), reais

7) Os substantivos terminados em ***IL (tônico)*** perderão a última letra e receberão ***IS***.
Ex.: anil – anis
fuzil – fuzis
projetil – projetis

8) Os substantivos terminados em ***IL (átono)*** perderão a última letra e receberão ***EIS***.
Ex.: fóssil – fósseis
projétil – projéteis

9) Os substantivos terminados em ***EL*** perderão a última letra e receberão ***EIS***.
Ex.: anel – anéis
nível – níveis
móvel – móveis
papel – papéis

Obs.: mel – meles, méis
fel – feles, féis

10) Os substantivos terminados em ***S (na sílaba átona)*** e ***X*** não variam no plural.
Ex.: lápis – os lápis
tênis – os tênis
pires – os pires
tórax – os tórax
sílex – os sílex

5.10.2.3. Plural dos substantivos compostos

1) Quando houver **preposição**, somente o primeiro termo irá para o plural.
Ex.: pão de ló; pães de ló
mula sem cabeça; mulas sem cabeça

2) Quando houver ***substantivo + substantivo (ou adjetivo)***, os dois termos irão para o plural.
Ex.: baixo-relevo; baixos-relevos

obra-prima; obras-primas
cirurgião-dentista; cirurgiões-dentistas
pronto-socorro; prontos-socorros
couve-flor; couves-flores
boa-noite; boas-noites

Obs.: Quando o segundo termo indicar uma **finalidade**, **formato**, **cor** ou **especificação** qualquer do primeiro termo, somente este varia.

Ex.: navio-escola; navios-escola
bomba-relógio; bombas-relógio
pombo-correio; pombos-correio
manga-rosa; mangas-rosa
banana-prata; bananas-prata
decreto-lei; decretos-lei ou decretos-leis

3) Os ***verbos*** e ***advérbios*** serão invariáveis.

Ex.: para-queda; para-quedas
caça-níquel; caça-níqueis
vira-lata; vira-latas
todo-poderoso; todo-poderosos
abaixo-assinado; abaixo-assinados
bota-fora; bota-fora
alto-falantes

Obs. : ***GUARDA*** significando ***POLICIAL*** é substantivo; portanto, se flexiona no plural. Quando ***GUARDA*** significar ***PROTEGER***, será verbo; por conseguinte não possui forma pluralizada.

Ex.: guarda-chuva; guarda-chuvas
guarda-noturno; guardas-noturnos
guarda-mor; guardas-mores
guarda-municipal; guardas-municipais
guarda-roupa; guarda-roupas
guarda-sol; guarda-sóis

Obs.: Segundo Rocha Lima e Evanildo Bechara, quando os ***verbos*** forem ***iguais***, ambos podem variar. Este ainda aceita também que apenas o último termo seja flexionado. Já o Professor Celso Cunha, na Gramática da Língua Portuguesa, não se pronuncia a respeito de tal situação, donde se conclui que o NCE interpretou que este gramático já o inserira nos casos de verbos, formando substantivos compostos, ou seja, sendo invariáveis.

Enfim, segundo Rocha Lima, somente "os piscas-piscas", "os quebras-quebras"; segundo Evanildo Bechara, "os piscas-piscas", "os pisca-piscas", "os quebras-quebras", "os quebra-quebras"; segundo o NCE, "os pisca-pisca", "os quebra-quebra".

4) Quando houver ***numeral***, os dois termos irão para o plural.

Ex.: meio-dia; meios-dias
meia-noite; meias-noites
segunda-feira; segundas-feiras
quinta-feira; quintas-feiras.

5) Quando houver ***onomatopeia***, somente o segundo termo irá para o plural.

Ex.: tique-taque; tique-taques
reco-reco; reco-recos
tico-tico; tico-ticos.

6) Os termos ***VICE, PSEUDO, SUPER, GRÃO (significando grande)*** serão invariáveis.

Ex.: vice-presidente; vice-presidentes
vice-reitor; vice-reitores
pseudorrepresentação; pseudorrepresentações
super-homem; super-homens
grão-duque; grão-duques
grã-duquesa; grã-duquesas
grã-fino; grã-finos
grão-mestre; grão-mestres.

Obs.: grão-de-bico; grãos-de-bico. GRÃO, neste caso, significa, semente, e, como há preposição, somente o primeiro elemento irá para o plural.

5.10.2.4. Relação de substantivos compostos no plural

1)	abaixo-assinado	abaixo-assinados
2)	água-furtada	águas-furtadas
3)	água-marinha	águas-marinhas
4)	alto-relevo	altos-relevos
5)	amor-perfeito	amores-perfeitos
6)	arranha-céu	arranha-céus
7)	assistente-técnico	assistentes-técnicos
8)	auxiliar-judiciário	auxiliares-judiciários
9)	ave-maria	ave-marias
10)	banana-maçã	bananas-maçã

11)	banana-ouro	bananas-ouro
12)	bem-estar	bem-estares
13)	bomba-relógio	bombas-relógio
14)	bom-dia	bons-dias
15)	caça-níquel	caça-níqueis
16)	cavalo-vapor	cavalos-vapor
17)	cirurgião-dentista	cirurgiões-dentistas
18)	conta-gota	conta-gotas
19)	dona-de-casa	donas-de-casa
20)	erva-doce	ervas-doces
21)	ganha-perde	ganha-perde
22)	grã-duquesa	grã-duquesas
23)	grão-de-bico	grãos-de-bico
24)	grão-mestre	grão-mestres
25)	guarda-chuva	guarda-chuvas
26)	guarda-civil	guardas-civis
27)	guarda-sol	guarda-sóis
28)	guarda-volante	guarda-volantes
29)	joão-de-barro	joões-de-barro
30)	lesa-pátria	lesas-pátrias
31)	leva-e-traz	leva-e-traz
32)	livro-caixa	livros-caixa
33)	manga-rosa	mangas-rosa
34)	mata-pasto	mata-pastos
35)	mau-humor	maus-humores
36)	meia-noite	meias-noites
37)	meio-dia	meios-dias
38)	mestre-sala	mestres-sala
39)	mula-sem-cabeça	mulas-sem-cabeça
40)	navio-escola	navios-escola
41)	obra-prima	obras-primas
42)	pai-nosso	pais-nossos
43)	papel-moeda	papéis-moeda
44)	paraqueda	paraquedas
45)	pé de moleque	pés de moleque
46)	pombo-correio	pombos-correio
47)	pôr-do-sol	pores-do-sol

48)	porta-bandeira	porta-bandeiras
49)	pseudorrepresentação	pseudorrepresentações
50)	reco-reco	reco-recos
51)	segunda-feira	segundas-feiras
52)	sempre-viva	sempre-vivas
53)	super-homem	super-homens
54)	tenente-coronel	tenentes-coronéis
55)	tico-tico	tico-ticos
56)	tique-taque	tique-taques
57)	vice-presidente	vice-presidentes
58)	vira-lata	vira-latas

5.10.2.5. Plural com metafonia

Existem substantivos e adjetivos cujas formas de plural se fazem com alteração na vogal tônica, transformando-a de fechada em aberta.

1)	aposto (ô)	apostos (ó)
2)	caroço	caroços
3)	coro	coros
4)	corno	cornos
5)	corpo	corpos
6)	corvo	corvos
7)	despojo	despojos
8)	destroço	destroços
9)	esforço	esforços
10)	estorvo	estorvos
11)	fogo	fogos
12)	forno	fornos
13)	forro	forros
14)	fosso	fossos
15)	imposto	impostos
16)	miolo	miolos
17)	olho	olhos
18)	osso	ossos
19)	ovo	ovos
20)	poço	poços
21)	porco	porcos
22)	porto	portos

23)	posto	postos
24)	povo	povos
25)	socorro	socorros
26)	tijolo	tijolos
27)	torno	tornos
28)	troco	trocos
29)	troço	troços

Obs.: Os adjetivos terminados em OSO também sofrerão a alteração citada acima.

Ex.: nervoso – nervosos

Não sofrem alteração fonética as formas plurais dos seguintes substantivos:

1)	adorno	adornos
2)	almoço	almoços
3)	bojo	bojos
4)	bolso	bolsos
5)	esposo	esposos
6)	estojo	estojos
7)	globo	globos
8)	gosto	gostos
9)	moço	moços
10)	pescoço	pescoços
11)	polvo	polvos
12)	reboco	rebocos
13)	sogro	sogros
14)	soro	soros

5.10.3. Grau

5.10.3.1. Aumentativos

bala	balázio, balaço
beiço	beiçorra
boca	bocarra, boqueirão
cabeça	cabeçorra, cabeçalho
cão	canzarrão
copo	copázio
corpo	corpanzil
cruz	cruzeiro

espanto	espantalho
faca	facalhaz, facalhão, facão
fatia	fatacaz
forno	fornalha
fumo	fumaça
galé	galera, galeão
ladrão	ladravaz
lenço	lençalho
macho	machacaz, machão
mão	manzorra, manopla
navio	naviarra
pedinte	pedinchão, pidão
penha	penhasco
povo	povaréu
prato	pratarraz, pratalho
ramo	ramalho
roedor	roaz
sapato	sapatorra, sapatão
truão	truanaz
vaga	vagalhão
verga	vergalhão
voz	vozeirão

5.10.3.2. Diminutivos

asa	aselha
banco	banqueta
barraca	barraquim
barril	barrilete
cabra	capréola
cal	caliça
capa	capuz
carro	carreta
cavalo	cavalete, cavalicoque
cela	célula
cinto	cintilho
corda	cordel
corpo	corpúsculo
febre	febrícula

flauta	flautim
flor	flósculo, florículo
fogo	fogacho
forma	fórmula
galé	galeota, galeote
globo	glóbulo
grão	grânulo
homem	homúnculo
lobo	lobato
moça	moçoila
mole	molécula
núcleo	nucléolo
ópus	opúsculo
palácio	palacete
pele	película
porção	porciúncula
questão	questiúncula
rabo	rabicho
rei	régulo
riso	risota
sela	selim
verão	veranico
verme	vermículo
verso	versículo
via	viela
vidro	vidrilho

5.11. Exercícios

1. (Cesgranrio) Há um "quer que seja de satânico na pupila da onça" funciona como:

a) substantivo;
b) adjetivo;
c) advérbio;
d) pronome;
e) verbo.

2. (Cesgranrio) Assinale a palavra que pode ser empregada nos dois gêneros, como "motorista":

a) indivíduo;

b) criança;
c) testemunho;
d) intérprete;
e) vítima.

3. (Cesgranrio) Assinale a opção cujo substantivo não tem o plural em "ãos" como "artesãos":
a) cidadão;
b) pagão;
c) cristão;
d) charlatão;
e) irmão.

4. (Cesgranrio) Assinale a opção em que todos os substantivos, quando no plural, apresentam mudança de timbre da vogal tônica, conforme acontece com "povo (ô) / povos (ó)":
a) tijolo, piloto, adorno;
b) ovo, pescoço, olho;
c) globo, posto, bolo;
d) esforço, imposto, jogo;
e) osso, cachorro, transtorno.

5. (Uni-Rio) Fogem a galope os "anjos-aviões".
A flexão no plural de ambos os elementos da composição ocorre no seguinte vocábulo:
a) pé de moleque;
b) guarda-chuva;
c) sempre-viva;
d) verde-amarelo;
e) pai-nosso.

6. (Uni-Rio) Assinale a palavra que difere em gênero (masculino ou feminino) das demais do grupo:
a) análise;
b) cal;
c) libido;
d) milhar;
e) síndrome.

7. (Cesgranrio) Assinale a palavra que só pode ser empregada em um gênero:
a) eletricista;
b) colega;
c) chefe;
d) testemunha;

e) servente.

8. (Uni-Rio) Nas palavras abaixo, há uma com erro de flexão. Assinale-a:
a) irmãozinhos;
b) exportaçõezinhas;
c) lençoizinhos;
d) papelzinhos;
e) heroizinhos.

9. (Fesp) Assinale a alternativa que contenha substantivos, respectivamente, abstrato, concreto e concreto:
a) fada, fé, menino;
b) fé, fada, beijo;
c) beijo, fada, menino;
d) amor, pulo, menino;
e) menino, amor, pulo.

10. (FMU/Fiam – SP) Indique a alternativa em que só aparecem substantivos abstratos:
a) tempo, angústia, saudade, ausência, esperança.
b) angústia, sorriso, luz, ausência, esperança, inimizade.
c) inimigo, luto, luz, esperança, espaço, tempo.
d) angústia, saudade, ausência, esperança, inimizade.
e) espaço, olhos, luz, lábios, ausência, esperança, angústia.

11. (Cesgranrio) Assinale o par de vocábulos que formam o plural como "órfão" e "mata-burro", respectivamente.
a) cristão / guarda-roupa
b) questão / abaixo-assinado
c) alemão / beija-flor
d) tabelião / sexta-feira
e) cidadão / salário-família

12. (Carlos Chagas) Assinale a alternativa em que as formas do plural de todos os substantivos se apresentam de maneira correta:
a) alto-falantes, coraçãozinhos, afazeres, víveres;
b) espadas, frutas-pão, pé de moleques, peixe-bois;
c) vaivéns, animaizinhos, beija-flores, águas-de-colônia;
d) animalzinhos, vaivéns, salários-família, pastelzinhos;
e) guardas-chuvas, guarda-costas, guardas-civis, couves-flores.

13. (TRE-RJ) Segue a mesma regra de formação do plural de "cidadão" o seguinte substantivo:
a) botão;

b) vulcão;
c) cristão;
d) tabelião;
e) escrivão.

14. (TTN) Há <u>erro</u> de flexão no item:
a) "A pessoa humana é vivência das condições espaço-temporais". (L.M. de Almeida)
b) A família Caymmi encontra paralelo com dois clãs do cinema mundial.
c) Hábeis artesãos utilizam técnicas sofisticadíssimas no trabalho com metais.
d) Nos revés da vida precisa-se de coragem para manter a vontade de ser feliz.
e) Ainda hoje alguns cânones da Igreja são discutidos por muitos fiéis.

15. (TRE-SP) As crianças colhiam e no jardim.
a) amor-perfeitos – sempres-vivas
b) amor-perfeitos – sempre-vivas
c) amores-perfeitos – sempre-vivas
d) amores-perfeitos – sempres-vivas
e) amor-perfeitos – sempres-viva

16. (TRE-SP) Os requereram aumento dos .
a) escrivãos – salários-família
b) escrivães – salários-famílias
c) escrivães – salário-famílias
d) escrivães – salários-família
e) escrivãos – salários-famílias

17. (TRE-SP) Será que esses precisam ter as firmas reconhecidas por ?
a) abaixo-assinados – tabeliães
b) abaixos-assinados – tabeliães
c) abaixos-assinado – tabeliões
d) abaixos-assinados – tabeliões
e) abaixo-assinados – tabelião s

18. (TRE-SP) Sua carreira foi sempre muito desigual e cheia de .
a) vaisvéns
b) vaisvém
c) vaivéns
d) vais-e-vens
e) vai-vens

19. (NCE) No termo <u>o bem</u> ocorre uma:
a) adverbialização;
b) adjetivação;

c) pronominalização;
d) substantivação;
e) quatificação

20. (TRE-MT) O termo que faz o plural como "cidadão" é:
a) limão
b) órgão
c) guardião
d) espertalhão
e) balão

21. (Oficial de Cartório da Polícia Civil – NCE) Em muitos casos, as formas nominais dos verbos podem ser substituídas por substantivos cognatos; o segmento abaixo em que a substituição foi feita de forma <u>inadequada</u> é:
a) "... a resultante possibilidade de se planejar, com dados concretos, as medidas..." – a resultante possibilidade de planejamento, com dados concretos, das medidas;
b) "... as medidas destinadas a superar as deficiências existentes"– as medidas destinadas à superioridade das medidas existentes;
c) "... oportunidades para intervir, e tudo o mais" – oportunidades para intervenção, e tudo o mais;
d) "Ninguém procura pesquisar a verdade..." – Ninguém procura a pesquisa da verdade;
e) "Ainda não se procurou verificar a realidade..." – Ainda não se procurou a verificação da realidade.

22. (Técnico Judiciário – TRT) O plural de "café-concerto" é "cafés-concerto". A palavra a seguir que faz o plural do mesmo modo é:
a) segunda-feira;
b) tenente-coronel;
c) quebra-cabeça;
d) caneta-tinteiro;
e) sempre-viva.

23. (Inpi – NCE) O plural correto de "porta-voz" é:
a) os porta-voz;
b) porta-vozes;
c) portas-vozes;
d) portam-vozes;
e) portas-voz.

24. (Inpi – NCE) Gatos, aves e cães no diminutivo plural teriam como formas corretas:
a) gatinhos, avesinhas, cãesinhos;
b) gatinhos, avezinhas, cãezinhos;
c) gatosinhos, avesinhas, cãeszinhos;

d) gatitos, avesitas, cãozitos;
e) gatinhos, avezinhas, cãeszinhos.

25. (Inpi – NCE) "Matérias-primas" faz plural da mesma forma que:
a) porta-voz;
b) guarda-comida;
c) bem-te-vi;
d) aluno-mestre;
e) pisca-pisca.

26. (IBGE – NCE) Consideração tem por plural "considerações"; o vocábulo abaixo que faz o plural da mesma forma é:
a) cidadão;
b) escrivão;
c) irmão;
d) chapelão;
e) ademão.

27. (Auxiliar de Almoxarifado – NCE) "Revoada" é um substantivo de ideia coletiva, como:
a) bananada;
b) colherada;
c) pincelada;
d) mesada;
e) boiada.

28. (Eletronorte – NCE) "Alface", como mostra o texto, é uma palavra do gênero feminino, assim como:
a) mármore;
b) guaraná;
c) champanha;
d) clã;
e) hélice.

29. (Técnico Judiciário Juramentado – TJ – NCE) "Eclipse" é palavra masculina; o vocábulo feminino entre os que estão abaixo é:
a) mármore;
b) alface;
c) telefonema;
d) prisma;
e) cataclisma.

30. (Eletrobrás – NCE) A forma de infinitivo que aparece substantivada nos segmentos

abaixo é:
a) "como entender a resistência da miséria...";
b) "no decorrer das últimas décadas...";
c) "... desde que se passou a registrá-las...";
d) "... começa a exercitar seus músculos";
e) "... por ter se tornado um forte oponente...".

31. (CBMERJ – NCE) O vocábulo "televisão" tem por plural "televisões". Entre os itens abaixo, aquele que apresenta uma forma de plural em –ões errada é:
a) apagões;
b) corrimões;
c) cidadões;
d) vulcões;
e) anões.

32. (CBMERJ – NCE) Já os substantivos "meias-verdades" e "asas-delta" fazem o plural da mesma forma, respectivamente de:
a) guarda-noturno; caneta-tinteiro;
b) segunda-feira; boa-vida;
c) pão-de-ló; navio-escola;
d) guarda-pó; tenente-coronel;
e) abaixo-assinado; banana-maçã.

33. (SUS) O plural metafônico ocorre em morto / mortos.
O par de palavras que também apresenta plural metafônico é:
a) forno e imposto;
b) bolso e ansioso;
c) primoroso e piolho;
d) porco e trono.

34. (NCE) O vocábulo cachorro, no plural, mantém a mesma pronuncia de "o" fechado na segunda sílaba; o vocábulo que muda o timbre da vogal "o" para aberto no plural é:
a) contorno;
b) bolso;
c) bolo;
d) rolo;
e) fofo.

Capítulo 6

Adjetivo

Adjetivo é o termo variável que indica qualidade aos seres.
Ex.: inteligente, possível, feio.

6.1. Adjetivo restritivo

Confere qualidade mutável do ser.
Ex.: água fria, pedra bonita.

6.2. Adjetivo explicativo

Confere qualidade óbvia do ser.
Ex.: fogo quente, pedra dura.

6.3. Grau dos adjetivos

6.3.1. Comparativo

Superioridade – ANALÍTICO: mais ... (do) que.
Ex.: Ele é mais feio (do) que eu.
SINTÉTICO: MAIOR, MENOR, MELHOR, PIOR
Ex.: Maria é menor (do) que João.

Igualdade – tão ... quanto.
Ex.: Ele é tão inteligente quanto eu.

Inferioridade – menos ... (do) que.
Ex.: Ela é menos problemática do que Perivaldo.

Obs.: Há uma situação em que se podem usar MAIS GRANDE, MAIS PEQUENO, MAIS BOM, MAIS RUIM. Tal ocorre quando houver comparação de duas qualidades do mesmo ser.
Ex.: Joana é mais grande do que forte. Luiz é mais bom que inteligente.

6.3.2. Superlativo

Relativo: indica a comparação de alguém com o todo.
– SUPERIODADE:
Ex.: Ele é o aluno mais inteligente de todos.

– INFERIORIDADE:
Ex.: Maria é a menos feia da turma.

Absoluto: exprime uma qualidade exagerada do ser.
– ANALÍTICO (com mais de uma palavra)
Ex.: muito pobre, extremamente feio, estudioso à beça.

– SINTÉTICO (com apenas uma palavra)
Ex.: paupérrimo, feiíssimo.

6.4. Formação dos superlativos absolutos sintéticos

1) Quando o adjetivo terminar em **RE** ou **RO**, o superlativo absoluto sintético se findará em **ÉRRIMO**.
   Ex.: pobre – paupérrimo
   magro – macérrimo
   acre – acérrimo
   negro – nigérrimo.
   Exceção: nobre – nobilíssimo

2) Quando o adjetivo terminar em **IO**, o superlativo absoluto sintético se findará em **IÍSSIMO**.
   Ex.: macio – maciíssimo
   feio – feiíssimo.

   Exceções: sábio – sapientíssimo
   frio – frigidíssimo.

Obs.: Está consagrada na linguagem jurídica a expressão "sumaríssimo", apesar de a gramática prever "sumariíssimo".

3) Quando o adjetivo terminar em **Z**, o superlativo absoluto sintético se findará em **CÍSSIMO**.
   Ex.: loquaz – loquacíssimo
   atroz – atrocíssimo
   feliz – felicíssimo
   feroz – ferocíssimo.

4) Quando o adjetivo terminar em **VEL**, o superlativo absoluto sintético se findará em **BILÍSSIMO**.
   Ex.: amável – amabilíssimo
   terrível – terribilíssimo
   imóvel – imobilíssimo.

5) Quando o adjetivo terminar em **SOM NASAL**, o superlativo absoluto sintético

se findará em **NÍSSIMO**.

Ex.: pagão – paganíssimo
cristão – cristianíssimo
são – saníssimo
comum – comuníssimo.

6.5. Relação de superlativos absolutos sintéticos

acre	acérrimo
afável	afabilíssimo
ágil	agílimo
agudo	acutíssimo
alto	sumo, supremo, altíssimo
amargo	amaríssimo
antigo	antiquíssimo
áspero	aspérrimo
atroz	atrocíssimo
benéfico	beneficentíssimo
benévolo	benevolentíssimo
bom	ótimo, boníssimo
célebre	celebérrimo
célere	celérrimo, celeríssimo
chão	chaníssimo
comum	comuníssimo
cortês	cortesíssimo
cristão	cristianíssimo
cruel	crudelíssimo
doce	dulcíssimo
dócil	docílimo
eficaz	eficacíssimo
fácil	facílimo
fiel	fidelíssimo
frágil	fragílimo
frio	frigidíssimo
geral	generalíssimo
grande	máximo, grandessíssimo
hábil	habilíssimo
humilde	humílimo

incrível	incredibilíssimo
íntegro	integérrimo
jovem	juveníssimo
livre	libérrimo
loquaz	loquacíssimo
macio	maciíssimo
magnífico	magnificentíssimo
magro	macérrimo
maléfico	maleficentíssimo
malévolo	malevolentíssimo
mau	péssimo
mísero	misérrimo
miúdo	minutíssimo
negro	nigérrimo
nobre	nobilíssimo
pagão	paganíssimo
pequeno	mínimo
perspicaz	perspicacíssimo
pessoal	personalíssimo
pródigo	prodigalíssimo
próprio	propriíssimo
provável	probabilíssimo
pulcro	pulquérrimo
ruim	péssimo
sábio	sapientíssimo
sagrado	sacratíssimo
símil, semelhante	simílimo
senil	senílimo
sério	seriíssimo
simples	simplicíssimo
soberbo	superbíssimo
terrível	terribilíssimo
vadio	vadiíssimo
vão	vaníssimo

6.6. Locuções adjetivas

Conjunto de palavras que equivalem a um adjetivo.

6.6.1. Lista de locuções adjetivas

de abelha	apícola
de águia	aquilino
de chumbo	plúmbeo
de cidade	citadino
de cobra	viperino
de fogo	ígneo
de garganta	gutural
de gelo	glacial
de homem	humano
de inverno	hibernal
de lebre	leporino
de macaco	simiesco
de morte	mortal
de nádegas	glúteo
de paixão	passional
de veias	venoso

Obs.: Os adjetivos compostos, por regra, possuem flexão apenas no último elemento.

Ex.: luso-brasileiros, ítalo-americanos, socioeconômicos, azul-claros.

Exceções: – surdo-mudo // surdos-mudos; claro-escuro // claros-escuros – quando nas cores o segundo elemento for substantivo, nenhum se flexiona.

Ex.: camisas azul-petróleo, uniformes verde-oliva.

6.7. Adjetivo com valor subjetivo ou indicativo de "qualidade"

Ocorre quando a qualificação expressa a opinião de quem o utilizou, ou seja, possui nítido valor opinativo.

Ex.: boa compra, cerveja gostosa, bem valioso.

6.8. Adjetivo com valor objetivo ou indicativo de "característica"

Ocorre quando o adjetivo não expõe a opinião de quem o usou. É uma qualidade inerente ao ser.

Ex.: problemas gástricos, indicadores sociais, povo brasileiro.

Obs.: O adjetivo pode se formar através do particípio dos verbos.

Ex.: O aluno preparado passa nos concursos.

6.9. Exercícios

1. (Técnico Judiciário – TRE-PA – FGV) Assinale a palavra que, no texto, NÃO tenha valor adjetivo.

a) melhor – Aliás, o melhor para a democracia seria separar os fundos partidários dos destinados às campanhas eleitorais.
b) muitas – Enfim, as máquinas partidárias muitas vezes se tornam aparelhos ou feudos controlados por poucos e financiados por todos nós.
c) extraordinária – qual a razão para se aumentar de forma tão extraordinária a dotação dos partidos?
d) minhas – Obviamente, minhas propostas são românticas.
e) nove – Isso porque foi aprovado a nove dias do fim do ano o reforço de R$ 100 milhões.

2. (Perito da Polícia Civil – RJ – FGV) Assinale a alternativa em que o segundo termo não funciona como adjetivo do primeiro.

a) Preservação ambiental.
b) Código Florestal.
c) Interesses divergentes.
d) Base aliada.
e) Diversas regiões.

3. (NCE) Em que item a seguir o adjetivo tem valor claramente subjetivo?

a) Próxima sexta-feira.
b) Bom espaço.
c) Líderes comunitários.
d) Panos brancos.
e) Oração silenciosa.

4. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a locução grifada tem valor adjetivo.

a) "Via aos pés o lado adormecido".
b) "O menino de propósito afrontou a vertigem".
c) "Enquanto o Barão de pé, na margem sorria com orgulho".
d) "Conhecendo a força de atração do abismo".
e) "A ideia de vingança agora o enchia de horror".

5. (Cesgranrio) Assinale a opção em que o termo grifado, quando posposto ao substantivo, muda de significação e passa a pertencer a outra classe de palavras:

a) complicada solução;
b) certos lugares;
c) inapreciável valor;
d) engenhosos métodos;
e) extraordinária capacidade.

6. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a locução grifada tem valor adjetivo.
a) "Comprou o papel de seda".
b) "Cortou-o com amor".
c) "Mudava de cor".
d) "Gritava com maldade".
e) "Salteou-o com atiradeiras".

7. (Univ. Fed. de Juiz de Fora-MG) A respeito da frase: "eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor..." (Machado de Assis), são feitas as seguintes afirmações:
I. No primeiro caso, AUTOR é substantivo; DEFUNTO é adjetivo.
II. No segundo caso, DEFUNTO é substantivo; AUTOR é adjetivo.
III. Em ambos os casos, tem-se um substantivo composto.
Assinale:
a) Se I e II forem verdadeiras.
b) Se I e III forem verdadeiras.
c) Se II e III forem verdadeiras.
d) Se todas forem verdadeiras.
e) Se todas forem falsas.

8. (Cesgranrio) Assinale a opção em que ambos os termos não admitem flexão de gênero:
a) inglesa pálida;
b) jovem leitor;
c) alguns mestres;
d) semelhante criatura;
e) moça ideal.

9. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a mudança na ordem dos termos pode alterar o sentido fundamental da expressão:
a) própria usina / usina própria;
b) eminentes físicos / físicos eminentes;
c) rápido desfecho / desfecho rápido;
d) parcelas ponderáveis / ponderáveis parcelas;
e) separação rígida / rígida separação.

10. (Analista de Controle Interno – Sefaz-RJ – FGV) Assinale a palavra que, no texto, NÃO desempenhe papel adjetivo.
a) suficiente – participação cidadã pode representar um alerta, mas não é o suficiente.
b) alguns – Apresentar alguns fatores.
c) sua – Entre a sociedade, a empresa e o Estado, está o profissional contábil, que, por sua vez, é o elo entre Fisco e contribuinte.

d) própria – contribuir de forma direta e irrestrita para a própria sustentação.
e) diversos – Entende-se que a arrecadação incidente sobre os diversos setores produtivos é necessária.

11. (Perito da Polícia Civil – NCE) "Qualquer assaltante" apresenta sentido diferente de "um assaltante qualquer". O par abaixo que não apresenta diferença significativa de sentido é:
a) pobre homem/homem pobre;
b) funcionário competente/competente funcionário;
c) grande mulher/mulher grande;
d) folha branca/branca folha;
e) bom menino/menino bom.

12. (Perito da Polícia Civil – NCE) "... bem da humanidade...", "... obra de destruição...", "... novos meios de matar..."; as expressões sublinhadas são, respectivamente, correspondentes a:
a) humano, destrutiva, mortíferos;
b) humanitário, destruidora, homicidas;
c) humanista, destrutiva, assassinos;
d) humano, destruidora, violentos;
e) humanitário, destruidora, mortais.

13. (Inspetor da Polícia Civil – NCE) O adjetivo cuja expressão correspondente é indicada erradamente é:
a) debates universitários – debates de universidades;
b) professor brilhante – professor de brilho;
c) comentário marginal – comentário à margem;
d) atitudes humanas – atitudes do homem;
e) substâncias ilícitas – substâncias fora da lei.

14. (Ministério Público RJ – NCE) Ao designar como hindus os nascidos na Índia, o autor do texto:
a) preferiu esta designação à de indianos;
b) errou, pois hindu se aplica somente aos adeptos do hinduísmo;
c) quer referir-se somente a uma parte dos habitantes da Índia;
d) designa somente os que adoram a vaca como símbolo religioso;
e) errou, visto que o vocábulo é grafado sem a letra H.

15. (Ministério Público RJ – NCE) Em "O homem urbano do Ocidente...", o vocábulo sublinhado se aplica ao homem:
a) civilizado;
b) culto;
c) não-rural;

d) adulto;
e) contemporâneo.

16. (Ministério Público RJ – NCE) O adjetivo abaixo de valor nitidamente subjetivo é:
a) imprensa brasileira;
b) proposta milionária;
c) incitamento racista;
d) jovem negro;
e) brilhante futuro.

17. (IBGE – NCE) "... me parece <u>infundada</u> a acusação." O adjetivo sublinhado corresponde semanticamente a:
a) sem fundos;
b) sem fundações;
c) sem fundamento;
d) sem finalidade;
e) sem fingimento.

18. (Auxiliar de Cartório – TJ – NCE) Em "... entorpecimento completo ou parcial...", a relação semântica existente entre os adjetivos "completo" e "parcial", repete-se em:
a) inverno e verão;
b) tranquilo e agitado;
c) paralisados e imóveis;
d) branco e claro;
e) amarelo e amarelado.

19. (Auxiliar de Cartório – TJ – NCE) O item em que a correspondência entre adjetivo e substantivo está <u>incorreta</u>, levando-se em conta os valores semânticos dos adjetivos no texto, é:
a) completo / completude;
b) letárgico / letargia;
c) imóveis / imobilismo;
d) sanguínea / sangue;
e) normais / normatividade.

20. (NCE) Nos segmentos "torres gêmeas", "manchete ruim", "jornal brasileiro" e "filme açucarado", os adjetivos de caráter claramente objetivo são:
a) gêmeas / ruim;
b) gêmeas / brasileiro;
c) ruim / brasileiro;
d) brasileiro / açucarado;
e) ruim / açucarado.

21. (Eletrobrás – NCE) O item em que o adjetivo sublinhado, quando deslocado para antes ou depois do substantivo por ele determinado, não apresenta possibilidade de qualquer modificação de sentido é:
a) fato novo;
b) mal velho;
c) poupanças populares;
d) antigas realizações;
e) espantosas propostas.

22. (Cepel – NCE) Em "... com folhas de um verde limpo.", caso houvesse o adjetivo "verde-limpo", esse segmento do texto seria corretamente escrito:
a) folhas verdes-limpo;
b) folhas verdes-limpas;
c) folhas verde-limpas;
d) folhas verde-limpo;
e) folhas verdes-limpos.

23. (Corregedoria da Justiça – RJ – NCE) Em "... exposto ao frio da noite..." e "... de sua incômoda presença...", os dois segmentos sublinhados possuem substantivos e adjetivos, mas com estruturações diferentes (substantivo + locução; adjetivo + substantivo). Se reescrevermos os dois segmentos, trocando as estruturas adotadas, teremos:
a) frio noturno / presença incômoda;
b) frieza da noite / presente incômodo;
c) fria noite / o incômoda da presença;
d) frieza noturna / o incômodo presente;
e) noturno frio / presença da incomodidade.

24. (Engepron – NCE) Entre os itens abaixo, o adjetivo sublinhado que mostra um caráter subjetivo, ou seja, uma opinião do autor, é:
a) multidão imensa;
b) espetáculo emocionante;
c) sentido elevatório;
d) imprensa política;
e) aeronauta brasileiro.

25. (ANTT – NCE) A frase que não apresenta qualquer exemplo de comparativo ou superlativo é:
a) "atender rapidamente os feridos";
b) "registram-se os mais elevados índices";
c) "para salvar o maior número de vítimas";
d) "dirigir nas estradas não é tarefa das mais fáceis";
e) "exigiu a maior concentração de máquinas rodoviárias".

26. (Administrador – MEC – FGV) "Trata-se da construção de uma alternativa à lógica dominante, ao ajustamento de todas as sociedades..."

No trecho acima há:

a) quatro adjetivos;
b) três adjetivos;
c) dois adjetivos;
d) um adjetivo;
e) nenhum adjetivo.

Capítulo 7

Artigo

Artigo é a palavra variável que fica anteposta ao substantivo, indicando seu gênero e número.

7.1. Artigo definido

Indica os seres dentro de uma espécie, individualizando-os: O, A, OS, AS.

7.2. Artigo indefinido

Indica seres quaisquer numa espécie, generalizando-os. UM, UMA, UNS, UMAS

BIZU

O artigo anteposto a qualquer palavra tem o poder de substantivá-la.
Ex.: O azul é a cor mais bonita.

7.3. Exercícios

1. (Univ. Fed. Pará) Observe o uso do artigo nas seguintes frases:
I. "... perdia a sua musculatura estudando em Belém".
II. "... até invejou o fumar do vaqueiro".
III. "... dela a escola era um lombo de búfalo".
IV. "De repente foi ouvido que andava pelo Por Enquanto uma pequena..."
Em quais delas foi usado o recurso da substantivação?
a) Em I e II.
b) Em I e III.
c) Em II e III.
d) Em II e IV.
e) Em III e IV.

2. (Analista de Controle Interno – Sefaz-RJ – FGV) "Ah, filho! Basta ser uma boa pessoa, fazer o bem ao próximo, não mentir e comer os legumes!"
Na fala da mãe, há:
a) um artigo;

b) dois artigos;
c) três artigos;
d) cinco artigos;
e) quatro artigos.

3. (Esan-SP) Em qual dos casos o artigo denota familiaridade?
a) O Amazonas é um rio imenso.
b) D. Manoel, o Venturoso, era bastante esperto.
c) O Antônio comunicou-se com o João.
d) O professor João Ribeiro está doente.
e) Os Lusíadas são um poema épico.

4. (ITA) Determine o caso em que o artigo tem valor de qualificativo.
a) Estes são os candidatos de que lhe falei.
b) Procure-o, ele é o médico.
c) Certeza e exatidão, estas qualidades não as tenho.
d) Os problemas que o afligem não me deixam descuidado.
e) Muita é a procura; pouca a oferta.

5. (Técnico Legislativo – Senado Federal – FGV) "...existe a percepção de que algo tem que ser feito a mais para de fato levar a saúde a toda a população."
A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:
I. *Em levar a saúde a toda a população*, **há uma preposição e dois artigos.**
II. *Em levar a saúde a toda a população*, **a última ocorrência da palavra** *a* **poderia ser suprimida sem provocar grave alteração de sentido.**
III. *Em levar a saúde a toda a população*, **a primeira ocorrência da palavra** *a* **poderia ser suprimida sem provocar grave alteração de sentido.**
Assinale:
a) se somente os itens II e III estiverem corretos;
b) se todos os itens estiverem corretos;
c) se nenhum item estiver correto;
d) se somente os itens I e II estiverem corretos;
e) se somente os itens I e III estiverem corretos.

6. (Inspetor de Polícia Civil – FGV) "Ora, as mazelas da imigração só podem ser resolvidas com a integração dos estrangeiros às sociedades, associada a uma enfática cooperação internacional, a fim de extrair da miséria e da desesperança a larga franja demográfica em que nascerá o futuro ser humano a expulsar."
No trecho acima, há:
a) 7 artigos definidos e 3 ocorrências da preposição *a;*
b) 8 artigos definidos e 4 ocorrências da preposição *a;*
c) 9 artigos definidos e 4 ocorrências da preposição *a;*
d) 9 artigos definidos e 3 ocorrências da preposição *a;*

e) 8 artigos definidos e 2 ocorrências da preposição *a.*

7. (Perito da Polícia Civil-RJ/FGV) "Atinge toda a região e a si mesmo, pois o Equador é credor no âmbito do CCR, e a efetiva realização da ameaça de não honrar compromisso assumido o impedirá de receber aquilo que lhe é devido" (L.50-53).
No trecho acima há:
a) sete artigos;
b) seis artigos;
c) cinco artigos;
d) quatro artigos;
e) três artigos.

Capítulo 8

Advérbio

Advérbio é a palavra geralmente invariável que modifica a ideia do verbo. Os advérbios de intensidade, além de modificarem a ideia do verbo, também podem modificar a ideia de um adjetivo ou de outro advérbio.

Ex.: Xuxa canta bem.

Observe que "bem" é advérbio porque está modificando a ideia do verbo "cantar". É também importante ressaltar o fato de o advérbio ser invariável, e, ao passar toda a frase para o plural, somente o advérbio não acompanhará.

Ex.: Xuxa e Angélica cantam bem.

O sujeito foi para o plural, o verbo também, mas o advérbio não se modificou.

Ex.: Xuxa e Angélica cantam muito bem.

Nessa frase, há dois advérbios: BEM é advérbio de modo, modificando a ideia do verbo "cantar", e MUITO é advérbio, modificando a ideia do outro advérbio "bem", acrescendo valor de intensidade.

Ex.: Elas são muito bonitas.

"Muito" é advérbio, pois intensifica a ideia do adjetivo "bonitas".

O advérbio pode passar uma série de ideias a serem observadas a seguir:

– de modo

Ex.: Estou bem.

Agi erradamente.

– de lugar

Ex.: Ele ficou aqui.

– de tempo

Ex.: Cheguei ontem.

– de intensidade

Ex.: "Que rica que era a Titi" (Eça de Queirós).

– de negação

Ex.: Ele não virá.

– de afirmação

Ex.: Certamente ele virá.

– de dúvida

Ex.: Talvez ele venha.

Advérbio Interrogativo – COMO, ONDE, QUANDO, POR QUE.

Como este fato aconteceu?
Onde ele estava?
Quando ele morreu?
Por que ninguém me contou nada?

8.1. Graus do advérbio

8.1.1. Comparativo

De superioridade

Ex.: Eu falo mais do que você.

De igualdade

Ex.: Eu falo tanto quanto você.

De inferioridade

Ex.: Eu falo menos do que você.

8.1.2. Superlativo

Absoluto sintético

Ex.: Cheguei tardíssimo.

Absoluto analítico

Ex.: Cheguei tarde à beça.

8.2. Locução adverbial

Conjunto de duas ou mais palavras que funcionam como advérbio. Normalmente se forma através da associação de preposição com substantivo, verbo ou advérbio.

Ex.: Eu te vi cara a cara.
Ele veio de longe.
Ele fez o trabalho às pressas.

Obs.: Os advérbios terminados em MENTE se originam de formas adjetivas femininas, pois o sufixo em questão se derivou do substantivo MENTE significando "cérebro".

Ex.: Positivamente – mente positiva

Contrariamente – mente contrária

8.3. Palavras denotativas ou partículas expletivas

Palavras ou locuções invariáveis – o que pode levar o usuário da língua à classificação errônea de advérbio – que não modificam o verbo, nem o adjetivo, nem o advérbio.

1 – **De exclusão** – apenas, exceto, só, somente...

Ex.: Todos foram à praia, exceto João.

2 – **De inclusão** – até, até mesmo, mesmo, inclusive...

Ex.: Todos sambaram, inclusive Fritz.

3 – **De explicação** – por exemplo, ou seja, isto é...

Ex.: A situação estava complicada. Por exemplo, ninguém quis se comprometer.

4 – **De realce** – se, é que...

Ex.: "Foi-se a noite" (Castro Alves).

Ex.: "A cor é que tem cor nas asas de borboleta" (Fernando Pessoa).

5 – **De retificação** – isto é, ou seja, ou melhor, aliás...

Ex.: Ninguém veio, aliás Manoel veio.

8.4. Exercícios

1. (Unificado) "Duma feita os canhamboras perceberam que não tinham mais escravos..." A locução sublinhada denota nesse contexto:

a) tempo;
b) oposição;
c) conclusão;
d) comparação;
e) consequência.

2. (Auditor – Sefaz-RJ – FGV) Assinale a palavra que, no texto, NÃO tenha valor adverbial.

a) mais – ganhem cada vez mais espaço no Brasil.
b) bastante – dessa possibilidade vem se dando de forma bastante tímida.
c) penal – sob pena de serem responsabilizadas penal e administrativamente.
d) só – ... não só das empresas estrangeiras situadas no Brasil, mas também...
e) antes – que pretendem implementar, o quanto antes, práticas administrativas.

3. (UFF) A expressão assinalada tem valor adverbial em:

a) "A história do casamento de Maria Benedita é curta".
b) "Se não fosse a epidemia das Alagoas talvez não chegasse a haver casamento".

c) "... não contendo o respeito que aquele bêbado tinha ao princípio da propriedade".
d) "... não é preciso estar embriagado para acender um charuto nas misérias alheias".
e) "Sem pedir licença à dona das ruínas".

4. (Uni-Rio) Assinale a opção em que a expressão sublinhada não tem o mesmo valor gramatical identificado em:
"Nunca mais andarei de bicicleta".
a) Ela percorreu a estrada a pé.
b) Encontrei meu inimigo cara a cara.
c) Nosso tio vagava pelas ruas com fome.
d) Enfrentamos sempre o perigo de frente.
e) João terminou a pesquisa às pressas.

5. (Uni-Rio) Assinale a frase em que as palavras destacadas correspondem, pela ordem, a substantivo, adjetivo, advérbio.
a) FELIZ a NAÇÃO que emprega BASTANTES recursos na educação.
b) As ESCOLAS organizadas fazem um EXTRAORDINÁRIO BEM à educação.
c) O GOVERNO que acultura SEU povo passa à HISTÓRIA.
d) Educação e CULTURA fazem FORTE um país BEM promissor.
e) A PREPARAÇÃO da JUVENTUDE forja o AMANHÃ de um país.

6. (CBMERJ – NCE) Os advérbios terminados em –mente são formados pela junção desse sufixo à forma feminina de adjetivo. Os dois exemplos abaixo em que não é possível indicar formalmente o gênero do adjetivo são:
a) simplesmente / aproximadamente
b) aproximadamente / diariamente
c) diariamente / normalmente
d) normalmente / simplesmente
e) simplesmente / diariamente

7. (NCE) Nos quatro segmentos a seguir, há advérbios terminados pelo sufixo – mente.
1) "... extirpou definitivamente o sebastianismo da vida nacional"
2) "Finalmente, a superexposição das mazelas..."
3) "... que ajudou simbolicamente a desfraldar..."
4) "... que os recursos públicos se destinem majoritariamente..."
Assinale o item em que o comentário sobre seu emprego ou formação não esteja correto:
a) Todos os advérbios apresentados foram formados a partir de adjetivos.
b) Os advérbios se distribuem em advérbios de tempo e de modo.
c) Todos os advérbios são formados a partir da forma feminina dos adjetivos primitivos.
d) Nem todos os adjetivos primitivos mostram distinção formal de gênero de substantivo.
e) Todos os advérbios se referem aos verbos das orações em que estão inseridos.

8. (NCE) "Devagar se vai ao longe, mas quando se chega lá não se encontra mais ninguém" (Millôr Fernandes).
Indique a circunstância apontada corretamente.
a) Devagar – circunstância de modo.
b) Lá – circunstância de finalidade.
c) Mais – circunstância de intensidade.
d) Longe – circunstância de tempo.
e) Quando – circunstância de lugar.

9. (NCE) Na palavra "ansiosamente", o adjetivo que serve de base para a formação do advérbio está no gênero feminino. A que se deve esse fato?
a) Porque todos os advérbios são formados com a forma feminina dos adjetivos.
b) Porque, historicamente, corresponde a uma concordância com o substantivo "mente".
c) Porque mantém o gênero da palavra "ânsia".
d) Porque, desse modo, se evita a repetição desagradável do som da vogal "o".
e) Porque a forma feminina facilita a pronúncia pela inclusão de uma vogal entre duas consoantes.

10. (NCE) <u>De repente</u> foi assaltada por um adolescente". A expressão destacada tem valor de:
a) substantivo;
b) adjetivo;
c) adverbial;
d) pronominal;
e) verbal.

Capítulo 9

Pronome

Pronome é o termo que substitui o nome. Como NOME engloba substantivos e adjetivos, evidentemente o pronome funciona como substantivo ou adjetivo.

O pronome será substantivo quando substituir um substantivo.

Ex.: Sinfronésia morreu. Alguém morreu.

→ O pronome ALGUÉM substitui o substantivo SINFRONÉSIA; portanto, é um pronome substantivo.

O pronome será adjetivo quando acompanhar um substantivo.

Ex.: Minha cadela é bonita.

→ MINHA é um pronome adjetivo porque acompanha o substantivo CADELA.

9.1. Pronomes pessoais retos

Trata-se do pronome pessoal que funciona como sujeito ou predicativo do sujeito. EU e TU são sempre pronomes retos, enquanto ELE, ELA, NÓS, VÓS, ELES e ELAS são pronomes retos se funcionarem como sujeito ou predicativo ou são pronomes oblíquos caso possuam outra função sintática.

Ex.: Eles fizeram o trabalho.

→ ELES é pronome reto porque funciona como sujeito.

Entreguei a eles o trabalho.

→ ELES é pronome oblíquo porque funciona como objeto indireto.

9.2. Pronomes pessoais oblíquos

ME, MIM, COMIGO, TE, TI, CONTIGO, LHE, O, A, SE, SI, CONSIGO, NOS, CONOSCO, VOS, CONVOSCO, LHES, OS, AS.

BIZU

Como já se advertira, os pronomes pessoais EU e TU só podem ser retos,

visto que inevitavelmente funcionam como sujeito ou predicativo do sujeito. Cabe ressaltar que, ao contrário do que aprendemos nas escolas, é possível usar "MIM" ou "TI" antes de verbos no infinitivo. Tal ocorre quando se puder separar o pronome do verbo, evidenciando-se que aquele não será sujeito deste.

Ex.: É importante para mim fazer esse trabalho.

→ Observe que é exequível separar o pronome MIM do verbo FAZER, como podemos constatar a seguir:

Fazer esse trabalho é importante para mim.

Sendo assim, o uso de MIM, e não de EU, torna-se obrigatório. Em contrapartida, se não for admissível separar o pronome pessoal do verbo, torna-se patente que o pronome funciona como sujeito, então só pode ser utilizado o pronome pessoal reto (EU).

Ex.: Ele trouxe o material para eu fazer o trabalho.

→ Observe que a frase não possui sentido, separando-se o pronome pessoal do verbo FAZER; portanto este pronome pessoal há de ser reto, e a utilização de EU faz-se "imperiosa".

Obs.: As formas COMIGO, CONTIGO, CONSIGO, CONOSCO e CONVOSCO, regidas de preposição COM, apresentam-se com as preposições aglutinadas aos pronomes.

Ex.: Ele brincou conosco ontem.

→ Observe, contudo, que se torna equivocada a contração das preposições com os pronomes oblíquos átonos quando após aparecer MESMOS, PRÓPRIOS, OUTROS, AMBOS, TODOS ou NUMERAIS.

Ex.: Eles viajarão com nós todos. Manoel e Joaquim foram injustos com eles próprios.

Obs.: Os pronomes oblíquos tônicos obrigatoriamente vêm após preposição, mesmo que o verbo seja transitivo direto.

Ex.: Ele viu a nós ontem. Eu ouvirei a ti sempre.

Obs.: Com a preposição ATÉ, usam-se as formas oblíquas tônicas MIM, TI etc.

Ex.: Ele veio até mim.

Observe, porém, que, se o termo ATÉ indicar valor de inclusão, usa-se a forma reta EU, TU, ELE...

Ex.: Todos foram à praia, até eu.

9.3. Pronomes possessivos

Dão ideia de posse.
MEU, MINHA, MEUS, MINHAS, TEU, TUA, TEUS, TUAS, SEU, SUA, SEUS, SUAS, NOSSO, NOSSA, NOSSOS, NOSSAS, VOSSO, VOSSAS.

Obs.: Há casos em que um pronome oblíquo tem valor possessivo.

Ex.: "O beijo de Capitu fechava-me os lábios" (Machado de Assis).
→ fechava os meus lábios

"Ainda hei de tirar-te a vergonha" (Raul Pompéia).
→ Ainda hei de tirar a tua vergonha.

9.4. Pronomes demonstrativos

Situam a pessoa ou a coisa designada em relação ao espaço.
Os casos mais comuns são ISTO, ISSO, AQUILO, ESTE(S), ESSE(S), AQUELE(S), ESTA(S), ESSA(S), AQUELA(S).

Ex.: Aquele cachorro é meu.
Não gosto desta situação.

9.4.1. Usos especiais de pronomes demonstrativos

Quando há três termos já citados, para evitarmos a repetição destes termos, usam-se os pronomes demonstrativos AQUELE(S), AQUELA(S), AQUILO, referentes ao primeiro; ESSE(S), ESSA(S), ISSO, ao segundo; ESTE(S), ESTA(S), ISTO, ao último.

Ex.: Ayrton Senna, Xuxa e Pelé são os brasileiros mais conhecidos no mundo. Este (Pelé) é o atleta do século, aquele (Ayrton Senna) foi o maior piloto de todos os tempos e essa (Xuxa) é a apresentadora mais requisitada da América do Sul.

Obs.: Havendo apenas dois seres, AQUELE se referirá ao mais longínquo e ESTE, ao mais próximo.

Ex.: Fernanda Montenegro e Paulo Gracindo foram os maiores atores brasileiros. Este foi o protagonista de O Bem Amado e aquela, de Central do Brasil.

É também interessante ressaltar que devem ser usados ESTE(S), ESTA(S), ISTO para algo que esteja próximo de quem esteja falando; ESSE(S), ESSA(S), ISSO para algo que esteja próximo da pessoa com quem se está falando; e AQUELE(S), AQUELA(S), AQUILO, para algo que esteja próximo de uma terceira pessoa sobre a qual se está falando.

Ex.: Este (próximo de quem está falando) lápis é meu.
Esse (próximo da pessoa com quem se está falando) lápis é seu.
Aquele (próximo de uma terceira pessoa sobre a qual se está falando) lápis

é do Manoel.

9.4.2. Casos especiais de pronome demonstrativo

1) O, A, OS, AS serão pronomes demonstrativos quando antecederem o pronome relativo "QUE" ou a preposição "de" e puderem ser substituídos por AQUILO, AQUELE(S), AQUELA(S).

Ex.: "O (aquilo) que estragou tudo foi esse ciúme, Paulo" (Graciliano Ramos).

Vi bem a (aquela) que saiu.

"Mas que melhor metafísica que a (aquela) delas" (Fernando Pessoa).

Obs.: Vale observar que, confirmando serem O, A, OS, AS pronomes demonstrativos, também se ratifica ser o "que" pronome relativo. Aproveitando o penúltimo exemplo, conclui-se que A é pronome demonstrativo e QUE, pronome relativo.

BIZU

Muito raramente "o" poderá ser pronome demonstrativo, não precedendo a preposição "de" ou o pronome relativo "que". Tal se dá quando for remissivo a uma ação ou a uma oração.

Ex.: – João, eu soube que você brigou com a sua namorada.

– Paulo, eu não **o** fiz.

→ Perceba que, nessa situação, o pronome demonstrativo "o" refere-se ao ato de brigar com a namorada, podendo ser substituído, inclusive, pela palavra "isso" – Eu não fiz isso.

Ex.: – João, você viu o Carlos?

– Paulo, eu não **o** vi.

Já, neste caso, o pronome oblíquo é referente a Carlos, e não a uma ação – Eu não vi Carlos.

TAL é pronome demonstrativo quando significar "ESTE", "ESSE", "AQUELE".

Ex.: Tal (esta) foi a decisão, mas não a aguardávamos.

Você me veio com tal (aquele) cansaço.

Mesmo quando significar "IDÊNTICO", "IGUAL".

Ex.: Na mesma (IGUAL, IDÊNTICA) hora em que eu a vi ontem, eu a vi hoje.

PRÓPRIO, quando fizer referência a algo já mencionado.
Ex.: Ele fez mal aos outros e a si próprio (ele).

SEMELHANTE, quando for sinônimo de TAL.
Ex.: Nunca diria semelhantes (tais) palavras.

9.5. Pronomes indefinidos

Referem-se, de forma vaga, à 3ª pessoa:
TODO, TODOS, TODA, TODAS, TUDO, ALGUM, ALGUNS, ALGUMA, ALGUMAS, ALGUÉM, ALGO, NENHUM, NENHUNS, NENHUMA, NENHUMAS, NINGUÉM, NADA, OUTRO, OUTRA, OUTROS, OUTRAS, OUTREM, MUITO, MUITA, MUITOS, MUITAS, POUCO, POUCA, POUCOS, POUCAS, QUANTO, QUANTA, QUANTOS, QUANTAS, MAIS, MENOS, BASTANTE, BASTANTES, CADA, QUALQUER, QUAISQUER, TANTO, TANTA, TANTOS, TANTAS, DEMAIS, VÁRIOS, VÁRIAS, QUE (QUAL), QUEM, UM, UMA, UNS, UMAS.

Ex.: Já não tenho mais tempo.
Eu vi que (qual) aluno fugiu de sala.

Obs.: É importante não confundir o pronome indefinido QUE com o pronome relativo QUE. Aquele ocorrerá quando puder ser substituído por QUAL ou QUAIS; já este, por O QUAL, A QUAL, OS QUAIS, AS QUAIS.

É também essencial não misturar pronome indefinido com advérbio. Aquele é variável e se liga a um substantivo. Já o advérbio é invariável e relaciona-se com verbo, adjetivo ou outro advérbio. Convém ressaltar que o vocábulo "certo" será pronome indefinido, quando equivaler a "qualquer" ou "algum" e **não** for antônimo de "errado".

Ex.: Estamos bastante confiantes.

→ Observe que "bastante" é invariável e intensifica o adjetivo "confiantes".

Possuímos bastantes alunos em sala.

→ O termo "bastantes" liga-se ao substantivo "alunos" e é variável, portanto classificando-se como pronome indefinido.

Ela possui menos preocupação do que nós.

→ Como o vocábulo "menos" determina o substantivo "preocupação", classifica-se pronome indefinido.

Ela está menos preocupada do que nós.

→ Como o termo "menos" está ligado ao adjetivo "preocupada", evidencia-se

ser advérbio.

Certos trabalhos não deveriam ser feitos.

→ "Certos", nessa frase, aproxima-se semanticamente de "alguns" e não é antônimo de "errado", portanto é pronome indefinido.

Foram feitos os trabalhos certos.

→ "Certos" nessa frase é antônimo de errado, classificando-se como adjetivo.

9.6. Pronomes relativos

São pronomes relativos "o qual", "a qual", "os quais", "as quais", ou quaisquer outros termos que possam ser substituídos por estes mencionados. A finalidade do pronome relativo é evitar a repetição do termo antecedente na oração em que ocorre.

Ex.: Não conheço o lugar onde ele mora.

→ "Onde" é pronome relativo porque pode ser substituído por "no qual" e refere-se ao antecedente "lugar".

Falei as palavras que você queria ouvir.

→ "Que" é pronome relativo porque pode ser substituído por "as quais" e refere-se ao termo "as palavras".

Nas estruturas em que O, A, OS, AS aparecerem antes de "que" – e puderem ser substituídos por AQUILO, AQUELE(S), AQUELA(S) –, O, A, OS, AS serão pronomes demonstrativos e o QUE será relativo. Nessa situação o antecedente do relativo será sempre o demonstrativo.

Obs.: Ainda será o antecedente do pronome relativo somente o demonstrativo, mesmo quando este estiver combinado a uma preposição.

Ex.: "Fora de mim, alheio ao que penso" (Fernando Pessoa) – ao que penso (àquilo que penso).

Necessitamos daquelas (de + aquelas) que chegaram geladas.

Também são pronomes relativos CUJO, CUJA, CUJOS, CUJAS.

Ex.: É bonita a cidade por cujas ruas passei.

Conheci um escritor de cujos livros gosto muito.

Obs.: Existem alguns pronomes relativos que ocorrem sem antecedentes. Alguns gramáticos, no caso, interpretam que existe um antecedente implícito. A esses pronomes cabe a denominação de "relativos indefinidos".

Ex.: "Quem com ferro fere com ferro será ferido".

→ O pronome relativo indefinido QUEM poderia ser substituído por "aquele que", havendo então um antecedente implícito para o relativo "que" ou "quem"

que seria “aquele”.

“O único mistério é haver quem pense no mistério” (Fernando Pessoa).

→ ... haver aquele que pense...

Esta interpretação causou uma dúvida quanto à classificação da oração. Ao fim das orações adjetivas, esse assunto será retomado e aprofundado.

9.7. Pronomes interrogativos

Aparecem em interrogações diretas ou indiretas: QUE, QUEM, O QUE.

Ex.: Que fazes aqui?

Não sei quem faltou à aula.

9.8. Pronomes de tratamento

Locuções que valem pelo PRONOME PESSOAL, designando especificamente a pessoa com quem se fala.

VOSSA ALTEZA – V.A. – príncipes, arquiduques, duques

VOSSA EMINÊNCIA – V. Emª. – cardeais

VOSSA EXCELÊNCIA – V. Exª. – altas autoridades do governo e das classes armadas

VOSSA MAGNIFICÊNCIA – V. Magª. – reitores das universidades

VOSSA MAJESTADE – V. M. – reis, imperadores

VOSSA EXCELÊNCIA REVERENDÍSSIMA – V. Exª. Revmª. – bispos e arcebispos

VOSSA PATERNIDADE – V.P. – abades, superiores de conventos

VOSSA REVERENDÍSSIMA – V. Revmª. – sacerdotes em geral

VOSSA SANTIDADE – V.S. – papas

VOSSA SENHORIA – V. Sª. – funcionários públicos graduados, oficiais até coronel, pessoas de cerimônia.

VOCÊ – qualquer pessoa.

9.9. Pronome reflexivo

Quando o objeto direto (ou indireto) é a mesma pessoa do sujeito.

Ex.: “Fez-se de desentendido” (Fernando Sabino).

Obs.: O reflexivo relativo à terceira pessoa – tanto do singular quanto do plural. – se apresenta de três formas diferentes: SE, SI, CONSIGO.

Ex.: Eles se inscreveram no concurso.

Ele só gosta de si mesmo.

Eles só se preocupam com eles mesmos.

9.10. Pronome recíproco

Quando sujeitos e objetos trocam atos recíprocos.

Ex.: "Olharam-se e morreram dando um grito" (Castro Alves). – (Um olhou para o outro que olhou para um)

Vocês se amam. (Você ama Maria, Maria ama você.)

9.11. Pronome parte integrante do verbo

Existem alguns verbos que são denominados como pronominais. Esta situação implica que necessariamente verbo e pronome oblíquo estejam sempre na mesma pessoa. Ressalte-se, contudo, que não se trata de voz reflexiva, pois neste caso há uma efetiva coincidência entre o ser agente e o ser paciente. A parte integrante do verbo não representa semanticamente um ser, portanto não possui função sintática.

Ex.: Ele se referiu ao trabalho. Nós nos referimos à partida de futebol. Nós nos interessamos por música. Tu te lembras do fato?

9.12. Estudo da colocação dos pronomes

1) Nunca se pode começar uma oração por pronomes oblíquos.

Ex.: "Me come, me cospe, me beija..." (Raul Seixas).

Esta frase está errada, pois ela está se iniciando por pronome oblíquo. O certo seria: "Come-me, cospe-me, beija-me...".

É óbvio que o autor aí fez valer a licença poética. Certamente o texto não teria o mesmo valor se o rigor gramatical fosse obedecido. Inclusive é interessante lembrar que até já há autores compreendendo que o uso do pronome oblíquo átono poderia iniciar orações, já que, no Brasil, o pronome átono não é tão átono. No entanto, o que vale ainda é a forma tradicional. O NCE, no concurso da CVM-2005, admitiu não ser grave o pronome oblíquo iniciar orações.

2) Os pronomes oblíquos são atraídos por conjunções subordinativas, advérbios, pronomes interrogativos, relativos e indefinidos, expressões exclamativas (Deus os ajude!) e preposição EM com verbo no gerúndio.

Ex.: Ela sempre ajudou-te.

→ Esta frase está errada, pois o pronome oblíquo deveria vir antes do verbo uma vez que o advérbio SEMPRE o está atraindo.

Obs.: Ressalte-se que o único obstáculo para um pronome oblíquo posicionar-se antes de verbo é se estiver iniciando oração. Preste atenção aos exemplos a

seguir:

Ex.: "E quando ele punha-se a contar histórias de castidade..." (Raul Pompeia).

→ O pronome pessoal reto "ELE" não atrai o pronome oblíquo "se", no entanto não há nada que obste esse posicionamento. Poderia também localizar-se antes do verbo, ou seja, também estaria escorreito "ele se punha".

Ex.: "Pernambuco! Um dia eu vi-te" (Castro Alves).

→ Também a construção poderia se dar assim: "Um dia eu te vi".

Alguém nos viu.

→ Já neste exemplo, "ALGUÉM" é pronome indefinido, por conseguinte atrai o pronome oblíquo, não admitindo outro posicionamento para o pronome.

Outros exemplos:

Em se tratando de político, nunca poderemos confiar neles.

Quem te viu lá?

Não viajei, pois me cansei muito no dia anterior.

3) Colocação pronominal em locuções verbais.

A tradição gramatical orienta que, estando o último verbo no infinitivo ou gerúndio, o pronome tanto poderá aparecer antes como depois da locução.

Ex.: Não te posso ver daqui. / Não posso ver-te daqui.

Não te estou vendo. / Não estou vendo-te.

Obs.: Neste caso, mesmo que haja termo atraindo o pronome oblíquo, a gramática não faz qualquer oposição ao uso do pronome após a locução verbal.

Contudo, o uso do dia a dia gera uma situação peculiar. O único lugar onde não deveria estar o pronome é o que todos usam, ou seja, entre os verbos. Por isso, os gramáticos mais modernos já aceitam tal posicionamento com duas ressalvas:

1ª – Se houver termo que atraia o pronome oblíquo, este não poderá estar ligado ao primeiro verbo com hífen.

Ex.: Não estou te vendo daqui. (certo)

Não estou-te vendo daqui. (errado)

Ele está nos vendo daqui. (certo)

Ele está-nos vendo daqui. (certo)

2ª – O que ocorre aqui é a influência da Linguística, isso é, a gramática se amoldando ao uso popular. Então, cabe vislumbrar mais um caso

interessante: com os pronomes oblíquos O, A, OS, AS, a forma tradicional (antes ou depois da locução) se torna a única. Tal ocorre em razão de a orientação gramatical coincidir com o uso diário da população.

Ex.: Não o pude ver. (certo)
Não pude vê-lo. (certo)
Não pude o ver. (errado)

Obs.: O NCE, em algumas provas, solicitou ao candidato a análise de questões em que poderia haver mais de uma opção correta. Sendo assim, o candidato deveria ter o discernimento para escolher a alternativa mais adequada. O estudo da colocação pronominal em locuções verbais (com último verbo no infinitivo ou gerúndio) foi abordado na prova para o Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro em 2004, e a banca fez valer a visão tradicional, ou seja, apesar de o uso do pronome oblíquo entre os verbos já estar deveras difundida, a forma conservadora – com o pronome oblíquo átono antes ou depois da locução – acabou por prevalecer.

Quando o último verbo encontrar-se no particípio, o pronome deverá vir antes ou no meio da locução.
Ele nos tem visto diariamente. / Ele tem-nos visto diariamente.

4) O verbo no infinitivo admite a colocação de pronome átono ao seu fim, mesmo havendo termo que o atraia.
Ex.: Não encontrar-te amanhã será triste.

5) O objeto direto e o predicativo de 3ª pessoa são substituídos pelos pronomes oblíquos **O, A, OS** e ***AS.***
Ex.: Eu comprei o carro. – Eu o comprei.
"Nada somos que valha
Somo-lo mais que em vão" (Fernando Pessoa).

6) O objeto indireto, o complemento nominal e o adjunto adnominal (com ideia de posse), ou seja, os termos preposicionados de 3ª pessoa – representando pessoa ou termo no campo semântico de pessoa – são substituídos pelos pronomes oblíquos ***LHE*** e ***LHES***.
Ex.: Eu entreguei o material aos alunos. Eu lhes entreguei o material. Roubei o fruto da árvore. Roubei-lhe o fruto.

7) Os verbos, terminados em **R, S** ou **Z,** ligados aos pronomes oblíquos **O, A, OS,**

AS, perderão sua última letra, e ao pronome oblíquo será acrescentada a letra ***L***. Encontramos as pessoas. O termo AS PESSOAS é objeto direto, por isso é substituído por AS.

Ex.: Encontramos + AS = Encontramo-las.

8) Aos pronomes oblíquos **O, A, OS** e **AS,** ligados a verbos que terminem em som nasal, será acrescentada a letra ***N***.

Ex: Põe as cartas. Põe-nas. Encontraram os meninos. Encontraram-nos.

9) Quando o verbo estiver na 1ª pessoa do plural e o pronome oblíquo também na 1ª pessoa do plural, o verbo perde o ***S*** final.

Ex.: Ajoelhamos + nos = ajoelhamo-nos, encontramos + nos = encontramo-nos.

REGRAS

1) Ocorre **próclise** quando o pronome oblíquo aparece antes do verbo.

Ex.: Eu te explico tudo.

Observe que o pronome oblíquo TE vem antes do verbo EXPLICAR.

2) Ocorre **ênclise** quando o pronome oblíquo aparece depois do verbo.

Ex.: Explico-te tudo.

Observe que o pronome oblíquo TE aparece depois do verbo EXPLICAR.

3) Ocorre **apossínclise** quando há a intercalação de vocábulo entre o pronome átono e o verbo.

Ex.: "... se me não enganou é gente da polícia" (Bernardo Guimarães).

"Se me ainda amas, por amor não ames:
Traíras-me comigo" (Fernando Pessoa).

4) Poderá ocorrer a **mesóclise** somente no futuro do presente do indicativo e no futuro do pretérito, onde exatamente nunca poderá haver a ênclise.

Ex.: Obedecerei ao paciente.

→ AO PACIENTE é objeto indireto; portanto, pode ser substituído pelo pronome oblíquo LHE. Como o verbo está no futuro do presente do indicativo, não pode ser usada a ênclise; no entanto a próclise também está descartada pelo fato de se iniciar a oração por pronome oblíquo; portanto não se pode usar o pronome oblíquo nem antes nem depois do verbo, apenas restando o interior do verbo. Ao dividir o verbo para se proceder à mesóclise, vai-se até a letra R do infinitivo, coloca-se o pronome oblíquo e, por fim, o restante do verbo.

Ex.: Obedecer-lhe-ei.

Compraríamos o carro. Comprá-lo-íamos.

→ Observe que O CARRO é objeto direto, portanto o substituímos pelo pronome oblíquo O; e, na divisão do verbo, este pronome oblíquo caiu exatamente depois da letra R, ocorrendo o mesmo fenômeno da regra 7, ou seja, extrai-se esta última letra do verbo e ao pronome oblíquo acrescenta-se a letra L.

BIZU

É fundamental o candidato atentar-se à presença do pronome apassivador SE, transformando objeto direto em sujeito.

Ex.: Admitiu-se a falha.

→ Se não houvesse o pronome SE, o termo A FALHA seria objeto direto; contudo, como há a partícula apassivadora, o objeto direto transforma-se em sujeito, exigindo que a substituição se faça não por um pronome oblíquo, e sim por um pronome reto.

Admitiu-se ela.

Obs.: Às vezes, também ocorre a presença do pronome apassivador com outro pronome átono, ambos ligados ao mesmo verbo.

Ex.: "Afigurou-se-lhe estar nos braços..." (Aluísio de Azevedo).

"Fez-se-me desesperada necessidade a companhia da boa senhora" (Raul Pompeia).

9.13. Contração dos pronomes oblíquos átonos em verbos transitivos diretos e indiretos

OD OI

Ex.: Pediram um favor a mim.

ME + O, A, OS, AS = MO, MA, MOS, MAS

Pediram-mo.

Ex.: "O que me dás. Dás-mo" (Fernando Pessoa).

OD OI

Entregarei os documentos a ti.

TE + O, A, OS, AS = TO, TA, TOS, TAS

Entregar-tos-ei.

OD OI

Indico a saída a todos.

LHE(S) + O, A, OS, AS = LHO, LHA, LHOS, LHAS

Indico-lha.

OD OI

Avisaram a notícia a nós.

NOS + O, A, OS, AS = NO-LO, NO-LA, NO-LOS, NO-LAS

Avisaram-no-la.

OD OI

Explicarei as matérias a vós.

VOS + O, A, OS, AS = VO-LO, VO-LA, VO-LOS, VO-LAS

Explicar-vo-las-ei.

BIZU

Os pronomes podem ter valor **anafórico (anáfora)** ou **dêitico (dêixis).**

Anafórico será o termo que fizer referência a termos anteriores. Todo pronome relativo é por natureza anafórico, pois sempre será remissivo a termos antecedentes.

Ex.: O candidato **que** estuda passa.

O pronome relativo "que" é remissivo a "o candidato".

O livro, não **o** li ontem.

O pronome oblíquo "o" refere-se a "o livro".

João e Paulo não compareceram à aula. Este, por se encontrar doente; e aquele, em razão de não ter acordado.

→ Os pronomes demonstrativos "este" (referindo-se a Paulo) e "aquele" (referindo-se a João) possuem valor anafórico, já que são alusivos a termos anteriores.

Dêitico será o elemento que tem por objetivo localizar o fato no tempo ou no espaço, mas não defini-lo. Enfim, é qualquer referência de lugar ou de tempo. Interessante torna-se observar que o NCE foi a banca que explorou tal tema e, nas questões de concursos até então, só utilizou situação de valor espacial. É essencial informar que o advérbio também poderá ter valor dêitico.

Serão dêiticas expressões como cá, aqui, lá, onde, os pronomes demonstrativos quando localizam o bem em referência ao emissor, receptor ou terceiros.

Ex.: Este material é muito bom.

→ O pronome demonstrativo "este" indica que o material está mais próximo do emissor da mensagem ou é de sua posse.

Esse material é muito bom.

→ O pronome demonstrativo "esse" indica que o material está mais próximo do receptor da mensagem ou é de sua posse.

9.14. Exercícios

1. (Corregedoria geral da Justiça – RJ – NCE) Em "... para SE defender contra o frio da noite", o valor morfossintático da palavra em maiúsculas neste segmento está repetido em:

a) Vou contar um fato: quero saber SE o conheces.
b) Os meninos SE ajudam uns aos outros.
c) Todas as pessoas passam por ele, sem saber do que SE trata.
d) Cada um deles SE incumbe de sua tarefa.
e) Quando SE olha para ele, a cena é triste.

2. Assinale a opção em que o termo sublinhado tem a sua classe gramatical incorretamente indicada.

a) Ele estava <u>muito</u> nervoso. – advérbio
b) <u>Muito</u> político deveria ser expulso do Congresso. – pronome indefinido
c) Maria possui <u>menos</u> calma do que nós. – pronome indefinido
d) Ela é <u>menos</u> calma do que nós. – advérbio
e) Ele está <u>todo</u> preocupado com a situação política do país. – pronome indefinido

3. (TCU-Esaf) A alternativa em que há erro na substituição do termo sublinhado por pronome pessoal reto ou oblíquo é:

a) Ouvira <u>o pastor</u> advertir o povo =
Ouvira-o advertir o povo.
b) Carregamos <u>cargas pesadas</u> em caminhões =
Carregamo-las em caminhões.
c) Integrando-se <u>a ferrovia</u> nos sistemas =
Integrando-se ela nos sistemas.
d) Contemplavam melancólicos <u>o êxodo da mão de obra</u> =
Contemplavam-na melancólicos.
e) Nos aterros de Tabatinga, por onde rodavam <u>as rodas de carretel dos comboios</u> =
Nos aterros de Tabatinga, por onde rodavam elas.

4. (TCU) Assinale a alternativa incorreta quanto à colocação dos termos na oração.
a) Está prevista a possibilidade de o chefe do setor tomar decisões a este respeito, sem prévia consulta a superiores.
b) Encaminhar-se-á a decisão do grupo, após a reunião da próxima semana.
c) Não estabelecer-se-á qualquer norma, sem consulta ao órgão superior.
d) Quanto aos programas de treinamento, há necessidade de promovê-los periodicamente.

5. (Banco do Brasil) "O funcionário que se inscrever, fará a prova amanhã". Com relação à colocação do pronome "SE":
1 – Ocorre próclise em função do pronome relativo.
2 – Deveria ocorrer ênclise.
3 – A mesóclise é impraticável.
4 – Tanto a ênclise quanto a próclise são aceitáveis.
a) Está correta apenas a primeira afirmativa.
b) Apenas a terceira afirmativa está correta.
c) Somente a segunda afirmativa está correta.
d) São corretas a primeira e a terceira afirmativas.
e) A quarta afirmativa é a única correta.

6. (TCEMG – Eng. Perito – FCC) As estrelas brilham no céu, e quem fica a observar <u>as estrelas</u>, sentindo a magia <u>das estrelas</u>, considera <u>as estrelas</u> signos de um grande mistério.
Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, respectivamente, por:
a) lhes observar – sentindo a magia delas – considera-as
b) as observar – sentindo sua magia – lhes considera
c) observá-las – sentindo-as a magia – as considera
d) observá-las – sentindo-lhes a magia – considera-as
e) lhes observar – sentindo-lhes a magia – considera-lhes

7. (Cesgranrio) Assinale a opção em que o pronome LHE apresenta o mesmo valor significativo que possui em "assanhando-lhe os desejos".
a) O resultado do jogo lhe era indiferente.
b) Sobreveio-lhe uma desgraça.
c) Não lhe disse que viajaria hoje.
d) Chamavam-lhe carinhosamente de Mané.
e) O médico teve de engessar-lhe a perna.

8. (Técnico Judiciário – TRE-RN – FCC) A reconstrução de um segmento do texto, com um diferente emprego pronominal, que mantém a correção e o sentido originais é:
a) *não havia meio de alcançá-la* = não havia como alcançar-lhe.

b) *o jarro era pesado demais para ele* = o jarro lhe era por demais pesado.
c) *atirando-as dentro do jarro* = atirando-lhes para dentro do jarro.
d) *O corvo, então, tentou virá-lo* = O corvo, então, lhe tentou virar.
e) *pegando-as uma a uma* = pegando-lhes uma a uma.

9. (Técnico Judiciário – TRE-PE – FCC)
... nem por isso deixa de cultuar Delacroix ...
Cézanne admira a maestria plástica de Rubens ...
... já encontramos a chave do enigma cézanneano.
A substituição dos elementos grifados nas frases acima pelos pronomes correspondentes, com os necessários ajustes, terá como resultado, respectivamente:
a) nem por isso deixa de cultuar-lhe / Cézanne a admira / já a encontramos;
b) nem por isso deixa de cultuá-lo / Cézanne lhe admira / já lhe encontramos;
c) nem por isso deixa de lhe cultuar / Cézanne a admira / já encontramos-na;
d) nem por isso deixa de a cultuar / Cézanne lhe admira / já lhe encontramos;
e) nem por isso deixa de cultuá-lo / Cézanne a admira / já a encontramos.

10. (Fiscal da Receita Estadual – AP – FGV) Em termos antropológicos, o jeitinho *pode ser atribuído a um suposto caráter emocional do brasileiro / o que favorecia boas relações de comércio e tráfico de influência.*
Quanto ao emprego de pronomes pessoais, os trechos sublinhados foram corretamente reescritos em:
a) pode ser-lhes atribuído / as favorecia;
b) pode ser a ele atribuído / lhes favorecia;
c) pode ser atribuído a ele / as favorecia;
d) pode-o ser atribuído / as favorecia;
e) pode sê-lo atribuído / lhes favorecia.

11. (NCE) O pronome "LHES" tem com o verbo que se prende na frase "tampouco deve, como os políticos, se amoldar aos desejos de seus eleitores para ganhar-lhes os votos" as mesmas relações sintáticas e de sentido que se encontram no exemplo da opção:
a) Se seus irmão quiserem, posso emprestar-lhes meu carro.
b) Os uniformes das crianças já estão desbotados, mas só lhes posso comprar outro no mês que vem.
c) Eles são nossos amigos; não lhes podemos negar ajuda num momento tão difícil.
d) Os romanos, crendo-se superiores aos povos germânicos, chamavam-lhes bárbaros.
e) O policial ameaçava os detidos a fim de arrancar-lhes uma confissão.

12. (Cesgranrio) Assinale a opção em que houve erro, ao se substituir a expressão grifada pelo pronome oblíquo.
a) "Estimam seu torrão" / estimam-no.
b) Fazer conhecidos seus costumes / fazê-los conhecidos.
c) "Viu os partidos de cana" / viu-os.

d) "Sorver o ar ácido" / sorver-lhe.
e) "O homem tirava tudo da terra". / o homem tirava-lhe tudo.

13. (TRT) Se substituirmos as palavras sublinhadas em: 1 – com a aprovação dos que presenciaram a cena e 2 – a violência começa a gerar expectativas por pronomes pessoais, as substituições corretas, de acordo com a norma culta, estarão na seguinte alternativa:
a) 1– com a aprovação dos que presenciaram-na.
2– a violência começa a as gerar.
b) 1– com a aprovação dos que a presenciaram.
2– a violência começa a gerar-lhes.
c) 1– com a aprovação dos que presenciaram ela.
2– a violência começa a gerar a elas.
d) 1– com a aprovação dos que a presenciaram.
2– a violência começa a gerá-las.
e) 1– com a aprovação dos que a presenciaram.
2– a violência começa a gerar-las.

14. (Cesgranrio) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da frase abaixo:
Dialeto social popular não se confunde com linguagem especial, pois , ao contrário _____, é de uso restrito e pode funcionar como signo de grupo.
a) esse/daquela;
b) essa/desse;
c) aquele/dessa;
d) esta/daquele;
e) este/desta.

15. (Analista Judiciário – TJ – FCC) ***constituindo [...] um índice de uma época; indiciam os fatos históricos; portam a marca do homem;***
Substituindo-se os elementos grifados acima por um pronome, fazendo-se as alterações necessárias, o resultado correto será, respectivamente:
a) constituindo-o – indiciam-nos – portam-na
b) constituindo-lhe – indiciam-nos – portam-lhe
c) lhe constituindo – lhe indiciam – portam-no
d) constituindo-o – o indiciam – portam-lhe
e) constituindo-a – os indiciam – portam-na

16. Assinale a opção em que o pronome oblíquo possui nítido valor possessivo.
a) Chegaram ao ônibus, sentaram-se e iniciaram a viagem.
b) Compreendo-te e considero que te será desagradável tal excursão.
c) Escutaram-nos atentamente as últimas palavras.
d) Avisar-vos-emos todas as notícias.

e) Consideramos-te pronto para a execução deste serviço.

17. (TRT) A substituição do termo sublinhado por um pronome pessoal só está correta, de acordo com a norma culta, na seguinte alternativa.
a) O movimento visa a encontrar soluções.
O movimento visa a encontrar elas.
b) A campanha apresentou vários desdobramentos.
A campanha apresentou-lhes.
c) Esses momentos históricos apresentam facetas negativas.
Esses momentos históricos apresentam-as.
d) Assistimos ao desfile de corruptos.
Assistimo-lo.
e) O movimento busca reverter a deterioração.
O movimento busca revertê-la.

18. (NCE) "A descoberta da América pelos europeus, nos fins do século quinze, deu lugar a uma transplantação da cultura europeia para este Continente. Tal empreendimento constitui, porém, uma aventura impregnada de duplicidade".
"Proclamavam os europeus ao aqui chegarem para expandir nestas plagas o cristianismo..."
"... movia-os o propósito de exploração e fortuna. A história do período colonial é a história desses dois objetivos a se ajudarem mutuamente na tarefa real e não confessada da espoliação continental".
"Nascemos, assim, divididos entre propósitos reais e propósitos proclamados. A essa duplicidade da própria sociedade nascente, dividida entre senhores e escravos..."
A seguir, cada um deles é classificado quanto à função textual, na ordem em que ocorrem. Assinale a opção correta:
a) dêitico; dêitico; anafórico; anafórico, anafórico;
b) dêitico; anafórico; anafórico; anafórico, dêitico;
c) anafórico; dêitico; dêitico, anafórico; dêitico;
d) dêitico; dêitico; dêitico; anafórico; dêitico;
e) anafórico; dêitico; dêitico; anafórico; anafórico.

19. (Suesc) "Quaresma, comparando outras terras com o Brasil, não podia deixar de valorizar as belezas naturais em detrimento ".
Assinale a opção que completa corretamente as lacunas na frase acima:
a) deste – daquela
b) destes – deste
c) deste – daquelas
d) desses – daquelas
e) desse – dessas

20. (Esaf) Substituindo o segmento sublinhado pelo pronome correspondente, houve

erro em um item. Assinale-o.
a) Não vimos sair os grevistas.
Não os vimos sair.
b) Conduz a noiva ao altar.
Conduze-a ao altar.
c) Mantém-se sempre ótima posição.
Mantém-se ela sempre.
d) Propusemos essa medida ao diretor.
Propusemos-lhe essa medida.
e) Visamos a um emprego melhor.
Visamos a ele.

21. (Esaf) Indique a letra que corresponde a erro de natureza ortográfica ou gramatical ou a alguma impropriedade vocabular.
A Amazônia ainda sob o aspecto estritamente físico, conhecê-mo-la (A) aos fragmentos. Mais de um século de perseverantes pesquisas e uma literatura inestimável, de numerosas monografias, mostram-no-la (B) sob incontáveis aspectos parcelados. O espírito humano, deparando-o (C) maior dos problemas fisiográficos, e versando-o, tem-se atido (D) a um processo obrigatoriamente analítico, que se, por um lado, é o único apto a facultar elementos seguros determinantes de uma síntese ulterior, por outro, impossibilita o descortino (E) desafogado do conjunto.
a) A
b) B
c) C
d) D
e) E

22. (CM-2º Grau) Observando as recomendações quanto à colocação dos pronomes oblíquos átonos, pode-se afirmar que está correta a frase:
a) O dinheiro que entreguei-lhe era meu.
b) No curso de Pedagogia estudaria-se provavelmente História da Educação.
c) Nunca enganamo-nos a esse respeito.
d) Em tempos de vacas magras, compra-se o indispensável.
e) Caso procurem-me, diga que viajei.

23. (CM-3º Grau) A colocação proclítica ou enclítica do pronome oblíquo é facultativa na frase:
a) Essa medida nos proporcionou uma qualidade de vida melhor.
b) Abrigamos nessa casa as pessoas que se encontrarem em apuros.
c) Não se poupariam esforços nesse sentido.
d) Atravessaram por entre as árvores, sem que ninguém se desse conta.
e) "... certa auréola que te faz divina!" (Cruz e Souza).

24. (CM-redator/revisor) Consoante as normas da língua vigente, o pronome está colocado com erro em:
a) As reuniões tornavam-se eventos de grande repercussão.
b) As reuniões se tornavam eventos de grande repercussão.
c) As reuniões se tornariam eventos de grande repercussão.
d) As reuniões tornariam-se eventos de grande repercussão.
e) As reuniões tornar-se-ão eventos de grande repercussão.

25. (TTN) Assinale a frase em que a colocação do pronome pessoal oblíquo não obedece às normas do português padrão.
a) Essas vitórias pouco importam; alcançaram-nas os que tinham mais dinheiro.
b) Entregaram-me a encomenda ontem, resta agora a vocês oferecerem-na ao chefe.
c) Ele me evitava constantemente!... Ter-lhe-iam falado a meu respeito?
d) Estamos nos sentindo desolados: temos prevenido-o várias vezes e ele não nos escuta.
e) O Presidente cumprimentou o Vice dizendo: – Fostes incumbidos de difícil missão, mas cumpriste-la com denodo e eficiência.

26. Assinale a opção em que não ocorre falha de natureza morfossintática.
a) Nunca haverá problemas entre tu e eles.
b) Será interessante para tu a leitura de jornais.
c) É necessário para eu estudar sempre.
d) Será bom para ti fazer essa viagem.
e) Já comprei as passagens para mim fazer essa viagem.

27. (Coope) O pronome lhe está empregado em desacordo com as normas da língua culta em:
a) O irmão do capitão pôs-lhe a mão no peito.
b) Tudo quanto o amigo lhe relatara não passava de ficção.
c) Pediu ao irmão que lhe visitasse na fazenda.
d) De repente veio-lhe uma vontade imensa de chorar.
e) Não era possível proibi-lo de fazer o que lhe era necessário.

28. (Pref. Santos – ADV – FCC) Meus olhos estão bastante usados, mas não considero meus olhos inaptos para ver as miragens que seduzem meus olhos, e não atribuo a meus olhos o poder de alguma autêntica revelação.
Evitam-se as repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados por, respectivamente:
a) não lhes considero – que seduzem-os – não lhes atribuo
b) não considero-os – que seduzem-nos – não os atribuo
c) não os considero – que lhes seduzem – não atribuo-lhes
d) não os considero – que os seduzem – lhes atribuo
e) não lhes considero – que os seduzem – não lhes atribuo

29. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC). A substituição do elemento grifado pelo pronome correspondente, com os necessários ajustes no segmento, foi realizada de modo INCORRETO em:

a) *virão apenas aguçar* *antigos dilemas* = virão apenas aguçá-los
b) *que passou* *pelos eventos da abolição e da República* = que passou por eles
c) Como esperar *transformações sociais profundas* = Como esperá-las
d) *percorre o* *país* = percorre-o
e) *que atinge* *a intelectualidade brasileira* = que lhe atinge

30. (DNOCS-FCC) O e-mail veio para ficar, ainda que alguns considerem o e-mail uma invasão de privacidade, ou mesmo atribuam ao e-mail os desleixos linguísticos que costumam caracterizar o e-mail.
Evitam-se as viciosas repetições do trecho acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) lhe considerem – lhe atribuam – caracterizá-lo.
b) o considerem – lhe atribuam – caracterizá-lo.
c) considerem-no – o atribuam – caracterizar-lhe.
d) considerem-lhe – atribuam-no – o caracterizar.
e) o considerem – atribuam-no – lhe caracterizar.

31. (Sefaz-SP-FCC) A informalidade é instável, mas como muitos consideram a informalidade o único meio de sobreviver, tendem a atribuir à informalidade um caráter permanente, receando substituir a informalidade pelo risco de uma outra situação desconhecida.
Evitam-se as viciosas repetições do texto acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) a consideram – atribuir-lhe – substituí-la
b) a consideram – atribuí-la – a substituir
c) lhe consideram – atribuir-lhe – substituir-lhe
d) consideram-na – atribuir a ela – lhe substituir
e) consideram-lhe – atribuí-la – substituí-la

32. (Mack) "Este inferno de amar – como eu amo! – / Quem mo pôs aqui n'alma ... quem foi? / Esta chama que alenta e consome, / Que é a vida – e que a vida destrói – / Como é que se veio a atear, / Quando – ai quando se há-de apagar?" (Almeida Garret).
No texto, os pronomes eu – quem – este, são, respectivamente:

a) indefinido – pessoal – indefinido
b) pessoal – interrogativo – demonstrativo
c) pessoal – indefinido – demonstrativo
d) interrogativo – pessoal – indefinido
e) indefinido – pessoal – interrogativo

33. (UF-MA) Identifique a oração em que a palavra "certo" é pronome indefinido.
a) Certo, perdeste o juízo.
b) Certo rapaz te procurou.
c) Escolheste o rapaz certo.
d) Marque o conceito certo.
e) Não deixe o certo pelo errado.

34. (UnB) Assinale a melhor resposta. O resultado das combinações: "põe + o", "reténs + as", "deduz + a", é:
a) pões-lo, reténs-la, dedu-la
b) põe-no, retém-nas, dedu-la
c) pões-lo, retém-las, deduz-la
d) põe-no, retém-las, dedu-la
e) põe-lo, retém-las, dedu-la

35. (UM-SP) "Ninguém atinge a perfeição alicerçado na busca de valores materiais, nem mesmo os que consideram tal atitude um privilégio dado pela existência." Os pronomes destacados no período acima classificam-se, respectivamente, como:
a) indefinido – demonstrativo – relativo – demonstrativo;
b) indefinido – pessoal oblíquo – relativo – indefinido;
c) de tratamento – demonstrativo – indefinido – demonstrativo;
d) de tratamento – pessoal oblíquo – indefinido – demonstrativo;
e) demonstrativo – demonstrativo – relativo – demonstrativo.

36. (Agente Fiscal-PR) Distinga o item no qual a colocação dos pronomes está exata.
a) Vender-no-la-íamos por quê? Devolvida-me a carta, partirei. Eles e elas se desculparam. Deram-nos. O que não deve dizer-me?
b) Tenho queixado-me com razão. Deram-nos. Depois de devolvido-lhe o recibo, ficarei sossegado. O que não se deve dizer? Tens a obrigação de me pagares tudo.
c) Deus te abençoe! Será proveitoso estudando a lição, e não decorando-a. O que não deve-se dizer? Irei quando convidar-me-ão. Se se quiser, tudo irá bem.
d) Valha-me Jesus! Ó João, se levante! Tenho alcançado-te nas provas. Não se as procuram. O que me preocupa, é esta prova.
e) Peça e dar-se-lhe-á. Por que vo-las venderíamos? O livro, meus amigos, hei de devolver-lho. A carta e o dinheiro não os remeterei logo. O que se não deve dizer?

37. (TRF-4R-FCC-2010) Houve muitas discussões sobre medidas para se minimizar o aquecimento global, já que todos consideram <u>o aquecimento global</u> uma questão crucial para a humanidade, embora poucos tomem medidas concretas para reduzir <u>o aquecimento global</u>, não havendo sequer consenso quanto às verbas necessárias para mitigar os efeitos <u>do aquecimento global</u>.
Evitam-se as viciosas repetições do período acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) lhe consideram – reduzi-lo – mitigá-los aos efeitos
b) o consideram – reduzi-lo – mitigar-lhe os efeitos
c) consideram-no – reduzir-lhe – mitigar-lhes os efeitos
d) o consideram – reduzir-lhe – mitigar-lhe os efeitos
e) consideram-lhe – o reduzir – mitigar-lhe seus efeitos

38. (Fiscal – ICMS – FGV) Em "exauri-los" e "poder-se-á", construiu-se corretamente a junção do pronome à forma verbal. Assinale a alternativa em que isso não ocorreu.
a) cancelaríamos + as = cancelá-las-íamos
b) permitireis + os = permiti-los-eis
c) fizestes + lhes = fizeste-lhes
d) encontraram + os = encontraram-nos
e) aprenderás + as = aprendê-las-ás

39. (TRT) Indique a opção <u>incorreta</u>.
a) Receba Vossa Excelência os cumprimentos de seus subordinados.
b) Sua Excelência, o Ministro da Justiça, chegou acompanhado de outras autoridades.
c) Reiteramos nosso apreço a Vossa Senhoria e vossos subordinados.
d) Solicitamos a Sua Senhoria que encaminhasse suas sugestões por escrito.
e) Concordamos com Vossa Excelência e com seus subordinados.

40. Assinale a opção em que o pronome oblíquo possui nítido valor possessivo.
a) Pegamos-lhe as mãos e sentimos toda a sua preocupação.
b) Encontramo-lo desacordado e demos-lhe todo socorro.
c) Enviar-lhe-emos as cartas para sua análise.
d) Admitamos nossas falhas e todos as perdoarão.
e) Perdoar-lhe-ei ainda que não admita seus erros.

41. (Esaf) O pronome pessoal está empregado incorretamente em:
a) Não consegui entendê-lo naquela confusão.
b) É para mim fiscalizar aqueles volumes.
c) Tudo ficou esclarecido entre mim e ti.
d) Por favor, mande-o entrar e sentar-se.
e) Fizeram-no esperar demais hoje.

42. (Esaf) Assinale a frase em que o pronome oblíquo átono está colocado <u>incorretamente</u>.
a) O guarda chamou-nos a atenção para os pivetes.
b) Quantas lágrimas se derramaram pelo jovem casal!
c) Ninguém nos convencerá de que esta notícia seja verdade.
d) As pessoas afastaram-se daquele pacote suspeito.
e) O vizinho cumprimentou o casal, se retirando imediatamente.

43. (TRE-MT) Segundo a norma culta, há erro (de uso ou de colocação) na substituição do termo sublinhado por um pronome, em:
a) O ministro não teve muitos escrúpulos naquela hora. / O ministro não teve-os naquela hora.
b) Ele estava pronto para salvar a Itália. / Ele estava pronto para salvá-la.
c) Eles terminaram as provas hoje. / Eles terminaram-nas hoje.
d) Todos queriam que o professor entregasse o livro ao melhor aluno. / Todos queriam que o professor lhe entregasse o livro.
e) Ele nunca perdoaria ao irmão aquela omissão. / Ele nunca lhe perdoaria aquela omissão.

44. (TRE-MG) Assinale a opção em que a colocação do pronome sublinhado esteja correta, segundo o registro escrito culto.
a) Os vizinhos haviam pedido-me muita atenção ao atravessar a rua.
b) Mesmo considerando que éramos famosos, ninguém veio receber-nos.
c) Faria-me um grande favor não contando as novidades a meus pais.
d) Pelo que pudemos entender, ninguém vai-nos denunciar ao delegado.
e) O aluno logo interessou-se pelo assunto, assim que a arguição começou.

45. (TRE-RO) Observe as frases.
I. "Política só se ganha com muito dinheiro".
II. "Acaba logo esquecendo-se do pouco que aprendeu".
III. "Que a mão não me para mais quieta".
IV. "Pé-de-Meia prefere carregar-lhe a mão durante o serviço todo".
A colocação do pronome oblíquo átono não está de acordo com a preferência da norma culta da língua:
a) somente na I;
b) somente na II;
c) somente na III;
d) somente na II e na IV;
e) somente na III e na IV.

46. (Fuvest) "Ensinar-me-lo-ias, se o soubesses, mas não sabes-o." A frase acima estaria de acordo com a norma gramatical, usando-se, onde estão as formas sublinhadas:
a) Ensinar-mo-ias – o soubesses – o sabes;
b) Ensinarias-mo – soubesse-lo – sabe-lo;
c) Ensinarias-mo – soubesses-lo – o sabes;
d) Ensinar-mo-ias – soubesses-o – sabe-lo;
e) Ensinarias-mo – soubesse-lo – o sabes.

47. (TRE-MT) A substituição do termo sublinhado por um pronome pessoal está correta em todas as alternativas, exceto em:

a) O governo deu ênfase às questões econômicas. O governo deu ênfase a elas.
b) Os ministros defenderam o plano de estabilização. Os ministros defenderam-no.
c) A companhia recebeu os avisos. A companhia recebeu-os.
d) Ele diz as frases em tom bem baixo. Ele diz-las em tom baixo.
e) Ele recusou a dar maiores explicações. Ele recusou a dá-las.

48. (TRE-RJ) A frase em que há erro quanto ao emprego do pronome "lhe" é:
a) Nunca lhe diria mentira.
b) Ter-lhe-iam falado a meu respeito?
c) Louvemos-lhe, porque ele o merece.
d) De Fernando só lhe conhecia a fama.
e) Sei que não lhe agrada essa conversa.

49. (TRE-MG) Assinale a opção em que a colocação do pronome oblíquo está incorreta quanto à norma culta da língua.
a) Não pude dar-lhe os cumprimentos, por estar fora da cidade.
b) Agora tem-se dado muito apoio técnico ao pequeno empresário.
c) Ter-lhe-íamos pedido ajuda, se o víssemos antes do resultado.
d) Como me propiciou momentos agradáveis, fui bastante paciente.
e) Quem o levará a tomar decisões tão importantes para o País?

50. Assinale a opção em que há um termo sublinhado com classificação gramatical errônea:
a) Entregou-me as folhas. – pronome substantivo pessoal oblíquo
b) Roubaram-me os documentos. – pronome adjetivo pessoal oblíquo
c) Os materiais serão úteis a nós. – pronome substantivo pessoal oblíquo
d) Eles voltarão mais tarde. – pronome substantivo pessoal reto
e) A ele daremos as dicas. – pronome substantivo pessoal reto

51. Assinale a opção em que há um pronome inadequadamente utilizado.
a) Custou a mim acordar cedo.
b) Convém a mim dizer a verdade.
c) Será conveniente para mim estudar.
d) Foi fundamental para eu ter hábito de estudo.
e) Sempre haverá livros para eu ler.

52. (Cespe-UnB) Quanto à correção da substituição do trecho sublinhado pela forma apresentada em negrito, julgue os itens abaixo.
a) "Já fez sua declaração de imposto de renda?" / Já a fez?
b) "Os decretos-leis (...) abanam o rabo negativamente". / Os decretos-leis abanam-lhe negativamente.
c) "Mas se tiveres alguma dúvida" / Mas se tiveres ela.
d) "Os decretos-leis tentam barrar um senhor distinto". / Os decretos leis tentam barrá-

lo.
e) "Agora é só (...) encheres este formulário-sanfona". / Agora é só (...) o encheres.

53. (NCE) "Os pronomes demonstrativos situam a pessoa ou a coisa designada relativamente às pessoas gramaticais. [...] A capacidade de mostrar um objeto sem nomeá-lo chama-se função dêitica [...], é a que caracteriza fundamentalmente esta classe de pronomes".
(CUNHA. Celso F. da; CINTRA, L. F. Lindley, *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 319.)
Os demonstrativos empregam-se também como elemento de coesão textual e têm, neste caso, em geral, função anafórica.
Assinale o item em que a função exercida pelo demonstrativo está incorretamente identificada.
a) "[...] a habitação conjugal, e a esta se recusa a voltar" (art. 234 – Código Civil) – função anafórica.
b) "Salvo disposição especial deste código e não tendo sido ajustado da época para o pagamento, o credor pode exigi-lo imediatamente" (art. 952 – Código Civil) – função dêitica.
c) A cessão de crédito não vale em relação ao devedor, senão quando a este notificada [...] – função anafórica.
d) "Cabe ao juiz suprir a outorga da mulher, quando esta a denegue sem motivo justo, ou lhe seja impossível dá-la (arts. 235, 238 e 239)" (art. 237 – Código Civil) – função dêitica.
e) "As terras de que trata este artigo tradicionalmente são inalienáveis e indisponíveis, e os direitos sobre elas, imprescritíveis" (§ 4º – Constituição da República Federativa do Brasil – texto 1) – função dêitica.

54. (NCE) O trecho "Então, incapazes de trazê-lo para a nossa domesticidade, consideramo-lo um elemento da paisagem, e pintamo-lo" vem reescrito abaixo com alterações no emprego dos pronomes pessoais. A frase que continua gramaticalmente correta no uso culto após essas alterações é:
a) Então, incapazes de o trazer para a nossa domesticidade, o consideramos um elemento da paisagem, e lhe pintamos.
b) Então, incapazes de trazer-lhe para a nossa domesticidade, consideramo-lo um elemento da paisagem, e o pintamos.
c) Então, incapazes de o trazer para a nossa domesticidade, lhe consideramos um elemento da paisagem, e pintamo-lo.
d) Então, incapazes de o trazer para a nossa domesticidade, o consideramo-lo um elemento da paisagem e pintamos-lhe.
e) Então, incapazes de o trazer para a nossa domesticidade, consideramo-lo um elemento da paisagem e o pintamos.

55. (Analista Judiciário – TRE-PE – FCC) Os mais fortes empreendiam a conquista colonial, legitimavam a conquista colonial, atribuindo à conquista colonial o mérito de

uma transformação civilizadora que tornava a conquista colonial uma espécie de benemerência.
Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:
a) legitimavam-na – atribuindo-lhe – a tornava
b) a legitimavam – atribuindo-na – tornava-lhe
c) legitimavam-na – lhe atribuindo – lhe tornava
d) legitimavam-lhe – a atribuindo – a tornava
e) legitimavam-a – lhe atribuindo – tornava-a

56. (TRF-2ª Região – FCC) Amemos as ilhas, mas não emprestemos às ilhas o condão mágico da felicidade, pois quando fantasiamos as ilhas esquecemo-nos de que, ao habitar ilhas, leva-se para elas tudo o que já nos habita.
Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:
a) lhes emprestemos – lhes fantasiamos – habitá-las
b) emprestemos-lhes – as fantasiamos – habitar-lhes
c) as emprestemos – fantasiamo-las – as habitar
d) lhes emprestemos – as fantasiamos – habitá-las
e) as emprestemos – lhes fantasiamos – habitar-lhes

Capítulo 10

Conjunções

A conjunção é o principal elemento de coesão textual. É muito importante observar que a nomenclatura das conjunções possui o sufixo "ativo" – contendo valor agente –, ou seja, é ela – conjunção – quem coordena ou subordina, e a oração, por consequência, ficará coordenada ou subordinada. Enfim, faz a ligação entre termos independentes ou orações. Quando o termo é formado por mais de uma palavra, denomina-se locução conjuntiva ou conjuncional.

10.1. Conjunções coordenativas

10.1.1. Aditivas

Estabelecem ideia de adição. As conjunções mais comuns são E, NEM, TAMPOUCO.

Ex.: "... deixou a parede como estava e só respirou aliviado..." (Luis Fernando Veríssimo).

→ A conjunção E estabelece uma relação de soma, pois o sujeito pratica as duas ações (deixar e respirar).

"Não há justiça nem há religião" (Graciliano Ramos).

→ A conjunção NEM – sinônima de TAMPOUCO – estabelece uma relação de adição – adição negativa –, pois, neste caso, ocorre a soma de elementos negados. Então, segundo o texto, não existem os dois elementos.

10.1.2. Adversativas

Estabelecem uma relação de adversidade, contrariedade, oposição, ressalva. A ideia de adversidade normalmente cria uma expectativa que não se concretiza. As conjunções mais comuns são: MAS, PORÉM, CONTUDO, TODAVIA, ENTRETANTO, NO ENTANTO, NÃO OBSTANTE.

Ex.: Ela foi ao cinema, contudo não se divertiu.

"Quis despedir; receei, porém, que o momento fosse impróprio..." (Graciliano Ramos).

→ Observe que as conjunções CONTUDO e PORÉM introduzem uma

oposição à expectativa criada na oração anterior.

BIZU

É também deveras aconselhável perceber as ideias que passam as orações, pois pode haver situações nas quais as conjunções introduzam ideias inesperadas.

Ex.: Ela não estudou e passou.

→ Observe que a conjunção E, que normalmente é aditiva, aqui introduz uma ideia que estabelece uma relação de contrariedade, afinal foi criada uma expectativa na primeira oração (que ela não passe, pois ela não estudou) não confirmada na segunda. É também interessante observar que aí a conjunção E é sinônima de MAS, PORÉM, CONTUDO.

Obs.: Ele não só estuda, mas também trabalha.

→ Analise que, se houver um condicionamento de que, ao observar a existência da conjunção MAS, já considerá-la adversativa, o candidato estará incorrendo em um erro grave nesta frase, pois o MAS, no caso, não é sinônimo de PORÉM, CONTUDO, TODAVIA. Muito pelo contrário, MAS TAMBÉM introduz uma ideia que estabelece uma relação de soma, afinal o sujeito (ele) estuda e trabalha (faz as duas ações). As estruturas iniciadas por "não só", "não somente" e "não apenas" inevitavelmente conduzirão a expressões aditivas. Volvendo ao exemplo, quando se diz "Ele não só estuda", o advérbio NÃO exerce a função de um elemento de negação, isto é, está negando... Mas não nega a ação de estudar, e sim o termo de restrição "só". Se o "não" fosse extraído do período, "ele só estudaria e não teria mais nenhuma outra atividade". Outros sinônimos de "mas também" são "como também" e "outrossim". Nas locuções MAS TAMBÉM e COMO TAMBÉM, o termo TAMBÉM pode ficar implícito.

Ex.: Ele não apenas nada, mas corre.

10.1.3. Alternativas

Introduzem uma ideia de opção, alternância. As conjunções mais comuns são OU...OU, ORA...ORA, QUER...QUER, SEJA...SEJA.

Ex.: "Ou paga ou eu mando sangrá-lo devagarinho" (Graciliano Ramos).

→ Observe que a conjunção OU estabelece uma opção, escolha. Se a pessoa pagar, o outro não mandará sangrá-lo; caso não pague, o outro mandará sangrá-lo.

Ora estudo ora trabalho.

→ Observe que, nesta frase, o sujeito EU possui duas atividades: estudar e trabalhar. Contudo é interessante perceber que os fatos não acontecem simultaneamente, ou seja, eles se alternam.

"Quer no prazer, quer na dor" (Castro Alves).

Obs.: Importa salientar que às vezes a conjunção OU pode ter valor aditivo.

Ex.: Gostava de encher o apartamento de amigos, ou sair com a turma..." (Luis Fernando Veríssimo).

→ A conjunção OU no exemplo introduz mais uma atividade que dá prazer ao sujeito tácito.

10.1.4. Conclusivas

Introduzem uma ideia de conclusão, dedução. As conjunções mais comuns são LOGO, PORTANTO, ENTÃO, POR CONSEGUINTE.

Ex.: "Penso, logo existo" (Descartes).

→ Observe que, nesta frase, a conjunção LOGO introduz uma ideia de conclusão, pois o que está dito nesta frase é uma dedução, uma filosofia, algo que não pode ser comprovado.

Estudei muito, portanto vou passar no concurso.

→ Observe que a conjunção PORTANTO introduz uma dedução, algo que só estará comprovado quando da publicação da lista dos aprovados.

Obs.: Outros conectores que também exprimem ideia de conclusão são DESTARTE e DESSARTE. Esses vocábulos se originaram das formas aglutinadas "desta parte" e "dessa parte", significando "sendo assim", "dessa forma". Normalmente introduzem parágrafos ou períodos que estejam fechando uma ideia.

Ex.: Está chovendo à beça. Destarte, não irei à praia.

10.1.5. Explicativas

Introduzem uma ideia de EXPLICAÇÃO relacionada normalmente a uma ordem, advertência, sugestão ou solicitação. Dessarte, para que haja uma oração explicativa, há a necessidade quase sempre de um verbo no imperativo. As conjunções mais comuns são: QUE, PORQUE, POIS, JÁ QUE, VISTO QUE, UMA VEZ QUE, DADO QUE, PORQUANTO, COMO.

Ex.: "Ouvi, que não vereis com vãs façanhas..." (Camões).

"E não tenha medo, que eles não são de nada" (Fernando Sabino).

→ Observe que as conjunções PORQUE e QUE iniciam explicações para

ordens indicadas na oração anterior (foi efetuada a ordem OUVI, pois o sujeito VÓS não poderá ver vãs façanhas; foi dada a ordem para o sujeito não ter medo, com a justificativa de que eles não são de nada).

Obs.: É muito comum haver a confusão entre este caso que estamos analisando e o seguinte (conjunção subordinativa causal). No próximo caso, começaremos a analisar a relação causa-efeito. Na explicação, não pode haver tal relação. Só é admissível uma conjunção ser explicativa, mesmo sem verbo no imperativo, se o fato por ela introduzido não gerar um efeito.

Ex.: Choveu, porque as ruas estão alagadas.

→ Não se pode analisar o "porque" como causal, porquanto haveria a indicação de que "as ruas estarem alagadas" seria causa e "chover", consequência. Esta interpretação não faz sentido. Cabe aí apenas a ideia de explicação.

Ele vai viajar, já que vi suas malas prontas.

→ Não se pode dizer que "ver as malas estarem prontas" seja causa e "ele viajar", efeito. Então, a função da segunda oração é apenas de explicar, ou seja, o que me esclarece que ele vai viajar é o fato de suas malas estarem prontas.

10.2. Conjunções subordinativas

10.2.1. Causais

Introduzem uma ideia de CAUSA. É fundamental relatar que aqui se inicia a relação causa-efeito. Toda causa representa o fato anterior. Já o efeito, o fato posterior. Aí é onde se difere da ideia de explicação. Lá não há relação causa-efeito, e sim apenas uma justificativa para uma ordem, solicitação ou conselho. Também se torna importante frisar que os conectores são os mesmos, daí a dificuldade de observar a diferença.

Ex.: "Alegres vinham todos, porque creem..." (Camões).

"E como a barba me vinha, basta e negra, aceitei com orgulho a alcunha de Raposão" (Machado de Assis).

Não cheguei atrasado, porquanto não queria ser demitido.

→ As conjunções PORQUE, COMO e PORQUANTO conferem à oração em que ocorrem uma ideia de causa, já a outra oração encerrará valor de consequência.

Obs.: Como já foi dito anteriormente, é de extrema importância o candidato não se condicionar a que uma conjunção possuirá sempre a mesma classificação. Analise o conector POIS nas três frases a seguir.

Ex.: Ele ainda não fez os quadros; não devem, pois, ter chegado as tintas.

Ele ainda não fez os quadros, pois ainda não chegaram as tintas.
Faça os quadros, pois já chegaram as tintas.

→ Observe que o primeiro POIS está numa oração que contém ideia de dedução, podendo ser substituído por PORTANTO, LOGO, ENTÃO. Não se possui a informação de as tintas não terem chegado, então o que se fez foi uma dedução, uma conclusão. Sendo assim, o primeiro POIS é uma CONJUNÇÃO COORDENATIVA CONCLUSIVA.

→ Observe que o segundo POIS introduz uma ideia de causa na primeira oração, podendo ser permutado por PORQUE, JÁ QUE, PORQUANTO, e a outra oração representa o efeito. Além disso, não há nenhum verbo no imperativo, só restando a hipótese de ser SUBORDINATIVA CAUSAL.

→ Já o terceiro POIS, mesmo sendo substituído pelas mesmas conjunções do exemplo anterior, apenas indica uma justificativa, uma explicação para a ordem citada na primeira oração, não estabelecendo entre as duas a relação causa-efeito.

10.2.2. Concessivas

Introduzem uma oração cujo fato ocorrente não altera o fato da outra oração. As conjunções são: EMBORA, MESMO QUE, AINDA QUE, CONQUANTO, MALGRADO, SE BEM QUE, POR MAIS QUE, POR MENOS QUE, POSTO QUE.

Ex.: "Nem mesmo a afilhada a tirava dessa reserva, embora a estimasse mais que a todos" (Lima Barreto).

→ A conjunção EMBORA introduz uma oração contendo um fato incapaz de modificar o fato da outra. O fato de "estimá-la mais que a todos" não o impede de "continuar reservado".

Ex.: Conquanto fosse tarde, ainda saí de casa.

→ Observe que a conjunção CONQUANTO introduz uma oração que não muda o fato da outra oração. O fato de ser tarde não cerceia o fato de eu sair.

Obs.: Ocorre uma situação curiosa com a conjunção POSTO QUE: Vinícius de Moraes, na última estrofe do "Soneto de Orfeu", utilizou esta conjunção com valor causal (licença poética). Este uso influenciou tanto a cultura, que se tornou muito mais utilizado do que no próprio sentido original e exigido pela norma culta.

"Eu possa dizer do meu amor (que tive)
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure".

BIZU

É importante também chamar a atenção do candidato para o fato de que as conjunções concessivas podem indicar um fato concreto ou hipotético.

Ex.: Ainda que eu volte cansado do trabalho, irei à boate.

→ A primeira oração indica um fato hipotético (não sei se estarei cansado ou não) que não altera o desfecho.

Embora eu esteja cansado, irei à boate.

→ A primeira oração indica um fato concreto (eu estou cansado) que não altera o desfecho.

10.2.3. Condicionais

Introduzem uma ideia de condição. Esta ideia é exatamente oposta à da concessão. Um fato sempre vai depender do outro. As conjunções são SE, CASO, A NÃO SER QUE, A MENOS QUE, DESDE QUE, CONTANTO QUE.

BIZU

Caro candidato, ultimamente têm caído bastantes questões em concursos em que é solicitada a relação causa-efeito. E, em muitas dessas situações, a causa é representada por conectores condicionais. Tal é possível, pois há uma proximidade significativa entre as duas ideias. Ambas representam os fatos anteriores e geram uma consequência, distinguindo-se apenas pelo fato de a causa ser fato prévio concreto, e a condição, fato prévio hipotético.

Ex.: Contanto que não chova, vou à praia.

→ Observe que a conjunção CONTANTO QUE introduz uma condição (não chover) para eu ir à praia. Observe que aí reside a oposição à concessão, pois, enquanto a condição prevê uma suposição para a realização da consequência, a concessão demonstra a anulação da hipótese (MESMO QUE CHOVA, VOU À PRAIA – vou à praia independentemente de chover ou não). Lembremos também que a condição <u>não chover</u> gera a consequência <u>de ir ou não à praia</u>.

<u>Caso</u> haja uma solução, tentarei até o fim.

→ A conjunção CASO sugere a condição que poderá gerar o efeito <u>de eu tentar até o fim</u>; se não houver solução, não tentarei até o fim.

10.2.4. Temporais

Indicam uma marcação de tempo. As conjunções mais comuns são: QUANDO, MAL, LOGO QUE, APENAS (sinônimo de quando), DESDE QUE, NO MOMENTO QUE, ENQUANTO.

Ex.: "Quando você foi embora, fez-se noite em meu viver..." (Milton Nascimento).

→ A conjunção QUANDO indica apenas o momento em que o fato da segunda oração teve início, não estabelecendo entre eles uma necessária relação causa-efeito.

Apenas ele chegou, todos saíram.

→ A conjunção APENAS designa somente a hora em que todos saíram, não sendo necessariamente a causa de todos saírem.

"Mal o pai colocou o papel na máquina, o menino começou a empurrar uma cadeira pela sala" (Fernando Sabino).

→ A conjunção MAL explicita que, logo após a ação do pai, ocorreu a ação do menino.

"Enquanto jantava, falei em voz baixa a Casimiro Lopes" (Graciliano Ramos).

→ Conjunção ENQUANTO sugere que as duas ações ocorreram (***jantar*** e ***falar baixo a Casimiro Lopes***) simultaneamente.

Obs.: Vale a pena analisar a conjunção DESDE QUE nas frases a seguir.

Ex.: Desde que economizemos, compraremos tudo.

→ A locução conjuncional DESDE QUE introduz uma condição para que possamos comprar tudo, portanto a locução conjuncional é subordinativa condicional.

Desde que voltou, nossos problemas começaram.

→ A locução conjuncional DESDE QUE indica apenas o momento em que se iniciaram os problemas, não sendo a volta da pessoa necessariamente a causa.

10.2.5. Consecutivas

Introduzem uma ideia de consequência. Normalmente na oração principal aparecerá um elemento que dê intensificação (tão, tal, tamanho, tanto). A conjunção mais comum é QUE.

Ex.: "Abraçou-me com tal ímpeto, que não pude evitá-lo" (Machado de Assis).

Ex.: "... e era tão linda, morena e dourada pelo sol, que eu ia, no silêncio do ar, atirar-lhe um beijo..." (Eça de Queirós).

→ Observe, nas duas frases, que apareceu a expressão de intensidade (TAL, TÃO) na oração principal e a conjunção QUE introduzindo valor de consequência, na primeira frase (não pude evitá-lo) e na segunda (eu ia, no silêncio do ar, atirar-lhe um beijo...).

10.2.6. Finais

Introduzem uma ideia de finalidade, objetivo.

Todas as conjunções finais podem ser substituídas pela palavra OBJETIVO.

É interessante citar que a conjunção PORQUE pode significar PARA QUE, A FIM DE QUE, COM OBJETIVO DE QUE, DE TAL SORTE QUE...

BIZU

Você deve ficar atento ao fato de que as bancas têm relacionado, principalmente em questões de interpretação de textos, a ideia de finalidade à de consequência. Tal é efetivamente cabível visto que ambas representam fatos posteriores. Tome cuidado, pois, no primeiro momento, a finalidade passa a sensação de que se trata de fato anterior, mas é justamente o oposto, como ficará esclarecido nos exemplos a seguir.

Ex.: Vim aqui para que (com o objetivo de que) pudesse analisar o problema.

→ Atenção: o primeiro fato a acontecer é "vir aqui" e o segundo fato "poder analisar o problema", então "poder analisar o problema" não faz com que "eu venha aqui, e sim "vir aqui" é que faz com que "eu possa analisar o problema".

João deve estudar a fim de que (com o objetivo de que) tenha a sua vaga assegurada no concurso.

→ Atenção: o fato anterior é "João dever estudar", o posterior é "ter a vaga assegurada". O posterior não leva à ocorrência do anterior; o anterior é que leva à ocorrência do posterior.

10.2.7. Proporcionais

Introduzem uma ideia de proporção. As conjunções mais comuns são: À MEDIDA QUE, À PROPORÇÃO QUE, AO PASSO QUE, QUANTO.

Ex.: Quanto mais como, mais engordo.

→ A conjunção QUANTO introduz a proporção entre comer e engordar. Se comer pouco, engorda-se pouco; se comer muito, engorda-se muito.

"À medida, porém, que as horas se passavam, sentiam-me cair num estado

de perplexidade e covardia" (Graciliano Ramos).

→ A conjunção À MEDIDA QUE introduz a proporção entre as horas se passarem e a pessoa sentir-se cair num estado de perplexidade e covardia. Quanto mais as horas foram se passando, mais ele se sentia perplexo.

"O trovador, à proporção que lia, ia mudando de fisionomia" (Lima Barreto).

→ A conjunção À PROPORÇÃO QUE indica que dois fatos aconteciam simultânea e proporcionalmente.

10.2.8. Conformativas

Introduzem uma ideia de conformidade, de estar de acordo. As conjunções mais comuns são: DE ACORDO COM QUE, CONFORME, COMO, SEGUNDO, CONSOANTE, EM CONSONÂNCIA COM QUE.

Ex.: Agi conforme me foi ordenado.

→ A conjunção CONFORME introduz a conformidade da ação com o que foi ordenado.

Fez a obra como manda a lei.

→ A conjunção COMO introduz a conformidade da realização da obra com o que manda a lei.

10.2.9. Comparativas

Introduzem uma ideia de comparação. Esta comparação pode ser de superioridade, igualdade ou inferioridade. As conjunções mais comuns são (DO) QUE, COMO, CONFORME.

Ex.: Agi conforme você agiu.

→ A conjunção CONFORME estabelece uma comparação de igualdade entre a ação do sujeito da primeira oração (eu) e o sujeito da segunda (você).

"D. Glória vê máquinas e homens que funcionam como as máquinas" (Graciliano Ramos).

→ A conjunção COMO introduz uma comparação de igualdade da forma como são vistos o homem e a máquina.

Obs.: O conector TAL QUAL, de valor comparativo, registra uma situação peculiar. TAL concorda com o primeiro elemento e QUAL com o segundo.

Ex.: Ela é tal qual a mãe.

Elas são tais qual a mãe.

Ela é tal quais as amigas.

Elas são tais quais as amigas.

"E as raízes se torcem quais serpentes" (Castro Alves).

Ex.: "Mais do que palavra
Diarreia é arma que fere e mata" (Ferreira Goulart).

Observe que o texto demonstra a importância maior da diarreia como arma do que como mera palavra.

Ex.: "Mostra ser mais velho do que seus comparsas uma boa dezena de anos" (Bernardo Guimarães).

→ A conjunção DO QUE denuncia que a idade do cidadão citado é superior à de seus comparsas.

João bebe menos do que Maria.

→ A conjunção DO QUE indica que João bebe uma quantidade inferior à Maria.

Nestes dois exemplos, o leitor deve observar que a conjunção pode ser QUE ou DO QUE. O termo DO é totalmente dispensável tanto semântica como sintaticamente. A Esaf e a UnB cobram bastante essa informação em concursos.

10.2.10. Integrantes

Introduzem orações que podem ser substituídas pela palavra ISSO.

Ex.: Ele dizia que não adiantava pegar cor na praia..." (Luis Fernando Veríssimo).

→ Observe que a segunda oração é introduzida por uma conjunção subordinativa integrante, podendo (a segunda oração) ser substituída inteiramente pela palavra ISSO: ELE DIZIA ISSO.

Ex.: Ele não disse se vem.

→ SE é conjunção integrante, pois a oração que ela introduz pode ser substituída pela palavra ISSO: Ele não disse isso.

10.3. Exercícios

1. Dê a classificação completa das CONJUNÇÕES e LOCUÇÕES CONJUNTIVAS sublinhadas nas frases a seguir.

1) Malgrado estivesse triste, recebeu os amigos com sorrisos.

2) A não ser que ele esteja doente, sua ausência torna-se inexplicável.

3) Como a criança dormiu, os pais puderam ver televisão.

4) Ele não somente esteve aqui, como cumprimentou todos.

5) Ele esteve aqui, mas não cumprimentou ninguém.

6) A direção do curso não nos participou se haverá aula.

7) A direção nos lembrou o horário das aulas porque não nos atrasássemos.

8) Ele bebeu, que passou mal.

9) Segundo informou a direção, no próximo sábado haverá aula.

10) Eles já tomaram todas as precauções, portanto não haverá mais problemas.

11) Ficaremos aqui ou voltaremos para casa.

12) Estudem bastante, porquanto o edital será publicado na próxima semana.

13) Os candidatos devem estudar como os já aprovados.

14) Mal a criança começou a ver o desenho, dormiu.

15) Quanto mais estudamos, mais possibilidades temos de passar.

16) À medida que os políticos enriquecem, o povo empobrece.

17) Fizemos muito mais do que efetivamente deveríamos fazer.

18) Ora estudamos ora trabalhamos.

19) Os alunos do simulado vêm estudando bastante, logo os primeiros lugares serão conquistados por eles.

20) Não necessitamos de que nos falem o óbvio.

21) Posto que o traficante diga a verdade, ninguém acreditará nele.

22) Desde que ele se sinta bem aqui, poderá ficar.

23) Desde que ele chegou aqui, começou a passar mal.

24) João quase não estudou e fez excelente prova.

25) Maria não lavou as roupas tampouco as passou.

26) Uma vez que o material ainda não chegou, a aula será adiada.

27) Não percas a paciência, visto que Maria é apenas uma criança.

28) Consoante as regras estabeleciam, não poderá haver mais faltas.

29) As crianças tanto fizeram, que ficaram de castigo.

30) Estarei presente em todas as reuniões do condomínio para que não falem mal de mim.

2. (Fecap) Classifique as palavras como nas construções seguintes, numerando, convenientemente, os parênteses.
1) preposição
2) conj. subord. causal
3) conj. subord. conformativa
4) conj. coord. aditiva
5) adv. interrogativo de modo
( ) Perguntamos como chegaste aqui.
( ) Percorrera as salas como eu mandara.
( ) Tinha-o como amigo.
( ) Como estivesse frio, fiquei em casa.
( ) Tanto ele como o irmão são meus amigos.
a) 2 – 4 – 5 – 3 – 1
b) 4 – 5 – 3 – 1 – 2
c) 5 – 3 – 1 – 2 – 4
d) 3 – 1 – 2 – 4 – 5
e) 1 – 2 – 4 – 5 – 3

3. (AFC – CGU – Esaf) Assinale a opção em que o preenchimento da lacuna com o conectivo abaixo resulta em erro gramatical ou incoerência textual no seguinte fragmento.
A dívida pública brasileira é uma velha herança. ____(A)_____aumentou consideravelmente nos anos 80, ____(B)_____ os juros internacionais subiram muito. Mais de 40 países foram arrastados pela crise da dívida, a partir de 1982. ____(C)____ seus governos foram capazes de reorganizar as contas públicas e de reduzir o peso da dívida. ____(D)____o Brasil continuou prisioneiro do endividamento inflado naquele período e, além disso, permitiu o aumento de seu peso nos anos seguintes. ____(E)____, a carga tributária brasileira é maior que a de todos ou quase todos os países emergentes e até mais pesada que a de algumas economias avançadas, como os EUA e o Japão. ***(Adaptado de O Estado de São Paulo, Notas & Informações. 21 de abril de 2012)***
a) Portanto

b) quando
c) Porém
d) Mas
e) No entanto

4. (UM-SP) Assinale a alternativa em que a palavra "como" assume valor de conjunção subordinativa conformativa.
a) Como ele mesmo afirmou, viveu sempre tropeçando nos embrulhos da vida.
b) Como não tivesse condições necessárias para competir, participou com muita insegurança das atividades esportivas.
c) As frustrações caminham rápidas como as tempestades das matas devastadoras.
d) Indaguei-me apreensiva como papai tinha assumido aquela contínua postura de contemplação.
e) Como as leis eram tentativas naquele vilarejo, todos os moradores tentavam um meio de obediência às normas morais.

5. (Analista de Controle Interno – Sefaz-RJ – FGV) ***Entre a sociedade, a empresa e o Estado, está o profissional contábil, que, por sua vez, é o elo entre Fisco e contribuinte. É de fundamental importância que esse profissional aprimore seu entendimento tributário, percebendo sua necessidade. Ratifica-se, assim, o conceito de que a conscientização tributária pode representar um ponto de partida para a formação cidadã como uma das formas eficazes de atender às demandas sociais, com maior controle sobre a coisa pública.***
As ocorrências do QUE no período acima classificam-se, respectivamente, como
a) pronome relativo – pronome relativo – pronome relativo
b) pronome relativo – conjunção – conjunção
c) conjunção – conjunção – conjunção
d) conjunção – pronome relativo – pronome relativo
e) pronome relativo – pronome relativo – conjunção

6. (Analista de Controle Interno – Sefaz-RJ – FGV) ***Ao analisar o progresso da humanidade, percebe-se que o desenvolvimento social e econômico foi*** **possível porque o homem sistema-tizou formas de organização entre os povos.**
Assinale a alternativa em que a alteração da estrutura destacada no período acima tenha provocado alteração sintática e semântica.
a) porquanto o homem tenha sistematizado formas de organização entre os povos
b) pois o homem sistematizou formas de organização entre os povos
c) conquanto o homem tenha sistematizado formas de organização entre os povos
d) já que o homem sistematizou formas de organização entre os povos
e) uma vez que o homem sistematizou formas de organização entre os povos

7. (Analista de Controle Interno – Sefaz-RJ – FGV) ***Nesse sentido, se a evasão tributária é uma doença social, seu combate ou tratamento não pode ficar restrito aos seus***

agentes; é necessário o envolvimento de toda a sociedade.
Assinale o termo que NÃO poderia ser colocado após o ponto-e-vírgula sob pena de provocar grave alteração de sentido.
a) portanto,
b) não obstante,
c) logo,
d) nesse sentido,
e) assim,

8. (TRE-RJ) O conectivo sublinhado estabelece uma ligação malfeita (coesão inadequada), quanto ao sentido, em:
a) Li este livro, *mas* não o entendi.
b) Como chegou atrasado, proibiram-no de entrar.
c) Ainda que ele queira, ninguém o ajudará em suas tarefas.
d) Estudou muito pouco para o concurso, pois conseguiu passar.
e) Tudo terminará bem, desde que o chefe permita a saída de todos.

9. (TRE-MT) Na frase "De um ano que, afinal, também não teve muitos escrúpulos, pois só se contradisse", a palavra pois pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:
a) portanto;
b) por conseguinte;
c) visto que;
d) caso;
e) ainda que.

10. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a conjunção "e" está empregada com valor adversativo.
a) "Deixou viúva e órfãos miúdos".
b) "Para diminuir a mortalidade e aumentar a produção, proibi a aguardente".
c) "Tenho visto criaturas que trabalham demais e não progridem".
d) "Iniciei a pomicultura e a avicultura".
e) "Perdi dois caboclos e levei um tiro de emboscada".

11. (Fiscal – Sefaz-RJ – FGV)
Diga que você me adora
Que você lamenta e chora
A nossa separação
Às pessoas que eu detesto
Diga sempre que eu não presto
No trecho acima há quantas ocorrências, respectivamente, de pronomes e conjunções?
a) Sete e cinco.
b) Cinco e cinco.
c) Seis e cinco.

d) Sete e quatro.
e) Seis e quatro.

12. (Técnico Judiciário – TRE-PA – FGV) *Ficam hibernando à espera do momento eleitoral quando deveriam estar em praça pública em busca de militantes e se expondo ao debate.*
A conjunção quando, no período acima, tem valor:
a) proporciona;
b) comparativo;
c) consecutivo;
d) temporal;
e) concessivo.

13. (TFC) Assinale a única opção que provoca mudança de sentido, se colocada no lugar da palavra destacada no texto abaixo.
"Malgrado fosse muito inteligente, não obteve bons resultados nas provas do concurso".
a) Embora.
b) Se bem que.
c) Dado que.
d) Ainda que.
e) Não obstante.

14. (Piloto Policial – Polícia Civil-RJ – FGV) Leia o seguinte texto, início do romance *Olhai os lírios do campo*, de Érico Veríssimo:
O médico sai do quarto n. 122.(*) A enfermeira vem ao seu encontro.
— Irmã Isolda – diz ele em voz baixa –, avise o Dr. Eugênio(*). É um caso perdido. Questão de horas, talvez de minutos. E ela sabe que vai morrer...
Os conectores que poderiam ser empregados de forma adequada ao sentido do texto no lugar dos asteriscos são:
a) enquanto, e;
b) quando, mas;
c) visto que, logo;
d) e, pois;
e) assim que, porque.

15. (Técnico Judiciário – TRE-AP – FCC) *A própria legislação admite que a identidade seja confirmada em recinto policial. A imposição de multa, porém, parece abusiva.*
Propõe-se a organização das frases acima num só bloco, iniciado por "A imposição de multa parece abusiva". Para que o sentido original se mantenha, as frases terão de ser conectadas por meio de:
a) ainda que;
b) mas;
c) dado que;

d) contanto que;
e) visto que.

16. (Analista – Fiocruz – FGV) "Caso a pessoa esteja dirigindo, no entanto, falar ao telefone pode se tornar uma tragédia"; a conjunção sublinhada pode ser substituída por todos os conectivos abaixo, mantendo-se o sentido original, exceto em:
a) porém
b) todavia
c) apesar de
d) entretanto
e) contudo

17. (Fiscal da Receita Estadual – AP – FGV) ***Deve-se isso ao fato de as instituições brasileiras terem sido concebidas de forma coercitiva e unilateral, não havendo diálogo entre governantes e governados, mas apenas a imposição de uma lei e de uma ordem consideradas artificiais, quando não inconvenientes aos interesses das elites políticas e econômicas de então.***
A respeito do uso do vocábulo quando no fragmento acima, pode-se afirmar que se trata de uma conjunção:
a) subordinativa com valor semântico de condição;
b) coordenativa com valor semântico de tempo;
c) coordenativa com valor semântico de finalidade;
d) subordinativa com valor semântico de concessão;
e) coordenativa com valor semântico de explicação.

18. (NCE) "<u>Como os dados se referem a um único país e apenas às adoções legais</u>, pode-se constatar que este país vive hoje dramaticamente uma verdadeira diáspora da infância abandonada". O segmento destacado dá ideia de:
a) causa;
b) comparação;
c) conformidade;
d) condição;
e) concessão.

19. (NCE) "A língua é um bem que percorre as gerações, passando de uma à outra, e será tão mais bem transmitida quanto mais estável for, ou, pelo menos, quanto menos interferências arbitrárias sofrer". As duas últimas orações subordinadas do período estabelecem com a sua principal uma relação de:
a) proporcionalidade;
b) temporalidade;
c) consequência;
d) comparação;
e) causalidade.

20. (NCE – TJ) Vocábulos que iniciam parágrafos como "mas" (3º §), "para que" (6º§) colaboram para que se mantenha no texto:
a) a coerência argumentativa;
b) a coesão formal;
c) a argumentação lógica;
d) a organização narrativa;
e) a estruturação enunciativa.

21. (NCE – TJ) Em "Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material....", a presença do segmento "não são apenas de ordem material" indica que, na continuidade do texto, haverá:
a) um termo de valor aditivo e pertencente a uma outra ordem;
b) um termo de valor adversativo e pertencente a uma ordem diferente da citada;
c) um termo de valor explicativo e pertencente à mesma ordem já referida;
d) um termo de valor concessivo e pertencente a uma ordem diversa;
e) um termo de valor conclusivo e pertencente à ordem citada anteriormente.

22. (AFTN – Esaf) Escreva diante de cada texto, adaptado de Aliomar Baleeiro, o número do operador lógico que preenche corretamente a lacuna.
( ) É característica da taxa a especialização do serviço em proveito direto ou por ato do contribuinte, , na aplicação do imposto, não se procura apurar se há qualquer interesse, direto ou indireto, por parte de quem o paga.
( ) Em 1896, Amaro Cavalcânti ponderava que a palavra "taxa", sem embargo de ser igualmente usada como sinônimo geral de impostos, não devia ser assim entendida ou empregada; , na sua acepção própria, designa o gênero de contribuição que os indivíduos pagam por um serviço diretamente recebido.
( ) O pagamento das taxas é facultativo; é, por assim dizer, o preço do serviço obtido e em que cada um o exige ou dele tira proveito.
( ) As taxas se devem revestir sempre do caráter de contraprestação inerente a essa espécie de tributos. Ao adotar-se interpretação outra, malograr-se-ão todas as cautelas da Constituição, que estabeleceu e quer uma rígida discriminação de competência, , prevendo a reedição de velhos abusos fiscais mascarados com o nome de taxas, preceituou proibição inequívoca.
( ) As despesas de administração da justiça poderiam ser pagas convenientemente por uma contribuição particular, que a ocasião o exigisse.
( ) Enquanto pelas taxas, o indivíduo procura obter um serviço que lhe é útil pessoalmente, o Estado, , procura, pelo imposto, os meios de satisfazer as despesas necessárias da administração.
( ) Os clássicos, assim como os contemporâneos, não divergem sobre a noção básica de taxa, se separem acerca de outros pontos acessórios.
(1) embora
(2) ao passo que

(3) à medida
(4) tanto assim que
(5) na medida
(6) visto como
(7) ao contrário
A sequência numérica correta é:
a) 6, 5, 1, 3, 4, 7, 2;
b) 1, 7, 5, 4, 2, 3, 6;
c) 2, 6, 5, 4, 3, 7, 1;
d) 1, 3, 2, 6, 5, 7, 4;
e) 2, 5, 6, 7, 4, 3, 1.

23. (NCE-TJ) "... ficaria louca se continuasse sozinha". A relação entre essas duas orações mostra que:
a) a segunda só se realiza se a primeira não se realizar;
b) a primeira se realiza contanto que a segunda não se realize;
c) a segunda é consequência da primeira;
d) a primeira é motivada pela segunda;
e) a primeira é uma hipótese para a realização da segunda.

24. (UCMG) Em "Orai porque não entreis em tentação", o valor da conjunção do período é de:
a) causa;
b) condição;
c) conformidade;
d) explicação;
e) finalidade.

25. (Oficial de Justiça – NCE) Nos itens abaixo, o emprego da conjunção OU (em maiúsculas) só tem nítido valor alternativo em:
a) "Quantos foram presos OU espancados pela liberdade de dizer o que pensam?"
b) "BMW OU bicicleta, o que conta é a sensação de poder sentar-se ao veículo e resolver em que direção partir."
c) "É a liberdade de escolher os canais (restritos em países totalitários), de ver um programa imbecil ou um jogo, OU estar tão perto das notícias quanto um presidente da República..."
d) "... só nos preocupamos com o que não temos OU com o que está ameaçado."
e) "É estar próximo de reis, heróis, criminosos, superatletas OU cafajestes..."

26. (TRF – Esaf) O globalismo é uma configuração histórico social abrangente, convivendo com as mais diversas formas sociais de vida e trabalho, mas também assinalando condições e possibilidades, impasses e perspectivas, dilemas e horizontes. no âmbito do globalismo emergem ou ressurgem localismos, provincianismos,

nacionalismos, regionalismos, colonialismos, imperialismos, etnicismos, racismos e fundamentalismos; se reavivam os debates, as pesquisas e as aflições sobre a identidade e a diversidade, a integração e a fragmentação. Mas o que se desenvolve e predomina, recobrindo e impregnando as mais diferentes situações, é o globalismo. A despeito de tudo o que preexiste e subsiste, em todas as suas peculiaridades, generalizam-se as relações, os processos e as estruturas que constituem o globalismo (*A Era do Globalismo*, Octávio Ianni).
Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas, assegurando a coerência da informação.
a) Tanto é assim que / assim como
b) A fim de que / desde que
c) Contanto que / ainda que
d) Contudo / mas não
e) Por pouco que / sempre que

27. (TFC – Esaf) Indique a sequência que preenche corretamente as lacunas.
A Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco) estima que há 880 milhões de analfabetos adultos e 115 milhões de jovens em idade escolar fora da escola, entre a população mundial. A Unesco, , não divulgou os números para cada país pesquisado. Em setembro do ano passado, o Ministério da Educação divulgou os dados mais recentes sobre o Brasil, 14,7% da população entre 14 e 49 anos de idade continua analfabeta. Houve uma grande redução do problema, , há 20 anos, mais de 30% da população naquela faixa etária não sabia ler e escrever.
O Ministério relacionou a queda dos índices de analfabetismo com o aumento da escolaridade: em 1980, apenas 49% das crianças entre 7 e 14 anos estavam na escola, percentual que subiu para 96% no ano passado. O Brasil reduziu pela metade o percentual de analfabetos na população, dobrou o número de crianças em idade escolar nas salas de aula. Esse avanço é relevante, a simples alfabetização já não é mais suficiente para a conquista de emprego num mercado de trabalho competitivo. (*O Estado de S. Paulo* – Notas e Informações, 22/4/2000, p. A3)
a) porém – onde – pois – porque – contudo.
b) entretanto – apesar de – já que – por que – mas.
c) apesar de – entretanto – pois – por que – mas.
d) no entanto – onde – apesar de – já que – por que.
e) pois – porque – apesar de – já que – entretanto.

28. (AFRF – Esaf) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.
A economia lida com o problema usar de maneira mais eficiente possível todos os recursos disponíveis de um país, alcançar o nível mais alto possível de satisfação da procura ilimitada da sociedade por bens e serviços. O objetivo máximo da economia é satisfazer as necessidades humanas de produtos. A questão é que, as necessidades sejam praticamente ilimitadas, os recursos (naturais, mão de obra, capital e tecnologia) são escassos. (Adaptado de *Enciclopédia Compacta de Conhecimentos Gerais – Isto É*, p.

204 e 205)
a) como / para / assim.
b) de / de qual / desta forma.
c) de como / de modo a / embora.
d) de que / em que / para que.
e) por que / porque / enquanto.

29. (TRT-RJ) "... o Brasil é um país onde há leis que pegam e leis que não pegam, como se isso fosse uma originalidade brasileira como a jabuticaba". A alternativa em que se expressa a mesma ideia contida nesse segmento do texto é:
a) Como a jabuticaba, é uma originalidade brasileira o fato de haver leis que pegam e leis que não pegam.
b) Apesar de não ser uma originalidade brasileira, como a jabuticaba, há no país leis que pegam e leis que não pegam.
c) No Brasil há leis que pegam e leis que não pegam, como a jabuticaba, mas isso não é uma originalidade brasileira.
d) Como a jabuticaba, há no Brasil leis que pegam e leis que não pegam, embora isso não seja uma originalidade brasileira.
e) O Brasil é um país onde há leis que pegam e leis que não pegam e isso é marca da originalidade brasileira, como a jabuticaba.

30. (Eletrobrás – NCE) "Se você disser ao cidadão desprevenido que o leite, por ser essencial, deve sair das mãos dos particulares para cooperativas ou entidades estatais, se você disser que os bancos, vivendo exclusivamente das poupanças populares, não têm nenhuma razão de estar em mãos privadas, o cidadão o olhará com olhos perplexos de quem vê alguém propondo algo muito perigoso." O comentário correto a respeito deste segmento do texto é:
a) os dois segmentos iniciados pela conjunção SE indicam condições para que se realize a consequência citada;
b) o cidadão só olhará com espanto o autor das ideias citadas se elas já estiverem transformadas em realidade;
c) os adjetivos estatais e privadas são sinônimos no contexto em que estão inseridos;
d) o segmento poupanças populares equivale semanticamente a popularidade das poupanças;
e) o "algo muito perigoso" a que alude o texto se localiza no terreno cultural.

31. (MPOG-Esaf) Assinale a opção que preenche as lacunas do texto, tornando-o coeso e coerente.
Apesar de diferenças ideológicas ou acadêmicas a respeito da natureza das atividades que o Estado deve desempenhar, parece haver um consenso formado a respeito de como o Estado deve desempenhar essas atividades.
1 vigora o ideal de um governo representativo, em que os cidadãos elegem seus representantes, sob o regime de um mandato imperativo.

2 , há diversos exemplos de disfunções dos arranjos institucionais do Estado, que o tornam muito mais identificado com os interesses das elites.
3 , ao longo do século XX, o desenvolvimento de um Estado social democrático de direito resultou num processo de consolidação de estruturas voltadas também à prestação de serviços e implementação de políticas sociais.

	1	2	3
a)	Não mais	Mesmo assim	Portanto
b)	Entretanto	Diante disso	Mesmo assim
c)	Para sempre	Sendo assim	Nesse sentido
d)	Ainda	Entretanto	Não obstante
e)	Embora	Portanto	Entretanto

32. (Aud. Tesouro Mun. Fortaleza – Esaf) Assinale a opção que completa de forma coesa e coerente as lacunas do texto abaixo.
Sendo a síntese de fatores objetivos e subjetivos que não se esgotam no processo de trabalho propriamente dito, os elementos constitutivos da cultura do trabalho precisam ser considerados em sua historicidade, não apenas condicionada pela realidade externa, 1 pelas diferentes motivações que orientam a ação coletiva. 2 a cultura do trabalho resulta da dinâmica interna de um determinado sistema cultural, temos que considerar que, também nos empreendimentos populares, ela é o resultado de suas inter-relações com os outros sistemas.

a)	já como			Haja visto que
b)	mas também			Se
c)	mas não			Apesar de
d)	mas também			Embora
e)	entretanto			Se

33. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) *Não direi mal dos tradutores, e Godofredo Rangel era dos bons.*
O tipo de articulação lógica que se estabelece entre os dois segmentos é equivalente ao que se estabelece entre os segmentos destacados em:
a) Ele não é mau tradutor, // mesmo assim a editora o dispensou.
b) Seu texto não chegou a ser criticado, // até porque não lhe faltavam altas virtudes.
c) Foi muito elogiado como tradutor, // no entanto lhe faltavam dotes de criador.
d) Há muito rigor na crítica aos tradutores, // não importa quanto venham a esforçar-se.
e) Vem colhendo os frutos de sua tradução, // razão pela qual pensa em fazer uma nova carreira.

34. (MP – NCE) "O homem contemporâneo não é onívoro como seu antepassado pré-

histórico". Esse segmento traz uma ambiguidade que desapareceria se fosse reescrito, mantendo-se o sentido pretendido no texto, da seguinte forma:
a) O homem contemporâneo não é onívoro como era seu antepassado pré-histórico.
b) Como seu antepassado pré-histórico, o homem contemporâneo não é onívoro.
c) O homem contemporâneo, como seu antepassado pré-histórico, não é onívoro.
d) O homem contemporâneo e seu antepassado pré-histórico não são onívoros.
e) O antepassado pré-histórico do homem contemporâneo não é onívoro como ele.

35. (Auxiliar de Cartório – NCE) O segmento "Quando hibernam..." mostra:
a) um tempo que se realizam os fatos citados a seguir;
b) uma condição para que os fatos seguintes se realizem;
c) um lugar em que se realizam os fatos apontados na continuidade do texto;
d) uma situação concessiva, quando relacionada aos fatos seguintes;
e) uma explicação causadora dos fatos citados a seguir.

36. (BNDES-NCE) Na frase "Ou vai ou racha!", a conjunção OU tem o mesmo valor significativo que apresenta na seguinte frase:
a) O turista compreendia inglês ou francês com facilidade.
b) As vaias ou aplausos não perturbaram o presidente.
c) O empregado faz o que deve ou perde o emprego.
d) Na hora da premiação, chorava ou ria.
e) Morávamos no segundo ou no terceiro andar.

37. (NCE) No último parágrafo do texto, o autor declara chegar a uma conclusão e, para isso, utiliza a conjunção conclusiva portanto; a relação entre conectivo e valor semântico corretamente colocada entre os abaixo, é:
a) tal qual = comparação;
b) mesmo que = adversidade;
c) onde = tempo;
d) para que = direção;
e) à proporção que = lugar.

38. (Secretaria de Fazenda – PI – Esaf) O secretário da Receita Federal, na audiência pública na comissão especial da Câmara, <u>disse apreciar</u>(1) a proposta de emenda constitucional que prorroga a CPMF, <u>uma vez que</u>(2) 4.516 pessoas físicas isentas de tributação ou omissas movimentaram, juntas, mais de R$ 25 bilhões no ano passado com operações individuais <u>que</u>(3) ultrapassaram R$ 10 milhões. Afirmou também que outras 2.449 pessoas jurídicas imunes, inativas, isentas, omissas ou optantes do imposto Simples movimentaram, juntas, R$ 147 bilhões. A movimentação desses "contribuintes" é desproporcional e ofende o senso comum. Desse total, 857 contribuintes já foram fiscalizados, <u>que</u>(4) resultou num lançamento tributário da ordem de R$ 400 milhões, além de outras iniciativas de ordem judicial. Qualquer tipo de imposto está sujeito à sonegação, mas a CPMF é mais resistente que qualquer outro, tanto à sonegação <u>quanto</u>

à(5) elisão fiscal (Adaptado de Nelson Breve, www.estadao.com.br – 6/11/2001).
Para que o texto fique correto, é necessário substituir:
a) "disse apreciar"(1) por disse que apreciava;
b) "uma vez que"(2) por já que;
c) "que"(3) por as quais;
d) "que"(4) por o que;
e) "quanto à"(5) por como à.

39. (NCE) A substituição da locução grifada pelo elemento à direita altera sensivelmente o sentido do enunciado em:
a) "Por enquanto, para ver-se o que deve ser visto, será útil entender latim" / Por ora.
b) "O que faria o governo em face de mais uma estremeção no circuito financeiro internacional" / frente a.
c) "Nada mudaria na política econômica, afirmou, desde que mantida a condição *ceteris paribus*" / posto que.
d) "Tarefa gigantesca, ainda mais porque precisamos tomar iniciativas agora / especialmente.
e) "o que menos se tem é alguma coisa parecida com a placidez do *ceteris paribus* – a não ser que se use a expressão, retorcendo-a para referência ao próprio quadro de incertezas" / a menos que.

40. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – FCC) ***Mais brasileira, mais tradicional, mais poética, incomparavelmente, é a festa de Nossa Senhora da Glória. O pequeno oiteiro da Glória, com a sua capelinha duas vezes secular, é um dos sítios mais aprazíveis, mais ingenuamente pitorescos da cidade. As velhas casas da encosta cederam lugar a construções modernas. Entretanto a igrejinha tem tanto caráter na sua simplicidade que ela só e mais uma meia dúzia de palmeiras bastam a guardar a fisionomia tradicional da colina*.**
(Manuel Bandeira. Fragmento de Crônicas da Província do Brasil. In: Poesia completa e prosa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, v. único, 1993. p. 449)
A articulação sintático-semântica entre as orações do período grifado acima denota relação de
a) condição e ressalva.
b) consequência e temporalidade.
c) causa e consequência.
d) fato real e temporalidade.
e) constatação e sua causa imediata.

41. (NCE) Em "Numa pólis bem constituída, todos correm para as assembleias; sob um mau governo...", que conjunção poderia substituir adequadamente o ponto e vírgula entre os dois termos destacados?
a) mesmo que
b) visto que

c) sem que
d) embora
e) todavia

42. (NCE) O sentido de "As reuniões cresceram, assumiram fortes dimensões políticas e tornaram-se eventos de grande repercussão, <u>ainda que</u> prejudicadas pela censura vigente" fica sensivelmente alterado com a substituição da locução sublinhada por:
a) conquanto;
b) posto que;
c) visto como;
d) não obstante;
e) malgrado.

43. (Técnico Judiciário – TRE-SP – FCC) ***Mas, <u>embora ele não tivesse sido nomeado</u>, todos sabiam quem era o comandante*.**
Em relação à frase em que está inserido, o segmento grifado acima possui um sentido:
a) condicional;
b) causal;
c) concessivo;
d) comparativo;
e) conclusivo.

44. (NCE) Em "tampouco deve (...) se amoldar aos desejos de seus eleitores...", "tampouco" é substituível, sem prejuízo do sentido, por:
a) sobretudo não;
b) ainda assim não;
c) também não;
d) apesar disso não;
e) particularmente não.

45. (Coppe) Na frase "As crendices variam, a matemática é a mesma para toda a humanidade, sendo, , confiável e útil, a crendices estão envoltas nas trevas da vaguidade e da superstição", as lacunas podem ser preenchidas, respectivamente, por:
a) embora, por conseguinte, enquanto;
b) no entanto, logo, ao passo que;
c) mas, portanto, ao passo que;
d) ainda que, portanto, à medida que;
e) porém, logo, ao passo que.

Capítulo 11

Preposição

Preposição é a palavra invariável que relaciona dois termos, subordinando o segundo ao primeiro.

11.1. Essenciais

Funcionam apenas como preposição.
A, ANTE, APÓS, ATÉ, COM, CONTRA, DE, DESDE, EM, ENTRE, PARA, PER, PERANTE, POR, SEM, SOB, SOBRE, TRÁS.

11.2. Acidentais

Palavras que, excepcionalmente, podem funcionar como preposição.
CONFORME, SEGUNDO, CONSOANTE, MEDIANTE, FORA, EXCETO, SALVO, DURANTE, TIRANTE, FEITO, QUE (sinônimo de DE).

Ex.: "Já em 1876, segundo o testemunho de um sacerdote, que ali fora..." (Euclides da Cunha).

Ex.: Tenho que estudar.

QUE acidentalmente funciona como sinônimo da preposição DE: Tenho de estudar. Esse, inclusive, é o entendimento da FGV. Já o Cespe, na prova de Escrivão – PF 2002, classificou o QUE como conjunção.

Obs.: Somente com preposições essenciais, utilizam-se pronomes oblíquos tônicos.

Ex.: Sem ti, não iremos à praia.

Já com preposições acidentais, utilizam-se os pronomes retos.

Ex.: Todos foram à praia, exceto tu.

11.3. Locuções prepositivas

Mais de uma palavra com função de preposição (a última palavra deve ser uma preposição essencial).
ABAIXO DE, JUNTO DE, COM OBJETIVO DE, CERCA DE, ACERCA DE, AO ENCONTRO DE (a favor de), DE ENCONTRO A (contra).

Obs.: A gramática admite a ocorrência de duas preposições em sequência em apenas dois casos: "para com" e "até a".

Ex.: "E me fiz todo gratidão para com ele..." (Raul Pompeia).

"Desde a porta até ao fundo do quintal" (Machado de Assis).

11.4. Combinação

Junção de preposição com outra classe gramatical sem alteração fonética.

AO, AONDE.

11.5. Contração

Junção de preposição com outra classe gramatical com alteração fonética.

ÀS, DA, DOS, NO, DAQUELE.

Obs.: É importantíssimo ressaltar que, quando o termo posterior à preposição funcionar como sujeito, não poderá haver a combinação ou a contração.

Ex.: Não houve possibilidade de o professor resolver o problema.

Observe que "o professor" é sujeito do verbo "resolver", sendo assim não se pode unir a preposição DE ao artigo O.

Não gostamos do problema criado.

"Do problema criado" é objeto indireto, portanto a combinação da preposição com artigo será obrigatória.

BIZU

Chamo a atenção para o fato de a Esaf explorar casos de combinação ou contração facultativas. Isso ocorre quando o elemento seguinte à preposição não funcionar como sujeito e a sonoridade da combinação for desagradável. Tal situação já levou ao quase desuso as contrações COM + O, A, OS, AS – COO, COA, COOS, COAS. Também serão facultativas

contrações de preposição com artigos indefinidos (um, uma, uns, umas – quando não participarem do sujeito) e pronomes indefinidos (outro, outra, outros, outras – quando não participarem do sujeito), e da preposição DE com o termo ONDE.

Ex: "No cimo dum outeiro" (Fernando Pessoa) – DUM ou DE UM

"Não há certeza doutra, mas suspeita" (Camões) – DOUTRA ou DE

OUTRA
"Quem eram? Donde vinham? – Pouco importa?" (Castro Alves) – DONDE ou DE ONDE

11.6. Valores semânticos das preposições

A

Condição – A continuarem os sintomas, procure um médico!
Concessão – Ela nada comia a não ser sanduíche.
Direção – "Levaram-no à Capital da Bahia" (Euclides da Cunha).
Tempo – "Ao voltar, bem escovado, bem perfumado, achei a lancha atulhada" (Eça de Queirós).
Fim – "Ela despedaçou o lacre a ler a Seixas o papel" (José de Alencar).
Instrumento – Fizemos a prova a lápis.
Meio – Andar a cavalo.
Modo – Falar aos gritos.
Lugar – "Dormindo imenso ao luar" (Castro Alves).
Semelhança, conformidade – Maria saiu aos avós.

ANTE

Posição anterior ou frontal – Quedou-se ante o quadro, admirando-o.
Causa – Ante o desfecho inevitável, todos se prepararam para o pior.

APÓS

Tempo posterior – As aulas terão início após as festas de fim de ano.
Lugar posterior – João está após Pedro.

ATÉ

Limite de lugar – Iremos até Copacabana.
Limite de tempo – As aulas começarão até às duas horas.

COM

Companhia – "Dom Casmurro, domingo vou jantar com você" (Machado de Assis).
Soma – Quando unimos o conhecimento de Paulo com a esperteza de João, teremos o ser humano ideal.
Modo – "Puxei, com a mão a tremer, a minha chávena de chá..." (Eça de Queirós).
Instrumento – Fizemos o trabalho com o computador.

Condição – Com sorte, não pegaremos engarrafamento.
Causa – Ele empobreceu com o Plano Collor.

DE
Posse – Lápis de João.
Finalidade – "E o coração... é instrumento de sopro ou de percussão?" (Fernando Sabino).
Origem – "Afirmava-se que o fogo começara de uma sala" (Raul Pompeia).
Matéria – "A urbs monstruosa, de barro..." (Euclides da Cunha).
Causa – "A filha, pode ser que pálida de medo, dissimulava..." (Machado de Assis).
Modo – Ele vive de pequenos furtos.
Assunto – "Falamos dos colegas..." (Raul Pompeia).
Lugar – Estávamos de longe analisando o problema.
Tempo – "Acordo de noite, subitamente" (Fernando Pessoa).
Meio – "... coça a cabeça, irresoluto: de ônibus ou de táxi?" (Fernando Sabino).

DESDE
Afastamento de um lugar – Estou correndo desde o início da rua.
Início de um tempo – Desde a chegada dele, tivemos problemas.

EM
Lugar – "Os navios no mar apodreciam" (Castro Alves).
Modo – É bom viver uns tempos em paz.
Tempo – Em duas horas, ele estará presente.
Causa – Ele estava triste em não poder viajar.
Finalidade – Ela veio aqui em auxílio.
Matéria – A estátua é feita em ouro.

ENTRE
Posição intermediária no espaço – Moramos entre Copacabana e Ipanema.
Posição intermediária no tempo – Entre duas e três horas, estaremos lá.

PARA
Direção – "Foi assim que me encaminhei para o undiscovered country de Hamlet..." (Machado de Assis).
Finalidade – "... escrava rebelde e insensata, não terás mãos nem pés para

pôr em prática teus sinistros intentos" (Bernardo Guimarães).
Conformidade – Para João, Flamengo é o melhor time do campeonato.
Restrição – Proibido para menores.

PER (DESUSO) / **POR**
Lugar – Viajamos por estradas inóspitas.
Causa – "O parasita, feliz por ver quanto o amigo aviltava a mulher..." (Aluísio de Azevedo).
Tempo – "Eu sei que vou te amar / por toda a minha vida" (Vinicius de Moraes).
Agente – O trabalho foi feito por João.
Meio – Nós nos falamos por telefone.
Comparação – "Sabe que o tomam por outro" (Fernando Sabino).

PERANTE
Diante de – Ficamos perante o professor durante duas horas.

SEM
Ausência (falta) – "Sem ela o que é a vida?" (Castro Alves).
Condição – Sem passaporte, não poderão viajar.

SOB
Posição inferior – Conversamos sob a ponte.
Proteção – Estávamos sob o amparo da lei.
Sujeição – "Fazia-se a crítica dos novos sob um ponto de vista inteiramente deles" (Raul Pompeia).

SOBRE
Posição superior – "O pé direito sobre um monte enorme de carvões..." (Raul Pompeia).
Assunto – "Documento iniludível permitindo o corpo de delito sobre os desmando de um povo" (Euclides da Cunha).
Preferência (acima de) – Amar a Deus sobre todas as coisas.

TRÁS
(DESUSO) – atrás de, depois de...

ATENÇÃO: As preposições podem ter valor nocional ou relacional. Este

assunto, que é uma das preferências do NCE, será desenvolvido no capítulo de sintaxe, mais particularmente na comparação entre complemento nominal e adjunto adnominal.

11.7. Exercícios

1. (Analista Judiciário – TRE-PE – FCC) A oração sublinhada exprime uma finalidade em:
a) Ele trabalha por trabalhar, e não por qualquer razão mais nobre.
b) Kucinski escreveu um livro por sentir-se indignado com as atitudes de seus colegas.
c) Há jornalistas que perseguem valores éticos para orientá-los no exercício de sua profissão.
d) A ideia de trabalhar para a comunidade não está comovendo os jovens profissionais.
e) Ele dedicou parte de sua vida ao jornalismo enquanto acreditava na alta relevância de sua profissão.

2. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a preposição COM exprime a mesma ideia que possui em "Surge a lua cheia para chorar com os poetas".
a) O menino machucou-se com a faca.
b) Ela se afastou com um súbito choro.
c) Tinha empobrecido com as secas.
d) Deve-se rir com alguém, não de alguém.
e) Ele se confundiu com a minha resposta.

3. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a preposição DE exprime a mesma ideia que possui em "a cair de fome".
a) De tanto chorar, os seus olhos ficaram inchados.
b) De noite, todos os gatos são pardos.
c) Chegaram hoje cedo de Pernambuco.
d) Devemos nutrir o espírito de boas leituras.
e) Carregava no bolso um relógio de ouro.

4. (UFF) A opção em que a preposição destacada tem valor indicado entre parênteses é:
a) "Vou-me embora de Pasárgada" (movimento de afastamento de um ponto).
b) "Tem prostitutas para a gente namorar" (direção).
c) Já comprei ida sem volta" (posição de inferioridade).
d) "Andarei de bicicleta" (posse).
e) Em Pasárgada tem tudo" (posição no interior de dois limites indicados).

5. (Fiscal – SEFAZ-RJ – FGV) ***É certo que a mudança do enfoque sobre o tema, no âmbito das empresas – principalmente, as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos de postura administrativa decorrentes da adoção de critérios de responsabilização penal da pessoa jurídica em seus países de origem. Tais mudanças, inevitavelmente, terão que abranger as práticas administrativas de suas congêneres***

espalhadas pelo mundo, a fim de evitar respingos de responsabilização em sua matriz.
No trecho acima, as ocorrências da palavra QUE classificam-se, respectivamente, como:
a) pronome relativo e preposição;
b) conjunção integrante e preposição;
c) conjunção integrante e conjunção integrante;
d) pronome relativo e conjunção integrante;
e) preposição e pronome relativo.

6. (Perito da Polícia Civil – RJ – FGV) "*Por* precaução, a maioria dos médicos recomenda evitar a combinação de bebida e remédios".
A preposição "*por*", no fragmento acima, tem valor de:
a) meio;
b) modo;
c) condição;
d) consequência;
e) causa.

7. (UFF) Em "Ela despedaçou o lacre <u>a</u> ler a Seixas o papel", a preposição assinalada introduz uma ideia de:
a) consequência;
b) causa;
c) condição;
d) fim;
e) modo.

8. (Técnico Judiciário – TRE-PA – FGV) *Aliás, o melhor para a democracia seria separar os fundos partidários dos destinados às campanhas eleitorais*. **A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:**
I. Há três preposições.
II. Há quatro artigos.
III. Há um pronome demonstrativo.
Assinale:
a) se todas as afirmativas estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se nenhuma afirmativa estiver correta;
d) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
e) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

9. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) *<u>A despeito do</u> sucesso, o ganha-pão do escritor seria obtido...*
O elemento grifado acima pode ser corretamente substituído, sem alteração do sentido original, por:
a) Em razão do

b) Conquanto o
c) Em que pese o
d) Em vista do
e) A partir do

10. (Técnico Judiciário – TRT-14ªRegião – FCC)
Logo, são eles que veem,
não eu que, mesmo cônscio
do logro, lhes sou grato
por anteciparem em mim
o Édipo curioso
de suas próprias trevas.
(José Paulo Paes)
"por anteciparem em mim"
O segmento acima introduz no contexto noção de:
a) condição;
b) consequência;
c) ressalva;
d) causa;
e) temporalidade.

11. (Fiscal – ICMS – RJ – FGV) ***É certo que a mudança do enfoque sobre o tema, no âmbito das empresas – principalmente, as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos de postura administrativa decorrentes da adoção de critérios de responsabilização penal da pessoa jurídica em seus países de origem. Tais mudanças, inevitavelmente, terão que abranger as práticas administrativas de suas congêneres espalhadas pelo mundo, a fim de evitar respingos de responsabilização em sua matriz.***
No trecho acima, as ocorrências da palavra QUE classificam-se, respectivamente, como:
a) Pronome relativo e preposição;
b) Conjunção integrante e preposição;
c) Conjunção integrante e conjunção integrante;
d) Pronome relativo e conjunção integrante;
e) Preposição e pronome relativo.

12. (TJ) "Nas empresas, que saiam para a rua."
"... definam um bom espaço para se encontrar..."
Qual a noção indicada pela preposição PARA, respectivamente, nos dois casos acima?
a) lugar / finalidade
b) finalidade / tempo
c) condição / modo
d) tempo / lugar
e) direção / finalidade

13. (Fundec) Observe o valor das preposições empregadas e, depois de enumerar de acordo, aponte a alternativa correta.

1 – Morrer a três passos do cemitério			( ) Proximidade
2 – Escrever a lápis			( ) Instrumento
3 – Falar aos gritos			( ) Modo
4 – Estar ao telefone			( ) Distância
5 – Voltar a pé			( ) Meio

a) 2 – 1 – 4 – 5 – 3
b) 2 – 3 – 5 – 4 – 1
c) 4 – 2 – 3 – 1 – 5
d) 4 – 1 – 5 – 3 – 2

14. O segmento do texto cujo elemento destacado tem seu valor semântico incorretamente indicado é:
a) "EM oito anos..." = tempo;
b) "... visitantes DE outros estados..." = origem;
c) "... da economia DA cidade..." = propriedade;
d) "... não sabe lidar, POR falta de ação integrada..." = causa;
e) "... falar EM dinheiro mal aplicado..." = oposição.

15. (TRT) A alternativa abaixo em que o conectivo em destaque tem seu valor semântico erradamente indicado é:
a) "... não há polícia suficiente para fazê-la ser cumprida" = finalidade;
b) "... uma originalidade brasileira como a jabuticaba." = comparação;
c) "... muita lei que não pega por falta dessa sintonia" = causa;
d) "... existe uma lei óbvia segundo a qual..." = ordenação;
e) "... mas raramente usam capacete" = adversidade.

16. (NCE) "De uma colina, onde se descortinava toda a cidade, dois homens mantinham silêncio olhando os dois corpos que balançavam lado a lado no patíbulo da praça". O item em que a preposição sublinhada (sozinha ou combinada) tem o mesmo valor semântico da preposição de (no segmento do texto) é:
a) "... era o juiz mais sábio e justo <u>de</u> todo o país".
b) "... que perdoou ao frio assassino <u>do</u> filho?"
c) "Qual a razão <u>desta</u> sentença, senhor juiz?"
d) "E o juiz, do fundo <u>de</u> sua sabedoria, disse..."
e) "... no patíbulo <u>da</u> praça".

17. (ANA – NCE) "Morrerão <u>de</u> doenças", o valor semântico da preposição sublinhada repete-se em:
a) As águas ficarão contaminadas de bactérias.

b) Os estudos mostraram a contaminação das águas.
c) As águas contaminadas são a causa de doenças.
d) A água dos rios é mais contaminada que a marinha.
e) Os habitantes do Sul padecem de frio.

18. (Radiobrás – NCE) O item em que o valor do vocábulo em maiúsculas está erradamente indicado é:
a) "... quando se trata de carta PARA namorada..." – destinação;
b) "... e ATÉ entre os ambulantes" – inclusão;
c) "... seguem na letra à mão DE Paulo" – posse;
d) "... há meses NA cidade, ... – lugar;
e) "Eles confiam em mim PORQUE sou mais velho" – explicação.

19. (Engepron – NCE) O item em que o valor da preposição está incorretamente identificado é:
a) "Foi a 23 de outubro de 1906" = tempo;
b) "reservada a essas tentativas" = finalidade;
c) "nas margens do Sena, em Neuilly" = lugar;
d) "tomava um valor suficiente para erguê-lo" = direção;
e) "foi calculada em 35 quilômetros" = aproximação.

20. (TCES – NCE) Em que frase a seguir, o valor semântico da preposição <u>de</u> é idêntico àquele com que aparece no título (Dos Deputados ou Representantes)?
a) Os deputados são representantes <u>do</u> povo.
b) Os políticos falavam <u>de</u> política.
c) Os interesses <u>do</u> Estado são discutidos na assembleia.
d) Toda a legitimidade provém <u>das</u> eleições.
e) A eleição <u>de</u> deputados é essencial à democracia.

21. (Cor. Geral – RJ – NCE) "Na realidade, o fenômeno do quarto de Lucila se reproduz com velocidade em outras casas de todo o país, em resposta a um apelo irresistível..." Qual das preposições a seguir poderia substituir a preposição em nessa frase, conservando-se o seu significado?
a) para
b) de
c) por
d) com
e) como

22. (TJ – RJ – NCE) Indique o item em que o valor nocional da preposição destacada não está corretamente indicado:
a) "Para quem mora <u>na</u> favela..." – <u>lugar</u>.
b) "... <u>para</u> ele, "a rua" também é familiar." – <u>direção</u>.

c) "... condição para obter crédito..." – finalidade.
d) "... para não ser olhado com medo..." – modo.
e) "... identificada apenas por seu estereótipo..." – meio.

23. (UnB / Cespe – SMF / Maceió – AL – Fiscal de Tributos Municipais) Para o presidente da OAB, pesou na decisão de mudança do decreto o parecer elaborado por dois advogados, que contém o seguinte trecho: "O decreto pune os bons contribuintes, deles retirando qualquer garantia, visto que sempre dependerão de humores da fiscalização, pródiga em ofertar à lei distorcida interpretação. É que o fisco, até por dever de ofício, sempre tem por 'suspeitos' todos os cidadãos."
Silvana de Freitas. *In: Internet:* <http://www.folha.com.br>. Acesso em 28/12/2002 (com adaptações).
1) A expressão "visto que" (l. 4) pode ser corretamente substituída por "porquanto", mantendo-se a correção sintática e semântica do período.
2) As preposições "Para" (l. 1) e "por" (l. 6) podem ser substituídas por "segundo" e "como", respectivamente, sem prejuízo à correção gramatical das orações em que ocorrem.

Capítulo 12

Interjeição

Expressão que traduz os sentimentos e as reações das pessoas.

INTERJEIÇÕES MAIS COMUNS:
De exclamação – Viva!
De admiração – Oh!
De alívio – Ah!
De aplauso – Bravo!
De desejo – Oxalá!
De dor – Ai! Ui!
De chamamento – Psiu!
De satisfação – Oba!
De solicitação de silêncio – Chi!

Capítulo 13

Numeral

São palavras que dão ideia de quantidade ou ordem dos seres.

13.1. Numeral substantivo

Não funciona ao lado de um substantivo.
Ex.: Os primeiros já chegaram.

13.2. Numeral adjetivo

Funciona ao lado de um substantivo.
Ex.: Os primeiros concorrentes já chegaram.

13.3. Classificação

13.3.1. Multiplicativo

Indica multiplicação.
Ex.: dobro, triplo, quádruplo...

13.3.2. Fracionário

Indica a ideia de divisão.
Ex.: metade, um terço, quinze avos...

13.3.3. Ordinais	13.3.4. Cardinais
primeiro	um
segundo	dois
terceiro	três
quarto	quatro
quinto	cinco
sexto	seis
sétimo	sete
oitavo	oito
nono	nove
décimo	dez

décimo primeiro ou undécimo	onze
décimo segundo ou duodécimo	doze
décimo terceiro	treze
décimo quarto	quatorze ou catorze
vigésimo	vinte
vigésimo primeiro	vinte e um
trigésimo	trinta
quadragésimo	quarenta
quinquagésimo	cinquenta
sexagésimo	sessenta
septuagésimo ou setuagésimo	setenta
octogésimo	oitenta
nonagésimo	noventa
centésimo	cem
ducentésimo	duzentos
trecentésimo	trezentos
quadringentésimo	quatrocentos
quingentésimo	quinhentos
seiscentésimo, sexcentésimo	seiscentos
septingentésimo, setingentésimo	setecentos
octingentésimo	oitocentos
nongentésimo, noningentésimo	novecentos
milésimo	mil
dez milésimos	dez mil
cem milésimos	cem mil
milionésimo	um milhão
bilionésimo	um bilhão

Observações

1– Para designar séculos, reis, papas, capítulos, contos, devem ser empregados os ordinais até décimo e os cardinais para os demais. Também é interessante ressaltar que, nestes casos, a escrita deve ser em algarismos romanos.

Ex.: D. Pedro I (primeiro)

Século XX (vinte)

2– Com a preposição EM, as palavras “página”, “folha” e “capítulo” ficarão no singular e, consequentemente, o numeral será invariável.

Ex.: Na página vinte e dois...; na folha trinta e um...

Já com a preposição A, tanto se podem usar os vocábulos "página", "folha" e "capítulo" no singular ou no plural. Usando-se no singular, a consequência é a mesma da ocorrida com a preposição EM. No entanto, com o termo no plural, o numeral o acompanha.

Ex.: à pagina dois, a páginas duas, à folha vinte e um, a folhas vinte e uma...

13.4. Exercícios

1. (Uni-Rio) Para CEM, a língua só tem uma forma de ordinal, CENTÉSIMO, usado pelo autor. Assinale o item, em que o ordinal correspondente ao cardinal admite duas formas:

a) 100
b) 90
c) 13
d) 7
e) 600

2. (Puccamp-SP) Os ordinais referentes aos números 80, 300, 700 e 90 são, respectivamente:

a) octagésimo, trecentésimo, septingentésimo, nongentésimo;
b) octogésimo, trecentésimo, septingentésimo, nonagésimo;
c) octingentésimo, tricentésimo, septuagésimo, nonagésimo;
d) octogésimo, tricentésimo, septuagésimo, nongentésimo;
e) nenhuma das respostas anteriores.

3. (Univ. Fed. de Juiz de Fora – MG) Marque o emprego incorreto do numeral.

a) século III (três)
b) página 102 (cento e dois)
c) 80o (octogésimo)
d) capítulo XI (onze)
e) X tomo (décimo)

4. (Fupe) Indique o item em que os numerais estão corretamente empregados:

a) Ao Papa Paulo Seis sucedeu João Paulo Primeiro.
b) Após o parágrafo nono, virá o parágrafo décimo.
c) Depois do capítulo sexto, li o capítulo décimo primeiro.
d) Antes do artigo dez vem o artigo nono.
e) O artigo vigésimo segundo foi revogado.

5. (FMU) Sabendo-se que os numerais podem ser cardinais, ordinais, multiplicativos e fracionários, podemos dar os seguintes exemplos:

a) um (cardinal), primeiro (ordinal), Leão onze (multiplicativo) e meio (fracionário);

b) um (cardinal), milésimo (ordinal), undécuplo (multiplicativo) e meio fracionário);
c) um (ordinal), primeiro (cardinal), Leão onze (multiplicativo) e meio (fracionário);
d) um (ordinal), primeiro (cardinal), cêntuplo (multiplicativo) e centésimo (fracionário);
e) um (cardinal), primeiro (ordinal), duplo (multiplicativo), não existindo numeral denominado fracionário.

6. (Unesp) Assinale o caso em que não haja expressão numérica de sentido indefinido.
a) Ele é o duodécimo colocado.
b) Quer que veja este filme pela milésima vez?
c) "Na guerra os meus dedos dispararam mil mortes".
d) "A vida tem uma só entrada; a saída é por cem portas".
e) n.d.a.

7. (Corregedoria Geral da justiça – RJ – NCE) "Mas estamos em pleno século XX..." O item abaixo em que devemos ler o algarismo romano como ordinal é:
a) no século XI antes de Cristo;
b) o papa recebeu o nome de João XXIII;
c) no século XII da nossa era;
d) Inocêncio X foi papa;
e) Luís XVI foi rei da França.

8. (Infraero – NCE) O algarismo romano XIX é lido como numeral cardinal; o item em que o algarismo romano deve ser lido como ordinal é:
a) Luís XVI;
b) João XXIII;
c) Pio X;
d) século XXI;
e) casa II.

Capítulo 14

Verbo

Verbo é o termo variável de número e pessoa que pode expressar ideia de estado, qualidade, ação, acontecimento etc., localizando seu tempo.

14.1. Verbos regulares

São aqueles que não sofrem alterações fonéticas no radical e seguem o modelo de desinências dos verbos de 1ª, 2ª e 3ª conjugação, elencados a seguir.

1ª Conjugação – Cantar –

Indicativo

Presente				Pretérito Perfeito				Pretérito Imperfeito			
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP
Cant	-	-	o	Cant	e	-	i	Cant	a	va	-
Cant	a	-	s	Cant	a	-	ste	Cant	a	va	s
Cant	a	-	-	Cant	o	-	u	Cant	a	va	-
Cant	a	-	mos	Cant	a	-	mos	Cant	á	va	mos
Cant	a	-	is	Cant	a	-	stes	Cant	á	ve	is
Cant	a	-	m	Cant	a	-	ram	Cant	a	va	m
Pretérito Mais-que-Perfeito				Futuro do Presente				Futuro do Pretérito			
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP
Cant	a	ra	-	Cant	a	re	i	Cant	a	ria	-
Cant	a	ra	s	Cant	a	rá	s	Cant	a	ria	s
Cant	a	ra	-	Cant	a	rá	-	Cant	a	ria	-
Cant	á	ra	mos	Cant	a	re	mos	Cant	a	ría	mos
Cant	á	re	is	Cant	a	re	is	Cant	a	ríe	is
Cant	a	ra	m	Cant	a	rã	o	Cant	a	ria	m

Subjuntivo

Presente				Pretérito Imperfeito				Futuro			
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP
Cant	-	e	-	Cant	a	sse	-	Cant	a	r	-
Cant	-	e	s	Cant	a	sse	s	Cant	a	r	es
Cant	-	e	-	Cant	a	sse	-	Cant	a	r	-
Cant	-	e	mos	Cant	á	sse	mos	Cant	a	r	mos
Cant	-	e	is	Cant	á	sse	is	Cant	a	r	des
Cant	-	e	m	Cant	a	sse	m	Cant	a	r	em

Imperativo

Afirmativo				Negativo				
RAD	VT	DMT	DNP		RAD	VT	DMT	DNP
Cant	a	-	-	não	Cant	-	e	s
Cant	-	e	-	não	Cant	-	e	-
Cant	-	e	mos	não	Cant	-	e	mos
Cant	a	-	i	não	Cant	-	e	is
Cant	-	e	m	não	Cant	-	e	m

2ª Conjugação – Vender –

Indicativo

Presente				Pretérito Perfeito				Pretérito Imperfeito			
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP
Vend	-	-	o	Vend	-	-	i	Vend	i	a	-
Vend	e	-	s	Vend	e	-	ste	Vend	i	a	s
Vend	e	-	-	Vend	e	-	u	Vend	i	a	-
Vend	e	-	mos	Vend	e	-	mos	Vend	í	a	mos
Vend	e	-	is	Vend	e	-	stes	Vend	í	e	is
Vend	e	-	m	Vend	e	-	ram	Vend	i	a	m

Pretérito Mais-que-Perfeito				Futuro do Presente				Futuro do Pretérito			
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP
Vend	e	ra	-	Vend	e	re	i	Vend	e	ria	-
Vend	e	ra	s	Vend	e	rá	s	Vend	e	ria	s
Vend	e	ra	-	Vend	e	rá	-	Vend	e	ria	-

Vend	ê	ra	mos	Vend	e	re	mos	Vend	e	ría	mos
Vend	ê	re	is	Vend	e	re	is	Vend	e	ríe	is
Vend	e	ra	m	Vend	e	rã	o	Vend	e	ria	m

Subjuntivo

Presente				Pretérito Imperfeito				Futuro			
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP
Vend	-	a	-	Vend	e	sse	-	Vend	e	r	-
Vend	-	a	s	Vend	e	sse	s	Vend	e	r	es
Vend	-	a	-	Vend	e	sse	-	Vend	e	r	-
Vend	-	a	mos	Vend	ê	sse	mos	Vend	e	r	mos
Vend	-	a	is	Vend	ê	sse	is	Vend	e	r	des
Vend	-	a	m	Vend	e	sse	m	Vend	e	r	em

Imperativo

Afirmativo				Negativo				
RAD	VT	DMT	DNP		RAD	VT	DMT	DNP
Vend	e	-	-	não	Vend	-	a	s
Vend	-	a	-	não	Vend	-	a	-
Vend	-	a	mos	não	Vend	-	a	mos
Vend	e	-	i	não	Vend	-	a	is
Vend	-	a	m	não	Vend	-	a	m

3ª Conjugação – Partir –

Indicativo

Presente				Pretérito Perfeito				Pretérito Imperfeito			
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP
Part	-	-	o	Part	-	-	i	Part	i	a	-
Part	e	-	s	Part	i	-	ste	Part	i	a	s
Part	e	-	-	Part	i	-	u	Part	i	a	-
Part	i	-	mos	Part	i	-	mos	Part	í	a	mos
Part	-	-	is	Part	i	-	stes	Part	í	e	is
Part	e	-	m	Part	i	-	ram	Part	i	a	m

Pretérito Mais-que-Perfeito				Futuro do Presente				Futuro do Pretérito			
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP
Part	i	ra	-	Part	i	re	i	Part	i	ria	-
Part	i	ra	s	Part	i	rá	s	Part	i	ria	s
Part	i	ra	-	Part	i	rá	-	Part	i	ria	-
Part	í	ra	mos	Part	i	re	mos	Part	i	ría	mos
Part	í	re	is	Part	i	re	is	Part	i	ríe	is
Part	i	ra	m	Part	i	rã	o	Part	i	ria	m

Subjuntivo

Presente				Pretérito Imperfeito				Futuro			
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP
Part	-	a	-	Part	i	sse	-	Part	i	r	-
Part	-	a	s	Part	i	sse	s	Part	i	r	es
Part	-	a	-	Part	i	sse	-	Part	i	r	-
Part	-	a	mos	Part	í	sse	mos	Part	i	r	mos
Part	-	a	is	Part	í	sse	is	Part	i	r	des
Part	-	a	m	Part	i	sse	m	Part	i	r	em

Imperativo

Afirmativo				Negativo				
RAD	VT	DMT	DNP		RAD	VT	DMT	DNP
Part	e	-	-	não	Part	-	a	s
Part	-	a	-	não	Part	-	a	-
Part	-	a	mos	não	Part	-	a	mos
Part	-	-	i	não	Part	-	a	is
Part	-	a	m	não	Part	-	a	m

14.2. Verbos irregulares

São verbos que sofrem alterações nos radicais ou nas desinências, contudo ainda guardam alguma característica das formas infinitivas.

Estar

Indicativo

Presente: estou, estás, está, estamos, estais, estão
Pretérito Perfeito: estive, estiveste, esteve, estivemos, estivestes, estiveram
Pretérito Imperfeito: estava, estavas, estava, estávamos, estáveis, estavam
Pretérito Mais-que-Perfeito: estivera, estiveras, estivera, estivéramos, estivéreis, estiveram
Futuro do Presente: estarei, estarás, estará, estaremos, estareis, estarão
Futuro do Pretérito: estaria, estarias, estaria, estaríamos, estaríeis, estariam

Subjuntivo

Presente: esteja, estejas, esteja, estejamos, estejais, estejam
Pretérito Imperfeito: estivesse, estivesses, estivesse, estivéssemos, estivésseis, estivessem
Futuro: estiver, estiveres, estiver, estivermos, estiverdes, estiverem

Imperativo

Afirmativo: está, esteja, estejamos, estai, estejam
Negativo: estejas, esteja, estejamos, estejais, estejam

Haver

Indicativo

Presente: hei, hás, há, havemos (ou hemos), haveis (ou heis), hão
Pretérito Perfeito: houve, houveste, houve, houvemos, houvestes, houveram
Pretérito Imperfeito: havia, havias, havia, havíamos, havíeis, haviam
Pretérito Mais-que-Perfeito: houvera, houveras, houvera, houvéramos, houvéreis, houveram
Futuro do Presente: haverei, haverás, haverá, haveremos, havereis, haverão
Futuro do Pretérito: haveria, haverias, haveria, haveríamos, haveríeis, haveriam

Subjuntivo

Presente: haja, hajas, haja, hajamos, hajais, hajam
Pretérito Imperfeito: houvesse, houvesses, houvesse, houvéssemos, houvésseis, houvessem
Futuro: houver, houveres, houver, houvermos, houverdes, houverem

Imperativo
Afirmativo: há, haja, hajamos, havei, hajam
Negativo: hajas, haja, hajamos, hajais, hajam

Ver

Indicativo
Presente: vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem
Pretérito Perfeito: vi, viste, viu, vimos, vistes, viram
Pretérito Imperfeito: via, vias, via, víamos, víeis, viam
Pretérito Mais-que-Perfeito: vira, viras, vira, víramos, víreis, viram
Futuro do Presente: verei, verás, verá, veremos, vereis, verão
Futuro do pretérito: veria, verias, veria, veríamos, veríeis, veriam

Subjuntivo
Presente: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam
Pretérito Imperfeito: visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem
Futuro: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem

Imperativo
Afirmativo: vê, veja, vejamos, vede, vejam
Negativo: vejas, veja, vejamos, vejais, vejam

Obs.: Por este verbo se conjugam os verbos ANTEVER, ENTREVER, PREVER e REVER.

Vir

Indicativo:
Presente: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm
Pretérito Perfeito: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram
Pretérito Imperfeito: vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham
Pretérito Mais-que-Perfeito: viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram
Futuro do Presente: virei, virás, virá, viremos, vireis, virão
Futuro do Pretérito: viria, virias, viria, viríamos, viríeis, viriam

Subjuntivo:
Presente: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham
Pretérito Imperfeito: viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem
Futuro: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem

Imperativo:
Afirmativo: vem, venha, venhamos, vinde, venham
Negativo: venhas, venha, venhamos, venhais, venham

Obs.: Por este verbo se conjugam ADVIR, CONVIR, INTERVIR, PROVIR, RECONVIR, SOBREVIR, AVIR-SE, DESAVIR-SE e DESCONVIR.

Ter

Indicativo
Presente: tenho, tens, tem, temos, tendes, têm
Pretérito Perfeito: tive, tiveste, teve, tivemos, tivestes, tiveram
Pretérito Imperfeito: tinha, tinhas, tinha, tínhamos, tínheis, tinham
Pretérito Mais-que-Perfeito: tivera, tiveras, tivera, tivéramos, tivéreis, tiveram
Futuro do Presente: terei, terás, terá, teremos, tereis, terão
Futuro do Pretérito: teria, terias, teria, teríamos, teríeis, teriam

Subjuntivo
Presente: tenha, tenhas, tenha, tenhamos, tenhais, tenham
Pretérito Imperfeito: tivesse, tivesses, tivesse, tivéssemos, tivésseis, tivessem
Futuro: tiver, tiveres, tiver, tivermos, tiverdes, tiverem

Imperativo
Afirmativo: tem, tenha, tenhamos, tende, tenham
Negativo: tenhas, tenha, tenhamos, tenhais, tenham

Obs.: Por este verbo se conjugam ABSTER-SE, CONTER, ENTRETER, MANTER, OBTER, RETER e SUSTER.

Pôr

Indicativo
Presente: ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem
Pretérito Perfeito: pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram
Pretérito Imperfeito: punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham
Pretérito Mais-que-perfeito: pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram

Futuro do Presente: porei, porás, porá, poremos, poreis, porão
Futuro do Pretérito: poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poriam

Subjuntivo
Presente: ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham
Pretérito Imperfeito: pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, puséssеis, pusessem
Futuro: puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem

Imperativo
Afirmativo: põe, ponha, ponhamos, ponde, ponham
Negativo: ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham

Obs.: Por este verbo se conjugam ANTEPOR, APOR, COMPOR, CONTRAPOR, DECOMPOR, DEPOR, DESCOMPOR, DISPOR, ENTREPOR, EXPOR, IMPOR, INDISPOR, INTERPOR, JUSTAPOR, OPOR, POSPOR, PREPOR, PROPOR, PREDISPOR, PRESSUPOR, RECOMPOR, REPOR, SOBREPOR, SOTOPOR, SUPERPOR, SUPOR, TRANSPOR.

Crer

Indicativo
Presente: creio, crês, crê, cremos, credes, creem
Pretérito Perfeito: cri, creste, creu, cremos, crestes, creram
Pretérito Imperfeito: cria, crias, cria, críamos, críeis, criam
Pretérito Mais-que-Perfeito: crera, creras, crera, crêramos, crêreis, creram
Futuro do Presente: crerei, crerás, crerá, creremos, crereis, crerão
Futuro do Pretérito: creria, crerias, creria, creríamos, creríeis, creriam

Subjuntivo
Presente: creia, creias, creia, creiamos, creiais, creiam
Pretérito Imperfeito: cresse, cresses, cresse, crêssemos, crêsseis, cressem
Futuro: crer, creres, crer, crermos, crerdes, crerem

Imperativo
Afirmativo: crê, creia, creiamos, crede, creiam
Negativo: creias, creia, creiamos, creiais, creiam

Obs.: Conforme este verbo, também se conjugarão LER, RELER, TRESLER e

DESCRER.

Rir

Indicativo
Presente: rio, ris, ri, rimos, rides, riem
Pretérito Perfeito: ri, riste, riu, rimos, ristes, riram
Pretérito Imperfeito: ria, rias, ria, ríamos, ríeis, riam
Pretérito Mais-que-Perfeito: rira, riras, rira, ríramos, ríreis, riram
Futuro do Presente: rirei, rirás, rirá, riremos, rireis, rirão
Futuro do Pretérito: riria, ririas, riria, riríamos, riríeis, ririam

Subjuntivo
Presente: ria, rias, ria, riamos, riais, riam
Pretérito Imperfeito: risse, risses, risse, ríssemos, rísseis, rissem
Futuro: rir, rires, rir, rirmos, rirdes, rirem

Imperativo:
Afirmativo: ri, ria, riamos, ride, riam
Negativo: rias, ria, riamos, riais, riam

Obs.: O verbo SORRIR se conjuga tal qual RIR.

Medir

Indicativo
Presente: meço, medes, mede, medimos, medis, medem
Pretérito Perfeito: medi, mediste, mediu, medimos, medistes, mediram
Pretérito Imperfeito: media, medias, media, medíamos, medíeis, mediam
Pretérito Mais-que-Perfeito: medira, mediras, medira, medíramos, medíreis, mediram
Futuro do Presente: medirei, medirás, medirá, mediremos, medireis, medirão
Futuro do Pretérito: mediria, medirias, mediria, mediríamos, mediríeis, mediriam

Subjuntivo
Presente: meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam
Pretérito Imperfeito: medisse, medisses, medisse, medíssemos, medísseis, medissem
Futuro: medir, medires, medir, medirmos, medirdes, medirem

Imperativo
Afirmativo: mede, meça, meçamos, medi, meçam
Negativo: meças, meça, meçamos, meçais, meçam

Obs.: Tal qual o verbo MEDIR, conjugamos os verbos PEDIR, DESPEDIR, EXPEDIR, IMPEDIR, DESIMPEDIR, DESMEDIR-SE, COMEDIR-SE e DESCOMEDIR-SE.

Caber

Indicativo
Presente: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem
Pretérito Perfeito: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam
Pretérito Imperfeito: cabia, cabias, cabia, cabíamos, cabíeis, cabiam
Pretérito Mais-que-Perfeito: coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam
Futuro do Presente: caberei, caberás, caberá, caberemos, cabereis, caberão
Futuro do Pretérito: caberia, caberias, caberia, caberíamos, caberíeis, caberiam

Subjuntivo
Presente: caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam
Pretérito Imperfeito: coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem
Futuro: couber, couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem

Obs.: Este verbo, em razão de seu significado, não possui imperativo.
O verbo DESCABER se conjuga tal qual CABER.

Fazer

Indicativo
Presente: faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem
Pretérito Perfeito: fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram
Pretérito Imperfeito: fazia, fazias, fazia, fazíamos, fazíeis, faziam
Pretérito Mais-que-Perfeito: fizera, fizeras, fizera, fizéramos, fizéreis, fizeram
Futuro do Presente: farei, farás, fará, faremos, fareis, farão

Futuro do Pretérito: faria, farias, faria, faríamos, faríeis, fariam

Subjuntivo
Presente: faça, faças, faça, façamos, façais, façam
Pretérito Imperfeito: fizesse, fizesses, fizesse, fizéssemos, fizésseis, fizessem
Futuro: fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem

Imperativo
Afirmativo: faze (ou faz), faça, façamos, fazei, façam
Negativo: faças, faça, façamos, façais, façam

Obs.: Conforme FAZER também se conjugam DESFAZER, REFAZER, AFAZER, CONTRAFAZER, LIQUEFAZER, PERFAZER, RAREFAZER e SATISFAZER.

Dizer

Indicativo
Presente: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem
Pretérito Perfeito: disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram
Pretérito Imperfeito: dizia, dizias, dizia, dizíamos, dizíeis, diziam
Pretérito Mais-que-Perfeito: dissera, disseras, dissera, disséramos, disséreis, disseram
Futuro do Presente: direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão
Futuro do Pretérito: diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam

Subjuntivo
Presente: diga, digas, diga, digamos, digais, digam
Pretérito Imperfeito: dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem
Futuro: disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem

Imperativo
Afirmativo: dize (ou diz), diga, digamos, dizei, digam
Negativo: digas, diga, digamos, digais, digam

Obs.: Conforme este verbo também se conjugam BENDIZER, CONDIZER, CONTRADIZER, DESDIZER, ENTREDIZER, INTERDIZER, MALDIZER, PREDIZER, REDIZER e TRESDIZER.

Trazer

Indicativo

Presente: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem

Pretérito Perfeito: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram

Pretérito Imperfeito: trazia, trazias, trazia, trazíamos, trazíeis, traziam

Pretérito Mais-que-Perfeito: trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram

Futuro do Presente: trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão

Futuro do Pretérito: traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam

Subjuntivo

Presente: traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam

Pretérito Imperfeito: trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem

Futuro: trouxer, trouxeres, trouxer, trouxermos, trouxerdes, trouxerem

Imperativo

Afirmativo: traze (ou traz), traga, tragamos, trazei, tragam

Negativo: tragas, traga, tragamos, tragais, tragam

Saber

Indicativo

Presente: sei, sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem

Pretérito Perfeito: soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, souberam

Pretérito Imperfeito: sabia, sabias, sabia, sabíamos, sabíeis, sabiam

Pretérito Mais-que-Perfeito: soubera, souberas, soubera, soubéramos, soubéreis, souberam

Futuro do Presente: saberei, saberás, saberá, saberemos, sabereis, saberão

Futuro do Pretérito: saberia, saberias, saberia, saberíamos, saberíeis, saberiam

Subjuntivo

Presente: saiba, saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam

Pretérito Imperfeito: soubesse, soubesses, soubesse, soubéssemos, soubésseis, soubessem

Futuro: souber, souberes, souber, soubermos, souberdes, souberem

Imperativo
Afirmativo: sabe, saiba, saibamos, sabei, saibam
Negativo: saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam

Valer

Indicativo
Presente: valho, vales, vale, valemos, valeis, valem
Pretérito Perfeito: vali, valeste, valeu, valemos, valestes, valeram
Pretérito Imperfeito: valia, valias, valia, valíamos, valíeis, valiam
Pretérito Mais-que-Perfeito: valera, valeras, valera, valêramos, valêreis, valeram
Futuro do Presente: valerei, valerás, valerá, valeremos, valereis, valerão
Futuro do Pretérito: valeria, valerias, valeria, valeríamos, valeríeis, valeriam

Subjuntivo
Presente: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham
Pretérito Imperfeito: valesse, valesses, valesse, valêssemos, valêsseis, valessem
Futuro: valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valerem

Imperativo
Afirmativo: vale, valha, valhamos, valei, valham
Negativo: valhas, valha, valhamos, valhais, valham

Obs.: Conforme VALER, são conjugados DESVALER e EQUIVALER.

Poder

Indicativo
Presente: posso, podes, pode, podemos, podeis, podem
Pretérito Perfeito: pude, pudeste, pôde, pudemos, pudestes, puderam
Pretérito Imperfeito: podia, podias, podia, podíamos, podíeis, podiam
Pretérito Mais-que-Perfeito: pudera, puderas, pudera, pudéramos, pudéreis, puderam
Futuro do Presente: poderei, poderás, poderá, poderemos, podereis, poderão
Futuro do Pretérito: poderia, poderias, poderia, poderíamos, poderíeis, poderiam

Subjuntivo
Presente: possa, possas, possa, possamos, possais, possam
Pretérito Imperfeito: pudesse, pudesses, pudesse, pudéssemos, pudésseis, pudessem
Futuro: puder, puderes, puder, pudermos, puderdes, puderem

Imperativo
Afirmativo: pode, possa, possamos, podei, possam
Negativo: possas, possa, possamos, possais, possam

Obs.: Há autores que defendem, por motivos semânticos, não existir o imperativo deste verbo.

14.3. Verbos anômalos

São verbos que possuem pessoas e, às vezes, tempos inteiros não guardando elementos da estrutura infinitiva dos verbos. Por exemplo, o presente do subjuntivo do verbo IR é VÁ. Nesta forma verbal (vá), não há sequer uma letra da forma infinitiva (IR).

Ser

Indicativo
Presente: sou, és, é, somos, sois, são
Pretérito Perfeito: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram
Pretérito Imperfeito: era, eras, era, éramos, éreis, eram
Pretérito Mais-que-Perfeito: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram
Futuro do Presente: serei, serás, será, seremos, sereis, serão
Futuro do Pretérito: seria, serias, seria, seríamos, seríeis, seriam

Subjuntivo
Presente: seja, sejas, seja, sejamos, sejais, sejam
Pretérito Imperfeito: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem
Futuro: for, fores, for, formos, fordes, forem

Imperativo
Afirmativo: sê, seja, sejamos, sede, sejam
Negativo: sejas, seja, sejamos, sejais, sejam

Ir

Indicativo
Presente: vou, vais, vai, vamos, ides, vão
Pretérito Perfeito: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram
Pretérito Imperfeito: ia, ias, ia, íamos, íeis, iam
Pretérito Mais-que-Perfeito: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram
Futuro do Presente: irei, irás, irá, iremos, ireis, irão
Futuro do Pretérito: iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam

Subjuntivo
Presente: vá, vás, vá, vamos, vades, vão
Pretérito imperfeito: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem
Futuro: for, fores, for, formos, fordes, forem

Imperativo
Afirmativo: vai, vá, vamos, ide, vão
Negativo: vás, vá, vamos, vades, vão

14.4. Os valores semânticos dos verbos e as ideais correlações

1º PASSO. O usuário da língua deve compreender que a ideia de presente não é o momento em que se vive, ou o do recebimento da mensagem. Toda referência de tempo presente é o momento em que o texto é confeccionado, ou seja, o momento quando o autor produz o texto.

14.4.1. Modo indicativo

Indica um evento real, não hipotético.

Presente – Indica um hábito presente. Não há necessidade efetiva de o fato estar ocorrendo. Para a sua conjugação, é recomendável o uso de "atualmente".
Ex.: Leio jornal todos os dias.

Pretérito perfeito – Indica um evento passado isolado, pontual. Pode-se usar o termo "ontem" para efetuar a sua conjugação.
Ex.: Você leu o jornal do último sábado?

Pretérito imperfeito – Denota um evento habitual, costumeiro no passado. Para a sua conjugação, é interessante o uso de "antigamente".
Ex.: Nós nos encontrávamos diariamente.

Pretérito mais-que-perfeito – Denota uma ação passada anterior a outro fato também passado. É importante frisar que, para o seu uso ser perfeito, é fundamental já haver outro elemento também com ideia de passado.

Ex.: Quando eu entrei na sala, ela já desligara a televisão.

→ Observe que a ação de desligar a televisão é pretérita e ainda anterior a outra ação passada: a de entrar na sala.

Futuro do presente – Indica uma ação futura em relação ao momento em que o texto foi confeccionado ou em relação a uma condição futura. Por consequência, acabará coligado ao futuro do subjuntivo. Para a sua conjugação, pode ser utilizado "amanhã".

Ex.: Na próxima semana, faremos a prova.

Se você estudar, aprenderá a matéria.

Futuro do pretérito – Indica uma consequência futura de um fato passado. É importante compreender que, nesta situação, a referência não é o momento em que o autor confeccionou o texto. Diferentemente do futuro do presente (futuro em relação ao momento presente – momento da criação do texto), o evento é um efeito futuro de um fato que não ocorreu. Sendo assim, a consequência poderia ser certa, provável ou duvidosa, em conformidade com os elementos que o texto oferecer. Torna-se, por fim, fundamental concluir que, por este tempo representar uma consequência futura de fato passado, é natural que fique coligado ao pretérito imperfeito do subjuntivo.

Ex.: Se você trouxesse uma cerveja, eu a beberia.

→ Preste atenção a esta explicação: a condição não ocorreu, portanto o efeito também não. Imagine a seguinte situação: o autor da frase gosta de todas as marcas de cerveja, portanto se o outro trouxesse a cerveja, ele com certeza beberia. Digamos que ele goste apenas de 50% das marcas, então, se o outro trouxesse a cerveja, possivelmente (dúvida) o autor da frase beberia. Por fim, imaginemos que o texto indique que há a aprovação de quase todas as cervejas, portanto, se o outro trouxesse a cerveja, o autor provavelmente a beberia. Destarte, torna-se fundamental o contexto para se concluir se a consequência é certa, provável ou duvidosa.

Obs.: O futuro do pretérito também pode indicar uma ideia de polidez. É muito comum a resposta GOSTARIA quando alguém nos oferece algo. Este uso

indica uma forma mais educada de expressão.

Os verbos no pretérito imperfeito do indicativo, mormente de segunda e terceira conjugação, tornam-se parecidos com os do futuro do pretérito. Então em várias ocasiões, percebe-se que o pretérito imperfeito acaba substituindo o futuro do pretérito. Nas questões de correlação, tal fato parece ser admitido pelo NCE, o mesmo já não ocorrendo com a Esaf.

Ex.: A consequência de tal fato é que, até mesmo quando o verbo indicar ideia de polidez, faz-se possível o verbo no pretérito imperfeito, substituindo o futuro do pretérito. Leitor, imagine a seguinte situação: se alguém perguntar se você deseja água (e você está com sede), o que você responderia? Provavelmente, "eu aceitaria" ou "eu aceitava", ambos com valor de polidez.

Obs.: Mais raro é o uso do futuro do presente do indicativo com valor de polidez. Caro candidato a um cargo público, pense na seguinte situação. Você está assistindo a uma aula e percebe que o professor equivocou-se. Como chamar a atenção dele? Você poderia dizer: – Professor, o senhor está enganado! Você também poderia dizer o mesmo de forma mais polida: – Professor, o senhor não estará (estaria) enganado?

14.4.2. Modo subjuntivo

Indica evento hipotético, possível, duvidoso.

Presente – Fato atual expressando possibilidade, dúvida. Pode-se utilizar MARIA QUER QUE para a sua conjugação neste tempo.

Ex.: Talvez ele venha.

Pretérito imperfeito – Mostra uma situação hipotética no passado que geraria um efeito futuro. É recomendável utilizar "se ontem" para a conjugação verbal neste tempo.

Ex.: Se ele estudasse, aprenderia a matéria.

Futuro – Indica uma condição futura anterior a uma consequência também futura. Podem-se utilizar as estruturas "se amanhã" ou o consagrado "quando" para conjugação verbal neste tempo.

Ex.: Se ele voltar aqui, todos ficarão felizes.

14.4.3. Modo imperativo

Indica ideia de ordem (quem recebe é obrigado a cumpri-la), solicitação (quem recebe o pedido não é o beneficiado), conselho (quem recebe a sugestão é o beneficiado).

Ex.: Por favor, pega um copo de cerveja.

→ Pedido, solicitação (quem pediu é o beneficiado)

Ex.: Soldado, venha aqui!

→ Ordem (o soldado é obrigado a cumprir a ordem)

Ex.: Não te atrases, que serás demitido.

→ Conselho, sugestão (quem recebe o conselho é o beneficiado pelo próprio conselho)

BIZU

Torna-se fundamental lembrar ao leitor que a língua não é uma ciência exata. Verbos podem ser usados em um determinado tempo – mormente o presente – com valor semântico de outro.

Ex.: "Se, até amanhã à tarde, você não tiver devolvido a cadeira, a mesa e a máquina de escrever, mando um caminhão buscar em sua casa e conto para os jornais, faço um barulho louco" (Fernando Sabino). – "Mando", "conto" e "faço" estão no presente do indicativo com valor de futuro do presente.

Ex.: No dia primeiro de maio de 1994, morre o piloto Ayrton Senna.

Observe que o verbo no presente do indicativo tem ideia de pretérito perfeito. Esta situação também foi registrada como presente histórico.

Ex.: Se eu te vejo amanhã, eu te entregarei o material.

→ VEJO no presente do indicativo possui gritante valor de futuro do subjuntivo.

Obs.: As questões relativas a esse assunto aparecerão no final do capítulo, quando você já estiver bem familiarizado com a conjugação verbal.

14.4.3.1. Correlação de Tempos

1. (TRT-14ª Região – FCC) Está adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase:

a) Um fim talvez justificaria os meios caso estes implicarem sacrifícios que não se distribuam desigualmente.

b) Ele acredita que haverão de justificar-se todos os meios quando os fins representarem um ganho de alcance coletivo.
c) Tão logo fossem denunciados os horrores do stalinismo, os comunistas devem ter revisto suas antigas convicções.
d) Será que alguém acreditou que uma sociedade sem classes e sem preconceitos possa ter-se formado num regime autoritário?
e) Se a catequese pudesse propagar a fé religiosa sem recorrer à intimidação, talvez os convertidos tenham sido mais numerosos.

2. (TRT-24ª Região – FCC) Está plenamente adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase:
a) As leis de perfeição teriam por objeto mais a bondade do homem que as seguisse do que a da sociedade na qual fossem observadas.
b) As leis de perfeição tinham por objeto mais a bondade dos homens que as seguir do que a da sociedade na qual serão observadas.
c) As leis de perfeição terão por objeto mais a bondade dos homens que as tivessem seguido do que a da sociedade na qual terão sido observadas.
d) As leis de perfeição teriam por objeto mais a bondade do homem que as siga do que a da sociedade na qual têm sido observadas.
e) As leis de perfeição terão tido por objeto mais a bondade do homem que viesse a segui-las do que a da sociedade na qual fossem observadas.

3. (TRT-23ª Região – FCC) Está adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase:
a) Os criminosos que tenham ultrajado a pátria seriam forçados a servi-la pelo tempo que se julgava necessário.
b) Os que vierem a ultrajar a pátria deveriam ser submetidos a um castigo que trouxera consigo uma clara lição.
c) Ninguém seria indiferente a uma vultosa soma que venha a receber como indenização ao delito que o prejudique.
d) O próprio criminoso, se mantivesse alguma dose de decência, possa tirar proveito da lição a que seja submetido.
e) Sempre houve povos que, por forte convicção, evitaram a guerra, ainda quando fossem provocados.

4. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) Está adequada a correlação entre tempos e modos verbais em:
a) Os cientistas devem, a partir de agora, tratar de mudar o ser humano, mesmo que até hoje não revelariam mais do que um pálido esforço ao buscar compreendê-lo.
b) O que for de esquerda ou de direita teria sido agora relativizado pelas descobertas do DNA, cujas projeções têm esvaziado essa clássica divisão.
c) Se os cientistas vierem a se preocupar com as questões ideológicas de que as futuras descobertas se revestissem, terão corrido o risco de partidarizar a ciência.

d) Felizes são as moscas, que nem precisavam saber nada de política ou de DNA para irem levando sua vida em conformidade com o que a natureza lhes determinasse como destino.
e) A esquerda já chegou a glorificar a ação de líderes personalistas, cujo autoritarismo obviamente excedia os limites de uma sociedade que se queria justa e igualitária

5. (Analista Judiciário – TRE-SP – FCC) Está inadequada a correlação entre tempos e modos verbais no seguinte caso:
a) Muitos se lembrariam da alegria voraz com que eram disputadas as toneladas da vítima.
b) Foi salva graças à religião ecológica que andava na moda e que por um momento estabelecera uma trégua entre todos.
c) Um malvado sugere que se dê por perdida a batalha e comecemos logo a repartir os bifes.
d) Depois de se haver debatido por três dias na areia da praia a jubarte acabara sendo salva por uma traineira que vinha socorrê-la.
e) Já informado do salvamento da baleia, o cronista teve um sonho em que o animal lhe surgiu com a força de um símbolo.

6. (Analista Infraero – FCC) Está adequada a correlação entre os tempos e os modos verbais na seguinte frase:
a) Seria mesmo possível que alguém tome o bilhete como cartão de embarque, ou não reconhecesse as mensagens dos monitores?
b) A quantos não terá ocorrido confundir o bilhete com o cartão de embarque, ou se embaralhando com as mensagens dos monitores?
c) É possível que um novato venha a confundir o bilhete com o cartão de embarque, ou que ignorasse as siglas que desfilem nos monitores.
d) Não estranha que um novato confunda o bilhete com o cartão de embarque, ou demonstre ignorar as siglas que desfilam nos monitores.
e) Não deveria estranhar que um novato confundira o bilhete com o cartão de embarque, ou que ignora as siglas que desfilam nos monitores.

7. (Área Juridica – TRF-4ª Região – FCC) Está correta a articulação entre os tempos e modos verbais na frase:
a) Embora a leitura nos faça conhecer a particularidade do Afeganistão, o que tornaria o romance irresistível será a história singular de Amir, o protagonista.
b) Mesmo que a leitura nos fazia conhecer a particularidade do Afeganistão, o que torna o romance irresistível teria sido a história singular de Amir, o protagonista.
c) Tanto mais a leitura nos fazia conhecer a particularidade do Afeganistão, tanto mais a história singular de Amir, o protagonista, tornou o romance irresistível.
d) Se a leitura nos fazia conhecer a particularidade do Afeganistão, o que tornava o romance irresistível era a história singular de Amir, o protagonista.
e) A leitura nos faria conhecer a particularidade do Afeganistão, mas fora a história

singular de Amir, o protagonista, que tornasse o romance irresistível.

8. (Analista Judiciário – TRT-11ª Região – FCC). ***Estamos** vivendo uma época em que a bandeira da discriminação se **apresenta** em seu sentido mais positivo: **trata**-se de aplicar políticas afirmativas para promover aqueles que **vêm** sofrendo discriminações históricas.*

Mantém-se adequada correlação entre tempos e modos verbais com a substituição das formas sublinhadas no trecho acima, na ordem dada, por:

a) Estávamos – apresentava – tratava-se – vinham
b) Estaríamos – apresentara – tratava-se – viessem
c) Estaremos – apresente – tratar-se-ia – venham
d) Estávamos – apresentou – tratar-se-á – venham
e) Estaremos – apresentara – tratava-se – viessem

9. (Técnico Judiciário – TRE-SP – FCC) Se eu perder esse trem, que sai agora às onze horas, só ..... pegar outro trem amanhã de manhã.

A forma verbal que preenche corretamente a lacuna da frase acima, em que foram reescritos em prosa alguns versos de Adoniran, é:

a) conseguiria.
b) conseguirei.
c) conseguia.
d) consegui.
e) consiga.

10. (Fiscal – ISS-SP – Esaf) Está bem observada a correlação entre os tempos e modos verbais na construção do período:

a) Se não variassem de cultura para cultura, as regras de convívio terão alcançado, efetivamente, a chamada validade universal.
b) Tendo cabido ao homo sapiens discriminar critérios de convívio, conseguiu ele criar uma organização social que, até hoje, não abdica de punir quem os desrespeite.
c) A relação de equilíbrio entre direitos e deveres comuns estava sendo prejudicada caso se viesse a permitir a existência de privilégios.
d) Para que não se consagrasse o péssimo exemplo da impunidade, faz-se necessária a sanção dos que vierem a cometer delitos.
e) Enquanto os animais continuam regulando-se pela "lei da selva", os homens estariam sempre se esforçando para tê-la superado.

14.5. Estrutura dos verbos

14.5.1. Radical

Onde está contido o significado dos verbos. Posiciona-se até a última letra antes da vogal temática.

Ex.: Cantar – radical CANT, Vender – radical VEND.

14.5.2. Vogal temática

Vogal que se posta logo após o radical. Serve para indicar a conjugação dos verbos.

Ex.: Cantar é de 1ª conjugação porque, depois do radical, ocorre "A"; vender é de 2ª, porque depois vem "E"; e partir é de 3ª, porque depois vem "I".

BIZU

Nunca haverá vogal temática no presente do subjuntivo. Observe que, neste tempo, depois do radical, jamais virá a letra corresponde à conjugação.

Ex.: CANTE (verbo cantar – 1ª conjugação, vogal temática A)
VENDA (verbo vender – 2ª conjugação, vogal temática E)
PARTA (verbo partir – 3ª conjugação, vogal temática I).

Observações:

Os verbos de 1ª conjugação (VOGAL TEMÁTICA – A) apresentarão, excepcionalmente, "E" e "O" como vogais temáticas alomórficas (forma diferente) na primeira e na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo.

Ex.: Cantei – E – vogal temática alomórfica; cantou – O – vogal temática alomórfica.

Os verbos de 2ª conjugação (VOGAL TEMÁTICA – E) apresentarão, excepcionalmente, "I" como vogal temática alomórfica em todo o pretérito imperfeito do indicativo.

Ex.: Vendia, vendias, vendia, vendíamos, vendíeis, vendiam. Também no particípio apresentarão "I" como vogal temática alomórfica.

Ex.: Vendido, bebido.

Os verbos de 3ª conjugação (VOGAL TEMÁTICA – I) apresentarão, excepcionalmente, "I" como desinência número-pessoal na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo.

Ex.: PARTI – "I" – desinência número-pessoal.

Também apresentarão E como vogal temática alomórfica na 2ª e 3ª singular e 3ª do plural do presente do indicativo. Ex.: partes, parte, partem, abres, abre, abrem.

O verbo PÔR e seus derivados são de 2ª conjugação, porque se originam do latim POER.

14.5.3. Tema

É a soma do radical com a vogal temática.

Ex.: Em cantar, o radical é CANT e a vogal temática é A, portanto o tema é CANTA; em vender, o radical é VEND e a vogal temática é E, portanto o tema é VENDE.

14.5.4. Desinência modo-temporal

Como o próprio nome diz, serve para designar tempo e modo dos verbos. Observe, por exemplo, que, no pretérito imperfeito do subjuntivo, logo após o tema, aparecerá em todas as pessoas SSE (cantasse, cantasses, cantasse, cantássemos, cantásseis, cantassem). É importante que o candidato perceba que este fato não é uma mera coincidência e sim que o SSE faz com que o verbo esteja no pretérito imperfeito (tempo) do subjuntivo (modo). O mesmo ocorre com "A" no presente do subjuntivo dos verbos de 2ª e 3ª conjugações (parta, partas, parta, partamos, partais, partam), "R" no futuro do subjuntivo (vender, venderes, vender, vendermos, venderdes, venderem).

Observações:

O presente e o pretérito perfeito do indicativo nunca possuirão desinência modo-temporal.

É comum, na 2ª pessoa do plural, haver a alteração de "A" em "E" na desinência modo-temporal.

Ex.: canta**va**, canta**vas**, canta**va**, cantá**va**mos, cantá**ve**is, canta**vam** (pretérito imperfeito do indicativo); canta**ra**, canta**ras**, canta**ra**, cantá**ra**mos, cantá**re**is, canta**ram** (pretérito mais-que-perfeito do indicativo); canta**ria**, canta**rias**, canta**ria**, canta**ría**mos, canta**ríe**is, canta**riam** (futuro do pretérito do indicativo); vendi**a**, vendi**as**, vendi**a**, vendí**a**mos, vendí**e**is, vendi**am** (pretérito imperfeito do indicativo).

No futuro do indicativo, RE e RA revezar-se-ão na DMT (canta**re**i, canta**rá**s, canta**rá**, canta**re**mos, canta**re**is, canta**rã**o).

14.5.5. Desinência número-pessoal

Serve para designar pessoa (1ª, 2ª ou 3ª) e número (singular ou plural) dos verbos.

Ex.: MOS – observe que independentemente do verbo e do tempo, MOS é sempre desinência número-pessoal, pois demarca a 1ª pessoa do plural (cantaremos, fizemos, estávamos, queremos, fomos).

14.5.5.1. Exercícios

1. Destaque todos os elementos das formas verbais abaixo, conforme o exemplo.

a) COMPRÁSSEMOS – COMPR (RADICAL), A (VOGAL TEMÁTICA), COMPRA (TEMA), SSE (DMT) e MOS (DNP).
b) ENCONTREI
c) VENCIDO
d) GARANTI
e) GARANTEM
f) GARANTE
g) ENTENDIA
h) AGUENTOU
i) PASSASSEM
j) PASSEM
k) QUERO
l) VENCÍEIS
m) PEDIU
n) ENTENDAMOS
o) ADMITIA
p) ADMITI
q) COMEU
r) COMIAS

2. (Facha) Assinale o item em que houve erro ao se destacar e/ou classificar elemento mórfico do vocábulo ABOTOAM.

a) radical – abot.
b) vogal temática – a.
c) desinência número-pessoal – m.
d) desinência modo-temporal – zero.
e) tema – abotoa.

3. (Facha) Aponte o tópico onde se erra na caracterização do elemento mórfico.

a) Em "sabemos", a desinência número-pessoal é MOS.
b) Em "identifica", a desinência número-pessoal é ZERO.
c) Em "encontrou", a vogal temática está modificada.
d) Em "pensou", a desinência número-pessoal é U.
e) Em "põe", a vogal temática é ZERO.

4. (UFPB) Os elementos mórficos sublinhados são, respectivamente, vogal temática,

desinência modo-temporal e desinência número-pessoal, em:
a) compr<u>e</u>m – senti<u>r</u>ão – sopr<u>a</u>m
b) prometeu – compra<u>va</u> – sentire<u>m</u>
c) senti<u>a</u>m – sopra<u>mos</u> – prometer<u>a</u>
d) prometamos – compraríamos – senti<u>ra</u>
e) compr<u>a</u>reis – senti<u>sse</u> – prometes<u>te</u>

5. (UFPB) Os elementos mórficos sublinhados são, respectivamente, vogal temática, desinência número-pessoal e desinência modo-temporal, em:
a) cant<u>a</u>ste – mandara<u>m</u> – ench<u>a</u>
b) importa<u>va</u> – redij<u>o</u> – vence<u>ra</u>
c) class<u>e</u> – aprend<u>e</u>r – arrum<u>e</u>
d) ficav<u>a</u>m – saí<u>sse</u> – preferi<u>ste</u>
e) judia<u>ção</u> – corr<u>i</u> – desafiara<u>s</u>

6. (UFPB) Os elementos estruturais sublinhados nas formas verbais FICA<u>RA</u> – <u>TOM</u>ANDO – PEDISSE<u>M</u> – <u>CONHECE</u>SSE são, respectivamente:
a) desinência número-pessoal; tema; desinência modo-temporal; radical;
b) desinência modo-temporal; radical; desinência número-pessoal; tema;
c) radical; desinência modo-temporal; tema; desinência número-pessoal;
d) desinência modo-temporal; tema; desinência número-pessoal; radical;
e) tema; radical; desinência modo-temporal; desinência número-pessoal.

14.6. Formação de imperativo

Inicialmente, é prudente compreender que, por motivos semânticos, não há a primeira pessoa do singular. Não faz sentido ordenar, advertir, aconselhar ou suplicar a si mesmo.

O imperativo negativo é uma réplica do presente do subjuntivo, excluindo-se a 1ª pessoa do singular.

Ex.: presente do subjuntivo do verbo DIZER – Maria quer que eu diga; Maria quer que tu digas; Maria quer que ele diga; Maria quer que nós digamos; Maria quer que vós digais; Maria quer que eles digam. Portanto, o imperativo negativo é: não digas tu, não diga você, não digamos nós, não digais vós, não digam vocês.

O imperativo afirmativo possui a seguinte formação: as duas segundas pessoas advêm do presente do indicativo sem "s"; e as outras pessoas, do presente do subjuntivo.

Ex.: mede tu (origina-se de tu medes – presente do indicativo sem "s")
meça você ou ele (origina-se de Maria quer que ele meça – presente do subjuntivo)

meçamos nós (origina-se de Maria quer que nós meçamos – presente do subjuntivo)
medi vós (origina-se de vós medis – presente do indicativo sem "s")
meçam vocês ou eles (origina-se de Maria quer que eles meçam – presente do subjuntivo)

Obs.: 1– O verbo "ser" é exceção na formação das duas segundas pessoas do imperativo afirmativo. As formas são "sê" tu e "sede" vós.

Obs.: 2– Alguns autores têm admitido para os verbos "dizer", "fazer", "trazer", "querer" e os terminados em "uzir" duas formas de imperativo afirmativo na 2ª pessoa do singular. São elas: dize e diz, faze e faz, traze e traz, quere e quer, e produze e produz. Tal se justifica em função de as formas oficiais DIZE, FAZE, TRAZE, QUERE e PRODUZE estarem em desuso na variante brasileira da Língua Portuguesa. É conveniente esclarecer que, numa prova, a forma preferencial, mesmo em desuso, é a tradicional (DIZE, FAZE, TRAZE, QUERE, PRODUZE).

14.6.1. Exercícios

1. (EPCar) Observe: "Procura curtir sem queixa o mal que te crucia".
Se convertêssemos a afirmação em negação e o singular em plural, a opção correta seria a letra:
a) Não procura curtir sem queixa o mal que os crucia.
b) Não procurai curtir sem queixa o mal que vos crucia.
c) Não procureis curtir sem queixa o mal que vos cruciais.
d) Não procurai curtir sem queixa o mal que vos cruciais.
e) Não procureis curtir sem queixa o mal que vos crucia.

2. (MEC – FGV) ***"Pense num bairro de periferia, (...) mas imagine uma vizinhança de gente simpática, (...) e você localiza em Rio Branco (...)"*** **(L.1-5)**
Assinale a alternativa em que, passando-se a forma você para vós, as alterações foram efetuadas seguindo a norma culta.
a) Pensais num bairro de periferia, (...) mas imaginais uma vizinhança de gente simpática, (...) e vós localizais em Rio Branco (...)
b) Pensai num bairro de periferia, (...) mas imaginai uma vizinhança de gente simpática, (...) e vós localizai em Rio Branco (...)
c) Penseis num bairro de periferia, (...) mas imagineis uma vizinhança de gente simpática, (...) e vós localizais em Rio Branco (...)
d) Penseis num bairro de periferia, (...) mas imagineis uma vizinhança de gente simpática, (...) e vós localizeis em Rio Branco (...)
e) Pensai num bairro de periferia, (...) mas imaginai uma vizinhança de gente simpática, (...) e vós localizais em Rio Branco (...)

3. (Fiscal – Sefaz-RJ – FGV) Assinale a alternativa em que a alteração da fala do homem do quadrinho NÃO tenha sido feita com adequação à norma culta. Não leve em conta possível alteração de sentido.
a) Quando tu voltares, traz um copo de água bem gelada para mim!
b) Quando vós voltardes, trazei um copo de água bem gelada para mim!
c) Quando tu voltares, não tragas um copo de água bem gelada para mim!
d) Quando vós voltardes, não tragais um copo de água bem gelada para mim!
e) Quando vós voltardes, não trazeis um copo de água bem gelada para mim!

4. (Fiscal – ICMS – RJ – FGV) Assinale a alternativa em que a alteração da fala do homem do quadrinho NÃO tenha sido feita com adequação à norma culta. Não leve em conta possível alteração de sentido.
a) Quando tu voltares, traz um copo de água bem gelada para mim.
b) Quando vós voltardes, trazei um copo de água bem gelada para mim.
c) Quando tu voltares, não tragas um copo de água bem gelada para mim.
d) Quando vós voltardes, não tragais um copo de água bem gelada para mim.
e) Quando vós voltardes, não trazeis um copo de água bem gelada para mim.

5. Assinale a opção escorreita.
a) Sê estudioso e passará no concurso!
b) Diz a verdade e não será castigado!
c) Produza bastante e terás o reconhecimento de todos!
d) Faz os exercícios e aprenderá a matéria!
e) Traze a cerveja e serás bem recebido!

6. Assinale a opção incorreta.
a) Sede flamenguistas e sereis mais felizes!
b) Quere a sorte e tu a terás!
c) Vem logo e não te atrases!
d) Impõe-te e conquistarás o respeito de todos!
e) Veja o jornal, mas não vejas a novela!

7. Assinale a opção que completa adequadamente as lacunas.
bastante, os obstáculos e nunca !
a) Estuda – vence – desistas
b) Estude – vence – desista
c) Estuda – vença – desistas
d) Estude – vence – desiste
e) Estude – vença – desistas

8. Assinale a opção que completa inadequadamente as lacunas.
os ingressos cedo ao estádio e não com ninguém!

a) Garante – chega – brigues
b) Garanta – chegue – brigue
c) Garantam – cheguem – briguem
d) Garanti – chegai – brigueis
e) Garantes – chegues – brigues

9. Estando os verbos no imperativo, assinale a opção que completa inadequadamente as lacunas.
a janela, mas não a porta!
a) Abre – abras
b) Abra – abra
c) Abramos – abramos
d) Abri – abri
e) Abram – abram

10. (Auxiliar de Necropsia – NCE) Se colocarmos a forma verbal do título – saiba – na segunda pessoa do singular do imperativo negativo, a forma correta será:
a) não sabe;
b) não sabes;
c) não saiba;
d) não saibas;
e) não soubeste.

11. (Papiloscopista – NCE) Se a forma verbal "tenha" estivesse na forma negativa da mesma pessoa do imperativo, sua forma correta seria:
a) não tem;
b) não tenhas;
c) não tende;
d) não tenha;
e) não tens.

12. (MP – NCE) "Recuse o convite e não troque o Brasil pela Itália". Se, em lugar da terceira pessoa, o autor do texto empregasse a segunda pessoa do singular, as formas convenientes dos verbos seriam:
a) recusa / não troca
b) recusas / não trocas
c) recusa / não troques
d) recuse / não troca
e) recuses / não trocas

13. (NCE) Em qual das seguintes alternativas procedeu-se corretamente à mudança do tratamento VÓS para TU, ao se reescrever o enunciado "Disponde de mim e crede-me / amigo muito agradecido"?

a) Dispõe de mim, e crê-me amigo...
b) Disponha de mim, e creia-me amigo...
c) Dispõe de mim, e creia-me amigo...
d) Disponha de mim, e crês-me amigo...
e) Disponha de mim, e crê-me amigo...

14. (Inspetor da Polícia Civil – RJ – FGV) "Então despes a luva para eu ler-te a mão" (verso 6) Assinale a alternativa em que, passando-se o primeiro verbo do verso acima para o imperativo e alterando-se a pessoa do discurso, manteve-se adequação à norma culta.
a) Então dispais a luva para eu ler-vos a mão.
b) Então despe a luva para eu ler-vos a mão.
c) Então despi a luva para eu ler-vos a mão.
d) Então despis a luva para eu ler-vos a mão.
e) Então dispai a luva para eu ler-vos a mão.

15. (NCE) Assinale a alternativa gramaticalmente correta.
a) Não chores, cala, suporta a tua dor.
b) Não chore, cala, suporta a tua dor.
c) Não chora, cale, suporte a sua dor.
d) Não chores, cales, suportes a sua dor.
e) Não chores, cale, suporte a tua dor

16. (TTN) Assinale a sentença que contém erro na forma verbal.
a) "Examinai todas as coisas e retende o que for melhor" (extraído de um marcador de páginas).
b) Detenhamo-nos nos aspectos centrais do pensamento marxista para que saibamos extrair dele o que melhor se aproveita para os dias atuais.
c) Para que elaboremos propostas inovadoras, é preciso que ponhamos nossa criatividade a serviço da geração de ideias inusitadas.
d) Mas não caiamos na tentação de julgar todos os dirigentes políticos como se fossem uns aproveitadores, que usam os cargos apenas para se locupletarem.
e) Se almejardes o saber, vades aos livros e conviveis com os sábios.

14.7. Formas nominais

As formas nominais têm essa nomenclatura, pois, apesar de continuarem a ser verbos, possuem valor de substantivo, adjetivo ou de advérbio.

Ex.: Exercícios resolvidos (resolvidos – valor adjetivo); ler (a leitura – valor substantivo) jornais é sempre conveniente; estudando (Se estudares – valor adverbial), passarás.

14.7.1. Gerúndio

Indica, na maioria das vezes, uma ação simultânea à outra oração exposta no período. São formas de gerúndio: cantando, vendendo, partindo, sendo, estando, havendo, vendo, vindo, tendo, pondo, indo...

Ex.: Ele recebeu João, dando-lhe um abraço.

Observe que há uma ideia de concomitância entre o ato de "receber" e o ato de "dar o abraço".

14.7.1.1. Exercícios

1. (PC-NCE) "Ele se saía muito bem tecendo considerações críticas sobre o provão..." O gerúndio "tecendo" mostra uma ação:

a) que antecede a do verbo da oração anterior;
b) posterior à do verbo da oração anterior;
c) que é a consequência da ação da oração anterior;
d) simultânea à do verbo da oração anterior;
e) que mostra oposição à ação da oração anterior.

2. (NCE) "... que a roubou, ameaçando cortar a garganta do garoto". O bom uso do gerúndio requer que sua ação seja simultânea à do verbo principal, como ocorre nesse segmento do texto. Assim, é exemplo de mau uso do gerúndio a frase:

a) O assaltante gritou, abrindo a porta.
b) O motorista acovardou-se, abaixando o vidro.
c) O assaltante entrou, sentando-se no banco traseiro.
d) O marginal ameaçou-o, mostrando a arma.
e) O motorista obedeceu, acelerando o carro.

3. (NCE – MPE – RJ) Uma das regras do emprego do gerúndio recomenda que ele seja empregado quando indicar "contemporaneidade entre a ação expressa pelo verbo principal e o gerúndio". Observe as seguintes frases:

I. "Quero registrar a triste situação por que passam milhões de crianças brasileiras, em sua maioria desassistidas, desnutridas, sem educação básica, CAMINHANDO rumo a um futuro incerto e infeliz".

II. "Os menores de Brasil desassistidos em seus lares ganham as ruas em busca de uma forma de vida, CAINDO nas malhas da prostituição..."

III. Mesmo assim, tal atividade deve ser reconhecidamente leve, EXCLUINDO-SE, por exemplo, o trabalho exercido nas indústrias, nas oficinas e na agricultura".

A(s) frase(s) em que essa norma foi desrespeitada é(são):

a) I – III
b) I – II
c) II – III
d) I
e) II

14.7.2. Particípio

Cantado, vendido, partido, sido, estado, havido, visto, vindo, tido, posto, ido... Existem verbos com formas abundantes de particípio. Eis uma relação deles.

14.7.2.1. Particípios Duplos

	REGULAR	IRREGULAR
acender	acendido	aceso
aceitar	aceitado	aceito
assentar	assentado	assento, assente
benzer	benzido	bento
concluir	concluído	concluso
desenvolver	desenvolvido	desenvolto
eleger	elegido	eleito
entregar	entregado	entregue
enxugar	enxugado	enxuto
erigir	erigido	ereto
expressar	expressado	expresso
exprimir	exprimido	expresso
expulsar	expulsado	expulso
extinguir	extinguido	extinto
findar	findado	findo
frigir	frigido	frito
ganhar	ganhado	ganho
gastar	gastado	gasto
imergir	imergido	imerso
imprimir	imprimido	impresso
inserir	inserido	inserto
isentar	isentado	isento
juntar	juntado	junto
limpar	limpado	limpo
matar	matado	morto
morrer	morrido	morto
omitir	omitido	omisso
pagar	pagado	pago
pegar	pegado	pego

prender	prendido	preso
romper	rompido	roto
submergir	submergido	submerso
suspender	suspendido	suspenso
tingir	tingido	tinto

BIZUS

1) É preferencial o uso do particípio regular quando o auxiliar for "ter" ou "haver". Em contrapartida, a utilização do irregular torna-se mais interessante, sendo o auxiliar "ser" ou "estar".
2) Para se chegar ao gerúndio, basta usar o verbo ESTAR como auxiliar.
   Ex.: Estou cantando; estás fazendo...
3) Para se chegar ao particípio, basta usar o verbo TER como auxiliar.
   Ex.: Tenho feito; tivesse dito...
4) Os verbos VIR e derivados possuem formas coincidentes no particípio e no gerúndio. Caso haja dificuldades para reconhecer o tempo do verbo, substitua pelo verbo IR; se aparecer INDO, é gerúndio; se aparecer IDO, é particípio.
   Ex.: Quando ela saiu, eu já tinha vindo (ido – portanto, o verbo está no particípio).
   Eu já estou vindo (indo – portanto, o verbo está no gerúndio).

14.7.2.2. Exercícios

1. (MP-NCE) "Noticiando" é forma do gerúndio do verbo noticiar. A frase em que a forma verbal destacada pode <u>não</u> estar no gerúndio é:

a) As notícias estão <u>chegando</u> da Itália cada vez mais rapidamente.
b) <u>Transformando</u>-se o ódio em amor, acabam-se as guerras.
c) <u>Vindo</u> o resultado, os clientes começaram a protestar.
d) Os jogadores italianos estão <u>reclamando</u> dos estrangeiros.
e) O atleta viajou, <u>completando</u> sua missão.

2. (Administrador – Transpetro) A forma verbal em destaque está empregada de acordo com a norma-padrão em:

a) O diretor foi **trago** ao auditório para uma reunião.
b) O aluno foi **suspendido** por três dias pela direção da escola.
c) O réu tinha sido **isento** da culpa, quando nova prova incriminatória o condenou.
d) A autoridade havia **extinto** a lei, quando novo crime tornou a justificar o seu uso.
e) Pedro já tinha **pegado** os ingressos na recepção, quando soube que o espetáculo fora

cancelado.

14.7.3. Infinitivo

Forma nominal que só posiciona o tempo do fato em combinação com outro verbo exposto no contexto.

Infinitivo impessoal – cantar, vender, partir, ser, estar, haver, ver, vir, ter, pôr, ir...

Infinitivo pessoal – cantar (eu), cantares (tu), cantar (ele), cantarmos (nós), cantardes (vós), cantarem (eles)

BIZUS

1) Todos os verbos no infinitivo pessoal são regulares, inclusive os irregulares e os anômalos. Para conjugarmos os verbos neste tempo, basta acrescentar à forma infinitiva as seguintes desinências: 0 (nada), es, 0 (nada), mos, des, em.
2) Dificilmente cai em prova a distinção entre o infinitivo pessoal e impessoal. Tal se deve ao fato de os principais autores informarem não haver regras, e sim tendências. Contudo, dois tópicos são óbvios: quando o sujeito estiver explícito, e imediatamente anterior ao verbo, este estará no infinitivo pessoal, ou seja, flexionar-se-á; quando houver locução verbal, o verbo principal (no infinitivo) nunca se flexiona.
3) Atenção à distinção entre o futuro do subjuntivo e o infinitivo pessoal. A terminação desses dois tempos é idêntica, ficando, inclusive, todos os verbos regulares iguais nesses tempos. Existem dois caminhos para diferençar um tempo do outro.
   a) Se o verbo estiver ligado a uma preposição ou a uma locução prepositiva, o verbo estará no infinitivo pessoal. Se o verbo estiver ligado a uma conjunção ou a uma locução conjuntiva, o verbo estará no futuro do subjuntivo.
   b) Observe que as terminações, como já fora esclarecido, são coincidentes (R – RES – R – RMOS – RDES – REM). Portanto, aparecendo uma forma verbal com uma dessas terminações, basta substituí-la pela expressão FAZER O TRABALHO. Caso apareça FAZER O TRABALHO, o verbo estará no infinitivo pessoal; caso apareça FIZER O TRABALHO, o verbo estará no futuro do subjuntivo.
   Ex.: Se saíres (FIZER O TRABALHO) agora, perderás o último capítulo da novela.

– A forma verbal "saíres" encontra-se no futuro do subjuntivo.

Para saíres (fazer o trabalho) agora, é necessário que tenhas terminado os exercícios.

– Observe que ao substituir SAÍRES por FAZER (sem a preocupação com a concordância), fica fácil concluir que o verbo está no infinitivo pessoal.

Assim que terminarmos (FIZER O EXERCÍCIO) o exercício, voltaremos para casa.

→ A forma verbal "terminarmos", por ser substituída por FIZER, está no futuro do subjuntivo.

Convém terminarmos (FAZERMOS O TRABALHO) o exercício.

→ Quando substituímos "TERMINARMOS" por "FAZER", logo se deduz que o verbo está no infinitivo.

Obs.: Muita atenção com os verbos irregulares, principalmente os derivados do TER, PÔR, VIR e VER.

É muito comum cair em prova questão com frases contendo a seguinte estrutura:

Assim que exporem a opinião, todos ouvirão.

→ Nesta situação, o caminho que considero mais fácil para o candidato é, ao observar a terminação do verbo (REM), substituí-lo pelo FAZER, resultando em <u>FIZER</u> O TRABALHO. Então, logo se detecta que o verbo está no futuro do subjuntivo. Sendo assim, não se deve trabalhar com EXPOR, mas com o verbo PÔR, conjugando como se aprende nas escolas, ou seja, usando o QUANDO. Quando eu puser, quando tu puseres, quando ele puser, quando nós pusermos, quando vós puserdes, quando eles puserem. Se a forma correta é "quando eles puserem", o certo é "Assim que expuserem".

Ex.: Depois de exporem suas opiniões, todos ouvirão.

→ Ao observar a terminação REM, automaticamente deve ser feita a substituição por FAZER. O resultado será "Depois de <u>fazer</u> o trabalho...", logo a forma verbal encontra-se no infinitivo pessoal. Como todos os verbos no infinitivo pessoal são regulares, basta acrescentar as desinências já mencionadas à forma infinitiva: EXPOR, EXPORES, EXPOR, EXPORMOS, EXPORDES, EXPOREM.

Se ele manter a calma, fará boa prova.

→ A terminação "R" denuncia que o verbo está no futuro do subjuntivo ou no

infinitivo pessoal. Dessa forma, torna-se interessante substituí-lo pelo verbo FAZER, resultando "Se ela fizer o trabalho..." Então, o verbo MANTER deveria estar no futuro do subjuntivo. Com a exceção do infinitivo, em que todos os verbos são regulares, convém ao usuário da língua o emprego do verbo (TER) no futuro do subjuntivo: quando eu tiver, quando tu tiveres, quando ele tiver... Então, a forma verbal correta é MANTIVER.

Antes de se abster na votação, o eleitor deve analisar as duas propostas de administração.

→ Novamente temos a terminação R, já implicando a ocorrência do futuro do subjuntivo ou do infinitivo pessoal. Nosso passo prévio é substituir por FAZER OU FIZER. Na frase, a substituição resulta em ANTES DE FAZER O TRABALHO, logo o verbo está no infinitivo pessoal. Neste tempo, todos os verbos são regulares, portanto só nos resta acrescer à forma infinitiva ABSTER aquelas terminações já aludidas. O infinitivo pessoal do verbo "abster" é ABSTER, ABSTERES, ABSTER, ABSTERMOS, ABSTERDES, ABSTEREM. Fica claro, então, que a frase está perfeita.

BIZU

Também é deveras conveniente chamar a atenção para a conjugação do futuro do subjuntivo do verbo VER: o correto é VIR, VIRES, VIR, VIRMOS, VIRDES, VIREM.

Ex.: Se eu te vir amanhã, entregar-te-ei o material.

Será muito bom se nós nos virmos.

Já no infinitivo pessoal, todos os verbos são regulares, e o verbo VER não será exceção: VER, VERES, VER, VERMOS, VERDES, VEREM.

Também é interessante observar a conjugação do verbo VIR no futuro do subjuntivo: VIER, VIERES, VIER, VIERMOS, VIERDES, VIEREM.

Se eles vierem ao Rio, nós os encontraremos.

No infinitivo pessoal, todos os verbos são regulares: VIR, VIRES, VIR, VIRMOS, VIRDES, VIREM.

Se você é bom observador, percebeu que o futuro do subjuntivo do verbo VER é idêntico ao infinitivo pessoal do verbo VIR. De vez em quando, as bancas fazem comentário a respeito dessa coincidência.

14.7.3.1. Exercícios

1. Assinale a opção em que o verbo PÔR ou um de seus derivados esteja incorretamente flexionado.

a) Para expormos nossos trabalhos, torna-se mister que os entreguemos com antecedência.
b) Não haverá consequências, se repusermos os bens que foram extraviados.
c) Uma das missões do setor de recursos humanos é pôr as pessoas certas em lugares certos.
d) João da Silva foi contratado para compor o elenco da peça *Uma missão nas estrelas*.
e) Sentir-te-ás deveras melhor assim que expores toda a tua frustração.

2. Assinale a opção em que o verbo TER ou um de seus derivados esteja indevidamente flexionado.
a) Os atletas se houveram aquém do esperado em virtude de não manterem a calma nos momentos decisivos.
b) Os deputados foram elogiados por não se absterem na votação do *Impeachment* do Presidente.
c) As obras serão retomadas se o setor responsável obtiver os recursos para tal.
d) As crianças somente sairão depois que se entreterem.
e) A revolta atingirá proporções inimagináveis, se a polícia não contiver a força da população.

3. Assinale a alternativa em que haja uma forma verbal inadequadamente conjugada.
a) Não ocorrerão outros desenlaces se a equipe econômica sustiver o atual índice de inflação.
b) Sempre que retem a documentação dos funcionários, a empresa transgride as normas da legislação trabalhista.
c) Sempre que retiver a documentação dos funcionários, a empresa transgredirá as normas da legislação trabalhista.
d) A população e o governo mantêm-se atentos aos focos de desestabilização política.
e) Quando a sociedade realmente detém o poder, não ocorrem as distorções significativas quanto à distribuição de renda.

4. Há uma opção contendo uma falha quanto à flexão verbal. Assinale-a.
a) Se propuseres um contrato para uma grande estrela da televisão, espera um "não" como resposta.
b) Para te opores a nossas reivindicações, expõe teus argumentos.
c) Se os advogados interpuserem recurso à decisão do Colegiado, cometerão um equívoco substancioso.
d) O estudo de legislação ambiental pressupõe conhecimentos em outros áreas do conhecimento.
e) Se o usuário da língua compuser um período com um sujeito composto que se pospõem ao verbo, poderá este ser flexionado em concordância com a soma dos núcleos ou só com o mais próximo.

5. Indique a alternativa que possua uma inadequação de uma forma verbal.

a) Se você se predispuser a fazer este trabalho, faça-o com esmero.
b) Para transpordes todos os obstáculos, sede sempre otimistas e nunca desistais de vossos sonhos!
c) Devolvam tudo aquilo que obterem de forma ilícita.
d) Mantém-te calmo sempre que estiveres em situação conflituosa.
e) Depois de estarem há um mês em um hospital do município, os traficantes serão transferidos para o presídio da Frei Caneca.

6. Nos períodos abaixo, ocorre um verbo indevidamente conjugado. Indique-o.
a) Para ires de avião a São Paulo, é necessário que adquiras a passagem com antecedência.
b) Se fores a Minas, traze uma boa cachaça caseira!
c) Se intervires no tumulto, faze-o com decisão!
d) Não foste convidado, por não convires ao sistema.
e) Assim que os documentos provierem da direção geral, remetê-los-emos para a presidência.

7. Há uma alternativa contendo uma falha quanto à flexão verbal. Assinale-a.
a) Mesmo que expusessem seus motivos, não obteriam êxito em suas reivindicações.
b) Eles sairiam ainda que muito se entretivessem.
c) Se prevíssemos que haveria tão poucos inscritos no concurso, não desistiríamos.
d) Se João se houvesse bem na prova, conquistaria a vaga.
e) Os pais não se oporiam se as escolas intervissem na relação de seus alunos com a própria família.

8. Assinale a opção que completa adequadamente as lacunas.
Sempre que a São Paulo e que o tempo está nublado, rapidamente para o Rio de Janeiro.
a) fores – veres – vem
b) fores – vires – venha
c) ires – vires – vem
d) fordes – virdes – vinde
e) ires – veres – venha

9. (TRT) As lacunas das frases: 1 – "Não sem teus pais" e 2 – "Se eles te , te chamarão", são completadas, corretamente, pelas formas verbais:
a) vás – virem
b) vá – verem
c) ide – vir
d) vás – verem

10. (TRT) As lacunas da frase "se tu aqui e nos , não saberás o que fazer" são

preenchidas, corretamente, por:
a) vieres – vires
b) vieres – vir
c) vieres – vireis
d) vires – veres
e) vires – vires

11. (Cesgranrio) Assinale o período em que aparece forma verbal incorretamente empregada em relação à norma culta da língua.
a) Se o compadre trouxesse a rabeca, a gente do ofício ficaria exultante.
b) Quando verem o Leonardo, ficarão surpresos com os trajes que usava.
c) Leonardo propusera que se dançasse o minuete da corte.
d) Se o Leonardo quiser, a festa terá ares aristocráticos.
e) O Leonardo não interveio na decisão da escolha do padrinho do filho.

12. (UF de São Carlos) Indique a alternativa que completa corretamente as lacunas das frases:
I – Se nos a fazer um esforço conjunto, teremos um país sério.
II – o televisor ligado, para te informares dos últimos acontecimentos.
III – Não havia programa que o povo, após o último noticiário.
a) propormos – Mantenha – entretesse
b) propusermos – Mantém – entretesse
c) propormos – Mantém – entretivesse
d) propormos – Mantém – entretesse
e) propusermos – Mantém – entretivesse

13. (Faap) Assinale a resposta correspondente à alternativa que completa corretamente os espaços em branco: Se você o , por favor -lhe que para apressar o processo.
a) ver – peça – intervenha
b) vir – peça – intervém
c) vir – peça – intervenha
d) ver – pede – intervenha
e) vir – peças – interviesse

14. (BB-UnB) Flexão verbal incorreta:
a) Se vir o tal colega, falar-lhe-ei.
b) Se eu pôr o verbo no plural, erro de novo.
c) Se eu vier cedo, aguardo-o.
d) Se a duplicata estiver certa, paguem-na.
e) Se eu for tarde, esperem-me.

15. (FGV) Assinale o item em que há erro quanto à flexão verbal.
a) Quando eu vir o resultado, ficarei tranquilo.

b) Aceito o lugar para o qual me proporem.
c) Quando estudar o problema, ficará sabendo a verdade.
d) Sairás assim que te convier.
e) O fato está patente a quem se detiver a observá-lo.

16. (Dasp) Assinale a única alternativa em que há erro de flexão verbal.
a) Quando eu o vir, acertarei as contas.
b) Se ele propor um aumento de verba, direi que não teremos recursos.
c) O governo interveio na região.
d) Os funcionários vêm aqui hoje.
e) Na tentativa de solucionar o problema, eles se desavieram.

17. (Med-Santos) Assinale a letra correspondente à frase inteiramente correta para tratamento "o senhor": "Quando nos debates, ser moderado nas expressões e bem nas suas ideias".
a) intervier – procure – suas – coloque
b) intervier – procure – suas – coloca
c) intervir – procura – tuas – coloques
d) intervieres – procure – suas – coloque
e) intervier – procures – suas – coloque

18. (NCE) Assinale a opção que preencha as lacunas corretamente.
I – Ficareis maravilhados, se o resultado. (ver)
II – Sereis perdoados, se o que tirastes. (repor)
III – Não dê atenção a quem lhe negócios ilícitos. (propor)
IV – Nós lhe daremos o recado assim que o . (ver)
a) virdes – repuserdes – propuser – virmos
b) vires – repordes – propor – vermos
c) veres – repuserdes – propuserdes – virmos
d) vês – repordes – propordes – vermos
e) ver – repuseres – propor – vemos

19. (TRT – 23ª Região – FCC) O verbo corretamente empregado e flexionado está grifado em:
a) É de se imaginar que, se os viajantes setecentistas <u>antevessem</u> as dificuldades que iriam deparar, muitos deles desistiriam da aventura antes mesmo de embarcar.
b) O que quer que os <u>compelisse</u>, cabe admirar a coragem desses homens que partiam para o desconhecido sem saber o que os aguardava a cada volta do rio.
c) Caso não se <u>surtisse</u> com os mantimentos necessários para o longo percurso, o viajante corria o risco de literalmente morrer de fome antes de chegar ao destino.
d) Se não maldiziam os santos, é bastante provável que muitos dos viajantes <u>maldizessem</u> ao menos o destino diante das terríveis tribulações que deviam enfrentar.
e) Na história da humanidade, desbravadores foram não raro aqueles que <u>sobreporam</u> o

desejo de enriquecer à relativa segurança de uma vida sedentária.

20. (Administrador – Petrobras – Cesgranrio) O seguinte verbo em destaque NÃO está conjugado de acordo com a norma-padrão:
a) Se essa tarefa não **couber** a ele, pedimos a outro.
b) **Baniram** os exercícios que não ajudavam a escrever bem.
c) Assim que **dispormos** do gabarito, saberemos o resultado.
d) **Cremos** em nossa capacidade para a realização da prova.
e) Todos **líamos** muito durante a época de escola.

21. (TRE-SP) Ele que a sensatez dos convidados a euforia geral e as dúvidas.
a) supusera – freasse – desfizesse
b) supora – freasse – desfizesse
c) supusera – freiasse – desfazesse
d) supora – freiasse – desfizesse
e) supora – freiasse – desfazesse

22. (TRE-SP) Tendo na operação, os funcionários se a serviços essenciais e executaram as tarefas que lhes .
a) intervido – ativeram – caberam
b) intervido – ateram – couberam
c) intervindo – ateram – caberam
d) intervindo – ativeram – couberam
e) intervido – ativeram – couberam

23. (TRE-MT)
I – Os leitores de jornal não os artigos mais longos.
II – Se eles a programação, já será ótimo.
III – Quando ele , receba-o com delicadeza.
As formas que preenchem, corretamente, as lacunas das frases acima são:
a) leem – obtiverem – vir
b) lêem – obtiverem – vier
c) leem – obterem – vier
d) lêem – obterem – ver
e) lêm – obtiverem – vir

24. (TRE-MT) Só está correta a forma verbal grifada na frase:
a) Embora ele <u>esteje</u> indicado, o Senado ainda não o aprovou.
b) Ele <u>passeiava</u> diariamente no parque.
c) Quando eles <u>trouxerem</u> a permissão, poderão entrar.
d) Se <u>mantermos</u> as posições, o inimigo não avançará.
e) Os deputados se <u>entretiam</u> com esses discursos.

25. (Fiscal – Sefaz-RJ – FGV) Na frase do 4o parágrafo do texto *"A liberdade supõe a operação sobre alternativas;"*, o verbo irregular foi flexionado corretamente.
Assinale a alternativa em que se apresenta flexão incorreta da forma verbal.
a) Eles impunham condições para que o acordo fosse assinado.
b) O julgador interveio na polêmica sobre os critérios de seleção.
c) Não foi confirmado se a banca quereria dar à redação caráter eliminatório.
d) Se os autores se disporem a ratear o valor, a publicação da revista será certa.
e) É necessário que atentemos para a questão da mudança de paradigma científico.

26. (NCE) "Saibam quantos esta virem que, no ano (...), aos (...)..."
No texto, a forma verbal VIREM:
a) Corresponde à forma correta e atual do verbo VER, que, no futuro do subjuntivo, é homônimo do verbo VIR.
b) Corresponde a uma forma arcaica do verbo VER, que ficou fixada na linguagem jurídica, e a flexão correta atual, no futuro do subjuntivo, é VEREM.
c) Corresponde à forma correta e atual do infinitivo flexionado do verbo VIR.
d) Corresponde à forma correta e atual do verbo VER, que se encontra flexionado no futuro do subjuntivo.
e) Corresponde a uma forma que pertence única e exclusivamente à linguagem jurídica, uma vez que a flexão do verbo VER, no futuro do subjuntivo, na terceira pessoa do plural é VEREM.

27. (UFRJ-NCE) Se nós FIZERMOS. A forma verbal sublinhada pertence ao futuro do subjuntivo do verbo FAZER; a alternativa em que há erro na conjugação desse mesmo tempo é:
a) Quando os políticos intervierem no processo, tudo ficará melhor.
b) Quando vocês o verem, digam-lhe que estive aqui.
c) Só sairei quando houver bom tempo.
d) Quando forem aprovados, serão empregados.
e) Se couber recurso, eu o farei.

14.8. Falsos derivados

Existem dois verbos bastante perigosos para o candidato a um concurso público: REQUERER e PROVER.
O verbo REQUERER não se deriva integralmente do verbo QUERER, então você deve ficar atento às diferenças entre os dois verbos.

Querer e Requerer

Indicativo

Presente	Presente	Pretérito Perfeito	Pretérito Perfeito
quero	requeiro	quis	requeri

queres	requeres	quiseste	requereste
quer	requere (ou requer)	quis	requereu
queremos	requeremos	quisemos	requeremos
quereis	requereis	quisestes	requerestes
querem	requerem	quiseram	requereram

Pretérito Imperfeito	Pretérito Imperfeito	Pretérito Mais-que-Perfeito	Pretérito Mais-que-Perfeito
queria	requeria	quisera	requerera
querias	requerias	quiseras	requereras
queria	requeria	quisera	requerera
queríamos	requeríamos	quiséramos	requerêramos
queríeis	requeríeis	quiséreis	requerêreis
queriam	requeriam	quiseram	requereram

Futuro do Presente	Futuro do Presente	Futuro do Pretérito	Futuro do Pretérito
quererei	requererei	quereria	requereria
quererás	requererás	quererias	requererias
quererá	requererá	quereria	requereria
quereremos	requereremos	quereríamos	requereríamos
querereis	requereis	quereríeis	requereríeis
quererão	requererão	quereriam	requereriam

Subjuntivo

Presente	Presente
queira	requeira
queiras	requeiras
queira	requeira
queiramos	requeiramos
queirais	requeirais
queiram	requeiram

Pretérito Imperfeito	Pretérito Imperfeito
quisesse	requeresse

quisesses	requeresses
quisesse	requeresse
quiséssemos	requerêssemos
quisésseis	requerêsseis
quisessem	requeressem

Futuro	Futuro
quiser	requerer
quiseres	requereres
quiser	requerer
quisermos	requerermos
quiserdes	requererdes
quiserem	requererem

Imperativo

Afirmativo	Afirmativo	Negativo	Negativo
quere (ou quer)	requere	não queiras	não requeiras
queira	requeira	não queira	não requeira
queiramos	requeiramos	não queiramos	não requeiramos
querei	requerei	não queirais	não requeirais
queiram	requeiram	não queiram	não requeiram

Obs.: Os verbos BENQUERER, DESQUERER e MALQUERER são conjugados como o verbo QUERER.

Prover

Indicativo

Presente: provejo, provês, provê, provemos, provedes, proveem

Pretérito Perfeito: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram

Pretérito Imperfeito: provia, provias, provia, províamos, províeis, proviam

Pretérito Mais-que-Perfeito: provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram

Futuro do Presente: proverei, proverás, proverá, proveremos, provereis, proverão

Futuro do Pretérito: proveria, proverias, proveria, proveríamos, proveríeis, proveriam

Subjuntivo
Presente: proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam
Pretérito Imperfeito: provesse, provesses, provesse, provêssemos, provêsseis, provessem
Futuro: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, preverem

Imperativo
Afirmativo: provê, proveja, provejamos, provede, provejam
Negativo: provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam

BIZU

Sempre é importante lembrar que o caso do verbo PROVER é uma exceção. Os verbos REVER, ANTEVER, PREVER derivam-se integralmente do VER. É muito bom não confundir PROVER (abastecer) com PREVER (antever – fazer uma previsão) e PROVIR (vir de), que se deriva totalmente do verbo VIR.

14.8.1. Exercícios

1. (TRF) Assinale a opção que completa adequadamente as lacunas.
Se eles de recursos o setor e se aos inconvenientes de um período de transição, a reforma se viabilizará.
a) proverem – dispuserem;
b) provirem – dispuserem;
c) provierem – dispuserem;
d) proverem – disporem;
e) provirem – disporem.

2. (NCE) Requerimento é substantivo derivado do verbo REQUERER; a alternativa em que a forma deste verbo está conjugada corretamente é:
a) eu requero;
b) ela requis;
c) se eles requizessem;
d) ele requereu;
e) eles requiseram.

3. (Técnico Judiciário – TJ – FCC) Está adequada a flexão de todos os verbos da frase:
a) É possível que ele requera imediatamente sua aposentadoria;
otimista, espera que o pedido não lhe seja denegado.

b) O autor estaria disposto a trabalhar no que lhe conviesse,
depois de aposentado, para assim imunizar-se contra os males do ócio.
c) Se o autor manter com disciplina o cômputo diário do que resta para aposentar-se, fará contas pelos próximos seis meses e 28 dias.
d) Se nos propormos a trabalhar depois de aposentados, evitaremos os males que costumam acometer os ociosos.
e) Os que haverem de se aposentar proximamente serão submissos a uma averiguação, a fim de serem saldadas as dívidas pendentes.

4. (Técnico Judiciário – TRE-AP – FCC) Está corretamente empregada a palavra destacada na frase
a) Constitue uma grande tarefa transportar todo aquele material.
b) As pessoas mais conscientes requereram anulação daquele privilégio.
c) Os fiscais reteram o material dos artistas.
d) Quando ele vir até aqui, trataremos do assunto.
e) Se eles porem as pastas na caixa ainda hoje, pode despachá-la imediatamente.

5. (Fuvest) Ele a seca e a casa de mantimentos.
a) preveu – proveu
b) provera – provira
c) previra – previera
d) preveu – provera
e) previu – proveu

6. (TTN) Assinale a alternativa que apresenta incorreção verbal.
a) Observa-se que muitos boatos provêm de algumas pessoas insensatas.
b) Se você quiser reaver os objetos roubados, tome as providências com urgência.
c) Prevendo novos aumentos de preços, muitos consumidores proveram suas casas.
d) O Ministro da Fazenda previu as despesas com o funcionalismo público, em 1989.
e) No jogo de domingo, quando o juiz interviu numa cobrança de falta, foi inábil.

7. (AJ-TRT-UFRJ-NCE) "... vieram a significar, no plano social,..." O item a seguir em que o verbo destacado está conjugado <u>erradamente</u> é:
a) Se o virmos por lá, daremos o recado.
b) Os advogados interviram na discussão.
c) A empregada proveu a despensa com o necessário.
d) Quando vimos para cá, sentimo-nos contentes.
e) Os aparelhos provieram dos Estados Unidos.

8. (TRT-Fundec) Das frases abaixo, a única correta quanto à flexão verbal, de acordo com a norma culta da língua, é:
a) Se proporem uma outra crônica, argumente que não há mais espaço nesta edição.
b) Com a cooperação de todos, o jornalista creu que havia condição de escrever a

reportagem.
c) Os candidatos só poderão se inscrever no concurso de crônicas, se o requiserem.
d) Os alunos de minha escola jamais obteram incentivo para redigir textos em crônicas.

9. (Oficial de Justiça) Tendo em conta a flexão verbal, é correto afirmar que as formas PROVÉM, PROVEM, PROVEEM e PROVÊM, referem-se, respectivamente, aos seguintes verbos:
a) prover, provir,provar e provir;
b) provir, provar, prover e provir;
c) provar, prover, provir e prover;
d) provir, provar, provir e prover.

10. (TRE-RJ) "E quando os mórmons se viram frente ao problema de povoar um deserto, não hesitaram em sancionar a poligamia". Das sentenças abaixo, construídas com verbos derivados de ver, aquela cuja lacuna se completa corretamente com a forma entre parênteses é:
a) Os mórmons as dificuldades a serem enfrentadas. (anteveram)
b) Quando os mórmons as dificuldades a enfrentar, agem corajosamente. (entrevêm)
c) Os mórmons já se tinham dos recursos necessários para seguir para o deserto. (provisto)
d) Se os mórmons as dificuldades que enfrentariam, talvez tivessem desistido. (prevessem)
e) Sempre que os mórmons a história da colonização do deserto, sentir-se-ão honrados. (revirem)

11. (Analista Judiciário – TST – FCC) A flexão de todas as formas verbais está plenamente adequada na frase:
a) Os que virem a desrespeitar quem não tem fé deverão merecer o repúdio público de todos os homens de bem.
b) Deixar de professar uma fé não constitue delito algum, ao contrário do que julgam os fanáticos de sempre.
c) Ninguém quererá condenar um ateu que se imbui do valor da ética e da moral no convívio com seus semelhantes.
d) Se não nos dispormos a praticar a tolerância, que razão teremos para nos vangloriarmos de nossa fé religiosa?
e) Quem requiser respeito para a fé que professa deve dispor-se a respeitar quem não adotou uma religião.

12.
a) Ela requereu que eu intervisse na questão.
b) Ela requis que eu intervisse na questão.
c) Ela requis que eu interviesse na questão.
d) Ela requereu que eu intervisse na questão.

e) Ela requereu que eu interviesse na questão.

13.
a) A polícia deteve a carga dos milhões de caixas de remédio.
b) A polícia deteu a carga dos milhões de caixas de remédio.
c) A polícia deteu a carga das milhões de caixas de remédios.
d) A polícia deteve a carga das milhões de caixas de remédio.
e) A polícia deteve a carga dos milhões das caixas de remédio.

14.
a) Não venha agora com os teus problemas de desinteria e astigmatismo.
b) Não venhas agora com os teus problemas de desinteria e estigmatismo.
c) Não venha agora com os seus problemas de disenteria e astigmatismo.
d) Não venha agora com os seus problemas de desinteria e astigmatismo.
e) Não venhas agora com os teus problemas de disenteria e estigmatismo.

14.9. Verbos impessoais

São verbos impessoais aqueles que não possuem pessoa (sujeito). Sendo assim, o sujeito é inexistente – oração sem sujeito –, obrigando o verbo a se restringir à terceira pessoa do singular.

a) Verbos, no sentido denotativo, que indicam fenômenos da natureza.

Ex: chover, trovejar, nevar, ventar...

Esses verbos só podem ser conjugados na 3ª pessoa do singular e também são chamados de verbos impessoais.

Obs.: Às vezes, um desses verbos pode estar no sentido conotativo, cabendo a sua flexão.

Ex.: Choveram laranjas na feira.

→ Nesse caso, a forma verbal "choveram" não é impessoal, o sujeito é LARANJAS, por isso a concordância entre eles.

b) Verbo HAVER, nos sentidos de EXISTIR e de tempo decorrido, e verbo FAZER, também no sentido de tempo decorrido, só podem ser conjugados na 3ª pessoa do singular e também são verbos impessoais.

Ex.: Havia 20 alunos em sala.

Deve haver 30 anos da chegada do homem à Lua.

Faz 20 dias que ela chegou...

Obs.: É relevante saber que os verbos auxiliares pegam as características dos verbos principais.

Ex.: Pode (no singular devido à presença do verbo principal HAVER no

sentido de existir) haver problemas.
Deve (no singular devido à presença do verbo principal FAZER no sentido de tempo passado) fazer três semanas que João viajou.
"... houve templos, houve cultos, houve leis" (Raul Pompeia).

c) O verbo TRATAR, acompanhado do pronome SE, quando semanticamente não puder ter sujeito.
Ex.: Trata-se de uma discussão descabida.
→ Observe que NINGUÉM PODE TRATAR DA DISCUSSÃO, sendo assim, como semanticamente o verbo não pode ter referente, o verbo se torna impessoal.

d) Os verbos BASTAR e CHEGAR, no sentido de PARAR.
Ex.: Chega de confusão.
Basta de briga.

Obs.: O verbo TER, no sentido de EXISTIR, HAVER, OCORRER, em tese, não poderia ser empregado. Contudo, não há como se negar que seu uso já se encontra consagrado, inclusive se registrando exemplos de textos de Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade: "Em Pasárgada tem tudo", "Tem uma pedra no meio do caminho". A maioria das bancas ainda não admite tal uso, mas o NCE, no concurso da Polícia Civil de 2001, indicou que o verbo TER estaria sendo utilizado como impessoal, não entrando no mérito se o uso estaria correto ou não. O Professor Celso Cunha, na página 142 da Gramática da Língua Portuguesa, classifica o uso do verbo TER, na acepção de EXISTIR, como coloquial.

14.9.1. Exercícios

1. (Administrador – Petrobras – Cesgranrio) De acordo com a norma-padrão, a frase que não precisa ser corrigida pelo Professor Carlos Góis, mencionado pelo Texto II, é:
a) Houveram muitos acertos naquela prova.
b) Existia poucos alunos com dúvidas na sala.
c) Ocorreram poucas dúvidas sobre a matéria.
d) Devem haver muitos aprovados este ano.
e) Vão fazer dois anos que estudei a matéria.

2. (Administrador – Transpreto – Cesgranrio) Os alunos, em uma aula de Português, receberam como tarefa passar a frase abaixo para o plural e para o passado (pretérito perfeito e imperfeito), levando-se em conta a norma-padrão da língua.
Há opinião contrária à do diretor.

Acertaram a tarefa aqueles que escreveram:
a) Houve opiniões contrárias às dos diretores / Havia opiniões contrárias às dos diretores.
b) Houve opiniões contrárias à dos diretores / Haviam opiniões contrárias à dos diretores.
c) Houveram opiniões contrárias à dos diretores / Haviam opiniões contrárias à dos diretores.
d) Houveram opiniões contrárias às dos diretores / Haviam opiniões contrárias às dos diretores.
e) Houveram opiniões contrárias às dos diretores / Havia opiniões contrárias às dos diretores.

3. (NCE) "... mas não havia infraestrutura para recrutar os cerca de 20 mil voluntários necessários".
O verbo HAVER presente nesse trecho do texto é impessoal. A alternativa em que o verbo HAVER foi mal utilizado é:
a) Não me haviam alertado para o perigo os técnicos do laboratório.
b) Refaria esses trabalhos e quantos mais houvessem para fazer.
c) Pouco mais de mil pessoas havia nas salas de aula.
d) Houveram por bem sair mais cedo os professores.
e) É provável que haja falhas graves nesse projeto.

4. (Magistério-NCE) "... de há muito acomete o frágil organismo social no qual vivemos". O item abaixo em que a forma do verbo "haver" está <u>erradamente</u> empregada no lugar da preposição a é:
a) Os jornais brasileiros, há vários meses, só falam de corrupção.
b) Há bastante gente a quem se pode acusar de corrupção.
c) O Brasil está há algumas semanas de começar a economia de luz.
d) De há meses para cá o frio tem aumentado.
e) O país sofre de corrupção há várias décadas.

5. O verbo sublinhado <u>não</u> é impessoal na frase:
a) <u>Houve</u> momentos de indecisão.
b) A criança <u>amanheceu</u> gripada.
c) No inverno, <u>anoitece</u> mais cedo.
d) <u>Faz</u> muito tempo que não o vejo.
e) <u>Basta</u> de tolices.

6. (Senado Federal – FGV) "...há outras formas de garantir a transparência..." Assinale a alternativa em que, alterando-se o trecho acima, manteve-se adequação à norma culta.
a) ...há de existir outras formas de garantir a transparência...
b) ...hão de haver outras formas de garantir a transparência...
c) ...devem existir outras formas de garantir a transparência...
d) ...devem haver outras formas de garantir a transparência...

e) ...podem haver outras formas de garantir a transparência...

7. (Fiscal – Sefaz-RJ – FGV) No Brasil, por exemplo, existem regras de criminal compliance... Assinale a alternativa em que a alteração do trecho acima tenha provocado INADEQUAÇÃO quanto à norma culta. Não leve em conta a alteração de sentido.
a) No Brasil, por exemplo, haverá regras de *criminal compliance*...
b) No Brasil, por exemplo, deve haver regras de *criminal compliance*...
c) No Brasil, por exemplo, há de existir regras de *criminal compliance*...
d) No Brasil, por exemplo, devem existir regras de *criminal compliance*...
e) No Brasil, por exemplo, poderão existir regras de *criminal compliance*...

8. (UFRJ-NCE) "... há três décadas ele mantém sua fama em ascendência". Nesta frase o verbo HAVER não varia, pois se trata de uma oração sem sujeito. Assinale a opção que completar corretamente a frase? "Quantos dias que não o vemos? bem uns dez".
a) faz – hão de haver
b) fazem – há de haver
c) fazem – hão de haver
d) faz – há de haver
e) fazem – hão de haverem

14.10. Verbos defectivos

São os que, por algum tipo de anomalia, não apresentam todas as pessoas em sua conjugação.

1) São defectivos abolir, banir, colorir, demolir, exaurir, explodir, extorquir, falir, acontecer, suceder, ocorrer, doer.

2) Há verbos que nossos ouvidos nos induzem a considerar que sejam defectivos, mão não o são: ADERIR, COMPETIR e POLIR. Existem as formas verbais ***EU COMPITO***, Maria quer que ***EU COMPITA... EU ADIRO***, Maria quer que ***TU ADIRAS, EU PULO, TU PULES...***

3) Caro candidato, se você fizer prova para a área fiscal, sobretudo se o concurso for organizado pela Esaf, fique atento aos verbos EMERGIR e IMERGIR. Há uma divergência entre o que ensina Celso Cunha e o que informa Evanildo Bechara. Este indica serem os dois verbos apenas irregulares, conjugando-se tais quais SUBMERGIR e ASPERGIR (EMERJO, MARIA QUER QUE EU EMERJA, TU EMERJAS...). Já aquele entende que SUBMERGIR e ASPERGIR possuem conjugação completa, mas EMERGIR e IMERGIR, não. Estes dois verbos não poderiam ser conjugados quando, após o radical, aparecessem as

letras A ou O. Este assunto caiu na prova de Analista de Finanças e Controle (Esaf), com a banca demonstrando claramente a opção por considerar os verbos defectivos, conforme Celso Cunha.

4) O verbo ADEQUAR ou (ADEQUAR-SE como mais utilizado) não pode ser conjugado em todo o presente do subjuntivo, e no presente do indicativo só existem as formas de 1ª pessoa do plural e de 2ª pessoa do plural. Por consequência, o imperativo também só conterá a forma de 2ª pessoa do plural do afirmativo. É bom esclarecer que nas pessoas existentes o verbo ADEQUAR-SE segue o modelo dos verbos regulares de 1ª conjugação.

5) Precaver e reaver só existem onde, na conjugação do verbo HAVER, houver a letra **V.**
   – O verbo REAVER só existe onde no verbo HAVER aparecer a letra V, ficando exatamente igual ao HAVER.
   – O verbo PRECAVER também só existe onde no verbo HAVER aparecer a letra V. Contudo onde este verbo existir, funcionará como um verbo regular de segunda conjugação, seguindo o modelo do verbo VENDER.

Ex: HAVER		REAVER		PRECAVER

Presente do Indicativo

hei	não há forma	não há forma
hás	não há forma	não há forma
há	não há forma	não há forma
havemos	reavemos	precavemos
haveis	reaveis	precaveis
hão	não há forma	não há forma

Pretérito Perfeito do Indicativo

houve	reouve	precavi
houveste	reouveste	precaveste
houve	reouve	precaveu
houvemos	reouvemos	precavemos
houvestes	reouvestes	precavestes
houveram	reouveram	precaveram

14.10.1. Exercícios

1. (Escriturário – BB – Cesgranrio) O verbo entre parênteses está conjugado de acordo com a norma-padrão em:
a) Desse jeito, ele fale a loja do pai. (falir)
b) O príncipe branda a sua espada às margens do rio. (brandir)
c) Os jardins florem na primavera. (florir)
d) Eu me precavejo dos resfriados com boa alimentação. (precaver)
e) Nós reouvemos os objetos roubados na rua. (reaver).

2. (CEE – Tecnológica-SP) Aponte a frase correta.
a) Avançaram sobre ele, não se conteram.
b) Não repilais quem de vós se aproxima.
c) Se você não prever a ocasião, como agarrá-la?
d) Requiseram inutilmente, não lhe deferiram o pedido.
e) Busquei por muito tempo, mas não reavi o que perdera.

3. (UnB-DF) Assinale o item que contém as formas verbais corretas.
a) reouve – intervi
b) reouve – intervim
c) rehouve – intervim
d) reavi – intervi
e) rehavi – intervim

4. (ITA) Assinale o caso em que o verbo destacado estiver correto.
a) **Eu me precavo** deve ser substituído por **eu me precavejo**.
b) **Eu me precavenho** contra os dias de chuva.
c) **Eu reavi** o que perdera há dois anos.
d) Problemas graves **me reteram** no escritório.
e) Nenhuma das frases acima.

5. (ITA) Vi, mas não ; o policial viu, e também não , dois agentes secretos viram, e não . Se todos nós , talvez tantas mortes.
a) intervir – interviu – intervieram – tivéssemos intervido – teríamos evitado
b) me precavi – se precaveio – se precaveram – nos precavíssemos – não teria havido
c) me contive – se conteve – contiveram – houvéssemos contido – tivéssemos impedido
d) me precavi – se precaveu – precaviram – precavêssemo-nos – não houvesse
e) intervim – interveio – intervieram – tivéssemos intervindo – houvéssemos evitado

6. (ANS – Analista – FCC) Tendo como parâmetro a norma culta da língua, assinale a alternativa que contém forma verbal corretamente empregada.
a) Portugal proveu o Brasil de uma estrutura encontrada apenas em metrópoles.
b) A Inglaterra conviu em que seria mais prudente ajudar na vinda de D. João VI para o Brasil.

c) As grandes nações se precavêem de infortúnios com planejamento.
d) Algumas ex-colônias requiseram a emancipação política antes que nosso país o fizesse.
e) Quando os historiadores reverem o episódio, certamente encontrarão passagens difíceis de interpretar

7. (DNOCS – FCC) É preciso corrigir uma forma verbal flexionada na frase:
a) O e-mail interveio de tal forma em nossa vida que ninguém imagina viver sem se valer dele a todo momento.
b) Se uma mensagem eletrônica contiver algum vírus, o usuário incauto será prejudicado, ao abri-la.
c) Caso não nos disponhamos a receber todo e qualquer e-mail, será preciso que nos munamos de algum filtro oferecido pela Internet.
d) Se uma mensagem provier de um desconhecido, será preciso submetê-la a um antivírus específico.
e) Ele se precaveio e instalou em seu computador um poderoso antivírus, para evitar que algum e-mail o contaminasse.

8. (AFTN) Indique o período correto.
a) Se você reaver seus cruzados retidos, empreste-me algum dinheiro.
b) Se tu reaveres teus cruzados retidos, poderás me emprestar uma parte?
c) Caso você reaveja seus cruzados retidos, pode emprestar-me uns cem mil?
d) Se eu reavesse meus cruzados retidos, emprestar-te-ia uma parte.
e) Todos neste país reaveremos os cruzados bloqueados, nos prazos estipulados pela lei.

9. (Esaf) Assinale a alternativa que apresenta um verbo <u>incorretamente</u> flexionado.
a) O enxoval conviria às noivas dos bairros mais pobres.
b) Não despeças os carregadores antes do desembarque.
c) Os policiais interviram nos protestos dos grevistas.
d) A noiva precaveu-se contra os prejuízos da mudança.
e) Eu expeço, primeiramente, as malas dos estudantes

10. (TRF) Das opções que se seguem, a que está correta quanto à flexão verbal é:
a) Se o governo se precavisse, evitaria acidentes como esse.
b) Com um pouco de sorte, talvez o senhor reaveja os documentos extraviados.
c) Meus filhos só vêm televisão depois que terminam os deveres escolares.
d) As autoridades interviram no rumo dos acontecimentos.
e) A empresa que projetou a usina não se precaveu como deveria.

11. (FCC) Marque a opção cujo verbo apresenta correta flexão.
a) "Se eu reavesse meu dinheiro retido, emprestar-te-ia uma parte".
b) "Toda dúvida que sobrevir deverá ser imediatamente esclarecida. Isso, sim, é transparência".

c) "A impunidade só terá fim quando se desfazer da cobertura política e todos forem iguais perante a lei..."
d) "Se alguém se deter em olhar na tevê, detalhadamente, o rosto do presidente, vai verificar que estão aparecendo alguns fios de cabelos brancos em sua cabeça".
e) Chefonildo interveio imediatamente, pois esses servidores não parecia serem culpados. Quando reouveram o material perdido, desavieram-se na sua distribuição.

12. (Esaf) Assinale a opção em que a mudança de pessoa verbal provoca erro.
a) Requeremos a pavimentação da rua Vicente de Carvalho.
Requeiro a pavimentação da rua Vicente de Carvalho.
b) Apesar do espaço pequeno, temos certeza de que cabemos aí.
Apesar do espaço pequeno, tenho certeza de que caibo aí.
c) Se não nos precavemos a tempo, seremos ludibriados.
Se não me precavenho a tempo, serei ludibriado.
d) Graças ao seu auxílio, reaveremos os documentos.
Graças ao seu auxílio, reaverei os documentos.
e) Nós valemos tanto quanto acreditamos ser nosso valor.
Eu valho tanto quanto acredito ser meu valor.

13. Leia com atenção as frases a seguir, tendo em vista o verbo destacado.
I. Eles adequam suas necessidades ao material disponível.
II. Finalmente reavi meus documentos.
III. Assim que eles proporem o acordo, aceitaremos.
IV. Ele se precaveu para não ter problemas mais tarde.
V. Sempre que proveres a despensa, poderás viajar com tranquilidade.
Estão corretas as formas verbais empregadas em:
a) I e II;
b) II e IV;
c) III e V;
d) IV e V;
e) I e V.

14.11. Formas rizotônicas e arrizotônicas verbais

14.11.1. Rizotônicas

São as formas verbais em que a sílaba tônica recai totalmente sobre o radical.

Ex.: fales, brigo, parte, faze, indica, olho.

A sílaba tônica dessas formas verbais é respectivamente: ***fa, bri, par, fa, di, o*** e recaem sobre os radicais ***fal, brig, part, faz, indic, olh.***

14.11.2. Arrizotônicas

São as formas verbais em que a sílaba tônica não recai sobre o radical.

Ex.: falei, brigamos, parti, fazia, indicou, olharei.

A sílaba tônica dessas formas verbais é respectivamente: ***lei, ga, ti, zi, cou, rei*** e não recai sobre os radicais ***fal, brig, part, faz, indic, olh.***

14.12. Verbos terminados em IAR

Os verbos terminados em ***IAR*** são REGULARES, com **exceção** de: **MEDIAR, ANSIAR, REMEDIAR, INCENDIAR, ODIAR** e **INTERMEDIAR,** que terão o acréscimo da letra **E** nas formas rizotônicas.

Ex.: REMEDIAR (PRESENTE DO INDICATIVO)

remedeio		remediamos
remedeias		remediais
remedeia		remedeiam

REMEDIAR (PRESENTE DO SUBJUNTIVO)

remedeie		remediemos
remedeies		remedieis
remedeie		remedeiem

Analisando este verbo, podemos observar que o radical é **REMEDI,** portanto é justamente quando a sílaba tônica recai sobre **DI,** que se torna necessário o acréscimo da letra **E** entre as letras **D** e **I.**

Obs.: Já o verbo **MOBILIAR** conjuga-se incidindo-se sílaba tônica em BI nas formas rizotônicas.

Presente do Indicativo: mobílio, mobílias, mobília, mobiliamos, mobiliais, mobíliam

Presente do Subjuntivo: mobílie, mobílies, mobílie, mobiliemos, mobilieis, mobíliem

Imperativo Afirmativo: mobília, mobílie, mobiliemos, mobiliai, mobíliem

Imperativo Negativo: mobílies, mobílie, mobiliemos, mobilieis, mobíliem

14.13. Verbos terminados em EAR

Os verbos terminados em **EAR** terão o acréscimo da letra **I** nas formas rizotônicas.

Ex.: NOMEAR (PRESENTE DO INDICATIVO)

nomeio		nomeamos
nomeias		nomeais

nomeia		nomeiam

NOMEAR (PRESENTE DO SUBJUNTIVO)

nomeie		nomeemos
nomeies		nomeeis
nomeie		nomeiem

Analisando este verbo, podemos observar que seu radical é **NOME**, portanto é justamente quando a sílaba tônica recai sobre **ME**, que se torna fundamental a inserção da letra I nesta sílaba.

14.14. Verbos terminados em GUAR

1) AGUAR, APANIGUAR, APAZIGUAR, APROPINQUAR, AVERIGUAR, DESAGUAR, ENXAGUAR, OBLIQUAR, DELINQUIR e afins poderão ou não ser acentuados nas formas rizotônicas.

Obs.: Com a reforma ortográfica, a flexão passsa a admitir as seguintes formas:

AVERIGUAR

PRESENTE DO INDICATIVO	PRESENTE DO INDICATIVO
eu averiguo	eu averíguo
tu averiguas	tu averíguas
ele averigua	ele averígua
nós averiguamos	nós averiguamos
vós averiguais	vós averiguais
eles averiguam	eles averíguam

AVERIGUAR

PRESENTE DO SUBJUNTIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO
eu averigue	eu averígue
tu averigues	tu averígues
ele averigue	ele averígue
nós averiguemos	nós averiguemos
vós averigueis	vós averigueis
eles averiguem	eles averíguem

14.14.1. Exercícios

1. (Cesgranrio) Assinale a forma errada do verbo pontear.
a) ponteias
b) ponteiamos
c) pontearei
d) ponteiam
e) ponteie

2. (ITA) Examinando as afirmações de que a terceira pessoa do singular do presente do indicativo é:
Progredir é progrede.
Ansiar é ansia.
Remediar é remedia.
Transgredir é transgride.
Verifica-se que:
a) apenas uma está correta;
b) apenas duas estão corretas;
c) todas estão corretas;
d) três estão corretas;
e) nenhuma está correta.

3. (Analista – TCE-CE – FCC) Estão corretamente grafadas e flexionadas todas formas verbais da frase:
a) Por vezes, é a intuição de um juiz que intermedia o que está no processo e o espírito da lei.
b) Se não se dispuser a examinar bem o caso e não se prover da melhor intuição, poderá proceder injustamente.
c) A intuição costuma acessorar os juízes, nos casos mais complexos que se lhes apresentam.
d) É frequente que um juiz remedie uma omissão da lei valendo-se do que lhe diz sua intuição.
e) Caso a intuição do juiz não intervisse naquele caso, o réu seria injustamente condenado.

4. (Analista Judiciário – TRE-PE – FCC) Numa carta em que um velho jornalista se dirigisse a um recém-contratado do jornal, seria plenamente aceitável a redação da seguinte frase:
a) Não temais, meu caro, a concorrência de teus colegas: confia em teus próprios valores, aferre-se a eles e segue em frente.
b) Os valores que nortearão suas decisões profissionais não devem, meu caro, desmerecer os valores pessoais de que você se orgulha.
c) Se te vierem ameaçar as piores tentações, fuja delas, amigo, não as dê qualquer atenção, e não terás motivo de arrependimento.
d) Aprenderás com o tempo, meu jovem, que mesmo nas pequenas decisões que adotar,

devem inspirá-lo os valores maiores da ética.
e) Bem-vindo seja, colega, e atenta para que a ansiedade da competição não lhe desvie da missão que a comunidade nos confiou.

5. (TRF – 2ª Região – FCC) O emprego, a grafia e a flexão dos verbos estão corretos em:
a) A revalorização e a nova proeminência de Paraty não prescindiram e não requiseram mais do que o esquecimento e a passagem do tempo.
b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre renegada a um segundo plano, eis que ela imerge do esquecimento, em 1974.
c) A cada novo ciclo econômico retificava-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, sobreviram longos anos de esquecimento.
d) A Casa Azul envidará todos os esforços, refreando as ações predatórias, para que a cidade não sucumba aos atropelos do turismo selvagem.
e) Paraty imbuiu da sorte e do destino os meios para que obtesse, agora em definitivo, o prestígio de um polo turístico de inegável valor histórico.

6. (TRE-MT) Só está correta a forma verbal grifada na frase:
a) Embora ele <u>esteje</u> indicado, o Senado ainda não o aprovou.
b) Ele <u>passeiava</u> diariamente no parque.
c) Quando eles <u>trouxerem</u> a permissão, poderão entrar.
d) Se <u>mantermos</u> as posições, o inimigo não avançará.
e) Os deputados se <u>entretiam</u> com esses discursos.

7. Observe e analise as formas verbais das frases a seguir:
1 – Eu me precavi na época do pacote econômico.
2 – Ele já proveu a geladeira com muitas frutas.
3 – Os inspetores intermedeiam na discussão dos alunos.
4 – Desejamos que eles floreiem os ambientes.
5 – Eles desejam que nós vamos ao teatro.
Estão corretas as frases:
a) todas;
b) 1, 2, 4, 5;
c) 1, 2, 3, 4;
d) 1, 2, 3, 5;
e) 3, 4, 5.

8. (CM) A flexão do verbo "macaquear" está em desacordo com a norma culta na opção:
a) Nós macaqueiamos a visão do Português.
b) O brasileiro macaqueia a visão do Português.
c) Talvez macaqueemos a visão do Português.
d) É possível que os brasileiros macaqueiem a visão do Português.
e) Os brasileiros macaqueiam a visão do Português.

9. (TJ-NCE) "Para outras, é apenas o prazer de saber que a distância não mais cerceia a comunicação, por boba que seja." A frase abaixo em que há uma forma, ligada aos verbos terminados em – ear, grafada erradamente é:
a) É perigoso que passeiemos à noite.
b) A civilização sofre freadas em seu progresso.
c) O homem receoso não luta pela liberdade.
d) Todos nós ceamos no Natal.
e) É injusto que os países totalitários cerceiem a comunicação.

10. (Epcar) Em apenas uma das frases a forma verbal está incorreta. Assinale-a.
a) Desejo que me ouçais com atenção.
b) Se eles se precavessem, não sofreriam o acidente.
c) Se intervissem, o conflito cessaria.
d) Não odieis vosso irmão.
e) Trá-lo-ei assim que me pedires.

11. (UFRJ) "... que aqui viveram e ainda vivem..." Este mesmo fragmento, com o verbo "ansiar" nos mesmos tempos e pessoas do verbo VIVER, ficaria:
a) ... que aqui ansiaram e ainda anseiam...
b) ... que aqui ansiavam a ainda anseiam...
c) ... que aqui ansiaram e ainda ansiam...
d) ... que aqui ansiarão e ainda anseiem...
e) ... que aqui anseiaram e ainda ansiam...

12. (PM – Bahia – Técnico – FCC) Está correta a flexão do verbo sublinhado na frase:
a) Se alguém ver o outro como um aliado, só terá a ganhar.
b) Quando convir, adotar-se-ão medidas repressivas.
c) Quando o caso requiser, adotam-se medidas mais duras.
d) O tolo acha melhor que se remedeie uma situação em vez de a prever.
e) Aquelas ações repressivas não proviram da vontade da população.

13. (Escrivão de Policia Civil do Estado do Maranhão – FCC) O verbo corretamente flexionado está grifado na frase:
a) As tropas americanas não conteram os ataques da população enfurecida à Biblioteca Nacional.
b) Saqueadores de museus contrabandeiam obras de raro valor arqueológico no mercado internacional.
c) Nazistas se proporam a destruir, em enormes fogueiras, livros considerados perigosos na Alemanha.
d) O problema que sobreviu à invasão americana no Iraque foi a destruição de peças arqueológicas raríssimas.
e) Os invasores do Iraque não antevieram as funestas consequências dos saques, como o contrabando de obras valiosas.

14. (MPE – Pernambuco – Técnico ministerial – Área Administrativa – FCC) O verbo grifado está corretamente flexionado na frase:
a) Veem sendo adotadas medidas para a reprodução de músicas sem o pagamento dos respectivos direitos autorais.
b) Na disputa jurídica, as artistas reaveram o direito de receber os valores decorrentes da divulgação de sua obra.
c) Grandes indústrias intermediam os interesses dos compositores, firmando-se no mercado com extraordinários lucros.
d) Alguns amigos do cantor proporam-se a financiar a gravação de suas músicas, na certeza de sucesso imediato.
e) O disco manteve-se em primeiro lugar nas vendas durante semanas, garantindo a recuperação dos gastos da produção.

15. (TRE-Amapá – Téc. Judiciário – FCC) Está corretamente flexionada a forma verbal sublinhada na frase:
a) Se alguém propor medidas para a economia de energia, que seja ouvido com atenção.
b) Caso uma represa contenhe pouco volume de água, as turbinas da usina desligam-se.
c) Seria preciso que refizéssemos os cálculos da energia que estamos gastando.
d) Só damos valor às coisas quando elas já escasseiaram.
e) Se não determos os desperdícios, pagaremos cada vez mais caros por eles.

Nas questões de 16 e 17, marque a opção em que há forma verbal incorreta.
16. (NCE – UFRJ)
a) Se nos **convirem** as respostas, não o processaremos.
b) Para que eles **reouvessem** o que perderam, era necessário calma.
c) Os policiais que **intervieram** na proposta, serão afastados.
d) Quando **propusermos** medidas eficazes, seremos contratados.
e) Para **preverem** as falhas, deverão estudar muito mais.

17. (NCE – UFRJ)
a) Só **previram** as questões referentes ao orçamento dos novos estados.
b) Os cidadãos que **supuseram** tal medida, abandonarão a cidade.
c) Se **requiséssemos** a documentação necessária, haveria desordem.
d) Talvez nós **nomeemos** pessoas mais interessadas no projeto.
e) Não **magoem** aqueles amigos que sempre estiveram com vocês.

14.15. Verbos terminados em Uir

Não apresentam alterações vocálicas no radical, havendo apenas a substituição do "e" pelo "i" na 2ª e na 3ª do singular.

Ex.: Presente do Indicativo – obstruo, obstruis, obstrui, obstruímos, obstruís, obstruem

Obs.: Nos verbos "arguir" e "redarguir", se o "u" for tônico seguido de "e" ou "i" , possuirá acento agudo; caso seja átono, possuirá trema.

Ex.: Presente do Indicativo – Arguo, argúis, argúi, arguimos, arguis, argúem

Pretérito Imperfeito do Subjuntivo – arguisse, arguisses, arguisse, arguíssemos, arguísseis, arguissem

Obs.: ARGUIR e REDARGUIR perdem o acento agudo nas formas rizotônicas.

ARGUIR	REDARGUIR
PRESENTE DO INDICATIVO	**PRESENTE DO INDICATIVO**
eu arguo	eu redarguo
tu arguis	tu redarguis
ele argui	ele redargui
nós arguímos	nós redarguímos
vós arguís	vós redarguís
eles arguem	eles redarguem

ARGUIR	REDARGUIR
PRESENTE DO SUBJUNTIVO	**PRESENTE DO SUBJUNTIVO**
eu argua	eu redargua
tu arguas	tu redarguas
ele argua	ele redargua
nós arguamos	nós redarguamos
vós arguais	vós redarguais
eles arguam	eles redarguam

Obs.: O verbo DELINQUIR, antes defectivo, agora passa a ter todas as suas formas conjugadas.

Obs.: Já em conformidade com a reforma ortográfica.

Obs.: Os verbos CONTRUIR, DESTRUIR, RECONSTRUIR, bem como ENTUPIR (e cognatos) admitem O ou U na segunda pessoa do singular, na terceira pessoa do singular e na terceira pessoa do plural do presente do indicativo.

Ex.: tu constróis (construis), ele constrói (construi), eles constroem (construem)

14.15.1. Exercício

1. (NCE) "A sociedade mantém as Forças Armadas inoperantes no caso".

"Devem as Forças Armadas intervir no processo..."
"... construir e conservar estradas..."
Que item a seguir mostra as formas correspondentes dos verbos das frases acima – MANTER, INTERVIR e CONSTRUIR – na terceira pessoa do plural do presente do indicativo?
a) mantêm – intervêm – construem
b) mantém – intervêm – constroem
c) mantêem – intervêem – constroem
d) mantêm – intervêem – constroem
e) mantém – intervém – constroem

14.16. Verbos prazer, aprazer e desprazer

Têm uma característica peculiar. No pretérito perfeito do indicativo, no pretérito mais-que-perfeito do indicativo, no pretérito imperfeito do subjuntivo e no futuro do subjuntivo, seguem o modelo do verbo HAVER.

Ex.: Pretérito perfeito do indicativo – Eu houve (aprouve), tu houveste (aprouveste), ele houve (aprouve), nós houvemos (aprouvemos), vós houvestes (aprouvestes), eles houveram (aprouveram)

Pretérito mais-que-perfeito – Eu houvera (aprouvera), tu houveras (aprouveras), ele houvera (aprouvera), nós houvéramos (aprouvéramos), vós houvéreis (aprouvéreis), eles houveram (aprouveram)

Pretérito imperfeito do subjuntivo – Se ontem eu houvesse (aprouvesse), tu houvesses (aprouvesses), ele houvesse (aprouvesse), houvéssemos (aprouvéssemos), houvésseis (aprouvésseis), houvessem (aprouvessem)

Futuro do subjuntivo – Quando eu houver (aprouver), tu houveres (aprouveres), ele houver (aprouver), houvermos (aprouvermos), houverdes (aprouverdes), houverem (aprouverem).

Obs.: Nos demais tempos, estes verbos seguirão o modelo dos verbos regulares de 2ª conjugação.

O verbo PRAZER só é conjugado na 3ª pessoa do singular e na 3ª pessoa do plural em todos os tempos.

O verbo comprazer denuncia uma divergência entre os gramáticos Celso Ferreira da Cunha e Evanildo Bechara. Segundo Cunha, este verbo seria regular em todos os tempos e pessoas; já Bechara considera que o verbo também guarda a mesma irregularidade apresentada pelos verbos PRAZER, APRAZER e DESPRAZER.

14.16.1. Exercícios

1. (MPU – Técnico – Área Adm. – FCC) Todas as formas verbais estão corretamente flexionadas na frase:
a) O cronista dá a entender que jamais interveio para libertar um inseto.
b) Se não convisse matar para comer, a natureza não o determinaria.
c) Nunca me aprouveu matar para comer; aguardo que matem por mim.
d) Se a natureza revesse sua principal lei, que tipo de vida haveria?
e) Se a vida não se compor com a morte, romper-se-á todo o equilíbrio.

2. (TCEMG – Eng. Perito – FCC) Todos os verbos estão corretamente empregados e flexionados na frase:
a) Se eu voltar à mesma escola e os alunos proporem as mesmas perguntas, os debates não deixarão de ter o mesmo calor da primeira vez.
b) Se o autor do texto não retesse o mesmo entusiasmo de menino pelas perguntas, não haveria todo aquele magnetismo durante o colóquio.
c) Ao autor aprouve suspender a palestra convencional e deter-se nas perguntas fundamentais que as crianças lhe propuseram.
d) Imergia das questões formuladas aquela vitalidade própria das crianças que não se resiguinam à passividade diante dos mistérios do mundo.
e) Seria interessante que os cientistas convissem em que é fundamental não perder o contato com a curiosidade que se constitue ainda na infância.

3. (CM) Considerando-se a norma culta da língua, há <u>erro</u> quanto à escolha da forma verbal empregada em:
a) Se o país reouver o clima natural dos anos 60.
b) Se o governo revir a atual apolítica econômica.
c) Se lhe aprouver reunir o grupo para discutir.
d) Se a emenda não convier ao governo.
e) Se os jovens se absterem de votar.

4. (TRT-20 R. – FCC) Estão corretamente flexionadas as formas verbais da frase:
a) Temos a impressão de que um bêbado, andando na rua, somente executará os movimentos que lhe aprazer.
b) As teorias do acaso não granjeam muitos adeptos numa época em que imperam os determinismos de todo tipo.
c) Pode-se considerar aleatório todo fenômeno ou comportamento que não provir, aparentemente, de um padrão já definido.
d) Os exemplos que o leitor se propor a acompanhar no livro convencê-lo-ão do importante papel do acaso em nossa vida.
e) Se não conviesse aos físicos estudar a aleatoriedade, esta ficaria adstrita ao campo das crendices e superstições.

14.17. Vozes verbais

A nomenclatura das vozes se baseia nos sujeitos, isto é, se o verbo

concordar com o ser que pratica a ação, a voz é ativa; se o verbo concordar com o sujeito que sofre a ação, a voz é passiva. Se o sujeito pratica e recebe a mesma ação verbal, a voz é reflexiva.

14.17.1. Voz ativa

Ex.: "Eles andam de bicicleta." Observe que a forma verbal ANDAM está na 3ª pessoa do plural porque o sujeito ELES está na 3ª pessoa do plural. O verbo é obrigado a concordar com o sujeito, e como neste caso o sujeito é ativo, a voz é ativa.

14.17.2. Voz passiva

Ex.: "O trabalho foi feito por mim." Observe que a forma verbal **FOI FEITO** está na 3ª pessoa do singular, porque o sujeito **O TRABALHO** também está na 3ª pessoa do singular. Como, neste caso, o sujeito é passivo, a voz é passiva.

Obs. : Só existe voz passiva com verbo transitivo direto (ou transitivo direto e indireto), pois só o objeto direto da voz ativa pode transformar-se em sujeito da passiva. A frase dada como exemplo nasceu desta: "Eu fiz o trabalho." **O TRABALHO,** que era o objeto direto da voz ativa, passa a ser o sujeito da passiva.

A voz passiva pode ser analítica ou sintética.

Será ***Analítica*** – também chamada de "com auxiliar" –, quando houver VERBO SER + VERBO TRANSITIVO DIRETO (no particípio).

Ex.: O carro será (verbo SER) comprado (VTD – particípio) por Manoel (agente da passiva).

Obs.: Podem também ser utilizados outros verbos auxiliares, como ESTAR, FICAR, ANDAR, IR, VIR, VIVER...

Ex.: Ele vai acompanhado dos amigos.

A dúvida ficou esclarecida.

Será ***Sintética*** – também chamada de "pronominal" –, quando houver VERBO TRANSITIVO DIRETO + PRONOME "SE".

Ex.: Vendem-se (VTD + PRONOME "SE") carros (SUJEITO).

Aluga-se (VTD + PRONOME "SE") vaga (SUJEITO).

BIZUS

1) Preste atenção ao fato de que só o objeto direto da voz ativa pode

transformar-se em sujeito da passiva.

Ex.: Assistimos ao filme (objeto indireto). Não devemos dizer "O filme foi assistido por nós".

Esta frase está errada, porque não se pode passar o objeto indireto da voz ativa para sujeito da passiva.

Ex.: Pagamos o salário (objeto direto) ao empregado (objeto indireto).

Está perfeita a seguinte frase: "O salário foi pago ao empregado por nós", pois o objeto direto da voz ativa pode transformar-se em sujeito da passiva; no entanto não se deve dizer "O empregado foi pago por nós", pois o que era objeto indireto da voz ativa não pode ser alterado para sujeito da passiva. Tal se dá pelo fato de o objeto indireto ser termo preposicionado, fator impeditivo de transformá-lo em sujeito.

Obs.: São admitidos como exceções os verbos OBEDECER e DESOBEDECER. Estes verbos são os únicos transitivos indiretos que admitem voz passiva.

Ex.: Obedeço ao regulamento. – O regulamento é obedecido por mim.

Não desobedecerás à lei. – A lei não será desobedecida por ti.

Esta situação se justifica pelo histórico desses verbos. OBEDECER e DESOBEDECER eram transitivos diretos, sem uso de preposição. Contudo, começaram a ser utilizados com a preposição A e a gramática registrou essa alteração. O verbo passou a ser transitivo indireto, entretanto manteve a antiga possibilidade de reescritura na voz passiva.

2) Fundamental se faz observar que, na transcrição da voz ativa para a passiva ou vice-versa, o tempo verbal da frase original há de ser mantido. Tal se justifica pelo fato de, caso ocorra a mudança no tempo do verbo, obviamente será alterado o sentido da frase. Então, não se trata meramente de uma vaidade gramatical, mas sim de uma exigência semântica.

Ex.: João fazia exercícios diariamente. – Observe que, na frase origi-nal, a forma verbal "fazia" encontra-se no pretérito imperfeito, logo a sua reescritura há de se dar com o verbo auxiliar "ser" também no pretérito imperfeito do indicativo, objetivando, assim, respeitar o sentido do período. – Exercícios eram (pretérito imperfeito do indicativo) feitos por João diariamente.

3) É importante o usuário da língua aprender a distinguir o índice de indeterminação do sujeito do pronome apassivador. Este se relaciona com verbos transitivos diretos e resultará na formação da voz passiva. Já aquele

estará ligado a verbos que não sejam transitivos diretos e não implicará a formação de voz passiva. As principais consequências são que, sendo o pronome SE apassivador, o termo que funcionaria como objeto direto se transforma em sujeito, portanto o verbo se torna obrigado a concordar com ele. Já o pronome SE, sendo índice de indeterminação do sujeito, indica que evidentemente o sujeito é indeterminado e, por consequência, o verbo necessariamente flexiona-se apenas na terceira pessoa do singular.

Ex.: Fez-se o trabalho.

– Se não houvesse o pronome SE, o termo "o trabalho" seria objeto direto. Então o verbo é transitivo direto que, ligado ao pronome SE, forma a voz passiva sintética, alterando a função sintática de "o trabalho" para sujeito. Dessa forma, se o termo for flexionado para o plural, o verbo vai acompanhá-lo. – Fizeram-se os trabalhos.

Precisa-se de cerveja.

– Se não ocorresse o pronome SE, o termo "de cerveja" funcionaria como objeto indireto. Portanto, o verbo é transitivo indireto que, relacionado ao pronome "se", NÃO forma a voz passiva. Aquele termo que seria objeto indireto continua sendo objeto indireto, então o verbo não se flexiona. – Precisa-se de cervejas.

Ouve-se bem daqui.

– BEM funciona como adjunto adverbial de modo, DAQUI, como adjunto adverbial de lugar. Não há nessa frase nenhum termo que complemente a ideia do verbo, o qual, por conseguinte é intransitivo. Verbo intransitivo ligado ao pronome SE não caracteriza a voz passiva. O SE é índice de indeterminação do sujeito e, dessa forma, o verbo só se conjuga na terceira pessoa do singular.

Daqui se ouve bem a música.

– BEM continua funcionando como adjunto adverbial de modo, DAQUI, como adjunto adverbial de lugar. Porém, nessa frase, há a ocorrência de "a música", que, sem a presença do "SE", funcionaria como objeto direto. Portanto, se haveria objeto direto é porque o verbo é transitivo direto que, ligado ao pronome SE, forma a voz passiva. Aquele termo que seria objeto direto é alterado para sujeito, obrigando o verbo a acompanhá-lo.

Daqui se ouvem bem as músicas.

Obs.: Há a ideia passiva em estruturas como: Só me batizei com dez anos. / Como tu te chamas?

14.17.3. Voz reflexiva

É quando há coincidência entre o ser que pratica a ação e o que sofre a ação.

Ex.: O rapaz se entregou à polícia.

→ Observe que a pessoa que pratica a ação é a mesma que a sofre. O rapaz entregou e o rapaz foi entregue.

Eu me vi numa situação complicada.

→ Observe que quem vê e quem é visto é o mesmo ser.

14.17.4. Voz reflexiva com valor recíproco

Expressa um tipo de reflexividade, em que um ser pratica a ação em outrem e dele sofre a mesma ação.

Ex.: Eles se beijaram.

→ A ação indica que um beijou o outro.

14.17.4.1. Exercícios

1. (Carlos Chagas-BA) Transpondo para a voz passiva a frase: "Haveriam de comprar, ainda, um trator maior", obtém-se a forma verbal:

a) comprariam
b) comprar-se-ia
c) teria sido comprado
d) ter-se-ia comprado
e) haveria de ser comprado

2. (FMU) Leia a seguinte passagem na voz passiva: "O receio é substituído pelo pavor, pelo respeito, pela emoção ..." Se passarmos para a voz ativa, teremos:

a) O pavor e o respeito substituíram-se pela emoção e o receio.
b) O pavor e o receio substituem a emoção e o respeito.
c) O pavor, o respeito e a emoção são substituídos pelo receio.
d) O pavor, o respeito e a emoção substituem-se.
e) O pavor, o respeito e a emoção substituem o receio.

3. (TRT-RJ – Cespe-UnB) O texto apresenta uma oração na voz passiva no trecho

a) "A série de dados do CAGED tem início em 1992"
b) "o crescimento no número de empregos formais criados foi de 38,7%".
c) "'Pode haver uma diminuição na escalada de compra de bens duráveis'".
d) 'Os preços dos bens duráveis (...) não estão aumentando'.
e) "No caso da indústria de transformação, por exemplo, foram criadas 146 mil vagas".

4. (Administrador – Petrobras – Cesgranrio) No Texto I, a frase "os alunos desfizeram o equívoco antes que ele se criasse" apresenta voz passiva pronominal no trecho em

destaque.
A seguinte frase apresenta idêntico fenômeno:
a) Necessita-se de muito estudo para a realização das provas.
b) É-se bastante exigente com Língua portuguesa nesta escola.
c) Vive-se sempre em busca de melhores oportunidades.
d) Acredita-se na possibilidade de superação do aluno.
e) Criou-se um método de estudo diferente no curso.

5. (Analista Judiciário – Informática – TJ – FCC) A frase que admite transposição para a voz PASSIVA é:
a) *Quando a Bem-amada vier com seus olhos tristes*...
b) *O chapéu dele está aí*...
c) ... *chegou à conclusão de que o funcionário*...
d) *Leio a reclamação de um repórter irritado*...
e) ... *precisava falar com um delegado*...

6. (Analista Judiciário — TJ-RJ – FCC) ***... antiga Selinunte, que foi fundada no século VI a.C. por colonos gregos e arrasada por Haníbal em 409 a.C.***
Reescrevendo-se a frase acima na voz ativa, as formas verbais resultantes serão, respectivamente:
a) fundou – arrasou
b) fundaram – arrasou
c) fundou – arrasaram
d) fundam – arrasa
e) fundariam – arrasaria

7. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) Transpondo-se para a voz passiva a frase "O estilo e o assunto do artigo viriam a sensibilizar a leitora", obtém-se a forma verbal:
a) vinha sendo sensibilizada.
b) veio a ser sensibilizada.
c) viria a ser sensibilizada.
d) vêm sensibilizando-a.
e) viriam a ser sensibilizados.

8. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – FCC) O verbo que NÃO admite transposição para a voz passiva está em:
a) ... *a República aterrou aquela zona* ...
b) *O Cais do Valongo ficava longe da vista dos cariocas* ...
c) ... *a prefeitura pôs em execução uma ampla reforma*...
d) ... *uma equipe de pesquisadores do Museu Nacional encontrou o piso do Cais do Valongo.*
e) ... *e a cobriu com ruas e praças*.

9. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – FCC) *As ruas estavam ocupadas pela multidão*...
A forma verbal resultante da transposição da frase acima para a voz ativa é:
a) ocupava-se;
b) ocupavam;
c) ocupou;
d) ocupa;
e) ocupava.

10. (Técnico Judiciário – TRE-SP – FCC) ... *ao fazer isto, ele exprimiu a realidade tão paulista do italiano recoberto pela terra e do brasileiro das raízes europeias*.
Transpondo-se a frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante será:
a) foi expressa;
b) exprimia-se;
c) é exprimida;
d) vem sendo exprimida;
e) era expressa.

11. (TRE-SP) Transpondo para a voz passiva a frase "O auxiliar judiciário estava organizando os arquivos", obtém-se a forma verbal:
a) foram sendo organizados;
b) estavam sendo organizados;
c) foram organizados;
d) tinham sido organizados;
e) eram organizados.

12. (TRE-SP) Transpondo para a voz ativa a frase "Os pretendentes ao cargo teriam sido cadastrados pelo coordenador", obtém-se a forma:
a) cadastraria;
b) terá cadastrado;
c) seriam cadastrados;
d) teria cadastrado;
e) tinha cadastrado.

13. (Técnico Judiciário – TRE-RN – FCC) ... *viu pedrinhas ali perto*. **(3º parágrafo)**
A passagem para a voz passiva da frase acima resulta na seguinte forma verbal:
a) são vistas;
b) tinha visto;
c) foram vistas;
d) viu-se;
e) é visto.

14. (NCE) "O Governo de nosso Estado combate e denuncia todas as formas de violência".

Qual seria a forma adequada dessa mesma frase se a começássemos de outra forma: "O Governo de nosso Estado pretende que..." e se o restante do período fosse colocado na voz passiva pronominal?
a) Que se combata e se denuncie todas as formas de violência.
b) Que todas as formas de violência sejam denunciadas e combatidas.
c) Que todas as formas de violência se combatam e se denuncie.
d) Que se combatam e se denunciem todas as formas de violência.
e) Que se combate e se denuncia todas as formas de violência.

15. (TJ-NCE) A frase "desliguem o motor" corresponde, na voz passiva com auxiliar, a "que o motor seja desligado".
Qual a correspondência do mesmo tipo inadequadamente realizada?
a) abram as portas – as portas sejam abertas.
b) se afastem das mesas – as mesas sejam afastadas.
c) interrompam a refeição – a refeição seja interrompida.
d) definam um bom espaço – um bom espaço seja definido.
e) ritualizem o ato de parar – o ato de parar seja ritualizado.

16. (NCE) A única frase que está na voz passiva é:
a) Muitos cidadãos estão buscando novas soluções para velhos problemas.
b) A luta contra a corrupção é de todos nós.
c) Os depoimentos na CPI foram acompanhados por grande público.
d) Estamos vivendo um momento de incertezas.
e) Toda a população vai colaborar com o Viva Rio.

17. (NCE) Qual a forma de voz ativa da frase "... para não ser olhado com medo"?
a) Para que não o olhem com medo.
b) Para que não o olhassem com medo.
c) Para não o olharem com medo.
d) Para que não fosse olhado com medo.
e) Para que alguém não o olhe com medo.

18. (NCE) Em que item a seguir <u>não</u> ocorre um verbo na forma de voz passiva?
a) Das fendas de uma rocha se desprendiam emanações...
b) ... que eram tidas como profecias, oráculos.
c) E precisavam ser interpretadas.
d) Tinham duplo sentido, eram ambíguos.
e) E lhes foi dito que a profecia estava certa.

19. (NCE) A eletricidade era empregada para acender lâmpadas. Redigiu-se, de outra forma, a frase acima. Assinale a alternativa em que se verifica uma perfeita correspondência entre as duas formas de redação.
a) Empregou-se a eletricidade para acender lâmpadas.

b) A eletricidade poderia ser empregada para acender lâmpadas.
c) Empregava-se a eletricidade para acender lâmpadas.
d) Para acender lâmpadas, emprega-se a eletricidade.
e) A eletricidade será empregada para acender lâmpadas.

20. (Analista Judiciário – TST – FCC) Transpondo-se para a voz passiva a construção Os ateus despertariam a ira de qualquer fanático, a forma verbal obtida será:
a) seria despertada.
b) teria sido despertada.
c) despertar-se-á.
d) fora despertada.
e) teriam despertado.

21. (NCE) "O controle de várias formas de energia deu ao homem um enorme poder..." No trecho acima, o verbo "dar" pode causar a impressão de que o homem é um ser passivo. Na realidade, porém, sabe-se que o homem procura ser agente. Que alternativa mostra mais claramente o caráter ativo do homem?
a) O controle de várias formas de energia concedeu ao homem um enorme poder.
b) Ao homem foi dado poder pelo controle de várias formas de energia.
c) O homem conquistou um enorme poder com o controle de várias formas de energia.
d) Deu-se ao homem um enorme poder de controlar várias formas de energia.
e) O homem herdou o controle de várias formas de energia.

22. (Magistério-NCE) "... que é discutido em todos os lugares". Esta frase está na voz passiva analítica e sua forma correspondente na voz ativa é:
a) que se discutiu em todos os lugares;
b) que discutem em todos os lugares;
c) que foi discutido em todos os lugares;
d) que se discute em todos os lugares;
e) que discutiram em todos os lugares.

23. (Magistério-NCE) "Trata-se de um mal endêmico na sociedade brasileira..." Se colocarmos "mal endêmico" no plural, a forma correta do verbo "tratar-se" será:
a) trata-se;
b) tratam-se;
c) são tratados;
d) trataram-se;
e) tratou-se.

24. (Técnico de Necropsia) "O projeto foi recebido com ceticismo pela comunidade científica".Colocando-se esse segmento do texto na voz ativa, tem-se como forma correta:
a) Recebeu-se o projeto com ceticismo.

b) Receberam o projeto com ceticismo.
c) A comunidade científica recebeu o projeto com ceticismo.
d) A comunidade científica foi recebida com ceticismo pelo projeto.
e) Receberam-se com ceticismo o projeto pela comunidade científica.

25. (NCE) "... todos procurem conhecer seus direitos e exijam que eles sejam respeitados..." Se reescrevermos as orações sublinhadas, conservando-se as vozes verbais, teríamos como resposta adequada:
a) todos procurem conhecer seus direitos e exijam serem respeitados;
b) todos procurem conhecer seus direitos e exigir ser respeitados;
c) todos procuram conhecer seus direitos e exijam respeitá-los;
d) todos procurem que se conheçam os direitos e exijam que eles sejam respeitados;
e) todos procurem que conheçam seus direitos e exijam que eles se respeitem.

26. (PF) A Língua Portuguesa possibilita diferentes maneiras de se dizer a mesma coisa, com pequenas alterações morfossintáticas. Uma delas diz respeito à mudança da voz verbal, da ativa para a passiva ou vice-versa. Julgue se as reescrituras que se seguem, mudando-se a voz, mantêm o mesmo sentido das respectivas passagens no texto.
1. "Por ser uma palavra de entendimento eminentemente técnico, não encontramos significado para toxicologia nos dicionários da língua portuguesa". / Para a palavra toxicologia, não foi encontrado por nós significado nos dicionários da língua portuguesa, por ser de entendimento eminentemente técnico.
2. "Pelo entendimento, concluímos que toxicologia é o estudo analítico dos riscos oferecidos por produtos químicos ao ser humano". / Foi concluído por nós, pelo entendimento, que toxicologia é o estudo analítico dos riscos que produtos químicos oferecem ao ser humano.
3. "A análise toxicológica de produtos químicos está relacionada, em medicina do Trabalho, ao trabalho realizado por profissionais da saúde ocupacional". / O trabalho que profissionais de saúde ocupacional realizam relaciona a análise toxicológica de produtos químicos pela Medicina do Trabalho.
4. "Estando elas, ou não, dentro dos limites de tolerância fixados pela legislação pertinente". / A legislação pertinente fixará limites de tolerância onde elas podem estar, ou não.
5. "No Brasil, poucos são os produtos químicos cujos limites de tolerância são fixados". / Fixa-se poucos limites de tolerância para os produtos químicos, no Brasil.

27. (PF) A língua possibilita diferentes maneiras de se dizer a mesma coisa, com pequenas alterações morfossintáticas. Uma delas diz respeito à mudança da voz verbal, da ativa para a passiva, ou vice-versa. Julgue se as reescrituras que se seguem, feitas em voz passiva, mantêm o mesmo sentido das respectivas passagens no texto.
1. "As crianças não recebem números ao nascer". / *Números não são atribuídos às crianças ao nascer*.
2. "A numeração pura e simples viria garantir identidade insofismável". / *Identidade*

insofismável viria ser garantida pela numeração pura e simples.
3. "Fruir a graça das coisas naturais e o que lhes acrescentou a imaginação humana. / *A fruição da graça pelas coisas naturais foi acrescentada ao prazer pela vida por conta da imaginação humana*.
4. "Território quase só mistério que aos poucos se foi desbravando, mantendo ainda bolsões de sombra". / *Território quase só mistério, aos poucos foi sendo desbravado, mantendo ainda bolsões de sombra*.
5. "Meu querido e desconhecido irmão no 100.000.000, onde quer que estejas nascendo, fica de olho no futuro, presta atenção nas coisas para que não façam de ti subproduto de consumo, e boa viagem pelo século XXI adentro". / *Onde quer que estejas por nascer, meu querido e desconhecido irmão no 100.000.000, olha bem o futuro, presta atenção nas coisas, para que não sejas feito um subproduto de consumo e viajes bem pelo século XXI adentro*.

28. (BC – Esaf) Analise os itens a respeito das formas verbais no texto.
Uma profunda transformação tecnológica será promovida nos bancos brasileiros neste primeiro semestre para que eles se adaptem às normas determinadas pelo Banco Central (BC), que preveem a reestruturação do Sistema de Pagamentos Brasileiro (SPB). O novo modelo entra em vigor no dia 1o de outubro, quando já deve estar em funcionamento a transferência de grandes valores com liquidação bruta em tempo real e o monitoramento on line da conta reservas bancárias mantida no BC, que se livrará da obrigação de cobrir os saldos negativos deixados pelos bancos nas operações dia-a-dia. Se, de um lado, as cerca de 170 instituições financeiras movimentam-se para modernizar seu aparato tecnológico, de outro as indústrias de software travam uma batalha para conquistar uma fatia dos investimentos que serão feitos (*Gazeta Mercantil*, 20/2/2001, com adaptações).
I. Mantém-se a correção gramática e a ideia de voz passiva ao se substituir a expressão verbal "será promovida" (l. 1) por promover-se-á.
II. O emprego do modo verbal de "adaptem" (l. 2) é exigência da estrutura sintática iniciada por "para que".
III. O emprego de "preveem" (l. 3) segue as regras de conjugação de outros verbos do mesmo paradigma, como prevenir e vir.
IV. O emprego do tempo presente em "entra em vigor" (l. 3/4) desrespeita as regras da conjugação verbal e da coerência textual porque o texto pede que aí se empregue o futuro entrará.
Estão corretos apenas os itens:
a) I e II;
b) I, II e IV;
c) II e III;
d) II, III e IV;
e) III e IV.

14.18. Tempos compostos

Os tempos compostos serão formados através do verbo auxiliar TER ou HAVER acompanhado do verbo principal no particípio. Para o candidato, torna-se deveras importante saber o tempo do verbo auxiliar, mas não como fim, e sim como meio. Utilize a tabela e os exemplos a seguir para esclarecimentos sobre o assunto.

TEMPOS COMPOSTOS	**VERBOS AUXILIARES**	
	INDICATIVO	SUBJUNTIVO
PRETÉRITO PERFEITO	PRESENTE tenho / hei	PRESENTE tenha / haja
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO	PRETÉRITO IMPERFEITO tinha / havia	PRETÉRITO IMPERFEITO tivesse / houvesse
FUTURO	FUTURO terei / haverei	FUTURO tiver / houver
FUTURO DO PRETÉRITO	FUTURO DO PRETÉRITO teria / haveria	_____

Ex.: Na forma verbal TENHO DITO, você deve atentar-se para o tempo do verbo auxiliar "tenho" (presente do indicativo). Aplique essa informação na tabela acima e poderá concluir que a locução está no pretérito perfeito composto do indicativo.

Já na forma verbal sublinhada na frase "Eu desejo que eles já tenham feito o exercício.", como o verbo auxiliar "tenham" encontra-se no presente do subjuntivo, a composição estará no pretérito perfeito do subjuntivo – tempo este que não existe nas formas verbais simples.

Na frase "Quando eu recebi o dinheiro, elas já tinham vendido o apartamento.", como o verbo auxiliar "tinham" está no pretérito imperfeito do indicativo, a composição está no pretérito mais-que-perfeito do indicativo.

No fragmento "se eles houvessem estudado...", o verbo auxiliar "houvessem" está no pretérito imperfeito do subjuntivo, levando-nos a concluir que a forma verbal composta encontra-se no pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo – outra forma verbal que não contém correspondência nos tempos simples.

No período "Quando o professor chegar, eu já terei feito todos os exercícios.", o verbo auxiliar "terei" encontra-se no futuro do presente do indicativo, levando a composição ao futuro composto do indicativo.

Na frase "Se ele tiver feito os exercícios, haverá aprendido a matéria", o verbo auxiliar "tiver" está no futuro do subjuntivo, portanto a composição

está no futuro composto do subjuntivo.

No período "Se você houvesse trazido água, eu a teria bebido", o verbo auxiliar "teria" encontra-se no futuro do pretérito do indicativo, portanto a forma verbal composta está no futuro do pretérito composto do indicativo.

Obs.:

1) É importante frisar que verbos auxiliares em um determinado modo (indicativo ou subjuntivo) só podem formar tempos compostos no mesmo modo verbal.
2) É fundamental compreender que, entre as formas verbais simples e compostas, há uma correspondência de nomenclatura; no entanto, inexiste correspondência semântica. O pretérito perfeito simples do indicativo e o pretérito perfeito composto do indicativo possuem valores diferentes.

   Ex.: O pretérito perfeito simples do indicativo, como já foi dito no início do capítulo, indica uma ideia de evento passado já realizado, finalizado, não costumeiro (Li jornal ontem.). Já o pretérito perfeito composto do indicativo demonstra um fato que tem seu início em um ponto passado, mas que se estende, pelo menos, até o momento presente – momento da confecção do texto (Tenho lido jornal).

   O futuro do presente simples do indicativo demonstra um evento que se inicia em um ponto futuro em relação ao momento em que o texto foi escrito (Farei o trabalho amanhã).

   Já o futuro composto do indicativo explicita um evento futuro em relação ao momento do texto, porém necessariamente anterior a um outro evento exposto (Quando você chegar, eu já terei feito o trabalho).

   Dentre os tempos simples e compostos, o único que possui sempre o mesmo valor semântico é o pretérito mais-que-perfeito do indicativo – evento passado anterior a outro evento passado (Quando Maria me indicou a rua certa, eu já entrara na errada). Neste caso, a substituição de "entrara" por "tinha entrado" (pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo) não gera prejuízo semântico para o período.
3) Além dos tempos já mencionados na tabela, há mais dois outros: o infinitivo composto – com o verbo auxiliar no infinitivo (ter/haver feito) – e o gerúndio composto – com o verbo auxiliar no gerúndio (tendo/havendo feito).

14.18.1. Exercícios

1. Dê os tempos, respectivamente, em que se encontram as seguintes formas verbais

compostas:
1 – HOUVÉSSEMOS FEITO
2 – TENHAMOS EXPLICADO
3 – TENS LEMBRADO
4 – HAVIAM TRAZIDO
a) Pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo – pretérito perfeito do subjuntivo – pretérito perfeito do indicativo – pretérito mais-que-perfeito do indicativo.
b) Pretérito mais-que-perfeito do indicativo – pretérito perfeito do indicativo – pretérito perfeito do subjuntivo – pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo.
c) Pretérito imperfeito do subjuntivo – presente do subjuntivo – presente do indicativo- pretérito imperfeito do indicativo.
d) Pretérito mais-que-perfeito do indicativo – presente do indicativo – presente do subjuntivo, pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo.
e) Pretérito perfeito do indicativo – pretérito mais-que-perfeito do indicativo – pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo – pretérito perfeito do subjuntivo.

2. (Uni-Rio) Em "Basta que ele <u>tenha existido</u>", a forma verbal está no:
a) perfeito composto do indicativo;
b) mais-que-perfeito composto do subjuntivo;
c) presente composto do subjuntivo;
d) mais-que-perfeito composto do indicativo;
e) perfeito composto do subjuntivo.

3. (Professor Superior/Fesp) Nas orações apresentadas abaixo, os tempos verbais destacados classificam-se, respectivamente, como:
I – Se dependesse de mim, teria vetado.
II – Nunca ouvi dizer que uma dessas trocas tenha tido resultado aproveitável.
a) particípio composto e pretérito perfeito composto do indicativo;
b) pretérito perfeito composto do indicativo e pretérito imperfeito do subjuntivo;
c) futuro do pretérito composto do indicativo e presente composto do indicativo;
d) futuro do pretérito composto do indicativo e pretérito perfeito composto do subjuntivo;
e) futuro do presente composto do indicativo e pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo.

4. (Técnico Judiciário – TRE-SP – FCC) ***Já <u>tenho lido</u> que ele usa uma língua misturada de italiano e português*.**
No segmento grifado acima, Antonio Candido usou determinada forma verbal que poderia ser substituída, sem prejuízo para correção e a lógica, por:
a) li;
b) lia;
c) lera;
d) leria;
e) leio.

5. (Fuvest) Passando-se o verbo do trecho: "aquilo que o auditório já sabe" para o futuro composto do subjuntivo, obtém-se a forma verbal:
a) terá sabido;
b) ter sabido;
c) tiver sabido;
d) tenha sabido;
e) souber.

6. Marque a opção em que a forma verbal do tempo composto corresponde à forma verbal do tempo simples, modificando o modo, na frase abaixo:
"Quando eu cheguei, ela já saíra".
a) tinha saído
b) tenha saído
c) tem saído
d) tivesse saído
e) teria saído

7. (Faap) "Os infantes não chegariam lá, ou, se chegassem, seria a duras penas ..." As formas verbais compostas correspondentes às formas simples destacadas são, respectivamente:
a) tinha chegado – tivessem chegado
b) não há – tinha chegado
c) teriam chegado – têm chegado
d) terão chegado – tivessem chegado
e) teriam chegado – não há

8. (NCE) "Cidadezinha que não coube no mapa..."
Assinale o item que apresenta o tempo composto correspondente à forma verbal sublinhada:
a) tivesse cabido
b) tinha cabido
c) têm cabido
d) tenha cabido
e) tem cabido

9. (UFRJ) A forma verbal "expôs" corresponde à terceira pessoa do singular do pretérito perfeito simples do indicativo. Como seria a forma dessa mesma pessoa no pretérito perfeito composto do indicativo?
a) havia exposto
b) tinha exposto
c) tem exposto
d) teve exposto

e) foi exposto

10. (Analista – TRE-TO – FCC) ***Minha outra mulher teve uma educação rigorosa, mas mesmo assim mamãe nunca entendeu por que eu escolhera justamente aquela, entre tantas meninas de uma família distinta*.**
O verbo grifado na frase acima pode ser substituído, sem que se altere o sentido e a correção originais, e o modo verbal, por:
a) escolheria;
b) havia escolhido;
c) houvera escolhido;
d) escolhesse;
e) teria escolhido.

14.19. Exercícios de revisão

1. (Analista Judiciário – Informática – TJ-RJ – FCC) ... ***dia em que a circulação duplicava*.**
O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está em:
a) ... *e já fez muitas moçoilas e rapazes barbados chorarem*.
b) ... *editaria a obra às próprias custas* ...
c) ... *a produção jornalística é pouco divulgada*.
d) *Macedo era mesmo um agitador.*
e) *Nosso escritor usaria de suas boas relações* ...

2. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) Ambos os segmentos do texto têm o verbo empregado nos mesmos tempo e modo:
a) *O humor que perdura na* Belle Époque *brasileira*... // ... *embora nem sempre esta imagem corresponda à realidade*.
b) ... *transformações sociais que elas traziam. // ... esta mesma ansiedade expressava-se*...
c) *Abre-se um espaço para a representação humorística... //... que seriam a própria negação do progresso*...
d) ... *embora nem sempre esta imagem corresponda à realidade. // ... uma atmosfera que ansiava por cosmopolitismo*...
e) ... *transformações sociais que elas traziam. // ... que seriam a própria negação do progresso*...

3. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – FCC) Fomos uma geração de bons meninos.
O verbo empregado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:
a) Nos anos de 1970 e 80 ainda surgiram heróis interessantes...
b) Os heróis eram o exemplo máximo de bravura, doação pessoal e virtude.
c) Atualmente não sei.
d) Gibis abasteciam de ética o vasto campo da fantasia infantil...

e) ... mas alguns parecem cheios de rancor...

4. (AFC – Esaf) Assinale a opção que foi transcrita <u>com problemas</u> na correlação dos tempos verbais.

a) Em setembro de 1998, pesquisa realizada com o apoio do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) procurou medir a capacidade do trabalhador brasileiro de entender o que lê e estabelecer relações entre quantidades expressas em números, com critérios semelhantes aos usados nos países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), que reúne os 29 principais países industrializados.

b) Seria assustador que 82% dos entrevistados não entenderam a conta de juros reais que incidam, por exemplo, na prestação de um eletrodoméstico. Na era da informática, que tipo de oportunidade profissional pode ter uma pessoa com tais carências de qualificação?

c) A pesquisa, realizada em várias cidades brasileiras, entre a população de baixa escolaridade, entre 15 e 55 anos, mostrou que, entre 69% e 81% (conforme a região) dos 2 mil entrevistados, quando solicitados a analisar texto informativo simples, apenas reconheciam o tema, sem assimilar o sentido do texto.

d) A oferta de escolaridade combate o analfabetismo absoluto, como prova o caso brasileiro, mas não garante capacidade de apreensão, compreensão e concentração que os empregos modernos exigem.

e) Por isso a Unesco insiste em que é preciso "educação de qualidade". Alfabetizar custa pouco – o Comunidade Solidária gasta US$ 34 *per capita*. Educar para o moderno mercado de trabalho tem custo bem mais elevado, mas são poucos os países dispostos a pagá-lo.

(*O Estado de S. Paulo* – Notas e Informações, 22/4/2000, p. A3, com adaptações).

5. (AFC – Esaf) Assinale a opção em que a correlação entre tempos e modos verbais constitui <u>erro</u> de sintaxe.

a) Há pelo menos dois séculos, desde que Adam Smith inaugurou a profissão, os economistas consomem boa parte de seu tempo, enaltecendo os benefícios do livre comércio e pregando a liberdade econômica.

b) O mundo perfeito, garantem, é aquele em que não há nenhum tipo de obstáculo ao fluxo de mercadorias, pessoas e ideias.

c) Deixada sem amarras, a economia funcionaria de maneira harmoniosa, regida por uma mão invisível que a fazia viver sempre em equilíbrio.

d) Presa, seria como uma máquina com areia nas engrenagens, cujo atrito traria desperdício de energia e empobreceria os cidadãos.

e) A virada do milênio reservou um paradoxo e tanto para os seguidores do economista escocês. Nunca como agora o mundo aderiu com tanta garra a suas teses.

(Adaptado de *Exame*, 1/11/2000, p.135)

6. (AFC – Esaf) Assinale a opção em que a flexão verbal constitui <u>erro</u> de construção sintática:

a) A luz elétrica aumentou o número de horas de trabalho, e as estradas de ferro permitiram que os produtos e as pessoas circularem muito mais fácil e rapidamente.
b) As invenções de maior impacto científico e social não são as que promovem necessariamente os maiores ganhos econômicos.
c) A prensa tipográfica, para alguns a invenção mais importante do milênio, teve pouco efeito mensurável sobre o crescimento da produção per capita.
d) Cientificamente falando, talvez a *Internet* não seja tão significativa quanto a prensa, o telégrafo ou a eletricidade, mas seu impacto econômico é provavelmente muito maior.
e) Um dos motivos disso seria o fato de que o custo das comunicações nas tecnologias anteriores nunca caiu tanto como agora.
(Adaptado de *Negócios Exame*, p. 94.)

Leia o texto seguinte para responder à questão 7 (TFC – Esaf).

1	O saber produzido pelo Iluminismo não conduzia à emancipação e sim à técnica e ciência moderna que mantêm com seu objeto uma relação ditatorial. Se Kant ainda podia acreditar que a razão humana permitiria emancipar os homens de seus entraves, auxiliando-os a dominar e controlar a natureza externa e interna, temos de reconhecer
5	hoje que essa razão iluminista foi abortada. A razão que hoje se manifesta na ciência e na técnica é uma razão instrumental, repressiva. Enquanto o mito original se transformava em Iluminismo, a natureza se convertia em cega objetividade. Inicialmente a razão instrumental da ciência e técnica positivista tinha sido parte integrante da razão iluminista, mas no decorrer do tempo ela se autonomizou,
10	voltando-se inclusive contra as suas tendências emancipatórias.

(B. Freitag, *A Teoria Crítica Ontem e Hoje*, p. 35, com adaptações).

7. Indique a afirmação <u>incorreta</u> a respeito do emprego das formas verbais no texto:
a) O verbo "mantêm" (l. 2) refere-se tanto a "técnica" quanto a "ciência moderna".
b) O emprego do futuro do pretérito em "permitiria" (l. 3) ressalta a possibilidade de ocorrer a ação expressa pelo verbo seguinte, "emancipar" (l. 3), não sua ocorrência real.
c) Conserva-se a correção gramatical da oração retirando-se a vírgula e substituindo-se a forma de gerúndio "auxiliando-os" (l. 3) por e *auxiliá-los*.
d) Conserva-se a correção gramatical ao substituir "foi abortada" (l.5) por *abortou-se*.
e) A locução verbal "tinha sido" (l.8) está no singular para concordar com "técnica positivista" (l.8).

8. (Sefaz – Pará – Esaf) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas.
Pela primeira vez na história, uma dúzia de países – sem guerra nem violência, somente com negociações e entendimento democrático – parte essencial de sua soberania para uma moeda única ao bem-estar
coletivo. problemas no horizonte. Mas esse empreendimento admirável do Velho Mundo já está servindo aos interesses dos brasileiros.
(Luiz Felipe de Alencastro, *Veja*, 16/1/2002, p. 22.)
a) abandonam – criarem – com o visto – A
b) abandona – criar – visando – Há
c) abandonaram – criarem – com vistas – A
d) abandona – criarem – com vista – Haverão

e) abandonam – criar – para visar – Haverão

9. (Sefaz – Pará – Esaf) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas.
Se a Espanha – a segunda maior investidora na Argentina (25,7% dos investimentos estrangeiros) e no Brasil (15,6% dos investimentos) – não escorada pelo euro, a peseta e a economia espanhola rolado ladeira abaixo. No contexto pós-Guerra Fria, em que a hegemonia americana que as nações se esborrachem, a crise argentina uma dimensão muito mais ampla, atingindo o Brasil em cheio.
(Luiz Felipe de Alencastro, *Veja*, 16/1/2002, p. 22.)
a) está – terão – deixava – tomava
b) esteve – terão – deixa – tomava
c) estava – teriam – deixava – tomou
d) estivesse – teriam – deixa – tomaria
e) estivessem – teria – deixou – tomaria

10. (Sefaz – Pará – Esaf) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas.
No primeiro mundo, as taxas de crescimento para a metade em relação ao que foram nos primeiros 20 anos após a Segunda Guerra Mundial, enquanto as taxas de desemprego , principalmente na Europa, e o milagre japonês
que aos anos 80, afinal nos anos 90. Na América Latina e no Leste Europeu, que se recusam a realizar o ajustamento fiscal nos anos 70, a crise se desencadeia nos anos 80 com muito mais violência.
a) reduzem – aumenta – sobreviveria – soçobraria
b) reduzem-se – aumenta – sobrevive – soçobra
c) reduziram – aumentam – sobrevivera – soçobram
d) reduziam – aumentaram – sobrevivera – soçobra
e) reduzem-se – aumentam – sobrevivera – soçobra

11. (AFC – Esaf) Indique a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.
É preciso que a discussão da reforma tributária norteada pela mesma premissa básica que inspirou várias propostas de reforma, defendidas tanto pelo Executivo como pelo Congresso, a partir do final de 1997. Por divergentes que , tais propostas partiram todas do mesmo diagnóstico. De que a reforma que necessária a eliminação dos tributos cumulativos, bem como do IPI, ICMS e ISS, e a introdução de uma forma de taxação indireta, centrada em esquema amplo e coerente de impostos sobre valor adicionado. A grande questão – e é nisso que as propostas é como fazer essa mudança.
(Adaptado de Rogério L. F. Werneck, *Estado de S. Paulo*, 27/10/2000.)
a) volta a ser – tenham sido – fazia-se – requer – divergem
b) volte a serem – fossem – se fez – requeresse – divergiram
c) volte a ser – tenham sido – se fazia – requeria – divergem
d) volte sendo – eram – se faria – requeriam – divergirão
e) voltem a ser – tivessem sido – fazia – requerem – diverge

12. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – FCC) ... *justamente onde funcionavam as principais repartições públicas da Colônia*.
O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está em:
a) *O tráfico negreiro, por si só, era um dos setores mais dinâmicos da economia.*
b) *O Valongo deixou de ser porto negreiro em 1831...*
c) *Os historiadores estimam...*
d) ... *a prefeitura pôs em execução uma ampla reforma da decadente zona portuária.*
e) ... *os burocratas começaram a ficar perturbados...*

TEXTO (MP) – RACISMO
O Globo, 13/7/2001
A imprensa brasileira vem noticiando uma proposta milionária do Lazio da Itália, que pretende adquirir o passe do zagueiro Juan por 10 milhões de dólares. Este é o time cuja torcida já agrediu o jogador brasileiro Antonio Carlos, do Roma, e perdeu o mando de campo por incitamento racista em pleno estádio.
Aqui fica uma sugestão a este jovem negro, atleta brasileiro de 22 anos, com um brilhante futuro profissional: recuse o convite e não troque o Brasil pela Itália, pois moedas não resgatam a dignidade. Diga não aos xenófobos e racistas.

13. (MP) "A imprensa brasileira vem noticiando..." Com a utilização do tempo verbal destacado, o autor do texto quer referir-se a uma ação que:
a) acaba de terminar;
b) acaba de começar;
c) se iniciou antes de outra ação passada;
d) se iniciou há pouco tempo e permanece no presente;
e) se repete no passado e no presente.

14. (MP) Considerando que a ação de agredir o jogador brasileiro Antonio Carlos ocorreu antes de o Lazio perder o mando do campo, ação também passada, o verbo "agredir" deveria estar no:
a) mais-que-perfeito do indicativo;
b) imperfeito do indicativo;
c) futuro do pretérito;
d) imperfeito do subjuntivo;
e) presente do subjuntivo.

15. (TRT) "... porque o trabalhador não tem interesse no resultado". A frase a seguir em que o verbo ter ou derivado é conjugado e grafado de forma correta é:
a) A lei não contem exceções.
b) Os advogados têem cópias das leis.
c) A leitura dos documentos entreteu os advogados.
d) Quando deter o marginal, o policial ficará satisfeito.

e) Quando retém os documentos, a escola contraria as leis.

16. (TRT) "... vieram a significar, no plano social..." O item a seguir em que o verbo destacado está conjugado erradamente é:
a) Se o virmos por lá, daremos o recado.
b) Os advogados interviram na discussão.
c) A empregada proveu a despensa com o necessário.
d) Quando vimos para cá, sentimo-nos contentes.
e) Os aparelhos provieram dos Estados Unidos.

17. (Fiscal de Rendas – SP)
Um dia ele chegou tão diferente do seu jeito de sempre chegar
Olhou-a de um jeito muito mais quente do que sempre costuma olhar
E não maldisse a vida quanto era o seu jeito de sempre falar.
(Trecho de Valsinha, de Chico Buarque de Holanda e Vinícius de Moraes).
Quanto ao tempo verbal, "maldisse" está para "maldizer" assim como:
a) previsse está prever;
b) proviu está para prover;
c) interveio está para intervir;
d) reouvesse está para reaver;
e) precavesse está para precaver.

18. (Bacen) Assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, as lacunas da frase abaixo.
Se que não pode mais amar-me, -me então.
Suas palavras amenas -me; nosso amor.
a) vir – esqueça – detiveram – protejamos
b) vires – esqueça – deteram – protejamos
c) veres – esquece – detiveram – protejamos
d) ver – esqueça – deteram – protejamos
e) vir – esquece – deteram – protejemos

19. (TRF) Das frases abaixo, a que contém erro de flexão verbal é:
a) Aqui se hastia a bandeira todo dia.
b) Nosso esforço será no sentido de obter outras propostas orçamentárias e aprovar a que melhor convier à Instituição.
c) Tais espetáculos incendeiam os espíritos e acirram os conflitos.
d) Se os municípios da região não se provessem do indispensável, grandes tragédias adviriam na época da seca.
e) Esperamos que eles vão até lá e que investiguem por eles mesmos.

20. (TRF) A respeito da frase "As negociações deverão ser concluídas até outubro", pode-se dizer que:

a) Está na voz passiva analítica, e na voz ativa ficaria "As negociações deverão concluir-se até outubro".
b) Está na voz passiva sintética, e na voz passiva analítica ficaria "Deverão concluir as negociações até outubro".
c) Está na voz passiva sintética, e na passiva analítica ficaria "As negociações deverão concluir-se até outubro".
d) Está na voz passiva analítica, e na voz passiva sintética ficaria "Dever-se-ão concluir as negociações até outubro".
e) Está na voz passiva analítica, e na voz reflexiva ficaria "As negociações deverão concluir-se até outubro".

21. (Fiscal de Rendas – SP) As lacunas dos trechos abaixo estão preenchidos, correta e respectivamente em:
É esperto: recorreria ao governo, se lhe . Com as reformas que virão, é bom que o contribuinte a ideia de sonegar impostos. dele quando afirma que os recursos não do Estado.
a) convesse – repele – Diverjo – provém
b) convisse – repile – Divirjo – provem
c) convisse – repila – Diverjo – provém
d) conviesse – repila – Divirjo – provêm
e) conviesse – repele – Divirjo – provém

22. (TRF) Das frases abaixo, a que contém erro na flexão verbal é:
a) O acidente ocorreu porque o Rui não conseguir freiar o carro.
b) Se a comunidade nos provesse do equipamento de que necessitamos para prestar a ela mesma esse serviço, todos sairíamos ganhando.
c) Os espíritos se incendeiam toda vez que se fala em fazer justiça.
d) Se a associação se mantivesse coerente com sua própria doutrina, cresceria sua credibilidade.
e) Quem se interpuser entre o Ricardo e a Cristina não contará com o meu apoio.

23. (TRF) A opção em que a explicação dada para o sentido da forma verbal grifada está incorreta é:
a) No século III a. C. <u>chega</u> o latim à Península Ibérica: presente histórico.
b) Furacão <u>mata</u> 20 adultos e 3 crianças na Califórnia (manchete de jornal): presente com valor de pretérito.
c) Eu <u>aceitaria</u> um cafezinho: futuro do pretérito indicando momento posterior a um tempo passado.
d) Eu <u>aceitava</u> um cafezinho: pretérito imperfeito para indicar polidez.
e) Eu <u>aceito</u> um cafezinho: presente simultâneo ao momento da fala.

24. (PUC) Uma das alternativas abaixo está errada quando à correspondência no emprego dos tempos verbais. Assinale qual é esta alternativa.

a) Porque arrumara carona, chegou cedo à cidade.
b) Se tivesse arrumado carona, chegaria cedo à cidade.
c) Embora arrume carona, chegará tarde.
d) Embora tenha arrumado carona, chegou tarde.
e) Se arrumar carona, chegaria cedo à cidade.

25. (Cesgranrio) Não há devida correlação temporal das formas verbais em:
a) Seria conveniente que o leitor ficasse sem saber quem era Miss Dollar.
b) É conveniente que o leitor ficaria sem saber quem é Miss Dollar.
c) Era conveniente que o leitor ficasse sem saber quem é Miss Dollar.
d) Será conveniente que o leitor fique sem saber quem era Miss Dollar.
e) Foi conveniente que o leitor ficasse sem saber quem era Miss Dollar.

26. (NCE) Qual o valor do futuro do pretérito na frase seguinte: "Quando chegamos ao colégio em 1916, a cidade teria apenas uns cinquenta mil habitantes"?
a) Fato futuro, anterior a outro fato futuro.
b) Fato futuro, relacionado com o passado.
c) Suposição, relativamente a um momento futuro.
d) Suposição, relativamente a um momento passado.
e) Configuração de um fato já passado.

27. (Técnico Judiciário – TRE-SP – FCC) ... *em que as melhores cadências do samba e da canção se aliaram com naturalidade às deformações normais de português brasileiro*... O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:
a) *São Paulo muda muito...*
b) ... *para nos porem no Alto da Mooca...*
c) *Talvez João Rubinato não exista...*
d) ... *Adoniran não a deixará acabar...*
e) *Mas a cidade que nossa geração conheceu...*

28. (TRT – Fundec) Das frases abaixo, a única correta quanto à flexão verbal, de acordo com a norma culta da língua, é:
a) Se proporem uma outra crônica, argumente que não há mais espaço nesta edição.
b) Com a cooperação de todos, o jornalista creu que havia condição de escrever a reportagem.
c) Os candidatos só poderão se inscrever no concurso de crônicas, se o requiserem.
d) Os alunos de minha escola jamais obteram incentivo para redigir textos em crônicas.
e) Se o autor da crônica intervir na questão, não ocorrerão outras críticas ferinas.

29. (TRT – Fundec) Das alterações feitas na frase "Os pais não têm onde deixar suas crianças quando vão para a lavoura", aquela que está <u>incorreta</u> quanto à flexão verbal, de acordo com as normas da língua culta, é:
a) Os pais só entretêm as crianças quando se dispõem a brincar com elas.

b) Os pais só reveem as crianças quando refazem o caminho de volta para casa.
c) Os pais reouveram as crianças depois que se dispuseram a voltar para casa.
d) Os pais não se dispunham a ficar com as crianças quando estas lhes contradiziam as ordens.
e) Os pais desdisseram as crianças quando interviram em seus maus costumes.

30. (TRT – Fundec) Onde <u>se adotam</u> novos métodos.
A forma verbal que tem o mesmo sentido da grifada na frase acima é:
a) tinham adotado;
b) tem sido adotado;
c) se adotou;
d) é adotado;
e) são adotados.

31. (TRT – Fundec) de alguns estudos sobre o stress no trabalho, com resultados semelhantes, não os países.
a) Acabam – ser concluídos – importam.
b) Acaba – ser concluído – importam.
c) Acaba – ser concluído – importa.
d) Acabam – ser concluído – importam.
e) Acaba – ser concluídos – importa.

32. (TRT – Fundec) A reciclagem do lixo inorgânico também poderia gerar lucros.
Transpondo a frase acima para a voz passiva, a forma verbal passa a ser:
a) poderia ser gerado;
b) teriam podido gerar;
c) tinham gerado;
d) poderiam ser gerados;
e) pode ser gerado.

33. (Fundec – Proderj) Na correlação entre os dois verbos sublinhados no trecho "Do décimo andar à rua, <u>seria</u> a vertigem, se <u>chegássemos</u> muito à janela...", o enunciador manifesta uma atitude de:
a) Certeza, pois sabe que o fato não pode acontecer.
b) Subjetividade, pois não sabe se o fato tem possibilidade de acontecer.
c) Dúvida quanto à possibilidade de um fato acontecer, pois não há hipótese de o outro também acontecer.
d) Certeza quanto à possibilidade de um fato acontecer, na condição de também o outro acontecer.
e) Descrença sobre a realização do fato, pois está condicionado à realização de outro fato.

A CIÊNCIA

A ciência permanecerá sempre a satisfação do desejo mais alto da nossa natureza, a curioidade; ela fornecerá sempre ao homem o único meio que ele possui para melhorar a própria sorte (Renan).

34. (PC – NCE) O emprego do futuro do presente do indicativo no segmento significa:
a) certeza dos fatos futuros;
b) possibilidade de fatos futuros;
c) incerteza dos fatos futuros;
d) dúvida sobre os fatos futuros;
e) desejo do autor sobre os fatos futuros.

35. (Administrador – Petrobras – Cesgranrio) No poema, o verso "O português são dois" está de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa. A frase em que também se respeita a norma-padrão, com relação à concordância, é:
a) Na reunião, houveram muitos imprevistos.
b) Estranhou-se as mudanças na empresa.
c) Devem fazer cinco meses que não o vejo.
d) Precisam-se de vendedores nesta loja.
e) Pensou-se muito nas sugestões dos funcionários.

36. (Administrador – Transpetro – Cesgranrio) Num anúncio que contenha a frase "Vende-se filhotes de *pedigree*.", para adequá-lo à norma-padrão, será necessário redigi-lo da seguinte forma:
a) Vende-se filhotes que têm *pedigree*.
b) Vende-se filhotes os quais tem *pedigree*.
c) Vendem-se filhotes que tem *pedigree*.
d) Vendem-se filhotes que têm *pedigree*.
e) Vendem-se filhotes os quais tem *pedigree*.

37. (Técnico Ambiental – Petrobras – Cesgranrio) Na frase "Os brasileiros encaram o futuro com otimismo", que forma verbal substitui encaram, mantendo-se grafada corretamente?
a) Vem
b) Vêm
c) Veem
d) Vede
e) Venhem

38. (CNEN – NCE) "Um programa de educação infantil encontra a sua essência na proposta da vida regida pela castidade". O uso do presente do indicativo neste segmento do texto se justifica porque:
a) enuncia um fato atual;
b) indica estados permanentes;

c) expressa uma ação habitual;
d) dá vivacidade a fatos ocorridos;
e) marca um fato futuro, mas próximo.

39. (MP – NCE) "... uma liberdade até agora desconhecidas". O advérbio agora se refere a(o):
a) momento em que o texto é lido;
b) momento em que a lei exista;
c) momento em que o texto foi escrito;
d) momento futuro de liberdade e segurança;
e) qualquer momento.

40. (INPI – NCE) "As aeromoças ainda teriam tentado prendê-lo num compartimento na traseira, mas estava bloqueado". O emprego da forma verbal teriam tentado indica que a ação:
a) é uma possibilidade e não uma certeza;
b) ocorreu após largo espaço de tempo;
c) vai ocorrer num futuro próximo;
d) vai ocorrer num futuro distante;
e) ocorreu várias vezes no passado.

41. (INPI – NCE) "... desses mesmos sentimentos que têm levado o Brasil à beira do abismo..." A forma verbal têm levado indica uma ação:
a) que já terminou;
b) anterior a outra ação passada;
c) habitual no passado;
d) iniciada no passado que continua no presente;
e) iniciada no presente que continua no futuro.

42. (IBGE – NCE) "... que realmente havia levado a máquina para casa..." A forma verbal sublinhada equivale a:
a) levava;
b) levou;
c) leva;
d) levara;
e) levasse.

43. (NCE) "De repente foi assaltada por um adolescente..." Esta frase, na voz passiva analítica, tem como correspondente na voz ativa a frase:
a) De repente assaltou-se um adolescente.
b) Um adolescente, de repente, assaltou (a senhora)..."
c) De repente, uma senhora foi assaltada..."
d) De repente, um adolescente assalta (uma senhora)..."

e) Um adolescente foi assaltado por uma senhora, de repente.

44. (Técnico Judiciário – TRE-PE – FCC) Nos meses de verão, saíamos para um arrabalde mais afastado do bulício da Cidade, quase sempre Monteiro ou Caxangá.
A frase em que ambos os verbos grifados estão flexionados nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima é:
a) Atrás de casa, na funda ribanceira, corria o rio, à cuja beira se especava o banheiro de palha.
b) Talvez tivéssemos que voltar para o Recife, as águas tinham subido muito durante a noite...
c) Enquanto esperávamos o trem na Estação de Caxangá, fomos dar uma espiada ao rio à entrada da ponte.
d) ... que o riozinho manso onde eu me banhava sem medo todos os dias se pudesse converter naquele caudal furioso de águas sujas.
e) No dia seguinte, soubemos que tínhamos saído a tempo.

45. (Engepron – NCE) "Os aperfeiçoamentos do aparelho, com o tempo viriam, certamente, como depois vieram..." O emprego do futuro do pretérito, no caso, se justifica porque se trata de:
a) uma ação provável;
b) uma ação futura em relação ao tempo passado;
c) uma ação completamente passada;
d) um fato hipotético;
e) um fato que é fruto da imaginação humana.

46. (Técnico Judiciário – TRE-RN – FCC)
I. Nos versos *Agora eu era o herói e A gente agora já não tinha medo*, o uso do advérbio *agora* mostra-se inadequado, pois os verbos conjugados no pretérito imperfeito designam fatos transcorridos no tempo passado.
II. Em *Finja que agora eu era o seu brinquedo e Sim, me dê a mão*, os verbos grifados estão flexionados no mesmo modo.
III. Substituindo-se a expressão a *gente* pelo pronome *nós* nos versos *A gente agora já não tinha medo e Acho que a gente nem tinha nascido*, a forma verbal resultante, sem alterar o contexto, será *teríamos*.
Está correto o que se afirma em:
a) I, apenas;
b) II, apenas;
c) III, apenas;
d) I e II, apenas;
e) I, II e III.

47. (CBMERJ – NCE) "Mais uma vez vindos das casas e das fábricas". A forma VINDO corresponde ao particípio e ao gerúndio do verbo VIR. Assinale a frase abaixo em que a

forma corresponde ao particípio.
a) Vindo em crescimento, a poluição preocupa.
b) O lixo estava vindo para o aterro sanitário.
c) O lixo é recolhido, vindo, em seguida, para o aterro.
d) O lixo tem vindo todos os dias para o aterro.
e) Os caminhões estão vindo para o trabalho.

48. (Eletronorte – NCE) "Rodeados" é um adjetivo pertencente à mesma família do verbo "rodear". O item que apresenta uma forma equivocada desse verbo é:
a) Espero que vocês se rodeiem de pessoas capazes.
b) Não duvido de que nós nos rodeemos de espíritos fraternos.
c) O novo Papa se rodeará de líderes competentes.
d) Todos os presidentes se rodiavam de ministros inteligentes.
e) Nós nos rodeamos de coisas boas e caras.

49. (Eletronorte – NCE) "Quem foi neste verão..." A identificação do verão a que se refere o texto só é possível se soubermos:
a) a data da publicação do artigo;
b) quem é o autor do texto;
c) que estação predominava nessa época;
d) em que mês foi escrito o texto;
e) em que jornal ou revista o texto foi publicado.

50. (Esaf) Assinale a opção que resulta correta após a mudança dos tempos verbais do trecho a seguir.
"Se analisarmos o que aconteceu ao longo deste século, vamos perceber que aquelas características sofreram uma reversão".
a) Se analisamos o que aconteceu ao longo deste século, perceberíamos que aquelas características sofreram uma reversão.
b) Se analisássemos o que aconteceu ao longo deste século, perceberíamos que aquelas características sofreram uma reversão.
c) Se analisarmos o que aconteceu ao longo deste século, iríamos perceber que aquelas características sofreram uma reversão.
d) Se analisássemos o que aconteceu ao longo deste século, perceberemos que aquelas características sofreram uma reversão.
e) Se analisarmos o que aconteceu ao longo deste século, íamos perceber que aquelas características sofreram uma reversão.

51. (Esaf) Assinale a opção com erro.
a) O exército foi ao sítio de Canudos – no alto sertão baiano, a 400 km de Salvador – há quase cem anos, para caçar o maior de todos os subversivos de começo da República, líder de um movimento que provocou 20 mil mortes.
b) Fazem cem anos que Antônio Conselheiro, acossado pelas forças políticas da Bahia,

encerrou sua longa peregrinação pelo sertão e instalou-se no povoado de Canudos, às margens do rio Vasa-Barris, de onde jamais sairia.
c) Começou a escrever-se, aí, um dos capítulos mais amargos e sangrentos da história do país.
d) A Guerra dos Canudos, ocorrida entre 1896 e 1897, é apontada por historiadores como o grande genocídio da história do Brasil.
e) Foram necessárias quatro expedições do governo federal para acabar com o arraial – tido como foco de sediciosos monarquistas.

Capítulo 15

Sujeito

Sujeito é o termo com o qual o verbo é obrigado a concordar. Caso o sujeito se flexione, o verbo deverá acompanhá-lo em número e pessoa.

"O mar sem fim é portuguez" (sic) (Fernando Pessoa).

→ "O mar sem fim" é sujeito, pois, se passarmos este termo para o plural, o verbo será obrigado a acompanhá-lo: "Os mares sem fim são portugueses."

15.1. Sujeito simples

Há apenas um núcleo.

Ex.: "Começou a circular o expresso 2222..." (Gilberto Gil).

→ O sujeito desta oração absoluta é O EXPRESSO 2222, contudo o seu núcleo é apenas EXPRESSO.

15.2. Sujeito composto

Há mais de um núcleo.

Ex.: "João e Maria se entreolharam" (Luis Fernando Veríssimo).

→ JOÃO e MARIA são os núcleos do sujeito.

15.3. Sujeito inexistente ou oração sem sujeito

Ocorre com os verbos impessoais, ou seja, verbos que não possuem pessoa (sujeito).

– Verbos que indicam fenômenos da natureza em seu sentido denotativo.

Ex.: Ventou.

Choverá bastante amanhã.

Não nevou ontem.

Obs.: Na frase "Choverá laranja na feira amanhã", o verbo CHOVER está no sentido conotativo e possui um sujeito simples (laranja), inclusive podendo se perceber que, caso LARANJA seja flexionado para o plural, o verbo o acompanhará (CHOVERAM LARANJAS).

– Verbo HAVER no sentido de EXISTIR e de TEMPO PASSADO.

Ex.: "Onde há músculos em fúria em cada galho" (Castro Alves).

Deve haver muitos carros no estacionamento.

Havia muitos problemas. Tem que haver soluções.
Ele esteve aqui há cinco dias.
Eu voltei há três anos.

→ Observe que, nestas frases, o verbo é obrigado a permanecer na 3ª pessoa do singular.

– Verbo FAZER no sentido de TEMPO PASSADO.

Ex.: Faz vinte anos que a tragédia ocorreu.
Deve fazer quinze dias que João voltou de São Pedro.

→ Observe que, nestas frases, o verbo é obrigado a permanecer na 3ª pessoa do singular.

– o Verbo TRATAR, quando acompanhado do pronome SE não tendo referente.

Ex.: Trata-se de uma discussão descabida.

→ Repare que no exemplo não pode haver um elemento agente para o verbo TRATAR. A Esaf já utilizou este caso em prova.

– O verbo TER no sentido de EXISTIR, embora ainda seja considerado errado pela gramática – mesmo já ocorrendo tantos registros de seu uso na literatura –, já foi citado pelo NCE no concurso da Polícia Civil de 2001. É importante frisar que a banca não questionou o mérito de a frase estar certa ou errada, apenas indicou que, na frase "Nesta rua tem um bosque.", o verbo "TER" estaria sendo utilizado como impessoal. O gramático Celso Cunha o cita como linguagem coloquial.

– Verbos CHEGAR e BASTAR no sentido de PARAR.

Ex.: Chega de confusão! Basta de brigas!

15.4. Sujeito indeterminado

O sujeito existe, contudo não se torna possível identificá-lo.

– Verbos na 3ª pessoa do plural que não possuam determinante.

Ex.: "Ali pelas nove bateram na porta" (Luis Fernando Veríssimo).
Roubaram meu carro.
Picharam o muro.

→ Observe que alguém praticou essas ações, todavia inexiste a possibilidade de identificá-lo. Além disso, os três verbos na 3ª pessoa do plural (BATERAM, ROUBARAM e PICHARAM), não havendo qualquer elemento no contexto com quem estejam concordando, indicam que seus sujeitos são indeterminados.

Ex.: Eles aprontaram, quebraram a vidraça, roubaram meu carro, picharam

o muro.

→ Observe que as quatro formas verbais que aí aparecem (APRONTARAM, QUEBRARAM, ROUBARAM e PICHARAM) estão na terceira do plural, concordando com o termo ELES que aparece explícito na 1ª oração, portanto em todas as orações o sujeito é simples (eles).

Não pode haver sujeito indeterminado com outras pessoas do discurso, porque já ficaria óbvia ao menos uma das pessoas do sujeito.

Ex.: Fizemos o trabalho.

→ O sujeito é simples NÓS e nunca poderia ser considerado indeterminado, pois ao menos uma pessoa fica reconhecida nesta frase (EU – inserido semanticamente no pronome NÓS).

Ex.: Fizeste todo o trabalho.

→ TU é sujeito simples – identificável –, porquanto é a própria pessoa com quem se está falando.

– Verbos que não sejam transitivos diretos na 3ª pessoa do singular, ligados ao pronome SE.

Ex.: Precisa-se de muitas cervejas.

Assistiu-se a vários filmes.

→ Observe que os verbos são transitivos indiretos (PRECISAR e ASSISTIR) e ficam obrigatoriamente na 3ª pessoa do singular quando relacionados com o pronome SE.

Obs.: Se o verbo for TRANSITIVO DIRETO relacionado com o pronome SE, o assunto recairá sobre VOZ PASSIVA e o sujeito será o termo paciente. Ex.: Fez-se o trabalho. Fizeram-se os trabalhos.

→ Observe que o verbo FAZER é transitivo direto ligado ao pronome SE, fazendo com que o termo paciente se transforme em sujeito, portanto obrigando o próprio verbo a concordar com O TRABALHO – FEZ (SINGULAR) e OS TRABALHOS – FIZERAM (PLURAL).

– Verbos no infinitivo (3ª pessoa do singular) sem que haja a determinação explícita do sujeito.

Ex.: Convém estudar bastante. É fundamental ler jornal diariamente.

Obs.: A NGB não prevê a denominação SUJEITO OCULTO, apesar de Celso Cunha registrá-la. O NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO indica quatro acepções para a palavra OCULTO: 1) escondido, encoberto; 2) não devassado, inexplorado, desconhecido; 3) não manifesto, recôndito, secreto; 4) misterioso, sobrenatural.

Ex.: Na frase "Compramos um carro.", não se pode dizer que o sujeito é oculto – segundo os sentidos apontados no dicionário –, pois, apesar de o sujeito não ocorrer explícito, torna-se evidente, através da desinência número-pessoal, que se trata da pessoa "nós". É cabível, por outro lado, denominar este sujeito de desinencial.

15.5. Exercícios

1. Correlacione.
(1) SUJEITO SIMPLES
(2) SUJEITO COMPOSTO
(3) SUJEITO INDETERMINADO
(4) SUJEITO INEXISTENTE
( ) Admitiu-se o erro.
( ) Chegou-se a uma triste conclusão.
( ) Faz três meses da volta de Manoel.
( ) Choveram pedras nesta briga terrível.
( ) Ventava todos os dias em Granada.
( ) Derrubaram mais um governo na América Central.
( ) Tim Maia e sua banda não compareceram a outro espetáculo.
( ) Não se pedem favores nesta firma.
( ) Não se acreditou em nenhuma de suas palavras.
( ) Não voltarão mais para o Brasil meu irmão e sua esposa.
( ) Aqui se trata de doenças incuráveis.
( ) Trata-se de uma interpretação da lei.

2. (IME) Nas seguintes orações:
"Pede-se silêncio"; "A caverna anoitecia aos poucos"; "Fazia um calor tremendo naquela tarde"; o sujeito se classifica, respectivamente, como:
a) indeterminado, inexistente, simples;
b) oculto, simples, inexistente;
c) inexistente, inexistente, inexistente;
d) oculto, inexistente, simples;
e) simples, simples, inexistente.

3. (Analista Judiciário – TRE-PE – FCC)
O termo sublinhado em Sabe-se quão barbaramente <u>os ingleses</u> subjugaram os hindus exerce a função de ....., a mesma função sintática que é exercida por ..... na frase Cometeram-se incontáveis violências contra os hindus.
Preenchem corretamente as lacunas do enunciado acima, respectivamente:
a) objeto direto – **os hindus**.
b) sujeito – **os hindus**
c) sujeito – **violências**

d) agente da passiva – **os hindus**
e) agente da passiva – **violências**

4. (Unificado) Entre as frases abaixo, somente uma apresenta sujeito indeterminado. Assinale-a.
a) Há a marca da vida nas pessoas.
b) Não se necessita de lavadeira.
c) Vai um sujeito pela rua.
d) Não se engomou seu paletó.
e) Pede-se um pouco de paciência.

5. (FMU)
"Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heroico brado retumbante..."
O sujeito da afirmação com que se inicia o Hino Nacional é:
a) indeterminado;
b) um povo heroico;
c) as margens plácidas do Ipiranga;
d) do Ipiranga;
e) o brado retumbante.

6. (Técnico Judiciário – TRE-PA – FGV) ***Mas, afinal, qual a razão para se aumentar de forma tão extraordinária a dotação dos partidos?***
Assinale a alternativa que desempenhe, no texto, função sintática idêntica ao do termo grifado no período acima.
a) as dívidas de campanha- Muito simples: a necessidade de eles pagarem as dívidas de campanha.
b) meros instrumentos de tomada do poder – E não ser meros instrumentos de tomada do poder.
c) um agravante – No caso dos partidos políticos brasileiros, existe um agravante.
d) aparelhos ou feudos – Enfim, as máquinas partidárias muitas vezes se tornam aparelhos ou feudos controlados por poucos e financiados por todos nós.
e) suas propostas – Ambas as propostas visam trazer partidos e candidatos para as ruas, oferecendo suas propostas e buscando recursos para a sua existência e para as campanhas eleitorais.

7. (FMU) Há crianças sem carinho / Disseram-me a verdade / Construíram-se represas. Os sujeitos das orações acima são, respectivamente:
a) inexistente, indeterminado, simples;
b) indeterminado, implícito, indeterminado;
c) simples, indeterminado, indeterminado;
d) inexistente, inexistente, simples;
e) indeterminado, simples, inexistente;

8. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – FCC) ... *das varandas pendiam* ***colchas, toalhas bordadas e outros adereços*****.**
O segmento grifado exerce na frase acima a função de:
a) sujeito;
b) objeto direto;
c) objeto indireto;
d) adjunto adverbial;
e) adjunto adnominal

9. (UM-SP) O sujeito é simples e determinado em:
a) Há somente um candidato ao novo cargo, doutor?
b) Vive-se bem ao ar livre.
c) Na reunião de alunos, só havia pais.
d) Que calor, filho!
e) Viam-se eleitores indecisos durante a pesquisa.

10. (UM – SP) Preencha a segunda coluna conforme o código estabelecido na primeira e assinale a alternativa correta de acordo com essa relação.
(1) sujeito determinado simples
(2) sujeito indeterminado
(3) sujeito desinencial (implícito na terminação verbal)
(4) sujeito paciente
(5) sujeito inexistente
( ) Era um mistério curioso aquela vida.
( ) No auge da rebelião, houve um tiroteio de quinze minutos entre policiais e bandidos.
( ) Quando se dispõe de força interna, vive-se melhor.
( ) Corrigiram-se os artigos após a última emenda do jornalista.
( ) Nem quererá despejá-lo imediatamente.
a) 5 – 3 – 2 – 1 – 4
b) 5 – 3 – 2 – 4 – 1
c) 1 – 5 – 2 – 4 – 3
d) 1 – 3 – 5 – 2 – 4
e) 1 – 5 – 3 – 2 – 4

11. (Proc. Geral da Justiça – RJ – NCE) "O Brasil não conseguirá resolver os problemas da miséria e da infância abandonada em 1994..."
Se transformarmos esta oração do texto numa oração de sujeito indeterminado, qual seria uma de sua possíveis formas?
a) Não conseguiremos resolver os problemas da miséria e da infância abandonada em 1994.
b) Não se conseguirá resolver os problemas da miséria e da infância abandonada em 1994.

c) Não se conseguirão resolver os problemas da miséria e da infância abandonada em 1994.
d) Os problemas da miséria e da infância abandonada não conseguirão ser resolvidos em 1994.
e) Não conseguirão resolver os problemas da miséria e da infância em 1994.

12. (An. Jud. – TRE – RJ – NCE) O segmento do texto que apresenta um sujeito posposto ao verbo é:
a) "Anestesiada e derrotada, a sociedade nem está percebendo a enorme inversão de valores em curso."
b) "Parece aceitar como normal que um grupo de criminosos estenda faixas pela cidade e nelas fale de paz."
c) "Há um coro, embora surdo, que tenta retratar criminosos como coitadinhos..."
d) "Coitadinhos e vítimas de um sistema ineficiente, aqui, são os parentes dos abatidos pela violência..."
e) "Mas não merecem um micrograma que seja de privilégios..."

13. (INPI – NCE) O segmento do texto em que o sujeito está posposto ao verbo é:
a) Isto não acontecerá de novo...
b) Segundo os relatos, o animal foi embarcado no dia 17 de outubro...
c) E mais, nele viajou por seis horas.
d) ... garante um representante da empresa.
e) Há coisas que só acontecem nos Estados Unidos.

Capítulo 16

Predicado

O predicado representa a soma de todos os elementos da oração, exceto o sujeito e o vocativo.

Ex.: Sinfronésia morreu. SINFRONÉSIA é sujeito; MORREU, predicado.

16.1. Predicado nominal

Ocorre quando o núcleo é o predicativo. Há a necessidade de um verbo de ligação relacional, ou seja, verbos que expressem apenas a relação de estado ou qualidade entre o sujeito e o elemento que o adjetiva. São verbos de ligação SER, ESTAR ou qualquer outro que contenha o mesmo valor semântico. Contudo, ainda há uma outra condição para o verbo ser de ligação: a necessidade da existência do predicativo. Aí ocorre uma outra exigência: como muito bem esclarece Celso Cunha, somente o substantivo, o adjetivo, o pronome, o numeral e a oração (como veremos em orações substantivas) podem funcionar como predicativo. Normalmente o predicativo varia em gênero e número consoante o termo que qualifica.

Ex.: Maria está cansada.

→ ESTÁ é verbo de ligação, pois há um termo variável (CANSADO – CANSADA – CANSADOS – CANSADAS) qualificando o sujeito. Como há, então, o verbo de ligação, o predicado é nominal. CANSADA é o predicativo do sujeito, portanto é o núcleo do predicado nominal.

"Eu sou uma escrava" (Bernardo Guimarães).

→ O verbo SER é de ligação, pois o termo UMA ESCRAVA é variável e funciona como predicativo do sujeito.

"Os meses de verão em Lisboa eram depois dolorosos" (Eça de Queirós).

→ Observe que o adjetivo "dolorosos" já está flexionado no plural, concordando com o núcleo do sujeito "meses".

→ "O resto está no escritório, na minha banca" (Graciliano Ramos).

ESTÁ não é verbo de ligação, uma vez que inexiste o predicativo (NO ESCRITÓRIO é adjunto adverbial de lugar, ou seja, não funciona como

predicativo). "ESTÁ" é verbo intransitivo e o predicado é verbal.

Obs.: O Professor Evanildo Bechara aduz que outras classes gramaticais também poderiam funcionar como predicativo, dentre eles o advérbio, expondo os seguintes exemplos: "Os vizinhos estão bem"; "Os jovens são assim".

16.2. Predicado verbal

Ocorre quando o núcleo é um verbo que não seja de ligação, ou seja, um verbo transitivo direto, verbo transitivo indireto, verbo transitivo direto e indireto ou verbo intransitivo (verbos nocionais que expressam ação, fenômeno ou movimento).

Ex.: "Tenho cá meus motivos..." (Bernardo Guimarães).

→ TENHO é verbo transitivo direto, funcionando como núcleo do predicado verbal.

16.3. Predicado verbo-nominal

Ocorre quando há dois núcleos: um verbal (que não seja verbo de ligação) e outro nominal (predicativo).

Ex.: "Uma das religiosas apanhou-o ligeira e cheia de misericórdia" (Eça de Queirós).

→ APANHOU é verbo transitivo direto, formalizando o predicado verbal e LIGEIRA E CHEIA (termos variáveis que qualificam UMA DAS RELIGIOSAS), predicativos do sujeito, formalizando o predicado nominal. Temos, portanto, três núcleos, um verbal (COMPREI) e dois nominais (LIGEIRA e CHEIA); sendo assim, o predicado é verbo-nominal.

"Quaresma vinha desanimado" (Lima Barreto).

→ VINHA é verbo intransitivo, já caracterizando, portanto, o núcleo do predicado verbal e DESANIMADO é predicativo do sujeito, núcleo do predicado nominal. Logo o predicado é verbo-nominal.

Obs.: O predicado verbo-nominal também pode ser caracterizado com a ocorrência do predicativo do objeto. O predicativo, no caso, em vez de qualificar o sujeito, qualifica o objeto – mais adiante veremos a diferença entre predicativo do objeto e adjunto adnominal.

Ex.: Considero este assunto interessante.

→ Observe que "interessante" está qualificando o objeto direto "este assunto".

Chamei ao aluno de amigo.

→ O predicativo do objeto "de amigo" que se encontra preposicionado qualifica o objeto indireto "ao aluno".

16.4. Exercícios

1. Correlacione.
(1) PREDICADO NOMINAL
(2) PREDICADO VERBAL
(3) PREDICADO VERBO-NOMINAL
( ) Ficarei aqui.
( ) Ficarei extremamente assustado.
( ) Ela anda muito perturbada ultimamente.
( ) Ela anda muito bem.
( ) Ela anda todos os dias em volta do Maracanã.
( ) Ela anda todos os dias apressada em volta do Maracanã.
( ) Ele sempre chega atrasado ao trabalho.
( ) Permaneceu calado diante do problema.
( ) Permaneceu no Rio de Janeiro por motivos particulares.
( ) Ele pedirá este favor a você extremamente envergonhado.
( ) Achamos o livro muito bom.

2. (Rural) Assinale a passagem onde se indica erroneamente a predicação do verbo em destaque.
a) "Também não cantarei o mundo futuro" (transitivo direto).
b) "Estou preso à vida" (de ligação).
c) "Vamos de mãos dadas" (transitivo indireto).
d) "Não direi os suspiros ao anoitecer" (transitivo direto).
e) "Não fugirei para as ilhas" (intransitivo).

3. (IME) Numa oração do tipo: "As meninas assistiram alegres ao espetáculo", temos:
a) predicado verbal;
b) predicado verbo-nominal;
c) predicado nominal.

4. (Unificado) Em relação à predicação verbal, marque a opção em que a classificação apresentada corresponde ao verbo do respectivo exemplo.
a) Verbo transitivo direto – "entrava a polícia".
b) Verbo transitivo direto – "Quer entregar-ma?..."
c) Verbo de ligação – "Onde está ela?"
d) Verbo intransitivo – "ia atrás, pálido, com as mãos cruzadas nas costas".
e) Verbo transitivo direto e indireto – "parava à porta da rua uma carruagem".

5. Correlacione corretamente a 1a coluna de acordo com a 2a e assinale a opção que corresponde à sequência correta.
( ) Ele anda muito bem, principalmente depois que recebeu as notícias alegres.
( ) Ele andou ontem pela cidade inteira.

( ) Ele anda extremamente desgastado porque está trabalhando demasiadamente.
( ) O prefeito andou ontem pela cidade muito preocupado com os engarrafamentos.
(1) Predicado nominal
(2) Predicado verbal
(3) Predicado verbo-nominal
a) 2 – 2 – 1 – 3
b) 1 – 2 – 1 – 3
c) 1 – 2 – 3 – 2
d) 2 – 2 – 3 – 2

6. (Cespe-UnB) "Mas hoje ele fez um negócio que me deixou 'encucado'..."
No trecho, a oração sublinhada contém um predicado:
a) Verbal com adjunto adverbial de modo;
b) Nominal com predicativo do sujeito;
c) Verbo-nominal com predicativo do objeto indireto;
d) Verbal com adjunto adnominal do objeto direto;
e) Verbo-nominal com predicativo do objeto direto.

7. (PUC) Na oração: "A inspiração é fugaz, violenta", podemos afirmar que o predicado é:
a) Verbo-nominal, porque o verbo é de ligação e vem seguido de dois predicativos.
b) Nominal, porque o verbo é de ligação.
c) Verbal, porque o verbo é de ligação e são atribuídas duas caracterizações ao sujeito.
d) Verbo-nominal, porque o verbo é de ligação e vem seguido de dois advérbios de modo.
e) Nominal, porque o verbo tem sua significação completada por dois nomes que funcionam como adjuntos adnominais.

8. (TTN) Observe as duas orações abaixo:
I – Os fiscais ficaram preocupados com o alto índice de sonegação fiscal.
II – Houve uma sensível queda na arrecadação do ICM em alguns Estados.
Quanto ao predicado, elas classificam-se, respectivamente, como:
a) nominal e verbo-nominal;
b) verbo-nominal e verbal;
c) nominal e verbal;
d) verbal e verbo-nominal;
e) verbal e nominal.

9. (Unimep-SP)
I. Pedro está adoentado.
II. Pedro está no hospital.
a) O predicado é verbal em I e II.
b) O predicado é nominal em I e II.
c) O predicado é verbo-nominal em I e II.
d) O predicado é verbal em I e nominal em II.

e) O predicado é nominal em I e verbal em II.

Capítulo 17

Predicativo

Predicativo é o vocábulo variável que possui como função qualificar um ser.

17.1. Do sujeito

Palavra variável que dá qualidade ao sujeito, estando afastado deste por verbo. Somente o substantivo, o adjetivo, o numeral, o pronome e uma oração podem funcionar como predicativo.

Ex.: Maria devia ser bonita.

→ BONITA é um termo variável que dá qualidade ao sujeito MARIA, estando afastado deste termo por verbo (DEVE SER).

17.2. Do objeto

Palavra variável que dá qualidade ao OBJETO.

Ex.: "... e acabou alcunhando-me Dom Casmurro" (Machado de Assis).

→ DOM CASMURRO qualifica o objeto direto ME.

BIZU

Para diferençar PREDICATIVO DO OBJETO do ADJUNTO ADNOMINAL: passar para a voz passiva e observar a função sintática que passa a ter o termo que dava qualidade ao núcleo do objeto direto. Caso passe a ser predicativo do sujeito, o termo era predicativo do objeto. Caso, na transformação da ativa para a passiva, fique certificado que o termo é adjunto adnominal, é porque ele já o era na voz ativa.

Ex.: Considerei a criança bonita.

→ BONITA é predicativo do objeto, pois dá qualidade ao objeto direto CRIANÇA e, ao passarmos esta frase para a voz passiva (A criança foi considerada bonita por mim.), o termo BONITA passa a ser predicativo do

sujeito.

Vi uma criança bonita.

→ BONITA é adjunto adnominal, pois, ao ser passada esta frase da voz ativa para a voz passiva (Uma criança bonita foi vista por mim.), BONITA continua adjunto adnominal.

– **Predicativo preposicionado do sujeito** – Ele foi apelidado de enrolado por João.

→ DE ENROLADO é predicativo preposicionado do sujeito ELE.

– **Predicativo preposicionado do objeto** – Chamei Paulo de servidor público.

→ DE SERVIDOR PÚBLICO é predicativo preposicionado do objeto, pois dá qualidade ao objeto direto PAULO.

17.3. Exercícios

1. Correlacione.

(1) Predicativo do sujeito
(2) Predicativo do objeto
(3) Predicativo preposicionado do sujeito
(4) Predicativo preposicionado do objeto
(5) Adjunto adnominal

( ) Li um livro bastante interessante.
( ) Achei o livro bastante interessante.
( ) Ele sempre foi muito mal-humorado.
( ) Chamei-os de diferentes.
( ) Eles eram chamados de diferentes por todos.
( ) Encontrei-os mortos.
( ) Bebi uma cerveja geladíssima.

2. (Técnico Judiciário – TRE-SP – FCC) ***Este conceito é relativo, pois em arte não há originalidade absoluta.***
... a sua contribuição maior foi a liberdade de criação e expressão.
Ambos os elementos acima grifados exercem nas respectivas frases a função de:
a) adjunto adverbial;
b) objeto direto;
c) complemento nominal;
d) predicativo;
e) objeto indireto.

3. (Auditor – Sefaz-RJ – FGV) Porém, sofrendo o Brasil os influxos de modelos legislativos estrangeiros, assim como estando as matrizes das empresas transnacionais

que aqui operam sujeitas às normas de seus países de origem, não tardará para que as práticas que envolvem o criminal compliance sejam estendidas a diversos outros segmentos da economia.

A palavra sujeitas exerce, no texto, função sintática de:

a) complemento nominal;
b) objeto direto;
c) predicativo do objeto;
d) predicativo do sujeito;
e) adjunto adverbial de modo.

4. (Inspetor da Polícia Civil – RJ/FGV) "...o Estado pode considerar *desnecessária* a tradução dos documentos..." (L.37-38)

No trecho acima, o termo destacado exerce função sintática de:

a) adjunto adnominal;
b) adjunto adverbial;
c) complemento nominal;
d) predicativo do objeto;
e) predicativo do sujeito.

Capítulo 18

Objeto

O objeto é o complemento de verbo.

18.1. Direto

Complemento de verbo transitivo direto.

Ex.: "... fomos para o Hotel de Josafat firmar o nosso contrato, bebendo vasta cerveja" (Eça de Queirós).

→ Observe que os termos O NOSSO CONTRATO e VASTA CERVEJA complementam, respectivamente, a ideia dos verbos FIRMAR e BEBENDO sem preposição.

18.2. Indireto

Complemento de verbo transitivo indireto.

Ex.: Assistirei a um bom filme. "De nada mais necessitava aquela gente" (Euclides da Cunha).

Os termos A UM BOM FILME e DE NADA MAIS complementam, respectivamente, a ideia das formas verbais ASSISTIREI e NECESSITAVA com as preposições A e DE.

18.3. Direto preposicionado

Complemento de verbo transitivo direto, todavia contendo, excepcionalmente, preposição. Ocorre em duas ocasiões.

a) Com valor enfático.

Ex.: "... Preciso usar da linguagem dos homens..." (Fernando Pessoa).

→ O verbo USAR é transitivo direto, contudo a preposição DE é utilizada para dar ênfase à frase e poderia ser retirada (usar a linguagem).

Amo a meus familiares acima de tudo.

→ O verbo AMAR é transitivo direto, entretanto está sendo usada a preposição A, dando mais estilo à frase.

b) A segunda possibilidade de seu uso é motivado pela necessidade de se reconhecerem as funções sintáticas dos termos, quando não estão na ordem

natural da frase (SUJEITO-VERBO-OBJETO).

Ex.: O Flamengo vencerá o Fluminense.

→ A interpretação desta frase é bastante simples e não causa problemas, pois está redigida em sua ordem natural. Logo, o sujeito é O FLAMENGO; em seguida aparece o verbo transitivo direto VENCERÁ; e, por fim, o objeto direto FLUMINENSE. FLAMENGO, por ser sujeito, pratica a ação de VENCER, e FLUMINENSE, por ser objeto direto, sofre a ação verbal de ser vencido.

No entanto, se a frase fosse "Venceu o Flamengo o Fluminense", com a ordem natural desfeita, torna-se impossível determinar o que exatamente ocorreu. Não se sabe quem é quem, ou seja, se FLAMENGO é sujeito ou objeto direto, e FLUMINENSE, também. A língua, então, para esclarecer esta dúvida, recorre ao uso da preposição para distinguir sujeito e objeto. Como o sujeito nunca poderá ser preposicionado, caberá ao objeto a companhia da preposição. "Venceu o Flamengo ao Fluminense" ou "Venceu ao Fluminense o Flamengo". Em ambas as frases, FLAMENGO é sujeito, pois não aparece preposicionado e, por outro lado, FLUMINENSE, nas duas frases, é o objeto, mesmo com a inversão dos termos.

18.4. Pleonástico

Como o próprio nome diz, é quando o objeto aparece repetido na oração.

Ex.: Ao amigo, dar-lhe-ei a camisa.

→ LHE repete o objeto indireto AO AMIGO.

O dinheiro, entrego-o amanhã ao João.

→ O pronome oblíquo O repete o objeto direto O DINHEIRO.

18.5. Objeto direto interno ou cognato

Ocorre com verbos que normalmente seriam intransitivos, mas que excepcionalmente possuem complemento. Este tem o mesmo radical do verbo, daí as nomenclaturas COGNATO (mesma natureza – radical) ou INTERNO (partes internas do verbo e do complemento são idênticas).

Ex.: Sonhei sonhos terríveis.

Morreu uma morte gloriosa.

→ Observe que os verbos SONHAR e MORRER, normalmente, são intransitivos; contudo nessas frases funcionam como transitivos diretos e seus complementos (SONHOS e MORTE) têm o mesmo radical dos verbos.

"Acresce que chovia – peneirava – uma chuvinha miúda, triste e constante..." (Machado de Assis).

Obs.: Rocha Lima faz distinção entre objeto indireto e complemento relativo. Ambos seriam preposicionados, complementando a ideia de verbo. No entanto, o primeiro diria respeito à pessoa ou à coisa a que se destina a ação, regendo com as preposições A ou PARA e podendo ser substituído pelos pronomes átonos LHE ou LHES. Já o segundo não representa a pessoa ou a coisa a quem se destina a ação ou que tira proveito da situação, e sim o ser sobre o qual recai a ação.

Ex.: Entregarei o material para os alunos.

→ A expressão "para os alunos" indica a quem se destina a ação de entregar o material, portanto funcionando como objeto indireto.

Necessito de água.

→ O termo "de água" representa o ser sobre o qual recai a ação verbal.

Nos concursos públicos, não é feita tal distinção, sendo os dois casos absorvidos pelo objeto indireto

18.6. Exercícios

1. Correlacione.

(1) OBJETO DIRETO
(2) OBJETO INDIRETO
(3) OBJETO DIRETO PREPOSICIONADO
(4) OBJETO DIRETO PLEONÁSTICO
(5) OBJETO INDIRETO PLEONÁSTICO
(6) OBJETO DIRETO COGNATO

( ) A meus pais, dei-lhes um belo presente.
( ) Não queríamos uma solução tão complicada.
( ) Não concordo com esta posição do Governo.
( ) Nós deveríamos viver uma vida mais livre.
( ) Nunca mais beberei desta água.
( ) Não deves admitir o erro.
( ) As manchas, devemos retirá-las por precaução.
( ) Chorei um choro compulsivo com a morte de Ayrton Senna.
( ) Interessei-me pela resposta que você me daria.
( ) Todos deveriam amar ao próximo como a si mesmo.

2. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) Os verbos que exigem o mesmo tipo de complemento estão empregados nos segmentos transcritos em:

a) *A vida é triste e complicada. // ... mergulhemos de corpo e alma no cafezinho.*
b) *... alguém dará o nosso recado sem endereço. // A vida é triste e complicada.*
c) *Tinha razão o rapaz... // Depois de esperar duas ou três horas...*

d) *Para quem espera nervosamente... // Depois de esperar duas ou três horas...*
e) *Tinha razão o rapaz... // ... mergulhemos de corpo e alma no cafezinho.*

3. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) ... *embora nem sempre esta imagem corresponda à realidade*.
O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está empregado em:
a) *... uma atmosfera* [...] *percorre o país numa ânsia sôfrega pela europeização e pela modernização.*
b) *Há, em princípio, a produção humorística...*
c) *... um humor* [...] *que vê a si próprio como civilizador e cultor de gestos nobres...*
d) *... seu efeito desconcertante foi, por isso mesmo, maior e mais profundo.*
e) *... intelectualidade brasileira, que passou pelos eventos da abolição e da República.*

4. (Técnico Judiciário – TRE-SP – FCC) ... *João Rubinato, que adotou o nome de um amigo funcionário do Correio*...
O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está empregado em:
a) *... que já acabou com a garoa...*
b) *... e produziu uma obra radicalmente brasileira...*
c) *... a que se sobrepôs à velha cidadezinha provinciana...*
d) *Adoniran Barbosa é um paulista de cerne...*
e) *... e depois fugir, com ela e conosco, para a terra da poesia...*

5. (MPU) ... *para aprovar, até o final de 2009, um texto... (2o parágrafo do Texto II)*
O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o do grifado acima está na frase:
a) *De fato, o resultado é modesto.*
b) *... como fugir aos temas...*
c) *... já respondem por 20% do total das emissões globais.*
d) *... que já estão na atmosfera...*
e) *... só prejudica formas insustentáveis de desenvolvimento.*

6. (Analista Judiciário – TRT – 1ª R- FCC) ... *em diversos pontos controversos, desempatou controvérsias*...
O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está em:
a) *Os milhares de africanos que morreram por conta da viagem ou de padecimentos posteriores...*
b) *Entre 1758 e 1851, por aquelas pedras passaram pelo menos 600 mil escravos trazidos d'África.*
c) *A própria construção do cais teve o propósito de...*
d) *... mas as melhores descrições* [...] *saíram todas da pena de viajantes estrangeiros.*
e) *Os negros ficavam expostos no térreo de sobrados...*

7. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) Atentando-se para a sintaxe, é INCORRETO afirmar que, em:

a) ... *vê a si próprio como civilizador e cultor de gestos nobres, embora nem sempre esta imagem corresponda à realidade*, o elemento grifado introduz uma oração subordinada adverbial concessiva.

b) *Há, em princípio, a produção humorística*, o verbo grifado é impessoal e o sujeito da oração, inexistente.

c) ... *desilusão republicana que atinge a intelectualidade brasileira*, o segmento grifado exerce a função de objeto direto.

d) *Abre-se um espaço para a representação humorística*, o segmento grifado exerce a função de sujeito.

e) *O advento da República viria proclamar, inicialmente, uma atitude de repúdio*, o segmento grifado desempenha o papel de predicativo do sujeito.

8. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – FCC) Atentando-se para a sintaxe, é correto afirmar:

a) Em *A lei e a ordem eram a regra*, o segmento grifado é complemento verbal de eram.

b) Na frase *Na televisão, os heróis urram, gritam, destroem, torturam, tão estridentes quanto os arqui-inimigos maléficos*, o segmento grifado é complemento verbal dos verbos destroem e torturam.

c) Na frase *Éramos viciados em gibis*, estamos diante de um sujeito indeterminado.

d) Em *Gibis abasteciam de ética o vasto campo da fantasia infantil*, o segmento grifado exerce a função de objeto indireto.

e) Na frase *Eles eram o lado certo que combatia o lado errado*, o segmento grifado exerce a função de predicativo do sujeito.

Capítulo 19

Complemento Nominal e Adjunto Adnominal

19.1. Complemento nominal

Complemento nominal é o termo preposicionado que complementa a ideia de substantivo abstrato, adjetivo e advérbio.

Ex.: Não tenho interesse por bebidas alcoólicas.

POR BEBIDAS ALCOÓLICAS é complemento nominal, pois complementa a ideia do substantivo abstrato INTERESSE.

Obs.: É bom perceber que o complemento nominal se parece bastante com o objeto indireto, contudo o complemento nominal completa com preposição a ideia de UM NOME e o objeto indireto completa com preposição a ideia de um verbo.

Ex.: Sou contrário a suas opiniões.

A SUAS OPINIÕES é complemento nominal, pois completa com preposição a ideia do adjetivo CONTRÁRIO.

Agi favoravelmente a seu interesse.

A SEU INTERESSE é complemento nominal, pois completa a ideia de um advérbio (FAVORAVELMENTE).

Moro perto de você.

DE VOCÊ é complemento nominal, pois completa a ideia de um advérbio (PERTO).

19.1.1. Exercícios

1. Correlacione.

(1) Complemento nominal

(2) Objeto indireto

( ) Sinto necessidade de uma água gelada.

( ) Necessito de uma água gelada.

( ) Não confio em você.

( ) Não tenho confiança em você.

( ) Ele não se interessou pelos documentos.

( ) Ele não manifestou interesse pelos documentos.

19.2. Adjunto adnominal

Termo acessório que tem função adjetiva e está sempre ligado a um substantivo.

Funcionam como adjuntos adnominais:

– os artigos. Os homens devem estar preparados para a guerra.
– os adjetivos. Bons homens estão acompanhados de maus amigos.
– os numerais adjetivos. O primeiro quadro era desejado por três compradores.
– os pronomes adjetivos. Aqueles ladrões levaram meu relógio.
– as locuções adjetivas. A torcida do Flamengo (flamenguista) cantou músicas de provocação (provocativas).

19.3. Complemento nominal X adjunto adnominal

Tal estudo restringe-se a elementos preposicionados, portanto torna-se fundamental observar a que termo o elemento preposicionado está atrelado. Este assunto cai reiteradamente nos concursos organizados pelo NCE.

– Quando o termo preposicionado está ligado a um substantivo concreto, geralmente, é adjunto adnominal.

Ex.: "Se a modernidade alterou a face do mundo..." (Luiz Paulo da Moita Lopes).

"O que o colono do Maranhão pretendia..." (Carlos de Laet).

→ Os termos sublinhados estão atrelados aos vocábulos FACE e COLONO (substantivos concretos), funcionando como adjuntos adnominais.

Obs.: Quando o elemento preposicionado está atrelado a um substantivo concreto, estabelecendo um nome oficial para o termo, é aposto.

Ex.: A Praia de Copacabana anda bastante poluída.

→ O termo "de Copacabana" está atrelado à palavra "Praia", sendo oficialmente o nome da praia. Neste caso, o termo é aposto.

– Quando o termo preposicionado está ligado a um advérbio, é complemento nominal.

Ex.: "... era atirado dentro da caverna..." (Luis Fernando Veríssimo).

Agi contrariamente aos interesses dos empresários.

→ Os termos sublinhados estão complementando a ideia iniciada por advérbios (DENTRO e CONTRARIAMENTE), funcionando como complemento nominal. A regência de DENTRO e CONTRARIAMENTE exige respectivamente a ocorrência das preposições DE e A.

– Quando o termo preposicionado complementa a ideia de um adjetivo, normalmente será complemento nominal.

Ex.: Ele é útil à empresa.

Somos adeptos da generosidade.

→ Os adjetivos ÚTIL e ADEPTOS exigem as preposições A e DE, respectivamente, indicando que os termos a eles ligados funcionem como complementos nominais.

Obs.: Se o termo preposicionado (com preposição PARA), complementando a ideia de adjetivo ou de verbo, acrescentar ao período um valor de fim, será classificado como adjunto adverbial de finalidade.

Ex.: "... necessária para trabalhar com aplicações..." (André Gurgel).

"O cavaleiro estava pronto para entrar na caverna..." (Luis Fernando Veríssimo)

→ Nestes exemplos, a preposição PARA introduz termos complementando adjetivos (NECESSÁRIA e PRONTO), acrescentando ao período valor de finalidade. "... necessária para (a fim de / com o objetivo de) trabalhar com aplicações..."

– Quando o termo preposicionado (exceto DE) complementa substantivo abstrato é complemento nominal.

Ex.: Sentimos confiança em você.

"O direito à educação, ao trabalho, ao salário justo..." (Jaime Pinsky).

"Tenho interesse por música".

Obs.: Neste caso, o complemento nominal parece-se demasiadamente com o objeto indireto.

Ex.: Confiamos em você.

Interesso-me por música.

→ Atente-se ao fator que distingue as duas funções sintáticas: O termo "em você", na primeira ocasião, conclui a ideia iniciada por "confiança" (substantivo abstrato – nome), portanto sendo complemento nominal; já na segunda ocasião, complementa "Confiamos" (verbo), classificando-se, pois, como objeto indireto.

→ Quando o termo preposicionado (preposição DE) relaciona-se com um substantivo abstrato, torna-se necessário analisar se tal elemento possui valor agente ou paciente em relação ao nome. O valor "agente" ocorre ao se interpretar o elemento como o praticante da ação ou como o possuidor da ideia constante no substantivo. Tal se concretizando, o termo preposicionado é classificado como adjunto adnominal. Contudo, se o termo preposicionado

sofrer a ação exposta no substantivo, será complemento nominal.

Ex.: "As necessidades do povo não são satisfeitas pelo professor."

→ Observe que, neste caso, o termo "do povo" acrescenta ao período um valor de posse (as necessidades são do povo; o povo necessita), funcionando, então, como adjunto adnominal.

"Sentimos necessidade de tempo para o exercício."

→ O termo "de tempo" é paciente de "necessidade" (o tempo não necessita; alguém necessita de tempo), trabalhando como complemento nominal.

"A explicação da matéria foi interessante."

→ A matéria não explicou e sim foi explicada, funcionando, assim, como complemento nominal.

"A explicação do professor foi interessante."

→ O professor explicou, a explicação é do professor, logo o termo sublinhado possui nítido valor agente, sendo adjunto adnominal.

"... que têm afetado a compreensão da classe social, do gênero, da sexualidade..." (Luiz Paulo da Moita Lopes).

→ Os termos sublinhados complementam o substantivo abstrato "compreensão", informando o que deveria ser compreendido (valor paciente), funcionando, por conseguinte, como complemento nominal.

"... vermos a multiplicidade da vida humana..."

→ É nítido o valor agente (a multiplicidade é da vida humana, a vida humana é múltipla, a vida humana possui multiplicidade), funcionando, logo, como adjunto adnominal.

Há situações em que o termo preposicionado tanto pode ter valor agente como valor paciente, precisando, portanto, de contexto para a definição de sua função sintática. Numa questão de vestibular da Fuvest, tal foi retratado do seguinte modo:

"A matança dos marginais escandalizou a população". Explique os dois sentidos que podem ser atribuídos à frase e uma possível mudança de função sintática decorrente desta mudança de interpretação do período".

→ O candidato teria que explicar que "os marginais" tanto poderiam matar como poderiam ser mortos. Na primeira interpretação, seria adjunto adnominal; na segunda, complemento nominal.

"O julgamento do professor ocorrerá amanhã".

→ Esta frase dá margem à dupla interpretação, podendo "o professor" julgar ou ser julgado, justificando-se, assim, a necessidade de contexto para dirimir a

dúvida quanto à função sintática do elemento sublinhado.

O NCE da UFRJ, banca organizadora de concursos, costuma confeccionar questões referentes a este assunto. Contudo, nem sempre são utilizadas as nomenclaturas complemento nominal e adjunto adnominal. Em muitas oportunidades, é solicitado ao candidato a opção em que o termo preposicionado possui valor agente ou paciente. Sendo assim, é aconselhável ao concursando observar que o termo, tendo a função sintática de adjunto adnominal ou aposto (nomenclaturas oficiais), possuirá valor agente. Por outro lado, caso o termo preposicionado funcione como complemento nominal ou objeto indireto, possuirá valor paciente.

Ex.: "Trata-se de um fenômeno..." (M. Lúcia de Arruda & Martins Aranha).

→ O termo sublinhado complementa com preposição a ideia de um verbo, compondo um objeto indireto, possuindo, portanto, valor paciente.

"Antes o lazer era privilégio dos nobres..." (M. Lúcia de Arruda & Martins Aranha).

→ O termo sublinhado tem valor possessivo, constituindo um adjunto adnominal, contendo, pois, valor agente.

"A mecanização, a divisão e organização das tarefas..." (M. Lúcia de Arruda & Martins Aranha).

→ Interpretando-se o período, depreende-se que "as tarefas" são mecanizadas, divididas e organizadas. Destarte, classifica-se o termo como complemento nominal, possuindo, então, valor paciente.

Outras nomenclaturas também bastante citadas pela aludida banca são preposição nocional e preposição relacional.

A preposição nocional acrescenta ao período um valor semântico, introduzindo o adjunto adnominal, o aposto (nomenclatura oficial) e o adjunto adverbial.

Ex.: "... não para de atormentá-lo com pergunta de todo jaez" (Dom Lucas Moreira Neves).

→ A preposição COM introduz um adjunto adverbial de modo, sendo, portanto, nocional.

"Controlava a vida do lugar" (Luiz Fernando Veríssimo).

→ O termo sublinhado indica valor de posse (o lugar tem vida), funcionando como adjunto adnominal e consequentemente a preposição é nocional.

"Morre-se mais na violência do Rio e de São Paulo" (João Ubaldo Ribeiro).

→ Perceba que o termo grifado possui valor agente (posse – Rio e São Paulo

possuem a violência), funcionando como adjunto adnominal. Desta forma, as ocorrências da preposição DE têm valor nocional.

> "... isso foi bom para amenizar o ideologismo que nos cegava" (Arnaldo Jabor).

→ Observe que o termo preposicionado acrescenta ao período valor de FINALIDADE, podendo, inclusive, substituir-se a preposição PARA por A FIM DE, COM O OBJETIVO DE, COM A FINALIDADE DE. Destarte, neste caso, a preposição é nocional.

> A preposição relacional é uma exigência do termo antecedente, não acrescentando ao período qualquer valor semântico. Somente a regência nominal ou verbal pode exigir a presença de uma preposição, portanto a preposição relacional introduzirá o objeto indireto ou o complemento nominal.
>
> Ele é essencial para o grupo.

→ O termo sublinhado funciona como complemento nominal, pois a preposição PARA ocorre tão somente em função da exigência feita pelo adjetivo "essencial", classificando-se, pois, como relacional.

> "Há categorias de pessoas que, lá com suas razões, têm raiva ou ressentimento da imprensa" (João Ubaldo Ribeiro).

→ O termo sublinhado funciona como complemento nominal (a imprensa é paciente de ressentimento), portanto a preposição que o introduz é relacional.

> "... já escrevi em defesa de policiais..." (João Ubaldo Ribeiro).

→ Observe que neste período o termo sublinhado possui nítido valor paciente (os policiais não se defendem, eles são defendidos), funcionando como complemento nominal. Destarte, a preposição é relacional.

> "O Senhor deu esta autoridade à Igreja..." (Dom Eugenio Sales).

→ O termo sublinhado funciona como objeto indireto, pois complementa a ideia do verbo DAR. Como é uma exigência gramatical do verbo, a preposição não acrescenta ao período qualquer valor semântico, classificando-se como relacional.

19.4. Exercícios

1. Correlacione.

(1) Complemento nominal

(2) Adjunto adnominal

( ) A construção da ponte foi benéfica a todos.

( ) A construção do engenheiro foi elogiada por todos.

( ) A invenção da vacina demonstra os avanços da medicina.
( ) A invenção de Sabin resolveu o problema da poliomielite.
( ) Ninguém entendeu a resolução do problema.
( ) Ninguém entendeu a resolução do professor.

2. (NCE) Indique o item em que os dois elementos precedidos da preposição DE desempenham a mesma função sintática.
a) "... os problemas da miséria..." / "A tomada de consciência..."
b) "Assaltos e sequestros de parentes..." / "... a superexposição das mazelas brasileiras..."
c) "... deu-se conta da existência..." / "... sequência inédita de presidentes desastrados..."
d) "O escândalo do Orçamento..." / "... extirpou definitivamente o sebastianismo da vida nacional."
e) "... Brasil do Primeiro Mundo..." / "... com a transferência de tarefas e recursos..."

Leia o texto a seguir e responda às questões 3 e 4.
"Se é para o bem de todos e felicidade geral da Nação, diga ao povo que fico!" (D. Pedro I).

3. (ICMS-RJ/FGV) "No Brasil, o debate sobre ética tributária só recentemente ganhou vulto em decorrência do aumento da carga tributária, da expansão da 'indústria de liminares', do visível aperfeiçoamento da administração fiscal, da estabilidade econômica e da crescente inserção do país na economia globalizada."
No trecho grifado do excerto acima, em relação às ocorrências e complemento nominal, é correto afirmar que há:
a) Quatro casos.
b) Cinco casos.
c) Oito casos.
d) Seis casos.
e) Dois casos.

4. (AFRM – Angra dos Reis – FGV) Já há evidências de que mudanças climáticas introduziram epidemias em regiões anteriormente livres delas.
Em relação à estrutura sintática do período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. Há, em todo o período, dois casos de complemento nominal.
II. Há, em todo o período, dois casos de objeto direto.
III. Há, em todo o período, dois casos de adjunto adnominal.
Assinale:
a) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
b) se todas as afirmativas estiverem corretas;
c) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
d) se nenhuma afirmativa estiver correta;
e) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.

5. (CM – RJ – NCE) Algumas preposições são empregadas de forma obrigatória devido à presença de termos anteriores que as exigem; o item abaixo em que a preposição destacada está nesse caso é:
a) um conjunto DE pessoas;
b) necessidade DE se ajudarem;
c) os meios DE transportes;
d) a base DE suas esperanças;
e) grande quantidade DE alimentos.

6. (Perito da Polícia Civil – RJ – FGV) Na expressão "votação *do Código Florestal*", o termo sublinhado é paciente do termo anterior, ou seja, o Código Florestal é votado. Assinale a alternativa em que o termo destacado exerce essa mesma função.
a) Exploração *de terras*.
b) Competitividade *do setor*.
c) Tamanho *de interesses divergentes*.
d) Funcionamento *da base aliada*.
e) Leque *de simpatizantes*.

7. (CBPS – NCS) O termo que funciona como complemento do termo anterior é:
a) "Soube de tudo isso..."
b) "Amanhece na ilha de Heron"
c) "Sobre a imensa faixa de areia..."
d) "... os tufos de algas..."
e) "Alguns grãos de areia..."

8. (Magistério – NCE) O item em que a preposição de (do, da, dos, das) tem valor predominantemente gramatical, e não semântico, é:
a) ... a nova geração de intelectuais...
b) ... porta-voz da frustração...
c) ... encontrar um nome de cientista...
d) ... o filho direto do protesto...
e) ... resgatar o homem de seus males...

9. (Técnico Judiciário – TRE-PA – FGV) ***Partidos são fundamentais para a consolidação da democracia e o permanente desenvolvimento da cidadania e devem existir – de verdade – em bases cotidianas*.**
Os termos sublinhados no período acima classificam-se, respectivamente, como:
a) adjunto adnominal e adjunto adnominal;
b) complemento nominal e complemento nominal;
c) adjunto adnominal e complemento nominal;
d) complemento nominal e adjunto adnominal;
e) objeto indireto e objeto indireto.

10. (Auditor – Sefaz-RJ – FGV) No Brasil, por exemplo, existem regras de *criminal compliance* previstas na Lei dos Crimes de Lavagem de Dinheiro – Lei 9.613, de 3 de março de 1998 – que sujeitam as pessoas físicas e jurídicas que tenham como atividade principal ou acessória a captação, intermediação e aplicação de recursos financeiros, compra e venda de moeda estrangeira ou ouro ou títulos ou valores mobiliários, à obrigação de comunicar aos órgãos oficiais sobre as operações tidas como "suspeitas", sob pena de serem responsabilizadas penal e administrativamente.
Assinale o termo que, no texto, desempenhe função sintática idêntica à de *à obrigação*.
a) às normas – que aqui operam sujeitas às normas de seus países de origem.
b) de ajustamentos – É certo que a mudança do enfoque sobre o tema, no âmbito das empresas – principalmente, as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos.
c) a diversas obrigações – Tem-se, *grosso modo*, por *compliance* a submissão ou a obediência a diversas obrigações impostas às empresas privadas.
d) da adoção – decorrerá também de ajustamentos de postura administrativa decorrentes da adoção de critérios.
e) dessa possibilidade – é certo que a adoção, na prática, dessa possibilidade vem se dando de forma bastante tímida.

11. (Polícia Civil – DF – NCE)
I – "agências DE TURISMO"
II – "grau crescente DE INSEGURANÇA"
III – "trabalho DE INVESTIGAÇÃO POLICIAL"
IV – "por falta DE AÇÃO INTEGRADA"
Entre os segmentos acima, em maiúsculas, aquele que apresenta função distinta da função dos demais é:
a) I;
b) II;
c) III;
d) IV;
e) nenhum deles.

12. (Analista de Informática Legislativa – Senado Federal – FGV) "Entretanto, após algumas décadas de excessivo crescimento dos gastos governamentais e da crise financeira que se abateu sobre inúmeros governos..." (L.7-9)
Assinale a alternativa que indique corretamente a quantidade de complementos nominais no trecho acima.
a) Nenhum.
b) Dois.
c) Um.
d) Três.
e) Quatro.

13. (Proc. Geral da Just. – RJ – NCE) Em que item abaixo a preposição destacada, isolada ou em combinação com artigo, tem valor puramente gramatical e não nocional, como nos demais casos?
a) "... como o ano em que o Brasil do Primeiro Mundo deu-se conta da existência..."
b) ... constituir um lembrete muito eficaz para as elites de que o Haiti é aqui".
c) "... fortaleceu a tese da necessidade de descentralização e despolitização das políticas sociais, com a transferência de tarefas e recursos aos municípios".
d) "... passou a duvidar até da existência de Deus".
e) "... os vícios do modelo centralista..."

14. (NCE-UFRJ) O caso em que o segmento precedido da preposição DE tem valor paciente e não de agente do termo anterior é:
a) ... gastar rios de dinheiro com regozijo.
b) O festival de autocongratulação consumia boa parte...
c) ... o cotidiano brasileiro está cheio de dores de problemática das agências.
d) É melhor que a imaginação das agências.
e) ... estamos no país da solucionática.

Obs.: Em virtude da complexidade deste assunto, expomos mais 12 exercícios com gabarito comentado para você poder tirar todas as dúvidas.

19.5. Exercícios com gabarito comentado acerca de complemento nominal e adjunto adnominal

1. (U-Bauru) Assinale a alternativa em que a expressão grifada tem a função de complemento nominal.
a) A curiosidade do homem incentiva-o à pesquisa.
b) A cidade de Londres merece ser conhecida por todos.
c) O respeito ao próximo é dever de todos.
d) O coitado do velho mendigava pela cidade.
e) O receio de errar dificulta o aprendizado das línguas.
Resposta: Alternativa E.
Na opção A, a curiosidade é do homem (posse – valor agente – adjunto adnominal).
Na letra B, o termo sublinhado está atrelado ao termo CIDADE que é substantivo concreto, já impossibilitando o fato de o termo ser complemento nominal. Porém é interessante observar que Londres é o nome da cidade, funcionando, portanto, como aposto.
Na opção C, TODOS possuem o dever (o dever é de todos – posse – adjunto adnominal) de respeitar o próximo.
Na opção D, o termo DO VELHO está atrelado ao substantivo concreto COITADO (adjetivo substantivado representando uma pessoa, por isso, concreto), funcionando como adjunto adnominal.
A opção E, que é a resposta, apresenta um termo que possui nítido valor paciente em

relação ao termo receio, afinal ERRAR não possui receio, não receia. Se a frase fosse "O receio do professor é o adiamento das provas.", o termo DO PROFESSOR estaria ligado a RECEIO, contudo estabelecendo valor de posse, pois indicaria que o receio seria do professor, ou seja, o professor é quem receia, funcionando, assim, como adjunto adnominal.

2. (NCE-UFRJ) "O eleitor deu pouquíssima importância às eleições para governador". O termo destacado exerce a função de complemento nominal de "eleições". Que termo destacado a seguir exerce essa mesma função?
a) Votos **em branco**.
b) Manchetes **dos jornais**.
c) Institutos **de pesquisa**.
d) Interrupção **para o dever cívico**.
e) Comportamento **do grupo**.
Resposta: Alternativa D.
As opções A, B e C podem ser excluídas rapidamente, em virtude de os termos destacados estarem atrelados a substantivos concretos, sendo, então, adjuntos adnominais. Na opção E, o termo DO GRUPO possui nítido valor agente (o comportamento é do grupo, o grupo se comporta), também funcionando como adjunto adnominal. A opção D apresenta um termo que complementa a ideia de INTERRUPÇÃO de forma passiva, funcionando como complemento nominal.

3. (NCE-UFRJ) As preposições podem ser usadas com valor relacional (uma exigência gramatical) ou valor nocional (contribuição de sentido). Em que frase a seguir o uso da preposição é uma exigência do termo anterior?
a) Eleições para governador.
b) Os votos de cabrestos.
c) Caixas de fósforo.
d) Folha em branco.
e) Dia sem trabalho
Resposta: Alternativa A.
Nas opções B, C, D e E, os termos preposicionados estão atrelados a substantivos concretos, funcionando como adjunto adnominal. Sendo assim, a preposição é nocional. Já na opção A, o termo preposicionado complementa de forma passiva a ideia do substantivo abstrato "eleições", funcionando, assim, como complemento nominal. Neste caso, a preposição que introduz o complemento nominal possui valor apenas gramatical (relacional).

4. (NCE-UFRJ) Em quantas frases abaixo o termo destacado não é agente, mas paciente do termo anterior?
1) "No campo <u>da educação</u>...
2) "... como instrumento <u>de manutenção</u>..."
3) "... manutenção <u>de *status*</u>..."

4) "... pântano de pobreza..."
a) Quatro.
b) Três.
c) Duas.
d) Uma.
e) Nenhuma.
Resposta: Alternativa D.
Nos itens 1, 2 e 4, os termos sublinhados estão atrelados a substantivos concretos, funcionando como adjunto adnominal (valor agente). No item 3, o termo sublinhado está atrelado ao termo MANUTENÇÃO que é substantivo abstrato. Observe que semanticamente "O *STATUS* NÃO MANTÉM E SIM É MANTIDO", então o termo sublinhado funciona como complemento nominal (valor paciente).

5. (NCE-UFRJ) Em que item a seguir a preposição destacada, em lugar de valor nocional, tem valor puramente gramatical?
a) "... a questão das Forças Armadas de um país..."
b) "As Forças Armadas são insuficientes para combater a desordem".
c) "As tentativas de comprometê-las..."
d) "... nem mantém uma indústria de armamento..."
e) "... oferece condições de topografia e miséria..."
Resposta: Alternativa C.
As opções A e D logo são eliminadas, pois os termos preposicionados estão atrelados a substantivos concretos, funcionando como adjunto adnominal. A opção B apresenta uma oração reduzida com valor de finalidade – sendo a preposição PARA nocional – atrelada a um adjetivo (insuficientes). A opção E apresenta termos com valor de posse (adjunto adnominal – preposição nocional), afinal TOPOGRAFIA E MISÉRIA possuem suas próprias condições. Na opção C, COMPROMETER não faz TENTATIVAS, e sim alguém faz TENTATIVAS DE COMPROMETER. Portanto, COMPROMETÊ-LAS é passivo em relação à ação contida no substantivo abstrato, sendo complemento nominal, portanto a preposição é relacional.

6. (NCE-UFRJ) "A diminuição do amor à pátria, a ação do interesse particular, a imensidão dos Estados, as conquistas, os abusos do Governo fizeram..." Assinale o item em que se classificam corretamente as funções sintáticas dos termos destacados:
a) Todos os elementos são complementos nominais.
b) Todos os elementos são adjuntos adnominais.
c) Só dois elementos são adjuntos adnominais.
d) Só um elemento é complemento nominal.
e) Só um elemento é adjunto adnominal.
Resposta: Alternativa D.
O termo À PÁTRIA complementa a ideia do substantivo abstrato com valor paciente, sendo, portanto, complemento nominal. Os demais termos preposicionados possuem nítido valor agente (O INTERESSE PARTICULAR AGE, A IMENSIDÃO É DOS ESTADOS, O

GOVERNO ABUSA), classificando-se, assim, como adjuntos adnominais.

7. (NCE-UFRJ) As salas de aula estão cheias de crianças e jovens... Em que item a seguir o elemento destacado desempenha a mesma função sintática do termo sublinhado na frase dada?

a) Os meios de comunicação e nas tecnologias...
b) ... mudaram a vida das pessoas nos séculos...
c) Interferindo na organização de seus afazeres diários...
d) Determinando o ritmo de trabalho...
e) ... os modernos instrumentos da comunicação...

Resposta: Alternativa C.

Na frase do enunciado, o termo sublinhado funciona como complemento nominal, dado que é preposicionado e está completando a ideia de um adjetivo. Sendo assim, o que se deseja na questão é a alternativa em que o termo sublinhado possua a função de complemento nominal. As opções A e E podem ser imediatamente descartadas, pois os substantivos MEIOS e INSTRUMENTOS são substantivos concretos, sendo os termos destacados adjuntos adnominais. Já as opções B e E também podem ser eliminadas, porquanto os termos DAS PESSOAS (a vida é das pessoas) e DE TRABALHO (o trabalho possui seu próprio ritmo) têm valor de posse, funcionando como adjunto adnominal. Por fim, na opção C, o termo AFAZERES DIÁRIOS não ORGANIZAM, e sim SÃO ORGANIZADOS, possuindo valor paciente, classificando-se como complemento nominal.

8. (UFRJ-NCE) Algumas preposições são empregadas de forma obrigatória devido à presença de termos anteriores que as exigem. O item abaixo em que a preposição destacada está nesse caso é:

a) Um conjunto DE pessoas.
b) Necessidade DE se ajudarem.
c) Os meios DE transportes.
d) A base DE suas esperanças.
e) Grande quantidade DE alimentos.

Resposta: Alternativa B.

As opções A, C e D apresentam termos que estão atrelados a substantivos concretos, funcionando, portanto, como adjunto adnominal, e a preposição, por consequência, será nocional. Na opção E, a preposição DE introduz um termo (adjunto adnominal) que tem valor de posse em relação ao termo QUANTIDADE (os alimentos possuem quantidade), classificando-se como nocional. Já na opção B, a preposição DE introduz um elemento passivo (complemento nominal) em relação ao substantivo abstrato NECESSIDADE, classificando-se como relacional.

9. (NCE-UFRJ) O termo que funciona como adjunto adnominal, entre os sublinhados abaixo, é:

a) "... trazer o cigarro para mais perto do adolescente, mas..."
b) "Penso que o cigarro é atraente para o adolescente..."

c) "... como sugerem as propagandas de cigarro..."
d) "... e abre um canal de comunicação numa linguagem comum..."
e) "... é uma fase carregada de situações estressantes."
Resposta: Alternativa D.
Na opção A, o termo sublinhado complementa a ideia do advérbio PERTO, funcionando como complemento nominal.
Nas opções B e E, os termos destacados complementam a ideia dos adjetivos ATRAENTE e CARREGADA, funcionando como complemento nominal.
Na opção C, CIGARRO não propaga e sim é propagado, tendo valor paciente, funcionando como complemento nominal.
Na opção D, o termo destacado está atrelado ao substantivo concreto CANAIS, funcionando como adjunto adnominal.

10. (NCE-UFRJ) O item em que a preposição DE (combinada ou não) é uma exigência da estruturação gramatical da frase e não da necessidade de acrescentar-se um novo dado semântico ao texto é:
a) "Corrupção é a grande questão do país".
b) "Trata-se de um mal endêmico na sociedade brasileira..."
c) "... é outra razão para a amargura de nossa gente".
d) "... pode abrir a porta desse futuro..."
e) "... se elegeram com a bandeira da luta anticorrupção".
Resposta: Alternativa B.
As opções D e E podem ser descartadas de imediato, pois as preposições introduzem termos que estão atrelados a substantivos concretos (mesmo sendo utilizados com valor conotativo, os substantivos PORTA e BANDEIRA continuam nesses contextos sendo concretos). Na opção A, a preposição DE introduz elemento com valor agente, pois é o país quem questiona. Na opção C, a preposição DE introduz termo que possui nítido valor de posse (a amargura é de nossa gente). Na opção B, a preposição DE introduz um objeto indireto, ou seja, a preposição é fruto da regência verbal, podendo ser classificada como relacional.

11. (NCE-UFRJ) O item a seguir em que o termo destacado representa um agente e não um paciente do termo anterior é:
a) Código de trânsito.
b) Educação para o trânsito.
c) Formação do magistério.
d) Treinamento de professores.
e) Atender a mais esta nova exigência.
Resposta: Alternativa A.
A opção B apresenta termo introduzido por preposição PARA que complementa substantivo abstrato, funcionando como complemento nominal, tendo, consequentemente, valor paciente.
As opções C e D apresentam termos que complementam substantivo abstrato com

preposição DE. Neste caso, torna-se necessário interpretar o sentido: O MAGISTÉRIO É FORMADO, OS PROFESSORES SÃO TREINADOS. Portanto, os termos destacados possuem valor paciente, funcionando como complementos nominais.
A opção E apresenta um mero objeto indireto, portanto o termo destacado tem valor paciente.
A opção A apresenta um termo atrelado a um substantivo concreto, funcionando como adjunto adnominal, possuindo, portanto, valor agente.

12. (NCE-UFRJ) Que elemento do texto, precedido da preposição DE exerce função sintática de adjunto adnominal e não de complemento nominal?
a) "... tom da voz..."
b) "... pertinho do céu..."
c) "... percepção de uma cidade..."
d) "... cuidado de não ser reconhecido..."
e) "... distinto do que é utilizado..."
Resposta: Alternativa A.
Na opção B, o termo DO CÉU complementa a regência do advérbio PERTINHO.
Na opção C, seria necessário o contexto, para a compreensão de que A CIDADE PERCEBE ou A CIDADE É PERCEBIDA
Na opção D, a oração reduzida complementa a ideia de CUIDADO.
Na opção E, o pronome demonstrativo O combinado à preposição DE complementa a ideia do adjetivo DISTINTO.
A opção A apresenta um termo que contém valor de posse em relação ao vocábulo TOM: a voz possui tom.

Capítulo 20

Adjunto Adverbial

Adjunto adverbial é o termo que modifica a ideia de verbo, adjetivo e de outro advérbio. O trabalho aqui se baseia na semântica, pois o mais importante é a percepção da ideia que passa o adjunto adverbial.

20.1. Classificação

1) LUGAR – "Corre o rio e entra no mar" (Fernando Pessoa) "Aqui – os filhos que vos pedem pão..." (Castro Alves).
2) TEMPO – "Canto nest'hora, como o bardo antigo" (Castro Alves). Às duas horas acordarei.
3) MODO – Fez o trabalho apressadamente. Ele passa bem.
4) INTENSIDADE – "Das priscas eras, que bem longe vão" (Castro Alves). Ele estuda à beça.
5) AFIRMAÇÃO – Sim, ele virá. Com certeza ele virá.
6) NEGAÇÃO – Jamais isto será feito. "Vi que não há natureza" (Fernando Pessoa).
7) DÚVIDA – Possivelmente ele virá. "Talvez por isso entraram os objetos..." (Machado de Assis).
8) IRONIA – Certamente a noite virará dia. Dida nunca "engolirá um frango".
9) CONCESSÃO – Embora cansado, fiz todo o trabalho. "Não obstante a defesa do escudeiro, Pery conseguiu amarrá-lo..." (José de Alencar).
10) CONDIÇÃO – Sem você, não farei o trabalho. Com sorte, chegarei à solução.
11) FINALIDADE – Pedir-te-ei em casamento. Visitou o estabelecimento para fiscalização.
12) ASSUNTO – "Falai-lhe dos cabelos" (Castro Alves). "Não falo de amor quase nada..." (Raul Seixas).
13) MEIO – Vim de ônibus. Mandei notícias por um bilhete.
14) INSTRUMENTO – Ele assassinou o inimigo com uma faca. Fiz a prova à caneta.
15) CAUSA – Eu, de enternecido, esquecera a merenda (Eça de Queirós). Empobreceu com as secas.

16) DE COMPANHIA – Irei ao cinema com minha mulher. Somente saio em companhia de meus irmãos.
17) PREÇO – O passe de Robinho custa R$ 50.000.000,00.

20.2. Exercícios

1. Correlacione.
1) LUGAR
2) TEMPO
3) MODO
4) INTENSIDADE
5) AFIRMAÇÃO
6) NEGAÇÃO
7) DÚVIDA
8) IRONIA
9) CONCESSÃO
10) CONDIÇÃO
11) FINALIDADE
12) ASSUNTO
13) MEIO
14) INSTRUMENTO
15) CAUSA
16) DE COMPANHIA
17) PREÇO
I. ( )( ) Iremos à praia de ônibus.
II. ( )( )( ) Mesmo com dor de cabeça, foi ao teatro comigo.
III. ( )( )( ) Conversamos sobre o problema por telefone para resolver o problema.
IV. ( )( ) Na faculdade eu era mais feliz.
V. ( )( ) Na faculdade eu estudava bastante.
VI. ( )( ) Sem o material, não poderás acompanhar a aula.
VII. ( ) Ele empobreceu com o plano econômico.
VIII. ( )( )( ) Certamente, no próximo ano, o salário mínimo valerá mil dólares.
IX. ( )( )( ) No Nordeste, o povo ainda morre de fome.
X. ( )( ) "Apesar de você, amanhã há de ser novo dia..." (Chico Buarque)
XI. ( )( ) Fizemos a prova a lápis para não sermos eliminados do concurso.
XII. ( )( ) Agiu rapidamente para a solução do problema.
XIII.( )( )( ) De forma alguma, voltarás de São Paulo de ônibus.
XIV.( )( )( ) Embora com dificuldades, certamente o povo brasileiro lutará por uma vida melhor.
XV. ( )( ) Eles agiram violentamente por medo.

2. (UFF) A expressão destacada tem valor adverbial em:
a) "A história *do casamento* de Maria Benedita é curta".

b) "Se não fosse a epidemia *das Alagoas*, talvez não chegasse a haver esse casamento".
c) "... não contando a respeito que aquele bêbado tinha ao princípio *da propriedade*".
d) "... não é preciso estar embriagado para acender um charuto *nas misérias alheias*".
e) "Sem pedir licença à dona *das ruínas*".

3. (Unificado)
V.7 – "No povo meu poema está maduro..."
V.13 – "Ao povo seu poema aqui devolvo..."
Os termos "NO POVO" (v.7) e AO POVO (v.13) exercem, respectivamente, as funções sintáticas de:
a) objeto indireto e adjunto adverbial;
b) objeto indireto e complemento nominal;
c) complemento nominal e objeto indireto;
d) adjunto adverbial e adjunto adverbial;
a) adjunto adverbial e objeto indireto.

4. (FTM-Aracaju) Das expressões destacadas abaixo, com as ideias de tempo ou lugar, a única que tem a função sintática do adjunto adverbial é:
a) "Já ouvi os poetas de Aracaju".
b) "... atravessar os subúrbios escuros e sujos".
c) "... passar a noite de inverno debaixo da ponte".
d) "Queria agora caminhar com os ladrões pela noite".
e) "... sentindo no coração as pancadas dos pés das mulheres da noite".

5. (Agência Saúde Pública – NCE) O item em que o termo sublinhado não está devidamente classificado segundo o seu valor semântico é:
a) "... falam <u>sobre a existência de Atlântida</u>,..." = assunto.
b) <u>Na época</u>, muito estudiosos chegaram..." = tempo.
c) "Nessa ilha, <u>segundo descrição feita ao filósofo Platão</u>..." = conformidade.
d) "... ninguém se preocupou <u>muito</u>..." = intensidade.
e) "... tratou de passar a notícia <u>adiante</u>..." = lugar.

6. (Secretaria de Saúde do Piauí – NCE) O segmento que apresenta o correto valor do elemento sublinhado é:
a) "... carregando <u>em seu bico</u>..." = instrumento.
b) "... água <u>do rio</u>..." = tempo.
c) "... se alastrava <u>na floresta</u>..." = lugar.
d) "... apagar aquele incêndio <u>com essas gotinhas d'água</u>?" = companhia.
e) "Estou <u>apenas</u> fazendo a minha parte" = oposição.

Capítulo 21

Agente da Passiva, Aposto e Vocativo

21.1. Agente da Passiva

Agente da passiva é o termo que pratica a ação na VOZ PASSIVA.

O agente da passiva é introduzido pela preposição POR. Excepcionalmente a preposição DE, sendo sinônima de POR, também pode iniciar o agente da passiva.

Ex.: O trabalho foi feito por todos.

"O João da Costa, moço do comércio, estimado do patrão e dos colegas..." (Aluísio de Azevedo).

21.2. Aposto

Aposto é o termo de natureza substantiva que repete algo já designado com fins de algum tipo de esclarecimento.

Ex.: Pelé, Rei do Futebol, fez o milésimo gol num jogo contra o Vasco. REI DO FUTEBOL é aposto de Pelé.

21.2.1. Aposto denominativo

Ex.: Praia de Copacabana, Presidente Lula.

21.2.2. Aposto explicativo

Ex.: Xuxa, a rainha dos baixinhos, está extremamente famosa também na Argentina.

21.2.3. Aposto enumerativo

Ex.: Comprei frutas: laranja, maçã, pêra.

21.2.4. Aposto resumitivo

Ex.: Na festa havia Ferrari, BMW, Peugeot, enfim só carros estrangeiros.

21.2.5. Aposto distributivo

Ex.: Eles, cada um de seu jeito, resolveram os problemas. Vieram dois rapazes; este, de calças compridas e aquele, de bermudas.

21.3. Vocativo

Vocativo é o termo que indica um chamamento (pessoa com quem se fala).

Ex.: Pressentimentos de que, Isaura? (Bernardo Guimarães).

21.3.1. Exercícios

1. Correlacione.

(1) AGENTE DA PASSIVA
(2) APOSTO
(3) VOCATIVO

( ) "Jesus Cristo, Jesus Cristo, eu estou aqui" (Roberto Carlos).
( ) Jesus Cristo, o ser mais sábio de todos os tempos, deu-nos grandes ensinamentos.
( ) Eu fui ensinado pela vida.
( ) Manoel já era conhecido de todos.
( ) Tu moras na rua Barata Ribeiro?
( ) Que fazes aqui, Manoel?

21.3.2. Análise sintática do pronome oblíquo

BIZU

Substitui-se o pronome oblíquo pela palavra MENINO. A função sintática que tiver a palavra MENINO será a mesma função sintática do pronome oblíquo.

Ex.: "Nós queríamos que você nos ensinasse umas cantigas" (Lima Barreto).

→ Substituindo-se NOS por AO MENINO (... ensinasse umas cantigas AO MENINO), chega-se à conclusão de que AO MENINO é objeto indireto, portanto NOS é OBJETO INDIRETO.

Ex.: "Então a Adélia, ..., puxou-me a face" (Eça de Queirós).

→ Puxou a face DO MENINO – adjunto adnominal, NOS – adjunto adnominal.

Ex.: "... envolvendo-a na sua cama de prata..." (Aluísio de Azevedo).

→ Envolvendo O MENINO – objeto direto, A – objeto direto.

Ex.: "... pode a sorte não te ser favorável..." (José de Alencar).

→ Não ser favorável AO MENINO – complemento nominal, TE – complemento nominal.

É importante citar que, nos casos dos verbos causativos (verbos que indicam a causa da outra ação – mandar, deixar, fazer...) e sensitivos

(verbos que sugerem os sentidos – ver, ouvir, observar, escutar), o pronome oblíquo átono funcionará como sujeito do verbo seguinte no infinitivo. A situação é tão atípica, que nem o verbo será obrigado a concordar com o sujeito – o estudo da flexão do verbo seguinte receberá uma análise mais aprofundada no capítulo de concordância.

Ex.: "Marcela... mandou-o a uma loja na vizinhança, comprar o vidro" (Machado de Assis).

"A vista de uma sota faz-me às vezes estremecer o coração em emoções mais vivas..." (Bernardo Guimarães).

"É o meu maior prazer vê-lo brilhar" (Lamartine Babo).

"Deixou-se ficar espiando..." (Aluísio de Azevedo).

Obs.: Há alguns pronomes oblíquos átonos que não possuem função sintática. São aqueles que não representam um ser: o pronome apassivador, o índice de indeterminação do sujeito e a parte integrante dos verbos (nos verbos pronominais).

Ex.: Fez-se o trabalho.

– O pronome apassivador SE não representa uma pessoa, não podendo, portanto, possuir função sintática.

Ex.: Precisa-se de mais operários.

– O índice de indeterminação do sujeito SE, demarcando o sujeito (agente) indeterminado e sendo o elemento paciente "de mais operários", não representa um ser, não possuindo função sintática.

Ex.: Eu me referi a seu trabalho.

→ Observe que o termo agente da ação é o pronome reto EU (mesmo que não aparecesse explícito), já o elemento paciente é "a seu trabalho". Então o pronome oblíquo ME só tem valor estrutural, não substituindo uma pessoa. Sendo assim, não possui função sintática.

21.3.2.1. Exercícios

1. Dê a função sintática dos termos sublinhados.

a) Viram-me ontem.
b) Entregaram-me os documentos.
c) Roubaram-me os documentos.
d) Roubaram-me.
e) Ele me é extremamente útil.
f) Maria sempre nos será extremamente agradável.
g) Desculpe por pisar-te o pé.
h) Dar-vos-ei todos os jornais.
i) Deixar-nos-ão ficar aqui.

j) Ele te viu estudar ontem.

21.3.3. Análise sintática do pronome relativo

BIZU

1º passo – isolar a oração em que aparece o pronome relativo.
2º passo – formar uma nova frase somente com aquela oração já isolada, substituindo o pronome relativo pelo termo antecedente.
3º passo – ao reconhecer a função sintática que terá este termo substitutivo do pronome relativo, estará também sendo reconhecida a função sintática do próprio pronome relativo.

Ex.: Roubaram as canetas que comprei ontem.

→ A oração em que aparece o pronome relativo é QUE COMPREI ONTEM. Forma-se uma nova frase somente com esta oração, mas deve ser substituído o pronome relativo pelo termo antecedente (AS CANETAS).

A frase fica: COMPREI ONTEM AS CANETAS. A função sintática de AS CANETAS é objeto direto, portanto QUE também será objeto direto.

As crianças a quem entreguei as provas já estão mais aliviadas.

→ Isole a oração em que aparece o pronome relativo – A QUEM ENTREGUEI AS PROVAS. Forma-se uma nova frase com esta oração, substituindo-se o pronome relativo QUEM pelo termo antecedente AS CRIANÇAS – ENTREGUEI AS PROVAS ÀS CRIANÇAS. ÀS CRIANÇAS é objeto indireto, portanto A QUEM é objeto indireto.

Obs.: Os pronomes relativos CUJO, CUJA, CUJOS, CUJAS quase sempre funcionam como adjuntos adnominais, até porque encerram valor de posse. Muito raramente podem também funcionar como complemento nominal, desde que possuam valor paciente.

Ex.: O réu de cujo julgamento participei foi condenado a dez anos de prisão.

→ Observe que o pronome relativo "cujo" refere-se ao termo o réu. Substituindo-se o termo pelo antecedente, resultaria "Participei do julgamento do réu". "O réu" não julgou e, sim, foi julgado, possuindo nítido valor paciente, funcionando, então, como complemento nominal.

21.3.3.1. Exercícios

1. Dê a função sintática do pronome relativo:

a) Falei as palavras que você queria ouvir.

b) Falei as palavras que deveriam ser faladas.
c) As cervejas de que sinto necessidade já estão geladas.
d) As cervejas de que necessito já estão geladas.
e) É linda a cidade em que moro.
f) Meu pai é a única pessoa em quem confio.
g) Meu pai é a única pessoa em quem tenho confiança.
h) As crianças que estavam desaparecidas foram encontradas.
i) As soluções que eu dei não te agradaram.
j) As soluções a que sempre fui favorável finalmente foram tomadas.
k) Futebol é o único assunto por que efetivamente me interesso.
l) Futebol é o único assunto por que efetivamente tenho interesse.
m) É muito bonito o local para onde vou.

21.3.4. Análise sintática de pronome demonstrativo e pronome relativo juntos

BIZU

1º passo – Relembrar que, quando O, A, OS, AS – combinados ou não com preposição – aparecerem antes de QUE e puderem ser substituídos por AQUILO, AQUELE(S), AQUELA(S), serão pronomes demonstrativos e QUE será relativo.

2º passo – É fundamental o candidato ficar ciente de que pronome demonstrativo e pronome relativo não podem ficar na mesma oração, até porque o antecedente do pronome relativo será o demonstrativo – e só o demonstrativo, mesmo que combinado a uma preposição –, portanto os dois pronomes representam o mesmo ser.

3º passo – Isolar a oração principal e substituir O, A, OS, AS por AQUILO, AQUELE(S), AQUELA(S) para determinar a função do demonstrativo.

4º passo – Isolar a oração subordinada e substituir o pronome relativo pelo antecedente – o pronome demonstrativo O, A, OS, AS. No fim, substitua O, A, OS, AS por AQUILO, AQUELE(S), AQUELA(S).

Ex.: "O que eu não quero perder é a sua missão nova" (Machado de Assis).

→ Na frase, o pronome demonstrativo O aparece antes do relativo QUE. Pronome demonstrativo e pronome relativo não podem ficar na mesma oração, logo a primeira oração é: "O é a sua missão nova". Substituindo o pronome demonstrativo O por AQUILO teremos "Aquilo é a sua missão nova". AQUILO funciona como sujeito, função esta do demonstrativo O. Isolando a oração subordinada "que eu não quero perder", substituir o relativo "que" pelo antecedente, o demonstrativo O. Por fim, substituir O por AQUILO, ficando a

frase “eu não quero perder aquilo”. AQUILO funciona como objeto direto, função esta do pronome relativo QUE.

Ex.: “Não sabeis que ele é protegido e amado pelos que pouco se importam se morremos ou vivemos” (José de Alencar).

→ ... amado POR AQUELES – agente da passiva, PELOS – agente da passiva; AQUELES pouco se importam... – sujeito, QUE – sujeito.

Ex.: Não gostei do que eles disseram.

→ Na frase, o pronome demonstrativo O aparece combinado com a preposição DE. Para determinar a função do demonstrativo, basta isolar a oração principal e substituir O por AQUILO, não se esquecendo de combinar com a preposição ocorrente na primeira oração: “Não gostei daquilo”. DAQUILO funciona como objeto indireto, função sintática de DO. Agora vamos passar para a função do relativo: isolemos a segunda oração e substituamos o pronome relativo QUE pelo antecedente O (FUNDAMENTAL ficar atento ao fato de que o antecedente do pronome relativo é só o demonstrativo e não o demonstrativo combinado com a preposição. Sendo assim, o antecedente não é o “do” – de + o – e sim somente “o”. Este caso de reconhecimento do antecedente do relativo já foi utilizado em várias oportunidades em concursos públicos). Depois troquemos O por AQUILO, ficando a frase “Eles disseram aquilo”. AQUILO é objeto direto, função do relativo.

Ex.: As que estudam passam.

→ Na frase, o pronome demonstrativo AS aparece antes do relativo QUE. É sempre muito importante lembrar que demonstrativo e relativo não podem ficar na mesma oração, portanto a primeira oração é “As passam”. Substituamos o demonstrativo AS por AQUELAS, ficando o período “Aquelas passam”. AQUELAS funciona como sujeito, função do demonstrativo AS. Vejamos agora a função do relativo: isolemos a oração intercalada “que estudam” e substituamos o QUE pelo antecedente, o demonstrativo AS. Por fim, alteremos AS por AQUELAS, resultando: “Aquelas estudam”. AQUELAS funciona como sujeito, então é a função do relativo.

21.3.4.1. Exercícios

1. Dê a função sintática tanto do pronome relativo quanto do pronome demonstrativo nas frases a seguir.

I. Tens certeza do que se disse?

II. Confiamos no que os professores ensinam.

III. Não sabemos o que ele será na empresa.

IV. Aos que sempre fazem o que querem eu dou atenção.

21.3.5. Exercícios

1. (AFTN) Leia o trecho abaixo e identifique a opção que faz correspondência incorreta entre as duas colunas: "Ainda quando a vida mais não fosse que a urna da saudade, o sacrário da memória dos bons, isso bastava para a reputarmos um benefício celeste, e cobrirmos de reconhecimento a generosidade de quem no-la doou" (Ruy Barbosa).

	Termos destacados:		Função sintática da oração:
a)	a		objeto direto
b)	um benefício celeste		predicativo do objeto direto
c)	a generosidade		objeto direto
d)	quem		objeto indireto
e)	no		objeto indireto

2. (TFC) Assinale a letra em que a função sintática indicada pelo termo do texto NÃO está correta.
Com franqueza, estava arrependido de ter vindo. Agora que ficava preso, ardia por andar lá fora, e recapitulava o campo e o morro, pensava nos outros meninos vadios, o Chico Telha, o Américo, o Carlos das Escadinhas, a fina flor do bairro e do gênero humano. Para cúmulo de desespero, vi através das vidraças da escola, no claro azul do céu, por cima do morro do Livramento, um papagaio de papel, alto e largo, preso de uma corda imensa, que bojava no ar, uma cousa soberba. E eu na escola, sentado, pernas unidas, com o livro de leitura e a gramática nos joelhos.

a)	com franqueza (l. 1)		adjunto adverbial
b)	o campo e o morro (l. 2)		objetos diretos
c)	um papagaio de papel (l. 5)		sujeito
d)	alto e largo (l. 5)		adjuntos adnominais
e)	a fina flor do bairro (l. 3)		aposto

3. (UF-MG) Em todas as alternativas, o termo destacado está corretamente classificado, exceto em:
a) Ele sabia o **que** ignorava e não se atrevia a julgar tudo. (sujeito)
b) O padeiro ofereceu-lhe alguma coisa e perguntou amavelmente o **que** havia de novo. (objeto direto)
c) Eu não sei **que** mal me faz essa mulher com seu rosto à Botticelli. (adjunto adnominal)
d) É um sentimento perfeitamente imbecil, **de que** até hoje não me pude libertar. (objeto indireto)
e) Era um galope para a riqueza, **em que** se atropelava a todos, os amigos e inimigos. (adjunto adverbial)

4. (PUC) Não revelou o que descobrira a ninguém. Assinale a alternativa em que se analisa a classe gramatical e a função sintática das palavras destacadas, respeitando a ordem em que elas ocorrem:
a) artigo, adjunto adnominal, conjunção integrante, conectivo;
b) pronome demonstrativo, sujeito, conjunção integrante, conectivo;
c) artigo, adjunto adnominal, pronome relativo, sujeito;
d) pronome demonstrativo, objeto direto, pronome relativo, objeto direto;
e) artigo, adjunto adnominal, pronome relativo, objeto direto.

5. (UF-Uberlândia) Todos os itens abaixo apresentam o pronome relativo com função de objeto direto, exceto:
a) "Aurélia não se deixava inebriar pelo culto que lhe rendiam".
b) "Está fadigada de ontem? perguntou a viúva com a expressão de afetada ternura que exigia o seu cargo".
c) "... com a riqueza que lhe deixou seu avô, sozinha no mundo, por força que havia de ser enganada".
d) "... O Lemos não estava de todo restabelecido do atordoamento que sofrera".
e) "Não o entendiam assim aquelas três criaturas, que se desviviam pelo ente querido".

6. (FEI-SP) Em: "Usando do direito <u>que</u> <u>lhe</u> confere a Constituição", as palavras grifadas exercem a função respectivamente de:
a) objeto direto e objeto direto;
b) sujeito e objeto direto;
c) objeto indireto e sujeito;
d) sujeito e sujeito;
e) objeto direto e objeto indireto.

7. (UFF) Numa das alternativas abaixo, a função sintática do pronome relativo é a mesma que seu antecedente exerce na oração principal. Assinale-a.
a) Depois disso, entrou-se na era do vale-tudo, que desembocou nos aniquilamentos de Hiroshima e Nagasaki.
b) Hiroshima desapareceu sob o clarão de uma explosão que provocou, quase instantaneamente, a morte de cem mil pessoas.
c) Como não houve qualquer ataque, muitos japoneses que estavam em terra imaginaram tratar-se de uma provocação.
d) As bombas que os EUA jogaram sobre o Japão tinham como alvo a URSS.
e) A bordo do navio Augusta, que retornava para os EUA, Truman autorizou o bombardeio.

8. (UFF) Assinale a opção em que um <u>pronome relativo</u> apresenta <u>a mesma função sintática</u> do *<u>que</u>* no fragmento "e em vez de nos guardarem as fazendas, são os que maior estrago nos fazem nelas".
a) "O primeiro réu que condenei era um moço limpo".

b) "Contestou que lhe coubesse a iniciativa ou inspiração do crime".
c) "Alguém foi que lembrou esse modo de sacudir".
d) "Mas Deus, que via os corações, diria ao criminoso verdadeiro o merecido castigo".
e) "Ao contrário, o defensor mostrou que o abatimento e a palidez significavam a lástima da inocência caluniada.

9. (Rural) Em "Descobririas o menino que sustenta esse homem", a análise correta é:
a) TU – sujeito de "descobririas"; O MENINO – sujeito de "sustenta".
b) O MENINO – objeto direto; ESSE HOMEM – sujeito.
c) QUE – sujeito; ESSE HOMEM – objeto direto.
d) O MENINO – sujeito; ESSE HOMEM – objeto direto.
e) QUE – objeto direto; O MENINO – sujeito.

10. (Mack) Nas frases abaixo, o pronome oblíquo está corretamente classificado, exceto em:
a) "Fugia-lhe é certo, metia o papel no bolso ..." (objeto indireto).
b) "... ou pedir-me à noite a bênção do costume" (objeto indireto).
c) "Todas essas ações eram repulsivas: eu tolerava-as ..." (objeto direto).
d) "... que vivia mais perto de mim que ninguém" (objeto indireto).
e) "... eu jurava matá-los a ambos ..." (objeto direto).

11. (NCE) "... pois ninguém se interessa pelo que nelas acontece..." Assinale o comentário incorreto sobre os elementos participantes desse trecho:
a) a segunda oração depende semanticamente da primeira;
b) o antecedente do relativo QUE é o pronome demonstrativo O;
c) o uso da preposição EM (nelas) indica semanticamente lugar;
d) o pronome indefinido NINGUÉM indetermina o sujeito da oração;
e) o uso do pronome pessoal ELAS evita a repetição de termos idênticos.

12. (NCE) "O exemplo de Los Angeles, onde grupos sociais se organizaram para buscar soluções para seus problemas..." Assinale o comentário incorreto sobre o segmento destacado:
a) ONDE é um advérbio de lugar.
b) ONDE se refere a Los Angeles.
c) GRUPOS SOCIAIS exerce a função de sujeito.
d) O pronome SE se refere a "GRUPOS SOCIAIS".
e) O pronome SE exerce a função de objeto direto.

13. Nas frases "Não tememos o que o deputado vai dizer na CPI" e "Gostamos do que se disse na CPI", o termo QUE exerce, respectivamente, a função de:
a) objeto direto – sujeito;
b) objeto direto – objeto direto;
c) sujeito – sujeito;

d) sujeito – objeto direto;
e) complemento nominal – complemento nominal.

14. (NCE) Assinale o comentário inadequado sobre a oração daquele lugar onde se matam pobres de fome e crianças à bala.
a) A frase se encontra na voz passiva sintética ou pronominal.
b) O uso do demonstrativo AQUELE tem valor pejorativo.
c) A conjunção coordenada une de fome e à bala.
d) ONDE tem sentido dêitico.
e) De fome e à bala têm função de adjuntos adverbiais.

15. (Farias Brito) "Um prólogo a um livro de versos é cousa que se não lê, e quase sempre com razão" (Silvio Romero). O verbo "lê":
a) está na voz passiva e seu sujeito é "que";
b) está na voz ativa, seu sujeito é "cousa" e seu objeto direto é "versos";
c) está na voz reflexiva, e o sujeito "versos" pratica e recebe a ação, ao mesmo tempo;
d) sugere reciprocidade de ação, pois há troca de ações entre os "versos" e quem os lê;
e) funciona acidentalmente como verbo de ligação, com predicativo oculto.

16. "Não tenho confiança no que você diz". Em relação a este período só não podemos afirmar:
a) a segunda oração é subordinada adjetiva restritiva;
b) a função sintática de "no" é complemento nominal;
c) "que" funciona como objeto direto;
d) "no" é a contração da preposição EM com o artigo o;
e) "confiança" é objeto direto da primeira oração.

17. (NCE) A única alternativa em que a palavra SE exerce função sintática é:
a) "Ao se debruçar sobre ela..."
b) "... experimenta-se o sabor do infinito..."
c) "... destrancam-se as portas..."
d) "... a pessoa se inscreve no enredo do mundo".
e) "Num momento em que se percebe que a passagem pela escola..."

18. (Cespe – UnB)
Ninguém fica indiferente à publicidade televisiva.
Não deixe seus pulmões correrem o risco de uma golfada de livre.
A publicidade é usada com a finalidade de iludir as pessoas.
Considerando os trechos acima, assinale o item que contém, respectivamente, a função sintática dos termos sublinhados:
a) complemento nominal / objeto direto / predicativo do sujeito
b) complemento nominal / sujeito / objeto direto
c) objeto indireto / objeto direto / adjunto adverbial

d) complemento nominal / objeto direto / adjunto adnominal
e) adjunto adnominal / sujeito / complemento nominal

19. (Bacen – Esaf) Assinale a opção incorreta a respeito das estruturas linguísticas do texto abaixo.
Temos uma legislação processual com dispositivos que permitem ao devedor, a pretexto de questionar uma cláusula contratual ou uma garantia dada em uma operação, deixar de pagar o principal. O que isso traz de consequência? Traz um aumento muito grande de inadimplência, que se traduz em um aumento de custo para o tomador. O prejuízo operacional sofrido pela instituição financeira, em decorrência dessa inadimplência, faz com que os bons pagadores acabem arcando com parte dessa conta, suportando uma taxa de juro maior e até desestimulando outros tomadores, que gostariam de expandir ou crescer seus empreendimentos com apoio no crédito.
(Gabriel Jorge Ferreira, em entrevista à *Resenha BM&F*, com adaptações.)
a) A forma verbal "Temos", ao iniciar o texto, indica que autor e leitores partilham a situação que vem descrita a seguir.
b) A oração "deixar de pagar o principal" (l. 2 e 3), apesar de não ter sujeito gramatical, refere-se semanticamente a "devedor"(l. 1).
c) O pronome "que" (l. 4) refere-se a "inadimplência" (l. 3) e constitui o sujeito da oração em que ocorre.
d) A oração reduzida "sofrido pela instituição financeira" (l. 4 e 5) corresponde à ideia que também pode ser expressa pela oração que a instituição financeira sofreu.
e) "Dessa inadimplência" (l. 5) constitui o sujeito da oração que tem como predicado "faz" (l. 5).

20. (Cespe-UnB) Considerando-se o trecho "Havia <u>os</u> que tinham medo, havia <u>os</u> que falavam de castigo", marque o item em que a afirmação está correta.
a) Ambas as palavras sublinhadas são pronomes pessoais retos e funcionam como sujeito do verbo "haver".
b) Ambas as palavras sublinhadas são pronomes pessoais oblíquos e funcionam como sujeito do verbo "haver".
c) Apenas a primeira palavra sublinhada é pronome demonstrativo e funciona como sujeito do verbo "haver".
d) Ambas as palavras sublinhadas são pronomes demonstrativos e funcionam como objeto direto.
e) Apenas a segunda palavra sublinhada é pronome demonstrativo e funciona como sujeito da oração seguinte.

21. Assinale a opção em que o pronome oblíquo possui função sintática.
a) Eu já me esqueci de tudo.
b) Eles se recordaram do passado.
c) Tu te lembras do ocorrido?
d) Lembraram-me que haverá expediente.

e) Vive-se bem no Rio de Janeiro.

22. Assinale a opção em que o pronome oblíquo possui função sintática.
a) Ele se referia simplesmente ao ócio.
b) Ajoelhamo-nos e rezamos por nossos pecados.
c) Entendeu-se finalmente que aquela seria a melhor opção.
d) Já não se assiste a filmes tão bons como antigamente.
e) Eles se amaram como dois animais (Alceu Valença).

23. (NCE – TRT) No segmento "... surgiram as condições sociais que tornaram possível o aparecimento do Direito do Trabalho...", o pronome relativo "que" retoma um termo anterior que passa a ser sujeito da oração seguinte. Em quantos segmentos a seguir essa mesma estrutura se repete?
1º – "... representam a base que possibilitou o desenvolvimento da nova economia".
2º – "... igual ao patrão que o contratava".
3º – "... era muito inferior ao que se exigia do artesão qualificado na época precedente".
4º – "... para efetuar as simples tarefas que as máquinas ainda eram incapazes de fazer".
a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) nenhum

24. (TJ – NCE) "... com hábitos que tornam necessários muitos bens produzidos pela indústria,..." O comentário adequado à estrutura desse segmento do texto é:
a) A forma "necessários" poderia ser substituída, de modo correto, por "necessário".
b) O pronome "que" refere-se a "hábitos" e é sujeito do verbo seguinte.
c) "Pela indústria" representa o paciente da ação verbal.
d) O pronome indefinido "muitos" concorda com "produzidos".
e) O verbo "tornar" está no plural porque concorda com o sujeito "bens".

Capítulo 22

Classificação de Orações

Amigo leitor, as orações coordenadas e as subordinadas adverbiais já foram analisadas no estudo de conjunções. Faremos aqui uma revisão. É bom lembrar que as conjunções são o principal elemento de coesão textual – daí inclusive se justificam as nomenclaturas "coordenativa" ou "subordinativa". O sufixo "ativo" possui valor agente, indicando que a conjunção coordena ou subordina; por consequência, a oração ficará coordenada ou subordinada. Cabe, neste momento, a análise também de orações sem conjunções, sobretudo as reduzidas.

22.1. Orações coordenadas

Principal característica: são independentes.

22.1.1. Assindéticas

Sem uso de conectivos.

Ex.: Maria lava, passa, prepara a comida...

A frase é composta por três orações e não há conectivo ligando-as, portanto as três orações são coordenadas assindéticas.

22.1.2. Sindéticas

Com uso de conectivos. A seguir, veremos uma relação de orações coordenadas sindéticas.

22.1.2.1. Aditivas

Dão ideia de adição, soma, acréscimo. As conjunções e locuções conjuntivas mais comuns são: E, NEM, MAS TAMBÉM, COMO TAMBÉM, OUTROSSIM, TAMPOUCO.

Ex.: "... ainda há tempo de salvar o Brasil e já conseguiu a adesão de todos os Homens..." (Luis Fernando Verissimo).

"O outro homem não o saudamos, nem ele nos viu" (Eça de Queirós).

22.1.2.2. Adversativas

Expõem ideia de contrariedade, adversidade, oposição à expectativa criada

na outra oração. As conjunções mais comuns são:
MAS, PORÉM, CONTUDO, TODAVIA, ENTRETANTO, NO ENTANTO e NÃO OBSTANTE.

Ex.: Maria não estava triste, contudo chorou copiosamente.
"Não me queixo, mas sofro" (José de Alencar).

Obs.: É mais importante o candidato preocupar-se com a ideia que passa a oração do que decorar conjunções. Observe os exemplos seguintes:
Foi à praia e não tomou banho de mar.
Não só foi à praia mas também tomou banho de mar.

→ Na primeira frase, apesar de aparecer a conjunção E, a ideia que ocorre é de adversidade, pois é criada uma expectativa na primeira oração, contudo a segunda não concretiza a expectativa criada. Quando se fala FOI À PRAIA, espera-se que a pessoa TOME BANHO DE MAR, no entanto tal não ocorre.

Já na segunda frase, apesar de aparecer a palavra MAS, a ideia é de soma, pois o indivíduo foi à praia e tomou banho de mar, ou seja, praticou as duas ações. É sempre interessante não esquecer que estruturas iniciadas por "não apenas", "não só" ou "não somente", inevitavelmente, vão desembocar em orações aditivas. Isso acontece, pois, como o termo "não" tem a função de negar os elementos restritivos "somente", "só" e "apenas", além de a ação exposta naquela oração se efetivar, também a ação exposta na oração seguinte se realizará. Voltando ao exemplo "Ele não só foi à praia", se não houvesse o "não", ele somente teria ido à praia e não haveria feito mais nada. Mas como o "não" negou o "só", "Ele não só foi à praia", como também realizou outra ação.

22.1.2.3. Alternativas

Relatam ideia de opção, escolha, alternância. As conjunções mais comuns são: OU...OU, ORA...ORA, QUER...QUER.

Ex.: "Ser ou não ser..." (W. Shakespeare).
"Ou porque o amor antigo o obrigava,
ou porque a gente forte o merecia" (Camões).
Ora eu vejo um bom filme ora eu ouço música.
"É o meu maior prazer vê-lo brilhar seja na terra seja no mar" (Lamartine Babo).

→ Nas duas primeiras frases, a conjunção OU introduz uma ideia de opção, escolha que se contrapõe à oração anterior.

Na duas últimas frases, as conjunções ORA e SEJA introduzem nas orações a ideia de fatos que se alternam.

Obs.: Às vezes, a conjunção "ou" pode possuir valor aditivo, como na frase: "Estamos preparados para dormir ou para ficar acordados."

→ Observe que, na realidade, nós estamos preparados para as duas ações: dormir e ficar acordados.

22.1.2.4. Conclusivas

Expressam ideia de CONCLUSÃO, DEDUÇÃO, SUPOSIÇÃO. As conjunções mais comuns são: ENTÃO, LOGO, PORTANTO.

"Penso, logo existo" (R. Descartes).

Minha mulher preparou o almoço, logo a comida está insuportável.

→ Nas duas frases, observe que a ideia que fica mais clara é a de dedução; no primeiro caso, uma dedução filosófica e, no segundo caso, uma dedução baseada provavelmente em experiências anteriores que levam o sujeito (EU – IMPLÍCITO) a chegar a esta conclusão.

22.1.2.5. Explicativas

Designam valor de EXPLICAÇÃO. As conjunções mais comuns são QUE, PORQUE, JÁ QUE, VISTO QUE, PORQUANTO...

Obs.: Normalmente o verbo da outra oração se encontra no **IMPERATIVO.**

Ex.: Vem logo, que já está tarde.

Não fales mais nada, porque tuas palavras podem ser prejudiciais a ti.

→ Nas duas frases, QUE e PORQUE introduzem uma explicação para a ordem (daí o uso do IMPERATIVO) que ocorre na oração anterior.

Obs.: Ocorre mais raramente o fato de uma oração coordenada explicativa aparecer numa situação em que o verbo da outra oração não esteja no imperativo. Tal acontece quando não houver uma relação causa-efeito.

Manoel esteve aqui, uma vez que eu vi a chave dele.

→ Não se pode dizer que "eu ver a chave dele" é a causa de "Manoel ter estado aqui". Então o fato de a chave de Manoel estar ali, no máximo, esclarece ou explica que ele esteve ali.

João bebeu cerveja, visto que deixou o copo sujo na pia.

→ É inviável compreender que "João ter deixado o copo sujo na pia" seja a causa de "ele ter bebido cerveja". No entanto, o fato de haver o copo sujo na pia esclarece ou explica que João bebeu cerveja.

22.2. Exercícios

1. Correlacione:

(1) O. C. S. ADITIVA
(2) O. C. S. ADVERSATIVA
(3) O. C. S. ALTERNATIVA
(4) O. C. S. CONCLUSIVA
(5) O. C. S. EXPLICATIVA

( ) Não falem muito, porque já estão atrapalhando a concentração do professor.
( ) Não veio à escola, portanto deve estar muito doente.
( ) Ou ele estuda ou sai do colégio.
( ) O professor não só come muito, mas também bebe demasiadamente.
( ) Sinfrô colocou o seu melhor vestido e não foi à festa.
( ) Não sei nem quero saber dos seus problemas.
( ) Falei a verdade, entretanto ninguém acredita em mim.
( ) Ora ele diz uma coisa ora ele diz outra.
( ) Ele não assistiu às aulas, portanto não tem condições de fazer a prova.
( ) Fale a verdade, que não será castigado.

2. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a conjunção E está empregada com valor adversativo:

a) "Deixou viúva e órfãos miúdos".
b) "Para diminuir a mortalidade e aumentar a produção, proibi a aguardente".
c) "Tenho visto criaturas que trabalham demais e não progridem".
d) "Iniciei a pomicultura e a avicultura".
e) "Perdi dois caboclos e levei um tiro de emboscada".

3. (NCE) "Na verdade, a palavra escrita <u>não apenas</u> permanece..." O segmento sublinhado indica que, na progressão do texto, vai aparecer um segmento com valor de:

a) comparação;
b) retificação;
c) condição;
d) adição;
e) alternância.

22.3. Orações subordinadas

A oração subordinada é apenas uma função sintática da oração principal.

22.3.1. Substantivas

Podem ser substituídas pela palavra "ISSO". Funcionam como substantivos. O termo que normalmente introduz as orações subordinadas substantivas é a conjunção integrante.

22.3.1.1. Subjetivas

Funcionam como sujeito da oração principal.

Ex.: Convém que você volte logo (isso).

→ Isso convém.

ISSO é sujeito, portanto a oração QUE VOCÊ VOLTE LOGO é sujeito da oração principal. A oração é subordinada substantiva subjetiva.

Obs.: A única diferença entre a oração subordinada substantiva subjetiva e um sujeito não oracional é que o primeiro contém verbo, por isso forma uma oração. Cada oração possui seu sujeito, seu predicado... Então, se uma oração for subjetiva, inevitavelmente (mesmo ela tendo o seu próprio sujeito) funcionará como sujeito da outra. Sendo assim, caso seja determinado identificar o sujeito das duas orações na frase dada como exemplo, a resposta seria: QUE VOCÊ VOLTE LOGO – sujeito da oração principal e VOCÊ, sujeito da oração subordinada.

Outros exemplos: É importante que tudo se resolva.

Dir-se-ia que estava debaixo do império de algum terrível pressentimento (Bernardo Guimarães).

Será fundamental resolver o trabalho.

BIZU

Não é coincidência o fato de, em todos os exemplos, o verbo da oração principal estar sempre na terceira pessoa do singular. Tal se justifica em virtude de o verbo ser obrigado a concordar com o sujeito – que no caso é oracional (a pessoa da oração é a terceira pessoa do singular, ainda que todos os vocábulos nela presentes estejam no plural).

22.3.1.2. Objetivas diretas

Funcionam como objeto direto da oração principal.

Ex.: "Eu disse que havia muitos herdeiros à coroa de Portugal" (Carlos Olavo).

→ A oração sublinhada pode ser substituída pela palavra ISSO ("Eu disse isso"). ISSO é objeto direto, portanto a oração é subordinada substantiva objetiva direta.

Obs.: Se a banca pedir, na frase utilizada como exemplo, todos os complementos verbais, o candidato deve lembrar-se de que complemento de verbo é objeto e, se a oração subordinada substantiva é objetiva direta, é porque ela funciona como objeto direto da oração principal. Portanto, a resposta

completa seria: "que havia muitos herdeiros à coroa de Portugal" – objeto direto da oração principal; MUITOS HERDEIROS – objeto direto da oração subordinada.

Outros exemplos: Garanto que tudo será resolvido.
Peço que tenham calma.
Permiti que todos saíssem.
Ele perguntou se estava tudo bem.

22.3.1.3. Objetivas indiretas

Funcionam como objeto indireto da oração principal.

Ex.: Necessito de que tenham calma (disso).

→ DISSO é objeto indireto, pois está completando a ideia do verbo NECESSITO com a preposição DE, portanto a oração é subordinada substantiva objetiva indireta.

Outros exemplos: Não devo concordar com que faças isso.
Pedi um favor a quem estava presente.
Lembrei-me de que ainda não descansei.
Interessei-me por que viesses logo.

22.3.1.4. Completivas nominais

Funcionam como complemento nominal da oração principal.

Ex.: Tenho certeza de que tudo se resolverá (disso).

→ DISSO é complemento nominal, pois completa a ideia do nome CERTEZA com a preposição DE, portanto a oração é subordinada substantiva completiva nominal.

Outros exemplos: Manifestei interesse por que viesses logo.
Sinto necessidade de que me deem uma cerveja.
ou contrário a que tomes uma posição intransigente.

22.3.1.5. Predicativas

Funcionam como predicativo do sujeito da oração principal.

Ex.: "O certo é que ele ... esbarrou com um velho amigo" (Fernando Sabino).

→ A oração QUE ELE ... ESBARROU COM UM VELHO AMIGO pode ser substituída pela palavra ISSO e funciona como predicativo do sujeito da oração principal, portanto a oração é subordinada substantiva predicativa.

Outros exemplos: Meus votos são que você se restabeleça logo.
O meu pedido é que não perturbem.

O provável é que tudo acabe bem.

22.3.1.6. Apositivas

Funcionam como aposto da oração principal. Neste caso, a substituição da oração pela palavra ISSO torna-se inviável, contudo a percepção de que a oração é apositiva não é das mais difíceis, até porque normalmente esta oração aparecerá depois de dois-pontos. É também importante lembrar que a oração apositiva é apenas um aposto que possui um verbo, formando uma oração.

Ex.: Só digo cinco palavras: que o Flamengo será campeão.

QUE O FLA SERÁ CAMPEÃO é um aposto que forma uma oração, pois possui verbo. Logo, a oração é subordinada substantiva apositiva.

Obs.: Os DOIS-PONTOS serão substituídos por uma vírgula quando a oração apositiva estiver anteposta à oração principal.

Ex.: Que tragam cerveja, só peço esse favor.

→ Observe que, se invertermos o posicionamento das duas orações, os DOIS-PONTOS aparecem na frase – Só peço este favor: QUE TRAGAM CERVEJA.

Outros exemplos: Só tenho certeza de um fato: que todos nós, um dia, morreremos.

Que a Princesa morreu, foi essa a única notícia de que tivemos conhecimento.

Só entendi uma coisa: que ele não virá.

22.3.1.7. Agentes da passiva

Funcionam como agente da passiva da oração principal. Aqui também se torna inviável a substituição da oração pela palavra ISSO. É bastante fácil identificar esta oração, pois apresentará sempre a mesma estrutura. Para que haja um agente da passiva oracional, é necessário haver uma voz passiva analítica (verbo SER + VTD no particípio) e depois POR QUEM.

Ex.: O exercício foi resolvido por quem estudou.

→ POR QUEM ESTUDOU funciona como agente da passiva, da mesma forma que PELO ALUNO. Distinguem-se os dois pelo fato de o primeiro possuir um verbo, formando, assim, uma oração, que terá a função de agente da passiva.

Outros exemplos: O campeonato será vencido por quem acumular mais pontos.

A resposta é dada por quem pesquisa.

O pedido foi feito por quem tinha interesse.

Obs.: A Nomenclatura Gramatical Brasileira não prevê esta oração. Contudo, vários gramáticos – dentre eles, Celso Cunha – reconhecem a sua existência.

BIZU

É fundamental explicar que as bancas não têm solicitado ao candidato a classificação das orações como se fazia tradicionalmente. Isso não quer dizer que o assunto não caia em prova. Neste momento, aqui será esclarecido como o assunto se faz presente nos concursos. Como já fora informado, a oração subordinada é apenas uma função sintática da oração principal. Logo se uma oração é subjetiva, funciona como sujeito... então a oração subordinada é sujeito da oração principal, exigindo, inclusive, que o verbo da oração principal esteja na terceira pessoa do singular, para que se faça a perfeita concordância (é bom realçar o fato de que a pessoa de qualquer oração é a terceira do singular – corresponde a um fato –, mesmo que todos os termos nela presentes estejam no plural. Então, sendo a oração subjetiva, o verbo da oração principal estará sempre na terceira pessoa do singular). Na frase "Convém que vocês estudem bastante", a forma verbal "Convém" encontra-se na terceira pessoa do singular para concordar com o seu sujeito – a oração subordinada – "que vocês estudem".

Às vezes, é solicitado ao candidato o reconhecimento de termos que contenham a mesma função sintática. Na frase "Garanto que eles farão o trabalho", os termos "que eles farão o trabalho" e "o trabalho" possuem a mesma função. Explica-se: a oração "que eles farão o trabalho" é objetiva direta, logo funciona como objeto direto da oração principal e o termo "o trabalho" também é objeto direto, só que da oração subordinada.

É também um caso ocorrente em concursos o pedido de substituição de uma oração por uma forma nominal correspondente. Se a oração for substantiva, torna-se necessário transformar o verbo – a fim de excluir a oração – em substantivo.

Ex.: É certo que ele vem.

→ Para que se proceda à substituição da oração subordinada por uma forma nominal correspondente, é necessário que se transforme o verbo VIR em substantivo, resultando "vinda". Portanto, o resultado é: "É certa a vinda dele".

Obs.: Os autores Rocha Lima e Evanildo Bechara registram ainda a denominação oração subordinada substantiva completiva relativa – funcionaria como a objetiva indireta, contudo o complemento não seria a

pessoa ou a coisa a que se destina a ação, mas a coisa sobre a qual recai a ação. Nas provas, esta classificação é absorvida pela oração subordinada substantiva objetiva indireta.

Convém informar que, o complemento sendo oracional, é comum a preposição ser suprimida.

Ex.: Acredito (em) que haverá aula.

Gostariamos (de) que ele viesse.

Importantíssimo é o leitor, desde já, possuir o conceito de oração reduzida. Trata-se de oração sem conjunção ou pronome relativo – a preposição é mantida quando houver –, e o verbo estará numa das formas nominais: infinitivo, gerúndio ou particípio. No caso das orações subordinadas substantivas, só há a redução com verbos no infinitivo.

Ex.:

ORAÇÃO DESENVOLVIDA	ORAÇÃO REDUZIDA
Convém que estudemos bastante.	Convém estudarmos bastante.
Não há necessidade de que ele venha.	Não há necessidade de ele vir.
Garanto que João fará o trabalho.	Garanto João fazer o trabalho.
O certo é que vocês não parem.	O certo é vocês não pararem.

→ No primeiro par, as orações subordinadas substantivas são subjetivas. No segundo, as orações são completivas nominais, no terceiro, são objetivas diretas. No quarto, são predicativas.

Obs.: É possível em alguns casos a omissão da conjunção integrante. Normalmente, tal ocorre quando o verbo exprimir uma solicitação ou ordem.

Ex.: Solicito a V. Sª. (que) indique o endereço.

Determinamos (que) seja convocada a testemunha.

Pode-se, nestes períodos, extrair a conjunção integrante sem prejuízo semântico ou sintático.

Obs.: As orações interrogativas indiretas se unem às principais através de pronomes ou advérbios interrogativos, sem a presença da conjunção integrante. Tal ocorre quase sempre com orações subordinadas substantivas objetivas diretas.

Ex.: Perguntei para onde eles iriam.

→ Substituindo a segunda oração "para onde eles iriam" pela palavra "isso",

percebe-se que a oração funciona como objeto direto, mesmo havendo a preposição PARA. Esta preposição é decorrente da interrogação (Para onde eles vão?) e não da regência do verbo "perguntar".

Ex.: "Às vezes você me pergunta por que eu sou tão calado..." (Raul Seixas).

A oração "por que eu sou tão calado" funciona como objeto direto do verbo "pergunta". A preposição POR não é decorrente da regência do verbo "perguntar" e sim do questionamento (Por que eu sou tão calado?).

Ex.: "Agora eu lhes mostro com quantos paus se faz uma canoa" (Graciliano Ramos).

→ A preposição COM não é decorrente da regência do verbo da oração anterior e sim do questionamento (Com quantos paus se faz uma canoa?). A oração "com quantos paus se faz uma canoa funciona como objeto direto da forma verbal "mostra".

Obs.: Há também a ocorrência de orações justapostas, sem a presença da conjunção integrante. Basta, no caso, apenas a sua natural sequência. Normalmente, essas situações acontecem em orações objetivas diretas ou apositivas e funcionam de forma quase independente.

Ex.: Fiz apenas este pedido: tragam o material.

→ Observe que as duas orações são praticamente independentes, não havendo necessidade da conjunção integrante. A segunda oração é subordinada substantiva apositiva.

Ele disse aos parentes: não demorem muito!

→ As duas orações são praticamente independentes, sendo que a segunda funciona como objeto direto da primeira.

22.4. Exercícios

1. Correlacione.

(1) ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA SUBJETIVA
(2) ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA OBJETIVA DIRETA
(3) ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA OBJETIVA INDIRETA
(4) ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA COMPLETIVA NOMINAL
(5) ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA PREDICATIVA
(6) ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA APOSITIVA
(7) ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA AGENTE DA PASSIVA

( ) Não concordo com que falem palavrões aqui.
( ) Ele não informou se haverá aula.
( ) O esperado é que ele ainda chegue.
( ) Compreendeu-se que amanhã haverá aula.
( ) A matéria foi entendida por quem a estudou.

( ) Convém que todos estudem bastante.
( ) Avisamos a seguinte notícia: que no feriado não haverá aula.
( ) Tínhamos esperança de que houvesse aula.
( ) Somos favoráveis a que se mantenha o corpo docente.
( ) Precisamos de que tudo se resolva rapidamente.
( ) Pedi que chegassem logo.
( ) O fundamental é que todos estejam presentes.
( ) É fundamental que todos estejam presentes.
( ) O assunto foi mencionado por quem o pesquisou.
( ) As minhas intenções são que tudo se resolva.
( ) Tens certeza de que ele ainda virá?
( ) Ele não esclareceu sobre o que fala o livro.

2. (Analista de Controle Interno – Sefaz-RJ – FGV) Ao analisar o progresso da humanidade, percebe-se que o desenvolvimento social e econômico foi possível porque o homem sistematizou formas de organização entre os povos.
Assinale a alternativa em que a oração desempenhe função sintática DISTINTA da de *que o desenvolvimento social e econômico foi possível*.
a) Entende-se que a arrecadação incidente sobre os diversos setores produtivos é necessária para a manutenção da máquina governamental, para a sustentação do Estado em suas atribuições sociais e para aplicação na melhoria da qualidade de vida da população.
b) É imprescindível que a tributação seja suportável.
c) É dever do Estado manter as necessidades básicas da população.
d) É de fundamental importância que esse profissional aprimore seu entendimento tributário.
e) Entretanto, interesses diversos sempre deixaram a sociedade à margem do processo, como se ela não precisasse participar de forma efetiva das decisões econômicas e, em contrapartida, contribuir de forma direta e irrestrita para a própria sustentação.

3. (PUC-Rio)
"Espia se ele está na esquina".
Qual das opções abaixo não analisa corretamente esse período?
a) Período composto por subordinação.
b) Conjunção integrante iniciando a 2ª oração.
c) Verbo da 1ª oração: transitivo direto.
d) Verbo da 2ª oração: de ligação.
e) Frase em discurso direto.

4. (Técnico Judiciário – TJ – FCC) ***Os historiadores estimam que 4 milhões de africanos foram trazidos à força para o Brasil*.**
A função sintática do segmento grifado acima é a mesma do segmento também grifado em:

a) *Os negros vindos da África trabalharam nas lavouras de cana-de-açúcar e café...*
b) *O Valongo deixou de ser porto negreiro em 1831...*
c) *Sobre ele, o Império construiu o Cais da Imperatriz...*
d) *... justamente onde funcionavam as principais repartições públicas da Colônia.*
e) *... os burocratas começaram a ficar perturbados com as cenas degradantes do mercado de escravos.*

5. Se suprimirmos o pronome indefindo "Ninguém" e acrescentarmos "se" à forma verbal "informou", na frase "Ninguém informou que haverá aula", o sujeito da oração principal é:
a) ninguém;
b) aula;
c) indeterminado;
d) que haverá aula;
e) inexistente.

6. (NCE) "... Quer sempre que alguém lhe dê atenção e que todos a respeitem". Transformando a última oração em forma nominal, temos como forma adequada:
a) (quer) que seja respeitada por todos;
b) (quer) que haja respeito por parte de todos;
c) (quer) respeito de todos;
d) (quer) que se respeite a todos;
e) (quer) que todos sejam respeitados.

7. (NCE – Oficial de Justiça – TJ) "Causa certo desconforto intelectual ver substituídas por objetos de consumo as discussões sobre liberdade e o heroísmo dos atos que levaram à sua preservação em múltiplos domínios da existência humana." O comentário correto a respeito desse segmento do texto é:
a) Os sujeitos de "causa" e "levaram" estão pospostos.
b "Substituídas" é adjetivo que só se refere semanticamente ao substantivo "discussões".
c) O pronome "sua" se refere semanticamente a "heroísmo".
d) "Substituídas" e "heroísmo" são vocábulos acentuados pela mesma razão.
e) O pronome relativo "que" tem por antecedente "heroísmo".

8. (NCE – Técnico Judiciário Juramentado – TJ) "... é necessário diminuir as distâncias sociais..." Se reescrevermos esse segmento do texto com a transformação da oração reduzida em forma nominal, teremos:
a) É necessária a diminuição das distâncias sociais.
b) É necessário que diminuamos as distâncias sociais.
c) É necessário que as distâncias sociais sejam diminuídas.
d) Há necessidade de se diminuírem as distâncias sociais.
e) Há necessidade da diminuição das distâncias sociais.

9. Em relação ao texto abaixo, assinale a opção em que dois termos não possuam a mesma função sintática.

Houve um tempo em que a interpretação dos militares brasileiros sobre Lei e Ordem era rasgar as leis e ferir a ordem. Hoje em dia, eles demonstram com convicção terem aprendido o que não podem fazer. Acompanham com atenção os índices de popularidade das Forças Armadas, que vem aumentando ano após ano desde 94.

Numa pesquisa feita em maio, registrou-se que 75% dos brasileiros confiam nas Forças Armadas, e só 20% não confiam.

a) "um tempo" (l. 1) – "rasgar as leis e ferir a ordem" (l. 2)
b) "terem aprendido o" (l. 3) – "que" (l. 2/3)
c) "em que" (l. 1) – "Hoje em dia" (l. 2)
d) "o" (l. 3) – os índices de popularidade das Forças Armadas (l. 3/4)
e) "que 75% dos brasileiros confiam nas Forças Armadas" (l. 5/6) – "75% dos brasileiros" (l. 5)

22.5. Orações subordinadas adjetivas

O pronome relativo sempre introduz uma oração subordinada adjetiva. São pronomes relativos O QUAL, A QUAL, OS QUAIS, AS QUAIS ou quaisquer outros termos que possam ser substituídos por estes já mencionados. São também pronomes relativos CUJO, CUJA, CUJOS e CUJAS.

Ex.: Roubaram o relógio que (O QUAL) comprei ontem.

→ A oração sublinhada introduzida pelo pronome relativo QUE é subordinada adjetiva.

O bairro onde (NO QUAL) moro é muito bonito.

→ ONDE MORO é uma oração subordinada adjetiva, pois ONDE é pronome relativo, fato que é constatado pela possibilidade de substituição por NO QUAL.

A oração subordinada adjetiva pode ser restritiva ou explicativa. Será restritiva quando não estiver isolada através de vírgula, travessão ou parênteses, e será explicativa se as pontuações aludidas procederem ao seu isolamento.

Ex.: Os operários que (os quais) fizeram greve foram demitidos.

Os operários – que (os quais) fizeram greve – foram demitidos.

Obs.: É fundamental lembrar que, nos atuais concursos públicos, é muito difícil as bancas solicitarem ao candidato a classificação de uma oração, o que não significa o assunto quedar-se ausente nas provas. A exigência hoje é a percepção de que a pontuação altera muito mais do que uma mera

classificação de oração, modificando também o seu valor semântico. Então, retornando às duas frases, utilizadas no exemplo, tem-se: em ambas, o QUE é pronome relativo; contudo, na primeira frase, o pronome relativo não é precedido de pontuação, portanto a oração é subordinada adjetiva restritiva. Sendo assim, a ideia é de restrição. As palavras que melhor expressam essa ideia são SOMENTE, SÓ, APENAS. A ideia contida na primeira frase é "somente os operários que fizeram greve serão demitidos"; já na segunda frase, a oração adjetiva é isolada através de travessões, por conseguinte a oração é subordinada adjetiva explicativa. Portanto, o candidato deve condicionar-se à ideia de explicação, à ideia de "porquê". A frase deve ser interpretada como: "Os operários foram demitidos porque fizeram greve".

Ex.: Os professores cujos alunos são bagunceiros ficam glabros mais cedo.

→ Nem todos os professores ficam glabros mais cedo, somente aquele que tem seus alunos bagunceiros. Portanto a oração CUJOS ALUNOS SÃO BAGUNCEIROS é subordinada adjetiva restritiva.

Os professores, cujos alunos são bagunceiros, ficam glabros mais cedo.

→ A interpretação desta frase é que "os professores ficam glabros mais cedo, pois seus alunos são bagunceiros".

"O Capitão, que a tudo estava atento,
Tanto com estas se alegrou..." (Camões).

→ O sentido dos dois versos é "O Capitão, visto que a tudo estava atento, tanto com estas se alegrou..."

Obs.: As orações, contendo pronomes indefinidos relativos – pronomes relativos sem antecedentes –, segundo Evanildo Bechara, tanto podem ser classificadas como subordinadas substantivas quanto subordinadas adjetivas. Para Rocha Lima, só cabe a classificação de oração adjetiva. O NCE já a interpretou como oração substantiva.

Ex.: Quem fuma muito morre cedo.

→ Para esta frase, caberiam duas interpretações, sendo a primeira: "AQUELE QUE FUMA MUITO MORRE CEDO". A oração "que fuma muito" seria subordinada adjetiva restritiva. Então o pronome relativo indefinido QUEM englobaria os dois termos: o antecedente implícito AQUELE e o relativo QUE. A outra interpretação cabível é a de que, como ocorre com adjetivos que, com a presença de artigo, são substantivados, a oração adjetiva, nessa estrutura, fica substantivada, já que se substitui um ser. Então, a oração QUEM FUMA MUITO representa um ser que funciona como sujeito da oração seguinte. Segundo esta visão, a oração é subordinada substantiva subjetiva – tese esta adotada pelo NCE.

Obs.: Não podemos esquecer que, como já se informou nas orações subordinadas substantivas, toda oração subordinada é apenas uma função sintática da oração principal. Toda oração subordinada adjetiva é adjunto adnominal da principal.

22.6. Exercícios

1. (Uni-Rio) Assinale o item em que há uma oração, quanto à classificação, idêntica à segunda do período: "Pernoitamos depois junto a um açude lamacento, onde patos nadavam".

a) "As virilhas suadas ardiam-me, o chouto do animal sacolejava-me..".
b) "De onde vinham as figuras desconhecidas para encontrar-nos?"
c) "Fiz o resto da viagem com um moço alegre, que tentou explicar-me as chaminés dos banguês..."
d) "Os mais graúdos percebiam que a viagem era alegre".
e) "Surgiam regatos, cresceram tanto que se transformaram em rios..."

2. (UE-BA) Meu pai, <u>que havia arrancado três dentes</u>, não pôde viajar naquele dia.
A oração grifada classifica-se como subordinada:

a) adverbial temporal;
b) substantiva predicativa;
c) adjetiva restritiva;
d) substantiva apositiva;
e) adjetiva explicativa.

3. (EU-Ponta Grossa-PR)
"Quando o enterro passou
Os homens que se achavam no café
Tiraram o chapéu maquinalmente"
(Manuel Bandeira)
A oração <u>que se achavam no café</u> é:

a) subordinada adverbial condicional;
b) coordenada sindética adversativa;
c) subordinada substantiva subjetiva;
d) subordinada substantiva objetiva direta;
e) subordinada adjetiva restritiva.

4. Maria disse que não virá.
Maria disse o que todos deveriam dizer.
Em relação às frases acima, o único comentário falso é:

a) A segunda oração da primeira frase é subordinada substantiva objetiva direta.
b) O <u>QUE</u> que introduz a segunda oração do primeiro período é conjunção subordinativa integrante.

c) O termo O que surge na segunda oração é pronome demonstrativo.
d) O termo QUE ocorrente na segunda frase é pronome relativo.
e) A primeira oração da segunda frase é MARIA DISSE.

5. Os viajantes, que possuírem passaporte, poderão viajar.
Em relação a esta frase, o único comentário falso é que:
a) Somente os viajantes que possuírem passaporte poderão viajar.
b) Os viajantes poderão viajar porque possuem passaporte.
c) QUE é pronome relativo como classe gramatical e sujeito como função sintática.
d) A segunda oração é QUE POSSUÍREM PASSAPORTE.
e) A oração subordinada é adjetiva explicativa.

6. (PUC) Assinale o período em que há uma oração adjetiva restritiva.
a) A casa onde estou é ótima.
b) Brasília, que é capital do Brasil, é linda.
c) Penso que você é de bom coração.
d) Vê-se que você é de bom coração.
e) Nada obsta a que você se empregue.

7. (Faap) "Não compreendíamos a razão por que o ladrão não montava a cavalo". A oração em destaque é:
a) subordinada adjetiva restritiva;
b) subordinada adjetiva explicativa;
c) subordinada adverbial causal;
d) substantiva objetiva direta;
e) substantiva completiva nominal.

8. (UFPA) Assinale a opção que apresenta um período com oração subordinada adjetiva.
a) Ele falou que compraria a casa.
b) Não fale alto, que ele pode ouvir.
c) Vamos embora, que o dia está amanhecendo.
d) Em time que ganha não se mexe.
e) Parece que a prova não está difícil.

9. (Farias Brito) "O homem que cala e ouve não dissipa o que sabe e aprende o que ignora" (Marquês de Maricá: Máximas). Separando por barras (/) as orações desse período, teremos:
a) O homem que cala / e ouve / não dissipa o que sabe / e aprende o que ignora.
b) O homem / que cala e ouve / não dissipa / o que sabe e aprende / o que ignora.
c) O homem que / cala e ouve / não dissipa o que sabe / e aprende o que ignora.
d) O homem que cala e ouve / não dissipa o que sabe / e aprende o que ignora.
e) O homem / que cala / e ouve / não dissipa o / que sabe / e aprende o / que ignora.

10. (PC-NCE) "Há poucos dias, assistindo a um desses debates universitários que a gente pensa que não vão dar em nada, ouvi um raciocínio que não me saiu mais da cabeça". O comentário correto sobre esse segmento do texto é:
a) Os três quês do texto pertencem à idêntica classe gramatical.
b) A expressão a gente, por dar ideia de quantidade, deve levar o verbo para o plural.
c) A forma verbal vão deveria ser substituída pela forma vai.
d) A forma verbal vão dar transmite ideia de possibilidade.
e) A última oração do texto restringe o sentido do substantivo raciocínio.

11. (PC-NCE) "O que me interessou foi um comentário marginal que ele fez – e o exemplo que escolheu para ilustrar seu comentário". A forma menos adequada de reescrevermos o texto acima, respeitando-se o sentido original, é:
a) Interessou-me um comentário marginal que ele fez – e o exemplo escolhido para ilustrar seu comentário.
b) Interessaram-me não só um comentário marginal que ele fez, como também o exemplo que escolheu para a ilustração de seu comentário.
c) O que me interessou foram um comentário marginal (que ele fez) e o exemplo (que escolheu para ilustrar seu comentário).
d) Um comentário marginal que ele fez e o exemplo que escolheu para ilustrar seu comentário foi o que me interessou.
e) Um comentário marginal feito por ele e o exemplo escolhido para a ilustração de seu comentário foi o que me interessou.

12. (NCE) "Quem fala em flor não diz tudo". Assinale o comentário correto sobre o verso destacado.
a) O sujeito da segunda oração é a oração anterior.
b) O sujeito da primeira oração é a segunda da oração.
c) O objeto direto da primeira oração é a segunda oração.
d) O objeto direto da segunda é a primeira oração.
e) O período formado pelo verso é composto de uma oração absoluta.

22.7. Orações subordinadas adverbiais

Relembrando o que já se informou nas orações substantivas e nas adjetivas, a oração subordinada é apenas uma função sintática da oração principal, cabendo à subordinada adverbial a função de adjunto adverbial. Então, se uma oração é subordinada adverbial causal, conclui-se que funciona como adjunto adverbial de causa; se uma oração é subordinada adverbial temporal, é um adjunto adverbial de tempo...

22.7.1. Causais

Possuem uma ideia de CAUSA, RAZÃO, MOTIVO. São diferentes das ORAÇÕES COORDENADAS EXPLICATIVAS, pois estabelecem a relação

causa-efeito. As conjunções mais comuns são: POIS, PORQUE, COMO, JÁ QUE, VISTO QUE, PORQUANTO...

Ex.: Trabalho muito porque preciso de dinheiro.

Como estava frio, saí de casaco.

Já que ele foi embora, vou também.

→ As conjunções PORQUE, COMO e JÁ QUE introduzem uma ideia de causa para o fato que ocorre na outra oração.

Relembremos a diferença semântica que sugere a conjunção POIS nas frases a seguir.

Ele ainda não chegou; está, pois, preso no trânsito.

Ele ainda não chegou, pois está preso no trânsito.

Volte logo, pois está tarde.

→ Observe que o primeiro POIS está numa oração que tem ideia de dedução. Não se tem a informação de que ELE ESTÁ PRESO NO TRÂNSITO, então se procede a esta dedução. Sendo assim, o primeiro POIS é uma CONJUNÇÃO COORDENATIVA CONCLUSIVA.

→ Observe que o segundo POIS introduz uma ideia de causa para a primeira oração, tendo a segunda oração o valor de consequência.

→ Já o terceiro POIS também introduz uma ideia de EXPLICAÇÃO para a ordem inserida na primeira oração.

22.7.2. Concessivas

Possuem uma oração cujo fato não modifica o evento da outra oração. As conjunções mais comuns são: EMBORA, MESMO QUE, AINDA QUE, CONQUANTO (sinônimo de embora), MALGRADO...

Ex.: "Ainda que não haja brisa nenhuma, parece

Que passa, um momento, uma leve brisa" (Fernando Pessoa).

→ A conjunção AINDA QUE introduz uma oração incapaz de modificar o evento da outra oração, ou seja, o fato de não haver brisa acaba por não alterar o efeito: parecer que passa uma leve brisa.

Malgrado ele admitisse o erro, não o reparou.

→ Observe que a conjunção MALGRADO introduz uma oração que não muda o evento da outra oração. O fato de ser tarde não me impede de sair.

Mesmo que ele venha, não resolverá o problema.

→ Observe que o fato de ele vir (ou não) não altera a consequência: o problema não será resolvido.

BIZU

É bom não olvidar que algumas conjunções concessivas introduzem fatos concretos e outras fatos hipotéticos que não alteram o efeito. Revendo o terceiro exemplo, observe que a conjunção MESMO QUE introduz uma situação hipotética (não se sabe se ele virá ou não) que não altera o outro fato (o problema não será resolvido). Já no segundo exemplo, o fato concreto de a pessoa já admitir o erro não altera o fato de não repará-lo.

22.7.3. Condicionais

Possuem uma ideia de condição, hipótese. Esta ideia é exatamente oposta à da concessão. Um fato sempre vai depender do outro. As conjunções mais comuns são SE, CASO, CONTANTO QUE, A NÃO SER QUE, A MENOS QUE...

Obs.: É fundamental relembrar que a ideia de condição está intimamente ligada à ideia de causa. Tal se justifica por ambas representarem fatos anteriores que gerarão efeitos. Diferem-se apenas quanto ao fato de a condição designar uma situação incerta e a causa indicar uma certeza.

Ex.: "Eu teria um desgosto profundo, se faltasse o Flamengo no mundo" (Lamartine Babo).

→ Observe que a conjunção SE introduz uma condição (se faltasse o Flamengo no mundo) para que eu tivesse um desgosto profundo. Cumpre observar a proximidade dos valores de causa e condição. A segunda oração (se faltasse o Flamengo no mundo) gera uma consequência (Eu teria um desgosto profundo).

Caso você melhore, volte logo para casa.

→ A conjunção CASO introduz a condição para que ele volte para casa. A pessoa melhorando (não é sabido se vai melhorar ou não) gera a consequência de poder voltar para casa. Observe como a condição expressa uma ideia oposta à concessão. Na frase "Mesmo que você melhore, não voltará para casa.", o fato de a pessoa melhorar – ou não – não altera o efeito: não poderá voltar para casa.

22.7.4. Temporais

Possuem uma ideia de marcação de tempo. É como se uma oração possuísse a função de marcar o tempo do outro fato. As conjunções mais comuns são: QUANDO, MAL, LOGO QUE, APENAS (sinônimo de quando).

Ex.: "Assim que resolveu estudar, seu rendimento melhorou."

→ Observe que a conjunção ASSIM QUE introduz uma marcação temporal,

funcionando como “A partir do dia em que”.

Ex.: Apenas ele limpou a casa, as moscas sumiram.

→ Antes de o sujeito ELE limpar a casa, as moscas existiam; depois que a casa foi limpa, as moscas sumiram.

Obs.: Vale a pena analisar a conjunção DESDE QUE nas frases a seguir.

Ex.: Desde que economizemos, compraremos tudo.

→ A locução conjuncional DESDE QUE introduz uma condição para que possamos comprar tudo, portanto a locução conjuncional é subordinativa condicional.

Ex.: Desde que ele chegou, nunca mais houve problemas.

→ Observe que a conjunção DESDE QUE marca o início da época em que os problemas se findaram, significando “A partir do dia em que ele chegou...”

Obs.: Há casos de orações temporais sem conectores.

Ex.: Ele chegou há (faz) duas semanas.

22.7.5. Consecutivas

Possuem uma ideia de consequência. Normalmente na oração principal aparecerá um destes elementos de intensidade (tão, tal, tamanho, tanto). A conjunção mais comum é QUE.

Ex.: “Amo tanto e de tanto amar, acho que ela é bonita” (Chico Buarque).

“... e com tamanho empenho a lamentou, que a boa mulher o escolheu para confidente das suas desventuras” (Aluísio de Azevedo).

→ Observe, nas duas frases, que apareceu o advérbio de intensidade (TANTO, TÃO) na oração principal e as consequências introduzidas pela conjunção QUE – implícita no primeiro exemplo, antes de “acho” – são na primeira frase (acho que ela é bonita) e na segunda frase (a boa mulher o escolheu para confidente das suas desventuras).

22.7.6. Finais

Possuem uma ideia de finalidade, objetivo. Todas as conjunções finais podem ser substituídas pela palavra OBJETIVO.

BIZU

É imperioso relembrar que a ideia de finalidade está relacionada à ideia de consequência, pois ambas representam os fatos posteriores. Diferem quanto

ao fato de que a consequência é fato certo e o objetivo é fato esperado, expectativa.

Ex.: "Dai vós fervor ao nosso atrevimento,
Para que estes meus versos vossos sejam" (Camões).

→ Nos versos, o fato anterior é "Dai vós fervor ao nosso atrevimento" (representa a causa), e o fato posterior é "para que estes meus versos vossos sejam" (representa a expectativa de consequência que pode se efetivar ou não).

Ex.: Venha logo a fim de que (com o objetivo de que) possa encontrar-nos.

→ Na frase, o fato anterior é a pessoa vir e o posterior, poder encontrar-nos. Logo "vir aqui" leva à possibilidade de "encontrar-nos" e não "encontrar-nos" que levaria à possibilidade de "a pessoa vir logo".

22.7.7. Proporcionais

Possuem uma ideia de proporção. As conjunções mais comuns são: À MEDIDA QUE, À PROPORÇÃO QUE, QUANTO.

Ex.: Quanto menos ele reclama, mais ele conquista a simpatia de todos.

→ A conjunção QUANTO introduz a proporção entre ELE MENOS RECLAMAR e ELE CONQUISTAR A SIMPATIA DE TODOS. Se reclamar pouco, conquista mais a simpatia de todos; se ele reclamar muito, ele conquista menos a simpatia de todos.

Ex.: À medida que engolia uma troça, uma pilhéria, vinha-lhe meditar sobre a sua lembrança" (Lima Barreto).

→ A conjunção À MEDIDA QUE introduz a proporção entre ENGOLIR E VIR-LHE MEDITAR.

22.7.8. Conformativas

Possuem uma ideia de conformidade, de estar de acordo. As conjunções mais comuns são: DE ACORDO COM QUE, CONFORME, COMO.

Ex.: Agi conforme me foi ordenado.

→ A conjunção CONFORME introduz a conformidade da ação com o que foi ordenado.

Bebi apenas dois copos de cerveja, como manda a lei.

→ A conjunção COMO introduz a conformidade de BEBER DOIS COPOS DE CERVEJA com o que manda a lei.

22.7.9. Comparativas

Possuem uma ideia de comparação. Esta comparação pode ser de superioridade, igualdade ou inferioridade. As conjunções mais comuns são (DO) QUE, COMO, CONFORME.

Ex.: Agi conforme você agiu.

→ A conjunção CONFORME estabelece uma comparação de igualdade entre a ação do sujeito da primeira oração (eu) e o sujeito da segunda (você).

"Viver contigo qual Jacó vivera" (Castro Alves).

→ A conjunção QUAL introduz uma comparação de igualdade da forma como alguém e Jacó viveram com a outra pessoa.

"... às vezes mais fétidos do que a evaporação de um lameiro" (Aluísio de Azevedo).

→ A conjunção DO QUE introduz uma ideia de que algo mencionado anteriormente seja mais fétido que o lameiro, estando o verbo da segunda oração subentendido.

"Interdizia-o menos por debelar um vício que para previnir desordens" (Euclides da Cunha).

→ A conjunção QUE indica ter ocorrido a ação menos por um motivo do que pelo outro.

Obs.: Convém lembrar que o termo "do", nas expressões comparativas de superioridade ou de inferioridade "do que", pode ser extraído sem prejuízo semântico ou gramatical.

22.7.10. Modais

Acrescentam ao período valor de modo. É interessante esclarecer que esta oração não está prevista na NGB, contudo os principais gramáticos a citam, como Evanildo Bechara e Rocha Lima.

Ex.: Não estudava sem que reclamasse.

→ Observe que a oração "sem que reclamasse" indica o modo como estudava (reclamando).

22.8. Orações reduzidas

As orações podem ser reduzidas de infinitivo, gerúndio e particípio. A oração reduzida funciona como a desenvolvida, contudo não possui conectivo (conjunção, pronome relativo etc.) e seu verbo tem que estar reduzido, ou seja, no infinitivo, gerúndio ou particípio.

Ex.: É importante responder as perguntas (isso).

→ Esta oração funciona como QUE RESPONDAM AS QUESTÕES. As únicas

diferenças são que, em RESPONDER AS QUESTÕES, não há o conectivo QUE, e o verbo RESPONDER está na forma reduzida (infinitivo). ISSO é importante. ISSO é sujeito, portanto a oração é subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo.

"Não sou digna de ouvir de sua boca essa palavra doce" (Bernardo Guimarães).

→ Esta oração funciona como DE QUE OUÇA DE SUA BOCA ESSA PALAVRA DOCE. A diferença é que não há o conectivo (QUE) e o verbo está no infinitivo (OUVIR). DISSO funciona como complemento nominal, a oração é subordinada substantiva completiva nominal reduzida de infinitivo.

As crianças vindas de São Paulo já estão abrigadas.

→ VINDAS DE SÃO PAULO = QUE (as quais) VIERAM DE SÃO PAULO. QUE seria pronome relativo, portanto a oração é subordinada adjetiva restritiva reduzida de particípio.

Chegando o inverno, comprarei um casaco.

→ CHEGANDO O INVERNO = QUANDO O INVERNO CHEGAR. Antes de o inverno chegar, não comprarei um casaco; assim que o inverno chegar, comprarei um casaco. A oração é subordinada adverbial temporal reduzida de gerúndio.

Ele veio aqui para me ver.

→ PARA ME VER = PARA QUE (com o objetivo de que) ME VISSE. A oração é subordinada adverbial final reduzida de infinitivo.

Desaparecida a causa, cessará o efeito.

→ DESAPARECIDA A CAUSA (SE A CAUSA ESTIVER DESAPARECIDA). A oração é subordinada adverbial condicional reduzida de particípio. Também se pode interpretar a oração reduzida como temporal, pois é cabivel desenvolvê-la assim: "Quando desaparecer a causa, cessará o efeito."

Não sendo professor, deu aulas maravilhosas.

→ NÃO SENDO PROFESSOR = EMBORA NÃO FOSSE PROFESSOR. A oração é subordinada adverbial concessiva reduzida de gerúndio.

Fazendo os exercícios, poderão sair.

→ A oração reduzida de gerúndio FAZENDO OS EXERCÍCIOS pode indicar ideia de condição ou tempo. Pode-se interpretá-la como "Se fizerem os exercícios", possuindo valor de condição; também se pode interpretá-la como "Depois que fizerem os exercícios", caracterizando-se o valor de tempo.

Ele bebe cerveja sorrindo.

→ A oração reduzida de gerúndio "sorrindo" indica o modo como ele bebe cerveja. Esta oração não está prevista na NGB.

Feitos os trabalhos, puderam sair.

→ A oração reduzida de particípio pode indicar duas ideias: "depois que os trabalhos foram feitos", sugerindo valor de tempo; contudo também cabe a interpretação "Visto que fizeram os trabalhos", encerrando valor de causa.

22.9. Exercícios

1. (Fiscal – ICMS-RJ – FGV) ***Esposamos a ideia de que os sofrimentos atuais possuem uma significação que transcende a crise civilizacional.***

Com relação à frase transcrita, analise as afirmativas a seguir:

I. O primeiro *que* é uma conjunção integrante e serve para articular um complemento oracional ao substantivo abstrato *ideia*.

II. O segundo *que* é um pronome interrogativo cujo uso se justifica em razão da seguinte pergunta: que significação transcende a crise civilizacional?

III. As duas ocorrências de *que* promovem a estruturação do período composto, já que introduzem a oração subordinada substantiva e a subordinada adjetiva, respectivamente.

Assinale:

a) se somente a afirmativa I estiver correta;
b) se somente a afirmativa II estiver correta;
c) se somente a afirmativa III estiver correta;
d) se somente as afirmativas I e III estiverem corretas;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

2. (Analista de Controle – TCE-PR – FCC) A oração sublinhada exerce a função de sujeito dentro do seguinte período:

a) Montesquieu preferiu guiar-se pelos valores civis, em vez de se deixar levar pelo finalismo religioso.
b) A um espírito sensível e religioso não convém ler um filósofo como Montesquieu buscando apoio espiritual.
c) Um estudo sério da história das ciências jurídicas não pode prescindir dos métodos de que se vale Montesquieu em **O espírito das leis**.
d) As ciências humanas deveriam libertar-se da religião, assim como ocorreu com as ciências naturais.
e) O método de Montesquieu valorizou as instituições humanas e solapou o finalismo teológico e moral.

3. (Unimep)

I. Mário estudou muito e foi reprovado!

II. Mário estudou muito e foi aprovado!

Em I e II, a conjunção E tem, respectivamente, valor:

a) aditivo e conclusivo;
b) adversativo e aditivo;
c) aditivo e aditivo;
d) adversativo e conclusivo;
e) concessivo e causal.

4. (UC-MG) A classificação da oração grifada está correta em todas as opções, exceto em:
a) Ela sabia que ele estava fazendo o certo – subordinada substantiva objetiva indireta.
b) Era a primeira vez que ficava assim tão perto de uma mulher – subordinada substantiva subjetiva.
c) Mas não estava neles modificar um namoro que nascera difícil, cercado, travado – subordinada adjetiva.
d) O momento foi tão intenso que ela teve medo – subordinada adverbial consecutiva.
e) Solta que você está me machucando – coordenada sindética explicativa.

5. (Analista de Controle Interno – Sefaz-RJ – FGV) Ah, filho! Basta ser uma boa pessoa, fazer o bem ao próximo, não mentir e comer os legumes!
Em relação à fala da mãe, analise as afirmativas a seguir:
I. Há quatro orações.
II. Todas as orações da fala são coordenadas.
III. Todas as orações são desenvolvidas.
Assinale:
a) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas I e III estiverem correta;
c) se nenhuma afirmativa estiver correta;
d) se todas as afirmativas estiverem corretas;
e) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.

6. (Esansp) Na frase "Como anoitecesse, recolhi-me pouco depois e deitei-me" (Monteiro Lobato), a oração destacada é:
a) coordenada sindética explicativa;
b) subordinada adverbial causal;
c) subordinada adverbial conformativa;
d) subordinada adjetiva explicativa;
e) subordinada adverbial final.

7. (Auditor – Sefaz-RJ – FGV) ***Na Espanha, por exemplo, a recentíssima reforma do Código Penal – que atende diretivas da União Europeia sobre o tema – trouxe, no artigo 31 bis, não só a possibilidade de responsabilização penal da pessoa jurídica (por delitos que sejam cometidos no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização será aferida nos casos concretos (ela será aplicável [...], em função da inoperância de***

controles empresariais, sobre atividades desempenhadas pelas pessoas físicas que as dirigem ou que agem em seu nome).

A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:

I. Há uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração coordenada sindética alternativa.

II. Há três orações na voz passiva, mas somente uma com agente da passiva explícito.

III. Há quatro orações subordinadas adjetivas desenvolvidas e uma oração subordinada adjetiva reduzida.

Assinale:

a) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
d) se nenhuma afirmativa estiver correta;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

8. (Técnico Judiciário – TRE-PA – FGV) *Minha proposta é a de que o fundo partidário seja composto por uma quantia mínima para o partido manter uma estrutura básica.*

A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:

I. O período poderia ser redigido, sem incorrer em inadequação gramatical ou semântica, da seguinte maneira: *Minha proposta é que o fundo partidário seja composto por uma quantia mínima para o partido manter uma estrutura básica.*

II. O período é composto por três orações.

III. No período há uma oração reduzida de particípio.

Assinale:

a) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se nenhuma afirmativa estiver correta;
d) se todas as afirmativas estiverem corretas;
e) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.

9. (Analista – Fiocruz – FGV) "Qualquer dúvida, <u>por mais banal que seja, torna-se umaurgência inadiável</u>"; a oração sublinhada não equivale a:

a) embora seja muito banal
b) apesar de ser muito banal
c) contanto que seja muito banal
d) mesmo sendo muito banal
e) ainda que seja muito banal

10. (Senado Federal – FGV) "*Mas o fato é que transparência deixou de ser um processo de observação cristalina* para assumir um discurso de políticas de averiguação de custos engessadas que pouco ou quase nada retratam as necessidades de populações distintas."

A oração grifada no trecho acima classifica-se como:

a) subordinada substantiva predicativa;
b) subordinada adjetiva restritiva;
c) subordinada substantiva subjetiva;
d) subordinada substantiva objetiva direta;
e) subordinada adjetiva explicativa.

11. (Analista de Controle Interno – Sefaz-RJ – FGV) ***Ao analisar o progresso da humanidade, percebe-se que o desenvolvimento social e econômico foi possível porque o homem sistematizou formas de organização entre os povos*****.**
A oração sublinhada no período acima tem valor:
a) causal;
b) concessivo;
c) comparativo;
d) temporal;
e) consecutivo.

12. (Perito da Polícia Civil-RJ – FGV) "Na dúvida, deve-se optar pela segurança de não consumir álcool usando medicamentos". A oração reduzida de gerúndio – *usando medicamentos* – pode ser adequadamente substituída por:
a) depois de usar medicamentos;
b) quando se usam medicamentos;
c) antes de usar medicamentos;
d) apesar de usar medicamentos;
e) logo que se usam medicamentos.

13. "Aqueles com aptidão a ajudá-los, se não estimulados por cenários competitivos, estarão fadados a não encontrar motivação para o exercício de suas funções."
A respeito do período acima, analise os itens a seguir:
I. O período é composto por quatro orações.
II. Há três orações reduzidas.
III. Há uma oração coordenada.
Assinale:
a) se todos os itens estiverem corretos;
b) se somente o item II estiver correto;
c) se somente o item III estiver correto;
d) se somente o item I estiver correto;
e) se nenhum item estiver correto.

14. ***Vê-se, pois, que o plano ético permeia todas as ações humanas*****.**
Com relação à frase transcrita e a análise sintática tradicional, considere as afirmativas a seguir.
I. O vocábulo *que* é uma conjunção integrante e presta-se a articular a oração subjetiva ao núcleo verbal que a subordina.

II. A forma verbal *vê-se* está na voz ativa e seu sujeito recebe a classificação de sujeito indeterminado.
III. O período estrutura-se por coordenação, sendo a segunda oração coordenada sindética conclusiva introduzida pela conjunção *pois*.
Assinale:
a) se somente a afirmativa I estiver correta;
b) se somente a afirmativa II estiver correta;
c) se somente a afirmativa III estiver correta;
d) se somente as afirmativas I e III estiverem corretas;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

Leia o texto a seguir para responder às questões 15 a 19 (NCE – TRT).

Texto 1 – A amamentação do filho
Délio Maranhão e Luiz Inácio B. Carvalho
Para amamentar o próprio filho, até que este complete seis meses de idade, terá a mulher direito, durante a jornada, a dois descansos especiais, de meia hora cada um. Quando o exigir a saúde da criança, tais descansos poderão continuar, além dos seis meses, a critério da autoridade competente (art. 396 da Consolidação)
Tratando-se de descansos especiais, serão concedidos sem prejuízo do intervalo normal para o repouso e alimentação, dentro da jornada, e nesta computados.

15. No desenvolvimento do texto acima, muitos termos referem-se a termos anteriores; o item em que a referência a um termo anterior não está correta é:
a) "... até que este complete seis meses de idade,..." – o próprio filho.
b) "... durante a jornada..." – de amamentação do filho.
c) "... de meia hora cada um." – descanso especial.
d) "... tais descansos poderão continuar..." – os descansos especiais.
e) "... além dos seis meses..." – seis meses de idade do filho.

16. O item em que o elemento destacado não tem sua significação corretamente indicada é:
a) "Para amamentar" – finalidade.
b) "... até que este complete..." – tempo.
c) "... durante a jornada..." – tempo.
d) "... a critério da autoridade competente" – conformidade.
e) "... sem prejuízo do intervalo normal..." – condição.

17. "Para amamentar o próprio filho, até que este complete seis meses de idade, terá a mulher direito, durante a jornada, a dois descansos especiais, de meia hora cada um". O comentário correto a respeito da estrutura sintática desse período é:
a) O sujeito do verbo da oração principal está proposto.
b) A oração subordinada do período indica finalidade.

c) O complemento nominal de "direito" é "durante a jornada".
d) "Para amamentar o próprio filho" é adjunto ligado à oração subordinada.
e) "Especiais" é predicativo do sujeito.

18. "Quando o exigir a saúde da criança..." Colocando-se a oração em ordem direta e substituindo-se o pronome oblíquo por seu correspondente semântico, teremos a seguinte oração:
a) Quando exigir o amamentar a saúde da criança...
b) Quando a saúde da criança exigir tais medidas...
c) Quando o amamentar for exigido pela saúde da criança...
d) Quando a saúde da criança o exigir...
e) Quando a saúde da criança exigi-lo...

19. "Tratando-se de descansos especiais..." O item em que se inclui adequadamente uma conjunção à oração reduzida desse segmento é:
a) Mesmo que se trate de descansos especiais...
b) Já que se trata de descansos especiais...
c) Ainda que se trate de descansos especiais...
d) Quando se trate de descansos especiais...
e) No momento em que se trate de descansos especiais...

20. (MP – NCE – com adaptações) A oração "usando os recursos naturais de seu meio ambiente" no período "Os índios brasileiros proveem sua subsistência usando os recursos naturais de seu meio ambiente" transmite ideia de:
a) modo;
b) finalidade;
c) meio;
d) tempo;
e) condição.

21. (MP – NCE) "Sempre que se reúnem para lamuriar, os empresários falam no Custo Brasil, no preço que pagam para fazer negócios num país com regras obsoletas e vícios incrustados". O comentário <u>incorreto</u> feito sobre os conectores desse segmento do texto é:
a) A expressão sempre que tem valor de tempo.
b) O conectivo para tem ideia de finalidade.
c) A preposição em no termo no Custo Brasil tem valor de assunto.
d) A preposição em no termo num país tem valor de lugar.
e) A preposição com tem valor de companhia.

22. (MP – NCE) "... no preço que pagam para fazer negócios..." A forma desenvolvida da oração reduzida iniciada por para fazer é:
a) ... para que se façam negócios...

b) ... para que fizessem negócios...
c) ... para que façam negócios...
d) ... para fazerem negócios...
e) ... para que sejam feitos negócios...

23. (IBGE – NCE) "Tendo sido designado por Vossa Senhoria para apurar as denúncias de irregularidades ocorridas no aeroporto de Marília, submeto à apreciação de Vossa Senhoria o relatório das diligências que nesse sentido efetuei."
"Tendo sido designado por Vossa Senhoria..." Esta oração inicial do texto tem valor:
a) concessivo;
b) temporal;
c) conclusivo;
d) causal;
e) consecutivo.

24. (NCE) "<u>Como controlamos a produção de nosso próprio alimento</u>, somos a primeira espécie na história ..." A oração sublinhada apresenta, em relação à seguinte, o valor de:
a) condição;
b) modo;
c) comparação;
d) conclusão;
e) causa.

25. (Eletrobrás – NCE) "... que o leite, por ser essencial, deve sair das mãos dos particulares..." O item abaixo que <u>não</u> substitui de forma adequada o termo sublinhado é:
a) visto;
b) em razão de;
c) devido a;
d) em virtude de;
e) apesar de.

26. (ANTT – NCE) "Com a duplicação, o movimento diário da estrada elevou-se a duzentos mil veículos". O conector "com" só <u>não</u> pode ser substituído de forma adequada por:
a) a partir de;
b) por causa de;
c) em razão de;
d) apesar de;
e) depois de.

27. (ANTT – NCE) "... onde, nas suas magníficas estradas, registram-se os maiores

índices (de acidentes)". A relação entre os dois segmentos desse fragmento é bem expressa em:
a) ... embora as suas magníficas estradas, registram...
b) ... por causa de sua magníficas estradas, registram...
c) ... em vista de suas magníficas estradas, registram...
d) ... depois de suas magníficas estradas, registram...
e) ... a partir de suas magníficas estradas, registram...

28. (CBMERJ – NCE) "Para escapar dos escorchantes tributos, os donos de minas e os grandes senhores de terra colocavam ouro em pó..." O conectivo PARA só não pode ser substituído por:
a) a fim de;
b) com o intuito de;
c) com o fim de;
d) à vista de;
e) na intenção de.

29. (CBMERJ – NCE) "As imagens maiores, devidamente recheadas, eram enviadas a parentes distantes, inclusive de além-mar, como se fossem presentes". Neste segmento do texto, o conectivo COMO dá ideia de:
a) modo;
b) finalidade;
c) conformidade;
d) meio;
e) comparação.

30. (NCE) "POR maior que tenha sido a indignação..."; "... não sabe lidar, POR falta de ação integrada..." As duas ocorrências do vocábulo em maiúsculas correspondem semanticamente às ideias de, respectivamente:
a) meio – modo;
b) causa – meio;
c) concessão – causa;
d) modo – explicação;
e) explicação – concessão.

31. (NCE) Leia atentamente o trecho abaixo:
"... serão feitos, a cada seis meses, exames laboratoriais para detectar a presença do HIV e de outros vírus causadores de doenças sexualmente transmissíveis no sangue dos voluntários".
A alternativa em que a substituição do trecho em destaque implica alteração do significado do texto é:
a) ... a fim de que se detecte a presença do HIV e de outros vírus causadores de doenças sexualmente transmissíveis no sangue dos voluntários.

b) ... para que se detecte a presença do HIV e de outros vírus causadores de doenças sexualmente transmissíveis no sangue dos voluntários.
c) ... porque se detecte a presença do HIV e de outros vírus causadores de doenças sexualmente transmissíveis no sangue dos voluntários.
d) ... conquanto se detecte a presença do HIV e de outros vírus causadores de doenças sexualmente transmissíveis no sangue dos voluntários.
e) ... de tal sorte que se detecte a presença do HIV e de outros vírus causadores de doenças sexualmente transmissíveis no sangue dos voluntários.

32. (BNDES – NCE) Na frase "Ou vai ou racha!", a conjunção OU tem o mesmo valor significativo que apresenta na seguinte frase:
a) O turista compreendia inglês ou francês com facilidade.
b) As vaias ou os aplausos não perturbaram o presidente.
c) O empregado faz o que deve ou perde o emprego.
d) Na hora da premiação, chorava ou ria.
e) Morávamos no segundo ou no terceiro andar.

33. (PF – Cespe-UnB) Julgue se os itens seguintes apresentam relações de sentido que correspondem à estrutura semântica dada pela fórmula genérica abaixo, em que X é uma estrutura linguística que expressa condição ou concessão, e Y é uma estrutura linguística afirmativa.
X, não Y.
1) Apesar da proteção da justiça e do Estado, não parece que a resolução dos conflitos se desvie do âmbito privado.
2) Embora a nossa concepção de violência tenha sido ampliada, não é possível afirmar que nossa sensibilidade e tolerância em relação a ela estejam igualmente distribuídas.
3) Se alguns autores propõem que estamos vivendo um movimento de pacificação progressiva da vida em sociedade, não estão afirmando que esse processo seja fácil.
4) Não devemos pensar na pacificação da sociedade de forma isolada, mas sim dentro de um conceito mais geral das transformações econômicas que afetam o mundo.
5) Violência, direitos, justiça e o papel do Estado, se analisados como problemas fundamentais, estão dentro do quadro das transformações ocorridas, não só econômicas como também políticas.

Leia o texto abaixo para responder às questões 33 e 34.
A economia brasileira, há alguns anos, apresentava fortes barreiras protecionistas, e controles cambiais provocavam a valorização artificial do câmbio comercial, havendo ágio expressivo no mercado livre. A realidade hoje é outra. As barreiras tarifárias foram muito reduzidas, a taxa de câmbio é flutuante e não há diferença significativa entre o mercado oficial e o paralelo. Os modelos econométricos disponíveis, por menos precisos que sejam, são unânimes em apontar para uma desvalorização do real acima do seu equilíbrio de longo prazo, e não o contrário. Logo, onde está o problema? Por que gastar escassos recursos públicos – pois não se faz política industrial sem eles – para

poupar divisas quando o mercado já está bem sinalizado nesta direção? Pode até haver outras razões para justificar a política proposta. Mas economia de divisas não é uma delas.

34. (AFC – Esaf) Assinale a opção em que as duas expressões exercem a mesma função sintática no texto.

a) "controles cambiais" (l. 2) = "fortes barreiras protecionistas" (l. 1)
b) "a valorização artificial do câmbio comercial" (l. 2) = "A economia brasileira" (l. 1)
c) "há alguns anos" (l. 1) = "hoje" (l. 3)
d) "a taxa de câmbio" (l. 4) = "diferença significativa" (l. 4)
e) "escassos recursos públicos" (l. 7/8) = "o mercado" (l. 9)

35. (AFC – Esaf) Julgue as asserções abaixo e marque a opção correspondente.

I. Caso a expressão "diferença significativa" (l. 4) seja colocada no plural a forma verbal que a antecede deve ser obrigatoriamente flexionada.
II. Se o artigo em "o paralelo" (l. 5) for eliminado, prejudica-se a compreensão de que existe, antes de "paralelo" elipse da palavra "mercado" (l. 4).
III. A expressão "por menos precisos que sejam" (l. 5) permite a inferência de que o leitor pode considerar "Os modelos econométricos" (l. 5) pouco precisos.
IV. A grafia de "Por que" (l. 7) justifica-se por se tratar de conjunção explicativa.
V. O termo "delas" (l. 10) refere-se ao antecedente "outras razões" (l. 9).
A quantidade de item(ns) <u>incorreto(s)</u> é:

a) 1;
b) 2;
c) 3;
d) 4;
e) 5.

Capítulo 23

Paralelismo Sintático

Quando dois ou mais termos estão ligados a uma mesma expressão e são equivalentes sintaticamente, ocorre o paralelismo sintático. Nas situações de paralelismo, o termo repetido pode ser extraído do período.

Ex.: "A das Dores, sim, afirmavam que fora casada e que largara o marido para meter-se com um homem do comércio" (Aluísio de Azevedo).

→ As duas orações objetivas diretas (que fora casada) e (e que largara o marido...) complementam a ideia do verbo "afirmavam", podendo a segunda conjunção integrante (que) ser suprimida do período.

Ex.: Gosto de ler, de ouvir música ou de ver um bom filme.

→ As orações reduzidas "de ler", "de ouvir música", e "ou de ver um bom filme" funcionam como objeto indireto do verbo gostar. Essas três orações são equivalentes sintaticamente e só é obrigatória a presença da primeira preposição DE, podendo as demais ser suprimidas do período.

Ex.: "Não sabe se é bom ou ruim" (Raul Seixas).

→ As orações "se é bom" e "ou ruim" completam a ideia do verbo "saber", funcionando como objeto direto. Perceba que o autor da frase fez a opção por não repetir a expressão "se é", que poderia ser inserida sem prejuízo gramatical ou semântico.

Ex.: O candidato que estuda e que faz exercícios passa.

→ As orações "que estuda" e "e que faz exercícios" são subordinadas adjetivas, com os pronomes relativos "QUE" tendo como antecedente o termo "O candidato". O segundo pronome relativo poderia ser extraído da frase sem alterar o sentido, tampouco prejudicar a correção.

Ex.: "... mostraria a Isabel como eu a estimo e quanto a desejo feliz" (José de Alencar).

→ As orações "como eu a estimo" e "e quanto a desejo feliz" são equivalentes sintaticamente e complementam de forma direta a ideia da forma verbal "mostraria".

Obs.: Nos exemplos mencionados, as orações em paralelismo, além de serem subordinadas, como explicado, são também coordenadas entre si.

23.1. Exercícios com gabarito comentado sobre paralelismo

1. (MP – NCE) "Para os pedestres... / Para os comerciantes... / Para os que moram ou trabalham no centro da cidade... Para o próprio automobilista..." Os segmentos do texto são um exemplo de:

a) redundância;
b) construção paralela;
c) exemplificação;
d) repetição desnecessária;
e) pleonasmo.

Resposta: Alternativa B.

Observe que, mesmo o período não estando completo, as três estruturas iniciadas pela preposição PARA são equivalentes sintaticamente e estão em paralelismo.

2. (AFRF – Esaf) Considere o seguinte período do texto para analisar os esquemas propostos abaixo: "Descumprir a lei gera o risco da punição prevista pelo Código Penal ou de sofrer sanções civis".

A = descumprir a lei
B = gera o risco
C = da punição prevista pelo Código Penal
D = de sofrer sanções civis

Considerando que as setas representam relações sintáticas entre as expressões linguísticas, assinale a opção que corresponde à estrutura do período.

a) 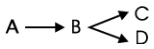

b) 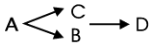

c)

d) 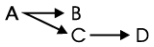

e) 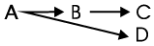

Resposta: Alternativa A.

As estruturas C e D são paralelas e complementam o sentido do vocábulo "risco" (B). Descumprir a lei gera dois riscos: o risco da punição prevista pelo Código Penal e o risco de sofrer sanções civis. Portanto C e D estão ligados a B, denunciando que a resposta seja a alternativa A.

3. (PF – UnB) Lembremos que a modernidade se caracteriza não apenas por um novo modo de produção e de vida, mas também por uma nova forma de relacionamento entre os homens na sociedade, o que influi até mesmo no julgamento que fazemos uns dos

outros. Essa forma de relacionamento, que vem desde a Revolução Industrial, é intermediada pelo trabalho, e os parâmetros para julgar as pessoas são o dinheiro e a propriedade.

Entretanto, trabalho e dinheiro não estão disponíveis para todos. Em cidades superpopulosas, em meio às crises das indústrias, frequentemente os trabalhadores se veem sem meios de sobreviver. Essa relação entre os homens é, portanto, uma relação desigual, em que geralmente os trabalhadores estão em desvantagem, já que não possuem meios estáveis de sobrevivência e dependem de empregadores.

Andréa Buoro *et al. Violência urbana – dilemas e desafios*. São Paulo: Atual, 1999, p. 26.

Com respeito às ideias do texto, julgue os itens a seguir.

1) A argumentação do texto reforça a ideia de que os parâmetros do dinheiro e da propriedade são justos e igualitários.

2) O segundo parágrafo é um comentário que apresenta ideias desfavoráveis à situação apresentada no primeiro.

3) O emprego do tempo e modo verbais de "Lembremos" (l. 1) indica uma sugestão para o raciocínio que se segue.

4) A expressão "mas também" (l. 2) introduz a complementação da ideia iniciada pela expressão antecedente "não apenas" (l. 1).

5) Pelas relações semânticas, a estrutura linguística localizada após a última vírgula do texto corresponde ao seguinte esquema:

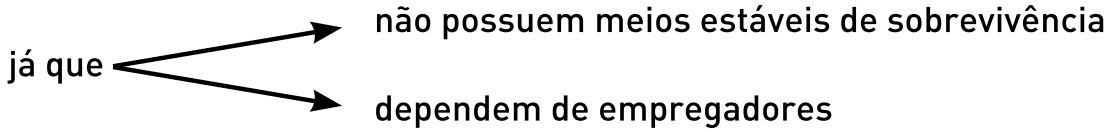

Resposta: E – C – C – C – C

O item 1 contraria totalmente a argumentação do texto, visto que nele se expôs que "Essa relação entre os homens é, portanto, uma relação desigual, em que geralmente os trabalhadores estão em desvantagem". ERRADO

Já o item 2 indica uma constatação adequada ao verbete, uma vez que, ao iniciar o segundo parágrafo através da conjunção coordenativa adversativa ENTRETANTO, torna-se evidente que algo presente no segundo parágrafo está em oposição ao primeiro. CERTO

O item 3 refere-se à semântica de verbos. O verbo no imperativo pode passar uma ideia de ordem, sugestão ou pedido. Como as pessoas não são obrigadas a realizar o que autor orienta, não se trata de uma ordem. O que distingue o conselho (sugestão) do pedido é quem se beneficia da orientação. Como os beneficiados são as próprias pessoas que receberam a orientação, o imperativo indica uma sugestão ou conselho. CERTO

O item 4 apresenta a estrutura "não apenas", em que o elemento de negação "não" nega a restrição "apenas", obrigando o uso de conector aditivo. CERTO

O item 5 demonstra o paralelismo ocorrente entre duas orações subordinadas adverbiais causais e coordenadas entre si. A conjunção JÁ QUE introduz a ideia de causa para as duas orações, podendo, inclusive, ser inserida antes da última oração. CERTO

4. (Auditor do Tesouro Municipal – Prefeitura de Fortaleza – Esaf) Em relação ao texto,

assinale a opção incorreta.

A concentração do capital, que se encontra na origem do capitalismo, permitiu a invenção de meios automáticos de produção e distribuição, ou seja, em que o trabalho humano é substituído por "forças naturais" de animais domesticados, da água corrente, do vento etc. Em seguida, foram inventadas formas mais complexas de captação e governo da energia do vapor, da eletricidade, de derivados do petróleo etc.

a) A expressão "que se encontra na origem do capitalismo" (l. 1 e 2) está entre vírgulas por se tratar de oração de natureza explicativa.

b) Pode-se, sem prejuízo para o período, inserir a preposição de antes da palavra "distribuição" (l. 2).

c) De acordo com a norma escrita culta, "em que" (l. 2) pode ser substituído por nos quais, e a coesão textual é mantida.

d) A expressão "foram inventadas" (l. 4) pode ser substituída, sem prejuízo para a correção do período, pela estrutura inventaram-se.

e) A palavra "governo" (l. 5) está sendo empregada com o sentido de propriedade oficial.

Resposta: Alternativa E.

A opção A trabalha a oração subordinada adjetiva, isolada através de vírgulas, classificada, então, como explicativa.

A opção B abrange o conhecimento de paralelismo, mostrando que os termos "de produção" e "distribuição" estão ligados a "meios automáticos" e a preposição DE poderia ser repetido antes do último componente.

A opção C sugere a substituição do pronome relativo "em que" por "nos quais", que pode ser feita, em virtude de o antecedente do pronome ser o termo "meios automáticos".

A opção D apresenta uma perfeita proposta de substituição da voz passiva analítica pela voz passiva sintética, principalmente, levando-se em conta que o tempo do verbo foi mantido.

A resposta é a opção E, porquanto o termo "governo" está sendo utilizado no valor de "administração".

5. (TRF – Esaf) Assinale o segmento do texto em que há <u>erro</u> de paralelismo sintático.

a) Estão participando da operação em Barretos cerca de 18 auditores da Receita. Ainda fazem parte da equipe especialistas em programas de computadores para acessar arquivos que possam conter dados importantes nas empresas.

b) Quanto aos documentos que forem recolhidos pelos agentes, todos serão analisados. Caso haja indício de sonegação, será instaurado processo no Ministério Público.

c) Além da ação judicial, poderão ser feitas autuações nos estabelecimentos em que as irregularidades se comprovarem. O valor das autuações ainda não foi divulgado pelo delegado, mas ele garantiu que a cobrança pode ser retroativa.

d) O presidente do clube Os Independentes afirma não ter receio quanto à arrecadação de impostos e que achando normal a atitude dos auditores da Receita Federal. "Sabemos que eles estão fazendo isso com todas as entidades sem fins lucrativos".

e) Disse, ainda, que o escritório que cuida da contabilidade do clube Os Independentes está acompanhando o caso ao lado da Receita Federal. Ele não acredita que a

fiscalização da Receita Federal possa causar algum dano à imagem do clube.
(Rogério Pagnan, *Folha de S. Paulo*, 15/8/2000, p. F2, com adaptações.)

Resposta: Alternativa D.

A alternativa apresenta uma situação de incoerência no paralelismo sintático. O verbo AFIRMA possui dois complementos: NÃO TER RECEIO QUANTO À ARRECADAÇÃO FEDERAL e QUE ACHANDO NORMAL. Observe que não houve o mesmo critério nas duas complementações: a primeira apresenta uma estrutura reduzida de infinitivo e a segunda é introduzida por conjunção integrante, indicando que a última oração estaria desenvolvida e com verbo no gerúndio, não proporcionando sentido ao período.

6. (AFRF – 2005) Leia o texto para responder à questão.

Olhamos e não vemos. Não conseguimos olhar nada pela primeira vez. Já o primeiro olhar é preconceituoso – dá informação falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada, anterior ao ato de olhar. O economista cheio de teorias pensa que sabe o remédio para a inflação, a origem da miséria, o segredo da estabilidade e quanto desaforo a democracia aguenta. Erra como o médico, o astrônomo ou o caixa que aceita o cheque do homem elegante, de terno e cabelo com brilhantina que parece ser rico, mas é estelionatário.

Só que no caso do economista, não é apenas o paciente que fica com dor de cabeça, ou mais um cheque sem fundo. São 10% de desempregados. Um deles acaba apontando um revólver para a sua cabeça. Nada é visto pela primeira vez. Ninguém olha atentamente como as corujas, antes de propor ou piar.

(João Sayad. A primeira vez. *Revista TAM*, julho de 2005, com adaptações.)

Assinale o esquema que representa corretamente a estrutura sintático-semântica do período sintático do texto (desconsidere a pontuação e as letras maiúsculas).

a) (l. 1 e 2) o primeiro olhar → é preconceituoso
→ dá informação → falsa
→ ou verdadeira
→ mas sempre pré-fabricada

b) (l. 3 e 4) O economista → cheio de teorias
→ pensa que sabe
→ o remédio para → a inflação
→ a origem da miséria
→ o segredo da estabilidade
→ e quanto desaforo

c) (l. 4 e 5) Erra como → o medido
→ o astrônomo
→ ou o caixa
→ que aceita o cheque do homem elegante

d) (l. 7 e 8) não é apenas o paciente → com dor de cabeça
→ ou mais um cheque sem fundo

e) (l. 8, 9 e 10) são 10% de desempregados → um deles apontando → um revólver
→ para sua cabeça
→ Nada é visto pela primeira vez
→ Ninguém olha atentamente como...

Resposta: Alternativa A.

Nesta questão de paralelismo sintático, a única alternativa que respeita a equivalência sintática é a A. Isso se justifica pelo fato de as formas verbais "é" e "dá", ambas na linha 2, possuírem um mesmo referente – o sujeito "o primeiro olhar" (l. 1). Posteriormente, o objeto direto "informação" (l. 2) é qualificado por três adjuntos adnominais: "falsa", "verdadeira" e "mas sempre pré-fabricada".

A alternativa B não apresenta equivalência sintática entre as expressões "cheio de teorias" (l. 3) e "pensa que sabe o remédio para" (l. 3), visto que o primeiro apenas qualifica seu referente e o segundo indica a ação realizada pelo sujeito.

Na alternativa C, os termos "o médico" (l. 5), "o astrônomo" (l. 5) e "ou o caixa" (l. 5) estão, de forma paralela, comparados ao "economista" quanto ao fato de errar. Contudo, o último termo citado "que aceita o cheque do homem elegante" (l. 5/6) não é mais um ser comparado ao economista, mas sim uma qualificação para o termo "o caixa".

Na alternativa D, a perfeita equivalência sintática seria relacionar os termos "o paciente que fica com dor de cabeça" (l. 7/8) e "ou mais um cheque sem fundo" (l. 8) a "não é apenas" (l. 7).

Na alternativa E, ocorrem várias falhas de designação de paralelismo. As duas últimas frases guardam grande independência, não se relacionando com elementos anteriores. Também não são equivalentes "um revólver" (l. 9) e "para sua cabeça" (l. 9), que possuem funções distintas.

7. (Depen – Funrio) Chama-se adequação sintática a construção coerente de períodos e orações, observadas as relações existentes entre seus termos e a sua organização. Qual o parágrafo dentre os abaixo transcritos que preserva o princípio do paralelismo sintático, segundo o qual quaisquer elementos da frase coordenados entre si devem apresentar estrutura gramatical similar?

a) Aqui não pretendemos defender a ideia de mais intervenção do Estado na economia ou que ele volte a produzir aço em grande quantidade.

b) Aqui não pretendemos defender a ideia de que o Estado intervenha mais na economia ou que volte a produzir aço em grande quantidade.

c) Aqui não pretendemos defender a ideia de que o Estado intervenha mais na economia ou a volta de uma produção de aço em grande quantidade.

d) Aqui não pretendemos defender a ideia de que a intervenção do Estado deva ser maior na economia ou uma produção de aço voltando a ter quantidade.

e) Aqui não pretendemos defender a ideia de um Estado intervindo mais na economia ou que ele volte à produção de aço em grande quantidade.

Resposta: Alternativa B.

Existem dois termos complementando sintaticamente o sentido do vocábulo IDEIA. Em face da lógica, tais complementos devem manter estrutura o mais semelhante possível. Na alternativa A, o primeiro complemento tem como núcleo INTERVENÇÃO; já o segundo complemento é oracional, sendo o núcleo o verbo VOLTE A PRODUZIR. Na alternativa B, os dois complementos são oracionais, tendo como núcleos, respectivamente, as formas verbais INTERVENHA e VOLTE A PRODUZIR. Na alternativa C, o primeiro complemento é oracional (verbo INTERVENHA); o segundo é não oracional, sendo o núcleo o substantivo VOLTA. Na D, embora os complementos sejam oracionais, o primeiro complemento se dá com o verbo no presente do subjuntivo, formando uma oração desenvolvida, o segundo se realiza com a forma verbal VOLTANDO no gerúndio, o que caracteriza a oração reduzida. Na E, o primeiro complemento é oracional, porém reduzido de gerúndio INTERVINDO; já o segundo é desenvolvido, com a presença da conjunção integrante e o verbo no presente do subjuntivo – VOLTE.

8. (TRT-SC/Cetro) Na famosa obra *Comunicação em prosa moderna*, Othon M. Garcia afirma que "quaisquer elementos da frase – sejam orações sejam termos dela –, coordenados entre si devam, em princípio pelo menos, apresentar estrutura gramatical idêntica, pois não se podem coordenar frases que não comportem constituintes do mesmo tipo". Assinale a alternativa em que a reescritura do terceiro parágrafo respeita a recomendação do famoso estudioso:

a) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório não só por seu modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo, mas também por oferecer na rede pública de saúde terapias de interrupção do tabagismo.

b) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório não só por ter um modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo, mas também pelo oferecimento, na rede pública de saúde, de terapias de interrupção do tabagismo.

c) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório por seu modelo de

maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo e pelo oferecimento, na rede pública de saúde, de terapias de interrupção do tabagismo.
d) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório por ter um modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo e pelo oferecimento na rede pública de saúde, de terapias de interrupção do tabagismo.
e) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório não apenas por seu modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo como também por oferecer na rede pública de saúde terapias de interrupção do tabagismo.

Resposta: Alternativa C.
Elementos em paralelismo devem guardar estrutura gramatical bem similar. Repare que a preposição POR introduz duas causas para o Brasil receber a menção elogiosa. Essas duas causas estão conectadas ou pelo par NÃO SÓ ... MAS (COMO) (TAMBÉM) ou pela conjunção E. Na alternativa A, a primeira causa possui como núcleo MODELO (não oracional); a segunda causa, OFERECER (oracional). Na B, a primeira causa tem como núcleo TER (oracional); a segunda causa tem como núcleo OFERECIMENTO (não oracional). Na alternativa C, as duas causas somadas têm como núcleos elementos não oracionais (MODELO e OFERECIMENTO). Na alternativa D, a primeira causa é baseada em termo oracional (TER); a segunda causa tem como núcleo o substantivo OFERECIMENTO. Na E, a primeira causa possui como núcleo o substantivo MODELO; a segunda, o verbo OFERECER.

9. (Petrobras – Cesgranrio) Observe as sentenças abaixo, retiradas de uma reclamação, feita por uma secretária, sobre um móvel enviado com defeitos. Qual delas não tem erro de paralelismo?
a) O produto logo no início mostrou má-qualidade no acabamento e que tinha as gavetas emperradas.
b) O novo móvel deve estar dentro dos critérios previamente combinados, e que seja enviado o mais rapidamente possível.
c) Além disso, o manual de instalação tem mais de 150 páginas e pouca clareza.
d) Assim, gostaríamos de pedir a troca do móvel enviado, que não foi aprovado pela gerência e por outros interessados.
e) Recomendamos a V.S. retirar o móvel inadequado e que envie outro, de melhor qualidade, para substituí-lo.
Resposta: Alternativa D.
Na alternativa A, há dois objetos diretos complementando o verbo MOSTROU. O primeiro objeto é não oracional (má-qualidade no acabamento); o segundo complemento é oracional (que tinha as gavetas emperradas). Na alternativa B, nem há coerência textual. Como há o verbo auxiliar DEVE, formando no primeiro termo a locução DEVE ESTAR, o segundo termo também deveria formar a locução (DEVE SER). Na alternativa C, o primeiro complemento para TEM é um substantivo concreto (PÁGINAS) apresentado com elemento numérico preciso (150); o segundo complemento é um substantivo abstrato (CLAREZA), apresentado com inexatidão (POUCA CLAREZA). Na alternativa D, os dois

agentes da passiva são apresentados com substantivos concretos (GERÊNCIA e INTERESSADOS). Na alternativa E, os dois objetos diretos de RECOMENDAMOS são oracionais, contudo o primeiro é reduzido de infinitivo (RETIRAR) e o segundo é desenvolvido (QUE ENVIE OUTRO).

Capítulo 24

Pontuação

A pontuação serve para marcar a pausa e a entoação. Aqui ficará explicado em que momentos deverão ser utilizados estes sinais gráficos.

24.1. Uso de vírgula

A vírgula deve ser utilizada para:

a) isolar o vocativo;

Ex.: Manoel, venha cá!
Venha cá, Manoel!
Diga, Manoel, a verdade!

b) separar as orações coordenadas assindéticas;

Ex.: Ele bebeu, bebeu, bebeu e dormiu.
Maria lava, passa, prepara a comida, arruma a casa e é uma boa mãe.

c) separar orações ligadas pela conjunção E com sujeitos diferentes;

Ex.: Maria lava, e Joana passa.
"Insisti no oferecimento da madeira, e ele estremeceu" (Graciliano Ramos).
"Abriu-lhe logo uma conta corrente, e a quitandeira,..., dava um pulo até à venda..." (Aluísio de Azevedo).

Obs.: Esta vírgula já foi obrigatória, agora é considerada facultativa.
Se o sujeito das duas orações fosse o mesmo, não haveria vírgula.

Ex.: Maria lava e passa.
Ele já chegou e já foi embora.

d) separar termos com a mesma função sintática ou elementos de uma enumeração;

Ex.: Maria, Manoel, Pedro, Paulo e Renato saíram.
Comprei banana, maçã, pera, abacaxi, abacate e laranja.

e) indicar a supressão do verbo;

Ex.: Ele foi à praia, e eu, também.
Ele disse a verdade: contudo ela, não.

f) é importantíssimo esclarecer que entre sujeito e verbo não pode haver vírgula, da mesma forma que entre verbo e complemento. Todavia, caso haja um termo intercalando aquelas funções, a orientação gramatical indica o seu isolamento;

– conjunção: Ex.: Ele disse, todavia, a verdade.

– aposto: Ex.: Pelé, Rei do Futebol, foi demitido do Santos.

Obs.: Os adjuntos adverbiais intercalando uma sequência lógica (sujeito-verbo ou verbo-complemento) ou mesmo no início de orações poderão aparecer isolados, ou seja, a(s) vírgula(s) é(são) facultativa(s):

Ex.: Ele, com toda certeza, virá. OU Ele com toda certeza virá.

O NCE tem exigido ultimamente dos candidatos a escolha pela opção mais adequada. Há a assunção de que pode haver opções corretas, e o candidato é obrigado a discernir qual é a melhor. No exemplo anterior, as duas formas estão corretas; contudo, se você tiver que optar por uma das duas, escolha a estrutura com vírgula, já que o adjunto adverbial interrompeu uma sequência lógica.

Caso o adjunto adverbial ocorra após o complemento, ou seja, no lugar previsto pela gramática, não deverá estar isolado.

Ex.: Ele virá com toda certeza.

g) separar as orações subordinadas antepostas às principais;

Ex.: Se chover, não vou à praia.

"Quando você foi embora, fez-se noite em meu viver..." (Milton Nascimento).

Embora estivesse triste, não chorou.

Que João não virá, nós já sabemos.

Obs.: Agostinho Dias Carneiro, em seu livro Redação em Construção, alega, tal qual Celso Cunha, que a vírgula é obrigatória para separar orações adverbiais, principalmente se antepostas à principal. No concurso para Técnico Judiciário do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, em 2004, houve uma questão com duas opções extremamente parecidas: 1) "Os juízes intervieram quando viram os réus frente a frente"; 2) "Os juízes intervieram, quando viram os réus frente a frente". Portanto, a diferença entre as alternativas se deu tão somente quanto ao uso da vírgula. Seguindo-se Celso Cunha e Agostinho Dias Carneiro, a resposta deveria ser a que contém a vírgula, pois, relembrando o que asseveram, tal pontuação é obrigatória, principalmente se a oração adverbial vier anteposta à principal. Como a oração subordinada está posposta à principal, chega-se à conclusão, através da redação dos brilhantes autores, de que a vírgula é opcional, sendo a

construção preferencial com a vírgula. No entanto, a banca optou pela alternativa sem a vírgula, fato que me fez concluir que o critério utilizado foi o respeito à ordem das orações (principal – subordinada adverbial).

Ex.: Não vou à praia(,) se chover.

"Deus fala, quando a turba está quieta" (Castro Alves).

h) separar as orações coordenadas adversativas, conclusivas e explicativas;

Ex.: Choveu à beça ontem, no entanto fui à praia.

Ele estudou bastante, portanto passará no concurso.

Volta logo, pois está tarde.

i) isolar conjunção coordenativa adversativa ou conclusiva deslocada;

Ex.: A chuva, no entanto, não atrapalhou a festa.

João deve, portanto, chegar mais tarde.

Obs.: Se a conjunção coordenativa adversativa ou conclusiva iniciar período, a vírgula será facultativa.

Ex.: Entretanto(,) todos retornaram cedo para casa.

Então(,) ele fará o trabalho.

j) isolar os termos **DIGO, DIGO MELHOR, OU SEJA, ISTO É;**

Ex.: A vida é triste, ou melhor, muito triste.

Comprei uma caneta, isto é, um lápis.

k) separar as orações subordinadas adjetivas explicativas;

Ex.: Os alunos, que fizeram bagunça, foram expulsos.

BIZU

As orações subordinadas adjetivas, quando isoladas por vírgula, serão explicativas; quando não, serão restritivas. A frase acima significa que os alunos foram expulsos porque fizeram bagunça. Se a frase fosse "Os alunos que fizeram bagunça foram expulsos", significaria que somente aqueles alunos que fizeram bagunça foram expulsos. O melhor, portanto, neste caso, é o leitor se condicionar a perceber a presença da vírgula. Havendo a vírgula, há a ideia de explicação, de por quê. Não havendo, a ideia é de restrição. Portanto, as vírgulas modificam completamente o sentido das orações subordinadas adjetivas. É importante também esclarecer que a oração explicativa também pode encontrar-se isolada através de travessões ou parênteses.

l) separar, nas datas, o nome do local;

Ex.: Rio de Janeiro, 19 de agosto de 1994.

m) separar as orações reduzidas quando iniciarem uma frase;

Ex.: Dadas as explicações, todos o desculparam.

Ao analisar a situação do país, quase se suicidou.

Percebendo os erros, corrigiu-os.

n) Uso de vírgula antes de **ETC**.

Em tese, não deveria ser aceito, pois é coerente a ausência da vírgula em função de "et" em "et coetera" significar "e". Como é óbvio que, em "Ele comprou camisa, bermuda, gravata e outros", não há vírgula antes de "e", também não deve haver vírgula antes de "**et**". No entanto, como este uso se encontra deveras difundido, Evanildo Bechara o admite, e na Gramática da Língua Portuguesa, Celso Cunha, conquanto não tenha realizado análise sobre seu uso no livro, empregou a vírgula antes de "etc." em várias oportunidades.

Ex.: Ele comprou camisa, bermuda, gravata (,) etc.

24.2. Uso de ponto e vírgula

O ponto e vírgula deve ser utilizado para:

a) separar os itens de uma enumeração;

Ex.: Zico, jogador do Flamengo, foi vendido para a Udinese; Falcão, jogador do Internacional, para o Roma; Sócrates, do Corinthians, para a Fiorentina.

b) separar orações coordenadas assindéticas ou sindéticas adversativas e conclusivas. Normalmente aparecem em frases em que já tenha aparecido a vírgula.

Ex.: Comprei laranja, maçã, pera e banana; no entanto, não comprei nenhum legume.

Falei, falei, falei, e ele ficou calado; logo, ele compreendeu tudo.

"Pensei em prometer algumas dezenas de padre-nossos; tinha, porém, outra promessa em aberto e outro favor pendente" (Machado de Assis).

Obs.: É importante esclarecer que todas as ocorrências de ponto e vírgula podem ser substituídas pelo ponto.

24.3. Uso do ponto

O ponto deve ser utilizado para:

a) indicar o fim de uma frase;

Ex.: Falei e disse.

b) marcar uma abreviação.

Ex.: V. Ex.ª

24.4. Uso de dois-pontos

Os dois-pontos devem ser utilizados para:

a) indicar a introdução de uma fala;

Ex.: Descartes disse: "Penso, logo existo".

b) introduzir um aposto ou uma oração subordinada substantiva apositiva;

Ex.: Comprei frutas: laranja, maçã, pera e manga.

Só disse algumas palavras: que não voltes mais.

c) introduzir um exemplo ou observação.

Ex.: Exemplo: Observação:

24.5. Uso de exclamação

O ponto de exclamação deve ser utilizado para:

a) indicar surpresa, espanto, dor, alegria e ordem.

Ex.: Que espetáculo!

Vá agora!

24.6. Uso de interrogação

O ponto de interrogação deve ser utilizado para:

a) indicar uma interrogativa ***direta***.

Ex.: Por que ele não veio?

Quando Maricota falará contigo?

24.7. Uso de reticências

As reticências devem ser utilizadas para:

a) indicar uma interrupção de um pensamento;

Ex.: Ele não veio, porque...

b) indicar uma ideia de continuidade;

Ex.: Talvez os filhos dos filhos... dos nossos filhos tenham um mundo melhor.

c) pode também indicar uma ideia de ironia.

Ex.: Os políticos são certamente cidadãos muito honestos...

24.8. Uso de aspas

As aspas devem ser utilizadas para:

a) indicar uma citação;

Ex.: "Jogo é jogo, treino é treino", dizia Didi.

b) indicar neologismos, estrangeirismos, gírias etc.

Ex.: Dario dizia que havia sempre uma "solucionática" para toda problemática.

Magri disse que a economia é "imexível".

Os políticos gastam uma fortuna com "outdoor".

– "Bicho", foi sensacional.

c) citar obras artísticas ou científicas.

Ex.: Li "Dom Casmurro" três vezes.

24.9. Uso de parênteses

Os parênteses devem ser utilizados para:

a) acrescentar ao texto comentários ou explicações acessórias.

Ex.: Ayrton Senna (1960-1994) foi o maior ídolo do automobilismo nacional.

As imagens tácitas (implícitas), às vezes, são mais bonitas.

24.10. Uso de travessão

O travessão deve ser utilizado para:

a) ligar palavras que formam uma cadeia na frase;

Ex.: A estrada Rio – São Paulo não está muito bem cuidada.

b) indicar a mudança de interlocutor nos diálogos;

Ex.: – Manoel, porque você faltou?

– João, faltei porque estava doente.

c) acrescentar ideia de explicação ao texto.

Ex.: O candidato – que estuda – passa.

Ronaldo Gaúcho, melhor atleta de 2004 e 2005, é o expoente da seleção brasileira na Copa de 2006.

Obs.: Os parênteses, o(s) travessão(ões) e a(s) vírgulas podem ser utilizados para acrescentar valor de explicação ao período indistintamente.

Ex.: Lula – um ex-operário – chegou à presidência.

Lula (um ex-operário) chegou à presidência.

Lula, um ex-operário, chegou à presidência.

24.11. Exercícios

1. (Analista de Planejamento e Orçamento – MPOG – Esaf) Em relação ao emprego dos sinais de pontuação no texto, assinale a opção correta.

O modo solidário de produção e distribuição parece à primeira vista um híbrido entre o capitalismo e a pequena produção de mercadorias. Mas, na realidade, ele constitui uma síntese que supera ambos. A unidade típica da economia solidária é a cooperativa de produção, cujos princípios organizativos são: posse coletiva dos meios de produção pelas pessoas que as utilizam para produzir; gestão democrática da empresa ou por participação direta (quando o número de cooperadores não é demasiado) ou por representação; repartição da receita líquida entre os cooperadores por critérios aprovados após discussões e negociações entre todos; destinação do excedente anual (denominado sobras) também por critérios acertados entre todos os cooperadores. A cota básica do capital de cada cooperador não é remunerada, somas adicionais emprestadas à cooperativa proporcionam a menor taxa de juros do mercado.

(*Paul Singer*)

a) Se a expressão "à primeira vista" (l.1) estivesse entre vírgulas, o período ficaria gramaticalmente prejudicado.

b) O sinal de dois-pontos (l.4) justifica-se por anteceder citação de depoimento alheio ao autor do texto.

c) As três ocorrências de sinal de ponto e vírgula (l.5, 7 e 9) têm justificativas gramaticais diferentes.

d) Se o emprego de parênteses (l.6, 7 e 9) for substituído por vírgulas, a coerência do texto fica prejudicada.

e) Os parênteses que isolam a expressão "denominado sobras" (l.9) podem, sem prejuízo para o texto, ser substituídos por travessões ou por vírgulas.

2. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) ***O caso Montaigne na tradição literária da amizade não é propriamente uma exceção. Como os povos felizes, que – já se disse – não têm história: os sentimentos vitais, contentes e continentes, poucas vezes, enquanto vigem, dublam-se em reflexão e discurso. Por isso, certamente, a clave da perda marca tanto essa literatura e a tinge tão estranhamente de melancolia. (É que talvez os relevos dos grandes sentimentos humanos só se deixem mesmo apalpar pelo avesso: a falta permite, mais facilmente, sondar a profundidade do pleno, a dor, do contentamento.)***

Atente para as afirmações seguintes sobre a pontuação empregada na frase acima, transcrita do 1o parágrafo do texto.

I. O uso dos parênteses para isolar a frase justifica-se por se tratar de uma digressão que, embora relacionada à reflexão feita no parágrafo, interrompe momentaneamente o fluxo do pensamento.

II. Os dois-pontos introduzem um segmento que constitui, de certo modo, uma ressalva ao que se afirma no segmento imediatamente anterior.

III. As vírgulas que isolam o segmento *mais facilmente* poderiam ser retiradas sem prejuízo para a correção e a lógica.

Está correto o que se afirma em:

a) I, apenas;

b) I e II, apenas;
c) I e III, apenas;
d) II e III, apenas;
e) I, II e III.

3. (AFTE – Esaf) Marque a assertiva errada em relação ao texto seguinte:
O ano de 2003 é marcado pela recessão econômica no Brasil e em vários países do mundo. Aqui, o clima foi de expectativa em relação a um novo governo que assumiu o País diante de um grave quadro de desigualdade social. O Brasil assistiu, estarrecido, no outro lado do mundo, a uma invasão no Oriente Médio promovida pela dupla Bush/Blair. E o terrorismo só recrudesceu. De que forma todos esses acontecimentos podem ter influído no imaginário do executivo brasileiro?
(*Carta Capital*, no 307)
a) A substituição de "é marcado" (l.1) por marca-se mantém a informação original e a correção gramatical do período.
b) A vírgula depois de "Aqui" (l.2) pode ser dispensada sem prejuízo da correção por tratar-se de pontuação facultativa.
c) "Expectador" é uma palavra cognata de "Expectativa", mas ao contrário dessa pode também ser grafada com "s" na primeira sílaba, sem alteração de sentido.
d) Se as vírgulas que estão isolando "estarrecido" (l.3) forem substituídas por travessões, o período permanece correto.
e) A preposição "a" em "a uma invasão" (l.4) caracteriza a escrita formal, culta e, geralmente, é dispensada se usado um estilo menos formal.

Leia o texto a seguir para responder à questão 4.

Enquanto o patrimônio tradicional continua sendo responsabilidade dos Estados, a promoção da cultura moderna é cada vez mais tarefa de empresas e órgãos privados. Dessa diferença derivam dois estilos de ação cultural. Enquanto os governos pensam sua política em termos de proteção e preservação do patrimônio histórico, as iniciativas inovadoras ficam nas mãos da sociedade civil, especialmente daqueles que dispõem de poder econômico para financiar arriscando. Uns e outros buscam na arte dois tipos de ganho simbólico: os Estados, legitimidade e consenso ao aparecer como representantes da história nacional; as empresas, obter lucro e construir através da cultura de ponta, renovadora, uma imagem "não interessada" de sua expansão econômica.
(Nestor Garcia Canclini. *Culturas Híbridas*, p. 33, com adaptações)

4. (AFRF – Esaf) Assinale a alteração na pontuação que provoca incoerência textual ou erro gramatical no texto.
a) A substituição do ponto final depois de "cultural" (l.3) por **dois-pontos**.
b) A substituição dos dois-pontos depois de "simbólico" (l.7) pelo sinal de **ponto e vírgula**.
c) A substituição do sinal de ponto-e-vírgula depois de "nacional" (l.8) pela conjunção **e**.
d) A inserção de uma vírgula depois de "construir" (l.8).

e) A retirada da vírgula depois de "ponta" (l.8).

5. (AFRF – Esaf) No texto abaixo foram substituídos sinais de pontuação por números. Assinale a sequência de sinais de pontuação que devem ser inseridos nos espaços indicados para que o texto se torne coerente e gramaticalmente correto. Desconsidere a necessidade de transformar letras minúsculas em maiúsculas.

Os seres humanos sofrem sempre conflitos de interesse com os ressentimentos, facções, coalizões e instáveis alianças que os acompanham (1) no entanto, o que mais interessa nesses fenômenos conflituosos não é o quanto eles nos separam, mas quão frequentemente eles são neutralizados, perdoados e desculpados. Nos seres humanos (2) com seu extraordinário dom narrativo, uma das principais formas de manutenção da paz é o dom humano de apresentar (3) dramatizar e explicar as circunstâncias atenuantes em torno de violações que ameaçam introduzir conflito na habitualidade da vida (4) o objetivo de tal narrativa não é reconciliar, não é legitimar, nem mesmo desculpar, mas antes (5) explicar.

(Jerome Bruner. *Atos de significação*, com adaptações)

a)	;	,	.	:	.
b)	;	-	;	.	;
c)	,	;	-	;	:
d)	,	.	:	;	:
e)	.	,	,	.	,

6. (Susep – Esaf) Os trechos abaixo constituem um texto. Assinale a opção em que o emprego dos sinais de pontuação está correto.

a) A preservação do crescimento da China, por suas particularidades se faz com redução dos efeitos irradiadores sobre as demais economias.

b) Isto porque a estabilidade do crescimento do PIB chinês, mascara um fato crucial, qual seja, a forte redução do investimento nessa economia.

c) Um longo período de aumento do investimento, durante o qual chegou-se a incrementos acima de 40% ao ano termina por engendrar um excesso de capacidade de produção em vários segmentos, cuja digestão demandará algum tempo.

d) Isto obviamente, não significa desaceleração no sentido tradicional, ou seja, do produto corrente, mas implica menor efeito irradiador sobre as economias das quais a China importa máquinas e equipamentos.

e) Outro aspecto do desenvolvimento recente na China é a redução do coeficiente importado em razão da entrada em operação de plantas produtoras de *commodities* industriais.

7. (TRF) Considere os períodos I, II e III, pontuados de duas maneiras diferentes.

I. Entregues os documentos pelo correio, seguirão outras informações relativas ao processo.

Entregues os documentos, pelo correio seguirão outras informações, relativas ao

processo.
II. A audiência será marcada de imediato pelo advogado e o promotor conjuntamente.
A audiência será marcada, de imediato, pelo advogado e o promotor conjuntamente.
III. É bom que se arquivem os processos que estão com o prazo vencido.
É bom que se arquivem os processos, que estão com o prazo vencido.
Com a pontuação diferente, ocorreu alteração de significado em:
a) I, somente;
b) II, somente;
c) I e II;
d) I e III;
e) II e III.

8. (ANA – Esaf) Em relação à pontuação do texto, assinale a opção correta.
A água pode ter diversas finalidades, como: abastecimento humano, dessedentação animal, irrigação, indústria, geração de energia elétrica, lazer, navegação etc. Muitas vezes, esses usos podem ser concorrentes, o que gera conflitos entre setores usuários ou mesmo impactos ambientais.
Nesse sentido, é necessário gerir e regular os recursos hídricos, acomodando as demandas econômicas, sociais e ambientais por água em níveis sustentáveis, para permitir a convivência dos usos atuais e futuros da água sem conflitos. Por isso, a outorga é fundamental, pois, ordenando e regularizando o uso da água, é possível assegurar ao usuário o efetivo acesso a ela, bem como realizar o controle quantitativo e qualitativo dos usos desse precioso recurso.
(*José Machado http://www.ana.gov.br/SalaImprensa/artigos/set.2008.pdf*)
a) As vírgulas da linha dois justificam-se porque isolam elementos de mesma função gramatical componentes de uma enumeração.
b) O emprego do sinal de dois-pontos (ℓ.1) justifica-se por anteceder oração subordinada adjetiva restritiva.
c) A vírgula após "Muitas vezes" (ℓ.4) justifica-se para isolar conjunção temporal.
d) O emprego de vírgula após "hídricos" (ℓ.8) justifica-se para isolar oração subordinada adverbial comparativa.
e) O emprego de vírgula após "fundamental" (ℓ.11) justifica-se por isolar oração subordinada adverbial condicional.

9. (ARF – Esaf) Assinale o trecho do texto adaptado de Boris Fausto (Memória e História) em que, na transcrição, foram plenamente atendidas as regras de pontuação.
a) Em uma fila no banco, na época em que, no Brasil, houve congelamento dos depósitos bancários, uma jovem, de traços orientais, permanecia calada e, aparentemente, atenta aos movimentos de todos, como se a qualquer momento, alguém pudesse passar à sua frente.
b) Pensei, ainda, em lembrá-la de que, por outro lado, a experiência dos japoneses no Brasil estava longe de representar um desastre. No entanto, bastou olhar para a neta do sol nascente e, logo, perceber que ela se transportara para outras esferas, alheia à fila e

a tudo o mais que a rodeava.
c) Não era nada disso. A jovem decifrou o enigma, em tom suspiroso, explicando que, no começo dos anos de 1930, grande parte da família decidira emigrar para a Califórnia, mas seu avô meio aventureiro, optara infelizmente, pelo Brasil.
d) Tentei esboçar um discurso sociológico, ponderando, que os imigrantes japoneses localizados na costa do Pacífico, tinham atravessado momentos adversos, especialmente, no curso da Segunda Guerra Mundial, quando muitos deles foram transferidos para campos de confinamento no meio-oeste americano.
e) De repente, sua voz se ergueu enigmática: "A culpa de tudo isso é do meu avô." Nos segundos seguintes, a melhor hipótese que me passou pela cabeça, foi a de um avô conservador, aconselhando a neta a poupar, em vez de gastar, apoiado em uma versão japonesa da fábula da cigarra e da formiga.

10. (ARF – Esaf) Assinale a justificativa correta para o emprego de vírgula.
A economia real nos Estados Unidos e na Europa segue em compasso de espera. Isso significa que o produto e o emprego seguem em declínio, (1) mas a uma velocidade menor. Seja como for, as injeções de liquidez, os programas de compra de ativos podres, (2) as garantias oferecidas pelas autoridades e a capitalização das instituições financeiras não fizeram pouco. Além de construir um piso para a deflação de ativos, as intervenções de provimento de liquidez suscitaram, (3) diriam os keynesianos, (3) um movimento global no interior da circulação financeira. O inchaço da circulação financeira teve efeitos mesquinhos sobre a circulação industrial, (4) ou seja, (4) sobre a movimentação do crédito e da moeda destinada a impulsionar a produção e o emprego. Observa-se, (5) no entanto, (5) um rearranjo dentro do estoque de riqueza que responde aos preços esperados dos ativos "especulativos" por parte dos investidores que sobreviveram ao colapso da liquidez. Agarrados aos salva-vidas lançados com generosidade pelo gestor em última instância do dinheiro – esse bem público objeto da cobiça privada – os senhores da finança tratam de restaurar as práticas e operações de "normalização dos mercados", isto é, aquelas que levaram à crise.
(Luiz Gonzaga Beluzzo, adaptado do *Valor Econômico* de 14 de outubro de 2009)
a) (1) A vírgula separa oração coordenada assindética.
b) (2) A vírgula separa elementos de mesma função sintática componentes de uma enumeração.
c) (3) As vírgulas isolam uma expressão apositiva.
d) (4) As vírgulas isolam conjunção coordenativa conclusiva.
e) (5) As vírgulas isolam conjunção subordinativa concessiva intercalada na oração principal.

11. (DNOCS – FCC) A pontuação desta frase está inteiramente correta:
a) A dialética sendo uma verdade mais séria, do que se costuma crer, manifesta-se no processo de resistência, da cultura popular.
b) De fato a cultura de massa com a enorme força de que dispõe, costuma apropriar-se das formas da cultura popular, inapelavelmente.

c) A socialização, proveniente das boas relações comunitárias constitui, sem dúvida, uma bela forma de autopreservação, na cultura popular.
d) As escolas de samba, nas festas promovidas para turistas, constituem matéria-prima e *mão de obra*, simultaneamente, para o capital.
e) Costumam, as diferentes manifestações de cultura popular, descaracterizar-se de vez que não resistem, às pressões da cultura de massa.

12. (TCM – CE) Está plenamente adequada a pontuação da seguinte frase:
a) A rotina, afirmam alguns, é inimiga da criatividade, mas essa tese, segundo o cronista, é uma falácia: basta ver o que já ocorreu em nossa literatura.
b) A rotina, afirmam alguns: é inimiga da criatividade; mas essa tese segundo o cronista é uma falácia, basta ver o que já ocorreu em nossa literatura.
c) A rotina – afirmam alguns – é inimiga da criatividade: mas essa tese, segundo o cronista, é uma falácia, basta ver o que já ocorreu, em nossa literatura.
d) A rotina, afirmam alguns, é inimiga da criatividade; mas essa tese segundo o cronista, é uma falácia, basta ver, o que já ocorreu em nossa literatura.
e) A rotina, afirmam alguns, é inimiga da criatividade mas, essa tese, segundo o cronista, é uma falácia: basta ver o que já ocorreu, em nossa literatura.

13. (MPE – RN – FCC) É preciso corrigir a pontuação da frase:
a) Não obstante a imagem de candura, as crianças podem ser perversas por conta dos instintos, manifestação que, aliás, nos comandam a todos.
b) Não apenas as crianças, também os adultos cedem aos instintos primitivos, de cuja manifestação, muitas vezes, tendemos a nos envergonhar.
c) O autor não se mostra nada simpático à tese da bondade natural, proposta e defendida por Rousseau, embora admita o grande prestígio de que goza esse filósofo.
d) No século 18, marcado pela ação dos pensadores iluministas, pedagogos como Rousseau, desejosos de mudanças, propuseram teses revolucionárias.
e) Deve-se à aparência meiga das crianças, boa parte da crença de que elas são seres angelicais, e por isso, incapazes de cometer crueldades.

14. (MPE – SE – FCC) A pontuação está inteiramente correta na frase:
a) Nosso admirável poeta Carlos Drummond de Andrade, em um poema antológico, foi capaz de definir em um único verso um atributo do tédio: esse sentimento mortal que, se descuidarmos, pode tomar conta de nós.
b) Nosso admirável poeta, Carlos Drummond de Andrade, em um poema antológico foi capaz de definir em um único verso: um atributo do tédio; esse sentimento mortal que se descuidarmos, pode tomar conta de nós.
c) Nosso admirável poeta Carlos Drummond de Andrade em um poema antológico, foi capaz de definir em um único verso, um atributo do tédio, esse sentimento mortal, que se descuidarmos pode tomar conta de nós.
d) Nosso admirável poeta, Carlos Drummond de Andrade em um poema antológico foi capaz de definir em um único verso, um atributo do tédio; esse sentimento mortal, que se

descuidarmos pode tomar conta de nós.
e) Nosso admirável poeta Carlos Drummond de Andrade, em um poema antológico foi capaz, de definir em um único verso, um atributo do tédio, esse sentimento mortal que, se descuidarmos pode tomar conta de nós.

15. (AFTN) Indique o trecho que apresenta erro quanto ao emprego dos sinais de pontuação.
a) "Interferências demagógicas de governos, levaram o Sistema Brasileiro de Habitação à falência em que hoje se encontra". (*Folha de São Paulo*, 05/10/1989, p. A-4.)
b) "Mas a disputa pelos direitos do livro – a ser editado no Brasil, evidentemente, pela Marco Zero, da qual Márcio de Souza é diretor – apenas começou". (*Leia*, agosto / 1989, p. 14.)
c) "O convite veio de Jofre Rodrigues, sócio principal da produtora J. N. Filmes. Assim que a notícia foi divulgada na Europa, editoras alemãs, francesas e americanas começaram a assediar o agente literário Thomas Colchio, que responde pelo escritor brasileiro na França". (*Leia*, agosto / 1994, p. 14.)
d) "Ao lado da disputa pelos direitos de filmagem da vida do líder seringueiro Chico Mendes, arma-se uma outra briga: o alvo, agora, é o argumento do filme, que será escrito pelo romancista amazonense Márcio de Souza". (*Leia*, agosto / 1994, p. 14.)
e) "O bom humor voltou à vida de Arraes depois do encontro com Brizola na semana passada. Exatamente o que conversaram os dois políticos ninguém sabe". (*Folha de São Paulo*, 5/10/1989, p. A-4.)

16. (TRF-2ª Região – FCC) A pontuação está plenamente adequada na frase:
a) O cronista, diante da possibilidade de habitar uma ilha, enumera uma série de argumentos que, a princípio, desqualificariam as supostas vantagens de um insulamento, mas, ao fim e ao cabo, convence-se de que está na ilha a última chance de desfrutarmos nossa liberdade.
b) O cronista diante da possibilidade, de habitar uma ilha, enumera uma série de argumentos, que a princípio desqualificariam as supostas vantagens de um insulamento, mas ao fim e ao cabo, convence-se de que está na ilha a última chance de desfrutarmos nossa liberdade.
c) O cronista diante da possibilidade de habitar uma ilha enumera uma série de argumentos, que a princípio, desqualificariam as supostas vantagens de um insulamento; mas ao fim e ao cabo convence-se, de que está na ilha a última chance de desfrutarmos nossa liberdade.
d) O cronista, diante da possibilidade de habitar uma ilha enumera uma série de argumentos, que a princípio, desqualificariam as supostas vantagens de um insulamento mas, ao fim e ao cabo convence-se de que está na ilha, a última chance de desfrutarmos nossa liberdade.
e) O cronista, diante da possibilidade de habitar uma ilha enumera uma série de argumentos que a princípio, desqualificariam as supostas vantagens de um insulamento; mas ao fim e ao cabo, convence-se de que, está na ilha, a última chance de desfrutarmos

nossa liberdade.

17. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) A supressão das vírgulas altera o sentido da seguinte frase:
a) Meninos de rua são, quase sempre, vistos como párias sociais, e não como vítimas.
b) Saber que, felizmente, há instituições como o SAID é motivo para alento e renovação de esperanças.
c) Não há, hoje em dia, quem possa alegar desconhecimento da situação dos jovens viciados.
d) Aqui e ali, podemos nos deparar com o trágico quadro de menores entregues ao destino das ruas.
e) Os menores de rua, que o vício das drogas arrebatou, demandam com urgência que os resgatemos desse inferno.

18. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – FCC) Está plenamente adequada a pontuação da seguinte frase:
a) Embora ansioso, por aposentar-se, o autor não parece convicto de que, o ócio lhe fará bem; tanto assim que vez ou outra imagina atividades, que passará a exercer.
b) Embora ansioso por aposentar-se o autor, não parece convicto, de que o ócio lhe fará bem, tanto assim que vez ou outra, imagina atividades que passará a exercer.
c) Embora ansioso por aposentar-se, o autor, não parece convicto de que o ócio lhe fará bem, tanto assim que, vez ou outra, imagina atividades, que passará a exercer.
d) Embora ansioso por aposentar-se, o autor não parece convicto de que o ócio lhe fará bem, tanto assim que, vez ou outra, imagina atividades que passará a exercer.
e) Embora ansioso, por aposentar-se, o autor não parece convicto de que o ócio lhe fará bem: tanto assim, que vez ou outra, imagina atividades que passará a exercer.

(AFTN) Nas questões 19 e 20, marque o texto em que os sinais de pontuação não foram usados corretamente.
19.
a) Denis de Rougemont tornou o Romance de Tristão e Isolda, datado do século XVII, como o "nascimento da paixão" no Ocidente.
b) Contra o casamento de interesse e contra a concepção cristã do casamento feliz por amor, a paixão é um estado amoroso que parece se alimentar da sua própria impossibilidade, encontrando a sua máxima realização no seu obstáculo supremo, que é a morte.
c) Rastreando os enigmas da paixão, contidos em Tristão e Isolda, Rougemont aponta as fontes do mito nas heresias de fundo maniqueístas, para as quais a morte, representa a passagem da Noite da matéria para o Dia luminoso do espírito.
d) Vivendo, no seu transporte febril, a promessa vigente de uma libertação dos limites da existência e da infelicidade do viver, os amantes, que se buscam e que se afastam, mais fiéis à própria paixão do que ao desejo da presença do outro, buscam transfigurar a morte em triunfo.

e) Implícito no código cortês da poesia trovadoresca, recorrente numa longa tradição literária, alimentado na ficção de massas (e dissipado do seu fundamento místico), o amor-paixão vigora em contradição com as normas sociais e a ortodoxia religiosa. (José Miguel Winsk; com adaptações)

20.
a) Uma das articulações clássicas da tradição marxista, a que junta a pobreza à dominação, se desfez nas sociedades desenvolvidas: cada vez mais se torna possível a satisfação das necessidades econômicas sem que as exigências políticas sejam atendidas.
b) Neste sentido, faz-se problemática a conceituação de progresso.
c) Mais complexas ainda, se tornam as definições sobre o conceito se pensarmos em um outro elemento, dificilmente presente nas reflexões tradicionais da filosofia política – a questão da felicidade.
d) Esta, juntamente com o tema da paixão, foi reduzida, na nossa tradição, ao domínio da subjetividade, do psicológico.
e) Propomo-nos a pensar a dimensão da paixão na política e tomamos, como ponto de partida, alguns artigos de Walter Benjamin (Kátia Muricy; com adaptações).

21. (Sefaz – SP – FCC) A pontuação está plenamente adequada na frase:
a) Aos que condenam a nostalgia argumentando, contra o passadismo, pode-se responder com a frase de um pensador: segundo o qual a saudade de tempos melhores, longe de ser reacionária, instiga-nos a esperar mais do presente.
b) Aos que condenam a nostalgia, argumentando contra o passadismo, pode-se responder, com a frase de um pensador, segundo o qual a saudade de tempos melhores longe de ser reacionária, instiga-nos a esperar mais do presente.
c) Aos que condenam a nostalgia argumentando contra o passadismo, pode-se responder com a frase, de um pensador, segundo o qual: a saudade de tempos melhores, longe de ser reacionária, instiga-nos a esperar mais do presente.
d) Aos que condenam a nostalgia argumentando contra o passadismo, pode-se responder com a frase de um pensador, segundo o qual a saudade de tempos melhores, longe de ser reacionária, instiga-nos a esperar mais do presente.
e) Aos que condenam a nostalgia, argumentando contra o passadismo pode-se responder com a frase de um pensador, segundo o qual, a saudade de tempos melhores, longe de ser reacionária instiga-nos a esperar mais do presente.

22. (TFC) Assinale o período corretamente pontuado.
a) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis, que, num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.
b) Os carros modernos, são feitos com chapas bastante flexíveis que, num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.
c) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis, que num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.

d) Os carros modernos são feitos, com chapas bastante flexíveis, que, num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.
e) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis que num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.

23. (TRT – 8R – FCC) Desconsiderada a sua organização em versos, a primeira estrofe da canção está corretamente pontuada em:
a) Quando eu me encontrava preso na cela de uma cadeia, foi que vi, pela primeira vez, as tais fotografias em que apareces: inteira. Porém, lá não estavas, nua e sim coberta de nuvens...
b) Quando eu me encontrava preso, na cela de uma cadeia foi que vi pela primeira vez, as tais fotografias, em que apareces inteira: porém, lá não estavas nua, e sim coberta de nuvens...
c) Quando eu me encontrava preso na cela de uma cadeia, foi que vi pela primeira vez as tais fotografias em que apareces inteira. Porém, lá não estavas nua e, sim, coberta de nuvens...
d) Quando eu me encontrava, preso na cela de uma cadeia, foi que vi pela primeira vez as tais fotografias em que apareces inteira, porém: lá não estavas nua e sim coberta de nuvens...
e) Quando eu me encontrava preso na cela, de uma cadeia, foi que vi pela primeira vez as tais fotografias em que apareces, inteira. Porém, lá, não estavas nua e sim, coberta de nuvens...

24. (Analista Judiciário – TRE-SP – FCC) Está inteiramente adequada a pontuação do seguinte período:
a) Em qualquer escalão do governo costuma haver mais cedo, ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado, por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança que ficam ao sabor, das conveniências políticas.
b) Em qualquer escalão, do governo, costuma haver mais cedo ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.
c) Em qualquer escalão do governo, costuma haver, mais cedo ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.
d) Em qualquer escalão do governo costuma haver, mais cedo ou mais tarde, atritos, entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso e o pessoal, indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.
e) Em qualquer escalão do governo costuma haver mais cedo, ou mais tarde atritos, entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado, por concurso, e o pessoal indicado, para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

25. (Técnico Judiciário – TRE-SP – FCC) Está inteiramente correta e adequada a pontuação da seguinte frase:

a) Mesmo nas obras modernistas que, por um motivo ou outro, parecem hoje datadas, pode-se reconhecer a importância que tiveram, na época, para a busca da liberdade de criação e expressão, conquista que Mário de Andrade não se cansou de acentuar.
b) Mesmo nas obras modernistas, que por um motivo, ou outro, parecem hoje datadas pode-se reconhecer a importância que tiveram na época, para a busca da liberdade de criação e expressão, conquista que Mário de Andrade não se cansou, de acentuar.
c) Mesmo nas obras modernistas, que por um motivo ou outro, parecem hoje datadas, pode-se reconhecer a importância que tiveram, na época, para a busca da liberdade de criação e expressão: conquista, que Mário de Andrade não se cansou de acentuar.
d) Mesmo nas obras modernistas que, por um motivo ou outro, parecem hoje datadas pode-se reconhecer, a importância que tiveram na época, para a busca da liberdade de criação e expressão, conquista que, Mário de Andrade, não se cansou de acentuar.
e) Mesmo nas obras modernistas que por um motivo ou outro, parecem hoje datadas, pode-se reconhecer a importância que tiveram, na época para a busca da liberdade de criação e expressão; conquista que Mário de Andrade não se cansou de acentuar.

26. (TTN) Assinale a alternativa que apresenta o emprego correto dos sinais de pontuação.
a) Na Suíça, delegados de 103 países, grande parte deles com as vestes africanas, determinaram a proibição total da caça aos elefantes. (Trechos da *Isto é / Senhor*, 25/10/1989.)
b) Na Suíça, delegados de 103 países, grande parte deles com suas vestes africanas, determinaram a proibição total, da caça aos elefantes.
c) Na Suíça delegados de 103 países, grande parte deles com suas vestes africanas determinaram a proibição total, da caça aos elefantes.
d) Na Suíça, delegados de 103 países, grande parte deles com suas vestes africanas determinaram a proibição, total da caça aos elefantes.
e) Na Suíça, delegados de 103 países grande parte deles com suas vestes africanas determinaram, a proibição total da caça aos elefantes.

27. (Técnico Judiciário – TRE-SP – FCC) ***Esta cidade que está acabando, que já acabou com a garoa, os bondes, o trem da Cantareira, as cantigas do Bexiga, Adoniran não a deixará acabar*...**
Mantendo-se, em linhas gerais, o sentido original, uma redação alternativa para a frase acima, em que se respeitam as regras de pontuação, é:
a) Adoniran não deixará acabar, a cidade que está acabando, e que já acabou com a garoa, os bondes, o trem da Cantareira, as cantigas do Bexiga...
b) Adoniran não deixará acabar a cidade, que está acabando e que já acabou, com a garoa, os bondes, o trem da Cantareira, as cantigas do Bexiga...
c) Adoniran, não deixará acabar a cidade, que está acabando – e que já acabou – com a garoa, os bondes, o trem da Cantareira, as cantigas do Bexiga...
d) Adoniran não deixará acabar a cidade que está acabando e que já acabou com a garoa, os bondes, o trem da Cantareira, as cantigas do Bexiga...

e) Adoniran, não deixará acabar a cidade que está acabando e que, já acabou, com a garoa, os bondes, o trem da Cantareira, as cantigas do Bexiga...

28. (TRE – AL – FCC) A pontuação está inteiramente adequada na frase:
a) Será preciso, talvez, redefinir a infância já que as crianças de hoje, ao que tudo indica nada mais têm a ver com as de ontem.
b) Será preciso, talvez redefinir a infância: já que as crianças, de hoje, ao que tudo indica nada têm a ver, com as de ontem.
c) Será preciso, talvez: redefinir a infância, já que as crianças de hoje ao que tudo indica, nada têm a ver com as de ontem.
d) Será preciso, talvez redefinir a infância? – já que as crianças de hoje ao que tudo indica, nada têm a ver com as de ontem.
e) Será preciso, talvez, redefinir a infância, já que as crianças de hoje, ao que tudo indica, nada têm a ver com as de ontem.

29. (TTN) Marque o texto onde ocorre <u>erro</u> de pontuação.
a) Os estabelecimentos fundados por portugueses, lá pelos anos de 1618, começavam no Pará, quase sob o Equador, e terminavam em Cananeia, além do trópico.
b) Entre uma e outra capitania havia longos espaços desertos, de dezenas de léguas de extensão. A população de língua europeia, cabia folgadamente em cinco algarismos.
c) A camada ínfima da população era formada por escravos, filhos da terra, africanos ou seus descendentes.
d) Os filhos da terra eram menos numerosos pela pouca densidade originária da população indígena, pelos grandes êxodos que os afastaram da costa, pelas constantes epidemias que os dizimaram, pelos embaraços, nem sempre inúteis, opostos ao seu escravizamento.
e) Acima desta população, sem terra e sem liberdade, seguiam-se os portugueses de nascimento ou origem, sem terra, porém livres: feitores, mestres de açúcar, oficiais mecânicos, vivendo dos seus salários ou do feitio de obras encomendadas. (Capistrano de Abreu, com adaptações.)

30. (TTN) Indique o trecho em que os sinais de pontuação estão bem empregados.
a) O principal dado da pesquisa do DataFolha sobre a sucessão presidencial, publicada ontem, é o fato de que, pela primeira vez desde abril, os números indicam que haverá um segundo turno.
b) O principal dado, da pesquisa do DataFolha, sobre a sucessão presidencial, publicada ontem, é o fato de que pela primeira vez, desde abril, os números indicam que haverá um segundo turno.
c) O principal dado da pesquisa do DataFolha sobre a sucessão presidencial publicada ontem, é o fato de, que pela primeira vez, desde abril, os números indicam que haverá um segundo turno.
d) O principal dado da pesquisa do DataFolha, sobre a sucessão presidencial, publicada ontem é o fato de, que pela primeira vez, desde abril, os números indicam que haverá um

segundo turno.
e) O principal dado da pesquisa do DataFolha sobre a sucessão presidencial publicada, ontem, é o fato de que pela primeira vez, desde abril os números indicam que haverá um segundo turno.

(AFTN) Nos textos apresentados nas questões 31 e 32, marque o período em que ocorre erro de pontuação.

31.
a) Em todas as culturas, o processo pelo qual a lei geral suplanta a lei particular, faz-se acompanhar de crises mais ou menos graves e prolongadas, que podem afetar, profundamente, a estrutura da sociedade. (Sérgio Buarque de Holanda, com adaptações.)
b) Ninguém exprimiu, com mais intensidade, a oposição e mesmo a incompatibilidade fundamental entre o Estado e a família do que Sófocles.
c) Creonte encarna a noção abstrata, impessoal da Cidade em luta contra essa realidade concreta e tangível que é a família.
d) Antígona, sepultando Polinice contra as ordenações do Estado, atrai sobre si a cólera do irmão, que não age em nome de sua vontade pessoal, mas da suposta vontade geral dos cidadãos.
e) O conflito entre Antígona e Creonte é de todas as épocas, e preserva-se sua veemência ainda em nossos dias.

32.
a) No período colonial, haverá forçosamente de ocupar-se de sujeitos e obras de escasso ou até nenhum valor literário, como são quase todas as dessa época. (José Veríssimo, com adaptações.)
b) Por um mau patriotismo, sentimento funesto a toda a história, que necessariamente vicia, e também por vaidade da erudição, presumiram os nossos historiadores literários avultar e valorizar o seu assunto, ou o seu próprio conhecimento dele, com fartos róis de autores e obras, acompanhados de elogios desmarcados e impertinentes qualificativos.
c) Não obstante o pregão patriótico, tais nomes e obras continuaram desconhecidos, eles e elas não lidos.
d) Igualmente não desejo continuar a fazer da história da nossa literatura um cemitério, enchendo-o de autores de todo mortos, alguns ao nascer.
e) Não quero cair no mesmo engano e supor que a crítica ou história literária, têm faculdades para dar vida e mérito ao que de si não tem.

33. (AFTE – RN – Esaf) Marque a versão do fragmento de texto de Delfim Netto (em *Carta Capital*) que está em desacordo com as normas de emprego dos sinais de pontuação.
a) É um pesadelo a Ata da última reunião do Conselho de Política Monetária (Copom)! O parágrafo 26 lembra que as metas inflacionárias são fixadas pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) e que, ao BC, resta cumpri-las. Estabelecido esse *hedge*, o "ambiente"

da ata é de um radicalismo absoluto: obedecê-las, custe o que custar!
b) É um pesadelo a Ata da última reunião do Conselho de Política Monetária (Copom): o parágrafo 26 lembra que as metas inflacionárias são fixadas pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) e que, ao BC, resta cumpri-las. Estabelecido esse *hedge*, o "ambiente" da ata é de um radicalismo absoluto: obedecê-las, custe o que custar!
c) É um pesadelo a Ata da última reunião do Conselho de Política Monetária (Copom). O parágrafo 26 lembra que as metas inflacionárias são fixadas pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) e que, ao BC, resta cumpri-las. Estabelecido esse *hedge*, o "ambiente" da ata é de um radicalismo absoluto: obedecê-las, custe o que custar!
d) É um pesadelo a Ata da última reunião do Conselho de Política Monetária (Copom)! O parágrafo 26 lembra que, as metas inflacionárias são fixadas pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) e que, ao BC, resta cumpri-las. Estabelecido esse *hedge*, o "ambiente" da ata é de um radicalismo absoluto: obedecê-las, custe o que custar!
e) É um pesadelo a Ata da última reunião do Conselho de Política Monetária (Copom)! O parágrafo 26 lembra que as metas inflacionárias são fixadas pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) e que, ao BC, resta cumpri-las. Estabelecido esse *hedge*, o "ambiente" da ata é de um radicalismo absoluto. Obedecê-las, custe o que custar!

34. (Fiscal ICMS-RJ – FGV) ***O risco não vem de alguma ameaça cósmica – o choque de algum meteoro ou asteroide rasante – nem de algum cataclismo natural produzido pela própria Terra – um terremoto sem proporções ou algum deslocamento fenomenal de placas tectônicas*****.**
Assinale a alternativa que apresente a função correta dos travessões empregados no fragmento acima:
a) Destacar o argumento que constitui a informação mais relevante do período.
b) Introduzir discurso direto, indicando a mudança de interlocutor.
c) Isolar informação aposta que exemplifica o enunciado anterior.
d) Marcar a aceleração da voz na melodia típica das orações restritivas.
e) Assinalar a pausa máxima da voz numa entoação ascendente.

35. (Comissário da Justiça da Criança e da Juventude – NCE)
Governo
Creio no governo pelo povo; creio, porém, que o governo do povo tem uma base de sua legitimidade na cultura da inteligência nacional pelo desenvolvimento nacional do ensino, no qual as maiores liberalidades do Tesouro substituirão sempre o mais reprodutivo emprego da riqueza pública...
(Rui Barbosa)
As vírgulas que separam a conjunção porém se devem:
a) ao deslocamento da conjunção para o meio da frase;
b) à necessidade de destacar uma ideia essencial ao texto;
c) ao fato de uma conjunção adversativa vir sempre entre vírgulas;
d) à presença de um sujeito posposto;
e) a uma característica estilística de Rui Barbosa.

36. (TRT – 9a Região – NCE) Observe o uso das vírgulas em "Sabe-se que o governo, para enfrentar a crise, adotará uma pluralidade de medidas". A justificativa para o emprego de vírgulas neste exemplo é a mesma válida para a opção:
a) "... com a qual se pretende conferir a tais medidas, por maldosas que sejam, um atestado de bom comportamento".
b) "Nos últimos anos, substituiu-se o 'em desenvolvimento' por 'emergente', palavra que igualmente se opõe ao 'sub'."
c) "O terceiro, 'conjunto de medidas' em lugar de 'pacote', fala exclusivamente à sensibilidade brasileira (...)".
d) "O que isso tudo quer dizer é que quando é difícil modificar a sociedade, ou o governo, modifica-se a linguagem".
e) "'Excluído', dirá o leitor, tem um sentido diverso".

37. (Auditor – Sefaz-RJ – FGV) ***Porém, sofrendo o Brasil os influxos de modelos legislativos estrangeiros, assim como estando as matrizes das empresas transnacionais que aqui operam sujeitas às normas de seus países de origem, não tardará para que as práticas que envolvem o criminal compliance sejam estendidas a diversos outros segmentos da economia.***
Assinale a alternativa em que a alteração do período acima tenha mantido adequação quanto ao seu sentido original e correção quanto à pontuação.
a) Sofrendo o Brasil, no entanto, os influxos de modelos legislativos estrangeiros – assim como estando as matrizes das empresas transnacionais que aqui operam sujeitas às normas de seus países de origem –, não tardará para que as práticas que envolvem o *criminal compliance* sejam estendidas a diversos outros segmentos da economia.
b) Entretanto, sofrendo o Brasil os influxos de modelos legislativos estrangeiros, – assim como estando as matrizes das empresas transnacionais que aqui operam sujeitas às normas de seus países de origem – não tardará para que as práticas que envolvem o *criminal compliance* sejam estendidas a diversos outros segmentos da economia.
c) Sofrendo, contudo, o Brasil os influxos de modelos legislativos estrangeiros – assim como estando as matrizes das empresas transnacionais que aqui operam sujeitas às normas de seus países de origem – não tardará para que as práticas que envolvem o *criminal compliance* sejam estendidas a diversos outros segmentos da economia.
d) Todavia, sofrendo o Brasil os influxos de modelos legislativos estrangeiros, – assim como estando as atrizes das empresas transnacionais que aqui operam sujeitas às normas de seus países de origem –, não tardará para que as práticas que envolvem o *criminal compliance* sejam estendidas a diversos outros segmentos da economia.
e) Contudo, sofrendo o Brasil os influxos de modelos legislativos estrangeiros – assim como estando as matrizes das empresas transnacionais que aqui operam sujeitas às normas de seus países de origem, não tardará para que as práticas que envolvem o *criminal compliance* sejam estendidas a diversos outros segmentos da economia.

38. (AFC – Esaf) Assinale o diagnóstico correto acerca do emprego das vírgulas no

trecho seguinte.
A nova disciplina das sociedades limitadas, está presente no Código Civil de 2002, que inovou em relação ao diploma anterior e tratou de matéria de cunho eminentemente comercial, revogando, assim, neste aspecto, o vetusto Código Comercial que datava do século passado.
a) O trecho está corretamente pontuado: não sobram nem faltam vírgulas.
b) O erro de pontuação está no mau emprego da vírgula colocada após a palavra "limitadas". Sendo ela eliminada, o trecho torna-se gramaticalmente correto.
c) Para o trecho ficar corretamente pontuado, é preciso eliminar a vírgula colocada após a palavra "limitadas" e inserir uma vírgula após a palavra "comercial".
d) Há três erros de pontuação: ausência de vírgula após a palavra "presente", presença da vírgula depois de "2002" e presença da vírgula depois da palavra "revogando".
e) Basta uma vírgula isolando a oração adjetiva explicativa "que datava do século passado" para o trecho ficar corretamente pontuado.

39. (TRF – 4ª Região – FCC) Há <u>incorreções</u> na pontuação da seguinte frase:
a) A tarefa tem de ser levada a termo, apesar da dimensão dela; caso contrário, as crianças e os adolescentes infratores poderão tornar-se criminosos reincidentes.
b) Por mais precária que seja, a estrutura familiar, afastar dela um jovem, não é melhor do que interná-lo, no sistema atual da Febem.
c) Restituir o sistema da Febem a um estado operacional é medida emergencial a ser tomada pelo Estado, numa primeira linha de atuação.
d) As ações adotadas pelo governador, a partir da rebelião de outubro de 1999, não surtiram o efeito pretendido, em vista da que acaba de ocorrer.
e) Apesar de a construção de unidades mais funcionais ser uma boa medida, o prazo estipulado para a realização das obras não atende, de modo algum, à emergência da situação.

40. (TRT – 24ª Região – FCC) Modificando-se a ordem interna de frases do texto, a pontuação estará correta em:
a) Poderíamos lembrar recuando no tempo, que na África do Sul, o regime do *apartheid* representou um manifesto escárnio contra a Declaração dos Direitos Humanos.
b) Que tal informação não é improcedente por sua própria experiência, qualquer cidadão pode verificar.
c) No Brasil, costuma-se dizer, que há leis que "pegam" e leis que "não pegam".
d) Como deixar de reconhecer, a partir de então, que já "não pega" a arbitragem da própria Organização das Nações Unidas?
e) A contrapelo das decisões da ONU se deu a invasão do Iraque: mas confiná-la, aos limites do território nacional, talvez seja injusto.

41. (Analista Judiciário – TRE-PE – FCC) Está plenamente adequada a pontuação da frase:
a) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo tentar justificar, suas ações pela

pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
b) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho; pois os velhos jornalistas igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
c) Não cabe aos jovens, ao menos, os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois, os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
d) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
e) Não cabe aos jovens, ao menos, os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados não costumavam abdicar, dos princípios éticos.

42. (Técnico Judiciário – TRE-RN – FCC)
Eu enfrentava os batalhões
Os alemães e seus canhões
Guardava o meu bodoque
E ensaiava um rock
Para as matinês
Os versos acima estão corretamente pontuados em:
a) Eu enfrentava, os batalhões – os alemães e seus canhões –, guardava o meu bodoque e ensaiava um rock: para as matinês.
b) Eu enfrentava, os batalhões, os alemães e seus canhões. Guardava o meu bodoque e ensaiava um rock, para as matinês.
c) Eu enfrentava: os batalhões, os alemães e seus canhões – guardava o meu bodoque e ensaiava, um rock para as matinês.
d) Eu enfrentava os batalhões; os alemães e seus canhões: guardava o meu bodoque e ensaiava um rock – para as matinês.
e) Eu enfrentava os batalhões, os alemães e seus canhões; guardava o meu bodoque e ensaiava um rock para as matinês.

43. (TRF – 5ª Região – Fundec) Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:
a) De acordo com Marilena Chauí – a autora do texto –, é preciso desconfiar das afirmações que, aparentemente óbvias, não resistem a uma análise mais concreta e mais rigorosa.
b) De acordo com Marilena Chauí, a autora do texto: é preciso desconfiar das afirmações que aparentemente óbvias, não resistem a uma análise, mais concreta e mais rigorosa.
c) De acordo com Marilena Chauí, a autora do texto; é preciso: desconfiar das afirmações que, aparentemente óbvias não resistem, a uma análise mais concreta, e mais rigorosa.
d) De acordo com Marilena Chauí, a autora do texto, é preciso desconfiar, das

afirmações, que aparentemente óbvias não resistem a uma análise, mais concreta e mais rigorosa.
e) De acordo com Marilena Chauí, – a autora do texto – é preciso desconfiar das afirmações, que, aparentemente óbvias não resistem a uma análise mais concreta e, mais rigorosa.

44. (AFRF – Esaf) Marque o trecho com pontuação correta.
a) Com efeito pareceu, a Nabuco, que carecendo o Brasil, como os demais países do continente, de um desenho institucional capaz de lhe conferir a consistência que ele, ainda, não podia extrair de sua invertebrada sociedade havia sido a Monarquia, que permitira a construção do Estado de direito no Brasil.
b) Com efeito pareceu a Nabuco que carecendo o Brasil (como os demais países do continente), de um desenho institucional capaz de lhe conferir a consistência, que ele ainda não podia extrair de sua invertebrada sociedade, havia sido a Monarquia que permitira a construção do Estado de direito no Brasil.
c) Com efeito, pareceu a Nabuco que, carecendo o Brasil, como os demais países do continente, de um desenho institucional capaz de lhe conferir a consistência que ele ainda não podia extrair de sua invertebrada sociedade, havia sido a Monarquia que permitira a construção do Estado de direito no Brasil.
d) Com efeito, pareceu a Nabuco, que carecendo o Brasil, como os demais países do continente, de um desenho institucional, capaz de lhe conferir a consistência, que ele ainda não podia extrair de sua invertebrada sociedade, havia sido a Monarquia, que permitira a construção do Estado de direito no Brasil.
e) Com efeito: pareceu a Nabuco que, carecendo o Brasil – como os demais países do continente – de um desenho institucional, capaz de lhe conferir a consistência, que ele ainda não podia extrair de sua invertebrada sociedade havia sido a Monarquia, que permitira a construção do Estado de direito no Brasil. *(Christian Edward Cyril Lynch, "O Império é que era a República: a monarquia republicana de Joaquim Nabuco". Lua Nova: Revista de Cultura e Política, nº 85, 2012)*

45. (TRT – 5ª Região – Fundec) Está inteiramente adequada a pontuação do seguinte período:
a) Poucos imaginam entre os turistas estrangeiros: que assistindo ao desfile carnavalesco estão presenciando um espetáculo – cuja euforia se assenta, sobre regras bem estabelecidas.
b) Poucos imaginam, entre os turistas estrangeiros, que, assistindo ao desfile carnavalesco, estão presenciando um espetáculo cuja euforia se assenta sobre regras bem estabelecidas.
c) Poucos imaginam, entre os turistas estrangeiros, que assistindo ao desfile carnavalesco, estão presenciando um espetáculo cuja euforia, se assenta sobre regras bem estabelecidas.
d) Poucos imaginam – entre os turistas estrangeiros – que assistindo ao desfile carnavalesco estão presenciando um espetáculo cuja euforia, se assenta sobre regras

bem estabelecidas.
e) Poucos imaginam entre os turistas estrangeiros que, assistindo ao desfile carnavalesco estão, presenciando, um espetáculo cuja euforia se assenta: sobre regras bem estabelecidas.

46. (INSS – Esaf) Assinale a opção incorreta quanto ao emprego dos sinais de pontuação.
a) O governo conseguiu uma vitória importante na área dos acidentes de trabalho: o Programa Nacional de Redução dos Acidentes Fatais do Trabalho reduziu em 34,27% o número de mortes entre 1999 e 2001.
b) Os ministros comemoraram a redução que só foi possível, devido à ação integrada desenvolvida pelo governo, e amparada no engajamento de toda a sociedade.
c) O governo continuará agindo para reduzir ainda mais o número de acidentes e de mortes. Um decreto já encaminhado para exame do Presidente da República, por exemplo, reclassifica os 593 setores da economia de acordo com o grau de risco que oferecem aos trabalhadores.
d) Hoje as empresas contribuem com alíquotas de 1% a 3% sobre a folha de salários para o custeio do acidente de trabalho, de acordo com a atividade que desenvolvem.
e) Ao analisar os dados dos últimos quatro anos, a Previdência constatou que muitos segmentos estão classificados erradamente, ou seja, são responsáveis por um grande número de acidentes, mas estão listados, por exemplo, na área de menor risco, com alíquota mínima.
(*O Estado de S. Paulo*.)

Nas questões 47 e 48 (MPU – Esaf), baseadas em Machado de Assis, assinale o item em que uma das sentenças não foi pontuada corretamente.
47.
a) Longa foi a agonia, longa e cruel, de uma crueldade minuciosa, fria, repisada, que me encheu de dor e estupefação. / Longa foi a agonia, longa e cruel, de uma crueldade minuciosa e fria, repisada, que me encheu de dor e estupefação.
b) Conhecia a morte de oitiva; quando muito, tinha-a visto já petrificada no rosto de algum cadáver, que acompanhei ao cemitério. / Conhecia a morte de oitiva, quando muito; tinha-a visto já petrificada no rosto de algum cadáver, que acompanhei ao cemitério.
c) Às vezes caçava, outras dormia, outras lia, lia muito, outras enfim não fazia nada. / Às vezes caçava; outras dormia, outras lia, lia muito, outras, enfim, não fazia nada.
d) Fiquei prostrado. E contudo era eu, nesse tempo, um fiel compêndio de trivialidade e presunção. / Fiquei prostrado. E, contudo, era eu, nesse tempo, um fiel compêndio de trivialidade e presunção.
e) Talvez espante ao leitor, a franqueza com que lhe exponho e realço a minha mediocridade; advirta que a franqueza é a primeira virtude de um defunto. / Talvez espante ao leitor a franqueza com que lhe exponho e realço a minha mediocridade; advirta que a franqueza é a primeira virtude de um defunto.

48.
a) Assim eu, Brás Cubas, descobri uma lei sublime, a lei da equivalência das janelas, e estabeleci que o modo de compensar uma janela fechada, é abrir outra. / Assim eu, Brás Cubas, descobri uma lei sublime, a lei da equivalência das janelas, e estabeleci que o modo de compensar uma janela fechada é abrir outra.
b) Este ar não é só puro. É balsâmico; é uma transpiração dos eternos jardins. / Este ar não é só puro. É balsâmico, é uma transpiração dos eternos jardins.
c) Vi, claramente vista, a meia dobra da véspera, redonda, brilhante, multiplicando-se por si mesma por dez. / Vi, claramente vista, a meia dobra da véspera, redonda, brilhante, multiplicando-se, por si mesma, por dez.
d) Fizeste bem, Cubas; andaste perfeitamente. / Fizeste bem, Cubas. Andaste perfeitamente.
e) E eu espraiava todo o meu ser na contemplação daquele ato, revia-me nele, achava-me bom, talvez, grande. / E eu espraiava todo o meu ser na contemplação daquele ato, revia-me nele, achava-me bom, talvez grande.

49. (IRB – Esaf) Os trechos abaixo constituem um texto. Assinale a opção que apresenta erro no emprego dos sinais de pontuação.
a) No Brasil, mesmo depois da Proclamação da República, o Estado continuou sendo um organização nacional frágil, com baixa capacidade de incorporação social e mobilização política interna, e sem vontade ou pretensões expansivas.
b) Do ponto de vista estritamente econômico, foi uma economia "primário-exportadora", até a crise mundial de 1930, seguindo uma trajetória de crescimento e modernização restrita a suas atividades ligadas à exportação e submetendo-se quase que inteiramente, às regras e políticas liberais impostas pelo padrão-ouro.
c) Essa forma de inserção econômica internacional permitiu que o Brasil crescesse até os anos 30, graças à complementaridade entre a sua economia e a economia mundial.
d) Cresceu, sobretudo, devido à integração do País com as finanças inglesas, o que permitiu que o país obtivesse o financiamento externo indispensável para evitar crises mais agudas no balanço de pagamentos.
e) Essa primeira experiência liberal de desenvolvimento demonstrou ter um limite crônico de "restrição externa", que era trazido pelos seus problemas de balanço de pagamentos e pela fragilidade da sua moeda.
(Adaptado de José Luís Fiori, *Brasil: Inserção Mundial e Desenvolvimento*.)

50. (TRF) Assinale a opção em que o texto foi transcrito com erro no emprego dos sinais de pontuação.
a) Em célebre artigo, Keynes ironizou a ideia de que a busca do interesse privado levaria necessariamente ao bem-estar coletivo: "Não é uma dedução correta dos princípios da teoria econômica afirmar que o egoísmo esclarecido leva sempre ao interesse público. Nem é verdade que o autointeresse é, em geral, esclarecido".
b) O "amor ao dinheiro" é o sentimento que domina o indivíduo na economia mercantil-capitalista. Objeto do desejo, o dinheiro é também o refúgio para conter a incontornável

incerteza quanto ao futuro.
c) Nos momentos em que o medo do futuro é superado pelo otimismo quanto aos resultados dos novos empreendimentos, os espíritos animais atropelam qualquer cálculo racional e produzem nova riqueza e novas fontes de trabalho.
d) Mas o sucesso não aplaca senão, excita o desejo suscitando a febre de investimentos excessivos e mal dirigidos – bolhas especulativas nos mercados de ações; tudo isso, apoiado no endividamento imprudente.
e) Na reversão da exuberância irracional, o medo do futuro vai predominar. A busca obsessiva e irracional pela riqueza concentra-se, então, na posse do dinheiro em si (ou substitutos próximos, como os títulos da dívida pública) como riqueza inerte.
(Luiz Gonzaga Belluzzo, com modificações.)

Capítulo 25

Crase

A crase indica a união de sons idênticos. Um tipo de crase é demarcado pelo acento grave: a junção de ***A*** (preposição) + ***A*** (quase sempre artigo). Logo, se temos um artigo ***A*** ou ***AS,*** evidencia-se a ocorrência de um termo que admite a presença deles. Por este motivo, nunca poderá haver crase antes de verbo, pronomes pessoais ou quaisquer outras palavras que impossibilitem a utilização do artigo.

Há três regras básicas que precisam ser compreendidas por todos aqueles que queiram utilizar corretamente o acento grave.

25.1. Primeira regra básica

Se substituirmos o substantivo feminino por um substantivo masculino e o termo que preceder este substantivo alterar-se de A para AO , fica clara a ocorrência da crase.

Ex.: Entregamos a carta a professora.

Entregamos o dinheiro ao professor.

→ Percebemos que antes do primeiro substantivo (carta-dinheiro) só há o artigo, pois passamos de A para O, então não devendo haver crase neste caso. No entanto, antes do segundo substantivo (professora-professor), o termo passou de A para AO, o que caracteriza a existência tanto da preposição quanto do artigo, consequentemente formalizando a crase. Portanto, a frase correta seria:

"Entregamos a carta à professora".

25.2. Segunda regra básica

Quando houver verbos que derem ideia de locomoção, não se deve aplicar aquela primeira regra básica. O procedimento mais adequado para este caso é o de transformar a frase "ir a", "locomover-se a", "dirigir-se a", por "volto". Aparecendo depois deste verbo a palavra "de", não há crase; aparecendo "da", há crase.

Ex.: Fui a Copacabana.

Fui à Urca.

→ Em "Fui a Copacabana", não há crase porque eu substituo por "volto de Copacabana"; no entanto, em "fui a Urca", substituo por "volto da Urca", caracterizando o uso da crase. Portanto, o correto seria "Vou à Urca".

"Vamos à missa?" (Fernando Sabino). // Eu volto da missa.

"Já o leitor compreendeu que era a Razão que voltava a casa" (Machado de Assis). // Voltava de casa.

"Antes de ir à casa do Conselheiro Dutra..." (Machado de Assis). // Volta da casa do Conselheiro Dutra.

25.3. Terceira regra básica

Pode haver também a utilização do acento grave, quando se junta a preposição A aos pronomes demonstrativos AQUILO, AQUELE, AQUELES, AQUELA e AQUELAS.

A dica para discernir se há crase ou não antes destes pronomes demonstrativos é substituí-los por outros pronomes demonstrativos (isto, este, estes, esta, estas, isso, esse, esses, essa, essas). Caso apareça a preposição A, revela-se a necessidade da crase; caso contrário, a crase não existirá.

Ex.: Eu me referi aquilo. (Eu me referi a isso)

→ Na substituição, apareceu a preposição, Logo, há a crase. O certo é: "Eu me referi àquilo".

Vendi aqueles biscoitos. (Vendi estes biscoitos)

→ Na substituição não apareceu a preposição. Então não há a crase e a frase já está correta.

Aquele lugar eu não vou. (A este lugar não vou)

→ Na substituição apareceu a preposição. Portanto, há a crase. O certo é: "Àquele lugar eu não vou".

Aquele livro eu não li. (Este livro eu não li)

→ Na substituição não apareceu a preposição, portanto não há a crase e a frase já está correta.

"Que importa àquele a quem já nada importa" (Fernando Pessoa).

25.4. Casos Especiais

1) Nunca haverá crase antes da palavra terra, quando esta significar terra firme, solo, chão.

Ex.: Depois de dois meses no mar, voltei a terra.

→ Não houve crase nesta frase, pois a palavra terra aí significa terra firme.

2) As locuções adverbiais, prepositivas e conjuntivas centradas em elementos femininos possuem acento grave: à toda, à tona, à janela, à beça, à direita (ou à esquerda), à solta, à vontade, às claras, às vezes, às custas de, à força, à uma, à procura, à cata, à mesa, às segundas, à medida que, à proporção que, à beira de, à mercê de, à toa, às escondidas...

Ex.: "E esta palavra não vinha à toa" (Machado de Assis).

"Já viste às vezes, quando o sol de Maio" (Castro Alves).

Obs.: Evanildo Bechara aduz que locuções adverbiais femininas regidas de preposição A, por motivo de clareza, devem ocorrer com acento grave.

Ex.: Fiz o teste a caneta.

Segundo Bechara, o A possui acento grave, mesmo inexistindo a crase.

No concurso do Banco de Brasil de São Paulo (Cespe-UnB-2002), tal questionamento foi feito – preencher à máquina – e, por fim, o item acabou anulado.

Obs.: A expressão "à luz" em "dar à luz" possui acento grave, pois se trata de um mero objeto indireto.

Ex.: Dar um bebê à luz (ao mundo).

3) Utilização de crase com palavra implícita.

Ex.: Ele se veste à (moda de) Luís XV.

Ele foi à (indústria) Fiat.

4) Antes de hora:

a) hora do relógio – usa-se a crase;

Ex.: Ele chegou às duas e quinze. Ele chegou à uma. Ele virá às três.

Ex.: "... às oito horas, o diretor aparecia a uma porta..." (Raul Pompeia).

b) tempo passado – usa-se o verbo "haver";

Ex.: Ele chegou há uma hora atrás. Ele já chegou há quinze minutos.

c) tempo futuro – usa-se a preposição ***A***.

Ex.: Ele chegará daqui a dez minutos.

5) O verbo PREFERIR pressupõe a ideia de que, numa comparação, um elemento é o escolhido e outro, preterido. Sendo assim, este verbo não admite a presença de MAIS ou MENOS. Outro aspecto interessante a ser observado é a impossibilidade de reger com a expressão DO QUE, tornando-se obrigatório o uso da preposição A. Por fim, como já se informara, dois seres são comparados, então a coerência gramatical exige a utilização do mesmo critério. Se o primeiro estiver acompanhado de artigo, o segundo também o será. Caso contrário, nenhum deles estará precedido de artigo.

Ex.: Prefiro televisão a rádio.
Prefiro a televisão ao rádio.
Prefiro rádio a televisão.
Prefiro o rádio à televisão.

6) Este caso é deveras parecido com o anterior, diferençando-se apenas pelo fato de não mais tratar-se de comparação, mas sim de designar o limite mínimo e o máximo da duração de um tempo. Destarte, se no limite mínimo ocorrer o artigo, no máximo também existirá; caso contrário, ambos não serão precedidos de artigo.

Observe: "Trabalho de domingo a sábado".

→ Antes do termo DOMINGO há apenas a ocorrência da preposição DE, por isso apenas a ocorrência da preposição A antes do termo sábado.

"Trabalho do domingo ao sábado".

→ Antes do termo DOMINGO há a ocorrência da contração da preposição DE com o artigo O, sendo assim antes do termo sábado a ocorrência do artigo se faz necessária.

"Trabalho de segunda a sexta".

→ Não há artigo antes de SEGUNDA e SEXTA, somente as preposições DE e A.

"Trabalho da segunda à sexta".

→ Há o artigo antes de ambos os termos, daí a explicação da existência da crase.

"Trabalho de duas a oito horas".

→ Não há artigo antes de duas nem antes de oito.

"Trabalho das duas às oito horas".

Há artigo contraído com a preposição antes de duas e antes de oito, justificando assim a ocorrência do acento grave.

Obs.: É importante também esclarecer que estes dois últimos exemplos aludidos possuem valores semânticos diferentes. Em "Trabalho de duas a oito horas", o significado da frase indica que o período mínimo de trabalho é de duas horas e o máximo de oito. Já em "Trabalho das duas às oito horas", o valor do período é de que o meu trabalho tem início impreterivelmente às duas e finaliza-se também impreterivelmente às oito horas.

7) O uso do artigo antes de pronome possessivo é facultativo.

Ex.: Pedi um favor a (ou ao) meu tio.
Pedi um favor a (ou à minha tia).
Pedi um favor a (ou às) minhas primas.

"Tu voltas à tua tribo" (José de Alencar).
Fui a (ou às) suas casas.
"... o susto que causaria a minha mãe fez rejeitá-la..." (Machado de Assis).

Obs.: Antes de pronome substantivo possessivo, o artigo torna-se obrigatório.
Ex.: Irei a(à) sua casa e você virá à minha.

→ O primeiro pronome possessivo tem valor adjetivo (determina o substantivo), por isso a crase é facultativa. Já o segundo é substantivo (substitui o substantivo), obrigando a presença do artigo, o que acaba por exigir a presença do acento grave.

8) Normalmente é facultativo o uso do artigo antes de substantivos no plural.
Ex.: Sou contrário a atos grosseiros.
Sou contrário aos atos grosseiros.
Sou contrário a ações grosseiras.
Sou contrário às ações grosseiras.

9) Não há crase antes de <u>Nossa Senhora</u> e nomes de santos (não podem possuir artigos).
Ex.: Fui a Santa Maria.
Pedi ajuda a Santa Edwiges.
Referi-me a Nossa Senhora.
Pedi um favor à santa.

10) Antes de Virgem Santíssima, pode haver crase.
Ex.: Sempre orei à Virgem Santíssima.

11) Não haverá crase entre termos idênticos.
Ex.: Cara a cara.
Olho a olho.
Boca a boca.

12) Utilização de crase antes de <u>qual</u>. Para que haja crase antes desta palavra é fundamental que a regência peça a preposição A e o termo antecedente seja um substantivo feminino.
Ex.: Esta foi a notícia à qual fiz referência.

→ Observe que "fazer referência" exige a preposição A e o termo antecedente do pronome relativo é um substantivo feminino.

Ex.: É linda a cidade à qual fui ontem.

Obs.: É importante esclarecer que neste caso não há ocorrência da contração de preposição com pronome relativo, mas sim da preposição A com a parte integrante do pronome relativo A (A QUAL).

13) Somente pode haver crase antes do ***que*** quando houver uma palavra implícita feminina e a regência exigir a preposição A.

Aludi a essa novela e à (novela) que acabou nesta semana.

Fui à Cidade Maravilhosa e à (cidade) que tu me recomendaste.

Obs.: Gramaticalmente, a existência deste caso de crase demarca a ocorrência do encontro da preposição A com o pronome demonstrativo A. A leitura dos exemplos acima também se poderia proceder da seguinte forma: "Aludi a essa novela e à (àquela) que acabou nesta semana". Fui à Cidade Maravilhosa e à (àquela) que tu recomendaste.

14) O artigo é facultativo antes de <u>África</u>, <u>Europa</u>, <u>Espanha</u>, <u>França</u>, <u>Holanda</u>, <u>Escócia</u> etc.

Ex.: Fui à (ou <u>a</u>) França.

– Volta da (ou <u>de</u>) França.

Quero ir à (ou <u>a</u>) Espanha.

– Volta da (ou <u>de</u>) Espanha.

Obs.: A forma sem artigo está em desuso.

15) Depois da preposição ATÉ, o uso da preposição A é facultativo.

Ex.: Fui até o (ou ao) Leblon. Fui até a (ou à) Urca.

"Desde a porta até ao fundo do quintal..." (Machado de Assis).

"Cambaleei até à pedra" (Raul Pompeia).

16) Antes de pronome de tratamento, não há artigo.

Ex.: Peço ajuda a Vossa Excelência.

Obs.: Os pronomes de tratamento SENHORA, SENHORITA, DAMA, DONA e MADAME admitem a presença de artigo. Haverá a crase se a regência exigir a preposição A.

Ex.: Eu vi a senhora (o senhor) ontem.

Peço um favor à senhora (ao senhor).

17) Em situações de paralelismo sintático, em que dois ou mais elementos estão complementando com preposição a ideia de um termo, há várias possibilidades de construção do período:

– pode utilizar-se somente a primeira preposição;

– pode utilizar-se somente a preposição antes de cada elemento;

– pode utilizar-se a preposição e o artigo antes apenas do primeiro elemento;

– pode utilizar-se a preposição e o artigo antes do todos os elementos.

Então são possíveis as seguintes construções:

Ex.: Estes materiais são destinados a alunos, professores e direção.

Estes materiais são destinados a alunos, a professores e a direção.

Estes materiais são destinados aos alunos, professores e direção.
Estes materiais são destinados aos alunos, aos professores e à direção.
"Esse encerramento em si mesmo deu-lhe não sei que ar de estranho a tudo, às competições, às ambições..." (Lima Barreto).
"... geralmente estranho à indústria pouco abstrata dos tecelões e à trama concreta das lançadeiras" (Raul Pompeia).

18) Antes de nome próprio, o uso do artigo é facultativo.
Ex.: Entreguei o material a (ao) João. // Entreguei o material a (à) Maria. // "Pery pediu, então, a (à) Cecy que escrevesse para Álvaro..." (José de Alencar).

25.5. Exercícios

1. (AFC – CGU – Esaf) No que diz respeito ao uso do sinal de crase, assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto abaixo.
Uma mera observação __(1)__olho nu já basta para constatar que parcela relevante do spread está ligada direta ou indiretamente, __(2)__ políticas públicas, sejam tributárias regulatórias ou de outra natureza. Parece, pois, difícil avançar na questão dos *spreads*, sem que tais políticas sejam, no mínimo, reavaliadas, obviamente não perdendo de vista os legítimos objetivos de cada uma delas. Por outro lado, o aumento da eficiência do sistema bancário é igualmente relevante para __(3)__ queda dos *spreads*. Isso sugere que "parte da bola", pelo menos, está com os bancos, públicos e privados, que devem se tornar cada vez mais eficientes nas funções de intermediários financeiros. Em suma, é necessário um permanente diálogo entre o setor bancário e o governo, com vistas __(4)__ implementação de medidas sustentáveis para redução de *spread*, objetivo que deve ser atingido sem ameaças __(5)__ estabilidade financeira. (Adaptado de Gustavo Loyola, Baixar "*spreads*" exige medidas sustentáveis. O Estado de São Paulo, 21 de abril de 2012)

	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
a)	à	às	a	à	à
b)	a	as	a	à	a
c)	a	às	a	à	à
d)	a	a	à	a	a
e)	à	a	à	a	à

2. (Administrador – Petrobras – Cesgranrio) A palavra a, na língua portuguesa, pode ser grafada de três formas distintas entre si, sem que a pronúncia se altere: a, à, há. No entanto, significado e classe gramatical dessas palavras variam.
A frase abaixo deverá sofrer algumas alterações nas palavras em destaque para adequar-se à norma-padrão.
A muito tempo não vejo a parte da minha família a qual foi deixada de herança a fazenda

a que todos devotavam grande afeto.
De acordo com a norma-padrão, a correção implicaria, respectivamente, esta sequência de palavras:
a) A – a – à – há – à
b) À – à – a – a – a
c) Há – a – à – a – a
d) Há – à – à – a – a
e) Há – a – a – à – à

3. (Administrador – Casa da Moeda – Cesgranrio)Observa-se o uso adequado do acento grave no trecho "estamos nos referindo à não ativação de elementos" .
Verifica-se um DESRESPEITO à norma-padrão quanto ao emprego desse acento em:
a) O professor se reportou àquele texto de Machado de Assis.
b) Sonhamos em viajar à terra de Gonçalves Dias.
c) Ele sempre fazia alusão à palavras de seu poeta favorito.
d) Os alunos compreenderam o poema à custa de muito empenho.
e) Prefiro as poesias de Drummond às de Olavo Bilac.

4. (Analista de Controle Interno – Sefaz-RJ – FGV) ***Ratifica-se, assim, o conceito de que a conscientização tributária pode representar um ponto de partida para a formação cidadã como uma das formas eficazes de atender às demandas sociais, com maior controle sobre a coisa pública*****.**
No período acima, empregou-se corretamente o acento grave para indicar o fenômeno da crase. Assinale a alternativa em que o acento grave tenha sido empregado corretamente.
a) Em visita ao Rio, fomos à Copacabana da Bossa Nova.
b) Esta prova vai de 13h às 18h.
c) Finalmente fiquei face à face com a tão esperada prova.
d) Os candidatos somente podem deixar o local de prova à partir das 15h.
e) Pedimos um bife à cavalo.

5. (Técnico Judiciário – TRE-RN – FCC) Graças ..... resistência de portugueses e espanhóis, a Inglaterra furou o bloqueio imposto por Napoleão e deu início ..... campanha vitoriosa que causaria ..... queda do imperador francês.
Preenchem as lacunas da frase acima, na ordem dada,
a) a – à – a
b) à – a – a
c) à – à – a
d) a – a – à
e) à – a – à

6. (AFRF – Esaf) Indique a opção que corresponde a erro gramatical na transcrição do texto.

A(1) seca nos Estados Unidos prenuncia mais uma fase de preços altos para os alimentos, com perspectivas de bons ganhos para os exportadores e de graves dificuldades para as(2) economias pobres e dependentes da importação de comida. Um dia depois de anunciada no Brasil a maior safra de grãos e oleaginosas de todos os tempos, o governo americano confirmou grandes perdas nas lavouras de soja e milho. A(3) longa estiagem, excepcionalmente severa, afeta mais de 60% do país e a maior parte das regiões agrícolas. O mercado reagiu imediatamente às(4) novas estimativas, divulgadas pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, com indicações de redução dos estoques na temporada 2012-2013. O Brasil será um dos países em condições de aproveitar às(5) oportunidades abertas pela quebra da safra americana.
(*O Brasil e a seca nos EUA, Editorial, O Estado de S. Paulo, 12/8/2012*)
a) A (1)
b) as (2)
c) A (3)
d) às (4)
e) às (5)

7. (TRF – Auxiliar Judiciário) A alternativa com erro no emprego do acento indicativo da crase é:
a) A maioria dos homens passa de uma condição à outra.
b) Explicava sua experiência à sua filha.
c) Deveria explicar sua experiência à essa gente.
d) Esperou do meio-dia às quatro horas.
e) Vivenciou desde os projetos ambiciosos às experiências sem importância.

8. (UFRJ-Corregedoria Geral da Justiça) "... necessidade de se ajudarem umas às outras..." O acento grave indicativo da crase, neste caso, é resultante da:
a) presença simultânea de uma preposição e de um artigo definido feminino;
b) necessidade de se indicar a presença de um complemento diferente do anterior;
c) combinação de uma preposição com um pronome indefinido;
d) contração de uma preposição com um pronome demonstrativo;
e) obrigação de evitar-se a ambiguidade.

9. (TTN) Preencha as lacunas da frase abaixo e assinale a alternativa correta.
"Comunicamos Vossa Senhoria que encaminhamos petição anexa Divisão de Fiscalização que está apta prestar informações solicitadas".
a) a – a – à – a – as
b) à – a – à – a – às
c) a – à – a – à – as
d) à – à – a – à – às
e) à – a – à – à – as

10. (Analista Tributário – Esaf) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas

do texto adaptado do *Jornal do Brasil*, Editorial, 7/10/2009.
Vários, e de distintos naipes, foram os questionamentos __1__ construção do IDH como tal. Por que não mortalidade infantil de crianças abaixo de 5 anos de idade em vez de expectativa de vida? Por que não incluir outros indicadores, tais como nível de pobreza, déficit habitacional, acesso __2__ água potável e saneamento básico? Por que não acrescentar outras dimensões relacionadas __3__ meio ambiente (que afeta o padrão de vida desta e das próximas gerações), aos direitos civis e políticos, __4__ segurança pessoal e no trabalho, __5__ facilidade de locomoção? Qual a confiabilidade dos dados fornecidos por quase duas centenas de países? Há uma escassez de informação em relação __6__ maioria das dimensões sugeridas para uma comparação internacional, sem contar __7__ confiabilidade dos dados.
a) na – da – no – na – de – a – uma
b) da – à – com o – com a – da – com a – da
c) a – na – pelo – da – na – da – à
d) pela – de – a – em – com a – pela – com a
e) à – a – ao – à – à – à – a

11. (TRF 4a Região – Técnico Judiciário – Espec. Informática – FCC) A presença de núcleos habitacionais próximos ..... regiões costeiras oferece riscos ..... manutenção do ecossistema marinho, com prejuízos incalculáveis ..... diversas espécies.
As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) as – à – à
b) as – a – a
c) às – à – à
d) às – a – a
e) às – à – a

12. (TCE-MG – Auxi. Cont. externo – FCC) A reação ..... sensação de medo é essencial para nossa segurança física e o temor ..... medidas de controle social impede-nos de fazer o mal ..... outras pessoas.
As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) à – a – a
b) à – à – a
c) à – à – à
d) a – a – à
e) a – a – a

13. (SEP) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto abaixo.
Ao acabar a Segunda Guerra Mundial, o mundo esperava nunca mais assistir __1__ tragédias humanitárias como a que dizimou a vida de seis milhões de pessoas entre 1939 e 1945. __2__ esperanças, porém, mostraram-se vãs.
Gaza serve de exemplo. Encurralada, __3__ população da faixa de 362km² (1,5 milhão de pessoas) protagoniza o horror que escandaliza __4__ consciências civilizadas dos

cinco continentes e mobiliza protestos nas principais cidades da Terra. O cenário assusta. Homens, mulheres e crianças que se concentram numa das regiões de maior densidade populacional do planeta são as vítimas de uma guerra na qual não são soldados. Submetidos __5__ uma chuva de mísseis __6__ onze dias, tiveram o território invadido também por terra. Tanques, armas e os militares mais bem treinados do mundo abrem caminho no terreno em que cada centímetro é disputado por milhares de pessoas. O apagão, aliado ao frio e __7__ falta de água potável, acrescenta desespero ao ambiente digno do inferno de Dante.
(*Correio Braziliense, Editorial, 6/1/2009.)*
a) à – Às – a – umas – à – a – à
b) a – Essas – uma – às – a – há – a
c) a – As – a – as – a – há – à
d) à – Umas – à – à – a – a – uma
e) às – Tais – essa – essas – à – a – a

14. (Administrador – MEC – FGV) "O movimento altermundialista deverá também responder à nova situação mundial nascida da crise escancarada da fase neoliberal da globalização capitalista." No trecho acima, empregou-se corretamente o acento grave indicativo de crase. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.
a) Eles visaram à premiação no concurso.
b) Sempre nos referimos à Florianópolis dos açorianos.
c) Nossos cursos vão de 8h às 18h.
d) A solução foi sair à francesa.
e) Fizemos uma longa visita à casa nova dos nossos amigos.

15. (Analista Legislativo – Senado Federal – FGV) "É sabido que a terra não pertence aos índios; antes, são eles que pertencem à terra."
No período acima, utilizou-se corretamente o acento indicativo de crase antes da palavra *terra*. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.
a) Voltarei à terra natal.
b) A sonda espacial retornará em breve à Terra.
c) Quando chegamos à terra, ainda sentíamos em nosso corpo o balanço do mar.
d) Eu me referia à terra dos meus antepassados.
e) Havendo descuido, a areia será misturada à terra.

16. (Polícia Legislativa – Senado Federal – FGV) Assinale a alternativa em que se tenha optado corretamente por utilizar ou não o acento grave indicativo de crase.
a) Vou à Brasília dos meus sonhos.
b) Nosso expediente é de segunda à sexta.
c) Pretendo viajar a Paraíba.
d) Ele gosta de bife à cavalo.
e) Ele tem dinheiro à valer.

17. (Técnico Legislativo – Senado Federal – FGV) "É um atentado às liberdades constitucionais!"
Na frase acima, utilizou-se corretamente o acento grave para indicar a crase. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.
a) O evento vai da segunda à sexta.
b) Fomos à Bahia.
c) Ela sempre sai às pressas.
d) Sempre pedimos filé à Osvaldo Aranha.
e) Nós nos enfrentamos cara à cara.

18. (FGV) Em *à tarde*, *à Grécia* e *às quatro horas da tarde*, utilizou-se corretamente o acento indicativo da crase.
Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.
a) Dirigimo-nos a Fortaleza dos nossos antepassados.
b) Eles se referiram às horas que passamos juntos.
c) Sempre nos falamos à noite.
d) Eles se encontraram à uma hora da manhã.
e) A ida à Itália fez bem aos noivos.

19. (Ass. Leg. – FCC) Orientação espiritual ..... todas as pessoas é um dos propósitos ..... que escritores e pensadores vêm se dedicando, porque a perplexidade e a dúvida são inevitáveis ..... condição humana.
As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) à – a – à
b) à – à – a
c) a – a – à
d) a – à – à
e) a – a – a

20. (Def. Púb.-SP – FCC) O grau de emoção em torno de uma situação qualquer determina o tempo de armazenamento e as características relacionadas ..... ela, permitindo sua associação ..... outros fatos ocorridos durante ..... vida.
As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) à – a – a
b) a – a – a
c) a – à – à
d) a – a – à
e) à – à – a

21. (Técnico Judiciário – TRE-PE – FCC)
Ainda que riqueza [...] à custa do trabalho escravo ...
A sociedade colonial no Brasil [...] desenvolveu-se [...] à sombra das grandes plantações de açúcar ...

Do mesmo modo que nas frases acima, está correto o emprego da crase em:
a) combate à fome.
b) vendas à prazo.
c) escrito à lápis.
d) avião à jato.
e) defender à unhas e dentes.

22. (TFC) Marque o item que se completa de forma correta com a sequência seguinte – há; à(s).
a) algum tempo, a tecnologia revolucionária em áreas que vão da cirurgia plástica armas nucleares.
b) O raio *laser* se revela altura de um bisturi de alta precisão anos.
c) quem afirme que áreas da medicina em que o uso do raio *laser* é imprescindível.
d) A novidade surgiu na França onde o *laser* está sendo usado na restauração da Catedral de Amiens, recuperando vestígios das cores aplicadas sete séculos.
e) Debaixo da fuligem que conferiu um tom acinzentalado igreja, o *laser* revelou uma gama de dourados, azuis e vermelhos existentes épocas da feitura de obras góticas.
(Adap. de *Veja*, 10/3/1993).

23. (TRE-MT) O uso do acento grave (indicativo de crase ou não) está <u>incorreto</u> em:
a) Primeiro vou à feira, depois é que vou trabalhar.
b) Às vezes não podemos fazer o que nos foi ordenado.
c) Não devemos fazer referências àqueles casos.
d) Sairemos às cinco da manhã.
e) Isto não seria útil à ela.

24. (TRE-MG) O acento grave, indicador de crase, está empregado <u>incorretamente</u> em:
a) Tal lei se aplica, necessariamente, à mulheres de índole violenta.
b) As novelas, às quais assisti, problematizam a questão da droga.
c) Entregou as chaves da loja àquele senhor que nos desacatou na praça.
d) O delegado disse ao prefeito e aos vereadores que estava à procura dos foragidos.
e) O bom atendimento às pessoas pobres deve ser prioridade da nova administração.

25. (TRE-RJ) "A tensão social poderia levar-nos <u>a duas extremas posições</u>". Das expressões que substituem a sublinhada na passagem acima, aquela cujo <u>a</u> pode ter o acento grave indicativo de crase é:
a) <u>a</u> mesma posição;
b) <u>a</u> certa posição;
c) <u>a</u> alguma posição;
d) <u>a</u> qualquer posição;
e) <u>a</u> posições distintas.

26. (TRE-RO)

I. O povo da região vai votar à pé ou à cavalo.
II. Pedimos à V. Excelência que não se esqueça do povão, que não o elegeu à toa.
III. O cabo eleitoral dirigiu-se à ela e ensinou-lhe a copiar o nome.
IV. Permaneceram reunidos à noite, face a face, a conversar.
A ocorrência de crase está corretamente indicada:
a) somente na I;
b) somente na II;
c) somente na III;
d) somente na IV;
e) somente na II e na IV.

27. (ATRFB – Esaf) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical na transcrição do texto abaixo.
A pequena reação da indústria em junho (crescimento de 0,2% em relação a maio) não foi suficiente para compensar a (1) queda da produção no primeiro semestre, da ordem de 3,8%, quando comparada à (2) produção do mesmo período de 2011. Segundo o IBGE, responsável por essa estatística, a indústria brasileira hoje produz o mesmo que há (3) três anos. Mesmo que o setor tenha passado por um ponto de inflexão, como acredita o ministro da Fazenda, Guido Mantega, é pouco provável que a (4) produção chegue à (5) registrar crescimento em 2012. Os especialistas projetam uma queda de até 2%, o que contribuirá para o fraco desempenho do Produto Interno Bruto (PIB) este ano.
(Editorial, O Globo, 3/8/2012)
a) (1) a
b) (2) à
c) (3) há
d) (4) a
e) (5) à

28. (TRE-RJ) O "a" (sublinhado) que deverá levar o acento grave indicativo de crase está na seguinte alternativa:
a) Eles entregam pizza a domicílio.
b) O menino não quis ir a casa dos tios.
c) A encomenda foi entregue a uma pessoa estranha.
d) As moças começaram a gritar logo no início do filme.
e) O fiscal não se referia a candidatas, mas a candidatos.

29. (TRE-MG) O uso da crase está incorreto em:
a) Chegaram a argumentar cara à cara que não aceitariam sugestões.
b) Já demos nossa contribuição à associação beneficente do bairro.
c) À custa de sacrifício, os estudantes conseguiram ser aprovados.
d) Transmita àqueles jovens nossa mensagem de esperança no futuro.
e) Esta construção é igual à que meu primo construiu na periferia.

30. (TTN) Assinale o item que preenche corretamente as lacunas da frase: "Em virtude de investigações psicológicas que me referi, nota-se crescente aceitação de que é preciso pôr termo indulgência e inação com que temos assistido escalada da pornoviolência." (S. Pfrom)

a) à – a – à – a
b) a – à – à – à
c) a – a – a – à
d) à – à – a – a
e) a – à – a – à

31. (TTN) Marque a letra cuja sequência preenche corretamente, pela ordem de aparecimento, as lacunas abaixo: "O exame das propostas da reforma fiscal, primeira abordagem, leva conclusão de que carga tributária continuará incidir mais sobre salários e menos sobre lucros e grandes fortunas".

a) à – à – a – a
b) à – a – à – a
c) a – a – a – à
d) a – à – a – a
e) a – a – à – a

32. (AFTN) Assinale a frase na qual a palavra não deve receber o acento indicativo de crase.

a) Os apelos a internacionalização da Amazônia ganham contornos de avalanche.
b) Toda manhã a esta hora, depois de ler o jornal do dia, fico deprimida.
c) Aquela hora morta da madrugada todos estavam recolhidos ao leito.
d) Muitas das reivindicações dos sindicatos trabalhistas, são semelhantes as da classe patronal.
e) Os petroleiros apresentaram ao Ministro uma pauta de reivindicações igual a que haviam divulgado no ano anterior.

33. (TRF – 4R – Técnico Judiciário – FCC) Os elefantes apresentam necessidades parecidas com ..... dos seres humanos e, para oferecer ..... eles os cuidados exigidos, os especialistas têm recorrido até mesmo ..... táticas inovadoras.
As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:

a) as – a – à
b) as – a – a
c) as – à – à
d) às – à – a
e) às – a – a

34. (Gov. BA – Soldado da PM – FCC) O uso do sinal da crase é injustificável em:

a) Lembrem-se às autoridades de terem sempre em mente o valor da prevenção.
b) Não cabe às pessoas de boa-fé repudiar medidas de prevenção ao crime.

c) É penoso assistir às cenas de violência que se multiplicam nas metrópoles.
d) Atribui-se às medidas preventivas uma eficácia maior que a da repressão.
e) À inteligência da prevenção opõem-se aqueles que preferem a força da repressão.

35. (Fiscal da Receita Estadual – AP – FGV) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas do fragmento a seguir:
***O texto refere-se _____ teses antropológicas, cujos temas interessam _____ todos que se dispuserem _____ investigar a história do jeitinho brasileiro*.**
a) as – à – à.
b) às– a – à.
c) às – a – a.
d) as – à – a.
e) às – à – a.

36. (Analista Judiciário – TRT-RJ – FCC) ... pessoas de fora, estranhas ..... cidade, a vida urbana exerce uma constante atração, apesar dos congestionamentos e dos altos índices de violência, inevitáveis sob... condições urbanas de alta densidade demográfica.
Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:
a) Às – à – as
b) As – à – às
c) As – a – às
d) Às – a – às
e) As – à – as

37. (TRT) No trecho "Do décimo andar à rua", foi usado adequadamente o acento indicativo da crase. O mesmo <u>não</u> ocorre na frase:
a) Há muito não se assistia à peças com tanto senso crítico com estas.
b) Chegando-se à varanda, era possível admirar a paisagem.
c) Do Leblon a Ipanema e de Jacarepaguá à Barra, todas as vias expressa estavam engarrafadas.
d) O povo referia-se às nossas praias como redutos de esgoto e mau cheiro.
e) As ondas dirigiam-se à direita e à esquerda do palanque sobre a areia.

38. (TRF) Atente para as seguintes frases:
I. À qualquer hora estamos dispostos a assistir à cenas de guerra.
II. Àquela hora da noite, ainda estávamos atentos à transmissão das cenas da guerra.
III. Daqui a uma hora esse canal passará a transmitir a comunicação que o Presidente fará à Nação.
Quanto à necessidade de usar-se o sinal de crase, está inteiramente correto o que se lê em:
a) I, II e III;
b) I e II, somente;
c) I e III, somente;

d) II, somente;
e) II e III, somente.

39. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) ... ***e chegou à conclusão de que o funcionário passou o dia inteiro tomando café*****.**
Do mesmo modo que se justifica o sinal indicativo de crase em destaque na frase acima, está correto o seu emprego em:
a) e chegou à uma conclusão totalmente inesperada.
b) e chegou então à tirar conclusões precipitadas.
c) e chegou à tempo de ouvir as conclusões finais.
d) e chegou finalmente à inevitável conclusão.
e) e chegou à conclusões as mais disparatadas.

40. (AFC – Esaf) Assinale a opção que preenche de forma correta as lacunas do texto.
João Paulo II, com a acuidade de sua inteligência e a abrangência e profundidade de sua vivência, cultura e saber, clamou com forte carisma, como verdadeiro herdeiro dos profetas bíblicos, 1 perenidade e atualidade dos valores que nos foram transmitidos pelo povo da Aliança e levados 2 perfeição por Jesus Cristo, que revelou a vocação 3 transcendência da humanidade, seu sentido maior e definitivo. O hedonismo e o utilitarismo induzem 4 relativização do
respeito 5 vida humana, em especial 6 dos mais frágeis e indefesos.
(Paulo Leão, "A fé não teme a razão", *Folha de S. Paulo*, 9/4/2005, com adaptações.)

	1	2	3	4	5	6
a)	a	à	à	a	à	à
b)	a	à	à	à	à	a
c)	à	à	a	a	a	à
d)	à	a	a	a	a	à
e)	à	a	à	a	à	à

41. (AFPS – Esaf) Assinale a opção que preenche de forma correta as lacunas do texto.
Está em exame na Casa Civil anteprojeto de lei que instituirá um sistema de incentivo (1) redução dos acidentes e de punição das empresas que submetem seus trabalhadores (2) risco. (3) intenção é reduzir pela metade ou dobrar (4) alíquotas de contribuição para cobertura de acidentes trabalhistas, dependendo do caso. Uma empresa que esteja abaixo da média nacional de acidentes, por exemplo, pode vir (5) pagar menos. O contrário acontecerá (6) empresa que tiver registrado número de acidentes muito acima da média do seu setor. Ela poderá ter (7) alíquota duplicada.
(*O Estado de S.Paulo.*)

	1	2	3	4	5	6	7
a)	a	à	À	às	à	a	à
b)	à	a	A	às	à	a	a

c)	a	à	A	as	a	a	à
d)	à	a	A	as	a	à	a
e)	a	à	À	às	à	à	à

42. (Bacen – Esaf) Para que o fragmento de texto abaixo respeite as regras de regência da norma culta, assinale a opção que preenche corretamente as lacunas na ordem indicada. Desde julho de 2000 a revista *Banco Hoje* vem estimulando debate em torno das transformações que envolvem implementação do SPD. O esforço empreendido é muito inferior vantagens no que diz respeito evolução do sistema financeiro nacional e oportunidades de integração com o mercado global.
(*Banco Hoje*, março de 2001, com adaptações)
a) à – as – à – às
b) a – às – a – às
c) à – às – à – as
d) a – às – à – às
e) a – às – a – as

43. (TRF – FCC) A necessidade ou não do sinal de crase está inteiramente observada na frase:
a) Deve-se à luta das feministas o respeito aos direitos que cabem também às outras parcelas de injustiçados que integram a nossa sociedade.
b) Encontra-se a disposição dos interessados a nova edição do Código Civil, à qual, aliás, já se fizeram objeções à torto e à direito.
c) À vista do que dispõe o novo código, não caberá à ninguém a condição "natural" de cabeça de casal, à qual, até então, se reservava para o homem.
d) Pode ser que à curto prazo o novo código esteja obsoleto em vários pontos, à exemplo do que ocorreu com o antigo.
e) Não se impute à uma mulher a culpa de não ter lutado por seus direitos; todas as pressões sociais sempre a conduziram àquela "virtuosa" resignação.

44. (TRE / SP – AJ – FCC) Há falta ou ocorrência indevida do sinal de crase no período:
a) Não se estenderam os benefícios da tecnologia àqueles que sempre viveram à margem do progresso.
b) Ao pensamento do autor opõem-se àqueles que preferem a exclusividade à universalização dos benefícios trazidos pela tecnologia.
c) É sobretudo à luz da ética e da política que se revela claramente a exclusão que tem sido imposta à grande maioria da população do planeta.
d) Não se devem levar àqueles que estão excluídos informações falsas, como a de que os avanços tecnológicos servem a todas as pessoas.
e) Quando se atribui a não importa quem seja algum direito exclusivo, a essa exclusividade corresponderão muitas exclusões.

45. (TRT – FCC) Quanto à necessidade ou não de utilização do sinal de crase, está

inteiramente correta a frase:
a) Quem está à alguma distância de Campo Grande não pode avaliar à contento o mérito da polêmica à que se refere o texto.
b) Não é aqueles que se instalam nos gabinetes oficiais que cabe a interdição do uso de uma língua à cuja preservação estejam devotados milhares de falantes.
c) Quem visa à restringir a utilização de uma língua das minorias deveria também se ater à toda e qualquer má utilização das chamadas línguas oficiais.
d) As decisões que se tomam à revelia do interesse das populações são semelhantes àquelas tomadas na vigência dos atos institucionais da ditadura militar.
e) Quem se manifeste contrário à uma única manifestação de arbitrariedade está manifestando sua hostilidade à todas as medidas arbitrárias.

46. (TRF – 4ª Região – Auxiliar Judiciário – FCC) Gostaria de ter ido ..... ruazinha, onde encontraria amigos reunidos ..... sombra das árvores, ... conversar alegremente.
As lacunas da frase acima estão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) àquela – à – a
b) àquela – à – à
c) àquela – a – a
d) aquela – à – a
e) aquela – a – à

47. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – FCC) Diz o autor que ..... pelo menos cinco anos vem contando os dias para sua aposentadoria (daqui ..... seis meses, segundo seus cálculos), ... partir da qual pensa em dedicar-se ..... jardinagem.
Completam adequadamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:
a) há – a – a – à
b) a – há – a – à
c) há – a – à – a
d) a – há – à – à
e) há – há – a – a

48. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC)
Você é ..... favor da alegria?
Nenhum bem é superior ..... alegria de viver aqui e agora.
Não há bem preferível ..... felicidade da pessoa que está diante de nós, aqui e agora.
(Reflexões de Pierre Levy. O fogo liberador. São Paulo: Iluminuras, 2001)
Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:
a) à – à – à
b) a – à – a
c) à – a – à
d) à – à – a
e) a – à – à

49. (NCE-Corregedoria Geral da Justiça) "... necessidade de se ajudarem umas às outras..." O acento grave indicativo da crase, neste caso, é resultante da:

a) Presença simultânea de uma preposição e de um artigo definido feminino.
b) Necessidade de se indicar a presença de um complemento diferente do anterior.
c) Combinação de uma preposição com um pronome indefinido.
d) Contração de uma preposição com um pronome demonstrativo.
e) Obrigação de evitar-se a ambiguidade.

50. (AFTE – RN) Marque o item que preenche de forma correta as lacunas do texto seguinte.

Institucionalizada partir das lutas antiabsolutistas, no século 18, e da expansão dos movimentos constitucionalistas, no século 19, democracia representativa foi consolidada ao longo de um processo histórico marcado pelo reconhecimento de três gerações de direitos humanos: os relativos cidadania civil e política, os relativos cidadania social e econômica e os relativos cidadania "pós-material", que se caracterizam pelo direito qualidade de vida, um meio ambiente saudável, tutela dos interesses difusos e ao reconhecimento da diferença e da subjetividade.

(Baseado em Mário Antônio Lobato de Paiva, em www.ambitojurídico.com.br)

a) a – à – à – a – à – à – a – a
b) a – a – à – à – à – à – a – à
c) à – a – a – à – à – a – a – à
d) à – a – a – à – à – à – a – à
e) a – à – à – a – à – à – a – à

Capítulo 26

Regência

26.1. Regência verbal

1) **ACEDER, ALUDIR** e **ANUIR** – verbos transitivos indiretos – exigem sempre a preposição *A*.

Ex.: Ninguém anuiu ao meu pedido.

Ele acedeu à chamada.

2) **AGRADAR**

a) no sentido de satisfazer – verbo transitivo indireto (a);

Ex.: O professor agrada a todos os alunos.

b) no sentido de acariciar – verbo transitivo direto.

Ex.: O rapaz agradou os cabelos da namorada.

3) **AJUDAR** – no sentido de assistir, atender, prestar ajuda – verbo transitivo direto.

Ex.: Ajudaremos os desabrigados.

Devemos ajudar todos.

Obs.: Já há autores aceitando a construção com preposição A. No entanto, tal possibilidade ainda não se verificou nas provas.

4) **ASPIRAR**

a) no sentido de respirar, puxar o ar, sorver – o verbo será transitivo direto;

Ex.: Aspiro o ar.

Aspiro a fumaça.

b) no sentido de desejar, querer – o verbo será transitivo indireto, regendo a preposição A.

Ex.: Aspiro ao cargo.

Aspiro à chefia.

5) **ASSISTIR**

a) no sentido de ver, presenciar – verbo transitivo indireto, exigindo a preposição **A;**

Ex.: Assisto ao filme.

Assisto à novela.

Obs.: Celso Cunha classifica como coloquial o uso do verbo "assistir" nesta acepção sem preposição, ou seja, como transitivo direto.

b) no sentido de dar assistência, ajudar, atender – pode tanto ser considerado verbo transitivo direto como verbo transitivo indireto;

Ex.: O médico assiste ao paciente.

O médico assiste o paciente.

O médico assiste a paciente.

O médico assiste à paciente.

Substituindo pelos pronomes oblíquos correspondentes, tanto estaria correto dizermos "O médico o assistiu"; "O médico a assistiu" e também "O médico lhe assistiu".

c) no sentido de caber, pertencer, ser pertinente – o verbo será transitivo indireto (a);

Ex.: Esse direito não assiste ao grupo.

d) no sentido de morar – o verbo será intransitivo, contudo exige a ocorrência da preposição ***EM*** (no adjunto adverbial de lugar).

Ex.: Assisto em Copacabana.

6) **ATENDER**

a) no sentido de deferir – verbo transitivo direto;

Ex.: Atendemos o teu pedido.

b) no sentido de dar atenção – verbo transitivo direto ou indireto.

Ex.: Não atenderemos a (à) turma.

7) **AVISAR, INFORMAR, PARTICIPAR, ALERTAR, ALARMAR, ADVERTIR, LEMBRAR...**

Estes verbos são duplamente bitransitivos, pois tanto podemos dizer "Quem informa, informa alguma coisa a alguém" como também poderíamos dizer "Quem informa, informa alguém de alguma coisa".

Ex.: Informei o fato ao povo. Informei o povo do fato.

Avisei a notícia a todos. Avisei todos da notícia.

"Maria lembrou a João que naquela noite eles tinham ficado de jantar na casa de Pedro e Luíza" (Luis Fernando Veríssimo).

8) **CHAMAR**

a) Será transitivo direto no sentido de mandar vir;

Ex.: Chamei o menino.

Chamei-o.

"... certa influência política o chamou" (Euclides da Cunha).

b) Poderá ser transitivo direto ou indireto no sentido de apelidar/qualificar.

Ex.: Chamei o rapaz de mestre.

Chamei ao rapaz de mestre.

Chamei-o de mestre.

Chamei-lhe de mestre.

Obs.: Nestes casos, é possível suprimir a preposição DE, pois a gramática permite que o predicativo do objeto "de mestre" ocorra preposicionado ou não.

Ex.: "Chamavam-lhe Pombinha" (Aluísio de Azevedo).

9) **CHEGAR**

Não se pode dizer na língua culta "chegar em", pois o correto é "**chegar a**".

Ex.: "... em chegando a casa, ficarei boa" (Bernardo Guimarães). "Ao chegar à Santa Cruz, no alto..." (Euclides da Cunha).

Nunca se poderá dizer "Cheguei em casa".

10) **CUSTAR**

a) no sentido de ter valor – verbo intransitivo (adjunto adverbial de preço);

Ex.: Romário custa U$ 6.000.000,00. A casa custou trezentos milhões de cruzeiros reais.

b) no sentido de ser difícil, demorar – verbo transitivo indireto, regendo a preposição A.

Obs.: Neste caso, o verbo só pode ser conjugado na terceira pessoa do singular, tendo como sujeito a coisa que é difícil (expressa por um verbo no infinito) e a pessoa para a qual a coisa é difícil é objeto indireto.

Ex.: Custa-me ver a verdade. Custou-nos solucionar este caso. "... pouco me custa fazer-lhe a vontade" (Bernardo Guimarães).

Portanto, seria totalmente errado dizer: "Eu custo a ver a verdade". "Nós custamos a solucionar este caso".

11) **GOSTAR**

a) no sentido de ter afeição, aprovar, adorar. – verbo transitivo indireto exigindo a preposição de.

Ex.: Gostamos muito de você. Gostavas muito de futebol.

b) no sentido de **provar** – verbo transitivo direto.

Ex.: Gostei a cerveja, mas não a aprovei. Gostamos a sensação da paz e aprovamos.

12) **IMPLICAR**

a) no sentido de ter implicância – verbo transitivo indireto, regendo a preposição com;

Ex.: Todos implicam com o topete do Itamar.

b) no sentido de resultar, acarretar – a gramática tradicional classifica-o como transitivo direto, contudo a forma transitiva indireta, regendo a preposição EM, está totalmente difundida no Brasil, e algumas bancas – como Esaf e NCE – já admitem também esta construção.

Ex.: A conquista da Copa do Mundo implicou a (na) felicidade de todos os brasileiros por aproximadamente cinco minutos, porém infelizmente logo após a vida voltou ao normal.

Obs.: Apesar de muitos gramáticos assegurarem que este verbo – na acepção de resultar, importar – seja apenas transitivo direto (Evanildo Bechara cita apenas esta construção), bancas já realizaram questões admitindo "gritantemente" as duas possibilidades de regência. Isso talvez aconteça em virtude de Rocha Lima admitir o uso da preposição, esclarecendo: "Está ganhando foros de cidade na língua culta a sintaxe 'implicar em'. Tal procedimento implica desdouro (ou: em desdouro) para você".

Os sinônimos de IMPLICAR não sofrem o mesmo fenômeno. RESULTAR é transitivo indireto, exigindo a preposição EM; ACARRETAR somente pode ser transitivo direto.

13) **INSURGIR**

a) no sentido de rebelar-se, revoltar-se – verbo pronominal transitivo indireto, exigindo a presença da preposição contra;

Ex.: "Insurge-se contra a Igreja Romana" (Euclides da Cunha).

b) no sentido de sair, emergir – verbo transitivo indireto, exigindo a ocorrência da preposição de.

Ex.: Ele insurgiu do fundo do mar.

14) **LEMBRAR** e **ESQUECER**

a) Utilizando-se o pronome oblíquo, será obrigatório o uso da preposição DE. Neste caso, o verbo é transitivo indireto.

Ex.: Lembro-me de você. Esquecemo-nos do mundo. "João Nogueira lembrou-se de que era homem de responsabilidade" (Graciliano Ramos). "Cala-te, Isaura... até quando pretendes lembrar-te desse maldito incidente?" (Bernardo Guimarães).

"Lembrava-se das pesadas chuteiras" (Fernando Sabino).

b) Não se utilizando o pronome oblíquo também não se poderá usar a preposição. Neste caso, o verbo é transitivo direto.

Ex.: Lembro o fato. Esquecemos o mundo.

"E os filhos d'águias o Poder esquece" (Castro Alves).

Obs.: O que não se pode fazer é utilizar a preposição sem utilizar o pronome oblíquo e vice-versa.

Ex.: Lembro do fato. Esquecemos do mundo.

Estas duas últimas frases estão, por este motivo, totalmente erradas.

O verbo LEMBRAR também pode ser utilizado no sentido de INFORMAR, AVISAR, ALERTAR... A regência de LEMBRAR se fará tal quais estes verbos.

Ex.: Lembramos (avisamos) o encontro aos amigos. / Lembramos (informamos) os amigos do encontro.

O verbo ESQUECER também pode ser utilizado na acepção de "cair no esquecimento", tornando-se o elemento olvidado sujeito do verbo e a pessoa que efetivamente não se recorda objeto.

Ex.: "Nunca me esqueceu o seminário, creia" (Machado de Assis).

15) **NAMORAR**

Exige complemento sem preposição. Portanto, é errado dizer "João namora com Maria". A forma correta é: "João namora Maria".

16) **OBEDECER** e **DESOBEDECER**

Serão sempre transitivos indiretos, regendo a preposição A.

Ex.: "Até hoje lhe desobedecemos" (José de Alencar).

"Obedecia à finalidade irresistível de velhos impulsos ancestrais" (Euclides da Cunha).

Desobedeço aos pais.

Desobedeço-lhes.

Obs.: Torna-se sempre conveniente lembrar que estes dois verbos são os únicos transitivos indiretos que admitem construção na voz passiva.

Ex.: O regulamento é obedecido por mim. – As leis são desobedecidas por nós.

17) **PAGAR** e **PERDOAR** Ambos são bitransitivos, pedindo objeto direto para a coisa que se paga ou perdoa e objeto indireto para a pessoa a quem se paga ou perdoa.

Ex.: Paguei o salário ao empregado. Perdoei o pecado ao pecador.

Obs.: É mister relembrar o fato de que só existe voz passiva com verbo transitivo direto, pois somente o objeto direto da voz ativa pode passar a ser sujeito da voz passiva. Quando o verbo é transitivo direto e indireto, somente seu objeto direto pode passar a ser sujeito da voz passiva. Portanto, pode-se dizer: "O salário foi pago"; "O pecado foi perdoado"; mas nunca poderá ser dito: "O empregado foi pago". "O pecador foi perdoado". Nestas duas últimas

frases, os objetos indiretos da voz ativa se transformaram em sujeitos da voz passiva, o que é proibido na Língua Portuguesa.

18) **PENSAR**

a) no sentido de **raciocinar** – verbo transitivo indireto, regendo a preposição em;

Ex.: "Pensar no sentido das cousas" (Fernando Pessoa).

b) vale a pena observar este verbo em um sentido especial: "Cuidar, aplicar curativos". Neste sentido, é transitivo direto.

Ex.: Pensamos as nossas feridas.

O médico pensou meus machucados.

19) **PREFERIR**

Nunca se poderá utilizar a palavra MAIS, e a preposição obrigatória é A. A construção correta é: "preferir uma coisa a outra" e NUNCA "preferir mais uma coisa do que outra"

Ex.: Prefiro cerveja a refrigerante.

Prefiro a cerveja ao refrigerante.

Prefiro refrigerante a cerveja.

Prefiro o refrigerante à cerveja.

"Capitu preferia tudo ao seminário" (Machado de Assis).

Obs.: Vale a pena observar que, na comparação dos termos, se utilizamos artigo antes de um dos termos, temos que utilizar artigo antes do outro; se não utilizarmos artigo antes de um dos termos, não podemos utilizar artigo antes do outro. Não se esqueça de que a **PREPOSICÃO A É OBRIGATÓRIA.**

20) **PRESIDIR**

a) no sentido de administrar – verbo transitivo direto;

Ex.: Lula preside o Brasil.

b) no sentido de coordenar, organizar – verbo transitivo direto ou indireto (com preposição A).

Ex.: O professor preside o (ao) encontro dos mestres no fim de ano.

21) **PROCEDER**

a) no sentido de agir – verbo intransitivo;

Ex.: Ele procedeu bem.

b) no sentido de realizar – verbo transitivo indireto, regendo a preposição a;

Ex.: O Governo procedeu a eleições gerais.

c) no sentido de ser pertinente – verbo intransitivo;

Ex.: Esse argumento não procede.

d) no sentido de ser oriundo – verbo intransitivo, com adjunto adverbial de lugar exigindo a preposição DE.
Ex.: Ele procedeu de São Paulo.

22) **QUERER**

a) no sentido de desejar será verbo transitivo direto;
Ex.: Eu quero dinheiro. Eu o quero.

b) no sentido de amar, gostar de será verbo transitivo indireto e exigirá a preposição **A**.
Ex.: A mãe quer ao filho. A mãe lhe quer.

23) **RESPONDER**

a) no sentido de dar a resposta em referência ao questionamento – verbo transitivo indireto;
Ex.: Ele respondeu a todas as perguntas.

b) no sentido de expressar efetivamente qual é a resposta – verbo transitivo direto;
Ex.: Ele não respondeu se haverá aula.

c) no sentido de responder algo a alguém – verbo transitivo direto e indireto;
Ex.: Ele respondeu a pergunta ao professor.
"Não soube responder a um amigo" (Fernando Sabino).

d) no sentido de ser responsável, responsabilizar-se – complemento com preposição POR.
Ex.: Ele respondeu pela turma.

24) **SERVIR**

a) no sentido de ser útil – verbo transitivo indireto;
Ex.: Ele serve para o trabalho a ser executado.

b) no sentido de pôr a mesa – verbo intransitivo ou transitivo direto ou transitivo direto e indireto;
Ex.: Ela servirá às sete da manhã. Ele servirá o jantar às dezenove horas. O empregado serviu jantar ao patrão.

c) no sentido de prestar serviços militares – verbo intransitivo;
Ex.: Ele serviu no exército.

d) no sentido de prestar serviços, ajudar – verbo transitivo direto ou indireto com preposição A;
Ex.: Ele servirá ao Flamengo nos próximos dois anos. Ele sempre servirá os pobres.

e) no sentido de atender a necessidade – verbo transitivo indireto.

Ex.: Esse posicionamento serve ao grupo.

25) **SIMPATIZAR**

O verbo é transitivo indireto (preposição COM), mas não admite a ocorrência do pronome parte integrante.

Portanto é errado "Simpatizo-me contigo". O correto é "Simpatizo contigo".

26) **SITUAR** – verbo intransitivo que exige a presença da preposição EM. É usado principalmente nas formas de particípio (sito / situado).

Ex.: O banco, sito na rua Barata Ribeiro, já sofreu vários assaltos.

Obs.: Não se pode dizer "sito à rua".

27) **USUFRUIR** – no sentido de utilizar-se, gozar de – verbo transitivo direto

Ex.: Não há tempo para usufruirmos nossa casa de praia.

Obs.: Este verbo vem sendo utilizado com muita frequência com preposição DE.

Ex.: Não há tempo para usufruirmos de nossa casa de praia.

28) **VISAR**

a) no sentido de mirar – o verbo será transitivo direto;

Ex.: O arqueiro visou o alvo. O arqueiro visou a maçã.

b) no sentido de desejar – a maioria das gramáticas considera o verbo neste valor como transitivo indireto. O professor Celso Cunha admite a dupla possibilidade (indireto ou direto), inclusive relatando que a transitividade direta é dominante na linguagem coloquial, tendendo também a sê-lo na linguagem literária. A Coppe, no concurso para o Tribunal Regional Federal, fez uma questão mencionando esta dupla possibilidade de regência;

Ex.: Visei ao cargo (o cargo).

Visei à posição (a posição).

"Todos os seus atos, todos, fosse o mais simples, visavam um interesse primário" (Aluísio de Azevedo).

"Visava uma delinquência especial" (Euclides da Cunha).

c) no sentido de dar visto – o verbo será transitivo direto.

Ex.: O gerente visou o cheque. O chefe visou toda a documentação.

BIZU

A construção com dois ou mais verbos e apenas um complemento estará correta se os dois verbos possuírem a mesma regência.

Ex.: Quero e beberei uma cerveja.

Gosto e preciso de trabalho.

→ Observe que, nos dois exemplos, os verbos contêm a mesma transitividade (QUERER e BEBER são transitivos diretos e GOSTAR e PRECISAR são transitivos indiretos, exigindo a preposição DE).

"Isaura estava com o ouvido aguçado e do interior da casa ouvira e compreendera tudo" (Bernardo Guimarães). TUDO é objeto direto tanto do verbo OUVIRA quanto do "COMPREENDERA".

26.2. Regência nominal

1) Adjetivos que pedem a preposição **A**:

acessível, adequado, alheio, análogo, anterior, apto, atento, avesso, compreensível, desagradável, desatento, desfavorável, desleal, equivalente, estranho, favorável, fiel, grato, habituado, hostil, idêntico, imediato, indiferente, inerente, inferior, insensível, leal, necessário, nocivo, obediente, oneroso, oposto, paralelo, peculiar, posterior, prejudicial, prestes, propício, próximo, sensível, semelhante, superior, útil, visível.

2) Substantivos que pedem a preposição **A**:

adesão, agradecimento, alusão, ameaça, amizade, apelo, aplicação, aspiração, semelhante, adaptação, aviso, amor, confissão, convite, declaração, descida, obediência, exposição, gratidão, horror, humilhação, lamentação, pagamento, perdão, redução, referência, renúncia, submissão, temor.

3) Adjetivos que pedem preposição **DE**:

acusado, afastado, amante, ameaçado, ávido, carente, ciente, cheio, curioso, desconfiado, descendente, desgostoso, despojado, destituído, diferente, difícil, digno, indigno, excluído, exonerado, fugido, isento, merecedor, natural, passível, preservado, proibido, revestido, sedento, sujo, suspeito, tachado, vazio.

4) Substantivos que pedem preposição **DE**:

absolvição, abundância, afastamento, aparência, ascensão, aprendizagem, busca, carência, certeza, ciência, compreensão, contenção, conspiração, continuação, cessão, decoração, desperdício, despedida, eleição, encomenda, embelezamento, necessidade, urgência, vinda.

5) Adjetivos que pedem outras preposições:

aborrecido com, afável com (para com), ansioso de (por), apaixonado de

(por), apoiado em, apto a (para), assustado com, atento a (em), capaz de (para), comparado a (com), conforme a (com), cruel com (para com), eleito a (por, em, como), último a (de, em), responsável por, rico de (em).

6) Alguns substantivos que pedem outras preposições:

aborrecimento com, abundância de (em), cautela com, acordo com, admiração por, ânsia por, paixão por, apoio em, atestado contra (a favor), batalha com (contra), briga com, casamento com, coincidência com, combate com (contra), concordância com (em), conspiração contra (com, para), crueldade com (para com), vício em (com, de), vinculação com, união com.

26.3. Exercícios

1. (Técnico Judiciário – TRE-RN – FCC)

O clima <u>pouco favorável ao cultivo da cana</u> levou a atividade econômica para a pecuária.

O mesmo tipo de regência nominal que se observa acima ocorre no segmento também grifado em:

a) *O litoral oriental compõe <u>o Polo Costa das Dunas</u> – com belas praias, falésias, dunas e o maior cajueiro do mundo...*

b) *Os 410 <u>quilômetros de praias</u> garantem um lugar especial para o turismo na economia estadual.*

c) *A ocupação portuguesa só se efetivou no final do século, com a fundação do Forte dos Reis Magos e da Vila de Natal.*

d) *Em Caicó há vários açudes e formações rochosas naturais que desafiam <u>a imaginação do homem</u>.*

e) *Em Santa Cruz, a subida ao Monte Carmelo desvenda <u>toda a beleza do sertão potiguar</u> ...*

2. (TRE-MG) A preposição nos parênteses <u>não</u> preenche corretamente a lacuna do período em:

a) O perigo o qual informaram a mulher era conhecido de quase todos. (sobre)

b) A menina que ele deparou trouxe-lhe muita esperança. (com)

c) O triste acontecimento que lembramos esclareceu a verdade. (de)

d) O jovem que chamamos de imprudente saiu às pressas. (a)

e) A verdade que ansiávamos surgiria a qualquer momento. (por)

3. (TTN) Marque a alternativa <u>incorreta</u> quanto à regência verbal.

a) Na verdade, não simpatizo com suas ideias inovadoras.

b) Para trabalhar, muitos preferem a empresa privada ao serviço público.

c) Lamentavelmente, não conheço a lei que te referes.

d) Existem muitos meios a que podemos recorrer neste caso.

e) Se todos chegam à mesma conclusão, devem estar certos.

4. (AFC – CGU) Assinale o trecho do texto adaptado do *Jornal do Commercio* (PE), de 12/01/2008, que apresenta erro de regência.

a) Depois de um longo período em que apresentou taxas de crescimento econômico que não iam além dos 3%, o Brasil fecha o ano de 2007 com uma expansão de 5,3%, certamente a maior taxa registrada na última década.

b) Os dados ainda não são definitivos, mas tudo sugere que serão confirmados. A entidade responsável pelo estudo foi a conhecida Comissão Econômica para a América Latina (Cepal).

c) Não há dúvida de que os números são bons, num momento em que atingimos um bom superávit em conta-corrente, em que se revela queda no desemprego e até se anuncia a ampliação de nossas reservas monetárias, além da descoberta de novas fontes de petróleo.

d) Mesmo assim, olhando-se para os vizinhos de continente, percebe-se que nossa performance é inferior a que foi atribuída a Argentina (8,6%) e a alguns outros países com participação menor no conjunto dos bens produzidos pela América Latina.

e) Nem é preciso olhar os exemplos da China, Índia e Rússia, com crescimento acima desses patamares. Ao conjunto inteiro da América Latina, o organismo internacional está atribuindo um crescimento médio, em 2007, de 5,6%, um pouco maior do que o do Brasil.

5. (Técnico Judiciário – TRE-PE – FCC) ... *as casas de Portugal <u>enviaram</u> ramos para o ultramar...*

O verbo que também é empregado com a mesma regência do grifado acima está em:

a) *Observa Oliveira Martins que a população colonial no Brasil...*

b) *... iniciaram os portugueses a colonização em larga escala dos trópicos...*

c) *... importou numa nova fase e num novo tipo de colonização...*

d) *... perversão de instinto econômico que cedo desviou o português da atividade...*

e) *O colonizador português do Brasil foi o primeiro, dentre...*

6. (TRE-RJ) "porque implica em cobrar o tempo" / porque implica cobrar o tempo. A construção do verbo <u>implicar</u> com a preposição <u>em</u> resulta, provavelmente, de um cruzamento sintático com verbo sinônimo (<u>importar</u>), sendo considerada errônea por alguns gramáticos. A alternativa em que há erro de regência na segunda das sentenças é:

a) Preferimos pagar juros a ficar sem o produto. / Preferimos pagar juros do que ficar sem o produto.

b) Esquecemos facilmente o belo arrazoado aquiniano. / Esquecemo-nos facilmente do belo arrazoado aquiniano.

c) Queremos informar-lhes que nossos juros são baixos. / Queremos informá-los de que nossos juros são baixos.

d) Ainda nos lembramos da belíssima aula de filosofia tomista. / Ainda nos lembra a

belíssima aula de filosofia tomista.
e) Se cobrar juros é pecado, chamamos de pecadores todos os banqueiros. / Se cobrar juros é pecado, chamamos pecadores a todos os banqueiros.

7. (TRE-RJ) A desigualdade jurídica do feudalismo alude o autor se faz presente ainda hoje nos países terras existe visível descompasso entre a riqueza e a pobreza. Tendo em vista o emprego dos pronomes relativos, completam-se corretamente as lacunas da sentença acima com:
a) a qual / cujas
b) a que / em cujas
c) à qual / em cuja as
d) o qual / por cujas
e) ao qual / cuja as

8. (Cesgranrio) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da seguinte frase: Toda comunidade, aspirações e necessidades devem vincular-se os temas da pesquisa científica, possui uma cultura própria, precisa ser preservada.
a) cujas / de que
b) a cujas / que
c) cujas / pela qual
d) cuja / que
e) a cujas / de que

9. (TTN) Há <u>erro</u> de regência no item:
a) Algumas ideias vinham ao encontro das reivindicações dos funcionários, contentando-os, outras não.
b) Todos aspiravam a uma promoção funcional, entretanto poucos se dedicavam àquele trabalho, por ser desgastante.
c) Continuaram em silêncio, enquanto o relator procedia à leitura do texto final.
d) No momento este Departamento não pode prescindir de seus serviços devido ao grande volume de trabalho.
e) Informamos a V. Senhoria sobre os prazos de entrega das novas propostas, às quais devem ser respondidas com urgência.

10. (TTN) Considere o texto abaixo.
– "Eu queria saber é quem está no aparelho.
– Ah, sim. No aparelho não está ninguém.
– Como não está, se você está me respondendo?
– Eu estou fora do aparelho. Dentro do aparelho não cabe ninguém.
– Engraçadinho! Então, quem está ao aparelho?
– Agora melhorou. Estou eu, para servi-lo".
(C. Drummond de Andrade)
Marque o par de verbos com problema de regência idêntico ao do texto.

a) Meditar um assunto – meditar sobre um assunto.
b) Sentar à mesa – sentar na mesa.
c) Estar em casa – estar na casa.
d) Assistir o doente – assistir ao doente.
e) Chamar o padre – chamar pelo padre.

11. (TTN) Assinale a alternativa <u>incorreta</u> quanto à regência.
a) Creio que os trabalhadores estão muito conscientes de suas obrigações para com a Pátria.
b) O filme a que me refiro aborda corajosamente a problemática dos direitos humanos.
c) Esta nova adaptação teatral do grande romance não está agradando ao público; eu, porém, prefiro esta àquela.
d) O trabalho inovador de Gláuber Rocha que lhe falei chama-se *Deus e o Diabo na Terra do Sol*.
e) José crê que a classe operária está em condições de desempenhar um papel importante na condução dos problemas nacionais.

12. (TRT) Assinale a alternativa que completa convenientemente as lacunas abaixo.
I. Certifiquei de que o prazo esgotara-se.
II. Recebi em meu escritório.
III. Informo que as notas fiscais estão rasuradas.
IV. Avisei de que tudo fora resolvido.
a) o – o – lhe – o
b) o – o – o – o
c) lhe – lhe – lhe – o
d) o – lhe – lhe – o
e) lhe – lhe – o – o

13. (TTN) Assinale o trecho que apresenta sintaxe de regência correta.
a) A rigorosa seca que assola os estados do Nordeste impede que essa região desenvolva e atinja os níveis de crescimento socioeconômicos desejados.
b) Se o Brasil tornasse independente dos empréstimos externos, poderia voltar a crescer no mesmo ritmo de desenvolvimento das décadas anteriores.
c) Surpreende-nos o fato de o Estado de São Paulo, que muito se difere do sul do país, ter engrossado as estatísticas favoráveis à criação de um Brasil do sul.
d) É reducionista atribuirmos apenas à seca a razão que leva a população do norte e nordeste a se migrar para o sul.
e) A pretendida separação que pleiteiam os estados do sul acarretará, se vier a se concretizar, a perda da identidade nacional.

14. (Administrador – Petrobras – Cesgranrio) Segundo diria o Professor Carlos Góis, mencionado no Texto II, a frase cuja regência do verbo respeita a norma-padrão é:
a) Esquecemo-nos daquelas regras gramaticais.

b) Os professores avisaram aos alunos da prova.
c) Deve-se obedecer o português padrão.
d) Assistimos uma aula brilhante.
e) Todos aspiram o término do curso.

15. (Administrador – Transpetro – Cesgranrio) A frase Compramos apostilas que nos serão úteis nos estudos está reescrita de acordo com a norma-padrão em:
a) Compramos apostilas cujas nos serão úteis nos estudos.
b) Compramos apostilas as cujas nos serão úteis nos estudos.
c) Compramos apostilas a qual nos serão úteis nos estudos.
d) Compramos apostilas as quais nos serão úteis nos estudos.
e) Compramos apostilas às quais nos serão úteis nos estudos.

16. (Escriturário – BB – Cesgranrio) A frase em que a presença ou ausência da preposição está de acordo com a norma-padrão é:
a) A certeza que a sorte chegará para mim é grande.
b) Preciso de que me arranjem um emprego.
c) Convidei à Maria para vir ao escritório.
d) A necessidade que ele viesse me ajudar me fez chamá-lo.
e) Às dez horas em ponto, estarei à sua casa.

17. (Esaf) Observe as palavras sublinhadas e indique a frase que apresenta regência nominal correta.
a) Por ser muito estudioso, ele tinha grande <u>amor</u> a seus livros.
b) Havia muitos anos que não via o filho, por isso estava <u>ansioso</u> em vê-lo.
c) <u>Alheio</u> para com o julgamento, o réu permanecia calado.
d) Coitado! Foi preso porque era <u>suspeito</u> por um crime que não cometeu.
e) Tínhamos o <u>propósito</u> em dizer toda a verdade, mas nos impediram de fazê-lo.

18. (Esaf) A frase que apresenta <u>erro</u> de regência do verbo ASSISTIR é:
a) Não fui ver o filme, embora quisesse assistir-lhe.
b) Não lhe assiste o direito de humilhar ninguém.
c) Ele assiste às aulas sempre com muita serenidade.
d) Aqueles médicos assistem os doentes com dedicação.
e) Assistiu aos jogos da Seleção sem nenhum entusiasmo.

19. (Esaf) Observe, nos períodos abaixo, a regência dos verbos e dos nomes.
I. As constantes faltas ao trabalho implicaram a sua demissão.
II. Procederemos à abertura do inquérito.
III. O cargo a que aspiramos é disputado por todos.
IV. Prefiro mais estudar do que trabalhar.
V. Sua atitude é incompatível ao ambiente.
Assinale a sequência que corresponde aos períodos corretos.

a) I, II e IV.
b) II, III e IV.
c) II, IV e V.
d) I, II e III.
e) I, III e IV.

20. (AFT) Avalie as afirmações abaixo, a respeito do emprego das estruturas linguísticas no texto, para assinalar a opção correta.
Quando se ouve a palavra "preço", as primeiras imagens que invadem nossa mente são as de cartazes de liquidação, máquinas registradoras, cheques e cartões de crédito. Mesmo nas sociedades orientais, menos capitalistas que a nossa, a ideia de preço é sempre ligada à noção de objeto de valor.
Porém, diferentemente do que a mídia informa, nem tudo pode ser comprado e parcelado em três vezes no cartão. As coisas realmente importantes da vida têm seu preço, isso é certo, mas a forma de pagamento é bem diversa das praticadas nos *shopping centers*.
Na infinita negociação que é viver, se sairá melhor aquele que possuir uma sólida corrente de reservas emocionais e de bom-senso do que aquele que confia apenas em sua coleção de cartões de plástico. Lucrará mais aquele que souber responder com sabedoria a pergunta: vale a pena pagar o preço?
I. Para a coerência textual, o vocábulo "as" (l.1) tanto pode ser interpretado como um pronome, substituindo o substantivo "imagens" (l.1), quanto como um artigo definido que deixa implícita a concordância com "imagens".
II. O acento indicativo de crase em "à noção" (l.3) decorre da presença da preposição a, exigida por "ligada" (l.6) e do artigo determinante de "noção".
III. Por ser expressa a comparação em estrutura oracional, o termo "do que" (l.5) por ser escrito apenas como "que", sem prejuízo da correção gramatical do texto.
IV. A retirada do pronome em "isso é certo" (l.6) resulta em erro gramatical, por que a oração fica sem sujeito; o que prejudica a coesão textual.
V. Devido ao emprego da vírgula, mantém-se a coerência textual e a correção gramatical ao empregar o pronome átono depois do verbo em "se sairá" (l. 8).
VI. As regras gramaticais possibilitam também o emprego do acento indicador de crase em "a pergunta" (l. 10): à pergunta.
Estão corretos apenas os itens:
a) I, II e VI;
b) I, II, III e V;
c) I, IV e VI;
d) II, III, V e VI;
e) III, IV e V.

21. (Susep) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical inserido no texto.
O etanol ainda está longe de ter um mercado global. Apresentado <u>desde o</u>(1) início da década como a grande solução energética para o mundo, para substituir uma fonte não

renovável (o petróleo) e reduzir a emissão (2) de poluentes, o etanol ainda não conquistou os fabricantes de veículos e os consumidores do mundo inteiro. Falta uma padronização internacional para transformar-lhe (3) em uma *commodity* facilmente comercializável nos diferentes mercados e ainda persistem barreiras protecionistas em muitos países. Nos EUA, por exemplo, há uma tarifa de importação de US$ 0,54 por galão. Para entrar na União Europeia, o etanol brasileiro paga 19 centavos de euro por litro. É grande o potencial de mercado para o etanol brasileiro nos EUA. Na União Europeia, o potencial é menor, pois lá (4) o programa energético prevê a utilização de 10% de combustíveis renováveis no consumo total em 2020. Cálculos da União da Indústria da Cana-de-Açúcar – Única indicam que isso resultaria na demanda de 14 bilhões de litros de etanol por ano (outra parte seria atendida (5) por biodiesel).
(*O Estado de S. Paulo*, Editorial, 18/02/2010, com adaptações)
a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

22. (AFTN) Assinale a única frase cuja lacuna não deve ser preenchida por um pronome relativo preposicionado.
a) O relator da emenda constitucional apresentou proposições todos simpatizavam.
b) Recordaram com carinho a ponte trocaram o primeiro beijo.
c) Fui ver hoje o filme mais gosto.
d) Guimarães Rosa é o escritor brasileiro mais gosto.
e) Esta é a região fronteira agrícola deve ser aplicada.

23. (TRE-MT) Há erro de regência verbal, de acordo com a norma culta, em:
a) O informante não precisou do dinheiro ganho.
b) Eles se referiram sobre o outro governo.
c) Todos preferiram o elogio à censura.
d) Eis o ponto de que discordo.
e) Seu telefone não atende às chamadas.

24. (TRE-MT)
I. O livro me refiro não está traduzido.
II. Os candidatos cartões foram extraviados, poderão fazer a prova.
Os termos que completam, respectivamente, as lacunas das frases acima são:
a) que – cujos os
b) ao qual – dos quais
c) onde – cujos
d) a que – cujos
e) que – dos quais

25. (TRE-MG) Observe a regência dos verbos das frases reescritas nos itens a seguir:
I. Chamaremos os inimigos de hipócritas. Chamaremos aos inimigos de hipócritas;
II. Informei-lhe o meu desprezo por tudo. Informei-lhe do meu desprezo por tudo;
III. O funcionário esqueceu o importante acontecimento. O funcionário esqueceu-se o importante acontecimento.
A frase reescrita está com a regência correta em:
a) I apenas;
b) II apenas;
c) III apenas;
d) I e III apenas;
e) I, II e III.

26. (Técnico Judiciário – TRE-AP – FCC) O segmento grifado está empregado corretamente em:
a) A incompatibilidade da encomenda e a prestação de serviços gerou o conflito.
b) A curiosidade é inata do ser humano.
c) Foi sempre devotado pela ciência.
d) A sua declaração o indispôs com os colegas.
e) Compenetrou-se sobre a necessidade de estudar.

27. (Bacen – Esaf) Os trechos a seguir constituem um texto. Assinale a opção que apresenta erro de regência.
a) Desde abril, já é possível perceber algum decréscimo da atividade econômica, com queda da produção de bens de consumo duráveis, especialmente eletrodomésticos, e do faturamento real do comércio varejista.
b) Apesar da queda da inflação em maio, espera-se aceleração no terceiro trimestre, fenômeno igual ao observado nos dois últimos anos, em decorrência da concentração de aumentos dos preços administrados.
c) Os principais focos de incerteza em relação às perspectivas para a taxa de inflação nos próximos anos referem-se a evolução do preço internacional do petróleo, o comportamento dos preços administrados domésticos e o ambiente econômico externo.
d) Desde maio, porém, entraram em foco outros fatores: o racionamento de energia elétrica, a intensificação da instabilidade política interna e a depreciação acentuada da taxa de câmbio.
e) A mais nova fonte de incerteza é o choque derivado da limitação de oferta de energia elétrica no País, pois há grande dificuldade em se avaliar seus efeitos com o grau de precisão desejável.
(Trechos adaptados do *Relatório de Inflação* – Banco Central do Brasil, junho de 2001– volume 3, nº 2, p. 7 e 8.)

28. (Bacen – Esaf) Assinale a opção em que a regência está de acordo com as regras da norma culta.
a) As funções de autoridade monetária foram sendo transferidas progressivamente do

Banco do Brasil para o BC, enquanto as atividades atípicas exercidas por esse último, como as relacionadas ao fomento e à administração da dívida pública federal, foram transferidas para o Tesouro Nacional.
b) A Constituição de 1988 consagra dispositivos importantes para a atuação do BC, como ao do exercício exclusivo da competência da União para emitir moeda e o da necessidade de aprovação prévia pelo Senado Federal, em votação secreta, após arguição pública, dos designados pelo Presidente da República para os cargos de presidente e diretores.
c) A Constituição vedou o BC a concessão direta ou indireta de empréstimos ao Tesouro Nacional. A Constituição de 1988 prevê ainda, em seu artigo 192, a elaboração de Lei Complementar do Sistema Financeiro Nacional, que deverá substituir a Lei nº 4.595, abrangendo vários e importantes aspectos da estruturação e atuação do Banco Central.
d) Em 1998 o Banco Central retomou o processo de Planejamento Institucional, com à realização de um encontro de planejamento ao nível estratégico, contando pela participação do Presidente e diretores, e de encontros de planejamento no nível tático, que contaram com a participação do corpo gerencial das unidades especial, centrais e regionais.
e) No encontro ao nível estratégico foram definidos a missão do Banco, seus macroprocessos e os objetivos estratégicos para o horizonte de três anos, além das diretrizes balizadoras das ações para assegurar à estabilidade do poder de compra da moeda nacional.

29. (Ass. Leg. – FCC) ***... que faz com que em certas ocasiões...*** **(último parágrafo)**
A lacuna que deverá ser corretamente preenchida pela expressão grifada acima está em:
a) O mercado editorial de autoajuda, ... abrange várias categorias, cresce a olhos vistos em todo o mundo.
b) O conteúdo dos livros de autoajuda, ... os leitores acreditam, serve de inspiração para o sucesso na vida e na carreira profissional.
c) Os leitores estão convictos ..... essas publicações serão a inspiração para uma vida mais harmônica e feliz.
d) Os livros de autoajuda procuram conduzir as pessoas a obterem com tenacidade tudo aquilo ..... sonham.
e) A literatura de autoajuda constitui, no momento, os meios ..... as pessoas recorrem para viver melhor.

30. (TRT – Fundec) Sobre a regência do verbo assistir na oração "a Região Metropolitana finalmente assistia ao início de um capítulo bom da novela protagonizada por mais de 3 milhões de pessoas", pode-se afirmar que:
a) Está correta, porque o verbo foi empregado como transitivo indireto, no sentido de ser do direito.
b) É semelhante à regência do verbo amar em frases como "Deve-se amar ao próximo".
c) Admite a construção passiva, que seria: "O início de um capítulo bom da novela protagonizada por mais de 3 milhões de pessoas era assistido finalmente pela Região

Metropolitana.
d) Está consoante com a língua escrita padrão, mas divergente dos hábitos da língua falada no Brasil.
e) É a recomendada pela norma culta da língua, mas não é a habitualmente praticada pelos escritores contemporâneos.

31. (Proderj – FEC) No trecho "... asseguramos que as comunidades locais devem usufruir de benefícios decorrentes da exploração de recursos naturais encontrados em suas terras", observa-se que o verbo em destaque está regido pela preposição de, numa variante "de" regência da língua contemporânea. Das frases abaixo, aquela em que foi usada uma regência que contraria as normas da língua culta, pois não admite variante, é:
a) Poucos países abstiveram-se de participar da conferência.
b) Muitas vezes é difícil resistir as tentações da riqueza fácil e imediata.
c) Os mais jovens têm de suceder aos mais velhos nas lutas pelo meio ambiente.
d) Devemos prezar as ideias favoráveis às fontes renováveis de energia.
e) A plateia gostaria de que todos os países abraçassem a proposta brasileira.

32. (Proderj – FEC) De acordo com as normas de regência verbal do português contemporâneo, a oração "... que visam o bem público" também poderia estar expressa na forma "... que visam ao bem público", caracterizando-se como um caso de dupla regência. Dos casos abaixo relacionados, o que apresenta erro, por não se caracterizar como um caso de dupla regência, é o que está na opção:
a) Os companheiros o abraçaram num gesto de fraternidade. / Os companheiros lhe abraçaram num gesto de fraternidade.
b) A decisão implica uma reformulação dos planos. / A decisão implica numa reformulação dos planos.
c) Todos estão usufruindo as garantias oferecidas pela empresa. / Todos estão usufruindo das garantias oferecidas pela empresa.
d) Os interessados assistiram à palestra com toda a atenção. / Os interessados assistiram a palestra com toda a atenção.
e) Os colegas o chamavam de benfeitor da humanidade. / Os colegas lhe chamavam de benfeitor da humanidade.

33. (Esaf) Aponte o trecho correto quanto à regência.
a) Quando se desativa uma linha de trem, estão-se isolando muitas localidades que perderão o único meio de transporte que dispõem.
b) Em muitas cidades pequenas, no interior do País, prevalece a ideia, a qual se desconfia o próprio Prefeito seja adepto, de que o trem é meio de transporte obsoleto.
c) Como é interesse do País de que o preço do frete diminua, são urgentes e imprescindíveis investimentos em nosso sistema ferroviário.
d) A partir dos anos 50, o baixo custo do petróleo justificou a opção do transporte de carga por rodovias, às quais foram ganhando cada vez mais preferência.

e) No Brasil, dadas suas dimensões continentais, deve-se dar preferência às ferrovias para a movimentação de cargas.

34. (TRF-12ª – FCC) Está correto o emprego do elemento sublinhado em:
a) A obra de ficção **A guerra dos mundos**, em cuja Orson Welles se baseou, ganhou dramática adaptação radiofônica.
b) A tecnologia de ponta, sobre a qual por vezes pairam desconfianças, leva-nos apenas aonde queremos ir.
c) O cotidiano contemporâneo deixa-se afetar pelas conquistas técnicas, de cujas muita gente alimenta sérias desconfianças.
d) A segunda metade da década de 90, aonde se consolidou a multimídia, foi um marco na vida contemporânea.
e) O homem do nosso tempo, diante dos admiráveis recursos nos quais jamais sonhou alcançar, é por vezes um deslumbrado.

35. (TRE – SP – AJ – FCC) Está correto o emprego de ambas as expressões sublinhadas na frase:
a) O autor do texto, de cuja convicção é que estamos longe do desenvolvimento social, desconfia dos avanços tecnológicos com os quais muita gente demonstra plena admiração.
b) A modernidade técnica, na qual o autor faz suas restrições, não trouxe consigo o desenvolvimento social pelo qual tantos aspiram.
c) Muita gente acredita de que a tecnologia serve a todos, quando o que os fatos têm demonstrado é de que ela acaba servindo aos mesmos privilegiados de sempre.
d) O escritor a cujo nome se faz referência no texto foi um dos expoentes do movimento abolicionista brasileiro, ao qual aderiram muitos outros homens ilustres do século XIX.
e) É tal a velocidade em cuja vêm ocorrendo os avanços tecnológicos que os homens nem têm tempo para pensar nos excluídos, naqueles para quem essa velocidade não beneficia.

36. (Fiscal da Receita Estadual – AP – FGV) De acordo com a norma padrão, o pronome relativo está corretamente empregado apenas na seguinte alternativa:
a) Essas são algumas ideias por cujos os ensinamentos procuro me guiar.
b) Aquelas são as mais antigas histórias de comércio as quais se tem memória.
c) Apresentou um projeto que a principal filosofia dele é a democratização do saber.
d) O comportamento ético por que um povo se orienta define seu caráter.
e) O filósofo onde me refiro defendeu tese recentemente.

37. (TRF-4ª Região – FCC) Está correto o emprego do elemento sublinhado em:
a) A obra de ficção **A guerra dos mundos**, em cuja Orson Welles se baseou, ganhou dramática adaptação radiofônica.
b) A tecnologia de ponta, sobre a qual por vezes pairam desconfianças, leva-nos apenas aonde queremos ir.

c) O cotidiano contemporâneo deixa-se afetar pelas conquistas técnicas, de cujas muita gente alimenta sérias desconfianças.
d) A segunda metade da década de 90, aonde se consolidou a multimídia, foi um marco na vida contemporânea.
e) O homem do nosso tempo, diante dos admiráveis recursos nos quais jamais sonhou alcançar, é por vezes um deslumbrado.

38. (Analista Judiciário – TRT-1R – FCC) ... ***condição da qual os habitantes das cidades consideram difícil, talvez impossível, fugir*****. (último parágrafo) Mantendo-se a correção e a lógica, o verbo grifado acima pode ser substituído, sem qualquer outra alteração na frase em que se encontra, APENAS por:**
a) escapar;
b) afastar;
c) evadir;
d) evitar;
e) prevenir.

39. (Analista Judiciário – TRT-24ª Região) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:
a) Os recursos da internet, dos quais podemos nos valer a qualquer momento, permitem veicular mensagens por cujo conteúdo seremos responsáveis.
b) Artistas plásticos, que suas obras lhes interessa divulgar, frequentam os espaços da internet, mediante aos quais promovem a divulgação de seu trabalho.
c) Jornalistas veteranos, de cujas colunas tantos leitores já frequentaram, passaram a criar seus próprios blogs, pelos quais acrescentam uma dose de subjetivismo.
d) É comum que, num blog, os assuntos públicos, a cujo interesse social ninguém duvida, coabitem aos assuntos particulares, que a poucos interessará.
e) As múltiplas formas de linguagem com que o autor de um blog pode lançar mão obrigam-no a se familiarizar com técnicas de que jamais cogitou dominar.

40. (Fiscal – ICMS – FGV) ***O leitor já viu onde quero chegar*****. (L. 40)**
Assinale a alternativa cuja estrutura seja equivalente semanticamente à apresentada acima, mas que dela se diferencie quanto à adequação da linguagem ao padrão normativo.
a) Já observou o leitor onde quero chegar.
b) O leitor já viu aonde quero chegar.
c) Quero chegar onde o leitor já viu.
d) Em que ponto quero chegar o leitor já viu.
e) O leitor já viu em cujo local quero chegar.

41. (Fiscal – ICMS – FGV) Assinale a alternativa em que, alterando-se o trecho "a fim de que o estado realize as funções a que constitucionalmente está vinculado", não se obedeceu à norma culta. Despreze as alterações de sentido.

a) A fim de que o Estado realize as funções às quais constantemente se refere.
b) A fim de que o Estado realize as funções às quais prefere à instabilidade.
c) A fim de que o Estado realize as funções de cujos objetivos constantemente nos lembramos.
d) A fim de que o Estado realize as funções cujas implicações quase sempre esquecemos.
e) A fim de que o Estado realize as funções as quais se dispôs a efetivar.

42. (FNDE – FGV) Assinale a alternativa em que, alterando-se o trecho *construção de um diálogo (...) que as novas tecnologias permitem* (L.89-92), não se obedeceu às regras gramaticais de regência verbal. Ignore as alterações de sentido em relação ao texto original.
a) Construção de um diálogo (...) a que as novas tecnologias aludem.
b) Construção de um diálogo (...) que as novas tecnologias carecem.
c) Construção de um diálogo (...) a que as novas tecnologias procedem.
d) Construção de um diálogo (...) a que as novas tecnologias se referem.
e) Construção de um diálogo (...) que as novas tecnologias atingem.

43. (TRT-20ª – FCC) ... *além do que lhes permitem os recursos de que dispõem...* A expressão pronominal grifada acima deverá preencher corretamente a lacuna da frase:
a) A nova classe média desenvolveu padrões de consumo ..... só serão sustentáveis se houver salários dignos.
b) Os novos valores sociais, ... se deparam os autores do estudo incluem a valorização da educação.
c) As oscilações de renda familiar, ... o estudo se refere, oferecem riscos à manutenção dos padrões de consumo.
d) Foi realizado um estudo recente, ... se encontram informações importantes sobre a mobilidade social brasileira.
e) A amplitude da ascensão social ..... se fala é condizente com a redução das desigualdades de renda da população.

44. (Analista Judiciário – TRT – 23ª Região) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:
a) Os argumentos de que devemos nos agarrar devem se pautar nos limites da racionalidade e da justiça.
b) Os casos históricos em que Voltaire recorre em seu texto ajudam-no a demonstrar de que a pena de morte é ineficaz.
c) A pena de talião é um recurso de cuja eficácia muitos defendem, ninguém se abale em tentar demonstrá-la.
d) Os castigos a que se submetem os criminosos devem corresponder à gravidade de que se reveste o crime.
e) As ideias liberais, de cuja propagação Voltaire se lançou, estimulam legisladores em quem não falte o senso de justiça.

45. (Técnico Judiciário – TRT-23ª Região – FCC) ... ***e com o tempo em que você pode trabalhar*.**

O segmento grifado na frase acima preenche corretamente a lacuna da frase:

a) Muitos escritores afirmam não saber lidar com a fama ..... almejam em determinado momento de suas carreiras.

b) Alguns escritores menores tentam demonstrar em suas obras uma erudição ..... não possuem de fato.

c) Não por coincidência, o jornalismo é uma profissão ..... vários escritores recorrem em determinado momento de suas vidas.

d) O mercado cinematográfico internacional .... muitos roteiristas iniciantes tentam se inserir é por demais competitivo e estressante.

e) Dizem que o trabalho árduo e diário e uma disciplina tenaz são as principais armas ..... um jovem escritor deve se valer.

46. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) ... ***e que vem de certa harmonia misteriosa a que tendem o branco, o preto, o roxo e o moreno*...**

O segmento grifado preenche corretamente a lacuna da frase:

a) As autoridades contavam ..... se fizessem consultas à população para definir os projetos de melhoria de toda a área.

b) As transformações ..... se refere o historiador descaracterizaram toda a área destinada, de início, a pesquisas.

c) A necessidade de inovações foi o argumento ..... se valeram os urbanistas para defender o projeto apresentado.

d) A ninguém ocorreu demonstrar ..... não seria possível impedir a derrubada de algumas antigas construções.

e) Seriam necessários novos e diferentes projetos urbanísticos, ... permanecessem intocadas as construções originais.

47. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) Está INADEQUADO o emprego do elemento sublinhado na frase:

a) A traição a que por vezes está sujeita nossa audição pode ter resultados divertidos.

b) Os sons das palavras, a cujos poucas vezes dedicamos plena atenção, podem ser bastante enganosos.

c) A melodia e o ritmo de uma frase, em cujo embalo podemos nos equivocar, valem pelo efeito poético.

d) E afinal, por onde andará dona Ondirá, senhora misteriosa de quem o leitor foi fã cativo, quando menino?

e) E dona Quiçás, a quem Nat King Cole jamais teve a honra de ser apresentado, morará ainda em Madri?

48. (Analista Judiciário – TRE-SP – FCC) Está correto o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

a) A argumentação na qual se valeu o ministro baseava-se numa analogia em cuja pretendia confundir função técnica com função política.
b) As funções para cujo desempenho exige-se alta habilitação jamais caberão a quem se promova apenas pela aclamação do voto.
c) Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto do que a promoção pelo mérito onde nem todos confiam.
d) A má reputação de que se imputa ao "assembleísmo" é análoga àquela em que se reveste a "meritocracia".
e) A convicção de cuja não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo à natureza do caso.

49. (Técnico Judiciário – TRE-SP – FCC) ... ***procurava incorporar à escrita o ritmo da fala*****...**
O verbo empregado no texto com a mesma regência do grifado acima está em:
a) *... consagrar literariamente o vocabulário usual.*
b) *... dar estado de literatura aos fatos da civilização moderna.*
c) *No Brasil, ele significou principalmente libertação dos modelos acadêmicos...*
d) *... que a sua contribuição maior foi a liberdade de criação e expressão.*
e) *... os modernistas promoveram uma valorização diferente do léxico...*

50. (AFRF – Esaf) Marque a opção em que ambos os períodos estão gramaticalmente corretos.
a) O racismo no sentido de prática discriminatória em razão da etinia de uma pessoa ou grupo, atenta, primeiro, contra a própria organização política brasileira. / O racismo, no sentido de prática discriminatória, em razão da etnia de uma pessoa ou grupo, atenta, primeiro, contra a própria organização política brasileira.
b) A prática do racismo é definida como crime na Lei nº 7.716/1989, isto é, nessa lei estão definidas várias condutas que implicam tratamento discriminatório, motivado pelo preconceito racial. / A prática do racismo é definida como crime na lei nº 7.716/1989, isto é, nessa Lei estão definidas várias condutas que implicam em tratamento discriminatório, motivado pelo preconceito racial.
c) O racismo é crime de ação múltipla ou de conteúdo variado, de maneira que a prática, no mesmo contexto de ação, de mais de um núcleo acarreta uma única incriminação. / O racismo é crime de ação múltipla ou de conteúdo variado, de maneira que a prática no mesmo contexto de ação, de mais de um núcleo, acarreta em uma única incriminação.
d) O incitamento à discriminação não afasta a possibilidade de cometimento também de injúria, motivada pela discriminação ou qualquer outro crime contra a honra, previsto no CPB ou mesmo na Lei de Imprensa. / O incitamento à descriminação não afasta a possibilidade de cometimento também de injúria, motivado pela descriminação ou quaisquer outro crime contra a honra, previsto no CPB ou mesmo na Lei de Imprensa.
e) A prática de tortura motivada pelo racismo, crime que tem por sujeito passivo o indivíduo, não afasta a incriminação de eventual crime de racismo previsto na legislação brasileira, que tem por sujeito passivo primário a coletividade, com lesões jurídicas da

mesma forma diferenciadas: o primeiro, a integridade física, saúde e liberdade individual, e os demais, a paz pública. / A prática de tortura motivada pelo racismo, crime que tem por sujeito passivo o indivíduo, não afasta a incriminação de eventual crime de racismo previsto na legislação brasileira, que tem por sujeito passivo primário a coletividade, com lesões jurídicas da mesma forma diferenciadas, o primeiro a integridade física, saúde e liberdade individual, e os demais a paz pública.
(Baseado em Carlos Frederico de Oliveira Pereira)

Capítulo 27

Concordância

27.1. Concordância verbal

O conceito geral é o verbo ser obrigado a concordar com o sujeito. Aqui serão analisadas situações especiais de concordância.

1) **DOIS OU MAIS NÚCLEOS DE SUJEITO E UM VERBO**

a) SUJEITO COMPOSTO ANTEPOSTO AO VERBO – concordância por soma.

Ex.: Eu e tu (NÓS) fomos ao cinema.
Ele e tu (VÓS) fostes ao cinema.
Ela e eu (NÓS) iremos ao Maracanã.

b) SUJEITO COMPOSTO POSPOSTO AO VERBO – concordância pode ser por soma ou atrativa.

Ex.: Fomos (ou FUI) eu e tu ao cinema.
Fostes (ou FOSTE) tu e ele ao cinema.
Iremos (ou IRÁ) ele e eu o cinema.
"e veio a guerra, a violência, a invasão..." (Raul Pompéia).

– A forma verbal "veio" poderia ser substituída por VIERAM.

Obs.: A soma se dará pela hierarquia das pessoas. A primeira pessoa se sobrepõe às demais, e a segunda, à terceira. No entanto, como a segunda pessoa do plural está em desuso na língua corrente no Brasil, a forma coloquial VOCÊS (3ª pessoa do plural) a tem substituído.

Ex.: Tu e João fareis (ou farão – forma que vem sendo aceita) o trabalho.

2) **QUEM** – o verbo tanto poderá concordar com o pronome relativo QUEM (terceira pessoa do singular) como também poderá fazê-lo com o antecedente do QUEM.

Ex.: Fui eu quem fez (ou FIZ) o trabalho.
Fomos nós quem fez (ou FIZEMOS) o trabalho.
Fostes vós quem fez (ou FIZESTES) o trabalho.

Obs.: O Professor Celso Cunha indica que a concordância com a 3ª pessoa do

singular é a construção prevista pela regra, mas sendo também aceita a concordância com o antecedente do QUEM.

3) **QUE** – o verbo concordará com o termo antecedente do pronome relativo QUE (quando este for o sujeito da oração).

Ex.: Fui eu que fiz o trabalho.

Fomos nós que fizemos o trabalho.

Fostes vós que fizestes o trabalho.

Obs.: Se o antecedente do pronome relativo QUE funcionar como predicativo do sujeito, o verbo tanto poderá concordar com o predicativo como poderá concordar com o sujeito da oração anterior.

Ex.: Eu fui o primeiro que chegou – concordância com o predicativo "o primeiro".

Eu fui o primeiro que cheguei – concordância com o sujeito da oração anterior.

4) **UM E OUTRO** – o verbo tanto poderá estar na terceira pessoa do singular como na terceira pessoa do plural, mas o substantivo ficará sempre no singular.

Ex.: Um e outro aluno fez (ou FIZERAM) o trabalho.

Obs.: O usuário da língua incorrerá em erro se flexionar o substantivo no plural.

BIZU

A utilização da expressão NEM UM NEM OUTRO como sujeito causa uma divergência entre os professores Celso Cunha e Evanildo Bechara. Este indica que o verbo somente poderá flexionar-se no singular (Nem um nem outro compareceu ao trabalho); já aquele informa que, funcionando como pronome substantivo, poderá levar o verbo para o singular ou plural (Nem um nem outro compareceu – ou compareceram – ao trabalho). Ainda segundo Cunha, se a expressão funcionar como pronome adjetivo – determinando um substantivo –, o verbo apenas poderá ocorrer no singular (Nem um nem outro funcionário compareceu ao trabalho).

5) **UNS DE NÓS, ALGUNS DE NÓS, POUCOS DE NÓS, MUITOS DE NÓS, QUAISQUER DE NÓS** – o verbo tanto poderá estar na primeira pessoa do plural como na terceira pessoa do plural.

Ex.: Uns de nós trabalhamos (ou TRABALHARAM) aqui.

Muitos de nós estamos (ou ESTÃO) insatisfeitos.
Quaisquer de nós podemos (ou PODEM) fazer este trabalho.

6) **UNS DE VÓS, ALGUNS DE VÓS, POUCOS DE VÓS, MUITOS DE VÓS, QUAISQUER DE VÓS** – o verbo tanto poderá estar na segunda pessoa do plural como na terceira pessoa do plural.

Ex.: Uns de vós trabalhastes (ou TRABALHARAM) aqui.
Muitos de vós estais (ou ESTÃO) insatisfeitos.
Quaisquer de vós podeis (ou PODEM) fazer este trabalho.

Obs.: Em relação aos casos 5 e 6, se o primeiro termo estiver no singular, o verbo só poderá estar no singular.

Ex.: Um de nós poderá fazer este trabalho. Algum de vós esteve aqui?

→ Esta única possibilidade de concordância ocorre por motivos semânticos. Quando dizemos "Uns de nós poderão (poderemos) fazer o trabalho, interpreta-se que "uns poderão fazer o trabalho" ou "nós poderemos fazer o trabalho; no entanto, quando se diz "Um de nós poderá fazer o trabalho", é importante ressaltar que só esse "um" poderá fazer o trabalho, os outros elementos (participantes do NÓS), não.

O NCE já questionou qual das duas construções possíveis (ESCRIVÃO – PC – 2001) seria a mais adequada e indicou como resposta a que fazia a concordância com o verbo na terceira pessoa do plural. Interpretei a opção feita pela banca como uma preferência pela concordância com o núcleo do sujeito (UNS, ALGUNS, MUITOS, POUCOS, QUAISQUER) e não com o adjunto adnominal (DE NÓS, DE VÓS). É também possível que a escolha pela terceira pessoa do plural, em detrimento da segunda pessoa do plural, tenha ocorrido em virtude de "vós" estar em desuso na variante brasileira da língua portuguesa.

7) **COLETIVO** – apesar de o coletivo dar uma ideia pluralizada, o verbo deverá estar na terceira pessoa do singular, a não ser que o próprio coletivo esteja no plural.

Ex.: O cardume viajou por todo o oceano.
Os cardumes viajaram por todo o oceano.

Obs.: Se o termo **coletivo** possuir um adjunto adnominal, o verbo tanto poderá concordar com o coletivo como também poderá concordar com o adjunto adnominal.

Ex.: A manada de elefantes destruiu (ou DESTRUÍRAM) toda a floresta.
O cardume de tainhas está chegando à costa brasileira (ou estão).

Se houver distanciamento entre o coletivo e o verbo, torna-se opcional a flexão do verbo no singular ou no plural.

Ex.: O grupo invadiu a minha residência à meia-noite. Roubaram tudo.

8) **UM TERÇO, 30%, A METADE, A MAIOR PARTE, A MENOR PARTE, UMA PARTE, A MAIORIA DE, A MINORIA DE... –** estes termos ou quaisquer outros que indicarem ideia partitiva ou fracionária, quando possuírem um adjunto adnominal, admitirão que o verbo tanto concorde com estes termos em negrito, como também com o adjunto adnominal.

Ex.: A maior parte dos alunos fez (ou FIZERAM) o trabalho.

Um terço dos fumantes tem (ou TÊM) problemas respiratórios.

9) **PRONOME DE TRATAMENTO –** o verbo deverá estar na terceira pessoa.

Ex.: V. Sª. está se sentindo bem?

V. Exª. deveria obedecer às vontades do povo da mesma forma que o povo lhe obedece.

Obs.: O pronome de tratamento V. Exª., como já se disse, é de terceira pessoa. Logo, quando outro pronome for referente ao ser V. Exª., deverá estar flexionado também na terceira pessoa, não cabendo o uso do oblíquo "vos" ou do possessivo "vosso".

10) **UM DOS QUE –** o verbo tanto poderá estar na terceira pessoa do singular como na terceira pessoa do plural.

Ex.: Ele é um dos que mais estuda (ou ESTUDAM).

Manoel foi um dos que fez (ou FIZERAM) o trabalho.

Obs.: O motivo de haver a dupla possibilidade de concordância se dá em virtude de o pronome relativo QUE poder ter como antecedente UM ou OS (combinado à preposição DE).

– SEM QUE –

Já a estrutura UM DOS só admite a construção com o verbo na terceira pessoa do singular. Isso se justifica através da semântica. Quando se diz "Manoel foi um dos que fez o trabalho", não só Manoel fez o trabalho, como outros também o fizeram. No entanto, quando se informa "Um dos alunos fez o trabalho", só cabe a interpretação de que "um" fez o trabalho, não os demais.

11) **MAIS DE UM –** apesar de a ideia ser pluralizada, o verbo estará na terceira pessoa do singular.

Ex.: Mais de um atleta brasileiro recebeu cartão amarelo.

Mais de uma moça viajou para Paris.

12) **MENOS DE DOIS** – apesar de a ideia ser de singular, o verbo estará na terceira pessoa do plural.

Ex.: Menos de dois homens ainda se encontram presos.

Menos de duas pessoas tentaram fugir.

13) **CERCA DE, PERTO DE** – o verbo concordará sempre com o numeral.

Ex.: Cerca de 70 alunos estavam presentes.

14) **OU** – se houver nítida ideia de exclusão, a concordância do verbo se dará atrativamente. Se ocorrer a possibilidade de soma dos núcleos, o verbo pode concordar com o termo mais próximo ou com a adição.

Ex.: Ele ou tu serás eleito para representante da turma. Ele ou tu farás (fareis) o trabalho.

15) **GRADAÇÃO** – quando houver dois ou mais termos no mesmo campo semântico, o verbo poderá concordar com a soma deles ou com o mais próximo.

Ex.: A tristeza, a angústia, o sofrimento tomou (tomaram) conta dos vascaínos depois que o Pet acertou aquele belíssimo chute no último minuto do jogo.

16) **VERBOS PARECER e COSTUMAR** – estes verbos poderão ou não formar uma locução com a forma verbal seguinte. Se não formarem, os verbos PARECER e COSTUMAR deverão ocorrer na terceira pessoa do singular, caso contrário, eles concordarão com o sujeito.

Ex.: Eles parecem fazer o trabalho.

→ O verbo PARECEM concordou com o sujeito ELES, formando assim uma locução verbal com o FAZER.

Eles parece fazerem o trabalho.

→ Nesta estrutura, o verbo PARECE forma sozinho uma oração, por isso o verbo FAZEREM é obrigado a concordar com ELES.

Os alunos pareciam estar cansados.

→ O verbo PARECIAM concorda com OS ALUNOS, formando assim com o ESTAR uma locução verbal.

Os alunos parecia estarem cansados.

→ Nesta estrutura, o verbo PARECIA forma sozinho uma oração principal, e o verbo ESTAREM, por consequência, é obrigado a concordar com OS ALUNOS.

Obs.: Na frase "Os alunos parece que estudam bastante", a forma verbal "parece"

somente poderá ocorrer no singular. Tal ocorre em função de haver duas orações: 1ª – que os alunos estudam bastante; 2ª – Parece. A primeira oração é sujeito da segunda (Isso parece), portanto o verbo "parecer" deve ficar na terceira pessoa do singular para concordar com o sujeito oracional.

17) **TÍTULOS NO PLURAL**

a) quando o título estiver precedido de artigo, o verbo concordará com ele;

Ex.: Os Estados Unidos são sempre contrários a qualquer movimento ambientalista.

O Os Lusíadas é uma das maiores obras literárias de todos os tempos.

b) não havendo artigo ou outro determinante – segundo Celso Cunha –, o verbo deverá vir no singular.

Ex.: Estados Unidos contraria o interesse do resto do mundo.

Obs.: O Professor Evanildo Bechara considera que o verbo deverá estar no plural, exceto com o verbo SER, situação que torna a flexão em número facultativa.

Ex.: Estados Unidos contrariam o interesse do restante do mundo.

Estados Unidos são (é) a maior potência bélica do planeta.

18) **VERBOS CAUSATIVOS E SENSITIVOS COM SUJEITO NO PLURAL**

a) quando o sujeito (substantivo no plural) estiver postado entre os dois verbos, sendo o primeiro causativo ou sensitivo, deverá o segundo (no infinitivo) estar no plural;

Ex.: Ele mandou os alunos fazerem os exercícios.

b) quando o sujeito (substantivo no plural) estiver postado após os dois verbos, preferencialmente o segundo deverá estar no singular, podendo, também, ocorrer no plural;

Ex.: Ele viu entrar (ou entrarem) as crianças.

"Vi sair daquelas folhas muitos perfis de seminaristas" (Machado de Assis).

"Manda sair os dois!" (José de Alencar).

c) quando o sujeito for pronome oblíquo, a concordância normalmente se faz com singular, admitindo-se o plural, forma mais rara.

Ex.: Nós deixamo-los partir (ou partirem).

19) **VERBO SER**

a) predominância da pessoa sobre a coisa;

Ex.: A vida são os homens.

A criança é as minhas esperanças.

b) predominância do pronome pessoal sobre o nome;

Ex.: O errado aqui sou eu.
Loucos somos nós.

c) predominância do pronome pessoal ou nome sobre pronomes interrogativos;
Ex.: Quem és tu?
Que são tristezas?

d) predominância do plural sobre singular ou palavra invariável;
Ex.: Tudo são flores.
A vida eram uns problemas.

Obs.: Já também são aceitas as formas deste item concordando com o outro termo. Ou seja, também poderíamos dizer:
Ex.: Tudo é flores
A vida era uns problemas.

O NCE indicou na prova de CNEN em 2002 a preferência pela forma singular na seguinte estrutura "Greves é algo..."

e) predomina o singular quando houver **é muito, é pouco, é mais de**;
Ex.: Três mil reais é mais do que preciso.
Cinco mil reais é muito pouco.

f) predomina a concordância do verbo com o numeral indicado pela **distância, hora** ou **data**;
Ex.: De Copacabana ao Centro são 10 quilômetros.
Eram duas horas.
Hoje são 28 de abril.

Obs.: Também podemos utilizar neste último exemplo a palavra dia. Neste caso, o verbo concordará com este termo.
Ex.: Hoje é dia 28 de abril.
Já há autores mais modernos que também aceitam "Hoje é 28 de abril", baseando-se no fato de a palavra dia estar implícita na frase.

g) A expressão **ERA UMA VEZ** é invariável.
Ex.: Era uma vez cinco milhões de eleitores.

20) **SUJEITOS LIGADOS PELA PREPOSIÇÃO COM** – poderá vir o verbo no singular – caso se queira realçar somente o primeiro núcleo – ou no plural, concordando com a soma.
Ex.: João com Maria foi (foram) ao teatro.

21) **SUJEITOS LIGADOS POR CONJUNÇÃO COMPARATIVA OU POR PRONOME INDEFINIDO MAIS** – este caso é bastante parecido com o

anterior. Destacando-se apenas o primeiro sujeito, o verbo deverá ocorrer no singular. Sendo a intenção realçar o sujeito composto, o verbo estará no plural.

Ex.: O professor, como o aluno, deve (devem) atentar-se sempre aos novos materiais publicados.

Ex.: "... e à noite lá estava ele rente, mais a Bertoleza, a removerem tábuas, tijolos..." (Aluísio de Azevedo).

22) **SUJEITOS LIGADOS PELA CONJUNÇÃO NEM –** poderá o verbo ocorrer no singular, destacando-se apenas um dos núcleos, ou no plural, em concordância com a soma.

Ex.: Nem o professor nem o diretor compreendeu (compreenderam) a reivindicação dos alunos.

23) **SUJEITOS RESUMIDOS POR PRONOME INDEFINIDO –** a concordância se dá com o pronome indefinido.

Ex.: A chuva, os ventos, o cansaço, a pouca visibilidade, nada o fazia desistir.

24) **SUJEITO ORACIONAL –** o verbo da oração principal ocorrerá na terceira pessoa do singular.

Ex.: Convém estudarmos bastante. / É importante que todos leiam este livro.

Obs.: Este caso já fora amplamente analisado em orações substantivas.

25) **SOAR, BATER, DAR –** concorda com o numeral indicador de hora.

Ex.: Soaram cinco horas da tarde. / Bateu meio-dia no meu relógio.

Obs.: Se a palavra "relógio" for transformada em sujeito, o verbo o acompanha.

Ex.: O relógio deu quatro horas.

26) **SILEPSE –** concordância ideológica.

Ex.: Todos (3ª pessoa do plural) estamos (1ª pessoa do plural, o emissor da mensagem está se incluindo) muito insatisfeitos com as denúncias de corrupção no governo.

O povo (3ª do singular) iremos (o autor da frase se inclui) às urnas no próximo ano.

27) **HAVER –** no sentido de EXISTIR ou de TEMPO DECORRIDO, é impessoal, portanto só poderá ocorrer na terceira pessoa do singular.

Ex.: Há muitos alunos em sala. Deve haver soluções. Ele já chegou há muitos dias.

Obs.: O verbo EXISTIR, mesmo sendo sinônimo de HAVER, é pessoal, contendo sujeito e sendo obrigado a concordar com ele.

Ex.: Existem problemas a serem resolvidos. Devem existir soluções. Hão de

existir soluções.

É importante relembrar que o termo "soluções" na frase "Deve haver soluções" funciona como objeto direto; já na frase "Devem existir soluções", funciona como sujeito.

28) **FAZER** – no sentido de TEMPO DECORRIDO ou METEOROLÓGICO, é impessoal, só podendo ocorrer na terceira pessoa do singular.

Ex.: Faz vinte anos que não o vejo. Vai fazer quatro semanas que iniciamos o trabalho. Tudo nos leva a crer que nos próximos anos fará invernos muito frios.

29) **VERBO + SE** – neste assunto, é importante o candidato relembrar a distinção entre pronome apassivador e índice de indeterminação do sujeito. Caso o pronome SE esteja relacionado a um verbo transitivo direto, fica caracterizada a voz passiva sintética, obrigando o verbo a concordar com o sujeito (antigo objeto direto da voz ativa). Caso o pronome SE esteja relacionado a um verbo que não seja transitivo direto, funciona como índice de indeterminação do sujeito, limitando o verbo a flexionar-se tão somente na terceira pessoa do singular.

Ex.: Aspira-se bom ar em São Pedro. Aspiram-se bons ares em São Pedro.

Aspira-se a bom cargo nesta empresa. Aspira-se a bons cargos nesta empresa.

27.2. Exercícios

1. (Auditor – Sefaz-RJ – FGV) ***Que você pagou pra mim.***

Assinale a alternativa em que a alteração do verso acima tenha sido feita de acordo com a norma culta. Não leve em conta possível alteração de sentido.

a) Que Vossa Excelência pagou pra mim.
b) Que vós pagaste pra mim.
c) Que Vossa Senhoria pagastes pra mim.
d) Que tu pagastes pra mim.
e) Que tu pagáreis pra mim.

2. (Pref. SP – FCC) As normas de concordância verbal estão plenamente observadas na frase:

a) Não deveriam caber aos jovens estudantes o peso das responsabilidades políticas que o autor a eles pretende atribuir.
b) É fatal que venham a decepcionar-se com os jovens todo aquele que os vê como sujeitos políticos já inteiramente constituídos.
c) O embate a que se costumam lançar os jovens estudantes são quase sempre marcados por uma natural imaturidade política.
d) Não se devem confiar a um jovem os atributos políticos que mesmo ao político mais

experiente costumam faltar.
e) Creio que nenhuma referência a autores como Nelson Rodrigues ou Maquiavel poderão trazer alento aos jovens idealistas.

3. (AFTN) Indique o único segmento que apresenta concordância verbal condizente com as normas do português padrão.
a) O funcionamento dos dois hemisférios cerebrais são necessários tanto para as atividades artísticas como para as científicas.
b) As diferentes divisões e subdivisões a que se submetem a área de ciências humanas provocam uma indesejável pulverização de domínios do conhecimento.
c) Normalmente, a aplicação de métodos quantitativos e exatos acabam por distorcer as linhas de raciocínio em ciências humanas.
d) Uma das premissas básicas do conjunto de assunções teóricas e epistemológicas do trabalho que ora vem a lume é a concepção da Arte como uma entre as muitas formas por meio das quais o conhecimento humano se expressa.
e) Não existem fórmulas precisas ou exatas para avaliar uma obra de arte, não existe um padrão de medida ou quantificação, tampouco podem haver modelos rígidos pré-estabelecidos.

4. (Def. Pública-SP – FCC) A concordância verbal e nominal está inteiramente correta na frase:
a) As mais recentes descobertas da ciência pode levar ao desenvolvimento de tratamentos que controlem a perda de memória, melhorando a capacidade cerebral.
b) Os pesquisadores descobriram que existe situações que favorece a memorização mais duradoura, possibilitando a realização das tarefas cotidianas no trabalho, por exemplo.
c) Está sendo feito estudos sobre a capacidade do cérebro humano de reter informações e processá-las, o que torna possível as lembranças do que aconteceu.
d) A visão de uma obra de arte dispara a comunicação entre neurônios, e o tamanho do impacto causado pela imagem é o que define como será guardada na memória.
e) Memória implícita é aquela que se refere aos conhecimentos, hábitos e habilidades, como andar de bicicleta, que é evocado de maneira automática.

5. (TRT-9R – FCC) As normas de concordância verbal estão plenamente acatadas na frase:
a) Não devem os leitores de hoje imaginar que cabiam aos filósofos antigos preocupar-se com questões que já não fazem sentido.
b) Leitores de hoje, não devemos imaginar que a um filósofo clássico ocorressem tão somente questões específicas de sua época histórica.
c) Nenhum de nossos desejos, de acordo com Sêneca, deveriam transpor nossos limites, fronteiras que se deve sempre determinar.
d) A cada um dos princípios do estoicismo devem corresponder, como se postulavam entre os estoicos, lúcida e consequente iniciativa nossa.
e) Àqueles que não temem refletir sobre a morte reserva-se as recompensas de uma

vida mais lúcida e mais intensa.

6. (Fiscal – ICMS – FGV) "... mostram que um terço dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição...". Assinale a alternativa em que, ao se alterar o termo "um terço", não se tenha mantido a concordância em conformidade com a norma culta. Desconsidere a possibilidade de concordância atrativa.

a) Mostram que 0,27% dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.
b) Mostram que menos de 2% dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foram tributados apenas por aquela contribuição.
c) Mostram que grande parte dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.
d) Mostram que três quartos dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foram tributados apenas por aquela contribuição.
e) Mostram que 1,6 milhão dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.

7. (Alesp – FCC) A concordância verbal e nominal está inteiramente correta em:

a) Presume-se que já tenha sido extinto muitas espécies da fauna e da flora com a destruição de enormes extensões de florestas.
b) Os desequilíbrios no ecossistema de uma floresta pode pôr em risco a sobrevivência de certas espécie de plantas.
c) Deve valer para todos os países as medidas de segurança a ser tomada em relação à preservação de florestas.
d) Para a restauração de áreas ocupadas por atividades agrícolas, é observado os tipos de uso do solo e as características do entorno para traçar o projeto de ação.
e) Projetos desenvolvidos por especialistas mostram que é possível conciliar restauração de florestas nativas com o manejo sustentável de seus recursos naturais.

8. (MPE – SE – FCC) Há uma transgressão das normas de concordância verbal na frase:

a) Não é à variação dos esquemas táticos que se deve imputar o fato de conviverem, em uma Copa do Mundo, a tristeza e a exaltação.
b) Entre paixões opostas costumam movimentar-se, nos dramáticos jogos da Copa, o sentimento dos torcedores mais fanáticos.
c) Sempre haverá nos versos de Carlos Drummond de Andrade reflexões poéticas que se enraízam nas experiências da vida.
d) Não coube aos brasileiros, na Copa de 2010, vivenciar os dramas que caracterizam as partidas a que leva o emparelhamento final.
e) A alternância entre paixões intensas e opostas, como ocorre ao longo da Copa do Mundo, não faz bem aos cardíacos.

9. (Sefaz – SP – FCC) As normas de concordância verbal encontram-se plenamente

observadas na frase:
a) Apenas se submetem às condições de baixa remuneração e falta de garantias trabalhistas quem não tem acesso às vantagens de um emprego formal.
b) Incluem-se entre as tantas vantagens que proporcionam o trabalho assalariado a pensão para os que se acidentam e o seguro para os que perdem o emprego.
c) Não deveria causar espanto a ninguém, com um crescimento econômico anual em torno de 7%, os índices de redução da informalidade, no ciclo da industrialização nacional.
d) Acredita-se serem possíveis que as atividades laborais do mercado informal possam, num certo momento, propiciar a transição para o emprego assalariado formal.
e) Caso não os afetasse a redução do desenvolvimento econômico, nos últimos anos, seriam outros os índices de ocupação de postos do trabalho formal no Brasil.

10. (AFTN) Indique a única frase que passaria a apresentar erro de concordância verbal, se tivesse o verbo sublinhado no singular:
a) "Um dos soldadinhos que me acompanhavam chorava como um desgraçado" (G. Ramos).
b) "Os sentenciados houveram do poder público a comutação da pena" (G. Góis).
c) "E quanto enfim cuidava e quanto via, eram tudo memórias de alegria" (Camões).
d) "O conselho se reuniu, e decidiram recomeçar a guerra" (B. Guimarães).
e) "Um turbilhão de sentimentos nos acodem" (L. Coelho).

11. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) Com as alterações propostas entre parênteses para o segmento grifado nas frases abaixo, o verbo que se mantém corretamente no singular é:
a) a modernização do Rio se teria feito **(as obras de modernização)**
b) Mas nunca se esquece ele de que **(esses autores)**
c) por que vem passando a mais bela das cidades do Brasil **(as mais belas cidades do Brasil)**
d) continua a haver um Rio de Janeiro do tempo dos Franceses **(tradições no Rio de Janeiro)**
e) do que a cidade parece ter de eterno **(as belezas da cidade)**

12. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do singular para preencher adequadamente a lacuna da frase:
a) Não ..... (**corresponder**) aos surpreendentes desdobramentos da descoberta do DNA análoga evolução no plano das questões éticas.
b) Mesmo a um pesquisador de ponta não ..... (**haver**) de convir as disputas éticas, pois ele ainda engatinha nessa nova descoberta.
c) De todas as projeções que se ..... (**fazer**) a partir da manipulação do DNA, a mais assustadora é a programação de tipos pessoais.
d) A um direitista não ..... (**deixar**) de assustar, quando isso não lhe convém, iniciativas econômicas que o Estado reivindica para si.

e) Não ..... (**parecer**) uma incongruência, para os esquerdistas, os excessos personalistas do líder de um movimento socialista.

13. (TRF – Esaf) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.
A história política e econômica do planeta, desde meados da década de 70, vêm registrando (1) – na contramão da proposta keynesiana – uma intensificação das pressões para a liberalização das contas de capital e para a desregulamentação financeira. E ainda pior, a utopia do Estado racional transfigurou-se (2) no pesadelo do Estado plutocrático (3), arena onde as gangues privadas se engalfinham (4) para impor (5) seus interesses.
(Luiz Gonzaga Belluzzo, com modificações.)
a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

14. (TTN) Assinale o período que apresenta erro de concordância verbal.
a) As relações dos ecologistas com uma grande empresa que desrespeitava as normas de preservação ambiental, começa a melhorar, para o benefício da humanidade.
b) Até 1995, 50% de recursos energéticos e de matéria-prima serão economizados por uma empresa que pretende investir 160 milhões de dólares no projeto.
c) Hoje não só o grupo dos ecologistas carrega a bandeira ambientalista, mas também aqueles empresários que centram seus objetivos no uso racional dos recursos naturais.
d) Os Estados Unidos são o país mais rico e poluidor do mundo, entretanto não defendem a tese do "desenvolvimento sustentável", a exemplo de muitas nações ricas.
e) É preciso ver que águas contaminadas, ar carregado de poluentes e florestas devastadas exigem o manejo correto da natureza, num país povoado de miseráveis.

15. (TTN) Marque o trecho que contém erro quanto à sintaxe de concordância.
a) O projeto de integração que vêm realizando as frágeis democracia uruguaia, argentina e brasileira é um esforço inegavelmente significativo para o cone sul.
b) Há registros de um sistema de exames competitivos elaborado por chineses, há mais de 2.000 anos antes de Cristo, para selecionar crianças superdotadas.
c) Grande número de programas têm sido direcionados, nos EUA, para áreas consideradas prioritárias pelo Estado, como matemática e ciências.
d) Ignorância, preconceito e tradição mantêm vivas uma série de ideias que dificultam a implementação de programas direcionados às crianças superdotadas.
e) São extremamente importantes, para se criar um ambiente favorável ao desenvolvimento dos superdotados, a criação de uma variedade de experiências de aprendizagem enriquecedoras e estimulantes.

16. (Analista Judiciário – TRF-2ª Região – FCC) As normas de concordância verbal estão

plenamente observadas na frase:
a) Evitem-se, sempre que possível, qualquer excesso no convívio humano: nem proximidade por demais estreita, nem distância exagerada.
b) Os vários atrativos de que dispõem a vida nas ilhas não são, segundo o cronista, exclusividade delas.
c) Cabem aos poetas imaginar espaços mágicos nos quais realizemos nossos desejos, como a Pasárgada de Manuel Bandeira.
d) Muita gente haveriam de levar para uma ilha os mesmos vícios a que se houvesse rendido nos atropelos da vida urbana.
e) A poucas pessoas conviria trocar a rotina dos *shoppings* pela serenidade absoluta de uma pequena ilha.

17. (TTN) Indique o trecho em que ocorre erro de concordância verbal, segundo o padrão culto da Língua Portuguesa.
a) O momento é grave. Cabe aos políticos a obrigação de manter a serenidade e o equilíbrio nos debates; que certamente passarão para o plenário da Câmara e do Senado. (*Jornal de Brasília*, 27/8/1992.)
b) A outra das terras por elas exploradas, pela mesma época, os portugueses deram o nome de Brasil, porque havia ali muito do pau conhecido por esse nome. Foi sorte. Havia também muitos macacos, nessa mesma terra, e muitos papagaios. (*Veja*, nº 134, 6/7/1994.)
c) Os cheques pré-datados, que permite aos lojistas financiar seus clientes nas compras a prazo, em alguns casos representam até a metade dos cheques recebidos pelo comércio. (*O Globo*, 15/1/1994.)
d) Os desarranjos na economia se expressam na ordem social por desequilíbrios calamitosos. São o desemprego generalizado, as pressões inflacionárias, a queda do produto, a depressão das massas e, síntese dialética, a violência (*Correio Brasiliense*, 8/7/1994.)
e) Mas, se, para além das palavras, se considerarem os atos do Executivo e as atuais negociações, parece que as pressões já começam a ter efeito. Há dez dias o país foi surpreendido com a nova versão do Orçamento que prevê uma elevação de mais de U$ 10 bilhões nos gastos do governo e igual aumento na estimativa das receitas. (*Folha de São Paulo*, 13/5/1994.)

18. (AFTN) Está correta a concordância verbal na sentença:
a) As discussões que se trata sobre a questão do endividamento externo serão o tema central do encontro.
b) Durante o seminário, apresentou-se três propostas diferentes de revisão da lei salarial.
c) Incluir-se no parecer do relator as alterações aceitas de comum acordo para todos os partidos.
d) Seria ingênuo pensar que as restrições palacianas ao projeto decorre apenas de idiossincrasias pessoais.

e) Positivamente falta clareza e seriedade na condução dos negócios públicos.

19. (AFRF – Esaf) Assinale a opção que apresenta erro de concordância verbal.
a) A Internet não é um acontecimento sem paralelo na História da humanidade.
b) Ela tem muito em comum com o telégrafo, inventado na década de 1830, que acarretou também uma redução brutal nos custos de comunicação e aumentou o fluxo de informações na economia.
c) Mas em hipótese alguma a Internet virou totalmente de cabeça para baixo os pressupostos econômicos tradicionais.
d) O valor da tecnologia da informação e da Internet residem em sua capacidade de armazenar, analisar e transmitir informações instantaneamente, seja para onde for, a um custo ínfimo.
e) A tecnologia da informação e a Internet amplificam o poder da mente da mesma forma que as tecnologias da Revolução Industrial amplificaram o poder dos músculos.

20. (Técnico Ambiental – Petrobras – Cesgranrio) A concordância está de acordo com a norma-padrão em:
a) Vai acontecer muitas inovações no século XXI.
b) Existe cientistas que investigam produtos para 2050.
c) A maioria dos brasileiros acredita que o mundo vai melhorar.
d) O passeio aos planetas e às estações espaciais vão ser normais no futuro.
e) Daqui a alguns anos, provavelmente haverão lojas com robôs vendedores.

21. (Técnico Judiciário – TRE-PA – FGV) ***Desse valor, R$ 265 milhões são oriundos do Orçamento da União*****...**
Assinale a alternativa em que se tenha mantido correção gramatical ao se alterar o trecho acima.
a) Desse valor, R$ 1,9 milhões são oriundos do Orçamento da União...
b) Desse valor, R$ 0,25 milhões são oriundos do Orçamento da União...
c) Desse valor, R$ 1,3 milhões é oriundo do Orçamento da União...
d) Desse valor, R$ 0,98 milhão são oriundos do Orçamento da União...
e) Desse valor, R$ 1,25 milhão é oriundo do Orçamento da União...

22. (Técnico Judiciário – TRE-RN – FCC) Com a substituição dos segmentos grifados pela expressão entre parênteses ao final da transcrição, o verbo que deverá ser colocado no plural está em:
a) *... em breve, o local vai abrigar um complexo voltado principalmente para o turismo religioso. (a região do Agreste/Trairi).*
b) *A ocupação portuguesa só se efetivou no final do século, com a fundação do Forte dos Reis Magos e da Vila de Natal. (A ocupação pelos portugueses).*
c) *A região é grande produtora de sal, petróleo e frutas... (A região de dunas, falésias e praias desertas).*
d) *O turismo de aventura encontra seu espaço no Polo Serrano ... (O turismo voltado para*

atividades de aventura).
e) *... e começou a ganhar importância* <u>*a extração do sal*</u> *... (os recursos obtidos com a extração do sal).*

23. (Analista de Gestão em Saúde – Fiocruz – FGV) "A maioria dessas pesquisas aponta para um aumento..."; no caso desse segmento do texto, há uma dupla possibilidade de concordância, como no seguinte trecho:
a) As pesquisas sobre o tema privilegiaram a estética.
b) Um milhão de pesquisas já mostrou essa verdade.
c) Bandos de pesquisadores trabalhavam sobre o tema.
d) Os telefones celulares são um problema para a segurança.
e) Milhares de telefones celulares são empregados no Brasil.

24. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) Quanto às normas de concordância verbal, está plenamente correta a frase:
a) Há desculpas que a ninguém compete pedir, mas Godofredo Rangel parecia pedi-las, quando se lhe reconheciam qualidades de escritor.
b) O isolamento em que vivem os artistas nas pequenas cidades do interior acabam por torná-los uns melancólicos.
c) Por que não se reconhece os atributos de um bom tradutor, que bem poderia lhe propiciar o mesmo prestígio devido a um ficcionista?
d) Os sociólogos costumam condenar os estereótipos, mas Drummond vale-se deles para admitirem os laços singulares de sua amizade.
e) Não faltam aos mineiros de grande sensibilidade, afirma Drummond, ainda quando distantes, o calor dos grandes afetos.

25. (Técnico judiciário – TJ-RJ – FCC) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do plural para preencher de modo adequado a lacuna desta frase:
a) Será que um dia se ..... (**atingir**) a cifra de inimagináveis vinte bilhões de habitantes?
b) Infelizmente não ..... (**caber**) aos homens, desde a sua criação, escolher a solidariedade como seu atributo natural.
c) Não é difícil imaginar o que nos ..... (**reservar**) o adensamento das aglomerações urbanas.
d) Aos jornais se ..... (**impor**) reduzir as páginas, o mesmo ocorrendo com o palavreado de seus articulistas.
e) Até mesmo a regime de emagrecimento ..... (**dever**) submeter-se os homens do futuro.

26. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – FCC) Com as alterações propostas entre parênteses para o segmento grifado nas frases abaixo, o verbo que poderá permanecer corretamente empregado no singular está em:
a) <u>*1 milhão*</u> *entrou no país pelo Valongo* **(1 milhão de escravos).**

b) *Quando foi proibida a importação de escravos* **(as atividades escravocratas).**
c) *O Império construiu o Cais da Imperatriz* **(os representantes do Império).**
d) *O maior porto de chegada de escravos desapareceu* **(Os portos).**
e) *O Valongo deixou de ser porto negreiro em 1831* **(As adjacências do Valongo).**

27. (Analista Judiciário – TRE-SP – FCC) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do plural para preencher de modo adequado a lacuna da seguinte frase:
a) As acusações que ..... (**promover**) quem defende o "assembleísmo" baseiam-se na decantada "soberania" das assembleias.
b) Não ..... (**convir**) aos radicais da meritocracia admitir que pode haver boas resoluções obtidas pelo critério do voto.
c) Por que ..... (**haver**) de caber a um simples passageiro as responsabilidades do comando de uma aeronave?
d) O que aos bons políticos não ..... (**poder**) faltar, sobretudo nos momentos de decisão, é o espírito público.
e) Não ..... (**caber**) às associações de classe, em assembleias, avaliar o mérito técnico, julgar a qualificação profissional de alguém.

28. (Analista Judiciário – TRT-1ª Região – FCC) O verbo que pode ser empregado corretamente também no singular, sem outra alteração na frase, está grifado em:
a) *... por aquelas pedras passaram pelo menos 600 mil escravos trazidos d'África.*
b) *Metade deles tinham entre 10 e 19 anos.*
c) *Em 1817, contaram-se 50 salas...*
d) *Os milhares de africanos que morreram por conta da viagem [...] foram jogados numa área...*
e) *... os dois pesados volumes da obra estão criteriosamente ilustrados.*

29. (AFC – Esaf) Assinale a opção sem erro de concordância.
a) O peso do reajuste de 10% da tabela de Imposto de Renda das pessoas físicas nas contas públicas – inserido em medida provisória que tem provocado tantas dissensões no Congresso – poderia ser amortecido com folga se não tivesse sido criado, há dez anos, dois mecanismos para aliviar o bolso de grandes empresas.
b) No campo dos benefícios dos transgênicos está a maior produtividade e o menor uso de defensivos agrícolas. Por outro lado, passível de discussão e pendente de provas científicas estão os malefícios ao meio ambiente e à saúde do homem.
c) Estudo comprovou que fatores hormonais podem aumentar a susceptibilidade de meninas à infestação por piolhos. A incidência discriminada por grau de intensidade de infestação e idade mostram que, entre os seis e oito anos, a parasitose alcança o nível máximo.
d) Em áreas de integração econômica que já alcançaram a fase de mercado comum (definida na União Europeia como fusão de mercados nacionais), o processo de eliminação de barreiras alfandegárias impede o uso de instrumentos fiscais que possam

dificultar a livre circulação de mercadorias, ou seja, exclui-se o uso do tributo com fins de controle fiscal.
e) Os intercâmbios econômicos entre os Estados, no cenário mundial, quando não inseridos em blocos de integração (como, por exemplo, as trocas comerciais entre Brasil e Espanha), também se veem afetados por novas perspectivas da fiscalidade e pela exigência de se excluir esses controles.

30. (Bacen – Esaf) Assinale a opção em que o trecho foi transcrito com erro de concordância verbal.
a) Antes da criação do Banco Central, as autoridades monetárias brasileiras eram a Superintendência da Moeda e do Crédito – Sumoc, o Banco do Brasil – BB e o Tesouro Nacional que, em conjunto, exerciam funções típicas de um banco central, paralelamente ao desempenho de suas atribuições próprias.
b) A Sumoc, criada com a finalidade de exercer o controle monetário e preparar a organização de um banco central, fixava os percentuais de reservas obrigatórias dos bancos, as taxas do redesconto e da assistência financeira de liquidez, bem como os juros sobre depósitos bancários.
c) Além de receberem os depósitos compulsórios e voluntários dos bancos comerciais, o Banco do Brasil, por sua vez, desempenhava as funções de controlador das operações de comércio exterior, executor de operações cambiais em nome de empresas públicas e do Tesouro Nacional, executor das normas estabelecidas pela Sumoc e pelo Banco de Crédito Agrícola, Comercial e Industrial.
d) O Tesouro Nacional era o órgão emissor de papel-moeda, cujo processamento, por ser complexo, acabava envolvendo diversos órgãos do governo. No ato da criação do Banco Central, no entanto, não ocorreu o seu completo aprimoramento institucional.
e) Embora o Tesouro Nacional fosse o banco emissor, realizava as emissões em função das necessidades do Banco do Brasil e não detinha com exclusividade os depósitos das instituições financeiras, que recolhiam suas reservas voluntárias ao Banco do Brasil, além de diversas outras disfunções.
(Trechos adaptados de http://www.bcb.gov.br – Histórico.)

31. (TRF – 1ª Região – FCC) As normas de concordância verbal estão inteiramente respeitadas somente na frase:
a) Quando se fatigam os corpos, as almas restam mais sossegadas e limpas.
b) O que aflige o autor é os compromissos e os ofícios vãos, com os quais se envolvem permanentemente.
c) Não dura senão um rápido instante os vislumbres de uma vida mais simples.
d) Todas as coisas que se sonha nascem de carências reais.
e) Se houvessem mais coisas simples em nossa vida, não sonharíamos tanto com elas.

32. (TRF – 1ª Região – FCC) Para preencher de modo correto a lacuna da frase, o verbo indicado entre parênteses deverá adotar uma forma do plural em:
a) As normas que num código legal se (estipular) devem acompanhar a prática das ações

sociais.
b) As recentes alterações que (haver) no Código Civil brasileiro são elogiáveis em muitos aspectos.
c) Não nos (dizer) respeito definir o que é ou não é legítimo, se não distinguimos entre o que é e o que não é um fato social.
d) Se dos postulados dos códigos (nascer) todo direito, a justiça humana seria uma simples convenção.
e) Ao longo das lutas feministas tanta coisa se (conquistar) que muitos dispositivos legais se tornaram imediatamente obsoletos.

33. (TTN) Indique o texto que contém <u>defeito</u> na estrutura sintática.
a) O culto dos deuses africanos no Brasil abrangem diferentes ritos, aos quais se convencionara denominar "nações".
b) As culturas negras que mais contribuíram para a consolidação das religiões africanas no Brasil vieram de diferentes regiões, cada uma com deuses, rituais e línguas próprias.
c) As nações, são portanto, organizações originárias de diferentes etnias, troncos linguísticos e regiões africanas, que se constituíram no Brasil através de agrupamentos de escravos de diversas origens, em processos de sincretismo às vezes originados na África.
d) Hoje, em São Paulo, podem ser encontradas casas de três vertentes básicas. As matrizes culturais predominantes são banto, iorubá e fon. Há também variações angolas do tipo congo.
e) Num terreiro pode ser encontrado mais de um rito, além da umbanda e do candomblé, este em geral incorporado como rito paralelo.
(Reginaldo Prandi e Vagner Gonçalves, com adaptações.)

34. (TRF – 5ª Região – FCC) Para preencher corretamente a lacuna, o verbo indicado entre parênteses deverá ser flexionado numa forma do plural na seguinte frase:
a) A menos que se (perder) no tempo, essas imagens "higienizadas" testemunharão para sempre a insensibilidade de nossa época.
b) Uma das marcas dessas transmissões jornalísticas (estar) nas semelhanças que guardam com as imagens de um jogo eletrônico.
c) Mesmo que não (criar) outros efeitos, esse tipo de transmissão já seria nocivo por implicar a banalização da violência.
d) Se tudo o que as câmeras captassem (chegar) até nós, sem uma edição maliciosa, nossas reações seriam bem outras.
e) As pessoas a quem se (dirigir) esse tipo de telejornalismo são vistas mais como consumidores de entretenimento do que como cidadãos.

35. (Analista Judiciário – TRT-14ª Região – FCC) Estão plenamente observadas as normas de concordância verbal na frase:
a) Destinam-se aos homens-placa um lugar visível nas ruas e nas praças, ao passo que lhes é suprimida a visibilidade social.

b) As duas tábuas em que se comprimem o famigerado homem-placa carregam ditos que soam irônicos, como "compro ouro".
c) Não se compara aos vexames dos homens-placa a exposição pública a que se submetem os guardadores de carros.
d) Ao se revogarem o emprego de carros-placa na propaganda imobiliária, poupou-se a todos uma demonstração de mau gosto.
e) Não sensibilizavam aos possíveis interessados em apartamentos de luxo a visão grotesca daqueles velhos carros-placa.

36. (Sefaz-SP – FCC) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do plural para preencher corretamente a lacuna da frase:
a) Sempre ..... (**poder**) caber a quem tenha escrito um belo poema os aplausos de um leitor que se disporá a parodiá-lo.
b) Não ..... (**costumar**) haver, nas viagens de trem, passageiros vociferando por causa de um contratempo.
c) O ritmo dos trens, que ao dos negócios e ao dos amores ..... (**chegar**) a se associar, era uma medida do tempo e da vida.
d) Eram inesquecíveis os momentos que uma parada do trem, nos confins do mundo, nos ..... (**permitir**) desfrutar.
e) A nenhum dos passageiros ..... (**perturbar**), de fato, a vagarosidade daqueles trens cheios de poesia.

37. (TRT – 24ª Região – FCC) Na reconstrução de uma frase do texto, desrespeitou-se a concordância verbal em:
a) Às economias nacionais não se permite, modernamente, que se desenvolvam de modo autônomo e competente.
b) Ainda não se encontraram, para essas duas tendências contraditórias, quaisquer possibilidades de harmonização.
c) Quando não se está ligado ao progresso da vida moderna, como ocorre com boa parte dos brasileiros, paga-se com as consequências do atraso.
d) Devem-se às oscilações dos líderes da economia mundial boa parcela do desequilíbrio da nossa própria economia.
e) Devido à dificuldade de se ajustarem ao ritmo variável da economia mundial, há medidas que, mesmo necessárias, deixamos de tomar.

38. (TRT – 24ª Região – FCC) Para se atender às normas de concordância, é preciso <u>corrigir</u> a forma verbal sublinhada na frase:
a) Não nos <u>parece</u> que sejam irrelevantes quaisquer medidas que visem à preservação de línguas utilizadas pelas minorias.
b) Que não se <u>meça</u> esforços para se preservar ou resgatar um fato cultural que ajude a compreender o nosso passado histórico.
c) <u>Tem havido</u> muitas pressões para garantir os direitos das minorias, tais como a utilização e a veiculação de línguas que resistem ao desaparecimento.

d) As populações a quem interessa preservar seus direitos históricos devem unir-se e mobilizar-se contra medidas autoritárias.
e) Caso politicamente não convenha às autoridades do Ministério das Comunicações proibir o programa "Nheengatu", este será mantido em sua forma original.

39. (Analista Judiciário – TST – FCC) As normas de concordância verbal estão plenamente acatadas em:
a) Aos ateus não se devem dispensar o mesmo tratamento de que foram vítimas os primeiros adeptos do cristianismo.
b) Nunca faltaram aos homens de todas as épocas o recurso das crenças no sobrenatural e a empolgação pelas artes da magia.
c) Não se deixam levar pelas crenças transcendentes quem só costuma atender as exigências do pensamento racional.
d) Poupem-se da ira dos fanáticos de sempre aquele tipo de pesquisador que se baseia tão somente nos fenômenos que se podem avaliar.
e) Nunca se abrandaram nos homens e mulheres que não se valem da fé religiosa a reação hostil dos que se proclamam filhos de Deus.

40. (TRF – 1ª Região – FCC) O verbo indicado entre parênteses adotará obrigatoriamente uma forma do plural para preencher de modo correto a lacuna da frase:
a) Foi nos anos 80 que (ocorrer) a pesquisa dos estudiosos americanos.
b) (resultar) do excesso de exercícios algumas complicações para a nossa vida.
c) Mesmo quando (prejudicar-se) com os excessos, o atleta compulsivo os comete.
d) (acarretar) uma série de malefícios essa ginástica feita de modo compulsivo.
e) Quando (praticar) tantos exercícios, o atleta compulsivo não avalia os efeitos.

41. (TRT – 20ª Região – FCC) A concordância está feita corretamente em:
a) Os poucos anos de escolaridade do trabalhador são insuficientes para um bom uso das inovações tecnológicas.
b) O número de postos de trabalho geralmente aumentam quando as empresas elevam a produtividade.
c) Os trabalhadores que perdem o emprego pode ser admitido em novos postos, dependendo do nível de escolaridade.
d) Existe vários efeitos que é resultante da aplicação da tecnologia, capazes de gerar novos empregos.
e) A recuperação de novos postos de trabalho nas empresas são possíveis para candidatos com formação adequada a eles.

42. (TRT – 21ª Região – FCC) As formas verbais sublinhadas respeitam as normas de concordância na frase:
a) Não caberiam aos caboclos ter consciência de todas as coisas que o progresso lhes trariam.
b) Entre os diversos fatores que determinam o estresse, um dos mais importantes está

nos hábitos alimentares.
c) Toda a comunidade de Aracampinas acabaram por se envolver em tanta melhoria que passaram a ficar ao seu alcance.
d) Tão logo surgiu, as primeiras manifestações de estresse deixou bem claro que se deviam às novidades do cotidiano.
e) Fogão a gás, televisão, luz elétrica, tudo fascinavam os caboclos, a quem ninguém advertiram da outra face da moeda.

43. (TRT – 21ª Região – FCC) O verbo indicado entre parêntenses deverá se flexionar numa forma do plural para completar corretamente a lacuna da frase.
a) Por mais que se (haver) beneficiado com o progresso, os caboclos não deixaram de sofrer algumas de suas desvantagens.
b) Em todas as vezes que se (falar) dos benefícios do progresso, costuma-se omitir o quanto ele pode ser prejudicial.
c) Até mesmo às fraldas descartáveis (ter) acesso, agora, a mulher que vive em Aracampinas.
d) Entre as novidades com que se (entusiasmar) o morador de Aracampinas estão a televisão e o telefone.
e) Pouca gente (poder) censurar a atração que têm os moradores pelas novidades que chegaram a Aracampinas.

44. (TRT – 24ª Região – FCC) As normas de concordância estão inteiramente respeitadas na frase:
a) Muitos julgam imprescindíveis que se consulte os especialistas para que se avalie com precisão os livros de uma velha biblioteca.
b) Qualquer um dos que entram desprevenidos numa velha biblioteca podem se defrontar com surpresas de que jamais se esquecerá.
c) Mesmo que hajam passado cem anos, as fotos revelam instantâneos de um presente perdido, no qual não se contava com os efeitos do tempo.
d) Nada do que se lê nos grandes livros, mesmo quando extinta a época em que foram escritos, parecem envelhecidos para quem os compreende.
e) Lá estão, como se fosse hoje, a imagem das jovens e sorridentes senhorinhas daqueles tempos, inteiramente alheias ao passar do tempo.

45. (TRT – 24ª Região – FCC) O verbo indicado entre parênteses adotará, obrigatoriamente, uma forma no plural, ao se flexionar na seguinte frase:
a) À grande maioria dos livros de uma biblioteca (caber) um destino dos mais melancólicos.
b) É comum que livros antigos, na perspectiva de um herdeiro pouco afeito às letras, (representar) mais um incômodo do que uma dádiva.
c) (costumar) haver muitas surpresas para quem se propõe a vasculhar uma antiga biblioteca.
d) Pouca gente, tendo o compromisso de avaliar uma biblioteca, (saber) separar com

rigor os livros valiosos dos que não o são.
e) (ocorrer) a muitos imaginar que uma velha biblioteca valerá mais pela quantidade do que pela qualidade dos livros.

46. (TRT – 24ª Região – FCC) O verbo indicado entre parênteses deverá ser flexionado numa forma do singular para preencher corretamente a lacuna da seguinte frase:
I. Ninguém, entre nós, (habilitar-se) a tempo de se inscrever no próximo concurso.
II. A quitação de todas as prestações restantes só se (dar) se ganharmos a causa.
III. Por mais que nos (ameaçar) de recorrer à justiça, nossos fiadores sabem que não nos é possível quitar essa dívida.
Atende ao enunciado da questão somente o que está em:
a) I e II;
b) I e III;
c) II e III;
d) II;
e) III.

47. (AFC – Esaf) Assinale a norma gramatical que justifica, com correção e propriedade, a flexão plural do verbo ser no período abaixo:
"Já é mais do que conhecido que o principal problema do sistema tributário nacional são justamente as contribuições, e não os impostos propriamente ditos".
(Revista CNT, "Lixo tributário".)
a) "Com os verbos ser e parecer a concordância se faz de preferência com o predicativo, se este é plural" (Luiz Antonio Sacconi).
b) "Nas frases em que ocorre a locução invariável é que, o verbo concorda com o substantivo ou pronome que a precede, pois são eles efetivamente o seu sujeito" (Celso Cunha & Lindley Cintra).
c) "Se tanto o sujeito como o predicativo forem personativos e nenhum dos dois for pronome pessoal, a concordância será facultativa (pode-se concordar com o sujeito ou o predicativo)" (Dileta S. Martins & Lúbia S. Zilberknop).
d) "Expressões de sentido quantitativo (...) acompanhadas de complemento no plural admitem concordância verbal no singular ou no plural" (*Manual de Redação da Presidência da República*).
e) "Se o sujeito composto tem os seus núcleos ligados por série aditiva enfática (...), o verbo concorda com o mais próximo ou vai ao plural (o que é mais comum quando o verbo vem antes do sujeito)" (Evanildo Bechara).

48. (TRT – 7ª Região – Esaf) Para cada verbo sublinhado no texto, fez-se corresponder uma regra gramatical (com letra idêntica). Indique a regra que não explica nem se aplica à concordância verbal empregada.
Pelo menos 90% dos brasileiros <u>são</u>(a) pobres. O que não quer dizer que os 10% restantes <u>sejam</u>(b) ricos. No século vinte, o Brasil foi um entre os cinco países que mais <u>cresceram</u>(c) no mundo. Junto com nossas mazelas, <u>cresceram</u>(d) também o número de

brasileiros e a expectativa de vida. Somos, na América Latina, um dos dois países que menos acreditam(e) na democracia. (Octaciano Nogueira, "A tentação de sonhar", *Folha de S. Paulo*, 23/11/2003, p. 21.)

a) Quando o predicado é constituído de verbo de ligação, o verbo e o predicativo deixam-se influenciar pelo número e pelo gênero do partitivo (Napoleão Mendes de Almeida).

b) Se o número percentual vem determinado por artigo ou por pronome adjetivo, faz-se com eles a concordância (Luiz Antonio Sacconi).

c) A expressão mais de um pede o verbo no singular, a não ser que esteja repetida ou haja ideia de reciprocidade (Hileta Martins & Lubia Zilberknop).

d) Se o sujeito for composto, o verbo irá, normalmente, para o plural, qualquer que seja a sua posição em relação ao sujeito (Evanildo Bechara).

e) Quando o relativo que vem antecedido das expressões um dos, uma das (+ substantivo), o verbo de que ele é sujeito vai para a 3a pessoa do plural (Celso Cunha & Lindley Cintra).

49. (AFRF – Esaf) Assinale a opção em que o trecho do texto foi transcrito com erro de concordância.

a) A Superintendência da Receita Federal em Minas Gerais montou equipe de auditores para fiscalizar os integrantes da "máfia" de adulteração de combustíveis. Foram concluídas nos dois últimos meses as primeiras sete ações fiscais, com lançamentos de crédito tributário no valor aproximado de 2 milhões de reais. Outras duas ações fiscais estarão sendo encerradas em breve e vão gerar créditos tributários da ordem de 6 milhões de reais.

b) As fiscalizações já concluídas se referem a empresas, abrangendo também os seus respectivos sócios, sobre os quais pesa a acusação da prática de adulteração de combustíveis, fato este que envolveu até mesmo o assassinato do Promotor que investigava o caso.

c) No decorrer dos trabalhos já encerrados, foram constatados fortes indícios da prática de crime contra a ordem tributária, e, ainda, fraude, sonegação e conluio, tendo em vista a utilização de "laranjas" na constituição das empresas, além da prática do uso de "notas calçadas" e de "livros paralelos".

d) De acordo com as investigações realizadas, a sistemática utilizada para a distribuição irregular dos solventes adquiridos pelas empresas, assim como de combustíveis já adulterados, envolvem a emissão de notas fiscais calçadas e paralelas, além da utilização de empresas "fantasmas" ou inabilitadas, como destinatárias fictícias das mercadorias nas notas fiscais.

e) O trabalho continua e se estende por todo o Estado. Já estão em andamento dezoito outras ações fiscais em pessoas físicas e jurídicas, podendo, após o término do trabalho de pesquisa da equipe, outras ações serem incluídas. Estes programas fazem parte de um esforço coordenado da Receita Federal com outros órgãos, no combate às atividades ilícitas.

(Adaptado de www.receita.fazenda.gov.br, 9/9/2003.)

50. (IRB – Esaf) Assinale o período inteiramente correto quanto às regras gramaticais de concordância.

a) Tornar as regras entre os países que aderirem à Alca – Área de Livre Comércio das Américas – mais eficiente, para permitir, entre outros pontos, que as empresas de seguro consigam, mais facilmente, autorização para operarem nos países que fizerem parte do acordo.

b) Essa é uma das metas do grupo que se reuniu no início desse mês em Miami, nos Estados Unidos, para discutirem a importância de os Governos envolvidos nesse processo iniciarem, o mais breve possível, as negociações visando harmonizar seus sistemas de seguro.

c) Constava também, na pauta de discussão, questões relacionadas com as dificuldades enfrentadas pelo mercado segurador, como a falta de um ambiente regulatório em que predominem a clareza e a estabilidade, o acesso aos mercados e a transparência das negociações.

d) Formado por executivos de várias associações, o grupo determinou ainda que se deve enfatizar as operações de resseguro, mas sempre de acordo com os padrões internacionais de regulamentação da atividade.

e) Os executivos acreditam que o sucesso das negociações, que devem continuar ao longo desse ano, poderão aumentar significativamente as opções de novos produtos disponíveis nos mercados que fizerem parte da Alca, o que, consequentemente, contribuirá para fortalecer o mercado segurador nesses países.

(Baseado em "Brasil e Estados Unidos discutem seguro na Alca", Fenaseg *On-line*.)

27.3. Concordância nominal

O conceito básico é que o adjetivo (ou qualquer outro termo com valor adjetivo) concorde com o termo determinado.

1) **DOIS OU MAIS SUBSTANTIVOS E UM ADJETIVO**

a) **SUBSTANTIVOS ANTEPOSTOS AO ADJETIVO –** poderá haver dois tipos de concordância. A concordância poderá ser por proximidade ou por soma. Na concordância por soma, se um dos substantivos for masculino, este gênero prevalecerá.

Ex.: Aluno e aluna bonita (concordância por proximidade).
Aluno e aluna bonitos (concordância por soma).
Aluna e aluno bonito (concordância por proximidade).
Aluna e aluno bonitos (concordância por soma).

Obs.: Na soma, o termo masculino sempre prevalecerá. Para que haja a forma feminina e plural, na adição dos núcleos, é necessário que todos os elementos, sem exceção, sejam femininos.

b) **SUBSTANTIVOS POSPOSTOS AO ADJETIVO –** há duas visões deveras

divergentes.

1 – O Professor Evanildo Bechara assevera que tanto o adjetivo poderá concordar com o mais próximo dos substantivos como poderá concordar com a ideia somada

Ex.: Lerei interessante (interessantes) jornal e livro.

2 – O Professor Celso Cunha indica que, se o adjetivo possuir função predicativa, poderá ocorrer no singular ou no plural em coerência com a concordância verbal.

Ex.: É simpática a aluna e o aluno. / São simpáticos a aluna e o aluno.

→ Observe que, no primeiro exemplo, "simpática" está no singular concordando com o mais próximo dos núcleos (aluna), tal qual o verbo SER; já, no segundo exemplo, "simpáticos" está no plural, pois concorda com a soma dos núcleos, como também acontece com o verbo SER.

Ex.: Considerei interessante (interessantes) o livro e o jornal.

→ Como interessante(s) funciona nesta frase como predicativo do objeto, tanto poderá ocorrer no singular, concordando com "o livro" ou no plural, com "o livro e o jornal". É interessante, neste momento, você rever a diferença entre predicativo do objeto e adjunto adnominal.

Celso Cunha, ao citar o adjunto adnominal antecedendo dois ou mais substantivos, assegura que a concordância dele se fará apenas com o mais próximo dos núcleos.

Ex.: Lerei interessante livro e jornal.

→ É justamente neste ponto a divergência entre os dois autores. Enquanto Bechara admite a dupla possibilidade de concordância – "interessante" ou "interessantes", independentemente da função sintática do adjetivo –, Celso Cunha aceita somente a concordância atrativa quando o adjunto adnominal – "interessante" – preceder dois ou mais substantivos. Apesar de, particularmente, eu considerar a visão de Evanildo Bechara mais prática e objetiva, não posso omitir que o NCE segue gritantemente a visão de Celso Cunha.

Além disso, o Professor Celso Cunha cita exceções para a regra de adjetivo (adjunto adnominal) precedendo substantivos: sendo os substantivos nomes próprios ou indicadores de parentesco, o adjetivo deverá estar flexionado no plural.

Ex.: Vi, na semana passada, os simpáticos mãe e pai do Aníbal. / Os insuperáveis Carlos e João estarão presentes em nossa festa.

2) **VERBO SER**

Quando o sujeito do verbo "ser" possuir um adjunto adnominal, o

predicativo do sujeito terá o mesmo gênero desse adjunto adnominal. Quando o verbo "ser" não possuir nenhum determinante, o predicativo ficará no masculino (neutro).

Ex.: Cerveja é bom.
A cerveja é boa.
Entrada é proibido.
A entrada é proibida.

3) **ALERTA –** é advérbio e, consequentemente, invariável.

Ex.: Devemos estar sempre alerta.
Os bombeiros ficarão alerta.

4) **QUITE –** é adjetivo, portanto variável.

Ex.: Estou quite.
Estamos quites.

5) **BASTANTE –** quando advérbio, é invariável; quando pronome indefinido, variável.

Ex.: Ele está bastante cansado. Eles estão bastante cansados.
Bastante dia neste ano fez frio. Bastantes dias neste ano fez frio.

BIZU

BASTANTE funciona exatamente como MUITO. Se MUITO puder ser flexionado, BASTANTE também poderá sê-lo.

6) **MEIO –** quando numeral, é variável; quando advérbio, é invariável.

Ex.: Comi meia batata e meio tomate.
Meio-dia; meios-dias; meia-noite; meias-noites.
Ela está meio cansada. Elas estão meio cansadas.
"Agora era um moço de meia-idade" (Fernando Sabino).

7) **HAJA(M) VISTA –** o termo serve para exemplificação. Caso o exemplificado esteja no singular, o verbo somente poderá estar no singular; caso o elemento exemplificado esteja no plural, o verbo tanto poderá vir no singular como no plural.

Ex.: Os últimos fatos foram alegres, haja vista o nascimento de João.
A literatura brasileira é muito rica, haja(m) vista os maravilhosos livros de Machado de Assis.

8) **SÓ –** quando significar sozinho, será variável e, quando significar somente, será invariável.

Ex.: Ele fez o trabalho só. Eles fizeram o trabalho sós. SÓ – SOZINHO

Só ele fez o trabalho. Só eles fizeram o trabalho. SÓ – SOMENTE

"Estávamos a um canto mal iluminado do pátio, quase sós" (Raul Pompéia).

"Só os relógios do céu terão marcado esse tempo" (Machado de Assis).

Obs.: A locução adjetiva "a sós" é invariável.

Ex.: "Ficando a sós com um de cada vez..." (Aluísio de Azevedo).

9) **MUITO OBRIGADA –** As mulheres devem dizer.

MUITO OBRIGADO – Os homens devem dizer.

Ex.: Disse a moça muito obrigada. Ele disse à moça muito obrigado.

10) **ANEXO, INCLUSO, APENSO** são variáveis.

Ex.: A lista de preços inclusa foi aprovada pela diretoria.

As fotografias estavam anexas à carta.

A petição segue apensa ao processo.

11) **EM ANEXO, EM INCLUSO, EM APENSO –** são invariáveis.

Ex.: A lista de preços em incluso foi aprovada pela diretoria.

As fotografias estavam em anexo à carta.

A petição segue em apenso ao processo.

12) **SALVO –** quando significar exceto, será invariável. Quando for o particípio verbal, será variável.

Ex.: Salvo Maria, todos acreditavam em você. Salvo Maria e João, todos acreditavam em você.

Salva Maria, passei a me preocupar com os outros doentes. Salvas Maria e Joana, passei a me preocupar com os outros doentes.

13) **LESO –** é adjetivo, por isso, variável.

Ex.: Foi um crime de lesa-pátria. Foi um crime de leso-patriotismo.

14) **PSEUDO –** é prefixo, por isso, é invariável.

Ex.: Pseudopatriotas. Pseudorrepresentações.

15) **MESMO –** Quando significar "próprio" é variável. Porém quando significar até mesmo é invariável.

Ex.: Ela mesma (própria) fez o almoço. / Mesmo (até mesmo) ela fez o almoço.

16) **POSSÍVEL**

a) nas estruturas com **o mais, o menos, o melhor, o pior, quanto,** o adjetivo possível estará no singular;

Ex.: Fiz todos os esforços quanto possível. / São alunos o mais estudiosos possível.

b) já nas estruturas com **os mais, os menos, os melhores, os piores**, possível virá no plural.
Ex.: São alunos os mais possíveis estudiosos.

17) **TODO**

a) quando for pronome indefinido é variável;
Ex.: Toda pessoa deve investir em ações.

b) quando for advérbio é invariável.
Ex.: Ela está todo preocupada.

Obs.: A população vem adotando a variação, com o respaldo de vários autores, para o advérbio TODO há longa data "Ela está toda preocupada." No adjetivo composto "todo-poderosa", TODO não se pode flexionar.

18) **DADO, VISTO –** Formas adjetivadas variáveis.
Ex.: Dadas as dificuldades, não viajaremos amanhã.

19) **CONCORDÂNCIA COM NUMERAIS**

a) os cardinais aparecendo como ordinais, não há flexão;
Ex.: A camisa dez de Pelé é histórica. / Foi arrancada a página dois do livro

b) na linguagem jurídica é utilizada a seguinte expressão:
Ex.: O documento está a folhas trinta e um do processo.

20) **SILEPSE –** concordância ideológica.
Ex.: V. Exª. é deveras simpático (o adjetivo está na forma masculina, pois o ser a que se refere é homem).

21) **MONSTRO –** funcionando como adjetivo é invariável.
Ex.: Estou com uma dor de cabeça monstro.

27.4. Exercícios

1. (CVM – Esaf) Os períodos seguintes compõem um texto. Marque o que contém erro de estruturação sintática.

a) O filósofo alemão Jügen Habermas vem insistindo: o fim do Estado Nacional como instância reguladora do mercado também torna obsoleta as formas tradicionais do exercício de cidadania.

b) Sofrendo o impacto direto do movimento de globalização econômica, os cidadãos, os tribunais, os parlamentos continuam ilhados nos territórios nacionais.

c) Caso não apareçam instâncias supranacionais de exercício de cidadania, afirma Habermas, haverá uma regressão política no Ocidente.

d) O filósofo alemão fez essas declarações em Paris, pensando sobretudo na Europa, onde medrou e estendeu-se o conceito moderno de democracia.

e) Mas os brasileiros, envolvidos no Mercosul, deveriam ficar atentos ao problema. Convenhamos, a tradição e a prática democrática não são o forte de nossos países. (Luiz

Felipe de Alencastro, *Veja*)

2. (Sefaz – APOFP-SP) Os trechos abaixo constituem sequencialmente um texto adaptado do Editorial do *Correio Braziliense* de 6/1/2009.
Assinale a opção em que o segmento está gramaticalmente correto.
a) Antes dos conflitos, Gaza estava estrangulada. Sitiada entre o mar e o muro construído por Israel (que controlam entradas e saídas de pessoas e produtos), a estreita faixa depende totalmente de Telavive.
b) Representantes do Hamas aceitaram ir ao Egito para negociar uma solução. Até agora as iniciativas foram inútil.
c) A resposta desproporcional já fez centenas de mortos e milhares de feridos entre os civis. No vácuo da transição de governo nos Estados Unidos e dos feriados de fim de ano, os países da Europa faz tentativas de obter trégua afim de abrir espaço para a diplomacia.
d) O bloqueio de dezoito meses escasseou alimentos, agasalhos, remédios. O cessar-fogo, que previa o levantamento do cerco, não obteve êxito. Essa a razão, segundo o Hamas, grupo que controla Gaza, de romper a trégua com lançamento de foguetes contra o país vizinho.
e) Também inútil foram às resoluções da ONU, sistematicamente desrespeitadas ao longo de sessenta anos. No meio do tiroteio, milhões de inocentes. Eles pagam a conta de outros.

3. (Sefaz – APOFP-SP) Os trechos abaixo constituem sequencialmente um texto adaptado do Editorial do *Estado de Minas* de 6/1/2009. Assinale a opção em que o segmento está gramaticalmente correto.
a) Como um rotundo e vergonhoso fracasso – é assim que as autoridades e a própria sociedade deveria encarar os números que provam, mais uma vez, a incontrolável capacidade do motorista brasileiro e das estradas que corta o país de transformar o descanso, o lazer e a viagem em tragédias.
b) Até parece que nunca divulgou-se qualquer coisa à respeito do perigo que se esconde nas curvas mal feitas e no excesso de velocidade nas rodovias, ou sobre a carona para a morte que representa o efeito da bebida sob o motorista.
c) Foi 124 mortes, no período de 20 de dezembro até 4 de janeiro, somente nas estradas que corta o território mineiro. Nas rodovias estaduais, morreram 35 pessoas e 475 ficaram feridas. Na malha rodoviária federal mineira, a tragédia teve dimensão alarmante: 89 mortes, representando aumento de 53% em relação ao ano passado.
d) Afinal, tão inaceitável quanto o tamanho da tragédia é o conformismo com a sua macabra repetição. Se os números deste fim e começo de ano não servirem de combustível para uma reação firme e produtiva, então é por que já se perderam até mesmo o compromisso com a vida.
e) As estatísticas estão aí a desafiar o bom senso e, sobretudo, a honestidade que todos temos de ter para reconhecer que têm faltado indignação e atitude suficientes para se exigir e para se construir o fim dessa barbárie.

4. (Susep) Os trechos a seguir constituem um texto adaptado de *O Estado de S. Paulo*, Editorial, 18/02/2010. Assinale a opção gramaticalmente correta.

a) A decisão da Agência de Proteção Ambiental (EPA) dos Estados Unidos de considerar o etanol produzido à partir da cana-de-açúcar um biocombustível avançado, que reduz a emissão de dióxido de carbono em pelo menos 40% na comparação com a gasolina, derruba uma das principais barreiras à entrada do álcool brasileiro no mercado americano e, desse modo, pode representar a abertura do mercado global para o produto nacional.

b) Para entrar no mercado americano, no entanto o etanol brasileiro precisa vencer outros obstáculos, alguns criados pela política externa do Brasil, como a aproximação ao Irã, que causou a perda do apoio ao produto brasileiro até agora dada pelo Congresso Americano.

c) A certificação do etanol de cana como biocombustível avançado pela EPA é importante para o Brasil. O Ato de Segurança e Independência Energética, de 2007, que define regras para os EUA alcançarem as metas de segurança energética e redução da emissão de gases de efeito estufa, estabelecem um consumo mínimo de biocombustíveis de 45 bilhões de litros em 2010 e de 136 bilhões de litros daqui a 12 anos.

d) Do total de biocombustíveis a ser consumido em 2022, 80 bilhões de litros está reservado para os avançados, que são o celulósico (ainda em fase experimental) e o diesel de biomassa, entre outros. A EPA incluiu o etanol de cana-de-açúcar entre os biocombustíveis avançados, ao reconhecerem que, em relação à gasolina, ele reduz a emissão de dióxido de carbono em 61%, bem mais que o mínimo exigido de 40%.

e) Por isso, do total de 80 bilhões que serão consumidos anualmente daqui a 12 anos, o etanol responderá por 15 bilhões de litros. Esse volume corresponde a três vezes o total exportado pelo Brasil em 2008. Em decisão anterior, a EPA contabilizara os efeitos de emissões associadas ao desmatamento provocado pela expansão das áreas plantadas com cana, e considerara que a redução da emissão de dióxido de carbono em relação à gasolina seria de apenas 26%.

5. (Analista Tributário da Receita Federal) Assinale o trecho do texto adaptado de Maria Rita Kehl (*O tempo e o cão: a atualidade das depressões*. São Paulo: Boitempo, 2009) em que, na transcrição, foram plenamente atendidas as regras de concordância e regência da norma escrita formal da Língua Portuguesa.

a) Paradoxalmente, as mesmas inovações tecnológicas destinadas a nos poupar o tempo de certas tarefas manuais e aumentar o tempo ocioso vem produzindo um sentimento crescente de encurtamento à temporalidade. Tal sentimento talvez esteja relacionado com o encolhimento da duração.

b) A vivência contemporânea da temporalidade é dominada por um subproduto das ideologias da produtividade, às quais reza que se devem aproveitar, ao máximo, cada momento da vida.

c) Desligado do frágil fio que ata o presente à experiência passada, voltado, sofregamente, para o futuro, o indivíduo sofre com o encurtamento da duração. Assim,

desvalorizam-se o tempo vivido e o saber que sustenta os atos significativos da existência.
d) Segundo Bergson, a duração se mede pela sensação de continuidade entre o instante presente, o passado imediato e o futuro próximos; no entanto, nada indica que o registro psíquico dessas duas formas do tempo que alongam o presente devam limitar-se em curtos períodos antes e depois do brevíssimo instante.
e) Talvez a medida do transcorrer do tempo não individual não se assemelhe com o desenrolar de um fio, mas do tecer de uma rede que abriga e embala um grande número de pessoas ligado entre si pela experiência.

6. (Analista Tributário da Receita Federal) Assinale a opção em que o trecho do texto de Emir Sader (*A nova toupeira: os caminhos da esquerda latino-americana*) foi transcrito com correção gramatical.
a) Atualmente, as alternativas de contraposição a hegemonia enfrentam os dois pilares centrais do sistema dominante: o modelo neoliberal e a hegemonia imperial estadunidense. É no confronto com aqueles que se tem de medir o processo de construção de "outro mundo possível", para se analisar seus avanços, revezes, obstáculos e perspectivas.
b) De certa maneira, pode-se resumir os eixos que articulam o poder atual no mundo à partir de três grandes monopólios: o das armas, o do dinheiro e o da palavra. O primeiro reflete a política de militarização dos conflitos, em que os Estados Unidos acreditam dispor de superioridade inquestionável.
c) A região tem-se mostrado refratária a política de guerra infinita promovida pelos Estados Unidos. Internamente, a Colômbia, epicentro regional da política estadunidense, permanece isolada. No entanto, em seu conjunto, a América Latina produziu espaços de autonomia relativa no tocante a hegemonia econômica e política dos Estados Unidos, o que a torna o elo mais frágil da cadeia neoliberal no século XXI.
d) O terceiro trata-se do monopólio da mídia privada no processo – profundamente seletivo e antidemocrático – de formação da opinião pública. Palco inicial da implantação do modelo neoliberal e sua vítima privilegiada, a América Latina passa por uma espécie de ressaca do neoliberalismo, com governos que rompem com o modelo e com outros que buscam readequações que lhe permitam não sucumbir com ele.
e) O segundo retrata a política neoliberal de mercantilização de todas as relações sociais e dos recursos naturais, que tem buscado produzir um mundo em que tudo tem preço, tudo se vende, tudo se compra e cuja utopia são os grandes centros de compras.

7. (Aneel – Esaf) Assinale a opção gramaticalmente correta.
a) A liberação dos recursos abre uma nova fase do programa "Luz para Todos", que é coordenado pelo Ministério de Minas e Energia e foi lançado em novembro de 2003.
b) Durante esse período, foram instalados comitês gestores estaduais, assinados os termos de compromisso com os estados e finalizados as negociações com as concessionárias para definição das condições contratuais e do valor das obras.
c) A próxima etapa será a assinatura dos contratos entre as concessionárias e os

governos estaduais, também parceiro do programa.
d) O acesso à energia elétrica será gratuita para todos os consumidores. As famílias de baixa renda cadastradas nos programas sociais do Governo Federal receberão gratuitamente as ligações internas de suas residências.
e) Hoje, mais de 12 milhões de brasileiros não tem acesso à energia elétrica, o equivalente à soma da população dos Estados do Piauí, Mato Grosso do Sul, Amazonas e Distrito Federal.

8. (Maranhão – Sepog – Agente de Polícia – Biólogo – FCC) A concordância está inteiramente correta na frase:
a) Ao longo da História, líderes religiosos e políticos, de vastíssimo conhecimento, ordenaram a destruição de livros.
b) Paixões humanas podem serem destrutivas, como documenta diversas obras históricas em épocas e lugares diferentes.
c) Conta a História que teria sido destruído obras importantes e significativas para o desenvolvimento cultural da humanidade.
d) É assustador os relatos de danos causados a instituições culturais no Iraque, após a invasão do exército americano.
e) A queima de livros em diferentes épocas históricas atestam a força destruidora do fanatismo, tanto político quanto religioso.

9. (TRE MS – TJ – Área Adm. – FCC) A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:
a) Observa-se, na Amazônia, algumas clareiras de desmatamento, que parece surgir sem ligação com a presença humana, embora possam ser avistadas áreas de pastagens.
b) Imagens de satélites indica a existência de enormes áreas de pastagens em locais onde era antes apenas matas de transição, entre a floresta fechada e o cerrado.
c) Pequenos animais da floresta, assim como os pássaros, é vetor que disseminam sementes, indispensável para a permanência da mata principal.
d) Parques indígenas da Amazônia oferece vasta extensão de mata preservada, que se tornam de grande interesse para a conservação da biodiversidade.
e) Nas áreas desmatadas para a abertura de pastos e depois abandonadas, arbustos formam uma variada mata secundária, à medida que as invadem.

10. (MPU /An. – Área Arq. – FCC) A concordância está totalmente de acordo com a norma-padrão da língua em:
a) Acredito que as orientações dele, porque parecem pouco claro, não terão de serem seguidas antes de um esclarecimento maior.
b) Considerou digna de ser encaminhada a julgamento dos avaliadores a última versão do projeto-piloto, pois, se podem existir fragilidades, elas certamente hão de ser mínimas.
c) Elas se consideraram responsável pelo erro e julgaram legítimo as cobranças que lhe serão feitas de agora em diante.

d) Dado as contingências do momento, os diretores houveram por bem atender aos prazos, e prometeram reavaliar, tanto quanto fossem, as demais exigências do contrato.
e) Devem fazer mais de três meses que não os vejo; tantos dias de afastamento poderia ser entendido como descaso, mas quero dizer que lhes dedico muito afeto.

11. (TCE – MG/Eng. Perito – FCC) Quanto à concordância verbal, a frase inteiramente correta é:
a) Entre as questões essenciais, que a todo cientista deve importar, estão as que se prendem à origem e ao destino do ser humano.
b) Não houvesse outras razões, bastaria a propriedade das perguntas que lhe dirigiu o público para fazê-lo sentir-se um professor privilegiado.
c) Só é dado alimentarem a curiosidade e a insatisfação ao cientista que não abdica de fazer as perguntas fundamentais.
d) Diante do interesse que representavam cada uma das perguntas que lhe cabiam responder, o professor sentiu-se um privilegiado.
e) O autor considerou um privilégio o fato de o interrogarem, com perguntas tão instigantes, aquele público curioso que encontrou na escola.

12. (Administrador – Casa da Moeda – Cesgranrio) No que se refere ao fenômeno da concordância nominal, no subtítulo do texto, o termo textuais também admite a forma singular.
O período em que, conforme a norma-padrão, o termo destacado pode assumir tanto a forma singular quanto a plural é:
a) **Bastantes** poemas foram lidos na aula.
b) Custam **caro** os jornais de domingo.
c) Vendem-se quadros e esculturas **usados**.
d) Compramos livro e jornal **velhos**.
e) Na estante, dicionário e livros **jogados**.

13. (Fiscal – ISS – RJ) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado de *O Estado de S. Paulo*, Editorial, de 1/6/2010.
Assinale a opção em que não foram inseridos erros gramaticais e o trecho foi transcrito de forma gramaticalmente correta.
a) Os consumidores pagam juros maiores porque obtém crédito com prazos maiores e prestações menores. Alguns fatos recentes estão contribuindo para um aumento da demanda, assim como, das pressões inflacionárias.
b) A economia brasileira vive um processo de aquecimento que as últimas modificações da conjuntura estão agravando. O aquecimento tem sua origem no inchaço cada vez maior da demanda doméstica, que até agora não foi afetada pelo aumento da taxa Selic.
c) À política de "bondades" do governo, em vigor nos últimos meses, veio se acrescentar à do Legislativo, que se aproveita do período eleitoral para propor medidas mais condescendentes. Isso aumenta perigosamente o poder aquisitivo da população.
d) Chegamos, agora, a uma situação de quase pleno emprego, em que os salários não

são mais determinados pela qualificação da mão de obra, mas pela dificuldade de contratar os trabalhadores necessários. O resultado é um aumento salarial duradouro, cujo peso na formação de preços.
e) É claro que a indústria tem dificuldades em acompanhar o ritmo de crescimento da demanda doméstica, recorrendo para isso à importações, que nem sempre têm preços menores do que os apresentados pela produção nacional.

14. (Analista de Controle Interno – Sefaz-RJ – FGV) ***Nesse sentido, se a evasão tributária é uma doença social, seu combate ou tratamento não pode ficar restrito aos seus agentes; é necessário o envolvimento de toda a sociedade*****. Assinale a alternativa em que a alteração do trecho destacado no período acima NÃO tenha sido feita de acordo com a norma culta. Não leve em conta alteração de sentido.**
a) é necessária a discussão aberta entre todos os membros da sociedade
b) é necessário debate com toda a sociedade
c) é necessário abertura política para se discutir a questão
d) é necessária participação de toda a sociedade
e) é necessária a organização de um debate público a respeito da questão.

15. (Fiscal da Receita Estadual – AP – FGV) Assinale a alternativa que apresenta uma concordância nominal incorreta.
a) Persistência é necessário à obtenção de resultados positivos na carreira profissional.
b) As questões definidas serão bastantes para a arguição do doutorando.
c) Vão incluídos na pasta do congressista a programação e o mapa dos locais dos eventos.
d) Consideraram-se satisfatórios os resumos encaminhados à organização do simpósio.
e) Anexo à tese vão as cópias dos documentos históricos referidos no artigo.

16. (Técnico Judiciário – 23ª Região – FCC) A concordância verbal e nominal está inteiramente correta em:
a) O interesse pelos acontecimentos que envolveram os cangaceiros e seus hábitos peculiares levam sempre a novas interpretações desse fenômeno do sertão brasileiro.
b) A roupa com proteção de couro e o chapéu de abas viradas, que facilitavam a visão de emboscadas, traziam adereços que buscava resguardar os integrantes do bando.
c) Consta que os cangaceiros, num gesto de grandeza, quando pretendia invadir uma determinada fazenda, informava ao dono o dia e a hora desse ataque.
d) A vestimenta adotada pelos cangaceiros eram uma adaptação da roupa dos vaqueiros sertanejos, adequado ao ambiente, com o calor do dia e o frio da noite.
e) Para esses guerreiros surgidos com o cangaço, os elementos que compunham seu traje criavam uma espécie de blindagem contra os perigos que corriam.

17. (Oficial de Defensoria Pública – Defensoria Pública-SP – FCC) A concordância verbal e nominal está inteiramente correta na frase:
a) As mais recentes descobertas da ciência pode levar ao desenvolvimento de

tratamentos que controlem a perda de memória, melhorando a capacidade cerebral.
b) Os pesquisadores descobriram que existe situações que favorece a memorização mais duradoura, possibilitando a realização das tarefas cotidianas no trabalho, por exemplo.
c) Está sendo feito estudos sobre a capacidade do cérebro humano de reter informações e processá-las, o que torna possível as lembranças do que aconteceu.
d) A visão de uma obra de arte dispara a comunicação entre neurônios, e o tamanho do impacto causado pela imagem é o que define como será guardada na memória.
e) Memória implícita é aquela que se refere aos conhecimentos, hábitos e habilidades, como andar de bicicleta, que é evocado de maneira automática.

18. (Esaf) Levando em consideração as regras de concordância nominal, escreva (1) para as frases corretas e (2) para as incorretas.
( ) Quando a senhora terminou de abrir as malas, já era meio-dia e meia.
( ) A própria sogra presenciou a abertura das malas; sim, ela mesmo.
( ) Anexo àquela carta destinada ao pai da moça, foram remetidas as joias.
( ) Ao final da tarde, a senhora mostrava-se meio apreensiva.
( ) Naquelas bagagens havia joias muito preciosas.
A sequência correta é:
a) 1, 1, 2, 2, 1;
b) 2, 1, 1, 2, 2;
c) 1, 2, 1, 2, 1;
d) 2, 2, 1, 1, 2;
e) 1, 2, 2, 1, 1.

19. (Esaf) Aponte o trecho correto, no tocante à concordância.
a) Muitos com certeza ficaram surpresos com a quantidade de cartazes que, de uma hora para outra, foi espalhado pelos quatro cantos da universidade.
b) Mais uma vez as chapas se formaram às escondidas dos estudantes, sem que se tivessem qualquer acesso às informações.
c) Nossa postura sempre foi a de procurar ampliar as possibilidades da participação do maior número possíveis de estudantes neste processo.
d) O caminho mais correto seria a formação de uma chapa ampla que englobasse todas as posições e correntes de pensamento, e que estas representassem o fruto das discussões que foi levado nas reuniões de cada departamento.
e) Obedecendo ao prazo legal, a discussão será restrita e o espaço destinado às campanhas eleitorais será expressamente curto; não concordamos em limitações ou restrições às discussões necessariamente sérias.

20. (AFTN – Esaf) Marque o conjunto que apresenta uma concordância <u>não</u> compatível com a norma padrão:
a) Atitudes e gestos belicosos / belicosas atitudes e gestos.
b) Amor e ira eternos / eterna ira e vingança.
c) Os preocupados pai e mãe / os famosos Machado e Alencar.

d) Seguem em anexo as fotos / Seguem anexas as fotos.
e) Os candidatos não eram nenhum bobocas / Não votaram em candidato nenhum.

21. (Área Administrativa – TRF- 4ª Região – FCC) A concordância verbo-nominal está Inteiramente correta na frase:
a) Em todas as épocas, ocorreram ataques de elefantes em várias regiões, porém a média de pessoas expostas a eles era quase insignificante.
b) O sentimento familiar entre manadas de elefantes são intensos, e muitas vezes os ataques de um animal constitui reação a uma iniciativa humana.
c) Elefantes que desenvolvem comportamento agressivo acaba abatidos a tiro para que se evite os ataques a pessoas e a propriedades.
d) Imagens do cérebro de elefantes apresentadas em estudo recente apontou a importância do convívio com animais mais velhos durante a infância.
e) Nos últimos anos, na Índia, foi morta mais de 500 pessoas, atacadas por elefantes em fúria, aparentemente explicáveis por stress pós-traumático.

22. (TFC – Esaf) Assinale a opção em que <u>não</u> há <u>erro</u>.
a) Seguem anexo os formulários pedidos.
b) Não vou comprar esta camisa. Ela está muito caro!
c) Estas questões são bastantes difíceis.
d) Eu lhes peço que as deixem sós.
e) Estando pronto os preparativos para o início da corrida, foi dada a largada.

23. (TRE – MT) De acordo com a norma culta, só está <u>incorreta</u> a concordância do termo grifado em:
a) Remeto-lhe <u>anexo</u> as certidões.
b) No shopping ela comprou vestidos e roupas <u>caras</u>.
c) Na reunião foi discutida a política <u>latino-americana</u>.
d) É meio-dia e <u>meia</u>.
e) <u>Bons</u> argumentos foram apresentados na exposição do conferencista.

24. (TRE – RO) Marque a opção em que está correta a concordância.
a) Informatizou-se algumas juntas apuradoras.
b) Ler o quê? Escrever o quê? Aí as coisas ficaram bastantes esquisitas.
c) Fazem alguns anos que a fraude eleitoral se instalou em alguns Estados.
d) Seria necessário os computadores para se evitar as fraudes das eleições passadas.
e) Deveriam existir, em todos os Estados, eleições informatizadas.

25. (TRE – RJ) Com relação ao adjetivo sublinhado, há erro de concordância nominal em:
a) Estavam <u>atrasados</u> a irmã e o irmão.
b) A loja vendera carros e moto <u>usadas</u>.
c) Ele comprou mamões e mangas <u>maduras</u>.
d) As listas de preço seguiam <u>anexas</u> a esta carta.

e) Os trabalhadores não quiseram fazer horas extras.

26. (Fiscal – ISS – RJ) Assinale a opção em que, ao ser transcrito, o fragmento do editorial adaptado da Revista *Veja*, de 4 de agosto, 2010, desrespeitou a gramática da norma culta.

a) Assim, resistiu as intempéries desencadeadas pela crise internacional e continua no rumo certo. Os indicadores são tão bons que uma bravata se espalhou pelos cinco continentes como se for realidade.

b) O Brasil vai muito bem graças ao permanente compromisso com a estabilidade, o dinamismo da iniciativa privada, a racionalidade e a regulação avançada do eficiente sistema bancário.

c) Um dos resultados é que entidades filantrópicas dos países de fato ricos estão desistindo de investir em projetos sociais brasileiros, enquanto aumentam suas verbas para aqueles em andamento na África.

d) Segundo ela, o Brasil se tornou uma nação rica, de Primeiro Mundo, que não precisa da ajuda de ninguém e ainda empresta dinheiro aos países ricos.

e) Certos clichês comportam verdades. Um deles é o de que o Brasil é um país de contrastes. Pegue-se o caso dos indicadores gerais de economia.

27. (TTN – Esaf) A concordância nominal está incorreta no item:

a) "É um filme para aquelas pessoas que têm uma certa curiosidade sobre si mesmas" (Spielberg).

b) "Salvo alguns desastres, obtêm-se bons resultados, desde que não se tente filosofar no palco de maneira confusa" (T. Guimarães).

c) Ficavam bastantes contrariados com a negligência de algum companheiro durante o treinamento.

d) A folhas vinte e uma do processo, encontra-se o comprovante de pagamento.

e) Estando o carnê e a procuração anexos ao processo, faltavam-lhe dados para explicar o caso.

28. (TRE – RJ) "A aplicação das máquinas agrícolas tornará também a batata mais barata".

Na função de predicativo, "barato" e "caro" são adjetivos e concordam em gênero e número com o substantivo a que se referem; na função de adjunto adverbial de intensidade (ou preço), são advérbios que admitem facultativamente a concordância atrativa.

Das frases abaixo, aquela em que há erro de concordância nominal, por não se observar uma das normas acima, é:

a) Com o uso de certas máquinas os legumes estão ficando muito mais caro.

b) A batata está sendo vendida mais barata com o uso de certas máquinas.

c) O uso de certas máquinas faz com que custem mais barato as batatas.

d) A batata está custando mais cara com o uso de certas máquinas.

e) O uso de certas máquinas deixa muito mais baratos os legumes.

29. (Of. Just. – TJ – NCE) "Parece possível distinguir duas tendências fundamentais..." A frase a seguir em que o adjetivo "possível" apresenta gênero de modelo idêntico ao da frase destacada do texto é:
a) É possível a admiração ou a recusa diante de um grupo estranho.
b) Torna-se possível a observação dos fatos destacados no texto.
c) Parece possível a desconfiança diante do que é novo.
d) É possível que ninguém seja profeta em sua terra.
e) Continua possível a existência das duas tendências citadas no texto.

30. (TRE) Julgamos ao espírito humano as indagações constantes sobre o que é verdade. Ocorre porém que, em nosso presente estágio evolutivo, as verdades são variadas .
As palavras ou expressões que completam corretamente as lacunas da passagem acima são:
a) natural / o mais / possível
b) naturais / o mais / possível
c) natural / as mais / possíveis
d) natural / o mais / possíveis
e) naturais / as mais / possível

31. (Agente de Documentação – TCE-PB – FCC) A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:
a) No século XX, a produção em massa permitiu que objetos, antes de posse restrita a reis, fossem acessíveis a toda a população.
b) Sempre existiu colecionadores de objetos, que exerce maior poder de atração sobre pessoas quanto mais estranho ele é.
c) No século XIX, foi dividido as áreas temáticas da ciência, surgindo então os colecionadores especializados em reunir um único tipo de objetos.
d) Permaneceu imutável por séculos as razões que levam algumas pessoas a colecionar objetos, algumas delas de gosto duvidoso.
e) O costume de enviar marinheiros pelo mundo para encontrar objetos exóticos mudaram a paisagem de alguns países e modernizaram a Europa.

32. (Of. Just. – TJ – NCE) O caso a seguir em que a concordância do vocábulo "possível" é equivocada, segundo a norma culta da língua portuguesa, é:
a) Dentro do possível, observaram-se duas tendências na reação ao grupo estranho.
b) As observações do autor do texto foram a mais pertinentes possíveis.
c) É possível que duas tendências existam.
d) Os estrangeiros tornaram possível a admiração por suas obras.
e) Foi possível observar os fatos descritos.

33. (Analista Judiciário – TRT 4ª Região – FCC) As normas de concordância verbal e nominal estão plenamente atendidas na frase:

a) Reservam-se os artistas o direito (ou privilégio?) de escolherem o gênero e a forma que lhes pareçam os mais adequados ao seu intento de expressão.
b) Não se reconhecia na crônica, antes de Rubem Braga, quaisquer méritos que pudessem alçá-la à altura dos chamados grandes gêneros literários.
c) Não cabem aos críticos ou aos historiadores da literatura estipular se o gênero de uma ou outra obra é maior ou menor em si mesmos.
d) Uma vez submetido ao poder de sedução de seu estilo admirável, é possível que custassem aos leitores de Rubem Braga ficar aguardando a crônica seguinte.
e) Não lhe bastassem, além do estilo límpido, ter os olhos de um grande fotógrafo, Rubem Braga ainda frequentava as alturas da poesia lírica.

34. (Aux. Cart. TJ – NCE) "... seja promovida nas escolas de Primeiro, Segundo e Terceiro Grau". O item a seguir em que ocorre um caso de concordância nominal idêntico ao que está destacado nessa frase do texto é:
a) Procedimento, trabalho e amor cristão.
b) A lei mostrava um novo objetivo e tática.
c) O governo merece eterno agradecimento e elogio.
d) O ministro mostrou bela cultura e talento.
e) Esta e aquela motivação da lei são justas.

35. (CBMERJ – NCE) "Mulheres e homens bonitos". A única forma <u>errada</u> entre as que estão abaixo, mantendo-se o sentido original é:
a) bonitas mulheres e homens;
b) bonitos homens e mulheres;
c) homens e mulheres bonitas;
d) homens e mulheres bonitos;
e) bonitos mulheres e homens.

36. (Técnico em Regulação de Saúde Suplementar – ANS – FCC) A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:
a) O desenvolvimento de técnicas de produção e de distribuição de alimentos permitiu a expansão da espécie humana em todo o planeta.
b) Ocorreu mudanças expressivas, ao longo dos tempos, na relação do homem com os alimentos, que foi se tornando mais variados e disponíveis.
c) Os hábitos alimentares, parte significativa da cultura de cada país, tornou-se uma das principais atividades econômicas do homem.
d) Com o início da agricultura, a tarefa de conseguir alimentos passaram a exigir menos esforço e os períodos de escassez de comida foi menos frequente.
e) A visão de uma cesta repleta de pães quentinhos são tão apetitosos que fica difícil resistir à tentação de comer mais que o necessário.

37. (Analista Judiciário – TRE-PB – FCC) A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:

a) Segundo alguns cientistas, as mais brilhantes fórmulas da física ou da biologia é comparável ao que de melhor foi feito na literatura do século XX.
b) O princípio da economia aproxima a poesia, com seu inigualável poder de síntese, das equações matemáticas, que resumem grande quantidade de informações.
c) Nem sempre as informações que se encontra disponível para um cientista pode orientá-lo na busca de soluções para o problema que tentam resolver.
d) Cientistas, em toda a História, defende a ideia de que tanto a estética científica quanto a artística se caracteriza pela busca da ordem em seu mais alto grau.
e) A emoção é um dos ingredientes mais importantes da estética científica, embora se pensem que deve estar distantes dos objetivos dos pesquisadores.

38. (Secretário de Procuradoria e Promotoria – NCE) "... caminhando rumo a um <u>futuro incerto e infeliz</u>". Se trocarmos as classes dos vocábulos sublinhados, escrevendo substantivos em lugar de adjetivos e vice-versa, teremos como forma correta desse mesmo segmento:
a) Caminhando rumo à incerteza e à infelicidade futuras.
b) Caminhando rumo a incerteza e a infelicidade futura.
c) Caminhando incerta e infelizmente para o futuro.
d) Caminhando rumo à incerteza do futuro e à infelicidade.
e) Caminhando rumo às futuras incerteza e infelicidade.

39. (Secretário de Procuradoria – NCE) "O Brasil tem hoje grande força e grande fraqueza".
Observe a seguir diversas formas de se reescrever a frase inicial do texto, sem a repetição do adjetivo grande.
I. O Brasil tem hoje força e fraqueza grandes.
II. O Brasil tem hoje força e fraqueza grande.
III. O Brasil tem hoje grande força e fraqueza.
IV. O Brasil tem hoje grandes força e fraqueza.
As frases que têm forma adequada são somente:
a) I – II – III – IV;
b) I – II – III;
c) I – IV;
d) II – III;
e) I – III.

40. (Auxiliar de Cartório – NCE) "... respiração e circulação sanguínea". Na *Nova gramática do português contemporâneo*, p. 265, o Prof. Celso Cunha diz: "(Quando o adjetivo vem depois dos substantivos), se os substantivos são do mesmo gênero e do singular, o adjetivo toma o gênero dos substantivos e, quanto ao número, vai: para o singular (concordância mais comum) ou para o plural (concordância mais rara)". Assim sendo:
a) O adjetivo sanguínea poderia também aparecer com a forma sanguíneas.

b) O autor preferiu a concordância mais rara à comum.
c) O autor do texto cometeu um erro de concordância.
d) Razões semânticas fazem que a única forma possível do adjetivo seja sanguínea.
e) A única forma correta do adjetivo é sanguíneas.

41. (Técnico Jud. Juramentado – NCE) "O terceiro e o quarto objetivos..." O caso de concordância nominal presente neste segmento do texto encontra-se referido no item:
a) O adjetivo, quer em função de adjunto adnominal, quer em função de predicativo, desde que se refira a um único substantivo, com ele concorda em gênero e número.
b) quando o adjetivo se associa a mais de um substantivo, o adjetivo concorda em gênero e número com o substantivo mais próximo.
c) se os substantivos são de gêneros diferentes e do singular, o adjetivo pode concordar com o substantivo mas próximo.
d) É possível que o adjetivo predicativo concorde com o sujeito mais próximo se estiver anteposto aos substantivos.
e) no caso de uma só palavra determinada e mais de uma determinante, a palavra determinada irá para o plural ou ficará no singular.

42. (TJ – SP – Vunesp) De acordo com a norma culta, a concordância nominal e verbal está correta em:
a) As características do solo são as mais variadas possível.
b) A olhos vistos Lúcia envelhecia mais do que rapidamente.
c) Envio-lhe, em anexos, a declaração de bens solicitada.
d) Ela parecia meia confusa ao dar aquelas explicações.
e) Qualquer que sejam as dúvidas, procure saná-las logo.

43. (Técnico Judiciário – Espec. Informática – TRF 4ª Região – FCC) A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:
a) Sistemas integrados de arrecadação e controle da visitação pública deve ser instalada em todos os parques nacionais.
b) Nações, mesmo de extensão menor que a do Brasil, está se tornando um dos destinos preferidos de turismo internacional.
c) O Brasil exibe um enorme potencial turístico, com suas belezas naturais, que não se encontra devidamente explorado.
d) A presença de turistas em áreas protegidas pelo Ibama, que permanece sem planos de conservação, são irregulares.
e) O Brasil tem vários parques nacionais, mas é poucos os que estão oficialmente abertos à visitação de turistas, nacional ou internacional.

44. (Assistente Administrativo – FGV) Assinale a alternativa em que <u>não</u> ocorra erro de concordância verbal ou nominal.
a) Elas mesmo decidiram resolver o problema que afligia a todos.
b) Quando ela disse "obrigado", todos aplaudiram.

c) Os coordenadores do projeto decidiram ficar só.
d) Ganharam bastantes elogios da diretoria.
e) Havia pedido emprestado cinco pares de meia.

45. (An. Jud. – Fundec) Está <u>incorreta</u> a forma como se fez a concordância nominal na frase:
a) Os trens e as estações foram reformadas.
b) Os engenheiros construíram um viaduto e uma passarela nova.
c) Pela ferrovia trafegavam vagões e locomotivas refrigerados.
d) Os planos previam projetos e estruturas recém idealizadas.
e) Os índices social e econômico de desenvolvimento da Região Metropolitana são baixíssimos.

46. (TRE – NCE) "... pelos governos federal, estadual e municipal." O item abaixo que exemplifica o mesmo tipo de concordância nominal do segmento retirado do texto é:
a) Vivia em tranquilos bosques e montanhas.
b) A professora estava com um vestido e um chapéu escuro.
c) Passou quarta, quinta e sexta trabalhosas no Rio.
d) Viu as bandeiras brasileira e francesa.
e) Era novo o livro e a caneta.

47. (TRT – 7ª Região – Esaf) Julgue os itens como certos ou errados quanto à concordância nominal ou verbal, colocando C ou E nos parênteses. Assinale, a seguir, a opção que contém a sequência correta. O artigo 1.725 do novo Código Civil informa que, não havendo estipulação em contrato escrito, os bens móveis e imóveis onerosamente adquiridos por um ou por ambos os companheiros, no período em que durar a união estável, são considerados fruto do trabalho e da colaboração comum. Mesmo que se equivoque os companheiros na aquisição de quaisquer bens, as regras para transação por contrato escrito entre os adquirentes, encontrados nesse artigo, podem ser alteradas, modificando, por exemplo, os percentuais ou cotas condominiais entre eles existente.
(Baseado em "A união estável no novo Código Civil", Álvaro Villaça Azevedo, *Correio Braziliense*, 17/11/2003.)
( ) ambos os companheiros
( ) fruto
( ) equivoque
( ) encontrados
( ) existente
a) E – C – C – E – C
b) C – C – E – C – C
c) C – E – E – E – E
d) E – C – E – C – C
e) C – E – C – C – E

48. (TRT-20ª Região – FCC) A concordância está feita corretamente em:
a) Os poucos anos de escolaridade do trabalhador são insuficientes para um bom uso das inovações tecnológicas.
b) O número de postos de trabalho geralmente aumentam quando as empresas elevam a produtividade.
c) Os trabalhadores que perdem o emprego pode ser admitido em novos postos, dependendo do nível de escolaridade.
d) Existe vários efeitos que é resultante da aplicação da tecnologia, capazes de gerar novos empregos.
e) A recuperação de novos postos de trabalho nas empresas são possíveis para candidatos com formação adequada a eles.

49. (TRT – An. Jud.) "Crianças de dez, oito e até seis anos de idade tinham inteligência bastante para serem treinadas..." A frase a seguir em que a palavra bastante está <u>incorretamente</u> empregada é:
a) Não houve chuvas bastante para resolver o problema da agricultura.
b) Tinha bastantes chances de conseguir o emprego.
c) Não trabalhou nesses dias o bastante para repor o tempo perdido.
d) Não possuía amigos bastante competentes para o trabalho.
e) As novas tecnologias eram bastante prejudiciais aos trabalhadores.

50. (NCE) "... as revistas e os jornais brasileiros..." Com o deslocamento dos termos da frase, a única forma <u>incorreta</u> é:
a) as brasileiras revistas e jornais;
b) os brasileiros jornais e revistas;
c) os brasileiros revistas e jornais;
d) os jornais e as revistas brasileiras;
e) os jornais e as revistas brasileiros.

Capítulo 28

Estilística

28.1. Figuras de som

28.1.1. Aliteração

Indica a repetição de fonemas (consoantes) idênticos ou semelhantes no início de palavras de uma frase ou de versos de uma poesia.

Ex.: "O rato roeu a roupa do rei de Roma".

28.1.2. Onomatopeia

Figura que procura representar graficamente sons.

Ex.: Zum-zum, trim, atchhhim...

28.2. Figuras de construção ou sintaxe

28.2.1. Anacoluto

Consiste no aparecimento de um termo no início de um período que não terá ligação sintática com o restante dos termos posteriores.

Ex.: "Eles, o seu único desejo é exterminar-nos" (Garret).

"O Presidente, estes cidadãos não quiseram ouvir-nos".

28.2.2. Anáfora

Consiste na repetição de uma ou mais palavras no início de diferentes versos ou frases.

Ex.: "Depois eu dou. Depois eu deixo. Depois eu levo. Depois eu conto" (F. Sabino).

"É pau... É pedra... É o fim do caminho... É um pedaço de toco..." (Tom Jobim).

Não sei, não vi, não quero saber.

Alguém falou, alguém gritou, alguém brigou.

28.2.3. Anástrofe ou inversão

Consiste na inversão da ordem direta da frase.

Ex.: Ao Flu o Fla vencerá (a ordem natural seria "O Fla vencerá o Flu").

"Sabe mortos enterrar?" (J.C. Melo Neto) (Sabe enterrar mortos?)

Obs.: É um tipo de inversão mais brando que o HIPÉRBATO.

28.2.4. Assíndeto

Consiste na construção de sequência de orações coordenadas aditivas; não apresentando, contudo, conjunção.

Ex.: "Vim, vi, venci" (Julio César).

Ele lava, passa, prepara a comida, massageia os pés do marido.

28.2.5. Elipse

Consiste na omissão de um termo facilmente subentendido.

Ex.: "Na terra, tanta guerra, tanto engano" (Camões).

Na terra há tanta guerra, há tanto engano.

"Uma de suas funções, como membro da presidência da Câmara, era a de zelar pelos móveis e demais pertences" (Fernando Sabino).

→ ... era a (função) de zelar...

28.2.6. Hipálage

Consiste em atribuir a um ser ou coisa uma qualidade ou ação que logicamente pertence a outro ser que também está expresso na mesma frase.

Ex.: "O voo negro dos urubus fazia..." (G. Ramos) (Negro, na verdade, é qualificativo para "urubus").

O movimento pesado dos elefantes... (o movimento não é pesado, e sim os elefantes).

28.2.7. Hipérbato

Indica inversão de termos dentro de orações ou versos. Esta inversão é mais significativa do que a anástrofe.

Ex.: "Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
de um povo heroico brado retumbante..."

– As margens plácidas do Ipiranga ouviram o brado retumbante de um povo heroico.

"É esta de teu querido pai a mesma barba
a mesma boca e testa (T. A. Gonzaga).

– É esta a mesma barba, a mesma boca e testa de teu querido pai.

28.2.8. Pleonasmo ou redundância

Emprego de palavras ou expressões de significado equivalente, com a

finalidade de reforçar uma ideia.

Ex.: Vi com meus próprios olhos a terrível cena.

Perdoe-me pelo amor divino de Deus.

28.2.9. Polissíndeto

Consiste na repetição intencional de conjunções, ligando palavras ou orações de período.

Ex.: Ele fala, e reclama, e bebe, e xinga...

Maria não lava, nem passa, nem trabalha, nem faz a comida.

28.2.10. Silepse

Também conhecida como concordância ideológica, esta figura ocorre quando a concordância se faz não com a palavra expressa na frase, mas com a ideia que esta palavra sugere.

a) de gênero

Ex.: Vossa Majestade é muito bondoso.

Sua Santidade estava abatido.

b) de número

Ex.: Coisa curiosa é aquela gente. Divertem-se com tão pouco.

A banda Flor chegou ao sucesso depois de cinco anos. Já gravaram oito discos.

c) de pessoa

Ex.: Os brasileiros somos muito desconfiados.

28.2.11. Zeugma

É a omissão de uma palavra já expressa anteriormente na oração. Trata-se de um caso especial de elipse.

Ex.: Na França há tanta riqueza, no Brasil tanta pobreza. (... no Brasil há tanta pobreza.)

Eu fiz os salgados, Maria os doces. (... Maria fez os doces.)

28.2.12. Repetição ou reduplicação

Consiste na repetição proposital de palavras ou expressões, tanto na poesia quanto na prosa.

Ex.: "Cantei, Cantei, Cantei,

Como é cruel cantar assim..." (Chico Buarque).

28.3. Figuras de pensamento

28.3.1. Antítese

Consiste na colocação, lado a lado, de termos opostos, mas que não causam ideias sem nexo.

Ex.: "Cabelos longos, ideias curtas".

Uma exposição clara para uma ideia tão complicada.

28.3.2. Eufemismo

Indica a atenuação ou suavização de ideias consideradas desagradáveis, cruéis ou ofensivas.

Ex.: Ele entregou a alma a Deus (em vez de: Ele morreu).

Ela sofre de doença ruim (em vez de: câncer).

28.3.3. Hipérbole

Consiste no exagero proposital das coisas.

Ex.: Ele morreu de medo quando me viu.

Nós chegamos aqui há um século.

28.3.4. Ironia

Consiste em expressar o contrário do que se pensa, mas dando a entender o real pensamento. Normalmente, a ironia adquire traços humorísticos.

Ex.: Aqueles amorosos bandidos mataram a família inteira.

Os confiáveis deputados precisam receber o "mensalão", pois seus salários são muitos baixos.

28.3.5. Paradoxo ou oxímoro

Trata-se de uma figura que relaciona duas palavras antônimas, dando conceitos contraditórios. "Aparentemente" a frase fica sem sentido.

Ex.: "Amor é fogo que não se vê
É ferida que dói e não se sente
É um contentamento descontente
É dor que desatina sem doer" (Camões).

Sinto-me solitário nesta multidão...

28.3.6. Prosopopeia, personificação ou animismo

Consiste em atribuir vida ou qualidades humanas a seres inanimados, irracionais, mortos ou abstratos.

Ex.: "As rosas não falam..." (Cartola).

Uma talhada de melancia com seus alegres caroços (C. Lispector).

28.4. Figuras de palavras

28.4.1. Antonomásia

Indica a substituição de nome próprio por nome comum ou por expressão ligada ao termo substituído.

Ex.: Rei do Futebol (em lugar de Pelé).

Cidade Maravilhosa (em vez de Rio de Janeiro).

28.4.2. Catacrese

É uma figura que consiste no uso impróprio de vocábulo por falta de outro mais específico para a designação de um ser ou de uma ação.

Ex.: O pé do vaso está quebrado (pé – parte que serve para sustentar o corpo humano).

Embarcou naquele avião gigantesco (embarcar significa entrar num navio).

28.4.3. Comparação ou símile

Como o próprio nome indica, formaliza-se uma ideia de comparação. Contudo, é fundamental ressaltar que há a necessidade de um conectivo explicitando a comparação.

Ex.: "Beijou sua mulher como se fosse a única" (Chico Buarque).

Ele agiu feito os santos.

28.4.4. Metáfora

Atribuição a uma pessoa ou coisa de uma qualidade que não lhe cabe logicamente. Essa transferência de significado de um termo para outro baseia-se na semelhança de características que o emissor da mensagem encontra entre os dois termos comparados. É uma comparação de ordem subjetiva, sem o conectivo que indica esta comparação.

Ex.: Maria é uma flor.

Vê-se que Carlos é uma fera enjaulada.

28.4.5. Metonímia

É a substituição de sentido de um termo por outro que com ele apresenta relação lógica e constante.

a) autor – obra

Ex.: Ele nunca leu Machado de Assis (os livros de Machado de Assis).

b) conteúdo – continente

Ex.: Comi dois pratos (não se comem os pratos; come-se o conteúdo dos

pratos).

c) inventor – invento

Ex.: Graham Bell permitiu que a humanidade se comunicasse melhor (na realidade, o invento de Graham Bell, o telefone).

d) símbolo – coisa simbolizada

Ex.: Nunca abandones a cruz (cruz – símbolo da religião).

e) instrumento – pessoa que o utiliza

Ex.: Ele é um grande raquete (ele é um grande jogador de tênis).

Obs.: Existe um tipo especial de metonímia chamado sinédoque, que se baseia em outras relações.

a) parte – todo

Ex.: Os seus olhos espertos indicavam a porta de entrada.

b) matéria – objeto

Ex.: O cristal tinia sobre a mesa de jantar.

c) marca do produto substitui o produto.

Ex.: O Ford quase nos atropelou.

28.4.6. Sinestesia

Consiste na fusão de sensações percebidas por diferentes órgãos do sentido.

Ex.: Comia o sabor (gosto) vermelho (visão) da fruta.

Claro (visão) perfume (olfato) vagava pelo ar.

28.5. Vícios de linguagem

28.5.1. Ambiguidade

Ocorre sempre que uma palavra admite duas ou mais interpretações.

Ex.: "O julgamento do professor ocorrerá amanhã" (não se sabe se o professor julgou ou foi julgado).

"Flamengo venceu o Palmeiras jogando em casa" (não fica evidenciado quem jogou em casa).

28.5.2. Barbarismo

Consiste em grafia ou pronúncia inadequada ao padrão culto da língua.

Ex.: "degladiar", "previlégio", "necrópsia", "rúbrica".

28.5.3. Cacófato

Indica uma formação sonora desagradável. Tal se dá por formação de

palavrões ou repetição excessiva de uma estrutura fonética.

Ex.: Já está pronto o álbum da Maria. Não percebemos como estava a boca dela.

Devemos depreender a devida demanda de um delicado momento político.

28.5.4. Solecismo

Falha de ordem sintática.

Ex.: Haviam muitas pessoas no auditório. Procederemos as aulas de apoio à partir de julho.

28.6. Exercícios

1. (PUC-SP)
"O pavão é um arco-íris de plumas".
"... de tudo que ele suscita e esplende e estremece e delira..."
Enquanto procedimento estilístico, temos, respectivamente:
a) metáfora e polissíndeto;
b) comparação e repetição;
c) metonímia e aliteração;
d) hipérbole e anacoluto;
e) anáfora e metáfora.

2. (Fuvest-SP) Identifique a figura de linguagem presente no verso em destaque.
"Quando a indesejada das gentes chegar
(Não sei se dura ou coroável),
Talvez eu tenha medo.
Talvez eu sorria e diga:
– Alô, iniludível".
a) Clímax.
b) Eufemismo.
c) Sínquise.
d) Catacrese.
e) Pleonasmo.

3. (UM-SP) Aponte a figura: "Naquela terrível luta, muitos adormeceram para sempre".
a) Antítese.
b) Eufemismo.
c) Anacoluto.
d) Prosopopeia.
e) Pleonasmo.

4. (FMU-SP) Em "Dizem que os cariocas somos pouco dados aos jardins públicos", há:

a) pleonasmo;
b) hipérbato de pessoa;
c) silepse de gênero;
d) silepse de pessoa;
e) silepse de número.

5. Qual é a figura de linguagem presente no seguinte fragmento: "Uma pessoa de cabeça desarrumada é assim: defende a pena de morte e o ensino gratuito nas universidades públicas. É a favor do aborto e se diz católico. Votou Lula em 2002 e José Serra em 2004. È contra as cotas nas universidades e milita numa ONG de defesa da Mata Atlântica"?
a) Antítese.
b) Metáfora.
c) Paradoxo.
d) Metonímia.
e) Hipérbole.

6. (TRE – NCE) "Que paz? Não foram esses mesmos adoráveis senhores que decapitaram ou mandaram decapitar seus próprios companheiros de comunidade durante as recentes rebeliões?" – "Não foram esses mesmos adoráveis senhores..." Neste segmento, ocorre um exemplo de uma figura denominada:
a) metáfora;
b) metonímia;
c) ironia;
d) eufemismo;
e) hipérbole.

7. (INPI – NCE) Embarcar, na sua origem, era empregado com referência a barco, mas no texto aparece com referência a avião. O item abaixo em que a palavra sublinhada também mostra desvio do sentido original é:
a) O avião vai <u>decolar</u> com o porco a bordo.
b) O porco chegou a <u>enterrar</u> as patas na comida.
c) Os passageiros "<u>humanos</u>" estranharam o fato.
d) A <u>poltrona</u> ficou estragada por causa do peso do porco.
e) A investigação do <u>incidente</u> vai demorar.

8. (IBGE – NCE) Em "Vossa Senhoria parece preocupado com o furto da máquina de escrever", há uma figura conhecida por:
a) metáfora;
b) silepse de gênero;
c) silepse de número;
d) silepse de pessoa;
e) catacrese.

A expressão surgiu em Minas Gerais, nos tempos do Brasil colonial e designa o sujeito sonso, fingido. Naquela época, auge da mineração, eram elevadíssimos os impostos cobrados pelo rei de Portugal, nosso avozinho, tão bonzinho...

9. (CFC – NCE) "nosso avozinho, tão bonzinho"; no contexto em que aparecem, esses segmentos são exemplos de:

a) metáfora;
b) ironia;
c) hipérbole;
d) eufemismo;
e) comparação.

10. (TJ-NCE) "Como pode ver na entrevista, ganhar dinheiro no Brasil é sopa". Nesta frase, aparece uma figura sintática e uma figura de palavra. Assinale a alternativa que identifique essas figuras.

a) Hipérbato e metáfora.
b) Silepse e metonímia.
c) Elipse e metonínia.
d) Elipse e metáfora.
e) Anacoluto e catacrese.

11. (Oficial de Justiça Avaliador – TJ – NCE) "E acoplado a ele vem a web, com sua cacofonia de informações, excessivas e desencontradas..." Cacofonia (neste segmento usado figuradamente) é "qualquer efeito desagradável ao ouvido em uma sequência de palavras" (Michaelis – *Moderno dicionário da língua portuguesa*, SP, Melhoramentos, 1998). O item abaixo que pode ser exemplo de cacofonia é:

a) A liberdade, como a concebo, não se confunde com o consumismo.
b) Uma das liberdades modernas é a de ir e vir.
c) A natureza humana se preocupa quando aparece algum perigo.
d) Quando não se pode desfrutar o luxo, começa-se a desdenhar dele.
e) A liberdade foi corrompida pela sociedade de consumo.

(ANTT – NCE)

O Professor Desfontaines está longe de desprezar as coisas efêmeras. E por isso me trouxe a frase de quatro pétalas, que guardei como flor ressequida em velho livro, e que o chofer lhe entregara.

12. "... e que o chofer lhe entregara". Esse segmento mostra uma ambiguidade que é sanada pela reescritura abaixo desse mesmo segmento:

a) E que lhe fora entregue pelo chofer.
b) E que lhe entregara o chofer.
c) Frase essa que o chofer lhe entregara.
d) Livro esse que o chofer lhe entregara.

e) Cujo chofer lhe entregara.

13. (PC – NCE) "... e o exemplo que escolheu para ilustrar SEU comentário". O item abaixo em que o uso do possessivo SEU gera ambiguidade é:

a) O publicitário fez comentários sobre SEU *outdoor*.
b) O cronista levou o cachorro em SEU automóvel.
c) O jornalista transportou as mercadorias em SEU horário de trabalho.
d) O secretário viu o professor do debate em SEU escritório.
e) O jornalista nada dizia sobre SEU texto.

Capítulo 29

Coesão e Coerência Textual

Ao observar um texto bem construído, bem definido, quando não há possibilidade de o leitor perder a sequência dos fatos, tampouco a relação entre os conjuntos, constata-se que há coesão. Qualquer elemento que faça a ligação entre os vários fragmentos do texto possui função coesiva. Enfim, essa conexão interna entre os vários enunciados do texto denomina-se coesão.

29.1. Coesão sequencial

É a coesão normalmente feita por conjunções, ligando termos, orações ou períodos, estabelecendo entre eles uma relação de sentido. Quando uma oração é introduzida pela conjunção TODAVIA, já se sabe que o fragmento está em oposição a algo citado anteriormente. Ao observar a presença da conjunção ENQUANTO, já se imagina que dois fatos estão acontecendo simultaneamente. A ocorrência do conector PORQUE sugere que a ideia introduzida indicará uma causa para um fato anteriormente relatado. Já o conector ENTÃO indica que a oração em que ocorre é uma conclusão para algo citado anteriormente.

Ex.: Chovia muito, todavia fui à praia.
Enquanto eu falava, ela dormia.
Voltei cedo para casa, porque estava cansado.
Ele não chegou, então deve estar parado no trânsito.

29.2. Coesão referencial

É a conexão feita através de termos (normalmente os pronomes) que fazem referência a elementos anteriormente citados no texto.

Ex.: Lula, Pelé e Xuxa são extremamente famosos. Esse foi o principal jogador de futebol de todos os tempos, aquele é o atual Presidente do Brasil e esta, apresentadora de programas infantis.

Observe que os pronomes demonstrativos Esse (referente a Pelé), aquele (a Lula) e esta (a Xuxa) ligam o segundo período ao anterior.

Adeus, nepotes (Luiz Garcia, O Globo, 25/10/2005)

De vez em quando, uma boa notícia: a sentença de morte para o nepotismo no Judiciário, por exemplo. A decisão do Conselho Nacional de Justiça, anunciada terça-feira, não abre exceções: é proibido a juízes de todas as instâncias e a chefes de seções e departamentos a nomeação de parentes até terceiro grau.

Também está vedado o velho golpe do nepotismo cruzado: você nomeia o meu e eu nomeio o seu.

O Ministério Público vai pelo mesmo caminho. Enquanto isso, aqui no Estado do Rio já está em vigor emenda constitucional que proíbe dar um jeito na vida de cônjuge, companheiro e parente até terceiro grau: pai, mãe, avós, filhos, netos, bisnetos, tios, sobrinhos, primos e até sogros e cunhados. E vale para Executivo, Legislativo e Judiciário, sem esquecer Ministério Público e Tribunal de Contas.

Não acabou: o projeto de lei que corre no Congresso, também rigoroso e abrangente, tem chances de ser aprovado até o fim do ano. Pelo menos foi o que previu outro dia, quase prometendo, o deputado Aldo Rebelo.

Portanto, há sinais suficientes de que pode ir longe a blitz contra os nepotes. Assim se chamavam sobrinhos de papas, nomeados conselheiros do Vaticano, num tempo, muito antigo, lá onde o Renascimento fazia a curva, em que — diziam pessoas de má-fé (ou de nenhuma fé) — papas tinham sobrinhos que muitas vezes eram a cara dos tios.

Comentários sobre o texto: na linha 2, o termo "a decisão" refere-se ao fim do nepotismo (l. 1/2); no início do segundo parágrafo, o termo "também" indica que o fato a ser anunciado é acrescido ao evento anterior já anunciado. Repare que os pronomes "você", "meu", "eu" e "seu", além de denunciarem a coesão efetiva entre os seres, designam a relação eu-meu e você-seu invertida. No início do terceiro parágrafo, a expressão "mesmo caminho" é referente também ao fim do nepotismo. Depois o elemento "E vale" sugere que Executivo, Legislativo e Judiciário, sem esquecer Ministério Público e Tribunal de Contas, também serão enquadrados na emenda constitucional. O quarto parágrafo, ao iniciar-se com "Não acabou", já sugere que o fato anterior abrangerá outros órgãos. O último parágrafo é iniciado através da conjunção conclusiva PORTANTO, indicando que o texto já ofereceu elementos suficientes para iniciar-se a conclusão. O termo "Assim" refere-se a "nepotes". Por fim, o termo "tios" está relacionado, ironicamente, aos "papas". Vê-se, então, que o texto

possui vários elementos que têm como função ligar unidades, encadeando-as, criando uma sequência lógica.

29.3. Coerência textual

É a ocorrência de um texto que, além de apresentar-se coeso, há de fazer sentido. Um texto pode ser coeso sem ser coerente, mas nunca poderá ser coerente sem ser coeso. O autor de um texto pode fazer uso de elementos coesivos, contudo o texto pode não possuir sentido. O estudo de coerência prevê a ocorrência de uma linha de raciocínio, lógica no pensamento, harmonia entre fatos e, principalmente, não pode haver contradição.

Ex.: Lula, Pelé e Xuxa são extremamente famosos. Esse foi jogador de futebol, aquele é o atual Presidente do Brasil e esta é muito bonita.

→ Observe que o texto é coeso, pois, tal qual no exemplo anterior, utilizam-se pronomes demonstrativos para ligar a segunda frase à primeira. No entanto, o texto não é coerente, porquanto não houve a manutenção de uma linha de raciocínio. Enquanto os dois primeiros foram apresentados pela profissão, a referência à última diz respeito não à sua profissão, mas à beleza física.

BIZU

A Esaf já fez muitas provas em que era exigido do candidato a montagem ou a continuação do texto. É recomendável no caso usar primeiramente a coesão e depois a coerência. Nas questões de montagem de textos, o passo prévio é observar se há, nos tópicos, elementos remissivos (termos que façam referência a expressões anteriores). Caso isso ocorra, o tópico não pode iniciar o texto. Por exemplo: se você se deparar com o tópico "Entretanto, não houve tempo para resolver o problema", já se pode ter a certeza de que não pode estar no início do texto, já que a conjunção ENTRETANTO indica uma oposição a algo outrora aludido. Caso se posicione no princípio, vai opor-se a quê? Também o tópico "Eles não indicaram a saída" não pode postar-se no início do verbete, uma vez que o pronome pessoal ELES refere-se a pessoas já mencionadas. Outra estrutura que não pode localizar-se no início é: "Não conseguiram demonstrá-la". Aí ocorrem dois fatos que obstam o posicionamento inicial: o verbo na terceira plural referindo-se a pessoas já apresentadas no texto, e o pronome oblíquo A em DEMONSTRÁ-LA, que indica a ocorrência de elemento feminino e singular antecedente. A partir de então, você deve partir para as alternativas. Há questões que, ao se vislumbrar o primeiro tópico, já se chega à resposta.

29.4. Exercícios com gabarito comentado

1. (Auditor do Tribunal de Contas do Estado do Paraná) Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os de forma a comporem um texto coeso e coerente e assinale a opção correta.

( ) Cada um desses casos analisados tem suas peculiaridades próprias dentro de um Brasil que se configura como um continente, com realidades bastante distintas entre si.

( ) Anteviu o grande jurista o importante papel a ser reservado a esses tribunais, aliadas que estariam a seus integrantes, a competência técnica, a imparcialidade profissional e a sensibilidade social, no trabalho de cunho educativo, orientado em seminários.

( ) Surgiram as Cortes de Contas do Brasil pela inspiração de Rui Barbosa, cujo sesquicentenário comemorou-se em 1999.

( ) O exame exaustivo de processos, que consome horas de leitura, análise e reflexão sobre o caso, é tantas vezes incomodado pela celeridade com que se cobra o seu pronunciamento – uma exigência que muitas vezes não se justifica, já que os pareceres emitidos pelas Cortes de Contas não se amoldam a modelos estereótipos que obedeçam ao resultado do sempre-igual de equações matemáticas.

( ) Atuam eles de maneira construtiva, sem se eximirem, quando pertinente, de indicar as irregularidades que encontram no exercício de sua atividade de fiscalização.

(Itens adaptados de Ubiratan Aguiar, XX Congresso dos Tribunais de Contas do Brasil, Sessão Solene de Abertura, 12/10/1999 – www.tcu.gov.br)

a) 4 – 5 – 3 – 2 – 1
b) 5 – 2 – 1 – 4 – 3
c) 3 – 1 – 2 – 5 – 4
d) 3 – 4 – 5 – 1 – 2
e) 1 – 4 – 5 – 3 – 2

Resposta: Alternativa B.

Observe que o primeiro tópico não pode dar início ao texto, já que a expressão "Cada um desses casos analisados" indica que já foram mencionados anteriormente "esses casos analisados".

O segundo tópico também não poderá iniciá-lo, pois a expressão "Anteviu o grande jurista" sugere que este jurista já fora citado.

O terceiro não possui elementos remissivos, podendo iniciar o texto.

O quarto tópico não pode introduzir o texto, porquanto a expressão "análise e reflexão sobre o caso" indica que um caso já fora relatado.

O último tópico também não pode dar início, visto que o pronome "eles" refere-se a seres já aludidos.

Então, somente o terceiro tópico poderá iniciar o texto. Dentre as opções, só há uma indicando esse posicionamento: a alternativa B.

2. (TRF – 2003) Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e, em seguida, assinale a sequência correspondente.

( ) As operações de compra de imóveis pelas *off shores* também estão sendo

monitoradas pela Receita. Os dados serão comparados com as declarações de Imposto de Renda dos residentes no Brasil e até com o cadastro de imóveis das prefeituras.
( ) Sem identificação dos donos, cujos nomes são mantidos em sigilo pela legislação dos países onde estão registradas, muitas dessas empresas fazem negócios no Brasil, como a participação em empreendimentos comerciais ou industriais, compra e aluguel de imóveis.
( ) Além de não saber quem são os proprietários dessas *off shores*, pois não há mecanismos legais que permitem acesso aos verdadeiros donos, o governo também não tem conhecimento da origem desse dinheiro aplicado no País, sem o recolhimento dos impostos devidos.
( ) A Receita Federal está fechando o cerco contra as empresas estrangeiras sediadas em paraísos fiscais que atuam no Brasil, conhecidas como *off shores*.
( ) Para reduzir essa evasão fiscal, a Receita está identificando as pessoas físicas que alugam imóveis de luxo pertencentes a pessoas jurídicas ou mesmo físicas que atuam em paraísos fiscais. Toda remessa de aluguel é tributada.
(Adaptado de Ana D'Angelo, Andrea Cordeiro e Vicente Nunes, *Correio Braziliense*, 8/9/2003.)
a) 1, 2, 4, 3, 5
b) 2, 3, 5, 4, 1
c) 5, 2, 3, 1, 4
d) 1, 5, 4, 3, 2
e) 3, 2, 1, 5, 4
O primeiro tópico não pode dar início ao texto, pois o elemento "também" indica que esse fato está sendo acrescido a eventos anteriores.
O segundo tópico também não poderá iniciá-lo, pois a expressão "Sem identificação dos donos" indica que esses seres são donos de algo já citado.
O terceiro tópico também não pode dar início ao texto, pois a oração "Além de não saber quem são os proprietários dessas ***off shores***" sugere que as ***off shores*** já foram anteriormente mencionadas.
O quarto tópico pode iniciar o texto, já que não há qualquer elemento que faça a remissão a termos anteriores.
A oração "Para reduzir essa evasão fiscal" indica que a ocorrência fiscal já fora relatada em fragmento anterior do texto, não podendo, portanto, iniciá-lo.
Então, como somente o quarto tópico pode iniciar o texto, e só há uma opção (C) indicando isso, será a resposta.

(Técnico da Receita Federal – TRF – Esaf)
3. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e, em seguida, assinale a sequência correspondente.
( ) Em geral, esta firma é constituída apenas para atuar como subsidiária da estrangeira, intermediando seus negócios. Caso a empresa compre imóvel no Brasil, tem que haver registro, tem que existir um responsável, com CPF, o que permite o controle.
( ) O investidor estrangeiro entra no Brasil via Bolsa de Valores, fundos de investimentos

ou como sócio de uma empresa brasileira.
( ) O secretário da Receita admite, no entanto, que não há mecanismos para controlar a atuação de brasileiros que mandam dinheiro ilícito para os paraísos fiscais e o repatriam por meio de negócios realizados em nome das *off shores*.
( ) E também a contabilidade da empresa, em tais países, não precisa ser auditada. Os donos dos recursos podem movimentar dinheiro ou constituir empresas por vários meios que omitem seus nomes, como o sistema de ações ao portador.
( ) Esses países conhecidos como paraísos fiscais têm como principais atrativos a legislação tributária branda, com direito até a isenção de impostos, e garantia de sigilo bancário, comercial e societário.
(Adaptado de Ana D'Angelo, Andrea Cordeiro e Vicente Nunes, *Correio Braziliense*, 8/9/2003.)
a) 1, 2, 4, 3, 5
b) 2, 1, 3, 5, 4
c) 3, 2, 1, 5, 4
d) 1, 5, 4, 3, 2
e) 5, 2, 3, 1, 4
O primeiro tópico inicia-se com "esta firma", o que já denuncia que a firma já fora citada; portanto não poderá iniciar o texto.
O segundo tópico não tem elemento que mencione passagens anteriores, portanto pode iniciar o texto.
A conjunção NO ENTANTO sugere que o terceiro tópico se opõe a algo já aludido.
O fragmento "E também a contabilidade da empresa, em tais países" possui vários elementos que denunciam ser este tópico uma continuidade, como a conjunção E que indica que a ideia introduzida está sendo adicionada a algo já relatado. Depois o pronome demonstrativo "tais" denunciando que os países já foram mencionados.
O último tópico é iniciado por "Esses países", o que já deixa claro que os países já foram anteriormente relatados.
Como somente o segundo tópico pode iniciar o texto, já se chega à resposta. (B)

4. (AFRF – Esaf) Os trechos a seguir foram adaptados de um texto de Gilson Schwartz, mas estão desordenados. Numere-os de forma que constituam um texto coeso e coerente e assinale a opção correta correspondente.
( ) No caso do Brasil, que já tem fundos setoriais em apoio ao desenvolvimento tecnológico, resta saber como será a distribuição desses recursos e que impacto terão no sistema econômico.
( ) Entretanto, criar a cultura organizacional necessária nessas redes para que os recursos e as políticas públicas tenham mais eficácia não é algo trivial.
( ) As pesquisas que se fazem internacionalmente sugerem que o segredo do desenvolvimento com base na inovação tecnológica está menos no volume de recursos e mais na qualidade das redes que se formam para recebê-los.
( ) Claro que a existência desses recursos para investir é condição necessária, mas não é suficiente. As políticas públicas brasileiras teriam, provavelmente, mais chance de êxito

se incluíssem entre os seus objetivos a própria mudança cultural e comportamental das suas organizações.
( ) Exige, por exemplo, a formação de grupos articulados de cooperação para produção de conhecimento, ou seja, sistemas incompatíveis com as práticas institucionais e empresariais.
a) 3, 4, 1, 5, 2
b) 2, 5, 4, 3, 1
c) 4, 2, 1, 5, 3
d) 3, 4, 2, 1, 5
e) 5, 1, 3, 2, 4
O primeiro tópico não pode estar iniciando o texto, porque a expressão "No caso do Brasil" indica que o caso já foi citado em outros lugares ou de forma generalizada.
A conjunção ENTRETANTO no início do segundo tópico já descarta qualquer possibilidade de iniciar o texto.
O terceiro tópico não possui elementos remissivos, podendo iniciar o texto.
Como no princípio do quarto tópico aparece o termo "desses recursos", já ocorre a indicação de que os recursos já foram citadas em passagens anteriores.
A expressão "Exige, por exemplo," indica que algo anteriormente citado servirá de elemento a ser exemplificado.
Sendo assim, há duas possibilidades de resposta: A e C. A sequência da opção C (3º tópico – 2º tópico) é melhor do que da A (3º tópico – 5º tópico), visto que o fragmento "Entretanto criar a cultura organizacional nessas redes", citado no segundo tópico, indica que as redes já deveriam ter sidos citadas, o que efetivamente ocorre no terceiro tópico (menos no volume de recursos e mais na qualidade das redes que se formam para recebê-los).

5. (Auditor Fiscal da Receita Estadual – RN – Esaf) Os fragmentos abaixo compõem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os para que constituam um texto coeso e coerente e indique a opção que apresenta a sequência correta.
A – Mas é necessário ressaltar que juízes e tribunais com essa configuração, ou seja, real e efetivamente independentes, somente existem nos países em que vigora o Estado Democrático de Direito.
B – O Judiciário tem a função de promover a paz social, restabelecendo a ordem e até mesmo punindo os infratores, independentemente da camada social a que pertençam.
C – Essas prerrogativas, isso é, as garantias da magistratura, não constituem privilégio pessoal do magistrado, mas direito do cidadão.
D – E é exatamente por isto que os órgãos do Judiciário, os tribunais e os magistrados devem gozar de prerrogativas para o exercício dessa missão, sob pena de somente poderem exercê-la em relação aos pobres e às pessoas que não tenham qualquer influência político-social.
E – Evidentemente esse cidadão, que eventualmente tenha um direito violado, somente terá proclamada a justiça a seu favor se houver juízes e tribunais independentes, isentos da possibilidade de interferências e pressões indevidas de quem quer que seja.

a) A, C, D, E, B
b) B, D, C, E, A
c) C, B, E, A, D
d) D, A, B, C, E
e) B, E, C, D, A

O primeiro tópico não pode iniciar o texto, em virtude de a conjunção MAS sugerir adversidade a algo já ocorrido.

O segundo tópico, não possuindo elementos citados, remissivos a passagens anteriores, pode dar início ao texto.

A expressão "Essas prerrogativas" no início do terceiro tópico já indica que as expressões já foram mencionadas.

O fragmento "E é exatamente por isto", no início do quarto tópico, possui dois elementos coesivos: a conjunção "E", denunciando haver uma adição entre a ideia que está sendo introduzida e ideias anteriores e o termo "por isto", indicando que um evento anterior é causa para o que se propõe no tópico.

No último tópico, o termo "Esse cidadão" sugere que o cidadão já fora citado.

Então somente o segundo tópico poderá dar início ao texto, excluindo, por conseguinte, as opções A, C e D. Na opção E, a sequência dos tópicos é B-E. No início do tópico E, o termo ESSE CIDADÃO sugere que o cidadão já deveria ter sido citado, o que não ocorre no tópico B. Então a opção E está excluída. Já a sequência B-D é perfeita. Observe que "por isto" (tópico D) faz referência à função de promover a paz social que o Judiciário possui (tópico B). Depois o termo "dessa missão" (tópico D) também é referente à função (tópico B). Por isso, a resposta é a opção B.

6. (Analista de Finanças e Controle – Esaf) Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão fora da sequência correta. Ordene-os de forma a comporem um texto que respeita a progressão das ideias, a coesão e a coerência do texto. Assinale, a seguir, a opção correta.

( ) O Ministro da Fazenda argumentou que não há como abrir mão da atual carga de tributos enquanto o país tiver de investir em projetos sociais e manter em ordem seus compromissos fiscais.

( ) Além disso, é preciso que o governo federal demonstre capacidade política para levar adiante uma verdadeira reforma tributária, que simplifique e racionalize o atual sistema.

( ) Podem ser adotadas medidas, no entanto, que auxiliem na redução da carga tributária e no aumento de eficiência das políticas públicas, tais como cortes de despesas correntes e melhora na qualidade dos gastos sociais.

( ) A despeito das crescentes críticas de diversos setores da sociedade à elevação da carga tributária, o governo reafirmou que não irá diminuir o peso dos impostos no curto prazo.

( ) É preciso que os recursos empregados pelo governo em saúde, educação, auxílio-desemprego e outros benefícios sociais cheguem aos destinatários sem as perdas que a burocracia estatal hoje impõe.

(Adaptado do editorial "Cortar despesas", *Folha de S. Paulo*, 13/3/2005.)

a) 4 – 5 – 3 – 2 – 1
b) 5 – 4 – 3 – 1 – 2
c) 2 – 5 – 3 – 1 – 4
d) 1 – 3 – 2 – 4 – 5
e) 3 – 5 – 1 – 4 – 2

O primeiro tópico não pode iniciar o texto, visto que a estrutura "O Ministro da Fazenda argumentou" indica que a tese já fora mencionada anteriormente.
O segundo tópico também não poderá iniciar o texto, pois o termo "Além disso" sugere que este fragmento estará sendo acrescido a algo anteriormente aludido.
No terceiro tópico, a presença de "No entanto" denuncia a adversidade a algo já relatado.
O quarto tópico não faz referência a elementos citados em outros fragmentos textuais, portanto pode dar início ao texto.
O quinto tópico também pode dar início ao texto, pois não possui elementos remissivos.
Ficam excluídas as opções D e E.
A opção A indica a sequência último-penúltimo recortes. Observe que o texto não fica coeso tampouco coerente. "É preciso que os recursos empregados pelo governo em saúde, educação, auxílio-desemprego e outros benefícios sociais cheguem aos destinatários sem as perdas que a burocracia estatal hoje impõe. A despeito das crescentes críticas de diversos setores da sociedade à elevação da carga tributária, o governo reafirmou que não irá diminuir o peso dos impostos no curto prazo". O primeiro período fala sobre as necessidades de se fazer chegarem ao destinatário recursos sem perdas burocráticas. O segundo período, sem qualquer ligação com o primeiro, já muda o enfoque completamente, expressando as críticas que a sociedade faz à elevação da carga tributária. A opção B inverte a relação dos dois tópicos anteriormente citados na opção A, ou seja, indica a sequência penúltimo-último. "A despeito das crescentes críticas de diversos setores da sociedade à elevação da carga tributária, o governo reafirmou que não irá diminuir o peso dos impostos no curto prazo. É preciso que os recursos empregados pelo governo em saúde, educação, auxílio-desemprego e outros benefícios sociais cheguem aos destinatários sem as perdas que a burocracia estatal hoje impõe". O texto continua incoerente, pois o primeiro tópico somente indica a crítica da sociedade à alta carga tributária e o segundo, sem coesão com o primeiro, já fala sobre a necessidade de os recursos chegarem a seus destinatários. A resposta é a opção C. A opção C indica a sequência penúltimo-primeiro tópicos, constituindo-se assim: "A despeito das crescentes críticas de diversos setores da sociedade à elevação da carga tributária, o governo reafirmou que não irá diminuir o peso dos impostos no curto prazo. O Ministro da Fazenda argumentou que não há como abrir mão da atual carga de tributos enquanto o país tiver de investir em projetos sociais e manter em ordem seus compromissos fiscais". Observe como o texto fica coeso e coerente. O quarto tópico indica que a sociedade critica a alta carga tributária e que o governo não irá diminuir o peso dos impostos no curto prazo. O primeiro tópico esclarece o porquê de não diminuir o valor dos impostos. A resposta é a opção C.

7. (AFRF – Esaf) Marque, em cada item, o período que inicia o respectivo texto de forma coesa e coerente. Depois, escolha a sequência correta.
(Itens baseados em Emir Sader)
I
O abandono da tematização do capitalismo, do imperialismo, das relações centro-periferia, de conceitos como exploração, alienação, dominação, abriu caminho para o triunfo do liberalismo.
(X) O socialismo, em consequência desses fatores, desapareceu do horizonte histórico, em virtude de ter ganho atualidade política com a vitória da Revolução Soviética de 1917.
(Y) O triunfo do neoliberalismo se consolidou quando o pensamento social passou a ser dominado por teses conservadoras.
II
Compravam um passaporte para o camarote dos vencedores. Mas, como "há uma dignidade que o vencedor não pode alcançar", como dizia Borges, o que ganharam em prestígio perderam em capacidade de análise.
(X) Os que abandonaram Marx com soltura de corpo e com alívio, como se se desvencilhassem de um peso, na verdade não trocavam um autor por outro, mas uma classe por outra.
(Y) Eles substituíram a exploração de classes e de países pela temática do totalitarismo, aperfeiçoando suas análises políticas ao vinculá-las à dimensão social.
III
No mundo contemporâneo, tais modos nos permitem compreender a etapa atual do capitalismo, em sua fase de hegemonia política norte-americana.
(X) Para atender a atualidade, são necessários modos de compreensão férteis, capazes de dar conta das relações entre a objetividade e a subjetividade, entre os homens como produtores e como produtos da história.
(Y) Trata-se de uma compreensão míope, que ignora componentes essenciais ao fenômeno do capitalismo que estamos vivendo.
IV
Quem pode entender a política militarista dos EUA e do seu complexo militar-industrial sem a atualização da noção de imperialismo?
(X) Quem pode entender hoje a crise econômica internacional fora dos esquemas da superprodução, essencial ao capitalismo?
(Y) Portanto, é a unipolaridade vigente há uma década que busca impor a dicotomia livre mercado/protecionismo.
V
Nunca as relações mercantis tiveram tanta universalidade, seja dentro de cada país, seja nas novas fronteiras do capitalismo.
(X) O capitalismo dá mostras de enfrentar forte declínio, que leva os especialistas a preverem profunda fragmentação na ordem econômica interna de cada nação.
(Y) Assiste-se ao capitalismo em plena fase imperialista consolidada, em que as formas de dominação se multiplicam.

a) X,X,Y,Y,X
b) Y,X,X,X,Y
c) Y,Y,X,X,Y
d) X,Y,Y,X,Y
e) X,Y,Y,X,X

Esta questão exige que o candidato leia o enunciado com bastante calma e perceba haver a solicitação tão somente do início do texto em cada item, ou seja, não pode haver em X ou Y elementos remissivos. Por exemplo, no item 1, o fragmento "Em consequência desses fatores" indica que os fatores já deveriam ter sido citadas anteriormente. Então, o item 1 só pode ser iniciado por Y. Sobraram apenas as opções B e C. No item 2, X não apresenta elementos remissivos, podendo iniciar o texto. Já Y é introduzido "Eles substituíram", indicando que o pronome ELES refere-se a elementos que teoricamente já deveriam ter sido mencionados. O segundo item é X. Portanto, já se chega à resposta. Opção B.

Capítulo 30

Teoria Argumentativa

Amigo leitor, é inegável que o trabalho de interpretação requer um pouco de intuição e de experiência pessoal, mormente o hábito da leitura. Se não o tens, que passes a tê-lo. No entanto, além do aspecto instintivo e da bagagem cultural, há algumas técnicas de interpretação fundamentais para quem deseja fazer uma boa prova de concurso público. Este capítulo trabalhará, de forma resumida e objetiva, as técnicas cabíveis para que o candidato chegue à resposta correta nas questões de concursos públicos. Deixo bem claro aqui que não pretendo me alongar em demasia quanto aos elementos teóricos, mas passar somente as informações mais importantes para o candidato acertar questões deste assunto (considerado verdadeiro tabu, com respostas que às vezes os mais despreparados acham ininteligíveis) em concursos públicos. O primeiro passo é retornar ao capítulo de conjunções e lê-lo com todo carinho, refazer os exercícios etc. Depois, dar uma passada pelas preposições, observar as relações causa-efeito em conjunções e preposições. Após é interessante rever a semântica de verbos, os valores de prefixos e sufixos, os homônimos e parônimos, latinismos, restrição e explicação nas orações adjetivas... Não há mais hoje em dia como se falar em interpretação sem falar em gramática, tal qual não há como se falar em gramática sem falar em interpretação. As questões de gramática são contextualizadas.

30.1. Denotação

Vocabulário utilizado no sentido oficial – valor que se encontra registrado nos dicionários.

30.2. Conotação

Vocabulário utilizado no sentido figurado, contextual – valor que não se encontra registrado nos dicionários.

Obs.: Os dicionários registram várias acepções que as palavras denotam. Porém, quando os vocábulos carregam valores outros que recebem das estruturas textuais, indica-se a ocorrência da conotação.

Ex.: Estou com fome e degustarei um abacaxi.

→ O vocábulo "abacaxi" está no sentido denotativo, oficial, representando a fruta.

Ex.: A denúncia de corrupção é um abacaxi para o governo.

→ O termo "abacaxi" está sendo utilizado no sentido figurado, significando "problema".

Ex.: A medicina aos poucos está superando o câncer.

→ "Câncer" está no sentido denotativo e oficial que se encontra registrado nos dicionários.

Ex.: A classe política é um câncer para o nosso país.

→ "Câncer está no sentido conotativo, não significando oficialmente a doença.

30.3. Descrição

Texto ou fragmento de texto que tem por fim formar a imagem de um ser, de um objeto, de um lugar ou uma ambiente em um determinado momento. É fundamental perceber que a descrição não indica uma sequência temporal. Pelo contrário, na descrição de uma situação, os fatos ocorrem simultaneamente, podendo-se, inclusive, inverter a ordem dos eventos. Compara-se a descrição à fotografia.

Ex: O professor tem aproximadamente quarenta anos, um metro e oitenta, noventa quilos, cabelos castanhos e ralos, barba espessa e usa óculos.

Enquanto o professor explicava a matéria, os alunos das primeiras fileiras prestavam atenção. Já os das fileiras intermediárias dormiam e os das fileiras do fundo jogavam bolinhas de papel uns nos outros.

→ Observe que, nos dois exemplos, procurou-se fazer uma descrição. No primeiro caso, de uma pessoa; no segundo, de um ambiente. Repare que, neste, a ordem dos fatos poderia ser invertida, pois os eventos são concomitantes. "Enquanto o professor explicava a matéria, os alunos das fileiras do fundo jogavam bolinhas de papel uns nos outros. Já os das fileiras intermediárias dormiam e os das primeiras fileiras prestavam atenção."

"A sala era pequena e de telha vã. Pelas paredes, velhos cromos de folhinhas, registros de santos, recortes de ilustrações de jornais baralhavam-se e subiam por elas até dous terços da altura. Ao lado de uma Nossa Senhora da Penha, havia um retrato de Vitor Emanuel – uma cabeça de mulher em posição de sonho – parecia olhar um São João Batista ao lado. No alto da porta que levava ao interior da casa, uma

lamparina, numa cantoneira, enchia de fuligem a Conceição de louça" (Lima Barreto).

→ A intenção deste fragmento de texto é formar a imagem da sala, desde o seu tamanho até os elementos que a compõem.

30.4. Narração

Texto ou fragmento de texto que tem por fim relatar uma sequência de fatos ou ações. Ao contrário da descrição – onde os fatos ocorrem simultaneamente –, a narração sugere eventos acontecendo em sucessão. Compara-se a um filme.

Ex.: "Os aimorés haviam reiniciado a luta, cada vez mais sequiosos de vingança. Os selvagens, não querendo que ninguém se salvasse, principalmente Pery, abateram uma árvore que era um ponto de comunicação praticável entre a residência de D. Antônio de Mariz e a cabana do índio.

Ao primeiro golpe do machado de pedra sobre o tronco, Pery estremeceu e ia despedaçar a cabeça do inimigo com a clavina; conteve-se, porém, e acabou de torcer uma corda com os filamentos de uma das palmeiras que serviam de esteio à sua cabana. A árvore, afinal, caiu e os aimorés, mais tranquilos, continuavam os preparativos para o combate final que contavam dar durante a madrugada" (José de Alencar).

Este fragmento de texto narra sequencialmente os fatos que se sucederam. Uma fotografia não indicaria todo o ocorrido. Haveria a necessidade de um filme para demonstrar a sucessão de acontecimentos: Pery estremeceu; depois foi despedaçar a cabeça do inimigo; posteriormente se conteve; finalmente, torceu uma corda.

Obs.: Também é importante esclarecer que o texto é considerado narrativo quando o autor mencionar dizeres de terceiros. O dizer é também uma ação. Da mesma maneira que se entende como narração o fato de acordar, levantar, escovar os dentes, beber um café, vestir-se e sair para trabalhar, também se compreende como narração o fato de um autor informar o que terceiros dizem, informam, esclarecem, citam etc.

Um pouco de bom-senso sempre ajuda

(Augusto Nunes – 28/10/2005 – com adaptações.)

Em Mato Grosso, a febre aftosa provoca o extermínio de milhares de cabeças de gado. Em Portugal, ao lado de Marisa Letícia, o Presidente Lula diz que está tudo dominado. Na fronteira com o Paraguai, técnicos do Ministério da Agricultura confirmam o aparecimento de novos focos da

doença. Na Espanha, Lula declara que o problema, restrito a um único rebanho, já foi resolvido.
De volta ao Brasil, esbanjou felicidade. “Nós precisamos viajar o mundo e ir conhecendo as pessoas”, ensinou em lulês na quinta-feira. Qualificou de “excepcionais” os resultados do giro europeu.
“Nada é mais prazeroso para um ser humano do que deitar todo santo dia com a cabeça no travesseiro e dizer: hoje valeu a pena governar este país”, aplaudiu-se. Contratempos sempre haverá. “Não acredito em nenhum país que não tenha problema”, disse em Moscou. “Se não tivesse problema, não tinha política, tudo se resolvia num convento.”

Observe que o autor do texto narra, de forma irônica, os dizeres do Presidente Lula. Este fragmento é predominantemente narrativo.

30.5. Dissertação

Texto que se caracteriza pela interpretação e análise da realidade por meio de conceitos abstratos. Difere-se aí da descrição e da narração, visto que nestes há a predominância de elementos concretos. Na dissertação, não há a preocupação com a formação da imagem de um objeto, de um ser ou de uma situação, tampouco indica-se a sequência de ações. Neste tipo de verbete, o esperado é uma tomada de posição do autor em relação a um assunto e os meios utilizados para a defesa dessa posição. Enfim, a dissertação pressupõe a indicação de uma opinião (tese) acerca do tema proposto e os recursos (argumentos) para apoiar a opinião.

30.6. Tese

É a opinião do autor do texto sobre um determinado assunto. Existem as teses abrangentes e as específicas. As teses abrangentes normalmente – é fundamental o leitor compreender o uso do vocabulário “normalmente” e não “sempre”; trata-se aqui de estudo de língua, e não de ciência exata – posicionam-se no parágrafo introdutório (onde se expõe a opinião geral – tópico frasal – do autor e a subdivisão dos tópicos apresentados) e no último parágrafo (quando se retoma a introdução e faz-se o fechamento) dos textos dissertativos. Como o texto há de ser coeso, os parágrafos do desenvolvimento devem se remeter ao introdutório e reapresentar os tópicos expostos. Então, por exemplo, no segundo parágrafo, o primeiro tópico exibido na introdução deverá ser reapresentado e após será iniciada a argumentação. Como cada parágrafo do desenvolvimento deve ser uma análise de cada tópico apresentado, pode-se entender que os tópicos

indicarão as subdivisões da introdução abrangente. Daí denominá-la de específica, cabendo também outros nomes: individual, pequena, desdobramento de tese etc.

30.7. Argumento

É o meio utilizado para a defesa da tese. O argumento funciona como um meio de convencimento de que a opinião é cabível, consistente e coerente. Existem vários recursos de argumentação:

- **exemplos –** normalmente são fatos narrados que exemplificam, justificam ou esclarecem a tese apresentada. Tem-se uma opinião sobre determinado tema e apresenta-se um exemplo que comprove tal posicionamento;
- **dados estatísticos –** informações colhidas junto a órgãos de pesquisa capazes de dar fundamento a uma tese apresentada. O autor do texto demonstra seu posicionamento acerca de um assunto e, ao defendê-lo, utiliza-se de dados e elementos numéricos para o apoio a seu parecer;
- **analogias –** a tese é defendida através de comparações. Obviamente, para haver a coerência textual, a comparação terá de ser sempre favorável à opinião exposta pelo autor;
- **evidências –** a tese é defendida por uma certeza manifesta, por uma unidade cuja expressão não apresenta dúvida quanto à sua verdade ou quanto à sua falsidade;
- **informações de terceiros –** a tese é apoiada por informações de terceiros (normalmente algum especialista no assunto). É sempre importante lembrar que "informações de terceiros" são recursos narrativos de argumentação. Normalmente quando há no texto a referência a dizeres de autoridades no objeto tratado, as bancas questionam o motivo de tal. Dentre as opções, indicam que se sucede para dar importância ao assunto em voga. Essa explicação não é correta, pois a justificativa de esclarecer a procedência da informação é dar-lhe valor, autoridade, importância. Destarte, no caso, a importância é da informação que funciona como recurso de argumentação e não do tema desenvolvido.

O Brasil das cabeças desarrumadas

Elio Gaspari (O Globo)

O resultado do referendo fez um bem ao país. Instaurou o império das cabeças desarrumadas, e o Brasil precisa delas.

Uma pessoa de cabeça desarrumada é assim: defende a pena de morte e o ensino gratuito nas universidades públicas. É a favor do aborto e se diz

católico. Votou Lula em 2002 e José Serra em 2004. É contra as cotas nas universidades e milita numa ONG de defesa da Mata Atlântica. Por desarrumada, essa cabeça pode pensar tudo ao contrário e não faz a menor diferença. A desarrumação determina e incentiva o debate. Opõe-se a um mundo de ideias ordenadas no qual a pessoa deve se preocupar em "pensar direito", entendendo-se que sempre haverá alguém explicando o que vem a ser "pensar direito".

Houve uma época em que a expressão "raciocinar em bloco" designava, com alguma ironia, inteligências ou culturas privilegiadas, sacerdotes do bem-pensar. Aceitando-se as virtudes do mestre, esperava-se sua opinião e ia-se atrás. Essa atitude tanto pode colocar uma pessoa na condição de discípulo de um grande pensador como pode embalá-la na treva da ignorância. O segundo caso ocorre com maior frequência.

As cabeças arrumadas brasileiras, atraídas pela construção de modelos intelectuais harmônicos, dão pouca atenção ao funcionamento da sociedade. Preferem evitar o assunto. Alguns exemplos.

O bem-pensar urbano do Rio de Janeiro legislou que é proibido construir apartamentos com menos de 30 metros quadrados. Coisa de gente muito bem educada. Faltou dizer onde vai morar uma família que não tem dinheiro para essa metragem. Na favela, por certo. A discussão dessa lei de incentivo à favelização está fora do debate urbano carioca.

O bem-pensar tributário estabeleceu que os serviços de telefonia devem ser taxados com mão de ferro, pois vai-se tomar dinheiro do andar de cima para custear investimentos que atenderão ao de baixo. Deu no seguinte: o patrão fala com Paris de graça pelo Skype e a empregada paga R$ 5 por um telefonema de dez minutos para Bangu. Um imposto destinado a buscar justiça produz injustiça, mas o tema está fora da agenda dos teletecas.

O bem-pensar diplomático levou Lula a propor uma cruzada mundial contra a fome. Fez isso em Genebra, Paris e Nova York. Passados dois anos, contou que gostaria de arrumar recursos para combater a desnutrição da África, aumentando as taxas de embarque nos aeroportos brasileiros. Falta dizer aos usuários do Galeão que eles pagam uma das taxas mais altas do mundo, o dobro do que se cobra no Aeroporto Kennedy.

Num caso mais farisaico, tome-se o exemplo da legislação penal brasileira. Bem pensada, faz inveja a um advogado sueco. São muitos os doutores que fazem palestras pelo mundo descrevendo essa joia de modernidade. Jamais um ministro da Justiça contará que as maravilhas são parolas. O que vale

mesmo é a lei da massa. O bandido que entra na prisão passa a uma nova instância judicial, a de seus pares. Maltratou a mãe? Morre. Estupro? Se não morrer, sofre o que fez. Respeito, só para os estelionatários.

No Brasil das cabeças desarrumadas cada tema poderá ser discutido e avaliado isoladamente. Muitas opiniões resultarão contraditórias, mas é esse exercício do juízo individual que enriquece o debate público.

Harmonia e nexo podem ser desejáveis, mas é preferível conviver com pessoas de cabeça desarrumada cujas opiniões não formam um nexo final do que aturar gente que tem muito nexo mas não se responsabiliza pelas opiniões que dá.

→ Observe: o tópico frasal apresenta dois elementos a serem desenvolvidos: "Instaurou o império das cabeças desarrumadas, e o Brasil precisa delas". O segundo parágrafo reapresenta apenas o primeiro tópico da tese abrangente (a tese particular): "Uma pessoa de cabeça desarrumada é assim". A partir daí, o autor começa a utilizar o recurso da exemplificação para a defesa da pequena tese: "defende a pena de morte e o ensino gratuito nas universidades públicas. É a favor do aborto e se diz católico. Votou Lula em 2002 e José Serra em 2004. É contra as cotas nas universidades e milita numa Ong de defesa da Mata Atlântica".

→ O sexto parágrafo retoma a segunda parte do tópico frasal da introdução "e o Brasil precisa delas."): "As cabeças arrumadas brasileiras, atraídas pela construção de modelos intelectuais harmônicos, dão pouca atenção ao funcionamento da sociedade. Preferem evitar o assunto". Observe que o próprio autor do texto indica que a tese está se findando, pois ao fim deste parágrafo, ele escreve "alguns exemplos:". Então, a partir daí até o antepenúltimo parágrafo, ocorrerão apenas exemplos para defender o fato de o Brasil precisar de cabeças desarrumadas. Os dois últimos parágrafos retomam o parágrafo introdutório sem a preocupação de oferecer outros argumentos, indicando tão somente a conclusão de tudo o que se defendeu.

A nova política (Merval Pereira)

O referendo sobre o desarmamento revelou, além da intensidade do sentimento negativo do eleitorado em relação à atuação do Poder Público, a vitalidade da chamada "sociedade global", fenômeno que caracteriza as sociedades modernas que, com os meios tecnológicos de que dispõem hoje, podem existir independentemente das instituições políticas e do sistema de comunicação de massa, segundo análise do sociólogo Manuel

Castells, da Universidade Southern Califórnia, nos Estados Unidos, um dos seus principais teóricos.

Segundo ele, a crise de legitimidade política, caracterizada por um distanciamento crescente entre os cidadãos e seus representantes, faz com que a sociedade civil tente preencher o "vazio de representação", através de "mobilizações espontâneas usando sistemas autônomos de comunicação".

Internet e comunicação sem fio, como os telefones celulares, "proveem um espaço público como instrumento de organização e meio de debate, diálogo e decisões coletivas", ressalta Castells. A sociedade civil representada nesses debates, como aconteceu no referendo especialmente através da Internet, seria "um canal para a transformação do Estado".

Miguel Darcy de Oliveira, fundador da Comunitas, uma organização da sociedade civil de interesse público para o fortalecimento da sociedade civil e a promoção do desenvolvimento social no Brasil, acha que o debate sobre desarmamento revelou dois fenômenos convergentes: o poder da Internet como ambiente para a formação de opiniões, e a capacidade do cidadão de pensar pela própria cabeça, confrontar pontos de vista, deliberar e tomar posição.

Para Miguel Darcy, a importância da Internet está em ser "o espaço por excelência para a livre expressão e debate. Cada um expõe seu ponto de vista, muitas vezes numa linguagem bem mais simples e direta do que a usada em textos escritos. Abre-se assim fórum de ideias aberto à contribuição de múltiplos participantes. Uma opinião não tem mais peso ou autoridade do que uma outra. Não há instância de controle do que pode ou não ser dito, do que é ou não politicamente correto. O que conta é o debate que se instala e se irradia com grande velocidade". Ele ressalta que, durante a campanha do referendo, o movimento na Internet cresceu de maneira espontânea e inesperada.

"Amigos e colegas trocaram e-mails sobre os pontos de vista em discussão. Idéias foram confrontadas numa grande conversação que começou no ambiente virtual e se prolongou nos espaços de trabalho, na família, na escola. Gente que habitualmente pensava do mesmo modo se via agora defendendo posições conflitantes. Apelos emocionais e argumentos simplistas foram questionados. Cada um se viu diante do desafio de elaborar, sustentar e, eventualmente, modificar sua opinião."

Apesar de a penetração da Internet ainda ser pequena no Brasil, sua capacidade de formação de opinião foi demonstrada durante a campanha

do referendo, tornando-se um exemplo eloquente da emergência de um espaço público de debate e deliberação "que ninguém controla e que é altamente democrático". Assim como Castells, Miguel Darcy de Oliveira classifica a participação de muitos neste campo argumentativo como "a melhor resposta dos cidadãos à crise da velha política e sua contribuição à invenção de uma democracia que se alicerça numa sociedade civil e numa opinião pública participante".

O secretário municipal de Urbanismo do Rio, Alfredo Sirkis, diz que a vitória do "Não" no referendo não deve ser vista como da direita ou do conservadorismo. Ele diz que votou nulo, e classificou o referendo de "inócuo, demagógico, meramente midiático, um faz-de-conta, bem à moda brasileira, onde a vitória eventual do 'Sim' em nada mudaria a situação de violência fora do controle, nem contribuiria para o desarmamento em nada minimamente efetivo".

Um dos maiores desafios da esquerda é a questão da segurança e da violência, admite Sirkis. "Se não soubermos tratar disso, não teremos futuro. Foi a lição aprendida por Clinton e Blair, que protagonizaram as duas únicas experiências bem-sucedidas à esquerda (nos respectivos contextos) que garantiram seu sucesso e reeleição." Sem uma política clara em relação à segurança, Sirkis diz que a esquerda conseguirá "dentro de algum tempo, aí sim, empurrar para a direita todo esse imenso contingente que votou 'Não'".

Já o cientista político Bolívar Lamounier acha que o resultado do plebiscito certamente vai deixar muitas almas boas chocadas e quiçá desiludidas com o recurso à chamada "democracia direta", muito usada principalmente por governos populistas, como o de Chávez, na Venezuela. Não é à toa que o Presidente Lula chegou a pensar em colocar seu governo a julgamento público junto com o referendo das armas. Seria um erro político grosseiro, mas revela o espírito de sua política. Em seu livro recentemente lançado, Da independência a Lula: dois séculos de política brasileira, Bolívar Lamounier critica a "democracia direta".

Ele lembra que a utopia da democracia "direta" nutre-se de práticas vigentes num pequeno grupo de países, como nos Estados Unidos. Segundo Lamounier, de "direta" ela tem muito pouco: "no mais das vezes, trata-se de uma guerra entre lobbies, dissidências dos partidos e, não raro, de grupos racistas em geral muito bem financiados; ou então, visa amplificar a ressonância de propostas ou campanhas promovidas ao mesmo tempo através dos canais políticos normais". Segundo ele, "a

possibilidade de manipulação é inerente ao instrumento, pois a autoridade incumbida de propor os quesitos pode ficar muito aquém da neutralidade".
O cientista político lembra que "desde que começaram a ser realizados, há cerca de dois séculos, plebiscitos e referendos foram quase sempre um jogo de cartas marcadas, com o objetivo de legitimar decisões autoritárias, ratificar ocupações de território alheio, e assim por diante".

Observe que este texto é dissertativo, pois revela a opinião do autor do texto logo em seu início: "O referendo sobre o desarmamento revelou, além da intensidade do sentimento negativo do eleitorado em relação à atuação do poder público, a vitalidade da chamada 'sociedade global'." A partir daí, são utilizados depoimentos de terceiros como recurso de argumentação. Logo após a vírgula em que se encerra a tese do autor, inicia-se sua defesa: "fenômeno que caracteriza as sociedades modernas que, com os meios tecnológicos de que dispõem hoje, podem existir independentemente das instituições políticas e do sistema de comunicação de massa, segundo análise do sociólogo Manuel Castells, da Universidade Southern Califórnia, nos Estados Unidos, um dos seus principais teóricos".
Até o fim do texto, o autor não volta a emitir opiniões nem para concluir o texto. A partir da análise de Manuel Castells, o texto segue com uma longa narração em que são utilizados apenas depoimentos de peritos acerca do tema tratado. Deduz-se, portanto, que o recurso argumentativo utilizado foi a informação de terceiros. É fundamental chamar a atenção do leitor que o autor do texto apresenta cada um de seus depoentes. Tal identificação se faz necessária visto que confere credibilidade às informações. Então, ao dizer que Manuel Castells é sociólogo da Universidade Southern Califórnia, nos Estados Unidos, e um dos seus principais teóricos, a informação ganha peso, a argumentação se torna válida, a defesa da opinião ganha autoridade. Enfim, a identificação do depoente se torna necessária não para produzir credibilidade para o tema e sim para o argumento.
É importante não esquecer que as questões de interpretação são confeccionadas com a intenção de deixar o candidato em dúvida entre duas opções. São, normalmente, estas opções coerentes com texto, porém, às vezes, não o são com as perguntas formuladas. Você terá que aprender a responder exatamente o que está sendo perguntado. O estudo a seguir é referente aos enunciados das questões.

30.8. Recorrência textual

Ocorre quando a banca exige algo que esteja claro no texto. Enunciados que se apresentam como "Segundo o texto", "De acordo com o texto", "O autor diz que" impõem que as respostas estejam explícitas no texto. Sendo assim, é possível que uma opção esteja efetivamente em conformidade com as ideias expostas no texto, e a outra seja uma dedução, às vezes até coerente, decorrente dos elementos do texto. Se o enunciado foi um daqueles mencionados, a resposta haverá de ser a primeira opção.

É importante observar que toda questão relativa a valor semântico dos vocábulos (sinonímia) é de recorrência textual, pois não se deseja saber o sinônimo da palavra isoladamente, mas sim no contexto. Por exemplo, as palavras "participar" e "informar" são sinônimas? A resposta certa é "talvez", "dependendo do contexto". Na frase "Participei de uma festa ontem", o verbo PARTICIPAR não é sinônimo de "INFORMAR". No entanto, na frase "Participei a todos que o deputado foi processado", o verbo PARTICIPAR já se torna sinônimo de INFORMAR.

30.9. Inferência textual

Ocorre quando a banca exige do candidato algo que esteja além do texto. Enunciados que se apresentam como "Deduz-se...", "Depreende-se...", "Conclui-se", "Infere-se", "O que o autor quis dizer com..." impõem que a resposta correta não seja algo que esteja explícito, mas sim subentendido. É uma dedução. Perceba a diferença entre "O que o autor informou...?" e "O que o autor pretendeu dizer com...?" No primeiro caso, a banca exige algo que o autor informou, ou seja, algo explícito no texto; já, no segundo caso, o candidato deve imaginar o que o autor pretendeu dizer.

BIZU

Como já se mencionara, o fundamental é o candidato aprender a responder ao que está sendo perguntado. Portanto, se no enunciado da questão houver a proposição "Segundo o fragmento X", você irá se restringir a responder sobre o fragmento X, mesmo que este fragmento se oponha ao restante do texto. Se a banca expuser um fragmento finalizado com reticências (XXXX...), você deverá retornar ao texto e observar onde aquela ideia acabará. Se for proposta uma inferência acerca da totalidade do texto, e não de um fragmento, o candidato deverá procurar a resposta no tópico frasal (normalmente no início do texto), onde estará presente a tese abrangente.

30.10. Exercícios com gabarito comentado sobre teoria argumentativa

A FOME

Cerca de vinte milhões de crianças e mais de vinte milhões de adultos morrem anualmente de fome e subnutrição. A informação é do diretor-geral da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO), Edouard Sadema, segundo o qual, se observássemos um minuto de silêncio por cada pessoa que morreu no ano passado por causas relacionadas com a fome, estaríamos em pé, calados, ainda depois de acabado o século... Ele citou, entre a lista de paradoxos que o panorama econômico mundial oferece, o ato de que os gastos militares de todo o mundo aumentaram em proporções colossais, e sua quantia foi superior vinte vezes ao total de assistência oficial ao desenvolvimento. O custo de um só porta-aviões nuclear, disse ele, é superior ao Produto Nacional Bruto (PNB) de 53 países. Os países em desenvolvimento gastam anualmente com importação de armas o equivalente a suas importações totais de alimentos. (Caderno econômico do jornal *A Tarde*, Salvador.)

1. Por que o jornalista dá, no primeiro texto, a fonte de sua informação?

a) Porque quer demonstrar a importância do tema tratado.
b) Porque é obrigado a declarar como chegou a essa informação.
c) Porque quer dar autoridade ao que informa.
d) Porque todo texto jornalístico faz isso.
e) Porque quer provocar sensacionalismo.

Resposta: Alternativa C.

Não se pode dizer que o texto seja dissertativo, pois a opinião do autor do texto não aparece de forma explícita. Aqui só há narração (o autor está narrando todos os dizeres do diretor-geral da ONU) e argumentação (O recurso utilizado foi o conjunto de informações fornecido pelo diretor-geral da ONU). Como já se informara, ao identificar o fornecedor da informação, não se expõe a importância do tema, mas sim da informação. Quando se diz que a informação é prestada pelo diretor-geral da ONU, ganha peso, credibilidade, autoridade e se torna um significativo recurso de argumentação.

(Técnico Judiciário Juramentado – TJ – RJ – NCE)
TEXTO – VIVER EM SOCIEDADE
Dalmo de Abreu Dallari

A sociedade humana é um conjunto de pessoas ligadas pela necessidade de se ajudarem umas às outras, a fim de que possam garantir a continuidade da vida e satisfazer seus interesses e desejos.
Sem vida em sociedade, as pessoas não conseguiriam sobreviver, pois o ser humano, durante muito tempo, necessita de outros para conseguir alimentação e abrigo. E no mundo moderno, com a grande maioria das pessoas morando na cidade, com hábitos

que tornam necessários muitos bens produzidos pela indústria, não há quem não necessite dos outros muitas vezes por dia.
Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material, como os alimentos, a roupa, a moradia, os meios de transporte e os cuidados de saúde. Elas são também de ordem espiritual e psicológica. Toda pessoa humana necessita de afeto, precisa amar e sentir-se amada, quer sempre que alguém lhe dê atenção e que todos a respeitem. Além disso, todo ser humano tem suas crenças, tem sua fé em alguma coisa, que é a base de suas esperanças.
Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos. Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitada de dar e receber afeto. E muito provavelmente ficaria louca se continuasse sozinha por muito tempo.
Mas, justamente porque vivendo em sociedade é que a pessoa humana pode satisfazer suas necessidades, é preciso que a sociedade seja organizada de tal modo que sirva, realmente, para esse fim. E não basta que a vida social permita apenas a satisfação de algumas necessidades da pessoa humana ou de todas as necessidades de apenas algumas pessoas. A sociedade organizada com justiça é aquela em que se procura fazer com que todas as pessoas possam satisfazer todas as suas necessidades, é aquela em que todos, desde o momento em que nascem, têm as mesmas oportunidades, aquela em que os benefícios e encargos são repartidos igualmente entre todos.
Para que essa repartição se faça com justiça, é preciso que todos procurem conhecer seus direitos e exijam que eles sejam respeitados, como também devem conhecer e cumprir seus deveres e suas responsabilidades sociais.

2. Segundo o primeiro parágrafo do texto:
a) As pessoas se ajudam mutuamente a fim de formar uma sociedade.
b) A garantia da continuidade da vida é dada pela satisfação dos desejos das pessoas.
c) A satisfação dos interesses e desejos das pessoas leva à vida em sociedade.
d) Não seria possível a sobrevivência se não existisse sociedade.
e) Sem a ajuda mútua, as pessoas levariam uma vida isenta de desejos.
Resposta: Alternativa D.
Normalmente o candidato fica em dúvida entre as opções C e D. A tendência é marcar a alternativa C. No entanto, esta opção possui uma falha técnica: houve a inversão da relação causa-efeito. Lembre-se do que foi exposto em conjunções. O conector "a fim de que" acrescenta ao período valor de finalidade (a ideia de finalidade está relacionada à de consequência). O que ocorre anteriormente é "a existência da sociedade" e depois "a satisfação de interesses e desejos", portanto não se pode dizer que a satisfação dos interesses leva à vida em sociedade, mas sim que a sociedade é que leva à satisfação de interesses e desejos. Já se ouviu muito que a opção D não poderia ser a resposta, já que

o enunciado (de recorrência) exige uma resposta presente no primeiro parágrafo e a resposta estaria no segundo. Todavia, este argumento se torna insuficiente à medida que se observa a ideia já presente no primeiro parágrafo (sociedade existe para garantir a continuidade da vida). Enfim, é fundamental perceber a organização do texto. O primeiro parágrafo apresenta dois tópicos a serem desenvolvidos (tese abrangente): a sociedade existe para garantir a continuidade da vida e a sociedade existe para satisfazer interesses e desejos. O segundo parágrafo retoma apenas o primeiro tópico (tese particular) da tese abrangente, modificando as palavras, e somente a partir da conjunção "pois" inicia-se a argumentação.

3. "... pois o ser humano, durante muito tempo, necessita de outros para conseguir alimentação e abrigo". A expressão "durante muito tempo" se refere certamente ao período:

a) da velhice;
b) da gravidez;
c) de doenças;
d) da infância;
e) do trabalho.

Resposta: Alternativa D.

Observe que a questão é de inferência textual. Na pergunta, não está mencionado que a resposta estaria no texto, além de a expressão "certamente" indicar que se trata de uma dedução. Então, façamos a dedução... Em que período de nossas vidas, certamente, precisaríamos de alguém para conseguir alimentação e moradia. Com certeza, o período em que todos são dependentes é a infância, pois na velhice (caso cheguemos a ela) há a possibilidade de mantermo-nos independentes. Mas quando crianças, não.

4. "Elas são também de ordem espiritual e psicológica". As palavras que exemplificam, respectivamente, na continuidade do texto as necessidades espiritual e psicológica, são:

a) afeto / atenção;
b) crenças / afeto;
c) fé / crenças;
d) amar / ser amada;
e) atenção / esperanças.

Resposta: Alternativa B.

Observe que, nesta questão, estão sendo solicitadas ao candidato palavras que sirvam de exemplo para uma tese específica. O terceiro parágrafo representa o segundo tópico apresentado na introdução (satisfazer interesses e desejos), mudando-se apenas os vocábulos: "Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material, como os alimentos, a roupa, a moradia, os meios de transporte e os cuidados de saúde. Elas são também de ordem espiritual e psicológica". Então a tese específica é que há interesses de ordem espiritual e psicológica. Os exemplos, que servem de argumentos, não respeitam a ordem da tese, vindo primeiro os de ordem psicológica (toda pessoa humana necessita de afeto, precisa amar e sentir-se amada, quer sempre que alguém

lhe dê atenção e que todos a respeitem) e depois os de ordem espiritual (além disso, todo ser humano tem suas crenças, tem sua fé em alguma coisa, que é a base de suas esperanças).

5. "Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida..." Este segmento do texto teria redação mais clara se:
a) Substituíssemos a primeira vírgula pela conjunção aditiva E.
b) Repetíssemos o sujeito na segunda oração.
c) Deslocássemos as ocorrências do advérbio "não" para antes de "apenas".
d) Mudássemos a ordem das orações, de modo a colocar a última como primeira.
e) Omitíssemos o substantivo "seres".
Resposta: Alternativa C.
Primeiramente, observe a presença de reticências. Já é um indício de que se deve retornar àquele fragmento do texto. Além disso, você já leu o texto e, no primeiro parágrafo, o autor já manifestou que a sociedade existe para garantir a continuidade da vida. No início do segundo parágrafo, ele assevera que "Sem vida em sociedade, as pessoas não conseguiriam sobreviver". Então, como as pessoas vivem juntas, vivem em sociedade, fica evidenciado que a intenção do autor não era negar o verbo VIVER. O objetivo dele era negar o elemento de restrição "apenas", pois o advérbio "não", ao negar o apenas, na realidade estaria negando o fato de haver apenas um motivo para os seres humanos viverem em sociedade – porque escolhem esse modo de vida –, indicando haver outro motivo – mas (mas também, indicando ideia de soma) porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana.

6. "Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia..." O uso do futuro do pretérito, nesse segmento, tem valor de:
a) probabilidade;
b) certeza;
c) dúvida;
d) conclusão;
e) condição.
Resposta: Alternativa A.
É fundamental perceber que o enunciado da questão já demonstra que o futuro do pretérito pode passar várias ideias. A expressão "O uso do futuro do pretérito, nesse segmento, tem valor de" indica que este mesmo tempo, em outros fragmentos, pode ter valores diferentes. O futuro do pretérito designa uma consequência futura (que pode ser certa, provável ou duvidosa) de um fato passado. Portanto, o contexto tem que oferecer algum elemento que denuncie de forma precisa esta ideia. O segmento apontado é extraído com reticências já convocando o candidato a retornar ao texto e observar onde a ideia é finalizada. No fim do mesmo parágrafo, ocorre outro verbo no futuro do pretérito (ficaria) antecedido do adjunto adverbial "provavelmente". A palavra-chave "provavelmente" esclarece que a visão do autor do texto é que muito provavelmente a pessoa ficaria louca se continuasse sozinha. Se não chega a ser uma certeza que a

pessoa ficaria louca, também não é uma dúvida o fato de ela estar em pouco tempo sentido falta de companhia, mas sim uma situação extremamente provável.

7. "... ficaria louca se continuasse sozinha". A relação entre essas duas orações mostra que:
a) A segunda só se realiza se a primeira não realizar-se.
b) A primeira se realiza contanto que a segunda não se realize.
c) A segunda é consequência da primeira.
d) A primeira é motivada pela segunda.
e) A primeira é uma hipótese para a realização da segunda.
Resposta Alternativa D.
É fundamental lembrar que a ideia de condição está extremamente relacionada à ideia de causa. Há duas orações: "ficaria louca" e "se continuasse sozinha". Primeiro a pessoa tem que continuar sozinha para depois ficar louca. Então a segunda oração é uma condição (hipótese) para a realização da primeira, oposto do que indica a opção E. As duas primeiras opções são absurdas. Por fim, o candidato fica em dúvida entre as opções C e D. Conforme já se esclarecera, o fato anterior é "se continuasse sozinha", o posterior é "ficaria louca", logo o fato de "continuar sozinha" motiva o fato de a pessoa enlouquecer.

(PC – RJ – NCE)
TEXTO – DROGAS: A MÍDIA ESTÁ DENTRO
Eugênio Bucci

Há poucos dias, assistindo a um desses debates universitários que a gente pensa que não vão dar em nada, ouvi um raciocínio que não me saiu mais da cabeça. Ouvi-o de um professor – um professor brilhante, é bom que se diga. Ele se saía muito bem, tecendo considerações críticas sobre o provão. Aliás, o debate era sobre o provão, mas isso não vem ao caso. O que me interessou foi um comentário marginal que ele fez – e o exemplo que escolheu para ilustrar seu comentário. Primeiro, ele disse que a publicidade não pode tudo, ou melhor, que nem todas as atitudes humanas são ditadas pela propaganda. Sim, a tese é óbvia, ninguém discorda disso, mas o mais interessante veio depois. Para corroborar sua constatação, o professor lembrou que muita gente cheira cocaína e, no entanto, não há propaganda de cocaína na TV. Qual a conclusão lógica? Isso mesmo: nem todo hábito de consumo é ditado pela publicidade.
A favor da mesma tese, poderíamos dizer que, muitas vezes, a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público. Inúmeros esforços publicitários não resultam em nada. Continuemos no campo das substâncias ilícitas. Existem insistentes campanhas antidrogas nos meios de comunicação, algumas um tanto soporíferas, outras mais terroristas, e todas fracassam. Moral da história? Nem que seja para consumir produtos químicos ilegais, ainda somos minimamente livres diante do poder da mídia. Temos alguma autonomia para formar nossas decisões.
Tudo certo? Creio que não. Concordo que a mídia não pode tudo, concordo que as

pessoas conseguem guardar alguma independência em sua relação com a publicidade, mas acho que o professor cometeu duas impropriedades: anunciou uma tese fácil demais e, para demonstrá-la, escolheu um exemplo ingênuo demais. Embora não vejamos um comercial promovendo explicitamente o consumo de cocaína, ou de maconha, ou de heroína, ou de crack, a verdade é que os meios de comunicação nos bombardeiam, durante 24 horas por dia, com a propaganda não de drogas, mas do efeito das drogas. A publicidade, nesse sentido, não refreia, mas reforça o desejo pelo efeito das drogas. Por favor, não se pode culpar os publicitários por isso – eles, assim como todo mundo, não sabem o que fazem.

8. DROGAS: A MÍDIA ESTÁ DENTRO. Com esse título o autor:
a) Condena a mídia por sua participação na difusão do consumo de drogas.
b) Mostra que a mídia se envolve, de algum modo, com o tema das drogas.
c) Faz um jogo de palavras, denunciando o incentivo ao consumo de drogas pela mídia.
d) Demonstra a utilidade da mídia em campanhas antidrogas.
e) Indica que a mídia é bastante conhecedora do tema das drogas.
Resposta: Alternativa B.
A opção A é negada pelo fragmento "Não se pode culpar os publicitários por isso". A opção C expõe uma inverdade: a mídia incentiva o consumo de drogas (muito pelo contrário, a mídia propaga, segundo o texto, de forma equivocada, os malefícios da droga). As opções D e E contradizem o texto (eles, assim como todo mundo, não sabem o que fazem). Sobrou apenas a opção B.

9. A expressão destacada que tem seu significado corretamente expresso é:
a) "... que a gente pensa que <u>não vão dar em nada</u>"– que não vão chegar a ser publicados.
b) "... ouvi um raciocínio que <u>não me saiu mais da cabeça</u>"– que me deixou com dor de cabeça.
c) "... o debate era sobre o provão, mas <u>isso não vem ao caso</u>"– tem pouca importância.
d) "... um professor brilhante, <u>é bom que se diga</u>" – é importante destacar isso.
e) "Ele <u>se saía muito bem</u>..." – ele desviava do assunto principal.
Resposta: Alternativa D.
As questões de significado são de recorrência, portanto o candidato deverá buscar a mais fiel à ideia contida no texto. As opções A, B e E são absurdas, logo restando as alternativas C e D. A opção C possui uma falha, quando se diz que o assunto possui pouca importância... não foi isso que o autor quis dizer. A expressão "isso não vem ao caso" sugere apenas que, neste momento, o assunto "provão" não será analisado, podendo sê-lo em outra hora. A opção D é bastante fidedigna, pois indica ser essencial informar que o professor era brilhante, tal qual o texto original esclarecera.

10. "O que me interessou foi um comentário <u>marginal</u>..." O vocábulo destacado significa:
a) subliminar;
b) maldoso;
c) anormal;

d) desprezível;
e) paralelo.
Resposta: Alternativa E.
Outra questão de sinonímia. O termo "marginal" no contexto (a questão é de recorrência) tem valor de "à margem", ou seja, o que não é o principal. Portanto, a resposta é a opção E.

11. "Primeiro, ele disse que a publicidade não pode tudo, ou melhor, que nem todas as atitudes humanas são ditadas pela propaganda". A expressão "ou melhor" indica:
a) retificação;
b) esclarecimento;
c) alternância;
d) incerteza;
e) ratificação.
Resposta: Alternativa B.
A expressão OU MELHOR indica que a informação anterior será apenas melhorada, não corrigida. Portanto não é uma retificação. Também não se pode dizer que a informação será confirmada, pois, mesmo não sendo corrigida, ela sofrerá alterações. Então, a resposta não pode ser a opção E. As opções C e D são absurdas. A que melhor responde a questão é a opção B, pois OU MELHOR sugere que ocorrerá algum tipo de esclarecimento para a informação prestada anteriormente.

12. "Sim a tese é óbvia..."; "Para corroborar sua constatação, o professor lembrou que muita gente cheira cocaína e, no entanto, não há propaganda de cocaína na TV". Em termos argumentativos, podemos dizer, com base nestes dois segmentos, que:
a) A tese é acompanhada de argumento que a defende.
b) A tese leva a uma conclusão explícita.
c) A tese parte de uma premissa falsa.
d) A tese não é acompanhada de dados que a comprovem.
e) A tese é falaciosa e não pode ser provada.
Resposta: Alternativa A.
Neste momento da prova, haverá uma sequência de questões envolvendo TESE e ARGUMENTO. O professor apresentado no texto aduz a seguinte tese: "ele disse que a publicidade não pode tudo, ou melhor, que nem todas as atitudes humanas são ditadas pela propaganda". Quando assevera que "muita gente cheira cocaína e, no entanto, não há propaganda de cocaína na TV", ele está indicando o argumento que defende a sua tese. É fundamental esclarecer que a tese não leva a uma conclusão, e sim, a tese é baseada em argumentos. A resposta é a opção A.

13. "Para corroborar sua constatação..." No caso do professor citado no texto, seu pensamento é apoiado por:
a) opinião própria;
b) estatística;

c) testemunho de autoridade;
d) evidência;
e) analogia.
Resposta: Alternativa D.
O pensamento do professor é apoiado por um exemplo: "muita gente cheira cocaína e, no entanto, não há propaganda de cocaína na TV". A melhor resposta seria "exemplo". Contudo, não há esta opção. A opção A é excluída em virtude da tese não poder ser apoiada em opinião, já que ambas indicam a mesma ideia. Não há elementos numéricos, comparações ou informações prestadas ao professor por terceiros, eliminando-se, por conseguinte, as alternativas B, C e E. Portanto, sobra a opção D. Dentre os recursos de argumentação, a evidência é apresentada como uma certeza manifesta, da qual não há como se discordar. E realmente, não há como negar que "muita gente cheira cocaína e, no entanto, não há propaganda de cocaína na TV".

14. Muitas vezes a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público; esta afirmação:
a) Funciona como mais um argumento para a tese emitida pelo professor.
b) Desmoraliza o falso argumento citado pelo professor no debate.
c) Confirma a tese de que a publicidade pode tudo.
d) É mais um argumento do professor em defesa do que pensa.
e) Representa mais uma dúvida do jornalista sobre o tema debatido.
Resposta: Alternativa A.
Nesta questão, normalmente o candidato fica em dúvida entre as opções A e D. Apesar de serem extremamente parecidas, ocorre uma diferença sutil, porém fundamental. A opção D possui uma falha técnica: o professor expõe uma tese (a publicidade não pode tudo, ou melhor, nem todas as atitudes humanas são ditadas pela propaganda. Depois indica um argumento: "muita gente cheira cocaína e, no entanto, não há propaganda de cocaína na TV". Já o fragmento "Muitas vezes a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público" não é afirmado pelo professor, mas sim pelo autor do texto. Portanto, não é mais um argumento do professor – é do autor do texto – para a tese emitida pelo professor. A opção A é a resposta, pois não há a indicação de quem é o argumento (então, errado não está) para a tese emitida pelo professor. É interessante observar que o autor do texto não se opõe à tese do professor – tanto é que ele diz: a tese é óbvia, ninguém discute –, discordando, sim, do exemplo utilizado para apoiar seu pensamento: o fato de muita gente cheirar cocaína e não haver propaganda de cocaína na TV.

15. Toda publicidade muda hábitos / X é publicidade contrária ao consumo de cocaína / X vai mudar o hábito de consumo da cocaína. Este silogismo, considerando-se o que é dito no texto, <u>não</u> é verdadeiro porque:
a) A premissa não é verdadeira.
b) Um dos termos do silogismo possui ambiguidade.
c) A conclusão não é uma decorrência lógica da premissa.

d) A premissa não é suficiente para a conclusão.
e) A organização dos termos está fora da disposição padrão.
Resposta: Alternativa A.
O estudo de lógica indica que silogismo pressupõe a ocorrência de duas premissas (uma geral e outra específica) para se chegar a uma conclusão. Por exemplo: premissa geral (todo gordo come muito); premissa específica (João é gordo); conclusão (logo, João come muito). O silogismo proposto é equivocado, pois a primeira premissa contradiz o texto: "Muitas vezes a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público".

(MP – RJ – NCE)
TEXTO: RECURSOS HUMANOS

Li que a espécie humana é um sucesso sem precedentes. Nenhuma outra com uma proporção parecida de peso e volume se iguala à nossa em termos de sobrevivência e proliferação. E tudo se deve à agricultura. Como controlamos a produção do nosso próprio alimento, somos a primeira espécie na história do planeta a poder viver fora de seu ecossistema de nascença. Isso nos deu mobilidade e a sociabilidade que nos salvaram do processo de seleção, que limitou outros bichos de tamanho equivalente e que acontece quando uma linhagem genética dependente de um ecossistema restrito fica geograficamente isolada e só evolui como outra espécie. É por isso que não temos mudado muito, mas também não nos extinguimos.
Luís Fernando Veríssimo

16. Segundo o texto, o sucesso da espécie humana é medido:
a) Por sua capacidade de viver fora de seu ecossistema.
b) Por sua sobrevivência e proliferação.
c) Por possibilidade de produzir seu próprio alimento.
d) Por sua inalterabilidade e resistência à extinção.
e) Por sua agricultura.
Resposta: Alternativa B.
Nesta questão é fundamental o candidato atentar-se ao que está sendo perguntado. Se a pergunta fosse "Segundo o texto, o sucesso da espécie humana é devido", a banca intencionaria que o candidato esclarecesse o motivo do sucesso da espécie humana, e a resposta seria "à agricultura". Contudo, o que se interroga é o meio de medição do sucesso da espécie, ou seja, em que critérios comparativos o homem supera outros animais de acordo com o texto. O fragmento que denuncia a resposta é: "Nenhuma outra com uma proporção parecida de peso e volume se iguala à nossa em termos de sobrevivência e proliferação". Portanto a resposta é a opção B.

17. Dizer que a espécie humana "é um sucesso sem precedentes" equivale a dizer que:
a) Não há explicações possíveis para esse sucesso.
b) Poucas espécies tiveram sucesso semelhante.
c) Nada ocorreu antes que pudesse explicar esse fato.

d) Nenhuma outra espécie já atingiu tal sucesso.
e) Nosso sucesso é independente de nossos antepassados.
Resposta: Alternativa D.
O significado de "sem precedentes" indica que nunca houve anteriormente algo igual ao citado, sendo assim como o texto sugere que a espécie humana é um sucesso sem precedentes, é porque nenhuma outra espécie chegara a tal sucesso.

18. "Nenhuma outra com uma proporção parecida de peso e volume se iguala à nossa em termos de sobrevivência e proliferação". Pode-se inferir desse segmento que:
a) Não há outras espécies com a mesma proporção de peso e volume que a espécie humana.
b) Só a espécie humana vai sobreviver.
c) Só a espécie humana proliferou de forma tão rápida e ampla.
d) Sobrevivência e proliferação são valores que medem o sucesso de uma espécie.
e) Nossa proporção de peso e volume ajudou a nossa espécie a ter sucesso.
Resposta: Alternativa D.
É determinado ao candidato que proceda à inferência tão-somente deste fragmento. Portanto, torna-se fundamental ater-se apenas a este trecho. A opção A é inadequada, pois o fragmento não sugere que inexistam outras espécies com a mesma proporção e volume, esclarecendo, sim, que não há espécies de mesma proporção e volume que tenham atingido tamanho sucesso em termos de sobrevivência e proliferação. A opção B é absurda, porquanto, em momento algum, o fragmento indica que as outras espécies não sobreviverão (apenas não tiveram o mesmo sucesso que a humana). O sucesso da proliferação não necessariamente está relacionada à velocidade com que isso ocorrera, excluindo-se, assim, a alternativa C. A opção E também acaba eliminada, em virtude de o trecho jamais sugerir que a proporção de peso e volume ajudou a espécie humana a ter o sucesso mencionado, até mesmo porque nele é admitida a possibilidade de ocorrência de outras espécies com a mesma proporção de peso e volume e, no entanto, não atingiram o mesmo sucesso da humana. Enfim, se o que difere a espécie humana das demais é o sucesso quanto à proliferação e sobrevivência, é porque esses dois elementos são utilizados como critérios de comparações entre as espécies.

(Auditor Fiscal da Receita Federal – AFRF)
Leia o texto abaixo para responder às questões 19 e 20.

Em artigo publicado na década de 90, o Professor Paul Krugman explicava que todos aqueles países que falavam inglês haviam tido um desempenho econômico acima da média de seus vizinhos e que o inglês estava se tornando rapidamente a língua franca dos negócios, do turismo e da *internet*. Assim, os processos de fusão de empresas, tão comuns naquele tempo, só teriam sucesso se utilizassem o inglês como língua de integração das corporações.
Essa visão nos preocupou quando resolvemos integrar todas as áreas de consultoria espalhadas pela América Latina em uma única divisão de consultoria. Mas ficou uma

pergunta no ar: "que língua oficial adotar"? O espanhol ou o português acirraria a rivalidade que já era bastante grande no campo dos esportes. Adotar o inglês teria a vantagem da neutralidade e da facilidade de interação com nossos colegas de outras regiões, mas com perda significativa na agilidade da comunicação e no andamento das reuniões. Foi adotada então uma postura única: haveria três línguas oficiais. Essa pequena sutileza significava, na verdade, que todos eram obrigados a entender as três línguas, mas poderiam se expressar no idioma em que se sentissem mais à vontade. Hoje, cinco anos depois, sentimos que essa decisão foi fundamental para o nosso processo de integração, e a lição aprendida é que muitas vezes a criatividade local pode ser mais efetiva que verdades importadas.
(José Luiz Rossi, "Integração cultural na América Latina", *Classe Especial*, 89/2001, com adaptações.)

19. Marque a opção incorreta a respeito do emprego das estruturas linguísticas do texto.
a) As duas ocorrências da conjunção "que" (l.2/3) têm a função de demarcar o início das duas orações ligadas por "e" (l.3), mas, sintaticamente, o terceiro que pode ser omitido.
b) A preposição "em" (l.7), exigida pelas regras de regência do verbo "integrar" (l.6), pode sofrer contração com o artigo que a segue, sem prejudicar a correção e as ideias do texto.
c) Para preservar a correção gramatical, se fosse usada a expressão Ao se adotar, em lugar de somente "Adotar" (l.9), seria obrigatória a mudança de "teria" (l.9) para haveria.
d) Preserva-se a correção gramatical do texto e o sentido do adjetivo da estrutura "com perda significativa" (l.10) ao substituí-la por significaria perder.
e) Mantém-se a estrutura sintática de voz passiva e a ideia de passividade ao empregar Adotou-se em lugar de "Foi adotada" (l.11).
Resposta: Questão Anulada
O gabarito provisório indicou como resposta a alternativa D. Realmente, a opção D indica um comentário, tanto no aspecto semântico como no aspecto sintático, absurdo em relação ao texto. O adjetivo "significativa" tem valor de "substanciosa", "grande" e alterando-se para "significaria perder", o adjetivo perde tal sentido. Além disso, há mudança na regência, visto que a estrutura "perda significativa" exige a preposição EM e "significaria perder" não trabalha com preposição.
A opção E está perfeita, uma vez que há tão somente a proposta de substituição da voz passiva analítica pela voz passiva sintética, havendo ainda o cuidado de manter-se o tempo do verbo.
Na opção C, quando a banca propõe a substituição de "ADOTAR" por "AO SE ADOTAR", torna-se essencial o candidato atentar-se à alteração do sentido do verbo TERIA. Na frase, "Adotar o Inglês teria a vantagem da neutralidade", "teria" significa "possuiria; Já em "Ao se adotar o Inglês, teria a vantagem da neutralidade", "teria" passa a significar "haveria", "ocorreria", o que a gramática normativa ainda não admite.
Na opção B, a análise recai sobre a combinação facultativa de preposição com artigo indefinido. Como o termo "em uma única divisão de consultoria" não funciona como

sujeito, a contração da preposição com o artigo indefinido é opcional.
A opção A foi o motivo de a questão ser anulada. A opção A foi muito bem imaginada, contudo infelizmente houve um engano quanto à designação da linha do primeiro "que". O "que" que deveria ser citado é o primeiro, não o segundo do período. A alternativa trabalhou o paralelismo sintático, em que duas orações subordinadas substantivas objetivas diretas estão ligadas ao mesmo verbo, repetindo-se a conjunção integrante. A segunda conjunção poderia ser omitida. A alternativa acabou sendo a justificativa da anulação, visto que, em vez de a conjunção ser citada, foi mencionado, por engano, o pronome relativo "que".

20. Marque a opção em que, de acordo com as ideias do texto, existe uma relação de condição do tipo Se X então Y.
a) X = falássemos inglês
Y = teríamos desempenho econômico acima da média
b) X = adotássemos inglês como língua oficial
Y = agilizaríamos a comunicação
c) X = empregássemos espanhol ou português
Y = exarcebaríamos a rivalidade
d) X = houvesse três línguas oficiais
Y = teríamos facilidade de interação com outras regiões
e) X = entendêssemos as três línguas
Y = deveríamos nos expressar nas três línguas
Resposta: Alternativa C.
As alternativas B, D e E estão em oposição ao texto, ficando o candidato em dúvida entre as opções A e C. O enunciado da questão "de acordo com as ideias do texto" indica que está sendo solicitado ao candidato uma alternativa de recorrência textual. A opção A, apesar de ser coerente com o texto, é uma inferência, porquanto o texto apenas assevera que todos os países que falavam inglês tiveram desempenho econômico acima da média, não sugerindo que, se outros também o falassem, também obteriam desempenho acima da média dos vizinhos. A opção C não é uma inferência, é algo que está efetivamente em consonância com as ideias do texto, alterando-se tão somente os vocábulos. O texto informa que "o Espanhol ou o Português acirraria a rivalidade, que já era bastante grande no campo dos esportes." Ou seja, a rivalidade já existia, apenas aumentaria (ou exacerbaria, conforme apontado na opção C).

(Sefa – Pará – esaf) Leia o texto abaixo para responder às questões 21 e 22.

1	Não é preciso ser adepto da tradição intelectual para reconhecer os inconvenientes da praxe de preterição do influxo interno, a que falta a convicção não só das teorias, mas também das suas implicações menos próximas, de sua relação com o movimento social
3	conjunto, e da relevância do próprio trabalho e dos assuntos estudados. Percepções e teses notáveis a respeito da cultura do país são decapitadas periodicamente, e problemas a muito custo identificados e assumidos ficam sem o desdobramento que lhes
	poderia corresponder. O prejuízo acarretado pode se comprovar pela via contrária, lembrando a estatura isolada de uns

6	poucos escritores como Machado de Assis, Mário de Andrade e, hoje, Antônio Cândido, cuja qualidade se prende a este ponto.

(SCHWARZ, Roberto, *Cultura e política*, p. 110.)

21. Em relação às estruturas do texto, assinale a opção <u>incorreta</u>.

a) A substituição de "a que" (l. 2) por à qual não acarreta prejuízo à correção gramatical do período.

b) O emprego de "mas também" (l. 2) é exigência decorrente do emprego de "não só" (l. 4).

c) A estrutura sintática do período em que ocorrem estabelece as seguintes relações de dependência entre os termos:

falta a convicção

- das teorias (l. 2)
- das suas implicações menos próximas (l. 2 e 3)
- de sua relação com o movimento social conjunto (l. 3)
- da relevância (l. 3)
- do próprio trabalho e (l. 3 e 4)
- dos assuntos estudados (l. 4).

d) Em "a muito custo" (l. 5) o "a" funciona como uma preposição.

e) O emprego do pronome "lhes", em "lhes poderia" (l. 6), está empregado de forma proclítica em virtude da presença do "que" (l. 6).

Resposta: Alternativa C.

A opção A está perfeita, já que o pronome relativo "que" precedido da preposição "a" é referente ao termo "praxe de preterição do influxo interno", cujo o núcleo é "praxe", admitindo, portanto, a substituição pelo pronome relativo "a qual" que, somado à preposição "a", resulta em "à qual". A estrutura iniciada por "não só" (o elemento de negação "não" negando o termo restrição "só") desemboca inevitavelmente no conector aditivo, logo a opção B está certa. A opção D assevera corretamente que "a" é preposição, em virtude de os termos seguintes serem masculinos. Como o pronome relativo sempre atrai o pronome oblíquo átono, o comentário proferido na opção E se dá com extrema correção. A alternativa C é de paralelismo, estabelecendo relações inadequadas entre os termos. Observe que os quatro primeiros elementos realmente estão relacionados ao vocábulo "convicção", contudo os dois últimos "do próprio trabalho" e "dos assuntos estudados" estão ligados ao termo "relevância".

22. Assinale a opção que continua o texto de forma coesa e coerente.

a) Com aquela praxe de conciliar o estrangeiro com o autóctone, a convivência familiar e estabilizada entre concepções em princípio incompatíveis esteve no centro da inquietação ideológico-moral do Brasil desde sempre.

b) A certos intelectuais tal herança colonial de preocupar-se apenas com o que vem do próprio país parecia um resíduo que logo seria superado pela marcha desse progresso.

c) Outros intelectuais viam naquele movimento o país autêntico, o Brasil genuíno, original, o berço a ser protegido e preservado contra imitações absurdas.

d) A nenhum deles faltou informação nem abertura para a atualidade. Entretanto, souberam retomar criticamente o trabalho dos predecessores, entendido não como peso morto, mas como elemento dinâmico, subjacente às contradições contemporâneas.
e) Outros ainda desejavam harmonizar esse progresso com trabalho escravo, para não abrir mão de nenhum dos dois, e outros mais consideravam que esta conciliação já existia e era desmoralizante.
(Adaptado de SCHWARZ, Roberto, *Cultura e política*.)
Resposta: Alternativa D.
O texto fala sobre a incoveniência de preterir o movimento cultural do Brasil Esclarece que falta convicção a essa prática e afirma que percepções e teses acerca da cultura do país são decapitadas e acabam não tendo as consequências que deveriam ter. A partir daí, é dado um exemplo em oposição a essa tese, mostrando a atitude isolada de alguns autores que possuíam o grande mérito justamente de rever percepções e teses, dando-lhes o adequado desdobramento. Como a questão solicita uma continuidade do texto, é óbvio que haverá de se dar de forma coesa. O texto, sendo encerrado na citação dos três autores, só poderá ter sequência, citando algo relativo a eles. A opção D é iniciada por "A nenhum deles" – o pronome deles refere-se aos três autores –, demonstrando a coesão textual, e termina dizendo que retomaram criticamente a obra de outros autores (não decapitaram a tese deles), também demonstrando coerência.

23. (AFC – Esaf) Julgue como verdadeiras (V) ou falsas (F) as assertivas que comparam os dois parágrafos abaixo. Indique, a seguir, a sequência correta.
A despeito do bom desempenho da economia brasileira em 2004, em torno de 37% dos consumidores reduziram gastos em bens e serviços, segundo pesquisa do instituto ACNielsen, enquanto outros 24% optaram por excluir integralmente determinados produtos de seu consumo.
Embora a pesquisa identifique um quadro melhor do que o de 2003, os resultados parecem sinalizar que a renda média dos brasileiros continua relativamente deprimida, o que inibe o dinamismo do consumo doméstico, sobretudo nas camadas de baixa renda.
(Editorial "Evolução do consumo", da *Folha de S. Paulo*, 11/4/2005.)
( ) Ambos iniciam com frase ou oração que têm valor adverbial de concessão.
( ) O tópico em torno do qual gira o primeiro parágrafo é o bom desempenho da economia; no segundo parágrafo, o assunto central é o dinamismo da economia brasileira.
( ) Ambos avaliam positivamente o desempenho da economia brasileira no ano de 2004.
( ) As informações contidas no primeiro parágrafo exibem resultados de pesquisa sobre o consumo doméstico no ano de 2004; no segundo parágrafo, é fornecida uma interpretação dos dados revelados pela pesquisa.
A sequência correta é:
a) V – F – V – V
b) V – V – V – F
c) F – V – F – F
d) F – F – V – V

e) V – V – F – F

Resposta: Alternativa A.

Os dois primeiros itens são suficientes para se chegar à resposta. O primeiro item está correto, visto que os conectores "A despeito de" e "Embora" possuem efetivamente valor concessivo. Já o segundo item apresenta uma falha: o primeiro tópico tem como paráfrase o fato de os consumidores reduzirem gastos em bens e serviços, mesmo ocorrendo o bom desempenho da economia brasileira em 2004.

24. (AFC – Esaf)

Em novembro do ano passado, a Revolta da Vacina fez cem anos. A obrigatoriedade da vacinação obrigatória antivariólica foi estabelecida por lei em 31 de outubro de 1904, e cercava o cidadão por todos os lados. Exigia atestado de vacinação para matrícula em escola, emprego, hospedagem, viagem, casamento, e previa multas para os recalcitrantes. A reação começara desde a aprovação do projeto. Oradores operários argumentavam que era grave ofensa à honra do chefe de família ter seu lar, em sua ausência, invadido por médicos, perante os quais sua mulher e filhas seriam obrigadas a se desvendarem para receberem a vacina no braço. Finda a resistência, a polícia varreu a área conflagrada, prendendo os suspeitos de sempre. O saldo final de vítimas foi de 30 mortos, 110 feridos e 945 presos.

Analisando essa revolta popular, José Murilo de Carvalho afirma que ela "é emblemática da dificuldade de relacionamento entre governo e povo no Brasil. Seu aspecto mais interessante é que não teve um lado errado e um lado certo, bons e maus".

Assinale a opção que analisa a revolta da vacina com a mesma interpretação que lhe dá José Murilo de Carvalho.

a) Quando o drástico, posto que necessário, projeto de regulamentação da lei de obrigatoriedade da vacina contra a varíola vazou para a imprensa, os políticos da oposição cerraram fileira contra a vacina, na ânsia de enfraquecer o Presidente Rodrigues Alves.

b) A revolta foi um trágico desencontro entre a política bem intencionada e esclarecida de Oswaldo Cruz, Diretor-Geral da Saúde Pública, e valores populares que tinham a ver com a dignidade pessoal e a inviolabilidade do lar.

c) A assim chamada "Revolta da Vacina" colocou em confronto, cada qual em sua trincheira, militares e políticos da oposição que queriam derrubar o governo, de um lado; de outro, jornais governistas e autoridades que apoiavam Rodrigues Alves.

d) Os positivistas tratavam a obrigatoriedade da vacina como despotismo sanitário e estigmatizavam a vacina como sendo o túmulo da liberdade.

e) A revolta foi consequência do obscurantismo popular, da ação ensandecida de uma "turba-multa irresponsável de analfabetos", segundo palavras de Olavo Bilac.

Resposta: Alternativa B.

A opção A indica que a lei da obrigatoriedade da vacina vazou para a imprensa, fato não ocorrido no texto.

A opção C torna-se absurda ao sugerir que a revolta tinha cunho político.

A opção D cita os positivistas, que, em momento algum, foram mencionados no texto.
A opção E sugere que a revolta se deu com os analfabetos, fato que contradiz o texto.

(AFC – Esaf) Leia o texto para responder às questões 25 e 26.

O que leva um compositor popular consagrado, uma glória da MPB, a escrever romances?

Para responder a essa pergunta, convém lembrarmos algumas características da personalidade de Chico Buarque de Holanda. Primeiro, a forte presença de um pai que, além de ser um historiador notável, era um fino crítico literário. Depois, o fato de Chico ter se dado conta de que sua genial produção musical não bastava para dizer tudo que ele tinha a nos dizer.

Não se pode dizer que o que o Chico nos diz nos romances não tem nada a ver com o que ele passa aos seus ouvintes através das suas canções. No recém-lançado *Budapeste*, por exemplo, eu, pessoalmente, vejo um clima de bem-humorada resignação do personagem com suas limitações, um clima que me parece que encontrei, em alguns momentos, na sua obra musical. Uma coisa, porém, são as imagens sugestivas das canções; outra é a complexa construção de um romance. A distância entre ambas talvez pudesse ser comparada àquela que vai das delicadas e rústicas capelas românicas às imponentes catedrais góticas.

Chico Buarque percorreu esse caminho com toda a humildade de quem queria aprender a fazer melhor, mas também com a autoconfiança de quem sabia que podia se tornar um mestre romancista.

Valeu a pena. A autodisciplina lhe permitiu mergulhar mais fundo na confusão da nossa realidade, nas ambiguidades do nosso tempo. A ficção, às vezes, possibilita uma percepção mais aguda das questões em que estamos todos tropeçando. No caso deste romance mais recente de Chico Buarque, temos um rico material para repensarmos, sorrindo, o problema da nossa identidade: quem somos nós, afinal?

(Leandro Konder, *Jornal do Brasil*, 18/10/2003.)

25. Em relação às ideias do texto, assinale a opção que apresenta inferência <u>incorreta</u>.

a) Um compositor consagrado pode considerar sua produção musical insuficiente para expressar suas ideias.
b) A convivência com pessoas que produzem obras importantes na história e na crítica literária pode contribuir para estimular a escrita de romances.
c) Chico Buarque não precisou aprender a escrever romances, pois isso já fazia parte de sua vida como compositor e como herdeiro de um talento familiar.
d) Algumas características da obra musical de Chico Buarque permanecem em sua obra romanesca.
e) A construção romanesca é muito mais complexa que a elaboração de canções da música popular.

Resposta: Alternativa C.

Há contradição entre o fragmento "Uma coisa, porém, são as imagens sugestivas das canções; outra é a complexa construção de um romance. A distância entre ambas talvez

pudesse ser comparada àquela que vai das delicadas e rústicas capelas românicas às imponentes catedrais góticas. Chico Buarque percorreu esse caminho com toda a humildade de quem queria aprender a fazer melhor". Perceba que o texto assevera que a mesma distância existente entre fazer canções e romances ocorre entre delicadas e rústicas capelas com imponentes catedrais góticas. Destarte, compor canções fazia parte de sua rotina, o mesmo não se pode dizer de escrever romances.

26. Em relação ao texto, assinale a opção correta.

a) A pergunta inicial contém o pressuposto de que, para o senso comum, uma pessoa consagrada como compositor deve sempre se aventurar a escrever romances.

b) Da expressão "seus ouvintes" (l.8) no segundo parágrafo, infere-se que o autor do texto lê os romances, mas não ouve as músicas de Chico Buarque.

c) O sinal indicativo de crase em "àquela que vai das delicadas..." (l.13) é opcional.

d) Em "autodisciplina lhe" (l.17) o pronome é fator de coesão textual que se refere a "tempo" (l.18).

e) A literatura pode desvelar de forma mais esclarecedora algumas questões complexas da nossa realidade.

Resposta: Alternativa E.

A opção A é incorreta, visto que o texto sugere apenas que existem características na personalidade de Chico Buarque – sem mencionar outros compositores – que o levaram a escrever romances.

A opção B é absurda, pois, se o autor compara as composições com o livro, obviamente conhece os dois tipos de obra de Chico Buarque.

A opção C não pode ser a resposta, uma vez que a crase é obrigatória, pois é resultado da soma da preposição A, regida por "comparada", com o pronome demonstrativo "aquela".

A opção D é inadequada, porquanto o pronome oblíquo "lhe" refere-se ao próprio Chico Buarque.

(AFRF – Esaf) Leia o texto seguinte para responder às questões de 27 a 29.

Vinte e quatro séculos atrás, Sócrates, Platão e Aristóteles lançaram as bases do estudo científico da sociedade e da política. Muito se aprendeu depois disso, mas os princípios que eles formularam conservam toda a sua força de exigências incontornáveis. O mais importante é a distinção entre o discurso dos agentes e o discurso do cientista que o analisa.

Doxa (opinião) e episteme (ciência) são os termos que os designam respectivamente, mas estas palavras tanto se desgastaram pelo uso que, para torná-las novamente úteis, é preciso explicar o seu sentido em termos atualizados. Foi o que fez Edmund Husserl com a distinção entre discurso "pré-analítico" e o discurso tornado consciente pela análise de seus significados embutidos. Por exemplo, na linguagem corrente, podemos opor o comunismo ao anticomunismo como duas ideologias. No entanto, comunismo é uma ideologia, mas o anticomunismo não é uma ideologia, é a simples rejeição de uma ideologia.

É analisando e decompondo compactados verbais como esse e comparando-os com os dados disponíveis que o estudioso pode chegar a compreender a situação em termos bem diferentes daqueles do agente político. Mas também é certo que os próprios conceitos científicos daí obtidos podem incorporar-se depois no discurso político, tornando-se expressões da doxa. É isso, precisamente, o que se denomina uma ideologia: um discurso de ação política composto de conceitos científicos esvaziados de seu conteúdo analítico e imantados de carga simbólica. Então, é preciso novas e novas análises para neutralizar a mutação da ciência em ideologia. (Olavo de Carvalho, com cortes.)

27. Indique o item que está de acordo com as ideias desenvolvidas no texto.

a) É no conhecimento produzido pelos filósofos da Grécia Antiga que se encontram as mais consistentes análises científicas a respeito de política e sociedade.

b) Boa parte da produção científica do mundo contemporâneo distancia-se dos axiomas formulados por Sócrates, Platão e Aristóteles, devido à incompatibilidade entre princípios filosóficos e rigor formal da ciência.

c) Os discursos dos agentes políticos devem ser rechaçados porque se fundamentam na "doxa", não contemplando, portanto, os conceitos científicos vigentes.

d) O discurso "pré-analítico" prescinde de análise da realidade concreta e caracteriza-se por abordar os significados implícitos dos enunciados produzidos na instância pública.

e) O esvaziamento de significado a que os conceitos científicos estão sujeitos pelo seu uso em instâncias sociais não exclusivamente científicas gera a necessidade de renovação de terminologia na ciência.

Resposta: Alternativa E.

A opção A é inadequada, dado que o texto indica que os filósofos lançaram as bases do estudo da sociedade e da política e não as mais consistentes análises científicas.

A opção B torna-se errada, já que o motivo indicado no item "devido à incompatibilidade entre princípios filosóficos e rigor formal da ciência" não é o mesmo apontado no texto (essas palavras se desgastaram tanto pelo uso).

Em momento algum, o texto sugere que os discursos dos agentes políticos devem ser rechaçados, por isso a opção C deve ser descartada.

A opção D deve ser excluída em virtude de o discurso pré-analítico não fazer abordagem aos significados implícitos dos enunciados produzidos na instância pública.

28. Assinale o item que expressa uma ideia depreendida dos sentidos explícitos e implícitos que compõem a rede temática do texto.

a) Apesar de os princípios filosóficos carregarem em si uma regulação e se basearem exclusivamente na "doxa", eles sobrevivem às contingências históricas, como bem o demonstra a atualidade dos princípios formulados na Grécia Antiga.

b) Por meio do conhecimento científico, as sociedades buscam interpretações da realidade que não se orientem na ideologia, cabendo, portanto, à "episteme" a análise crítica dos discursos que circulam na sociedade.

c) A formação da corrente de pensamento anticomunista exemplifica a supremacia do

discurso epistemológico e representa a reação da sociedade a análises subjetivas dos fatos históricos.
d) A ciência tende a tornar-se cada vez mais dogmática e menos neutra, intensificando, portanto, seus procedimentos persecutórios perante os discursos dos agentes políticos que banalizam conceitos científicos.
e) Os filósofos gregos previram a mutação da ciência em ideologia, ao analisarem a força simbólica que esta assume nos discursos hegemônicos dos agentes políticos.
Resposta: Alternativa B.
Em momento algum, o texto indica que os filósofos se baseiam "exclusivamente" na doxa, por isso a opção A deve ser descartada.
A opção C contradiz totalmente o texto, pois a corrente de pensamento anticomunista é exemplo da doxa, não do discurso epistemológico.
Em momento algum, o texto sugere que a ciência vai tornar-se persecutória, portanto sendo excluída a alternativa D.
A opção E vai de encontro às ideias do verbete, em virtude de o autor, não os filósofos gregos, esclarecer que deve haver novas análises para neutralizar a mutação da ciência em ideologia.

29. Marque com (V) as afirmações verdadeiras e com (F) as falsas. Indique, em seguida, a sequência correta.
( ) Mantém-se a correção gramatical substituindo-se a expressão "Vinte e quatro séculos atrás" (l. 1) por "Há vinte e quatro séculos" ou por "Fazem vinte e quatro séculos".
( ) A oração "Muito se aprendeu depois disso" (l. 3) poderia ser substituída por "Aprenderam-se muitas coisas depois", preservando-se o sentido e a correção gramatical do texto.
( ) Compromete-se a clareza do texto e há prejuízo para a correção gramatical do período se o pronome da expressão "estas palavras" (l. 7) for substituído por "essas".
( ) A oração "que é preciso explicar o seu sentido em termos atualizados" (l. 6 e 7) expressa consequência, sendo correto, portanto, substituir "que" pelo conector "porquanto".
( ) No segundo parágrafo, predomina a articulação semântica e sintática de oposição na produção de sentido dos enunciados.
a) F, V, F, F, V
b) F, F, F, F, V
c) V, V, V, F, F
d) F, F, V, V, V
e) V, F, F, V, V
Resposta: Alternativa A.
Os dois primeiros itens já são suficientes para se chegar à resposta. O primeiro tópico é indevido, já que são propostas duas substituições, estando a primeira correta e a segunda, errada. O verbo "fazer" no sentido de tempo passado é impessoal, não podendo ser conjugado no plural. Sendo assim, o certo é "faz vinte e quatro séculos..."

O segundo tópico é perfeito, porquanto, caso se substitua "Muito" por "muitas coisas", não há alteração semântica. Além disso, o pronome SE é apassivador, transformando "muitas coisas" em sujeito, então o verbo deve ser flexionado no plural.

(AFRF – Esaf) Questões 30, 31 e 32.
Falar em direitos humanos pressupõe localizar a realidade que os faz emergir no contexto sociopolítico e histórico-estrutural do processo contraditório de criação das sociedades. Implica, em suma, desvendar, a cada momento deste processo, o que venha a resultar como direitos novos até então escondidos sob a lógica perversa de regimes políticos, sociais e econômicos, injustos e comprometedores da liberdade humana.
Este ponto de vista referencial determina a dimensão do problema dos direitos humanos na América Latina. Neste contexto, a fiel abordagem acerca das condições presentes e dos caminhos futuros dos direitos humanos passa, necessariamente, pela reflexão em torno das relações econômicas internacionais entre países periféricos e países centrais.
As desarticulações que desta situação resultam não chegam a modificar a base estrutural destas relações: a extrema dependência a que estão submetidos os países periféricos, tanto no que concerne ao agravamento das condições de trabalho e de vida (degradação dos salários e dos benefícios sociais), quanto na dependência tecnológica, cultural e ideológica.
(Núcleo de Estudos para a Paz e Direitos Humanos, UnB. *In: Introdução Crítica ao Direito*, com adaptações.)

30. Assinale a opção que não estabelece uma continuidade coerente e gramaticalmente correta para o texto.
a) Nesta parte do mundo, imensas parcelas da população não têm minimamente garantida sua sobrevivência material. Como, pois, reivindicar direitos fundamentais se a estrutura da sociedade não permite o desenvolvimento da consciência em sua razão plena?
b) Por conseguinte, a questão dos Direitos tem significado político, enquanto realização histórica de uma sociedade de plena superação das desigualdades, como organização social da liberdade.
c) Assim, pois, a opressão substitui a liberdade. A percepção da complexidade da realidade latino-americana remete diretamente a uma compreensão da questão do homem ao substitui-lo pela questão da tecnologia.
d) Na América Latina, por isso, a luta pelos direitos humanos engloba e unifica em um mesmo momento histórico, atual, a reivindicação dos direitos pessoais.
e) Não nos esqueçamos que a construção do autoritarismo, que marcou profundamente nossas estruturas sociais, configurou o sistema político imprescindível para a manutenção e reprodução dessa dependência.
Resposta: Alternativa C.
O candidato deve atentar-se ao enunciado. Lá está solicitada a opção que não estabelece uma continuidade coerente e "gramaticalmente correta". Você deve partir direto para as opções e observar se há alguma com erro. Se houver, marque-a. Caso contrário, retorne

ao texto e veja a que não é coerente a ele. Nesta questão, nem haveria a necessidade de tal, visto que a opção C contém gritante falha de ortografia (substituí-lo).

31. Assinale a opção em que, no texto, a expressão que antecede a barra não retoma a ideia da segunda expressão que sucede a barra.

a) "Realidade" (l. 1) / "contexto sociopolítico e histórico-estrutural do processo" (l. 1 e 2).
b) "Deste processo" (l. 3) / "processo contraditório de criação das sociedades" (l. 2).
c) "Este ponto de vista referencial" (l. 7) / ideias expressas no primeiro parágrafo.
d) "Neste contexto" (l. 8) / discussão sobre os direitos humanos na América Latina.
e) "Desta situação" (l. 12) / relações econômicas internacionais entre países periféricos e países centrais.

Resposta: Alternativa A.

O enunciado da questão determina ao candidato que encontre a opção em que a primeira expressão "retome a ideia já citada anteriormente". A opção A indica um termo que faria menção a algo localizado posteriormente. É óbvio que um elemento anterior não pode retomar o posterior.

32. Analise os seguintes itens a respeito do emprego das estruturas linguísticas do texto, para, em seguida, assinalar a opção correta.

I. O paralelismo sintático e semântico entre "pressupõe" (l. 1) e "Implica" (l. 3) evidencia que remetem ao mesmo sujeito oracional.

II. O tempo e modo verbal em que "venha" (l. 4) está empregado indicam incerteza, dúvida a respeito do que pode vir a ser resultante em termos de "direitos novos" (l. 4).

III. As regras de regência nominal permitem que "dependência" (l. 13) também seja empregada com a preposição com; por isso está igualmente correto: a extrema dependência com que estão submetidos...

IV. "Concerne" (l. 14) apresenta dois complementos sintáticos: (a) "agravamento das condições de trabalho e de vida" (l. 14/15), e (b) "dependência tecnológica, cultural e ideológica" (l. 16/17).

Estão corretos apenas:

a) I e II.
b) I, II e III.
c) I e III.
d) II, III e IV.
e) II e IV.

Resposta: Alternativa A.

A análise dos três primeiros tópicos já é suficiente para se chegar à resposta.

O tópico I está correto, visto que "Falar em direitos humanos" é sujeito tanto do verbo "pressupõe" como do verbo "implica".

O tópico II também está correto, já que a forma verbal "venha", estando no modo subjuntivo, indica uma situação hipotética, não uma certeza, podendo no contexto, inclusive, ser acrescentada a palavra "porventura" (Implica, em suma, desvendar, a cada momento deste processo, o que, porventura, venha a resultar como direitos novos).

O tópico III possui uma grave falha, pois o termo que exige a presença da preposição "a" não é dependência, e sim "submetidos".

O texto abaixo serve de base para as questões 33 e 34.
Santo Agostinho (354-430), um dos grandes formuladores do catolicismo, uniu a teologia à filosofia. Sua contribuição para o estudo das taxas de juros, ainda que involuntária, foi tremenda. Em suas *Confissões*, o bispo de Hipona, filho de Santa Mônica, conta que, ainda adolescente, clamou a Deus que lhe concedesse a castidade e a continência e fez uma ressalva – ansiava por essa graça, mas não de imediato. Ele admitiu que receava perder a concupiscência natural da puberdade. A atitude de Santo Agostinho traduz impecavelmente a urgência do ser humano em viver o aqui e agora. Essa atitude alia-se ao desejo de adiar quanto puder a dor e arcar com as consequências do desfrute presente – sejam elas de ordem financeira ou de saúde. É justamente essa urgência que explica a predisposição das pessoas, empresas e países a pagar altas taxas de juros para usufruir o mais rápido possível seu objeto de desejo.
("Viver agora, pagar depois" (Fragmento). *In*: Economia e Negócios, *Revista Veja*, 30/3/2005, p. 90.)

33. (AFRE – MG) Assinale a opção correta com base no que se depreende do texto.
a) Na adolescência, o bispo de Hipona foi concupiscente.
b) O clamor de Santo Agostinho a Deus incluía o adiamento dos prazeres libidinosos.
c) A predisposição para o pagamento de altas taxas de juros é causa da urgência de se querer viver intensamente o momento presente.
d) A atitude tomada pelo filósofo católico, na adolescência, diferenciava-o dos demais homens e prenunciava a santificação futura.
e) O teólogo e filósofo do catolicismo contribuiu significativamente para a formulação do conceito das taxas de juros, ainda que fosse contrário à matéria.
Resposta: Alternativa A.
Observe que você não precisará saber o significado da palavra "concupiscente" para acertar a questão. No enunciado, é exigido do candidato uma inferência (dedução). No texto, está indicado que Santo Agostinho tinha medo de perder a concupiscência natural da puberdade. Então, podemos depreender que, se ele tinha medo de perder a concupiscência, é porque ele a possuía no período da puberdade (adolescência).

34. Julgue as afirmações a respeito do texto como verdadeiras (V) ou falsas (F), para marcar, a seguir, a opção correta.
( ) Em virtude do paralelismo sintático, o acento grave, em "à filosofia" (l.2), poderia ser eliminado.
( ) Estaria garantida a correção gramatical do texto se o pronome possessivo que inicia um período, na linha 2, fosse substituído, nessa mesma posição, pelo pronome "cujo", flexionado no feminino (cuja), e o ponto fosse substituído por uma vírgula.
( ) Haveria alteração do sentido original do texto se a expressão "ainda adolescente" (l.4) fosse deslocada para a posição imediatamente posterior à forma verbal "conta" (l.4).

( ) Dada a relação de sentido que se estabelece no período, a conjunção "e" (l.5 – 2ª ocorrência) poderia ser substituída, mantendo-se a coerência textual, pela conjunção "mas" precedida de vírgula.
( ) O complemento verbal "seu objeto de desejo" (l. 12) poderia vir precedido da preposição "de", atendendo-se à regência do verbo "usufruir".
A sequência correta obtida é:
a) V, F, F, V, V;
b) F, V, V, V, F;
c) V, V, F, F, V;
d) V, F, V, F, F;
e) F, F, V, V, V.
Resposta: Alternativa E.
A análise das duas primeiras afirmações já é suficiente para se chegar à resposta.
A primeira afirmação é falsa, visto que os termos não se encontram em paralelismo sintático. Um termo é objeto direto e o outro, indireto. O verbo "unir" exige um elemento sem preposição e outro, com.
A segunda afirmação também é falsa, porquanto o período quedar-se-ia totalmente incoerente com a substituição proposta. O pronome relativo "cujo" liga o termo seguinte ao antecedente, estabelecendo a ideia de posse, fato que não pode ocorrer com os termos "contribuição" e "filosofia".

30.11. Alteração de funções sintáticas em questões de interpretação

Muitas questões de interpretação de textos são resolvidas através do conhecimento gramatical. Por exemplo, existem funções sintáticas que possuem o mesmo valor semântico, como o sujeito ativo, o agente da passiva e o adjunto adnominal. Estas três funções sintáticas possuem valor ativo (agente, de quem pratica a ação), e as bancas tão somente reescrevem as frases alterando as funções sintáticas, sem modificar, contudo, a ideia contida. Em contrapartida, há também as funções sintáticas com valor paciente: os objetos, o sujeito passivo e o complemento nominal.

Ex.: **O professor** errou e causou estranheza a todos.
O erro **do professor** causou estranheza a todos.
O erro cometido **pelo professor** causou estranheza a todos.

→ Observe que o termo "professor", acompanhado ou não de preposição, funciona, na primeira frase, como sujeito ativo; na segunda, como adjunto adnominal; na terceira, como agente da passiva. Mesmo este termo tendo funções sintáticas distintas, mantém o mesmo valor semântico. Nas três frases, é o professor que erra.

Ex.: Ler **jornais** é importante.
Jornais serem lidos é importante.
A leitura **de jornais** é importante.

→ Observe que o termo "jornais", acompanhado ou não de preposição, funciona, na primeira frase, como objeto direto; na segunda, como sujeito passivo; na terceira, como complemento nominal. Apesar de o termo possuir funções sintáticas diferentes, a ideia dos três períodos é a mesma: jornais devem ser lidos.

30.12. Exercícios com gabarito comentado sobre alteração de funções sintáticas

1. (Of. Just. – TJ – NCE) "Como conciliar a liberdade com a inevitável ação restritiva do Estado?" Nesse segmento do texto, o articulista afirma que:
a) o Estado age obrigatoriamente contra a liberdade;
b) é impossível haver liberdade e governo ditatorial;
c) ainda não se chegou a unir os cidadãos e o governo;
d) cidadãos e governo devem trabalhar juntos pela liberdade;
e) o Estado é o responsável pela liberdade da população.
Resposta: Alternativa A.
Observe que o termo "do Estado" possui valor agente, funcionando como adjunto adnominal. Se você transformá-lo em sujeito ativo, o resultado será: "O Estado age inevitavelmente restringindo a liberdade". A alternativa A apenas substituiu "inevitavelmente" por um sinônimo: "obrigatoriamente".

2. (Of. Just. – TJ – NCE) "O primeiro templo da liberdade burguesa é o supermercado. E m<u>que pesem as angustiantes restrições do contracheque</u>, são as prateleiras abundantemente supridas que satisfazem a liberdade do consumo..." O segmento sublinhado corresponde semanticamente a:
a) As despesas do supermercado são muito pesadas no orçamento doméstico.
b) Os salários não permitem que se compre tudo o que se deseja.
c) As limitações de crédito impedem que se compre o necessário.
d) A inflação prejudica o acesso da população aos bens de consumo.
e) A satisfação de comprar só é permitida após o recebimento do salário.
Resposta: Alternativa B.
O termo "do contracheque" possui valor agente, funcionando como adjunto adnominal. Reescrevendo-se o período, transformando o adjunto adnominal em sujeito ativo, o resultado será: "o contracheque restringe o consumo". No texto, "contracheque" está sendo utilizado como sinônimo de "salário", "restringir" e "não permitir" são equivalentes, "consumir" e "comprar" possuem o mesmo valor.

3. (Of. Just. – TJ – NCE) "Não houve ideal comunista que resistisse às tentações do

supermercado". Com esse segmento do texto, o autor quer dizer que:
a) Todo ideal comunista se opõe aos ideais capitalistas.
b) A ideologia comunista sofre pressões por parte dos consumidores.
c) Os supermercados socialistas são menos variados que os do mundo capitalista.
d) O ideal comunista ainda resiste à procura desenfreada por bens de consumo.
e) As tentações do supermercado abalaram as estruturas capitalistas.
Resposta: Alternativa B.
É uma questão de inferência textual, pois você terá que deduzir o que o autor quis dizer neste segmento. Observe que o termo "do supermercado" tem valor agente, funcionando como adjunto adnominal. Transformando-o em sujeito de voz ativa, o resultado será: "O supermercado tentou (os consumidores) e não houve ideal comunista que resistisse a essa tentação (criada pelos supermercados)". Depreende-se, então, que a tentação criada aos consumidores pelos supermercados fez com que a ideologia comunista sofresse pressões até não mais resistir.

4. (MP – NCE) "... pois moedas não resgatam a dignidade". Reescrevendo-se este segmento do texto, mantendo-se o seu sentido original, a única forma inadequada é:
a) Visto que a dignidade não é resgatada por moedas.
b) Porque moedas não são o resgate da dignidade.
c) Porquanto a dignidade não se resgata com moedas.
d) Já que por moedas não é resgatada a dignidade.
e) Pela razão de que a dignidade não é resgatada por moedas.
Resposta: Alternativa C.
Questão muito bem imaginada, levando o candidato a pensar que a resposta sairia pela conector. As conjunções VISTO QUE, PORQUE, PORQUANTO, JÁ QUE e PELA RAZÃO DE QUE têm valor explicativo. Portanto, não se atinge a resposta por este caminho. O termo "dignidade", por possuir valor paciente, é objeto direto, podendo alterar sua função sintática para complemento nominal ou sujeito passivo. Nas opções A, D e E, "dignidade" se transforma em sujeito de voz passiva analítica; na C, em sujeito de voz passiva sintética; na B, em complemento nominal. Mais uma vez não chegamos à resposta. Partamos agora para uma última análise: "Moedas" funciona como sujeito ativo, podendo transformar-se em agente da passiva ou adjunto adnominal. Nas alternativas A, D e E, o termo se transformou em agente da passiva. Na opção B, continuou sendo sujeito da voz ativa. Na alternativa C, o sujeito ativo (termo que praticava a ação) foi transformado em adjunto adverbial de instrumento, ou seja, o termo perdeu sua carga semântica – de praticar a ação – e passou a ter o valor de ser um instrumento utilizado para se praticar a ação.

5. (Técnico Judiciário Juramentado – TJ – NCE) "... a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana". Reescrevendo-se este segmento do texto com a manutenção de seu sentido original, temos como forma adequada:
a) A natureza humana necessita da vida em sociedade.
b) A vida em sociedade necessita da natureza humana.

c) A necessidade da natureza humana é uma vida em sociedade.
d) Uma necessidade da natureza humana é a vida em sociedade.
e) A natureza humana é necessária à vida em sociedade.
Resposta: Alternativa A.
As alternativas B e E são absurdas, contradizendo totalmente a ideia do segmento, não merecendo grandes análises. Normalmente, o candidato fica em dúvida entre as opções A, D e E. Quando o texto diz "... a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana", fica claro que "uma necessidade da natureza humana" está apenas qualificando "a vida em sociedade", não entrando no mérito se existem outras necessidades ou não. A simples inversão proposta na alternativa D sugere uma situação sutilmente diferente do texto, pois quando se informa que "uma necessidade da natureza humana é a vida em sociedade", torna-se evidente a existência de várias necessidades, uma delas é a vida em sociedade. Na opção C, por sua vez, sendo redigido que "a necessidade da natureza humana é uma vida em sociedade", há a sugestão de que a única necessidade da natureza é uma vida em sociedade, distanciando-se semanticamente da ideia exposta no texto. A alternativa A não altera o sentido original, modificando tão somente a função sintática de alguns elementos. O termo "da natureza humana", possuindo valor agente, funciona como adjunto adnominal e é transformado em sujeito ativo – se é uma necessidade da natureza humana, obviamente a natureza humana necessita. Por fim, fica evidente que, tal qual ocorre no segmento original, diz-se apenas que a natureza humana necessita da vida em sociedade, não sugerindo se necessita também de mais alguma coisa ou não.

Capítulo 31

Questões Comentadas de Concursos

A intenção, neste capítulo, é mostrar a você questões polêmicas, interessantes ou que possuam diversos assuntos cobrados simultaneamente. Essa é a nova "cara" das provas de Língua Portuguesa nos concursos, onde, em apenas uma questão, são exigidas do candidato, por exemplo, noções de regência, concordância, topologia pronominal, classificação de orações, funções sintáticas e, até mesmo, interpretação de textos. Sendo assim, foi feita essa seleção abaixo, com gabarito comentado item a item, enriquecendo mais ainda seu conhecimento e aumentando suas possibilidades de aprovação.

Leia o texto para responder à questão 1.

O advento da moderna indústria tecnológica fez com que o contexto em que passa a dispor-se a máquina mudasse completamente de configuração. Entretanto, tal mudança obedece a certas coordenadas que começam a ser pensadas já na antiga Grécia, que novamente se relacionam com a questão da verdade. É que a verdade, a partir de Platão e Aristóteles, passa a ser determinada de um modo novo, verificando-se uma transmutação em sua própria essência. Desde então, entende-se usualmente a verdade como sendo o resultado de uma adequação, ou seja, a verdade pode ser constatada sempre que a ideia que o sujeito forma de determinado objeto coincida com esse objeto.

(Gerd Bornheim. *Racionalidade e acaso*. fragmento)

1. (AFRF – Esaf) Assinale a opção correta a respeito do uso das estruturas linguísticas do texto.

a) Mantém-se a coerência da argumentação ao substituir "fez" (l. 1) por **faz**; mas para que a correção gramatical seja mantida, torna-se obrigatória então a substituição de "mudasse" (l. 2) para **mude**.

b) Preservam-se as relações de sentido entre "contexto" (l. 1) e "máquina" (l. 2) com a substituição do pronome relativo "que" (l. 1) por **qual**, mantendo-se obrigatória a presença de "em".

c) Tanto a supressão da preposição no termo "a certas coordenadas" (l. 3) como sua substituição por **às** preservam as relações de sentido e respeitam as regras de regência verbal.

d) A construção da textualidade mostra que o advérbio "então" (l. 6) refere-se ao tempo de "Platão e Aristóteles" (l. 5); por isso, preservam-se a coerência e a correção do texto

ao substituir "Desde então" (l. 6) por **Adiante desses filósofos**.
e) A expressão "ou seja" (l. 7) permite a troca de lugar entre os termos "adequação" (l. 7) e "verdade pode ser constatada sempre que a ideia que o sujeito forma de determinado objeto coincida com esse objeto" (l. 7, 8 e 9), sem prejudicar a correção gramatical do texto.
Gabarito: Alternativa A.
A substituição de "fez" por "faz" acarretou a mudança na estrutura temporal, passando todo o contexto do passado para o presente, exigindo, consequentemente, a correlação presente do indicativo – presente do subjuntivo.
Na alternativa B, o pronome relativo "que" deveria ser substituído por "o qual" e não por somente "qual", resultando "no qual".
Na alternativa C, apesar de a regência do verbo "obedecer" exigir a presença da preposição A e normalmente o artigo ser facultativo antes de substantivos no plural, a ocorrência do pronome indefinido "certas" proíbe o uso do artigo, não sendo possível "às".
A proposta de reescritura feita na alternativa D é absurda, pois "Adiante" significa "em frente", "frente a".
A reescritura proposta na alternativa E é descabida, pois observe o resultado: "Desde então, entende-se usualmente a verdade como sendo o resultado de a verdade pode ser constatada sempre que a ideia que o sujeito forma de determinado objeto coincida com esse objeto, ou seja, uma adequação. A estrutura "de a verdade" exige que o verbo seguinte esteja no infinitivo, reduzindo a oração.

Leia o fragmento de texto abaixo para responder à questão 2.
O enquadramento pós-estruturalista da teoria da comunicação analisa o modo como a comunicação eletronicamente mediada (o que eu chamo modo de informação) desafia, e ao mesmo tempo reforça, os sistemas de dominação emergentes na sociedade e cultura pós-moderna. A minha tese é que o modo de informação decreta uma reconfiguração radical da linguagem, que constitui sujeitos fora do padrão do indivíduo racional e autônomo. Esse sujeito familiar moderno é deslocado pelo "modo de informação" em favor de um que seja múltiplo, disseminado e descentrado, interpelado continuamente como uma identidade instável. Na cultura, essa instabilidade coloca tanto perigos como desafios que se tornam parte de um movimento político – ou se estão relacionados com as políticas feministas, minorias étnicas/raciais, posições gays e lésbicas, podem conduzir a um desafio fundamental às instituições e estruturas sociais modernas.
(Haik Poster. *A segunda era dos mídia*)

2. (AFRF – Esaf) Julgue como falsos (F) ou verdadeiros (V) os seguintes itens a respeito das estruturas linguísticas do texto.
( ) Preservam-se as relações semânticas e a correção gramatical do texto ao deslocar "pós-estruturalista" (l. 1) para depois de " teoria da comunicação" (l. 1).
( ) Preserva-se a correção gramatical e a coerência, mas alteram-se as relações

semânticas do texto ao substituir "o que" (l. 2) por a que.
( ) "Esse sujeito familiar" (l. 6) corresponde ao "indivíduo racional e autônomo" (l. 6).
( ) Preservam-se as relações semânticas e a correção gramatical do texto ao substituir "como" (l. 8) pela preposição por.
( ) O desenvolvimento da textualidade mostra que, na linha 9, se o termo "desafios" fosse substituído por o desafio, a flexão de plural em "que se tornam" deveria ser substituída pela flexão de singular.
A sequência obtida é:
a) V-F-V-V-F
b) V-V-F-F-V
c) F-V-V-F-F
d) F-F-V-V-V
e) F-V-V-F-V
Gabarito: Alternativa C.
O primeiro item é errado, pois o deslocamento de "pós-estruturalista" altera o sentido do texto, tendo em vista que o termo qualificava "enquadramento", passando a adjetivar "teoria da comunicação." (l. 1)
A análise apresentada no segundo item é adequada, visto que, alterando-se "o que" por "a que", apesar de haver pequena alteração no sentido do texto, ainda assim é conservada sua coerência: "o" em "o que" funciona como pronome demonstrativo, sendo referente à "comunicação eletronicamente mediada" (l. 2). Já em "a que" é o pronome relativo "que" que possui como antecedente "comunicação eletronicamente mediada". Também é importante frisar que ocorre alteração de ordem sintática, porquanto a regência do verbo "chamar", no sentido de qualificar, tanto pode ser transitivo direto como transitivo indireto, regendo a preposição "a". Sendo assim, no primeiro caso, o verbo era transitivo direto e no segundo, transitivo indireto.
O terceiro item apresenta uma informação verdadeira, uma vez que o texto procura demonstrar a transformação que o "sujeito familiar" acaba sofrendo por imposição da comunicação eletronicamente mediada. Ele sofre uma reconfiguração, saindo do padrão racional e autônomo, constituindo-se em um múltiplo, descentrado, disseminado e instável, formando, por fim, o que o texto denomina de sujeito familiar moderno.
O quarto item possui um erro, pois, ao substituir-se "como" por "por", a ideia de comparação se desfaz, e o valor agente é inserido: O sentido "Ele é interpelado tal qual uma identidade instável" é substituído por "Uma identidade instável o interpela.
O último item contém um comentário falso, dado que o pronome relativo "que" poderia ter como antecedente "desafio" ou a composição "tanto perigos como desafio", podendo o verbo ocorrer no singular ou no plural.

Leia o texto para responder à questão 3.
Boa parte de nossa infelicidade ou aflição nasce do fato de vivermos rodeados (por vezes esmagados ou algemados) por mitos. Nem falo dos belos, grandiosos ou enigmáticos mitos da Antiguidade Grega. Falo, sim, dos mitinhos bobos que inventou nosso inconsciente medroso, sempre beirando precipícios com olhos míopes e passo

temeroso. Inventam-se os mitos, ou deixamos que aflorem, e construímos em cima deles a nossa desgraça.
(Lya Luft, "Faxina nos mitos". *Veja*, 20 de abril, 2005, com adaptações)

3. (Técnico da Receita Federal – Esaf) Julgue os seguintes itens a respeito das estruturas linguísticas do texto:
I. De acordo com as regras gramaticais, o verbo da primeira oração do texto poderia ser empregado tanto no singular quanto no plural.
II. É pela flexão de número no verbo da oração subordinada, "que inventou nosso inconsciente medroso"(l. 3/4), que são identificados o sujeito e o objeto dessa oração.
III. A ideia de "sempre beirando precipícios com olhos míopes e passo temeroso"(l. 4 e 5) constitui uma forma figurativa para explicar "mitinhos"(l. 3).
IV. O desenvolvimento do texto mostra que inventar e deixar aflorar são empregados para indicar a passividade dos mitos na sua criação.
Estão corretos apenas:
a) I e II;
b) I e III;
c) II e III;
d) III e IV;
e) II e IV.
Gabarito: Alternativa E.
O primeiro comentário é inadequado, visto que a forma verbal "nasce" concorda com "Boa parte". A concordância atrativa, no plural, seria cabível, se o termo mais próximo estivesse no plural.
O segundo comentário é perfeito, porquanto só há a certeza de que "nosso inconsciente medroso" funciona como sujeito, em virtude de a forma verbal "inventou" estar no singular. Se o verbo estivesse no plural, haveria a indicação de que o pronome relativo "que", referente a "os mitinhos bobos", seria sujeito. Contudo, também não há como negar que esta possibilidade gramatical geraria incoerência textual.
O termo "sempre beirando precipícios com olhos míopes e passo temeroso", constante no terceiro item, qualifica "nosso inconsciente medroso", não possuindo qualquer relação com "mitinhos".
O último período apresenta uma assertiva verdadeira, porquanto o termo "os mitos" funciona como sujeito paciente de "inventaram-se". Também há a ideia passiva na segunda estrutura, já que a ideia é de "deixar" aflorar os mitos.

4. (Técnico da Receita Federal – Esaf) No trecho abaixo, foram inseridos erros no que respeita ao emprego da norma gramatical padrão. Para eliminá-los do trecho, foram propostas seis alterações. Analise-as e responda ao que se pede.
O ministro da Controladoria Geral da União, Waldir Pires, escreveu uma longa carta a Oded Grajew, na qual reconhece que o Brasil ainda carece de ações preventivas no combate à corrupção. Diante de uma máquina estatal pouco transparente e que reage as tentativas de publicidade das suas ações, o País surpreende-se com os casos de

corrupção, e só os descobre quando já são esquemas consolidados e milionários.
Waldir Pires afirma que vem mudando essa realidade. Criou o Portal da Transparência e o sistema de auditoria por sorteio, estabeleceu convênio para troca de informações com o Ministério Público, articulou-se com a Polícia Federal em diversas operações que a PF realizou nos últimos anos.
A carta do ministro para Oded, tornada pública, gerou uma segunda carta, dessa vez do presidente da União Nacional dos Analistas e Técnicos de Finanças e Controle (Unacon), Fernando Antunes, que reconhece o desejo real da CGU de tornar o Estado brasileiro mais transparente. Consequentemente admite a existência de uma queda-de-braço entre setores do governo. Nem a todos interessa a publicidade dos atos governamentais.
(Adaptado de Rudolfo Lago, *Correio Braziliense*, 24/10/2005)
Alterações propostas:
I. Usar o acento grave para indicar ocorrência de crase na expressão "reage as tentativas" (l. 4).
II. Alterar a configuração morfossintática do final do primeiro parágrafo para: só descobrindo-os quando já são esquemas consolidados e milionários.
III. Desenvolver a oração reduzida da linha 11 na seguinte oração adverbial: quando se tornou pública.
IV. Substituir "Consequentemente" (l. 14) por Mas.
V. Reescrever a última oração do terceiro parágrafo assim: Não são todos que se interessam pela publicidade dos atos governamentais.
Indique a opção que relaciona apenas as alterações necessárias para eliminar os erros gramaticais do trecho.
a) I, IV e V.
b) I, II, III, e IV.
c) I e IV.
d) II e IV.
e) III, IV e V.
Gabarito: Alternativa C.
O primeiro comentário é adequado, visto que a preposição "a" é exigência do verbo "reagir". A frase tanto ficaria correta com "a" como com "às", lembrando ser o artigo facultativo antes de substantivo no plural.
O segundo comentário não é correto, uma vez que o termo invariável "só" atrai o pronome oblíquo, exigindo a próclise. Além disso, a questão exige que a reescritura se faça necessária, ou seja, a frase original teria que estar errada, o que não ocorre neste caso.
No terceiro comentário, a proposta de reescritura é adequada, contudo a estrutura original também era. Sendo assim, não é necessária a alteração.
O quarto item apresenta uma alteração efetivamente necessária, já que é claro não ocorrer uma relação de causa-efeito, mas sim a oposição entre a ideia exposta anteriormente – o desejo real da CGU de tornar o Estado brasileiro mais transparente – e o fato de a publicidade dos atos governamentais não ser de interesse de todos os setores

do governo. Sendo assim, faz-se necessária a substituição de "consequentemente" por um conector de caráter adversativo.
No último item, apesar de a reescritura proposta no último item estar perfeita, ela se torna desnecessária, dado que o texto original também já se encontrava escorreito.

5. (Tribunal de Justiça da Bahia – 2005 – Cespe – UnB)
Não há dúvida de que, no início do século XXI, os Estados Unidos da América chegaram mais perto do que nunca da possibilidade de constituição de um "império mundial". Mas, se o mundo chegasse a esse ponto e constituísse um império global, isso significaria – ao mesmo tempo e por definição – o fim do sistema político interestatal. E o mais provável, do ponto de vista econômico, é que tal transformação viesse a significar também o fim do capitalismo. Em uma linguagem mais próxima da física e da termodinâmica do que da dialética hegeliana, pode-se dizer que a expansão do poder global na direção do império mundial é, ao mesmo tempo, uma força que levaria o sistema mundial à entropia, ao provocar sua homogeneização interna e o desaparecimento das hierarquias e conflitos responsáveis pelo dinamismo e pela ordem do próprio sistema.
(José Luís Fiori. *Correio Braziliense*, 25/12/2004 – com adaptações).
Em relação ao texto acima, julgue os itens que se seguem.

1	O emprego da preposição "de" em "Não há dúvida de que" (l. 1) justifica-se pela regência da forma verbal "há".
2	Como na sequência há um complemento oracional, a omissão da preposição "de" em "Não há dúvida de que" (l. 1) também estaria de acordo com as exigências da norma escrita culta.
3	Como o primeiro período do texto apresenta ideia relativa a um único país, o emprego do verbo chegar no singular — chegou — estaria de acordo com as exigências de concordância da norma escrita culta, sem necessidade de outras alterações no texto.
4	Mantêm-se a correção gramatical do período e as informações originais do texto ao se eliminar a palavra sublinhada em "mais perto do que nunca" (l. 2).
5	O emprego do futuro do pretérito em "significaria" (l. 4) é decorrente do emprego de estrutura antecedente que tem valor condicional, formada por verbo no imperfeito do subjuntivo.
6	Pelos sentidos do texto, é correto inferir que a palavra "entropia" (l. 9) está sendo empregada com o significado de equilíbrio, organização.
7	Para o trecho "que levaria (...) à entropia" (l. 8-9), estaria também de acordo com as exigências da norma escrita culta qualquer uma das seguintes reescrituras: que levaria a entropia ao sistema mundial, que levaria à entropia o sistema mundial, que iria levar o sistema mundial à entropia.
8	Infere-se das informações e dos sentidos do texto que o dinamismo e a ordem do sistema político interestatal em vigor atualmente no mundo podem prescindir de hierarquias e conflitos.

Gabarito 1: Errado. O uso da preposição "de" é decorrente da regência de "dúvida".
Gabarito 2: Certo. Nas orações subordinadas substantivas objetivas indiretas e nas orações subordinadas substantivas completivas nominais, é comum a preposição ser suprimida, vide comentário realizado no ***bizu*** do item 24.3.1.7.
Gabarito 3: Errado. Quando o título é precedido de determinante, no caso o artigo, o verbo é obrigado a concordar com o determinante, só cabendo o verbo no plural.
Gabarito 4: Certo. Neste livro, há o esclarecimento de que, nas conjunções comparativas, a palavra "do" em "do que" é totalmente dispensável, sem gerar problemas tanto no aspecto semântico quanto no sintático.

Gabarito 5: Certo. O uso do futuro do pretérito em consequência da ocorrência do pretérito imperfeito do subjuntivo é correto. Cabe lembrar o capítulo de aspectos verbais, onde há a informação de que, quando se cria uma condição passada – pretérito imperfeito do subjuntivo –, a consequência deve ocorrer posteriormente (a essa condição passada), daí o emprego do futuro do pretérito.

Gabarito 6: Errado. O significado de "entropia" é medida de quantidade de desordem de um sistema", pois a argumentação do texto justamente sugere que a homogeneização do sistema, o desaparecimento das hierarquias e conflitos são responsáveis pelo dinamismo e pela ordem do próprio sistema. Ou seja, caso não haja heterogeneidade, hierarquia e conflitos, o sistema entrará em desordem.

Gabarito 7: Anulado. Todas as propostas de reescritura estão de acordo com a norma culta. No entanto, a primeira redação altera o sentido do texto, invertendo os objetos. Em virtude disso, o item foi anulado, pois, pela visão meramente gramatical, o item satisfaz a exigência; contudo, pelo aspecto semântico, a ideia original, na primeira estrutura, é alterada.

Gabarito 8: Errado. A interpretação do item encontra-se em desacordo com o texto, visto que o texto adverte que o dinamismo e a ordem do sistema são frutos das hierarquias e dos conflitos, não podendo, portanto, prescindir deles.

Leia o texto abaixo para responder às questões 6 a 9.

O QUE É... DECISÃO

1	No mundo corporativo, há algo vagamente conhecido como "processo decisório", que são aqueles insondáveis critérios adotados pela alta direção da empresa para chegar a decisões que o funcionário não consegue entender. Tudo começa com a própria origem da palavra "decisão", que se formou a partir do verbo latino *caedere* (cortar). Dependendo do prefixo que se utiliza, a palavra assume um significado diferente: "incisão" é cortar para dentro, "rescisão" é cortar de novo, "concisão" é o que já foi cortado, e assim por diante. E *dis caedere*, de onde veio "decisão", significa "cortar fora". Decidir é, portanto, extirpar de uma situação tudo o que está atrapalhando e ficar só com o que interessa.
10	E, por falar em cortar, todo mundo já deve ter ouvido a célebre história do não menos célebre rei Salomão, mas permitam-me recontá-la, transportando os acontecimentos para uma empresa moderna. Então, está um dia o rei Salomão em seu palácio, quando duas mulheres são introduzidas na sala do trono. Aos berros e puxões de cabelo, as duas disputam a maternidade de uma criança recém-nascida. Ambas possuem argumentos sólidos: testemunhos da gravidez recente, depoimentos das parteiras, certidões de nascimento. Mas, obviamente, uma das duas está mentindo: havia perdido o seu bebê e, para compensar a dor, surrupiara o filho da outra. Como os testes de DNA só seriam inventados dali a milênios, nenhuma das autoridades imperiais consultadas pelas litigantes havia conseguido dar uma solução satisfatória ao impasse.
21	Então Salomão, em sua sabedoria, chama um guarda, manda-o cortar a criança ao meio e dar metade para cada uma das reclamantes. Diante da catástrofe iminente, a verdadeira mãe suplica: "Não! Se for assim, ó meu Senhor, dê a criança inteira e viva à outra!", enquanto a falsa mãe faz aquela cara de "tudo bem, corta aí". Pronto. Salomão manda entregar o bebê à mãe em pânico, e a história se encerra com essa salomônica demonstração de conhecimento da natureza humana.
27	Mas isso aconteceu antigamente. Se fosse hoje, com certeza as duas mulheres optariam pela primeira alternativa (porque ambas teriam feito um curso de Tomada de Decisões). Aí é que entram os processos decisórios dos salomões corporativos. Um gerente salomão perguntaria à mãe putativa A: "Se eu lhe der esse menino, ó mulher, o que dele esperas no futuro?" E ela diria: "Quero que ele cresça com liberdade, que aprenda a cantar com os pássaros e que possa viver 100 anos de felicidade". E a mesma pergunta seria feita à mãe putativa B, que de pronto responderia: "Que o menino cresça forte e obediente e que possa um dia, por Vossa glória e pela glória de Vosso reino, morrer no campo de batalha". Então, sem piscar, o gerente salomão ordenaria que o bebê fosse entregue à mãe putativa B.
38	Por quê? Porque na salomônica lógica das empresas, a decisão dificilmente favorece o funcionário que tem o argumento mais racional, mais sensato, mais justo ou mais humano. A balança sempre pende para os putativos que trazem mais benefício para o sistema.

(GEHRINGER, Max. *Você* S/A, jan. 2002)

(Transpetro – Petrobras – Cesgranrio)

6. Indique a opção na qual as frases "Se fosse hoje, com certeza as duas mulheres optariam pela primeira alternativa..." (l. 27-28) e "Aí é que entram os processos decisórios dos salomões corporativos." (l. 29-30) aparecem reescritas em um único período, sem alteração do sentido original.

a) Caso isso acontecesse nos dias atuais, as duas mulheres fariam a mesma escolha influenciadas pelas decisões de seu gerente salomão.

b) No mundo de hoje, as duas mulheres levariam em consideração para decidir os critérios do rei Salomão e escolheriam a primeira opção.

c) Atualmente, as duas mulheres poderiam escolher a primeira possibilidade levando em conta os interesses do sistema empresarial.

d) Com a nova mentalidade, a escolha das duas mulheres seria por não dividir a criança, já que conheceriam as regras empresariais.

e) Uma vez que hoje as duas mulheres optariam pela mesma alternativa, os "salomões corporativos" recorreriam a processos de decisão.

Gabarito: Alternativa E.

Normalmente, nesta questão, o candidato teria dúvida entre as alternativas A e E. No entanto, a opção A possui uma falha: retornando ao texto, torna-se evidente que as mulheres fariam a mesma escolha em virtude de terem realizado um curso de Tomada de Decisões. A resposta (alternativa E) denuncia um fato já bastante comentado no capítulo de conjunções: a relação entre condição e causa. No texto original, a conjunção "Se" possui valor de condição. Na reescritura, o conector "Uma vez que" acrescenta ao período um valor de causa. As duas conjunções introduzem situações anteriores, gerando grande proximidade de ideias. Também é mister informar que, no contexto, o termo "Aí" possui a ideia de "neste caso". Sendo assim, os processos decisórios seriam utilizados no caso de as duas mulheres fazerem a mesma opção.

7. Com base no período "Como os testes de DNA só seriam inventados dali a milênios, nenhuma das autoridades imperiais consultadas pelas litigantes havia conseguido dar uma solução satisfatória ao impasse." (l. 18-20), pode-se inferir que:

a) os testes de DNA poderiam contribuir para a solução do problema;

b) as soluções encontradas pelas autoridades não satisfizeram às litigantes;

c) as supostas mães das crianças consultaram as autoridades para resolver o impasse;

d) só dali a muitos anos os cientistas inventariam os testes de DNA;

e) não havia autoridade imperial capaz de resolver o impasse.

Gabarito: Alternativa A.

Esta questão foi muito bem imaginada, possuindo quatro alternativas coerentes com o texto. A solução é observar o enunciado: lá a banca solicita ao candidato uma inferência textual (pode-se inferir que), não servindo como resposta algo explícito no texto. A alternativa B está explícita, visto que está presente no texto que as autoridades imperiais consultadas não deram uma solução satisfatória. A opção C também está explícita, dado que o texto fornece a informação de que houve autoridades imperiais consultadas pelas

mães-litigantes. A alternativa D também é recorrente ao texto, porquanto está exposto que os testes de DNA somente seriam inventados dali a milênios. A alternativa E é a única incoerente, dado que no texto fica evidente que nenhuma das autoridades imperiais "consultadas" conseguiu dar uma solução para o impasse, o que não quer dizer que obrigatoriamente nenhuma autoridade imperial conseguiria dá-la, havendo a possibilidade de autoridades não consultadas fazerem-no. A alternativa A é a resposta, em conformidade com a exigência feita no enunciado, ou seja, uma inferência (dedução) a partir dos elementos do texto. Pode-se deduzir que o impasse, nos dias atuais, poderia ser solucionado através dos testes de DNA. É fundamental frisar que o texto não informa que os testes de DNA poderiam contribuir para a solução do problema, no entanto é uma conclusão que o leitor poderia extrair do fragmento.

8. Por meio de uma carta, os funcionários aos superiores.
Com respeito à regência, a forma verbal que preenche adequadamente a lacuna acima é:
a) chamaram;
b) convidaram;
c) cumprimentaram;
d) pressionaram;
e) responderam.
Gabarito: Alternativa E.
Questão de regência em que os verbos apresentados nas alternativas B, C e D somente poderiam funcionar sem preposição. O verbo "chamar", no sentido de mandar vir, convocar, é transitivo direto, regendo, portanto, sem preposição. No entanto, também é cabível o uso da preposição "por" (chamar pelos superiores). Se este verbo estivesse no sentido de "qualificar", tanto poderia ser transitivo direto como indireto, regendo a preposição A. A alternativa E é a única que contém um verbo que, neste contexto, rege a preposição, sendo, portanto, a resposta.

9. Assinale a opção em que o sinal de dois-pontos tem a mesma função apresentada em "Mas, obviamente, uma das duas está mentindo: havia perdido o seu bebê e, para compensar a dor, surrupiara o filho da outra." (l. 16-18)
a) O diretor apresentou dados convincentes: a pesquisa de opinião, o último balanço da empresa e cartas de clientes.
b) Os critérios adotados para admissão de funcionários são sempre os mesmos: organização, competência e capacidade de trabalhar em equipe.
c) Tomar decisões em momentos de crise pode ser danoso: muitas vezes um impulso substitui o bom-senso.
d) Dois motivos o levaram a pedir demissão: uma nova oferta de trabalho e a possibilidade de trabalhar no exterior.
e) Quando soube que não seria promovido, ele fez o seguinte: mandou uma carta para a vice-presidência e marcou uma reunião com a equipe.
Gabarito: Alternativa C.

O sinal de dois-pontos no texto original tem como função introduzir uma causa para a ideia exposta na oração anterior, podendo inclusive ser substituído por uma conjunção subordinativa causal: "Mas, obviamente, uma das duas está mentindo, porque havia perdido o seu bebê e, para compensar a dor, surrupiara o filho da outra." Nas alternativas A, B, D e E, o sinal de dois-pontos está sendo utilizado tão somente para introduzir apostos. Na alternativa C, o sinal de dois-pontos efetivamente possui o mesmo caráter da frase do enunciado: Tomar decisões em momentos de crise pode ser danoso, porque muitas vezes um impulso substitui o bom-senso.

10. (Técnico Judiciário – Concurso TRE-AL – Cespe – UnB) Na cidade de Atenas, considerava-se cidadão (thetes) qualquer ateniense maior de 18 anos que tivesse prestado serviço militar e que fosse homem livre. Da reforma de Clistenes em diante, os homens da cidade não usariam mais o nome da família, mas, sim, o do demos a que pertenciam. Manifestariam sua fidelidade não mais à família (gens) em que haviam nascido, mas à comunidade (demói) – em que viviam, transferindo sua afeição de uma instância menor para uma maior. O objetivo do sistema era a participação de todos nos assuntos públicos, determinando que a representação popular se fizesse não por eleição, mas por sorteio.
(Internet: http://www.educaterra.terra.com.br/voltaire/politica/democracia2.htm.
Acesso em 16/7/2004 (com adaptações).)
Considerando o texto acima, julgue os itens a seguir.

1.	A estrutura em voz passiva "considerava-se" (l. 1) poderia ser substituída por outra forma de passiva, era considerado, sem comprometer a coerência do texto.
2.	A correção gramatical e a coerência textual seriam mantidas ao se retirar o pronome "que" (l. 2).
3.	O emprego de futuro do pretérito em "usariam" (l. 3) e "Manifestariam" (l. 4) indica que as ações expressas por essas formas verbais devem ser consideradas a partir da "reforma de Clistenes" (l. 2-3).
4.	Por se tratar de uso opcional, a retirada da preposição em "a que" (l. 4) preservaria a correção gramatical e a coerência do texto.
5.	Mantém-se o respeito às regras de regência da forma verbal "transferindo" (l. 6) e à correção gramatical do período ao se substituir a preposição "para" (l. 6) por à.
6.	De acordo com a argumentação do texto, a expressão "instância menor" (l. 6) deve ser compreendida como a comunidade do cidadão.
7.	Depreende-se do texto que a representação popular por meio de sorteio era considerada mais adequada do que a eleição, para propiciar a participação de todos os cidadãos nos assuntos públicos de Atenas.

Gabarito 1: Certo. O comentário é adequado, uma vez que o verbo "considerar" é transitivo direto que, com a presença do pronome apassivador "se", forma a voz passiva sintética. É feita a proposta de alteração para a voz passiva analítica, acrescentando-se o verbo auxiliar "ser" no mesmo tempo da estrutura original, o pretérito imperfeito do indicativo. Sendo assim, está havendo apenas a substituição de uma forma passiva por outra e a coerência textual não fica prejudicada, visto que os tempos verbais são respeitados.
Gabarito 2: Certo. Questão de paralelismo sintático, em que há duas orações subordinadas adjetivas, introduzidas por pronomes relativos, relacionadas a apenas uma oração principal. Como os dois pronomes relativos QUE, na linha 2, são referentes a

"qualquer ateniense maior de 18 anos" (linhas 1-2), basta usar apenas o primeiro, ficando o segundo subentendido. É sempre importante lembrar que, em situações de paralelismo, o elemento repetido pode ser suprimido.
Gabarito 3: Certo. O tempo futuro do pretérito, como a própria nomenclatura sugere, indica uma consequência futura de um fato passado. Fica claro que o fato passado é a "reforma de Clistenes que gera dois efeitos:
"Os homens da cidade não usariam mais o nome da família, mas, sim, o do demos a que pertenciam"; e "manifestariam sua fidelidade não mais à família (*gens*) em que haviam nascido, mas à comunidade (*demói*) em que viviam".
Gabarito 4: Errado. A preposição "a" não pode ser extraída, pois sua ocorrência é exigida pela regência do verbo "pertencer": algo pertencer **a** alguém.
Gabarito 5: Errado. Este comentário nunca poderia ser adequado, visto que não se pode usar "a" com acento grave antecedendo artigo indefinido.
Gabarito 6: Errado. A instância menor, citada no texto, é a família, a que anteriormente o cidadão era fiel e cujo nome usava. Da reforma de Clistenes em diante, o homem passa a usar o nome da comunidade a que pertenciam (demói), sendo fiel a ela.
Gabarito 7: Certo. É cabível inferir do último período "O objetivo do sistema era a participação de todos nos assuntos públicos, determinando que a representação popular se fizesse não por eleição, mas por sorteio." que o sorteio propiciaria participação mais efetiva da comunidade nos assuntos públicos, se comparado ao sistema de eleições.

11. (Administrador – BNDES – NCE) Em texto da *Folha de São Paulo*, um morador das margens de uma grande rodovia declarava o seguinte:
Hoje já passaram por aqui milhares de caminhões e automóveis, mas eu e minha família já estamos habituados com isso; os garotos até brincam, jogando pedra nos pneus.
Há, nesse texto, um conjunto de palavras cujo significado depende da enunciação, ou seja, da situação em que o texto foi produzido. Entre as alternativas abaixo, aquela que indica um termo que não está nesse caso é:
a) hoje;
b) aqui;
c) eu;
d) minha família;
e) isso.
Gabarito: Alternativa E.
Questão que trabalha o plano da enunciação – segundo o **dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**, o significado de *enunciado* é: "Ato individual de utilização da língua pelo falante ao produzir um enunciado num dado contexto comunicativo". A situação referida teve um narrador, ocorreu num determinado tempo e lugar. Se essa mesma estória fosse contada por outro narrador, em lugar diferente e no dia seguinte, por exemplo, várias palavras necessariamente sofreriam alteração: "**Ontem** já passaram por **lá** milhares de caminhões e automóveis, mas **João** e **sua família** já estavam habituados com **isso**; os garotos até brincavam, jogando pedra nos pneus." Pode-se, portanto, observar que o único vocábulo que não sofreu alteração foi "isso".

12. (Administrador – BNDES – NCE) Uma indicação de como tomar-se determinado medicamento registrava: "tomar dois comprimidos, de dois tipos diferentes a cada duas horas". A frase, por ser ambígua, pode gerar confusão: tomar um ou dois comprimidos de cada tipo? A frase abaixo que não traz qualquer possibilidade de ambiguidade é:

a) Pedro e José encontraram-se com João.
b) A perturbação do chefe prejudicou o projeto.
c) O gerente falou com o cliente que mora perto do banco.
d) O funcionário, em sua sala, falou com o chefe.
e) Pedro encontrou o irmão entrando na loja.

Gabarito: Alternativa D.

A alternativa A gera uma dúvida: não se sabe se Pedro e José juntos encontraram-se com João, ou se cada um separadamente encontrou-se com João.

A alternativa B também possui uma ambiguidade: sem contexto, não há como se determinar se o chefe estava perturbando ou sendo perturbado. Inclusive tal situação cria dúvida quanto à função sintática de "do chefe": com valor agente (o chefe perturbando os outros e, por isso, prejudicando o projeto) – adjunto adnominal; com valor paciente (o chefe sendo perturbado e, por isso, prejudicando o projeto) – complemento nominal. Na alternativa C, não fica determinado quem mora perto do banco: o gerente ou o cliente. A opção E apresenta também uma ambiguidade, pois não se sabe quem entrou na loja: Pedro ou o irmão.

Leia o texto abaixo para responder às questões 13 e 14.

Falei de esquisitices. Aqui está uma, que prova ao mesmo tempo a capacidade política deste povo e a grande observação de seus legisladores. Refiro-me ao processo eleitoral. Assisti a uma eleição que aqui se fez em fins de novembro. Como em toda a parte, este povo andou em busca da verdade eleitoral. Reformou muito e sempre; esbarrava-se, porém, diante de vícios e paixões, que as leis não podem eliminar. Vários processos foram experimentados, todos deixados ao cabo de alguns anos. É curioso que alguns deles coincidissem com os nossos de um e de outro mundo. Os males não eram gerais, mas eram grandes. Havia eleições boas e pacíficas, mas a violência, a corrupção e a fraude inutilizavam em algumas partes as leis e os esforços leais dos governos. Votos vendidos, votos inventados, votos destruídos, era difícil que todas as eleições fossem puras e seguras. Para a violência havia aqui uma classe de homens, felizmente extinta, a que chamam pela língua do país, *Kapangas* ou *kapengas*. Eram esbirros particulares, assalariados para amedrontar os eleitores e, quando fosse preciso, quebrar as urnas e as cabeças. Às vezes quebravam só as cabeças e metiam nas urnas maços de cédulas. Estas cédulas eram depois apuradas com as outras, pela razão especiosa de que mais valia atribuir a um candidato algum pequeno saldo de votos que tirar-lhe os que deveras lhe foram dados pela vontade soberana do país. A corrupção era menor que a fraude; mas a fraude tinha todas as formas. Enfim, muitos eleitores, tomados de susto ou de descrença, não acudiam às urnas.

(Machado de Assis. *A semana.* In: *Obra completa*. VIII. Rio de Janeiro: Aguilar. 1973. p. 757)

13. (Analista Judiciário – TRE – RJ – Cespe/UnB) Em relação ao texto, assinale a opção incorreta.

a) Após o termo "uma" (l. 1), subentende-se a elipse da palavra **esquisitice**.

b) Caso a expressão "aqui se faz" (l. 3) seja substituída por **aqui foi feita**, prejudica-se a correção gramatical do período.

c) Em "esbarrava-se" (l. 5), o termo "se" indica indeterminação do sujeito.

d) O emprego da vírgula após "paixões" (l. 5) justifica-se porque a oração subsequente é explicativa.

Gabarito: Alternativa B.

A alternativa A apresenta um comentário correto, visto que o artigo indefinido "uma" realmente sugere a ocorrência do termo presente no período anterior: "Falei de esquisitices. Aqui está uma **esquisitice**". A alternativa B é a resposta. Analisemo-la. O enunciado da questão solicita a opção errada. A substituição "aqui se fez" por "aqui foi feita" é perfeita, uma vez que houve tão-somente a reconstrução da frase com a voz passiva sintética no lugar da analítica, inclusive havendo o cuidado de se conservar o tempo verbal: o pretérito perfeito do indicativo (FEZ – FOI). Como nesta alternativa, está afirmado que a alteração prejudica a correção gramatical, fato que não ocorre, acaba por ser a resposta para o enunciado. A alternativa C apresenta uma assertiva adequada, porquanto o pronome "se", ligado a um verbo intransitivo, na terceira pessoa do singular, com a indefinição (não a inexistência) do autor da ação de "esbarrar", funciona como índice de indeterminação do sujeito. O assunto presente na alternativa D vem sendo bastante explorado pelas bancas. O candidato deve estar sempre atento à ocorrência de pontuação antes de pronome relativo. A palavra seguinte a "paixões" é o relativo "que", o qual, por sua vez, é precedido de vírgula. Não podemos esquecer que pronomes relativos, precedidos de vírgula, travessão ou parênteses, introduzem orações subordinadas adjetivas explicativas. Caso contrário, a oração será subordinada adjetiva restritiva.

14. (Analista Judiciário – TRE – RJ – Cespe/UnB) De acordo com o texto, julgue os itens a seguir.

I. A reiteração da palavra "votos" (l. 10-11) confere ênfase à ideia apresentada no período.

II. Pelos sentidos do texto, conclui-se que a palavras "esbirros" (l. 13) está sendo empregada com o mesmo significado que tem atualmente a palavra capanga.

III. A expressão "lhe foram dados" (l. 18) pode, sem prejuízo para a correção gramatical do período, ser substituída por foram dados a ele.

IV. A palavra "corrupção" (l. 19) está sendo empregada como sinônima de "fraude" (l. 19).

A quantidade de itens certos é igual a:

a) 1;

b) 2;

c) 3;
d) 4.
Gabarito: Alternativa C.
Há três itens corretos.
Item I – correto. Não era necessário o autor do texto escrever três vezes a palavra **votos**. Bastava a primeira. Como o autor reiterou o uso, torna-se evidente sua intenção de enfatizar, destacar a ideia presente naquele período.
Item II – correto. Mesmo que o candidato desconheça o significado da palavra "esbirros", torna-se bastante fácil deduzi-lo. A frase "Eram esbirros particulares, assalariados para amedrontar os eleitores e, quando fosse preciso, quebrar as urnas e as cabeças." possui o objetivo de definir o sentido de "*kapangas*" ou "*kapengas*", ocorrentes no sentido anterior.
Item III – correto. Como o pronome oblíquo é remissivo a "candidato", e o verbo "dar" rege, em referência à pessoa, a preposição "a", não há qualquer inconveniência gramatical ou semântica a substituição proposta.
Item IV – incorreto. A frase "A corrupção era menor que a fraude; mas a fraude tinha todas as formas." apresenta uma comparação entre "corrupção" e "fraude", ou seja, se um elemento é maior ou menor do que o outro, obviamente eles não podem funcionar como o mesmo ser.

Leia o texto abaixo para responder às questões 15 e 16.

Uma das condições principais da pós-modernidade é o fato de ninguém poder ou dever discuti-la como condição histórico-geográfica. Com efeito, nunca é fácil elaborar uma avaliação crítica de uma situação avassaladoramente presente. Os termos do debate, da descrição e da representação são, com frequência, tão circunscritos que parece não haver como escapar de interpretações que não sejam tão autorreferenciais. É convencional nestes dias, por exemplo, descartar toda sugestão de que a "economia" (como quer que se entenda essa palavra vaga) possa ser determinante da vida cultural, mesmo "em última instância". O estranho na produção cultural pós-moderna é o ponto até o qual a mera procura de lucros é determinante em primeira instância.
(David Harvey. *Condição pós-moderna*, p. 301, com adaptações)

15. (AFC – Esaf) Assinale a relação lógica que não se depreende do texto.
a) Ser uma situação presente é causa de não se poder discutir a pós-modernidade.
b) Elaborar uma avaliação crítica implica debater, descrever e representar.
c) Se há produção cultural, há a busca de lucros.
d) Se a pós-modernidade fosse uma condição histórico-geográfica, a economia seria determinante na vida cultural.
e) Interpretações autorreferenciais são frequentes como resultado de avaliações de uma situação presente.
Gabarito: Alternativa D.
A alternativa A apresenta uma dedução correta, visto que a relação causa-efeito se

evidencia nos dois primeiros períodos. Infere-se do verbete que é muito mais fácil proceder a uma avaliação efetivamente crítica dos fatos pretéritos do que dos fatos presentes, então se torna espinhoso discutir a pós-modernidade, pois é justamente a época em que vivemos e, por isso, acabamos não sendo isentos.
A alternativa B é uma inferência do segundo e do terceiro período. "Os termos do debate, da descrição e da representação", que estruturam a elaboração da avaliação crítica, acabam se tornando prejudicados, em virtude de a análise ser relativa a tempo presente.
A alternativa C é uma conclusão do último período. Lá se informa que a mera procura de lucros é determinante em primeira instância na produção cultural pós-moderna.
A alternativa D é a resposta, pois expõe uma inferência inadequada ao texto. Inicialmente não se pode afirmar que a pós-modernidade é uma condição histórico-geográfica, e sim o fato de ninguém poder ou dever discutir a pós-modernidade. Também é indevido concluir do texto que a economia não é determinante na vida cultural, pois a visão não é dele e sim de terceiros (verbo "descartar" no infinitivo impessoal, indeterminando o sujeito da oração): "É convencional nestes dias, por exemplo, descartar toda sugestão de que a "economia" (como quer que se entenda essa palavra vaga) possa ser determinante da vida cultural, mesmo "em última instância". E depreende-se que essa visão errônea de terceiros ocorre justamente pela dificuldade de se ter uma visão crítica dos fatos, quando eles ainda são presentes.
A alternativa E apresenta uma inferência perfeita do verbete, porquanto fica implícito que justamente a dificuldade de se fazer uma análise crítica da pós-modernidade provém do fato de estarmos vivendo esse período, fato que acaba por comprometer o estudo devido justamente ao nosso envolvimento que acaba por excluir a isenção do exame, gerando interpretações autorreferenciais.

16. (AFC – Esaf) Avalie as seguintes afirmações a respeito das estruturas linguísticas do texto para assinalar a opção correta.
I. O singular do verbo da primeira oração do texto deve-se à expressão "Uma das" (l. 1); se, em seu lugar, fossem empregados termos que mantivessem o sujeito no plural, como por exemplo, Entre as, o verbo deveria ser flexionado necessariamente no plural.
II. Na linha 4, a opção pelo verbo "parece", iniciando a oração, exige o emprego de uma forma impessoal de verbo no seu desenvolvimento: daí o uso de singular em "não haver como escapar" (l. 4/5).
III. O emprego da preposição da preposição de é obrigatória antes do pronome relativo "que" (l. 6), pois aí se inicia uma oração subordinada que completa a ideia de "sugestão" (l. 7).
IV. A palavra "mesmo" (l. 7), empregada com valor adverbial de ainda que, sugere que o autor antecipa uma rejeição ao argumento que explicita na oração anterior.
A quantidade de itens corretos é:
a) 0;
b) 1;
c) 2;
d) 3;

e) 4.

Gabarito: Alternativa B (Atenção: gabarito alterado no recurso de C para B)

Item I – Errado. O comentário não é procedente, uma vez que a substituição proposta causa, até mesmo, incoerência. Além disso, o verbo poderia concordar com o termo "o fato".

Item II – Errado – A ocorrência do verbo "parecer" não exige necessariamente a presença de um verbo impessoal, por exemplo: Parece estarem presentes mais pessoas hoje do que ontem.

Item III – Errado. A banca considerou, inicialmente, este item correto, alterando-o após a análise dos recursos. Há alguns problemas importantes a serem examinados: o "que" citado não é pronome relativo, mas sim conjunção integrante; também é interessante observar que, na visão inicial com o item correto, fica indicado que o uso da preposição nas orações completivas nominais seria obrigatória, contrariando, até mesmo, a visão do Cespe-UnB, conforme se evidencia no item 2 da questão 5 deste capítulo.

Item IV – Certo. A assertiva é pertinente, pois é característica da concessão sugerir uma oposição – ou rejeição – ao outro fato exposto.

Leia o seguinte texto para responder à questão 17.

A entrada dos anos 2000 têm trazido a reversão das expectativas de que haveria a inauguração de tempos de fraternidade, harmonia e entendimento da humanidade. Os resultados das cúpulas mundiais alimentaram esperanças que novos tempos trariam novas perspectivas referentes a qualidade de vida e relacionamento humano em todos os níveis. Contudo, o movimento que se observa em nível mundial sinaliza perdas que ainda não podemos avaliar. O recrudescimento do conservadorismo e de práticas autoritárias, efetivadas à sombra do medo, tem representado fonte de frustração dos ideais historicamente buscados.

(Roseli Fischmann, *Correio Braziliense*. 26/8/2002, com adaptações)

17. (Auditor Fiscal da Previdência Social – Esaf) Para que o texto fique gramaticalmente correto é obrigatória:

I. A retirada do acento de "têm" (l. 1).

II. A retirada da preposição antes de "que haveria (l. 1).

III. A inserção da preposição de diante de "que novos tempos" (l. 3).

IV. A inserção do sinal indicativo de crase em "a qualidade" (l. 4).

V. A substituição da expressão "em nível mundial" (l. 5) por mundialmente.

VI. A substituição de "efetivadas" (l. 7) por efetivados.

VII. A inserção do acento circunflexo em "tem" (l. 7).

a) Apenas I e III estão corretos.

b) Apenas I, IV e V estão corretos.

c) Apenas II, III, IV e V estão corretos.

d) Apenas III, IV, V, VI e VII estão corretos.

e) Todos os itens estão corretos.

Gabarito: Alternativa A.

A alteração proposta no item I é obrigatória, visto que o sujeito de "têm trazido" é "A entrada dos anos 2000", cujo núcleo é "entrada", impossibilitando o verbo de flexionar-se no plural.
A alteração proposta no item II não é necessária, visto que "expectativas" rege a preposição DE, EXPECTATIVAS DE...
A alteração proposta no item III é obrigatória na visão da Esaf, contradizendo o Cespe-UnB. Realmente o nome "expectativas" rege a preposição "de"; contudo a sua complementação se dá com uma oração, não com termo não oracional. É normal nas orações subordinadas substantivas objetivas indiretas e completivas nominais, a preposição ser suprimida, como foi mostrado no item 2 da questão 5 deste capítulo. No entanto, a Esaf considera, pelo menos na completiva nominal, obrigatória a inserção da preposição. Observe também o item III da questão 16 deste capítulo.
A alteração proposta no item IV não se faz necessária, porquanto a frase original já está escorreita. Há aqui uma estrutura paralela, em que o autor preteriu o artigo, utilizando, apenas em uma oportunidade, a preposição "A" – exigência de "referentes" – regendo "qualidade de vida" e "relacionamento humano" (observar o item 17 do capítulo 25.4).
A alteração proposta no item V também não é necessária, visto que a estrutura original está correta, e a proposição de reescritura também o está; sendo assim, não é obrigatória a alteração.
A alteração proposta no item VI também não é necessária, já que a construção original está correta.
O adjetivo "efetivadas" concorda atrativamente com "práticas autoritárias", e "efetivados" concorda por soma com "conservadorismo" e "práticas autoritárias".
A alteração proposta no item VII é inadequada, uma vez que o verbo "tem representado" concorda com "recrudescimento", devendo, portanto, flexionar-se no singular, ou seja, sem acento.

18. (Auditor Fiscal do Trabalho – Esaf) Julgue como verdadeiros (V) ou falsos (F) os itens a respeito do texto abaixo.
Uma única inovação ocorrida no século XV teve enorme influência para o progresso, a inclusão social e a redução da pobreza. Foi a invenção do conceito de capital social pelo frei Luca Paccioli, o criador da contabilidade. Antes de Luca Paccioli, um comerciante ou produtor que não pagasse suas dívidas poderia ter todas os bens pessoais, como casa, móveis e poupança, arrestados por um juiz ou credor.
Muitos cientistas políticos e sociólogos usam o termo capital social de forma equivocada, numa tentativa deliberada de confundir o leitor.
(Adaptado de Stephen Kanitz, "O Capital social". *Veja*. 12 de abril, 2006)
( ) Depreende-se da expressão "Uma única inovação" (l. 1) que as demais inovações ocorridas no século XV não resistem até hoje.
( ) Preservam-se a coerência textual e a correção gramatical ao trocar "invenção (l. 2) por <u>criação</u> e "criador" (l. 3) por <u>inventor</u>, respectivamente.
( ) Apesar de se classificar como artigo indefinido, o artigo "um" (l. 3) tem a função de determinar, no texto, "comerciante" (l. 4) e "produtor" (l. 4).

( ) Por integrar uma enumeração, a vírgula depois de "poupança" (l. 5) é facultativa e pode ser suprimida sem que se prejudique a correção gramatical do texto.
( ) Por constituir um valor oposto às informações do primeiro parágrafo, o período final do texto admite ser iniciado pelo conectivo. No entanto, seguido de vírgula, fazendo-se os ajustes nas iniciais maiúsculas.
A sequência correta é:
a) V V F V F
b) F V F F V
c) V F F F V
d) F V V F F
e) F F V V F
Gabarito: Alternativa B.
O primeiro comentário é absurdo, haja vista o descabimento de tal inferência. No início do texto, houve tão somente o destaque ao fato de a invenção do conceito de capital social possuir substanciosa importância para o progresso, a inclusão social e a redução da pobreza, não induzindo à compreensão de inexistirem outras invenções ocorridas no século passado que resistissem até hoje.
O segundo comentário é perfeito, até porque, no contexto, há a sinonímia entre os vocábulos.
O terceiro comentário é incorreto, visto que, como a própria nomenclatura sugere, o artigo indefinido não define, não determina. Observando-se o contexto, fica constatado que qualquer (não um específico ou determinado) comerciante ou produtor que não pagasse suas dívidas poderia ter todos os bens pessoais arrestados.
A afirmação contida no quarto item não se coaduna com a norma gramatical, uma vez que, havendo uma vírgula a finalizar o fragmento intercalado "como casa, móveis e poupança", não pode ser extraída aquela que o inicia.
O último item expõe uma assertiva correta, dado que há uma oposição entre o efetivo significado de capital social, criado por Luca Paccioli, e o sentido errôneo utilizado por muitos cientistas políticos e sociólogos. Sendo assim, é escorreito o uso da conjunção adversativa introduzindo o parágrafo conclusivo.

19. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – NCE) A VERDADE E A FANTASIA – Presidente do TJ/RJ
Um espectro ronda a Justiça brasileira neste final de ano: a Reforma do Judiciário. Espectro porque a realidade do Judiciário e a necessidade da sua reforma foram, nos últimos meses, deformados pelo "manto diáfano da fantasia".
Comemoramos o nosso dia (8 de dezembro) sob o fogo cruzado da má-vontade e da desinformação. O Judiciário não pode ser culpabilizado pelo que a mídia chama com exagero de impunidade. A polícia não prende, não investiga e nós, presos à aplicação da lei, pagamos o pato. Além disso, há um cipoal de leis, medidas provisórias que acabam por atravancar nossos corredores.
Temos oferecido à sociedade ideias e propostas de melhoria da prestação de Justiça. Um exemplo: o julgamento virtual, que acelera a tramitação, elimina papel e dispensa deslocamentos de advogados...

Entre o segundo e o terceiro parágrafos do texto, em função dos significados por eles veiculados, poderíamos inserir o conectivo:
a) apesar de;
b) porque;
c) ainda que;
d) contanto que;
e) nem.
Gabarito: Alternativa A.
Fica claro que a relação existente entre os parágrafos é de concessão: o fato de o Judiciário oferecer à sociedade ideias e propostas de melhorias do seu próprio trabalho não impede que a Justiça seja culpabilizada pelo que a mídia chama de impunidade. Sendo assim, haveria duas alternativas com conectores concessivos: A e C. No entanto, há uma pequena diferença entre os conectores: A locução prepositiva APESAR DE introduz um **fato concreto** que não altera o desfecho; já a locução conjuntiva AINDA QUE introduz um **fato hipotético** que não altera o desfecho. Se o terceiro parágrafo se iniciasse com AINDA QUE, haveria uma pequena alteração do sentido original, visto que não há hipótese, e sim, situação concreta. Não há dúvidas de que o Judiciário tem oferecido ideias e propostas (Apesar de o Judiciário oferecer à sociedade ideias e propostas de melhorias do seu próprio trabalho, a Justiça acaba sendo culpabilizada pelo que a mídia chama de impunidade). Se a resposta fosse "Ainda que o Judiciário ofereça à sociedade ideias e propostas de melhorias do seu próprio trabalho, a Justiça acabará sendo culpabilizada pelo que a mídia chama de impunidade", não haveria a certeza de a Justiça ter oferecido ou não à sociedade ideias e propostas). Caro candidato, nos Capítulos 10.2.2 e 22.7.2, este assunto foi abordado.

20. (AGU – NCE) Os adjetivos são uma classe de palavra que determina palavras em função substantiva e indicam características ou qualidades desses substantivos; o item com um adjetivo sublinhado com valor de característica é:
a) "Há um caminho **simples**: proibir";
b) "Pois cidadãos **responsáveis** e consumidores **conscientes** se forjam com informação";
c) "Não poderia haver reivindicação mais **justa**...";
d) "Sejam elas **ilegais**, **perigosas** ou socialmente condenáveis;
e) Para todo problema **complicado** há uma solução...".
Gabarito: Alternativa D.
O adjetivo com valor de característica é o que possui um atributo objetivo, ou seja, independe da opinião de seu usuário. Perceba que os adjetivos "simples" **(A)**, "responsáveis" **(B),** "conscientes" **(B),** "justa" **(C),** "perigosas" **(D)** e "complicado" **(E)** possuem valor subjetivo, ou seja, é uma adjetivação que sugere a opinião de quem o utiliza; portanto, o que pode ser simples, responsável, consciente, justo, perigoso e complicado para uns, pode não ser necessariamente para outros. Já o adjetivo "ilegais" **(opção D)** é uma adjetivação indiscutível, isto é, não há possibilidade de uma atitude ser considerada legal por uns e ilegal por outros.

21. (Agente de Polícia Federal – Cespe – UnB) A vida humana como valor jurídico

Vivemos sob a égide de uma Constituição que orienta o Estado no sentido da dignidade da pessoa humana, tendo como normas a promoção do bem comum, a garantia da integridade física e moral do cidadão e a proteção incondicional do direito à vida. Essa proteção é de tal forma solene que o atentado a essa integridade eleva-se à condição de ato de lesa-humanidade: um atentado contra todos os homens.

Afirma-se que a Constituição do Brasil protege a vida e que tudo aquilo que soa diferente é contrário ao Direito e por isso não pode realizar-se. Todavia, dizer que a vida depende da proteção da Carta Maior é superfetação porque a vida está acima das normas e compõe todos os artigos, parágrafos, incisos e alíneas de todas as constituintes.

A cada dia que passa, a consciência atual, despertada e aturdida pela insensibilidade e pela indiferença do mundo tecnicista, começa a se reencontrar com a mais lógica de suas normas: a tutela da vida. Essa consciência de que a vida humana necessita de uma imperiosa proteção vai criando uma série de regras que se ajustam mais e mais com cada agressão sofrida, não apenas no sentido de se criar dispositivos legais, mas como maneira de estabelecer formas mais fraternas de convivência. Este, sim, seria o melhor caminho.

Tudo isso vai sedimentando a ideia de que a vida de todo ser humano é ornada de especial dignidade, o que deve ser colocado de forma clara em defesa da proteção das necessidades e da sobrevivência de cada um. Esses direitos fundamentais e irrecusáveis da pessoa humana devem ser definidos por um conjunto de normas que possibilitem que cada um tenha condições de desenvolver suas aptidões e suas possibilidades.

(Internet: http://www.dhnet.org.br/denuncia/tortura/textos/pericia.htm. Acesso em ago./2004 – com adaptações.)

Considerando as ideias e a estrutura do texto acima, julgue os itens de 1 a 5.

1	O texto defende que a sociedade brasileira, apesar de vítima da violência do contexto tecnológico atual, tem por valor superafetado a proteção do direito à vida, garantido constitucionalmente.
2	Entre os pilares que sustentam a Carta Magna brasileira — a dignidade da pessoa, o respeito ao cidadão, a garantia da sua integridade, o fortalecimento do bem comum e o resguardo do direito à vida —, sobreleva-se este último, pela qualidade de incondicional.
3	É redundante afirmar que a Constituição do Brasil dá especial ênfase à defesa à existência no país, uma vez que a vida sobreleva-se a constituições sociais e está pressuposta em vários dispositivos legais.
4	O texto argumenta que é universal e incontestável a consciência de que urge o estabelecimento de formas mais fraternas de convivência no mundo atual.
5	O texto estrutura-se de forma dissertativa, com léxico predominantemente denotativo, apesar de haver palavras empregadas em sentido conotativo, a exemplo de "soa" e "ornada".

Gabarito 1: Errado. O texto informa justamente o contrário, como esclarece o seguinte fragmento: "dizer que a vida depende da proteção da Carta Maior é superfetação (redundância) porque a vida está acima das normas e compõe todos os artigos, parágrafos, incisos e alíneas de todas as constituintes". Observe que no texto original, a palavra é "superfetação" que significa redundância, pleonasmo. No item, já aparece "superafetado", alterando completamente o sentido do texto. Portanto, a vida encontra-se sobre as normas.

Gabarito 2: Certo. Em conformidade com o texto, observa-se que a proteção incondicional do direito à vida é de tal forma solene que o atentado a essa integridade eleva-se à condição de ato de lesa-humanidade: um atentado contra todos os homens.
Gabarito 3: Errado. Realmente há redundância em tal atitude, no entanto a causa apontada é errada. "A vida sobreleva-se **às normas (não a constituições sociais)** e compõe todos os artigos, parágrafos, incisos e alíneas de todas as constituintes".
Gabarito 4: Errado. Não há no texto qualquer referência à necessidade de se ter percepção de que urge o estabelecimento de formas mais fraternas de convivência no mundo atual, mas sim de que é fundamental a concepção de que a vida humana precisa ser efetivamente protegida, sobretudo em virtude da consciência atual, que se encontra despertada e aturdida pela insensibilidade e pela indiferença do mundo tecnicista.
Gabarito 5: Certo. O texto é dissertativo, dado que nele está exposta a opinião do autor, seguida de argumentação que a defende. O vocabulário utilizado é predominantemente dissertativo, ou seja, as palavras não são utilizadas no sentido figurado, exceto "soa" e "ornada", cujos significados oficiais são respectivamente: ornamentar, enfeitar, adornar; emitir ou produzir som. No entanto, os vocábulos foram utilizados nos seguintes sentidos: que se fala, que se diz; é baseada, é fundamentada.

O Presidente da República, no uso da atribuição que lhe confere o art. 55, item I, da Constituição Federal, DECRETA:
Art. 1º. A Carreira Policial Federal far-se-á nas categorias funcionais de Delegado de Polícia Federal, Perito Criminal Federal, Censor Federal, Escrivão de Polícia Federal, Agente de Polícia Federal e Papiloscopista Policial Federal, mediante progressão funcional, de conformidade com as normas estabelecidas pelo Poder Executivo.
Art. 2º. A hierarquia na Carreira Policial Federal se estabelece primordialmente das classes mais elevadas para as menores e, na mesma classe, pelo padrão superior.
Art. 3º. O ingresso nas categorias funcionais da Carreira Policial Federal ocorrerá sempre no padrão I das classes iniciais, mediante nomeação ou progressão funcional.
(Internet: http://www.apcf.org.br. Acesso em ago./2004 – com adaptações.)
Quanto ao texto acima, julgue os itens a seguir.

6	A colocação e a grafia de "DECRETA:" e a repetição de "Art." nos parágrafos, alterando o padrão regular, indica que se trata de um tipo específico de redação: é um texto legal, oficial.
7	No "Art. 1º.", a expressão verbal "far-se-á" equivale, sintática e semanticamente, ao desdobramento é feita.
8	No texto, as expressões grafadas com inicial maiúscula constituem unidades de sentido, classificadas como substantivos compostos, em que o recorrente adjetivo "Federal" faz parte do nome próprio.
9	A palavra "mediante", nos arts. 1º e 3º, está empregada com o sentido de por intermédio de.
10	Confrontando a redação dos dois últimos períodos, constata-se não haver paralelismo sintático com referência ao tempo verbal, uma vez que em um está sendo empregado o presente e no outro, o futuro do presente do modo indicativo.

Gabarito 6: Certo. Trata-se efetivamente de redação oficial, em que o texto é caracterizado pela impessoalidade – os verbos são empregados na pessoa neutra, ou seja, a terceira pessoa do singular – e segue o padrão das normas da ABNT.
Gabarito 7: Errado. A equivalência sintática ocorre, visto que apenas está havendo alteração da voz passiva sintética para analítica. Contudo, semanticamente os sentidos

diferem-se porquanto, na frase original, está sendo utilizado o futuro do presente do indicativo e, na reescritura, o presente do indicativo.
Gabarito 8: Certo. A Polícia Federal é um órgão, portanto o substantivo **Polícia** e o adjetivo **Federal** juntos formam apenas uma unidade significativa, caracterizando a composição. Tal ocorre também em todos os outros exemplos.
Gabarito 9: Certo. A ideia de meio se faz presente, também sendo cabível a substituição por "através de".
Gabarito 10: Certo. O paralelismo prevê equivalência sintática, portanto as estrutura devem ser similares e, consequentemente, os verbos deveriam ocorrer no mesmo tempo.

Ben Hur, um senhor de aspecto venerando, prepara-se para comemorar os seus 86 anos de vida. Homem grande e de olhar calmo, perito aposentado da Polícia Federal, é um perito à moda antiga: entrou para a Polícia Federal em 1955, após um curso ministrado pelo PCF Villanova (hoje, uma referência para os profissionais da área).
Foram 71 anos dedicados ao serviço público, pois antes trabalhou como guarda civil patrulhando o trânsito em uma motocicleta. Uma de suas memórias mais queridas foi ter participado da inauguração de um dos maiores estádios de futebol do mundo – o Maracanã –, em 1950.
A Polícia Federal foi minha casa, minha vida, orgulha-se o perito aposentado. Ele diz ainda que gostava muito do trabalho que realizava: "Fazia com muito amor e respeito".
Das 1.260 perícias realizadas, nenhum laudo cancelado. "Apenas um foi contestado, mas fui ao juiz e expliquei tudo. Deu tudo certo", afirmou. Ben Hur lembra que as técnicas periciais eram outras.
"A perícia no meu tempo era feita à mão. Também não tínhamos máquina fotográfica para auxiliar no trabalho", disse ele. Entre uma lembrança e outra, não esquece de elogiar seus atuais colegas. "Os peritos sempre foram muito respeitados".
Depois de tantos anos servindo a sociedade, hoje o perito aposentado aproveita seu descanso curtindo os netos, sem nunca deixar de reverenciar a querida esposa, falecida no início da década de 90, a quem ele, até hoje, dedica muito amor e carinho.
(*Idem*, *ibidem* – com adaptações.)
Os fragmentos seguintes, na ordem em que são apresentados, correspondem a reescrituras sucessivas dos parágrafos do texto acima. Julgue-os quanto à correção gramatical e à manutenção das ideias originais.

11	Ben Hur, um senhor de olhar calmo e venerável aparência, perito aposentado, ingressou na Polícia Federal à maneira de antigamente: depois de um curso ministrado por um profissional mais experiente que hoje é considerado uma referência na área da perícia.
12	Ben Hur trabalhou, inicialmente como guarda-civil, patrulhando o trânsito de motocicleta. Desta época, uma de suas recordações mais queridas foi ter tomado parte da inauguração do Maracanã, em 1950.
13	O perito aposentado afirmou, vaidosamente, que a Polícia Federal era a sua casa, a sua vida, e que apreciava muito da atividade que realizava com amor e respeito. Não teve cancelado sequer um dos mil, duzentos e sessenta laudos periciais realizados; apenas uma vez foi contestado, mas ele foi ao juiz e explicou tudo, saindo vitorioso ao final.
14	As técnicas periciais antigamente eram outras: a perícia era feita à mão, não existiam máquina fotográfica para auxiliar o trabalho; mesmo assim, os peritos sempre eram muito elogiados.
	Por ser uma pessoa muito afetuosa, Ben Hur serviu à sociedade brasileira muitos anos, e agora, aposentado, aproveita o

15	descanso, para cuidar dos netos e lembrar da querida esposa, falecida no início dos anos 90, cujo carinho e amor, até hoje, ele dedica.

Gabarito 11: Certo. Os vocábulos "venerando" e "venerável" são sinônimos tais quais "aspecto" e "aparência". Ben Hur é um perito à moda antiga, visto que ingressou no órgão à moda antiga, isto é, fazendo um curso com o perito Villanova – donde é cabível inferir que se para ingressar na função de perícia da Polícia Federal era necessário fazer um curso com Villanova, é porque este obviamente era mais experiente do que aquele. Por fim, também ficou explícito no período que Villanova é ainda hoje uma referência para os peritos.
Gabarito 12: Errado. Não é necessário proceder a grandes análises. Logo no início do período há uma falha de pontuação: já que foi utilizada uma vírgula antes do adjunto adverbial "inicialmente", que se encontra intercalado, deveria haver outra após.
Gabarito 13: Errado. Há falha de regência, pois o verbo "apreciar" é transitivo direto, não admitindo, pois, a presença da preposição DE.
Gabarito 14: Errado. Há falha de concordância verbal, pois, sendo o sujeito de "existiam" "máquina fotográfica", o verbo deveria encontrar-se no singular.
Gabarito 15: Errado. Há falha de regência verbal e de uso de pronome relativo. Os verbos "lembrar", "recordar" e "esquecer" regem a preposição "de" quando forem pronominais. Portanto, haveria duas formas de escrever o período: "lembrar-se da querida esposa" ou "lembrar a querida esposa". A utilização de "cujo" não é cabível, até por não haver a ideia de posse, devendo ser substituído por "a quem" ou "à qual". A preposição A é exigida pela regência do verbo "dedicar": dedicar carinho e amor **à** esposa.

22. (Delegado de Polícia Federal – Cespe – UnB) A análise que a sociedade costuma fazer da violência urbana é fundamentada em fatores emocionais, quase sempre gerados por um crime chocante, pela falta de segurança nas ruas do bairro, por preconceito social ou por discriminação. As conclusões dos estudos científicos não são levadas em conta na definição de políticas públicas. Como reflexo dessa atitude, o tratamento da violência evoluiu pouco no decorrer do século XX, ao contrário do que ocorreu com o tratamento das infecções, do câncer ou da Aids. Nos últimos anos, entretanto, estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais precisos para avaliar a influência dos fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes sociais da violência urbana: pobreza, impunidade, acesso a armamento, narcotráfico, intolerância social, ruptura de laços familiares, imigração, corrupção de autoridades ou descrédito na justiça.
(Dráuzio Varella. Internet: http://www.drauziovarella.com.br – com adaptações.)
Em relação ao texto acima, julgue os itens que se seguem.

1	As informações do texto indicam que, além da consideração de "fatores emocionais" (l. 2) que geram violência, as políticas públicas voltadas para a segurança dos cidadãos baseiam-se frequentemente nas "conclusões dos estudos científicos" (l. 4) que focalizam esse tema.
2	A expressão "Como reflexo dessa atitude" (l. 5) introduz uma ideia que é uma consequência em relação à informação antecedente. Portanto poderia, sem prejuízo da correção e do sentido do texto, ser substituída pela palavra Consequentemente.
	A substituição do termo "estão sendo desenvolvidos" (l. 7-8) por estavam se desenvolvendo provoca alterações estruturais

3	sem alterar semanticamente a informação original nem transgredir as normas da escrita culta.
4	Na linha 9, o emprego do sinal indicativo de crase em "às raízes" justifica-se pela regência de "associados" e pela presença de artigo; o sinal deveria ser eliminado caso o artigo fosse suprimido.
5	Na linha 10, estaria gramaticalmente correta a inserção, entre a palavra "urbana" e o sinal de dois-pontos, de qualquer uma das seguintes expressões, antecedidas de vírgula: como, tais como, quais sejam, entre as quais se destacam.
6	É correto inferir do texto que houve evolução no tratamento de certas doenças porque estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais exatos para avaliar seus fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes da violência.

Gabarito 1: Errado. Na definição de políticas públicas, somente são levados em conta fatores emocionais que geram violência, não se dando importância às conclusões dos estudos científicos.

Gabarito 2: Certo. Reflexo, nesse contexto, é sinônimo de efeito, consequência. O termo "dessa atitude" é remissivo ao fato exposto no período antecedente. Destarte, "As conclusões dos estudos científicos não são levadas em conta na definição de políticas públicas" são as causas de "o tratamento da violência evoluir pouco no decorrer do século XX".

Gabarito 3: Errado. Não há alterações estruturais, uma vez que apenas ocorreu a transposição da voz passiva analítica para voz passiva sintética. No item, também é informado que não ocorreu alteração de ordem semântica, o que é uma inverdade: "estão sendo desenvolvidas" indica um fato presente; "estavam se desenvolvendo" indica um fato pretérito.

Gabarito 4: Certo. A regência do adjetivo "associados" exige a preposição "a" e, como o artigo é geralmente facultativo antes de substantivo no plural, pode-se construir a estrutura das seguintes formas: "associados às" e "associados a".

Gabarito 5: Certo. Observe que as inserções mantêm a correção gramatical e o sentido do texto: "Nos últimos anos, entretanto, estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais precisos para avaliar a influência dos fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes sociais da violência urbana**, como**: pobreza, impunidade, acesso a armamento, narcotráfico, intolerância social, ruptura de laços familiares, imigração, corrupção de autoridades ou descrédito na justiça."; "Nos últimos anos, entretanto, estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais precisos para avaliar a influência dos fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes sociais da violência urbana**, tais como**: pobreza, impunidade, acesso a armamento, narcotráfico, intolerância social, ruptura de laços familiares, imigração, corrupção de autoridades ou descrédito na justiça."; "Nos últimos anos, entretanto, estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais precisos para avaliar a influência dos fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes sociais da violência urbana**, quais sejam**: pobreza, impunidade, acesso a armamento, narcotráfico, intolerância social, ruptura de laços familiares, imigração, corrupção de autoridades ou descrédito na justiça."; "Nos últimos anos, entretanto, estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais precisos para avaliar a influência dos fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes sociais da violência urbana**, entre as quais se destacam**: pobreza, impunidade, acesso a armamento, narcotráfico, intolerância social, ruptura de laços familiares, imigração, corrupção de autoridades ou descrédito na

justiça.”.

Gabarito 6: Errado. A evolução de que trata esse item é referente à evolução do tratamento da violência nos últimos tempos, passando a levar em consideração as análises científicas mais precisas capazes de avaliar a influência dos fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes sociais da violência urbana.

Diversos municípios brasileiros, especialmente aqueles que se urbanizaram de forma muito rápida, não oferecem à população espaços públicos para a prática de atividades culturais, esportivas e de lazer. A ausência desses espaços limita a criação e o fortalecimento de redes de relações sociais. Em um tecido social esgarçado, a violência é cada vez maior, ameaçando a vida e enclausurando ainda mais as pessoas nos espaços domésticos.

(Internet: http://www.polis.org.br – com adaptações.)

Considerando o texto I, julgue os seguintes itens.

7	A expressão “tecido social esgarçado” (l. 4) está empregada em sentido figurado e representa a ideia de que as estruturas sociais estão fortalecidas em suas instituições oficiais.
8	A inserção da palavra consequentemente, entre vírgulas, antes de “cada vez” (l. 5) torna explícita a relação entre ideias desse período e aquelas apresentadas anteriormente no texto.
9	A expressão “ainda mais” (l. 5) reforça a ideia implícita de que há dois motivos para o enclausuramento das pessoas: a falta de espaços públicos que favoreçam as relações sociais com atividades culturais, esportivas e de lazer e o aumento da ameaça de violência.

Gabarito 7: Errado. É fato que “tecido social esgarçado” está sendo utilizado conotativamente, no entanto o sentido contextual indicado não está correto. O termo, no texto, significa estrutura social rompida, desgastada.

Gabarito 8: Certo. Existe a relação causa-efeito entre haver “um tecido social esgarçado” e consequentemente “a violência ser cada vez maior”.

Gabarito 9: Certo. Realmente a falta de espaços públicos que favoreçam as relações sociais com atividades culturais, por si só, já geraria o enclausuramento das pessoas. Além disso, ainda ocorre o aumento da violência, criando mais um motivo para as pessoas não saírem de suas casas.

Entre os primatas, o aumento da densidade populacional não conduz necessariamente à violência desenfreada. Diante da redução do espaço físico, criamos leis mais fortes para controlar os impulsos individuais e impedir a barbárie. Tal estratégia de sobrevivência tem lógica evolucionista: descendemos de ancestrais que tiveram sucesso na defesa da integridade de seus grupos; os incapazes de fazê-lo não deixaram descendentes. Definitivamente, não somos como os ratos.

(Dráuzio Varella. Internet: http://www.drauziovarella.com.br – com adaptações.)

Acerca dos textos I e II, julgue os itens a seguir.

10	Tanto no texto I como no II, a questão do espaço físico como um dos fatores intervenientes no processo de intensificação da violência é vista sob o prisma da densidade populacional excessiva.

11	Como a escolha de estruturas gramaticais pode evidenciar informações pressupostas e significações implícitas, no texto II, o emprego da forma verbal em primeira pessoa — "criamos"— autoriza a inferência de que os seres humanos pertencem à ordem dos primatas.
12	Por funcionar como um recurso coesivo de substituição de ideias já apresentadas, no texto II, a expressão "Tal estratégia de sobrevivência" retoma o termo antecedente "violência desenfreada".

Gabarito 10: Errado. A ideia indicada no item vai ao encontro da exposta no texto I, no entanto o texto II a contradiz: "Entre os primatas, o aumento da densidade populacional não conduz necessariamente à violência desenfreada.". E como os homens descendem desses primatas, obtiveram sucesso na defesa da integridade de seus grupos.
Gabarito 11: Certo. É possível inferir tal informação, já que o aumento da densidade populacional, entre os primatas, não conduz necessariamente à violência desenfreada e, por isso, criamos (inclui autor, leitores e todos os seres humanos – primatas são os macacos, os antropóides e os homens) leis mais fortes para controlar os impulsos individuais e impedir a barbárie.
Gabarito 12: Errado. "Tal estratégia de sobrevivência" é remissivo à criação de leis mais fortes para controlar os impulsos individuais e impedir a barbárie.

Os fragmentos contidos nos itens subsequentes foram adaptados de um texto escrito por Ângela Lacerda para a Agência Estado. Julgue-os quanto à correção gramatical.

13	O programa Escola Aberta, que usa as escolas nos fins de semana para atividades culturais, sociais e esportivas de alunos e jovens da comunidade reduziu os índices de violência registrados nos estabelecimentos e melhorou o aproveitamento escolar.
14	Em Pernambuco e no Rio de Janeiro, primeiros estados a adotarem o programa recomendado pela Unesco, o índice de redução de criminalidade para as escolas que implantaram o Escola Aberta desde o ano 2000 foi de 60% em relação às escolas que não o adotaram.
15	A maior redução da violência observada nos locais onde o programa tem mais tempo de existência mostram, segundo a Unesco, que os resultados vão se tornando melhores a longo prazo, ou seja, a proporção que a comunidade se apropiaria do programa.

Gabarito 13: Errado. A oração subordinada adjetiva explicativa está intercalada e é iniciada com vírgula no início, contudo não é concluída com o mesmo sinal de pontuação.
Gabarito 14: Certo. Não há qualquer falha de ordem gramatical.
Gabarito 15: Errado. Há três falhas: a forma verbal "mostram" deveria estar no singular, concordando com "a maior redução da violência"; "a proporção que" deveria estar com acento grave: À PROPORÇÃO QUE; e a ortografia de "apropiaria", sendo APROPRIARIA a forma correta.

23. (MPOG) Assinale a opção correta a respeito do uso das estruturas linguísticas no texto.
Os economistas brasileiros se concentram, no exame das causas da crise, na proposta de meios e modos de contorná-la. Com isso, não levam em conta dois pontos. O primeiro é que as medidas contra a crise, que vêm sendo adotadas tanto em países subdesenvolvidos como desenvolvidos, são fundamentalmente corretas. O segundo ponto é que a crise atual, como todas as anteriores, acabará, mais cedo ou mais tarde, por ser corrigida. E, quando isso ocorrer, se voltará às fórmulas neoliberais apenas com regulamentação mais estrita da atividade bancária.

(Adaptado de João Paulo Magalhães, *O que fazer depois da crise*. Correio Braziliense, 12 de setembro, 2009)

a) Seriam preservadas a correção gramatical e a coerência do texto ao usar o pronome em "contorná-la"(ℓ.2) antes do verbo, escrevendo: **modos de a contornar**.

b) Para evitar as três ocorrências consecutivas de "que" (ℓ.3 e 5), a retirada dessa conjunção antes de "a crise atual"(ℓ .5) manteria a correção gramatical e a coerência do texto.

c) Na linha 3, o acento circunflexo em "vêm" indica que a concordância se faz com "medidas", mas estaria igualmente correto e coerente com a argumentação escrever o verbo sem acento, optando, então, pela concordância com "crise".

d) O pronome em "quando isso"(ℓ.6) resume e retoma, em relações de coesão, o mesmo referente do pronome em "Com isso"(ℓ.2), ou seja, o exame da crise feito pelos economistas.

e) Seriam respeitadas as regras gramaticais e as relações entre os argumentos ao empregar o verbo em "se voltará"(ℓ.6) no plural, escrevendo **voltarão-se**.

Gabarito: Alternativa A

O único impedimento para o emprego da próclise é se o pronome oblíquo iniciar oração, o que não é o caso. Portanto, tanto se pode trabalhar com a próclise como com a ênclise, estando as construções MODOS DE CONTORNÁ-LA ou MODOS DE A CONTORNAR corretas.

Na alternativa B, para que seja suprimida a conjunção integrante, seria necessário reduzir a oração e transpor a forma verbal SÃO para o infinitivo: O primeiro é as medidas ... serem fundamentalmente corretas.

O início do comentário na alternativa C está correto. No entanto, a sequência apresenta comentário errado, pois se VEM estiver no singular, haveria incoerência e falha de concordância nominal, pois "adotadas" também deveria ocorrer no singular. Além disso, a intelecção do período seria absurda: A CRISE VEM SENDO ADOTADAS.

A alternativa D apresenta falha de coesão, pois o termo ISSO, nas duas ocorrências, é remissivo a termos distintos: No primeiro caso, refere-se a "Os economistas brasileiros se concentram, no exame das causas da crise, na proposta de meios e modos de contorná-la."; Já, no segundo caso, refere-se a "O segundo ponto é que a crise atual, como todas as anteriores, acabará, mais cedo ou mais tarde, por ser corrigida.".

Na alternativa E, há falha grosseira: verbos no futuro do presente do indicativo nunca admitem ênclise.

24. (APOFP) Em relação ao texto abaixo, assinale a opção correta.

A invasão israelense intensifica o ambiente de privações e ameaças à integridade física em que vivem os habitantes de Gaza. Além dos intensos bombardeios aéreos, que mataram centenas de palestinos – entre eles várias mulheres e crianças –, faltam víveres e medicamentos, e os cortes no fornecimento de água e luz são constantes. Ao que consta, pois Israel impede a entrada da imprensa no território invadido, o objetivo inicial da ação terrestre é isolar o norte da faixa litorânea, de onde parte a maioria dos ataques com foguetes contra o sul israelense, do restante do território palestino. A

cidade de Gaza, com mais de 400 mil habitantes, foi sitiada. Além dos intoleráveis danos, humanos e materiais, que impõe aos palestinos, o estrangulamento militar desfechado por Israel está repleto de incertezas quanto à sua eficácia.
(*Folha de S. Paulo*, Editorial, 5/1/2009)
a) O sinal indicativo de crase em "à integridade"(ℓ.1) justifica-se pela regência de "intensifica"(ℓ.1) e pela presença de artigo definido feminino singular.
b) O segmento "de onde parte a maioria dos ataques com foguetes contra o sul israelense"(ℓ.6 e 7) está entre vírgulas por tratar-se de oração subordinada adjetiva explicativa.
c) O emprego de vírgula após "aéreos"(ℓ.2) justifica-se para isolar a oração de natureza restritiva subsequente.
d) A expressão "Ao que consta"(ℓ.5) indica que os autores têm certeza absoluta da informação apresentada.
e) O pronome relativo "que"(ℓ.2) retoma o sentido do termo antecedente: "integridade física".
Gabarito : Alternativa B.
Na alternativa A, há comentário incorreto visto que a presença da preposição A é decorrente da regência de AMEAÇAS.
O comentário da alternativa B é perfeito, pois ONDE – por poder ser substituído por O QUAL, formando DO QUAL – é pronome relativo antecedido de vírgula, caracterizando a oração subordinada adjetiva explicativa.
Já o comentário da alternativa C é absurdo, uma vez que a presença da vírgula nunca poderá indicar a presença de uma restrição. É justamente o oposto: a ausência da pontuação é que poderá caracterizar a restrição.
A alternativa D apresenta comentário inadequado, porquanto o autor, ao empregar a expressão "ao que consta" sugere ser uma informação de terceiros pela qual ele não se responsabiliza. Sendo assim, fica no campo da possibilidade, da hipótese, e não da certeza.
A alternativa E também apresenta comentário errado, pois o pronome relativo refere-se a "ambiente", inclusive podendo ser substituído por O QUAL, formando NO QUAL.

25. (AFTE-RN – Esaf) Marque a assertiva errada em relação ao seguinte texto:
O momento é de resgatar a essências, guiar-se pelo bom-senso e praticar a ética junto a consumidores, fornecedores, acionistas e comunidade. Num mundo estarrecido pelas guerras, pelo terrorismo e pelo imperialismo a qualquer preço, ganham admiração o diálogo, a transparência e a contribuição para uma sociedade melhor. Fora e dentro do meio empresarial.
a) Seria também correto escrever-se: o momento é de se resgatarem as essências.
b) Em "praticar a ética" seria correto empregar-se um índice de indeterminação do sujeito.
c) A preposição em "a consumidores" poderia ser contraída ao artigo definido masculino plural.
d) A forma "num" como em "num mundo" só poderia ser empregada em linguagem oral.

e) A forma verbal "ganham" poderia estar corretamente flexionada no singular.
Gabarito: Alternativa D.
Alternativa A. O comentário é correto, uma vez que, ao se acrescentar o pronome "se" à forma verbal "resgatarem", o termo "as essências", que funcionava como objeto direto, passa a ser sujeito, fazendo com que o verbo também se flexione.
Alternativa B. Alternativa polêmica, porquanto, havendo o acréscimo do pronome "SE", não ocorre a indeterminação do sujeito, e sim a voz passiva sintética: "praticar-se a ética". Sob o ponto de vista semântico, o agente da ação de "praticar" está indeterminado, contudo o sujeito sintático passa a ser "a ética", tal qual aconteceu na alternativa A. Inclusive, passando-se o termo "a ética" para o plural, a forma verbal "praticar" deve acompanhar: "praticarem-se as éticas". Caro candidato, esta situação já foi explorada em outras provas realizadas pela Esaf, portanto você deve ter cuidado sempre que o verbo transitivo direto (na terceira pessoa do singular) estiver acompanhado do pronome SE. É possível que a Esaf classifique o SE como pronome apassivador, sendo o termo paciente sujeito; como também é possível que o classifique como índice de indeterminação do sujeito, tornando-se, por conseguinte, o sujeito indeterminado.
Alternativa C. Questão de paralelismo sintático, em que tanto se pode usar apenas a preposição "a" antes do bloco de termos que complementam a ideia de "junto" como também se pode empregar a preposição "a" combinada ao "os" (aos) antes do bloco: "aos consumidores, fornecedores, acionistas e comunidade". Ocorrem duas outras possibilidades de reescritura; pode haver a utilização apenas da preposição antes de cada termo: "a consumidores, a fornecedores, a acionistas e a comunidade"; pode haver a combinação de preposição e artigo antes de cada termo: "aos consumidores, aos fornecedores, aos acionistas e à comunidade".
Alternativa D: A combinação da preposição com artigo indefinido, não funcionando como sujeito, é de caráter facultativo. Destarte, tal emprego é correto não apenas na linguagem oral, mas também na escrita.
Alternativa E: Quando o verbo encontra-se antes de sujeito composto, tanto poderá concordar com a soma dos núcleos, conforme se observa no texto original, como poderá concordar com o mais próximo, consoante se propõe na alternativa.

26. (Auditor-Fiscal do Trabalho – Esaf) Assinale a opção de proposta de alteração para o texto que resulta em erro gramatical e/ou incoerência textual.
No atual estágio da sociedade brasileira, se se deseja um regime democrático, não basta abolir a necessidade de bens básicos. É necessário que o processo produtivo seja capaz de continuar, com eficiência, a produção e a oferta de bens considerados supérfluos. Em se tratando de um compromisso democrático, uma hierarquia de prioridades deve colocar o básico sobre o supérfluo. O que deve servir como incentivo para a proposta de casar democracia, fim da apartação e eficiência econômica em geral é o fato de que o potencial econômico do país permite otimismo quanto à possibilidade de atender todas essas necessidades, dentro de uma estratégia em que o tempo não será muito longo.

(Adaptado de Cristovam Buarque. *Da modernidade técnica à modernidade ética*, p. 29)
a) Substituir a relação expressa por "em que o tempo" (l. 18 e 19) pela relação expressa por **cujo tempo**.
b) Inserir o pronome indicativo de indeterminação de sujeito depois de "abolir"(l. 3), resultando em: **abolir-se**.
c) Retirar a preposição da expressão "Em se tratando" (l. 8), deslocando-se o pronome para depois do verbo e fazendo-se os ajustes nas iniciais maiúsculas; o que resulta em **Tratando-se**.
d) Inserir a preposição **a** antes de "todas essas necessidades"(l. 17).
e) Substituir o conectivo de valor condicional "se" (l. 2) por **caso**, resultando em: **caso se**.
Gabarito: Alternativa E.
A substituição de **se** por caso, levando à estrutura **caso se**, exigiria a alteração do tempo verbal do presente do indicativo – deseja – para o presente do subjuntivo – deseje.
As demais opções.
a) A substituição de **em que o** por **cujo** mantém a correção gramatical.
b) Inserir a partícula **se** após **abolir**, resultando em **abolir-se**, não provoca erro gramatical; mas, de acordo com as melhores gramáticas, essa partícula é **um pronome apassivador** e não "pronome indicativo de indeterminação do sujeito". O pronome indica a indeterminação do agente da ação verbal. Ainda segundo o entendimento gramatical predominante, com verbos que não admitem voz passiva, indicará a indeterminação do sujeito da voz ativa; com verbos que admitem voz passiva, indicará a indeterminação do agente da passiva. Essa divergência entre o entendimento da Esaf e o das gramáticas normalmente indicadas como modelo – Celso Cunha, Rocha Lima, Evanildo Bechara, Domingos Paschoal Cegalla etc. – pode também ser verificada na prova **da Enap**, a seguir.
c) A preposição "em" antes de gerúndio força a próclise; se a retirarmos, o verbo "tratando" iniciará o período, tornando a ênclise obrigatória, pois não é admitido pela norma culta que pronome oblíquo inicie frase ou período .
d) O verbo atender admite duas regências: transitivo direto ou transitivo indireto regendo a preposição a.

Leia o texto abaixo para responder à questão 27
As pesquisas desenvolvidas nos vários centros nacionais e internacionais, tanto em animais quanto em seres humanos, têm demonstrado que o tratamento regenerativo com células-tronco está deixando de ser uma utopia, podendo tornar-se importante recurso para o tratamento de diversas doenças. As pesquisas mostram que essas células têm potencial capaz de reparar as alterações determinadas pelas doenças que provocam perda ou diminuição da capacidade funcional de determinados órgãos do nosso corpo. Assim, especula-se que os transplantes de células-tronco possam vir a beneficiar doenças do coração, doenças neurovegetativas, degeneração celular ligada ao envelhecimento e a tratar certas formas de câncer, como as leucemias.
(*O Globo*, 11/3/2006. José Barbosa Filho e Roberto Benchimol Barbosa)

27. (Enap – Esaf) Assinale a opção correta em relação às formas verbais do texto.
a) "Têm"(l. 4) está no plural para concordar com "seres humanos".
b) "Está deixando de ser" (l. 5 e 6) concorda com "células-tronco".
c) "Provocam" (l. 12) está no plural para concordar com "pesquisas"(l. 9).
d) "Especula-se"(l. 14/15) apresenta sujeito explícito.
e) "A tratar" (l. 19) forma locução verbal com "possam vir"(l. 16).
Gabarito: Alternativa E.
Alternativa A: "Têm" (l. 3) está no plural para concordar com o núcleo do sujeito "pesquisas" (l. 1).
Alternativa B: O comentário realizado não poderia estar correto jamais, visto que um verbo não pode estar flexionado no singular (está deixando de ser) com objetivo de concordar com um termo no plural (células-tronco). Nem há necessidade de retornar ao texto.
Alternativa C: O sujeito de provocam (l. 9) é o pronome relativo "que", cujo antecedente é "doenças".
Alternativa D: Alternativa polêmica. Mais uma vez a Esaf classifica o pronome apassivador SE como índice de indeterminação do sujeito. O verbo "especular" é transitivo direto que, atrelado ao pronome SE, caracteriza a voz passiva sintética, fazendo com que a oração seguinte, que se classificaria como objetiva direta, se transforme em subjetiva. Sendo assim, a oração iniciada através da conjunção integrante "que" (l. 11) funciona como sujeito da oração anterior. No entanto, é sempre bom lembrar, como já ocorrera em outras provas, que a construção de verbo na terceira pessoa do singular, mesmo sendo transitivo direto, atrelado ao pronome SE, e estando o agente da ação indeterminado, é considerada, por vezes, pela Esaf não como formadora de voz passiva sintética, mas sim de voz ativa, classificando-se o SE como índice de indeterminação do sujeito e, consequentemente, o sujeito passa a ser indeterminado.
Alternativa E: O termo "a tratar" (l. 14), assim como "a beneficiar", forma com os auxiliares "possam vir" uma locução.

28. (Sefaz-MG – NCE – 2007) O item cuja reformulação ALTERA o sentido original do segmento é:
a) "Os tempos mudam" – mudam os tempos.
b) "... os astrônomos descobrem novos objetos" – novos objetos são descobertos pelos astrônomos.
c) "... de que se suspeitava" – do que era suspeitado.
d) "... ele é apenas um dentre inúmeros universos" – dentre inúmeros universos ele é somente um.
e) "... como uma bolha em um enorme tanque borbulhante de cerveja" – como uma bolha de cerveja em um enorme tanque borbulhante.
Gabarito: Alternativa E.
É fundamental você atentar-se ao comando da questão. Exige-se uma alternativa em que haja alteração do sentido original. O candidato é induzido a marcar a opção C, visto que o erro gramatical é crasso. Contudo, é imperioso repetir, não se pede erro

gramatical. Apesar de a alternativa C apresentar falha grosseira, não se pode aduzir que a ideia original foi alterada. Já na alternativa E, tal ocorre. Na frase original, "o tanque é que é de cerveja"; já na reescritura, "a bolha é que passa a ser de cerveja".

29. (Eletronuclear – NCE) "A febre é um sinal de alerta de que algo vai mal no organismo." Uma maneira ERRADA de reescrever-se essa mesma frase porque altera o seu sentido original é:

a) A febre alerta para o fato de que algo vai mal no organismo.
b) A febre sinaliza de que, no organismo, algo vai mal.
c) Quando algo vai mal no organismo, a febre nos alerta para esse fato.
d) Se algo vai mal no organismo, a febre aparece como um sinal de alerta.
e) Algo que vai mal no organismo alerta para o sinal da febre.

Gabarito: Alternativa E.

Outra questão que exige do candidato grande atenção ao que se exige no comando da questão. Repito: o grande segredo está na interpretação do enunciado. O candidato é totalmente induzido a marcar a alternativa B, visto que o verbo sinalizar é transitivo direto, sendo o emprego da preposição da preposição DE absurdo. Essa alternativa contém falha gramatical que, entretanto, não compromete o sentido original. Já alternativa E apresenta informação que vai de encontro ao período, senão vejamos: ideia original – A febre alerta para a existência de algo errado no organismo; reescritura – algo errado no organismo alerta para a existência da febre.

30. (Analista Legislativo – Senado Federal – FGV) "... *aspirava-se*, antes de tudo, à restauração plena das liberdades e garantias individuais e à edificação de uma democracia sem adjetivos."

Assinale a alternativa em que a substituição da forma verbal no trecho acima não tenha provocado inadequação à norma culta. Despreze as alterações de sentido.

a) ... implicava-se, antes de tudo, na restauração plena das liberdades e garantias individuais e na edificação de uma democracia sem adjetivos.
b) ... visava-se, antes de tudo, à restauração plena das liberdades e garantias individuais e à edificação de uma democracia sem adjetivos.
c) ... almejava-se, antes de tudo, a restauração plena das liberdades e garantias individuais e à edificação de uma democracia sem adjetivos.
d) ... procedia-se, antes de tudo, a restauração plena das liberdades e garantias individuais e a edificação de uma democracia sem adjetivos.
e) ... buscava-se, antes de tudo, à restauração plena das liberdades e garantias individuais e à edificação de uma democracia sem adjetivos.

Gabarito: Alternativa B.

É interessante comentar essa questão, porquanto fica denunciada a visão da Fundação Getúlio Vargas quanto à regência do verbo IMPLICAR. Como a alternativa A, segundo a banca, apresenta inadequação gramatical, conclui-se que ela não admite o emprego da preposição EM, em consonância com a visão de Evanildo Bechara, mas em oposição à de Rocha Lima e Celso Pedro Luft. Também é fundamental ressaltar que esse

posicionamento é divergente de outras bancas, como a Esaf (AFRF-2002).

31. (Perito Criminal da Polícia Civil – RJ – FGV) "O público brasileiro tem ouvido, com alguma frequência, notícias a respeito de possível rebelião de países vizinhos contra aquilo que seus governantes chamam de dívidas ilegítimas."
A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:
I. Seria igualmente correto redigir o trecho da seguinte forma: O público brasileiro tem ouvido, com alguma frequência, notícias a respeito de possível rebelião de países vizinhos contra o que seus governantes chamam de dívidas ilegítimas.
II. Seria igualmente correto redigir o trecho da seguinte forma: O público brasileiro tem ouvido, com alguma frequência, notícias a respeito de possível rebelião de países vizinhos contra aquilo que seus governantes chamam dívidas ilegítimas.
III. No trecho, há uma palavra com grafia incorreta.
Assinale:
a) Se apenas os itens I e II estiverem corretos.
b) Se apenas os itens I e III estiverem corretos.
c) Se apenas os itens II e III estiverem corretos.
d) Se nenhum item estiver correto.
e) Se todos os itens estiverem corretos.
Gabarito: Alternativa A.
É imperioso chamar a atenção do candidato para o fato de que esta questão já aborda as novas regras de ortografia – item III. Mas antes de chegar a esse item, façamos uma análise dos dois primeiros:
Item I – O comentário se faz com correção, porquanto "o" pode funcionar como pronome demonstrativo, capacitado a substituir "aquilo".
Item II – A análise também é perfeita, pois o predicativo do objeto "de dívidas ilegítimas" pode ocorrer tanto com preposição como sem. Também é interessante ressaltar que o verbo "chamar" na acepção de "qualificar" pode ser transitivo direto ou indireto, sendo, por conseguinte a preposição "a" – a ser inserida antes de "que" – opcional. Sendo assim, haveria quatro formas diferentes de redigir o fragmento: contra aquilo **que** seus governantes chamam de **dívidas ilegítimas**; contra aquilo **que** seus governantes chamam **dívidas ilegítimas**; contra aquilo a **que** seus governantes chamam **de dívidas ilegítimas**; contra aquilo **a que** seus governantes chamam **dívidas ilegítimas**.
Item III – Consoante o novo acordo ortográfico, o trema torna-se desnecessário. Destarte, a partir de 1º de janeiro de 2009 – a prova foi realizada em 2009 –, não há desacerto em grafar "frequência" sem trema. É importante frisar que, se "frequência" estivesse redigido com trema, também não se poderia considerar incorreto, uma vez que a antiga ortografia ainda é válida até o fim de 2012. Sendo assim, como não há nenhum vocábulo no trecho com grafia errônea, o item III apresenta comentário inadequado.

Apêndice: exercícios de provas com gabarito comentado

Esaf

1. (AFTE – RN – Esaf) Marque o item em que um dos trechos apresenta erro gramatical:
a) Não se pretende aqui negar o óbvio: que, em termos de línguas, passado histórico, tradições culturais, problemas comuns, os povos da América Latina são menos diferentes entre si do que em outros continentes. / Não se pretende aqui negar o óbvio: em termos de línguas, passado histórico, tradições culturais, problemas comuns, os povos da América Latina são menos diferentes entre si do que em outros continentes.
b) Na Europa, Ásia e África, às vezes, um só país abriga cem idiomas e etnias distintas. / Na Europa, Ásia e África, por vezes, um só país abriga cem idiomas e etnias distintas.
c) A unidade básica na América Latina não tem impedido, contudo, que se venha acentuando, nos últimos tempos, tendência à crescente diversificação entre o México, a América Central e o Caribe, de um lado, e a América do Sul, do outro. / Não obstante a unidade básica a América Latina não tem impedido, contudo, que se acentuem, nos últimos tempos, tendência à crescente diversificação entre o México, a América Central e o Caribe, de um lado, e a América do Sul, do outro.
d) A diferenciação vem-se fazendo mais nítida em dois setores fundamentais: o grau de instabilidade política e a dependência econômica e comercial em relação aos Estados Unidos. / As diferenças vêm-se configurando mais nítidas em dois setores fundamentais: o grau de instabilidade política e a dependência econômica e comercial em relação aos Estados Unidos.
e) Até os anos 80, a América Central era o "homem doente" do continente, com o sandinismo no poder na Nicarágua, a guerrilha fortemente organizada em El Salvador e a guerra civil com tinturas de genocídio na Guatemala. / Até os anos 80, a América Central era o "homem doente" do continente: o sandinismo no poder na Nicarágua, a guerrilha fortemente organizada em El Salvador e a guerra civil com tinturas de genocídio na Guatemala.
Resposta: Opção C, há duas falhas gramaticais na segunda frase. Inicialmente, após o vocábulo "básica", deveria haver uma vírgula, pois ocorre um adjunto adverbial com corpo extenso antecipado. Outro erro é flexionar "acentuem" no plural, visto que seu sujeito é "crescente diversificação" no singular.

Nas questões 2 e 3 (AFTE – RN), marque a sequência do texto com erro gramatical.

2.

a) Em 1946, visando impulsionar a liberalização comercial e combater práticas protecionistas adotadas desde a década de 30, 23 países, posteriormente denominados fundadores, iniciaram negociações tarifárias.

b) A primeira rodada de negociações resultou em 45.000 concessões, e o conjunto de normas e concessões tarifárias estabelecido passou a ser denominado Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio – Gatt.

c) Os membros fundadores, juntamente com outros países, formaram um grupo em que elaborou o projeto de criação da Organização Internacional do Comércio – OIC, sendo os Estados Unidos um dos países mais atuantes no convencimento da ideia do liberalismo comercial regulamentado em bases multilaterais.

d) O foro de discussões, que se estendeu de novembro de 1947 a março de 1948, ocorreu em Havana, Cuba, e culminou com a assinatura da Carta de Havana, na qual constava a criação da OIC.

e) O projeto de criação da OIC era ambicioso, pois, além de estabelecer disciplinas para o comércio de bens, continha normas sobre emprego, práticas comerciais restritivas, investimentos estrangeiros e serviços.

Resposta: A opção C apresenta um erro de regência, uma vez que o pronome relativo "que", ao funcionar como sujeito do verbo elaborou", não permitiria a presença da preposição "em".

3.

a) A geografia ainda conta, e muito, apesar de tudo o que se diz sobre a globalização e seu suposto efeito de anular a distância.

b) Não é novidade que, desde os primórdios coloniais, os ianques sempre dispensaram, para o bem e para o mal, atenção prioritária ao seu entorno físico imediato, boa parte dos quais – da Flórida e Porto Rico a Louisiana, Texas, Califórnia – compraram, anexaram ou associaram.

c) A Doutrina Monroe, a política do *big stick*, as guerras contra o México e a Espanha, as repetidas intervenções e ocupações na Nicarágua, no Haiti, em Cuba e no Panamá tiveram basicamente por cenário essas extensões terrestres e marítimas do norte.

d) Nesse sentido, existe uma linha de continuidade histórica do passado com o padrão recente. O *big stick* e as intervenções sobreviveram no apoio aos "contras", nas operações clandestinas de financiamento e orientação ao combate musculoso da guerrilha, chegando diretamente ao uso da força em Granada e no Panamá.

e) Mais ao sul, exceto em episódios como a queda de Allende e, em razão das drogas e da guerrilha colombiana, os métodos são mais sutis.

(Baseado em Rubens Ricupero)

Resposta: A opção B indica a presença do pronome relativo "dos quais" no plural, devendo ser remissivo a algo que deveria estar no plural. Não há antecedente no plural prejudicando inclusive a coerência do texto.

4. (An. Compras – Pref. Recife – Esaf) Marque o item sublinhado cujo emprego fere as normas da gramática normativa.

Em 1994, quando o Real nasceu, os bancos estimavam de que(A) a população "bancarizável" (os que têm(B) rendimento para ter uma conta em banco) somava(C) 44 milhões de brasileiros. Com a estabilidade da moeda, muitos analistas previram(D) a ampliação desse(E) número. Hoje, o setor aponta para os mesmos 44 milhões.

a) A
b) B
c) C
d) D
e) E

Resposta: A opção A apresenta uma falha de regência verbal, porquanto o verbo "estimar" é transitivo direto, não permitindo a ocorrência da preposição DE.

5. (MPOG – Esaf) Assinale a opção em que o trecho do texto foi transcrito com erro gramatical.

a) Tornou-se indispensável a profissionalização do corpo de funcionários, para que submetidos aos deveres objetivos de seus cargos, com competências claras e vinculação hierárquica, sejam merecedores de remuneração e benefícios condignos.
b) A organização do corpo de funcionários em carreiras, com as inerentes perspectivas de ascensão por meio de promoções, permitiria aferir, simultaneamente, o mérito e o direito para que os melhores galgassem as posições mais importantes.
c) No entanto, os burocratas inclinam-se a desempenhar suas tarefas administrativas seguindo critérios utilitários e materiais, distanciando-se eventualmente dos interesses da sociedade.
d) A autorreprodução da burocracia é um exemplo de disfunção, assim como a subordinação dos burocratas ao Governo, e não ao Estado, que dá origem à tecnocracia.
e) A elevação da conscientização e do controle social, o papel da imprensa e a mobilização dos servidores em defesa de uma gestão pública comprometida com a transparência são de grande valia para o aperfeiçoamento do Estado.

Resposta: A opção A apresenta uma falha de pontuação, já que a conjunção "para que" introduz uma ideia de finalidade cuja sequência é "sejam merecedores..." Como há uma intercalação entre o conector e a continuação, deveria haver uma vírgula antes de "submetidos", até porque já ocorre entra antes de "sejam".

6. (MPOG – Esaf) Assinale a opção em que uma das duas versões do texto apresenta erro gramatical.

a) A economia deveria ocupar-se em garantir sustentavelmente a sobrevivência para todos os indivíduos e todas as sociedades, libertando assim o tempo, a energia e a criatividade dos seres humanos para as tarefas superiores do seu desenvolvimento. / A economia deveria ocupar-se da garantia sustentável da sobrevivência para todos os indivíduos e todas as sociedades, e libertar, assim, o tempo, a energia e a criatividade dos seres humanos para as tarefas superiores do seu desenvolvimento.

b) O conhecimento e a criatividade criam valor nos produtos que geram, e geram produtos que vão muito além daqueles que garantem a sobrevivência física do trabalhador. / Produtos com valor e que vão muito além daqueles que garantem a sobrevivência física do trabalhador são criados pelo conhecimento e criatividade.
c) É preciso esforço para que o trabalho, conhecimento e criatividade humanos se libertem dos grilhões que hoje os amarram e subordinam à simples necessidade de sobreviver. / Para que o trabalho, conhecimento e criatividade, hoje amarrados e subordinados por grilhões à simples necessidade de sobreviver, sejam libertados, é preciso esforço.
d) O trabalho, o conhecimento e a criatividade são meios para o ser humano estabelecer relações consigo próprio, com o mundo e com as outras pessoas. / Alguns dos meios pelos quais o ser humano estabeleça relações consigo próprio, com o mundo e com as outras pessoas são o trabalho, o conhecimento e a criatividade.
e) A única política de desenvolvimento que faz sentido é aquela que tenha como referencial as necessidades, aspirações e recursos de cada povo e nação. / A política de desenvolvimento que tenha como referencial as necessidades, aspirações e recursos de cada povo e nação é a única que faz sentido.
Resposta: Na opção D, segunda frase, a estrutura frasal não permite que a forma verbal "estabeleça" se conjugue no presente do subjuntivo, devendo ocorrer no presente do indicativo: "estabelece".

7. (Aneel – Esaf) Entre as diferentes versões do trecho, assinale a gramaticalmente incorreta.
a) Há milhões de pneus descartados em nosso País que podem se tornar uma grande fonte alternativa de combustível para as cimenteiras. O processo de trituração é caro, mas compensa, pois, enquanto o pneu gera 8.200 kcal, o carvão gera 6.280 kcal.
b) Podem se tornar uma grande fonte alternativa de combustível para as cimenteiras os milhões de pneus descartados em nosso País. O processo de trituração, embora seja caro, compensa. O pneu gera 8.200 kcal, enquanto o carvão gera 6.280 kcal.
c) Em nosso País, os milhões de pneus descartados podem se tornarem uma grande fonte alternativa de combustível para as cimenteiras. O processo de trituração é caro, mas compensa, pois, enquanto o pneu gera 8.200 kcal, o carvão gera 6.280 kcal.
d) Uma grande fonte alternativa de combustível para as cimenteiras pode vir dos milhões de pneus descartados em nosso País. Embora o processo de trituração seja caro, compensa: o pneu gera 8.200 kcal, enquanto o carvão gera 6.280 kcal.
e) Há milhões de pneus descartados em nosso País. Eles podem se tornar uma grande fonte alternativa de combustível para as cimenteiras. O processo de trituração compensa, embora seja caro, já que o pneu gera 8.200 kcal, enquanto o carvão gera 6.280 kcal.
Resposta: Na opção C ocorre uma locução verbal, estando o último verbo também flexionado, formalizando uma das falhas mais condenadas pela gramática.

8. (Aneel – Esaf) Assinale a opção em que uma das versões do trecho está

gramaticalmente incorreta.
a) O acesso à energia elétrica também contribuirá para a integração das políticas sociais do Governo Federal, ao possibilitar que as regiões atendidas se beneficiem de serviços básicos de saúde, educação, abastecimento de água e comunicação. / Ao possibilitar que as regiões atendidas se beneficiem de serviços básicos de saúde, educação, abastecimento de água e comunicação, o acesso à energia elétrica também contribuirá para a integração das políticas sociais do Governo Federal.
b) A comunidade de Nazaré, em Novo Santo Antônio (PI), foi a primeira localidade atendida pelo projeto "Luz para Todos" por estar localizada no município com menor índice de atendimento no País (8%). / A primeira localidade atendida pelo projeto "Luz para Todos" foi a comunidade de Nazaré, por estar localizada no município com menor índice de atendimento no país (8%): Novo Santo Antônio (PI).
c) O acesso à energia elétrica permitiu a instalação de um centro comunitário para produção de farinha, bombeamento de água para abastecimento da localidade, instalação de computadores na escola e de antena parabólica para transmissão de programas educativos. / A instalação de um centro comunitário para produção de farinha, bombeamento de água para abastecimento da localidade, instalação de computadores na escola e de antena parabólica para transmissão de programas educativos foi possível pelo acesso à energia elétrica.
d) Com a universalização do acesso à energia elétrica, o Governo Federal pode utilizar-lhe como instrumento para o desenvolvimento econômico das comunidades e para a redução da pobreza e da fome. / O Governo Federal pode utilizar a universalização do acesso à energia elétrica como instrumento para o desenvolvimento econômico das comunidades e para a redução da pobreza e da fome.
e) O uso de recursos públicos reduzirá significativamente os impactos tarifários nas contas de luz, já que a implantação do programa resulta de uma parceria com as concessionárias de energia elétrica e os governos estaduais. / A implantação do programa resulta de uma parceria entre as concessionárias de energia elétrica e os governos estaduais, de modo que o uso de recursos públicos reduzirá significativamente os impactos tarifários nas contas de luz.
Resposta: A opção D possui uma falha de regência verbal logo na primeira frase. Como o verbo "utilizar" é transitivo direto, o pronome oblíquo não poderia ser "lhe". O correto seria "pode utilizá-lo".

9. (Aneel – Esaf) Assinale a opção gramaticalmente correta.
a) A liberação dos recursos abre uma nova fase do programa "Luz para Todos", que é coordenado pelo Ministério de Minas e Energia e foi lançado em novembro de 2003.
b) Durante esse período, foram instalados comitês gestores estaduais, assinados os termos de compromisso com os estados e finalizados as negociações com as concessionárias para definição das condições contratuais e do valor das obras.
c) A próxima etapa será a assinatura dos contratos entre as concessionárias e os governos estaduais, também parceiro do programa.
d) O acesso à energia elétrica será gratuita para todos os consumidores. As famílias de

baixa renda cadastradas nos programas sociais do Governo Federal receberão gratuitamente as ligações internas de suas residências.
e) Hoje, mais de 12 milhões de brasileiros não tem acesso à energia elétrica, o equivalente à soma da população dos Estados do Piauí, Mato Grosso do Sul, Amazonas e Distrito Federal.
Resposta: A única opção que não contém erro gramatical é a opção A. A opção B possui falha de concordância nominal, pois "finalizados" deveria estar na forma feminina, visto que está qualificando o substantivo "negociações". A opção C também apresenta duas falhas de concordância nominal, pois o termo "parceiro" no singular é referente a "governos estaduais", devendo ocorrer no plural: "parceiros"; e "será gratuita" é inadequado (deveria ser "será gratuito"), pois se refere a "acesso". Na opção D, o erro é de regência, uma vez que "as famílias receberam as ligações" na residência, devendo aparecer a preposição "em", e não a preposição "de". Na opção E, a falha é de concordância verbal, pois sendo o sujeito "mais de 12 milhões", a forma verbal "tem" deveria estar no plural "têm".

10. (Aneel – Esaf) Assinale o trecho que apresenta erro gramatical.
a) A energia elétrica pode ser obtida de várias maneiras, mas aquela obtida por meio da usina hidrelétrica é a mais conhecida e explorada no Brasil.
b) Pode-se obter energia das marés: constrói-se uma barragem para represar a água das marés quando essas estiverem altas; ao entrarem em queda geram energia, como nas usinas hidrelétricas.
c) A energia eólica é proveniente dos ventos, que possibilitam a movimentação de uma turbina ligada a um gerador que produz energia elétrica. O grande potencial eólico brasileiro encontra-se no Norte e Nordeste, parte da Bahia e de Minas Gerais e no Sul.
d) A energia nuclear é gerada pela radiação do elemento urânio, que é colocado em um recipiente próprio para gerar calor, que por sua vez aquecerá uma serpentina com água, produzindo vapor. As turbinas, ligadas a um gerador elétrico, produzem eletricidade por meio do vapor.
e) As usinas de biomassa utilizam resíduos orgânicos como carburantes. Há dois tipos: por vapor d'água e por gaseificação. As usinas por vapor d'água, que é mais utilizada e mais baratas, queimam material carburante em uma caldeira.
Resposta: A opção E apresenta grave falha de concordância, dado que "é mais utilizada" é referente ao antecedente do pronome relativo "que", ou seja, "as usinas por vapor d'água", devendo, pois, ocorrer no plural: "são mais utilizadas".

11. (MPU – Esaf) Os trechos abaixo compõem um texto. Assinale o fragmento que apresenta incorreção gramatical.
a) Um filme não é apenas um filme, mas também a maneira como ele se comunica com o público. O título do novo documentário de Maria Augusta Ramos vem todo escrito em letras minúsculas: justiça.
b) A primeira informação que recebemos é a de que o filme talvez não se refira ao sistema judiciário, comumente grafado como Justiça, mas a uma acepção mais genérica

da palavra.
c) O filme parece ver a justiça como categoria abstrata, ou então como substantivo que designa não só a justiça criminal, mas também a justiça social. A grafia pode sugerir, ainda, uma crítica ao sistema judiciário.
d) Como se o título afirmasse: "do jeito que é feita no Brasil, a chamada justiça não merece uma maiúscula". De fato, não é alheia às intenções da realizadora o desejo de que o filme contribua para as discussões em torno da reforma judiciária brasileira.
e) O filme, vencedor do Festival Vision du Réel (Nyon, Suíça, 2004), mostra o horror das cadeias apinhadas de homens, o drama das visitas familiares sem o menor espaço para privacidade, o coro assustador dos simpatizantes do Comando Vermelho.
Resposta: A opção D apresenta erro de concordância, visto que o adjetivo "alheia" qualifica o substantivo "desejo", devendo ocorrer na forma masculina: "alheio".

12. (MPU – Esaf) Indique a opção em que o trecho está incorreto gramaticalmente.
a) As transformações tecnológicas, já que não existe sociedade civilizada sem lei, apenas tornam mais complexas as regras que, muitas vezes, incomodam e atrapalham, mas que continuarão sendo uma garantia fundamental de desenvolvimento com justiça.
b) Não existe sociedade civilizada sem lei e as transformações tecnológicas apenas tornam mais complexas as regras que, muitas vezes, incomodam e atrapalham, mas que continuarão sendo uma garantia fundamental de desenvolvimento com justiça.
c) Não existe sociedade civilizada sem lei, por isso as transformações tecnológicas apenas tornam mais complexas as regras que, muitas vezes, incomodam e atrapalham, mas que, no entanto, continuarão sendo uma garantia fundamental de desenvolvimento com justiça.
d) Não existe sociedade civilizada sem lei. As transformações tecnológicas apenas tornam mais complexas as regras que, muitas vezes incomodam e atrapalham, mas que, continuarão sendo garantias fundamentais de desenvolvimento com justiça.
e) As transformações tecnológicas apenas tornam mais complexas as regras que, muitas vezes, incomodam e atrapalham, mas que continuarão sendo uma garantia fundamental de desenvolvimento com justiça. Não existe sociedade civilizada sem lei.
Resposta: A opção D apresenta uma falha de pontuação, porquanto o adjunto adverbial "muitas vezes" interrompe uma sequência lógica. A gramática até admite que o adjunto adverbial deslocado, contendo corpo pequeno, não esteja isolado por vírgula, contudo se ao fim dele a pontuação aparecer, o mesmo deveria ocorrer em seu início. Enfim, ou se coloca a vírgula antes e depois de "muitas vezes", ou nenhuma vírgula.

13. (TRF – Esaf) Assinale o trecho do texto que foi transcrito com erro.
a) Os direitos humanos, a grande conquista moderna, procedem da ideia de que o governo está a serviço dos cidadãos, e não o contrário. Cada indivíduo, antes mesmo de fazer parte do poder político, já detêm direitos que são seus, pelo simples ato de nascer.
b) É esse vínculo dos direitos humanos ao nascimento que permite dizer que eles são direitos naturais. Já o Estado é um instrumento para realizar fins comuns às pessoas.
c) Vários teóricos da política, ao longo dos séculos XVII e XVIII, afirmaram que o Estado

nasceria de um contrato. Eles foram indevidamente contestados depois que os avanços da história mostraram que seria impossível a pessoas isoladas entre si desenvolverem a sofisticação necessária para adotar o conjunto de regras e leis que forma um Estado.
d) O que os contratualistas pretendiam não era tanto afirmar uma verdade histórica, ou sequer uma hipótese, mas expressar uma ideia filosófica forte, revolucionária: o indivíduo tem prioridade sobre o Estado.
e) Mesmo que cada um de nós, em sua vida, nasça dentro de um Estado — e, portanto, depois dele –, este último somente tem validade como ferramenta ou meio para promover fins que são os nossos.
Resposta: A opção A apresenta contém grande falha de concordância verbal, pois a forma verbal "detêm" deveria estar no singular (detém", concordando com o seu sujeito "cada indivíduo").

Nas questões 14 e 15, assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia das palavras.
14. (TRF – Esaf) O Tribunal de Contas da União, por meio do (1) Acórdão (2) nº 1.137, de 13 de agosto de 2003, apresentou o resultado de trabalhos de inspeção realizados junto aos Órgãos Centrais, à (3) Delegacia da Receita Federal em Brasília e à Delegacia Especial de Instituições Financeiras em São Paulo, tendo por objeto avaliar o controle exercido pela Superintendência da Receita Federal sobre à (4) rede arrecadadora de receitas federais. Em diversos trechos de seu relatório, aquele Tribunal reconhece os benefícios advindos (5) do Projeto de Reestruturação do Controle da Rede Arrecadadora de Receitas Federais – Projeto Nova Rarf.
a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5
Resposta: A opção D contém falha gritante de regência, já que a preposição "sobre" não admite a ocorrência de outra preposição. Sendo assim, o "à" não poderia estar com acento grave.

15. (TRF – Esaf) A sociedade humana, desde os seus primórdios, soube desenvolver as dimensões essenciais de sua atividade prática — e já por isso o homem pôde (1)ser definido como tendo sido, desde a sua origem, um animal técnico, ou seja, uma criatura afeita à fainas (2) da transformação da natureza. Foi a filosofia grega, no entanto, e apenas ela, que conseguiu estabelecer aquelas categorias fundamentais para o desdobramento da tecnologia. Não que esse desdobramento estivesse desde sempre (3) na mira daqueles primeiros pensadores gregos. Em verdade (4), a ligação entre esse pensamento das categorias de base e a sua subserviência ao desenvolvimento da tecnologia só viria a manifestar-se (5) dois milênios mais tarde.
a) 1
b) 2

c) 3
d) 4
e) 5
Resposta: Na opção B, o substantivo "fainas", estando no plural, só poderia admitir o artigo no plural. Portanto, pode-se omitir o artigo, ficando a estrutura "Afeita a fainas" ou utilizar o artigo, ficando "afeito às fainas".

16. (TRF – Esaf) Assinale a opção em que o trecho do texto foi transcrito com erro de sintaxe.
a) As empresas do setor imobiliário que deixaram de prestar contas das transações realizadas em 2002 vão ser alvo de investigação da Receita Federal. Imobiliárias, construtoras e incorporadoras tinham prazo limitado para entregar a Declaração de Informação sobre Atividades Imobiliárias – Dimob.
b) A estimativa é de que metade das empresas não declarou, mas o coordenador geral de Fiscalização da Receita acredita que muitas delas ainda vão cumprir a exigência. Até o prazo foram entregues 21.395 declarações, mas nos registros da Receita constam em cerca de 40 mil empresas que estariam obrigadas a declarar.
c) O coordenador diz que os dados da Dimob serão confrontados com as informações da declaração das empresas e das pessoas físicas. O coordenador afirma ainda que as informações serão cruzadas com os dados da CPMF, que têm sido instrumento indispensável ao trabalho de fiscalização do órgão.
d) Na declaração, as imobiliárias só devem informar as operações realizadas no ano passado. As empresas que não tiveram atividades em 2002 estão desobrigadas de prestar contas. Quem deixou de entregar a declaração no prazo pagará multa mínima de R$ 5 mil por mês-calendário. Em caso de omissão ou informação de dados incorretos ou incompletos, a multa será de 5% sobre o valor da transação.
e) Essa declaração foi criada em fevereiro de 2003 para identificar as operações de venda e aluguel de imóveis. A Receita quer saber, por exemplo, a data, o valor da transação e a comissão paga ao corretor. No ano passado, foram fiscalizadas 495 empresas do setor, cujas autuações somaram R$ 1,2 bilhão.
Resposta: A opção B contém erro de regência, visto que o termo "cerca de 40 mil empresas" funciona como sujeito, portanto não admitindo a ocorrência da preposição "em".

Nas questões 17 e 18, marque o item sublinhado que represente impropriedade vocabular, erro gramatical ou ortográfico.
17. (An. Com. Ext. – Esaf) A democracia, segundo Aristóteles, é forma de governo. Esse entendimento milenar (A) assim se conservou entre os publicistas (B) romanos e os teólogos da Idade Média. Não discreparam (C) também do juízo aristotélico pensadores políticos do tomo (D) de Montesquieu e Rousseau, presos as heranças (E) clássicas.
a) A
b) B
c) C

d) D
e) E
Resposta: A opção E apresenta erro de regência, uma vez que o adjetivo "presos" exige a ocorrência da preposição "a", portanto poderiam existir duas formas corretas de redigir: somente a preposição "a" ou somando a preposição A com o artigo AS, formando "ÀS".

18. (An. Com. Ext. – Esaf) Há (A) tempos está em tramitação no Congresso proposta para reforma do sistema financeiro que concede independência plena ao Banco Central. São fortes as pressões para que a matéria seja aprovada ainda sob (B) o atual governo. A iniciativa contempla contradição insanável (C). Não existe fórmula política capaz de aumentar a independência do BC. Nenhuma agência governamental superaria-o (D) em matéria de liberdade. Atua independentemente (E) de qualquer controle externo.
a) A
b) B
c) C
d) D
e) E
Resposta: A opção D possui uma terrível falha de topologia pronominal. Verbos no futuro do pretérito não admitem ênclise. Como o adjetivo "governamental" não atrai o pronome oblíquo, tanto poderia ser usada a próclise "o superaria" como a mesóclise "superá-lo-ia".

19. (AFRF – Esaf) Assinale a opção em que uma das duas formas de redação do texto, independentemente de alteração semântica, apresenta erro gramatical ou problema de sintaxe.
a) A globalização é a manifestação hodierna das ambiguidades que marcaram os primórdios dos tempos modernos. / Das ambiguidades que foram marcas dos primórdios dos tempos modernos, a globalização é a manifestação contemporânea.
b) De forma semelhante ao que aconteceu no passado, o mundo atravessa um período de transição que parece completar a "grande transformação" iniciada no século XVI. / O mundo atravessa um período de transição – de forma semelhante ao acontecido no passado – que parece ser complemento da "grande transformação" iniciada no século XVI.
c) Com a navegação em rede, estreitando os laços entre os povos e reunindo-os numa única sociedade, o processo de internacionalização econômico-político tende a fechar o ciclo que começou com a circunavegação. / O processo de internacionalização econômico-político que começou com a circunavegação tende a fechar o ciclo com a navegação em rede, estreitando os laços entre os povos, reunindo-os numa única sociedade.
d) Conquanto intensas modificações tenham ocorrido ao longo desses quinhentos anos, a história volta a se repetir. / Volta-se a ser repetida a história, apesar das intensas modificações ocorridas ao longo desses quinhentos anos.
e) A globalização não se dá nos mesmos níveis para todos os países e todas as pessoas,

e tem beneficiado os países centrais em detrimento da grande maioria das regiões mais carentes. / Beneficiando os países centrais em prejuízo da grande maioria das regiões mais carentes, a globalização não ocorre nos mesmos níveis para todos os países e todas as pessoas.
Resposta: A opção D contém erro na reescritura. A estrutura "volta a ser repetida" já está na voz passiva, não admitindo, pois, a presença do pronome apassivador "se".

20. (AFRF – Esaf) O texto adaptado de Hindenburgo Pereira Diniz, "Advertência importante", (*Correio Braziliense*, 17/3/2003) foi fragmentado para compor as opções abaixo. Assinale o trecho que foi transcrito desrespeitando as regras gramaticais:
a) Tendo em vista as limitações da estrutura empresarial brasileira e a conveniência de resguardarem-se certos segmentos sob controle nativo, jamais acreditei que o progresso floresça beneficamente entre nós sem a presença ativa do Estado nas áreas da segurança (interna e externa), educação, saúde, infraestrutura, tecnologia e promoção de fomento financeiro de longo prazo às atividades produtivas conduzidas pela iniciativa privada.
b) Por certo, a mesma conclusão não é necessariamente válida nas economias ricas, animadas por atores e coadjuvantes sadios e preparados, dotadas de condições estruturais avançadas e eficazes, centros de iniciativas privadas importantes e florescentes.
c) Da mesma forma, é preciso considerar-se a situação do equilíbrio monetário interno. Sem dinheiro relativamente estável, fica difícil, mesmo para leigos conscientes, imaginar solução respeitável preocupada apenas com a importância maior do crescimento material.
d) Desequilibrando-se monetariamente demais, as proporções dos valores relativos desaparecem as condições de utilizar a moeda como meio eficiente de promover à expansão econômica. Contudo, não cabe deixar de priorizar melhor destino a metas permanentes.
e) Portanto, nesta etapa ainda inicial da história da humanidade (do *homo economicus*), tudo recomenda cuidado com a sanidade desse instrumento essencial à realização completa de nossas necessidades materiais e dos sonhos que estimulam a ação dos empreendedores.
Resposta: A opção D, além de apresentar uma estrutura de péssima qualidade, por isso comprometendo o sentido do texto, contém algumas falhas gramaticais: não se sabe quem é o sujeito do verbo "desaparecem" e a regência do verbo "promover" não admite a ocorrência da preposição "a", portanto o uso da crase é equivocado.

NCE

(ANP – NCE)
As questões de 1 a 6 mostram uma mesma ideia escrita de cinco formas distintas. Você deve assinalar a forma mais adequada, levando em consideração sua correção,

precisão, clareza e elegância.

1.

a) Os guardas-civis intervieram na discussão dos espectadores.
b) Os guarda-civis interviram na discursão dos expectadores.
c) Os guardas-civis interviram na discussão dos expectadores.
d) Os guarda-civis intervieram na discursão dos espectadores.
e) Os guarda-civil interviram na discussão dos expectadores.

Resposta: Opção A. A ortografia correta dos termos é guardas-civis (guarda quando for sinônimo" de "policial" faz com que os dois termos se flexionem), discussão e espectadores (expectador é sinônimo de aquele que aguarda com expectativa). O verbo "intervir" deriva-se do verbo "vir". No pretérito perfeito, a forma correta é "eles vieram", portanto "eles intervieram".

2.

a) Os policiais averíguam onde querem trabalhar os escrivãos.
b) Os policiais averíguam aonde querem trabalhar os escrivãos.
c) Os policiais averiguam onde querem trabalhar os escrivães.
d) Os policiais averiguam aonde querem trabalhar os escrivães.
e) Os policiais averiguam onde querem trabalhar os escrivões.

Resposta: Opção C. O verbo AVERIGUAR possui obrigatoriamente o "u" tônico nas formas rizotônicas. Portanto, "averiguam" com acento não existe. Quando a regência exige a preposição A, utiliza-se "aonde"; quando a regência exige a preposição EM, usa-se "onde". O sentido na frase é: "eles vão trabalhar em (ONDE) um lugar". Por fim, o plural de "escrivão" é "escrivães".

3.

a) Quando nos vermos de novo, eu te cumprimentarei.
b) Quando nos vermos de novo, eu cumprimentar-te-ei.
c) Quando virmo-nos de novo, eu te comprimentarei.
d) Quando nos virmos de novo, eu te cumprimentarei.
e) Eu te cumprimentarei quando nos vermos de novo.

Resposta: Opção D. "Quando" é uma conjunção subordinativa, portanto atrai o pronome oblíquo NOS, excluindo a opção C. Ocorre a dúvida "virmos" ou "vermos". Observe que os dois verbos terminam em RMOS. Dessa forma, há a necessidade de se identificar se o verbo está no futuro do subjuntivo ou no infinitivo pessoal. No capítulo de verbos, ficou esclarecido que o melhor caminho é substituir pelo verbo "fazer". Caso apareça "fazer", o verbo está no infinitivo pessoal; caso apareça "fizer, o verbo está no futuro do subjuntivo. A frase alterada assim fica: "Quando fizer de novo...", o que nos indica estar o verbo "ver" no futuro do subjuntivo. Futuro do subjuntivo do verbo VER: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem. Sendo assim, eliminam-se as alternativas A, B e E.

4.

a) Vossa Excelência, o Presidente, vem com os ministros a reunião?

b) Sua Excelência, o Presidente, vem com os ministros à reunião?
c) Vossa Excelência, o Presidente, vêm com os ministros para a reunião?
d) Vossa Excelência, o Presidente, vem com os ministros na reunião?
e) Sua Excelência, o Presidente, vêm com os ministros para a reunião?
Resposta: Opção B. A ocorrência do aposto explicativo, o Presidente, denuncia que não se está falando diretamente com o Presidente, mas algo a respeito dele. Dessa forma, não se pode utilizar Vossa Excelência (pronome de tratamento usado para se dirigir à própria autoridade) e sim "Sua Excelência". Além disso, o pronome de tratamento está no singular, e o verbo presente na opção E (vêm) encontra-se no plural.

5.
a) Se liga aos teus amigos para sobreviveres.
b) Ligue-se aos teus amigos para sobreviver.
c) Liga-te aos teus amigos para sobreviver.
d) Liga-se aos seus amigos para sobreviveres.
e) Se ligue a teus amigos para sobreviver.
Resposta: Opção C. Nunca se pode iniciar oração através de pronome oblíquo átono, portanto excluem-se as opções A e E. A opção D possui uma falha de concordância: o verbo "liga" está na segunda pessoa do singular do imperativo afirmativo e o pronome reflexivo "se" encontra-se na terceira. A opção B até teve um início escorreito, contudo a sequência se deu de forma desastrosa. A expressão "Ligue-se" está perfeita, pois verbo no imperativo e pronome reflexivo estão na terceira pessoa do singular, porém o pronome possessivo "teus" em seguida, referente ao mesmo ser, encontra-se na segunda pessoa do singular.

6.
a) Prefiro isso que fazer aquilo.
b) Prefiro isso a fazer aquilo.
c) Prefiro isso do que fazer aquilo.
d) Prefiro isso do que a fazer aquilo.
e) Prefiro isso a que fazer aquilo.
Resposta: Opção B. A regência do verbo PREFERIR não admite a preposição DE, e sim somente a preposição A. Também é incorreto o uso de "que".

(TJ – Técnico Judiciário – NCE)
Da questão 7 à questão 12, você terá cinco formas da mesma frase. Você deve indicar a de forma mais adequada e correta, segundo a norma culta.

7.
a) O Tribunal funciona, aos sábados, das 7 as 12 horas.
b) O Tribunal funciona aos sábados de 7 à 12 horas.
c) O Tribunal funciona, aos sábados, de 7 às 12 horas.
d) O Tribunal funciona, aos sábados, das 7 às 12 horas.

e) O Tribunal, aos sábados, funciona, de 7 à 12 horas.
Resposta: Opção D. A gramática exige o uso do artigo antes de hora(s), no sentido de hora exata. Portanto, a única opção em que há o artigo antes de sete (combinado com a preposição "de") e de 12 (combinado com a preposição "a") é a resposta.

8.
a) Se alguém vir o processo, retire-o do pacote em que está.
b) Se alguém ver o processo, retira-o do pacote em que está.
c) Se alguém ver o processo, retire ele do pacote em que está.
d) Se alguém vir o processo, retira-o do pacote em que está.
e) Se alguém ver o processo, retire-o do pacote em que está.
Resposta: Opção A. Questão bastante polêmica, visto que duas opções estão corretas gramaticalmente. Inicialmente, eliminemos as alternativas incorretas. A dúvida "ver" ou "vir" se esclarece, com a substituição pelo verbo FAZER (se alguém fizer). Portanto está o verbo no futuro do subjuntivo. O futuro do subjuntivo do verbo VER é "vir, vires, vir, virmos, virdes, virem". Estão excluídas as opções B, C e E. As opções A e D estão corretas, visto que não necessariamente a mesma pessoa que verá o pacote será aquela que deverá retirá-lo. Então, o outro verbo, que está no imperativo, tanto poderia aparecer na segunda pessoa do singular como na terceira. Sendo assim, o candidato será a obrigado a escolher qual das duas corretas é a mais adequada. A banca optou pela opção A, por fazer a concordância com o sujeito da oração anterior.

9.
a) O promotor esqueceu vários papeizinhos na gaveta.
b) O promotor se esqueceu de vários papeiszinhos na gaveta.
c) O promotor esqueceu-se de vários papeiszinhos na gaveta.
d) O promotor esqueceu vários papeiszinhos na gaveta.
e) O promotor se esqueceu vários papeizinhos na gaveta.
Resposta: Opção A. A regência do verbo ESQUECER admite duas possibilidades: com pronome oblíquo, o verbo é transitivo indireto, exigindo a presença da preposição DE; sem pronome oblíquo, o verbo é transitivo direto, não admitindo o uso de preposições. Portanto, a opção E já está excluída. Quando se flexiona um substantivo no plural e diminutivo concomitantemente, deve-se inicialmente passá-lo para o plural (papéis). Após, insere-se "ZINHO" entre PAPÉI e o S. Como a sílaba tônica passa a ser "zi", o vocábulo acaba por perder o acento.

10.
a) Parecem ter havido bastantes erros no processo.
b) Parece ter havido bastante erros no processo.
c) Parecem ter havido bastante erros no processo.
d) Parece ter havido bastantes erros no processo.
e) Parece terem havido bastante erros no processo.
Resposta: Opção D. O verbo HAVER ocorre no sentido de EXISTIR. Nesse caso, ele é

impessoal. Esta característica dele é passada para os auxiliares, portanto estes não podem ser flexionados. Destarte, as opções A, C e D já estão eliminadas. A opção B acaba também excluída, visto que BASTANTE, nesta frase, funciona como pronome indefinido, concordando com o substantivo ERROS, tornando-se, portanto, variável.

11.
a) Os juízes interviram quando viram os réus frente a frente.
b) Os juízes intervieram quando viram os réus frente à frente.
c) Os juízes intervieram, quando viram os réus frente a frente.
d) Os juízes interviram, quando viram os réus frente à frente.
e) Os juízes intervieram quando viram os réus frente a frente.
Resposta: Opção E. Trata-se de outra questão extremamente polêmica, visto que duas alternativas estão corretas gramaticalmente. Inicialmente, vamos excluir as erradas. O verbo INTERVIR deriva-se do verbo VIR, cuja forma na terceira pessoa do plural do pretérito perfeito é VIERAM. Logo, a forma correta é INTERVIERAM. Sendo assim, as alternativas A e D estão eliminadas. A opção B também deve ser excluída, já que não se justifica o uso de crase em "frente à frente" (no interior de termos repetidos, não há acento grave). Portanto, estão corretas as opções C e E. A única diferença existente entre as opções é o uso da vírgula. O critério utilizado para indicar que a alternativa A é a mais adequada provavelmente é a ordem das orações. Toda oração subordinada adverbial é um adjunto adverbial. Logo, se o adjunto adverbial oracional posiciona-se ao fim da oração principal, não há motivo para o emprego de pontuação a fim de isolar as orações.

12.
a) Espero que lhes tenha prevenido de que quero apartes durante a sessão.
b) Espero que os tenha prevenido que quero apartes durante a seção.
c) Espero que os tenha prevenido de que quero apartes durante a sessão.
d) Espero que lhes tenha prevenido que quero apartes durante a seção.
e) Espero que os tenha prevenido de que quero apartes durante a seção.
Resposta: Opção C. As opções A e B são excluídas por erros de regência verbal. Na opção A, há dois objetos indiretos ligados ao verbo PREVENIR (lhes / de que quero apartes durante a sessão) e a opção B possui dois objetos diretos atrelados ao verbo PREVENIR (os / que quero apartes durante a seção). As opções D e E são excluídas em função de falha de ortografia. É cabível somente o vocábulo "sessão", em virtude de o período indicar que os apartes ocorrerão durante a reunião.

(Papiloscopista – NCE)
Nas questões 13 a 15, há uma forma da frase considerada como correta, levando-se em conta a norma culta da língua. Assinale-a em cada questão.
13.
a) Não houve mais brigas entre eu e ela.
b) Não houveram mais brigas entre eu e ela.
c) Não houve mais brigas entre ela e eu.

d) Não houve mais brigas entre mim e ela.
e) Não houveram mais brigas entre ela e mim.
Resposta: Opção D. Podemos logo excluir as alternativas B e D, uma vez que o verbo HAVER, no sentido de EXISTIR, é impessoal, podendo ser conjugado apenas na terceira pessoa do singular. O termo, sendo preposicionado, fato que já serve para indicar que não funciona como sujeito, sugere que o pronome não seja reto, mas sim oblíquo. Sendo assim, todas as opções em que o pronome EU foi utilizado devem ser excluídas.

14.
a) Ela requereu que eu intervisse na questão.
b) Ela requis que eu intervisse na questão.
c) Ela requis que eu interviesse na questão.
d) Ela requereu que eu intervisse na questão.
e) Ela requereu que eu interviesse na questão.
Resposta: Opção E. É fundamental recordar que o verbo REQUERER não se deriva integralmente do verbo QUERER. No pretérito perfeito, este verbo funciona como regular de segunda conjugação, podendo-se utilizar o verbo VENDER como paradigma (VENDEU – REQUEREU). Já o verbo INTERVIR deriva-se integralmente do verbo VIR. A terminação SSE – denuncia estar o verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo (SE ELE VIESSE – SE ELE INTERVIESSE).

15.
a) Não devem haver respostas à perguntas maleducadas.
b) Não deve haver respostas à perguntas maueducadas.
c) Não deve haver respostas a perguntas mal-educadas.
d) Não devem haver respostas às perguntas maleducadas.
e) Não devem haver respostas a perguntas maueducadas.
Resposta: Opção C. As alternativas A, D e E devem ser excluídas, visto que o verbo HAVER, no sentido de EXISTIR, é impessoal. Essa característica é transferida para o auxiliar que, obrigatoriamente, deve ocorrer na terceira pessoa do singular. Como "mal", no caso, faz parte de um adjetivo composto, deve ser redigido com hífen; como é antônimo de BEM, deve ser escrito com "L".

(CNEN – NCE) As questões 16 a 18 apresentam a mesma formulação, ou seja, deve-se marcar o item cuja frase se apresenta redigida da forma mais adequada, considerando-se clareza, elegância, precisão e correção.
16.
a) Em anexo, seguem os documentos comprovadores de que o imóvel referido estava situado na Rua Santa Clara.
b) Anexo, seguem os documentos comprovadores de que o imóvel referido estava situado à Rua Santa Clara.
c) Anexos seguem os documentos comprovadores de que o imóvel referido estava situado à Rua Santa Clara.

d) Em anexos, seguem os documentos comprovadores de que o imóvel referido estava situado na Rua Santa Clara.
e) Anexo seguem os documentos comprovadores de que o imóvel referido estava situado na Rua Santa Clara.
Resposta: Opção A. Com a preposição EM, ANEXO é invariável; já sem a preposição, ANEXO deve concordar com o elemento que determina, ou seja, EM ANEXO ou ANEXOS SEGUEM OS DOCUMENTOS. Excluem-se as alternativas B, D e E. SITUADO e SITO são formas de particípio do verbo SITUAR. Este verbo sugere um valor de algo estático, parado, portanto, não admitindo o uso da preposição A, devendo-se usar em seu lugar a preposição EM.

17.
a) Ao se ouvir os primeiros votos, iniciou-se os quebras-quebras.
b) Ao se ouvirem os primeiros votos, iniciaram-se os quebra-quebra.
c) Ao se ouvir os primeiros votos, iniciaram-se os quebra-quebras.
d) Ao se ouvir os primeiros votos, iniciou-se os quebra-quebra.
e) Ao se ouvirem os primeiros votos, iniciou-se os quebra-quebra.
Resposta: Opção B. Mais uma questão polêmica. Nas duas orações, o pronome SE é apassivador, pois está ligado a verbos transitivos diretos. Então, os termos "os primeiros votos" e "os quebra-quebra(s)", que eram objetos diretos sem o pronome SE, transformam-se em sujeitos de voz passiva, exigindo que os verbos também se flexionem no plural. Aí, já se chega à resposta (opção B). O problema está em "os quebra-quebra". Não há autores que defendam o uso invariável de substantivos compostos no plural formados por verbos idênticos.

18.
a) Eram espetáculos de artistas famosos e todos tinham desejo de assisti-los pela TV.
b) Eram espetáculos de artistas famosos e todos tinham desejo de assistir a eles pela TV.
c) Eram espetáculos de artistas famosos e todos tinham desejo de assistir-lhes pela tevê.
d) Era espetáculos de artistas famosos e todos tinham desejos de assisti-los pela televisão.
e) Eram espetáculos de artistas famosos e todos tinham desejos de assistir-los pela TV.
Resposta: Opção B. O verbo ASSISTIR no sentido de VER é transitivo indireto, não admitindo o uso do pronome oblíquo O. Sendo assim, as alternativas A, D e E ficam excluídas. A opção C também se elimina, visto que o verbo ASSISTIR, em tal acepção, não tem como complemento pessoa, portanto não aceitando o uso do pronome oblíquo LHES.

(Inspetor da Polícia Civil – NCE) As questões 19 e 20 apresentam a mesma formulação, ou seja, deve-se marcar o item cuja frase se apresenta redigida da forma mais adequada, considerando-se clareza, elegância, precisão e correção.

19.
a) Quais de vós pretendem fazer da exceção uma regra a fim de melhorarem nossa imagem?
b) Quais de vós pretendeis fazer da exceção uma regra afim de melhorarem nossa imagem?
c) Quais de vós pretendem fazer da excessão uma regra a fim de melhorar nossa imagem?
d) Quais de vós pretendeis fazer da exceção uma regra a fim de melhorardes nossa imagem?
e) Quais de vós pretendem fazer da excessão uma regra afim de melhorarem nossa imagem?
Resposta: Opção A. Questão polêmica, havendo duas alternativas corretas: A e D. As opções C e E são, de imediato, excluídas em função da ortografia de "exceção". A alternativa B contém uma falha de concordância, visto que o primeiro verbo se encontra na segunda pessoa do plural e o segundo verbo encontra-se na terceira pessoa do plural, estando ambos a referir-se aos mesmos seres. A estrutura QUAIS DE VÓS admite tanto o uso do verbo na terceira pessoa do plural, como na segunda pessoa do plural, estando, pois, as alternativas A e E escorreitas. O critério usado para dizer-se que a opção A é a mais adequada se deu, provavelmente, pela escolha da concordância com o núcleo do sujeito e não com o adjunto adnominal. Outra interpretação cabível é o fato de a segunda pessoa do plural estar em desuso na variante brasileira da língua portuguesa, devendo privilegiar-se a terceira pessoa do plural.

20.
a) O juiz chegou antes deles decidirem sobre o custo dos telefonemas e cartas enviadas.
b) O juíz chegou antes de eles decidirem sobre o custo das telefonemas e cartas enviadas.
c) O juiz chegou antes de eles decidirem sobre o custo dos telefonemas e cartas enviadas.
d) O juíz chegou antes deles decidirem sobre o custo das telefonemas e cartas enviados.
e) O juíz chegou antes deles decidirem sobre o custo dos telefonemas e cartas enviados.
Resposta: Opção C. Como o pronome "eles" funciona como sujeito do verbo "decidirem", não poderá estar contraído com a preposição DE. TELEFONEMA é substantivo masculino, só podendo ser precedido do artigo "o". Além disso, "enviadas" teria que estar na forma feminina, visto que, por motivos semânticos, somente poderia referir-se ao termo "cartas".

Gabarito

CAPÍTULO 1

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
B	B	D	A	C	B	C	D	E	B	E	C

CAPÍTULO 2

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
A	E	A	B	D	A	D	C	B	C	C	B
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
C	A	B	E	B	B	D	B	C	A	C	A
25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
A	B	C	A	E	B	A	C	E	B	D	C
37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
B	C	D	E	C	C	C	E	E	B	B	A
49	50	51	52	53	54	55	56	57	58		
E	D	A	A	E	B	A	C	C	C		

CAPÍTULO 3

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
C	C	A	C	B	A	B	A	E	E	A	C

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
B	C	C	A	B	B	D	C	B	B	B	E
25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
C	C	C	E	D	C	C	A	C	B	B	D
37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
D	C	D	C	A	D	C	E	A	D	D	E
49	50	49	50	49	50	49	50	49	50	49	50
A	E	A	E	A	E	A	E	A	E	A	E

CAPÍTULO 4

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
A	A	C	E	A	C	A	C	D	A	D	A
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
D	C	C	D	D	B	E	E	E	C	E	C
25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
B	A	E	A	D	A	B	E	A	D	B	E
37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
B	A	B	E	E	D	B	B	A	B	B	C
49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60
D	B	B	A	E	C	D	A	B	D	A	B
61	62	63	61	62	63	61	62	63	61	62	63
C	A	C	C	A	C	C	A	C	C	A	C

CAPÍTULO 5

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
A	D	B	D	E	D	D	D	C	D	A	C
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
C	D	C	D	A	C	D	B	B	D	B	B
25	26	27	28	29	30	31	32	33	34		
D	D	E	E	B	B	C	A	A	A		

CAPÍTULO 6

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
A	E	B	D	B	A	A	D	A	A	D	A
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
A	A	C	E	C	B	E	B	E	C	C	B
25	26	25	26	25	26	25	26	25	26	25	26
A	D	A	D	A	D	A	D	A	D	A	D

CAPÍTULO 7

1	2	3	4	5	6	7
D	E	C	B	E	C	B

CAPÍTULO 8

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
A	A	D	C	D	D	C	A	B	C

CAPÍTULO 9

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
D	E	D	C	D	D	E	B	E	C	E	D

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
D	D	A	C	E	E	C	B	A	D	A	D
25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
D	D	C	D	E	B	A	B	B	D	A	E
37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
B	C	C	A	B	E	A	B	B	A	D	C
49	50	51	52	53	54	55	56				
B	E	D	C-E-E-C-C	D	E	A	D				

CAPÍTULO 10

1)

1	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONCESSIVA
2	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONDICIONAL
3	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CAUSAL
4	CONJUNÇÃO COORDENATIVA ADITIVA
5	CONJUNÇÃO COORDENATIVA ADVERSATIVA
6	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA INTEGRANTE
7	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA FINAL
8	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONSECUTIVA
9	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONFORMATIVA
10	CONJUNÇÃO COORDENATIVA CONCLUSIVA
11	CONJUNÇÃO COORDENATIVA ALTERNATIVA
12	CONJUNÇÃO COORDENATIVA EXPLICATIVA
13	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA COMPARATIVA
14	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA TEMPORAL
15	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA PROPORCIONAL
16	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA PROPORCIONAL
17	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA COMPARATIVA
18	CONJUNÇÃO COORDENATIVA ALTERNATIVA
19	CONJUNÇÃO COORDENATIVA CONCLUSIVA
20	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA INTEGRANTE
21	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONCESSIVA
22	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONDICIONAL

23	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA TEMPORAL
24	CONJUNÇÃO COORDENATIVA ADVERSATIVA
25	CONJUNÇÃO COORDENATIVA ADITIVA
26	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CAUSAL
27	CONJUNÇÃO COORDENATIVA EXPLICATIVA
28	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONFORMATIVA
29	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONSECUTIVA
30	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA FINAL

2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
C	A	A	B	C	B	D	C	C	D	E	C
14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25
D	A	C	A	A	A	B	A	C	D	E	B
26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37
A	A	C	B	A	D	B	B	A	A	C	A
38	39	40	41	42	43	44	45				
D	C	C	E	C	C	C	C				

CAPÍTULO 11

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
C	D	A	A	B	E	D	A	C	D	B	E
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	
C	E	D	D	E	E	D	B	E	B	1-C; 2-C.	

CAPÍTULO 13

1	2	3	4	5	6	7	8
E	B	A	B	B	A	D	C

CAPÍTULO 14
SEÇÃO 14.4.3.1

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
B	A	E	E	D	D	D	A	B	B

SEÇÃO 14.5
1)

b	RD-ENCONTR, VT ALOMÓRFICA-E, DNP-I;
c	RD-VENC, VT ALOMÓRFICA-I, DMT-DO;
d	RD-GARANT, DNP-I;
e	RD-GARANT, VT ALOMÓRFICA-E, DNP-M;
f	RD-GARANT, VT ALOMÓFICA-E;
g	RD-ENTEND; V T ALOMÓRFICA-I, DMT-A;
h	RD-AGUENT; VT ALOMÓRFICA-O, DNP-U;
i	RD-PASS; VT-A; DMT-SSE; DNP-M;
j	RD-PASS, DMT-E, DNP-M;
k	RD-QUER; DNP-O;
l	RD-VENC, VT ALOMÓRFICA-I, DMT-E, DNP-IS;
m	RD-PED, VT-I, DNP-U;
n	RD-ENTEND, DMT-A, DNP-MOS;
o	RD- ADMIT, VT-I, DMT-A;
p	RD- ADMIT, DNP-I;
q	RD-COM, VT-E, DNP-U;
r	RD-COM, VT ALOMÓRFICA-I, DMT-A, DNP-S;

2	3	4	5	6
A	E	E	A	B

SEÇÃO 14.6.1

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
E	E	E	E	E	E	A	E	D	D	D	C
13	14	15	16	13	14	15	16	13	14	15	16
A	C	A	E	A	C	A	E	A	C	A	E

SEÇÃO 14.7.1

1	2	3
D	C	A

SEÇÃO 14.7.2

1	2
C	E

SEÇÃO 14.7.3

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
E	D	B	E	C	C	E	D	A	A	B	E
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
C	B	B	B	A	A	B	C	A	D	B	C
25	26	27	25	26	27	25	26	27	25	26	27
D	D	B	D	D	B	D	D	B	D	D	B

SEÇÃO 14.8.1

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
A	D	B	B	E	E	B	B	B	E	C	E
13	14										
A	C										

SEÇÃO 14.9.1

1	2	3	4	5	6	7	8
C	A	B	C	B	C	C	D

SEÇÃO 14.10.1

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
E	B	B	E	E	A	E	E	C	E	E	C	D

SEÇÃO 14.14.1

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
B	A	B	B	D	C	A	A	A	C	A	D
13	14	15	16	17							
B	E	C	A	C							

SEÇÃO 14.15.1

1
A

SEÇÃO 14.16.1

1	2	3	4
A	C	E	E

SEÇÃO 14.17.4.1

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
E	E	E	E	D	B	C	B	E	A	B	D
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
C	D	B	C	C	D	C	A	C	B	A	C
25	26	27	28	25	26	27	28	25	26	27	28
A	C-C-E-E-E	E-C-E-C-E	A	A	C-C-E-E-E	E-C-E-C-E	A	A	C-C-E-E-E	E-C-E-C-E	A

SEÇÃO 14.18.1

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
A	E	D	A	C	D	E	E	C	B

SEÇÃO 14.19

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
D	B	A	B	C	A	E	B	D	E	C	A
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
D	A	E	B	C	A	A	D	D	A	C	E
25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
B	D	E	B	E	E	A	D	D	A	E	D
37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
C	B	C	A	D	D	B	A	B	B	D	D
49	50	51	49	50	51	49	50	51	49	50	51
A	B	B	A	B	B	A	B	B	A	B	B

CAPÍTULO 15

1	2	3	4	5	6	7	8	9
1,3,4,1,4,3,2,1,3,2,3,4	E	C	B	C	C	A	A	E
10	11	12	13					
C	E	D	D					

CAPÍTULO 16

1	2	3	4	5	6	7	8	9
2,1,1,2,2,3,3,1,2,3,3	C	B	D	A	E	B	C	E

CAPÍTULO 17

1	2	3	4

5,2,1,4,3,2,5	D	D	D

CAPÍTULO 18

1	2	3	4	5	6	7	8
5,1,2,6,3,1,4,6,2,3	C	E	B	E	C	E	D

CAPÍTULO 19
SEÇÃO 19.1.1

1
1,2,2,1,2,1

SEÇÃO 19.4

1	2	3	4	5	6	7	8	9
1-2-1-2-1-2	B	E	B	B	A	A	E	B
10	11	12	13	14				
B	E	A	D	C				

CAPÍTULO 20

1		
I – 1, 13;	VI – 10, 6;	XI – 14, 11;
II – 9, 1, 16;	VII – 15;	XII – 3, 11
III – 12, 13, 11;	VIII – 8, 2, 17;	XIII – 6, 1, 13;
IV – 2, 4;	IX – 1, 2, 15;	XIV – 9, 5, 11;
V – 1, 4	X – 9, 2;	XV – 3, 15;

2	3	4	5	6
D	E	D	E	C

CAPÍTULO 21
SEÇÃO 21.3.1

1
3,2,1,1,2,3

SEÇÃO 21.3.2.1

1
a) objeto direto; b) objeto indireto; c) adjunto adnominal; d) objeto direto; e) complemento nominal; f) complemento nominal; g) adjunto adnominal; h) objeto indireto; i) sujeito; j) sujeito.

SEÇÃO 21.3.3.1

1
a) objeto direto; b) sujeito; c) complemento nominal; d) objeto indireto; e) adjunto adverbial de lugar; f) objeto indireto; g) complemento nominal; h) sujeito; i) objeto direto; j) complemento nominal; k) objeto indireto; l) complemento nominal; m) adjunto adverbial de lugar.

SEÇÃO 21.3.4.1

1
I – complemento nominal – sujeito; II – objeto indireto – objeto direto; III – objeto direto – predicativo do sujeito; IV – objeto indireto – sujeito – objeto direto – objeto direto.

SEÇÃO 21.3.5

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
D	C	A	D	E	E	C	D	C	D	D	A
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
A	C	A	D	D	B	E	D	D	E	C	B

CAPÍTULO 22
SEÇÃO 22.2

1	2	3
5-4-3-1-2-1-2-3-4-5	C	D

SEÇÃO 22.4

1	2	3	4	5	6	7	8	9
3,2,5,1,7,1,6,4,4,3,2,5,1,7,5,4,2	E	D	C	D	C	D	A	A

SEÇÃO 22.6

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
C	E	E	E	A	A	A	D	E	E	C	A

SEÇÃO 22.9

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
D	B	B	A	C	B	E	E	C	A	D	B
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
D	D	B	E	A	B	B	C	E	B	D	E
25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	
E	D	A	D	E	C	D	C	C-C-C-E-E	C	B	

CAPÍTULO 24.11

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
E	C	C	E	E	E	D	A	B	B	D	A
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
E	A	A	A	E	D	C	C	D	A	C	C
25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
A	A	D	E	B	A	A	E	D	C	A	A
37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
A	C	B	D	D	E	A	C	B	B	E	A
49	50	49	50	49	50	49	50	49	50	49	50
B	D	B	D	B	D	B	D	B	D	B	D

CAPÍTULO 25

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12

C	C	C	A	C	E	C	A	A	E	E	A
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
C	C	C	A	E	A	C	B	A	A	E	A
25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
A	D	E	B	A	B	A	B	B	A	C	A
37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
A	E	D	B	D	D	A	B	D	A	A	E
49	50	49	50	49	50	49	50	49	50	49	50
A	B	A	B	A	B	A	B	A	B	A	B

CAPÍTULO 26

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
C	C	C	D	D	A	D	B	E	B	D	A
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
E	A	D	B	A	A	D	A	C	E	B	D
25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
A	D	C	A	D	E	B	A	E	B	D	D
37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
B	A	A	B	B	B	E	D	D	B	B	B
49	50	49	50	49	50	49	50	49	50	49	50
B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B

CAPÍTULO 27
SEÇÃO 27.2

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
A	D	D	D	B	C	E	B	E	B	D	A
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
A	A	E	E	C	E	D	C	E	E	B	A
25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
E	A	C	B	D	C	A	A	A	A	C	A
37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
D	B	B	B	A	B	A	C	B	A	A	C
49	50	49	50	49	50	49	50	49	50	49	50
D	B	D	B	D	B	D	B	D	B	D	B

SEÇÃO 27.4

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
A	D	E	E	C	E	A	A	E	B	B	D
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
B	D	E	E	D	E	E	E	A	D	A	E
25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
B	A	C	A	D	B	A	B	A	E	E	A
37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
B	A	B	D	E	B	C	D	A	D	C	A
49	50	49	50	49	50	49	50	49	50	49	50
A	C	A	C	A	C	A	C	A	C	A	C

CAPÍTULO 28

SEÇÃO 28.6

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
A	B	B	D	C	C	B	B	B	D	A	C	D

Bibliografia

Alencar, José de. O Guarani. 7. ed. São Paulo: Minerva, 1965.

Alves, Castro. Espumas Flutuantes. Rio de Janeiro: Record, 1997.

Aquino, Renato Monteiro de. Interpretação de Textos (Série Provas e Concusos). Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2005.

Aquino, Renato Monteiro de. Português para Concursos (Série Provas e Concursos). Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2005.

Assis, Joaquim Maria Machado de. Memórias Póstumas de Brás Cubas. Edição única. São Paulo: Abril Cultural, 1998.

Assis, Joaquim Maria Machado de. Dom Casmurro. Edição única. São Paulo: Abril Cultural, 1998.

Barreto, Afonso Henriques de Lima. Triste Fim de Policarpo Quaresma. 3. ed. São Paulo: Ática, 1987.

Bechara, Evanildo. Gramática Escolar da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

Bechara, Evanildo. Moderna Gramática Portuguesa. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

Câmara JR., Joaquim Mattoso. Estrutura da Língua Portuguesa. 35. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

Camões, Luís Vaz de. Os Lusíadas. Edição única. São Paulo: Abril Cultural, 1997.

Carneiro, Agostinho Dias. Redação em Construção. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2003.

Cunha, Celso Ferreira da. Gramática da Língua Portuguesa. 10. ed. [s.l.]: FAE, 1984.

Cunha, Celso Ferreira da; CINTRA, Luís Filipe Lindley. Nova Gramática do Português Contemporâneo. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

Cunha, Euclides da. Os Sertões. Edição única. Editora Abril, 1969.

Dubois, Jean. Dicionário de Linguística. São Paulo: Cultrix, 1993.

Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário Aurélio. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

Figueiredo, Fernando. Português no Concurso Público. 2. ed. Edição do autor. [s.l.], 1999.

Garcia, Othon Moacyr. Comunicação em Prosa Moderna. 20. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001.
Guimarães, Bernardo. A Escrava Isaura. Edição especial. [s.l.]: Sociedade Comercial e Editorial Santiago. Publicações Europa América, 1998.
Ida, Manuel Said Ali. Gramática Histórica da Língua Portuguesa. 6. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1966.
Lima, Carlos Henrique de Rocha Lima. Gramática Normativa da Língua Portuguesa. 25. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.
Luft, Celso Pedro. Moderna Gramática Brasileira. 2. ed. Rio de Janeiro: Globo, 2002.
Pessoa, Fernando. Poemas Escolhidos. O Globo, Klick Editora, 1997.
Pompéia, Raul. O Ateneu. O Globo, Klick Editora, 1997.
Queirós, Eça de. A relíquia. O Globo, Klick Editora, 1997.
Queirós, Eça de. O Primo Basílio. Edição única. São Paulo: Abril Cultural, 1969.
Ramos, Graciliano. São Bernardo. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.
Reis, Otelo. Breviário da Conjugação de Verbos. 54. ed. [s.l.]: Editora Villa Rica, 2001.
Ribeiro, Manoel Pinto. Gramática Aplicada da Língua Portuguesa. 15. ed. Rio de Janeiro: Metáfora Editora, 2005.
Sabino, Fernando. A Mulher do Vizinho. Edição Integral. São Paulo: Círculo do Livro, 1962.
VerÍssimo, Luis Fernando. As Mentiras que os Homens Contam. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ELSEVIER

MARCELO ROSENTHAL

Gramática para Concursos

Teoria e mais de 1000 questões

6ª Edição

SÉRIE PROVAS & CONCURSOS

- Livro em duas cores para facilitar o aprendizado

Inclui:

- Questões recentes de concursos para fixação

CAMPUS CONCURSOS

Selo de Qualidade
ANPAC
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PROTEÇÃO E APOIO AOS CONCURSOS

Cadastre-se em **www.elsevier.com.br** para conhecer nosso catálogo completo, ter acesso a serviços exclusivos no site e receber informações sobre nossos lançamentos e promoções.

MARCELO ROSENTHAL

Gramática para Concursos

Teoria e mais de 1000 questões

6ª Edição

SÉRIE PROVAS & CONCURSOS

CAMPUS
CONCURSOS

© 2013, Elsevier Editora Ltda.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Revisão: Irênio Silveira Chaves
Editoração Eletrônica: SBNigri Artes e Textos Ltda.
Epub: SBNigri Artes e Textos Ltda.

Coordenador da Série: Sylvio Motta

Elsevier Editora Ltda.
Conhecimento sem Fronteiras
Rua Sete de Setembro, 111 – 16º andar
20050-006 – Centro – Rio de Janeiro – RJ – Brasil

Rua Quintana, 753 – 8º andar
04569-011 – Brooklin – São Paulo – SP – Brasil

Serviço de Atendimento ao Cliente
0800-0265340
atendimento1@elsevier.com

ISBN 978-85-352-7045-7
ISBN (versão eletrônica) 978-85-352-7046-4

Nota: Muito zelo e técnica foram empregados na edição desta obra. No entanto, podem ocorrer erros de digitação, impressão ou dúvida conceitual. Em qualquer das hipóteses, solicitamos a comunicação ao nosso Serviço de Atendimento ao Cliente, para que possamos esclarecer ou encaminhar a questão.
Nem a editora nem o autor assumem qualquer responsabilidade por eventuais danos ou perdas a pessoas ou bens, originados do uso desta publicação.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Rosenthal, Marcelo
Gramática para concursos / Marcelo Rosenthal. – 6. ed. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.
584 p. – (Provas e concursos)

R727g ISBN 978-85-352-7045-7

1. Língua portuguesa – Gramática. 2. Língua portuguesa – Problemas, questões, exercícios. 3. Serviço público – Brasil – Concursos. I. Título.

13-2116. CDD: 469.5
CDU: 811.134.3'36

Dedicatórias

À minha mulher Vânia, à minha filha Júlia, aos meus pais Cláudio (in memoriam) e Edwiges (in memoriam), à minha irmã Edwiges Maria e família, a todos os meus grandes amigos, sobretudo Maurício Bueno. Também não posso deixar de lembrar-me de três amigos tão importantes na minha vida: Mauro Lasmar, Maria Suely da Silva e José Ricardo Pereira Ribeiro – os quais me deram a flor mais bela do meu pequeno jardim.

À memória do meu grande amigo Marco Aurélio Ribeiro de Brito, companheiro da pelada à Copa do Mundo.

Agradecimentos

Ao amigo e professor Paulo Paranhos, que não fez somente um trabalho de revisão, como também emitiu opiniões sobre a teoria, ofereceu-me soluções para problemas que se apresentaram, além de muito gentilmente fazer o prefácio deste livro.

À minha amiga e assistente Lilian Furtado, que colaborou bastante com pesquisa de questões de provas, digitação, revisão e formatação do texto.

Por fim, ao meu grande amigo Fernando Figueiredo, por quem nunca neguei nutrir grande admiração e de quem, em conversas informais, "arranquei" importantíssimas informações sobre a nossa língua. A objetividade de seu trabalho aliada a um grande conhecimento teórico é, para mim, um norte.

O Autor

Marcelo Rosenthal

- Formado em Letras (Português-Alemão) pela UFRJ.
- Ex-professor de Língua Portuguesa do União Concursos.
- Ex-professor de Língua Portuguesa do Pré-Concursos.
- Ex-professor de Língua Portuguesa da Degrau Cultural.
- Ex-professor de Língua Portuguesa do Curso Gabarito.
- Ex-professor de Língua Portuguesa do Curso Metta.
- Ex-professor de Língua Portuguesa do Curso Decisum.
- Professor de Língua Portuguesa da Academia do Concurso Público.
- Professor de Língua Portuguesa da Companhia dos Módulos.
- Técnico Judiciário do Tribunal Regional do Trabalho da Primeira Região.
- Professor em aulas telepresenciais disponíveis pela internet do curso Concurso Virtual – www.concursovirtual.com.br

Apresentação

O meu maior objetivo, ao escrever este material, foi ser objetivo. Sou funcionário público e passei no concurso estudando apenas em apostilas e livros especializados. Então, veio-me o seguinte raciocínio: se hoje eu fosse candidato, que informações me seriam necessárias para ter verdadeira possibilidade de aprovação?

Com esta preocupação de mostrar efetivamente o que cai em provas, comecei a trabalhar. Expus as divergências entre os principais autores e o que as bancas seguem, procurei aprofundar-me em temas comumente explorados nos concursos, porém pouco desenvolvidos nas gramáticas. Além disso, comentei gabaritos de questões, que se revelaram, pela minha experiência profissional, de extrema dificuldade para o candidato.

Por fim, volto a ressaltar a finalidade deste livro: transformar-se em uma literatura prática e específica na área de concursos, onde todos poderão dirimir suas dúvidas e esclarecer pontos de nossa língua que não constam – ou são analisados apenas superficialmente – nas obras tradicionais.

ENTRE O SONO e o sonho,
Entre mim e o que em mim
É o quem eu me suponho,
Corre um rio sem fim.
(Fernando Pessoa)

Marcelo Rosenthal

Prefácio

Até que enfim apareceu uma verdadeira gramática para o concursando. Teoria na medida certa, exercícios retirados das provas das principais bancas, abordagem de temas polêmicos exigidos pelas bancas.

Sim, porque gramáticas – e algumas muito boas – existem várias. Algumas bastante completas e complexas, que, como um dicionário e um catálogo telefônico, todos devem ter uma para consultas. Não são dirigidas a concursos, abordam assuntos que não são importantes para o concursando e, geralmente, não têm exercícios.

Há também as gramáticas escolares, que podem servir para o estudo de alguns pontos, mas são dirigidas ao ensino médio, que têm características muito diferentes. Além de não terem gabarito para os exercícios.

E os livros voltados para concursos? Teoria mínima, exercícios muitos. Mais parecem coletâneas de provas – algumas bastante defasadas – com gabarito. Raramente comentado.

O Professor Rosenthal conseguiu atingir o ponto de equilíbrio entre teoria e prática. Abordagem teórica de todos os principais conteúdos exigidos em concursos públicos na medida certa para o estudo do concursando. Exercícios em boa quantidade, sem exageros, de todos os conteúdos. Interessantes os gabaritos comentados letra a letra em questões dos conteúdos mais complexos.

A correta utilização da gramática como ferramenta para a interpretação de textos. Afinal, a Língua existe para comunicar e não para "gramaticar". Exemplo disso é a utilização de funções agentes e pacientes para o entendimento de frases com alteração semântica.

Importante também a abordagem de pontos complexos – de que muitos autores fogem – como a concordância do adjetivo adjunto e do adjetivo predicativo. A semântica dos tempos verbais. Os valores relacionais e semânticos das preposições. Paralelismo sintático.

Enfim, um livro que pode ser honestamente chamado de GRAMÁTICA PARA CONCURSOS.

Prof. Paulo Paranhos

Sumário

Capa

Cadastro

Folha de Rosto

Créditos

Dedicatórias

Agradecimentos

O Autor

Apresentação

Prefácio

Capítulo 1 – Fonologia

- **1.1. Letra e Fonema**
- **1.2. Ditongo**
  - 1.2.1. Ditongo decrescente
  - 1.2.2. Ditongo crescente
  - 1.2.3. Ditongo oral
  - 1.2.4. Ditongo nasal
  - 1.2.5. Ditongo fonético
- **1.3. Tritongo**
- **1.4. Hiato**
- **1.5. Glide**

1.6. Dígrafo
1.7. Letra diacrítica
1.8. Encontro consonantal
1.9. Exercícios

Capítulo 2 – Ortografia

2.1. Palavras que se escrevem com "ESA"
2.2. Palavras que se escrevem com "EZA"
2.3. Palavras que se escrevem com "ÊS"
2.4. Palavras que se escrevem com "EZ"
2.5. Palavras que se escrevem com "OSO", "OSA"
2.6. Palavras que se escrevem com "ISAR"
2.7. Palavras que se escrevem com "IZAR"
2.8. Palavras que se escrevem com "S"
2.9. Palavras que se escrevem com "Z"
2.10. Palavras que se escrevem com "X"
2.11. Palavras que se escrevem com "CH"
2.12. Palavras que se escrevem com "Ç" ou "C"
2.13. Palavras que se escrevem com "SS"
2.14. Palavras que se escrevem com "SC"
2.15. Palavras que se escrevem com "G"
2.16. Palavras que se escrevem com "J"
2.17. Palavras especiais
2.18. uso do porquê
2.18.1. Porque
2.18.2. Porquê
2.18.3. Por que
2.18.4. Por quê
2.19. Uso do "mal"
2.19.1. Mal (antônimo de bem)
2.19.2. Mal (conjução subordinativa temporal)
2.19.3. Mau (antônimo de bom)
2.20. Uso do hífen em prefixos – regra geral

2.21. Parônimos

2.22. Homônimos

2.23. Casos especiais

2.23.1. Abaixo / a baixo

2.23.2. Acerca de/ cerca de/ a cerca de/ há cerca de

2.23.3. Acima / a cima

2.23.4. Afim / a fim de

2.23.5. Afora / a fora

2.23.6. Ao encontro de / de encontro a

2.23.7. Aparte / à parte

2.23.8. Apedido ou a-pedido / a pedido

2.23.9. Bem-posto / bem posto

2.23.10. Conquanto / com quanto

2.23.11. Contudo / com tudo

2.23.12. Dantes / de antes

2.23.13. Debaixo / de baixo

2.23.14. Demais / de mais

2.23.15. Desapercebido / despercebido

2.23.16. Detrás / de trás

2.23.17. Devagar / de vagar

2.23.18. Dia-a-dia / dia a dia

2.23.19. Em vez de / ao invés de

2.23.20. Enfim / em fim

2.23.21. Enquanto / em quanto

2.23.22. Malgrado / mau grado

2.23.23. Nenhum / nem um

2.23.24. Porventura / por ventura

2.23.25. Porquanto / por quanto

2.23.26. Portanto / por tanto

2.23.27. Sem-cerimônia / sem cerimônia

2.23.28. Sem-fim / sem fim

2.23.29. Sem-número / sem número

2.23.30. Se não / senão
2.23.31. Sobretudo / sobre tudo
2.23.32. Tampouco / tão pouco
2.24. Formas variantes
2.25. Exercícios

Capítulo 3 – Regras de Acentuação

3.1. Monossílabos tônicos
3.2. Oxítonas
3.3. Paroxítonas
3.4. Proparoxítonas
3.5. Ditongos abertos ÉI(S), ÉU(S), ÓI(S)
3.6. "I" e "U", quando isolados numa sílaba
3.7. "OO" ou "EE"
3.8. Acento diferencial
3.8.1. Intensidade
3.8.2. Timbre
3.8.3. Número / pessoa
3.9. Trema
3.10. Exercícios

Capítulo 4 – Estrutura dos Nomes

4.1. Radical
4.2. Afixos
4.3. Vogal temática
4.4. Desinências
4.4.1. De gênero
4.4.2. De número
4.4.3. De grau
4.5. Vogais e consoantes de ligação
4.6. Formação dos nomes
4.6.1. Composição
4.6.1.1. Justaposição

4.6.1.2. Aglutinação
4.6.2. Derivação
4.6.2.1. Sufixal
4.6.2.2. Prefixal
4.6.2.3. Prefixal e sufixal (derivação sucessiva)
4.6.2.4. Parassintética
4.6.2.5. Regressiva
4.6.3. Conversão
4.6.4. Hibridismo
4.6.5. Reduplicação
4.6.6. Abreviação
4.6.7. Sigla
4.6.8. Neologismo
4.7. Prefixos latinos
4.8. Prefixos gregos
4.9. Relação de sufixos
4.10. Correspondência entre prefixos gregos e latinos
4.11. Latinismos
4.12. Exercícios

Capítulo 5 – Substantivo

5.1. Substantivo concreto
5.2. Substantivo abstrato
5.3. Substantivo simples
5.4. Substantivo composto
5.5. Substantivo primitivo
5.6. Substantivo derivado
5.7. Substantivo comum
5.8. Substantivo próprio
5.9. Coletivo
5.10. Flexão nominal
5.10.1. Gênero
5.10.1.1. Comum de dois gêneros

5.10.1.2. Sobrecomum
5.10.1.3. Epiceno ou promíscuo
5.10.1.4. Heterônimo ou desconexo
5.10.1.5. Lista especial de femininos
5.10.1.6. Casos especiais de gênero dos substantivos
5.10.1.7. Substantivos que mudam de sentido com a mudança do gênero
5.10.2. Número
5.10.2.1. Plural de alguns substantivos
5.10.2.2. Regras do plural de substantivos simples
5.10.2.3. Plural dos substantivos compostos
5.10.2.4. Relação de substantivos compostos no plural
5.10.2.5. Plural com metafonia
5.10.3. Grau
5.10.3.1. Aumentativos
5.10.3.2. Diminutivos
5.11. Exercícios

Capítulo 6 – Adjetivo

6.1. Adjetivo restritivo
6.2. Adjetivo explicativo
6.3. Grau dos adjetivos
6.3.1. Comparativo
6.3.2. Superlativo
6.4. Formação dos superlativos absolutos sintéticos
6.5. Relação de superlativos absolutos sintéticos
6.6. Locuções adjetivas
6.6.1. Lista de locuções adjetivas
6.7. Adjetivo com valor subjetivo ou indicativo de “qualidade”
6.8. Adjetivo com valor objetivo ou indicativo de “característica”
6.9. Exercícios

Capítulo 7 – Artigo

7.1. Artigo definido

7.2. Artigo indefinido
7.3. Exercícios

Capítulo 8 – Advérbio

8.1. Graus do advérbio
8.1.1. Comparativo
8.1.2. Superlativo
8.2. Locução adverbial
8.3. Palavras denotativas ou partículas expletivas
8.4. Exercícios

Capítulo 9 – Pronome

9.1. Pronomes pessoais retos
9.2. Pronomes pessoais oblíquos
9.3. Pronomes possessivos
9.4. Pronomes demonstrativos
9.4.1. Usos especiais de pronomes demonstrativos
9.4.2. Casos especiais de pronome demonstrativo
9.5. Pronomes indefinidos
9.6. Pronomes relativos
9.7. Pronomes interrogativos
9.8. Pronomes de tratamento
9.9. Pronome reflexivo
9.10. Pronome recíproco
9.11. Pronome parte integrante do verbo
9.12. Estudo da colocação dos pronomes
9.13. Contração dos pronomes oblíquos átonos em verbos transitivos diretos e indiretos
9.14. Exercícios

Capítulo 10 – Conjunções

10.1. Conjunções coordenativas
10.1.1. Aditivas

10.1.2. Adversativas
10.1.3. Alternativas
10.1.4. Conclusivas
10.1.5. Explicativas
10.2. Conjunções subordinativas
10.2.1. Causais
10.2.2. Concessivas
10.2.3. Condicionais
10.2.4. Temporais
10.2.5. Consecutivas
10.2.6. Finais
10.2.7. Proporcionais
10.2.8. Conformativas
10.2.9. Comparativas
10.2.10. Integrantes
10.3. Exercícios

Capítulo 11 – Preposição

11.1. Essenciais
11.2. Acidentais
11.3. Locuções prepositivas
11.4. Combinação
11.5. Contração
11.6. Valores semânticos das preposições
11.7. Exercícios

Capítulo 12 – Interjeição

Capítulo 13 – Numeral

13.1. Numeral substantivo
13.2. Numeral adjetivo
13.3. Classificação
13.3.1. Multiplicativo

13.3.2. Fracionário
13.3.3. Ordinais
13.3.4. Cardinais
13.4. Exercícios

Capítulo 14 – Verbo

14.1. Verbos regulares
14.2. Verbos irregulares
14.3. Verbos anômalos
14.4. Os valores semânticos dos verbos e as ideais correlações
14.4.1. Modo indicativo
14.4.2. Modo subjuntivo
14.4.3. Modo imperativo
14.4.3.1. Correlação de Tempos
14.5. Estrutura dos verbos
14.5.1. Radical
14.5.2. Vogal temática
14.5.3. Tema
14.5.4. Desinência modo-temporal
14.5.5. Desinência número-pessoal
14.5.5.1. Exercícios
14.6. Formação de imperativo
14.6.1. Exercícios
14.7. Formas nominais
14.7.1. Gerúndio
14.7.1.1. Exercícios
14.7.2. Particípio
14.7.2.1. Particípios Duplos
14.7.2.2. Exercícios
14.7.3. Infinitivo
14.7.3.1. Exercícios
14.8. Falsos derivados
14.8.1. Exercícios

14.9. Verbos impessoais
14.9.1. Exercícios
14.10. Verbos defectivos
14.10.1. Exercícios
14.11. Formas rizotônicas e arrizotônicas verbais
14.11.1. Rizotônicas
14.11.2. Arrizotônicas
14.12. Verbos terminados em IAR
14.13. Verbos terminados em EAR
14.14. Verbos terminados em GUAR
14.14.1. Exercícios
14.15. Verbos terminados em Uir
14.15.1. Exercício
14.16. Verbos prazer, aprazer e desprazer
14.16.1. Exercícios
14.17. Vozes verbais
14.17.1. Voz ativa
14.17.2. Voz passiva
14.17.3. Voz reflexiva
14.17.4. Voz reflexiva com valor recíproco
14.17.4.1. Exercícios
14.18. Tempos compostos
14.18.1. Exercícios
14.19. Exercícios de revisão

Capítulo 15 – Sujeito

15.1. Sujeito simples
15.2. Sujeito composto
15.3. Sujeito inexistente ou oração sem sujeito
15.4. Sujeito indeterminado
15.5. Exercícios

Capítulo 16 – Predicado

16.1. Predicado nominal
16.2. Predicado verbal
16.3. Predicado verbo-nominal
16.4. Exercícios

Capítulo 17 – Predicativo

17.1. Do sujeito
17.2. Do objeto
17.3. Exercícios

Capítulo 18 – Objeto

18.1. Direto
18.2. Indireto
18.3. Direto preposicionado
18.4. Pleonástico
18.5. Objeto direto interno ou cognato
18.6. Exercícios

Capítulo 19 – Complemento Nominal e Adjunto Adnominal

19.1. Complemento nominal
19.1.1. Exercícios
19.2. Adjunto adnominal
19.3. Complemento nominal X adjunto adnominal
19.4. Exercícios
19.5. Exercícios com gabarito comentado acerca de complemento nominal e adjunto adnominal

Capítulo 20 – Adjunto Adverbial

20.1. Classificação
20.2. Exercícios

Capítulo 21 – Agente da Passiva, Aposto e Vocativo

21.1. Agente da Passiva
21.2. Aposto

21.2.1. Aposto denominativo
21.2.2. Aposto explicativo
21.2.3. Aposto enumerativo
21.2.4. Aposto resumitivo
21.2.5. Aposto distributivo
21.3. Vocativo
21.3.1. Exercícios
21.3.2. Análise sintática do pronome oblíquo
21.3.2.1. Exercícios
21.3.3. Análise sintática do pronome relativo
21.3.3.1. Exercícios
21.3.4. Análise sintática de pronome demonstrativo e pronome relativo juntos
21.3.4.1. Exercícios
21.3.5. Exercícios

Capítulo 22 – Classificação de Orações

22.1. Orações coordenadas
22.1.1. Assindéticas
22.1.2. Sindéticas
22.1.2.1. Aditivas
22.1.2.2. Adversativas
22.1.2.3. Alternativas
22.1.2.4. Conclusivas
22.1.2.5. Explicativas
22.2. Exercícios
22.3. Orações subordinadas
22.3.1. Substantivas
22.3.1.1. Subjetivas
22.3.1.2. Objetivas diretas
22.3.1.3. Objetivas indiretas
22.3.1.4. Completivas nominais
22.3.1.5. Predicativas

22.3.1.6. Apositivas
22.3.1.7. Agentes da passiva
22.4. Exercícios
22.5. Orações subordinadas adjetivas
22.6. Exercícios
22.7. Orações subordinadas adverbiais
22.7.1. Causais
22.7.2. Concessivas
22.7.3. Condicionais
22.7.4. Temporais
22.7.5. Consecutivas
22.7.6. Finais
22.7.7. Proporcionais
22.7.8. Conformativas
22.7.9. Comparativas
22.7.10. Modais
22.8. Orações reduzidas
22.9. Exercícios

Capítulo 23 – Paralelismo Sintático

23.1. Exercícios com gabarito comentado sobre paralelismo

Capítulo 24 – Pontuação

24.1. Uso de vírgula
24.2. Uso de ponto e vírgula
24.3. Uso do ponto
24.4. Uso de dois-pontos
24.5. Uso de exclamação
24.6. Uso de interrogação
24.7. Uso de reticências
24.8. Uso de aspas
24.9. Uso de parênteses
24.10. Uso de travessão

24.11. Exercícios

Capítulo 25 – Crase

25.1. Primeira regra básica
25.2. Segunda regra básica
25.3. Terceira regra básica
25.4. Casos Especiais
25.5. Exercícios

Capítulo 26 – Regência

26.1. Regência verbal
26.2. Regência nominal
26.3. Exercícios

Capítulo 27 – Concordância

27.1. Concordância verbal
27.2. Exercícios
27.3. Concordância nominal
27.4. Exercícios

Capítulo 28 – Estilística

28.1. Figuras de som
28.1.1. Aliteração
28.1.2. Onomatopeia
28.2. Figuras de construção ou sintaxe
28.2.1. Anacoluto
28.2.2. Anáfora
28.2.3. Anástrofe ou inversão
28.2.4. Assíndeto
28.2.5. Elipse
28.2.6. Hipálage
28.2.7. Hipérbato
28.2.8. Pleonasmo ou redundância
28.2.9. Polissíndeto

28.2.10. Silepse
28.2.11. Zeugma
28.2.12. Repetição ou reduplicação
28.3. Figuras de pensamento
28.3.1. Antítese
28.3.2. Eufemismo
28.3.3. Hipérbole
28.3.4. Ironia
28.3.5. Paradoxo ou oxímoro
28.3.6. Prosopopeia, personificação ou animismo
28.4. Figuras de palavras
28.4.1. Antonomásia
28.4.2. Catacrese
28.4.3. Comparação ou símile
28.4.4. Metáfora
28.4.5. Metonímia
28.4.6. Sinestesia
28.5. Vícios de linguagem
28.5.1. Ambiguidade
28.5.2. Barbarismo
28.5.3. Cacófato
28.5.4. Solecismo
28.6. Exercícios

Capítulo 29 – Coesão e Coerência Textual

29.1. Coesão sequencial
29.2. Coesão referencial
29.3. Coerência textual
29.4. Exercícios com gabarito comentado

Capítulo 20 – Teoria Argumentativa

30.1. Denotação
30.2. Conotação

30.3. Descrição
30.4. Narração
30.5. Dissertação
30.6. Tese
30.7. Argumento
30.8. Recorrência textual
30.9. Inferência textual
30.10. Exercícios com gabarito comentado sobre teoria argumentativa
30.11. Alteração de funções sintáticas em questões de interpretação
30.12. Exercícios com gabarito comentado sobre alteração de funções sintáticas

Capítulo 31 – Questões Comentadas de Concursos

Apêndice: exercícios de provas com gabarito comentado
Esaf
NCE

Gabarito

Bibliografia

Capítulo 1

Fonologia

Fonologia é o estudo dos sons.

1.1. Letra e Fonema

Letra – É uma representação gráfica do fonema, que é uma formação sonora.

Fonema – É uma formação sonora.

Obs.: Cabe ressaltar que nem sempre uma letra corresponde a um fonema. Por exemplo, a letra "X" pode representar vários sons diferentes, como em TÁXI, EXATO, MUXOXO.

É também interessante observar que existem vocábulos com mais letras do que fonemas, mas também podem existir outros com mais fonemas do que letras.

Ex.: TÁXI – 4 letras e 5 fonemas.

HOJE – 4 letras e 3 fonemas.

1.2. Ditongo

Encontro de uma VOGAL com uma SEMIVOGAL. Ex.: pai, dói, réu, quanto.

1.2.1. Ditongo decrescente

É quando a sequência específica é VOGAL + SEMIVOGAL. Ex.: seis, meu.

1.2.2. Ditongo crescente

É quando a sequência específica é SEMIVOGAL + VOGAL. Ex.: quanto, silêncio.

BIZU

Facilita ao candidato observar que a semivogal terá sempre o som de "i" ou "u", mesmo que não estejam representados por estas letras. Ex.: caos – a letra "o" aqui é uma representação gráfica do fonema "u", por isso não é uma

vogal, e sim uma semivogal, formando, portanto, um ditongo decrescente.

1.2.3. Ditongo oral

É o ditongo pronunciado pela boca sem que o som passe pela narina.
Ex.: viu, boi.

1.2.4. Ditongo nasal

É o ditongo cujo som passa pela narina.
Ex.: não, muito.

1.2.5. Ditongo fonético

É o caso dos ditongos perceptíveis pela pronúncia.
Ex.: Ele tem – A pronúncia desta palavra inclui o fonema "I" apesar de não estar escrito, diferentemente do que ocorre em tempo, onde não há o som deste "I". É sutil a diferença: "TEIM" e "TEMPO". O mesmo fenômeno ocorre com "estavam", que se pronuncia com o acréscimo do fonema "U", o mesmo não sucedendo com "vantagem". Nós pronunciamos "ESTAVÃU" e "VANTAGEM".

1.3. Tritongo

É o encontro sequencial de uma semivogal + uma vogal + uma semivogal.
Ex.: Paraguai, apazigueis.

1.4. Hiato

É o encontro de duas vogais.
Ex.: hiato, uísque.

1.5. Glide

É a sequência de um ditongo + hiato.
Ex.: boia, seio.

Obs.: É sempre importante perceber que em uma sílaba só pode haver uma vogal – nunca mais do que uma, nunca menos do que uma. Então, em um ditongo, o que ocorre é o encontro de uma vogal com uma semivogal e, no tritongo, de uma vogal com duas semivogais.

1.6. Dígrafo

O nome já explica do que se trata: dupla grafia, formando, contudo, apenas um fonema. Os casos são: RR, SS, CH, LH, NH, GU, QU, SC, XC,

SÇ e as NASALIZAÇÕES representadas pelas letras M e N.

Ex.: carro, osso, enchova, molho, unha, jogue, querido, oscilação, exceder, nasço, campo, tonto.

Obs.: As letras ocorrentes nos dígrafos RR, SS, SC, XC, SÇ não podem ficar na mesma sílaba.

Ex.: ex-ce-len-te; guer-ra; as-sas-si-no; nas-cer.

Obs.: "AM" e "EM", em fim de palavra, não formam dígrafos, mas sim ditongos.

Ex.: compravam (vãu), também (beim).

Obs.: Os dígrafos consonantais são aqueles em que a consoante se pronuncia: RR, SS, CH, LH, NH, SC, XC, SÇ, GU e QU – repare que, nesses dois últimos casos, pronunciam-se as consoantes G (GUE) e Q (QUE).

Todos os casos de nasalização formam os dígrafos vocálicos, pois são as vogais nasalizadas que são pronunciadas.

1.7. Letra diacrítica

É a letra não pronunciada nos dígrafos. Nos dígrafos SC, XC, e SÇ, a primeira letra é a diacrítica. As letras M e N nas nasalizações são as diacríticas. Nos demais dígrafos, a segunda letra será a diacrítica.

1.8. Encontro consonantal

É o encontro de consoantes pronunciadas, podendo estar na mesma sílaba ou não. É importante destacar que os dígrafos não constituem encontros consonantais.

Ex.: cratera, corte.

Obs.: A palavra MARCHA possui um dígrafo (CH) e um encontro consonantal (formada pelo R e pelo X que está representado pelo dígrafo CH).

1.9. Exercícios

1. (Analista de Sistemas – Furnas – Funrio) Qual dos provérbios abaixo está acompanhado da correta identificação de dígrafos e encontros consonantais?

a) Quem semeia vento colhe tempestade – quatro dígrafos e dois encontros consonantais.

b) Mais vale um pássaro na mão do que dois voando – quatro dígrafos e nenhum encontro consonantal.

c) Em terra de sapo, mosquito não dá rasante – três dígrafos e dois encontros consonantais.

d) Farinha pouca, meu pirão primeiro – dois dígrafos e um encontro consonantal.

e) Quanto mais eu rezo, mais assombração me aparece – quatro dígrafos e dois

encontros consonantais.

2. (Analista MPOG – Funrio) A única opção em que todas as palavras contêm hiato é:
a) aguardente – historiador – impõem – realidade;
b) desmiolado – incoerente – proibido – seriedade;
c) açaí – alaúde – caraminguás – destruímos;
d) lambari – minhoca – numeroso – polidez;
e) enxaguei – paraguaio – piauiense – saguão.

3. Assinale a opção em que aparece uma letra diacrítica:
a) móvel
b) táxi
c) animais
d) nunca
e) qualidade

4. Assinale a opção em que há mais fonemas do que letras:
a) nexo
b) silêncio
c) máximo
d) ninguém
e) guerra

5. Assinale a opção em que ocorre um ditongo fonético:
a) cueca
b) vadio
c) ninguém
d) biônico
e) hediondo

6. (PUC-SP) Nas palavras ANJINHO, CARROCINHAS, NOSSA e RECOLHENDO, podemos detectar oralmente a seguinte quantidade de fonemas:
a) três, quatro, dois, quatro;
b) cinco, nove, quatro, oito;
c) seis, dez, cinco nove;
d) três, seis, dois, cinco;
e) sete, onze, cinco, dez.

7. (DEPEN – Funrio) Qual a única série de palavras que contém dígrafos consonantais?
a) através – problemas – crateras – caboclos.
b) ternura – caspa – resultado – êxtase.
c) farrista – aquecido – exceto – milharal.
d) tampas – ventania – sintoma – fundação.

e) hálito – hélice – hino – humilde.

8. (TRE-MG) Ambas as palavras contêm exemplo de hiato em:
a) árduo / mãe
b) área / chapéu
c) diário / quota
d) pavio / moer
e) luar / anzóis

9. (Uni-Rio) Assinale a opção em que o vocábulo apresenta ao mesmo tempo um encontro consonantal, um dígrafo consonantal e um ditongo fonético:
a) ninguém
b) coalhou
c) iam
d) nenhum
e) murcham

10. (PUC) Um mesmo fonema pode ser grafado de diferentes maneiras. Qual a lista de palavras que exemplifica essa afirmação?
a) paciente – centro – existência.
b) existência – meses – batizaram.
c) projeto – prejudicando – propõe.
d) quem – quando – psiquiatra.
e) coisa – incomoda – continuidade.

11. (NCE) "... uma vacina experimental atingiu as condições exigidas..."
A letra em destaque no trecho acima transcrito representa o mesmo som da letra destacada em:
a) tó<u>x</u>ico;
b) en<u>x</u>ame;
c) má<u>x</u>imo;
d) ino<u>x</u>idável;
e) ine<u>x</u>orável.

12. (NCE) "Nas noites de Nova Lima, <u>quando</u> buscava repouso..." Quantos fonemas e letras existem na palavra destacada?
a) 4 fonemas / 5 letras / 1 dígrafo
b) 6 fonemas / 4 letras / 1 dígrafo
c) 5 fonemas / 6 letras
d) 6 fonemas / 6 letras
e) 4 fonemas / 6 letras / 1 dígrafo

Capítulo 2

Ortografia

2.1. Palavras que se escrevem com "ESA"

burguesa, chinesa, despesa, escocesa, francesa, inglesa, japonesa, holandesa, mesa, pequinesa, portuguesa etc.

BIZU

Se conseguirmos completar a frase "ELA É", a palavra será sempre com **"S"**.
Ex.: Ela é chinesa. Ela é pequinesa.

2.2. Palavras que se escrevem com "EZA"

alteza, avareza, beleza, crueza, fineza, firmeza, lerdeza, proeza, pureza, singeleza, tristeza etc.

2.3. Palavras que se escrevem com "ÊS"

burguês, chinês, cortês, escocês, francês, inglês, irlandês, montanhês, pedrês, português etc.

BIZU

Se conseguirmos completar a frase "ELE É", a palavra será com "S".
Ex.: Ele é cortês. Ele é burguês. Ele é francês.

2.4. Palavras que se escrevem com "EZ"

altivez, embriaguez, estupidez, intrepidez, palidez, morbidez, pequenez, talvez, vez, viuvez etc.

2.5. Palavras que se escrevem com "OSO", "OSA"

audacioso(a), brioso(a), cauteloso(a), criterioso(a), delicioso(a), formoso(a), gostoso(a), perigoso(a), pomposo(a), teimoso(a), valioso(a)

etc.

2.6. Palavras que se escrevem com "ISAR"

alisar, analisar, avisar, bisar, paralisar, pesquisar, pisar etc.

BIZU

Para que estes vocábulos se escrevam com **"S"**, é necessário que no próprio radical já haja a letra **"S"**.

Ex.: AVISAR-AVISO, ANALISAR-ANÁLISE, BISAR-BIS, PARALISAR-PARALISIA.

2.7. Palavras que se escrevem com "IZAR"

amenizar, avalizar, catequizar, desmobilizar, despersonalizar, esterilizar, estigmatizar, finalizar, generalizar, harmonizar, poetizar, profetizar, racionalizar, sensacionalizar, urbanizar etc.

BIZUS

Apesar de CATEQUIZAR se derivar de CATEQUESE, aquele termo se escreve com **Z** e este, com **S**.

As palavras POETIZAR e PROFETIZAR não se derivam de POETISA e PROFETISA, mas sim de POETA e PROFETA. Por isso as primeiras se escrevem com **Z** e as últimas, com **S**.

2.8. Palavras que se escrevem com "S"

anis, atrás, brasa, compreensão, conversível, coser (costurar), esôfago, esotérico, esoterismo, espectador, esplêndido, estender, esterco, estéril, estorvo, extravasar, fusível, gás, gasolina, guisado, heresia, hesitar, hipnose, hipocrisia, imersão, misto, revés, sesta, asilo, isolar, isquemia, oscular, querosene, quis, quiser, puser, siso, poetisa, profetisa, sacerdotisa, submerso, usina, usufruir, usura, usurpar, versátil, inserto (inserido), consertar (reparar), servo (servente), serração (ato de serrar), intensão (intensidade).

2.9. Palavras que se escrevem com "Z"

azar, azougue, azenha, azeitona, azeite, azinhavre, balizar, bizantino,

bizarro, buzina, cozer (cozinhar), dezena, dizimar, fuzil, aprazível, deslize, falaz, fezes, fugaz, gazeta, giz, gozar, hipnotizar, tez, algazarra, foz, prazerosamente, ojeriza, perspicaz, proeza, desprezar, vazar, revezar, xadrez, azia, aziago.

2.10. Palavras que se escrevem com "X"

bexiga, coxo, engraxar, sintaxe, caxumba, faxina, maxixe, muxoxo, paxá, praxe , xale, xícara, excitante, xavante, xereta, baixo, trouxe, enxada, enxaguar, enxame, enxaqueca, enxerto, enxotar, enxoval, enxugar, enxurrada, enxuto, seixo, faixa, exacerbar, exotérmico, exorcismo, expletivo, expirar, expelir, expectativa, expor, explicar, extasiar, exterminar, extensão, extenso, extorsivo, exuberante, exalar, exaltar, exame, exarar, exaustão, exéquias, exílio, exímio, êxito, êxodo, exonerar, exótico, exumação, broxa (pincel), buxo (arbusto ornamental), xá (título de soberano do Oriente), xeque (incidente no xadrez), coxa (parte da perna), taxa (tributo), quixotesco.

2.11. Palavras que se escrevem com "CH"

enchova, encharcar, encher, enchiqueirar, enchoçar, enchente, enchouriçar, chave, chuchu , chicote, chifre, chispar, chimpanzé, choupana, chorumela, chulo, chumaço, chusma, chavão, charuto, champanha, chacina, chantagem, chaminé, chicana, chibata, chiar, brocha (prego), bucho (estômago de animais), chá (arbusto), cheque (ordem de pagamento), cocha (gamela), tacha (prego).

2.12. Palavras que se escrevem com "Ç" ou "C"

à beça, almaço, terçol, ressurreição, exceção, cessação, açucena, joça, camurça, mormaço, presunção, torção, trança, soçobrar, troço, pança, maçarico, maciço, ruço (grisalho), aguçar, caçula, seção (departamento), retenção, abstenção, disfarçar, alcançar, cetim, incentivo, acento (sinal gráfico), caçar, céticos, cela (aposento), cerração (nevoeiro), cervo (veado), decertar (lutar), empoçar (formar poça), intenção (propósito), paço (palácio), sucinto, silêncio.

2.13. Palavras que se escrevem com "SS"

admissão, demissionário, transmissão, emissor, expressão, expresso, impressionismo, compressor, assado, passar, ingressar, progresso, sucesso, discussão, repercussão, promessa, remessa, agressivo, transgressão,

antiquíssimo, tenacíssimo, excesso, dissensão, sossego, pêssego, massagem, secessão, necessário, escasso, escassez, sessão (reunião), cessão (ceder), sessar (peneirar), russo (natural da Rússia), passo (passada), empossar (dar posse), cassar (anular), dissertar (discorrer).

2.14. Palavras que se escrevem com "SC"

abscissa, abscesso, adolescente, ascensão, ascensorista, consciência, cônscio, descendente, descensão, descentralizar, descente (vazante), discente, disciplina, discípulo, isósceles, nascer, obsceno, oscilação, piscina, rescindir, rescisão, ressuscitar, suscitar.

2.15. Palavras que se escrevem com "G"

angelical, gíria, tigela, rigidez, monge, ogiva, agiota, herege , genuíno, algemas, gergelim, gesso, egípcio, gironda, infringir, bugiganga, viagem (substantivo), vagem, estiagem, folhagem, geringonça, ginete, gengiva, sargento, agir, coragem, ferrugem, tragédia, gesto.

2.16. Palavras que se escrevem com "J"

igrejinha, laje, lajeado, varejista, sarjeta, gorjeta, anjinho, canjica, viajem (verbo), encorajem (verbo), enferrujem (verbo), cafajeste, cerejeira, injeção, enrijecer, berinjela, jejuar, jérsei, interjeição, jesuíta, jiboia, lambujem, majestade, jirau, ultraje, traje, ojeriza, jenipapo, pajé, pajem, jeito, jiló.

2.17. Palavras especiais

aborígine, sesta, empecilho, disenteria, digladiar, dilapidar, discrepância, terebintina, cabeleireiro, manteigueira, manteiga, bandeja, nódoa, botequim, poleiro, tábua, polir, impingir, incesto, incólume, inconteste, incontinenti, corpóreo, indelével, empório, desperdício, desprezo, dessecar, despensa (armário de cozinha), dispensa (licença), discernir, privilégio, dissecar, aterrissar, amerissar, hilaridade, descortino, beneficência, beneficente, prazerosamente, destilação, abóboda, caranguejo, impigem, mendigo, mortadela, óbolo, octogésimo, dignitário, meritíssimo, focinho, destilar, sequer, discrição (discreto), descrição (descrever), bulir, bueiro, ureter, mocambo, sortir (abastecer), surtir (dar resultado), lombriga, ansiar, arriar, lampião, discriminar (isolar), descriminar (inocentar), dentifrício, paletó, periquito, creolina, bodega, soar (som), suar (transpirar), peão (pessoa), pião (brinquedo),

espontâneo, uísque, goela, zoada, pexote, encarnação, rédea, descortinar.

2.18. uso do porquê

2.18.1. Porque

Escrevemos **PORQUE** (junto e sem acento): – quando for conjunção e puder ser substituído por: **visto que, uma vez que.** Dará a ideia de resposta.

Ex.: "Albernaz, também, porque via na sua festa, com um número de folclore, meio de chamar a atenção sobre sua casa, atrair gente..." (Lima Barreto)

"Fi-lo, porque qui-lo" (Jânio Quadros).

2.18.2. Porquê

Escrevemos **PORQUÊ** (junto e com acento):

– quando for **substantivo** e, neste caso, poderá ser substituído por **o motivo, a razão...**

Ex.: Não sei o porquê (motivo) de sua presença aqui.

Explicaram-me o porquê (a razão) de tudo isto ter acontecido.

– quando for uma conjunção em final de frase interrompida.

Ex.: Ele faltou, porquê...

Maria está triste, porquê...

2.18.3. Por que

Escrevemos **POR QUE** (separado e sem acento):

– quando houver uma interrogativa direta

Ex.: Por que ele não veio?

Por que chove tanto no Rio de Janeiro?

– quando houver uma interrogativa indireta, e, neste caso, o termo poderá ser substituído por **POR QUE RAZÃO, POR QUE MOTIVO.**

Ex.: Perguntei por que estava de castigo. (Raul Pompéia)

Não explicaram por que (por que motivo) esta tragédia ocorreu.

– quando o **que** for pronome relativo e puder ser substituído por **qual**.

Ex.: Não conheço o caminho por que (pelo qual) vocês vieram.

As dificuldades por que (pelas quais) passei jamais serão esquecidas.

2.18.4. Por quê

Escrevemos **POR QUÊ** (separado e com acento) quando estiver no fim de uma oração interrogativa direta ou indireta.

Ex.: Ele não veio por quê?
Ele não veio nem disse por quê.

2.19. Uso do "mal"

2.19.1. Mal (antônimo de bem)

Escrevemos **MAL** quando este termo for **substantivo** ou **advérbio**, e, nos dois casos, puder ser substituído pelo antônimo **BEM.**

Ex.: Não devemos praticar o mal (bem).
Eles falam muito mal (bem) de você.
Perivaldo foi mal (bem) utilizado nesta partida.
Ele foi mal (bem) criado pelos pais.
Ele foi mal (bem) educado pelos pais.

2.19.2. Mal (conjução subordinativa temporal)

Escrevemos **MAL** quando este termo for conjunção subordinativa temporal e puder ser substituído por **LOGO QUE, ASSIM QUE.**

Ex.: Mal (assim que) ele chegou, todos saíram.
Mal (logo que) o Flamengo fez o gol, o Bangu empatou.

2.19.3. Mau (antônimo de bom)

Escrevemos **MAU** quando este termo for adjetivo e puder ser substituído pelo seu antônimo **BOM.**

Ex.: Ele é um mau (bom) menino.
Hoje foi um mau (bom) dia.

Obs. : **MAL** (podendo ser substituído por **BEM**) poderá fazer parte de um adjetivo composto, estando ligado a um segundo termo (adjetivo). Haverá hífen se este segundo termo começar por **H** ou por **vogal.**

Ex.: Ele é muito mal-educado.
Ele é mal-humorado.
Houve um mal-entendido.
Ele é malcriado.

Quando **MAU** (podendo ser substituído por **BOM**) estiver ligado a um substantivo, funcionará como adjetivo. A sua forma feminina é: **MÁ.**

Ex.: Ela praticou uma má-educação.
Ele recebeu uma má educação dos pais.
Mariazinha fez uma má-criação.
A má criação dos jovens é reflexo dos problemas econômicos dos pais.

Ele tem um grande mau humor.
As más-criações serão punidas.

!	**ATENÇÃO**:
	Preste atenção ao fato de que, no primeiro, no terceiro e no sexto exemplos, má-educação, má-criação e más-criações formam apenas uma palavra, pois são atitudes, diferentemente do que ocorre nos exemplos da segunda e quarta frases. Portanto, quando for uma **atitude,** caracteriza-se a composição.

2.20. Uso do hífen em prefixos – regra geral

– emprega-se o hífen, quando, após o prefixo, aparecer a mesma letra ou H.

Ex.: Arqui-inimigo, arqui-inteligente, micro-ondas, auto-ônibus, infra-hepático, anti-inflamatório, contra-almirante, sobre-humano, sobre-estimar, ad-digital, sub-biblioteca, sub-humano, inter-regional, super-revista, super-homem

Acrescentem-se os seguintes casos:

a) Nos prefixos terminados em D ou B (ab, ad, ob, sob, sub), além da situação prevista na regra geral (mesma letra ou H), vindo R, usa-se o hífen.
Ex.: ad-referendar, sub-reitor, sob-roda

b) No prefixo CIRCUM, além da situação prevista na regra geral (mesma letra ou H), vindo B, N, P ou VOGAL, também se usa o hífen.
Ex.: circum-escolar, circum-hospitalar, circum-navageção

c) No prefixo PAN, além da situação prevista na regra geral (mesma letra ou H), vindo B, M, P ou VOGAL, também se usa o hífen.
Ex.: pan-harmônico, pan-brasileiro, pan-mágico, pan-americano

d) Emprega-se o hífen, quando o primeiro termo for acentuado (pré, pró, pós).
Ex.: pós-graduação, pré-história, pró-europeu

e) Emprega-se o hífen com os prefixos ex (anterioridade), sota, soto, vice, vizo.
Ex.: ex-presidente, sota-capitão, soto-almirante, vice-governador, vizo-rei

Obs.: Segundo Evanildo Bechara, "nos casos em que não houver perda do som da vogal final do 1º elemento, e o elemento seguinte começar com "h", serão usadas as duas formas gráficas: bi-hebdomadário e biebdomadário; carbo-hidrato e carboidrato; zoo-hematina e zooematina." Tal possibilidade foi explorada pela Fundação Getúlio Vargas, em questões de ortografia, mencionando a correção da ortografia em "megaipótese" e "socioistórico".

NÃO SE USA O HÍFEN NOS PREFIXOS

a) Nas aglutinações dos prefixos co, pro, pre e re com vocábulos iniciados por O ou E:

Ex.: cooperar, coedição, preeleito, preeminência, reelaborar, reedição, proeminente

Obs.: Há alternância entre PRE e PRÉ – que permite as duas ortografias – nos seguintes casos: preembrião / pré-embrião; preesclerótico / pré-esclerótico; preeleito / pré-eleito.

b) Quando, após os prefixos DES e IN, se o segundo elemento perder o H inicial.

Ex.: desumano, inábil

c) Quando a situação não se enquadrar nos itens iniciais A a E deste capítulo.

Ex.: infraestrutura, extraoficial, intrauterino, contraespião, semiárido, adjunto, sublinha, supermercado, antiaéreo, neoimperialismo, pseudoepígrafe, extraescolar, autoaprendizado, contraindicado, autoestima

Obs.: Sendo o prefixo concluído em vogal, e o elemento seguinte iniciado por R ou S, tais consoantes deverão ocorrer dobradas.

Ex.: antirreligioso, contrarrazões, microssistema, minissaia, contrarregra, extrarregular, antissemita, semisselvagem, extrassolar, ultrassecreto

EMPREGO DE HÍFEN NOS COMPOSTOS

a) Emprega-se hífen nas palavras compostas por justaposição, em que os elementos mantêm uma unidade semântica, mas constituem uma tonicidade própria. O primeiro elemento será representado por uma forma substantiva, adjetiva, numeral ou verbal:

Afro-brasileiro, Amor-perfeito, Ano-luz, Arco-íris, Boa-fé, Conta-gotas, Decreto-lei, Guarda-noturno, Luso-brasileiro, Má-fé, Médico-cirurgião, Mesa-redonda, Norte-americano, Porta-aviões, Porta-retrato, Primeiro-ministro, Quebra-mar, Segunda-feira, Sul-africano, Tenente-coronel, Tio-avô, Vaga-lume, Verbo-nominal

Obs.: Não se usa hífen em palavras compostas cuja noção de composição se perdeu:

Paraquedas, Mandachuva, Girassol, Pontapé

Obs.: Outros compostos com a forma verbal "PARA" e "MANDA" continuarão sendo separados por hífen: para-brisa, para-lama, para-choque, manda-tudo.

b) Emprega-se hífen nas formas compostas por grã- ou grão- quando formarem nomes geográficos, ou nas formas verbais e nos compostos ligados por artigo:

Grã-Bretanha, Grão-Pará, Passa-Quatro, Trás-os-Montes, Baía de Todos-os-Santos

c) Emprega-se hífen em compostos que designam espécies botânicas e zoológicas:

Andorinha-do-mar, Cobra-capelo, João-de-barro, Erva-doce

Obs.: Quando os compostos acima tiverem aplicação diferente, não se usará hífen:

Bico de papagaio (nariz adunco), Bola de neve (aquilo que toma vulto rapidamente), Não me toques (melindres)

d) Emprega-se hífen quando o primeiro elemento estiver representado pelas formas além, aquém, recém, bem e sem:

Além-mar, Aquém-mar, Recém-casado, Bem-humorado, Sem-vergonha

Obs.: O advérbio BEM, em muitas situações, ocorre aglutinado ao termo seguinte. Tal situação se dá, quando o significado primitivo dos termos é alterado.

Ex.: bendito (= abençoado), benfeito (= benefício), benfeitor

e) Emprega-se hífen nas palavras terminadas por sufixos de origem tupi-guarani que representam formas adjetivas (-açu = grande; -guaçu = grande; -mirim = pequeno):

Capim-açu, Ceará-mirim, Amoré-guaçu

f) Emprega-se hífen quando o primeiro elemento for "mal" e o segundo elemento começar por vogal, h ou l:

Mal-entendido, Mal-humorado, Mal-limpo

Obs.: Malcriado, malgrado, malvisto etc. Quando mal significar doença, empregar-se-á o hífen: mal-caduco.

NÃO SE EMPREGA O HÍFEN NAS SEGUINTES COMPOSIÇÕES

a) Nas formas empregadas adjetivamente com afro-; anglo-; franco-; indo-; luso-; sino- e semelhantes. Estas continuarão a ser grafadas sem hífen em: Afrodescendente, Anglomania, Eurocêntrico, Eurodeputado

Obs.: Torna-se necessário, como já o era, o emprego do hífen, quando houver mais de uma etnia. Afro-brasileiro, anglo-saxão, euro-asiático.

b) Nas locuções

– substantivas – cão de guarda, fim de semana, mão de obra, sala de jantar
– adjetivas – cor de café com lei, cor de vinho
– pronominais – eu próprio, ninguém mesmo
– adverbiais – à parte, à vontade, depois de amanhã
– prepositivas – a fim de, ao encontro de, apesar de, com objetivo de, de encontro a
– conjuntivas – a fim de que, à medida que

Obs.: Em face de serem termos consagrados pelo uso, conservou-se o hífen em: água-de-colônia, mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao deus-dará, à queima-roupa.

2.21. Parônimos

Palavras com sons parecidos.

absolver	perdoar
absorver	aspirar, sorver
arrear	pôr arreios
arriar	descer
cavaleiro	que cavalga
cavalheiro	cortês
comprimento	extensão
cumprimento	saudação
cumprimento	ato de cumprir
conjectura	suposição, hipótese

conjuntura	oportunidade, situação
deferir	atender
diferir	retardar, divergir
descrição	ato de descrever
discrição	qualidade de discreto
descriminar	inocentar
discriminar	distinguir
despensa	onde se guardam mantimentos
dispensa	ato de dispensar
docente	relativo a professores
discente	relativo a alunos
emigrar	deixar uma região
imigrar	entrar numa região
eminência	excelência
iminência	qualidade de iminente
eminente	elevado
iminente	prestes a ocorrer
estada	permanência de pessoas
estadia	permanência de veículos
flagrante	evidente
fragrante	perfumado
fluir	correr
fruir	desfrutar
imergir	afundar
emergir	vir à tona
inflação	alta de preços
infração	violação
infligir	aplicar pena
infringir	violar
mandado	ordem judicial
mandato	procuração
peão	amansador de cavalgadura
pião	tipo de brinquedo
precedente	que vem antes
procedente	proveniente, que tem fundamento
prescrever	determinar
proscrever	banir, abolir
ratificar	confirmar

retificar	corrigir
soar	produzir som
suar	transpirar
sortir	abastecer
surtir	produzir efeito
sustar	suspender
suster	sustentar
tráfico	negociação
tráfego	trânsito
vultoso	volumoso
vultuoso	congestão na face

2.22. Homônimos

Palavras com a mesma pronúncia.

acender	pôr fogo
ascender	subir
acento	sinal gráfico
assento	onde se senta, lugar
acerto	ato de acertar
asserto	afirmação
caçar	capturar animais
cassar	tornar sem efeito
cela	quarto pequeno
sela	arreio
censo	recenseamento
senso	juízo
cerração	nevoeiro
serração	ato de serrar
cerrar	fechar
serrar	cortar
cervo	veado
servo	criado
chá	bebida
xá	soberano do irã
cheque	ordem de pagamento
xeque	lance no jogo de xadrez
cito	do verbo citar

sito	situado
concertar	ajustar,combinar
consertar	reparar, corrigir
concerto	sessão musical
conserto	reparo
coser	costurar
cozer	cozinhar
esperto	perspicaz
experto	perito
espiar	observar
expiar	pagar pena
espirar	soprar, exalar
expirar	terminar
estrato	camada
extrato	o que se extrai de
incerto	não certo
inserto	inserido
incipiente	principiante
insipiente	ignorante
laço	nó
lasso	frouxo
ruço	grisalho
russo	natural da Rússia
tacha	prego
taxa	imposto, tributo

2.23. Casos especiais

2.23.1. Abaixo / a baixo

Abaixo: Interjeição

Ex.: Abaixo o presidente!

Advérbio (embaixo, em categoria inferior, depois)

Ex.: Abaixo de Deus, as mães.

A baixo: contrário a “de alto”

Ex.: Rasgou os lençóis de alto a baixo.

2.23.2. Acerca de/ cerca de/ a cerca de/ há cerca de

Acerca de: a respeito de.

Ex.: Falamos acerca do filme.

Cerca de: durante, aproximadamente.
Ex.: Falamos cerca de dez minutos.

A cerca de: ideia de distância.
Ex.: Fiquei a cerca de 15 metros da porta.

Há cerca de: existe aproximadamente, aproximadamente no passado.
Ex.: Há cerca de cem pessoas no estádio.

2.23.3. Acima / a cima

Acima: anterior, em grau de categoria superior.
Ex.: De dezoito anos acima.

Em graduação superior.
Ex.: Muito acima do general.

De preferência, em lugar superior, em cima.
Ex.: Buscamos, acima de tudo, a paz.

De cima (interjeição).
Ex.: Acima coração!

A cima: contrário a "de baixo".
Ex.: Costurou a saia de baixo a cima.

2.23.4. Afim / a fim de

Afim: semelhança, parentesco, afinidade.
Ex.: São duas mães afins.

A fim de: com o propósito de, com o objetivo de, com a finalidade de.
Ex.: Estudou a fim de passar no concurso.

2.23.5. Afora / a fora

Afora: o mesmo que "fora", à exceção de, exceto.
Ex.: Todos farão o concurso, afora eles.

A fora: com a ideia de "para fora".
Ex.: Pela rua a fora.

2.23.6. Ao encontro de / de encontro a

Ao encontro de: a favor de, encontrar-se, concordar.
Ex.: Nós não discutimos, visto que minhas ideias foram ao encontro das dele.

De encontro a: Meu carro foi de encontro a um poste.

2.23.7. Aparte / à parte

Aparte: verbo = separar.
Ex.: Não aparte as provas.

substantivo: interrupção.
Ex.: O padre recebeu um aparte.

À parte: locução adverbial = de lado.
Ex.: O resultado será mostrado à parte.

2.23.8. Apedido ou a-pedido / a pedido

Apedido ou a-pedido: substantivo = publicação especial em jornal.
Ex.: Lemos no jornal o apedido do condomínio.

A pedido: locução adverbial = solicitação.
Ex.: Viemos aqui a pedido do diretor.

2.23.9. Bem-posto / bem posto

Bem-posto: elegante.
Ex.: O noivo estava extremamente bem-posto.

Bem posto: posto corretamente.
Ex.: O livro está bem posto na estante.

2.23.10. Conquanto / com quanto

Conquanto: embora; mesmo que.
Ex.: Conquanto João estivesse cansado, ainda saiu de casa.

Com quanto: com que quantitativo.
Ex.: Com quanto dinheiro eles saíram de casa?

2.23.11. Contudo / com tudo

Contudo: entretanto, porém.
Ex.: Maria estava cansada, contudo foi ao teatro.

Com tudo: preposição + pronome = total.
Ex.: Ela saiu de casa com tudo.

2.23.12. Dantes / de antes

Dantes: advérbio = antigamente.
Ex.: Dantes se comia melhor.

De antes: preposição + advérbio = em tempo anterior.
Ex.: Os problemas já vêm de antes de você chegar.

2.23.13. Debaixo / de baixo

Debaixo: em situação inferior.
Ex.: Tomara que não caia quando alguém estiver debaixo.

Na dependência, em decadência.
Ex.: Ficamos debaixo e tivemos que nos render.

Sob:
Ex.: Jaz agora debaixo da terra.

No tempo de; por ocasião de.
Ex.: O sucesso dessas músicas caiu debaixo desse cantor.

Em situação inferior a.
Ex.: Escondam-se debaixo da escada.

De baixo: a parte inferior.
Ex.: Comprei roupa de baixo.

Contrário a "a cima".
Ex.: Examinamos de baixo a cima.

2.23.14. Demais / de mais

Demais: pronome indefinido = outros.
Ex.: Chame os demais candidatos.

Advérbio de intensidade = excessivamente.
Ex.: A mulher fala demais.

Palavra continuativa = além disso.
Ex.: Demais quem trabalha aqui é ela.

De mais: locução adjetiva = muito.
Ex.: Comi doce de mais.

2.23.15. Desapercebido / despercebido

Desapercebido: desavisado.
Ex.: Eu fui ao local errado por estar desapercebido.

Despercebido: sem ser notado, sem perceber a presença.
Ex.: Passei despercebido pela frente do prédio.

2.23.16. Detrás / de trás

Detrás: pela retaguarda.
Ex.: Um atleta não pode cometer uma falta por detrás.

De trás: atrás.

Ex.: Esse som vem lá de trás.

2.23.17. Devagar / de vagar

Devagar: lentamente; sem pressa.
Ex.: Devagar se vai ao longe.

De vagar: de descanso.
Ex.: Escrevo nos momentos de vagar.

2.23.18. Dia-a-dia / dia a dia

Dia-a-dia: substantivo.
Ex.: O dia-a-dia de um casal pode criar problemas.

Dia a dia: locução adverbial = dia por dia.
Ex.: Estudamos dia a dia.

2.23.19. Em vez de / ao invés de

Em vez de: em lugar de.
Ex.: Em vez de fazer Direito, fez Letras.

Ao invés de: ao contrário de.
Ex.: Ao invés de descansar, pôs-se a trabalhar a madrugada inteira.

2.23.20. Enfim / em fim

Enfim: afinal, finalmente.
Ex.: Enfim todos chegaram.

Em fim: no fim.
Ex.: Eles estão em fim de carreira.

2.23.21. Enquanto / em quanto

Enquanto: conjunção = ao mesmo tempo que, em concomitância com.
Ex.: "Enquanto jantava, falei em voz baixa a Casimiro Lopes. (Graciliano Ramos)

Em quanto: preposição + pronome = qual, por quanto.
Ex.: Em quanto tempo se faz a viagem de Rio a São Pedro?

2.23.22. Malgrado / mau grado

Malgrado: embora, ainda que (se não estiver seguido de preposição).
Ex.: Malgrado João quase não tenha estudado, fez excelente teste.

Mau grado: contra a vontade.
Ex.: Paulo cuida do filho de mau grado.

Apesar de (se estiver seguido de preposição).
Ex.: Mau grado ao tempo, sairei.

2.23.23. Nenhum / nem um

Nenhum: ninguém, nada.
Ex.: Nenhum tem razão naquele discurso.

Nem um: um só que fosse.
Ex.: Não bebemos nem uma cerveja.

2.23.24. Porventura / por ventura

Porventura: por acaso.
Ex.: Se porventura não chover, irei à praia.

Por ventura: por sorte.
Ex.: Como não estudei, só passarei por ventura.

2.23.25. Porquanto / por quanto

Porquanto: conjunção = visto que.
Ex.: Apresso-me, porquanto o tempo voa.

Por quanto: designa quantidade, preço.
Ex.: Por quanto venderam o carro?

2.23.26. Portanto / por tanto

Portanto: então, logo.
Ex.: Eles se preparam à beça para o concurso, portanto passarão.

Por tanto: por muita quantidade.
Ex.: "Por tanto amor, por tanta emoção, a vida me fez assim." (Milton Nascimento)

2.23.27. Sem-cerimônia / sem cerimônia

Sem-cerimônia: descortesia.
Ex.: A sem-cerimônia fez com que todos se retirassem.

Sem cerimônia: à vontade.
Ex.: Beba sua cervejinha sem cerimônias.

2.23.28. Sem-fim / sem fim

Sem-fim: número ou quantidade indeterminada.
Ex.: Foi um sem-fim de livros e alunos.

Sem fim: sem término.

Ex.: É uma curva sem fim.

2.23.29. Sem-número / sem número

Sem-número: grande quantidade.
Ex.: Há um sem-número de recados para você.

Sem número: ausência de numeração.
Ex.: A turma ainda está sem número.

2.23.30. Se não / senão

BIZU

Se a palavra "não" puder ser extraída da frase, alterando o seu sentido, porém não gerando erro, o termo "se não" é separado.
Ex.: Se não chover, iremos à praia.

– Observe que o advérbio "não" pode ser extraído, que o período continua correto gramaticalmente.
Ex.: Se chover, iremos à praia.

Por outro lado, se o termo "não" não puder ser suprimido, "senão" é junto.
Ex.: É bom você estudar, senão será reprovado.

– Observe que o termo "não" não pode ser suprimido, pois a frase ficará sem sentido:
Ex.: É bom você estudar, se será reprovado.

2.23.31. Sobretudo / sobre tudo

Sobretudo: especialmente, principalmente.
Ex.: Deves estudar todas as matérias, sobretudo conjunções.

Casacão, capa:
Ex.: O meu sobretudo está molhado.

Sobre tudo: a respeito de tudo, acerca de tudo.
Ex.: Eles conversaram sobre tudo.

2.23.32. Tampouco / tão pouco

Tampouco: também não, nem.
Ex.: Eles não bebem tampouco fumam.

Tão pouco: muito pouco.
Ex.: Ele comeu tão pouco, que logo sentirá fome.

2.24. Formas variantes

cociente	quociente
cotidiano	quotidiano
líquido	líquido
secção	seção
intato	intacto
esperdício	desperdício
antiguidade	antiguidade
sanguíneo	sanguíneo
liquidação	liquidação
líquido	líquido

2.25. Exercícios

Do exercício 1 ao 20, marque a opção em que aparece uma palavra escrita erradamente.

1. a) acensorista			2. a) paisinho
b) decente			b) paisezinhos
c) descente			c) paizinho
d) docente			d) paizinhos
e) discente			e) florzinhas
3. a) espectativa			4. a) aneizinhos
b) esterco			b) anãozinhos
c) espectador			c) coraçõezinhos
d) estender			d) projeteizinhos
e) extenso			e) projetinhos
5. a) êxito			6. a) pagé
b) exílio			b) ojeriza
c) exímio			c) jirau
d) exitar			d) berinjela
e) esotérico			e) tigela
7. a) esôfago			8. a) cafajeste

b) azar			b) jenipapo
c) vazar			c) anginho
d) extravazar			d) angelical
e) avisar			e) gergelim
9. a) embriaguez			10. a) gengibre
b) burguez			b) jeito
c) pedrês			c) sargeta
d) cortês			d) encorajei
e) montanhês			e) monge
11. a) realeza			12. a) majestade
b) beleza			b) jesto
c) pequineza			c) gorjeta
d) marquesa			d) jiló
e) princesa			e) laje
13. a) realizar			14. a) chícara
b) bisar			b) chuchu
c) catequisar			c) enchova
d) poetizar			d) enxoval
e) poetisa			e) xampu
15. a) pesquisar			16. a) lampião
b) paralizar			b) poleiro
c) visar			c) tábua
d) simbolizar			d) goela
e) analisar			e) boeiro
17. a) ascensão			18. a) disenteria
b) excessão			b) degladiar
c) descensão			c) dilapidar
d) contenção			d) empecilho
e) admissão			e) privilégio

19. a) cessação			20. a) manteigueira
b) sensação			b) bandeija
c) cessão			c) cabeleireiro
d) ressucitar			d) rédea
e) ressurreição			e) uísque

21. (Petrobrás – Administrador – Cesgranrio) Um professor de gramática tradicional, ao corrigir uma redação, leu o trecho a seguir e percebeu algumas inadequações gramaticais em sua estrutura.
Os grevistas sabiam o porque da greve, mas não entendiam porque havia tanta repressão. O professor corrigirá essas inadequações, produzindo o seguinte texto:
a) Os grevistas sabiam o por quê da greve, mas não entendiam porque havia tanta repressão.
b) Os grevistas sabiam o porque da greve, mas não entendiam porquê havia tanta repressão.
c) Os grevistas sabiam o porquê da greve, mas não entendiam por que havia tanta repressão.
d) Os grevistas sabiam o por que da greve, mas não entendiam porque havia tanta repressão.
e) Os grevistas sabiam o porquê da greve, mas não entendiam porquê havia tanta repressão.

22. (Uni-Rio) Assinale o item em que uma das palavras não é variante da outra, como as demais:
a) exceção – excessão
b) cousa – coisa
c) secção – seção
d) catorze – quatorze
e) quotidiano – cotidiano

23. (Transpreto – Administrador – Cesgranrio) O elemento em destaque está grafado de acordo com a norma-padrão em:
a) O marciano desintegrou-se **por que** era necessário.
b) O marciano desintegrou-se **porquê**?
c) Não se sabe **por que** o marciano se desintegrou.
d) O marciano desintegrou-se, e não se sabe o **porque**.
e) **Por quê** o marciano se desintegrou?

24. (Transpetro – Administrador – Cesgranrio) Ao escrever frases, que deveriam estar de acordo com a norma-padrão, um funcionário se equivocou constantemente na

ortografia. Ele só NÃO se enganou em:
a) O homem foi acusado de estuprar várias vítimas.
b) A belesa da duquesa era realmente de se admirar.
c) Porque o sapato deslisou na lama, a mulher foi ao chão.
d) Sem exitar, as crianças correram para os brinquedos do parque.
e) Sem maiores pretenções, o time venceu o jogo e se classificou para a final.

25. (Técnico Judiciário – TRF – 1ª Região – FCC) As palavras estão corretamente grafadas na seguinte frase:
a) Que eles viajem sempre é muito bom, mas não é boa a ansiedade com que enfrentam o excesso de passageiros nos aeroportos.
b) Comete muitos deslises, talvez por sua espontaneidade, mas nada que ponha em cheque sua reputação de pessoa cortês.
c) Ele era rabugento e tinha ojeriza ao hábito do sócio de descançar após o almoço sob a frondoza árvore do pátio.
d) Não sei se isso influe, mas a persistência dessa mágoa pode estar sendo o grande impecilho na superação dessa sua crise.
e) O diretor exitou ao aprovar a retenção dessa alta quantia, mas não quiz ser taxado de conivente na concessão de privilégios ilegítimos.

26. (PUC) Assinale o grupo de palavras que completa corretamente as frases abaixo.
Aquela tinha por objetivo descobrir a melhor maneira de o processo de vacinação no país.
Não sei você vai e, portanto, não saberei o encontrar.
a) pesquiza – modernizar – aonde – onde
b) pesquisa – modernizar – aonde – onde
c) pesquisa – modernisar – aonde – aonde
d) pesquiza – modernizar – onde – aonde
e) pesquisa – modernizar – onde – onde

27. Em consonância com o novo acordo ortográfico, que vocábulo a seguir perdeu o hífen?
a) anti-higiênico;
b) ex-almirante;
c) auto-sugestão
d) sub-reino
e) semicírculo

28. Em consonância com o novo acordo ortográfico, que vocábulo passou a ter hífen?
a) antiinflacionário
b) antiético
c) supracitado
d) sobreloja

e) hipermercado

29. (Técnico Judiciário – TRF-1ª Região – FCC) A palavra destacada está empregada corretamente em:
a) Ele é o guardião dos reptis que estão sendo estudados.
b) Com esse cálculo financeiro, o banco aleja os clientes.
c) Se eu me abster, haverá empate na votação.
d) Os guarda-noturnos serão postos na formalidade.
e) Essa máquina mói todos os detritos.

30. Analista Legislativo Senado Federal – FGV – A palavra *megadiversidade* foi grafada corretamente no texto. Assinale a alternativa em que, compondo-se palavra com o elemento *mega*-, obedeceu-se às regras de ortografia.
a) mega-homenagem
b) megaipótese
c) mega sucesso
d) megaritual
e) mega-evento

31. (TRE-MG) "A das atividades industriais provocou frequentes entre os operários. A solução foi a do governo nas negociações".
a) paralisação – discussões – intercessão
b) paralisação – discursões – intersessão
c) paralisação – discussões – interseção
d) paralização – discursões – intercessão
e) paralização – discussões – interseção

32. (TRE-MG) A palavra nos parênteses não preenche adequadamente a lacuna do enunciado em:
a) O crime foi bárbaro. Somente após a do assunto é que foi possível prendê-lo. (descrição)
b) Só seria possível o acusado, se conseguíssemos mais provas que o inocentassem. (descriminar)
c) As negociações só vão os resultados esperados, caso todos compareçam. (sortir)
d) O corpo estava , apenas a cabeça estava fora da água, que subia cada vez mais. (imerso)
e) Como a mercadoria estava muito pesada, o recurso foi o cofre ali mesmo, na escada. (arriar)

33. (TRE-RJ) A alternativa em que a segunda palavra se escreve com a mesma letra ou dígrafo sublinhado na primeira é:
a) "ten<u>s</u>ão" / absten ão
b) "e<u>x</u>terior " / e tender

c) “sucessiva” / exce ão
d) “florescimento” / su inta
e) “empiricismo” / mpecilho

34. (TRE-RJ) “Comprida” tem significado distinto de seu parônimo “cumprida”. Das sentenças abaixo, aquela em que houve troca na escolha dos parônimos entre parênteses é:
a) O acúmulo de vultosas quantias era sinal de bênção divina. (vultosas / vultuosas)
b) Muda-se a ética antes que se consuma a generalização do pecado. (consuma / consume)
c) A expressão “dar um jeito” traz sempre subentendida a intenção de burlar a lei. (subentendida / subtendida)
d) O descumprimento da lei dificilmente passa despercebido na “Common Law” anglo-saxônica. (desapercebido / despercebido)
e) Antes de mais nada, faz-se necessário discriminar que leis favorecem a institucionalização do jeito. (descriminar / discriminar)

35. Qual vocábulo denuncia já estar sendo empregado o novo acordo ortográfico?
a) pan-americano
b) sub-base
c) subsolo
d) arqui-inimigo
e) extra-orçamentário

36. (Técnico Judiciário – TRE-PE – FCC) O par grifado que constitui exemplo de parônimos está em:
a) No espaço de uma noite, o rio havia transbordado e inundado o quintal da casa.
Pela manhã, foi possível constatar a força destrutiva das águas.
b) O rio se convertera em um caudaloso fluxo de águas sujas.
O menino se assustou com a violência barrenta das águas.
c) Famílias eminentes podiam ir para o campo, fugindo do bulício da cidade.
Eram iminentes os riscos causados pela inundação das águas barrentas do rio.
d) Era urgente a necessidade de obras para a contenção do rio.
Havia heroísmo na concentração dos homens que lutavam contra a corrente.
e) No pomar atrás da casa havia frutas, entre elas, mangas e cajus.
Em mangas de camisa, homens tentavam salvar o que as águas levavam.

37. (TRE-RO) extin...ão; conce...ão; suspen...ão; ob...ecar; can...ado. Para completar corretamente as palavras acima usam-se, respectivamente:
a) c – ç – s – sc – s
b) ç – ss – s – c – s
c) s – ss – s – sc – s
d) s – c – s – sc – ç

e) s – c – ç – s – ç

38. (TFC) Indique a alternativa em que não há erro de grafia.
a) Porque chegou atrazado perdeu grande parte do explêndido espetáculo.
b) Pediu-lhe que ascendesse a luz, pois a claridade não era impecilho a seu repouso.
c) Ele não é uma exceção, também é muito ambicioso.
d) Quizera eu que todas as espécies animais estivessem livres de extinção.
e) Não poderia advinhar que sua música viesse a ter tanto hêsito.

39. (TFC) Indique o segmento totalmente correto quanto à grafia.
a) Há intensão de se alcançar um consenso para evitar as divergências entre os parlamentares.
b) É preciso cessarem as disensões para se obter a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases na Educação.
c) Um aquário pode ser tido como um ecossistema, no qual os escrementos dos peixes, depois de decompostos, fornecerão elementos essenciais à vida das plantas.
d) O Sol é o responsável pela emissão de luz, indispensável para a fotossíntese, processo pelo qual as plantas produzem o alimento orgânico primário, assim como praticamente todo o oxigênio na atmosfera.
e) Pesquizas recentes têm atribuído a choques meteóricos a súbita extinção dos dinossauros da face da Terra.

40. (Inspetor da PC-RJ – FGV) Em inospitaleiras (L.82), ao se juntar o prefixo à palavra hospitaleiras, houve perda da letra h.
Assinale a alternativa em que a junção dos dois elementos se deu de forma incorreta, provocando erroneamente a perda da letra h.
a) subumano
b) megaomenagem
c) socioistórico
d) multiabilidoso
e) panispânico

41. (Esaf) Considerando a diversidade de grafia da forma PORQUE, pode-se afirmar que está incorreta a frase:
a) Assino esta revista especializada há muitos anos, mas este mês ela chamou minha atenção de modo especial, e vocês vão logo entender por quê.
b) A decisão final sobre os reajustes das prestações do SFH sairá ainda este mês. Persistem algumas dúvidas porque a indexação voltou só para a parcela do salário até três mínimos.
c) Conforme informação da Caixa Econômica Federal, os mutuários desejam saber porque aqueles que têm data-base em setembro e repasse em sessenta dias terão, em novembro, correção mais elevada.
d) Muitos desconhecem também os motivos por que se aplicarão a todos os mutuários

com contratos de equivalência salarial plena as antecipações bimestrais e quadrimestrais pelo INPC.
e) Por que se aplica o índice da poupança de setembro/90 a agosto/91 mais 3% de ganho real, descontando-se as antecipações?

42. (FCMPA-MG) Assinale o item em que a palavra destacada está incorretamente aplicada.
a) Trouxeram-me um ramalhete de flores fragrantes.
b) A justiça infligiu a pena merecida aos desordeiros.
c) Promoveram uma festa beneficiente para a creche.
d) Devemos ser fiéis ao cumprimento do dever.
e) A cessão de terras compete ao Estado.

43. (Técnico Judiciário – 14ª R – FCC) Das frases abaixo só NÃO há erros de ortografia em:
a) Carbohidratos ricos em fibras são importantes aliados para manter estável o nivel de energia do organismo.
b) Sabe-se que uma substancia encontrada no guaraná pode estimular a função cerebral e auxiliar na concentrasão.
c) Consumir alimentos ricos em vitaminas e minerais pode ajudar a reduzir os efeitos negativos do estresse.
d) O consumo de proteínas e gorduras em exceço pode ser nossivo para o processo digestivo.
e) Manter o organismo mau hidratado pode prejudicar a eliminação de toxínas e provocar sérios problemas de saúde.

44. (TRT) você brinca? ? Ora, me agrada. A experiência passei, foi desagradável. Depois você saberá o .
a) Porque – porquê – porque – porque – por que
b) Por que – porquê – porque – porque – porque
c) Por que – porquê – porque – porque – por quê
d) Porque – porque – por quê – porque – por que
e) Por que – por quê – porque – por que – porquê

45. (Esaf) Marque a alternativa cujas palavras preenchem corretamente as respectivas lacunas, na frase seguinte: "Necessitando o número do cartão do PIS, a data de meu nascimento."
a) ratificar – proscrevi
b) prescrever – discriminei
c) descriminar – retifiquei
d) proscrever – prescrevi
e) retificar – ratifiquei

46. (Unisinos) A frase onde os homônimos e/ou parônimos em destaque estão com significação invertida é:
a) Era iminente a queda do eminente deputado.
b) A justiça infringe uma pena a quem inflige a lei.
c) Vultosa quantia foi gasta para curar sua vultuosa face.
d) O mandado de segurança impediu a cassação do mandato.
e) O nosso censo depende exclusivamente do senso de responsabilidade do IBGE.

47. (Mack) Na oração "Em sua vida, nunca teve muito , apresentava-se sempre no de tarefas " as palavras adequadas para preenchimento das lacunas são:
a) censo – lasso – cumprimento – eminentes
b) senso – lasso – cumprimento – iminentes
c) senso – laço – comprimento – iminentes
d) senso – laço – cumprimento – eminentes
e) censo – lasso – comprimento – iminentes

48. (TFC) Indique a letra na qual as palavras complementam, corretamente, os espaços das frases abaixo.
1. Quem possui deficiência auditiva não consegue os sons com nitidez.
2. Hoje são muitos os governos que passaram a combater o de entorpecentes com rigor.
3. O diretor do presídio pesado castigo aos prisioneiros revoltosos.
a) discriminar – tráfico – infligiu
b) discriminar – tráfico – infringiu
c) descriminar – tráfego – infringiu
d) descriminar – tráfego – infligiu
e) descriminar – tráfico – infringiu

49. (Fuvest) No último da orquestra sinfônica, houve entre os convidados, apesar de ser uma festa .
a) conserto – flagrantes descriminações – beneficente
b) concerto – fragrantes discriminações – beneficiente
c) conserto – flagrantes descriminações – beneficiente
d) concerto – fragrantes discriminações – beneficente
e) concerto – flagrantes discriminações – beneficente

50. (TRE-RJ) A grafia da palavra sublinhada está incorreta em:
a) O deputado defendeu a <u>descriminação</u> da maconha.
b) Sua <u>ascensão</u> à presidência da firma surpreendeu a todos.
c) Todos o julgavam, com razão, demasiadamente <u>pretensioso</u>.
d) Os deputados não queriam acabar com os próprios <u>previlégios</u>.
e) A disputa entre os <u>cônjuges</u> só poderia ser resolvida nos tribunais.

51. (TRE-MG) "Por diversas vezes em prosseguir as investigações. Só conseguiu

a situação com a colaboração de seus assessores". As lacunas do período dado ficam corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) hesitou – amenizar
b) hesitou – amenisar
c) hezitou – amenizar
d) exitou – amenizar
e) exitou – amenisar

52. (TRE-MG) A palavra sublinhada está empregada inadequadamente em:
a) Os moradores sempre o consideraram, pelas suas atitudes, um homem sério e descente.
b) Sempre foi muito místico, por isso não se cansavam de lhe chamar de ascético.
c) Comentava-se que o príncipe só poderia ascender ao trono após a maioridade.
d) Na última publicação do jornalista, a seção de esportes estava ótima.
e) Sabe apreciar uma pintura. Não há dúvida de que possui senso artístico.

53. (Técnico Judiciário – Tribunal Regional Eleitoral – NCE) Pesquisa é vocábulo grafado com S, como se pode ver no texto. O item em que há um vocábulo erradamente grafado com essa letra é.
a) paralisia / análise / atraso;
b) gasoso / baronesa / arrasar;
c) besouro / adeusinho / bis;
d) brasão / freguês / guloseima;
e) marquês / pesadelo / anõesinhos.

54. (Analista Judiciário – Tribunal Regional Eleitoral – NCE) Como se pode ver no texto, obscenamente é um vocábulo grafado com SC. O item abaixo em que um dos vocábulos está erroneamente grafado é:
a) ressuscitar / ascensão / piscina;
b) adolescente / discente / indescente;
c) convalescer / crescer / rescindir;
d) abscesso / florescente / transcender;
e) renascença / piscicultura / miscelânea.

55. (Analista Judiciário – Tribunal Regional do Trabalho) "... Cônscio de sua insignificância como indivíduo...". O item em que uma das palavras indicadas não deve ser escrita com SC é:
a) suscitar, ascender, ascessório;
b) rescindir, transcendência, renascer;
c) discente, descendência, enflorescer;
d) seiscentos, prescindir, acrescentar;
e) discernir, remanescer, fascismo.

56. (Técnico Judiciário – TJ – NCE) "A Carta proíbe a discriminação entre o homem e a mulher...". O vocábulo sublinhado era denominado parônimo (de descriminação). O item abaixo em que houve erro porque houve troca entre parônimos é:

a) Os assertos do discurso presidencial necessitam de confirmação.
b) As conjeturas do economista português foram importantes para nossa reflexão.
c) O ministro pretendia proscrever, para o presidente, uma certa cautela nos discursos.
d) Na iminente situação de perigo, o ministro preferiu adotar uma solução mais drástica.
e) O corrupto pretendia rapar todas as contribuições da campanha eleitoral.

57. (NCE) "E, em vez das simples anotações que seriam preciosas como documento...". A frase abaixo em que em lugar de em vez de seria mais adequado dizer ao invés de é:

a) Em vez de ler, preferiu dormir.
b) Em vez de churrasco, quis feijoada.
c) Em vez de sair, entrou.
d) Em vez de um caderno, encontrou um livro.
e) Em vez de anotações, encontrou um diário completo.

58. (Inspetor da Polícia Civil-RJ/FGV) "Mas porque na verdade não me queres mais" (verso 35). No verso acima, utilizou-se a forma correta *porque*. Assinale a alternativa em que não se tenha utilizado corretamente uma das quatro formas do porquê.

a) É necessário avaliar por quê, ontem, fomos derrotados.
b) Depois de entender por quê, prosseguiu.
c) Não sei por quê nem como.
d) Não entendemos as privações por que passamos.
e) Deve haver um porquê para nossa derrota.

Capítulo 3

Regras de Acentuação

3.1. Monossílabos tônicos

Os monossílabos tônicos terminados em A(S), E(S), O(S) são acentuados.

Ex.: pá, pé, pó, sós.

Obs.: Monossílabos terminados em outras letras não receberão acento, exceto "têm", "vêm" e "pôr".

3.2. Oxítonas

As palavras oxítonas terminadas em A(S), E(S), O(S), EM, ENS são acentuadas.

Ex.: sofá, rapé, cipó, avô, vocês, também, parabéns.

3.3. Paroxítonas

As palavras paroxítonas terminadas em I(S), L, R, X, PS, N, UM, UNS, US, Ã(S), DITONGO(S) são acentuadas.

BIZU

Para memorizar esta regra: UM ROUXINOL FOI AO (ditongo) INAM (ã)PS. Nesta frase, estão contidas todas as terminações dos paroxítonos acentuados.

Ex.: táxi, biquíni, biquínis, júri, júris, móvel, inflamável, revólver, fêmur, tórax, fênix, bíceps, fórceps, hífen, pólen, abdômen, álbum, fórum, álbuns, bônus, ânus, ímã, órfã, órfãs, móveis, inflamáveis...

Obs.: Atenção para o fato de "hífen" possuir acento, mas "item" não. O primeiro é paroxítono terminado em ***N***, o segundo é paroxítono terminado em ***M***. Hifens, polens e abdomens não levam acento, pois não há regra dizendo que paroxítono terminado em ***ENS*** leva acento. No entanto, estas palavras possuem outra forma de plural, com ***ES:*** pólenes, hífenes e abdômenes. Esta

forma alternativa de plural se acentua, pois os vocábulos tornam-se proparoxítonos (observe a regra a seguir).

3.4. Proparoxítonas

Todas as palavras proparoxítonas são acentuadas.

Ex.: Matemática, tóxico, cantaríamos, buscávamos.

Obs.: As palavras paroxítonas terminadas em ditongos crescentes podem ser consideradas também proparoxítonas, e os ditongos crescentes também podem ser interpretados como hiatos.

Ex.: armário, tênue, séries, glória, rádio, oxigênio, sódio, óleo, paciência.

Portanto, estas palavras podem tanto fazer parte da regra das palavras paroxítonas como das proparoxítonas.

Obs.: Era comum, em antigas épocas, a indicação de que alibi, deficit e habitat não seriam acentuados em função do latinismo. Hoje, os dicionários já registram esses vocábulos com acento. Ultimamente, tal questionamento não se tem feito presente nos concursos.

3.5. Ditongos abertos ÉI(S), ÉU(S), ÓI(S)

Serão acentuados os ditongos abertos e tônicos ÉI(S), ÉU(S) e ÓI(S), quando se localizarem na última sílaba ou for a única sílaba.

Ex.: céu, réis, anéis, herói

Obs.: De acordo com a nova ortografia, boia, heroica, geleia etc. perderam o acento, pois o ditongo não ocorre na última sílaba.

3.6. "I" e "U", quando isolados numa sílaba

Acentuam-se "i" e "u", quando isolados numa sílaba, que não a primeira, sendo, no máximo, seguidos de "S".

Ex.: saída, baú, saúva, país, paúra, raízes

Obs.: Se, depois da vogal "i", ocorrer o dígrafo "NH", não haverá acento.

Ex.: rainha, moinho, tainha, sainha

Obs.: De acordo com a nova ortografia, perdeu o acento o I e o U se precedidos de ditongo.

Ex.: feiura, pauis, boiuna

3.7. "OO" ou "EE"

Pelo novo acordo ortográfico, não mais se acentuam os vocábulos que

apresentem "OO" ou "EE".
Ex.: voo, enjoo, coo, moo, veem, leem, creem, deem.

3.8. Acento diferencial

3.8.1. Intensidade

pôr (verbo) – por (preposição)

3.8.2. Timbre

pôde (verbo no pretérito perfeito) – pode (verbo no presente)

3.8.3. Número / pessoa

Obs.: Haverá nos verbos "ter" e "vir" acento diferencial nos seguintes casos:
ele tem – eles têm
ele vem – eles vêm

Quando um verbo se derivar de "ter" e "vir", a terceira pessoa do singular somente se distinguirá da terceira pessoa do plural no Presente do Indicativo através do acento. Aquela terá acento agudo e esta terá acento circunflexo.
ele contém – eles contêm
ele convém – eles convêm

Obs.: Perderam o acento diferencial de intensidade os seguintes vocábulos
para (verbo) – pera (fruta) – polo (substantivo) – pelo (substantivo) – pelo (verbo) – coa (verbo)

3.9. Trema

Pelo novo acordo ortográfico, não mais se emprega o trema.
Ex.: eloquente, tranquilo, aguentar, linguiça.

3.10. Exercícios

Do exercício 1 ao 8, marque a opção em que a ortografia correta do vocábulo é sem acento.

1. a) biquini			2. a) raizes
b) bau			b) biceps
c) urubu			c) rainha
d) sauva			d) poluido
e) balaustre			e) analitico

3. a) polens			4. a) hifen
b) polen			b) hifenes
c) abdomen			c) item
d) polenes			d) album
e) abdomenes			e) albuns
5. a) climax			6. a) revel
b) xerox			b) consul
c) latex			c) estencil
d) cortex			d) dificil
e) ônix			e) têxtil
7. a) faceis			8. a) rubrica
b) jogueis			b) ve
c) estencis			c) ves
d) repteis			d) o porque
e) texteis			e) fenix

9. Na frase "Ele mantem, ou melhor, eles mantem a esperança de pegar este onibus e sair deste pais para so voltar quando a violencia estiver totalmente erradicada e as aguas despoluidas", temos:
a) 4 acentos agudos e 3 circunflexos
b) 4 acentos agudos e 4 circunflexos
c) 5 acentos agudos e 2 circunflexos
d) 4 acentos agudos e 3 circunflexos
e) 5 acentos agudos e 3 circunflexos

10. (Uni-Rio) Assinale a única palavra corretamente acentuada na lista abaixo:
a) gratuíto
b) nóvel
c) décano
d) récem
e) ínterim

11. (Uni-Rio) A palavra que é acentuada de acordo com a mesma regra observada em PARVOÍCE é:
a) constituíram

b) lunático
c) estréia
d) consórcio
e) troféus

12. (UFF) Assinale a opção em que se justifique erroneamente o emprego do acento gráfico.
a) Pôde – acento diferencial para distinguir a forma do pretérito perfeito do presente do indicativo.
b) Ninguém – palavra oxítona terminada em em.
c) Idéia – palavra paroxítona terminada em ditongo oral.
d) Massapê – palavra oxítona terminada em e.
e) Só – monossílabo tônico terminado em o.

13. (Cesgranrio) Assinale a opção em que se erra quanto à explicação do uso do acento gráfico nas palavras destacadas:
a) Porém – também – os vocábulos terminados em – recebem acento agudo, que os marca como oxítonos.
b) Chapéu – idéia – o acento recai sobre a primeira vogal do hiato para indicar a sílaba tônica.
c) Três – chá – só – os monossílabos tônicos terminados em A, E, O são acentuados. Leva-se em conta nesta regra a tonicidade dos monossílabos na frase.
d) Título – hábitos – acentuam-se em português as palavras proparoxítonas.
e) Renânia – dicionário – as palavras paroxítonas terminadas em ditongo oral são acentuadas.

14. (Técnico Judiciário – TRE-SP – FCC) É preciso corrigir deslizes relativos à ortografia oficial e à acentuação gráfica da frase:
a) As obras modernistas não se distinguem apenas pela temática inovadora, mas igualmente pela apreensão do ritmo alucinante da existência moderna.
b) Ainda que celebrassem as máquinas e os aparelhos da civilização moderna, a ficção e a poesia modernista também valorizavam as coisas mais quotidianas e prosaicas.
c) Longe de ser uma excessão, a pintura modernista foi responsável, antes mesmo da literatura, por intensas polêmicas entre artistas e críticos concervadores.
d) No que se refere à poesia modernista, nada parece caracterizar melhor essa extraordinária produção poética do que a opção quase incondicional pelo verso livre.
e) O escândalo não era apenas uma consequência da produção modernista: parecia mesmo um dos objetivos precípuos de artistas dispostos a surpreender e a chocar.

15. (TRT-RJ – CESPE-UnB) Com referência à ortografia oficial e às regras de acentuação de palavras, assinale a opção incorreta.
a) Os vocábulos lágrima e Gênesis seguem a mesma regra de acentuação.
b) As palavras oásis e lápis são acentuadas pelo mesmo motivo.

c) A grafia correta do verbo correspondente a ressurreição é ressucitar.
d) Apesar de a grafia correta do verbo poetizar exigir o emprego da letra "z", o feminino de poeta é grafado com s.
e) O vocábulo traz corresponde apenas a uma das formas do verbo trazer; a forma trás é empregada na indicação de lugar (equivale a parte posterior).

16. (Petrobrás – Técnico Ambiental – Cesgranrio)
O conjunto de palavras paroxítonas que deve receber acentuação é o seguinte:
a) amavel – docil – fossil
b) ideia – heroi – jiboia
c) onix – xerox – tambem
d) levedo – outrem – sinonimo
e) acrobata – alea – recém

17. Auxiliar Portuário – FGV – Assinale a palavra que NÃO tenha sido acentuada pela mesma regra que as demais:
a) sensíveis
b) países
c) consequência
d) comércio
e) seminário

18. (Eletronorte – NCE) Duas palavras que são acentuadas em função da mesma regra são:
a) sanduíche / rápido
b) água / família
c) pátria / saída
d) você / três
e) cafeína / café

19. (NCE) A forma verbal "há" leva acento ortográfico porque:
a) é um monossílabo átono;
b) é forma verbal;
c) é palavra sem valor semântico;
d) é monossílabo tônico terminado em "a";
e) a vogal "a" tem timbre aberto.

20. (CM-Redator / Revisor) Todas as palavras estão acentuadas de acordo com as normas do sistema ortográfico vigente em:
a) ínterim – rúbrica – item
b) arguíste – guarani – fluido
c) delinquência – ambíguo – quinquenal
d) constituía – gratuíto – iníquo

e) prototipo – ímã – raízes

21. (CM – 1º Grau) Apesar de todas as palavras abaixo rimarem com chinês, a opção em que há erro ortográfico, porque uma das palavras é grafada com sufixo distinto dos demais é:
a) burguês – japonês
b) marquês – embriaguês
c) dinamarquês – pequinês
d) pedrês – português
e) holandês – escocês

22. (CM – 1º Grau) Os acentos das palavras subúrbio e revólver explicam-se, respectivamente, porque se têm de acentuar os:
a) paroxítonos terminados em ditongo e os terminados em "r";
b) paroxítonos terminados em ditongo oral e os terminados em "r";
c) proparoxítonos terminados em ditongo oral e os paroxítonos terminados em "r";
d) proparoxítonos terminados em ditongo e os paroxítonos terminados em "r";
e) paroxítonos terminados em ditongo oral e os oxítonos terminados em "r".

23. (AFA) Observe a acentuação destas palavras: além, artística, botânica, cadavérica, é, está, fácil, gênio, há, imutável, já, Luís, ponderável, só, também, vocabulário.
Assinale a opção em que a acentuação de cada palavra se explica por uma regra específica, distinta das regras das demais palavras da alternativa:
a) Há – já – é – só
b) Botânica – além – fácil – Luís
c) Imutável – está – cadavérica – artística
d) Também – gênio – ponderável – vocabulário

24. (NCE) A alternativa em que as duas palavras destacadas recebem acento gráfico pela mesma razão é:
a) público – órgãos
b) também – vêem
c) é – à
d) polêmicas – difícil
e) língua – controvérsias

25. (TJ) Em que item a seguir os vocábulos não têm sua acentuação gráfica justificada pela mesma regra?
a) silêncio – escritórios
b) próxima – trânsito
c) pôr – é
d) fácil – impossível
e) vários – pátio

26. (NCE) Que par de palavras abaixo não tem sua acentuação gráfica justificada com base na mesma regra?
a) súditos – fábrica
b) denúncia – consciência
c) está – já
d) útil – agradável
e) país – saúde

27. (UFRJ) O vocábulo "pôs" leva acento gráfico pelo mesmo motivo de uma das palavras a seguir. Qual?
a) pôr
b) está
c) três
d) compôs
e) têm

28. (NCE) Violência é palavra que recebe acento gráfico pela mesma razão de uma das palavras a seguir. Qual?
a) aí
b) é
c) válidos
d) idéia
e) vácuo

29. Que vocábulo, de acordo com as novas regras ortográficas, perdeu o acento?
a) saída
b) saúva
c) baú
d) bocaiúva
e) saí

30. (UFRJ-Magistério) O vocábulo abaixo que possui acento diferencial por razão distinta dos demais é:
a) pára
b) pôr
c) têm
d) pêra
e) pólo

31. Que vocábulo, de acordo com as novas regras ortográficas, não perdeu o acento.
a) pêlo (substantivo)
b) pélo (verbo)

c) pôr (verbo)
d) pára (verbo)
e) pólo (substantivo)

32. (Advogado – Senado Federal – FGV) Assinale a alternativa em que a palavra indicada tenha sido acentuada por regra distinta das demais.
a) instituídas
b) transparência
c) remuneratório
d) Judiciário
e) Ministério

33. (Técnico Legislativo – Senado Federal – FGV) Assinale a alternativa em que a palavra tenha sido acentuada seguindo a mesma regra que *saúde*.
a) indústria
b) licitatória
c) aí
d) até
e) têm

34. (Analista de Informática Legislativa – Senado Federal – FGV) A palavra *êxito* recebeu acento por se tratar de proparoxítona. Nas alternativas a seguir, em que todas as palavras estão propositalmente grafadas sem acento, uma naturalmente não receberia acento por não se tratar de proparoxítona. Assinale-a.
a) interim
b) rubrica
c) recondito
d) arquetipo
e) lugubre

35. (FNDE-FGV) Assinale a alternativa em que a palavra indicada tenha sido acentuada seguindo a mesma regra que *suíço*.
a) níveis
b) possuíam
c) família
d) cenário
e) diálogo

36. (Administrador – Docas – FGV) Assinale a palavra que tenha sido acentuada por regra DISTINTA das demais.
a) relógio
b) deficiências
c) distância

d) nível
e) níveis

37. (Administrador – Docas – BA – FGV) Assinale a palavra que foi acentuada seguindo a mesma regra que *três* (L.23).
a) prevê (L.32)
b) até (L.40)
c) além (L.34)
d) é (L.16)
e) país (L.17)

38. (Inspetor PC – RJ – FGV) Assinale a alternativa em que o termo tenha sido acentuado seguindo regra distinta dos demais.
a) difíceis (L.55)
b) próprio (L.3)
c) concluída (L.49)
d) consequências (L.37)
e) solidários (L.85)

39. (UEG) Indique o par em que o acento gráfico não tem a mesma função:
a) círculo – líquido
b) notícia – proprietário
c) pôr – pára
d) água – pára
e) difíceis – amáveis

40. (BNDES – Administração – Cesgranrio – adaptada) As palavras que se acentuam pela mesma regra de "prévia" e "até", respectivamente, são:
a) raízes e só
b) inútil e baú
c) infindáveis e você
d) menestréis e sofá
e) hífen e saída

41. (TRE-MT) Segue a mesma regra de acentuação de país a palavra:
a) saúde
b) aliás
c) táxi
d) grêmios
e) heróis

42. (TRE-ES) "Aí" é acentuada pelo mesmo motivo de:
a) aquí

b) dá
c) é
d) baú
e) porém

43. (NCE) A palavra <u>países</u> leva acento porque:
a) é proparoxítona
b) é paroxítona com hiato
c) o "i" é tônico como segunda vogal do hiato
d) apresenta ditongo aberto
e) é paroxítona terminada em "s"

44. (TRE-RJ) A alternativa que apresenta <u>erro</u> quanto à acentuação em um dos vocábulos é:
a) lápis – júri
b) bônus – hífen
c) ânsia – série
d) raízes – amável
e) Anhangabaú – bambú

45. (Analista Judiciário – TRT) No primeiro parágrafo do texto, há uma série de palavras acentuadas graficamente; se agruparmos essas palavras segundo a regra que justifica seus acentos, teríamos os seguintes grupos:
a) (1) é; (2) típico, século, jurídica, características; (3) possível; (4) ciência, própria, doutrinária;
b) (1) é; (2) típico, século, possível; (3) jurídica, características; (4) ciência, própria, doutrinária;
c) (1) é, século; (2) típica, jurídica, características, ciência, próprias, doutrinária; (3) possível;
d) (1) é, século, ciência; (2) típico, jurídico, características, possível; (3) próprias; (4) doutrinárias;
e) (1) é, possível.

46. Que alternativa apresenta vocábulos grafados em consonância com o novo acordo ortográfico.
a) polo, coa, vêem
b) idéias, réis, véu
c) herói, heróico, céu
d) pôr, tranquilo, sóis
e) dêem, enjôo, para

47. (TTN) Assinale o trecho que apresenta <u>erro</u> de acentuação gráfica.
a) Inequivocamente, estudos sociológicos mostram que, para ser eficaz, o chicote,

anátema da sociedade colonial, não precisava bater sobre as costas de todos os escravos.
b) A diferença de ótica entre os díspares movimentos que reivindicam um mesmo amor à natureza se enraízam para além das firulas das discussões político-partidárias.
c) No âmago do famoso santuário, erguido sob a égide dos conquistadores, repousam enormes caixas cilíndricas de oração em forma de mantras, onde o novel na fé se purifica.
d) O alvo da diatribe, o fenômeno da reprovação escolar, é uma tolice inaceitável, mesmo em um paradígma de educação deficitária em relação aos menos favorecidos.
e) Assustada por antigas endemias rurais, a, até então, álacre sociedade brasileira tem, enfim, consciência do horror que seria pôr filhos em um mundo tão inóspito.

48. Que alternativa apresenta vocábulos grafados em consonância com o novo acordo ortográfico.
a) doem, peras, boléia
b) Apazigue, apazígue, apazígua
c) averíguem, averiguem, averiguam
d) crêem, vôo, menestréis
e) pôde, pôr, intervêm

49. (Inspetor de Polícia – Polícia Civil – NCE) O item em que aparece um par de vocábulos acentuados graficamente por motivos distintos é:
a) há – pôr
b) universitários – raciocínio
c) cocaína – heroína
d) lógica – hábito
e) demonstrá-la – aliás

50. (Tribunal Regional do Trabalho) Duas palavras do texto que recebem acento gráfico em razão de regras ortográficas diferentes são:
a) salário – importância
b) é – mês
c) difícil – hábil
d) inexistência – médio
e) diminuído – jurídicos

Capítulo 4

Estrutura dos Nomes

4.1. Radical

Indica o significado dos termos.

Ex.: ferrugem, ferreiro, ferrinho – O radical é FERR, o que faz compreender ser algo relativo a ferro.

4.2. Afixos

Dividem-se em dois tipos: Prefixos que se localizam antes do radical e Sufixos, após.

INFELIZ – Prefixo IN; REELEITO – Prefixo RE.

PENSAMENTO – Sufixo MENTO; ROTAÇÃO – Sufixo – ÇÃO.

4.3. Vogal temática

Localiza-se após o radical nos nomes que não sejam oxítonos ou terminados em consoantes .

Ex.: carro, planta, vida, espaço.

Obs.: São atemáticos os nomes oxítonos ou terminados em consoantes.

Ex.: café, urubu, fêmur, lápis.

4.4. Desinências

4.4.1. De gênero

Indica a contrapartida de gênero masculino/feminino.

Ex.: menino, menina; gato, gata.

Obs.: Há autores que só reconhecem desinência de gênero nos substantivos femininos em contrapartida aos substantivos masculinos, pois a desinência de gênero serviria – na concepção deles – para diferençar o feminino do masculino e não o masculino do feminino.

4.4.2. De número

Indica o plural.

Ex.: casas, meninos.

4.4.3. De grau

Indica o aumentativo ou o diminutivo dos nomes.

Ex.: garotão, garotinho.

4.5. Vogais e consoantes de ligação

Fazem a ligação entre o radical e o sufixo, desinência ou outro radical.

Ex.: cafezinho, gasômetro.

4.6. Formação dos nomes

4.6.1. Composição

Há mais de um radical.

4.6.1.1. Justaposição

Não há perda de fonemas.

Ex.: minissaia, pé de moleque.

4.6.1.2. Aglutinação

Há perda de fonemas.

Ex.: planalto, aguardente.

4.6.2. Derivação

Há apenas um radical.

4.6.2.1. Sufixal

Radical + sufixo.

Ex.: cafeteira, livraria.

4.6.2.2. Prefixal

Prefixo + radical.

Ex.: prefixo, dissílabo.

4.6.2.3. Prefixal e sufixal (derivação sucessiva)

Prefixo + radical + sufixo. Ocorre quando uma palavra possui prefixo e sufixo, sem que um exija a presença do outro.

Ex.: deslealdade, infelizmente.

Observe que estas palavras possuem prefixo e sufixo, porém também existiriam sem a presença de um deles: desleal e lealdade, infeliz e felizmente.

4.6.2.4. Parassintética

Prefixo + radical + sufixo. Acontece quando uma palavra possui prefixo e sufixo obrigatoriamente ao mesmo tempo, ou seja, um exige a presença do outro. A derivação parassintética é formadora de verbo.

Ex.: anoitecer, enlouquecer.

Observe que estas palavras não podem existir somente com prefixo e radical ou radical e sufixo: anoite e noitecer, enlouco e louquecer.

4.6.2.5. Regressiva

Substantivo que se forma de verbo, perdendo fonema.

Ex.: jogo (derivado de jogar), toque (derivado de tocar).

4.6.3. Conversão

Palavra utilizada em classe gramatical diferente da de origem.

Ex.: gilete (substantivo simples), Gillette (substantivo próprio); o falar (substantivo), falar (verbo).

Obs.: Necessário se faz informar que a efetivação deste caso só pode ser observada no contexto.

4.6.4. Hibridismo

Palavra formada por morfemas de origens diferentes.

Ex.: burocracia (francês e grego); sociologia (latim e grego).

4.6.5. Reduplicação

Repetição de parte da palavra.

Ex.: tico-tico, reco-reco.

4.6.6. Abreviação

Parte da palavra pelo todo.

Ex.: moto (motocicleta), pneu (pneumático).

4.6.7. Sigla

Iniciais das palavras.

Ex.: CRF (Clube de Regatas do Flamengo), PT (Partido dos Trabalhadores).

4.6.8. Neologismo

Formação de novas palavras.

Ex.: Nhenhenhém, imexível.

Obs.: Quando um vocábulo já passou por vários processos de formação, deve-se

levar em consideração apenas a última fase. Por exemplo: a palavra ENTERRAR, por parassíntese, formou-se de TERRA e, por sua vez, por regressão, forma ENTERRO. Sendo assim, para a palavra ENTERRO, deve-se avaliar somente o último passo: a regressão. Já a palavra EMPOBRECER, por parassíntese, deriva-se de POBRE. Acrescendo-se o sufixo, forma EMPOBRECIMENTO. Para este vocábulo, leva-se em conta só o último processo: sufixal.

4.7. Prefixos latinos

PREFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
Ab, abs	afastamento, separação	abusar, abster-se
Ad, a	aproximação	adjunto, abeirar
Ambi	duplicidade	ambidestro
Ante	anterioridade	antevéspera
Bene, ben	bem, muito bom	benevolência
Bis, bi	duas vezes	bisavó
Circun	movimento em torno	circunferência
Cis	posição aquém	cisalpino
Com, co	companhia	compartilhar
Contra	oposição	contradição
De	movimento para baixo	decomposição
De, dês	ação contrária, privação	defeito
Di, dis	movimento para vários lados	digerir, discordar
Ex, e, es	movimento para fora	extração, expor
Extra	fora de	extraordinário
In, i	movimento para dentro	ingerir
In, i	negação	inativo
Inter, entre	posição intermediária	intervir
Intro, intra	movimento para dentro	introdução
Per	movimento através	perfeito
Pro	movimento para a frente	progredir
Re	movimento para trás, repetição	reabrir
Retro	movimento para trás	retroceder
Semi	metade	semideus
Sub, sus, su	posição de inferioridade	submeter, subalterno
Super, supra, sobre	posição em cima, excesso	superpor, sobrepor
Trans, tras	através de, além de	transposição

Tres, tras	mudança	tresnoitar
Ultra	posição além do limite	ultrarromântico
Vice, vis	substituição	vice-presidente
Soto, sota	posição inferior	soto-mestre

4.8. Prefixos gregos

PREFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
A, na	negação, privação	ateu, anarquia
Ana	repetição	anagrama
Anfi	duplicidade	anfíbio
Anti	oposição	antiaéreo
Apo	afastamento	apogeu
Arqui, arce	superioridade	arcebispo
Cata	movimento para baixo	catarata
Di	duas vezes	ditongo
Dia	movimento através de	diálogo
Dis	dificuldade	disenteria
Ec, ex	movimento para fora	eczema, êxodo
Endo	movimento para dentro	endovenoso
Epi	posição superior	epiderme
Eu, ev	perfeição, excelência	eufônico
Hemi	metade	hemisfério
Hiper	posição superior, excesso	hipertenso
Hipo	posição inferior	hipotético
Meta	posterioridade, mudança	metátese
Para	proximidade, ao lado de	paradigma
Peri	posição em torno de	perímetro
Pro	anterioridade	profecia
Sim, sin	simultaneidade, companhia	simpático, sinônimo

4.9. Relação de sufixos

SUFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
-ada, -agem, -al	coleção	boiada, ramagem, laranjal
-ame, -edo, -io	agrupamento	vasilhame, arvoredo, mulherio
-aço, -aça, -ão, -arra	aumentativo	ricaço, barcaça, bocarra
-orra, -aréu, -ázio	aumentativo	cabeçorra, povaréu, copázio
-acho, -ejo, -ela, -eta	diminutivo	riacho, lugarejo, ruela, saleta

-ete, -eto, -ico, -iço	diminutivo	artiguete, poemeto, burrico
-isco, -(z)inho	diminutivo	chuvisco, animalzinho
-ota, -ote, -(c)ula	diminutivo	flâmula, gotícula
-(c)ulo, -ucho	diminutivo	papelucho
-dade, -dão	qualidade	paulada, maldade, escuridão
-ação	ação	esperança, oração, detenção
-ência, -ez, -eza	estado	imponência, altivez, beleza
-ície, -mento, -(t)ude	estado, qualidade	calvície, ferimento, quietude
-ume	quantidade, coletivo	negrume, cardume
-ario, -eiro, -dor	profissão	bibliotecário, pedreiro
-nte	agente	vendedor, ajudante
-douro	lugar	bebedouro, dormitório
-al, -ar, -eo	referência, relação	imperial, escolar, férreo
-ano, -ão, -eiro	naturalidade, origem	curitibano, alemão
-ense, -eu, -ino		paraense, europeu, florentino
-ês, -esa		chinês, chinesa
-oso, -udo, -ia, -ismo	abundância, ciência, escola, sistema político	gorduroso, narigudo, astronomia, romantismo, comunismo
ança (ância), ença (ência)	ação ou resultado da ação	Esperança, lembrança, importância, obediência, crença, regência
ura	qualidade	brancura, feiúra
-esa, -isa, -essa	título	baronesa, sacerdotisa, condessa
-ar, -ear, -entar	ação	cantar, guerrear, afugentar
-ficar, -izar	factitivo	dignificar, civilizar
-ecer, -escer	início de ação	amanhecer, amadurecer, florescer
-icar, -itar	ação pouco intensa	bebericar, adocicar
-iscar, -inhar	frequência	chuviscar, escrevinhar
-ear, -ejar	ação repetitiva	espernear, apedrejar

4.10. Correspondência entre prefixos gregos e latinos

PREFIXO LATINO	SIGNIFICADO	PREFIXO GREGO
Ab	afastamento	apo
Ad	proximidade, ao lado	para
Ambi	duplicidade	anfi
Bene	bem, bom	eu
Bi	dois	di
Circum	em torno de	peri

Contra	ação contrária	anti
Cum	simultaneidade	sin
De	movimento de cima para baixo	cata
Des, in	privação, negação	a, na
Ex	movimento para fora	ec, ex
In	interioridade	em
Intra	posição interior	endo
Semi	metade	hemi
Sub	sob, inferior	hipo
Super	sobre, excesso	epi
Trans	através de	dia

4.11. Latinismos

A fortiori	com tanto mais razão
Ab absurdo	por absurdo
Ab initio	desde o princípio
Ad hoc	para isso
Ad instar	à semelhança, à maneira de
Ad honores	pela honra
Ad libitum	à vontade, a seu bel-prazer
Ad referendum	sujeito à aprovação
Ad usum	segundo o costume
Alibi	meio de defesa que o réu apresenta, provando estar em outro local no momento do crime
A priori	antes de qualquer momento
A posteriori	após argumentação
Apud	junto de
Alter ego	outro eu
Curriculum vitae	correr da vida, conjunto de informações pessoais
Data venia	com a devida permissão
De facto	de fato
Errata	especificação dos erros expressos
Et alii	e outros
Ex aequo	com igualdade
Ex autoritate legis	por força da lei
Ex abrupto	de súbito
Ex cathedra	em virtude de autoridade decorrente do título
Ex consensu	com o consentimento

Ex jure	segundo o direito
Ex more	conforme o costume
Ex officio	por obrigação da lei, por dever do cargo
Exempli gratia	por exemplo
Ex lege	de acordo com a lei
Ex nunc	de agora em diante
Ex tunc	desde então, com efeito retroativo
Ex-vi	por força, por efeito
Fac simile	cópia
Habeas corpus	liberdade de locomoção
Hic et nunc	aqui e agora
Honoris causa	por motivo de honra
Ibidem	no mesmo lugar
Idem	igualmente, também
In fine	no fim
In limine	preliminarmente
In albis	sem noção daquilo que deveria saber
In extenso	na íntegra
In limine	desde logo, no início
In loco	no lugar
In sito	no lugar
In totum	totalmente
Ipsis literis	pelas mesmas letras
Ipsis verbis	pelas mesmas palavras – textualmente
Ipso facto	por isso mesmo, pelo próprio fato
Ipso jure	de acordo com o direito
Lato sensu	em sentido amplo
Mutatis mutandis	mudando o que deve ser mudado
Opus	obra musical classificada e numerada
Pari passu	simultaneamente
Passim	aqui e ali, em toda parte
Prima facie	à primeira vista
Pro labore	o pagamento por serviço prestado
Quorum	número mínimo de pessoas presentes exigido por lei ou estatuto para que um órgão funcione
Res non verba	fatos, não palavras
Sic	assim mesmo, escrito desta maneira

Sine die	sem data fixa
Sine jure	sem direito
Sine qua non	indispensável
Sub judice	sob a apreciação judicial
Sui generis	peculiar, sem igual
Status quo	estado em que se encontrava certa questão
Stricto sensu	em sentido restrito
Urbi et orbi	em toda parte
Ut infra	conforme abaixo
Ut retro	conforme atrás
Ut supra	conforme acima
Verbi gratia	por exemplo
Verbo ad verbum	palavra por palavra

4.12. Exercícios

1. (Fiscal – Sefaz – RJ – FGV) Assinale a alternativa em que o elemento *in-* tenha valor idêntico ao de *insuflados*.
a) influxos
b) intermediação
c) inaplicável
d) inúmeras
e) inferir

2. (UFF) A alternativa em que todos os sufixos têm, fundamentalmente, o mesmo valor que o sufixo presente no substantivo percursionista é:
a) barbeiro, bancário, cantor
b) estudante, formigueiro, vestiário
c) jogador, noticiário, pedinte
d) cinzeiro, poetastro, colaborador
e) operário, fazendeiro, budismo

3. (Cesgranrio) Assinale a série de vocábulos em que todos os sufixos exprimem noção de qualidade:
a) sensibilidade – delicadeza – docemente
b) decoração – bronzeado – selvagem
c) franqueza – doçura – ferocidade
d) sentimento – rapidamente – majestosa
e) dourado – vegetação – beleza

4. (PUC) Assinale o vocábulo cujo prefixo é semanticamente diferente do de "intocável":
a) afônico

b) ilegal
c) desconfortável
d) anônimo
e) imigrante

5. (Fiscal – ICMS-RJ – FGV) Com relação aos processos de formação de palavras, analise as afirmativas a seguir:
I. *estruturador*, *civilizacional* **e** *renováveis* **são adjetivos formados por derivação sufixal.**
II. *hominização*, *dilapidação* **e** *autodestruição* **são substantivos formados por composição e derivação.**
III. *autodestruição*, *contrapartida* **e** *responsabilidade* **são substantivos formados por composição.**
Assinale:
a) se somente a afirmativa I estiver correta;
b) se somente a afirmativa II estiver correta;
c) se somente a afirmativa III estiver correta;
d) se somente as afirmativas I e II estiverem corretas;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

6. (Uni-Rio) Numere a coluna da direita, relacionando-a com a da esquerda, pelo significado do prefixo. A seguir, assinale a resposta correta:

1) desesperança			( ) repetição
2) contramarcha			( ) oposição
3) redobra			( ) privação, negação
4) influir			( ) passar além de
5) translúcido			( ) movimento para dentro

a) 3-5-2-1-4
b) 2-3-4-5-1
c) 3-2-1-5-4
d) 4-3-2-1-5
e) 5-4-3-1-2

7. (Uni-Rio) Assinale a opção em que os prefixos têm o mesmo significado:
a) contradizer – antídoto
b) desfolhar – epiderme
c) decapitar – homicídio
d) supercílio – acéfalo
e) semimorto – perianto

8. (Analista de Controle Interno – Sefaz-RJ – FGV) Assinale a palavra formada pelo mesmo processo que corresponsabilidade.

a) necessidades
b) qualificação
c) imprescindível
d) irrestrita
e) governamental

9. (Cesgranrio) Considerando o valor dos sufixos, assinale o par de vocábulos que guardam entre si a mesma relação semântica existente entre "elaborar" / "elaboração".
a) criar / criativo.
b) navegar / navegante.
c) lavar / lavatório.
d) cobrar / cobrança.
e) quebrar / quebradiço.

10. (Fiscal ICMS-RJ – FGV) Assinale a alternativa em que a palavra indicada não seja formada pelo mesmo processo que <u>injustiça</u>.
a) tecnologias
b) auto-organização
c) antielisão
d) ilícito
e) internacional

11. (UGF) Assinale o vocábulo cujo elemento mórfico destacado não corresponde à classificação do "a" de "pequena".
a) perfumadas
b) violenta
c) louca
d) criança
e) formosa

12. (PUC) Na palavra "espantoso", o sufixo OSO acrescenta ao radical o valor semântico de aquilo que provoca ou produz. Assinale a palavra cujo sufixo tem este mesmo significado:
a) apetitoso
b) medroso
c) venenoso
d) vaidoso
e) gostoso

13. (Fuvest) Assinalar a alternativa que registra a palavra que tem sufixo formador de advérbio:
a) Desesperança

b) Pessimismo
c) Empobrecimento
d) Extremamente
e) Sociedade

14. (Fuvest) Assinalar a alternativa em que a primeira palavra apresenta sufixo formador de advérbio e, a segunda, sufixo formador de substantivo:
a) Perfeitamente – varrendo
b) Provavelmente – erro
c) Lentamente – explicação
d) Atrevimento – ignorância
e) Proveniente – furtado

15. (Gama Filho) Assinale a opção em que há erro na identificação do processo de formação de palavra em destaque:
a) semeador – derivação sufixal
b) inimiga – derivação prefixal
c) funerária – hibridismo
d) enterro – derivação regressiva
e) tumba – moenda – composição por justaposição

16. (Uni-Rio) Dentre as palavras abaixo, assinale a única que destoa das demais quanto ao seu processo de formação:
a) dose
b) força
c) marca
d) alegria
e) sonho

17. (Unificado) As palavras "esquartejar", "desculpa" e "irreconhecível" foram formadas, respectivamente, pelos processos de:
a) sufixação, prefixação, parassíntese
b) sufixação, derivação regressiva, prefixação
c) composição por aglutinação, prefixação, sufixação
d) parassíntese, derivação regressiva, prefixação
e) parassíntese, derivação imprópria, parassíntese

18. (NCE) Currículo é a forma portuguesa correspondente ao latinismo *curriculum*; o item abaixo que apresenta um latinismo de significação <u>incorreta</u> é:
a) *a priori* – antecipadamente
b) *alibi* – declaração
c) *sine die* – sem data certa
d) *quantum* – quantidade

e) *et alii* – e outros

19. (UFF) Assinale a opção em que as duas palavras sublinhadas são formadas por um mesmo processo e apresentam a mesma estrutura.

a) "Jamais a Receita vai me pegar por <u>má-fé</u> ou <u>sonegação</u>" (PC Farias/*Exame*, 10/6/1992).

b) "Um deles, <u>peça-chave</u> na cena política nacional, engoliu em seco. 'A nação <u>traumatizada</u>', afirma" (*Exame*, 10/6/1992).

c) " É mais barato investir num <u>superprojeto</u> que se adapte às exigências futuras do que refazer o produto para atender as especificações <u>localizadas</u>" (*Exame*, 10/6/1992).

d) "<u>Verdadeiro</u> tratado sobre o <u>desencanto</u> nacional bruto, o documento que me foi passado pela agência é de tirar o fôlego" (J. Betting / *O Globo*, 6/9/1992).

e) "O leitor de jornais sente que a página <u>policial</u> esfria, se comparada ao <u>noticiário</u> econômico e político em matéria de teor escandaloso" (*Jornal do Brasil*, 9/9/1993).

20. (PUC) Qual a única das opções abaixo que apresenta uma explicação <u>incorreta</u> na análise dos elementos mórficos e/ou na identificação do significado?

a) "Tudo passa a estar condenado a fracassar <u>redondissimamente</u>".

Sufixo -íssimo, com valor de superlativo, e sufixo -mente, formador de advérbio; significado: completamente, inteiramente.

b) "Sociedade como um todo essa <u>alienadona</u> de si mesma".

Sufixo -ona, formador de adjetivo e substantivo atribuindo valor intensivo; significado: muito alienada.

c) "E façamos uma <u>goiabada</u>".

Sufixo -ada, formador de substantivo; significado: o doce feito de goiaba.

d) "Goiabada bem <u>palatável</u>".

Sufixo -vel, formador de adjetivo; significado: do tipo próprio ao palato, comestível, comível.

e) "16 milhões de <u>desempregados</u> sabem disso".

Vocábulo formado por parassintetismo; significado: desocupados, pessoas sem profissão.

21. (Uni-Rio) Assinale a opção em que o vocábulo destacado é formado por derivação regressiva:

a) Opressão
b) Deficiente (adj.)
c) Tribo
d) Adestrar (verbo)
e) Manejo (substantivo)

22. (Unificado) Assinale a opção em que o processo de formação de palavras está <u>indevidamente</u> caracterizado.

a) Pai-nosso: composição por justaposição.

b) Aventuroso: derivação sufixal.
c) Embonecar: composição por aglutinação.
d) Descanso: derivação regressiva.
e) Incerto: derivação prefixal.

23. As palavras "sinceramente", "florzinha" e "homenzarrão" são formadas por derivação:
a) parassintética
b) prefixal
c) imprópria
d) regressiva
e) sufixal

24. (PUC) Considerando o processo de formação de palavras, relacione a coluna da direita com a da esquerda.

(1) Derivação imprópria			( ) Desenredo
(2) Prefixação			( ) Narrador
(3) Prefixação e sufixação			( ) Infinitamente
(4) Sufixação			( ) O voar
(5) Composição por justaposição			( ) Pão-de-mel

a) 3-4-2-5-1
b) 2-4-3-5-1
c) 2-4-3-1-5
d) 4-1-5-2-3
e) 4-1-5-3-2

25. (Cesgranrio) Assinale a opção em que nem todas as palavras provêm de um mesmo radical.
a) Noite, anoitecer, noitada
b) Terra, terreno, aterrorizado
c) Incrível, crente, crer
d) Festa, festeiro, festejar
e) Riqueza, ricaço, enriquecer

26. (UFSC) Assinale a alternativa em que o elemento mórfico em destaque está corretamente analisado.
a) Menina –A: desinência nominal de gênero.
b) Vendeste –E: vogal de ligação.
c) Gasômetro –O: Vogal temática de 2ª conjugação.
d) Amassem –SSE: desinência de 2ª pessoa do plural.
e) Cantaríeis –IS: desinência do imperfeito do subjuntivo.

27. (FCMSCSP) Em qual dos exemplos abaixo está presente um caso de derivação parassintética?
a) Lá vem ele, vitorioso do COMBATE.
b) Ora, vá PLANTAR batatas!
c) Começou o ATAQUE.
d) Assustado, continuou a se DISTANCIAR do animal.
e) Não vou mais me ENTRISTECER, vou é cantar.

28. (Unesp) As palavras "perda", "corredor" e "saca-rolha" são formadas, respectivamente, por:
a) derivação regressiva, derivação sufixal, composição por justaposição;
b) derivação regressiva, derivação sufixal, derivação parassintética;
c) composição por aglutinação, derivação parassintética, derivação regressiva;
d) derivação parassintética, composição por justaposição, composição por aglutinação;
e) derivação por justaposição, composição por aglutinação, derivação prefixal.

29. (Unisinos-RS) A palavra "incorruptível" é formada pelo seguinte processo:
a) derivação prefixal;
b) derivação parassintética;
c) derivação sufixal;
d) derivação prefixal e sufixal;
e) aglutinação.

30. (Inspetor de Polícia – Polícia Civil – NCE) "Inúmeros", "ilícita", "impropriedade" têm em comum:
a) o prefixo negativo;
b) a classe gramatical;
c) o gênero;
d) o número;
e) a forma gráfica.

31. (Ministério Público do Rio de Janeiro – NCE) <u>Fertilização</u> se relaciona a <u>fertilizar</u> como:
a) feliz a infeliz;
b) casamento a casar;
c) fértil a fertilidade;
d) tribo a índios;
e) contente a contentamento.

32. (Ministério Público do Rio de Janeiro – NCE) <u>Pedestres</u>, como sabemos, são os que andam a pé; o vocábulo abaixo que <u>não</u> pertence à mesma família de palavras é:
a) pedestal;

b) pedicure;
c) pedal;
d) pedalinho;
e) pedante.

33. (Ministério Público do Rio de Janeiro – NCE) Assim como "engrandecimento", derivado de "engrandecer", outros verbos possuem substantivos derivados de verbos com o sufixo – mento. O item em que todos os verbos citados possuem substantivos desse tipo é:
a) esmagar – coroar – desenvolver
b) descobrir – prover – entregar
c) receber – pagar – publicar
d) preparar – envolver – reter
e) deslocar – colocar – alocar

34. (Ministério Público do Rio de Janeiro – NCE) A relação entre verbo e substantivo inadequada é:
a) pretender – pretensão
b) adquirir – aquisição
c) agredir – agressão
d) perder – perdida
e) recusar – recusa

35. (INPI – NCE) "Passageiros" é uma palavra formada por:
a) derivação prefixal;
b) derivação sufixal;
c) derivação regressiva;
d) derivação parassintética;
e) composição.

36. (INPI – NCE) A palavra que <u>não</u> é formada por derivação sufixal é:
a) compadrismo
b) camaradagem
c) nacional
d) aproximação
e) vantagens

37. (INPI – NCE) Agrário se refere a campo; o vocábulo abaixo em que esse radical tem significado diferente é:
a) agricultor
b) agridoce
c) agrimensor
d) agreste

e) agrícola

38. (Auxiliar de Almoxarifado – NCE) A alternativa que mostra adjetivo e substantivo cognato (da mesma família de palavras) de forma correta é:
a) frágil / fragilidade
b) pureza / apuro
c) constante / continuidade
d) permanente / pertences
e) predador / pedra

39. (Técnico Judiciário Juramentado – TJ – NCE) Os vocábulos "apagão" e "caladão", presentes no texto, aparecem grafados entre aspas porque são:
a) termos de cunho popular;
b) neologismos;
c) vocábulos que perderam velhos sentidos;
d) de presença comum na mídia;
e) referentes a acontecimentos recentes.

40. (Técnico Judiciário Juramentado – TJ – NCE) O vocábulo abaixo cujo prefixo apresenta o mesmo valor semântico do prefixo presente no vocábulo "erradicar" é:
a) discriminação
b) admissão
c) incapacidade
d) redistribuição
e) exportar

41. (Auxiliar de Cartório – NCE) Hibernação está para inverno, considerados os vários aspectos de sua formação, como:
a) crescimento está para crescer;
b) diminuição está para diminuir;
c) mensal está para mês;
d) liberdade está para livre;
e) animação está para alma.

42. (Auxiliar de Cartório – NCE) Os vocábulos que <u>não</u> possuem formação completamente idêntica são:
a) hibernação / entorpecimento
b) parcial / letárgico
c) explicação / diminuição
d) intensidade / completamente
e) sanguínea / normais

43. (Auxilar de Cartório – NCE) O radical de origem grega "fobia" significa "medo,

aversão"; o vocábulo abaixo que tem sua significação corretamente indicada é:
a) agorafobia – medo dos tempos atuais
b) acrofobia – medo de lugares altos
c) claustrofobia – medo de lugares religiosos
d) hidrofobia – medo de chuva
e) fotofobia – medo de aparecer em público

44. (BB) A palavra "aguardente" formou-se por:
a) hibridismo;
b) aglutinação;
c) justaposição;
d) parassíntese;
e) derivação regressiva.

45. (ETF-SP) Assinalar a alternativa que indique corretamente o processo de formação das palavras <u>sem-terra</u>, <u>sertanista</u> e <u>desconhecido</u>.
a) Composição por justaposição, derivação por sufixação, derivação por prefixação e sufixação.
b) Composição por aglutinação, derivação por sufixação e derivação por parassíntese.
c) Composição por aglutinação, derivação por sufixação e derivação por sufixação.
d) Composição por justaposição, derivação por sufixação e composição por aglutinação.
e) Composição por aglutinação, derivação por sufixação e derivação por prefixação.

46. (NCE) Tevê é uma forma abreviada de televisão; qual das palavras destacadas a seguir também é uma abreviação?
a) Bom
b) Pneu
c) Só
d) Um
e) Caso

47. (NCE) A palavra "milionarismo" não aparece em nenhum dicionário e, por isso mesmo, como deve ser designada?
a) Idiotismo
b) Neologismo
c) Regionalismo
d) Dialeto
e) Popularismo

48. (Ministério Público – RJ – NCE) Corporativismo, populismo, capitalismo mostram que o sufixo "-ismo" tem valor de:
a) coletivo ou grupo;
b) qualidade ou característica;

c) doutrina ou sistema;
d) quantidade ou intensidade;
e) aspecto pejorativo ou negativo.

49. (Ministério Público – RJ – NCE) Subtributação só pode significar:
a) sonegação de impostos;
b) ausência de fiscalização no pagamento dos impostos;
c) taxação injusta, por exagerada;
d) impostos reduzidos;
e) dispensa de pagamento de impostos.

50. (IBGE – NCE) A sigla CPI, presente no texto, significa:
a) Centro de Proteção ao Investidor;
b) Comissão Parlamentar de Inquérito;
c) Cooperativa Parlamentar de Investigação;
d) Casa do Pequeno Investidor;
e) Comissão Privada de Investigação.

51. (CPBS – NCE) Nos vocábulos "imperceptível" e "subterrâneo", os prefixos IM e SUB indicam, respectivamente:
a) dentro de – sobre
b) negação – abaixo de
c) proximidade – sob
d) movimento para dentro – acima de
e) oposição – dentro de

52. (Fiscal – ICMS – RJ – FGV) Assinale a alternativa em que o elemento *in* tenha valor idêntico ao de *insuflados*.
a) Influxos.
b) Intermediação.
c) Insuflados.
d) Inúmeros.
e) Inferir.

53. (Técnico Judiciário Juramentado – TJ – NCE) "... que substituem o Estado em certas regiões (*vide* o PCC) e com a parte corrupta da polícia ..." *Vide* é forma latina correspondente ao verbo "ver". O latinismo a seguir que tem seu significado corretamente indicado é:
a) *sic* – nunca
b) *et allii* – e assim
c) *ad hoc* – isto é
d) *latu sensu* – em sentido restrito
e) *verbi gratia* – por exemplo

54. (TJ – NCE) Etc. é uma expressão latina. O livro *Não perca o seu latim*, de Paulo Rónai, indica vocábulos e expressões latinas bastante comuns em textos jurídicos. O item cujo latinismo tem seu significado incorretamente indicado é:
a) *Alibi* – ausência do acusado no lugar do crime, provada pela sua presença noutro lugar.
b) *Habeas corpus* – garantia constitucional outorgada em favor de quem sofre ou está na iminência de sofrer coação ou violência.
c) *Quorum* – número máximo de pessoas presentes para que um órgão funcione.
d) *Ad hoc* – designado para executar determinada tarefa.
e) *A priori* – anteriormente à experiência.

55. (NCE) O vocábulo "pesquisa" é formado por derivação regressiva. Em que item a seguir a palavra destacada é formada por esse mesmo processo?
a) Houve erros de previsão grosseiros.
b) O motivo é evidente.
c) O eleitor poderia ir à urna.
d) O estudo dos resultados mostrou falhas.
e) O feriado das eleições foi aproveitado.

56. (NCE) No vocábulo "lentamente", como se classifica morfologicamente o elemento "a" em termos diacrônicos?
a) Desinência de gênero
b) Sufixo
c) Desinência número-pessoal
d) Desinência modo-temporal
e) Vogal de ligação

57. (NCE) Assinale o item que o sufixo – mente não apresenta o mesmo valor semântico presente na palavra "lentamente".
a) Rapidamente
b) Finalmente
c) Sutilmente
d) Infelizmente
e) Corajosamente

58. (NCE) Silicose é um vocábulo que apresenta o sufixo OSE indicativo de doença. Em que palavra abaixo esse mesmo sufixo tem valor diferente?
a) Trombose
b) Tuberculose
c) Dermatose
d) Diagnose
e) Psicose

59. (NCE) A palavra "entoação" foi formada por:
a) derivação sufixal
b) derivação prefixal e sufixal
c) parassínteses
d) aglutinação
e) justaposição

60. (NCE) "Omissão" e "intromissão" são vocábulos que diferem pelo prefixo que se junta ao mesmo radical. O mesmo ocorre em:
a) querer / requerer
b) deter / conter
c) haver / reaver
d) contratempo / passatempo
e) finalizar / finalidade

61. (NCE) Há evidente equívoco na indicação do valor semântico do sufixo formador das palavras em:
a) dimensionamento, questionamento (ato ou efeito de)
b) estritamente, explicitamente (modo)
c) autoritarismo; corporativismo (instrumento de ação)
d) responsabilidade, hostilidade (qualidade ou estado)
e) pesquisador, professor (agente)

62. (Coppe) A opção em que os prefixos guardam entre si o mesmo tipo de relação semântica que o observado entre os prefixos de "imobilismo" e "desagregador" é:
a) hemisfério / semimorto
b) antítese / antebraço
c) emergente / importação
d) afonia / eufonia
e) cisandino / translado

63. (NCE) O vocábulo televisão é um hibridismo, já que contém elementos de línguas diversas. Assinale o item em que o vocábulo dado também pode ser visto como hibridismo.
a) perfume
b) catálogo
c) burocracia
d) hipopótamo
e) antropófago

Capítulo 5

Substantivo

Substantivo é o termo que dá nome aos seres.

Ex.: flor, palavra, amor.

5.1. Substantivo concreto

É aquele que, depois da sua existência estar consumada ou deduzida, torna-se independente.

Ex.: bola, Deus, alma, demônio, Saci Pererê, caminho, luz.

5.2. Substantivo abstrato

É aquele que depende e sempre dependerá de um substantivo concreto para existir. Em suma, refere-se a sentimentos, ações ou acontecimentos.

Ex.: crença, felicidade, futebol, caminhada, casamento.

5.3. Substantivo simples

É aquele que contém apenas um radical.

Ex.: saia, flor.

5.4. Substantivo composto

É aquele que contém mais de um radical.

Ex.: minissaia, flor-de-lis.

5.5. Substantivo primitivo

É o substantivo possuindo somente radical, sem afixos.

Ex.: menino, livro.

5.6. Substantivo derivado

É o substantivo possuindo afixos.

Ex.: meninice, livraria.

5.7. Substantivo comum

É o que generaliza, ou seja, não individualiza os seres dentro de um agrupamento específico.

Ex.: país, clube, matéria.

5.8. Substantivo próprio

É o que individualiza os seres dentro de um agrupamento.

Ex.: Brasil, Flamengo, Português.

5.9. Coletivo

Ideia de agrupamento

academia	sábios, artistas		acervo	bens, livros...
alcateia	lobos		armento	bois, vacas, ovelhas
arquipélago	ilhas		assembleia	deputados
atlas	cartas geográficas		bandeira	garimpeiros
biblioteca	livros		cabido	cônegos
cáfila	camelos		caravana	viajantes
cardume	peixes		clero	eclesiáticos
colmeia, enxame	abelhas		comboio	caminhões
concílio	prelados, deuses		confraria	religiosos
congresso	sábios		constelação	estrelas
discoteca	discos		elenco	atores
esquadra	navios		esquadrilha	aviões
fato	cabras		fauna	animais
feixe	luzes, capim		girândola	foguetes
horda	nômades		junta	bois, médicos salteadores
júri	jurados		legião	soldados, anjos
manada	animais pesados		matilha	cães
mó	pessoas		molho	chaves
ninhada	pintos		nuvem	gafanhotos
panapaná	borboletas		pelotão	soldados
quadrilha	ladrões		ramalhete	flores
repertório	peças teatrais		resma	papéis
réstia	cebolas		revoada	pássaros
tropel	cavalos		turba	desordeiros

5.10. Flexão nominal

5.10.1. Gênero

5.10.1.1. Comum de dois gêneros

Designa os indivíduos dos dois sexos mantendo a mesma forma, e o gênero é indicado pelo artigo, adjetivo etc.

Ex.: o acrobata, a acrobata;
o artista, a artista;
o amante, a amante;
o intérprete, a intérprete.

5.10.1.2. Sobrecomum

Possui a mesma forma para o masculino ou feminino e, diferentemente do COMUM-DE-DOIS-GÊNEROS, não varia de gênero.

Ex.: a criança (pode ser um menino ou uma menina);
a testemunha;
o algoz;
o monstro;
a vítima.

5.10.1.3. Epiceno ou promíscuo

Designa animais que possuem apenas uma forma para o masculino e para o feminino.

Ex.: girafa (pode ser girafa macho ou fêmea);
tainha;
avestruz;
barata;
águia.

5.10.1.4. Heterônimo ou desconexo

Designa substantivos cujos femininos se formam com um radical completamente diferente do masculino.

Ex.: homem – mulher
boi – vaca
carneiro – ovelha

5.10.1.5. Lista especial de femininos

abade	abadessa
afegão	afegã

alcaide	alcaidessa, alcaidina
aldeão	aldeã
anfitrião	anfitriã, anfitrioa
ateu	ateia
bispo	episcopisa
bode	cabra
bretão	bretã, bretoa
búfalo	búfala
cação	caçonete
capitari	tartaruga
castelão	castelã
cavaleiro	amazona
cavalheiro	dama
caxaréu, caxarelo	baleia
cônego	cônega, canonisa
confrade	confreira
corujão, bufo	coruja
corvo	corvacha
cupim	arará
czar	czarina
deus	deusa, deia, diva
elefante	aliá, elefanta
embaixador	embaixadora (profissão)
ermitão	ermitoa, ermitã
esquimó	esquimoa
etíope	etiopisa
faisão	faisoa
formigão	formiga
frade	freira
frei	sóror
general	generala
hortelão	horteloa
ilhéu	ilhoa
jacaré	jacaroa
javali	javalina, gironda
jogral	jogralesa
landgrave	landgravina

lebrão	lebre
macharrão	onça
macho, mu, mulo	mula
maestro	maestrina
marajá	marani
marechal	marechala
melro	mélroa, melra
mestre	mestra
monge	monja
papa	papisa
pardal	pardaleja, pardoca, pardaloca
parente	parenta
pavão	pavoa
perdigão	perdiz
pierrô	pierrete
píton	pitonisa
rinoceronte	abada
semideus	semideusa
sultão	sultana
tabaréu	tabaroa
tabelião	tabelioa, tabeliã
tecelão	tecelã, teceloa
temporão	temporã
tigre	tigresa
tubarão	tintureira
varão	varoa, virago
veado	veada, cerva, corça
visconde	viscondessa
zangão ou zângão	abelha

5.10.1.6. Casos especiais de gênero dos substantivos

o ágape	a aluvião
o aneurisma	o apêndice
a áspide	o avestruz
o diabetes	o epítome
o estratagema	a faringe
o gambá	o ou a hélice

a laringe	o lança-perfume
a omoplata	o radical
a ordenança	o ou a personagem
a sentinela	o soprano
o saca-rolhas	o telefonema
a tíbia	a tormenta
a alface	o champanha

5.10.1.7. Substantivos que mudam de sentido com a mudança do gênero

O cabeça (o líder, o chefe)	a cabeça (parte do corpo)
O caixa (trabalhador)	a caixa (objeto)
O capital (dinheiro)	a capital (cidade principal)
O cura (vigário de aldeia)	a cura (restabelecimento de doença)
O guarda (policial)	a guarda (posse)
O guia (pessoa que orienta)	a guia (ato de guiar)
O lente (o professor)	a lente (objeto de vidro)
O língua (o intérprete)	a língua (parte do corpo, idioma)
O moral (ânimo, caráter)	a moral (moral de um fato, conclusão)
O voga (o remador)	a voga (moda, popularidade)

5.10.2. Número

5.10.2.1. Plural de alguns substantivos

abdômen	abdomens, abdômenes
ancião	anciãos, anciães, anciões
anil	anis
ás	ases
atlas	os atlas
aval	avales, avais
cal	cales, cais
capitão	capitães
caráter	caracteres
charlatão	charlatões, charlatãos
cirurgião	cirurgiães, cirurgiões
cônsul	cônsules
corrimão	corrimãos, corrimões
cós	coses, os cós
cútis	as cútis

ermitão	ermitãos, ermitães, ermitões
escrivão	escrivães
éter	éteres
fel	feles, féis
fênix	os fênix, fênices
fóssil	fósseis
fuzil	fuzis
giz	gizes
gravidez	gravidezes
guardião	guardiães, guardiões
hangar	hangares
hífen	hifens, hífenes
hortelão	hortelões, hortelães
lápis	os lápis
látex	os látex
oásis	os oásis
obus	obuses
ônix	os ônix
paiol	paióis
peão	peões, peães
pires	os pires
projetil	projetis
projétil	projéteis
sacristão	sacristães, sacristãos
sílex	os sílex
sultão	sultãos, sultães, sultões
tecelão	tecelões
tênis	os tênis
til	tis
tórax	os tórax
vilão	vilãos, vilães, vilões
vintém	vinténs
vulcão	vulcãos, vulcões

5.10.2.2. Regras do plural de substantivos simples

1) Aos substantivos terminados em vogal ou ditongo oral acrescenta-se ***S***.

Ex.: pé – pés

palavra – palavras
lei – leis
troféu – troféus

2) Aos substantivos terminados nos ditongos nasais ***átonos*** ou na vogal nasal ***ã*** acrescenta-se ***S***.

Ex.: órfão – órfãos
bênção – bênçãos
ímã – ímãs
órfã – órfãs

3) Ocorre com os substantivos terminados em ***EM*** a retirada da última letra e a colocação de ***NS***.

Ex.: homem – homens
vintém – vinténs

4) Aos substantivos terminados em ***S (na sílaba tônica), Z (na sílaba tônica) e R***, acrescenta-se ***ES***.

Ex.: francês – franceses
ás – ases
luz – luzes
rapaz – rapazes
algoz – algozes
dor – dores
caráter – caracteres
júnior – juniores

Obs.: ***Cós*** pode ter duas formas para o plural: ***coses*** ou ***cós***.

5) Os substantivos terminados em ***EN*** normalmente terão duas formas de plural. Poder-se-á acrescentar somente ***S***, como também ***ES***.

!	**ATENÇÃO**:
	Os paroxítonos terminados em **EN**, sofrendo o acréscimo de **S**, perderão o acento. Acrescendo **ES**, o acento será mantido.

Ex.: abdômen – abdomens, abdômenes
hífen – hifens, hífenes
pólen – polens, pólenes

6) Os substantivos terminados em ***AL, OL, UL*** perderão a última letra e receberão ***IS***.

Ex.: jornal – jornais
paiol – paióis
anzol – anzóis

azul – azuis

Obs.: cônsul – cônsules
mal – males
cal – cales, cais
aval – avales, avais
real – réis (moeda), reais

7) Os substantivos terminados em ***IL (tônico)*** perderão a última letra e receberão ***IS***.
Ex.: anil – anis
fuzil – fuzis
projetil – projetis

8) Os substantivos terminados em ***IL (átono)*** perderão a última letra e receberão ***EIS***.
Ex.: fóssil – fósseis
projétil – projéteis

9) Os substantivos terminados em ***EL*** perderão a última letra e receberão ***EIS***.
Ex.: anel – anéis
nível – níveis
móvel – móveis
papel – papéis

Obs.: mel – meles, méis
fel – feles, féis

10) Os substantivos terminados em ***S (na sílaba átona)*** e ***X*** não variam no plural.
Ex.: lápis – os lápis
tênis – os tênis
pires – os pires
tórax – os tórax
sílex – os sílex

5.10.2.3. Plural dos substantivos compostos

1) Quando houver **preposição**, somente o primeiro termo irá para o plural.
Ex.: pão de ló; pães de ló
mula sem cabeça; mulas sem cabeça

2) Quando houver ***substantivo + substantivo (ou adjetivo)***, os dois termos irão para o plural.
Ex.: baixo-relevo; baixos-relevos

obra-prima; obras-primas
cirurgião-dentista; cirurgiões-dentistas
pronto-socorro; prontos-socorros
couve-flor; couves-flores
boa-noite; boas-noites

Obs.: Quando o segundo termo indicar uma **finalidade**, **formato**, **cor** ou **especificação** qualquer do primeiro termo, somente este varia.

Ex.: navio-escola; navios-escola
bomba-relógio; bombas-relógio
pombo-correio; pombos-correio
manga-rosa; mangas-rosa
banana-prata; bananas-prata
decreto-lei; decretos-lei ou decretos-leis

3) Os ***verbos*** e ***advérbios*** serão invariáveis.

Ex.: para-queda; para-quedas
caça-níquel; caça-níqueis
vira-lata; vira-latas
todo-poderoso; todo-poderosos
abaixo-assinado; abaixo-assinados
bota-fora; bota-fora
alto-falantes

Obs. : ***GUARDA*** significando ***POLICIAL*** é substantivo; portanto, se flexiona no plural. Quando ***GUARDA*** significar ***PROTEGER***, será verbo; por conseguinte não possui forma pluralizada.

Ex.: guarda-chuva; guarda-chuvas
guarda-noturno; guardas-noturnos
guarda-mor; guardas-mores
guarda-municipal; guardas-municipais
guarda-roupa; guarda-roupas
guarda-sol; guarda-sóis

Obs.: Segundo Rocha Lima e Evanildo Bechara, quando os ***verbos*** forem ***iguais***, ambos podem variar. Este ainda aceita também que apenas o último termo seja flexionado. Já o Professor Celso Cunha, na Gramática da Língua Portuguesa, não se pronuncia a respeito de tal situação, donde se conclui que o NCE interpretou que este gramático já o inserira nos casos de verbos, formando substantivos compostos, ou seja, sendo invariáveis.

Enfim, segundo Rocha Lima, somente "os piscas-piscas", "os quebras-quebras"; segundo Evanildo Bechara, "os piscas-piscas", "os pisca-piscas", "os quebras-quebras", "os quebra-quebras"; segundo o NCE, "os pisca-pisca", "os quebra-quebra".

4) Quando houver ***numeral***, os dois termos irão para o plural.

Ex.: meio-dia; meios-dias
meia-noite; meias-noites
segunda-feira; segundas-feiras
quinta-feira; quintas-feiras.

5) Quando houver ***onomatopeia***, somente o segundo termo irá para o plural.

Ex.: tique-taque; tique-taques
reco-reco; reco-recos
tico-tico; tico-ticos.

6) Os termos ***VICE, PSEUDO, SUPER, GRÃO (significando grande)*** serão invariáveis.

Ex.: vice-presidente; vice-presidentes
vice-reitor; vice-reitores
pseudorrepresentação; pseudorrepresentações
super-homem; super-homens
grão-duque; grão-duques
grã-duquesa; grã-duquesas
grã-fino; grã-finos
grão-mestre; grão-mestres.

Obs.: grão-de-bico; grãos-de-bico. GRÃO, neste caso, significa, semente, e, como há preposição, somente o primeiro elemento irá para o plural.

5.10.2.4. Relação de substantivos compostos no plural

1)	abaixo-assinado	abaixo-assinados
2)	água-furtada	águas-furtadas
3)	água-marinha	águas-marinhas
4)	alto-relevo	altos-relevos
5)	amor-perfeito	amores-perfeitos
6)	arranha-céu	arranha-céus
7)	assistente-técnico	assistentes-técnicos
8)	auxiliar-judiciário	auxiliares-judiciários
9)	ave-maria	ave-marias
10)	banana-maçã	bananas-maçã

11)	banana-ouro	bananas-ouro
12)	bem-estar	bem-estares
13)	bomba-relógio	bombas-relógio
14)	bom-dia	bons-dias
15)	caça-níquel	caça-níqueis
16)	cavalo-vapor	cavalos-vapor
17)	cirurgião-dentista	cirurgiões-dentistas
18)	conta-gota	conta-gotas
19)	dona-de-casa	donas-de-casa
20)	erva-doce	ervas-doces
21)	ganha-perde	ganha-perde
22)	grã-duquesa	grã-duquesas
23)	grão-de-bico	grãos-de-bico
24)	grão-mestre	grão-mestres
25)	guarda-chuva	guarda-chuvas
26)	guarda-civil	guardas-civis
27)	guarda-sol	guarda-sóis
28)	guarda-volante	guarda-volantes
29)	joão-de-barro	joões-de-barro
30)	lesa-pátria	lesas-pátrias
31)	leva-e-traz	leva-e-traz
32)	livro-caixa	livros-caixa
33)	manga-rosa	mangas-rosa
34)	mata-pasto	mata-pastos
35)	mau-humor	maus-humores
36)	meia-noite	meias-noites
37)	meio-dia	meios-dias
38)	mestre-sala	mestres-sala
39)	mula-sem-cabeça	mulas-sem-cabeça
40)	navio-escola	navios-escola
41)	obra-prima	obras-primas
42)	pai-nosso	pais-nossos
43)	papel-moeda	papéis-moeda
44)	paraqueda	paraquedas
45)	pé de moleque	pés de moleque
46)	pombo-correio	pombos-correio
47)	pôr-do-sol	pores-do-sol

48)	porta-bandeira	porta-bandeiras
49)	pseudorrepresentação	pseudorrepresentações
50)	reco-reco	reco-recos
51)	segunda-feira	segundas-feiras
52)	sempre-viva	sempre-vivas
53)	super-homem	super-homens
54)	tenente-coronel	tenentes-coronéis
55)	tico-tico	tico-ticos
56)	tique-taque	tique-taques
57)	vice-presidente	vice-presidentes
58)	vira-lata	vira-latas

5.10.2.5. Plural com metafonia

Existem substantivos e adjetivos cujas formas de plural se fazem com alteração na vogal tônica, transformando-a de fechada em aberta.

1)	aposto (ô)	apostos (ó)
2)	caroço	caroços
3)	coro	coros
4)	corno	cornos
5)	corpo	corpos
6)	corvo	corvos
7)	despojo	despojos
8)	destroço	destroços
9)	esforço	esforços
10)	estorvo	estorvos
11)	fogo	fogos
12)	forno	fornos
13)	forro	forros
14)	fosso	fossos
15)	imposto	impostos
16)	miolo	miolos
17)	olho	olhos
18)	osso	ossos
19)	ovo	ovos
20)	poço	poços
21)	porco	porcos
22)	porto	portos

23)	posto	postos
24)	povo	povos
25)	socorro	socorros
26)	tijolo	tijolos
27)	torno	tornos
28)	troco	trocos
29)	troço	troços

Obs.: Os adjetivos terminados em OSO também sofrerão a alteração citada acima.

Ex.: nervoso – nervosos

Não sofrem alteração fonética as formas plurais dos seguintes substantivos:

1)	adorno	adornos
2)	almoço	almoços
3)	bojo	bojos
4)	bolso	bolsos
5)	esposo	esposos
6)	estojo	estojos
7)	globo	globos
8)	gosto	gostos
9)	moço	moços
10)	pescoço	pescoços
11)	polvo	polvos
12)	reboco	rebocos
13)	sogro	sogros
14)	soro	soros

5.10.3. Grau

5.10.3.1. Aumentativos

bala	balázio, balaço
beiço	beiçorra
boca	bocarra, boqueirão
cabeça	cabeçorra, cabeçalho
cão	canzarrão
copo	copázio
corpo	corpanzil
cruz	cruzeiro

espanto	espantalho
faca	facalhaz, facalhão, facão
fatia	fatacaz
forno	fornalha
fumo	fumaça
galé	galera, galeão
ladrão	ladravaz
lenço	lençalho
macho	machacaz, machão
mão	manzorra, manopla
navio	naviarra
pedinte	pedinchão, pidão
penha	penhasco
povo	povaréu
prato	pratarraz, pratalho
ramo	ramalho
roedor	roaz
sapato	sapatorra, sapatão
truão	truanaz
vaga	vagalhão
verga	vergalhão
voz	vozeirão

5.10.3.2. Diminutivos

asa	aselha
banco	banqueta
barraca	barraquim
barril	barrilete
cabra	capréola
cal	caliça
capa	capuz
carro	carreta
cavalo	cavalete, cavalicoque
cela	célula
cinto	cintilho
corda	cordel
corpo	corpúsculo
febre	febrícula

flauta	flautim
flor	flósculo, florículo
fogo	fogacho
forma	fórmula
galé	galeota, galeote
globo	glóbulo
grão	grânulo
homem	homúnculo
lobo	lobato
moça	moçoila
mole	molécula
núcleo	nucléolo
ópus	opúsculo
palácio	palacete
pele	película
porção	porciúncula
questão	questiúncula
rabo	rabicho
rei	régulo
riso	risota
sela	selim
verão	veranico
verme	vermículo
verso	versículo
via	viela
vidro	vidrilho

5.11. Exercícios

1. (Cesgranrio) Há um "quer que seja de satânico na pupila da onça" funciona como:

a) substantivo;
b) adjetivo;
c) advérbio;
d) pronome;
e) verbo.

2. (Cesgranrio) Assinale a palavra que pode ser empregada nos dois gêneros, como "motorista":

a) indivíduo;

b) criança;
c) testemunho;
d) intérprete;
e) vítima.

3. (Cesgranrio) Assinale a opção cujo substantivo não tem o plural em "ãos" como "artesãos":
a) cidadão;
b) pagão;
c) cristão;
d) charlatão;
e) irmão.

4. (Cesgranrio) Assinale a opção em que todos os substantivos, quando no plural, apresentam mudança de timbre da vogal tônica, conforme acontece com "povo (ô) / povos (ó)":
a) tijolo, piloto, adorno;
b) ovo, pescoço, olho;
c) globo, posto, bolo;
d) esforço, imposto, jogo;
e) osso, cachorro, transtorno.

5. (Uni-Rio) Fogem a galope os "anjos-aviões".
A flexão no plural de ambos os elementos da composição ocorre no seguinte vocábulo:
a) pé de moleque;
b) guarda-chuva;
c) sempre-viva;
d) verde-amarelo;
e) pai-nosso.

6. (Uni-Rio) Assinale a palavra que difere em gênero (masculino ou feminino) das demais do grupo:
a) análise;
b) cal;
c) libido;
d) milhar;
e) síndrome.

7. (Cesgranrio) Assinale a palavra que só pode ser empregada em um gênero:
a) eletricista;
b) colega;
c) chefe;
d) testemunha;

e) servente.

8. (Uni-Rio) Nas palavras abaixo, há uma com erro de flexão. Assinale-a:
a) irmãozinhos;
b) exportaçõezinhas;
c) lençoizinhos;
d) papelzinhos;
e) heroizinhos.

9. (Fesp) Assinale a alternativa que contenha substantivos, respectivamente, abstrato, concreto e concreto:
a) fada, fé, menino;
b) fé, fada, beijo;
c) beijo, fada, menino;
d) amor, pulo, menino;
e) menino, amor, pulo.

10. (FMU/Fiam – SP) Indique a alternativa em que só aparecem substantivos abstratos:
a) tempo, angústia, saudade, ausência, esperança.
b) angústia, sorriso, luz, ausência, esperança, inimizade.
c) inimigo, luto, luz, esperança, espaço, tempo.
d) angústia, saudade, ausência, esperança, inimizade.
e) espaço, olhos, luz, lábios, ausência, esperança, angústia.

11. (Cesgranrio) Assinale o par de vocábulos que formam o plural como "órfão" e "mata-burro", respectivamente.
a) cristão / guarda-roupa
b) questão / abaixo-assinado
c) alemão / beija-flor
d) tabelião / sexta-feira
e) cidadão / salário-família

12. (Carlos Chagas) Assinale a alternativa em que as formas do plural de todos os substantivos se apresentam de maneira correta:
a) alto-falantes, coraçãozinhos, afazeres, víveres;
b) espadas, frutas-pão, pé de moleques, peixe-bois;
c) vaivéns, animaizinhos, beija-flores, águas-de-colônia;
d) animalzinhos, vaivéns, salários-família, pastelzinhos;
e) guardas-chuvas, guarda-costas, guardas-civis, couves-flores.

13. (TRE-RJ) Segue a mesma regra de formação do plural de "cidadão" o seguinte substantivo:
a) botão;

b) vulcão;
c) cristão;
d) tabelião;
e) escrivão.

14. (TTN) Há <u>erro</u> de flexão no item:
a) "A pessoa humana é vivência das condições espaço-temporais". (L.M. de Almeida)
b) A família Caymmi encontra paralelo com dois clãs do cinema mundial.
c) Hábeis artesãos utilizam técnicas sofisticadíssimas no trabalho com metais.
d) Nos revés da vida precisa-se de coragem para manter a vontade de ser feliz.
e) Ainda hoje alguns cânones da Igreja são discutidos por muitos fiéis.

15. (TRE-SP) As crianças colhiam e no jardim.
a) amor-perfeitos – sempres-vivas
b) amor-perfeitos – sempre-vivas
c) amores-perfeitos – sempre-vivas
d) amores-perfeitos – sempres-vivas
e) amor-perfeitos – sempres-viva

16. (TRE-SP) Os requereram aumento dos .
a) escrivãos – salários-família
b) escrivães – salários-famílias
c) escrivães – salário-famílias
d) escrivães – salários-família
e) escrivãos – salários-famílias

17. (TRE-SP) Será que esses precisam ter as firmas reconhecidas por ?
a) abaixo-assinados – tabeliães
b) abaixos-assinados – tabeliães
c) abaixos-assinado – tabeliões
d) abaixos-assinados – tabeliões
e) abaixo-assinados – tabelião s

18. (TRE-SP) Sua carreira foi sempre muito desigual e cheia de .
a) vaisvéns
b) vaisvém
c) vaivéns
d) vais-e-vens
e) vai-vens

19. (NCE) No termo <u>o bem</u> ocorre uma:
a) adverbialização;
b) adjetivação;

c) pronominalização;
d) substantivação;
e) quatificação

20. (TRE-MT) O termo que faz o plural como "cidadão" é:
a) limão
b) órgão
c) guardião
d) espertalhão
e) balão

21. (Oficial de Cartório da Polícia Civil – NCE) Em muitos casos, as formas nominais dos verbos podem ser substituídas por substantivos cognatos; o segmento abaixo em que a substituição foi feita de forma <u>inadequada</u> é:
a) "... a resultante possibilidade de se planejar, com dados concretos, as medidas..." – a resultante possibilidade de planejamento, com dados concretos, das medidas;
b) "... as medidas destinadas a superar as deficiências existentes"– as medidas destinadas à superioridade das medidas existentes;
c) "... oportunidades para intervir, e tudo o mais" – oportunidades para intervenção, e tudo o mais;
d) "Ninguém procura pesquisar a verdade..." – Ninguém procura a pesquisa da verdade;
e) "Ainda não se procurou verificar a realidade..." – Ainda não se procurou a verificação da realidade.

22. (Técnico Judiciário – TRT) O plural de "café-concerto" é "cafés-concerto". A palavra a seguir que faz o plural do mesmo modo é:
a) segunda-feira;
b) tenente-coronel;
c) quebra-cabeça;
d) caneta-tinteiro;
e) sempre-viva.

23. (Inpi – NCE) O plural correto de "porta-voz" é:
a) os porta-voz;
b) porta-vozes;
c) portas-vozes;
d) portam-vozes;
e) portas-voz.

24. (Inpi – NCE) Gatos, aves e cães no diminutivo plural teriam como formas corretas:
a) gatinhos, avesinhas, cãesinhos;
b) gatinhos, avezinhas, cãezinhos;
c) gatosinhos, avesinhas, cãeszinhos;

d) gatitos, avesitas, cãozitos;
e) gatinhos, avezinhas, cãeszinhos.

25. (Inpi – NCE) "Matérias-primas" faz plural da mesma forma que:
a) porta-voz;
b) guarda-comida;
c) bem-te-vi;
d) aluno-mestre;
e) pisca-pisca.

26. (IBGE – NCE) Consideração tem por plural "considerações"; o vocábulo abaixo que faz o plural da mesma forma é:
a) cidadão;
b) escrivão;
c) irmão;
d) chapelão;
e) ademão.

27. (Auxiliar de Almoxarifado – NCE) "Revoada" é um substantivo de ideia coletiva, como:
a) bananada;
b) colherada;
c) pincelada;
d) mesada;
e) boiada.

28. (Eletronorte – NCE) "Alface", como mostra o texto, é uma palavra do gênero feminino, assim como:
a) mármore;
b) guaraná;
c) champanha;
d) clã;
e) hélice.

29. (Técnico Judiciário Juramentado – TJ – NCE) "Eclipse" é palavra masculina; o vocábulo feminino entre os que estão abaixo é:
a) mármore;
b) alface;
c) telefonema;
d) prisma;
e) cataclisma.

30. (Eletrobrás – NCE) A forma de infinitivo que aparece substantivada nos segmentos

abaixo é:
a) "como entender a resistência da miséria...";
b) "no decorrer das últimas décadas...";
c) "... desde que se passou a registrá-las...";
d) "... começa a exercitar seus músculos";
e) "... por ter se tornado um forte oponente...".

31. (CBMERJ – NCE) O vocábulo "televisão" tem por plural "televisões". Entre os itens abaixo, aquele que apresenta uma forma de plural em –ões errada é:
a) apagões;
b) corrimões;
c) cidadões;
d) vulcões;
e) anões.

32. (CBMERJ – NCE) Já os substantivos "meias-verdades" e "asas-delta" fazem o plural da mesma forma, respectivamente de:
a) guarda-noturno; caneta-tinteiro;
b) segunda-feira; boa-vida;
c) pão-de-ló; navio-escola;
d) guarda-pó; tenente-coronel;
e) abaixo-assinado; banana-maçã.

33. (SUS) O plural metafônico ocorre em morto / mortos.
O par de palavras que também apresenta plural metafônico é:
a) forno e imposto;
b) bolso e ansioso;
c) primoroso e piolho;
d) porco e trono.

34. (NCE) O vocábulo cachorro, no plural, mantém a mesma pronuncia de "o" fechado na segunda sílaba; o vocábulo que muda o timbre da vogal "o" para aberto no plural é:
a) contorno;
b) bolso;
c) bolo;
d) rolo;
e) fofo.

Capítulo 6

Adjetivo

Adjetivo é o termo variável que indica qualidade aos seres.
Ex.: inteligente, possível, feio.

6.1. Adjetivo restritivo

Confere qualidade mutável do ser.
Ex.: água fria, pedra bonita.

6.2. Adjetivo explicativo

Confere qualidade óbvia do ser.
Ex.: fogo quente, pedra dura.

6.3. Grau dos adjetivos

6.3.1. Comparativo

Superioridade – ANALÍTICO: mais ... (do) que.
Ex.: Ele é mais feio (do) que eu.
SINTÉTICO: MAIOR, MENOR, MELHOR, PIOR
Ex.: Maria é menor (do) que João.

Igualdade – tão ... quanto.
Ex.: Ele é tão inteligente quanto eu.

Inferioridade – menos ... (do) que.
Ex.: Ela é menos problemática do que Perivaldo.

Obs.: Há uma situação em que se podem usar MAIS GRANDE, MAIS PEQUENO, MAIS BOM, MAIS RUIM. Tal ocorre quando houver comparação de duas qualidades do mesmo ser.
Ex.: Joana é mais grande do que forte. Luiz é mais bom que inteligente.

6.3.2. Superlativo

Relativo: indica a comparação de alguém com o todo.
– SUPERIODADE:
Ex.: Ele é o aluno mais inteligente de todos.

– INFERIORIDADE:
Ex.: Maria é a menos feia da turma.

Absoluto: exprime uma qualidade exagerada do ser.
– ANALÍTICO (com mais de uma palavra)
Ex.: muito pobre, extremamente feio, estudioso à beça.

– SINTÉTICO (com apenas uma palavra)
Ex.: paupérrimo, feiíssimo.

6.4. Formação dos superlativos absolutos sintéticos

1) Quando o adjetivo terminar em **RE** ou **RO**, o superlativo absoluto sintético se findará em **ÉRRIMO**.
   Ex.: pobre – paupérrimo
   magro – macérrimo
   acre – acérrimo
   negro – nigérrimo.
   Exceção: nobre – nobilíssimo

2) Quando o adjetivo terminar em **IO**, o superlativo absoluto sintético se findará em **IÍSSIMO**.
   Ex.: macio – maciíssimo
   feio – feiíssimo.

   Exceções: sábio – sapientíssimo
   frio – frigidíssimo.

Obs.: Está consagrada na linguagem jurídica a expressão "sumaríssimo", apesar de a gramática prever "sumariíssimo".

3) Quando o adjetivo terminar em **Z**, o superlativo absoluto sintético se findará em **CÍSSIMO**.
   Ex.: loquaz – loquacíssimo
   atroz – atrocíssimo
   feliz – felicíssimo
   feroz – ferocíssimo.

4) Quando o adjetivo terminar em **VEL**, o superlativo absoluto sintético se findará em **BILÍSSIMO**.
   Ex.: amável – amabilíssimo
   terrível – terribilíssimo
   imóvel – imobilíssimo.

5) Quando o adjetivo terminar em **SOM NASAL**, o superlativo absoluto sintético

se findará em **NÍSSIMO**.

Ex.: pagão – paganíssimo
cristão – cristianíssimo
são – saníssimo
comum – comuníssimo.

6.5. Relação de superlativos absolutos sintéticos

acre	acérrimo
afável	afabilíssimo
ágil	agílimo
agudo	acutíssimo
alto	sumo, supremo, altíssimo
amargo	amaríssimo
antigo	antiquíssimo
áspero	aspérrimo
atroz	atrocíssimo
benéfico	beneficentíssimo
benévolo	benevolentíssimo
bom	ótimo, boníssimo
célebre	celebérrimo
célere	celérrimo, celeríssimo
chão	chaníssimo
comum	comuníssimo
cortês	cortesíssimo
cristão	cristianíssimo
cruel	crudelíssimo
doce	dulcíssimo
dócil	docílimo
eficaz	eficacíssimo
fácil	facílimo
fiel	fidelíssimo
frágil	fragílimo
frio	frigidíssimo
geral	generalíssimo
grande	máximo, grandessíssimo
hábil	habilíssimo
humilde	humílimo

incrível	incredibilíssimo
íntegro	integérrimo
jovem	juveníssimo
livre	libérrimo
loquaz	loquacíssimo
macio	maciíssimo
magnífico	magnificentíssimo
magro	macérrimo
maléfico	maleficentíssimo
malévolo	malevolentíssimo
mau	péssimo
mísero	misérrimo
miúdo	minutíssimo
negro	nigérrimo
nobre	nobilíssimo
pagão	paganíssimo
pequeno	mínimo
perspicaz	perspicacíssimo
pessoal	personalíssimo
pródigo	prodigalíssimo
próprio	propriíssimo
provável	probabilíssimo
pulcro	pulquérrimo
ruim	péssimo
sábio	sapientíssimo
sagrado	sacratíssimo
símil, semelhante	simílimo
senil	senílimo
sério	seriíssimo
simples	simplicíssimo
soberbo	superbíssimo
terrível	terribilíssimo
vadio	vadiíssimo
vão	vaníssimo

6.6. Locuções adjetivas

Conjunto de palavras que equivalem a um adjetivo.

6.6.1. Lista de locuções adjetivas

de abelha	apícola
de águia	aquilino
de chumbo	plúmbeo
de cidade	citadino
de cobra	viperino
de fogo	ígneo
de garganta	gutural
de gelo	glacial
de homem	humano
de inverno	hibernal
de lebre	leporino
de macaco	simiesco
de morte	mortal
de nádegas	glúteo
de paixão	passional
de veias	venoso

Obs.: Os adjetivos compostos, por regra, possuem flexão apenas no último elemento.

Ex.: luso-brasileiros, ítalo-americanos, socioeconômicos, azul-claros.

Exceções: – surdo-mudo // surdos-mudos; claro-escuro // claros-escuros – quando nas cores o segundo elemento for substantivo, nenhum se flexiona.

Ex.: camisas azul-petróleo, uniformes verde-oliva.

6.7. Adjetivo com valor subjetivo ou indicativo de "qualidade"

Ocorre quando a qualificação expressa a opinião de quem o utilizou, ou seja, possui nítido valor opinativo.

Ex.: boa compra, cerveja gostosa, bem valioso.

6.8. Adjetivo com valor objetivo ou indicativo de "característica"

Ocorre quando o adjetivo não expõe a opinião de quem o usou. É uma qualidade inerente ao ser.

Ex.: problemas gástricos, indicadores sociais, povo brasileiro.

Obs.: O adjetivo pode se formar através do particípio dos verbos.

Ex.: O aluno preparado passa nos concursos.

6.9. Exercícios

1. (Técnico Judiciário – TRE-PA – FGV) Assinale a palavra que, no texto, NÃO tenha valor adjetivo.

a) melhor – Aliás, o melhor para a democracia seria separar os fundos partidários dos destinados às campanhas eleitorais.
b) muitas – Enfim, as máquinas partidárias muitas vezes se tornam aparelhos ou feudos controlados por poucos e financiados por todos nós.
c) extraordinária – qual a razão para se aumentar de forma tão extraordinária a dotação dos partidos?
d) minhas – Obviamente, minhas propostas são românticas.
e) nove – Isso porque foi aprovado a nove dias do fim do ano o reforço de R$ 100 milhões.

2. (Perito da Polícia Civil – RJ – FGV) Assinale a alternativa em que o segundo termo não funciona como adjetivo do primeiro.

a) Preservação ambiental.
b) Código Florestal.
c) Interesses divergentes.
d) Base aliada.
e) Diversas regiões.

3. (NCE) Em que item a seguir o adjetivo tem valor claramente subjetivo?

a) Próxima sexta-feira.
b) Bom espaço.
c) Líderes comunitários.
d) Panos brancos.
e) Oração silenciosa.

4. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a locução grifada tem valor adjetivo.

a) "Via aos pés o lado adormecido".
b) "O menino de propósito afrontou a vertigem".
c) "Enquanto o Barão de pé, na margem sorria com orgulho".
d) "Conhecendo a força de atração do abismo".
e) "A ideia de vingança agora o enchia de horror".

5. (Cesgranrio) Assinale a opção em que o termo grifado, quando posposto ao substantivo, muda de significação e passa a pertencer a outra classe de palavras:

a) complicada solução;
b) certos lugares;
c) inapreciável valor;
d) engenhosos métodos;
e) extraordinária capacidade.

6. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a locução grifada tem valor adjetivo.
a) "Comprou o papel de seda".
b) "Cortou-o com amor".
c) "Mudava de cor".
d) "Gritava com maldade".
e) "Salteou-o com atiradeiras".

7. (Univ. Fed. de Juiz de Fora-MG) A respeito da frase: "eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor..." (Machado de Assis), são feitas as seguintes afirmações:
I. No primeiro caso, AUTOR é substantivo; DEFUNTO é adjetivo.
II. No segundo caso, DEFUNTO é substantivo; AUTOR é adjetivo.
III. Em ambos os casos, tem-se um substantivo composto.
Assinale:
a) Se I e II forem verdadeiras.
b) Se I e III forem verdadeiras.
c) Se II e III forem verdadeiras.
d) Se todas forem verdadeiras.
e) Se todas forem falsas.

8. (Cesgranrio) Assinale a opção em que ambos os termos não admitem flexão de gênero:
a) inglesa pálida;
b) jovem leitor;
c) alguns mestres;
d) semelhante criatura;
e) moça ideal.

9. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a mudança na ordem dos termos pode alterar o sentido fundamental da expressão:
a) própria usina / usina própria;
b) eminentes físicos / físicos eminentes;
c) rápido desfecho / desfecho rápido;
d) parcelas ponderáveis / ponderáveis parcelas;
e) separação rígida / rígida separação.

10. (Analista de Controle Interno – Sefaz-RJ – FGV) Assinale a palavra que, no texto, NÃO desempenhe papel adjetivo.
a) suficiente – participação cidadã pode representar um alerta, mas não é o suficiente.
b) alguns – Apresentar alguns fatores.
c) sua – Entre a sociedade, a empresa e o Estado, está o profissional contábil, que, por sua vez, é o elo entre Fisco e contribuinte.

d) própria – contribuir de forma direta e irrestrita para a própria sustentação.
e) diversos – Entende-se que a arrecadação incidente sobre os diversos setores produtivos é necessária.

11. (Perito da Polícia Civil – NCE) "Qualquer assaltante" apresenta sentido diferente de "um assaltante qualquer". O par abaixo que não apresenta diferença significativa de sentido é:
a) pobre homem/homem pobre;
b) funcionário competente/competente funcionário;
c) grande mulher/mulher grande;
d) folha branca/branca folha;
e) bom menino/menino bom.

12. (Perito da Polícia Civil – NCE) "... bem da humanidade...", "... obra de destruição...", "... novos meios de matar..."; as expressões sublinhadas são, respectivamente, correspondentes a:
a) humano, destrutiva, mortíferos;
b) humanitário, destruidora, homicidas;
c) humanista, destrutiva, assassinos;
d) humano, destruidora, violentos;
e) humanitário, destruidora, mortais.

13. (Inspetor da Polícia Civil – NCE) O adjetivo cuja expressão correspondente é indicada erradamente é:
a) debates universitários – debates de universidades;
b) professor brilhante – professor de brilho;
c) comentário marginal – comentário à margem;
d) atitudes humanas – atitudes do homem;
e) substâncias ilícitas – substâncias fora da lei.

14. (Ministério Público RJ – NCE) Ao designar como hindus os nascidos na Índia, o autor do texto:
a) preferiu esta designação à de indianos;
b) errou, pois hindu se aplica somente aos adeptos do hinduísmo;
c) quer referir-se somente a uma parte dos habitantes da Índia;
d) designa somente os que adoram a vaca como símbolo religioso;
e) errou, visto que o vocábulo é grafado sem a letra H.

15. (Ministério Público RJ – NCE) Em "O homem urbano do Ocidente...", o vocábulo sublinhado se aplica ao homem:
a) civilizado;
b) culto;
c) não-rural;

d) adulto;
e) contemporâneo.

16. (Ministério Público RJ – NCE) O adjetivo abaixo de valor nitidamente subjetivo é:
a) imprensa brasileira;
b) proposta milionária;
c) incitamento racista;
d) jovem negro;
e) brilhante futuro.

17. (IBGE – NCE) "... me parece <u>infundada</u> a acusação." O adjetivo sublinhado corresponde semanticamente a:
a) sem fundos;
b) sem fundações;
c) sem fundamento;
d) sem finalidade;
e) sem fingimento.

18. (Auxiliar de Cartório – TJ – NCE) Em "... entorpecimento completo ou parcial...", a relação semântica existente entre os adjetivos "completo" e "parcial", repete-se em:
a) inverno e verão;
b) tranquilo e agitado;
c) paralisados e imóveis;
d) branco e claro;
e) amarelo e amarelado.

19. (Auxiliar de Cartório – TJ – NCE) O item em que a correspondência entre adjetivo e substantivo está <u>incorreta</u>, levando-se em conta os valores semânticos dos adjetivos no texto, é:
a) completo / completude;
b) letárgico / letargia;
c) imóveis / imobilismo;
d) sanguínea / sangue;
e) normais / normatividade.

20. (NCE) Nos segmentos "torres gêmeas", "manchete ruim", "jornal brasileiro" e "filme açucarado", os adjetivos de caráter claramente objetivo são:
a) gêmeas / ruim;
b) gêmeas / brasileiro;
c) ruim / brasileiro;
d) brasileiro / açucarado;
e) ruim / açucarado.

21. (Eletrobrás – NCE) O item em que o adjetivo sublinhado, quando deslocado para antes ou depois do substantivo por ele determinado, não apresenta possibilidade de qualquer modificação de sentido é:
a) fato novo;
b) mal velho;
c) poupanças populares;
d) antigas realizações;
e) espantosas propostas.

22. (Cepel – NCE) Em "... com folhas de um verde limpo.", caso houvesse o adjetivo "verde-limpo", esse segmento do texto seria corretamente escrito:
a) folhas verdes-limpo;
b) folhas verdes-limpas;
c) folhas verde-limpas;
d) folhas verde-limpo;
e) folhas verdes-limpos.

23. (Corregedoria da Justiça – RJ – NCE) Em "... exposto ao frio da noite..." e "... de sua incômoda presença...", os dois segmentos sublinhados possuem substantivos e adjetivos, mas com estruturações diferentes (substantivo + locução; adjetivo + substantivo). Se reescrevermos os dois segmentos, trocando as estruturas adotadas, teremos:
a) frio noturno / presença incômoda;
b) frieza da noite / presente incômodo;
c) fria noite / o incômoda da presença;
d) frieza noturna / o incômodo presente;
e) noturno frio / presença da incomodidade.

24. (Engepron – NCE) Entre os itens abaixo, o adjetivo sublinhado que mostra um caráter subjetivo, ou seja, uma opinião do autor, é:
a) multidão imensa;
b) espetáculo emocionante;
c) sentido elevatório;
d) imprensa política;
e) aeronauta brasileiro.

25. (ANTT – NCE) A frase que não apresenta qualquer exemplo de comparativo ou superlativo é:
a) "atender rapidamente os feridos";
b) "registram-se os mais elevados índices";
c) "para salvar o maior número de vítimas";
d) "dirigir nas estradas não é tarefa das mais fáceis";
e) "exigiu a maior concentração de máquinas rodoviárias".

26. (Administrador – MEC – FGV) "Trata-se da construção de uma alternativa à lógica dominante, ao ajustamento de todas as sociedades..."

No trecho acima há:

a) quatro adjetivos;
b) três adjetivos;
c) dois adjetivos;
d) um adjetivo;
e) nenhum adjetivo.

Capítulo 7

Artigo

Artigo é a palavra variável que fica anteposta ao substantivo, indicando seu gênero e número.

7.1. Artigo definido

Indica os seres dentro de uma espécie, individualizando-os: O, A, OS, AS.

7.2. Artigo indefinido

Indica seres quaisquer numa espécie, generalizando-os. UM, UMA, UNS, UMAS

BIZU

O artigo anteposto a qualquer palavra tem o poder de substantivá-la.
Ex.: O azul é a cor mais bonita.

7.3. Exercícios

1. (Univ. Fed. Pará) Observe o uso do artigo nas seguintes frases:
I. "... perdia a sua musculatura estudando em Belém".
II. "... até invejou o fumar do vaqueiro".
III. "... dela a escola era um lombo de búfalo".
IV. "De repente foi ouvido que andava pelo Por Enquanto uma pequena..."
Em quais delas foi usado o recurso da substantivação?
a) Em I e II.
b) Em I e III.
c) Em II e III.
d) Em II e IV.
e) Em III e IV.

2. (Analista de Controle Interno – Sefaz-RJ – FGV) "Ah, filho! Basta ser uma boa pessoa, fazer o bem ao próximo, não mentir e comer os legumes!"
Na fala da mãe, há:
a) um artigo;

b) dois artigos;
c) três artigos;
d) cinco artigos;
e) quatro artigos.

3. (Esan-SP) Em qual dos casos o artigo denota familiaridade?
a) O Amazonas é um rio imenso.
b) D. Manoel, o Venturoso, era bastante esperto.
c) O Antônio comunicou-se com o João.
d) O professor João Ribeiro está doente.
e) Os Lusíadas são um poema épico.

4. (ITA) Determine o caso em que o artigo tem valor de qualificativo.
a) Estes são os candidatos de que lhe falei.
b) Procure-o, ele é o médico.
c) Certeza e exatidão, estas qualidades não as tenho.
d) Os problemas que o afligem não me deixam descuidado.
e) Muita é a procura; pouca a oferta.

5. (Técnico Legislativo – Senado Federal – FGV) "...existe a percepção de que algo tem que ser feito a mais para de fato levar a saúde a toda a população."
A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:
I. *Em levar a saúde a toda a população*, **há uma preposição e dois artigos.**
II. *Em levar a saúde a toda a população*, **a última ocorrência da palavra** *a* **poderia ser suprimida sem provocar grave alteração de sentido.**
III. *Em levar a saúde a toda a população*, **a primeira ocorrência da palavra** *a* **poderia ser suprimida sem provocar grave alteração de sentido.**
Assinale:
a) se somente os itens II e III estiverem corretos;
b) se todos os itens estiverem corretos;
c) se nenhum item estiver correto;
d) se somente os itens I e II estiverem corretos;
e) se somente os itens I e III estiverem corretos.

6. (Inspetor de Polícia Civil – FGV) "Ora, as mazelas da imigração só podem ser resolvidas com a integração dos estrangeiros às sociedades, associada a uma enfática cooperação internacional, a fim de extrair da miséria e da desesperança a larga franja demográfica em que nascerá o futuro ser humano a expulsar."
No trecho acima, há:
a) 7 artigos definidos e 3 ocorrências da preposição *a;*
b) 8 artigos definidos e 4 ocorrências da preposição *a;*
c) 9 artigos definidos e 4 ocorrências da preposição *a;*
d) 9 artigos definidos e 3 ocorrências da preposição *a;*

e) 8 artigos definidos e 2 ocorrências da preposição *a.*

7. (Perito da Polícia Civil-RJ/FGV) "Atinge toda a região e a si mesmo, pois o Equador é credor no âmbito do CCR, e a efetiva realização da ameaça de não honrar compromisso assumido o impedirá de receber aquilo que lhe é devido" (L.50-53).
No trecho acima há:
a) sete artigos;
b) seis artigos;
c) cinco artigos;
d) quatro artigos;
e) três artigos.

Capítulo 8

Advérbio

Advérbio é a palavra geralmente invariável que modifica a ideia do verbo. Os advérbios de intensidade, além de modificarem a ideia do verbo, também podem modificar a ideia de um adjetivo ou de outro advérbio.

Ex.: Xuxa canta bem.

Observe que "bem" é advérbio porque está modificando a ideia do verbo "cantar". É também importante ressaltar o fato de o advérbio ser invariável, e, ao passar toda a frase para o plural, somente o advérbio não acompanhará.

Ex.: Xuxa e Angélica cantam bem.

O sujeito foi para o plural, o verbo também, mas o advérbio não se modificou.

Ex.: Xuxa e Angélica cantam muito bem.

Nessa frase, há dois advérbios: BEM é advérbio de modo, modificando a ideia do verbo "cantar", e MUITO é advérbio, modificando a ideia do outro advérbio "bem", acrescendo valor de intensidade.

Ex.: Elas são muito bonitas.

"Muito" é advérbio, pois intensifica a ideia do adjetivo "bonitas".

O advérbio pode passar uma série de ideias a serem observadas a seguir:

– de modo

Ex.: Estou bem.

Agi erradamente.

– de lugar

Ex.: Ele ficou aqui.

– de tempo

Ex.: Cheguei ontem.

– de intensidade

Ex.: "Que rica que era a Titi" (Eça de Queirós).

– de negação

Ex.: Ele não virá.

– de afirmação

Ex.: Certamente ele virá.

– de dúvida

Ex.: Talvez ele venha.

Advérbio Interrogativo – COMO, ONDE, QUANDO, POR QUE.

Como este fato aconteceu?
Onde ele estava?
Quando ele morreu?
Por que ninguém me contou nada?

8.1. Graus do advérbio

8.1.1. Comparativo

De superioridade

Ex.: Eu falo mais do que você.

De igualdade

Ex.: Eu falo tanto quanto você.

De inferioridade

Ex.: Eu falo menos do que você.

8.1.2. Superlativo

Absoluto sintético

Ex.: Cheguei tardíssimo.

Absoluto analítico

Ex.: Cheguei tarde à beça.

8.2. Locução adverbial

Conjunto de duas ou mais palavras que funcionam como advérbio. Normalmente se forma através da associação de preposição com substantivo, verbo ou advérbio.

Ex.: Eu te vi cara a cara.
Ele veio de longe.
Ele fez o trabalho às pressas.

Obs.: Os advérbios terminados em MENTE se originam de formas adjetivas femininas, pois o sufixo em questão se derivou do substantivo MENTE significando "cérebro".

Ex.: Positivamente – mente positiva

Contrariamente – mente contrária

8.3. Palavras denotativas ou partículas expletivas

Palavras ou locuções invariáveis – o que pode levar o usuário da língua à classificação errônea de advérbio – que não modificam o verbo, nem o adjetivo, nem o advérbio.

1 – **De exclusão** – apenas, exceto, só, somente...

Ex.: Todos foram à praia, exceto João.

2 – **De inclusão** – até, até mesmo, mesmo, inclusive...

Ex.: Todos sambaram, inclusive Fritz.

3 – **De explicação** – por exemplo, ou seja, isto é...

Ex.: A situação estava complicada. Por exemplo, ninguém quis se comprometer.

4 – **De realce** – se, é que...

Ex.: "Foi-se a noite" (Castro Alves).

Ex.: "A cor é que tem cor nas asas de borboleta" (Fernando Pessoa).

5 – **De retificação** – isto é, ou seja, ou melhor, aliás...

Ex.: Ninguém veio, aliás Manoel veio.

8.4. Exercícios

1. (Unificado) "Duma feita os canhamboras perceberam que não tinham mais escravos..." A locução sublinhada denota nesse contexto:

a) tempo;
b) oposição;
c) conclusão;
d) comparação;
e) consequência.

2. (Auditor – Sefaz-RJ – FGV) Assinale a palavra que, no texto, NÃO tenha valor adverbial.

a) mais – ganhem cada vez mais espaço no Brasil.
b) bastante – dessa possibilidade vem se dando de forma bastante tímida.
c) penal – sob pena de serem responsabilizadas penal e administrativamente.
d) só – ... não só das empresas estrangeiras situadas no Brasil, mas também...
e) antes – que pretendem implementar, o quanto antes, práticas administrativas.

3. (UFF) A expressão assinalada tem valor adverbial em:

a) "A história do casamento de Maria Benedita é curta".
b) "Se não fosse a epidemia das Alagoas talvez não chegasse a haver casamento".

c) "... não contendo o respeito que aquele bêbado tinha ao princípio da propriedade".
d) "... não é preciso estar embriagado para acender um charuto nas misérias alheias".
e) "Sem pedir licença à dona das ruínas".

4. (Uni-Rio) Assinale a opção em que a expressão sublinhada não tem o mesmo valor gramatical identificado em:
"Nunca mais andarei de bicicleta".
a) Ela percorreu a estrada a pé.
b) Encontrei meu inimigo cara a cara.
c) Nosso tio vagava pelas ruas com fome.
d) Enfrentamos sempre o perigo de frente.
e) João terminou a pesquisa às pressas.

5. (Uni-Rio) Assinale a frase em que as palavras destacadas correspondem, pela ordem, a substantivo, adjetivo, advérbio.
a) FELIZ a NAÇÃO que emprega BASTANTES recursos na educação.
b) As ESCOLAS organizadas fazem um EXTRAORDINÁRIO BEM à educação.
c) O GOVERNO que acultura SEU povo passa à HISTÓRIA.
d) Educação e CULTURA fazem FORTE um país BEM promissor.
e) A PREPARAÇÃO da JUVENTUDE forja o AMANHÃ de um país.

6. (CBMERJ – NCE) Os advérbios terminados em –mente são formados pela junção desse sufixo à forma feminina de adjetivo. Os dois exemplos abaixo em que não é possível indicar formalmente o gênero do adjetivo são:
a) simplesmente / aproximadamente
b) aproximadamente / diariamente
c) diariamente / normalmente
d) normalmente / simplesmente
e) simplesmente / diariamente

7. (NCE) Nos quatro segmentos a seguir, há advérbios terminados pelo sufixo – mente.
1) "... extirpou definitivamente o sebastianismo da vida nacional"
2) "Finalmente, a superexposição das mazelas..."
3) "... que ajudou simbolicamente a desfraldar..."
4) "... que os recursos públicos se destinem majoritariamente..."
Assinale o item em que o comentário sobre seu emprego ou formação não esteja correto:
a) Todos os advérbios apresentados foram formados a partir de adjetivos.
b) Os advérbios se distribuem em advérbios de tempo e de modo.
c) Todos os advérbios são formados a partir da forma feminina dos adjetivos primitivos.
d) Nem todos os adjetivos primitivos mostram distinção formal de gênero de substantivo.
e) Todos os advérbios se referem aos verbos das orações em que estão inseridos.

8. (NCE) "Devagar se vai ao longe, mas quando se chega lá não se encontra mais ninguém" (Millôr Fernandes).
Indique a circunstância apontada corretamente.
a) Devagar – circunstância de modo.
b) Lá – circunstância de finalidade.
c) Mais – circunstância de intensidade.
d) Longe – circunstância de tempo.
e) Quando – circunstância de lugar.

9. (NCE) Na palavra "ansiosamente", o adjetivo que serve de base para a formação do advérbio está no gênero feminino. A que se deve esse fato?
a) Porque todos os advérbios são formados com a forma feminina dos adjetivos.
b) Porque, historicamente, corresponde a uma concordância com o substantivo "mente".
c) Porque mantém o gênero da palavra "ânsia".
d) Porque, desse modo, se evita a repetição desagradável do som da vogal "o".
e) Porque a forma feminina facilita a pronúncia pela inclusão de uma vogal entre duas consoantes.

10. (NCE) <u>De repente</u> foi assaltada por um adolescente". A expressão destacada tem valor de:
a) substantivo;
b) adjetivo;
c) adverbial;
d) pronominal;
e) verbal.

Capítulo 9

Pronome

Pronome é o termo que substitui o nome. Como NOME engloba substantivos e adjetivos, evidentemente o pronome funciona como substantivo ou adjetivo.

O pronome será substantivo quando substituir um substantivo.

Ex.: Sinfronésia morreu. Alguém morreu.

→ O pronome ALGUÉM substitui o substantivo SINFRONÉSIA; portanto, é um pronome substantivo.

O pronome será adjetivo quando acompanhar um substantivo.

Ex.: Minha cadela é bonita.

→ MINHA é um pronome adjetivo porque acompanha o substantivo CADELA.

9.1. Pronomes pessoais retos

Trata-se do pronome pessoal que funciona como sujeito ou predicativo do sujeito. EU e TU são sempre pronomes retos, enquanto ELE, ELA, NÓS, VÓS, ELES e ELAS são pronomes retos se funcionarem como sujeito ou predicativo ou são pronomes oblíquos caso possuam outra função sintática.

Ex.: Eles fizeram o trabalho.

→ ELES é pronome reto porque funciona como sujeito.

Entreguei a eles o trabalho.

→ ELES é pronome oblíquo porque funciona como objeto indireto.

9.2. Pronomes pessoais oblíquos

ME, MIM, COMIGO, TE, TI, CONTIGO, LHE, O, A, SE, SI, CONSIGO, NOS, CONOSCO, VOS, CONVOSCO, LHES, OS, AS.

BIZU

Como já se advertira, os pronomes pessoais EU e TU só podem ser retos,

visto que inevitavelmente funcionam como sujeito ou predicativo do sujeito. Cabe ressaltar que, ao contrário do que aprendemos nas escolas, é possível usar "MIM" ou "TI" antes de verbos no infinitivo. Tal ocorre quando se puder separar o pronome do verbo, evidenciando-se que aquele não será sujeito deste.

Ex.: É importante para mim fazer esse trabalho.

→ Observe que é exequível separar o pronome MIM do verbo FAZER, como podemos constatar a seguir:

Fazer esse trabalho é importante para mim.

Sendo assim, o uso de MIM, e não de EU, torna-se obrigatório. Em contrapartida, se não for admissível separar o pronome pessoal do verbo, torna-se patente que o pronome funciona como sujeito, então só pode ser utilizado o pronome pessoal reto (EU).

Ex.: Ele trouxe o material para eu fazer o trabalho.

→ Observe que a frase não possui sentido, separando-se o pronome pessoal do verbo FAZER; portanto este pronome pessoal há de ser reto, e a utilização de EU faz-se "imperiosa".

Obs.: As formas COMIGO, CONTIGO, CONSIGO, CONOSCO e CONVOSCO, regidas de preposição COM, apresentam-se com as preposições aglutinadas aos pronomes.

Ex.: Ele brincou conosco ontem.

→ Observe, contudo, que se torna equivocada a contração das preposições com os pronomes oblíquos átonos quando após aparecer MESMOS, PRÓPRIOS, OUTROS, AMBOS, TODOS ou NUMERAIS.

Ex.: Eles viajarão com nós todos. Manoel e Joaquim foram injustos com eles próprios.

Obs.: Os pronomes oblíquos tônicos obrigatoriamente vêm após preposição, mesmo que o verbo seja transitivo direto.

Ex.: Ele viu a nós ontem. Eu ouvirei a ti sempre.

Obs.: Com a preposição ATÉ, usam-se as formas oblíquas tônicas MIM, TI etc.

Ex.: Ele veio até mim.

Observe, porém, que, se o termo ATÉ indicar valor de inclusão, usa-se a forma reta EU, TU, ELE...

Ex.: Todos foram à praia, até eu.

9.3. Pronomes possessivos

Dão ideia de posse.
MEU, MINHA, MEUS, MINHAS, TEU, TUA, TEUS, TUAS, SEU, SUA, SEUS, SUAS, NOSSO, NOSSA, NOSSOS, NOSSAS, VOSSO, VOSSAS.

Obs.: Há casos em que um pronome oblíquo tem valor possessivo.

Ex.: "O beijo de Capitu fechava-me os lábios" (Machado de Assis).
→ fechava os meus lábios

"Ainda hei de tirar-te a vergonha" (Raul Pompéia).
→ Ainda hei de tirar a tua vergonha.

9.4. Pronomes demonstrativos

Situam a pessoa ou a coisa designada em relação ao espaço.
Os casos mais comuns são ISTO, ISSO, AQUILO, ESTE(S), ESSE(S), AQUELE(S), ESTA(S), ESSA(S), AQUELA(S).

Ex.: Aquele cachorro é meu.
Não gosto desta situação.

9.4.1. Usos especiais de pronomes demonstrativos

Quando há três termos já citados, para evitarmos a repetição destes termos, usam-se os pronomes demonstrativos AQUELE(S), AQUELA(S), AQUILO, referentes ao primeiro; ESSE(S), ESSA(S), ISSO, ao segundo; ESTE(S), ESTA(S), ISTO, ao último.

Ex.: Ayrton Senna, Xuxa e Pelé são os brasileiros mais conhecidos no mundo. Este (Pelé) é o atleta do século, aquele (Ayrton Senna) foi o maior piloto de todos os tempos e essa (Xuxa) é a apresentadora mais requisitada da América do Sul.

Obs.: Havendo apenas dois seres, AQUELE se referirá ao mais longínquo e ESTE, ao mais próximo.

Ex.: Fernanda Montenegro e Paulo Gracindo foram os maiores atores brasileiros. Este foi o protagonista de O Bem Amado e aquela, de Central do Brasil.

É também interessante ressaltar que devem ser usados ESTE(S), ESTA(S), ISTO para algo que esteja próximo de quem esteja falando; ESSE(S), ESSA(S), ISSO para algo que esteja próximo da pessoa com quem se está falando; e AQUELE(S), AQUELA(S), AQUILO, para algo que esteja próximo de uma terceira pessoa sobre a qual se está falando.

Ex.: Este (próximo de quem está falando) lápis é meu.
Esse (próximo da pessoa com quem se está falando) lápis é seu.
Aquele (próximo de uma terceira pessoa sobre a qual se está falando) lápis

é do Manoel.

9.4.2. Casos especiais de pronome demonstrativo

1) O, A, OS, AS serão pronomes demonstrativos quando antecederem o pronome relativo "QUE" ou a preposição "de" e puderem ser substituídos por AQUILO, AQUELE(S), AQUELA(S).

Ex.: "O (aquilo) que estragou tudo foi esse ciúme, Paulo" (Graciliano Ramos).

Vi bem a (aquela) que saiu.

"Mas que melhor metafísica que a (aquela) delas" (Fernando Pessoa).

Obs.: Vale observar que, confirmando serem O, A, OS, AS pronomes demonstrativos, também se ratifica ser o "que" pronome relativo. Aproveitando o penúltimo exemplo, conclui-se que A é pronome demonstrativo e QUE, pronome relativo.

BIZU

Muito raramente "o" poderá ser pronome demonstrativo, não precedendo a preposição "de" ou o pronome relativo "que". Tal se dá quando for remissivo a uma ação ou a uma oração.

Ex.: – João, eu soube que você brigou com a sua namorada.

– Paulo, eu não **o** fiz.

→ Perceba que, nessa situação, o pronome demonstrativo "o" refere-se ao ato de brigar com a namorada, podendo ser substituído, inclusive, pela palavra "isso" – Eu não fiz isso.

Ex.: – João, você viu o Carlos?

– Paulo, eu não **o** vi.

Já, neste caso, o pronome oblíquo é referente a Carlos, e não a uma ação – Eu não vi Carlos.

TAL é pronome demonstrativo quando significar "ESTE", "ESSE", "AQUELE".

Ex.: Tal (esta) foi a decisão, mas não a aguardávamos.

Você me veio com tal (aquele) cansaço.

Mesmo quando significar "IDÊNTICO", "IGUAL".

Ex.: Na mesma (IGUAL, IDÊNTICA) hora em que eu a vi ontem, eu a vi hoje.

PRÓPRIO, quando fizer referência a algo já mencionado.
Ex.: Ele fez mal aos outros e a si próprio (ele).

SEMELHANTE, quando for sinônimo de TAL.
Ex.: Nunca diria semelhantes (tais) palavras.

9.5. Pronomes indefinidos

Referem-se, de forma vaga, à 3ª pessoa:
TODO, TODOS, TODA, TODAS, TUDO, ALGUM, ALGUNS, ALGUMA, ALGUMAS, ALGUÉM, ALGO, NENHUM, NENHUNS, NENHUMA, NENHUMAS, NINGUÉM, NADA, OUTRO, OUTRA, OUTROS, OUTRAS, OUTREM, MUITO, MUITA, MUITOS, MUITAS, POUCO, POUCA, POUCOS, POUCAS, QUANTO, QUANTA, QUANTOS, QUANTAS, MAIS, MENOS, BASTANTE, BASTANTES, CADA, QUALQUER, QUAISQUER, TANTO, TANTA, TANTOS, TANTAS, DEMAIS, VÁRIOS, VÁRIAS, QUE (QUAL), QUEM, UM, UMA, UNS, UMAS.

Ex.: Já não tenho mais tempo.
Eu vi que (qual) aluno fugiu de sala.

Obs.: É importante não confundir o pronome indefinido QUE com o pronome relativo QUE. Aquele ocorrerá quando puder ser substituído por QUAL ou QUAIS; já este, por O QUAL, A QUAL, OS QUAIS, AS QUAIS.

É também essencial não misturar pronome indefinido com advérbio. Aquele é variável e se liga a um substantivo. Já o advérbio é invariável e relaciona-se com verbo, adjetivo ou outro advérbio. Convém ressaltar que o vocábulo "certo" será pronome indefinido, quando equivaler a "qualquer" ou "algum" e **não** for antônimo de "errado".

Ex.: Estamos bastante confiantes.

→ Observe que "bastante" é invariável e intensifica o adjetivo "confiantes".

Possuímos bastantes alunos em sala.

→ O termo "bastantes" liga-se ao substantivo "alunos" e é variável, portanto classificando-se como pronome indefinido.

Ela possui menos preocupação do que nós.

→ Como o vocábulo "menos" determina o substantivo "preocupação", classifica-se pronome indefinido.

Ela está menos preocupada do que nós.

→ Como o termo "menos" está ligado ao adjetivo "preocupada", evidencia-se

ser advérbio.

Certos trabalhos não deveriam ser feitos.

→ "Certos", nessa frase, aproxima-se semanticamente de "alguns" e não é antônimo de "errado", portanto é pronome indefinido.

Foram feitos os trabalhos certos.

→ "Certos" nessa frase é antônimo de errado, classificando-se como adjetivo.

9.6. Pronomes relativos

São pronomes relativos "o qual", "a qual", "os quais", "as quais", ou quaisquer outros termos que possam ser substituídos por estes mencionados. A finalidade do pronome relativo é evitar a repetição do termo antecedente na oração em que ocorre.

Ex.: Não conheço o lugar onde ele mora.

→ "Onde" é pronome relativo porque pode ser substituído por "no qual" e refere-se ao antecedente "lugar".

Falei as palavras que você queria ouvir.

→ "Que" é pronome relativo porque pode ser substituído por "as quais" e refere-se ao termo "as palavras".

Nas estruturas em que O, A, OS, AS aparecerem antes de "que" – e puderem ser substituídos por AQUILO, AQUELE(S), AQUELA(S) –, O, A, OS, AS serão pronomes demonstrativos e o QUE será relativo. Nessa situação o antecedente do relativo será sempre o demonstrativo.

Obs.: Ainda será o antecedente do pronome relativo somente o demonstrativo, mesmo quando este estiver combinado a uma preposição.

Ex.: "Fora de mim, alheio ao que penso" (Fernando Pessoa) – ao que penso (àquilo que penso).

Necessitamos daquelas (de + aquelas) que chegaram geladas.

Também são pronomes relativos CUJO, CUJA, CUJOS, CUJAS.

Ex.: É bonita a cidade por cujas ruas passei.

Conheci um escritor de cujos livros gosto muito.

Obs.: Existem alguns pronomes relativos que ocorrem sem antecedentes. Alguns gramáticos, no caso, interpretam que existe um antecedente implícito. A esses pronomes cabe a denominação de "relativos indefinidos".

Ex.: "Quem com ferro fere com ferro será ferido".

→ O pronome relativo indefinido QUEM poderia ser substituído por "aquele que", havendo então um antecedente implícito para o relativo "que" ou "quem"

que seria “aquele”.

“O único mistério é haver quem pense no mistério” (Fernando Pessoa).

→ ... haver aquele que pense...

Esta interpretação causou uma dúvida quanto à classificação da oração. Ao fim das orações adjetivas, esse assunto será retomado e aprofundado.

9.7. Pronomes interrogativos

Aparecem em interrogações diretas ou indiretas: QUE, QUEM, O QUE.

Ex.: Que fazes aqui?

Não sei quem faltou à aula.

9.8. Pronomes de tratamento

Locuções que valem pelo PRONOME PESSOAL, designando especificamente a pessoa com quem se fala.

VOSSA ALTEZA – V.A. – príncipes, arquiduques, duques

VOSSA EMINÊNCIA – V. Emª. – cardeais

VOSSA EXCELÊNCIA – V. Exª. – altas autoridades do governo e das classes armadas

VOSSA MAGNIFICÊNCIA – V. Magª. – reitores das universidades

VOSSA MAJESTADE – V. M. – reis, imperadores

VOSSA EXCELÊNCIA REVERENDÍSSIMA – V. Exª. Revmª. – bispos e arcebispos

VOSSA PATERNIDADE – V.P. – abades, superiores de conventos

VOSSA REVERENDÍSSIMA – V. Revmª. – sacerdotes em geral

VOSSA SANTIDADE – V.S. – papas

VOSSA SENHORIA – V. Sª. – funcionários públicos graduados, oficiais até coronel, pessoas de cerimônia.

VOCÊ – qualquer pessoa.

9.9. Pronome reflexivo

Quando o objeto direto (ou indireto) é a mesma pessoa do sujeito.

Ex.: “Fez-se de desentendido” (Fernando Sabino).

Obs.: O reflexivo relativo à terceira pessoa – tanto do singular quanto do plural. – se apresenta de três formas diferentes: SE, SI, CONSIGO.

Ex.: Eles se inscreveram no concurso.

Ele só gosta de si mesmo.

Eles só se preocupam com eles mesmos.

9.10. Pronome recíproco

Quando sujeitos e objetos trocam atos recíprocos.

Ex.: "Olharam-se e morreram dando um grito" (Castro Alves). – (Um olhou para o outro que olhou para um)

Vocês se amam. (Você ama Maria, Maria ama você.)

9.11. Pronome parte integrante do verbo

Existem alguns verbos que são denominados como pronominais. Esta situação implica que necessariamente verbo e pronome oblíquo estejam sempre na mesma pessoa. Ressalte-se, contudo, que não se trata de voz reflexiva, pois neste caso há uma efetiva coincidência entre o ser agente e o ser paciente. A parte integrante do verbo não representa semanticamente um ser, portanto não possui função sintática.

Ex.: Ele se referiu ao trabalho. Nós nos referimos à partida de futebol. Nós nos interessamos por música. Tu te lembras do fato?

9.12. Estudo da colocação dos pronomes

1) Nunca se pode começar uma oração por pronomes oblíquos.

Ex.: "Me come, me cospe, me beija..." (Raul Seixas).

Esta frase está errada, pois ela está se iniciando por pronome oblíquo. O certo seria: "Come-me, cospe-me, beija-me...".

É óbvio que o autor aí fez valer a licença poética. Certamente o texto não teria o mesmo valor se o rigor gramatical fosse obedecido. Inclusive é interessante lembrar que até já há autores compreendendo que o uso do pronome oblíquo átono poderia iniciar orações, já que, no Brasil, o pronome átono não é tão átono. No entanto, o que vale ainda é a forma tradicional. O NCE, no concurso da CVM-2005, admitiu não ser grave o pronome oblíquo iniciar orações.

2) Os pronomes oblíquos são atraídos por conjunções subordinativas, advérbios, pronomes interrogativos, relativos e indefinidos, expressões exclamativas (Deus os ajude!) e preposição EM com verbo no gerúndio.

Ex.: Ela sempre ajudou-te.

→ Esta frase está errada, pois o pronome oblíquo deveria vir antes do verbo uma vez que o advérbio SEMPRE o está atraindo.

Obs.: Ressalte-se que o único obstáculo para um pronome oblíquo posicionar-se antes de verbo é se estiver iniciando oração. Preste atenção aos exemplos a

seguir:

Ex.: "E quando ele punha-se a contar histórias de castidade..." (Raul Pompeia).

→ O pronome pessoal reto "ELE" não atrai o pronome oblíquo "se", no entanto não há nada que obste esse posicionamento. Poderia também localizar-se antes do verbo, ou seja, também estaria escorreito "ele se punha".

Ex.: "Pernambuco! Um dia eu vi-te" (Castro Alves).

→ Também a construção poderia se dar assim: "Um dia eu te vi".

Alguém nos viu.

→ Já neste exemplo, "ALGUÉM" é pronome indefinido, por conseguinte atrai o pronome oblíquo, não admitindo outro posicionamento para o pronome.

Outros exemplos:

Em se tratando de político, nunca poderemos confiar neles.

Quem te viu lá?

Não viajei, pois me cansei muito no dia anterior.

3) Colocação pronominal em locuções verbais.

A tradição gramatical orienta que, estando o último verbo no infinitivo ou gerúndio, o pronome tanto poderá aparecer antes como depois da locução.

Ex.: Não te posso ver daqui. / Não posso ver-te daqui.

Não te estou vendo. / Não estou vendo-te.

Obs.: Neste caso, mesmo que haja termo atraindo o pronome oblíquo, a gramática não faz qualquer oposição ao uso do pronome após a locução verbal.

Contudo, o uso do dia a dia gera uma situação peculiar. O único lugar onde não deveria estar o pronome é o que todos usam, ou seja, entre os verbos. Por isso, os gramáticos mais modernos já aceitam tal posicionamento com duas ressalvas:

1ª – Se houver termo que atraia o pronome oblíquo, este não poderá estar ligado ao primeiro verbo com hífen.

Ex.: Não estou te vendo daqui. (certo)

Não estou-te vendo daqui. (errado)

Ele está nos vendo daqui. (certo)

Ele está-nos vendo daqui. (certo)

2ª – O que ocorre aqui é a influência da Linguística, isso é, a gramática se amoldando ao uso popular. Então, cabe vislumbrar mais um caso

interessante: com os pronomes oblíquos O, A, OS, AS, a forma tradicional (antes ou depois da locução) se torna a única. Tal ocorre em razão de a orientação gramatical coincidir com o uso diário da população.

Ex.: Não o pude ver. (certo)
Não pude vê-lo. (certo)
Não pude o ver. (errado)

Obs.: O NCE, em algumas provas, solicitou ao candidato a análise de questões em que poderia haver mais de uma opção correta. Sendo assim, o candidato deveria ter o discernimento para escolher a alternativa mais adequada. O estudo da colocação pronominal em locuções verbais (com último verbo no infinitivo ou gerúndio) foi abordado na prova para o Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro em 2004, e a banca fez valer a visão tradicional, ou seja, apesar de o uso do pronome oblíquo entre os verbos já estar deveras difundida, a forma conservadora – com o pronome oblíquo átono antes ou depois da locução – acabou por prevalecer.

Quando o último verbo encontrar-se no particípio, o pronome deverá vir antes ou no meio da locução.
Ele nos tem visto diariamente. / Ele tem-nos visto diariamente.

4) O verbo no infinitivo admite a colocação de pronome átono ao seu fim, mesmo havendo termo que o atraia.
Ex.: Não encontrar-te amanhã será triste.

5) O objeto direto e o predicativo de 3ª pessoa são substituídos pelos pronomes oblíquos **O, A, OS** e ***AS.***
Ex.: Eu comprei o carro. – Eu o comprei.
"Nada somos que valha
Somo-lo mais que em vão" (Fernando Pessoa).

6) O objeto indireto, o complemento nominal e o adjunto adnominal (com ideia de posse), ou seja, os termos preposicionados de 3ª pessoa – representando pessoa ou termo no campo semântico de pessoa – são substituídos pelos pronomes oblíquos ***LHE*** e ***LHES***.
Ex.: Eu entreguei o material aos alunos. Eu lhes entreguei o material. Roubei o fruto da árvore. Roubei-lhe o fruto.

7) Os verbos, terminados em **R, S** ou **Z,** ligados aos pronomes oblíquos **O, A, OS,**

AS, perderão sua última letra, e ao pronome oblíquo será acrescentada a letra ***L***. Encontramos as pessoas. O termo AS PESSOAS é objeto direto, por isso é substituído por AS.

Ex.: Encontramos + AS = Encontramo-las.

8) Aos pronomes oblíquos **O, A, OS** e **AS,** ligados a verbos que terminem em som nasal, será acrescentada a letra ***N***.

Ex: Põe as cartas. Põe-nas. Encontraram os meninos. Encontraram-nos.

9) Quando o verbo estiver na 1ª pessoa do plural e o pronome oblíquo também na 1ª pessoa do plural, o verbo perde o ***S*** final.

Ex.: Ajoelhamos + nos = ajoelhamo-nos, encontramos + nos = encontramo-nos.

REGRAS

1) Ocorre **próclise** quando o pronome oblíquo aparece antes do verbo.

Ex.: Eu te explico tudo.

Observe que o pronome oblíquo TE vem antes do verbo EXPLICAR.

2) Ocorre **ênclise** quando o pronome oblíquo aparece depois do verbo.

Ex.: Explico-te tudo.

Observe que o pronome oblíquo TE aparece depois do verbo EXPLICAR.

3) Ocorre **apossínclise** quando há a intercalação de vocábulo entre o pronome átono e o verbo.

Ex.: "... se me não enganou é gente da polícia" (Bernardo Guimarães).

"Se me ainda amas, por amor não ames:
Traíras-me comigo" (Fernando Pessoa).

4) Poderá ocorrer a **mesóclise** somente no futuro do presente do indicativo e no futuro do pretérito, onde exatamente nunca poderá haver a ênclise.

Ex.: Obedecerei ao paciente.

→ AO PACIENTE é objeto indireto; portanto, pode ser substituído pelo pronome oblíquo LHE. Como o verbo está no futuro do presente do indicativo, não pode ser usada a ênclise; no entanto a próclise também está descartada pelo fato de se iniciar a oração por pronome oblíquo; portanto não se pode usar o pronome oblíquo nem antes nem depois do verbo, apenas restando o interior do verbo. Ao dividir o verbo para se proceder à mesóclise, vai-se até a letra R do infinitivo, coloca-se o pronome oblíquo e, por fim, o restante do verbo.

Ex.: Obedecer-lhe-ei.

Compraríamos o carro. Comprá-lo-íamos.

→ Observe que O CARRO é objeto direto, portanto o substituímos pelo pronome oblíquo O; e, na divisão do verbo, este pronome oblíquo caiu exatamente depois da letra R, ocorrendo o mesmo fenômeno da regra 7, ou seja, extrai-se esta última letra do verbo e ao pronome oblíquo acrescenta-se a letra L.

BIZU

É fundamental o candidato atentar-se à presença do pronome apassivador SE, transformando objeto direto em sujeito.

Ex.: Admitiu-se a falha.

→ Se não houvesse o pronome SE, o termo A FALHA seria objeto direto; contudo, como há a partícula apassivadora, o objeto direto transforma-se em sujeito, exigindo que a substituição se faça não por um pronome oblíquo, e sim por um pronome reto.

Admitiu-se ela.

Obs.: Às vezes, também ocorre a presença do pronome apassivador com outro pronome átono, ambos ligados ao mesmo verbo.

Ex.: "Afigurou-se-lhe estar nos braços..." (Aluísio de Azevedo).

"Fez-se-me desesperada necessidade a companhia da boa senhora" (Raul Pompeia).

9.13. Contração dos pronomes oblíquos átonos em verbos transitivos diretos e indiretos

OD OI

Ex.: Pediram um favor a mim.

ME + O, A, OS, AS = MO, MA, MOS, MAS

Pediram-mo.

Ex.: "O que me dás. Dás-mo" (Fernando Pessoa).

OD OI

Entregarei os documentos a ti.

TE + O, A, OS, AS = TO, TA, TOS, TAS

Entregar-tos-ei.

OD OI

Indico a saída a todos.

LHE(S) + O, A, OS, AS = LHO, LHA, LHOS, LHAS

Indico-lha.

OD OI

Avisaram a notícia a nós.

NOS + O, A, OS, AS = NO-LO, NO-LA, NO-LOS, NO-LAS

Avisaram-no-la.

OD OI

Explicarei as matérias a vós.

VOS + O, A, OS, AS = VO-LO, VO-LA, VO-LOS, VO-LAS

Explicar-vo-las-ei.

BIZU

Os pronomes podem ter valor **anafórico (anáfora)** ou **dêitico (dêixis).**

Anafórico será o termo que fizer referência a termos anteriores. Todo pronome relativo é por natureza anafórico, pois sempre será remissivo a termos antecedentes.

Ex.: O candidato **que** estuda passa.

O pronome relativo "que" é remissivo a "o candidato".

O livro, não **o** li ontem.

O pronome oblíquo "o" refere-se a "o livro".

João e Paulo não compareceram à aula. Este, por se encontrar doente; e aquele, em razão de não ter acordado.

→ Os pronomes demonstrativos "este" (referindo-se a Paulo) e "aquele" (referindo-se a João) possuem valor anafórico, já que são alusivos a termos anteriores.

Dêitico será o elemento que tem por objetivo localizar o fato no tempo ou no espaço, mas não defini-lo. Enfim, é qualquer referência de lugar ou de tempo. Interessante torna-se observar que o NCE foi a banca que explorou tal tema e, nas questões de concursos até então, só utilizou situação de valor espacial. É essencial informar que o advérbio também poderá ter valor dêitico.

Serão dêiticas expressões como cá, aqui, lá, onde, os pronomes demonstrativos quando localizam o bem em referência ao emissor, receptor ou terceiros.

Ex.: Este material é muito bom.

→ O pronome demonstrativo "este" indica que o material está mais próximo do emissor da mensagem ou é de sua posse.

Esse material é muito bom.

→ O pronome demonstrativo "esse" indica que o material está mais próximo do receptor da mensagem ou é de sua posse.

9.14. Exercícios

1. (Corregedoria geral da Justiça – RJ – NCE) Em "... para SE defender contra o frio da noite", o valor morfossintático da palavra em maiúsculas neste segmento está repetido em:

a) Vou contar um fato: quero saber SE o conheces.
b) Os meninos SE ajudam uns aos outros.
c) Todas as pessoas passam por ele, sem saber do que SE trata.
d) Cada um deles SE incumbe de sua tarefa.
e) Quando SE olha para ele, a cena é triste.

2. Assinale a opção em que o termo sublinhado tem a sua classe gramatical incorretamente indicada.

a) Ele estava <u>muito</u> nervoso. – advérbio
b) <u>Muito</u> político deveria ser expulso do Congresso. – pronome indefinido
c) Maria possui <u>menos</u> calma do que nós. – pronome indefinido
d) Ela é <u>menos</u> calma do que nós. – advérbio
e) Ele está <u>todo</u> preocupado com a situação política do país. – pronome indefinido

3. (TCU-Esaf) A alternativa em que há erro na substituição do termo sublinhado por pronome pessoal reto ou oblíquo é:

a) Ouvira <u>o pastor</u> advertir o povo =
Ouvira-o advertir o povo.
b) Carregamos <u>cargas pesadas</u> em caminhões =
Carregamo-las em caminhões.
c) Integrando-se <u>a ferrovia</u> nos sistemas =
Integrando-se ela nos sistemas.
d) Contemplavam melancólicos <u>o êxodo da mão de obra</u> =
Contemplavam-na melancólicos.
e) Nos aterros de Tabatinga, por onde rodavam <u>as rodas de carretel dos comboios</u> =
Nos aterros de Tabatinga, por onde rodavam elas.

4. (TCU) Assinale a alternativa incorreta quanto à colocação dos termos na oração.
a) Está prevista a possibilidade de o chefe do setor tomar decisões a este respeito, sem prévia consulta a superiores.
b) Encaminhar-se-á a decisão do grupo, após a reunião da próxima semana.
c) Não estabelecer-se-á qualquer norma, sem consulta ao órgão superior.
d) Quanto aos programas de treinamento, há necessidade de promovê-los periodicamente.

5. (Banco do Brasil) "O funcionário que se inscrever, fará a prova amanhã". Com relação à colocação do pronome "SE":
1 – Ocorre próclise em função do pronome relativo.
2 – Deveria ocorrer ênclise.
3 – A mesóclise é impraticável.
4 – Tanto a ênclise quanto a próclise são aceitáveis.
a) Está correta apenas a primeira afirmativa.
b) Apenas a terceira afirmativa está correta.
c) Somente a segunda afirmativa está correta.
d) São corretas a primeira e a terceira afirmativas.
e) A quarta afirmativa é a única correta.

6. (TCEMG – Eng. Perito – FCC) As estrelas brilham no céu, e quem fica a observar <u>as estrelas</u>, sentindo a magia <u>das estrelas</u>, considera <u>as estrelas</u> signos de um grande mistério.
Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, respectivamente, por:
a) lhes observar – sentindo a magia delas – considera-as
b) as observar – sentindo sua magia – lhes considera
c) observá-las – sentindo-as a magia – as considera
d) observá-las – sentindo-lhes a magia – considera-as
e) lhes observar – sentindo-lhes a magia – considera-lhes

7. (Cesgranrio) Assinale a opção em que o pronome LHE apresenta o mesmo valor significativo que possui em "assanhando-lhe os desejos".
a) O resultado do jogo lhe era indiferente.
b) Sobreveio-lhe uma desgraça.
c) Não lhe disse que viajaria hoje.
d) Chamavam-lhe carinhosamente de Mané.
e) O médico teve de engessar-lhe a perna.

8. (Técnico Judiciário – TRE-RN – FCC) A reconstrução de um segmento do texto, com um diferente emprego pronominal, que mantém a correção e o sentido originais é:
a) *não havia meio de alcançá-la* = não havia como alcançar-lhe.

b) *o jarro era pesado demais para ele* = o jarro lhe era por demais pesado.
c) *atirando-as dentro do jarro* = atirando-lhes para dentro do jarro.
d) *O corvo, então, tentou virá-lo* = O corvo, então, lhe tentou virar.
e) *pegando-as uma a uma* = pegando-lhes uma a uma.

9. (Técnico Judiciário – TRE-PE – FCC)
... nem por isso deixa de cultuar Delacroix ...
Cézanne admira a maestria plástica de Rubens ...
... já encontramos a chave do enigma cézanneano.
A substituição dos elementos grifados nas frases acima pelos pronomes correspondentes, com os necessários ajustes, terá como resultado, respectivamente:
a) nem por isso deixa de cultuar-lhe / Cézanne a admira / já a encontramos;
b) nem por isso deixa de cultuá-lo / Cézanne lhe admira / já lhe encontramos;
c) nem por isso deixa de lhe cultuar / Cézanne a admira / já encontramos-na;
d) nem por isso deixa de a cultuar / Cézanne lhe admira / já lhe encontramos;
e) nem por isso deixa de cultuá-lo / Cézanne a admira / já a encontramos.

10. (Fiscal da Receita Estadual – AP – FGV) Em termos antropológicos, o jeitinho *pode ser atribuído a um suposto caráter emocional do brasileiro / o que favorecia boas relações de comércio e tráfico de influência.*
Quanto ao emprego de pronomes pessoais, os trechos sublinhados foram corretamente reescritos em:
a) pode ser-lhes atribuído / as favorecia;
b) pode ser a ele atribuído / lhes favorecia;
c) pode ser atribuído a ele / as favorecia;
d) pode-o ser atribuído / as favorecia;
e) pode sê-lo atribuído / lhes favorecia.

11. (NCE) O pronome "LHES" tem com o verbo que se prende na frase "tampouco deve, como os políticos, se amoldar aos desejos de seus eleitores para ganhar-lhes os votos" as mesmas relações sintáticas e de sentido que se encontram no exemplo da opção:
a) Se seus irmão quiserem, posso emprestar-lhes meu carro.
b) Os uniformes das crianças já estão desbotados, mas só lhes posso comprar outro no mês que vem.
c) Eles são nossos amigos; não lhes podemos negar ajuda num momento tão difícil.
d) Os romanos, crendo-se superiores aos povos germânicos, chamavam-lhes bárbaros.
e) O policial ameaçava os detidos a fim de arrancar-lhes uma confissão.

12. (Cesgranrio) Assinale a opção em que houve erro, ao se substituir a expressão grifada pelo pronome oblíquo.
a) "Estimam seu torrão" / estimam-no.
b) Fazer conhecidos seus costumes / fazê-los conhecidos.
c) "Viu os partidos de cana" / viu-os.

d) "Sorver o ar ácido" / sorver-lhe.
e) "O homem tirava tudo da terra". / o homem tirava-lhe tudo.

13. (TRT) Se substituirmos as palavras sublinhadas em: 1 – com a aprovação dos que presenciaram a cena e 2 – a violência começa a gerar expectativas por pronomes pessoais, as substituições corretas, de acordo com a norma culta, estarão na seguinte alternativa:
a) 1– com a aprovação dos que presenciaram-na.
2– a violência começa a as gerar.
b) 1– com a aprovação dos que a presenciaram.
2– a violência começa a gerar-lhes.
c) 1– com a aprovação dos que presenciaram ela.
2– a violência começa a gerar a elas.
d) 1– com a aprovação dos que a presenciaram.
2– a violência começa a gerá-las.
e) 1– com a aprovação dos que a presenciaram.
2– a violência começa a gerar-las.

14. (Cesgranrio) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da frase abaixo:
Dialeto social popular não se confunde com linguagem especial, pois , ao contrário _____, é de uso restrito e pode funcionar como signo de grupo.
a) esse/daquela;
b) essa/desse;
c) aquele/dessa;
d) esta/daquele;
e) este/desta.

15. (Analista Judiciário – TJ – FCC) ***constituindo [...] um índice de uma época; indiciam os fatos históricos; portam a marca do homem;***
Substituindo-se os elementos grifados acima por um pronome, fazendo-se as alterações necessárias, o resultado correto será, respectivamente:
a) constituindo-o – indiciam-nos – portam-na
b) constituindo-lhe – indiciam-nos – portam-lhe
c) lhe constituindo – lhe indiciam – portam-no
d) constituindo-o – o indiciam – portam-lhe
e) constituindo-a – os indiciam – portam-na

16. Assinale a opção em que o pronome oblíquo possui nítido valor possessivo.
a) Chegaram ao ônibus, sentaram-se e iniciaram a viagem.
b) Compreendo-te e considero que te será desagradável tal excursão.
c) Escutaram-nos atentamente as últimas palavras.
d) Avisar-vos-emos todas as notícias.

e) Consideramos-te pronto para a execução deste serviço.

17. (TRT) A substituição do termo sublinhado por um pronome pessoal só está correta, de acordo com a norma culta, na seguinte alternativa.
a) O movimento visa a encontrar soluções.
O movimento visa a encontrar elas.
b) A campanha apresentou vários desdobramentos.
A campanha apresentou-lhes.
c) Esses momentos históricos apresentam facetas negativas.
Esses momentos históricos apresentam-as.
d) Assistimos ao desfile de corruptos.
Assistimo-lo.
e) O movimento busca reverter a deterioração.
O movimento busca revertê-la.

18. (NCE) "A descoberta da América pelos europeus, nos fins do século quinze, deu lugar a uma transplantação da cultura europeia para este Continente. Tal empreendimento constitui, porém, uma aventura impregnada de duplicidade".
"Proclamavam os europeus ao aqui chegarem para expandir nestas plagas o cristianismo..."
"... movia-os o propósito de exploração e fortuna. A história do período colonial é a história desses dois objetivos a se ajudarem mutuamente na tarefa real e não confessada da espoliação continental".
"Nascemos, assim, divididos entre propósitos reais e propósitos proclamados. A essa duplicidade da própria sociedade nascente, dividida entre senhores e escravos..."
A seguir, cada um deles é classificado quanto à função textual, na ordem em que ocorrem. Assinale a opção correta:
a) dêitico; dêitico; anafórico; anafórico, anafórico;
b) dêitico; anafórico; anafórico; anafórico, dêitico;
c) anafórico; dêitico; dêitico, anafórico; dêitico;
d) dêitico; dêitico; dêitico; anafórico; dêitico;
e) anafórico; dêitico; dêitico; anafórico; anafórico.

19. (Suesc) "Quaresma, comparando outras terras com o Brasil, não podia deixar de valorizar as belezas naturais em detrimento ".
Assinale a opção que completa corretamente as lacunas na frase acima:
a) deste – daquela
b) destes – deste
c) deste – daquelas
d) desses – daquelas
e) desse – dessas

20. (Esaf) Substituindo o segmento sublinhado pelo pronome correspondente, houve

erro em um item. Assinale-o.
a) Não vimos sair os grevistas.
Não os vimos sair.
b) Conduz a noiva ao altar.
Conduze-a ao altar.
c) Mantém-se sempre ótima posição.
Mantém-se ela sempre.
d) Propusemos essa medida ao diretor.
Propusemos-lhe essa medida.
e) Visamos a um emprego melhor.
Visamos a ele.

21. (Esaf) Indique a letra que corresponde a erro de natureza ortográfica ou gramatical ou a alguma impropriedade vocabular.
A Amazônia ainda sob o aspecto estritamente físico, conhecê-mo-la (A) aos fragmentos. Mais de um século de perseverantes pesquisas e uma literatura inestimável, de numerosas monografias, mostram-no-la (B) sob incontáveis aspectos parcelados. O espírito humano, deparando-o (C) maior dos problemas fisiográficos, e versando-o, tem-se atido (D) a um processo obrigatoriamente analítico, que se, por um lado, é o único apto a facultar elementos seguros determinantes de uma síntese ulterior, por outro, impossibilita o descortino (E) desafogado do conjunto.
a) A
b) B
c) C
d) D
e) E

22. (CM-2º Grau) Observando as recomendações quanto à colocação dos pronomes oblíquos átonos, pode-se afirmar que está correta a frase:
a) O dinheiro que entreguei-lhe era meu.
b) No curso de Pedagogia estudaria-se provavelmente História da Educação.
c) Nunca enganamo-nos a esse respeito.
d) Em tempos de vacas magras, compra-se o indispensável.
e) Caso procurem-me, diga que viajei.

23. (CM-3º Grau) A colocação proclítica ou enclítica do pronome oblíquo é facultativa na frase:
a) Essa medida nos proporcionou uma qualidade de vida melhor.
b) Abrigamos nessa casa as pessoas que se encontrarem em apuros.
c) Não se poupariam esforços nesse sentido.
d) Atravessaram por entre as árvores, sem que ninguém se desse conta.
e) "... certa auréola que te faz divina!" (Cruz e Souza).

24. (CM-redator/revisor) Consoante as normas da língua vigente, o pronome está colocado com erro em:
a) As reuniões tornavam-se eventos de grande repercussão.
b) As reuniões se tornavam eventos de grande repercussão.
c) As reuniões se tornariam eventos de grande repercussão.
d) As reuniões tornariam-se eventos de grande repercussão.
e) As reuniões tornar-se-ão eventos de grande repercussão.

25. (TTN) Assinale a frase em que a colocação do pronome pessoal oblíquo não obedece às normas do português padrão.
a) Essas vitórias pouco importam; alcançaram-nas os que tinham mais dinheiro.
b) Entregaram-me a encomenda ontem, resta agora a vocês oferecerem-na ao chefe.
c) Ele me evitava constantemente!... Ter-lhe-iam falado a meu respeito?
d) Estamos nos sentindo desolados: temos prevenido-o várias vezes e ele não nos escuta.
e) O Presidente cumprimentou o Vice dizendo: – Fostes incumbidos de difícil missão, mas cumpriste-la com denodo e eficiência.

26. Assinale a opção em que não ocorre falha de natureza morfossintática.
a) Nunca haverá problemas entre tu e eles.
b) Será interessante para tu a leitura de jornais.
c) É necessário para eu estudar sempre.
d) Será bom para ti fazer essa viagem.
e) Já comprei as passagens para mim fazer essa viagem.

27. (Coope) O pronome lhe está empregado em desacordo com as normas da língua culta em:
a) O irmão do capitão pôs-lhe a mão no peito.
b) Tudo quanto o amigo lhe relatara não passava de ficção.
c) Pediu ao irmão que lhe visitasse na fazenda.
d) De repente veio-lhe uma vontade imensa de chorar.
e) Não era possível proibi-lo de fazer o que lhe era necessário.

28. (Pref. Santos – ADV – FCC) Meus olhos estão bastante usados, mas não considero meus olhos inaptos para ver as miragens que seduzem meus olhos, e não atribuo a meus olhos o poder de alguma autêntica revelação.
Evitam-se as repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados por, respectivamente:
a) não lhes considero – que seduzem-os – não lhes atribuo
b) não considero-os – que seduzem-nos – não os atribuo
c) não os considero – que lhes seduzem – não atribuo-lhes
d) não os considero – que os seduzem – lhes atribuo
e) não lhes considero – que os seduzem – não lhes atribuo

29. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC). A substituição do elemento grifado pelo pronome correspondente, com os necessários ajustes no segmento, foi realizada de modo INCORRETO em:

a) *virão apenas aguçar* *antigos dilemas* = virão apenas aguçá-los
b) *que passou* *pelos eventos da abolição e da República* = que passou por eles
c) Como esperar *transformações sociais profundas* = Como esperá-las
d) *percorre o* *país* = percorre-o
e) *que atinge* *a intelectualidade brasileira* = que lhe atinge

30. (DNOCS-FCC) O e-mail veio para ficar, ainda que alguns considerem o e-mail uma invasão de privacidade, ou mesmo atribuam ao e-mail os desleixos linguísticos que costumam caracterizar o e-mail.
Evitam-se as viciosas repetições do trecho acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) lhe considerem – lhe atribuam – caracterizá-lo.
b) o considerem – lhe atribuam – caracterizá-lo.
c) considerem-no – o atribuam – caracterizar-lhe.
d) considerem-lhe – atribuam-no – o caracterizar.
e) o considerem – atribuam-no – lhe caracterizar.

31. (Sefaz-SP-FCC) A informalidade é instável, mas como muitos consideram a informalidade o único meio de sobreviver, tendem a atribuir à informalidade um caráter permanente, receando substituir a informalidade pelo risco de uma outra situação desconhecida.
Evitam-se as viciosas repetições do texto acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) a consideram – atribuir-lhe – substituí-la
b) a consideram – atribuí-la – a substituir
c) lhe consideram – atribuir-lhe – substituir-lhe
d) consideram-na – atribuir a ela – lhe substituir
e) consideram-lhe – atribuí-la – substituí-la

32. (Mack) "Este inferno de amar – como eu amo! – / Quem mo pôs aqui n'alma ... quem foi? / Esta chama que alenta e consome, / Que é a vida – e que a vida destrói – / Como é que se veio a atear, / Quando – ai quando se há-de apagar?" (Almeida Garret).
No texto, os pronomes eu – quem – este, são, respectivamente:

a) indefinido – pessoal – indefinido
b) pessoal – interrogativo – demonstrativo
c) pessoal – indefinido – demonstrativo
d) interrogativo – pessoal – indefinido
e) indefinido – pessoal – interrogativo

33. (UF-MA) Identifique a oração em que a palavra "certo" é pronome indefinido.
a) Certo, perdeste o juízo.
b) Certo rapaz te procurou.
c) Escolheste o rapaz certo.
d) Marque o conceito certo.
e) Não deixe o certo pelo errado.

34. (UnB) Assinale a melhor resposta. O resultado das combinações: "põe + o", "reténs + as", "deduz + a", é:
a) pões-lo, reténs-la, dedu-la
b) põe-no, retém-nas, dedu-la
c) pões-lo, retém-las, deduz-la
d) põe-no, retém-las, dedu-la
e) põe-lo, retém-las, dedu-la

35. (UM-SP) "Ninguém atinge a perfeição alicerçado na busca de valores materiais, nem mesmo os que consideram tal atitude um privilégio dado pela existência." Os pronomes destacados no período acima classificam-se, respectivamente, como:
a) indefinido – demonstrativo – relativo – demonstrativo;
b) indefinido – pessoal oblíquo – relativo – indefinido;
c) de tratamento – demonstrativo – indefinido – demonstrativo;
d) de tratamento – pessoal oblíquo – indefinido – demonstrativo;
e) demonstrativo – demonstrativo – relativo – demonstrativo.

36. (Agente Fiscal-PR) Distinga o item no qual a colocação dos pronomes está exata.
a) Vender-no-la-íamos por quê? Devolvida-me a carta, partirei. Eles e elas se desculparam. Deram-nos. O que não deve dizer-me?
b) Tenho queixado-me com razão. Deram-nos. Depois de devolvido-lhe o recibo, ficarei sossegado. O que não se deve dizer? Tens a obrigação de me pagares tudo.
c) Deus te abençoe! Será proveitoso estudando a lição, e não decorando-a. O que não deve-se dizer? Irei quando convidar-me-ão. Se se quiser, tudo irá bem.
d) Valha-me Jesus! Ó João, se levante! Tenho alcançado-te nas provas. Não se as procuram. O que me preocupa, é esta prova.
e) Peça e dar-se-lhe-á. Por que vo-las venderíamos? O livro, meus amigos, hei de devolver-lho. A carta e o dinheiro não os remeterei logo. O que se não deve dizer?

37. (TRF-4R-FCC-2010) Houve muitas discussões sobre medidas para se minimizar o aquecimento global, já que todos consideram <u>o aquecimento global</u> uma questão crucial para a humanidade, embora poucos tomem medidas concretas para reduzir <u>o aquecimento global</u>, não havendo sequer consenso quanto às verbas necessárias para mitigar os efeitos <u>do aquecimento global</u>.
Evitam-se as viciosas repetições do período acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) lhe consideram – reduzi-lo – mitigá-los aos efeitos
b) o consideram – reduzi-lo – mitigar-lhe os efeitos
c) consideram-no – reduzir-lhe – mitigar-lhes os efeitos
d) o consideram – reduzir-lhe – mitigar-lhe os efeitos
e) consideram-lhe – o reduzir – mitigar-lhe seus efeitos

38. (Fiscal – ICMS – FGV) Em "exauri-los" e "poder-se-á", construiu-se corretamente a junção do pronome à forma verbal. Assinale a alternativa em que isso não ocorreu.
a) cancelaríamos + as = cancelá-las-íamos
b) permitireis + os = permiti-los-eis
c) fizestes + lhes = fizeste-lhes
d) encontraram + os = encontraram-nos
e) aprenderás + as = aprendê-las-ás

39. (TRT) Indique a opção <u>incorreta</u>.
a) Receba Vossa Excelência os cumprimentos de seus subordinados.
b) Sua Excelência, o Ministro da Justiça, chegou acompanhado de outras autoridades.
c) Reiteramos nosso apreço a Vossa Senhoria e vossos subordinados.
d) Solicitamos a Sua Senhoria que encaminhasse suas sugestões por escrito.
e) Concordamos com Vossa Excelência e com seus subordinados.

40. Assinale a opção em que o pronome oblíquo possui nítido valor possessivo.
a) Pegamos-lhe as mãos e sentimos toda a sua preocupação.
b) Encontramo-lo desacordado e demos-lhe todo socorro.
c) Enviar-lhe-emos as cartas para sua análise.
d) Admitamos nossas falhas e todos as perdoarão.
e) Perdoar-lhe-ei ainda que não admita seus erros.

41. (Esaf) O pronome pessoal está empregado incorretamente em:
a) Não consegui entendê-lo naquela confusão.
b) É para mim fiscalizar aqueles volumes.
c) Tudo ficou esclarecido entre mim e ti.
d) Por favor, mande-o entrar e sentar-se.
e) Fizeram-no esperar demais hoje.

42. (Esaf) Assinale a frase em que o pronome oblíquo átono está colocado <u>incorretamente</u>.
a) O guarda chamou-nos a atenção para os pivetes.
b) Quantas lágrimas se derramaram pelo jovem casal!
c) Ninguém nos convencerá de que esta notícia seja verdade.
d) As pessoas afastaram-se daquele pacote suspeito.
e) O vizinho cumprimentou o casal, se retirando imediatamente.

43. (TRE-MT) Segundo a norma culta, há erro (de uso ou de colocação) na substituição do termo sublinhado por um pronome, em:
a) O ministro não teve muitos escrúpulos naquela hora. / O ministro não teve-os naquela hora.
b) Ele estava pronto para salvar a Itália. / Ele estava pronto para salvá-la.
c) Eles terminaram as provas hoje. / Eles terminaram-nas hoje.
d) Todos queriam que o professor entregasse o livro ao melhor aluno. / Todos queriam que o professor lhe entregasse o livro.
e) Ele nunca perdoaria ao irmão aquela omissão. / Ele nunca lhe perdoaria aquela omissão.

44. (TRE-MG) Assinale a opção em que a colocação do pronome sublinhado esteja correta, segundo o registro escrito culto.
a) Os vizinhos haviam pedido-me muita atenção ao atravessar a rua.
b) Mesmo considerando que éramos famosos, ninguém veio receber-nos.
c) Faria-me um grande favor não contando as novidades a meus pais.
d) Pelo que pudemos entender, ninguém vai-nos denunciar ao delegado.
e) O aluno logo interessou-se pelo assunto, assim que a arguição começou.

45. (TRE-RO) Observe as frases.
I. "Política só se ganha com muito dinheiro".
II. "Acaba logo esquecendo-se do pouco que aprendeu".
III. "Que a mão não me para mais quieta".
IV. "Pé-de-Meia prefere carregar-lhe a mão durante o serviço todo".
A colocação do pronome oblíquo átono não está de acordo com a preferência da norma culta da língua:
a) somente na I;
b) somente na II;
c) somente na III;
d) somente na II e na IV;
e) somente na III e na IV.

46. (Fuvest) "Ensinar-me-lo-ias, se o soubesses, mas não sabes-o." A frase acima estaria de acordo com a norma gramatical, usando-se, onde estão as formas sublinhadas:
a) Ensinar-mo-ias – o soubesses – o sabes;
b) Ensinarias-mo – soubesse-lo – sabe-lo;
c) Ensinarias-mo – soubesses-lo – o sabes;
d) Ensinar-mo-ias – soubesses-o – sabe-lo;
e) Ensinarias-mo – soubesse-lo – o sabes.

47. (TRE-MT) A substituição do termo sublinhado por um pronome pessoal está correta em todas as alternativas, exceto em:

a) O governo deu ênfase às questões econômicas. O governo deu ênfase a elas.
b) Os ministros defenderam o plano de estabilização. Os ministros defenderam-no.
c) A companhia recebeu os avisos. A companhia recebeu-os.
d) Ele diz as frases em tom bem baixo. Ele diz-las em tom baixo.
e) Ele recusou a dar maiores explicações. Ele recusou a dá-las.

48. (TRE-RJ) A frase em que há erro quanto ao emprego do pronome "lhe" é:
a) Nunca lhe diria mentira.
b) Ter-lhe-iam falado a meu respeito?
c) Louvemos-lhe, porque ele o merece.
d) De Fernando só lhe conhecia a fama.
e) Sei que não lhe agrada essa conversa.

49. (TRE-MG) Assinale a opção em que a colocação do pronome oblíquo está incorreta quanto à norma culta da língua.
a) Não pude dar-lhe os cumprimentos, por estar fora da cidade.
b) Agora tem-se dado muito apoio técnico ao pequeno empresário.
c) Ter-lhe-íamos pedido ajuda, se o víssemos antes do resultado.
d) Como me propiciou momentos agradáveis, fui bastante paciente.
e) Quem o levará a tomar decisões tão importantes para o País?

50. Assinale a opção em que há um termo sublinhado com classificação gramatical errônea:
a) Entregou-me as folhas. – pronome substantivo pessoal oblíquo
b) Roubaram-me os documentos. – pronome adjetivo pessoal oblíquo
c) Os materiais serão úteis a nós. – pronome substantivo pessoal oblíquo
d) Eles voltarão mais tarde. – pronome substantivo pessoal reto
e) A ele daremos as dicas. – pronome substantivo pessoal reto

51. Assinale a opção em que há um pronome inadequadamente utilizado.
a) Custou a mim acordar cedo.
b) Convém a mim dizer a verdade.
c) Será conveniente para mim estudar.
d) Foi fundamental para eu ter hábito de estudo.
e) Sempre haverá livros para eu ler.

52. (Cespe-UnB) Quanto à correção da substituição do trecho sublinhado pela forma apresentada em negrito, julgue os itens abaixo.
a) "Já fez sua declaração de imposto de renda?" / Já a fez?
b) "Os decretos-leis (...) abanam o rabo negativamente". / Os decretos-leis abanam-lhe negativamente.
c) "Mas se tiveres alguma dúvida" / Mas se tiveres ela.
d) "Os decretos-leis tentam barrar um senhor distinto". / Os decretos leis tentam barrá-

lo.
e) "Agora é só (...) encheres este formulário-sanfona". / Agora é só (...) o encheres.

53. (NCE) "Os pronomes demonstrativos situam a pessoa ou a coisa designada relativamente às pessoas gramaticais. [...] A capacidade de mostrar um objeto sem nomeá-lo chama-se função dêitica [...], é a que caracteriza fundamentalmente esta classe de pronomes".
(CUNHA. Celso F. da; CINTRA, L. F. Lindley, *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 319.)
Os demonstrativos empregam-se também como elemento de coesão textual e têm, neste caso, em geral, função anafórica.
Assinale o item em que a função exercida pelo demonstrativo está incorretamente identificada.
a) "[...] a habitação conjugal, e a esta se recusa a voltar" (art. 234 – Código Civil) – função anafórica.
b) "Salvo disposição especial deste código e não tendo sido ajustado da época para o pagamento, o credor pode exigi-lo imediatamente" (art. 952 – Código Civil) – função dêitica.
c) A cessão de crédito não vale em relação ao devedor, senão quando a este notificada [...] – função anafórica.
d) "Cabe ao juiz suprir a outorga da mulher, quando esta a denegue sem motivo justo, ou lhe seja impossível dá-la (arts. 235, 238 e 239)" (art. 237 – Código Civil) – função dêitica.
e) "As terras de que trata este artigo tradicionalmente são inalienáveis e indisponíveis, e os direitos sobre elas, imprescritíveis" (§ 4º – Constituição da República Federativa do Brasil – texto 1) – função dêitica.

54. (NCE) O trecho "Então, incapazes de trazê-lo para a nossa domesticidade, consideramo-lo um elemento da paisagem, e pintamo-lo" vem reescrito abaixo com alterações no emprego dos pronomes pessoais. A frase que continua gramaticalmente correta no uso culto após essas alterações é:
a) Então, incapazes de o trazer para a nossa domesticidade, o consideramos um elemento da paisagem, e lhe pintamos.
b) Então, incapazes de trazer-lhe para a nossa domesticidade, consideramo-lo um elemento da paisagem, e o pintamos.
c) Então, incapazes de o trazer para a nossa domesticidade, lhe consideramos um elemento da paisagem, e pintamo-lo.
d) Então, incapazes de o trazer para a nossa domesticidade, o consideramo-lo um elemento da paisagem e pintamos-lhe.
e) Então, incapazes de o trazer para a nossa domesticidade, consideramo-lo um elemento da paisagem e o pintamos.

55. (Analista Judiciário – TRE-PE – FCC) Os mais fortes empreendiam a conquista colonial, legitimavam a conquista colonial, atribuindo à conquista colonial o mérito de

uma transformação civilizadora que tornava a conquista colonial uma espécie de benemerência.
Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:
a) legitimavam-na – atribuindo-lhe – a tornava
b) a legitimavam – atribuindo-na – tornava-lhe
c) legitimavam-na – lhe atribuindo – lhe tornava
d) legitimavam-lhe – a atribuindo – a tornava
e) legitimavam-a – lhe atribuindo – tornava-a

56. (TRF-2ª Região – FCC) Amemos as ilhas, mas não emprestemos às ilhas o condão mágico da felicidade, pois quando fantasiamos as ilhas esquecemo-nos de que, ao habitar ilhas, leva-se para elas tudo o que já nos habita.
Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:
a) lhes emprestemos – lhes fantasiamos – habitá-las
b) emprestemos-lhes – as fantasiamos – habitar-lhes
c) as emprestemos – fantasiamo-las – as habitar
d) lhes emprestemos – as fantasiamos – habitá-las
e) as emprestemos – lhes fantasiamos – habitar-lhes

Capítulo 10

Conjunções

A conjunção é o principal elemento de coesão textual. É muito importante observar que a nomenclatura das conjunções possui o sufixo "ativo" – contendo valor agente –, ou seja, é ela – conjunção – quem coordena ou subordina, e a oração, por consequência, ficará coordenada ou subordinada. Enfim, faz a ligação entre termos independentes ou orações. Quando o termo é formado por mais de uma palavra, denomina-se locução conjuntiva ou conjuncional.

10.1. Conjunções coordenativas

10.1.1. Aditivas

Estabelecem ideia de adição. As conjunções mais comuns são E, NEM, TAMPOUCO.

Ex.: "... deixou a parede como estava e só respirou aliviado..." (Luis Fernando Veríssimo).

→ A conjunção E estabelece uma relação de soma, pois o sujeito pratica as duas ações (deixar e respirar).

"Não há justiça nem há religião" (Graciliano Ramos).

→ A conjunção NEM – sinônima de TAMPOUCO – estabelece uma relação de adição – adição negativa –, pois, neste caso, ocorre a soma de elementos negados. Então, segundo o texto, não existem os dois elementos.

10.1.2. Adversativas

Estabelecem uma relação de adversidade, contrariedade, oposição, ressalva. A ideia de adversidade normalmente cria uma expectativa que não se concretiza. As conjunções mais comuns são: MAS, PORÉM, CONTUDO, TODAVIA, ENTRETANTO, NO ENTANTO, NÃO OBSTANTE.

Ex.: Ela foi ao cinema, contudo não se divertiu.

"Quis despedir; receei, porém, que o momento fosse impróprio..." (Graciliano Ramos).

→ Observe que as conjunções CONTUDO e PORÉM introduzem uma

oposição à expectativa criada na oração anterior.

BIZU

É também deveras aconselhável perceber as ideias que passam as orações, pois pode haver situações nas quais as conjunções introduzam ideias inesperadas.

Ex.: Ela não estudou e passou.

→ Observe que a conjunção E, que normalmente é aditiva, aqui introduz uma ideia que estabelece uma relação de contrariedade, afinal foi criada uma expectativa na primeira oração (que ela não passe, pois ela não estudou) não confirmada na segunda. É também interessante observar que aí a conjunção E é sinônima de MAS, PORÉM, CONTUDO.

Obs.: Ele não só estuda, mas também trabalha.

→ Analise que, se houver um condicionamento de que, ao observar a existência da conjunção MAS, já considerá-la adversativa, o candidato estará incorrendo em um erro grave nesta frase, pois o MAS, no caso, não é sinônimo de PORÉM, CONTUDO, TODAVIA. Muito pelo contrário, MAS TAMBÉM introduz uma ideia que estabelece uma relação de soma, afinal o sujeito (ele) estuda e trabalha (faz as duas ações). As estruturas iniciadas por "não só", "não somente" e "não apenas" inevitavelmente conduzirão a expressões aditivas. Volvendo ao exemplo, quando se diz "Ele não só estuda", o advérbio NÃO exerce a função de um elemento de negação, isto é, está negando... Mas não nega a ação de estudar, e sim o termo de restrição "só". Se o "não" fosse extraído do período, "ele só estudaria e não teria mais nenhuma outra atividade". Outros sinônimos de "mas também" são "como também" e "outrossim". Nas locuções MAS TAMBÉM e COMO TAMBÉM, o termo TAMBÉM pode ficar implícito.

Ex.: Ele não apenas nada, mas corre.

10.1.3. Alternativas

Introduzem uma ideia de opção, alternância. As conjunções mais comuns são OU...OU, ORA...ORA, QUER...QUER, SEJA...SEJA.

Ex.: "Ou paga ou eu mando sangrá-lo devagarinho" (Graciliano Ramos).

→ Observe que a conjunção OU estabelece uma opção, escolha. Se a pessoa pagar, o outro não mandará sangrá-lo; caso não pague, o outro mandará sangrá-lo.

Ora estudo ora trabalho.

→ Observe que, nesta frase, o sujeito EU possui duas atividades: estudar e trabalhar. Contudo é interessante perceber que os fatos não acontecem simultaneamente, ou seja, eles se alternam.

"Quer no prazer, quer na dor" (Castro Alves).

Obs.: Importa salientar que às vezes a conjunção OU pode ter valor aditivo.

Ex.: Gostava de encher o apartamento de amigos, ou sair com a turma..." (Luis Fernando Veríssimo).

→ A conjunção OU no exemplo introduz mais uma atividade que dá prazer ao sujeito tácito.

10.1.4. Conclusivas

Introduzem uma ideia de conclusão, dedução. As conjunções mais comuns são LOGO, PORTANTO, ENTÃO, POR CONSEGUINTE.

Ex.: "Penso, logo existo" (Descartes).

→ Observe que, nesta frase, a conjunção LOGO introduz uma ideia de conclusão, pois o que está dito nesta frase é uma dedução, uma filosofia, algo que não pode ser comprovado.

Estudei muito, portanto vou passar no concurso.

→ Observe que a conjunção PORTANTO introduz uma dedução, algo que só estará comprovado quando da publicação da lista dos aprovados.

Obs.: Outros conectores que também exprimem ideia de conclusão são DESTARTE e DESSARTE. Esses vocábulos se originaram das formas aglutinadas "desta parte" e "dessa parte", significando "sendo assim", "dessa forma". Normalmente introduzem parágrafos ou períodos que estejam fechando uma ideia.

Ex.: Está chovendo à beça. Destarte, não irei à praia.

10.1.5. Explicativas

Introduzem uma ideia de EXPLICAÇÃO relacionada normalmente a uma ordem, advertência, sugestão ou solicitação. Dessarte, para que haja uma oração explicativa, há a necessidade quase sempre de um verbo no imperativo. As conjunções mais comuns são: QUE, PORQUE, POIS, JÁ QUE, VISTO QUE, UMA VEZ QUE, DADO QUE, PORQUANTO, COMO.

Ex.: "Ouvi, que não vereis com vãs façanhas..." (Camões).

"E não tenha medo, que eles não são de nada" (Fernando Sabino).

→ Observe que as conjunções PORQUE e QUE iniciam explicações para

ordens indicadas na oração anterior (foi efetuada a ordem OUVI, pois o sujeito VÓS não poderá ver vãs façanhas; foi dada a ordem para o sujeito não ter medo, com a justificativa de que eles não são de nada).

Obs.: É muito comum haver a confusão entre este caso que estamos analisando e o seguinte (conjunção subordinativa causal). No próximo caso, começaremos a analisar a relação causa-efeito. Na explicação, não pode haver tal relação. Só é admissível uma conjunção ser explicativa, mesmo sem verbo no imperativo, se o fato por ela introduzido não gerar um efeito.

Ex.: Choveu, porque as ruas estão alagadas.

→ Não se pode analisar o "porque" como causal, porquanto haveria a indicação de que "as ruas estarem alagadas" seria causa e "chover", consequência. Esta interpretação não faz sentido. Cabe aí apenas a ideia de explicação.

Ele vai viajar, já que vi suas malas prontas.

→ Não se pode dizer que "ver as malas estarem prontas" seja causa e "ele viajar", efeito. Então, a função da segunda oração é apenas de explicar, ou seja, o que me esclarece que ele vai viajar é o fato de suas malas estarem prontas.

10.2. Conjunções subordinativas

10.2.1. Causais

Introduzem uma ideia de CAUSA. É fundamental relatar que aqui se inicia a relação causa-efeito. Toda causa representa o fato anterior. Já o efeito, o fato posterior. Aí é onde se difere da ideia de explicação. Lá não há relação causa-efeito, e sim apenas uma justificativa para uma ordem, solicitação ou conselho. Também se torna importante frisar que os conectores são os mesmos, daí a dificuldade de observar a diferença.

Ex.: "Alegres vinham todos, porque creem..." (Camões).

"E como a barba me vinha, basta e negra, aceitei com orgulho a alcunha de Raposão" (Machado de Assis).

Não cheguei atrasado, porquanto não queria ser demitido.

→ As conjunções PORQUE, COMO e PORQUANTO conferem à oração em que ocorrem uma ideia de causa, já a outra oração encerrará valor de consequência.

Obs.: Como já foi dito anteriormente, é de extrema importância o candidato não se condicionar a que uma conjunção possuirá sempre a mesma classificação. Analise o conector POIS nas três frases a seguir.

Ex.: Ele ainda não fez os quadros; não devem, pois, ter chegado as tintas.

Ele ainda não fez os quadros, pois ainda não chegaram as tintas.
Faça os quadros, pois já chegaram as tintas.

→ Observe que o primeiro POIS está numa oração que contém ideia de dedução, podendo ser substituído por PORTANTO, LOGO, ENTÃO. Não se possui a informação de as tintas não terem chegado, então o que se fez foi uma dedução, uma conclusão. Sendo assim, o primeiro POIS é uma CONJUNÇÃO COORDENATIVA CONCLUSIVA.

→ Observe que o segundo POIS introduz uma ideia de causa na primeira oração, podendo ser permutado por PORQUE, JÁ QUE, PORQUANTO, e a outra oração representa o efeito. Além disso, não há nenhum verbo no imperativo, só restando a hipótese de ser SUBORDINATIVA CAUSAL.

→ Já o terceiro POIS, mesmo sendo substituído pelas mesmas conjunções do exemplo anterior, apenas indica uma justificativa, uma explicação para a ordem citada na primeira oração, não estabelecendo entre as duas a relação causa-efeito.

10.2.2. Concessivas

Introduzem uma oração cujo fato ocorrente não altera o fato da outra oração. As conjunções são: EMBORA, MESMO QUE, AINDA QUE, CONQUANTO, MALGRADO, SE BEM QUE, POR MAIS QUE, POR MENOS QUE, POSTO QUE.

Ex.: "Nem mesmo a afilhada a tirava dessa reserva, embora a estimasse mais que a todos" (Lima Barreto).

→ A conjunção EMBORA introduz uma oração contendo um fato incapaz de modificar o fato da outra. O fato de "estimá-la mais que a todos" não o impede de "continuar reservado".

Ex.: Conquanto fosse tarde, ainda saí de casa.

→ Observe que a conjunção CONQUANTO introduz uma oração que não muda o fato da outra oração. O fato de ser tarde não cerceia o fato de eu sair.

Obs.: Ocorre uma situação curiosa com a conjunção POSTO QUE: Vinícius de Moraes, na última estrofe do "Soneto de Orfeu", utilizou esta conjunção com valor causal (licença poética). Este uso influenciou tanto a cultura, que se tornou muito mais utilizado do que no próprio sentido original e exigido pela norma culta.

"Eu possa dizer do meu amor (que tive)
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure".

BIZU

É importante também chamar a atenção do candidato para o fato de que as conjunções concessivas podem indicar um fato concreto ou hipotético.

Ex.: Ainda que eu volte cansado do trabalho, irei à boate.

→ A primeira oração indica um fato hipotético (não sei se estarei cansado ou não) que não altera o desfecho.

Embora eu esteja cansado, irei à boate.

→ A primeira oração indica um fato concreto (eu estou cansado) que não altera o desfecho.

10.2.3. Condicionais

Introduzem uma ideia de condição. Esta ideia é exatamente oposta à da concessão. Um fato sempre vai depender do outro. As conjunções são SE, CASO, A NÃO SER QUE, A MENOS QUE, DESDE QUE, CONTANTO QUE.

BIZU

Caro candidato, ultimamente têm caído bastantes questões em concursos em que é solicitada a relação causa-efeito. E, em muitas dessas situações, a causa é representada por conectores condicionais. Tal é possível, pois há uma proximidade significativa entre as duas ideias. Ambas representam os fatos anteriores e geram uma consequência, distinguindo-se apenas pelo fato de a causa ser fato prévio concreto, e a condição, fato prévio hipotético.

Ex.: Contanto que não chova, vou à praia.

→ Observe que a conjunção CONTANTO QUE introduz uma condição (não chover) para eu ir à praia. Observe que aí reside a oposição à concessão, pois, enquanto a condição prevê uma suposição para a realização da consequência, a concessão demonstra a anulação da hipótese (MESMO QUE CHOVA, VOU À PRAIA – vou à praia independentemente de chover ou não). Lembremos também que a condição <u>não chover</u> gera a consequência <u>de ir ou não à praia</u>.

<u>Caso</u> haja uma solução, tentarei até o fim.

→ A conjunção CASO sugere a condição que poderá gerar o efeito <u>de eu tentar até o fim</u>; se não houver solução, não tentarei até o fim.

10.2.4. Temporais

Indicam uma marcação de tempo. As conjunções mais comuns são: QUANDO, MAL, LOGO QUE, APENAS (sinônimo de quando), DESDE QUE, NO MOMENTO QUE, ENQUANTO.

Ex.: "Quando você foi embora, fez-se noite em meu viver..." (Milton Nascimento).

→ A conjunção QUANDO indica apenas o momento em que o fato da segunda oração teve início, não estabelecendo entre eles uma necessária relação causa-efeito.

Apenas ele chegou, todos saíram.

→ A conjunção APENAS designa somente a hora em que todos saíram, não sendo necessariamente a causa de todos saírem.

"Mal o pai colocou o papel na máquina, o menino começou a empurrar uma cadeira pela sala" (Fernando Sabino).

→ A conjunção MAL explicita que, logo após a ação do pai, ocorreu a ação do menino.

"Enquanto jantava, falei em voz baixa a Casimiro Lopes" (Graciliano Ramos).

→ Conjunção ENQUANTO sugere que as duas ações ocorreram (***jantar*** e ***falar baixo a Casimiro Lopes***) simultaneamente.

Obs.: Vale a pena analisar a conjunção DESDE QUE nas frases a seguir.

Ex.: Desde que economizemos, compraremos tudo.

→ A locução conjuncional DESDE QUE introduz uma condição para que possamos comprar tudo, portanto a locução conjuncional é subordinativa condicional.

Desde que voltou, nossos problemas começaram.

→ A locução conjuncional DESDE QUE indica apenas o momento em que se iniciaram os problemas, não sendo a volta da pessoa necessariamente a causa.

10.2.5. Consecutivas

Introduzem uma ideia de consequência. Normalmente na oração principal aparecerá um elemento que dê intensificação (tão, tal, tamanho, tanto). A conjunção mais comum é QUE.

Ex.: "Abraçou-me com tal ímpeto, que não pude evitá-lo" (Machado de Assis).

Ex.: "... e era tão linda, morena e dourada pelo sol, que eu ia, no silêncio do ar, atirar-lhe um beijo..." (Eça de Queirós).

→ Observe, nas duas frases, que apareceu a expressão de intensidade (TAL, TÃO) na oração principal e a conjunção QUE introduzindo valor de consequência, na primeira frase (não pude evitá-lo) e na segunda (eu ia, no silêncio do ar, atirar-lhe um beijo...).

10.2.6. Finais

Introduzem uma ideia de finalidade, objetivo.

Todas as conjunções finais podem ser substituídas pela palavra OBJETIVO.

É interessante citar que a conjunção PORQUE pode significar PARA QUE, A FIM DE QUE, COM OBJETIVO DE QUE, DE TAL SORTE QUE...

BIZU

Você deve ficar atento ao fato de que as bancas têm relacionado, principalmente em questões de interpretação de textos, a ideia de finalidade à de consequência. Tal é efetivamente cabível visto que ambas representam fatos posteriores. Tome cuidado, pois, no primeiro momento, a finalidade passa a sensação de que se trata de fato anterior, mas é justamente o oposto, como ficará esclarecido nos exemplos a seguir.

Ex.: Vim aqui para que (com o objetivo de que) pudesse analisar o problema.

→ Atenção: o primeiro fato a acontecer é "vir aqui" e o segundo fato "poder analisar o problema", então "poder analisar o problema" não faz com que "eu venha aqui, e sim "vir aqui" é que faz com que "eu possa analisar o problema".

João deve estudar a fim de que (com o objetivo de que) tenha a sua vaga assegurada no concurso.

→ Atenção: o fato anterior é "João dever estudar", o posterior é "ter a vaga assegurada". O posterior não leva à ocorrência do anterior; o anterior é que leva à ocorrência do posterior.

10.2.7. Proporcionais

Introduzem uma ideia de proporção. As conjunções mais comuns são: À MEDIDA QUE, À PROPORÇÃO QUE, AO PASSO QUE, QUANTO.

Ex.: Quanto mais como, mais engordo.

→ A conjunção QUANTO introduz a proporção entre comer e engordar. Se comer pouco, engorda-se pouco; se comer muito, engorda-se muito.

"À medida, porém, que as horas se passavam, sentiam-me cair num estado

de perplexidade e covardia" (Graciliano Ramos).

→ A conjunção À MEDIDA QUE introduz a proporção entre as horas se passarem e a pessoa sentir-se cair num estado de perplexidade e covardia. Quanto mais as horas foram se passando, mais ele se sentia perplexo.

"O trovador, à proporção que lia, ia mudando de fisionomia" (Lima Barreto).

→ A conjunção À PROPORÇÃO QUE indica que dois fatos aconteciam simultânea e proporcionalmente.

10.2.8. Conformativas

Introduzem uma ideia de conformidade, de estar de acordo. As conjunções mais comuns são: DE ACORDO COM QUE, CONFORME, COMO, SEGUNDO, CONSOANTE, EM CONSONÂNCIA COM QUE.

Ex.: Agi conforme me foi ordenado.

→ A conjunção CONFORME introduz a conformidade da ação com o que foi ordenado.

Fez a obra como manda a lei.

→ A conjunção COMO introduz a conformidade da realização da obra com o que manda a lei.

10.2.9. Comparativas

Introduzem uma ideia de comparação. Esta comparação pode ser de superioridade, igualdade ou inferioridade. As conjunções mais comuns são (DO) QUE, COMO, CONFORME.

Ex.: Agi conforme você agiu.

→ A conjunção CONFORME estabelece uma comparação de igualdade entre a ação do sujeito da primeira oração (eu) e o sujeito da segunda (você).

"D. Glória vê máquinas e homens que funcionam como as máquinas" (Graciliano Ramos).

→ A conjunção COMO introduz uma comparação de igualdade da forma como são vistos o homem e a máquina.

Obs.: O conector TAL QUAL, de valor comparativo, registra uma situação peculiar. TAL concorda com o primeiro elemento e QUAL com o segundo.

Ex.: Ela é tal qual a mãe.

Elas são tais qual a mãe.

Ela é tal quais as amigas.

Elas são tais quais as amigas.

"E as raízes se torcem quais serpentes" (Castro Alves).

Ex.: "Mais do que palavra
Diarreia é arma que fere e mata" (Ferreira Goulart).

Observe que o texto demonstra a importância maior da diarreia como arma do que como mera palavra.

Ex.: "Mostra ser mais velho do que seus comparsas uma boa dezena de anos" (Bernardo Guimarães).

→ A conjunção DO QUE denuncia que a idade do cidadão citado é superior à de seus comparsas.

João bebe menos do que Maria.

→ A conjunção DO QUE indica que João bebe uma quantidade inferior à Maria.

Nestes dois exemplos, o leitor deve observar que a conjunção pode ser QUE ou DO QUE. O termo DO é totalmente dispensável tanto semântica como sintaticamente. A Esaf e a UnB cobram bastante essa informação em concursos.

10.2.10. Integrantes

Introduzem orações que podem ser substituídas pela palavra ISSO.

Ex.: Ele dizia que não adiantava pegar cor na praia..." (Luis Fernando Veríssimo).

→ Observe que a segunda oração é introduzida por uma conjunção subordinativa integrante, podendo (a segunda oração) ser substituída inteiramente pela palavra ISSO: ELE DIZIA ISSO.

Ex.: Ele não disse se vem.

→ SE é conjunção integrante, pois a oração que ela introduz pode ser substituída pela palavra ISSO: Ele não disse isso.

10.3. Exercícios

1. Dê a classificação completa das CONJUNÇÕES e LOCUÇÕES CONJUNTIVAS sublinhadas nas frases a seguir.

1) Malgrado estivesse triste, recebeu os amigos com sorrisos.

2) A não ser que ele esteja doente, sua ausência torna-se inexplicável.

3) Como a criança dormiu, os pais puderam ver televisão.

4) Ele não somente esteve aqui, como cumprimentou todos.

5) Ele esteve aqui, mas não cumprimentou ninguém.

6) A direção do curso não nos participou se haverá aula.

7) A direção nos lembrou o horário das aulas porque não nos atrasássemos.

8) Ele bebeu, que passou mal.

9) Segundo informou a direção, no próximo sábado haverá aula.

10) Eles já tomaram todas as precauções, portanto não haverá mais problemas.

11) Ficaremos aqui ou voltaremos para casa.

12) Estudem bastante, porquanto o edital será publicado na próxima semana.

13) Os candidatos devem estudar como os já aprovados.

14) Mal a criança começou a ver o desenho, dormiu.

15) Quanto mais estudamos, mais possibilidades temos de passar.

16) À medida que os políticos enriquecem, o povo empobrece.

17) Fizemos muito mais do que efetivamente deveríamos fazer.

18) Ora estudamos ora trabalhamos.

19) Os alunos do simulado vêm estudando bastante, logo os primeiros lugares serão conquistados por eles.

20) Não necessitamos de que nos falem o óbvio.

21) Posto que o traficante diga a verdade, ninguém acreditará nele.

22) Desde que ele se sinta bem aqui, poderá ficar.

23) Desde que ele chegou aqui, começou a passar mal.

24) João quase não estudou e fez excelente prova.

25) Maria não lavou as roupas tampouco as passou.

26) Uma vez que o material ainda não chegou, a aula será adiada.

27) Não percas a paciência, visto que Maria é apenas uma criança.

28) Consoante as regras estabeleciam, não poderá haver mais faltas.

29) As crianças tanto fizeram, que ficaram de castigo.

30) Estarei presente em todas as reuniões do condomínio para que não falem mal de mim.

2. (Fecap) Classifique as palavras como nas construções seguintes, numerando, convenientemente, os parênteses.
1) preposição
2) conj. subord. causal
3) conj. subord. conformativa
4) conj. coord. aditiva
5) adv. interrogativo de modo
( ) Perguntamos como chegaste aqui.
( ) Percorrera as salas como eu mandara.
( ) Tinha-o como amigo.
( ) Como estivesse frio, fiquei em casa.
( ) Tanto ele como o irmão são meus amigos.
a) 2 – 4 – 5 – 3 – 1
b) 4 – 5 – 3 – 1 – 2
c) 5 – 3 – 1 – 2 – 4
d) 3 – 1 – 2 – 4 – 5
e) 1 – 2 – 4 – 5 – 3

3. (AFC – CGU – Esaf) Assinale a opção em que o preenchimento da lacuna com o conectivo abaixo resulta em erro gramatical ou incoerência textual no seguinte fragmento.
A dívida pública brasileira é uma velha herança. ____(A)_____aumentou consideravelmente nos anos 80, ____(B)_____ os juros internacionais subiram muito. Mais de 40 países foram arrastados pela crise da dívida, a partir de 1982. ____(C)____ seus governos foram capazes de reorganizar as contas públicas e de reduzir o peso da dívida. ____(D)____o Brasil continuou prisioneiro do endividamento inflado naquele período e, além disso, permitiu o aumento de seu peso nos anos seguintes. ____(E)____, a carga tributária brasileira é maior que a de todos ou quase todos os países emergentes e até mais pesada que a de algumas economias avançadas, como os EUA e o Japão. ***(Adaptado de O Estado de São Paulo, Notas & Informações. 21 de abril de 2012)***
a) Portanto

b) quando
c) Porém
d) Mas
e) No entanto

4. (UM-SP) Assinale a alternativa em que a palavra "como" assume valor de conjunção subordinativa conformativa.
a) Como ele mesmo afirmou, viveu sempre tropeçando nos embrulhos da vida.
b) Como não tivesse condições necessárias para competir, participou com muita insegurança das atividades esportivas.
c) As frustrações caminham rápidas como as tempestades das matas devastadoras.
d) Indaguei-me apreensiva como papai tinha assumido aquela contínua postura de contemplação.
e) Como as leis eram tentativas naquele vilarejo, todos os moradores tentavam um meio de obediência às normas morais.

5. (Analista de Controle Interno – Sefaz-RJ – FGV) ***Entre a sociedade, a empresa e o Estado, está o profissional contábil, que, por sua vez, é o elo entre Fisco e contribuinte. É de fundamental importância que esse profissional aprimore seu entendimento tributário, percebendo sua necessidade. Ratifica-se, assim, o conceito de que a conscientização tributária pode representar um ponto de partida para a formação cidadã como uma das formas eficazes de atender às demandas sociais, com maior controle sobre a coisa pública.***
As ocorrências do QUE no período acima classificam-se, respectivamente, como
a) pronome relativo – pronome relativo – pronome relativo
b) pronome relativo – conjunção – conjunção
c) conjunção – conjunção – conjunção
d) conjunção – pronome relativo – pronome relativo
e) pronome relativo – pronome relativo – conjunção

6. (Analista de Controle Interno – Sefaz-RJ – FGV) ***Ao analisar o progresso da humanidade, percebe-se que o desenvolvimento social e econômico foi*** **possível porque o homem sistema-tizou formas de organização entre os povos.**
Assinale a alternativa em que a alteração da estrutura destacada no período acima tenha provocado alteração sintática e semântica.
a) porquanto o homem tenha sistematizado formas de organização entre os povos
b) pois o homem sistematizou formas de organização entre os povos
c) conquanto o homem tenha sistematizado formas de organização entre os povos
d) já que o homem sistematizou formas de organização entre os povos
e) uma vez que o homem sistematizou formas de organização entre os povos

7. (Analista de Controle Interno – Sefaz-RJ – FGV) ***Nesse sentido, se a evasão tributária é uma doença social, seu combate ou tratamento não pode ficar restrito aos seus***

agentes; é necessário o envolvimento de toda a sociedade.
Assinale o termo que NÃO poderia ser colocado após o ponto-e-vírgula sob pena de provocar grave alteração de sentido.
a) portanto,
b) não obstante,
c) logo,
d) nesse sentido,
e) assim,

8. (TRE-RJ) O conectivo sublinhado estabelece uma ligação malfeita (coesão inadequada), quanto ao sentido, em:
a) Li este livro, *mas* não o entendi.
b) Como chegou atrasado, proibiram-no de entrar.
c) Ainda que ele queira, ninguém o ajudará em suas tarefas.
d) Estudou muito pouco para o concurso, pois conseguiu passar.
e) Tudo terminará bem, desde que o chefe permita a saída de todos.

9. (TRE-MT) Na frase "De um ano que, afinal, também não teve muitos escrúpulos, pois só se contradisse", a palavra pois pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:
a) portanto;
b) por conseguinte;
c) visto que;
d) caso;
e) ainda que.

10. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a conjunção "e" está empregada com valor adversativo.
a) "Deixou viúva e órfãos miúdos".
b) "Para diminuir a mortalidade e aumentar a produção, proibi a aguardente".
c) "Tenho visto criaturas que trabalham demais e não progridem".
d) "Iniciei a pomicultura e a avicultura".
e) "Perdi dois caboclos e levei um tiro de emboscada".

11. (Fiscal – Sefaz-RJ – FGV)
Diga que você me adora
Que você lamenta e chora
A nossa separação
Às pessoas que eu detesto
Diga sempre que eu não presto
No trecho acima há quantas ocorrências, respectivamente, de pronomes e conjunções?
a) Sete e cinco.
b) Cinco e cinco.
c) Seis e cinco.

d) Sete e quatro.
e) Seis e quatro.

12. (Técnico Judiciário – TRE-PA – FGV) *Ficam hibernando à espera do momento eleitoral quando deveriam estar em praça pública em busca de militantes e se expondo ao debate.*
A conjunção quando, no período acima, tem valor:
a) proporciona;
b) comparativo;
c) consecutivo;
d) temporal;
e) concessivo.

13. (TFC) Assinale a única opção que provoca mudança de sentido, se colocada no lugar da palavra destacada no texto abaixo.
"Malgrado fosse muito inteligente, não obteve bons resultados nas provas do concurso".
a) Embora.
b) Se bem que.
c) Dado que.
d) Ainda que.
e) Não obstante.

14. (Piloto Policial – Polícia Civil-RJ – FGV) Leia o seguinte texto, início do romance *Olhai os lírios do campo*, de Érico Veríssimo:
O médico sai do quarto n. 122.(*) A enfermeira vem ao seu encontro.
— Irmã Isolda – diz ele em voz baixa –, avise o Dr. Eugênio(*). É um caso perdido. Questão de horas, talvez de minutos. E ela sabe que vai morrer...
Os conectores que poderiam ser empregados de forma adequada ao sentido do texto no lugar dos asteriscos são:
a) enquanto, e;
b) quando, mas;
c) visto que, logo;
d) e, pois;
e) assim que, porque.

15. (Técnico Judiciário – TRE-AP – FCC) *A própria legislação admite que a identidade seja confirmada em recinto policial. A imposição de multa, porém, parece abusiva.*
Propõe-se a organização das frases acima num só bloco, iniciado por "A imposição de multa parece abusiva". Para que o sentido original se mantenha, as frases terão de ser conectadas por meio de:
a) ainda que;
b) mas;
c) dado que;

d) contanto que;
e) visto que.

16. (Analista – Fiocruz – FGV) "Caso a pessoa esteja dirigindo, no entanto, falar ao telefone pode se tornar uma tragédia"; a conjunção sublinhada pode ser substituída por todos os conectivos abaixo, mantendo-se o sentido original, exceto em:
a) porém
b) todavia
c) apesar de
d) entretanto
e) contudo

17. (Fiscal da Receita Estadual – AP – FGV) ***Deve-se isso ao fato de as instituições brasileiras terem sido concebidas de forma coercitiva e unilateral, não havendo diálogo entre governantes e governados, mas apenas a imposição de uma lei e de uma ordem consideradas artificiais, quando não inconvenientes aos interesses das elites políticas e econômicas de então.***
A respeito do uso do vocábulo quando no fragmento acima, pode-se afirmar que se trata de uma conjunção:
a) subordinativa com valor semântico de condição;
b) coordenativa com valor semântico de tempo;
c) coordenativa com valor semântico de finalidade;
d) subordinativa com valor semântico de concessão;
e) coordenativa com valor semântico de explicação.

18. (NCE) "<u>Como os dados se referem a um único país e apenas às adoções legais</u>, pode-se constatar que este país vive hoje dramaticamente uma verdadeira diáspora da infância abandonada". O segmento destacado dá ideia de:
a) causa;
b) comparação;
c) conformidade;
d) condição;
e) concessão.

19. (NCE) "A língua é um bem que percorre as gerações, passando de uma à outra, e será tão mais bem transmitida quanto mais estável for, ou, pelo menos, quanto menos interferências arbitrárias sofrer". As duas últimas orações subordinadas do período estabelecem com a sua principal uma relação de:
a) proporcionalidade;
b) temporalidade;
c) consequência;
d) comparação;
e) causalidade.

20. (NCE – TJ) Vocábulos que iniciam parágrafos como "mas" (3º §), "para que" (6º§) colaboram para que se mantenha no texto:
a) a coerência argumentativa;
b) a coesão formal;
c) a argumentação lógica;
d) a organização narrativa;
e) a estruturação enunciativa.

21. (NCE – TJ) Em "Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material....", a presença do segmento "não são apenas de ordem material" indica que, na continuidade do texto, haverá:
a) um termo de valor aditivo e pertencente a uma outra ordem;
b) um termo de valor adversativo e pertencente a uma ordem diferente da citada;
c) um termo de valor explicativo e pertencente à mesma ordem já referida;
d) um termo de valor concessivo e pertencente a uma ordem diversa;
e) um termo de valor conclusivo e pertencente à ordem citada anteriormente.

22. (AFTN – Esaf) Escreva diante de cada texto, adaptado de Aliomar Baleeiro, o número do operador lógico que preenche corretamente a lacuna.
( ) É característica da taxa a especialização do serviço em proveito direto ou por ato do contribuinte, , na aplicação do imposto, não se procura apurar se há qualquer interesse, direto ou indireto, por parte de quem o paga.
( ) Em 1896, Amaro Cavalcânti ponderava que a palavra "taxa", sem embargo de ser igualmente usada como sinônimo geral de impostos, não devia ser assim entendida ou empregada; , na sua acepção própria, designa o gênero de contribuição que os indivíduos pagam por um serviço diretamente recebido.
( ) O pagamento das taxas é facultativo; é, por assim dizer, o preço do serviço obtido e em que cada um o exige ou dele tira proveito.
( ) As taxas se devem revestir sempre do caráter de contraprestação inerente a essa espécie de tributos. Ao adotar-se interpretação outra, malograr-se-ão todas as cautelas da Constituição, que estabeleceu e quer uma rígida discriminação de competência, , prevendo a reedição de velhos abusos fiscais mascarados com o nome de taxas, preceituou proibição inequívoca.
( ) As despesas de administração da justiça poderiam ser pagas convenientemente por uma contribuição particular, que a ocasião o exigisse.
( ) Enquanto pelas taxas, o indivíduo procura obter um serviço que lhe é útil pessoalmente, o Estado, , procura, pelo imposto, os meios de satisfazer as despesas necessárias da administração.
( ) Os clássicos, assim como os contemporâneos, não divergem sobre a noção básica de taxa, se separem acerca de outros pontos acessórios.
(1) embora
(2) ao passo que

(3) à medida
(4) tanto assim que
(5) na medida
(6) visto como
(7) ao contrário
A sequência numérica correta é:
a) 6, 5, 1, 3, 4, 7, 2;
b) 1, 7, 5, 4, 2, 3, 6;
c) 2, 6, 5, 4, 3, 7, 1;
d) 1, 3, 2, 6, 5, 7, 4;
e) 2, 5, 6, 7, 4, 3, 1.

23. (NCE-TJ) "... ficaria louca se continuasse sozinha". A relação entre essas duas orações mostra que:
a) a segunda só se realiza se a primeira não se realizar;
b) a primeira se realiza contanto que a segunda não se realize;
c) a segunda é consequência da primeira;
d) a primeira é motivada pela segunda;
e) a primeira é uma hipótese para a realização da segunda.

24. (UCMG) Em "Orai porque não entreis em tentação", o valor da conjunção do período é de:
a) causa;
b) condição;
c) conformidade;
d) explicação;
e) finalidade.

25. (Oficial de Justiça – NCE) Nos itens abaixo, o emprego da conjunção OU (em maiúsculas) só tem nítido valor alternativo em:
a) "Quantos foram presos OU espancados pela liberdade de dizer o que pensam?"
b) "BMW OU bicicleta, o que conta é a sensação de poder sentar-se ao veículo e resolver em que direção partir."
c) "É a liberdade de escolher os canais (restritos em países totalitários), de ver um programa imbecil ou um jogo, OU estar tão perto das notícias quanto um presidente da República..."
d) "... só nos preocupamos com o que não temos OU com o que está ameaçado."
e) "É estar próximo de reis, heróis, criminosos, superatletas OU cafajestes..."

26. (TRF – Esaf) O globalismo é uma configuração histórico social abrangente, convivendo com as mais diversas formas sociais de vida e trabalho, mas também assinalando condições e possibilidades, impasses e perspectivas, dilemas e horizontes. no âmbito do globalismo emergem ou ressurgem localismos, provincianismos,

nacionalismos, regionalismos, colonialismos, imperialismos, etnicismos, racismos e fundamentalismos; se reavivam os debates, as pesquisas e as aflições sobre a identidade e a diversidade, a integração e a fragmentação. Mas o que se desenvolve e predomina, recobrindo e impregnando as mais diferentes situações, é o globalismo. A despeito de tudo o que preexiste e subsiste, em todas as suas peculiaridades, generalizam-se as relações, os processos e as estruturas que constituem o globalismo (*A Era do Globalismo*, Octávio Ianni).
Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas, assegurando a coerência da informação.
a) Tanto é assim que / assim como
b) A fim de que / desde que
c) Contanto que / ainda que
d) Contudo / mas não
e) Por pouco que / sempre que

27. (TFC – Esaf) Indique a sequência que preenche corretamente as lacunas.
A Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco) estima que há 880 milhões de analfabetos adultos e 115 milhões de jovens em idade escolar fora da escola, entre a população mundial. A Unesco, , não divulgou os números para cada país pesquisado. Em setembro do ano passado, o Ministério da Educação divulgou os dados mais recentes sobre o Brasil, 14,7% da população entre 14 e 49 anos de idade continua analfabeta. Houve uma grande redução do problema, , há 20 anos, mais de 30% da população naquela faixa etária não sabia ler e escrever.
O Ministério relacionou a queda dos índices de analfabetismo com o aumento da escolaridade: em 1980, apenas 49% das crianças entre 7 e 14 anos estavam na escola, percentual que subiu para 96% no ano passado. O Brasil reduziu pela metade o percentual de analfabetos na população, dobrou o número de crianças em idade escolar nas salas de aula. Esse avanço é relevante, a simples alfabetização já não é mais suficiente para a conquista de emprego num mercado de trabalho competitivo. (*O Estado de S. Paulo* – Notas e Informações, 22/4/2000, p. A3)
a) porém – onde – pois – porque – contudo.
b) entretanto – apesar de – já que – por que – mas.
c) apesar de – entretanto – pois – por que – mas.
d) no entanto – onde – apesar de – já que – por que.
e) pois – porque – apesar de – já que – entretanto.

28. (AFRF – Esaf) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.
A economia lida com o problema usar de maneira mais eficiente possível todos os recursos disponíveis de um país, alcançar o nível mais alto possível de satisfação da procura ilimitada da sociedade por bens e serviços. O objetivo máximo da economia é satisfazer as necessidades humanas de produtos. A questão é que, as necessidades sejam praticamente ilimitadas, os recursos (naturais, mão de obra, capital e tecnologia) são escassos. (Adaptado de *Enciclopédia Compacta de Conhecimentos Gerais – Isto É*, p.

204 e 205)
a) como / para / assim.
b) de / de qual / desta forma.
c) de como / de modo a / embora.
d) de que / em que / para que.
e) por que / porque / enquanto.

29. (TRT-RJ) "... o Brasil é um país onde há leis que pegam e leis que não pegam, como se isso fosse uma originalidade brasileira como a jabuticaba". A alternativa em que se expressa a mesma ideia contida nesse segmento do texto é:
a) Como a jabuticaba, é uma originalidade brasileira o fato de haver leis que pegam e leis que não pegam.
b) Apesar de não ser uma originalidade brasileira, como a jabuticaba, há no país leis que pegam e leis que não pegam.
c) No Brasil há leis que pegam e leis que não pegam, como a jabuticaba, mas isso não é uma originalidade brasileira.
d) Como a jabuticaba, há no Brasil leis que pegam e leis que não pegam, embora isso não seja uma originalidade brasileira.
e) O Brasil é um país onde há leis que pegam e leis que não pegam e isso é marca da originalidade brasileira, como a jabuticaba.

30. (Eletrobrás – NCE) "Se você disser ao cidadão desprevenido que o leite, por ser essencial, deve sair das mãos dos particulares para cooperativas ou entidades estatais, se você disser que os bancos, vivendo exclusivamente das poupanças populares, não têm nenhuma razão de estar em mãos privadas, o cidadão o olhará com olhos perplexos de quem vê alguém propondo algo muito perigoso." O comentário correto a respeito deste segmento do texto é:
a) os dois segmentos iniciados pela conjunção SE indicam condições para que se realize a consequência citada;
b) o cidadão só olhará com espanto o autor das ideias citadas se elas já estiverem transformadas em realidade;
c) os adjetivos estatais e privadas são sinônimos no contexto em que estão inseridos;
d) o segmento poupanças populares equivale semanticamente a popularidade das poupanças;
e) o "algo muito perigoso" a que alude o texto se localiza no terreno cultural.

31. (MPOG-Esaf) Assinale a opção que preenche as lacunas do texto, tornando-o coeso e coerente.
Apesar de diferenças ideológicas ou acadêmicas a respeito da natureza das atividades que o Estado deve desempenhar, parece haver um consenso formado a respeito de como o Estado deve desempenhar essas atividades.
1 vigora o ideal de um governo representativo, em que os cidadãos elegem seus representantes, sob o regime de um mandato imperativo.

2 , há diversos exemplos de disfunções dos arranjos institucionais do Estado, que o tornam muito mais identificado com os interesses das elites.
3 , ao longo do século XX, o desenvolvimento de um Estado social democrático de direito resultou num processo de consolidação de estruturas voltadas também à prestação de serviços e implementação de políticas sociais.

	1	2	3
a)	Não mais	Mesmo assim	Portanto
b)	Entretanto	Diante disso	Mesmo assim
c)	Para sempre	Sendo assim	Nesse sentido
d)	Ainda	Entretanto	Não obstante
e)	Embora	Portanto	Entretanto

32. (Aud. Tesouro Mun. Fortaleza – Esaf) Assinale a opção que completa de forma coesa e coerente as lacunas do texto abaixo.
Sendo a síntese de fatores objetivos e subjetivos que não se esgotam no processo de trabalho propriamente dito, os elementos constitutivos da cultura do trabalho precisam ser considerados em sua historicidade, não apenas condicionada pela realidade externa, 1 pelas diferentes motivações que orientam a ação coletiva. 2 a cultura do trabalho resulta da dinâmica interna de um determinado sistema cultural, temos que considerar que, também nos empreendimentos populares, ela é o resultado de suas inter-relações com os outros sistemas.

a)	já como			Haja visto que
b)	mas também			Se
c)	mas não			Apesar de
d)	mas também			Embora
e)	entretanto			Se

33. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) *Não direi mal dos tradutores, e Godofredo Rangel era dos bons.*
O tipo de articulação lógica que se estabelece entre os dois segmentos é equivalente ao que se estabelece entre os segmentos destacados em:
a) Ele não é mau tradutor, // mesmo assim a editora o dispensou.
b) Seu texto não chegou a ser criticado, // até porque não lhe faltavam altas virtudes.
c) Foi muito elogiado como tradutor, // no entanto lhe faltavam dotes de criador.
d) Há muito rigor na crítica aos tradutores, // não importa quanto venham a esforçar-se.
e) Vem colhendo os frutos de sua tradução, // razão pela qual pensa em fazer uma nova carreira.

34. (MP – NCE) "O homem contemporâneo não é onívoro como seu antepassado pré-

histórico". Esse segmento traz uma ambiguidade que desapareceria se fosse reescrito, mantendo-se o sentido pretendido no texto, da seguinte forma:
a) O homem contemporâneo não é onívoro como era seu antepassado pré-histórico.
b) Como seu antepassado pré-histórico, o homem contemporâneo não é onívoro.
c) O homem contemporâneo, como seu antepassado pré-histórico, não é onívoro.
d) O homem contemporâneo e seu antepassado pré-histórico não são onívoros.
e) O antepassado pré-histórico do homem contemporâneo não é onívoro como ele.

35. (Auxiliar de Cartório – NCE) O segmento "Quando hibernam..." mostra:
a) um tempo que se realizam os fatos citados a seguir;
b) uma condição para que os fatos seguintes se realizem;
c) um lugar em que se realizam os fatos apontados na continuidade do texto;
d) uma situação concessiva, quando relacionada aos fatos seguintes;
e) uma explicação causadora dos fatos citados a seguir.

36. (BNDES-NCE) Na frase "Ou vai ou racha!", a conjunção OU tem o mesmo valor significativo que apresenta na seguinte frase:
a) O turista compreendia inglês ou francês com facilidade.
b) As vaias ou aplausos não perturbaram o presidente.
c) O empregado faz o que deve ou perde o emprego.
d) Na hora da premiação, chorava ou ria.
e) Morávamos no segundo ou no terceiro andar.

37. (NCE) No último parágrafo do texto, o autor declara chegar a uma conclusão e, para isso, utiliza a conjunção conclusiva portanto; a relação entre conectivo e valor semântico corretamente colocada entre os abaixo, é:
a) tal qual = comparação;
b) mesmo que = adversidade;
c) onde = tempo;
d) para que = direção;
e) à proporção que = lugar.

38. (Secretaria de Fazenda – PI – Esaf) O secretário da Receita Federal, na audiência pública na comissão especial da Câmara, <u>disse apreciar</u>(1) a proposta de emenda constitucional que prorroga a CPMF, <u>uma vez que</u>(2) 4.516 pessoas físicas isentas de tributação ou omissas movimentaram, juntas, mais de R$ 25 bilhões no ano passado com operações individuais <u>que</u>(3) ultrapassaram R$ 10 milhões. Afirmou também que outras 2.449 pessoas jurídicas imunes, inativas, isentas, omissas ou optantes do imposto Simples movimentaram, juntas, R$ 147 bilhões. A movimentação desses "contribuintes" é desproporcional e ofende o senso comum. Desse total, 857 contribuintes já foram fiscalizados, <u>que</u>(4) resultou num lançamento tributário da ordem de R$ 400 milhões, além de outras iniciativas de ordem judicial. Qualquer tipo de imposto está sujeito à sonegação, mas a CPMF é mais resistente que qualquer outro, tanto à sonegação <u>quanto</u>

à(5) elisão fiscal (Adaptado de Nelson Breve, www.estadao.com.br – 6/11/2001).
Para que o texto fique correto, é necessário substituir:
a) "disse apreciar"(1) por disse que apreciava;
b) "uma vez que"(2) por já que;
c) "que"(3) por as quais;
d) "que"(4) por o que;
e) "quanto à"(5) por como à.

39. (NCE) A substituição da locução grifada pelo elemento à direita altera sensivelmente o sentido do enunciado em:
a) "Por enquanto, para ver-se o que deve ser visto, será útil entender latim" / Por ora.
b) "O que faria o governo em face de mais uma estremeção no circuito financeiro internacional" / frente a.
c) "Nada mudaria na política econômica, afirmou, desde que mantida a condição *ceteris paribus*" / posto que.
d) "Tarefa gigantesca, ainda mais porque precisamos tomar iniciativas agora / especialmente.
e) "o que menos se tem é alguma coisa parecida com a placidez do *ceteris paribus* – a não ser que se use a expressão, retorcendo-a para referência ao próprio quadro de incertezas" / a menos que.

40. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – FCC) ***Mais brasileira, mais tradicional, mais poética, incomparavelmente, é a festa de Nossa Senhora da Glória. O pequeno oiteiro da Glória, com a sua capelinha duas vezes secular, é um dos sítios mais aprazíveis, mais ingenuamente pitorescos da cidade. As velhas casas da encosta cederam lugar a construções modernas. Entretanto a igrejinha tem tanto caráter na sua simplicidade que ela só e mais uma meia dúzia de palmeiras bastam a guardar a fisionomia tradicional da colina*.**
(Manuel Bandeira. Fragmento de Crônicas da Província do Brasil. In: Poesia completa e prosa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, v. único, 1993. p. 449)
A articulação sintático-semântica entre as orações do período grifado acima denota relação de
a) condição e ressalva.
b) consequência e temporalidade.
c) causa e consequência.
d) fato real e temporalidade.
e) constatação e sua causa imediata.

41. (NCE) Em "Numa pólis bem constituída, todos correm para as assembleias; sob um mau governo...", que conjunção poderia substituir adequadamente o ponto e vírgula entre os dois termos destacados?
a) mesmo que
b) visto que

c) sem que
d) embora
e) todavia

42. (NCE) O sentido de "As reuniões cresceram, assumiram fortes dimensões políticas e tornaram-se eventos de grande repercussão, <u>ainda que</u> prejudicadas pela censura vigente" fica sensivelmente alterado com a substituição da locução sublinhada por:
a) conquanto;
b) posto que;
c) visto como;
d) não obstante;
e) malgrado.

43. (Técnico Judiciário – TRE-SP – FCC) ***Mas, <u>embora ele não tivesse sido nomeado</u>, todos sabiam quem era o comandante*.**
Em relação à frase em que está inserido, o segmento grifado acima possui um sentido:
a) condicional;
b) causal;
c) concessivo;
d) comparativo;
e) conclusivo.

44. (NCE) Em "tampouco deve (...) se amoldar aos desejos de seus eleitores...", "tampouco" é substituível, sem prejuízo do sentido, por:
a) sobretudo não;
b) ainda assim não;
c) também não;
d) apesar disso não;
e) particularmente não.

45. (Coppe) Na frase "As crendices variam, a matemática é a mesma para toda a humanidade, sendo, , confiável e útil, a crendices estão envoltas nas trevas da vaguidade e da superstição", as lacunas podem ser preenchidas, respectivamente, por:
a) embora, por conseguinte, enquanto;
b) no entanto, logo, ao passo que;
c) mas, portanto, ao passo que;
d) ainda que, portanto, à medida que;
e) porém, logo, ao passo que.

Capítulo 11

Preposição

Preposição é a palavra invariável que relaciona dois termos, subordinando o segundo ao primeiro.

11.1. Essenciais

Funcionam apenas como preposição.
A, ANTE, APÓS, ATÉ, COM, CONTRA, DE, DESDE, EM, ENTRE, PARA, PER, PERANTE, POR, SEM, SOB, SOBRE, TRÁS.

11.2. Acidentais

Palavras que, excepcionalmente, podem funcionar como preposição.
CONFORME, SEGUNDO, CONSOANTE, MEDIANTE, FORA, EXCETO, SALVO, DURANTE, TIRANTE, FEITO, QUE (sinônimo de DE).

Ex.: "Já em 1876, segundo o testemunho de um sacerdote, que ali fora..." (Euclides da Cunha).

Ex.: Tenho que estudar.

QUE acidentalmente funciona como sinônimo da preposição DE: Tenho de estudar. Esse, inclusive, é o entendimento da FGV. Já o Cespe, na prova de Escrivão – PF 2002, classificou o QUE como conjunção.

Obs.: Somente com preposições essenciais, utilizam-se pronomes oblíquos tônicos.

Ex.: Sem ti, não iremos à praia.

Já com preposições acidentais, utilizam-se os pronomes retos.

Ex.: Todos foram à praia, exceto tu.

11.3. Locuções prepositivas

Mais de uma palavra com função de preposição (a última palavra deve ser uma preposição essencial).
ABAIXO DE, JUNTO DE, COM OBJETIVO DE, CERCA DE, ACERCA DE, AO ENCONTRO DE (a favor de), DE ENCONTRO A (contra).

Obs.: A gramática admite a ocorrência de duas preposições em sequência em apenas dois casos: "para com" e "até a".

Ex.: "E me fiz todo gratidão para com ele..." (Raul Pompeia).

"Desde a porta até ao fundo do quintal" (Machado de Assis).

11.4. Combinação

Junção de preposição com outra classe gramatical sem alteração fonética.

AO, AONDE.

11.5. Contração

Junção de preposição com outra classe gramatical com alteração fonética.

ÀS, DA, DOS, NO, DAQUELE.

Obs.: É importantíssimo ressaltar que, quando o termo posterior à preposição funcionar como sujeito, não poderá haver a combinação ou a contração.

Ex.: Não houve possibilidade de o professor resolver o problema.

Observe que "o professor" é sujeito do verbo "resolver", sendo assim não se pode unir a preposição DE ao artigo O.

Não gostamos do problema criado.

"Do problema criado" é objeto indireto, portanto a combinação da preposição com artigo será obrigatória.

BIZU

Chamo a atenção para o fato de a Esaf explorar casos de combinação ou contração facultativas. Isso ocorre quando o elemento seguinte à preposição não funcionar como sujeito e a sonoridade da combinação for desagradável. Tal situação já levou ao quase desuso as contrações COM + O, A, OS, AS – COO, COA, COOS, COAS. Também serão facultativas

contrações de preposição com artigos indefinidos (um, uma, uns, umas – quando não participarem do sujeito) e pronomes indefinidos (outro, outra, outros, outras – quando não participarem do sujeito), e da preposição DE com o termo ONDE.

Ex: "No cimo dum outeiro" (Fernando Pessoa) – DUM ou DE UM

"Não há certeza doutra, mas suspeita" (Camões) – DOUTRA ou DE

OUTRA
"Quem eram? Donde vinham? – Pouco importa?" (Castro Alves) – DONDE ou DE ONDE

11.6. Valores semânticos das preposições

A

Condição – A continuarem os sintomas, procure um médico!
Concessão – Ela nada comia a não ser sanduíche.
Direção – "Levaram-no à Capital da Bahia" (Euclides da Cunha).
Tempo – "Ao voltar, bem escovado, bem perfumado, achei a lancha atulhada" (Eça de Queirós).
Fim – "Ela despedaçou o lacre a ler a Seixas o papel" (José de Alencar).
Instrumento – Fizemos a prova a lápis.
Meio – Andar a cavalo.
Modo – Falar aos gritos.
Lugar – "Dormindo imenso ao luar" (Castro Alves).
Semelhança, conformidade – Maria saiu aos avós.

ANTE

Posição anterior ou frontal – Quedou-se ante o quadro, admirando-o.
Causa – Ante o desfecho inevitável, todos se prepararam para o pior.

APÓS

Tempo posterior – As aulas terão início após as festas de fim de ano.
Lugar posterior – João está após Pedro.

ATÉ

Limite de lugar – Iremos até Copacabana.
Limite de tempo – As aulas começarão até às duas horas.

COM

Companhia – "Dom Casmurro, domingo vou jantar com você" (Machado de Assis).
Soma – Quando unimos o conhecimento de Paulo com a esperteza de João, teremos o ser humano ideal.
Modo – "Puxei, com a mão a tremer, a minha chávena de chá..." (Eça de Queirós).
Instrumento – Fizemos o trabalho com o computador.

Condição – Com sorte, não pegaremos engarrafamento.
Causa – Ele empobreceu com o Plano Collor.

DE
Posse – Lápis de João.
Finalidade – "E o coração... é instrumento de sopro ou de percussão?" (Fernando Sabino).
Origem – "Afirmava-se que o fogo começara de uma sala" (Raul Pompeia).
Matéria – "A urbs monstruosa, de barro..." (Euclides da Cunha).
Causa – "A filha, pode ser que pálida de medo, dissimulava..." (Machado de Assis).
Modo – Ele vive de pequenos furtos.
Assunto – "Falamos dos colegas..." (Raul Pompeia).
Lugar – Estávamos de longe analisando o problema.
Tempo – "Acordo de noite, subitamente" (Fernando Pessoa).
Meio – "... coça a cabeça, irresoluto: de ônibus ou de táxi?" (Fernando Sabino).

DESDE
Afastamento de um lugar – Estou correndo desde o início da rua.
Início de um tempo – Desde a chegada dele, tivemos problemas.

EM
Lugar – "Os navios no mar apodreciam" (Castro Alves).
Modo – É bom viver uns tempos em paz.
Tempo – Em duas horas, ele estará presente.
Causa – Ele estava triste em não poder viajar.
Finalidade – Ela veio aqui em auxílio.
Matéria – A estátua é feita em ouro.

ENTRE
Posição intermediária no espaço – Moramos entre Copacabana e Ipanema.
Posição intermediária no tempo – Entre duas e três horas, estaremos lá.

PARA
Direção – "Foi assim que me encaminhei para o undiscovered country de Hamlet..." (Machado de Assis).
Finalidade – "... escrava rebelde e insensata, não terás mãos nem pés para

pôr em prática teus sinistros intentos" (Bernardo Guimarães).
Conformidade – Para João, Flamengo é o melhor time do campeonato.
Restrição – Proibido para menores.

PER (DESUSO) / **POR**
Lugar – Viajamos por estradas inóspitas.
Causa – "O parasita, feliz por ver quanto o amigo aviltava a mulher..." (Aluísio de Azevedo).
Tempo – "Eu sei que vou te amar / por toda a minha vida" (Vinicius de Moraes).
Agente – O trabalho foi feito por João.
Meio – Nós nos falamos por telefone.
Comparação – "Sabe que o tomam por outro" (Fernando Sabino).

PERANTE
Diante de – Ficamos perante o professor durante duas horas.

SEM
Ausência (falta) – "Sem ela o que é a vida?" (Castro Alves).
Condição – Sem passaporte, não poderão viajar.

SOB
Posição inferior – Conversamos sob a ponte.
Proteção – Estávamos sob o amparo da lei.
Sujeição – "Fazia-se a crítica dos novos sob um ponto de vista inteiramente deles" (Raul Pompeia).

SOBRE
Posição superior – "O pé direito sobre um monte enorme de carvões..." (Raul Pompeia).
Assunto – "Documento iniludível permitindo o corpo de delito sobre os desmando de um povo" (Euclides da Cunha).
Preferência (acima de) – Amar a Deus sobre todas as coisas.

TRÁS
(DESUSO) – atrás de, depois de...

ATENÇÃO: As preposições podem ter valor nocional ou relacional. Este

assunto, que é uma das preferências do NCE, será desenvolvido no capítulo de sintaxe, mais particularmente na comparação entre complemento nominal e adjunto adnominal.

11.7. Exercícios

1. (Analista Judiciário – TRE-PE – FCC) A oração sublinhada exprime uma finalidade em:
a) Ele trabalha por trabalhar, e não por qualquer razão mais nobre.
b) Kucinski escreveu um livro por sentir-se indignado com as atitudes de seus colegas.
c) Há jornalistas que perseguem valores éticos para orientá-los no exercício de sua profissão.
d) A ideia de trabalhar para a comunidade não está comovendo os jovens profissionais.
e) Ele dedicou parte de sua vida ao jornalismo enquanto acreditava na alta relevância de sua profissão.

2. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a preposição COM exprime a mesma ideia que possui em "Surge a lua cheia para chorar com os poetas".
a) O menino machucou-se com a faca.
b) Ela se afastou com um súbito choro.
c) Tinha empobrecido com as secas.
d) Deve-se rir com alguém, não de alguém.
e) Ele se confundiu com a minha resposta.

3. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a preposição DE exprime a mesma ideia que possui em "a cair de fome".
a) De tanto chorar, os seus olhos ficaram inchados.
b) De noite, todos os gatos são pardos.
c) Chegaram hoje cedo de Pernambuco.
d) Devemos nutrir o espírito de boas leituras.
e) Carregava no bolso um relógio de ouro.

4. (UFF) A opção em que a preposição destacada tem valor indicado entre parênteses é:
a) "Vou-me embora de Pasárgada" (movimento de afastamento de um ponto).
b) "Tem prostitutas para a gente namorar" (direção).
c) Já comprei ida sem volta" (posição de inferioridade).
d) "Andarei de bicicleta" (posse).
e) Em Pasárgada tem tudo" (posição no interior de dois limites indicados).

5. (Fiscal – SEFAZ-RJ – FGV) ***É certo que a mudança do enfoque sobre o tema, no âmbito das empresas – principalmente, as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos de postura administrativa decorrentes da adoção de critérios de responsabilização penal da pessoa jurídica em seus países de origem. Tais mudanças, inevitavelmente, terão que abranger as práticas administrativas de suas congêneres***

espalhadas pelo mundo, a fim de evitar respingos de responsabilização em sua matriz.
No trecho acima, as ocorrências da palavra QUE classificam-se, respectivamente, como:
a) pronome relativo e preposição;
b) conjunção integrante e preposição;
c) conjunção integrante e conjunção integrante;
d) pronome relativo e conjunção integrante;
e) preposição e pronome relativo.

6. (Perito da Polícia Civil – RJ – FGV) "*Por* precaução, a maioria dos médicos recomenda evitar a combinação de bebida e remédios".
A preposição "*por*", no fragmento acima, tem valor de:
a) meio;
b) modo;
c) condição;
d) consequência;
e) causa.

7. (UFF) Em "Ela despedaçou o lacre <u>a</u> ler a Seixas o papel", a preposição assinalada introduz uma ideia de:
a) consequência;
b) causa;
c) condição;
d) fim;
e) modo.

8. (Técnico Judiciário – TRE-PA – FGV) *Aliás, o melhor para a democracia seria separar os fundos partidários dos destinados às campanhas eleitorais*. **A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:**
I. Há três preposições.
II. Há quatro artigos.
III. Há um pronome demonstrativo.
Assinale:
a) se todas as afirmativas estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se nenhuma afirmativa estiver correta;
d) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
e) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

9. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) *<u>A despeito do</u> sucesso, o ganha-pão do escritor seria obtido...*
O elemento grifado acima pode ser corretamente substituído, sem alteração do sentido original, por:
a) Em razão do

b) Conquanto o
c) Em que pese o
d) Em vista do
e) A partir do

10. (Técnico Judiciário – TRT-14ªRegião – FCC)
Logo, são eles que veem,
não eu que, mesmo cônscio
do logro, lhes sou grato
por anteciparem em mim
o Édipo curioso
de suas próprias trevas.
(José Paulo Paes)
"por anteciparem em mim"
O segmento acima introduz no contexto noção de:
a) condição;
b) consequência;
c) ressalva;
d) causa;
e) temporalidade.

11. (Fiscal – ICMS – RJ – FGV) ***É certo que a mudança do enfoque sobre o tema, no âmbito das empresas – principalmente, as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos de postura administrativa decorrentes da adoção de critérios de responsabilização penal da pessoa jurídica em seus países de origem. Tais mudanças, inevitavelmente, terão que abranger as práticas administrativas de suas congêneres espalhadas pelo mundo, a fim de evitar respingos de responsabilização em sua matriz.***
No trecho acima, as ocorrências da palavra QUE classificam-se, respectivamente, como:
a) Pronome relativo e preposição;
b) Conjunção integrante e preposição;
c) Conjunção integrante e conjunção integrante;
d) Pronome relativo e conjunção integrante;
e) Preposição e pronome relativo.

12. (TJ) "Nas empresas, que saiam para a rua."
"... definam um bom espaço para se encontrar..."
Qual a noção indicada pela preposição PARA, respectivamente, nos dois casos acima?
a) lugar / finalidade
b) finalidade / tempo
c) condição / modo
d) tempo / lugar
e) direção / finalidade

13. (Fundec) Observe o valor das preposições empregadas e, depois de enumerar de acordo, aponte a alternativa correta.

1 – Morrer a três passos do cemitério			( ) Proximidade
2 – Escrever a lápis			( ) Instrumento
3 – Falar aos gritos			( ) Modo
4 – Estar ao telefone			( ) Distância
5 – Voltar a pé			( ) Meio

a) 2 – 1 – 4 – 5 – 3
b) 2 – 3 – 5 – 4 – 1
c) 4 – 2 – 3 – 1 – 5
d) 4 – 1 – 5 – 3 – 2

14. O segmento do texto cujo elemento destacado tem seu valor semântico incorretamente indicado é:
a) "EM oito anos..." = tempo;
b) "... visitantes DE outros estados..." = origem;
c) "... da economia DA cidade..." = propriedade;
d) "... não sabe lidar, POR falta de ação integrada..." = causa;
e) "... falar EM dinheiro mal aplicado..." = oposição.

15. (TRT) A alternativa abaixo em que o conectivo em destaque tem seu valor semântico erradamente indicado é:
a) "... não há polícia suficiente para fazê-la ser cumprida" = finalidade;
b) "... uma originalidade brasileira como a jabuticaba." = comparação;
c) "... muita lei que não pega por falta dessa sintonia" = causa;
d) "... existe uma lei óbvia segundo a qual..." = ordenação;
e) "... mas raramente usam capacete" = adversidade.

16. (NCE) "De uma colina, onde se descortinava toda a cidade, dois homens mantinham silêncio olhando os dois corpos que balançavam lado a lado no patíbulo da praça". O item em que a preposição sublinhada (sozinha ou combinada) tem o mesmo valor semântico da preposição de (no segmento do texto) é:
a) "... era o juiz mais sábio e justo <u>de</u> todo o país".
b) "... que perdoou ao frio assassino <u>do</u> filho?"
c) "Qual a razão <u>desta</u> sentença, senhor juiz?"
d) "E o juiz, do fundo <u>de</u> sua sabedoria, disse..."
e) "... no patíbulo <u>da</u> praça".

17. (ANA – NCE) "Morrerão <u>de</u> doenças", o valor semântico da preposição sublinhada repete-se em:
a) As águas ficarão contaminadas de bactérias.

b) Os estudos mostraram a contaminação das águas.
c) As águas contaminadas são a causa de doenças.
d) A água dos rios é mais contaminada que a marinha.
e) Os habitantes do Sul padecem de frio.

18. (Radiobrás – NCE) O item em que o valor do vocábulo em maiúsculas está erradamente indicado é:
a) "... quando se trata de carta PARA namorada..." – destinação;
b) "... e ATÉ entre os ambulantes" – inclusão;
c) "... seguem na letra à mão DE Paulo" – posse;
d) "... há meses NA cidade, ... – lugar;
e) "Eles confiam em mim PORQUE sou mais velho" – explicação.

19. (Engepron – NCE) O item em que o valor da preposição está incorretamente identificado é:
a) "Foi a 23 de outubro de 1906" = tempo;
b) "reservada a essas tentativas" = finalidade;
c) "nas margens do Sena, em Neuilly" = lugar;
d) "tomava um valor suficiente para erguê-lo" = direção;
e) "foi calculada em 35 quilômetros" = aproximação.

20. (TCES – NCE) Em que frase a seguir, o valor semântico da preposição <u>de</u> é idêntico àquele com que aparece no título (Dos Deputados ou Representantes)?
a) Os deputados são representantes <u>do</u> povo.
b) Os políticos falavam <u>de</u> política.
c) Os interesses <u>do</u> Estado são discutidos na assembleia.
d) Toda a legitimidade provém <u>das</u> eleições.
e) A eleição <u>de</u> deputados é essencial à democracia.

21. (Cor. Geral – RJ – NCE) "Na realidade, o fenômeno do quarto de Lucila se reproduz com velocidade em outras casas de todo o país, em resposta a um apelo irresistível..." Qual das preposições a seguir poderia substituir a preposição em nessa frase, conservando-se o seu significado?
a) para
b) de
c) por
d) com
e) como

22. (TJ – RJ – NCE) Indique o item em que o valor nocional da preposição destacada não está corretamente indicado:
a) "Para quem mora <u>na</u> favela..." – <u>lugar</u>.
b) "... <u>para</u> ele, "a rua" também é familiar." – <u>direção</u>.

c) "... condição para obter crédito..." – finalidade.
d) "... para não ser olhado com medo..." – modo.
e) "... identificada apenas por seu estereótipo..." – meio.

23. (UnB / Cespe – SMF / Maceió – AL – Fiscal de Tributos Municipais) Para o presidente da OAB, pesou na decisão de mudança do decreto o parecer elaborado por dois advogados, que contém o seguinte trecho: "O decreto pune os bons contribuintes, deles retirando qualquer garantia, visto que sempre dependerão de humores da fiscalização, pródiga em ofertar à lei distorcida interpretação. É que o fisco, até por dever de ofício, sempre tem por 'suspeitos' todos os cidadãos."
Silvana de Freitas. *In: Internet:* <http://www.folha.com.br>. Acesso em 28/12/2002 (com adaptações).
1) A expressão "visto que" (l. 4) pode ser corretamente substituída por "porquanto", mantendo-se a correção sintática e semântica do período.
2) As preposições "Para" (l. 1) e "por" (l. 6) podem ser substituídas por "segundo" e "como", respectivamente, sem prejuízo à correção gramatical das orações em que ocorrem.

Capítulo 12

Interjeição

Expressão que traduz os sentimentos e as reações das pessoas.

INTERJEIÇÕES MAIS COMUNS:
De exclamação – Viva!
De admiração – Oh!
De alívio – Ah!
De aplauso – Bravo!
De desejo – Oxalá!
De dor – Ai! Ui!
De chamamento – Psiu!
De satisfação – Oba!
De solicitação de silêncio – Chi!

Capítulo 13

Numeral

São palavras que dão ideia de quantidade ou ordem dos seres.

13.1. Numeral substantivo

Não funciona ao lado de um substantivo.
Ex.: Os primeiros já chegaram.

13.2. Numeral adjetivo

Funciona ao lado de um substantivo.
Ex.: Os primeiros concorrentes já chegaram.

13.3. Classificação

13.3.1. Multiplicativo

Indica multiplicação.
Ex.: dobro, triplo, quádruplo...

13.3.2. Fracionário

Indica a ideia de divisão.
Ex.: metade, um terço, quinze avos...

13.3.3. Ordinais	13.3.4. Cardinais
primeiro	um
segundo	dois
terceiro	três
quarto	quatro
quinto	cinco
sexto	seis
sétimo	sete
oitavo	oito
nono	nove
décimo	dez

décimo primeiro ou undécimo	onze
décimo segundo ou duodécimo	doze
décimo terceiro	treze
décimo quarto	quatorze ou catorze
vigésimo	vinte
vigésimo primeiro	vinte e um
trigésimo	trinta
quadragésimo	quarenta
quinquagésimo	cinquenta
sexagésimo	sessenta
septuagésimo ou setuagésimo	setenta
octogésimo	oitenta
nonagésimo	noventa
centésimo	cem
ducentésimo	duzentos
trecentésimo	trezentos
quadringentésimo	quatrocentos
quingentésimo	quinhentos
seiscentésimo, sexcentésimo	seiscentos
septingentésimo, setingentésimo	setecentos
octingentésimo	oitocentos
nongentésimo, noningentésimo	novecentos
milésimo	mil
dez milésimos	dez mil
cem milésimos	cem mil
milionésimo	um milhão
bilionésimo	um bilhão

Observações

1– Para designar séculos, reis, papas, capítulos, contos, devem ser empregados os ordinais até décimo e os cardinais para os demais. Também é interessante ressaltar que, nestes casos, a escrita deve ser em algarismos romanos.

Ex.: D. Pedro I (primeiro)

Século XX (vinte)

2– Com a preposição EM, as palavras “página”, “folha” e “capítulo” ficarão no singular e, consequentemente, o numeral será invariável.

Ex.: Na página vinte e dois...; na folha trinta e um...

Já com a preposição A, tanto se podem usar os vocábulos "página", "folha" e "capítulo" no singular ou no plural. Usando-se no singular, a consequência é a mesma da ocorrida com a preposição EM. No entanto, com o termo no plural, o numeral o acompanha.

Ex.: à pagina dois, a páginas duas, à folha vinte e um, a folhas vinte e uma...

13.4. Exercícios

1. (Uni-Rio) Para CEM, a língua só tem uma forma de ordinal, CENTÉSIMO, usado pelo autor. Assinale o item, em que o ordinal correspondente ao cardinal admite duas formas:

a) 100
b) 90
c) 13
d) 7
e) 600

2. (Puccamp-SP) Os ordinais referentes aos números 80, 300, 700 e 90 são, respectivamente:

a) octagésimo, trecentésimo, septingentésimo, nongentésimo;
b) octogésimo, trecentésimo, septingentésimo, nonagésimo;
c) octingentésimo, tricentésimo, septuagésimo, nonagésimo;
d) octogésimo, tricentésimo, septuagésimo, nongentésimo;
e) nenhuma das respostas anteriores.

3. (Univ. Fed. de Juiz de Fora – MG) Marque o emprego incorreto do numeral.

a) século III (três)
b) página 102 (cento e dois)
c) 80o (octogésimo)
d) capítulo XI (onze)
e) X tomo (décimo)

4. (Fupe) Indique o item em que os numerais estão corretamente empregados:

a) Ao Papa Paulo Seis sucedeu João Paulo Primeiro.
b) Após o parágrafo nono, virá o parágrafo décimo.
c) Depois do capítulo sexto, li o capítulo décimo primeiro.
d) Antes do artigo dez vem o artigo nono.
e) O artigo vigésimo segundo foi revogado.

5. (FMU) Sabendo-se que os numerais podem ser cardinais, ordinais, multiplicativos e fracionários, podemos dar os seguintes exemplos:

a) um (cardinal), primeiro (ordinal), Leão onze (multiplicativo) e meio (fracionário);

b) um (cardinal), milésimo (ordinal), undécuplo (multiplicativo) e meio fracionário);
c) um (ordinal), primeiro (cardinal), Leão onze (multiplicativo) e meio (fracionário);
d) um (ordinal), primeiro (cardinal), cêntuplo (multiplicativo) e centésimo (fracionário);
e) um (cardinal), primeiro (ordinal), duplo (multiplicativo), não existindo numeral denominado fracionário.

6. (Unesp) Assinale o caso em que não haja expressão numérica de sentido indefinido.
a) Ele é o duodécimo colocado.
b) Quer que veja este filme pela milésima vez?
c) "Na guerra os meus dedos dispararam mil mortes".
d) "A vida tem uma só entrada; a saída é por cem portas".
e) n.d.a.

7. (Corregedoria Geral da justiça – RJ – NCE) "Mas estamos em pleno século XX..." O item abaixo em que devemos ler o algarismo romano como ordinal é:
a) no século XI antes de Cristo;
b) o papa recebeu o nome de João XXIII;
c) no século XII da nossa era;
d) Inocêncio X foi papa;
e) Luís XVI foi rei da França.

8. (Infraero – NCE) O algarismo romano XIX é lido como numeral cardinal; o item em que o algarismo romano deve ser lido como ordinal é:
a) Luís XVI;
b) João XXIII;
c) Pio X;
d) século XXI;
e) casa II.

Capítulo 14

Verbo

Verbo é o termo variável de número e pessoa que pode expressar ideia de estado, qualidade, ação, acontecimento etc., localizando seu tempo.

14.1. Verbos regulares

São aqueles que não sofrem alterações fonéticas no radical e seguem o modelo de desinências dos verbos de 1ª, 2ª e 3ª conjugação, elencados a seguir.

1ª Conjugação – Cantar –

Indicativo

Presente				Pretérito Perfeito				Pretérito Imperfeito			
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP
Cant	-	-	o	Cant	e	-	i	Cant	a	va	-
Cant	a	-	s	Cant	a	-	ste	Cant	a	va	s
Cant	a	-	-	Cant	o	-	u	Cant	a	va	-
Cant	a	-	mos	Cant	a	-	mos	Cant	á	va	mos
Cant	a	-	is	Cant	a	-	stes	Cant	á	ve	is
Cant	a	-	m	Cant	a	-	ram	Cant	a	va	m
Pretérito Mais-que-Perfeito				Futuro do Presente				Futuro do Pretérito			
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP
Cant	a	ra	-	Cant	a	re	i	Cant	a	ria	-
Cant	a	ra	s	Cant	a	rá	s	Cant	a	ria	s
Cant	a	ra	-	Cant	a	rá	-	Cant	a	ria	-
Cant	á	ra	mos	Cant	a	re	mos	Cant	a	ría	mos
Cant	á	re	is	Cant	a	re	is	Cant	a	ríe	is
Cant	a	ra	m	Cant	a	rã	o	Cant	a	ria	m

Subjuntivo

Presente				Pretérito Imperfeito				Futuro			
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP
Cant	-	e	-	Cant	a	sse	-	Cant	a	r	-
Cant	-	e	s	Cant	a	sse	s	Cant	a	r	es
Cant	-	e	-	Cant	a	sse	-	Cant	a	r	-
Cant	-	e	mos	Cant	á	sse	mos	Cant	a	r	mos
Cant	-	e	is	Cant	á	sse	is	Cant	a	r	des
Cant	-	e	m	Cant	a	sse	m	Cant	a	r	em

Imperativo

Afirmativo				Negativo				
RAD	VT	DMT	DNP		RAD	VT	DMT	DNP
Cant	a	-	-	não	Cant	-	e	s
Cant	-	e	-	não	Cant	-	e	-
Cant	-	e	mos	não	Cant	-	e	mos
Cant	a	-	i	não	Cant	-	e	is
Cant	-	e	m	não	Cant	-	e	m

2ª Conjugação – Vender –

Indicativo

Presente				Pretérito Perfeito				Pretérito Imperfeito			
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP
Vend	-	-	o	Vend	-	-	i	Vend	i	a	-
Vend	e	-	s	Vend	e	-	ste	Vend	i	a	s
Vend	e	-	-	Vend	e	-	u	Vend	i	a	-
Vend	e	-	mos	Vend	e	-	mos	Vend	í	a	mos
Vend	e	-	is	Vend	e	-	stes	Vend	í	e	is
Vend	e	-	m	Vend	e	-	ram	Vend	i	a	m

Pretérito Mais-que-Perfeito				Futuro do Presente				Futuro do Pretérito			
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP
Vend	e	ra	-	Vend	e	re	i	Vend	e	ria	-
Vend	e	ra	s	Vend	e	rá	s	Vend	e	ria	s
Vend	e	ra	-	Vend	e	rá	-	Vend	e	ria	-

Vend	ê	ra	mos	Vend	e	re	mos	Vend	e	ría	mos
Vend	ê	re	is	Vend	e	re	is	Vend	e	ríe	is
Vend	e	ra	m	Vend	e	rã	o	Vend	e	ria	m

Subjuntivo

Presente				Pretérito Imperfeito				Futuro			
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP
Vend	-	a	-	Vend	e	sse	-	Vend	e	r	-
Vend	-	a	s	Vend	e	sse	s	Vend	e	r	es
Vend	-	a	-	Vend	e	sse	-	Vend	e	r	-
Vend	-	a	mos	Vend	ê	sse	mos	Vend	e	r	mos
Vend	-	a	is	Vend	ê	sse	is	Vend	e	r	des
Vend	-	a	m	Vend	e	sse	m	Vend	e	r	em

Imperativo

Afirmativo				Negativo				
RAD	VT	DMT	DNP		RAD	VT	DMT	DNP
Vend	e	-	-	não	Vend	-	a	s
Vend	-	a	-	não	Vend	-	a	-
Vend	-	a	mos	não	Vend	-	a	mos
Vend	e	-	i	não	Vend	-	a	is
Vend	-	a	m	não	Vend	-	a	m

3ª Conjugação – Partir –

Indicativo

Presente				Pretérito Perfeito				Pretérito Imperfeito			
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP
Part	-	-	o	Part	-	-	i	Part	i	a	-
Part	e	-	s	Part	i	-	ste	Part	i	a	s
Part	e	-	-	Part	i	-	u	Part	i	a	-
Part	i	-	mos	Part	i	-	mos	Part	í	a	mos
Part	-	-	is	Part	i	-	stes	Part	í	e	is
Part	e	-	m	Part	i	-	ram	Part	i	a	m

Pretérito Mais-que-Perfeito				Futuro do Presente				Futuro do Pretérito			
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP
Part	i	ra	-	Part	i	re	i	Part	i	ria	-
Part	i	ra	s	Part	i	rá	s	Part	i	ria	s
Part	i	ra	-	Part	i	rá	-	Part	i	ria	-
Part	í	ra	mos	Part	i	re	mos	Part	i	ría	mos
Part	í	re	is	Part	i	re	is	Part	i	ríe	is
Part	i	ra	m	Part	i	rã	o	Part	i	ria	m

Subjuntivo

Presente				Pretérito Imperfeito				Futuro			
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP
Part	-	a	-	Part	i	sse	-	Part	i	r	-
Part	-	a	s	Part	i	sse	s	Part	i	r	es
Part	-	a	-	Part	i	sse	-	Part	i	r	-
Part	-	a	mos	Part	í	sse	mos	Part	i	r	mos
Part	-	a	is	Part	í	sse	is	Part	i	r	des
Part	-	a	m	Part	i	sse	m	Part	i	r	em

Imperativo

Afirmativo				Negativo				
RAD	VT	DMT	DNP		RAD	VT	DMT	DNP
Part	e	-	-	não	Part	-	a	s
Part	-	a	-	não	Part	-	a	-
Part	-	a	mos	não	Part	-	a	mos
Part	-	-	i	não	Part	-	a	is
Part	-	a	m	não	Part	-	a	m

14.2. Verbos irregulares

São verbos que sofrem alterações nos radicais ou nas desinências, contudo ainda guardam alguma característica das formas infinitivas.

Estar

Indicativo

Presente: estou, estás, está, estamos, estais, estão
Pretérito Perfeito: estive, estiveste, esteve, estivemos, estivestes, estiveram
Pretérito Imperfeito: estava, estavas, estava, estávamos, estáveis, estavam
Pretérito Mais-que-Perfeito: estivera, estiveras, estivera, estivéramos, estivéreis, estiveram
Futuro do Presente: estarei, estarás, estará, estaremos, estareis, estarão
Futuro do Pretérito: estaria, estarias, estaria, estaríamos, estaríeis, estariam

Subjuntivo

Presente: esteja, estejas, esteja, estejamos, estejais, estejam
Pretérito Imperfeito: estivesse, estivesses, estivesse, estivéssemos, estivésseis, estivessem
Futuro: estiver, estiveres, estiver, estivermos, estiverdes, estiverem

Imperativo

Afirmativo: está, esteja, estejamos, estai, estejam
Negativo: estejas, esteja, estejamos, estejais, estejam

Haver

Indicativo

Presente: hei, hás, há, havemos (ou hemos), haveis (ou heis), hão
Pretérito Perfeito: houve, houveste, houve, houvemos, houvestes, houveram
Pretérito Imperfeito: havia, havias, havia, havíamos, havíeis, haviam
Pretérito Mais-que-Perfeito: houvera, houveras, houvera, houvéramos, houvéreis, houveram
Futuro do Presente: haverei, haverás, haverá, haveremos, havereis, haverão
Futuro do Pretérito: haveria, haverias, haveria, haveríamos, haveríeis, haveriam

Subjuntivo

Presente: haja, hajas, haja, hajamos, hajais, hajam
Pretérito Imperfeito: houvesse, houvesses, houvesse, houvéssemos, houvésseis, houvessem
Futuro: houver, houveres, houver, houvermos, houverdes, houverem

Imperativo
Afirmativo: há, haja, hajamos, havei, hajam
Negativo: hajas, haja, hajamos, hajais, hajam

Ver

Indicativo
Presente: vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem
Pretérito Perfeito: vi, viste, viu, vimos, vistes, viram
Pretérito Imperfeito: via, vias, via, víamos, víeis, viam
Pretérito Mais-que-Perfeito: vira, viras, vira, víramos, víreis, viram
Futuro do Presente: verei, verás, verá, veremos, vereis, verão
Futuro do pretérito: veria, verias, veria, veríamos, veríeis, veriam

Subjuntivo
Presente: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam
Pretérito Imperfeito: visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem
Futuro: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem

Imperativo
Afirmativo: vê, veja, vejamos, vede, vejam
Negativo: vejas, veja, vejamos, vejais, vejam

Obs.: Por este verbo se conjugam os verbos ANTEVER, ENTREVER, PREVER e REVER.

Vir

Indicativo:
Presente: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm
Pretérito Perfeito: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram
Pretérito Imperfeito: vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham
Pretérito Mais-que-Perfeito: viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram
Futuro do Presente: virei, virás, virá, viremos, vireis, virão
Futuro do Pretérito: viria, virias, viria, viríamos, viríeis, viriam

Subjuntivo:
Presente: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham
Pretérito Imperfeito: viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem
Futuro: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem

Imperativo:
Afirmativo: vem, venha, venhamos, vinde, venham
Negativo: venhas, venha, venhamos, venhais, venham

Obs.: Por este verbo se conjugam ADVIR, CONVIR, INTERVIR, PROVIR, RECONVIR, SOBREVIR, AVIR-SE, DESAVIR-SE e DESCONVIR.

Ter

Indicativo
Presente: tenho, tens, tem, temos, tendes, têm
Pretérito Perfeito: tive, tiveste, teve, tivemos, tivestes, tiveram
Pretérito Imperfeito: tinha, tinhas, tinha, tínhamos, tínheis, tinham
Pretérito Mais-que-Perfeito: tivera, tiveras, tivera, tivéramos, tivéreis, tiveram
Futuro do Presente: terei, terás, terá, teremos, tereis, terão
Futuro do Pretérito: teria, terias, teria, teríamos, teríeis, teriam

Subjuntivo
Presente: tenha, tenhas, tenha, tenhamos, tenhais, tenham
Pretérito Imperfeito: tivesse, tivesses, tivesse, tivéssemos, tivésseis, tivessem
Futuro: tiver, tiveres, tiver, tivermos, tiverdes, tiverem

Imperativo
Afirmativo: tem, tenha, tenhamos, tende, tenham
Negativo: tenhas, tenha, tenhamos, tenhais, tenham

Obs.: Por este verbo se conjugam ABSTER-SE, CONTER, ENTRETER, MANTER, OBTER, RETER e SUSTER.

Pôr

Indicativo
Presente: ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem
Pretérito Perfeito: pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram
Pretérito Imperfeito: punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham
Pretérito Mais-que-perfeito: pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram

Futuro do Presente: porei, porás, porá, poremos, poreis, porão
Futuro do Pretérito: poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poriam

Subjuntivo
Presente: ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham
Pretérito Imperfeito: pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, puséssеis, pusessem
Futuro: puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem

Imperativo
Afirmativo: põe, ponha, ponhamos, ponde, ponham
Negativo: ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham

Obs.: Por este verbo se conjugam ANTEPOR, APOR, COMPOR, CONTRAPOR, DECOMPOR, DEPOR, DESCOMPOR, DISPOR, ENTREPOR, EXPOR, IMPOR, INDISPOR, INTERPOR, JUSTAPOR, OPOR, POSPOR, PREPOR, PROPOR, PREDISPOR, PRESSUPOR, RECOMPOR, REPOR, SOBREPOR, SOTOPOR, SUPERPOR, SUPOR, TRANSPOR.

Crer

Indicativo
Presente: creio, crês, crê, cremos, credes, creem
Pretérito Perfeito: cri, creste, creu, cremos, crestes, creram
Pretérito Imperfeito: cria, crias, cria, críamos, críeis, criam
Pretérito Mais-que-Perfeito: crera, creras, crera, crêramos, crêreis, creram
Futuro do Presente: crerei, crerás, crerá, creremos, crereis, crerão
Futuro do Pretérito: creria, crerias, creria, creríamos, creríeis, creriam

Subjuntivo
Presente: creia, creias, creia, creiamos, creiais, creiam
Pretérito Imperfeito: cresse, cresses, cresse, crêssemos, crêsseis, cressem
Futuro: crer, creres, crer, crermos, crerdes, crerem

Imperativo
Afirmativo: crê, creia, creiamos, crede, creiam
Negativo: creias, creia, creiamos, creiais, creiam

Obs.: Conforme este verbo, também se conjugarão LER, RELER, TRESLER e

DESCRER.

Rir

Indicativo
Presente: rio, ris, ri, rimos, rides, riem
Pretérito Perfeito: ri, riste, riu, rimos, ristes, riram
Pretérito Imperfeito: ria, rias, ria, ríamos, ríeis, riam
Pretérito Mais-que-Perfeito: rira, riras, rira, ríramos, ríreis, riram
Futuro do Presente: rirei, rirás, rirá, riremos, rireis, rirão
Futuro do Pretérito: riria, ririas, riria, riríamos, riríeis, ririam

Subjuntivo
Presente: ria, rias, ria, riamos, riais, riam
Pretérito Imperfeito: risse, risses, risse, ríssemos, rísseis, rissem
Futuro: rir, rires, rir, rirmos, rirdes, rirem

Imperativo:
Afirmativo: ri, ria, riamos, ride, riam
Negativo: rias, ria, riamos, riais, riam

Obs.: O verbo SORRIR se conjuga tal qual RIR.

Medir

Indicativo
Presente: meço, medes, mede, medimos, medis, medem
Pretérito Perfeito: medi, mediste, mediu, medimos, medistes, mediram
Pretérito Imperfeito: media, medias, media, medíamos, medíeis, mediam
Pretérito Mais-que-Perfeito: medira, mediras, medira, medíramos, medíreis, mediram
Futuro do Presente: medirei, medirás, medirá, mediremos, medireis, medirão
Futuro do Pretérito: mediria, medirias, mediria, mediríamos, mediríeis, mediriam

Subjuntivo
Presente: meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam
Pretérito Imperfeito: medisse, medisses, medisse, medíssemos, medísseis, medissem
Futuro: medir, medires, medir, medirmos, medirdes, medirem

Imperativo
Afirmativo: mede, meça, meçamos, medi, meçam
Negativo: meças, meça, meçamos, meçais, meçam

Obs.: Tal qual o verbo MEDIR, conjugamos os verbos PEDIR, DESPEDIR, EXPEDIR, IMPEDIR, DESIMPEDIR, DESMEDIR-SE, COMEDIR-SE e DESCOMEDIR-SE.

Caber

Indicativo
Presente: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem
Pretérito Perfeito: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam
Pretérito Imperfeito: cabia, cabias, cabia, cabíamos, cabíeis, cabiam
Pretérito Mais-que-Perfeito: coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam
Futuro do Presente: caberei, caberás, caberá, caberemos, cabereis, caberão
Futuro do Pretérito: caberia, caberias, caberia, caberíamos, caberíeis, caberiam

Subjuntivo
Presente: caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam
Pretérito Imperfeito: coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem
Futuro: couber, couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem

Obs.: Este verbo, em razão de seu significado, não possui imperativo.
O verbo DESCABER se conjuga tal qual CABER.

Fazer

Indicativo
Presente: faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem
Pretérito Perfeito: fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram
Pretérito Imperfeito: fazia, fazias, fazia, fazíamos, fazíeis, faziam
Pretérito Mais-que-Perfeito: fizera, fizeras, fizera, fizéramos, fizéreis, fizeram
Futuro do Presente: farei, farás, fará, faremos, fareis, farão

Futuro do Pretérito: faria, farias, faria, faríamos, faríeis, fariam

Subjuntivo
Presente: faça, faças, faça, façamos, façais, façam
Pretérito Imperfeito: fizesse, fizesses, fizesse, fizéssemos, fizésseis, fizessem
Futuro: fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem

Imperativo
Afirmativo: faze (ou faz), faça, façamos, fazei, façam
Negativo: faças, faça, façamos, façais, façam

Obs.: Conforme FAZER também se conjugam DESFAZER, REFAZER, AFAZER, CONTRAFAZER, LIQUEFAZER, PERFAZER, RAREFAZER e SATISFAZER.

Dizer

Indicativo
Presente: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem
Pretérito Perfeito: disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram
Pretérito Imperfeito: dizia, dizias, dizia, dizíamos, dizíeis, diziam
Pretérito Mais-que-Perfeito: dissera, disseras, dissera, disséramos, disséreis, disseram
Futuro do Presente: direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão
Futuro do Pretérito: diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam

Subjuntivo
Presente: diga, digas, diga, digamos, digais, digam
Pretérito Imperfeito: dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem
Futuro: disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem

Imperativo
Afirmativo: dize (ou diz), diga, digamos, dizei, digam
Negativo: digas, diga, digamos, digais, digam

Obs.: Conforme este verbo também se conjugam BENDIZER, CONDIZER, CONTRADIZER, DESDIZER, ENTREDIZER, INTERDIZER, MALDIZER, PREDIZER, REDIZER e TRESDIZER.

Trazer

Indicativo

Presente: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem

Pretérito Perfeito: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram

Pretérito Imperfeito: trazia, trazias, trazia, trazíamos, trazíeis, traziam

Pretérito Mais-que-Perfeito: trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram

Futuro do Presente: trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão

Futuro do Pretérito: traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam

Subjuntivo

Presente: traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam

Pretérito Imperfeito: trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem

Futuro: trouxer, trouxeres, trouxer, trouxermos, trouxerdes, trouxerem

Imperativo

Afirmativo: traze (ou traz), traga, tragamos, trazei, tragam

Negativo: tragas, traga, tragamos, tragais, tragam

Saber

Indicativo

Presente: sei, sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem

Pretérito Perfeito: soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, souberam

Pretérito Imperfeito: sabia, sabias, sabia, sabíamos, sabíeis, sabiam

Pretérito Mais-que-Perfeito: soubera, souberas, soubera, soubéramos, soubéreis, souberam

Futuro do Presente: saberei, saberás, saberá, saberemos, sabereis, saberão

Futuro do Pretérito: saberia, saberias, saberia, saberíamos, saberíeis, saberiam

Subjuntivo

Presente: saiba, saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam

Pretérito Imperfeito: soubesse, soubesses, soubesse, soubéssemos, soubésseis, soubessem

Futuro: souber, souberes, souber, soubermos, souberdes, souberem

Imperativo
Afirmativo: sabe, saiba, saibamos, sabei, saibam
Negativo: saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam

Valer

Indicativo
Presente: valho, vales, vale, valemos, valeis, valem
Pretérito Perfeito: vali, valeste, valeu, valemos, valestes, valeram
Pretérito Imperfeito: valia, valias, valia, valíamos, valíeis, valiam
Pretérito Mais-que-Perfeito: valera, valeras, valera, valêramos, valêreis, valeram
Futuro do Presente: valerei, valerás, valerá, valeremos, valereis, valerão
Futuro do Pretérito: valeria, valerias, valeria, valeríamos, valeríeis, valeriam

Subjuntivo
Presente: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham
Pretérito Imperfeito: valesse, valesses, valesse, valêssemos, valêsseis, valessem
Futuro: valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valerem

Imperativo
Afirmativo: vale, valha, valhamos, valei, valham
Negativo: valhas, valha, valhamos, valhais, valham

Obs.: Conforme VALER, são conjugados DESVALER e EQUIVALER.

Poder

Indicativo
Presente: posso, podes, pode, podemos, podeis, podem
Pretérito Perfeito: pude, pudeste, pôde, pudemos, pudestes, puderam
Pretérito Imperfeito: podia, podias, podia, podíamos, podíeis, podiam
Pretérito Mais-que-Perfeito: pudera, puderas, pudera, pudéramos, pudéreis, puderam
Futuro do Presente: poderei, poderás, poderá, poderemos, podereis, poderão
Futuro do Pretérito: poderia, poderias, poderia, poderíamos, poderíeis, poderiam

Subjuntivo
Presente: possa, possas, possa, possamos, possais, possam
Pretérito Imperfeito: pudesse, pudesses, pudesse, pudéssemos, pudésseis, pudessem
Futuro: puder, puderes, puder, pudermos, puderdes, puderem

Imperativo
Afirmativo: pode, possa, possamos, podei, possam
Negativo: possas, possa, possamos, possais, possam

Obs.: Há autores que defendem, por motivos semânticos, não existir o imperativo deste verbo.

14.3. Verbos anômalos

São verbos que possuem pessoas e, às vezes, tempos inteiros não guardando elementos da estrutura infinitiva dos verbos. Por exemplo, o presente do subjuntivo do verbo IR é VÁ. Nesta forma verbal (vá), não há sequer uma letra da forma infinitiva (IR).

Ser

Indicativo
Presente: sou, és, é, somos, sois, são
Pretérito Perfeito: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram
Pretérito Imperfeito: era, eras, era, éramos, éreis, eram
Pretérito Mais-que-Perfeito: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram
Futuro do Presente: serei, serás, será, seremos, sereis, serão
Futuro do Pretérito: seria, serias, seria, seríamos, seríeis, seriam

Subjuntivo
Presente: seja, sejas, seja, sejamos, sejais, sejam
Pretérito Imperfeito: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem
Futuro: for, fores, for, formos, fordes, forem

Imperativo
Afirmativo: sê, seja, sejamos, sede, sejam
Negativo: sejas, seja, sejamos, sejais, sejam

Ir

Indicativo
Presente: vou, vais, vai, vamos, ides, vão
Pretérito Perfeito: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram
Pretérito Imperfeito: ia, ias, ia, íamos, íeis, iam
Pretérito Mais-que-Perfeito: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram
Futuro do Presente: irei, irás, irá, iremos, ireis, irão
Futuro do Pretérito: iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam

Subjuntivo
Presente: vá, vás, vá, vamos, vades, vão
Pretérito imperfeito: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem
Futuro: for, fores, for, formos, fordes, forem

Imperativo
Afirmativo: vai, vá, vamos, ide, vão
Negativo: vás, vá, vamos, vades, vão

14.4. Os valores semânticos dos verbos e as ideais correlações

1º PASSO. O usuário da língua deve compreender que a ideia de presente não é o momento em que se vive, ou o do recebimento da mensagem. Toda referência de tempo presente é o momento em que o texto é confeccionado, ou seja, o momento quando o autor produz o texto.

14.4.1. Modo indicativo

Indica um evento real, não hipotético.

Presente – Indica um hábito presente. Não há necessidade efetiva de o fato estar ocorrendo. Para a sua conjugação, é recomendável o uso de "atualmente".
Ex.: Leio jornal todos os dias.

Pretérito perfeito – Indica um evento passado isolado, pontual. Pode-se usar o termo "ontem" para efetuar a sua conjugação.
Ex.: Você leu o jornal do último sábado?

Pretérito imperfeito – Denota um evento habitual, costumeiro no passado. Para a sua conjugação, é interessante o uso de "antigamente".
Ex.: Nós nos encontrávamos diariamente.

Pretérito mais-que-perfeito – Denota uma ação passada anterior a outro fato também passado. É importante frisar que, para o seu uso ser perfeito, é fundamental já haver outro elemento também com ideia de passado.

Ex.: Quando eu entrei na sala, ela já desligara a televisão.

→ Observe que a ação de desligar a televisão é pretérita e ainda anterior a outra ação passada: a de entrar na sala.

Futuro do presente – Indica uma ação futura em relação ao momento em que o texto foi confeccionado ou em relação a uma condição futura. Por consequência, acabará coligado ao futuro do subjuntivo. Para a sua conjugação, pode ser utilizado "amanhã".

Ex.: Na próxima semana, faremos a prova.

Se você estudar, aprenderá a matéria.

Futuro do pretérito – Indica uma consequência futura de um fato passado. É importante compreender que, nesta situação, a referência não é o momento em que o autor confeccionou o texto. Diferentemente do futuro do presente (futuro em relação ao momento presente – momento da criação do texto), o evento é um efeito futuro de um fato que não ocorreu. Sendo assim, a consequência poderia ser certa, provável ou duvidosa, em conformidade com os elementos que o texto oferecer. Torna-se, por fim, fundamental concluir que, por este tempo representar uma consequência futura de fato passado, é natural que fique coligado ao pretérito imperfeito do subjuntivo.

Ex.: Se você trouxesse uma cerveja, eu a beberia.

→ Preste atenção a esta explicação: a condição não ocorreu, portanto o efeito também não. Imagine a seguinte situação: o autor da frase gosta de todas as marcas de cerveja, portanto se o outro trouxesse a cerveja, ele com certeza beberia. Digamos que ele goste apenas de 50% das marcas, então, se o outro trouxesse a cerveja, possivelmente (dúvida) o autor da frase beberia. Por fim, imaginemos que o texto indique que há a aprovação de quase todas as cervejas, portanto, se o outro trouxesse a cerveja, o autor provavelmente a beberia. Destarte, torna-se fundamental o contexto para se concluir se a consequência é certa, provável ou duvidosa.

Obs.: O futuro do pretérito também pode indicar uma ideia de polidez. É muito comum a resposta GOSTARIA quando alguém nos oferece algo. Este uso

indica uma forma mais educada de expressão.

Os verbos no pretérito imperfeito do indicativo, mormente de segunda e terceira conjugação, tornam-se parecidos com os do futuro do pretérito. Então em várias ocasiões, percebe-se que o pretérito imperfeito acaba substituindo o futuro do pretérito. Nas questões de correlação, tal fato parece ser admitido pelo NCE, o mesmo já não ocorrendo com a Esaf.

Ex.: A consequência de tal fato é que, até mesmo quando o verbo indicar ideia de polidez, faz-se possível o verbo no pretérito imperfeito, substituindo o futuro do pretérito. Leitor, imagine a seguinte situação: se alguém perguntar se você deseja água (e você está com sede), o que você responderia? Provavelmente, "eu aceitaria" ou "eu aceitava", ambos com valor de polidez.

Obs.: Mais raro é o uso do futuro do presente do indicativo com valor de polidez. Caro candidato a um cargo público, pense na seguinte situação. Você está assistindo a uma aula e percebe que o professor equivocou-se. Como chamar a atenção dele? Você poderia dizer: – Professor, o senhor está enganado! Você também poderia dizer o mesmo de forma mais polida: – Professor, o senhor não estará (estaria) enganado?

14.4.2. Modo subjuntivo

Indica evento hipotético, possível, duvidoso.

Presente – Fato atual expressando possibilidade, dúvida. Pode-se utilizar MARIA QUER QUE para a sua conjugação neste tempo.

Ex.: Talvez ele venha.

Pretérito imperfeito – Mostra uma situação hipotética no passado que geraria um efeito futuro. É recomendável utilizar "se ontem" para a conjugação verbal neste tempo.

Ex.: Se ele estudasse, aprenderia a matéria.

Futuro – Indica uma condição futura anterior a uma consequência também futura. Podem-se utilizar as estruturas "se amanhã" ou o consagrado "quando" para conjugação verbal neste tempo.

Ex.: Se ele voltar aqui, todos ficarão felizes.

14.4.3. Modo imperativo

Indica ideia de ordem (quem recebe é obrigado a cumpri-la), solicitação (quem recebe o pedido não é o beneficiado), conselho (quem recebe a sugestão é o beneficiado).

Ex.: Por favor, pega um copo de cerveja.

→ Pedido, solicitação (quem pediu é o beneficiado)

Ex.: Soldado, venha aqui!

→ Ordem (o soldado é obrigado a cumprir a ordem)

Ex.: Não te atrases, que serás demitido.

→ Conselho, sugestão (quem recebe o conselho é o beneficiado pelo próprio conselho)

BIZU

Torna-se fundamental lembrar ao leitor que a língua não é uma ciência exata. Verbos podem ser usados em um determinado tempo – mormente o presente – com valor semântico de outro.

Ex.: "Se, até amanhã à tarde, você não tiver devolvido a cadeira, a mesa e a máquina de escrever, mando um caminhão buscar em sua casa e conto para os jornais, faço um barulho louco" (Fernando Sabino). – "Mando", "conto" e "faço" estão no presente do indicativo com valor de futuro do presente.

Ex.: No dia primeiro de maio de 1994, morre o piloto Ayrton Senna.

Observe que o verbo no presente do indicativo tem ideia de pretérito perfeito. Esta situação também foi registrada como presente histórico.

Ex.: Se eu te vejo amanhã, eu te entregarei o material.

→ VEJO no presente do indicativo possui gritante valor de futuro do subjuntivo.

Obs.: As questões relativas a esse assunto aparecerão no final do capítulo, quando você já estiver bem familiarizado com a conjugação verbal.

14.4.3.1. Correlação de Tempos

1. (TRT-14ª Região – FCC) Está adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase:

a) Um fim talvez justificaria os meios caso estes implicarem sacrifícios que não se distribuam desigualmente.

b) Ele acredita que haverão de justificar-se todos os meios quando os fins representarem um ganho de alcance coletivo.
c) Tão logo fossem denunciados os horrores do stalinismo, os comunistas devem ter revisto suas antigas convicções.
d) Será que alguém acreditou que uma sociedade sem classes e sem preconceitos possa ter-se formado num regime autoritário?
e) Se a catequese pudesse propagar a fé religiosa sem recorrer à intimidação, talvez os convertidos tenham sido mais numerosos.

2. (TRT-24ª Região – FCC) Está plenamente adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase:
a) As leis de perfeição teriam por objeto mais a bondade do homem que as seguisse do que a da sociedade na qual fossem observadas.
b) As leis de perfeição tinham por objeto mais a bondade dos homens que as seguir do que a da sociedade na qual serão observadas.
c) As leis de perfeição terão por objeto mais a bondade dos homens que as tivessem seguido do que a da sociedade na qual terão sido observadas.
d) As leis de perfeição teriam por objeto mais a bondade do homem que as siga do que a da sociedade na qual têm sido observadas.
e) As leis de perfeição terão tido por objeto mais a bondade do homem que viesse a segui-las do que a da sociedade na qual fossem observadas.

3. (TRT-23ª Região – FCC) Está adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase:
a) Os criminosos que tenham ultrajado a pátria seriam forçados a servi-la pelo tempo que se julgava necessário.
b) Os que vierem a ultrajar a pátria deveriam ser submetidos a um castigo que trouxera consigo uma clara lição.
c) Ninguém seria indiferente a uma vultosa soma que venha a receber como indenização ao delito que o prejudique.
d) O próprio criminoso, se mantivesse alguma dose de decência, possa tirar proveito da lição a que seja submetido.
e) Sempre houve povos que, por forte convicção, evitaram a guerra, ainda quando fossem provocados.

4. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) Está adequada a correlação entre tempos e modos verbais em:
a) Os cientistas devem, a partir de agora, tratar de mudar o ser humano, mesmo que até hoje não revelariam mais do que um pálido esforço ao buscar compreendê-lo.
b) O que for de esquerda ou de direita teria sido agora relativizado pelas descobertas do DNA, cujas projeções têm esvaziado essa clássica divisão.
c) Se os cientistas vierem a se preocupar com as questões ideológicas de que as futuras descobertas se revestissem, terão corrido o risco de partidarizar a ciência.

d) Felizes são as moscas, que nem precisavam saber nada de política ou de DNA para irem levando sua vida em conformidade com o que a natureza lhes determinasse como destino.
e) A esquerda já chegou a glorificar a ação de líderes personalistas, cujo autoritarismo obviamente excedia os limites de uma sociedade que se queria justa e igualitária

5. (Analista Judiciário – TRE-SP – FCC) Está inadequada a correlação entre tempos e modos verbais no seguinte caso:
a) Muitos se lembrariam da alegria voraz com que eram disputadas as toneladas da vítima.
b) Foi salva graças à religião ecológica que andava na moda e que por um momento estabelecera uma trégua entre todos.
c) Um malvado sugere que se dê por perdida a batalha e comecemos logo a repartir os bifes.
d) Depois de se haver debatido por três dias na areia da praia a jubarte acabara sendo salva por uma traineira que vinha socorrê-la.
e) Já informado do salvamento da baleia, o cronista teve um sonho em que o animal lhe surgiu com a força de um símbolo.

6. (Analista Infraero – FCC) Está adequada a correlação entre os tempos e os modos verbais na seguinte frase:
a) Seria mesmo possível que alguém tome o bilhete como cartão de embarque, ou não reconhecesse as mensagens dos monitores?
b) A quantos não terá ocorrido confundir o bilhete com o cartão de embarque, ou se embaralhando com as mensagens dos monitores?
c) É possível que um novato venha a confundir o bilhete com o cartão de embarque, ou que ignorasse as siglas que desfilem nos monitores.
d) Não estranha que um novato confunda o bilhete com o cartão de embarque, ou demonstre ignorar as siglas que desfilam nos monitores.
e) Não deveria estranhar que um novato confundira o bilhete com o cartão de embarque, ou que ignora as siglas que desfilam nos monitores.

7. (Área Juridica – TRF-4ª Região – FCC) Está correta a articulação entre os tempos e modos verbais na frase:
a) Embora a leitura nos faça conhecer a particularidade do Afeganistão, o que tornaria o romance irresistível será a história singular de Amir, o protagonista.
b) Mesmo que a leitura nos fazia conhecer a particularidade do Afeganistão, o que torna o romance irresistível teria sido a história singular de Amir, o protagonista.
c) Tanto mais a leitura nos fazia conhecer a particularidade do Afeganistão, tanto mais a história singular de Amir, o protagonista, tornou o romance irresistível.
d) Se a leitura nos fazia conhecer a particularidade do Afeganistão, o que tornava o romance irresistível era a história singular de Amir, o protagonista.
e) A leitura nos faria conhecer a particularidade do Afeganistão, mas fora a história

singular de Amir, o protagonista, que tornasse o romance irresistível.

8. (Analista Judiciário – TRT-11ª Região – FCC). ***Estamos** vivendo uma época em que a bandeira da discriminação se **apresenta** em seu sentido mais positivo: **trata**-se de aplicar políticas afirmativas para promover aqueles que **vêm** sofrendo discriminações históricas.*

Mantém-se adequada correlação entre tempos e modos verbais com a substituição das formas sublinhadas no trecho acima, na ordem dada, por:

a) Estávamos – apresentava – tratava-se – vinham
b) Estaríamos – apresentara – tratava-se – viessem
c) Estaremos – apresente – tratar-se-ia – venham
d) Estávamos – apresentou – tratar-se-á – venham
e) Estaremos – apresentara – tratava-se – viessem

9. (Técnico Judiciário – TRE-SP – FCC) Se eu perder esse trem, que sai agora às onze horas, só ..... pegar outro trem amanhã de manhã.

A forma verbal que preenche corretamente a lacuna da frase acima, em que foram reescritos em prosa alguns versos de Adoniran, é:

a) conseguiria.
b) conseguirei.
c) conseguia.
d) consegui.
e) consiga.

10. (Fiscal – ISS-SP – Esaf) Está bem observada a correlação entre os tempos e modos verbais na construção do período:

a) Se não variassem de cultura para cultura, as regras de convívio terão alcançado, efetivamente, a chamada validade universal.
b) Tendo cabido ao homo sapiens discriminar critérios de convívio, conseguiu ele criar uma organização social que, até hoje, não abdica de punir quem os desrespeite.
c) A relação de equilíbrio entre direitos e deveres comuns estava sendo prejudicada caso se viesse a permitir a existência de privilégios.
d) Para que não se consagrasse o péssimo exemplo da impunidade, faz-se necessária a sanção dos que vierem a cometer delitos.
e) Enquanto os animais continuam regulando-se pela "lei da selva", os homens estariam sempre se esforçando para tê-la superado.

14.5. Estrutura dos verbos

14.5.1. Radical

Onde está contido o significado dos verbos. Posiciona-se até a última letra antes da vogal temática.

Ex.: Cantar – radical CANT, Vender – radical VEND.

14.5.2. Vogal temática

Vogal que se posta logo após o radical. Serve para indicar a conjugação dos verbos.

Ex.: Cantar é de 1ª conjugação porque, depois do radical, ocorre "A"; vender é de 2ª, porque depois vem "E"; e partir é de 3ª, porque depois vem "I".

BIZU

Nunca haverá vogal temática no presente do subjuntivo. Observe que, neste tempo, depois do radical, jamais virá a letra corresponde à conjugação.

Ex.: CANTE (verbo cantar – 1ª conjugação, vogal temática A)
VENDA (verbo vender – 2ª conjugação, vogal temática E)
PARTA (verbo partir – 3ª conjugação, vogal temática I).

Observações:

Os verbos de 1ª conjugação (VOGAL TEMÁTICA – A) apresentarão, excepcionalmente, "E" e "O" como vogais temáticas alomórficas (forma diferente) na primeira e na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo.

Ex.: Cantei – E – vogal temática alomórfica; cantou – O – vogal temática alomórfica.

Os verbos de 2ª conjugação (VOGAL TEMÁTICA – E) apresentarão, excepcionalmente, "I" como vogal temática alomórfica em todo o pretérito imperfeito do indicativo.

Ex.: Vendia, vendias, vendia, vendíamos, vendíeis, vendiam. Também no particípio apresentarão "I" como vogal temática alomórfica.

Ex.: Vendido, bebido.

Os verbos de 3ª conjugação (VOGAL TEMÁTICA – I) apresentarão, excepcionalmente, "I" como desinência número-pessoal na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo.

Ex.: PARTI – "I" – desinência número-pessoal.

Também apresentarão E como vogal temática alomórfica na 2ª e 3ª singular e 3ª do plural do presente do indicativo. Ex.: partes, parte, partem, abres, abre, abrem.

O verbo PÔR e seus derivados são de 2ª conjugação, porque se originam do latim POER.

14.5.3. Tema

É a soma do radical com a vogal temática.

Ex.: Em cantar, o radical é CANT e a vogal temática é A, portanto o tema é CANTA; em vender, o radical é VEND e a vogal temática é E, portanto o tema é VENDE.

14.5.4. Desinência modo-temporal

Como o próprio nome diz, serve para designar tempo e modo dos verbos. Observe, por exemplo, que, no pretérito imperfeito do subjuntivo, logo após o tema, aparecerá em todas as pessoas SSE (cantasse, cantasses, cantasse, cantássemos, cantásseis, cantassem). É importante que o candidato perceba que este fato não é uma mera coincidência e sim que o SSE faz com que o verbo esteja no pretérito imperfeito (tempo) do subjuntivo (modo). O mesmo ocorre com "A" no presente do subjuntivo dos verbos de 2ª e 3ª conjugações (parta, partas, parta, partamos, partais, partam), "R" no futuro do subjuntivo (vender, venderes, vender, vendermos, venderdes, venderem).

Observações:

O presente e o pretérito perfeito do indicativo nunca possuirão desinência modo-temporal.

É comum, na 2ª pessoa do plural, haver a alteração de "A" em "E" na desinência modo-temporal.

Ex.: canta**va**, canta**vas**, canta**va**, cantá**va**mos, cantá**ve**is, canta**vam** (pretérito imperfeito do indicativo); canta**ra**, canta**ras**, canta**ra**, cantá**ra**mos, cantá**re**is, canta**ram** (pretérito mais-que-perfeito do indicativo); canta**ria**, canta**rias**, canta**ria**, canta**ría**mos, canta**ríe**is, canta**riam** (futuro do pretérito do indicativo); vendi**a**, vendi**as**, vendi**a**, vendí**a**mos, vendí**e**is, vendi**am** (pretérito imperfeito do indicativo).

No futuro do indicativo, RE e RA revezar-se-ão na DMT (canta**re**i, canta**rá**s, canta**rá**, canta**re**mos, canta**re**is, canta**rã**o).

14.5.5. Desinência número-pessoal

Serve para designar pessoa (1ª, 2ª ou 3ª) e número (singular ou plural) dos verbos.

Ex.: MOS – observe que independentemente do verbo e do tempo, MOS é sempre desinência número-pessoal, pois demarca a 1ª pessoa do plural (cantaremos, fizemos, estávamos, queremos, fomos).

14.5.5.1. Exercícios

1. Destaque todos os elementos das formas verbais abaixo, conforme o exemplo.

a) COMPRÁSSEMOS – COMPR (RADICAL), A (VOGAL TEMÁTICA), COMPRA (TEMA), SSE (DMT) e MOS (DNP).
b) ENCONTREI
c) VENCIDO
d) GARANTI
e) GARANTEM
f) GARANTE
g) ENTENDIA
h) AGUENTOU
i) PASSASSEM
j) PASSEM
k) QUERO
l) VENCÍEIS
m) PEDIU
n) ENTENDAMOS
o) ADMITIA
p) ADMITI
q) COMEU
r) COMIAS

2. (Facha) Assinale o item em que houve erro ao se destacar e/ou classificar elemento mórfico do vocábulo ABOTOAM.

a) radical – abot.
b) vogal temática – a.
c) desinência número-pessoal – m.
d) desinência modo-temporal – zero.
e) tema – abotoa.

3. (Facha) Aponte o tópico onde se erra na caracterização do elemento mórfico.

a) Em "sabemos", a desinência número-pessoal é MOS.
b) Em "identifica", a desinência número-pessoal é ZERO.
c) Em "encontrou", a vogal temática está modificada.
d) Em "pensou", a desinência número-pessoal é U.
e) Em "põe", a vogal temática é ZERO.

4. (UFPB) Os elementos mórficos sublinhados são, respectivamente, vogal temática,

desinência modo-temporal e desinência número-pessoal, em:
a) compr<u>e</u>m – senti<u>r</u>ão – sopr<u>a</u>m
b) prometeu – compra<u>va</u> – sentire<u>m</u>
c) senti<u>a</u>m – sopra<u>mos</u> – prometer<u>a</u>
d) prometamos – compraríamos – senti<u>ra</u>
e) compr<u>a</u>reis – senti<u>sse</u> – prometes<u>te</u>

5. (UFPB) Os elementos mórficos sublinhados são, respectivamente, vogal temática, desinência número-pessoal e desinência modo-temporal, em:
a) cant<u>a</u>ste – mandara<u>m</u> – ench<u>a</u>
b) importa<u>va</u> – redij<u>o</u> – vence<u>ra</u>
c) class<u>e</u> – aprend<u>e</u>r – arrum<u>e</u>
d) ficav<u>a</u>m – saí<u>sse</u> – preferi<u>ste</u>
e) judia<u>ção</u> – corr<u>i</u> – desafiara<u>s</u>

6. (UFPB) Os elementos estruturais sublinhados nas formas verbais FICA<u>RA</u> – <u>TOM</u>ANDO – PEDISSE<u>M</u> – <u>CONHECE</u>SSE são, respectivamente:
a) desinência número-pessoal; tema; desinência modo-temporal; radical;
b) desinência modo-temporal; radical; desinência número-pessoal; tema;
c) radical; desinência modo-temporal; tema; desinência número-pessoal;
d) desinência modo-temporal; tema; desinência número-pessoal; radical;
e) tema; radical; desinência modo-temporal; desinência número-pessoal.

14.6. Formação de imperativo

Inicialmente, é prudente compreender que, por motivos semânticos, não há a primeira pessoa do singular. Não faz sentido ordenar, advertir, aconselhar ou suplicar a si mesmo.

O imperativo negativo é uma réplica do presente do subjuntivo, excluindo-se a 1ª pessoa do singular.

Ex.: presente do subjuntivo do verbo DIZER – Maria quer que eu diga; Maria quer que tu digas; Maria quer que ele diga; Maria quer que nós digamos; Maria quer que vós digais; Maria quer que eles digam. Portanto, o imperativo negativo é: não digas tu, não diga você, não digamos nós, não digais vós, não digam vocês.

O imperativo afirmativo possui a seguinte formação: as duas segundas pessoas advêm do presente do indicativo sem "s"; e as outras pessoas, do presente do subjuntivo.

Ex.: mede tu (origina-se de tu medes – presente do indicativo sem "s")
meça você ou ele (origina-se de Maria quer que ele meça – presente do subjuntivo)

meçamos nós (origina-se de Maria quer que nós meçamos – presente do subjuntivo)
medi vós (origina-se de vós medis – presente do indicativo sem "s")
meçam vocês ou eles (origina-se de Maria quer que eles meçam – presente do subjuntivo)

Obs.: 1– O verbo "ser" é exceção na formação das duas segundas pessoas do imperativo afirmativo. As formas são "sê" tu e "sede" vós.

Obs.: 2– Alguns autores têm admitido para os verbos "dizer", "fazer", "trazer", "querer" e os terminados em "uzir" duas formas de imperativo afirmativo na 2ª pessoa do singular. São elas: dize e diz, faze e faz, traze e traz, quere e quer, e produze e produz. Tal se justifica em função de as formas oficiais DIZE, FAZE, TRAZE, QUERE e PRODUZE estarem em desuso na variante brasileira da Língua Portuguesa. É conveniente esclarecer que, numa prova, a forma preferencial, mesmo em desuso, é a tradicional (DIZE, FAZE, TRAZE, QUERE, PRODUZE).

14.6.1. Exercícios

1. (EPCar) Observe: "Procura curtir sem queixa o mal que te crucia".
Se convertêssemos a afirmação em negação e o singular em plural, a opção correta seria a letra:
a) Não procura curtir sem queixa o mal que os crucia.
b) Não procurai curtir sem queixa o mal que vos crucia.
c) Não procureis curtir sem queixa o mal que vos cruciais.
d) Não procurai curtir sem queixa o mal que vos cruciais.
e) Não procureis curtir sem queixa o mal que vos crucia.

2. (MEC – FGV) ***"Pense num bairro de periferia, (...) mas imagine uma vizinhança de gente simpática, (...) e você localiza em Rio Branco (...)"*** **(L.1-5)**
Assinale a alternativa em que, passando-se a forma você para vós, as alterações foram efetuadas seguindo a norma culta.
a) Pensais num bairro de periferia, (...) mas imaginais uma vizinhança de gente simpática, (...) e vós localizais em Rio Branco (...)
b) Pensai num bairro de periferia, (...) mas imaginai uma vizinhança de gente simpática, (...) e vós localizai em Rio Branco (...)
c) Penseis num bairro de periferia, (...) mas imagineis uma vizinhança de gente simpática, (...) e vós localizais em Rio Branco (...)
d) Penseis num bairro de periferia, (...) mas imagineis uma vizinhança de gente simpática, (...) e vós localizeis em Rio Branco (...)
e) Pensai num bairro de periferia, (...) mas imaginai uma vizinhança de gente simpática, (...) e vós localizais em Rio Branco (...)

3. (Fiscal – Sefaz-RJ – FGV) Assinale a alternativa em que a alteração da fala do homem do quadrinho NÃO tenha sido feita com adequação à norma culta. Não leve em conta possível alteração de sentido.
a) Quando tu voltares, traz um copo de água bem gelada para mim!
b) Quando vós voltardes, trazei um copo de água bem gelada para mim!
c) Quando tu voltares, não tragas um copo de água bem gelada para mim!
d) Quando vós voltardes, não tragais um copo de água bem gelada para mim!
e) Quando vós voltardes, não trazeis um copo de água bem gelada para mim!

4. (Fiscal – ICMS – RJ – FGV) Assinale a alternativa em que a alteração da fala do homem do quadrinho NÃO tenha sido feita com adequação à norma culta. Não leve em conta possível alteração de sentido.
a) Quando tu voltares, traz um copo de água bem gelada para mim.
b) Quando vós voltardes, trazei um copo de água bem gelada para mim.
c) Quando tu voltares, não tragas um copo de água bem gelada para mim.
d) Quando vós voltardes, não tragais um copo de água bem gelada para mim.
e) Quando vós voltardes, não trazeis um copo de água bem gelada para mim.

5. Assinale a opção escorreita.
a) Sê estudioso e passará no concurso!
b) Diz a verdade e não será castigado!
c) Produza bastante e terás o reconhecimento de todos!
d) Faz os exercícios e aprenderá a matéria!
e) Traze a cerveja e serás bem recebido!

6. Assinale a opção incorreta.
a) Sede flamenguistas e sereis mais felizes!
b) Quere a sorte e tu a terás!
c) Vem logo e não te atrases!
d) Impõe-te e conquistarás o respeito de todos!
e) Veja o jornal, mas não vejas a novela!

7. Assinale a opção que completa adequadamente as lacunas.
bastante, os obstáculos e nunca !
a) Estuda – vence – desistas
b) Estude – vence – desista
c) Estuda – vença – desistas
d) Estude – vence – desiste
e) Estude – vença – desistas

8. Assinale a opção que completa inadequadamente as lacunas.
os ingressos cedo ao estádio e não com ninguém!

a) Garante – chega – brigues
b) Garanta – chegue – brigue
c) Garantam – cheguem – briguem
d) Garanti – chegai – brigueis
e) Garantes – chegues – brigues

9. Estando os verbos no imperativo, assinale a opção que completa inadequadamente as lacunas.
a janela, mas não a porta!
a) Abre – abras
b) Abra – abra
c) Abramos – abramos
d) Abri – abri
e) Abram – abram

10. (Auxiliar de Necropsia – NCE) Se colocarmos a forma verbal do título – saiba – na segunda pessoa do singular do imperativo negativo, a forma correta será:
a) não sabe;
b) não sabes;
c) não saiba;
d) não saibas;
e) não soubeste.

11. (Papiloscopista – NCE) Se a forma verbal "tenha" estivesse na forma negativa da mesma pessoa do imperativo, sua forma correta seria:
a) não tem;
b) não tenhas;
c) não tende;
d) não tenha;
e) não tens.

12. (MP – NCE) "Recuse o convite e não troque o Brasil pela Itália". Se, em lugar da terceira pessoa, o autor do texto empregasse a segunda pessoa do singular, as formas convenientes dos verbos seriam:
a) recusa / não troca
b) recusas / não trocas
c) recusa / não troques
d) recuse / não troca
e) recuses / não trocas

13. (NCE) Em qual das seguintes alternativas procedeu-se corretamente à mudança do tratamento VÓS para TU, ao se reescrever o enunciado "Disponde de mim e crede-me / amigo muito agradecido"?

a) Dispõe de mim, e crê-me amigo...
b) Disponha de mim, e creia-me amigo...
c) Dispõe de mim, e creia-me amigo...
d) Disponha de mim, e crês-me amigo...
e) Disponha de mim, e crê-me amigo...

14. (Inspetor da Polícia Civil – RJ – FGV) "Então despes a luva para eu ler-te a mão" (verso 6) Assinale a alternativa em que, passando-se o primeiro verbo do verso acima para o imperativo e alterando-se a pessoa do discurso, manteve-se adequação à norma culta.
a) Então dispais a luva para eu ler-vos a mão.
b) Então despe a luva para eu ler-vos a mão.
c) Então despi a luva para eu ler-vos a mão.
d) Então despis a luva para eu ler-vos a mão.
e) Então dispai a luva para eu ler-vos a mão.

15. (NCE) Assinale a alternativa gramaticalmente correta.
a) Não chores, cala, suporta a tua dor.
b) Não chore, cala, suporta a tua dor.
c) Não chora, cale, suporte a sua dor.
d) Não chores, cales, suportes a sua dor.
e) Não chores, cale, suporte a tua dor

16. (TTN) Assinale a sentença que contém erro na forma verbal.
a) "Examinai todas as coisas e retende o que for melhor" (extraído de um marcador de páginas).
b) Detenhamo-nos nos aspectos centrais do pensamento marxista para que saibamos extrair dele o que melhor se aproveita para os dias atuais.
c) Para que elaboremos propostas inovadoras, é preciso que ponhamos nossa criatividade a serviço da geração de ideias inusitadas.
d) Mas não caiamos na tentação de julgar todos os dirigentes políticos como se fossem uns aproveitadores, que usam os cargos apenas para se locupletarem.
e) Se almejardes o saber, vades aos livros e conviveis com os sábios.

14.7. Formas nominais

As formas nominais têm essa nomenclatura, pois, apesar de continuarem a ser verbos, possuem valor de substantivo, adjetivo ou de advérbio.

Ex.: Exercícios resolvidos (resolvidos – valor adjetivo); ler (a leitura – valor substantivo) jornais é sempre conveniente; estudando (Se estudares – valor adverbial), passarás.

14.7.1. Gerúndio

Indica, na maioria das vezes, uma ação simultânea à outra oração exposta no período. São formas de gerúndio: cantando, vendendo, partindo, sendo, estando, havendo, vendo, vindo, tendo, pondo, indo...

Ex.: Ele recebeu João, dando-lhe um abraço.

Observe que há uma ideia de concomitância entre o ato de "receber" e o ato de "dar o abraço".

14.7.1.1. Exercícios

1. (PC-NCE) "Ele se saía muito bem tecendo considerações críticas sobre o provão..." O gerúndio "tecendo" mostra uma ação:

a) que antecede a do verbo da oração anterior;
b) posterior à do verbo da oração anterior;
c) que é a consequência da ação da oração anterior;
d) simultânea à do verbo da oração anterior;
e) que mostra oposição à ação da oração anterior.

2. (NCE) "... que a roubou, ameaçando cortar a garganta do garoto". O bom uso do gerúndio requer que sua ação seja simultânea à do verbo principal, como ocorre nesse segmento do texto. Assim, é exemplo de mau uso do gerúndio a frase:

a) O assaltante gritou, abrindo a porta.
b) O motorista acovardou-se, abaixando o vidro.
c) O assaltante entrou, sentando-se no banco traseiro.
d) O marginal ameaçou-o, mostrando a arma.
e) O motorista obedeceu, acelerando o carro.

3. (NCE – MPE – RJ) Uma das regras do emprego do gerúndio recomenda que ele seja empregado quando indicar "contemporaneidade entre a ação expressa pelo verbo principal e o gerúndio". Observe as seguintes frases:

I. "Quero registrar a triste situação por que passam milhões de crianças brasileiras, em sua maioria desassistidas, desnutridas, sem educação básica, CAMINHANDO rumo a um futuro incerto e infeliz".

II. "Os menores de Brasil desassistidos em seus lares ganham as ruas em busca de uma forma de vida, CAINDO nas malhas da prostituição..."

III. Mesmo assim, tal atividade deve ser reconhecidamente leve, EXCLUINDO-SE, por exemplo, o trabalho exercido nas indústrias, nas oficinas e na agricultura".

A(s) frase(s) em que essa norma foi desrespeitada é(são):

a) I – III
b) I – II
c) II – III
d) I
e) II

14.7.2. Particípio

Cantado, vendido, partido, sido, estado, havido, visto, vindo, tido, posto, ido... Existem verbos com formas abundantes de particípio. Eis uma relação deles.

14.7.2.1. Particípios Duplos

	REGULAR	IRREGULAR
acender	acendido	aceso
aceitar	aceitado	aceito
assentar	assentado	assento, assente
benzer	benzido	bento
concluir	concluído	concluso
desenvolver	desenvolvido	desenvolto
eleger	elegido	eleito
entregar	entregado	entregue
enxugar	enxugado	enxuto
erigir	erigido	ereto
expressar	expressado	expresso
exprimir	exprimido	expresso
expulsar	expulsado	expulso
extinguir	extinguido	extinto
findar	findado	findo
frigir	frigido	frito
ganhar	ganhado	ganho
gastar	gastado	gasto
imergir	imergido	imerso
imprimir	imprimido	impresso
inserir	inserido	inserto
isentar	isentado	isento
juntar	juntado	junto
limpar	limpado	limpo
matar	matado	morto
morrer	morrido	morto
omitir	omitido	omisso
pagar	pagado	pago
pegar	pegado	pego

prender	prendido	preso
romper	rompido	roto
submergir	submergido	submerso
suspender	suspendido	suspenso
tingir	tingido	tinto

BIZUS

1) É preferencial o uso do particípio regular quando o auxiliar for "ter" ou "haver". Em contrapartida, a utilização do irregular torna-se mais interessante, sendo o auxiliar "ser" ou "estar".
2) Para se chegar ao gerúndio, basta usar o verbo ESTAR como auxiliar.
   Ex.: Estou cantando; estás fazendo...
3) Para se chegar ao particípio, basta usar o verbo TER como auxiliar.
   Ex.: Tenho feito; tivesse dito...
4) Os verbos VIR e derivados possuem formas coincidentes no particípio e no gerúndio. Caso haja dificuldades para reconhecer o tempo do verbo, substitua pelo verbo IR; se aparecer INDO, é gerúndio; se aparecer IDO, é particípio.
   Ex.: Quando ela saiu, eu já tinha vindo (ido – portanto, o verbo está no particípio).
   Eu já estou vindo (indo – portanto, o verbo está no gerúndio).

14.7.2.2. Exercícios

1. (MP-NCE) "Noticiando" é forma do gerúndio do verbo noticiar. A frase em que a forma verbal destacada pode <u>não</u> estar no gerúndio é:

a) As notícias estão <u>chegando</u> da Itália cada vez mais rapidamente.
b) <u>Transformando</u>-se o ódio em amor, acabam-se as guerras.
c) <u>Vindo</u> o resultado, os clientes começaram a protestar.
d) Os jogadores italianos estão <u>reclamando</u> dos estrangeiros.
e) O atleta viajou, <u>completando</u> sua missão.

2. (Administrador – Transpetro) A forma verbal em destaque está empregada de acordo com a norma-padrão em:

a) O diretor foi **trago** ao auditório para uma reunião.
b) O aluno foi **suspendido** por três dias pela direção da escola.
c) O réu tinha sido **isento** da culpa, quando nova prova incriminatória o condenou.
d) A autoridade havia **extinto** a lei, quando novo crime tornou a justificar o seu uso.
e) Pedro já tinha **pegado** os ingressos na recepção, quando soube que o espetáculo fora

cancelado.

14.7.3. Infinitivo

Forma nominal que só posiciona o tempo do fato em combinação com outro verbo exposto no contexto.

Infinitivo impessoal – cantar, vender, partir, ser, estar, haver, ver, vir, ter, pôr, ir...

Infinitivo pessoal – cantar (eu), cantares (tu), cantar (ele), cantarmos (nós), cantardes (vós), cantarem (eles)

BIZUS

1) Todos os verbos no infinitivo pessoal são regulares, inclusive os irregulares e os anômalos. Para conjugarmos os verbos neste tempo, basta acrescentar à forma infinitiva as seguintes desinências: 0 (nada), es, 0 (nada), mos, des, em.
2) Dificilmente cai em prova a distinção entre o infinitivo pessoal e impessoal. Tal se deve ao fato de os principais autores informarem não haver regras, e sim tendências. Contudo, dois tópicos são óbvios: quando o sujeito estiver explícito, e imediatamente anterior ao verbo, este estará no infinitivo pessoal, ou seja, flexionar-se-á; quando houver locução verbal, o verbo principal (no infinitivo) nunca se flexiona.
3) Atenção à distinção entre o futuro do subjuntivo e o infinitivo pessoal. A terminação desses dois tempos é idêntica, ficando, inclusive, todos os verbos regulares iguais nesses tempos. Existem dois caminhos para diferençar um tempo do outro.
   a) Se o verbo estiver ligado a uma preposição ou a uma locução prepositiva, o verbo estará no infinitivo pessoal. Se o verbo estiver ligado a uma conjunção ou a uma locução conjuntiva, o verbo estará no futuro do subjuntivo.
   b) Observe que as terminações, como já fora esclarecido, são coincidentes (R – RES – R – RMOS – RDES – REM). Portanto, aparecendo uma forma verbal com uma dessas terminações, basta substituí-la pela expressão FAZER O TRABALHO. Caso apareça FAZER O TRABALHO, o verbo estará no infinitivo pessoal; caso apareça FIZER O TRABALHO, o verbo estará no futuro do subjuntivo.
   Ex.: Se saíres (FIZER O TRABALHO) agora, perderás o último capítulo da novela.

– A forma verbal "saíres" encontra-se no futuro do subjuntivo.

Para saíres (fazer o trabalho) agora, é necessário que tenhas terminado os exercícios.

– Observe que ao substituir SAÍRES por FAZER (sem a preocupação com a concordância), fica fácil concluir que o verbo está no infinitivo pessoal.

Assim que terminarmos (FIZER O EXERCÍCIO) o exercício, voltaremos para casa.

→ A forma verbal "terminarmos", por ser substituída por FIZER, está no futuro do subjuntivo.

Convém terminarmos (FAZERMOS O TRABALHO) o exercício.

→ Quando substituímos "TERMINARMOS" por "FAZER", logo se deduz que o verbo está no infinitivo.

Obs.: Muita atenção com os verbos irregulares, principalmente os derivados do TER, PÔR, VIR e VER.

É muito comum cair em prova questão com frases contendo a seguinte estrutura:

Assim que exporem a opinião, todos ouvirão.

→ Nesta situação, o caminho que considero mais fácil para o candidato é, ao observar a terminação do verbo (REM), substituí-lo pelo FAZER, resultando em <u>FIZER</u> O TRABALHO. Então, logo se detecta que o verbo está no futuro do subjuntivo. Sendo assim, não se deve trabalhar com EXPOR, mas com o verbo PÔR, conjugando como se aprende nas escolas, ou seja, usando o QUANDO. Quando eu puser, quando tu puseres, quando ele puser, quando nós pusermos, quando vós puserdes, quando eles puserem. Se a forma correta é "quando eles puserem", o certo é "Assim que expuserem".

Ex.: Depois de exporem suas opiniões, todos ouvirão.

→ Ao observar a terminação REM, automaticamente deve ser feita a substituição por FAZER. O resultado será "Depois de <u>fazer</u> o trabalho...", logo a forma verbal encontra-se no infinitivo pessoal. Como todos os verbos no infinitivo pessoal são regulares, basta acrescentar as desinências já mencionadas à forma infinitiva: EXPOR, EXPORES, EXPOR, EXPORMOS, EXPORDES, EXPOREM.

Se ele manter a calma, fará boa prova.

→ A terminação "R" denuncia que o verbo está no futuro do subjuntivo ou no

infinitivo pessoal. Dessa forma, torna-se interessante substituí-lo pelo verbo FAZER, resultando "Se ela fizer o trabalho..." Então, o verbo MANTER deveria estar no futuro do subjuntivo. Com a exceção do infinitivo, em que todos os verbos são regulares, convém ao usuário da língua o emprego do verbo (TER) no futuro do subjuntivo: quando eu tiver, quando tu tiveres, quando ele tiver... Então, a forma verbal correta é MANTIVER.

Antes de se abster na votação, o eleitor deve analisar as duas propostas de administração.

→ Novamente temos a terminação R, já implicando a ocorrência do futuro do subjuntivo ou do infinitivo pessoal. Nosso passo prévio é substituir por FAZER OU FIZER. Na frase, a substituição resulta em ANTES DE FAZER O TRABALHO, logo o verbo está no infinitivo pessoal. Neste tempo, todos os verbos são regulares, portanto só nos resta acrescer à forma infinitiva ABSTER aquelas terminações já aludidas. O infinitivo pessoal do verbo "abster" é ABSTER, ABSTERES, ABSTER, ABSTERMOS, ABSTERDES, ABSTEREM. Fica claro, então, que a frase está perfeita.

BIZU

Também é deveras conveniente chamar a atenção para a conjugação do futuro do subjuntivo do verbo VER: o correto é VIR, VIRES, VIR, VIRMOS, VIRDES, VIREM.

Ex.: Se eu te vir amanhã, entregar-te-ei o material.

Será muito bom se nós nos virmos.

Já no infinitivo pessoal, todos os verbos são regulares, e o verbo VER não será exceção: VER, VERES, VER, VERMOS, VERDES, VEREM.

Também é interessante observar a conjugação do verbo VIR no futuro do subjuntivo: VIER, VIERES, VIER, VIERMOS, VIERDES, VIEREM.

Se eles vierem ao Rio, nós os encontraremos.

No infinitivo pessoal, todos os verbos são regulares: VIR, VIRES, VIR, VIRMOS, VIRDES, VIREM.

Se você é bom observador, percebeu que o futuro do subjuntivo do verbo VER é idêntico ao infinitivo pessoal do verbo VIR. De vez em quando, as bancas fazem comentário a respeito dessa coincidência.

14.7.3.1. Exercícios

1. Assinale a opção em que o verbo PÔR ou um de seus derivados esteja incorretamente flexionado.

a) Para expormos nossos trabalhos, torna-se mister que os entreguemos com antecedência.
b) Não haverá consequências, se repusermos os bens que foram extraviados.
c) Uma das missões do setor de recursos humanos é pôr as pessoas certas em lugares certos.
d) João da Silva foi contratado para compor o elenco da peça *Uma missão nas estrelas*.
e) Sentir-te-ás deveras melhor assim que expores toda a tua frustração.

2. Assinale a opção em que o verbo TER ou um de seus derivados esteja indevidamente flexionado.
a) Os atletas se houveram aquém do esperado em virtude de não manterem a calma nos momentos decisivos.
b) Os deputados foram elogiados por não se absterem na votação do *Impeachment* do Presidente.
c) As obras serão retomadas se o setor responsável obtiver os recursos para tal.
d) As crianças somente sairão depois que se entreterem.
e) A revolta atingirá proporções inimagináveis, se a polícia não contiver a força da população.

3. Assinale a alternativa em que haja uma forma verbal inadequadamente conjugada.
a) Não ocorrerão outros desenlaces se a equipe econômica sustiver o atual índice de inflação.
b) Sempre que retem a documentação dos funcionários, a empresa transgride as normas da legislação trabalhista.
c) Sempre que retiver a documentação dos funcionários, a empresa transgredirá as normas da legislação trabalhista.
d) A população e o governo mantêm-se atentos aos focos de desestabilização política.
e) Quando a sociedade realmente detém o poder, não ocorrem as distorções significativas quanto à distribuição de renda.

4. Há uma opção contendo uma falha quanto à flexão verbal. Assinale-a.
a) Se propuseres um contrato para uma grande estrela da televisão, espera um "não" como resposta.
b) Para te opores a nossas reivindicações, expõe teus argumentos.
c) Se os advogados interpuserem recurso à decisão do Colegiado, cometerão um equívoco substancioso.
d) O estudo de legislação ambiental pressupõe conhecimentos em outros áreas do conhecimento.
e) Se o usuário da língua compuser um período com um sujeito composto que se pospõem ao verbo, poderá este ser flexionado em concordância com a soma dos núcleos ou só com o mais próximo.

5. Indique a alternativa que possua uma inadequação de uma forma verbal.

a) Se você se predispuser a fazer este trabalho, faça-o com esmero.
b) Para transpordes todos os obstáculos, sede sempre otimistas e nunca desistais de vossos sonhos!
c) Devolvam tudo aquilo que obterem de forma ilícita.
d) Mantém-te calmo sempre que estiveres em situação conflituosa.
e) Depois de estarem há um mês em um hospital do município, os traficantes serão transferidos para o presídio da Frei Caneca.

6. Nos períodos abaixo, ocorre um verbo indevidamente conjugado. Indique-o.
a) Para ires de avião a São Paulo, é necessário que adquiras a passagem com antecedência.
b) Se fores a Minas, traze uma boa cachaça caseira!
c) Se intervires no tumulto, faze-o com decisão!
d) Não foste convidado, por não convires ao sistema.
e) Assim que os documentos provierem da direção geral, remetê-los-emos para a presidência.

7. Há uma alternativa contendo uma falha quanto à flexão verbal. Assinale-a.
a) Mesmo que expusessem seus motivos, não obteriam êxito em suas reivindicações.
b) Eles sairiam ainda que muito se entretivessem.
c) Se prevíssemos que haveria tão poucos inscritos no concurso, não desistiríamos.
d) Se João se houvesse bem na prova, conquistaria a vaga.
e) Os pais não se oporiam se as escolas intervissem na relação de seus alunos com a própria família.

8. Assinale a opção que completa adequadamente as lacunas.
Sempre que a São Paulo e que o tempo está nublado, rapidamente para o Rio de Janeiro.
a) fores – veres – vem
b) fores – vires – venha
c) ires – vires – vem
d) fordes – virdes – vinde
e) ires – veres – venha

9. (TRT) As lacunas das frases: 1 – "Não sem teus pais" e 2 – "Se eles te , te chamarão", são completadas, corretamente, pelas formas verbais:
a) vás – virem
b) vá – verem
c) ide – vir
d) vás – verem

10. (TRT) As lacunas da frase "se tu aqui e nos , não saberás o que fazer" são

preenchidas, corretamente, por:
a) vieres – vires
b) vieres – vir
c) vieres – vireis
d) vires – veres
e) vires – vires

11. (Cesgranrio) Assinale o período em que aparece forma verbal incorretamente empregada em relação à norma culta da língua.
a) Se o compadre trouxesse a rabeca, a gente do ofício ficaria exultante.
b) Quando verem o Leonardo, ficarão surpresos com os trajes que usava.
c) Leonardo propusera que se dançasse o minuete da corte.
d) Se o Leonardo quiser, a festa terá ares aristocráticos.
e) O Leonardo não interveio na decisão da escolha do padrinho do filho.

12. (UF de São Carlos) Indique a alternativa que completa corretamente as lacunas das frases:
I – Se nos a fazer um esforço conjunto, teremos um país sério.
II – o televisor ligado, para te informares dos últimos acontecimentos.
III – Não havia programa que o povo, após o último noticiário.
a) propormos – Mantenha – entretesse
b) propusermos – Mantém – entretesse
c) propormos – Mantém – entretivesse
d) propormos – Mantém – entretesse
e) propusermos – Mantém – entretivesse

13. (Faap) Assinale a resposta correspondente à alternativa que completa corretamente os espaços em branco: Se você o , por favor -lhe que para apressar o processo.
a) ver – peça – intervenha
b) vir – peça – intervém
c) vir – peça – intervenha
d) ver – pede – intervenha
e) vir – peças – interviesse

14. (BB-UnB) Flexão verbal incorreta:
a) Se vir o tal colega, falar-lhe-ei.
b) Se eu pôr o verbo no plural, erro de novo.
c) Se eu vier cedo, aguardo-o.
d) Se a duplicata estiver certa, paguem-na.
e) Se eu for tarde, esperem-me.

15. (FGV) Assinale o item em que há erro quanto à flexão verbal.
a) Quando eu vir o resultado, ficarei tranquilo.

b) Aceito o lugar para o qual me proporem.
c) Quando estudar o problema, ficará sabendo a verdade.
d) Sairás assim que te convier.
e) O fato está patente a quem se detiver a observá-lo.

16. (Dasp) Assinale a única alternativa em que há erro de flexão verbal.
a) Quando eu o vir, acertarei as contas.
b) Se ele propor um aumento de verba, direi que não teremos recursos.
c) O governo interveio na região.
d) Os funcionários vêm aqui hoje.
e) Na tentativa de solucionar o problema, eles se desavieram.

17. (Med-Santos) Assinale a letra correspondente à frase inteiramente correta para tratamento "o senhor": "Quando nos debates, ser moderado nas expressões e bem nas suas ideias".
a) intervier – procure – suas – coloque
b) intervier – procure – suas – coloca
c) intervir – procura – tuas – coloques
d) intervieres – procure – suas – coloque
e) intervier – procures – suas – coloque

18. (NCE) Assinale a opção que preencha as lacunas corretamente.
I – Ficareis maravilhados, se o resultado. (ver)
II – Sereis perdoados, se o que tirastes. (repor)
III – Não dê atenção a quem lhe negócios ilícitos. (propor)
IV – Nós lhe daremos o recado assim que o . (ver)
a) virdes – repuserdes – propuser – virmos
b) vires – repordes – propor – vermos
c) veres – repuserdes – propuserdes – virmos
d) vês – repordes – propordes – vermos
e) ver – repuseres – propor – vemos

19. (TRT – 23ª Região – FCC) O verbo corretamente empregado e flexionado está grifado em:
a) É de se imaginar que, se os viajantes setecentistas <u>antevessem</u> as dificuldades que iriam deparar, muitos deles desistiriam da aventura antes mesmo de embarcar.
b) O que quer que os <u>compelisse</u>, cabe admirar a coragem desses homens que partiam para o desconhecido sem saber o que os aguardava a cada volta do rio.
c) Caso não se <u>surtisse</u> com os mantimentos necessários para o longo percurso, o viajante corria o risco de literalmente morrer de fome antes de chegar ao destino.
d) Se não maldiziam os santos, é bastante provável que muitos dos viajantes <u>maldizessem</u> ao menos o destino diante das terríveis tribulações que deviam enfrentar.
e) Na história da humanidade, desbravadores foram não raro aqueles que <u>sobreporam</u> o

desejo de enriquecer à relativa segurança de uma vida sedentária.

20. (Administrador – Petrobras – Cesgranrio) O seguinte verbo em destaque NÃO está conjugado de acordo com a norma-padrão:
a) Se essa tarefa não **couber** a ele, pedimos a outro.
b) **Baniram** os exercícios que não ajudavam a escrever bem.
c) Assim que **dispormos** do gabarito, saberemos o resultado.
d) **Cremos** em nossa capacidade para a realização da prova.
e) Todos **líamos** muito durante a época de escola.

21. (TRE-SP) Ele que a sensatez dos convidados a euforia geral e as dúvidas.
a) supusera – freasse – desfizesse
b) supora – freasse – desfizesse
c) supusera – freiasse – desfazesse
d) supora – freiasse – desfizesse
e) supora – freiasse – desfazesse

22. (TRE-SP) Tendo na operação, os funcionários se a serviços essenciais e executaram as tarefas que lhes .
a) intervido – ativeram – caberam
b) intervido – ateram – couberam
c) intervindo – ateram – caberam
d) intervindo – ativeram – couberam
e) intervido – ativeram – couberam

23. (TRE-MT)
I – Os leitores de jornal não os artigos mais longos.
II – Se eles a programação, já será ótimo.
III – Quando ele , receba-o com delicadeza.
As formas que preenchem, corretamente, as lacunas das frases acima são:
a) leem – obtiverem – vir
b) lêem – obtiverem – vier
c) leem – obterem – vier
d) lêem – obterem – ver
e) lêm – obtiverem – vir

24. (TRE-MT) Só está correta a forma verbal grifada na frase:
a) Embora ele <u>esteje</u> indicado, o Senado ainda não o aprovou.
b) Ele <u>passeiava</u> diariamente no parque.
c) Quando eles <u>trouxerem</u> a permissão, poderão entrar.
d) Se <u>mantermos</u> as posições, o inimigo não avançará.
e) Os deputados se <u>entretiam</u> com esses discursos.

25. (Fiscal – Sefaz-RJ – FGV) Na frase do 4o parágrafo do texto *"A liberdade supõe a operação sobre alternativas;"*, o verbo irregular foi flexionado corretamente.
Assinale a alternativa em que se apresenta flexão incorreta da forma verbal.
a) Eles impunham condições para que o acordo fosse assinado.
b) O julgador interveio na polêmica sobre os critérios de seleção.
c) Não foi confirmado se a banca quereria dar à redação caráter eliminatório.
d) Se os autores se disporem a ratear o valor, a publicação da revista será certa.
e) É necessário que atentemos para a questão da mudança de paradigma científico.

26. (NCE) "Saibam quantos esta virem que, no ano (...), aos (...)..."
No texto, a forma verbal VIREM:
a) Corresponde à forma correta e atual do verbo VER, que, no futuro do subjuntivo, é homônimo do verbo VIR.
b) Corresponde a uma forma arcaica do verbo VER, que ficou fixada na linguagem jurídica, e a flexão correta atual, no futuro do subjuntivo, é VEREM.
c) Corresponde à forma correta e atual do infinitivo flexionado do verbo VIR.
d) Corresponde à forma correta e atual do verbo VER, que se encontra flexionado no futuro do subjuntivo.
e) Corresponde a uma forma que pertence única e exclusivamente à linguagem jurídica, uma vez que a flexão do verbo VER, no futuro do subjuntivo, na terceira pessoa do plural é VEREM.

27. (UFRJ-NCE) Se nós FIZERMOS. A forma verbal sublinhada pertence ao futuro do subjuntivo do verbo FAZER; a alternativa em que há erro na conjugação desse mesmo tempo é:
a) Quando os políticos intervierem no processo, tudo ficará melhor.
b) Quando vocês o verem, digam-lhe que estive aqui.
c) Só sairei quando houver bom tempo.
d) Quando forem aprovados, serão empregados.
e) Se couber recurso, eu o farei.

14.8. Falsos derivados

Existem dois verbos bastante perigosos para o candidato a um concurso público: REQUERER e PROVER.
O verbo REQUERER não se deriva integralmente do verbo QUERER, então você deve ficar atento às diferenças entre os dois verbos.

Querer e Requerer

Indicativo

Presente	Presente	Pretérito Perfeito	Pretérito Perfeito
quero	requeiro	quis	requeri

queres	requeres	quiseste	requereste
quer	requere (ou requer)	quis	requereu
queremos	requeremos	quisemos	requeremos
quereis	requereis	quisestes	requerestes
querem	requerem	quiseram	requereram

Pretérito Imperfeito	Pretérito Imperfeito	Pretérito Mais-que-Perfeito	Pretérito Mais-que-Perfeito
queria	requeria	quisera	requerera
querias	requerias	quiseras	requereras
queria	requeria	quisera	requerera
queríamos	requeríamos	quiséramos	requerêramos
queríeis	requeríeis	quiséreis	requerêreis
queriam	requeriam	quiseram	requereram

Futuro do Presente	Futuro do Presente	Futuro do Pretérito	Futuro do Pretérito
quererei	requererei	quereria	requereria
quererás	requererás	quererias	requererias
quererá	requererá	quereria	requereria
quereremos	requereremos	quereríamos	requereríamos
querereis	requereis	quereríeis	requereríeis
quererão	requererão	quereriam	requereriam

Subjuntivo

Presente	Presente
queira	requeira
queiras	requeiras
queira	requeira
queiramos	requeiramos
queirais	requeirais
queiram	requeiram

Pretérito Imperfeito	Pretérito Imperfeito
quisesse	requeresse

quisesses	requeresses
quisesse	requeresse
quiséssemos	requerêssemos
quisésseis	requerêsseis
quisessem	requeressem

Futuro	Futuro
quiser	requerer
quiseres	requereres
quiser	requerer
quisermos	requerermos
quiserdes	requererdes
quiserem	requererem

Imperativo

Afirmativo	Afirmativo	Negativo	Negativo
quere (ou quer)	requere	não queiras	não requeiras
queira	requeira	não queira	não requeira
queiramos	requeiramos	não queiramos	não requeiramos
querei	requerei	não queirais	não requeirais
queiram	requeiram	não queiram	não requeiram

Obs.: Os verbos BENQUERER, DESQUERER e MALQUERER são conjugados como o verbo QUERER.

Prover

Indicativo

Presente: provejo, provês, provê, provemos, provedes, proveem

Pretérito Perfeito: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram

Pretérito Imperfeito: provia, provias, provia, províamos, províeis, proviam

Pretérito Mais-que-Perfeito: provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram

Futuro do Presente: proverei, proverás, proverá, proveremos, provereis, proverão

Futuro do Pretérito: proveria, proverias, proveria, proveríamos, proveríeis, proveriam

Subjuntivo
Presente: proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam
Pretérito Imperfeito: provesse, provesses, provesse, provêssemos, provêsseis, provessem
Futuro: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, preverem

Imperativo
Afirmativo: provê, proveja, provejamos, provede, provejam
Negativo: provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam

BIZU

Sempre é importante lembrar que o caso do verbo PROVER é uma exceção. Os verbos REVER, ANTEVER, PREVER derivam-se integralmente do VER. É muito bom não confundir PROVER (abastecer) com PREVER (antever – fazer uma previsão) e PROVIR (vir de), que se deriva totalmente do verbo VIR.

14.8.1. Exercícios

1. (TRF) Assinale a opção que completa adequadamente as lacunas.
Se eles de recursos o setor e se aos inconvenientes de um período de transição, a reforma se viabilizará.
a) proverem – dispuserem;
b) provirem – dispuserem;
c) provierem – dispuserem;
d) proverem – disporem;
e) provirem – disporem.

2. (NCE) Requerimento é substantivo derivado do verbo REQUERER; a alternativa em que a forma deste verbo está conjugada corretamente é:
a) eu requero;
b) ela requis;
c) se eles requizessem;
d) ele requereu;
e) eles requiseram.

3. (Técnico Judiciário – TJ – FCC) Está adequada a flexão de todos os verbos da frase:
a) É possível que ele requera imediatamente sua aposentadoria;
otimista, espera que o pedido não lhe seja denegado.

b) O autor estaria disposto a trabalhar no que lhe conviesse,
depois de aposentado, para assim imunizar-se contra os males do ócio.
c) Se o autor manter com disciplina o cômputo diário do que resta para aposentar-se, fará contas pelos próximos seis meses e 28 dias.
d) Se nos propormos a trabalhar depois de aposentados, evitaremos os males que costumam acometer os ociosos.
e) Os que haverem de se aposentar proximamente serão submissos a uma averiguação, a fim de serem saldadas as dívidas pendentes.

4. (Técnico Judiciário – TRE-AP – FCC) Está corretamente empregada a palavra destacada na frase
a) Constitue uma grande tarefa transportar todo aquele material.
b) As pessoas mais conscientes requereram anulação daquele privilégio.
c) Os fiscais reteram o material dos artistas.
d) Quando ele vir até aqui, trataremos do assunto.
e) Se eles porem as pastas na caixa ainda hoje, pode despachá-la imediatamente.

5. (Fuvest) Ele a seca e a casa de mantimentos.
a) preveu – proveu
b) provera – provira
c) previra – previera
d) preveu – provera
e) previu – proveu

6. (TTN) Assinale a alternativa que apresenta incorreção verbal.
a) Observa-se que muitos boatos provêm de algumas pessoas insensatas.
b) Se você quiser reaver os objetos roubados, tome as providências com urgência.
c) Prevendo novos aumentos de preços, muitos consumidores proveram suas casas.
d) O Ministro da Fazenda previu as despesas com o funcionalismo público, em 1989.
e) No jogo de domingo, quando o juiz interviu numa cobrança de falta, foi inábil.

7. (AJ-TRT-UFRJ-NCE) "... vieram a significar, no plano social,..." O item a seguir em que o verbo destacado está conjugado <u>erradamente</u> é:
a) Se o virmos por lá, daremos o recado.
b) Os advogados interviram na discussão.
c) A empregada proveu a despensa com o necessário.
d) Quando vimos para cá, sentimo-nos contentes.
e) Os aparelhos provieram dos Estados Unidos.

8. (TRT-Fundec) Das frases abaixo, a única correta quanto à flexão verbal, de acordo com a norma culta da língua, é:
a) Se proporem uma outra crônica, argumente que não há mais espaço nesta edição.
b) Com a cooperação de todos, o jornalista creu que havia condição de escrever a

reportagem.
c) Os candidatos só poderão se inscrever no concurso de crônicas, se o requiserem.
d) Os alunos de minha escola jamais obteram incentivo para redigir textos em crônicas.

9. (Oficial de Justiça) Tendo em conta a flexão verbal, é correto afirmar que as formas PROVÉM, PROVEM, PROVEEM e PROVÊM, referem-se, respectivamente, aos seguintes verbos:
a) prover, provir,provar e provir;
b) provir, provar, prover e provir;
c) provar, prover, provir e prover;
d) provir, provar, provir e prover.

10. (TRE-RJ) "E quando os mórmons se viram frente ao problema de povoar um deserto, não hesitaram em sancionar a poligamia". Das sentenças abaixo, construídas com verbos derivados de ver, aquela cuja lacuna se completa corretamente com a forma entre parênteses é:
a) Os mórmons as dificuldades a serem enfrentadas. (anteveram)
b) Quando os mórmons as dificuldades a enfrentar, agem corajosamente. (entrevêm)
c) Os mórmons já se tinham dos recursos necessários para seguir para o deserto. (provisto)
d) Se os mórmons as dificuldades que enfrentariam, talvez tivessem desistido. (prevessem)
e) Sempre que os mórmons a história da colonização do deserto, sentir-se-ão honrados. (revirem)

11. (Analista Judiciário – TST – FCC) A flexão de todas as formas verbais está plenamente adequada na frase:
a) Os que virem a desrespeitar quem não tem fé deverão merecer o repúdio público de todos os homens de bem.
b) Deixar de professar uma fé não constitue delito algum, ao contrário do que julgam os fanáticos de sempre.
c) Ninguém quererá condenar um ateu que se imbui do valor da ética e da moral no convívio com seus semelhantes.
d) Se não nos dispormos a praticar a tolerância, que razão teremos para nos vangloriarmos de nossa fé religiosa?
e) Quem requiser respeito para a fé que professa deve dispor-se a respeitar quem não adotou uma religião.

12.
a) Ela requereu que eu intervisse na questão.
b) Ela requis que eu intervisse na questão.
c) Ela requis que eu interviesse na questão.
d) Ela requereu que eu intervisse na questão.

e) Ela requereu que eu interviesse na questão.

13.
a) A polícia deteve a carga dos milhões de caixas de remédio.
b) A polícia deteu a carga dos milhões de caixas de remédio.
c) A polícia deteu a carga das milhões de caixas de remédios.
d) A polícia deteve a carga das milhões de caixas de remédio.
e) A polícia deteve a carga dos milhões das caixas de remédio.

14.
a) Não venha agora com os teus problemas de desinteria e astigmatismo.
b) Não venhas agora com os teus problemas de desinteria e estigmatismo.
c) Não venha agora com os seus problemas de disenteria e astigmatismo.
d) Não venha agora com os seus problemas de desinteria e astigmatismo.
e) Não venhas agora com os teus problemas de disenteria e estigmatismo.

14.9. Verbos impessoais

São verbos impessoais aqueles que não possuem pessoa (sujeito). Sendo assim, o sujeito é inexistente – oração sem sujeito –, obrigando o verbo a se restringir à terceira pessoa do singular.

a) Verbos, no sentido denotativo, que indicam fenômenos da natureza.

Ex: chover, trovejar, nevar, ventar...

Esses verbos só podem ser conjugados na 3ª pessoa do singular e também são chamados de verbos impessoais.

Obs.: Às vezes, um desses verbos pode estar no sentido conotativo, cabendo a sua flexão.

Ex.: Choveram laranjas na feira.

→ Nesse caso, a forma verbal "choveram" não é impessoal, o sujeito é LARANJAS, por isso a concordância entre eles.

b) Verbo HAVER, nos sentidos de EXISTIR e de tempo decorrido, e verbo FAZER, também no sentido de tempo decorrido, só podem ser conjugados na 3ª pessoa do singular e também são verbos impessoais.

Ex.: Havia 20 alunos em sala.

Deve haver 30 anos da chegada do homem à Lua.

Faz 20 dias que ela chegou...

Obs.: É relevante saber que os verbos auxiliares pegam as características dos verbos principais.

Ex.: Pode (no singular devido à presença do verbo principal HAVER no

sentido de existir) haver problemas.
Deve (no singular devido à presença do verbo principal FAZER no sentido de tempo passado) fazer três semanas que João viajou.
"... houve templos, houve cultos, houve leis" (Raul Pompeia).

c) O verbo TRATAR, acompanhado do pronome SE, quando semanticamente não puder ter sujeito.
Ex.: Trata-se de uma discussão descabida.
→ Observe que NINGUÉM PODE TRATAR DA DISCUSSÃO, sendo assim, como semanticamente o verbo não pode ter referente, o verbo se torna impessoal.

d) Os verbos BASTAR e CHEGAR, no sentido de PARAR.
Ex.: Chega de confusão.
Basta de briga.

Obs.: O verbo TER, no sentido de EXISTIR, HAVER, OCORRER, em tese, não poderia ser empregado. Contudo, não há como se negar que seu uso já se encontra consagrado, inclusive se registrando exemplos de textos de Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade: "Em Pasárgada tem tudo", "Tem uma pedra no meio do caminho". A maioria das bancas ainda não admite tal uso, mas o NCE, no concurso da Polícia Civil de 2001, indicou que o verbo TER estaria sendo utilizado como impessoal, não entrando no mérito se o uso estaria correto ou não. O Professor Celso Cunha, na página 142 da Gramática da Língua Portuguesa, classifica o uso do verbo TER, na acepção de EXISTIR, como coloquial.

14.9.1. Exercícios

1. (Administrador – Petrobras – Cesgranrio) De acordo com a norma-padrão, a frase que não precisa ser corrigida pelo Professor Carlos Góis, mencionado pelo Texto II, é:
a) Houveram muitos acertos naquela prova.
b) Existia poucos alunos com dúvidas na sala.
c) Ocorreram poucas dúvidas sobre a matéria.
d) Devem haver muitos aprovados este ano.
e) Vão fazer dois anos que estudei a matéria.

2. (Administrador – Transpreto – Cesgranrio) Os alunos, em uma aula de Português, receberam como tarefa passar a frase abaixo para o plural e para o passado (pretérito perfeito e imperfeito), levando-se em conta a norma-padrão da língua.
Há opinião contrária à do diretor.

Acertaram a tarefa aqueles que escreveram:
a) Houve opiniões contrárias às dos diretores / Havia opiniões contrárias às dos diretores.
b) Houve opiniões contrárias à dos diretores / Haviam opiniões contrárias à dos diretores.
c) Houveram opiniões contrárias à dos diretores / Haviam opiniões contrárias à dos diretores.
d) Houveram opiniões contrárias às dos diretores / Haviam opiniões contrárias às dos diretores.
e) Houveram opiniões contrárias às dos diretores / Havia opiniões contrárias às dos diretores.

3. (NCE) "... mas não havia infraestrutura para recrutar os cerca de 20 mil voluntários necessários".
O verbo HAVER presente nesse trecho do texto é impessoal. A alternativa em que o verbo HAVER foi mal utilizado é:
a) Não me haviam alertado para o perigo os técnicos do laboratório.
b) Refaria esses trabalhos e quantos mais houvessem para fazer.
c) Pouco mais de mil pessoas havia nas salas de aula.
d) Houveram por bem sair mais cedo os professores.
e) É provável que haja falhas graves nesse projeto.

4. (Magistério-NCE) "... de há muito acomete o frágil organismo social no qual vivemos". O item abaixo em que a forma do verbo "haver" está <u>erradamente</u> empregada no lugar da preposição a é:
a) Os jornais brasileiros, há vários meses, só falam de corrupção.
b) Há bastante gente a quem se pode acusar de corrupção.
c) O Brasil está há algumas semanas de começar a economia de luz.
d) De há meses para cá o frio tem aumentado.
e) O país sofre de corrupção há várias décadas.

5. O verbo sublinhado <u>não</u> é impessoal na frase:
a) <u>Houve</u> momentos de indecisão.
b) A criança <u>amanheceu</u> gripada.
c) No inverno, <u>anoitece</u> mais cedo.
d) <u>Faz</u> muito tempo que não o vejo.
e) <u>Basta</u> de tolices.

6. (Senado Federal – FGV) "...há outras formas de garantir a transparência..." Assinale a alternativa em que, alterando-se o trecho acima, manteve-se adequação à norma culta.
a) ...há de existir outras formas de garantir a transparência...
b) ...hão de haver outras formas de garantir a transparência...
c) ...devem existir outras formas de garantir a transparência...
d) ...devem haver outras formas de garantir a transparência...

e) ...podem haver outras formas de garantir a transparência...

7. (Fiscal – Sefaz-RJ – FGV) No Brasil, por exemplo, existem regras de criminal compliance... Assinale a alternativa em que a alteração do trecho acima tenha provocado INADEQUAÇÃO quanto à norma culta. Não leve em conta a alteração de sentido.
a) No Brasil, por exemplo, haverá regras de *criminal compliance*...
b) No Brasil, por exemplo, deve haver regras de *criminal compliance*...
c) No Brasil, por exemplo, há de existir regras de *criminal compliance*...
d) No Brasil, por exemplo, devem existir regras de *criminal compliance*...
e) No Brasil, por exemplo, poderão existir regras de *criminal compliance*...

8. (UFRJ-NCE) "... há três décadas ele mantém sua fama em ascendência". Nesta frase o verbo HAVER não varia, pois se trata de uma oração sem sujeito. Assinale a opção que completar corretamente a frase? "Quantos dias que não o vemos? bem uns dez".
a) faz – hão de haver
b) fazem – há de haver
c) fazem – hão de haver
d) faz – há de haver
e) fazem – hão de haverem

14.10. Verbos defectivos

São os que, por algum tipo de anomalia, não apresentam todas as pessoas em sua conjugação.

1) São defectivos abolir, banir, colorir, demolir, exaurir, explodir, extorquir, falir, acontecer, suceder, ocorrer, doer.

2) Há verbos que nossos ouvidos nos induzem a considerar que sejam defectivos, mão não o são: ADERIR, COMPETIR e POLIR. Existem as formas verbais ***EU COMPITO***, Maria quer que ***EU COMPITA... EU ADIRO***, Maria quer que ***TU ADIRAS, EU PULO, TU PULES...***

3) Caro candidato, se você fizer prova para a área fiscal, sobretudo se o concurso for organizado pela Esaf, fique atento aos verbos EMERGIR e IMERGIR. Há uma divergência entre o que ensina Celso Cunha e o que informa Evanildo Bechara. Este indica serem os dois verbos apenas irregulares, conjugando-se tais quais SUBMERGIR e ASPERGIR (EMERJO, MARIA QUER QUE EU EMERJA, TU EMERJAS...). Já aquele entende que SUBMERGIR e ASPERGIR possuem conjugação completa, mas EMERGIR e IMERGIR, não. Estes dois verbos não poderiam ser conjugados quando, após o radical, aparecessem as

letras A ou O. Este assunto caiu na prova de Analista de Finanças e Controle (Esaf), com a banca demonstrando claramente a opção por considerar os verbos defectivos, conforme Celso Cunha.

4) O verbo ADEQUAR ou (ADEQUAR-SE como mais utilizado) não pode ser conjugado em todo o presente do subjuntivo, e no presente do indicativo só existem as formas de 1ª pessoa do plural e de 2ª pessoa do plural. Por consequência, o imperativo também só conterá a forma de 2ª pessoa do plural do afirmativo. É bom esclarecer que nas pessoas existentes o verbo ADEQUAR-SE segue o modelo dos verbos regulares de 1ª conjugação.

5) Precaver e reaver só existem onde, na conjugação do verbo HAVER, houver a letra **V.**
   – O verbo REAVER só existe onde no verbo HAVER aparecer a letra V, ficando exatamente igual ao HAVER.
   – O verbo PRECAVER também só existe onde no verbo HAVER aparecer a letra V. Contudo onde este verbo existir, funcionará como um verbo regular de segunda conjugação, seguindo o modelo do verbo VENDER.

Ex: HAVER		REAVER		PRECAVER

Presente do Indicativo

hei	não há forma	não há forma
hás	não há forma	não há forma
há	não há forma	não há forma
havemos	reavemos	precavemos
haveis	reaveis	precaveis
hão	não há forma	não há forma

Pretérito Perfeito do Indicativo

houve	reouve	precavi
houveste	reouveste	precaveste
houve	reouve	precaveu
houvemos	reouvemos	precavemos
houvestes	reouvestes	precavestes
houveram	reouveram	precaveram

14.10.1. Exercícios

1. (Escriturário – BB – Cesgranrio) O verbo entre parênteses está conjugado de acordo com a norma-padrão em:
a) Desse jeito, ele fale a loja do pai. (falir)
b) O príncipe branda a sua espada às margens do rio. (brandir)
c) Os jardins florem na primavera. (florir)
d) Eu me precavejo dos resfriados com boa alimentação. (precaver)
e) Nós reouvemos os objetos roubados na rua. (reaver).

2. (CEE – Tecnológica-SP) Aponte a frase correta.
a) Avançaram sobre ele, não se conteram.
b) Não repilais quem de vós se aproxima.
c) Se você não prever a ocasião, como agarrá-la?
d) Requiseram inutilmente, não lhe deferiram o pedido.
e) Busquei por muito tempo, mas não reavi o que perdera.

3. (UnB-DF) Assinale o item que contém as formas verbais corretas.
a) reouve – intervi
b) reouve – intervim
c) rehouve – intervim
d) reavi – intervi
e) rehavi – intervim

4. (ITA) Assinale o caso em que o verbo destacado estiver correto.
a) **Eu me precavo** deve ser substituído por **eu me precavejo**.
b) **Eu me precavenho** contra os dias de chuva.
c) **Eu reavi** o que perdera há dois anos.
d) Problemas graves **me reteram** no escritório.
e) Nenhuma das frases acima.

5. (ITA) Vi, mas não ; o policial viu, e também não , dois agentes secretos viram, e não . Se todos nós , talvez tantas mortes.
a) intervir – interviu – intervieram – tivéssemos intervido – teríamos evitado
b) me precavi – se precaveio – se precaveram – nos precavíssemos – não teria havido
c) me contive – se conteve – contiveram – houvéssemos contido – tivéssemos impedido
d) me precavi – se precaveu – precaviram – precavêssemo-nos – não houvesse
e) intervim – interveio – intervieram – tivéssemos intervindo – houvéssemos evitado

6. (ANS – Analista – FCC) Tendo como parâmetro a norma culta da língua, assinale a alternativa que contém forma verbal corretamente empregada.
a) Portugal proveu o Brasil de uma estrutura encontrada apenas em metrópoles.
b) A Inglaterra conviu em que seria mais prudente ajudar na vinda de D. João VI para o Brasil.

c) As grandes nações se precavêem de infortúnios com planejamento.
d) Algumas ex-colônias requiseram a emancipação política antes que nosso país o fizesse.
e) Quando os historiadores reverem o episódio, certamente encontrarão passagens difíceis de interpretar

7. (DNOCS – FCC) É preciso corrigir uma forma verbal flexionada na frase:
a) O e-mail interveio de tal forma em nossa vida que ninguém imagina viver sem se valer dele a todo momento.
b) Se uma mensagem eletrônica contiver algum vírus, o usuário incauto será prejudicado, ao abri-la.
c) Caso não nos disponhamos a receber todo e qualquer e-mail, será preciso que nos munamos de algum filtro oferecido pela Internet.
d) Se uma mensagem provier de um desconhecido, será preciso submetê-la a um antivírus específico.
e) Ele se precaveio e instalou em seu computador um poderoso antivírus, para evitar que algum e-mail o contaminasse.

8. (AFTN) Indique o período correto.
a) Se você reaver seus cruzados retidos, empreste-me algum dinheiro.
b) Se tu reaveres teus cruzados retidos, poderás me emprestar uma parte?
c) Caso você reaveja seus cruzados retidos, pode emprestar-me uns cem mil?
d) Se eu reavesse meus cruzados retidos, emprestar-te-ia uma parte.
e) Todos neste país reaveremos os cruzados bloqueados, nos prazos estipulados pela lei.

9. (Esaf) Assinale a alternativa que apresenta um verbo <u>incorretamente</u> flexionado.
a) O enxoval conviria às noivas dos bairros mais pobres.
b) Não despeças os carregadores antes do desembarque.
c) Os policiais interviram nos protestos dos grevistas.
d) A noiva precaveu-se contra os prejuízos da mudança.
e) Eu expeço, primeiramente, as malas dos estudantes

10. (TRF) Das opções que se seguem, a que está correta quanto à flexão verbal é:
a) Se o governo se precavisse, evitaria acidentes como esse.
b) Com um pouco de sorte, talvez o senhor reaveja os documentos extraviados.
c) Meus filhos só vêm televisão depois que terminam os deveres escolares.
d) As autoridades interviram no rumo dos acontecimentos.
e) A empresa que projetou a usina não se precaveu como deveria.

11. (FCC) Marque a opção cujo verbo apresenta correta flexão.
a) "Se eu reavesse meu dinheiro retido, emprestar-te-ia uma parte".
b) "Toda dúvida que sobrevir deverá ser imediatamente esclarecida. Isso, sim, é transparência".

c) "A impunidade só terá fim quando se desfazer da cobertura política e todos forem iguais perante a lei..."
d) "Se alguém se deter em olhar na tevê, detalhadamente, o rosto do presidente, vai verificar que estão aparecendo alguns fios de cabelos brancos em sua cabeça".
e) Chefonildo interveio imediatamente, pois esses servidores não parecia serem culpados. Quando reouveram o material perdido, desavieram-se na sua distribuição.

12. (Esaf) Assinale a opção em que a mudança de pessoa verbal provoca erro.
a) Requeremos a pavimentação da rua Vicente de Carvalho.
Requeiro a pavimentação da rua Vicente de Carvalho.
b) Apesar do espaço pequeno, temos certeza de que cabemos aí.
Apesar do espaço pequeno, tenho certeza de que caibo aí.
c) Se não nos precavemos a tempo, seremos ludibriados.
Se não me precavenho a tempo, serei ludibriado.
d) Graças ao seu auxílio, reaveremos os documentos.
Graças ao seu auxílio, reaverei os documentos.
e) Nós valemos tanto quanto acreditamos ser nosso valor.
Eu valho tanto quanto acredito ser meu valor.

13. Leia com atenção as frases a seguir, tendo em vista o verbo destacado.
I. Eles adequam suas necessidades ao material disponível.
II. Finalmente reavi meus documentos.
III. Assim que eles proporem o acordo, aceitaremos.
IV. Ele se precaveu para não ter problemas mais tarde.
V. Sempre que proveres a despensa, poderás viajar com tranquilidade.
Estão corretas as formas verbais empregadas em:
a) I e II;
b) II e IV;
c) III e V;
d) IV e V;
e) I e V.

14.11. Formas rizotônicas e arrizotônicas verbais

14.11.1. Rizotônicas

São as formas verbais em que a sílaba tônica recai totalmente sobre o radical.

Ex.: fales, brigo, parte, faze, indica, olho.

A sílaba tônica dessas formas verbais é respectivamente: ***fa, bri, par, fa, di, o*** e recaem sobre os radicais ***fal, brig, part, faz, indic, olh.***

14.11.2. Arrizotônicas

São as formas verbais em que a sílaba tônica não recai sobre o radical.

Ex.: falei, brigamos, parti, fazia, indicou, olharei.

A sílaba tônica dessas formas verbais é respectivamente: ***lei, ga, ti, zi, cou, rei*** e não recai sobre os radicais ***fal, brig, part, faz, indic, olh.***

14.12. Verbos terminados em IAR

Os verbos terminados em ***IAR*** são REGULARES, com **exceção** de: **MEDIAR, ANSIAR, REMEDIAR, INCENDIAR, ODIAR** e **INTERMEDIAR,** que terão o acréscimo da letra **E** nas formas rizotônicas.

Ex.: REMEDIAR (PRESENTE DO INDICATIVO)

remedeio		remediamos
remedeias		remediais
remedeia		remedeiam

REMEDIAR (PRESENTE DO SUBJUNTIVO)

remedeie		remediemos
remedeies		remedieis
remedeie		remedeiem

Analisando este verbo, podemos observar que o radical é **REMEDI,** portanto é justamente quando a sílaba tônica recai sobre **DI,** que se torna necessário o acréscimo da letra **E** entre as letras **D** e **I.**

Obs.: Já o verbo **MOBILIAR** conjuga-se incidindo-se sílaba tônica em BI nas formas rizotônicas.

Presente do Indicativo: mobílio, mobílias, mobília, mobiliamos, mobiliais, mobíliam

Presente do Subjuntivo: mobílie, mobílies, mobílie, mobiliemos, mobilieis, mobíliem

Imperativo Afirmativo: mobília, mobílie, mobiliemos, mobiliai, mobíliem

Imperativo Negativo: mobílies, mobílie, mobiliemos, mobilieis, mobíliem

14.13. Verbos terminados em EAR

Os verbos terminados em **EAR** terão o acréscimo da letra **I** nas formas rizotônicas.

Ex.: NOMEAR (PRESENTE DO INDICATIVO)

nomeio		nomeamos
nomeias		nomeais

nomeia		nomeiam

NOMEAR (PRESENTE DO SUBJUNTIVO)

nomeie		nomeemos
nomeies		nomeeis
nomeie		nomeiem

Analisando este verbo, podemos observar que seu radical é **NOME**, portanto é justamente quando a sílaba tônica recai sobre **ME**, que se torna fundamental a inserção da letra I nesta sílaba.

14.14. Verbos terminados em GUAR

1) AGUAR, APANIGUAR, APAZIGUAR, APROPINQUAR, AVERIGUAR, DESAGUAR, ENXAGUAR, OBLIQUAR, DELINQUIR e afins poderão ou não ser acentuados nas formas rizotônicas.

Obs.: Com a reforma ortográfica, a flexão passsa a admitir as seguintes formas:

AVERIGUAR

PRESENTE DO INDICATIVO	PRESENTE DO INDICATIVO
eu averiguo	eu averíguo
tu averiguas	tu averíguas
ele averigua	ele averígua
nós averiguamos	nós averiguamos
vós averiguais	vós averiguais
eles averiguam	eles averíguam

AVERIGUAR

PRESENTE DO SUBJUNTIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO
eu averigue	eu averígue
tu averigues	tu averígues
ele averigue	ele averígue
nós averiguemos	nós averiguemos
vós averigueis	vós averigueis
eles averiguem	eles averíguem

14.14.1. Exercícios

1. (Cesgranrio) Assinale a forma errada do verbo pontear.
a) ponteias
b) ponteiamos
c) pontearei
d) ponteiam
e) ponteie

2. (ITA) Examinando as afirmações de que a terceira pessoa do singular do presente do indicativo é:
Progredir é progrede.
Ansiar é ansia.
Remediar é remedia.
Transgredir é transgride.
Verifica-se que:
a) apenas uma está correta;
b) apenas duas estão corretas;
c) todas estão corretas;
d) três estão corretas;
e) nenhuma está correta.

3. (Analista – TCE-CE – FCC) Estão corretamente grafadas e flexionadas todas formas verbais da frase:
a) Por vezes, é a intuição de um juiz que intermedia o que está no processo e o espírito da lei.
b) Se não se dispuser a examinar bem o caso e não se prover da melhor intuição, poderá proceder injustamente.
c) A intuição costuma acessorar os juízes, nos casos mais complexos que se lhes apresentam.
d) É frequente que um juiz remedie uma omissão da lei valendo-se do que lhe diz sua intuição.
e) Caso a intuição do juiz não intervisse naquele caso, o réu seria injustamente condenado.

4. (Analista Judiciário – TRE-PE – FCC) Numa carta em que um velho jornalista se dirigisse a um recém-contratado do jornal, seria plenamente aceitável a redação da seguinte frase:
a) Não temais, meu caro, a concorrência de teus colegas: confia em teus próprios valores, aferre-se a eles e segue em frente.
b) Os valores que nortearão suas decisões profissionais não devem, meu caro, desmerecer os valores pessoais de que você se orgulha.
c) Se te vierem ameaçar as piores tentações, fuja delas, amigo, não as dê qualquer atenção, e não terás motivo de arrependimento.
d) Aprenderás com o tempo, meu jovem, que mesmo nas pequenas decisões que adotar,

devem inspirá-lo os valores maiores da ética.
e) Bem-vindo seja, colega, e atenta para que a ansiedade da competição não lhe desvie da missão que a comunidade nos confiou.

5. (TRF – 2ª Região – FCC) O emprego, a grafia e a flexão dos verbos estão corretos em:
a) A revalorização e a nova proeminência de Paraty não prescindiram e não requiseram mais do que o esquecimento e a passagem do tempo.
b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre renegada a um segundo plano, eis que ela imerge do esquecimento, em 1974.
c) A cada novo ciclo econômico retificava-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, sobreviram longos anos de esquecimento.
d) A Casa Azul envidará todos os esforços, refreando as ações predatórias, para que a cidade não sucumba aos atropelos do turismo selvagem.
e) Paraty imbuiu da sorte e do destino os meios para que obtesse, agora em definitivo, o prestígio de um polo turístico de inegável valor histórico.

6. (TRE-MT) Só está correta a forma verbal grifada na frase:
a) Embora ele <u>esteje</u> indicado, o Senado ainda não o aprovou.
b) Ele <u>passeiava</u> diariamente no parque.
c) Quando eles <u>trouxerem</u> a permissão, poderão entrar.
d) Se <u>mantermos</u> as posições, o inimigo não avançará.
e) Os deputados se <u>entretiam</u> com esses discursos.

7. Observe e analise as formas verbais das frases a seguir:
1 – Eu me precavi na época do pacote econômico.
2 – Ele já proveu a geladeira com muitas frutas.
3 – Os inspetores intermedeiam na discussão dos alunos.
4 – Desejamos que eles floreiem os ambientes.
5 – Eles desejam que nós vamos ao teatro.
Estão corretas as frases:
a) todas;
b) 1, 2, 4, 5;
c) 1, 2, 3, 4;
d) 1, 2, 3, 5;
e) 3, 4, 5.

8. (CM) A flexão do verbo "macaquear" está em desacordo com a norma culta na opção:
a) Nós macaqueiamos a visão do Português.
b) O brasileiro macaqueia a visão do Português.
c) Talvez macaqueemos a visão do Português.
d) É possível que os brasileiros macaqueiem a visão do Português.
e) Os brasileiros macaqueiam a visão do Português.

9. (TJ-NCE) "Para outras, é apenas o prazer de saber que a distância não mais cerceia a comunicação, por boba que seja." A frase abaixo em que há uma forma, ligada aos verbos terminados em – ear, grafada erradamente é:
a) É perigoso que passeiemos à noite.
b) A civilização sofre freadas em seu progresso.
c) O homem receoso não luta pela liberdade.
d) Todos nós ceamos no Natal.
e) É injusto que os países totalitários cerceiem a comunicação.

10. (Epcar) Em apenas uma das frases a forma verbal está incorreta. Assinale-a.
a) Desejo que me ouçais com atenção.
b) Se eles se precavessem, não sofreriam o acidente.
c) Se intervissem, o conflito cessaria.
d) Não odieis vosso irmão.
e) Trá-lo-ei assim que me pedires.

11. (UFRJ) "... que aqui viveram e ainda vivem..." Este mesmo fragmento, com o verbo "ansiar" nos mesmos tempos e pessoas do verbo VIVER, ficaria:
a) ... que aqui ansiaram e ainda anseiam...
b) ... que aqui ansiavam a ainda anseiam...
c) ... que aqui ansiaram e ainda ansiam...
d) ... que aqui ansiarão e ainda anseiem...
e) ... que aqui anseiaram e ainda ansiam...

12. (PM – Bahia – Técnico – FCC) Está correta a flexão do verbo sublinhado na frase:
a) Se alguém ver o outro como um aliado, só terá a ganhar.
b) Quando convir, adotar-se-ão medidas repressivas.
c) Quando o caso requiser, adotam-se medidas mais duras.
d) O tolo acha melhor que se remedeie uma situação em vez de a prever.
e) Aquelas ações repressivas não proviram da vontade da população.

13. (Escrivão de Policia Civil do Estado do Maranhão – FCC) O verbo corretamente flexionado está grifado na frase:
a) As tropas americanas não conteram os ataques da população enfurecida à Biblioteca Nacional.
b) Saqueadores de museus contrabandeiam obras de raro valor arqueológico no mercado internacional.
c) Nazistas se proporam a destruir, em enormes fogueiras, livros considerados perigosos na Alemanha.
d) O problema que sobreviu à invasão americana no Iraque foi a destruição de peças arqueológicas raríssimas.
e) Os invasores do Iraque não antevieram as funestas consequências dos saques, como o contrabando de obras valiosas.

14. (MPE – Pernambuco – Técnico ministerial – Área Administrativa – FCC) O verbo grifado está corretamente flexionado na frase:
a) Veem sendo adotadas medidas para a reprodução de músicas sem o pagamento dos respectivos direitos autorais.
b) Na disputa jurídica, as artistas reaveram o direito de receber os valores decorrentes da divulgação de sua obra.
c) Grandes indústrias intermediam os interesses dos compositores, firmando-se no mercado com extraordinários lucros.
d) Alguns amigos do cantor proporam-se a financiar a gravação de suas músicas, na certeza de sucesso imediato.
e) O disco manteve-se em primeiro lugar nas vendas durante semanas, garantindo a recuperação dos gastos da produção.

15. (TRE-Amapá – Téc. Judiciário – FCC) Está corretamente flexionada a forma verbal sublinhada na frase:
a) Se alguém propor medidas para a economia de energia, que seja ouvido com atenção.
b) Caso uma represa contenhe pouco volume de água, as turbinas da usina desligam-se.
c) Seria preciso que refizéssemos os cálculos da energia que estamos gastando.
d) Só damos valor às coisas quando elas já escasseiaram.
e) Se não determos os desperdícios, pagaremos cada vez mais caros por eles.

Nas questões de 16 e 17, marque a opção em que há forma verbal incorreta.
16. (NCE – UFRJ)
a) Se nos **convirem** as respostas, não o processaremos.
b) Para que eles **reouvessem** o que perderam, era necessário calma.
c) Os policiais que **intervieram** na proposta, serão afastados.
d) Quando **propusermos** medidas eficazes, seremos contratados.
e) Para **preverem** as falhas, deverão estudar muito mais.

17. (NCE – UFRJ)
a) Só **previram** as questões referentes ao orçamento dos novos estados.
b) Os cidadãos que **supuseram** tal medida, abandonarão a cidade.
c) Se **requiséssemos** a documentação necessária, haveria desordem.
d) Talvez nós **nomeemos** pessoas mais interessadas no projeto.
e) Não **magoem** aqueles amigos que sempre estiveram com vocês.

14.15. Verbos terminados em Uir

Não apresentam alterações vocálicas no radical, havendo apenas a substituição do "e" pelo "i" na 2ª e na 3ª do singular.

Ex.: Presente do Indicativo – obstruo, obstruis, obstrui, obstruímos, obstruís, obstruem

Obs.: Nos verbos "arguir" e "redarguir", se o "u" for tônico seguido de "e" ou "i" , possuirá acento agudo; caso seja átono, possuirá trema.

Ex.: Presente do Indicativo – Arguo, argúis, argúi, arguimos, arguis, argúem

Pretérito Imperfeito do Subjuntivo – arguisse, arguisses, arguisse, arguíssemos, arguísseis, arguissem

Obs.: ARGUIR e REDARGUIR perdem o acento agudo nas formas rizotônicas.

ARGUIR	REDARGUIR
PRESENTE DO INDICATIVO	**PRESENTE DO INDICATIVO**
eu arguo	eu redarguo
tu arguis	tu redarguis
ele argui	ele redargui
nós arguímos	nós redarguímos
vós arguís	vós redarguís
eles arguem	eles redarguem

ARGUIR	REDARGUIR
PRESENTE DO SUBJUNTIVO	**PRESENTE DO SUBJUNTIVO**
eu argua	eu redargua
tu arguas	tu redarguas
ele argua	ele redargua
nós arguamos	nós redarguamos
vós arguais	vós redarguais
eles arguam	eles redarguam

Obs.: O verbo DELINQUIR, antes defectivo, agora passa a ter todas as suas formas conjugadas.

Obs.: Já em conformidade com a reforma ortográfica.

Obs.: Os verbos CONTRUIR, DESTRUIR, RECONSTRUIR, bem como ENTUPIR (e cognatos) admitem O ou U na segunda pessoa do singular, na terceira pessoa do singular e na terceira pessoa do plural do presente do indicativo.

Ex.: tu constróis (construis), ele constrói (construi), eles constroem (construem)

14.15.1. Exercício

1. (NCE) "A sociedade mantém as Forças Armadas inoperantes no caso".

"Devem as Forças Armadas intervir no processo..."
"... construir e conservar estradas..."
Que item a seguir mostra as formas correspondentes dos verbos das frases acima – MANTER, INTERVIR e CONSTRUIR – na terceira pessoa do plural do presente do indicativo?
a) mantêm – intervêm – construem
b) mantém – intervêm – constroem
c) mantêem – intervêem – constroem
d) mantêm – intervêem – constroem
e) mantém – intervém – constroem

14.16. Verbos prazer, aprazer e desprazer

Têm uma característica peculiar. No pretérito perfeito do indicativo, no pretérito mais-que-perfeito do indicativo, no pretérito imperfeito do subjuntivo e no futuro do subjuntivo, seguem o modelo do verbo HAVER.

Ex.: Pretérito perfeito do indicativo – Eu houve (aprouve), tu houveste (aprouveste), ele houve (aprouve), nós houvemos (aprouvemos), vós houvestes (aprouvestes), eles houveram (aprouveram)

Pretérito mais-que-perfeito – Eu houvera (aprouvera), tu houveras (aprouveras), ele houvera (aprouvera), nós houvéramos (aprouvéramos), vós houvéreis (aprouvéreis), eles houveram (aprouveram)

Pretérito imperfeito do subjuntivo – Se ontem eu houvesse (aprouvesse), tu houvesses (aprouvesses), ele houvesse (aprouvesse), houvéssemos (aprouvéssemos), houvésseis (aprouvésseis), houvessem (aprouvessem)

Futuro do subjuntivo – Quando eu houver (aprouver), tu houveres (aprouveres), ele houver (aprouver), houvermos (aprouvermos), houverdes (aprouverdes), houverem (aprouverem).

Obs.: Nos demais tempos, estes verbos seguirão o modelo dos verbos regulares de 2ª conjugação.

O verbo PRAZER só é conjugado na 3ª pessoa do singular e na 3ª pessoa do plural em todos os tempos.

O verbo comprazer denuncia uma divergência entre os gramáticos Celso Ferreira da Cunha e Evanildo Bechara. Segundo Cunha, este verbo seria regular em todos os tempos e pessoas; já Bechara considera que o verbo também guarda a mesma irregularidade apresentada pelos verbos PRAZER, APRAZER e DESPRAZER.

14.16.1. Exercícios

1. (MPU – Técnico – Área Adm. – FCC) Todas as formas verbais estão corretamente flexionadas na frase:
a) O cronista dá a entender que jamais interveio para libertar um inseto.
b) Se não convisse matar para comer, a natureza não o determinaria.
c) Nunca me aprouveu matar para comer; aguardo que matem por mim.
d) Se a natureza revesse sua principal lei, que tipo de vida haveria?
e) Se a vida não se compor com a morte, romper-se-á todo o equilíbrio.

2. (TCEMG – Eng. Perito – FCC) Todos os verbos estão corretamente empregados e flexionados na frase:
a) Se eu voltar à mesma escola e os alunos proporem as mesmas perguntas, os debates não deixarão de ter o mesmo calor da primeira vez.
b) Se o autor do texto não retesse o mesmo entusiasmo de menino pelas perguntas, não haveria todo aquele magnetismo durante o colóquio.
c) Ao autor aprouve suspender a palestra convencional e deter-se nas perguntas fundamentais que as crianças lhe propuseram.
d) Imergia das questões formuladas aquela vitalidade própria das crianças que não se resiguinam à passividade diante dos mistérios do mundo.
e) Seria interessante que os cientistas convissem em que é fundamental não perder o contato com a curiosidade que se constitue ainda na infância.

3. (CM) Considerando-se a norma culta da língua, há <u>erro</u> quanto à escolha da forma verbal empregada em:
a) Se o país reouver o clima natural dos anos 60.
b) Se o governo revir a atual apolítica econômica.
c) Se lhe aprouver reunir o grupo para discutir.
d) Se a emenda não convier ao governo.
e) Se os jovens se absterem de votar.

4. (TRT-20 R. – FCC) Estão corretamente flexionadas as formas verbais da frase:
a) Temos a impressão de que um bêbado, andando na rua, somente executará os movimentos que lhe aprazer.
b) As teorias do acaso não granjeam muitos adeptos numa época em que imperam os determinismos de todo tipo.
c) Pode-se considerar aleatório todo fenômeno ou comportamento que não provir, aparentemente, de um padrão já definido.
d) Os exemplos que o leitor se propor a acompanhar no livro convencê-lo-ão do importante papel do acaso em nossa vida.
e) Se não conviesse aos físicos estudar a aleatoriedade, esta ficaria adstrita ao campo das crendices e superstições.

14.17. Vozes verbais

A nomenclatura das vozes se baseia nos sujeitos, isto é, se o verbo

concordar com o ser que pratica a ação, a voz é ativa; se o verbo concordar com o sujeito que sofre a ação, a voz é passiva. Se o sujeito pratica e recebe a mesma ação verbal, a voz é reflexiva.

14.17.1. Voz ativa

Ex.: "Eles andam de bicicleta." Observe que a forma verbal ANDAM está na 3ª pessoa do plural porque o sujeito ELES está na 3ª pessoa do plural. O verbo é obrigado a concordar com o sujeito, e como neste caso o sujeito é ativo, a voz é ativa.

14.17.2. Voz passiva

Ex.: "O trabalho foi feito por mim." Observe que a forma verbal **FOI FEITO** está na 3ª pessoa do singular, porque o sujeito **O TRABALHO** também está na 3ª pessoa do singular. Como, neste caso, o sujeito é passivo, a voz é passiva.

Obs. : Só existe voz passiva com verbo transitivo direto (ou transitivo direto e indireto), pois só o objeto direto da voz ativa pode transformar-se em sujeito da passiva. A frase dada como exemplo nasceu desta: "Eu fiz o trabalho." **O TRABALHO,** que era o objeto direto da voz ativa, passa a ser o sujeito da passiva.

A voz passiva pode ser analítica ou sintética.

Será ***Analítica*** – também chamada de "com auxiliar" –, quando houver VERBO SER + VERBO TRANSITIVO DIRETO (no particípio).

Ex.: O carro será (verbo SER) comprado (VTD – particípio) por Manoel (agente da passiva).

Obs.: Podem também ser utilizados outros verbos auxiliares, como ESTAR, FICAR, ANDAR, IR, VIR, VIVER...

Ex.: Ele vai acompanhado dos amigos.

A dúvida ficou esclarecida.

Será ***Sintética*** – também chamada de "pronominal" –, quando houver VERBO TRANSITIVO DIRETO + PRONOME "SE".

Ex.: Vendem-se (VTD + PRONOME "SE") carros (SUJEITO).

Aluga-se (VTD + PRONOME "SE") vaga (SUJEITO).

BIZUS

1) Preste atenção ao fato de que só o objeto direto da voz ativa pode

transformar-se em sujeito da passiva.

Ex.: Assistimos ao filme (objeto indireto). Não devemos dizer "O filme foi assistido por nós".

Esta frase está errada, porque não se pode passar o objeto indireto da voz ativa para sujeito da passiva.

Ex.: Pagamos o salário (objeto direto) ao empregado (objeto indireto).

Está perfeita a seguinte frase: "O salário foi pago ao empregado por nós", pois o objeto direto da voz ativa pode transformar-se em sujeito da passiva; no entanto não se deve dizer "O empregado foi pago por nós", pois o que era objeto indireto da voz ativa não pode ser alterado para sujeito da passiva. Tal se dá pelo fato de o objeto indireto ser termo preposicionado, fator impeditivo de transformá-lo em sujeito.

Obs.: São admitidos como exceções os verbos OBEDECER e DESOBEDECER. Estes verbos são os únicos transitivos indiretos que admitem voz passiva.

Ex.: Obedeço ao regulamento. – O regulamento é obedecido por mim.

Não desobedecerás à lei. – A lei não será desobedecida por ti.

Esta situação se justifica pelo histórico desses verbos. OBEDECER e DESOBEDECER eram transitivos diretos, sem uso de preposição. Contudo, começaram a ser utilizados com a preposição A e a gramática registrou essa alteração. O verbo passou a ser transitivo indireto, entretanto manteve a antiga possibilidade de reescritura na voz passiva.

2) Fundamental se faz observar que, na transcrição da voz ativa para a passiva ou vice-versa, o tempo verbal da frase original há de ser mantido. Tal se justifica pelo fato de, caso ocorra a mudança no tempo do verbo, obviamente será alterado o sentido da frase. Então, não se trata meramente de uma vaidade gramatical, mas sim de uma exigência semântica.

Ex.: João fazia exercícios diariamente. – Observe que, na frase origi-nal, a forma verbal "fazia" encontra-se no pretérito imperfeito, logo a sua reescritura há de se dar com o verbo auxiliar "ser" também no pretérito imperfeito do indicativo, objetivando, assim, respeitar o sentido do período. – Exercícios eram (pretérito imperfeito do indicativo) feitos por João diariamente.

3) É importante o usuário da língua aprender a distinguir o índice de indeterminação do sujeito do pronome apassivador. Este se relaciona com verbos transitivos diretos e resultará na formação da voz passiva. Já aquele

estará ligado a verbos que não sejam transitivos diretos e não implicará a formação de voz passiva. As principais consequências são que, sendo o pronome SE apassivador, o termo que funcionaria como objeto direto se transforma em sujeito, portanto o verbo se torna obrigado a concordar com ele. Já o pronome SE, sendo índice de indeterminação do sujeito, indica que evidentemente o sujeito é indeterminado e, por consequência, o verbo necessariamente flexiona-se apenas na terceira pessoa do singular.

Ex.: Fez-se o trabalho.

– Se não houvesse o pronome SE, o termo "o trabalho" seria objeto direto. Então o verbo é transitivo direto que, ligado ao pronome SE, forma a voz passiva sintética, alterando a função sintática de "o trabalho" para sujeito. Dessa forma, se o termo for flexionado para o plural, o verbo vai acompanhá-lo. – Fizeram-se os trabalhos.

Precisa-se de cerveja.

– Se não ocorresse o pronome SE, o termo "de cerveja" funcionaria como objeto indireto. Portanto, o verbo é transitivo indireto que, relacionado ao pronome "se", NÃO forma a voz passiva. Aquele termo que seria objeto indireto continua sendo objeto indireto, então o verbo não se flexiona. – Precisa-se de cervejas.

Ouve-se bem daqui.

– BEM funciona como adjunto adverbial de modo, DAQUI, como adjunto adverbial de lugar. Não há nessa frase nenhum termo que complemente a ideia do verbo, o qual, por conseguinte é intransitivo. Verbo intransitivo ligado ao pronome SE não caracteriza a voz passiva. O SE é índice de indeterminação do sujeito e, dessa forma, o verbo só se conjuga na terceira pessoa do singular.

Daqui se ouve bem a música.

– BEM continua funcionando como adjunto adverbial de modo, DAQUI, como adjunto adverbial de lugar. Porém, nessa frase, há a ocorrência de "a música", que, sem a presença do "SE", funcionaria como objeto direto. Portanto, se haveria objeto direto é porque o verbo é transitivo direto que, ligado ao pronome SE, forma a voz passiva. Aquele termo que seria objeto direto é alterado para sujeito, obrigando o verbo a acompanhá-lo.

Daqui se ouvem bem as músicas.

Obs.: Há a ideia passiva em estruturas como: Só me batizei com dez anos. / Como tu te chamas?

14.17.3. Voz reflexiva

É quando há coincidência entre o ser que pratica a ação e o que sofre a ação.

Ex.: O rapaz se entregou à polícia.

→ Observe que a pessoa que pratica a ação é a mesma que a sofre. O rapaz entregou e o rapaz foi entregue.

Eu me vi numa situação complicada.

→ Observe que quem vê e quem é visto é o mesmo ser.

14.17.4. Voz reflexiva com valor recíproco

Expressa um tipo de reflexividade, em que um ser pratica a ação em outrem e dele sofre a mesma ação.

Ex.: Eles se beijaram.

→ A ação indica que um beijou o outro.

14.17.4.1. Exercícios

1. (Carlos Chagas-BA) Transpondo para a voz passiva a frase: "Haveriam de comprar, ainda, um trator maior", obtém-se a forma verbal:

a) comprariam
b) comprar-se-ia
c) teria sido comprado
d) ter-se-ia comprado
e) haveria de ser comprado

2. (FMU) Leia a seguinte passagem na voz passiva: "O receio é substituído pelo pavor, pelo respeito, pela emoção ..." Se passarmos para a voz ativa, teremos:

a) O pavor e o respeito substituíram-se pela emoção e o receio.
b) O pavor e o receio substituem a emoção e o respeito.
c) O pavor, o respeito e a emoção são substituídos pelo receio.
d) O pavor, o respeito e a emoção substituem-se.
e) O pavor, o respeito e a emoção substituem o receio.

3. (TRT-RJ – Cespe-UnB) O texto apresenta uma oração na voz passiva no trecho

a) "A série de dados do CAGED tem início em 1992"
b) "o crescimento no número de empregos formais criados foi de 38,7%".
c) "'Pode haver uma diminuição na escalada de compra de bens duráveis'".
d) 'Os preços dos bens duráveis (...) não estão aumentando'.
e) "No caso da indústria de transformação, por exemplo, foram criadas 146 mil vagas".

4. (Administrador – Petrobras – Cesgranrio) No Texto I, a frase "os alunos desfizeram o equívoco antes que ele se criasse" apresenta voz passiva pronominal no trecho em

destaque.
A seguinte frase apresenta idêntico fenômeno:
a) Necessita-se de muito estudo para a realização das provas.
b) É-se bastante exigente com Língua portuguesa nesta escola.
c) Vive-se sempre em busca de melhores oportunidades.
d) Acredita-se na possibilidade de superação do aluno.
e) Criou-se um método de estudo diferente no curso.

5. (Analista Judiciário – Informática – TJ – FCC) A frase que admite transposição para a voz PASSIVA é:
a) *Quando a Bem-amada vier com seus olhos tristes*...
b) *O chapéu dele está aí*...
c) ... *chegou à conclusão de que o funcionário*...
d) *Leio a reclamação de um repórter irritado*...
e) ... *precisava falar com um delegado*...

6. (Analista Judiciário — TJ-RJ – FCC) ***... antiga Selinunte, que foi fundada no século VI a.C. por colonos gregos e arrasada por Haníbal em 409 a.C.***
Reescrevendo-se a frase acima na voz ativa, as formas verbais resultantes serão, respectivamente:
a) fundou – arrasou
b) fundaram – arrasou
c) fundou – arrasaram
d) fundam – arrasa
e) fundariam – arrasaria

7. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) Transpondo-se para a voz passiva a frase "O estilo e o assunto do artigo viriam a sensibilizar a leitora", obtém-se a forma verbal:
a) vinha sendo sensibilizada.
b) veio a ser sensibilizada.
c) viria a ser sensibilizada.
d) vêm sensibilizando-a.
e) viriam a ser sensibilizados.

8. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – FCC) O verbo que NÃO admite transposição para a voz passiva está em:
a) ... *a República aterrou aquela zona* ...
b) *O Cais do Valongo ficava longe da vista dos cariocas* ...
c) ... *a prefeitura pôs em execução uma ampla reforma*...
d) ... *uma equipe de pesquisadores do Museu Nacional encontrou o piso do Cais do Valongo.*
e) ... *e a cobriu com ruas e praças*.

9. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – FCC) *As ruas estavam ocupadas pela multidão*...
A forma verbal resultante da transposição da frase acima para a voz ativa é:
a) ocupava-se;
b) ocupavam;
c) ocupou;
d) ocupa;
e) ocupava.

10. (Técnico Judiciário – TRE-SP – FCC) ... *ao fazer isto, ele exprimiu a realidade tão paulista do italiano recoberto pela terra e do brasileiro das raízes europeias*.
Transpondo-se a frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante será:
a) foi expressa;
b) exprimia-se;
c) é exprimida;
d) vem sendo exprimida;
e) era expressa.

11. (TRE-SP) Transpondo para a voz passiva a frase "O auxiliar judiciário estava organizando os arquivos", obtém-se a forma verbal:
a) foram sendo organizados;
b) estavam sendo organizados;
c) foram organizados;
d) tinham sido organizados;
e) eram organizados.

12. (TRE-SP) Transpondo para a voz ativa a frase "Os pretendentes ao cargo teriam sido cadastrados pelo coordenador", obtém-se a forma:
a) cadastraria;
b) terá cadastrado;
c) seriam cadastrados;
d) teria cadastrado;
e) tinha cadastrado.

13. (Técnico Judiciário – TRE-RN – FCC) ... *viu pedrinhas ali perto*. **(3º parágrafo)**
A passagem para a voz passiva da frase acima resulta na seguinte forma verbal:
a) são vistas;
b) tinha visto;
c) foram vistas;
d) viu-se;
e) é visto.

14. (NCE) "O Governo de nosso Estado combate e denuncia todas as formas de violência".

Qual seria a forma adequada dessa mesma frase se a começássemos de outra forma: "O Governo de nosso Estado pretende que..." e se o restante do período fosse colocado na voz passiva pronominal?
a) Que se combata e se denuncie todas as formas de violência.
b) Que todas as formas de violência sejam denunciadas e combatidas.
c) Que todas as formas de violência se combatam e se denuncie.
d) Que se combatam e se denunciem todas as formas de violência.
e) Que se combate e se denuncia todas as formas de violência.

15. (TJ-NCE) A frase "desliguem o motor" corresponde, na voz passiva com auxiliar, a "que o motor seja desligado".
Qual a correspondência do mesmo tipo inadequadamente realizada?
a) abram as portas – as portas sejam abertas.
b) se afastem das mesas – as mesas sejam afastadas.
c) interrompam a refeição – a refeição seja interrompida.
d) definam um bom espaço – um bom espaço seja definido.
e) ritualizem o ato de parar – o ato de parar seja ritualizado.

16. (NCE) A única frase que está na voz passiva é:
a) Muitos cidadãos estão buscando novas soluções para velhos problemas.
b) A luta contra a corrupção é de todos nós.
c) Os depoimentos na CPI foram acompanhados por grande público.
d) Estamos vivendo um momento de incertezas.
e) Toda a população vai colaborar com o Viva Rio.

17. (NCE) Qual a forma de voz ativa da frase "... para não ser olhado com medo"?
a) Para que não o olhem com medo.
b) Para que não o olhassem com medo.
c) Para não o olharem com medo.
d) Para que não fosse olhado com medo.
e) Para que alguém não o olhe com medo.

18. (NCE) Em que item a seguir <u>não</u> ocorre um verbo na forma de voz passiva?
a) Das fendas de uma rocha se desprendiam emanações...
b) ... que eram tidas como profecias, oráculos.
c) E precisavam ser interpretadas.
d) Tinham duplo sentido, eram ambíguos.
e) E lhes foi dito que a profecia estava certa.

19. (NCE) A eletricidade era empregada para acender lâmpadas. Redigiu-se, de outra forma, a frase acima. Assinale a alternativa em que se verifica uma perfeita correspondência entre as duas formas de redação.
a) Empregou-se a eletricidade para acender lâmpadas.

b) A eletricidade poderia ser empregada para acender lâmpadas.
c) Empregava-se a eletricidade para acender lâmpadas.
d) Para acender lâmpadas, emprega-se a eletricidade.
e) A eletricidade será empregada para acender lâmpadas.

20. (Analista Judiciário – TST – FCC) Transpondo-se para a voz passiva a construção Os ateus despertariam a ira de qualquer fanático, a forma verbal obtida será:
a) seria despertada.
b) teria sido despertada.
c) despertar-se-á.
d) fora despertada.
e) teriam despertado.

21. (NCE) "O controle de várias formas de energia deu ao homem um enorme poder..." No trecho acima, o verbo "dar" pode causar a impressão de que o homem é um ser passivo. Na realidade, porém, sabe-se que o homem procura ser agente. Que alternativa mostra mais claramente o caráter ativo do homem?
a) O controle de várias formas de energia concedeu ao homem um enorme poder.
b) Ao homem foi dado poder pelo controle de várias formas de energia.
c) O homem conquistou um enorme poder com o controle de várias formas de energia.
d) Deu-se ao homem um enorme poder de controlar várias formas de energia.
e) O homem herdou o controle de várias formas de energia.

22. (Magistério-NCE) "... que é discutido em todos os lugares". Esta frase está na voz passiva analítica e sua forma correspondente na voz ativa é:
a) que se discutiu em todos os lugares;
b) que discutem em todos os lugares;
c) que foi discutido em todos os lugares;
d) que se discute em todos os lugares;
e) que discutiram em todos os lugares.

23. (Magistério-NCE) "Trata-se de um mal endêmico na sociedade brasileira..." Se colocarmos "mal endêmico" no plural, a forma correta do verbo "tratar-se" será:
a) trata-se;
b) tratam-se;
c) são tratados;
d) trataram-se;
e) tratou-se.

24. (Técnico de Necropsia) "O projeto foi recebido com ceticismo pela comunidade científica".Colocando-se esse segmento do texto na voz ativa, tem-se como forma correta:
a) Recebeu-se o projeto com ceticismo.

b) Receberam o projeto com ceticismo.
c) A comunidade científica recebeu o projeto com ceticismo.
d) A comunidade científica foi recebida com ceticismo pelo projeto.
e) Receberam-se com ceticismo o projeto pela comunidade científica.

25. (NCE) "... todos procurem conhecer seus direitos e exijam que eles sejam respeitados..." Se reescrevermos as orações sublinhadas, conservando-se as vozes verbais, teríamos como resposta adequada:
a) todos procurem conhecer seus direitos e exijam serem respeitados;
b) todos procurem conhecer seus direitos e exigir ser respeitados;
c) todos procuram conhecer seus direitos e exijam respeitá-los;
d) todos procurem que se conheçam os direitos e exijam que eles sejam respeitados;
e) todos procurem que conheçam seus direitos e exijam que eles se respeitem.

26. (PF) A Língua Portuguesa possibilita diferentes maneiras de se dizer a mesma coisa, com pequenas alterações morfossintáticas. Uma delas diz respeito à mudança da voz verbal, da ativa para a passiva ou vice-versa. Julgue se as reescrituras que se seguem, mudando-se a voz, mantêm o mesmo sentido das respectivas passagens no texto.
1. "Por ser uma palavra de entendimento eminentemente técnico, não encontramos significado para toxicologia nos dicionários da língua portuguesa". / Para a palavra toxicologia, não foi encontrado por nós significado nos dicionários da língua portuguesa, por ser de entendimento eminentemente técnico.
2. "Pelo entendimento, concluímos que toxicologia é o estudo analítico dos riscos oferecidos por produtos químicos ao ser humano". / Foi concluído por nós, pelo entendimento, que toxicologia é o estudo analítico dos riscos que produtos químicos oferecem ao ser humano.
3. "A análise toxicológica de produtos químicos está relacionada, em medicina do Trabalho, ao trabalho realizado por profissionais da saúde ocupacional". / O trabalho que profissionais de saúde ocupacional realizam relaciona a análise toxicológica de produtos químicos pela Medicina do Trabalho.
4. "Estando elas, ou não, dentro dos limites de tolerância fixados pela legislação pertinente". / A legislação pertinente fixará limites de tolerância onde elas podem estar, ou não.
5. "No Brasil, poucos são os produtos químicos cujos limites de tolerância são fixados". / Fixa-se poucos limites de tolerância para os produtos químicos, no Brasil.

27. (PF) A língua possibilita diferentes maneiras de se dizer a mesma coisa, com pequenas alterações morfossintáticas. Uma delas diz respeito à mudança da voz verbal, da ativa para a passiva, ou vice-versa. Julgue se as reescrituras que se seguem, feitas em voz passiva, mantêm o mesmo sentido das respectivas passagens no texto.
1. "As crianças não recebem números ao nascer". / *Números não são atribuídos às crianças ao nascer*.
2. "A numeração pura e simples viria garantir identidade insofismável". / *Identidade*

insofismável viria ser garantida pela numeração pura e simples.
3. "Fruir a graça das coisas naturais e o que lhes acrescentou a imaginação humana. / *A fruição da graça pelas coisas naturais foi acrescentada ao prazer pela vida por conta da imaginação humana*.
4. "Território quase só mistério que aos poucos se foi desbravando, mantendo ainda bolsões de sombra". / *Território quase só mistério, aos poucos foi sendo desbravado, mantendo ainda bolsões de sombra*.
5. "Meu querido e desconhecido irmão no 100.000.000, onde quer que estejas nascendo, fica de olho no futuro, presta atenção nas coisas para que não façam de ti subproduto de consumo, e boa viagem pelo século XXI adentro". / *Onde quer que estejas por nascer, meu querido e desconhecido irmão no 100.000.000, olha bem o futuro, presta atenção nas coisas, para que não sejas feito um subproduto de consumo e viajes bem pelo século XXI adentro*.

28. (BC – Esaf) Analise os itens a respeito das formas verbais no texto.
Uma profunda transformação tecnológica será promovida nos bancos brasileiros neste primeiro semestre para que eles se adaptem às normas determinadas pelo Banco Central (BC), que preveem a reestruturação do Sistema de Pagamentos Brasileiro (SPB). O novo modelo entra em vigor no dia 1o de outubro, quando já deve estar em funcionamento a transferência de grandes valores com liquidação bruta em tempo real e o monitoramento on line da conta reservas bancárias mantida no BC, que se livrará da obrigação de cobrir os saldos negativos deixados pelos bancos nas operações dia-a-dia. Se, de um lado, as cerca de 170 instituições financeiras movimentam-se para modernizar seu aparato tecnológico, de outro as indústrias de software travam uma batalha para conquistar uma fatia dos investimentos que serão feitos (*Gazeta Mercantil*, 20/2/2001, com adaptações).
I. Mantém-se a correção gramática e a ideia de voz passiva ao se substituir a expressão verbal "será promovida" (l. 1) por promover-se-á.
II. O emprego do modo verbal de "adaptem" (l. 2) é exigência da estrutura sintática iniciada por "para que".
III. O emprego de "preveem" (l. 3) segue as regras de conjugação de outros verbos do mesmo paradigma, como prevenir e vir.
IV. O emprego do tempo presente em "entra em vigor" (l. 3/4) desrespeita as regras da conjugação verbal e da coerência textual porque o texto pede que aí se empregue o futuro entrará.
Estão corretos apenas os itens:
a) I e II;
b) I, II e IV;
c) II e III;
d) II, III e IV;
e) III e IV.

14.18. Tempos compostos

Os tempos compostos serão formados através do verbo auxiliar TER ou HAVER acompanhado do verbo principal no particípio. Para o candidato, torna-se deveras importante saber o tempo do verbo auxiliar, mas não como fim, e sim como meio. Utilize a tabela e os exemplos a seguir para esclarecimentos sobre o assunto.

TEMPOS COMPOSTOS	**VERBOS AUXILIARES**	
	INDICATIVO	SUBJUNTIVO
PRETÉRITO PERFEITO	PRESENTE tenho / hei	PRESENTE tenha / haja
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO	PRETÉRITO IMPERFEITO tinha / havia	PRETÉRITO IMPERFEITO tivesse / houvesse
FUTURO	FUTURO terei / haverei	FUTURO tiver / houver
FUTURO DO PRETÉRITO	FUTURO DO PRETÉRITO teria / haveria	_____

Ex.: Na forma verbal TENHO DITO, você deve atentar-se para o tempo do verbo auxiliar "tenho" (presente do indicativo). Aplique essa informação na tabela acima e poderá concluir que a locução está no pretérito perfeito composto do indicativo.

Já na forma verbal sublinhada na frase "Eu desejo que eles já tenham feito o exercício.", como o verbo auxiliar "tenham" encontra-se no presente do subjuntivo, a composição estará no pretérito perfeito do subjuntivo – tempo este que não existe nas formas verbais simples.

Na frase "Quando eu recebi o dinheiro, elas já tinham vendido o apartamento.", como o verbo auxiliar "tinham" está no pretérito imperfeito do indicativo, a composição está no pretérito mais-que-perfeito do indicativo.

No fragmento "se eles houvessem estudado...", o verbo auxiliar "houvessem" está no pretérito imperfeito do subjuntivo, levando-nos a concluir que a forma verbal composta encontra-se no pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo – outra forma verbal que não contém correspondência nos tempos simples.

No período "Quando o professor chegar, eu já terei feito todos os exercícios.", o verbo auxiliar "terei" encontra-se no futuro do presente do indicativo, levando a composição ao futuro composto do indicativo.

Na frase "Se ele tiver feito os exercícios, haverá aprendido a matéria", o verbo auxiliar "tiver" está no futuro do subjuntivo, portanto a composição

está no futuro composto do subjuntivo.

No período "Se você houvesse trazido água, eu a teria bebido", o verbo auxiliar "teria" encontra-se no futuro do pretérito do indicativo, portanto a forma verbal composta está no futuro do pretérito composto do indicativo.

Obs.:

1) É importante frisar que verbos auxiliares em um determinado modo (indicativo ou subjuntivo) só podem formar tempos compostos no mesmo modo verbal.
2) É fundamental compreender que, entre as formas verbais simples e compostas, há uma correspondência de nomenclatura; no entanto, inexiste correspondência semântica. O pretérito perfeito simples do indicativo e o pretérito perfeito composto do indicativo possuem valores diferentes.

   Ex.: O pretérito perfeito simples do indicativo, como já foi dito no início do capítulo, indica uma ideia de evento passado já realizado, finalizado, não costumeiro (Li jornal ontem.). Já o pretérito perfeito composto do indicativo demonstra um fato que tem seu início em um ponto passado, mas que se estende, pelo menos, até o momento presente – momento da confecção do texto (Tenho lido jornal).

   O futuro do presente simples do indicativo demonstra um evento que se inicia em um ponto futuro em relação ao momento em que o texto foi escrito (Farei o trabalho amanhã).

   Já o futuro composto do indicativo explicita um evento futuro em relação ao momento do texto, porém necessariamente anterior a um outro evento exposto (Quando você chegar, eu já terei feito o trabalho).

   Dentre os tempos simples e compostos, o único que possui sempre o mesmo valor semântico é o pretérito mais-que-perfeito do indicativo – evento passado anterior a outro evento passado (Quando Maria me indicou a rua certa, eu já entrara na errada). Neste caso, a substituição de "entrara" por "tinha entrado" (pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo) não gera prejuízo semântico para o período.
3) Além dos tempos já mencionados na tabela, há mais dois outros: o infinitivo composto – com o verbo auxiliar no infinitivo (ter/haver feito) – e o gerúndio composto – com o verbo auxiliar no gerúndio (tendo/havendo feito).

14.18.1. Exercícios

1. Dê os tempos, respectivamente, em que se encontram as seguintes formas verbais

compostas:
1 – HOUVÉSSEMOS FEITO
2 – TENHAMOS EXPLICADO
3 – TENS LEMBRADO
4 – HAVIAM TRAZIDO
a) Pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo – pretérito perfeito do subjuntivo – pretérito perfeito do indicativo – pretérito mais-que-perfeito do indicativo.
b) Pretérito mais-que-perfeito do indicativo – pretérito perfeito do indicativo – pretérito perfeito do subjuntivo – pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo.
c) Pretérito imperfeito do subjuntivo – presente do subjuntivo – presente do indicativo- pretérito imperfeito do indicativo.
d) Pretérito mais-que-perfeito do indicativo – presente do indicativo – presente do subjuntivo, pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo.
e) Pretérito perfeito do indicativo – pretérito mais-que-perfeito do indicativo – pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo – pretérito perfeito do subjuntivo.

2. (Uni-Rio) Em "Basta que ele <u>tenha existido</u>", a forma verbal está no:
a) perfeito composto do indicativo;
b) mais-que-perfeito composto do subjuntivo;
c) presente composto do subjuntivo;
d) mais-que-perfeito composto do indicativo;
e) perfeito composto do subjuntivo.

3. (Professor Superior/Fesp) Nas orações apresentadas abaixo, os tempos verbais destacados classificam-se, respectivamente, como:
I – Se dependesse de mim, teria vetado.
II – Nunca ouvi dizer que uma dessas trocas tenha tido resultado aproveitável.
a) particípio composto e pretérito perfeito composto do indicativo;
b) pretérito perfeito composto do indicativo e pretérito imperfeito do subjuntivo;
c) futuro do pretérito composto do indicativo e presente composto do indicativo;
d) futuro do pretérito composto do indicativo e pretérito perfeito composto do subjuntivo;
e) futuro do presente composto do indicativo e pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo.

4. (Técnico Judiciário – TRE-SP – FCC) ***Já <u>tenho lido</u> que ele usa uma língua misturada de italiano e português*.**
No segmento grifado acima, Antonio Candido usou determinada forma verbal que poderia ser substituída, sem prejuízo para correção e a lógica, por:
a) li;
b) lia;
c) lera;
d) leria;
e) leio.

5. (Fuvest) Passando-se o verbo do trecho: "aquilo que o auditório já sabe" para o futuro composto do subjuntivo, obtém-se a forma verbal:
a) terá sabido;
b) ter sabido;
c) tiver sabido;
d) tenha sabido;
e) souber.

6. Marque a opção em que a forma verbal do tempo composto corresponde à forma verbal do tempo simples, modificando o modo, na frase abaixo:
"Quando eu cheguei, ela já saíra".
a) tinha saído
b) tenha saído
c) tem saído
d) tivesse saído
e) teria saído

7. (Faap) "Os infantes não chegariam lá, ou, se chegassem, seria a duras penas ..." As formas verbais compostas correspondentes às formas simples destacadas são, respectivamente:
a) tinha chegado – tivessem chegado
b) não há – tinha chegado
c) teriam chegado – têm chegado
d) terão chegado – tivessem chegado
e) teriam chegado – não há

8. (NCE) "Cidadezinha que não coube no mapa..."
Assinale o item que apresenta o tempo composto correspondente à forma verbal sublinhada:
a) tivesse cabido
b) tinha cabido
c) têm cabido
d) tenha cabido
e) tem cabido

9. (UFRJ) A forma verbal "expôs" corresponde à terceira pessoa do singular do pretérito perfeito simples do indicativo. Como seria a forma dessa mesma pessoa no pretérito perfeito composto do indicativo?
a) havia exposto
b) tinha exposto
c) tem exposto
d) teve exposto

e) foi exposto

10. (Analista – TRE-TO – FCC) ***Minha outra mulher teve uma educação rigorosa, mas mesmo assim mamãe nunca entendeu por que eu escolhera justamente aquela, entre tantas meninas de uma família distinta*.**
O verbo grifado na frase acima pode ser substituído, sem que se altere o sentido e a correção originais, e o modo verbal, por:
a) escolheria;
b) havia escolhido;
c) houvera escolhido;
d) escolhesse;
e) teria escolhido.

14.19. Exercícios de revisão

1. (Analista Judiciário – Informática – TJ-RJ – FCC) ... ***dia em que a circulação duplicava*.**
O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está em:
a) ... *e já fez muitas moçoilas e rapazes barbados chorarem*.
b) ... *editaria a obra às próprias custas* ...
c) ... *a produção jornalística é pouco divulgada*.
d) *Macedo era mesmo um agitador.*
e) *Nosso escritor usaria de suas boas relações* ...

2. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) Ambos os segmentos do texto têm o verbo empregado nos mesmos tempo e modo:
a) *O humor que perdura na* Belle Époque *brasileira*... // ... *embora nem sempre esta imagem corresponda à realidade*.
b) ... *transformações sociais que elas traziam. // ... esta mesma ansiedade expressava-se*...
c) *Abre-se um espaço para a representação humorística... //... que seriam a própria negação do progresso*...
d) ... *embora nem sempre esta imagem corresponda à realidade. // ... uma atmosfera que ansiava por cosmopolitismo*...
e) ... *transformações sociais que elas traziam. // ... que seriam a própria negação do progresso*...

3. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – FCC) Fomos uma geração de bons meninos.
O verbo empregado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:
a) Nos anos de 1970 e 80 ainda surgiram heróis interessantes...
b) Os heróis eram o exemplo máximo de bravura, doação pessoal e virtude.
c) Atualmente não sei.
d) Gibis abasteciam de ética o vasto campo da fantasia infantil...

e) ... mas alguns parecem cheios de rancor...

4. (AFC – Esaf) Assinale a opção que foi transcrita <u>com problemas</u> na correlação dos tempos verbais.

a) Em setembro de 1998, pesquisa realizada com o apoio do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) procurou medir a capacidade do trabalhador brasileiro de entender o que lê e estabelecer relações entre quantidades expressas em números, com critérios semelhantes aos usados nos países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), que reúne os 29 principais países industrializados.

b) Seria assustador que 82% dos entrevistados não entenderam a conta de juros reais que incidam, por exemplo, na prestação de um eletrodoméstico. Na era da informática, que tipo de oportunidade profissional pode ter uma pessoa com tais carências de qualificação?

c) A pesquisa, realizada em várias cidades brasileiras, entre a população de baixa escolaridade, entre 15 e 55 anos, mostrou que, entre 69% e 81% (conforme a região) dos 2 mil entrevistados, quando solicitados a analisar texto informativo simples, apenas reconheciam o tema, sem assimilar o sentido do texto.

d) A oferta de escolaridade combate o analfabetismo absoluto, como prova o caso brasileiro, mas não garante capacidade de apreensão, compreensão e concentração que os empregos modernos exigem.

e) Por isso a Unesco insiste em que é preciso "educação de qualidade". Alfabetizar custa pouco – o Comunidade Solidária gasta US$ 34 *per capita*. Educar para o moderno mercado de trabalho tem custo bem mais elevado, mas são poucos os países dispostos a pagá-lo.

(*O Estado de S. Paulo* – Notas e Informações, 22/4/2000, p. A3, com adaptações).

5. (AFC – Esaf) Assinale a opção em que a correlação entre tempos e modos verbais constitui <u>erro</u> de sintaxe.

a) Há pelo menos dois séculos, desde que Adam Smith inaugurou a profissão, os economistas consomem boa parte de seu tempo, enaltecendo os benefícios do livre comércio e pregando a liberdade econômica.

b) O mundo perfeito, garantem, é aquele em que não há nenhum tipo de obstáculo ao fluxo de mercadorias, pessoas e ideias.

c) Deixada sem amarras, a economia funcionaria de maneira harmoniosa, regida por uma mão invisível que a fazia viver sempre em equilíbrio.

d) Presa, seria como uma máquina com areia nas engrenagens, cujo atrito traria desperdício de energia e empobreceria os cidadãos.

e) A virada do milênio reservou um paradoxo e tanto para os seguidores do economista escocês. Nunca como agora o mundo aderiu com tanta garra a suas teses.

(Adaptado de *Exame*, 1/11/2000, p.135)

6. (AFC – Esaf) Assinale a opção em que a flexão verbal constitui <u>erro</u> de construção sintática:

a) A luz elétrica aumentou o número de horas de trabalho, e as estradas de ferro permitiram que os produtos e as pessoas circularem muito mais fácil e rapidamente.
b) As invenções de maior impacto científico e social não são as que promovem necessariamente os maiores ganhos econômicos.
c) A prensa tipográfica, para alguns a invenção mais importante do milênio, teve pouco efeito mensurável sobre o crescimento da produção per capita.
d) Cientificamente falando, talvez a *Internet* não seja tão significativa quanto a prensa, o telégrafo ou a eletricidade, mas seu impacto econômico é provavelmente muito maior.
e) Um dos motivos disso seria o fato de que o custo das comunicações nas tecnologias anteriores nunca caiu tanto como agora.
(Adaptado de *Negócios Exame*, p. 94.)

Leia o texto seguinte para responder à questão 7 (TFC – Esaf).

1	O saber produzido pelo Iluminismo não conduzia à emancipação e sim à técnica e ciência moderna que mantêm com seu objeto uma relação ditatorial. Se Kant ainda podia acreditar que a razão humana permitiria emancipar os homens de seus entraves, auxiliando-os a dominar e controlar a natureza externa e interna, temos de reconhecer
5	hoje que essa razão iluminista foi abortada. A razão que hoje se manifesta na ciência e na técnica é uma razão instrumental, repressiva. Enquanto o mito original se transformava em Iluminismo, a natureza se convertia em cega objetividade. Inicialmente a razão instrumental da ciência e técnica positivista tinha sido parte integrante da razão iluminista, mas no decorrer do tempo ela se autonomizou,
10	voltando-se inclusive contra as suas tendências emancipatórias.

(B. Freitag, *A Teoria Crítica Ontem e Hoje*, p. 35, com adaptações).

7. Indique a afirmação <u>incorreta</u> a respeito do emprego das formas verbais no texto:
a) O verbo "mantêm" (l. 2) refere-se tanto a "técnica" quanto a "ciência moderna".
b) O emprego do futuro do pretérito em "permitiria" (l. 3) ressalta a possibilidade de ocorrer a ação expressa pelo verbo seguinte, "emancipar" (l. 3), não sua ocorrência real.
c) Conserva-se a correção gramatical da oração retirando-se a vírgula e substituindo-se a forma de gerúndio "auxiliando-os" (l. 3) por e *auxiliá-los*.
d) Conserva-se a correção gramatical ao substituir "foi abortada" (l.5) por *abortou-se*.
e) A locução verbal "tinha sido" (l.8) está no singular para concordar com "técnica positivista" (l.8).

8. (Sefaz – Pará – Esaf) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas.
Pela primeira vez na história, uma dúzia de países – sem guerra nem violência, somente com negociações e entendimento democrático – parte essencial de sua soberania para uma moeda única ao bem-estar
coletivo. problemas no horizonte. Mas esse empreendimento admirável do Velho Mundo já está servindo aos interesses dos brasileiros.
(Luiz Felipe de Alencastro, *Veja*, 16/1/2002, p. 22.)
a) abandonam – criarem – com o visto – A
b) abandona – criar – visando – Há
c) abandonaram – criarem – com vistas – A
d) abandona – criarem – com vista – Haverão

e) abandonam – criar – para visar – Haverão

9. (Sefaz – Pará – Esaf) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas.
Se a Espanha – a segunda maior investidora na Argentina (25,7% dos investimentos estrangeiros) e no Brasil (15,6% dos investimentos) – não escorada pelo euro, a peseta e a economia espanhola rolado ladeira abaixo. No contexto pós-Guerra Fria, em que a hegemonia americana que as nações se esborrachem, a crise argentina uma dimensão muito mais ampla, atingindo o Brasil em cheio.
(Luiz Felipe de Alencastro, *Veja*, 16/1/2002, p. 22.)
a) está – terão – deixava – tomava
b) esteve – terão – deixa – tomava
c) estava – teriam – deixava – tomou
d) estivesse – teriam – deixa – tomaria
e) estivessem – teria – deixou – tomaria

10. (Sefaz – Pará – Esaf) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas.
No primeiro mundo, as taxas de crescimento para a metade em relação ao que foram nos primeiros 20 anos após a Segunda Guerra Mundial, enquanto as taxas de desemprego , principalmente na Europa, e o milagre japonês
que aos anos 80, afinal nos anos 90. Na América Latina e no Leste Europeu, que se recusam a realizar o ajustamento fiscal nos anos 70, a crise se desencadeia nos anos 80 com muito mais violência.
a) reduzem – aumenta – sobreviveria – soçobraria
b) reduzem-se – aumenta – sobrevive – soçobra
c) reduziram – aumentam – sobrevivera – soçobram
d) reduziam – aumentaram – sobrevivera – soçobra
e) reduzem-se – aumentam – sobrevivera – soçobra

11. (AFC – Esaf) Indique a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.
É preciso que a discussão da reforma tributária norteada pela mesma premissa básica que inspirou várias propostas de reforma, defendidas tanto pelo Executivo como pelo Congresso, a partir do final de 1997. Por divergentes que , tais propostas partiram todas do mesmo diagnóstico. De que a reforma que necessária a eliminação dos tributos cumulativos, bem como do IPI, ICMS e ISS, e a introdução de uma forma de taxação indireta, centrada em esquema amplo e coerente de impostos sobre valor adicionado. A grande questão – e é nisso que as propostas é como fazer essa mudança.
(Adaptado de Rogério L. F. Werneck, *Estado de S. Paulo*, 27/10/2000.)
a) volta a ser – tenham sido – fazia-se – requer – divergem
b) volte a serem – fossem – se fez – requeresse – divergiram
c) volte a ser – tenham sido – se fazia – requeria – divergem
d) volte sendo – eram – se faria – requeriam – divergirão
e) voltem a ser – tivessem sido – fazia – requerem – diverge

12. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – FCC) ... *justamente onde funcionavam as principais repartições públicas da Colônia*.
O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está em:
a) *O tráfico negreiro, por si só, era um dos setores mais dinâmicos da economia.*
b) *O Valongo deixou de ser porto negreiro em 1831...*
c) *Os historiadores estimam...*
d) ... *a prefeitura pôs em execução uma ampla reforma da decadente zona portuária.*
e) ... *os burocratas começaram a ficar perturbados...*

TEXTO (MP) – RACISMO
O Globo, 13/7/2001
A imprensa brasileira vem noticiando uma proposta milionária do Lazio da Itália, que pretende adquirir o passe do zagueiro Juan por 10 milhões de dólares. Este é o time cuja torcida já agrediu o jogador brasileiro Antonio Carlos, do Roma, e perdeu o mando de campo por incitamento racista em pleno estádio.
Aqui fica uma sugestão a este jovem negro, atleta brasileiro de 22 anos, com um brilhante futuro profissional: recuse o convite e não troque o Brasil pela Itália, pois moedas não resgatam a dignidade. Diga não aos xenófobos e racistas.

13. (MP) "A imprensa brasileira vem noticiando..." Com a utilização do tempo verbal destacado, o autor do texto quer referir-se a uma ação que:
a) acaba de terminar;
b) acaba de começar;
c) se iniciou antes de outra ação passada;
d) se iniciou há pouco tempo e permanece no presente;
e) se repete no passado e no presente.

14. (MP) Considerando que a ação de agredir o jogador brasileiro Antonio Carlos ocorreu antes de o Lazio perder o mando do campo, ação também passada, o verbo "agredir" deveria estar no:
a) mais-que-perfeito do indicativo;
b) imperfeito do indicativo;
c) futuro do pretérito;
d) imperfeito do subjuntivo;
e) presente do subjuntivo.

15. (TRT) "... porque o trabalhador não tem interesse no resultado". A frase a seguir em que o verbo ter ou derivado é conjugado e grafado de forma correta é:
a) A lei não contem exceções.
b) Os advogados têem cópias das leis.
c) A leitura dos documentos entreteu os advogados.
d) Quando deter o marginal, o policial ficará satisfeito.

e) Quando retém os documentos, a escola contraria as leis.

16. (TRT) "... vieram a significar, no plano social..." O item a seguir em que o verbo destacado está conjugado erradamente é:
a) Se o virmos por lá, daremos o recado.
b) Os advogados interviram na discussão.
c) A empregada proveu a despensa com o necessário.
d) Quando vimos para cá, sentimo-nos contentes.
e) Os aparelhos provieram dos Estados Unidos.

17. (Fiscal de Rendas – SP)
Um dia ele chegou tão diferente do seu jeito de sempre chegar
Olhou-a de um jeito muito mais quente do que sempre costuma olhar
E não maldisse a vida quanto era o seu jeito de sempre falar.
(Trecho de Valsinha, de Chico Buarque de Holanda e Vinícius de Moraes).
Quanto ao tempo verbal, "maldisse" está para "maldizer" assim como:
a) previsse está prever;
b) proviu está para prover;
c) interveio está para intervir;
d) reouvesse está para reaver;
e) precavesse está para precaver.

18. (Bacen) Assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, as lacunas da frase abaixo.
Se que não pode mais amar-me, -me então.
Suas palavras amenas -me; nosso amor.
a) vir – esqueça – detiveram – protejamos
b) vires – esqueça – deteram – protejamos
c) veres – esquece – detiveram – protejamos
d) ver – esqueça – deteram – protejamos
e) vir – esquece – deteram – protejemos

19. (TRF) Das frases abaixo, a que contém erro de flexão verbal é:
a) Aqui se hastia a bandeira todo dia.
b) Nosso esforço será no sentido de obter outras propostas orçamentárias e aprovar a que melhor convier à Instituição.
c) Tais espetáculos incendeiam os espíritos e acirram os conflitos.
d) Se os municípios da região não se provessem do indispensável, grandes tragédias adviriam na época da seca.
e) Esperamos que eles vão até lá e que investiguem por eles mesmos.

20. (TRF) A respeito da frase "As negociações deverão ser concluídas até outubro", pode-se dizer que:

a) Está na voz passiva analítica, e na voz ativa ficaria "As negociações deverão concluir-se até outubro".
b) Está na voz passiva sintética, e na voz passiva analítica ficaria "Deverão concluir as negociações até outubro".
c) Está na voz passiva sintética, e na passiva analítica ficaria "As negociações deverão concluir-se até outubro".
d) Está na voz passiva analítica, e na voz passiva sintética ficaria "Dever-se-ão concluir as negociações até outubro".
e) Está na voz passiva analítica, e na voz reflexiva ficaria "As negociações deverão concluir-se até outubro".

21. (Fiscal de Rendas – SP) As lacunas dos trechos abaixo estão preenchidos, correta e respectivamente em:
É esperto: recorreria ao governo, se lhe . Com as reformas que virão, é bom que o contribuinte a ideia de sonegar impostos. dele quando afirma que os recursos não do Estado.
a) convesse – repele – Diverjo – provém
b) convisse – repile – Divirjo – provem
c) convisse – repila – Diverjo – provém
d) conviesse – repila – Divirjo – provêm
e) conviesse – repele – Divirjo – provém

22. (TRF) Das frases abaixo, a que contém erro na flexão verbal é:
a) O acidente ocorreu porque o Rui não conseguir freiar o carro.
b) Se a comunidade nos provesse do equipamento de que necessitamos para prestar a ela mesma esse serviço, todos sairíamos ganhando.
c) Os espíritos se incendeiam toda vez que se fala em fazer justiça.
d) Se a associação se mantivesse coerente com sua própria doutrina, cresceria sua credibilidade.
e) Quem se interpuser entre o Ricardo e a Cristina não contará com o meu apoio.

23. (TRF) A opção em que a explicação dada para o sentido da forma verbal grifada está incorreta é:
a) No século III a. C. <u>chega</u> o latim à Península Ibérica: presente histórico.
b) Furacão <u>mata</u> 20 adultos e 3 crianças na Califórnia (manchete de jornal): presente com valor de pretérito.
c) Eu <u>aceitaria</u> um cafezinho: futuro do pretérito indicando momento posterior a um tempo passado.
d) Eu <u>aceitava</u> um cafezinho: pretérito imperfeito para indicar polidez.
e) Eu <u>aceito</u> um cafezinho: presente simultâneo ao momento da fala.

24. (PUC) Uma das alternativas abaixo está errada quando à correspondência no emprego dos tempos verbais. Assinale qual é esta alternativa.

a) Porque arrumara carona, chegou cedo à cidade.
b) Se tivesse arrumado carona, chegaria cedo à cidade.
c) Embora arrume carona, chegará tarde.
d) Embora tenha arrumado carona, chegou tarde.
e) Se arrumar carona, chegaria cedo à cidade.

25. (Cesgranrio) Não há devida correlação temporal das formas verbais em:
a) Seria conveniente que o leitor ficasse sem saber quem era Miss Dollar.
b) É conveniente que o leitor ficaria sem saber quem é Miss Dollar.
c) Era conveniente que o leitor ficasse sem saber quem é Miss Dollar.
d) Será conveniente que o leitor fique sem saber quem era Miss Dollar.
e) Foi conveniente que o leitor ficasse sem saber quem era Miss Dollar.

26. (NCE) Qual o valor do futuro do pretérito na frase seguinte: "Quando chegamos ao colégio em 1916, a cidade teria apenas uns cinquenta mil habitantes"?
a) Fato futuro, anterior a outro fato futuro.
b) Fato futuro, relacionado com o passado.
c) Suposição, relativamente a um momento futuro.
d) Suposição, relativamente a um momento passado.
e) Configuração de um fato já passado.

27. (Técnico Judiciário – TRE-SP – FCC) ... *em que as melhores cadências do samba e da canção se aliaram com naturalidade às deformações normais de português brasileiro*... O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:
a) *São Paulo muda muito...*
b) ... *para nos porem no Alto da Mooca...*
c) *Talvez João Rubinato não exista...*
d) ... *Adoniran não a deixará acabar...*
e) *Mas a cidade que nossa geração conheceu...*

28. (TRT – Fundec) Das frases abaixo, a única correta quanto à flexão verbal, de acordo com a norma culta da língua, é:
a) Se proporem uma outra crônica, argumente que não há mais espaço nesta edição.
b) Com a cooperação de todos, o jornalista creu que havia condição de escrever a reportagem.
c) Os candidatos só poderão se inscrever no concurso de crônicas, se o requiserem.
d) Os alunos de minha escola jamais obteram incentivo para redigir textos em crônicas.
e) Se o autor da crônica intervir na questão, não ocorrerão outras críticas ferinas.

29. (TRT – Fundec) Das alterações feitas na frase "Os pais não têm onde deixar suas crianças quando vão para a lavoura", aquela que está <u>incorreta</u> quanto à flexão verbal, de acordo com as normas da língua culta, é:
a) Os pais só entretêm as crianças quando se dispõem a brincar com elas.

b) Os pais só reveem as crianças quando refazem o caminho de volta para casa.
c) Os pais reouveram as crianças depois que se dispuseram a voltar para casa.
d) Os pais não se dispunham a ficar com as crianças quando estas lhes contradiziam as ordens.
e) Os pais desdisseram as crianças quando interviram em seus maus costumes.

30. (TRT – Fundec) Onde <u>se adotam</u> novos métodos.
A forma verbal que tem o mesmo sentido da grifada na frase acima é:
a) tinham adotado;
b) tem sido adotado;
c) se adotou;
d) é adotado;
e) são adotados.

31. (TRT – Fundec) de alguns estudos sobre o stress no trabalho, com resultados semelhantes, não os países.
a) Acabam – ser concluídos – importam.
b) Acaba – ser concluído – importam.
c) Acaba – ser concluído – importa.
d) Acabam – ser concluído – importam.
e) Acaba – ser concluídos – importa.

32. (TRT – Fundec) A reciclagem do lixo inorgânico também poderia gerar lucros.
Transpondo a frase acima para a voz passiva, a forma verbal passa a ser:
a) poderia ser gerado;
b) teriam podido gerar;
c) tinham gerado;
d) poderiam ser gerados;
e) pode ser gerado.

33. (Fundec – Proderj) Na correlação entre os dois verbos sublinhados no trecho "Do décimo andar à rua, <u>seria</u> a vertigem, se <u>chegássemos</u> muito à janela...", o enunciador manifesta uma atitude de:
a) Certeza, pois sabe que o fato não pode acontecer.
b) Subjetividade, pois não sabe se o fato tem possibilidade de acontecer.
c) Dúvida quanto à possibilidade de um fato acontecer, pois não há hipótese de o outro também acontecer.
d) Certeza quanto à possibilidade de um fato acontecer, na condição de também o outro acontecer.
e) Descrença sobre a realização do fato, pois está condicionado à realização de outro fato.

A CIÊNCIA

A ciência permanecerá sempre a satisfação do desejo mais alto da nossa natureza, a curioidade; ela fornecerá sempre ao homem o único meio que ele possui para melhorar a própria sorte (Renan).

34. (PC – NCE) O emprego do futuro do presente do indicativo no segmento significa:
a) certeza dos fatos futuros;
b) possibilidade de fatos futuros;
c) incerteza dos fatos futuros;
d) dúvida sobre os fatos futuros;
e) desejo do autor sobre os fatos futuros.

35. (Administrador – Petrobras – Cesgranrio) No poema, o verso "O português são dois" está de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa. A frase em que também se respeita a norma-padrão, com relação à concordância, é:
a) Na reunião, houveram muitos imprevistos.
b) Estranhou-se as mudanças na empresa.
c) Devem fazer cinco meses que não o vejo.
d) Precisam-se de vendedores nesta loja.
e) Pensou-se muito nas sugestões dos funcionários.

36. (Administrador – Transpetro – Cesgranrio) Num anúncio que contenha a frase "Vende-se filhotes de *pedigree*.", para adequá-lo à norma-padrão, será necessário redigi-lo da seguinte forma:
a) Vende-se filhotes que têm *pedigree*.
b) Vende-se filhotes os quais tem *pedigree*.
c) Vendem-se filhotes que tem *pedigree*.
d) Vendem-se filhotes que têm *pedigree*.
e) Vendem-se filhotes os quais tem *pedigree*.

37. (Técnico Ambiental – Petrobras – Cesgranrio) Na frase "Os brasileiros encaram o futuro com otimismo", que forma verbal substitui encaram, mantendo-se grafada corretamente?
a) Vem
b) Vêm
c) Veem
d) Vede
e) Venhem

38. (CNEN – NCE) "Um programa de educação infantil encontra a sua essência na proposta da vida regida pela castidade". O uso do presente do indicativo neste segmento do texto se justifica porque:
a) enuncia um fato atual;
b) indica estados permanentes;

c) expressa uma ação habitual;
d) dá vivacidade a fatos ocorridos;
e) marca um fato futuro, mas próximo.

39. (MP – NCE) "... uma liberdade até agora desconhecidas". O advérbio agora se refere a(o):
a) momento em que o texto é lido;
b) momento em que a lei exista;
c) momento em que o texto foi escrito;
d) momento futuro de liberdade e segurança;
e) qualquer momento.

40. (INPI – NCE) "As aeromoças ainda teriam tentado prendê-lo num compartimento na traseira, mas estava bloqueado". O emprego da forma verbal teriam tentado indica que a ação:
a) é uma possibilidade e não uma certeza;
b) ocorreu após largo espaço de tempo;
c) vai ocorrer num futuro próximo;
d) vai ocorrer num futuro distante;
e) ocorreu várias vezes no passado.

41. (INPI – NCE) "... desses mesmos sentimentos que têm levado o Brasil à beira do abismo..." A forma verbal têm levado indica uma ação:
a) que já terminou;
b) anterior a outra ação passada;
c) habitual no passado;
d) iniciada no passado que continua no presente;
e) iniciada no presente que continua no futuro.

42. (IBGE – NCE) "... que realmente havia levado a máquina para casa..." A forma verbal sublinhada equivale a:
a) levava;
b) levou;
c) leva;
d) levara;
e) levasse.

43. (NCE) "De repente foi assaltada por um adolescente..." Esta frase, na voz passiva analítica, tem como correspondente na voz ativa a frase:
a) De repente assaltou-se um adolescente.
b) Um adolescente, de repente, assaltou (a senhora)..."
c) De repente, uma senhora foi assaltada..."
d) De repente, um adolescente assalta (uma senhora)..."

e) Um adolescente foi assaltado por uma senhora, de repente.

44. (Técnico Judiciário – TRE-PE – FCC) Nos meses de verão, saíamos para um arrabalde mais afastado do bulício da Cidade, quase sempre Monteiro ou Caxangá.
A frase em que ambos os verbos grifados estão flexionados nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima é:
a) Atrás de casa, na funda ribanceira, corria o rio, à cuja beira se especava o banheiro de palha.
b) Talvez tivéssemos que voltar para o Recife, as águas tinham subido muito durante a noite...
c) Enquanto esperávamos o trem na Estação de Caxangá, fomos dar uma espiada ao rio à entrada da ponte.
d) ... que o riozinho manso onde eu me banhava sem medo todos os dias se pudesse converter naquele caudal furioso de águas sujas.
e) No dia seguinte, soubemos que tínhamos saído a tempo.

45. (Engepron – NCE) "Os aperfeiçoamentos do aparelho, com o tempo viriam, certamente, como depois vieram..." O emprego do futuro do pretérito, no caso, se justifica porque se trata de:
a) uma ação provável;
b) uma ação futura em relação ao tempo passado;
c) uma ação completamente passada;
d) um fato hipotético;
e) um fato que é fruto da imaginação humana.

46. (Técnico Judiciário – TRE-RN – FCC)
I. Nos versos *Agora eu era o herói e A gente agora já não tinha medo*, o uso do advérbio *agora* mostra-se inadequado, pois os verbos conjugados no pretérito imperfeito designam fatos transcorridos no tempo passado.
II. Em *Finja que agora eu era o seu brinquedo e Sim, me dê a mão*, os verbos grifados estão flexionados no mesmo modo.
III. Substituindo-se a expressão a *gente* pelo pronome *nós* nos versos *A gente agora já não tinha medo e Acho que a gente nem tinha nascido*, a forma verbal resultante, sem alterar o contexto, será *teríamos*.
Está correto o que se afirma em:
a) I, apenas;
b) II, apenas;
c) III, apenas;
d) I e II, apenas;
e) I, II e III.

47. (CBMERJ – NCE) "Mais uma vez vindos das casas e das fábricas". A forma VINDO corresponde ao particípio e ao gerúndio do verbo VIR. Assinale a frase abaixo em que a

forma corresponde ao particípio.
a) Vindo em crescimento, a poluição preocupa.
b) O lixo estava vindo para o aterro sanitário.
c) O lixo é recolhido, vindo, em seguida, para o aterro.
d) O lixo tem vindo todos os dias para o aterro.
e) Os caminhões estão vindo para o trabalho.

48. (Eletronorte – NCE) "Rodeados" é um adjetivo pertencente à mesma família do verbo "rodear". O item que apresenta uma forma equivocada desse verbo é:
a) Espero que vocês se rodeiem de pessoas capazes.
b) Não duvido de que nós nos rodeemos de espíritos fraternos.
c) O novo Papa se rodeará de líderes competentes.
d) Todos os presidentes se rodiavam de ministros inteligentes.
e) Nós nos rodeamos de coisas boas e caras.

49. (Eletronorte – NCE) "Quem foi neste verão..." A identificação do verão a que se refere o texto só é possível se soubermos:
a) a data da publicação do artigo;
b) quem é o autor do texto;
c) que estação predominava nessa época;
d) em que mês foi escrito o texto;
e) em que jornal ou revista o texto foi publicado.

50. (Esaf) Assinale a opção que resulta correta após a mudança dos tempos verbais do trecho a seguir.
"Se analisarmos o que aconteceu ao longo deste século, vamos perceber que aquelas características sofreram uma reversão".
a) Se analisamos o que aconteceu ao longo deste século, perceberíamos que aquelas características sofreram uma reversão.
b) Se analisássemos o que aconteceu ao longo deste século, perceberíamos que aquelas características sofreram uma reversão.
c) Se analisarmos o que aconteceu ao longo deste século, iríamos perceber que aquelas características sofreram uma reversão.
d) Se analisássemos o que aconteceu ao longo deste século, perceberemos que aquelas características sofreram uma reversão.
e) Se analisarmos o que aconteceu ao longo deste século, íamos perceber que aquelas características sofreram uma reversão.

51. (Esaf) Assinale a opção com erro.
a) O exército foi ao sítio de Canudos – no alto sertão baiano, a 400 km de Salvador – há quase cem anos, para caçar o maior de todos os subversivos de começo da República, líder de um movimento que provocou 20 mil mortes.
b) Fazem cem anos que Antônio Conselheiro, acossado pelas forças políticas da Bahia,

encerrou sua longa peregrinação pelo sertão e instalou-se no povoado de Canudos, às margens do rio Vasa-Barris, de onde jamais sairia.
c) Começou a escrever-se, aí, um dos capítulos mais amargos e sangrentos da história do país.
d) A Guerra dos Canudos, ocorrida entre 1896 e 1897, é apontada por historiadores como o grande genocídio da história do Brasil.
e) Foram necessárias quatro expedições do governo federal para acabar com o arraial – tido como foco de sediciosos monarquistas.

Capítulo 15

Sujeito

Sujeito é o termo com o qual o verbo é obrigado a concordar. Caso o sujeito se flexione, o verbo deverá acompanhá-lo em número e pessoa.

"O mar sem fim é portuguez" (sic) (Fernando Pessoa).

→ "O mar sem fim" é sujeito, pois, se passarmos este termo para o plural, o verbo será obrigado a acompanhá-lo: "Os mares sem fim são portugueses."

15.1. Sujeito simples

Há apenas um núcleo.

Ex.: "Começou a circular o expresso 2222..." (Gilberto Gil).

→ O sujeito desta oração absoluta é O EXPRESSO 2222, contudo o seu núcleo é apenas EXPRESSO.

15.2. Sujeito composto

Há mais de um núcleo.

Ex.: "João e Maria se entreolharam" (Luis Fernando Veríssimo).

→ JOÃO e MARIA são os núcleos do sujeito.

15.3. Sujeito inexistente ou oração sem sujeito

Ocorre com os verbos impessoais, ou seja, verbos que não possuem pessoa (sujeito).

– Verbos que indicam fenômenos da natureza em seu sentido denotativo.

Ex.: Ventou.

Choverá bastante amanhã.

Não nevou ontem.

Obs.: Na frase "Choverá laranja na feira amanhã", o verbo CHOVER está no sentido conotativo e possui um sujeito simples (laranja), inclusive podendo se perceber que, caso LARANJA seja flexionado para o plural, o verbo o acompanhará (CHOVERAM LARANJAS).

– Verbo HAVER no sentido de EXISTIR e de TEMPO PASSADO.

Ex.: "Onde há músculos em fúria em cada galho" (Castro Alves).

Deve haver muitos carros no estacionamento.

Havia muitos problemas. Tem que haver soluções.
Ele esteve aqui há cinco dias.
Eu voltei há três anos.

→ Observe que, nestas frases, o verbo é obrigado a permanecer na 3ª pessoa do singular.

– Verbo FAZER no sentido de TEMPO PASSADO.

Ex.: Faz vinte anos que a tragédia ocorreu.
Deve fazer quinze dias que João voltou de São Pedro.

→ Observe que, nestas frases, o verbo é obrigado a permanecer na 3ª pessoa do singular.

– o Verbo TRATAR, quando acompanhado do pronome SE não tendo referente.

Ex.: Trata-se de uma discussão descabida.

→ Repare que no exemplo não pode haver um elemento agente para o verbo TRATAR. A Esaf já utilizou este caso em prova.

– O verbo TER no sentido de EXISTIR, embora ainda seja considerado errado pela gramática – mesmo já ocorrendo tantos registros de seu uso na literatura –, já foi citado pelo NCE no concurso da Polícia Civil de 2001. É importante frisar que a banca não questionou o mérito de a frase estar certa ou errada, apenas indicou que, na frase "Nesta rua tem um bosque.", o verbo "TER" estaria sendo utilizado como impessoal. O gramático Celso Cunha o cita como linguagem coloquial.

– Verbos CHEGAR e BASTAR no sentido de PARAR.

Ex.: Chega de confusão! Basta de brigas!

15.4. Sujeito indeterminado

O sujeito existe, contudo não se torna possível identificá-lo.

– Verbos na 3ª pessoa do plural que não possuam determinante.

Ex.: "Ali pelas nove bateram na porta" (Luis Fernando Veríssimo).
Roubaram meu carro.
Picharam o muro.

→ Observe que alguém praticou essas ações, todavia inexiste a possibilidade de identificá-lo. Além disso, os três verbos na 3ª pessoa do plural (BATERAM, ROUBARAM e PICHARAM), não havendo qualquer elemento no contexto com quem estejam concordando, indicam que seus sujeitos são indeterminados.

Ex.: Eles aprontaram, quebraram a vidraça, roubaram meu carro, picharam

o muro.

→ Observe que as quatro formas verbais que aí aparecem (APRONTARAM, QUEBRARAM, ROUBARAM e PICHARAM) estão na terceira do plural, concordando com o termo ELES que aparece explícito na 1ª oração, portanto em todas as orações o sujeito é simples (eles).

Não pode haver sujeito indeterminado com outras pessoas do discurso, porque já ficaria óbvia ao menos uma das pessoas do sujeito.

Ex.: Fizemos o trabalho.

→ O sujeito é simples NÓS e nunca poderia ser considerado indeterminado, pois ao menos uma pessoa fica reconhecida nesta frase (EU – inserido semanticamente no pronome NÓS).

Ex.: Fizeste todo o trabalho.

→ TU é sujeito simples – identificável –, porquanto é a própria pessoa com quem se está falando.

– Verbos que não sejam transitivos diretos na 3ª pessoa do singular, ligados ao pronome SE.

Ex.: Precisa-se de muitas cervejas.

Assistiu-se a vários filmes.

→ Observe que os verbos são transitivos indiretos (PRECISAR e ASSISTIR) e ficam obrigatoriamente na 3ª pessoa do singular quando relacionados com o pronome SE.

Obs.: Se o verbo for TRANSITIVO DIRETO relacionado com o pronome SE, o assunto recairá sobre VOZ PASSIVA e o sujeito será o termo paciente. Ex.: Fez-se o trabalho. Fizeram-se os trabalhos.

→ Observe que o verbo FAZER é transitivo direto ligado ao pronome SE, fazendo com que o termo paciente se transforme em sujeito, portanto obrigando o próprio verbo a concordar com O TRABALHO – FEZ (SINGULAR) e OS TRABALHOS – FIZERAM (PLURAL).

– Verbos no infinitivo (3ª pessoa do singular) sem que haja a determinação explícita do sujeito.

Ex.: Convém estudar bastante. É fundamental ler jornal diariamente.

Obs.: A NGB não prevê a denominação SUJEITO OCULTO, apesar de Celso Cunha registrá-la. O NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO indica quatro acepções para a palavra OCULTO: 1) escondido, encoberto; 2) não devassado, inexplorado, desconhecido; 3) não manifesto, recôndito, secreto; 4) misterioso, sobrenatural.

Ex.: Na frase "Compramos um carro.", não se pode dizer que o sujeito é oculto – segundo os sentidos apontados no dicionário –, pois, apesar de o sujeito não ocorrer explícito, torna-se evidente, através da desinência número-pessoal, que se trata da pessoa "nós". É cabível, por outro lado, denominar este sujeito de desinencial.

15.5. Exercícios

1. Correlacione.
(1) SUJEITO SIMPLES
(2) SUJEITO COMPOSTO
(3) SUJEITO INDETERMINADO
(4) SUJEITO INEXISTENTE
( ) Admitiu-se o erro.
( ) Chegou-se a uma triste conclusão.
( ) Faz três meses da volta de Manoel.
( ) Choveram pedras nesta briga terrível.
( ) Ventava todos os dias em Granada.
( ) Derrubaram mais um governo na América Central.
( ) Tim Maia e sua banda não compareceram a outro espetáculo.
( ) Não se pedem favores nesta firma.
( ) Não se acreditou em nenhuma de suas palavras.
( ) Não voltarão mais para o Brasil meu irmão e sua esposa.
( ) Aqui se trata de doenças incuráveis.
( ) Trata-se de uma interpretação da lei.

2. (IME) Nas seguintes orações:
"Pede-se silêncio"; "A caverna anoitecia aos poucos"; "Fazia um calor tremendo naquela tarde"; o sujeito se classifica, respectivamente, como:
a) indeterminado, inexistente, simples;
b) oculto, simples, inexistente;
c) inexistente, inexistente, inexistente;
d) oculto, inexistente, simples;
e) simples, simples, inexistente.

3. (Analista Judiciário – TRE-PE – FCC)
O termo sublinhado em Sabe-se quão barbaramente <u>os ingleses</u> subjugaram os hindus exerce a função de ....., a mesma função sintática que é exercida por ..... na frase Cometeram-se incontáveis violências contra os hindus.
Preenchem corretamente as lacunas do enunciado acima, respectivamente:
a) objeto direto – **os hindus**.
b) sujeito – **os hindus**
c) sujeito – **violências**

d) agente da passiva – **os hindus**
e) agente da passiva – **violências**

4. (Unificado) Entre as frases abaixo, somente uma apresenta sujeito indeterminado. Assinale-a.
a) Há a marca da vida nas pessoas.
b) Não se necessita de lavadeira.
c) Vai um sujeito pela rua.
d) Não se engomou seu paletó.
e) Pede-se um pouco de paciência.

5. (FMU)
"Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heroico brado retumbante..."
O sujeito da afirmação com que se inicia o Hino Nacional é:
a) indeterminado;
b) um povo heroico;
c) as margens plácidas do Ipiranga;
d) do Ipiranga;
e) o brado retumbante.

6. (Técnico Judiciário – TRE-PA – FGV) ***Mas, afinal, qual a razão para se aumentar de forma tão extraordinária a dotação dos partidos?***
Assinale a alternativa que desempenhe, no texto, função sintática idêntica ao do termo grifado no período acima.
a) as dívidas de campanha- Muito simples: a necessidade de eles pagarem as dívidas de campanha.
b) meros instrumentos de tomada do poder – E não ser meros instrumentos de tomada do poder.
c) um agravante – No caso dos partidos políticos brasileiros, existe um agravante.
d) aparelhos ou feudos – Enfim, as máquinas partidárias muitas vezes se tornam aparelhos ou feudos controlados por poucos e financiados por todos nós.
e) suas propostas – Ambas as propostas visam trazer partidos e candidatos para as ruas, oferecendo suas propostas e buscando recursos para a sua existência e para as campanhas eleitorais.

7. (FMU) Há crianças sem carinho / Disseram-me a verdade / Construíram-se represas. Os sujeitos das orações acima são, respectivamente:
a) inexistente, indeterminado, simples;
b) indeterminado, implícito, indeterminado;
c) simples, indeterminado, indeterminado;
d) inexistente, inexistente, simples;
e) indeterminado, simples, inexistente;

8. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – FCC) ... *das varandas pendiam* ***colchas, toalhas bordadas e outros adereços*****.**
O segmento grifado exerce na frase acima a função de:
a) sujeito;
b) objeto direto;
c) objeto indireto;
d) adjunto adverbial;
e) adjunto adnominal

9. (UM-SP) O sujeito é simples e determinado em:
a) Há somente um candidato ao novo cargo, doutor?
b) Vive-se bem ao ar livre.
c) Na reunião de alunos, só havia pais.
d) Que calor, filho!
e) Viam-se eleitores indecisos durante a pesquisa.

10. (UM – SP) Preencha a segunda coluna conforme o código estabelecido na primeira e assinale a alternativa correta de acordo com essa relação.
(1) sujeito determinado simples
(2) sujeito indeterminado
(3) sujeito desinencial (implícito na terminação verbal)
(4) sujeito paciente
(5) sujeito inexistente
( ) Era um mistério curioso aquela vida.
( ) No auge da rebelião, houve um tiroteio de quinze minutos entre policiais e bandidos.
( ) Quando se dispõe de força interna, vive-se melhor.
( ) Corrigiram-se os artigos após a última emenda do jornalista.
( ) Nem quererá despejá-lo imediatamente.
a) 5 – 3 – 2 – 1 – 4
b) 5 – 3 – 2 – 4 – 1
c) 1 – 5 – 2 – 4 – 3
d) 1 – 3 – 5 – 2 – 4
e) 1 – 5 – 3 – 2 – 4

11. (Proc. Geral da Justiça – RJ – NCE) "O Brasil não conseguirá resolver os problemas da miséria e da infância abandonada em 1994..."
Se transformarmos esta oração do texto numa oração de sujeito indeterminado, qual seria uma de sua possíveis formas?
a) Não conseguiremos resolver os problemas da miséria e da infância abandonada em 1994.
b) Não se conseguirá resolver os problemas da miséria e da infância abandonada em 1994.

c) Não se conseguirão resolver os problemas da miséria e da infância abandonada em 1994.
d) Os problemas da miséria e da infância abandonada não conseguirão ser resolvidos em 1994.
e) Não conseguirão resolver os problemas da miséria e da infância em 1994.

12. (An. Jud. – TRE – RJ – NCE) O segmento do texto que apresenta um sujeito posposto ao verbo é:
a) "Anestesiada e derrotada, a sociedade nem está percebendo a enorme inversão de valores em curso."
b) "Parece aceitar como normal que um grupo de criminosos estenda faixas pela cidade e nelas fale de paz."
c) "Há um coro, embora surdo, que tenta retratar criminosos como coitadinhos..."
d) "Coitadinhos e vítimas de um sistema ineficiente, aqui, são os parentes dos abatidos pela violência..."
e) "Mas não merecem um micrograma que seja de privilégios..."

13. (INPI – NCE) O segmento do texto em que o sujeito está posposto ao verbo é:
a) Isto não acontecerá de novo...
b) Segundo os relatos, o animal foi embarcado no dia 17 de outubro...
c) E mais, nele viajou por seis horas.
d) ... garante um representante da empresa.
e) Há coisas que só acontecem nos Estados Unidos.

Capítulo 16

Predicado

O predicado representa a soma de todos os elementos da oração, exceto o sujeito e o vocativo.

Ex.: Sinfronésia morreu. SINFRONÉSIA é sujeito; MORREU, predicado.

16.1. Predicado nominal

Ocorre quando o núcleo é o predicativo. Há a necessidade de um verbo de ligação relacional, ou seja, verbos que expressem apenas a relação de estado ou qualidade entre o sujeito e o elemento que o adjetiva. São verbos de ligação SER, ESTAR ou qualquer outro que contenha o mesmo valor semântico. Contudo, ainda há uma outra condição para o verbo ser de ligação: a necessidade da existência do predicativo. Aí ocorre uma outra exigência: como muito bem esclarece Celso Cunha, somente o substantivo, o adjetivo, o pronome, o numeral e a oração (como veremos em orações substantivas) podem funcionar como predicativo. Normalmente o predicativo varia em gênero e número consoante o termo que qualifica.

Ex.: Maria está cansada.

→ ESTÁ é verbo de ligação, pois há um termo variável (CANSADO – CANSADA – CANSADOS – CANSADAS) qualificando o sujeito. Como há, então, o verbo de ligação, o predicado é nominal. CANSADA é o predicativo do sujeito, portanto é o núcleo do predicado nominal.

"Eu sou uma escrava" (Bernardo Guimarães).

→ O verbo SER é de ligação, pois o termo UMA ESCRAVA é variável e funciona como predicativo do sujeito.

"Os meses de verão em Lisboa eram depois dolorosos" (Eça de Queirós).

→ Observe que o adjetivo "dolorosos" já está flexionado no plural, concordando com o núcleo do sujeito "meses".

→ "O resto está no escritório, na minha banca" (Graciliano Ramos).

ESTÁ não é verbo de ligação, uma vez que inexiste o predicativo (NO ESCRITÓRIO é adjunto adverbial de lugar, ou seja, não funciona como

predicativo). "ESTÁ" é verbo intransitivo e o predicado é verbal.

Obs.: O Professor Evanildo Bechara aduz que outras classes gramaticais também poderiam funcionar como predicativo, dentre eles o advérbio, expondo os seguintes exemplos: "Os vizinhos estão bem"; "Os jovens são assim".

16.2. Predicado verbal

Ocorre quando o núcleo é um verbo que não seja de ligação, ou seja, um verbo transitivo direto, verbo transitivo indireto, verbo transitivo direto e indireto ou verbo intransitivo (verbos nocionais que expressam ação, fenômeno ou movimento).

Ex.: "Tenho cá meus motivos..." (Bernardo Guimarães).

→ TENHO é verbo transitivo direto, funcionando como núcleo do predicado verbal.

16.3. Predicado verbo-nominal

Ocorre quando há dois núcleos: um verbal (que não seja verbo de ligação) e outro nominal (predicativo).

Ex.: "Uma das religiosas apanhou-o ligeira e cheia de misericórdia" (Eça de Queirós).

→ APANHOU é verbo transitivo direto, formalizando o predicado verbal e LIGEIRA E CHEIA (termos variáveis que qualificam UMA DAS RELIGIOSAS), predicativos do sujeito, formalizando o predicado nominal. Temos, portanto, três núcleos, um verbal (COMPREI) e dois nominais (LIGEIRA e CHEIA); sendo assim, o predicado é verbo-nominal.

"Quaresma vinha desanimado" (Lima Barreto).

→ VINHA é verbo intransitivo, já caracterizando, portanto, o núcleo do predicado verbal e DESANIMADO é predicativo do sujeito, núcleo do predicado nominal. Logo o predicado é verbo-nominal.

Obs.: O predicado verbo-nominal também pode ser caracterizado com a ocorrência do predicativo do objeto. O predicativo, no caso, em vez de qualificar o sujeito, qualifica o objeto – mais adiante veremos a diferença entre predicativo do objeto e adjunto adnominal.

Ex.: Considero este assunto interessante.

→ Observe que "interessante" está qualificando o objeto direto "este assunto".

Chamei ao aluno de amigo.

→ O predicativo do objeto "de amigo" que se encontra preposicionado qualifica o objeto indireto "ao aluno".

16.4. Exercícios

1. Correlacione.
(1) PREDICADO NOMINAL
(2) PREDICADO VERBAL
(3) PREDICADO VERBO-NOMINAL
( ) Ficarei aqui.
( ) Ficarei extremamente assustado.
( ) Ela anda muito perturbada ultimamente.
( ) Ela anda muito bem.
( ) Ela anda todos os dias em volta do Maracanã.
( ) Ela anda todos os dias apressada em volta do Maracanã.
( ) Ele sempre chega atrasado ao trabalho.
( ) Permaneceu calado diante do problema.
( ) Permaneceu no Rio de Janeiro por motivos particulares.
( ) Ele pedirá este favor a você extremamente envergonhado.
( ) Achamos o livro muito bom.

2. (Rural) Assinale a passagem onde se indica erroneamente a predicação do verbo em destaque.
a) "Também não cantarei o mundo futuro" (transitivo direto).
b) "Estou preso à vida" (de ligação).
c) "Vamos de mãos dadas" (transitivo indireto).
d) "Não direi os suspiros ao anoitecer" (transitivo direto).
e) "Não fugirei para as ilhas" (intransitivo).

3. (IME) Numa oração do tipo: "As meninas assistiram alegres ao espetáculo", temos:
a) predicado verbal;
b) predicado verbo-nominal;
c) predicado nominal.

4. (Unificado) Em relação à predicação verbal, marque a opção em que a classificação apresentada corresponde ao verbo do respectivo exemplo.
a) Verbo transitivo direto – "entrava a polícia".
b) Verbo transitivo direto – "Quer entregar-ma?..."
c) Verbo de ligação – "Onde está ela?"
d) Verbo intransitivo – "ia atrás, pálido, com as mãos cruzadas nas costas".
e) Verbo transitivo direto e indireto – "parava à porta da rua uma carruagem".

5. Correlacione corretamente a 1a coluna de acordo com a 2a e assinale a opção que corresponde à sequência correta.
( ) Ele anda muito bem, principalmente depois que recebeu as notícias alegres.
( ) Ele andou ontem pela cidade inteira.

( ) Ele anda extremamente desgastado porque está trabalhando demasiadamente.
( ) O prefeito andou ontem pela cidade muito preocupado com os engarrafamentos.
(1) Predicado nominal
(2) Predicado verbal
(3) Predicado verbo-nominal
a) 2 – 2 – 1 – 3
b) 1 – 2 – 1 – 3
c) 1 – 2 – 3 – 2
d) 2 – 2 – 3 – 2

6. (Cespe-UnB) "Mas hoje ele fez um negócio que me deixou 'encucado'..."
No trecho, a oração sublinhada contém um predicado:
a) Verbal com adjunto adverbial de modo;
b) Nominal com predicativo do sujeito;
c) Verbo-nominal com predicativo do objeto indireto;
d) Verbal com adjunto adnominal do objeto direto;
e) Verbo-nominal com predicativo do objeto direto.

7. (PUC) Na oração: "A inspiração é fugaz, violenta", podemos afirmar que o predicado é:
a) Verbo-nominal, porque o verbo é de ligação e vem seguido de dois predicativos.
b) Nominal, porque o verbo é de ligação.
c) Verbal, porque o verbo é de ligação e são atribuídas duas caracterizações ao sujeito.
d) Verbo-nominal, porque o verbo é de ligação e vem seguido de dois advérbios de modo.
e) Nominal, porque o verbo tem sua significação completada por dois nomes que funcionam como adjuntos adnominais.

8. (TTN) Observe as duas orações abaixo:
I – Os fiscais ficaram preocupados com o alto índice de sonegação fiscal.
II – Houve uma sensível queda na arrecadação do ICM em alguns Estados.
Quanto ao predicado, elas classificam-se, respectivamente, como:
a) nominal e verbo-nominal;
b) verbo-nominal e verbal;
c) nominal e verbal;
d) verbal e verbo-nominal;
e) verbal e nominal.

9. (Unimep-SP)
I. Pedro está adoentado.
II. Pedro está no hospital.
a) O predicado é verbal em I e II.
b) O predicado é nominal em I e II.
c) O predicado é verbo-nominal em I e II.
d) O predicado é verbal em I e nominal em II.

e) O predicado é nominal em I e verbal em II.

Capítulo 17

Predicativo

Predicativo é o vocábulo variável que possui como função qualificar um ser.

17.1. Do sujeito

Palavra variável que dá qualidade ao sujeito, estando afastado deste por verbo. Somente o substantivo, o adjetivo, o numeral, o pronome e uma oração podem funcionar como predicativo.

Ex.: Maria devia ser bonita.

→ BONITA é um termo variável que dá qualidade ao sujeito MARIA, estando afastado deste termo por verbo (DEVE SER).

17.2. Do objeto

Palavra variável que dá qualidade ao OBJETO.

Ex.: "... e acabou alcunhando-me Dom Casmurro" (Machado de Assis).

→ DOM CASMURRO qualifica o objeto direto ME.

BIZU

Para diferençar PREDICATIVO DO OBJETO do ADJUNTO ADNOMINAL: passar para a voz passiva e observar a função sintática que passa a ter o termo que dava qualidade ao núcleo do objeto direto. Caso passe a ser predicativo do sujeito, o termo era predicativo do objeto. Caso, na transformação da ativa para a passiva, fique certificado que o termo é adjunto adnominal, é porque ele já o era na voz ativa.

Ex.: Considerei a criança bonita.

→ BONITA é predicativo do objeto, pois dá qualidade ao objeto direto CRIANÇA e, ao passarmos esta frase para a voz passiva (A criança foi considerada bonita por mim.), o termo BONITA passa a ser predicativo do

sujeito.

Vi uma criança bonita.

→ BONITA é adjunto adnominal, pois, ao ser passada esta frase da voz ativa para a voz passiva (Uma criança bonita foi vista por mim.), BONITA continua adjunto adnominal.

– **Predicativo preposicionado do sujeito** – Ele foi apelidado de enrolado por João.

→ DE ENROLADO é predicativo preposicionado do sujeito ELE.

– **Predicativo preposicionado do objeto** – Chamei Paulo de servidor público.

→ DE SERVIDOR PÚBLICO é predicativo preposicionado do objeto, pois dá qualidade ao objeto direto PAULO.

17.3. Exercícios

1. Correlacione.

(1) Predicativo do sujeito
(2) Predicativo do objeto
(3) Predicativo preposicionado do sujeito
(4) Predicativo preposicionado do objeto
(5) Adjunto adnominal

( ) Li um livro bastante interessante.
( ) Achei o livro bastante interessante.
( ) Ele sempre foi muito mal-humorado.
( ) Chamei-os de diferentes.
( ) Eles eram chamados de diferentes por todos.
( ) Encontrei-os mortos.
( ) Bebi uma cerveja geladíssima.

2. (Técnico Judiciário – TRE-SP – FCC) ***Este conceito é relativo, pois em arte não há originalidade absoluta.***
... a sua contribuição maior foi a liberdade de criação e expressão.
Ambos os elementos acima grifados exercem nas respectivas frases a função de:
a) adjunto adverbial;
b) objeto direto;
c) complemento nominal;
d) predicativo;
e) objeto indireto.

3. (Auditor – Sefaz-RJ – FGV) Porém, sofrendo o Brasil os influxos de modelos legislativos estrangeiros, assim como estando as matrizes das empresas transnacionais

que aqui operam sujeitas às normas de seus países de origem, não tardará para que as práticas que envolvem o criminal compliance sejam estendidas a diversos outros segmentos da economia.

A palavra sujeitas exerce, no texto, função sintática de:

a) complemento nominal;
b) objeto direto;
c) predicativo do objeto;
d) predicativo do sujeito;
e) adjunto adverbial de modo.

4. (Inspetor da Polícia Civil – RJ/FGV) "...o Estado pode considerar *desnecessária* a tradução dos documentos..." (L.37-38)

No trecho acima, o termo destacado exerce função sintática de:

a) adjunto adnominal;
b) adjunto adverbial;
c) complemento nominal;
d) predicativo do objeto;
e) predicativo do sujeito.

Capítulo 18

Objeto

O objeto é o complemento de verbo.

18.1. Direto

Complemento de verbo transitivo direto.

Ex.: "... fomos para o Hotel de Josafat firmar o nosso contrato, bebendo vasta cerveja" (Eça de Queirós).

→ Observe que os termos O NOSSO CONTRATO e VASTA CERVEJA complementam, respectivamente, a ideia dos verbos FIRMAR e BEBENDO sem preposição.

18.2. Indireto

Complemento de verbo transitivo indireto.

Ex.: Assistirei a um bom filme. "De nada mais necessitava aquela gente" (Euclides da Cunha).

Os termos A UM BOM FILME e DE NADA MAIS complementam, respectivamente, a ideia das formas verbais ASSISTIREI e NECESSITAVA com as preposições A e DE.

18.3. Direto preposicionado

Complemento de verbo transitivo direto, todavia contendo, excepcionalmente, preposição. Ocorre em duas ocasiões.

a) Com valor enfático.

Ex.: "... Preciso usar da linguagem dos homens..." (Fernando Pessoa).

→ O verbo USAR é transitivo direto, contudo a preposição DE é utilizada para dar ênfase à frase e poderia ser retirada (usar a linguagem).

Amo a meus familiares acima de tudo.

→ O verbo AMAR é transitivo direto, entretanto está sendo usada a preposição A, dando mais estilo à frase.

b) A segunda possibilidade de seu uso é motivado pela necessidade de se reconhecerem as funções sintáticas dos termos, quando não estão na ordem

natural da frase (SUJEITO-VERBO-OBJETO).

Ex.: O Flamengo vencerá o Fluminense.

→ A interpretação desta frase é bastante simples e não causa problemas, pois está redigida em sua ordem natural. Logo, o sujeito é O FLAMENGO; em seguida aparece o verbo transitivo direto VENCERÁ; e, por fim, o objeto direto FLUMINENSE. FLAMENGO, por ser sujeito, pratica a ação de VENCER, e FLUMINENSE, por ser objeto direto, sofre a ação verbal de ser vencido.

No entanto, se a frase fosse "Venceu o Flamengo o Fluminense", com a ordem natural desfeita, torna-se impossível determinar o que exatamente ocorreu. Não se sabe quem é quem, ou seja, se FLAMENGO é sujeito ou objeto direto, e FLUMINENSE, também. A língua, então, para esclarecer esta dúvida, recorre ao uso da preposição para distinguir sujeito e objeto. Como o sujeito nunca poderá ser preposicionado, caberá ao objeto a companhia da preposição. "Venceu o Flamengo ao Fluminense" ou "Venceu ao Fluminense o Flamengo". Em ambas as frases, FLAMENGO é sujeito, pois não aparece preposicionado e, por outro lado, FLUMINENSE, nas duas frases, é o objeto, mesmo com a inversão dos termos.

18.4. Pleonástico

Como o próprio nome diz, é quando o objeto aparece repetido na oração.

Ex.: Ao amigo, dar-lhe-ei a camisa.

→ LHE repete o objeto indireto AO AMIGO.

O dinheiro, entrego-o amanhã ao João.

→ O pronome oblíquo O repete o objeto direto O DINHEIRO.

18.5. Objeto direto interno ou cognato

Ocorre com verbos que normalmente seriam intransitivos, mas que excepcionalmente possuem complemento. Este tem o mesmo radical do verbo, daí as nomenclaturas COGNATO (mesma natureza – radical) ou INTERNO (partes internas do verbo e do complemento são idênticas).

Ex.: Sonhei sonhos terríveis.

Morreu uma morte gloriosa.

→ Observe que os verbos SONHAR e MORRER, normalmente, são intransitivos; contudo nessas frases funcionam como transitivos diretos e seus complementos (SONHOS e MORTE) têm o mesmo radical dos verbos.

"Acresce que chovia – peneirava – uma chuvinha miúda, triste e constante..." (Machado de Assis).

Obs.: Rocha Lima faz distinção entre objeto indireto e complemento relativo. Ambos seriam preposicionados, complementando a ideia de verbo. No entanto, o primeiro diria respeito à pessoa ou à coisa a que se destina a ação, regendo com as preposições A ou PARA e podendo ser substituído pelos pronomes átonos LHE ou LHES. Já o segundo não representa a pessoa ou a coisa a quem se destina a ação ou que tira proveito da situação, e sim o ser sobre o qual recai a ação.

Ex.: Entregarei o material para os alunos.

→ A expressão "para os alunos" indica a quem se destina a ação de entregar o material, portanto funcionando como objeto indireto.

Necessito de água.

→ O termo "de água" representa o ser sobre o qual recai a ação verbal.

Nos concursos públicos, não é feita tal distinção, sendo os dois casos absorvidos pelo objeto indireto

18.6. Exercícios

1. Correlacione.

(1) OBJETO DIRETO
(2) OBJETO INDIRETO
(3) OBJETO DIRETO PREPOSICIONADO
(4) OBJETO DIRETO PLEONÁSTICO
(5) OBJETO INDIRETO PLEONÁSTICO
(6) OBJETO DIRETO COGNATO

( ) A meus pais, dei-lhes um belo presente.
( ) Não queríamos uma solução tão complicada.
( ) Não concordo com esta posição do Governo.
( ) Nós deveríamos viver uma vida mais livre.
( ) Nunca mais beberei desta água.
( ) Não deves admitir o erro.
( ) As manchas, devemos retirá-las por precaução.
( ) Chorei um choro compulsivo com a morte de Ayrton Senna.
( ) Interessei-me pela resposta que você me daria.
( ) Todos deveriam amar ao próximo como a si mesmo.

2. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) Os verbos que exigem o mesmo tipo de complemento estão empregados nos segmentos transcritos em:

a) *A vida é triste e complicada. // ... mergulhemos de corpo e alma no cafezinho.*
b) *... alguém dará o nosso recado sem endereço. // A vida é triste e complicada.*
c) *Tinha razão o rapaz... // Depois de esperar duas ou três horas...*

d) *Para quem espera nervosamente... // Depois de esperar duas ou três horas...*
e) *Tinha razão o rapaz... // ... mergulhemos de corpo e alma no cafezinho.*

3. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) ... *embora nem sempre esta imagem corresponda à realidade*.
O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está empregado em:
a) *... uma atmosfera* [...] *percorre o país numa ânsia sôfrega pela europeização e pela modernização.*
b) *Há, em princípio, a produção humorística...*
c) *... um humor* [...] *que vê a si próprio como civilizador e cultor de gestos nobres...*
d) *... seu efeito desconcertante foi, por isso mesmo, maior e mais profundo.*
e) *... intelectualidade brasileira, que passou pelos eventos da abolição e da República.*

4. (Técnico Judiciário – TRE-SP – FCC) ... *João Rubinato, que adotou o nome de um amigo funcionário do Correio*...
O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está empregado em:
a) *... que já acabou com a garoa...*
b) *... e produziu uma obra radicalmente brasileira...*
c) *... a que se sobrepôs à velha cidadezinha provinciana...*
d) *Adoniran Barbosa é um paulista de cerne...*
e) *... e depois fugir, com ela e conosco, para a terra da poesia...*

5. (MPU) ... *para aprovar, até o final de 2009, um texto... (2o parágrafo do Texto II)*
O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o do grifado acima está na frase:
a) *De fato, o resultado é modesto.*
b) *... como fugir aos temas...*
c) *... já respondem por 20% do total das emissões globais.*
d) *... que já estão na atmosfera...*
e) *... só prejudica formas insustentáveis de desenvolvimento.*

6. (Analista Judiciário – TRT – 1ª R- FCC) ... *em diversos pontos controversos, desempatou controvérsias*...
O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está em:
a) *Os milhares de africanos que morreram por conta da viagem ou de padecimentos posteriores...*
b) *Entre 1758 e 1851, por aquelas pedras passaram pelo menos 600 mil escravos trazidos d'África.*
c) *A própria construção do cais teve o propósito de...*
d) *... mas as melhores descrições* [...] *saíram todas da pena de viajantes estrangeiros.*
e) *Os negros ficavam expostos no térreo de sobrados...*

7. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) Atentando-se para a sintaxe, é INCORRETO afirmar que, em:

a) ... *vê a si próprio como civilizador e cultor de gestos nobres, embora nem sempre esta imagem corresponda à realidade*, o elemento grifado introduz uma oração subordinada adverbial concessiva.

b) *Há, em princípio, a produção humorística*, o verbo grifado é impessoal e o sujeito da oração, inexistente.

c) ... *desilusão republicana que atinge a intelectualidade brasileira*, o segmento grifado exerce a função de objeto direto.

d) *Abre-se um espaço para a representação humorística*, o segmento grifado exerce a função de sujeito.

e) *O advento da República viria proclamar, inicialmente, uma atitude de repúdio*, o segmento grifado desempenha o papel de predicativo do sujeito.

8. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – FCC) Atentando-se para a sintaxe, é correto afirmar:

a) Em *A lei e a ordem eram a regra*, o segmento grifado é complemento verbal de eram.

b) Na frase *Na televisão, os heróis urram, gritam, destroem, torturam, tão estridentes quanto os arqui-inimigos maléficos*, o segmento grifado é complemento verbal dos verbos destroem e torturam.

c) Na frase *Éramos viciados em gibis*, estamos diante de um sujeito indeterminado.

d) Em *Gibis abasteciam de ética o vasto campo da fantasia infantil*, o segmento grifado exerce a função de objeto indireto.

e) Na frase *Eles eram o lado certo que combatia o lado errado*, o segmento grifado exerce a função de predicativo do sujeito.

Capítulo 19

Complemento Nominal e Adjunto Adnominal

19.1. Complemento nominal

Complemento nominal é o termo preposicionado que complementa a ideia de substantivo abstrato, adjetivo e advérbio.

Ex.: Não tenho interesse por bebidas alcoólicas.

POR BEBIDAS ALCOÓLICAS é complemento nominal, pois complementa a ideia do substantivo abstrato INTERESSE.

Obs.: É bom perceber que o complemento nominal se parece bastante com o objeto indireto, contudo o complemento nominal completa com preposição a ideia de UM NOME e o objeto indireto completa com preposição a ideia de um verbo.

Ex.: Sou contrário a suas opiniões.

A SUAS OPINIÕES é complemento nominal, pois completa com preposição a ideia do adjetivo CONTRÁRIO.

Agi favoravelmente a seu interesse.

A SEU INTERESSE é complemento nominal, pois completa a ideia de um advérbio (FAVORAVELMENTE).

Moro perto de você.

DE VOCÊ é complemento nominal, pois completa a ideia de um advérbio (PERTO).

19.1.1. Exercícios

1. Correlacione.

(1) Complemento nominal

(2) Objeto indireto

( ) Sinto necessidade de uma água gelada.

( ) Necessito de uma água gelada.

( ) Não confio em você.

( ) Não tenho confiança em você.

( ) Ele não se interessou pelos documentos.

( ) Ele não manifestou interesse pelos documentos.

19.2. Adjunto adnominal

Termo acessório que tem função adjetiva e está sempre ligado a um substantivo.

Funcionam como adjuntos adnominais:

– os artigos. Os homens devem estar preparados para a guerra.
– os adjetivos. Bons homens estão acompanhados de maus amigos.
– os numerais adjetivos. O primeiro quadro era desejado por três compradores.
– os pronomes adjetivos. Aqueles ladrões levaram meu relógio.
– as locuções adjetivas. A torcida do Flamengo (flamenguista) cantou músicas de provocação (provocativas).

19.3. Complemento nominal X adjunto adnominal

Tal estudo restringe-se a elementos preposicionados, portanto torna-se fundamental observar a que termo o elemento preposicionado está atrelado. Este assunto cai reiteradamente nos concursos organizados pelo NCE.

– Quando o termo preposicionado está ligado a um substantivo concreto, geralmente, é adjunto adnominal.

Ex.: "Se a modernidade alterou a face do mundo..." (Luiz Paulo da Moita Lopes).

"O que o colono do Maranhão pretendia..." (Carlos de Laet).

→ Os termos sublinhados estão atrelados aos vocábulos FACE e COLONO (substantivos concretos), funcionando como adjuntos adnominais.

Obs.: Quando o elemento preposicionado está atrelado a um substantivo concreto, estabelecendo um nome oficial para o termo, é aposto.

Ex.: A Praia de Copacabana anda bastante poluída.

→ O termo "de Copacabana" está atrelado à palavra "Praia", sendo oficialmente o nome da praia. Neste caso, o termo é aposto.

– Quando o termo preposicionado está ligado a um advérbio, é complemento nominal.

Ex.: "... era atirado dentro da caverna..." (Luis Fernando Veríssimo).

Agi contrariamente aos interesses dos empresários.

→ Os termos sublinhados estão complementando a ideia iniciada por advérbios (DENTRO e CONTRARIAMENTE), funcionando como complemento nominal. A regência de DENTRO e CONTRARIAMENTE exige respectivamente a ocorrência das preposições DE e A.

– Quando o termo preposicionado complementa a ideia de um adjetivo, normalmente será complemento nominal.

Ex.: Ele é útil à empresa.

Somos adeptos da generosidade.

→ Os adjetivos ÚTIL e ADEPTOS exigem as preposições A e DE, respectivamente, indicando que os termos a eles ligados funcionem como complementos nominais.

Obs.: Se o termo preposicionado (com preposição PARA), complementando a ideia de adjetivo ou de verbo, acrescentar ao período um valor de fim, será classificado como adjunto adverbial de finalidade.

Ex.: "... necessária para trabalhar com aplicações..." (André Gurgel).

"O cavaleiro estava pronto para entrar na caverna..." (Luis Fernando Veríssimo)

→ Nestes exemplos, a preposição PARA introduz termos complementando adjetivos (NECESSÁRIA e PRONTO), acrescentando ao período valor de finalidade. "... necessária para (a fim de / com o objetivo de) trabalhar com aplicações..."

– Quando o termo preposicionado (exceto DE) complementa substantivo abstrato é complemento nominal.

Ex.: Sentimos confiança em você.

"O direito à educação, ao trabalho, ao salário justo..." (Jaime Pinsky).

"Tenho interesse por música".

Obs.: Neste caso, o complemento nominal parece-se demasiadamente com o objeto indireto.

Ex.: Confiamos em você.

Interesso-me por música.

→ Atente-se ao fator que distingue as duas funções sintáticas: O termo "em você", na primeira ocasião, conclui a ideia iniciada por "confiança" (substantivo abstrato – nome), portanto sendo complemento nominal; já na segunda ocasião, complementa "Confiamos" (verbo), classificando-se, pois, como objeto indireto.

→ Quando o termo preposicionado (preposição DE) relaciona-se com um substantivo abstrato, torna-se necessário analisar se tal elemento possui valor agente ou paciente em relação ao nome. O valor "agente" ocorre ao se interpretar o elemento como o praticante da ação ou como o possuidor da ideia constante no substantivo. Tal se concretizando, o termo preposicionado é classificado como adjunto adnominal. Contudo, se o termo preposicionado

sofrer a ação exposta no substantivo, será complemento nominal.

Ex.: "As necessidades do povo não são satisfeitas pelo professor."

→ Observe que, neste caso, o termo "do povo" acrescenta ao período um valor de posse (as necessidades são do povo; o povo necessita), funcionando, então, como adjunto adnominal.

"Sentimos necessidade de tempo para o exercício."

→ O termo "de tempo" é paciente de "necessidade" (o tempo não necessita; alguém necessita de tempo), trabalhando como complemento nominal.

"A explicação da matéria foi interessante."

→ A matéria não explicou e sim foi explicada, funcionando, assim, como complemento nominal.

"A explicação do professor foi interessante."

→ O professor explicou, a explicação é do professor, logo o termo sublinhado possui nítido valor agente, sendo adjunto adnominal.

"... que têm afetado a compreensão da classe social, do gênero, da sexualidade..." (Luiz Paulo da Moita Lopes).

→ Os termos sublinhados complementam o substantivo abstrato "compreensão", informando o que deveria ser compreendido (valor paciente), funcionando, por conseguinte, como complemento nominal.

"... vermos a multiplicidade da vida humana..."

→ É nítido o valor agente (a multiplicidade é da vida humana, a vida humana é múltipla, a vida humana possui multiplicidade), funcionando, logo, como adjunto adnominal.

Há situações em que o termo preposicionado tanto pode ter valor agente como valor paciente, precisando, portanto, de contexto para a definição de sua função sintática. Numa questão de vestibular da Fuvest, tal foi retratado do seguinte modo:

"A matança dos marginais escandalizou a população". Explique os dois sentidos que podem ser atribuídos à frase e uma possível mudança de função sintática decorrente desta mudança de interpretação do período".

→ O candidato teria que explicar que "os marginais" tanto poderiam matar como poderiam ser mortos. Na primeira interpretação, seria adjunto adnominal; na segunda, complemento nominal.

"O julgamento do professor ocorrerá amanhã".

→ Esta frase dá margem à dupla interpretação, podendo "o professor" julgar ou ser julgado, justificando-se, assim, a necessidade de contexto para dirimir a

dúvida quanto à função sintática do elemento sublinhado.

O NCE da UFRJ, banca organizadora de concursos, costuma confeccionar questões referentes a este assunto. Contudo, nem sempre são utilizadas as nomenclaturas complemento nominal e adjunto adnominal. Em muitas oportunidades, é solicitado ao candidato a opção em que o termo preposicionado possui valor agente ou paciente. Sendo assim, é aconselhável ao concursando observar que o termo, tendo a função sintática de adjunto adnominal ou aposto (nomenclaturas oficiais), possuirá valor agente. Por outro lado, caso o termo preposicionado funcione como complemento nominal ou objeto indireto, possuirá valor paciente.

Ex.: "Trata-se de um fenômeno..." (M. Lúcia de Arruda & Martins Aranha).

→ O termo sublinhado complementa com preposição a ideia de um verbo, compondo um objeto indireto, possuindo, portanto, valor paciente.

"Antes o lazer era privilégio dos nobres..." (M. Lúcia de Arruda & Martins Aranha).

→ O termo sublinhado tem valor possessivo, constituindo um adjunto adnominal, contendo, pois, valor agente.

"A mecanização, a divisão e organização das tarefas..." (M. Lúcia de Arruda & Martins Aranha).

→ Interpretando-se o período, depreende-se que "as tarefas" são mecanizadas, divididas e organizadas. Destarte, classifica-se o termo como complemento nominal, possuindo, então, valor paciente.

Outras nomenclaturas também bastante citadas pela aludida banca são preposição nocional e preposição relacional.

A preposição nocional acrescenta ao período um valor semântico, introduzindo o adjunto adnominal, o aposto (nomenclatura oficial) e o adjunto adverbial.

Ex.: "... não para de atormentá-lo com pergunta de todo jaez" (Dom Lucas Moreira Neves).

→ A preposição COM introduz um adjunto adverbial de modo, sendo, portanto, nocional.

"Controlava a vida do lugar" (Luiz Fernando Veríssimo).

→ O termo sublinhado indica valor de posse (o lugar tem vida), funcionando como adjunto adnominal e consequentemente a preposição é nocional.

"Morre-se mais na violência do Rio e de São Paulo" (João Ubaldo Ribeiro).

→ Perceba que o termo grifado possui valor agente (posse – Rio e São Paulo

possuem a violência), funcionando como adjunto adnominal. Desta forma, as ocorrências da preposição DE têm valor nocional.

> "... isso foi bom para amenizar o ideologismo que nos cegava" (Arnaldo Jabor).

→ Observe que o termo preposicionado acrescenta ao período valor de FINALIDADE, podendo, inclusive, substituir-se a preposição PARA por A FIM DE, COM O OBJETIVO DE, COM A FINALIDADE DE. Destarte, neste caso, a preposição é nocional.

> A preposição relacional é uma exigência do termo antecedente, não acrescentando ao período qualquer valor semântico. Somente a regência nominal ou verbal pode exigir a presença de uma preposição, portanto a preposição relacional introduzirá o objeto indireto ou o complemento nominal.
>
> Ele é essencial para o grupo.

→ O termo sublinhado funciona como complemento nominal, pois a preposição PARA ocorre tão somente em função da exigência feita pelo adjetivo "essencial", classificando-se, pois, como relacional.

> "Há categorias de pessoas que, lá com suas razões, têm raiva ou ressentimento da imprensa" (João Ubaldo Ribeiro).

→ O termo sublinhado funciona como complemento nominal (a imprensa é paciente de ressentimento), portanto a preposição que o introduz é relacional.

> "... já escrevi em defesa de policiais..." (João Ubaldo Ribeiro).

→ Observe que neste período o termo sublinhado possui nítido valor paciente (os policiais não se defendem, eles são defendidos), funcionando como complemento nominal. Destarte, a preposição é relacional.

> "O Senhor deu esta autoridade à Igreja..." (Dom Eugenio Sales).

→ O termo sublinhado funciona como objeto indireto, pois complementa a ideia do verbo DAR. Como é uma exigência gramatical do verbo, a preposição não acrescenta ao período qualquer valor semântico, classificando-se como relacional.

19.4. Exercícios

1. Correlacione.

(1) Complemento nominal

(2) Adjunto adnominal

( ) A construção da ponte foi benéfica a todos.

( ) A construção do engenheiro foi elogiada por todos.

( ) A invenção da vacina demonstra os avanços da medicina.
( ) A invenção de Sabin resolveu o problema da poliomielite.
( ) Ninguém entendeu a resolução do problema.
( ) Ninguém entendeu a resolução do professor.

2. (NCE) Indique o item em que os dois elementos precedidos da preposição DE desempenham a mesma função sintática.
a) "... os problemas da miséria..." / "A tomada de consciência..."
b) "Assaltos e sequestros de parentes..." / "... a superexposição das mazelas brasileiras..."
c) "... deu-se conta da existência..." / "... sequência inédita de presidentes desastrados..."
d) "O escândalo do Orçamento..." / "... extirpou definitivamente o sebastianismo da vida nacional."
e) "... Brasil do Primeiro Mundo..." / "... com a transferência de tarefas e recursos..."

Leia o texto a seguir e responda às questões 3 e 4.
"Se é para o bem de todos e felicidade geral da Nação, diga ao povo que fico!" (D. Pedro I).

3. (ICMS-RJ/FGV) "No Brasil, o debate sobre ética tributária só recentemente ganhou vulto em decorrência do aumento da carga tributária, da expansão da 'indústria de liminares', do visível aperfeiçoamento da administração fiscal, da estabilidade econômica e da crescente inserção do país na economia globalizada."
No trecho grifado do excerto acima, em relação às ocorrências e complemento nominal, é correto afirmar que há:
a) Quatro casos.
b) Cinco casos.
c) Oito casos.
d) Seis casos.
e) Dois casos.

4. (AFRM – Angra dos Reis – FGV) Já há evidências de que mudanças climáticas introduziram epidemias em regiões anteriormente livres delas.
Em relação à estrutura sintática do período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. Há, em todo o período, dois casos de complemento nominal.
II. Há, em todo o período, dois casos de objeto direto.
III. Há, em todo o período, dois casos de adjunto adnominal.
Assinale:
a) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
b) se todas as afirmativas estiverem corretas;
c) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
d) se nenhuma afirmativa estiver correta;
e) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.

5. (CM – RJ – NCE) Algumas preposições são empregadas de forma obrigatória devido à presença de termos anteriores que as exigem; o item abaixo em que a preposição destacada está nesse caso é:
a) um conjunto DE pessoas;
b) necessidade DE se ajudarem;
c) os meios DE transportes;
d) a base DE suas esperanças;
e) grande quantidade DE alimentos.

6. (Perito da Polícia Civil – RJ – FGV) Na expressão "votação *do Código Florestal*", o termo sublinhado é paciente do termo anterior, ou seja, o Código Florestal é votado. Assinale a alternativa em que o termo destacado exerce essa mesma função.
a) Exploração *de terras*.
b) Competitividade *do setor*.
c) Tamanho *de interesses divergentes*.
d) Funcionamento *da base aliada*.
e) Leque *de simpatizantes*.

7. (CBPS – NCS) O termo que funciona como complemento do termo anterior é:
a) "Soube de tudo isso..."
b) "Amanhece na ilha de Heron"
c) "Sobre a imensa faixa de areia..."
d) "... os tufos de algas..."
e) "Alguns grãos de areia..."

8. (Magistério – NCE) O item em que a preposição de (do, da, dos, das) tem valor predominantemente gramatical, e não semântico, é:
a) ... a nova geração de intelectuais...
b) ... porta-voz da frustração...
c) ... encontrar um nome de cientista...
d) ... o filho direto do protesto...
e) ... resgatar o homem de seus males...

9. (Técnico Judiciário – TRE-PA – FGV) ***Partidos são fundamentais para a consolidação da democracia e o permanente desenvolvimento da cidadania e devem existir – de verdade – em bases cotidianas*.**
Os termos sublinhados no período acima classificam-se, respectivamente, como:
a) adjunto adnominal e adjunto adnominal;
b) complemento nominal e complemento nominal;
c) adjunto adnominal e complemento nominal;
d) complemento nominal e adjunto adnominal;
e) objeto indireto e objeto indireto.

10. (Auditor – Sefaz-RJ – FGV) No Brasil, por exemplo, existem regras de *criminal compliance* previstas na Lei dos Crimes de Lavagem de Dinheiro – Lei 9.613, de 3 de março de 1998 – que sujeitam as pessoas físicas e jurídicas que tenham como atividade principal ou acessória a captação, intermediação e aplicação de recursos financeiros, compra e venda de moeda estrangeira ou ouro ou títulos ou valores mobiliários, à obrigação de comunicar aos órgãos oficiais sobre as operações tidas como "suspeitas", sob pena de serem responsabilizadas penal e administrativamente.
Assinale o termo que, no texto, desempenhe função sintática idêntica à de *à obrigação*.
a) às normas – que aqui operam sujeitas às normas de seus países de origem.
b) de ajustamentos – É certo que a mudança do enfoque sobre o tema, no âmbito das empresas – principalmente, as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos.
c) a diversas obrigações – Tem-se, *grosso modo*, por *compliance* a submissão ou a obediência a diversas obrigações impostas às empresas privadas.
d) da adoção – decorrerá também de ajustamentos de postura administrativa decorrentes da adoção de critérios.
e) dessa possibilidade – é certo que a adoção, na prática, dessa possibilidade vem se dando de forma bastante tímida.

11. (Polícia Civil – DF – NCE)
I – "agências DE TURISMO"
II – "grau crescente DE INSEGURANÇA"
III – "trabalho DE INVESTIGAÇÃO POLICIAL"
IV – "por falta DE AÇÃO INTEGRADA"
Entre os segmentos acima, em maiúsculas, aquele que apresenta função distinta da função dos demais é:
a) I;
b) II;
c) III;
d) IV;
e) nenhum deles.

12. (Analista de Informática Legislativa – Senado Federal – FGV) "Entretanto, após algumas décadas de excessivo crescimento dos gastos governamentais e da crise financeira que se abateu sobre inúmeros governos..." (L.7-9)
Assinale a alternativa que indique corretamente a quantidade de complementos nominais no trecho acima.
a) Nenhum.
b) Dois.
c) Um.
d) Três.
e) Quatro.

13. (Proc. Geral da Just. – RJ – NCE) Em que item abaixo a preposição destacada, isolada ou em combinação com artigo, tem valor puramente gramatical e não nocional, como nos demais casos?
a) "... como o ano em que o Brasil do Primeiro Mundo deu-se conta da existência..."
b) ... constituir um lembrete muito eficaz para as elites de que o Haiti é aqui".
c) "... fortaleceu a tese da necessidade de descentralização e despolitização das políticas sociais, com a transferência de tarefas e recursos aos municípios".
d) "... passou a duvidar até da existência de Deus".
e) "... os vícios do modelo centralista..."

14. (NCE-UFRJ) O caso em que o segmento precedido da preposição DE tem valor paciente e não de agente do termo anterior é:
a) ... gastar rios de dinheiro com regozijo.
b) O festival de autocongratulação consumia boa parte...
c) ... o cotidiano brasileiro está cheio de dores de problemática das agências.
d) É melhor que a imaginação das agências.
e) ... estamos no país da solucionática.

Obs.: Em virtude da complexidade deste assunto, expomos mais 12 exercícios com gabarito comentado para você poder tirar todas as dúvidas.

19.5. Exercícios com gabarito comentado acerca de complemento nominal e adjunto adnominal

1. (U-Bauru) Assinale a alternativa em que a expressão grifada tem a função de complemento nominal.
a) A curiosidade do homem incentiva-o à pesquisa.
b) A cidade de Londres merece ser conhecida por todos.
c) O respeito ao próximo é dever de todos.
d) O coitado do velho mendigava pela cidade.
e) O receio de errar dificulta o aprendizado das línguas.
Resposta: Alternativa E.
Na opção A, a curiosidade é do homem (posse – valor agente – adjunto adnominal).
Na letra B, o termo sublinhado está atrelado ao termo CIDADE que é substantivo concreto, já impossibilitando o fato de o termo ser complemento nominal. Porém é interessante observar que Londres é o nome da cidade, funcionando, portanto, como aposto.
Na opção C, TODOS possuem o dever (o dever é de todos – posse – adjunto adnominal) de respeitar o próximo.
Na opção D, o termo DO VELHO está atrelado ao substantivo concreto COITADO (adjetivo substantivado representando uma pessoa, por isso, concreto), funcionando como adjunto adnominal.
A opção E, que é a resposta, apresenta um termo que possui nítido valor paciente em

relação ao termo receio, afinal ERRAR não possui receio, não receia. Se a frase fosse "O receio do professor é o adiamento das provas.", o termo DO PROFESSOR estaria ligado a RECEIO, contudo estabelecendo valor de posse, pois indicaria que o receio seria do professor, ou seja, o professor é quem receia, funcionando, assim, como adjunto adnominal.

2. (NCE-UFRJ) "O eleitor deu pouquíssima importância às eleições para governador". O termo destacado exerce a função de complemento nominal de "eleições". Que termo destacado a seguir exerce essa mesma função?
a) Votos **em branco**.
b) Manchetes **dos jornais**.
c) Institutos **de pesquisa**.
d) Interrupção **para o dever cívico**.
e) Comportamento **do grupo**.
Resposta: Alternativa D.
As opções A, B e C podem ser excluídas rapidamente, em virtude de os termos destacados estarem atrelados a substantivos concretos, sendo, então, adjuntos adnominais. Na opção E, o termo DO GRUPO possui nítido valor agente (o comportamento é do grupo, o grupo se comporta), também funcionando como adjunto adnominal. A opção D apresenta um termo que complementa a ideia de INTERRUPÇÃO de forma passiva, funcionando como complemento nominal.

3. (NCE-UFRJ) As preposições podem ser usadas com valor relacional (uma exigência gramatical) ou valor nocional (contribuição de sentido). Em que frase a seguir o uso da preposição é uma exigência do termo anterior?
a) Eleições para governador.
b) Os votos de cabrestos.
c) Caixas de fósforo.
d) Folha em branco.
e) Dia sem trabalho
Resposta: Alternativa A.
Nas opções B, C, D e E, os termos preposicionados estão atrelados a substantivos concretos, funcionando como adjunto adnominal. Sendo assim, a preposição é nocional. Já na opção A, o termo preposicionado complementa de forma passiva a ideia do substantivo abstrato "eleições", funcionando, assim, como complemento nominal. Neste caso, a preposição que introduz o complemento nominal possui valor apenas gramatical (relacional).

4. (NCE-UFRJ) Em quantas frases abaixo o termo destacado não é agente, mas paciente do termo anterior?
1) "No campo <u>da educação</u>...
2) "... como instrumento <u>de manutenção</u>..."
3) "... manutenção <u>de *status*</u>..."

4) "... pântano de pobreza..."
a) Quatro.
b) Três.
c) Duas.
d) Uma.
e) Nenhuma.
Resposta: Alternativa D.
Nos itens 1, 2 e 4, os termos sublinhados estão atrelados a substantivos concretos, funcionando como adjunto adnominal (valor agente). No item 3, o termo sublinhado está atrelado ao termo MANUTENÇÃO que é substantivo abstrato. Observe que semanticamente "O *STATUS* NÃO MANTÉM E SIM É MANTIDO", então o termo sublinhado funciona como complemento nominal (valor paciente).

5. (NCE-UFRJ) Em que item a seguir a preposição destacada, em lugar de valor nocional, tem valor puramente gramatical?
a) "... a questão das Forças Armadas de um país..."
b) "As Forças Armadas são insuficientes para combater a desordem".
c) "As tentativas de comprometê-las..."
d) "... nem mantém uma indústria de armamento..."
e) "... oferece condições de topografia e miséria..."
Resposta: Alternativa C.
As opções A e D logo são eliminadas, pois os termos preposicionados estão atrelados a substantivos concretos, funcionando como adjunto adnominal. A opção B apresenta uma oração reduzida com valor de finalidade – sendo a preposição PARA nocional – atrelada a um adjetivo (insuficientes). A opção E apresenta termos com valor de posse (adjunto adnominal – preposição nocional), afinal TOPOGRAFIA E MISÉRIA possuem suas próprias condições. Na opção C, COMPROMETER não faz TENTATIVAS, e sim alguém faz TENTATIVAS DE COMPROMETER. Portanto, COMPROMETÊ-LAS é passivo em relação à ação contida no substantivo abstrato, sendo complemento nominal, portanto a preposição é relacional.

6. (NCE-UFRJ) "A diminuição do amor à pátria, a ação do interesse particular, a imensidão dos Estados, as conquistas, os abusos do Governo fizeram..." Assinale o item em que se classificam corretamente as funções sintáticas dos termos destacados:
a) Todos os elementos são complementos nominais.
b) Todos os elementos são adjuntos adnominais.
c) Só dois elementos são adjuntos adnominais.
d) Só um elemento é complemento nominal.
e) Só um elemento é adjunto adnominal.
Resposta: Alternativa D.
O termo À PÁTRIA complementa a ideia do substantivo abstrato com valor paciente, sendo, portanto, complemento nominal. Os demais termos preposicionados possuem nítido valor agente (O INTERESSE PARTICULAR AGE, A IMENSIDÃO É DOS ESTADOS, O

GOVERNO ABUSA), classificando-se, assim, como adjuntos adnominais.

7. (NCE-UFRJ) As salas de aula estão cheias de crianças e jovens... Em que item a seguir o elemento destacado desempenha a mesma função sintática do termo sublinhado na frase dada?

a) Os meios de comunicação e nas tecnologias...
b) ... mudaram a vida das pessoas nos séculos...
c) Interferindo na organização de seus afazeres diários...
d) Determinando o ritmo de trabalho...
e) ... os modernos instrumentos da comunicação...

Resposta: Alternativa C.

Na frase do enunciado, o termo sublinhado funciona como complemento nominal, dado que é preposicionado e está completando a ideia de um adjetivo. Sendo assim, o que se deseja na questão é a alternativa em que o termo sublinhado possua a função de complemento nominal. As opções A e E podem ser imediatamente descartadas, pois os substantivos MEIOS e INSTRUMENTOS são substantivos concretos, sendo os termos destacados adjuntos adnominais. Já as opções B e E também podem ser eliminadas, porquanto os termos DAS PESSOAS (a vida é das pessoas) e DE TRABALHO (o trabalho possui seu próprio ritmo) têm valor de posse, funcionando como adjunto adnominal. Por fim, na opção C, o termo AFAZERES DIÁRIOS não ORGANIZAM, e sim SÃO ORGANIZADOS, possuindo valor paciente, classificando-se como complemento nominal.

8. (UFRJ-NCE) Algumas preposições são empregadas de forma obrigatória devido à presença de termos anteriores que as exigem. O item abaixo em que a preposição destacada está nesse caso é:

a) Um conjunto DE pessoas.
b) Necessidade DE se ajudarem.
c) Os meios DE transportes.
d) A base DE suas esperanças.
e) Grande quantidade DE alimentos.

Resposta: Alternativa B.

As opções A, C e D apresentam termos que estão atrelados a substantivos concretos, funcionando, portanto, como adjunto adnominal, e a preposição, por consequência, será nocional. Na opção E, a preposição DE introduz um termo (adjunto adnominal) que tem valor de posse em relação ao termo QUANTIDADE (os alimentos possuem quantidade), classificando-se como nocional. Já na opção B, a preposição DE introduz um elemento passivo (complemento nominal) em relação ao substantivo abstrato NECESSIDADE, classificando-se como relacional.

9. (NCE-UFRJ) O termo que funciona como adjunto adnominal, entre os sublinhados abaixo, é:

a) "... trazer o cigarro para mais perto do adolescente, mas..."
b) "Penso que o cigarro é atraente para o adolescente..."

c) "... como sugerem as propagandas de cigarro..."
d) "... e abre um canal de comunicação numa linguagem comum..."
e) "... é uma fase carregada de situações estressantes."
Resposta: Alternativa D.
Na opção A, o termo sublinhado complementa a ideia do advérbio PERTO, funcionando como complemento nominal.
Nas opções B e E, os termos destacados complementam a ideia dos adjetivos ATRAENTE e CARREGADA, funcionando como complemento nominal.
Na opção C, CIGARRO não propaga e sim é propagado, tendo valor paciente, funcionando como complemento nominal.
Na opção D, o termo destacado está atrelado ao substantivo concreto CANAIS, funcionando como adjunto adnominal.

10. (NCE-UFRJ) O item em que a preposição DE (combinada ou não) é uma exigência da estruturação gramatical da frase e não da necessidade de acrescentar-se um novo dado semântico ao texto é:
a) "Corrupção é a grande questão do país".
b) "Trata-se de um mal endêmico na sociedade brasileira..."
c) "... é outra razão para a amargura de nossa gente".
d) "... pode abrir a porta desse futuro..."
e) "... se elegeram com a bandeira da luta anticorrupção".
Resposta: Alternativa B.
As opções D e E podem ser descartadas de imediato, pois as preposições introduzem termos que estão atrelados a substantivos concretos (mesmo sendo utilizados com valor conotativo, os substantivos PORTA e BANDEIRA continuam nesses contextos sendo concretos). Na opção A, a preposição DE introduz elemento com valor agente, pois é o país quem questiona. Na opção C, a preposição DE introduz termo que possui nítido valor de posse (a amargura é de nossa gente). Na opção B, a preposição DE introduz um objeto indireto, ou seja, a preposição é fruto da regência verbal, podendo ser classificada como relacional.

11. (NCE-UFRJ) O item a seguir em que o termo destacado representa um agente e não um paciente do termo anterior é:
a) Código de trânsito.
b) Educação para o trânsito.
c) Formação do magistério.
d) Treinamento de professores.
e) Atender a mais esta nova exigência.
Resposta: Alternativa A.
A opção B apresenta termo introduzido por preposição PARA que complementa substantivo abstrato, funcionando como complemento nominal, tendo, consequentemente, valor paciente.
As opções C e D apresentam termos que complementam substantivo abstrato com

preposição DE. Neste caso, torna-se necessário interpretar o sentido: O MAGISTÉRIO É FORMADO, OS PROFESSORES SÃO TREINADOS. Portanto, os termos destacados possuem valor paciente, funcionando como complementos nominais.
A opção E apresenta um mero objeto indireto, portanto o termo destacado tem valor paciente.
A opção A apresenta um termo atrelado a um substantivo concreto, funcionando como adjunto adnominal, possuindo, portanto, valor agente.

12. (NCE-UFRJ) Que elemento do texto, precedido da preposição DE exerce função sintática de adjunto adnominal e não de complemento nominal?
a) "... tom da voz..."
b) "... pertinho do céu..."
c) "... percepção de uma cidade..."
d) "... cuidado de não ser reconhecido..."
e) "... distinto do que é utilizado..."
Resposta: Alternativa A.
Na opção B, o termo DO CÉU complementa a regência do advérbio PERTINHO.
Na opção C, seria necessário o contexto, para a compreensão de que A CIDADE PERCEBE ou A CIDADE É PERCEBIDA
Na opção D, a oração reduzida complementa a ideia de CUIDADO.
Na opção E, o pronome demonstrativo O combinado à preposição DE complementa a ideia do adjetivo DISTINTO.
A opção A apresenta um termo que contém valor de posse em relação ao vocábulo TOM: a voz possui tom.

Capítulo 20

Adjunto Adverbial

Adjunto adverbial é o termo que modifica a ideia de verbo, adjetivo e de outro advérbio. O trabalho aqui se baseia na semântica, pois o mais importante é a percepção da ideia que passa o adjunto adverbial.

20.1. Classificação

1) LUGAR – "Corre o rio e entra no mar" (Fernando Pessoa) "Aqui – os filhos que vos pedem pão..." (Castro Alves).
2) TEMPO – "Canto nest'hora, como o bardo antigo" (Castro Alves). Às duas horas acordarei.
3) MODO – Fez o trabalho apressadamente. Ele passa bem.
4) INTENSIDADE – "Das priscas eras, que bem longe vão" (Castro Alves). Ele estuda à beça.
5) AFIRMAÇÃO – Sim, ele virá. Com certeza ele virá.
6) NEGAÇÃO – Jamais isto será feito. "Vi que não há natureza" (Fernando Pessoa).
7) DÚVIDA – Possivelmente ele virá. "Talvez por isso entraram os objetos..." (Machado de Assis).
8) IRONIA – Certamente a noite virará dia. Dida nunca "engolirá um frango".
9) CONCESSÃO – Embora cansado, fiz todo o trabalho. "Não obstante a defesa do escudeiro, Pery conseguiu amarrá-lo..." (José de Alencar).
10) CONDIÇÃO – Sem você, não farei o trabalho. Com sorte, chegarei à solução.
11) FINALIDADE – Pedir-te-ei em casamento. Visitou o estabelecimento para fiscalização.
12) ASSUNTO – "Falai-lhe dos cabelos" (Castro Alves). "Não falo de amor quase nada..." (Raul Seixas).
13) MEIO – Vim de ônibus. Mandei notícias por um bilhete.
14) INSTRUMENTO – Ele assassinou o inimigo com uma faca. Fiz a prova à caneta.
15) CAUSA – Eu, de enternecido, esquecera a merenda (Eça de Queirós). Empobreceu com as secas.

16) DE COMPANHIA – Irei ao cinema com minha mulher. Somente saio em companhia de meus irmãos.
17) PREÇO – O passe de Robinho custa R$ 50.000.000,00.

20.2. Exercícios

1. Correlacione.
1) LUGAR
2) TEMPO
3) MODO
4) INTENSIDADE
5) AFIRMAÇÃO
6) NEGAÇÃO
7) DÚVIDA
8) IRONIA
9) CONCESSÃO
10) CONDIÇÃO
11) FINALIDADE
12) ASSUNTO
13) MEIO
14) INSTRUMENTO
15) CAUSA
16) DE COMPANHIA
17) PREÇO
I. ( )( ) Iremos à praia de ônibus.
II. ( )( )( ) Mesmo com dor de cabeça, foi ao teatro comigo.
III. ( )( )( ) Conversamos sobre o problema por telefone para resolver o problema.
IV. ( )( ) Na faculdade eu era mais feliz.
V. ( )( ) Na faculdade eu estudava bastante.
VI. ( )( ) Sem o material, não poderás acompanhar a aula.
VII. ( ) Ele empobreceu com o plano econômico.
VIII. ( )( )( ) Certamente, no próximo ano, o salário mínimo valerá mil dólares.
IX. ( )( )( ) No Nordeste, o povo ainda morre de fome.
X. ( )( ) "Apesar de você, amanhã há de ser novo dia..." (Chico Buarque)
XI. ( )( ) Fizemos a prova a lápis para não sermos eliminados do concurso.
XII. ( )( ) Agiu rapidamente para a solução do problema.
XIII.( )( )( ) De forma alguma, voltarás de São Paulo de ônibus.
XIV.( )( )( ) Embora com dificuldades, certamente o povo brasileiro lutará por uma vida melhor.
XV. ( )( ) Eles agiram violentamente por medo.

2. (UFF) A expressão destacada tem valor adverbial em:
a) "A história *do casamento* de Maria Benedita é curta".

b) "Se não fosse a epidemia *das Alagoas*, talvez não chegasse a haver esse casamento".
c) "... não contando a respeito que aquele bêbado tinha ao princípio *da propriedade*".
d) "... não é preciso estar embriagado para acender um charuto *nas misérias alheias*".
e) "Sem pedir licença à dona *das ruínas*".

3. (Unificado)
V.7 – "No povo meu poema está maduro..."
V.13 – "Ao povo seu poema aqui devolvo..."
Os termos "NO POVO" (v.7) e AO POVO (v.13) exercem, respectivamente, as funções sintáticas de:
a) objeto indireto e adjunto adverbial;
b) objeto indireto e complemento nominal;
c) complemento nominal e objeto indireto;
d) adjunto adverbial e adjunto adverbial;
a) adjunto adverbial e objeto indireto.

4. (FTM-Aracaju) Das expressões destacadas abaixo, com as ideias de tempo ou lugar, a única que tem a função sintática do adjunto adverbial é:
a) "Já ouvi os poetas de Aracaju".
b) "... atravessar os subúrbios escuros e sujos".
c) "... passar a noite de inverno debaixo da ponte".
d) "Queria agora caminhar com os ladrões pela noite".
e) "... sentindo no coração as pancadas dos pés das mulheres da noite".

5. (Agência Saúde Pública – NCE) O item em que o termo sublinhado não está devidamente classificado segundo o seu valor semântico é:
a) "... falam <u>sobre a existência de Atlântida</u>,..." = assunto.
b) <u>Na época</u>, muito estudiosos chegaram..." = tempo.
c) "Nessa ilha, <u>segundo descrição feita ao filósofo Platão</u>..." = conformidade.
d) "... ninguém se preocupou <u>muito</u>..." = intensidade.
e) "... tratou de passar a notícia <u>adiante</u>..." = lugar.

6. (Secretaria de Saúde do Piauí – NCE) O segmento que apresenta o correto valor do elemento sublinhado é:
a) "... carregando <u>em seu bico</u>..." = instrumento.
b) "... água <u>do rio</u>..." = tempo.
c) "... se alastrava <u>na floresta</u>..." = lugar.
d) "... apagar aquele incêndio <u>com essas gotinhas d'água</u>?" = companhia.
e) "Estou <u>apenas</u> fazendo a minha parte" = oposição.

Capítulo 21

Agente da Passiva, Aposto e Vocativo

21.1. Agente da Passiva

Agente da passiva é o termo que pratica a ação na VOZ PASSIVA.

O agente da passiva é introduzido pela preposição POR. Excepcionalmente a preposição DE, sendo sinônima de POR, também pode iniciar o agente da passiva.

Ex.: O trabalho foi feito por todos.

"O João da Costa, moço do comércio, estimado do patrão e dos colegas..." (Aluísio de Azevedo).

21.2. Aposto

Aposto é o termo de natureza substantiva que repete algo já designado com fins de algum tipo de esclarecimento.

Ex.: Pelé, Rei do Futebol, fez o milésimo gol num jogo contra o Vasco. REI DO FUTEBOL é aposto de Pelé.

21.2.1. Aposto denominativo

Ex.: Praia de Copacabana, Presidente Lula.

21.2.2. Aposto explicativo

Ex.: Xuxa, a rainha dos baixinhos, está extremamente famosa também na Argentina.

21.2.3. Aposto enumerativo

Ex.: Comprei frutas: laranja, maçã, pêra.

21.2.4. Aposto resumitivo

Ex.: Na festa havia Ferrari, BMW, Peugeot, enfim só carros estrangeiros.

21.2.5. Aposto distributivo

Ex.: Eles, cada um de seu jeito, resolveram os problemas. Vieram dois rapazes; este, de calças compridas e aquele, de bermudas.

21.3. Vocativo

Vocativo é o termo que indica um chamamento (pessoa com quem se fala).

Ex.: Pressentimentos de que, Isaura? (Bernardo Guimarães).

21.3.1. Exercícios

1. Correlacione.

(1) AGENTE DA PASSIVA
(2) APOSTO
(3) VOCATIVO

( ) "Jesus Cristo, Jesus Cristo, eu estou aqui" (Roberto Carlos).
( ) Jesus Cristo, o ser mais sábio de todos os tempos, deu-nos grandes ensinamentos.
( ) Eu fui ensinado pela vida.
( ) Manoel já era conhecido de todos.
( ) Tu moras na rua Barata Ribeiro?
( ) Que fazes aqui, Manoel?

21.3.2. Análise sintática do pronome oblíquo

BIZU

Substitui-se o pronome oblíquo pela palavra MENINO. A função sintática que tiver a palavra MENINO será a mesma função sintática do pronome oblíquo.

Ex.: "Nós queríamos que você nos ensinasse umas cantigas" (Lima Barreto).

→ Substituindo-se NOS por AO MENINO (... ensinasse umas cantigas AO MENINO), chega-se à conclusão de que AO MENINO é objeto indireto, portanto NOS é OBJETO INDIRETO.

Ex.: "Então a Adélia, ..., puxou-me a face" (Eça de Queirós).

→ Puxou a face DO MENINO – adjunto adnominal, NOS – adjunto adnominal.

Ex.: "... envolvendo-a na sua cama de prata..." (Aluísio de Azevedo).

→ Envolvendo O MENINO – objeto direto, A – objeto direto.

Ex.: "... pode a sorte não te ser favorável..." (José de Alencar).

→ Não ser favorável AO MENINO – complemento nominal, TE – complemento nominal.

É importante citar que, nos casos dos verbos causativos (verbos que indicam a causa da outra ação – mandar, deixar, fazer...) e sensitivos

(verbos que sugerem os sentidos – ver, ouvir, observar, escutar), o pronome oblíquo átono funcionará como sujeito do verbo seguinte no infinitivo. A situação é tão atípica, que nem o verbo será obrigado a concordar com o sujeito – o estudo da flexão do verbo seguinte receberá uma análise mais aprofundada no capítulo de concordância.

Ex.: "Marcela... mandou-o a uma loja na vizinhança, comprar o vidro" (Machado de Assis).

"A vista de uma sota faz-me às vezes estremecer o coração em emoções mais vivas..." (Bernardo Guimarães).

"É o meu maior prazer vê-lo brilhar" (Lamartine Babo).

"Deixou-se ficar espiando..." (Aluísio de Azevedo).

Obs.: Há alguns pronomes oblíquos átonos que não possuem função sintática. São aqueles que não representam um ser: o pronome apassivador, o índice de indeterminação do sujeito e a parte integrante dos verbos (nos verbos pronominais).

Ex.: Fez-se o trabalho.

– O pronome apassivador SE não representa uma pessoa, não podendo, portanto, possuir função sintática.

Ex.: Precisa-se de mais operários.

– O índice de indeterminação do sujeito SE, demarcando o sujeito (agente) indeterminado e sendo o elemento paciente "de mais operários", não representa um ser, não possuindo função sintática.

Ex.: Eu me referi a seu trabalho.

→ Observe que o termo agente da ação é o pronome reto EU (mesmo que não aparecesse explícito), já o elemento paciente é "a seu trabalho". Então o pronome oblíquo ME só tem valor estrutural, não substituindo uma pessoa. Sendo assim, não possui função sintática.

21.3.2.1. Exercícios

1. Dê a função sintática dos termos sublinhados.

a) Viram-me ontem.
b) Entregaram-me os documentos.
c) Roubaram-me os documentos.
d) Roubaram-me.
e) Ele me é extremamente útil.
f) Maria sempre nos será extremamente agradável.
g) Desculpe por pisar-te o pé.
h) Dar-vos-ei todos os jornais.
i) Deixar-nos-ão ficar aqui.

j) Ele te viu estudar ontem.

21.3.3. Análise sintática do pronome relativo

BIZU

1º passo – isolar a oração em que aparece o pronome relativo.
2º passo – formar uma nova frase somente com aquela oração já isolada, substituindo o pronome relativo pelo termo antecedente.
3º passo – ao reconhecer a função sintática que terá este termo substitutivo do pronome relativo, estará também sendo reconhecida a função sintática do próprio pronome relativo.

Ex.: Roubaram as canetas que comprei ontem.

→ A oração em que aparece o pronome relativo é QUE COMPREI ONTEM. Forma-se uma nova frase somente com esta oração, mas deve ser substituído o pronome relativo pelo termo antecedente (AS CANETAS).

A frase fica: COMPREI ONTEM AS CANETAS. A função sintática de AS CANETAS é objeto direto, portanto QUE também será objeto direto.

As crianças a quem entreguei as provas já estão mais aliviadas.

→ Isole a oração em que aparece o pronome relativo – A QUEM ENTREGUEI AS PROVAS. Forma-se uma nova frase com esta oração, substituindo-se o pronome relativo QUEM pelo termo antecedente AS CRIANÇAS – ENTREGUEI AS PROVAS ÀS CRIANÇAS. ÀS CRIANÇAS é objeto indireto, portanto A QUEM é objeto indireto.

Obs.: Os pronomes relativos CUJO, CUJA, CUJOS, CUJAS quase sempre funcionam como adjuntos adnominais, até porque encerram valor de posse. Muito raramente podem também funcionar como complemento nominal, desde que possuam valor paciente.

Ex.: O réu de cujo julgamento participei foi condenado a dez anos de prisão.

→ Observe que o pronome relativo "cujo" refere-se ao termo o réu. Substituindo-se o termo pelo antecedente, resultaria "Participei do julgamento do réu". "O réu" não julgou e, sim, foi julgado, possuindo nítido valor paciente, funcionando, então, como complemento nominal.

21.3.3.1. Exercícios

1. Dê a função sintática do pronome relativo:

a) Falei as palavras que você queria ouvir.

b) Falei as palavras que deveriam ser faladas.
c) As cervejas de que sinto necessidade já estão geladas.
d) As cervejas de que necessito já estão geladas.
e) É linda a cidade em que moro.
f) Meu pai é a única pessoa em quem confio.
g) Meu pai é a única pessoa em quem tenho confiança.
h) As crianças que estavam desaparecidas foram encontradas.
i) As soluções que eu dei não te agradaram.
j) As soluções a que sempre fui favorável finalmente foram tomadas.
k) Futebol é o único assunto por que efetivamente me interesso.
l) Futebol é o único assunto por que efetivamente tenho interesse.
m) É muito bonito o local para onde vou.

21.3.4. Análise sintática de pronome demonstrativo e pronome relativo juntos

BIZU

1º passo – Relembrar que, quando O, A, OS, AS – combinados ou não com preposição – aparecerem antes de QUE e puderem ser substituídos por AQUILO, AQUELE(S), AQUELA(S), serão pronomes demonstrativos e QUE será relativo.

2º passo – É fundamental o candidato ficar ciente de que pronome demonstrativo e pronome relativo não podem ficar na mesma oração, até porque o antecedente do pronome relativo será o demonstrativo – e só o demonstrativo, mesmo que combinado a uma preposição –, portanto os dois pronomes representam o mesmo ser.

3º passo – Isolar a oração principal e substituir O, A, OS, AS por AQUILO, AQUELE(S), AQUELA(S) para determinar a função do demonstrativo.

4º passo – Isolar a oração subordinada e substituir o pronome relativo pelo antecedente – o pronome demonstrativo O, A, OS, AS. No fim, substitua O, A, OS, AS por AQUILO, AQUELE(S), AQUELA(S).

Ex.: "O que eu não quero perder é a sua missão nova" (Machado de Assis).

→ Na frase, o pronome demonstrativo O aparece antes do relativo QUE. Pronome demonstrativo e pronome relativo não podem ficar na mesma oração, logo a primeira oração é: "O é a sua missão nova". Substituindo o pronome demonstrativo O por AQUILO teremos "Aquilo é a sua missão nova". AQUILO funciona como sujeito, função esta do demonstrativo O. Isolando a oração subordinada "que eu não quero perder", substituir o relativo "que" pelo antecedente, o demonstrativo O. Por fim, substituir O por AQUILO, ficando a

frase “eu não quero perder aquilo”. AQUILO funciona como objeto direto, função esta do pronome relativo QUE.

Ex.: “Não sabeis que ele é protegido e amado pelos que pouco se importam se morremos ou vivemos” (José de Alencar).

→ ... amado POR AQUELES – agente da passiva, PELOS – agente da passiva; AQUELES pouco se importam... – sujeito, QUE – sujeito.

Ex.: Não gostei do que eles disseram.

→ Na frase, o pronome demonstrativo O aparece combinado com a preposição DE. Para determinar a função do demonstrativo, basta isolar a oração principal e substituir O por AQUILO, não se esquecendo de combinar com a preposição ocorrente na primeira oração: “Não gostei daquilo”. DAQUILO funciona como objeto indireto, função sintática de DO. Agora vamos passar para a função do relativo: isolemos a segunda oração e substituamos o pronome relativo QUE pelo antecedente O (FUNDAMENTAL ficar atento ao fato de que o antecedente do pronome relativo é só o demonstrativo e não o demonstrativo combinado com a preposição. Sendo assim, o antecedente não é o “do” – de + o – e sim somente “o”. Este caso de reconhecimento do antecedente do relativo já foi utilizado em várias oportunidades em concursos públicos). Depois troquemos O por AQUILO, ficando a frase “Eles disseram aquilo”. AQUILO é objeto direto, função do relativo.

Ex.: As que estudam passam.

→ Na frase, o pronome demonstrativo AS aparece antes do relativo QUE. É sempre muito importante lembrar que demonstrativo e relativo não podem ficar na mesma oração, portanto a primeira oração é “As passam”. Substituamos o demonstrativo AS por AQUELAS, ficando o período “Aquelas passam”. AQUELAS funciona como sujeito, função do demonstrativo AS. Vejamos agora a função do relativo: isolemos a oração intercalada “que estudam” e substituamos o QUE pelo antecedente, o demonstrativo AS. Por fim, alteremos AS por AQUELAS, resultando: “Aquelas estudam”. AQUELAS funciona como sujeito, então é a função do relativo.

21.3.4.1. Exercícios

1. Dê a função sintática tanto do pronome relativo quanto do pronome demonstrativo nas frases a seguir.

I. Tens certeza do que se disse?

II. Confiamos no que os professores ensinam.

III. Não sabemos o que ele será na empresa.

IV. Aos que sempre fazem o que querem eu dou atenção.

21.3.5. Exercícios

1. (AFTN) Leia o trecho abaixo e identifique a opção que faz correspondência incorreta entre as duas colunas: "Ainda quando a vida mais não fosse que a urna da saudade, o sacrário da memória dos bons, isso bastava para a reputarmos um benefício celeste, e cobrirmos de reconhecimento a generosidade de quem no-la doou" (Ruy Barbosa).

	Termos destacados:		Função sintática da oração:
a)	a		objeto direto
b)	um benefício celeste		predicativo do objeto direto
c)	a generosidade		objeto direto
d)	quem		objeto indireto
e)	no		objeto indireto

2. (TFC) Assinale a letra em que a função sintática indicada pelo termo do texto NÃO está correta.
Com franqueza, estava arrependido de ter vindo. Agora que ficava preso, ardia por andar lá fora, e recapitulava o campo e o morro, pensava nos outros meninos vadios, o Chico Telha, o Américo, o Carlos das Escadinhas, a fina flor do bairro e do gênero humano. Para cúmulo de desespero, vi através das vidraças da escola, no claro azul do céu, por cima do morro do Livramento, um papagaio de papel, alto e largo, preso de uma corda imensa, que bojava no ar, uma cousa soberba. E eu na escola, sentado, pernas unidas, com o livro de leitura e a gramática nos joelhos.

a)	com franqueza (l. 1)		adjunto adverbial
b)	o campo e o morro (l. 2)		objetos diretos
c)	um papagaio de papel (l. 5)		sujeito
d)	alto e largo (l. 5)		adjuntos adnominais
e)	a fina flor do bairro (l. 3)		aposto

3. (UF-MG) Em todas as alternativas, o termo destacado está corretamente classificado, exceto em:
a) Ele sabia o **que** ignorava e não se atrevia a julgar tudo. (sujeito)
b) O padeiro ofereceu-lhe alguma coisa e perguntou amavelmente o **que** havia de novo. (objeto direto)
c) Eu não sei **que** mal me faz essa mulher com seu rosto à Botticelli. (adjunto adnominal)
d) É um sentimento perfeitamente imbecil, **de que** até hoje não me pude libertar. (objeto indireto)
e) Era um galope para a riqueza, **em que** se atropelava a todos, os amigos e inimigos. (adjunto adverbial)

4. (PUC) Não revelou o que descobrira a ninguém. Assinale a alternativa em que se analisa a classe gramatical e a função sintática das palavras destacadas, respeitando a ordem em que elas ocorrem:
a) artigo, adjunto adnominal, conjunção integrante, conectivo;
b) pronome demonstrativo, sujeito, conjunção integrante, conectivo;
c) artigo, adjunto adnominal, pronome relativo, sujeito;
d) pronome demonstrativo, objeto direto, pronome relativo, objeto direto;
e) artigo, adjunto adnominal, pronome relativo, objeto direto.

5. (UF-Uberlândia) Todos os itens abaixo apresentam o pronome relativo com função de objeto direto, exceto:
a) "Aurélia não se deixava inebriar pelo culto que lhe rendiam".
b) "Está fadigada de ontem? perguntou a viúva com a expressão de afetada ternura que exigia o seu cargo".
c) "... com a riqueza que lhe deixou seu avô, sozinha no mundo, por força que havia de ser enganada".
d) "... O Lemos não estava de todo restabelecido do atordoamento que sofrera".
e) "Não o entendiam assim aquelas três criaturas, que se desviviam pelo ente querido".

6. (FEI-SP) Em: "Usando do direito <u>que</u> <u>lhe</u> confere a Constituição", as palavras grifadas exercem a função respectivamente de:
a) objeto direto e objeto direto;
b) sujeito e objeto direto;
c) objeto indireto e sujeito;
d) sujeito e sujeito;
e) objeto direto e objeto indireto.

7. (UFF) Numa das alternativas abaixo, a função sintática do pronome relativo é a mesma que seu antecedente exerce na oração principal. Assinale-a.
a) Depois disso, entrou-se na era do vale-tudo, que desembocou nos aniquilamentos de Hiroshima e Nagasaki.
b) Hiroshima desapareceu sob o clarão de uma explosão que provocou, quase instantaneamente, a morte de cem mil pessoas.
c) Como não houve qualquer ataque, muitos japoneses que estavam em terra imaginaram tratar-se de uma provocação.
d) As bombas que os EUA jogaram sobre o Japão tinham como alvo a URSS.
e) A bordo do navio Augusta, que retornava para os EUA, Truman autorizou o bombardeio.

8. (UFF) Assinale a opção em que um <u>pronome relativo</u> apresenta <u>a mesma função sintática</u> do *<u>que</u>* no fragmento "e em vez de nos guardarem as fazendas, são os que maior estrago nos fazem nelas".
a) "O primeiro réu que condenei era um moço limpo".

b) "Contestou que lhe coubesse a iniciativa ou inspiração do crime".
c) "Alguém foi que lembrou esse modo de sacudir".
d) "Mas Deus, que via os corações, diria ao criminoso verdadeiro o merecido castigo".
e) "Ao contrário, o defensor mostrou que o abatimento e a palidez significavam a lástima da inocência caluniada.

9. (Rural) Em "Descobririas o menino que sustenta esse homem", a análise correta é:
a) TU – sujeito de "descobririas"; O MENINO – sujeito de "sustenta".
b) O MENINO – objeto direto; ESSE HOMEM – sujeito.
c) QUE – sujeito; ESSE HOMEM – objeto direto.
d) O MENINO – sujeito; ESSE HOMEM – objeto direto.
e) QUE – objeto direto; O MENINO – sujeito.

10. (Mack) Nas frases abaixo, o pronome oblíquo está corretamente classificado, exceto em:
a) "Fugia-lhe é certo, metia o papel no bolso ..." (objeto indireto).
b) "... ou pedir-me à noite a bênção do costume" (objeto indireto).
c) "Todas essas ações eram repulsivas: eu tolerava-as ..." (objeto direto).
d) "... que vivia mais perto de mim que ninguém" (objeto indireto).
e) "... eu jurava matá-los a ambos ..." (objeto direto).

11. (NCE) "... pois ninguém se interessa pelo que nelas acontece..." Assinale o comentário incorreto sobre os elementos participantes desse trecho:
a) a segunda oração depende semanticamente da primeira;
b) o antecedente do relativo QUE é o pronome demonstrativo O;
c) o uso da preposição EM (nelas) indica semanticamente lugar;
d) o pronome indefinido NINGUÉM indetermina o sujeito da oração;
e) o uso do pronome pessoal ELAS evita a repetição de termos idênticos.

12. (NCE) "O exemplo de Los Angeles, onde grupos sociais se organizaram para buscar soluções para seus problemas..." Assinale o comentário incorreto sobre o segmento destacado:
a) ONDE é um advérbio de lugar.
b) ONDE se refere a Los Angeles.
c) GRUPOS SOCIAIS exerce a função de sujeito.
d) O pronome SE se refere a "GRUPOS SOCIAIS".
e) O pronome SE exerce a função de objeto direto.

13. Nas frases "Não tememos o que o deputado vai dizer na CPI" e "Gostamos do que se disse na CPI", o termo QUE exerce, respectivamente, a função de:
a) objeto direto – sujeito;
b) objeto direto – objeto direto;
c) sujeito – sujeito;

d) sujeito – objeto direto;
e) complemento nominal – complemento nominal.

14. (NCE) Assinale o comentário inadequado sobre a oração daquele lugar onde se matam pobres de fome e crianças à bala.
a) A frase se encontra na voz passiva sintética ou pronominal.
b) O uso do demonstrativo AQUELE tem valor pejorativo.
c) A conjunção coordenada une de fome e à bala.
d) ONDE tem sentido dêitico.
e) De fome e à bala têm função de adjuntos adverbiais.

15. (Farias Brito) "Um prólogo a um livro de versos é cousa que se não lê, e quase sempre com razão" (Silvio Romero). O verbo "lê":
a) está na voz passiva e seu sujeito é "que";
b) está na voz ativa, seu sujeito é "cousa" e seu objeto direto é "versos";
c) está na voz reflexiva, e o sujeito "versos" pratica e recebe a ação, ao mesmo tempo;
d) sugere reciprocidade de ação, pois há troca de ações entre os "versos" e quem os lê;
e) funciona acidentalmente como verbo de ligação, com predicativo oculto.

16. "Não tenho confiança no que você diz". Em relação a este período só não podemos afirmar:
a) a segunda oração é subordinada adjetiva restritiva;
b) a função sintática de "no" é complemento nominal;
c) "que" funciona como objeto direto;
d) "no" é a contração da preposição EM com o artigo o;
e) "confiança" é objeto direto da primeira oração.

17. (NCE) A única alternativa em que a palavra SE exerce função sintática é:
a) "Ao se debruçar sobre ela..."
b) "... experimenta-se o sabor do infinito..."
c) "... destrancam-se as portas..."
d) "... a pessoa se inscreve no enredo do mundo".
e) "Num momento em que se percebe que a passagem pela escola..."

18. (Cespe – UnB)
Ninguém fica indiferente à publicidade televisiva.
Não deixe seus pulmões correrem o risco de uma golfada de livre.
A publicidade é usada com a finalidade de iludir as pessoas.
Considerando os trechos acima, assinale o item que contém, respectivamente, a função sintática dos termos sublinhados:
a) complemento nominal / objeto direto / predicativo do sujeito
b) complemento nominal / sujeito / objeto direto
c) objeto indireto / objeto direto / adjunto adverbial

d) complemento nominal / objeto direto / adjunto adnominal
e) adjunto adnominal / sujeito / complemento nominal

19. (Bacen – Esaf) Assinale a opção incorreta a respeito das estruturas linguísticas do texto abaixo.
Temos uma legislação processual com dispositivos que permitem ao devedor, a pretexto de questionar uma cláusula contratual ou uma garantia dada em uma operação, deixar de pagar o principal. O que isso traz de consequência? Traz um aumento muito grande de inadimplência, que se traduz em um aumento de custo para o tomador. O prejuízo operacional sofrido pela instituição financeira, em decorrência dessa inadimplência, faz com que os bons pagadores acabem arcando com parte dessa conta, suportando uma taxa de juro maior e até desestimulando outros tomadores, que gostariam de expandir ou crescer seus empreendimentos com apoio no crédito.
(Gabriel Jorge Ferreira, em entrevista à *Resenha BM&F*, com adaptações.)
a) A forma verbal "Temos", ao iniciar o texto, indica que autor e leitores partilham a situação que vem descrita a seguir.
b) A oração "deixar de pagar o principal" (l. 2 e 3), apesar de não ter sujeito gramatical, refere-se semanticamente a "devedor"(l. 1).
c) O pronome "que" (l. 4) refere-se a "inadimplência" (l. 3) e constitui o sujeito da oração em que ocorre.
d) A oração reduzida "sofrido pela instituição financeira" (l. 4 e 5) corresponde à ideia que também pode ser expressa pela oração que a instituição financeira sofreu.
e) "Dessa inadimplência" (l. 5) constitui o sujeito da oração que tem como predicado "faz" (l. 5).

20. (Cespe-UnB) Considerando-se o trecho "Havia <u>os</u> que tinham medo, havia <u>os</u> que falavam de castigo", marque o item em que a afirmação está correta.
a) Ambas as palavras sublinhadas são pronomes pessoais retos e funcionam como sujeito do verbo "haver".
b) Ambas as palavras sublinhadas são pronomes pessoais oblíquos e funcionam como sujeito do verbo "haver".
c) Apenas a primeira palavra sublinhada é pronome demonstrativo e funciona como sujeito do verbo "haver".
d) Ambas as palavras sublinhadas são pronomes demonstrativos e funcionam como objeto direto.
e) Apenas a segunda palavra sublinhada é pronome demonstrativo e funciona como sujeito da oração seguinte.

21. Assinale a opção em que o pronome oblíquo possui função sintática.
a) Eu já me esqueci de tudo.
b) Eles se recordaram do passado.
c) Tu te lembras do ocorrido?
d) Lembraram-me que haverá expediente.

e) Vive-se bem no Rio de Janeiro.

22. Assinale a opção em que o pronome oblíquo possui função sintática.
a) Ele se referia simplesmente ao ócio.
b) Ajoelhamo-nos e rezamos por nossos pecados.
c) Entendeu-se finalmente que aquela seria a melhor opção.
d) Já não se assiste a filmes tão bons como antigamente.
e) Eles se amaram como dois animais (Alceu Valença).

23. (NCE – TRT) No segmento "... surgiram as condições sociais que tornaram possível o aparecimento do Direito do Trabalho...", o pronome relativo "que" retoma um termo anterior que passa a ser sujeito da oração seguinte. Em quantos segmentos a seguir essa mesma estrutura se repete?
1º – "... representam a base que possibilitou o desenvolvimento da nova economia".
2º – "... igual ao patrão que o contratava".
3º – "... era muito inferior ao que se exigia do artesão qualificado na época precedente".
4º – "... para efetuar as simples tarefas que as máquinas ainda eram incapazes de fazer".
a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) nenhum

24. (TJ – NCE) "... com hábitos que tornam necessários muitos bens produzidos pela indústria,..." O comentário adequado à estrutura desse segmento do texto é:
a) A forma "necessários" poderia ser substituída, de modo correto, por "necessário".
b) O pronome "que" refere-se a "hábitos" e é sujeito do verbo seguinte.
c) "Pela indústria" representa o paciente da ação verbal.
d) O pronome indefinido "muitos" concorda com "produzidos".
e) O verbo "tornar" está no plural porque concorda com o sujeito "bens".

Capítulo 22

Classificação de Orações

Amigo leitor, as orações coordenadas e as subordinadas adverbiais já foram analisadas no estudo de conjunções. Faremos aqui uma revisão. É bom lembrar que as conjunções são o principal elemento de coesão textual – daí inclusive se justificam as nomenclaturas "coordenativa" ou "subordinativa". O sufixo "ativo" possui valor agente, indicando que a conjunção coordena ou subordina; por consequência, a oração ficará coordenada ou subordinada. Cabe, neste momento, a análise também de orações sem conjunções, sobretudo as reduzidas.

22.1. Orações coordenadas

Principal característica: são independentes.

22.1.1. Assindéticas

Sem uso de conectivos.

Ex.: Maria lava, passa, prepara a comida...

A frase é composta por três orações e não há conectivo ligando-as, portanto as três orações são coordenadas assindéticas.

22.1.2. Sindéticas

Com uso de conectivos. A seguir, veremos uma relação de orações coordenadas sindéticas.

22.1.2.1. Aditivas

Dão ideia de adição, soma, acréscimo. As conjunções e locuções conjuntivas mais comuns são: E, NEM, MAS TAMBÉM, COMO TAMBÉM, OUTROSSIM, TAMPOUCO.

Ex.: "... ainda há tempo de salvar o Brasil e já conseguiu a adesão de todos os Homens..." (Luis Fernando Verissimo).

"O outro homem não o saudamos, nem ele nos viu" (Eça de Queirós).

22.1.2.2. Adversativas

Expõem ideia de contrariedade, adversidade, oposição à expectativa criada

na outra oração. As conjunções mais comuns são:
MAS, PORÉM, CONTUDO, TODAVIA, ENTRETANTO, NO ENTANTO e NÃO OBSTANTE.

Ex.: Maria não estava triste, contudo chorou copiosamente.
"Não me queixo, mas sofro" (José de Alencar).

Obs.: É mais importante o candidato preocupar-se com a ideia que passa a oração do que decorar conjunções. Observe os exemplos seguintes:
Foi à praia e não tomou banho de mar.
Não só foi à praia mas também tomou banho de mar.

→ Na primeira frase, apesar de aparecer a conjunção E, a ideia que ocorre é de adversidade, pois é criada uma expectativa na primeira oração, contudo a segunda não concretiza a expectativa criada. Quando se fala FOI À PRAIA, espera-se que a pessoa TOME BANHO DE MAR, no entanto tal não ocorre.

Já na segunda frase, apesar de aparecer a palavra MAS, a ideia é de soma, pois o indivíduo foi à praia e tomou banho de mar, ou seja, praticou as duas ações. É sempre interessante não esquecer que estruturas iniciadas por "não apenas", "não só" ou "não somente", inevitavelmente, vão desembocar em orações aditivas. Isso acontece, pois, como o termo "não" tem a função de negar os elementos restritivos "somente", "só" e "apenas", além de a ação exposta naquela oração se efetivar, também a ação exposta na oração seguinte se realizará. Voltando ao exemplo "Ele não só foi à praia", se não houvesse o "não", ele somente teria ido à praia e não haveria feito mais nada. Mas como o "não" negou o "só", "Ele não só foi à praia", como também realizou outra ação.

22.1.2.3. Alternativas

Relatam ideia de opção, escolha, alternância. As conjunções mais comuns são: OU...OU, ORA...ORA, QUER...QUER.

Ex.: "Ser ou não ser..." (W. Shakespeare).
"Ou porque o amor antigo o obrigava,
ou porque a gente forte o merecia" (Camões).
Ora eu vejo um bom filme ora eu ouço música.
"É o meu maior prazer vê-lo brilhar seja na terra seja no mar" (Lamartine Babo).

→ Nas duas primeiras frases, a conjunção OU introduz uma ideia de opção, escolha que se contrapõe à oração anterior.

Na duas últimas frases, as conjunções ORA e SEJA introduzem nas orações a ideia de fatos que se alternam.

Obs.: Às vezes, a conjunção "ou" pode possuir valor aditivo, como na frase: "Estamos preparados para dormir ou para ficar acordados."

→ Observe que, na realidade, nós estamos preparados para as duas ações: dormir e ficar acordados.

22.1.2.4. Conclusivas

Expressam ideia de CONCLUSÃO, DEDUÇÃO, SUPOSIÇÃO. As conjunções mais comuns são: ENTÃO, LOGO, PORTANTO.

"Penso, logo existo" (R. Descartes).

Minha mulher preparou o almoço, logo a comida está insuportável.

→ Nas duas frases, observe que a ideia que fica mais clara é a de dedução; no primeiro caso, uma dedução filosófica e, no segundo caso, uma dedução baseada provavelmente em experiências anteriores que levam o sujeito (EU – IMPLÍCITO) a chegar a esta conclusão.

22.1.2.5. Explicativas

Designam valor de EXPLICAÇÃO. As conjunções mais comuns são QUE, PORQUE, JÁ QUE, VISTO QUE, PORQUANTO...

Obs.: Normalmente o verbo da outra oração se encontra no **IMPERATIVO.**

Ex.: Vem logo, que já está tarde.

Não fales mais nada, porque tuas palavras podem ser prejudiciais a ti.

→ Nas duas frases, QUE e PORQUE introduzem uma explicação para a ordem (daí o uso do IMPERATIVO) que ocorre na oração anterior.

Obs.: Ocorre mais raramente o fato de uma oração coordenada explicativa aparecer numa situação em que o verbo da outra oração não esteja no imperativo. Tal acontece quando não houver uma relação causa-efeito.

Manoel esteve aqui, uma vez que eu vi a chave dele.

→ Não se pode dizer que "eu ver a chave dele" é a causa de "Manoel ter estado aqui". Então o fato de a chave de Manoel estar ali, no máximo, esclarece ou explica que ele esteve ali.

João bebeu cerveja, visto que deixou o copo sujo na pia.

→ É inviável compreender que "João ter deixado o copo sujo na pia" seja a causa de "ele ter bebido cerveja". No entanto, o fato de haver o copo sujo na pia esclarece ou explica que João bebeu cerveja.

22.2. Exercícios

1. Correlacione:

(1) O. C. S. ADITIVA
(2) O. C. S. ADVERSATIVA
(3) O. C. S. ALTERNATIVA
(4) O. C. S. CONCLUSIVA
(5) O. C. S. EXPLICATIVA

( ) Não falem muito, porque já estão atrapalhando a concentração do professor.
( ) Não veio à escola, portanto deve estar muito doente.
( ) Ou ele estuda ou sai do colégio.
( ) O professor não só come muito, mas também bebe demasiadamente.
( ) Sinfrô colocou o seu melhor vestido e não foi à festa.
( ) Não sei nem quero saber dos seus problemas.
( ) Falei a verdade, entretanto ninguém acredita em mim.
( ) Ora ele diz uma coisa ora ele diz outra.
( ) Ele não assistiu às aulas, portanto não tem condições de fazer a prova.
( ) Fale a verdade, que não será castigado.

2. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a conjunção E está empregada com valor adversativo:

a) "Deixou viúva e órfãos miúdos".
b) "Para diminuir a mortalidade e aumentar a produção, proibi a aguardente".
c) "Tenho visto criaturas que trabalham demais e não progridem".
d) "Iniciei a pomicultura e a avicultura".
e) "Perdi dois caboclos e levei um tiro de emboscada".

3. (NCE) "Na verdade, a palavra escrita <u>não apenas</u> permanece..." O segmento sublinhado indica que, na progressão do texto, vai aparecer um segmento com valor de:

a) comparação;
b) retificação;
c) condição;
d) adição;
e) alternância.

22.3. Orações subordinadas

A oração subordinada é apenas uma função sintática da oração principal.

22.3.1. Substantivas

Podem ser substituídas pela palavra "ISSO". Funcionam como substantivos. O termo que normalmente introduz as orações subordinadas substantivas é a conjunção integrante.

22.3.1.1. Subjetivas

Funcionam como sujeito da oração principal.

Ex.: Convém que você volte logo (isso).

→ Isso convém.

ISSO é sujeito, portanto a oração QUE VOCÊ VOLTE LOGO é sujeito da oração principal. A oração é subordinada substantiva subjetiva.

Obs.: A única diferença entre a oração subordinada substantiva subjetiva e um sujeito não oracional é que o primeiro contém verbo, por isso forma uma oração. Cada oração possui seu sujeito, seu predicado... Então, se uma oração for subjetiva, inevitavelmente (mesmo ela tendo o seu próprio sujeito) funcionará como sujeito da outra. Sendo assim, caso seja determinado identificar o sujeito das duas orações na frase dada como exemplo, a resposta seria: QUE VOCÊ VOLTE LOGO – sujeito da oração principal e VOCÊ, sujeito da oração subordinada.

Outros exemplos: É importante que tudo se resolva.

Dir-se-ia que estava debaixo do império de algum terrível pressentimento (Bernardo Guimarães).

Será fundamental resolver o trabalho.

BIZU

Não é coincidência o fato de, em todos os exemplos, o verbo da oração principal estar sempre na terceira pessoa do singular. Tal se justifica em virtude de o verbo ser obrigado a concordar com o sujeito – que no caso é oracional (a pessoa da oração é a terceira pessoa do singular, ainda que todos os vocábulos nela presentes estejam no plural).

22.3.1.2. Objetivas diretas

Funcionam como objeto direto da oração principal.

Ex.: "Eu disse que havia muitos herdeiros à coroa de Portugal" (Carlos Olavo).

→ A oração sublinhada pode ser substituída pela palavra ISSO ("Eu disse isso"). ISSO é objeto direto, portanto a oração é subordinada substantiva objetiva direta.

Obs.: Se a banca pedir, na frase utilizada como exemplo, todos os complementos verbais, o candidato deve lembrar-se de que complemento de verbo é objeto e, se a oração subordinada substantiva é objetiva direta, é porque ela funciona como objeto direto da oração principal. Portanto, a resposta

completa seria: "que havia muitos herdeiros à coroa de Portugal" – objeto direto da oração principal; MUITOS HERDEIROS – objeto direto da oração subordinada.

Outros exemplos: Garanto que tudo será resolvido.
Peço que tenham calma.
Permiti que todos saíssem.
Ele perguntou se estava tudo bem.

22.3.1.3. Objetivas indiretas

Funcionam como objeto indireto da oração principal.

Ex.: Necessito de que tenham calma (disso).

→ DISSO é objeto indireto, pois está completando a ideia do verbo NECESSITO com a preposição DE, portanto a oração é subordinada substantiva objetiva indireta.

Outros exemplos: Não devo concordar com que faças isso.
Pedi um favor a quem estava presente.
Lembrei-me de que ainda não descansei.
Interessei-me por que viesses logo.

22.3.1.4. Completivas nominais

Funcionam como complemento nominal da oração principal.

Ex.: Tenho certeza de que tudo se resolverá (disso).

→ DISSO é complemento nominal, pois completa a ideia do nome CERTEZA com a preposição DE, portanto a oração é subordinada substantiva completiva nominal.

Outros exemplos: Manifestei interesse por que viesses logo.
Sinto necessidade de que me deem uma cerveja.
ou contrário a que tomes uma posição intransigente.

22.3.1.5. Predicativas

Funcionam como predicativo do sujeito da oração principal.

Ex.: "O certo é que ele ... esbarrou com um velho amigo" (Fernando Sabino).

→ A oração QUE ELE ... ESBARROU COM UM VELHO AMIGO pode ser substituída pela palavra ISSO e funciona como predicativo do sujeito da oração principal, portanto a oração é subordinada substantiva predicativa.

Outros exemplos: Meus votos são que você se restabeleça logo.
O meu pedido é que não perturbem.

O provável é que tudo acabe bem.

22.3.1.6. Apositivas

Funcionam como aposto da oração principal. Neste caso, a substituição da oração pela palavra ISSO torna-se inviável, contudo a percepção de que a oração é apositiva não é das mais difíceis, até porque normalmente esta oração aparecerá depois de dois-pontos. É também importante lembrar que a oração apositiva é apenas um aposto que possui um verbo, formando uma oração.

Ex.: Só digo cinco palavras: que o Flamengo será campeão.

QUE O FLA SERÁ CAMPEÃO é um aposto que forma uma oração, pois possui verbo. Logo, a oração é subordinada substantiva apositiva.

Obs.: Os DOIS-PONTOS serão substituídos por uma vírgula quando a oração apositiva estiver anteposta à oração principal.

Ex.: Que tragam cerveja, só peço esse favor.

→ Observe que, se invertermos o posicionamento das duas orações, os DOIS-PONTOS aparecem na frase – Só peço este favor: QUE TRAGAM CERVEJA.

Outros exemplos: Só tenho certeza de um fato: que todos nós, um dia, morreremos.

Que a Princesa morreu, foi essa a única notícia de que tivemos conhecimento.

Só entendi uma coisa: que ele não virá.

22.3.1.7. Agentes da passiva

Funcionam como agente da passiva da oração principal. Aqui também se torna inviável a substituição da oração pela palavra ISSO. É bastante fácil identificar esta oração, pois apresentará sempre a mesma estrutura. Para que haja um agente da passiva oracional, é necessário haver uma voz passiva analítica (verbo SER + VTD no particípio) e depois POR QUEM.

Ex.: O exercício foi resolvido por quem estudou.

→ POR QUEM ESTUDOU funciona como agente da passiva, da mesma forma que PELO ALUNO. Distinguem-se os dois pelo fato de o primeiro possuir um verbo, formando, assim, uma oração, que terá a função de agente da passiva.

Outros exemplos: O campeonato será vencido por quem acumular mais pontos.

A resposta é dada por quem pesquisa.

O pedido foi feito por quem tinha interesse.

Obs.: A Nomenclatura Gramatical Brasileira não prevê esta oração. Contudo, vários gramáticos – dentre eles, Celso Cunha – reconhecem a sua existência.

BIZU

É fundamental explicar que as bancas não têm solicitado ao candidato a classificação das orações como se fazia tradicionalmente. Isso não quer dizer que o assunto não caia em prova. Neste momento, aqui será esclarecido como o assunto se faz presente nos concursos. Como já fora informado, a oração subordinada é apenas uma função sintática da oração principal. Logo se uma oração é subjetiva, funciona como sujeito... então a oração subordinada é sujeito da oração principal, exigindo, inclusive, que o verbo da oração principal esteja na terceira pessoa do singular, para que se faça a perfeita concordância (é bom realçar o fato de que a pessoa de qualquer oração é a terceira do singular – corresponde a um fato –, mesmo que todos os termos nela presentes estejam no plural. Então, sendo a oração subjetiva, o verbo da oração principal estará sempre na terceira pessoa do singular). Na frase "Convém que vocês estudem bastante", a forma verbal "Convém" encontra-se na terceira pessoa do singular para concordar com o seu sujeito – a oração subordinada – "que vocês estudem".

Às vezes, é solicitado ao candidato o reconhecimento de termos que contenham a mesma função sintática. Na frase "Garanto que eles farão o trabalho", os termos "que eles farão o trabalho" e "o trabalho" possuem a mesma função. Explica-se: a oração "que eles farão o trabalho" é objetiva direta, logo funciona como objeto direto da oração principal e o termo "o trabalho" também é objeto direto, só que da oração subordinada.

É também um caso ocorrente em concursos o pedido de substituição de uma oração por uma forma nominal correspondente. Se a oração for substantiva, torna-se necessário transformar o verbo – a fim de excluir a oração – em substantivo.

Ex.: É certo que ele vem.

→ Para que se proceda à substituição da oração subordinada por uma forma nominal correspondente, é necessário que se transforme o verbo VIR em substantivo, resultando "vinda". Portanto, o resultado é: "É certa a vinda dele".

Obs.: Os autores Rocha Lima e Evanildo Bechara registram ainda a denominação oração subordinada substantiva completiva relativa – funcionaria como a objetiva indireta, contudo o complemento não seria a

pessoa ou a coisa a que se destina a ação, mas a coisa sobre a qual recai a ação. Nas provas, esta classificação é absorvida pela oração subordinada substantiva objetiva indireta.

Convém informar que, o complemento sendo oracional, é comum a preposição ser suprimida.

Ex.: Acredito (em) que haverá aula.

Gostariamos (de) que ele viesse.

Importantíssimo é o leitor, desde já, possuir o conceito de oração reduzida. Trata-se de oração sem conjunção ou pronome relativo – a preposição é mantida quando houver –, e o verbo estará numa das formas nominais: infinitivo, gerúndio ou particípio. No caso das orações subordinadas substantivas, só há a redução com verbos no infinitivo.

Ex.:

ORAÇÃO DESENVOLVIDA	ORAÇÃO REDUZIDA
Convém que estudemos bastante.	Convém estudarmos bastante.
Não há necessidade de que ele venha.	Não há necessidade de ele vir.
Garanto que João fará o trabalho.	Garanto João fazer o trabalho.
O certo é que vocês não parem.	O certo é vocês não pararem.

→ No primeiro par, as orações subordinadas substantivas são subjetivas. No segundo, as orações são completivas nominais, no terceiro, são objetivas diretas. No quarto, são predicativas.

Obs.: É possível em alguns casos a omissão da conjunção integrante. Normalmente, tal ocorre quando o verbo exprimir uma solicitação ou ordem.

Ex.: Solicito a V. Sª. (que) indique o endereço.

Determinamos (que) seja convocada a testemunha.

Pode-se, nestes períodos, extrair a conjunção integrante sem prejuízo semântico ou sintático.

Obs.: As orações interrogativas indiretas se unem às principais através de pronomes ou advérbios interrogativos, sem a presença da conjunção integrante. Tal ocorre quase sempre com orações subordinadas substantivas objetivas diretas.

Ex.: Perguntei para onde eles iriam.

→ Substituindo a segunda oração "para onde eles iriam" pela palavra "isso",

percebe-se que a oração funciona como objeto direto, mesmo havendo a preposição PARA. Esta preposição é decorrente da interrogação (Para onde eles vão?) e não da regência do verbo "perguntar".

Ex.: "Às vezes você me pergunta por que eu sou tão calado..." (Raul Seixas).

A oração "por que eu sou tão calado" funciona como objeto direto do verbo "pergunta". A preposição POR não é decorrente da regência do verbo "perguntar" e sim do questionamento (Por que eu sou tão calado?).

Ex.: "Agora eu lhes mostro com quantos paus se faz uma canoa" (Graciliano Ramos).

→ A preposição COM não é decorrente da regência do verbo da oração anterior e sim do questionamento (Com quantos paus se faz uma canoa?). A oração "com quantos paus se faz uma canoa funciona como objeto direto da forma verbal "mostra".

Obs.: Há também a ocorrência de orações justapostas, sem a presença da conjunção integrante. Basta, no caso, apenas a sua natural sequência. Normalmente, essas situações acontecem em orações objetivas diretas ou apositivas e funcionam de forma quase independente.

Ex.: Fiz apenas este pedido: tragam o material.

→ Observe que as duas orações são praticamente independentes, não havendo necessidade da conjunção integrante. A segunda oração é subordinada substantiva apositiva.

Ele disse aos parentes: não demorem muito!

→ As duas orações são praticamente independentes, sendo que a segunda funciona como objeto direto da primeira.

22.4. Exercícios

1. Correlacione.

(1) ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA SUBJETIVA
(2) ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA OBJETIVA DIRETA
(3) ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA OBJETIVA INDIRETA
(4) ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA COMPLETIVA NOMINAL
(5) ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA PREDICATIVA
(6) ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA APOSITIVA
(7) ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA AGENTE DA PASSIVA

( ) Não concordo com que falem palavrões aqui.
( ) Ele não informou se haverá aula.
( ) O esperado é que ele ainda chegue.
( ) Compreendeu-se que amanhã haverá aula.
( ) A matéria foi entendida por quem a estudou.

( ) Convém que todos estudem bastante.
( ) Avisamos a seguinte notícia: que no feriado não haverá aula.
( ) Tínhamos esperança de que houvesse aula.
( ) Somos favoráveis a que se mantenha o corpo docente.
( ) Precisamos de que tudo se resolva rapidamente.
( ) Pedi que chegassem logo.
( ) O fundamental é que todos estejam presentes.
( ) É fundamental que todos estejam presentes.
( ) O assunto foi mencionado por quem o pesquisou.
( ) As minhas intenções são que tudo se resolva.
( ) Tens certeza de que ele ainda virá?
( ) Ele não esclareceu sobre o que fala o livro.

2. (Analista de Controle Interno – Sefaz-RJ – FGV) Ao analisar o progresso da humanidade, percebe-se que o desenvolvimento social e econômico foi possível porque o homem sistematizou formas de organização entre os povos.
Assinale a alternativa em que a oração desempenhe função sintática DISTINTA da de *que o desenvolvimento social e econômico foi possível*.
a) Entende-se que a arrecadação incidente sobre os diversos setores produtivos é necessária para a manutenção da máquina governamental, para a sustentação do Estado em suas atribuições sociais e para aplicação na melhoria da qualidade de vida da população.
b) É imprescindível que a tributação seja suportável.
c) É dever do Estado manter as necessidades básicas da população.
d) É de fundamental importância que esse profissional aprimore seu entendimento tributário.
e) Entretanto, interesses diversos sempre deixaram a sociedade à margem do processo, como se ela não precisasse participar de forma efetiva das decisões econômicas e, em contrapartida, contribuir de forma direta e irrestrita para a própria sustentação.

3. (PUC-Rio)
"Espia se ele está na esquina".
Qual das opções abaixo não analisa corretamente esse período?
a) Período composto por subordinação.
b) Conjunção integrante iniciando a 2ª oração.
c) Verbo da 1ª oração: transitivo direto.
d) Verbo da 2ª oração: de ligação.
e) Frase em discurso direto.

4. (Técnico Judiciário – TJ – FCC) ***Os historiadores estimam que 4 milhões de africanos foram trazidos à força para o Brasil*.**
A função sintática do segmento grifado acima é a mesma do segmento também grifado em:

a) *Os negros vindos da África trabalharam nas lavouras de cana-de-açúcar e café...*
b) *O Valongo deixou de ser porto negreiro em 1831...*
c) *Sobre ele, o Império construiu o Cais da Imperatriz...*
d) *... justamente onde funcionavam as principais repartições públicas da Colônia.*
e) *... os burocratas começaram a ficar perturbados com as cenas degradantes do mercado de escravos.*

5. Se suprimirmos o pronome indefindo "Ninguém" e acrescentarmos "se" à forma verbal "informou", na frase "Ninguém informou que haverá aula", o sujeito da oração principal é:
a) ninguém;
b) aula;
c) indeterminado;
d) que haverá aula;
e) inexistente.

6. (NCE) "... Quer sempre que alguém lhe dê atenção e que todos a respeitem". Transformando a última oração em forma nominal, temos como forma adequada:
a) (quer) que seja respeitada por todos;
b) (quer) que haja respeito por parte de todos;
c) (quer) respeito de todos;
d) (quer) que se respeite a todos;
e) (quer) que todos sejam respeitados.

7. (NCE – Oficial de Justiça – TJ) "Causa certo desconforto intelectual ver substituídas por objetos de consumo as discussões sobre liberdade e o heroísmo dos atos que levaram à sua preservação em múltiplos domínios da existência humana." O comentário correto a respeito desse segmento do texto é:
a) Os sujeitos de "causa" e "levaram" estão pospostos.
b "Substituídas" é adjetivo que só se refere semanticamente ao substantivo "discussões".
c) O pronome "sua" se refere semanticamente a "heroísmo".
d) "Substituídas" e "heroísmo" são vocábulos acentuados pela mesma razão.
e) O pronome relativo "que" tem por antecedente "heroísmo".

8. (NCE – Técnico Judiciário Juramentado – TJ) "... é necessário diminuir as distâncias sociais..." Se reescrevermos esse segmento do texto com a transformação da oração reduzida em forma nominal, teremos:
a) É necessária a diminuição das distâncias sociais.
b) É necessário que diminuamos as distâncias sociais.
c) É necessário que as distâncias sociais sejam diminuídas.
d) Há necessidade de se diminuírem as distâncias sociais.
e) Há necessidade da diminuição das distâncias sociais.

9. Em relação ao texto abaixo, assinale a opção em que dois termos não possuam a mesma função sintática.

Houve um tempo em que a interpretação dos militares brasileiros sobre Lei e Ordem era rasgar as leis e ferir a ordem. Hoje em dia, eles demonstram com convicção terem aprendido o que não podem fazer. Acompanham com atenção os índices de popularidade das Forças Armadas, que vem aumentando ano após ano desde 94.

Numa pesquisa feita em maio, registrou-se que 75% dos brasileiros confiam nas Forças Armadas, e só 20% não confiam.

a) "um tempo" (l. 1) – "rasgar as leis e ferir a ordem" (l. 2)
b) "terem aprendido o" (l. 3) – "que" (l. 2/3)
c) "em que" (l. 1) – "Hoje em dia" (l. 2)
d) "o" (l. 3) – os índices de popularidade das Forças Armadas (l. 3/4)
e) "que 75% dos brasileiros confiam nas Forças Armadas" (l. 5/6) – "75% dos brasileiros" (l. 5)

22.5. Orações subordinadas adjetivas

O pronome relativo sempre introduz uma oração subordinada adjetiva. São pronomes relativos O QUAL, A QUAL, OS QUAIS, AS QUAIS ou quaisquer outros termos que possam ser substituídos por estes já mencionados. São também pronomes relativos CUJO, CUJA, CUJOS e CUJAS.

Ex.: Roubaram o relógio que (O QUAL) comprei ontem.

→ A oração sublinhada introduzida pelo pronome relativo QUE é subordinada adjetiva.

O bairro onde (NO QUAL) moro é muito bonito.

→ ONDE MORO é uma oração subordinada adjetiva, pois ONDE é pronome relativo, fato que é constatado pela possibilidade de substituição por NO QUAL.

A oração subordinada adjetiva pode ser restritiva ou explicativa. Será restritiva quando não estiver isolada através de vírgula, travessão ou parênteses, e será explicativa se as pontuações aludidas procederem ao seu isolamento.

Ex.: Os operários que (os quais) fizeram greve foram demitidos.

Os operários – que (os quais) fizeram greve – foram demitidos.

Obs.: É fundamental lembrar que, nos atuais concursos públicos, é muito difícil as bancas solicitarem ao candidato a classificação de uma oração, o que não significa o assunto quedar-se ausente nas provas. A exigência hoje é a percepção de que a pontuação altera muito mais do que uma mera

classificação de oração, modificando também o seu valor semântico. Então, retornando às duas frases, utilizadas no exemplo, tem-se: em ambas, o QUE é pronome relativo; contudo, na primeira frase, o pronome relativo não é precedido de pontuação, portanto a oração é subordinada adjetiva restritiva. Sendo assim, a ideia é de restrição. As palavras que melhor expressam essa ideia são SOMENTE, SÓ, APENAS. A ideia contida na primeira frase é "somente os operários que fizeram greve serão demitidos"; já na segunda frase, a oração adjetiva é isolada através de travessões, por conseguinte a oração é subordinada adjetiva explicativa. Portanto, o candidato deve condicionar-se à ideia de explicação, à ideia de "porquê". A frase deve ser interpretada como: "Os operários foram demitidos porque fizeram greve".

Ex.: Os professores cujos alunos são bagunceiros ficam glabros mais cedo.

→ Nem todos os professores ficam glabros mais cedo, somente aquele que tem seus alunos bagunceiros. Portanto a oração CUJOS ALUNOS SÃO BAGUNCEIROS é subordinada adjetiva restritiva.

Os professores, cujos alunos são bagunceiros, ficam glabros mais cedo.

→ A interpretação desta frase é que "os professores ficam glabros mais cedo, pois seus alunos são bagunceiros".

"O Capitão, que a tudo estava atento,
Tanto com estas se alegrou..." (Camões).

→ O sentido dos dois versos é "O Capitão, visto que a tudo estava atento, tanto com estas se alegrou..."

Obs.: As orações, contendo pronomes indefinidos relativos – pronomes relativos sem antecedentes –, segundo Evanildo Bechara, tanto podem ser classificadas como subordinadas substantivas quanto subordinadas adjetivas. Para Rocha Lima, só cabe a classificação de oração adjetiva. O NCE já a interpretou como oração substantiva.

Ex.: Quem fuma muito morre cedo.

→ Para esta frase, caberiam duas interpretações, sendo a primeira: "AQUELE QUE FUMA MUITO MORRE CEDO". A oração "que fuma muito" seria subordinada adjetiva restritiva. Então o pronome relativo indefinido QUEM englobaria os dois termos: o antecedente implícito AQUELE e o relativo QUE. A outra interpretação cabível é a de que, como ocorre com adjetivos que, com a presença de artigo, são substantivados, a oração adjetiva, nessa estrutura, fica substantivada, já que se substitui um ser. Então, a oração QUEM FUMA MUITO representa um ser que funciona como sujeito da oração seguinte. Segundo esta visão, a oração é subordinada substantiva subjetiva – tese esta adotada pelo NCE.

Obs.: Não podemos esquecer que, como já se informou nas orações subordinadas substantivas, toda oração subordinada é apenas uma função sintática da oração principal. Toda oração subordinada adjetiva é adjunto adnominal da principal.

22.6. Exercícios

1. (Uni-Rio) Assinale o item em que há uma oração, quanto à classificação, idêntica à segunda do período: "Pernoitamos depois junto a um açude lamacento, onde patos nadavam".

a) "As virilhas suadas ardiam-me, o chouto do animal sacolejava-me..".
b) "De onde vinham as figuras desconhecidas para encontrar-nos?"
c) "Fiz o resto da viagem com um moço alegre, que tentou explicar-me as chaminés dos banguês..."
d) "Os mais graúdos percebiam que a viagem era alegre".
e) "Surgiam regatos, cresceram tanto que se transformaram em rios..."

2. (UE-BA) Meu pai, <u>que havia arrancado três dentes</u>, não pôde viajar naquele dia.
A oração grifada classifica-se como subordinada:

a) adverbial temporal;
b) substantiva predicativa;
c) adjetiva restritiva;
d) substantiva apositiva;
e) adjetiva explicativa.

3. (EU-Ponta Grossa-PR)
"Quando o enterro passou
Os homens que se achavam no café
Tiraram o chapéu maquinalmente"
(Manuel Bandeira)
A oração <u>que se achavam no café</u> é:

a) subordinada adverbial condicional;
b) coordenada sindética adversativa;
c) subordinada substantiva subjetiva;
d) subordinada substantiva objetiva direta;
e) subordinada adjetiva restritiva.

4. Maria disse que não virá.
Maria disse o que todos deveriam dizer.
Em relação às frases acima, o único comentário falso é:

a) A segunda oração da primeira frase é subordinada substantiva objetiva direta.
b) O <u>QUE</u> que introduz a segunda oração do primeiro período é conjunção subordinativa integrante.

c) O termo O que surge na segunda oração é pronome demonstrativo.
d) O termo QUE ocorrente na segunda frase é pronome relativo.
e) A primeira oração da segunda frase é MARIA DISSE.

5. Os viajantes, que possuírem passaporte, poderão viajar.
Em relação a esta frase, o único comentário falso é que:
a) Somente os viajantes que possuírem passaporte poderão viajar.
b) Os viajantes poderão viajar porque possuem passaporte.
c) QUE é pronome relativo como classe gramatical e sujeito como função sintática.
d) A segunda oração é QUE POSSUÍREM PASSAPORTE.
e) A oração subordinada é adjetiva explicativa.

6. (PUC) Assinale o período em que há uma oração adjetiva restritiva.
a) A casa onde estou é ótima.
b) Brasília, que é capital do Brasil, é linda.
c) Penso que você é de bom coração.
d) Vê-se que você é de bom coração.
e) Nada obsta a que você se empregue.

7. (Faap) "Não compreendíamos a razão por que o ladrão não montava a cavalo". A oração em destaque é:
a) subordinada adjetiva restritiva;
b) subordinada adjetiva explicativa;
c) subordinada adverbial causal;
d) substantiva objetiva direta;
e) substantiva completiva nominal.

8. (UFPA) Assinale a opção que apresenta um período com oração subordinada adjetiva.
a) Ele falou que compraria a casa.
b) Não fale alto, que ele pode ouvir.
c) Vamos embora, que o dia está amanhecendo.
d) Em time que ganha não se mexe.
e) Parece que a prova não está difícil.

9. (Farias Brito) "O homem que cala e ouve não dissipa o que sabe e aprende o que ignora" (Marquês de Maricá: Máximas). Separando por barras (/) as orações desse período, teremos:
a) O homem que cala / e ouve / não dissipa o que sabe / e aprende o que ignora.
b) O homem / que cala e ouve / não dissipa / o que sabe e aprende / o que ignora.
c) O homem que / cala e ouve / não dissipa o que sabe / e aprende o que ignora.
d) O homem que cala e ouve / não dissipa o que sabe / e aprende o que ignora.
e) O homem / que cala / e ouve / não dissipa o / que sabe / e aprende o / que ignora.

10. (PC-NCE) "Há poucos dias, assistindo a um desses debates universitários que a gente pensa que não vão dar em nada, ouvi um raciocínio que não me saiu mais da cabeça". O comentário correto sobre esse segmento do texto é:
a) Os três quês do texto pertencem à idêntica classe gramatical.
b) A expressão a gente, por dar ideia de quantidade, deve levar o verbo para o plural.
c) A forma verbal vão deveria ser substituída pela forma vai.
d) A forma verbal vão dar transmite ideia de possibilidade.
e) A última oração do texto restringe o sentido do substantivo raciocínio.

11. (PC-NCE) "O que me interessou foi um comentário marginal que ele fez – e o exemplo que escolheu para ilustrar seu comentário". A forma menos adequada de reescrevermos o texto acima, respeitando-se o sentido original, é:
a) Interessou-me um comentário marginal que ele fez – e o exemplo escolhido para ilustrar seu comentário.
b) Interessaram-me não só um comentário marginal que ele fez, como também o exemplo que escolheu para a ilustração de seu comentário.
c) O que me interessou foram um comentário marginal (que ele fez) e o exemplo (que escolheu para ilustrar seu comentário).
d) Um comentário marginal que ele fez e o exemplo que escolheu para ilustrar seu comentário foi o que me interessou.
e) Um comentário marginal feito por ele e o exemplo escolhido para a ilustração de seu comentário foi o que me interessou.

12. (NCE) "Quem fala em flor não diz tudo". Assinale o comentário correto sobre o verso destacado.
a) O sujeito da segunda oração é a oração anterior.
b) O sujeito da primeira oração é a segunda da oração.
c) O objeto direto da primeira oração é a segunda oração.
d) O objeto direto da segunda é a primeira oração.
e) O período formado pelo verso é composto de uma oração absoluta.

22.7. Orações subordinadas adverbiais

Relembrando o que já se informou nas orações substantivas e nas adjetivas, a oração subordinada é apenas uma função sintática da oração principal, cabendo à subordinada adverbial a função de adjunto adverbial. Então, se uma oração é subordinada adverbial causal, conclui-se que funciona como adjunto adverbial de causa; se uma oração é subordinada adverbial temporal, é um adjunto adverbial de tempo...

22.7.1. Causais

Possuem uma ideia de CAUSA, RAZÃO, MOTIVO. São diferentes das ORAÇÕES COORDENADAS EXPLICATIVAS, pois estabelecem a relação

causa-efeito. As conjunções mais comuns são: POIS, PORQUE, COMO, JÁ QUE, VISTO QUE, PORQUANTO...

Ex.: Trabalho muito porque preciso de dinheiro.

Como estava frio, saí de casaco.

Já que ele foi embora, vou também.

→ As conjunções PORQUE, COMO e JÁ QUE introduzem uma ideia de causa para o fato que ocorre na outra oração.

Relembremos a diferença semântica que sugere a conjunção POIS nas frases a seguir.

Ele ainda não chegou; está, pois, preso no trânsito.

Ele ainda não chegou, pois está preso no trânsito.

Volte logo, pois está tarde.

→ Observe que o primeiro POIS está numa oração que tem ideia de dedução. Não se tem a informação de que ELE ESTÁ PRESO NO TRÂNSITO, então se procede a esta dedução. Sendo assim, o primeiro POIS é uma CONJUNÇÃO COORDENATIVA CONCLUSIVA.

→ Observe que o segundo POIS introduz uma ideia de causa para a primeira oração, tendo a segunda oração o valor de consequência.

→ Já o terceiro POIS também introduz uma ideia de EXPLICAÇÃO para a ordem inserida na primeira oração.

22.7.2. Concessivas

Possuem uma oração cujo fato não modifica o evento da outra oração. As conjunções mais comuns são: EMBORA, MESMO QUE, AINDA QUE, CONQUANTO (sinônimo de embora), MALGRADO...

Ex.: "Ainda que não haja brisa nenhuma, parece

Que passa, um momento, uma leve brisa" (Fernando Pessoa).

→ A conjunção AINDA QUE introduz uma oração incapaz de modificar o evento da outra oração, ou seja, o fato de não haver brisa acaba por não alterar o efeito: parecer que passa uma leve brisa.

Malgrado ele admitisse o erro, não o reparou.

→ Observe que a conjunção MALGRADO introduz uma oração que não muda o evento da outra oração. O fato de ser tarde não me impede de sair.

Mesmo que ele venha, não resolverá o problema.

→ Observe que o fato de ele vir (ou não) não altera a consequência: o problema não será resolvido.

BIZU

É bom não olvidar que algumas conjunções concessivas introduzem fatos concretos e outras fatos hipotéticos que não alteram o efeito. Revendo o terceiro exemplo, observe que a conjunção MESMO QUE introduz uma situação hipotética (não se sabe se ele virá ou não) que não altera o outro fato (o problema não será resolvido). Já no segundo exemplo, o fato concreto de a pessoa já admitir o erro não altera o fato de não repará-lo.

22.7.3. Condicionais

Possuem uma ideia de condição, hipótese. Esta ideia é exatamente oposta à da concessão. Um fato sempre vai depender do outro. As conjunções mais comuns são SE, CASO, CONTANTO QUE, A NÃO SER QUE, A MENOS QUE...

Obs.: É fundamental relembrar que a ideia de condição está intimamente ligada à ideia de causa. Tal se justifica por ambas representarem fatos anteriores que gerarão efeitos. Diferem-se apenas quanto ao fato de a condição designar uma situação incerta e a causa indicar uma certeza.

Ex.: "Eu teria um desgosto profundo, se faltasse o Flamengo no mundo" (Lamartine Babo).

→ Observe que a conjunção SE introduz uma condição (se faltasse o Flamengo no mundo) para que eu tivesse um desgosto profundo. Cumpre observar a proximidade dos valores de causa e condição. A segunda oração (se faltasse o Flamengo no mundo) gera uma consequência (Eu teria um desgosto profundo).

Caso você melhore, volte logo para casa.

→ A conjunção CASO introduz a condição para que ele volte para casa. A pessoa melhorando (não é sabido se vai melhorar ou não) gera a consequência de poder voltar para casa. Observe como a condição expressa uma ideia oposta à concessão. Na frase "Mesmo que você melhore, não voltará para casa.", o fato de a pessoa melhorar – ou não – não altera o efeito: não poderá voltar para casa.

22.7.4. Temporais

Possuem uma ideia de marcação de tempo. É como se uma oração possuísse a função de marcar o tempo do outro fato. As conjunções mais comuns são: QUANDO, MAL, LOGO QUE, APENAS (sinônimo de quando).

Ex.: "Assim que resolveu estudar, seu rendimento melhorou."

→ Observe que a conjunção ASSIM QUE introduz uma marcação temporal,

funcionando como “A partir do dia em que”.

Ex.: Apenas ele limpou a casa, as moscas sumiram.

→ Antes de o sujeito ELE limpar a casa, as moscas existiam; depois que a casa foi limpa, as moscas sumiram.

Obs.: Vale a pena analisar a conjunção DESDE QUE nas frases a seguir.

Ex.: Desde que economizemos, compraremos tudo.

→ A locução conjuncional DESDE QUE introduz uma condição para que possamos comprar tudo, portanto a locução conjuncional é subordinativa condicional.

Ex.: Desde que ele chegou, nunca mais houve problemas.

→ Observe que a conjunção DESDE QUE marca o início da época em que os problemas se findaram, significando “A partir do dia em que ele chegou...”

Obs.: Há casos de orações temporais sem conectores.

Ex.: Ele chegou há (faz) duas semanas.

22.7.5. Consecutivas

Possuem uma ideia de consequência. Normalmente na oração principal aparecerá um destes elementos de intensidade (tão, tal, tamanho, tanto). A conjunção mais comum é QUE.

Ex.: “Amo tanto e de tanto amar, acho que ela é bonita” (Chico Buarque).

“... e com tamanho empenho a lamentou, que a boa mulher o escolheu para confidente das suas desventuras” (Aluísio de Azevedo).

→ Observe, nas duas frases, que apareceu o advérbio de intensidade (TANTO, TÃO) na oração principal e as consequências introduzidas pela conjunção QUE – implícita no primeiro exemplo, antes de “acho” – são na primeira frase (acho que ela é bonita) e na segunda frase (a boa mulher o escolheu para confidente das suas desventuras).

22.7.6. Finais

Possuem uma ideia de finalidade, objetivo. Todas as conjunções finais podem ser substituídas pela palavra OBJETIVO.

BIZU

É imperioso relembrar que a ideia de finalidade está relacionada à ideia de consequência, pois ambas representam os fatos posteriores. Diferem quanto

ao fato de que a consequência é fato certo e o objetivo é fato esperado, expectativa.

Ex.: "Dai vós fervor ao nosso atrevimento,
Para que estes meus versos vossos sejam" (Camões).

→ Nos versos, o fato anterior é "Dai vós fervor ao nosso atrevimento" (representa a causa), e o fato posterior é "para que estes meus versos vossos sejam" (representa a expectativa de consequência que pode se efetivar ou não).

Ex.: Venha logo a fim de que (com o objetivo de que) possa encontrar-nos.

→ Na frase, o fato anterior é a pessoa vir e o posterior, poder encontrar-nos. Logo "vir aqui" leva à possibilidade de "encontrar-nos" e não "encontrar-nos" que levaria à possibilidade de "a pessoa vir logo".

22.7.7. Proporcionais

Possuem uma ideia de proporção. As conjunções mais comuns são: À MEDIDA QUE, À PROPORÇÃO QUE, QUANTO.

Ex.: Quanto menos ele reclama, mais ele conquista a simpatia de todos.

→ A conjunção QUANTO introduz a proporção entre ELE MENOS RECLAMAR e ELE CONQUISTAR A SIMPATIA DE TODOS. Se reclamar pouco, conquista mais a simpatia de todos; se ele reclamar muito, ele conquista menos a simpatia de todos.

Ex.: À medida que engolia uma troça, uma pilhéria, vinha-lhe meditar sobre a sua lembrança" (Lima Barreto).

→ A conjunção À MEDIDA QUE introduz a proporção entre ENGOLIR E VIR-LHE MEDITAR.

22.7.8. Conformativas

Possuem uma ideia de conformidade, de estar de acordo. As conjunções mais comuns são: DE ACORDO COM QUE, CONFORME, COMO.

Ex.: Agi conforme me foi ordenado.

→ A conjunção CONFORME introduz a conformidade da ação com o que foi ordenado.

Bebi apenas dois copos de cerveja, como manda a lei.

→ A conjunção COMO introduz a conformidade de BEBER DOIS COPOS DE CERVEJA com o que manda a lei.

22.7.9. Comparativas

Possuem uma ideia de comparação. Esta comparação pode ser de superioridade, igualdade ou inferioridade. As conjunções mais comuns são (DO) QUE, COMO, CONFORME.

Ex.: Agi conforme você agiu.

→ A conjunção CONFORME estabelece uma comparação de igualdade entre a ação do sujeito da primeira oração (eu) e o sujeito da segunda (você).

"Viver contigo qual Jacó vivera" (Castro Alves).

→ A conjunção QUAL introduz uma comparação de igualdade da forma como alguém e Jacó viveram com a outra pessoa.

"... às vezes mais fétidos do que a evaporação de um lameiro" (Aluísio de Azevedo).

→ A conjunção DO QUE introduz uma ideia de que algo mencionado anteriormente seja mais fétido que o lameiro, estando o verbo da segunda oração subentendido.

"Interdizia-o menos por debelar um vício que para previnir desordens" (Euclides da Cunha).

→ A conjunção QUE indica ter ocorrido a ação menos por um motivo do que pelo outro.

Obs.: Convém lembrar que o termo "do", nas expressões comparativas de superioridade ou de inferioridade "do que", pode ser extraído sem prejuízo semântico ou gramatical.

22.7.10. Modais

Acrescentam ao período valor de modo. É interessante esclarecer que esta oração não está prevista na NGB, contudo os principais gramáticos a citam, como Evanildo Bechara e Rocha Lima.

Ex.: Não estudava sem que reclamasse.

→ Observe que a oração "sem que reclamasse" indica o modo como estudava (reclamando).

22.8. Orações reduzidas

As orações podem ser reduzidas de infinitivo, gerúndio e particípio. A oração reduzida funciona como a desenvolvida, contudo não possui conectivo (conjunção, pronome relativo etc.) e seu verbo tem que estar reduzido, ou seja, no infinitivo, gerúndio ou particípio.

Ex.: É importante responder as perguntas (isso).

→ Esta oração funciona como QUE RESPONDAM AS QUESTÕES. As únicas

diferenças são que, em RESPONDER AS QUESTÕES, não há o conectivo QUE, e o verbo RESPONDER está na forma reduzida (infinitivo). ISSO é importante. ISSO é sujeito, portanto a oração é subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo.

"Não sou digna de ouvir de sua boca essa palavra doce" (Bernardo Guimarães).

→ Esta oração funciona como DE QUE OUÇA DE SUA BOCA ESSA PALAVRA DOCE. A diferença é que não há o conectivo (QUE) e o verbo está no infinitivo (OUVIR). DISSO funciona como complemento nominal, a oração é subordinada substantiva completiva nominal reduzida de infinitivo.

As crianças vindas de São Paulo já estão abrigadas.

→ VINDAS DE SÃO PAULO = QUE (as quais) VIERAM DE SÃO PAULO. QUE seria pronome relativo, portanto a oração é subordinada adjetiva restritiva reduzida de particípio.

Chegando o inverno, comprarei um casaco.

→ CHEGANDO O INVERNO = QUANDO O INVERNO CHEGAR. Antes de o inverno chegar, não comprarei um casaco; assim que o inverno chegar, comprarei um casaco. A oração é subordinada adverbial temporal reduzida de gerúndio.

Ele veio aqui para me ver.

→ PARA ME VER = PARA QUE (com o objetivo de que) ME VISSE. A oração é subordinada adverbial final reduzida de infinitivo.

Desaparecida a causa, cessará o efeito.

→ DESAPARECIDA A CAUSA (SE A CAUSA ESTIVER DESAPARECIDA). A oração é subordinada adverbial condicional reduzida de particípio. Também se pode interpretar a oração reduzida como temporal, pois é cabivel desenvolvê-la assim: "Quando desaparecer a causa, cessará o efeito."

Não sendo professor, deu aulas maravilhosas.

→ NÃO SENDO PROFESSOR = EMBORA NÃO FOSSE PROFESSOR. A oração é subordinada adverbial concessiva reduzida de gerúndio.

Fazendo os exercícios, poderão sair.

→ A oração reduzida de gerúndio FAZENDO OS EXERCÍCIOS pode indicar ideia de condição ou tempo. Pode-se interpretá-la como "Se fizerem os exercícios", possuindo valor de condição; também se pode interpretá-la como "Depois que fizerem os exercícios", caracterizando-se o valor de tempo.

Ele bebe cerveja sorrindo.

→ A oração reduzida de gerúndio "sorrindo" indica o modo como ele bebe cerveja. Esta oração não está prevista na NGB.

Feitos os trabalhos, puderam sair.

→ A oração reduzida de particípio pode indicar duas ideias: "depois que os trabalhos foram feitos", sugerindo valor de tempo; contudo também cabe a interpretação "Visto que fizeram os trabalhos", encerrando valor de causa.

22.9. Exercícios

1. (Fiscal – ICMS-RJ – FGV) ***Esposamos a ideia de que os sofrimentos atuais possuem uma significação que transcende a crise civilizacional.***

Com relação à frase transcrita, analise as afirmativas a seguir:

I. O primeiro *que* é uma conjunção integrante e serve para articular um complemento oracional ao substantivo abstrato *ideia*.

II. O segundo *que* é um pronome interrogativo cujo uso se justifica em razão da seguinte pergunta: que significação transcende a crise civilizacional?

III. As duas ocorrências de *que* promovem a estruturação do período composto, já que introduzem a oração subordinada substantiva e a subordinada adjetiva, respectivamente.

Assinale:

a) se somente a afirmativa I estiver correta;
b) se somente a afirmativa II estiver correta;
c) se somente a afirmativa III estiver correta;
d) se somente as afirmativas I e III estiverem corretas;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

2. (Analista de Controle – TCE-PR – FCC) A oração sublinhada exerce a função de sujeito dentro do seguinte período:

a) Montesquieu preferiu guiar-se pelos valores civis, em vez de se deixar levar pelo finalismo religioso.
b) A um espírito sensível e religioso não convém ler um filósofo como Montesquieu buscando apoio espiritual.
c) Um estudo sério da história das ciências jurídicas não pode prescindir dos métodos de que se vale Montesquieu em **O espírito das leis**.
d) As ciências humanas deveriam libertar-se da religião, assim como ocorreu com as ciências naturais.
e) O método de Montesquieu valorizou as instituições humanas e solapou o finalismo teológico e moral.

3. (Unimep)

I. Mário estudou muito e foi reprovado!

II. Mário estudou muito e foi aprovado!

Em I e II, a conjunção E tem, respectivamente, valor:

a) aditivo e conclusivo;
b) adversativo e aditivo;
c) aditivo e aditivo;
d) adversativo e conclusivo;
e) concessivo e causal.

4. (UC-MG) A classificação da oração grifada está correta em todas as opções, exceto em:
a) Ela sabia que ele estava fazendo o certo – subordinada substantiva objetiva indireta.
b) Era a primeira vez que ficava assim tão perto de uma mulher – subordinada substantiva subjetiva.
c) Mas não estava neles modificar um namoro que nascera difícil, cercado, travado – subordinada adjetiva.
d) O momento foi tão intenso que ela teve medo – subordinada adverbial consecutiva.
e) Solta que você está me machucando – coordenada sindética explicativa.

5. (Analista de Controle Interno – Sefaz-RJ – FGV) Ah, filho! Basta ser uma boa pessoa, fazer o bem ao próximo, não mentir e comer os legumes!
Em relação à fala da mãe, analise as afirmativas a seguir:
I. Há quatro orações.
II. Todas as orações da fala são coordenadas.
III. Todas as orações são desenvolvidas.
Assinale:
a) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas I e III estiverem correta;
c) se nenhuma afirmativa estiver correta;
d) se todas as afirmativas estiverem corretas;
e) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.

6. (Esansp) Na frase "Como anoitecesse, recolhi-me pouco depois e deitei-me" (Monteiro Lobato), a oração destacada é:
a) coordenada sindética explicativa;
b) subordinada adverbial causal;
c) subordinada adverbial conformativa;
d) subordinada adjetiva explicativa;
e) subordinada adverbial final.

7. (Auditor – Sefaz-RJ – FGV) ***Na Espanha, por exemplo, a recentíssima reforma do Código Penal – que atende diretivas da União Europeia sobre o tema – trouxe, no artigo 31 bis, não só a possibilidade de responsabilização penal da pessoa jurídica (por delitos que sejam cometidos no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização será aferida nos casos concretos (ela será aplicável [...], em função da inoperância de***

controles empresariais, sobre atividades desempenhadas pelas pessoas físicas que as dirigem ou que agem em seu nome).

A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:

I. Há uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração coordenada sindética alternativa.

II. Há três orações na voz passiva, mas somente uma com agente da passiva explícito.

III. Há quatro orações subordinadas adjetivas desenvolvidas e uma oração subordinada adjetiva reduzida.

Assinale:

a) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
d) se nenhuma afirmativa estiver correta;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

8. (Técnico Judiciário – TRE-PA – FGV) *Minha proposta é a de que o fundo partidário seja composto por uma quantia mínima para o partido manter uma estrutura básica.*

A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:

I. O período poderia ser redigido, sem incorrer em inadequação gramatical ou semântica, da seguinte maneira: *Minha proposta é que o fundo partidário seja composto por uma quantia mínima para o partido manter uma estrutura básica.*

II. O período é composto por três orações.

III. No período há uma oração reduzida de particípio.

Assinale:

a) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se nenhuma afirmativa estiver correta;
d) se todas as afirmativas estiverem corretas;
e) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.

9. (Analista – Fiocruz – FGV) "Qualquer dúvida, <u>por mais banal que seja, torna-se umaurgência inadiável</u>"; a oração sublinhada não equivale a:

a) embora seja muito banal
b) apesar de ser muito banal
c) contanto que seja muito banal
d) mesmo sendo muito banal
e) ainda que seja muito banal

10. (Senado Federal – FGV) "*Mas o fato é que transparência deixou de ser um processo de observação cristalina* para assumir um discurso de políticas de averiguação de custos engessadas que pouco ou quase nada retratam as necessidades de populações distintas."

A oração grifada no trecho acima classifica-se como:

a) subordinada substantiva predicativa;
b) subordinada adjetiva restritiva;
c) subordinada substantiva subjetiva;
d) subordinada substantiva objetiva direta;
e) subordinada adjetiva explicativa.

11. (Analista de Controle Interno – Sefaz-RJ – FGV) ***Ao analisar o progresso da humanidade, percebe-se que o desenvolvimento social e econômico foi possível porque o homem sistematizou formas de organização entre os povos*****.**
A oração sublinhada no período acima tem valor:
a) causal;
b) concessivo;
c) comparativo;
d) temporal;
e) consecutivo.

12. (Perito da Polícia Civil-RJ – FGV) "Na dúvida, deve-se optar pela segurança de não consumir álcool usando medicamentos". A oração reduzida de gerúndio – *usando medicamentos* – pode ser adequadamente substituída por:
a) depois de usar medicamentos;
b) quando se usam medicamentos;
c) antes de usar medicamentos;
d) apesar de usar medicamentos;
e) logo que se usam medicamentos.

13. "Aqueles com aptidão a ajudá-los, se não estimulados por cenários competitivos, estarão fadados a não encontrar motivação para o exercício de suas funções."
A respeito do período acima, analise os itens a seguir:
I. O período é composto por quatro orações.
II. Há três orações reduzidas.
III. Há uma oração coordenada.
Assinale:
a) se todos os itens estiverem corretos;
b) se somente o item II estiver correto;
c) se somente o item III estiver correto;
d) se somente o item I estiver correto;
e) se nenhum item estiver correto.

14. ***Vê-se, pois, que o plano ético permeia todas as ações humanas*****.**
Com relação à frase transcrita e a análise sintática tradicional, considere as afirmativas a seguir.
I. O vocábulo *que* é uma conjunção integrante e presta-se a articular a oração subjetiva ao núcleo verbal que a subordina.

II. A forma verbal *vê-se* está na voz ativa e seu sujeito recebe a classificação de sujeito indeterminado.
III. O período estrutura-se por coordenação, sendo a segunda oração coordenada sindética conclusiva introduzida pela conjunção *pois*.
Assinale:
a) se somente a afirmativa I estiver correta;
b) se somente a afirmativa II estiver correta;
c) se somente a afirmativa III estiver correta;
d) se somente as afirmativas I e III estiverem corretas;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

Leia o texto a seguir para responder às questões 15 a 19 (NCE – TRT).

Texto 1 – A amamentação do filho
Délio Maranhão e Luiz Inácio B. Carvalho
Para amamentar o próprio filho, até que este complete seis meses de idade, terá a mulher direito, durante a jornada, a dois descansos especiais, de meia hora cada um. Quando o exigir a saúde da criança, tais descansos poderão continuar, além dos seis meses, a critério da autoridade competente (art. 396 da Consolidação)
Tratando-se de descansos especiais, serão concedidos sem prejuízo do intervalo normal para o repouso e alimentação, dentro da jornada, e nesta computados.

15. No desenvolvimento do texto acima, muitos termos referem-se a termos anteriores; o item em que a referência a um termo anterior não está correta é:
a) "... até que este complete seis meses de idade,..." – o próprio filho.
b) "... durante a jornada..." – de amamentação do filho.
c) "... de meia hora cada um." – descanso especial.
d) "... tais descansos poderão continuar..." – os descansos especiais.
e) "... além dos seis meses..." – seis meses de idade do filho.

16. O item em que o elemento destacado não tem sua significação corretamente indicada é:
a) "Para amamentar" – finalidade.
b) "... até que este complete..." – tempo.
c) "... durante a jornada..." – tempo.
d) "... a critério da autoridade competente" – conformidade.
e) "... sem prejuízo do intervalo normal..." – condição.

17. "Para amamentar o próprio filho, até que este complete seis meses de idade, terá a mulher direito, durante a jornada, a dois descansos especiais, de meia hora cada um". O comentário correto a respeito da estrutura sintática desse período é:
a) O sujeito do verbo da oração principal está proposto.
b) A oração subordinada do período indica finalidade.

c) O complemento nominal de "direito" é "durante a jornada".
d) "Para amamentar o próprio filho" é adjunto ligado à oração subordinada.
e) "Especiais" é predicativo do sujeito.

18. "Quando o exigir a saúde da criança..." Colocando-se a oração em ordem direta e substituindo-se o pronome oblíquo por seu correspondente semântico, teremos a seguinte oração:
a) Quando exigir o amamentar a saúde da criança...
b) Quando a saúde da criança exigir tais medidas...
c) Quando o amamentar for exigido pela saúde da criança...
d) Quando a saúde da criança o exigir...
e) Quando a saúde da criança exigi-lo...

19. "Tratando-se de descansos especiais..." O item em que se inclui adequadamente uma conjunção à oração reduzida desse segmento é:
a) Mesmo que se trate de descansos especiais...
b) Já que se trata de descansos especiais...
c) Ainda que se trate de descansos especiais...
d) Quando se trate de descansos especiais...
e) No momento em que se trate de descansos especiais...

20. (MP – NCE – com adaptações) A oração "usando os recursos naturais de seu meio ambiente" no período "Os índios brasileiros proveem sua subsistência usando os recursos naturais de seu meio ambiente" transmite ideia de:
a) modo;
b) finalidade;
c) meio;
d) tempo;
e) condição.

21. (MP – NCE) "Sempre que se reúnem para lamuriar, os empresários falam no Custo Brasil, no preço que pagam para fazer negócios num país com regras obsoletas e vícios incrustados". O comentário <u>incorreto</u> feito sobre os conectores desse segmento do texto é:
a) A expressão sempre que tem valor de tempo.
b) O conectivo para tem ideia de finalidade.
c) A preposição em no termo no Custo Brasil tem valor de assunto.
d) A preposição em no termo num país tem valor de lugar.
e) A preposição com tem valor de companhia.

22. (MP – NCE) "... no preço que pagam para fazer negócios..." A forma desenvolvida da oração reduzida iniciada por para fazer é:
a) ... para que se façam negócios...

b) ... para que fizessem negócios...
c) ... para que façam negócios...
d) ... para fazerem negócios...
e) ... para que sejam feitos negócios...

23. (IBGE – NCE) "Tendo sido designado por Vossa Senhoria para apurar as denúncias de irregularidades ocorridas no aeroporto de Marília, submeto à apreciação de Vossa Senhoria o relatório das diligências que nesse sentido efetuei."
"Tendo sido designado por Vossa Senhoria..." Esta oração inicial do texto tem valor:
a) concessivo;
b) temporal;
c) conclusivo;
d) causal;
e) consecutivo.

24. (NCE) "<u>Como controlamos a produção de nosso próprio alimento</u>, somos a primeira espécie na história ..." A oração sublinhada apresenta, em relação à seguinte, o valor de:
a) condição;
b) modo;
c) comparação;
d) conclusão;
e) causa.

25. (Eletrobrás – NCE) "... que o leite, por ser essencial, deve sair das mãos dos particulares..." O item abaixo que <u>não</u> substitui de forma adequada o termo sublinhado é:
a) visto;
b) em razão de;
c) devido a;
d) em virtude de;
e) apesar de.

26. (ANTT – NCE) "Com a duplicação, o movimento diário da estrada elevou-se a duzentos mil veículos". O conector "com" só <u>não</u> pode ser substituído de forma adequada por:
a) a partir de;
b) por causa de;
c) em razão de;
d) apesar de;
e) depois de.

27. (ANTT – NCE) "... onde, nas suas magníficas estradas, registram-se os maiores

índices (de acidentes)". A relação entre os dois segmentos desse fragmento é bem expressa em:
a) ... embora as suas magníficas estradas, registram...
b) ... por causa de sua magníficas estradas, registram...
c) ... em vista de suas magníficas estradas, registram...
d) ... depois de suas magníficas estradas, registram...
e) ... a partir de suas magníficas estradas, registram...

28. (CBMERJ – NCE) "Para escapar dos escorchantes tributos, os donos de minas e os grandes senhores de terra colocavam ouro em pó..." O conectivo PARA só não pode ser substituído por:
a) a fim de;
b) com o intuito de;
c) com o fim de;
d) à vista de;
e) na intenção de.

29. (CBMERJ – NCE) "As imagens maiores, devidamente recheadas, eram enviadas a parentes distantes, inclusive de além-mar, como se fossem presentes". Neste segmento do texto, o conectivo COMO dá ideia de:
a) modo;
b) finalidade;
c) conformidade;
d) meio;
e) comparação.

30. (NCE) "POR maior que tenha sido a indignação..."; "... não sabe lidar, POR falta de ação integrada..." As duas ocorrências do vocábulo em maiúsculas correspondem semanticamente às ideias de, respectivamente:
a) meio – modo;
b) causa – meio;
c) concessão – causa;
d) modo – explicação;
e) explicação – concessão.

31. (NCE) Leia atentamente o trecho abaixo:
"... serão feitos, a cada seis meses, exames laboratoriais para detectar a presença do HIV e de outros vírus causadores de doenças sexualmente transmissíveis no sangue dos voluntários".
A alternativa em que a substituição do trecho em destaque implica alteração do significado do texto é:
a) ... a fim de que se detecte a presença do HIV e de outros vírus causadores de doenças sexualmente transmissíveis no sangue dos voluntários.

b) ... para que se detecte a presença do HIV e de outros vírus causadores de doenças sexualmente transmissíveis no sangue dos voluntários.
c) ... porque se detecte a presença do HIV e de outros vírus causadores de doenças sexualmente transmissíveis no sangue dos voluntários.
d) ... conquanto se detecte a presença do HIV e de outros vírus causadores de doenças sexualmente transmissíveis no sangue dos voluntários.
e) ... de tal sorte que se detecte a presença do HIV e de outros vírus causadores de doenças sexualmente transmissíveis no sangue dos voluntários.

32. (BNDES – NCE) Na frase "Ou vai ou racha!", a conjunção OU tem o mesmo valor significativo que apresenta na seguinte frase:
a) O turista compreendia inglês ou francês com facilidade.
b) As vaias ou os aplausos não perturbaram o presidente.
c) O empregado faz o que deve ou perde o emprego.
d) Na hora da premiação, chorava ou ria.
e) Morávamos no segundo ou no terceiro andar.

33. (PF – Cespe-UnB) Julgue se os itens seguintes apresentam relações de sentido que correspondem à estrutura semântica dada pela fórmula genérica abaixo, em que X é uma estrutura linguística que expressa condição ou concessão, e Y é uma estrutura linguística afirmativa.
X, não Y.
1) Apesar da proteção da justiça e do Estado, não parece que a resolução dos conflitos se desvie do âmbito privado.
2) Embora a nossa concepção de violência tenha sido ampliada, não é possível afirmar que nossa sensibilidade e tolerância em relação a ela estejam igualmente distribuídas.
3) Se alguns autores propõem que estamos vivendo um movimento de pacificação progressiva da vida em sociedade, não estão afirmando que esse processo seja fácil.
4) Não devemos pensar na pacificação da sociedade de forma isolada, mas sim dentro de um conceito mais geral das transformações econômicas que afetam o mundo.
5) Violência, direitos, justiça e o papel do Estado, se analisados como problemas fundamentais, estão dentro do quadro das transformações ocorridas, não só econômicas como também políticas.

Leia o texto abaixo para responder às questões 33 e 34.
A economia brasileira, há alguns anos, apresentava fortes barreiras protecionistas, e controles cambiais provocavam a valorização artificial do câmbio comercial, havendo ágio expressivo no mercado livre. A realidade hoje é outra. As barreiras tarifárias foram muito reduzidas, a taxa de câmbio é flutuante e não há diferença significativa entre o mercado oficial e o paralelo. Os modelos econométricos disponíveis, por menos precisos que sejam, são unânimes em apontar para uma desvalorização do real acima do seu equilíbrio de longo prazo, e não o contrário. Logo, onde está o problema? Por que gastar escassos recursos públicos – pois não se faz política industrial sem eles – para

poupar divisas quando o mercado já está bem sinalizado nesta direção? Pode até haver outras razões para justificar a política proposta. Mas economia de divisas não é uma delas.

34. (AFC – Esaf) Assinale a opção em que as duas expressões exercem a mesma função sintática no texto.

a) "controles cambiais" (l. 2) = "fortes barreiras protecionistas" (l. 1)
b) "a valorização artificial do câmbio comercial" (l. 2) = "A economia brasileira" (l. 1)
c) "há alguns anos" (l. 1) = "hoje" (l. 3)
d) "a taxa de câmbio" (l. 4) = "diferença significativa" (l. 4)
e) "escassos recursos públicos" (l. 7/8) = "o mercado" (l. 9)

35. (AFC – Esaf) Julgue as asserções abaixo e marque a opção correspondente.

I. Caso a expressão "diferença significativa" (l. 4) seja colocada no plural a forma verbal que a antecede deve ser obrigatoriamente flexionada.
II. Se o artigo em "o paralelo" (l. 5) for eliminado, prejudica-se a compreensão de que existe, antes de "paralelo" elipse da palavra "mercado" (l. 4).
III. A expressão "por menos precisos que sejam" (l. 5) permite a inferência de que o leitor pode considerar "Os modelos econométricos" (l. 5) pouco precisos.
IV. A grafia de "Por que" (l. 7) justifica-se por se tratar de conjunção explicativa.
V. O termo "delas" (l. 10) refere-se ao antecedente "outras razões" (l. 9).
A quantidade de item(ns) <u>incorreto(s)</u> é:

a) 1;
b) 2;
c) 3;
d) 4;
e) 5.

Capítulo 23

Paralelismo Sintático

Quando dois ou mais termos estão ligados a uma mesma expressão e são equivalentes sintaticamente, ocorre o paralelismo sintático. Nas situações de paralelismo, o termo repetido pode ser extraído do período.

Ex.: "A das Dores, sim, afirmavam que fora casada e que largara o marido para meter-se com um homem do comércio" (Aluísio de Azevedo).

→ As duas orações objetivas diretas (que fora casada) e (e que largara o marido...) complementam a ideia do verbo "afirmavam", podendo a segunda conjunção integrante (que) ser suprimida do período.

Ex.: Gosto de ler, de ouvir música ou de ver um bom filme.

→ As orações reduzidas "de ler", "de ouvir música", e "ou de ver um bom filme" funcionam como objeto indireto do verbo gostar. Essas três orações são equivalentes sintaticamente e só é obrigatória a presença da primeira preposição DE, podendo as demais ser suprimidas do período.

Ex.: "Não sabe se é bom ou ruim" (Raul Seixas).

→ As orações "se é bom" e "ou ruim" completam a ideia do verbo "saber", funcionando como objeto direto. Perceba que o autor da frase fez a opção por não repetir a expressão "se é", que poderia ser inserida sem prejuízo gramatical ou semântico.

Ex.: O candidato que estuda e que faz exercícios passa.

→ As orações "que estuda" e "e que faz exercícios" são subordinadas adjetivas, com os pronomes relativos "QUE" tendo como antecedente o termo "O candidato". O segundo pronome relativo poderia ser extraído da frase sem alterar o sentido, tampouco prejudicar a correção.

Ex.: "... mostraria a Isabel como eu a estimo e quanto a desejo feliz" (José de Alencar).

→ As orações "como eu a estimo" e "e quanto a desejo feliz" são equivalentes sintaticamente e complementam de forma direta a ideia da forma verbal "mostraria".

Obs.: Nos exemplos mencionados, as orações em paralelismo, além de serem subordinadas, como explicado, são também coordenadas entre si.

23.1. Exercícios com gabarito comentado sobre paralelismo

1. (MP – NCE) "Para os pedestres... / Para os comerciantes... / Para os que moram ou trabalham no centro da cidade... Para o próprio automobilista..." Os segmentos do texto são um exemplo de:

a) redundância;
b) construção paralela;
c) exemplificação;
d) repetição desnecessária;
e) pleonasmo.

Resposta: Alternativa B.

Observe que, mesmo o período não estando completo, as três estruturas iniciadas pela preposição PARA são equivalentes sintaticamente e estão em paralelismo.

2. (AFRF – Esaf) Considere o seguinte período do texto para analisar os esquemas propostos abaixo: "Descumprir a lei gera o risco da punição prevista pelo Código Penal ou de sofrer sanções civis".

A = descumprir a lei
B = gera o risco
C = da punição prevista pelo Código Penal
D = de sofrer sanções civis

Considerando que as setas representam relações sintáticas entre as expressões linguísticas, assinale a opção que corresponde à estrutura do período.

a) 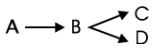

b) 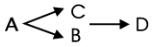

c)

d) 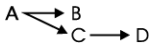

e) 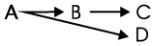

Resposta: Alternativa A.

As estruturas C e D são paralelas e complementam o sentido do vocábulo "risco" (B). Descumprir a lei gera dois riscos: o risco da punição prevista pelo Código Penal e o risco de sofrer sanções civis. Portanto C e D estão ligados a B, denunciando que a resposta seja a alternativa A.

3. (PF – UnB) Lembremos que a modernidade se caracteriza não apenas por um novo modo de produção e de vida, mas também por uma nova forma de relacionamento entre os homens na sociedade, o que influi até mesmo no julgamento que fazemos uns dos

outros. Essa forma de relacionamento, que vem desde a Revolução Industrial, é intermediada pelo trabalho, e os parâmetros para julgar as pessoas são o dinheiro e a propriedade.

Entretanto, trabalho e dinheiro não estão disponíveis para todos. Em cidades superpopulosas, em meio às crises das indústrias, frequentemente os trabalhadores se veem sem meios de sobreviver. Essa relação entre os homens é, portanto, uma relação desigual, em que geralmente os trabalhadores estão em desvantagem, já que não possuem meios estáveis de sobrevivência e dependem de empregadores.

Andréa Buoro *et al. Violência urbana – dilemas e desafios*. São Paulo: Atual, 1999, p. 26.

Com respeito às ideias do texto, julgue os itens a seguir.

1) A argumentação do texto reforça a ideia de que os parâmetros do dinheiro e da propriedade são justos e igualitários.

2) O segundo parágrafo é um comentário que apresenta ideias desfavoráveis à situação apresentada no primeiro.

3) O emprego do tempo e modo verbais de "Lembremos" (l. 1) indica uma sugestão para o raciocínio que se segue.

4) A expressão "mas também" (l. 2) introduz a complementação da ideia iniciada pela expressão antecedente "não apenas" (l. 1).

5) Pelas relações semânticas, a estrutura linguística localizada após a última vírgula do texto corresponde ao seguinte esquema:

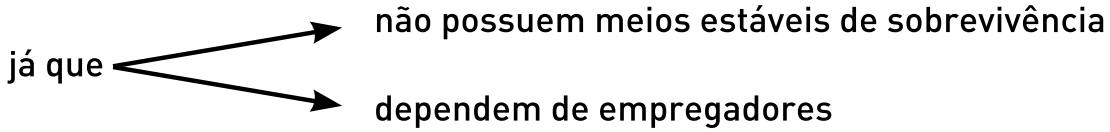

Resposta: E – C – C – C – C

O item 1 contraria totalmente a argumentação do texto, visto que nele se expôs que "Essa relação entre os homens é, portanto, uma relação desigual, em que geralmente os trabalhadores estão em desvantagem". ERRADO

Já o item 2 indica uma constatação adequada ao verbete, uma vez que, ao iniciar o segundo parágrafo através da conjunção coordenativa adversativa ENTRETANTO, torna-se evidente que algo presente no segundo parágrafo está em oposição ao primeiro. CERTO

O item 3 refere-se à semântica de verbos. O verbo no imperativo pode passar uma ideia de ordem, sugestão ou pedido. Como as pessoas não são obrigadas a realizar o que autor orienta, não se trata de uma ordem. O que distingue o conselho (sugestão) do pedido é quem se beneficia da orientação. Como os beneficiados são as próprias pessoas que receberam a orientação, o imperativo indica uma sugestão ou conselho. CERTO

O item 4 apresenta a estrutura "não apenas", em que o elemento de negação "não" nega a restrição "apenas", obrigando o uso de conector aditivo. CERTO

O item 5 demonstra o paralelismo ocorrente entre duas orações subordinadas adverbiais causais e coordenadas entre si. A conjunção JÁ QUE introduz a ideia de causa para as duas orações, podendo, inclusive, ser inserida antes da última oração. CERTO

4. (Auditor do Tesouro Municipal – Prefeitura de Fortaleza – Esaf) Em relação ao texto,

assinale a opção incorreta.

A concentração do capital, que se encontra na origem do capitalismo, permitiu a invenção de meios automáticos de produção e distribuição, ou seja, em que o trabalho humano é substituído por "forças naturais" de animais domesticados, da água corrente, do vento etc. Em seguida, foram inventadas formas mais complexas de captação e governo da energia do vapor, da eletricidade, de derivados do petróleo etc.

a) A expressão "que se encontra na origem do capitalismo" (l. 1 e 2) está entre vírgulas por se tratar de oração de natureza explicativa.

b) Pode-se, sem prejuízo para o período, inserir a preposição de antes da palavra "distribuição" (l. 2).

c) De acordo com a norma escrita culta, "em que" (l. 2) pode ser substituído por nos quais, e a coesão textual é mantida.

d) A expressão "foram inventadas" (l. 4) pode ser substituída, sem prejuízo para a correção do período, pela estrutura inventaram-se.

e) A palavra "governo" (l. 5) está sendo empregada com o sentido de propriedade oficial.

Resposta: Alternativa E.

A opção A trabalha a oração subordinada adjetiva, isolada através de vírgulas, classificada, então, como explicativa.

A opção B abrange o conhecimento de paralelismo, mostrando que os termos "de produção" e "distribuição" estão ligados a "meios automáticos" e a preposição DE poderia ser repetido antes do último componente.

A opção C sugere a substituição do pronome relativo "em que" por "nos quais", que pode ser feita, em virtude de o antecedente do pronome ser o termo "meios automáticos".

A opção D apresenta uma perfeita proposta de substituição da voz passiva analítica pela voz passiva sintética, principalmente, levando-se em conta que o tempo do verbo foi mantido.

A resposta é a opção E, porquanto o termo "governo" está sendo utilizado no valor de "administração".

5. (TRF – Esaf) Assinale o segmento do texto em que há <u>erro</u> de paralelismo sintático.

a) Estão participando da operação em Barretos cerca de 18 auditores da Receita. Ainda fazem parte da equipe especialistas em programas de computadores para acessar arquivos que possam conter dados importantes nas empresas.

b) Quanto aos documentos que forem recolhidos pelos agentes, todos serão analisados. Caso haja indício de sonegação, será instaurado processo no Ministério Público.

c) Além da ação judicial, poderão ser feitas autuações nos estabelecimentos em que as irregularidades se comprovarem. O valor das autuações ainda não foi divulgado pelo delegado, mas ele garantiu que a cobrança pode ser retroativa.

d) O presidente do clube Os Independentes afirma não ter receio quanto à arrecadação de impostos e que achando normal a atitude dos auditores da Receita Federal. "Sabemos que eles estão fazendo isso com todas as entidades sem fins lucrativos".

e) Disse, ainda, que o escritório que cuida da contabilidade do clube Os Independentes está acompanhando o caso ao lado da Receita Federal. Ele não acredita que a

fiscalização da Receita Federal possa causar algum dano à imagem do clube.
(Rogério Pagnan, *Folha de S. Paulo*, 15/8/2000, p. F2, com adaptações.)

Resposta: Alternativa D.

A alternativa apresenta uma situação de incoerência no paralelismo sintático. O verbo AFIRMA possui dois complementos: NÃO TER RECEIO QUANTO À ARRECADAÇÃO FEDERAL e QUE ACHANDO NORMAL. Observe que não houve o mesmo critério nas duas complementações: a primeira apresenta uma estrutura reduzida de infinitivo e a segunda é introduzida por conjunção integrante, indicando que a última oração estaria desenvolvida e com verbo no gerúndio, não proporcionando sentido ao período.

6. (AFRF – 2005) Leia o texto para responder à questão.

Olhamos e não vemos. Não conseguimos olhar nada pela primeira vez. Já o primeiro olhar é preconceituoso – dá informação falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada, anterior ao ato de olhar. O economista cheio de teorias pensa que sabe o remédio para a inflação, a origem da miséria, o segredo da estabilidade e quanto desaforo a democracia aguenta. Erra como o médico, o astrônomo ou o caixa que aceita o cheque do homem elegante, de terno e cabelo com brilhantina que parece ser rico, mas é estelionatário.

Só que no caso do economista, não é apenas o paciente que fica com dor de cabeça, ou mais um cheque sem fundo. São 10% de desempregados. Um deles acaba apontando um revólver para a sua cabeça. Nada é visto pela primeira vez. Ninguém olha atentamente como as corujas, antes de propor ou piar.

(João Sayad. A primeira vez. *Revista TAM*, julho de 2005, com adaptações.)

Assinale o esquema que representa corretamente a estrutura sintático-semântica do período sintático do texto (desconsidere a pontuação e as letras maiúsculas).

a) (l. 1 e 2) o primeiro olhar → é preconceituoso
→ dá informação → falsa
→ ou verdadeira
→ mas sempre pré-fabricada

b) (l. 3 e 4) O economista → cheio de teorias
→ pensa que sabe
→ o remédio para → a inflação
→ a origem da miséria
→ o segredo da estabilidade
→ e quanto desaforo

c) (l. 4 e 5) Erra como → o medido
→ o astrônomo
→ ou o caixa
→ que aceita o cheque do homem elegante

d) (l. 7 e 8) não é apenas o paciente → com dor de cabeça
→ ou mais um cheque sem fundo

e) (l. 8, 9 e 10) são 10% de desempregados → um deles apontando → um revólver
→ para sua cabeça
→ Nada é visto pela primeira vez
→ Ninguém olha atentamente como...

Resposta: Alternativa A.

Nesta questão de paralelismo sintático, a única alternativa que respeita a equivalência sintática é a A. Isso se justifica pelo fato de as formas verbais "é" e "dá", ambas na linha 2, possuírem um mesmo referente – o sujeito "o primeiro olhar" (l. 1). Posteriormente, o objeto direto "informação" (l. 2) é qualificado por três adjuntos adnominais: "falsa", "verdadeira" e "mas sempre pré-fabricada".

A alternativa B não apresenta equivalência sintática entre as expressões "cheio de teorias" (l. 3) e "pensa que sabe o remédio para" (l. 3), visto que o primeiro apenas qualifica seu referente e o segundo indica a ação realizada pelo sujeito.

Na alternativa C, os termos "o médico" (l. 5), "o astrônomo" (l. 5) e "ou o caixa" (l. 5) estão, de forma paralela, comparados ao "economista" quanto ao fato de errar. Contudo, o último termo citado "que aceita o cheque do homem elegante" (l. 5/6) não é mais um ser comparado ao economista, mas sim uma qualificação para o termo "o caixa".

Na alternativa D, a perfeita equivalência sintática seria relacionar os termos "o paciente que fica com dor de cabeça" (l. 7/8) e "ou mais um cheque sem fundo" (l. 8) a "não é apenas" (l. 7).

Na alternativa E, ocorrem várias falhas de designação de paralelismo. As duas últimas frases guardam grande independência, não se relacionando com elementos anteriores. Também não são equivalentes "um revólver" (l. 9) e "para sua cabeça" (l. 9), que possuem funções distintas.

7. (Depen – Funrio) Chama-se adequação sintática a construção coerente de períodos e orações, observadas as relações existentes entre seus termos e a sua organização. Qual o parágrafo dentre os abaixo transcritos que preserva o princípio do paralelismo sintático, segundo o qual quaisquer elementos da frase coordenados entre si devem apresentar estrutura gramatical similar?

a) Aqui não pretendemos defender a ideia de mais intervenção do Estado na economia ou que ele volte a produzir aço em grande quantidade.

b) Aqui não pretendemos defender a ideia de que o Estado intervenha mais na economia ou que volte a produzir aço em grande quantidade.

c) Aqui não pretendemos defender a ideia de que o Estado intervenha mais na economia ou a volta de uma produção de aço em grande quantidade.

d) Aqui não pretendemos defender a ideia de que a intervenção do Estado deva ser maior na economia ou uma produção de aço voltando a ter quantidade.

e) Aqui não pretendemos defender a ideia de um Estado intervindo mais na economia ou que ele volte à produção de aço em grande quantidade.

Resposta: Alternativa B.

Existem dois termos complementando sintaticamente o sentido do vocábulo IDEIA. Em face da lógica, tais complementos devem manter estrutura o mais semelhante possível. Na alternativa A, o primeiro complemento tem como núcleo INTERVENÇÃO; já o segundo complemento é oracional, sendo o núcleo o verbo VOLTE A PRODUZIR. Na alternativa B, os dois complementos são oracionais, tendo como núcleos, respectivamente, as formas verbais INTERVENHA e VOLTE A PRODUZIR. Na alternativa C, o primeiro complemento é oracional (verbo INTERVENHA); o segundo é não oracional, sendo o núcleo o substantivo VOLTA. Na D, embora os complementos sejam oracionais, o primeiro complemento se dá com o verbo no presente do subjuntivo, formando uma oração desenvolvida, o segundo se realiza com a forma verbal VOLTANDO no gerúndio, o que caracteriza a oração reduzida. Na E, o primeiro complemento é oracional, porém reduzido de gerúndio INTERVINDO; já o segundo é desenvolvido, com a presença da conjunção integrante e o verbo no presente do subjuntivo – VOLTE.

8. (TRT-SC/Cetro) Na famosa obra *Comunicação em prosa moderna*, Othon M. Garcia afirma que "quaisquer elementos da frase – sejam orações sejam termos dela –, coordenados entre si devam, em princípio pelo menos, apresentar estrutura gramatical idêntica, pois não se podem coordenar frases que não comportem constituintes do mesmo tipo". Assinale a alternativa em que a reescritura do terceiro parágrafo respeita a recomendação do famoso estudioso:

a) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório não só por seu modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo, mas também por oferecer na rede pública de saúde terapias de interrupção do tabagismo.

b) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório não só por ter um modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo, mas também pelo oferecimento, na rede pública de saúde, de terapias de interrupção do tabagismo.

c) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório por seu modelo de

maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo e pelo oferecimento, na rede pública de saúde, de terapias de interrupção do tabagismo.
d) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório por ter um modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo e pelo oferecimento na rede pública de saúde, de terapias de interrupção do tabagismo.
e) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório não apenas por seu modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo como também por oferecer na rede pública de saúde terapias de interrupção do tabagismo.

Resposta: Alternativa C.
Elementos em paralelismo devem guardar estrutura gramatical bem similar. Repare que a preposição POR introduz duas causas para o Brasil receber a menção elogiosa. Essas duas causas estão conectadas ou pelo par NÃO SÓ ... MAS (COMO) (TAMBÉM) ou pela conjunção E. Na alternativa A, a primeira causa possui como núcleo MODELO (não oracional); a segunda causa, OFERECER (oracional). Na B, a primeira causa tem como núcleo TER (oracional); a segunda causa tem como núcleo OFERECIMENTO (não oracional). Na alternativa C, as duas causas somadas têm como núcleos elementos não oracionais (MODELO e OFERECIMENTO). Na alternativa D, a primeira causa é baseada em termo oracional (TER); a segunda causa tem como núcleo o substantivo OFERECIMENTO. Na E, a primeira causa possui como núcleo o substantivo MODELO; a segunda, o verbo OFERECER.

9. (Petrobras – Cesgranrio) Observe as sentenças abaixo, retiradas de uma reclamação, feita por uma secretária, sobre um móvel enviado com defeitos. Qual delas não tem erro de paralelismo?
a) O produto logo no início mostrou má-qualidade no acabamento e que tinha as gavetas emperradas.
b) O novo móvel deve estar dentro dos critérios previamente combinados, e que seja enviado o mais rapidamente possível.
c) Além disso, o manual de instalação tem mais de 150 páginas e pouca clareza.
d) Assim, gostaríamos de pedir a troca do móvel enviado, que não foi aprovado pela gerência e por outros interessados.
e) Recomendamos a V.S. retirar o móvel inadequado e que envie outro, de melhor qualidade, para substituí-lo.
Resposta: Alternativa D.
Na alternativa A, há dois objetos diretos complementando o verbo MOSTROU. O primeiro objeto é não oracional (má-qualidade no acabamento); o segundo complemento é oracional (que tinha as gavetas emperradas). Na alternativa B, nem há coerência textual. Como há o verbo auxiliar DEVE, formando no primeiro termo a locução DEVE ESTAR, o segundo termo também deveria formar a locução (DEVE SER). Na alternativa C, o primeiro complemento para TEM é um substantivo concreto (PÁGINAS) apresentado com elemento numérico preciso (150); o segundo complemento é um substantivo abstrato (CLAREZA), apresentado com inexatidão (POUCA CLAREZA). Na alternativa D, os dois

agentes da passiva são apresentados com substantivos concretos (GERÊNCIA e INTERESSADOS). Na alternativa E, os dois objetos diretos de RECOMENDAMOS são oracionais, contudo o primeiro é reduzido de infinitivo (RETIRAR) e o segundo é desenvolvido (QUE ENVIE OUTRO).

Capítulo 24

Pontuação

A pontuação serve para marcar a pausa e a entoação. Aqui ficará explicado em que momentos deverão ser utilizados estes sinais gráficos.

24.1. Uso de vírgula

A vírgula deve ser utilizada para:

a) isolar o vocativo;

Ex.: Manoel, venha cá!
Venha cá, Manoel!
Diga, Manoel, a verdade!

b) separar as orações coordenadas assindéticas;

Ex.: Ele bebeu, bebeu, bebeu e dormiu.
Maria lava, passa, prepara a comida, arruma a casa e é uma boa mãe.

c) separar orações ligadas pela conjunção E com sujeitos diferentes;

Ex.: Maria lava, e Joana passa.
"Insisti no oferecimento da madeira, e ele estremeceu" (Graciliano Ramos).
"Abriu-lhe logo uma conta corrente, e a quitandeira,..., dava um pulo até à venda..." (Aluísio de Azevedo).

Obs.: Esta vírgula já foi obrigatória, agora é considerada facultativa.
Se o sujeito das duas orações fosse o mesmo, não haveria vírgula.

Ex.: Maria lava e passa.
Ele já chegou e já foi embora.

d) separar termos com a mesma função sintática ou elementos de uma enumeração;

Ex.: Maria, Manoel, Pedro, Paulo e Renato saíram.
Comprei banana, maçã, pera, abacaxi, abacate e laranja.

e) indicar a supressão do verbo;

Ex.: Ele foi à praia, e eu, também.
Ele disse a verdade: contudo ela, não.

f) é importantíssimo esclarecer que entre sujeito e verbo não pode haver vírgula, da mesma forma que entre verbo e complemento. Todavia, caso haja um termo intercalando aquelas funções, a orientação gramatical indica o seu isolamento;

– conjunção: Ex.: Ele disse, todavia, a verdade.

– aposto: Ex.: Pelé, Rei do Futebol, foi demitido do Santos.

Obs.: Os adjuntos adverbiais intercalando uma sequência lógica (sujeito-verbo ou verbo-complemento) ou mesmo no início de orações poderão aparecer isolados, ou seja, a(s) vírgula(s) é(são) facultativa(s):

Ex.: Ele, com toda certeza, virá. OU Ele com toda certeza virá.

O NCE tem exigido ultimamente dos candidatos a escolha pela opção mais adequada. Há a assunção de que pode haver opções corretas, e o candidato é obrigado a discernir qual é a melhor. No exemplo anterior, as duas formas estão corretas; contudo, se você tiver que optar por uma das duas, escolha a estrutura com vírgula, já que o adjunto adverbial interrompeu uma sequência lógica.

Caso o adjunto adverbial ocorra após o complemento, ou seja, no lugar previsto pela gramática, não deverá estar isolado.

Ex.: Ele virá com toda certeza.

g) separar as orações subordinadas antepostas às principais;

Ex.: Se chover, não vou à praia.

"Quando você foi embora, fez-se noite em meu viver..." (Milton Nascimento).

Embora estivesse triste, não chorou.

Que João não virá, nós já sabemos.

Obs.: Agostinho Dias Carneiro, em seu livro Redação em Construção, alega, tal qual Celso Cunha, que a vírgula é obrigatória para separar orações adverbiais, principalmente se antepostas à principal. No concurso para Técnico Judiciário do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, em 2004, houve uma questão com duas opções extremamente parecidas: 1) "Os juízes intervieram quando viram os réus frente a frente"; 2) "Os juízes intervieram, quando viram os réus frente a frente". Portanto, a diferença entre as alternativas se deu tão somente quanto ao uso da vírgula. Seguindo-se Celso Cunha e Agostinho Dias Carneiro, a resposta deveria ser a que contém a vírgula, pois, relembrando o que asseveram, tal pontuação é obrigatória, principalmente se a oração adverbial vier anteposta à principal. Como a oração subordinada está posposta à principal, chega-se à conclusão, através da redação dos brilhantes autores, de que a vírgula é opcional, sendo a

construção preferencial com a vírgula. No entanto, a banca optou pela alternativa sem a vírgula, fato que me fez concluir que o critério utilizado foi o respeito à ordem das orações (principal – subordinada adverbial).

Ex.: Não vou à praia(,) se chover.

"Deus fala, quando a turba está quieta" (Castro Alves).

h) separar as orações coordenadas adversativas, conclusivas e explicativas;

Ex.: Choveu à beça ontem, no entanto fui à praia.

Ele estudou bastante, portanto passará no concurso.

Volta logo, pois está tarde.

i) isolar conjunção coordenativa adversativa ou conclusiva deslocada;

Ex.: A chuva, no entanto, não atrapalhou a festa.

João deve, portanto, chegar mais tarde.

Obs.: Se a conjunção coordenativa adversativa ou conclusiva iniciar período, a vírgula será facultativa.

Ex.: Entretanto(,) todos retornaram cedo para casa.

Então(,) ele fará o trabalho.

j) isolar os termos **DIGO, DIGO MELHOR, OU SEJA, ISTO É;**

Ex.: A vida é triste, ou melhor, muito triste.

Comprei uma caneta, isto é, um lápis.

k) separar as orações subordinadas adjetivas explicativas;

Ex.: Os alunos, que fizeram bagunça, foram expulsos.

BIZU

As orações subordinadas adjetivas, quando isoladas por vírgula, serão explicativas; quando não, serão restritivas. A frase acima significa que os alunos foram expulsos porque fizeram bagunça. Se a frase fosse "Os alunos que fizeram bagunça foram expulsos", significaria que somente aqueles alunos que fizeram bagunça foram expulsos. O melhor, portanto, neste caso, é o leitor se condicionar a perceber a presença da vírgula. Havendo a vírgula, há a ideia de explicação, de por quê. Não havendo, a ideia é de restrição. Portanto, as vírgulas modificam completamente o sentido das orações subordinadas adjetivas. É importante também esclarecer que a oração explicativa também pode encontrar-se isolada através de travessões ou parênteses.

l) separar, nas datas, o nome do local;

Ex.: Rio de Janeiro, 19 de agosto de 1994.

m) separar as orações reduzidas quando iniciarem uma frase;

Ex.: Dadas as explicações, todos o desculparam.

Ao analisar a situação do país, quase se suicidou.

Percebendo os erros, corrigiu-os.

n) Uso de vírgula antes de **ETC**.

Em tese, não deveria ser aceito, pois é coerente a ausência da vírgula em função de "et" em "et coetera" significar "e". Como é óbvio que, em "Ele comprou camisa, bermuda, gravata e outros", não há vírgula antes de "e", também não deve haver vírgula antes de "**et**". No entanto, como este uso se encontra deveras difundido, Evanildo Bechara o admite, e na Gramática da Língua Portuguesa, Celso Cunha, conquanto não tenha realizado análise sobre seu uso no livro, empregou a vírgula antes de "etc." em várias oportunidades.

Ex.: Ele comprou camisa, bermuda, gravata (,) etc.

24.2. Uso de ponto e vírgula

O ponto e vírgula deve ser utilizado para:

a) separar os itens de uma enumeração;

Ex.: Zico, jogador do Flamengo, foi vendido para a Udinese; Falcão, jogador do Internacional, para o Roma; Sócrates, do Corinthians, para a Fiorentina.

b) separar orações coordenadas assindéticas ou sindéticas adversativas e conclusivas. Normalmente aparecem em frases em que já tenha aparecido a vírgula.

Ex.: Comprei laranja, maçã, pera e banana; no entanto, não comprei nenhum legume.

Falei, falei, falei, e ele ficou calado; logo, ele compreendeu tudo.

"Pensei em prometer algumas dezenas de padre-nossos; tinha, porém, outra promessa em aberto e outro favor pendente" (Machado de Assis).

Obs.: É importante esclarecer que todas as ocorrências de ponto e vírgula podem ser substituídas pelo ponto.

24.3. Uso do ponto

O ponto deve ser utilizado para:

a) indicar o fim de uma frase;

Ex.: Falei e disse.

b) marcar uma abreviação.

Ex.: V. Ex.ª

24.4. Uso de dois-pontos

Os dois-pontos devem ser utilizados para:

a) indicar a introdução de uma fala;

Ex.: Descartes disse: "Penso, logo existo".

b) introduzir um aposto ou uma oração subordinada substantiva apositiva;

Ex.: Comprei frutas: laranja, maçã, pera e manga.

Só disse algumas palavras: que não voltes mais.

c) introduzir um exemplo ou observação.

Ex.: Exemplo: Observação:

24.5. Uso de exclamação

O ponto de exclamação deve ser utilizado para:

a) indicar surpresa, espanto, dor, alegria e ordem.

Ex.: Que espetáculo!

Vá agora!

24.6. Uso de interrogação

O ponto de interrogação deve ser utilizado para:

a) indicar uma interrogativa ***direta***.

Ex.: Por que ele não veio?

Quando Maricota falará contigo?

24.7. Uso de reticências

As reticências devem ser utilizadas para:

a) indicar uma interrupção de um pensamento;

Ex.: Ele não veio, porque...

b) indicar uma ideia de continuidade;

Ex.: Talvez os filhos dos filhos... dos nossos filhos tenham um mundo melhor.

c) pode também indicar uma ideia de ironia.

Ex.: Os políticos são certamente cidadãos muito honestos...

24.8. Uso de aspas

As aspas devem ser utilizadas para:

a) indicar uma citação;

Ex.: "Jogo é jogo, treino é treino", dizia Didi.

b) indicar neologismos, estrangeirismos, gírias etc.

Ex.: Dario dizia que havia sempre uma "solucionática" para toda problemática.

Magri disse que a economia é "imexível".

Os políticos gastam uma fortuna com "outdoor".

– "Bicho", foi sensacional.

c) citar obras artísticas ou científicas.

Ex.: Li "Dom Casmurro" três vezes.

24.9. Uso de parênteses

Os parênteses devem ser utilizados para:

a) acrescentar ao texto comentários ou explicações acessórias.

Ex.: Ayrton Senna (1960-1994) foi o maior ídolo do automobilismo nacional.

As imagens tácitas (implícitas), às vezes, são mais bonitas.

24.10. Uso de travessão

O travessão deve ser utilizado para:

a) ligar palavras que formam uma cadeia na frase;

Ex.: A estrada Rio – São Paulo não está muito bem cuidada.

b) indicar a mudança de interlocutor nos diálogos;

Ex.: – Manoel, porque você faltou?

– João, faltei porque estava doente.

c) acrescentar ideia de explicação ao texto.

Ex.: O candidato – que estuda – passa.

Ronaldo Gaúcho, melhor atleta de 2004 e 2005, é o expoente da seleção brasileira na Copa de 2006.

Obs.: Os parênteses, o(s) travessão(ões) e a(s) vírgulas podem ser utilizados para acrescentar valor de explicação ao período indistintamente.

Ex.: Lula – um ex-operário – chegou à presidência.

Lula (um ex-operário) chegou à presidência.

Lula, um ex-operário, chegou à presidência.

24.11. Exercícios

1. (Analista de Planejamento e Orçamento – MPOG – Esaf) Em relação ao emprego dos sinais de pontuação no texto, assinale a opção correta.

O modo solidário de produção e distribuição parece à primeira vista um híbrido entre o capitalismo e a pequena produção de mercadorias. Mas, na realidade, ele constitui uma síntese que supera ambos. A unidade típica da economia solidária é a cooperativa de produção, cujos princípios organizativos são: posse coletiva dos meios de produção pelas pessoas que as utilizam para produzir; gestão democrática da empresa ou por participação direta (quando o número de cooperadores não é demasiado) ou por representação; repartição da receita líquida entre os cooperadores por critérios aprovados após discussões e negociações entre todos; destinação do excedente anual (denominado sobras) também por critérios acertados entre todos os cooperadores. A cota básica do capital de cada cooperador não é remunerada, somas adicionais emprestadas à cooperativa proporcionam a menor taxa de juros do mercado.

(*Paul Singer*)

a) Se a expressão "à primeira vista" (l.1) estivesse entre vírgulas, o período ficaria gramaticalmente prejudicado.

b) O sinal de dois-pontos (l.4) justifica-se por anteceder citação de depoimento alheio ao autor do texto.

c) As três ocorrências de sinal de ponto e vírgula (l.5, 7 e 9) têm justificativas gramaticais diferentes.

d) Se o emprego de parênteses (l.6, 7 e 9) for substituído por vírgulas, a coerência do texto fica prejudicada.

e) Os parênteses que isolam a expressão "denominado sobras" (l.9) podem, sem prejuízo para o texto, ser substituídos por travessões ou por vírgulas.

2. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) ***O caso Montaigne na tradição literária da amizade não é propriamente uma exceção. Como os povos felizes, que – já se disse – não têm história: os sentimentos vitais, contentes e continentes, poucas vezes, enquanto vigem, dublam-se em reflexão e discurso. Por isso, certamente, a clave da perda marca tanto essa literatura e a tinge tão estranhamente de melancolia. (É que talvez os relevos dos grandes sentimentos humanos só se deixem mesmo apalpar pelo avesso: a falta permite, mais facilmente, sondar a profundidade do pleno, a dor, do contentamento.)***

Atente para as afirmações seguintes sobre a pontuação empregada na frase acima, transcrita do 1o parágrafo do texto.

I. O uso dos parênteses para isolar a frase justifica-se por se tratar de uma digressão que, embora relacionada à reflexão feita no parágrafo, interrompe momentaneamente o fluxo do pensamento.

II. Os dois-pontos introduzem um segmento que constitui, de certo modo, uma ressalva ao que se afirma no segmento imediatamente anterior.

III. As vírgulas que isolam o segmento *mais facilmente* poderiam ser retiradas sem prejuízo para a correção e a lógica.

Está correto o que se afirma em:

a) I, apenas;

b) I e II, apenas;
c) I e III, apenas;
d) II e III, apenas;
e) I, II e III.

3. (AFTE – Esaf) Marque a assertiva errada em relação ao texto seguinte:
O ano de 2003 é marcado pela recessão econômica no Brasil e em vários países do mundo. Aqui, o clima foi de expectativa em relação a um novo governo que assumiu o País diante de um grave quadro de desigualdade social. O Brasil assistiu, estarrecido, no outro lado do mundo, a uma invasão no Oriente Médio promovida pela dupla Bush/Blair. E o terrorismo só recrudesceu. De que forma todos esses acontecimentos podem ter influído no imaginário do executivo brasileiro?
(*Carta Capital*, no 307)
a) A substituição de "é marcado" (l.1) por marca-se mantém a informação original e a correção gramatical do período.
b) A vírgula depois de "Aqui" (l.2) pode ser dispensada sem prejuízo da correção por tratar-se de pontuação facultativa.
c) "Expectador" é uma palavra cognata de "Expectativa", mas ao contrário dessa pode também ser grafada com "s" na primeira sílaba, sem alteração de sentido.
d) Se as vírgulas que estão isolando "estarrecido" (l.3) forem substituídas por travessões, o período permanece correto.
e) A preposição "a" em "a uma invasão" (l.4) caracteriza a escrita formal, culta e, geralmente, é dispensada se usado um estilo menos formal.

Leia o texto a seguir para responder à questão 4.

Enquanto o patrimônio tradicional continua sendo responsabilidade dos Estados, a promoção da cultura moderna é cada vez mais tarefa de empresas e órgãos privados. Dessa diferença derivam dois estilos de ação cultural. Enquanto os governos pensam sua política em termos de proteção e preservação do patrimônio histórico, as iniciativas inovadoras ficam nas mãos da sociedade civil, especialmente daqueles que dispõem de poder econômico para financiar arriscando. Uns e outros buscam na arte dois tipos de ganho simbólico: os Estados, legitimidade e consenso ao aparecer como representantes da história nacional; as empresas, obter lucro e construir através da cultura de ponta, renovadora, uma imagem "não interessada" de sua expansão econômica.
(Nestor Garcia Canclini. *Culturas Híbridas*, p. 33, com adaptações)

4. (AFRF – Esaf) Assinale a alteração na pontuação que provoca incoerência textual ou erro gramatical no texto.
a) A substituição do ponto final depois de "cultural" (l.3) por **dois-pontos**.
b) A substituição dos dois-pontos depois de "simbólico" (l.7) pelo sinal de **ponto e vírgula**.
c) A substituição do sinal de ponto-e-vírgula depois de "nacional" (l.8) pela conjunção **e**.
d) A inserção de uma vírgula depois de "construir" (l.8).

e) A retirada da vírgula depois de "ponta" (l.8).

5. (AFRF – Esaf) No texto abaixo foram substituídos sinais de pontuação por números. Assinale a sequência de sinais de pontuação que devem ser inseridos nos espaços indicados para que o texto se torne coerente e gramaticalmente correto. Desconsidere a necessidade de transformar letras minúsculas em maiúsculas.

Os seres humanos sofrem sempre conflitos de interesse com os ressentimentos, facções, coalizões e instáveis alianças que os acompanham (1) no entanto, o que mais interessa nesses fenômenos conflituosos não é o quanto eles nos separam, mas quão frequentemente eles são neutralizados, perdoados e desculpados. Nos seres humanos (2) com seu extraordinário dom narrativo, uma das principais formas de manutenção da paz é o dom humano de apresentar (3) dramatizar e explicar as circunstâncias atenuantes em torno de violações que ameaçam introduzir conflito na habitualidade da vida (4) o objetivo de tal narrativa não é reconciliar, não é legitimar, nem mesmo desculpar, mas antes (5) explicar.

(Jerome Bruner. *Atos de significação*, com adaptações)

a)	;	,	.	:	.
b)	;	-	;	.	;
c)	,	;	-	;	:
d)	,	.	:	;	:
e)	.	,	,	.	,

6. (Susep – Esaf) Os trechos abaixo constituem um texto. Assinale a opção em que o emprego dos sinais de pontuação está correto.

a) A preservação do crescimento da China, por suas particularidades se faz com redução dos efeitos irradiadores sobre as demais economias.

b) Isto porque a estabilidade do crescimento do PIB chinês, mascara um fato crucial, qual seja, a forte redução do investimento nessa economia.

c) Um longo período de aumento do investimento, durante o qual chegou-se a incrementos acima de 40% ao ano termina por engendrar um excesso de capacidade de produção em vários segmentos, cuja digestão demandará algum tempo.

d) Isto obviamente, não significa desaceleração no sentido tradicional, ou seja, do produto corrente, mas implica menor efeito irradiador sobre as economias das quais a China importa máquinas e equipamentos.

e) Outro aspecto do desenvolvimento recente na China é a redução do coeficiente importado em razão da entrada em operação de plantas produtoras de *commodities* industriais.

7. (TRF) Considere os períodos I, II e III, pontuados de duas maneiras diferentes.

I. Entregues os documentos pelo correio, seguirão outras informações relativas ao processo.

Entregues os documentos, pelo correio seguirão outras informações, relativas ao

processo.
II. A audiência será marcada de imediato pelo advogado e o promotor conjuntamente.
A audiência será marcada, de imediato, pelo advogado e o promotor conjuntamente.
III. É bom que se arquivem os processos que estão com o prazo vencido.
É bom que se arquivem os processos, que estão com o prazo vencido.
Com a pontuação diferente, ocorreu alteração de significado em:
a) I, somente;
b) II, somente;
c) I e II;
d) I e III;
e) II e III.

8. (ANA – Esaf) Em relação à pontuação do texto, assinale a opção correta.
A água pode ter diversas finalidades, como: abastecimento humano, dessedentação animal, irrigação, indústria, geração de energia elétrica, lazer, navegação etc. Muitas vezes, esses usos podem ser concorrentes, o que gera conflitos entre setores usuários ou mesmo impactos ambientais.
Nesse sentido, é necessário gerir e regular os recursos hídricos, acomodando as demandas econômicas, sociais e ambientais por água em níveis sustentáveis, para permitir a convivência dos usos atuais e futuros da água sem conflitos. Por isso, a outorga é fundamental, pois, ordenando e regularizando o uso da água, é possível assegurar ao usuário o efetivo acesso a ela, bem como realizar o controle quantitativo e qualitativo dos usos desse precioso recurso.
(*José Machado http://www.ana.gov.br/SalaImprensa/artigos/set.2008.pdf*)
a) As vírgulas da linha dois justificam-se porque isolam elementos de mesma função gramatical componentes de uma enumeração.
b) O emprego do sinal de dois-pontos (ℓ.1) justifica-se por anteceder oração subordinada adjetiva restritiva.
c) A vírgula após "Muitas vezes" (ℓ.4) justifica-se para isolar conjunção temporal.
d) O emprego de vírgula após "hídricos" (ℓ.8) justifica-se para isolar oração subordinada adverbial comparativa.
e) O emprego de vírgula após "fundamental" (ℓ.11) justifica-se por isolar oração subordinada adverbial condicional.

9. (ARF – Esaf) Assinale o trecho do texto adaptado de Boris Fausto (Memória e História) em que, na transcrição, foram plenamente atendidas as regras de pontuação.
a) Em uma fila no banco, na época em que, no Brasil, houve congelamento dos depósitos bancários, uma jovem, de traços orientais, permanecia calada e, aparentemente, atenta aos movimentos de todos, como se a qualquer momento, alguém pudesse passar à sua frente.
b) Pensei, ainda, em lembrá-la de que, por outro lado, a experiência dos japoneses no Brasil estava longe de representar um desastre. No entanto, bastou olhar para a neta do sol nascente e, logo, perceber que ela se transportara para outras esferas, alheia à fila e

a tudo o mais que a rodeava.
c) Não era nada disso. A jovem decifrou o enigma, em tom suspiroso, explicando que, no começo dos anos de 1930, grande parte da família decidira emigrar para a Califórnia, mas seu avô meio aventureiro, optara infelizmente, pelo Brasil.
d) Tentei esboçar um discurso sociológico, ponderando, que os imigrantes japoneses localizados na costa do Pacífico, tinham atravessado momentos adversos, especialmente, no curso da Segunda Guerra Mundial, quando muitos deles foram transferidos para campos de confinamento no meio-oeste americano.
e) De repente, sua voz se ergueu enigmática: "A culpa de tudo isso é do meu avô." Nos segundos seguintes, a melhor hipótese que me passou pela cabeça, foi a de um avô conservador, aconselhando a neta a poupar, em vez de gastar, apoiado em uma versão japonesa da fábula da cigarra e da formiga.

10. (ARF – Esaf) Assinale a justificativa correta para o emprego de vírgula.
A economia real nos Estados Unidos e na Europa segue em compasso de espera. Isso significa que o produto e o emprego seguem em declínio, (1) mas a uma velocidade menor. Seja como for, as injeções de liquidez, os programas de compra de ativos podres, (2) as garantias oferecidas pelas autoridades e a capitalização das instituições financeiras não fizeram pouco. Além de construir um piso para a deflação de ativos, as intervenções de provimento de liquidez suscitaram, (3) diriam os keynesianos, (3) um movimento global no interior da circulação financeira. O inchaço da circulação financeira teve efeitos mesquinhos sobre a circulação industrial, (4) ou seja, (4) sobre a movimentação do crédito e da moeda destinada a impulsionar a produção e o emprego. Observa-se, (5) no entanto, (5) um rearranjo dentro do estoque de riqueza que responde aos preços esperados dos ativos "especulativos" por parte dos investidores que sobreviveram ao colapso da liquidez. Agarrados aos salva-vidas lançados com generosidade pelo gestor em última instância do dinheiro – esse bem público objeto da cobiça privada – os senhores da finança tratam de restaurar as práticas e operações de "normalização dos mercados", isto é, aquelas que levaram à crise.
(Luiz Gonzaga Beluzzo, adaptado do *Valor Econômico* de 14 de outubro de 2009)
a) (1) A vírgula separa oração coordenada assindética.
b) (2) A vírgula separa elementos de mesma função sintática componentes de uma enumeração.
c) (3) As vírgulas isolam uma expressão apositiva.
d) (4) As vírgulas isolam conjunção coordenativa conclusiva.
e) (5) As vírgulas isolam conjunção subordinativa concessiva intercalada na oração principal.

11. (DNOCS – FCC) A pontuação desta frase está inteiramente correta:
a) A dialética sendo uma verdade mais séria, do que se costuma crer, manifesta-se no processo de resistência, da cultura popular.
b) De fato a cultura de massa com a enorme força de que dispõe, costuma apropriar-se das formas da cultura popular, inapelavelmente.

c) A socialização, proveniente das boas relações comunitárias constitui, sem dúvida, uma bela forma de autopreservação, na cultura popular.
d) As escolas de samba, nas festas promovidas para turistas, constituem matéria-prima e *mão de obra*, simultaneamente, para o capital.
e) Costumam, as diferentes manifestações de cultura popular, descaracterizar-se de vez que não resistem, às pressões da cultura de massa.

12. (TCM – CE) Está plenamente adequada a pontuação da seguinte frase:
a) A rotina, afirmam alguns, é inimiga da criatividade, mas essa tese, segundo o cronista, é uma falácia: basta ver o que já ocorreu em nossa literatura.
b) A rotina, afirmam alguns: é inimiga da criatividade; mas essa tese segundo o cronista é uma falácia, basta ver o que já ocorreu em nossa literatura.
c) A rotina – afirmam alguns – é inimiga da criatividade: mas essa tese, segundo o cronista, é uma falácia, basta ver o que já ocorreu, em nossa literatura.
d) A rotina, afirmam alguns, é inimiga da criatividade; mas essa tese segundo o cronista, é uma falácia, basta ver, o que já ocorreu em nossa literatura.
e) A rotina, afirmam alguns, é inimiga da criatividade mas, essa tese, segundo o cronista, é uma falácia: basta ver o que já ocorreu, em nossa literatura.

13. (MPE – RN – FCC) É preciso corrigir a pontuação da frase:
a) Não obstante a imagem de candura, as crianças podem ser perversas por conta dos instintos, manifestação que, aliás, nos comandam a todos.
b) Não apenas as crianças, também os adultos cedem aos instintos primitivos, de cuja manifestação, muitas vezes, tendemos a nos envergonhar.
c) O autor não se mostra nada simpático à tese da bondade natural, proposta e defendida por Rousseau, embora admita o grande prestígio de que goza esse filósofo.
d) No século 18, marcado pela ação dos pensadores iluministas, pedagogos como Rousseau, desejosos de mudanças, propuseram teses revolucionárias.
e) Deve-se à aparência meiga das crianças, boa parte da crença de que elas são seres angelicais, e por isso, incapazes de cometer crueldades.

14. (MPE – SE – FCC) A pontuação está inteiramente correta na frase:
a) Nosso admirável poeta Carlos Drummond de Andrade, em um poema antológico, foi capaz de definir em um único verso um atributo do tédio: esse sentimento mortal que, se descuidarmos, pode tomar conta de nós.
b) Nosso admirável poeta, Carlos Drummond de Andrade, em um poema antológico foi capaz de definir em um único verso: um atributo do tédio; esse sentimento mortal que se descuidarmos, pode tomar conta de nós.
c) Nosso admirável poeta Carlos Drummond de Andrade em um poema antológico, foi capaz de definir em um único verso, um atributo do tédio, esse sentimento mortal, que se descuidarmos pode tomar conta de nós.
d) Nosso admirável poeta, Carlos Drummond de Andrade em um poema antológico foi capaz de definir em um único verso, um atributo do tédio; esse sentimento mortal, que se

descuidarmos pode tomar conta de nós.
e) Nosso admirável poeta Carlos Drummond de Andrade, em um poema antológico foi capaz, de definir em um único verso, um atributo do tédio, esse sentimento mortal que, se descuidarmos pode tomar conta de nós.

15. (AFTN) Indique o trecho que apresenta erro quanto ao emprego dos sinais de pontuação.
a) "Interferências demagógicas de governos, levaram o Sistema Brasileiro de Habitação à falência em que hoje se encontra". (*Folha de São Paulo*, 05/10/1989, p. A-4.)
b) "Mas a disputa pelos direitos do livro – a ser editado no Brasil, evidentemente, pela Marco Zero, da qual Márcio de Souza é diretor – apenas começou". (*Leia*, agosto / 1989, p. 14.)
c) "O convite veio de Jofre Rodrigues, sócio principal da produtora J. N. Filmes. Assim que a notícia foi divulgada na Europa, editoras alemãs, francesas e americanas começaram a assediar o agente literário Thomas Colchio, que responde pelo escritor brasileiro na França". (*Leia*, agosto / 1994, p. 14.)
d) "Ao lado da disputa pelos direitos de filmagem da vida do líder seringueiro Chico Mendes, arma-se uma outra briga: o alvo, agora, é o argumento do filme, que será escrito pelo romancista amazonense Márcio de Souza". (*Leia*, agosto / 1994, p. 14.)
e) "O bom humor voltou à vida de Arraes depois do encontro com Brizola na semana passada. Exatamente o que conversaram os dois políticos ninguém sabe". (*Folha de São Paulo*, 5/10/1989, p. A-4.)

16. (TRF-2ª Região – FCC) A pontuação está plenamente adequada na frase:
a) O cronista, diante da possibilidade de habitar uma ilha, enumera uma série de argumentos que, a princípio, desqualificariam as supostas vantagens de um insulamento, mas, ao fim e ao cabo, convence-se de que está na ilha a última chance de desfrutarmos nossa liberdade.
b) O cronista diante da possibilidade, de habitar uma ilha, enumera uma série de argumentos, que a princípio desqualificariam as supostas vantagens de um insulamento, mas ao fim e ao cabo, convence-se de que está na ilha a última chance de desfrutarmos nossa liberdade.
c) O cronista diante da possibilidade de habitar uma ilha enumera uma série de argumentos, que a princípio, desqualificariam as supostas vantagens de um insulamento; mas ao fim e ao cabo convence-se, de que está na ilha a última chance de desfrutarmos nossa liberdade.
d) O cronista, diante da possibilidade de habitar uma ilha enumera uma série de argumentos, que a princípio, desqualificariam as supostas vantagens de um insulamento mas, ao fim e ao cabo convence-se de que está na ilha, a última chance de desfrutarmos nossa liberdade.
e) O cronista, diante da possibilidade de habitar uma ilha enumera uma série de argumentos que a princípio, desqualificariam as supostas vantagens de um insulamento; mas ao fim e ao cabo, convence-se de que, está na ilha, a última chance de desfrutarmos

nossa liberdade.

17. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) A supressão das vírgulas altera o sentido da seguinte frase:
a) Meninos de rua são, quase sempre, vistos como párias sociais, e não como vítimas.
b) Saber que, felizmente, há instituições como o SAID é motivo para alento e renovação de esperanças.
c) Não há, hoje em dia, quem possa alegar desconhecimento da situação dos jovens viciados.
d) Aqui e ali, podemos nos deparar com o trágico quadro de menores entregues ao destino das ruas.
e) Os menores de rua, que o vício das drogas arrebatou, demandam com urgência que os resgatemos desse inferno.

18. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – FCC) Está plenamente adequada a pontuação da seguinte frase:
a) Embora ansioso, por aposentar-se, o autor não parece convicto de que, o ócio lhe fará bem; tanto assim que vez ou outra imagina atividades, que passará a exercer.
b) Embora ansioso por aposentar-se o autor, não parece convicto, de que o ócio lhe fará bem, tanto assim que vez ou outra, imagina atividades que passará a exercer.
c) Embora ansioso por aposentar-se, o autor, não parece convicto de que o ócio lhe fará bem, tanto assim que, vez ou outra, imagina atividades, que passará a exercer.
d) Embora ansioso por aposentar-se, o autor não parece convicto de que o ócio lhe fará bem, tanto assim que, vez ou outra, imagina atividades que passará a exercer.
e) Embora ansioso, por aposentar-se, o autor não parece convicto de que o ócio lhe fará bem: tanto assim, que vez ou outra, imagina atividades que passará a exercer.

(AFTN) Nas questões 19 e 20, marque o texto em que os sinais de pontuação não foram usados corretamente.
19.
a) Denis de Rougemont tornou o Romance de Tristão e Isolda, datado do século XVII, como o "nascimento da paixão" no Ocidente.
b) Contra o casamento de interesse e contra a concepção cristã do casamento feliz por amor, a paixão é um estado amoroso que parece se alimentar da sua própria impossibilidade, encontrando a sua máxima realização no seu obstáculo supremo, que é a morte.
c) Rastreando os enigmas da paixão, contidos em Tristão e Isolda, Rougemont aponta as fontes do mito nas heresias de fundo maniqueístas, para as quais a morte, representa a passagem da Noite da matéria para o Dia luminoso do espírito.
d) Vivendo, no seu transporte febril, a promessa vigente de uma libertação dos limites da existência e da infelicidade do viver, os amantes, que se buscam e que se afastam, mais fiéis à própria paixão do que ao desejo da presença do outro, buscam transfigurar a morte em triunfo.

e) Implícito no código cortês da poesia trovadoresca, recorrente numa longa tradição literária, alimentado na ficção de massas (e dissipado do seu fundamento místico), o amor-paixão vigora em contradição com as normas sociais e a ortodoxia religiosa. (José Miguel Winsk; com adaptações)

20.
a) Uma das articulações clássicas da tradição marxista, a que junta a pobreza à dominação, se desfez nas sociedades desenvolvidas: cada vez mais se torna possível a satisfação das necessidades econômicas sem que as exigências políticas sejam atendidas.
b) Neste sentido, faz-se problemática a conceituação de progresso.
c) Mais complexas ainda, se tornam as definições sobre o conceito se pensarmos em um outro elemento, dificilmente presente nas reflexões tradicionais da filosofia política – a questão da felicidade.
d) Esta, juntamente com o tema da paixão, foi reduzida, na nossa tradição, ao domínio da subjetividade, do psicológico.
e) Propomo-nos a pensar a dimensão da paixão na política e tomamos, como ponto de partida, alguns artigos de Walter Benjamin (Kátia Muricy; com adaptações).

21. (Sefaz – SP – FCC) A pontuação está plenamente adequada na frase:
a) Aos que condenam a nostalgia argumentando, contra o passadismo, pode-se responder com a frase de um pensador: segundo o qual a saudade de tempos melhores, longe de ser reacionária, instiga-nos a esperar mais do presente.
b) Aos que condenam a nostalgia, argumentando contra o passadismo, pode-se responder, com a frase de um pensador, segundo o qual a saudade de tempos melhores longe de ser reacionária, instiga-nos a esperar mais do presente.
c) Aos que condenam a nostalgia argumentando contra o passadismo, pode-se responder com a frase, de um pensador, segundo o qual: a saudade de tempos melhores, longe de ser reacionária, instiga-nos a esperar mais do presente.
d) Aos que condenam a nostalgia argumentando contra o passadismo, pode-se responder com a frase de um pensador, segundo o qual a saudade de tempos melhores, longe de ser reacionária, instiga-nos a esperar mais do presente.
e) Aos que condenam a nostalgia, argumentando contra o passadismo pode-se responder com a frase de um pensador, segundo o qual, a saudade de tempos melhores, longe de ser reacionária instiga-nos a esperar mais do presente.

22. (TFC) Assinale o período corretamente pontuado.
a) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis, que, num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.
b) Os carros modernos, são feitos com chapas bastante flexíveis que, num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.
c) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis, que num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.

d) Os carros modernos são feitos, com chapas bastante flexíveis, que, num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.
e) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis que num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.

23. (TRT – 8R – FCC) Desconsiderada a sua organização em versos, a primeira estrofe da canção está corretamente pontuada em:
a) Quando eu me encontrava preso na cela de uma cadeia, foi que vi, pela primeira vez, as tais fotografias em que apareces: inteira. Porém, lá não estavas, nua e sim coberta de nuvens...
b) Quando eu me encontrava preso, na cela de uma cadeia foi que vi pela primeira vez, as tais fotografias, em que apareces inteira: porém, lá não estavas nua, e sim coberta de nuvens...
c) Quando eu me encontrava preso na cela de uma cadeia, foi que vi pela primeira vez as tais fotografias em que apareces inteira. Porém, lá não estavas nua e, sim, coberta de nuvens...
d) Quando eu me encontrava, preso na cela de uma cadeia, foi que vi pela primeira vez as tais fotografias em que apareces inteira, porém: lá não estavas nua e sim coberta de nuvens...
e) Quando eu me encontrava preso na cela, de uma cadeia, foi que vi pela primeira vez as tais fotografias em que apareces, inteira. Porém, lá, não estavas nua e sim, coberta de nuvens...

24. (Analista Judiciário – TRE-SP – FCC) Está inteiramente adequada a pontuação do seguinte período:
a) Em qualquer escalão do governo costuma haver mais cedo, ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado, por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança que ficam ao sabor, das conveniências políticas.
b) Em qualquer escalão, do governo, costuma haver mais cedo ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.
c) Em qualquer escalão do governo, costuma haver, mais cedo ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.
d) Em qualquer escalão do governo costuma haver, mais cedo ou mais tarde, atritos, entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso e o pessoal, indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.
e) Em qualquer escalão do governo costuma haver mais cedo, ou mais tarde atritos, entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado, por concurso, e o pessoal indicado, para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

25. (Técnico Judiciário – TRE-SP – FCC) Está inteiramente correta e adequada a pontuação da seguinte frase:

a) Mesmo nas obras modernistas que, por um motivo ou outro, parecem hoje datadas, pode-se reconhecer a importância que tiveram, na época, para a busca da liberdade de criação e expressão, conquista que Mário de Andrade não se cansou de acentuar.
b) Mesmo nas obras modernistas, que por um motivo, ou outro, parecem hoje datadas pode-se reconhecer a importância que tiveram na época, para a busca da liberdade de criação e expressão, conquista que Mário de Andrade não se cansou, de acentuar.
c) Mesmo nas obras modernistas, que por um motivo ou outro, parecem hoje datadas, pode-se reconhecer a importância que tiveram, na época, para a busca da liberdade de criação e expressão: conquista, que Mário de Andrade não se cansou de acentuar.
d) Mesmo nas obras modernistas que, por um motivo ou outro, parecem hoje datadas pode-se reconhecer, a importância que tiveram na época, para a busca da liberdade de criação e expressão, conquista que, Mário de Andrade, não se cansou de acentuar.
e) Mesmo nas obras modernistas que por um motivo ou outro, parecem hoje datadas, pode-se reconhecer a importância que tiveram, na época para a busca da liberdade de criação e expressão; conquista que Mário de Andrade não se cansou de acentuar.

26. (TTN) Assinale a alternativa que apresenta o emprego correto dos sinais de pontuação.
a) Na Suíça, delegados de 103 países, grande parte deles com as vestes africanas, determinaram a proibição total da caça aos elefantes. (Trechos da *Isto é / Senhor*, 25/10/1989.)
b) Na Suíça, delegados de 103 países, grande parte deles com suas vestes africanas, determinaram a proibição total, da caça aos elefantes.
c) Na Suíça delegados de 103 países, grande parte deles com suas vestes africanas determinaram a proibição total, da caça aos elefantes.
d) Na Suíça, delegados de 103 países, grande parte deles com suas vestes africanas determinaram a proibição, total da caça aos elefantes.
e) Na Suíça, delegados de 103 países grande parte deles com suas vestes africanas determinaram, a proibição total da caça aos elefantes.

27. (Técnico Judiciário – TRE-SP – FCC) ***Esta cidade que está acabando, que já acabou com a garoa, os bondes, o trem da Cantareira, as cantigas do Bexiga, Adoniran não a deixará acabar*...**
Mantendo-se, em linhas gerais, o sentido original, uma redação alternativa para a frase acima, em que se respeitam as regras de pontuação, é:
a) Adoniran não deixará acabar, a cidade que está acabando, e que já acabou com a garoa, os bondes, o trem da Cantareira, as cantigas do Bexiga...
b) Adoniran não deixará acabar a cidade, que está acabando e que já acabou, com a garoa, os bondes, o trem da Cantareira, as cantigas do Bexiga...
c) Adoniran, não deixará acabar a cidade, que está acabando – e que já acabou – com a garoa, os bondes, o trem da Cantareira, as cantigas do Bexiga...
d) Adoniran não deixará acabar a cidade que está acabando e que já acabou com a garoa, os bondes, o trem da Cantareira, as cantigas do Bexiga...

e) Adoniran, não deixará acabar a cidade que está acabando e que, já acabou, com a garoa, os bondes, o trem da Cantareira, as cantigas do Bexiga...

28. (TRE – AL – FCC) A pontuação está inteiramente adequada na frase:
a) Será preciso, talvez, redefinir a infância já que as crianças de hoje, ao que tudo indica nada mais têm a ver com as de ontem.
b) Será preciso, talvez redefinir a infância: já que as crianças, de hoje, ao que tudo indica nada têm a ver, com as de ontem.
c) Será preciso, talvez: redefinir a infância, já que as crianças de hoje ao que tudo indica, nada têm a ver com as de ontem.
d) Será preciso, talvez redefinir a infância? – já que as crianças de hoje ao que tudo indica, nada têm a ver com as de ontem.
e) Será preciso, talvez, redefinir a infância, já que as crianças de hoje, ao que tudo indica, nada têm a ver com as de ontem.

29. (TTN) Marque o texto onde ocorre <u>erro</u> de pontuação.
a) Os estabelecimentos fundados por portugueses, lá pelos anos de 1618, começavam no Pará, quase sob o Equador, e terminavam em Cananeia, além do trópico.
b) Entre uma e outra capitania havia longos espaços desertos, de dezenas de léguas de extensão. A população de língua europeia, cabia folgadamente em cinco algarismos.
c) A camada ínfima da população era formada por escravos, filhos da terra, africanos ou seus descendentes.
d) Os filhos da terra eram menos numerosos pela pouca densidade originária da população indígena, pelos grandes êxodos que os afastaram da costa, pelas constantes epidemias que os dizimaram, pelos embaraços, nem sempre inúteis, opostos ao seu escravizamento.
e) Acima desta população, sem terra e sem liberdade, seguiam-se os portugueses de nascimento ou origem, sem terra, porém livres: feitores, mestres de açúcar, oficiais mecânicos, vivendo dos seus salários ou do feitio de obras encomendadas. (Capistrano de Abreu, com adaptações.)

30. (TTN) Indique o trecho em que os sinais de pontuação estão bem empregados.
a) O principal dado da pesquisa do DataFolha sobre a sucessão presidencial, publicada ontem, é o fato de que, pela primeira vez desde abril, os números indicam que haverá um segundo turno.
b) O principal dado, da pesquisa do DataFolha, sobre a sucessão presidencial, publicada ontem, é o fato de que pela primeira vez, desde abril, os números indicam que haverá um segundo turno.
c) O principal dado da pesquisa do DataFolha sobre a sucessão presidencial publicada ontem, é o fato de, que pela primeira vez, desde abril, os números indicam que haverá um segundo turno.
d) O principal dado da pesquisa do DataFolha, sobre a sucessão presidencial, publicada ontem é o fato de, que pela primeira vez, desde abril, os números indicam que haverá um

segundo turno.
e) O principal dado da pesquisa do DataFolha sobre a sucessão presidencial publicada, ontem, é o fato de que pela primeira vez, desde abril os números indicam que haverá um segundo turno.

(AFTN) Nos textos apresentados nas questões 31 e 32, marque o período em que ocorre erro de pontuação.

31.
a) Em todas as culturas, o processo pelo qual a lei geral suplanta a lei particular, faz-se acompanhar de crises mais ou menos graves e prolongadas, que podem afetar, profundamente, a estrutura da sociedade. (Sérgio Buarque de Holanda, com adaptações.)
b) Ninguém exprimiu, com mais intensidade, a oposição e mesmo a incompatibilidade fundamental entre o Estado e a família do que Sófocles.
c) Creonte encarna a noção abstrata, impessoal da Cidade em luta contra essa realidade concreta e tangível que é a família.
d) Antígona, sepultando Polinice contra as ordenações do Estado, atrai sobre si a cólera do irmão, que não age em nome de sua vontade pessoal, mas da suposta vontade geral dos cidadãos.
e) O conflito entre Antígona e Creonte é de todas as épocas, e preserva-se sua veemência ainda em nossos dias.

32.
a) No período colonial, haverá forçosamente de ocupar-se de sujeitos e obras de escasso ou até nenhum valor literário, como são quase todas as dessa época. (José Veríssimo, com adaptações.)
b) Por um mau patriotismo, sentimento funesto a toda a história, que necessariamente vicia, e também por vaidade da erudição, presumiram os nossos historiadores literários avultar e valorizar o seu assunto, ou o seu próprio conhecimento dele, com fartos róis de autores e obras, acompanhados de elogios desmarcados e impertinentes qualificativos.
c) Não obstante o pregão patriótico, tais nomes e obras continuaram desconhecidos, eles e elas não lidos.
d) Igualmente não desejo continuar a fazer da história da nossa literatura um cemitério, enchendo-o de autores de todo mortos, alguns ao nascer.
e) Não quero cair no mesmo engano e supor que a crítica ou história literária, têm faculdades para dar vida e mérito ao que de si não tem.

33. (AFTE – RN – Esaf) Marque a versão do fragmento de texto de Delfim Netto (em *Carta Capital*) que está em desacordo com as normas de emprego dos sinais de pontuação.
a) É um pesadelo a Ata da última reunião do Conselho de Política Monetária (Copom)! O parágrafo 26 lembra que as metas inflacionárias são fixadas pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) e que, ao BC, resta cumpri-las. Estabelecido esse *hedge*, o "ambiente"

da ata é de um radicalismo absoluto: obedecê-las, custe o que custar!
b) É um pesadelo a Ata da última reunião do Conselho de Política Monetária (Copom): o parágrafo 26 lembra que as metas inflacionárias são fixadas pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) e que, ao BC, resta cumpri-las. Estabelecido esse *hedge*, o "ambiente" da ata é de um radicalismo absoluto: obedecê-las, custe o que custar!
c) É um pesadelo a Ata da última reunião do Conselho de Política Monetária (Copom). O parágrafo 26 lembra que as metas inflacionárias são fixadas pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) e que, ao BC, resta cumpri-las. Estabelecido esse *hedge*, o "ambiente" da ata é de um radicalismo absoluto: obedecê-las, custe o que custar!
d) É um pesadelo a Ata da última reunião do Conselho de Política Monetária (Copom)! O parágrafo 26 lembra que, as metas inflacionárias são fixadas pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) e que, ao BC, resta cumpri-las. Estabelecido esse *hedge*, o "ambiente" da ata é de um radicalismo absoluto: obedecê-las, custe o que custar!
e) É um pesadelo a Ata da última reunião do Conselho de Política Monetária (Copom)! O parágrafo 26 lembra que as metas inflacionárias são fixadas pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) e que, ao BC, resta cumpri-las. Estabelecido esse *hedge*, o "ambiente" da ata é de um radicalismo absoluto. Obedecê-las, custe o que custar!

34. (Fiscal ICMS-RJ – FGV) ***O risco não vem de alguma ameaça cósmica – o choque de algum meteoro ou asteroide rasante – nem de algum cataclismo natural produzido pela própria Terra – um terremoto sem proporções ou algum deslocamento fenomenal de placas tectônicas*****.**
Assinale a alternativa que apresente a função correta dos travessões empregados no fragmento acima:
a) Destacar o argumento que constitui a informação mais relevante do período.
b) Introduzir discurso direto, indicando a mudança de interlocutor.
c) Isolar informação aposta que exemplifica o enunciado anterior.
d) Marcar a aceleração da voz na melodia típica das orações restritivas.
e) Assinalar a pausa máxima da voz numa entoação ascendente.

35. (Comissário da Justiça da Criança e da Juventude – NCE)
Governo
Creio no governo pelo povo; creio, porém, que o governo do povo tem uma base de sua legitimidade na cultura da inteligência nacional pelo desenvolvimento nacional do ensino, no qual as maiores liberalidades do Tesouro substituirão sempre o mais reprodutivo emprego da riqueza pública...
(Rui Barbosa)
As vírgulas que separam a conjunção porém se devem:
a) ao deslocamento da conjunção para o meio da frase;
b) à necessidade de destacar uma ideia essencial ao texto;
c) ao fato de uma conjunção adversativa vir sempre entre vírgulas;
d) à presença de um sujeito posposto;
e) a uma característica estilística de Rui Barbosa.

36. (TRT – 9a Região – NCE) Observe o uso das vírgulas em "Sabe-se que o governo, para enfrentar a crise, adotará uma pluralidade de medidas". A justificativa para o emprego de vírgulas neste exemplo é a mesma válida para a opção:
a) "... com a qual se pretende conferir a tais medidas, por maldosas que sejam, um atestado de bom comportamento".
b) "Nos últimos anos, substituiu-se o 'em desenvolvimento' por 'emergente', palavra que igualmente se opõe ao 'sub'."
c) "O terceiro, 'conjunto de medidas' em lugar de 'pacote', fala exclusivamente à sensibilidade brasileira (...)".
d) "O que isso tudo quer dizer é que quando é difícil modificar a sociedade, ou o governo, modifica-se a linguagem".
e) "'Excluído', dirá o leitor, tem um sentido diverso".

37. (Auditor – Sefaz-RJ – FGV) ***Porém, sofrendo o Brasil os influxos de modelos legislativos estrangeiros, assim como estando as matrizes das empresas transnacionais que aqui operam sujeitas às normas de seus países de origem, não tardará para que as práticas que envolvem o criminal compliance sejam estendidas a diversos outros segmentos da economia.***
Assinale a alternativa em que a alteração do período acima tenha mantido adequação quanto ao seu sentido original e correção quanto à pontuação.
a) Sofrendo o Brasil, no entanto, os influxos de modelos legislativos estrangeiros – assim como estando as matrizes das empresas transnacionais que aqui operam sujeitas às normas de seus países de origem –, não tardará para que as práticas que envolvem o *criminal compliance* sejam estendidas a diversos outros segmentos da economia.
b) Entretanto, sofrendo o Brasil os influxos de modelos legislativos estrangeiros, – assim como estando as matrizes das empresas transnacionais que aqui operam sujeitas às normas de seus países de origem – não tardará para que as práticas que envolvem o *criminal compliance* sejam estendidas a diversos outros segmentos da economia.
c) Sofrendo, contudo, o Brasil os influxos de modelos legislativos estrangeiros – assim como estando as matrizes das empresas transnacionais que aqui operam sujeitas às normas de seus países de origem – não tardará para que as práticas que envolvem o *criminal compliance* sejam estendidas a diversos outros segmentos da economia.
d) Todavia, sofrendo o Brasil os influxos de modelos legislativos estrangeiros, – assim como estando as atrizes das empresas transnacionais que aqui operam sujeitas às normas de seus países de origem –, não tardará para que as práticas que envolvem o *criminal compliance* sejam estendidas a diversos outros segmentos da economia.
e) Contudo, sofrendo o Brasil os influxos de modelos legislativos estrangeiros – assim como estando as matrizes das empresas transnacionais que aqui operam sujeitas às normas de seus países de origem, não tardará para que as práticas que envolvem o *criminal compliance* sejam estendidas a diversos outros segmentos da economia.

38. (AFC – Esaf) Assinale o diagnóstico correto acerca do emprego das vírgulas no

trecho seguinte.
A nova disciplina das sociedades limitadas, está presente no Código Civil de 2002, que inovou em relação ao diploma anterior e tratou de matéria de cunho eminentemente comercial, revogando, assim, neste aspecto, o vetusto Código Comercial que datava do século passado.
a) O trecho está corretamente pontuado: não sobram nem faltam vírgulas.
b) O erro de pontuação está no mau emprego da vírgula colocada após a palavra "limitadas". Sendo ela eliminada, o trecho torna-se gramaticalmente correto.
c) Para o trecho ficar corretamente pontuado, é preciso eliminar a vírgula colocada após a palavra "limitadas" e inserir uma vírgula após a palavra "comercial".
d) Há três erros de pontuação: ausência de vírgula após a palavra "presente", presença da vírgula depois de "2002" e presença da vírgula depois da palavra "revogando".
e) Basta uma vírgula isolando a oração adjetiva explicativa "que datava do século passado" para o trecho ficar corretamente pontuado.

39. (TRF – 4ª Região – FCC) Há <u>incorreções</u> na pontuação da seguinte frase:
a) A tarefa tem de ser levada a termo, apesar da dimensão dela; caso contrário, as crianças e os adolescentes infratores poderão tornar-se criminosos reincidentes.
b) Por mais precária que seja, a estrutura familiar, afastar dela um jovem, não é melhor do que interná-lo, no sistema atual da Febem.
c) Restituir o sistema da Febem a um estado operacional é medida emergencial a ser tomada pelo Estado, numa primeira linha de atuação.
d) As ações adotadas pelo governador, a partir da rebelião de outubro de 1999, não surtiram o efeito pretendido, em vista da que acaba de ocorrer.
e) Apesar de a construção de unidades mais funcionais ser uma boa medida, o prazo estipulado para a realização das obras não atende, de modo algum, à emergência da situação.

40. (TRT – 24ª Região – FCC) Modificando-se a ordem interna de frases do texto, a pontuação estará correta em:
a) Poderíamos lembrar recuando no tempo, que na África do Sul, o regime do *apartheid* representou um manifesto escárnio contra a Declaração dos Direitos Humanos.
b) Que tal informação não é improcedente por sua própria experiência, qualquer cidadão pode verificar.
c) No Brasil, costuma-se dizer, que há leis que "pegam" e leis que "não pegam".
d) Como deixar de reconhecer, a partir de então, que já "não pega" a arbitragem da própria Organização das Nações Unidas?
e) A contrapelo das decisões da ONU se deu a invasão do Iraque: mas confiná-la, aos limites do território nacional, talvez seja injusto.

41. (Analista Judiciário – TRE-PE – FCC) Está plenamente adequada a pontuação da frase:
a) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo tentar justificar, suas ações pela

pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
b) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho; pois os velhos jornalistas igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
c) Não cabe aos jovens, ao menos, os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois, os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
d) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
e) Não cabe aos jovens, ao menos, os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados não costumavam abdicar, dos princípios éticos.

42. (Técnico Judiciário – TRE-RN – FCC)
Eu enfrentava os batalhões
Os alemães e seus canhões
Guardava o meu bodoque
E ensaiava um rock
Para as matinês
Os versos acima estão corretamente pontuados em:
a) Eu enfrentava, os batalhões – os alemães e seus canhões –, guardava o meu bodoque e ensaiava um rock: para as matinês.
b) Eu enfrentava, os batalhões, os alemães e seus canhões. Guardava o meu bodoque e ensaiava um rock, para as matinês.
c) Eu enfrentava: os batalhões, os alemães e seus canhões – guardava o meu bodoque e ensaiava, um rock para as matinês.
d) Eu enfrentava os batalhões; os alemães e seus canhões: guardava o meu bodoque e ensaiava um rock – para as matinês.
e) Eu enfrentava os batalhões, os alemães e seus canhões; guardava o meu bodoque e ensaiava um rock para as matinês.

43. (TRF – 5ª Região – Fundec) Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:
a) De acordo com Marilena Chauí – a autora do texto –, é preciso desconfiar das afirmações que, aparentemente óbvias, não resistem a uma análise mais concreta e mais rigorosa.
b) De acordo com Marilena Chauí, a autora do texto: é preciso desconfiar das afirmações que aparentemente óbvias, não resistem a uma análise, mais concreta e mais rigorosa.
c) De acordo com Marilena Chauí, a autora do texto; é preciso: desconfiar das afirmações que, aparentemente óbvias não resistem, a uma análise mais concreta, e mais rigorosa.
d) De acordo com Marilena Chauí, a autora do texto, é preciso desconfiar, das

afirmações, que aparentemente óbvias não resistem a uma análise, mais concreta e mais rigorosa.
e) De acordo com Marilena Chauí, – a autora do texto – é preciso desconfiar das afirmações, que, aparentemente óbvias não resistem a uma análise mais concreta e, mais rigorosa.

44. (AFRF – Esaf) Marque o trecho com pontuação correta.
a) Com efeito pareceu, a Nabuco, que carecendo o Brasil, como os demais países do continente, de um desenho institucional capaz de lhe conferir a consistência que ele, ainda, não podia extrair de sua invertebrada sociedade havia sido a Monarquia, que permitira a construção do Estado de direito no Brasil.
b) Com efeito pareceu a Nabuco que carecendo o Brasil (como os demais países do continente), de um desenho institucional capaz de lhe conferir a consistência, que ele ainda não podia extrair de sua invertebrada sociedade, havia sido a Monarquia que permitira a construção do Estado de direito no Brasil.
c) Com efeito, pareceu a Nabuco que, carecendo o Brasil, como os demais países do continente, de um desenho institucional capaz de lhe conferir a consistência que ele ainda não podia extrair de sua invertebrada sociedade, havia sido a Monarquia que permitira a construção do Estado de direito no Brasil.
d) Com efeito, pareceu a Nabuco, que carecendo o Brasil, como os demais países do continente, de um desenho institucional, capaz de lhe conferir a consistência, que ele ainda não podia extrair de sua invertebrada sociedade, havia sido a Monarquia, que permitira a construção do Estado de direito no Brasil.
e) Com efeito: pareceu a Nabuco que, carecendo o Brasil – como os demais países do continente – de um desenho institucional, capaz de lhe conferir a consistência, que ele ainda não podia extrair de sua invertebrada sociedade havia sido a Monarquia, que permitira a construção do Estado de direito no Brasil. *(Christian Edward Cyril Lynch, "O Império é que era a República: a monarquia republicana de Joaquim Nabuco". Lua Nova: Revista de Cultura e Política, nº 85, 2012)*

45. (TRT – 5ª Região – Fundec) Está inteiramente adequada a pontuação do seguinte período:
a) Poucos imaginam entre os turistas estrangeiros: que assistindo ao desfile carnavalesco estão presenciando um espetáculo – cuja euforia se assenta, sobre regras bem estabelecidas.
b) Poucos imaginam, entre os turistas estrangeiros, que, assistindo ao desfile carnavalesco, estão presenciando um espetáculo cuja euforia se assenta sobre regras bem estabelecidas.
c) Poucos imaginam, entre os turistas estrangeiros, que assistindo ao desfile carnavalesco, estão presenciando um espetáculo cuja euforia, se assenta sobre regras bem estabelecidas.
d) Poucos imaginam – entre os turistas estrangeiros – que assistindo ao desfile carnavalesco estão presenciando um espetáculo cuja euforia, se assenta sobre regras

bem estabelecidas.
e) Poucos imaginam entre os turistas estrangeiros que, assistindo ao desfile carnavalesco estão, presenciando, um espetáculo cuja euforia se assenta: sobre regras bem estabelecidas.

46. (INSS – Esaf) Assinale a opção incorreta quanto ao emprego dos sinais de pontuação.
a) O governo conseguiu uma vitória importante na área dos acidentes de trabalho: o Programa Nacional de Redução dos Acidentes Fatais do Trabalho reduziu em 34,27% o número de mortes entre 1999 e 2001.
b) Os ministros comemoraram a redução que só foi possível, devido à ação integrada desenvolvida pelo governo, e amparada no engajamento de toda a sociedade.
c) O governo continuará agindo para reduzir ainda mais o número de acidentes e de mortes. Um decreto já encaminhado para exame do Presidente da República, por exemplo, reclassifica os 593 setores da economia de acordo com o grau de risco que oferecem aos trabalhadores.
d) Hoje as empresas contribuem com alíquotas de 1% a 3% sobre a folha de salários para o custeio do acidente de trabalho, de acordo com a atividade que desenvolvem.
e) Ao analisar os dados dos últimos quatro anos, a Previdência constatou que muitos segmentos estão classificados erradamente, ou seja, são responsáveis por um grande número de acidentes, mas estão listados, por exemplo, na área de menor risco, com alíquota mínima.
(*O Estado de S. Paulo*.)

Nas questões 47 e 48 (MPU – Esaf), baseadas em Machado de Assis, assinale o item em que uma das sentenças não foi pontuada corretamente.
47.
a) Longa foi a agonia, longa e cruel, de uma crueldade minuciosa, fria, repisada, que me encheu de dor e estupefação. / Longa foi a agonia, longa e cruel, de uma crueldade minuciosa e fria, repisada, que me encheu de dor e estupefação.
b) Conhecia a morte de oitiva; quando muito, tinha-a visto já petrificada no rosto de algum cadáver, que acompanhei ao cemitério. / Conhecia a morte de oitiva, quando muito; tinha-a visto já petrificada no rosto de algum cadáver, que acompanhei ao cemitério.
c) Às vezes caçava, outras dormia, outras lia, lia muito, outras enfim não fazia nada. / Às vezes caçava; outras dormia, outras lia, lia muito, outras, enfim, não fazia nada.
d) Fiquei prostrado. E contudo era eu, nesse tempo, um fiel compêndio de trivialidade e presunção. / Fiquei prostrado. E, contudo, era eu, nesse tempo, um fiel compêndio de trivialidade e presunção.
e) Talvez espante ao leitor, a franqueza com que lhe exponho e realço a minha mediocridade; advirta que a franqueza é a primeira virtude de um defunto. / Talvez espante ao leitor a franqueza com que lhe exponho e realço a minha mediocridade; advirta que a franqueza é a primeira virtude de um defunto.

48.
a) Assim eu, Brás Cubas, descobri uma lei sublime, a lei da equivalência das janelas, e estabeleci que o modo de compensar uma janela fechada, é abrir outra. / Assim eu, Brás Cubas, descobri uma lei sublime, a lei da equivalência das janelas, e estabeleci que o modo de compensar uma janela fechada é abrir outra.
b) Este ar não é só puro. É balsâmico; é uma transpiração dos eternos jardins. / Este ar não é só puro. É balsâmico, é uma transpiração dos eternos jardins.
c) Vi, claramente vista, a meia dobra da véspera, redonda, brilhante, multiplicando-se por si mesma por dez. / Vi, claramente vista, a meia dobra da véspera, redonda, brilhante, multiplicando-se, por si mesma, por dez.
d) Fizeste bem, Cubas; andaste perfeitamente. / Fizeste bem, Cubas. Andaste perfeitamente.
e) E eu espraiava todo o meu ser na contemplação daquele ato, revia-me nele, achava-me bom, talvez, grande. / E eu espraiava todo o meu ser na contemplação daquele ato, revia-me nele, achava-me bom, talvez grande.

49. (IRB – Esaf) Os trechos abaixo constituem um texto. Assinale a opção que apresenta erro no emprego dos sinais de pontuação.
a) No Brasil, mesmo depois da Proclamação da República, o Estado continuou sendo um organização nacional frágil, com baixa capacidade de incorporação social e mobilização política interna, e sem vontade ou pretensões expansivas.
b) Do ponto de vista estritamente econômico, foi uma economia "primário-exportadora", até a crise mundial de 1930, seguindo uma trajetória de crescimento e modernização restrita a suas atividades ligadas à exportação e submetendo-se quase que inteiramente, às regras e políticas liberais impostas pelo padrão-ouro.
c) Essa forma de inserção econômica internacional permitiu que o Brasil crescesse até os anos 30, graças à complementaridade entre a sua economia e a economia mundial.
d) Cresceu, sobretudo, devido à integração do País com as finanças inglesas, o que permitiu que o país obtivesse o financiamento externo indispensável para evitar crises mais agudas no balanço de pagamentos.
e) Essa primeira experiência liberal de desenvolvimento demonstrou ter um limite crônico de "restrição externa", que era trazido pelos seus problemas de balanço de pagamentos e pela fragilidade da sua moeda.
(Adaptado de José Luís Fiori, *Brasil: Inserção Mundial e Desenvolvimento*.)

50. (TRF) Assinale a opção em que o texto foi transcrito com erro no emprego dos sinais de pontuação.
a) Em célebre artigo, Keynes ironizou a ideia de que a busca do interesse privado levaria necessariamente ao bem-estar coletivo: "Não é uma dedução correta dos princípios da teoria econômica afirmar que o egoísmo esclarecido leva sempre ao interesse público. Nem é verdade que o autointeresse é, em geral, esclarecido".
b) O "amor ao dinheiro" é o sentimento que domina o indivíduo na economia mercantil-capitalista. Objeto do desejo, o dinheiro é também o refúgio para conter a incontornável

incerteza quanto ao futuro.
c) Nos momentos em que o medo do futuro é superado pelo otimismo quanto aos resultados dos novos empreendimentos, os espíritos animais atropelam qualquer cálculo racional e produzem nova riqueza e novas fontes de trabalho.
d) Mas o sucesso não aplaca senão, excita o desejo suscitando a febre de investimentos excessivos e mal dirigidos – bolhas especulativas nos mercados de ações; tudo isso, apoiado no endividamento imprudente.
e) Na reversão da exuberância irracional, o medo do futuro vai predominar. A busca obsessiva e irracional pela riqueza concentra-se, então, na posse do dinheiro em si (ou substitutos próximos, como os títulos da dívida pública) como riqueza inerte.
(Luiz Gonzaga Belluzzo, com modificações.)

Capítulo 25

Crase

A crase indica a união de sons idênticos. Um tipo de crase é demarcado pelo acento grave: a junção de ***A*** (preposição) + ***A*** (quase sempre artigo). Logo, se temos um artigo ***A*** ou ***AS,*** evidencia-se a ocorrência de um termo que admite a presença deles. Por este motivo, nunca poderá haver crase antes de verbo, pronomes pessoais ou quaisquer outras palavras que impossibilitem a utilização do artigo.

Há três regras básicas que precisam ser compreendidas por todos aqueles que queiram utilizar corretamente o acento grave.

25.1. Primeira regra básica

Se substituirmos o substantivo feminino por um substantivo masculino e o termo que preceder este substantivo alterar-se de A para AO , fica clara a ocorrência da crase.

Ex.: Entregamos a carta a professora.

Entregamos o dinheiro ao professor.

→ Percebemos que antes do primeiro substantivo (carta-dinheiro) só há o artigo, pois passamos de A para O, então não devendo haver crase neste caso. No entanto, antes do segundo substantivo (professora-professor), o termo passou de A para AO, o que caracteriza a existência tanto da preposição quanto do artigo, consequentemente formalizando a crase. Portanto, a frase correta seria:

"Entregamos a carta à professora".

25.2. Segunda regra básica

Quando houver verbos que derem ideia de locomoção, não se deve aplicar aquela primeira regra básica. O procedimento mais adequado para este caso é o de transformar a frase "ir a", "locomover-se a", "dirigir-se a", por "volto". Aparecendo depois deste verbo a palavra "de", não há crase; aparecendo "da", há crase.

Ex.: Fui a Copacabana.

Fui à Urca.

→ Em "Fui a Copacabana", não há crase porque eu substituo por "volto de Copacabana"; no entanto, em "fui a Urca", substituo por "volto da Urca", caracterizando o uso da crase. Portanto, o correto seria "Vou à Urca".

"Vamos à missa?" (Fernando Sabino). // Eu volto da missa.

"Já o leitor compreendeu que era a Razão que voltava a casa" (Machado de Assis). // Voltava de casa.

"Antes de ir à casa do Conselheiro Dutra..." (Machado de Assis). // Volta da casa do Conselheiro Dutra.

25.3. Terceira regra básica

Pode haver também a utilização do acento grave, quando se junta a preposição A aos pronomes demonstrativos AQUILO, AQUELE, AQUELES, AQUELA e AQUELAS.

A dica para discernir se há crase ou não antes destes pronomes demonstrativos é substituí-los por outros pronomes demonstrativos (isto, este, estes, esta, estas, isso, esse, esses, essa, essas). Caso apareça a preposição A, revela-se a necessidade da crase; caso contrário, a crase não existirá.

Ex.: Eu me referi aquilo. (Eu me referi a isso)

→ Na substituição, apareceu a preposição, Logo, há a crase. O certo é: "Eu me referi àquilo".

Vendi aqueles biscoitos. (Vendi estes biscoitos)

→ Na substituição não apareceu a preposição. Então não há a crase e a frase já está correta.

Aquele lugar eu não vou. (A este lugar não vou)

→ Na substituição apareceu a preposição. Portanto, há a crase. O certo é: "Àquele lugar eu não vou".

Aquele livro eu não li. (Este livro eu não li)

→ Na substituição não apareceu a preposição, portanto não há a crase e a frase já está correta.

"Que importa àquele a quem já nada importa" (Fernando Pessoa).

25.4. Casos Especiais

1) Nunca haverá crase antes da palavra terra, quando esta significar terra firme, solo, chão.

Ex.: Depois de dois meses no mar, voltei a terra.

→ Não houve crase nesta frase, pois a palavra terra aí significa terra firme.

2) As locuções adverbiais, prepositivas e conjuntivas centradas em elementos femininos possuem acento grave: à toda, à tona, à janela, à beça, à direita (ou à esquerda), à solta, à vontade, às claras, às vezes, às custas de, à força, à uma, à procura, à cata, à mesa, às segundas, à medida que, à proporção que, à beira de, à mercê de, à toa, às escondidas...

Ex.: "E esta palavra não vinha à toa" (Machado de Assis).

"Já viste às vezes, quando o sol de Maio" (Castro Alves).

Obs.: Evanildo Bechara aduz que locuções adverbiais femininas regidas de preposição A, por motivo de clareza, devem ocorrer com acento grave.

Ex.: Fiz o teste a caneta.

Segundo Bechara, o A possui acento grave, mesmo inexistindo a crase.

No concurso do Banco de Brasil de São Paulo (Cespe-UnB-2002), tal questionamento foi feito – preencher à máquina – e, por fim, o item acabou anulado.

Obs.: A expressão "à luz" em "dar à luz" possui acento grave, pois se trata de um mero objeto indireto.

Ex.: Dar um bebê à luz (ao mundo).

3) Utilização de crase com palavra implícita.

Ex.: Ele se veste à (moda de) Luís XV.

Ele foi à (indústria) Fiat.

4) Antes de hora:

a) hora do relógio – usa-se a crase;

Ex.: Ele chegou às duas e quinze. Ele chegou à uma. Ele virá às três.

Ex.: "... às oito horas, o diretor aparecia a uma porta..." (Raul Pompeia).

b) tempo passado – usa-se o verbo "haver";

Ex.: Ele chegou há uma hora atrás. Ele já chegou há quinze minutos.

c) tempo futuro – usa-se a preposição ***A***.

Ex.: Ele chegará daqui a dez minutos.

5) O verbo PREFERIR pressupõe a ideia de que, numa comparação, um elemento é o escolhido e outro, preterido. Sendo assim, este verbo não admite a presença de MAIS ou MENOS. Outro aspecto interessante a ser observado é a impossibilidade de reger com a expressão DO QUE, tornando-se obrigatório o uso da preposição A. Por fim, como já se informara, dois seres são comparados, então a coerência gramatical exige a utilização do mesmo critério. Se o primeiro estiver acompanhado de artigo, o segundo também o será. Caso contrário, nenhum deles estará precedido de artigo.

Ex.: Prefiro televisão a rádio.
Prefiro a televisão ao rádio.
Prefiro rádio a televisão.
Prefiro o rádio à televisão.

6) Este caso é deveras parecido com o anterior, diferençando-se apenas pelo fato de não mais tratar-se de comparação, mas sim de designar o limite mínimo e o máximo da duração de um tempo. Destarte, se no limite mínimo ocorrer o artigo, no máximo também existirá; caso contrário, ambos não serão precedidos de artigo.

Observe: "Trabalho de domingo a sábado".

→ Antes do termo DOMINGO há apenas a ocorrência da preposição DE, por isso apenas a ocorrência da preposição A antes do termo sábado.

"Trabalho do domingo ao sábado".

→ Antes do termo DOMINGO há a ocorrência da contração da preposição DE com o artigo O, sendo assim antes do termo sábado a ocorrência do artigo se faz necessária.

"Trabalho de segunda a sexta".

→ Não há artigo antes de SEGUNDA e SEXTA, somente as preposições DE e A.

"Trabalho da segunda à sexta".

→ Há o artigo antes de ambos os termos, daí a explicação da existência da crase.

"Trabalho de duas a oito horas".

→ Não há artigo antes de duas nem antes de oito.

"Trabalho das duas às oito horas".

Há artigo contraído com a preposição antes de duas e antes de oito, justificando assim a ocorrência do acento grave.

Obs.: É importante também esclarecer que estes dois últimos exemplos aludidos possuem valores semânticos diferentes. Em "Trabalho de duas a oito horas", o significado da frase indica que o período mínimo de trabalho é de duas horas e o máximo de oito. Já em "Trabalho das duas às oito horas", o valor do período é de que o meu trabalho tem início impreterivelmente às duas e finaliza-se também impreterivelmente às oito horas.

7) O uso do artigo antes de pronome possessivo é facultativo.

Ex.: Pedi um favor a (ou ao) meu tio.
Pedi um favor a (ou à minha tia).
Pedi um favor a (ou às) minhas primas.

"Tu voltas à tua tribo" (José de Alencar).
Fui a (ou às) suas casas.
"... o susto que causaria a minha mãe fez rejeitá-la..." (Machado de Assis).

Obs.: Antes de pronome substantivo possessivo, o artigo torna-se obrigatório.
Ex.: Irei a(à) sua casa e você virá à minha.

→ O primeiro pronome possessivo tem valor adjetivo (determina o substantivo), por isso a crase é facultativa. Já o segundo é substantivo (substitui o substantivo), obrigando a presença do artigo, o que acaba por exigir a presença do acento grave.

8) Normalmente é facultativo o uso do artigo antes de substantivos no plural.
Ex.: Sou contrário a atos grosseiros.
Sou contrário aos atos grosseiros.
Sou contrário a ações grosseiras.
Sou contrário às ações grosseiras.

9) Não há crase antes de <u>Nossa Senhora</u> e nomes de santos (não podem possuir artigos).
Ex.: Fui a Santa Maria.
Pedi ajuda a Santa Edwiges.
Referi-me a Nossa Senhora.
Pedi um favor à santa.

10) Antes de Virgem Santíssima, pode haver crase.
Ex.: Sempre orei à Virgem Santíssima.

11) Não haverá crase entre termos idênticos.
Ex.: Cara a cara.
Olho a olho.
Boca a boca.

12) Utilização de crase antes de <u>qual</u>. Para que haja crase antes desta palavra é fundamental que a regência peça a preposição A e o termo antecedente seja um substantivo feminino.
Ex.: Esta foi a notícia à qual fiz referência.

→ Observe que "fazer referência" exige a preposição A e o termo antecedente do pronome relativo é um substantivo feminino.

Ex.: É linda a cidade à qual fui ontem.

Obs.: É importante esclarecer que neste caso não há ocorrência da contração de preposição com pronome relativo, mas sim da preposição A com a parte integrante do pronome relativo A (A QUAL).

13) Somente pode haver crase antes do ***que*** quando houver uma palavra implícita feminina e a regência exigir a preposição A.

Aludi a essa novela e à (novela) que acabou nesta semana.

Fui à Cidade Maravilhosa e à (cidade) que tu me recomendaste.

Obs.: Gramaticalmente, a existência deste caso de crase demarca a ocorrência do encontro da preposição A com o pronome demonstrativo A. A leitura dos exemplos acima também se poderia proceder da seguinte forma: "Aludi a essa novela e à (àquela) que acabou nesta semana". Fui à Cidade Maravilhosa e à (àquela) que tu recomendaste.

14) O artigo é facultativo antes de <u>África</u>, <u>Europa</u>, <u>Espanha</u>, <u>França</u>, <u>Holanda</u>, <u>Escócia</u> etc.

Ex.: Fui à (ou <u>a</u>) França.

– Volta da (ou <u>de</u>) França.

Quero ir à (ou <u>a</u>) Espanha.

– Volta da (ou <u>de</u>) Espanha.

Obs.: A forma sem artigo está em desuso.

15) Depois da preposição ATÉ, o uso da preposição A é facultativo.

Ex.: Fui até o (ou ao) Leblon. Fui até a (ou à) Urca.

"Desde a porta até ao fundo do quintal..." (Machado de Assis).

"Cambaleei até à pedra" (Raul Pompeia).

16) Antes de pronome de tratamento, não há artigo.

Ex.: Peço ajuda a Vossa Excelência.

Obs.: Os pronomes de tratamento SENHORA, SENHORITA, DAMA, DONA e MADAME admitem a presença de artigo. Haverá a crase se a regência exigir a preposição A.

Ex.: Eu vi a senhora (o senhor) ontem.

Peço um favor à senhora (ao senhor).

17) Em situações de paralelismo sintático, em que dois ou mais elementos estão complementando com preposição a ideia de um termo, há várias possibilidades de construção do período:

– pode utilizar-se somente a primeira preposição;

– pode utilizar-se somente a preposição antes de cada elemento;

– pode utilizar-se a preposição e o artigo antes apenas do primeiro elemento;

– pode utilizar-se a preposição e o artigo antes do todos os elementos.

Então são possíveis as seguintes construções:

Ex.: Estes materiais são destinados a alunos, professores e direção.

Estes materiais são destinados a alunos, a professores e a direção.

Estes materiais são destinados aos alunos, professores e direção.
Estes materiais são destinados aos alunos, aos professores e à direção.
"Esse encerramento em si mesmo deu-lhe não sei que ar de estranho a tudo, às competições, às ambições..." (Lima Barreto).
"... geralmente estranho à indústria pouco abstrata dos tecelões e à trama concreta das lançadeiras" (Raul Pompeia).

18) Antes de nome próprio, o uso do artigo é facultativo.
Ex.: Entreguei o material a (ao) João. // Entreguei o material a (à) Maria. // "Pery pediu, então, a (à) Cecy que escrevesse para Álvaro..." (José de Alencar).

25.5. Exercícios

1. (AFC – CGU – Esaf) No que diz respeito ao uso do sinal de crase, assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto abaixo.
Uma mera observação __(1)__olho nu já basta para constatar que parcela relevante do spread está ligada direta ou indiretamente, __(2)__ políticas públicas, sejam tributárias regulatórias ou de outra natureza. Parece, pois, difícil avançar na questão dos *spreads*, sem que tais políticas sejam, no mínimo, reavaliadas, obviamente não perdendo de vista os legítimos objetivos de cada uma delas. Por outro lado, o aumento da eficiência do sistema bancário é igualmente relevante para __(3)__ queda dos *spreads*. Isso sugere que "parte da bola", pelo menos, está com os bancos, públicos e privados, que devem se tornar cada vez mais eficientes nas funções de intermediários financeiros. Em suma, é necessário um permanente diálogo entre o setor bancário e o governo, com vistas __(4)__ implementação de medidas sustentáveis para redução de *spread*, objetivo que deve ser atingido sem ameaças __(5)__ estabilidade financeira. (Adaptado de Gustavo Loyola, Baixar "*spreads*" exige medidas sustentáveis. O Estado de São Paulo, 21 de abril de 2012)

	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
a)	à	às	a	à	à
b)	a	as	a	à	a
c)	a	às	a	à	à
d)	a	a	à	a	a
e)	à	a	à	a	à

2. (Administrador – Petrobras – Cesgranrio) A palavra a, na língua portuguesa, pode ser grafada de três formas distintas entre si, sem que a pronúncia se altere: a, à, há. No entanto, significado e classe gramatical dessas palavras variam.
A frase abaixo deverá sofrer algumas alterações nas palavras em destaque para adequar-se à norma-padrão.
A muito tempo não vejo a parte da minha família a qual foi deixada de herança a fazenda

a que todos devotavam grande afeto.
De acordo com a norma-padrão, a correção implicaria, respectivamente, esta sequência de palavras:
a) A – a – à – há – à
b) À – à – a – a – a
c) Há – a – à – a – a
d) Há – à – à – a – a
e) Há – a – a – à – à

3. (Administrador – Casa da Moeda – Cesgranrio)Observa-se o uso adequado do acento grave no trecho "estamos nos referindo à não ativação de elementos" .
Verifica-se um DESRESPEITO à norma-padrão quanto ao emprego desse acento em:
a) O professor se reportou àquele texto de Machado de Assis.
b) Sonhamos em viajar à terra de Gonçalves Dias.
c) Ele sempre fazia alusão à palavras de seu poeta favorito.
d) Os alunos compreenderam o poema à custa de muito empenho.
e) Prefiro as poesias de Drummond às de Olavo Bilac.

4. (Analista de Controle Interno – Sefaz-RJ – FGV) ***Ratifica-se, assim, o conceito de que a conscientização tributária pode representar um ponto de partida para a formação cidadã como uma das formas eficazes de atender às demandas sociais, com maior controle sobre a coisa pública*****.**
No período acima, empregou-se corretamente o acento grave para indicar o fenômeno da crase. Assinale a alternativa em que o acento grave tenha sido empregado corretamente.
a) Em visita ao Rio, fomos à Copacabana da Bossa Nova.
b) Esta prova vai de 13h às 18h.
c) Finalmente fiquei face à face com a tão esperada prova.
d) Os candidatos somente podem deixar o local de prova à partir das 15h.
e) Pedimos um bife à cavalo.

5. (Técnico Judiciário – TRE-RN – FCC) Graças ..... resistência de portugueses e espanhóis, a Inglaterra furou o bloqueio imposto por Napoleão e deu início ..... campanha vitoriosa que causaria ..... queda do imperador francês.
Preenchem as lacunas da frase acima, na ordem dada,
a) a – à – a
b) à – a – a
c) à – à – a
d) a – a – à
e) à – a – à

6. (AFRF – Esaf) Indique a opção que corresponde a erro gramatical na transcrição do texto.

A(1) seca nos Estados Unidos prenuncia mais uma fase de preços altos para os alimentos, com perspectivas de bons ganhos para os exportadores e de graves dificuldades para as(2) economias pobres e dependentes da importação de comida. Um dia depois de anunciada no Brasil a maior safra de grãos e oleaginosas de todos os tempos, o governo americano confirmou grandes perdas nas lavouras de soja e milho. A(3) longa estiagem, excepcionalmente severa, afeta mais de 60% do país e a maior parte das regiões agrícolas. O mercado reagiu imediatamente às(4) novas estimativas, divulgadas pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, com indicações de redução dos estoques na temporada 2012-2013. O Brasil será um dos países em condições de aproveitar às(5) oportunidades abertas pela quebra da safra americana.
(*O Brasil e a seca nos EUA, Editorial, O Estado de S. Paulo, 12/8/2012*)
a) A (1)
b) as (2)
c) A (3)
d) às (4)
e) às (5)

7. (TRF – Auxiliar Judiciário) A alternativa com erro no emprego do acento indicativo da crase é:
a) A maioria dos homens passa de uma condição à outra.
b) Explicava sua experiência à sua filha.
c) Deveria explicar sua experiência à essa gente.
d) Esperou do meio-dia às quatro horas.
e) Vivenciou desde os projetos ambiciosos às experiências sem importância.

8. (UFRJ-Corregedoria Geral da Justiça) "... necessidade de se ajudarem umas às outras..." O acento grave indicativo da crase, neste caso, é resultante da:
a) presença simultânea de uma preposição e de um artigo definido feminino;
b) necessidade de se indicar a presença de um complemento diferente do anterior;
c) combinação de uma preposição com um pronome indefinido;
d) contração de uma preposição com um pronome demonstrativo;
e) obrigação de evitar-se a ambiguidade.

9. (TTN) Preencha as lacunas da frase abaixo e assinale a alternativa correta.
"Comunicamos Vossa Senhoria que encaminhamos petição anexa Divisão de Fiscalização que está apta prestar informações solicitadas".
a) a – a – à – a – as
b) à – a – à – a – às
c) a – à – a – à – as
d) à – à – a – à – às
e) à – a – à – à – as

10. (Analista Tributário – Esaf) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas

do texto adaptado do *Jornal do Brasil*, Editorial, 7/10/2009.
Vários, e de distintos naipes, foram os questionamentos __1__ construção do IDH como tal. Por que não mortalidade infantil de crianças abaixo de 5 anos de idade em vez de expectativa de vida? Por que não incluir outros indicadores, tais como nível de pobreza, déficit habitacional, acesso __2__ água potável e saneamento básico? Por que não acrescentar outras dimensões relacionadas __3__ meio ambiente (que afeta o padrão de vida desta e das próximas gerações), aos direitos civis e políticos, __4__ segurança pessoal e no trabalho, __5__ facilidade de locomoção? Qual a confiabilidade dos dados fornecidos por quase duas centenas de países? Há uma escassez de informação em relação __6__ maioria das dimensões sugeridas para uma comparação internacional, sem contar __7__ confiabilidade dos dados.
a) na – da – no – na – de – a – uma
b) da – à – com o – com a – da – com a – da
c) a – na – pelo – da – na – da – à
d) pela – de – a – em – com a – pela – com a
e) à – a – ao – à – à – à – a

11. (TRF 4a Região – Técnico Judiciário – Espec. Informática – FCC) A presença de núcleos habitacionais próximos ..... regiões costeiras oferece riscos ..... manutenção do ecossistema marinho, com prejuízos incalculáveis ..... diversas espécies.
As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) as – à – à
b) as – a – a
c) às – à – à
d) às – a – a
e) às – à – a

12. (TCE-MG – Auxi. Cont. externo – FCC) A reação ..... sensação de medo é essencial para nossa segurança física e o temor ..... medidas de controle social impede-nos de fazer o mal ..... outras pessoas.
As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) à – a – a
b) à – à – a
c) à – à – à
d) a – a – à
e) a – a – a

13. (SEP) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto abaixo.
Ao acabar a Segunda Guerra Mundial, o mundo esperava nunca mais assistir __1__ tragédias humanitárias como a que dizimou a vida de seis milhões de pessoas entre 1939 e 1945. __2__ esperanças, porém, mostraram-se vãs.
Gaza serve de exemplo. Encurralada, __3__ população da faixa de 362km² (1,5 milhão de pessoas) protagoniza o horror que escandaliza __4__ consciências civilizadas dos

cinco continentes e mobiliza protestos nas principais cidades da Terra. O cenário assusta. Homens, mulheres e crianças que se concentram numa das regiões de maior densidade populacional do planeta são as vítimas de uma guerra na qual não são soldados. Submetidos __5__ uma chuva de mísseis __6__ onze dias, tiveram o território invadido também por terra. Tanques, armas e os militares mais bem treinados do mundo abrem caminho no terreno em que cada centímetro é disputado por milhares de pessoas. O apagão, aliado ao frio e __7__ falta de água potável, acrescenta desespero ao ambiente digno do inferno de Dante.
(*Correio Braziliense, Editorial, 6/1/2009.)*
a) à – Às – a – umas – à – a – à
b) a – Essas – uma – às – a – há – a
c) a – As – a – as – a – há – à
d) à – Umas – à – à – a – a – uma
e) às – Tais – essa – essas – à – a – a

14. (Administrador – MEC – FGV) "O movimento altermundialista deverá também responder à nova situação mundial nascida da crise escancarada da fase neoliberal da globalização capitalista." No trecho acima, empregou-se corretamente o acento grave indicativo de crase. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.
a) Eles visaram à premiação no concurso.
b) Sempre nos referimos à Florianópolis dos açorianos.
c) Nossos cursos vão de 8h às 18h.
d) A solução foi sair à francesa.
e) Fizemos uma longa visita à casa nova dos nossos amigos.

15. (Analista Legislativo – Senado Federal – FGV) "É sabido que a terra não pertence aos índios; antes, são eles que pertencem à terra."
No período acima, utilizou-se corretamente o acento indicativo de crase antes da palavra *terra*. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.
a) Voltarei à terra natal.
b) A sonda espacial retornará em breve à Terra.
c) Quando chegamos à terra, ainda sentíamos em nosso corpo o balanço do mar.
d) Eu me referia à terra dos meus antepassados.
e) Havendo descuido, a areia será misturada à terra.

16. (Polícia Legislativa – Senado Federal – FGV) Assinale a alternativa em que se tenha optado corretamente por utilizar ou não o acento grave indicativo de crase.
a) Vou à Brasília dos meus sonhos.
b) Nosso expediente é de segunda à sexta.
c) Pretendo viajar a Paraíba.
d) Ele gosta de bife à cavalo.
e) Ele tem dinheiro à valer.

17. (Técnico Legislativo – Senado Federal – FGV) "É um atentado às liberdades constitucionais!"
Na frase acima, utilizou-se corretamente o acento grave para indicar a crase. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.
a) O evento vai da segunda à sexta.
b) Fomos à Bahia.
c) Ela sempre sai às pressas.
d) Sempre pedimos filé à Osvaldo Aranha.
e) Nós nos enfrentamos cara à cara.

18. (FGV) Em *à tarde*, *à Grécia* e *às quatro horas da tarde*, utilizou-se corretamente o acento indicativo da crase.
Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.
a) Dirigimo-nos a Fortaleza dos nossos antepassados.
b) Eles se referiram às horas que passamos juntos.
c) Sempre nos falamos à noite.
d) Eles se encontraram à uma hora da manhã.
e) A ida à Itália fez bem aos noivos.

19. (Ass. Leg. – FCC) Orientação espiritual ..... todas as pessoas é um dos propósitos ..... que escritores e pensadores vêm se dedicando, porque a perplexidade e a dúvida são inevitáveis ..... condição humana.
As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) à – a – à
b) à – à – a
c) a – a – à
d) a – à – à
e) a – a – a

20. (Def. Púb.-SP – FCC) O grau de emoção em torno de uma situação qualquer determina o tempo de armazenamento e as características relacionadas ..... ela, permitindo sua associação ..... outros fatos ocorridos durante ..... vida.
As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) à – a – a
b) a – a – a
c) a – à – à
d) a – a – à
e) à – à – a

21. (Técnico Judiciário – TRE-PE – FCC)
Ainda que riqueza [...] à custa do trabalho escravo ...
A sociedade colonial no Brasil [...] desenvolveu-se [...] à sombra das grandes plantações de açúcar ...

Do mesmo modo que nas frases acima, está correto o emprego da crase em:
a) combate à fome.
b) vendas à prazo.
c) escrito à lápis.
d) avião à jato.
e) defender à unhas e dentes.

22. (TFC) Marque o item que se completa de forma correta com a sequência seguinte – há; à(s).
a) algum tempo, a tecnologia revolucionária em áreas que vão da cirurgia plástica armas nucleares.
b) O raio *laser* se revela altura de um bisturi de alta precisão anos.
c) quem afirme que áreas da medicina em que o uso do raio *laser* é imprescindível.
d) A novidade surgiu na França onde o *laser* está sendo usado na restauração da Catedral de Amiens, recuperando vestígios das cores aplicadas sete séculos.
e) Debaixo da fuligem que conferiu um tom acinzentalado igreja, o *laser* revelou uma gama de dourados, azuis e vermelhos existentes épocas da feitura de obras góticas.
(Adap. de *Veja*, 10/3/1993).

23. (TRE-MT) O uso do acento grave (indicativo de crase ou não) está <u>incorreto</u> em:
a) Primeiro vou à feira, depois é que vou trabalhar.
b) Às vezes não podemos fazer o que nos foi ordenado.
c) Não devemos fazer referências àqueles casos.
d) Sairemos às cinco da manhã.
e) Isto não seria útil à ela.

24. (TRE-MG) O acento grave, indicador de crase, está empregado <u>incorretamente</u> em:
a) Tal lei se aplica, necessariamente, à mulheres de índole violenta.
b) As novelas, às quais assisti, problematizam a questão da droga.
c) Entregou as chaves da loja àquele senhor que nos desacatou na praça.
d) O delegado disse ao prefeito e aos vereadores que estava à procura dos foragidos.
e) O bom atendimento às pessoas pobres deve ser prioridade da nova administração.

25. (TRE-RJ) "A tensão social poderia levar-nos <u>a duas extremas posições</u>". Das expressões que substituem a sublinhada na passagem acima, aquela cujo <u>a</u> pode ter o acento grave indicativo de crase é:
a) <u>a</u> mesma posição;
b) <u>a</u> certa posição;
c) <u>a</u> alguma posição;
d) <u>a</u> qualquer posição;
e) <u>a</u> posições distintas.

26. (TRE-RO)

I. O povo da região vai votar à pé ou à cavalo.
II. Pedimos à V. Excelência que não se esqueça do povão, que não o elegeu à toa.
III. O cabo eleitoral dirigiu-se à ela e ensinou-lhe a copiar o nome.
IV. Permaneceram reunidos à noite, face a face, a conversar.
A ocorrência de crase está corretamente indicada:
a) somente na I;
b) somente na II;
c) somente na III;
d) somente na IV;
e) somente na II e na IV.

27. (ATRFB – Esaf) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical na transcrição do texto abaixo.
A pequena reação da indústria em junho (crescimento de 0,2% em relação a maio) não foi suficiente para compensar a (1) queda da produção no primeiro semestre, da ordem de 3,8%, quando comparada à (2) produção do mesmo período de 2011. Segundo o IBGE, responsável por essa estatística, a indústria brasileira hoje produz o mesmo que há (3) três anos. Mesmo que o setor tenha passado por um ponto de inflexão, como acredita o ministro da Fazenda, Guido Mantega, é pouco provável que a (4) produção chegue à (5) registrar crescimento em 2012. Os especialistas projetam uma queda de até 2%, o que contribuirá para o fraco desempenho do Produto Interno Bruto (PIB) este ano.
(Editorial, O Globo, 3/8/2012)
a) (1) a
b) (2) à
c) (3) há
d) (4) a
e) (5) à

28. (TRE-RJ) O "a" (sublinhado) que deverá levar o acento grave indicativo de crase está na seguinte alternativa:
a) Eles entregam pizza a domicílio.
b) O menino não quis ir a casa dos tios.
c) A encomenda foi entregue a uma pessoa estranha.
d) As moças começaram a gritar logo no início do filme.
e) O fiscal não se referia a candidatas, mas a candidatos.

29. (TRE-MG) O uso da crase está incorreto em:
a) Chegaram a argumentar cara à cara que não aceitariam sugestões.
b) Já demos nossa contribuição à associação beneficente do bairro.
c) À custa de sacrifício, os estudantes conseguiram ser aprovados.
d) Transmita àqueles jovens nossa mensagem de esperança no futuro.
e) Esta construção é igual à que meu primo construiu na periferia.

30. (TTN) Assinale o item que preenche corretamente as lacunas da frase: "Em virtude de investigações psicológicas que me referi, nota-se crescente aceitação de que é preciso pôr termo indulgência e inação com que temos assistido escalada da pornoviolência." (S. Pfrom)

a) à – a – à – a
b) a – à – à – à
c) a – a – a – à
d) à – à – a – a
e) a – à – a – à

31. (TTN) Marque a letra cuja sequência preenche corretamente, pela ordem de aparecimento, as lacunas abaixo: "O exame das propostas da reforma fiscal, primeira abordagem, leva conclusão de que carga tributária continuará incidir mais sobre salários e menos sobre lucros e grandes fortunas".

a) à – à – a – a
b) à – a – à – a
c) a – a – a – à
d) a – à – a – a
e) a – a – à – a

32. (AFTN) Assinale a frase na qual a palavra não deve receber o acento indicativo de crase.

a) Os apelos a internacionalização da Amazônia ganham contornos de avalanche.
b) Toda manhã a esta hora, depois de ler o jornal do dia, fico deprimida.
c) Aquela hora morta da madrugada todos estavam recolhidos ao leito.
d) Muitas das reivindicações dos sindicatos trabalhistas, são semelhantes as da classe patronal.
e) Os petroleiros apresentaram ao Ministro uma pauta de reivindicações igual a que haviam divulgado no ano anterior.

33. (TRF – 4R – Técnico Judiciário – FCC) Os elefantes apresentam necessidades parecidas com ..... dos seres humanos e, para oferecer ..... eles os cuidados exigidos, os especialistas têm recorrido até mesmo ..... táticas inovadoras.
As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:

a) as – a – à
b) as – a – a
c) as – à – à
d) às – à – a
e) às – a – a

34. (Gov. BA – Soldado da PM – FCC) O uso do sinal da crase é injustificável em:

a) Lembrem-se às autoridades de terem sempre em mente o valor da prevenção.
b) Não cabe às pessoas de boa-fé repudiar medidas de prevenção ao crime.

c) É penoso assistir às cenas de violência que se multiplicam nas metrópoles.
d) Atribui-se às medidas preventivas uma eficácia maior que a da repressão.
e) À inteligência da prevenção opõem-se aqueles que preferem a força da repressão.

35. (Fiscal da Receita Estadual – AP – FGV) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas do fragmento a seguir:
***O texto refere-se _____ teses antropológicas, cujos temas interessam _____ todos que se dispuserem _____ investigar a história do jeitinho brasileiro*.**
a) as – à – à.
b) às– a – à.
c) às – a – a.
d) as – à – a.
e) às – à – a.

36. (Analista Judiciário – TRT-RJ – FCC) ... pessoas de fora, estranhas ..... cidade, a vida urbana exerce uma constante atração, apesar dos congestionamentos e dos altos índices de violência, inevitáveis sob... condições urbanas de alta densidade demográfica.
Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:
a) Às – à – as
b) As – à – às
c) As – a – às
d) Às – a – às
e) As – à – as

37. (TRT) No trecho "Do décimo andar à rua", foi usado adequadamente o acento indicativo da crase. O mesmo <u>não</u> ocorre na frase:
a) Há muito não se assistia à peças com tanto senso crítico com estas.
b) Chegando-se à varanda, era possível admirar a paisagem.
c) Do Leblon a Ipanema e de Jacarepaguá à Barra, todas as vias expressa estavam engarrafadas.
d) O povo referia-se às nossas praias como redutos de esgoto e mau cheiro.
e) As ondas dirigiam-se à direita e à esquerda do palanque sobre a areia.

38. (TRF) Atente para as seguintes frases:
I. À qualquer hora estamos dispostos a assistir à cenas de guerra.
II. Àquela hora da noite, ainda estávamos atentos à transmissão das cenas da guerra.
III. Daqui a uma hora esse canal passará a transmitir a comunicação que o Presidente fará à Nação.
Quanto à necessidade de usar-se o sinal de crase, está inteiramente correto o que se lê em:
a) I, II e III;
b) I e II, somente;
c) I e III, somente;

d) II, somente;
e) II e III, somente.

39. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) ... ***e chegou à conclusão de que o funcionário passou o dia inteiro tomando café*****.**
Do mesmo modo que se justifica o sinal indicativo de crase em destaque na frase acima, está correto o seu emprego em:
a) e chegou à uma conclusão totalmente inesperada.
b) e chegou então à tirar conclusões precipitadas.
c) e chegou à tempo de ouvir as conclusões finais.
d) e chegou finalmente à inevitável conclusão.
e) e chegou à conclusões as mais disparatadas.

40. (AFC – Esaf) Assinale a opção que preenche de forma correta as lacunas do texto.
João Paulo II, com a acuidade de sua inteligência e a abrangência e profundidade de sua vivência, cultura e saber, clamou com forte carisma, como verdadeiro herdeiro dos profetas bíblicos, 1 perenidade e atualidade dos valores que nos foram transmitidos pelo povo da Aliança e levados 2 perfeição por Jesus Cristo, que revelou a vocação 3 transcendência da humanidade, seu sentido maior e definitivo. O hedonismo e o utilitarismo induzem 4 relativização do
respeito 5 vida humana, em especial 6 dos mais frágeis e indefesos.
(Paulo Leão, "A fé não teme a razão", *Folha de S. Paulo*, 9/4/2005, com adaptações.)

	1	2	3	4	5	6
a)	a	à	à	a	à	à
b)	a	à	à	à	à	a
c)	à	à	a	a	a	à
d)	à	a	a	a	a	à
e)	à	a	à	a	à	à

41. (AFPS – Esaf) Assinale a opção que preenche de forma correta as lacunas do texto.
Está em exame na Casa Civil anteprojeto de lei que instituirá um sistema de incentivo (1) redução dos acidentes e de punição das empresas que submetem seus trabalhadores (2) risco. (3) intenção é reduzir pela metade ou dobrar (4) alíquotas de contribuição para cobertura de acidentes trabalhistas, dependendo do caso. Uma empresa que esteja abaixo da média nacional de acidentes, por exemplo, pode vir (5) pagar menos. O contrário acontecerá (6) empresa que tiver registrado número de acidentes muito acima da média do seu setor. Ela poderá ter (7) alíquota duplicada.
(*O Estado de S.Paulo.*)

	1	2	3	4	5	6	7
a)	a	à	À	às	à	a	à
b)	à	a	A	às	à	a	a

c)	a	à	A	as	a	a	à
d)	à	a	A	as	a	à	a
e)	a	à	À	às	à	à	à

42. (Bacen – Esaf) Para que o fragmento de texto abaixo respeite as regras de regência da norma culta, assinale a opção que preenche corretamente as lacunas na ordem indicada. Desde julho de 2000 a revista *Banco Hoje* vem estimulando debate em torno das transformações que envolvem implementação do SPD. O esforço empreendido é muito inferior vantagens no que diz respeito evolução do sistema financeiro nacional e oportunidades de integração com o mercado global.
(*Banco Hoje*, março de 2001, com adaptações)
a) à – as – à – às
b) a – às – a – às
c) à – às – à – as
d) a – às – à – às
e) a – às – a – as

43. (TRF – FCC) A necessidade ou não do sinal de crase está inteiramente observada na frase:
a) Deve-se à luta das feministas o respeito aos direitos que cabem também às outras parcelas de injustiçados que integram a nossa sociedade.
b) Encontra-se a disposição dos interessados a nova edição do Código Civil, à qual, aliás, já se fizeram objeções à torto e à direito.
c) À vista do que dispõe o novo código, não caberá à ninguém a condição "natural" de cabeça de casal, à qual, até então, se reservava para o homem.
d) Pode ser que à curto prazo o novo código esteja obsoleto em vários pontos, à exemplo do que ocorreu com o antigo.
e) Não se impute à uma mulher a culpa de não ter lutado por seus direitos; todas as pressões sociais sempre a conduziram àquela "virtuosa" resignação.

44. (TRE / SP – AJ – FCC) Há falta ou ocorrência indevida do sinal de crase no período:
a) Não se estenderam os benefícios da tecnologia àqueles que sempre viveram à margem do progresso.
b) Ao pensamento do autor opõem-se àqueles que preferem a exclusividade à universalização dos benefícios trazidos pela tecnologia.
c) É sobretudo à luz da ética e da política que se revela claramente a exclusão que tem sido imposta à grande maioria da população do planeta.
d) Não se devem levar àqueles que estão excluídos informações falsas, como a de que os avanços tecnológicos servem a todas as pessoas.
e) Quando se atribui a não importa quem seja algum direito exclusivo, a essa exclusividade corresponderão muitas exclusões.

45. (TRT – FCC) Quanto à necessidade ou não de utilização do sinal de crase, está

inteiramente correta a frase:
a) Quem está à alguma distância de Campo Grande não pode avaliar à contento o mérito da polêmica à que se refere o texto.
b) Não é aqueles que se instalam nos gabinetes oficiais que cabe a interdição do uso de uma língua à cuja preservação estejam devotados milhares de falantes.
c) Quem visa à restringir a utilização de uma língua das minorias deveria também se ater à toda e qualquer má utilização das chamadas línguas oficiais.
d) As decisões que se tomam à revelia do interesse das populações são semelhantes àquelas tomadas na vigência dos atos institucionais da ditadura militar.
e) Quem se manifeste contrário à uma única manifestação de arbitrariedade está manifestando sua hostilidade à todas as medidas arbitrárias.

46. (TRF – 4ª Região – Auxiliar Judiciário – FCC) Gostaria de ter ido ..... ruazinha, onde encontraria amigos reunidos ..... sombra das árvores, ... conversar alegremente.
As lacunas da frase acima estão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) àquela – à – a
b) àquela – à – à
c) àquela – a – a
d) aquela – à – a
e) aquela – a – à

47. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – FCC) Diz o autor que ..... pelo menos cinco anos vem contando os dias para sua aposentadoria (daqui ..... seis meses, segundo seus cálculos), ... partir da qual pensa em dedicar-se ..... jardinagem.
Completam adequadamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:
a) há – a – a – à
b) a – há – a – à
c) há – a – à – a
d) a – há – à – à
e) há – há – a – a

48. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC)
Você é ..... favor da alegria?
Nenhum bem é superior ..... alegria de viver aqui e agora.
Não há bem preferível ..... felicidade da pessoa que está diante de nós, aqui e agora.
(Reflexões de Pierre Levy. O fogo liberador. São Paulo: Iluminuras, 2001)
Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:
a) à – à – à
b) a – à – a
c) à – a – à
d) à – à – a
e) a – à – à

49. (NCE-Corregedoria Geral da Justiça) "... necessidade de se ajudarem umas às outras..." O acento grave indicativo da crase, neste caso, é resultante da:

a) Presença simultânea de uma preposição e de um artigo definido feminino.
b) Necessidade de se indicar a presença de um complemento diferente do anterior.
c) Combinação de uma preposição com um pronome indefinido.
d) Contração de uma preposição com um pronome demonstrativo.
e) Obrigação de evitar-se a ambiguidade.

50. (AFTE – RN) Marque o item que preenche de forma correta as lacunas do texto seguinte.

Institucionalizada partir das lutas antiabsolutistas, no século 18, e da expansão dos movimentos constitucionalistas, no século 19, democracia representativa foi consolidada ao longo de um processo histórico marcado pelo reconhecimento de três gerações de direitos humanos: os relativos cidadania civil e política, os relativos cidadania social e econômica e os relativos cidadania "pós-material", que se caracterizam pelo direito qualidade de vida, um meio ambiente saudável, tutela dos interesses difusos e ao reconhecimento da diferença e da subjetividade.

(Baseado em Mário Antônio Lobato de Paiva, em www.ambitojurídico.com.br)

a) a – à – à – a – à – à – a – a
b) a – a – à – à – à – à – a – à
c) à – a – a – à – à – a – a – à
d) à – a – a – à – à – à – a – à
e) a – à – à – a – à – à – a – à

Capítulo 26

Regência

26.1. Regência verbal

1) **ACEDER, ALUDIR** e **ANUIR** – verbos transitivos indiretos – exigem sempre a preposição *A*.

Ex.: Ninguém anuiu ao meu pedido.

Ele acedeu à chamada.

2) **AGRADAR**

a) no sentido de satisfazer – verbo transitivo indireto (a);

Ex.: O professor agrada a todos os alunos.

b) no sentido de acariciar – verbo transitivo direto.

Ex.: O rapaz agradou os cabelos da namorada.

3) **AJUDAR** – no sentido de assistir, atender, prestar ajuda – verbo transitivo direto.

Ex.: Ajudaremos os desabrigados.

Devemos ajudar todos.

Obs.: Já há autores aceitando a construção com preposição A. No entanto, tal possibilidade ainda não se verificou nas provas.

4) **ASPIRAR**

a) no sentido de respirar, puxar o ar, sorver – o verbo será transitivo direto;

Ex.: Aspiro o ar.

Aspiro a fumaça.

b) no sentido de desejar, querer – o verbo será transitivo indireto, regendo a preposição A.

Ex.: Aspiro ao cargo.

Aspiro à chefia.

5) **ASSISTIR**

a) no sentido de ver, presenciar – verbo transitivo indireto, exigindo a preposição **A;**

Ex.: Assisto ao filme.

Assisto à novela.

Obs.: Celso Cunha classifica como coloquial o uso do verbo "assistir" nesta acepção sem preposição, ou seja, como transitivo direto.

b) no sentido de dar assistência, ajudar, atender – pode tanto ser considerado verbo transitivo direto como verbo transitivo indireto;

Ex.: O médico assiste ao paciente.

O médico assiste o paciente.

O médico assiste a paciente.

O médico assiste à paciente.

Substituindo pelos pronomes oblíquos correspondentes, tanto estaria correto dizermos "O médico o assistiu"; "O médico a assistiu" e também "O médico lhe assistiu".

c) no sentido de caber, pertencer, ser pertinente – o verbo será transitivo indireto (a);

Ex.: Esse direito não assiste ao grupo.

d) no sentido de morar – o verbo será intransitivo, contudo exige a ocorrência da preposição ***EM*** (no adjunto adverbial de lugar).

Ex.: Assisto em Copacabana.

6) **ATENDER**

a) no sentido de deferir – verbo transitivo direto;

Ex.: Atendemos o teu pedido.

b) no sentido de dar atenção – verbo transitivo direto ou indireto.

Ex.: Não atenderemos a (à) turma.

7) **AVISAR, INFORMAR, PARTICIPAR, ALERTAR, ALARMAR, ADVERTIR, LEMBRAR...**

Estes verbos são duplamente bitransitivos, pois tanto podemos dizer "Quem informa, informa alguma coisa a alguém" como também poderíamos dizer "Quem informa, informa alguém de alguma coisa".

Ex.: Informei o fato ao povo. Informei o povo do fato.

Avisei a notícia a todos. Avisei todos da notícia.

"Maria lembrou a João que naquela noite eles tinham ficado de jantar na casa de Pedro e Luíza" (Luis Fernando Veríssimo).

8) **CHAMAR**

a) Será transitivo direto no sentido de mandar vir;

Ex.: Chamei o menino.

Chamei-o.

"... certa influência política o chamou" (Euclides da Cunha).

b) Poderá ser transitivo direto ou indireto no sentido de apelidar/qualificar.

Ex.: Chamei o rapaz de mestre.

Chamei ao rapaz de mestre.

Chamei-o de mestre.

Chamei-lhe de mestre.

Obs.: Nestes casos, é possível suprimir a preposição DE, pois a gramática permite que o predicativo do objeto "de mestre" ocorra preposicionado ou não.

Ex.: "Chamavam-lhe Pombinha" (Aluísio de Azevedo).

9) **CHEGAR**

Não se pode dizer na língua culta "chegar em", pois o correto é "**chegar a**".

Ex.: "... em chegando a casa, ficarei boa" (Bernardo Guimarães). "Ao chegar à Santa Cruz, no alto..." (Euclides da Cunha).

Nunca se poderá dizer "Cheguei em casa".

10) **CUSTAR**

a) no sentido de ter valor – verbo intransitivo (adjunto adverbial de preço);

Ex.: Romário custa U$ 6.000.000,00. A casa custou trezentos milhões de cruzeiros reais.

b) no sentido de ser difícil, demorar – verbo transitivo indireto, regendo a preposição A.

Obs.: Neste caso, o verbo só pode ser conjugado na terceira pessoa do singular, tendo como sujeito a coisa que é difícil (expressa por um verbo no infinito) e a pessoa para a qual a coisa é difícil é objeto indireto.

Ex.: Custa-me ver a verdade. Custou-nos solucionar este caso. "... pouco me custa fazer-lhe a vontade" (Bernardo Guimarães).

Portanto, seria totalmente errado dizer: "Eu custo a ver a verdade". "Nós custamos a solucionar este caso".

11) **GOSTAR**

a) no sentido de ter afeição, aprovar, adorar. – verbo transitivo indireto exigindo a preposição de.

Ex.: Gostamos muito de você. Gostavas muito de futebol.

b) no sentido de **provar** – verbo transitivo direto.

Ex.: Gostei a cerveja, mas não a aprovei. Gostamos a sensação da paz e aprovamos.

12) **IMPLICAR**

a) no sentido de ter implicância – verbo transitivo indireto, regendo a preposição com;

Ex.: Todos implicam com o topete do Itamar.

b) no sentido de resultar, acarretar – a gramática tradicional classifica-o como transitivo direto, contudo a forma transitiva indireta, regendo a preposição EM, está totalmente difundida no Brasil, e algumas bancas – como Esaf e NCE – já admitem também esta construção.

Ex.: A conquista da Copa do Mundo implicou a (na) felicidade de todos os brasileiros por aproximadamente cinco minutos, porém infelizmente logo após a vida voltou ao normal.

Obs.: Apesar de muitos gramáticos assegurarem que este verbo – na acepção de resultar, importar – seja apenas transitivo direto (Evanildo Bechara cita apenas esta construção), bancas já realizaram questões admitindo "gritantemente" as duas possibilidades de regência. Isso talvez aconteça em virtude de Rocha Lima admitir o uso da preposição, esclarecendo: "Está ganhando foros de cidade na língua culta a sintaxe 'implicar em'. Tal procedimento implica desdouro (ou: em desdouro) para você".

Os sinônimos de IMPLICAR não sofrem o mesmo fenômeno. RESULTAR é transitivo indireto, exigindo a preposição EM; ACARRETAR somente pode ser transitivo direto.

13) **INSURGIR**

a) no sentido de rebelar-se, revoltar-se – verbo pronominal transitivo indireto, exigindo a presença da preposição contra;

Ex.: "Insurge-se contra a Igreja Romana" (Euclides da Cunha).

b) no sentido de sair, emergir – verbo transitivo indireto, exigindo a ocorrência da preposição de.

Ex.: Ele insurgiu do fundo do mar.

14) **LEMBRAR** e **ESQUECER**

a) Utilizando-se o pronome oblíquo, será obrigatório o uso da preposição DE. Neste caso, o verbo é transitivo indireto.

Ex.: Lembro-me de você. Esquecemo-nos do mundo. "João Nogueira lembrou-se de que era homem de responsabilidade" (Graciliano Ramos). "Cala-te, Isaura... até quando pretendes lembrar-te desse maldito incidente?" (Bernardo Guimarães).

"Lembrava-se das pesadas chuteiras" (Fernando Sabino).

b) Não se utilizando o pronome oblíquo também não se poderá usar a preposição. Neste caso, o verbo é transitivo direto.

Ex.: Lembro o fato. Esquecemos o mundo.

"E os filhos d'águias o Poder esquece" (Castro Alves).

Obs.: O que não se pode fazer é utilizar a preposição sem utilizar o pronome oblíquo e vice-versa.

Ex.: Lembro do fato. Esquecemos do mundo.

Estas duas últimas frases estão, por este motivo, totalmente erradas.

O verbo LEMBRAR também pode ser utilizado no sentido de INFORMAR, AVISAR, ALERTAR... A regência de LEMBRAR se fará tal quais estes verbos.

Ex.: Lembramos (avisamos) o encontro aos amigos. / Lembramos (informamos) os amigos do encontro.

O verbo ESQUECER também pode ser utilizado na acepção de "cair no esquecimento", tornando-se o elemento olvidado sujeito do verbo e a pessoa que efetivamente não se recorda objeto.

Ex.: "Nunca me esqueceu o seminário, creia" (Machado de Assis).

15) **NAMORAR**

Exige complemento sem preposição. Portanto, é errado dizer "João namora com Maria". A forma correta é: "João namora Maria".

16) **OBEDECER** e **DESOBEDECER**

Serão sempre transitivos indiretos, regendo a preposição A.

Ex.: "Até hoje lhe desobedecemos" (José de Alencar).

"Obedecia à finalidade irresistível de velhos impulsos ancestrais" (Euclides da Cunha).

Desobedeço aos pais.

Desobedeço-lhes.

Obs.: Torna-se sempre conveniente lembrar que estes dois verbos são os únicos transitivos indiretos que admitem construção na voz passiva.

Ex.: O regulamento é obedecido por mim. – As leis são desobedecidas por nós.

17) **PAGAR** e **PERDOAR** Ambos são bitransitivos, pedindo objeto direto para a coisa que se paga ou perdoa e objeto indireto para a pessoa a quem se paga ou perdoa.

Ex.: Paguei o salário ao empregado. Perdoei o pecado ao pecador.

Obs.: É mister relembrar o fato de que só existe voz passiva com verbo transitivo direto, pois somente o objeto direto da voz ativa pode passar a ser sujeito da voz passiva. Quando o verbo é transitivo direto e indireto, somente seu objeto direto pode passar a ser sujeito da voz passiva. Portanto, pode-se dizer: "O salário foi pago"; "O pecado foi perdoado"; mas nunca poderá ser dito: "O empregado foi pago". "O pecador foi perdoado". Nestas duas últimas

frases, os objetos indiretos da voz ativa se transformaram em sujeitos da voz passiva, o que é proibido na Língua Portuguesa.

18) **PENSAR**

a) no sentido de **raciocinar** – verbo transitivo indireto, regendo a preposição em;

Ex.: "Pensar no sentido das cousas" (Fernando Pessoa).

b) vale a pena observar este verbo em um sentido especial: "Cuidar, aplicar curativos". Neste sentido, é transitivo direto.

Ex.: Pensamos as nossas feridas.

O médico pensou meus machucados.

19) **PREFERIR**

Nunca se poderá utilizar a palavra MAIS, e a preposição obrigatória é A. A construção correta é: "preferir uma coisa a outra" e NUNCA "preferir mais uma coisa do que outra"

Ex.: Prefiro cerveja a refrigerante.

Prefiro a cerveja ao refrigerante.

Prefiro refrigerante a cerveja.

Prefiro o refrigerante à cerveja.

"Capitu preferia tudo ao seminário" (Machado de Assis).

Obs.: Vale a pena observar que, na comparação dos termos, se utilizamos artigo antes de um dos termos, temos que utilizar artigo antes do outro; se não utilizarmos artigo antes de um dos termos, não podemos utilizar artigo antes do outro. Não se esqueça de que a **PREPOSICÃO A É OBRIGATÓRIA.**

20) **PRESIDIR**

a) no sentido de administrar – verbo transitivo direto;

Ex.: Lula preside o Brasil.

b) no sentido de coordenar, organizar – verbo transitivo direto ou indireto (com preposição A).

Ex.: O professor preside o (ao) encontro dos mestres no fim de ano.

21) **PROCEDER**

a) no sentido de agir – verbo intransitivo;

Ex.: Ele procedeu bem.

b) no sentido de realizar – verbo transitivo indireto, regendo a preposição a;

Ex.: O Governo procedeu a eleições gerais.

c) no sentido de ser pertinente – verbo intransitivo;

Ex.: Esse argumento não procede.

d) no sentido de ser oriundo – verbo intransitivo, com adjunto adverbial de lugar exigindo a preposição DE.
Ex.: Ele procedeu de São Paulo.

22) **QUERER**

a) no sentido de desejar será verbo transitivo direto;
Ex.: Eu quero dinheiro. Eu o quero.

b) no sentido de amar, gostar de será verbo transitivo indireto e exigirá a preposição **A**.
Ex.: A mãe quer ao filho. A mãe lhe quer.

23) **RESPONDER**

a) no sentido de dar a resposta em referência ao questionamento – verbo transitivo indireto;
Ex.: Ele respondeu a todas as perguntas.

b) no sentido de expressar efetivamente qual é a resposta – verbo transitivo direto;
Ex.: Ele não respondeu se haverá aula.

c) no sentido de responder algo a alguém – verbo transitivo direto e indireto;
Ex.: Ele respondeu a pergunta ao professor.
"Não soube responder a um amigo" (Fernando Sabino).

d) no sentido de ser responsável, responsabilizar-se – complemento com preposição POR.
Ex.: Ele respondeu pela turma.

24) **SERVIR**

a) no sentido de ser útil – verbo transitivo indireto;
Ex.: Ele serve para o trabalho a ser executado.

b) no sentido de pôr a mesa – verbo intransitivo ou transitivo direto ou transitivo direto e indireto;
Ex.: Ela servirá às sete da manhã. Ele servirá o jantar às dezenove horas. O empregado serviu jantar ao patrão.

c) no sentido de prestar serviços militares – verbo intransitivo;
Ex.: Ele serviu no exército.

d) no sentido de prestar serviços, ajudar – verbo transitivo direto ou indireto com preposição A;
Ex.: Ele servirá ao Flamengo nos próximos dois anos. Ele sempre servirá os pobres.

e) no sentido de atender a necessidade – verbo transitivo indireto.

Ex.: Esse posicionamento serve ao grupo.

25) **SIMPATIZAR**

O verbo é transitivo indireto (preposição COM), mas não admite a ocorrência do pronome parte integrante.

Portanto é errado "Simpatizo-me contigo". O correto é "Simpatizo contigo".

26) **SITUAR** – verbo intransitivo que exige a presença da preposição EM. É usado principalmente nas formas de particípio (sito / situado).

Ex.: O banco, sito na rua Barata Ribeiro, já sofreu vários assaltos.

Obs.: Não se pode dizer "sito à rua".

27) **USUFRUIR** – no sentido de utilizar-se, gozar de – verbo transitivo direto

Ex.: Não há tempo para usufruirmos nossa casa de praia.

Obs.: Este verbo vem sendo utilizado com muita frequência com preposição DE.

Ex.: Não há tempo para usufruirmos de nossa casa de praia.

28) **VISAR**

a) no sentido de mirar – o verbo será transitivo direto;

Ex.: O arqueiro visou o alvo. O arqueiro visou a maçã.

b) no sentido de desejar – a maioria das gramáticas considera o verbo neste valor como transitivo indireto. O professor Celso Cunha admite a dupla possibilidade (indireto ou direto), inclusive relatando que a transitividade direta é dominante na linguagem coloquial, tendendo também a sê-lo na linguagem literária. A Coppe, no concurso para o Tribunal Regional Federal, fez uma questão mencionando esta dupla possibilidade de regência;

Ex.: Visei ao cargo (o cargo).

Visei à posição (a posição).

"Todos os seus atos, todos, fosse o mais simples, visavam um interesse primário" (Aluísio de Azevedo).

"Visava uma delinquência especial" (Euclides da Cunha).

c) no sentido de dar visto – o verbo será transitivo direto.

Ex.: O gerente visou o cheque. O chefe visou toda a documentação.

BIZU

A construção com dois ou mais verbos e apenas um complemento estará correta se os dois verbos possuírem a mesma regência.

Ex.: Quero e beberei uma cerveja.

Gosto e preciso de trabalho.

→ Observe que, nos dois exemplos, os verbos contêm a mesma transitividade (QUERER e BEBER são transitivos diretos e GOSTAR e PRECISAR são transitivos indiretos, exigindo a preposição DE).

"Isaura estava com o ouvido aguçado e do interior da casa ouvira e compreendera tudo" (Bernardo Guimarães). TUDO é objeto direto tanto do verbo OUVIRA quanto do "COMPREENDERA".

26.2. Regência nominal

1) Adjetivos que pedem a preposição **A**:

acessível, adequado, alheio, análogo, anterior, apto, atento, avesso, compreensível, desagradável, desatento, desfavorável, desleal, equivalente, estranho, favorável, fiel, grato, habituado, hostil, idêntico, imediato, indiferente, inerente, inferior, insensível, leal, necessário, nocivo, obediente, oneroso, oposto, paralelo, peculiar, posterior, prejudicial, prestes, propício, próximo, sensível, semelhante, superior, útil, visível.

2) Substantivos que pedem a preposição **A**:

adesão, agradecimento, alusão, ameaça, amizade, apelo, aplicação, aspiração, semelhante, adaptação, aviso, amor, confissão, convite, declaração, descida, obediência, exposição, gratidão, horror, humilhação, lamentação, pagamento, perdão, redução, referência, renúncia, submissão, temor.

3) Adjetivos que pedem preposição **DE**:

acusado, afastado, amante, ameaçado, ávido, carente, ciente, cheio, curioso, desconfiado, descendente, desgostoso, despojado, destituído, diferente, difícil, digno, indigno, excluído, exonerado, fugido, isento, merecedor, natural, passível, preservado, proibido, revestido, sedento, sujo, suspeito, tachado, vazio.

4) Substantivos que pedem preposição **DE**:

absolvição, abundância, afastamento, aparência, ascensão, aprendizagem, busca, carência, certeza, ciência, compreensão, contenção, conspiração, continuação, cessão, decoração, desperdício, despedida, eleição, encomenda, embelezamento, necessidade, urgência, vinda.

5) Adjetivos que pedem outras preposições:

aborrecido com, afável com (para com), ansioso de (por), apaixonado de

(por), apoiado em, apto a (para), assustado com, atento a (em), capaz de (para), comparado a (com), conforme a (com), cruel com (para com), eleito a (por, em, como), último a (de, em), responsável por, rico de (em).

6) Alguns substantivos que pedem outras preposições:

aborrecimento com, abundância de (em), cautela com, acordo com, admiração por, ânsia por, paixão por, apoio em, atestado contra (a favor), batalha com (contra), briga com, casamento com, coincidência com, combate com (contra), concordância com (em), conspiração contra (com, para), crueldade com (para com), vício em (com, de), vinculação com, união com.

26.3. Exercícios

1. (Técnico Judiciário – TRE-RN – FCC)

O clima <u>pouco favorável ao cultivo da cana</u> levou a atividade econômica para a pecuária.

O mesmo tipo de regência nominal que se observa acima ocorre no segmento também grifado em:

a) *O litoral oriental compõe <u>o Polo Costa das Dunas</u> – com belas praias, falésias, dunas e o maior cajueiro do mundo...*

b) *Os 410 <u>quilômetros de praias</u> garantem um lugar especial para o turismo na economia estadual.*

c) *A ocupação portuguesa só se efetivou no final do século, com a fundação do Forte dos Reis Magos e da Vila de Natal.*

d) *Em Caicó há vários açudes e formações rochosas naturais que desafiam <u>a imaginação do homem</u>.*

e) *Em Santa Cruz, a subida ao Monte Carmelo desvenda <u>toda a beleza do sertão potiguar</u> ...*

2. (TRE-MG) A preposição nos parênteses <u>não</u> preenche corretamente a lacuna do período em:

a) O perigo o qual informaram a mulher era conhecido de quase todos. (sobre)

b) A menina que ele deparou trouxe-lhe muita esperança. (com)

c) O triste acontecimento que lembramos esclareceu a verdade. (de)

d) O jovem que chamamos de imprudente saiu às pressas. (a)

e) A verdade que ansiávamos surgiria a qualquer momento. (por)

3. (TTN) Marque a alternativa <u>incorreta</u> quanto à regência verbal.

a) Na verdade, não simpatizo com suas ideias inovadoras.

b) Para trabalhar, muitos preferem a empresa privada ao serviço público.

c) Lamentavelmente, não conheço a lei que te referes.

d) Existem muitos meios a que podemos recorrer neste caso.

e) Se todos chegam à mesma conclusão, devem estar certos.

4. (AFC – CGU) Assinale o trecho do texto adaptado do *Jornal do Commercio* (PE), de 12/01/2008, que apresenta erro de regência.

a) Depois de um longo período em que apresentou taxas de crescimento econômico que não iam além dos 3%, o Brasil fecha o ano de 2007 com uma expansão de 5,3%, certamente a maior taxa registrada na última década.

b) Os dados ainda não são definitivos, mas tudo sugere que serão confirmados. A entidade responsável pelo estudo foi a conhecida Comissão Econômica para a América Latina (Cepal).

c) Não há dúvida de que os números são bons, num momento em que atingimos um bom superávit em conta-corrente, em que se revela queda no desemprego e até se anuncia a ampliação de nossas reservas monetárias, além da descoberta de novas fontes de petróleo.

d) Mesmo assim, olhando-se para os vizinhos de continente, percebe-se que nossa performance é inferior a que foi atribuída a Argentina (8,6%) e a alguns outros países com participação menor no conjunto dos bens produzidos pela América Latina.

e) Nem é preciso olhar os exemplos da China, Índia e Rússia, com crescimento acima desses patamares. Ao conjunto inteiro da América Latina, o organismo internacional está atribuindo um crescimento médio, em 2007, de 5,6%, um pouco maior do que o do Brasil.

5. (Técnico Judiciário – TRE-PE – FCC) ... *as casas de Portugal <u>enviaram</u> ramos para o ultramar...*

O verbo que também é empregado com a mesma regência do grifado acima está em:

a) *Observa Oliveira Martins que a população colonial no Brasil...*

b) *... iniciaram os portugueses a colonização em larga escala dos trópicos...*

c) *... importou numa nova fase e num novo tipo de colonização...*

d) *... perversão de instinto econômico que cedo desviou o português da atividade...*

e) *O colonizador português do Brasil foi o primeiro, dentre...*

6. (TRE-RJ) "porque implica em cobrar o tempo" / porque implica cobrar o tempo. A construção do verbo <u>implicar</u> com a preposição <u>em</u> resulta, provavelmente, de um cruzamento sintático com verbo sinônimo (<u>importar</u>), sendo considerada errônea por alguns gramáticos. A alternativa em que há erro de regência na segunda das sentenças é:

a) Preferimos pagar juros a ficar sem o produto. / Preferimos pagar juros do que ficar sem o produto.

b) Esquecemos facilmente o belo arrazoado aquiniano. / Esquecemo-nos facilmente do belo arrazoado aquiniano.

c) Queremos informar-lhes que nossos juros são baixos. / Queremos informá-los de que nossos juros são baixos.

d) Ainda nos lembramos da belíssima aula de filosofia tomista. / Ainda nos lembra a

belíssima aula de filosofia tomista.
e) Se cobrar juros é pecado, chamamos de pecadores todos os banqueiros. / Se cobrar juros é pecado, chamamos pecadores a todos os banqueiros.

7. (TRE-RJ) A desigualdade jurídica do feudalismo alude o autor se faz presente ainda hoje nos países terras existe visível descompasso entre a riqueza e a pobreza. Tendo em vista o emprego dos pronomes relativos, completam-se corretamente as lacunas da sentença acima com:
a) a qual / cujas
b) a que / em cujas
c) à qual / em cuja as
d) o qual / por cujas
e) ao qual / cuja as

8. (Cesgranrio) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da seguinte frase: Toda comunidade, aspirações e necessidades devem vincular-se os temas da pesquisa científica, possui uma cultura própria, precisa ser preservada.
a) cujas / de que
b) a cujas / que
c) cujas / pela qual
d) cuja / que
e) a cujas / de que

9. (TTN) Há <u>erro</u> de regência no item:
a) Algumas ideias vinham ao encontro das reivindicações dos funcionários, contentando-os, outras não.
b) Todos aspiravam a uma promoção funcional, entretanto poucos se dedicavam àquele trabalho, por ser desgastante.
c) Continuaram em silêncio, enquanto o relator procedia à leitura do texto final.
d) No momento este Departamento não pode prescindir de seus serviços devido ao grande volume de trabalho.
e) Informamos a V. Senhoria sobre os prazos de entrega das novas propostas, às quais devem ser respondidas com urgência.

10. (TTN) Considere o texto abaixo.
– "Eu queria saber é quem está no aparelho.
– Ah, sim. No aparelho não está ninguém.
– Como não está, se você está me respondendo?
– Eu estou fora do aparelho. Dentro do aparelho não cabe ninguém.
– Engraçadinho! Então, quem está ao aparelho?
– Agora melhorou. Estou eu, para servi-lo".
(C. Drummond de Andrade)
Marque o par de verbos com problema de regência idêntico ao do texto.

a) Meditar um assunto – meditar sobre um assunto.
b) Sentar à mesa – sentar na mesa.
c) Estar em casa – estar na casa.
d) Assistir o doente – assistir ao doente.
e) Chamar o padre – chamar pelo padre.

11. (TTN) Assinale a alternativa <u>incorreta</u> quanto à regência.
a) Creio que os trabalhadores estão muito conscientes de suas obrigações para com a Pátria.
b) O filme a que me refiro aborda corajosamente a problemática dos direitos humanos.
c) Esta nova adaptação teatral do grande romance não está agradando ao público; eu, porém, prefiro esta àquela.
d) O trabalho inovador de Gláuber Rocha que lhe falei chama-se *Deus e o Diabo na Terra do Sol*.
e) José crê que a classe operária está em condições de desempenhar um papel importante na condução dos problemas nacionais.

12. (TRT) Assinale a alternativa que completa convenientemente as lacunas abaixo.
I. Certifiquei de que o prazo esgotara-se.
II. Recebi em meu escritório.
III. Informo que as notas fiscais estão rasuradas.
IV. Avisei de que tudo fora resolvido.
a) o – o – lhe – o
b) o – o – o – o
c) lhe – lhe – lhe – o
d) o – lhe – lhe – o
e) lhe – lhe – o – o

13. (TTN) Assinale o trecho que apresenta sintaxe de regência correta.
a) A rigorosa seca que assola os estados do Nordeste impede que essa região desenvolva e atinja os níveis de crescimento socioeconômicos desejados.
b) Se o Brasil tornasse independente dos empréstimos externos, poderia voltar a crescer no mesmo ritmo de desenvolvimento das décadas anteriores.
c) Surpreende-nos o fato de o Estado de São Paulo, que muito se difere do sul do país, ter engrossado as estatísticas favoráveis à criação de um Brasil do sul.
d) É reducionista atribuirmos apenas à seca a razão que leva a população do norte e nordeste a se migrar para o sul.
e) A pretendida separação que pleiteiam os estados do sul acarretará, se vier a se concretizar, a perda da identidade nacional.

14. (Administrador – Petrobras – Cesgranrio) Segundo diria o Professor Carlos Góis, mencionado no Texto II, a frase cuja regência do verbo respeita a norma-padrão é:
a) Esquecemo-nos daquelas regras gramaticais.

b) Os professores avisaram aos alunos da prova.
c) Deve-se obedecer o português padrão.
d) Assistimos uma aula brilhante.
e) Todos aspiram o término do curso.

15. (Administrador – Transpetro – Cesgranrio) A frase Compramos apostilas que nos serão úteis nos estudos está reescrita de acordo com a norma-padrão em:
a) Compramos apostilas cujas nos serão úteis nos estudos.
b) Compramos apostilas as cujas nos serão úteis nos estudos.
c) Compramos apostilas a qual nos serão úteis nos estudos.
d) Compramos apostilas as quais nos serão úteis nos estudos.
e) Compramos apostilas às quais nos serão úteis nos estudos.

16. (Escriturário – BB – Cesgranrio) A frase em que a presença ou ausência da preposição está de acordo com a norma-padrão é:
a) A certeza que a sorte chegará para mim é grande.
b) Preciso de que me arranjem um emprego.
c) Convidei à Maria para vir ao escritório.
d) A necessidade que ele viesse me ajudar me fez chamá-lo.
e) Às dez horas em ponto, estarei à sua casa.

17. (Esaf) Observe as palavras sublinhadas e indique a frase que apresenta regência nominal correta.
a) Por ser muito estudioso, ele tinha grande <u>amor</u> a seus livros.
b) Havia muitos anos que não via o filho, por isso estava <u>ansioso</u> em vê-lo.
c) <u>Alheio</u> para com o julgamento, o réu permanecia calado.
d) Coitado! Foi preso porque era <u>suspeito</u> por um crime que não cometeu.
e) Tínhamos o <u>propósito</u> em dizer toda a verdade, mas nos impediram de fazê-lo.

18. (Esaf) A frase que apresenta <u>erro</u> de regência do verbo ASSISTIR é:
a) Não fui ver o filme, embora quisesse assistir-lhe.
b) Não lhe assiste o direito de humilhar ninguém.
c) Ele assiste às aulas sempre com muita serenidade.
d) Aqueles médicos assistem os doentes com dedicação.
e) Assistiu aos jogos da Seleção sem nenhum entusiasmo.

19. (Esaf) Observe, nos períodos abaixo, a regência dos verbos e dos nomes.
I. As constantes faltas ao trabalho implicaram a sua demissão.
II. Procederemos à abertura do inquérito.
III. O cargo a que aspiramos é disputado por todos.
IV. Prefiro mais estudar do que trabalhar.
V. Sua atitude é incompatível ao ambiente.
Assinale a sequência que corresponde aos períodos corretos.

a) I, II e IV.
b) II, III e IV.
c) II, IV e V.
d) I, II e III.
e) I, III e IV.

20. (AFT) Avalie as afirmações abaixo, a respeito do emprego das estruturas linguísticas no texto, para assinalar a opção correta.
Quando se ouve a palavra "preço", as primeiras imagens que invadem nossa mente são as de cartazes de liquidação, máquinas registradoras, cheques e cartões de crédito. Mesmo nas sociedades orientais, menos capitalistas que a nossa, a ideia de preço é sempre ligada à noção de objeto de valor.
Porém, diferentemente do que a mídia informa, nem tudo pode ser comprado e parcelado em três vezes no cartão. As coisas realmente importantes da vida têm seu preço, isso é certo, mas a forma de pagamento é bem diversa das praticadas nos *shopping centers*.
Na infinita negociação que é viver, se sairá melhor aquele que possuir uma sólida corrente de reservas emocionais e de bom-senso do que aquele que confia apenas em sua coleção de cartões de plástico. Lucrará mais aquele que souber responder com sabedoria a pergunta: vale a pena pagar o preço?
I. Para a coerência textual, o vocábulo "as" (l.1) tanto pode ser interpretado como um pronome, substituindo o substantivo "imagens" (l.1), quanto como um artigo definido que deixa implícita a concordância com "imagens".
II. O acento indicativo de crase em "à noção" (l.3) decorre da presença da preposição a, exigida por "ligada" (l.6) e do artigo determinante de "noção".
III. Por ser expressa a comparação em estrutura oracional, o termo "do que" (l.5) por ser escrito apenas como "que", sem prejuízo da correção gramatical do texto.
IV. A retirada do pronome em "isso é certo" (l.6) resulta em erro gramatical, por que a oração fica sem sujeito; o que prejudica a coesão textual.
V. Devido ao emprego da vírgula, mantém-se a coerência textual e a correção gramatical ao empregar o pronome átono depois do verbo em "se sairá" (l. 8).
VI. As regras gramaticais possibilitam também o emprego do acento indicador de crase em "a pergunta" (l. 10): à pergunta.
Estão corretos apenas os itens:
a) I, II e VI;
b) I, II, III e V;
c) I, IV e VI;
d) II, III, V e VI;
e) III, IV e V.

21. (Susep) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical inserido no texto.
O etanol ainda está longe de ter um mercado global. Apresentado <u>desde o</u>(1) início da década como a grande solução energética para o mundo, para substituir uma fonte não

renovável (o petróleo) e reduzir a emissão (2) de poluentes, o etanol ainda não conquistou os fabricantes de veículos e os consumidores do mundo inteiro. Falta uma padronização internacional para transformar-lhe (3) em uma *commodity* facilmente comercializável nos diferentes mercados e ainda persistem barreiras protecionistas em muitos países. Nos EUA, por exemplo, há uma tarifa de importação de US$ 0,54 por galão. Para entrar na União Europeia, o etanol brasileiro paga 19 centavos de euro por litro. É grande o potencial de mercado para o etanol brasileiro nos EUA. Na União Europeia, o potencial é menor, pois lá (4) o programa energético prevê a utilização de 10% de combustíveis renováveis no consumo total em 2020. Cálculos da União da Indústria da Cana-de-Açúcar – Única indicam que isso resultaria na demanda de 14 bilhões de litros de etanol por ano (outra parte seria atendida (5) por biodiesel).
(*O Estado de S. Paulo*, Editorial, 18/02/2010, com adaptações)
a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

22. (AFTN) Assinale a única frase cuja lacuna não deve ser preenchida por um pronome relativo preposicionado.
a) O relator da emenda constitucional apresentou proposições todos simpatizavam.
b) Recordaram com carinho a ponte trocaram o primeiro beijo.
c) Fui ver hoje o filme mais gosto.
d) Guimarães Rosa é o escritor brasileiro mais gosto.
e) Esta é a região fronteira agrícola deve ser aplicada.

23. (TRE-MT) Há erro de regência verbal, de acordo com a norma culta, em:
a) O informante não precisou do dinheiro ganho.
b) Eles se referiram sobre o outro governo.
c) Todos preferiram o elogio à censura.
d) Eis o ponto de que discordo.
e) Seu telefone não atende às chamadas.

24. (TRE-MT)
I. O livro me refiro não está traduzido.
II. Os candidatos cartões foram extraviados, poderão fazer a prova.
Os termos que completam, respectivamente, as lacunas das frases acima são:
a) que – cujos os
b) ao qual – dos quais
c) onde – cujos
d) a que – cujos
e) que – dos quais

25. (TRE-MG) Observe a regência dos verbos das frases reescritas nos itens a seguir:
I. Chamaremos os inimigos de hipócritas. Chamaremos aos inimigos de hipócritas;
II. Informei-lhe o meu desprezo por tudo. Informei-lhe do meu desprezo por tudo;
III. O funcionário esqueceu o importante acontecimento. O funcionário esqueceu-se o importante acontecimento.
A frase reescrita está com a regência correta em:
a) I apenas;
b) II apenas;
c) III apenas;
d) I e III apenas;
e) I, II e III.

26. (Técnico Judiciário – TRE-AP – FCC) O segmento grifado está empregado corretamente em:
a) A incompatibilidade da encomenda e a prestação de serviços gerou o conflito.
b) A curiosidade é inata do ser humano.
c) Foi sempre devotado pela ciência.
d) A sua declaração o indispôs com os colegas.
e) Compenetrou-se sobre a necessidade de estudar.

27. (Bacen – Esaf) Os trechos a seguir constituem um texto. Assinale a opção que apresenta erro de regência.
a) Desde abril, já é possível perceber algum decréscimo da atividade econômica, com queda da produção de bens de consumo duráveis, especialmente eletrodomésticos, e do faturamento real do comércio varejista.
b) Apesar da queda da inflação em maio, espera-se aceleração no terceiro trimestre, fenômeno igual ao observado nos dois últimos anos, em decorrência da concentração de aumentos dos preços administrados.
c) Os principais focos de incerteza em relação às perspectivas para a taxa de inflação nos próximos anos referem-se a evolução do preço internacional do petróleo, o comportamento dos preços administrados domésticos e o ambiente econômico externo.
d) Desde maio, porém, entraram em foco outros fatores: o racionamento de energia elétrica, a intensificação da instabilidade política interna e a depreciação acentuada da taxa de câmbio.
e) A mais nova fonte de incerteza é o choque derivado da limitação de oferta de energia elétrica no País, pois há grande dificuldade em se avaliar seus efeitos com o grau de precisão desejável.
(Trechos adaptados do *Relatório de Inflação* – Banco Central do Brasil, junho de 2001– volume 3, nº 2, p. 7 e 8.)

28. (Bacen – Esaf) Assinale a opção em que a regência está de acordo com as regras da norma culta.
a) As funções de autoridade monetária foram sendo transferidas progressivamente do

Banco do Brasil para o BC, enquanto as atividades atípicas exercidas por esse último, como as relacionadas ao fomento e à administração da dívida pública federal, foram transferidas para o Tesouro Nacional.
b) A Constituição de 1988 consagra dispositivos importantes para a atuação do BC, como ao do exercício exclusivo da competência da União para emitir moeda e o da necessidade de aprovação prévia pelo Senado Federal, em votação secreta, após arguição pública, dos designados pelo Presidente da República para os cargos de presidente e diretores.
c) A Constituição vedou o BC a concessão direta ou indireta de empréstimos ao Tesouro Nacional. A Constituição de 1988 prevê ainda, em seu artigo 192, a elaboração de Lei Complementar do Sistema Financeiro Nacional, que deverá substituir a Lei nº 4.595, abrangendo vários e importantes aspectos da estruturação e atuação do Banco Central.
d) Em 1998 o Banco Central retomou o processo de Planejamento Institucional, com à realização de um encontro de planejamento ao nível estratégico, contando pela participação do Presidente e diretores, e de encontros de planejamento no nível tático, que contaram com a participação do corpo gerencial das unidades especial, centrais e regionais.
e) No encontro ao nível estratégico foram definidos a missão do Banco, seus macroprocessos e os objetivos estratégicos para o horizonte de três anos, além das diretrizes balizadoras das ações para assegurar à estabilidade do poder de compra da moeda nacional.

29. (Ass. Leg. – FCC) ***... que faz com que em certas ocasiões...*** **(último parágrafo)**
A lacuna que deverá ser corretamente preenchida pela expressão grifada acima está em:
a) O mercado editorial de autoajuda, ... abrange várias categorias, cresce a olhos vistos em todo o mundo.
b) O conteúdo dos livros de autoajuda, ... os leitores acreditam, serve de inspiração para o sucesso na vida e na carreira profissional.
c) Os leitores estão convictos ..... essas publicações serão a inspiração para uma vida mais harmônica e feliz.
d) Os livros de autoajuda procuram conduzir as pessoas a obterem com tenacidade tudo aquilo ..... sonham.
e) A literatura de autoajuda constitui, no momento, os meios ..... as pessoas recorrem para viver melhor.

30. (TRT – Fundec) Sobre a regência do verbo assistir na oração "a Região Metropolitana finalmente assistia ao início de um capítulo bom da novela protagonizada por mais de 3 milhões de pessoas", pode-se afirmar que:
a) Está correta, porque o verbo foi empregado como transitivo indireto, no sentido de ser do direito.
b) É semelhante à regência do verbo amar em frases como "Deve-se amar ao próximo".
c) Admite a construção passiva, que seria: "O início de um capítulo bom da novela protagonizada por mais de 3 milhões de pessoas era assistido finalmente pela Região

Metropolitana.
d) Está consoante com a língua escrita padrão, mas divergente dos hábitos da língua falada no Brasil.
e) É a recomendada pela norma culta da língua, mas não é a habitualmente praticada pelos escritores contemporâneos.

31. (Proderj – FEC) No trecho "... asseguramos que as comunidades locais devem usufruir de benefícios decorrentes da exploração de recursos naturais encontrados em suas terras", observa-se que o verbo em destaque está regido pela preposição de, numa variante "de" regência da língua contemporânea. Das frases abaixo, aquela em que foi usada uma regência que contraria as normas da língua culta, pois não admite variante, é:
a) Poucos países abstiveram-se de participar da conferência.
b) Muitas vezes é difícil resistir as tentações da riqueza fácil e imediata.
c) Os mais jovens têm de suceder aos mais velhos nas lutas pelo meio ambiente.
d) Devemos prezar as ideias favoráveis às fontes renováveis de energia.
e) A plateia gostaria de que todos os países abraçassem a proposta brasileira.

32. (Proderj – FEC) De acordo com as normas de regência verbal do português contemporâneo, a oração "... que visam o bem público" também poderia estar expressa na forma "... que visam ao bem público", caracterizando-se como um caso de dupla regência. Dos casos abaixo relacionados, o que apresenta erro, por não se caracterizar como um caso de dupla regência, é o que está na opção:
a) Os companheiros o abraçaram num gesto de fraternidade. / Os companheiros lhe abraçaram num gesto de fraternidade.
b) A decisão implica uma reformulação dos planos. / A decisão implica numa reformulação dos planos.
c) Todos estão usufruindo as garantias oferecidas pela empresa. / Todos estão usufruindo das garantias oferecidas pela empresa.
d) Os interessados assistiram à palestra com toda a atenção. / Os interessados assistiram a palestra com toda a atenção.
e) Os colegas o chamavam de benfeitor da humanidade. / Os colegas lhe chamavam de benfeitor da humanidade.

33. (Esaf) Aponte o trecho correto quanto à regência.
a) Quando se desativa uma linha de trem, estão-se isolando muitas localidades que perderão o único meio de transporte que dispõem.
b) Em muitas cidades pequenas, no interior do País, prevalece a ideia, a qual se desconfia o próprio Prefeito seja adepto, de que o trem é meio de transporte obsoleto.
c) Como é interesse do País de que o preço do frete diminua, são urgentes e imprescindíveis investimentos em nosso sistema ferroviário.
d) A partir dos anos 50, o baixo custo do petróleo justificou a opção do transporte de carga por rodovias, às quais foram ganhando cada vez mais preferência.

e) No Brasil, dadas suas dimensões continentais, deve-se dar preferência às ferrovias para a movimentação de cargas.

34. (TRF-12ª – FCC) Está correto o emprego do elemento sublinhado em:
a) A obra de ficção **A guerra dos mundos**, em cuja Orson Welles se baseou, ganhou dramática adaptação radiofônica.
b) A tecnologia de ponta, sobre a qual por vezes pairam desconfianças, leva-nos apenas aonde queremos ir.
c) O cotidiano contemporâneo deixa-se afetar pelas conquistas técnicas, de cujas muita gente alimenta sérias desconfianças.
d) A segunda metade da década de 90, aonde se consolidou a multimídia, foi um marco na vida contemporânea.
e) O homem do nosso tempo, diante dos admiráveis recursos nos quais jamais sonhou alcançar, é por vezes um deslumbrado.

35. (TRE – SP – AJ – FCC) Está correto o emprego de ambas as expressões sublinhadas na frase:
a) O autor do texto, de cuja convicção é que estamos longe do desenvolvimento social, desconfia dos avanços tecnológicos com os quais muita gente demonstra plena admiração.
b) A modernidade técnica, na qual o autor faz suas restrições, não trouxe consigo o desenvolvimento social pelo qual tantos aspiram.
c) Muita gente acredita de que a tecnologia serve a todos, quando o que os fatos têm demonstrado é de que ela acaba servindo aos mesmos privilegiados de sempre.
d) O escritor a cujo nome se faz referência no texto foi um dos expoentes do movimento abolicionista brasileiro, ao qual aderiram muitos outros homens ilustres do século XIX.
e) É tal a velocidade em cuja vêm ocorrendo os avanços tecnológicos que os homens nem têm tempo para pensar nos excluídos, naqueles para quem essa velocidade não beneficia.

36. (Fiscal da Receita Estadual – AP – FGV) De acordo com a norma padrão, o pronome relativo está corretamente empregado apenas na seguinte alternativa:
a) Essas são algumas ideias por cujos os ensinamentos procuro me guiar.
b) Aquelas são as mais antigas histórias de comércio as quais se tem memória.
c) Apresentou um projeto que a principal filosofia dele é a democratização do saber.
d) O comportamento ético por que um povo se orienta define seu caráter.
e) O filósofo onde me refiro defendeu tese recentemente.

37. (TRF-4ª Região – FCC) Está correto o emprego do elemento sublinhado em:
a) A obra de ficção **A guerra dos mundos**, em cuja Orson Welles se baseou, ganhou dramática adaptação radiofônica.
b) A tecnologia de ponta, sobre a qual por vezes pairam desconfianças, leva-nos apenas aonde queremos ir.

c) O cotidiano contemporâneo deixa-se afetar pelas conquistas técnicas, de cujas muita gente alimenta sérias desconfianças.
d) A segunda metade da década de 90, aonde se consolidou a multimídia, foi um marco na vida contemporânea.
e) O homem do nosso tempo, diante dos admiráveis recursos nos quais jamais sonhou alcançar, é por vezes um deslumbrado.

38. (Analista Judiciário – TRT-1R – FCC) ... ***condição da qual os habitantes das cidades consideram difícil, talvez impossível, fugir*****. (último parágrafo) Mantendo-se a correção e a lógica, o verbo grifado acima pode ser substituído, sem qualquer outra alteração na frase em que se encontra, APENAS por:**
a) escapar;
b) afastar;
c) evadir;
d) evitar;
e) prevenir.

39. (Analista Judiciário – TRT-24ª Região) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:
a) Os recursos da internet, dos quais podemos nos valer a qualquer momento, permitem veicular mensagens por cujo conteúdo seremos responsáveis.
b) Artistas plásticos, que suas obras lhes interessa divulgar, frequentam os espaços da internet, mediante aos quais promovem a divulgação de seu trabalho.
c) Jornalistas veteranos, de cujas colunas tantos leitores já frequentaram, passaram a criar seus próprios blogs, pelos quais acrescentam uma dose de subjetivismo.
d) É comum que, num blog, os assuntos públicos, a cujo interesse social ninguém duvida, coabitem aos assuntos particulares, que a poucos interessará.
e) As múltiplas formas de linguagem com que o autor de um blog pode lançar mão obrigam-no a se familiarizar com técnicas de que jamais cogitou dominar.

40. (Fiscal – ICMS – FGV) ***O leitor já viu onde quero chegar*****. (L. 40)**
Assinale a alternativa cuja estrutura seja equivalente semanticamente à apresentada acima, mas que dela se diferencie quanto à adequação da linguagem ao padrão normativo.
a) Já observou o leitor onde quero chegar.
b) O leitor já viu aonde quero chegar.
c) Quero chegar onde o leitor já viu.
d) Em que ponto quero chegar o leitor já viu.
e) O leitor já viu em cujo local quero chegar.

41. (Fiscal – ICMS – FGV) Assinale a alternativa em que, alterando-se o trecho "a fim de que o estado realize as funções a que constitucionalmente está vinculado", não se obedeceu à norma culta. Despreze as alterações de sentido.

a) A fim de que o Estado realize as funções às quais constantemente se refere.
b) A fim de que o Estado realize as funções às quais prefere à instabilidade.
c) A fim de que o Estado realize as funções de cujos objetivos constantemente nos lembramos.
d) A fim de que o Estado realize as funções cujas implicações quase sempre esquecemos.
e) A fim de que o Estado realize as funções as quais se dispôs a efetivar.

42. (FNDE – FGV) Assinale a alternativa em que, alterando-se o trecho *construção de um diálogo (...) que as novas tecnologias permitem* (L.89-92), não se obedeceu às regras gramaticais de regência verbal. Ignore as alterações de sentido em relação ao texto original.
a) Construção de um diálogo (...) a que as novas tecnologias aludem.
b) Construção de um diálogo (...) que as novas tecnologias carecem.
c) Construção de um diálogo (...) a que as novas tecnologias procedem.
d) Construção de um diálogo (...) a que as novas tecnologias se referem.
e) Construção de um diálogo (...) que as novas tecnologias atingem.

43. (TRT-20ª – FCC) ... *além do que lhes permitem os recursos de que dispõem...* A expressão pronominal grifada acima deverá preencher corretamente a lacuna da frase:
a) A nova classe média desenvolveu padrões de consumo ..... só serão sustentáveis se houver salários dignos.
b) Os novos valores sociais, ... se deparam os autores do estudo incluem a valorização da educação.
c) As oscilações de renda familiar, ... o estudo se refere, oferecem riscos à manutenção dos padrões de consumo.
d) Foi realizado um estudo recente, ... se encontram informações importantes sobre a mobilidade social brasileira.
e) A amplitude da ascensão social ..... se fala é condizente com a redução das desigualdades de renda da população.

44. (Analista Judiciário – TRT – 23ª Região) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:
a) Os argumentos de que devemos nos agarrar devem se pautar nos limites da racionalidade e da justiça.
b) Os casos históricos em que Voltaire recorre em seu texto ajudam-no a demonstrar de que a pena de morte é ineficaz.
c) A pena de talião é um recurso de cuja eficácia muitos defendem, ninguém se abale em tentar demonstrá-la.
d) Os castigos a que se submetem os criminosos devem corresponder à gravidade de que se reveste o crime.
e) As ideias liberais, de cuja propagação Voltaire se lançou, estimulam legisladores em quem não falte o senso de justiça.

45. (Técnico Judiciário – TRT-23ª Região – FCC) ... ***e com o tempo em que você pode trabalhar*.**

O segmento grifado na frase acima preenche corretamente a lacuna da frase:

a) Muitos escritores afirmam não saber lidar com a fama ..... almejam em determinado momento de suas carreiras.

b) Alguns escritores menores tentam demonstrar em suas obras uma erudição ..... não possuem de fato.

c) Não por coincidência, o jornalismo é uma profissão ..... vários escritores recorrem em determinado momento de suas vidas.

d) O mercado cinematográfico internacional .... muitos roteiristas iniciantes tentam se inserir é por demais competitivo e estressante.

e) Dizem que o trabalho árduo e diário e uma disciplina tenaz são as principais armas ..... um jovem escritor deve se valer.

46. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) ... ***e que vem de certa harmonia misteriosa a que tendem o branco, o preto, o roxo e o moreno*...**

O segmento grifado preenche corretamente a lacuna da frase:

a) As autoridades contavam ..... se fizessem consultas à população para definir os projetos de melhoria de toda a área.

b) As transformações ..... se refere o historiador descaracterizaram toda a área destinada, de início, a pesquisas.

c) A necessidade de inovações foi o argumento ..... se valeram os urbanistas para defender o projeto apresentado.

d) A ninguém ocorreu demonstrar ..... não seria possível impedir a derrubada de algumas antigas construções.

e) Seriam necessários novos e diferentes projetos urbanísticos, ... permanecessem intocadas as construções originais.

47. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) Está INADEQUADO o emprego do elemento sublinhado na frase:

a) A traição a que por vezes está sujeita nossa audição pode ter resultados divertidos.

b) Os sons das palavras, a cujos poucas vezes dedicamos plena atenção, podem ser bastante enganosos.

c) A melodia e o ritmo de uma frase, em cujo embalo podemos nos equivocar, valem pelo efeito poético.

d) E afinal, por onde andará dona Ondirá, senhora misteriosa de quem o leitor foi fã cativo, quando menino?

e) E dona Quiçás, a quem Nat King Cole jamais teve a honra de ser apresentado, morará ainda em Madri?

48. (Analista Judiciário – TRE-SP – FCC) Está correto o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

a) A argumentação na qual se valeu o ministro baseava-se numa analogia em cuja pretendia confundir função técnica com função política.
b) As funções para cujo desempenho exige-se alta habilitação jamais caberão a quem se promova apenas pela aclamação do voto.
c) Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto do que a promoção pelo mérito onde nem todos confiam.
d) A má reputação de que se imputa ao "assembleísmo" é análoga àquela em que se reveste a "meritocracia".
e) A convicção de cuja não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo à natureza do caso.

49. (Técnico Judiciário – TRE-SP – FCC) ... ***procurava incorporar à escrita o ritmo da fala*****...**
O verbo empregado no texto com a mesma regência do grifado acima está em:
a) *... consagrar literariamente o vocabulário usual.*
b) *... dar estado de literatura aos fatos da civilização moderna.*
c) *No Brasil, ele significou principalmente libertação dos modelos acadêmicos...*
d) *... que a sua contribuição maior foi a liberdade de criação e expressão.*
e) *... os modernistas promoveram uma valorização diferente do léxico...*

50. (AFRF – Esaf) Marque a opção em que ambos os períodos estão gramaticalmente corretos.
a) O racismo no sentido de prática discriminatória em razão da etinia de uma pessoa ou grupo, atenta, primeiro, contra a própria organização política brasileira. / O racismo, no sentido de prática discriminatória, em razão da etnia de uma pessoa ou grupo, atenta, primeiro, contra a própria organização política brasileira.
b) A prática do racismo é definida como crime na Lei nº 7.716/1989, isto é, nessa lei estão definidas várias condutas que implicam tratamento discriminatório, motivado pelo preconceito racial. / A prática do racismo é definida como crime na lei nº 7.716/1989, isto é, nessa Lei estão definidas várias condutas que implicam em tratamento discriminatório, motivado pelo preconceito racial.
c) O racismo é crime de ação múltipla ou de conteúdo variado, de maneira que a prática, no mesmo contexto de ação, de mais de um núcleo acarreta uma única incriminação. / O racismo é crime de ação múltipla ou de conteúdo variado, de maneira que a prática no mesmo contexto de ação, de mais de um núcleo, acarreta em uma única incriminação.
d) O incitamento à discriminação não afasta a possibilidade de cometimento também de injúria, motivada pela discriminação ou qualquer outro crime contra a honra, previsto no CPB ou mesmo na Lei de Imprensa. / O incitamento à descriminação não afasta a possibilidade de cometimento também de injúria, motivado pela descriminação ou quaisquer outro crime contra a honra, previsto no CPB ou mesmo na Lei de Imprensa.
e) A prática de tortura motivada pelo racismo, crime que tem por sujeito passivo o indivíduo, não afasta a incriminação de eventual crime de racismo previsto na legislação brasileira, que tem por sujeito passivo primário a coletividade, com lesões jurídicas da

mesma forma diferenciadas: o primeiro, a integridade física, saúde e liberdade individual, e os demais, a paz pública. / A prática de tortura motivada pelo racismo, crime que tem por sujeito passivo o indivíduo, não afasta a incriminação de eventual crime de racismo previsto na legislação brasileira, que tem por sujeito passivo primário a coletividade, com lesões jurídicas da mesma forma diferenciadas, o primeiro a integridade física, saúde e liberdade individual, e os demais a paz pública.
(Baseado em Carlos Frederico de Oliveira Pereira)

Capítulo 27

Concordância

27.1. Concordância verbal

O conceito geral é o verbo ser obrigado a concordar com o sujeito. Aqui serão analisadas situações especiais de concordância.

1) **DOIS OU MAIS NÚCLEOS DE SUJEITO E UM VERBO**

a) SUJEITO COMPOSTO ANTEPOSTO AO VERBO – concordância por soma.

Ex.: Eu e tu (NÓS) fomos ao cinema.
Ele e tu (VÓS) fostes ao cinema.
Ela e eu (NÓS) iremos ao Maracanã.

b) SUJEITO COMPOSTO POSPOSTO AO VERBO – concordância pode ser por soma ou atrativa.

Ex.: Fomos (ou FUI) eu e tu ao cinema.
Fostes (ou FOSTE) tu e ele ao cinema.
Iremos (ou IRÁ) ele e eu o cinema.
"e veio a guerra, a violência, a invasão..." (Raul Pompéia).

– A forma verbal "veio" poderia ser substituída por VIERAM.

Obs.: A soma se dará pela hierarquia das pessoas. A primeira pessoa se sobrepõe às demais, e a segunda, à terceira. No entanto, como a segunda pessoa do plural está em desuso na língua corrente no Brasil, a forma coloquial VOCÊS (3ª pessoa do plural) a tem substituído.

Ex.: Tu e João fareis (ou farão – forma que vem sendo aceita) o trabalho.

2) **QUEM** – o verbo tanto poderá concordar com o pronome relativo QUEM (terceira pessoa do singular) como também poderá fazê-lo com o antecedente do QUEM.

Ex.: Fui eu quem fez (ou FIZ) o trabalho.
Fomos nós quem fez (ou FIZEMOS) o trabalho.
Fostes vós quem fez (ou FIZESTES) o trabalho.

Obs.: O Professor Celso Cunha indica que a concordância com a 3ª pessoa do

singular é a construção prevista pela regra, mas sendo também aceita a concordância com o antecedente do QUEM.

3) **QUE** – o verbo concordará com o termo antecedente do pronome relativo QUE (quando este for o sujeito da oração).

Ex.: Fui eu que fiz o trabalho.

Fomos nós que fizemos o trabalho.

Fostes vós que fizestes o trabalho.

Obs.: Se o antecedente do pronome relativo QUE funcionar como predicativo do sujeito, o verbo tanto poderá concordar com o predicativo como poderá concordar com o sujeito da oração anterior.

Ex.: Eu fui o primeiro que chegou – concordância com o predicativo "o primeiro".

Eu fui o primeiro que cheguei – concordância com o sujeito da oração anterior.

4) **UM E OUTRO** – o verbo tanto poderá estar na terceira pessoa do singular como na terceira pessoa do plural, mas o substantivo ficará sempre no singular.

Ex.: Um e outro aluno fez (ou FIZERAM) o trabalho.

Obs.: O usuário da língua incorrerá em erro se flexionar o substantivo no plural.

BIZU

A utilização da expressão NEM UM NEM OUTRO como sujeito causa uma divergência entre os professores Celso Cunha e Evanildo Bechara. Este indica que o verbo somente poderá flexionar-se no singular (Nem um nem outro compareceu ao trabalho); já aquele informa que, funcionando como pronome substantivo, poderá levar o verbo para o singular ou plural (Nem um nem outro compareceu – ou compareceram – ao trabalho). Ainda segundo Cunha, se a expressão funcionar como pronome adjetivo – determinando um substantivo –, o verbo apenas poderá ocorrer no singular (Nem um nem outro funcionário compareceu ao trabalho).

5) **UNS DE NÓS, ALGUNS DE NÓS, POUCOS DE NÓS, MUITOS DE NÓS, QUAISQUER DE NÓS** – o verbo tanto poderá estar na primeira pessoa do plural como na terceira pessoa do plural.

Ex.: Uns de nós trabalhamos (ou TRABALHARAM) aqui.

Muitos de nós estamos (ou ESTÃO) insatisfeitos.
Quaisquer de nós podemos (ou PODEM) fazer este trabalho.

6) **UNS DE VÓS, ALGUNS DE VÓS, POUCOS DE VÓS, MUITOS DE VÓS, QUAISQUER DE VÓS** – o verbo tanto poderá estar na segunda pessoa do plural como na terceira pessoa do plural.

Ex.: Uns de vós trabalhastes (ou TRABALHARAM) aqui.
Muitos de vós estais (ou ESTÃO) insatisfeitos.
Quaisquer de vós podeis (ou PODEM) fazer este trabalho.

Obs.: Em relação aos casos 5 e 6, se o primeiro termo estiver no singular, o verbo só poderá estar no singular.

Ex.: Um de nós poderá fazer este trabalho. Algum de vós esteve aqui?

→ Esta única possibilidade de concordância ocorre por motivos semânticos. Quando dizemos "Uns de nós poderão (poderemos) fazer o trabalho, interpreta-se que "uns poderão fazer o trabalho" ou "nós poderemos fazer o trabalho; no entanto, quando se diz "Um de nós poderá fazer o trabalho", é importante ressaltar que só esse "um" poderá fazer o trabalho, os outros elementos (participantes do NÓS), não.

O NCE já questionou qual das duas construções possíveis (ESCRIVÃO – PC – 2001) seria a mais adequada e indicou como resposta a que fazia a concordância com o verbo na terceira pessoa do plural. Interpretei a opção feita pela banca como uma preferência pela concordância com o núcleo do sujeito (UNS, ALGUNS, MUITOS, POUCOS, QUAISQUER) e não com o adjunto adnominal (DE NÓS, DE VÓS). É também possível que a escolha pela terceira pessoa do plural, em detrimento da segunda pessoa do plural, tenha ocorrido em virtude de "vós" estar em desuso na variante brasileira da língua portuguesa.

7) **COLETIVO** – apesar de o coletivo dar uma ideia pluralizada, o verbo deverá estar na terceira pessoa do singular, a não ser que o próprio coletivo esteja no plural.

Ex.: O cardume viajou por todo o oceano.
Os cardumes viajaram por todo o oceano.

Obs.: Se o termo **coletivo** possuir um adjunto adnominal, o verbo tanto poderá concordar com o coletivo como também poderá concordar com o adjunto adnominal.

Ex.: A manada de elefantes destruiu (ou DESTRUÍRAM) toda a floresta.
O cardume de tainhas está chegando à costa brasileira (ou estão).

Se houver distanciamento entre o coletivo e o verbo, torna-se opcional a flexão do verbo no singular ou no plural.

Ex.: O grupo invadiu a minha residência à meia-noite. Roubaram tudo.

8) **UM TERÇO, 30%, A METADE, A MAIOR PARTE, A MENOR PARTE, UMA PARTE, A MAIORIA DE, A MINORIA DE... –** estes termos ou quaisquer outros que indicarem ideia partitiva ou fracionária, quando possuírem um adjunto adnominal, admitirão que o verbo tanto concorde com estes termos em negrito, como também com o adjunto adnominal.

Ex.: A maior parte dos alunos fez (ou FIZERAM) o trabalho.

Um terço dos fumantes tem (ou TÊM) problemas respiratórios.

9) **PRONOME DE TRATAMENTO –** o verbo deverá estar na terceira pessoa.

Ex.: V. Sª. está se sentindo bem?

V. Exª. deveria obedecer às vontades do povo da mesma forma que o povo lhe obedece.

Obs.: O pronome de tratamento V. Exª., como já se disse, é de terceira pessoa. Logo, quando outro pronome for referente ao ser V. Exª., deverá estar flexionado também na terceira pessoa, não cabendo o uso do oblíquo "vos" ou do possessivo "vosso".

10) **UM DOS QUE –** o verbo tanto poderá estar na terceira pessoa do singular como na terceira pessoa do plural.

Ex.: Ele é um dos que mais estuda (ou ESTUDAM).

Manoel foi um dos que fez (ou FIZERAM) o trabalho.

Obs.: O motivo de haver a dupla possibilidade de concordância se dá em virtude de o pronome relativo QUE poder ter como antecedente UM ou OS (combinado à preposição DE).

– SEM QUE –

Já a estrutura UM DOS só admite a construção com o verbo na terceira pessoa do singular. Isso se justifica através da semântica. Quando se diz "Manoel foi um dos que fez o trabalho", não só Manoel fez o trabalho, como outros também o fizeram. No entanto, quando se informa "Um dos alunos fez o trabalho", só cabe a interpretação de que "um" fez o trabalho, não os demais.

11) **MAIS DE UM –** apesar de a ideia ser pluralizada, o verbo estará na terceira pessoa do singular.

Ex.: Mais de um atleta brasileiro recebeu cartão amarelo.

Mais de uma moça viajou para Paris.

12) **MENOS DE DOIS** – apesar de a ideia ser de singular, o verbo estará na terceira pessoa do plural.

Ex.: Menos de dois homens ainda se encontram presos.

Menos de duas pessoas tentaram fugir.

13) **CERCA DE, PERTO DE** – o verbo concordará sempre com o numeral.

Ex.: Cerca de 70 alunos estavam presentes.

14) **OU** – se houver nítida ideia de exclusão, a concordância do verbo se dará atrativamente. Se ocorrer a possibilidade de soma dos núcleos, o verbo pode concordar com o termo mais próximo ou com a adição.

Ex.: Ele ou tu serás eleito para representante da turma. Ele ou tu farás (fareis) o trabalho.

15) **GRADAÇÃO** – quando houver dois ou mais termos no mesmo campo semântico, o verbo poderá concordar com a soma deles ou com o mais próximo.

Ex.: A tristeza, a angústia, o sofrimento tomou (tomaram) conta dos vascaínos depois que o Pet acertou aquele belíssimo chute no último minuto do jogo.

16) **VERBOS PARECER e COSTUMAR** – estes verbos poderão ou não formar uma locução com a forma verbal seguinte. Se não formarem, os verbos PARECER e COSTUMAR deverão ocorrer na terceira pessoa do singular, caso contrário, eles concordarão com o sujeito.

Ex.: Eles parecem fazer o trabalho.

→ O verbo PARECEM concordou com o sujeito ELES, formando assim uma locução verbal com o FAZER.

Eles parece fazerem o trabalho.

→ Nesta estrutura, o verbo PARECE forma sozinho uma oração, por isso o verbo FAZEREM é obrigado a concordar com ELES.

Os alunos pareciam estar cansados.

→ O verbo PARECIAM concorda com OS ALUNOS, formando assim com o ESTAR uma locução verbal.

Os alunos parecia estarem cansados.

→ Nesta estrutura, o verbo PARECIA forma sozinho uma oração principal, e o verbo ESTAREM, por consequência, é obrigado a concordar com OS ALUNOS.

Obs.: Na frase "Os alunos parece que estudam bastante", a forma verbal "parece"

somente poderá ocorrer no singular. Tal ocorre em função de haver duas orações: 1ª – que os alunos estudam bastante; 2ª – Parece. A primeira oração é sujeito da segunda (Isso parece), portanto o verbo "parecer" deve ficar na terceira pessoa do singular para concordar com o sujeito oracional.

17) **TÍTULOS NO PLURAL**

a) quando o título estiver precedido de artigo, o verbo concordará com ele;

Ex.: Os Estados Unidos são sempre contrários a qualquer movimento ambientalista.

O Os Lusíadas é uma das maiores obras literárias de todos os tempos.

b) não havendo artigo ou outro determinante – segundo Celso Cunha –, o verbo deverá vir no singular.

Ex.: Estados Unidos contraria o interesse do resto do mundo.

Obs.: O Professor Evanildo Bechara considera que o verbo deverá estar no plural, exceto com o verbo SER, situação que torna a flexão em número facultativa.

Ex.: Estados Unidos contrariam o interesse do restante do mundo.

Estados Unidos são (é) a maior potência bélica do planeta.

18) **VERBOS CAUSATIVOS E SENSITIVOS COM SUJEITO NO PLURAL**

a) quando o sujeito (substantivo no plural) estiver postado entre os dois verbos, sendo o primeiro causativo ou sensitivo, deverá o segundo (no infinitivo) estar no plural;

Ex.: Ele mandou os alunos fazerem os exercícios.

b) quando o sujeito (substantivo no plural) estiver postado após os dois verbos, preferencialmente o segundo deverá estar no singular, podendo, também, ocorrer no plural;

Ex.: Ele viu entrar (ou entrarem) as crianças.

"Vi sair daquelas folhas muitos perfis de seminaristas" (Machado de Assis).

"Manda sair os dois!" (José de Alencar).

c) quando o sujeito for pronome oblíquo, a concordância normalmente se faz com singular, admitindo-se o plural, forma mais rara.

Ex.: Nós deixamo-los partir (ou partirem).

19) **VERBO SER**

a) predominância da pessoa sobre a coisa;

Ex.: A vida são os homens.

A criança é as minhas esperanças.

b) predominância do pronome pessoal sobre o nome;

Ex.: O errado aqui sou eu.
Loucos somos nós.

c) predominância do pronome pessoal ou nome sobre pronomes interrogativos;
Ex.: Quem és tu?
Que são tristezas?

d) predominância do plural sobre singular ou palavra invariável;
Ex.: Tudo são flores.
A vida eram uns problemas.

Obs.: Já também são aceitas as formas deste item concordando com o outro termo. Ou seja, também poderíamos dizer:
Ex.: Tudo é flores
A vida era uns problemas.

O NCE indicou na prova de CNEN em 2002 a preferência pela forma singular na seguinte estrutura "Greves é algo..."

e) predomina o singular quando houver **é muito, é pouco, é mais de**;
Ex.: Três mil reais é mais do que preciso.
Cinco mil reais é muito pouco.

f) predomina a concordância do verbo com o numeral indicado pela **distância, hora** ou **data**;
Ex.: De Copacabana ao Centro são 10 quilômetros.
Eram duas horas.
Hoje são 28 de abril.

Obs.: Também podemos utilizar neste último exemplo a palavra dia. Neste caso, o verbo concordará com este termo.
Ex.: Hoje é dia 28 de abril.
Já há autores mais modernos que também aceitam "Hoje é 28 de abril", baseando-se no fato de a palavra dia estar implícita na frase.

g) A expressão **ERA UMA VEZ** é invariável.
Ex.: Era uma vez cinco milhões de eleitores.

20) **SUJEITOS LIGADOS PELA PREPOSIÇÃO COM** – poderá vir o verbo no singular – caso se queira realçar somente o primeiro núcleo – ou no plural, concordando com a soma.
Ex.: João com Maria foi (foram) ao teatro.

21) **SUJEITOS LIGADOS POR CONJUNÇÃO COMPARATIVA OU POR PRONOME INDEFINIDO MAIS** – este caso é bastante parecido com o

anterior. Destacando-se apenas o primeiro sujeito, o verbo deverá ocorrer no singular. Sendo a intenção realçar o sujeito composto, o verbo estará no plural.

Ex.: O professor, como o aluno, deve (devem) atentar-se sempre aos novos materiais publicados.

Ex.: "... e à noite lá estava ele rente, mais a Bertoleza, a removerem tábuas, tijolos..." (Aluísio de Azevedo).

22) **SUJEITOS LIGADOS PELA CONJUNÇÃO NEM –** poderá o verbo ocorrer no singular, destacando-se apenas um dos núcleos, ou no plural, em concordância com a soma.

Ex.: Nem o professor nem o diretor compreendeu (compreenderam) a reivindicação dos alunos.

23) **SUJEITOS RESUMIDOS POR PRONOME INDEFINIDO –** a concordância se dá com o pronome indefinido.

Ex.: A chuva, os ventos, o cansaço, a pouca visibilidade, nada o fazia desistir.

24) **SUJEITO ORACIONAL –** o verbo da oração principal ocorrerá na terceira pessoa do singular.

Ex.: Convém estudarmos bastante. / É importante que todos leiam este livro.

Obs.: Este caso já fora amplamente analisado em orações substantivas.

25) **SOAR, BATER, DAR –** concorda com o numeral indicador de hora.

Ex.: Soaram cinco horas da tarde. / Bateu meio-dia no meu relógio.

Obs.: Se a palavra "relógio" for transformada em sujeito, o verbo o acompanha.

Ex.: O relógio deu quatro horas.

26) **SILEPSE –** concordância ideológica.

Ex.: Todos (3ª pessoa do plural) estamos (1ª pessoa do plural, o emissor da mensagem está se incluindo) muito insatisfeitos com as denúncias de corrupção no governo.

O povo (3ª do singular) iremos (o autor da frase se inclui) às urnas no próximo ano.

27) **HAVER –** no sentido de EXISTIR ou de TEMPO DECORRIDO, é impessoal, portanto só poderá ocorrer na terceira pessoa do singular.

Ex.: Há muitos alunos em sala. Deve haver soluções. Ele já chegou há muitos dias.

Obs.: O verbo EXISTIR, mesmo sendo sinônimo de HAVER, é pessoal, contendo sujeito e sendo obrigado a concordar com ele.

Ex.: Existem problemas a serem resolvidos. Devem existir soluções. Hão de

existir soluções.

É importante relembrar que o termo "soluções" na frase "Deve haver soluções" funciona como objeto direto; já na frase "Devem existir soluções", funciona como sujeito.

28) **FAZER** – no sentido de TEMPO DECORRIDO ou METEOROLÓGICO, é impessoal, só podendo ocorrer na terceira pessoa do singular.

Ex.: Faz vinte anos que não o vejo. Vai fazer quatro semanas que iniciamos o trabalho. Tudo nos leva a crer que nos próximos anos fará invernos muito frios.

29) **VERBO + SE** – neste assunto, é importante o candidato relembrar a distinção entre pronome apassivador e índice de indeterminação do sujeito. Caso o pronome SE esteja relacionado a um verbo transitivo direto, fica caracterizada a voz passiva sintética, obrigando o verbo a concordar com o sujeito (antigo objeto direto da voz ativa). Caso o pronome SE esteja relacionado a um verbo que não seja transitivo direto, funciona como índice de indeterminação do sujeito, limitando o verbo a flexionar-se tão somente na terceira pessoa do singular.

Ex.: Aspira-se bom ar em São Pedro. Aspiram-se bons ares em São Pedro.

Aspira-se a bom cargo nesta empresa. Aspira-se a bons cargos nesta empresa.

27.2. Exercícios

1. (Auditor – Sefaz-RJ – FGV) ***Que você pagou pra mim.***

Assinale a alternativa em que a alteração do verso acima tenha sido feita de acordo com a norma culta. Não leve em conta possível alteração de sentido.

a) Que Vossa Excelência pagou pra mim.
b) Que vós pagaste pra mim.
c) Que Vossa Senhoria pagastes pra mim.
d) Que tu pagastes pra mim.
e) Que tu pagáreis pra mim.

2. (Pref. SP – FCC) As normas de concordância verbal estão plenamente observadas na frase:

a) Não deveriam caber aos jovens estudantes o peso das responsabilidades políticas que o autor a eles pretende atribuir.
b) É fatal que venham a decepcionar-se com os jovens todo aquele que os vê como sujeitos políticos já inteiramente constituídos.
c) O embate a que se costumam lançar os jovens estudantes são quase sempre marcados por uma natural imaturidade política.
d) Não se devem confiar a um jovem os atributos políticos que mesmo ao político mais

experiente costumam faltar.
e) Creio que nenhuma referência a autores como Nelson Rodrigues ou Maquiavel poderão trazer alento aos jovens idealistas.

3. (AFTN) Indique o único segmento que apresenta concordância verbal condizente com as normas do português padrão.
a) O funcionamento dos dois hemisférios cerebrais são necessários tanto para as atividades artísticas como para as científicas.
b) As diferentes divisões e subdivisões a que se submetem a área de ciências humanas provocam uma indesejável pulverização de domínios do conhecimento.
c) Normalmente, a aplicação de métodos quantitativos e exatos acabam por distorcer as linhas de raciocínio em ciências humanas.
d) Uma das premissas básicas do conjunto de assunções teóricas e epistemológicas do trabalho que ora vem a lume é a concepção da Arte como uma entre as muitas formas por meio das quais o conhecimento humano se expressa.
e) Não existem fórmulas precisas ou exatas para avaliar uma obra de arte, não existe um padrão de medida ou quantificação, tampouco podem haver modelos rígidos pré-estabelecidos.

4. (Def. Pública-SP – FCC) A concordância verbal e nominal está inteiramente correta na frase:
a) As mais recentes descobertas da ciência pode levar ao desenvolvimento de tratamentos que controlem a perda de memória, melhorando a capacidade cerebral.
b) Os pesquisadores descobriram que existe situações que favorece a memorização mais duradoura, possibilitando a realização das tarefas cotidianas no trabalho, por exemplo.
c) Está sendo feito estudos sobre a capacidade do cérebro humano de reter informações e processá-las, o que torna possível as lembranças do que aconteceu.
d) A visão de uma obra de arte dispara a comunicação entre neurônios, e o tamanho do impacto causado pela imagem é o que define como será guardada na memória.
e) Memória implícita é aquela que se refere aos conhecimentos, hábitos e habilidades, como andar de bicicleta, que é evocado de maneira automática.

5. (TRT-9R – FCC) As normas de concordância verbal estão plenamente acatadas na frase:
a) Não devem os leitores de hoje imaginar que cabiam aos filósofos antigos preocupar-se com questões que já não fazem sentido.
b) Leitores de hoje, não devemos imaginar que a um filósofo clássico ocorressem tão somente questões específicas de sua época histórica.
c) Nenhum de nossos desejos, de acordo com Sêneca, deveriam transpor nossos limites, fronteiras que se deve sempre determinar.
d) A cada um dos princípios do estoicismo devem corresponder, como se postulavam entre os estoicos, lúcida e consequente iniciativa nossa.
e) Àqueles que não temem refletir sobre a morte reserva-se as recompensas de uma

vida mais lúcida e mais intensa.

6. (Fiscal – ICMS – FGV) "... mostram que um terço dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição...". Assinale a alternativa em que, ao se alterar o termo "um terço", não se tenha mantido a concordância em conformidade com a norma culta. Desconsidere a possibilidade de concordância atrativa.

a) Mostram que 0,27% dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.
b) Mostram que menos de 2% dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foram tributados apenas por aquela contribuição.
c) Mostram que grande parte dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.
d) Mostram que três quartos dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foram tributados apenas por aquela contribuição.
e) Mostram que 1,6 milhão dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.

7. (Alesp – FCC) A concordância verbal e nominal está inteiramente correta em:

a) Presume-se que já tenha sido extinto muitas espécies da fauna e da flora com a destruição de enormes extensões de florestas.
b) Os desequilíbrios no ecossistema de uma floresta pode pôr em risco a sobrevivência de certas espécie de plantas.
c) Deve valer para todos os países as medidas de segurança a ser tomada em relação à preservação de florestas.
d) Para a restauração de áreas ocupadas por atividades agrícolas, é observado os tipos de uso do solo e as características do entorno para traçar o projeto de ação.
e) Projetos desenvolvidos por especialistas mostram que é possível conciliar restauração de florestas nativas com o manejo sustentável de seus recursos naturais.

8. (MPE – SE – FCC) Há uma transgressão das normas de concordância verbal na frase:

a) Não é à variação dos esquemas táticos que se deve imputar o fato de conviverem, em uma Copa do Mundo, a tristeza e a exaltação.
b) Entre paixões opostas costumam movimentar-se, nos dramáticos jogos da Copa, o sentimento dos torcedores mais fanáticos.
c) Sempre haverá nos versos de Carlos Drummond de Andrade reflexões poéticas que se enraízam nas experiências da vida.
d) Não coube aos brasileiros, na Copa de 2010, vivenciar os dramas que caracterizam as partidas a que leva o emparelhamento final.
e) A alternância entre paixões intensas e opostas, como ocorre ao longo da Copa do Mundo, não faz bem aos cardíacos.

9. (Sefaz – SP – FCC) As normas de concordância verbal encontram-se plenamente

observadas na frase:
a) Apenas se submetem às condições de baixa remuneração e falta de garantias trabalhistas quem não tem acesso às vantagens de um emprego formal.
b) Incluem-se entre as tantas vantagens que proporcionam o trabalho assalariado a pensão para os que se acidentam e o seguro para os que perdem o emprego.
c) Não deveria causar espanto a ninguém, com um crescimento econômico anual em torno de 7%, os índices de redução da informalidade, no ciclo da industrialização nacional.
d) Acredita-se serem possíveis que as atividades laborais do mercado informal possam, num certo momento, propiciar a transição para o emprego assalariado formal.
e) Caso não os afetasse a redução do desenvolvimento econômico, nos últimos anos, seriam outros os índices de ocupação de postos do trabalho formal no Brasil.

10. (AFTN) Indique a única frase que passaria a apresentar erro de concordância verbal, se tivesse o verbo sublinhado no singular:
a) "Um dos soldadinhos que me acompanhavam chorava como um desgraçado" (G. Ramos).
b) "Os sentenciados houveram do poder público a comutação da pena" (G. Góis).
c) "E quanto enfim cuidava e quanto via, eram tudo memórias de alegria" (Camões).
d) "O conselho se reuniu, e decidiram recomeçar a guerra" (B. Guimarães).
e) "Um turbilhão de sentimentos nos acodem" (L. Coelho).

11. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) Com as alterações propostas entre parênteses para o segmento grifado nas frases abaixo, o verbo que se mantém corretamente no singular é:
a) a modernização do Rio se teria feito **(as obras de modernização)**
b) Mas nunca se esquece ele de que **(esses autores)**
c) por que vem passando a mais bela das cidades do Brasil **(as mais belas cidades do Brasil)**
d) continua a haver um Rio de Janeiro do tempo dos Franceses **(tradições no Rio de Janeiro)**
e) do que a cidade parece ter de eterno **(as belezas da cidade)**

12. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do singular para preencher adequadamente a lacuna da frase:
a) Não ..... (**corresponder**) aos surpreendentes desdobramentos da descoberta do DNA análoga evolução no plano das questões éticas.
b) Mesmo a um pesquisador de ponta não ..... (**haver**) de convir as disputas éticas, pois ele ainda engatinha nessa nova descoberta.
c) De todas as projeções que se ..... (**fazer**) a partir da manipulação do DNA, a mais assustadora é a programação de tipos pessoais.
d) A um direitista não ..... (**deixar**) de assustar, quando isso não lhe convém, iniciativas econômicas que o Estado reivindica para si.

e) Não ..... (**parecer**) uma incongruência, para os esquerdistas, os excessos personalistas do líder de um movimento socialista.

13. (TRF – Esaf) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.
A história política e econômica do planeta, desde meados da década de 70, vêm registrando (1) – na contramão da proposta keynesiana – uma intensificação das pressões para a liberalização das contas de capital e para a desregulamentação financeira. E ainda pior, a utopia do Estado racional transfigurou-se (2) no pesadelo do Estado plutocrático (3), arena onde as gangues privadas se engalfinham (4) para impor (5) seus interesses.
(Luiz Gonzaga Belluzzo, com modificações.)
a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

14. (TTN) Assinale o período que apresenta erro de concordância verbal.
a) As relações dos ecologistas com uma grande empresa que desrespeitava as normas de preservação ambiental, começa a melhorar, para o benefício da humanidade.
b) Até 1995, 50% de recursos energéticos e de matéria-prima serão economizados por uma empresa que pretende investir 160 milhões de dólares no projeto.
c) Hoje não só o grupo dos ecologistas carrega a bandeira ambientalista, mas também aqueles empresários que centram seus objetivos no uso racional dos recursos naturais.
d) Os Estados Unidos são o país mais rico e poluidor do mundo, entretanto não defendem a tese do "desenvolvimento sustentável", a exemplo de muitas nações ricas.
e) É preciso ver que águas contaminadas, ar carregado de poluentes e florestas devastadas exigem o manejo correto da natureza, num país povoado de miseráveis.

15. (TTN) Marque o trecho que contém erro quanto à sintaxe de concordância.
a) O projeto de integração que vêm realizando as frágeis democracia uruguaia, argentina e brasileira é um esforço inegavelmente significativo para o cone sul.
b) Há registros de um sistema de exames competitivos elaborado por chineses, há mais de 2.000 anos antes de Cristo, para selecionar crianças superdotadas.
c) Grande número de programas têm sido direcionados, nos EUA, para áreas consideradas prioritárias pelo Estado, como matemática e ciências.
d) Ignorância, preconceito e tradição mantêm vivas uma série de ideias que dificultam a implementação de programas direcionados às crianças superdotadas.
e) São extremamente importantes, para se criar um ambiente favorável ao desenvolvimento dos superdotados, a criação de uma variedade de experiências de aprendizagem enriquecedoras e estimulantes.

16. (Analista Judiciário – TRF-2ª Região – FCC) As normas de concordância verbal estão

plenamente observadas na frase:
a) Evitem-se, sempre que possível, qualquer excesso no convívio humano: nem proximidade por demais estreita, nem distância exagerada.
b) Os vários atrativos de que dispõem a vida nas ilhas não são, segundo o cronista, exclusividade delas.
c) Cabem aos poetas imaginar espaços mágicos nos quais realizemos nossos desejos, como a Pasárgada de Manuel Bandeira.
d) Muita gente haveriam de levar para uma ilha os mesmos vícios a que se houvesse rendido nos atropelos da vida urbana.
e) A poucas pessoas conviria trocar a rotina dos *shoppings* pela serenidade absoluta de uma pequena ilha.

17. (TTN) Indique o trecho em que ocorre erro de concordância verbal, segundo o padrão culto da Língua Portuguesa.
a) O momento é grave. Cabe aos políticos a obrigação de manter a serenidade e o equilíbrio nos debates; que certamente passarão para o plenário da Câmara e do Senado. (*Jornal de Brasília*, 27/8/1992.)
b) A outra das terras por elas exploradas, pela mesma época, os portugueses deram o nome de Brasil, porque havia ali muito do pau conhecido por esse nome. Foi sorte. Havia também muitos macacos, nessa mesma terra, e muitos papagaios. (*Veja*, nº 134, 6/7/1994.)
c) Os cheques pré-datados, que permite aos lojistas financiar seus clientes nas compras a prazo, em alguns casos representam até a metade dos cheques recebidos pelo comércio. (*O Globo*, 15/1/1994.)
d) Os desarranjos na economia se expressam na ordem social por desequilíbrios calamitosos. São o desemprego generalizado, as pressões inflacionárias, a queda do produto, a depressão das massas e, síntese dialética, a violência (*Correio Brasiliense*, 8/7/1994.)
e) Mas, se, para além das palavras, se considerarem os atos do Executivo e as atuais negociações, parece que as pressões já começam a ter efeito. Há dez dias o país foi surpreendido com a nova versão do Orçamento que prevê uma elevação de mais de U$ 10 bilhões nos gastos do governo e igual aumento na estimativa das receitas. (*Folha de São Paulo*, 13/5/1994.)

18. (AFTN) Está correta a concordância verbal na sentença:
a) As discussões que se trata sobre a questão do endividamento externo serão o tema central do encontro.
b) Durante o seminário, apresentou-se três propostas diferentes de revisão da lei salarial.
c) Incluir-se no parecer do relator as alterações aceitas de comum acordo para todos os partidos.
d) Seria ingênuo pensar que as restrições palacianas ao projeto decorre apenas de idiossincrasias pessoais.

e) Positivamente falta clareza e seriedade na condução dos negócios públicos.

19. (AFRF – Esaf) Assinale a opção que apresenta erro de concordância verbal.
a) A Internet não é um acontecimento sem paralelo na História da humanidade.
b) Ela tem muito em comum com o telégrafo, inventado na década de 1830, que acarretou também uma redução brutal nos custos de comunicação e aumentou o fluxo de informações na economia.
c) Mas em hipótese alguma a Internet virou totalmente de cabeça para baixo os pressupostos econômicos tradicionais.
d) O valor da tecnologia da informação e da Internet residem em sua capacidade de armazenar, analisar e transmitir informações instantaneamente, seja para onde for, a um custo ínfimo.
e) A tecnologia da informação e a Internet amplificam o poder da mente da mesma forma que as tecnologias da Revolução Industrial amplificaram o poder dos músculos.

20. (Técnico Ambiental – Petrobras – Cesgranrio) A concordância está de acordo com a norma-padrão em:
a) Vai acontecer muitas inovações no século XXI.
b) Existe cientistas que investigam produtos para 2050.
c) A maioria dos brasileiros acredita que o mundo vai melhorar.
d) O passeio aos planetas e às estações espaciais vão ser normais no futuro.
e) Daqui a alguns anos, provavelmente haverão lojas com robôs vendedores.

21. (Técnico Judiciário – TRE-PA – FGV) ***Desse valor, R$ 265 milhões são oriundos do Orçamento da União*****...**
Assinale a alternativa em que se tenha mantido correção gramatical ao se alterar o trecho acima.
a) Desse valor, R$ 1,9 milhões são oriundos do Orçamento da União...
b) Desse valor, R$ 0,25 milhões são oriundos do Orçamento da União...
c) Desse valor, R$ 1,3 milhões é oriundo do Orçamento da União...
d) Desse valor, R$ 0,98 milhão são oriundos do Orçamento da União...
e) Desse valor, R$ 1,25 milhão é oriundo do Orçamento da União...

22. (Técnico Judiciário – TRE-RN – FCC) Com a substituição dos segmentos grifados pela expressão entre parênteses ao final da transcrição, o verbo que deverá ser colocado no plural está em:
a) *... em breve, o local vai abrigar um complexo voltado principalmente para o turismo religioso. (a região do Agreste/Trairi).*
b) *A ocupação portuguesa só se efetivou no final do século, com a fundação do Forte dos Reis Magos e da Vila de Natal. (A ocupação pelos portugueses).*
c) *A região é grande produtora de sal, petróleo e frutas... (A região de dunas, falésias e praias desertas).*
d) *O turismo de aventura encontra seu espaço no Polo Serrano ... (O turismo voltado para*

atividades de aventura).
e) *... e começou a ganhar importância* <u>*a extração do sal*</u> *... (os recursos obtidos com a extração do sal).*

23. (Analista de Gestão em Saúde – Fiocruz – FGV) "A maioria dessas pesquisas aponta para um aumento..."; no caso desse segmento do texto, há uma dupla possibilidade de concordância, como no seguinte trecho:
a) As pesquisas sobre o tema privilegiaram a estética.
b) Um milhão de pesquisas já mostrou essa verdade.
c) Bandos de pesquisadores trabalhavam sobre o tema.
d) Os telefones celulares são um problema para a segurança.
e) Milhares de telefones celulares são empregados no Brasil.

24. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) Quanto às normas de concordância verbal, está plenamente correta a frase:
a) Há desculpas que a ninguém compete pedir, mas Godofredo Rangel parecia pedi-las, quando se lhe reconheciam qualidades de escritor.
b) O isolamento em que vivem os artistas nas pequenas cidades do interior acabam por torná-los uns melancólicos.
c) Por que não se reconhece os atributos de um bom tradutor, que bem poderia lhe propiciar o mesmo prestígio devido a um ficcionista?
d) Os sociólogos costumam condenar os estereótipos, mas Drummond vale-se deles para admitirem os laços singulares de sua amizade.
e) Não faltam aos mineiros de grande sensibilidade, afirma Drummond, ainda quando distantes, o calor dos grandes afetos.

25. (Técnico judiciário – TJ-RJ – FCC) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do plural para preencher de modo adequado a lacuna desta frase:
a) Será que um dia se ..... (**atingir**) a cifra de inimagináveis vinte bilhões de habitantes?
b) Infelizmente não ..... (**caber**) aos homens, desde a sua criação, escolher a solidariedade como seu atributo natural.
c) Não é difícil imaginar o que nos ..... (**reservar**) o adensamento das aglomerações urbanas.
d) Aos jornais se ..... (**impor**) reduzir as páginas, o mesmo ocorrendo com o palavreado de seus articulistas.
e) Até mesmo a regime de emagrecimento ..... (**dever**) submeter-se os homens do futuro.

26. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – FCC) Com as alterações propostas entre parênteses para o segmento grifado nas frases abaixo, o verbo que poderá permanecer corretamente empregado no singular está em:
a) <u>*1 milhão*</u> *entrou no país pelo Valongo* **(1 milhão de escravos).**

b) *Quando foi proibida a importação de escravos* **(as atividades escravocratas).**
c) *O Império construiu o Cais da Imperatriz* **(os representantes do Império).**
d) *O maior porto de chegada de escravos desapareceu* **(Os portos).**
e) *O Valongo deixou de ser porto negreiro em 1831* **(As adjacências do Valongo).**

27. (Analista Judiciário – TRE-SP – FCC) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do plural para preencher de modo adequado a lacuna da seguinte frase:
a) As acusações que ..... (**promover**) quem defende o "assembleísmo" baseiam-se na decantada "soberania" das assembleias.
b) Não ..... (**convir**) aos radicais da meritocracia admitir que pode haver boas resoluções obtidas pelo critério do voto.
c) Por que ..... (**haver**) de caber a um simples passageiro as responsabilidades do comando de uma aeronave?
d) O que aos bons políticos não ..... (**poder**) faltar, sobretudo nos momentos de decisão, é o espírito público.
e) Não ..... (**caber**) às associações de classe, em assembleias, avaliar o mérito técnico, julgar a qualificação profissional de alguém.

28. (Analista Judiciário – TRT-1ª Região – FCC) O verbo que pode ser empregado corretamente também no singular, sem outra alteração na frase, está grifado em:
a) *... por aquelas pedras passaram pelo menos 600 mil escravos trazidos d'África.*
b) *Metade deles tinham entre 10 e 19 anos.*
c) *Em 1817, contaram-se 50 salas...*
d) *Os milhares de africanos que morreram por conta da viagem [...] foram jogados numa área...*
e) *... os dois pesados volumes da obra estão criteriosamente ilustrados.*

29. (AFC – Esaf) Assinale a opção sem erro de concordância.
a) O peso do reajuste de 10% da tabela de Imposto de Renda das pessoas físicas nas contas públicas – inserido em medida provisória que tem provocado tantas dissensões no Congresso – poderia ser amortecido com folga se não tivesse sido criado, há dez anos, dois mecanismos para aliviar o bolso de grandes empresas.
b) No campo dos benefícios dos transgênicos está a maior produtividade e o menor uso de defensivos agrícolas. Por outro lado, passível de discussão e pendente de provas científicas estão os malefícios ao meio ambiente e à saúde do homem.
c) Estudo comprovou que fatores hormonais podem aumentar a susceptibilidade de meninas à infestação por piolhos. A incidência discriminada por grau de intensidade de infestação e idade mostram que, entre os seis e oito anos, a parasitose alcança o nível máximo.
d) Em áreas de integração econômica que já alcançaram a fase de mercado comum (definida na União Europeia como fusão de mercados nacionais), o processo de eliminação de barreiras alfandegárias impede o uso de instrumentos fiscais que possam

dificultar a livre circulação de mercadorias, ou seja, exclui-se o uso do tributo com fins de controle fiscal.
e) Os intercâmbios econômicos entre os Estados, no cenário mundial, quando não inseridos em blocos de integração (como, por exemplo, as trocas comerciais entre Brasil e Espanha), também se veem afetados por novas perspectivas da fiscalidade e pela exigência de se excluir esses controles.

30. (Bacen – Esaf) Assinale a opção em que o trecho foi transcrito com erro de concordância verbal.
a) Antes da criação do Banco Central, as autoridades monetárias brasileiras eram a Superintendência da Moeda e do Crédito – Sumoc, o Banco do Brasil – BB e o Tesouro Nacional que, em conjunto, exerciam funções típicas de um banco central, paralelamente ao desempenho de suas atribuições próprias.
b) A Sumoc, criada com a finalidade de exercer o controle monetário e preparar a organização de um banco central, fixava os percentuais de reservas obrigatórias dos bancos, as taxas do redesconto e da assistência financeira de liquidez, bem como os juros sobre depósitos bancários.
c) Além de receberem os depósitos compulsórios e voluntários dos bancos comerciais, o Banco do Brasil, por sua vez, desempenhava as funções de controlador das operações de comércio exterior, executor de operações cambiais em nome de empresas públicas e do Tesouro Nacional, executor das normas estabelecidas pela Sumoc e pelo Banco de Crédito Agrícola, Comercial e Industrial.
d) O Tesouro Nacional era o órgão emissor de papel-moeda, cujo processamento, por ser complexo, acabava envolvendo diversos órgãos do governo. No ato da criação do Banco Central, no entanto, não ocorreu o seu completo aprimoramento institucional.
e) Embora o Tesouro Nacional fosse o banco emissor, realizava as emissões em função das necessidades do Banco do Brasil e não detinha com exclusividade os depósitos das instituições financeiras, que recolhiam suas reservas voluntárias ao Banco do Brasil, além de diversas outras disfunções.
(Trechos adaptados de http://www.bcb.gov.br – Histórico.)

31. (TRF – 1ª Região – FCC) As normas de concordância verbal estão inteiramente respeitadas somente na frase:
a) Quando se fatigam os corpos, as almas restam mais sossegadas e limpas.
b) O que aflige o autor é os compromissos e os ofícios vãos, com os quais se envolvem permanentemente.
c) Não dura senão um rápido instante os vislumbres de uma vida mais simples.
d) Todas as coisas que se sonha nascem de carências reais.
e) Se houvessem mais coisas simples em nossa vida, não sonharíamos tanto com elas.

32. (TRF – 1ª Região – FCC) Para preencher de modo correto a lacuna da frase, o verbo indicado entre parênteses deverá adotar uma forma do plural em:
a) As normas que num código legal se (estipular) devem acompanhar a prática das ações

sociais.
b) As recentes alterações que (haver) no Código Civil brasileiro são elogiáveis em muitos aspectos.
c) Não nos (dizer) respeito definir o que é ou não é legítimo, se não distinguimos entre o que é e o que não é um fato social.
d) Se dos postulados dos códigos (nascer) todo direito, a justiça humana seria uma simples convenção.
e) Ao longo das lutas feministas tanta coisa se (conquistar) que muitos dispositivos legais se tornaram imediatamente obsoletos.

33. (TTN) Indique o texto que contém <u>defeito</u> na estrutura sintática.
a) O culto dos deuses africanos no Brasil abrangem diferentes ritos, aos quais se convencionara denominar "nações".
b) As culturas negras que mais contribuíram para a consolidação das religiões africanas no Brasil vieram de diferentes regiões, cada uma com deuses, rituais e línguas próprias.
c) As nações, são portanto, organizações originárias de diferentes etnias, troncos linguísticos e regiões africanas, que se constituíram no Brasil através de agrupamentos de escravos de diversas origens, em processos de sincretismo às vezes originados na África.
d) Hoje, em São Paulo, podem ser encontradas casas de três vertentes básicas. As matrizes culturais predominantes são banto, iorubá e fon. Há também variações angolas do tipo congo.
e) Num terreiro pode ser encontrado mais de um rito, além da umbanda e do candomblé, este em geral incorporado como rito paralelo.
(Reginaldo Prandi e Vagner Gonçalves, com adaptações.)

34. (TRF – 5ª Região – FCC) Para preencher corretamente a lacuna, o verbo indicado entre parênteses deverá ser flexionado numa forma do plural na seguinte frase:
a) A menos que se (perder) no tempo, essas imagens "higienizadas" testemunharão para sempre a insensibilidade de nossa época.
b) Uma das marcas dessas transmissões jornalísticas (estar) nas semelhanças que guardam com as imagens de um jogo eletrônico.
c) Mesmo que não (criar) outros efeitos, esse tipo de transmissão já seria nocivo por implicar a banalização da violência.
d) Se tudo o que as câmeras captassem (chegar) até nós, sem uma edição maliciosa, nossas reações seriam bem outras.
e) As pessoas a quem se (dirigir) esse tipo de telejornalismo são vistas mais como consumidores de entretenimento do que como cidadãos.

35. (Analista Judiciário – TRT-14ª Região – FCC) Estão plenamente observadas as normas de concordância verbal na frase:
a) Destinam-se aos homens-placa um lugar visível nas ruas e nas praças, ao passo que lhes é suprimida a visibilidade social.

b) As duas tábuas em que se comprimem o famigerado homem-placa carregam ditos que soam irônicos, como "compro ouro".
c) Não se compara aos vexames dos homens-placa a exposição pública a que se submetem os guardadores de carros.
d) Ao se revogarem o emprego de carros-placa na propaganda imobiliária, poupou-se a todos uma demonstração de mau gosto.
e) Não sensibilizavam aos possíveis interessados em apartamentos de luxo a visão grotesca daqueles velhos carros-placa.

36. (Sefaz-SP – FCC) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do plural para preencher corretamente a lacuna da frase:
a) Sempre ..... (**poder**) caber a quem tenha escrito um belo poema os aplausos de um leitor que se disporá a parodiá-lo.
b) Não ..... (**costumar**) haver, nas viagens de trem, passageiros vociferando por causa de um contratempo.
c) O ritmo dos trens, que ao dos negócios e ao dos amores ..... (**chegar**) a se associar, era uma medida do tempo e da vida.
d) Eram inesquecíveis os momentos que uma parada do trem, nos confins do mundo, nos ..... (**permitir**) desfrutar.
e) A nenhum dos passageiros ..... (**perturbar**), de fato, a vagarosidade daqueles trens cheios de poesia.

37. (TRT – 24ª Região – FCC) Na reconstrução de uma frase do texto, desrespeitou-se a concordância verbal em:
a) Às economias nacionais não se permite, modernamente, que se desenvolvam de modo autônomo e competente.
b) Ainda não se encontraram, para essas duas tendências contraditórias, quaisquer possibilidades de harmonização.
c) Quando não se está ligado ao progresso da vida moderna, como ocorre com boa parte dos brasileiros, paga-se com as consequências do atraso.
d) Devem-se às oscilações dos líderes da economia mundial boa parcela do desequilíbrio da nossa própria economia.
e) Devido à dificuldade de se ajustarem ao ritmo variável da economia mundial, há medidas que, mesmo necessárias, deixamos de tomar.

38. (TRT – 24ª Região – FCC) Para se atender às normas de concordância, é preciso <u>corrigir</u> a forma verbal sublinhada na frase:
a) Não nos <u>parece</u> que sejam irrelevantes quaisquer medidas que visem à preservação de línguas utilizadas pelas minorias.
b) Que não se <u>meça</u> esforços para se preservar ou resgatar um fato cultural que ajude a compreender o nosso passado histórico.
c) <u>Tem havido</u> muitas pressões para garantir os direitos das minorias, tais como a utilização e a veiculação de línguas que resistem ao desaparecimento.

d) As populações a quem interessa preservar seus direitos históricos devem unir-se e mobilizar-se contra medidas autoritárias.
e) Caso politicamente não convenha às autoridades do Ministério das Comunicações proibir o programa "Nheengatu", este será mantido em sua forma original.

39. (Analista Judiciário – TST – FCC) As normas de concordância verbal estão plenamente acatadas em:
a) Aos ateus não se devem dispensar o mesmo tratamento de que foram vítimas os primeiros adeptos do cristianismo.
b) Nunca faltaram aos homens de todas as épocas o recurso das crenças no sobrenatural e a empolgação pelas artes da magia.
c) Não se deixam levar pelas crenças transcendentes quem só costuma atender as exigências do pensamento racional.
d) Poupem-se da ira dos fanáticos de sempre aquele tipo de pesquisador que se baseia tão somente nos fenômenos que se podem avaliar.
e) Nunca se abrandaram nos homens e mulheres que não se valem da fé religiosa a reação hostil dos que se proclamam filhos de Deus.

40. (TRF – 1ª Região – FCC) O verbo indicado entre parênteses adotará obrigatoriamente uma forma do plural para preencher de modo correto a lacuna da frase:
a) Foi nos anos 80 que (ocorrer) a pesquisa dos estudiosos americanos.
b) (resultar) do excesso de exercícios algumas complicações para a nossa vida.
c) Mesmo quando (prejudicar-se) com os excessos, o atleta compulsivo os comete.
d) (acarretar) uma série de malefícios essa ginástica feita de modo compulsivo.
e) Quando (praticar) tantos exercícios, o atleta compulsivo não avalia os efeitos.

41. (TRT – 20ª Região – FCC) A concordância está feita corretamente em:
a) Os poucos anos de escolaridade do trabalhador são insuficientes para um bom uso das inovações tecnológicas.
b) O número de postos de trabalho geralmente aumentam quando as empresas elevam a produtividade.
c) Os trabalhadores que perdem o emprego pode ser admitido em novos postos, dependendo do nível de escolaridade.
d) Existe vários efeitos que é resultante da aplicação da tecnologia, capazes de gerar novos empregos.
e) A recuperação de novos postos de trabalho nas empresas são possíveis para candidatos com formação adequada a eles.

42. (TRT – 21ª Região – FCC) As formas verbais sublinhadas respeitam as normas de concordância na frase:
a) Não caberiam aos caboclos ter consciência de todas as coisas que o progresso lhes trariam.
b) Entre os diversos fatores que determinam o estresse, um dos mais importantes está

nos hábitos alimentares.
c) Toda a comunidade de Aracampinas acabaram por se envolver em tanta melhoria que passaram a ficar ao seu alcance.
d) Tão logo surgiu, as primeiras manifestações de estresse deixou bem claro que se deviam às novidades do cotidiano.
e) Fogão a gás, televisão, luz elétrica, tudo fascinavam os caboclos, a quem ninguém advertiram da outra face da moeda.

43. (TRT – 21ª Região – FCC) O verbo indicado entre parêntenses deverá se flexionar numa forma do plural para completar corretamente a lacuna da frase.
a) Por mais que se (haver) beneficiado com o progresso, os caboclos não deixaram de sofrer algumas de suas desvantagens.
b) Em todas as vezes que se (falar) dos benefícios do progresso, costuma-se omitir o quanto ele pode ser prejudicial.
c) Até mesmo às fraldas descartáveis (ter) acesso, agora, a mulher que vive em Aracampinas.
d) Entre as novidades com que se (entusiasmar) o morador de Aracampinas estão a televisão e o telefone.
e) Pouca gente (poder) censurar a atração que têm os moradores pelas novidades que chegaram a Aracampinas.

44. (TRT – 24ª Região – FCC) As normas de concordância estão inteiramente respeitadas na frase:
a) Muitos julgam imprescindíveis que se consulte os especialistas para que se avalie com precisão os livros de uma velha biblioteca.
b) Qualquer um dos que entram desprevenidos numa velha biblioteca podem se defrontar com surpresas de que jamais se esquecerá.
c) Mesmo que hajam passado cem anos, as fotos revelam instantâneos de um presente perdido, no qual não se contava com os efeitos do tempo.
d) Nada do que se lê nos grandes livros, mesmo quando extinta a época em que foram escritos, parecem envelhecidos para quem os compreende.
e) Lá estão, como se fosse hoje, a imagem das jovens e sorridentes senhorinhas daqueles tempos, inteiramente alheias ao passar do tempo.

45. (TRT – 24ª Região – FCC) O verbo indicado entre parênteses adotará, obrigatoriamente, uma forma no plural, ao se flexionar na seguinte frase:
a) À grande maioria dos livros de uma biblioteca (caber) um destino dos mais melancólicos.
b) É comum que livros antigos, na perspectiva de um herdeiro pouco afeito às letras, (representar) mais um incômodo do que uma dádiva.
c) (costumar) haver muitas surpresas para quem se propõe a vasculhar uma antiga biblioteca.
d) Pouca gente, tendo o compromisso de avaliar uma biblioteca, (saber) separar com

rigor os livros valiosos dos que não o são.
e) (ocorrer) a muitos imaginar que uma velha biblioteca valerá mais pela quantidade do que pela qualidade dos livros.

46. (TRT – 24ª Região – FCC) O verbo indicado entre parênteses deverá ser flexionado numa forma do singular para preencher corretamente a lacuna da seguinte frase:
I. Ninguém, entre nós, (habilitar-se) a tempo de se inscrever no próximo concurso.
II. A quitação de todas as prestações restantes só se (dar) se ganharmos a causa.
III. Por mais que nos (ameaçar) de recorrer à justiça, nossos fiadores sabem que não nos é possível quitar essa dívida.
Atende ao enunciado da questão somente o que está em:
a) I e II;
b) I e III;
c) II e III;
d) II;
e) III.

47. (AFC – Esaf) Assinale a norma gramatical que justifica, com correção e propriedade, a flexão plural do verbo ser no período abaixo:
"Já é mais do que conhecido que o principal problema do sistema tributário nacional são justamente as contribuições, e não os impostos propriamente ditos".
(Revista CNT, "Lixo tributário".)
a) "Com os verbos ser e parecer a concordância se faz de preferência com o predicativo, se este é plural" (Luiz Antonio Sacconi).
b) "Nas frases em que ocorre a locução invariável é que, o verbo concorda com o substantivo ou pronome que a precede, pois são eles efetivamente o seu sujeito" (Celso Cunha & Lindley Cintra).
c) "Se tanto o sujeito como o predicativo forem personativos e nenhum dos dois for pronome pessoal, a concordância será facultativa (pode-se concordar com o sujeito ou o predicativo)" (Dileta S. Martins & Lúbia S. Zilberknop).
d) "Expressões de sentido quantitativo (...) acompanhadas de complemento no plural admitem concordância verbal no singular ou no plural" (*Manual de Redação da Presidência da República*).
e) "Se o sujeito composto tem os seus núcleos ligados por série aditiva enfática (...), o verbo concorda com o mais próximo ou vai ao plural (o que é mais comum quando o verbo vem antes do sujeito)" (Evanildo Bechara).

48. (TRT – 7ª Região – Esaf) Para cada verbo sublinhado no texto, fez-se corresponder uma regra gramatical (com letra idêntica). Indique a regra que não explica nem se aplica à concordância verbal empregada.
Pelo menos 90% dos brasileiros <u>são</u>(a) pobres. O que não quer dizer que os 10% restantes <u>sejam</u>(b) ricos. No século vinte, o Brasil foi um entre os cinco países que mais <u>cresceram</u>(c) no mundo. Junto com nossas mazelas, <u>cresceram</u>(d) também o número de

brasileiros e a expectativa de vida. Somos, na América Latina, um dos dois países que menos acreditam(e) na democracia. (Octaciano Nogueira, "A tentação de sonhar", *Folha de S. Paulo*, 23/11/2003, p. 21.)

a) Quando o predicado é constituído de verbo de ligação, o verbo e o predicativo deixam-se influenciar pelo número e pelo gênero do partitivo (Napoleão Mendes de Almeida).

b) Se o número percentual vem determinado por artigo ou por pronome adjetivo, faz-se com eles a concordância (Luiz Antonio Sacconi).

c) A expressão mais de um pede o verbo no singular, a não ser que esteja repetida ou haja ideia de reciprocidade (Hileta Martins & Lubia Zilberknop).

d) Se o sujeito for composto, o verbo irá, normalmente, para o plural, qualquer que seja a sua posição em relação ao sujeito (Evanildo Bechara).

e) Quando o relativo que vem antecedido das expressões um dos, uma das (+ substantivo), o verbo de que ele é sujeito vai para a 3a pessoa do plural (Celso Cunha & Lindley Cintra).

49. (AFRF – Esaf) Assinale a opção em que o trecho do texto foi transcrito com erro de concordância.

a) A Superintendência da Receita Federal em Minas Gerais montou equipe de auditores para fiscalizar os integrantes da "máfia" de adulteração de combustíveis. Foram concluídas nos dois últimos meses as primeiras sete ações fiscais, com lançamentos de crédito tributário no valor aproximado de 2 milhões de reais. Outras duas ações fiscais estarão sendo encerradas em breve e vão gerar créditos tributários da ordem de 6 milhões de reais.

b) As fiscalizações já concluídas se referem a empresas, abrangendo também os seus respectivos sócios, sobre os quais pesa a acusação da prática de adulteração de combustíveis, fato este que envolveu até mesmo o assassinato do Promotor que investigava o caso.

c) No decorrer dos trabalhos já encerrados, foram constatados fortes indícios da prática de crime contra a ordem tributária, e, ainda, fraude, sonegação e conluio, tendo em vista a utilização de "laranjas" na constituição das empresas, além da prática do uso de "notas calçadas" e de "livros paralelos".

d) De acordo com as investigações realizadas, a sistemática utilizada para a distribuição irregular dos solventes adquiridos pelas empresas, assim como de combustíveis já adulterados, envolvem a emissão de notas fiscais calçadas e paralelas, além da utilização de empresas "fantasmas" ou inabilitadas, como destinatárias fictícias das mercadorias nas notas fiscais.

e) O trabalho continua e se estende por todo o Estado. Já estão em andamento dezoito outras ações fiscais em pessoas físicas e jurídicas, podendo, após o término do trabalho de pesquisa da equipe, outras ações serem incluídas. Estes programas fazem parte de um esforço coordenado da Receita Federal com outros órgãos, no combate às atividades ilícitas.

(Adaptado de www.receita.fazenda.gov.br, 9/9/2003.)

50. (IRB – Esaf) Assinale o período inteiramente correto quanto às regras gramaticais de concordância.

a) Tornar as regras entre os países que aderirem à Alca – Área de Livre Comércio das Américas – mais eficiente, para permitir, entre outros pontos, que as empresas de seguro consigam, mais facilmente, autorização para operarem nos países que fizerem parte do acordo.

b) Essa é uma das metas do grupo que se reuniu no início desse mês em Miami, nos Estados Unidos, para discutirem a importância de os Governos envolvidos nesse processo iniciarem, o mais breve possível, as negociações visando harmonizar seus sistemas de seguro.

c) Constava também, na pauta de discussão, questões relacionadas com as dificuldades enfrentadas pelo mercado segurador, como a falta de um ambiente regulatório em que predominem a clareza e a estabilidade, o acesso aos mercados e a transparência das negociações.

d) Formado por executivos de várias associações, o grupo determinou ainda que se deve enfatizar as operações de resseguro, mas sempre de acordo com os padrões internacionais de regulamentação da atividade.

e) Os executivos acreditam que o sucesso das negociações, que devem continuar ao longo desse ano, poderão aumentar significativamente as opções de novos produtos disponíveis nos mercados que fizerem parte da Alca, o que, consequentemente, contribuirá para fortalecer o mercado segurador nesses países.

(Baseado em "Brasil e Estados Unidos discutem seguro na Alca", Fenaseg *On-line*.)

27.3. Concordância nominal

O conceito básico é que o adjetivo (ou qualquer outro termo com valor adjetivo) concorde com o termo determinado.

1) **DOIS OU MAIS SUBSTANTIVOS E UM ADJETIVO**

a) **SUBSTANTIVOS ANTEPOSTOS AO ADJETIVO –** poderá haver dois tipos de concordância. A concordância poderá ser por proximidade ou por soma. Na concordância por soma, se um dos substantivos for masculino, este gênero prevalecerá.

Ex.: Aluno e aluna bonita (concordância por proximidade).
Aluno e aluna bonitos (concordância por soma).
Aluna e aluno bonito (concordância por proximidade).
Aluna e aluno bonitos (concordância por soma).

Obs.: Na soma, o termo masculino sempre prevalecerá. Para que haja a forma feminina e plural, na adição dos núcleos, é necessário que todos os elementos, sem exceção, sejam femininos.

b) **SUBSTANTIVOS POSPOSTOS AO ADJETIVO –** há duas visões deveras

divergentes.

1 – O Professor Evanildo Bechara assevera que tanto o adjetivo poderá concordar com o mais próximo dos substantivos como poderá concordar com a ideia somada

Ex.: Lerei interessante (interessantes) jornal e livro.

2 – O Professor Celso Cunha indica que, se o adjetivo possuir função predicativa, poderá ocorrer no singular ou no plural em coerência com a concordância verbal.

Ex.: É simpática a aluna e o aluno. / São simpáticos a aluna e o aluno.

→ Observe que, no primeiro exemplo, "simpática" está no singular concordando com o mais próximo dos núcleos (aluna), tal qual o verbo SER; já, no segundo exemplo, "simpáticos" está no plural, pois concorda com a soma dos núcleos, como também acontece com o verbo SER.

Ex.: Considerei interessante (interessantes) o livro e o jornal.

→ Como interessante(s) funciona nesta frase como predicativo do objeto, tanto poderá ocorrer no singular, concordando com "o livro" ou no plural, com "o livro e o jornal". É interessante, neste momento, você rever a diferença entre predicativo do objeto e adjunto adnominal.

Celso Cunha, ao citar o adjunto adnominal antecedendo dois ou mais substantivos, assegura que a concordância dele se fará apenas com o mais próximo dos núcleos.

Ex.: Lerei interessante livro e jornal.

→ É justamente neste ponto a divergência entre os dois autores. Enquanto Bechara admite a dupla possibilidade de concordância – "interessante" ou "interessantes", independentemente da função sintática do adjetivo –, Celso Cunha aceita somente a concordância atrativa quando o adjunto adnominal – "interessante" – preceder dois ou mais substantivos. Apesar de, particularmente, eu considerar a visão de Evanildo Bechara mais prática e objetiva, não posso omitir que o NCE segue gritantemente a visão de Celso Cunha.

Além disso, o Professor Celso Cunha cita exceções para a regra de adjetivo (adjunto adnominal) precedendo substantivos: sendo os substantivos nomes próprios ou indicadores de parentesco, o adjetivo deverá estar flexionado no plural.

Ex.: Vi, na semana passada, os simpáticos mãe e pai do Aníbal. / Os insuperáveis Carlos e João estarão presentes em nossa festa.

2) **VERBO SER**

Quando o sujeito do verbo "ser" possuir um adjunto adnominal, o

predicativo do sujeito terá o mesmo gênero desse adjunto adnominal. Quando o verbo "ser" não possuir nenhum determinante, o predicativo ficará no masculino (neutro).

Ex.: Cerveja é bom.
A cerveja é boa.
Entrada é proibido.
A entrada é proibida.

3) **ALERTA –** é advérbio e, consequentemente, invariável.

Ex.: Devemos estar sempre alerta.
Os bombeiros ficarão alerta.

4) **QUITE –** é adjetivo, portanto variável.

Ex.: Estou quite.
Estamos quites.

5) **BASTANTE –** quando advérbio, é invariável; quando pronome indefinido, variável.

Ex.: Ele está bastante cansado. Eles estão bastante cansados.
Bastante dia neste ano fez frio. Bastantes dias neste ano fez frio.

BIZU

BASTANTE funciona exatamente como MUITO. Se MUITO puder ser flexionado, BASTANTE também poderá sê-lo.

6) **MEIO –** quando numeral, é variável; quando advérbio, é invariável.

Ex.: Comi meia batata e meio tomate.
Meio-dia; meios-dias; meia-noite; meias-noites.
Ela está meio cansada. Elas estão meio cansadas.
"Agora era um moço de meia-idade" (Fernando Sabino).

7) **HAJA(M) VISTA –** o termo serve para exemplificação. Caso o exemplificado esteja no singular, o verbo somente poderá estar no singular; caso o elemento exemplificado esteja no plural, o verbo tanto poderá vir no singular como no plural.

Ex.: Os últimos fatos foram alegres, haja vista o nascimento de João.
A literatura brasileira é muito rica, haja(m) vista os maravilhosos livros de Machado de Assis.

8) **SÓ –** quando significar sozinho, será variável e, quando significar somente, será invariável.

Ex.: Ele fez o trabalho só. Eles fizeram o trabalho sós. SÓ – SOZINHO

Só ele fez o trabalho. Só eles fizeram o trabalho. SÓ – SOMENTE

"Estávamos a um canto mal iluminado do pátio, quase sós" (Raul Pompéia).

"Só os relógios do céu terão marcado esse tempo" (Machado de Assis).

Obs.: A locução adjetiva "a sós" é invariável.

Ex.: "Ficando a sós com um de cada vez..." (Aluísio de Azevedo).

9) **MUITO OBRIGADA –** As mulheres devem dizer.

MUITO OBRIGADO – Os homens devem dizer.

Ex.: Disse a moça muito obrigada. Ele disse à moça muito obrigado.

10) **ANEXO, INCLUSO, APENSO** são variáveis.

Ex.: A lista de preços inclusa foi aprovada pela diretoria.

As fotografias estavam anexas à carta.

A petição segue apensa ao processo.

11) **EM ANEXO, EM INCLUSO, EM APENSO –** são invariáveis.

Ex.: A lista de preços em incluso foi aprovada pela diretoria.

As fotografias estavam em anexo à carta.

A petição segue em apenso ao processo.

12) **SALVO –** quando significar exceto, será invariável. Quando for o particípio verbal, será variável.

Ex.: Salvo Maria, todos acreditavam em você. Salvo Maria e João, todos acreditavam em você.

Salva Maria, passei a me preocupar com os outros doentes. Salvas Maria e Joana, passei a me preocupar com os outros doentes.

13) **LESO –** é adjetivo, por isso, variável.

Ex.: Foi um crime de lesa-pátria. Foi um crime de leso-patriotismo.

14) **PSEUDO –** é prefixo, por isso, é invariável.

Ex.: Pseudopatriotas. Pseudorrepresentações.

15) **MESMO –** Quando significar "próprio" é variável. Porém quando significar até mesmo é invariável.

Ex.: Ela mesma (própria) fez o almoço. / Mesmo (até mesmo) ela fez o almoço.

16) **POSSÍVEL**

a) nas estruturas com **o mais, o menos, o melhor, o pior, quanto,** o adjetivo possível estará no singular;

Ex.: Fiz todos os esforços quanto possível. / São alunos o mais estudiosos possível.

b) já nas estruturas com **os mais, os menos, os melhores, os piores**, possível virá no plural.
Ex.: São alunos os mais possíveis estudiosos.

17) **TODO**

a) quando for pronome indefinido é variável;
Ex.: Toda pessoa deve investir em ações.

b) quando for advérbio é invariável.
Ex.: Ela está todo preocupada.

Obs.: A população vem adotando a variação, com o respaldo de vários autores, para o advérbio TODO há longa data "Ela está toda preocupada." No adjetivo composto "todo-poderosa", TODO não se pode flexionar.

18) **DADO, VISTO –** Formas adjetivadas variáveis.
Ex.: Dadas as dificuldades, não viajaremos amanhã.

19) **CONCORDÂNCIA COM NUMERAIS**

a) os cardinais aparecendo como ordinais, não há flexão;
Ex.: A camisa dez de Pelé é histórica. / Foi arrancada a página dois do livro

b) na linguagem jurídica é utilizada a seguinte expressão:
Ex.: O documento está a folhas trinta e um do processo.

20) **SILEPSE –** concordância ideológica.
Ex.: V. Exª. é deveras simpático (o adjetivo está na forma masculina, pois o ser a que se refere é homem).

21) **MONSTRO –** funcionando como adjetivo é invariável.
Ex.: Estou com uma dor de cabeça monstro.

27.4. Exercícios

1. (CVM – Esaf) Os períodos seguintes compõem um texto. Marque o que contém erro de estruturação sintática.

a) O filósofo alemão Jügen Habermas vem insistindo: o fim do Estado Nacional como instância reguladora do mercado também torna obsoleta as formas tradicionais do exercício de cidadania.

b) Sofrendo o impacto direto do movimento de globalização econômica, os cidadãos, os tribunais, os parlamentos continuam ilhados nos territórios nacionais.

c) Caso não apareçam instâncias supranacionais de exercício de cidadania, afirma Habermas, haverá uma regressão política no Ocidente.

d) O filósofo alemão fez essas declarações em Paris, pensando sobretudo na Europa, onde medrou e estendeu-se o conceito moderno de democracia.

e) Mas os brasileiros, envolvidos no Mercosul, deveriam ficar atentos ao problema. Convenhamos, a tradição e a prática democrática não são o forte de nossos países. (Luiz

Felipe de Alencastro, *Veja*)

2. (Sefaz – APOFP-SP) Os trechos abaixo constituem sequencialmente um texto adaptado do Editorial do *Correio Braziliense* de 6/1/2009.
Assinale a opção em que o segmento está gramaticalmente correto.
a) Antes dos conflitos, Gaza estava estrangulada. Sitiada entre o mar e o muro construído por Israel (que controlam entradas e saídas de pessoas e produtos), a estreita faixa depende totalmente de Telavive.
b) Representantes do Hamas aceitaram ir ao Egito para negociar uma solução. Até agora as iniciativas foram inútil.
c) A resposta desproporcional já fez centenas de mortos e milhares de feridos entre os civis. No vácuo da transição de governo nos Estados Unidos e dos feriados de fim de ano, os países da Europa faz tentativas de obter trégua afim de abrir espaço para a diplomacia.
d) O bloqueio de dezoito meses escasseou alimentos, agasalhos, remédios. O cessar-fogo, que previa o levantamento do cerco, não obteve êxito. Essa a razão, segundo o Hamas, grupo que controla Gaza, de romper a trégua com lançamento de foguetes contra o país vizinho.
e) Também inútil foram às resoluções da ONU, sistematicamente desrespeitadas ao longo de sessenta anos. No meio do tiroteio, milhões de inocentes. Eles pagam a conta de outros.

3. (Sefaz – APOFP-SP) Os trechos abaixo constituem sequencialmente um texto adaptado do Editorial do *Estado de Minas* de 6/1/2009. Assinale a opção em que o segmento está gramaticalmente correto.
a) Como um rotundo e vergonhoso fracasso – é assim que as autoridades e a própria sociedade deveria encarar os números que provam, mais uma vez, a incontrolável capacidade do motorista brasileiro e das estradas que corta o país de transformar o descanso, o lazer e a viagem em tragédias.
b) Até parece que nunca divulgou-se qualquer coisa à respeito do perigo que se esconde nas curvas mal feitas e no excesso de velocidade nas rodovias, ou sobre a carona para a morte que representa o efeito da bebida sob o motorista.
c) Foi 124 mortes, no período de 20 de dezembro até 4 de janeiro, somente nas estradas que corta o território mineiro. Nas rodovias estaduais, morreram 35 pessoas e 475 ficaram feridas. Na malha rodoviária federal mineira, a tragédia teve dimensão alarmante: 89 mortes, representando aumento de 53% em relação ao ano passado.
d) Afinal, tão inaceitável quanto o tamanho da tragédia é o conformismo com a sua macabra repetição. Se os números deste fim e começo de ano não servirem de combustível para uma reação firme e produtiva, então é por que já se perderam até mesmo o compromisso com a vida.
e) As estatísticas estão aí a desafiar o bom senso e, sobretudo, a honestidade que todos temos de ter para reconhecer que têm faltado indignação e atitude suficientes para se exigir e para se construir o fim dessa barbárie.

4. (Susep) Os trechos a seguir constituem um texto adaptado de *O Estado de S. Paulo*, Editorial, 18/02/2010. Assinale a opção gramaticalmente correta.

a) A decisão da Agência de Proteção Ambiental (EPA) dos Estados Unidos de considerar o etanol produzido à partir da cana-de-açúcar um biocombustível avançado, que reduz a emissão de dióxido de carbono em pelo menos 40% na comparação com a gasolina, derruba uma das principais barreiras à entrada do álcool brasileiro no mercado americano e, desse modo, pode representar a abertura do mercado global para o produto nacional.

b) Para entrar no mercado americano, no entanto o etanol brasileiro precisa vencer outros obstáculos, alguns criados pela política externa do Brasil, como a aproximação ao Irã, que causou a perda do apoio ao produto brasileiro até agora dada pelo Congresso Americano.

c) A certificação do etanol de cana como biocombustível avançado pela EPA é importante para o Brasil. O Ato de Segurança e Independência Energética, de 2007, que define regras para os EUA alcançarem as metas de segurança energética e redução da emissão de gases de efeito estufa, estabelecem um consumo mínimo de biocombustíveis de 45 bilhões de litros em 2010 e de 136 bilhões de litros daqui a 12 anos.

d) Do total de biocombustíveis a ser consumido em 2022, 80 bilhões de litros está reservado para os avançados, que são o celulósico (ainda em fase experimental) e o diesel de biomassa, entre outros. A EPA incluiu o etanol de cana-de-açúcar entre os biocombustíveis avançados, ao reconhecerem que, em relação à gasolina, ele reduz a emissão de dióxido de carbono em 61%, bem mais que o mínimo exigido de 40%.

e) Por isso, do total de 80 bilhões que serão consumidos anualmente daqui a 12 anos, o etanol responderá por 15 bilhões de litros. Esse volume corresponde a três vezes o total exportado pelo Brasil em 2008. Em decisão anterior, a EPA contabilizara os efeitos de emissões associadas ao desmatamento provocado pela expansão das áreas plantadas com cana, e considerara que a redução da emissão de dióxido de carbono em relação à gasolina seria de apenas 26%.

5. (Analista Tributário da Receita Federal) Assinale o trecho do texto adaptado de Maria Rita Kehl (*O tempo e o cão: a atualidade das depressões*. São Paulo: Boitempo, 2009) em que, na transcrição, foram plenamente atendidas as regras de concordância e regência da norma escrita formal da Língua Portuguesa.

a) Paradoxalmente, as mesmas inovações tecnológicas destinadas a nos poupar o tempo de certas tarefas manuais e aumentar o tempo ocioso vem produzindo um sentimento crescente de encurtamento à temporalidade. Tal sentimento talvez esteja relacionado com o encolhimento da duração.

b) A vivência contemporânea da temporalidade é dominada por um subproduto das ideologias da produtividade, às quais reza que se devem aproveitar, ao máximo, cada momento da vida.

c) Desligado do frágil fio que ata o presente à experiência passada, voltado, sofregamente, para o futuro, o indivíduo sofre com o encurtamento da duração. Assim,

desvalorizam-se o tempo vivido e o saber que sustenta os atos significativos da existência.
d) Segundo Bergson, a duração se mede pela sensação de continuidade entre o instante presente, o passado imediato e o futuro próximos; no entanto, nada indica que o registro psíquico dessas duas formas do tempo que alongam o presente devam limitar-se em curtos períodos antes e depois do brevíssimo instante.
e) Talvez a medida do transcorrer do tempo não individual não se assemelhe com o desenrolar de um fio, mas do tecer de uma rede que abriga e embala um grande número de pessoas ligado entre si pela experiência.

6. (Analista Tributário da Receita Federal) Assinale a opção em que o trecho do texto de Emir Sader (*A nova toupeira: os caminhos da esquerda latino-americana*) foi transcrito com correção gramatical.
a) Atualmente, as alternativas de contraposição a hegemonia enfrentam os dois pilares centrais do sistema dominante: o modelo neoliberal e a hegemonia imperial estadunidense. É no confronto com aqueles que se tem de medir o processo de construção de "outro mundo possível", para se analisar seus avanços, revezes, obstáculos e perspectivas.
b) De certa maneira, pode-se resumir os eixos que articulam o poder atual no mundo à partir de três grandes monopólios: o das armas, o do dinheiro e o da palavra. O primeiro reflete a política de militarização dos conflitos, em que os Estados Unidos acreditam dispor de superioridade inquestionável.
c) A região tem-se mostrado refratária a política de guerra infinita promovida pelos Estados Unidos. Internamente, a Colômbia, epicentro regional da política estadunidense, permanece isolada. No entanto, em seu conjunto, a América Latina produziu espaços de autonomia relativa no tocante a hegemonia econômica e política dos Estados Unidos, o que a torna o elo mais frágil da cadeia neoliberal no século XXI.
d) O terceiro trata-se do monopólio da mídia privada no processo – profundamente seletivo e antidemocrático – de formação da opinião pública. Palco inicial da implantação do modelo neoliberal e sua vítima privilegiada, a América Latina passa por uma espécie de ressaca do neoliberalismo, com governos que rompem com o modelo e com outros que buscam readequações que lhe permitam não sucumbir com ele.
e) O segundo retrata a política neoliberal de mercantilização de todas as relações sociais e dos recursos naturais, que tem buscado produzir um mundo em que tudo tem preço, tudo se vende, tudo se compra e cuja utopia são os grandes centros de compras.

7. (Aneel – Esaf) Assinale a opção gramaticalmente correta.
a) A liberação dos recursos abre uma nova fase do programa "Luz para Todos", que é coordenado pelo Ministério de Minas e Energia e foi lançado em novembro de 2003.
b) Durante esse período, foram instalados comitês gestores estaduais, assinados os termos de compromisso com os estados e finalizados as negociações com as concessionárias para definição das condições contratuais e do valor das obras.
c) A próxima etapa será a assinatura dos contratos entre as concessionárias e os

governos estaduais, também parceiro do programa.
d) O acesso à energia elétrica será gratuita para todos os consumidores. As famílias de baixa renda cadastradas nos programas sociais do Governo Federal receberão gratuitamente as ligações internas de suas residências.
e) Hoje, mais de 12 milhões de brasileiros não tem acesso à energia elétrica, o equivalente à soma da população dos Estados do Piauí, Mato Grosso do Sul, Amazonas e Distrito Federal.

8. (Maranhão – Sepog – Agente de Polícia – Biólogo – FCC) A concordância está inteiramente correta na frase:
a) Ao longo da História, líderes religiosos e políticos, de vastíssimo conhecimento, ordenaram a destruição de livros.
b) Paixões humanas podem serem destrutivas, como documenta diversas obras históricas em épocas e lugares diferentes.
c) Conta a História que teria sido destruído obras importantes e significativas para o desenvolvimento cultural da humanidade.
d) É assustador os relatos de danos causados a instituições culturais no Iraque, após a invasão do exército americano.
e) A queima de livros em diferentes épocas históricas atestam a força destruidora do fanatismo, tanto político quanto religioso.

9. (TRE MS – TJ – Área Adm. – FCC) A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:
a) Observa-se, na Amazônia, algumas clareiras de desmatamento, que parece surgir sem ligação com a presença humana, embora possam ser avistadas áreas de pastagens.
b) Imagens de satélites indica a existência de enormes áreas de pastagens em locais onde era antes apenas matas de transição, entre a floresta fechada e o cerrado.
c) Pequenos animais da floresta, assim como os pássaros, é vetor que disseminam sementes, indispensável para a permanência da mata principal.
d) Parques indígenas da Amazônia oferece vasta extensão de mata preservada, que se tornam de grande interesse para a conservação da biodiversidade.
e) Nas áreas desmatadas para a abertura de pastos e depois abandonadas, arbustos formam uma variada mata secundária, à medida que as invadem.

10. (MPU /An. – Área Arq. – FCC) A concordância está totalmente de acordo com a norma-padrão da língua em:
a) Acredito que as orientações dele, porque parecem pouco claro, não terão de serem seguidas antes de um esclarecimento maior.
b) Considerou digna de ser encaminhada a julgamento dos avaliadores a última versão do projeto-piloto, pois, se podem existir fragilidades, elas certamente hão de ser mínimas.
c) Elas se consideraram responsável pelo erro e julgaram legítimo as cobranças que lhe serão feitas de agora em diante.

d) Dado as contingências do momento, os diretores houveram por bem atender aos prazos, e prometeram reavaliar, tanto quanto fossem, as demais exigências do contrato.
e) Devem fazer mais de três meses que não os vejo; tantos dias de afastamento poderia ser entendido como descaso, mas quero dizer que lhes dedico muito afeto.

11. (TCE – MG/Eng. Perito – FCC) Quanto à concordância verbal, a frase inteiramente correta é:
a) Entre as questões essenciais, que a todo cientista deve importar, estão as que se prendem à origem e ao destino do ser humano.
b) Não houvesse outras razões, bastaria a propriedade das perguntas que lhe dirigiu o público para fazê-lo sentir-se um professor privilegiado.
c) Só é dado alimentarem a curiosidade e a insatisfação ao cientista que não abdica de fazer as perguntas fundamentais.
d) Diante do interesse que representavam cada uma das perguntas que lhe cabiam responder, o professor sentiu-se um privilegiado.
e) O autor considerou um privilégio o fato de o interrogarem, com perguntas tão instigantes, aquele público curioso que encontrou na escola.

12. (Administrador – Casa da Moeda – Cesgranrio) No que se refere ao fenômeno da concordância nominal, no subtítulo do texto, o termo textuais também admite a forma singular.
O período em que, conforme a norma-padrão, o termo destacado pode assumir tanto a forma singular quanto a plural é:
a) **Bastantes** poemas foram lidos na aula.
b) Custam **caro** os jornais de domingo.
c) Vendem-se quadros e esculturas **usados**.
d) Compramos livro e jornal **velhos**.
e) Na estante, dicionário e livros **jogados**.

13. (Fiscal – ISS – RJ) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado de *O Estado de S. Paulo*, Editorial, de 1/6/2010.
Assinale a opção em que não foram inseridos erros gramaticais e o trecho foi transcrito de forma gramaticalmente correta.
a) Os consumidores pagam juros maiores porque obtém crédito com prazos maiores e prestações menores. Alguns fatos recentes estão contribuindo para um aumento da demanda, assim como, das pressões inflacionárias.
b) A economia brasileira vive um processo de aquecimento que as últimas modificações da conjuntura estão agravando. O aquecimento tem sua origem no inchaço cada vez maior da demanda doméstica, que até agora não foi afetada pelo aumento da taxa Selic.
c) À política de "bondades" do governo, em vigor nos últimos meses, veio se acrescentar à do Legislativo, que se aproveita do período eleitoral para propor medidas mais condescendentes. Isso aumenta perigosamente o poder aquisitivo da população.
d) Chegamos, agora, a uma situação de quase pleno emprego, em que os salários não

são mais determinados pela qualificação da mão de obra, mas pela dificuldade de contratar os trabalhadores necessários. O resultado é um aumento salarial duradouro, cujo peso na formação de preços.
e) É claro que a indústria tem dificuldades em acompanhar o ritmo de crescimento da demanda doméstica, recorrendo para isso à importações, que nem sempre têm preços menores do que os apresentados pela produção nacional.

14. (Analista de Controle Interno – Sefaz-RJ – FGV) ***Nesse sentido, se a evasão tributária é uma doença social, seu combate ou tratamento não pode ficar restrito aos seus agentes; é necessário o envolvimento de toda a sociedade*****. Assinale a alternativa em que a alteração do trecho destacado no período acima NÃO tenha sido feita de acordo com a norma culta. Não leve em conta alteração de sentido.**
a) é necessária a discussão aberta entre todos os membros da sociedade
b) é necessário debate com toda a sociedade
c) é necessário abertura política para se discutir a questão
d) é necessária participação de toda a sociedade
e) é necessária a organização de um debate público a respeito da questão.

15. (Fiscal da Receita Estadual – AP – FGV) Assinale a alternativa que apresenta uma concordância nominal incorreta.
a) Persistência é necessário à obtenção de resultados positivos na carreira profissional.
b) As questões definidas serão bastantes para a arguição do doutorando.
c) Vão incluídos na pasta do congressista a programação e o mapa dos locais dos eventos.
d) Consideraram-se satisfatórios os resumos encaminhados à organização do simpósio.
e) Anexo à tese vão as cópias dos documentos históricos referidos no artigo.

16. (Técnico Judiciário – 23ª Região – FCC) A concordância verbal e nominal está inteiramente correta em:
a) O interesse pelos acontecimentos que envolveram os cangaceiros e seus hábitos peculiares levam sempre a novas interpretações desse fenômeno do sertão brasileiro.
b) A roupa com proteção de couro e o chapéu de abas viradas, que facilitavam a visão de emboscadas, traziam adereços que buscava resguardar os integrantes do bando.
c) Consta que os cangaceiros, num gesto de grandeza, quando pretendia invadir uma determinada fazenda, informava ao dono o dia e a hora desse ataque.
d) A vestimenta adotada pelos cangaceiros eram uma adaptação da roupa dos vaqueiros sertanejos, adequado ao ambiente, com o calor do dia e o frio da noite.
e) Para esses guerreiros surgidos com o cangaço, os elementos que compunham seu traje criavam uma espécie de blindagem contra os perigos que corriam.

17. (Oficial de Defensoria Pública – Defensoria Pública-SP – FCC) A concordância verbal e nominal está inteiramente correta na frase:
a) As mais recentes descobertas da ciência pode levar ao desenvolvimento de

tratamentos que controlem a perda de memória, melhorando a capacidade cerebral.
b) Os pesquisadores descobriram que existe situações que favorece a memorização mais duradoura, possibilitando a realização das tarefas cotidianas no trabalho, por exemplo.
c) Está sendo feito estudos sobre a capacidade do cérebro humano de reter informações e processá-las, o que torna possível as lembranças do que aconteceu.
d) A visão de uma obra de arte dispara a comunicação entre neurônios, e o tamanho do impacto causado pela imagem é o que define como será guardada na memória.
e) Memória implícita é aquela que se refere aos conhecimentos, hábitos e habilidades, como andar de bicicleta, que é evocado de maneira automática.

18. (Esaf) Levando em consideração as regras de concordância nominal, escreva (1) para as frases corretas e (2) para as incorretas.
( ) Quando a senhora terminou de abrir as malas, já era meio-dia e meia.
( ) A própria sogra presenciou a abertura das malas; sim, ela mesmo.
( ) Anexo àquela carta destinada ao pai da moça, foram remetidas as joias.
( ) Ao final da tarde, a senhora mostrava-se meio apreensiva.
( ) Naquelas bagagens havia joias muito preciosas.
A sequência correta é:
a) 1, 1, 2, 2, 1;
b) 2, 1, 1, 2, 2;
c) 1, 2, 1, 2, 1;
d) 2, 2, 1, 1, 2;
e) 1, 2, 2, 1, 1.

19. (Esaf) Aponte o trecho correto, no tocante à concordância.
a) Muitos com certeza ficaram surpresos com a quantidade de cartazes que, de uma hora para outra, foi espalhado pelos quatro cantos da universidade.
b) Mais uma vez as chapas se formaram às escondidas dos estudantes, sem que se tivessem qualquer acesso às informações.
c) Nossa postura sempre foi a de procurar ampliar as possibilidades da participação do maior número possíveis de estudantes neste processo.
d) O caminho mais correto seria a formação de uma chapa ampla que englobasse todas as posições e correntes de pensamento, e que estas representassem o fruto das discussões que foi levado nas reuniões de cada departamento.
e) Obedecendo ao prazo legal, a discussão será restrita e o espaço destinado às campanhas eleitorais será expressamente curto; não concordamos em limitações ou restrições às discussões necessariamente sérias.

20. (AFTN – Esaf) Marque o conjunto que apresenta uma concordância <u>não</u> compatível com a norma padrão:
a) Atitudes e gestos belicosos / belicosas atitudes e gestos.
b) Amor e ira eternos / eterna ira e vingança.
c) Os preocupados pai e mãe / os famosos Machado e Alencar.

d) Seguem em anexo as fotos / Seguem anexas as fotos.
e) Os candidatos não eram nenhum bobocas / Não votaram em candidato nenhum.

21. (Área Administrativa – TRF- 4ª Região – FCC) A concordância verbo-nominal está Inteiramente correta na frase:
a) Em todas as épocas, ocorreram ataques de elefantes em várias regiões, porém a média de pessoas expostas a eles era quase insignificante.
b) O sentimento familiar entre manadas de elefantes são intensos, e muitas vezes os ataques de um animal constitui reação a uma iniciativa humana.
c) Elefantes que desenvolvem comportamento agressivo acaba abatidos a tiro para que se evite os ataques a pessoas e a propriedades.
d) Imagens do cérebro de elefantes apresentadas em estudo recente apontou a importância do convívio com animais mais velhos durante a infância.
e) Nos últimos anos, na Índia, foi morta mais de 500 pessoas, atacadas por elefantes em fúria, aparentemente explicáveis por stress pós-traumático.

22. (TFC – Esaf) Assinale a opção em que <u>não</u> há <u>erro</u>.
a) Seguem anexo os formulários pedidos.
b) Não vou comprar esta camisa. Ela está muito caro!
c) Estas questões são bastantes difíceis.
d) Eu lhes peço que as deixem sós.
e) Estando pronto os preparativos para o início da corrida, foi dada a largada.

23. (TRE – MT) De acordo com a norma culta, só está <u>incorreta</u> a concordância do termo grifado em:
a) Remeto-lhe <u>anexo</u> as certidões.
b) No shopping ela comprou vestidos e roupas <u>caras</u>.
c) Na reunião foi discutida a política <u>latino-americana</u>.
d) É meio-dia e <u>meia</u>.
e) <u>Bons</u> argumentos foram apresentados na exposição do conferencista.

24. (TRE – RO) Marque a opção em que está correta a concordância.
a) Informatizou-se algumas juntas apuradoras.
b) Ler o quê? Escrever o quê? Aí as coisas ficaram bastantes esquisitas.
c) Fazem alguns anos que a fraude eleitoral se instalou em alguns Estados.
d) Seria necessário os computadores para se evitar as fraudes das eleições passadas.
e) Deveriam existir, em todos os Estados, eleições informatizadas.

25. (TRE – RJ) Com relação ao adjetivo sublinhado, há erro de concordância nominal em:
a) Estavam <u>atrasados</u> a irmã e o irmão.
b) A loja vendera carros e moto <u>usadas</u>.
c) Ele comprou mamões e mangas <u>maduras</u>.
d) As listas de preço seguiam <u>anexas</u> a esta carta.

e) Os trabalhadores não quiseram fazer horas extras.

26. (Fiscal – ISS – RJ) Assinale a opção em que, ao ser transcrito, o fragmento do editorial adaptado da Revista *Veja*, de 4 de agosto, 2010, desrespeitou a gramática da norma culta.

a) Assim, resistiu as intempéries desencadeadas pela crise internacional e continua no rumo certo. Os indicadores são tão bons que uma bravata se espalhou pelos cinco continentes como se for realidade.

b) O Brasil vai muito bem graças ao permanente compromisso com a estabilidade, o dinamismo da iniciativa privada, a racionalidade e a regulação avançada do eficiente sistema bancário.

c) Um dos resultados é que entidades filantrópicas dos países de fato ricos estão desistindo de investir em projetos sociais brasileiros, enquanto aumentam suas verbas para aqueles em andamento na África.

d) Segundo ela, o Brasil se tornou uma nação rica, de Primeiro Mundo, que não precisa da ajuda de ninguém e ainda empresta dinheiro aos países ricos.

e) Certos clichês comportam verdades. Um deles é o de que o Brasil é um país de contrastes. Pegue-se o caso dos indicadores gerais de economia.

27. (TTN – Esaf) A concordância nominal está incorreta no item:

a) "É um filme para aquelas pessoas que têm uma certa curiosidade sobre si mesmas" (Spielberg).

b) "Salvo alguns desastres, obtêm-se bons resultados, desde que não se tente filosofar no palco de maneira confusa" (T. Guimarães).

c) Ficavam bastantes contrariados com a negligência de algum companheiro durante o treinamento.

d) A folhas vinte e uma do processo, encontra-se o comprovante de pagamento.

e) Estando o carnê e a procuração anexos ao processo, faltavam-lhe dados para explicar o caso.

28. (TRE – RJ) "A aplicação das máquinas agrícolas tornará também a batata mais barata".

Na função de predicativo, "barato" e "caro" são adjetivos e concordam em gênero e número com o substantivo a que se referem; na função de adjunto adverbial de intensidade (ou preço), são advérbios que admitem facultativamente a concordância atrativa.

Das frases abaixo, aquela em que há erro de concordância nominal, por não se observar uma das normas acima, é:

a) Com o uso de certas máquinas os legumes estão ficando muito mais caro.

b) A batata está sendo vendida mais barata com o uso de certas máquinas.

c) O uso de certas máquinas faz com que custem mais barato as batatas.

d) A batata está custando mais cara com o uso de certas máquinas.

e) O uso de certas máquinas deixa muito mais baratos os legumes.

29. (Of. Just. – TJ – NCE) "Parece possível distinguir duas tendências fundamentais..." A frase a seguir em que o adjetivo "possível" apresenta gênero de modelo idêntico ao da frase destacada do texto é:
a) É possível a admiração ou a recusa diante de um grupo estranho.
b) Torna-se possível a observação dos fatos destacados no texto.
c) Parece possível a desconfiança diante do que é novo.
d) É possível que ninguém seja profeta em sua terra.
e) Continua possível a existência das duas tendências citadas no texto.

30. (TRE) Julgamos ao espírito humano as indagações constantes sobre o que é verdade. Ocorre porém que, em nosso presente estágio evolutivo, as verdades são variadas .
As palavras ou expressões que completam corretamente as lacunas da passagem acima são:
a) natural / o mais / possível
b) naturais / o mais / possível
c) natural / as mais / possíveis
d) natural / o mais / possíveis
e) naturais / as mais / possível

31. (Agente de Documentação – TCE-PB – FCC) A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:
a) No século XX, a produção em massa permitiu que objetos, antes de posse restrita a reis, fossem acessíveis a toda a população.
b) Sempre existiu colecionadores de objetos, que exerce maior poder de atração sobre pessoas quanto mais estranho ele é.
c) No século XIX, foi dividido as áreas temáticas da ciência, surgindo então os colecionadores especializados em reunir um único tipo de objetos.
d) Permaneceu imutável por séculos as razões que levam algumas pessoas a colecionar objetos, algumas delas de gosto duvidoso.
e) O costume de enviar marinheiros pelo mundo para encontrar objetos exóticos mudaram a paisagem de alguns países e modernizaram a Europa.

32. (Of. Just. – TJ – NCE) O caso a seguir em que a concordância do vocábulo "possível" é equivocada, segundo a norma culta da língua portuguesa, é:
a) Dentro do possível, observaram-se duas tendências na reação ao grupo estranho.
b) As observações do autor do texto foram a mais pertinentes possíveis.
c) É possível que duas tendências existam.
d) Os estrangeiros tornaram possível a admiração por suas obras.
e) Foi possível observar os fatos descritos.

33. (Analista Judiciário – TRT 4ª Região – FCC) As normas de concordância verbal e nominal estão plenamente atendidas na frase:

a) Reservam-se os artistas o direito (ou privilégio?) de escolherem o gênero e a forma que lhes pareçam os mais adequados ao seu intento de expressão.
b) Não se reconhecia na crônica, antes de Rubem Braga, quaisquer méritos que pudessem alçá-la à altura dos chamados grandes gêneros literários.
c) Não cabem aos críticos ou aos historiadores da literatura estipular se o gênero de uma ou outra obra é maior ou menor em si mesmos.
d) Uma vez submetido ao poder de sedução de seu estilo admirável, é possível que custassem aos leitores de Rubem Braga ficar aguardando a crônica seguinte.
e) Não lhe bastassem, além do estilo límpido, ter os olhos de um grande fotógrafo, Rubem Braga ainda frequentava as alturas da poesia lírica.

34. (Aux. Cart. TJ – NCE) "... seja promovida nas escolas de Primeiro, Segundo e Terceiro Grau". O item a seguir em que ocorre um caso de concordância nominal idêntico ao que está destacado nessa frase do texto é:
a) Procedimento, trabalho e amor cristão.
b) A lei mostrava um novo objetivo e tática.
c) O governo merece eterno agradecimento e elogio.
d) O ministro mostrou bela cultura e talento.
e) Esta e aquela motivação da lei são justas.

35. (CBMERJ – NCE) "Mulheres e homens bonitos". A única forma <u>errada</u> entre as que estão abaixo, mantendo-se o sentido original é:
a) bonitas mulheres e homens;
b) bonitos homens e mulheres;
c) homens e mulheres bonitas;
d) homens e mulheres bonitos;
e) bonitos mulheres e homens.

36. (Técnico em Regulação de Saúde Suplementar – ANS – FCC) A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:
a) O desenvolvimento de técnicas de produção e de distribuição de alimentos permitiu a expansão da espécie humana em todo o planeta.
b) Ocorreu mudanças expressivas, ao longo dos tempos, na relação do homem com os alimentos, que foi se tornando mais variados e disponíveis.
c) Os hábitos alimentares, parte significativa da cultura de cada país, tornou-se uma das principais atividades econômicas do homem.
d) Com o início da agricultura, a tarefa de conseguir alimentos passaram a exigir menos esforço e os períodos de escassez de comida foi menos frequente.
e) A visão de uma cesta repleta de pães quentinhos são tão apetitosos que fica difícil resistir à tentação de comer mais que o necessário.

37. (Analista Judiciário – TRE-PB – FCC) A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:

a) Segundo alguns cientistas, as mais brilhantes fórmulas da física ou da biologia é comparável ao que de melhor foi feito na literatura do século XX.
b) O princípio da economia aproxima a poesia, com seu inigualável poder de síntese, das equações matemáticas, que resumem grande quantidade de informações.
c) Nem sempre as informações que se encontra disponível para um cientista pode orientá-lo na busca de soluções para o problema que tentam resolver.
d) Cientistas, em toda a História, defende a ideia de que tanto a estética científica quanto a artística se caracteriza pela busca da ordem em seu mais alto grau.
e) A emoção é um dos ingredientes mais importantes da estética científica, embora se pensem que deve estar distantes dos objetivos dos pesquisadores.

38. (Secretário de Procuradoria e Promotoria – NCE) "... caminhando rumo a um <u>futuro incerto e infeliz</u>". Se trocarmos as classes dos vocábulos sublinhados, escrevendo substantivos em lugar de adjetivos e vice-versa, teremos como forma correta desse mesmo segmento:
a) Caminhando rumo à incerteza e à infelicidade futuras.
b) Caminhando rumo a incerteza e a infelicidade futura.
c) Caminhando incerta e infelizmente para o futuro.
d) Caminhando rumo à incerteza do futuro e à infelicidade.
e) Caminhando rumo às futuras incerteza e infelicidade.

39. (Secretário de Procuradoria – NCE) "O Brasil tem hoje grande força e grande fraqueza".
Observe a seguir diversas formas de se reescrever a frase inicial do texto, sem a repetição do adjetivo grande.
I. O Brasil tem hoje força e fraqueza grandes.
II. O Brasil tem hoje força e fraqueza grande.
III. O Brasil tem hoje grande força e fraqueza.
IV. O Brasil tem hoje grandes força e fraqueza.
As frases que têm forma adequada são somente:
a) I – II – III – IV;
b) I – II – III;
c) I – IV;
d) II – III;
e) I – III.

40. (Auxiliar de Cartório – NCE) "... respiração e circulação sanguínea". Na *Nova gramática do português contemporâneo*, p. 265, o Prof. Celso Cunha diz: "(Quando o adjetivo vem depois dos substantivos), se os substantivos são do mesmo gênero e do singular, o adjetivo toma o gênero dos substantivos e, quanto ao número, vai: para o singular (concordância mais comum) ou para o plural (concordância mais rara)". Assim sendo:
a) O adjetivo sanguínea poderia também aparecer com a forma sanguíneas.

b) O autor preferiu a concordância mais rara à comum.
c) O autor do texto cometeu um erro de concordância.
d) Razões semânticas fazem que a única forma possível do adjetivo seja sanguínea.
e) A única forma correta do adjetivo é sanguíneas.

41. (Técnico Jud. Juramentado – NCE) "O terceiro e o quarto objetivos..." O caso de concordância nominal presente neste segmento do texto encontra-se referido no item:
a) O adjetivo, quer em função de adjunto adnominal, quer em função de predicativo, desde que se refira a um único substantivo, com ele concorda em gênero e número.
b) quando o adjetivo se associa a mais de um substantivo, o adjetivo concorda em gênero e número com o substantivo mais próximo.
c) se os substantivos são de gêneros diferentes e do singular, o adjetivo pode concordar com o substantivo mas próximo.
d) É possível que o adjetivo predicativo concorde com o sujeito mais próximo se estiver anteposto aos substantivos.
e) no caso de uma só palavra determinada e mais de uma determinante, a palavra determinada irá para o plural ou ficará no singular.

42. (TJ – SP – Vunesp) De acordo com a norma culta, a concordância nominal e verbal está correta em:
a) As características do solo são as mais variadas possível.
b) A olhos vistos Lúcia envelhecia mais do que rapidamente.
c) Envio-lhe, em anexos, a declaração de bens solicitada.
d) Ela parecia meia confusa ao dar aquelas explicações.
e) Qualquer que sejam as dúvidas, procure saná-las logo.

43. (Técnico Judiciário – Espec. Informática – TRF 4ª Região – FCC) A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:
a) Sistemas integrados de arrecadação e controle da visitação pública deve ser instalada em todos os parques nacionais.
b) Nações, mesmo de extensão menor que a do Brasil, está se tornando um dos destinos preferidos de turismo internacional.
c) O Brasil exibe um enorme potencial turístico, com suas belezas naturais, que não se encontra devidamente explorado.
d) A presença de turistas em áreas protegidas pelo Ibama, que permanece sem planos de conservação, são irregulares.
e) O Brasil tem vários parques nacionais, mas é poucos os que estão oficialmente abertos à visitação de turistas, nacional ou internacional.

44. (Assistente Administrativo – FGV) Assinale a alternativa em que <u>não</u> ocorra erro de concordância verbal ou nominal.
a) Elas mesmo decidiram resolver o problema que afligia a todos.
b) Quando ela disse "obrigado", todos aplaudiram.

c) Os coordenadores do projeto decidiram ficar só.
d) Ganharam bastantes elogios da diretoria.
e) Havia pedido emprestado cinco pares de meia.

45. (An. Jud. – Fundec) Está <u>incorreta</u> a forma como se fez a concordância nominal na frase:
a) Os trens e as estações foram reformadas.
b) Os engenheiros construíram um viaduto e uma passarela nova.
c) Pela ferrovia trafegavam vagões e locomotivas refrigerados.
d) Os planos previam projetos e estruturas recém idealizadas.
e) Os índices social e econômico de desenvolvimento da Região Metropolitana são baixíssimos.

46. (TRE – NCE) "... pelos governos federal, estadual e municipal." O item abaixo que exemplifica o mesmo tipo de concordância nominal do segmento retirado do texto é:
a) Vivia em tranquilos bosques e montanhas.
b) A professora estava com um vestido e um chapéu escuro.
c) Passou quarta, quinta e sexta trabalhosas no Rio.
d) Viu as bandeiras brasileira e francesa.
e) Era novo o livro e a caneta.

47. (TRT – 7ª Região – Esaf) Julgue os itens como certos ou errados quanto à concordância nominal ou verbal, colocando C ou E nos parênteses. Assinale, a seguir, a opção que contém a sequência correta. O artigo 1.725 do novo Código Civil informa que, não havendo estipulação em contrato escrito, os bens móveis e imóveis onerosamente adquiridos por um ou por ambos os companheiros, no período em que durar a união estável, são considerados fruto do trabalho e da colaboração comum. Mesmo que se equivoque os companheiros na aquisição de quaisquer bens, as regras para transação por contrato escrito entre os adquirentes, encontrados nesse artigo, podem ser alteradas, modificando, por exemplo, os percentuais ou cotas condominiais entre eles existente.
(Baseado em "A união estável no novo Código Civil", Álvaro Villaça Azevedo, *Correio Braziliense*, 17/11/2003.)
( ) ambos os companheiros
( ) fruto
( ) equivoque
( ) encontrados
( ) existente
a) E – C – C – E – C
b) C – C – E – C – C
c) C – E – E – E – E
d) E – C – E – C – C
e) C – E – C – C – E

48. (TRT-20ª Região – FCC) A concordância está feita corretamente em:
a) Os poucos anos de escolaridade do trabalhador são insuficientes para um bom uso das inovações tecnológicas.
b) O número de postos de trabalho geralmente aumentam quando as empresas elevam a produtividade.
c) Os trabalhadores que perdem o emprego pode ser admitido em novos postos, dependendo do nível de escolaridade.
d) Existe vários efeitos que é resultante da aplicação da tecnologia, capazes de gerar novos empregos.
e) A recuperação de novos postos de trabalho nas empresas são possíveis para candidatos com formação adequada a eles.

49. (TRT – An. Jud.) "Crianças de dez, oito e até seis anos de idade tinham inteligência bastante para serem treinadas..." A frase a seguir em que a palavra bastante está <u>incorretamente</u> empregada é:
a) Não houve chuvas bastante para resolver o problema da agricultura.
b) Tinha bastantes chances de conseguir o emprego.
c) Não trabalhou nesses dias o bastante para repor o tempo perdido.
d) Não possuía amigos bastante competentes para o trabalho.
e) As novas tecnologias eram bastante prejudiciais aos trabalhadores.

50. (NCE) "... as revistas e os jornais brasileiros..." Com o deslocamento dos termos da frase, a única forma <u>incorreta</u> é:
a) as brasileiras revistas e jornais;
b) os brasileiros jornais e revistas;
c) os brasileiros revistas e jornais;
d) os jornais e as revistas brasileiras;
e) os jornais e as revistas brasileiros.

Capítulo 28

Estilística

28.1. Figuras de som

28.1.1. Aliteração

Indica a repetição de fonemas (consoantes) idênticos ou semelhantes no início de palavras de uma frase ou de versos de uma poesia.

Ex.: "O rato roeu a roupa do rei de Roma".

28.1.2. Onomatopeia

Figura que procura representar graficamente sons.

Ex.: Zum-zum, trim, atchhhim...

28.2. Figuras de construção ou sintaxe

28.2.1. Anacoluto

Consiste no aparecimento de um termo no início de um período que não terá ligação sintática com o restante dos termos posteriores.

Ex.: "Eles, o seu único desejo é exterminar-nos" (Garret).

"O Presidente, estes cidadãos não quiseram ouvir-nos".

28.2.2. Anáfora

Consiste na repetição de uma ou mais palavras no início de diferentes versos ou frases.

Ex.: "Depois eu dou. Depois eu deixo. Depois eu levo. Depois eu conto" (F. Sabino).

"É pau... É pedra... É o fim do caminho... É um pedaço de toco..." (Tom Jobim).

Não sei, não vi, não quero saber.

Alguém falou, alguém gritou, alguém brigou.

28.2.3. Anástrofe ou inversão

Consiste na inversão da ordem direta da frase.

Ex.: Ao Flu o Fla vencerá (a ordem natural seria "O Fla vencerá o Flu").

"Sabe mortos enterrar?" (J.C. Melo Neto) (Sabe enterrar mortos?)

Obs.: É um tipo de inversão mais brando que o HIPÉRBATO.

28.2.4. Assíndeto

Consiste na construção de sequência de orações coordenadas aditivas; não apresentando, contudo, conjunção.

Ex.: "Vim, vi, venci" (Julio César).

Ele lava, passa, prepara a comida, massageia os pés do marido.

28.2.5. Elipse

Consiste na omissão de um termo facilmente subentendido.

Ex.: "Na terra, tanta guerra, tanto engano" (Camões).

Na terra há tanta guerra, há tanto engano.

"Uma de suas funções, como membro da presidência da Câmara, era a de zelar pelos móveis e demais pertences" (Fernando Sabino).

→ ... era a (função) de zelar...

28.2.6. Hipálage

Consiste em atribuir a um ser ou coisa uma qualidade ou ação que logicamente pertence a outro ser que também está expresso na mesma frase.

Ex.: "O voo negro dos urubus fazia..." (G. Ramos) (Negro, na verdade, é qualificativo para "urubus").

O movimento pesado dos elefantes... (o movimento não é pesado, e sim os elefantes).

28.2.7. Hipérbato

Indica inversão de termos dentro de orações ou versos. Esta inversão é mais significativa do que a anástrofe.

Ex.: "Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
de um povo heroico brado retumbante..."

– As margens plácidas do Ipiranga ouviram o brado retumbante de um povo heroico.

"É esta de teu querido pai a mesma barba
a mesma boca e testa (T. A. Gonzaga).

– É esta a mesma barba, a mesma boca e testa de teu querido pai.

28.2.8. Pleonasmo ou redundância

Emprego de palavras ou expressões de significado equivalente, com a

finalidade de reforçar uma ideia.

Ex.: Vi com meus próprios olhos a terrível cena.

Perdoe-me pelo amor divino de Deus.

28.2.9. Polissíndeto

Consiste na repetição intencional de conjunções, ligando palavras ou orações de período.

Ex.: Ele fala, e reclama, e bebe, e xinga...

Maria não lava, nem passa, nem trabalha, nem faz a comida.

28.2.10. Silepse

Também conhecida como concordância ideológica, esta figura ocorre quando a concordância se faz não com a palavra expressa na frase, mas com a ideia que esta palavra sugere.

a) de gênero

Ex.: Vossa Majestade é muito bondoso.

Sua Santidade estava abatido.

b) de número

Ex.: Coisa curiosa é aquela gente. Divertem-se com tão pouco.

A banda Flor chegou ao sucesso depois de cinco anos. Já gravaram oito discos.

c) de pessoa

Ex.: Os brasileiros somos muito desconfiados.

28.2.11. Zeugma

É a omissão de uma palavra já expressa anteriormente na oração. Trata-se de um caso especial de elipse.

Ex.: Na França há tanta riqueza, no Brasil tanta pobreza. (... no Brasil há tanta pobreza.)

Eu fiz os salgados, Maria os doces. (... Maria fez os doces.)

28.2.12. Repetição ou reduplicação

Consiste na repetição proposital de palavras ou expressões, tanto na poesia quanto na prosa.

Ex.: "Cantei, Cantei, Cantei,

Como é cruel cantar assim..." (Chico Buarque).

28.3. Figuras de pensamento

28.3.1. Antítese

Consiste na colocação, lado a lado, de termos opostos, mas que não causam ideias sem nexo.

Ex.: "Cabelos longos, ideias curtas".

Uma exposição clara para uma ideia tão complicada.

28.3.2. Eufemismo

Indica a atenuação ou suavização de ideias consideradas desagradáveis, cruéis ou ofensivas.

Ex.: Ele entregou a alma a Deus (em vez de: Ele morreu).

Ela sofre de doença ruim (em vez de: câncer).

28.3.3. Hipérbole

Consiste no exagero proposital das coisas.

Ex.: Ele morreu de medo quando me viu.

Nós chegamos aqui há um século.

28.3.4. Ironia

Consiste em expressar o contrário do que se pensa, mas dando a entender o real pensamento. Normalmente, a ironia adquire traços humorísticos.

Ex.: Aqueles amorosos bandidos mataram a família inteira.

Os confiáveis deputados precisam receber o "mensalão", pois seus salários são muitos baixos.

28.3.5. Paradoxo ou oxímoro

Trata-se de uma figura que relaciona duas palavras antônimas, dando conceitos contraditórios. "Aparentemente" a frase fica sem sentido.

Ex.: "Amor é fogo que não se vê
É ferida que dói e não se sente
É um contentamento descontente
É dor que desatina sem doer" (Camões).

Sinto-me solitário nesta multidão...

28.3.6. Prosopopeia, personificação ou animismo

Consiste em atribuir vida ou qualidades humanas a seres inanimados, irracionais, mortos ou abstratos.

Ex.: "As rosas não falam..." (Cartola).

Uma talhada de melancia com seus alegres caroços (C. Lispector).

28.4. Figuras de palavras

28.4.1. Antonomásia

Indica a substituição de nome próprio por nome comum ou por expressão ligada ao termo substituído.

Ex.: Rei do Futebol (em lugar de Pelé).

Cidade Maravilhosa (em vez de Rio de Janeiro).

28.4.2. Catacrese

É uma figura que consiste no uso impróprio de vocábulo por falta de outro mais específico para a designação de um ser ou de uma ação.

Ex.: O pé do vaso está quebrado (pé – parte que serve para sustentar o corpo humano).

Embarcou naquele avião gigantesco (embarcar significa entrar num navio).

28.4.3. Comparação ou símile

Como o próprio nome indica, formaliza-se uma ideia de comparação. Contudo, é fundamental ressaltar que há a necessidade de um conectivo explicitando a comparação.

Ex.: "Beijou sua mulher como se fosse a única" (Chico Buarque).

Ele agiu feito os santos.

28.4.4. Metáfora

Atribuição a uma pessoa ou coisa de uma qualidade que não lhe cabe logicamente. Essa transferência de significado de um termo para outro baseia-se na semelhança de características que o emissor da mensagem encontra entre os dois termos comparados. É uma comparação de ordem subjetiva, sem o conectivo que indica esta comparação.

Ex.: Maria é uma flor.

Vê-se que Carlos é uma fera enjaulada.

28.4.5. Metonímia

É a substituição de sentido de um termo por outro que com ele apresenta relação lógica e constante.

a) autor – obra

Ex.: Ele nunca leu Machado de Assis (os livros de Machado de Assis).

b) conteúdo – continente

Ex.: Comi dois pratos (não se comem os pratos; come-se o conteúdo dos

pratos).

c) inventor – invento

Ex.: Graham Bell permitiu que a humanidade se comunicasse melhor (na realidade, o invento de Graham Bell, o telefone).

d) símbolo – coisa simbolizada

Ex.: Nunca abandones a cruz (cruz – símbolo da religião).

e) instrumento – pessoa que o utiliza

Ex.: Ele é um grande raquete (ele é um grande jogador de tênis).

Obs.: Existe um tipo especial de metonímia chamado sinédoque, que se baseia em outras relações.

a) parte – todo

Ex.: Os seus olhos espertos indicavam a porta de entrada.

b) matéria – objeto

Ex.: O cristal tinia sobre a mesa de jantar.

c) marca do produto substitui o produto.

Ex.: O Ford quase nos atropelou.

28.4.6. Sinestesia

Consiste na fusão de sensações percebidas por diferentes órgãos do sentido.

Ex.: Comia o sabor (gosto) vermelho (visão) da fruta.

Claro (visão) perfume (olfato) vagava pelo ar.

28.5. Vícios de linguagem

28.5.1. Ambiguidade

Ocorre sempre que uma palavra admite duas ou mais interpretações.

Ex.: "O julgamento do professor ocorrerá amanhã" (não se sabe se o professor julgou ou foi julgado).

"Flamengo venceu o Palmeiras jogando em casa" (não fica evidenciado quem jogou em casa).

28.5.2. Barbarismo

Consiste em grafia ou pronúncia inadequada ao padrão culto da língua.

Ex.: "degladiar", "previlégio", "necrópsia", "rúbrica".

28.5.3. Cacófato

Indica uma formação sonora desagradável. Tal se dá por formação de

palavrões ou repetição excessiva de uma estrutura fonética.

Ex.: Já está pronto o álbum da Maria. Não percebemos como estava a boca dela.

Devemos depreender a devida demanda de um delicado momento político.

28.5.4. Solecismo

Falha de ordem sintática.

Ex.: Haviam muitas pessoas no auditório. Procederemos as aulas de apoio à partir de julho.

28.6. Exercícios

1. (PUC-SP)
"O pavão é um arco-íris de plumas".
"... de tudo que ele suscita e esplende e estremece e delira..."
Enquanto procedimento estilístico, temos, respectivamente:
a) metáfora e polissíndeto;
b) comparação e repetição;
c) metonímia e aliteração;
d) hipérbole e anacoluto;
e) anáfora e metáfora.

2. (Fuvest-SP) Identifique a figura de linguagem presente no verso em destaque.
"Quando a indesejada das gentes chegar
(Não sei se dura ou coroável),
Talvez eu tenha medo.
Talvez eu sorria e diga:
– Alô, iniludível".
a) Clímax.
b) Eufemismo.
c) Sínquise.
d) Catacrese.
e) Pleonasmo.

3. (UM-SP) Aponte a figura: "Naquela terrível luta, muitos adormeceram para sempre".
a) Antítese.
b) Eufemismo.
c) Anacoluto.
d) Prosopopeia.
e) Pleonasmo.

4. (FMU-SP) Em "Dizem que os cariocas somos pouco dados aos jardins públicos", há:

a) pleonasmo;
b) hipérbato de pessoa;
c) silepse de gênero;
d) silepse de pessoa;
e) silepse de número.

5. Qual é a figura de linguagem presente no seguinte fragmento: "Uma pessoa de cabeça desarrumada é assim: defende a pena de morte e o ensino gratuito nas universidades públicas. É a favor do aborto e se diz católico. Votou Lula em 2002 e José Serra em 2004. È contra as cotas nas universidades e milita numa ONG de defesa da Mata Atlântica"?
a) Antítese.
b) Metáfora.
c) Paradoxo.
d) Metonímia.
e) Hipérbole.

6. (TRE – NCE) "Que paz? Não foram esses mesmos adoráveis senhores que decapitaram ou mandaram decapitar seus próprios companheiros de comunidade durante as recentes rebeliões?" – "Não foram esses mesmos adoráveis senhores..." Neste segmento, ocorre um exemplo de uma figura denominada:
a) metáfora;
b) metonímia;
c) ironia;
d) eufemismo;
e) hipérbole.

7. (INPI – NCE) Embarcar, na sua origem, era empregado com referência a barco, mas no texto aparece com referência a avião. O item abaixo em que a palavra sublinhada também mostra desvio do sentido original é:
a) O avião vai <u>decolar</u> com o porco a bordo.
b) O porco chegou a <u>enterrar</u> as patas na comida.
c) Os passageiros "<u>humanos</u>" estranharam o fato.
d) A <u>poltrona</u> ficou estragada por causa do peso do porco.
e) A investigação do <u>incidente</u> vai demorar.

8. (IBGE – NCE) Em "Vossa Senhoria parece preocupado com o furto da máquina de escrever", há uma figura conhecida por:
a) metáfora;
b) silepse de gênero;
c) silepse de número;
d) silepse de pessoa;
e) catacrese.

A expressão surgiu em Minas Gerais, nos tempos do Brasil colonial e designa o sujeito sonso, fingido. Naquela época, auge da mineração, eram elevadíssimos os impostos cobrados pelo rei de Portugal, nosso avozinho, tão bonzinho...

9. (CFC – NCE) "nosso avozinho, tão bonzinho"; no contexto em que aparecem, esses segmentos são exemplos de:

a) metáfora;
b) ironia;
c) hipérbole;
d) eufemismo;
e) comparação.

10. (TJ-NCE) "Como pode ver na entrevista, ganhar dinheiro no Brasil é sopa". Nesta frase, aparece uma figura sintática e uma figura de palavra. Assinale a alternativa que identifique essas figuras.

a) Hipérbato e metáfora.
b) Silepse e metonímia.
c) Elipse e metonínia.
d) Elipse e metáfora.
e) Anacoluto e catacrese.

11. (Oficial de Justiça Avaliador – TJ – NCE) "E acoplado a ele vem a web, com sua cacofonia de informações, excessivas e desencontradas..." Cacofonia (neste segmento usado figuradamente) é "qualquer efeito desagradável ao ouvido em uma sequência de palavras" (Michaelis – *Moderno dicionário da língua portuguesa*, SP, Melhoramentos, 1998). O item abaixo que pode ser exemplo de cacofonia é:

a) A liberdade, como a concebo, não se confunde com o consumismo.
b) Uma das liberdades modernas é a de ir e vir.
c) A natureza humana se preocupa quando aparece algum perigo.
d) Quando não se pode desfrutar o luxo, começa-se a desdenhar dele.
e) A liberdade foi corrompida pela sociedade de consumo.

(ANTT – NCE)

O Professor Desfontaines está longe de desprezar as coisas efêmeras. E por isso me trouxe a frase de quatro pétalas, que guardei como flor ressequida em velho livro, e que o chofer lhe entregara.

12. "... e que o chofer lhe entregara". Esse segmento mostra uma ambiguidade que é sanada pela reescritura abaixo desse mesmo segmento:

a) E que lhe fora entregue pelo chofer.
b) E que lhe entregara o chofer.
c) Frase essa que o chofer lhe entregara.
d) Livro esse que o chofer lhe entregara.

e) Cujo chofer lhe entregara.

13. (PC – NCE) "... e o exemplo que escolheu para ilustrar SEU comentário". O item abaixo em que o uso do possessivo SEU gera ambiguidade é:

a) O publicitário fez comentários sobre SEU *outdoor*.
b) O cronista levou o cachorro em SEU automóvel.
c) O jornalista transportou as mercadorias em SEU horário de trabalho.
d) O secretário viu o professor do debate em SEU escritório.
e) O jornalista nada dizia sobre SEU texto.

Capítulo 29

Coesão e Coerência Textual

Ao observar um texto bem construído, bem definido, quando não há possibilidade de o leitor perder a sequência dos fatos, tampouco a relação entre os conjuntos, constata-se que há coesão. Qualquer elemento que faça a ligação entre os vários fragmentos do texto possui função coesiva. Enfim, essa conexão interna entre os vários enunciados do texto denomina-se coesão.

29.1. Coesão sequencial

É a coesão normalmente feita por conjunções, ligando termos, orações ou períodos, estabelecendo entre eles uma relação de sentido. Quando uma oração é introduzida pela conjunção TODAVIA, já se sabe que o fragmento está em oposição a algo citado anteriormente. Ao observar a presença da conjunção ENQUANTO, já se imagina que dois fatos estão acontecendo simultaneamente. A ocorrência do conector PORQUE sugere que a ideia introduzida indicará uma causa para um fato anteriormente relatado. Já o conector ENTÃO indica que a oração em que ocorre é uma conclusão para algo citado anteriormente.

Ex.: Chovia muito, todavia fui à praia.
Enquanto eu falava, ela dormia.
Voltei cedo para casa, porque estava cansado.
Ele não chegou, então deve estar parado no trânsito.

29.2. Coesão referencial

É a conexão feita através de termos (normalmente os pronomes) que fazem referência a elementos anteriormente citados no texto.

Ex.: Lula, Pelé e Xuxa são extremamente famosos. Esse foi o principal jogador de futebol de todos os tempos, aquele é o atual Presidente do Brasil e esta, apresentadora de programas infantis.

Observe que os pronomes demonstrativos Esse (referente a Pelé), aquele (a Lula) e esta (a Xuxa) ligam o segundo período ao anterior.

Adeus, nepotes (Luiz Garcia, O Globo, 25/10/2005)

De vez em quando, uma boa notícia: a sentença de morte para o nepotismo no Judiciário, por exemplo. A decisão do Conselho Nacional de Justiça, anunciada terça-feira, não abre exceções: é proibido a juízes de todas as instâncias e a chefes de seções e departamentos a nomeação de parentes até terceiro grau.

Também está vedado o velho golpe do nepotismo cruzado: você nomeia o meu e eu nomeio o seu.

O Ministério Público vai pelo mesmo caminho. Enquanto isso, aqui no Estado do Rio já está em vigor emenda constitucional que proíbe dar um jeito na vida de cônjuge, companheiro e parente até terceiro grau: pai, mãe, avós, filhos, netos, bisnetos, tios, sobrinhos, primos e até sogros e cunhados. E vale para Executivo, Legislativo e Judiciário, sem esquecer Ministério Público e Tribunal de Contas.

Não acabou: o projeto de lei que corre no Congresso, também rigoroso e abrangente, tem chances de ser aprovado até o fim do ano. Pelo menos foi o que previu outro dia, quase prometendo, o deputado Aldo Rebelo.

Portanto, há sinais suficientes de que pode ir longe a blitz contra os nepotes. Assim se chamavam sobrinhos de papas, nomeados conselheiros do Vaticano, num tempo, muito antigo, lá onde o Renascimento fazia a curva, em que — diziam pessoas de má-fé (ou de nenhuma fé) — papas tinham sobrinhos que muitas vezes eram a cara dos tios.

Comentários sobre o texto: na linha 2, o termo "a decisão" refere-se ao fim do nepotismo (l. 1/2); no início do segundo parágrafo, o termo "também" indica que o fato a ser anunciado é acrescido ao evento anterior já anunciado. Repare que os pronomes "você", "meu", "eu" e "seu", além de denunciarem a coesão efetiva entre os seres, designam a relação eu-meu e você-seu invertida. No início do terceiro parágrafo, a expressão "mesmo caminho" é referente também ao fim do nepotismo. Depois o elemento "E vale" sugere que Executivo, Legislativo e Judiciário, sem esquecer Ministério Público e Tribunal de Contas, também serão enquadrados na emenda constitucional. O quarto parágrafo, ao iniciar-se com "Não acabou", já sugere que o fato anterior abrangerá outros órgãos. O último parágrafo é iniciado através da conjunção conclusiva PORTANTO, indicando que o texto já ofereceu elementos suficientes para iniciar-se a conclusão. O termo "Assim" refere-se a "nepotes". Por fim, o termo "tios" está relacionado, ironicamente, aos "papas". Vê-se, então, que o texto

possui vários elementos que têm como função ligar unidades, encadeando-as, criando uma sequência lógica.

29.3. Coerência textual

É a ocorrência de um texto que, além de apresentar-se coeso, há de fazer sentido. Um texto pode ser coeso sem ser coerente, mas nunca poderá ser coerente sem ser coeso. O autor de um texto pode fazer uso de elementos coesivos, contudo o texto pode não possuir sentido. O estudo de coerência prevê a ocorrência de uma linha de raciocínio, lógica no pensamento, harmonia entre fatos e, principalmente, não pode haver contradição.

Ex.: Lula, Pelé e Xuxa são extremamente famosos. Esse foi jogador de futebol, aquele é o atual Presidente do Brasil e esta é muito bonita.

→ Observe que o texto é coeso, pois, tal qual no exemplo anterior, utilizam-se pronomes demonstrativos para ligar a segunda frase à primeira. No entanto, o texto não é coerente, porquanto não houve a manutenção de uma linha de raciocínio. Enquanto os dois primeiros foram apresentados pela profissão, a referência à última diz respeito não à sua profissão, mas à beleza física.

BIZU

A Esaf já fez muitas provas em que era exigido do candidato a montagem ou a continuação do texto. É recomendável no caso usar primeiramente a coesão e depois a coerência. Nas questões de montagem de textos, o passo prévio é observar se há, nos tópicos, elementos remissivos (termos que façam referência a expressões anteriores). Caso isso ocorra, o tópico não pode iniciar o texto. Por exemplo: se você se deparar com o tópico "Entretanto, não houve tempo para resolver o problema", já se pode ter a certeza de que não pode estar no início do texto, já que a conjunção ENTRETANTO indica uma oposição a algo outrora aludido. Caso se posicione no princípio, vai opor-se a quê? Também o tópico "Eles não indicaram a saída" não pode postar-se no início do verbete, uma vez que o pronome pessoal ELES refere-se a pessoas já mencionadas. Outra estrutura que não pode localizar-se no início é: "Não conseguiram demonstrá-la". Aí ocorrem dois fatos que obstam o posicionamento inicial: o verbo na terceira plural referindo-se a pessoas já apresentadas no texto, e o pronome oblíquo A em DEMONSTRÁ-LA, que indica a ocorrência de elemento feminino e singular antecedente. A partir de então, você deve partir para as alternativas. Há questões que, ao se vislumbrar o primeiro tópico, já se chega à resposta.

29.4. Exercícios com gabarito comentado

1. (Auditor do Tribunal de Contas do Estado do Paraná) Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os de forma a comporem um texto coeso e coerente e assinale a opção correta.

( ) Cada um desses casos analisados tem suas peculiaridades próprias dentro de um Brasil que se configura como um continente, com realidades bastante distintas entre si.

( ) Anteviu o grande jurista o importante papel a ser reservado a esses tribunais, aliadas que estariam a seus integrantes, a competência técnica, a imparcialidade profissional e a sensibilidade social, no trabalho de cunho educativo, orientado em seminários.

( ) Surgiram as Cortes de Contas do Brasil pela inspiração de Rui Barbosa, cujo sesquicentenário comemorou-se em 1999.

( ) O exame exaustivo de processos, que consome horas de leitura, análise e reflexão sobre o caso, é tantas vezes incomodado pela celeridade com que se cobra o seu pronunciamento – uma exigência que muitas vezes não se justifica, já que os pareceres emitidos pelas Cortes de Contas não se amoldam a modelos estereótipos que obedeçam ao resultado do sempre-igual de equações matemáticas.

( ) Atuam eles de maneira construtiva, sem se eximirem, quando pertinente, de indicar as irregularidades que encontram no exercício de sua atividade de fiscalização.

(Itens adaptados de Ubiratan Aguiar, XX Congresso dos Tribunais de Contas do Brasil, Sessão Solene de Abertura, 12/10/1999 – www.tcu.gov.br)

a) 4 – 5 – 3 – 2 – 1
b) 5 – 2 – 1 – 4 – 3
c) 3 – 1 – 2 – 5 – 4
d) 3 – 4 – 5 – 1 – 2
e) 1 – 4 – 5 – 3 – 2

Resposta: Alternativa B.

Observe que o primeiro tópico não pode dar início ao texto, já que a expressão "Cada um desses casos analisados" indica que já foram mencionados anteriormente "esses casos analisados".

O segundo tópico também não poderá iniciá-lo, pois a expressão "Anteviu o grande jurista" sugere que este jurista já fora citado.

O terceiro não possui elementos remissivos, podendo iniciar o texto.

O quarto tópico não pode introduzir o texto, porquanto a expressão "análise e reflexão sobre o caso" indica que um caso já fora relatado.

O último tópico também não pode dar início, visto que o pronome "eles" refere-se a seres já aludidos.

Então, somente o terceiro tópico poderá iniciar o texto. Dentre as opções, só há uma indicando esse posicionamento: a alternativa B.

2. (TRF – 2003) Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e, em seguida, assinale a sequência correspondente.

( ) As operações de compra de imóveis pelas *off shores* também estão sendo

monitoradas pela Receita. Os dados serão comparados com as declarações de Imposto de Renda dos residentes no Brasil e até com o cadastro de imóveis das prefeituras.
( ) Sem identificação dos donos, cujos nomes são mantidos em sigilo pela legislação dos países onde estão registradas, muitas dessas empresas fazem negócios no Brasil, como a participação em empreendimentos comerciais ou industriais, compra e aluguel de imóveis.
( ) Além de não saber quem são os proprietários dessas *off shores*, pois não há mecanismos legais que permitem acesso aos verdadeiros donos, o governo também não tem conhecimento da origem desse dinheiro aplicado no País, sem o recolhimento dos impostos devidos.
( ) A Receita Federal está fechando o cerco contra as empresas estrangeiras sediadas em paraísos fiscais que atuam no Brasil, conhecidas como *off shores*.
( ) Para reduzir essa evasão fiscal, a Receita está identificando as pessoas físicas que alugam imóveis de luxo pertencentes a pessoas jurídicas ou mesmo físicas que atuam em paraísos fiscais. Toda remessa de aluguel é tributada.
(Adaptado de Ana D'Angelo, Andrea Cordeiro e Vicente Nunes, *Correio Braziliense*, 8/9/2003.)
a) 1, 2, 4, 3, 5
b) 2, 3, 5, 4, 1
c) 5, 2, 3, 1, 4
d) 1, 5, 4, 3, 2
e) 3, 2, 1, 5, 4
O primeiro tópico não pode dar início ao texto, pois o elemento "também" indica que esse fato está sendo acrescido a eventos anteriores.
O segundo tópico também não poderá iniciá-lo, pois a expressão "Sem identificação dos donos" indica que esses seres são donos de algo já citado.
O terceiro tópico também não pode dar início ao texto, pois a oração "Além de não saber quem são os proprietários dessas ***off shores***" sugere que as ***off shores*** já foram anteriormente mencionadas.
O quarto tópico pode iniciar o texto, já que não há qualquer elemento que faça a remissão a termos anteriores.
A oração "Para reduzir essa evasão fiscal" indica que a ocorrência fiscal já fora relatada em fragmento anterior do texto, não podendo, portanto, iniciá-lo.
Então, como somente o quarto tópico pode iniciar o texto, e só há uma opção (C) indicando isso, será a resposta.

(Técnico da Receita Federal – TRF – Esaf)
3. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e, em seguida, assinale a sequência correspondente.
( ) Em geral, esta firma é constituída apenas para atuar como subsidiária da estrangeira, intermediando seus negócios. Caso a empresa compre imóvel no Brasil, tem que haver registro, tem que existir um responsável, com CPF, o que permite o controle.
( ) O investidor estrangeiro entra no Brasil via Bolsa de Valores, fundos de investimentos

ou como sócio de uma empresa brasileira.
( ) O secretário da Receita admite, no entanto, que não há mecanismos para controlar a atuação de brasileiros que mandam dinheiro ilícito para os paraísos fiscais e o repatriam por meio de negócios realizados em nome das *off shores*.
( ) E também a contabilidade da empresa, em tais países, não precisa ser auditada. Os donos dos recursos podem movimentar dinheiro ou constituir empresas por vários meios que omitem seus nomes, como o sistema de ações ao portador.
( ) Esses países conhecidos como paraísos fiscais têm como principais atrativos a legislação tributária branda, com direito até a isenção de impostos, e garantia de sigilo bancário, comercial e societário.
(Adaptado de Ana D'Angelo, Andrea Cordeiro e Vicente Nunes, *Correio Braziliense*, 8/9/2003.)
a) 1, 2, 4, 3, 5
b) 2, 1, 3, 5, 4
c) 3, 2, 1, 5, 4
d) 1, 5, 4, 3, 2
e) 5, 2, 3, 1, 4
O primeiro tópico inicia-se com "esta firma", o que já denuncia que a firma já fora citada; portanto não poderá iniciar o texto.
O segundo tópico não tem elemento que mencione passagens anteriores, portanto pode iniciar o texto.
A conjunção NO ENTANTO sugere que o terceiro tópico se opõe a algo já aludido.
O fragmento "E também a contabilidade da empresa, em tais países" possui vários elementos que denunciam ser este tópico uma continuidade, como a conjunção E que indica que a ideia introduzida está sendo adicionada a algo já relatado. Depois o pronome demonstrativo "tais" denunciando que os países já foram mencionados.
O último tópico é iniciado por "Esses países", o que já deixa claro que os países já foram anteriormente relatados.
Como somente o segundo tópico pode iniciar o texto, já se chega à resposta. (B)

4. (AFRF – Esaf) Os trechos a seguir foram adaptados de um texto de Gilson Schwartz, mas estão desordenados. Numere-os de forma que constituam um texto coeso e coerente e assinale a opção correta correspondente.
( ) No caso do Brasil, que já tem fundos setoriais em apoio ao desenvolvimento tecnológico, resta saber como será a distribuição desses recursos e que impacto terão no sistema econômico.
( ) Entretanto, criar a cultura organizacional necessária nessas redes para que os recursos e as políticas públicas tenham mais eficácia não é algo trivial.
( ) As pesquisas que se fazem internacionalmente sugerem que o segredo do desenvolvimento com base na inovação tecnológica está menos no volume de recursos e mais na qualidade das redes que se formam para recebê-los.
( ) Claro que a existência desses recursos para investir é condição necessária, mas não é suficiente. As políticas públicas brasileiras teriam, provavelmente, mais chance de êxito

se incluíssem entre os seus objetivos a própria mudança cultural e comportamental das suas organizações.
( ) Exige, por exemplo, a formação de grupos articulados de cooperação para produção de conhecimento, ou seja, sistemas incompatíveis com as práticas institucionais e empresariais.
a) 3, 4, 1, 5, 2
b) 2, 5, 4, 3, 1
c) 4, 2, 1, 5, 3
d) 3, 4, 2, 1, 5
e) 5, 1, 3, 2, 4
O primeiro tópico não pode estar iniciando o texto, porque a expressão "No caso do Brasil" indica que o caso já foi citado em outros lugares ou de forma generalizada.
A conjunção ENTRETANTO no início do segundo tópico já descarta qualquer possibilidade de iniciar o texto.
O terceiro tópico não possui elementos remissivos, podendo iniciar o texto.
Como no princípio do quarto tópico aparece o termo "desses recursos", já ocorre a indicação de que os recursos já foram citadas em passagens anteriores.
A expressão "Exige, por exemplo," indica que algo anteriormente citado servirá de elemento a ser exemplificado.
Sendo assim, há duas possibilidades de resposta: A e C. A sequência da opção C (3º tópico – 2º tópico) é melhor do que da A (3º tópico – 5º tópico), visto que o fragmento "Entretanto criar a cultura organizacional nessas redes", citado no segundo tópico, indica que as redes já deveriam ter sidos citadas, o que efetivamente ocorre no terceiro tópico (menos no volume de recursos e mais na qualidade das redes que se formam para recebê-los).

5. (Auditor Fiscal da Receita Estadual – RN – Esaf) Os fragmentos abaixo compõem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os para que constituam um texto coeso e coerente e indique a opção que apresenta a sequência correta.
A – Mas é necessário ressaltar que juízes e tribunais com essa configuração, ou seja, real e efetivamente independentes, somente existem nos países em que vigora o Estado Democrático de Direito.
B – O Judiciário tem a função de promover a paz social, restabelecendo a ordem e até mesmo punindo os infratores, independentemente da camada social a que pertençam.
C – Essas prerrogativas, isso é, as garantias da magistratura, não constituem privilégio pessoal do magistrado, mas direito do cidadão.
D – E é exatamente por isto que os órgãos do Judiciário, os tribunais e os magistrados devem gozar de prerrogativas para o exercício dessa missão, sob pena de somente poderem exercê-la em relação aos pobres e às pessoas que não tenham qualquer influência político-social.
E – Evidentemente esse cidadão, que eventualmente tenha um direito violado, somente terá proclamada a justiça a seu favor se houver juízes e tribunais independentes, isentos da possibilidade de interferências e pressões indevidas de quem quer que seja.

a) A, C, D, E, B
b) B, D, C, E, A
c) C, B, E, A, D
d) D, A, B, C, E
e) B, E, C, D, A

O primeiro tópico não pode iniciar o texto, em virtude de a conjunção MAS sugerir adversidade a algo já ocorrido.

O segundo tópico, não possuindo elementos citados, remissivos a passagens anteriores, pode dar início ao texto.

A expressão "Essas prerrogativas" no início do terceiro tópico já indica que as expressões já foram mencionadas.

O fragmento "E é exatamente por isto", no início do quarto tópico, possui dois elementos coesivos: a conjunção "E", denunciando haver uma adição entre a ideia que está sendo introduzida e ideias anteriores e o termo "por isto", indicando que um evento anterior é causa para o que se propõe no tópico.

No último tópico, o termo "Esse cidadão" sugere que o cidadão já fora citado.

Então somente o segundo tópico poderá dar início ao texto, excluindo, por conseguinte, as opções A, C e D. Na opção E, a sequência dos tópicos é B-E. No início do tópico E, o termo ESSE CIDADÃO sugere que o cidadão já deveria ter sido citado, o que não ocorre no tópico B. Então a opção E está excluída. Já a sequência B-D é perfeita. Observe que "por isto" (tópico D) faz referência à função de promover a paz social que o Judiciário possui (tópico B). Depois o termo "dessa missão" (tópico D) também é referente à função (tópico B). Por isso, a resposta é a opção B.

6. (Analista de Finanças e Controle – Esaf) Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão fora da sequência correta. Ordene-os de forma a comporem um texto que respeita a progressão das ideias, a coesão e a coerência do texto. Assinale, a seguir, a opção correta.

( ) O Ministro da Fazenda argumentou que não há como abrir mão da atual carga de tributos enquanto o país tiver de investir em projetos sociais e manter em ordem seus compromissos fiscais.

( ) Além disso, é preciso que o governo federal demonstre capacidade política para levar adiante uma verdadeira reforma tributária, que simplifique e racionalize o atual sistema.

( ) Podem ser adotadas medidas, no entanto, que auxiliem na redução da carga tributária e no aumento de eficiência das políticas públicas, tais como cortes de despesas correntes e melhora na qualidade dos gastos sociais.

( ) A despeito das crescentes críticas de diversos setores da sociedade à elevação da carga tributária, o governo reafirmou que não irá diminuir o peso dos impostos no curto prazo.

( ) É preciso que os recursos empregados pelo governo em saúde, educação, auxílio-desemprego e outros benefícios sociais cheguem aos destinatários sem as perdas que a burocracia estatal hoje impõe.

(Adaptado do editorial "Cortar despesas", *Folha de S. Paulo*, 13/3/2005.)

a) 4 – 5 – 3 – 2 – 1
b) 5 – 4 – 3 – 1 – 2
c) 2 – 5 – 3 – 1 – 4
d) 1 – 3 – 2 – 4 – 5
e) 3 – 5 – 1 – 4 – 2

O primeiro tópico não pode iniciar o texto, visto que a estrutura "O Ministro da Fazenda argumentou" indica que a tese já fora mencionada anteriormente.
O segundo tópico também não poderá iniciar o texto, pois o termo "Além disso" sugere que este fragmento estará sendo acrescido a algo anteriormente aludido.
No terceiro tópico, a presença de "No entanto" denuncia a adversidade a algo já relatado.
O quarto tópico não faz referência a elementos citados em outros fragmentos textuais, portanto pode dar início ao texto.
O quinto tópico também pode dar início ao texto, pois não possui elementos remissivos.
Ficam excluídas as opções D e E.
A opção A indica a sequência último-penúltimo recortes. Observe que o texto não fica coeso tampouco coerente. "É preciso que os recursos empregados pelo governo em saúde, educação, auxílio-desemprego e outros benefícios sociais cheguem aos destinatários sem as perdas que a burocracia estatal hoje impõe. A despeito das crescentes críticas de diversos setores da sociedade à elevação da carga tributária, o governo reafirmou que não irá diminuir o peso dos impostos no curto prazo". O primeiro período fala sobre as necessidades de se fazer chegarem ao destinatário recursos sem perdas burocráticas. O segundo período, sem qualquer ligação com o primeiro, já muda o enfoque completamente, expressando as críticas que a sociedade faz à elevação da carga tributária. A opção B inverte a relação dos dois tópicos anteriormente citados na opção A, ou seja, indica a sequência penúltimo-último. "A despeito das crescentes críticas de diversos setores da sociedade à elevação da carga tributária, o governo reafirmou que não irá diminuir o peso dos impostos no curto prazo. É preciso que os recursos empregados pelo governo em saúde, educação, auxílio-desemprego e outros benefícios sociais cheguem aos destinatários sem as perdas que a burocracia estatal hoje impõe". O texto continua incoerente, pois o primeiro tópico somente indica a crítica da sociedade à alta carga tributária e o segundo, sem coesão com o primeiro, já fala sobre a necessidade de os recursos chegarem a seus destinatários. A resposta é a opção C. A opção C indica a sequência penúltimo-primeiro tópicos, constituindo-se assim: "A despeito das crescentes críticas de diversos setores da sociedade à elevação da carga tributária, o governo reafirmou que não irá diminuir o peso dos impostos no curto prazo. O Ministro da Fazenda argumentou que não há como abrir mão da atual carga de tributos enquanto o país tiver de investir em projetos sociais e manter em ordem seus compromissos fiscais". Observe como o texto fica coeso e coerente. O quarto tópico indica que a sociedade critica a alta carga tributária e que o governo não irá diminuir o peso dos impostos no curto prazo. O primeiro tópico esclarece o porquê de não diminuir o valor dos impostos. A resposta é a opção C.

7. (AFRF – Esaf) Marque, em cada item, o período que inicia o respectivo texto de forma coesa e coerente. Depois, escolha a sequência correta.
(Itens baseados em Emir Sader)
I
O abandono da tematização do capitalismo, do imperialismo, das relações centro-periferia, de conceitos como exploração, alienação, dominação, abriu caminho para o triunfo do liberalismo.
(X) O socialismo, em consequência desses fatores, desapareceu do horizonte histórico, em virtude de ter ganho atualidade política com a vitória da Revolução Soviética de 1917.
(Y) O triunfo do neoliberalismo se consolidou quando o pensamento social passou a ser dominado por teses conservadoras.
II
Compravam um passaporte para o camarote dos vencedores. Mas, como "há uma dignidade que o vencedor não pode alcançar", como dizia Borges, o que ganharam em prestígio perderam em capacidade de análise.
(X) Os que abandonaram Marx com soltura de corpo e com alívio, como se se desvencilhassem de um peso, na verdade não trocavam um autor por outro, mas uma classe por outra.
(Y) Eles substituíram a exploração de classes e de países pela temática do totalitarismo, aperfeiçoando suas análises políticas ao vinculá-las à dimensão social.
III
No mundo contemporâneo, tais modos nos permitem compreender a etapa atual do capitalismo, em sua fase de hegemonia política norte-americana.
(X) Para atender a atualidade, são necessários modos de compreensão férteis, capazes de dar conta das relações entre a objetividade e a subjetividade, entre os homens como produtores e como produtos da história.
(Y) Trata-se de uma compreensão míope, que ignora componentes essenciais ao fenômeno do capitalismo que estamos vivendo.
IV
Quem pode entender a política militarista dos EUA e do seu complexo militar-industrial sem a atualização da noção de imperialismo?
(X) Quem pode entender hoje a crise econômica internacional fora dos esquemas da superprodução, essencial ao capitalismo?
(Y) Portanto, é a unipolaridade vigente há uma década que busca impor a dicotomia livre mercado/protecionismo.
V
Nunca as relações mercantis tiveram tanta universalidade, seja dentro de cada país, seja nas novas fronteiras do capitalismo.
(X) O capitalismo dá mostras de enfrentar forte declínio, que leva os especialistas a preverem profunda fragmentação na ordem econômica interna de cada nação.
(Y) Assiste-se ao capitalismo em plena fase imperialista consolidada, em que as formas de dominação se multiplicam.

a) X,X,Y,Y,X
b) Y,X,X,X,Y
c) Y,Y,X,X,Y
d) X,Y,Y,X,Y
e) X,Y,Y,X,X

Esta questão exige que o candidato leia o enunciado com bastante calma e perceba haver a solicitação tão somente do início do texto em cada item, ou seja, não pode haver em X ou Y elementos remissivos. Por exemplo, no item 1, o fragmento "Em consequência desses fatores" indica que os fatores já deveriam ter sido citadas anteriormente. Então, o item 1 só pode ser iniciado por Y. Sobraram apenas as opções B e C. No item 2, X não apresenta elementos remissivos, podendo iniciar o texto. Já Y é introduzido "Eles substituíram", indicando que o pronome ELES refere-se a elementos que teoricamente já deveriam ter sido mencionados. O segundo item é X. Portanto, já se chega à resposta. Opção B.

Capítulo 30

Teoria Argumentativa

Amigo leitor, é inegável que o trabalho de interpretação requer um pouco de intuição e de experiência pessoal, mormente o hábito da leitura. Se não o tens, que passes a tê-lo. No entanto, além do aspecto instintivo e da bagagem cultural, há algumas técnicas de interpretação fundamentais para quem deseja fazer uma boa prova de concurso público. Este capítulo trabalhará, de forma resumida e objetiva, as técnicas cabíveis para que o candidato chegue à resposta correta nas questões de concursos públicos. Deixo bem claro aqui que não pretendo me alongar em demasia quanto aos elementos teóricos, mas passar somente as informações mais importantes para o candidato acertar questões deste assunto (considerado verdadeiro tabu, com respostas que às vezes os mais despreparados acham ininteligíveis) em concursos públicos. O primeiro passo é retornar ao capítulo de conjunções e lê-lo com todo carinho, refazer os exercícios etc. Depois, dar uma passada pelas preposições, observar as relações causa-efeito em conjunções e preposições. Após é interessante rever a semântica de verbos, os valores de prefixos e sufixos, os homônimos e parônimos, latinismos, restrição e explicação nas orações adjetivas... Não há mais hoje em dia como se falar em interpretação sem falar em gramática, tal qual não há como se falar em gramática sem falar em interpretação. As questões de gramática são contextualizadas.

30.1. Denotação

Vocabulário utilizado no sentido oficial – valor que se encontra registrado nos dicionários.

30.2. Conotação

Vocabulário utilizado no sentido figurado, contextual – valor que não se encontra registrado nos dicionários.

Obs.: Os dicionários registram várias acepções que as palavras denotam. Porém, quando os vocábulos carregam valores outros que recebem das estruturas textuais, indica-se a ocorrência da conotação.

Ex.: Estou com fome e degustarei um abacaxi.

→ O vocábulo "abacaxi" está no sentido denotativo, oficial, representando a fruta.

Ex.: A denúncia de corrupção é um abacaxi para o governo.

→ O termo "abacaxi" está sendo utilizado no sentido figurado, significando "problema".

Ex.: A medicina aos poucos está superando o câncer.

→ "Câncer" está no sentido denotativo e oficial que se encontra registrado nos dicionários.

Ex.: A classe política é um câncer para o nosso país.

→ "Câncer está no sentido conotativo, não significando oficialmente a doença.

30.3. Descrição

Texto ou fragmento de texto que tem por fim formar a imagem de um ser, de um objeto, de um lugar ou uma ambiente em um determinado momento. É fundamental perceber que a descrição não indica uma sequência temporal. Pelo contrário, na descrição de uma situação, os fatos ocorrem simultaneamente, podendo-se, inclusive, inverter a ordem dos eventos. Compara-se a descrição à fotografia.

Ex: O professor tem aproximadamente quarenta anos, um metro e oitenta, noventa quilos, cabelos castanhos e ralos, barba espessa e usa óculos.

Enquanto o professor explicava a matéria, os alunos das primeiras fileiras prestavam atenção. Já os das fileiras intermediárias dormiam e os das fileiras do fundo jogavam bolinhas de papel uns nos outros.

→ Observe que, nos dois exemplos, procurou-se fazer uma descrição. No primeiro caso, de uma pessoa; no segundo, de um ambiente. Repare que, neste, a ordem dos fatos poderia ser invertida, pois os eventos são concomitantes. "Enquanto o professor explicava a matéria, os alunos das fileiras do fundo jogavam bolinhas de papel uns nos outros. Já os das fileiras intermediárias dormiam e os das primeiras fileiras prestavam atenção."

"A sala era pequena e de telha vã. Pelas paredes, velhos cromos de folhinhas, registros de santos, recortes de ilustrações de jornais baralhavam-se e subiam por elas até dous terços da altura. Ao lado de uma Nossa Senhora da Penha, havia um retrato de Vitor Emanuel – uma cabeça de mulher em posição de sonho – parecia olhar um São João Batista ao lado. No alto da porta que levava ao interior da casa, uma

lamparina, numa cantoneira, enchia de fuligem a Conceição de louça" (Lima Barreto).

→ A intenção deste fragmento de texto é formar a imagem da sala, desde o seu tamanho até os elementos que a compõem.

30.4. Narração

Texto ou fragmento de texto que tem por fim relatar uma sequência de fatos ou ações. Ao contrário da descrição – onde os fatos ocorrem simultaneamente –, a narração sugere eventos acontecendo em sucessão. Compara-se a um filme.

Ex.: "Os aimorés haviam reiniciado a luta, cada vez mais sequiosos de vingança. Os selvagens, não querendo que ninguém se salvasse, principalmente Pery, abateram uma árvore que era um ponto de comunicação praticável entre a residência de D. Antônio de Mariz e a cabana do índio.

Ao primeiro golpe do machado de pedra sobre o tronco, Pery estremeceu e ia despedaçar a cabeça do inimigo com a clavina; conteve-se, porém, e acabou de torcer uma corda com os filamentos de uma das palmeiras que serviam de esteio à sua cabana. A árvore, afinal, caiu e os aimorés, mais tranquilos, continuavam os preparativos para o combate final que contavam dar durante a madrugada" (José de Alencar).

Este fragmento de texto narra sequencialmente os fatos que se sucederam. Uma fotografia não indicaria todo o ocorrido. Haveria a necessidade de um filme para demonstrar a sucessão de acontecimentos: Pery estremeceu; depois foi despedaçar a cabeça do inimigo; posteriormente se conteve; finalmente, torceu uma corda.

Obs.: Também é importante esclarecer que o texto é considerado narrativo quando o autor mencionar dizeres de terceiros. O dizer é também uma ação. Da mesma maneira que se entende como narração o fato de acordar, levantar, escovar os dentes, beber um café, vestir-se e sair para trabalhar, também se compreende como narração o fato de um autor informar o que terceiros dizem, informam, esclarecem, citam etc.

Um pouco de bom-senso sempre ajuda

(Augusto Nunes – 28/10/2005 – com adaptações.)

Em Mato Grosso, a febre aftosa provoca o extermínio de milhares de cabeças de gado. Em Portugal, ao lado de Marisa Letícia, o Presidente Lula diz que está tudo dominado. Na fronteira com o Paraguai, técnicos do Ministério da Agricultura confirmam o aparecimento de novos focos da

doença. Na Espanha, Lula declara que o problema, restrito a um único rebanho, já foi resolvido.
De volta ao Brasil, esbanjou felicidade. “Nós precisamos viajar o mundo e ir conhecendo as pessoas”, ensinou em lulês na quinta-feira. Qualificou de “excepcionais” os resultados do giro europeu.
“Nada é mais prazeroso para um ser humano do que deitar todo santo dia com a cabeça no travesseiro e dizer: hoje valeu a pena governar este país”, aplaudiu-se. Contratempos sempre haverá. “Não acredito em nenhum país que não tenha problema”, disse em Moscou. “Se não tivesse problema, não tinha política, tudo se resolvia num convento.”

Observe que o autor do texto narra, de forma irônica, os dizeres do Presidente Lula. Este fragmento é predominantemente narrativo.

30.5. Dissertação

Texto que se caracteriza pela interpretação e análise da realidade por meio de conceitos abstratos. Difere-se aí da descrição e da narração, visto que nestes há a predominância de elementos concretos. Na dissertação, não há a preocupação com a formação da imagem de um objeto, de um ser ou de uma situação, tampouco indica-se a sequência de ações. Neste tipo de verbete, o esperado é uma tomada de posição do autor em relação a um assunto e os meios utilizados para a defesa dessa posição. Enfim, a dissertação pressupõe a indicação de uma opinião (tese) acerca do tema proposto e os recursos (argumentos) para apoiar a opinião.

30.6. Tese

É a opinião do autor do texto sobre um determinado assunto. Existem as teses abrangentes e as específicas. As teses abrangentes normalmente – é fundamental o leitor compreender o uso do vocabulário “normalmente” e não “sempre”; trata-se aqui de estudo de língua, e não de ciência exata – posicionam-se no parágrafo introdutório (onde se expõe a opinião geral – tópico frasal – do autor e a subdivisão dos tópicos apresentados) e no último parágrafo (quando se retoma a introdução e faz-se o fechamento) dos textos dissertativos. Como o texto há de ser coeso, os parágrafos do desenvolvimento devem se remeter ao introdutório e reapresentar os tópicos expostos. Então, por exemplo, no segundo parágrafo, o primeiro tópico exibido na introdução deverá ser reapresentado e após será iniciada a argumentação. Como cada parágrafo do desenvolvimento deve ser uma análise de cada tópico apresentado, pode-se entender que os tópicos

indicarão as subdivisões da introdução abrangente. Daí denominá-la de específica, cabendo também outros nomes: individual, pequena, desdobramento de tese etc.

30.7. Argumento

É o meio utilizado para a defesa da tese. O argumento funciona como um meio de convencimento de que a opinião é cabível, consistente e coerente. Existem vários recursos de argumentação:

- **exemplos –** normalmente são fatos narrados que exemplificam, justificam ou esclarecem a tese apresentada. Tem-se uma opinião sobre determinado tema e apresenta-se um exemplo que comprove tal posicionamento;
- **dados estatísticos –** informações colhidas junto a órgãos de pesquisa capazes de dar fundamento a uma tese apresentada. O autor do texto demonstra seu posicionamento acerca de um assunto e, ao defendê-lo, utiliza-se de dados e elementos numéricos para o apoio a seu parecer;
- **analogias –** a tese é defendida através de comparações. Obviamente, para haver a coerência textual, a comparação terá de ser sempre favorável à opinião exposta pelo autor;
- **evidências –** a tese é defendida por uma certeza manifesta, por uma unidade cuja expressão não apresenta dúvida quanto à sua verdade ou quanto à sua falsidade;
- **informações de terceiros –** a tese é apoiada por informações de terceiros (normalmente algum especialista no assunto). É sempre importante lembrar que "informações de terceiros" são recursos narrativos de argumentação. Normalmente quando há no texto a referência a dizeres de autoridades no objeto tratado, as bancas questionam o motivo de tal. Dentre as opções, indicam que se sucede para dar importância ao assunto em voga. Essa explicação não é correta, pois a justificativa de esclarecer a procedência da informação é dar-lhe valor, autoridade, importância. Destarte, no caso, a importância é da informação que funciona como recurso de argumentação e não do tema desenvolvido.

O Brasil das cabeças desarrumadas

Elio Gaspari (O Globo)

O resultado do referendo fez um bem ao país. Instaurou o império das cabeças desarrumadas, e o Brasil precisa delas.

Uma pessoa de cabeça desarrumada é assim: defende a pena de morte e o ensino gratuito nas universidades públicas. É a favor do aborto e se diz

católico. Votou Lula em 2002 e José Serra em 2004. É contra as cotas nas universidades e milita numa ONG de defesa da Mata Atlântica. Por desarrumada, essa cabeça pode pensar tudo ao contrário e não faz a menor diferença. A desarrumação determina e incentiva o debate. Opõe-se a um mundo de ideias ordenadas no qual a pessoa deve se preocupar em "pensar direito", entendendo-se que sempre haverá alguém explicando o que vem a ser "pensar direito".

Houve uma época em que a expressão "raciocinar em bloco" designava, com alguma ironia, inteligências ou culturas privilegiadas, sacerdotes do bem-pensar. Aceitando-se as virtudes do mestre, esperava-se sua opinião e ia-se atrás. Essa atitude tanto pode colocar uma pessoa na condição de discípulo de um grande pensador como pode embalá-la na treva da ignorância. O segundo caso ocorre com maior frequência.

As cabeças arrumadas brasileiras, atraídas pela construção de modelos intelectuais harmônicos, dão pouca atenção ao funcionamento da sociedade. Preferem evitar o assunto. Alguns exemplos.

O bem-pensar urbano do Rio de Janeiro legislou que é proibido construir apartamentos com menos de 30 metros quadrados. Coisa de gente muito bem educada. Faltou dizer onde vai morar uma família que não tem dinheiro para essa metragem. Na favela, por certo. A discussão dessa lei de incentivo à favelização está fora do debate urbano carioca.

O bem-pensar tributário estabeleceu que os serviços de telefonia devem ser taxados com mão de ferro, pois vai-se tomar dinheiro do andar de cima para custear investimentos que atenderão ao de baixo. Deu no seguinte: o patrão fala com Paris de graça pelo Skype e a empregada paga R$ 5 por um telefonema de dez minutos para Bangu. Um imposto destinado a buscar justiça produz injustiça, mas o tema está fora da agenda dos teletecas.

O bem-pensar diplomático levou Lula a propor uma cruzada mundial contra a fome. Fez isso em Genebra, Paris e Nova York. Passados dois anos, contou que gostaria de arrumar recursos para combater a desnutrição da África, aumentando as taxas de embarque nos aeroportos brasileiros. Falta dizer aos usuários do Galeão que eles pagam uma das taxas mais altas do mundo, o dobro do que se cobra no Aeroporto Kennedy.

Num caso mais farisaico, tome-se o exemplo da legislação penal brasileira. Bem pensada, faz inveja a um advogado sueco. São muitos os doutores que fazem palestras pelo mundo descrevendo essa joia de modernidade. Jamais um ministro da Justiça contará que as maravilhas são parolas. O que vale

mesmo é a lei da massa. O bandido que entra na prisão passa a uma nova instância judicial, a de seus pares. Maltratou a mãe? Morre. Estupro? Se não morrer, sofre o que fez. Respeito, só para os estelionatários.

No Brasil das cabeças desarrumadas cada tema poderá ser discutido e avaliado isoladamente. Muitas opiniões resultarão contraditórias, mas é esse exercício do juízo individual que enriquece o debate público.

Harmonia e nexo podem ser desejáveis, mas é preferível conviver com pessoas de cabeça desarrumada cujas opiniões não formam um nexo final do que aturar gente que tem muito nexo mas não se responsabiliza pelas opiniões que dá.

→ Observe: o tópico frasal apresenta dois elementos a serem desenvolvidos: "Instaurou o império das cabeças desarrumadas, e o Brasil precisa delas". O segundo parágrafo reapresenta apenas o primeiro tópico da tese abrangente (a tese particular): "Uma pessoa de cabeça desarrumada é assim". A partir daí, o autor começa a utilizar o recurso da exemplificação para a defesa da pequena tese: "defende a pena de morte e o ensino gratuito nas universidades públicas. É a favor do aborto e se diz católico. Votou Lula em 2002 e José Serra em 2004. É contra as cotas nas universidades e milita numa Ong de defesa da Mata Atlântica".

→ O sexto parágrafo retoma a segunda parte do tópico frasal da introdução "e o Brasil precisa delas."): "As cabeças arrumadas brasileiras, atraídas pela construção de modelos intelectuais harmônicos, dão pouca atenção ao funcionamento da sociedade. Preferem evitar o assunto". Observe que o próprio autor do texto indica que a tese está se findando, pois ao fim deste parágrafo, ele escreve "alguns exemplos:". Então, a partir daí até o antepenúltimo parágrafo, ocorrerão apenas exemplos para defender o fato de o Brasil precisar de cabeças desarrumadas. Os dois últimos parágrafos retomam o parágrafo introdutório sem a preocupação de oferecer outros argumentos, indicando tão somente a conclusão de tudo o que se defendeu.

A nova política (Merval Pereira)

O referendo sobre o desarmamento revelou, além da intensidade do sentimento negativo do eleitorado em relação à atuação do Poder Público, a vitalidade da chamada "sociedade global", fenômeno que caracteriza as sociedades modernas que, com os meios tecnológicos de que dispõem hoje, podem existir independentemente das instituições políticas e do sistema de comunicação de massa, segundo análise do sociólogo Manuel

Castells, da Universidade Southern Califórnia, nos Estados Unidos, um dos seus principais teóricos.

Segundo ele, a crise de legitimidade política, caracterizada por um distanciamento crescente entre os cidadãos e seus representantes, faz com que a sociedade civil tente preencher o "vazio de representação", através de "mobilizações espontâneas usando sistemas autônomos de comunicação".

Internet e comunicação sem fio, como os telefones celulares, "proveem um espaço público como instrumento de organização e meio de debate, diálogo e decisões coletivas", ressalta Castells. A sociedade civil representada nesses debates, como aconteceu no referendo especialmente através da Internet, seria "um canal para a transformação do Estado".

Miguel Darcy de Oliveira, fundador da Comunitas, uma organização da sociedade civil de interesse público para o fortalecimento da sociedade civil e a promoção do desenvolvimento social no Brasil, acha que o debate sobre desarmamento revelou dois fenômenos convergentes: o poder da Internet como ambiente para a formação de opiniões, e a capacidade do cidadão de pensar pela própria cabeça, confrontar pontos de vista, deliberar e tomar posição.

Para Miguel Darcy, a importância da Internet está em ser "o espaço por excelência para a livre expressão e debate. Cada um expõe seu ponto de vista, muitas vezes numa linguagem bem mais simples e direta do que a usada em textos escritos. Abre-se assim fórum de ideias aberto à contribuição de múltiplos participantes. Uma opinião não tem mais peso ou autoridade do que uma outra. Não há instância de controle do que pode ou não ser dito, do que é ou não politicamente correto. O que conta é o debate que se instala e se irradia com grande velocidade". Ele ressalta que, durante a campanha do referendo, o movimento na Internet cresceu de maneira espontânea e inesperada.

"Amigos e colegas trocaram e-mails sobre os pontos de vista em discussão. Idéias foram confrontadas numa grande conversação que começou no ambiente virtual e se prolongou nos espaços de trabalho, na família, na escola. Gente que habitualmente pensava do mesmo modo se via agora defendendo posições conflitantes. Apelos emocionais e argumentos simplistas foram questionados. Cada um se viu diante do desafio de elaborar, sustentar e, eventualmente, modificar sua opinião."

Apesar de a penetração da Internet ainda ser pequena no Brasil, sua capacidade de formação de opinião foi demonstrada durante a campanha

do referendo, tornando-se um exemplo eloquente da emergência de um espaço público de debate e deliberação "que ninguém controla e que é altamente democrático". Assim como Castells, Miguel Darcy de Oliveira classifica a participação de muitos neste campo argumentativo como "a melhor resposta dos cidadãos à crise da velha política e sua contribuição à invenção de uma democracia que se alicerça numa sociedade civil e numa opinião pública participante".

O secretário municipal de Urbanismo do Rio, Alfredo Sirkis, diz que a vitória do "Não" no referendo não deve ser vista como da direita ou do conservadorismo. Ele diz que votou nulo, e classificou o referendo de "inócuo, demagógico, meramente midiático, um faz-de-conta, bem à moda brasileira, onde a vitória eventual do 'Sim' em nada mudaria a situação de violência fora do controle, nem contribuiria para o desarmamento em nada minimamente efetivo".

Um dos maiores desafios da esquerda é a questão da segurança e da violência, admite Sirkis. "Se não soubermos tratar disso, não teremos futuro. Foi a lição aprendida por Clinton e Blair, que protagonizaram as duas únicas experiências bem-sucedidas à esquerda (nos respectivos contextos) que garantiram seu sucesso e reeleição." Sem uma política clara em relação à segurança, Sirkis diz que a esquerda conseguirá "dentro de algum tempo, aí sim, empurrar para a direita todo esse imenso contingente que votou 'Não'".

Já o cientista político Bolívar Lamounier acha que o resultado do plebiscito certamente vai deixar muitas almas boas chocadas e quiçá desiludidas com o recurso à chamada "democracia direta", muito usada principalmente por governos populistas, como o de Chávez, na Venezuela. Não é à toa que o Presidente Lula chegou a pensar em colocar seu governo a julgamento público junto com o referendo das armas. Seria um erro político grosseiro, mas revela o espírito de sua política. Em seu livro recentemente lançado, Da independência a Lula: dois séculos de política brasileira, Bolívar Lamounier critica a "democracia direta".

Ele lembra que a utopia da democracia "direta" nutre-se de práticas vigentes num pequeno grupo de países, como nos Estados Unidos. Segundo Lamounier, de "direta" ela tem muito pouco: "no mais das vezes, trata-se de uma guerra entre lobbies, dissidências dos partidos e, não raro, de grupos racistas em geral muito bem financiados; ou então, visa amplificar a ressonância de propostas ou campanhas promovidas ao mesmo tempo através dos canais políticos normais". Segundo ele, "a

possibilidade de manipulação é inerente ao instrumento, pois a autoridade incumbida de propor os quesitos pode ficar muito aquém da neutralidade".
O cientista político lembra que "desde que começaram a ser realizados, há cerca de dois séculos, plebiscitos e referendos foram quase sempre um jogo de cartas marcadas, com o objetivo de legitimar decisões autoritárias, ratificar ocupações de território alheio, e assim por diante".

Observe que este texto é dissertativo, pois revela a opinião do autor do texto logo em seu início: "O referendo sobre o desarmamento revelou, além da intensidade do sentimento negativo do eleitorado em relação à atuação do poder público, a vitalidade da chamada 'sociedade global'." A partir daí, são utilizados depoimentos de terceiros como recurso de argumentação. Logo após a vírgula em que se encerra a tese do autor, inicia-se sua defesa: "fenômeno que caracteriza as sociedades modernas que, com os meios tecnológicos de que dispõem hoje, podem existir independentemente das instituições políticas e do sistema de comunicação de massa, segundo análise do sociólogo Manuel Castells, da Universidade Southern Califórnia, nos Estados Unidos, um dos seus principais teóricos".
Até o fim do texto, o autor não volta a emitir opiniões nem para concluir o texto. A partir da análise de Manuel Castells, o texto segue com uma longa narração em que são utilizados apenas depoimentos de peritos acerca do tema tratado. Deduz-se, portanto, que o recurso argumentativo utilizado foi a informação de terceiros. É fundamental chamar a atenção do leitor que o autor do texto apresenta cada um de seus depoentes. Tal identificação se faz necessária visto que confere credibilidade às informações. Então, ao dizer que Manuel Castells é sociólogo da Universidade Southern Califórnia, nos Estados Unidos, e um dos seus principais teóricos, a informação ganha peso, a argumentação se torna válida, a defesa da opinião ganha autoridade. Enfim, a identificação do depoente se torna necessária não para produzir credibilidade para o tema e sim para o argumento.
É importante não esquecer que as questões de interpretação são confeccionadas com a intenção de deixar o candidato em dúvida entre duas opções. São, normalmente, estas opções coerentes com texto, porém, às vezes, não o são com as perguntas formuladas. Você terá que aprender a responder exatamente o que está sendo perguntado. O estudo a seguir é referente aos enunciados das questões.

30.8. Recorrência textual

Ocorre quando a banca exige algo que esteja claro no texto. Enunciados que se apresentam como "Segundo o texto", "De acordo com o texto", "O autor diz que" impõem que as respostas estejam explícitas no texto. Sendo assim, é possível que uma opção esteja efetivamente em conformidade com as ideias expostas no texto, e a outra seja uma dedução, às vezes até coerente, decorrente dos elementos do texto. Se o enunciado foi um daqueles mencionados, a resposta haverá de ser a primeira opção.

É importante observar que toda questão relativa a valor semântico dos vocábulos (sinonímia) é de recorrência textual, pois não se deseja saber o sinônimo da palavra isoladamente, mas sim no contexto. Por exemplo, as palavras "participar" e "informar" são sinônimas? A resposta certa é "talvez", "dependendo do contexto". Na frase "Participei de uma festa ontem", o verbo PARTICIPAR não é sinônimo de "INFORMAR". No entanto, na frase "Participei a todos que o deputado foi processado", o verbo PARTICIPAR já se torna sinônimo de INFORMAR.

30.9. Inferência textual

Ocorre quando a banca exige do candidato algo que esteja além do texto. Enunciados que se apresentam como "Deduz-se...", "Depreende-se...", "Conclui-se", "Infere-se", "O que o autor quis dizer com..." impõem que a resposta correta não seja algo que esteja explícito, mas sim subentendido. É uma dedução. Perceba a diferença entre "O que o autor informou...?" e "O que o autor pretendeu dizer com...?" No primeiro caso, a banca exige algo que o autor informou, ou seja, algo explícito no texto; já, no segundo caso, o candidato deve imaginar o que o autor pretendeu dizer.

BIZU

Como já se mencionara, o fundamental é o candidato aprender a responder ao que está sendo perguntado. Portanto, se no enunciado da questão houver a proposição "Segundo o fragmento X", você irá se restringir a responder sobre o fragmento X, mesmo que este fragmento se oponha ao restante do texto. Se a banca expuser um fragmento finalizado com reticências (XXXX...), você deverá retornar ao texto e observar onde aquela ideia acabará. Se for proposta uma inferência acerca da totalidade do texto, e não de um fragmento, o candidato deverá procurar a resposta no tópico frasal (normalmente no início do texto), onde estará presente a tese abrangente.

30.10. Exercícios com gabarito comentado sobre teoria argumentativa

A FOME

Cerca de vinte milhões de crianças e mais de vinte milhões de adultos morrem anualmente de fome e subnutrição. A informação é do diretor-geral da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO), Edouard Sadema, segundo o qual, se observássemos um minuto de silêncio por cada pessoa que morreu no ano passado por causas relacionadas com a fome, estaríamos em pé, calados, ainda depois de acabado o século... Ele citou, entre a lista de paradoxos que o panorama econômico mundial oferece, o ato de que os gastos militares de todo o mundo aumentaram em proporções colossais, e sua quantia foi superior vinte vezes ao total de assistência oficial ao desenvolvimento. O custo de um só porta-aviões nuclear, disse ele, é superior ao Produto Nacional Bruto (PNB) de 53 países. Os países em desenvolvimento gastam anualmente com importação de armas o equivalente a suas importações totais de alimentos. (Caderno econômico do jornal *A Tarde*, Salvador.)

1. Por que o jornalista dá, no primeiro texto, a fonte de sua informação?

a) Porque quer demonstrar a importância do tema tratado.
b) Porque é obrigado a declarar como chegou a essa informação.
c) Porque quer dar autoridade ao que informa.
d) Porque todo texto jornalístico faz isso.
e) Porque quer provocar sensacionalismo.

Resposta: Alternativa C.

Não se pode dizer que o texto seja dissertativo, pois a opinião do autor do texto não aparece de forma explícita. Aqui só há narração (o autor está narrando todos os dizeres do diretor-geral da ONU) e argumentação (O recurso utilizado foi o conjunto de informações fornecido pelo diretor-geral da ONU). Como já se informara, ao identificar o fornecedor da informação, não se expõe a importância do tema, mas sim da informação. Quando se diz que a informação é prestada pelo diretor-geral da ONU, ganha peso, credibilidade, autoridade e se torna um significativo recurso de argumentação.

(Técnico Judiciário Juramentado – TJ – RJ – NCE)
TEXTO – VIVER EM SOCIEDADE
Dalmo de Abreu Dallari

A sociedade humana é um conjunto de pessoas ligadas pela necessidade de se ajudarem umas às outras, a fim de que possam garantir a continuidade da vida e satisfazer seus interesses e desejos.
Sem vida em sociedade, as pessoas não conseguiriam sobreviver, pois o ser humano, durante muito tempo, necessita de outros para conseguir alimentação e abrigo. E no mundo moderno, com a grande maioria das pessoas morando na cidade, com hábitos

que tornam necessários muitos bens produzidos pela indústria, não há quem não necessite dos outros muitas vezes por dia.
Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material, como os alimentos, a roupa, a moradia, os meios de transporte e os cuidados de saúde. Elas são também de ordem espiritual e psicológica. Toda pessoa humana necessita de afeto, precisa amar e sentir-se amada, quer sempre que alguém lhe dê atenção e que todos a respeitem. Além disso, todo ser humano tem suas crenças, tem sua fé em alguma coisa, que é a base de suas esperanças.
Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos. Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitada de dar e receber afeto. E muito provavelmente ficaria louca se continuasse sozinha por muito tempo.
Mas, justamente porque vivendo em sociedade é que a pessoa humana pode satisfazer suas necessidades, é preciso que a sociedade seja organizada de tal modo que sirva, realmente, para esse fim. E não basta que a vida social permita apenas a satisfação de algumas necessidades da pessoa humana ou de todas as necessidades de apenas algumas pessoas. A sociedade organizada com justiça é aquela em que se procura fazer com que todas as pessoas possam satisfazer todas as suas necessidades, é aquela em que todos, desde o momento em que nascem, têm as mesmas oportunidades, aquela em que os benefícios e encargos são repartidos igualmente entre todos.
Para que essa repartição se faça com justiça, é preciso que todos procurem conhecer seus direitos e exijam que eles sejam respeitados, como também devem conhecer e cumprir seus deveres e suas responsabilidades sociais.

2. Segundo o primeiro parágrafo do texto:
a) As pessoas se ajudam mutuamente a fim de formar uma sociedade.
b) A garantia da continuidade da vida é dada pela satisfação dos desejos das pessoas.
c) A satisfação dos interesses e desejos das pessoas leva à vida em sociedade.
d) Não seria possível a sobrevivência se não existisse sociedade.
e) Sem a ajuda mútua, as pessoas levariam uma vida isenta de desejos.
Resposta: Alternativa D.
Normalmente o candidato fica em dúvida entre as opções C e D. A tendência é marcar a alternativa C. No entanto, esta opção possui uma falha técnica: houve a inversão da relação causa-efeito. Lembre-se do que foi exposto em conjunções. O conector "a fim de que" acrescenta ao período valor de finalidade (a ideia de finalidade está relacionada à de consequência). O que ocorre anteriormente é "a existência da sociedade" e depois "a satisfação de interesses e desejos", portanto não se pode dizer que a satisfação dos interesses leva à vida em sociedade, mas sim que a sociedade é que leva à satisfação de interesses e desejos. Já se ouviu muito que a opção D não poderia ser a resposta, já que

o enunciado (de recorrência) exige uma resposta presente no primeiro parágrafo e a resposta estaria no segundo. Todavia, este argumento se torna insuficiente à medida que se observa a ideia já presente no primeiro parágrafo (sociedade existe para garantir a continuidade da vida). Enfim, é fundamental perceber a organização do texto. O primeiro parágrafo apresenta dois tópicos a serem desenvolvidos (tese abrangente): a sociedade existe para garantir a continuidade da vida e a sociedade existe para satisfazer interesses e desejos. O segundo parágrafo retoma apenas o primeiro tópico (tese particular) da tese abrangente, modificando as palavras, e somente a partir da conjunção "pois" inicia-se a argumentação.

3. "... pois o ser humano, durante muito tempo, necessita de outros para conseguir alimentação e abrigo". A expressão "durante muito tempo" se refere certamente ao período:

a) da velhice;
b) da gravidez;
c) de doenças;
d) da infância;
e) do trabalho.

Resposta: Alternativa D.

Observe que a questão é de inferência textual. Na pergunta, não está mencionado que a resposta estaria no texto, além de a expressão "certamente" indicar que se trata de uma dedução. Então, façamos a dedução... Em que período de nossas vidas, certamente, precisaríamos de alguém para conseguir alimentação e moradia. Com certeza, o período em que todos são dependentes é a infância, pois na velhice (caso cheguemos a ela) há a possibilidade de mantermo-nos independentes. Mas quando crianças, não.

4. "Elas são também de ordem espiritual e psicológica". As palavras que exemplificam, respectivamente, na continuidade do texto as necessidades espiritual e psicológica, são:

a) afeto / atenção;
b) crenças / afeto;
c) fé / crenças;
d) amar / ser amada;
e) atenção / esperanças.

Resposta: Alternativa B.

Observe que, nesta questão, estão sendo solicitadas ao candidato palavras que sirvam de exemplo para uma tese específica. O terceiro parágrafo representa o segundo tópico apresentado na introdução (satisfazer interesses e desejos), mudando-se apenas os vocábulos: "Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material, como os alimentos, a roupa, a moradia, os meios de transporte e os cuidados de saúde. Elas são também de ordem espiritual e psicológica". Então a tese específica é que há interesses de ordem espiritual e psicológica. Os exemplos, que servem de argumentos, não respeitam a ordem da tese, vindo primeiro os de ordem psicológica (toda pessoa humana necessita de afeto, precisa amar e sentir-se amada, quer sempre que alguém

lhe dê atenção e que todos a respeitem) e depois os de ordem espiritual (além disso, todo ser humano tem suas crenças, tem sua fé em alguma coisa, que é a base de suas esperanças).

5. "Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida..." Este segmento do texto teria redação mais clara se:
a) Substituíssemos a primeira vírgula pela conjunção aditiva E.
b) Repetíssemos o sujeito na segunda oração.
c) Deslocássemos as ocorrências do advérbio "não" para antes de "apenas".
d) Mudássemos a ordem das orações, de modo a colocar a última como primeira.
e) Omitíssemos o substantivo "seres".
Resposta: Alternativa C.
Primeiramente, observe a presença de reticências. Já é um indício de que se deve retornar àquele fragmento do texto. Além disso, você já leu o texto e, no primeiro parágrafo, o autor já manifestou que a sociedade existe para garantir a continuidade da vida. No início do segundo parágrafo, ele assevera que "Sem vida em sociedade, as pessoas não conseguiriam sobreviver". Então, como as pessoas vivem juntas, vivem em sociedade, fica evidenciado que a intenção do autor não era negar o verbo VIVER. O objetivo dele era negar o elemento de restrição "apenas", pois o advérbio "não", ao negar o apenas, na realidade estaria negando o fato de haver apenas um motivo para os seres humanos viverem em sociedade – porque escolhem esse modo de vida –, indicando haver outro motivo – mas (mas também, indicando ideia de soma) porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana.

6. "Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia..." O uso do futuro do pretérito, nesse segmento, tem valor de:
a) probabilidade;
b) certeza;
c) dúvida;
d) conclusão;
e) condição.
Resposta: Alternativa A.
É fundamental perceber que o enunciado da questão já demonstra que o futuro do pretérito pode passar várias ideias. A expressão "O uso do futuro do pretérito, nesse segmento, tem valor de" indica que este mesmo tempo, em outros fragmentos, pode ter valores diferentes. O futuro do pretérito designa uma consequência futura (que pode ser certa, provável ou duvidosa) de um fato passado. Portanto, o contexto tem que oferecer algum elemento que denuncie de forma precisa esta ideia. O segmento apontado é extraído com reticências já convocando o candidato a retornar ao texto e observar onde a ideia é finalizada. No fim do mesmo parágrafo, ocorre outro verbo no futuro do pretérito (ficaria) antecedido do adjunto adverbial "provavelmente". A palavra-chave "provavelmente" esclarece que a visão do autor do texto é que muito provavelmente a pessoa ficaria louca se continuasse sozinha. Se não chega a ser uma certeza que a

pessoa ficaria louca, também não é uma dúvida o fato de ela estar em pouco tempo sentido falta de companhia, mas sim uma situação extremamente provável.

7. "... ficaria louca se continuasse sozinha". A relação entre essas duas orações mostra que:
a) A segunda só se realiza se a primeira não realizar-se.
b) A primeira se realiza contanto que a segunda não se realize.
c) A segunda é consequência da primeira.
d) A primeira é motivada pela segunda.
e) A primeira é uma hipótese para a realização da segunda.
Resposta Alternativa D.
É fundamental lembrar que a ideia de condição está extremamente relacionada à ideia de causa. Há duas orações: "ficaria louca" e "se continuasse sozinha". Primeiro a pessoa tem que continuar sozinha para depois ficar louca. Então a segunda oração é uma condição (hipótese) para a realização da primeira, oposto do que indica a opção E. As duas primeiras opções são absurdas. Por fim, o candidato fica em dúvida entre as opções C e D. Conforme já se esclarecera, o fato anterior é "se continuasse sozinha", o posterior é "ficaria louca", logo o fato de "continuar sozinha" motiva o fato de a pessoa enlouquecer.

(PC – RJ – NCE)
TEXTO – DROGAS: A MÍDIA ESTÁ DENTRO
Eugênio Bucci

Há poucos dias, assistindo a um desses debates universitários que a gente pensa que não vão dar em nada, ouvi um raciocínio que não me saiu mais da cabeça. Ouvi-o de um professor – um professor brilhante, é bom que se diga. Ele se saía muito bem, tecendo considerações críticas sobre o provão. Aliás, o debate era sobre o provão, mas isso não vem ao caso. O que me interessou foi um comentário marginal que ele fez – e o exemplo que escolheu para ilustrar seu comentário. Primeiro, ele disse que a publicidade não pode tudo, ou melhor, que nem todas as atitudes humanas são ditadas pela propaganda. Sim, a tese é óbvia, ninguém discorda disso, mas o mais interessante veio depois. Para corroborar sua constatação, o professor lembrou que muita gente cheira cocaína e, no entanto, não há propaganda de cocaína na TV. Qual a conclusão lógica? Isso mesmo: nem todo hábito de consumo é ditado pela publicidade.
A favor da mesma tese, poderíamos dizer que, muitas vezes, a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público. Inúmeros esforços publicitários não resultam em nada. Continuemos no campo das substâncias ilícitas. Existem insistentes campanhas antidrogas nos meios de comunicação, algumas um tanto soporíferas, outras mais terroristas, e todas fracassam. Moral da história? Nem que seja para consumir produtos químicos ilegais, ainda somos minimamente livres diante do poder da mídia. Temos alguma autonomia para formar nossas decisões.
Tudo certo? Creio que não. Concordo que a mídia não pode tudo, concordo que as

pessoas conseguem guardar alguma independência em sua relação com a publicidade, mas acho que o professor cometeu duas impropriedades: anunciou uma tese fácil demais e, para demonstrá-la, escolheu um exemplo ingênuo demais. Embora não vejamos um comercial promovendo explicitamente o consumo de cocaína, ou de maconha, ou de heroína, ou de crack, a verdade é que os meios de comunicação nos bombardeiam, durante 24 horas por dia, com a propaganda não de drogas, mas do efeito das drogas. A publicidade, nesse sentido, não refreia, mas reforça o desejo pelo efeito das drogas. Por favor, não se pode culpar os publicitários por isso – eles, assim como todo mundo, não sabem o que fazem.

8. DROGAS: A MÍDIA ESTÁ DENTRO. Com esse título o autor:
a) Condena a mídia por sua participação na difusão do consumo de drogas.
b) Mostra que a mídia se envolve, de algum modo, com o tema das drogas.
c) Faz um jogo de palavras, denunciando o incentivo ao consumo de drogas pela mídia.
d) Demonstra a utilidade da mídia em campanhas antidrogas.
e) Indica que a mídia é bastante conhecedora do tema das drogas.
Resposta: Alternativa B.
A opção A é negada pelo fragmento "Não se pode culpar os publicitários por isso". A opção C expõe uma inverdade: a mídia incentiva o consumo de drogas (muito pelo contrário, a mídia propaga, segundo o texto, de forma equivocada, os malefícios da droga). As opções D e E contradizem o texto (eles, assim como todo mundo, não sabem o que fazem). Sobrou apenas a opção B.

9. A expressão destacada que tem seu significado corretamente expresso é:
a) "... que a gente pensa que <u>não vão dar em nada</u>"– que não vão chegar a ser publicados.
b) "... ouvi um raciocínio que <u>não me saiu mais da cabeça</u>"– que me deixou com dor de cabeça.
c) "... o debate era sobre o provão, mas <u>isso não vem ao caso</u>"– tem pouca importância.
d) "... um professor brilhante, <u>é bom que se diga</u>" – é importante destacar isso.
e) "Ele <u>se saía muito bem</u>..." – ele desviava do assunto principal.
Resposta: Alternativa D.
As questões de significado são de recorrência, portanto o candidato deverá buscar a mais fiel à ideia contida no texto. As opções A, B e E são absurdas, logo restando as alternativas C e D. A opção C possui uma falha, quando se diz que o assunto possui pouca importância... não foi isso que o autor quis dizer. A expressão "isso não vem ao caso" sugere apenas que, neste momento, o assunto "provão" não será analisado, podendo sê-lo em outra hora. A opção D é bastante fidedigna, pois indica ser essencial informar que o professor era brilhante, tal qual o texto original esclarecera.

10. "O que me interessou foi um comentário <u>marginal</u>..." O vocábulo destacado significa:
a) subliminar;
b) maldoso;
c) anormal;

d) desprezível;
e) paralelo.
Resposta: Alternativa E.
Outra questão de sinonímia. O termo "marginal" no contexto (a questão é de recorrência) tem valor de "à margem", ou seja, o que não é o principal. Portanto, a resposta é a opção E.

11. "Primeiro, ele disse que a publicidade não pode tudo, ou melhor, que nem todas as atitudes humanas são ditadas pela propaganda". A expressão "ou melhor" indica:
a) retificação;
b) esclarecimento;
c) alternância;
d) incerteza;
e) ratificação.
Resposta: Alternativa B.
A expressão OU MELHOR indica que a informação anterior será apenas melhorada, não corrigida. Portanto não é uma retificação. Também não se pode dizer que a informação será confirmada, pois, mesmo não sendo corrigida, ela sofrerá alterações. Então, a resposta não pode ser a opção E. As opções C e D são absurdas. A que melhor responde a questão é a opção B, pois OU MELHOR sugere que ocorrerá algum tipo de esclarecimento para a informação prestada anteriormente.

12. "Sim a tese é óbvia..."; "Para corroborar sua constatação, o professor lembrou que muita gente cheira cocaína e, no entanto, não há propaganda de cocaína na TV". Em termos argumentativos, podemos dizer, com base nestes dois segmentos, que:
a) A tese é acompanhada de argumento que a defende.
b) A tese leva a uma conclusão explícita.
c) A tese parte de uma premissa falsa.
d) A tese não é acompanhada de dados que a comprovem.
e) A tese é falaciosa e não pode ser provada.
Resposta: Alternativa A.
Neste momento da prova, haverá uma sequência de questões envolvendo TESE e ARGUMENTO. O professor apresentado no texto aduz a seguinte tese: "ele disse que a publicidade não pode tudo, ou melhor, que nem todas as atitudes humanas são ditadas pela propaganda". Quando assevera que "muita gente cheira cocaína e, no entanto, não há propaganda de cocaína na TV", ele está indicando o argumento que defende a sua tese. É fundamental esclarecer que a tese não leva a uma conclusão, e sim, a tese é baseada em argumentos. A resposta é a opção A.

13. "Para corroborar sua constatação..." No caso do professor citado no texto, seu pensamento é apoiado por:
a) opinião própria;
b) estatística;

c) testemunho de autoridade;
d) evidência;
e) analogia.
Resposta: Alternativa D.
O pensamento do professor é apoiado por um exemplo: "muita gente cheira cocaína e, no entanto, não há propaganda de cocaína na TV". A melhor resposta seria "exemplo". Contudo, não há esta opção. A opção A é excluída em virtude da tese não poder ser apoiada em opinião, já que ambas indicam a mesma ideia. Não há elementos numéricos, comparações ou informações prestadas ao professor por terceiros, eliminando-se, por conseguinte, as alternativas B, C e E. Portanto, sobra a opção D. Dentre os recursos de argumentação, a evidência é apresentada como uma certeza manifesta, da qual não há como se discordar. E realmente, não há como negar que "muita gente cheira cocaína e, no entanto, não há propaganda de cocaína na TV".

14. Muitas vezes a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público; esta afirmação:
a) Funciona como mais um argumento para a tese emitida pelo professor.
b) Desmoraliza o falso argumento citado pelo professor no debate.
c) Confirma a tese de que a publicidade pode tudo.
d) É mais um argumento do professor em defesa do que pensa.
e) Representa mais uma dúvida do jornalista sobre o tema debatido.
Resposta: Alternativa A.
Nesta questão, normalmente o candidato fica em dúvida entre as opções A e D. Apesar de serem extremamente parecidas, ocorre uma diferença sutil, porém fundamental. A opção D possui uma falha técnica: o professor expõe uma tese (a publicidade não pode tudo, ou melhor, nem todas as atitudes humanas são ditadas pela propaganda. Depois indica um argumento: "muita gente cheira cocaína e, no entanto, não há propaganda de cocaína na TV". Já o fragmento "Muitas vezes a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público" não é afirmado pelo professor, mas sim pelo autor do texto. Portanto, não é mais um argumento do professor – é do autor do texto – para a tese emitida pelo professor. A opção A é a resposta, pois não há a indicação de quem é o argumento (então, errado não está) para a tese emitida pelo professor. É interessante observar que o autor do texto não se opõe à tese do professor – tanto é que ele diz: a tese é óbvia, ninguém discute –, discordando, sim, do exemplo utilizado para apoiar seu pensamento: o fato de muita gente cheirar cocaína e não haver propaganda de cocaína na TV.

15. Toda publicidade muda hábitos / X é publicidade contrária ao consumo de cocaína / X vai mudar o hábito de consumo da cocaína. Este silogismo, considerando-se o que é dito no texto, <u>não</u> é verdadeiro porque:
a) A premissa não é verdadeira.
b) Um dos termos do silogismo possui ambiguidade.
c) A conclusão não é uma decorrência lógica da premissa.

d) A premissa não é suficiente para a conclusão.
e) A organização dos termos está fora da disposição padrão.
Resposta: Alternativa A.
O estudo de lógica indica que silogismo pressupõe a ocorrência de duas premissas (uma geral e outra específica) para se chegar a uma conclusão. Por exemplo: premissa geral (todo gordo come muito); premissa específica (João é gordo); conclusão (logo, João come muito). O silogismo proposto é equivocado, pois a primeira premissa contradiz o texto: "Muitas vezes a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público".

(MP – RJ – NCE)
TEXTO: RECURSOS HUMANOS

Li que a espécie humana é um sucesso sem precedentes. Nenhuma outra com uma proporção parecida de peso e volume se iguala à nossa em termos de sobrevivência e proliferação. E tudo se deve à agricultura. Como controlamos a produção do nosso próprio alimento, somos a primeira espécie na história do planeta a poder viver fora de seu ecossistema de nascença. Isso nos deu mobilidade e a sociabilidade que nos salvaram do processo de seleção, que limitou outros bichos de tamanho equivalente e que acontece quando uma linhagem genética dependente de um ecossistema restrito fica geograficamente isolada e só evolui como outra espécie. É por isso que não temos mudado muito, mas também não nos extinguimos.
Luís Fernando Veríssimo

16. Segundo o texto, o sucesso da espécie humana é medido:
a) Por sua capacidade de viver fora de seu ecossistema.
b) Por sua sobrevivência e proliferação.
c) Por possibilidade de produzir seu próprio alimento.
d) Por sua inalterabilidade e resistência à extinção.
e) Por sua agricultura.
Resposta: Alternativa B.
Nesta questão é fundamental o candidato atentar-se ao que está sendo perguntado. Se a pergunta fosse "Segundo o texto, o sucesso da espécie humana é devido", a banca intencionaria que o candidato esclarecesse o motivo do sucesso da espécie humana, e a resposta seria "à agricultura". Contudo, o que se interroga é o meio de medição do sucesso da espécie, ou seja, em que critérios comparativos o homem supera outros animais de acordo com o texto. O fragmento que denuncia a resposta é: "Nenhuma outra com uma proporção parecida de peso e volume se iguala à nossa em termos de sobrevivência e proliferação". Portanto a resposta é a opção B.

17. Dizer que a espécie humana "é um sucesso sem precedentes" equivale a dizer que:
a) Não há explicações possíveis para esse sucesso.
b) Poucas espécies tiveram sucesso semelhante.
c) Nada ocorreu antes que pudesse explicar esse fato.

d) Nenhuma outra espécie já atingiu tal sucesso.
e) Nosso sucesso é independente de nossos antepassados.
Resposta: Alternativa D.
O significado de "sem precedentes" indica que nunca houve anteriormente algo igual ao citado, sendo assim como o texto sugere que a espécie humana é um sucesso sem precedentes, é porque nenhuma outra espécie chegara a tal sucesso.

18. "Nenhuma outra com uma proporção parecida de peso e volume se iguala à nossa em termos de sobrevivência e proliferação". Pode-se inferir desse segmento que:
a) Não há outras espécies com a mesma proporção de peso e volume que a espécie humana.
b) Só a espécie humana vai sobreviver.
c) Só a espécie humana proliferou de forma tão rápida e ampla.
d) Sobrevivência e proliferação são valores que medem o sucesso de uma espécie.
e) Nossa proporção de peso e volume ajudou a nossa espécie a ter sucesso.
Resposta: Alternativa D.
É determinado ao candidato que proceda à inferência tão-somente deste fragmento. Portanto, torna-se fundamental ater-se apenas a este trecho. A opção A é inadequada, pois o fragmento não sugere que inexistam outras espécies com a mesma proporção e volume, esclarecendo, sim, que não há espécies de mesma proporção e volume que tenham atingido tamanho sucesso em termos de sobrevivência e proliferação. A opção B é absurda, porquanto, em momento algum, o fragmento indica que as outras espécies não sobreviverão (apenas não tiveram o mesmo sucesso que a humana). O sucesso da proliferação não necessariamente está relacionada à velocidade com que isso ocorrera, excluindo-se, assim, a alternativa C. A opção E também acaba eliminada, em virtude de o trecho jamais sugerir que a proporção de peso e volume ajudou a espécie humana a ter o sucesso mencionado, até mesmo porque nele é admitida a possibilidade de ocorrência de outras espécies com a mesma proporção de peso e volume e, no entanto, não atingiram o mesmo sucesso da humana. Enfim, se o que difere a espécie humana das demais é o sucesso quanto à proliferação e sobrevivência, é porque esses dois elementos são utilizados como critérios de comparações entre as espécies.

(Auditor Fiscal da Receita Federal – AFRF)
Leia o texto abaixo para responder às questões 19 e 20.

Em artigo publicado na década de 90, o Professor Paul Krugman explicava que todos aqueles países que falavam inglês haviam tido um desempenho econômico acima da média de seus vizinhos e que o inglês estava se tornando rapidamente a língua franca dos negócios, do turismo e da *internet*. Assim, os processos de fusão de empresas, tão comuns naquele tempo, só teriam sucesso se utilizassem o inglês como língua de integração das corporações.
Essa visão nos preocupou quando resolvemos integrar todas as áreas de consultoria espalhadas pela América Latina em uma única divisão de consultoria. Mas ficou uma

pergunta no ar: "que língua oficial adotar"? O espanhol ou o português acirraria a rivalidade que já era bastante grande no campo dos esportes. Adotar o inglês teria a vantagem da neutralidade e da facilidade de interação com nossos colegas de outras regiões, mas com perda significativa na agilidade da comunicação e no andamento das reuniões. Foi adotada então uma postura única: haveria três línguas oficiais. Essa pequena sutileza significava, na verdade, que todos eram obrigados a entender as três línguas, mas poderiam se expressar no idioma em que se sentissem mais à vontade. Hoje, cinco anos depois, sentimos que essa decisão foi fundamental para o nosso processo de integração, e a lição aprendida é que muitas vezes a criatividade local pode ser mais efetiva que verdades importadas.
(José Luiz Rossi, "Integração cultural na América Latina", *Classe Especial*, 89/2001, com adaptações.)

19. Marque a opção incorreta a respeito do emprego das estruturas linguísticas do texto.
a) As duas ocorrências da conjunção "que" (l.2/3) têm a função de demarcar o início das duas orações ligadas por "e" (l.3), mas, sintaticamente, o terceiro que pode ser omitido.
b) A preposição "em" (l.7), exigida pelas regras de regência do verbo "integrar" (l.6), pode sofrer contração com o artigo que a segue, sem prejudicar a correção e as ideias do texto.
c) Para preservar a correção gramatical, se fosse usada a expressão Ao se adotar, em lugar de somente "Adotar" (l.9), seria obrigatória a mudança de "teria" (l.9) para haveria.
d) Preserva-se a correção gramatical do texto e o sentido do adjetivo da estrutura "com perda significativa" (l.10) ao substituí-la por significaria perder.
e) Mantém-se a estrutura sintática de voz passiva e a ideia de passividade ao empregar Adotou-se em lugar de "Foi adotada" (l.11).
Resposta: Questão Anulada
O gabarito provisório indicou como resposta a alternativa D. Realmente, a opção D indica um comentário, tanto no aspecto semântico como no aspecto sintático, absurdo em relação ao texto. O adjetivo "significativa" tem valor de "substanciosa", "grande" e alterando-se para "significaria perder", o adjetivo perde tal sentido. Além disso, há mudança na regência, visto que a estrutura "perda significativa" exige a preposição EM e "significaria perder" não trabalha com preposição.
A opção E está perfeita, uma vez que há tão somente a proposta de substituição da voz passiva analítica pela voz passiva sintética, havendo ainda o cuidado de manter-se o tempo do verbo.
Na opção C, quando a banca propõe a substituição de "ADOTAR" por "AO SE ADOTAR", torna-se essencial o candidato atentar-se à alteração do sentido do verbo TERIA. Na frase, "Adotar o Inglês teria a vantagem da neutralidade", "teria" significa "possuiria; Já em "Ao se adotar o Inglês, teria a vantagem da neutralidade", "teria" passa a significar "haveria", "ocorreria", o que a gramática normativa ainda não admite.
Na opção B, a análise recai sobre a combinação facultativa de preposição com artigo indefinido. Como o termo "em uma única divisão de consultoria" não funciona como

sujeito, a contração da preposição com o artigo indefinido é opcional.
A opção A foi o motivo de a questão ser anulada. A opção A foi muito bem imaginada, contudo infelizmente houve um engano quanto à designação da linha do primeiro "que". O "que" que deveria ser citado é o primeiro, não o segundo do período. A alternativa trabalhou o paralelismo sintático, em que duas orações subordinadas substantivas objetivas diretas estão ligadas ao mesmo verbo, repetindo-se a conjunção integrante. A segunda conjunção poderia ser omitida. A alternativa acabou sendo a justificativa da anulação, visto que, em vez de a conjunção ser citada, foi mencionado, por engano, o pronome relativo "que".

20. Marque a opção em que, de acordo com as ideias do texto, existe uma relação de condição do tipo Se X então Y.
a) X = falássemos inglês
Y = teríamos desempenho econômico acima da média
b) X = adotássemos inglês como língua oficial
Y = agilizaríamos a comunicação
c) X = empregássemos espanhol ou português
Y = exarcebaríamos a rivalidade
d) X = houvesse três línguas oficiais
Y = teríamos facilidade de interação com outras regiões
e) X = entendêssemos as três línguas
Y = deveríamos nos expressar nas três línguas
Resposta: Alternativa C.
As alternativas B, D e E estão em oposição ao texto, ficando o candidato em dúvida entre as opções A e C. O enunciado da questão "de acordo com as ideias do texto" indica que está sendo solicitado ao candidato uma alternativa de recorrência textual. A opção A, apesar de ser coerente com o texto, é uma inferência, porquanto o texto apenas assevera que todos os países que falavam inglês tiveram desempenho econômico acima da média, não sugerindo que, se outros também o falassem, também obteriam desempenho acima da média dos vizinhos. A opção C não é uma inferência, é algo que está efetivamente em consonância com as ideias do texto, alterando-se tão somente os vocábulos. O texto informa que "o Espanhol ou o Português acirraria a rivalidade, que já era bastante grande no campo dos esportes." Ou seja, a rivalidade já existia, apenas aumentaria (ou exacerbaria, conforme apontado na opção C).

(Sefa – Pará – esaf) Leia o texto abaixo para responder às questões 21 e 22.

1	Não é preciso ser adepto da tradição intelectual para reconhecer os inconvenientes da praxe de preterição do influxo interno, a que falta a convicção não só das teorias, mas também das suas implicações menos próximas, de sua relação com o movimento social
3	conjunto, e da relevância do próprio trabalho e dos assuntos estudados. Percepções e teses notáveis a respeito da cultura do país são decapitadas periodicamente, e problemas a muito custo identificados e assumidos ficam sem o desdobramento que lhes
	poderia corresponder. O prejuízo acarretado pode se comprovar pela via contrária, lembrando a estatura isolada de uns

6	poucos escritores como Machado de Assis, Mário de Andrade e, hoje, Antônio Cândido, cuja qualidade se prende a este ponto.

(SCHWARZ, Roberto, *Cultura e política*, p. 110.)

21. Em relação às estruturas do texto, assinale a opção <u>incorreta</u>.

a) A substituição de "a que" (l. 2) por à qual não acarreta prejuízo à correção gramatical do período.

b) O emprego de "mas também" (l. 2) é exigência decorrente do emprego de "não só" (l. 4).

c) A estrutura sintática do período em que ocorrem estabelece as seguintes relações de dependência entre os termos:

falta a convicção

- das teorias (l. 2)
- das suas implicações menos próximas (l. 2 e 3)
- de sua relação com o movimento social conjunto (l. 3)
- da relevância (l. 3)
- do próprio trabalho e (l. 3 e 4)
- dos assuntos estudados (l. 4).

d) Em "a muito custo" (l. 5) o "a" funciona como uma preposição.

e) O emprego do pronome "lhes", em "lhes poderia" (l. 6), está empregado de forma proclítica em virtude da presença do "que" (l. 6).

Resposta: Alternativa C.

A opção A está perfeita, já que o pronome relativo "que" precedido da preposição "a" é referente ao termo "praxe de preterição do influxo interno", cujo o núcleo é "praxe", admitindo, portanto, a substituição pelo pronome relativo "a qual" que, somado à preposição "a", resulta em "à qual". A estrutura iniciada por "não só" (o elemento de negação "não" negando o termo restrição "só") desemboca inevitavelmente no conector aditivo, logo a opção B está certa. A opção D assevera corretamente que "a" é preposição, em virtude de os termos seguintes serem masculinos. Como o pronome relativo sempre atrai o pronome oblíquo átono, o comentário proferido na opção E se dá com extrema correção. A alternativa C é de paralelismo, estabelecendo relações inadequadas entre os termos. Observe que os quatro primeiros elementos realmente estão relacionados ao vocábulo "convicção", contudo os dois últimos "do próprio trabalho" e "dos assuntos estudados" estão ligados ao termo "relevância".

22. Assinale a opção que continua o texto de forma coesa e coerente.

a) Com aquela praxe de conciliar o estrangeiro com o autóctone, a convivência familiar e estabilizada entre concepções em princípio incompatíveis esteve no centro da inquietação ideológico-moral do Brasil desde sempre.

b) A certos intelectuais tal herança colonial de preocupar-se apenas com o que vem do próprio país parecia um resíduo que logo seria superado pela marcha desse progresso.

c) Outros intelectuais viam naquele movimento o país autêntico, o Brasil genuíno, original, o berço a ser protegido e preservado contra imitações absurdas.

d) A nenhum deles faltou informação nem abertura para a atualidade. Entretanto, souberam retomar criticamente o trabalho dos predecessores, entendido não como peso morto, mas como elemento dinâmico, subjacente às contradições contemporâneas.
e) Outros ainda desejavam harmonizar esse progresso com trabalho escravo, para não abrir mão de nenhum dos dois, e outros mais consideravam que esta conciliação já existia e era desmoralizante.
(Adaptado de SCHWARZ, Roberto, *Cultura e política*.)
Resposta: Alternativa D.
O texto fala sobre a incoveniência de preterir o movimento cultural do Brasil Esclarece que falta convicção a essa prática e afirma que percepções e teses acerca da cultura do país são decapitadas e acabam não tendo as consequências que deveriam ter. A partir daí, é dado um exemplo em oposição a essa tese, mostrando a atitude isolada de alguns autores que possuíam o grande mérito justamente de rever percepções e teses, dando-lhes o adequado desdobramento. Como a questão solicita uma continuidade do texto, é óbvio que haverá de se dar de forma coesa. O texto, sendo encerrado na citação dos três autores, só poderá ter sequência, citando algo relativo a eles. A opção D é iniciada por "A nenhum deles" – o pronome deles refere-se aos três autores –, demonstrando a coesão textual, e termina dizendo que retomaram criticamente a obra de outros autores (não decapitaram a tese deles), também demonstrando coerência.

23. (AFC – Esaf) Julgue como verdadeiras (V) ou falsas (F) as assertivas que comparam os dois parágrafos abaixo. Indique, a seguir, a sequência correta.
A despeito do bom desempenho da economia brasileira em 2004, em torno de 37% dos consumidores reduziram gastos em bens e serviços, segundo pesquisa do instituto ACNielsen, enquanto outros 24% optaram por excluir integralmente determinados produtos de seu consumo.
Embora a pesquisa identifique um quadro melhor do que o de 2003, os resultados parecem sinalizar que a renda média dos brasileiros continua relativamente deprimida, o que inibe o dinamismo do consumo doméstico, sobretudo nas camadas de baixa renda.
(Editorial "Evolução do consumo", da *Folha de S. Paulo*, 11/4/2005.)
( ) Ambos iniciam com frase ou oração que têm valor adverbial de concessão.
( ) O tópico em torno do qual gira o primeiro parágrafo é o bom desempenho da economia; no segundo parágrafo, o assunto central é o dinamismo da economia brasileira.
( ) Ambos avaliam positivamente o desempenho da economia brasileira no ano de 2004.
( ) As informações contidas no primeiro parágrafo exibem resultados de pesquisa sobre o consumo doméstico no ano de 2004; no segundo parágrafo, é fornecida uma interpretação dos dados revelados pela pesquisa.
A sequência correta é:
a) V – F – V – V
b) V – V – V – F
c) F – V – F – F
d) F – F – V – V

e) V – V – F – F

Resposta: Alternativa A.

Os dois primeiros itens são suficientes para se chegar à resposta. O primeiro item está correto, visto que os conectores "A despeito de" e "Embora" possuem efetivamente valor concessivo. Já o segundo item apresenta uma falha: o primeiro tópico tem como paráfrase o fato de os consumidores reduzirem gastos em bens e serviços, mesmo ocorrendo o bom desempenho da economia brasileira em 2004.

24. (AFC – Esaf)

Em novembro do ano passado, a Revolta da Vacina fez cem anos. A obrigatoriedade da vacinação obrigatória antivariólica foi estabelecida por lei em 31 de outubro de 1904, e cercava o cidadão por todos os lados. Exigia atestado de vacinação para matrícula em escola, emprego, hospedagem, viagem, casamento, e previa multas para os recalcitrantes. A reação começara desde a aprovação do projeto. Oradores operários argumentavam que era grave ofensa à honra do chefe de família ter seu lar, em sua ausência, invadido por médicos, perante os quais sua mulher e filhas seriam obrigadas a se desvendarem para receberem a vacina no braço. Finda a resistência, a polícia varreu a área conflagrada, prendendo os suspeitos de sempre. O saldo final de vítimas foi de 30 mortos, 110 feridos e 945 presos.

Analisando essa revolta popular, José Murilo de Carvalho afirma que ela "é emblemática da dificuldade de relacionamento entre governo e povo no Brasil. Seu aspecto mais interessante é que não teve um lado errado e um lado certo, bons e maus".

Assinale a opção que analisa a revolta da vacina com a mesma interpretação que lhe dá José Murilo de Carvalho.

a) Quando o drástico, posto que necessário, projeto de regulamentação da lei de obrigatoriedade da vacina contra a varíola vazou para a imprensa, os políticos da oposição cerraram fileira contra a vacina, na ânsia de enfraquecer o Presidente Rodrigues Alves.

b) A revolta foi um trágico desencontro entre a política bem intencionada e esclarecida de Oswaldo Cruz, Diretor-Geral da Saúde Pública, e valores populares que tinham a ver com a dignidade pessoal e a inviolabilidade do lar.

c) A assim chamada "Revolta da Vacina" colocou em confronto, cada qual em sua trincheira, militares e políticos da oposição que queriam derrubar o governo, de um lado; de outro, jornais governistas e autoridades que apoiavam Rodrigues Alves.

d) Os positivistas tratavam a obrigatoriedade da vacina como despotismo sanitário e estigmatizavam a vacina como sendo o túmulo da liberdade.

e) A revolta foi consequência do obscurantismo popular, da ação ensandecida de uma "turba-multa irresponsável de analfabetos", segundo palavras de Olavo Bilac.

Resposta: Alternativa B.

A opção A indica que a lei da obrigatoriedade da vacina vazou para a imprensa, fato não ocorrido no texto.

A opção C torna-se absurda ao sugerir que a revolta tinha cunho político.

A opção D cita os positivistas, que, em momento algum, foram mencionados no texto.
A opção E sugere que a revolta se deu com os analfabetos, fato que contradiz o texto.

(AFC – Esaf) Leia o texto para responder às questões 25 e 26.

O que leva um compositor popular consagrado, uma glória da MPB, a escrever romances?

Para responder a essa pergunta, convém lembrarmos algumas características da personalidade de Chico Buarque de Holanda. Primeiro, a forte presença de um pai que, além de ser um historiador notável, era um fino crítico literário. Depois, o fato de Chico ter se dado conta de que sua genial produção musical não bastava para dizer tudo que ele tinha a nos dizer.

Não se pode dizer que o que o Chico nos diz nos romances não tem nada a ver com o que ele passa aos seus ouvintes através das suas canções. No recém-lançado *Budapeste*, por exemplo, eu, pessoalmente, vejo um clima de bem-humorada resignação do personagem com suas limitações, um clima que me parece que encontrei, em alguns momentos, na sua obra musical. Uma coisa, porém, são as imagens sugestivas das canções; outra é a complexa construção de um romance. A distância entre ambas talvez pudesse ser comparada àquela que vai das delicadas e rústicas capelas românicas às imponentes catedrais góticas.

Chico Buarque percorreu esse caminho com toda a humildade de quem queria aprender a fazer melhor, mas também com a autoconfiança de quem sabia que podia se tornar um mestre romancista.

Valeu a pena. A autodisciplina lhe permitiu mergulhar mais fundo na confusão da nossa realidade, nas ambiguidades do nosso tempo. A ficção, às vezes, possibilita uma percepção mais aguda das questões em que estamos todos tropeçando. No caso deste romance mais recente de Chico Buarque, temos um rico material para repensarmos, sorrindo, o problema da nossa identidade: quem somos nós, afinal?

(Leandro Konder, *Jornal do Brasil*, 18/10/2003.)

25. Em relação às ideias do texto, assinale a opção que apresenta inferência <u>incorreta</u>.

a) Um compositor consagrado pode considerar sua produção musical insuficiente para expressar suas ideias.
b) A convivência com pessoas que produzem obras importantes na história e na crítica literária pode contribuir para estimular a escrita de romances.
c) Chico Buarque não precisou aprender a escrever romances, pois isso já fazia parte de sua vida como compositor e como herdeiro de um talento familiar.
d) Algumas características da obra musical de Chico Buarque permanecem em sua obra romanesca.
e) A construção romanesca é muito mais complexa que a elaboração de canções da música popular.

Resposta: Alternativa C.

Há contradição entre o fragmento "Uma coisa, porém, são as imagens sugestivas das canções; outra é a complexa construção de um romance. A distância entre ambas talvez

pudesse ser comparada àquela que vai das delicadas e rústicas capelas românicas às imponentes catedrais góticas. Chico Buarque percorreu esse caminho com toda a humildade de quem queria aprender a fazer melhor". Perceba que o texto assevera que a mesma distância existente entre fazer canções e romances ocorre entre delicadas e rústicas capelas com imponentes catedrais góticas. Destarte, compor canções fazia parte de sua rotina, o mesmo não se pode dizer de escrever romances.

26. Em relação ao texto, assinale a opção correta.

a) A pergunta inicial contém o pressuposto de que, para o senso comum, uma pessoa consagrada como compositor deve sempre se aventurar a escrever romances.

b) Da expressão "seus ouvintes" (l.8) no segundo parágrafo, infere-se que o autor do texto lê os romances, mas não ouve as músicas de Chico Buarque.

c) O sinal indicativo de crase em "àquela que vai das delicadas..." (l.13) é opcional.

d) Em "autodisciplina lhe" (l.17) o pronome é fator de coesão textual que se refere a "tempo" (l.18).

e) A literatura pode desvelar de forma mais esclarecedora algumas questões complexas da nossa realidade.

Resposta: Alternativa E.

A opção A é incorreta, visto que o texto sugere apenas que existem características na personalidade de Chico Buarque – sem mencionar outros compositores – que o levaram a escrever romances.

A opção B é absurda, pois, se o autor compara as composições com o livro, obviamente conhece os dois tipos de obra de Chico Buarque.

A opção C não pode ser a resposta, uma vez que a crase é obrigatória, pois é resultado da soma da preposição A, regida por "comparada", com o pronome demonstrativo "aquela".

A opção D é inadequada, porquanto o pronome oblíquo "lhe" refere-se ao próprio Chico Buarque.

(AFRF – Esaf) Leia o texto seguinte para responder às questões de 27 a 29.

Vinte e quatro séculos atrás, Sócrates, Platão e Aristóteles lançaram as bases do estudo científico da sociedade e da política. Muito se aprendeu depois disso, mas os princípios que eles formularam conservam toda a sua força de exigências incontornáveis. O mais importante é a distinção entre o discurso dos agentes e o discurso do cientista que o analisa.

Doxa (opinião) e episteme (ciência) são os termos que os designam respectivamente, mas estas palavras tanto se desgastaram pelo uso que, para torná-las novamente úteis, é preciso explicar o seu sentido em termos atualizados. Foi o que fez Edmund Husserl com a distinção entre discurso "pré-analítico" e o discurso tornado consciente pela análise de seus significados embutidos. Por exemplo, na linguagem corrente, podemos opor o comunismo ao anticomunismo como duas ideologias. No entanto, comunismo é uma ideologia, mas o anticomunismo não é uma ideologia, é a simples rejeição de uma ideologia.

É analisando e decompondo compactados verbais como esse e comparando-os com os dados disponíveis que o estudioso pode chegar a compreender a situação em termos bem diferentes daqueles do agente político. Mas também é certo que os próprios conceitos científicos daí obtidos podem incorporar-se depois no discurso político, tornando-se expressões da doxa. É isso, precisamente, o que se denomina uma ideologia: um discurso de ação política composto de conceitos científicos esvaziados de seu conteúdo analítico e imantados de carga simbólica. Então, é preciso novas e novas análises para neutralizar a mutação da ciência em ideologia. (Olavo de Carvalho, com cortes.)

27. Indique o item que está de acordo com as ideias desenvolvidas no texto.

a) É no conhecimento produzido pelos filósofos da Grécia Antiga que se encontram as mais consistentes análises científicas a respeito de política e sociedade.

b) Boa parte da produção científica do mundo contemporâneo distancia-se dos axiomas formulados por Sócrates, Platão e Aristóteles, devido à incompatibilidade entre princípios filosóficos e rigor formal da ciência.

c) Os discursos dos agentes políticos devem ser rechaçados porque se fundamentam na "doxa", não contemplando, portanto, os conceitos científicos vigentes.

d) O discurso "pré-analítico" prescinde de análise da realidade concreta e caracteriza-se por abordar os significados implícitos dos enunciados produzidos na instância pública.

e) O esvaziamento de significado a que os conceitos científicos estão sujeitos pelo seu uso em instâncias sociais não exclusivamente científicas gera a necessidade de renovação de terminologia na ciência.

Resposta: Alternativa E.

A opção A é inadequada, dado que o texto indica que os filósofos lançaram as bases do estudo da sociedade e da política e não as mais consistentes análises científicas.

A opção B torna-se errada, já que o motivo indicado no item "devido à incompatibilidade entre princípios filosóficos e rigor formal da ciência" não é o mesmo apontado no texto (essas palavras se desgastaram tanto pelo uso).

Em momento algum, o texto sugere que os discursos dos agentes políticos devem ser rechaçados, por isso a opção C deve ser descartada.

A opção D deve ser excluída em virtude de o discurso pré-analítico não fazer abordagem aos significados implícitos dos enunciados produzidos na instância pública.

28. Assinale o item que expressa uma ideia depreendida dos sentidos explícitos e implícitos que compõem a rede temática do texto.

a) Apesar de os princípios filosóficos carregarem em si uma regulação e se basearem exclusivamente na "doxa", eles sobrevivem às contingências históricas, como bem o demonstra a atualidade dos princípios formulados na Grécia Antiga.

b) Por meio do conhecimento científico, as sociedades buscam interpretações da realidade que não se orientem na ideologia, cabendo, portanto, à "episteme" a análise crítica dos discursos que circulam na sociedade.

c) A formação da corrente de pensamento anticomunista exemplifica a supremacia do

discurso epistemológico e representa a reação da sociedade a análises subjetivas dos fatos históricos.
d) A ciência tende a tornar-se cada vez mais dogmática e menos neutra, intensificando, portanto, seus procedimentos persecutórios perante os discursos dos agentes políticos que banalizam conceitos científicos.
e) Os filósofos gregos previram a mutação da ciência em ideologia, ao analisarem a força simbólica que esta assume nos discursos hegemônicos dos agentes políticos.
Resposta: Alternativa B.
Em momento algum, o texto indica que os filósofos se baseiam "exclusivamente" na doxa, por isso a opção A deve ser descartada.
A opção C contradiz totalmente o texto, pois a corrente de pensamento anticomunista é exemplo da doxa, não do discurso epistemológico.
Em momento algum, o texto sugere que a ciência vai tornar-se persecutória, portanto sendo excluída a alternativa D.
A opção E vai de encontro às ideias do verbete, em virtude de o autor, não os filósofos gregos, esclarecer que deve haver novas análises para neutralizar a mutação da ciência em ideologia.

29. Marque com (V) as afirmações verdadeiras e com (F) as falsas. Indique, em seguida, a sequência correta.
( ) Mantém-se a correção gramatical substituindo-se a expressão "Vinte e quatro séculos atrás" (l. 1) por "Há vinte e quatro séculos" ou por "Fazem vinte e quatro séculos".
( ) A oração "Muito se aprendeu depois disso" (l. 3) poderia ser substituída por "Aprenderam-se muitas coisas depois", preservando-se o sentido e a correção gramatical do texto.
( ) Compromete-se a clareza do texto e há prejuízo para a correção gramatical do período se o pronome da expressão "estas palavras" (l. 7) for substituído por "essas".
( ) A oração "que é preciso explicar o seu sentido em termos atualizados" (l. 6 e 7) expressa consequência, sendo correto, portanto, substituir "que" pelo conector "porquanto".
( ) No segundo parágrafo, predomina a articulação semântica e sintática de oposição na produção de sentido dos enunciados.
a) F, V, F, F, V
b) F, F, F, F, V
c) V, V, V, F, F
d) F, F, V, V, V
e) V, F, F, V, V
Resposta: Alternativa A.
Os dois primeiros itens já são suficientes para se chegar à resposta. O primeiro tópico é indevido, já que são propostas duas substituições, estando a primeira correta e a segunda, errada. O verbo "fazer" no sentido de tempo passado é impessoal, não podendo ser conjugado no plural. Sendo assim, o certo é "faz vinte e quatro séculos..."

O segundo tópico é perfeito, porquanto, caso se substitua "Muito" por "muitas coisas", não há alteração semântica. Além disso, o pronome SE é apassivador, transformando "muitas coisas" em sujeito, então o verbo deve ser flexionado no plural.

(AFRF – Esaf) Questões 30, 31 e 32.
Falar em direitos humanos pressupõe localizar a realidade que os faz emergir no contexto sociopolítico e histórico-estrutural do processo contraditório de criação das sociedades. Implica, em suma, desvendar, a cada momento deste processo, o que venha a resultar como direitos novos até então escondidos sob a lógica perversa de regimes políticos, sociais e econômicos, injustos e comprometedores da liberdade humana.
Este ponto de vista referencial determina a dimensão do problema dos direitos humanos na América Latina. Neste contexto, a fiel abordagem acerca das condições presentes e dos caminhos futuros dos direitos humanos passa, necessariamente, pela reflexão em torno das relações econômicas internacionais entre países periféricos e países centrais.
As desarticulações que desta situação resultam não chegam a modificar a base estrutural destas relações: a extrema dependência a que estão submetidos os países periféricos, tanto no que concerne ao agravamento das condições de trabalho e de vida (degradação dos salários e dos benefícios sociais), quanto na dependência tecnológica, cultural e ideológica.
(Núcleo de Estudos para a Paz e Direitos Humanos, UnB. *In: Introdução Crítica ao Direito*, com adaptações.)

30. Assinale a opção que não estabelece uma continuidade coerente e gramaticalmente correta para o texto.
a) Nesta parte do mundo, imensas parcelas da população não têm minimamente garantida sua sobrevivência material. Como, pois, reivindicar direitos fundamentais se a estrutura da sociedade não permite o desenvolvimento da consciência em sua razão plena?
b) Por conseguinte, a questão dos Direitos tem significado político, enquanto realização histórica de uma sociedade de plena superação das desigualdades, como organização social da liberdade.
c) Assim, pois, a opressão substitui a liberdade. A percepção da complexidade da realidade latino-americana remete diretamente a uma compreensão da questão do homem ao substitui-lo pela questão da tecnologia.
d) Na América Latina, por isso, a luta pelos direitos humanos engloba e unifica em um mesmo momento histórico, atual, a reivindicação dos direitos pessoais.
e) Não nos esqueçamos que a construção do autoritarismo, que marcou profundamente nossas estruturas sociais, configurou o sistema político imprescindível para a manutenção e reprodução dessa dependência.
Resposta: Alternativa C.
O candidato deve atentar-se ao enunciado. Lá está solicitada a opção que não estabelece uma continuidade coerente e "gramaticalmente correta". Você deve partir direto para as opções e observar se há alguma com erro. Se houver, marque-a. Caso contrário, retorne

ao texto e veja a que não é coerente a ele. Nesta questão, nem haveria a necessidade de tal, visto que a opção C contém gritante falha de ortografia (substituí-lo).

31. Assinale a opção em que, no texto, a expressão que antecede a barra não retoma a ideia da segunda expressão que sucede a barra.

a) "Realidade" (l. 1) / "contexto sociopolítico e histórico-estrutural do processo" (l. 1 e 2).
b) "Deste processo" (l. 3) / "processo contraditório de criação das sociedades" (l. 2).
c) "Este ponto de vista referencial" (l. 7) / ideias expressas no primeiro parágrafo.
d) "Neste contexto" (l. 8) / discussão sobre os direitos humanos na América Latina.
e) "Desta situação" (l. 12) / relações econômicas internacionais entre países periféricos e países centrais.

Resposta: Alternativa A.

O enunciado da questão determina ao candidato que encontre a opção em que a primeira expressão "retome a ideia já citada anteriormente". A opção A indica um termo que faria menção a algo localizado posteriormente. É óbvio que um elemento anterior não pode retomar o posterior.

32. Analise os seguintes itens a respeito do emprego das estruturas linguísticas do texto, para, em seguida, assinalar a opção correta.

I. O paralelismo sintático e semântico entre "pressupõe" (l. 1) e "Implica" (l. 3) evidencia que remetem ao mesmo sujeito oracional.

II. O tempo e modo verbal em que "venha" (l. 4) está empregado indicam incerteza, dúvida a respeito do que pode vir a ser resultante em termos de "direitos novos" (l. 4).

III. As regras de regência nominal permitem que "dependência" (l. 13) também seja empregada com a preposição com; por isso está igualmente correto: a extrema dependência com que estão submetidos...

IV. "Concerne" (l. 14) apresenta dois complementos sintáticos: (a) "agravamento das condições de trabalho e de vida" (l. 14/15), e (b) "dependência tecnológica, cultural e ideológica" (l. 16/17).

Estão corretos apenas:

a) I e II.
b) I, II e III.
c) I e III.
d) II, III e IV.
e) II e IV.

Resposta: Alternativa A.

A análise dos três primeiros tópicos já é suficiente para se chegar à resposta.

O tópico I está correto, visto que "Falar em direitos humanos" é sujeito tanto do verbo "pressupõe" como do verbo "implica".

O tópico II também está correto, já que a forma verbal "venha", estando no modo subjuntivo, indica uma situação hipotética, não uma certeza, podendo no contexto, inclusive, ser acrescentada a palavra "porventura" (Implica, em suma, desvendar, a cada momento deste processo, o que, porventura, venha a resultar como direitos novos).

O tópico III possui uma grave falha, pois o termo que exige a presença da preposição "a" não é dependência, e sim "submetidos".

O texto abaixo serve de base para as questões 33 e 34.
Santo Agostinho (354-430), um dos grandes formuladores do catolicismo, uniu a teologia à filosofia. Sua contribuição para o estudo das taxas de juros, ainda que involuntária, foi tremenda. Em suas *Confissões*, o bispo de Hipona, filho de Santa Mônica, conta que, ainda adolescente, clamou a Deus que lhe concedesse a castidade e a continência e fez uma ressalva – ansiava por essa graça, mas não de imediato. Ele admitiu que receava perder a concupiscência natural da puberdade. A atitude de Santo Agostinho traduz impecavelmente a urgência do ser humano em viver o aqui e agora. Essa atitude alia-se ao desejo de adiar quanto puder a dor e arcar com as consequências do desfrute presente – sejam elas de ordem financeira ou de saúde. É justamente essa urgência que explica a predisposição das pessoas, empresas e países a pagar altas taxas de juros para usufruir o mais rápido possível seu objeto de desejo.
("Viver agora, pagar depois" (Fragmento). *In*: Economia e Negócios, *Revista Veja*, 30/3/2005, p. 90.)

33. (AFRE – MG) Assinale a opção correta com base no que se depreende do texto.
a) Na adolescência, o bispo de Hipona foi concupiscente.
b) O clamor de Santo Agostinho a Deus incluía o adiamento dos prazeres libidinosos.
c) A predisposição para o pagamento de altas taxas de juros é causa da urgência de se querer viver intensamente o momento presente.
d) A atitude tomada pelo filósofo católico, na adolescência, diferenciava-o dos demais homens e prenunciava a santificação futura.
e) O teólogo e filósofo do catolicismo contribuiu significativamente para a formulação do conceito das taxas de juros, ainda que fosse contrário à matéria.
Resposta: Alternativa A.
Observe que você não precisará saber o significado da palavra "concupiscente" para acertar a questão. No enunciado, é exigido do candidato uma inferência (dedução). No texto, está indicado que Santo Agostinho tinha medo de perder a concupiscência natural da puberdade. Então, podemos depreender que, se ele tinha medo de perder a concupiscência, é porque ele a possuía no período da puberdade (adolescência).

34. Julgue as afirmações a respeito do texto como verdadeiras (V) ou falsas (F), para marcar, a seguir, a opção correta.
( ) Em virtude do paralelismo sintático, o acento grave, em "à filosofia" (l.2), poderia ser eliminado.
( ) Estaria garantida a correção gramatical do texto se o pronome possessivo que inicia um período, na linha 2, fosse substituído, nessa mesma posição, pelo pronome "cujo", flexionado no feminino (cuja), e o ponto fosse substituído por uma vírgula.
( ) Haveria alteração do sentido original do texto se a expressão "ainda adolescente" (l.4) fosse deslocada para a posição imediatamente posterior à forma verbal "conta" (l.4).

( ) Dada a relação de sentido que se estabelece no período, a conjunção "e" (l.5 – 2ª ocorrência) poderia ser substituída, mantendo-se a coerência textual, pela conjunção "mas" precedida de vírgula.
( ) O complemento verbal "seu objeto de desejo" (l. 12) poderia vir precedido da preposição "de", atendendo-se à regência do verbo "usufruir".
A sequência correta obtida é:
a) V, F, F, V, V;
b) F, V, V, V, F;
c) V, V, F, F, V;
d) V, F, V, F, F;
e) F, F, V, V, V.
Resposta: Alternativa E.
A análise das duas primeiras afirmações já é suficiente para se chegar à resposta.
A primeira afirmação é falsa, visto que os termos não se encontram em paralelismo sintático. Um termo é objeto direto e o outro, indireto. O verbo "unir" exige um elemento sem preposição e outro, com.
A segunda afirmação também é falsa, porquanto o período quedar-se-ia totalmente incoerente com a substituição proposta. O pronome relativo "cujo" liga o termo seguinte ao antecedente, estabelecendo a ideia de posse, fato que não pode ocorrer com os termos "contribuição" e "filosofia".

30.11. Alteração de funções sintáticas em questões de interpretação

Muitas questões de interpretação de textos são resolvidas através do conhecimento gramatical. Por exemplo, existem funções sintáticas que possuem o mesmo valor semântico, como o sujeito ativo, o agente da passiva e o adjunto adnominal. Estas três funções sintáticas possuem valor ativo (agente, de quem pratica a ação), e as bancas tão somente reescrevem as frases alterando as funções sintáticas, sem modificar, contudo, a ideia contida. Em contrapartida, há também as funções sintáticas com valor paciente: os objetos, o sujeito passivo e o complemento nominal.

Ex.: **O professor** errou e causou estranheza a todos.
O erro **do professor** causou estranheza a todos.
O erro cometido **pelo professor** causou estranheza a todos.

→ Observe que o termo "professor", acompanhado ou não de preposição, funciona, na primeira frase, como sujeito ativo; na segunda, como adjunto adnominal; na terceira, como agente da passiva. Mesmo este termo tendo funções sintáticas distintas, mantém o mesmo valor semântico. Nas três frases, é o professor que erra.

Ex.: Ler **jornais** é importante.
Jornais serem lidos é importante.
A leitura **de jornais** é importante.

→ Observe que o termo "jornais", acompanhado ou não de preposição, funciona, na primeira frase, como objeto direto; na segunda, como sujeito passivo; na terceira, como complemento nominal. Apesar de o termo possuir funções sintáticas diferentes, a ideia dos três períodos é a mesma: jornais devem ser lidos.

30.12. Exercícios com gabarito comentado sobre alteração de funções sintáticas

1. (Of. Just. – TJ – NCE) "Como conciliar a liberdade com a inevitável ação restritiva do Estado?" Nesse segmento do texto, o articulista afirma que:
a) o Estado age obrigatoriamente contra a liberdade;
b) é impossível haver liberdade e governo ditatorial;
c) ainda não se chegou a unir os cidadãos e o governo;
d) cidadãos e governo devem trabalhar juntos pela liberdade;
e) o Estado é o responsável pela liberdade da população.
Resposta: Alternativa A.
Observe que o termo "do Estado" possui valor agente, funcionando como adjunto adnominal. Se você transformá-lo em sujeito ativo, o resultado será: "O Estado age inevitavelmente restringindo a liberdade". A alternativa A apenas substituiu "inevitavelmente" por um sinônimo: "obrigatoriamente".

2. (Of. Just. – TJ – NCE) "O primeiro templo da liberdade burguesa é o supermercado. E m<u>que pesem as angustiantes restrições do contracheque</u>, são as prateleiras abundantemente supridas que satisfazem a liberdade do consumo..." O segmento sublinhado corresponde semanticamente a:
a) As despesas do supermercado são muito pesadas no orçamento doméstico.
b) Os salários não permitem que se compre tudo o que se deseja.
c) As limitações de crédito impedem que se compre o necessário.
d) A inflação prejudica o acesso da população aos bens de consumo.
e) A satisfação de comprar só é permitida após o recebimento do salário.
Resposta: Alternativa B.
O termo "do contracheque" possui valor agente, funcionando como adjunto adnominal. Reescrevendo-se o período, transformando o adjunto adnominal em sujeito ativo, o resultado será: "o contracheque restringe o consumo". No texto, "contracheque" está sendo utilizado como sinônimo de "salário", "restringir" e "não permitir" são equivalentes, "consumir" e "comprar" possuem o mesmo valor.

3. (Of. Just. – TJ – NCE) "Não houve ideal comunista que resistisse às tentações do

supermercado". Com esse segmento do texto, o autor quer dizer que:
a) Todo ideal comunista se opõe aos ideais capitalistas.
b) A ideologia comunista sofre pressões por parte dos consumidores.
c) Os supermercados socialistas são menos variados que os do mundo capitalista.
d) O ideal comunista ainda resiste à procura desenfreada por bens de consumo.
e) As tentações do supermercado abalaram as estruturas capitalistas.
Resposta: Alternativa B.
É uma questão de inferência textual, pois você terá que deduzir o que o autor quis dizer neste segmento. Observe que o termo "do supermercado" tem valor agente, funcionando como adjunto adnominal. Transformando-o em sujeito de voz ativa, o resultado será: "O supermercado tentou (os consumidores) e não houve ideal comunista que resistisse a essa tentação (criada pelos supermercados)". Depreende-se, então, que a tentação criada aos consumidores pelos supermercados fez com que a ideologia comunista sofresse pressões até não mais resistir.

4. (MP – NCE) "... pois moedas não resgatam a dignidade". Reescrevendo-se este segmento do texto, mantendo-se o seu sentido original, a única forma inadequada é:
a) Visto que a dignidade não é resgatada por moedas.
b) Porque moedas não são o resgate da dignidade.
c) Porquanto a dignidade não se resgata com moedas.
d) Já que por moedas não é resgatada a dignidade.
e) Pela razão de que a dignidade não é resgatada por moedas.
Resposta: Alternativa C.
Questão muito bem imaginada, levando o candidato a pensar que a resposta sairia pela conector. As conjunções VISTO QUE, PORQUE, PORQUANTO, JÁ QUE e PELA RAZÃO DE QUE têm valor explicativo. Portanto, não se atinge a resposta por este caminho. O termo "dignidade", por possuir valor paciente, é objeto direto, podendo alterar sua função sintática para complemento nominal ou sujeito passivo. Nas opções A, D e E, "dignidade" se transforma em sujeito de voz passiva analítica; na C, em sujeito de voz passiva sintética; na B, em complemento nominal. Mais uma vez não chegamos à resposta. Partamos agora para uma última análise: "Moedas" funciona como sujeito ativo, podendo transformar-se em agente da passiva ou adjunto adnominal. Nas alternativas A, D e E, o termo se transformou em agente da passiva. Na opção B, continuou sendo sujeito da voz ativa. Na alternativa C, o sujeito ativo (termo que praticava a ação) foi transformado em adjunto adverbial de instrumento, ou seja, o termo perdeu sua carga semântica – de praticar a ação – e passou a ter o valor de ser um instrumento utilizado para se praticar a ação.

5. (Técnico Judiciário Juramentado – TJ – NCE) "... a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana". Reescrevendo-se este segmento do texto com a manutenção de seu sentido original, temos como forma adequada:
a) A natureza humana necessita da vida em sociedade.
b) A vida em sociedade necessita da natureza humana.

c) A necessidade da natureza humana é uma vida em sociedade.
d) Uma necessidade da natureza humana é a vida em sociedade.
e) A natureza humana é necessária à vida em sociedade.
Resposta: Alternativa A.
As alternativas B e E são absurdas, contradizendo totalmente a ideia do segmento, não merecendo grandes análises. Normalmente, o candidato fica em dúvida entre as opções A, D e E. Quando o texto diz "... a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana", fica claro que "uma necessidade da natureza humana" está apenas qualificando "a vida em sociedade", não entrando no mérito se existem outras necessidades ou não. A simples inversão proposta na alternativa D sugere uma situação sutilmente diferente do texto, pois quando se informa que "uma necessidade da natureza humana é a vida em sociedade", torna-se evidente a existência de várias necessidades, uma delas é a vida em sociedade. Na opção C, por sua vez, sendo redigido que "a necessidade da natureza humana é uma vida em sociedade", há a sugestão de que a única necessidade da natureza é uma vida em sociedade, distanciando-se semanticamente da ideia exposta no texto. A alternativa A não altera o sentido original, modificando tão somente a função sintática de alguns elementos. O termo "da natureza humana", possuindo valor agente, funciona como adjunto adnominal e é transformado em sujeito ativo – se é uma necessidade da natureza humana, obviamente a natureza humana necessita. Por fim, fica evidente que, tal qual ocorre no segmento original, diz-se apenas que a natureza humana necessita da vida em sociedade, não sugerindo se necessita também de mais alguma coisa ou não.

Capítulo 31

Questões Comentadas de Concursos

A intenção, neste capítulo, é mostrar a você questões polêmicas, interessantes ou que possuam diversos assuntos cobrados simultaneamente. Essa é a nova "cara" das provas de Língua Portuguesa nos concursos, onde, em apenas uma questão, são exigidas do candidato, por exemplo, noções de regência, concordância, topologia pronominal, classificação de orações, funções sintáticas e, até mesmo, interpretação de textos. Sendo assim, foi feita essa seleção abaixo, com gabarito comentado item a item, enriquecendo mais ainda seu conhecimento e aumentando suas possibilidades de aprovação.

Leia o texto para responder à questão 1.

O advento da moderna indústria tecnológica fez com que o contexto em que passa a dispor-se a máquina mudasse completamente de configuração. Entretanto, tal mudança obedece a certas coordenadas que começam a ser pensadas já na antiga Grécia, que novamente se relacionam com a questão da verdade. É que a verdade, a partir de Platão e Aristóteles, passa a ser determinada de um modo novo, verificando-se uma transmutação em sua própria essência. Desde então, entende-se usualmente a verdade como sendo o resultado de uma adequação, ou seja, a verdade pode ser constatada sempre que a ideia que o sujeito forma de determinado objeto coincida com esse objeto.

(Gerd Bornheim. *Racionalidade e acaso*. fragmento)

1. (AFRF – Esaf) Assinale a opção correta a respeito do uso das estruturas linguísticas do texto.

a) Mantém-se a coerência da argumentação ao substituir "fez" (l. 1) por **faz**; mas para que a correção gramatical seja mantida, torna-se obrigatória então a substituição de "mudasse" (l. 2) para **mude**.

b) Preservam-se as relações de sentido entre "contexto" (l. 1) e "máquina" (l. 2) com a substituição do pronome relativo "que" (l. 1) por **qual**, mantendo-se obrigatória a presença de "em".

c) Tanto a supressão da preposição no termo "a certas coordenadas" (l. 3) como sua substituição por **às** preservam as relações de sentido e respeitam as regras de regência verbal.

d) A construção da textualidade mostra que o advérbio "então" (l. 6) refere-se ao tempo de "Platão e Aristóteles" (l. 5); por isso, preservam-se a coerência e a correção do texto

ao substituir "Desde então" (l. 6) por **Adiante desses filósofos**.
e) A expressão "ou seja" (l. 7) permite a troca de lugar entre os termos "adequação" (l. 7) e "verdade pode ser constatada sempre que a ideia que o sujeito forma de determinado objeto coincida com esse objeto" (l. 7, 8 e 9), sem prejudicar a correção gramatical do texto.
Gabarito: Alternativa A.
A substituição de "fez" por "faz" acarretou a mudança na estrutura temporal, passando todo o contexto do passado para o presente, exigindo, consequentemente, a correlação presente do indicativo – presente do subjuntivo.
Na alternativa B, o pronome relativo "que" deveria ser substituído por "o qual" e não por somente "qual", resultando "no qual".
Na alternativa C, apesar de a regência do verbo "obedecer" exigir a presença da preposição A e normalmente o artigo ser facultativo antes de substantivos no plural, a ocorrência do pronome indefinido "certas" proíbe o uso do artigo, não sendo possível "às".
A proposta de reescritura feita na alternativa D é absurda, pois "Adiante" significa "em frente", "frente a".
A reescritura proposta na alternativa E é descabida, pois observe o resultado: "Desde então, entende-se usualmente a verdade como sendo o resultado de a verdade pode ser constatada sempre que a ideia que o sujeito forma de determinado objeto coincida com esse objeto, ou seja, uma adequação. A estrutura "de a verdade" exige que o verbo seguinte esteja no infinitivo, reduzindo a oração.

Leia o fragmento de texto abaixo para responder à questão 2.
O enquadramento pós-estruturalista da teoria da comunicação analisa o modo como a comunicação eletronicamente mediada (o que eu chamo modo de informação) desafia, e ao mesmo tempo reforça, os sistemas de dominação emergentes na sociedade e cultura pós-moderna. A minha tese é que o modo de informação decreta uma reconfiguração radical da linguagem, que constitui sujeitos fora do padrão do indivíduo racional e autônomo. Esse sujeito familiar moderno é deslocado pelo "modo de informação" em favor de um que seja múltiplo, disseminado e descentrado, interpelado continuamente como uma identidade instável. Na cultura, essa instabilidade coloca tanto perigos como desafios que se tornam parte de um movimento político – ou se estão relacionados com as políticas feministas, minorias étnicas/raciais, posições gays e lésbicas, podem conduzir a um desafio fundamental às instituições e estruturas sociais modernas.
(Haik Poster. *A segunda era dos mídia*)

2. (AFRF – Esaf) Julgue como falsos (F) ou verdadeiros (V) os seguintes itens a respeito das estruturas linguísticas do texto.
( ) Preservam-se as relações semânticas e a correção gramatical do texto ao deslocar "pós-estruturalista" (l. 1) para depois de " teoria da comunicação" (l. 1).
( ) Preserva-se a correção gramatical e a coerência, mas alteram-se as relações

semânticas do texto ao substituir "o que" (l. 2) por a que.
( ) "Esse sujeito familiar" (l. 6) corresponde ao "indivíduo racional e autônomo" (l. 6).
( ) Preservam-se as relações semânticas e a correção gramatical do texto ao substituir "como" (l. 8) pela preposição por.
( ) O desenvolvimento da textualidade mostra que, na linha 9, se o termo "desafios" fosse substituído por o desafio, a flexão de plural em "que se tornam" deveria ser substituída pela flexão de singular.
A sequência obtida é:
a) V-F-V-V-F
b) V-V-F-F-V
c) F-V-V-F-F
d) F-F-V-V-V
e) F-V-V-F-V
Gabarito: Alternativa C.
O primeiro item é errado, pois o deslocamento de "pós-estruturalista" altera o sentido do texto, tendo em vista que o termo qualificava "enquadramento", passando a adjetivar "teoria da comunicação." (l. 1)
A análise apresentada no segundo item é adequada, visto que, alterando-se "o que" por "a que", apesar de haver pequena alteração no sentido do texto, ainda assim é conservada sua coerência: "o" em "o que" funciona como pronome demonstrativo, sendo referente à "comunicação eletronicamente mediada" (l. 2). Já em "a que" é o pronome relativo "que" que possui como antecedente "comunicação eletronicamente mediada". Também é importante frisar que ocorre alteração de ordem sintática, porquanto a regência do verbo "chamar", no sentido de qualificar, tanto pode ser transitivo direto como transitivo indireto, regendo a preposição "a". Sendo assim, no primeiro caso, o verbo era transitivo direto e no segundo, transitivo indireto.
O terceiro item apresenta uma informação verdadeira, uma vez que o texto procura demonstrar a transformação que o "sujeito familiar" acaba sofrendo por imposição da comunicação eletronicamente mediada. Ele sofre uma reconfiguração, saindo do padrão racional e autônomo, constituindo-se em um múltiplo, descentrado, disseminado e instável, formando, por fim, o que o texto denomina de sujeito familiar moderno.
O quarto item possui um erro, pois, ao substituir-se "como" por "por", a ideia de comparação se desfaz, e o valor agente é inserido: O sentido "Ele é interpelado tal qual uma identidade instável" é substituído por "Uma identidade instável o interpela.
O último item contém um comentário falso, dado que o pronome relativo "que" poderia ter como antecedente "desafio" ou a composição "tanto perigos como desafio", podendo o verbo ocorrer no singular ou no plural.

Leia o texto para responder à questão 3.
Boa parte de nossa infelicidade ou aflição nasce do fato de vivermos rodeados (por vezes esmagados ou algemados) por mitos. Nem falo dos belos, grandiosos ou enigmáticos mitos da Antiguidade Grega. Falo, sim, dos mitinhos bobos que inventou nosso inconsciente medroso, sempre beirando precipícios com olhos míopes e passo

temeroso. Inventam-se os mitos, ou deixamos que aflorem, e construímos em cima deles a nossa desgraça.
(Lya Luft, "Faxina nos mitos". *Veja*, 20 de abril, 2005, com adaptações)

3. (Técnico da Receita Federal – Esaf) Julgue os seguintes itens a respeito das estruturas linguísticas do texto:
I. De acordo com as regras gramaticais, o verbo da primeira oração do texto poderia ser empregado tanto no singular quanto no plural.
II. É pela flexão de número no verbo da oração subordinada, "que inventou nosso inconsciente medroso"(l. 3/4), que são identificados o sujeito e o objeto dessa oração.
III. A ideia de "sempre beirando precipícios com olhos míopes e passo temeroso"(l. 4 e 5) constitui uma forma figurativa para explicar "mitinhos"(l. 3).
IV. O desenvolvimento do texto mostra que inventar e deixar aflorar são empregados para indicar a passividade dos mitos na sua criação.
Estão corretos apenas:
a) I e II;
b) I e III;
c) II e III;
d) III e IV;
e) II e IV.
Gabarito: Alternativa E.
O primeiro comentário é inadequado, visto que a forma verbal "nasce" concorda com "Boa parte". A concordância atrativa, no plural, seria cabível, se o termo mais próximo estivesse no plural.
O segundo comentário é perfeito, porquanto só há a certeza de que "nosso inconsciente medroso" funciona como sujeito, em virtude de a forma verbal "inventou" estar no singular. Se o verbo estivesse no plural, haveria a indicação de que o pronome relativo "que", referente a "os mitinhos bobos", seria sujeito. Contudo, também não há como negar que esta possibilidade gramatical geraria incoerência textual.
O termo "sempre beirando precipícios com olhos míopes e passo temeroso", constante no terceiro item, qualifica "nosso inconsciente medroso", não possuindo qualquer relação com "mitinhos".
O último período apresenta uma assertiva verdadeira, porquanto o termo "os mitos" funciona como sujeito paciente de "inventaram-se". Também há a ideia passiva na segunda estrutura, já que a ideia é de "deixar" aflorar os mitos.

4. (Técnico da Receita Federal – Esaf) No trecho abaixo, foram inseridos erros no que respeita ao emprego da norma gramatical padrão. Para eliminá-los do trecho, foram propostas seis alterações. Analise-as e responda ao que se pede.
O ministro da Controladoria Geral da União, Waldir Pires, escreveu uma longa carta a Oded Grajew, na qual reconhece que o Brasil ainda carece de ações preventivas no combate à corrupção. Diante de uma máquina estatal pouco transparente e que reage as tentativas de publicidade das suas ações, o País surpreende-se com os casos de

corrupção, e só os descobre quando já são esquemas consolidados e milionários.
Waldir Pires afirma que vem mudando essa realidade. Criou o Portal da Transparência e o sistema de auditoria por sorteio, estabeleceu convênio para troca de informações com o Ministério Público, articulou-se com a Polícia Federal em diversas operações que a PF realizou nos últimos anos.
A carta do ministro para Oded, tornada pública, gerou uma segunda carta, dessa vez do presidente da União Nacional dos Analistas e Técnicos de Finanças e Controle (Unacon), Fernando Antunes, que reconhece o desejo real da CGU de tornar o Estado brasileiro mais transparente. Consequentemente admite a existência de uma queda-de-braço entre setores do governo. Nem a todos interessa a publicidade dos atos governamentais.
(Adaptado de Rudolfo Lago, *Correio Braziliense*, 24/10/2005)
Alterações propostas:
I. Usar o acento grave para indicar ocorrência de crase na expressão "reage as tentativas" (l. 4).
II. Alterar a configuração morfossintática do final do primeiro parágrafo para: só descobrindo-os quando já são esquemas consolidados e milionários.
III. Desenvolver a oração reduzida da linha 11 na seguinte oração adverbial: quando se tornou pública.
IV. Substituir "Consequentemente" (l. 14) por Mas.
V. Reescrever a última oração do terceiro parágrafo assim: Não são todos que se interessam pela publicidade dos atos governamentais.
Indique a opção que relaciona apenas as alterações necessárias para eliminar os erros gramaticais do trecho.
a) I, IV e V.
b) I, II, III, e IV.
c) I e IV.
d) II e IV.
e) III, IV e V.
Gabarito: Alternativa C.
O primeiro comentário é adequado, visto que a preposição "a" é exigência do verbo "reagir". A frase tanto ficaria correta com "a" como com "às", lembrando ser o artigo facultativo antes de substantivo no plural.
O segundo comentário não é correto, uma vez que o termo invariável "só" atrai o pronome oblíquo, exigindo a próclise. Além disso, a questão exige que a reescritura se faça necessária, ou seja, a frase original teria que estar errada, o que não ocorre neste caso.
No terceiro comentário, a proposta de reescritura é adequada, contudo a estrutura original também era. Sendo assim, não é necessária a alteração.
O quarto item apresenta uma alteração efetivamente necessária, já que é claro não ocorrer uma relação de causa-efeito, mas sim a oposição entre a ideia exposta anteriormente – o desejo real da CGU de tornar o Estado brasileiro mais transparente – e o fato de a publicidade dos atos governamentais não ser de interesse de todos os setores

do governo. Sendo assim, faz-se necessária a substituição de "consequentemente" por um conector de caráter adversativo.
No último item, apesar de a reescritura proposta no último item estar perfeita, ela se torna desnecessária, dado que o texto original também já se encontrava escorreito.

5. (Tribunal de Justiça da Bahia – 2005 – Cespe – UnB)
Não há dúvida de que, no início do século XXI, os Estados Unidos da América chegaram mais perto do que nunca da possibilidade de constituição de um "império mundial". Mas, se o mundo chegasse a esse ponto e constituísse um império global, isso significaria – ao mesmo tempo e por definição – o fim do sistema político interestatal. E o mais provável, do ponto de vista econômico, é que tal transformação viesse a significar também o fim do capitalismo. Em uma linguagem mais próxima da física e da termodinâmica do que da dialética hegeliana, pode-se dizer que a expansão do poder global na direção do império mundial é, ao mesmo tempo, uma força que levaria o sistema mundial à entropia, ao provocar sua homogeneização interna e o desaparecimento das hierarquias e conflitos responsáveis pelo dinamismo e pela ordem do próprio sistema.
(José Luís Fiori. *Correio Braziliense*, 25/12/2004 – com adaptações).
Em relação ao texto acima, julgue os itens que se seguem.

1	O emprego da preposição "de" em "Não há dúvida de que" (l. 1) justifica-se pela regência da forma verbal "há".
2	Como na sequência há um complemento oracional, a omissão da preposição "de" em "Não há dúvida de que" (l. 1) também estaria de acordo com as exigências da norma escrita culta.
3	Como o primeiro período do texto apresenta ideia relativa a um único país, o emprego do verbo chegar no singular — chegou — estaria de acordo com as exigências de concordância da norma escrita culta, sem necessidade de outras alterações no texto.
4	Mantêm-se a correção gramatical do período e as informações originais do texto ao se eliminar a palavra sublinhada em "mais perto do que nunca" (l. 2).
5	O emprego do futuro do pretérito em "significaria" (l. 4) é decorrente do emprego de estrutura antecedente que tem valor condicional, formada por verbo no imperfeito do subjuntivo.
6	Pelos sentidos do texto, é correto inferir que a palavra "entropia" (l. 9) está sendo empregada com o significado de equilíbrio, organização.
7	Para o trecho "que levaria (...) à entropia" (l. 8-9), estaria também de acordo com as exigências da norma escrita culta qualquer uma das seguintes reescrituras: que levaria a entropia ao sistema mundial, que levaria à entropia o sistema mundial, que iria levar o sistema mundial à entropia.
8	Infere-se das informações e dos sentidos do texto que o dinamismo e a ordem do sistema político interestatal em vigor atualmente no mundo podem prescindir de hierarquias e conflitos.

Gabarito 1: Errado. O uso da preposição "de" é decorrente da regência de "dúvida".
Gabarito 2: Certo. Nas orações subordinadas substantivas objetivas indiretas e nas orações subordinadas substantivas completivas nominais, é comum a preposição ser suprimida, vide comentário realizado no ***bizu*** do item 24.3.1.7.
Gabarito 3: Errado. Quando o título é precedido de determinante, no caso o artigo, o verbo é obrigado a concordar com o determinante, só cabendo o verbo no plural.
Gabarito 4: Certo. Neste livro, há o esclarecimento de que, nas conjunções comparativas, a palavra "do" em "do que" é totalmente dispensável, sem gerar problemas tanto no aspecto semântico quanto no sintático.

Gabarito 5: Certo. O uso do futuro do pretérito em consequência da ocorrência do pretérito imperfeito do subjuntivo é correto. Cabe lembrar o capítulo de aspectos verbais, onde há a informação de que, quando se cria uma condição passada – pretérito imperfeito do subjuntivo –, a consequência deve ocorrer posteriormente (a essa condição passada), daí o emprego do futuro do pretérito.

Gabarito 6: Errado. O significado de "entropia" é medida de quantidade de desordem de um sistema", pois a argumentação do texto justamente sugere que a homogeneização do sistema, o desaparecimento das hierarquias e conflitos são responsáveis pelo dinamismo e pela ordem do próprio sistema. Ou seja, caso não haja heterogeneidade, hierarquia e conflitos, o sistema entrará em desordem.

Gabarito 7: Anulado. Todas as propostas de reescritura estão de acordo com a norma culta. No entanto, a primeira redação altera o sentido do texto, invertendo os objetos. Em virtude disso, o item foi anulado, pois, pela visão meramente gramatical, o item satisfaz a exigência; contudo, pelo aspecto semântico, a ideia original, na primeira estrutura, é alterada.

Gabarito 8: Errado. A interpretação do item encontra-se em desacordo com o texto, visto que o texto adverte que o dinamismo e a ordem do sistema são frutos das hierarquias e dos conflitos, não podendo, portanto, prescindir deles.

Leia o texto abaixo para responder às questões 6 a 9.

O QUE É... DECISÃO

1	No mundo corporativo, há algo vagamente conhecido como "processo decisório", que são aqueles insondáveis critérios adotados pela alta direção da empresa para chegar a decisões que o funcionário não consegue entender. Tudo começa com a própria origem da palavra "decisão", que se formou a partir do verbo latino *caedere* (cortar). Dependendo do prefixo que se utiliza, a palavra assume um significado diferente: "incisão" é cortar para dentro, "rescisão" é cortar de novo, "concisão" é o que já foi cortado, e assim por diante. E *dis caedere*, de onde veio "decisão", significa "cortar fora". Decidir é, portanto, extirpar de uma situação tudo o que está atrapalhando e ficar só com o que interessa.
10	E, por falar em cortar, todo mundo já deve ter ouvido a célebre história do não menos célebre rei Salomão, mas permitam-me recontá-la, transportando os acontecimentos para uma empresa moderna. Então, está um dia o rei Salomão em seu palácio, quando duas mulheres são introduzidas na sala do trono. Aos berros e puxões de cabelo, as duas disputam a maternidade de uma criança recém-nascida. Ambas possuem argumentos sólidos: testemunhos da gravidez recente, depoimentos das parteiras, certidões de nascimento. Mas, obviamente, uma das duas está mentindo: havia perdido o seu bebê e, para compensar a dor, surrupiara o filho da outra. Como os testes de DNA só seriam inventados dali a milênios, nenhuma das autoridades imperiais consultadas pelas litigantes havia conseguido dar uma solução satisfatória ao impasse.
21	Então Salomão, em sua sabedoria, chama um guarda, manda-o cortar a criança ao meio e dar metade para cada uma das reclamantes. Diante da catástrofe iminente, a verdadeira mãe suplica: "Não! Se for assim, ó meu Senhor, dê a criança inteira e viva à outra!", enquanto a falsa mãe faz aquela cara de "tudo bem, corta aí". Pronto. Salomão manda entregar o bebê à mãe em pânico, e a história se encerra com essa salomônica demonstração de conhecimento da natureza humana.
27	Mas isso aconteceu antigamente. Se fosse hoje, com certeza as duas mulheres optariam pela primeira alternativa (porque ambas teriam feito um curso de Tomada de Decisões). Aí é que entram os processos decisórios dos salomões corporativos. Um gerente salomão perguntaria à mãe putativa A: "Se eu lhe der esse menino, ó mulher, o que dele esperas no futuro?" E ela diria: "Quero que ele cresça com liberdade, que aprenda a cantar com os pássaros e que possa viver 100 anos de felicidade". E a mesma pergunta seria feita à mãe putativa B, que de pronto responderia: "Que o menino cresça forte e obediente e que possa um dia, por Vossa glória e pela glória de Vosso reino, morrer no campo de batalha". Então, sem piscar, o gerente salomão ordenaria que o bebê fosse entregue à mãe putativa B.
38	Por quê? Porque na salomônica lógica das empresas, a decisão dificilmente favorece o funcionário que tem o argumento mais racional, mais sensato, mais justo ou mais humano. A balança sempre pende para os putativos que trazem mais benefício para o sistema.

(GEHRINGER, Max. *Você* S/A, jan. 2002)

(Transpetro – Petrobras – Cesgranrio)

6. Indique a opção na qual as frases "Se fosse hoje, com certeza as duas mulheres optariam pela primeira alternativa..." (l. 27-28) e "Aí é que entram os processos decisórios dos salomões corporativos." (l. 29-30) aparecem reescritas em um único período, sem alteração do sentido original.

a) Caso isso acontecesse nos dias atuais, as duas mulheres fariam a mesma escolha influenciadas pelas decisões de seu gerente salomão.

b) No mundo de hoje, as duas mulheres levariam em consideração para decidir os critérios do rei Salomão e escolheriam a primeira opção.

c) Atualmente, as duas mulheres poderiam escolher a primeira possibilidade levando em conta os interesses do sistema empresarial.

d) Com a nova mentalidade, a escolha das duas mulheres seria por não dividir a criança, já que conheceriam as regras empresariais.

e) Uma vez que hoje as duas mulheres optariam pela mesma alternativa, os "salomões corporativos" recorreriam a processos de decisão.

Gabarito: Alternativa E.

Normalmente, nesta questão, o candidato teria dúvida entre as alternativas A e E. No entanto, a opção A possui uma falha: retornando ao texto, torna-se evidente que as mulheres fariam a mesma escolha em virtude de terem realizado um curso de Tomada de Decisões. A resposta (alternativa E) denuncia um fato já bastante comentado no capítulo de conjunções: a relação entre condição e causa. No texto original, a conjunção "Se" possui valor de condição. Na reescritura, o conector "Uma vez que" acrescenta ao período um valor de causa. As duas conjunções introduzem situações anteriores, gerando grande proximidade de ideias. Também é mister informar que, no contexto, o termo "Aí" possui a ideia de "neste caso". Sendo assim, os processos decisórios seriam utilizados no caso de as duas mulheres fazerem a mesma opção.

7. Com base no período "Como os testes de DNA só seriam inventados dali a milênios, nenhuma das autoridades imperiais consultadas pelas litigantes havia conseguido dar uma solução satisfatória ao impasse." (l. 18-20), pode-se inferir que:

a) os testes de DNA poderiam contribuir para a solução do problema;

b) as soluções encontradas pelas autoridades não satisfizeram às litigantes;

c) as supostas mães das crianças consultaram as autoridades para resolver o impasse;

d) só dali a muitos anos os cientistas inventariam os testes de DNA;

e) não havia autoridade imperial capaz de resolver o impasse.

Gabarito: Alternativa A.

Esta questão foi muito bem imaginada, possuindo quatro alternativas coerentes com o texto. A solução é observar o enunciado: lá a banca solicita ao candidato uma inferência textual (pode-se inferir que), não servindo como resposta algo explícito no texto. A alternativa B está explícita, visto que está presente no texto que as autoridades imperiais consultadas não deram uma solução satisfatória. A opção C também está explícita, dado que o texto fornece a informação de que houve autoridades imperiais consultadas pelas

mães-litigantes. A alternativa D também é recorrente ao texto, porquanto está exposto que os testes de DNA somente seriam inventados dali a milênios. A alternativa E é a única incoerente, dado que no texto fica evidente que nenhuma das autoridades imperiais "consultadas" conseguiu dar uma solução para o impasse, o que não quer dizer que obrigatoriamente nenhuma autoridade imperial conseguiria dá-la, havendo a possibilidade de autoridades não consultadas fazerem-no. A alternativa A é a resposta, em conformidade com a exigência feita no enunciado, ou seja, uma inferência (dedução) a partir dos elementos do texto. Pode-se deduzir que o impasse, nos dias atuais, poderia ser solucionado através dos testes de DNA. É fundamental frisar que o texto não informa que os testes de DNA poderiam contribuir para a solução do problema, no entanto é uma conclusão que o leitor poderia extrair do fragmento.

8. Por meio de uma carta, os funcionários aos superiores.
Com respeito à regência, a forma verbal que preenche adequadamente a lacuna acima é:
a) chamaram;
b) convidaram;
c) cumprimentaram;
d) pressionaram;
e) responderam.
Gabarito: Alternativa E.
Questão de regência em que os verbos apresentados nas alternativas B, C e D somente poderiam funcionar sem preposição. O verbo "chamar", no sentido de mandar vir, convocar, é transitivo direto, regendo, portanto, sem preposição. No entanto, também é cabível o uso da preposição "por" (chamar pelos superiores). Se este verbo estivesse no sentido de "qualificar", tanto poderia ser transitivo direto como indireto, regendo a preposição A. A alternativa E é a única que contém um verbo que, neste contexto, rege a preposição, sendo, portanto, a resposta.

9. Assinale a opção em que o sinal de dois-pontos tem a mesma função apresentada em "Mas, obviamente, uma das duas está mentindo: havia perdido o seu bebê e, para compensar a dor, surrupiara o filho da outra." (l. 16-18)
a) O diretor apresentou dados convincentes: a pesquisa de opinião, o último balanço da empresa e cartas de clientes.
b) Os critérios adotados para admissão de funcionários são sempre os mesmos: organização, competência e capacidade de trabalhar em equipe.
c) Tomar decisões em momentos de crise pode ser danoso: muitas vezes um impulso substitui o bom-senso.
d) Dois motivos o levaram a pedir demissão: uma nova oferta de trabalho e a possibilidade de trabalhar no exterior.
e) Quando soube que não seria promovido, ele fez o seguinte: mandou uma carta para a vice-presidência e marcou uma reunião com a equipe.
Gabarito: Alternativa C.

O sinal de dois-pontos no texto original tem como função introduzir uma causa para a ideia exposta na oração anterior, podendo inclusive ser substituído por uma conjunção subordinativa causal: "Mas, obviamente, uma das duas está mentindo, porque havia perdido o seu bebê e, para compensar a dor, surrupiara o filho da outra." Nas alternativas A, B, D e E, o sinal de dois-pontos está sendo utilizado tão somente para introduzir apostos. Na alternativa C, o sinal de dois-pontos efetivamente possui o mesmo caráter da frase do enunciado: Tomar decisões em momentos de crise pode ser danoso, porque muitas vezes um impulso substitui o bom-senso.

10. (Técnico Judiciário – Concurso TRE-AL – Cespe – UnB) Na cidade de Atenas, considerava-se cidadão (thetes) qualquer ateniense maior de 18 anos que tivesse prestado serviço militar e que fosse homem livre. Da reforma de Clistenes em diante, os homens da cidade não usariam mais o nome da família, mas, sim, o do demos a que pertenciam. Manifestariam sua fidelidade não mais à família (gens) em que haviam nascido, mas à comunidade (demói) – em que viviam, transferindo sua afeição de uma instância menor para uma maior. O objetivo do sistema era a participação de todos nos assuntos públicos, determinando que a representação popular se fizesse não por eleição, mas por sorteio.
(Internet: http://www.educaterra.terra.com.br/voltaire/politica/democracia2.htm.
Acesso em 16/7/2004 (com adaptações).)
Considerando o texto acima, julgue os itens a seguir.

1.	A estrutura em voz passiva "considerava-se" (l. 1) poderia ser substituída por outra forma de passiva, era considerado, sem comprometer a coerência do texto.
2.	A correção gramatical e a coerência textual seriam mantidas ao se retirar o pronome "que" (l. 2).
3.	O emprego de futuro do pretérito em "usariam" (l. 3) e "Manifestariam" (l. 4) indica que as ações expressas por essas formas verbais devem ser consideradas a partir da "reforma de Clistenes" (l. 2-3).
4.	Por se tratar de uso opcional, a retirada da preposição em "a que" (l. 4) preservaria a correção gramatical e a coerência do texto.
5.	Mantém-se o respeito às regras de regência da forma verbal "transferindo" (l. 6) e à correção gramatical do período ao se substituir a preposição "para" (l. 6) por à.
6.	De acordo com a argumentação do texto, a expressão "instância menor" (l. 6) deve ser compreendida como a comunidade do cidadão.
7.	Depreende-se do texto que a representação popular por meio de sorteio era considerada mais adequada do que a eleição, para propiciar a participação de todos os cidadãos nos assuntos públicos de Atenas.

Gabarito 1: Certo. O comentário é adequado, uma vez que o verbo "considerar" é transitivo direto que, com a presença do pronome apassivador "se", forma a voz passiva sintética. É feita a proposta de alteração para a voz passiva analítica, acrescentando-se o verbo auxiliar "ser" no mesmo tempo da estrutura original, o pretérito imperfeito do indicativo. Sendo assim, está havendo apenas a substituição de uma forma passiva por outra e a coerência textual não fica prejudicada, visto que os tempos verbais são respeitados.
Gabarito 2: Certo. Questão de paralelismo sintático, em que há duas orações subordinadas adjetivas, introduzidas por pronomes relativos, relacionadas a apenas uma oração principal. Como os dois pronomes relativos QUE, na linha 2, são referentes a

"qualquer ateniense maior de 18 anos" (linhas 1-2), basta usar apenas o primeiro, ficando o segundo subentendido. É sempre importante lembrar que, em situações de paralelismo, o elemento repetido pode ser suprimido.
Gabarito 3: Certo. O tempo futuro do pretérito, como a própria nomenclatura sugere, indica uma consequência futura de um fato passado. Fica claro que o fato passado é a "reforma de Clistenes que gera dois efeitos:
"Os homens da cidade não usariam mais o nome da família, mas, sim, o do demos a que pertenciam"; e "manifestariam sua fidelidade não mais à família (*gens*) em que haviam nascido, mas à comunidade (*demói*) em que viviam".
Gabarito 4: Errado. A preposição "a" não pode ser extraída, pois sua ocorrência é exigida pela regência do verbo "pertencer": algo pertencer **a** alguém.
Gabarito 5: Errado. Este comentário nunca poderia ser adequado, visto que não se pode usar "a" com acento grave antecedendo artigo indefinido.
Gabarito 6: Errado. A instância menor, citada no texto, é a família, a que anteriormente o cidadão era fiel e cujo nome usava. Da reforma de Clistenes em diante, o homem passa a usar o nome da comunidade a que pertenciam (demói), sendo fiel a ela.
Gabarito 7: Certo. É cabível inferir do último período "O objetivo do sistema era a participação de todos nos assuntos públicos, determinando que a representação popular se fizesse não por eleição, mas por sorteio." que o sorteio propiciaria participação mais efetiva da comunidade nos assuntos públicos, se comparado ao sistema de eleições.

11. (Administrador – BNDES – NCE) Em texto da *Folha de São Paulo*, um morador das margens de uma grande rodovia declarava o seguinte:
Hoje já passaram por aqui milhares de caminhões e automóveis, mas eu e minha família já estamos habituados com isso; os garotos até brincam, jogando pedra nos pneus.
Há, nesse texto, um conjunto de palavras cujo significado depende da enunciação, ou seja, da situação em que o texto foi produzido. Entre as alternativas abaixo, aquela que indica um termo que não está nesse caso é:
a) hoje;
b) aqui;
c) eu;
d) minha família;
e) isso.
Gabarito: Alternativa E.
Questão que trabalha o plano da enunciação – segundo o **dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**, o significado de *enunciado* é: "Ato individual de utilização da língua pelo falante ao produzir um enunciado num dado contexto comunicativo". A situação referida teve um narrador, ocorreu num determinado tempo e lugar. Se essa mesma estória fosse contada por outro narrador, em lugar diferente e no dia seguinte, por exemplo, várias palavras necessariamente sofreriam alteração: "**Ontem** já passaram por **lá** milhares de caminhões e automóveis, mas **João** e **sua família** já estavam habituados com **isso**; os garotos até brincavam, jogando pedra nos pneus." Pode-se, portanto, observar que o único vocábulo que não sofreu alteração foi "isso".

12. (Administrador – BNDES – NCE) Uma indicação de como tomar-se determinado medicamento registrava: "tomar dois comprimidos, de dois tipos diferentes a cada duas horas". A frase, por ser ambígua, pode gerar confusão: tomar um ou dois comprimidos de cada tipo? A frase abaixo que não traz qualquer possibilidade de ambiguidade é:

a) Pedro e José encontraram-se com João.
b) A perturbação do chefe prejudicou o projeto.
c) O gerente falou com o cliente que mora perto do banco.
d) O funcionário, em sua sala, falou com o chefe.
e) Pedro encontrou o irmão entrando na loja.

Gabarito: Alternativa D.

A alternativa A gera uma dúvida: não se sabe se Pedro e José juntos encontraram-se com João, ou se cada um separadamente encontrou-se com João.

A alternativa B também possui uma ambiguidade: sem contexto, não há como se determinar se o chefe estava perturbando ou sendo perturbado. Inclusive tal situação cria dúvida quanto à função sintática de "do chefe": com valor agente (o chefe perturbando os outros e, por isso, prejudicando o projeto) – adjunto adnominal; com valor paciente (o chefe sendo perturbado e, por isso, prejudicando o projeto) – complemento nominal. Na alternativa C, não fica determinado quem mora perto do banco: o gerente ou o cliente. A opção E apresenta também uma ambiguidade, pois não se sabe quem entrou na loja: Pedro ou o irmão.

Leia o texto abaixo para responder às questões 13 e 14.

Falei de esquisitices. Aqui está uma, que prova ao mesmo tempo a capacidade política deste povo e a grande observação de seus legisladores. Refiro-me ao processo eleitoral. Assisti a uma eleição que aqui se fez em fins de novembro. Como em toda a parte, este povo andou em busca da verdade eleitoral. Reformou muito e sempre; esbarrava-se, porém, diante de vícios e paixões, que as leis não podem eliminar. Vários processos foram experimentados, todos deixados ao cabo de alguns anos. É curioso que alguns deles coincidissem com os nossos de um e de outro mundo. Os males não eram gerais, mas eram grandes. Havia eleições boas e pacíficas, mas a violência, a corrupção e a fraude inutilizavam em algumas partes as leis e os esforços leais dos governos. Votos vendidos, votos inventados, votos destruídos, era difícil que todas as eleições fossem puras e seguras. Para a violência havia aqui uma classe de homens, felizmente extinta, a que chamam pela língua do país, *Kapangas* ou *kapengas*. Eram esbirros particulares, assalariados para amedrontar os eleitores e, quando fosse preciso, quebrar as urnas e as cabeças. Às vezes quebravam só as cabeças e metiam nas urnas maços de cédulas. Estas cédulas eram depois apuradas com as outras, pela razão especiosa de que mais valia atribuir a um candidato algum pequeno saldo de votos que tirar-lhe os que deveras lhe foram dados pela vontade soberana do país. A corrupção era menor que a fraude; mas a fraude tinha todas as formas. Enfim, muitos eleitores, tomados de susto ou de descrença, não acudiam às urnas.

(Machado de Assis. *A semana.* In: *Obra completa*. VIII. Rio de Janeiro: Aguilar. 1973. p. 757)

13. (Analista Judiciário – TRE – RJ – Cespe/UnB) Em relação ao texto, assinale a opção incorreta.

a) Após o termo "uma" (l. 1), subentende-se a elipse da palavra **esquisitice**.

b) Caso a expressão "aqui se faz" (l. 3) seja substituída por **aqui foi feita**, prejudica-se a correção gramatical do período.

c) Em "esbarrava-se" (l. 5), o termo "se" indica indeterminação do sujeito.

d) O emprego da vírgula após "paixões" (l. 5) justifica-se porque a oração subsequente é explicativa.

Gabarito: Alternativa B.

A alternativa A apresenta um comentário correto, visto que o artigo indefinido "uma" realmente sugere a ocorrência do termo presente no período anterior: "Falei de esquisitices. Aqui está uma **esquisitice**". A alternativa B é a resposta. Analisemo-la. O enunciado da questão solicita a opção errada. A substituição "aqui se fez" por "aqui foi feita" é perfeita, uma vez que houve tão-somente a reconstrução da frase com a voz passiva sintética no lugar da analítica, inclusive havendo o cuidado de se conservar o tempo verbal: o pretérito perfeito do indicativo (FEZ – FOI). Como nesta alternativa, está afirmado que a alteração prejudica a correção gramatical, fato que não ocorre, acaba por ser a resposta para o enunciado. A alternativa C apresenta uma assertiva adequada, porquanto o pronome "se", ligado a um verbo intransitivo, na terceira pessoa do singular, com a indefinição (não a inexistência) do autor da ação de "esbarrar", funciona como índice de indeterminação do sujeito. O assunto presente na alternativa D vem sendo bastante explorado pelas bancas. O candidato deve estar sempre atento à ocorrência de pontuação antes de pronome relativo. A palavra seguinte a "paixões" é o relativo "que", o qual, por sua vez, é precedido de vírgula. Não podemos esquecer que pronomes relativos, precedidos de vírgula, travessão ou parênteses, introduzem orações subordinadas adjetivas explicativas. Caso contrário, a oração será subordinada adjetiva restritiva.

14. (Analista Judiciário – TRE – RJ – Cespe/UnB) De acordo com o texto, julgue os itens a seguir.

I. A reiteração da palavra "votos" (l. 10-11) confere ênfase à ideia apresentada no período.

II. Pelos sentidos do texto, conclui-se que a palavras "esbirros" (l. 13) está sendo empregada com o mesmo significado que tem atualmente a palavra capanga.

III. A expressão "lhe foram dados" (l. 18) pode, sem prejuízo para a correção gramatical do período, ser substituída por foram dados a ele.

IV. A palavra "corrupção" (l. 19) está sendo empregada como sinônima de "fraude" (l. 19).

A quantidade de itens certos é igual a:

a) 1;

b) 2;

c) 3;
d) 4.
Gabarito: Alternativa C.
Há três itens corretos.
Item I – correto. Não era necessário o autor do texto escrever três vezes a palavra **votos**. Bastava a primeira. Como o autor reiterou o uso, torna-se evidente sua intenção de enfatizar, destacar a ideia presente naquele período.
Item II – correto. Mesmo que o candidato desconheça o significado da palavra "esbirros", torna-se bastante fácil deduzi-lo. A frase "Eram esbirros particulares, assalariados para amedrontar os eleitores e, quando fosse preciso, quebrar as urnas e as cabeças." possui o objetivo de definir o sentido de "*kapangas*" ou "*kapengas*", ocorrentes no sentido anterior.
Item III – correto. Como o pronome oblíquo é remissivo a "candidato", e o verbo "dar" rege, em referência à pessoa, a preposição "a", não há qualquer inconveniência gramatical ou semântica a substituição proposta.
Item IV – incorreto. A frase "A corrupção era menor que a fraude; mas a fraude tinha todas as formas." apresenta uma comparação entre "corrupção" e "fraude", ou seja, se um elemento é maior ou menor do que o outro, obviamente eles não podem funcionar como o mesmo ser.

Leia o texto abaixo para responder às questões 15 e 16.

Uma das condições principais da pós-modernidade é o fato de ninguém poder ou dever discuti-la como condição histórico-geográfica. Com efeito, nunca é fácil elaborar uma avaliação crítica de uma situação avassaladoramente presente. Os termos do debate, da descrição e da representação são, com frequência, tão circunscritos que parece não haver como escapar de interpretações que não sejam tão autorreferenciais. É convencional nestes dias, por exemplo, descartar toda sugestão de que a "economia" (como quer que se entenda essa palavra vaga) possa ser determinante da vida cultural, mesmo "em última instância". O estranho na produção cultural pós-moderna é o ponto até o qual a mera procura de lucros é determinante em primeira instância.
(David Harvey. *Condição pós-moderna*, p. 301, com adaptações)

15. (AFC – Esaf) Assinale a relação lógica que não se depreende do texto.
a) Ser uma situação presente é causa de não se poder discutir a pós-modernidade.
b) Elaborar uma avaliação crítica implica debater, descrever e representar.
c) Se há produção cultural, há a busca de lucros.
d) Se a pós-modernidade fosse uma condição histórico-geográfica, a economia seria determinante na vida cultural.
e) Interpretações autorreferenciais são frequentes como resultado de avaliações de uma situação presente.
Gabarito: Alternativa D.
A alternativa A apresenta uma dedução correta, visto que a relação causa-efeito se

evidencia nos dois primeiros períodos. Infere-se do verbete que é muito mais fácil proceder a uma avaliação efetivamente crítica dos fatos pretéritos do que dos fatos presentes, então se torna espinhoso discutir a pós-modernidade, pois é justamente a época em que vivemos e, por isso, acabamos não sendo isentos.
A alternativa B é uma inferência do segundo e do terceiro período. "Os termos do debate, da descrição e da representação", que estruturam a elaboração da avaliação crítica, acabam se tornando prejudicados, em virtude de a análise ser relativa a tempo presente.
A alternativa C é uma conclusão do último período. Lá se informa que a mera procura de lucros é determinante em primeira instância na produção cultural pós-moderna.
A alternativa D é a resposta, pois expõe uma inferência inadequada ao texto. Inicialmente não se pode afirmar que a pós-modernidade é uma condição histórico-geográfica, e sim o fato de ninguém poder ou dever discutir a pós-modernidade. Também é indevido concluir do texto que a economia não é determinante na vida cultural, pois a visão não é dele e sim de terceiros (verbo "descartar" no infinitivo impessoal, indeterminando o sujeito da oração): "É convencional nestes dias, por exemplo, descartar toda sugestão de que a "economia" (como quer que se entenda essa palavra vaga) possa ser determinante da vida cultural, mesmo "em última instância". E depreende-se que essa visão errônea de terceiros ocorre justamente pela dificuldade de se ter uma visão crítica dos fatos, quando eles ainda são presentes.
A alternativa E apresenta uma inferência perfeita do verbete, porquanto fica implícito que justamente a dificuldade de se fazer uma análise crítica da pós-modernidade provém do fato de estarmos vivendo esse período, fato que acaba por comprometer o estudo devido justamente ao nosso envolvimento que acaba por excluir a isenção do exame, gerando interpretações autorreferenciais.

16. (AFC – Esaf) Avalie as seguintes afirmações a respeito das estruturas linguísticas do texto para assinalar a opção correta.
I. O singular do verbo da primeira oração do texto deve-se à expressão "Uma das" (l. 1); se, em seu lugar, fossem empregados termos que mantivessem o sujeito no plural, como por exemplo, Entre as, o verbo deveria ser flexionado necessariamente no plural.
II. Na linha 4, a opção pelo verbo "parece", iniciando a oração, exige o emprego de uma forma impessoal de verbo no seu desenvolvimento: daí o uso de singular em "não haver como escapar" (l. 4/5).
III. O emprego da preposição da preposição de é obrigatória antes do pronome relativo "que" (l. 6), pois aí se inicia uma oração subordinada que completa a ideia de "sugestão" (l. 7).
IV. A palavra "mesmo" (l. 7), empregada com valor adverbial de ainda que, sugere que o autor antecipa uma rejeição ao argumento que explicita na oração anterior.
A quantidade de itens corretos é:
a) 0;
b) 1;
c) 2;
d) 3;

e) 4.

Gabarito: Alternativa B (Atenção: gabarito alterado no recurso de C para B)

Item I – Errado. O comentário não é procedente, uma vez que a substituição proposta causa, até mesmo, incoerência. Além disso, o verbo poderia concordar com o termo "o fato".

Item II – Errado – A ocorrência do verbo "parecer" não exige necessariamente a presença de um verbo impessoal, por exemplo: Parece estarem presentes mais pessoas hoje do que ontem.

Item III – Errado. A banca considerou, inicialmente, este item correto, alterando-o após a análise dos recursos. Há alguns problemas importantes a serem examinados: o "que" citado não é pronome relativo, mas sim conjunção integrante; também é interessante observar que, na visão inicial com o item correto, fica indicado que o uso da preposição nas orações completivas nominais seria obrigatória, contrariando, até mesmo, a visão do Cespe-UnB, conforme se evidencia no item 2 da questão 5 deste capítulo.

Item IV – Certo. A assertiva é pertinente, pois é característica da concessão sugerir uma oposição – ou rejeição – ao outro fato exposto.

Leia o seguinte texto para responder à questão 17.

A entrada dos anos 2000 têm trazido a reversão das expectativas de que haveria a inauguração de tempos de fraternidade, harmonia e entendimento da humanidade. Os resultados das cúpulas mundiais alimentaram esperanças que novos tempos trariam novas perspectivas referentes a qualidade de vida e relacionamento humano em todos os níveis. Contudo, o movimento que se observa em nível mundial sinaliza perdas que ainda não podemos avaliar. O recrudescimento do conservadorismo e de práticas autoritárias, efetivadas à sombra do medo, tem representado fonte de frustração dos ideais historicamente buscados.

(Roseli Fischmann, *Correio Braziliense*. 26/8/2002, com adaptações)

17. (Auditor Fiscal da Previdência Social – Esaf) Para que o texto fique gramaticalmente correto é obrigatória:

I. A retirada do acento de "têm" (l. 1).

II. A retirada da preposição antes de "que haveria (l. 1).

III. A inserção da preposição de diante de "que novos tempos" (l. 3).

IV. A inserção do sinal indicativo de crase em "a qualidade" (l. 4).

V. A substituição da expressão "em nível mundial" (l. 5) por mundialmente.

VI. A substituição de "efetivadas" (l. 7) por efetivados.

VII. A inserção do acento circunflexo em "tem" (l. 7).

a) Apenas I e III estão corretos.

b) Apenas I, IV e V estão corretos.

c) Apenas II, III, IV e V estão corretos.

d) Apenas III, IV, V, VI e VII estão corretos.

e) Todos os itens estão corretos.

Gabarito: Alternativa A.

A alteração proposta no item I é obrigatória, visto que o sujeito de "têm trazido" é "A entrada dos anos 2000", cujo núcleo é "entrada", impossibilitando o verbo de flexionar-se no plural.
A alteração proposta no item II não é necessária, visto que "expectativas" rege a preposição DE, EXPECTATIVAS DE...
A alteração proposta no item III é obrigatória na visão da Esaf, contradizendo o Cespe-UnB. Realmente o nome "expectativas" rege a preposição "de"; contudo a sua complementação se dá com uma oração, não com termo não oracional. É normal nas orações subordinadas substantivas objetivas indiretas e completivas nominais, a preposição ser suprimida, como foi mostrado no item 2 da questão 5 deste capítulo. No entanto, a Esaf considera, pelo menos na completiva nominal, obrigatória a inserção da preposição. Observe também o item III da questão 16 deste capítulo.
A alteração proposta no item IV não se faz necessária, porquanto a frase original já está escorreita. Há aqui uma estrutura paralela, em que o autor preteriu o artigo, utilizando, apenas em uma oportunidade, a preposição "A" – exigência de "referentes" – regendo "qualidade de vida" e "relacionamento humano" (observar o item 17 do capítulo 25.4).
A alteração proposta no item V também não é necessária, visto que a estrutura original está correta, e a proposição de reescritura também o está; sendo assim, não é obrigatória a alteração.
A alteração proposta no item VI também não é necessária, já que a construção original está correta.
O adjetivo "efetivadas" concorda atrativamente com "práticas autoritárias", e "efetivados" concorda por soma com "conservadorismo" e "práticas autoritárias".
A alteração proposta no item VII é inadequada, uma vez que o verbo "tem representado" concorda com "recrudescimento", devendo, portanto, flexionar-se no singular, ou seja, sem acento.

18. (Auditor Fiscal do Trabalho – Esaf) Julgue como verdadeiros (V) ou falsos (F) os itens a respeito do texto abaixo.
Uma única inovação ocorrida no século XV teve enorme influência para o progresso, a inclusão social e a redução da pobreza. Foi a invenção do conceito de capital social pelo frei Luca Paccioli, o criador da contabilidade. Antes de Luca Paccioli, um comerciante ou produtor que não pagasse suas dívidas poderia ter todas os bens pessoais, como casa, móveis e poupança, arrestados por um juiz ou credor.
Muitos cientistas políticos e sociólogos usam o termo capital social de forma equivocada, numa tentativa deliberada de confundir o leitor.
(Adaptado de Stephen Kanitz, "O Capital social". *Veja*. 12 de abril, 2006)
( ) Depreende-se da expressão "Uma única inovação" (l. 1) que as demais inovações ocorridas no século XV não resistem até hoje.
( ) Preservam-se a coerência textual e a correção gramatical ao trocar "invenção (l. 2) por <u>criação</u> e "criador" (l. 3) por <u>inventor</u>, respectivamente.
( ) Apesar de se classificar como artigo indefinido, o artigo "um" (l. 3) tem a função de determinar, no texto, "comerciante" (l. 4) e "produtor" (l. 4).

( ) Por integrar uma enumeração, a vírgula depois de "poupança" (l. 5) é facultativa e pode ser suprimida sem que se prejudique a correção gramatical do texto.
( ) Por constituir um valor oposto às informações do primeiro parágrafo, o período final do texto admite ser iniciado pelo conectivo. No entanto, seguido de vírgula, fazendo-se os ajustes nas iniciais maiúsculas.
A sequência correta é:
a) V V F V F
b) F V F F V
c) V F F F V
d) F V V F F
e) F F V V F
Gabarito: Alternativa B.
O primeiro comentário é absurdo, haja vista o descabimento de tal inferência. No início do texto, houve tão somente o destaque ao fato de a invenção do conceito de capital social possuir substanciosa importância para o progresso, a inclusão social e a redução da pobreza, não induzindo à compreensão de inexistirem outras invenções ocorridas no século passado que resistissem até hoje.
O segundo comentário é perfeito, até porque, no contexto, há a sinonímia entre os vocábulos.
O terceiro comentário é incorreto, visto que, como a própria nomenclatura sugere, o artigo indefinido não define, não determina. Observando-se o contexto, fica constatado que qualquer (não um específico ou determinado) comerciante ou produtor que não pagasse suas dívidas poderia ter todos os bens pessoais arrestados.
A afirmação contida no quarto item não se coaduna com a norma gramatical, uma vez que, havendo uma vírgula a finalizar o fragmento intercalado "como casa, móveis e poupança", não pode ser extraída aquela que o inicia.
O último item expõe uma assertiva correta, dado que há uma oposição entre o efetivo significado de capital social, criado por Luca Paccioli, e o sentido errôneo utilizado por muitos cientistas políticos e sociólogos. Sendo assim, é escorreito o uso da conjunção adversativa introduzindo o parágrafo conclusivo.

19. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – NCE) A VERDADE E A FANTASIA – Presidente do TJ/RJ
Um espectro ronda a Justiça brasileira neste final de ano: a Reforma do Judiciário. Espectro porque a realidade do Judiciário e a necessidade da sua reforma foram, nos últimos meses, deformados pelo "manto diáfano da fantasia".
Comemoramos o nosso dia (8 de dezembro) sob o fogo cruzado da má-vontade e da desinformação. O Judiciário não pode ser culpabilizado pelo que a mídia chama com exagero de impunidade. A polícia não prende, não investiga e nós, presos à aplicação da lei, pagamos o pato. Além disso, há um cipoal de leis, medidas provisórias que acabam por atravancar nossos corredores.
Temos oferecido à sociedade ideias e propostas de melhoria da prestação de Justiça. Um exemplo: o julgamento virtual, que acelera a tramitação, elimina papel e dispensa deslocamentos de advogados...

Entre o segundo e o terceiro parágrafos do texto, em função dos significados por eles veiculados, poderíamos inserir o conectivo:
a) apesar de;
b) porque;
c) ainda que;
d) contanto que;
e) nem.
Gabarito: Alternativa A.
Fica claro que a relação existente entre os parágrafos é de concessão: o fato de o Judiciário oferecer à sociedade ideias e propostas de melhorias do seu próprio trabalho não impede que a Justiça seja culpabilizada pelo que a mídia chama de impunidade. Sendo assim, haveria duas alternativas com conectores concessivos: A e C. No entanto, há uma pequena diferença entre os conectores: A locução prepositiva APESAR DE introduz um **fato concreto** que não altera o desfecho; já a locução conjuntiva AINDA QUE introduz um **fato hipotético** que não altera o desfecho. Se o terceiro parágrafo se iniciasse com AINDA QUE, haveria uma pequena alteração do sentido original, visto que não há hipótese, e sim, situação concreta. Não há dúvidas de que o Judiciário tem oferecido ideias e propostas (Apesar de o Judiciário oferecer à sociedade ideias e propostas de melhorias do seu próprio trabalho, a Justiça acaba sendo culpabilizada pelo que a mídia chama de impunidade). Se a resposta fosse "Ainda que o Judiciário ofereça à sociedade ideias e propostas de melhorias do seu próprio trabalho, a Justiça acabará sendo culpabilizada pelo que a mídia chama de impunidade", não haveria a certeza de a Justiça ter oferecido ou não à sociedade ideias e propostas). Caro candidato, nos Capítulos 10.2.2 e 22.7.2, este assunto foi abordado.

20. (AGU – NCE) Os adjetivos são uma classe de palavra que determina palavras em função substantiva e indicam características ou qualidades desses substantivos; o item com um adjetivo sublinhado com valor de característica é:
a) "Há um caminho **simples**: proibir";
b) "Pois cidadãos **responsáveis** e consumidores **conscientes** se forjam com informação";
c) "Não poderia haver reivindicação mais **justa**...";
d) "Sejam elas **ilegais**, **perigosas** ou socialmente condenáveis;
e) Para todo problema **complicado** há uma solução...".
Gabarito: Alternativa D.
O adjetivo com valor de característica é o que possui um atributo objetivo, ou seja, independe da opinião de seu usuário. Perceba que os adjetivos "simples" **(A)**, "responsáveis" **(B),** "conscientes" **(B),** "justa" **(C),** "perigosas" **(D)** e "complicado" **(E)** possuem valor subjetivo, ou seja, é uma adjetivação que sugere a opinião de quem o utiliza; portanto, o que pode ser simples, responsável, consciente, justo, perigoso e complicado para uns, pode não ser necessariamente para outros. Já o adjetivo "ilegais" **(opção D)** é uma adjetivação indiscutível, isto é, não há possibilidade de uma atitude ser considerada legal por uns e ilegal por outros.

21. (Agente de Polícia Federal – Cespe – UnB) A vida humana como valor jurídico

Vivemos sob a égide de uma Constituição que orienta o Estado no sentido da dignidade da pessoa humana, tendo como normas a promoção do bem comum, a garantia da integridade física e moral do cidadão e a proteção incondicional do direito à vida. Essa proteção é de tal forma solene que o atentado a essa integridade eleva-se à condição de ato de lesa-humanidade: um atentado contra todos os homens.

Afirma-se que a Constituição do Brasil protege a vida e que tudo aquilo que soa diferente é contrário ao Direito e por isso não pode realizar-se. Todavia, dizer que a vida depende da proteção da Carta Maior é superfetação porque a vida está acima das normas e compõe todos os artigos, parágrafos, incisos e alíneas de todas as constituintes.

A cada dia que passa, a consciência atual, despertada e aturdida pela insensibilidade e pela indiferença do mundo tecnicista, começa a se reencontrar com a mais lógica de suas normas: a tutela da vida. Essa consciência de que a vida humana necessita de uma imperiosa proteção vai criando uma série de regras que se ajustam mais e mais com cada agressão sofrida, não apenas no sentido de se criar dispositivos legais, mas como maneira de estabelecer formas mais fraternas de convivência. Este, sim, seria o melhor caminho.

Tudo isso vai sedimentando a ideia de que a vida de todo ser humano é ornada de especial dignidade, o que deve ser colocado de forma clara em defesa da proteção das necessidades e da sobrevivência de cada um. Esses direitos fundamentais e irrecusáveis da pessoa humana devem ser definidos por um conjunto de normas que possibilitem que cada um tenha condições de desenvolver suas aptidões e suas possibilidades.

(Internet: http://www.dhnet.org.br/denuncia/tortura/textos/pericia.htm. Acesso em ago./2004 – com adaptações.)

Considerando as ideias e a estrutura do texto acima, julgue os itens de 1 a 5.

1	O texto defende que a sociedade brasileira, apesar de vítima da violência do contexto tecnológico atual, tem por valor superafetado a proteção do direito à vida, garantido constitucionalmente.
2	Entre os pilares que sustentam a Carta Magna brasileira — a dignidade da pessoa, o respeito ao cidadão, a garantia da sua integridade, o fortalecimento do bem comum e o resguardo do direito à vida —, sobreleva-se este último, pela qualidade de incondicional.
3	É redundante afirmar que a Constituição do Brasil dá especial ênfase à defesa à existência no país, uma vez que a vida sobreleva-se a constituições sociais e está pressuposta em vários dispositivos legais.
4	O texto argumenta que é universal e incontestável a consciência de que urge o estabelecimento de formas mais fraternas de convivência no mundo atual.
5	O texto estrutura-se de forma dissertativa, com léxico predominantemente denotativo, apesar de haver palavras empregadas em sentido conotativo, a exemplo de "soa" e "ornada".

Gabarito 1: Errado. O texto informa justamente o contrário, como esclarece o seguinte fragmento: "dizer que a vida depende da proteção da Carta Maior é superfetação (redundância) porque a vida está acima das normas e compõe todos os artigos, parágrafos, incisos e alíneas de todas as constituintes". Observe que no texto original, a palavra é "superfetação" que significa redundância, pleonasmo. No item, já aparece "superafetado", alterando completamente o sentido do texto. Portanto, a vida encontra-se sobre as normas.

Gabarito 2: Certo. Em conformidade com o texto, observa-se que a proteção incondicional do direito à vida é de tal forma solene que o atentado a essa integridade eleva-se à condição de ato de lesa-humanidade: um atentado contra todos os homens.
Gabarito 3: Errado. Realmente há redundância em tal atitude, no entanto a causa apontada é errada. "A vida sobreleva-se **às normas (não a constituições sociais)** e compõe todos os artigos, parágrafos, incisos e alíneas de todas as constituintes".
Gabarito 4: Errado. Não há no texto qualquer referência à necessidade de se ter percepção de que urge o estabelecimento de formas mais fraternas de convivência no mundo atual, mas sim de que é fundamental a concepção de que a vida humana precisa ser efetivamente protegida, sobretudo em virtude da consciência atual, que se encontra despertada e aturdida pela insensibilidade e pela indiferença do mundo tecnicista.
Gabarito 5: Certo. O texto é dissertativo, dado que nele está exposta a opinião do autor, seguida de argumentação que a defende. O vocabulário utilizado é predominantemente dissertativo, ou seja, as palavras não são utilizadas no sentido figurado, exceto "soa" e "ornada", cujos significados oficiais são respectivamente: ornamentar, enfeitar, adornar; emitir ou produzir som. No entanto, os vocábulos foram utilizados nos seguintes sentidos: que se fala, que se diz; é baseada, é fundamentada.

O Presidente da República, no uso da atribuição que lhe confere o art. 55, item I, da Constituição Federal, DECRETA:
Art. 1º. A Carreira Policial Federal far-se-á nas categorias funcionais de Delegado de Polícia Federal, Perito Criminal Federal, Censor Federal, Escrivão de Polícia Federal, Agente de Polícia Federal e Papiloscopista Policial Federal, mediante progressão funcional, de conformidade com as normas estabelecidas pelo Poder Executivo.
Art. 2º. A hierarquia na Carreira Policial Federal se estabelece primordialmente das classes mais elevadas para as menores e, na mesma classe, pelo padrão superior.
Art. 3º. O ingresso nas categorias funcionais da Carreira Policial Federal ocorrerá sempre no padrão I das classes iniciais, mediante nomeação ou progressão funcional.
(Internet: http://www.apcf.org.br. Acesso em ago./2004 – com adaptações.)
Quanto ao texto acima, julgue os itens a seguir.

6	A colocação e a grafia de "DECRETA:" e a repetição de "Art." nos parágrafos, alterando o padrão regular, indica que se trata de um tipo específico de redação: é um texto legal, oficial.
7	No "Art. 1º.", a expressão verbal "far-se-á" equivale, sintática e semanticamente, ao desdobramento é feita.
8	No texto, as expressões grafadas com inicial maiúscula constituem unidades de sentido, classificadas como substantivos compostos, em que o recorrente adjetivo "Federal" faz parte do nome próprio.
9	A palavra "mediante", nos arts. 1º e 3º, está empregada com o sentido de por intermédio de.
10	Confrontando a redação dos dois últimos períodos, constata-se não haver paralelismo sintático com referência ao tempo verbal, uma vez que em um está sendo empregado o presente e no outro, o futuro do presente do modo indicativo.

Gabarito 6: Certo. Trata-se efetivamente de redação oficial, em que o texto é caracterizado pela impessoalidade – os verbos são empregados na pessoa neutra, ou seja, a terceira pessoa do singular – e segue o padrão das normas da ABNT.
Gabarito 7: Errado. A equivalência sintática ocorre, visto que apenas está havendo alteração da voz passiva sintética para analítica. Contudo, semanticamente os sentidos

diferem-se porquanto, na frase original, está sendo utilizado o futuro do presente do indicativo e, na reescritura, o presente do indicativo.
Gabarito 8: Certo. A Polícia Federal é um órgão, portanto o substantivo **Polícia** e o adjetivo **Federal** juntos formam apenas uma unidade significativa, caracterizando a composição. Tal ocorre também em todos os outros exemplos.
Gabarito 9: Certo. A ideia de meio se faz presente, também sendo cabível a substituição por "através de".
Gabarito 10: Certo. O paralelismo prevê equivalência sintática, portanto as estrutura devem ser similares e, consequentemente, os verbos deveriam ocorrer no mesmo tempo.

Ben Hur, um senhor de aspecto venerando, prepara-se para comemorar os seus 86 anos de vida. Homem grande e de olhar calmo, perito aposentado da Polícia Federal, é um perito à moda antiga: entrou para a Polícia Federal em 1955, após um curso ministrado pelo PCF Villanova (hoje, uma referência para os profissionais da área).
Foram 71 anos dedicados ao serviço público, pois antes trabalhou como guarda civil patrulhando o trânsito em uma motocicleta. Uma de suas memórias mais queridas foi ter participado da inauguração de um dos maiores estádios de futebol do mundo – o Maracanã –, em 1950.
A Polícia Federal foi minha casa, minha vida, orgulha-se o perito aposentado. Ele diz ainda que gostava muito do trabalho que realizava: "Fazia com muito amor e respeito".
Das 1.260 perícias realizadas, nenhum laudo cancelado. "Apenas um foi contestado, mas fui ao juiz e expliquei tudo. Deu tudo certo", afirmou. Ben Hur lembra que as técnicas periciais eram outras.
"A perícia no meu tempo era feita à mão. Também não tínhamos máquina fotográfica para auxiliar no trabalho", disse ele. Entre uma lembrança e outra, não esquece de elogiar seus atuais colegas. "Os peritos sempre foram muito respeitados".
Depois de tantos anos servindo a sociedade, hoje o perito aposentado aproveita seu descanso curtindo os netos, sem nunca deixar de reverenciar a querida esposa, falecida no início da década de 90, a quem ele, até hoje, dedica muito amor e carinho.
(*Idem*, *ibidem* – com adaptações.)
Os fragmentos seguintes, na ordem em que são apresentados, correspondem a reescrituras sucessivas dos parágrafos do texto acima. Julgue-os quanto à correção gramatical e à manutenção das ideias originais.

11	Ben Hur, um senhor de olhar calmo e venerável aparência, perito aposentado, ingressou na Polícia Federal à maneira de antigamente: depois de um curso ministrado por um profissional mais experiente que hoje é considerado uma referência na área da perícia.
12	Ben Hur trabalhou, inicialmente como guarda-civil, patrulhando o trânsito de motocicleta. Desta época, uma de suas recordações mais queridas foi ter tomado parte da inauguração do Maracanã, em 1950.
13	O perito aposentado afirmou, vaidosamente, que a Polícia Federal era a sua casa, a sua vida, e que apreciava muito da atividade que realizava com amor e respeito. Não teve cancelado sequer um dos mil, duzentos e sessenta laudos periciais realizados; apenas uma vez foi contestado, mas ele foi ao juiz e explicou tudo, saindo vitorioso ao final.
14	As técnicas periciais antigamente eram outras: a perícia era feita à mão, não existiam máquina fotográfica para auxiliar o trabalho; mesmo assim, os peritos sempre eram muito elogiados.
	Por ser uma pessoa muito afetuosa, Ben Hur serviu à sociedade brasileira muitos anos, e agora, aposentado, aproveita o

15	descanso, para cuidar dos netos e lembrar da querida esposa, falecida no início dos anos 90, cujo carinho e amor, até hoje, ele dedica.

Gabarito 11: Certo. Os vocábulos "venerando" e "venerável" são sinônimos tais quais "aspecto" e "aparência". Ben Hur é um perito à moda antiga, visto que ingressou no órgão à moda antiga, isto é, fazendo um curso com o perito Villanova – donde é cabível inferir que se para ingressar na função de perícia da Polícia Federal era necessário fazer um curso com Villanova, é porque este obviamente era mais experiente do que aquele. Por fim, também ficou explícito no período que Villanova é ainda hoje uma referência para os peritos.
Gabarito 12: Errado. Não é necessário proceder a grandes análises. Logo no início do período há uma falha de pontuação: já que foi utilizada uma vírgula antes do adjunto adverbial "inicialmente", que se encontra intercalado, deveria haver outra após.
Gabarito 13: Errado. Há falha de regência, pois o verbo "apreciar" é transitivo direto, não admitindo, pois, a presença da preposição DE.
Gabarito 14: Errado. Há falha de concordância verbal, pois, sendo o sujeito de "existiam" "máquina fotográfica", o verbo deveria encontrar-se no singular.
Gabarito 15: Errado. Há falha de regência verbal e de uso de pronome relativo. Os verbos "lembrar", "recordar" e "esquecer" regem a preposição "de" quando forem pronominais. Portanto, haveria duas formas de escrever o período: "lembrar-se da querida esposa" ou "lembrar a querida esposa". A utilização de "cujo" não é cabível, até por não haver a ideia de posse, devendo ser substituído por "a quem" ou "à qual". A preposição A é exigida pela regência do verbo "dedicar": dedicar carinho e amor **à** esposa.

22. (Delegado de Polícia Federal – Cespe – UnB) A análise que a sociedade costuma fazer da violência urbana é fundamentada em fatores emocionais, quase sempre gerados por um crime chocante, pela falta de segurança nas ruas do bairro, por preconceito social ou por discriminação. As conclusões dos estudos científicos não são levadas em conta na definição de políticas públicas. Como reflexo dessa atitude, o tratamento da violência evoluiu pouco no decorrer do século XX, ao contrário do que ocorreu com o tratamento das infecções, do câncer ou da Aids. Nos últimos anos, entretanto, estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais precisos para avaliar a influência dos fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes sociais da violência urbana: pobreza, impunidade, acesso a armamento, narcotráfico, intolerância social, ruptura de laços familiares, imigração, corrupção de autoridades ou descrédito na justiça.
(Dráuzio Varella. Internet: http://www.drauziovarella.com.br – com adaptações.)
Em relação ao texto acima, julgue os itens que se seguem.

1	As informações do texto indicam que, além da consideração de "fatores emocionais" (l. 2) que geram violência, as políticas públicas voltadas para a segurança dos cidadãos baseiam-se frequentemente nas "conclusões dos estudos científicos" (l. 4) que focalizam esse tema.
2	A expressão "Como reflexo dessa atitude" (l. 5) introduz uma ideia que é uma consequência em relação à informação antecedente. Portanto poderia, sem prejuízo da correção e do sentido do texto, ser substituída pela palavra Consequentemente.
	A substituição do termo "estão sendo desenvolvidos" (l. 7-8) por estavam se desenvolvendo provoca alterações estruturais

3	sem alterar semanticamente a informação original nem transgredir as normas da escrita culta.
4	Na linha 9, o emprego do sinal indicativo de crase em "às raízes" justifica-se pela regência de "associados" e pela presença de artigo; o sinal deveria ser eliminado caso o artigo fosse suprimido.
5	Na linha 10, estaria gramaticalmente correta a inserção, entre a palavra "urbana" e o sinal de dois-pontos, de qualquer uma das seguintes expressões, antecedidas de vírgula: como, tais como, quais sejam, entre as quais se destacam.
6	É correto inferir do texto que houve evolução no tratamento de certas doenças porque estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais exatos para avaliar seus fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes da violência.

Gabarito 1: Errado. Na definição de políticas públicas, somente são levados em conta fatores emocionais que geram violência, não se dando importância às conclusões dos estudos científicos.

Gabarito 2: Certo. Reflexo, nesse contexto, é sinônimo de efeito, consequência. O termo "dessa atitude" é remissivo ao fato exposto no período antecedente. Destarte, "As conclusões dos estudos científicos não são levadas em conta na definição de políticas públicas" são as causas de "o tratamento da violência evoluir pouco no decorrer do século XX".

Gabarito 3: Errado. Não há alterações estruturais, uma vez que apenas ocorreu a transposição da voz passiva analítica para voz passiva sintética. No item, também é informado que não ocorreu alteração de ordem semântica, o que é uma inverdade: "estão sendo desenvolvidas" indica um fato presente; "estavam se desenvolvendo" indica um fato pretérito.

Gabarito 4: Certo. A regência do adjetivo "associados" exige a preposição "a" e, como o artigo é geralmente facultativo antes de substantivo no plural, pode-se construir a estrutura das seguintes formas: "associados às" e "associados a".

Gabarito 5: Certo. Observe que as inserções mantêm a correção gramatical e o sentido do texto: "Nos últimos anos, entretanto, estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais precisos para avaliar a influência dos fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes sociais da violência urbana**, como**: pobreza, impunidade, acesso a armamento, narcotráfico, intolerância social, ruptura de laços familiares, imigração, corrupção de autoridades ou descrédito na justiça."; "Nos últimos anos, entretanto, estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais precisos para avaliar a influência dos fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes sociais da violência urbana**, tais como**: pobreza, impunidade, acesso a armamento, narcotráfico, intolerância social, ruptura de laços familiares, imigração, corrupção de autoridades ou descrédito na justiça."; "Nos últimos anos, entretanto, estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais precisos para avaliar a influência dos fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes sociais da violência urbana**, quais sejam**: pobreza, impunidade, acesso a armamento, narcotráfico, intolerância social, ruptura de laços familiares, imigração, corrupção de autoridades ou descrédito na justiça."; "Nos últimos anos, entretanto, estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais precisos para avaliar a influência dos fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes sociais da violência urbana**, entre as quais se destacam**: pobreza, impunidade, acesso a armamento, narcotráfico, intolerância social, ruptura de laços familiares, imigração, corrupção de autoridades ou descrédito na

justiça.”.

Gabarito 6: Errado. A evolução de que trata esse item é referente à evolução do tratamento da violência nos últimos tempos, passando a levar em consideração as análises científicas mais precisas capazes de avaliar a influência dos fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes sociais da violência urbana.

Diversos municípios brasileiros, especialmente aqueles que se urbanizaram de forma muito rápida, não oferecem à população espaços públicos para a prática de atividades culturais, esportivas e de lazer. A ausência desses espaços limita a criação e o fortalecimento de redes de relações sociais. Em um tecido social esgarçado, a violência é cada vez maior, ameaçando a vida e enclausurando ainda mais as pessoas nos espaços domésticos.

(Internet: http://www.polis.org.br – com adaptações.)

Considerando o texto I, julgue os seguintes itens.

7	A expressão “tecido social esgarçado” (l. 4) está empregada em sentido figurado e representa a ideia de que as estruturas sociais estão fortalecidas em suas instituições oficiais.
8	A inserção da palavra consequentemente, entre vírgulas, antes de “cada vez” (l. 5) torna explícita a relação entre ideias desse período e aquelas apresentadas anteriormente no texto.
9	A expressão “ainda mais” (l. 5) reforça a ideia implícita de que há dois motivos para o enclausuramento das pessoas: a falta de espaços públicos que favoreçam as relações sociais com atividades culturais, esportivas e de lazer e o aumento da ameaça de violência.

Gabarito 7: Errado. É fato que “tecido social esgarçado” está sendo utilizado conotativamente, no entanto o sentido contextual indicado não está correto. O termo, no texto, significa estrutura social rompida, desgastada.

Gabarito 8: Certo. Existe a relação causa-efeito entre haver “um tecido social esgarçado” e consequentemente “a violência ser cada vez maior”.

Gabarito 9: Certo. Realmente a falta de espaços públicos que favoreçam as relações sociais com atividades culturais, por si só, já geraria o enclausuramento das pessoas. Além disso, ainda ocorre o aumento da violência, criando mais um motivo para as pessoas não saírem de suas casas.

Entre os primatas, o aumento da densidade populacional não conduz necessariamente à violência desenfreada. Diante da redução do espaço físico, criamos leis mais fortes para controlar os impulsos individuais e impedir a barbárie. Tal estratégia de sobrevivência tem lógica evolucionista: descendemos de ancestrais que tiveram sucesso na defesa da integridade de seus grupos; os incapazes de fazê-lo não deixaram descendentes. Definitivamente, não somos como os ratos.

(Dráuzio Varella. Internet: http://www.drauziovarella.com.br – com adaptações.)

Acerca dos textos I e II, julgue os itens a seguir.

10	Tanto no texto I como no II, a questão do espaço físico como um dos fatores intervenientes no processo de intensificação da violência é vista sob o prisma da densidade populacional excessiva.

11	Como a escolha de estruturas gramaticais pode evidenciar informações pressupostas e significações implícitas, no texto II, o emprego da forma verbal em primeira pessoa — "criamos"— autoriza a inferência de que os seres humanos pertencem à ordem dos primatas.
12	Por funcionar como um recurso coesivo de substituição de ideias já apresentadas, no texto II, a expressão "Tal estratégia de sobrevivência" retoma o termo antecedente "violência desenfreada".

Gabarito 10: Errado. A ideia indicada no item vai ao encontro da exposta no texto I, no entanto o texto II a contradiz: "Entre os primatas, o aumento da densidade populacional não conduz necessariamente à violência desenfreada.". E como os homens descendem desses primatas, obtiveram sucesso na defesa da integridade de seus grupos.
Gabarito 11: Certo. É possível inferir tal informação, já que o aumento da densidade populacional, entre os primatas, não conduz necessariamente à violência desenfreada e, por isso, criamos (inclui autor, leitores e todos os seres humanos – primatas são os macacos, os antropóides e os homens) leis mais fortes para controlar os impulsos individuais e impedir a barbárie.
Gabarito 12: Errado. "Tal estratégia de sobrevivência" é remissivo à criação de leis mais fortes para controlar os impulsos individuais e impedir a barbárie.

Os fragmentos contidos nos itens subsequentes foram adaptados de um texto escrito por Ângela Lacerda para a Agência Estado. Julgue-os quanto à correção gramatical.

13	O programa Escola Aberta, que usa as escolas nos fins de semana para atividades culturais, sociais e esportivas de alunos e jovens da comunidade reduziu os índices de violência registrados nos estabelecimentos e melhorou o aproveitamento escolar.
14	Em Pernambuco e no Rio de Janeiro, primeiros estados a adotarem o programa recomendado pela Unesco, o índice de redução de criminalidade para as escolas que implantaram o Escola Aberta desde o ano 2000 foi de 60% em relação às escolas que não o adotaram.
15	A maior redução da violência observada nos locais onde o programa tem mais tempo de existência mostram, segundo a Unesco, que os resultados vão se tornando melhores a longo prazo, ou seja, a proporção que a comunidade se apropiaria do programa.

Gabarito 13: Errado. A oração subordinada adjetiva explicativa está intercalada e é iniciada com vírgula no início, contudo não é concluída com o mesmo sinal de pontuação.
Gabarito 14: Certo. Não há qualquer falha de ordem gramatical.
Gabarito 15: Errado. Há três falhas: a forma verbal "mostram" deveria estar no singular, concordando com "a maior redução da violência"; "a proporção que" deveria estar com acento grave: À PROPORÇÃO QUE; e a ortografia de "apropiaria", sendo APROPRIARIA a forma correta.

23. (MPOG) Assinale a opção correta a respeito do uso das estruturas linguísticas no texto.
Os economistas brasileiros se concentram, no exame das causas da crise, na proposta de meios e modos de contorná-la. Com isso, não levam em conta dois pontos. O primeiro é que as medidas contra a crise, que vêm sendo adotadas tanto em países subdesenvolvidos como desenvolvidos, são fundamentalmente corretas. O segundo ponto é que a crise atual, como todas as anteriores, acabará, mais cedo ou mais tarde, por ser corrigida. E, quando isso ocorrer, se voltará às fórmulas neoliberais apenas com regulamentação mais estrita da atividade bancária.

(Adaptado de João Paulo Magalhães, *O que fazer depois da crise*. Correio Braziliense, 12 de setembro, 2009)

a) Seriam preservadas a correção gramatical e a coerência do texto ao usar o pronome em "contorná-la"(ℓ.2) antes do verbo, escrevendo: **modos de a contornar**.

b) Para evitar as três ocorrências consecutivas de "que" (ℓ.3 e 5), a retirada dessa conjunção antes de "a crise atual"(ℓ .5) manteria a correção gramatical e a coerência do texto.

c) Na linha 3, o acento circunflexo em "vêm" indica que a concordância se faz com "medidas", mas estaria igualmente correto e coerente com a argumentação escrever o verbo sem acento, optando, então, pela concordância com "crise".

d) O pronome em "quando isso"(ℓ.6) resume e retoma, em relações de coesão, o mesmo referente do pronome em "Com isso"(ℓ.2), ou seja, o exame da crise feito pelos economistas.

e) Seriam respeitadas as regras gramaticais e as relações entre os argumentos ao empregar o verbo em "se voltará"(ℓ.6) no plural, escrevendo **voltarão-se**.

Gabarito: Alternativa A

O único impedimento para o emprego da próclise é se o pronome oblíquo iniciar oração, o que não é o caso. Portanto, tanto se pode trabalhar com a próclise como com a ênclise, estando as construções MODOS DE CONTORNÁ-LA ou MODOS DE A CONTORNAR corretas.

Na alternativa B, para que seja suprimida a conjunção integrante, seria necessário reduzir a oração e transpor a forma verbal SÃO para o infinitivo: O primeiro é as medidas ... serem fundamentalmente corretas.

O início do comentário na alternativa C está correto. No entanto, a sequência apresenta comentário errado, pois se VEM estiver no singular, haveria incoerência e falha de concordância nominal, pois "adotadas" também deveria ocorrer no singular. Além disso, a intelecção do período seria absurda: A CRISE VEM SENDO ADOTADAS.

A alternativa D apresenta falha de coesão, pois o termo ISSO, nas duas ocorrências, é remissivo a termos distintos: No primeiro caso, refere-se a "Os economistas brasileiros se concentram, no exame das causas da crise, na proposta de meios e modos de contorná-la."; Já, no segundo caso, refere-se a "O segundo ponto é que a crise atual, como todas as anteriores, acabará, mais cedo ou mais tarde, por ser corrigida.".

Na alternativa E, há falha grosseira: verbos no futuro do presente do indicativo nunca admitem ênclise.

24. (APOFP) Em relação ao texto abaixo, assinale a opção correta.

A invasão israelense intensifica o ambiente de privações e ameaças à integridade física em que vivem os habitantes de Gaza. Além dos intensos bombardeios aéreos, que mataram centenas de palestinos – entre eles várias mulheres e crianças –, faltam víveres e medicamentos, e os cortes no fornecimento de água e luz são constantes. Ao que consta, pois Israel impede a entrada da imprensa no território invadido, o objetivo inicial da ação terrestre é isolar o norte da faixa litorânea, de onde parte a maioria dos ataques com foguetes contra o sul israelense, do restante do território palestino. A

cidade de Gaza, com mais de 400 mil habitantes, foi sitiada. Além dos intoleráveis danos, humanos e materiais, que impõe aos palestinos, o estrangulamento militar desfechado por Israel está repleto de incertezas quanto à sua eficácia.
(*Folha de S. Paulo*, Editorial, 5/1/2009)
a) O sinal indicativo de crase em "à integridade"(ℓ.1) justifica-se pela regência de "intensifica"(ℓ.1) e pela presença de artigo definido feminino singular.
b) O segmento "de onde parte a maioria dos ataques com foguetes contra o sul israelense"(ℓ.6 e 7) está entre vírgulas por tratar-se de oração subordinada adjetiva explicativa.
c) O emprego de vírgula após "aéreos"(ℓ.2) justifica-se para isolar a oração de natureza restritiva subsequente.
d) A expressão "Ao que consta"(ℓ.5) indica que os autores têm certeza absoluta da informação apresentada.
e) O pronome relativo "que"(ℓ.2) retoma o sentido do termo antecedente: "integridade física".
Gabarito : Alternativa B.
Na alternativa A, há comentário incorreto visto que a presença da preposição A é decorrente da regência de AMEAÇAS.
O comentário da alternativa B é perfeito, pois ONDE – por poder ser substituído por O QUAL, formando DO QUAL – é pronome relativo antecedido de vírgula, caracterizando a oração subordinada adjetiva explicativa.
Já o comentário da alternativa C é absurdo, uma vez que a presença da vírgula nunca poderá indicar a presença de uma restrição. É justamente o oposto: a ausência da pontuação é que poderá caracterizar a restrição.
A alternativa D apresenta comentário inadequado, porquanto o autor, ao empregar a expressão "ao que consta" sugere ser uma informação de terceiros pela qual ele não se responsabiliza. Sendo assim, fica no campo da possibilidade, da hipótese, e não da certeza.
A alternativa E também apresenta comentário errado, pois o pronome relativo refere-se a "ambiente", inclusive podendo ser substituído por O QUAL, formando NO QUAL.

25. (AFTE-RN – Esaf) Marque a assertiva errada em relação ao seguinte texto:
O momento é de resgatar a essências, guiar-se pelo bom-senso e praticar a ética junto a consumidores, fornecedores, acionistas e comunidade. Num mundo estarrecido pelas guerras, pelo terrorismo e pelo imperialismo a qualquer preço, ganham admiração o diálogo, a transparência e a contribuição para uma sociedade melhor. Fora e dentro do meio empresarial.
a) Seria também correto escrever-se: o momento é de se resgatarem as essências.
b) Em "praticar a ética" seria correto empregar-se um índice de indeterminação do sujeito.
c) A preposição em "a consumidores" poderia ser contraída ao artigo definido masculino plural.
d) A forma "num" como em "num mundo" só poderia ser empregada em linguagem oral.

e) A forma verbal "ganham" poderia estar corretamente flexionada no singular.
Gabarito: Alternativa D.
Alternativa A. O comentário é correto, uma vez que, ao se acrescentar o pronome "se" à forma verbal "resgatarem", o termo "as essências", que funcionava como objeto direto, passa a ser sujeito, fazendo com que o verbo também se flexione.
Alternativa B. Alternativa polêmica, porquanto, havendo o acréscimo do pronome "SE", não ocorre a indeterminação do sujeito, e sim a voz passiva sintética: "praticar-se a ética". Sob o ponto de vista semântico, o agente da ação de "praticar" está indeterminado, contudo o sujeito sintático passa a ser "a ética", tal qual aconteceu na alternativa A. Inclusive, passando-se o termo "a ética" para o plural, a forma verbal "praticar" deve acompanhar: "praticarem-se as éticas". Caro candidato, esta situação já foi explorada em outras provas realizadas pela Esaf, portanto você deve ter cuidado sempre que o verbo transitivo direto (na terceira pessoa do singular) estiver acompanhado do pronome SE. É possível que a Esaf classifique o SE como pronome apassivador, sendo o termo paciente sujeito; como também é possível que o classifique como índice de indeterminação do sujeito, tornando-se, por conseguinte, o sujeito indeterminado.
Alternativa C. Questão de paralelismo sintático, em que tanto se pode usar apenas a preposição "a" antes do bloco de termos que complementam a ideia de "junto" como também se pode empregar a preposição "a" combinada ao "os" (aos) antes do bloco: "aos consumidores, fornecedores, acionistas e comunidade". Ocorrem duas outras possibilidades de reescritura; pode haver a utilização apenas da preposição antes de cada termo: "a consumidores, a fornecedores, a acionistas e a comunidade"; pode haver a combinação de preposição e artigo antes de cada termo: "aos consumidores, aos fornecedores, aos acionistas e à comunidade".
Alternativa D: A combinação da preposição com artigo indefinido, não funcionando como sujeito, é de caráter facultativo. Destarte, tal emprego é correto não apenas na linguagem oral, mas também na escrita.
Alternativa E: Quando o verbo encontra-se antes de sujeito composto, tanto poderá concordar com a soma dos núcleos, conforme se observa no texto original, como poderá concordar com o mais próximo, consoante se propõe na alternativa.

26. (Auditor-Fiscal do Trabalho – Esaf) Assinale a opção de proposta de alteração para o texto que resulta em erro gramatical e/ou incoerência textual.
No atual estágio da sociedade brasileira, se se deseja um regime democrático, não basta abolir a necessidade de bens básicos. É necessário que o processo produtivo seja capaz de continuar, com eficiência, a produção e a oferta de bens considerados supérfluos. Em se tratando de um compromisso democrático, uma hierarquia de prioridades deve colocar o básico sobre o supérfluo. O que deve servir como incentivo para a proposta de casar democracia, fim da apartação e eficiência econômica em geral é o fato de que o potencial econômico do país permite otimismo quanto à possibilidade de atender todas essas necessidades, dentro de uma estratégia em que o tempo não será muito longo.

(Adaptado de Cristovam Buarque. *Da modernidade técnica à modernidade ética*, p. 29)
a) Substituir a relação expressa por "em que o tempo" (l. 18 e 19) pela relação expressa por **cujo tempo**.
b) Inserir o pronome indicativo de indeterminação de sujeito depois de "abolir"(l. 3), resultando em: **abolir-se**.
c) Retirar a preposição da expressão "Em se tratando" (l. 8), deslocando-se o pronome para depois do verbo e fazendo-se os ajustes nas iniciais maiúsculas; o que resulta em **Tratando-se**.
d) Inserir a preposição **a** antes de "todas essas necessidades"(l. 17).
e) Substituir o conectivo de valor condicional "se" (l. 2) por **caso**, resultando em: **caso se**.
Gabarito: Alternativa E.
A substituição de **se** por caso, levando à estrutura **caso se**, exigiria a alteração do tempo verbal do presente do indicativo – deseja – para o presente do subjuntivo – deseje.
As demais opções.
a) A substituição de **em que o** por **cujo** mantém a correção gramatical.
b) Inserir a partícula **se** após **abolir**, resultando em **abolir-se**, não provoca erro gramatical; mas, de acordo com as melhores gramáticas, essa partícula é **um pronome apassivador** e não "pronome indicativo de indeterminação do sujeito". O pronome indica a indeterminação do agente da ação verbal. Ainda segundo o entendimento gramatical predominante, com verbos que não admitem voz passiva, indicará a indeterminação do sujeito da voz ativa; com verbos que admitem voz passiva, indicará a indeterminação do agente da passiva. Essa divergência entre o entendimento da Esaf e o das gramáticas normalmente indicadas como modelo – Celso Cunha, Rocha Lima, Evanildo Bechara, Domingos Paschoal Cegalla etc. – pode também ser verificada na prova **da Enap**, a seguir.
c) A preposição "em" antes de gerúndio força a próclise; se a retirarmos, o verbo "tratando" iniciará o período, tornando a ênclise obrigatória, pois não é admitido pela norma culta que pronome oblíquo inicie frase ou período .
d) O verbo atender admite duas regências: transitivo direto ou transitivo indireto regendo a preposição a.

Leia o texto abaixo para responder à questão 27
As pesquisas desenvolvidas nos vários centros nacionais e internacionais, tanto em animais quanto em seres humanos, têm demonstrado que o tratamento regenerativo com células-tronco está deixando de ser uma utopia, podendo tornar-se importante recurso para o tratamento de diversas doenças. As pesquisas mostram que essas células têm potencial capaz de reparar as alterações determinadas pelas doenças que provocam perda ou diminuição da capacidade funcional de determinados órgãos do nosso corpo. Assim, especula-se que os transplantes de células-tronco possam vir a beneficiar doenças do coração, doenças neurovegetativas, degeneração celular ligada ao envelhecimento e a tratar certas formas de câncer, como as leucemias.
(*O Globo*, 11/3/2006. José Barbosa Filho e Roberto Benchimol Barbosa)

27. (Enap – Esaf) Assinale a opção correta em relação às formas verbais do texto.
a) "Têm"(l. 4) está no plural para concordar com "seres humanos".
b) "Está deixando de ser" (l. 5 e 6) concorda com "células-tronco".
c) "Provocam" (l. 12) está no plural para concordar com "pesquisas"(l. 9).
d) "Especula-se"(l. 14/15) apresenta sujeito explícito.
e) "A tratar" (l. 19) forma locução verbal com "possam vir"(l. 16).
Gabarito: Alternativa E.
Alternativa A: "Têm" (l. 3) está no plural para concordar com o núcleo do sujeito "pesquisas" (l. 1).
Alternativa B: O comentário realizado não poderia estar correto jamais, visto que um verbo não pode estar flexionado no singular (está deixando de ser) com objetivo de concordar com um termo no plural (células-tronco). Nem há necessidade de retornar ao texto.
Alternativa C: O sujeito de provocam (l. 9) é o pronome relativo "que", cujo antecedente é "doenças".
Alternativa D: Alternativa polêmica. Mais uma vez a Esaf classifica o pronome apassivador SE como índice de indeterminação do sujeito. O verbo "especular" é transitivo direto que, atrelado ao pronome SE, caracteriza a voz passiva sintética, fazendo com que a oração seguinte, que se classificaria como objetiva direta, se transforme em subjetiva. Sendo assim, a oração iniciada através da conjunção integrante "que" (l. 11) funciona como sujeito da oração anterior. No entanto, é sempre bom lembrar, como já ocorrera em outras provas, que a construção de verbo na terceira pessoa do singular, mesmo sendo transitivo direto, atrelado ao pronome SE, e estando o agente da ação indeterminado, é considerada, por vezes, pela Esaf não como formadora de voz passiva sintética, mas sim de voz ativa, classificando-se o SE como índice de indeterminação do sujeito e, consequentemente, o sujeito passa a ser indeterminado.
Alternativa E: O termo "a tratar" (l. 14), assim como "a beneficiar", forma com os auxiliares "possam vir" uma locução.

28. (Sefaz-MG – NCE – 2007) O item cuja reformulação ALTERA o sentido original do segmento é:
a) "Os tempos mudam" – mudam os tempos.
b) "... os astrônomos descobrem novos objetos" – novos objetos são descobertos pelos astrônomos.
c) "... de que se suspeitava" – do que era suspeitado.
d) "... ele é apenas um dentre inúmeros universos" – dentre inúmeros universos ele é somente um.
e) "... como uma bolha em um enorme tanque borbulhante de cerveja" – como uma bolha de cerveja em um enorme tanque borbulhante.
Gabarito: Alternativa E.
É fundamental você atentar-se ao comando da questão. Exige-se uma alternativa em que haja alteração do sentido original. O candidato é induzido a marcar a opção C, visto que o erro gramatical é crasso. Contudo, é imperioso repetir, não se pede erro

gramatical. Apesar de a alternativa C apresentar falha grosseira, não se pode aduzir que a ideia original foi alterada. Já na alternativa E, tal ocorre. Na frase original, "o tanque é que é de cerveja"; já na reescritura, "a bolha é que passa a ser de cerveja".

29. (Eletronuclear – NCE) "A febre é um sinal de alerta de que algo vai mal no organismo." Uma maneira ERRADA de reescrever-se essa mesma frase porque altera o seu sentido original é:

a) A febre alerta para o fato de que algo vai mal no organismo.
b) A febre sinaliza de que, no organismo, algo vai mal.
c) Quando algo vai mal no organismo, a febre nos alerta para esse fato.
d) Se algo vai mal no organismo, a febre aparece como um sinal de alerta.
e) Algo que vai mal no organismo alerta para o sinal da febre.

Gabarito: Alternativa E.

Outra questão que exige do candidato grande atenção ao que se exige no comando da questão. Repito: o grande segredo está na interpretação do enunciado. O candidato é totalmente induzido a marcar a alternativa B, visto que o verbo sinalizar é transitivo direto, sendo o emprego da preposição da preposição DE absurdo. Essa alternativa contém falha gramatical que, entretanto, não compromete o sentido original. Já alternativa E apresenta informação que vai de encontro ao período, senão vejamos: ideia original – A febre alerta para a existência de algo errado no organismo; reescritura – algo errado no organismo alerta para a existência da febre.

30. (Analista Legislativo – Senado Federal – FGV) "... *aspirava-se*, antes de tudo, à restauração plena das liberdades e garantias individuais e à edificação de uma democracia sem adjetivos."

Assinale a alternativa em que a substituição da forma verbal no trecho acima não tenha provocado inadequação à norma culta. Despreze as alterações de sentido.

a) ... implicava-se, antes de tudo, na restauração plena das liberdades e garantias individuais e na edificação de uma democracia sem adjetivos.
b) ... visava-se, antes de tudo, à restauração plena das liberdades e garantias individuais e à edificação de uma democracia sem adjetivos.
c) ... almejava-se, antes de tudo, a restauração plena das liberdades e garantias individuais e à edificação de uma democracia sem adjetivos.
d) ... procedia-se, antes de tudo, a restauração plena das liberdades e garantias individuais e a edificação de uma democracia sem adjetivos.
e) ... buscava-se, antes de tudo, à restauração plena das liberdades e garantias individuais e à edificação de uma democracia sem adjetivos.

Gabarito: Alternativa B.

É interessante comentar essa questão, porquanto fica denunciada a visão da Fundação Getúlio Vargas quanto à regência do verbo IMPLICAR. Como a alternativa A, segundo a banca, apresenta inadequação gramatical, conclui-se que ela não admite o emprego da preposição EM, em consonância com a visão de Evanildo Bechara, mas em oposição à de Rocha Lima e Celso Pedro Luft. Também é fundamental ressaltar que esse

posicionamento é divergente de outras bancas, como a Esaf (AFRF-2002).

31. (Perito Criminal da Polícia Civil – RJ – FGV) "O público brasileiro tem ouvido, com alguma frequência, notícias a respeito de possível rebelião de países vizinhos contra aquilo que seus governantes chamam de dívidas ilegítimas."
A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:
I. Seria igualmente correto redigir o trecho da seguinte forma: O público brasileiro tem ouvido, com alguma frequência, notícias a respeito de possível rebelião de países vizinhos contra o que seus governantes chamam de dívidas ilegítimas.
II. Seria igualmente correto redigir o trecho da seguinte forma: O público brasileiro tem ouvido, com alguma frequência, notícias a respeito de possível rebelião de países vizinhos contra aquilo que seus governantes chamam dívidas ilegítimas.
III. No trecho, há uma palavra com grafia incorreta.
Assinale:
a) Se apenas os itens I e II estiverem corretos.
b) Se apenas os itens I e III estiverem corretos.
c) Se apenas os itens II e III estiverem corretos.
d) Se nenhum item estiver correto.
e) Se todos os itens estiverem corretos.
Gabarito: Alternativa A.
É imperioso chamar a atenção do candidato para o fato de que esta questão já aborda as novas regras de ortografia – item III. Mas antes de chegar a esse item, façamos uma análise dos dois primeiros:
Item I – O comentário se faz com correção, porquanto "o" pode funcionar como pronome demonstrativo, capacitado a substituir "aquilo".
Item II – A análise também é perfeita, pois o predicativo do objeto "de dívidas ilegítimas" pode ocorrer tanto com preposição como sem. Também é interessante ressaltar que o verbo "chamar" na acepção de "qualificar" pode ser transitivo direto ou indireto, sendo, por conseguinte a preposição "a" – a ser inserida antes de "que" – opcional. Sendo assim, haveria quatro formas diferentes de redigir o fragmento: contra aquilo **que** seus governantes chamam de **dívidas ilegítimas**; contra aquilo **que** seus governantes chamam **dívidas ilegítimas**; contra aquilo a **que** seus governantes chamam **de dívidas ilegítimas**; contra aquilo **a que** seus governantes chamam **dívidas ilegítimas**.
Item III – Consoante o novo acordo ortográfico, o trema torna-se desnecessário. Destarte, a partir de 1º de janeiro de 2009 – a prova foi realizada em 2009 –, não há desacerto em grafar "frequência" sem trema. É importante frisar que, se "frequência" estivesse redigido com trema, também não se poderia considerar incorreto, uma vez que a antiga ortografia ainda é válida até o fim de 2012. Sendo assim, como não há nenhum vocábulo no trecho com grafia errônea, o item III apresenta comentário inadequado.

Apêndice: exercícios de provas com gabarito comentado

Esaf

1. (AFTE – RN – Esaf) Marque o item em que um dos trechos apresenta erro gramatical:
a) Não se pretende aqui negar o óbvio: que, em termos de línguas, passado histórico, tradições culturais, problemas comuns, os povos da América Latina são menos diferentes entre si do que em outros continentes. / Não se pretende aqui negar o óbvio: em termos de línguas, passado histórico, tradições culturais, problemas comuns, os povos da América Latina são menos diferentes entre si do que em outros continentes.
b) Na Europa, Ásia e África, às vezes, um só país abriga cem idiomas e etnias distintas. / Na Europa, Ásia e África, por vezes, um só país abriga cem idiomas e etnias distintas.
c) A unidade básica na América Latina não tem impedido, contudo, que se venha acentuando, nos últimos tempos, tendência à crescente diversificação entre o México, a América Central e o Caribe, de um lado, e a América do Sul, do outro. / Não obstante a unidade básica a América Latina não tem impedido, contudo, que se acentuem, nos últimos tempos, tendência à crescente diversificação entre o México, a América Central e o Caribe, de um lado, e a América do Sul, do outro.
d) A diferenciação vem-se fazendo mais nítida em dois setores fundamentais: o grau de instabilidade política e a dependência econômica e comercial em relação aos Estados Unidos. / As diferenças vêm-se configurando mais nítidas em dois setores fundamentais: o grau de instabilidade política e a dependência econômica e comercial em relação aos Estados Unidos.
e) Até os anos 80, a América Central era o "homem doente" do continente, com o sandinismo no poder na Nicarágua, a guerrilha fortemente organizada em El Salvador e a guerra civil com tinturas de genocídio na Guatemala. / Até os anos 80, a América Central era o "homem doente" do continente: o sandinismo no poder na Nicarágua, a guerrilha fortemente organizada em El Salvador e a guerra civil com tinturas de genocídio na Guatemala.
Resposta: Opção C, há duas falhas gramaticais na segunda frase. Inicialmente, após o vocábulo "básica", deveria haver uma vírgula, pois ocorre um adjunto adverbial com corpo extenso antecipado. Outro erro é flexionar "acentuem" no plural, visto que seu sujeito é "crescente diversificação" no singular.

Nas questões 2 e 3 (AFTE – RN), marque a sequência do texto com erro gramatical.

2.

a) Em 1946, visando impulsionar a liberalização comercial e combater práticas protecionistas adotadas desde a década de 30, 23 países, posteriormente denominados fundadores, iniciaram negociações tarifárias.

b) A primeira rodada de negociações resultou em 45.000 concessões, e o conjunto de normas e concessões tarifárias estabelecido passou a ser denominado Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio – Gatt.

c) Os membros fundadores, juntamente com outros países, formaram um grupo em que elaborou o projeto de criação da Organização Internacional do Comércio – OIC, sendo os Estados Unidos um dos países mais atuantes no convencimento da ideia do liberalismo comercial regulamentado em bases multilaterais.

d) O foro de discussões, que se estendeu de novembro de 1947 a março de 1948, ocorreu em Havana, Cuba, e culminou com a assinatura da Carta de Havana, na qual constava a criação da OIC.

e) O projeto de criação da OIC era ambicioso, pois, além de estabelecer disciplinas para o comércio de bens, continha normas sobre emprego, práticas comerciais restritivas, investimentos estrangeiros e serviços.

Resposta: A opção C apresenta um erro de regência, uma vez que o pronome relativo "que", ao funcionar como sujeito do verbo elaborou", não permitiria a presença da preposição "em".

3.

a) A geografia ainda conta, e muito, apesar de tudo o que se diz sobre a globalização e seu suposto efeito de anular a distância.

b) Não é novidade que, desde os primórdios coloniais, os ianques sempre dispensaram, para o bem e para o mal, atenção prioritária ao seu entorno físico imediato, boa parte dos quais – da Flórida e Porto Rico a Louisiana, Texas, Califórnia – compraram, anexaram ou associaram.

c) A Doutrina Monroe, a política do *big stick*, as guerras contra o México e a Espanha, as repetidas intervenções e ocupações na Nicarágua, no Haiti, em Cuba e no Panamá tiveram basicamente por cenário essas extensões terrestres e marítimas do norte.

d) Nesse sentido, existe uma linha de continuidade histórica do passado com o padrão recente. O *big stick* e as intervenções sobreviveram no apoio aos "contras", nas operações clandestinas de financiamento e orientação ao combate musculoso da guerrilha, chegando diretamente ao uso da força em Granada e no Panamá.

e) Mais ao sul, exceto em episódios como a queda de Allende e, em razão das drogas e da guerrilha colombiana, os métodos são mais sutis.

(Baseado em Rubens Ricupero)

Resposta: A opção B indica a presença do pronome relativo "dos quais" no plural, devendo ser remissivo a algo que deveria estar no plural. Não há antecedente no plural prejudicando inclusive a coerência do texto.

4. (An. Compras – Pref. Recife – Esaf) Marque o item sublinhado cujo emprego fere as normas da gramática normativa.

Em 1994, quando o Real nasceu, os bancos estimavam de que(A) a população "bancarizável" (os que têm(B) rendimento para ter uma conta em banco) somava(C) 44 milhões de brasileiros. Com a estabilidade da moeda, muitos analistas previram(D) a ampliação desse(E) número. Hoje, o setor aponta para os mesmos 44 milhões.

a) A
b) B
c) C
d) D
e) E

Resposta: A opção A apresenta uma falha de regência verbal, porquanto o verbo "estimar" é transitivo direto, não permitindo a ocorrência da preposição DE.

5. (MPOG – Esaf) Assinale a opção em que o trecho do texto foi transcrito com erro gramatical.

a) Tornou-se indispensável a profissionalização do corpo de funcionários, para que submetidos aos deveres objetivos de seus cargos, com competências claras e vinculação hierárquica, sejam merecedores de remuneração e benefícios condignos.
b) A organização do corpo de funcionários em carreiras, com as inerentes perspectivas de ascensão por meio de promoções, permitiria aferir, simultaneamente, o mérito e o direito para que os melhores galgassem as posições mais importantes.
c) No entanto, os burocratas inclinam-se a desempenhar suas tarefas administrativas seguindo critérios utilitários e materiais, distanciando-se eventualmente dos interesses da sociedade.
d) A autorreprodução da burocracia é um exemplo de disfunção, assim como a subordinação dos burocratas ao Governo, e não ao Estado, que dá origem à tecnocracia.
e) A elevação da conscientização e do controle social, o papel da imprensa e a mobilização dos servidores em defesa de uma gestão pública comprometida com a transparência são de grande valia para o aperfeiçoamento do Estado.

Resposta: A opção A apresenta uma falha de pontuação, já que a conjunção "para que" introduz uma ideia de finalidade cuja sequência é "sejam merecedores..." Como há uma intercalação entre o conector e a continuação, deveria haver uma vírgula antes de "submetidos", até porque já ocorre entra antes de "sejam".

6. (MPOG – Esaf) Assinale a opção em que uma das duas versões do texto apresenta erro gramatical.

a) A economia deveria ocupar-se em garantir sustentavelmente a sobrevivência para todos os indivíduos e todas as sociedades, libertando assim o tempo, a energia e a criatividade dos seres humanos para as tarefas superiores do seu desenvolvimento. / A economia deveria ocupar-se da garantia sustentável da sobrevivência para todos os indivíduos e todas as sociedades, e libertar, assim, o tempo, a energia e a criatividade dos seres humanos para as tarefas superiores do seu desenvolvimento.

b) O conhecimento e a criatividade criam valor nos produtos que geram, e geram produtos que vão muito além daqueles que garantem a sobrevivência física do trabalhador. / Produtos com valor e que vão muito além daqueles que garantem a sobrevivência física do trabalhador são criados pelo conhecimento e criatividade.
c) É preciso esforço para que o trabalho, conhecimento e criatividade humanos se libertem dos grilhões que hoje os amarram e subordinam à simples necessidade de sobreviver. / Para que o trabalho, conhecimento e criatividade, hoje amarrados e subordinados por grilhões à simples necessidade de sobreviver, sejam libertados, é preciso esforço.
d) O trabalho, o conhecimento e a criatividade são meios para o ser humano estabelecer relações consigo próprio, com o mundo e com as outras pessoas. / Alguns dos meios pelos quais o ser humano estabeleça relações consigo próprio, com o mundo e com as outras pessoas são o trabalho, o conhecimento e a criatividade.
e) A única política de desenvolvimento que faz sentido é aquela que tenha como referencial as necessidades, aspirações e recursos de cada povo e nação. / A política de desenvolvimento que tenha como referencial as necessidades, aspirações e recursos de cada povo e nação é a única que faz sentido.
Resposta: Na opção D, segunda frase, a estrutura frasal não permite que a forma verbal "estabeleça" se conjugue no presente do subjuntivo, devendo ocorrer no presente do indicativo: "estabelece".

7. (Aneel – Esaf) Entre as diferentes versões do trecho, assinale a gramaticalmente incorreta.
a) Há milhões de pneus descartados em nosso País que podem se tornar uma grande fonte alternativa de combustível para as cimenteiras. O processo de trituração é caro, mas compensa, pois, enquanto o pneu gera 8.200 kcal, o carvão gera 6.280 kcal.
b) Podem se tornar uma grande fonte alternativa de combustível para as cimenteiras os milhões de pneus descartados em nosso País. O processo de trituração, embora seja caro, compensa. O pneu gera 8.200 kcal, enquanto o carvão gera 6.280 kcal.
c) Em nosso País, os milhões de pneus descartados podem se tornarem uma grande fonte alternativa de combustível para as cimenteiras. O processo de trituração é caro, mas compensa, pois, enquanto o pneu gera 8.200 kcal, o carvão gera 6.280 kcal.
d) Uma grande fonte alternativa de combustível para as cimenteiras pode vir dos milhões de pneus descartados em nosso País. Embora o processo de trituração seja caro, compensa: o pneu gera 8.200 kcal, enquanto o carvão gera 6.280 kcal.
e) Há milhões de pneus descartados em nosso País. Eles podem se tornar uma grande fonte alternativa de combustível para as cimenteiras. O processo de trituração compensa, embora seja caro, já que o pneu gera 8.200 kcal, enquanto o carvão gera 6.280 kcal.
Resposta: Na opção C ocorre uma locução verbal, estando o último verbo também flexionado, formalizando uma das falhas mais condenadas pela gramática.

8. (Aneel – Esaf) Assinale a opção em que uma das versões do trecho está

gramaticalmente incorreta.
a) O acesso à energia elétrica também contribuirá para a integração das políticas sociais do Governo Federal, ao possibilitar que as regiões atendidas se beneficiem de serviços básicos de saúde, educação, abastecimento de água e comunicação. / Ao possibilitar que as regiões atendidas se beneficiem de serviços básicos de saúde, educação, abastecimento de água e comunicação, o acesso à energia elétrica também contribuirá para a integração das políticas sociais do Governo Federal.
b) A comunidade de Nazaré, em Novo Santo Antônio (PI), foi a primeira localidade atendida pelo projeto "Luz para Todos" por estar localizada no município com menor índice de atendimento no País (8%). / A primeira localidade atendida pelo projeto "Luz para Todos" foi a comunidade de Nazaré, por estar localizada no município com menor índice de atendimento no país (8%): Novo Santo Antônio (PI).
c) O acesso à energia elétrica permitiu a instalação de um centro comunitário para produção de farinha, bombeamento de água para abastecimento da localidade, instalação de computadores na escola e de antena parabólica para transmissão de programas educativos. / A instalação de um centro comunitário para produção de farinha, bombeamento de água para abastecimento da localidade, instalação de computadores na escola e de antena parabólica para transmissão de programas educativos foi possível pelo acesso à energia elétrica.
d) Com a universalização do acesso à energia elétrica, o Governo Federal pode utilizar-lhe como instrumento para o desenvolvimento econômico das comunidades e para a redução da pobreza e da fome. / O Governo Federal pode utilizar a universalização do acesso à energia elétrica como instrumento para o desenvolvimento econômico das comunidades e para a redução da pobreza e da fome.
e) O uso de recursos públicos reduzirá significativamente os impactos tarifários nas contas de luz, já que a implantação do programa resulta de uma parceria com as concessionárias de energia elétrica e os governos estaduais. / A implantação do programa resulta de uma parceria entre as concessionárias de energia elétrica e os governos estaduais, de modo que o uso de recursos públicos reduzirá significativamente os impactos tarifários nas contas de luz.
Resposta: A opção D possui uma falha de regência verbal logo na primeira frase. Como o verbo "utilizar" é transitivo direto, o pronome oblíquo não poderia ser "lhe". O correto seria "pode utilizá-lo".

9. (Aneel – Esaf) Assinale a opção gramaticalmente correta.
a) A liberação dos recursos abre uma nova fase do programa "Luz para Todos", que é coordenado pelo Ministério de Minas e Energia e foi lançado em novembro de 2003.
b) Durante esse período, foram instalados comitês gestores estaduais, assinados os termos de compromisso com os estados e finalizados as negociações com as concessionárias para definição das condições contratuais e do valor das obras.
c) A próxima etapa será a assinatura dos contratos entre as concessionárias e os governos estaduais, também parceiro do programa.
d) O acesso à energia elétrica será gratuita para todos os consumidores. As famílias de

baixa renda cadastradas nos programas sociais do Governo Federal receberão gratuitamente as ligações internas de suas residências.
e) Hoje, mais de 12 milhões de brasileiros não tem acesso à energia elétrica, o equivalente à soma da população dos Estados do Piauí, Mato Grosso do Sul, Amazonas e Distrito Federal.
Resposta: A única opção que não contém erro gramatical é a opção A. A opção B possui falha de concordância nominal, pois "finalizados" deveria estar na forma feminina, visto que está qualificando o substantivo "negociações". A opção C também apresenta duas falhas de concordância nominal, pois o termo "parceiro" no singular é referente a "governos estaduais", devendo ocorrer no plural: "parceiros"; e "será gratuita" é inadequado (deveria ser "será gratuito"), pois se refere a "acesso". Na opção D, o erro é de regência, uma vez que "as famílias receberam as ligações" na residência, devendo aparecer a preposição "em", e não a preposição "de". Na opção E, a falha é de concordância verbal, pois sendo o sujeito "mais de 12 milhões", a forma verbal "tem" deveria estar no plural "têm".

10. (Aneel – Esaf) Assinale o trecho que apresenta erro gramatical.
a) A energia elétrica pode ser obtida de várias maneiras, mas aquela obtida por meio da usina hidrelétrica é a mais conhecida e explorada no Brasil.
b) Pode-se obter energia das marés: constrói-se uma barragem para represar a água das marés quando essas estiverem altas; ao entrarem em queda geram energia, como nas usinas hidrelétricas.
c) A energia eólica é proveniente dos ventos, que possibilitam a movimentação de uma turbina ligada a um gerador que produz energia elétrica. O grande potencial eólico brasileiro encontra-se no Norte e Nordeste, parte da Bahia e de Minas Gerais e no Sul.
d) A energia nuclear é gerada pela radiação do elemento urânio, que é colocado em um recipiente próprio para gerar calor, que por sua vez aquecerá uma serpentina com água, produzindo vapor. As turbinas, ligadas a um gerador elétrico, produzem eletricidade por meio do vapor.
e) As usinas de biomassa utilizam resíduos orgânicos como carburantes. Há dois tipos: por vapor d'água e por gaseificação. As usinas por vapor d'água, que é mais utilizada e mais baratas, queimam material carburante em uma caldeira.
Resposta: A opção E apresenta grave falha de concordância, dado que "é mais utilizada" é referente ao antecedente do pronome relativo "que", ou seja, "as usinas por vapor d'água", devendo, pois, ocorrer no plural: "são mais utilizadas".

11. (MPU – Esaf) Os trechos abaixo compõem um texto. Assinale o fragmento que apresenta incorreção gramatical.
a) Um filme não é apenas um filme, mas também a maneira como ele se comunica com o público. O título do novo documentário de Maria Augusta Ramos vem todo escrito em letras minúsculas: justiça.
b) A primeira informação que recebemos é a de que o filme talvez não se refira ao sistema judiciário, comumente grafado como Justiça, mas a uma acepção mais genérica

da palavra.
c) O filme parece ver a justiça como categoria abstrata, ou então como substantivo que designa não só a justiça criminal, mas também a justiça social. A grafia pode sugerir, ainda, uma crítica ao sistema judiciário.
d) Como se o título afirmasse: "do jeito que é feita no Brasil, a chamada justiça não merece uma maiúscula". De fato, não é alheia às intenções da realizadora o desejo de que o filme contribua para as discussões em torno da reforma judiciária brasileira.
e) O filme, vencedor do Festival Vision du Réel (Nyon, Suíça, 2004), mostra o horror das cadeias apinhadas de homens, o drama das visitas familiares sem o menor espaço para privacidade, o coro assustador dos simpatizantes do Comando Vermelho.
Resposta: A opção D apresenta erro de concordância, visto que o adjetivo "alheia" qualifica o substantivo "desejo", devendo ocorrer na forma masculina: "alheio".

12. (MPU – Esaf) Indique a opção em que o trecho está incorreto gramaticalmente.
a) As transformações tecnológicas, já que não existe sociedade civilizada sem lei, apenas tornam mais complexas as regras que, muitas vezes, incomodam e atrapalham, mas que continuarão sendo uma garantia fundamental de desenvolvimento com justiça.
b) Não existe sociedade civilizada sem lei e as transformações tecnológicas apenas tornam mais complexas as regras que, muitas vezes, incomodam e atrapalham, mas que continuarão sendo uma garantia fundamental de desenvolvimento com justiça.
c) Não existe sociedade civilizada sem lei, por isso as transformações tecnológicas apenas tornam mais complexas as regras que, muitas vezes, incomodam e atrapalham, mas que, no entanto, continuarão sendo uma garantia fundamental de desenvolvimento com justiça.
d) Não existe sociedade civilizada sem lei. As transformações tecnológicas apenas tornam mais complexas as regras que, muitas vezes incomodam e atrapalham, mas que, continuarão sendo garantias fundamentais de desenvolvimento com justiça.
e) As transformações tecnológicas apenas tornam mais complexas as regras que, muitas vezes, incomodam e atrapalham, mas que continuarão sendo uma garantia fundamental de desenvolvimento com justiça. Não existe sociedade civilizada sem lei.
Resposta: A opção D apresenta uma falha de pontuação, porquanto o adjunto adverbial "muitas vezes" interrompe uma sequência lógica. A gramática até admite que o adjunto adverbial deslocado, contendo corpo pequeno, não esteja isolado por vírgula, contudo se ao fim dele a pontuação aparecer, o mesmo deveria ocorrer em seu início. Enfim, ou se coloca a vírgula antes e depois de "muitas vezes", ou nenhuma vírgula.

13. (TRF – Esaf) Assinale o trecho do texto que foi transcrito com erro.
a) Os direitos humanos, a grande conquista moderna, procedem da ideia de que o governo está a serviço dos cidadãos, e não o contrário. Cada indivíduo, antes mesmo de fazer parte do poder político, já detêm direitos que são seus, pelo simples ato de nascer.
b) É esse vínculo dos direitos humanos ao nascimento que permite dizer que eles são direitos naturais. Já o Estado é um instrumento para realizar fins comuns às pessoas.
c) Vários teóricos da política, ao longo dos séculos XVII e XVIII, afirmaram que o Estado

nasceria de um contrato. Eles foram indevidamente contestados depois que os avanços da história mostraram que seria impossível a pessoas isoladas entre si desenvolverem a sofisticação necessária para adotar o conjunto de regras e leis que forma um Estado.
d) O que os contratualistas pretendiam não era tanto afirmar uma verdade histórica, ou sequer uma hipótese, mas expressar uma ideia filosófica forte, revolucionária: o indivíduo tem prioridade sobre o Estado.
e) Mesmo que cada um de nós, em sua vida, nasça dentro de um Estado — e, portanto, depois dele –, este último somente tem validade como ferramenta ou meio para promover fins que são os nossos.
Resposta: A opção A apresenta contém grande falha de concordância verbal, pois a forma verbal "detêm" deveria estar no singular (detém", concordando com o seu sujeito "cada indivíduo").

Nas questões 14 e 15, assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia das palavras.
14. (TRF – Esaf) O Tribunal de Contas da União, por meio do (1) Acórdão (2) nº 1.137, de 13 de agosto de 2003, apresentou o resultado de trabalhos de inspeção realizados junto aos Órgãos Centrais, à (3) Delegacia da Receita Federal em Brasília e à Delegacia Especial de Instituições Financeiras em São Paulo, tendo por objeto avaliar o controle exercido pela Superintendência da Receita Federal sobre à (4) rede arrecadadora de receitas federais. Em diversos trechos de seu relatório, aquele Tribunal reconhece os benefícios advindos (5) do Projeto de Reestruturação do Controle da Rede Arrecadadora de Receitas Federais – Projeto Nova Rarf.
a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5
Resposta: A opção D contém falha gritante de regência, já que a preposição "sobre" não admite a ocorrência de outra preposição. Sendo assim, o "à" não poderia estar com acento grave.

15. (TRF – Esaf) A sociedade humana, desde os seus primórdios, soube desenvolver as dimensões essenciais de sua atividade prática — e já por isso o homem pôde (1)ser definido como tendo sido, desde a sua origem, um animal técnico, ou seja, uma criatura afeita à fainas (2) da transformação da natureza. Foi a filosofia grega, no entanto, e apenas ela, que conseguiu estabelecer aquelas categorias fundamentais para o desdobramento da tecnologia. Não que esse desdobramento estivesse desde sempre (3) na mira daqueles primeiros pensadores gregos. Em verdade (4), a ligação entre esse pensamento das categorias de base e a sua subserviência ao desenvolvimento da tecnologia só viria a manifestar-se (5) dois milênios mais tarde.
a) 1
b) 2

c) 3
d) 4
e) 5
Resposta: Na opção B, o substantivo "fainas", estando no plural, só poderia admitir o artigo no plural. Portanto, pode-se omitir o artigo, ficando a estrutura "Afeita a fainas" ou utilizar o artigo, ficando "afeito às fainas".

16. (TRF – Esaf) Assinale a opção em que o trecho do texto foi transcrito com erro de sintaxe.
a) As empresas do setor imobiliário que deixaram de prestar contas das transações realizadas em 2002 vão ser alvo de investigação da Receita Federal. Imobiliárias, construtoras e incorporadoras tinham prazo limitado para entregar a Declaração de Informação sobre Atividades Imobiliárias – Dimob.
b) A estimativa é de que metade das empresas não declarou, mas o coordenador geral de Fiscalização da Receita acredita que muitas delas ainda vão cumprir a exigência. Até o prazo foram entregues 21.395 declarações, mas nos registros da Receita constam em cerca de 40 mil empresas que estariam obrigadas a declarar.
c) O coordenador diz que os dados da Dimob serão confrontados com as informações da declaração das empresas e das pessoas físicas. O coordenador afirma ainda que as informações serão cruzadas com os dados da CPMF, que têm sido instrumento indispensável ao trabalho de fiscalização do órgão.
d) Na declaração, as imobiliárias só devem informar as operações realizadas no ano passado. As empresas que não tiveram atividades em 2002 estão desobrigadas de prestar contas. Quem deixou de entregar a declaração no prazo pagará multa mínima de R$ 5 mil por mês-calendário. Em caso de omissão ou informação de dados incorretos ou incompletos, a multa será de 5% sobre o valor da transação.
e) Essa declaração foi criada em fevereiro de 2003 para identificar as operações de venda e aluguel de imóveis. A Receita quer saber, por exemplo, a data, o valor da transação e a comissão paga ao corretor. No ano passado, foram fiscalizadas 495 empresas do setor, cujas autuações somaram R$ 1,2 bilhão.
Resposta: A opção B contém erro de regência, visto que o termo "cerca de 40 mil empresas" funciona como sujeito, portanto não admitindo a ocorrência da preposição "em".

Nas questões 17 e 18, marque o item sublinhado que represente impropriedade vocabular, erro gramatical ou ortográfico.
17. (An. Com. Ext. – Esaf) A democracia, segundo Aristóteles, é forma de governo. Esse entendimento milenar (A) assim se conservou entre os publicistas (B) romanos e os teólogos da Idade Média. Não discreparam (C) também do juízo aristotélico pensadores políticos do tomo (D) de Montesquieu e Rousseau, presos as heranças (E) clássicas.
a) A
b) B
c) C

d) D
e) E
Resposta: A opção E apresenta erro de regência, uma vez que o adjetivo "presos" exige a ocorrência da preposição "a", portanto poderiam existir duas formas corretas de redigir: somente a preposição "a" ou somando a preposição A com o artigo AS, formando "ÀS".

18. (An. Com. Ext. – Esaf) Há (A) tempos está em tramitação no Congresso proposta para reforma do sistema financeiro que concede independência plena ao Banco Central. São fortes as pressões para que a matéria seja aprovada ainda sob (B) o atual governo. A iniciativa contempla contradição insanável (C). Não existe fórmula política capaz de aumentar a independência do BC. Nenhuma agência governamental superaria-o (D) em matéria de liberdade. Atua independentemente (E) de qualquer controle externo.
a) A
b) B
c) C
d) D
e) E
Resposta: A opção D possui uma terrível falha de topologia pronominal. Verbos no futuro do pretérito não admitem ênclise. Como o adjetivo "governamental" não atrai o pronome oblíquo, tanto poderia ser usada a próclise "o superaria" como a mesóclise "superá-lo-ia".

19. (AFRF – Esaf) Assinale a opção em que uma das duas formas de redação do texto, independentemente de alteração semântica, apresenta erro gramatical ou problema de sintaxe.
a) A globalização é a manifestação hodierna das ambiguidades que marcaram os primórdios dos tempos modernos. / Das ambiguidades que foram marcas dos primórdios dos tempos modernos, a globalização é a manifestação contemporânea.
b) De forma semelhante ao que aconteceu no passado, o mundo atravessa um período de transição que parece completar a "grande transformação" iniciada no século XVI. / O mundo atravessa um período de transição – de forma semelhante ao acontecido no passado – que parece ser complemento da "grande transformação" iniciada no século XVI.
c) Com a navegação em rede, estreitando os laços entre os povos e reunindo-os numa única sociedade, o processo de internacionalização econômico-político tende a fechar o ciclo que começou com a circunavegação. / O processo de internacionalização econômico-político que começou com a circunavegação tende a fechar o ciclo com a navegação em rede, estreitando os laços entre os povos, reunindo-os numa única sociedade.
d) Conquanto intensas modificações tenham ocorrido ao longo desses quinhentos anos, a história volta a se repetir. / Volta-se a ser repetida a história, apesar das intensas modificações ocorridas ao longo desses quinhentos anos.
e) A globalização não se dá nos mesmos níveis para todos os países e todas as pessoas,

e tem beneficiado os países centrais em detrimento da grande maioria das regiões mais carentes. / Beneficiando os países centrais em prejuízo da grande maioria das regiões mais carentes, a globalização não ocorre nos mesmos níveis para todos os países e todas as pessoas.
Resposta: A opção D contém erro na reescritura. A estrutura "volta a ser repetida" já está na voz passiva, não admitindo, pois, a presença do pronome apassivador "se".

20. (AFRF – Esaf) O texto adaptado de Hindenburgo Pereira Diniz, "Advertência importante", (*Correio Braziliense*, 17/3/2003) foi fragmentado para compor as opções abaixo. Assinale o trecho que foi transcrito desrespeitando as regras gramaticais:
a) Tendo em vista as limitações da estrutura empresarial brasileira e a conveniência de resguardarem-se certos segmentos sob controle nativo, jamais acreditei que o progresso floresça beneficamente entre nós sem a presença ativa do Estado nas áreas da segurança (interna e externa), educação, saúde, infraestrutura, tecnologia e promoção de fomento financeiro de longo prazo às atividades produtivas conduzidas pela iniciativa privada.
b) Por certo, a mesma conclusão não é necessariamente válida nas economias ricas, animadas por atores e coadjuvantes sadios e preparados, dotadas de condições estruturais avançadas e eficazes, centros de iniciativas privadas importantes e florescentes.
c) Da mesma forma, é preciso considerar-se a situação do equilíbrio monetário interno. Sem dinheiro relativamente estável, fica difícil, mesmo para leigos conscientes, imaginar solução respeitável preocupada apenas com a importância maior do crescimento material.
d) Desequilibrando-se monetariamente demais, as proporções dos valores relativos desaparecem as condições de utilizar a moeda como meio eficiente de promover à expansão econômica. Contudo, não cabe deixar de priorizar melhor destino a metas permanentes.
e) Portanto, nesta etapa ainda inicial da história da humanidade (do *homo economicus*), tudo recomenda cuidado com a sanidade desse instrumento essencial à realização completa de nossas necessidades materiais e dos sonhos que estimulam a ação dos empreendedores.
Resposta: A opção D, além de apresentar uma estrutura de péssima qualidade, por isso comprometendo o sentido do texto, contém algumas falhas gramaticais: não se sabe quem é o sujeito do verbo "desaparecem" e a regência do verbo "promover" não admite a ocorrência da preposição "a", portanto o uso da crase é equivocado.

NCE

(ANP – NCE)
As questões de 1 a 6 mostram uma mesma ideia escrita de cinco formas distintas. Você deve assinalar a forma mais adequada, levando em consideração sua correção,

precisão, clareza e elegância.

1.

a) Os guardas-civis intervieram na discussão dos espectadores.
b) Os guarda-civis interviram na discursão dos expectadores.
c) Os guardas-civis interviram na discussão dos expectadores.
d) Os guarda-civis intervieram na discursão dos espectadores.
e) Os guarda-civil interviram na discussão dos expectadores.

Resposta: Opção A. A ortografia correta dos termos é guardas-civis (guarda quando for sinônimo" de "policial" faz com que os dois termos se flexionem), discussão e espectadores (expectador é sinônimo de aquele que aguarda com expectativa). O verbo "intervir" deriva-se do verbo "vir". No pretérito perfeito, a forma correta é "eles vieram", portanto "eles intervieram".

2.

a) Os policiais averíguam onde querem trabalhar os escrivãos.
b) Os policiais averíguam aonde querem trabalhar os escrivãos.
c) Os policiais averiguam onde querem trabalhar os escrivães.
d) Os policiais averiguam aonde querem trabalhar os escrivães.
e) Os policiais averiguam onde querem trabalhar os escrivões.

Resposta: Opção C. O verbo AVERIGUAR possui obrigatoriamente o "u" tônico nas formas rizotônicas. Portanto, "averiguam" com acento não existe. Quando a regência exige a preposição A, utiliza-se "aonde"; quando a regência exige a preposição EM, usa-se "onde". O sentido na frase é: "eles vão trabalhar em (ONDE) um lugar". Por fim, o plural de "escrivão" é "escrivães".

3.

a) Quando nos vermos de novo, eu te cumprimentarei.
b) Quando nos vermos de novo, eu cumprimentar-te-ei.
c) Quando virmo-nos de novo, eu te comprimentarei.
d) Quando nos virmos de novo, eu te cumprimentarei.
e) Eu te cumprimentarei quando nos vermos de novo.

Resposta: Opção D. "Quando" é uma conjunção subordinativa, portanto atrai o pronome oblíquo NOS, excluindo a opção C. Ocorre a dúvida "virmos" ou "vermos". Observe que os dois verbos terminam em RMOS. Dessa forma, há a necessidade de se identificar se o verbo está no futuro do subjuntivo ou no infinitivo pessoal. No capítulo de verbos, ficou esclarecido que o melhor caminho é substituir pelo verbo "fazer". Caso apareça "fazer", o verbo está no infinitivo pessoal; caso apareça "fizer, o verbo está no futuro do subjuntivo. A frase alterada assim fica: "Quando fizer de novo...", o que nos indica estar o verbo "ver" no futuro do subjuntivo. Futuro do subjuntivo do verbo VER: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem. Sendo assim, eliminam-se as alternativas A, B e E.

4.

a) Vossa Excelência, o Presidente, vem com os ministros a reunião?

b) Sua Excelência, o Presidente, vem com os ministros à reunião?
c) Vossa Excelência, o Presidente, vêm com os ministros para a reunião?
d) Vossa Excelência, o Presidente, vem com os ministros na reunião?
e) Sua Excelência, o Presidente, vêm com os ministros para a reunião?
Resposta: Opção B. A ocorrência do aposto explicativo, o Presidente, denuncia que não se está falando diretamente com o Presidente, mas algo a respeito dele. Dessa forma, não se pode utilizar Vossa Excelência (pronome de tratamento usado para se dirigir à própria autoridade) e sim "Sua Excelência". Além disso, o pronome de tratamento está no singular, e o verbo presente na opção E (vêm) encontra-se no plural.

5.
a) Se liga aos teus amigos para sobreviveres.
b) Ligue-se aos teus amigos para sobreviver.
c) Liga-te aos teus amigos para sobreviver.
d) Liga-se aos seus amigos para sobreviveres.
e) Se ligue a teus amigos para sobreviver.
Resposta: Opção C. Nunca se pode iniciar oração através de pronome oblíquo átono, portanto excluem-se as opções A e E. A opção D possui uma falha de concordância: o verbo "liga" está na segunda pessoa do singular do imperativo afirmativo e o pronome reflexivo "se" encontra-se na terceira. A opção B até teve um início escorreito, contudo a sequência se deu de forma desastrosa. A expressão "Ligue-se" está perfeita, pois verbo no imperativo e pronome reflexivo estão na terceira pessoa do singular, porém o pronome possessivo "teus" em seguida, referente ao mesmo ser, encontra-se na segunda pessoa do singular.

6.
a) Prefiro isso que fazer aquilo.
b) Prefiro isso a fazer aquilo.
c) Prefiro isso do que fazer aquilo.
d) Prefiro isso do que a fazer aquilo.
e) Prefiro isso a que fazer aquilo.
Resposta: Opção B. A regência do verbo PREFERIR não admite a preposição DE, e sim somente a preposição A. Também é incorreto o uso de "que".

(TJ – Técnico Judiciário – NCE)
Da questão 7 à questão 12, você terá cinco formas da mesma frase. Você deve indicar a de forma mais adequada e correta, segundo a norma culta.

7.
a) O Tribunal funciona, aos sábados, das 7 as 12 horas.
b) O Tribunal funciona aos sábados de 7 à 12 horas.
c) O Tribunal funciona, aos sábados, de 7 às 12 horas.
d) O Tribunal funciona, aos sábados, das 7 às 12 horas.

e) O Tribunal, aos sábados, funciona, de 7 à 12 horas.
Resposta: Opção D. A gramática exige o uso do artigo antes de hora(s), no sentido de hora exata. Portanto, a única opção em que há o artigo antes de sete (combinado com a preposição "de") e de 12 (combinado com a preposição "a") é a resposta.

8.
a) Se alguém vir o processo, retire-o do pacote em que está.
b) Se alguém ver o processo, retira-o do pacote em que está.
c) Se alguém ver o processo, retire ele do pacote em que está.
d) Se alguém vir o processo, retira-o do pacote em que está.
e) Se alguém ver o processo, retire-o do pacote em que está.
Resposta: Opção A. Questão bastante polêmica, visto que duas opções estão corretas gramaticalmente. Inicialmente, eliminemos as alternativas incorretas. A dúvida "ver" ou "vir" se esclarece, com a substituição pelo verbo FAZER (se alguém fizer). Portanto está o verbo no futuro do subjuntivo. O futuro do subjuntivo do verbo VER é "vir, vires, vir, virmos, virdes, virem". Estão excluídas as opções B, C e E. As opções A e D estão corretas, visto que não necessariamente a mesma pessoa que verá o pacote será aquela que deverá retirá-lo. Então, o outro verbo, que está no imperativo, tanto poderia aparecer na segunda pessoa do singular como na terceira. Sendo assim, o candidato será a obrigado a escolher qual das duas corretas é a mais adequada. A banca optou pela opção A, por fazer a concordância com o sujeito da oração anterior.

9.
a) O promotor esqueceu vários papeizinhos na gaveta.
b) O promotor se esqueceu de vários papeiszinhos na gaveta.
c) O promotor esqueceu-se de vários papeiszinhos na gaveta.
d) O promotor esqueceu vários papeiszinhos na gaveta.
e) O promotor se esqueceu vários papeizinhos na gaveta.
Resposta: Opção A. A regência do verbo ESQUECER admite duas possibilidades: com pronome oblíquo, o verbo é transitivo indireto, exigindo a presença da preposição DE; sem pronome oblíquo, o verbo é transitivo direto, não admitindo o uso de preposições. Portanto, a opção E já está excluída. Quando se flexiona um substantivo no plural e diminutivo concomitantemente, deve-se inicialmente passá-lo para o plural (papéis). Após, insere-se "ZINHO" entre PAPÉI e o S. Como a sílaba tônica passa a ser "zi", o vocábulo acaba por perder o acento.

10.
a) Parecem ter havido bastantes erros no processo.
b) Parece ter havido bastante erros no processo.
c) Parecem ter havido bastante erros no processo.
d) Parece ter havido bastantes erros no processo.
e) Parece terem havido bastante erros no processo.
Resposta: Opção D. O verbo HAVER ocorre no sentido de EXISTIR. Nesse caso, ele é

impessoal. Esta característica dele é passada para os auxiliares, portanto estes não podem ser flexionados. Destarte, as opções A, C e D já estão eliminadas. A opção B acaba também excluída, visto que BASTANTE, nesta frase, funciona como pronome indefinido, concordando com o substantivo ERROS, tornando-se, portanto, variável.

11.
a) Os juízes interviram quando viram os réus frente a frente.
b) Os juízes intervieram quando viram os réus frente à frente.
c) Os juízes intervieram, quando viram os réus frente a frente.
d) Os juízes interviram, quando viram os réus frente à frente.
e) Os juízes intervieram quando viram os réus frente a frente.
Resposta: Opção E. Trata-se de outra questão extremamente polêmica, visto que duas alternativas estão corretas gramaticalmente. Inicialmente, vamos excluir as erradas. O verbo INTERVIR deriva-se do verbo VIR, cuja forma na terceira pessoa do plural do pretérito perfeito é VIERAM. Logo, a forma correta é INTERVIERAM. Sendo assim, as alternativas A e D estão eliminadas. A opção B também deve ser excluída, já que não se justifica o uso de crase em "frente à frente" (no interior de termos repetidos, não há acento grave). Portanto, estão corretas as opções C e E. A única diferença existente entre as opções é o uso da vírgula. O critério utilizado para indicar que a alternativa A é a mais adequada provavelmente é a ordem das orações. Toda oração subordinada adverbial é um adjunto adverbial. Logo, se o adjunto adverbial oracional posiciona-se ao fim da oração principal, não há motivo para o emprego de pontuação a fim de isolar as orações.

12.
a) Espero que lhes tenha prevenido de que quero apartes durante a sessão.
b) Espero que os tenha prevenido que quero apartes durante a seção.
c) Espero que os tenha prevenido de que quero apartes durante a sessão.
d) Espero que lhes tenha prevenido que quero apartes durante a seção.
e) Espero que os tenha prevenido de que quero apartes durante a seção.
Resposta: Opção C. As opções A e B são excluídas por erros de regência verbal. Na opção A, há dois objetos indiretos ligados ao verbo PREVENIR (lhes / de que quero apartes durante a sessão) e a opção B possui dois objetos diretos atrelados ao verbo PREVENIR (os / que quero apartes durante a seção). As opções D e E são excluídas em função de falha de ortografia. É cabível somente o vocábulo "sessão", em virtude de o período indicar que os apartes ocorrerão durante a reunião.

(Papiloscopista – NCE)
Nas questões 13 a 15, há uma forma da frase considerada como correta, levando-se em conta a norma culta da língua. Assinale-a em cada questão.
13.
a) Não houve mais brigas entre eu e ela.
b) Não houveram mais brigas entre eu e ela.
c) Não houve mais brigas entre ela e eu.

d) Não houve mais brigas entre mim e ela.
e) Não houveram mais brigas entre ela e mim.
Resposta: Opção D. Podemos logo excluir as alternativas B e D, uma vez que o verbo HAVER, no sentido de EXISTIR, é impessoal, podendo ser conjugado apenas na terceira pessoa do singular. O termo, sendo preposicionado, fato que já serve para indicar que não funciona como sujeito, sugere que o pronome não seja reto, mas sim oblíquo. Sendo assim, todas as opções em que o pronome EU foi utilizado devem ser excluídas.

14.
a) Ela requereu que eu intervisse na questão.
b) Ela requis que eu intervisse na questão.
c) Ela requis que eu interviesse na questão.
d) Ela requereu que eu intervisse na questão.
e) Ela requereu que eu interviesse na questão.
Resposta: Opção E. É fundamental recordar que o verbo REQUERER não se deriva integralmente do verbo QUERER. No pretérito perfeito, este verbo funciona como regular de segunda conjugação, podendo-se utilizar o verbo VENDER como paradigma (VENDEU – REQUEREU). Já o verbo INTERVIR deriva-se integralmente do verbo VIR. A terminação SSE – denuncia estar o verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo (SE ELE VIESSE – SE ELE INTERVIESSE).

15.
a) Não devem haver respostas à perguntas maleducadas.
b) Não deve haver respostas à perguntas maueducadas.
c) Não deve haver respostas a perguntas mal-educadas.
d) Não devem haver respostas às perguntas maleducadas.
e) Não devem haver respostas a perguntas maueducadas.
Resposta: Opção C. As alternativas A, D e E devem ser excluídas, visto que o verbo HAVER, no sentido de EXISTIR, é impessoal. Essa característica é transferida para o auxiliar que, obrigatoriamente, deve ocorrer na terceira pessoa do singular. Como "mal", no caso, faz parte de um adjetivo composto, deve ser redigido com hífen; como é antônimo de BEM, deve ser escrito com "L".

(CNEN – NCE) As questões 16 a 18 apresentam a mesma formulação, ou seja, deve-se marcar o item cuja frase se apresenta redigida da forma mais adequada, considerando-se clareza, elegância, precisão e correção.
16.
a) Em anexo, seguem os documentos comprovadores de que o imóvel referido estava situado na Rua Santa Clara.
b) Anexo, seguem os documentos comprovadores de que o imóvel referido estava situado à Rua Santa Clara.
c) Anexos seguem os documentos comprovadores de que o imóvel referido estava situado à Rua Santa Clara.

d) Em anexos, seguem os documentos comprovadores de que o imóvel referido estava situado na Rua Santa Clara.
e) Anexo seguem os documentos comprovadores de que o imóvel referido estava situado na Rua Santa Clara.
Resposta: Opção A. Com a preposição EM, ANEXO é invariável; já sem a preposição, ANEXO deve concordar com o elemento que determina, ou seja, EM ANEXO ou ANEXOS SEGUEM OS DOCUMENTOS. Excluem-se as alternativas B, D e E. SITUADO e SITO são formas de particípio do verbo SITUAR. Este verbo sugere um valor de algo estático, parado, portanto, não admitindo o uso da preposição A, devendo-se usar em seu lugar a preposição EM.

17.
a) Ao se ouvir os primeiros votos, iniciou-se os quebras-quebras.
b) Ao se ouvirem os primeiros votos, iniciaram-se os quebra-quebra.
c) Ao se ouvir os primeiros votos, iniciaram-se os quebra-quebras.
d) Ao se ouvir os primeiros votos, iniciou-se os quebra-quebra.
e) Ao se ouvirem os primeiros votos, iniciou-se os quebra-quebra.
Resposta: Opção B. Mais uma questão polêmica. Nas duas orações, o pronome SE é apassivador, pois está ligado a verbos transitivos diretos. Então, os termos "os primeiros votos" e "os quebra-quebra(s)", que eram objetos diretos sem o pronome SE, transformam-se em sujeitos de voz passiva, exigindo que os verbos também se flexionem no plural. Aí, já se chega à resposta (opção B). O problema está em "os quebra-quebra". Não há autores que defendam o uso invariável de substantivos compostos no plural formados por verbos idênticos.

18.
a) Eram espetáculos de artistas famosos e todos tinham desejo de assisti-los pela TV.
b) Eram espetáculos de artistas famosos e todos tinham desejo de assistir a eles pela TV.
c) Eram espetáculos de artistas famosos e todos tinham desejo de assistir-lhes pela tevê.
d) Era espetáculos de artistas famosos e todos tinham desejos de assisti-los pela televisão.
e) Eram espetáculos de artistas famosos e todos tinham desejos de assistir-los pela TV.
Resposta: Opção B. O verbo ASSISTIR no sentido de VER é transitivo indireto, não admitindo o uso do pronome oblíquo O. Sendo assim, as alternativas A, D e E ficam excluídas. A opção C também se elimina, visto que o verbo ASSISTIR, em tal acepção, não tem como complemento pessoa, portanto não aceitando o uso do pronome oblíquo LHES.

(Inspetor da Polícia Civil – NCE) As questões 19 e 20 apresentam a mesma formulação, ou seja, deve-se marcar o item cuja frase se apresenta redigida da forma mais adequada, considerando-se clareza, elegância, precisão e correção.

19.
a) Quais de vós pretendem fazer da exceção uma regra a fim de melhorarem nossa imagem?
b) Quais de vós pretendeis fazer da exceção uma regra afim de melhorarem nossa imagem?
c) Quais de vós pretendem fazer da excessão uma regra a fim de melhorar nossa imagem?
d) Quais de vós pretendeis fazer da exceção uma regra a fim de melhorardes nossa imagem?
e) Quais de vós pretendem fazer da excessão uma regra afim de melhorarem nossa imagem?
Resposta: Opção A. Questão polêmica, havendo duas alternativas corretas: A e D. As opções C e E são, de imediato, excluídas em função da ortografia de "exceção". A alternativa B contém uma falha de concordância, visto que o primeiro verbo se encontra na segunda pessoa do plural e o segundo verbo encontra-se na terceira pessoa do plural, estando ambos a referir-se aos mesmos seres. A estrutura QUAIS DE VÓS admite tanto o uso do verbo na terceira pessoa do plural, como na segunda pessoa do plural, estando, pois, as alternativas A e E escorreitas. O critério usado para dizer-se que a opção A é a mais adequada se deu, provavelmente, pela escolha da concordância com o núcleo do sujeito e não com o adjunto adnominal. Outra interpretação cabível é o fato de a segunda pessoa do plural estar em desuso na variante brasileira da língua portuguesa, devendo privilegiar-se a terceira pessoa do plural.

20.
a) O juiz chegou antes deles decidirem sobre o custo dos telefonemas e cartas enviadas.
b) O juíz chegou antes de eles decidirem sobre o custo das telefonemas e cartas enviadas.
c) O juiz chegou antes de eles decidirem sobre o custo dos telefonemas e cartas enviadas.
d) O juíz chegou antes deles decidirem sobre o custo das telefonemas e cartas enviados.
e) O juíz chegou antes deles decidirem sobre o custo dos telefonemas e cartas enviados.
Resposta: Opção C. Como o pronome "eles" funciona como sujeito do verbo "decidirem", não poderá estar contraído com a preposição DE. TELEFONEMA é substantivo masculino, só podendo ser precedido do artigo "o". Além disso, "enviadas" teria que estar na forma feminina, visto que, por motivos semânticos, somente poderia referir-se ao termo "cartas".

Gabarito

CAPÍTULO 1

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
B	B	D	A	C	B	C	D	E	B	E	C

CAPÍTULO 2

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
A	E	A	B	D	A	D	C	B	C	C	B
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
C	A	B	E	B	B	D	B	C	A	C	A
25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
A	B	C	A	E	B	A	C	E	B	D	C
37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
B	C	D	E	C	C	C	E	E	B	B	A
49	50	51	52	53	54	55	56	57	58		
E	D	A	A	E	B	A	C	C	C		

CAPÍTULO 3

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
C	C	A	C	B	A	B	A	E	E	A	C

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
B	C	C	A	B	B	D	C	B	B	B	E
25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
C	C	C	E	D	C	C	A	C	B	B	D
37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
D	C	D	C	A	D	C	E	A	D	D	E
49	50	49	50	49	50	49	50	49	50	49	50
A	E	A	E	A	E	A	E	A	E	A	E

CAPÍTULO 4

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
A	A	C	E	A	C	A	C	D	A	D	A
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
D	C	C	D	D	B	E	E	E	C	E	C
25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
B	A	E	A	D	A	B	E	A	D	B	E
37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
B	A	B	E	E	D	B	B	A	B	B	C
49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60
D	B	B	A	E	C	D	A	B	D	A	B
61	62	63	61	62	63	61	62	63	61	62	63
C	A	C	C	A	C	C	A	C	C	A	C

CAPÍTULO 5

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
A	D	B	D	E	D	D	D	C	D	A	C
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
C	D	C	D	A	C	D	B	B	D	B	B
25	26	27	28	29	30	31	32	33	34		
D	D	E	E	B	B	C	A	A	A		

CAPÍTULO 6

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
A	E	B	D	B	A	A	D	A	A	D	A
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
A	A	C	E	C	B	E	B	E	C	C	B
25	26	25	26	25	26	25	26	25	26	25	26
A	D	A	D	A	D	A	D	A	D	A	D

CAPÍTULO 7

1	2	3	4	5	6	7
D	E	C	B	E	C	B

CAPÍTULO 8

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
A	A	D	C	D	D	C	A	B	C

CAPÍTULO 9

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
D	E	D	C	D	D	E	B	E	C	E	D

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
D	D	A	C	E	E	C	B	A	D	A	D
25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
D	D	C	D	E	B	A	B	B	D	A	E
37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
B	C	C	A	B	E	A	B	B	A	D	C
49	50	51	52	53	54	55	56				
B	E	D	C-E-E-C-C	D	E	A	D				

CAPÍTULO 10

1)

1	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONCESSIVA
2	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONDICIONAL
3	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CAUSAL
4	CONJUNÇÃO COORDENATIVA ADITIVA
5	CONJUNÇÃO COORDENATIVA ADVERSATIVA
6	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA INTEGRANTE
7	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA FINAL
8	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONSECUTIVA
9	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONFORMATIVA
10	CONJUNÇÃO COORDENATIVA CONCLUSIVA
11	CONJUNÇÃO COORDENATIVA ALTERNATIVA
12	CONJUNÇÃO COORDENATIVA EXPLICATIVA
13	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA COMPARATIVA
14	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA TEMPORAL
15	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA PROPORCIONAL
16	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA PROPORCIONAL
17	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA COMPARATIVA
18	CONJUNÇÃO COORDENATIVA ALTERNATIVA
19	CONJUNÇÃO COORDENATIVA CONCLUSIVA
20	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA INTEGRANTE
21	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONCESSIVA
22	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONDICIONAL

23	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA TEMPORAL
24	CONJUNÇÃO COORDENATIVA ADVERSATIVA
25	CONJUNÇÃO COORDENATIVA ADITIVA
26	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CAUSAL
27	CONJUNÇÃO COORDENATIVA EXPLICATIVA
28	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONFORMATIVA
29	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONSECUTIVA
30	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA FINAL

2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
C	A	A	B	C	B	D	C	C	D	E	C
14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25
D	A	C	A	A	A	B	A	C	D	E	B
26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37
A	A	C	B	A	D	B	B	A	A	C	A
38	39	40	41	42	43	44	45				
D	C	C	E	C	C	C	C				

CAPÍTULO 11

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
C	D	A	A	B	E	D	A	C	D	B	E
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	
C	E	D	D	E	E	D	B	E	B	1-C; 2-C.	

CAPÍTULO 13

1	2	3	4	5	6	7	8
E	B	A	B	B	A	D	C

CAPÍTULO 14
SEÇÃO 14.4.3.1

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
B	A	E	E	D	D	D	A	B	B

SEÇÃO 14.5
1)

b	RD-ENCONTR, VT ALOMÓRFICA-E, DNP-I;
c	RD-VENC, VT ALOMÓRFICA-I, DMT-DO;
d	RD-GARANT, DNP-I;
e	RD-GARANT, VT ALOMÓRFICA-E, DNP-M;
f	RD-GARANT, VT ALOMÓFICA-E;
g	RD-ENTEND; V T ALOMÓRFICA-I, DMT-A;
h	RD-AGUENT; VT ALOMÓRFICA-O, DNP-U;
i	RD-PASS; VT-A; DMT-SSE; DNP-M;
j	RD-PASS, DMT-E, DNP-M;
k	RD-QUER; DNP-O;
l	RD-VENC, VT ALOMÓRFICA-I, DMT-E, DNP-IS;
m	RD-PED, VT-I, DNP-U;
n	RD-ENTEND, DMT-A, DNP-MOS;
o	RD- ADMIT, VT-I, DMT-A;
p	RD- ADMIT, DNP-I;
q	RD-COM, VT-E, DNP-U;
r	RD-COM, VT ALOMÓRFICA-I, DMT-A, DNP-S;

2	3	4	5	6
A	E	E	A	B

SEÇÃO 14.6.1

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
E	E	E	E	E	E	A	E	D	D	D	C
13	14	15	16	13	14	15	16	13	14	15	16
A	C	A	E	A	C	A	E	A	C	A	E

SEÇÃO 14.7.1

1	2	3
D	C	A

SEÇÃO 14.7.2

1	2
C	E

SEÇÃO 14.7.3

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
E	D	B	E	C	C	E	D	A	A	B	E
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
C	B	B	B	A	A	B	C	A	D	B	C
25	26	27	25	26	27	25	26	27	25	26	27
D	D	B	D	D	B	D	D	B	D	D	B

SEÇÃO 14.8.1

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
A	D	B	B	E	E	B	B	B	E	C	E
13	14										
A	C										

SEÇÃO 14.9.1

1	2	3	4	5	6	7	8
C	A	B	C	B	C	C	D

SEÇÃO 14.10.1

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
E	B	B	E	E	A	E	E	C	E	E	C	D

SEÇÃO 14.14.1

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
B	A	B	B	D	C	A	A	A	C	A	D
13	14	15	16	17							
B	E	C	A	C							

SEÇÃO 14.15.1

1
A

SEÇÃO 14.16.1

1	2	3	4
A	C	E	E

SEÇÃO 14.17.4.1

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
E	E	E	E	D	B	C	B	E	A	B	D
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
C	D	B	C	C	D	C	A	C	B	A	C
25	26	27	28	25	26	27	28	25	26	27	28
A	C-C-E-E-E	E-C-E-C-E	A	A	C-C-E-E-E	E-C-E-C-E	A	A	C-C-E-E-E	E-C-E-C-E	A

SEÇÃO 14.18.1

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
A	E	D	A	C	D	E	E	C	B

SEÇÃO 14.19

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
D	B	A	B	C	A	E	B	D	E	C	A
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
D	A	E	B	C	A	A	D	D	A	C	E
25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
B	D	E	B	E	E	A	D	D	A	E	D
37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
C	B	C	A	D	D	B	A	B	B	D	D
49	50	51	49	50	51	49	50	51	49	50	51
A	B	B	A	B	B	A	B	B	A	B	B

CAPÍTULO 15

1	2	3	4	5	6	7	8	9
1,3,4,1,4,3,2,1,3,2,3,4	E	C	B	C	C	A	A	E
10	11	12	13					
C	E	D	D					

CAPÍTULO 16

1	2	3	4	5	6	7	8	9
2,1,1,2,2,3,3,1,2,3,3	C	B	D	A	E	B	C	E

CAPÍTULO 17

1	2	3	4

5,2,1,4,3,2,5	D	D	D

CAPÍTULO 18

1	2	3	4	5	6	7	8
5,1,2,6,3,1,4,6,2,3	C	E	B	E	C	E	D

CAPÍTULO 19
SEÇÃO 19.1.1

1
1,2,2,1,2,1

SEÇÃO 19.4

1	2	3	4	5	6	7	8	9
1-2-1-2-1-2	B	E	B	B	A	A	E	B
10	11	12	13	14				
B	E	A	D	C				

CAPÍTULO 20

1		
I – 1, 13;	VI – 10, 6;	XI – 14, 11;
II – 9, 1, 16;	VII – 15;	XII – 3, 11
III – 12, 13, 11;	VIII – 8, 2, 17;	XIII – 6, 1, 13;
IV – 2, 4;	IX – 1, 2, 15;	XIV – 9, 5, 11;
V – 1, 4	X – 9, 2;	XV – 3, 15;

2	3	4	5	6
D	E	D	E	C

CAPÍTULO 21
SEÇÃO 21.3.1

1
3,2,1,1,2,3

SEÇÃO 21.3.2.1

1
a) objeto direto; b) objeto indireto; c) adjunto adnominal; d) objeto direto; e) complemento nominal; f) complemento nominal; g) adjunto adnominal; h) objeto indireto; i) sujeito; j) sujeito.

SEÇÃO 21.3.3.1

1
a) objeto direto; b) sujeito; c) complemento nominal; d) objeto indireto; e) adjunto adverbial de lugar; f) objeto indireto; g) complemento nominal; h) sujeito; i) objeto direto; j) complemento nominal; k) objeto indireto; l) complemento nominal; m) adjunto adverbial de lugar.

SEÇÃO 21.3.4.1

1
I – complemento nominal – sujeito; II – objeto indireto – objeto direto; III – objeto direto – predicativo do sujeito; IV – objeto indireto – sujeito – objeto direto – objeto direto.

SEÇÃO 21.3.5

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
D	C	A	D	E	E	C	D	C	D	D	A
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
A	C	A	D	D	B	E	D	D	E	C	B

CAPÍTULO 22
SEÇÃO 22.2

1	2	3
5-4-3-1-2-1-2-3-4-5	C	D

SEÇÃO 22.4

1	2	3	4	5	6	7	8	9
3,2,5,1,7,1,6,4,4,3,2,5,1,7,5,4,2	E	D	C	D	C	D	A	A

SEÇÃO 22.6

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
C	E	E	E	A	A	A	D	E	E	C	A

SEÇÃO 22.9

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
D	B	B	A	C	B	E	E	C	A	D	B
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
D	D	B	E	A	B	B	C	E	B	D	E
25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	
E	D	A	D	E	C	D	C	C-C-C-E-E	C	B	

CAPÍTULO 24.11

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
E	C	C	E	E	E	D	A	B	B	D	A
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
E	A	A	A	E	D	C	C	D	A	C	C
25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
A	A	D	E	B	A	A	E	D	C	A	A
37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
A	C	B	D	D	E	A	C	B	B	E	A
49	50	49	50	49	50	49	50	49	50	49	50
B	D	B	D	B	D	B	D	B	D	B	D

CAPÍTULO 25

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12

C	C	C	A	C	E	C	A	A	E	E	A
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
C	C	C	A	E	A	C	B	A	A	E	A
25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
A	D	E	B	A	B	A	B	B	A	C	A
37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
A	E	D	B	D	D	A	B	D	A	A	E
49	50	49	50	49	50	49	50	49	50	49	50
A	B	A	B	A	B	A	B	A	B	A	B

CAPÍTULO 26

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
C	C	C	D	D	A	D	B	E	B	D	A
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
E	A	D	B	A	A	D	A	C	E	B	D
25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
A	D	C	A	D	E	B	A	E	B	D	D
37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
B	A	A	B	B	B	E	D	D	B	B	B
49	50	49	50	49	50	49	50	49	50	49	50
B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B

CAPÍTULO 27
SEÇÃO 27.2

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
A	D	D	D	B	C	E	B	E	B	D	A
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
A	A	E	E	C	E	D	C	E	E	B	A
25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
E	A	C	B	D	C	A	A	A	A	C	A
37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
D	B	B	B	A	B	A	C	B	A	A	C
49	50	49	50	49	50	49	50	49	50	49	50
D	B	D	B	D	B	D	B	D	B	D	B

SEÇÃO 27.4

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
A	D	E	E	C	E	A	A	E	B	B	D
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
B	D	E	E	D	E	E	E	A	D	A	E
25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
B	A	C	A	D	B	A	B	A	E	E	A
37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
B	A	B	D	E	B	C	D	A	D	C	A
49	50	49	50	49	50	49	50	49	50	49	50
A	C	A	C	A	C	A	C	A	C	A	C

CAPÍTULO 28

SEÇÃO 28.6

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
A	B	B	D	C	C	B	B	B	D	A	C	D

Bibliografia

Alencar, José de. O Guarani. 7. ed. São Paulo: Minerva, 1965.

Alves, Castro. Espumas Flutuantes. Rio de Janeiro: Record, 1997.

Aquino, Renato Monteiro de. Interpretação de Textos (Série Provas e Concusos). Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2005.

Aquino, Renato Monteiro de. Português para Concursos (Série Provas e Concursos). Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2005.

Assis, Joaquim Maria Machado de. Memórias Póstumas de Brás Cubas. Edição única. São Paulo: Abril Cultural, 1998.

Assis, Joaquim Maria Machado de. Dom Casmurro. Edição única. São Paulo: Abril Cultural, 1998.

Barreto, Afonso Henriques de Lima. Triste Fim de Policarpo Quaresma. 3. ed. São Paulo: Ática, 1987.

Bechara, Evanildo. Gramática Escolar da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

Bechara, Evanildo. Moderna Gramática Portuguesa. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

Câmara JR., Joaquim Mattoso. Estrutura da Língua Portuguesa. 35. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

Camões, Luís Vaz de. Os Lusíadas. Edição única. São Paulo: Abril Cultural, 1997.

Carneiro, Agostinho Dias. Redação em Construção. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2003.

Cunha, Celso Ferreira da. Gramática da Língua Portuguesa. 10. ed. [s.l.]: FAE, 1984.

Cunha, Celso Ferreira da; CINTRA, Luís Filipe Lindley. Nova Gramática do Português Contemporâneo. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

Cunha, Euclides da. Os Sertões. Edição única. Editora Abril, 1969.

Dubois, Jean. Dicionário de Linguística. São Paulo: Cultrix, 1993.

Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário Aurélio. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

Figueiredo, Fernando. Português no Concurso Público. 2. ed. Edição do autor. [s.l.], 1999.

Garcia, Othon Moacyr. Comunicação em Prosa Moderna. 20. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001.
Guimarães, Bernardo. A Escrava Isaura. Edição especial. [s.l.]: Sociedade Comercial e Editorial Santiago. Publicações Europa América, 1998.
Ida, Manuel Said Ali. Gramática Histórica da Língua Portuguesa. 6. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1966.
Lima, Carlos Henrique de Rocha Lima. Gramática Normativa da Língua Portuguesa. 25. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.
Luft, Celso Pedro. Moderna Gramática Brasileira. 2. ed. Rio de Janeiro: Globo, 2002.
Pessoa, Fernando. Poemas Escolhidos. O Globo, Klick Editora, 1997.
Pompéia, Raul. O Ateneu. O Globo, Klick Editora, 1997.
Queirós, Eça de. A relíquia. O Globo, Klick Editora, 1997.
Queirós, Eça de. O Primo Basílio. Edição única. São Paulo: Abril Cultural, 1969.
Ramos, Graciliano. São Bernardo. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.
Reis, Otelo. Breviário da Conjugação de Verbos. 54. ed. [s.l.]: Editora Villa Rica, 2001.
Ribeiro, Manoel Pinto. Gramática Aplicada da Língua Portuguesa. 15. ed. Rio de Janeiro: Metáfora Editora, 2005.
Sabino, Fernando. A Mulher do Vizinho. Edição Integral. São Paulo: Círculo do Livro, 1962.
VerÍssimo, Luis Fernando. As Mentiras que os Homens Contam. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

NAPOLEÃO MENDES DE ALMEID

GRAMÁTICA METÓDICA DA LÍNGUA PORTUGUESA

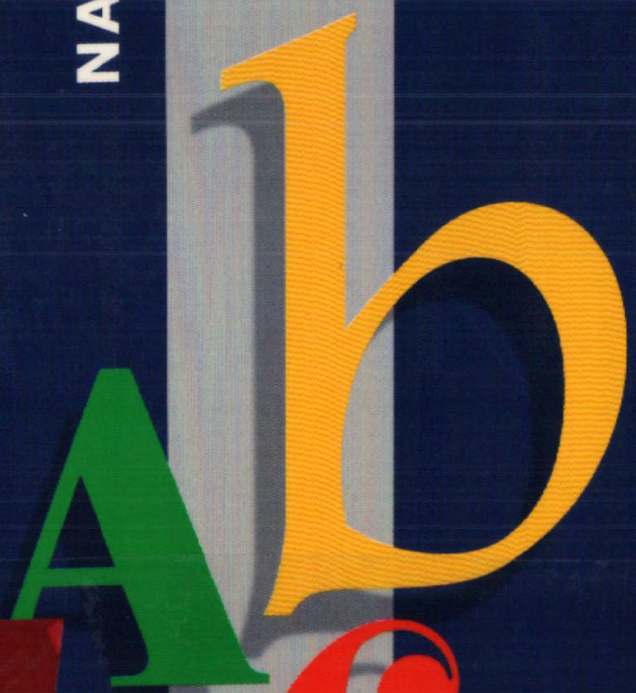

ATUALIZADA CONFORME O ACORDO ORTOGRÁFI

Autor: Almeida, Napoleã TEF
Titulo: Gramática metódica da língua po
34198265
112932

Editora Saraiva

GRAMÁTICA METÓDICA DA LÍNGUA PORTUGUESA

Esta é a gramática de mais longa vida em toda a história da literatura didática, tanto brasileira como portuguesa. Com mais de quinhentos mil exemplares, a METÓDICA demonstra contínuo empenho em ver o estudo da gramática sempre atualizado e melhorado Em capítulos diversos, esta edição demonstra o zelo pelo aprimoramento do ensino do vernáculo.

Esse esmero de magistério é que confere à METÓDICA o apreço que lhe é dado, como demonstra esta referência de William H. Russel, professor de línguas da Boston University: "Tenho o prazer de contar entre meus livros mais queridos um exemplar da sua Gramática Metódica da Língua Portuguesa Este livro já me tem ajudado inúmeras vezes; até agora nunca deixou de me fornecer respostas e explicações claras e satisfatórias".

GRAMÁTICA METÓDICA DA LÍNGUA PORTUGUESA

ISBN: 978-85-02-05430-1

Gramática Metódica da Língua Portuguesa
© Napoleão Mendes de Almeida, 2009
Direitos desta edição:
SARAIVA S. A. – Livreiros Editores, São Paulo, 2009
Todos os direitos reservados

Gerente editorial Marcelo Arantes
Editor Maria Tavares de Lima Batista (Dalva)
Editor assistente Sílvia Cunha
Coordenador de revisão Camila Christi Gazzani
Revisores Lucia Scoss Nicolai (enc.), Fernando Cardoso Guimarães, Regiani Marcondes, Renata Palermo, Ricardo Miyake, Thirza Bueno
Assistente de produção editorial Rachel Lopes Corradini
Gerente de arte Nair de Medeiros Barbosa
Coordenador de arte Vagner Castro dos Santos
Assistente de produção Grace Alves
Projeto gráfico e capa Hamilton Olivieri
Diagramação Edsel Moreira Guimarães
Impressão e acabamento EGB - Editora Gráfica Bernardi - Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Almeida, Napoleão Mendes de, 1911-1998.
Gramática metódica da língua portuguesa / Napoleão Mendes de Almeida. — 46. ed. — São Paulo : Saraiva, 2009.

De acordo com a nomenclatura gramatical brasileira e atualizada conforme o Acordo Ortográfico de 1990.
Bibliografia.
ISBN 978-85-02-05430-1

1. Português — Gramática I. Título.

09-07626 CDD-469.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Gramática : Português : Linguística 469.5

Sistema de Bibliotecas / UNEB
Controle de Aquisição
Data 25/07/2011
Fornecedor
N. F.
Doação:
Preço:

469.5
A447g
ex.01

Impresso no Brasil

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Editora Saraiva

2009

Rua Henrique Schaumann, 270 – CEP 05413-010 – Pinheiros – São Paulo-SP
Tel.: PABX (0**11) 3613-3000 – Fax: (0**11) 3611-3308
Televendas: (0**11) 3616-3666 – Fax Vendas: (0**11) 3611-3268
Atendimento ao Professor: (0**11) 3613-3030 Grande São Paulo 0800-0117875 demais localidades
Endereço Internet: www.editorasaraiva.com.br – E-mail: atendprof.didatico@editorasaraiva.com.br

NAPOLEÃO MENDES DE ALMEIDA

GRAMÁTICA METÓDICA DA LÍNGUA PORTUGUESA

De acordo com a nomenclatura gramatical brasileira e atualizada conforme o Acordo Ortográfico de 1990

por PAULO HERNANDES

- Professor de Linguística e Língua Portuguesa em cursos de graduação em Letras
- Professor de Semântica e Lexicologia em cursos de pós-graduação

46ª edição revista — 2009

PLATAFORMA Freire
plano nacional de formação de professores
34198265

Editora Saraiva

TRABALHOS DO PROF. NAPOLEÃO MENDES DE ALMEIDA

GRAMÁTICA METÓDICA DA LÍNGUA PORTUGUESA — Curso único e completo

GRAMÁTICA LATINA — Curso único e completo

GRAMÁTICA ELEMENTAR DA LÍNGUA PORTUGUESA

DICIONÁRIO DE QUESTÕES VERNÁCULAS — Mais de 5 000 dificuldades publicadas n'*O Estado de S. Paulo*.

A ÚNICA

És, Napoleão, o mestre da Didática,
da Língua Pátria és uma fortaleza.
Sabes com segurança majestática
casar a utilidade com a beleza.

Sabedoria, inteligência e prática
colocas com fartura em nossa mesa.
É um compêndio sem par tua Gramática
Metódica da Língua Portuguesa.

Se ela no preço é moderada, é módica,
é rica, é singular no conteúdo.
As outras são a pinga, a tua, a vodca.

Gramáticas há muitas – não me iludo.
Mas é unicamente na Metódica
que acho sempre a resposta para tudo.

José Nogueira da Costa
Pouso Alegre, MG

TUDO

Gramática da Língua Portuguesa,
que a Flor do Lácio acaricia e embala,
revela-nos com método e clareza,
a maneira escorreita de empregá-la.

Resume no seu âmago a inteireza,
dividida em capítulos, nos fala
de erudição, com rara singeleza;
feliz é o estudioso ao compulsá-la!

Do mestre Napoleão, perene e invicto,
jamais será igualada em seu mister
de inextinguível fôlego inaudito,

é tudo o que o pesquisador requer:
para solver problemas de linguagem,
ou para usar melhor sua roupagem.

Norma de Lourdes R. G. Ribeiro
Campinas, SP

TROCADILHANDO

Na GRAMÁTICA nossa ou na LATINA,
Máxime em genial DICIONÁRIO,
Encontramos lições e comentário:
Num estilo tão fácil que fascina.

Dissertando a matéria que domina,
Ensina, do mais alto ao mais primário
Seriado, com exemplo e com sumário,
As regras dessa bela disciplina.

Longe do circunlóquio trivial,
Mostra ser BOM NA PARTE em seu manual.
Enobrece o magistério com clareza.

Inseriu, no verbete REDAÇÃO,
Dedicando ao Ceará, sem restrição,
Altíssimos encômios com beleza.

João Mendes da Cunha
Campina Grande, PB

Prefácio

Antes de mais nada, importa dizer que ensinar Gramática não é ensinar História Geral. Entre o fato histórico e o fato linguístico muita diferença há de objeto, de método de exposição e, principalmente, de maneira de aprender. O fato histórico é por si completo; o fato linguístico necessita explicação, necessita justificação, necessita exemplos, necessita arguição. O fato histórico impõe-se; a regra gramatical expõe-se. O fato histórico é ouvido, ao passo que no terreno da Gramática os fatos são arguidos, são exemplificados. O fato histórico carece de objeções, quando o gramatical se acompanha de corolários, de notas, de exceções. O fato histórico passa-se, o gramatical explica-se.

Unidade de estudo: A seriação de textos de ensino admite-se em certas disciplinas, mas somos inteiramente contrário a ela no estudo da gramática portuguesa. Gramática não é Geografia, que se estuda sob aspetos diversos, econômico, político, geral, físico, regional, humano. A gramática, ou seja, o texto, o livro de ensino gramatical deve ser estudado integralmente. Resultado da fragmentação do ensino da Gramática em opúsculos ou em partes que tudo encerram menos método é não encontrarmos aluno do segundo ciclo que saiba flexionar um substantivo composto, que saiba positivamente em que consiste um superlativo, um pronome relativo, um verbo defectivo, uma conjunção subordinativa, um período, que saiba distinguir e definir o objeto direto, indicar a diferença entre os pronomes *o* e *lhe*, interpretar um *mo* na frase, conjugar um verbo com segurança, é não encontrarmos estudante que saiba consultar gramática de língua nenhuma, nem da sua própria.

Estudar Gramática não é fazer "paciência de baralho", em que as cartas vêm fora de ordem, e ensiná-la não é propor "quebra-cabeça", em que se dão, misturadas, peças de um jogo que ao fim do curso o aluno vá recompor sozinho, de acordo com um desenho, com um modelo que ele mesmo não entende.

Do próprio movimento das livrarias se consegue comprovação da leviandade do ensino da língua: trinta mil exemplares vendem de uma gramática "elementar" e, do mesmo autor, dez mil da gramática de "curso superior". Sinal de que isso? – Um terço, tão somente um terço de nossos escolares estuda com rigor nosso idioma – supondo-se que a compra de um livro equivalha ao seu estudo.

A Gramática ou se estuda ou não se estuda. O "age quod agis" tem no caso aplicação completa; o estudo da Gramática ou se faz ou não se faz. Se o aluno está estudando o "substantivo", deverá estudar tudo, mas tudo quanto diz respeito a essa classe de palavras, no que se refere à fonética, à morfologia e, quanto possível, à própria sintaxe.

O texto de gramática portuguesa deve ser único e completo, de tal forma que, entregue no primeiro ano ao aluno, este o leve não só até o fim do estudo da disciplina mas até o fim da vida. Isto de "curso elementar" e de "curso superior" em gramática de

nosso idioma é aberração de ensino da língua. É uma extravagância didática, é um contrassenso cultural admitir a existência de um português primário, de outro português secundário, de um português comercial, de outro português normal, de um português para este e de outro português para aquele outro tipo de estudante. De nenhuma forma é necessário aplicar essa vergonhosa exploração comercial no ensino da língua portuguesa para um aluno que é um, o brasileiro, para uma finalidade que é uma, aprender nosso idioma. Em se tratando da língua nossa, não há distinção entre essencial e secundário, entre elementar e superior. Cabe ao professor, de acordo com as necessidades e possibilidades do aluno, saber o que ensinar, como ensinar e quando ensinar, mas tudo é preciso ensinar.

Incrível, mas verdade: De uma feita, na véspera de ler seu discurso num "almoço intelectual", movido não sei por que liberdade liga-nos o telefone um indivíduo que, dizendo-se admirador nosso e não sei mais o quê, sai-se com umas perguntinhas, dentre as quais esta: "O verbo 'reaver' como devo conjugar no subjuntivo presente?" – No dia seguinte estava no jornal o discurso do "almoço intelectual" e aí encontramos, uma a uma, as passagens do telefonema de véspera; só então identificamos o anônimo admirador: valente membro de várias academias e de outras tantas instituições intelectuais, orador, polemista, conferencista de centros espíritas e católicos, uma "sumidade" enfim, umas das maiores "honras" de "nossa literatura".

Vem-nos à mente aquela passagem de Anatole France: A diferença entre o ignorante e o sábio está em andar este tateando, mui medrosa e cautelosamente, as paredes de um quarto escuro, e em andar aquele despreocupadamente, feliz e sem medo, pelo meio da escuridão. Talvez visando a essa felicidade é que não cuidam do sério aprendizado de nosso idioma, para que, despreocupados das regras de gramática, livres das tradições dos bons escritores, possam dizer e escrever, a torto e a direito, o que pensam.

A análise não constitui estudo independente: A análise é fruto do estudo da gramática e não fator de conhecimentos gramaticais. A análise é meio de averiguação da correção de um texto, e como tal é sinônimo de discernimento, de verificação, de comprovação de aplicação do que seguramente se conhece. Corrigirá um texto não quem "estudou análise" – empregando-se aqui a expressão na acepção costumeira, quase materializada – mas quem souber gramática. Quem sabe gramática sabe analisar, quem só estuda análise jamais saberá a contento gramática.

É por não saber analisar que um indivíduo coloca mal um oblíquo, flexiona mal um verbo, pratica um barbarismo? Nada disso: é tão somente por desconhecer as leis do idioma.

Da análise por diagrama que dizer? – Mecanização improfícua e nefasta do raciocínio. Seríamos o primeiro a defender e a propalar a análise por diagrama se trouxesse conhecimentos ao aluno, se evitasse barbarismos crassos de concordância, de regência, de colocação.

Quando se diz que alguém não sabe analisar os termos essenciais da oração, deve-se entender que ele não sabe nada, absolutamente nada, de gramática, e não entender que não fez um estudo especial, particular, de uma parte inexistente da gramática.

Quem sabe gramática sabe analisar, e é o livro de leitura que vai prestar-se para isso comprovar, não deixando de lado o professor nenhuma passagem do autor que tenha relação com o já ensinado ou que sugira a mínima questão já aprendida num compêndio completo e uno.

Num compêndio completo e uno e não... É mais fácil encontrar sólidos conhecimentos de gramática num estrangeiro de nível universitário do que num brasileiro de igual nível; aquele sabe que a gramática é o caminho mais curto e eficiente, este foi ensinado por editoras e pelos seus agentes; aquele tem formação completa, este em prestações de livros seriados e postilas rendilhadas que mal acompanham o estudante até o fim do ano letivo.

O que é necessário é evitar o exagero, o supérfluo, o inútil. A análise sintática de palavra por palavra das que concorrem numa oração ou num período só deve ser feita ou exigida quando realmente necessária a um objetivo didático geral; estar a ensinar em aulas ou a exigir em concursos ou em provas escolares a função sintática de todos os elementos de uma expressão surrada por todos e encontradiça em qualquer bom escritor constitui exagero e inutilidade. Quando necessária ou para o ensino de casos gerais ou para confirmar uma discutida construção ou para esclarecer um erro e evitar a reincidência, é que a análise se impõe. Procedamos como o médico, que só examina o doente quando em curá-lo cuida.

Leituras anotadas: Outro despautério pedagógico no ensino da gramática portuguesa está nos livros de leitura anotados. Justifica-se esse sistema em estudos especializados, mas nunca em estudos por si inteiros. Seria muito engraçado aprender inglês lendo notas, comentários, críticas de trechos de autores ingleses, aprender História Natural lendo o "Eu Sei Tudo", aprender História Geral lendo telegramas de jornais. Como ler não se aprende em gramáticas, tampouco se aprende gramática em livros de leitura. A leitura é suplemento do ensino de gramática, é meio de comprovação e só o professor sabe o que deve ser observado para esta ou aquela classe. Da leitura deve o professor valer-se como meio de recordação das regras ensinadas; "repetita juvant", e no ensino da Gramática as repetições se impõem.

O compêndio: Todas as nossas gramáticas, na ordem em que atualmente vêm expondo as classes de palavras, encerram grave erro de método. Observe-se que todas trazem o pronome antes do verbo, expondo e explicando completamente a primeira classe para depois passar à segunda. Como irá o aluno compreender a função dos pronomes oblíquos se não sabe classificar o verbo quanto à predicação? Como perceberá a diferença entre os pronomes *o* e *lhe*, se desconhece a diferença entre verbo transitivo direto e verbo transitivo indireto? Como compreenderá a função do reflexivo *se*, se ainda não estudou o verbo quanto à voz?

Outra coisa de que nos queixamos é trazerem nossas gramáticas na sintaxe muita coisa que pode ser explanada na própria morfologia. Para que exigir hoje do aluno a definição e a classificação desta ou daquela classe de palavras, para, somente depois de muitas páginas e, conseguintemente, depois de meses ou anos, ensinar-lhe a função e o emprego?

Nomenclatura gramatical brasileira: A gramática do nosso idioma, por força de simples portaria (publicada no Diário Oficial de 11 de maio de 1959), sofreu modificações já na terminologia, já na divisão, já na própria conceituação de fenômenos linguísticos. Tal qual acontecera com a ortografia – que após ter vivido vinte anos ao capricho de portarias e de acordos só por um passe de mágica, dado por interesse comercial muito antes que educacional, veio a tornar-se oficial – a nomenclatura gramatical entrou em cena em nossa terra, num palco em que se viam os mesmos ratos de ministério de outras reformas anteriores. Se assim não foi, considerem-se por ora estes dois fatos:

dois meses antes de publicada no Diário Oficial essa portaria, já se encontravam a venda livros de acordo com ela; da autoria de um dos elementos da comissão elaboradora da reforma, um livro trazia o mesmo título de tradicional gramática, despudoradamente antecedido do adjetivo "moderna".

De tal monta foram esses e outros fatos, que chegamos à triste conclusão de que era uma falsidade o que estava na portaria que designava uns tantos professores para estudo e proposição do projeto: "um dos empecilhos maiores, se não o maior, à eficiência do ensino da língua portuguesa tem residido na complexidade e falta de padronização da nomenclatura gramatical em uso nas escolas e na literatura didática".

Qual o consciente professor de português que ignora repousar, até hoje, no ridículo número de aulas de gramática a verdadeira e fundamental causa da deficiência do seu ensino? Nenhum país culto existe em que o vernáculo não seja ensinado diariamente; na Itália e na Alemanha Ocidental há oito horas semanais de idioma pátrio.

O ter passado o verbo *pôr*, de acordo com a portaria, a considerar-se mera irregularidade da segunda conjugação facilitou ao aluno decorá-lo? Por ter passado a *crase* a ser considerada mera parte de "apêndice" de gramática veio a ser mais compreendida e mais facilmente praticada? Será que por ter passado o condicional a chamar-se *futuro do pretérito* o seu estudo e emprego ficaram facilitados? Por se terem constituído *artigo* e *numeral* classes autônomas ficaram mais bem conhecidos? Por haver passado a gramática a ter apêndice tornou-se mais difundido seu ensino?

Esses e outros fatos levam-nos a concluir que esta foi a finalidade da portaria 36: Malogrados na adoção de seus livros, uns tantos professores engendraram uma rasteira nos autores que os humilhavam.

Louvável é, sem dúvida, tenha um idioma uniformidade de terminologia para todas as partes léxicas e para todas as funções sintáticas, mas é em igual proporção desprezível que isso se faça com desrespeito à tradição e ao bom senso, quando não à própria disciplina. Um fato por nós presenciado corrobora essa opinião.

Num exame oral de latim um rapaz, que demonstrava conhecer muito bem a matéria, viu-se perturbado quando lhe foi pedido o adjetivo verbal de certo verbo que ele já havia mostrado conhecer suficientemente bem; o próprio examinador do exame vestibular estranhou o silêncio, e perguntou-lhe se não conhecia o particípio futuro da voz passiva; após novo silêncio, o examinador pediu o gerundivo, e o rapaz recitou prontamente a forma desejada. Perguntamos: Por não ter nome fixo é que o aluno desconhecia essa forma verbal? Absolutamente não; o erro está em não ensinarem todos os nomes possíveis a qualquer fato gramatical, pois a abundância de denominações só proveito traz à compreensão do fato; saber qual é o gerundivo de certo verbo latino e não saber que essa forma verbal se pode chamar particípio futuro da voz passiva ou adjetivo verbal é não conhecer todas as suas funções.

Afinal, ensino é arte e, pois, depende muito das qualidades do artista.

A despeito disso tudo, enquadramos a "Metódica" na nova terminologia, e ela continuou a merecer a aceitação que a havia colocado em primeiro lugar entre as gramáticas portuguesas impressas assim no Brasil como em Portugal.

Questionários, exercícios, testes e índice analítico: Dissemos no início, no distinguir o fato histórico do linguístico, que o ensino deste necessita arguição. O professor precisa interrogar, pesquisar no aluno o conhecimento e as deficiências. Nem de outra forma poderia ser; se as normas de gramática se acompanham de corolários,

de notas, de observações, de exceções, como inteirar-se o professor do completo estudo e aproveitamento da lição senão arguindo, perguntando, objetando? Daí a necessidade de trazerem as gramáticas questionários e exercícios, auxílio para o professor, incentivo para o aluno. Gramática portuguesa não se ensina fazendo-se discursos, despejando-se egoísmos e despeitos. Todos os alunos devem ter o texto adotado; um lerá uma regra, outro a repetirá com palavras próprias, um terceiro verá o exemplo, aqueloutro o justificará. Não é despejando retórica, não é movimentando cabeça nem membros que o professor deve ensinar gramática. Isto de dizer um professor de português: "Eu ensino, o aluno que estude no livro que quiser" – é a maior confissão de falta de método, de falta de escrúpulo, de falta de seriedade na docência de nosso idioma.

Chamamos aqui a atenção para os títulos que encabeçam todas as páginas de nossa gramática; a simples leitura de qualquer desses títulos, em qualquer das páginas, indicará, racional e minuciosamente, em que ponto da gramática se encontra o estudante. O bom aluno deve saber, quando uma dúvida o assalta, em que parte da gramática procurar-lhe a devida solução, sem perda de tempo no folhear e revirar páginas. A primeira palavra dos títulos que encabeçam as páginas indica uma das grandes partes da gramática; a segunda denota as divisões da primeira; a terceira, as divisões da segunda, e assim por diante.

Reconhecendo, outrossim, de grande utilidade para um livro didático, elaboramos um índice alfabético e analítico. Não é preciso dizer do trabalho que isso nos deu; tudo fizemos para que nossa gramática viesse a animar, o mais possível, a herança que nossos avós nos legaram, estimular o escrupuloso estudo do idioma de nossa terra e estreitar o elo de nacionalidade que a todos nos cinge.

Conclusão: A não ser as observações feitas sob o título "O Compêndio", o que importa não é reformar, mas ensinar, aprender, estudar. Má é a gramática cujas páginas constituem outras tantas prateleiras de vitrina, que expõem mercadorias de toda a procedência, dando ao espectador o trabalho de escolha do melhor artigo. Boa é a gramática que, numa mistura de simplicidade e erudição, expõe com raciocínios simples e termos chãos o que de melhor existe no terreno de nosso idioma; que o apresenta ao aluno como diamante despojado dos cascalhos e impurezas, já lapidado, pronto já para ser usado; que se abstém, quanto possível, de informações históricas, hipóteses e configurações: a tais dados deve recorrer o suficiente para que o aluno perceba a razão de ser do estado atual de nosso idioma.

O professor deve ser guia seguro, muito senhor da língua; se outra for a orientação de ensino, vamos cair na "língua brasileira", refúgio nefasto e confissão nojenta de ignorância do idioma pátrio, recurso vergonhoso de homens de cultura falsa e de falso patriotismo. Conhecer a língua portuguesa não é privilégio de gramáticos, senão dever do brasileiro que preza sua nacionalidade. É erro de consequências imprevisíveis acreditar que só os escritores profissionais têm a obrigação de saber escrever. Saber escrever a própria língua faz parte dos deveres cívicos. A língua é a mais viva expressão da nacionalidade. Como havemos de querer que respeitem a nossa nacionalidade se somos os primeiros a descuidar daquilo que a exprime e representa, o idioma pátrio?

NAPOLEÃO MENDES DE ALMEIDA

Prefácio à 46ª edição (revista e atualizada)

Foi com muita satisfação que aceitei o honroso convite para fazer a atualização da *Gramática metódica da língua portuguesa* à luz do Novo Acordo Ortográfico de 1990, em vigor desde 1º de janeiro de 2009.

Há décadas tenho na *Metódica* a principal referência normativa do nosso idioma e desde há muito considero o inesquecível e brilhante mestre Napoleão Mendes de Almeida como meu "guru" nesses assuntos. Além do mais, admiro-a por ser obra que considero completa, detentora de invejável conteúdo e extenso e utilíssimo índice remissivo. Não é por acaso que, há vários anos, venho-a apontando a todos os que pedem indicação de boa gramática; isso se vem dando, em especial, através das respostas a consultas enviadas à seção "Esclarecimento de dúvidas" da minha página na internet.

Sei da enorme responsabilidade que é escrever algo a ser inserido nesta importante obra, mas creio não decepcionar os editores nem os estudantes que se valem da *Metódica* para embasar-se e aprimorar os conhecimentos da norma gramatical culta do nosso idioma.

O mestre, no último parágrafo do prefácio à edição anterior, faz judiciosas afirmações a respeito da língua, as quais vale a pena retomar. Diz ele ali que "A língua é a mais viva expressão da nacionalidade. Como havemos de querer que respeitem a nossa nacionalidade se somos os primeiros a descuidar daquilo que a exprime e representa, o idioma pátrio?". Está coberto de razão.

A língua portuguesa é o mais legítimo veículo de expressão da cultura brasileira. Trazida para estas terras nos albores da colonização, já no início foi algo diversa, uma vez que os colonos provinham de diferentes partes de Portugal. Aqui encontrou o substrato indígena, mais particularmente tupi-guarani, e, menos de um século depois, recebeu o influxo das línguas africanas, em especial as do grupo banto. Por conta de sua sofisticada teogonia, a influência iorubá, da Nigéria, também se fez presente no nosso léxico.

Por todos esses fatores, a variedade brasileira do português não poderia deixar de diferenciar-se da lusitana. Acresce ainda que a periferia linguística, com relação ao centro irradiador, tende a ser mais conservadora e isso se observa perfeitamente aqui. É fácil exemplificar certos aspectos arcaicos do português brasileiro com relação ao de Portugal, especialmente o de Lisboa, como o emprego do gerúndio, entre outros.

O português, tal qual é utilizado no Brasil, expressa então, como nenhum outro código verbal, nossa visão cósmica e o modo peculiar de recortar o universo. As diferenças mais marcantes entre nossa língua e a de Portugal – fonéticas e lexicais – são superficiais se considerarmos a sintaxe e, em menor grau, a morfologia como o âmago do idioma. Neste particular, são muito pequenas as diferenças.

Desse modo, consideramos equivocadas as posições de certos estudiosos, mormente no campo da Linguística, que garantem por aqui já falarmos o "brasileiro". Antes da última reforma ortográfica, com relação à linguagem, só um ou outro vocábulo denunciavam a procedência lusa de algum texto escrito. Agora, então, fica ainda mais difícil de diferenciar as páginas de um livro brasileiro das de um português. Língua brasileira?! Talvez em futuro distante, quem sabe?

Assim, esta tradicional gramática continua a prestar relevante serviço ao ensino da língua portuguesa, tanto nas escolas como nas leituras individuais. Esta edição está conforme os dispositivos do Acordo Ortográfico de 1990 e os leitores podem ficar tranquilos (sem trema) de que estudam em material atualizado.

Estão de parabéns, pois, o corpo editorial da Saraiva e os usuários da *Gramática metódica da língua portuguesa* por mais uma edição. Ela vem enriquecer o universo bibliográfico brasileiro e o das outras partes do mundo lusófono que têm o privilégio, como os nacionais, de usufruir de seu rico e bem elaborado conteúdo.

PAULO HERNANDES

Gramáticos, dicionaristas e professores consultados:

Adolfo Coelho
Álvaro Guerra
Aulete
Botelho de Amaral
Pe. Caetano Oricchio S. J.
Cândido de Figueiredo
Carlos Góis
Carlos Pereira
Carneiro Ribeiro
Domingos Vieira
Côn. F. M. Bueno de Sequeira
Fernando V. Peixoto da Fonseca
Francisco Fernandes
Frederico Diez
Gonçalves Viana
Hênio Tavares
J. J. Nunes
João Ribeiro
José Labriola
D. José Rodrigues de Sousa
Júlio Ribeiro
Leite de Vasconcelos
Pe. Luís Garcia de Oliveira, Salesiano
M. Daltro Santos
M. Rodrigues Lapa
Mário Barreto
Mário Casasanta
Marques da Cruz
Max Müller
Otelo Reis
Otoniel Mota
Pe. Pedro Adrião
Rui Barbosa
Said Ali
Sandoval de Figueiredo
Scarpin Angelo Zini
Soares Barbosa
Fr. Telésforo do Menino Jesus O.C.D.

Abreviaturas que se verão nestas páginas:

§ – parágrafo
+ – mais (indica reunião)
= – igual a, o mesmo que
ac. – acusativo
adj. – adjetivo
adv. – advérbio
ár. – árabe
cf. – confira, confronte
D. QVs – *Dicionário de Questões Vernáculas*
dir. – direto
ex. – exemplo
exs. – exemplos
exc. – exceção
excs. – exceções
fr. – francês
fut. – futuro
gr. – grego
imp. – imperfeito
ind. – indicativo – indireto
lat. – latim *ou* latino
L. – lição
m.q. – mesmo que
mod. – modifica
n. – nota
NGB – Nomenclatura Gramatical Brasileira
obj. – objeto
obs. – observação
obss. – observações
p. – pessoa
p. ex. – por exemplo
p, p. – pret. perf.; part. passado
part. – particípio
pass. – passado
perf. – perfeito
pl. – plural
port. – português
pr. – pronominal
pref. – prefixo
prep. – preposição
pres. – presente
pret. – pretérito
q. – que
qto. – quanto
QVs – Questões Vernáculas
rar. – raramente
sing. – singular
ss. – seguintes
suf. – sufixo
V. – Veja (*)
v. – verbo
v. intr. – verbo intransitivo
v. pron. – verbo pronominal
v. tr. – verbo transitivo

Além dessas, outras abreviaturas se encontrarão facilmente compreensíveis.

ACENTOS

Com toda a paciência, e principalmente com todo o empenho de esclarecer o assunto, pusemo-nos a enfeixar todas as regras vigentes sobre a acentuação dos nossos vocábulos para expô-las de maneira diferente da apresentada em formulários oficiais e em decretos; em vez de, como fazem esses documentos, enumerar os possíveis grupos de palavras para depois dizer que acento lhes cabe, procedemos de forma contrária: damos os acentos de um em um para depois dizer a que grupos vocabulares se aplicam e fazemo-los seguir, entre parênteses, da regra do Formulário Ortográfico ou de algum decreto posterior. Quando a norma apontada incluir-se nas modificações introduzidas pelo Acordo Ortográfico de 1990, vigentes a partir de 1º. de janeiro de 2009, será assinalada por asterisco. É mais didática essa exposição; pelo menos, foi o que confessaram alunos dos nossos cursos por correspondência.

Agudo

A – Usa-se o acento agudo:

1 – no **a**, **e**, **o** abertos, seguidos ou não de **s**, dos monossílabos tônicos e dos oxítonos (43, 1ª): *pá, pás, há, hás, ás* (carta de jogar; aviador notável), *cajá, cajás, pé, pés, café, cafés, chaminé, chaminés, só, sós, avó, avós*;

2 – nos oxítonos terminados em qualquer vogal, seguida ou não de **s**, sempre que antes dela venha outra vogal da qual se distinga na pronúncia, ou seja, com a qual não forme sílaba: *juá, juás, tié, tiés, Macaé, aí, caí, caís, Tatuí, moí, Cambuí, cambuís, contribuí, jaó, jaós, baú, baús, contraí-la, distribuí-lo, Piauí* (43, 4ª);

3 – nos oxítonos terminados em **em** ou **ens**: *alguém, também, convém, convéns, parabéns, detém, detém-lo, detém-no* (43, 7ª);

4 – nas vogais **a**, **e** quando, abertas e tônicas em formas verbais, vêm seguidas de hífen: *dá-lo, dá-lo-ia, trá-lo-á, qué-lo* (43, 1ª, obs.);

5 – em paroxítonos terminados em:

a) **l**, **n**, **r**, **x**: *amável, hífen, açúcar, tórax* (43, 8ª);

b) ditongo oral: *fósseis, faríeis, púnheis, pusésseis, úteis, jóquei* (43, 9ª);

c) **i**, **u**, **is**, **us**: *júri, táxi, íris, lápis, miosótis, táxis, lótus* (43, 3ª – O Formulário Ortográfico não dá exemplo de paroxítono terminado em **u**);

d) **um**, **uns** que tenham por tônica **a**, **e**, **o** abertos ou **i**, **u**: *álbum, álbuns, fórum, fóruns* (43, 3ª, obs. 1);

e) **ã**, **ão**, **ãs**, **ãos**: *órfã, acórdão, gólfão, orégão, órfão, órgão, órfãs, acórdãos, órgãos* (11ª, obs.);

6 – no **i** e no **u** tônicos que formem hiato com a vogal anterior: *baía, cafeína, caí, caída, caís, construíram, contraí-la, distribuí-lo, faísca, heroína, juízo, moído, país, ruído, ruíram, saía, balaústre, conteúdo, reúne, saúde, saúva, viúvo* (43, 4ª);

7 – no **a** e **i** tônicos de algumas formas do presente do indicativo, do presente do subjuntivo e do imperativo dos verbos terminados em **guar**, **quar** e **quir**: *enxágua, águe, apazígua, oblíque, delínque*;

Nota: Se, por outro lado, o **u** é que for tônico, não haverá acento gráfico: aguo, apaziguo, enxaguo, obliquo, delinquo etc. Isso se deve à variação de pronúncia de tais verbos (* base X, parágrafo 7º);

8 – nos proparoxítonos, ainda que terminem em ditongo crescente (43, 2ª obs.), que tenham por tônica as vogais abertas **a**, **e**, **o** ou **i**, **u**: *árabe, área, cálculo, mágoa, vácuo, aéreo, crédito, fizéssemos, límpido, lírio, louvaríamos, oblíquo, imundície, inócuo, Gólgota, gótico, público, último* (43, 2ª);

9 – nos ditongos abertos **éi**, **éu**, **ói** dos monossílabos tônicos e oxítonos: *réis, anéis, bacharéis, céu, chapéu, troféu, troféus, mói, sóis, anzóis, herói, heróis* (43, 6ª);

10 – se na abreviatura aparece a sílaba acentuada da palavra, o acento permanece: *pág. (página).*

B – Não se usa o acento agudo:

1 – nos monossílabos nem nos oxítonos terminados nas vogais **i**, **u**, quando puras, ou seja, quando orais e desacompanhadas de outra vogal, seguidas ou não de **s**: *mi, quis, caqui, consegui, Mandaqui, Parati, parti-lo, rami, mu, mus, tu, Botucatu, Caramuru, hindu, hindus, pu-lo, tatu* (o **u** do *aqui, caqui, quis, consegui* etc. faz parte do **g** ou do **q** que o antecede, ou seja, constitui dígrafo; dito de outro modo, o **i** forma com o **gu** ou **qu** dessas palavras uma única sílaba; esta regra negativa está implícita na 43, 1ª);

2 – quando à palavra em que ele ocorre é acrescentado o sufixo adverbial **mente** ou sufixo que seja precedido da consoante **z**: *amigavelmente, somente, voluvelmente, avozinha, opusculozinho, pazinha, pezinho, sozinho* (Lei nº 5765, de 18-12-1971);

3 – no **i** e no **u** quando, precedidos de vogal que com eles não forma ditongo, são seguidos de **l, m, n, r** ou **z** que não iniciam sílabas e, ainda, de **nh**: *adail, paul, ruim, contribuinte, demiurgo, retribuirdes, juiz, tainha, ventoinha* (43, 4ª, obs. 1);

4 – no **i** e no **u** tônicos dos ditongos decrescentes **iu, ui** quando precedidos de vogal: *atraiu, contribuiu, pauis* (43, 4ª, obs. 2). Entretanto, o mesmo ocorre se o ditongo é antecedido de consoante: *feriu, geriu, fui, Rui*;

5 – no **u** tônico de algumas formas do presente do indicativo, do presente do subjuntivo e do imperativo dos verbos terminados em **guar, quar** e **quir**: *aguo, apaziguа, enxagua, averigue, obliquo, delinquo etc.* (* base X, parágrafo 7º, conforme já vimos na nota do item A-7);

Nota: Também não se usa o acento agudo no **u** tônico das formas (tu) *arguis*, (ele) *argui*, (eles) *arguem*, do presente do indicativo do verbo **arguir**, e de (tu) *redarguis*, (ele) *redargui*, (eles) *redarguem*, flexões correspondentes do verbo **redarguir**. O mesmo vale para (tu) *argui* e (tu) *redargui*, do imperativo (* base X, parágrafo 7);

6 – no **i** e **u** tônicos seguidos de vogal em hiato: *pia, pie, riem, rio, pua, recues, sua, sue*;

7 – na terminação **amos** do pretérito perfeito do indicativo dos verbos da primeira conjugação: *amamos, cantamos* (15ª, obs.; a pronúncia aberta dessa terminação verbal é injustificável no Brasil; V. § 433, n. 1; V. *amamos* no D. QVs.). É bom lembrar, porém, que o Acordo Ortográfico de 1990 (base IX, parágrafo 4º) admite, facultativamente, a acentuação em formas como *amámos* e *cantámos* para, em certas variantes do português, distingui-las das correspondentes formas do presen-

te do indicativo (*amamos*, *cantamos*), já que o timbre da vogal tônica é aberto naqueles casos;

8 – nos prefixos paroxítonos terminados em **r**: *inter-helênico*, *super-homem* (43, 8ª., obs.);

9 – nos prefixos paroxítonos terminados em **i**: *arqui-inimigo*, *arquissecular* (43, 3ª., obs. 2ª.);

10 – nos paroxítonos terminados em **ens**: *hifens*, *imagens*, *itens*, *jovens*, *nuvens* (43, 7ª., obs. 1); (V. *Líquen* no D. QVs);

11 – nos paroxítonos terminados em **em**: *contem* (do v. *contar*), *imagem*, *jovem*, *nuvem*, *provem* (do verbo *provar*), *somem* (dos verbos *sumir* e *somar*) – (por exclusão da 43, 7ª.);

12 – nos monossílabos em **em**: *tem*, *quem*, *trem* (por exclusão da 43, 7ª.);

13 – nos monossílabos e nos oxítonos terminados em **l**, **r**, **x**: *mel*, *mor*, *sax*, *revel*, *esmoler*, *antrax*;

14 – nos paroxítonos em que as vogais tônicas **a**, **e**, **o** formam ou não ditongo com a vogal anterior: *quase*, *seriguela*, *aquoso*, *feijoada*, *moeda*, *empreendo*, *Mooca*, *coorte*;

15 – nas formas verbais oxítonas terminadas em **i**, **u** precedidos de consoante, quer seguidas quer não de hífen: *transmiti*, *transmiti-lo*, *repu-lo*;

16 – na vogal tônica dos ditongos abertos **ei** e **oi** dos paroxítonos: *assembleia*, *estreia*, *ideia*, *apoio* (flexão do verbo *apoiar*), *heroico*, *joia* (* base IX, parágrafo 3º.);

17 – no **i** e no **u** tônicos precedidos de ditongo nos paroxítonos: *cauila*, *cauira*, *baiuca*, *bocaiuva*, *feiura* (* base X, parágrafo 4º.);

18 – nas seguintes palavras, anteriormente acentuadas para distingui-las de homônimas homógrafas: *para* (flexão do verbo *parar*), *pelo* (flexão do verbo *pelar*), *pela(s)* (substantivo e verbo *pelar*), *polo(s)* (subst., ex.: *polo* norte, *polo* sul) (* base IX, parágrafo 9º.).

C – Artimanhas:

Para estar de acordo com o Formulário Ortográfico, somos obrigados a

1 – escrever *juiz* sem acento (cf. B-3, retro) e *juízo* com acento (A-6);

2 – acentuar *hífen* no singular (cf. A-5, a) e a não pôr acento no plural, *hifens* (B-10).

Circunflexo

A – Usa-se o acento circunflexo:

1 – nos monossílabos tônicos e oxítonos terminados em **e** ou **o** fechados, seguidos ou não de **s** (Formulário Ortográfico de 1943, 43, regra 1ª): *crê, crês, dê, dês, lê, lês, vê, vês, pôs, marquês, português, você, avô*;

2 – em formas verbais que perdem as letras finais **r, s, z** e são seguidas do pronome **lo** (43, 1ª, obs.): *movê-los, revê-los, pô-la, fê-lo*;

3 – em formas verbais com pronomes enclíticos ou mesoclíticos (43, 1ª, obs.): *descrevê-lo, dê-se-lhe, repô-lo-eis*;

4 – nos proparoxítonos em cuja sílaba tônica figura vogal fechada ou seguida de **m** ou **n** (43, 2ª): *devêssemos, fôlego, pêssego, binômio, lâmina, quilômetro, espontâneo, mônadas, tênue*;

5 – nos paroxítonos terminados em **i** ou **u**, seguidos ou não de **s**, em que figura vogal tônica fechada ou seguida de **m** ou **n** (43, 3ª): *dândi, tênis, bônus, Vênus*;

6 – nos paroxítonos terminados em **l, n, r** ou **x** em que figura vogal tônica fechada ou seguida de **m** ou **n** (43, 8ª): *pênsil, têxtil, cânon, sêmen, aljôfar, âmbar, fênix, ônix*;

7 – na vogal tônica fechada dos paroxítonos acabados em ditongo oral (43, 9ª): *escrevêsseis, fôsseis*;

8 – no **e** da terceira pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos **ter**, **vir** e seus compostos (43, 7ª, obs. 2): eles *têm*, eles *contêm*, eles *vêm*, eles *convêm*;

9 – nos paroxítonos que tenham til na última sílaba e a vogal tônica fechada (43, 11ª, obs.): *bênção, zângão*;

10 – em algumas palavras tônicas, de uma ou mais sílabas, para distingui-las de palavras átonas de igual grafia (43, 14ª, obs.): **quê** (substantivo, interjeição ou pronome no fim de frase), para distinguir de *que* (pronome quando não vem no fim da frase, advérbio, conjunção ou partícula expletiva); **porquê** (substantivo ou no fim de frase), para distinguir de *porque* (conjunção); **pôr** (verbo) para distinguir de *por* (preposição);

11 – em **pôde**, terceira pessoa do sing. do pret. perfeito de *poder* (Lei nº 5765, de 18-12-1971), que assim se distingue da correspondente forma do presente do indicativo (*pode*);

12 – se na abreviatura aparece a sílaba acentuada da palavra: *côn.* (*cônego*);

13 – na palavra **fôrma** para distingui-la de **forma** (substantivo e flexão do verbo *formar*). Ressalve-se que este uso do acento é facultativo: emprega-se quando necessário, em benefício da clareza (* base IX, parágrafo 6º, b).

B – Não se usa o acento circunflexo:

1 – nas letras **e** e **o** quando representam as vogais tônicas fechadas de homógrafos: *aquele*, *colher*, *colheres*, *ele*, *Rebelo*, *almoço*, *lobo*, *toda* (Lei nº 5765, de 18-12-1971);

2 – quando à palavra em que ele ocorre for acrescentado o sufixo adverbial **mente** ou sufixo precedido da consoante **z**: *comodamente*, *cortesmente*, *pessegozinho*, *vovozinho* (Lei nº 5765, de 18-12-1971);

3 – nos prefixos e elementos prefixados paroxítonos acabados em **i**: *onipresente*, *semi-histórico* (43, 3ª, 2ª obs.);

4 – nos oxítonos terminados em consoante, exceto **s**: *arroz*, *desfez*, *gravidez*, *lazer*;

5 – no **o** tônico fechado dos paroxítonos seguido de vogal: *voa*, *roam*, *coe*.

Nota: Isso inclui o primeiro **o** do hiato **oo**, seguido ou não de **s**: *abençoo*, *enjoo*, *enjoos*, *perdoo*, *voo*, *voos* (* base IX, parágrafo 8º);

6 – no hiato **ee** de formas verbais no plural: *creem*, *deem*, *leem*, *veem* (verbo *ver*) (* base IX, parágrafo 7º);

7 – em substantivos anteriormente acentuados para distingui-los de outras palavras: *pelo(s)*, *pera*, *polo(s)* (* base IX, parágrafo 9º);

8 – no primeiro **o** fechado e tônico do grupo **oio**: *apoio* (subst.), *arroio*, *tamoio*;

9 – nos paroxítonos que sejam plurais de oxítonos em **ês**: *marqueses* (pl. de *marquês*), *meses* (pl. de *mês*); *portugueses* (pl. de *português*), *reses* (pl. de *rês*).

Grave

A – Usa-se o acento grave:

1 – para assinalar a contração da preposição **a** com o artigo ou pronome **a(as)** e com os pronomes **aquele**, **aquela**, **aqueloutro**, **aqueloutra** (e seus plurais), **aquilo**, que se escreverão assim: *à*, *às*, *àquele*, *àquela*, *àqueles*, *àquelas*, *àqueloutro*, *àqueloutra*, *àqueloutros*, *àqueloutras*, *àquilo* (43, 16ª);

2 – em certas locuções no singular – para evitar ambiguidade – e no plural: *recebeu à bala*, *estudar à distância*, *às claras*, *às mil maravilhas*. (Ver também o § 535.)

B – Não se usa o acento grave:

para marcar a sílaba pretônica dos advérbios em **mente** e dos derivados em que figuram sufixos precedidos do infixo **z**: *indelevelmente, somente, terrivelmente, voluvelmente, avozinha, cafezeiro, cafezinho, faiscazinha, opusculozinho, sozinho, voluntariozinho* (Lei nº 5765, de 18-12-1971).

Til

A – Usa-se o til:

1 – como acento indicativo de tonicidade toda a vez que a vogal tônica for nasal: *afã, capitães, cidadão, cidadãos, pão, pães, rã, talismã, corações, põe, põem* (43, 11ª);

2 – para indicar som nasal nas sílabas átonas; neste caso, a tônica trará o sinal diacrítico correspondente ao som: *acórdão, órfã, órfão, bênção* (43, 11ª, obs.);

3 – na primeira vogal nasal de advérbios em **mente** e em derivados em que figuram sufixos precedidos do infixo **z**: *chãmente, cristãmente, irmãzinha, leõezinhos, mãozada, romãzeira* (43, 13ª).

B – Omissão:

O Formulário Ortográfico de 1943 – da mesma forma que o Acordo Ortográfico de 1990 – omite outro caso, não previsto no item 3 retro, em que também é subtônica a sílaba em que ocorre a nasalização, ou seja, em que a sílaba tônica vem igualmente depois de outra de som nasal. Como escrever o adjetivo pátrio de quem nasce em Ibiporã? *Ibiporãense* é a única grafia possível, mas não é prevista nem na 11ª regra, nem na sua observação, nem na 13ª.

Reformas ortográficas

INFANDUM, REGINA, JUBES RENOVARE DOLOREM (*Virgílio, Eneida, livro II, v. 3*): *Ó rainha, tu mandas que eu renove indizível dor.* Palavras da narração que Eneias começa a fazer a Dido, rainha de Cartago, das suas desgraças e da destruição de Troia. Conta Larousse que o padre jesuíta Arnoud, estando a pregar a Paixão na Notre-Dame, viu entrar a rainha Maria de Medici e, obrigado pelo uso a recomeçar o sermão, dirigiu-lhe o célebre verso de Virgílio. Segundo diz Fumagalli, o mesmo fez o padre Faure, capuchinho (que depois foi bispo de Amiens), que, pregando a Paixão em St. Germain-l'Auxerrois, inclinou-se ao entrar a rainha, recitou o verso de Virgílio e recomeçou o sermão.

Provocam-nos essa lamúria as reiteradas reformas ortográficas que vimos sofrendo, partidas de brasileiros que agem ora *motu proprio*, ora em conluio com agentes de Portugal. São reformas de curta duração, que transformaram a ortografia da língua portuguesa no Brasil em verdadeiro artigo de comércio. Desse verso de Virgílio lembramo-nos sempre que um retardatário ministro de estado surge a perturbar o ensino do idioma com medidas que obrigam alunos, professores e pais a recomeçar o embaraçoso e complicado trabalho de enfeitar nossas palavras ora tirando velhos, ora acrescentando novos adornos.

Trecho de carta enviada em 12 de janeiro de 1973 por D. Josefina Iná de Oliveira Siqueira, de Jataí, Goiás, que terminou o curso de Português por correspondência em fins de 1967:

> *"Até hoje tenho pelo senhor, por tudo o que recebi através do seu curso, eterna gratidão; prestei concurso de ingresso no magistério e passei; estou lecionando português desde a 3ª série ginasial até o 3º ano normal, trabalhando sem temor, pois adquiri segurança na matéria fazendo o seu curso, que me tem protegido constantemente em minhas aulas. Muitos me têm perguntado onde e com quem estudei português, e orgulhosamente respondo que foi com o Prof. Napoleão Mendes de Almeida, não deixando, é claro, de dizer que seu curso é eficientíssimo e sua gramática uma das melhores do Brasil.*
>
> *Não vacilo em afirmar que o senhor tem prestado uma contribuição enorme ao Brasil, conferindo, a quantos queiram, conhecimento melhor do nosso idioma. Pena é que muita gente deixa escapar tão rara oportunidade de aperfeiçoar seus conhecimentos linguísticos; de minha parte sinto-me feliz, embora saiba que devo continuar estudando se quiser conservar o que aprendi e adquirir novos conhecimentos".*

CAPÍTULO 1

LINGUAGEM

1 – Como todos os outros animais, nós agimos; mas, a diferença deles, manifestamos e externamos nossa ação, mediante o dom que nos é próprio, a **linguagem**, que outra coisa não é senão a propriedade que temos de, por meio de *palavras*, comunicar-nos entre nós, exteriorizando o nosso pensamento, relatando fatos e coisas internas ou externas, acontecidas ou ainda por acontecer.

2 – Esse meio de comunicação poderá ser feito com simples sons orais, com sinais, com arranjos convencionais, gestos, disposição dos objetos que nos cercam; teremos, então, além da linguagem por meio de sons orais, que se denomina *linguagem* **falada** ou *glótica*, a *linguagem* **mímica**, feita por gestos, e a *linguagem* **escrita** ou *gráfica*, feita por sinais, marcas, gravações, arranjos etc.

3 – **Palavra** é, pois, a parte de que se compõe a linguagem, e pode ser constituída por um simples som ou pela combinação de sons, ou, ainda, pela representação desses mesmos sons. A linguagem indica o pensamento; as palavras, como partes que são da linguagem, indicam as partes do pensamento, ou seja, as ideias.

4 – Conquanto constitua a linguagem dom comum de todos os homens, nem todos eles se comunicam pelas mesmas palavras. O conjunto de palavras, ou melhor, a linguagem própria de um povo chama-se **língua** ou **idioma**.

Nota: *Vernáculo*, como substantivo, designa "idioma próprio de um país"; como adjetivo, o que se relaciona com esse idioma. Se, falando em latim, dizemos "vocabula vernacula", referimo-nos aos vocábulos latinos; falando agora em português "vocábulos vernáculos", especificamos os vocábulos do nosso idioma.

5 – Pode a língua ser *viva*, *morta* e *extinta*.

6 – **Língua viva** é a atualmente falada por um povo ou tribo. Assim, são *línguas vivas* o *português*, o *francês*, o *italiano* etc.

7 – Chama-se **língua morta** a que já não é usada por nenhum povo ou tribo, mas sobrevive em documentos. São exemplos de línguas mortas o *latim* (língua primitivamente falada pelos latinos, habitantes do *Lácio*, que tinha por capital Roma), o *sânscrito* (língua clássica da Índia).

8 – **Língua extinta** diz-se a que não é falada nem deixou provas de sua existência. Tal se chama a língua dos etruscos, a dos celtas e a dos primitivos habitantes da terra. Sabemos que tais línguas existiram porque alguma língua devem ter falado esses povos.

Nota: **Língua artificial** é chamada a de nascimento forçado, calculado, como o *esperanto*, a *interlíngua* (muito empregada em revistas médicas internacionais), a *ocidental*, o *volapuque*, o *ido*, o *arulo*, o *ro* e outras, criadas com a pretensão de se tornarem internacionais. Língua não é artigo de fabricação, senão, quer culta, quer bárbara, o reflexo da formação, da história de um povo.

9 – A palavra, como representação material, isto é, como som ou aparência gráfica, chama-se **vocábulo**. Como índice da ideia que ela encerra, chama-se **termo**. Por isso é que se diz: "Falar em bom *termo*" e não: "Falar em bom *vocábulo*", da mesma maneira que não se diz: "Pronunciar bem um *termo*", mas: "Pronunciar bem um *vocábulo*" (ou *palavra*).

A palavra, pois, apresenta dois aspectos: um externo (número de sílabas, acentuação, forma gráfica etc.), outro interno, isto é, o conteúdo, a ideia, o sentido.

10 – A reunião de vocábulos forma o **vocabulário**; quando dispostos os vocábulos em ordem alfabética e acompanhados de suas significações, tal reunião é denominada **dicionário** ou **léxico**.

11 – Se a reunião de vocábulos forma o **vocabulário**, a reunião de termos, isto é, de palavras enquanto expressam uma ideia, forma a **frase** ou *locução*, que virá a ser a expressão do pensamento. A frase constitui, pois, o elemento fundamental da linguagem.

O livro de Pedro – Os grandes olhos de Maria – são *frases*, porquanto constituem reunião de termos ou ideias, sem nada afirmar nem negar.

12 – Se a frase encerrar uma declaração, isto é, se afirmar ou negar alguma coisa, ela passará a chamar-se **oração**. Exs.: *O livro de Pedro é grande – Os grandes olhos de Maria fecharam-se*.

Gramática

13 – Denomina-se **gramática** a reunião ou exposição metódica dos fatos de uma língua.

Da mesma maneira que a música possui sua *artinha*, ou seja, o conjunto de princípios, normas, ensinamentos e regras concernentes a essa arte, também as línguas possuem cada uma a sua *gramática*, isto é, o conjunto de todas as normas para o seu perfeito uso.

14 – Quando tal estudo abrange, simultaneamente, diversas línguas congêneres, isto é, filiadas à mesma origem e, portanto, semelhantes, ele constitui o que se denomina **gramática geral** (ou **comparativa**). Desta espécie é a *Gramática das Línguas Românicas* de Frederico Diez (pronuncie *Dits*).

15 – Se a gramática visar apenas aos fatos de uma língua particular, ela será **gramática particular**, que passará a chamar-se *portuguesa*, *francesa*, *inglesa* etc., conforme a língua particular que estudar.

16 – A gramática particular tem um fundo de generalidade no que concerne à lógica, mas se preocupa essencialmente dos fatos peculiares de determinada língua, estudando-lhe os fatos particulares, o método e as regras apropriadas para o seu perfeito uso.

17 – A gramática particular pode ocupar-se exclusivamente da origem de uma língua e dos processos de sua formação e se chamará **gramática histórica**.

18 – Se, porém, visar aos fatos atuais de uma língua, mostrando e ensinando as regras vigentes para o seu perfeito manuseio, sem cogitar da sua formação, ela será **gramática expositiva**.

19 – Esta última, isto é, a *gramática expositiva*, que também se chama *normativa*, *descritiva* ou *prática*, é a que vamos estudar com relação à nossa língua, não deixando de ver, na *Etimologia* (§ 610 e ss.), os principais fatos operados na passagem do latim para o português.

Divisão da Gramática

20 – Três são as grandes partes da gramática:

Fonética
Morfologia
Sintaxe

21 – Fonética (do gr. *phoné* = *som*) é a parte da gramática que estuda os vários sons ou fonemas linguísticos.

22 – Morfologia (gr. *morphê* = figura + *logia* = estudo) é a parte que estuda a palavra em si, quer no *elemento material*, isto é, quanto à forma, quer no *elemento imaterial*, ou seja, quanto à ideia que ela encerra.

23 – Sintaxe (do gr. *syntáxis* = arranjo) é a parte que estuda a palavra não em si, mas com relação às outras que com ela se unem para exprimir o pensamento.

Se a *fonética* e a *morfologia* estudam a *palavra*, a *sintaxe* estuda a *frase*, quer completa quer incompleta.

24 – Daí a diferença entre *análise fonética*, *análise morfológica* e *análise sintática*.

Análise fonética é a que considera a palavra quanto ao som.

Análise morfológica é a que considera a palavra em si (classe de palavras, flexão, elementos mórficos, terminação, grafia etc.).

Análise sintática é a que considera a palavra com relação às outras que se acham na mesma oração.

Nota: Em certos programas de ensino ou de concursos pede-se erradamente *análise gramatical* para contrastar com *análise sintática*. *Análise gramatical*, com tal sentido, é expressão técnica da língua francesa.

Questionário

1. Que é *linguagem*?
2. Quantas e quais as suas *espécies*?
3. Que é *palavra*?
4. Qual a diferença entre *linguagem* e *língua*?
5. Que é *língua viva*?
6. Que é *língua morta*?
7. Que é *língua extinta*?
8. Qual a diferença entre *vocábulo* e *termo*?
9. Qual a diferença entre *vocabulário* e *dicionário*?
10. Qual a diferença entre *frase* e *oração*? Exemplos.
11. Que é *gramática*?
12. Quantas *espécies* existem de gramáticas? – Definir cada espécie.
13. Quais as partes em que se divide a gramática? – Definir cada uma delas.
14. Que é *análise fonética*?
15. Que é *análise morfológica*?
16. Que é *análise sintática*?

CAPÍTULO 2

FONÉTICA

25 – A *fonética* (definição: § 21) pode ser *descritiva*, *histórica* e *sintática*.

26 – A fonética é **descritiva** quando estuda os sons d a voz humana no seu *processo* de formação. Exemplo: **ver** constitui-se de uma consoante constritiva, fricativa, sonora, oral, labiodental, de uma vogal fechada, oral (§§ 43, 44) e de uma consoante constritiva, vibrante, sonora, oral, alveolar (§ 59).

27 – A fonética passa a chamar-se **histórica** quando estuda os sons da voz humana na sua *transformação* através dos tempos. Exemplo: **ver** provém do latim **videre** (§ 66).

28 – A fonética é **sintática** quando estuda os fenômenos fonéticos operados nos encontros vocabulares. Exemplo: **vê-lo** provém do encontro **ver+o** (§ 825).

Fonemas

29 – Os sons elementares, isto é, os sons fundamentais da voz humana denominam-se **fonemas**, que se classificam em:

vogais
consoantes
semivogais

30 – Quando representados por escrito, os fonemas denominam-se **letras**.

31 – *Vinte e seis* são as letras usadas em português; o seu conjunto sistematizado denomina-se *alfabeto*[1].

32 – As letras classificam-se, quanto à *forma*, em *maiúsculas* e *minúsculas*; quanto à *natureza*, em *vogais* e *consoantes*.

Maiúsculas	*Minúsculas*	*Nomes*
A	a	á
B	b	bê
C	c	cê
D	d	dê
E	e	é
F	f	éfe
G	g	gê
H	h	agá
I	i	i
J	j	jóta
K	k	cá
L	l	éle
M	m	ême
N	n	êne
O	o	ó
P	p	pê
Q	q	quê
R	r	érre
S	s	ésse
T	t	tê
U	u	u
V	v	vê
W	w	dáblio
X	x	xis
Y	y	ípsilon
Z	z	zê

33 – **Vogais** são as letras que se pronunciam sem auxílio de outra letra: *a*, *e*, *i*, *o*, *u*.

Nota: As vogais *e* e *o*, quando isoladamente citadas, devem ser pronunciadas com som aberto. Não se diz: "Esse *ô* é acentuado", "Esta palavra escreve-se com *ô*", – mas sim: "Esse *ó* é acentuado", "Esta palavra escreve-se com *ó*". O mesmo procedimento devemos ter com a vogal *e*.

34 – **Consoantes** (*com* = junto; *soante* = que soa) são as letras que só podem soar com auxílio de uma vogal.

---

(1) A palavra *alfabeto* provém da reunião dos elementos gregos *alfa* e *beta*, nomes das duas primeiras letras desse idioma. *Abecedário* é tirado das três primeiras letras latinas – *a*, *b*, *c* – e significa *alfabeto*.

Foram oficialmente reintroduzidas no alfabeto português (* base I, parágrafos 1º e 2º) as letras *k* (*cá* ou *capa*), *w* (*dábliu*, *dabliú* ou *dáblio*) e *y* (*ípsilon*, *ipsílon*, *hipsilo* ou *hipsilão*), que são usadas somente em casos especiais, como em antropônimos (nomes de pessoas), topônimos (nomes de lugares), siglas, símbolos e abreviaturas. A pronúncia corrente no Brasil dessa última letra é "ípsilon", com o primeiro "i" tônico.

Nota: O nome das letras nem sempre corresponde ao fonema, isto é, ao som que elas representam; o *m* chama-se *ême*, mas soa *me* (médico); unicamente nas vogais (*a, e, i, o, u*) é que o nome corresponde ao som.

35 – Semivogais chamavam-se o "i" e o "u" por partilharem da natureza a um tempo das vogais e das consoantes. De acordo com a posição que ocupavam, conservavam-se imutáveis ou se transformavam, passando o "i" a "j", o "u" a "v", o que não quer dizer que todo o "j" correspondesse a "i", que todo o "v" correspondesse a "u". Os escritos antigos exigem cuidado de leitura, pois o "i" representa também o som de "j" e o "u" representa também o de "v"; *iá* (já), *ioya* (joia), *Ioana* (Joana), *Iano* (Jano), *auia* (havia), *ouuer* (houver), *ouui* (ouvi), *palauras* (palavras), *lembraua* (lembrava), *desauentura* (desaventura).

Para o português de hoje, *semivogal* é designação de sentido fonético-histórico, sem utilidade prática, designação do que ainda se opera em outras línguas, como na inglesa, onde o "w" e o "y" participam da natureza de vogal e de consoante. Diante dessa concepção podemos dizer que o nosso "m" é semivogal, pois ora assim mesmo se grafa – *reprovam* – ora se grafa "o": *Cristóvão*; o mesmo som com dupla representação gráfica, lá por consoante, aqui por vogal. A intrometida Nomenclatura Gramatical Brasileira embaralhou o assunto. V. *Nomenclatura Gram. Brasileira* no D. QVs.

36 – V. no D. QVs o verbete *Zelotes do vernáculo.*

37 – O nosso alfabeto recebemos do latim, com duas modificações:

1 – O *u* e o *v* em latim (e no português antigo) se escreviam da mesma maneira em forma de *v*; por isso se veem em fachadas de prédios ou em escritos de importância inscrições como – *TEATRO MVNICIPAL, CVRIA METROPOLITANA.*

2 – Igualmente, o *i* e o *j* confundiam-se graficamente na única forma I (*i*); por isso se veem encabeçando as imagens do crucifixo as iniciais INRI, cujos *ii* correspondem a *jj*: I(J)esus Nazarenus Rex I(J)udaeorum.

No próprio latim já os gramáticos distinguiam, na pronúncia, o *v* vogal (= u) do *v* consoante, mas a distinção gráfica o português só começou a fazer do século XVI em diante, e até o século XVIII e grande parte do XIX ainda se escrevia d*v*vida (= dúvida).

38 – O latim recebeu o alfabeto do grego, com as seguintes modificações:

1 – Exclusão de três letras, que representavam aspiração, coisa inexistente em latim:

Grego		Latim
Θ (ϑ) – théta = *th*: Θεολογία	(8 letras)	= *Th*eologia (9 letras)
Φ (φ) – phi = *ph*: Φιλοσοφία	(9 letras)	= *Ph*ilosop*h*ia (11 letras)
Χ (χ) – chi (kí) = *ch*: Χριστός	(7 letras)	= *Ch*ristus (8 letras)

2 – Consequente invenção do *h* para representar graficamente a aspiração grega; esta aspiração havia em grego nas letras da página anterior e no começo de certas palavras, o que se representava com o sinal (‘), o *espírito áspero*: ὑποχρῑτής = *h*ipócrita.

3 – Supressão do grupo composto *ψ* (psi), igual a *ps*: ψυχή, que em latim deu *psyche* (psíque).

4 – Supressão do *η* (éta) e do *ω* (ômega), correspondentes, respectivamente, a *e longo* e *o longo*.

5 – Criação do *c*, variante do *kappa* grego: κέντρον (kéntron), *centrum* (em português *centro*).

6 – Introdução do *q* (que sempre se fazia acompanhar de u), correspondente ao *koppa* do alfabeto dórico, que, por sua vez, tirou-o do fenício *koph*.

7 – Introdução do *F* (digama), trazido do eólico.

Em resumo: O latim extirpou 6 letras do alfabeto grego (ϑ, φ, κ, ψ, η, ω), criou 4 (*h*, *c*, *u*, *j*; as duas últimas já na decadência e na passagem para o português) e importou 2 (*f* e *q*).

39 – Não foram os gregos os inventores do alfabeto; receberam-no dos fenícios, tendo o trabalho de eliminar certas aspirações. De sua parte, foram os fenícios buscá-lo dos egípcios, precursores do alfabeto.

40 – Quando ainda não existia o alfabeto, a ideia se representava por *símbolos*. Os egípcios representavam primitivamente as ideias por meio dos *jeróglifos*, os babilônios pelo método denominado *cuneiforme*, e ainda hoje os chineses não possuem letras (expressam-se por ideogramas).

Questionário

1. Que é *fonética*?
2. Como pode ser a *fonética*?
3. Quando a fonética é *descritiva*, quando *histórica* e quando *sintática*?
4. Que são *fonemas*?
5. Que são *letras*?
6. Que é *alfabeto*?
7. Como se classificam as letras? (§ 32)
8. Que são *vogais*?
9. Que são *consoantes*?
10. Corrija: *receioso*, *alheiar*, *afeiar*, *meieiro*, *areião*, *areiar*, *arreiar*, *desenfreiado*.

CAPÍTULO 3

VOGAIS

41 – Classificam-se as *vogais*:

a) quanto à *zona de articulação*, em:
anteriores
médias
posteriores

b) quanto ao *timbre*, em:
abertas
fechadas
reduzidas

c) quanto ao *papel da boca e do nariz*, em:
orais
nasais

d) quanto à *intensidade*, em:
átonas
tônicas

42 – Quanto à **zona de articulação** – São **médias** as várias espécies da vogal *a*, que se considera *vogal fundamental* por ser a que primeiro se ouve quando vibram as cordas vocais e quando não se contrai nenhuma das partes móveis da boca (é a que primeiro emite a criança). À medida que formos diminuindo a cavidade bucal mediante movimento de partes que a integram, passaremos para a vogal *e*; a continuar nesse movimento, o *e*, a princípio aberto, passa para *e* fechado, até que se obtém o som *i* (**anteriores** ou *palatais*).

Se, nos movimentos da página anterior, contrairmos os lábios, do *a* passaremos para o *o aberto*, deste para o *o fechado*, e, finalmente, para o *u* (**posteriores** ou *labiais*).

Graficamente, poderemos assim representar as vogais orais, quanto à zona de articulação:

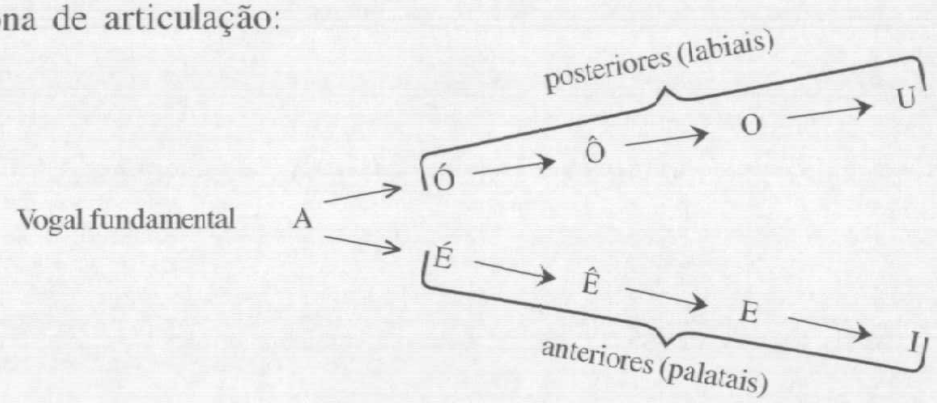

43 – Quanto ao **timbre** – Além de **abertas** (á, é, ó) e **fechadas** (ê, ô), as vogais podem ser **reduzidas**, o que se dá quando são leve, abafada e imprecisamente articuladas as vogais de sílabas não acentuadas, quer venham no fim, quer no meio, quer no princípio do vocábulo. Por vezes, *e*, *o*, *u* reduzidos finais confundem-se, respectivamente, com *i*, *u*, *o*: saudad*e*s (saudad*i*s), Pedr*o* (Pedr*u*), *e* (*i*), Paul*o* (Paul*u*). Entretanto, temos por aqui o *a* "abafado" em vogais tônicas seguidas de consoante nasal: *câmara*, *ramo*, *banana*, *Ana*, *ganho*, *manha* etc.

Observações:

1ª – É estranho ao português falado no Brasil o *a fechado* (*â*). Não condizendo com o nosso sistema de vocalização, é injustificável exigir que no Brasil se pronuncie *mâs* (conjunção), *pâra* (preposição), *câda*.

2ª – A Nomenclatura Gramatical Brasileira omitiu o timbre *agudo*, que é o de *i* e de *u* quando acentuados.

44 – Quanto ao **papel da boca e do nariz** – É **oral** (ou *pura*) a vogal cujo som, proveniente da vibração das cordas vocais, ressoa todo na boca.

Se, na emissão desses sons, desviarmos para as fossas nasais parte do ar expelido pelos pulmões, o que se consegue mediante abaixamento do véu do paladar, obteremos as *vozes* **nasais**: *an* (*ã*), *en*, *in*, *on* e *un*. Vogal nasal é, portanto, aquela em cuja emissão parte do ar é desviada para as fossas nasais.

45 – Quanto à **intensidade** – Quer venha no fim, quer no meio, quer no princípio da palavra, é **tônica** a vogal de sílaba acentuada: *pernambuCAno*; são **átonas** as outras.

46 – Do acima exposto, poderemos enfeixar as vogais no seguinte quadro:

A	aberto	– já, caro
	fechado	– (*não existe no Brasil*)
	reduzido	– valeu, tola
	nasal	– irmã, ando
E	aberto	– pé, careca
	fechado	– lê, preto
	reduzido	– saudades
	nasal	– entre
I	agudo	– lí, fio
	fechado	– (*não existe*)
	reduzido	– pálido, pisada
	nasal	– fim, tinta
O	aberto	– avó, agora
	fechado	– avô, bolsa
	reduzido	– preto, dado
	nasal	– som, conta
U	agudo	– angu, pulo
	fechado	– (*não existe*)
	reduzido	– fábula, puxar
	nasal	– um, fundo

47 – Conclui-se, do quadro acima, serem 17 as *vozes* (ou *fonemas vogais*) da língua portuguesa falada no Brasil.

Grupos Vocálicos

48 – As vogais podem na palavra encontrar-se reunidas em grupos de duas ou mais. Quando se dá isso, as vogais formam *grupos vocálicos*. **Grupo vocálico**, portanto, é a reunião, é a sequência de duas ou mais vogais. Conforme o número de vogais que encerram e conforme a pronúncia a que obedecem, os grupos vocálicos denominam-se **ditongos**, **tritongos** e **hiatos**.

49 – **Ditongo** denomina-se o grupo de duas vogais; classifica-se em *crescente* e *decrescente*, *oral* e *nasal*.

O ditongo é **crescente** quando a voz discrimina as duas vogais.

São os seguintes os nossos **ditongos crescentes**:

1 – *ea* – côd*ea*, ígn*ea*, plúmb*ea*
2 – *eo* – nív*eo*, áur*eo*, marmór*eo*
3 – *ia* – glór*ia*, histór*ia*
4 – *ie* – sér*ie*, superfíc*ie*
5 – *io* – ilusór*io*, Már*io*, f*io*, p*io*, pav*io*
6 – *oa* – pásc*oa*, mág*oa*
7 – *oe* – perd*oe*, mag*oe*, s*oe* (do v. *soar*)
8 – *ua* – ág*ua*, contíg*ua*, contín*ua*

9 – *ue* – tên*ue*, contin*ue*, acent*ue*, rec*ue*
10 – *ui* – r*ui*m, t*ui*m (na pronúncia, acentua-se o *i*), contrib*uí*, constit*uí*
11 – *uo* – árd*uo*, exíg*uo*

50 – O ditongo é **decrescente** quando a voz se apoia mais na primeira vogal, e pode ser *oral*, quando emitido só pela boca, ou *nasal*, quando parte do ar é expelida pelo nariz.

São os seguintes os nossos **ditongos decrescentes**:

ORAIS	1 – *ai*	– m*ai*s, c*ai*bo, s*ai*, c*ai*
	2 – *au*	– *au*tor, p*au*, bacalh*au*
	3 – *éi* (aberto)	– quart*éi*s, r*éi*s
	ei (fechado)	– f*ei*ra, l*ei*te, r*ei*s
	4 – *éu* (aberto)	– v*éu*, c*éu*, chap*éu*, tabar*éu*
	eu (fechado)	– m*eu*, s*eu*, morr*eu*, sand*eu*
	5 – *iu*	– r*iu*, v*iu*
	6 – ói (aberto)	– m*ói*, d*ói*, s*ói*s, anz*ói*s, God*ói*
	oi (fechado)	– b*oi*, aç*oi*te, f*oi*ce, c*oi*tado
	7 – *ou*	– v*ou*, d*ou*, tes*ou*ro, p*ou*co
	8 – *ui*	– f*ui*, circ*ui*to, int*ui*to, R*ui*, az*ui*s, infl*ui*, contrib*ui*, constit*ui*
NASAIS	1 – *ãe*	– p*ãe*s, c*ãe*s, m*ãe*s
	2 – *ão*, *am*	– c*ão*, ir*ão*, m*ão*, órg*ão*, bênç*ão*, disser*am*, for*am* (= dissérão, fôrão)
	3 – *em* (éi)	– b*em*, t*em*, ref*em*, ca*em*, mo*em* (= bẽim, tẽim, refẽim, cáĩm, móĩm)
	4 – *õe*	– p*õe*, coraç*õe*s, liç*õe*s
	5 – *ui*	– m*ui*to (= múĩto)

Notas: 1ª – O ditongo *ui* pode ser ora decrescente, ora crescente.

a) Quando *decrescente*, esse grupo deverá pronunciar-se de um só impulso de voz, e, se o acento tônico recair nele, receberá o acento a primeira das vogais do grupo, a *vogal prepositiva*. Assim, as palavras *gratuito*, *fortuito*, *circuito*, *fluido* (subst.) e *intuito* têm o acento no *u* e não no i, por ser decrescente o ditongo *ui* dessas palavras.

b) Quando *crescente*, as vogais se pronunciam com leve separação de voz: *ruim*, *pituíta*, *ruído* (com acento tônico no *i*), *drúida* (pronuncie *drú-ida*).

2ª – Praticamente, considera-se uma única sílaba o ditongo decrescente, e duas o crescente: *chapéu*, *troféu* são palavras de duas sílabas, e *níveo*, *áureo*, de três. Na poesia, porém, terá o poeta liberdade de desdobrar em duas sílabas o decrescente (fenômeno denominado *diérese*, que significa *divisão*), e, vice-versa, fazer do crescente uma só sílaba (*sinérese* = contração), mas nunca poderá alterar o acento correspondente ao grupo vocálico; *circuito*, quer o poeta considere palavra de 3 quer de 4 sílabas, sempre terá o acento no *u*, e *ruim*, quer de 2, quer de 1, sempre no *i*.

3ª – Se o ditongo decrescente se considera uma única sílaba, o crescente constitui duas sílabas; portanto, quando o crescente, que finaliza a palavra, não é acentuado, com toda a certeza o acento recai na sílaba que o antecede, ou seja, na antepenúltima, tendo a palavra acentuação proparoxítona; logo, pela ortografia oficial, que manda se acentuem as palavras proparoxítonas, a sílaba que antecede o ditongo crescente átono *deve* ser acentuada: *cô*dea, *í*gnea, pl*ú*mbea, n*í*veo, gl*ó*ria, ci*ê*ncia.

4ª – Não confunda partição silábica (§ 140) com hifenização (§ 139) nem com métrica (§ 1003).

51 – **Tritongo** é o grupo constituído de uma vogal, acentuada, ladeada de duas outras: fi*éi*s, esp*ião*, esp*iões*, espec*iai*s, rit*uai*s, q*uai*s.

Será *oral* ou *nasal* o tritongo conforme se processar sua pronúncia (§ 50).

52 – **Hiato** denomina-se a afluência seguida de vozes igualmente acentuadas: c*oo*rte, m*oo*ca, álc*oo*l, c*aa*tinga, b*aú*, *aí*, s*aí*da.

53 – O que acima ficou dito se baseia na nomenclatura brasileira. A verdade é que, enquanto em latim, em espanhol e em italiano só se pensa na distinção dos grupos vocálicos após a divisão das vogais em *ásperas* (esp. *fuertes*, it. *dure*) e *brandas* (esp. *débiles*, it. *molli*), em nossa nomenclatura esta divisão quanto à natureza não aparece; daí a razão de fastidiosas listas de grupos vocálicos, terreno incerto, falso. É artificial e forçada em nosso idioma a aceitação de *ditongo*. Na realidade – como acontece em latim, em grego, em alemão e em outros idiomas, e como indica a etimologia da palavra – o *ditongo* se constitui de duas vogais que se pronunciam como uma só. Desse artificialismo decorre a dificuldade e quase inutilidade de divisões de grupos vocálicos.

Questionário

1. Quando podem as vogais ser reduzidas?
2. Que diz das pronúncias *pâra*, *más*?
3. Como se pronunciam as três vogais grifadas da frase: "PedrO E PaulO"?(*)
4. Que é *grupo vocálico*?
5. Quantas espécies há de grupos vocálicos? Quais são?
6. Que é *ditongo*?
7. Que diferença existe entre ditongo crescente e ditongo decrescente?
8. Que é *diérese*?
9. Que é *sinérese*?
10. Quantas sílabas há na palavra *pituíta*?
11. Responda o mesmo quanto ao vocábulo *circuito* e explique as razões do acento.
12. Quantas silabas há em *pio*, *fio* e quantas em *viu*, *riu*? Por quê? Pode dar-se o contrário? Onde?
13. Que é *tritongo*?
14. Que é *hiato*? Exemplos.

(*) Uma letra, sílaba ou palavra é grifada quando escrita com tipos diferentes ou sublinhada.

CAPÍTULO 4

CONSOANTES

A) – Classificação

55[1] – Se, de um lado, as vogais se produzem mediante *modificações* da boca, as consoantes, por outro, são o produto da *interrupção* da correnteza de ar expelida pelos pulmões.

Enquanto as vogais são produzidas *livremente*, as consoantes são produzidas ou *apertadamente* ou *explosivamente*, isto é, encontram sempre um obstáculo, maior ou menor, à passagem do ar expelido dos pulmões.

No ato de desobstruir a passagem do ar, ouve-se o ruído proveniente da separação das partes que estavam impedindo a saída do ar, e, logo a seguir, quase concomitantemente, o som de uma vogal, resultante dessa desobstrução. Daí o nome de *consoante* (com + soante), isto é, som acompanhado de vogal.

56 – As articulações de que resultam os fonemas consoantes podem ser ilimitadas. A mínima modificação da boca irá alterar a natureza dos fonemas, e o número de tais modificações se multiplicará se os considerarmos produzidos por diversos indivíduos, principalmente se de raças e línguas diferentes. Graficamente, costumam ser reduzidas tais consonâncias aos caracteres gráficos denominados *consoantes*.

(1) Os claros na numeração dos parágrafos (Notou que falta o § 54?) têm por fim possibilitar a inclusão de algum provável acréscimo que se torne futuramente necessário.

57 – Podemos, em português, contar 19 consonâncias:

Consonâncias	Representação gráfica	Exemplos
1. BE	*b*	*b*ater, *b*erro, *b*o*b*o
2. CE	*c* (antes de *e*, *i*) *ç* (antes de *a*, *o*, *u*) *s* (inicial ou acompanhado de consoante) *x* (em casos especiais)	*c*edo, pare*c*ido pa*ç*o, cabe*ç*a, a*ç*úcar *s*apo, pa*ss*o, fal*s*o apro*x*imar
3. DE	*d*	*d*a*d*o, a*d*esão
4. FE	*f*	*f*oi, *f*armácia
5. JE	*j*, *g* (antes de *e*, *i*)	*j*á, *g*ente
6. GUE	*g* (antes de *a*, *o*, *u*) *gu* (antes de *e*, *i*)	*g*osto, *g*ato *gu*erra
7. QUE	*c* (antes de *a*, *o*, *u*) *c* (antes de consoante) *qu* (antes de *e*, *i*)	*c*ão *c*ristão *qu*ero, or*qu*estra
8. LE	*l*	*l*uz, *l*atim
9. ME	*m*	*M*aria
10. NE	*n*	*n*osso, i*n*uma*n*o
11. PE	*p*	*p*or, *p*ara
12. RRE (forte)	*r* (inicial ou acompanhado de consoante)	*r*ato, ca*r*ne, ca*rr*o, hon*r*a
13. RE (brando)	*r* (entre vogais)	ca*r*o, mo*r*ada
14. TE	*t*	*t*odo, *t*eatro
15. VE	*v*	*v*oto, *v*ista
16. XE	*x*, *ch*	*x*arope, *ch*arque
17. ZE	*z* *s* (entre vogais) *x* (em casos especiais)	*z*ero ro*s*a e*x*emplo
18. LHE	*lh*	mo*lh*ado, o*lh*o
19. NHE	*nh*	se*nh*or, so*nh*o

58 – Fácil será, do quadro acima, deduzir os defeitos do nosso alfabeto (V. § 36): 1) Letras há que representam consonâncias diversas –*r*: *r*oda (*rr*oda); ca*r*o (ca*r*o); *s*: *s*ol (*ç*ol), ca*s*a (ca*z*a); *x*: ei*x*o (ei*ch*o), se*x*o (se*ks*o), pró*x*imo (pró*ss*imo). 2) Outra existe que nenhuma consonância representa, o *h*. 3) Existência de mais de uma letra para representar uma só consonância: *lh* (fi*lh*o), *nh* (cu*nh*ado).

59 – As nossas consoantes classificam-se:

a) quanto ao **modo de articulação**, em:

oclusivas (duras, explosivas) – quando exigem um prévio fechamento total da correnteza de ar: *p*, *b*, *t*, *d*, *c* (duro), *q*, *g* (duro), *m*, *n*, *nh*;

constritivas (contínuas) – quando o fechamento não é total. Subdividem-se em:

fricativas, se o ar é expelido mediante atrito, fricção: *f*, *v*, *s*, *c* (brando), *ç*, *z*, *x*, *ch*, *j*, *g* (brando);

laterais, se o ar flui entre a língua e as bochechas: *l*, *lh*;

vibrantes, se concorre vibração da ponta da língua: *r* (brando), *r* (forte);

b) quanto à **zona de articulação**, em:

bilabiais – quando o fechamento do ar é feito pelos lábios: *p*, *b*, *m*;

labiodentais – quando feito pelos dentes superiores e lábio inferior: *f*, *v*;

linguodentais – quando feito pela ponta da língua, presa acima dos incisivos superiores: *t*, *d*;

alveolares – quando feito pela ponta da língua ligeiramente encostada no alvéolo dos dentes superiores: *n*, *c*, *z*;

palatais – quando feito pela parte anterior da língua ligeiramente encostada no céu da boca: *x*, *ch*, *g*, *j*, *nh*, *lh*;

velares (guturais) – quando feito pela parte posterior da língua duramente encostada no véu do paladar: *c* (duro), *q*, g (duro);

c) quanto ao **papel das cordas vocais**, em:

surdas (fortes, ásperas) – quando as cordas vocais não vibram: *p*, *t*, *c* (duro), *q*, *s*, *c*, *x*, *ch*, *r*;

sonoras (brandas, doces) – quando as cordas vocais vibram: *b*, *d*, g, *m*, *n*, *nh*, v, *z*, *i*, *l*, *lh*;

d) quanto ao **papel da boca e do nariz**, em:

orais – quando o ar é expelido todo pela boca: *p*, *t*, *k*;

nasais – quando parte do ar é expelida pelo nariz: *m*, *n*, *nh*.

60 – Em quadro, assim podemos apresentar as consoantes.

CLASSIFICAÇÃO DAS CONSOANTES PORTUGUESAS

Quanto ao modo de articulação		OCLUSIVAS			CONSTRITIVAS					
					Fricativas		Laterais		Vibrantes	
Quanto ao papel das cordas vocais		surdas	sonoras		surdas	sonoras	surdas	sonoras	surdas	sonoras
Quanto ao papel das cavidades bucais e nasais		orais	orais	nasais	orais	orais	orais	orais	orais	orais
Quanto à zona de articulação	Bilabiais	p	b	m	–	–	–	–	–	–
	Labiodentais	–	–	–	f	v	–	–	–	–
	Linguodentais	t	d	–	–	–	–	–	–	–
	Alveolares	–	–	n	s, c, ç	z, s (brando)	–	l	r (forte), rr	r (brando)
	Palatais	–	–	nh	x, ch	j, g (brando)	–	lh	–	–
	Velares	c (duro), q	g (duro)	–	–	–	–	–	–	–

Nota: Outros nomes, que aqui são apresentados em ordem alfabética, poderão ser encontrados para indicar as consoantes, mormente em gramáticas de outros idiomas:

apicais, assim chamados o *t*, o *d*, o *s* e o *z*;

ásperas, que equivalem às surdas;

brandas, que equivalem às sonoras;

chiantes, assim chamados o *j*, o *g* brando, o *ch* (de palavras como *chapéu*) e o *x* (de palavras como *xadrez*);

contínuas, que equivalem às constritivas;

dentais, que equivalem às linguodentais;

doces, que equivalem às sonoras;

duras, que correspondem às oclusivas;

explosivas, que equivalem às oclusivas;

fortes, que equivalem às surdas;

geminadas, ou *dobradas*, quando repetidas e seguidas: *aSSim*, *caRRo*, *faCÇão*;

guturais, que equivalem às velares;

heterorgânicas, quando não produzidas pelas mesmas partes da boca: o *p* e o *t*;

homorgânicas, quando produzidas no mesmo lugar da boca: o *p* e o *b*;

intervocálicas, quando entre vogais: r*é-G-i*o, l*ú-C-i-D-o*, p*e-G-a-D-a* (a pronúncia desta palavra é *pegáda*, com acento tônico na sílaba *ga*);

labiais, que equivalem às *bilabiais*;

líquidas, assim chamados o *r* e o *l*;

molhadas, assim chamados o *lh* e o *nh*;

sibilantes, assim chamados o *s*, o *z* e o *c* brando.

B) – Origem e Pronúncia

B

62 – O **b** frequentemente substitui outra bilabial ou uma labiodental, ou por uma delas se permuta em português: *suPerbum*, so*b*erbo; *buBare*, bu*f*ar; *aFricum*, á*b*rego; *raPHanum*, rá*b*ano; *duBitare*, du*v*idar; *morBum*, mor*m*o.

Quando intervocálico, o **b** latino frequentes vezes desaparece na formação popular do português: *preBendam* > *preenda* > *prenda*.[1]

O **b** é *levemente* pronunciado:

a) no meio dos vocábulos, quando em grupo com outras consoantes: *substância*, *obcecar*, *objeto*, *abdicar*, *abstenção*;

b) no fim de palavras estrangeiras: *Adib*, *Horeb*, *Joab*;

c) na preposição *sob*.

C

63 – O **c** pode proceder:

1) de outro **c**: *c*aro de *Carum*;

2) de **qu**: *c*inco de *QUinQUe*, nunca de *numQUam*, *c*aderno de *QUaternum*, *c*atorze de *QUatuordecim*, *c*artola de *QUartolam*;

3) de **t** seguido de **i** ou **e** e mais uma vogal: viço de *viTIum*, poço de *puTEum*, intenção de *intenTIonem* (não confunda *intenção* = propósito, com *intensão* = intensidade), Helvécia de *HelveTIam*;

4) do grupo **st**: moço de *muSTeum*.

64 – Procura-se hoje corrigir a grafia de várias palavras em que o **c** não se justifica. Caso interessante opera-se com o verbo *tecer*; o latim *texĕre* deveria em português ter dado *texer* ou *tesser*. A grafia errônea consagrou-se por causa do grande número de verbos terminados em ecer (obed*ecer*, per*ecer*, par*ecer*, pad*ecer*, mer*ecer* etc.).

Era o **c** em latim sempre pronunciado como **k**: *Cícero*, *Kíkero*; *díscere*, *dískere*. Na decadência do latim, e, conseguintemente, na formação das línguas neolatinas, o som de gutural explosiva forte continuou antes de **a**, **o**, **u**: **caro**, **corpo**, **culpa**, mas abrandou-se antes das vogais **e** e **i**, como também antes de **a**, **o**, e **u** quando acrescido da *cedilha* (*Cedilha* é a forma diminutiva vernácula do espanhol *ceda*, a qual é hoje representada por um pequeno **c** virado para trás que se sotopõe ao **c**, que então se denomina **cê cedilhado** – e não "cê cedilha"): *pareço*, *pareça*. Jamais se emprega **c cedilhado** antes de **e** nem de **i**.

65 – Só aparecem dois **cc** ou o grupo **cç**, quando o primeiro **c** é pronunciado: *seCCionar*, *infeCÇão*; o mesmo se diga do grupo *ct*: *duCto*, *infeCto*. É este um ponto que origina frequentes e sérias discrepâncias em português; uma infinidade de palavras há em que o **c**, em tais casos, é pronunciado em Portugal e o não é no Brasil. O contrário também, não poucas vezes, se verifica. Em Portugal pronuncia-se o **c** de *faCto*, de *faCtura*, o que não se dá entre nós.

Quando final de palavras estrangeiras, o **c** soa levemente: *Isaac*, *Habacuc*. Tais nomes já se encontram grafados mais portuguesmente: *Isa(a)que*, *Habacuque*.

---

(1) O sinal > indica derivação etimológica; o vértice do sinal aponta para o derivado: *prenda* < *preenda* < *prebendam*.

D

66 – Nem sempre o nosso **d** corresponde ao **d** latino; é, não raro, resultado do abrandamento do **t**: *laTum*, lado; *amaTum*, amado. Algumas vezes tem origem num **l**: *Laxare*, deixar; *amyLum*, amido.

É frequente, na derivação popular, a queda do **d** latino entre vogais: *caDere*, *cair*; *viDere*, *ver*; *raDium*, *raio*.

Quando final de palavras estrangeiras, o **d** ora é pronunciado, como em *Gad*, *Nenrod*, *Cid*, ora não, como em *David*, *Madrid*, *Bagdad*. Uma vez que, nestas últimas palavras, o **d** não é pronunciado, tampouco deve ser escrito: *Davi*, *Madri*, *Bagdá*.

F

67 – Comumente originário do **f** latino, corresponde, outras vezes, ao **ph**: *PHasianum*, *f*aisão; e ao **b**: *buBalum*, búfalo.

Sempre que possível, impõe-se o aportuguesamento de palavras estrangeiras terminadas em *f*: *turfe*.

G

68 – Quase sempre proveniente de um **g** etimológico, outras vezes o **g** é consequência do abrandamento do **c duro** ou do **q** latinos: *Catum*, *g*ato; *ciConiam*, cegonha; *haC hora*, agora; *neC otium*, negócio. Outras vezes provém de um **v**: *Vastare*, *g*astar: de um **w**: *Werra* (palavra alemã, que quer dizer *contenda*), guerra; *Wilhelm*, *G*uilherme; de um **z**: *Zingiber*, *g*engibre; de um **t**, seguido da terminação breve *icum*: *viaTicum*, viagem; *silvaTicum*, selvagem.

O **g** é velar antes de **a**, **o**, **u**; é palatal antes de **i**, **e**; antes destas duas vogais o **g** pode também ser velar; para tanto intercala-se um **u**, que ora se pronuncia, ora não; é uma questão que apresenta sérias divergências de pronúncia em grande número de vocábulos nossos. Unicamente o uso é juiz neste ponto.

Era desconhecido dos latinos o som chiante: *ge*, *je*, *xis*, *chá*. O **g** para os latinos sempre tinha som duro, ainda que seguido de **e** ou de **i**; *angelus*, por exemplo, era por eles pronunciado *ânghelus* (= anjo).

O **g** soa brandamente no final de vocábulos estrangeiros: *Azag* (azágh').

O **g** intervocálico também cai na derivação popular: *liGamen*, *liame*; *leGalem*, *leal*; *ruGam*, *rua*; *reGem*, *rei*. Interessante é o caso da queda do **g** inicial de *germanum* que em português deu *irmão*.

J

69 – O **j** é resultante da degeneração do **i** latino, mas nem sempre corresponde a essa letra; podem produzi-lo:

1) o **h**, na combinação **hi** (ou *hy*); *HIerosolyman*, *J*erusalém; *HYacinthum*, *J*acinto; *HIeronimum*, *J*erônimo;

2) o **g**: *Gesiminum*, *j*asmim;

3) o **l**: *Lolium*, *j*oio;

4) as combinações *di*, *si*, *se*, *ve*, seguidas de vogal: *hoDIe*, hoje; *DIurnalem*, *j*ornal; *eccleSIam*, igre*j*a; *baSIum*, bei*j*o; *caSEum*, quei*j*o; *faSEolum*, fei*j*ão; *foVEum*, fo*j*o;

5) a vogal grega *ι* (ióta), diretamente ou através do latim, quando inicial seguida de outra vogal ou quando intervocálica sem formar ditongo; essa é a origem do *j* das palavras *Jônia*, *Déjoces*, *jaspe*, *jota*, *jerarquia* (ao lado da forma erudita *hierarquia*).

O som do **j** é sempre brando e invariável: *José*, *adjetivo*.

K

70 – O **k** é empregado em:

1) antropônimos provenientes de outras línguas e seus derivados portugueses: *Barak, Bismarck, Franklin, Kant, Kardec, Kepler, Kim, Shakespeare; kantismo, kantista, kardecismo, kardecista, kepleriano, shakespeariano;*

2) topônimos brasileiros e estrangeiros e seus derivados portugueses: *Brodowski, Kiangsi, Kiel, Kiev, Kuwait, Oakland, Oklahoma, Phuket, Presidente Kennedy, Topeka; kennediense, kuwaitiano;*

3) nomes oriundos de outros idiomas mantidos na forma original: *Kadosh, kiriê, Kíries, kümmel;*

4) siglas de empresas e organizações estrangeiras: *NHK, KGB, KLM;*

5) símbolos de elementos e substâncias químicas: Bk *(berquélio),* K *(potássio, do latim* kalium*),* IK *(iodeto de potássio),* Kr *(criptônio);*

6) abreviaturas: kg *(quilograma, quilo),* kl *(quilolitro),* km *(quilômetro),* K. O. *(do inglês* knock-out, *"fora de combate", termo do boxe).*

L

71 – Além do **l** originário, outras letras deram **l** em português:

1) o **n**: *aNimam*, *a*lma;

2) o **r**: *aRbitrium*, *a*lvitre;

3) o **d**: *juDicare*, ju*l*gar;

4) o **m**: *Memorare*, *l*embrar.

O **l** intervocálico geralmente cai na passagem do latim para o português, quando popularmente derivada a palavra: *coeLum*, *céu*; *saLire*, *sair*; *veLum*, *véu*.

Diferente é o som do **l** conforme venha colocado antes ou depois da vogal por ele modificada: *lago*, *algo*. Por isso é que a palavra *malestar* (resultante da junção do advérbio *mal* ao verbo *estar*) se pronuncia e se separa silabicamente *mal-es-tar* e não *ma-les-tar*, uma vez que o **l** modifica a vogal **a** a ele anteposta.

M

72 – O **m** só algumas vezes deixa de corresponder ao **m** originário. Isso acontece no final de certas palavras: *soNum*, so*m*; *boNum*, bo*m*; *siC*, si*m*; *neC*, ne*m*.

Quando posposto à vogal que ele modifica, o **m** transforma-se em mero sinal de nasalização: *embora* (= *ẽbora*), *com* (= *cõ*), *tempo* (= *tẽpo*). Em *emoldurar*, o **m** conserva seu valor literal, por estar modificando a vogal que se lhe segue e não a anteposta: *e-mol-du-rar*; mas em *bem-aventurado* o **m** constitui simples sinal de nasalização, por estar modificando a vogal que o antecede, o e, e não a que se lhe segue, o **a**; corretamente, assim se pronuncia essa palavra: *bẽ-aventurado*.

N

73 – Raríssimos são os casos em que o **n** deixa de corresponder a um **n** etimológico: *Libellum*, *n*ível; *Mespilum*, *n*êspera.

Acontece com o **n** o mesmo que com o **m** quando modifica a vogal que o antecede: *antes* (= *ã*-tes), *entre* (= *ẽ*-tre), *onze* (= *õ*-ze). Em *enumerar*, por estar modificando a vogal a ele posposta e não a anteposta, o **n** conserva seu valor alfabético: *e-numerar*. No final de certas palavras eruditas o som do **n** aproxima-se do som alfabético: *cóloN*, *hífeN*. Quando tais palavras passam a ser de uso generalizado, geralmente perdem o **n** final: *cacófato* em vez de *cacófatoN*, *léxico* em vez de *léxicoN*, *germe* em vez de *gérmeN*, *espécime* em vez de *espécimeN*, *certame* em vez de *certâmeN*, *regime* em vez de *regímeN*, *exame* e não *exâmeN*.

P

74 – O **p** tem origem noutro **p**, com exceção de poucos casos, como em so*p*rar, do *latim* su*FF*lare.

Quando não pronunciado, o *p* inicial não se escreve: *salmo*, *tisana* (e não *psalmo*, *ptisana*); note-se que em *tisana* o **p** inicial não era escrito nem na ortografia mista.

O mesmo se diga do **p** medial: *exceção*, *setembro*, *assunção* (e não *excepção*, *septembro*, *assumpção*).

Escrever-se-á sempre que for sonoro: *oPção*, *concePção*, *Pneumonia*.

Q

75 – É o **q** proveniente ou de um **q** (*q*ual de *q*ualem) ou de um **c duro** (*q*uente de *c*alentem, *q*ueda de *c*aída).

O **q** sempre se liga às vogais por intermédio de um **u**; este passa a fazer parte integrante do **q** e não entra na contagem das sílabas. Grande é a

confusão que o grupo literal **qu** traz para a pronúncia de nossas palavras, pois o **u** ora é pronunciado, ora não, sem nenhuma regra nem critério, tornando-se solução única para cada caso averiguar como a generalidade do povo pronuncia o vocábulo.

R

76 – Quatro podem ser as origens do **r** português:

1) um **r** originário: ma*r* de ma*r*e; *r*ei de *r*egem;

2) um **l**: *r*ouxinol de *l*usciniolam (de *luscus* e *canere*, que canta no crepúsculo); b*r*ando de b*l*andum;

3) um **d**: cig*rr*a de cica*d*am;

4) um **s**: Ma*r*selha (cidade da França) de Ma*s*siliam.

77 – **L** e **r** frequentemente se permutam. Em certas palavras essa troca já se arraigou: a*r*mazém provém de a*l*mazém (derivado árabe); alugue*l* (pl. *aluguéis*) emprega-se hoje em vez de alugue*r* (mais certo e praticamente a única forma usada em Portugal; pl. *alugueres*); b*r*ando tem origem em b*l*andum.

Noutras palavras vemos ora o **r** ora o **l**: f*l*auta (esta é a melhor forma) e f*r*auta; f*l*echa (forma mais usada) e f*r*echa. Em outras, essa troca constitui erro: def*r*uxo por def*l*uxo, e assim endef*r*uxado, quando o certo é endef*l*uxado (pronuncie "deflusso", "endeflussado"); desfa*r*car em vez de desfa*l*car; muitos exemplos poderia oferecer de palavras que são erradamente pronunciadas pelas crianças, como esta: qué*l*o em vez de que*r*o.

Rotacismo (**rô** é o nome do **r** grego) é o erro que consiste em empregar **r** em vez de **l**; o erro contrário, empregar **l** em lugar de **r**, chama-se **lambdacismo** (**lambda** é o nome do **l** grego).

S

78 – O mais das vezes, o **s** de nossas palavras corresponde a um **s** de origem: va*s*o (latim va*s*um), pe*s*o (latim pen*s*um).

Sempre que o étimo de uma palavra nossa acusar **s**, esta consoante deverá ser conservada em português; por isso é que não se justificam certas grafias, como *portugue*z, *ingle*z, *pêzames*, *apeza*r etc.; dado o étimo, com **s** devem ser essas palavras escritas. Temos muitas outras: a*s*a e não a*z*a (do latim an*s*am); mê*s* e não me*z* (do latim men*s*em); paí*s* e não pai*z* (do fr. pay*s*); trê*s* e não tre*z* (do latim tre*s*); gá*s* (fluido) e não ga*z* (do flamengo gee*s*); atrá*s*, atra*s*ar e não atra*z*, atra*z*ar (do latim tran*s*); qui*s* e não qui*z* (do lat. quae*s*ivi); pu*s*, pu*s*este, pô*s*, pu*s*emos, pu*s*estes, pu*s*eram e não pu*z*, pu*z*este etc. (do lat. po*s*ui, po*s*uisti, po*s*uit etc.); através (de a + transver*s*e); revé*s* (lat. rever*s*e) e não reve*z*; ao invé*s* (lat. inver*s*us) e não ao inve*z* (*vez* escreve-se com **z**, mas nada de comum tem com estas três últimas palavras).

Algumas vezes o **s** provém de **x**: en*s*aio (do latim e*x*agium), ân*s*ia (de an*x*iam); outras vezes é resultado da assimilação da primeira letra de um grupo consonantal: ge*ss*o de gy*p*sum; i*ss*o de i*p*sum (V. § 119); pode ainda resultar da alteração do **d** latino: pre*s*a de prae*d*am.

79 – Dois sons tem o **s**: *sibilante forte* e *sibilante brando*.

A) Tem som **sibilante forte**, que é o seu som literal, ou seja, correspondente ao que tem no alfabeto:

1) quando inicia palavra: *s*al, *s*apato, *s*alto;

2) nas palavras compostas, quando a parte começada com *s* é usada isoladamente, e então a palavra se escreve com dois **ss**: *reSSoar* (re + *s*oar), *reSSecar* (re + *s*ecar);

3) quando, no meio de palavras, vem precedido ou seguido de consoante: con*s*olação, den*s*o, fra*s*co, ha*s*te, rap*s*ódia.

B) Tem som **sibilante brando**, conseguintemente som acidental, correspondente ao do **z**:

1) quando se acha entre vogais: bondo*s*o, a*s*a, me*s*a, ca*s*a, pre*s*umir, re*s*umir etc.;

2) nas palavras cujo primeiro elemento é *trans*, visto constituir o *n* deste prefixo mero sinal de nasalização: tran*s*oceânico (= trã*s*oceânico), tran*s*igência (= trã*s*igência).

80 – Afora esses casos, outros há em que seu som varia; em *obSéquio* tem som acidental de **z**, mas em *subSídio*, *subSistência* tem som forte de **c**. O uso é o que nos deve, em tais casos, guiar; assim é que o **s** da palavra *casino*, não obstante vir entre vogais, tem o som sibilante forte. Quando explicações não houvesse dessa exceção (a pronúncia ca*ss*ino explica-se pela pronúncia do espanhol, que nos serviu de intermediário dessa palavra, tendo-a recebido do italiano), seria motivo bastante para justificá-la o seu uso generalizado; *cassino*, assim mesmo, com dois **ss**, devem grafar os que seguem o sistema ortográfico oficial.

Nota: Tratando-se de prefixo terminado em **s**, este terá o som de **z** quando se lhe seguir vogal, mas valerá dois **ss**, isto é, terá som forte, quando o elemento posposto ao prefixo tiver um **s** inicial etimológico. Em *tranSação* soa **z** porque o segundo elemento começa por vogal; em *tranSubstanciação* soa de maneira forte porque dois **ss** existem etimologicamente, ou seja, porque o segundo elemento tem um **s** etimológico, **s** este que desapareceu diante do já existente no prefixo (trans-*s*ubstanciação).

Outros exemplos do primeiro caso: tran*s*igir, tran*s*atlântico; do segundo; tran*s*udar, tran*s*umir.

T

81 – O **t** origina-se de outro **t**: *t*an*t*o de *t*an*t*um, *t*erra de *t*erram.

Conserva-se em certas palavras e locuções latinas usadas em português: defici*t*, superavi*t*, habita*t*, occipu*t*. – *Etc*., abreviação da locução latina *et cetera*, que quer dizer "e outras coisas", pronuncia-se *êd cétera*.

Nota: Se antes da conjunção *e* só se emprega vírgula quando o *e* não está a ligar os dois termos imediatamente contíguos ("Ele disse isso, e outras coisas poderia ter dito"), antes de *etc*. não

cabe o emprego de vírgula nem de *e*. Não há sentido em "... peras, maçãs e etc." nem em "... peras, maçãs, etc.".

Além de "e outras coisas", pode *etc.* significar "e outros da mesma espécie", "e o resto", "e assim por diante", ou seja, pode indicar que outras coisas (extensiva e abusivamente outras pessoas) que podiam ser mencionadas devem ser subentendidas: "Você poderá encontrar cobras, lagartos, aranhas etc.". V. *Et al.* no D. QVs.

V

82 – O **v** pode originar-se:

1) de um **v** etimológico: *v*idro de *v*itrum, *v*ida de *v*itam, se*v*ero de se*v*erum;

2) de um **f** (ou **ph**): tre*v*o de tri*f*olium (= três folhas), Cristóvão de Christo*ph*orum (= que transporta Cristo);

3) de um **b**: governo de gu*b*ernum, li*v*ro de li*b*rum;

4) de um **p**: esco*v*a de sco*p*am (em latim significa *vassoura*).

Há casos em que o **v** latino, quando intervocálico, desaparece: bo*v*em deu *boi*.

W

83 – Emprega-se o **w** em:

1) antropônimos provenientes de outros idiomas e seus derivados portugueses: *Darwin, Kawaguti, Wagner, Weiss, Werner, Wilson; darwinismo, wagneriano, wagnerismo;*

2) topônimos brasileiros e estrangeiros e seus derivados portugueses: *Alfredo Wagner, Frederico Westphalen, Milwaukee, Ottawa, Porto Walter, Wall Street, Wanderlândia, Wanderley, Waterloo, Washington, Westminster, Wisconsin; portowaltense, wanderlandiense, wanderleiense, westphalense;*

3) nomes oriundos de outros idiomas, mantidos ou não na forma original: *show, watt, wolfrâmio, wolframita;*

4) siglas de empresas, organizações e eventos estrangeiros: *CQ WW, TWA, WTCC;*

5) símbolos de elementos e substâncias químicas: *W* (tungstênio);

6) abreviaturas: *w* (watt), *kw* (quilowatt), *W. O.* (do inglês *walk-over*, termo da linguagem do esporte).

X

84 – O **x** representa cinco sons:

1) som alfabético, chiante: *x*adrez, *x*eque, *x*en*x*ém, pra*x*e, bai*x*o, gra*x*o, ve*x*ar, som este que era desconhecido dos romanos.

Nota: Não se confunda a palavra *xeque* (derivado árabe), que indica um lance do jogo de xadrez, com *cheque* (derivado inglês), que especifica título bancário, ordem de pagamento.

2) som de sibilante forte (**ss**): sinta*x*e, trou*x*e, a*x*ioma;

3) som de sibilante branda (**z**): e*x*ame, e*x*istir, e*x*ecrar, ê*x*ul (êzul), e*x*angue (ezângue);

4) som de **cs**: se*x*o, ne*x*o, complexo, into*x*icar, sílex, tóra*x*, índe*x* (V. nota do § 223);

5) som de **s**: te*x*to (têsto), flu*x* (flus), e*x*ceção (esseção), fêni*x* (fênis).

Observação:

Conservou-se o **x** em *todos* os cinco casos acima vistos; ninguém, pois, vá tirar o **x** de "exceção".

O **x** português pode provir:

a) dum **x** ou **xs**: en*x*ugar de e*x*ucare ou e*x*sucare (= tirar o suco);

b) da combinação **sc**: me*x*er de mi*sc*ere (= misturar), fai*x*a de fa*sc*iam;

c) de um **s**: be*x*iga de ve*s*icam, en*x*ertar de in*s*ertare, pu*x*ar de pulsare, en*x*abido de in*s*apidum, en*x*ofre de *s*ulphur;

d) de dois **ss**: gra*x*o de cra*ss*um (= espesso, grosso), ro*x*o de ru*ss*eum (= vermelho carregado);

e) do dígrafo inglês **sh**: *x*ampu, *X*angai, *x*erardizar, *x*erife, *x*ou.

Y

85 – O **y** é escrito em:

1) antropônimos provenientes de outros idiomas e em seus derivados portugueses: *Byron, Cary, Perry, Taylor, Yasmin, Yehudi, Yoshihiro, Yuri; byroniano, taylorista;*

2) topônimos brasileiros e estrangeiros e seus derivados portugueses: *Bayeux, City* (Londres), *Godoy Moreira, Oyo, Yokohama, Wyoming, York* (mas *Nova Iorque*), *Marigny, Paraty, Paty do Alferes, Ruy Barbosa, Savigny; bayeuxense* ou *bayeense;*

3) nomes oriundos de outros idiomas, mantidos ou não na forma original: *yang, yin, Yom Kippur, yorkshire-terrier, yuan, yuppie;*

4) siglas de empresas, organizações e eventos estrangeiros: *NYSE, NYT, YMCA, YYZ* (sigla para Toronto na aviação);

5) símbolos de elementos e substâncias químicas e de termos da Física e da Matemática: *Dy* (disprósio), *y* (segunda incógnita), *Y* (hipercarga, ítrio), *Yb* (itérbio);

6) abreviaturas: *yd* (jarda, jardas).

Z

86 – É grande a confusão existente entre o **z** e o **s**. Se o **s** quase sempre corresponde a um **s** originário, o **z**, além de equivaler a um **z** etimológico (*z*elador de *z*elatorem, *z*odíaco de *z*odiacum), pode ter mais quatro origens:

1) um **c** intervocálico: vo*z* de vo*c*em, pa*z* de pa*c*em, de*z* de de*c*em, di*z*er de di*c*ere, vi*z*inho de vi*c*inum, juí*z*o de judi*c*ium, ve*z* de vi*c*em, va*z*io de va*c*ivum;

2) a combinação **qu**: co*z*er de co*qu*ere, co*z*inha de co*qu*inam;

3) o grupo **ti**, seguido de vogal: pre*z*ar (de onde vem pre*z*ado) de pre*ti*are, ra*z*ão de ra*ti*onem;

4) o grupo **ph**: gon*z*o de gom*ph*um (= cavilha, prego).

Notas: 1ª – O sufixo **ez**, que denota qualidade ou estado, sempre se escreve com **z**, porque tem origem na terminação latina **itia**, onde encontramos o grupo **ti** seguido de vogal: pequeno+*ez* = pequen*ez*; surdo+*ez* = surd*ez*.

Duas observações se impõem: *a*) esse sufixo tende a confundir-se, se não a ser de todo substituído pelo sufixo **eza**: duro + *eza* = dur*eza*; belo + *eza* = bel*eza*; malvado+*eza* = malvad*eza*; *b*) não devemos confundir esse sufixo com a terminação **ês** ou com a terminação **esa**, provenientes de outras origens: *português*, *presa*, *defesa*, *despesa*, *empresa*, *represa* (§ 630.1, "esa").

2ª – É necessário distinguir "em vez de" de "ao invés de". *Em vez de* significa "em lugar de": "*Em vez de* estudar física, estude química", *Ao invés de* significa "ao contrário de": "*Ao invés de* ficar quieto, começou a responder-lhe".

A primeira locução – *em vez de* – pode ser usada nos dois exemplos dados, mas a segunda – *ao invés de* – denota sempre contraste, oposição; não pode ser empregada como simples sinônima da primeira. Não tem sentido dizer: "Paguei vinte cruzeiros ao invés de quinze", como sentido não tem dizer "Ao invés de sentar-se na cadeira sentou-se no banco".

Encontros Consonantais e Dígrafos

87 – Duas ou mais consoantes podem vir juntas na mesma palavra, mas com certa distinção. Quando, num grupo de duas consoantes, a segunda é **l** ou **r** (chamadas em outros idiomas consoantes líquidas), o encontro é mais forte, isto é, o grupo é mais uno: céreBRo, têneBRa, CLave. Em latim, a vogal que antecede tais grupos consonantais é breve na prosa, mas breve ou longa, à vontade do poeta, no verso.

Já noutros grupos tal união não se verifica; há mais separação entre as consoantes, e na pronúncia errada ou na derivação popular pode aparecer uma vogal: aD(e)Vogado, dificuL(i)Dade, fenômeno chamado *anaptixe* (ou *suarabácti*).

Outras vezes, duas consoantes ocorrem juntas como representantes de um único som; é o que se dá com o *ch*, com o *lh*, com o *nh*, e com as geminadas *rr* e *ss*, que por isso se chamam **dígrafos** (gr. *di* = dois, *grafo* = grafar). Em última análise, o dígrafo corresponde a uma deficiência do alfabeto, ou seja, à inexistência de uma só letra para indicar o som, o que pode acontecer também com o *qu* e com o *gu* (§ 38,6; § 63,2).

CH

88 – Este grupo tem som idêntico ao som alfabético do **x**, som inexistente em latim (o latim não possuía o som chiado).

Diversas podem ser suas origens:

1) o **pl**: *ch*ão de *pl*anum, *ch*eio de *pl*enum, *ch*uva de *pl*uviam, *ch*orar de *pl*orare, en*ch*er de im*pl*ere, *ch*antar de *pl*antar;

2) o **cl** e **scl**: *ch*ave de *cl*avem, ma*ch*o de ma*scl*um (ma*scl*um);

3) o **fl**: *ch*ama de *fl*ammam;

4) Mais uma fonte existe do **ch** chiante: o **ch** francês, que, por sua vez, provém de um **c** duro latino. Assim, o latim *c*apellum através do francês nos deu *ch*apéu; *c*arrucam deu em francês *ch*arrue e daí o português *ch*arrua.

LH

89 – A combinação literal ou *dígrafo* **lh** corresponde, quanto ao som, ao duplo **l** ou **l molhado** do espanhol: *llorar*, *llano*, *molla*, *manilla*, palavras que em espanhol se pronunciam *lh*orar, *lh*ano, mo*lh*a, mani*lh*a.

O grupo **lh** não existe em latim. No mais das vezes, corresponde ao **l** latino que tenha por função evitar hiatos: mu*lh*er de mu*l*ierem, fo*lh*a de fo*l*ia, mi*lh*o de mi*l*ium.

Nossos caboclos abrandam o hiato de maneira diferente: mu-*ié* por mu*lh*er, mí-*io* por mi*lh*o, fô-*ia* por fo*lh*a, à semelhança do **ill** francês: bata*ill*e (batá-*ie*), bata*lh*a; b*ill*et (bi-*ié*), bi*lh*ete, que nossos caboclos dizem bi-*i*ête; me*ill*eur (me-*i*êr), me*lh*or, que nossos caipiras dizem mi-*ió*.

O dígrafo **lh** tem às vezes origem num duplo **l** latino ou num duplo **l** espanhol: cente*lh*a de scint*ill*am, verme*lh*o de vermi*ll*um, embru*lh*ar do espanhol embro*ll*ar.

Outras vezes resulta das combinações:

1) **bl**: tri*lh*o de *triBuLum*, mediante queda do **u** postônico (**u** que vem depois da sílaba acentuada);

2) **cl**: abe*lh*a de *apiCuLam*; governa*lh*o de *gubernaCuLum*; arte*lh*o de *artiCuLum*; gra*lh*a de *graCuLum*; joe*lh*o (antigamente *geolho*) de *genunCuLum*; nega*lh*o (por *ligalho*) de *ligaCuLum*;

3) **dl**: ra*lh*ar de *raDuLare* (= raspar);

4) **gl**: te*lh*a de *teGuLam*;

5) **pl**: esco*lh*o de *scoPuLum*;

6) **tl**: ro*lh*a de *roTuLam* (= rodilha).

90 – Não havendo em português letra especial que representasse o som contínuo lingual molhado, criou-se o grupo **lh**. Eliminou-se, porém, o **h** que nesse grupo não formasse dígrafo; se antigamente se escrevia *filharmônico* (o **l** é letra final do primeiro elemento e o **h** letra inicial do segundo), hoje, sem perigo de erro de pronúncia, escrevemos tais compostos ou sem **h** ou com os elementos separados por hífen: *filarmônico*, *gentil-homem*.

NH

91 – É outro dígrafo inexistente em latim; se o **lh** corresponde ao **l** que tenha por função evitar hiato, o **nh** corresponde ao **n** de idêntica finalidade. Assim é que de se*n*iorem tivemos se*nh*or, de te*n*eo, te*nh*o, de ve*n*io, ve*nh*o.

O *nh* pode ainda ter origem:

1) num duplo **n**: gru*nh*ir de gru*nn*ire;

2) num **d**: ni*nh*o de ni*d*um;

3) na combinação **gn**: cu*nh*ado de co*gn*atum (= da mesma origem), le*nh*o de li*gn*um.

92 – Tal qual ocorreu com o **lh**, deixou-se de grafar o **h** do dígrafo **nh** sempre que o **n** constituísse letra final do primeiro elemento de um composto e o **h** letra inicial do segundo: *inábil*, *anelo*, *anelar*, *inalar*, *inóspito*, *inumano*.

Conclusões

93 – 1) Do estudo da origem e da pronúncia de nossas consoantes vemos a tendência que tem o nosso idioma de abrandar as consonâncias, preferindo a uma consoante forte latina a respectiva homorgânica branda em português. O francês e o espanhol, conquanto diferentemente, seguem esse processo; de exemplo sirvam-nos duas palavras latinas: *catum* em português deu, mediante abrandamento do **c** duro inicial, *gato*; o francês tam-

bém abrandou, mas em **ch** chiado: *ch*at; *plorare* em português se abrandou em *ch*orar e em espanhol em *ll*orar (lhorar). As terminações fortes latinas abrandam-se em português: felici*t*a*t*em, felici*d*a*d*e, ae*t*a*t*em, i*d*a*d*e; o **p** latino frequentemente se abranda em **b**: sa*p*ĕre, sa*b*er; ainda mais se abrandando, o **b** latino dá frequentemente **v**: ama*b*am, ama*v*a, passando a consoante de oclusiva para constritiva.

2) Vimos, no estudo do **f**, que *f*aisão é simplificação de *ph*asianum; acrescentamos agora que em *tisana* já ninguém escreve o **p** mudo inicial existente no latim *ptisanam*.

3) A eliminação do **h** inicial era fato já averiguado no próprio latim: *Annĭbal* é grafia corrente ao lado de *Hannĭbal*; *humĕrus* (ombro) frequentemente se grafava *umĕrus*. *Hariŏlus* aparecia frequentemente *Ariŏlus*.

4) V. no D. QVs. o verbete *Fonemas e letras*.

Questionário

1. Qual a diferença ou diferenças entre *vogal* e *consoante*? (§ 55).
2. Que significa a palavra *consoante*? (§ 55).
3. Que dizer do nosso alfabeto com relação às consonâncias que ele representa? (V. § 58).
4. Quando as consoantes são *oclusivas*?
5. Quando as consoantes são *constritivas*?
6. Quando as consoantes são *fricativas*?
7. Quando as consoantes são *laterais*?
8. Quando as consoantes são *vibrantes*?
9. Quando as consoantes são *bilabiais*?
10. Quando as consoantes são *labiodentais*?
11. Quando as consoantes são *linguodentais*?
12. Quando as consoantes são *alveolares*?
13. Quando as consoantes são *palatais*?
14. Quando as consoantes são *velares*?
15. Quando as consoantes são *surdas*?
16. Quando as consoantes são *sonoras*?
17. Quando as consoantes são *orais*?
18. Quando as consoantes são *nasais*?
19. A uma *consoante dobrada* que outro nome podemos dar? (§ 60, n.).
20. Dois exemplos de palavras em que entre *consoante intervocálica* (§ 60, n.).
21. Donde proveio o **c** inicial das palavras *c*aderno, *c*artola e *c*atorze?
22. Como se deve escrever: *Helvétia* ou *Helvécia*? Por quê?
23. Quando o **c** se diz cedilhado? (Resposta: "O **c** se diz cedilhado quando traz debaixo de si...).
24. Como pronunciar e escrever em português o nome da capital da Espanha?
25. Qual o étimo (= vocábulo etimológico, palavra originária) e quais os significados da palavra *jornal*? (§ 69, 4).
26. Separe silabicamente a palavra *malestar* (§ 71).
27. Está correta esta divisão silábica: *be-ma-ven-tu-ra-do*? Por quê?

28. Que diz desta grafia e acentuação: *específmen*?

29. Corrija, mediante auxílio do dicionário, as palavras grifadas dos seguintes textos:
O procedimento do menino foi muito *exprobado*. Afinal, aquilo era um *opróbio* para a família toda. – Que terrível castigo lhe foi *infringido*! – O pai do avô chama-se bisavô; o pai do bisavô, trisavô; o pai do trisavô, *tataravô*.

30. Que é *rotacismo*? Exemplos.

31. Que é *lambdacismo* ? Exemplos.

32. Escreva o pretérito perfeito de *pôr* e de *querer*. (Não se esqueça do que ficou dito no § 78.)

33. Por que a palavra *cassino* deve de preferência ser escrita com dois **ss**?

34. *Et cetera* como se abrevia e que significa? Explique a pronúncia dessa locução latina e indique os cuidados que se devem tomar no seu emprego.

35. Quantas e quais as consonâncias que o **x** representa? Exemplos.

36. *Xeque* e *cheque* são palavras diferentes? Que significam?

37. *Coser*, com a significação de costurar, escreve-se com **s** por vir do latim *conSuere*. Cozer, com a significação de "submeter à ação do fogo", por que se grafa com **z**?

38. *Presado* (= estimado) está corretamente escrito? Por quê?

39. Por que "ao invés" se escreve com **s** e "vez" com **z**? (§ 78; § 84, 1.)

40. Que é *dígrafo*? (V. o final do § 85.) – Alguns exemplos. (§ 87 e 89.)

41. Corrija a grafia destes verbos (estão na 3ª p. do sing.): *roba*, *cavoca*, *afroxa*, *estora*, *aleja*, *penera*.

*

Claros na numeração dos parágrafos têm por fim possibilitar em futuras edições algum acréscimo que se torne necessário.

CAPÍTULO 5

TONICIDADE ORTOEPIA PROSÓDIA

A) – Sílaba

95 – É a **prosódia** a parte da **FONÉTICA** que estuda os acentos.

As palavras requerem, para a sua exata pronunciação, conhecimento de todos os sons que, um a um, concorrem para sua formação. Este estudo insulado dos sons, quer vogais, quer consonantais, foi o que acabamos de fazer; da reunião desses sons obtêm-se, primeiramente, as *sílabas*, que se pronunciam de uma só emissão de voz; **sílaba** é, pois, o som ou a reunião de sons que se pronunciam de uma só emissão de voz. Da reunião das sílabas obtêm-se os *vocábulos*: *au-tor*, *ca-iu*, *in-tui-to*, *ní-ve-o*, *tê-nu-e*. O estudo da tonicidade dos sons assim reunidos, ou seja, da correta pronúncia das palavras constitui o objeto da **prosódia**; o estudo da correta pronúncia dos sons isolados (boa emissão das vogais, boa articulação das consoantes) chama-se **ortoepia**.

96 – O vocábulo, de acordo com o número de sílabas, diz-se:

a) **monossílabo**, quando de uma única sílaba (gr. *mônos* = só, único): *pó*, *só*, *já*, *os*, *as*, *me*;

b) **dissílabo**, quando de duas sílabas (gr. *dis* = dobro): *mor-to*, *vi-vo*, *ti-o*;

c) **trissílabo**, quando de três sílabas (gr. *tris* = triplo): *má-go-a*, *pa-li-to*, *por-tu-guês*;

d) **polissílabo**, quando de mais de três sílabas (gr. *polýs* = numeroso): *qua-drú-pe-de*, *cons-ti-tu-i-ção*.

B) – Acento

97 – Dividiam, ainda, os gregos e os latinos as sílabas em **breves** e **longas**, ou seja, quanto à *quantidade*. **Breves** chamavam-se as que ocupavam um só tempo na prolação, e **longas** as que ocupavam dois. É este um ponto muito importante em grego e em latim para a versificação. Se entre nós os versos se fazem pelo *número* de sílabas (§ 1003 e ss.), naquelas línguas o verso se baseia na *quantidade* silábica. Pela *natureza* da vogal ou pela *posição* que ela ocupa no vocábulo, sabe-se se ela é *breve* ou *longa*.

Praticamente pode-se isso saber de um bom dicionário latino; a vogal que em cima traz uma meia lua (◡) é *breve*; a que vem encimada de um traço horizontal (—) é *longa*.

Quantidade é, pois, em latim, o tempo que uma sílaba leva para ser pronunciada.

98 – Em português não se leva em consideração a *quantidade* das sílabas; quando entre nós se diz que uma sílaba é *breve*, pretende-se com isso significar que ela não é acentuada, da mesma maneira que uma vez acentuada diz-se *longa*, coisa que não condiz com o que realmente se deveria entender por *quantidade silábica*. No grego e no latim o *acento tônico* de um vocábulo depende da *quantidade* das suas sílabas, ao passo que em português se dá o inverso: a *quantidade* das sílabas de um vocábulo depende do seu *acento tônico*.

99 – Se, em geral, todas as sílabas devem ser pronunciadas para que se obtenha boa pronúncia do vocábulo, uma sílaba existe em todos os vocábulos, cujo conhecimento é indispensável: a **sílaba tônica**. Assim se denomina, dentre as sílabas que formam o vocábulo, aquela sobre a qual recai o *acento tônico* da palavra, isto é, aquela cujo *tom* (lat. *tonus*, donde *tônico*) predomina; as outras, então, dizem-se **átonas**.

Uma sílaba átona será **pretônica** ou **postônica** se vier antes ou depois da sílaba tônica:

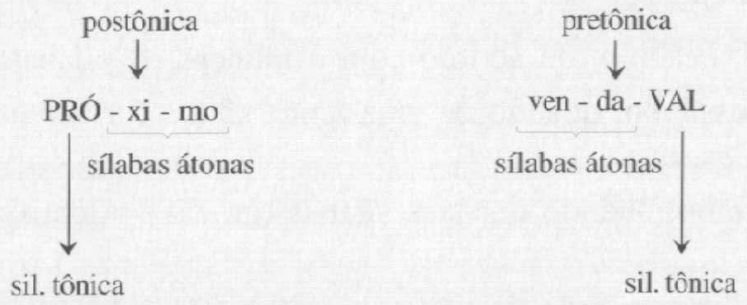

100 – Do latim **ad**, preposição que significa *com*, *junto de*, mais *cantum*, do verbo *cano* (= cantar), a palavra *acento* significa *harmonia*,

acompanhamento, mas hoje se adota para especificar o *icto*, ou seja, o *golpe* que se dá à voz no pronunciar-se determinada sílaba de uma palavra.

Não se confunda **acento tônico** (também denominado *acento prosódico* ou *icto*) com **acento diacrítico** (gr. *diacriticós* = apto a distinguir), ou seja, com os sinais gráficos com que se indicam os valores das vogais: *acento agudo* (´), *acento grave* (`), *acento circunflexo* (^) e *til* (~), que iremos estudar no § 132 e ss.

101 – O acento tônico pode, em português, ocupar três posições, recaindo ou na *última* ou na *penúltima* ou na *antepenúltima* sílaba. Segundo esses três casos, classificam-se os vocábulos em:

1º) **Oxítonos**, quando o acento tônico está na *última* sílaba: *u-ru-BU*, *na-RIZ*, *fei-JÃO*.

2º) **Paroxítonos**, quando o acento tônico cai na *penúltima* sílaba: *MA-to*, *re-NHI-do*, *sa-cer-DO-te*.

3º) **Proparoxítonos**, quando recai o acento tônico na *antepenúltima* sílaba: *Ó-ti-mo*, *CÂN-di-do*, *ca-PÍ-tu-lo* (V. § 50, n. 3).

102 – **Vocábulos átonos** – **Vocábulos tônicos**: São **átonos** os vocábulos sem acentuação própria, isto é, os que não têm autonomia fonética, apresentando-se como sílabas átonas do vocábulo seguinte ou do vocábulo anterior: *me*, *te*, *se*, *em*, *de* e outros, sobre os quais a voz passa sem se apoiar.

São **tônicos** os vocábulos com acentuação própria, isto é, os que têm autonomia fonética: *só*, *Deus*, *casa*, *estudo*.

Pode ocorrer que, conforme mantenha, ou não, sua autonomia fonética, o mesmo vocábulo seja átono numa frase, porém tônico em outra: "Quero *que* saia" (átono) – "Quer o *quê*?" (tônico).

Tal pode acontecer, também, com vocábulos de mais de uma sílaba: serem átonos numa frase ("Não fiz *porque* não pude"), mas tônicos em outra: "Quero saber o *porquê* disso".

103 – Quando se apoia no acento do vocábulo posposto, o vocábulo átono diz-se **proclítico** (*pro* = para frente, *clísis* = inclinação):

Ele *me dis*se. Já *lhe* con*tei*.

Quando se apoia no vocábulo anteposto, o vocábulo átono chama-se **enclítico**: man*da*ram-me, *fiz-lhe*.

Palavras enclíticas são, pois, as que para efeito de acentuação se apoiam na palavra anteposta; proclíticas são as que se apoiam no acento da palavra posposta.

104 – Dentro de nossa língua, é impossível enfeixar as nossas palavras em regras especiais que determinem o seu acento. Em regra geral, este é dado aos nossos vocábulos de conformidade com o acento que têm na língua de origem e não de acordo com a terminação ou qualquer característico no próprio português. Assim, se dizemos que *Gibraltar* é *oxítono* e *Amílcar paroxítono* (palavras de idêntica terminação) é por ser esse o acento etimológico.

Desde que a quase totalidade de nossas palavras provêm do latim, é de muita importância conhecer as regras de prosódia dessa língua. Este ponto é tão importante e ao mesmo tempo tão simples que aqui vamos expor as regras, ou melhor, a regra de prosódia latina, recomendando ao aluno que veja antes o que ficou no § 97. Em latim, quando a penúltima sílaba de um vocábulo é breve, o acento recua para a antepenúltima; quando a penúltima for longa, o acento cairá sobre ela. Suponhamos querer o aluno tirar a limpo o verdadeiro acento da palavra *prototipo*; bastar-lhe-á abrir um bom dicionário latino, que aí verá a sigla breve (◡) sobre a penúltima sílaba – *tŷ* – sinal de que o acento deverá recuar para a sílaba *to*: *proTÓtipo*. Fosse o acento de *ibero* que quisesse averiguar, veria que o acento certo em português é *ibéro*, por ser longa a penúltima sílaba, o que se indica por meio de um tracinho: *bē*. Há, no entanto, certas palavras em que o acento errado se consagrou:

orgia (port.) – orgia (latim)
ídolo (port.) – idolo (latim)
acônito (port.) – aconito (latim)

105 – Para evitar possíveis silabadas, aqui estão umas tantas palavras, agrupadas de acordo com o acento que mais lhes convém e, para maior clareza, com o respectivo sinal diacrítico.

Oxítonas

Belvedér (nome próprio de lugar; não confundir com *belvedere*, paroxítono e de *e* fechado)

Chancelér (xan-sse-lér)

Gibraltár

Hangár

Harêm

Refêm

Sutil (= tênue)

Paroxítonas

Acórdão
Ámen (acento latino, ao lado do popular *amêm*)
Apoteóse
Batávo
Bênção
Bolívar
Bômbix (bôn-biks)
Bórax (bó-raks)
Cânon (ou *cânone*)
Choromândel (pronuncie *xo*)
Cível (*civil* é oxítono)
Decâno
Díspar
Fêmur
Fênix (fênis)
Filantrôpo
Fléxil (fléksil)
Frângão
Getúlo
Gólfão
Grácil
Ibéro
Libído
Líquen (líken)
Lódão
Misantrôpo
Orégão
Órfão
Órfã
Pegáda
Períto
Projétil
Pudíco
Púgil
Réptil
Rubríca
Sóror
Sótão
Súlfur
Sútil (subst. = cabana; adj. = cosido, costurado)
Tórax (tóracs)
Uréter
Vítor

Proparoxítonas

Ádito
Aeródromo
Ágape
Álacre
Alcáçova
Antífrase
Antístrofe
Arquétipo
Areópago
Aríete
Atlântida
Azáfama
Bátega
Brâmane
Cômputo (substantivo)
Crisântemo
Drúida
Édito
Energúmeno
Ênfase
Epíteto
Ésquilo (nome próprio)
Êxodo (êzodo)
Gárrulo
Gênese
Górgona
Grandíloquo
Hipódromo
Horóscopo
Híades
Ignívomo
Íngreme
Ínterim
Ládoga
Lúcifer
Madrépora
Módena
Niágara
Notívago
Óbice
Oceânia
Ômega
Orquídea
Partênope
Pérfuro
Pérgamo
Perífrase
Pródromos
Prófugo
Prônubo
Protótipo
Quasímodo
Sátrapa
Sêneca
Síndrome
Végeto
Velódromo
Zéfiro

Nota: Outras exigem cuidado; *edito*, p. ex., será paroxítono ou proparoxítono conforme a significação. V. *Dicionário de Questões Vernáculas*.

106 – Acento principal – Acento secundário: Acontece haver em certos vocábulos, além do acento tônico que predomina na palavra, acento que então se diz acento **principal**, um segundo acento, *secundário*. Tal se dá em compostos cujo primeiro elemento conserva o acento que lhe é próprio.

Assim, no advérbio *subitamente*, além do acento tônico na sílaba *men*, existe um segundo acento na sílaba inicial, motivado pela acentuação própria do adjetivo "s*ú*bito". Este segundo acento chama-se *secundário* e a sílaba sobre que ele recai chama-se **sílaba subtônica**. A perfeita pronúncia desta palavra requer obediência aos dois acentos: s*ú*bita*mên*te; seria mal pronunciada se deslocássemos o acento secundário para a segunda sílaba: su-*bí*-ta-*men*-te.

Outros exemplos: *sotéropolitano* e não *sóteropolitano* (o nascido em Salvador, capital da Bahia); *hemócitológico* e não *hêmocitológico* nem *hemocítológico*; *antrôpologia* e não *ântropologia*; *áerovia* e não *aérovia* (o *e* se separa do *a* inicial: *á-e-ro* e não *áiro*); *áeroplano* (á-e-ro) e não *aéroplano*.

Note-se que os sinais diacríticos indicativos da subtônica foram abolidos pelo Decreto nº 5.765, de 18 de dezembro de 1911. (V. nas primeiras páginas, na parte dos ACENTOS, o que está em CIRCUNFLEXO, B, 1 e em GRAVE, B.).

107 – Acento rizotônico – Acento arrizotônico: O acento tônico é **rizotônico** quando cai no radical da palavra, que então se diz **rizotônica**: *fútil*, *louvo*. É **arrizotônico** quando cai depois do radical, e a palavra então se diz **arrizotônica**: *fútil-idade*, *louv-emos*.

Questionário

1. Que é *sílaba*?
2. Separe as sílabas dos seguintes vocábulos: *chapéu*, *pavio*, *sentiu*, *influi*, *tênue*. (Não acertará a resposta o aluno que não tiver estudado os quadros dos parágrafos 49 e 50.) Não confunda número de sílabas com hifenização.
3. Que vem a ser *dissílabo*? Exemplos.
4. Quando um vocábulo é *polissílabo*?
5. Que se entende, no estudo das sílabas, por *quantidade*? Por outras palavras: Que vêm a ser *sílaba longa* e *sílaba breve*?
6. Que é *sílaba tônica*?
7. Que são *sílabas átonas*? Exemplo.
8. Dê a definição de *acento*.
9. Que são *acentos diacríticos*?
10. Com relação ao acento tônico, como podem ser as palavras em português? Definições e exemplos.
11. Que são palavras *enclíticas*?
12. Palavras de igual terminação podem ter acento diferente? Por quê? (V. começo do § 104.)
13. Qual a regra latina de acentuação?
14. Tem dúvida sobre a acentuação de alguma palavra?
15. Que é *acento secundário* e como se chama a sílaba sobre que ele recai?
16. Dois exemplos de palavras em que, além da tônica, haja uma *sílaba subtônica*.
17. Quando o acento é *rizotônico*, e quando é *arrizotônico*?

CAPÍTULO 6

METAPLASMOS

110 – Existe uma parte da gramática histórica, que precisamos aqui estudar; é a relativa às *transformações* ou *alterações* que os vocábulos sofrem *sem que seu sentido se altere*. Diversas espécies há dessas transformações, mas um nome existe que a todas elas se aplica: **Metaplasmo** (gr. *metaplasmós* = transformação). *Metaplasmo* é, pois, o nome que se dá às várias espécies de transformações ou alterações que os vocábulos sofrem sem que se altere o seu sentido.

Essas transformações, também denominadas *figuras de dicção*, não se fazem a revelia, por esta ou aquela pessoa, mas, sim, pelo uso generalizado. Os metaplasmos, além de limitados pelo uso, são restritos a certas palavras, conforme passaremos a ver.

111 – Os diversos casos de alterações prosódicas efetuam-se de uma destas maneiras: ou por *adição*, ou por *subtração*, ou por *substituição*, ou por *transposição* de sons.

Adição

112 – O **acréscimo** de sons aos vocábulos pode efetuar-se no *princípio*, no *meio* e no *fim* do vocábulo. Em cada um desses casos, o *metaplasmo* tem denominação especial:

A) **Prótese** (gr. *próthesis* = colocação anterior) – É o metaplasmo que consiste no acréscimo de uma letra ou sílaba no começo do vocábulo:

*a*figurar (figurar)	*a*lembrar (lembrar)	*a*rrenegar (renegar)	*a*voar (voar)
*a*lâmpada (lâmpada)	*a*levantar (levantar)	*a*rrodear (rodear)	
*a*lanterna (lanterna)	*a*limpar (limpar)	*a*ssoalho (soalho)	

Observações:

1ª – Lembramos aqui e em todos os metaplasmos o que dissemos no início do § 110: "Estas alterações se produzem *sem que se altere o sentido do vocábulo*". Assentado isso, de forma alguma se pode considerar caso de prótese a palavra *acatólico*, porque o *a* inicial está modificando o sentido da palavra *católico*; é partícula que, nesse vocábulo, traz-lhe ideia de negação (*a* = não) – V. § 630.0, n. 1.

2ª – Palavras que em línguas estrangeiras começam por "s" **impuro** (Assim se denomina o **s** que, vindo no início da palavra, é seguido de consoante e não de vogal: sport, Stokholm) devem receber em português um **e** inicial, que nesse caso se chama "e" **protético** (ou *eustômico*); exemplos: *e*stoque (ingl. *stock*), *e*sporte (ingl. *sport*), *E*stocolmo (*Stockholm*, capital da Suécia), *e*spontâneo (lat. *spontaneum*).

Esse é o motivo por que não podemos escrever *expontâneo*, *explêndido*, uma vez provenientes de palavras latinas começadas por **s** impuro.

B) **Epêntese** (gr. *epénthesis* = inserção) – Consiste no acréscimo de um som ou letra no *meio* da palavra:

Ma*v*orte (*Marte*, deus da guerra) — fra*l*da (*falda*)
est*r*alar (*estalar*) — lis*t*ra (*lista*)

C) **Paragoge** (gr. *paragogé* = colocação posterior) – Consiste no acréscimo de uma letra ou sílaba no *fim* do vocábulo:

mártir*e* (*mártir*) — felic*e* (*feliz*)

Observação:

Mavorte, *mártire*, *felice* e outros acréscimos não constituem, rigorosamente, *figuras de dicção*; são formas usadas no português antigo, que hoje só se empregam como *licenças poéticas*, isto é, como liberdades de que só em poesia se pode lançar mão.

Subtração

113 – A subtração de sons, da mesma maneira que a *adição*, pode operar-se no *princípio*, no *meio* e no *fim* do vocábulo, donde mais três espécies de *metaplasmos*:

A) **Aférese** (gr. *aphaíresis* = espoliação) – Consiste na supressão de uma letra ou sílaba no *início* da palavra:

té (*a*té) — *Zé* (*J*osé) — *inda* (*a*inda)

Observação:

Não se vá citar um mesmo exemplo tanto para *prótese* quanto para *aférese*. *Zé* é aférese de *José*, mas *José* não é prótese de *Zé*, porque *José* não é metaplasmo. Os exemplos de todos os metaplasmos representam fenômenos operados dentro do português.

B) **Síncope** (gr. *syncopé* = corte) – Consiste na supressão de uma letra ou sílaba no *meio* da palavra:

imígo (*i*nimigo) — *mór* (m*a*ior) — *soidão* (so*l*idão) — *per'la* (pér*o*la)

Nota: Lembramos aqui, e para a *aférese*, a observação deixada na letra ***C*** do parágrafo antecedente.

C) **Apócope** (gr. *apocopé* = amputação) – Consiste na supressão de uma letra ou sílaba no *fim* do vocábulo:

grã, *grão* (grand*e*) *val* (val*e*)
bel (*belo*) *dês* que (des*de* que) *mui* (mui*to*)

Notas: 1ª – Em português regra nenhuma existe para o emprego de *mui* em lugar de *muito*, mas poderemos, segundo a eufonia, empregar *mui* somente como advérbio: *mui* pouco, *mui* sorrateiramente.

2ª – A forma apocopada "são" emprega-se antes de nomes começados por consoante: *São Francisco*, *São José*.

"Santo" precede nome começado por vogal ou *h*: *Santo Antônio*, *Santo Henrique*.

São exceções, talvez por influência do espanhol, *Santo Tomás*, *Santo Tirso*, *Santo Cristo*. *Santo* é ainda a forma que se usa quando antes de outro título (*Santo* Frei Gil) ou referente a patriarcas do Velho Testamento: *Santo* Jeremias, *Santo* Jó.

Com os nomes próprios femininos usa-se somente a forma *santa*: *Santa Cecília*, *Santa Inês*.

114 – Há dois casos especiais de *apócope*, que são estudados separadamente:

A) **Sinalefa** (gr. *synaloiphé* = fusão) – Consiste na *fusão* de duas palavras, mediante supressão da última vogal da primeira palavra:

do (d*e* + o) *lho* (lh*e* + o) *estoutro* (est*e* + outro)
minh'alma (minh*a* + alma) *nestúltima* (nest*a* + última)

Observação:

Era largamente usado o *apóstrofo* (') para indicar a *sinalefa*; hoje a tendência é eliminá-lo, principalmente nos casos em que a fusão se opera entre preposições e artigos ou entre pronomes. Há até casos em que o seu emprego não se justifica: Em *n'o*, *n'um*, combinações da preposição *em* com os artigos *o* e *um*, o que realmente desapareceu foi o *e* inicial; pelo que, coerentemente assim se deveriam escrever: *'no*, *'num*. Para não incorrer nessa esdruxulez, a ortografia oficial eliminou o apóstrofo das combinações das preposições *de* e *em* com artigos, pronomes pessoais, demonstrativos, indefinidos e com alguns advérbios: *do*, *dum*, *no*, *num*, *dalgum*, *nalgum*, *dele*, *nela*, *dalgures* etc.

B) **Ectlipse** (gr. *ecthlípsis* = ato de esmagar; pronuncie *ect-lípse*) – Consiste na supressão do *m* final da preposição *com* diante de vocábulos começados por vogal: *co'o* ou *c'o* (*com* + o), *co'um* (*com* + um) – V. § 137.

Nota: A *ectlipse* só é usada na conversação comum e na poesia.

Substituição

115 – A **substituição** (ou *permuta*) consiste na troca de um som (ou letra) por outro, e pode efetuar-se de duas maneiras: por *crase* e por *assimilação*.

116 – **CRASE** (gr. *crásis* = mistura) é a fusão escrita e oral de duas vogais idênticas.

Nesse sentido, a palavra *crase* pode ser aplicada às grafias *têm* (em vez de t*ee*m, 3ª pess. pl. do ind. pres. do v. *ter*), *vêm* (em lugar de v*ee*m, 3ª pess. pl. do ind. pres. do v. *vir*), mas essa denominação visa a especificar principalmente a contração ou fusão da preposição *a* com:

1º) o artigo definido ou pronome substantivo feminino átono *a*, *as*;

2º) os demonstrativos *aquele*, *aquela*, *aqueles*, *aquelas* e *aquilo*.

Essa contração expressa-se, na grafia, mediante o acento grave: *à*, *às*, *à*quele, *à*quela, *à*queles, *à*quelas e *à*quilo.

à = *a* + *a*

preposição artigo ou pronome

Dessa explanação depreendem-se as regras para o perfeito uso da crase:

1ª regra – É **condição essencial**, "sine qua non", que a crase venha **ANTES DE PALAVRA FEMININA**.

Dessa maneira, **de nenhum modo** poderemos usar crase antes de nomes masculinos. Erros gravíssimos constituem formas como estas: Ele foi *à* pé – Isto pertence *à* seu irmão – Compras *à* prazo – porquanto *pé*, *irmão* e *prazo* são palavras de gênero masculino. Sendo a crase a contração da *preposição a* com o *artigo feminino a*, como crasear o *a* antes de nomes masculinos, se o artigo destes nomes é *o*? Nessas locuções o *a* é simplesmente preposição.

Pela mesma razão, não se pode crasear o *a* antes dos *verbos*, porque são considerados do gênero masculino: Ele está *a* morrer – Ele se pôs *a* gemer – e nunca: Ele está *à* morrer – Ele se pôs *à* gemer.

2ª regra – É necessário que a palavra **DEPENDA DE OUTRA QUE EXIJA A PREPOSIÇÃO "A"**. Erro seria na frase "*A rosa murchou*" crasear o *a*, porquanto *rosa* é sujeito e o *a* que o antecede é simples artigo.

3ª regra – É necessário que a palavra **ADMITA O ARTIGO FEMININO "A"**. Na frase: "Ele foi *a* Roma" – não podemos crasear o *a* que antecede *Roma* porque ela não admite antes de si o artigo feminino *a*. Diz-se: "Roma é cidade linda", e não: "*A* Roma...". Prova isto que o *a* da oração "Ele foi *a* Roma" é simples preposição, e não pode, conseguintemente, ser craseado.

Nota: Todavia, quando queremos particularizar, empregamos a crase. Exs.: Refiro-me *à Roma de César* – Reporto-me *à Lisboa de Camões* – porque se diz: "*A* Roma de César foi opulenta" – "*A* Lisboa de Camões criou fama".

No tempo de Camões não havia o sinal gráfico indicativo da combinação de dois *aa*: "Que fez fazer aas outras companhia" (III, 68) – "Notauel aa condessa fez de Frandes" (VI, 68).

117 – Regras práticas para o emprego da crase:

1ª regra prática – Existe uma regra prática que é, na maioria das vezes, ótima norma para o emprego da crase: *Emprega-se a crase sempre que, substituindo-se o vocábulo feminino por um masculino, aparece a combinação "ao" antes do nome masculino*. Suponhamos haver dúvida em crasear o *a* na oração: "Eu vou *a* cidade". Uma vez que se diz: "Eu vou *ao* teatro" – na oração "Eu vou *a* cidade" *deve* ser craseado o *a*.

Para que se possa aplicar essa regra prática, é necessário o cumprimento de todas as regras anteriores; assim, em: "Eu vou *a* Roma", de nada valerá aplicar a regra prática, uma vez que *Roma* não admite antes de si o artigo feminino.

Da mesma maneira, não se emprega a crase quando, substituindo-se na locução o nome feminino por outro masculino, não aparece a forma *ao*; por isso é que não se craseia o *a* da expressão: "Ele foi ferido *a* bala", porque não se diz: "Foi ferido *ao* cacete", mas sim "ferido *a* cacete", o que vem demonstrar que o *a* nessa frase é apenas preposição. Assim, não se pode grafar: "Escrever uma carta *à* máquina, *à* mão, *à* tinta", porque não se diz: "Escrever uma carta *ao* lápis". Não se grafa "pagamento *à* vista" mas "pagamento *a* vista" (não se diz pagamento *ao* prazo; não há determinação); grafa-se, porém, "O resultado está *à* vista de todos", porque se diz "O resultado está *ao* alcance de todos" (= *na* vista de todos; há determinação).

2ª regra prática – Craseia-se o *a* de uma frase quando pode ser substituído por *para a*, *na*, *pela*, *com a*, ou, de conformidade com o caso, por qualquer preposição acompanhada do artigo *a*; assim, craseia-se o *a* em: "Dei isso *à* Casa de Misericórdia", porque se pode dizer: "Dei isso *para a* Casa de Misericórdia". "Estou *às* portas da morte", com crase no *as*, porque se poderia dizer: "Estou *nas* portas da morte". "*Às* três horas", porque se pode dizer: "*Pelas* (per + as) três horas" (a pequena mudança de sentido nessas substituições não impede a aplicação da regra).

Nota: A 1ª condição essencial, vista no parágrafo anterior ("De nenhum modo poderemos usar crase antes de nomes masculinos"), diz respeito à contração da preposição *a* com o artigo ou pronome *a*, *os*. Tratando-se de *aquele*, *aquela*, *aqueles*, *aquelas*, *aquilo*, basta que haja a preposição *a* antes dessas palavras para que ocorra a crase. Se na expressão "para aquele menino" substituirmos o *para* por *a*, teremos dois *aa* seguidos, que deverão contrair-se: *a aquele* = *àquele*. Não importa, nos casos em que aparece esse demonstrativo, o gênero gramatical. Exemplos: "Dei um lápis *àquela* menina" – "Recorri *àquele* homem" – "Refiro-me *àquilo*".

Os verbos desses exemplos exigem a preposição *a*, a qual, vindo encontrar-se com o *a* que inicia o demonstrativo, com ele se funde.

118 – Conclusões do estudo da crase:

1ª – Será livre o emprego da crase quando livre for o emprego do artigo feminino. Em: "Dei isto *a* minha irmã" fica à vontade do autor o emprego da crase, porque tanto, nesse caso, empregamos o artigo feminino ("A minha irmã não está"), como o deixamos de fazer ("Minha irmã não está"). Se o possessivo estivesse no plural, como na oração: "Dei isto *às* minhas irmãs" – deveríamos sem dúvida crasear o *as*, o que evidentemente demonstra a 1ª regra prática: "Dei isto *aos* meus irmãos". O *s* indica a presença de artigo.

2ª – Unicamente quando ficar comprometida a clareza da frase é que poderemos fugir das regras acima; é dificil atinar com o significado da sentença: "Fique a vontade em seu lugar", onde não sabemos se *a vontade* é sujeito ou locução adverbial. Se queremos dizer: "Fique *você* a vontade", isto é, *a gosto*, podemos crasear o *a*, embora de encontro a todas as regras acima expostas: "Fique *à* vontade em seu lugar".

3ª – Em expressões como "Vestir-se *à* Luís XV" – "Móveis *à* Luís XIV" o *a* aparece craseado, por modificar a palavra feminina *moda*, oculta nessas frases: Vestir-se *à* (moda de, pela moda de) Luís XV – Agiram *à* palhaços de circo.

Esse fenômeno se dá todas as vezes em que nomes próprios masculinos constituem denominações de coisa do gênero feminino: "Dirigi-me *à* Gustavo Barroso" (= *à fragata* Gustavo Barroso) – "Vou *à* Melhoramentos" (= *à Companhia* Melhoramentos).

Nos exemplos desta 3ª conclusão estão realmente subentendidos os nomes femininos citados (*fragata*, *companhia*), porque eles realmente existem nessas denominações; trata-se de elipse real e não de elipse forçada. Esclarecemos isto porque há quem ponha crase em "Vou *a* Santos", alegando estar subentendida a palavra *cidade* – o que é totalmente falso.

4ª – O *a*, quando seguido de nome plural, é mera preposição; não pode, por isso, levar crase: "Quanto *a* referências..." – "Chegou *a* vias de fato" – "Daremos *a* pessoas dignas...".

5ª – Possuímos duas palavras femininas que, ordinariamente, não admitem o artigo: **casa**, na acepção de morada, residência: "Vim *de* casa" – "Estive *em* casa" – "Ó *de* casa" – são expressões que mostram claramente a não existência do artigo antes do vocábulo *casa*, pois do contrário as expressões seriam "Vim *da* casa" – "Estive *na* casa" – "Ó *da* casa". Daqui facilmente concluiremos ser erro crasear o *a* antes dessa palavra, **quando empregada com o sentido de lar, residência, domicílio**: "Eu vou *a* casa", e não: "Eu vou *à* casa".

Se, porém, o vocábulo *casa* vier seguido de uma especificação qualquer, como "A Casa X", "A casa de Pedro", é admissível e necessária a crase (quando, naturalmente, essa palavra estiver em relação complementar). "Fui *à* Casa Anglo-Brasileira" – "Dirigi-me *à* casa de Pedro" – "Irei *à* Casa da Moeda" – pois, aplicando-se a segunda regra prática, diremos: "Estive *na* Casa da Moeda" – "Vim *da* casa de Pedro".

6ª – Outro caso de supressão do artigo se dá com a palavra **terra** na acepção de *chão firme*, empregada para contrastar com o elemento movediço do mar: "Estive *em* terra" – "Iremos *por* terra". Portanto, dadas as mesmas razões que aduzimos no caso anterior, devemos escrever: "Levamo-lo *a* terra" (e não *à*) – "Chegamos ainda hoje *a* terra" (e não *à*).

7ª – O emprego da crase antes de **nomes próprios femininos** obedece à possibilidade ou não do artigo: se antes de nomes próprios femininos de pessoas íntimas por relações de parentesco, amizade ou política empregamos o artigo (*a* Maria, *a* Laura, *a* Noemi, *a* Chiquinha), é claro que esses nomes, quando em relação complementar, devem vir precedidos de *a* craseado: "Vou levar isto *à* Maria" – "Darei o dinheiro *à* Laura" – "Direi isso *à* Noemi" – "Entregue o documento *à* Chiquinha". Se, porém, costumamos referir-nos a essas pessoas conhecidas sem empregar artigo (Laura está doente – Maria não veio), é também claro que esses nomes, quando em relação complementar, não devem vir precedidos de *a* craseado: "Escrevi *a* Laura" (e não *à* Laura).

Tratando-se de pessoas célebres ou a nós não íntimas, não empregamos o artigo: Maria Cristina, Maria Stuart, Ana Bolena, Joana d'Arc (e não: *a* Maria Cristina, *a* Maria Stuart, *a* Ana Bolena, *a* Joana d'Arc). Quando tais nomes estiverem em relação complementar, não poderão vir precedidos de crase: "Impuseram condições *a* Maria Stuart" (e não *à*).

8ª – Três nomes existem – **Europa**, **Ásia** e **África** – que outrora não levavam artigo; daí o dizer "Meter lanças *em* África". Esses nomes, e mais os de alguns países, como *Espanha*, *França*, *Inglaterra*, *Holanda*, não exigem obrigatoriamente o artigo, quando regidos de preposição: vir *de* França, Leão *de* França, estar *em* Holanda. Pois bem, o emprego da crase antes de tais nomes é livre, tal qual acontece com a crase antes de possessivos.

9ª – Uma vez que os pronomes de tratamento começados por possessivos (*sua* senhoria, *vossa* majestade, *sua* santidade) não admitem o artigo antes de si, *jamais* poderão vir precedidos de *a* craseado: "Dei isso *a* vossa senhoria" (e não: *à* vossa senhoria).

10ª – Chamamos aqui a atenção para o seguinte: As expressões "devido a", "relativo a", "referente a", "com respeito a", "quanto a", "obediência

a" e outras devem ter o *a* craseado quando vêm antes de nomes femininos determinados pelo artigo:

devido *à* morte do pai	referente *à* prisão
devido *às* dificuldades	com respeito *à* situação
obediência *às* leis	quanto *à* natureza

A aplicação da 1ª regra prática obriga-nos evidentemente a essa crase: se o certo é "devido *ao* falecimento", é claro que, se em vez de *falecimento* pusermos uma palavra feminina, o *a* deverá ser craseado.

Está claro que se disséssemos "devido *a* dificuldades imprevistas", "obediência *a* leis injustas" não estaríamos empregando o artigo e, como atrás ficou observado (nº 4 deste §), o *a* é somente preposição, pelo que não pode ser craseado.

Ainda que no singular, uma palavra pode estar empregada em sentido geral, sem determinação; não há então artigo e, pois, não há crase: "Devido *a* morte ocorrida em nosso grupo, desistimos do empreendimento" (= devido *a* desastre...).

11ª – Suponhamos estas duas orações: "... nação *a* que você se refere" e: "... nação *à* qual você se refere". Por que razão o *a* não deve ser craseado na primeira sentença e deve ser craseado na segunda? A aplicação da 1ª regra prática prova-nos que o primeiro *a* é somente preposição e que o segundo é contração da preposição *a* com o artigo feminino *a*: "O país *a* que você se refere" e "O país *ao* qual você se refere".

12ª – Com essas considerações, finalizamos o estudo da crase; muitos exemplos e muitos outros casos poderíamos ventilar, mas seria isso desnecessário ao aluno, ao qual bastam as regras práticas para resolver qualquer dificuldade. Que necessidade haverá de ensinar, com regras especiais, que antes de *uma*, de *essa*, de *esta* etc. não se usa crase? Essa e outras questões estão englobadas na regra prática da substituição; é impossível dizer "*ao* um", "*ao* esse", logo não é possível crasear o *a* nas expressões: "Dei *a* uma velhinha..." – "Mandei *a* essa cidade...".

Quanto ao *uma*, há o caso da expressão de tempo "*à* uma hora", na qual entra o numeral e não o indefinido, e o numeral admite determinação; se as horas são passíveis de determinação, a primeira hora, ou seja, a uma hora está no mesmo caso: "Isso aconteceu *às* duas da tarde" – "Estudo d*a* uma *às* cinco" – "Faltavam vinte minutos para *a* uma hora da tarde" – "Morreu *à* uma da madrugada".

Observação:

Não se deve fazer ouvir os dois *aa* da crase.

119 – Assimilação: Consiste este *metaplasmo* na influência que, no vocábulo, uma consoante exerce sobre uma segunda, a ponto de fazer com que esta seja substituída por outra que àquela se assemelhe.

Se à palavra *regular* for acrescentado o prefixo *in* (= não), para que se obtenha a ideia de "não regular", o *n* do prefixo se assimilará ao *r* inicial de *regular*: i*n* + *r*egular = i*rr*egular.

Assimilação é, pois, o metaplasmo que consiste na substituição de uma consoante por outra que se assemelhe (*simĭlis*, em latim, quer dizer *semelhante*; de *simĭlis* é que veio a palavra *assimilação*) à consoante mais próxima.

120 – A assimilação pode ser *progressiva*, quando a modificação se opera na consoante que vem *depois*; *regressiva*, quando a que vem *antes* é que se acomoda à segunda, sendo este o tipo mais frequente de *assimilação*.

Assimilação Regressiva

su*b* + por = su*pp*or
i*n* + romper = i*rr*omper
a*d* + provar = a*pp*rovar
i*n* + lustre = i*ll*ustre
a*d* + tender = a*tt*ender
a*d* + quisição = a*cq*uisição

Assimilação Progressiva

nos*tr*o = nos*s*o
en + *lo* = en*n*o (§ 121, 3)
vos*tr*o = vos*s*o

Observações:

1ª – Como acontece com a maioria dos fenômenos metaplásticos, a *assimilação* visa a facilitar a pronúncia. É a *assimilação* um fenômeno que se opera *paulatinamente*, de acordo com a evolução da língua. Assim, no exemplo dado no início desta lição (*in* + *regular* = *irregular*), a assimilação do *n* em *r* não se fez ato contínuo à criação do composto; a palavra viveu anos, no latim, na forma *iNRegular*. É fácil concluir desse exemplo a quase não existência, em rigor, de assimilações operadas dentro do português; na quase totalidade, são consequência de fatos operados no latim ou ainda no grego.

2ª – Duas conclusões tiraremos da observação anterior:

a) Em palavras como *sublocar*, *sublunar*, as letras que concorrem para a formação do grupo consonantal *bl* devem ser pronunciadas separadamente: *sub'locar*, *sub'lunar*, conservando cada qual seu valor literal. Isso porque essas palavras se formaram dentro do português, sem que, até hoje, nenhuma assimilação nelas se tenha efetuado.

Outras, como *abrenunciar*, *ablegar*, *sublevação*, pronunciam-se *a-BRE-nunciar*, *a-BLE-gar*, *su-BLE-vação*, por terem vindo já formadas do latim.

b) Ainda que se usasse a ortografia mista, não haveria razões para se duplicarem consoantes em palavras como *acordo*, *acordar*, *acerto*, *acertar* (que muitos escreviam com dois *cc*), porquanto tais palavras foram formadas em português. Em *approximar*, *apparecer* dobravam-se os *pp*, porque esses vocábulos foram criados no latim (*ad* + *p*roximare, *ad* + *p*arere) e nos vieram já na forma assimilada, ao passo que as outras foram criadas dentro de nossa língua (*a* + *cordar*, *a* + *certo*), nelas entrando apenas o prefixo *a* e não *ad*, que em português não existe.

3ª – A assimilação diz-se **total** (*perfeita*, *completa*) quando dela resultam duas consoantes idênticas (i*ll*ustre, i*ll*ícito); obtém-se então uma *consoante geminada*, que praticamente nenhum valor prosódico tinha em português, uma vez que era pronunciada como se fosse consoante simples. Tal não se dava no latim, como ainda hoje não se dá com o italiano, língua em que a geminada é articulada distintamente da simples, mediante demora na articulação: *tutto* = *tut*...'*to*, *quello* = *quêl*...'*lo*, tal qual fazemos com as geminadas *rr* e *ss*: *carro* = *car*...'*ro*, *passo* = *pas*...'*so*.

Consequência disso foi terem sido suprimidas as geminadas sem valor prosódico.

121 – Dentro do português, poucos são os casos de assimilação. Deixando de lado considerações que, não raro, nem ao próprio latim interessam, vejamos alguns que se nos afiguram importantes dada a elucidação que trazem para pontos sobre que muito frequentemente aparecem dúvidas.

1 – O pronome oblíquo *nos*, quando junto dos pronomes oblíquos *o*, *a*, *os*, *as* (*nos* + *o*, *nos* + *a*, *nos* + *os*, *nos* + *as*), provoca o emprego das formas *lo*, *la*, *los*, *las*: *nos* + *lo*, *nos* + *la*, *nos* + *los*, *nos* + *las*(*). Da junção *nos* + *lo*, *nos* + *la* etc. consequência natural foi a assimilação do *s* em *l*: no*l*-lo, passando-se então para a forma *no-lo* (§§ 321 e 322).

O mesmo se diga das combinações *vos* + *o*, *vos* + *a* etc., que resultaram em *vo-lo*, *vo-la*, *vo-los*, *vo-las* (vos + lo = vo*l*-lo = *vo-lo*).

2 – Substituindo o objeto direto pelo correspondente pronome oblíquo na oração "Devemos amar o próximo", obtemos: "Devemos *amar-o*". Como no caso anterior, também aqui aparece a forma arcaica *lo*: *amar* + *lo*; desta junção, a consequente assimilação *amal-lo*, e desta, a forma *amá-lo*.

Este mesmo fenômeno se observa em *fi-lo* (*fiz* + *o*), *di-lo* (*diz* + *o*), *amemo-la* (*amemos* + *a*), *ei-lo* (*eis* + *o*) – V. § 825.

Observe-se que a forma *amá-lo*, quando resultante da junção *amar* + *o*, deve trazer acento: am*á*-lo.

Existe ao lado da forma *amá-lo*, resultante do infinitivo *amar* mais *lo*, outra forma semelhante, *ama-lo*, proveniente de *amas*, 2ª pessoa do sing. do indicativo presente (tu *amas*), mais *lo*, havendo supressão do *s*: *ama*(*s*)-*lo*. Esta segunda forma não deve ser confundida com a anterior e se distin-

(*) Dessa maneira arcaica de grafar o artigo temos prova nas expressões *a la fé*, *a la mira*, *a la arma* (que deu *alarma*).

gue na acentuação: Aquela se pronuncia *amá-lo*, com acento no segundo *a*, ao passo que a segunda se pronuncia *âma-lo*, com acento no primeiro *a*. A ortografia oficial obriga-nos a colocar acento na forma proveniente do infinitivo (*amá-lo*) e não obriga nenhum acento na forma resultante de *amas + lo*, mas a pronúncia neste segundo caso deve ser sempre com o acento no primeiro *a*.

O mesmo se deve observar quanto aos verbos da segunda conjugação:

vendê-lo (*vender* mais *lo*): acentua-se o 2º *e* e coloca-se acento circunflexo sobre ele;

vende-lo (*vendes* mais *lo*): o acento cai no 1º *e*, mas não há necessidade de colocar acento sobre ele.

EXEMPLOS: "Nunca o sentiste, *e julga-lo* tirânico?" – "Quanto à fala, *pode-la* adelgaçar quanto quiseres".

3 – A combinação *no* (de *em + o* – V. § 114, obs.) é resultante das seguintes passagens, cujas razões já devem ser compreendidas pelo aluno:

Em-o → *en-lo* (*en* é forma arcaica de *em*) → *enno* (assimilação progressiva) → *eno* → *no*.

Todas essas passagens se encontram registradas em documentos da língua, ou seja, nos escritos que nos legaram os escritores dos diversos períodos de evolução do nosso idioma.

122 – Existe uma espécie de assimilação que merece ser tratada separadamente: a assimilação do *n* em *m*. Essas duas letras eram primitivamente pronunciadas de maneira diferente, ainda quando ferissem a vogal antecedente. Desse fato nascia a assimilação do *n* em *m* "sempre" que encontrasse as bilabiais oclusivas *b* e *p* ou um *m*:

i*n* + buir = i*m*buir	i*n* + par = í*m*par	i*n* + mergir = i*m*mergir
i*n* + berbe = i*m*berbe	i*n* + plicar = i*m*plicar	i*n* + movel = i*m*movel

Observações:

1ª A ortografia oficial manda que se escreva *imergir*, *imóvel*, com um só *m*, mas convém saber o aluno que na formação dessas palavras entrou a partícula latina *in*.

2ª – Uma recíproca podemos seguramente tirar: Se o *n* sempre se assimila em *m* antes de *b* e *p*, não se deverá usar *m* quando a consoante imediata não for uma dessas bilabiais. *Com*, quando isolado, escreve-se com *m*, mas deverá ser escrito com *n* quando agregado a palavras que não se iniciem por *b* nem por *p*: *coNtigo*, *coNsigo*, da mesma maneira que se grafa *coNtíguo*, *coNtingente*, *coNseguir*, *coNselho*. O mesmo se diga das palavras *coNquanto*, *circuNflexo*, *eNfim* etc.

Transposição

123 – Transposição – Consiste este metaplasmo na deslocação de sons em certos vocábulos.

A **transposição** pode efetuar-se por *hipértese* e por *metátese*.

a) A transposição denomina-se **hipértese** (gr. *hypérthesis* = translação) quando a deslocação de sons se opera de uma sílaba para outra. *DesvaIrar* é hipértese de *desvarIar*, *ressaIbo* de *ressábIo*, *paLavRa* de *paRaboLam*.

b) A transposição denomina-se **metátese** (gr. *metáthesis* = troca) quando a deslocação de sons se opera na mesma sílaba: *sobRE* é metátese de *supER*, *entRE* de *intER*.

Os casos de hipértese e de metátese só são aceitos quando operados no período de formação do português; qualquer transformação feita hoje é considerada vício de pronúncia, como *fRoL* em vez de *fLoR*, *pROque* em vez de *pORque*, *tROcer* em vez de *tORcer*, *pERciso* em vez de *pREciso*, *fiDaGal* em vez de *fiGaDal* ("ódio *figadal*" e não "ódio *fidagal*").

Nota: Em geral, usa-se a denominação "metátese" para indicar qualquer caso de transposição de sons.

124 – Existe um caso metaplástico, denominado **intercalação eufônica**, que consiste na introdução de um *n* quando às formas verbais terminadas em som nasal (*fazem*, *amavam*, *tem*, *têm*, *puseram*, *poriam*, *dão*, *põe*, *põem*, *trouxessem* etc.) segue-se o pronome oblíquo *o* (*a*, *os*, *as*): *fazem-o* = *fazem-No*; *amavam-a* = *amavam-Na*; *puseram-os* = *puseram-Nos*; *trouxeram-as* = *trouxeram-Nas*; *dão-o* = *dão-No*; *põe-o* = *põe-No*.

Os escritores antigos (em Portugal é usual até hoje) recorriam a essa *intercalação eufônica* em casos como estes: "Tanto é mor a dor quanto é mor quem *na* deu" – "Quando ele era menino não *no* arrancou o povo dos braços de seu pai?" – "Não *no* disse" – "Quem *no* diria?"

Questionário

1. Dê uma definição clara e precisa de *metaplasmo*.
2. Que outro nome podemos dar aos metaplasmos?
3. De quantas maneiras se processam os metaplasmos?
4. Divisão, definição e exemplos de metaplasmos de *adição*.
5. Que diz da grafia *Scandinávia*?
6. Explique, com termos e exemplos seus, a *observação* feita no estudo da aférese (V. § 113, A, obs.).
7. Que diz do apóstrofo?
8. Que nome se dá ao metaplasmo que consiste na supressão do *m* no fim de *com*, quando antecede vogal?
9. As seguintes orações estão certas ou erradas? (Explicar – note o *a* grifado – as razões do erro ou do acerto de cada oração.)

a) Dei isto *à* ela. – § 117, 1ª regra prática.
b) Recorri *a*quela senhora. – § 117, 2ª regra prát., nota.
c) Ele se pôs *à* chorar. – § 116, 1ª regra.

d) Seu título *a* vista tem desconto de 3%. – Lembre-se da expressão "a prazo": § 117, 1ª regra prática.
e) Eu partirei *as* três horas. – § 117, 2ª regra prática.
f) Eu irei *a* Lisboa. – § 116, 3ª.
g) Quanto *a* natureza, as letras se dividem em vogais e consoantes. – § 118, 10ª.
h) *A* este menino dei uma maçã, *a*quele dei uma pera. (Também o 1º *a* é grifado: V. o nº 12 do § 118.)
i) Refiro-me *à* filha de Maria e não *a* de Lúcia. – Em ambos os casos: § 117, 1ª.
j) Este livro pertence *a* sua mãe. – § 118, 1ª.
k) Vá *a* vontade (V. § 118, 2ª conclusão. Não se esqueça de fazer a distinção).
l) Veio *a* noite (Não se esqueça de fazer a distinção: § 118, 2ª conclusão.)
m) No alto de um outeiro, *a* igual distância de Recife e de Olinda, mora um amigo meu. – § 117, 1ª.
n) *À* que horas você costuma chegar *a* casa? (Note que também o 1º *a* é grifado: V. o nº 11 do § 118).
o) Irei *a* casa de Maria. – § 118, 5ª (parte final).
p) Por este navio, não chegaremos hoje *a* terra. – § 118, 6ª.
q) Você não deve contar isso *a* Dulce (Veja bem o que ficou dito no nº 7 do § 118).
r) Crimes e heroísmos foram atribuídos *à* Joana d'Arc. – § 118, 7ª (parte final).
s) Hoje mesmo comunicarão *a* Vossa Majestade o fato. – § 118, 9ª.
t) Você em minha casa *à* esta hora?! – § 118, 12ª.
u) Os carros chocaram-se devido *a* neblina. – § 118, 10ª.
v) O trem parte *à* uma hora. – § 118, 12ª (parte final).
w) Você já foi *à* Brasília? – § 116, 3ª.

10. Que é *assimilação*?
11. Como pode ser a assimilação? Explicação e exemplos.
12. Entre a *progressiva* e a *regressiva*, qual a assimilação mais frequente?
13. Faça, expondo as razões, a separação silábica das palavras *sublevação* e *sublenhoso* (Cuidado com a separação da primeira).
14. Quais as geminadas conservadas em português? Exemplos.
15. Qual a etimologia de *alarma*?
16. Explique as palavras grifadas do período: "*Ama-lo*; deves *fazê-lo* porquanto é ele o teu melhor amigo". (Cuidado com a primeira.)
17. Que entende pela palavra *documento*, quando se fala em *documentos da língua*?
18. Que diz das grafias *consigo*, *contigo*, *contanto*, *conquanto* e *enfim*?
19. Qual a diferença entre *hipértese* e *metátese*?
20. Que diz da palavra *desvairado*?
21. *Percisa* não constitui caso de metátese? Por que então se diz errada essa transposição de sons?
22. Que diz destas formas: Quem *na* deu – Não *no* disse?

Os claros porventura encontrados na numeração dos parágrafos têm por fim possibilitar a inclusão de algum assunto sem que se altere a numeração dos parágrafos restantes.

CAPÍTULO 7

ORTOGRAFIA

127 – Denomina-se **ortografia** (gr. *orthós* = correto, *graphia* = escrita) a parte da gramática que estuda a exata figuração dos sons, ou seja, a correta escrita dos vocábulos.

Nela se estudam:

A) os *sistemas ortográficos*
B) as *notações léxicas*
C) a *partição dos vocábulos*
D) o *emprego das maiúsculas*
E) as *abreviaturas*

A) – Sistemas Ortográficos

128 – Três são os sistemas de que pode valer-se um idioma neolatino para a escrita dos seus vocábulos; o **fonético**, o **etimológico** e o **misto**.

129 – O **sistema fonético** (ou *sônico*) consiste na exata e fiel figuração dos sons, escrevendo as palavras tal qual se pronunciam, excluindo da representação gráfica qualquer letra que não tenha valor prosódico e acrescentando outras para que se represente a exata pronúncia: *escrito*, *Cristo*, *pronto*, *omem*, *oje*, *ressonar*, *pressentir*, *filarmônico*, *inalar*.

É o sistema seguido pelo espanhol, onde em geral a cada letra corresponde uma consonância.

130 – O **sistema etimológico** representa as palavras de acordo com a grafia de origem, reproduzindo todas as letras do étimo, embora não sejam

pronunciadas: *phthisica*, *sancto*, *mactar*, *auctor*, *poncto*, *catechismo*, *exgotto*, *practicar* (V. lista do § 131).

É preciso notar que este sistema não foi o primeiro que se usou em português. Os primitivos documentos da língua trazem as palavras grafadas pelo sistema fonético. No século XV é que se operou a modificação gráfica mediante esforços dos latinistas. Foi esse um empreendimento que nunca logrou seu intento, e aí começou a embaralhada gráfica do português.

131 – O **sistema misto** é o sistema resultante do choque dos dois primeiros; por este sistema, a maioria das palavras se grafam etimologicamente, e pequeno número foneticamente. Não foi criado por gramáticos, mas gerado no seio do povo.

Apresentamos aqui algumas palavras que no sistema misto são usadas de acordo com a fonética, e pomos ao lado, entre parênteses, a respectiva grafia etimológica não seguida:

anedota (anecdota)
agora (haghora)
asma (asthma)
autor (auctor)
carater (character)
caridade (charidade)
caro (charo)
carta (charta)
catecismo (catechismo)
cedula (schedula)
centelha (scentelha)
cirro (scirro)
corda (chorda)
dito (dicto)
ditongo (diphthongo)
encetar (inceptar)
escola (eschola)
escultura (esculptura)
esgoto (exgotto)
espatula (espathula)
fleuma (phleugma)
idade (edade)
igual (egual)
igreja (egreja)
isento (exempto)
kilometro (chilometro)
lugar (logar)
matar (mactar)
monotongo (monophthongo)
ponto (poncto)
pranto (prancto)
pratica (practica)
santo (sancto)
scisma (schisma)
sete (septe)
tamanho (tammanho)
tratar (tractar)

Nota: A ortografia de 1943, oficial (alterada pela Lei nº 5.765, de 18-12-1971), não corresponde a rigor a nenhum dos três sistemas.

B) – Notações Léxicas

132 – Denominam-se **notações léxicas** (também chamadas *ortográficas*, *fônicas* ou *prosódicas*) os diferentes sinais que se podem apensar aos nossos vocábulos. É diversa a função desses sinais, o que facilmente se depreende do seu estudo. São eles os seguintes:

133 – O **acento agudo** (´), que se coloca sobre as vogais para indicar o *som aberto* ou *agudo*: *já*, *pé*, *avó*.

134 – O **acento grave** (`), empregado para indicar a crase (*à*, *às*, *àquele*, *àquela*, *àqueles*, *àquelas*, *àquilo*).

135 – O **acento circunflexo** (^), que indica o *som fechado*: *lê*, *avô*.

136 – O **til** (~), que marca o som nasal da vogal ou do ditongo; no ditongo, a primeira das vogais é que deve trazer o til: *irmã*, *não*, *põe*.

Das vogais, quando isoladas no vocábulo, isto é, sem constituírem ditongo, unicamente o *a* pode vir com *til*: *romã*, *pagã*. Nos ditongos, também o *o* pode trazer esse sinal, mas apenas quando nele recai o acento tônico: *limões*, *corações*.

O sinal de nasalização das demais vogais, incluindo-se a vogal *o*, quando isoladas, é representado pelo *m* ou pelo *n* (*tem*, *fim*, *bom*, *um*); o próprio *a nasal*, quando não acentuado, deve, *pelo sistema ortográfico misto*, seguir esta norma: *orpham* (masculino), *orphan* (feminino), *iman*, *orgam*; a ortografia oficial, porém, manda que assim se escrevam essas palavras: *órfão*, *órfã*, bem como *bênção*, *zângão*, *sótão*, *gólfão*, *ímã*, *eletroímã*, *pedra-ímã*, *dólmã*, *hétmã* etc.

137 – O **apóstrofo** ('), que se emprega nos casos de *ectlipse* (§ 114, B): *co'o*, *co'este*; para indicar a *sinalefa* (**114**, A, obs.): *minh'alma*, *d'água* – e em certos casos de *síncope*: *per'la* (pérola), *esp'rança* (esperança).

138 – A **cedilha**, que se coloca sob o *c* (§ 64), unicamente antes das vogais *a*, *o* e *u*: *castiçal*, *castiço*, *açúcar*.

139 – O **hífen** (-), que se presta para:

1) ligar os elementos de grande número de palavras compostas: *couve-flor*, *guarda-chuva*, *carta-bilhete*;

2) ligar os pronomes oblíquos aos verbos quando a eles vêm pospostos ou neles se intercalam: *disse-me*, *contaram-lhe*, *dir-lhe-ei*, *far-nos-ia*;

3) indicar a partição dos vocábulos no fim da linha:

..... di-
go ..... vos-
so

4) indicar, no começo da linha, que a anterior terminou também com hífen na partição de palavra composta cujos elementos são ligados pelo sinal ou na divisão de combinação de palavras igualmente já possuidora dele:

Os pais já podem efetuar a *pré-matrícula*.

Em certas viagens, *gasta-se* muito dinheiro com pedágio.

Nota: **Trema** – Esse sinal foi abolido na grafia de vocábulos portugueses pelo Acordo Ortográfico de 1990, em vigor desde 1º de janeiro de 2009. Entretanto, ainda é empregado em nomes estrangeiros e seus derivados portugueses: *Müller*, pensamento *mülleriano*; Bühler, ideias *bühlerianas*.

C) – Partição dos Vocábulos

140 – Por **partição dos vocábulos** compreende-se o processo que devemos seguir no cortar um vocábulo quando não cabe todo em uma linha.

Dificilmente encontramos quem já não tenha tido dúvidas neste ponto. É preciso saber que existem dois processos de divisão silábica: o *etimológico* e o *fonético*.

141 – Pelo **sistema etimológico** as sílabas se separam de acordo com a origem da palavra. É complicadíssimo esse processo e possível apenas a pessoas muito versadas em assuntos etimológicos. Palavras como *outrora* e *agora* deveriam, por esse sistema, ser silabicamente separadas *outr-ora* (outra + hora) e *ag-ora* (hac + hora). É fácil ver o quase absurdo desse processo, segundo o qual as seguintes palavras complicadamente assim se separam:

apo-strofar	ev-angelho	post-ergar
con-stelação	met-encéfalo	pros-ódia
eu-stomia	par-óquia	sin-ônimo

142 – Pelo **sistema fonético** a partição já se torna mais fácil por mais acessível, visto efetuar-se de acordo com a pronúncia das sílabas. Por este sistema, com maior facilidade se separam os exemplos que ficaram no parágrafo anterior:

apos-trofar	e-vangelho	pos-tergar
cons-telação	me-tencéfalo	pro-sódia
eus-tomia	pa-róquia	si-nônimo

143 – Há ocasiões em que a aplicação deste processo oferece dificuldades. Expomos, por isso, as seguintes normas, baseadas no sistema ortográfico vigente:

a – NORMAS GERAIS:

1) A divisão de qualquer vocábulo, assinalada pelo hífen, em regra se faz pela soletração, e não pelos seus elementos constitutivos segundo a etimologia: *subs-cre-ver, de-sar-mar, bi-sa-vô, e-xér-ci-to, ex-ce-der.*

2) Não se separa do *u* precedido de *g* ou *q* a vogal que o segue, acompanhada, ou não, de consoante: *am-bí-guo, e-qui-va-ler, guer-ra, u-bí-quo.*

3) É preferível, quando se escreve a mão, passar para a linha seguinte a vogal inicial a deixá-la isolada: *emancipado, atrofia* e não *e*-mancipado, *a*-trofia.

b – CONSOANTE INICIAL:

A consoante inicial não seguida de vogal permanece na sílaba que a segue: *cni-dose, dze-ta, gno-ma, mne-mônico, pneu-mático.*

c – GRUPOS VOCÁLICOS:

1) Não se separam as vogais dos ditongos decrescentes nem dos grupos em que existe *u* pertencente aos dígrafos *gu, qu*: *nEU-tro, nAI-pe, rEI-na-do, i-gUAL, i-gUAIs, cir-cUI-to* (não se esqueça de que a vogal tônica desta palavra é *u*), *cOI-ta-do, gUI-zo* – e nunca *nE-Utro, nA-Ipe, rE-Ina-do, i-gU-Al, i-gU-Ais, cir-cU-Ito* etc.

2) Não se devem separar as vogais dos ditongos crescentes finais átonos: *his-tó-riA* (e não *his-tó-rI-A*), *ar-má-rIO* (e não *ar-má-rI-O*), *es-pé-cIE* (e não *es-pé-cI-E*).

3) As vogais que se pronunciam distintamente podem ser separadas: *vO-Ar, pO-EI-ra, prO-Ê-mio, mI-Ú-do, ci-Ú-me, trI-Un-fo, ins-trU-O.*

4) As vogais idênticas separam-se, ficando uma na sílaba que as precede, outra na sílaba seguinte: *cA-A-tin-ga, cO-Or-de-nar, dU-Ún-vi-ro, frI-Ís-si-mo, gE-Ena, cO-Or-te* (não confunda esta palavra, que significa tropa armada e se pronuncia *coórte*, com o substantivo *corte* (*ô*) = palácio real, nem com *corte*, que significa incisão e se pronuncia *córte*).

d – LETRAS INTERVOCÁLICAS:

A consoante simples vai para outra linha quando é pronunciada com a vogal que se lhe segue: *que-Ri-do, ca-Ro, si-Nô-ni-mo, i-No-pe-ran-te, de-Sen-ga-nar, de-Sa-gra-do, de-Sen-vol-ver, de-Si-lu-são, e-Xór-dio, e-Xas-pe-rar.*

Nota: A consoante simples não passa para a outra linha quando é pronunciada com a vogal antecedente: *beM-aventurado, recéM-assado, maL-estar.*

e – GRUPO DE DUAS CONSOANTES:

1) As geminadas *cc, cç, rr* e *ss* separam-se, ficando uma na sílaba que as precede, outra na sílaba seguinte: *oC-Cipital, suC-Ção, proR-Rogar, reS-Surgir.*

2) No interior do vocábulo, sempre se conserva na sílaba que a precede a consoante não seguida de vogal: *aB-Dicar, aC-Ne, beT-Samita, daF-Ne, draC-Ma, éT-Nico, oB-Firmar, oP-Ção, siG-Matismo, suB-Por, suB-Jugar, piG-Meu, eliP-Se, aD-Jetivo, traN-Sandino.*

Nota: 1ª – Não se separarão duas consoantes quando forem conjuntamente pronunciadas, nem as dos dígrafos *ch, lh* e *nh*: *a-BLu-ção, a-BRa-sar, a-CHe-gar, fi-LHo, ma-NHã, de-PRe-ciar, re-TRó-GRa-do, ne-VRál-gi-co.*

2ª – As consoantes dos grupos *bl*, *br* e *dl* separar-se-ão quando forem separadamente pronunciadas: *suB-Lingual*, *suB-Rogar*, *aD-Legação*. Não se separarão, de acordo com a nota anterior, quando forem conjuntamente pronunciadas: *su-BLevação*, *co-BRança*, *DLim* (palavra onomatopaica, que exprime toque de campainha).

3ª – O *sc* no interior do vocábulo biparte-se, ficando o *s* numa sílaba e o *c* na sílaba imediata: *adoleS-Cente*, *convaleS-Cer*, *deS-Cer*, *inS-Ciente*, *preS-Cindir*, *reS-Cisão*.

f – GRUPOS DE TRÊS OU MAIS CONSOANTES:

Os grupos de três ou mais consoantes separam-se foneticamente, pertencendo sempre à sílaba antecedente o *s*: *oBS-TRuir*, *demoNS-TRar*, *reS-PLendor*, *supeRS-Tição*, *circuNS-Tância*, *iNS-TRuir*, *coNS-Tituição*, *peRS-Picácia*, *inteRS-Tício*, *suBS-Tabelecer*.

D) – Emprego das Iniciais Maiúsculas

144 – Emprega-se letra inicial *maiúscula*:

1 – No começo do período, notando-se que indicam fim de período, além do *ponto final* (.), o *ponto de interrogação* (?) e o *ponto de exclamação* (!), quando equivalem a ponto final:

*N*ão estavam onde julgávamos.

*I*sso costuma acontecer todos os dias? *S*erá por causa do excessivo calor?

*Q*ue tragédia foi aquela! *T*odos pereceram.

Nota: O ponto de interrogação e o de exclamação não equivalem a ponto final quando não indicam fim de período:

Oh! que belo!
↑↓
não indica fim de período — letra minúscula

Você fez isso? perguntei.
↑↓
não indica fim de período — minúscula
(O período vai até a palavra *perguntei*)

2 – No começo das *citações*:

O presidente começou dizendo: "*N*ão admito objeções".

Nota: Quando os *dois-pontos* abrem *enumeração*, esta se inicia com *minúscula*: "Queremos o seguinte: *u*m lápis, uma pena e uma borracha" – V. § 966.

3 – No começo dos *versos*:

*F*oi-se-me pouco a pouco amortecendo
A luz que nesta vida me guiava,
*O*lhos fitos na qual até contava
*I*r os degraus do túmulo descendo.

Nota: Alguns poetas tentaram introduzir o emprego das minúsculas no início dos versos, sempre que a prosa o permitisse.

4 – Nos *nomes próprios*: *P*edro, *A*lfredo, *B*rasil, *P*aris.

Notas: 1ª – Nos nomes próprios constituídos de locução como *Rio de Janeiro*, *América do Norte*, a partícula *de* (ou outras) escreve-se com *minúscula*.

2ª – Nessas locuções, o primeiro nome também se escreve com *minúscula* quando é suscetível de várias especificações e vem depois de iniciado o período: O *rio* Amazonas. O *rio* Negro. A *rua* da Glória. O *mar* Vermelho.

3ª – Os nomes dos meses, por não serem próprios, devem ser escritos com letra minúscula: "S. Paulo, 8 de janeiro de 1911".

É claro que nos nomes de vias e lugares públicos, que são nomes próprios, os nomes dos meses devem ser escritos com maiúscula: "Rua 15 de *N*ovembro".

4ª – Os nomes de povos escrevem-se com inicial minúscula, não só quando designam habitantes ou naturais de um estado, província, cidade, vila ou distrito, mas ainda quando representam coletivamente uma nação: romanos, atenienses, gregos, romenos, estremenhos, brasileiros, campineiros, mocoquenses, santa-ritenses.

5 – Nos títulos de produções artísticas, artigos, trabalhos escritos, livros, jornais e outras publicações:

*T*ransfiguração (de Rafael) — *L*usíadas (de Camões)
*M*inha *T*erra — *A F*olha da *M*anhã
*G*uia *P*rático do *M*arceneiro — *N*otas e *I*nformações

6 – Nas designações de sociedades, corporações etc.:

*S*ociedade dos *C*omerciários
*C*olégio *U*niversitário

7 – Nos nomes comuns, tomados individualmente, com sentido especial:

a *C*apital (referindo-se a determinada capital);
a *I*greja (a entidade católica, e não o lugar, o templo);
o *E*stado (a organização política).

Nota: Esses nomes escrevem-se com inicial minúscula quando empregados em sentido geral e indeterminado: " A capital do meu *estado* tem uma *igreja* de quatro torres".

8 – Nos nomes abstratos, tomados personificadamente:

a *I*ra, o *Ó*dio, a Inveja.

9 – Nos epítetos e alcunhas, quer usados com os respectivos nomes próprios, quer empregados em lugar deles:

Pedro, o *G*rande – D. Manuel, o *V*enturoso.
o *L*idador, o *T*emerário.

10 – Os nomes dos pontos cardeais, quando designativos de regiões do globo, e não quando especificativos de limites geográficos:

Os habitantes do *S*ul.
O *O*riente contra o *O*cidente.

11 – Em *Deus* e palavras sinônimas do monoteísmo e nas que designam atributos a ele referentes: o *C*riador, o *O*nipotente, o *F*ilho.

Os tupis-guaranis têm em *T*upã o seu deus.

145 – Não podemos prescindir de aqui acrescentar certas ponderações que criteriosamente costumam pôr em prática os que prezam nossa língua e seus característicos:

De idioma para idioma varia o critério seguido no emprego das maiúsculas. Línguas há, como o alemão, que com inicial maiúscula escrevem todos os substantivos, quer próprios, quer comuns. Entre nossas línguas irmãs, varia a orientação seguida neste ponto.

O latim escrevia com maiúscula não somente os nomes próprios, mas certos adjetivos deles derivados. Todos os adjetivos que especificassem *nacionalidade* (africano, cartaginês, gaulês), *línguas* (grego, latim), *festas pagãs* (bacanais, saturnais) eram escritos *em latim* com maiúscula.

Os *nomes dos meses*, derivados uns de nomes próprios, consagrados outros a personalidades ou a divindades pagãs, filiavam-se à mesma orientação, sendo todos *em latim* escritos com maiúscula.

Aconteceu tal norma não ser seguida pelo português, que reservou as maiúsculas para os nomes verdadeiramente próprios, *geográficos* e *pessoais*, passando a grafar com minúscula os adjetivos deles derivados, estando neste caso incluídos os *nomes dos meses*. Não há estar com raciocínios nem com ficções infundadas sobre a justificativa ou não da maiúscula nesta ou naquela espécie de nomes comuns; a tradição é que justifica esse uso.

Conclusão: Da mesma maneira que os nomes das *nacionalidades*, *línguas*, *festas pagãs*, *dias da semana* e *estações do ano*, também os *nomes dos meses* são *em português* tradicionalmente escritos com *minúscula*.

Notas: 1ª – O sistema ortográfico vigente impõe que se empregue inicial maiúscula: *a*) nos tratamentos de reverência (Vossa Majestade, Vossa Senhoria); *b*) nos nomes de artes ou de ciências (Gramática, Pintura, Música); c) para, no estilo epistolar, realçar ou indicar deferência (Marido, Esposa, Pai, Mãe, Padre, Capitão).

2ª – Humilhante mais do que enervante é o trabalho de quem, diante de uma dificuldade de emprego de maiúscula, tente resolvê-la consultando o formulário ortográfico oficial. Fugindo de apontar já discrepâncias com o de 45 e com o português de 40, já incongruências dentro do próprio formulário de 43, limitamo-nos aqui a mostrar duas lacunas neste último, oficial em nossa terra. Acresce ainda que no Acordo Ortográfico de 1990 o problema permanece.

Como proceder com o segundo elemento de nome composto com hífen quando o primeiro, por qualquer motivo, é escrito com letra inicial maiúscula? Também com maiúscula deve ele ser escrito?

Diante do silêncio de todos os formulários consultados, encontramos, após paciente pesquisa, que o de 43 traz escrito *Vigário-Geral*, no exemplificar a sétima regra do capítulo XVI, *Luso-Brasileiro* em exemplo da décima, e *Decreto-lei* ao dar nomes compostos na observação da regra 12 do mesmo capítulo sobre o emprego das iniciais maiúsculas.

Não podemos falar de contradição porque nenhuma norma existe sobre o assunto, mas a incongruência de procedimento é evidente: nos dois primeiros compostos, maiúscula em ambos os

elementos; no terceiro, minúscula no segundo. A incoerência não é notada porquem não tem interesse direto no caso, mas não pode passar despercebida por relator, diretor, secretário, ou coisa equivalente, de comissão signatária de formulário ortográfico.

Como o formulário fala jocosa e extravasantemente em "deferência, consideração e respeito" ao impor inicial maiúscula na regra 15 do citado capítulo, temos liberdade de perguntar se, grafando *Vice--presidente, Ex-rei, Tenente-coronel,* não incorremos em falta de respeito, de consideração e de deferência ao presidente, ao rei, ao coronel, ao mesmo tempo que importância estamos dando somente ao *vice*, ao *ex*, ao *tenente*. Dando corda na cachola, chegamos à pergunta: Devemos basear-nos em "deferência, consideração e respeito" para grafar *cirurgião-dentista* ou *couve-flor* no início de período?

Para contribuir para a solução do problema, podemos estabelecer que nas palavras compostas cujos elementos são separados por hífen seja o seguinte o emprego das letras maiúsculas:

1 – Se o nome é próprio, é escrito com inicial maiúscula por força de outras disposições da regra ortográfica ou faz parte de título em que os componentes estão grafados com esse tipo de letra, todos os elementos do composto recebem iniciais maiúsculas, exceto artigos colocados internamente e partículas gramaticais de ligação: *Grã-Bretanha, Montemor-o-Novo, Passa-Quatro, Escola Pós--Graduada de Ciências Sociais, Simpósio sobre Táticas de Contra-Ataque.*

Isso ocorre porque, nos compostos, os elementos lexicais posicionados depois do hífen possuem autonomia fonética, mórfica e gráfica. Por isso, devem ser mantidas as respectivas maiúsculas.

2 – Nos demais casos, só se utiliza a maiúscula como inicial do primeiro elemento e mesmo assim quando o composto iniciar frase ou título: *Homens-rãs iniciam treinamento* e *Fichas-resumos – Arquivo geral.*

3ª – Dentro de parêntese, inicial maiúscula ou minúscula? Diante desta segunda lacuna do nosso formulário oficial, novo e paciente trabalho de pesquisa levou-nos à página 47, onde encontramos, sem nada falar sobre maiúsculas senão sobre pontuação, estes exemplos:

a) "Não, filhos meus (deixai-me experimentar, uma vez que seja, convosco, este suavíssimo nome); não; o coração não é tão frívolo, tão exterior, tão carnal, quanto se cuida."

b) "A imprensa (quem o contesta?) é o mais poderoso meio que se tem inventado para a divulgação do pensamento." – "(Carta inserta nos Anais da Biblioteca Nacional, vol. I.)"

Nos dois primeiros exemplos temos parêntese iniciado com minúscula; no segundo da letra *b*, outro iniciado com maiúscula. Qual foi o critério desse procedimento?

Se no caso antes cuidado dos nomes compostos havia omissão e incongruência, neste há apenas omissão. A norma poderá agora ser assim exposta:

O parêntese inicia-se com maiúscula somente quando constitui oração à parte, completa, com uma consideração ou pensamento independente, caso em que vem de ordinário precedido de ponto final; a oração que está entre parênteses tem o ponto final dentro, antes de fechar o parêntese, e não, fora. Exemplo:

Na portaria da fábrica, o ambiente era de absoluta calma. (A indústria não trabalha aos sábados.)

O assunto tem o seu quê de subjetivo, como de subjetivo tem o problema da pontuação, mas requer coerência de procedimento. Não estamos pedindo patente de invenção para essa norma, mas é apoiada (nem poderia deixar de ser) em fatos e (salvo melhor juízo) em raciocínio; seja como for, é provocação e (quem sabe?) uma achega para os estudiosos do idioma. (Quem desejar um dia formular regras de emprego de maiúscula, não deixe de consultar o Webster, onde encontrará, sob o verbete "capital", vinte e tantas regras, com especificações que não existem em nossos formulários.) Observe-se que o texto do Acordo de 1990 igualmente se omite sobre o assunto.

E) – Abreviaturas

146 – É tradicional na língua o emprego de diversas abreviaturas, que ora consistem na inicial seguida de ponto (*v.* = você, *D.* = dom), ora nas primeiras letras e o ponto (*Rev.* = reverendo), ora em algumas letras e o ponto (*Exa.* = excelência, *Exmo.* = excelentíssimo), ora numa letra seguida de barra: *m/* = meu(s), minha(s). No penúltimo caso, o lugar mais conveniente para o *ponto abreviativo* seria no meio da abreviatura, e não no fim, quando fosse necessário escrever todas as letras no mesmo alinhamento, mormente quando se consideram certas abreviaturas como *cro.*, *engro.*, *profa.* (criado, engenheiro, professora) que formam palavras irreconhecíveis.

No abreviar palavras em que após o ponto abreviativo não venham outras letras, devemos ter o tradicional cuidado de fazer terminar a abreviatura numa consoante e não numa vogal. *Filosofia*, por exemplo, tem por abreviatura *fil.* ou *filos.*, mas não *filo.*, com *o* no fim. Se a palavra for cortada num grupo de consoantes, deverão as consoantes aparecer na abreviatura: *geogr.*, e não *geog.*

Se na abreviatura aparece a sílaba acentuada da palavra, o acento permanece: *pág.* (página).

Seguem-se, na ordem alfabética, algumas das abreviaturas mais usadas:

A.C.	ante Christum (antes de Cristo)	Cia.	companhia	Exmo	excelentíssimo
A/C	ao cuidado	Cr.^{o}	criado	Fr.	frei[3]
A.D.	anno Domini (no ano do Senhor)	D.	dom[1], dona	g	grama[4]
a.m.	ante meridiem (antes do meio-dia)	D.C.	depois de Cristo	Ib.	ibidem (no mesmo lugar)
Am.^{o}	amigo	D D.	digníssimo[2]	Id.	idem (o mesmo)
At.^{o}	atento	Dr.	doutor	Il.^{mo}	ilustríssimo
B.^{el}	bacharel	E.C.	era cristã	kg	quilograma[4]
C.^{el}	coronel	E.M.	em mãos	km	quilômetro[4]
		Em.^{a}	eminência	l	litro[4]
		etc.	et cetera		
		Ex.ª	excelência		

(1) Pronuncie como se escreve (e não *dão*). Proveniente do lat. "dominum", significa etimologicamente "senhor"; de acordo com o étimo, "dona" é seu legítimo feminino: D. Inês de Castro.

Quanto ao seu emprego observe-se o seguinte:

a) É título honorífico de monarcas e nobres portugueses e brasileiros: D. João VI, D. Pedro I, D. João de Castro.

b) Precede nomes de prelados do clero católico: D. Duarte, D. Mourão (enquanto *Duarte* é prenome, *Mourão* é sobrenome; tradicionalmente, porém, *Dom* precede o prenome).

c) Precede o nome de membros da ordem beneditina: Dom Maurício.

d) É errôneo seu emprego em traduções do italiano, língua em que "D." designa o simples padre: Padre Ricaldone. Desse erro vem o hábito, já internacional, de dizer *Dom Bosco* em vez de *Padre Bosco*.

e) A palavra em italiano usada para designar prelados do clero é "monsignore", que erradamente constumam traduzir por "monsenhor", quando agora é que deve ser traduzida por "Dom": D. Masella.

(2) Emprega-se um só ponto quando a duplicação indica plural ou superlativo: *VV.* = vocês; *DD.* = digníssimo.

(3) *Frei* só se emprega quando seguido de nome: *Frei Roberto* é um *frade* eloquente.

(4) Sem ponto abreviativo; serve para o singular e para o plural.

M.ᵉ	madre	P.O.M.	por obsequiosas mãos	Sr.ª	senhora
m.ᵗᵒ	muito			S.S.	sua santidade
muit.ᵐᵒ	muitíssimo	P.S.	post-scriptum	S.S.ª	sua senhoria
N.B.	Nota bene	q.	que	S.S.ᵃˢ	suas senhorias
O.D.C.	Oferece, dedica, consagra	q.ᵈᵒ	quando	V.	você (ou "Vide" = Veja)
		q.ᵗᵒ	quanto		
Obr.ᵒ	obrigado	Rev.ᵐᵒ	reverendíssimo	V.A.	vossa alteza
P.ᵉ	padre	S.E.O.	salvo erro ou omissão	V. Ex.ª	vossa excelência
P.D.	pede deferimento			V.M.	vossa majestade
P.E.F.	por especial favor	S.M.J.	salvo melhor juízo	V.Rev.ᵐᵃ	vossa reverendíssima
p.m.	post meridiem (depois do meio-dia)				
		Sr.	senhor	V.S.ª	vossa senhoria
		Srs.	senhores	V.S.ᵃˢ	vossas senhorias

Notas: 1ª – Conforme acabamos de ver no item (2) da página anterior, duas letras maiúsculas seguidas de ponto podem indicar ou plural ou superlativo:

AA.	autores	SS. PP.	santos padres
DD.	digníssimo	SS. MM.	suas majestades
SS.	santíssimo	VV. AA.	vossas altezas

2ª – O formulário ortográfico oficial de 1943 normatiza o emprego das maiúsculas nas formas, expressões e pronomes de tratamento. A regra 14 do cap. XVI determina inicial maiúscula em "nomes, adjetivos, pronomes e expressões de tratamento ou reverência" e exemplifica com *D.* (*Dom* ou *Dona*), *Sr.* (*Senhor*), *Sra.* (*Senhora*), *DD* ou *Digmo.* (*Digníssimo*), *MM.* ou *Mmo.* (*Meritíssimo*) etc. Note-se, porém, que uma coisa é dizer: "Peço à Senhora o favor de...", outra é relatar: "Pedi à senhora Marina o favor de...". Na segunda oração, *senhora* é substantivo em função adjetiva: "Pedi a uma senhora de nome Marina", como se diz "pedi ao rei Gustavo", e não, "pedi ao Rei Gustavo". Se quando nos referimos ao imperador D. Pedro II não escrevemos *imperador* com inicial maiúscula, não há razão para maiúscula em "a *senhora* Marina", "*sua majestade* o rei da Dinamarca". Se abreviada vier a expressão, o caso poderá tornar-se diferente, mas aí a regra seria outra – regra que não existe – referente a abreviaturas. Entretanto, como explicar o *v.* com letra minúscula para abreviar *você*, que se encontra no Registro de Abreviaturas da parte final do Vocabulário, e com minúscula *card.* (cardeal), *côn.* (cônego) ao lado de *P.* (ou *Pe.*) e *Paro.*, com maiúscula, para abreviar *padre*, *pároco*?

Assim, em: "O doutor Joaquim morreu", "doutor" não vem ligado a expressão nenhuma de tratamento; Joaquim é nome próprio; portanto, já que está no meio da frase, não cabe empregar inicial maiúscula, quer venha *doutor* escrito por extenso quer abreviadamente: o doutor Joaquim, o sr. Alceu, o alm. Barroso, o côn. Serafim, o pe. João, o prof. Albino, o card. Arns.

Tudo isso que acabamos de dizer é confirmado pelo Acordo de 1990, em vigor a partir de 1º de janeiro de 2009, em sua base XIX, parágrafo 1º, alínea "f": "A letra minúscula inicial é usada nos axiônimos [*formas corteses de tratamento ou reverência*]: senhor doutor Joaquim da Silva, bacharel Mário Abrantes, o cardeal Bembo". Contudo, nessa mesma alínea, o acordo admite opcionalmente inicial maiúscula diante de hagiônimos ou hierônimos (nomes sagrados, como de divindades, santos e outros): *santa Filomena* ou *Santa Filomena*.

Recordemos que a regra 14 do texto do Acordo de 1943, ainda em vigor, traz esta observação: "As formas que se acham ligadas a essas expressões de tratamento devem ser também escritas com iniciais maiúsculas". Desse modo: *Exmo. Sr. Almirante, Excelentíssimo Senhor Presidente da República, Exmo. e Revmo. Sr. Arcebispo Primaz, Ilma. Sra. Diretora, Ilmo. Sr. Capitão, MM. Juiz de Direito, Magnífico Reitor* etc.

3ª – O plural de letras iniciais de uma designação empregadas como sua abreviatura é muito claramente indicado em inglês por um *s* minúsculo posposto ao conjunto de letras maiúsculas que abreviam a designação. Não há britânico que titubeie ao ler no seu jornal o que fizeram na véspera os *MPs*, que assim muito naturalmente se abrevia em inglês *Membros do Parlamento*.

Não parece haver inconveniência em que de igual maneira proceda um brasileiro ao redigir: "Os *CICs* referentes aos exercícios de 1970 e 1971" – "A mesma rua pode ter *CEPs* diferentes" – "Os *QGs* estão de prontidão" – "As *SAs* têm nova lei" – "As *QVs* iniciaram-se n'O ESTADO DE S.PAULO em 1936" – "Os *INPSs* identificam-se pelas filas" – "...subordinada à Coordenadoria das Administrações Regionais... mas o coordenador das *ARs*" – "O antagonismo das estratégias dos *PCs*". Têm essas abreviaturas inteira clareza de significação quando antes delas já por extenso ficou expressa a designação, como está no penúltimo exemplo.

Não é esse o caso de *AA.* (autores), o de *SS. AA.* (Suas Altezas), *SS. AA. II.* (Suas Altezas Imperiais), nem de *E.U.A.*, que por este ou por aquele motivo se distinguem do primeiro e já se encontram oficialmente determinados.

Questionário

1. Que é *ortografia*?
2. Que se estuda nesta parte da gramática?
3. Quantos e quais são os *sistemas ortográficos*?
4. Quais os *característicos* e que diz do *sistema ortográfico fonético*?
5. Responda o mesmo, exemplificadamente, quanto ao *etimológico*.
6. Em que consiste o *sistema ortográfico misto*?
7. Que são *notações ortográficas*?
8. Discorra sobre o *acento grave*.
9. Quanto ao efeito de nasalização, compare o *til* com o *m* ou *n*.
10. Que é *hífen* e quais os seus fins?
11. Que diz da *partição dos vocábulos*?
12. Faça a *partição* (como se cada sílaba tivesse de ser escrita em outra linha) dos seguintes vocábulos:

abaixar	desanimar	lígneo	adjetivo
anunciar	elipse	proscênio	dicção
ginasial	malévolo	abstinência	perscrutar
inabdicável	executar	saúde	consignar

13. Declarar se está certo o emprego da maiúscula na letra grifada do período: "Quem fez isso? *P*erguntou ele".
14. E nesta oração: "Ele costuma ir à *I*greja"?
15. Declare o mesmo em: Pedro comprou muitas frutas: *B*ananas, peras, maçãs, jabuticabas etc.
16. Ainda o mesmo em: Nunca vi o *R*io Amazonas.
17. Escreva, por extenso, a data de hoje (também o dia e o ano por extenso).
18. Abrevie as palavras *amigo*, *doutor*, *senhor* e *ilustríssimo*.
19. Reproduza, corrigidas, as seguintes orações:
a) Ante o imprevisto do desastre fiquei tão esbaforido (= com pavor) que todos ficaram pasmos.
b) Não queira ir; fazer-lhe-ão perguntas humilhantes.
c) O brasileiro gosta de sua terra; raramente imigra.
d) O torpedo fez o navio emergir imediatamente.
e) Por que você não usa o dentifrício que te dei?

CAPÍTULO 8

MORFOLOGIA

150 – Concluído o estudo da *fonética*, nas suas três partes, *descritiva*, *histórica* e *sintática*, passaremos agora para a segunda parte da Gramática, denominada **morfologia** (gr. *morphê* = figura + *logia* = estudo), que trata das palavras:

a) quanto a sua *estrutura* e *formação*;

b) quanto a suas *flexões*;

c) quanto a sua *classificação*.

151 – Se observarmos todas as palavras que formam o nosso idioma, notaremos, quanto à ideia que encerram, que elas se distribuem em dez grandes grupos, denominados *classes*. **Classes** são, pois, os diversos grupos em que estão distribuídas as palavras do idioma segundo a **ideia** que indicam. Vejamos quais são as dez classes a que pode pertencer uma palavra portuguesa.

152 – **SUBSTANTIVO**: Existem palavras que sempre designam *coisa*, *ser*, *substância*. Toda palavra que encerra essa ideia denomina-se **substantivo**. *Substantivo* é, pois, como o próprio nome está a indicar, toda palavra que especifica *substância*, ou seja, coisa que possua existência, ou *animada* (*homem*, *cachorro*, *laranjeira*) ou *inanimada* (*casa*, *lápis*, *pedra*), quer *real* (*sol*, *automóvel*), quer *imaginária* (*Júpiter*, *sereia*), quer *concreta* (*casa*), quer *abstrata* (*pureza*).

153 – **ARTIGO**: *Artigo* é a palavra que tem por fim individualizar a coisa: *o*, *a*, *um*, *uma*.

154 – ADJETIVO: Uma terceira classe de palavras existe, a dos **adjetivos** (lat. *ad* = junto + *jectum* = posto, colocado), à qual pertencem todas as palavras que se referem a substantivo para indicar-lhe um atributo: homem *inteligente*, cachorro *bom*, laranjeira *alta*.

155 – NUMERAL: A esta classe pertencem as palavras que encerram ideia de número: *um*, *dois*, *primeiro*, *décuplo*.

156 – PRONOME: A quinta classe compreende os **pronomes** (lat. *pro* = em lugar de), ou seja, palavras que ou substituem ou podem substituir um nome, um substantivo: *ele*, *que*, *quem*.

157 – VERBO: As palavras pertencentes à sexta classe denominam-se **verbos**; tais são as palavras que encerram ideia de *ação* (*escrever*, *cortar*, *andar*, *ferir*) ou *estado* (Pedro *é* bom).

158 – ADVÉRBIO: A sétima classe é constituída dos **advérbios**. *Advérbio* (lat. *ad* = junto + *verbum* = palavra) é toda palavra que pode modificar o verbo, o adjetivo e, até, o próprio advérbio.

Exs.: "O orador falou *admiravelmente*" (neste exemplo, *admiravelmente* é advérbio por estar indicando a maneira pela qual foi praticada a ação de *falar*).

"Rosas *muito* brancas" (o adjetivo *brancas* tem o sentido modificado, reforçado pelo advérbio *muito*).

"Ele veio *bastante cedo*" (neste último exemplo, *cedo* já é advérbio, por estar modificando o verbo *veio*, mas, por sua vez, está sendo reforçado, na sua significação, pela palavra *bastante*, que, portanto, é também *advérbio*).

159 – PREPOSIÇÃO: A esta classe pertencem todas as palavras que servem para ligar duas outras. **Exs.**: Livro *de* Pedro – Fui *a* Paris – Passei *por* Lisboa.

160 – CONJUNÇÃO: É toda a palavra que serve para ligar, não palavras, como a preposição, mas *orações*. **Exs.**: Fomos cedo *e* voltamos tarde. Desejo *que* venhas.

161 – INTERJEIÇÃO: Constitui esta a última das classes das nossas palavras; nela estão incluídas todas as que exprimem manifestações súbitas, repentinas, momentâneas do nosso íntimo. **Exs.**: *Ai*! *Oh*!

Notas: 1ª – Quando se pergunta a um aluno a que classe pertence determinada palavra, pretende-se saber em qual desses dez grupos ela se enquadra, isto é, se a palavra é substantivo, se é adjetivo, se é verbo etc.

2ª – O estudo das palavras em classes chamava-se **taxeonomia** (gr. *táxis* = distribuição, classificação + *nomia* = legislação) e então se pedia ao aluno: "Analise taxeonomicamente a palavra...".

162 – FLEXÃO é a propriedade que têm certas classes de palavras de sofrer alteração na parte final.

Quanto à *flexão*, as dez classes de palavras dividem-se em *dois* grupos:

1 – Variáveis (ou *flexíveis*): *substantivo*, *artigo*, *adjetivo*, *numeral*, *pronome* e *verbo*.

2 – Invariáveis (ou *inflexíveis*): *advérbio*, *preposição*, *conjunção* e *interjeição*.

163 – Por *invariável* ou *inflexível* entende-se que a palavra não se flexiona, isto é, não sofre nenhuma alteração na última sílaba.

Nas palavras variáveis dá-se o nome **desinência** à parte final flexível; à parte que resta da palavra, tirando-se a desinência, dá-se o nome **tema** ou **radical**. Assim, na palavra *estudioso* a desinência é o *o* final, porque pode ser mudado para *a*: *estudios-a*; o restante – *estudios* – vem a ser o *tema*.

Outros exemplos: Em *ferrenho* temos o tema *ferrenh* e a desinência *o*; em *louvar* o tema é *louv*, sendo *ar* a desinência, porque esta terminação pode ser mudada para *o*, *as*, *a* etc.: *louv-o*, *louv-as*, *louv-a*. A flexão de uma palavra sempre acarreta modificação na ideia que ela encerra; essa modificação pode operar-se quanto ao *gênero* (menin-*o*, menin-*a*), quanto ao *número* (menin-*o*, menin-*os*), quanto à *pessoa* (louv-*o*, louv-*as*), quanto ao *tempo* (louv-*o*, louv-*ei*) etc.

Nota: Não se confunda *tema* (ou *radical*) com *raiz*. *Raiz* é a expressão mais simples a que pode ser reduzida uma palavra. Assim, a palavra *historicamente*, destrinçada por Max Müller, reduz-se, depois de despida de todos os elementos acessórios, ao elemento irredutível *his*, que vem a ser a *raiz*.

Pode, entretanto, coincidir que o mesmo elemento venha a ser *raiz* e *tema*, a um só tempo, como em *lav*-ar (*lav*, raiz latina = limpar), *cap*-a (raiz latina *cap* = ponta, parte superior, cabeça).

Tal estudo, porém, que pertence ao domínio da filologia e da gramática histórica, escapa ao objetivo destas lições, que têm por fim exclusivo ensinar a falar e, principalmente, a escrever corretamente a língua portuguesa.

Questionário

1. De que trata a *morfologia*?
2. Qual a diferença entre *morfologia* e *fonética*?
3. Que são *classes de palavras*? *Quantas* e *quais* são?
4. Que se toma por base para a classificação das palavras? (§ 151.)
5. Que é *substantivo*?
6. Que é *artigo*?
7. Que é *adjetivo*?

8. Que é *numeral*?
9. Que é *pronome*?
10. Que é *verbo*?
11. Que é *advérbio*?
12. Que é *preposição*?
13. Que é *conjunção*?
14. Que é *interjeição*?
15. Quando o professor pergunta ao aluno a que classe pertence uma palavra (*lápis*, por exemplo), que pretende ele saber?
16. Que é *flexão*?
17. Que é *desinência*?
18. Que é *radical* ou *tema*?

CAPÍTULO 9

SUBSTANTIVO

Classificação

164 – Classificam-se os substantivos em:

comuns e *próprios*
concretos e *abstratos*
primitivos e *derivados*
simples e *compostos*

Nota: Entre os comuns mencionam-se, especialmente, os *coletivos*.

165 – COMUM: É o substantivo que serve para indicar diversos seres da mesma classe. *Árvore* é substantivo *comum* porque se presta para indicar tanto o jequitibá, o eucalipto, o pinheiro, como a laranjeira, o mamoeiro etc. *Lápis* é outro substantivo comum, pois tanto indica o lápis de Pedro quanto o de Paulo. *Livro*, *homem* constituem, como muitos outros, exemplos de substantivos comuns.

166 – PRÓPRIO: É o substantivo que expressa, em determinadas classes, um único ser dessa espécie: *Caramuru*, *Jorge VI*, *Pio XII* são *substantivos* (ou *nomes*) *próprios*, por individualizarem seres da classe das pessoas.

167 – São **próprios** os substantivos que designam:

1 – *pessoas*: *Alberto*, *José*, *Fernando*;

2 – *coisas personificadas*: a *Fortuna*, a *Inveja*;

3 – *nações*, *estados*, *cidades*, *localidades*, *acidentes geográficos*: *Brasil*, *Recife*, *Itatiaia*, *Tocantins*.

4 – *entidades, organizações, corporações* juridicamente constituídas: *Associação dos Comerciários, A Casa do Professor, O Diário do Povo.*

Os exemplos do quarto grupo constituem *locuções substantivas*, isto é, são substantivos formados por mais de uma palavra.

Observação:

Repisamos aqui o que ficou esclarecido no § 145: Os nomes dos meses não são próprios. Como vemos, não podem ser incluídos nessas quatro classes; acrescente-se, ainda, que os nomes dos meses indicam tão somente *frações do tempo*, tal qual acontece com os nomes dos dias da semana e com os das estações do ano.

168 – Nos substantivos próprios de pessoas devemos distinguir duas partes: o *nome*, verdadeiro indicativo da pessoa (correspondente ao "petit nom" dos franceses) e o *sobrenome*, designativo da família.

$$\underbrace{\text{Antônio}}_{\text{nome}}\ \text{de}\ \underbrace{\text{Oliveira}}_{\text{sobrenome}}$$

O nome e o sobrenome podem ser *simples*, como no exemplo dado, ou *compostos*:

$$\underbrace{\text{Antônio Luís}}_{\text{nome composto}}\ \text{de}\ \underbrace{\text{Oliveira Santos}}_{\text{sobrenome composto}}$$

Notas: 1ª – Da mesma maneira que no quarto caso do parágrafo antecedente, o conjunto das partes dos nomes próprios de pessoas constitui *locução substantiva*.

2ª – O nome civil completo foi sempre desultoriamente formado; num mesmo povo, os princípios jurídicos referentes ao caso variam de época a época, numa confusão que atinge a própria terminologia dos elementos constitutivos do "nome completo", confusão que impossibilita qualquer critério fixo para o caso. A terminologia acima dada baseia-se no uso, afastando-se em parte da empregada na nova legislação, terminologia nova que só confusões viria trazer ao aluno, com especificações e sutilezas inúteis quando não contraditórias.

169 – Diversos sobrenomes terminados em *es* designavam, antigamente, filiação: *Rodrigues* (filho de *Rodrigo*), *Lopes* (filho de *Lopo* ou *Lobo*), *Nunes* (filho de *Nuno*), *Álvares* (filho de *Álvaro*), *Mendes* (filho de *Mem* ou *Mendo*), *Sanches* (filho de *Sancho*) etc. Tais substantivos se denominam **patronímicos.**

Observação:

Outros idiomas há que também possuem sufixo para indicar filiação; haja vista o russo, com as terminações *vitch*, para indicar *filho*, e *vna* para designar *filha*: *Ivanovitch* (filho de Ivã), *Ivanovna* (filha de Ivã).

170 – CONCRETO: É assim chamado o substantivo que designa coisa que tem subsistência própria, isto é, coisa que existe de per si: *livro, lápis, homem, luz.*

171 – Entram nessa classe os *concretos fictícios*, assim chamados os substantivos que designam coisas ou pessoas imaginárias, ou seja, seres hipoteticamente existentes: *saci-pererê*, *sereia*, *Júpiter* (divindade pagã) *et alii*.

172 – ABSTRATO: É o substantivo que designa coisa que não tem subsistência própria, ou seja, que designa coisa que só existe em nossa mente, o que se dá, principalmente, com os derivados em que entram os sufixos *ez* e *eza*: *pequenez*, *delicadeza* (§ 84, n. 1), *bondade*, *afeição*, *energia*, *amizade*, *entendimento*.

Nota: A classificação dos substantivos em *concretos e abstratos* pertence mais à filosofia que à gramática; encerra ou gera sutilezas ou discrepâncias de nenhum proveito para o idioma.

173 – PRIMITIVO: É o substantivo de que derivam outros vocábulos. *Ferro* é substantivo primitivo porque dele derivam outras palavras: *ferreiro*, *ferraria*, *ferradura*, *ferrugem*, *férreo* etc.

174 – DERIVADO: É o que procede de outra palavra. *Guerreiro* é derivado por provir de *guerra* (*guerra* + eiro).

175 – SIMPLES: É o substantivo constituído de uma só palavra: *casa*, *chapéu*.

176 – COMPOSTO: É o substantivo formado da reunião de duas ou mais palavras: *boca-de-leão*, *couve-flor*, *malmequer*.

177 – COLETIVO: É assim chamado o substantivo comum que, embora na forma singular, exprime, quanto à ideia, diversos seres: *multidão*, *rebanho*.

Somente a quem ler um dicionário inteiro e muito bom será facultado respigar um belo rol de coletivos, que a qualquer curiosidade satisfaça; até que alguém assim proceda, esta listinha, que não pode ser completa, oferece um aspeto diferente das que até agora se viram. Ao contrário de apresentar já o coletivo, para depois discriminar os indivíduos, oferece primeiro o indivíduo – coisa, animal, pessoa – porque aqui é que está a necessidade do consulente; a quem não souber o significado do coletivo *corso*, qualquer dicionário o mostrará de pronto, mas a quem necessitar saber o coletivo de *sardinha*, quando em cardume no mar, dificilmente será dado descobrir que é *corso*.

Antes, porém, alguns esclarecimentos:

1 – Não se encontram nesta lista coletivos homogêneos, isto é, formados do próprio radical da palavra acrescido de sufixo designativo de coleção; assim, não se declara aqui que o coletivo de *taquara* é *taquaral*, nem que o de *sapo* é *saparia*, ou que o de *árvore* é *arvoredo*, e que o de *corda* é *cordame*, o de *casa* é *casario*; ainda que não conhecedor dos sufixos que

indicam coleção, o aluno inteligente saberá procurar no dicionário, próximo do nome, o coletivo correspondente.

2 – Não obstante ser incompleta esta lista, não vá o aluno acreditar na existência de nome coletivo para todo e qualquer substantivo.

3 – Com exceção de alguns, os substantivos, de que se pretende saber o coletivo, aparecem no singular, para facilidade de consulta.

4 – Na busca de coletivos que indiquem o número certo dos elementos da coleção, isto é, o conjunto de dois, de três etc., devem ser procurados na lista esses números.

5 – A presente lista não dispensa o dicionário, cuja consulta se impõe principalmente quando um mesmo indivíduo tem o seu ajuntamento designado por vários coletivos. Ademais, muitos se empregam em sentido figurado que por vezes nem o dicionário traz.

6 – Muitas vezes, no usar um coletivo – *miríade*, por exemplo – não basta redigir *miríade*; é necessário acrescentar o especificativo "de estrelas"; "um cardume de peixes", "um enxame de abelhas", e não simplesmente "um cardume", "um enxame", a menos que o contexto já esclareça o coletivo.

7 – Chamamos a atenção para os verbetes *coisas* e *pessoas*, onde muitos coletivos se encontram.

abelha – enxame, cortiço, colmeia.
alho – quando presos pelas hastes entrelaçadas: réstia, enfiada, cambada.
alimento – V. *mantimento*.
amigo – quando em assembleia: tertúlia.
anedota – anedotário, repertório.
animal – em geral: piara, pandilha (brasileirismo do Sul).
– todos, de uma região: fauna.
– de carga, de cavalgadura: récua, récova.
– de raça, para reprodução: plantel.
– ferozes ou selvagens: alcateia (de lobos, de panteras, de hienas...).
– criados geralmente no campo, para serviços de lavoura ou para consumo doméstico ou para fins industriais ou comerciais: gado (gado bovino, ovino... de cria, de engorda).
– V. também *pessoas* ou *animais*.
anjo – teoria.
apetrecho – apeiragem.
aplaudidor – quando pagos: claque.
argumento – carrada.
arma – quando tomadas ao inimigo: troféu.
artista – de teatro, de cinema..., quando trabalham em conjunto: companhia, elenco.
árvore – em geral e quando em linha: alameda, carreira, fileira, renque, rua, souto – V. *vegetal*.
– quando constituem maciço: floresta, mata, mato, arvoredo, bosque.
– quando altas, de troncos retos, a aparentar parque artificial: malhada.

asneira – chorrilho, acervo.

assassino – choldra, choldraboldra.

– V. *pessoas más*.

assistente – assistência.

astro – reunidos a outros do mesmo grupo: constelação.

ator – elenco.

autógrafo – quando em lista especial de coleção: álbum.

ave – em geral, quando em grande quantidade: bando, nuvem.

bandeira – quando tomadas ao inimigo: troféu.

barco – V. *navio*.

bêbedo – corja, súcia, farândula – V. *pessoas más*.

besta – V. *burro*.

bispo – reunidos para decidir pontos de doutrina: concílio. O concílio diz-se "ecumênico" quando composto dos bispos de toda a cristandade e presidido pelo papa.

boca-de-fogo – (peça de artilharia): bateria.

boi – armentio, armento, manada, maromba (quando em manadas), ponta (de gado), junta ou cingel (quando são dois no mesmo jugo).

borboleta – panapaná.

botão – abotoadura.

– quando em fileira: carreira.

bugio – V. *macaco*.

burro – tropa, manada, récua.

– quando carregados: comboio.

busto – (estátua, quando em coleção): galeria.

cabelo – cacho, trança, madeixa.

cabra – fato.

cachorro – V. *cão*.

cadeira – (quando dispostas em linha): linha, carreira, fila, fileira, renque.

cálice – baixela.

camelo – quando em récua, a conduzir mercadoria: cáfila, caravana; quando em grupo: camelaria.

canção – quando reunidas em livro: cancioneiro.

– quando populares, de uma época ou região: folclore.

canhão – bateria.

cão – matilha, canzoada, chusma.

capim – feixe, paveia, braçada, braçado.

cardeal – reunidos para a eleição do papa: conclave.

– reunidos sob a direção do papa: consistório.

carro – unidos para o mesmo destino: comboio, composição.

– em desfile recreativo: corso.

carta – correspondência.

– carta geográfica: atlas.

carvalho – quando já crescidos, mas ainda não adultos: malhada.

casa – reunidas quase sempre em forma de quadrado: quarteirão, quadra.

cavaleiro – (pessoa a cavalo): cavalgada, tropel, piquete (de cavalaria).

cavalgadura – piara, récua.

cavalo – manada.

cebola – quando presas pelas hastes entrelaçadas: réstia, enfiada, cambada.

cédula – bolada, bolaço.

cem anos – século.

cereais – (em geral): V. *grão*.

chave – quando num mesmo cordel ou argola: molho, penca.

cigano – bando, cabilda.

cinco anos – quinquênio, lustro.

cinco vozes ou *instrumentos* – quinteto.

clérigo – V. *padre*.

cliente – clientela, freguesia.

cobra – quando instaladas em lugar especial: serpentário.

coisas – em geral: acervo, acumulação, barda (de pratos, de erros), batelada (de arroz, de madeira...), bloco, chusma, data (de sal, de pancadas...), disparate, fartadela, fartão, fartura, grupo, meda, monte, montão, multidão, mundo, pinha, reunião, união.

– antigas e em coleção ordenada: museu.

– bem unidas e em quantidade: bastida (de paus, de taquaras, de ripas...).

– comerciáveis: sortimento (de fazendas, de louças...).

– desconexas: apontoado.

– em fila: carreira (de botões, de lâmpadas, de cadeiras...), linha, renque.

– em lista metódica: catálogo (de livros, de plantas...).

– em lista de anotação: rol, relação.

– em quantidade com que se enche o regaço (= porção): arregaçada (de flores, de saudades...).

– em quantidade que se pode abranger com os braços: braçada.

– em quantidade que pode carregar um carro (= grande porção): carrada (de tijolos, de terra, de razões, de argumentos...).

– em série: sequência, série, sequela, coleção.

– em sucessão ininterrompida e rápida: chorrilho (de sortes, de disparates).

– enfiadas em linha, em sequência: enfiada (de pérolas, de mentiras, de asneiras...), fieira, renque, ramal (de contas, de pérolas...).

– heterogêneas: congérie, mixórdia, choldra, salgalhada, choldraboldra.

– mal ordenadas: farragem.

– para a execução de qualquer obra ou para determinado fim: aparelho.

– reunidas e sobrepostas: monte, montão, cúmulo, pilha (de livros, de sacos...), resma (de papéis), rima.

– reunidas e colecionadas pela natureza, uso etc.: coleção, classe.

– quando caem do ar, em porção: saraiva, granizo (de pelouros, de flechas, de balas), chuva (de rosas...), chuveiro (de luz, de raios).

– quando, em coleção ou série, formam um todo: jogo (de pratos, de instrumentos...).

– quando, pesadas, caem repentinamente: avalancha, alude.

coisas ou *animais* – quando enfiados ou dependurados no mesmo gancho, cordel: cambada (de cebolas, de peixes...), enfiada, réstia (de cebolas...), molho (de chaves).

coisas, *animais* ou *pessoas* – (em geral): ajuntamento, chusma, coleção, concentração, concurso, conglobação, conglomeração, cópia, enfiada, legião, manga, mó, mole, monte, montão, multidão, pinha, quantia, quantidade, reunião, roda, soma, tropel, união.

coluna – colunata, renque.
comerciante – quando em reunião para tratar de interesses da corporação: câmara.
concorrente – assembleia, concorrência.
condensador elétrico – bateria.
cônego – cabido.
contrabandista – partida.
copo – baixela.
corda – em geral: cordoalha.
– quando no mesmo liame: maço.
– de navio: enxárcia, cordame, cordoalha, cordagem, massame.
correia de carro – apeiragem.
credor – junta.
criança – V. *pessoas em geral*.
cura – (eclesiásticos de uma diocese): sínodo (assembleia religiosa).
deputado – quando oficialmente reunidos: câmara.
dez – (grupo ou total composto de dez unidades): dezena.
– anos: década.
dinheiro – bolada, bolaço.
disco – discoteca.
disparate – apontoado.
dois – animais ou pessoas de sexo diferente: casal.
– animais ou pessoas do mesmo ou de sexo diferente, ou duas coisas: par.
– animais (principalmente muares): parelha, junta (de bois).
– anos: biênio.
– meses: bimestre (quando adjetivo, significa que dura dois meses).
– vozes: dueto.
doze – (coisas, animais): dúzia.
eclesiástico – (em assembleia religiosa): sínodo – V. *padre*.
égua – piara.
elefante – manada.
embarcação – frota – V. *navio*.
erro – barda.
escola – (de ordem mais elevada, cujo ensino abrange todos os ramos da instrução superior): universidade.
escravo – na mesma morada: senzala.
– quando a caminho para um mesmo destino: comboio.
– quando aglomerados: tropa, bando.
escrito – em prosa e em verso, em homenagem a homem ilustre: polianteia.
espectador – assistência.
espiga – amarrilho, arregaçada, atado, atilho, braçada, feixe, gavela, lio, molho, paveia.
– de milho: atilho (quando presas pela própria palha).
estaca – fincadas umas ao lado das outras em forma de cerca: paliçada.
estado – quando unidos em nação: federação, confederação, república.
estampa – em coleção: iconoteca.
– explicativas: atlas.

estátua – quando em coleção: galeria.

estrela – quando cientificamente agrupadas: constelação.

– quando em quantidade: acervo.

– quando em grande quantidade: miríade.

estudante – quando, em grupo, cantam ou tocam: estudantina.

– quando vagueiam, dando concertos: tuna.

família – quando, sob a autoridade de um chefe, vivem na mesma região e provêm de um tronco comum: tribo.

– de selvagens: tribo, cabilda.

feiticeiro – conciliábulo.

feno – braçada, braçado.

filhote – ninhada.

filme – filmoteca, cinemateca.

fio metálico – quando reunidos em feixe: cabo.

flor – antologia, arregaçada, braçada, fascículo, feixe, festão, capela, grinalda, ramalhete, buquê (aportuguesamento do fr. *bouquet*).

– quando ligadas ao mesmo pedúnculo: cacho.

foguete – quando agrupados em roda ou num travessão: girândola.

folha – (de papel): V. *papel*.

fotografia – quando em livro de coleção: álbum.

frade – quanto ao local em que moram: convento.

– quanto ao fundador ou quanto às regras a que estão sujeitos: ordem (dos franciscanos, dos beneditinos...).

frase – quando, mal ordenadas, formam um discurso chocho ou disparatado: apontoado.

freguês – freguesia, clientela.

fruta (em geral) – quando ligadas ao mesmo pedúnculo: cacho, penca.

– a totalidade das colhidas num ano: colheita, safra.

garoto – cambada, bando, chusma – V. *pessoas*.

gato – cambada.

gente – V. *pessoas*.

grão – manípulo (= o que a mão pode abranger), manelo, manhuço, manojo, manolho, maunça, mão, punhado.

gravura – quando colecionadas: iconoteca.

habitante – povo, população.

herói – falange.

hiena – alcateia – V. *animal*.

ilha – arquipélago.

índio – quando formam bando: maloca.

– quando em nação: tribo.

inseto – quando se deslocam em sucessão: correição.

– quando em grande quantidade: miríade, nuvem.

– quando nocivos e em quantidade: praga.

instrumento – cirúrgico: aparelho.

– de artes e ofícios: ferramenta.

jornal, revista – hemeroteca.

jurado – jure, conselho de sentença, corpo.
ladrão – bando, cáfila, malta, quadrilha, tropa, pandilha (brasileirismo do Sul).
lâmpada – quando em fileira: carreira.
lei – quando reunidas cientificamente: código, consolidação, corpo.
– quando colhidas aqui e ali: compilação.
lenha – molho, feixe, talha (= 50 molhos), carrada (= 4 talhas).
letra – (em ordem sistematizada): alfabeto, abecedário, abc.
lição – (sobre um assunto): curso.
livro – biblioteca.
lobo – alcateia, caterva – V. *animal*. V. *atalaia* no D. QVs.
macaco – capela.
malfeitor – bando, choldra, hoste, jolda, malta, manalha, metilha, matula, pandilha, quadrilha (quando organizados), sequela, súcia, tropa – V. *pessoas más*.
mandamento – (de Deus): decálogo.
mantimento – (em geral): sortimento, provisão.
– quando em saco, em alforje: matula, farnel.
– quando em cômodo especial: despensa.
mapa – atlas (quando ordenados, num volume), mapoteca (coleção).
máquina – maquinaria.
marinheiro – maruja, marinhagem, companha, equipagem, tripulação.
– quando em grupo desordenado: chusma.
mastro – (de navio): mastreação.
– considerados juntamente com as vergas, remos etc.: palamenta.
médico – quando em conferência, e um é o assistente do enfermo: junta.
membro – (de uma sociedade) – V. *pessoas*.
menino – V. *garoto* e *pessoas*.
mercadoria – (em geral): sortimento, provisão.
metal – (não precioso, que entra na construção de uma obra ou artefato): ferragem.
mil anos – milênio.
ministro – quando de um mesmo governo: ministério.
– quando reunidos para tratar de um assunto: conselho.
montanha – cordilheira, serrania, serra.
monte – cordilheira, serrania, serra.
móvel – mobília, aparelho, trem.
música – repertório (quanto a quem conhece); coleção.
músico – (com o instrumento): banda, charanga, filarmônica, orquestra.
nação – quando unidas para o mesmo fim: coligação, liga, aliança, confederação.
navio – frota, flotilha (pequena frota).
– de guerra: esquadra, armada, marinha.
– quando reunidos para o mesmo destino: comboio.
nota – (dinheiro): bolada, bolaço.
– (crítica de produção artística ou científica): comentário.
nove dias – novena.
oito dias – oitava (espaço em que a Igreja celebra alguma festa solene).
órgão – quando concorrem para uma mesma função: aparelho, sistema.

ouvinte – auditório.

ovelha – rebanho, grei, chafardel, malhada, oviário.

– que dão leite: alavão.

– que ainda não deram cria nem estão prenhes: alfeire.

ovo – postos pela galinha durante certo número de dias: postura.

– quando no ninho: ninhada.

padre – em geral: clero, clerezia.

– quando subordinados à jerarquia da Igreja: clero secular.

– quando subordinados a regras especiais de uma ordem, congregação, companhia: clero regular.

palavra – vocabulário.

– quando em ordem alfabéticae seguidas da significação: dicionário, léxico.

– quando proferidas sem ordem, sem nexo: palavrório.

pantera – alcateia – V. *animal*.

papel – caderno (em sentido estrito, técnico: cinco folhas; em sentido lato: folhas ligadas), mão (cinco cadernos), resma (vinte mãos), bala (dez resmas).

– quando no mesmo liame e como que batidas as folhas a maço: maço.

parente – quando em reunião: tertúlia; em geral: família.

partidário – facção, partido, torcida.

partido político – quando unidos para o mesmo fim: coligação, aliança, coalizão, liga.

pássaro – em geral e em grande quantidade: nuvem.

pau – quando fincados e unidos em trincheiras: bastida, paliçada – V. *vara*.

peça – destinadas a aparecer juntas na mesa: baixela, serviço.

– de artigo comerciável, quando em volume para transporte: fardo (de fazendas, de fumo, de alfafa...), magote: "As peças de seda vinham aos magotes de cem e de quinhentas".

– de artilharia: bateria.

– de roupa (quando enroladas): trouxa. Quando pequenas e atadas ou cosidas umas às outras para se não extraviarem na lavagem: apontoado.

– literária: antologia, florilégio, seleta, silva, crestomatia, coletânea, miscelânea.

peixe – em geral e quando na água: cardume.

– miúdo: boana.

– em depósito de água, para conservar ou criar: aquário.

– em fieira: cambada, espicha, enfiada.

– à tona: banco, manta.

pena – na ave: plumagem.

peregrino – caravana, romaria, romagem, rancho.

pessoa ou *animal* – chusma, cópia, facção, fila, fileira, magote, malta, partida, partido, quadrilha, rancho, tropa.

pessoa – (em geral): aglomeração, assembleia, banda, bando, cenáculo, chusma, colmeia, concentração, coorte, gente, golpe (antiquado), grupo, legião, leva, magote, maremagnum, massa, mó, mole, multidão, pessoal, piara, pinha, populaça, putissi, reunião, roda, rolo, troça, troço, tropel, turba, turma, zé-povinho.

– V. também *pessoa* ou *animal*.

– quando cantam juntas: coro.

– quando em acompanhamento solene: comitiva, cortejo, procissão, préstito, teoria, séquito.

– quando em desordem: choldraboldra, pandemônio, rolo, turbamulta.
– quando em grupos ou divisões de uma série ou conjunto, ou quando se distinguem das outras pelas ocupações, natureza: classe (de alunos, de profissionais, de homens...).
– quando empenhadas em agradar outrem: corte.
– quando equipam, governam ou dirigem um barco, um aeroplano: tripulação.
– quando incumbidas de um mesmo serviço material: turma (de pedreiros, de calceteiros...).
– quando o serviço é de outra natureza: corpo (de jurados, de professores... legislativo, sanitário...).
– quando moram em promiscuidade: cortiço.
– quando pagas para aplaudir: claque.
– quando reunidas em assembleia política popular: comício, "meeting".
– quando reunidas em romaria: romagem, peregrinação.
– quando reunidas para diversão: farrancho, rancho.
– quando reunidas para julgar: jure, corpo de jurados, conselho.
– quando reunidas para modificar, estabelecer situações políticas: convenção, liga, dieta.
– quando reunidas para tratar de um mesmo assunto: comissão (de técnicos, de professores, de representantes...), conselho, congresso, conclave, convênio, corporação.
– quando se revezam: turno.
– quando sujeitas ao mesmo estatuto: agremiação, associação, centro, clube, grêmio, liga, sindicato, sociedade.
– quando unidas por votos religiosos ou ligadas pelo mesmo interesse ou condições de vida, de costumes: cenáculo, classe, comunidade, confraria, congregação, irmandade, ordem, sinédrio.
– quando viajam ou passeiam juntas: caravana.
– em sentido depreciativo: corja, caterva, choldra, farândula, récua, súcia – V. *pessoa má*.
– em sucessão ininterrompida e rápida: chorrilho.
– curiosas: pinha.
– ilustres por qualquer título: plêiade, pugilo, punhado.

pessoa má – (malfeitores em geral): alcateia, cáfila, canzoada, corja, matula, súcia.
– quando em grande porção: bando, horda (de vândalos, de salteadores...), réstia.
– quando em bando organizado: quadrilha.
– quando em reunião clandestina: conluio, conventículo, conciliábulo, cabala.

pilha elétrica – bateria.

planta – de uma região – flora.
– secas para classificação: herbário.

poesia lírica lusitana ou *espanhola* – cancioneiro.

ponto – apontoado.

porco – manada, piara, vara, vezeira.

povo (nação) – aliança, coligação, confederação, liga.

prato – baixela, barda.

princípio – (filosófico, político, moral): sistema, escola.

prisioneiro – quando em conjunto: leva.
– quando a caminho para o mesmo destino: comboio.

professor – de estabelecimento secundário ou primário: corpo docente.
– de faculdade superior: congregação.

quadro – de pintura: pinacoteca, galeria.

quarenta – (dias, meses, anos etc.): quarentena.

quatro anos – quadriênio.

– versos: quarteto, quadra.

– vozes: quarteto.

razão – carrada.

recorte – retraçário, cortezário.

recruta – leva.

religioso – quanto ao lugar de vida em comum: convento – V. *pessoas, quando unidas por votos religiosos.*

remos, *mastros* e *vergas* – palamenta.

retrato – quando em coleção e representam personagens ou assuntos históricos, comuns ou da vida real: galeria.

revista (jornal) – hemeroteca.

ripa – quando em conjunto e bem unidas: bastida.

roupa – de homem: terno (paletó, calça e colete), aparelho (calça e paletó).

– de noiva, de colegial, de criança recém-nascida: enxoval.

– em geral, de vestir exteriormente: vestuário, fato.

– em geral, de vestir internamente: roupa branca.

sardinha – quando em cardume no mar: corso.

saudade – arregaçada.

sectário – facção.

seis meses – semestre.

– vozes ou instrumentos – sexteto, sêxtuor.

selo – quando em livro de coleção: álbum.

selvagem – cabilda, tribo.

senador – quando em reunião oficial: senado.

serpente – *V. cobra.*

sete dias – semana.

– vozes ou instrumentos – septeto, setimino, séptuor.

sócio – associação.

– em reunião: assembleia.

soldado – pelotão, companhia, batalhão, regimento, brigada, divisão, exército.

– em ordem de marcha: hoste, partida.

– quando guarnecem um lugar: guarnição.

– outros coletivos: coluna, destacamento, patrulha, piquete, esquadrão, grupo, troço, falange, tropa.

som – orquestra.

talher – baixela.

taquara – quando em conjunto e bem unidas: bastida.

tolice – acervo.

trabalhador jornaleiro dos campos – maltesia, rancho.

tradições e crenças populares orais ou escritas – folclore.

trecho literário – analecto, antologia, catalecto, compilação, florilégio, seleta, silva.

três – conjunto de peças (garfo, colher e faca) de que cada pessoa se serve quando come: talher.

– dias: tríduo.

– meses: trimestre, quartel (do ano).

– anos: triênio.

– versos: terceto.

– vozes: terceto, trio.

trigo – meda (= feixe).

tripulante – (de navio): tripulação, equipagem, marinhagem, maruja.

– de avião: tripulação.

turista – caravana.

utensílio – em geral, quando destinados ao mesmo fim: trem (de cozinha, de lavoura...).

– de cozinha: bateria.

– de lavoura, de oficina: apeiragem.

– de mesa (pratos, copos, talheres, cálices...): baixela.

vaca – armentio, armento.

vadio – cambada, manada, malta, súcia – V. *pessoas más*.

vagão – comboio.

vara – braçada, braçado, molho, feixe – V. *pau*.

vegetal (em geral): mão, mancheia, mão-cheia, massa, maciço ("À esquerda do vale está um maciço de verdura do mais belo viço"), molho, paveia – V. *árvore*.

velhaco – V. *malfeitor*.

vereador – quando oficialmente reunidos: câmara.

vergas, *mastros* e *remos* – palamenta.

verso – estrofe, estância.

viajante – V. *pessoas quando viajam*.

vinte – (grupo ou total composto de vinte elementos): vintena.

vinte e cinco anos: quartel de século – "No último quartel do século XX" – A palavra *quartel* indica também a quarta parte do ano (trimestre).

Questionário

1. Como se classificam os substantivos?

2. Que são substantivos *concretos fictícios*? Exemplos.

3. Os substantivos *eletricidade* e *Júpiter* são concretos ou abstratos?

4. Por que é que *Pedro* é substantivo próprio?

5. Os nomes dos meses são próprios? Por quê? (Veja bem a observação do § 167.)

6. Cite um exemplo de nome próprio pessoal, especificando as partes que o constituem.

7. Que são substantivos *patronímicos*? Exemplos.

8. Cite 5 exemplos de substantivos *comuns*.

9. Cite 2 exemplos de substantivos primitivos, com seus respectivos derivados.

10. Que é substantivo *coletivo*? Exemplos.

11. Explique o significado dos seguintes coletivos: *matilha*, *vara*, *alcateia*, *cáfila*.

12. Aplique o que aprendeu nesta lição aos substantivos: *lição*, *agradecimento*, *lusco-fusco*. (Modelo: *mesa* – comum, concreto, primitivo, simples.)

CAPÍTULO 10

FLEXÃO DO SUBSTANTIVO

180 – Como há pouco acabamos de ver (§ 162 e 163), os substantivos são flexíveis. Pois bem, as palavras que pertencem a esta classe podem flexionar-se de três maneiras diferentes:

a) quanto ao **gênero**
b) quanto ao **número**
c) quanto ao **grau**

Daí, os três tipos de flexão dos substantivos: flexão *genérica*, flexão *numérica* e flexão *gradual*.

Nota: Havia no latim mais um tipo de flexão, a flexão *casual*. De acordo com a função sintática (sujeito, objeto direto, objeto indireto etc.) que a palavra exercia na oração, tinha ela uma terminação, uma desinência, um *caso* especial; assim, se *Pedro* era o sujeito de uma oração, este nome terminava em *us* – caso *nominativo*: *Petrus* est bonus (*Pedro* é bom); se era adjunto adnominal restritivo, terminava em *i* – caso *genitivo*: liber *Petri* (livro *de Pedro*); se objeto indireto, em *o* – caso *dativo*: Librum dedi *Petro* (Dei o livro *a Pedro*); se objeto direto, em *um* – caso *acusativo*: Vidi *Petrum* (Vi *Pedro*); se empregado em orações imperativas, exclamativas ou de apelo, em *e* – caso *vocativo*: Hoc vide, *Petre* (Veja isto, *Pedro*); se adjunto adverbial, também em *o* – caso *ablativo*: Cum *Petro* ambulavĭmus (Passeamos *com Pedro*) (*).

Tal tipo de flexão desapareceu em nossa língua, onde, qualquer que seja a função sintática que na oração exerça o substantivo, este conserva sempre a mesma terminação.

(*) O aluno que desejar conhecer bem a função desses casos, com grande proveito para si no que diz respeito à análise dos termos da oração em português, estude as 8 (oito) primeiras lições de nossa *Gramática Latina*.

Na própria língua portuguesa, quando se diz que determinada palavra exerce *função de acusativo*, entende-se que ela exerce *função de objeto direto*; de igual maneira, por *função dativa* entende-se *função de objeto indireto*.

Para substituir os casos, as línguas neolatinas usam as *preposições* e o *artigo*, além de outros recursos que mais tarde veremos; essa é a razão por que se diz que o latim é língua *sintética*, e as neolatinas, *analíticas*: *Liber Petri* (2 palavras) – O *livro de Pedro* (4 palavras).

O alemão, o grego, o russo são também línguas sintéticas, porquanto a função sintática dos nomes da frase é indicada nesses idiomas por *casos*.

De todos os casos latinos vistos, o mais importante para nós é o *caso acusativo*, porquanto dele vieram, com raras exceções, todos os nossos vocábulos, motivo por que o *acusativo* é para nós considerado o *caso lexicogênico*, isto é, o caso que deu origem aos nossos vocábulos; assim, *corpo* veio do latim *corpus*, acusativo neutro da terceira declinação; *árvore* de *arborem*, acusativo feminino da mesma declinação etc. (§ 613).

Flexão Genérica

181 – Quanto ao gênero, um substantivo pode ser:

masculino
feminino
epiceno
comum de dois gêneros
sobrecomum

182 – MASCULINO, FEMININO: Quando dizemos que um animal é *macho*, queremos indicar o *sexo real*, físico, do animal ou de qualquer outro ente animado; se dizemos que a *égua* é a *fêmea* do cavalo, especificamos o sexo desse animal, com relação ao sexo do cavalo.

Passando do terreno físico para o terreno da gramática, não se irá dizer que *égua é palavra fêmea*, mas, sim, que *égua é palavra do gênero feminino*. Do mesmo modo, o cavalo, como animal, é macho, mas a palavra *cavalo* é do *gênero masculino*.

Dessa rudimentar explicação, compreende-se que o *gênero gramatical* de um substantivo corresponde ao sexo real do ser que esse substantivo designa.

Gênero gramatical é a indicação do sexo real ou suposto dos seres.

Está claro que, por haver dois sexos, dois devem ser os *gêneros gramaticais*: o *gênero masculino* e o *gênero feminino*.

183 – Tratando-se de seres animados, de seres vivos, fácil é especificar o sexo e, conseguintemente, dizer se a palavra que designa o ser vivo é de gênero *masculino* ou *feminino*. Mas *lápis*, *livro*, *porta*, *janela* de que gênero serão se essas palavras não especificam seres vivos? Qual o critério que iremos adotar no atribuir a essas palavras este ou aquele gênero gramatical?

O latim, da mesma maneira que o grego, costumava atribuir aos nomes das coisas o *gênero neutro* (*ne* = não + *uter* = um e outro) que, como a própria palavra está a indicar, não especifica *nem um nem outro* gênero gramatical, pela mesma razão por que as coisas não têm nenhum dos dois sexos. Assim, *flumen* (rio), *bellum* (guerra), *caput* (cabeça), *mare* (mar), *cornu* (chifre) etc. são em latim palavras *neutras*, com terminações especiais, diferentes das terminações do masculino e do feminino, porque os objetos designados por esses nomes não possuem sexo.

Mas a nem todas as palavras se estendeu essa orientação, e os nomes das coisas inanimadas passaram, a semelhança das que designam seres vivos, a ter uns o gênero masculino, outros o feminino (§ 614).

Para tanto, *supunha-se*, ou por meio da *terminação* da palavra, ou pela *analogia* com outras, o gênero masculino ou feminino. A orientação no atribuir o gênero gramatical aos nomes de seres inanimados varia de língua para língua; se *mulher*, ente animado, é substantivo feminino em todas as línguas, *lua*, que designa ser inanimado, pode ser feminino numa língua, como no português, e masculino noutra, como o é no alemão.

Não podendo aplicar o latim o gênero neutro a todos os nomes de coisas, consequência natural foi o desaparecimento do neutro nas línguas neolatinas, não obstante haver ainda resquícios desse gênero: *aquele* (masc.), *aquela* (fem.), e **aquilo** (neutro); *este*, *esta*, **isto**; *esse*, *essa*, **isso**; *todo*, *toda*, **tudo**; **algo** (alguma coisa); **nada** (nenhuma coisa); **al** (outra coisa) são reminiscências do gênero neutro.

184 – Tratando-se, pois, de nomes de coisas, o gênero gramatical que se lhes atribui é *fictício*, baseado ora na *terminação* do vocábulo, ora na *significação*.

Terminação

185 – São **masculinos** os substantivos terminados em:

1 – *o*, *i*, *u*: *litro*, *batismo*, *álibi*, *jaborandi*, *pó*, *nó*, *dó*, *biju*, *caju*, *maracatu*.

Excetuam-se: *tribo*, *avó*, *mó*, *enxó*, *juriti*, *lei*, *grei*.

2 – *é*: *café*, *rapé*, *uarubé*, *cabriolé*.

Excetuam-se: *galé*, *libré*, *maré*, *sé*, *chaminé*, *fé*, *ré* (retaguarda), *guiné*.

Observação:

Dos terminados em *e* átono são uns masculinos (*pente*, *pote*, *leque*, *aparte*, *estandarte*, *debate*) e femininos outros: *bronquite*, *ode*, *fome*, *lide*, *sede*, *bólide*.

3 – *em, im, om, um*: *armazém, brim, dom, bodum.*

Exceções: – *ordem, adem* e todos os terminados em *gem*: *aragem, linguagem, personagem* (*o* personagem é francesismo), *origem, penugem* etc.

4 – *en*: *âmen, líquen.*

5 – *au, éu, eu, ói*: *cacau, chapéu, liceu, caubói.*

Excetua-se *nau.*

6 – *l*: *graal, tonel, anil, anzol, paul.*

Exceções: – *cal, catedral, bacanal, moral* (= moralidade) e outros que, primitivamente adjetivos, passaram a ser substantivos, conservando o gênero do substantivo que costumavam acompanhar, como *a vogal* (a *letra* vogal), *a diagonal* (a *linha* diagonal) etc.

7 – *r*: *alamar, escaler, nadir, furor, calembur.*

Exceções: – *beira-mar, colher* (*ér*), *cor, dor, flor.*

8 – *s*: *caos* (pronuncia-se *cáos*), *lápis, cais, áloes.*

Excetua-se *cútis.*

Observação:

Os terminados em *z* distribuem-se pelos dois gêneros – masculinos: *albornoz, alcatraz*; – femininos: *paz, foz, noz.*

9 – *x*: *tórax, índex.*

Excetua-se *fênix* (fênis).

186 – São **femininos** os substantivos terminados em:

1 – *a*: *cama, barca, orelha.*

As palavras terminadas em *a* originam-se quase todas da primeira declinação latina.

Exceções: *anacoreta, cometa, dia, planeta, trema* e muitos outros de origem grega, como *celeuma, coma, dilema, eczema, eurema, poema, teorema, epigrama, grama, miligrama, telefonema, zeugma* etc. (V. D. QVs, *celeuma.*)

Excetua-se, igualmente, a maioria dos terminados em *a* agudo, quase todos derivados de línguas americanas ou de línguas orientais: *fubá, gambá, jacá, maná, xará* (bailado), *indaiá, jatobá, maracujá* etc.

2 – *ã*: *avelã, manhã.*

Exceções: *afã, talismã, imã.*

3 – *ção*, quando abstratos: *viração, rotação, afeição.*

4 – *gem* (V. § 185, 3): *linguagem, homenagem, aragem.*

5 – *dade* e *ice*: *cidade, verdade, tolice, velhice.*

Significação

187 – Por este processo, atribui-se o gênero aos substantivos que designam seres inanimados, mediante analogias, comparações e pela classificação do objeto designado pelo substantivo.

Dessa maneira, consideram-se:

A) **masculinos**: Os nomes dos *montes* (Vesúvio, Etna), *mares* (Mediterrâneo, Atlântico), *rios* (Amazonas, Nilo), *meses* (janeiro, dezembro) e *ventos* (aquilão, tufão).

B) **femininos**: 1 – As partes do mundo: *Europa*, *Ásia*, *África*, *América*, *Oceânia*. 2 – As ciências e as artes liberais: *magistratura*, *medicina*, *engenharia*, *advocacia*, *pintura*, *escultura*. 3 – Os nomes próprios de *regiões*, *cidades*, *vilas*, *ilhas*: *Amazônia*, *Londres* (a populosa Londres), *Paris* (a bela Paris), *Marajó* (Marajó é linda), *São Paulo* (cidade) é dinâmica.

Excetuam-se *Cairo*, *Porto* e *Rio de Janeiro*, nomes estes que exigem o artigo masculino: *Estive no Cairo*, *vim do Porto*, *voei sobre o Rio de Janeiro*.

188 – Escapam deste processo as *letras do alfabeto* e as *notas musicais*, não obstante pertencerem às classes das *letras* e das *notas*, nomes estes femininos: o *a*, dois *ss*, o *ré*, o *si*.

Os nomes das *frutas* e das *flores* igualmente não obedecem a essa norma, sendo uns masculinos e outros femininos: o *figo*, a *pera*, o *coco*, a *maçã*, a *rosa*, o *cravo*, a *violeta*, o *jasmim*.

189 – Como vemos, tais processos são fracos substitutivos do gênero neutro latino. Um bom dicionário, o mais das vezes, é o mais seguro meio para a discriminação do gênero das palavras que designam seres inanimados.

Note-se que os dicionários costumam trazer as abreviaturas *s. m.* (ou simplesmente *m.*) para indicar substantivo masculino; *s. f.* (ou apenas *f.*) para indicar substantivo feminino.

Particularidades

200 – A questão do *gênero dos substantivos* não para nas normas vistas nos parágrafos anteriores; outros fatos há, particulares, que necessitam ser estudados isoladamente. O uso, fator soberano da consolidação de uma língua e das leis que a regem, consagra certas formas que, embora esquisitas, tornam-se comuns e de emprego cotidiano na boca do povo.

É o que se passa, em português, com o gênero de certos substantivos. São fatos que, adstritos a pequeno número de palavras, denominam-se *particularidades genéricas*.

201 – EPICENO: Considerados quanto à flexão genérica, certos substantivos se denominam **epicenos**. Nesta classe estão incluídos os substantivos para os quais o uso consagrou uma *única forma, com um único gênero gramatical*, para designar os dois sexos. Assim, *baleia, cobra, tubarão, jacaré* são substantivos que designam tanto o macho como a fêmea desses animais; mas, note-se bem isto, estes nomes têm gênero gramatical *determinado* e *fixo*: *baleia* e *cobra* são substantivos do gênero gramatical feminino; *tubarão* e *jacaré*, masculino; aqueles *sempre* se usam com o artigo *a*, estes *sempre* com o artigo *o*.

Como discriminar, então, na linguagem, o sexo real desses animais? Isso é feito mediante o acréscimo dos adjetivos *macho* e *fêmeo*: *a baleia macha, a baleia fêmea*; *o tubarão macho, o tubarão fêmeo*.

Não nos admiremos da forma *fêmeo*; esta palavra, no caso presente, é adjetivo e, como tal, deverá flexionar-se de acordo com o gênero do substantivo a que se refere; o mesmo se observe com o adjetivo *macho*, que, referindo-se a nomes femininos, deverá flexionar-se em *macha*. *A pulga macha, flores machas, palmeira macha*. Pode-se, ainda, indiferentemente, dizer: *o macho da pulga, a fêmea do jacaré*.

Geralmente, os nomes de *répteis* (a cobra, o jacaré), *batráquios* (o sapo, a rã), *peixes* (o salmão, a sardinha), *insetos* (o pernilongo, a pulga) e outros animais inferiores são **epicenos**; dos quadrúpedes e das aves, uns há que também são **epicenos** (a zebra, o rinoceronte), mas outros possuem duas formas, uma para cada gênero: *o cachorro, a cachorra*; *o cavalo, a égua*.

202 – COMUM DE DOIS GÊNEROS: Outro grupo de palavras constituem os substantivos **comuns de dois**, assim denominados os substantivos que, de uma só forma, têm o artigo que os acompanha flexionado de acordo com o sexo que se quer indicar; são diferentes, portanto, dos **epicenos**, pois estes possuem gênero gramatical próprio e o artigo que os acompanha não se flexiona.

Artista, pianista, jovem, selvagem, consorte, cliente, lente e outros são, rigorosamente, substantivos sem gênero, que se considerarão masculinos ou femininos, conforme a homem ou a mulher se referirem, obedecendo o artigo ao sexo que se queira designar:

o (homem) *consorte*	*a* (mulher) *consorte*
o " *jovem*	*a* " *jovem*
o " *lente* (professor)	*a* " *lente* (professora)
o " *pianista*	*a* " *pianista*
o " *selvagem*	*a* " *selvagem*
o (menino) *soprano*	*a* (mulher) *soprano*

203 – SOBRECOMUM: Outros substantivos existem, como *vítima*, *criança*, *algoz*, *testemunha*, que, de gênero fixo, aplicam-se indiferentemente a homem ou a mulher: *João é uma criança – Maria é um algoz de seu pai – A vítima Pedro Mariano foi internada – Morreu a cantora Geraldina, um dos ídolos da ópera – Presa de grande dor, o homem morreu – Alvo de grande perseguição, a mulher fugiu* (V. § 768, 3).

Alguns sobrecomuns:

algoz *m.*	criança *f.*	presa *f.*
alvo *m.*	ídolo *m.*	testemunha *f.*
animal *m.*	membro *m.*	tipo *m.*
cônjuge *m.*	pessoa *f.*	vítima *f.*

204 – Muitos substantivos têm gênero próprio quando designam coisas, objetos, mas tornam-se *comuns de dois* quando passam a especificar *ofícios*:

a bandeira (estandarte)	*o bandeira, a bandeira* (porta-bandeira)
a cabeça (parte do corpo)	*o cabeça, a cabeça* (chefe, líder)
a caixa (local de pagamento)	*o caixa, a caixa* (funcionário, funcionária da caixa)
a espia (cabo, corda)	*o espia, a espia* (espião, ã)
a guarda (serviço de vigilância, proteção)	*o guarda, a guarda* (a pessoa encarregada de vigiar ou guardar)
a guia (documento que acompanha uma encomenda)	*o guia, a guia* (condutor, a)
a lente (vidro de aumento)	*o lente, a lente* (professor, a)
a língua (idioma)	*o língua, a língua* (intérprete)
a trombeta (instrumento musical)	*o trombeta, a trombeta* (a pessoa que toca esse instrumento)

205 – Outros substantivos existem que sempre designam coisas, mas têm gênero diverso, conforme a significação com que são empregados:

o capital (fundo monetário)	*a capital* (cidade principal)
o cisma (cisão da Igreja)	*a cisma* (dúvida)
o crisma (o óleo usado nesse ato)	*a crisma* (ato religioso)
o cura (padre)	*a cura* (ato de curar)
o grito (brado)	*a grita* (gritaria)
o poço (cavidade funda)	*a poça* (cova rasa com água; pron. *póça*).

206 – Quanto ao processo de **FORMAÇÃO DO FEMININO** dos substantivos, podemos dividir o caso em quatro partes:

1ª – A maioria dos substantivos passa para o feminino mediante simples mudança da terminação para *a* ou mediante o acréscimo de *a*:

masculino	*feminino*
bacharel	bachareL*a*
cachorr*o*	cachorr*a* (vários significados)
chef*e*	chef*a*
deputad*o*	deputad*a*
elefant*e*	elefant*a* (antigamente, *elefoa*)
general	general*a*
gigant*e*	gigant*a*
hósped*e*	hósped*a*
juiz	juí*za*
marquês	marques*a*
menin*o*	menin*a*
mong*e*	monj*a*
parent*e*	parent*a*
patif*e*	patif*a*
reitor	reitor*a*
soberan*o*	soberan*a*
zagal	zagal*a*

2ª – Outros sofrem alteração no radical antes da desinência feminina, ou, ainda, vão para o feminino com desinência especial:

masculino	*feminino*
abade	abadessa
avô	avó
conde	condessa
duque	duquesa
felá	felaína
frade	freira
herói	heroína
ladrão	ladra
marajá	marani
papa	papisa
pardal	pardoca, pardaloca, pardaleja
perdigão	perdiz
poeta	poetisa
príncipe	princesa
profeta	profetisa
rei	rainha
réu	ré
sacerdote	sacerdotisa
varão	varoa [1]

(1) V. *Dicionário de Questões Vernáculas, varão.*

3ª – Certos substantivos têm o feminino inteiramente diverso do masculino:

masculino	*feminino*	*masculino*	*feminino*
bode	cabra	genro	nora
cão	cadela	homem	mulher
carneiro	ovelha	javali	gironda (javalina)
cavalheiro	dama	padrasto	madrasta
cavalo	égua	pai	mãe
compadre	comadre	zângão	abelha
cupim	arará (fêmea alada)		

4ª – Dos substantivos terminados em **ão** o procedimento varia para a formação do feminino:

ão	*ã*	*ão*	*oa*	*outras flexões*	
aldeão	aldeã	hortelão	horteloa	Adrião	Adriana
anão	anã	leão	leoa	barão	baronesa
campeão	campeã	leitão	leitoa	anfitrião	anfitriã e anfitrioa
capitão	capitã	patrão	patroa		
charlatão	charlatã	tabelião	tabelioa	ermitão	ermitã e ermitoa
cortesão	cortesã				
deão	deã			João	Joana
decurião	decuriã			ladrão	ladra
espião	espiã				
folgazão	folgazã			perdigão	perdiz
irmão	irmã				
órfão	órfã				

207 – Observe-se a existência de substantivos com duas formas, uma masculina e outra feminina, que guardam certa analogia de sentido, nuns muito próxima (alguns são até sinônimos: *chinelo*, *chinela*) e noutros mais afastada:

masculino	*feminino*	*masculino*	*feminino*
banheiro	banheira	fosso	fossa
barco	barca	jarro	jarra
caldo	calda	modo	moda
cano	cana	porto	porta
casco	casca	ramo	rama
cerco	cerca	saco	saca
cinto	cinta	trilho	trilha

208 – Noutros substantivos há apenas aparência de flexão de gênero; são palavras de etimologia e significação diferentes:

mico (espécie de macaco) – *mica* (lâmina de brilho metálico).

cão (animal; lat. *canem*) – *cã* (cabelo branco; lat. *canus, a, um*). Este substantivo usa-se quase sempre no plural: respeitáveis *cãs*.

Outros exemplos: *caso*, *casa*; *prato*, *prata* etc.

209 – Tratando-se de substantivos compostos, o gênero é dado de acordo com a ideia que se quer fazer ressaltar; *carta-bilhete* é do gênero feminino, porque a ideia principal é dada pelo elemento *carta*, sendo *bilhete* apenas um especificativo: *a carta* em forma de *bilhete*. Nesses casos o elemento principal costuma vir em primeiro lugar, tornando-se fácil, conseguintemente, a determinação do gênero do composto: *o papel-moeda, a moeda-papel*.

Questionário

1. De quantas maneiras pode flexionar-se o substantivo? Quais são elas?
2. Que diz da *flexão de caso*?
3. Que se entende em português quando se diz que determinada palavra exerce função de *acusativo*?
4. Que vem a ser caso *lexicogênico*?
5. Quanto ao gênero, como pode ser o substantivo?
6. Por que a língua latina se chama *sintética* e as neolatinas *analíticas*?
7. Discorra sobre o *gênero neutro*. Há resquícios desse gênero em português?
8. Qual o critério seguido pelo português e pelas línguas neolatinas para determinar o gênero das palavras que designam seres inanimados?
9. *Dó* é palavra *masculina* ou *feminina*? Por quê? Tenho *muito* dó – ou – tenho *muita* dó de fulano?
10. Qual o gênero de *cal*? Cal *misturada* com areia – ou – cal *misturado* com areia?
11. *Um* ilustre personagem – ou – *uma* ilustre personagem? Por quê?
12. *Dois gramas* ou *duas gramas*? *Um telefonema* ou *uma telefonema*? Por quê?
13. *S. Paulo* (capital) é *populoso* ou *populosa*? Por quê?
14. Que entende por *particularidades genéricas*?
15. Que são substantivos *epicenos*?
16. Como discriminar o gênero desses substantivos?
17. Que espécie de substantivos compreendem os *epicenos*?
18. Qual a diferença entre substantivos *epicenos* e *comuns de dois*? (Estude bem o § 202).
19. O substantivo *soprano* é epiceno ou comum de dois?
20. Três exemplos, que não constem na lição, de substantivos *comuns de dois*.
21. Que é substantivo *sobrecomum*?
22. Com relação ao gênero, que diz do substantivo *lente*?
23. De quantas maneiras se pode obter o feminino dos substantivos? Discorrer, com exemplos, sobre cada caso.
24. Qual o feminino de *juiz*, *parente*, *elefante* e *deputado*?
25. Qual o feminino de *ladrão*, *varão*, *réu* e *perdigão*?
26. Que diz dos substantivos *saco* e *saca*?
27. Que diz dos substantivos *cão* e *cã*? É capaz de citar outros exemplos?
28. Qual o gênero de *rosa-cravo*? Por quê?

CAPÍTULO 11

FLEXÃO NUMÉRICA

212 – Os substantivos, tal qual se encontram nos dicionários, indicam um só elemento, uma única unidade, ou seja, encontram-se sempre na forma *singular*. Se tivermos necessidade de indicar mais de um ser, *flexionaremos numericamente* o substantivo, e diremos então que o substantivo passou para o plural.

Isto de poder o substantivo indicar um ou mais objetos é o que em gramática se chama *número*. **Número gramatical** é, pois, a propriedade que têm os substantivos de indicar um ou mais objetos.

213 – Conclui-se, da explicação supra, haver em português dois números, o **singular** e o **plural**. Exemplos: *casa* (singular), *casas* (plural); *homem* (singular), *homens* (plural).

Nota: Há no grego mais um número, o *dual*, com desinência especial, assim denominado por indicar apenas duas unidades. Esse número nenhum resquício deixou nem no latim, nem no português:

ἡ βίβλος = o livro	αἱ βίβλοι = os livros	τὼ βίβλω = os *dois* livros
singular	plural	dual

214 – Dos dois exemplos dados (*casa*, *casas*; *homem*, *homens*), vemos ter constituído o caraterístico do plural o *s* final, observando-se que em *casa* bastou seu simples acréscimo, ao passo que em *homem* houve alteração antes de ser acrescentado o *s*. Estudemos, pois, as regras, condições e alterações necessárias para a indicação do plural dos substantivos.

215 – Os substantivos terminados em *vogal*, quer oral quer nasal, vão para o plural mediante simples acréscimo de um *s*:

singular	*plural*	*singular*	*plural*
caderno	cadernoS	nó	nóS
romã	romãS	pá	páS

Nota: O *s* como letra característica do plural português é reminiscência do acusativo plural latino, caso que (*lexicogênico*, como sabemos) termina, no plural, em *s* em todas as declinações latinas(*).

216 – Os substantivos terminados em *ão* não passam para o plural de maneira idêntica:

1 – Uns se flexionam mediante simples acréscimo do *s*, de acordo com a primeira regra:

singular	*plural*	*singular*	*plural*
irmão	irmãos	grão	grãos
cidadão	cidadãos	desvão	desvãos
mão	mãos	corrimão	corrimãos

2 – Outros vão para o plural mudando o *ão* em *ães*:

singular	*plural*	*singular*	*plural*
cão	cães	tabelião	tabeliães
capelão	capelães	pão	pães

3 – Um terceiro grupo passa para o plural mudando o *ão* em *ões*:

singular	*plural*	*singular*	*plural*
canhão	canhões	limão	limões
fração	frações	rincão	rincões

Nota: Diversos substantivos terminados em *ão* possuem dois plurais (*plural duplo*).

singular	*plural*
alazão (cor de canela)	alazães, alazões
alcorão	alcorães, alcorões
bastião	bastiães, bastiões
fuão (= fulano)	fuãos, fuões
guardião	guardiães, guardiões
sacristão	sacristãos, sacristães
vilão	vilãos, vilões

Outros há que possuem os três plurais (*plural triplo*): *ãos*, *ães* e *ões*:

singular		*plural*	
alão (cão de fila)	alãos	alães	alões
aldeão	aldeãos	aldeães	aldeões
anão	anãos	anães	anões
ancião	anciãos	anciães	anciões
peão	peãos	peães	peões
pião	piãos	piães	piões (1)
vulcão	vulcãos	vulcães	vulcões

(*) V. nossa *Gramática Latina*, § 121.

(1) V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, *pião*.

Observações:

1ª – A quem possui rudimentos de latim torna-se fácil saber o plural dos nomes terminados em *ão*. Basta confrontar o acusativo plural latino da palavra: o *n* passa a sua *nasalização* para a vogal anterior por meio do til (~), conservando-se inalterada a vogal que vem depois do *n*. Assim, o plural de *pão* é *pães*, por ser *panes* (com *e* depois do *n*) o acusativo plural latino; de *lição* é plural *lições*, por ser *lectiones* (com a terminação *ones*) o plural em latim; de *grão* é *grãos*, por corresponder ao latim *granos* (com *o* depois do *n*):

p*ã*(n)*es*	liç*õ-es*	gr*ã*(n)*os*
	lecti*o*(n)*es*	

Essa norma se aplica também aos substantivos de plural duplo ou triplo, no caso de querer a pessoa dar preferência a um dos plurais, pois bastará averiguar qual das diversas formas corresponde ao acusativo plural latino. *Vulcão*, por exemplo, tem três plurais, mas o plural *vulcãos* é o que corresponde ao plural latino vulcAnOs.

2ª – Palavras há, no entanto, terminadas em *ão*, que não possuem formas correspondentes em latim: a tendência, em tais casos, é flexioná-las, no plural, em *ões*: *botão*, *botões*; *vagão*, *vagões*.

3ª – Existem algumas palavras em *ão* que passam para o plural sem obedecer ao plural latino; assim, o plural de *escrivão* é *escrivÃEs*, ao passo que em latim é *scribAnOs*; *capitão*, *capitÃEs* (lat. *capitAnOs*), por influência do espanhol *capitAnEs*; *tabelião*, *tabeliÃEs* (lat. *tabelliOnEs*).

4.ª – Os nomes terminados em *ão átono* (V. § 136) seguem a regra geral: *acórdão*, *acórdãos*; *gólfão*, *golfãos*; *lódão*, *lódãos*; *nábão*, *nábãos*; *orégão*, *orégãos*; *órgão*, *órgãos*; *sótão*, *sótãos*.

217 – Os terminados nas nasais *em*, *im*, *om* e *um* põem-se no plural mediante mudança do *m* em *ns*:

singular	***plural***	***singular***	***plural***
armazém	armazéns	som	sons
espadim	espadins	debrum	debruns

218 – Os substantivos terminados na nasal *n* fazem o plural, no Brasil, de acordo com a primeira regra:

singular	***plural***	***singular***	***plural***
líquen	liquens	abdômen	abdomens
pólen	polens	cólon	colons

Cânone, *germe*, *espécime*, *cerume* devem ser usados de preferência a *cânon*, *gérmen*, *espécimen*, *cerúmen*, seguindo, para o plural, a regra geral: *cânones*, *germes*, *espécimes*, *cerumes*.

Nota: *Líquen* é palavra paroxítona; seu plural, bem como o de *abdômen*, é, em Portugal, em *es*: *líquenes*, *abdômenes*. V. *Acento agudo*, B,9 no D. QVs.

219 – Os terminados em *al*, *ol* e *ul* vão para o plural mediante troca do *l* por *is*:

singular	***plural***	***singular***	***plural***
pombal	pombais	paiol	paióis
paul	pauis	taful	tafuis

Excetuam-se: 1 – *cal*. Na acepção de substância empregada pelos pedreiros, essa palavra não tem plural; na acepção de *calha*, isto é, de rego ou cano por onde escorre água, o plural é *cales*. Note-se, ainda, que o gênero dessa palavra é, sempre, feminino: "*A* cal não está boa".

2 – *mal*, que no plural é *males*.

3 – *cônsul* e seus compostos fazem no plural *cônsules*.

4 – *real* – quando designativo de moeda do antigo sistema monetário português e do antigo brasileiro tem por plural *réis*; quando adjetivo o plural é *reais*.

220 – Os terminados em *el*, acentuado ou não, fazem o plural mediante troca do *l* por *is*:

singular	***plural***	***singular***	***plural***
hotel	hotéis	batel	batéis
cível	cíveis	nível	níveis

O substantivo *mel* tem, além de *méis*, o plural irregular *meles*, forma usual em Portugal.

221 – O plural dos substantivos terminados em *il* depende do acento da palavra:

a) Os terminados em *il tônico* fazem o plural em *is*, também tônico:

singular	***plural***	***singular***	***plural***
funil	funis	barril	barris
cantil	cantis	carril	carris

b) Os substantivos e os adjetivos terminados em *il átono* fazem o plural em *eis*, também átono:

singular	***plural***	***singular***	***plural***
projétil	projéteis	réptil	répteis
téxtil (adj.)	téxteis	verossímil	verossímeis
fácil	fáceis	ignóbil	ignóbeis

Jamais pronuncie *projetíl*, *reptíl*, *textíl*; o acento dessas palavras, no singular e no plural, deve cair sempre no *e*. Quanto a *téxtil*, a pronúncia geral no Brasil é com *e* aberto, consignada nas edições portuguesas do Caldas Aulete. (V. *Téxtil* no D. QVs.)

222 – Os substantivos terminados em **as tônico** (**ás**), **es tônico** (**ês**, **és**), **os tônico** (**ós**), **us tônico**, **r** ou **z** passam para o plural mediante acréscimo de *es*:

singular	*plural*	*singular*	*plural*
açúcar	açúcares	mês	meses
altar	altares	nariz	narizes
arnês	arneses	noz	nozes
bilhar	bilhares	obus	obuses
faquir	faquires	retrós	retroses
freguês	fregueses	revés	reveses
gás	gases		

223 – Os substantivos que no singular terminam em *s* e os substantivos *tórax* (tóracs), *box* (bócs) e *ônix* (ônics) não se alteram no plural:

singular	*plural*	*singular*	*plural*
um alferes	dois alferes	um lápis	dois lápis
um cais	dois cais	um pires	dois pires
um tórax	dois tórax	um pâncreas	dois pâncreas

Excetua-se *deus*, cujo plural é *deuses*, bem como todos os nomes que, erroneamente grafados com *z*, devem terminar, dada a etimologia, em *s*: *mês*, *meses*; *cós*, *coses*; *luís*, *luíses*; *retrós*, *retroses*; *rês*, *reses*.

Nota: As palavras terminadas em *x*, com som de *s* (*V.* § 83, 5) vão para o plural mediante troca do *x* por *ces*: *cálix*, *cálices*; *apêndix*, *apêndices*.

Tais nomes, mesmo no singular, já se grafam, de preferência, com *ce* final: *índice*, *cálice*, *apêndice*, *sílice*, *bômbice*.

Índex, na acepção de "relação de livros proibidos pela Igreja" (e nas figuradas), pronuncia-se à latina *índecs* e tem o plural *índices*. Nas demais acepções deve ser preferida a forma *índice*.

224 – É regra geral que as palavras, no se flexionarem numericamente, conservam o acento do singular. Algumas, porém, terminadas em *r*, cujo plural se faz mediante acréscimo de *es* (terminação proveniente do acusativo plural da terceira declinação latina), oferecem certa dificuldade. Mas é preciso notar: Assim como a flexão plural *es* é latina, da mesma forma o acento do plural obedece às regras de prosódia do latim mais que às regras da prosódia portuguesa. Essa é a razão por que, ao lado de *cadáveres*, *éteres*, existem outros plurais que merecem ser estudados isoladamente, sempre com vistas para o latim (os acentos que aparecem em algumas de tais palavras visam a evidenciar com clareza a sílaba tônica):

Caráter – plural: *caractéres*.

Uréter – cada um dos dois canais que conduzem a urina dos rins para a bexiga; plural: *uretéres*.

Catéter – sonda que se aplica à bexiga na extração de cálculos; plural: *catetéres*.

Estáter – moeda judaica de prata; plural: *estatéres*.

Masséter – músculo da face; plural: *massetéres*.

Esfíncter – nome de diversos músculos, sujeitos à vontade, ductos, canais ou aberturas naturais do corpo; plural: *esfinctéres*.

O acento dos plurais citados condiz inteiramente com o acento latino dessas palavras.

Sóror – plural: *soróres*: acentuação seguramente fundada no latim.

Lúcifer – *lucíferes*: mudança forçada da sílaba tônica, já por não haver em português palavras com acento na quartúltima sílaba, já por ser etimologicamente breve a penúltima.

As duas palavras seguintes seguem a regra geral:

Táler – moeda alemã; plural: *táleres*.

Nenúfar – gênero de plantas aquáticas; plural: *nenúfares*.

Dois plurais merecem menção especial:

Víveres – mantimentos; proparoxítono, pelo francês *vivres*.

Quaisquer, plural de *qualquer*. Fenômeno semelhante se opera com *gentil-homem* que, além da flexão terminal, sofre flexão no primeiro elemento: *gentis-homens* (gentís-ómens).

Plural dos Substantivos Compostos

225 – Parece, a princípio, para quem lê uma gramática, serem muitas e difíceis as regras a que obedece o plural dos *substantivos compostos* (§ 176). Mas, após reflexão, notaremos serem elas muito fáceis, porque se baseiam na flexibilidade dos componentes desses substantivos, de tal maneira que, resumidamente, poderemos dizer:

1º) Só o segundo elemento do composto varia, quando apenas ele for variável.

2º) Variam os dois elementos, quando ambos forem variáveis.

3º) Não varia nenhum deles, quando nenhum deles for variável.

É isso coisa facílima e ao alcance de todos. Limitar-nos-emos a explanar o que acima ficou dito formulando exemplos e dando explicações do plural de certos compostos.

226 – **PRIMEIRA REGRA**: Apenas o último elemento vai para o plural sempre que o primeiro for ou *invariável* ou *apocopado* ou *justaposto*.

1º caso: **Plural de compostos em que o primeiro elemento é INVARIÁVEL.**

Vimos no § 162 quais as classes de palavras invariáveis. Note-se bem que, para o presente caso, entram também nessa classe os *verbos*, *sempre*

que constituam o primeiro elemento do substantivo composto. A razão disso é clara, visto só se flexionarem os verbos quando funcionam como tais na oração; na formação dos substantivos compostos os verbos perdem, para efeito flexional, o caráter verbal quando constituírem o primeiro elemento do composto. O mesmo se diga, neste particular, dos pronomes.

Quer isso dizer que somente o segundo elemento é que é substantivo, seguindo este as regras já estudadas de flexão numérica.

EXEMPLOS:

singular	*plural*	*singular*	*plural*
guarda-chuva	guarda-chuvas	ave-maria	ave-marias
guardanapo	guardanapos	bem-te-vi	bem-te-vis
porta-bandeira	porta-bandeiras	vice-rei	vice-reis
mata-borrão	mata-borrões	vaga-lume	vaga-lumes

Notas: 1ª – O primeiro elemento do composto *ave-maria* é também, etimologicamente, verbo (lat. *avere* = saudar, dar os bons dias, *ave* = salve); essa é a razão do plural *ave-marias*.

2ª – Alguns compostos que têm o último elemento constituído por verbo flexionam-se a exemplo de *bem-te-vi*, *bem-te-vis*, como se fossem vocábulos simples:

singular	*plural*
malmequer	malmequeres
quebra-quebra	quebra-quebras
vaivém	vaivéns

Excetuam-se *ganha-perde* e *leva-traz*, que no plural não se flexionam: *os ganha-perde*, *os leva-traz*.

3ª – À semelhança dos exemplos da nota precedente, também alguns substantivos compostos de palavras repetidas só recebem flexão no último elemento:

singular	**plural**
lufa-lufa	lufa-lufas
zum-zum	zum-zuns
lenga-lenga	lenga-lengas
tique-tique	tique-tiques

Observações:

1ª – Como podemos facilmente observar, em alguns dos substantivos compostos o uso separa os elementos mediante o *hífen* (§ 139) e deixa de colocá-lo em outros. Cumpre acrescentar que o emprego de tal sinal constitui atualmente verdadeiro abuso na formação dos compostos, mormente em palavras novas e de cunho erudito. De acordo com a tradição da língua, é esse sinal, em grande parte dos casos, inteiramente inútil, *tornando-se-nos mais acertado eliminá-lo*.

Pelo Acordo Ortográfico de 1990, "emprega-se o hífen nas palavras compostas por justaposição que não contêm formas de ligação e cujos elementos, de natureza

nominal, adjetival, numeral ou verbal, constituem uma unidade sintagmática e semântica e mantêm acento próprio: *arco-íris, decreto-lei, médico-cirurgião, tenente-coronel, tio-avô, turma-piloto,* etc.". Acontece, porém, que logo a seguir o dispositivo ortográfico traz a seguinte observação: "Certos compostos, em relação aos quais se perdeu, em certa medida, a noção de composição, grafam-se aglutinadamente: *girassol, madressilva, mandachuva, pontapé, paraquedas, paraquedista,* etc." (* base XV, parágrafo 1º).

Vê-se que o emprego do hífen nos compostos continua incerto, porquanto a "observação" desfaz o imperativo da regra ao basear-se no uso, que neste ponto é muitas vezes contraditório.

Outro fator de insegurança para quem escreve está no que dispõe o parágrafo 6º da base XV do Acordo de 1990, o qual estabelece que "nas locuções de qualquer tipo, sejam elas substantivas, adjetivas, pronominais, adverbiais, prepositivas ou conjuncionais, não se emprega em geral o hífen, salvo algumas exceções já consagradas pelo uso". E o texto exemplifica com *arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito* etc. Fica-se, portanto, sem saber, em alguma eventualidade, se a locução é ou não "consagrada pelo uso": *à-toa* (locução adjetiva) está ou não nessa situação?

O que podemos assegurar é que o hífen não deveria aparecer quando o vocábulo fosse composto por prefixação, isto é, quando a uma palavra já existente se antepusesse preposição ou partícula para formar outra palavra de que necessitássemos, como, aliás, ocorre com *repor* (re + pôr) e *prever* (pré + ver).

2ª – Aqui enxertamos uma passagem de Cândido de Figueiredo, autor português que doutrinava com dados práticos e pessoais, tornando-se autoritário mas interessante em certos ensinamentos. Escreveu-lhe certa pessoa, estranhando o plural *guarda-portões*; dizia ela:

– "*Guarda*, pessoa que guarda, tem plural (o *guarda, os guardas*); por que o não há de ter nesse composto?"

– Principalmente, responde C. de F., porque ali não entra o substantivo *guarda*, mas sim o verbo *guardar*, como em *porta-machado, porta-voz* não entra o substantivo *porta*, mas o verbo *portar*.

– "Mas se forem *vários guardas* de um só portão?"

– Sempre *guarda-portões* (homens que *guardam* portão ou portões).

– "E se forem guardas de vários portões?"

– Idem: sempre *guarda-portões*, como *os guarda-fatos, os guarda-fios, os guarda-joias, os porta-machados, os pinta-monos, os troca-tintas*.

3ª – O plural de *guarda-marinha* tem originado dúvidas e divergências entre gramáticos. Nesse composto, o elemento *marinha* não é adjetivo, mas substantivo, e *guarda* é do verbo *guardar*; conseguintemente, o plural obedece à mesma regra a que está sujeito *guarda-portão*, ou seja, deve ser *guarda-marinhas*.

Há gramáticos que preferem o plural *guardas-marinha*, dizendo que houve supressão da preposição *de*: *guardas de marinha*; esse raciocínio é, porém, falho, porquanto viria justificar plurais como *guardas-portão* (guardas *de* portão), o que evidentemente constitui erro; seja como for, se o *de* caiu, "é mais lógico atribuir-lhe plural de acordo com a estrutura de hoje: *os guarda-marinhas*".

O vocabulário da Academia, de 1943, oferece o plural *guardas-marinhas*, que não podemos aceitar: *guarda* é aí verbo e não substantivo (compare-se com o composto *guarda-barreira*, cujo plural é *guarda-barreiras*). Por outro lado, o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP), 5ª edição (2009), registra as três formas de plural.

4ª – O emprego, hoje consagrado, em certos compostos, do elemento *para* (*para-raios*, *para-choque*, *para-brisa*, *paraquedas* etc.) deve-se ao francês, pois o elemento vernáculo seria *guarda*: *guarda-pó*, *guarda-chuva*, *guarda-sol* etc.

5ª – Certos compostos cujo primeiro elemento é a palavra *guarda* vão para o plural com a flexão de ambos os elementos. Tal se dá quando a palavra *guarda* é *substantivo* e o segundo elemento é *ADJETIVO*: *guardas-campestres*, *guardas-civis*, *guardas-fiscais*, *guardas-florestais*, *guardas-maiores* (senhoras que guardavam as damas do paço), *guardas-menores* (empregados inferiores dos tribunais da Relação), *guardas-mores*, *guardas-municipais*, *guardas-nacionais*, *guardas-nobres*, *guardas-noturnos*, *guardas-reais*, *guardas-republicanos*.

6ª – Há certos compostos de *guarda* que, ainda no singular, trazem o segundo elemento pluralizado; tanto no singular como no plural, as formas dos seguintes nomes são: *guarda-calhas*, *guarda-chaves* (o que abre e fecha as portas da cadeia, carcereiro), *guarda-costas*, *guarda-damas* (escudeiro que acompanhava damas), *guarda-fechos* (peça de espingarda), *guarda-fios* (que no singular também se diz *guarda-fio*), *guarda-joias*, *guarda-livros* (e não *guarda-livro*), *guarda-móveis*, *guarda-selos* (chanceler-mor), *guarda-vassouras*, *guarda-vestidos*.

2º caso: **Plural de compostos em que o primeiro elemento é APOCOPADO.**

Quando, num composto, o primeiro elemento é apocopado (§ 113, C), este não se flexiona; vai para o plural apenas o segundo componente:

singular	*plural*
agu(a)ardente	aguardentes
grand(e)-almirante	grand-almirantes
grand(e)-oficial	grand-oficiais
grão-mestre	grão-mestres
pern(a)alta	pernaltas
plan(o)alto	planaltos
sant(o)elmo	santelmos

3º caso: **Plural de compostos em que o primeiro elemento é JUSTAPOSTO sem hífen.**

Note-se que *justaposição* vem a ser a união de duas palavras para expressar um só objeto ou ideia, conservando ambos os elementos a sua integridade gráfica e prosódica; p. ex.: *pontapé*, *claraboia*, *varapau*.

De acordo com a definição que demos de *justaposição*, a palavra *couve-flor* é também composta por justaposição; é, de fato, mas só nos interessam no momento os justapostos que se escrevem *sem hífen*, isto é, os compostos perfeitos. Pois bem, nos justapostos que se escrevem sem hífen só o último elemento vai para o plural:

singular	*plural*
montepio	montepios
terrapleno	terraplenos
cantochão	cantochãos

227 – SEGUNDA REGRA: Vão os dois elementos para o plural quando ambos são variáveis e separados por hífen:

singular	*plural*
capitão-mor	capitães-mores
mestre-sala	mestres-salas
mico-preto	micos-pretos
obra-prima	obras-primas
padre-santo	padres-santos
pé-vermelho	pés-vermelhos
pleno-relevo	plenos-relevos
pronto-socorro	prontos-socorros
quinta-feira	quintas-feiras
tenente-coronel	tenentes-coronéis

Notas: 1ª – É falso afirmar que o segundo elemento de substantivo composto não varia quando encerra ideia de *finalidade*. Isso é argumento inseguro. Por que o plural de *mestre-sala* é *mestres-salas* e o de *navio-escola*, *navios-escola*? Muito bem chama Vasco Botelho de Amaral tais compostos de "espúrios".

A extravagância vai mais longe quando, para justificar o erro, recorrem ao argumento da semelhança: porque o peixe nos lembra o boi iremos dizer *peixes-boi*? Vamos então dizer *couves-flor*? É o que faz o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa. Segundo ele registra, os dois elementos dos substantivos compostos ligados por hífen podem ir para o plural ou somente o primeiro: *banhos-maria, couves-flor, porcos-espinho*. Nossa língua não se impõe com tais artifícios!

Portanto, em nosso ver, o plural deve trazer os dois elementos flexionados: *banhos-marias, cafés-concertos, canetas-tinteiros, carros-correios, cartas-bilhetes, cidades-satélites, couves-flores, escolas-modelos, frascos-ampolas, navios-escolas, pombos-correios, porcos-espinhos, vagões-leitos*. É o lógico e coerente.

O plural de *chá-dançante* é *chá-dançantes*; vai para o plural o primeiro elemento por ser variável, e o segundo por ser adjetivo. O mesmo se dá com *fator-ambiente*, cujo plural é *fatores-ambientes*. V. D.QVs, Carro-correio, Plural de substantivos compostos.

2ª – Só varia o segundo elemento de certos compostos de cunho estrangeiro:

singular	*plural*
glória-patri	glória-patris
padre-nosso	padre-nossos
salvo-conduto	salvo-condutos

Pai-nosso, forma atualizada de "padre-nosso", segue idêntico critério para o plural *pai-nossos*. Todavia, o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa registra também *pais-nossos*, *padres-nossos* e *salvos-condutos*.

Note-se que o plural de *mapa-múndi* é *mapas-múndi*.

228 – TERCEIRA REGRA: Não se flexionará nenhum dos elementos quando forem ambos invariáveis ou quando o último já estiver no plural:

singular	*plural*
um quebra-nozes	dois quebra-nozes
um bota-fora	dois bota-fora

229 – QUARTA REGRA: Só o primeiro elemento irá para o plural quando estiver unido ao segundo pela preposição *de*:

singular	*plural*
pão de ló	pães de ló
olho-de-cabra	olhos-de-cabra
coração-de-boi	corações-de-boi
pé-de-prata	pés-de-prata

Nota: De tais compostos, alguns há em que o segundo elemento já é plural: um *mestre-d'armas*, dois *mestres-d'armas*.

Particularidades

230 – O que se passa com o **gênero**, passa-se, igualmente, com o *número* dos substantivos. Certos substantivos sofrem, no passar para o plural, modificações ora gráficas, ora prosódicas, ora de significação; estas e outras particularidades iremos agora estudar.

231 – SUBSTANTIVOS QUE SÓ SE EMPREGAM NO SINGULAR

I – Os substantivos que, em vez de designarem indivíduos, designam *massa*:

o ouro, a prata, o ferro, o oxigênio.

Palavras como essas somente são suscetíveis do número plural quando empregadas em *sentido figurado*, ou quando designam *partes*, *divisões*, *espécies* da massa:

Não tenho *níqueis* nem *pratas* (moedas). Acabaram-se os *fósforos* (palitos de fósforo). O navio levantou *ferros* (âncoras).

2 – Os substantivos designativos de *produtos vegetais* e *animais*:

o feijão, o arroz, a cana, o açúcar, o mel, o leite.

Quando se trata não do todo, da substância do produto, mas das suas *qualidades* ou *espécies*, ou quando são esses substantivos empregados em *sentido figurado*, admite-se, então, o plural: "Os *vinhos* portugueses são afamados" – "Há em S. Paulo muitos *cafés*" (= estabelecimentos) – "Produzamos *cafés* finos" (= tipos de café) – "Quero dois *cafés*" (= xícaras de café).

Nota: Observe-se a diferença entre *comi laranjas, bebi vinhos, derramei tintas* e *comi laranja, bebi vinho, derramei tinta*. No primeiro caso designamos as espécies (comi laranjas de várias espécies) e no segundo, o gênero.

3 – Os substantivos que exprimem *noções abstratas, virtudes* e *vícios*:

a preguiça, a sensatez, a caridade, a ociosidade.

Quando essas palavras deixam o seu significado próprio para indicar a *prática*, os *atos* da virtude ou vício, são então flexíveis: Devemos fazer *caridades* e evitar *malvadezas*.

É interessante notar, neste particular, a diferença de sentido que implica o plural, o qual traz até, não poucas vezes, sentido pejorativo à expressão:

franqueza	franquezas	(atrevimento)
confiança	confianças	(liberdades)
graça	graças	(chistes de mau gosto)
leviandade	leviandades	(atos de leviandade)
vaidade	vaidades	(atos de vaidade)
caridade	caridades	(atos de caridade)
fraqueza	fraquezas	(misérias, baixezas)
liberdade	liberdades	(atrevimento)

Ainda sem designar virtudes nem vícios, palavras há que no plural assumem outra significação.

o bem (o que é bom)	os bens (propriedades)
a honra (estima)	as honras (cargos, dignidades)
o zelo (esmero)	os zelos (ciúmes)

4 – Os substantivos designativos de *artes, ciências, sistemas religiosos, filosóficos* ou *políticos*:

a lógica, a teodiceia, a filosofia, o budismo, o comunismo, o fascismo (pronuncie *fa-ssis-mo*), *o materialismo.*

Em orações como: "Tenho muitas *físicas* e diversas *filosofias*", as palavras *física* e *filosofia*, tal qual nas observações dos casos anteriores, estão empregadas em sentido figurado: podem, pois, flexionar-se em número. Esses plurais significam *tratados*, *obras* de diversos autores, sobre física, sobre filosofia.

5 – Quando substantivada, uma palavra pertencente a qualquer classe flexiona-se normalmente: "Sem *senões* nem *talvezes*" – "Ouvimos os *prós* e os *contras*" – "*Sins* e *nãos* foram ouvidos a um só tempo" – "Os *setes* e os *noves* do baralho estão marcados" – "*Ais* lancinantes se ouviam".

Dois, *três*, *seis* e *dez*, quando substantivados, não admitem flexão para o plural: "Os *dez* do baralho".

232 – SUBSTANTIVOS QUE SÓ SE EMPREGAM NO PLURAL

1 – Os nomes de *famílias* ou *classes* de *animais* e de *plantas*:

as compostas, *as saxifragáceas*, *os marsupiais*.

Nota: Dizendo-se "O girassol é uma *composta*", tem-se por fim designar um indivíduo da família.

2 – Outros substantivos:

os Alpes
as alpondras
as alvíssaras
os anais
os Andes
as arras
os arredores
os avós (antepassados)
as belas-artes
as bragas
as calendas
as completas (hora canônica)
as endoenças
os manes
as matinas (hora canônica)
as nonas (hora canônica)
as núpcias
os pampas
os parafernais
as épulas
os escombros
os esponsais
as exéquias
os fastos (anais)
as fauces
as férias
as fezes
as finanças
as humanidades (estudos generalizados)
os idos
as letras (as belas-letras)
os penates
os pósteros
os Pireneus
as primícias
os sirtes
os víveres

Observação:

Parabéns e *pêsames*, conquanto antigamente fossem empregados no singular ("Vossa senhoria me dá o *pêsame* dos achaques com que vivo, e juntamente o *parabém* da enfermidade com que hei de morrer" – VIEIRA), hoje só se empregam no plural. V. D.QVs, *Saudade*.

Notas: 1ª – Outros substantivos há que, não obstante virem na forma plural, conservam o valor singular: *Amazonas*, *Atenas*, *Buenos Aires*, *Burgos*.

O substantivo *Estados Unidos* tem forma e valor plural: "Os Estados Unidos *formam*, *constituem*, *são*..." e não: "Os Estados Unidos *forma*, *constitui*, *é*..."

2ª – Certos substantivos existem que se usam no plural, por implicarem ideia de mais de uma parte: *alforjes*, *luvas*, *algemas*, *ventas*, *óculos*, *andas*, *bofes*.

Em Portugal o mesmo fenômeno se opera com *as ceroulas*, *as calças* e *as tesouras*.

Esses substantivos nos fazem lembrar o *dual* grego (§ 213, nota); exigem a concordância: *Meus óculos são bons*.

233 – PLURAL DOS NOMES PRÓPRIOS

Em regra, isto é, pelos característicos que os acompanham, os nomes próprios não deveriam flexionar-se; entretanto, aplicados como simples nomes comuns, para designar ora homens de qualidades semelhantes, ora pessoas da mesma família, perdem o caráter de nomes próprios, e podem, então, flexionar-se:

os Cíceros, os Aristóteles, os Andradas, os Prados.

Nota: Neste caso, a não flexão dos nomes próprios constitui *galicismo*, ou melhor, *galicismo arcaico*, porque o próprio francês já vai introduzindo o plural dos nomes próprios. Se houver a preposição *de*, comporta-se como no § 229: *os Vieiras de Carvalho*; sem *de*, pode considerar-se uma só palavra: *os Almeida Prados*.

Vezes há, no entanto, em português, em que o plural se torna impossível, ou pela difícil flexão, ou pela deformação da palavra, ou por ser o nome de cunho nitidamente estrangeiro: *os Val*, *os Wilson*, *os Clemenceau*, *os Goncourt*.

234 – OUTRAS PARTICULARIDADES

1 – Em geral, as vogais têm no plural o mesmo som que no singular:

cachôrro	cachôrros	encôsto	encôstos
gôsto	gôstos	desgôsto	desgôstos
colôsso	colôssos		

Nota: Aqui, como em outros lugares, aparece o sinal diacrítico somente para indicar a pronúncia; na escrita corrente essas palavras não são acentuadas.

Todavia, certas palavras existem em que o *o* da sílaba tônica, fechado no singular, passa a soar aberto no plural:

abrolho	despojo	globo	poço	tijolo
cachopo	destroço	goso (cão)(*)	porco	tojo
caroço	escolho	imposto	porto	torno
choco	esforço	jogo	posto	tremoço
corno	fogo	miolo	povo	
coro	forno	olho	renovo	
corpo	foro	osso	rogo	
corvo	fosso	ovo	socorro	

Note-se que em Portugal os substantivos *almoço* e *pescoço* fazem no plural *almóços* e *pescóços*.

Observações:

1ª – Quando tais nomes têm o feminino aberto (o pôrco, a pórca), o plural do masculino pronuncia-se também com *o* aberto:

pôrco	pórca	pórcos	chôço	chóça	chóços
fôsso	fóssa	fóssos	pôço	póça	póços

Todavia, *sogro* e *toldo* fazem no plural *sôgros* e *tôldos*, não obstante ser o feminino com *o* aberto (a sógra, a tólda).

2ª – Com segurança podemos formular esta regra: Os substantivos *femininos* conservam no plural o mesmo som, *aberto* ou *fechado*, do singular:

arrôba – arrôbas	peróba – peróbas
bôlha – bôlhas	rôlha – rôlhas
cebôla – cebôlas	róda – ródas
cóta – cótas	senhóra – senhóras (§ 258, n. 1)
escôda – escôdas	sôpa – sôpas
espôsa – espôsas	sóva – sóvas
fôlha – fôlhas	tóda (ave) – tódas
móda – módas	

Essa é a razão por que o plural de *bôda* (celebração de casamento, noivado) é, indiscutivelmente, *bôdas* (no plural, a palavra significa festa de aniversário de casamento, de ordenação sacerdotal etc.).

2 – O plural dos diminutivos em *zinho* e *zito* opera-se acrescentando-se *zinhos* e *zitos* ao plural do substantivo primitivo, tirando-se o *s* do plural do normal:

(*) V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "gozo, goso".

singular	*plural*
pãozinho	pãe(s)zinhos
carretelzito	carretei(s)zitos
coraçãozinho	coraçõe(s)zinhos
florzinha	flore(s)zinhas

Essa devia ser a regra. O uso, porém, mostra que, enquanto se diz *coraçõezinhos* (e não "coraçãozinhos"), diz-se *rapazinhos*, *mulherzinhas*, *colherzinhas* (em vez de "rapazezinhos", "mulherezinhas", "colherezinhas") etc.

3 – As palavras estrangeiras, usadas em nossa língua, devem adaptar-se, o quanto possível e o permitir o uso, à forma gráfica portuguesa; uma vez consolidado o aportuguesamento gráfico do estrangeirismo, fácil será flexionar-se numericamente:

singular	*plural*
bife (inglês *beef*)	bifes
bonde (ingl. *bond*)	bondes
cicerone	cicerones (it. *ciceroni*)
clube (ingl. *club*)	clubes
diletante	diletantes (it. *dilettanti*)
espíquer (ingl. *speaker*)	espíqueres
lanche (ingl. *lunch*)	lanches
líder (ingl. *leader*)	líderes
repórter	repórteres (ingl. *reporters*)
revólver	revólveres (ingl. *revolvers*)
trâmuei (ingl. *tramway*)	trâmueis
vagão (ingl. *wagon*)	vagões

4 – Alguns substantivos há que provieram do latim sem alteração gráfica; entre outros, temos *álbum*, *ultimatum*, *post-scriptum*, *desideratum*, *te-déum* etc. Embora escritos na forma latina, qualquer criança sabe o que é *álbum*, e qualquer caboclo nosso, o significado de *memorandum*; assentado isso, um único plural resta a essas palavras, de acordo com as nossas regras (§ 217): *álbuns*, *ultimatuns*, *post-scriptuns*, *veredictuns*, *desideratuns*, *te-déuns*.

Note-se a tendência de vernaculizar a grafia de semelhantes palavras: *memorando*, *ultimato*, *veredito*, *tedéu*.

5 – Temos, em último lugar, o plural de palavras graficamente inadaptáveis ao português, como *shilling*, *penny*, *lady*, *deficit* etc. Algumas destas palavras vão para o plural mediante simples acréscimo de *s*; flexionam-se outras no plural de acordo com as leis da língua a que pertencem:

singular	*plural*	*singular*	*plural*
deficit	*deficits*	*meeting*	*meetings*
habitat	*habitats*	*penny*	*pence (pennies)*
lady	*ladies*	*shilling*	*shillings*
lied	*lieder*	*superavit*	*superavits*

Notas: 1ª – Um vocábulo de origem árabe existe em nossa língua, *álcool*, cuja pronúncia deveria ser, de acordo com o étimo, *alcóol*, paroxítono. Entretanto, não é geralmente assim pronunciado, senão *álco*. O plural, conquanto seja irregular a deslocação do acento, é *alcoóis*, com acento no segundo *o*, à semelhança de *anzóis, caracóis, lençóis*.

A palavra é, portanto, assim grafada: no singular, *álcool*, e, no plural, *alcoóis*.

2ª – Uma curiosidade nos apresentam as expressões *pater familias, filho familias, mater familias, filha familias*, em que o elemento *familias* corresponde ao antigo genitivo singular da primeira declinação latina. Tais expressões significam: *pai de família, filho de família, mãe de família, filha de família*. Elas são geralmente empregadas no singular; caso se necessite pô-las no plural, deve-se aportuguesar o primeiro elemento: *pais familias, mães familias*.

3ª – *Gol* (gôl), do inglês *goal*, tem o plural à inglesa: *gols*.

Questionário

1. Que é *número gramatical*?
2. Quantos e quais são os *números gramaticais*? Exemplos.
3. Existe em português *número dual*?
4. Que carateriza o plural português? Por quê?
5. Os nomes terminados em *ão* passam para o plural de igual maneira? – Resposta completa e com exemplos.
6. Por que o plural de *grão* termina em *ãos*, o de *pão* em *ães* e o de *lição* em *ões*?
7. Qual o plural de *cidadão, vilão, corrimão, tabelião* e *limão*?
8. Os substantivos terminados em *n* como vão para o plural? (V. todo o § 218.)
9. Qual o significado de *cânon*? No plural, como se escreve e como se acentua essa palavra?
10. Qual o plural de *cal*? De que gênero é essa palavra? (Saiba distinguir.)
11. Qual o plural de *real*?
12. Qual o plural de *réptil*? Por quê?
13. Qual o plural de *caráter, sóror* e *lúcifer*? (Lembre-se de que *caráter* no plural tem *c* antes do *t*.)
14. Corrija esta oração: "Diga umas coisas qualquer àqueles gentilhomens".
15. Dê e justifique o plural dos seguintes substantivos: *papa-vento, guarda-portão, vice-rei, bem-te-vi, ave-maria* e *salve-rainha*.
16. *Vaivém* e *ruge-ruge* como se flexionam no plural? Por quê?
17. Qual é o plural de "o ganha-perde"?
18. *Lenga-lenga* e *zum-zum* como se flexionam numericamente?
19. Que diz da grafia *sub-delegado*?
20. Qual o plural de *guarda-marinha* e qual o singular de *guarda-livros*?
21. Qual o plural de *aguardente* e *grand-oficial*? Por quê?
22. Por que *grão* pluraliza-se em *grãos*, mas fica invariável em *grão-mestres*?
23. Qual o plural de *couve-flor, banho-maria* e *segunda-feira*? Por quê?

24. Ponha no plural os substantivos *café-concerto*, *chá-dançante*, *padre-nosso*, *salvo-conduto* e *mapa-múndi*.
25. *Saca-rolhas* a que gênero pertence? Dê e explique o plural.
26. Qual o plural dos substantivos *boca-de-leão* e *perna-de-pau*?
27. Estão corretos estes plurais: "*20 convites-circulares*" – "*2 cartões-convites*"?
28. Que entende por *particularidades numéricas*?
29. Qual o plural de *ouro*? Por quê? Outros exemplos.
30. *Ferro* tem plural? Quando? Outros exemplos.
31. Qual o plural de *café*? Por quê?
32. *Caridade* tem plural? Justifique sua resposta, dando e explicando outros exemplos.
33. *Honras* tem significação idêntica à do singular *honra*?
34. O plural *lógicas* que diferença apresenta de significado, comparado com o singular?
35. Que diz do plural de *sete*?
36. Que significam os vocábulos *efemérides*, *fastos* e *penates*?
37. Faça uma oração da qual constitua sujeito o substantivo *Estados Unidos*. (Empregue um verbo que não seja *ser*.)
38. Que diz do plural dos nomes próprios?
39. Corrija: "Perdi *o meu óculos*" – "Comprei *um óculos* muito *bom*".
40. Qual a pronúncia do plural de *desgosto* e *caroço*?
41. Qual o plural de *irmãozinho* e *limãozinho*?
42. Qual o significado e o plural dos substantivos *cicerone* e *diletante*?
43. *Post-scriptum*, *lady*, *deficit* como se flexionam numericamente?
44. Faça uma oração empregando a locução *pater familias*.

CAPÍTULO 12

FLEXÃO GRADUAL

235 – Com este capítulo concluiremos o estudo da primeira classe de palavras. Não quer isso dizer que jamais venhamos a falar em **substantivo**; trataremos ainda dele, mas na sua função sintática, isto é, quanto ao papel que lhe cabe representar na oração; este estudo constitui objeto da sintaxe; quando, porém, necessárias e oportunas, serão feitas considerações sintáticas na própria morfologia, para conhecimento mais completo, mais uno e mais prático da questão.

236 – Sabemos ser função do substantivo designar as coisas, as substâncias; ora, o que substancialmente existe pode ter tamanhos diversos; pode ter tamanho normal, comum, como pode ser grande ou pequeno.

Pois bem, possuímos em nosso idioma diversas desinências que, acrescentadas ao radical dos substantivos, podem especificar o tamanho da coisa que eles designam. A esta propriedade do substantivo de indicar as dimensões do ser por ele nomeado dá-se o nome *flexão gradual* ou, simplesmente, *grau dos substantivos*.

237 – Flexionado quanto ao grau, o substantivo pode ser:

aumentativo, quando indica a coisa aumentada em seu tamanho normal: *livrão*;

diminutivo, quando indica a coisa diminuida de seu tamanho natural: *livrinho*.

Outros exemplos:

substantivos	*graus*	
	aumentativo	**diminutivo**
macaco	macacão	macaquinho
homem	homenzarrão	homenzinho
nariz	narigão	narizinho
muro	muralha	murinho
velho	velhão	velhote

238 – Dos poucos exemplos acima, vemos serem diversas as desinências, terminações ou sufixos graduais, quer aumentativos, quer diminutivos; na verdade, eles são abundantíssimos, tanto para o grau aumentativo quanto para o diminutivo; aqui oferecemos a lista deles, com exemplos que deverão ser lidos, estudados e quanto possível decorados:

1 – Sufixos Aumentativos

aça	barbaça, barcaça, bocaça, pernaça
aço	animalaço, balaço, ricaço
alha	fornalha, muralha
alhão	vagalhão, porcalhão
alho	lençalho, chocalho
ancra	bicancra
anha	barriganha
anzil	corpanzil
ão	febrão, buracão
arão	casarão
arra	bocarra, bandarra
arrão	santarrão, coparrão
asco	penhasco
astro	medicastro, poetastro
az	vilanaz, tolaz, tracalhaz, lobaz
ázio	balázio, gatázio, copázio
eira	bigodeira, canseira, fogueira
eirão	vozeirão
eiro	cruzeiro
ório	finório
orra	patorra, cabeçorra
zão	papelzão, mamãozão, pezão
zarrão	homenzarrão, canzarrão

2 – Sufixos Diminutivos

acho	populacho, riacho
apo	fiapo
cula	partícula
culo	homúnculo, corpúsculo
ebre	casebre
eca	soneca
echo	folecho
eco	livreco
ejo	lugarejo, animalejo, papelejo
el	cordel, fardel, carretel
ela	caixela, lamela, rodela
elo	colunelo
elha	cravelha
elho	folhelho, artiguelho
epo	folepo
eta	naveta, caixeta
ete	bailete, cunhete
eto	coreto, folheto
ica	pelica, pelotica
icho	governicho, coelhicho
ico	burrico, namorico
il	covil, cabanil
ilha	presilha, espadilha, pontilha, flotilha
ilho	folilho, fundilho, quartilho
ilo	codicilo
im	espadim, bolsim, hastim
inha	mesinha, cartinha
inho	livrinho, caderninho
ino	Antonino, maestrino
ipo	folipo
isco	pedrisco, lambisco
ita	Pedrita, cabrita
ito	palito, mosquito
oila	moçoila
ola	sacola, casola, rapazola
olo	bolinholo
oque	cavalicoque
ota	bolota, aldeota, Maricota
ote	caixote, fidalgote, serrote
oto	leiroto, perdigoto
ucho	papelucho
ula	célula, fórmula
ulo	glóbulo, módulo, nódulo
zinha	mãezinha, mãozinha
zinho	irmãozinho, tatuzinho

Nota: Deve o aluno estudioso aproveitar-se de todas as ocasiões que possam enriquecer-lhe o vocabulário, procurando no dicionário o significado de palavras desconhecidas.

239 – Os sufixos graduais mais comuns em português são *ão*, para o aumentativo, e *inho*, para o diminutivo, correspondentes às formas latinas *onem* e *inum*. A esses sufixos acrescentou-se, depois, a consoante de ligação *z*. Eruditamente, ouve-se dizer *papelão* e *papelinho*, sendo popularmente mais difundidas as formas *papelzão* e *papelzinho*. Note-se que, com os oxítonos terminados em vogal, oral ou nasal, sempre se emprega a forma *zinho*, e o mesmo se dá com o maior número dos proparoxítonos:

pá – pazinha
limão – limãozinho
filó – filozinho
lâmpada – lampadazinha

Observação:

É interessante notar a preferência que dão no norte ao sufixo *zinho*; as próprias palavras paroxítonas, às quais, no sul, acrescentam o sufixo *inho* (cidadinha, caderninho, cachorrinho), no norte as fazem terminar, no diminutivo, em *zinho*: "Icó é uma *cidadezinha pequeninazinha* mas *interessantezinha*".

240 – É fácil ver a abundância de sufixos graduais existentes em nossa língua; empregamo-los também com os adjetivos, notando-se que, neste

caso, a forma aumentativa traz, muitas vezes, sentido pejorativo, isto é, de desprezo, de ironia:

bobo	bobão, bobalhão	bobinho
bonito	bonitão	bonitinho, bonitote
santo	santarrão	santinho

O próprio diminutivo é passível de nova flexão diminutiva:

pequenino – pequeninote – pequenininho
pequerrucho – pequerruchinho
pequetito – pequetitinho

Observações:

1ª – Nem sempre o diminutivo implica diminuição no tamanho do ser; muito frequentemente o seu emprego denota carinho: *paizinho*, *mãezinha*, *amiguinha*.

2ª – Na linguagem familiar, o diminutivo se aplica até aos verbos e aos advérbios: *dormindinho*, *cedinho* (muito cedo), *longinha* (bastante longe), *pertinho* (bem perto), *agorinha* (neste momento).

Tais formas devem ser evitadas, havendo algumas, como *elinho* e *vocezinho* (diminutivos de *ele* e *você*), que são até ridículas, pois os pronomes jamais podem sofrer flexão gradual.

3ª – No trato doméstico, os nomes próprios têm desinências ou formas especiais diminutivas; recebem o nome de *hipocorísticos* esses vocábulos familiares ou infantis, sobretudo quando neles há duplicação de sílaba (*papá*, *Lili*):

Alexandre – Xandu.
Ana – Aninha, Anazinha, Naninha, Anita, Anicota, Nicota, Anica, Anoca, Aniquita, Nanoca, Nanazinha, Naná, Ná.
Antônio – Tó, Totó, Toinho, Tozinho, Tonico, Totonho, Nhonhô.
Aparecida – Cida, Cidinha.
Carlos – Carlito, Calu, Calão, Calila.
Carlota – Carlotinha, Lota, Lotinha, Loló, Lolota.
Domingos – Dominguinhos, Minguinho, Mingu.
Evangelina – Vanju.
Fernando – Nandu.
Gertrudes – Tuda, Tudinha, Gertres, Gertrinha.
Isabel – Isabelinha, Zabelinha, Belinha, Beloca, Bilu, Biluca.
João – Janjão, Jango, Joca, Jangote, Janguta.
Joaquim – Joaquinzinho, Quim, Quinzinho, Quinzuca, Quinquim, Quincas, Quinu.
José – Zé, Zezinho, Zezito, Zezé, Zezeca, Zeca, Zequinha, Zequita, Juca, Zuza, Zuzu, Cazuza, Deca.
Luís – Luisito, Luisinho, Lulu, Lula.
Manuel – Mandu, Manduca, Maneco, Manequinho.
Maria – Mariazinha, Marieta, Mariquinha, Mariquita, Marica, Maricas, Maricota, Maroca, Cota, Cotinha.
Pedro – Pedrinho, Pedrito, Pedroca, Pedrota.

4ª – A flexão gradual, em vez de indicar variação de tamanho, pode significar desprezo, ironia, emprestando à expressão sentido pejorativo: *poetaço, poetastro, tenentaço, mulheraça, mestraço, santarrão, fradalhão, populacho, vulgacho, papelucho.*

5ª – Nenhuma dificuldade há na flexão genérica das terminações graduais; note-se apenas que o feminino dos aumentativos em *ão* termina em *ona* (*valentão, valentona*), flexão esta que por analogia ocorre em certos nomes como *chorão* (*chorona*), *poltrão* (*poltrona*).

6ª – Dá-se com o aumentativo de certos substantivos femininos fenômeno muito curioso; mudança de gênero. *Porta* é substantivo feminino, mas *portão* é masculino; houve certa mudança de sentido, é verdade, mas a mudança de gênero pode ser averiguada em outros casos:

normal	***aumentativo***	***normal***	***aumentativo***
a cabeça	o cabeção	a casa	o casarão
uma figura	um figurão	a máquina	o maquinão
a caixa	o caixão	a caldeira	o caldeirão

7ª – Observe-se que o feminino de diversas palavras nossas foi tirado do diminutivo, guardando porém a significação normal:

masculino	***feminino***	***masculino***	***feminino***
galo	galinha	cão	cadela

8ª – Há formas normais em português provindas de diminutivos de outros idiomas:

abelha (de *apiculam*, dimin. de *apis*)
ovelha (de *oviculam*, dimin. de *ovis*)
orelha (de *auriculam*, dimin. de *auris*)
janela (de *januellam*, dimin. de *janua* = porta)
cravelha (de *claviculam*, dimin. de *clavus* = cravo, prego)
válvula (de *valvulam*, dimin. de *valva* = porta de duas metades)
folecho (do espanhol *folecho*, dimin. de *fole* = bolha na pele; tufo; prega no vestido)
presilha (do espanhol *presilla*, dimin. derivado de *presa*)

9ª – Alguns substantivos flexionados em *ão* perderam o valor aumentativo; assumindo significação especial: *florão* (ornato de arquitetura), *portão* (entrada), *caixão* (ataúde), *cascão* (sujidade).

Igualmente, outros há com flexões diminutivas, com significado normal: *tabernáculo* era, entre os hebreus, a *pequena taberna* que guardava as coisas sagradas; e, assim, *fascículo, opúsculo.*

10ª – Por que o diminutivo de *ave* se escreve com *z* (*avezinha*) e o diminutivo de *aviso* se escreve com *s* (*avisinho*)?

Sempre que o sufixo for *zinho*, o diminutivo se grafará com *z*:

ave + zinha – aveZinha pastel + zinho – pastelZinho
flor + zinha – florZinha colônia + zinha – coloniaZinha

Se o sufixo for simplesmente *inho*, dependerá da forma normal a grafia; *avisinho* escreve-se com *s*, porque *aviso* se escreve com essa letra; *narizinho* escreve-se com *z*, porque é com *z* que se escreve *nariZ*. Outros exemplos:

aSinha – aS(a) + inha braSinha – braS(a) + inha
caSinha – caS(a) + inha raiZinha – raiZ + inha
raSinho – raS(o) + inho

11ª – Formas aumentativas existem que mais constituem palavras novas, com terminações próprias, do que palavras com sufixos que a elas se acrescentem: *espadagão*, *narigão*, *pedinchão*, *puxavão*, *sabichão*.

Questionário

1. Que é *grau dos substantivos*? (V. a parte final do § 236.)
2. Quantos e quais são os graus dos substantivos? Exemplos.
3. Qual o diminutivo de *pé*, *irmã* e *vintém*?
4. Que diz dos diminutivos *mãezinha* e *amiguinha*?
5. Que diz desta oração: "Ele saiu *agorinha mesmo*"?
6. Critique também estoutra: "Coitado *delinho*!"
7. *Cazuza*, *Cotinha*, *Beloca*, *Quincas* e *Mingu* são diminutivos de que nomes?
8. Que diz das formas aumentativas *poetastro* e *santarrão*?
9. Qual o feminino de *poltrão*? Por quê?
10. *Galinha* de que grau é? (Não se deixe enganar pela terminação: V. bem a obs. 7ª do § 240.)
11. Que diz, quanto ao étimo, dos substantivos *abelha* e *janela*?
12. Que diz, quanto à flexão gradual, dos substantivos *caixão* e *florão*?
13. Por que *casinha* se escreve com *s* e *avezinha* com *z*?

Os claros na numeração dos parágrafos têm por fim possibilitar a inclusão de algum provável acréscimo que se torne futuramente necessário.

CAPÍTULO 13

ARTIGO

243 – **Artigo** é a palavra variável que tem por fim *individualizar*, isto é, *indicar* a coisa; essa *individualização* ou *indicação* pode ser feita de duas maneiras: ou de maneira precisa, *definida*, ou de maneira imprecisa, *indefinida*. *Daí* as duas espécies de artigos e respectivas flexões de gênero e de número:

A) Artigos **definidos**:

o – masculino singular – *o* homem
a – feminino " – *a* mulher
os – masculino plural – *os* homens
as – feminino " – *as* mulheres

B) Artigos **indefinidos**:

um – masculino singular – *um* homem
uma – feminino " – *uma* mulher
uns – masculino plural – *uns* homens
umas – feminino " – *umas* mulheres

Observações:

1ª – Que o artigo *individualiza*, isto é, *indica*, *aponta* um objeto, é coisa fora de dúvida; consideremos a expressão *meu filho*. A omissão do artigo, nesse caso, deixa-nos entrever a existência de outros filhos; se, acrescentando à expressão o artigo *o*, dissermos *o meu filho*, já outro sentido ela adquire, pois o artigo virá *indicar*, *individualizar* a coisa expressa, denotando a existência de um único filho ou de um filho todo especial, mais querido que os outros; daqui a diferença entre as expressões: "Mário é amigo de Paulo" e "Mário é *o* amigo de Paulo".

Tão citado quanto expressivo, sirva-nos este exemplo de Vieira: "Os outros também eram seus filhos, não o negara Jacó; mas *o* seu filho era José. Vai muito de ser filho a ser *o* seu filho".

O artigo indefinido não tem a mesma precisão de individualização que o definido; dizendo *um amigo meu*, não declaramos a existência ou não de outros amigos, como, ainda, no caso de existência de outros, não o fazemos sobressair.

2ª – *El*, *lo*, *la* são formas arcaicas do artigo definido, usadas no período em que o português se estava formando. *El* é hoje apenas empregado em *el*-rei (= o rei) e *El*dorado (região fantástica situada entre o rio Amazonas e o rio Orenoco).

O *lo*, com suas variantes numéricas e genéricas, é ainda muito empregado junto aos verbos – *louvá-lo* (louvar-lo), *dizê-lo* (dizer-lo), *louva-lo* (louvas-lo), *ama-lo* (amas-lo), *di-lo* (diz-lo), *deu-no-lo* (deu-nos-lo) – e em certos casos como *a la fé* (*A la fé* que não fui eu = Juro que não fui eu), *a la mira* (Estava *a la mira* = Estava espreitando), *a la arma* (donde *alarma*: dar o *alarma*), *a la moda* (Ele anda *a la moda* = Ele anda de acordo com a moda), *a l'obra* (*A l'obra*, gritou o feitor = Ao trabalho, gritou o feitor) – Vide todo o § 121.

3ª – O *artigo definido* português bem como o francês (*le*, *la*, *les*), o italiano (*il*, *lo*, *la*, *i*, *gli*, *le*) e o espanhol (*el*, *lo*, *la*, *los*, *las*) proveio do demonstrativo latino *ille*, *illa*, *illud*. De *illum*, acusativo de *ille*, tivemos *illo*, *ello* (el) *lo*, e de *illam* obtivemos o correspondente feminino *a*.

De que a forma *lo* foi a primitiva não há dúvida: "A forma *tôdollos*, que se encontra nos clássicos remotos, não é mais do que *todos los*, em que o *s* de *todos* se assimilou ao *l* do artigo. Que a forma pronominal primitiva também foi *lo*, provam-no fatos incontestáveis. Se antigamente se escrevia *amallo* (hoje *amá-lo*), foi porque o *r* do infinitivo se assimilou ao *l* do pronome. Donde se vê claramente que o elemento absorvente foi o *l* do pronome, não o *r* do infinitivo. Por isso é mais de acordo com os fatos históricos e com a lógica escrever *amá-lo*, e não *amal-o*.

Resta explicar a razão por que a forma *lo* deixou cair o *l* e se reduziu ainda a *o* no artigo. Esse fenômeno começou com as formas pronominais. Como, em vez de *manda-o*, por exemplo, dizia-se *mânda-lo*, no presente do indicativo, sucedeu que o *l*, sendo intervocálico, caiu (§ 71). A analogia completou a tarefa, estendendo depois ao artigo a forma reduzida do pronome" – Otoniel Mota.

4ª – Possuímos duas palavras que ordinariamente não admitem o artigo: *casa*, na acepção de morada, residência, e *palácio*, na significação de gabinete de trabalho de chefe de governo: vim *de* casa, estive *em* casa, vou *a* palácio, não estive *em* palácio.

Outro caso de supressão do artigo se dá com a palavra *terra* na acepção de *chão firme*, empregada para contrastar com o elemento movediço do mar: "Estive *em* terra", "Iremos *por* terra".

Quanto ao artigo em expressões como "Palácio da Justiça", importa dizer que nelas não há nenhuma especificação ou determinação de significado que o exija. Entre "Palácio *da* Justiça" e "Palácio *de* Justiça" não há nenhuma diferença de sentido. Por que então o artigo? Por abuso, por intromissão, muito frequente em tais casos no nosso idioma e inexistente em outros, como no inglês, que constrói "House of Charity", "Palace of Justice" (nunca "House of the Charity", "Palace of the Justice").

Dizemos "Palácio *da* Justiça", sem com isso particularizar a significação do substantivo *justiça*, que conserva, na frase, a significação ampla e genérica, a despeito do abusivo artigo.

Ainda que amanhã o uso implacável venha a dizer "Santa Casa *da* Misericórdia", "Instituto *da* Educação", não perderão tais substantivos (misericórdia, educação) a sua significação ampla e genérica; serão novos abusos do artigo, isto sim, como no caso de "Palácio *da* Justiça".

"Palácio *da* Justiça" é mero e típico abuso do artigo em português. Com regimes concretos outro seria o assunto (*Casa do Povo, Abrigo do Velho Desamparado*), mas com aqueles outros, abstratos, não conseguimos justificar o artigo.

5ª – Constitui erro em português o abusivo emprego dos indefinidos *um, uma*, como faz o francês; eis alguns casos e exemplos oferecidos por Mário Barreto:

Soava na igreja rumor alegre (e não: *um* rumor alegre) – Falou em tom peremptório (e não: em *um* tom peremptório) – Respondeu com voz lenta e solene (e não: com *uma* voz...).

Entre outros casos em que sobeja em português o artigo indefinido, podemos citar os seguintes:

a) sempre antes do pronome adjetivo indefinido *outro* e do advérbio *tão*: Dobramos outra fila de montanhas (e não: *uma* outra fila) – Estava em tão mau estado (e não: em *um* tão mau estado);

b) ordinariamente antes de *certo, semelhante, tal*: Disseram-me *certa* coisa (e não: *uma certa* coisa) – Com *certa* serenidade (e não: com *uma certa* serenidade) – É digno de capitanear *tal* batalhão (e não: *um tal* batalhão) – *Semelhante* trabalho é longo (e não: *um semelhante* trabalho);

c) com elegância, antes do predicativo do verbo *ser*, se tal supressão convém à harmonia: João *é* homem de mérito (e não: João *é um* homem de mérito) – Tu *és* mulher de duas caras (e não: Tu *és uma* mulher de duas caras).

6ª – É elegante a interposição da conjunção *como* entre o indefinido e o substantivo por ele modificado: "Sinto passar em volta de nós *uma como* aura fugitiva". Pode até, às vezes, dar-se a inversão: "Sentiu *como um* estalo na cabeça".

7ª – O indefinido indica aproximação e equivale a "pouco mais ou menos", quando junto a cardinal: "Ele tem *uns* quarenta anos" – "*Uns* duzentos ao todo".

8ª – A presença do indefinido traz reforço em certas frases exclamativas, reforço que então se revela na própria entonação de voz ("Estava com *uma* fome!") ou em certos períodos em que o nome por ele modificado vem seguido de subordinada adjetiva que lhe empresta sentido: "E minha mãe beijava-me com *uma* ternura *que não sei escrever*".

9ª – Nas enumerações, os elementos citados podem vir com ou sem artigo, conforme a necessidade ou não de especificação: "São línguas vivas: português, italiano, inglês, espanhol etc."

Quando, porém, o primeiro elemento vem antecedido de artigo, este deve aparecer também antes dos demais: "São línguas vivas *o* português, *o* italiano, *o* inglês, *o* espanhol etc."

244 – Quanto ao emprego do **artigo definido**, note-se que

A) *É ele* **USADO:**

1 – Antes de nomes próprios de pessoas íntimas por relações de parentesco ou políticas: *o João, a Maria, o Arnaldo*.

Nota: Diz-se, porém, *Rui Barbosa, Carlos Pereira, Roosevelt, Maria Cristina*, ou por não nos serem íntimas tais pessoas ou por serem elas célebres.

O emprego da crase antes de nomes próprios femininos obedecerá à possibilidade ou não do artigo *a* (§ 118, 7).

2 – Salvo exceções, que não são poucas, com os nomes próprios geográficos: *a Argentina, os Estados Unidos.*

Notas: 1ª – *Europa, Ásia* e *África* não levavam outrora artigo; daí o dizer "Meter lanças *em* África". Esses nomes, bem como os de alguns países, como *Espanha, França, Inglaterra, Holanda*, não exigem obrigatoriamente o artigo, *quando regidos de preposição*: vir *de* França, Leão *de* França, estar *em* Holanda.

Usualmente, cidades são designadas sem artigo; algumas exceções existem, fundamentadas no histórico, na formação dessas cidades. *o Cairo, o Rio de Janeiro, o Porto, o Lobito, o Havre, a Beira* (cidade da África Oriental). V. *Dicionário de Questões Vernáculas, Recife.*

2ª – O emprego da crase antes de tais nomes, quando femininos, baseia-se no que ficou dito no § 118, 8.

3 – Antes de nomes que designam criações literárias, artísticas: *o Guarani, a Vênus de Milo, os Serões Gramaticais.*

4 – Quando se designam embarcações; neste caso, o gênero será dado de acordo com o tipo de embarcação; se se tratar de navio, será usado o artigo masculino, se de fragata, o feminino: *o Princesa Mafalda* (navio), *a Almirante Barroso* (fragata).

5 – Antes dos epítetos, agnomes ou alcunhas: José Bonifácio, *o* Moço; Maria, *a* Louca; Filipe, *o* Belo.

6 – Em função pronominal, para substituir nome anteriormente citado, sempre que se tornar necessário: "Entre a esquadra alemã e *a* inglesa". A omissão do *a* grifado traria outro sentido à expressão, dando-nos a entender uma só esquadra, de navios alemães e ingleses.

7 – Para substantivar palavras e frases: *o sim, o de, o para, o começar, o dá cá toma lá.*

B) *É ele* OMITIDO:

1 – Em provérbios, máximas e orações sentenciosas: "*Amor* com amor se paga" (e não: "O amor...") – "*Cortesia* obriga a cortesia" (e não: "*A* cortesia...") – "*Mocidade* vaidosa não chegará jamais à virilidade útil" (e não: "*A* mocidade...") – "*Motorneiro* atento não conversa em serviço" (e não: "*O* motorneiro...").

2 – Quando se define a coisa: "*Botânica* é a parte da história natural que..." – "*Gramática* é a ciência que..." (e não: "*A* botânica é..." – "*A* gramática é...").

Note-se que nas definições entra o verbo *ser* (razão por que é em filosofia chamado *verbo substantivo*, verbo que define as coisas); não havendo este verbo, não há definição e, portanto, o artigo deve aparecer: "*A* gramática *divide-se* em três partes..." – "*A* botânica *trata* de...".

3 – Nos vocativos: "Que quer, *homem*?"

Se colocássemos o artigo, o sentido da oração ficaria alterado: "Que quer *o* homem?"

4 – Antes dos pronomes de tratamento começados por possessivos: *sua senhoria*, *vossa majestade* etc.

É isso sinal de que tais expressões não podem vir precedidas de *a* craseado: "Dei isso *a* vossa senhoria" (e não: *à* vossa senhoria).

Nota: Não se tratando de expressões de tratamento nem de individualização especial (obs. 1ª do § 243), é indiferente o emprego do artigo antes dos possessivos: *meu caderno*, *o meu caderno*, *teu lápis*, *o teu lápis*, *a casa do meu tio* (ou *de meu tio*), *em frente da minha casa* (ou *de minha casa*), *o meu filho Pedro* (ou *meu filho Pedro*), *confirmação do nosso pedido* (ou *de nosso pedido*).

O ouvido ou o sentido, de acordo com o que ficou dito na 1ª observação do § 243, é o que regula esse emprego.

5 – Antes de datas: "Isto se deu *em* 3 de maio" (e não *no* 3 de maio, como fazem os italianos). Quando, porém, queremos especificar a festa, empregamos o artigo: "*O* 7 de setembro foi solenemente comemorado".

6 – Sempre que desnecessário, antes de aposto: "Livro do abade Moreaux, notável polígrafo" (e não, como faz o francês: "Livro do abade Moreaux, *o* notável polígrafo"). Quando colocado antes do fundamental, o aposto não se acompanha do indefinido: "Paulista de Araçatuba, ele nunca completou o curso primário" (e não: "Um paulista de...").

7 – Antes de substantivos abstratos, em expressões em que não há nenhuma determinação: "Você tem razão" – "Ele disse mentira" – "Fale verdade" – "Faça com confiança" – "Não tenho culpa" – "Com razão e verdade se chama a esse ornato mundo" – "Não quero sofrer castigo por falta que não cometi".

Nota: Uma vez existente uma determinação, o artigo aparece: "Vou contar a verdade" – "Ele está com a razão" – "Vou relatar a mentira" – "Você está com a culpa" – "Você sofrerá o castigo".

8 – Com poucas exceções, antes de nome de cidade. V. o final da nota 1 do nº 2 da letra A deste mesmo parágrafo.

Questionário

1. Que é *artigo* e como se divide?
2. Que é *artigo definido*?
3. Que é *artigo indefinido*?
4. A presença do *artigo definido* ou a do *indefinido* ou a ausência de ambos podem trazer à expressão diferença de sentido? Explique, com exemplos, esta questão.
5. Que diz das formas *el* e *lo*?
6. Por que *amá-lo* é mais correto que *amal-o*?
7. Por que a crase em "vou *à* casa de tarde" constitui erro? Quanto ao emprego da crase, há mais palavras femininas nas mesmas condições de *casa*?
8. Que diz das expressões: *Uma outra coisa há – Tenho um certo receio – Nunca vi um semelhante homem – Isto é um caso de polícia*?
9. E desta outra: "*Estava com uma fome!*"? (Observe que a oração é exclamativa.)
10. Quando podem os nomes próprios personativos femininos vir precedidos de crase? Por quê?
11. Que diz, quanto ao uso do artigo, sobre os substantivos *Europa*, *Ásia* e *África*?
12. É certo, tratando-se de uma embarcação – uma fragata, por exemplo – empregar a crase na expressão: *Dirigiu-se à Almirante Barroso*?
13. Nas definições, coloca-se artigo antes do termo que se define? Qual o verbo que entra nas definições?
14. Por que é erro empregar a crase na expressão: *Falo à vossa majestade*?
15. Entre as expressões "meu lápis" e "o meu lápis" há diferença de pureza gramatical? (Não se trata da diferença de sentido: V. bem a *nota* do n.º 4 da letra B do § 244.)
16. Que diz do emprego do artigo antes das datas?
17. Que diz do emprego do artigo antes do aposto?

CAPÍTULO 14

ADJETIVO

247 – A esta classe pertencem todas as palavras que se referem ao substantivo para indicar-lhe uma qualidade, ou seja, **adjetivo é toda a palavra que modifica a compreensão do substantivo**, afetando, quanto à ideia, a substância da coisa: homem *inteligente*, laranjeira *alta*, rapaz *estudioso*, homem *magnânimo*.

248 – Antes de entrar no estudo da classe dos adjetivos, façamos as seguintes

---

Observações:

1ª – Do fato de vir o adjetivo qualificando o substantivo, resulta muitas vezes que, tirando-se o substantivo, continua sendo este facilmente subentendido, sem prejuízo para o sentido; assim é que se diz "o *cego*" – "um *avarento*" – "aquele *perverso*" etc. Tais adjetivos assumem então o caráter do substantivo, e é disso confirmação o fato de poderem vir acompanhados de um artigo. Sempre que tal acontece, tais adjetivos se dizem adjetivos substantivados. **Adjetivo substantivado** é, pois, o adjetivo que exerce função de substantivo.

2ª – Vice-versa, o substantivo pode passar para a classe dos adjetivos. Tal sucede sempre que o substantivo se relaciona com outro substantivo, passando, pois, a ser modificador, e, por conseguinte, a funcionar como adjetivo: menino *prodígio*, filho *homem*, laranja *lima*, comício *monstro*, homem *máquina*.

Prodígio, *homem*, *lima* e *máquina* são substantivos, mas, por virem modificando substantivos, tornam-se adjetivos. Diz-se, nesses casos, que o **substantivo** está **adjetivado**. **Substantivo adjetivado** é, portanto, o substantivo que exerce função de adjetivo.

3ª – É tão frequente esse fenômeno de intercâmbio taxeonômico (passagem de uma classe para outra), que certos adjetivos perderam inteiramente o seu caráter próprio; haja vista, dentre muitas, a palavra *moço*. *Musteus* é registrado nos dicionários latinos como *adjetivo* e, no entanto, nos dicionários portugueses, *moço* é, em primeiro lugar, classificado, definido e estudado como **substantivo**.

Essa é a razão por que o latim, que imprime na gramática o mais forte cunho lógico possível, designa, conjuntamente, as duas primeiras classes de palavras, o substantivo e o adjetivo, sob a denominação genérica *nome*: *nomen substantivum*, *nomen adjectivum*.

4ª – Acontece, às vezes, que o adjetivo indica uma qualidade já intrínseca, própria, inerentemente existente no substantivo; neste caso, diz-se que o adjetivo é **explicativo**: pedra *dura*, água *mole*, neve *branca*, brasa *quente*.

Quando, porém, menciona qualidade que pode existir ou deixar de existir no substantivo, o adjetivo chama-se **restritivo**: homem *branco*, homem *preto*, homem *bom*, homem *mau*.

249 – ADJETIVOS PÁTRIOS – Na classe dos adjetivos estão incluídos os nomes que indicam a *nacionalidade*, a pátria, o lugar, a procedência de uma coisa. Esses adjetivos derivam do próprio nome da nação ou do lugar, e daí a razão de se chamarem **pátrios**. Tais adjetivos podem também denominar-se **gentílicos** (ou *étnicos*) quando designativos da raça ou região de origem: *africano*, *asiático*, *saxão* (pronuncie *sakção*).

Alguns adjetivos pátrios:

Arábia	árabe	arábico
Áustria	austríaco	
Bahia	baiano	
Bélgica	belga	
Brasil	brasileiro	brasilense, brasílio, brasílico
Checoslováquia	checoslovaco	
China	chinês	chim, chino
Egito	egípcio	egipcíaco, egipciano, egiptano
Escócia	escocês	
Espanha	espanhol	
Inglaterra	inglês	ânglico, anglicano (= que segue o anglicanismo)
Java	javanês, jau (jáu)	
Judeia	judeu	judaico, judengo, judio
Minas	mineiro	
Noruega	norueguês	
Pérsia	persa	pérsico, persiano
Polônia	polonês	polônio (*polaco* é forma pejorativa)
Porto	portuense	

Portugal	português, lusitano, luso
São Paulo	paulista, paulistano
Sergipe	sergipano, sergipense
Suécia	sueco (é)
Suíça	suíço

Notas: 1ª – Os adjetivos pátrios que vêm na primeira coluna prestam-se tanto para *pessoas* quanto para *coisas*, e podem ser empregados substantivamente: *o inglês*, *o francês*, *o judeu*. Os da segunda coluna prestam-se para *coisas*: goma *arábica*, golfo *pérsico*, plagas *brasílicas*.

2ª – Entre *paulista* e *paulistano* costuma ser feita a seguinte diferença: *Paulista* é o natural do Estado de São Paulo; *paulistano*, o nascido na cidade de São Paulo.

Diferença semelhante se faz entre os nascidos no Estado do Rio, que se denominam *fluminenses* (lat. *flumen* = rio), e os nascidos na cidade do Rio, chamados *cariocas* (tupi-guarani *cariboca* = descendente de branco).

3ª – *Brasileiro* era o que comerciava com pau-brasil, como se chamava *mineiro* o que trabalhava nas minas, *campineiro* o que vivia nas campinas. Com a fixação dos nomes *Brasil*, *Minas* e *Campinas*, passaram aqueles substantivos à classe de adjetivos pátrios.

4ª – *Brasilense* é o relativo ao Brasil, enquanto *brasiliense* se relaciona com a cidade de Brasília.

5ª – V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "gentílicos", "luso-brasileiro", "adjetivo pátrio composto".

Outros adjetivos pátrios:

Afeganistão	afegão, afegane, afegânico
Algarve	algarvio, algarviense
Andaluzia	andaluz
Anju (*fr.* Anjou)	angevino
Aragão	aragonês
Arécio (Arezzo)	aretino
Argel	argelino
Artésia (*fr.* Artois)	artesiano
Batávia	batavo
Baviera	bávaro
Beira	beirão (*f.* beiroa), beirense
Belém (da Jordânia)	belemita, betlemita
Belém (do Pará)	belenense
Beócia	beócio
Borgonha	borgonhão, borgonhês
Braga	bracarense
Bragança	braganção, bragançano, brigantino, bragantino
Buenos Aires	portenho, bonaerense, buenairense
Cádis	gaditano
Cairo	cairota
Canárias	canário
Cândia	candiota
Caracas	caraquenho
Catalunha	catalão
Ceilão	cingalês, ceilanês
Chaves	flaviense
Chile	chileno
Chipre	chipriota, cipriota
Coimbra	coimbrão, coimbrês, conimbricense
Congo	conguês, congo, congolês
Constantinopla	constantinopolitano
Córdova	cordovês
Córsega	corso
Dalmácia	dálmata
Damão	damanense
Damasco	damasceno, damasquino
Dio	dioense
Douro	duriense
(entre) Douro e Minho	interamnense
Entre Rios	entrerriano

Equador	equatoriano
Estados Unidos da Am. do Norte	norte-americano, estadunidense (D. QVs *América*)
Estremadura	estremenho
Etiópia	etíope, etiópico, etiópio (*f.* etiopisa)
Évora	eborense
Finlândia	finlandês, finês, fino
Flandres	flamengo
Gales	galês
Gália	galo, gaulês
Galileia	galileu
Galiza	galego
Gasconha	gascão
Goa	goano, goês
Granada	granadino
Guatemala	guatemalense, guatemalteco
Guimarães	vimaranense
Guiné	guinéu
Hungria	húngaro, magiar
Índia	indiano, índio
Índia Portuguesa	indo-português; canará, canarês, canari, canarim, canarino Conforme o distrito: goano, goês; damanense; dioense
Jerusalém	hierosolimitano
Juiz de Fora	juizforense
Lima	limenho
Lisboa	lisboeta, lisbonense, lisbonino, lisbonês, lisboês, lisboano, olisiponense, ulissiponense, alfacinha
Lombardia	lombardo
Londres	londrino
Macau	macaísta, macaense
Madagáscar	malgaxe, malgaxo
Madri	madrileno, madrilense, madrilês, matritense
Maiorca	maiorquino
Malaca	malaqueiro, malaquista, malaquês
Málaga	malaguenho, malaguês
Mancha	manchego
Manchúria	manchu
Marajó	marajoara
Marrocos	marroquino
Milão	milanês
Minho	minhoto
Mônaco	monegasco
Mongólia	mongol
Montenegro	montenegrino
Nápoles	napolitano, partenopeu (de *Partênope*, antigo nome de Nápoles)
Nazaré	nazareno (nazáreo)
Ovar	ovarino
Palermo	palermitano, panormitano
Parma	parmesão
Patagônia	patagão
Porto Rico	portorriquenho
Ribeirão Preto	riberopretano
Rodes	ródio
Romênia	romeno (ê)
Salamanca	salamantino, salamanquino
Salvador (Bahia)	salvadorense, soteropolitano
Samaria	samaritano
Santarém	santareno
São Salvador (América Central)	salvatoriano, salvadorenho
Sardenha	sardo, sardenho
Sertãozinho	sertanezino
Sião	siamês
Sintra	sintrão (*f.* sintrã)
Tânger	tangerino, tingitano
Terra do Fogo	fueguino
Torres	torrense
Trento	trentino, tridentino
Três Corações	tricordiano
Tui	tudense, tudino
Tunes	tunesino
Tunísia	tunisiano
Urais	uraliano, urálio, urálico
Veneza	veneziano
Viana	vianense, vianês

250 – LOCUÇÃO ADJETIVA: Assim como os substantivos do quarto grupo do § 167 e os do § 168 constituem **locuções substantivas**, isto é, substantivos analiticamente expressos por mais de uma palavra, também os adjetivos podem ser expressos por **locuções**, ou seja, por mais de uma palavra.

Se, quando dizemos "altar *marmóreo*", indicamos uma qualidade por meio do adjetivo *marmóreo*, igual qualidade indicamos quando dizemos "altar *de mármore*", empregando, para qualificar o substantivo *altar*, mais de uma palavra: *de mármore*.

É verdade que existe certa diferença de sentido nessas expressões, pois um "altar *marmóreo*" pode não ser *de mármore* e, sim, imitação; mas idêntica é a função do adjetivo *marmóreo* e a da locução *de mármore*: qualificar o substantivo *altar*.

Outros exemplos de **locuções adjetivas**:

coisa *sem pé nem cabeça*	trem *de carreira*
torneira *de água quente*	piano *com três pedais*

251 – Quanto à **formação**, o adjetivo pode ser:

primitivo e *derivado*
simples e *composto*

1. **PRIMITIVO** é o que dá origem a outro: *formal*, *pardo*, *leve*.

2. **DERIVADO** é o proveniente de outro: *formalístico*, *pardacento*, *leviano*.

3. **SIMPLES** é o constituído de uma só palavra: *luso*, *cirúrgico*.

4. **COMPOSTO** é o formado de duas palavras: *luso-brasileiro*, *médico-cirúrgico*.

Questionário

1. Que é *adjetivo*?
2. Que é *adjetivo substantivado*? Construa uma oração com adjetivo nessas condições.
3. Que é *substantivo adjetivado*? Construa uma oração com substantivo nessas condições.
4. "Um guerreiro moço" – "Um moço guerreiro": Nessas frases, qual o substantivo e qual o adjetivo?
5. Entre adjetivo *explicativo* e *restritivo* qual a diferença?
6. Que são *adjetivos pátrios*? Exemplos.

7. Quais são os adjetivos pátrios de *Brasil*, *China*, *Judeia* e *Polônia*?
8. Explique, com exemplos seus, o que ficou escrito na *nota 1* do § 249.
9. Que é *locução adjetiva*? Exemplos.
10. Quanto à formação, como pode ser o adjetivo? Exemplos.

Claros na numeração dos parágrafos têm por fim possibilitar em futuras edições algum acréscimo que se torne necessário.

CAPÍTULO 15

FLEXÃO DO ADJETIVO*

255 – Os adjetivos, assim como os substantivos, flexionam-se de três maneiras:

a) quanto ao *gênero*
b) quanto ao *número*
c) quanto ao *grau*

Se em certas línguas, como, por exemplo, no inglês, o adjetivo tem uma única forma, invariável, quer o substantivo seja masculino ou feminino, quer singular ou plural, em português o adjetivo se flexiona de acordo com o gênero e com o número do substantivo a que se refere.

Sobre as regras desses dois tipos de flexão do adjetivo pouco há que dizer, visto serem **quase idênticas às regras dos substantivos**. Veremos, apenas, certas normas, ponderações e cuidados que esses dois tipos de flexão requerem.

Flexão genérica

256 – Os adjetivos terminados em *eu* fazem o feminino em *eia*:

masculino	*feminino*	*masculino*	*feminino*
ateu	ateia	europeu	europeia
cananeu	cananeia	galileu	galileia
eritreu	eritreia	hebreu	hebreia

(*) Para facilidade de exposição, incluem-se aqui vários tipos de pronomes que outra vez serão vistos sob seus aspectos particulares.

Exceções:

masculino	*feminino*	*masculino*	*feminino*
judeu	judia	sandeu	sandia
meu	minha	seu	sua
teu	tua		

Nota: Há quatro adjetivos terminados em *éu* – *griséu*, *ilhéu*, *increu* e *tabaréu* – que no feminino se flexionam: *griseia*, *ilhoa*, *increia* e *tabaroa*.

257 – Os adjetivos terminados em *oso* passam a ter o primeiro *o* aberto no feminino e no plural de ambos os gêneros (o acento é só para indicar a pronúncia):

bond*ô*so	bond*ó*sa	bond*ó*sos	bond*ó*sas
mim*ô*so	mim*ó*sa	mim*ó*sos	mim*ó*sas

258 – Os adjetivos terminados em *ês*, *ol*, *or* e *u* vão para o feminino mediante simples acréscimo da desinência *a*:

português – portuguesa	espanhol – espanhola	nu – nua
camponês – camponesa	defensor – defensora	cru – crua

Excetua-se *mau* que faz *má*.

Notas: 1ª – Antigamente, os adjetivos terminados em *es* (que se grafava *ez*), *ol* e *or* eram, quanto ao gênero, uniformes, isto é, de uma única forma, invariáveis: ela é *autor*, temos uma *defensor*, uma *pastor*, minha *senhor*, mulher *pecador*, manceba *morador*...; dentre os terminados em *or*, esse fenômeno ainda se observa nos comparativos *inferior*, *melhor*, *menor*, *pior* etc.; neste particular é interessante observar o que se passa com *superior*, que, permanecendo genericamente invariável quando adjetivo (É ela *superior* a mim), varia quando empregado substantivamente: A *superiora* do convento.

Quanto ao feminino de *senhor*, cumpre observar a vocalização da sílaba tônica, fechada em Portugal – *senhôra* – e aberta no Brasil: *senhóra*.

Por mais teimosos pretendamos ser, jamais poderemos seguir os portugueses na verdadeira pronúncia desse feminino; Mário Barreto chegou a chamar *pedantesca* a pronúncia fechada desse nome no Brasil. Na verdade, é ridículo doutrinar para o Brasil essa pronúncia, para deixar como exceção o nome "Nossa Senhora".

"Mulher *espanhol*" é como antigamente se dizia, como, ainda hoje, dizemos "ameixa *reinol*" (certa espécie de ameixa preta, conhecida por esse nome por ser do *reino*, isto é, de Portugal).

"Mulher *português*", "proveniência *inglês*" são construções antigas; os italianos adotam até hoje essa invariabilidade para os adjetivos em *ês*: "una donna *portoghese*" – "la letteratura *inglese*".

Conservam-se invariáveis: *cortês*, *montês*, *pedrês*, *soez*.

Dos terminados em *u*, constitui exceção o adjetivo *hindu*, que permanece invariável. Quanto a este adjetivo, note-se o erro em que incide a imprensa, empregando-o para designar o nascido na Índia. Quem nasce na Índia é indiano, e o indiano pode ser e pode não ser hindu. *Hindus* são chamados os indianos que professam o hinduísmo.

2ª – Dos adjetivos terminados em *or*, uns há que vão para o feminino mediante a desinência *triz*: *imperador*, *imperatriz*; *diretor*, *diretriz* (diretora); *gerador*, *geratriz*; *ator*, *atriz*.

Contrastando com a terminação *triz*, de cunho erudito, existe a desinência *eira*, acentuadamente popular, empregada em palavras que designam *ocupações modestas* ou *frívolas* (*arrumadeira*, *lavadeira*, *costureira*, *bailadeira*, *engomadeira*, *rachadeira*, *aguadeira*, *bisbilhoteira*, *namoradeira*) ou *máquinas*, *instrumentos* (*assadeira*, *braçadeira*, *criadeira*, *cuspideira*, *escumadeira*).

3ª – Quanto aos terminados em *ente*, V. D. QVs, *presidente*.

259 – Dos adjetivos terminados em *ão*, há uns que fazem o feminino em *ã* (são, *sã*; vão, *vã*), outros em *ona* (valentão, *valentona*) – V. § 240, obs. 5ª.

260 – São **uniformes**, isto é, têm uma única forma para os dois gêneros, os adjetivos terminados em:

1 – *al*, *el*, *il*, *ul*: geral, fatal, fiel, cruel, fácil, gentil, azul, curul.

2 – *ar*, *er*: regular, particular, esmoler (palavra oxítona).

3 – *az*, *iz*, *oz*, *uz*: eficaz, capaz, feliz, atroz, feroz, lapuz.

Exceção: *andaluz*, *andaluza*.

4 – *m*, *s*: jovem, ruim (pronuncia-se com acento no *i*), simples, menos.

Exceções: bom, *boa*; um, *uma*; algum, *alguma*; nenhum, *nenhuma*; dois, *duas*, os nomes das centenas: duzentos, *duzentas*; trezentos, *trezentas* etc.

5 – *e*: forte, leve, breve, gigante (flexiona-se em *giganta* quando substantivo).

Nota: É ainda invariável, quanto ao gênero, o adjetivo *só*: Ele está *só* – Ela está *só*.

Só, quando adjetivo, equivale ao adjetivo *sozinho* e flexiona-se quanto ao número. Eles estão *sós* (= sozinhos) – Elas estão *sós* (= sozinhas) – V. § 527, n. 10.

Flexão numérica

261 – A flexão numérica dos adjetivos obedece às mesmas regras que regulam o número dos substantivos. Devemos, no entanto, observar o seguinte:

A – Nos **adjetivos compostos**, só o último elemento se pluraliza:

singular	*plural*
luso-brasileiro	luso-brasileiros
poético-musical	poético-musicais
anglo-normando	anglo-normandos
médico-cirúrgico	médico-cirúrgicos
nu-proprietário	nu-proprietários
postal-telegráfico	postal-telegráficos

Exceção: Um menino *surdo-mudo*, dois meninos *surdos-mudos* (no fem. *surda-muda*, *surdas-mudas*).

Notas: 1ª – Quanto ao feminino, os adjetivos compostos obedecem a igual critério: só varia o segundo elemento: sociedade luso-brasileira, guerra teuto-russa.

2ª – **Adjetivos compostos designativos de cores**: *a*) só varia o 2º elemento, quando realmente constituídos de adjetivos: blusa amarelo-clara, fita verde-amarela, roupa amarelo-escura, tonalidade amarelo-clara, vestidos verde-amarelos, chapéus azul-claros, gravatas vermelho-roxas, blusa azul-marinha, vestidos azul-marinhos, gravatas azul-marinhas;

b) nenhum elemento varia quando um deles for substantivo: blusa rosa-claro, fitas violeta-escuro, papéis verde-montanha, blusas verde-pavão, coxins azul-ferrete, pedras azul-turquesa, fazendas branco-marfim, cor rosa-escuro, tonalidade rosa-claro, olhos verde-garrafa; ainda que venha só o nome de coisa ou de animal, este permanece invariável: chapéus *rosa*, papéis *marfim*;

c) não há variação nenhuma quando ocorre a preposição *de* ou as locuções *cor de*, *da cor de*, *de cor*: olhos de verde-mar, olhos cor de safira, olhos da cor do prado, fitas de cor azul, ramagens da cor verde de esperança, tecidos de cor azul-escuro. (Cuidado com os galicismos apontados no § 872, 2.)

d) Deve-se dizer *raios ultravioleta*, e não *raios ultravioletas*. Diz-se *raios infravermelhos*, mas *vermelho* é legítimo adjetivo, ao passo que no outro caso a cor é designada por nome de planta e não por adjetivo. V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, *ultravioleta*.

3ª – Em adjetivos compostos como *greco-turco*, *hispano-suíço* etc., o primeiro elemento obedece à forma de origem erudita, e não à usual, popular: *greco-turco* e não *grego-turco*, *hispano-suíço* e não *espanhol-suíço*; e assim: fino-russo, franco-brasileiro, ítalo-francês, sino-japonês, nipo-sino-russo.

B – É preciso fixar que os adjetivos são modificados por advérbios, classe de palavras que não varia; conseguintemente, quando a palavra *meio* modifica adjetivo, não pode variar nem em gênero nem em número: "Ela está *meio* doente" – " As portas estão *meio* abertas" – "Maria ficou *meio* tonta".

Notas: 1ª – Quando *meio* significa *metade de um*, é numeral, e, então, deverá concordar com o substantivo a que se refere: "25 mei*as* garrafas", "mei*a* vida minha", "obra mei*a* acabada". Se porém dissermos "obra mei*o* acabada ", a palavra *meio* deixará de significar *metade de um* e de ser numeral, para passar a funcionar como advérbio, por estar modificando o adjetivo *acabado*, e significar então "mais ou menos", "um pouco".

janela *meio* aberta – (advérbio = *um pouco*)

janela *meia* aberta
ou: *meia* janela aberta } – (numeral = *metade*)

2ª – É verdade que se diz comumente "meio dia e *meio*", mas não se pode negar que a forma correta é "meio dia e *meia*", pois a palavra a que este numeral fracionário se refere é *hora*: "meio dia e *meia* (hora)".

Flexão gradual

262 – Antes de tudo uma observação: Não se confunda *grau do substantivo* com *grau do adjetivo*. Se os substantivos têm por função indicar coisas, o *grau do substantivo* faz referência ao *tamanho* dessas coisas, tamanho que pode ser aumentado ou diminuído; tratando-se, porém, de *grau do adjetivo*, visa-se a *qualidade* por ele expressa, qualidade que pode ser elevada a um grau maior e, ainda, a um grau sumo, supremo.

263 – Duas são as flexões de grau do adjetivo: a **comparativa** e a **superlativa**:

Dizendo: "Pedro é *estudioso*" – atribuímos ao indivíduo Pedro uma qualidade, expressa normalmente. Dizendo: "Pedro é *mais estudioso*", reforçamos a qualidade, elevando-a a um grau maior; o adjetivo passa para o grau *comparativo*. Dizendo, por último: "Pedro é *estudiosíssimo*", reforçamos ainda mais a qualidade de Pedro, elevando-a ao último grau, ao grau máximo, e o adjetivo, então, está no grau *superlativo*.

Nota: Conclusão clara deste parágrafo: Só os adjetivos são suscetíveis de grau superlativo, pois só eles encerram ideia de qualidade, que pode ser elevada em sua significação. Daí a razão por que são incompreensíveis superlativos como *muitíssimo*, *tantíssimo*. O pronome adjetivo não comporta variação gradual. Pelo mesmo motivo, condenada é a expressão "*coisíssima* nenhuma", tolerada apenas em linguagem caseira, porquanto, se nem o pronome adjetivo é suscetível de grau, muito menos se poderão empregar no superlativo os substantivos.

Estas podem ser as **flexões de grau** do adjetivo português:

- comparativo
  - de igualdade
  - de superioridade
    - analítico
    - sintético
  - de inferioridade
- superlativo
  - relativo
    - de superioridade
    - de inferioridade
  - absoluto
    - sintético
    - analítico

264 – GRAU COMPARATIVO: O adjetivo está no *grau comparativo* quando exprime a qualidade em relação a outras coisas que também a tenham em porção **igual** (Pedro é *tão estudioso* como Paulo), em porção **maior** (Pedro é *mais estudioso* do que Paulo) ou em porção **menor** (Pedro é *menos estudioso* do que Paulo).

Daí, três espécies de comparativos: de **igualdade**, de **superioridade** e de **inferioridade**.

1ª – Comparativo de **igualdade** é o que põe em paridade de condições duas coisas ou duas qualidades: "Ele é tão enérgico como (ou *quanto*) o irmão"(comparando seres) – "Ele é tão enérgico como (ou *quanto*) ponderado" (comparando qualidades).

2ª – Comparativo de **superioridade** é o que, no comparar dois indivíduos, atribui a qualidade mais a um do que a outro – "O filho era *mais inteligente* que o pai" (comparando dois seres, dois indivíduos) – ou salienta a existência de uma qualidade em maior porção que outra: "Ele é *mais rico* que *feliz*" (comparando qualidades).

3ª – Comparativo de **inferioridade** é o que põe em posição inferior um dentre os dois elementos comparados: "O pai era *menos ajuizado* que o filho", ou o que, ao atribuir duas qualidades a um mesmo indivíduo, denota a existência de uma das qualidades em menor grau que a outra: "O pai era *menos usurário* que *perverso*" (comparando qualidades).

265 – Pelos exemplos que acima ficaram, é fácil deduzir o processo de formação dos comparativos:

a) No comparativo de igualdade, o adjetivo vem antecedido do advérbio *tão*; o segundo termo de comparação, quer constituído de substantivo, quer de outro adjetivo, vem antecedido de *como*, ou de *quanto*, ou de *quão*: "Ele é *tão* bom *quanto* sábio, *tão* rico *quão* magnânimo e *tão* bonito *como* o irmão".

b) No comparativo de superioridade, o adjetivo vem antecedido do advérbio *mais* (do latim *magis*; o italiano e o francês tiraram este advérbio comparativo do latim *plus*) e o segundo termo da comparação vem antecedido de *que* ou *do que*: "Ele é *mais* rico *que* o irmão" – "Ele é *mais* probo *que* rico".

c) No comparativo de inferioridade, o adjetivo vem precedido do advérbio *menos* e seguido de *que* ou *do que*: "Ele é *menos* prudente *que* o filho".

Notas: 1ª – É infundado dizer que o emprego da partícula *que*, em vez de *do que*, nos comparativos de superioridade e de inferioridade, constitui galicismo; é maneira mais aproximada do latim e tão certa quanto a segunda.

2ª – *Mais* e *menos* admitem ainda encarecimento, por meio dos advérbios *muito* e *bem*. "*muito mais* importante", "*muito menos* cuidadoso", "*bem mais* prudente".

Não se deve estranhar a expressão *muito pouco*; o *muito* reforça aí intensivamente e não quantitativamente. *Muito pouco*, *muito menos*, *bem mal* são construções legítimas: "*Muito pouco* sei de português" – "Eu sei *muito menos* do que ele" E assim: "O médico achou-o *bem mal*".

3ª – O adjetivo *tamanho* significa, dada a etimologia latina (*tam magnum*), *tão grande*: "*Tamanha* algazarra houve que os vizinhos ficaram alarmados" (§ 586).

4ª – Em certas expressões comparativas, entra como *termo de ligação* a preposição *de*: "Há mais *de* vinte anos" – "Fica a menos *de* duas léguas" – "Ele é maior *de* vinte e um anos".

266 – Os adjetivos *bom*, *mau*, *grande* e *pequeno* possuem formas sintéticas (= de uma só palavra) para os comparativos de superioridade, formas provenientes do latim:

bom – *melhor*	grande – *maior*
mau – *pior*	pequeno – *menor*

Os comparativos analíticos (= de mais de uma palavra) *mais bom*, *mais mau*, *mais grande* e *mais pequeno*, que eram as formas antigamente usadas, foram substituídos pelas formas sintéticas; *mais pequeno*, no entanto, perdurou até nossos dias, podendo com acerto empregar-se.

Observações:

1ª – No caso de comparação de duas qualidades, empregam-se os comparativos analíticos e não os sintéticos: "Ele é *mais bom* do que mau" – "Ela é *mais grande* do que pequena".

2ª – Não estranhe o aluno quando se diz que *menor* é comparativo de *superioridade*, ou quando se diz que *pior* é comparativo de *superioridade*. Não há nisso nenhuma contradição, pois o que é "menor" encerra "*maior* pequenez" que uma coisa simplesmente pequena; da mesma forma, o que é "pior" encerra "*maior* maldade" do que uma coisa simplesmente má.

Nota: Há vários adjetivos terminados em *or*, provindos de comparativos latinos, que em português perderam tal força, sendo hoje empregados com sentido positivo e, muitos deles, como substantivos:

interior (mais para dentro)
exterior (mais para fora)
anterior (mais para cá, próximo)
ulterior (mais para lá, afastado)
inferior (mais para baixo)
superior (mais para cima)
prior (lat. *prior* = mais importante)
major (lat. *major* = maior)
júnior (lat. *junior* = mais jovem)
senhor (lat. *senior* = mais velho)

Interior emprega-se substantivamente para contrastar com *capital* (José mora no *interior* e seu irmão em *São Paulo*), para contrastar com *litoral* (Percorremos o *litoral* e o *interior* do Brasil) e ainda com *exterior* (a parte externa, a aparência, as nações estrangeiras, os negócios estrangeiros): *interior modesto*, *cartas para o interior*, *ministro do interior*.

267 – *Bom humor*, *mau humor*, *bom gosto*, *mau gosto*, *boa vontade*, *má vontade*, *boa fé*, *má fé* são em português expressões que se consideram substan-

tivos compostos (*bom-humor, bom-gosto, má-vontade*); quer isso dizer que, em frases comparativas, o *mais* não poderá fundir-se com os adjetivos *bom, boa, mau, má*, que antecedem esses nomes; diz-se, então: *mais mau humor, mais má vontade, mais boa fé, melhor boa fé, pior má vontade, melhor bom gosto*. Erro cometeremos se dissermos: "Tenho *melhor vontade*" – "Tem ele *melhor gosto* que eu" – "Ele tem *melhor fé*" – porque o que se pretende considerar é a *boa vontade*, o *bom gosto*, a *má fé*, e não, simplesmente, a *vontade*, o *gosto*, a *fé*.

268 – As formas sintéticas *melhor, pior* são também formas comparativas dos advérbios *bem, mal* (Hoje dormi *melhor* – Ela cantou *pior* do que se esperava), mas as formas analíticas (**mais bem, mais mal**) é que se devem usar:

a) quando se comparam maneiras de praticar ações de um mesmo sujeito: "Meu irmão canta *mais bem* que mal" (Quando a ação é praticada por sujeitos diferentes a forma é a sintética: "Meu irmão canta *melhor* que eu, mas joga *pior*");

b) antes de particípio: "A lição foi *mais bem compreendida* hoje" – "Ele é o *mais mal vestido* da classe";

c) quando *bem, mal* fazem parte de adjetivo composto: *mais bem-aventurado, mais mal-humorado*.

Nota: 1ª – Não confundamos *melhor* (mais bom) com *melhor* (mais bem); no primeiro caso é adjetivo, pode variar (os *melhores* alunos); no segundo é advérbio, não varia: Eles estão dormindo *melhor*.

2ª – Os adjetivos compostos em que entram os advérbios *bem* e *mal* constituem unidade semântica e são escritos com hífen se o segundo elemento começa por vogal ou *h*, como em *bem-aventurado, bem-humorado, mal-afortunado, mal-humorado*. Se *mal* é seguido de elemento que principia por consoante, não há hífen: *malcriado, malsoante, malvisto*. Se o primeiro elemento é *bem*, pode haver hífen (*bem-ditoso, bem-falante, bem-nascido*) ou não (*bendizente, benfazejo, benquisto*). (Cf. * base XV, parágrafo 4.º.) Como podemos ver, no caso de *bem*, não há critério claro e definido: só a prática ensinará a reconhecer a grafia correta.

269 – GRAU SUPERLATIVO: O adjetivo está no grau superlativo quando exprime a qualidade em seu grau máximo:

aluno *estudiosíssimo*	pico *altíssimo*
lição *facílima*	lugar *salubérrimo*
caligrafia *péssima*	preço *mínimo*

270 – Duas espécies há de superlativos: o **absoluto** e o **relativo**.

271 – Superlativo absoluto: Quando o superlativo modifica a coisa expressa pelo substantivo, sem fazer nenhuma referência a outra coisa congênere, o superlativo chama-se **absoluto**; assim, constituem exemplos de **superlativos absolutos** os que ficaram acima, porque modificam os indivíduos *aluno, lição, caligrafia* etc., sem referência a outros indivíduos da mesma classe.

Observações:

1ª – O superlativo absoluto, além de poder constituir-se de uma só palavra – **superlativo sintético** –, pode também ser expresso por mais de uma palavra – **superlativo analítico** – fazendo-se preceder o adjetivo de um advérbio que dê à expressão força superlativa ou de *o mais*: *muito sábio*, *bastante sábio*, *extremamente sábio*, *muito ruim*, *excessivamente ruim*, *o mais difícil*, *o mais sábio*.

2ª – Tenha o aluno sempre em mente isto: Quando os advérbios *mais* e *menos* precedem adjetivo e vêm antecedidos de *o*, dão eles ao adjetivo força de superlativo. Saiba, portanto, distinguir "*mais estudioso*" (grau comparativo) de "*o mais estudioso*" (grau superlativo).

272 – O superlativo sintético forma-se mediante acréscimo, ao radical do adjetivo, das terminações *íssimo*, *limo* ou *rimo*, terminações provindas da forma latina *timo*, que ainda se conserva em *íntimo* (lat. *intimus* = extremamente profundo). *Íssimo* proveio de *timo* mediante abrandamento do *t* em *s*, aparecendo antes a terminação *is*, incremento latino que finaliza a forma positiva: *legalis* + *simo*, *familiaris* + *simo*. *Limo* e *rimo* provieram de *simo*, mediante assimilação progressiva do *s* em *l* (faci*l*simo-fací*ll*imo) e em *r*: salube*r*simo-salubé*rr*imo.

Nota: "Os superlativos absolutos em *íssimo* (lat. *issimus*) são de origem erudita e moderna. Antes do século XVI, em espanhol como em português, dizia-se *mui muito*, em vez de *muitíssimo*. As formas em *íssimo* nasceram na Itália pelos tempos do Renascimento e se irradiaram para a França, Espanha e Portugal. Na França elas não vingaram, ficando limitado o seu uso apenas aos títulos, como *illustrissime* etc. (No Livro de Esopo já se lê entretanto: "Ó gema preciosa e *nobilíssima*".) O nosso caboclo desconhece tais formas, e exprime o encarecimento de uma qualidade por meio de perífrases: diz 'um horrô de feio', em vez de *feíssimo*" (Otoniel Mota).

273 – As regras para a formação do superlativo absoluto homogêneo (formado do mesmo radical) são as seguintes:

1ª – Os adjetivos terminados em *l*, *r* e *u* passam para o superlativo sem nenhuma modificação:

atual-íssimo	hostil-íssimo	popular-íssimo
central-íssimo	servil-íssimo	cru-íssimo

Exceções: *a*) Para os adjetivos terminados em *vel* átono adota-se o radical latino, terminado em *bil*:

amável – amabil-íssimo
delével – delebil-íssimo
horrível – horribil-íssimo
móvel – mobil-íssimo
solúvel – solubil-íssimo
louvável – laudabil-íssimo (e não *louvabilíssimo*)

b) Ainda com o radical latino forma-se o superlativo dos adjetivos:

cruel – crudel-íssimo
fiel – fidel-íssimo
geral – general-íssimo
infiel – infidel-íssimo

c) Diversos adjetivos terminados em *il* passam para o superlativo com o acréscimo da terminação *limo*:

fácil – facil-limo (facílimo)
difícil – dificil-limo (dificílimo)
símil (= semelhante) – simil-limo (simílimo)
dissímil – dissimil-limo (dissimílimo)
grácil (= frágil) – gracil-limo (gracílimo)
húmil (= humilde) – humil-limo (humílimo)
verossímil – verossimil-limo (verossimílimo)

2ª – Os adjetivos terminados em *m* mudam o *m* em *n*:

comum – comun-íssimo

3ª – Para os terminados em *ão* e para os terminados em *z* adota-se o radical latino (que termina em *n* para os primeiros e em *c* para os segundos), acrescido de *íssimo*:

vão	– van-íssimo	são	– san-íssimo
cristão	– cristian-íssimo	chão	– chan-íssimo
feroz	– feroc-íssimo	rapaz	– rapac-íssimo

4ª – Os terminados em *e*, *o* deixam cair essas vogais; os terminados em *eio* deixam cair a terminação *io*:

leve	– lev-íssimo	sério	– seríssimo
lindo	– lind-íssimo	suave	– suav-íssimo
macio	– maciíssimo	tolo	– tol-íssimo
pio	– piíssimo	cheio	– che-íssimo
próprio	– propriíssimo	feio	– fe-íssimo

Precário faz *precaríssimo*

Notas: 1ª – Os adjetivos terminados em *oso* (*bondoso*, *formoso*, *cuidadoso*) conservam, no superlativo, a divergência de vocalização operada entre o positivo masculino e o feminino: *bondôso*, *bondósa*; *formôso*, *formósa*; diverge assim o superlativo masculino do superlativo feminino: bond*ô*síssimo, bond*ó*síssima; pen*ô*síssimo, pen*ó*síssima.

2ª – Os adjetivos terminados em *co* mudam o *c* em *qu*, e os terminados em *go* mudam o *g* em *gu* para conservar o valor gutural do positivo:

cadu*co*	– cadu*qu*íssimo	ri*co*	– ri*qu*íssimo
malu*co*	– malu*qu*íssimo	se*co*	– se*qu*íssimo
ga*go*	– ga*gu*íssimo	ce*go*	– ce*gu*íssimo

Módico, *parco*, *público*, *pudico*, *simpático* seguem a regra geral: *modicíssimo*, *parcíssimo*, *publicíssimo*, *pudicíssimo*, *simpaticíssimo*.

Antigo e *amigo* fazem, alatinadamente, *antiquíssimo* e *amicíssimo*.

3ª – Os adjetivos terminados em *ro* e *re*, como *áspero* e *livre*, passam para o superlativo mediante acréscimo da terminação *rimo* ao nominativo latino dessas palavras.

áspero	– aspér-rimo	célebre	– celebér-rimo
íntegro	– integér-rimo	célere	– celér-rimo
mísero	– misér-rimo	livre	– libér-rimo
negro	– nigér-rimo	pobre	– paupér-rimo
próspero	– prospér-rimo	salubre	– salubér-rimo
pulcro	– pulquér-rimo	tetro	– tetér-rimo
acre	– acér-rimo	úbere	– ubér-rimo

Excetua-se *nobre*, que faz *nobilíssimo*.

4ª – Adjetivos vernáculos como *benéfico*, *magnífico*, *malédico*, *benévolo*, *maléfico*, *malévolo*, *pacífico*, *terrífico*, que correspondem a latinos terminados em *ficus*, *dicus* e *volus*, tomam o radical latino terminado em *ficent*, *dicent*, *volent*:

benéfico	– beneficentíssimo	maléfico	– maleficentíssimo
magnífico	– magnificentíssimo	benévolo	– benevolentíssimo
malédico	– maledicentíssimo		

274 – Para muitos adjetivos o superlativo é tirado do superlativo latino: alguns há que, além da forma latina, possuem outra de acordo com as regras acima expostas:

bom	ótimo	boníssimo
mau	péssimo	malíssimo[1]
grande	máximo	grandíssimo
pequeno	mínimo	pequeníssimo
ágil	agílimo	agilíssimo
alto	supremo, sumo, supérrimo	altíssimo
amargo	amaríssimo	amarguíssimo
baixo	ínfimo	baixíssimo
célere	celérrimo	celeríssimo
doce	dulcíssimo	docíssimo
dúctil	ductílimo	ductilíssimo
frágil	fragílimo	fragilíssimo
frio	frigidíssimo	friíssimo
humilde	humílimo	humildíssimo
imbecil	imbecílimo	imbecilíssimo
magro	macérrimo	magríssimo
manso	mansuetíssimo	mansíssimo
miúdo	minutíssimo	miudíssimo
pio	pientíssimo	piíssimo
pobre	paupérrimo	pobríssimo
sábio	sapientíssimo	
sagrado	sacratíssimo	
semelhante	simílimo	semelhantíssimo
simples	simplicíssimo	simplíssimo
soberbo	superbíssimo	soberbíssimo

(1) Do arcaico *malo*.

Nota: *Ótimo, péssimo, máximo, mínimo, supremo, sumo* e *ínfimo* são superlativos *heterogêneos*, isto é, correspondem a positivos de que são morfologicamente diversíssimos.

275 – Superlativo relativo: Quando o superlativo, além de atribuir a certa coisa uma qualidade no grau sumo, põe em relação essa coisa com outras congêneres, toma o nome de *superlativo relativo*: "João é *o mais estudioso dos colegas*".

Se o superlativo *absoluto* pode ser formado analítica ou sinteticamente, o superlativo relativo quase sempre se processa analiticamente, mediante anteposição do artigo definido ao comparativo do adjetivo (*o* mais doente, *o* mais sábio), e fazendo-se seguir o adjetivo da preposição *de*: "Cícero foi *o* mais eloquente *dos* oradores".

Nota: Veem-se, construídos à latina, superlativos como estes. "Foi Cícero o *eloquentíssimo dos* oradores" – "É a rosa a *pulquérrima dentre* as flores".

276 – Observações finais sobre a flexão gradual:

1ª – A significação, já em si absoluta, de certos adjetivos qualificativos impede modificações ou flexões de grau: *eterno, infinito, imenso, onipotente, quadrado, redondo, mortal, imortal, infalível, primeiro* etc.

Notas: *a*) Se em escritores se encontram os adjetivos *certíssimo, imensíssimo, perfeitíssimo, diviníssimo, mortalíssimo, portuguesíssimo, latiníssimo*, as desinências superlativas são em tais casos puramente pleonásticas, nada acrescentando à ideia expressa pelo adjetivo positivo.

b) Vemos o adjetivo *morto* flexionado gradualmente na trilha da expressão: "*Mais morto* do que vivo".

2ª – *Ótimo, péssimo, salubérrimo* etc., por serem já superlativos, não são passíveis de grau; *mais salubérrimo, muito ótimo* constituem erros deploráveis.

3ª – Os substantivos, uma vez empregados como adjetivos, são passíveis de grau: "Sou *mais irmão* do presidente que você" – "Pedro é *mais escultor* do que poeta".

4ª – O mesmo valor dos advérbios que, no latim, se antepunham aos adjetivos para formar os superlativos analíticos, tinham nessa língua as preposições *per* e *prae* em composição: *perdifficilis, praeclarus, perlucidus* (que nos deu *perlúcido*), *permagnus, praegelidus, perlongus* etc. Por essa razão é que o verbo *PREferir* já encerra ideia de "querer *mais*", pelo que não se deve dizer: "*Prefiro mais...*"; o certo é "Preferir uma coisa a outra coisa". "Prefiro o estudo ao brinquedo" – "Prefiro ler a ouvir".

5ª – É interessante observar que, na linguagem familiar, o diminutivo traz, para alguns adjetivos e advérbios (V. § 240, obs. 2), sentido intensivo: *juntinho* dele (muito junto), *agarradinhos* ao salário (muito agarrados), *sossegadinhos* (muito sossegados), *cedinho* (muito cedo).

277 – Não podemos deixar de confessar nossa contrariedade em assim ter explanado a flexão gradual dos adjetivos; tal questão, da maneira por que tradicionalmente costuma ser explicada pelos nossos gramáticos, não condiz com o estado atual da língua: facilmente se poderá observar que, no grau comparativo, nenhuma flexão sofreu o adjetivo; a ideia de qualidade foi reforçada mediante acréscimo de advérbio e não por meio de desinência especial; não há, conseguintemente, flexão. Quer se diga: "Pedro é *valente*" quer: "Pedro é mais *valente*" quer, ainda: "Pedro é o mais *valente*" – o adjetivo sempre permanece inflexível. Dizendo: "Pedro é bastante bom", reforçamos a qualidade do indivíduo Pedro, mas não podemos, com rigor, dizer que colocamos o adjetivo *bom* no grau superlativo. Não considerando as formas latinas do comparativo de superioridade de *bom*, *mau*, *grande* e *pequeno*, flexão, verdadeiramente, há apenas no superlativo absoluto sintético, mediante as desinências *íssimo*, *limo* ou *rimo*.

O caso foi esclarecido visando a proveito teórico para o aluno, pondo-o a par do assunto, para, no caso de vir a estudar línguas como o inglês, o alemão, o latim ou o grego, não estar alheio ao fato; nessas línguas o adjetivo sofre realmente alteração na desinência de acordo com o grau que expressa.

Questionário

1. Como se flexionam os adjetivos?
2. Que diz da flexão genérica dos adjetivos terminados em *eu*? Exemplos e exceções.
3. Que ocorre com o feminino dos adjetivos terminados em *oso*? Exemplos.
4. Como passam para o feminino os adjetivos terminados em *or*. Há exceções?
5. Que diz da pronúncia do feminino de *senhor*?
6. Que diz da palavra *hindu*, empregada por *indiano*?
7. *Curul* é adjetivo? Que significa e como se flexiona no feminino?
8. Redija uma oração em que entre um adjetivo pluralizado, composto de dois adjetivos, a semelhança dos que estão na letra A do § 261.
9. Redija duas frases em que *meio* funcione como numeral e duas em que funcione como advérbio.
10. Qual a diferença entre *grau do substantivo* e *grau do adjetivo*?
11. Quantos e quais os graus dos adjetivos? Exemplos.
12. Onde está o erro desta oração: "Esse é um caso como tantíssimos outros"? Por quê?
13. O *comparativo* como se divide? Exemplos.
14. Explique a formação do comparativo de igualdade. Exemplos.
15. Entre: "Ele é mais rico *do que* o irmão" e "Ele é mais rico *que* o irmão" há diferença de pureza gramatical?
16. *Tamanho* que significa? Construa uma oração com esse adjetivo, no feminino.
17. Que diz da preposição *de* como termo de ligação dos comparativos? Exemplos.
18. Que entende por *forma sintética*, e que tem isso que ver com o comparativo? (§ 266).
19. "Mais pequeno" é forma errada? E "mais grande"? Por quê? Esta última quando pode ser empregada? Exemplos.

20. Etimologicamente, em que grau está e que significa o vernáculo *senhor*? Cite outras palavras nas mesmas condições.

21. Construa uma oração comparativa de superioridade com o substantivo *bom humor*, e outra com *má fé*. Justifique a construção.

22. Quantas espécies há de superlativos? Explicação e exemplos.

23. Como se forma o superlativo absoluto sintético?

24. Qual o superlativo sintético de *amável*? Por quê?

25. Dê os adjetivos que vão para o superlativo mediante acréscimo de *limo*. (Dê os sinônimos de *grácil*.)

26. *Chão*, como adjetivo, que significa? E *rapaz*? Qual o superlativo sintético desses dois adjetivos? Por quê?

27. Em que sílaba cai o acento tônico de *pudico*, qual o significado e qual o superlativo sintético?

28. Qual o superlativo sintético de *negro*? Por quê?

29. Qual o superlativo de *imortal*? Por quê?

30. "Muito ótimo" é expressão errada? Por quê?

31. Possuímos, realmente, em português *flexão gradual*? Explique a resposta.

CAPÍTULO 16

NUMERAL

280 – **Numeral** é a palavra que encerra ideia de número.

281 – **CLASSIFICAÇÃO DO NUMERAL**: O numeral pode ser:

cardinal
ordinal
multiplicativo
fracionário

Cardinal é o numeral que indica *quantidade*: *um*, *dois*, *cem*, *mil*.

Ordinal é o numeral que indica *sequência*, *posição*: *primeiro*, *décimo*.

Multiplicativo é o numeral que determina o *número de vezes*: salto *triplo* = salto efetuado em três vezes; *sêxtupla* aliança = aliança entre seis países de uma só vez.

Fracionário é o numeral que indica *partes*, *divisões da unidade*: *meia* laranja, um *oitavo* de polegada, dois *onze avos* de uma melancia.

Com essa divisão, podemos expor os **numerais** da seguinte maneira:

um	primeiro primário primo	simples singelo	(impossível)
dois	segundo secundário	duplo, dúplice binário, dobre	meio
três	terceiro terciário tercionário terçã	triplo, tríplice ternário trino	terço

quatro	quarto quaternário quartã	quádruplo quaternário	quarto
cinco	quinto	quíntuplo	quinto
seis	sexto	sêxtuplo	sexto
sete	sétimo setenário	sétuplo setêmplice	sétimo
oito	oitavo	óctuplo	oitavo
nove	nono noveno	nônuplo	nono
dez	décimo decimal dezeno	décuplo	décimo
onze	undécimo décimo primeiro	undécuplo	onze avos
doze	duodécimo décimo segundo	duodécuplo	doze avos
treze	décimo terceiro	(não há)	treze avos
catorze	décimo quarto	" "	catorze avos
quinze	décimo quinto	" "	quinze avos
dezesseis	décimo sexto	" "	dezesseis avos
dezessete	décimo sétimo	" "	dezessete avos
dezoito	décimo oitavo	" "	dezoito avos
dezenove	décimo nono	" "	dezenove avos
vinte	vigésimo	" "	vinte avos
trinta	trigésimo	" "	trinta avos
quarenta	quadragésimo	" "	quarenta avos
cinquenta	quinquagésimo	" "	cinquenta avos
sessenta	sexagésimo	" "	sessenta avos
setenta	setuagésimo	" "	setenta avos
oitenta	octogésimo	" "	oitenta avos
noventa	nonagésimo	" "	noventa avos
cem	centésimo	cêntuplo	centésimo
cento e um	centésimo primeiro	(não há)	cento e um avos
duzentos	ducentésimo	" "	duzentos avos
trezentos	tricentésimo	" "	trezentos avos
quatrocentos	quadringentésimo	" "	quatrocentos avos
quinhentos	quingentésimo	" "	quinhentos avos
seiscentos	sexcentésimo	" "	seiscentos avos
setecentos	setingentésimo	" "	setecentos avos
oitocentos	octingentésimo	" "	oitocentos avos
novecentos	nongentésimo	" "	novecentos avos

cardinais	*ordinais*	*multiplicativos*	*fracionários*
mil	milésimo	" "	(igual ao ordinal)
milhão	milionésimo	" "	" " "
bilhão	bilionésimo	" "	" " "
trilhão	trilionésimo	" "	" " "

Observações:

1ª – A leitura do cardinal composto faz-se da seguinte maneira:

Se o número se compõe de:

a) *dois algarismos* – põe-se a conjunção *e* entre os algarismos:

86 = oitenta *e* seis;

b) *três algarismos* – põe-se a conjunção *e* entre cada um dos três algarismos:

654 = seiscentos *e* cinquenta *e* quatro;

Nota: A forma *cento* é que entra para contar de 101 (cento e um) até 199 (cento e noventa e nove).

c) *quatro algarismos* – omite-se a conjunção *e* entre o primeiro algarismo e os restantes:

4455 = quatro mil, quatrocentos e cinquenta e cinco.

Nota: Se o primeiro algarismo da centena final for *zero*, aparecerá então o *e*: 3048 = três mil *e* quarenta e oito. Aparecerá ainda o *e* quando os dois últimos ou os dois primeiros forem representados por *zeros*: 1400 = mil *e* quatrocentos; 1001 = mil *e* um; 4005,28 = quatro mil *e* cinco unidades e vinte e oito centésimos. V. L. 26.

d) *vários grupos de três algarismos*: omite-se o *e* entre cada um dos grupos:

3.444.225.528.367 = três trilhões, quatrocentos e quarenta e quatro bilhões, duzentos e vinte e cinco milhões, quinhentos e vinte e oito mil, trezentos e sessenta e sete.

Nota: Quanto ao último grupo de algarismos, deve-se também aqui observar o que ficou notado na letra *c*.

2ª – Para a leitura dos fracionários observe-se:

a) dir-se-á, no plural, *meios*, *terços*, *quartos*, *quintos*, *sextos*, *sétimos*, *oitavos*, *nonos*;

b) quando se tratar de 10 ou de potência de 10, o plural será *décimos*, *centésimos*, *milésimos*, *décimos milésimos*, *centésimos milésimos*, *milionésimos* etc.;

c) juntar-se-á a palavra *avos* em qualquer outro caso: seis quatrocentos avos (6/400), um dois mil avos (1/2000), dois três mil e cinco avos (2/3005).

282 – FLEXÃO DO NUMERAL:

Quanto ao gênero: Dos *cardinais* só variam *um* (*uma*: vinte e uma mil laranjas), *dois* (*duas*: quarenta e duas mil toneladas) e as centenas de *duzentos* em diante (*duzentas*, *trezentas*... *novecentas*).

Milhão, bilhão, trilhão etc. funcionam como substantivos masculinos, com a significação de *milheiro*, quando logo seguidos do nome que se enumera, e fazem-se acompanhar da preposição *de*: *um milhão de* laranjas. Se seguidos de outro cardinal, continuam masculinos, sem a preposição *de*: *dois milhões* e seiscentas mil laranjas.

Os *ordinais* variam normalmente, como os adjetivos (*terçã, quartã* só variam em número).

Dos *multiplicativos*, são invariáveis *simples* e as formas terminadas em *ice*.

Dos *fracionários*, variam normalmente os de *dois* até *dez* (*meia, terça... décima*) e todas as formas iguais às dos ordinais.

Quanto ao número: Dos *cardinais*, admitem plural as formas terminadas em *lhão*: *milhões, trilhões* etc. V. nº 5 do § 231.

Os *ordinais* flexionam-se normalmente, bem como os *multiplicativos* (com exceção de *simples*), e os *fracionários* de *dois* até *dez* ou iguais aos *ordinais*.

283 – *a*) Não se deve confundir o numeral cardinal *um* com o indefinido *um*; *um*, quando cardinal, indica realmente número e tem por plural *dois*; na prática, descobre-se que *um* é cardinal quando admitir o acréscimo de *só, único*: "*Um* (só) homem é bastante para erguer isso". Quando indefinido, *um* tem por plural *uns* e admite, por contraposição, o adjetivo *outro*: "Fiquei conhecendo hoje *um* homem, de que há muito ouvi falar".

"Um
Um
Outro

b) *Um* pode ainda ser adjetivo, quando significa *igual, mesmo* (A verdade é sempre *uma*), *indivisível, uno* (Deus é *um*).

c) Como indefinido, o *um*, repetido, presta-se para contraposição: "*Um* te deixa agosto, *um* te acha setembro". Outras vezes é indefinido neutro, equivalente a *uma coisa*: "Prometer é *um*, dar é outro".

d) Ainda como indefinido, o *um* pode assumir a significação de *alguém, uma pessoa*: "Por mais que *um* queira, não consegue simpatizar com ele".

284 – Os cardinais *dezesseis, dezessete, dezoito* e *dezenove* eram no latim erudito expressos pelas formas sintéticas *sexdecim, septemdecim, octodecim* e *novemdecim*, as quais, no latim popular, foram substituídas pelas analíticas *decem et sex, decem et septem, decem et octo* e *decem et novem*; destas provieram os vernáculos dez*e*sseis, dez*e*ssete, dez(e)oito, dez*e*nove. Não se justificam, pois, as formas dez*a*sseis, dez*a*ssete, dez*a*oito e dez*a*nove.

285 – *Primário* e *secundário*, embora conservem a significação de ordinais, podem, ao mesmo tempo, assumir diversos significados: curso *primário* (curso elementar, fundamental, básico); curso *secundário* (segundo curso), caso *secundário* (de menor importância).

Terciário, *quaternário*, *setenário* sempre conservam relação com os cardinais primitivos, mas indicam épocas, sequência de dias, meses ou anos: período *terciário*, era *quaternária*; *setenário* das Dores.

Ainda derivados de numerais, outros adjetivos existem que designam *idade* ou *data*: *quinquagenário* (50 anos), *sexagenário* (60 anos), *setuagenário* (70), *octogenário* (80), *nonagenário* (90), *centenário* (100), *milenário* (1000).

286 – Os multiplicativos *duplo*, *triplo*, *quádruplo*, *quíntuplo*, *sêxtuplo*, *sétuplo*, *óctuplo*, *nônuplo*, *décuplo*, *undécuplo*, *duodécuplo* e *cêntuplo* derivam de formas latinas terminadas em *plus*, que significa *mais*. Vários desses multiplicativos têm as variantes terminadas em *plice* (dúplice, tríplice), do verbo latino *plicare*, que significa *dobrar*; *simples* etimologicamente significa *sem dobra* (sine plica), isto é, *aberto*, *patente*, *claro*.

Observações:

1ª – O multiplicativo *dobre* (pronuncie *dóbre*) usa-se como adjetivo na acepção de *duplo* ("*Dobre* morte ao cavalo e ao cavaleiro") e de *fingido*, *que ilude as duas partes* (ânimo *dobre*, espia *dobre*); como substantivo, indica o dobrar dos sinos por finados: "Cuidou escutar o *dobre* fúnebre dos sinos de Santa Cruz".

A forma *dobro* é sempre empregada como substantivo: O *dobro* do trabalho.

2ª – *Singelo é* multiplicativo quando significa não dobrado, não composto, simples: *escrituração por partidas singelas* (= aquela em que para cada artigo se indica apenas um credor ou um devedor) – a diferença de *escrituração por partidas dobradas*, aquela em que para cada artigo se reconhece ao mesmo tempo um credor e um devedor.

É adjetivo na acepção de puro, natural, inocente, ingênuo, inofensivo, lhano: "Em tempos de nossos singelos avós", "singelos corações".

Entra ainda a palavra nas locuções adverbiais *ao singelo* (= de modo simples, sem pompas) e *às singelas* (= a sós, sem companhia).

287 – Na prática, os fracionários, com exceção de *meio*, são empregados como substantivos:

meio alqueire de terra → substantivo → numeral

um *terço* de laranja → numeral substantivado → numeral cardinal

288 – *Avos* é substantivo fictício, tirado da terminação de *oitavo*.

289 – Por brevidade, empregam-se os *cardinais* em lugar dos *ordinais* na enumeração de séries de *objetos*, *capítulos*, *artigos*, *parágrafos*, *dias* e *trabalhos*: Moro na casa *trezentos e oito* (em vez de *tricentésima oitava*, como deveria ser, visto tratar-se de *ordem*), no dia *trinta e um* (em vez de *trigésimo primeiro*), capítulo *dois* (em vez de capítulo *segundo*).

Note-se que nesse caso os cardinais *um* e *dois* não variam de gênero: Casa vinte e *um*, página vinte e *dois*, lição *um*, lição *dois*, observando-se ainda que, se colocarmos o numeral antes do substantivo, usaremos o ordinal: na *vigésima oitava* casa, no *trigésimo* dia, *segundo* capítulo, *primeira* lição.

Notas: 1ª – O primeiro dia do mês é sempre indicado pelo ordinal; não se deve dizer: "No dia *um* de maio", mas: "No dia *primeiro* de maio" – "*Primeiro* de abril".

2ª – Na linguagem forense se diz: "Aos 24 dias do mês de abril" – "A folhas trinta e duas".

3ª – V. nº 5 do § 231.

4ª – Se o ordinal de 1000 é *milésimo*, o ordinal de 2000 é *segundo milésimo*, o de 3000 *terceiro milésimo*, e assim por diante. Igualmente, se o de milhão é *milionésimo*, o de 2 milhões é *segundo milionésimo* etc.: "Falo pela milésima vez e falarei pela segunda milésima se for preciso" – "No terceiro milésimo tricentésimo trigésimo terceiro dia" (No 3333º dia).

290 – Na sucessão de *reis*, *papas* e *séculos* usa-se o *ordinal* até *dez* (Leão *primeiro*, Luís *segundo*, Henrique *oitavo*, Carlos *nono*, Pio *décimo*, século *oitavo*) e o *cardinal* de *onze* em diante: Luís *onze*, Leão *treze*, Luís *quinze*, século *treze*, século *vinte*.

291 – *Ambos* é forma *dual* e significa *um* e *outro*, *os dois*: Marido e mulher, *ambos* faleceram. *Ambas* as casas ruíram.

Observe-se que as construções *ambos os dois*, *ambos de dois*, *ambos e dois* são expressões que, conquanto tivessem sido usadas pelos antigos, não passam hoje de expressões vulgares que devem ser evitadas.

Seguido de substantivo, *ambos* exige artigo: ambos *os* alunos.

292 – Na antiga expressão "um *conto* de réis" a palavra *conto* está empregada em vez de *milhão* (um *milhão* de réis).

293 – Têm ainda relação com os numerais certas palavras como *dezena*, *década*, *centena*, *cento*, *milhar*, *dúzia*, *par* e *casal*.

Nota: *Casal* aplica-se ao ajuntamento do macho e da fêmea (*casal* de canários, *casal* de baleias); *par* refere-se a dois objetos que costumam andar juntos (*par* de luvas, *par* de óculos).

294 – Na escrita ordinária não se deve começar período com algarismos; o numeral deve vir por extenso: "*Vinte e cinco* dias se passaram..." (e não: "25 dias se passaram...").

295 – *Sesqui*, elemento latino (síncope de *semisque* = *et semis* = e metade), tem, entre outros, o significado de "e metade": *sesquipedal* = que tem pé e meio de comprimento; *sesquicentenário* = centenário e meio.

Questionário

1. Que é *numeral*?
2. Os numerais como se classificam? Definir cada uma das classes.
3. Escreva por extenso: 2045510 soldados e 44800327200 cartas.
4. Redija duas orações, na primeira das quais entre o *um* como cardinal e, na segunda, como indefinido.
5. O *um* tem ainda outros empregos? Quais? Exemplos.
6. Que diz das formas *dezasseis*, *dezanove*?
7. Como se chama o indivíduo que tem 50 anos?
8. Etimologia e significado da palavra *simples*.
9. Expresse por extenso, mediante ordinais, os números grifados das frases: "No *1938º* ano depois de Cristo" – "Doze horas correspondem à *730ª* parte do ano".
10. "Moro na casa vinte e uma" é expressão certa? Por quê? (Estude bem o § 289 e não se esqueça de justificar a construção "lição *um*".)
11. Que dia vem depois de 31 de julho?
12. Corrija: *a* – Ambos os dois devem sair. *b* – Ambos alunos tiraram o primeiro lugar.

CAPÍTULO 17

VERBO

Quanto à Predicação

297 – Necessário se torna, neste ponto da gramática, abrir um parêntese para certas questões, cujo conhecimento muito importa para a perfeita compreensão da classe de palavras que devemos proximamente estudar, o **pronome**.

Assim como há séculos anteriores a Cristo e séculos posteriores a Cristo, da mesma forma há questões anteriores ao estudo do verbo quanto à predicação e lições posteriores a esse estudo. Esta lição esclarece coisas já estudadas e, principalmente, é base indispensável para a compreensão de muito importantes assuntos que iremos daqui em diante estudar.

Se a gramática não expuser, no momento conveniente, a questão dos verbos quanto à predicação, o aluno não poderá compreender a função dos pronomes oblíquos; como perceberá a diferença entre os pronomes **o** e **lhe** se desconhecer a diferença entre objeto direto e objeto indireto?

Razão de método, pois, é que obriga esta alteração na ordem em que costumeiramente as gramáticas expõem as classes de palavras. O aluno deve aplicar ao presente estudo toda a atenção.

298 – Sabemos ser **verbo** toda a palavra que indica ação ou resultado de ação (estado). Quem *escreve*, quem *desenha*, quem *pinta*, quem *anda*,

quem *quebra*, quem *olha*, quem *abre*, quem *fecha* pratica ações diversas: ação de *escrever*, ação de *desenhar*, ação de *pintar* etc., ações expressas por palavras que se denominam *verbos*.

Ora, sabemos que não existe ação sem causa; se um pires, por exemplo, aparece quebrado, alguém deverá ter praticado a ação de *quebrar*. Ou uma pessoa, ou um animal, ou uma coisa qualquer, como o vento, quebrou o pires. Pois bem, essa *pessoa* ou *coisa* que praticou a ação de *quebrar* é em gramática chamada **sujeito** ou **agente da ação verbal**.

299 – PREDICAÇÃO: Assim como toda a ação requer uma causa, assim também toda a ação produz um efeito.

Se, quando dizemos: "*Pedro escreveu uma carta*" – atribuímos a causa a Pedro, da mesma maneira a ação de escrever produziu um efeito; qual o resultado da ação que Pedro praticou, ou seja, que é que Pedro escreveu? – *Uma carta*.

Observando, entretanto, outros verbos, notaremos que a ação por eles expressa não produz, como no exemplo dado, nenhum efeito. Assim, quando dizemos: "*O pássaro voou*" – não perguntamos "*Que é que ele voou?*" Quer isso dizer que a ação fica toda no sujeito do verbo, sem produzir resultado algum.

Qual a razão da desigualdade entre esses dois verbos? É a seguinte: O verbo do primeiro caso é de *predicação incompleta*, ao passo que o verbo do segundo caso é de *predicação completa*. Expliquemos: – O verbo é chamado também **predicado**, porque atribui, *predica* uma ação a alguma pessoa ou coisa; pois bem, quando essa ação fica toda no sujeito, diz-se que o verbo é de *predicação completa*; quando não, ou seja, quando a ação, que o verbo exprime, exige uma pessoa ou coisa sobre que recair, diz-se que o verbo é de *predicação incompleta*.

A pessoa ou coisa que se acrescenta ao verbo para lhe *completar* a significação, ou seja, o **complemento**, o **recipiente da ação verbal** chama-se **OBJETO**.

300 – INTRANSITIVOS e TRANSITIVOS: Os verbos dividem-se, pois, em dois importantes grupos: verbos de **predicação completa** e verbos de **predicação incompleta**; verbo de predicação completa é o que não exige nenhum complemento, ou seja, é o que tem sentido completo; assim, são de predicação completa verbos como *voar*, *correr*, *fugir*, *morrer*, *andar*, porque nenhuma palavra exigem depois de si; têm todos eles sentido completo; a águia *voa*, a lebre *corre*, o ladrão *fugiu*, Pedro *morreu*, a criança

anda – são orações constituídas de apenas dois termos, sujeito e verbo, sem nenhuma necessidade, para o sentido, de um terceiro termo. Tais verbos chamam-se **INTRANSITIVOS**.

Outra classe de verbos, bastante diferente dessa, é a dos verbos de **predicação incompleta**, isto é, verbos que exigem depois de si um complemento, ou seja, um termo que lhes complete o sentido: eu *escrevi*, ele *perdeu*, nós *seguramos*, Maria *ganhou* – não são orações de sentido inteirado, pois não sabemos que foi que eu escrevi, que foi que ele perdeu, que seguramos nós, que ganhou Maria; os verbos que nessas orações entram exigem um termo que lhes complete o sentido, e a oração toda passará a ter três termos: sujeito, verbo e complemento; eu escrevi *uma carta*, ele perdeu *a carteira*, nós seguramos *o ladrão*, Maria ganhou *um colar*. Tais verbos se chamam **TRANSITIVOS** (do lat. *transire* = *passar*).

301 – VERBOS TRANSITIVOS: Existem duas espécies de verbos transitivos:

a) **Transitivos DIRETOS**: São os verbos cuja ação passa *diretamente* para a pessoa ou coisa sobre que recai. Quando dizemos: "*Pedro estudou a lição*" – não colocamos nenhuma preposição entre *estudou* e *a lição*.

Toda a vez que a um verbo transitivo se seguir diretamente a pessoa ou coisa sobre que recai a ação, esse verbo será **transitivo direto**. Tal pessoa ou coisa sobre que recai, *diretamente*, a ação verbal chama-se **objeto direto**.

Exemplos de verbos transitivos diretos: *ver*, *beber*, *derrubar*, *pegar*, *segurar*, *deixar*, *abrir* etc.

b) **Transitivos INDIRETOS**: Não podemos dizer: "Pedro *depende* o pai" – unindo diretamente ao verbo *depender* o objeto *o pai*. Empregando a preposição *de*, dizemos sempre: "Pedro *depende d-o* pai". – O verbo *depender* é também de predicação incompleta (De que depende Pedro?), mas não é perfeitamente igual ao verbo *estudar*, porque se liga *indiretamente* (por meio de preposição) ao objeto.

Tais verbos são chamados **transitivos indiretos**, e o seu complemento se denomina **objeto indireto**.

Exemplos de verbos transitivos indiretos: *gostar* (*de* alguma coisa), *obedecer* (*a* alguma coisa), *corresponder* (*a* alguma coisa), *recorrer* (*a* alguma coisa) etc.

Notas: 1ª – Sendo transitivo, não importa que o verbo tenha dois objetos, um direto, outro indireto:

Dei um presente *a meu pai.*

obj. direto obj. indireto

2ª – Por necessidade didática chamaremos "transitivo direto-indireto" o verbo que traz um objeto direto e outro indireto. Não tem fundamento nos fatos do idioma obrigar a pôr os dois objetos de tais verbos.

3ª – Quando a preposição exigida pelo verbo transitivo indireto é *a* e o objeto é nome feminino determinado, esse *a* deve ser craseado: "Refiro-me *à* morte do amigo". – "Recorri *à*quela mulher" (§ 116).

302 – VERBOS DE LIGAÇÃO: Quando dizemos *Pedro é bom*, não atribuímos a Pedro nenhuma ação, e, sim, uma *qualidade*, a qualidade de *ser bom*. Tais verbos são também de predicação incompleta (Que é Pedro?) e, conseguintemente, requerem um complemento, com a diferença de ser este constituído de qualidade e não de pessoa ou coisa.

Mesmo quando se diz – *Pedro é pedra* – embora o complemento seja constituído por *coisa* (pedra), este complemento não é efeito de nenhuma ação praticada por Pedro, senão que indica um estado, uma qualidade de Pedro, a qualidade de ser como pedra.

Tais verbos são chamados **verbos de ligação**, e seu complemento se chama **predicativo** (jamais *objeto*).

Exemplos de verbos de ligação: *ser*, *estar*, *andar*, *ficar*, *permanecer* etc.

303 – Os verbos **transitivos** podem ser empregados intransitivamente, isto é, como verbos de predicação completa; assim, o verbo *estudar* é transitivo, porque "quem estuda estuda alguma coisa"; mas podemos, com sentido, dizer: "Pedro *estuda*" – sem nenhum objeto, empregando o verbo *estudar* em sua acepção geral, sem especificar a coisa ou coisas que Pedro estuda.

Vice-versa, um verbo de predicação completa pode ser empregado como verbo de predicação incompleta: "Ele *viveu* dias horríveis" é oração em que se dá ao verbo *viver* (intransitivo por natureza) o objeto direto *dias horríveis*. Outros exemplos: "*Andei* duas léguas", "*Calei* razões", "*Adormeci* a dor" (= fiz adormecer), "O general *cessou* o ataque" (= fez cessar). Tais verbos chamam-se **factitivos** ou **causativos**.

304 – REGÊNCIA VERBAL: Quando indagamos se tal verbo exige objeto direto ou indireto, ou quando, exigindo objeto indireto, procuramos saber se a preposição que o liga ao objeto deve ser *de* ou *por* ou *com* ou *a* ou *para* ou *em* etc., estamos procurando saber a *regência* do verbo.

Vemos daí que regência verbal só diz respeito a verbos de predicação incompleta, pois que os intransitivos, sendo completos, não regem palavra alguma.

Os bons dicionários mostram, com exemplos, a verdadeira regência de um verbo. O aluno inteligente deverá ver os exemplos que o dicionarista apresenta após cada significado do verbo, e do exemplo deduzirá a regência, sem preocupar-se com o nome que o autor porventura empregue para designar o verbo.

305 – Muitos verbos possuem duas ou mais regências, conservando, em qualquer delas, o mesmo sentido e correção: Puxar *a* espada, *da* espada ou *pela* espada. Outros, conforme a regência, têm significado especial; está neste caso o verbo *assistir*; com objeto direto significa *prestar socorro*, *cuidar*, *tratar*: "O médico *assiste* o enfermo". Com a preposição *a*, significa *estar presente*: "*Assisti ao* desfecho da questão", "*Assistir a* uma missa".

Outros exemplos do presente caso: *querer* uma coisa significa *desejar* uma coisa; *querer a* uma coisa, *a* uma pessoa significa *estimar* essa coisa, amá-la; *puxar* o pai (tirar), *puxar ao* pai (herdar caraterísticos).

Nota: É tão importante esta questão de "regência verbal" que sobre ela existem dicionários especializados, que só trazem os verbos de nosso idioma e a respectiva regência, com exemplos elucidativos. Voltaremos ao assunto na sintaxe – parágrafo 773 e ss. – onde explanaremos certas curiosidades e particularidades regenciais; por ora basta-nos isso. V. no D. QVs. o último parágrafo do verbete *Firmar*.

Quadro Sinótico do Presente Capítulo

VERBO (Quanto à Predicação)

- predicação completa – intransitivo (sem objeto)
- predicação incompleta
  - transitivo direto (objeto direto) (não há preposição entre o verbo e o complemento)
  - trans. indireto (objeto indireto) (há preposição entre o verbo e o complemento)
  - de ligação (predicativo)
- predicação duplamente incompleta
  - transitivo direto-indireto (dois objetos: um direto e outro indireto)

Questionário

1. Que é *sujeito* ou *agente da ação verbal*? Dê exemplos.
2. Que é *complemento* ou *recipiente da ação verbal*? Dê exemplos.
3. Que é verbo de predicação completa? Que outro nome tem? Exemplos.
4. Que é verbo de predicação incompleta? Exemplos.
5. Quantas espécies existem de verbos de predicação incompleta? *Definir* cada espécie e *exemplificar* com orações.
6. Como se denomina o complemento do verbo transitivo direto?
7. Como se denomina o complemento do verbo transitivo indireto?
8. Como se denomina o complemento do verbo de ligação?
9. Um verbo de predicação incompleta pode ser empregado sem nenhum complemento? Quando? Exemplo.
10. Como indagar de um dicionário a regência de um verbo?
11. Os verbos conservam sempre a mesma regência? Neste particular, que diz do sentido do verbo?
12. Faça o quadro sinótico do estudo do verbo quanto à predicação.

*

O ignorante não duvida, porque desconhece que ignora.

CAPÍTULO 18

PRONOME

308 – Pronome é a palavra que ou substitui ou pode substituir um substantivo: *Ele* (Pedro) não está – *Alguém* (que não sabemos quem seja) está em casa.

309 – CLASSIFICAÇÃO: O pronome pode ser:

pessoal	*indefinido*
possessivo	*interrogativo*
demonstrativo	*relativo*

Nota:

locuções pronominais *cada qual cada um o qual*

310 – Pronome pessoal é o que, ao mesmo tempo que substitui o nome de um ser, põe esse nome em relação com a *pessoa gramatical*.

311 – PESSOA GRAMATICAL: É a relação entre a linguagem e os seres.

Quando fazemos uso do dom que nos é próprio, a linguagem, colocamos tudo quanto nos cerca em três posições, em três relações; umas coisas nós relacionamos com a pessoa que fala, outras colocamos em referência à pessoa com que falamos, e outras fazemos relacionar com a pessoa de que falamos.

Está claro que a pessoa que fala é, realmente, *pessoa* (a não ser quando, metaforicamente, atribuímos o dom da linguagem aos irracionais, aos vegetais, como nas fábulas), e podemos dirigir-nos e referir-nos, indiferentemente, a pessoas e a coisas, mas estas coisas a que nos dirigimos ou às

quais nos referimos são, em gramática, consideradas *pessoas*, e, daí, o nome **pessoa gramatical**, que outra coisa não é senão a **relação existente entre a linguagem e os seres**.

Pois bem, as pessoas gramaticais são representadas, taxeonomicamente, por pronomes, denominados pronomes *pessoais*; o pronome que representa a pessoa que fala, ou seja, a **primeira pessoa** gramatical, é *eu*; a pessoa com que falamos é representada por *tu*, que se denomina pronome da **segunda pessoa** gramatical; finalmente temos o pronome *ele* (ou *ela*), que representa a **terceira pessoa** gramatical, ou seja, a pessoa de que falamos.

Todas essas pessoas têm os seus plurais: *nós* é o plural de *eu* e representa as pessoas que falam; *vós* é o plural de *tu* e representa as pessoas com que falamos; *eles* (ou *elas*) é o plural de *ele* (ou *ela*) e representa as pessoas de que falamos.

312 – O pronome pessoal pode ser:

reto

oblíquo { reflexivo / não reflexivo }

de tratamento

313 – Os pronomes pessoais dividem-se em **retos** e **oblíquos**, de acordo com o *caso*, isto é, de acordo com a função sintática que exercem na oração.

Pronomes retos são os que têm por função representar o *sujeito* do verbo da oração; são retos os pronomes *eu*, *tu*, *ele* (ou *ela*), *nós*, *vós*, *eles* (ou *elas*). *Eu* devo estudar, *tu* podes ir, *ele* deve vir, *nós* não concordamos etc.

Pronomes oblíquos são os que na frase exercem função complementar, isto é, são os que têm por função representar o complemento do verbo: "Mandaram-*me* embora" (o *me* exerce função de objeto direto) – "Disseram-*nos* diversas coisas" (o *nos* exerce função de objeto indireto) – "Mário vai sair *comigo*" (o *comigo* exerce função de adjunto adverbial de companhia).

Essa é a razão por que não se deve dizer: "Estas laranjas são para *mim* chupar" – porquanto o *mim* está aí exercendo *função subjetiva* (função *subjetiva* quer dizer "função de *sujeito*"). Correta, assim deve ficar a construção: "Estas laranjas são para *eu* chupar". – Se dissermos simplesmente: "Estas laranjas são para mim", a construção estará certa, mas se a essa expressão acrescentarmos um verbo qualquer no infinitivo, o *mim* deverá ser substituído por *eu*, porque exercerá a função de sujeito desse infinitivo; o infinitivo

é que, em tal caso, é regido pela preposição, e não o pronome (Estas laranjas são *para* quê? Para chupar. – Quem vai chupar? *Eu*).

Eu e *tu* flexionam-se em *mim* e *ti* quando regimes de preposição: *de mim, de ti, por mim, por ti*. Se a preposição for *com*, a forma será *comigo, contigo*.

Ele, nós e *vós* funcionam também como regimes de preposição: *dele, por ele, de nós, por vós, entre eles, entre nós, em vós*. Se a preposição for *com*, a construção será *com ele, conosco, convosco*; *si* e *consigo* empregam-se quando referentes ao sujeito: João dá de *si* o que pode – Eles levaram tudo *consigo* (§ 408).

As formas oblíquas *o, nos, vos* empregam-se também como sujeitos acusativos (§ 652).

Observação:

No Brasil, até mesmo entre doutos, comete-se na conversação o comezinho erro de dar para objeto direto o pronome do caso reto (caso nominativo, caso do sujeito), ouvindo-se a cada passo solecismos como estes: "Só vejo *ele* de tarde" – "Pegue *eu*" – "Olhe *ele* ali".

314 – Em quadro, assim podemos distribuir os pronomes pessoais.

PRONOMES PESSOAIS			
Pessoa gramatical		**Retos**	**Oblíquos**
Singular	1ª	eu	me, mim, migo
	2ª	tu	te, ti, tigo
	3ª	ele, ela	o, a, lhe, se, si, sigo
Plural	1ª	nós	nos, nosco
	2ª	vós	vos, vosco
	3ª	eles, elas	os, as, lhes, se, si, sigo

Nota: Dizem-se **reflexivos** os oblíquos que podem referir-se ao sujeito de uma oração: Eu *me* feri, ele *se* feriu (§ 394; § 408), e **não reflexivos** os que não podem referir-se ao sujeito de uma oração: Viu-*o*, entregou-*lhe* o livro.

315 – **Pronomes de tratamento**: Chamam-se *pronomes de tratamento* as palavras e expressões que substituem a terceira pessoa gramatical: *fulano, beltrano, sicrano, a gente, você, vossa mercê, vossa excelência, vossa senhoria, sua senhoria, sua majestade*.

Algumas **fórmulas de tratamento**, seguidas da maneira de sobrescritar o envelope

Cargo	Fórmula	Invocação
Abade, prior, superior, visitador de ordem religiosa	Paternidade	Revmo. Dom (Padre)
Abadessa	Caridade	Revma. Madre
Almirante	Excelência	Exmo. Sr. Almirante
Arcebispo	Excelência Reverendíssima	Exmo. e Revmo. Dom
Arquiduque	Alteza	A Sua Alteza Arquiduque
Bispo	Excelência Reverendíssima	Exmo. e Revmo. Dom
Brigadeiro	Excelência	Exmo. Sr. Brigadeiro
Cardeal	Eminência Reverendíssima (Eminência)	Emmo. e Revmo. Cardeal Dom
Cônego	Reverendíssima	Revmo. Sr. Côn.
Cônsul	Senhoria	Ilmo. Sr. Cônsul
Coronel	Senhoria	Ilmo. Sr. Cel.
Deputado	Excelência	Exmo. Sr. Deputado
Desembargador	Excelência	Exmo. Sr. Desembargador
Duque	Alteza (Sereníssimo Senhor)	A Sua Alteza Duque
Embaixador	Excelência	Exmo. Sr.
Frade	Reverendíssima	Revmo. Sr. Fr.
Freira	Reverendíssima	Revma. Ir.
General	Excelência	Exmo. Sr. General
Governador de estado	Excelência	Exmo. Sr. Governador
Imperador	Majestade (Senhor)	A Sua Majestade Imperador
Irmã (Madre, Sóror)	Reverendíssima	Revma. Ir. (Madre, Sóror)
Juiz	Excelência (Meritíssimo Juiz)	Exmo. Sr. Dr.
Major	Senhoria	Ilmo. Sr. Major
Marechal	Excelência	Exmo. Sr. Marechal
Ministro	Excelência	Exmo. Sr. Ministro
Monsenhor	Reverendíssima	Revmo. Sr. Mons.
Padre	Reverendíssima	Revmo. Sr. Padre
Papa	Santidade (Santíssimo Padre). Beatitude	A Sua Santidade Papa (Ao Beatíssimo Padre)
Patriarca	Excelência Reverendíssima. Beatitude	Exmo. e Revmo. Dom (Ao Beatíssimo Padre)
Prefeito	Excelência	Exmo. Sr. Prefeito
Presidente de estado	Excelência	Exmo. Sr. Presidente
Príncipe, princesa	Alteza (Sereníssimo Senhor, Sereníssima Senhora)	A Sua Alteza Príncipe (Princesa)
Rei, rainha	Majestade (Senhor, Senhora)	A Sua Majestade Rei (Rainha)
Reitor (de universidade)	Magnificência (Magnífico Reitor)	Exmo. Sr. Reitor
Reitor (de seminário)	Reverendíssimo	Revmo. Sr. Pe.
Secretário de estado	Excelência	Exmo. Sr. Secretário
Senador	Excelência	Exmo. Sr. Senador
Tenente-Coronel	Senhoria	Ilmo. Sr. Ten.-Cel.
Vereador	Excelência	Exmo. Sr. Vereador
Demais autoridades, oficiais e particulares	Senhoria	Ilmo Sr.

Notas: 1ª – As fórmulas de tratamento são pronomes de tratamento quando antecedidas de *sua* ou *vossa*:

Sua emprega-se quando nos referimos à pessoa: "Vi *sua* santidade o Papa Paulo VI quando estive em Roma";

Vossa emprega-se quando nos dirigimos à pessoa: "Acabo de receber o diploma que *Vossa* Santidade se dignou enviar-me".

Em ambos os casos, a fórmula é sempre da terceira pessoa; verbos e pronomes a ela referentes devem na terceira pessoa ser flexionados.

2ª – Não confundamos *invocação* com *tratamento*. Se no cabeçalho de uma carta a um professor pusermos *Ilustríssimo Senhor Professor*, podemos no corpo da carta tratá-lo por *vós*; o que não se pode é no corpo de uma carta redigir *vossa senhoria* e tratar o destinatário por *vós*. Nenhuma necessidade existe nem de ponto nem de vírgula nem de dois-pontos após a invocação.

3ª – Tratando-se de cargos transitórios e de algumas dignidades hierárquicas pode-se no envelope, debaixo do nome do ocupante do cargo, pôr *DD.*, abreviatura de *digníssimo*: *DD. Reitor da Universidade – DD. Embaixador Brasileiro – DD. Juiz de Direito.*

4ª – No envelope, a última parte da invocação pode vir na segunda linha, antes do nome do destinatário. Por conveniência de alfabetação de vários envelopes ou por necessidade mecânica, essa última parte (*Dr.*, *Pe.*, *Ir.* ...) pode vir terminando a primeira linha ou, na segunda linha, após o nome.

5ª – Os pronomes de tratamento são suscetíveis de plural: *vossas majestades*, *vossas senhorias*, *vocês* etc. Observe que o plural de *você* (este pronome não tem o mesmo uso em Portugal) costumam pronunciar *vocêis*, antepondo um *i* ao *s*, pronúncia que devemos evitar e condenar.

6ª – Como pronome, deve-se escrever *a gente* com os elementos separados: "*A gente* não faz isso por gosto". Com os elementos ligados, o sentido torna-se outro – *operante*, *comissário*, *emissário*: *agente* químico, *agente* policial, *agente* diplomático.

7ª – É infundada a doutrina dos que obrigam a que sempre se diga "de V. Rev.ma", "a V.Rev.ma", repetindo-se enfadonhamente o "V. Rev.ma". Este tratamento, como todos os demais de cortesia, pode muito bem aparecer na forma oblíqua. Em português muito bom e menos monótono podemos, sem temor de erro, dizer: "Formulamos-*lhe*", "pedimos-*lhe*", "vemos na *sua* pessoa", em vez de: "formulamos a V. Rev.ma", "pedimos a V. Rev.ma", "na pessoa de V. Rev.ma".

8ª – Na correspondência pública, costuma-se usar *V. S.ª* para pessoa de categoria igual ou inferior, e *V. Ex.ª* para pessoa de categoria superior.

Na correspondência comum, porém, *V. S.ª* emprega-se para pessoa de relações não íntimas, mormente se meramente comerciais, e *V. Ex.ª* para pessoa de posição política elevada, tratamento este regimentalmente usado no Brasil, também na linguagem falada, entre pares de uma câmara.

316 – É de regra, num discurso, em cartas ou em escritos de qualquer natureza, a **uniformidade de tratamento**, isto é, do pronome escolhido para a pessoa a que nos dirigimos. Se tratamos o interlocutor por *vós*, os pronomes oblíquos devem ser os que correspondem a essa pessoa, e o mesmo se deve dizer dos pronomes possessivos. Se o tratarmos por *tu*, usaremos os oblíquos *te*, *ti*, *contigo* e os possessivos *teu*, *tua*, *teus*, *tuas* (jamais *seu*, *sua*). Se o tratarmos por *vossa senhoria*, *senhor*, *você*, diremos *o*, *lhe*, *seu*, *sua* etc. (V. § 328).

Nota: Como fórmula de tratamento, *senhor* é da 3ª pessoa: O senhor é bondoso – A senhora está cansada. Como vocativo, pode ser usado com outras pessoas: Se queres, Senhor, podes curar-me – Apiedai-vos, Senhor, de nossa fraqueza – Não posso, caros senhores, dizer-vos... – Em cartas, a saudação inicial ("*Prezado Senhor*", "*Prezados Senhores*") não implica tratamento.

317 – Os pronomes pessoais retos não devem ser empregados desnecessariamente; o francês, o inglês e outras línguas enunciam sempre o sujeito da oração, mas em português o pronome reto geralmente só se emprega:

a) quando necessário para a *clareza*: "*Ele* passa bem, mas *ela* está adoentada";

b) quando há *contraste*: "*Eu* rio, *tu* choras";

c) quando, *sujeito*, vem modificado por subordinada adjetiva (§ 900): "*Eu*, que nunca deixei de dizer verdade, não mentiria agora pela primeira vez";

d) quando o *sujeito* é *composto*: "*Eu* e Pedro iremos";

e) para dar *ênfase* (= *força de expressão*): "*Tu* me atraiçoaste, *tu* violaste a fé jurada, *tu* te mostraste indigno de minha confiança".

318 – As formas *mim*, *ti* e *si* sempre se usam antecedidas de preposição: *de mim*, *a ti*, *de si* para *si*.

319 – As formas *migo*, *tigo*, *sigo*, *nosco* e *vosco* provêm do latim *mecum*, *tecum*, *secum*, *nobiscum* e *vobiscum*, palavras compostas da preposição *cum* e das flexões pronominais latinas (cum+me, cum+te, cum+se etc.) colocadas em ordem inversa. Em português, tais formas vêm outra vez acompanhadas da preposição *com* (nas formas *go* e *co*), como se já não bastasse o *cum* que as acompanha: *com+mi+go* (= cum+me+cum), *com+ti+go* (= cum+te+cum), *com+vos+co* (= cum+vobis+cum) (V. § 122, 2ª obs.).

Esse fato demonstra quanto se transformou o latim, perdendo certos vocábulos latinos a forma e o próprio significado etimológico[1].

Nota: Manda, entretanto, a eufonia que se diga *com nós mesmos* (ou *mesmas*) e *com nós próprios* (ou *próprias*) em vez de *conosco mesmos* e *conosco próprios*. A mesma regra se deve observar quanto às formas *com vós mesmos* (ou *mesmas*) e *com vós próprios* (ou *próprias*). *Conosco* e *convosco* usam-se desacompanhados de completivos: Com nós alunos isso não se dá – Com vós professores desejo falar (e não: *conosco alunos*, *convosco professores* – porque o pronome está acompanhado de um completivo, isto é, de um termo que completa o pronome). Diz-se *com si próprio* ou *consigo próprio*: Estavam preocupados com si próprios (ou *consigo próprios*).

(1) V. *Gramática Latina*, §182, n. 8.

320 – As formas oblíquas *me, te, nos* e *vos* servem, indiferentemente, tanto para objetos diretos, como para objetos indiretos.

EXEMPLOS: "Eu *te* louvo " (objeto direto – verbo transitivo direto) – "Eu *te* obedeço" (objeto indireto - verbo transitivo indireto) – "Nós *vos* louvamos" (objeto direto - verbo transitivo direto) – "Nós *vos* perdoamos" (objeto indireto – verbo transitivo indireto).

As formas pronominais oblíquas **o** e **lhe** da terceira pessoa não podem ser usadas indiferentemente; a forma oblíqua *o* jamais poderá funcionar como objeto indireto, e a forma *lhe* jamais como direto. Comete erro gravíssimo quem diz: "Eu *lhe vi*", porque o verbo *ver* é transitivo direto, e, portanto, o oblíquo deve ser *o*. Da mesma forma erra quem diz: "Eu *o obedeço*", porque o verbo *obedecer* é transitivo indireto, e, portanto, o oblíquo deve ser *lhe*.

O seguinte quadro elucida a questão:

OBJETOS	
Direto *(compl. de verbo trans. direto)*	**Indireto** *(compl. de verbo trans. indireto)*
Singular { me, te, se, *o*	Singular { me, te, se, *lhe*
Plural { nós, vós, se, *os*	Plural { nos, vos, se, *lhes*

Nota: Vimos no § 302 que os verbos de ligação se completam com o predicativo. Acrescentamos agora: Pode aparecer com tais verbos, além do predicativo, que é exigido pelo verbo para que tenha sentido completo, uma palavra que determine ou complete o predicativo, ou seja, uma palavra que manifeste relação de prejuízo ou benefício (interesse), proximidade, semelhança etc.: "Pedro é bom *para o pai*" – "Ele é favorável *a mim*" – "Isso não parece bom *para o povo*". Substituindo esse complemento pelo correspondente pronome oblíquo, temos: "Pedro *lhe* é bom" – "Ele *me* é favorável" – "Isso não *lhe* parece bom". V. §685.

321 – Combinações pronominais: Quando um verbo transitivo vem com dois objetos, um direto e outro indireto, iremos, para substituir esses dois objetos pelos respectivos pronomes, empregar duas formas pronominais oblíquas: uma que irá representar o objeto direto e outra, o indireto.

Suponhamos a oração: "Dei a Pedro o livro"; substituamos o objeto indireto *a Pedro* pelo correspondente pronome oblíquo, conforme vimos no parágrafo anterior: "*Dei-lhe* o livro".

Substituamos, também, o objeto direto pelo seu pronome correspondente: "Dei-lh*o*".

Dei – *lhe* + *o*

↓ a Pedro (obj. indireto)

↓ o livro (obj. direto)

Outros exemplos de combinações pronominais:

"Por que não *mo* contaram?"

me (a mim) + *o* (isso, essa coisa)

"Não *vo-lo* direi" (V. § 121, 1)

vos (a vós) + *o* (isso, essa coisa)

Uma vez que na oração venha expresso ou o objeto direto ou o objeto indireto, já não será possível a combinação pronominal. "Não sei quando lh*o* darei *o livro*" é construção errada, visto vir já expresso o objeto direto de *darei* (o livro); nessa oração só é possível o pronome *lhe*: "Não sei quando *lhe* darei o livro". Se não viesse expresso o objeto direto, então, sim, poderíamos combinar os pronomes:

"Não sei quando *lho* darei"

lhe (a ele, a você) + *o* (o livro)

322 – Eis o quadro das combinações pronominais:

me + o = **mo** (ma, mos, mas)	nos + o = **no-lo** (no-la, no-los, no-las)
te + o = **to** (ta, tos, tas)	vos + o = **vo-lo** (vo-la, vo-los, vo-las)
lhe + o = **lho** (lha, lhos, lhas)	lhes + o = **lho** (lha, lhos, lhas)

Notas: 1ª – V. letra A do §114.

2ª – Os pronomes *se* e *o* jamais podem vir juntos na mesma oração; nunca devemos dizer: não *se o* sabe, faz-*se-o*, vê-*se-o* (V. § 406).

3ª – Da leitura dos clássicos pode-se concluir não serem usadas construções como: "Teus pais *te nos* confiaram", "Nosso chefe *nos te* enviou". A construção usada é: "Teus pais *te* confiaram *a nós*" – "Nosso chefe *nos* enviou *a ti*".

Encontram-se e são usadas construções com *se nos*, *se me*, *se lhe* etc., com o *se*, ora reflexivo, ora apassivador ("Foram-se-*me* as esperanças" – "Lançou-*se-me* ao pescoço" – "Vota-*se-lhe* ali uma espécie de culto" – "Afiguram-*se-nos* monstros" – "Quando uma figura *se nos* mostra no ar" – "Possível *se me* faz todo o impossível" – "Tudo *se te* deve" – "Que *se me* dá a mim de mim, sem vós?"), mas não se usam as construções *me te*, *me vos*, *me lhes*, *te me*, *te lhe*, *te nos*, *nos te*, *nos lhe*, *nos vos*, *vos me*, *vos nos*, *vos lhe* com o primeiro oblíquo em verdadeira função objetiva direta, isto é, como recipiente de ação praticada por outra pessoa gramatical; não se diz "lançou-*nos te*", "mostraram-*nos lhe*", mas "lançou-nos *a ti*", "mostraram-*nos a ele*".

323 – Os pronomes pessoais são sempre **substantivos**, porque sempre fazem as vezes de substantivo. Os demais pronomes ora são pronomes substantivos, ora pronomes **adjetivos**, o que se dá quando acompanham substantivo.

Questionário

1. Que é *pronome*?
2. Dê a *classificação* dos pronomes.
3. Que é *pronome pessoal*?
4. Que é *pessoa gramatical*?
5. Que são pronomes pessoais *retos*?
6. Que são pronomes pessoais *oblíquos*?
7. "Isto é para mim ficar bom": Corrija e explique a correção.
8. Quando um oblíquo se diz *reflexivo*?
9. Quando um oblíquo se diz *não reflexivo*?
10. Que são *pronomes de tratamento*?
11. *Uniformidade de tratamento*: Explique o que é isso.
12. Explique a etimologia de *comigo* e *convosco*.
13. Qual o certo: *conosco mesmos* ou *com nós mesmos*?
14. Faça duas orações com o pronome oblíquo "o" (o aluno já sabe que o verbo deve ser transitivo direto), e faça outras duas com o oblíquo "lhe" (já sabe o aluno que o *lhe* exerce função de objeto indireto).
15. Faça três orações em que entre, numa, a combinação pronominal *ma*; noutra, *lho*; na última, *no-lo* (justifique as construções).

CAPÍTULO 19

POSSESSIVO

327 – **Possessivo**: Assim se denomina a palavra que traz ideia de posse, indicando a pessoa a que pertence uma coisa.

São os seguintes os nossos **possessivos**:

masculino		feminino	
singular	*plural*	*singular*	*plural*
meu	meus	minha	minhas
teu	teus	tua	tuas
seu	seus	sua	suas
nosso	nossos	nossa	nossas
vosso	vossos	vossa	vossas
seu	seus	sua	suas

328 – Da definição de **possessivo** facilmente se deduz que tais palavras têm, na frase, duplo papel: um de indicar a *coisa possuída*, outro de indicar a *pessoa gramatical possuidora*.

pessoas gramaticais	*pronomes pessoais*	*possessivos*
primeira do singular	eu	meu, minha, meus, minhas
segunda do singular	tu	teu, tua, teus, tuas
terceira do singular	ele (ela)	seu, sua, seus, suas
primeira do plural	nós	nosso, nossa, nossos, nossas
segunda do plural	vós	vosso, vossa, vossos, vossas
terceira do plural	eles (elas)	seu, sua, seus, suas

Quer isso dizer que os possessivos devem ser empregados de acordo com a pessoa gramatical; se tratarmos a pessoa com que falamos por *vós*, deveremos empregar, para indicar seres pertencentes a essa pessoa, os pos-

sessivos *vosso*, *vossa*, *vossos*, *vossas*; se a tratarmos por *tu*, deveremos empregar os possessivos *teu*, *tua*, *teus*, *tuas*.

Observe-se, porém, que no Brasil (com exceção do Amazonas, Pará e Rio Grande do Sul; neste último estado flexionam, popularmente, o verbo na 3ª do sing.: "Tu quer", e consideram ríspido o *você*) quase nunca tratamos por *tu* a pessoa com que falamos; sempre tratamos o interlocutor por um pronome de tratamento: *você*, *senhor*, *vossa senhoria* (V. S.ª), *vossa excelência* (V. Exa.). Ora, todos estes tratamentos são considerados da terceira pessoa gramatical; quer isso dizer que, quando assim tratarmos a pessoa a que nos dirigimos, deveremos empregar os possessivos correspondentes à terceira pessoa gramatical (*seu*, *sua*, *seus*, *suas*), não nos deixando iludir pelo *vosso* que aparece em "*vossa senhoria*", "*vossa excelência*". Estes tratamentos, como ainda *vossa majestade* (V. M.) e *vossa alteza* (V. A.), são todos da terceira pessoa gramatical.

Conseguintemente, se tratarmos uma pessoa por *vossa excelência*, cometeremos erro crasso se dissermos: "V. Exa., com *vosso* espírito elevado...".

Exemplos do correto emprego dos possessivos:

"Não deves (tu) fazer com *teu* irmão o que fazes com *teu* filho" – "Podeis (vós) voltar a *vossa* pátria" – "V. Exa., com a morte de José, perde o *seu* maior amigo" – "Vossa majestade deve providenciar o bem-estar de *seu* povo".

Notas: 1ª – Se, tratando uma pessoa por *vós*, escrevemos: "Deveis socorrer o menino e *seu* pai", nenhum erro cometeremos, pois o *seu* se refere a *menino* e não à pessoa a que nos dirigimos, e a expressão equivale a estoutra: "Deveis socorrer o menino e o pai *dele*". – Há quem, em casos como esse, empregue, juntamente com o possessivo *seu*, *sua*, *seus*, *suas*, as variações pronominais *dele*, *dela*, *deles*, *delas*, dizendo: *seu pai dele*, *seus pais deles*, *sua mãe dele*, *suas mães deles*. Tais modos de dizer, ainda que aforados em textos portugueses de bom cunho, devem evitar-se, dando-se outra feição ao fraseado.

2ª – *Seu*, na forma singular, pode referir-se a vários indivíduos: "...homens, mas *sua* doutrina..." (= a doutrina deles). Dirigindo-nos a várias pessoas, portanto, devemos dizer "seu aproveitamento" (= o aproveitamento de vocês), e não "seus aproveitamento", porque *seu*, embora se refira a mais de uma pessoa, deverá concordar com *aproveitamento*, que está no singular. Quando o substantivo estiver no plural é que o possessivo se flexionará: "Meninos, *seus* pais devem...". Se os meninos forem irmãos, já deveremos dizer: "Meninos, *seu* pai deve...". Em conclusão: Os possessivos concordam em português com a coisa possuída e não com o possuidor.

329 – O emprego dos possessivos *seu*, *sua*, *seus*, *suas* pode trazer ambiguidade à expressão, quando há na oração mais de uma terceira pessoa; não sabemos, por exemplo, na expressão: "Pedro foi com o amigo à casa de *seu* mestre" – a quem se refere o possessivo *seu*; não se percebe se se trata do mestre de Pedro ou do mestre do amigo.

Em tais casos, impõe-se, para a clareza, ou que se coloque a coisa possuída perto do possuidor: "Pedro foi à casa de seu mestre com o amigo"

– ou que se modifique a expressão, mediante acréscimo de termos ou locuções elucidativas: "Pedro foi, com o amigo, à casa do mestre deste".

Nota: Leiamos este conselho de Botelho de Amaral: "Não devemos repetir em demasia, e muito menos proximamente, os possessivos *seu*, *sua*, *seus*, *suas* etc. Um grande escritor redigiu: "A igreja... com o *seu* largo portão vermelho aberto para o *seu* adro...". Melhor, parece-nos, ficaria: "A igreja... com o largo portão vermelho aberto para o *seu* adro..." ou: "A igreja... com o *seu* largo portão vermelho aberto para o adro...".

330 – Antes de nomes que indicam *partes do corpo* ou *faculdades do espírito*, omite-se comumente o possessivo, quando se trata de partes do corpo ou faculdades do espírito referentes ao próprio sujeito da oração: "Quebrei a perna" – e não "Quebrei a *minha* perna"; "Pedro machucou o pé" – e não "Pedro machucou o *seu* pé"; "Ele perdeu o juízo" – e não: "Ele perdeu o *seu* juízo".

Nota: Igual cuidado devemos ter com a palavra *casa* na acepção de *moradia*, *lar*, *residência*: "Vim de casa" – e não: "Vim de *minha* casa"; "Ele já saiu de casa" – e não: "Ele já saiu de *sua* casa". O possessivo só é aí empregado para dar ênfase à expressão: "Estou em *minha* casa", oração que na leitura exige entonação especial para o possessivo, que podemos grifar na escrita.

331 – É interessante notar que, com certos substantivos abstratos, os possessivos trazem significação diferente à expressão, conforme vierem colocados antes ou depois. A sentença: "Queremos *notícias tuas*" indica o mesmo que "Queremos *notícias sobre ti*"; se disséssemos: "Queremos *tuas notícias*", expressaríamos vontade de que a pessoa a que nos dirigimos nos envie notícias sobre quaisquer coisas. Outros exemplos: Tenho *piedade sua* (piedade de você) e A *sua piedade* deve ser recompensada (piedade que você tem...). *Ódio vosso* (ódio que nutrem a vossa pessoa) e *vosso ódio* (ódio que essa pessoa nutre a outrem).

332 – Não se deve julgar que o possessivo *meu* tem o mesmo significado que a locução *de mim*, nem, igualmente, que *teu*, *seu*, *nosso*, *vosso* equivalham a *de ti*, *de si*, *de nós*, *de vós*; é incorreto dar a tais locuções o valor possessivo; não se deve dizer *casa de mim*, *fazenda de vós*, mas *minha casa*, *vossa fazenda*. Apenas a terceira pessoa é que admite a forma *dele* como possessivo: *livro dele*, *automóvel do senhor*, *filho de vossa senhoria* etc.

333 – O possessivo indica *aproximação de cálculo* em expressões como esta: "Tinha *meus* trinta anos...".

Nota: Vejamos alguns significados e empregos especiais de *seu*: *a*) no plural, com a significação de parentes, família, amigos ou partidários: Como vão os *seus*? Quem sai aos *seus* não degenera; *b*) bens ou coisas próprias de cada um: Não tem dez réis de *seu*. Dar o *seu* a seu dono. Um pobre frade que de *seu* não tinha mais que o breviário; *c*) próprio, particular, pessoal: Mais sabe o tolo no *seu* do que o sábio no alheio; d) *não ter um momento de seu* = não dispor de tempo; *e*) *ter o seu*

tanto de... = ter alguma qualidade, mas não pronunciada: Este homem tem o seu tanto de tolo; *f) uma das suas* = ato ou dito próprio da pessoa: Fazer das suas. Diga uma das suas; *g) dizer na sua* = pretender, dar a entender nas suas palavras: Diz então na sua que tem de toda a casta? *h) ficar na sua* = persistir, permanecer na sua opinião ou teima: Preferiu ele ficar na sua?

334 – Em certos casos, é possível e elegante a substituição do possessivo pelo correspondente pronome oblíquo: Machucaram-*lhe* a cabeça (machucaram a cabeça *dele*) – Levaram-*lhe* o filho (levaram o *seu* filho) – Captei-*lhe* a confiança (captei a *sua* confiança).

Vejamos estas ponderações de Carlos Góis (Dicionário de Galicismos): "Ressumbra francesia, e nada tem de idiomático, o emprego irritante, impertinente do *possessivo*, sempre que: *a*) o possuidor estiver patente, manifesto, logicamente suprido: "Tenho *minha* perna inchada" (J'ai *ma* jambe enflée), em vez do correto: "Tenho *a* perna inchada"; *b*) for possível substituir o possessivo (*meu*, *teu*, *seu*, *nosso*, *vosso*) pelas variações pronominais oblíquas com força possessiva (*me*, *te*, *lhe*, *nos*, *vos*), emprego esse que constitui um dos mais lindos ornamentos e torneios plásticos do português, em que a nossa língua supre, com rara habilidade, a carência de pronome equipolente do *en* francês ou do *ne* italiano (= dele, dela): "As lágrimas que corriam de *seus* olhos" (Les larmes qui coulaient de *ses* yeux), em vez do correto: "As lágrimas que *lhe* corriam dos olhos" – "Pedro abusou de *minha* confiança" (Pierre a abusé de *ma* confiance), em vez do correto: "Pedro abusou-*me* da confiança" etc.; *c*) for possível substituir o possessivo pelo demonstrativo *próprio* (outro recurso de que se serve o português): "Recebeu-me no *próprio* quarto" e não: "Recebeu-me em *seu* quarto".

Carlos Góis exagera nas letras *b* e *c*; uma coisa é estilo, que pode ser popular ou elevado, outra é gramática. Não é possível dizer que erra quem diz "Você abusou da minha confiança". V. § 694.

335 – **Pronomes substantivos – Pronomes adjetivos**: Os possessivos, como todos os pronomes, são pronomes adjetivos quando acompanham substantivo; são pronomes substantivos quando fazem as vezes de substantivo:

"De que cor é *teu* chapéu? – O *meu* é branco"
↓ pronome adjetivo ↓ pronome substantivo

Isso é importante distinguir, porque em certos idiomas, como o inglês, essa diferença de função acarreta diferença de forma:

"O *meu* livro" – "Este livro é *meu*"
↓ my (pron. adj.) ↓ mine (pron. substantivo)

336 – Também os artigos podem exercer função pronominal substantiva:

"*O* homem que você prendeu não é *o* que procuramos"
↓ artigo (mod. o subst. *homem*) ↓ pron. substantivo (substitui *homem*)

"*As* laranjas deste ano são melhores que *as* do ano passado"

↓ artigo (mod. *laranjas*) ↓ substantivo (substitui *laranjas*)

Nota: Vê-se que a forma pronominal articular evita a fastidiosa repetição do nome. Há até vezes em que nem mesmo se usa o pronome:

"Chorando ele *males* de ódio, eu (*os*) da fortuna".

337 – Os numerais também se tornam pronomes quando desacompanhados de substantivo: "Eu tenho dez anos, você tem *quinze*" – "Eu ganhei o primeiro prêmio; você, o *segundo*" – "Dei um salto triplo, você deu um *sêxtuplo*" – "José bebeu um litro de vinho, seu irmão bebeu *meio*".

Questionário

1. Que é *possessivo*?
2. Corrija a construção: "Vossa alteza podeis solucionar o caso deste vosso súdito".*
3. Que diz da construção: "O menino quebrou o seu brinquedo dele"?
4. Que diferença de sentido indicam as orações: "Meninos, seus pais devem..." e "Meninos, seu pai deve..."?
5. Que diz desta oração: "Pretendo, caro amigo, passar as férias com Pedro em sua fazenda"?
6. "Machuquei o meu nariz" – "Pedro contundiu os seus olhos": são orações corretas? Por quê?
7. Há diferença entre as expressões *saudades suas* e *suas saudades*? Por quê?
8. Que diz da expressão: "O pai de Mário tem seus trinta anos"?
9. Explique a construção desta oração: "Roubaram-me o chapéu".
10. Quando um pronome se diz *substantivo* e quando se diz *adjetivo*? Um exemplo de cada caso.
11. Também os artigos podem exercer função pronominal substantiva? Exemplo.

* Releia com atenção o § 328; leia depois, com igual atenção, o verbete *vossa excelência* do D. QVs.

CAPÍTULO 20

DEMONSTRATIVO

340 – Demonstrativo: Assim se denomina a palavra que *localiza* o substantivo (*este* homem, *esse* homem, *aquele* homem) ou o *identifica* (o *mesmo* homem, o *próprio* homem, o *tal* homem).

A) Os que *localizam*, isto é, os que determinam o lugar, são os seguintes:

masculino	***feminino***	***neutro***
este	esta	isto
esse	essa	isso
aquele	aquela	aquilo

Notas: 1ª – *Isto* (esta coisa), *isso* (essa coisa), *aquilo* (aquela coisa) são formas neutras de *este*, *esse*, *aquele*, e só funcionam como *pronomes substantivos*.

2ª – *Este*, *esse*, *aquele* e respectivos femininos podem vir combinados com a palavra *outro*: *este outro*, *estoutro*; *esta outra*, *estoutra* etc. Todos os que localizam, quando antecedidos das preposições *de* e *em*, podem com elas combinar-se, sem apóstrofo: *deste*, *desta*, *disto*; *neste*, *nesta*, *nisto* etc.

B) Os que *identificam* a coisa que se nomeia são:

masculino	***feminino***
mesmo	mesma
próprio	própria
tal	tal

341 – ESTE, ESSE, AQUELE: Que tais demonstrativos *localizam* é fácil ver; quando dizemos "Eu vi *este* homem", mostramos claramente que nos referimos a um homem que está perto de nós; dizendo "Eu vi *esse* homem", determinamos um homem que está afastado de nós, mas perto da

pessoa com que falamos; por último, dizendo "Eu vi *aquele* homem", referimo-nos a um homem afastado de nós e, ao mesmo tempo, afastado da pessoa a que nos dirigimos.

Notas: 1ª – Os demonstrativos *este* e *aquele* localizam não somente com relação às pessoas, mas ainda com relação aos termos de um período; *este*, numa oração, refere-se ao termo mais próximo, ou seja, ao enunciado em segundo lugar, e *aquele* refere-se ao mais afastado, ao enunciado em primeiro lugar: "Duas nações existem que dominavam o mundo: a Inglaterra e a França; *esta* (a *França*, termo que está mais próximo) pela ciência, *aquela* (a *Inglaterra*, termo mais afastado) pelo denodo".

2ª – Os demonstrativos **este** e **esse** têm também a seguinte propriedade de indicação: *este* apresenta coisa que se pretende mostrar, coisa desconhecida ou coisa que se tem na frente de quem fala ou mais perto do que outras já citadas ou tratadas; *esse* indica coisa já apresentada, conhecida: "Prestem atenção *nisto*" (que vou dizer) – "Não foi *isso* que mandei comprar" – "E o sol da Liberdade, em raios fúlgidos, brilhou no céu da Pátria *nesse* instante".

3ª – Outras vezes, em lugar de *esse* emprega-se *este*, para referir-se, em confronto com outras, a coisa mais presente, mais do momento, mais à mão, embora já apresentada, já conhecida: "Não foi este o livro que mandei comprar" – "Isto é outra coisa" – "Este assunto não me agradou".

4ª – É elegante a interposição da conjunção *como* entre os demonstrativos *este*, *esse*, *aquele* e o substantivo por eles modificado: "Este *como* brado de revolta repercutiu em todos os peitos" – "Esse *como* sol" – "Aquela *como* deusa" – em vez de: "Esta coisa que parece brado..." – "Essa coisa que parece sol..." – "Aquela coisa que parece deusa".

Note-se que, em tais casos, o demonstrativo toma o gênero e o número do termo de comparação: *Estes* (masc. pl.) como *brutos* (masc. pl.) – *Estas* (fem. pl.) como *ninfas* (fem. pl.).

342 – MESMO: 1 – Quando *mesmo* modifica, na oração, os pronomes *eu*, *tu*, *nós* e *vós*, deve flexionar-se de acordo com o gênero e com o número da pessoa representada por esses pronomes: *eu mesmo* (homem) – *eu mesma* (mulher) – *tu mesmo* (homem) – *tu mesma* (mulher) – *nós mesmo*, *nós mesma* (quando o *nós* está empregado em lugar de *eu*: *Nós mesmo* investigamos o caso) – *nós mesmos*, *nós mesmas* (quando o *nós* representa, de fato, mais de uma pessoa) – *vós mesmo*, *vós mesma* (quando o *vós* vem empregado em lugar de *tu*: *Vós mesma*, minha aluna, deveis redigir as respostas) – *vós mesmos*, *vós mesmas* (quando o *vós* se refere, realmente, a mais de uma pessoa).

Nota: Passa-se com o demonstrativo *próprio* fenômeno idêntico ao que se dá com o demonstrativo *mesmo*: *eu próprio*, *eu própria*, *nós próprio*, *nós própria*, *nós próprios*, *nós próprias* etc. (V. o § 769, 1).

2 – *Mesmo* funciona como pronome neutro em frases como: "É o *mesmo*" (= É a *mesma coisa*) – "O *mesmo* ouvi eu" – "Redunda no *mesmo*" – "Vem a ser o *mesmo*".

Notas: 1ª – Ouve-se – mas isto é permitido apenas em linguagem familiar – o superlativo *mesmíssimo* em frases como: "É a *mesmíssima* coisa".

2ª – Idêntica função neutra tem *mesmo* quando flexionado no feminino em expressões em que se subentende a palavra *coisa*: "Fiquei na mesma" – "Deu na mesma".

3 – *Mesmo* funciona também como advérbio: "Ele não quer *mesmo*" – "Hoje *mesmo*" – "Estive *mesmo*" – "Ela quer *mesmo* sair".

4 – Há um emprego condenável do demonstrativo *mesmo*, em virtude de terem criado, a custa de ensinamentos de origem duvidosa, incompreensível aversão às formas *a ela*, *dela*, *para ela* etc.

Talvez por temor de, no emprego do pronome *ela*, formar palavras grotescas, como "bo*ca dela*", ou para evitar a repetição desse pronome, costumam certos autores, *infalivelmente*, substituí-lo por *a mesma*, *da mesma*, *para a mesma*, *com a mesma*, substituição verdadeiramente ridícula, que só logra atestar fraqueza de estilo, falta de colorido e de recursos sintáticos. Assim é que frequentemente vemos passagens como estas: "Vou à casa de minha mãe; falarei com *a mesma* sobre o assunto" – "Realizou-se ontem a esperada festa; *à mesma* compareceram..."

É caso de perguntar se o interlocutor tem outra mãe ou se o cronista assistiu a outra festa.

Outros exemplos desse erro: "...nova ortografia, visto que os trabalhos serão corrigidos pela mesma" – "Devemos estudar português e as matérias que têm relação com o mesmo". Esse disparate se evidencia em trechos de confirmante pobreza sintática como este: "A Sociedade Tal é constituída dos senhores F. e F., e os mesmos dedicam à mesma todas as energias" – "Recebi seu pedido; fiz chegar o mesmo às mãos do diretor".

Reproduzamos, corrigidos, os exemplos dados: "Vou à casa de minha mãe, com quem falarei sobre o assunto" (*ou*: e com ela falarei sobre o assunto) – "Realizou-se ontem a esperada festa, à qual compareceram..." – "...nova ortografia, visto por esta deverem os trabalhos ser corrigidos" – "Devemos estudar português e as matérias com ele relacionadas" (e as matérias correlatas com esse estudo – e as matérias que mantêm com essa disciplina relação) – " A Sociedade Tal é constituída dos senhores F. e F., que a ela dedicam todas as energias" (*ou*: que lhe dedicam...) – "Recebi seu pedido; fi-lo chegar às mãos do diretor".

Imagine-se Camões a escrever:

> Mas não servia ao pai, servia *à mesma*
> Que *à mesma* só por prêmio pretendia

5 – Outros empregos de *mesmo*:

a) com o significado de *em pessoa*, *próprio*, *idêntico*: "...eu sou a mesma pontualidade" – "Mas quem há de amar as moscas, sendo a mesma imundícia?" – "Cristo era a mesma Inocência" – "...como o declarou o

mesmo Cristo" – "...fundada em sua semelhança mesma" – "...de uma terra mesma nasceram duas tão contrárias";

b) para indicar com mais ênfase e distinção a pessoa ou coisa determinada pelos demonstrativos *este*, *esse*, *aquele*: "Este mesmo livro";

c) para identificar, comparativamente, uma pessoa ou coisa: "Respondeu-lhe com a mesma serenidade" – "...os mesmos e ainda maiores estragos" – "Esta roupa é a mesma de ontem" – "Exerce a mesma função de antes".

6 – Evitavam os clássicos o emprego de "até mesmo", de "ainda mesmo" e de "nem mesmo", combinações que eles substituíam por construção mais vigorosa: Até o mesmo Deus (em vez de *até mesmo Deus*), ainda a mesma natureza (em vez de *ainda mesmo a natureza*), e até as mesmas ilhas se fazem continente (em vez de *e até mesmo as ilhas...*), nem os mesmos advogados (em vez de *nem mesmo os advogados*), até a mesma inocência vos não abranda (em vez de *até mesmo a inocência...*).

7 – Três significados pode apresentar a expressão "assim mesmo":

a) *igualmente*: "Assim mesmo tratarei com el-rei" – "Pondere assim mesmo como nas Sagradas Letras";

b) *apesar disso*, *contudo*, *ainda assim*: "A prova máxima não era assim mesmo concludente" – "Quis assim mesmo o governo aliciar no círculo algum proprietário" – "Assim mesmo o autor é bonito";

c) *desse mesmo modo*, *como estais dizendo*: "Falei assim mesmo" – "Pois aconteceu assim mesmo".

8 – Os mestres de nossas letras não tinham a tola preocupação de evitar cacófatos no empregar *mesmo*: *da mesma maneira*, *na mesma miséria*, *da mesma mão*.

9 – Com a significação de *próprio*, cabe às vezes a elegante posposição do *mesmo* ao substantivo: "Em virtude da natureza mesma" – "Com admiração da gente mesma".

343 – TAL: Exemplos do emprego do demonstrativo *tal*: "Ditosa pátria que *tal* filho tem" – "E em nome *tal* és tu quem fala?" – "*Tal* era em resumo o estado político e moral da Espanha".

Notas: 1ª – o demonstrativo *tal* pode funcionar como adjetivo quando posposto a substantivo ou pronome: "Homens *tais* devem ser punidos severamente" – "Minha terra tem primores, que *tais* não encontro eu cá" (= semelhantes, desse modo).

2ª – Idêntica função exerce *tal*, quando, na frase, entra em correlação com *qual* ("Era *tal* o brilho da lua *qual* o do sol poente"), *como* ("*Tal* era o doente *como* um cadáver"), *que* ("*Tal* era a confusão, *que* dali nos afastamos") ou com outro *tal* ("*Tal* vida *tal* fim").

3ª – *Tal* funciona como pronome substantivo em frases como: "Não há *tal*" – que equivale a dizer: "Não há *tal coisa*"; "Não creio *tal*" – que é o mesmo que dizer: "Não creio *isso*"; "Quando *tal* ouviu..." (= quando ouviu *tal coisa*...).

4ª – Quanto ao emprego de *um* antes de *tal*, V. § 243, obs. 5, b.

344 – Outras expressões em que se emprega *tal*:

a) "Antônio de *tal*" (o *tal* representa o sobrenome, que não se conhece, da pessoa).

b) "*Tal ou tal*" – locução equivalente a *este ou aquele*, *um ou outro*: "O que se passou sem testemunho em *tal ou tal* coração, em *tal ou tal* espírito".

c) "*Tal qual*" (ou *tal e qual*), expressão que significa *igual*, *sem diferença nenhuma*: "*Tal qual* sem tirar nem pôr" – "Dessas brenhas contêm nossas matas *tais e quais*, mas com folhas" – V. § 583, n. 1.

d) "*Tal ou qual*", locução que significa "mais ou menos", "uma espécie de": "E era tão baixo aquele *tal ou qual* abrigo".

e) "*Outro tal*" (ou: "*outro que tal*"), que significa "semelhante a outro de que já se falou": "Na outra parte da ponte fez *outro tal* reparo" – "E talvez não fosse La Fontaine, mas foi *outro que tal*, que vale o mesmo".

f) "*Que tal*?" – locução que exprime surpresa e admiração ou equivale à interrogação "Que lhe parece?".

Funciona também como locução adjetiva, com a significação de *idêntico*, *igual*: "Em casos *que tais*, devemos agir rapidamente" – "Mas foi outro *que tal*".

g) Na expressão "*um tal de* Pedro", *um tal de* significa *certo*, e o *de* é aí expletivo como em "o pobre *do* ancião".

345 – Os demonstrativos são pronomes substantivos quando fazem as vezes do substantivo:

"Não é *este* o homem que me agrediu"
↓
pronome substantivo
(substitui *homem*)

"Este homem é perverso, mas *aquele* é pior"
↓
pronome substantivo
(substitui *homem*)

"*Aquilo* podia tê-lo matado"
↓
pronome substantivo
(= *aquela coisa*)

"Não disse *tal*"
↓
pronome substantivo
(= *isso*)

"*Este* homem é bom,
↓
pronome adjetivo
(acompanha o subst. *homem*)

aquele é mau"
↓
pronome substantivo
(substitui *homem*)

Notas: 1ª – O artigo *o* funciona também como demonstrativo neutro e, em tal caso, pode substituir tanto um nome quanto um verbo, tanto um adjetivo quanto, ainda, uma oração inteira.

"Não sei *o* (*aquilo*, a coisa) que queres".

"Não *o* fiz por gosto (não fiz *isso*)".

"Vou estudar minha lição e vou fazê-*lo* (= estudar a lição) com acuro".

"Deves ser estudioso e deves sê-*lo* sempre" (deves ser *isso*, isto é, *estudioso*).

"Quem contou esse caso? – Não importa sabê-*lo*" (não importa saber *isso*, isto é, *quem contou esse caso*).

"Sois espiã? – Não *o* sou" (não sou *isso*, isto é, *espiã*).

2ª – O demonstrativo *o* substitui as formas neutras *isto*, *isso* e *aquilo*, quando seguidas de *que*: "Oiça *o* que (= *isto* que) lhe digo" – "Não tenho *o* que (= *isso*, *essa coisa* que) me pede" – "Não compreendi *o* que (= *aquilo* que) disse o mestre".

3ª – A forma "*o* que" pode ainda equivaler a "*aquele* que", da mesma maneira que as formas "*a* que", "*os* que" e "*as* que" equivalem a "*aquela* que", "*aqueles* que" e "*aquelas* que". Embora "o que" equivalha a "aquele que", constitui italianismo o emprego invariável e contínuo de "aquele que" em vez do castiço "o que". Somente quando exigida pela clareza ou pela eufonia é que é empregada a forma "aquele que": "Esse homem é *aquele* a *que* já me referi" (e não "o a que").

Na forma *o que* (e, igualmente, nas demais) entram dois pronomes; um demonstrativo – *o* – e outro relativo – *que* – cujo antecedente é o mesmo demonstrativo *o*.

Essa será a análise de *o que*, quando encaixado num período. No período: "Não sei *o que* dizes" – o demonstrativo *o* pertence ao verbo *sei*, do qual constitui objeto direto, e o relativo *que* pertence ao verbo *dizes*, do qual constitui também objeto direto:

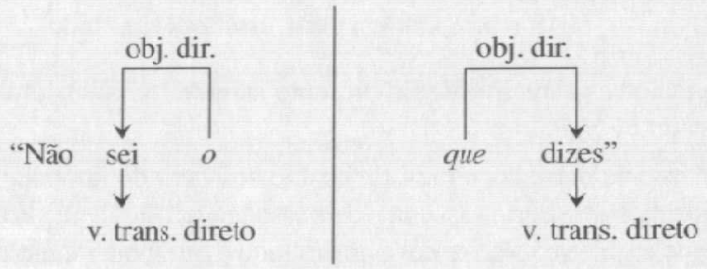

Claro está que, se o segundo verbo do período, ou seja, o verbo de que depende o "que", for transitivo indireto, o "que" deverá, como todos os complementos de verbos transitivos indiretos, vir antecedido da preposição exigida pelo verbo:

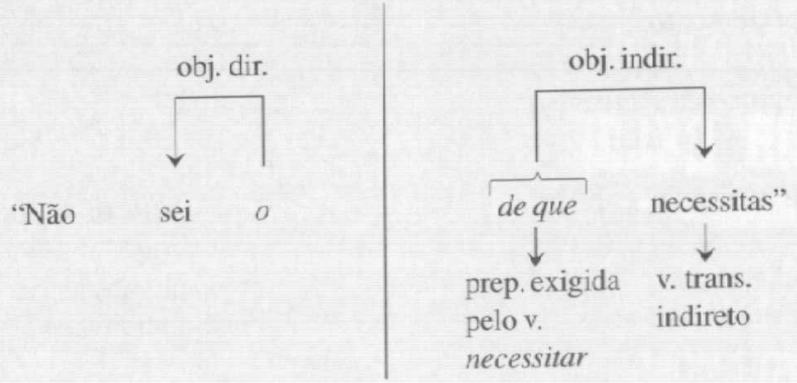

OUTROS EXEMPLOS:

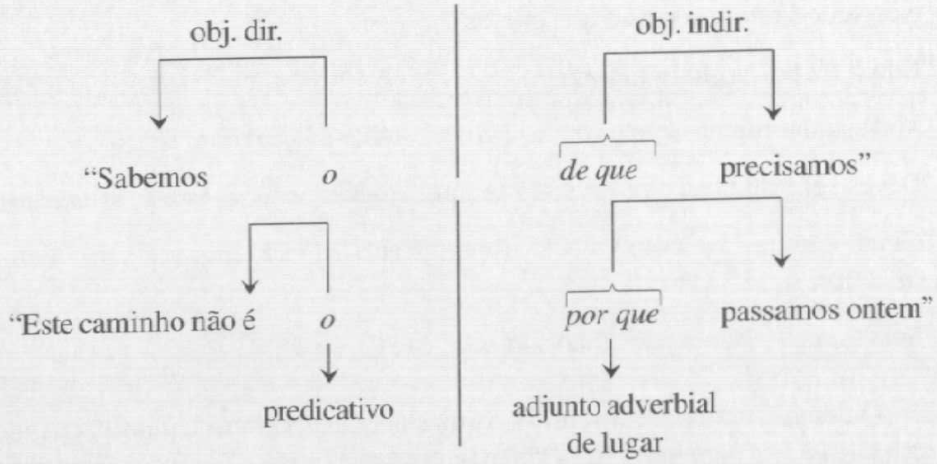

Tais construções continuarão certas se deslocarmos a preposição que rege o relativo *que* para antes do demonstrativo: "Não sei *do que* se trata" – em vez de: "Não sei *o* || *de que* se trata".

4ª – Manda a eufonia que se empreguem os demonstrativos *aquele*, *aquela* em vez de *o*, *a* em construções como: "Consoantes chiantes são *aquelas cujo* som produz chiado" e não: "...*as cujo som*..." – "Esse homem é *aquele a que* já me referi" – e não: "... é *o a que*...". (Releia a primeira parte da nota 3 deste mesmo parágrafo.)

5ª – As combinações dos demonstrativos (§ 340, n. 2) podem igualmente funcionar como pronomes:

"Não foi este homem, foi *aqueloutro*"

6ª – O demonstrativo *esse* é por vezes empregado com o seu significado etimológico (lat. *ipse* = mesmo):

"O que acreditar em mim, *esse* será escolhido"

7ª – Para maior esclarecimento do presente assunto, reproduzimos aqui um artigo nosso, publicado n'O Estado de S. Paulo:

A incúria, que de um lado vemos, do estudo dos fatos do idioma é de outro agravada pela leviandade de doutrina sobre certos assuntos de nossa gramática. Já não nos lembra o livro em que vimos taxativamente expresso: Não se deve dizer "tudo o que", mas "tudo que", por ser impossível o emprego conjunto de dois pronomes.

Além de nada explanar, essa regra é gratuita e, para o caso, inteiramente destituída de aplicação. Ao contrário de fazer graçolas em matéria gramatical, deveriam esses chocarreiros estudar um pouco mais de gramática, em suprimento do acanhado poder de raciocínio.

Julgando-nos dispensado de aqui definir classes de palavras e supondo não ser procedimento regular fazer um autor propaganda de seus livros em artigos de colaboração, trataremos do caso sem mais delongas. *Todo* possui a forma neutra *tudo*, a qual funciona ou como pronome substantivo (Quero *tudo* – Vi *tudo*), ou como pronome adjetivo, quando acompanha outra forma neutra – *tudo isso*, *tudo aquilo*: Quero *tudo isso* – Vi *tudo aquilo* – Farei *tudo isto*.

Assentemos então, desde logo, que nas orações "Quero tudo isso", "Vi tudo aquilo", "Farei tudo isto" – a palavra *tudo* é pronome adjetivo e não substantivo. O erro parte de não saberem esses truões – no plural digo porque mais de um existe – nem ao menos taxeonomicamente analisar os termos de uma oração.

Acrescentando a essas orações uma subordinada adjetiva, teremos, para dar um só exemplo: Vi tudo aquilo que você fez.

Sabemos, no entanto, que a forma articular "o" funciona também como demonstrativo neutro; exemplos: Não sei "o" que queres (= Não sei "aquilo" que queres). Não "o" fiz por gosto (= Não fiz "isso" por gosto). Troquemos, no exemplo mais acima dado, "aquilo" por "o", e teremos destruída a afirmação de invencioneiros de regras: "Vi tudo o que você fez". Neste período, "o" é pronome substantivo demonstrativo neutro, objeto direto de "vi"; "tudo" é pronome adjetivo indefinido neutro, que acompanha o "o"; "que" é pronome relativo, objeto direto de "fez", e tem por antecedente o "o" da oração anterior.

Questionário

1. Que é *demonstrativo*?
2. Quais são os *demonstrativos* da língua portuguesa?
3. Os demonstrativos que localizam podem combinar-se? Exemplos.
4. Construa um período, no qual entrem os demonstrativos *este* e *aquele*, referindo-se a dois termos antecedentemente expressos, conforme explicação feita na 1ª nota do § 341.
5. Explique a locução: "Aquelas *como* estrelas..."
6. Corrija: "Vós *mesmo*, dona Maria, deveis ir". (Justifique a correção.)
7. Numa conversa, uma senhora diz, referindo-se à própria pessoa: "Nós próprio iremos estudar o caso" – Há nessa oração erro? Por quê?
8. Que diz da expressão: "É o mesmíssimo caso"?
9. Que diz do emprego de "o mesmo", "a mesma", como substitutivos dos pronomes *ele* e *ela*?
10. Redija quatro orações, em que *tal* esteja em correlação com *qual*, *como*, *que* e *tal*.
11. Dois exemplos em que *tal* equivalha a *tal coisa*.
12. Dê exemplos seus a todos os itens do § 344, explicando o significado das expressões.
13. Construa orações semelhantes às citadas na nota 1 do § 345.
14. Analise sintaticamente as palavras grifadas da oração: "Eu fiz *o que* pediste". (§ 345: V. o primeiro exemplo da nota 3.)
15. Corrija: "Trouxe tudo que você pediu".

CAPÍTULO 21

INDEFINIDO

349 – Indefinido: Assim se chama a palavra que determina o substantivo de modo vago, de maneira imprecisa: *outro* homem, *muita* chuva, *certa* vez.

São os seguintes os nossos indefinidos:

algum	mais	qualquer
bastante	menos	quanto
cada	muito	quem quer
certo	nenhum	tanto
diferentes	outro	todo
diversos	pouco	um
		vários

Nota: *Todo é* também chamado **coletivo universal**; *cada* é chamado **distributivo**; os demais, **partitivos**.

350 – TODO: Era norma entre os escritores antigos suprimir o artigo depois do indefinido *todo*, quer viesse no singular, quer no plural: *Todo* homem, *todos* homens, *toda* parte da terra, *todas* partes, *todas* Espanhas.

Entre escritores e professores de hoje, há quem ensine que *todo* tem a significação de *cada* ou, ainda, de *todos*, quando, no singular, vem desacompanhado do artigo e que, acompanhado do artigo, esse indefinido passa a significar *inteiro*, e, assim, fazem distinção entre "*todo* homem" (= *cada* homem, *todos* os homens) e *todo o* homem (= homem *inteiro*). Cabe-nos dizer que essa distinção é gratuita e infundada; *todo* tem, de fato, a significação especial de *inteiro*, mas quando vem depois do substantivo

(e, neste caso, é adjetivo): "Eu trabalho *todo* o dia (= *cada* dia, *todos* os dias) e o dia *todo*" (= o dia *inteiro*). Vindo antes do substantivo, *todo* pode ou não significar *inteiro*, mas deve vir sempre seguido do artigo; se o plural *todos* hoje sempre vem acompanhado do artigo (*todos os* homens, *todas as* partes), nada mais simples que proceder igualmente com o singular, sem necessidade de inventar diferenciações de sentido. Se é arcaica a omissão do artigo depois do plural *todos*, pode-se dizer também arcaica essa omissão depois do singular. V. *Todo o* no D. QVs.

351 – Todo pode ainda funcionar como advérbio, quando modifica adjetivo ou verbo: "Ele está *todo* molhado" (= *totalmente* molhado) – "Ela molhou-se *toda*" (= *totalmente*).

Essa é a razão por que, em vez de "Ele molhou-se *totalmente*", podemos dizer e dizemos com igual acerto: "Ele molhou-se *todo*", como, ainda, tratando-se de nome feminino: "Ela molhou-se *toda*".

Totalmente, como verdadeiro advérbio que é, não poderá variar. *Todo*, ao invés, ao mesmo tempo que exerce função de advérbio, conserva a propriedade de adjetivo de flexionar-se, fenômeno a que se dá o nome **flexão eufônica** ou **flexão por atração**.

Nota: Idêntica função adverbial exerce *todo* em orações como estas: Ele é *todo* carinhos – Ela é *toda* meiguice – Um aspeto *todo* suspiros e um coração *todo* divindade.

352 – *Todo* possui a forma neutra **tudo**, a qual funciona ou como **pronome substantivo** (Quero *tudo* – Vi *tudo*), ou como **pronome adjetivo**, quando acompanha outra forma neutra: **tudo** isso, **tudo** aquilo.

Notas: 1ª – Quando seguido de *que*, *tudo* reclama o pronome **demonstrativo** *o*: *Tudo o* que vi, *tudo o* que diz (= tudo *aquilo* que vi; tudo *aquilo* que diz) – V. **nota 7** do § 345.

2ª – *Todos os dois* não é expressão portuguesa; devemos evitá-la, empregando em seu lugar *ambos* ou *os dois* (§ 291).

353 – ALGUM: O indefinido *algum* tem, além de seu sentido usual de *um*, *qualquer* ("*Alguma* coisa deve ter acontecido"), outras significações:

1ª – Pode significar *nenhum*, quando, empregado em orações de sentido negativo, vem posposto ao substantivo: "Não houve coisa *alguma*" – "De modo *algum* pude convencê-lo".

2ª – Significa *certo*, *um pouco de*: "Ele tem *algum* jeito para desenho".

3ª – Entra na locução adverbial *algum tanto*, com a significação de *mais ou menos*: "Ele está *algum tanto* embaraçado".

354 – *Algum* possui, além da forma feminina *alguma*, as formas *cognatas*[1] *alguém* e *algo*, formas que funcionam como pronomes, sendo *alguém* pronome de pessoa ("*Alguém* – alguma pessoa – esteve aqui") e *algo* (forma neutra: § 183) pronome de coisa: "*Algo* (alguma coisa) lhe aconteceu".

Notas: 1ª – *Algo* pode funcionar como advérbio em frases como estas: Ele está *algo* doente (= algum tanto doente) – Foi esse um gesto *algo* desairoso (= um pouco desairoso).

2ª – A palavra *fidalgo* deriva de *filho d'algo*, isto é, "filho de alguma coisa", em oposição aos filhos de nada, aos filhos das ervas, o povo: "Todas as donzelas *filhas d'algo* se levavam à corte da rainha".

3ª – *Algures* é outro cognato de *algum*: significa "em algum lugar", "em alguma parte": "Você o encontrará *algures*". *Algures* contrapõe-se a *nenhures*, que significa "em nenhum lugar", havendo ainda outro advérbio de terminação semelhante, *alhures* (que se prende ao francês *ailleurs*, do latim *aliorsum*), que significa "em outro lugar": "*Alhures* você terá saúde e conforto". V. *em*, *9*, no D.QVs.

355 – NENHUM: A diferença existente entre *nenhum* e *algum* consiste apenas em ser *nenhum* forma negativa de *algum*, como igual é a diferença entre as formas *alguém* e *ninguém*, entre *algo* e *nada*.

Nada, de valor negativo (= nenhuma coisa), é forma neutra (§ 183) frequentemente usada: "*Nada* impedirá seu triunfo" – "Ele não sabe *nada*" – "Ele *nada* disse" – o que não se dá com o positivo *algo*, empregado apenas por eruditos. *Nada*, à semelhança de *algo*, pode funcionar como advérbio, quando modifica adjetivo: "Ele não ficou *nada* perturbado".

Nota: *Nenhum* provém da junção de *nem* + *um*, havendo entre aquela forma sintética e esta analítica diferença de energia de expressão; a forma analítica é mais forte: "*Nem um* homem é capaz, muito menos uma criança" (= *nem mesmo um* homem, *nem sequer um* homem...). Também é usado no plural: *nenhuns* vestígios.

356 – OUTRO: Possui este indefinido, além do feminino *outra*, as variantes *outrem* e *al*, sendo a primeira pronome de pessoa e a segunda pronome de coisa.

---

(1) Não se confundam os termos *cognato* e *derivado* (§ 174); uma palavra é *derivada* de outra quando tem *tema* comum:

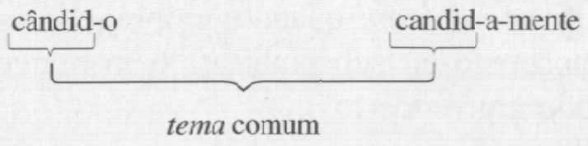

Para que duas ou mais palavras sejam *cognatas*, basta possuírem *raiz* comum:

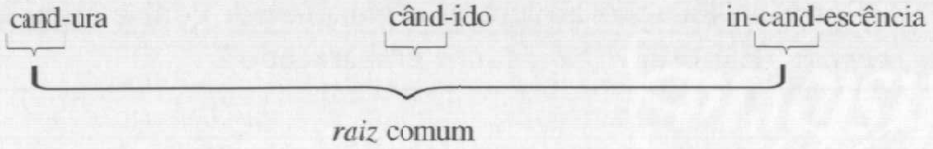

As formas pronominais adjetivas admitem antes de si artigo ou outro pronome adjetivo: *Os outros* homens, *algumas outras* coisas, *nenhum outro* meio, *estes outros* livros.

Outrem, que significa *outra pessoa* ou *outras pessoas* ("O bem que *outrem* merece"), era antigamente acentuado oxitonamente, como *alguém*, *ninguém*.

Al arcaizou-se; em provérbios antigos é que se encontra essa forma neutra (§ 183), que significa *outra coisa, o mais, tudo o mais*: "Como vires o faval, assim espera pelo *al*" – "As mãos no pandeiro e em *al* o pensamento".

Na linguagem de direito ainda aparece em fórmulas consagradas: "e *al* não disse" (= e *outra coisa* não disse), "se por *al* não estiver preso".

Notas: 1ª – V. § 243, B, 5.ª obs., letra *a*.

2ª – *Outro* pode significar: *diferente* (Tens tu outra vontade – Ficou outro do que era), *superior* (Aquilo é outra fazenda – Leva ele hoje outra vida), *igual, semelhante* (O Cairo é outra Constantinopla – Não há outro eu – Quem vê um vê o outro), *qualquer pessoa* (Outro fará melhor), *segundo, terceiro*... (Tens um filho em Londres, outro em Paris e outro no Rio), *seguinte, imediato* (De um ano para outro).

3ª – Expressões diversas: *Outro dia* (= qualquer dia: Fá-lo-emos outro dia). *Outro tempo* (= outrora: Eu que outro tempo contava pelos dias meus triunfos). *Temos outra*! (locução em que se exprime existência de mais uma coisa que nos causa espanto) *Como diz o outro* (= como se diz vulgarmente). *Por outra* (= isto é, por outras palavras: Jesus Cristo, por outra, o redentor da humanidade).

4ª – Junta-se aos pronomes pessoais *nós* e *vós* e aos demonstrativos *este, esse, aquele* (§ 340, n. 2): E vós outros que os nomes usurpais... – Nós outros sem a vista alevantarmos...

357 – MUITO, POUCO, MAIS, MENOS, TANTO, QUANTO: Estes indefinidos podem, na frase, ter diversas funções:

1 – São pronomes adjetivos indefinidos quando modificam substantivo expresso: "*Muita* parra e *pouca* uva" – "*Mais* amor e *menos* confiança" – "*Quantas* cabeças, *tantas* sentenças" – "Há *mais* (maior) tempo".

Nota: *Mais* e *menos*, quer funcionem como pronomes adjetivos, quer como advérbios, são sempre invariáveis; erro gravíssimo constitui a flexão de *menos*: "Mais amor e men*as* confiança".

2 – São pronomes substantivos indefinidos quando não se referem a nome expresso na frase: "*Muitos* padecem pelo erro de *poucos*" – "*Quanto* queres?" – "Não quero que me pague *tanto*" – "Ele perdeu *mais* do que eu" – "Há *muito* que fazer".

3 – São advérbios de intensidade quando modificam adjetivo, verbo ou outro advérbio: "Pedro é *mais* douto do que Paulo" – "Ele bebe *muito*" (= em grande quantidade) – "Em circunstâncias *menos* apertadas...".

Nota: *Pouco a pouco, pouco e pouco, a pouco e pouco* são locuções adverbiais. A forma *a pouco a pouco* é errada.

São também locuções adverbiais: *mais ou menos, mais e mais* – "Seguiam-se muitos aposentos *mais ou menos* escuros" (com maior ou menor intensidade) – "As divergências tinham distanciado *mais e mais* os partidos" (cada vez mais).

4 – São pronomes substantivos quando precedidos de artigo, de pronome adjetivo ou de numeral: "Quem tem *o mais* tem *o menos*" – "Quem é fiel n*o menos*, também é fiel n*o mais* e o que é injusto n*o pouco*, também é injusto n*o muito*" – "Espero ganhar *outro tanto*" – "Minha bagagem tem *dois tantos* da sua".

Notas: 1ª – Na expressão "o mais das vezes", *mais* significa *o maior número, a maior porção*; outros exemplos: "Viviam o mais do tempo juntas" – "Passei o mais da tarde repousando".

2ª – Não é possível a construção: "As leis sociais tornaram-se *as* mais avançadas *possíveis*". Que concordância é essa? Que tem que ver a locução adverbial – invariável como todo o advérbio – com o gênero e com o número do substantivo *leis*? A locução é invariável porque é adverbial; é adverbial porque modifica o adjetivo *avançadas*, e não o substantivo *leis*. O certo será: *As leis sociais tornaram-se o mais avançadas possível* – ou, noutra ordem: *As leis sociais tornaram-se avançadas o mais possível* – ou ainda: *...o mais possível avançadas*.

Não devemos redigir: "Estes são os alunos mais atrasados possíveis" nem: "Estes alunos são os mais atrasados possível".

Notemos que em qualquer dessas orações entra a locução adverbial *o mais possível*, locução que não poderá variar, seja qual for a ordem de seus termos, isto é, o *o* deverá ficar sempre no singular, como deverá ficar o *possível*: "Estes alunos são o mais atrasados possível" – "Estes são os alunos o mais atrasados possível" – "Pintam quadros o mais belos possível", podendo ainda variar a expressão: "Estes alunos são quanto possível atrasados" – "Pintou quadros quanto possível belos".

358 – BASTANTE: *Bastante* varia em número quando adjetivo, isto é, quando acompanha substantivo: Procuração *bastante* (= que confere poderes judicialmente necessários para determinados fins), procurações *bastantes* – Fiador *bastante* (= que tem bens suficientes para suprir a falta de pagamento pelo devedor), fiadores *bastantes*.

É pronome substantivo em orações como: "Possuo de tudo *bastante*".

Permanece invariável quando advérbio, isto é, quando modifica adjetivo, verbo ou advérbio: "Estamos *bastante* contentes" (e nunca: "Estamos *bastantes* contentes").

Nota: Não devemos empregar adjetivamente *bastante* com a significação de "em grande quantidade"; frases como "Encontrei bastantes conhecidos na cidade" não são corretas.

359 – CERTO: É indefinido quando antecede substantivo: *Certa* pessoa, *certo* dia, em *certos* tempos.

Quando posposto a substantivo, *certo* é adjetivo e indica que é *verda-*

deiro, infalível: "Cálculo *certo*" – "Sinal *certo* de chuva". Com esta acepção, pode substantivar-se: "Deixar o *certo* pelo duvidoso" – "O *certo* é que assim aconteceu".

Funciona como advérbio, com a significação de *certamente, com certeza*: "Não podia *certo* haver suspeita" – "São duras de ouvir, *certo*".

Certo entra nas seguintes locuções adverbiais: 1) *Ao certo* (com certeza, com exatidão): "Não sei *ao certo* se virá a São Paulo" – "Era um alqueire de trigo *ao certo*". 2) *De certo* (certamente): "Era o paraíso *de certo*". 3) *Por certo* (certamente, seguramente): "Alegria mui grande foi *por certo* acharmos já pessoas que saibam navegar".

Não é português o emprego da locução "na certa" pelo advérbio *certo, certamente*. Corrijamos "Seria um desastre na certa" para "Seria um desastre *certo*". Lembremo-nos de Camões: "Coisa *certo* de alto espanto" – "*Certo* me tem maravilhado".

Notas: 1ª – Na linguagem familiar, as locuções *de certo, com certeza* são empregadas com sentido dubitativo: "*De certo* ele vai" (= *talvez* ele vá).

2ª – Como indefinido, *certo* não admite o indefinido *um*: V. § 243, B, 5ª obs., letra b.

360 – DIFERENTES, DIVERSOS, VÁRIOS: Estas palavras são indefinidos quando antepostas a substantivos: "Encontrei-me com *diferentes* pessoas" – "*Diversas* vezes o avisei" – "*Vários* casos se deram de paralisia".

Pospostas, são adjetivos e dão à expressão sentido diferente, como facilmente se pode deduzir destes exemplos:

indefinidos	**adjetivos**
diferentes homens	homens *diferentes*
várias bebidas	bebidas *várias*
diversos casos	casos *diversos*

361 – QUALQUER: É sempre indefinido e serve para indicar indivíduo, lugar, objeto indeterminado e equivale a *um, outro, este, aquele*; tem por plural *quaisquer* (§ 224): "O indolente muda *quaisquer* propósitos tomados" – "*Qualquer* que assim pense, pensa errado".

Notas: 1ª – Não é português o emprego de *qualquer* em orações negativas com a significação de *nenhum*: "Não vejo *qualquer* pessoa capaz disso" – "Não há *qualquer* indício" – Deve-se dizer: "Não vejo *nenhuma* pessoa..." – "Não há *nenhum* indício".

O correto emprego de *qualquer* em orações negativas se dá em exemplos como este: "*Não* tome *qualquer* remédio", onde de forma alguma *qualquer* tem a significação de *nenhum*. Quem assim impera não está proibindo que se tome remédio; ao contrário, impera que se tome algum, mas não um qualquer.

Ajudar-nos-á a evitar o emprego de *qualquer* pensar que *qualquer* significa "qual você queira": "Nomearei qualquer pessoa" (oração positiva) – "Não nomearei qualquer pessoa" (é a mesma oração

anterior, agora negativa; a primeira não diz que nomearei uma pessoa, senão uma qualquer; a segunda diz que nomearei uma pessoa, não porém uma qualquer); *qualquer* aí nunca significou nem pode significar *nenhum*. V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "Não dei nenhuma informação".

2ª – Não se deve dizer "*Qualquer um* faz isso", construção francesa; em português se diz *qualquer pessoa, uma pessoa qualquer, uma qualquer pessoa*. Falando de "histórias", Castilho redige: "Pedi-lhe *uma qualquer*".

362 – CADA: Este indefinido, denominado *distributivo*, é invariável e significa *todo*, *qualquer* dentre certo número de pessoas ou de coisas: "*Cada* homem tem direitos e deveres" – "*Cada* coisa no seu lugar".

Cada une-se a *qual* – *cada qual* – e a *um* – *cada um* – formas que, atualmente, não vêm acompanhadas de substantivo: "*Cada um* come do que gosta" – "*Cada qual* fará o que melhor lhe parecer".

Cada não pode anteceder substantivo no plural (*cada férias*), a não ser que o substantivo venha antecedido de numeral: *cada duas férias*.

Nota: Aos ouvidos de quem no Brasil nasceu, conquanto iletrado ou analfabeto, estranham frases, por estrangeiros proferidas, como estas: "Vou *cada* dia à casa dele" – "Estudo português *cada* dia".

É construção corrente em eruditos imigrantes de certos países e de correção difícil para muitos. Vendo no dicionário *todo* e *cada* como sinônimos e ouvindo em construções comuns a expressão *cada dia*, julgam-na apropriada para toda e qualquer frase, desconhecedores da diferença fundamental entre esses dois indefinidos.

Cada é certamente sinônimo de *todo*, mas é distributivo, e nisto reside a diferença de emprego. Quando se diz "Cada dia faço uma coisa", distribuem-se as coisas pelos dias, e a construção é portuguesa. Quando, porém, diz um alienígena: "Vou à casa dele cada dia", "Faço a barba cada dia", nenhuma distribuição faz, e a construção, errada como está, corrigida deve ser para: "Vou à casa dele todo o dia", "Faço a barba todo o dia".

Todo é coletivo: universaliza, iguala, engloba. *Cada* é distributivo: particulariza, diferencia, especifica. Dissesse o estrangeiro "Faço a barba cada dia com uma lâmina", "Vou cada dia à casa de um parente", estaria distribuindo, diferenciando e, portanto, acertando.

Diferente é o significado entre "Vou todo o dia à casa de um parente" e "Vou cada dia à casa de um parente". Na primeira oração, o parente visitado é um só, ao passo que na segunda, como ficou dito, há a distribuição: hoje visito um, amanhã outro parente.

Não cabendo, pois, a significação distributiva, deve-se empregar *todo*. Citemos mais exemplos, para maior evidência da significação distributiva do indefinido *cada*: "Cada macaco no seu galho" (um, num galho; outro, noutro) – "Cada coisa em seu lugar" (isto, aqui; aquilo, ali) – "O pão nosso de cada dia" (hoje, um; amanhã, outro) – construções todas certas, dada a distribuição nelas contida.

363 – UM: V. § 283, *a*, c, *d*.

Questionário

1. Que é *indefinido*?
2. Que diz do sentido de *todo* e do emprego do artigo depois desse coletivo? Dê três exemplos, um com *todo*, outro com *todas* e o terceiro com *tudo*.
3. Que vem a ser flexão eufônica? Explique essa questão com relação a *todo*.
4. "Farei tudo que puder": Onde o erro dessa construção? (**nota 7** do § 345).
5. Que diz das expressões *todos os dois* e *ambos os dois*?
6. Quais os significados de *algum*? Exemplos.
7. Quando duas palavras são cognatas? Exemplos.
8. Exemplos do emprego dos neutros *algo*, *nada* e *al*.
9. Entre *nenhum* e *nem um* qual a diferença? Exemplos.
10. É certo dizer: "Ela tem menas paciência"?
11. É correta a oração "Vi *bastantes* coisas"? (Responder somente *sim* ou *não*; V. a nota do § 358.)
12. "Devemos agir com uma certa prudência": Onde o erro dessa oração?
13. Qual a precaução que devemos ter no emprego de *qualquer*?
14. Corrija: a) Não recebi qualquer ajuda para formar-me em engenharia. b) Não tenho qualquer meio para socorrê-lo. c) Estou sem qualquer recurso para viajar. d) Nunca encontrará você qualquer pessoa melhor para o cargo. e) Por que castigá-lo se ele não fez qualquer coisa de grave?

CAPÍTULO 22

INTERROGATIVO

365 – Interrogativos: São assim chamados *que*, *quem*, *qual* e *quanto*, quando participantes de orações interrogativas: "*Que* horas são?" – "*Que* hora é?" – "*Quem* disse?" – "*Qual* homem isso conseguirá?" – "*Quantos* soldados devemos mandar?" – "*Quanto* queres?"

366 – É importante observar que uma palavra que se presta para interrogações pode prestar-se igualmente para admirações: "*Quantos* soldados tem você?" – "*Quantos* soldados tem você!"

Outros exemplos: "*Que* homem?" "*Que* homem!" – "*Quanto* gastaram?" "*Quanto* gastaram!" – "*Quem* me dera!"

De igual maneira, a expressão *que de* (= *quanto*, *quanta*, *quantos*, *quantas*), seguida de substantivo no singular ou no plural, pode figurar em orações exclamativas ou interrogativas: "*Que de* vantagens há nisso!" – "*Que de* vantagens há nisso?"

Nota: Na expressão interrogativa "Que é de?" subentende-se a palavra "feito": "Que é do sorriso?" (= Que é feito do sorriso?), "Que é dele?" (= Que é feito dele?). Nunca deveremos dizer *quéde* ou *quedê* ou, o que é ainda pior, *cadê*.

367 – Não constitui construção sintaticamente legítima o emprego da forma "o que" como pronome interrogativo, embora comum no linguajar do povo e, mais ainda, encontrado em bons escritores: *O que* sois? (Gonç. Dias) – *O que* será, padre? (Garrett) – *O que* te fez, meu filho? (Odorico Mendes) – *O que* será feito de frei Timóteo? (Alex. Herculano) – *O que* fariam eles? (Latino Coelho) – *O que* era isto? (Camilo) – *O que* são sílabas? (Aulete).

Também o espanhol luta com o popular interrogativo "el que". Não é construção legítima, porque o "o" (ou o "el" espanhol) nenhuma função sintática fica exercendo na oração; emprega-se somente quando estritamente necessário para a eufonia, o que se dá quando o "que" vem depois do verbo: "Fez ele *o quê*?" – "Mandarás *o quê*?"

Iniciando a oração, o "que", mais castiçamente, deverá vir desacompanhado do "o", porque neste caso é sintática e eufonicamente inútil: "*Que* queres?" – "*Que* há?" – "*Quê*?!"

Questionário

1. Quais os *interrogativos* portugueses?
2. Por que essas palavras se chamam interrogativos?
3. Entre "Que há?" e "O que há?", que construção devemos preferir? Por quê?
4. Declare a função de "o" na oração "Você viu o quê?"

CAPÍTULO 23

RELATIVO

371 – **Relativo** é a palavra que, vindo numa oração, se refere a termo de outra. São estes os relativos da língua portuguesa:

o qual	*quem*
que	*cujo*

372 – **O QUAL**: Esta locução pronominal tem como função pôr em relação termos iguais, isto é, unir um termo *antecedente* a outro termo *consequente* idêntico (*antecedente* = que vem antes; *consequente* = que vem depois), notando-se que o consequente quase sempre se omite: "O homem, *o qual* (homem) eu vi" – "Os negócios *dos quais* (negócios) queríamos tirar provento":

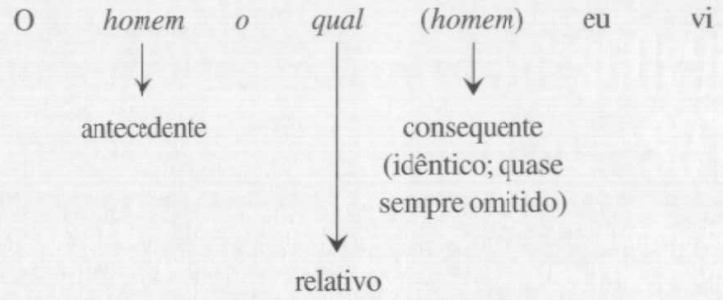

O consequente só se repete quando exigido pela clareza ou para dar ênfase à expressão: "...aparece um pronome oblíquo, da mesma pessoa que o sujeito, sem o qual *pronome* o verbo não poderá indicar reflexibilidade".

373 – *Qual* é elegantemente usado como *partitivo*, ou seja, para indicar *parte de um todo*: "Todos esperavam, *qual* muito *qual* pouco" (uns deles esperavam muito, outros esperavam pouco) – "*Qual* mais, *qual* menos, toda a lã é pelo" – "Deve o médico saber *quais* doenças são incuráveis

e *quais* têm dificultosa cura" – "Deputa-os desde logo aos vários ofícios, *quais* para geração, *quais* para as sacras aras, *quais* para a lavra rija" –

"*Qual* do cavalo voa, que não desce;
Qual co'o cavalo em terra dando, geme;
Qual vermelhas as armas faz de brancas;
Qual co'os penachos do elmo açoita as ancas"

374 – *Qual* é ainda empregado, precedido da preposição *a*, com a significação de *cada qual*: "As horas desse dia foram contadas minuto a minuto, *a qual* mais pesado e lento de volver, quanto mais se aproximava o derradeiro" – "Um sistema de regras, *a qual* mais oposta".

375 – Outros empregos de **qual**:

1 – Denota, às vezes, *negação*: "*Qual* médico ou *qual* doutor! não passo de um rachador!"

2 – Emprega-se, isoladamente, para exprimir dúvida ou negação: "*Qual!* tudo isso é frioleira".

Observações:

Qual entra em outras expressões também de dúvida ou negação: "*Qual* lá!" – "*Qual* história!" – "*Qual* nada!"

376 – **QUE**: Poucas vezes se usa a locução pronominal relativa *o qual*; na maioria das vezes é substituída por *que*, palavra esta que irá então exercer a função de pronome substantivo, pois *representará*, *substituirá* o antecedente:

"O homem *que* eu vi"
↓
pronome substantivo
(substitui *homem*)

A forma *o qual* é empregada quando necessária à clareza do período: "Uma herança honrada de avós, *a qual* era preciso salvar". Se nessa oração o autor tivesse empregado *que*, o sentido teria ficado prejudicado, pois não saberíamos se o pronome *que* estaria substituindo o antecedente *herança* ou *avós*; o emprego de *o qual* esclarece o antecedente.

Eis, pois, um cuidado que devemos ter: não empregar o pronome *que* quando houver mais de um antecedente a que possa referir-se; assim, o período: "Estivemos na escola da cidade *que* foi fundada em 1856" – não tem sentido claro, pois não sabemos se a *escola* ou a *cidade* foi fundada em 1856; impõe-se um torneio à construção, de acordo com o sentido que se quer dar: "Naquela *cidade*, estivemos na *escola* que foi fundada em 1856".

Observação:

Note-se a diferença de sentido entre as expressões: "O chapéu de palha que comprei" e "O chapéu da palha que comprei"; na primeira, o *que* refere-se a *chapéu*, sendo, pois, *chapéu* a coisa comprada; na segunda, o *que* refere-se a *palha*, sendo esta a coisa que se comprou. O que motiva a diversidade de sentido é a ausência do artigo no primeiro exemplo e sua presença no segundo. Quando, porém, os dois elementos que antecederem o pronome *que* estiverem determinados pelo artigo, o sentido da expressão poderá tornar-se ambíguo conforme há pouco vimos; outro exemplo dessa ambiguidade temos nesta construção: "A glória da virtude que é constante...", onde não sabemos qual a coisa que é constante, se a *glória* ou se a *virtude*.

377 – O pronome relativo *que* sempre abre uma oração, e funciona ou como *sujeito* ou como *complemento* do verbo dessa oração:

"O homem	*que* (o qual ↓ homem) → obj. dir. de *vi*	*eu vi* → suj. de *vi*	morreu"
"O homem	*que* (o qual ↓ homem) → suj. de *convidou*	*nos* convidou → obj. dir. de *convidou*	saiu"
"A carta	*de que* → obj. ind. de *depende*	depende	*meu destino* → suj. de *depende*	chegou"

Notas: 1ª – Fique, pois, claro: Se o relativo *que* abre uma oração, ele pertence ao verbo que vem depois. No primeiro exemplo dado, o *que* pertence a *vi*. Conseguintemente, a função sintática do *que* deve ser examinada em relação com esse verbo. Outro exemplo: "Não conheço o livro a que você se refere"; o *que* pertence ao verbo *referir-se*, razão pela qual é preciso colocar a preposição *a* antes, pois quem se refere, refere-se "a" alguma coisa.

2ª – A palavra *que* pertence a várias classes de palavras, o que se pode comprovar pelo *Índice Analítico*. É, no entanto, fácil saber se é pronome relativo, pois será sempre conversível em "o qual" (a qual, os quais, as quais). Esta possibilidade de substituição não quer dizer que o devamos sempre substituir por *o qual*; ao contrário, tal substituição só se deve fazer quando exigida pela clareza ou pela eufonia (V. § 376).

378 – **QUEM**: O relativo *quem* equivale a dois pronomes: *o que* (ou *aquele que*). Suponhamos a construção: "Eu estimo *quem* me estima"; é imprescindível, para efeito de análise, a separação do *quem* nos seus dois pronomes equivalentes:

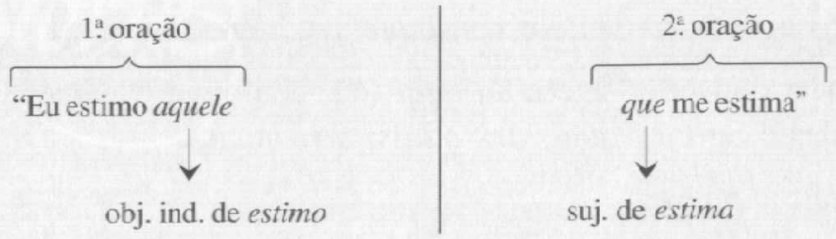

Vê-se daí a dupla função do *quem*; em virtude do antecedente que em si encerra, ele é objeto direto de *estimo* e, ao mesmo tempo, em virtude do relativo *que*, funciona como sujeito de *estima*.

379 – Quando o verbo que antecede o *quem* e o verbo que se lhe segue são diferentes com relação à regência, é preciso desdobrar o *quem* nos seus dois elementos, a fim de que cada elemento funcione de acordo com a regência do respectivo verbo:

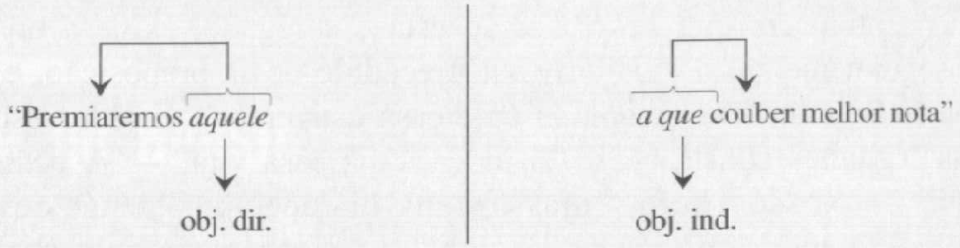

e não: "Premiaremos *quem* couber melhor nota".

Notas: 1ª – *Quem* pode ser objeto indireto do verbo antecedente e, ao mesmo tempo, sujeito do consequente ("Escrevo a quem me escreve"); o que não pode ser é objeto direto e indireto ao mesmo tempo, nem objeto indireto de dois verbos que exigem preposições diferentes.

2ª – O "que" pode, indiferentemente, referir-se a *pessoa* ou *coisa*, ao passo que o "quem" só pode referir-se a *pessoa*.

3ª – Funciona como partitivo e equivale a *um... outro*; *este... aquele*: "*Quem* se afoga nas águas encurvadas, *quem* bebe o mar e o deita juntamente".

380 – CUJO: Este relativo jamais pode ligar dois termos idênticos; é erro, e dos grandes, dizer "O homem *cujo* (homem) eu vi".

Cujo sempre indica posse, e pode ser desdobrado em um complemento que também indique posse. Exemplos: "Devemos socorrer João, *cuja* casa se incendiou" (*a casa do qual*) – "A mala, *cuja* chave se perdeu, não será usada" (*a chave da qual*) – "A parede, *cuja* pintura se estragou, deve ser enfeitada" (*a pintura da qual*).

Vê-se claramente que o termo *antecedente*, isto é, o termo que vem antes do *cujo*, é sempre o *possuidor*, sendo o termo que vem depois do *cujo*, ou seja, o termo *consequente*, a coisa possuída; daí a conclusão clara: O relativo *cujo* sempre une termos diferentes.

381 – Abreviadamente, assim poderemos formular as condições que o *cujo* exige para o seu perfeito uso:

1ª – Possuir *antecedente* e *consequente diferentes*.

2ª – Poder converter-se em *do qual* (ou, conforme o número e o gênero do antecedente, em *da qual, dos quais, das quais*).

3ª – Indicar *posse*.

Nota: Os clássicos empregavam o *cujo* sem o antecedente expresso: "*Cuja* é esta casa?" – "Não sei *cujo* é este livro" – "Tu mandas o seu a *cujo* é" (= Tu mandas a cada um o que lhe pertence). Esse emprego é perfeitamente de acordo com o latim, mas hoje desusado; por outras palavras: o *cujo*, no português hodierno, funciona como pronome adjetivo e não como pronome substantivo.

382 – *Cujo* admite – e *exige* – antes de si preposição, quando o verbo que se lhe seguir a exigir; assim, constitui erro redigir: "O homem cuja casa estivemos", porque "quem está, está *em* casa"; é isso sinal de que o verbo *estar*, no sentido em que nessa oração está empregado, exige a preposição *em*; conseguintemente, o *cujo* deve vir precedido dessa preposição, e a construção correta será: "O homem *em* cuja casa estivemos". Erradas estão, portanto, as seguintes construções: "A moça, cuja casa vim" – "A pessoa, cuja casa fui" – "Nosso chefe, cujas ordens obedecemos", que devem ser corrigidas: "A moça, *de* cuja casa vim" – "A pessoa, *a* cuja casa fui" – "Nosso chefe, *a* cujas ordens obedecemos".

Somente quando o verbo posposto ao *cujo* não exigir preposição é que o relativo *cujo* deixará de vir antecedido de preposição. Exemplos: "O homem, cujo filho conheço..." – "O papel, cujos bordos dobrei...".

Nota: Jamais devemos colocar artigo depois do relativo *cujo*. "A casa cuja *a* porta..." – "O homem cujo *o* braço..." – são frases inteiramente erradas.

Questionário

1. Que é *relativo*?
2. Quais são os relativos portugueses?
3. Quais os outros empregos de *qual*? Dê um exemplo de cada significação.
4. Por que palavra pode ser substituída a locução pronominal "*o qual*", e que função exerce a palavra que a substitui? Exemplos (§ 376).
5. Está claro o sentido deste período: "Vi o filho do amigo que está doente"? Por quê? (A troca do *que* por *o qual* não elimina a ambiguidade.)
6. Analise o *quem* do período: "Eu estimo quem me estima".
7. Qual a diferença de função conjuntiva entre os relativos "que" e "cujo"?
8. Quais as condições para o perfeito emprego do relativo *cujo*? Exemplos.
9. Construa três orações em que o *cujo* venha antecedido de preposição. (Cada oração com preposição diferente.)
10. Corrija: "O navio cujo o casco se partiu soçobrou".

11. Reproduza, corrigidos, os seguintes períodos(*) – (Além de estudar a nota 1 do § 377, o aluno deve recordar muito bem a nota 3 do § 345):

a) Trar-lhe-ei um presente que você irá gostar muito.

b) Este é um trabalho que me dediquei de corpo e alma.

c) É admirável a lealdade que João tem procedido e que tem dado tantas provas.

d) Dê-me o troco do dinheiro que você pagou a entrada.

e) É um caso que todos estão interessados.

f) Manga é a fruta que eu mais gosto.

g) Metaplasmos por adição são os que se acrescentam sons ou letras aos vocábulos. (V. nota 4 do § 345.).

12. Corrija os três períodos seguintes; neles deve aparecer "cujo" em lugar de "que seu" (a correção obriga a mudança de ordem de certos termos):

a) O xadrez é um jogo *que* nunca pude aprender *suas* regras.

b) Palavras enclíticas são aquelas *que* se apoia *seu* acento na palavra anteposta.

c) Língua extinta é aquela *que* não possuímos prova de *sua* existência.

13. Reproduza, corrigida, esta passagem: "...coisas ou pessoas que alguns acreditam na existência".

*

É falha a cultura sem o conhecimento do idioma pátrio.

(*) No responder aos itens da pergunta 11, só troque o "que" por "o qual" na letra "g". Deve o aluno saber que essa troca só é feita quando exigida pela clareza ou pela eufonia (§ 376).

CAPÍTULO 24

VERBO

Quanto à Voz

386 – Para a conclusão do estudo do pronome, teríamos de ver ainda duas questões: a *colocação dos pronomes oblíquos* e as diversas *funções do pronome "se"*. A primeira delas não pode ser tratada na morfologia, porque exige conhecimentos da própria sintaxe. A segunda questão – muito importante – irá exigir uma alteração na ordem da gramática, o que já uma vez foi feito, com grandes vantagens para o aluno, com a parte referente ao verbo quanto à predicação.

387 – Outra parte importante da morfologia é a que estuda o verbo com relação à *voz*. Considerado sob tal relação, o verbo pode ser: *ativo*, *passivo*, *reflexivo* e *neutro*.

388 – **Voz ativa**: O verbo de uma oração está na *voz ativa* quando a ação é evidentemente *praticada* pelo sujeito; este, em tal caso, é o *agente da ação verbal*. Exemplos: "O caçador *matou* o tigre" – "Ele *passou* de ano" – "Pedro *voltará* amanhã".

Nessas orações, os verbos *matou*, *passou* e *voltará* indicam ações praticadas pelos respectivos sujeitos: *caçador*, *ele* e *Pedro*.

389 – **Voz passiva**: Acontece muitas vezes que a pessoa ou coisa, a que se atribui a ação verbal, recebe a ação em vez de praticá-la. Na primeira das orações acima ("O caçador *matou* o tigre") *o caçador* é o sujeito de *matou*; nestoutra oração: "O caçador *foi morto* pelo tigre", o sujeito conti-

nua sendo o mesmo (Quem foi morto? – *O caçador*), pois é a ele que se atribui o fato de *ser morto*, mas, agora, o sujeito não pratica, e, sim, recebe a ação verbal.

Mas então o *caçador* deixou de ser sujeito? – Não. Mas como não, se não foi ele quem praticou a ação de *matar*? – Realmente, mas a ação agora expressa não é a de *matar*, mas a de *ser morto*.

Por que essa diferença? – Porque no primeiro caso o verbo está na *voz ativa* e, no segundo, na *voz passiva*.

Voz passiva é, pois, a que expressa uma ação *sofrida*, *recebida* pelo sujeito; o sujeito, nesse caso, é *paciente* ou *recipiente* da ação verbal.

Notas: 1ª – A palavra *passivo* prende-se à mesma raiz latina de *paixão* (lat. *passio, passionis*); ambas têm relação com *sofrer*, *padecer* (*Paixão* de Cristo = *sofrimento* de Cristo); daí a significação de voz "passiva": voz que expressa ação *sofrida* pelo sujeito.

2ª – É indiferente dizer "verbo passivo" ou "verbo da voz passiva"; ambas as expressões significam a mesma coisa. Igualmente, pode-se dizer "verbo ativo" ou "verbo da voz ativa". Quando se diz que tal verbo "está na voz passiva", indica-se que o sujeito recebe a ação.

390 – Nas orações passivas, a pessoa ou coisa que pratica a ação aparece sob a forma de complemento, o qual se chama **agente da passiva**:

O caçador	*foi morto*	*pelo tigre*
↓	↓	↓
sujeito (paciente)	verbo *matar* (voz passiva)	agente de passiva

Notas: 1ª – Essa mesma oração, na voz ativa, será:

O	*tigre*	*matou*	*o*	*caçador*
	sujeito	verbo ativo		obj. direto

O sentido desta oração é perfeitamente idêntico ao da oração anterior. Vê-se, daí, que uma oração da voz ativa pode, *sem alteração de sentido*, ser convertida em outra oração da voz passiva. Para isso: 1º – coloca-se o objeto da ativa (recipiente da ação verbal) como sujeito da passiva (para continuar como recipiente da ação verbal); 2º – o sujeito da ativa (praticante da ação verbal) coloca-se como agente da voz passiva (para continuar como praticante da ação verbal); 3º – coloca-se o verbo na voz passiva, obedecendo-se ao mesmo tempo (presente, passado ou futuro). Outros exemplos:

VOZ ATIVA	VOZ PASSIVA
"Eu fiz isso"	"Isso foi feito por mim"
Eu (praticante)	Isso (recipiente)
fiz (verbo ativo)	foi feito (v. passivo)
isso (recipiente)	por mim (praticante)
"Pedro soltará o pássaro"	"O pássaro será solto por Pedro"
"Você estuda as lições"	"As lições são estudadas por você"

2ª - O agente da passiva costuma aparecer acompanhado da preposição *per* ou *por* (*per + o = pelo*; *per + a = pela*); em alguns casos, em vez de *per* aparece a preposição *de*, principalmente com os verbos que exprimem sentimento: "ser querido *das* crianças" – "ser temido *dos* néscios" – "ser amado *de* todos". Outros exemplos: Enjeitado *da* fortuna – Rosa tocada *do* cruel granizo – Rodeado *de* vários ministros – Desajudado *da* metrópole – Acompanhado *do* chefe.

3ª - Os verbos *intransitivos* não podem passar para a passiva; não é possível apassivar verbos que não têm recipiente.

391 – A voz passiva é em português indicada de duas maneiras:

1ª – Mediante os verbos auxiliares *ser* e *estar* e o *particípio* de certos verbos ativos: *ser visto* (*sou visto, és visto, é visto...*); *estar preso* (*estou preso, estás preso, está preso...*).

Notas: *a*) Também o verbo *ficar* se presta, às vezes, para indicar a voz passiva; na oração: "Ele *foi preso*" – podemos, sem sacrifício do sentido passivo da oração, substituir o *foi* por *ficou*: "Ele *ficou preso*".

b) O português não possui flexões verbais sintéticas para a voz passiva; em latim e em grego, a passiva pode expressar-se por uma única palavra, ao passo que o português necessita de duas. Quer isso dizer que, propriamente, não possuímos *verbos passivos*, mas *voz passiva*.

2ª – Mediante o pronome *se*, que então se diz *pronome apassivador*; este caso se dá sempre que o sujeito é ente inanimado, conseguintemente incapaz de praticar a ação verbal, ou quando o sentido da oração mostra que o sujeito é apenas paciente.

Na oração: "Alugam-se casas" – *casas* não pratica a ação de *alugar*, e, sim, recebe, sofre tal ação, o que equivale a dizer que *casas* não é o agente mas o paciente da ação verbal. O verbo é passivo, e essa passividade é indicada pelo pronome *se*. A oração "Alugam-se casas" é idêntica à oração "Casas são alugadas"; em ambas o sujeito é *casas*, que, pelo fato de estar no plural, deverá levar também para o plural o verbo; dizer "Aluga-se casas" é erro igual a dizer "Casas é alugada".

Constituem, conseguintemente, erros inomináveis, construções como: "Vende-se livros usados" – "Conserta-se relógios" – "Reforma-se chapéus".

Notas: *a*) Têm força passiva os verbos ativos, quando, estando no infinitivo, funcionam como complementos de certos adjetivos. Assim: "Osso duro *de roer*" é o mesmo que "Osso duro de *ser roído*" – "Estrada difícil *de passar*" equivale a "Estrada difícil de *ser passada*" (nessas frases, *de roer* funciona como complemento nominal do adjetivo *duro*, e *de passar* é complemento nominal do adjetivo *difícil*).

Igual força passiva têm quando, em certas locuções verbais, vêm antecedidos de *para*, *por*, *a*: "Esse caso é *para imitar*" – "Não é *para estranhar* que ele assim proceda" – "A composição está ainda *por corrigir*" – "...um livro há muito começado *a ler*".

b) À semelhança do que vimos na nota do § 320, em orações passivas pode aparecer um objeto indireto: "Que a pena se *me* comute na graça de..." (= Que a pena seja comutada *para mim* na graça de...).

392 – **Voz reflexiva**: Há casos em que o sujeito pratica e, ao mesmo tempo, recebe a ação verbal: "Pedro machucou-se" – Quem praticou a ação de machucar? – Foi Pedro. Mas a quem machucou? – A si próprio.

Neste caso, o verbo se diz *reflexivo*, e o sujeito vem a ser, ao mesmo tempo, *agente* e *recipiente* da ação verbal. Exs.: Eu me arrependi, ele se queixa, nós nos dignamos, eles se feriram.

393 – Examinemos a oração: "Pedro e Paulo *feriram-se*". Três diferentes sentidos pode ela ter. Em primeiro lugar, o verbo poderá ser passivo, equivalendo a oração a: "Pedro e Paulo foram feridos". Em segundo, o verbo poderá ser reflexivo, e a oração significará que "Pedro e Paulo se feriram a si próprios". Em terceiro, poderemos interpretar o pronome como índice de reciprocidade de ação, significando a sentença que Pedro feriu a Paulo e Paulo feriu a Pedro, isto é: "Pedro e Paulo feriram-se reciprocamente".

Vemos daí a falta de compreensão a que se pode expor quem desconhece as funções do pronome *se*. Em tais casos, costuma-se, para evitar ambiguidade, empregar expressões como *reciprocamente*, *um ao outro*, ou *uns aos outros* nas orações em que o *se* indica reciprocidade empregar *a si próprios* nos casos de reflexibilidade de ação, e deixar a oração sem nenhum especificativo quando de sentido passivo claro.

394 – Facilmente podemos observar que nos verbos reflexivos aparece sempre um *pronome oblíquo*, da mesma pessoa que o sujeito, sem o qual o verbo não poderá indicar reflexibilidade:

eu *me*	nós *nos* . . . . .
tu *te*	vós *vos* . . . . .
ele *se*	eles *se* . . . . .

Por esse motivo, os verbos reflexivos chamam-se também **pronominais**, dividindo-se em dois grupos: *pronominais essenciais* e *pronominais acidentais*.

395 – O verbo pronominal é *essencial* quando vem "sempre" acompanhado de pronome oblíquo: *arrepender-se*, *queixar-se*, *indignar-se*, *abster-se*, *apoderar-se*, *comportar-se* et al.; é impossível – e conseguintemente será erro – construir uma oração com esses verbos sem que venham acompanhados de pronome oblíquo, que em tais verbos não exerce função sintática nenhuma.

396 – Verbos pronominais **acidentais** são os transitivos diretos que, para indicar reflexibilidade da ação, vêm acompanhados do pronome oblíquo; na oração: "Ele ama o filho" – o verbo *amar* está empregado transitivamente, mas esse verbo passa a ser usado reflexivamente, e, portanto, pronominalmente, na oração: "Ele se ama". O verbo *amar* é, pois, *pronominal acidental*, porque nem sempre vem acompanhado de pronome.

Outros exemplos: *ajuntar-se*, *avizinhar-se*, *destinar-se*, *defender-se*, *deixar-se* etc.

Notas: 1ª – Observe o aluno que a reflexibilidade dos verbos pronominais acidentais é muito mais pronunciada, muito mais forte do que a dos pronominais essenciais. Em – Eu *me* arrependo, ele *se* queixa – os pronomes *me* e *se* não indicam precisamente revolução da ação verbal sobre o sujeito, ao passo que em: "Eu *me* feri" – a reflexibilidade da ação verbal é patente.

2ª – Devemos saber distinguir o sentido e a regência de certos verbos como *casar*, *retirar*, *recolher*, *batizar* etc.:

"Eu *recolhi* o pássaro" (transitivo direto) – "Eu *me* recolhi às nove horas" (reflexivo) – "Eu *batizei* uma criança" (transitivo direto) – "Eu *me* batizei" (passivo) – "A criada *sumiu* o dinheiro" (= fez desaparecer; transitivo direto) – "A criada sumiu-*se*" (= desapareceu, reflexivo) "Eu *casei* dez pombos" (= juntei; transitivo direto) – "Casei-*me* há seis anos" (reflexivo).

3ª – Certos verbos *intransitivos* podem ser empregados pronominalmente conservando a mesma significação: "...*entristeciam* ao terminar o turno das aulas" (= ficavam tristes; intransitivo) – "O conde entristecia-*se* com estas pinturas" (tem o mesmo significado e é pronominal) – "*Ria* e esteja contente" ou "Ria-*se* e esteja contente" – "A velha *sorria*..." – "Morreu sorrindo-*se* para o mundo..." – "...*corando* a cada linha" – "...corando-*se* por sua vez".

397 – **Verbo neutro**: Em último lugar, há casos em que o sujeito não pratica nem recebe a ação expressa pelo verbo, por não indicar este ação alguma. Assim, quando dizemos: "O cozinheiro é bom" – o sujeito *cozinheiro* não pratica nem recebe nenhuma ação. Indicamos, assim falando, um *estado* (ou consequência de uma ação), e o sujeito, com tais verbos, não é nem *agente* nem *paciente*.

Outros verbos neutros: *estar*, *ficar*, *permanecer*.

Nota: Os verbos neutros são os mesmos verbos de ligação; chamam-se *de ligação* enquanto considerados quanto à predicação, chamam-se *neutros* enquanto considerados quanto à voz.

Quadro sinótico do presente capítulo

- VERBO (*Quanto à Voz*)
  - ativo
  - passivo
    - 1 – com os verbos *ser* e *estar*
    - 2 – com o pronome apassivador *se*
  - reflexivo (pronominal)
    - essencial
    - acidental
  - neutro

Questionário

1. Quando o sujeito se diz *agente da ação verbal*? O verbo, nesse caso, em que voz se encontra? (O aluno deve iniciar a resposta com estas palavras: "O sujeito diz-se agente da ação verbal quando...")

2. Quando se diz que o sujeito é *recipiente da ação verbal*? O verbo, nesse caso, em que voz se encontra? ("Diz-se que o sujeito é recipiente da ação verbal quando...")

3. Que vem a ser *agente da passiva*? Quando aparece? Exemplos.

4. De quantas maneiras o português indica a passividade dos verbos? Quais são? (§ 391)

5. Corrija os seguintes períodos (V. bem o n.º 2 do § 391):

a) Aos casos citados junte-se mais estes, que não se pode deixar de lado.

b) Quando se julgava os réus, via-se diversos jurados dormindo.

6. Passe para a passiva as seguintes orações ativas (Estude muito bem o § 390; lembre-se de que o sentido deve permanecer o mesmo):

a) Eu amo meu pai.

b) Você não fará isso.

7. Quando um verbo está na voz *reflexiva*?

8. Como se dividem os verbos reflexivos?

9. Quantos sentidos pode ter a oração: "Os homens se castigaram"? (V. § 393)

10. Faça duas orações em que entrem verbos pronominais acidentais.

11. Que é *verbo neutro*?

12. Faça o *quadro sinótico* do estudo do verbo quanto à voz.

CAPÍTULO 25

PRONOME "SE"

400 – Se ponto existe escabroso em português, em que tombam com muita frequência os descurados do nosso idioma, é este do pronome *se*. Pode esse pronome exercer diversas funções na oração:

1ª FUNÇÃO – Reflexibilidade pronunciada

401 – A) É primeira função do *se* indicar *reflexibilidade* de ação, fazendo com que o sujeito se torne, ao mesmo tempo, *agente* e *recipiente* da ação verbal. Essa função tem o *se* dos latinos (donde veio o nosso *se*), *função acusativa* (V. **nota** do § 180), isto é, de *objeto direto*. Com tal função, o *se* é empregado com os verbos *transitivos diretos*, e tanto o verbo quanto o *se* se dizem *reflexivos*. A reflexibilidade é com tais verbos chamada *pronunciada*, porque a ação tem necessariamente de atingir um objeto, que no caso é o próprio sujeito, conforme vimos no § 392, e no § 394 vimos que os pronomes *me*, *te*, *nos* e *vos* exercem também função reflexiva, com tal que sejam da mesma pessoa do sujeito: "*Eu me* firo" – "*Tu te* feres" – "*Nós nos* ferimos" – "*Vós vos* feris".

B) VARIANTE: O *se* tem valor *reflexivo* também em construções como esta: "Ele *se* arroga o direito" – função sintática diferente da do caso anterior: o objeto direto é "o direito" e o *se* exerce agora *função dativa*, isto é, de *objeto indireto*; a oração equivale a:

Ele	*arroga*	*o*	*direito*	*a si*	(= *para si*)
	↓		↓	↓	
	v. transitivo		obj. direto	obj. indir.	

A ação verbal tem caráter reflexo apreciável, mas um cuidado se impõe: Não podemos dizer: "Ele *se* comprou uma casa" – "Ele *se* abriu uma conta no banco" – "Eu *me* construí um prédio" – "Nós *nos* arranjamos um lugar" – "Vós deveis reservar-*vos* uma cadeira no teatro" – "Tu *te* traçaste boas normas de vida". Não são portuguesas tais construções.

A possibilidade de emprego do "se" dativo (bem como de *me*, *te*, *nos*, *vos*, com igual função), acompanhado de outro nome como objeto direto, fica limitada a certos verbos e, ainda assim, a certos casos já usuais e consagrados: *reservar-se o direito*, *dar-se pressa*, *dar-se importância*, *dar-se ares de importante*, *atribuir-se importância*, *propor-se fazer*, *propor-se esclarecer*, *impor-se o dever*. Fora esses poucos casos ou outros semelhantes, são rebarbativas construções como: "Ele reservou-se uma cadeira no teatro" – "Ele traçou-se normas de vida" – "Ele se abriu uma conta no banco" – "Por que você se fritou só um ovo?" – As construções usuais são: "Ele traçou *para si* normas de vida" – "Ele reservou *para si* uma cadeira" – "Ele abriu *para si* uma conta" – "Nós arranjamos um lugar *para nós*" – "Deveis reservar *para vós* o melhor lugar" – "Tu traçaste boas normas de vida *para ti*".

2ª FUNÇÃO – Reflexibilidade atenuada

402 – A) Observamos na nota do § 396 que a reflexibilidade dos verbos pronominais acidentais é muito mais pronunciada, muito mais forte do que a dos pronominais essenciais. Quer isso dizer que, com os pronominais essenciais, que são poucos em português (*queixar-se*, *arrepender-se*, *orgulhar-se*...), o *se* perde o seu real valor de objeto direto; esta função passa a ser por ele exercida *aparentemente*, *ficticiamente*.

Na oração: "Ele *se* arrependeu" – o *se* não indica propriamente revolução da ação verbal sobre o sujeito, mas uma ação que obrigatoriamente tem de ficar no sujeito, sem poder passar para um objeto (tal qual se dá com os verbos intransitivos). O *se*, em tal caso, indica reflexão em virtude do próprio verbo e não em virtude do sujeito; o *se* pertence ao verbo, e tanto assim é que acertadamente dicionários há que no verbete já dão o *se* junto do verbo; não tem ele função sintática nenhuma.

B) Variante: Os verbos pronominais essenciais muito se aproximam dos verbos intransitivos, uma vez que exprimem ação que não pode passar para um objeto; daí a razão de poderem *certos* verbos intransitivos vir acompanhados do reflexivo *se*, que virá então indicar (tal qual se dá com os pronominais essenciais) *reflexibilidade atenuada de ação*, mostrando, de certo modo, *espontaneidade de ação* por parte do sujeito.

Na verdade, há diferença entre: "Ele morre de tristeza" e "Ele *se* mor-

re de tristeza". Na segunda oração o *se* vem indicar que o sujeito morre de tristeza espontaneamente, isto é, por causa própria, ao passo que o primeiro exemplo indica contrariedade por parte do sujeito.

Outros exemplos: "Ele *se* foi" – "Ele *se* estava descansando".

Notas: 1ª – Idêntica função podem exercer os pronomes *me*, *te*, *nos* e *vos*: "Fomo-*nos* antes que nos mandassem sair".

2ª – A presente variante era comumente empregada pelos nossos antigos escritores; podiam e isso faziam dado o conhecimento que tinham da língua; hoje, só escritores muito bons sabem e podem lançar mão dessa variante. Veja-se o sabor de vernaculidade que à pergunta "Como vai isso?" dá a resposta "Isto já não vai, *vai-se*".

3ª FUNÇÃO – Reciprocidade

403 – O sentido de uma oração de sujeito composto, como: "Áspide e víbora *se* emprestam a peçonha" – "Eles trocaram-*se* cumprimentos" – denota que o *se* indica *reciprocidade de ação* (§ 393); nesse caso, o verbo e o pronome se dizem *recíprocos*, e o *se* é objeto direto ou indireto conforme o verbo, ou regime de preposição.

4ª FUNÇÃO – Passividade

404 – Temos já conhecimento desta função, pelo que ficou explicado no § 391, 2ª. Não se cometam, portanto, erros como este: "*Prevê-se* muitas coisas" em vez de:

"*Preveem-se* *muitas coisas*"
verbo plural sujeito plural

Nas orações em que, além do verbo principal, há mais infinitivo, essa função apassivante do *se* e consequente concordância verbal requerem cuidado. Suponhamos as orações: "*Devem-se* transformar as leis" e "*Deve-se* transformar as leis".

Há quem diga estarem ambas as orações certas, afirmando que na primeira o sujeito é *leis* (= *As leis devem* ser transformadas) e que na segunda o sujeito é o infinitivo, como se esta fosse a sentença: "*Transformar* as leis *é* necessário".

A primeira construção parece evidenciar clareza maior que a outra e maior segurança gramatical, pois a segunda pode levar-nos a interpretar o *se* como sujeito, tal qual se passa com o *on* francês.

Há casos, porém, em que se nota, evidentemente, que o infinitivo é que é o sujeito:

Procura-se *anular* as nomeações
↓ ↓
(verbo passivo) sujeito

Note-se, porém, esta diferença e, ao mesmo tempo, **norma prática** para a devida análise e concordância dessas construções. No caso anterior ("*Devem-se* transformar *as leis*"), podemos, com toda a clareza, resolver a construção em: "*As leis devem* ser transformadas", O segundo exemplo já não pode ser assim desdobrado, porquanto não se pode admitir que "*nomeações procurem* ser anuladas", uma vez que as *nomeações* não podem praticar a ação de *procurar*.

Com os verbos que indicam intenção, declaração de vontade, geralmente o sujeito é o infinitivo: "Intenta-se *fazer* grandes coisas" – "Pretende-se *reerguer* as colunas" – "Proíbe-se *afixar* cartazes" – "Quer-se *demolir* esses muros" – "Não se conseguiu *obter* informações".

Com os verbos *ver* e *ouvir*, ou estes ou o infinitivo concordam com o sujeito: "*Viram-se* relampaguear as armas" ou "Viu-se *relampaguearem* as armas". Outros exemplos: "*Ouvem-se* os sinos tocar a rebate" – "Via-se ao longe *resplandecerem* as cumeadas das montanhas".

Notas: 1ª – Em construções como: "Sabe-se que ele é falso", o *se* continua a exercer função apassivante, como se o período estivesse redigido desta maneira:

"*Que ele é falso* *é sabido*"
sujeito oracional verbo passivo

2ª – Quando o sujeito é constituído de ente capaz de ação, como em: "Essas pessoas *se* vendem caro" – perde a construção o valor passivo, assumindo o pronome força reflexiva, tal qual se passa no primeiro caso (§ 401), Quanto à ambiguidade que estas construções podem trazer, fizemos menção no § 393.

3ª – As formas oblíquas *me*, *te*, *nos* e *vos*, embora raramente, exercem também função apassivante: "Eu *me* batizei" (= *fui batizado*) – "Tu *te* chamas Antônio" (= Tu *és chamado* Antônio) – "Nós *nos* batizamos" – "Vós *vos* chamais Antônio".

5ª FUNÇÃO – Impessoalidade

405 – A) Empregava o latim a voz passiva com os verbos intransitivos e com os verbos transitivos indiretos para indicar *impessoalidade*, isto é, para indeterminar o sujeito do verbo, *ficando o verbo sempre no singular*.

É passagem muito conhecida esta de Virgílio: "Sic *itur* ad astra" – que forçosamente se traduz por: "Assim *se vai* aos céus", com o auxílio do pro-

nome *se*, indeterminante do sujeito; é construção *passiva impessoal*; nela há um verbo passivo sem sujeito determinado.

Outros exemplos em que entram verbos *intransitivos* e verbos *transitivos indiretos*, empregados com o *se*, para indicar indeterminação do sujeito:

Verbos *intransitivos*: "No Rio de Janeiro *passeia-se* muito" – "Quanto mais *se sobe*, mais *se desce*".

Verbos *transitivos indiretos*: "*Precisa-se* de costureiras" – "*Trata-se* de caso incurável" – "Entretanto, *procedeu-se* ao inventário dos objetos".

Nota: Dizer: "Precisa*m*-se de costureiras" – "Trata*m*-se de casos omissos" – é dizer tolice em português, pois *costureiras* e *casos omissos* não constituem sujeitos dos verbos; o sujeito, como vimos, é indeterminado, devendo o verbo ficar no *singular*.

Existem, todavia, certos verbos transitivos indiretos que também se constroem com objeto direto; o verbo *precisar* é um deles; tanto é certo dizer: "...sem precisar *de* doutor nem *de* feiticeira", quanto é certo construir como fez Castilho: "...sem precisar doutor nem feiticeira". Uma vez transitivo direto, pode perfeitamente apassivar-se o verbo *precisar*: "Precisam-se operários" – "Precisa-se um datilógrafo". Estranhável e errada é a construção: "Precisam-se de operários". Ou se diz: "Precisam-se operários", apassivando-se pessoalmente o verbo, ou: "Precisa-se de operários", impessoalizando-se a construção.

B) Variante: O *se* pode indicar impessoalidade de ação com os próprios verbos transitivos diretos, em frases como estas: "*Louva-se* aos juízes" – "*Previne-se* às pessoas presentes".

Nessas construções, *juízes* e *pessoas presentes* são objetos indiretos; se essas palavras viessem sem a preposição (ligação dos objetos indiretos), elas forçosamente passariam a funcionar como sujeitos, tornando-se imperiosa a concordância do verbo: "Louvam-se os juízes" – "Previnem-se as pessoas presentes" – mas o sentido dessas expressões ficaria mudado, passando a ter força ou reflexiva ou passiva.

A impessoalidade com os verbos transitivos diretos requer as seguintes condições:

1 – Que a expressão tenha sentido próprio, diferente da construção passiva.

2 – Que o objeto indireto seja constituído de pessoa.

A razão da primeira condição justifica-se por si mesma. A segunda condição justifica-se porque, tratando-se de coisas, não há perigo de ambiguidade e a construção pessoal então se impõe. Orações como: É muito justo que se respeite aos dotes" – *devem* ser construídas *pessoalmente*: "É muito justo que $\underbrace{\textit{se respeitem}}_{\text{v. passivo}}$ $\underbrace{\textit{os dotes}}_{\text{sujeito}}$".

E, assim: "Já *se imaginaram* os resultados de tal reforma?"

Nota: Substituindo-se na oração "Louva-se aos juízes" o objeto pelo correspondente pronome oblíquo, fica "louva-se-*lhes*" e nunca "louva-se-*os*".

C) Os próprios verbos *ser* e *estar* aparecem em bons escritores impessoalizados com o *se*: "Muito se lucra quando *se é* honrado" (Camilo) – "Só há tesoiro público onde *se* não *é* obrigado a arrecadar para ele sangue, lágrimas e maldições" (Castilho) – "Para as confundir é necessário *ser-se* mais que medianamente estúpido" (M. Barreto) – "Assim *se estava* muitos séculos antes" (Bernardes) – "Aqui, senhor Pancrácio, *está-se* otimamente" (Castilho).

Nota: De maneira engraçada, há quem ensine que as orações em que ocorre *se* a indicar impessoalidade e outras impessoais são orações de "sujeito inexistente".

Função Francesa

406 – Vimos na segunda nota do parágrafo 322 que o pronome *se* jamais pode combinar-se com o pronome oblíquo *o*. Ainda há pouco, na variante da 5ª função, usamos desta expressão: "...tornando-se imperiosa a concordância do verbo".

Qual a razão disso? – Porque o *se*, em português, não exerce função de sujeito (função subjetiva); a combinação *se o* e a não concordância verbal nas construções passivas pessoais dariam ao *se* função de sujeito, como se em lugar do *se* estivesse escrito *alguém*, *a gente*, *certa pessoa*, tornando-se forçada esta análise:

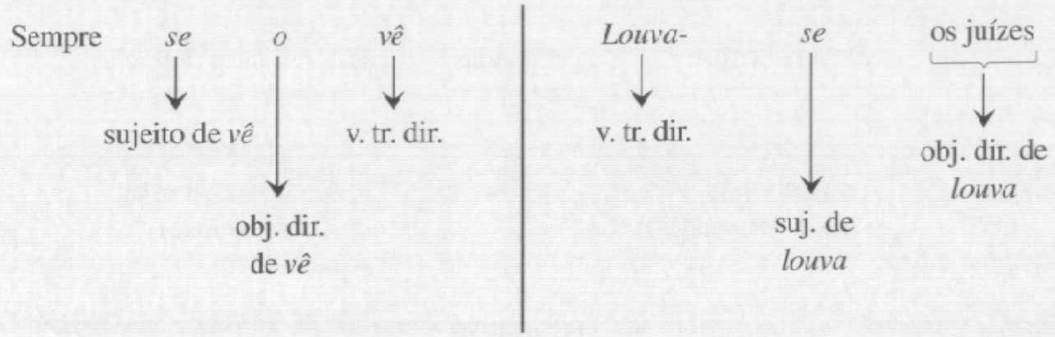

Essas construções (e, conseguintemente, essas análises) vão, antes de tudo, de encontro à tradição da língua, e, em segundo lugar, o próprio étimo (lat. *se*) do nosso *se* não as justifica, por não haver em latim a forma reta (caso nominativo, índice da função subjetiva) desse pronome.

Essas construções constituem puros francesismos; nelas o *se* está exercendo a função do *on* francês (palavra que nessa língua exerce função de sujeito: *Toujours on le voit – On aime les fleurs*), em desobediência à tradição do português e ao étimo do nosso *se*.

Jamais, portanto, poderemos construir: "Os livros sairão a contento imprimindo-se-*os* em formato pequeno" (O certo é: "...imprimindo-se em formato pequeno" – sem o *os*; *imprimindo-se* equivale a *sendo impressos*: o *se* indica passividade).

As combinações *se o*, *se a*, *se os*, *se as* são estranhas e injustificáveis no nosso idioma; nenhum clássico delas se serviu, e o fato de as encontrarmos aqui e ali, em um ou outro articulista, só se explica pela influência do francês, onde tal uso é comum e de acordo com os seus princípios gramaticais. Se aí se justifica, em português não o podemos fazer, pois muito outra é a função do *on* francês da do nosso *se*.

Sobre esse ponto julgamos interessante acrescentar: Em vez de *diz-se-o*, *faz-se-o*, *vê-se-o*, *não se o sabe*, dir-se-á, segundo os casos: *diz-me*, *dizem-no*, *vê-se*, *ninguém o sabe*. Frases francesas como: *On la porte sur son lit*, *on le réconduisit chez lui*, *on l'apella pour diner*, *on la traitait avec bonté*, *on ne le trouva pas*, *on ne les voit pas comme ils sont*, traduzem-se assim: *levam-na para a cama*, *levaram-no para casa*, *chamaram-na para jantar*, *tratavam-na com bondade*, *não o encontraram*, *não se veem como eles são*.

Muitos traduzem *on le* por *se o*; mas esta locução está longe de merecer aprovação.

Nota: Em "Alberto deixou-*se* ficar" o *se* é sujeito, mas sujeito acusativo, ou seja, sujeito de um infinitivo, função etimologicamente certa e inconfundível com a função francesa (§ 652).

407 – Não será difícil corrigir frases como esta: "Denomina-se de geminadas às consoantes dobradas" – em vez de:

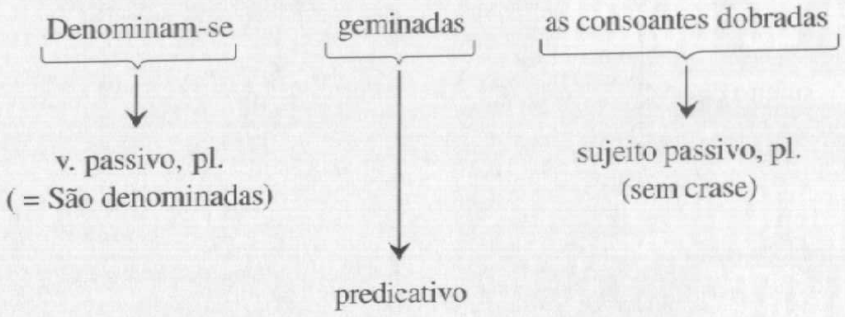

Nessa oração, *as consoantes dobradas* é o sujeito; se é sujeito, não pode ser craseado o *as*. Além disso, é sujeito plural, pelo que o verbo deve ir para o plural.

Outro exemplo de construção errada: "Alfabeto diz-se do conjunto sistematizado de letras" (o certo é: "Alfabeto diz-se o conjunto..."). suj. passivo

Notas: 1ª – Facilmente poderá o aluno ver a inutilidade do *se* em construções como estas: "Convém notar-*se* que ele errou" – "É impossível descrever-*se* a alegria" – "É erro colocar-*se* acento"

– "Não era lícito esperar-*se* outra coisa" – "Era de ver-*se* a anarquia" – "Não convém avançar-*se* muito" – "Não é bom passar-*se* o dia sem ler" – "É difícil ver-*se* a floresta".

Será o temor de errar que leva o escritor a empregar tanto *se*? Confusão, descuido ou falta de estudo é causa desse erro?

Digamos logo: Em todos os exemplos acima citados, os infinitivos são ou sujeitos ou complementos: "Que é que convém?" – "Notar" – O sujeito de *convém* é, pois, *notar*. Agora pergunto: "Notar o quê?" – "...que ele errou". Que função está então exercendo o *se* da construção do redator ou do escritor descuidado? Nenhuma. Digamos, pois, simplesmente e com acerto: "Convém notar que ele errou" – sem esse intruso *se*.

Vejamos outro exemplo, tal qual foi encontrado num artigo de jornal: "É impossível descrever-*se* a alegria". Que é impossível? – *Descrever*. Descrever o quê? – *A alegria*. – E o *se*? Jogue-se fora ou deixe-se no tinteiro.

Vejamos agora este exemplo: "Deve-*se* repartir a herança". O *se* aí está certo? Sim, porque exerce função apassivadora: "Que se deve repartir" ou: "Que deve ser repartido?" – *A herança*: "A herança deve ser repartida" = "Deve-se repartir a herança".

2ª – Com o intuito de repisar o assunto da nota anterior, aqui transcrevemos a resposta a um aluno:

Não devemos empregar o pronome *se* quando não lhe conhecemos a função; é capítulo da gramática que merece estudo demorado. Construa: "É proveitoso ler esse livro" (e não: "É proveitoso ler-*se* esse livro").

Redatores apressados e escritores descuidosos continuam a demonstrar desconhecimento das funções dessa palavra, redigindo a miúdo frases como esta: "É muito engraçado ouvir-*se* falar em política".

Ora! Que pretende com isso dizer o redator? O *se* está sobejando, sem nenhuma função portuguesa; nem apassiva nem impessoaliza o sujeito. O sujeito é *ouvir falar em política*, sem o intrometido *se*.

Quem assim redige, com igual extravagância deve dizer: Tomar-*se* remédio nem sempre é bom – Saber-*se* discorrer sobre filosofia é edificante – Poder-*se* falar sobre o caso é necessário.

Confirmando ignorar as funções do *se*, comete o mesmo redator, com a maior naturalidade, este solecismo: "Houve dificuldade em *se* obter entradas". Ainda que se admitisse função apassivadora para o *se* dessa oração, o certo seria "...em se obterem", porque no plural está o substantivo *entradas*; nada disso, porém, se dá; *obter entradas* é complemento nominal de *dificuldade*: "obter entradas" foi a coisa em que houve dificuldade. "Há dificuldade em caminhar" – "Houve dificuldade no atravessar a rua" – "Não haverá dificuldade para fugir, para passar de ano, para viver, em permanecer no ar, para escrever cartas" (e não: em caminhar-*se*, no atravessar-*se* a rua, para fugir-*se*, para passar-*se* de ano, para viver-*se*, em permanecer-*se* no ar, para escrever-*se* cartas) – "Não foi possível calcular os danos" (e não "calcular-se" nem "calcularem-se") – "Outro vezo é atribuir ao paciente o papel de..." (e não: "atribuir-se").

3ª – Outro caso de inteira inutilidade do *se* está no empregá-lo com certos infinitivos antecedidos de *de*, *para*, *por*, *a*, principalmente quando completam a significação de adjetivos; é erro dizer "osso duro de roer-se"; o *se* aí está sobejando, pois a expressão é já passiva pelo que estudamos no final do § 391, onde se encontra a explicação destas expressões: *osso duro de roer*, *estrada difícil de passar*, *há muitas coisas para vender*, *esse exemplo não é para imitar*, *obra começada a imprimir*, *há outros problemas por resolver*.

408 – SI, CONSIGO: Para terminar a presente questão, estudemos as variantes reflexivas *si* e *consigo* do pronome *se*. Note-se o que ficou dito: "Variantes reflexivas"; dessa maneira, essas duas formas oblíquas só podem referir-se ao *sujeito* do verbo:

Pedro *fala* *consigo*

↓ ↓

suj. de *fala* pronome reflexivo (refere-se ao sujeito)

Pedro e *Paulo* discutiram o caso entre *si*

↓ ↓

suj. de *discutiram* pronome reflexivo (refere-se ao sujeito)

São, portanto, redondamente erradas construções como estas duas, frequentemente encontradas em pessoas de falsa cultura e preparo gramatical: "Vejo em *si* uma ótima pessoa" – "Onde poderei encontrar-me *consigo*?"

As formas *si* e *consigo*, nessas duas orações, estão-se referindo à pessoa com que se fala e não ao sujeito, coisa que não condiz com a natureza desses reflexivos, que *sempre devem referir-se ao sujeito* do verbo. Em casos como esses, diz-se: "Vejo *no senhor*" (ou *em você*, *em V. Ex.ª* etc.) – "...encontrar-me *com o senhor*" (*com V. Ex.ª*, *com você* etc.).

Nota: Sirva de complemento ao estudo do *se* este nosso artigo, publicado n'*O Estado de S. Paulo*:

Erro pernicioso e cada vez mais encontradiço em nossa literatura é o emprego da partícula *se* sem função ou, o que não é menos mau, com função errada. Diariamente, quando não várias vezes por dia, num mesmo jornal, num mesmo artigo, lemos construções como estas: 1 – É preciso pensar-se nisso. 2 – O saber-se se o empregado quis a despedida... 3 – O sonhar-se de dia... 4 – Não é preciso cogitar-se desse caso. 5 – Era de ver-se a algazarra. 6 – Analisar logicamente uma palavra é considerar-se a palavra quanto à função... 7 – No momento de estourar-se a bomba... 8 – No juntar-se as folhas, notou o escrivão a falta de uma. 9 – Não é possível duvidar-se da autenticidade da carta. 10 – Era uma delícia ver-se o menino falar.

Constitui o estudo do chamado *pronome se* um dos mais interessantes da gramática portuguesa. Vemos-lhe exigido o conhecimento em exames de admissão a escolas oficiais diversas e em concursos a cargos públicos. Não é, pois, assunto esquecido dos organizadores de programas, mas, esta é a verdade, os exemplos aí estão, diários e em abundância, de emprego errado do *se*.

A expor aqui as muitas funções dessa monossilábica palavra – funções que qualquer gramática explana – (Não se esqueça o aluno de que isto é artigo de jornal; *todas* as funções já foram estudadas) preferiremos, como complemento desse estudo, examinar os exemplos citados, ao acaso colhidos aqui e ali. Em todos os exemplos, o *se* está de mais, ora por lhe não caber função, ora por desempenhar papel errado ou desnecessário.

1º EXEMPLO: Nem a título de indeterminação do sujeito deve aparecer o *se*. O infinitivo *pensar* constitui, com o complemento de argumento *nisso*, sujeito de "é preciso".

2º – A presença do artigo devia de per si mostrar a substantivação do infinitivo *saber*. O *se* está de mais; nem impessoaliza o verbo nem o apassiva, pois de nada disso há necessidade nem possibilidade.

3º – Diferencia-se do anterior, por termos agora um verbo intransitivo; o *se* continua de mais, completamente sem função. – As funções do *se* não foram inventadas (a gramática nada inventa) para justificar-lhe o emprego em toda e qualquer construção; são funções marcadas, vivas; não verificada nenhuma delas, o *se* estará errado.

4º – Mutatis mutandis, é reprodução do segundo.

5º – A presença do *se* destrói uma das muitas particularidades de nossa sintaxe. A expressão já é passiva; que faz aí o intrometido *se*?

6º – Tire-se o *se*. Substituindo "palavra" pelo oblíquo correspondente, teríamos: "Analisar... é considerá-la..." – Onde caberia o *se*?

7º – *Bomba* é sujeito de *estourar*; ao *se* nenhuma função está cabendo.

8º – O sujeito de *juntar* é *escrivão*; *folhas* é objeto direto; e o *se*? Tire-se. – Ainda que *folhas* fosse *sujeito* passivo, a construção seria "no juntarem-se", com o verbo no plural, equivalente a "no serem juntadas as folhas", dada a pluralidade do sujeito passivo.

9º – "Duvidar da autenticidade não é possível" – e não: "Ser duvidado da autenticidade não é possível". Que faz aí o *se*? Pobre gramática! Com tantas reformas, teu fim será o esquecimento.

10º – Compare-se com o 6º exemplo: "Era uma delícia vê-lo falar". Onde intrometer o *se*?

E dizer que há quem afirme que é suficiente ler para aprender português! Ler quem? Os que isso declaram?

Quadro sinótico das funções do pronome SE

(Funções)

- 1 – Reflexibilidade pronunciada
  - Ele *se* feriu
  - Ele *se* arroga o direito
- 2 – Reflexibilidade atenuada
  - Ele *se* arrependeu
  - Ele *se* foi embora
- 3 – Reciprocidade – Ele e ela amam-*se* ardorosamente
- 4 – Passividade – Alugam-*se* casas
- 5 – Impessoalidade
  - Assim *se* vai aos céus
  - Louva-*se* aos juízes
  - É-*se* inclinado a acreditar – Está-*se* bem aqui

Questionário

1. Corrigir:

a) "Ele se reservou uma cadeira no teatro".

b) "Exagera-se muito as riquezas do país".

2. As seguintes orações estão certas? (Justificar a resposta)

a) "Deve-se transformar essas zonas".

b) "Essas construções não se podem tachar de erradas".

c) "Quer-se inventar novidades".

d) "Não se permitem colocar cartazes".

No responder à pergunta 2, não se esqueça de: 1º – *procurar com atenção o sujeito, tendo à frente o § 404 (Raciocine, portanto, com formas passivas em que entre o verbo* ser; *p. ex.*: "*Colocar cartazes não é permitido*"); 2º – *justificar a resposta, quer julgue certa, quer errada a oração.*

3. Corrija as seguintes construções, *justificando* as correções:

a) "Vocábulo diz-se da palavra quanto à forma" (§ 407, 2.º exemplo).

b) "Chama-se sílaba à reunião de letras ou letra pronunciada de uma só vez" (§ 407).

c) "Chamam-se guerras púnicas às três guerras entre os romanos e os cartagineses" (§ 407).

d) "O serviço ficará pronto pagando-se-o adiantadamente" (V. a parte final do § 406).

e) "Está a sua espera uma senhora que quer falar consigo".

No corrigir as construções das letras a, b *e* c, *estude com atenção o § 407*; *transforme o* diz-se, *o* chama-se *e o* chamam-se *em* é dita, é chamada, são chamadas, *que notará com maior facilidade o erro, mas, no reproduzir a forma correta, conserve o* diz-se, *o* chama-se *e o* chamam-se *e não mude de lugar os termos.*

No justificar a correção, diga qual é o sujeito do verbo passivo.

4. Faça, com exemplos, o quadro sinótico das diversas funções do pronome *se*.

"Sendo a língua o veículo das ideias, quando não for bebida na veia mais límpida, mais cristalina, mais estreme, não verterá estreme, cristalino, límpido o pensamento de quem a utiliza" – RUI BARBOSA.

CAPÍTULO 26

VERBO

Quanto à Flexão

412 – Estudamos já o verbo em relação à *predicação* (§ 297 e ss.) e em relação à flexão de *voz* (§ 386 e ss.); estudá-lo-emos agora em relação à *flexão* em geral.

Ao conjunto de flexões *ou formas verbais* dá-se o nome **conjugação**; *conjugar um verbo* é, pois, recitá-lo em todas as suas possíveis formas, que podem ser:

modais	*numerais*
nominais	*pessoais*
temporais	*de voz*

Observação:

Só se pode falar em flexão genérica dos verbos quando se considera o particípio na voz passiva: Ele é louvad*o* – Ela é louvad*a*.

413 – MODO: Como a própria palavra está dizendo, *modo* na conjugação de um verbo vem a ser a maneira por que se realiza a ação expressa por esse verbo. De três maneiras podemos enunciar uma ação; daí, os *três modos verbais*.

1 – **Modo indicativo**: Indica este modo que a ação expressa pelo verbo é exercida de maneira real, categórica, definida, quer o juízo seja afirmativo, quer negativo, quer interrogativo: *faço*, *vejo*, *fiz*, *vi*, *fizera*, *não irás?*, *não irei*.

2 – **Modo subjuntivo**: Abstraindo o imperativo negativo, indica este modo que o verbo não tem sentido caso não venha *subordinado* a outro verbo, do qual dependerá para ser perfeitamente compreendido. Ninguém nos entenderá se dissermos "venhas"; mas se dissermos "Quero que venhas" seremos facilmente compreendidos; o sentido de *venhas* depende de *quero*; daí o nome *modo subjuntivo*, isto é, modo que se subordina a outro.

Outros exemplos: "Desejo que *estude*" – "Faria se *pudesse*" – "Farei quando *puder*".

O modo subjuntivo indica dependência também quando o fato é duvidoso ou indeterminado, sendo por isso chamado "modo da possibilidade". Facilmente notará o aluno a diferença entre as orações:

Subjuntivo: dúvida, indeterminação		*Indicativo: certeza, determinação*
Pode ser que *seja* assim	e	Digo que *é* assim
Julgo que *passe* nos exames	e	Afianço que *passa*...
Desconheço quem *faça* isto	e	Desconheço quem *faz*...
Premiarei quem *acerte*	e	Premiarei quem *acerta*
Preciso de homem que me *guie*	e	Preciso do homem que me *guia*

O subjuntivo presente tem também a propriedade de indicar *desejo*; com tal função, substitui a 1ª e a 3ª pessoa do imperativo: *Possa* eu ser nomeado – *Viva* o rei! – *Cumpramos* as ordens – *Voltem* logo – *Vivam* os cônjuges!

O *imperfeito do subjuntivo* é, em certos casos, elegantemente substituído pelo *mais-que-perfeito* do indicativo: "*Estivera* (= estivesse) eu presente, que tal coisa não teria acontecido" – "...se nelas não *padecera* a justiça as mesmas afrontas" – "Se *houvera* de andar a pedinchar, preferia ele perder o amigo" – "Não *fora* eu, ele teria morrido" (§ 585.5, n. 2).

Repugna à índole da língua a substituição desse tempo pelo imperfeito do indicativo em orações condicionais em que a hipótese é possível ou irreal (§ 585.4; 585.5): "Se eu *estava* (em vez de *estivesse*) no balcão, você não teria vendido tanto" – "Se eu *ia* (em vez de *fosse*) lá, ele não teria escapado". – Na hipótese real é que aparece o indicativo: "Se eu (= já que, uma vez que) *estava* no balcão, você devia ter falado comigo" – "Se *lia* muito, era porque tinha tempo" – "Se eu *sabia*, também você podia saber".

Emprega-se o presente do subjuntivo na subordinada em correlação com o presente ou com o futuro da principal:

Peço que vá
Pedirei que vá

Emprega-se o imperfeito do subjuntivo na subordinada em correlação com um tempo passado da principal:

Pedi que fosse
Pedia que fosse
Pedira que fosse
Pediria[1] *que fosse*

O estudo completo do emprego do subjuntivo será feito na sintaxe, § 945.1 e ss.

---

[1] Esta forma verbal, chamada condicional em vários idiomas, é atualmente chamada *futuro do PRETÉRITO* no Brasil.

3 – **Modo imperativo**: Indica este modo que a ação verbal se faz com império: "*Vai-te* embora" – "*Vinde* até aqui".

a) O modo imperativo pode também indicar *exortação* ("*Ouve* este conselho" – "*Segui* o caminho da honra") e *súplica*: "*Dá*-me uma esmola" – "*Fazei*-me esse favor".

b) A negativa repele o imperativo; o imperativo negativo é feito com o subjuntivo. Não se deve, portanto, dizer: "*Não fazei* caso" – "*Não deixai* sair o menino" – e sim: "*Não façais* caso" – "*Não deixeis* sair o menino" – "*Jamais digais* isso" – "*Nunca faças* a outrem...".

Quer dizer que o imperativo, quando **negativo**, tira-se, para *todas* as pessoas, do subjuntivo presente: não louve, não louves, não louve, não louvemos, não louveis, não louvem. Quando **positivo**, o imperativo continua a ser tirado do subjuntivo, com exceção da 2ª pessoa do singular e da 2ª do plural, formas estas derivadas das correspondentes pessoas do indicativo presente, mediante supressão do *s* final: louve, *louva*, louve, louvemos, *louvai*, louvem (§ 459).

c) As gramáticas costumam oferecer, no imperativo, só as segundas pessoas do positivo, porque somente estas são especiais, diferentes; é grave engano deduzir daí que só existem essas duas pessoas no imperativo.

d) *Formas supletivas do imperativo* – Outras formas verbais têm, às vezes, força de imperativo mais suave:

– o *presente do indicativo*: "*Levas* estas cartas e *trazes* estampilhas" (= leva, traze: § 416.2, n. 3);

– o *infinitivo impessoal*, tanto para a forma positiva quanto para a negativa: "Anda lá, Pablo, na garupa, e *deixá-los* rir" (= deixa-os), "*Passar* bem" (= passe bem), "Não *matar*" (= não mateis), "À direita *volver*" (= volvei).

– o *futuro do presente do indicativo*: "Não *matarás*" (= não mates).

Quanto ao tratamento, V. D.QVs, *Imperativo* e *Concordância de tratamento*.

414 – FORMAS NOMINAIS: Assim se denominam o *infinitivo*, o *gerúndio* e o *particípio*, por poderem exercer função de *nomes*, isto é, ou de substantivo ou de adjetivo, como depois veremos na sintaxe.

Infinitivo: É a forma que, quando impessoal, apenas apresenta o verbo sem nenhuma discriminação nem de modo, nem de tempo, nem de número, nem de pessoa. É nesta forma que os dicionários portugueses trazem os verbos.

O *infinitivo* em português pode ser *impessoal* (e então não se flexiona) e *pessoal* (e então poderá flexionar-se de acordo com o sujeito, segundo normas que veremos na sintaxe).

Gerúndio é a forma nominal terminada em *ndo*: *louvando*, *vendendo*, *partindo*.

Particípio é a forma nominal regularmente terminada em *do* (*ado*, para a 1ª conjugação, e *ido* para a 2ª e 3ª). Nos verbos irregulares, outra e variável é a terminação, o que iremos ver oportunamente.

415 – TEMPO: Sabemos que o verbo indica ação ou resultado de ação (estado), mas o ato por ele expresso pode ser praticado em épocas

diferentes, e daí nasce a *flexão temporal*, que visa a indicar a época, o *tempo* em que se realiza a ação verbal.

O tempo pode ser encarado no *presente*, no *passado* e no *futuro*; tais modalidades de tempo são indicadas nos verbos por flexões especiais, as quais recebem os nomes *presente*, *pretérito* e *futuro*.

416.0 – Presente – Para a perfeita discriminação dos tempos verbais, duas coisas devemos ter em mente: uma é a *ação expressa pelo verbo*, outra é o *ato da palavra*, isto é, o momento em que se fala.

O *tempo presente* indica que a ação é praticada no mesmo momento em que se fala. Quem diz: "Estudo português" – demonstra praticar a ação de *estudar* no momento em que fala, no tempo atual, ou seja, no *tempo presente*.

Outros exemplos: *vejo*, *faço*, *penso*, *julgo*, *escrevo*, *minto*, *leio*, *digo*.

Nota: Por presente entende-se também um período de tempo fluente (século, ano, mês etc.): "Vivemos uma época constantemente perturbada".

416.1 – O presente é também empregado para:

a) Indicar uma ação habitual, constante, um fato real, uma verdade: "Deito-me às 9 e levanto-me às 5" – "Dois e dois são quatro" – "Ele cumpre a lei" – "Cortesia traz cortesia".

b) Indicar ação praticada até o momento da declaração: "Moro no centro da cidade".

Nota: Para indicar ação continuada, que se realiza aos poucos, usa-se o presente continuativo, em forma de locução, formada, geralmente, do presente do verbo *estar* e do gerúndio do verbo cuja ideia se pretende declarar: "Ele está almoçando" – "O sol está queimando as plantas".

Outro sentido têm as orações "Ele almoça", "O sol queima" (= ele costuma almoçar, ele sempre almoça, o sol sempre queima) – V. § 517; § 427, obs. 2.

416.2 – O presente é usado em lugar do perfeito em narrações (presente histórico): "Napoleão *chega* a Waterloo, *dispõe* as tropas, *trava* combate e *é* vencido".

Notas: 1.ª – O presente do indicativo pode ser usado em lugar do futuro para anunciar um acontecimento próximo: "*Sigo* amanhã" – "Não *posso* ir com você".

2.ª – O presente do indicativo é também usado em lugar do futuro do subjuntivo para efeito enfático de condicionais com *se* (§ 585.4, n. 2): "Se os olhos *vêem* com amor, o corpo é branco".

3.ª – presente do indicativo pode ainda ser usado em lugar do imperativo: "Para tomar este remédio, o senhor *fica* em jejum até a hora do almoço, *engole* duas colheradas e *espera* mais uma hora para almoçar".

417 – Pretérito – O pretérito indica que a ação do verbo foi praticada antes do ato de falar: *vi*, *escrevi*, *estudei*, *fiz*, *corri*, *menti*, *julguei*, *pensei*, *cheguei*, *saí*.

Precisamos, porém, distinguir três espécies de *pretéritos*: o *imperfeito*, o *perfeito* e o *mais-que-perfeito*.

1 – Quando uma pessoa nos diz: "Ele *saíra* quando eu entrei" – emprega, para o verbo *sair*, o **pretérito mais-que-perfeito**, o que significa o seguinte: A ação expressa pelo verbo *sair* é passada em referência ao ato da palavra (estou falando agora, mas a ação de *sair* já se passou) e, além disso, é ainda passada com relação ao tempo indicado no período (no nosso caso *entrei*), o que equivale a dizer: "Quando eu *entrei*, ele já *tinha saído*".

2 – Quando uma pessoa diz: "Ele *saía* quando eu entrei" – continua empregando o verbo *sair* no pretérito, uma vez que a ação expressa por esse verbo é anterior ao ato da palavra (como antes, o interlocutor está falando neste momento, mas o que ele nos está dizendo já se passou), mas a ação de *sair* foi praticada no mesmo tempo em que se deu o fato passado de eu *entrar*.

Vê-se a diferença entre este e o caso anterior; aqui a ação é ao mesmo tempo *passada* (com relação ao ato da palavra) e *presente* (com relação ao ato de *entrar*). Por essa razão é que se diz que *saía* está no **pretérito imperfeito**.

3 – Dizendo-nos, porém, uma pessoa: "Ele *saiu*" – denota que a ação de *sair* foi completamente realizada, sem necessidade de referência a nenhuma outra ação, nem anterior nem contemporânea. *Saiu* é o **pretérito perfeito**.

Como complemento deste parágrafo, sirva-nos este resumo:

a) **Pretérito "mais-que-perfeito"**: "Ele *saíra* quando eu entrei" – O ato de *sair* é *anterior* ao de ter entrado.

Outros exemplos: *fizera, quisera, julgara, escrevera, mentira, estudara, viera.*

b) **Pretérito "imperfeito"**: "Ele *saía* quando eu entrei" – O ato de *sair* e o de *entrar* são contemporâneos.

Outros exemplos: *fazia, queria, partia, mentia, julgava, amava, estudava, vinha.*

c) **Pretérito "perfeito"**: "Ele *saiu*" – O ato de *sair* já se realizou completa, pura e simplesmente.

Outros exemplos: *fiz, quis, parti, menti, julguei, amei, estudei, vim, vi, venci.*

418 – O *perfeito* e o *mais-que-perfeito* podem apresentar-se na forma *simples* e na *composta*.

Perfeito simples é o expresso por uma só palavra e denota, como vimos, ação completamente realizada.

Perfeito composto é o expresso com a ajuda do presente de um verbo, que então se chama auxiliar, e o particípio do verbo que se pretende conjugar, e denota que a ação continua a ser praticada, continua a repetir-se: *tenho saído* (ou, indiferentemente, *hei saído*).

Mais-que-perfeito simples é o expresso por uma só palavra: *saíra*.

Mais-que-perfeito composto é o expresso mediante a ajuda do imperfeito de um verbo auxiliar e o particípio do verbo que se pretende conjugar, notando-se que, agora, nenhuma diferença de significado existe entre a forma simples e a composta: *tinha* (ou, indiferentemente, *havia*) *saído*.

419 – Futuro – Indica este tempo que a ação expressa pelo verbo será praticada depois do ato da palavra: *verei, terei visto, haverei visto*, ou depois de realizada outra ação: *veria, teria visto, haveria visto*.

O futuro divide-se em *futuro do presente* e *futuro do pretérito*, e ambos possuem a *forma simples* e a *composta*.

1. **Futuro do presente simples**: É o que, expresso por uma só palavra, indica, simplesmente, ação que irá realizar-se, sem estabelecer relação com outra ação: *sairei*. É também chamado *futuro imperfeito*.

2. **Futuro do presente composto**: É o expresso com a ajuda do futuro de um verbo auxiliar e o particípio do verbo que se pretende conjugar, e indica que a ação é posterior ao ato da palavra, mas, ao mesmo tempo, anterior com relação a outro futuro: "*Terei estudado* (ou *haverei estudado*) quando ele estudar".

Ele ainda irá estudar (é futuro, portanto), e também eu ainda irei estudar, mas quando ele estudar eu já *terei estudado*. *Terei estudado* é, portanto, um futuro que irá realizar-se *antes* de outro futuro; por essa razão é chamado também "futuro **anterior**"; chamam-no ainda, por esse mesmo motivo, "futuro **primeiro**"; chamam-no ainda outros "futuro **relativo**", visto ter sempre relação com outro futuro. O que é importante observar é que este tipo de futuro é sempre composto, formando-se do particípio do verbo que se quer conjugar e do futuro do verbo *ter* ou do verbo *haver*.

Outros exemplos: *terei visto, terei escrito, terei feito, terei vindo* (ou *haverei visto, haverei escrito...*).

Notas: 1ª – No italiano este futuro é chamado "futuro primeiro" visto realizar-se a ação antes do futuro do presente simples, que é nesse idioma chamado "futuro segundo".

2ª – O futuro do indicativo pode ser empregado em lugar do presente para dar ênfase a uma exclamação e para indicar ideia aproximada: "Quantos não *estarão* com fome, quantos não *terão morrido* em defesa da liberdade!" – "*Haverá* um mês que foi chamado".

3ª – Vezes há em que o futuro é empregado com referência a ação já passada, como *futuro histórico*: "Os bandeirantes, depois de conquistarem a região das Minas Gerais, *irão* conquistar o Mato Grosso". V. D. QVs, *vou amanhã*.

3. **Futuro do pretérito** – Enquanto existe um futuro com relação ao presente (digo que *farei*, digo que *irei*), tem o português uma forma para indicar o futuro com relação ao passado: disse que *faria*, disse que *iria*.

O **futuro do pretérito** aparece:

a) no período hipotético, quando a hipótese é possível (§ 585.4): "Se eu quisesse, eu *faria*";

b) no período hipotético, quando a hipótese é irreal (§ 585.5): "Se Júpiter existisse. Roma *teria vencido*";

c) na subordinada a verbo que esteja no passado e implique declaração (*verba declarandi*: dizer, negar, responder, afirmar, declarar, jurar, confessar etc.): "Disse que *viria*" – "Respondeu que *iria*";

d) para indicar aproximação, imprecisão: "*Seriam* dez homens, quando muito, os que recuaram" – "Eu *teria* a sua idade quando comecei a lecionar";

e) para evidenciar uma suposição: "Eu *teria agido* da mesma forma" – "Eu não *faria* o que você está fazendo" – "Eu *seguiria* este caminho" – "Jamais você *estudaria* como eu" – "*Estariam* todos dispostos?" – "Quem *imaginaria*?" – "*Seria* possível?!"

f) para suavizar a manifestação de um desejo: "*Gostaria* que você viesse mais cedo amanhã" – "Você me *daria* muito prazer em estar aqui amanhã";

g) para suavizar uma pergunta, um pedido de informação: "*Poderia* dar-me o seu endereço?" – "*Seria* possível dizer-me onde fica a rua X?"

O emprego do futuro do pretérito em tal caso não deve ser exagerado; há um momento em que ele se torna impraticável, sem sentido, como nesta pergunta: "Qual seria o seu nome?" – "Qual seria" indica dúvida, mas esta pergunta implica um assunto certo, que exige o indicativo presente: "Qual *é* o seu nome, por favor?"

Pode, da mesma forma que o futuro do presente, ser **simples** (*faria*) e **composto**: *teria* (ou, indiferentemente, *haveria*) *feito*.

Não existente, discriminadamente, no latim, onde o subjuntivo é que possuía essa força, o futuro do pretérito foi criado pelas línguas românicas mediante aglutinação do imperfeito do indicativo do verbo *haver* (*havia*) com o infinitivo dos outros verbos: *louvar* + *havia* = louvaria.

É importante observar o seguinte: Pelo fato de ter nascido do imperfeito, o futuro do pretérito é com frequência substituído por outras formas do pretérito: "Não *ousara* (= *ousaria*) entrar, se não fosses bom" – "Quem vos *havia* (= *haveria*) de enganar?" – "*Tivera* (= *teria*) isso eu feito, se ele merecesse" – "Escrevi esperando que você *aceitasse*" (= *aceitaria*) – "Eu bem que *desejava* (= *desejaria*) que ele estivesse aqui" – "Se houvera de andar semelhante correição pelos ostentadores de engenho, muitos tribunos *eram* (= *seriam*) necessários".

4. **Futuro do subjuntivo**: Inexistente até no latim (§ 459, n. 1, ao pé da pág.), o futuro do subjuntivo em português é tempo derivado da 3.ª pess. do pl. do pret. perfeito, mediante supressão do *am* final (se eu *disser*, quando eu *fizer*) e se usa em certas subordinadas que **IMPLICAREM IDEIA DE FUTURIDADE.** Enquanto em outros idiomas se diz "se eu direi", "quan-

do eu farei", em português a forma é "se eu disser", "quando eu fizer". *Exemplos*:

Condicionais com *se*, quando a hipótese é possível (§ 945.9) – Irei se *puder* – Farei salvo se você não *quiser*.

Temporais com *quando*, *enquanto*, *logo que*, *depois que*, *assim que*, *sempre que* (§ 945.10) – Irei quando nada *houver* que fazer – Enquanto me *quiserem* aqui, aqui ficarei – Sairei assim que me *virem* – Sempre que eu *disser* sim, digam não.

Relativas (§ 945.7) – Haja o que *houver*, irei – Diga o que *quiser*, estará mentindo – Quem *for* inocente atire a primeira pedra.

Proporcionais (§ 946.4) – Quanto mais *quiserem*, tanto mais terão.

Comparativas (§ 583; 946.5) – Farei tal qual *mandarem* – Dirão tanto quanto *puderem*.

Conformativas (§ 590; 946.5) – Agirei conforme ele *disser* – Farei da mesma maneira que ele *fizer*.

420 – NÚMERO: Os verbos flexionam-se também em *número*, isto é, podem ficar no *singular* ou ir para o *plural*, de acordo com o número do sujeito: se este estiver no singular, no singular ficará o verbo; se no plural estiver o sujeito, para o plural irá o verbo:

421 – PESSOA: Os verbos variam ainda em *pessoa*, isto é, flexionam-se de acordo com a pessoa gramatical (§ 311) do sujeito: eu *amo*, tu *amas*, ele *ama*, nós *amamos*, vós *amais*, eles *amam*.

422 – VOZ: Este tipo de flexão verbal já ficou explicado, por necessidade de método, nos parágrafos 386 e ss. Resumindo o que aí ficou amplamente explicado, a voz dos verbos pode ser:

ativa

passiva { com *auxiliar* / com *pronome apassivador* }

reflexiva

423 – CONJUGAÇÕES: Três são as conjugações:

a **1ª**, com o tema terminado em *a*;

a 2ª, com o tema terminado em *e*;

a 3ª, com o tema terminado em *i*.

Cada um desses três grupos é conjugado de maneira diferente, isto é, não têm terminações flexionais idênticas. Há, conseguintemente, três tipos de conjugações. Saber-se-á se determinado verbo pertence a esta ou àquela conjugação segundo a terminação do infinitivo:

Conjugação	Verbos terminados em:	Exemplos
1ª	ar	amar, louvar, andar
2ª	er	vender, dever, correr
3ª	ir	partir, abrir, possuir

Nota: À segunda conjugação pertence também o verbo irregular *pôr*, que tem vários compostos: *antepor*, *compor*, *contrapor*, *opor*, *pospor*, *repor*, *supor* e outros (V. § 78 e 463, 15).

O verbo *pôr* possuía no velho português a forma *poer*, pertencendo, portanto, à segunda conjugação; disso restam ainda hoje provas: *poente* (à semelhança de *corrente*, *absolvente*, *enchente*, da segunda conjugação) e *poedeira* (galinha *poedeira*); nestas duas palavras, as terminações *ente* e *edeira* denotam a primitiva conjugação do verbo *pôr*. Outro resquício de *poer* temos em *depoimento*, do arcaico *poimento* (ação de *poer* = pôr).

Na própria conjugação do verbo encontramos o *e* que carateriza a 2ª conjugação: *põEs*, *põE*.

424 – Quanto ao processo de conjugação, um verbo pode ser:

auxiliar
regular
irregular
anômalo
defectivo
abundante

Questionário

1. Que nome se dá ao conjunto das flexões verbais?
2. Quais as possíveis formas flexionais em que um verbo se conjuga?
3. Que se entende, na conjugação dos verbos, por *flexão de modo*? Quantos e quais os *modos* dos verbos?
4. Por que o subjuntivo é o "modo da possibilidade"?
5. As formas do *imperativo negativo* são tiradas de que modo verbal?
6. Que formas verbais se denominam *formas nominais*?
7. Que indica o *presente*?

8. Que indica o *pretérito*?
9. Quantas espécies existem de pretéritos?
10. Que indica o *futuro*?
11. Que indica o *futuro do presente composto*?
12. Que é *futuro do pretérito*?
13. Dê exemplos em que o futuro do pretérito apareça substituído por outras formas do pretérito. (§ 419, 3, g.)
14. Os verbos se flexionam também em *número*? Como?
15. Os verbos variam ainda em *pessoa*? Como?
16. Como pode ser a *voz* dos verbos?
17. Quantas conjugações há em português?
18. Quanto ao processo de conjugação, como pode ser o verbo?

CAPÍTULO 27

VERBOS AUXILIARES

425 – Já tivemos oportunidade de ver que há formas verbais que exigem o *auxílio* de outro verbo, o que se dá ou porque o tempo é por natureza composto (*tenho louvado, hei louvado, teria louvado, haveria louvado, tivera louvado, houvera louvado*) ou porque o verbo está na voz passiva: *sou louvado, fui louvado*. Tais verbos, que são quatro, são chamados **auxiliares**, e a sua conjugação assim se processa:

		TER	HAVER	SER	ESTAR
		INDICATIVO			
		Presente			
SING.	Eu	tenho	hei	sou	estou
	Tu	tens	hás	és	estás
	Ele	tem	há	é	está
PLUR.	Nós	temos	havemos	somos	estamos
	Vós	tendes	haveis	sois	estais
	Eles	têm[1]	hão	são	estão

(1) A forma *têm*, com circunflexo, corresponde à terceira pessoa do plural do presente do indicativo, ao passo que *tem* constitui a terceira pessoa do singular. Quanto aos compostos, observe-se o acento agudo na 3ª do singular: ele *mantém*, eles *mantêm*, ele *obtém*, eles *obtêm*, ele *retém*, eles *retêm* etc.

Pretérito imperfeito

SING.	Eu	tinha	havia	era	estava
	Tu	tinhas	havias	eras	estavas
	Ele	tinha	havia	era	estava
PLUR.	Nós	tínhamos	havíamos	éramos	estávamos
	Vós	tínheis	havíeis	éreis	estáveis
	Eles	tinham	haviam	eram	estavam

Pretérito perfeito

SING.	Eu	tive	houve	fui[3]	estive
	Tu	tiveste	houveste	foste	estiveste
	Ele	teve	houve	foi	esteve
PLUR.	Nós	tivemos	houvemos	fomos	estivemos
	Vós	tivestes[2]	houvestes	fostes	estivestes
	Eles	tiveram	houveram	foram	estiveram

Pretérito mais-que-perfeito

SING.	Eu	tivera	houvera	fora	estivera
	Tu	tiveras	houveras	foras	estiveras
	Ele	tivera	houvera	fora	estivera
PLUR.	Nós	tivéramos	houvéramos	fôramos	estivéramos
	Vós	tivéreis	houvéreis	fôreis	estivéreis
	Eles	tiveram	houveram	foram	estiveram

Futuro do presente simples[4]

SING.	Eu	terei	haverei	serei	estarei
	Tu	terás	haverás	serás	estarás
	Ele	terá	haverá	será	estará
PLUR.	Nós	teremos	haveremos	seremos	estaremos
	Vós	tereis	havereis	sereis	estareis
	Eles	terão	haverão	serão	estarão

(2) Note-se a diferença entre a segunda pessoa do singular e a segunda do plural do pretérito perfeito; é lamentável a confusão que pessoas, às vezes gradas, fazem com essas duas pessoas desse tempo. Um meio mnemônico existe que facilita essa discriminação: Em vó*s* existe *s*, o que não se dá com a segunda pessoa do singular: vó*s* tivestes – tu tiveste.

(3) O pretérito perfeito do verbo *ser* é idêntico ao pretérito perfeito do verbo *ir*. O mesmo se diga dos derivados: *fora*, *for*, *fosse*.

Futuro do pretérito simples[4]

SING.	Eu	teria	haveria	seria	estaria
	Tu	terias	haverias	serias	estarias
	Ele	teria	haveria	seria	estaria
PLUR.	Nós	teríamos	haveríamos	seríamos	estaríamos
	Vós	teríeis	haveríeis	seríeis	estaríeis
	Eles	teriam	haveriam	seriam	estariam

SUBJUNTIVO

Presente

SING.	Que eu	tenha[5]	haja	seja	esteja
	Que tu	tenhas	hajas	sejas	estejas
	Que ele	tenha	haja	seja	esteja
PLUR.	Que nós	tenhamos	hajamos	sejamos	estejamos
	Que vós	tenhais	hajais	sejais	estejais
	Que eles	tenham	hajam	sejam	estejam

Pretérito imperfeito

SING.	Se eu	tivesse	houvesse	fosse	estivesse
	Se tu	tivesses	houvesses	fosses	estivesses
	Se ele	tivesse	houvesse	fosse	estivesse
PLUR.	Se nós	tivéssemos	houvéssemos	fôssemos	estivéssemos
	Se vós	tivésseis	houvésseis	fôsseis	estivésseis
	Se eles	tivessem	houvessem	fossem	estivessem

Futuro do presente simples

SING.	Quando eu	tiver	houver	for	estiver
	Quando tu	tiveres	houveres	fores	estiveres
	Quando ele	tiver	houver	for	estiver
PLUR.	Quando nós	tivermos	houvermos	formos	estivermos
	Quando vós	tiverdes	houverdes	fordes	estiverdes
	Quando eles	tiverem	houverem	forem	estiverem

(4) Justamente por serem auxiliares, estes verbos não possuem *futuro do presente composto nem futuro do pretérito composto*. Em "Os grandes gramáticos raramente *terão sido* grandes escritores", o verbo *ser* é de ligação e não auxiliar. Em "Eu *teria tido* muito dinheiro se tivesse trabalhado com afinco", *ter* é verbo concreto e não abstrato.

(5) Para facilitar a discriminação dos tempos do subjuntivo, colocamos as conjunções *que* para o *presente*, *se* para o *pretérito imperfeito*, e *quando* para o *futuro*. Cuidado com o subj. pres. dos verbos *ser* e *estar*; não cometa o gravíssimo erro de dizer: que eu sej*e*, que você estej*e*.

IMPERATIVO

Positivo

SING.	tem tu[6]	há tu	sê tu	está tu
PLUR.	tende vós	havei vós	sede vós	estai vós

Negativo

SING.	não tenhas tu	não hajas tu	não sejas tu	não estejas tu
PLUR.	não tenhais vós	não hajais vós	não sejais vós	não estejais vós

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo impessoal[7]

TER	**HAVER**	**SER**	**ESTAR**

Infinitivo pessoal

SING.	Por ter eu[8]	haver	ser	estar
	Por teres tu	haveres	seres	estares
	Por ter ele	haver	ser	estar
PLUR.	Por termos nós	havermos	sermos	estarmos
	Por terdes vós	haverdes	serdes	estardes
	Por terem eles	haverem	serem	estarem

Gerúndio

tendo	havendo	sendo	estando

Particípio

tido	havido	sido	estado

Considerações sintáticas sobre os Verbos Auxiliares

426 – SER: 1 – O verbo *ser* é eruditamente empregado com significação de *existir*: "Deus *é*" (Deus *existe*) – "...as artilharias que ainda então

(6) No *imperativo*, os pronomes sujeitos vêm depois do verbo (isto, naturalmente, quando se quer deles fazer uso, porquanto não é obrigatório o seu aparecimento nas formas imperativas) – V. § 413, 3, a, b, c.

(7) A distinção entre infinitivo *impessoal* e infinitivo *pessoal* será estudada no § 915 e ss.

(8) A preposição *por* facilita a discriminação entre o infinitivo pessoal e o impessoal.

não *eram*" (= não *existiam*) – "Aqui *foi* Troia" (= *existiu*) – "*Eram* uma vez dois valentes" (= *existiam*) – "As esmeraldas *eram* em montões".

2 – O verbo *ser* é ainda empregado *impessoalmente*, isto é, sem sujeito, em expressões de tempo como estas: "*Era* numa tarde de abril" – "*Era* ao cair do dia", – Ainda que não apareça preposição nenhuma, continuará impessoal o verbo: "*Era* uma tarde de abril" – "*Era* a hora do repouso".

3 – Quando empregado como verbo de ligação (§ 302), o verbo *ser* é como que vazio de sentido; é disso prova o fato de algumas línguas quase o não usarem com essa função meramente *copulativa*, isto é, de unir um adjetivo a um substantivo, dizendo apenas "Pedro bom", em vez de "Pedro é bom".

4 – *Ser*, seguido da preposição *por*, significa *seguir a doutrina* ("Sou pelo cristianismo"), *defender* ("Sou por você"), *julgar acertado*: "Pois, meu menino, sou por dizer-lhe que você não estudou".

5 – Quanto à expressão "*Que é de?*" veja o § 366, n.

6 – Quando seguido da preposição *de*, pode o v. *ser* ter muitas acepções, mas o complemento funciona, virtualmente, como predicativo:

a) *participar*: "Oxalá seja o leitor do meu voto" – "Ser do coração";

b) *estar conforme*: "Isto é de justiça";

c) *pertencer a*: "O livro é de João";

d) *estar na dependência*, *privar com*: "Ele é todo do ministro";

e) *proceder*, *descender*: "Ele é de Minas";

f) *ser próprio*: "Entender o contrário será de filho de Adão e não de filho de Santo Inácio";

g) *medir*: "Esta coluna é de 15 pés de altura";

h) *servir de*: "...para lhes ser de amparo".

i) *merecer*, *dever*: "Era de crer que..." – "Não é caso de considerar".

427 – ESTAR: O verbo *estar* é também empregado como verbo de ligação, mas com a seguinte diferença: *Estar* (lat. *stare* = estar de pé) sempre implica ideia de *transitoriedade*, de *existência momentânea*, de *estado acidental*, ao passo que *ser* (lat. *sedēre* = estar sentado) traz ideia de *permanência*, de *existência continuada*, de *estado permanente* ou *inerente*. Como verbo de ligação, o verbo *ser* é quase vazio de sentido, sendo por isso chamado *verbo abstrato*; é como se não existisse na oração; dizer: "O céu é azul" e "O céu azul" é quase dizer a mesma coisa.

Estes exemplos evidenciam a diferença de significação entre *ser* e *estar*:

PERMANÊNCIA		TRANSITORIEDADE
Este homem *é* doente	–	Este homem *está* doente
Os dias *são* claros	–	Os dias *estão* claros
Ser pálido	–	*Estar* pálido
Ser úmida uma casa	–	*Estar* úmida uma casa

Estrangeiros, ainda os mais cultos, escorregam neste ponto, quando o não estudam convenientemente; dizem eles com a maior facilidade: "Eu *estou* jornalista". Aqui é o caso do verbo *ser*, visto especificar uma profissão, e, conseguintemente, um estado *permanente*.

Observações:

1ª – Se empregar o verbo *estar* em vez de *ser* é erro, empregar o verbo *ser* em vez de *estar* era frequente entre os quinhentistas, não faltando, dentre escritores mais próximos à nossa época, quem assim proceda. Essa substituição se fazia já quando *estar* funcionasse como verbo de ligação (v. abstrato), já quando fosse verbo de significação concreta: "D. Afonso vos congregou para declarar se *sois* (= estais) contentes com ser ele Rei nosso" – "Minha dona muitas vezes me contava quando *era* (= estava) no lavor" – "Chamei-me Adamastor, e *fui* (= estive) na guerra contra o que vibra os raios de Vulcano".

2ª – O verbo *estar*, seguido da preposição *para* e um verbo no infinitivo, indica proximidade de ação: "*O* trem *está para* partir". Seguido da preposição *a* e um infinitivo, o verbo *estar* indica às vezes começo de ação: "O trem *está a* partir"; em tal caso, o infinitivo e a preposição podem ser substituídos pelo gerúndio: "O trem está *partindo*". Note-se que esta maneira – *está partindo, está fazendo* etc. – é a mais comum no Brasil, sendo a primeira – *está a partir, está a fazer, está a cantar* etc. – a que se usa em Portugal.

3ª – No período "Caso não deva ali ser guardado, *estou* que haveria em sua casa algum recanto..." – o verbo *estar* tem a significação de entender, ser de opinião, julgar, crer. Tal significado assume o verbo *estar*, quando seguido da conjunção integrante *que*: "*Estou que* a crise há de continuar" – subentendendo-se o adjetivo "persuadido" ou outro qualquer.

4ª – Outras construções e acepções:

a) com **a**, para indicar *posição, situação*: estar a cavalo, estar ao deus-dará;

b) com **de**, para indicar: *posição*: estar de pé, de cócoras, de lado, de cama;

– *ter por vestuário, acessório*: estar de casaca, de espada à cinta, de preto;

– *desempenhar função, obrigação*: estar de sentinela, de quarto;

– *ter em mente, encontrar-se na iminência de um ato*: estou de partida;

c) com **em**, para indicar: *maneira de ser, de apresentar-se*: estar em dúvida, em tratamento, em erro, em camisa;

– *achar-se num lugar, morar*: estar na cidade, estar na fazenda, estar numa cidade;

– *atingir certo grau, preço, situação, chegar a determinado momento*: estar em fusão, estar numa fortuna, estar em guerra, estar em idade;

– *consistir, depender*: "Tudo está em saber pedir";

d) com **com** ou **sem**, para indicar *condições que se apresentam ou não*: estar com dinheiro, com preguiça, com ânimo, com febre;

– *não desamparar* ou *desamparar, ser a favor* ou *contra*: "Estou com ou sem vocês?"

– *conversar ou não, visitar ou não, fazer ou não companhia*: "Não estava com ele quando isso se deu";

e) com **para**, para indicar: *ter disposição*: "Não estou para amolações";

– *aguardar*: "Estou para ver em que vai dar isso";

– *lugar* ou *tempo*: "Ele está para a fazenda" – "A laranja está para o mês que vem";

f) *impessoalmente*: "Está frio" – "Ontem esteve quente" – "Estará ventando quando sairmos?"

428 – TER e **HAVER**: Estes dois verbos, da mesma maneira que os verbos *ser* e *estar*, podem ser concretos e abstratos, isto é, podem ter significação própria, especial, e podem ser vazios de sentido.

1 – Os verbos *ter* e *haver* têm a significação própria de *possuir*: "Pedro *tem* uma chácara" – "Mas refleti que *haveis* cabedal de inteligência para muito". Significam, também, *obter, alcançar*, e um pelo outro usavam-nos os clássicos: "Neste dia *houvemos* vista de terra". Significam, ainda, *julgar, ter na conta de*: "...*havendo-o* por milagre" – "Os alunos *houveram-se* por aprovados".

2 – O verbo *haver* é ainda empregado com a significação de *existir*; com tal significação, *haver* é *impessoal* e usado apenas na terceira pessoa do singular. (Os *verbos impessoais* serão estudados no § 480 e ss.)

3 – *Haver* é usado pronominalmente (*haver-se*), na acepção de *portar-se, proceder*: "*Houve-se* muito bem no exercício de seu cargo" – "Eles *se houveram* dignamente nessa empresa".

Seguido de infinitivo sem preposição, tem o sentido de *ser possível*: "Não *há* contê-lo, então, no ímpeto" – "Não *há* fartar um mouro, se come em mesa alheia".

Seguido da palavra *mister*, significa *necessitar, precisar*: "Muitos dos enfermos bem *haviam mister* um hospital". Essa expressão transitiva tem as

variantes *haver mister de* e *haver de mister*: "Seu amor da ciência não *havia mister de* outros incentivos" – "*Hei de mister* o seu conselho".

4 – Como verbos abstratos, isto é, como *auxiliares*, eles se esvaziam de sentido; têm por função, nesse caso, indicar o tempo, o modo, a pessoa e o número do verdadeiro verbo, que aparece na frase na forma de particípio: *tinha* visto (ou *havia* visto) – *tivessem* feito (ou *houvessem* feito), V. D.QVs, *haja vista*.

Nota: O esvaziamento de sentido dos verbos *ter* e *haver* é fenômeno operado em português, porquanto o latim não possuía tempos compostos e, consequentemente, esses verbos nessa língua sempre possuíam significação própria, concreta.

429 – Pelo fato de não poderem passar para a voz passiva, os verbos intransitivos só costumam vir acompanhados dos auxiliares *ter* e *haver*; todavia, com alguns de tais verbos, o verbo *ser* substitui elegantemente esses auxiliares, na formação dos tempos compostos: *ser chegado*, *ser nascido* (ou *nado*), *ser vindo* – em vez de *ter* (ou *haver*) *chegado*, *nascido*, *vindo* etc.: "Porém já cinco sóis *eram passados*" (= haviam passado) – "Aqui *foi nado* (= nasceu) e criado".

430 – Nos tempos compostos, ou seja, com os auxiliares *ter* e *haver*, o particípio fica invariável: Eu tenho *feito* – Nós temos *feito* – Ela tem *feito*.

Com os auxiliares *ser* e *estar*, o particípio varia de acordo com o gênero e com o número da palavra a que se refere: Ele é *louvado* – Ela é *louvada* – Nós (homens) somos *louvados* – Nós (mulheres) somos *louvadas*.

Observe-se agora o seguinte: Quando, numa oração, o particípio vem desacompanhado de auxiliar, deve variar, como se viesse acompanhado do auxiliar *ser* ou *estar*. É conseguintemente errado dizer: "*Passado* três dias, partimos" – porque o particípio se tornou adjetivo e, como tal, deve concordar com a palavra a que se refere, que nessa oração é *dias*. Devemos flexionar o particípio, muito embora possamos subentender o auxiliar *ter* (*tendo* passado três dias...). Correta, a frase deve ser: "*Passados* três dias, partimos".

Outros exemplos: "*Chegadas* ao Rio, elas não se puderam conter" – "*Vindos* a minha casa, considerem-se donos dela" – "As primeiras escolas *havidas* no Brasil..." – "*Dado* o mau tempo e *dada* a necessidade de irmos...".

431 – Dos quatro verbos auxiliares, somente *ter* não pode ser impessoal; constitui erro grave, e todo o possível devemos fazer para evitá-lo, empregar o verbo *ter* com a significação de *existir*. Não devemos permitir frases como estas: "Não *tem* nada na mala" (em vez de: "Não *há* nada...") – "Não *tem* de quê" (em vez de: "Não *há* de quê") – "Não *tem* lugar" (em vez de: "Não *há* lugar").

Observação:

Preste o aluno atenção no conjugar compostos de *ter*; *ater-se*, *deter*, *conter*, *manter*, *obter* etc. devem seguir a conjugação do simples: de*tive* (e nunca *deti*), de*tinha*, de*tivera* (jamais *detia*, *detera*), man*tivesse* (jamais *mantesse*), *ateve-se* à parede.

432 – Finalizamos o presente estudo com a seguinte consideração: Os auxiliares *ter* e *haver*, quando seguidos da preposição *de* e um infinitivo, formam locuções verbais que importa distinguir.

a) Com o auxiliar *ter*, a locução verbal implica ideia de **obrigatoriedade**: *tenho de estudar*, *tinha de sair*, *terei de viajar*.

b) Com o auxiliar *haver*, a locução verbal deixa de indicar obrigatoriedade para expressar promessa, **intenção**: *hei de estudar*, *havia de sair*, *haverei de viajar*.

Nota: Há diferença de sentido entre *ter de* e *ter que*. *Ter de* denota necessidade, obrigatoriedade: *Tenho de* conquistar o poder – como quem diz: Custe o que custar, conquistarei o poder.

São erradas construções como esta: "Ele vai ter *que* estudar o caso". O *que* não está aí a exercer função nenhuma. Assim devemos redigir: Tenho *de* conseguir esse emprego – Todos temos *de* lutar – Teremos *de* respeitar o sossego alheio em qualquer hora da noite e do dia – O serviço parou porque os operários tiveram *de* votar – Ele vai ter *de* estudar o caso.

Ter que entra em passagens como esta: "Ele *tem* um caso *que* estudar". Agora o *que* tem função: é pronome relativo (refere-se a *caso*), com função de objeto direto de *estudar*. Em: Tudo tenho *que* fazer – Muito tenho *que* fazer – *tudo* e *muito* são os antecedentes do relativo *que*, o qual em ambas as orações é objeto direto de *fazer*.

Conclusão: Quando não corresponde a nenhum antecedente, o *que* é errado, erro que não existia até Bernardes. Assim devemos dizer: Tenho *de* fazer, tenho *de* correr, temos todos *de* morrer – expressões em que existe a ideia de necessidade, de obrigatoriedade. O *de* é preposição; rege o substantivo verbal que se lhe segue. Quando este verbo for intransitivo, ou transitivo empregado em sentido geral, sem objeto, ou, ainda, quando não houver nenhum antecedente, nem expresso nem oculto, o *de* é que deve aparecer, porquanto a ideia é de necessidade, de obrigatoriedade. Observemos a correção de Vieira: "...para se conhecerem os amigos, haviam os homens *de* morrer primeiro e daí a algum tempo ressuscitar". *Haviam* está aí empregado por *tinham*, mas, como o segundo verbo é intransitivo (*morrer*), emprega Vieira, com a meticulosidade de quem muito conhece o idioma, a preposição *de* em vez do pronome *que*, ao qual nenhuma função caberia na frase. V. D. QVs, *ter de*, onde *ter de* e *ter que* estão traduzidos em outros idiomas.

Questionário

1. Já sabe de cor a conjugação dos verbos auxiliares?
2. Por que os verbos *ter* e *haver*, *ser* e *estar* se chamam auxiliares?
3. Quando auxiliares, os verbos *ser* e *estar*, *ter* e *haver* são *verbos abstratos*. Que significa isso?
4. Quais os diversos empregos do verbo *ser*? Exemplifique a resposta.

5. Que diferença existe entre os verbos *ser* e *estar* quando empregados como verbos de ligação?

6. Que diz da construção de Camões: "Chamei-me Adamastor, e *fui* na guerra contra o que vibra os raios de Vulcano"?

7. Que diferença existe entre *estar a estudar* e *estar para estudar*?

8. Quais as significações e empregos dos verbos *ter* e *haver*?

9. "Eu deti, ele deteu, eu reti, ele ateu-se, eu obti" – estão certas essas formas? Por quê?

10. Que diz destoutra construção camoniana: "Porém já cinco sóis *eram* passados"?

11. Por que é errada a construção: "Chegado ao fim do caminho, eles caíram mortos"?

12. Corrija a construção destes períodos:

a) Tenho que fazer isso sem falta.

b) Tínhamos todos que levantar-nos cedo.

c) Se você tem que ir, eu não.

d) Teremos que aceitar sua proposta?

CAPÍTULO 28

VERBOS REGULARES

433 – Uma vez estudados os verbos *auxiliares*, passemos ao estudo dos verbos *regulares*. É *regular* o verbo cujo radical permanece invariável em todo o decurso da conjugação e cujas desinências se flexionam de acordo com o *paradigma*, isto é, com o modelo ou tipo geral da conjugação. Como paradigmas ou modelos das três conjugações apresentamos os verbos *louvar*, *vender* e *partir*, cujos radicais são *louv*, *vend* e *part*.

No quadro da conjugação dos paradigmas regulares, o radical aparecerá separado da desinência por meio de um hífen; para averiguar a regularidade de um verbo, bastará ver se o radical permanece invariável *até o fim* da conjugação e se as desinências são as mesmas que as apresentadas no quadro que ora iremos estudar.

		1ª conj.	2ª conj.	3ª conj.
		LOUV-AR	**VEND-ER**	**PART-IR**

INDICATIVO

Presente

SING.	Eu	louv-o	vend-o	part-o
	Tu	louv-as	vend-es	part-es
	Ele	louv-a	vend-e	part-e
PLUR.	Nós	louv-amos	vend-emos	part-imos
	Vós	louv-ais	vend-eis	part-is
	Eles	louv-am	vend-em	part-em

Pretérito imperfeito

SING.	Eu	louv-ava	vend-ia	part-ia
	Tu	louv-avas	vend-ias	part-ias
	Ele	louv-ava	vend-ia	part-ia
PLUR.	Nós	louv-ávamos	vend-íamos	part-íamos
	Vós	louv-áveis	vend-íeis	part-íeis
	Eles	louv-avam	vend-iam	part-iam

Pretérito perfeito

SING.	Eu	louv-ei	vend-i	part-i
	Tu	louv-aste	vend-este	part-iste
	Ele	louv-ou	vend-eu	part-iu
PLUR.	Nós	louv-amos[1]	vend-emos	part-imos
	Vós	louv-astes	vend-estes	part-istes
	Eles	louv-aram	vend-eram	part-iram

Pretérito perfeito composto

SING.	Eu tenho	(hei)	louv-ado	vend-ido	part-ido
	Tu tens	(hás)	"	"	"
	Ele tem	(há)	"	"	"
PLUR.	Nós temos	(havemos)	"	"	"
	Vós tendes	(haveis)	"	"	"
	Eles têm	(hão)	"	"	"

Pretérito mais-que-perfeito

SING.	Eu	louv-ara	vend-era	part-ira
	Tu	louv-aras	vend-eras	part-iras
	Ele	louv-ara	vend-era	part-ira
PLUR.	Nós	louv-áramos	vend-êramos	part-íramos
	Vós	louv-áreis	vend-êreis	part-íreis
	Eles	louv-aram	vend-eram	part-iram

(1) Não se segue no Brasil a diferenciação prosódica – existente em outras partes do mundo lusófono – entre a primeira pessoa do plural do indicativo presente e igual pessoa do pretérito perfeito. Dizer que no primeiro caso devemos pronunciar "amâmos" e no segundo, "amámos", com o *a* tônico aberto, é estabelecer regra infundada e desnecessária. As regras devem ser coerentes e gerais, o que de maneira nenhuma se dá nesse caso. Tal diretriz deveria então se estender igualmente aos verbos da segunda conjugação: "vendêmos" (indicativo presente) e "vendémos" (pretérito perfeito). E como se arranjarão os defensores desse estranho uso para a distinção das citadas formas verbais na terceira conjugação, onde o acento cai no *i*: *partimos* (indicativo presente) e *partimos* (pretérito perfeito)? De qualquer modo, o Acordo Ortográfico de 1990 reconhece essa distinção prosódica "em certas variantes do português" (* base IX, parágrafo 4.º). Por isso, admite, em caráter facultativo, o acento agudo, diferencial, nas formas do pretérito perfeito do indicativo (*amámos*, *louvámos*).

Mais-que-perfeito composto

SING.	Eu tinha	(havia)	louv-ado	vend-ido	part-ido
	Tu tinhas	(havias)	"	"	"
	Ele tinha	(havia)	"	"	"
PLUR.	Nós tínhamos	(havíamos)	"	"	"
	Vós tínheis	(havíeis)	"	"	"
	Eles tinham	(haviam)	"	"	"

Futuro do presente

SING.	Eu	louv-arei	vend-erei	part-irei
	Tu	louv-arás	vend-erás	part-irás
	Ele	louv-ará	vend-erá	part-irá
PLUR.	Nós	louv-aremos	vend-eremos	part-iremos
	Vós	louv-areis	vend-ereis	part-ireis
	Eles	louv-arão	vend-erão	part-irão

Futuro do presente composto

SING.	Eu terei	(haverei)	louv-ado	vend-ido	part-ido
	Tu terás	(haverás)	"	"	"
	Ele terá	(haverá)	"	"	"
PLUR.	Nós teremos	(haveremos)	"	"	"
	Vós tereis	(havereis)	"	"	"
	Eles terão	(haverão)	"	"	"

Futuro do pretérito

SING.	Eu	louv-aria	vend-eria	part-iria
	Tu	louv-arias	vend-erias	part-irias
	Ele	louv-aria	vend-eria	part-iria
PLUR.	Nós	louv-aríamos[2]	vend-eríamos	part-iríamos
	Vós	louv-aríeis	vend-eríeis	part-iríeis
	Eles	louv-ariam	vend-eriam	part-iriam

(2) Erro que não poucas vezes vemos é o de grafar "faria-mos", "louvaria-mos", "partisse--mos", "trouxesse-mos", vendesse-mos" etc.; quem assim escreve julga ser o *mos* algum pronome ("julga" por falta de conhecimento ou de atenção) ou combinação pronominal; nesses tempos, tal terminação pertence ao próprio verbo, sem que dele possa separar-se.

Futuro do pretérito composto

SING.	Eu teria	(haveria)	louv-ado	vend-ido	part-ido
	Tu terias	(haverias)	"	"	"
	Ele teria	(haveria)	"	"	"
PLUR.	Nós teríamos	(haveríamos)	"	"	"
	Vós teríeis	(haveríeis)	"	"	"
	Eles teriam	(haveriam)	"	"	"

SUBJUNTIVO

Presente

SING.	Que eu	louv-e	vend-a	part-a
	Que tu	louv-es	vend-as	part-as
	Que ele	louv-e	vend-a	part-a
PLUR.	Que nós	louv-emos	vend-amos	part-amos
	Que vós	louv-eis	vend-ais	part-ais
	Que eles	louv-em	vend-am	part-am

Pretérito imperfeito

SING.	Se eu	louv-asse	vend-esse	part-isse
	Se tu	louv-asses	vend-esses	part-isses
	Se ele	louv-asse	vend-esse	part-isse
PLUR.	Se nós	louv-ássemos	vend-êssemos	part-íssemos
	Se vós	louv-ásseis	vend-êsseis	part-ísseis
	Se eles	louv-assem	vend-essem	part-issem

Pretérito perfeito (composto)

SING.	Que eu tenha	(haja)	louv-ado	vend-ido	part-ido
	Que tu tenhas	(hajas)	"	"	"
	Que ele tenha	(haja)	"	"	"
PLUR.	Que nós tenhamos	(hajamos)	"	"	"
	Que vós tenhais	(hajais)	"	"	"
	Que eles tenham	(hajam)	"	"	"

Pretérito mais-que-perfeito (composto)

SING.	Se eu tivesse	(houvesse)	louv-ado	vend-ido	part-ido
	Se tu tivesses	(houvesses)	"	"	"
	Se ele tivesse	(houvesse)	"	"	"
PLUR.	Se nós tivéssemos	(houvéssemos)	"	"	"
	Se vós tivésseis	(houvésseis)	"	"	"
	Se eles tivessem	(houvessem)	"	"	"

Futuro[3]

SING.	Quando eu	louv-ar	vend-er	part-ir
	Quando tu	louv-ares	vend-eres	part-ires
	Quando ele	louv-ar	vend-er	part-ir
PLUR.	Quando nós	louv-armos	vend-ermos	part-irmos
	Quando vós	louv-ardes	vend-erdes	part-irdes
	Quando eles	louv-arem	vend-erem	part-irem

Futuro composto

SING.	Quando eu tiver	(houver)	louv-ado	vend-ido	part-ido
	Quando tu tiveres	(houveres)	”	”	”
	Quando ele tiver	(houver)	”	”	”
PLUR.	Quando nós tivermos	(houvermos)	”	”	”
	Quando vós tiverdes	(houverdes)	”	”	”
	Quando eles tiverem	(houverem)	”	”	”

IMPERATIVO

Presente

SING.	louv-a tu	vend-e tu	part-e tu
PLUR.	louv-ai vós	vend-ei vós	part-i vós

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo impessoal

LOUV-AR **VEND-ER** **PART-IR**

Infinitivo impessoal composto

ter (haver) louv-ado vend-ido part-ido

Infinitivo pessoal

SING.	Por louv-ar eu	vend-er	part-ir
	Por louv-ares tu	vend-eres	part-ires
	Por louv-ar ele	vend-er	part-ir

(3) As flexões do futuro do subjuntivo confundem-se nos verbos regulares com as do infinitivo pessoal, embora de formação e etimologia muito diferentes. Em muitos verbos irregulares não se dá essa confusão. O infinitivo pessoal, o particípio e o gerúndio serão estudados no § 915 e ss. (V. § 459, n. 1 – ao pé da página).

PLUR.	Por louv-armos nós	vend-ermos	part-irmos
	Por louv-ardes vós	vend-erdes	part-irdes
	Por louv-arem eles	vend-erem	part-irem

Infinitivo pessoal composto

SING.	Por ter	(haver)	eu	louv-ado	vend-ido	part-ido
	Por teres	(haveres)	tu	"	"	"
	Por ter	(haver)	ele	"	"	"
PLUR.	Por termos	(havermos)	nós	"	"	"
	Por terdes	(haverdes)	vós	"	"	"
	Por terem	(haverem)	eles	"	"	"

Gerúndio

louv-ando vend-endo part-indo

Particípio

louv-ado vend-ido part-ido

Particípio composto

tendo (havendo) louv-ado vend-ido part-ido

Questionário

1. Que é verbo *regular*?

2. Que é *paradigma de conjugação*?

3. Dizer quais dos seguintes verbos são *regulares* e quais *irregulares*: dar, estar, optar, saudar, ver, ser, ler, trazer, saber, atender, sentir, prevenir, sumir, sair, decidir, evadir. (Veja bem o § 433: "...para averiguar...".)

4. Que diz da diferenciação prosódica entre *amâmos* (indicativo presente) e *amámos* (pret. perf.)?

5. Corrija: *a*) "Não fazei mal aos passarinhos" – *b*) "Sejais obedientes aos vossos mestres, e amais os que vos repreendem" – *c*) "Lembrei-vos de que já fosteis pequeninos. Não esquecei-vos do trabalho que desteis aos vossos pais" – *d*) "Se fosse-mos fazer a obrigação, nada haveria acontecido".

6. Que diz da construção: "Desconheço quem *faça* isso"?

7. Errada ou certa a construção: "Viva as férias"? Por quê?

8. Errada ou certa a construção: "Se ele não parava o carro, era desastre certo"? Por quê?

CAPÍTULO 29

PROSÓDIA E GRAFIA DE CERTOS VERBOS

1ª conjugação

438 – Antes do estudo dos verbos irregulares, veremos certas variações que não alteram profundamente a forma, nem prosódica nem gráfica, do verbo.

Variações Fonéticas

439 – Observe-se preliminarmente que um verbo pode, no decurso da conjugação, ter o acento ou na desinência (am-*a*mos, am-*a*is, vend-*ê*reis, part-ir*i*a) ou no radical (*a*m-o, v*e*nd-a, des*e*j-o); estas segundas formas verbais dizem-se *rizotônicas*, por cair o acento tônico no radical do verbo, e são as seguintes: 1ª, 2ª e 3ª pessoa do singular do indicativo e do subjuntivo presentes, 3ª pessoa do plural desses mesmos tempos e 2ª pessoa do singular do imperativo presente.

Pois bem, quando a forma verbal é rizotônica, não pode ser proparoxítona. Expliquemos: Verbos como *medicar*, *clinicar*, *maquinar*, *silabar*, *paroquiar*, *datilografar*, *telegrafar*, *oscular* e outros devem ser conjugados: eu med*í*co, eu clin*í*co, ele maqu*í*na, ele sil*á*ba, ele paroqu*í*a, eu datilogr*á*fo, eu telegr*á*fo, eu osc*ú*lo.

Aqui apresentamos pequena lista de tais verbos:

Verbos	Substantivos (ou adjetivos)	Verbos	Substantivos (ou adjetivos)
cliníco	clínico	interpréte	intérprete
medíco	médico	anuncío	anúncio
adultéro	adúltero	concilío	concílio
reverbéro	revérbero	auxilío	auxílio
apostrófo	apóstrofo	obvío	óbvio

Por essa razão é que se aconselha a pronúncia: eu mobil*í*o, tu mobil*í*as, ele mobil*í*a... eles mobil*í*am; que eu mobil*í*e, mobil*í*es etc.

Há ainda um verbo que requer atenção especial: *computar*; embora não muito usadas, as três primeiras pessoas do indicativo presente devem ser paroxítonas: comp*ú*to, comp*ú*tas, comp*ú*ta; igual acento devem ter as outras formas rizotônicas: eles comp*ú*tam, que eu comp*ú*te, comp*ú*tes, comp*ú*te... comp*ú*tem. O substantivo é que é proparoxítono: o cômputo dos salários.

440 –Terminação UAR: Os verbos terminados em **uar** são regulares; neles o radical não sofre alteração. Acrescente-se, ainda, a seguinte importante observação: Nas formas rizotônicas o acento tônico (que não se escreve) é geralmente no *u*:

suar – s*ú*-o, s*ú*-as, s*ú*-a... s*ú*-e, s*ú*-es, s*ú*-e...

encruar – encr*ú*-o, encr*ú*-as, encr*ú*-a... encr*ú*-e, encr*ú*-es...

atuar – at*ú*-o, at*ú*-as, at*ú*-a... at*ú*-am; at*ú*-e, at*ú*-es...

Notas: 1ª – A gente inculta diz: "A batata encr*ô*a" – "Eu s*ô*o" – "Eu ag*ô*o".

2ª – Não devemos confundir *suar* (transpirar) com *soar* (produzir som).

3ª – Há quatro verbos terminados em *quar*, cuja conjugação merece ser observada:

a) *adequar-se*, que somente se usa nas formas *arrizotônicas* (*a* = não: formas em que o acento tônico cai na desinência e *não* no radical): nós nos adequamos, vós vos adequais; eu me adequava, tu te adequavas etc.; eu me adequei, tu te adequaste e assim por diante. Por outras palavras: Este verbo não se usa nas formas em que a vogal tônica *u*; só se conjugam as formas em que o acento tônico cai na desinência;

b) *antiquar-se* – Segue este verbo a mesma orientação de *adequar-se*;

c) *apropinquar-se* e *obliquar* – Sobre estes verbos, hoje pouco usados, temos a dizer o seguinte: o Acordo Ortográfico de 1990 (base X, parágrafo 7.º) normatizou a prosódia e a grafia de verbos terminados em *guar* e *quar*, sem, entretanto, ser taxativo. Em vez de referir-se a eles dessa forma – "verbos terminados em *guar* e *quar*" –, diz "verbos do tipo de aguar (...) e afins". Assim, podemos considerar que os verbos com essas terminações geralmente apresentam dois paradigmas, ou seja, dois modelos alternativos de pronúncia. Há os que têm as formas rizotônicas

I. com a vogal tônica no *u*, mas sem acento gráfico, como em *enxag<u>u</u>o, enxag<u>u</u>as, enxag<u>u</u>a, enxag<u>u</u>am, enxag<u>u</u>e, enxag<u>u</u>es, enxag<u>u</u>e, enxag<u>u</u>em* etc.; *obliq<u>u</u>o, obliq<u>u</u>as, obliq<u>u</u>a, obliq<u>u</u>am, oblique, obliques, oblique, obliquem* etc.;

II. acentuadas fônica e graficamente nas vogais *a* ou *i* do radical: *enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam, enxágue, enxágues, enxágue, enxáguem* etc.; *oblíquo, oblíquas, oblíqua, oblíquam, oblíque, oblíques, oblíque, oblíquem* etc.

Portanto, os verbos *apropinquar-se* e *obliquar* conjugam-se facultativamente dessa maneira.

441 – Terminação OAR: Os verbos terminados em **oar** são inteiramente regulares: *vo-o, vo-as, vo-a* etc.; *asso-o, asso-as, asso-a...*; *mago-o, mago-as, mago-a...* Portanto, verbos como *assoar, abalroar* e outros devem ter sempre *o* no radical e nunca *u*; ass*u*-a, abalr*u*-ou, com *u* no radical, são formas erradas.

442 – Terminações **gnar, bstar, ptar, psar** e **tmar**: Em verbos assim terminados, nenhuma vogal se irá acrescentar entre o *g* e o *n* dos verbos em *gnar* (*dignar-se, indignar-se*), entre o *b* e o *s* dos terminados em *bstar* (*obsta*, e não ób*e*sta), entre o *p* e o *t* dos em *ptar* (*opto*, e não ópito), entre o *p* e o *s* dos em *psar* (eclipsa, elipsa), entre o *t* e o *m* dos em *tmar* (eu *ritmo*, e não eu rit*i*mo).

É, pois, erro, e muito erro, dizer "Ele se indigu*í*na" – "Isso indigu*í*na a gente". Não existe entre o *g* e o *n* nenhuma vogal, e o acento nas formas rizotônicas só pode cair no *i* que antecede o *g*: "Eu me ind*í*gno" – "Isso ind*í*gna a gente".

443 – Os verbos que possuem na última sílaba do radical os ditongos crescentes ou hiatos **au** (saudar, abaular), **ai** (arraigar, enraizar, judaizar, embainhar), **ui** (arruinar) e **iu** (enviuvar), devem ser conjugados de maneira tal que, nas formas rizotônicas, o acento caia na segunda dessas vogais, porquanto tais grupos constituem ditongos crescentes ou hiatos e não ditongos decrescentes (V. nota 1 do § 50): a-ba-*ú*-lo, ar-ra-*í*-go, ar-ru-*í*-no, en-vi-*ú*-vo.

Observe-se, com toda a atenção, o seguinte: Nos verbos em que há o grupo *au* ou *ai*, é necessário ver a procedência; em *pautar, pausar, saraivar* e outros, o acento cai no *a*, visto provirem esses verbos de nomes em que há ditongo decrescente (pa*u*ta, pa*u*sa, sara*i*va); quando provindos de nomes em que há ditongo crescente ou hiato (ba-*ú*, sa-*ú*-de, ra-*i*z, ju-*i*z, vi-*ú*-vo) é que os verbos se conjugam como ficou indicado.

444 – Uma classe de verbos há que dificilmente aparecem conjugados corretamente; são os que possuem o ditongo **ei** na penúltima sílaba. *Aleijar, peneirar, abeirar-se, inteirar, enfeixar* são verbos que deturpadamente ouvimos pronunciados e pessimamente escritos: al*é*jo, pen*é*ro, ele se ab*é*ra, eu int*é*ro, ele enf*é*xa, quando a verdadeira pronúncia e grafia devem ser: al*ê*ijo, pen*ê*iro, ele se ab*ê*ira, eu int*ê*iro, ele enf*ê*ixa.

Não nos devemos deixar contaminar pela pronúncia vulgar e viciosa.

Notas: 1ª – Tratando-se de verbos com **oi** na penúltima sílaba, precisaremos distinguir:

a) se seguido de vogal, o *oi* é aberto e não acentuado graficamente: *boio, apoias, comboiam*;

b) se seguido de consoante, o grupo vocálico permanece fechado (*ôi*) e sem acento gráfico: *pernoito*, *amoitas*, *noiva*, *acoimam*.

2ª – Verbos com *eu* na penúltima sílaba conservam fechado o ditongo: *endêuso*.

445 – Exigem também cuidado na conjugação os verbos que possuem o grupo **ou** na penúltima sílaba; verbos como *afrouxar*, *estourar*, *dourar*, *poupar*, *cavoucar*, *roubar* e outros conservam fechado o *o* do grupo *ou*: eu afrôuxo, eu estôuro, eu dôuro, eu pôupo, eu cavôuco, eu rôubo (e não, desvirtuando-se a prosódia e a grafia: afróxo, dóro, pópo, cavóco, róbo, formas estas que não existem no português culto).

446 – Verbos como *levar*, *errar*, *pescar*, *herdar*, *zelar*, *rezar*, *interessar*, *encrespar* etc., que têm o **e** fechado na penúltima sílaba, e outros como *rogar*, *almoçar*, *torrar*, *empolgar*, *apostar*, *forçar*, que têm o **o** da penúltima sílaba também fechado, passam a ter tais vogais temáticas abertas nas formas rizotônicas: lévo, lévas, léva... lévam; léva tu; léve, léves, léve... lévem. Fórço, fórças, fórça... fórçam; fórça tu; fórce, fórces, fórce... fórcem.

Constituem **exceções** do presente caso:

a) os verbos *chegar*, *amancebar* e aqueles cujos radicais terminam em *m*, *n* ou *nh*, como *remar*, *penar*, *empenhar*, *assomar*, *engomar*, *abandonar*, *sonhar* etc., e ainda o verbo *afofar* (tornar fofo);

b) os verbos terminados em *ejar* (menos *invejar*), *echar* ou *exar*, *elhar*. V. *moureja* no D.QVs.

Portanto, assim devemos eruditamente conjugar: trovêja, vicêja (e não vicéja), cacarêja, aconsêlho, eu me ajoêlho, espêlho ("E o teu futuro espêlha essa grandeza", e não espélha), fêcho, fêchas, fêcha ("Fêche essa janela", e não féche), desfêcho, bochêcho, vêxo, vêxas, vêxa ("Não vêxe fulano", e não véxe), assemêlha-se, que a ele se assemêlhe.

Nota: Não obstante a ortografia oficial prescrever que se pronuncie o verbo *pesar*, na acepção de causar mágoa ou tristeza, com o *e* fechado na 3ª do singular do indicativo presente e em igual pessoa do subjuntivo, o uso, ao que parece, dá preferência para a pronúncia aberta, sem nenhuma consideração ao sentido metafórico.

– No expor a conjugação de certos verbos, empregamos acentos para clareza de exposição e não por serem exigidos.

Variações Gráficas

447 – Em alguns verbos efetuam-se certas alterações gráficas que visam a conservar a uniformidade de pronúncia que tem o verbo no infinitivo; tais alterações geralmente se operam na última consoante temática. São elas:

1 – Nos verbos terminados em **CAR**, troca-se o *c* por *qu* antes de *e*:

Ficar: fi*qu*ei, fi*qu*es, fi*qu*e...

Abdicar: abdi*qu*ei, abdi*qu*e, abdi*qu*emos...

Pecar: pe*qu*ei, pe*qu*e, pe*qu*es...

2 – Nos verbos terminados em **ÇAR**, suprime-se a cedilha quando ao *c cedilhado* segue-se *e*:

Roçar: ro*c*ei, ro*c*e, ro*c*es, ro*c*e...

Içar: i*c*ei, i*c*e, i*c*es, i*c*e...

Destrinçar (destrin*ch*ar é forma errada): destrin*c*ei, destrin*c*e, destrin*c*es, destrin*c*e...(V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "destrinçar").

3 – Nos verbos terminados em **GAR**, muda-se o *g* em *gu* antes de *e*:

Negar: ne*gu*ei, ne*gu*e, ne*gu*es, ne*gu*e...

Pagar: pa*gu*ei, pa*gu*e, pa*gu*es, pa*gu*e...

4 – Nos verbos terminados em **JAR**, conserva-se o *j* em todas as formas da conjugação:

Viajar: via*j*ei, via*j*aste, via*j*ou... via*j*e, via*j*es...

Pensando no substantivo *viagem*, escrevem muitos a terceira pessoa do plural do presente do subjuntivo também com *g*, quando é isso erro; *viajem* é a forma verbal citada de *viajar*, e *viagem* é o substantivo.

448 – Observe-se a diferença gráfica entre os verbos *avisar*, *precisar*, *eletrolisar*, *analisar*, *endeusar* e outros como *realizar*, *idealizar*, *fiscalizar*, *colonizar* etc.; os primeiros escrevem-se com *s* porque assim se escrevem os respectivos radicais, ao passo que os segundos se escrevem com *z*, porque neles entra o sufixo **izar**, que etimologicamente se escreve com *z*.

Noutras palavras assim podemos expressar-nos: Nos verbos cujo sufixo é *ar*, a terminação se escreve com *s* ou com *z*, de conformidade com o substantivo de que deriva o verbo; os verbos cujo sufixo é *izar* escrevem-se sempre com *z*:

aviS(o)	+	ar	eletroliS(e)	+	ar	real	+	iZar	colon(ia)	+	iZar
preciS(o)	+	ar	ajuiZ	+	ar	martir	+	iZar	entron(o)	+	iZar
analiS(e)	+	ar	enraiZ	+	ar	ideal	+	iZar	monopol(io)	+	iZar
endeuS	+	ar	cicatriZ	+	ar	fiscal	+	iZar	american(o)	+	iZar

E assim: *catalisar*, *dialisar*, *paralisar*, *pesquisar*. (V. D. QVs, *economizar*.)

2ª conjugação

Variações Fonéticas

449 – Os verbos da segunda conjugação que têm *e* fechado na penúltima sílaba passam a ter o **e** aberto nas formas rizotônicas, com exceção da 1ª pessoa do singular do indicativo presente e das do subjuntivo, visto dessa pessoa derivar-se o subjuntivo presente:

Ind. pres.	*subj. pres.*	*imperat. pres.*
merêço	que eu merêça	– meréce tu
– meréces	que tu merêças	
– meréce	que ele merêça	
(merecemos)	(q. nós mereçamos)	
(mereceis)	(q. vós mereçais)	
– merécem	que eles merêçam	

E assim se conjugam *erguer* (êrgo, érgues, érgue... érguem; êrga, êrgas etc.), *beber* (bêbo, bébes... bêba, bêbas...), *ceder*, *parecer* e muitos outros.

450 – Fenômeno semelhante opera-se com os verbos que têm **o** na penúltima sílaba: môvo, móves, móve... móvem; móve tu; que eu môva, môvas... – côrro, córres, córre... córrem etc.

Variações Gráficas

451 – O *c* dos verbos terminados em **CER** recebe cedilha antes das vogais *a* e *o*:

Descer: desço... desça, desças, desça...

Nascer: nasço... nasça, nasças, nasça...

452 – O *g* dos verbos terminados em **GER** muda-se em *j* antes de *a* e *o*:

Eleger: elêjo... elêja, elêjas, elêja...

Proteger: protêjo... protêja, protejas, protêja...

Notas: 1ª – Assim se conjugam *constranger*, *ranger*, *reger*, *tanger* etc. Quanto ao v. *viger*, V. § 488, g.

2ª – Igual fenômeno opera-se nos verbos em **GIR** da terceira conjugação: *Fugir*: fujo... fuja, fujas... – *Restringir*: restrinjo... restrinja, restrinjas...

3ª – Devemos preferir *cerzir* a *cergir* (quanto à conjugação: § 466, obs. do v. *aderir*).

4ª – O verbo *infligir* (*infligir* castigo = *aplicar* castigo) não deve ser confundido com *infringir* (*infringir* a lei = *violar*, *transgredir* a lei).

5ª – Dos verbos em *gir* existe o verbo *tugir* (= falar em voz baixa), muito usado em contraposição a *mugir*, e rimando com este verbo: "Não *tuge* nem *muge*" – "Não *tugiu* nem *mugiu*" – "Ficou sem *tugir* nem *mugir*".

453 – Os verbos terminados em **GUER** perdem o *u* antes de *o* e *a*:

Erguer: *êrgo*, érgues, érgue... *êrga*, *êrgas*, *êrga*...

Notas: 1ª – Assim se conjugam *reerguer*, *soerguer*.

2ª – Fenômeno idêntico se passa com os verbos da terceira conjugação, terminados em **GUIR**, quando o *u* não é pronunciado: *Distinguir*: *distingo*... *distinga*, *distingas*...

3ª – O verbo *languir* (pronuncia-se *langhir* e significa *elanguescer*, *perder as forças*) só é usado nas formas em que o *gu* vem seguido de *e* ou de *i*: langu*es*, langu*e*, langu*imos*... (o *u* deste verbo é sempre insonoro).

3ª conjugação

454 – Além das que na presente lição ficaram explanadas, outras alterações há na 3ª conjugação, mas, por serem mais profundas, serão estudadas na parte dos verbos irregulares.

Questionário

1. Quando é *rizotônica* uma forma verbal? Exemplos.

2. Qual o acento de *reverbero* e *adultero*? (Saiba distinguir, especificando quando verbos e quando substantivos.)

3. Escreva todas as formas rizotônicas dos verbos *mobiliar* e *computar*. (Coloque o acento e só escreva as formas rizotônicas, que são apenas 9: V. § 439.)

4. Escreva o presente do indicativo e do subjuntivo do verbo *aguar*. (Coloque acento nas formas rizotônicas e separe sempre a desinência do radical: *agú-o* etc.; não se distraia pondo acento na 1ª e na 2ª do plural.)

5. Escreva o indicativo presente de *averiguar*. (Coloque acento.)

6. Escreva o pretérito perfeito do indicativo do verbo *abalroar* (§ 441).

7. Escreva o indicativo presente dos verbos *ritmar* e *indignar-se*. (Coloque o acento e separe todas as sílabas: *rít-mo* etc.)

8. Escreva só a primeira pessoa do singular do indicativo e do subjuntivo presentes dos verbos *abaular*, *arraigar* e *embainhar*. (Separe todas as sílabas e coloque acento: *a-ba-ú-lo... ar-ra-í-go... em-ba-í-nho*.)

9. Escreva – colocando os sinais diacríticos – o indicativo presente de *aleijar* e *peneirar* (§ 444).

10. Escreva somente as formas rizotônicas (são apenas 9) dos verbos *roubar* e *cavoucar*.

11. Escreva o subjuntivo presente dos verbos *fechar* e *espelhar*. (Coloque acento.)

12. É certo dizer "destrinchar um frango"? (V. o n. 2 do § 447.)

13. Escreva a 3ª pessoa do plural do subjuntivo presente dos verbos *viajar* e *enferrujar*.

14. Escreva o indicativo e o subjuntivo presentes do verbo *roer* (§ 450, n. 1.)

15. Escreva o subjuntivo presente do verbo *nascer* (§ 451).

16. Qual a diferença de grafia e de sentido entre *infligir* e *infringir*? (§ 452, n. 2.)

17. Conjugue no indicativo e no subjuntivo presentes o verbo *languir*. (Veja bem a *nota* do § 453.)

18. Reproduza, devidamente corrigidos, os seguintes períodos:

a) Você nunca entre sem mim te mandar; ouviu, Belmira? (Recorde o § 313 desde "Essa é a razão por que...", e o § 316.)

b) Ele me pediu para mim deixar de trabalhar. (V. § 581, n. 1, no pé da pág.)

c) Mande elas entrar porque está serenando.

d) Não compreendi o ponto que o professor discorreu na aula de ontem. (Recorde a nota 3 do § 345, quando diz "Claro está que...".)

e) Na Espanha não se pede favores (§ 391, n. 2); manda-se, e pobre do que não obedece as ordens. (§ 301, b.)

f) Quando nós lhe vimos, ele fez-nos sinal que aproximasse-mos.

g) Este dinheiro é para pagar o médico pelas visitas que fez. (*Quem paga, paga uma coisa a alguém*; a pessoa é obj. ind.; a coisa é obj. direto.)

h) No tempo que V. Exª morava no vosso palacete da rua Conde de Bonfim, nós éramos vossos vizinhos. (§ 315 e 316; § 84, 1.)

i) Mas eu, o que é que tenho com isso? (§ 367.)

j) Ora! Eu não estava falando consigo. (§ 408.)

19. No seguinte trecho, há várias palavras grifadas; *deve* o aluno reproduzi-lo *inteiramente*, determinando, ao lado ou embaixo de cada palavra grifada, a função sintática que exerce na frase, isto é, deve dizer se é *sujeito*, se é *objeto direto* ou *indireto* ou se é *predicativo*; para tanto, recorde e consulte os §§ indicados ao pé da página:

O *grego*(1) e o *latim*(1) são necessários *elementos*(2) desta educação nobre. Deixar falar modernos e modernices, petimetres e neologistas de toda a espécie; o homem *que*(3) se destina, ou que *o*(4) destinou seu *nascimento*(5), *a uma vocação pública*(6), não pode sem vergonha ignorar as belas *letras*(4) e os clássicos. Saiba *ele*(5) mais *matemática*(4) do que Laplace, mais *química*(4) do que Lavoisier, mais botânica do que Jussieu, mais zoologia do que Linneu e Buffon, mais economia política do que Smith e Say, mais filosofia de legislação do que Montesquieu e Bentham, se ele não for *o que*(7) *os ingleses* chamam "a good scholar", triste *figura*(4) há de fazer falando ou seja na barra, na tribuna, no púlpito, tristíssima escrevendo, seja qual for a *matéria*(1), porque não há assunto em que as *graças*(1) do estilo e a correção da frase e beleza da dicção não sejam *necessárias*(2) e indispensáveis.

(1) § 397.
(2) § 302.
(3) § 377, 392.
(4) § 301, a.
(5) § 388.
(6) § 301, b.
(7) V. bem a nota 3 do § 345. É preciso analisar o "o" (§ 302), o "que" (§ 301, a) e "os ingleses" (§ 388).

CAPÍTULO 30

VERBOS IRREGULARES

458 – Do estudo do § 433 podemos mais ou menos depreender o que venha a ser *verbo irregular*. Com mais propriedade, assim podemos defini-lo: *Verbo irregular* é o verbo cujo radical sofre modificação no decurso da conjugação, ou cujas desinências se afastam das desinências do paradigma, ou ainda, o que sofre modificações tanto no radical quanto nas desinências.

Deduzimos, daqui, haver três espécies de verbos irregulares:

1 – verbos cuja irregularidade se dá no radical (ou tema) – (irregularidade **temática**) – *Perd*-er: *perc*-o (o radical *perd* transformou-se em *perc); fer*-ir, *fir*-o;

2 – verbos cuja irregularidade se dá na desinência (irregularidade **flexional**) – d-*ou* (a desinência regular da 1ª pess. do sing. do ind. pres. da 1ª conj. é *o*); t-*er:* t-*enho*;

3 – verbos cuja irregularidade se dá, ao mesmo tempo, no tema e na desinência (irregularidade **temático-flexional**) – *Cab-er*: *coub-e* (houve alteração no radical, que de *cab* passou para *coub,* e, ao mesmo tempo, na desinência, que no paradigma é *i*); *quer-er*: *quis*; *faz-er*: *fiz.*

Nota: Veremos, no presente estudo, que precisamente os verbos mais usados é que são os mais irregulares. Esse fenômeno opera-se em todas as línguas, sendo interessante notar que em nenhum idioma o verbo *ser* é regular.

Quanto mais se usa, mais uma coisa se estraga; podemos, pois, dizer que os verbos irregulares são *verbos estragados.*

459 – Nos verbos há os tempos chamados **primitivos** e os tempos chamados **derivados**. Quase sempre (note-se bem: "Quase sempre"), a irregularidade surgida no tempo primitivo passa para os respectivos tempos derivados. Disso tivemos ligeira notícia no § 449, e aqui está agora o quadro da derivação dos tempos verbais, quadro cujo conhecimento muito interessa aos patrícios e, principalmente, aos estrangeiros, no estudo dos verbos quer irregulares quer regulares. Para melhor compreensão e utilidade, os exemplos oferecidos neste quadro não são sempre os mesmos.

TEMPOS PRIMITIVOS	TEMPOS DERIVADOS
1 – 1ª pessoa do singular do indicativo presente:	Todas as pessoas do subjuntivo presente (mediante mudança das desinências de acordo com o paradigma da conjugação):
am-o	am e / dig a
	" es / " as
dig-o	" e / " a
	" emos / " amos
	" eis / " ais
	" em / " am
2 – 2ª pessoa do singular do indicativo presente:	2ª pessoa do singular do imperativo positivo (mediante supressão do *s* final; V. § 413, b):
amas	ama
vens	vem
vês	vê
3 – 2ª pessoa do plural do indicativo presente:	2ª pessoa do plural do imperativo positivo (mediante supressão do *s* final):
dais	dai
ouvis	ouvi
trazeis	trazei
vedes	vede

4 – 3ª pessoa do plural do pretérito perfeito:

fizeram

viram

vieram

a) mais-que-perfeito do indicativo (mediante supressão do *m* final):

fizera, fizeras, fizera, fizéramos...

vira, viras, vira, víramos, víreis...

viera, vieras, viera, viéramos...

b) futuro do subjuntivo (mediante supressão do *am*):

quando eu fizer, fizeres, fizer...

quando eu vir, vires, vir, virmos, virdes, virem[1]

quando eu vier, vieres, vier...

c) imperfeito do subjuntivo (mediante troca do *ram* por *sse*):

se eu fizesse, fizesses...

se eu visse, visses, visse...

se eu viesse, viesses, viesse...

---

(1) Sempre que dúvidas tivermos sobre a conjugação do futuro do subjuntivo, bastar-nos-á verificar a 3ª pess. do pl. do pret. perfeito. Se formos confrontar o fut. do subj. com o infinitivo pessoal, notaremos haver igualdade de forma para muitos verbos, não se dando o mesmo para uns tantos outros. *Fazer*, por exemplo, conjuga-se no infinitivo pessoal: *fazer*, *fazeres*, *fazer*, *fazermos*, *fazerdes*, *fazerem*; mas no futuro do subjuntivo veremos as formas: quando eu *fizer*, *fizeres*, *fizer*, *fizermos*, *fizerdes*, *fizerem*, porquanto este tempo se origina, da maneira acima exposta, de *fizeram*.

O futuro do subjuntivo do verbo *ver*, a diferença do infinitivo pessoal (ver, veres, ver, vermos, verdes, verem), é: quando eu *vir*, quando tu *vires*, quando ele *vir*, quando nós *virmos*, quando vós *virdes*, quando eles *virem*.

Na classe medianamente culta jamais nos é dado ouvir corretamente conjugado esse verbo no tempo aludido. Por outro lado, frequentemente ouvimos, ainda de portadores de pergaminho, sentenças como estas: "Quando você me *ver* de bengala..." – "Sempre que eu *ver* você fumando..."

Erro, e erro dos graúdos esse. Quando você me *vir*... – Se papai o *vir* na rua... – Você verá se mamãe a *vir*... – é como, unicamente, se deve dizer.

Não há motivo para confundir o verbo *ver*, assim conjugado, com o verbo *vir* (chegar); este, no infinitivo, será, também: *vir*, *vires*, *vir* etc., mas no futuro do subjuntivo se conjugará: Quando eu vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem (V. § 433, n. 3)

Observe-se a inexistência do futuro do subjuntivo em outros idiomas, incluído o latim (§ 419, 4; § 585, 4).

Tempo Primitivo	Tempos Derivados
5 – Infinitivo presente impessoal: ver vir	*a*) imperfeito do indicativo (com exceção de alguns poucos – *ser*, *ter*, *pôr*, *vir* – mediante troca de *ar* por *ava*, de *er*, *ir* por *ia*): dava, davas... dizia, dizias... pedia, pedias... *b*) futuro do presente (mediante acréscimo de *ei*): verei, verás, verá... virei, virás, virá... *c*) futuro do pretérito (mediante acréscimo de *ia*): veria, verias, veria... viria, virias, viria...(2) *d*) infinitivo pessoal: ver, veres, ver, vermos... vir, vires, vir, virmos...

1ª Conjugação

Verbos em EAR

460 – Os verbos terminados em *ear*, como *passear*, *recear* etc., sofrem o acréscimo de um *i* no radical das formas rizotônicas, isto é, nesses verbos se intercala um *i* entre o radical e a desinência quando o acento cai no *e*, o que se dá nas três primeiras pessoas do singular e na 3ª do pl. do presente do indic. e do subj., e na 2ª pessoa do sing. do imperativo:

passe*i*o	passe*i*e	
passe*i*as	passe*i*es	passe*i*a tu
passe*i*a	passe*i*e	
passeamos	passeemos	
passeais	passeeis	
passe*i*am	passe*i*em	

(2) Tanto para o futuro do presente como para o futuro do pretérito, os verbos *dizer*, *fazer* e *trazer* não seguem essa regra: *direi*, *farei*, *trarei*; *diria*, *faria*, *traria*.

1 – Se os verbos terminados em *ear* devem receber um *i* eufônico sempre que o acento tônico recai na vogal temática, esse *i* perderá sua razão de existência quando o acento recair na desinência. Essa é a razão por que verbos como *alhear*, *recear*, *afear*, *arrear*, *idear*, não obstante provirem de alheio, receio, feio, arreio, ideia, não devem com *i* ser grafados no infinitivo, nem em nenhuma das formas em que o acento cai na desinência; não existe no português atual verbo terminado em *eiar*: ou termina em *ear* ou em *iar*.

2 – É essa ainda a razão pela qual não devemos admitir a distinção entre *crear* e *criar*. A forma *crear* vem criar uma irregularidade na conjugação dos verbos em *ear*, obrigando a que se pronuncie *crêo*, *crêas* (em vez de creio, creias etc.), contra as regras de prosódia e grafia de tais verbos. O verbo *criar* é conjugado regularmente, e o mesmo se diga dos seus compostos *procriar* e *recriar*. (Não se confunda o verbo *recriar*, que significa criar de novo, com o verbo *recrear*, dar recreio, proporcionar divertimento.)

3 – O verbo *gear* é pelo povo contraditoriamente conjugado *gia* e *gie*; o certo é: "Esta noite *geia*" – "Se hoje geou, não importa que amanhã também *geie*". O verbo, cognato de g*e*ada (e não de g*i*ada), termina em *ear*, e deve, para a conjugação, seguir a regra dos verbos assim terminados.

4 – Quando provindo de nome terminado em *eia* aberto (*estreia*, *ideia*), também o verbo tem aberto o ditongo *ei* nas formas *rizotônicas*: *ideio*, *ideias*...

5 – *ee*: Quando no paradigma a desinência de uma forma arrizotônica começa por *e*, num verbo em *ear* a forma verbal tem dois *ee*, pois o primeiro é do próprio verbo: *folheei* (não confundir *folhear* com *folhar*), *folheemos*, *folheeis*.

Verbos em IAR

461 – É lastimável a confusão que se faz entre os verbos terminados em *ear* e os que terminam em *iar*: Deviam ser regulares todos os verbos terminados em *iar*.

Quer isso dizer que os verbos terminados em *iar* nenhuma alteração deviam sofrer no radical. Conseguintemente, a sua conjugação se efetuaria como no paradigma, acrescentando-se ao radical (que se consegue tirando-se a terminação *ar*) as desinências regulares.

Se em *louv-ar* o radical *louv* permanece invariável, os verbos em *iar*, como *premi*-ar, *negoci*-ar, *ansi*-ar, *incendi*-ar, e muitos outros, deviam igualmente conservar imutável seu radical:

louv-o	premí-o	negocí-o	ansí-o
louv-as	premí-as	negocí-as	ansí-as
louv-a	premí-a	negocí-a	ansí-a
louv-amos	premi-amos	negoci-amos	ansi-amos
louv-ais	premi-ais	negoci-ais	ansi-ais
louv-am	premí-am	negocí-am	ansí-am

E, assim, *comercí-o* (e não *comercei-o*), *obsequí-o* etc. O próprio verbo *odiar* muitos há que conjugam regularmente: *odí-o*, *odí-as*, *odí-a*... *odí-am*; *odí-e*, *odí-es*, *odí-e*... *odí-em*; *odí-a* tu.

Se os verbos em *ear* sofrem acréscimo de *i* quando o acento tônico recai no *e* temático, os verbos em *iar* não deviam com eles ser confundidos. Se essa confusão era ainda maior em outros tempos (note-se este provérbio antigo: "O ignorante e a candeia a si queima e a outros *alumeia*"), hoje parece restringir-se aos verbos *ansiar*, *mediar*, *odiar* e *premiar*.

Nota: Não vá o aluno fazer confusão entre *afear* e *afiar*, *cear* e *ciar*, *estrear* e *estriar*, *mear* e *miar* etc. V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "verbos terminados em *EAR* e em *IAR*".

Outros Verbos Irregulares

462 – Três verbos existem, na 1ª conjugação, que são irregulares nas formas rizotônicas, isto é, nas formas em que o acento tônico recai sobre a vogal temática, o que se dá na 1ª, 2ª e 3ª pessoa do singular do indicativo e do subjuntivo presentes, na 3ª pessoa do plural desses mesmos tempos e na 2ª pessoa do singular do imperativo presente.

São os seguintes:

APIEDAR-SE

1 – Deriva este verbo de *piedade*, palavra que os nossos caboclos erroneamente pronunciam pi*a*dade. Se esse *a* constitui erro no substantivo, deve aparecer no verbo *apiedar-se* todas as vezes em que o acento recai no tema do verbo, ou seja, nas formas rizotônicas:

Eu me *apiado*, tu te *apiadas*, ele se *apiada*, eles se *apiadam*; que eu me *apiade*, que tu te *apiades*, que ele se *apiade*, que eles se *apiadem*; *apiada*-te tu.

Nas demais formas, o verbo deverá trazer *e*, visto cair o acento na desinência: nós nos *apiedamos*, vós vos *apiedais*; que nós nos *apiedemos*, que vós vos *apiedeis*; eu me *apiedei* etc.; eu me *apiedarei* etc.

Nota: o verbo *apiedar-se*, que significa *ter piedade*, pode construir-se de três maneiras:

a) com a preposição *a*: "Apiedou-se *à* fraqueza do pobre".

b) com a preposição *com*: "Só a criada se apiedava *com* o estado do pobrezinho".

c) com a preposição *de*: "Senhor, apiedai-vos *de* minha cegueira".

MOSCAR-SE

2 – O *o* de *moscar-se* (= sumir-se, desaparecer da presença de alguém) transforma-se em *u* nas formas rizotônicas:

Eu me *musco*, tu te *muscas*, ele se *musca*, eles se *muscam*; que eu me *musque*, *musques*, *musque*, *musquem*; *musca*-te tu.

RESFOLEGAR

3 – Provém o verbo *resfolegar*, que significa tomar *fôlego*, do substantivo *fôlego*. Se o substantivo é proparoxítono, o verbo não pode ter esse acento nas formas rizotônicas (§ 439); daí a irregularidade desse verbo, o qual perde o *e* da sílaba *le* nas formas rizotônicas:

Resfolgo, *resfolgas*, *resfolga*, resfolegamos, resfolegais, *resfolgam*; que eu *resfolgue*, *resfolgues*, *resfolgue*, resfoleguemos, resfolegueis, *resfolguem*; *resfolga* tu.

DAR

4 – Temos, finalmente, o verbo *dar*, que assim se conjuga:

Dou, *dás*, dá, damos, *dais*, dão; dava, davas, dava, dávamos, dáveis, davam; dei, deste, deu, demos, destes, *deram*; dera, deras, dera, déramos, déreis, deram; darei, darás, dará, daremos, dareis, darão; daria, darias, daria, daríamos, daríeis, dariam; dá, dai; dê, dês, dê, demos, deis, deem; desse, desses, desse, déssemos, désseis, dessem; der, deres, der, dermos, derdes, derem; *dar*; dar, dares, dar, darmos, dardes, darem; dando, dado.

Notas: 1ª – Observe-se no verbo *dar* a diferença de pronúncia entre a 1ª pessoa do plural do pretérito perfeito (*démos*) e igual pessoa do subjuntivo presente (*dêmos*).

Além de *dar*, os seguintes verbos irregulares têm *e* aberto na 2ª pess. do sing. e nas três pessoas do plural do pret. perfeito e, conseguintemente, nos tempos derivados da 3ª do plural: *caber*, *dizer*, *fazer*, *poder*, *querer*, *saber*, *trazer*, *pôr*, *vir*: dei, *déste*, deu, *démos*, *déstes*, *déram*; *déra*, *déras*...; *désse*, *désses*...; *dér*, *déres*...

2ª – De acordo com o verbo *dar*, conjugam-se os compostos *desdar* (retomar o que se deu) e *redar* (tornar a dar: "A infernal deusa no monstro cortes dava e lhe *redava*").

3ª – O verbo *circundar*, conquanto composto de *dar*, é inteiramente regular: *circundo*, *circundas*, *circunda* etc.

4ª – V. a obs. 4 do verbo *ver* (§ 463, 14).

2ª Conjugação

463 – Vários são os verbos irregulares da 2ª conjugação, que aqui vêm expostos em ordem alfabética e acrescidos das observações necessárias (o verbo *pôr* encontra-se no fim deste parágrafo). Julgando-nos dispensado, no dar a conjugação, de indicar os tempos, visto dever já o aluno saber discriminá-los pelas diferentes flexões, pedimos não se esqueça ele da importância do quadro da derivação dos tempos verbais (§ 459); com esse fim é que sempre grifaremos os tempos primitivos de cada verbo.

CABER

1 – *Caibo*, *cabes*, cabe, cabemos, *cabeis*, cabem; cabia, cabias, cabia, cabíamos, cabíeis, cabiam; coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, *couberam*; coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam; caberei, caberás, caberá, caberemos, cabereis, caberão; caberia, caberias, caberia, caberíamos, caberíeis, caberiam; caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam; coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem; couber, couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem; *caber*; caber, caberes, caber, cabermos, caberdes, caberem; cabendo, cabido.

Observações:

1ª – Dada a significação, o verbo *caber* não tem imperativo.

2ª – O composto *descaber* conjuga-se de igual maneira que o simples, mas, na verdade, só é usado no particípio: *descabido*.

3ª – Observe o aluno a diferença, nesse verbo, entre o futuro do subjuntivo e o infinitivo pessoal; deve-se dizer "quando *couber*", "se *couber*", "caso *couber*", e jamais "quando *caber*", "se *caber*" etc.; tenha sempre em mente o aluno o que ficou dito na nota 1 do § 459 sobre o futuro do subj. dos verbos irregulares.

CRER

2 – *Creio*, *crês*, crê, cremos, *credes*, crêem; cria, crias, cria, críamos, críeis, criam; cri, creste, creu, cremos, crestes, *creram*; crera, creras, crera, crêramos, crêreis, creram; crerei, crerás, crerá, creremos, crereis (pron. *crerêis*), crerão; creria, crerias, creria, creríamos, creríeis, creriam; crê, crede;

creia, creias, creia, creiamos, creiais, creiam; cresse, cresses, cresse, crêssemos, crêsseis, cressem; crer, creres, crer, crermos, crerdes, crerem; *crer*; crer, creres, crer, crermos, crerdes, crerem; crendo, crido.

Observações:

1ª – Como *crer*, conjuga-se o composto *descrer*.

2ª – O verbo *crer* serve de modelo para a conjugação do verbo *ler*, bem como dos compostos *reler* e *tresler*.

DIZER

3 – *Digo*, *dizes*, diz, dizemos, *dizeis*, dizem; dizia, dizias, dizia, dizíamos, dizíeis, diziam; disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, *disseram*; dissera, disseras, dissera, disséramos, disséreis, disseram; direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão; diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam; dize, dizei; diga, digas, diga, digamos, digais, digam; dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem; disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem; *dizer*; dizer, dizeres, dizer, dizermos, dizerdes, dizerem; dizendo, dito.

Observações:

1ª – De igual maneira se conjugam os compostos *bendizer*, *condizer*, *contradizer*, *desdizer*, *entredizer*, *interdizer*, *maldizer*, *predizer*, *redizer* e *tresdizer*.

2ª – Note-se bem que o futuro do subj. é "quando eu *disser*, quando tu *disseres*..." – com dois *ss*, sendo aberto o *e* tônico: *di-cér* ao passo que o infinitivo pessoal é "por *dizer* eu, por *dizeres* tu, por *dizer* ele..." – com *z* e *e* tônico fechado: *di-zêr*.

3ª – V. no verbo seguinte (*fazer*) a obs. 2.

FAZER

4 – *Faço*, *fazes*, faz, fazemos, *fazeis*, fazem; fazia, fazias, fazia, fazíamos, fazíeis, faziam; fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, *fizeram*; fizera, fizeras, fizera, fizéramos, fizéreis, fizeram; farei, farás, fará, faremos, fareis, farão; faria, farias, faria, faríamos, faríeis, fariam; faze, fazei; faça, faças, faça, façamos, façais, façam; fizesse, fizesses, fizesse, fizéssemos, fizésseis, fizessem; fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem; *fazer*; fazer, fazeres, fazer, fazermos, fazerdes, fazerem; fazendo, feito.

Observações:

1ª – De maneira igual se conjugam os compostos *afazer*, *contrafazer*, *desfazer*, *liqüefazer*, *perfazer*, *rarefazer*, *refazer*, *satisfazer*.

Benfazer e *malfazer* só se usam no infinitivo presente.

2ª – A segunda pess. do sing. do imperativo presente é *faze*. Há todavia a forma *faz*, cuja irregularidade é justificada pelo latim *fac*, sem *e* final. Igual dualidade de formas há para o verbo *dizer* (*dize* ou *diz*) e para o verbo *conduzir* (*conduze* ou *conduz*): "*Faz* (ou *faze*) ao próximo o que desejas que te façam" – "*Diz* (ou *dize*) de forma que todos te ouçam" – "*Conduz* (ou *conduze*) o teu povo para a glória".

Dessa duplicidade de formas para a 2ª pessoa do singular do imperativo positivo decorre este procedimento: Se pospusermos o oblíquo *o* às primeiras formas, teremos: *dize-o*, *faze-o*, *conduze-o*; se o pospusermos às segundas formas, teremos: *di-lo*, *fá-lo*, *condu-lo*. O mesmo se dará com os compostos.

3ª – Emprega-se o verbo *fazer* para substituir verbos de frases ligadas, quando haja conveniência em não os repetir: "Os ídolos antigos *adorava*, como inda agora *faz* (= adora) a gente inica" – "Quis o marquês de Pombal *nobilitá*-lo, como *fizera* (= nobilitara) a outros comerciantes".

O verbo *fazer* é por essa razão chamado verbo *vicário* (= que faz as vezes de outro) ou *sinônimo*. Mais raramente, também o verbo *ser* substitui verbo anteriormente empregado no período: "A solenidade realizou-se, mas não *foi* (= não se realizou) como se esperava".

4ª – Quando se coloca um oblíquo no meio do futuro do presente ou do pretérito dos verbos *dizer*, *fazer* e *trazer*, deve-se ter o cuidado de não cometer erros gravíssimos como estes: *dizer-lhe-ei*, *fazer-nos-ia*, *trazê-lo-á*. Se a forma é *direi*, o certo será *dir-lhe-ei* (*dir-ei*, com *lhe* no meio). E assim: *far-nos-ia*, *trá-lo-á*, *dir-me-ia*, *far-vos-ei* etc., sem jamais pôr "zer" antes do oblíquo.

PERDER

5 – *Perco*, *perdes*, perde, perdemos, *perdeis*, perdem; perdia, perdias, perdia, perdíamos, perdíeis, perdiam; perdi, perdeste, perdeu, perdemos, perdestes, *perderam*; perdera, perderas, perdera, perdêramos, perdêreis, perderam; perderei, perderás, perderá, perderemos, perdereis, perderão; perderia, perderias, perderia, perderíamos, perderíeis, perderiam; perca, percas, perca, percamos, percais, percam; perdesse, perdesses, perdesse, perdêssemos, perdêsseis, perdessem; perder, perderes, perder, perdermos, perderdes, perderem; *perder*; perder, perderes, perder, perdermos, perderdes, perderem; perdendo, perdido.

Observações:

1ª – Dada a significação desse verbo, torna-se impraticável o imperativo.

2ª – No Brasil, a 1ª pess. do sing. do ind. pres. e as formas rizotônicas do subj. pres. pronunciam-se, geralmente, com *e* fechado: pêrco; que eu pêrca, pêrcas, pêrca, pêrcam.

PODER

6 – *Posso*, *podes*, pode, podemos, *podeis*, podem; podia, podias, podia, podíamos, podíeis, podiam; pude, pudeste, pôde, pudemos, pudestes, *puderam*; pudera, puderas, pudera, pudéramos, pudéreis, puderam; poderei, poderás, poderá, poderemos, podereis, poderão; poderia, poderias, poderia, poderíamos, poderíeis, poderiam; possa, possas, possa, possamos, possais, possam; pudesse, pudesses, pudesse, pudéssemos, pudésseis, pudessem; puder, puderes, puder, pudermos, puderdes, puderem; *poder*; poder, poderes, poder, podermos, poderdes, poderem; podendo, podido.

Observações:

1ª – O imperativo deste verbo é quase inaplicável; Vieira, no entanto, usou-o na seguinte frase: "Se quereis ser onipotente, *podei* somente o justo e o lícito".

2ª – Jamais escreva eu *poude*, ele *poude*; estude, com muita atenção, a conjugação de todos os verbos irregulares que estamos vendo.

PRAZER

7 – O verbo *prazer* só é usado na terceira pessoa do singular e no gerúndio:

Praz, prazia, prouve, prouvera, prazerá, prazeria, praza, prouvesse, prouver, prazer, prazendo.

Observações:

1ª – Os compostos *aprazer* (= agradar) e *desprazer* (ou *desaprazer*) têm conjugação completa: *aprazo*, *aprazes*, apraz, aprazemos, *aprazeis*, aprazem; aprazia, aprazias, aprazia, aprazíamos, aprazíeis, apraziam; aprouve, aprouveste, aprouve, aprouvemos, aprouvestes, *aprouveram*; aprouvera, aprouveras, aprouvera, aprouvéramos, aprouvéreis, aprouveram; aprazerei, aprazerás, aprazerá, aprazeremos, aprazereis, aprazerão; aprazeria, aprazerias, aprazeria, aprazeríamos, aprazeríeis, aprazeriam; apraza, aprazas, apraza, aprazamos, aprazais, aprazam; aprouvesse, aprouvesses, aprouvesse, aprouvéssemos, aprouvésseis, aprouvessem; aprouver, aprouveres, aprouver, aprouvermos, aprouverdes, aprouverem; *aprazer*; aprazer, aprazeres, aprazer, aprazermos, aprazerdes, aprazerem; aprazendo, aprazido.

2ª – É interessante observar que o composto *comprazer* não segue o simples *prazer*. A conjugação de *comprazer* é idêntica à de *jazer*.

3ª – O v. *prazer* é transitivo indireto e significa *agradar*, *aprazer*: "Praz-lhe zombar de nós" – "Praza a Deus que o sermão não seja lá mal ouvido" – "Despedi-o, se vos praz" – "Se a Deus prouver..." – "Praza aos céus que meu filho não sofra".

JAZER

8 – *Jazo*, *jazes*, jaz, jazemos, *jazeis*, jazem; jazia, jazias, jazia, jazíamos, jazíeis, jaziam; jazi, jazeste, jazeu, jazemos, jazestes, *jazeram*; jazera, jazeras,

jazera, jazêramos, jazêreis, jazeram; jazerei, jazerás, jazerá, jazeremos, jazereis, jazerão; jazeria, jazerias, jazeria, jazeríamos, jazeríeis, jazeriam; jaze, jazei; jaza, jazas, jaza, jazamos, jazais, jazam; jazesse, jazesses, jazesse, jazêssemos, jazêsseis, jazessem; jazer, jazeres, jazer, jazermos, jazerdes, jazerem; *jazer*; jazer, jazeres, jazer, jazermos, jazerdes, jazerem; jazendo, jazido.

Observação:

Além de *comprazer* (e *comprazer-se*) segue a conjugação de *jazer* o composto *adjazer*. – Cuidado deveremos ter com a concordância do v. *jazer*: "Aqui jazem os ossos..." (jamais: "Aqui jaz os ossos").

QUERER

9 – *Quero*, *queres*, quer, queremos, *quereis*, querem; queria, querias, queria, queríamos, queríeis, queriam; quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, *quiseram*; quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram; quererei, quererás, quererá, quereremos, querereis, quererão; quereria, quererias, quereria, quereríamos, quereríeis, quereriam; queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram; quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem; quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem; *querer*; querer, quereres, querer, querermos, quererdes, quererem; querendo, querido.

Observações:

1ª – Como *querer*, conjugam-se os compostos *benquerer*, *desquerer* e *malquerer* (*benquerer* e *malquerer* têm o particípio: *benquisto*, *malquisto*).

2ª – *Querer* não é usado na 2ª pessoa do singular nem na 2ª do plural do imperativo, por ser quase impraticável. Há do seu emprego este exemplo de Vieira: "*Querei* só o que podeis, e sereis onipotente".

3ª – A 3ª pessoa do singular do indicativo presente é, no Brasil, *quer*, e, em Portugal, *quere*; mesmo em Portugal, no entanto, a forma *quere* perde terreno.

O *e* final só deverá aparecer quando a essa pessoa se seguir o pronome "o": *quere-o*, *quere-a*.

4ª – É regra geral – e isto vimos observando em diversos verbos – que os verbos compostos seguem a conjugação do respectivo verbo simples; *requerer* afasta-se dessa regra, sendo quase regular:

REQUERER

10 – *Requeiro*, *requeres*, requer, requeremos, *requereis*, requerem; requeria, requerias, requeria, requeríamos, requeríeis, requeriam; requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, *requereram*; requerera, re-

quereras, requerera, requerêramos, requerêreis, requereram; requererei, requererás, requererá, requereremos, requereres, requererão; requereria, requererias, requereria, requereríamos, requereríeis, requereriam; requere, requerei; requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram; requeresse, requeresses, requeresse, requerêssemos, requerêsseis, requeressem; requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem; *requerer*; requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem; requerendo, requerido.

SABER

11 – *Sei*, *sabes*, sabe, sabemos, *sabeis*, sabem; sabia, sabias, sabia, sabíamos, sabíeis, sabiam; soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, *souberam*; soubera, souberas, soubera, soubéramos, soubéreis, souberam; saberei, saberás, saberá, saberemos, sabereis, saberão; saberia, saberias, saberia, saberíamos, saberíeis, saberiam; sabe, sabei; saiba, saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam; soubesse, soubesses, soubesse, soubéssemos, soubésseis, soubessem; souber, souberes, souber, soubermos, souberdes, souberem; *saber*; saber, saberes, saber, sabermos, saberdes, saberem; sabendo, sabido.

TRAZER

12 – *Trago*, *trazes*, traz, trazemos, *trazeis*, trazem; trazia, trazias, trazia, trazíamos, trazíeis, traziam; trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, *trouxeram*; trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram; trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão; traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam; traze, trazei; traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam; trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem; trouxer, trouxeres, trouxer, trouxermos, trouxerdes, trouxerem; *trazer*; trazer, trazeres, trazer, trazermos, trazerdes, trazerem; trazendo, trazido.

VALER

13 – Só é irregular na 1ª pess. do sing. do indicativo presente – *valho* – e no subjuntivo presente, porque deriva dessa pessoa: *valha*, *valhas*, *valha*, *valhamos*, *valhais*, *valham*.

O mesmo se diga dos compostos *desvaler* e *equivaler*.

VER

14 – *Vejo*, *vês*, vê, vemos, *vedes*, veem; via, vias, via, víamos, víeis, viam; vi, viste, viu, vimos, vistes, *viram*; vira, viras, vira, víramos, víreis,

viram; verei, verás, verá, veremos, vereis, verão; veria, verias, veria, veríamos, veríeis, veriam; vê, vede; veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam; visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem; vir, vires, vir, virmos, virdes, virem (V. § 459, nota 1); *ver*; ver, veres, ver, vermos, verdes, verem; vendo, visto.

Observações:

1ª – *Antever*, *entrever*, *prever* e *rever* seguem a conjugação do verbo simples. *Prover*, no entanto, afasta-se do modelo no pretérito (*provi*, *proveste*, *proveu*), nos tempos dele derivados e no particípio, nas quais formas segue o paradigma regular; nas outras segue a conjugação de *ver*.

2ª – Saibamos desde já que *precaver* não é composto de *ver*. Iremos conjugar esse verbo no estudo dos verbos defectivos (§ 488, d).

3ª – *Rever* pode significar *ver outra vez* e *verter*, *transudar*; neste segundo sentido, comumente se ouve "O barril réve", e parece realmente ser justificável atribuir ao verbo outro étimo, e não considerá-lo composto de *ver*. Deve-se somente notar que, com a significação de verter, o verbo *rever* só é conjugado nas terceiras pessoas: *réve*, *révem*; *reveu*, *reveram*; *rêva*, *rêvam*; *revesse*, *revessem* etc., formas regulares como as de *dever*.

4ª – Quatro verbos existem que na 3ª pessoa do plural têm dois *ee*: *veem* (do v. *ver*), *leem* (do v. *ler*), *creem* (do v. *crer*) (ind. pres.) e *deem* (subj. pres. e imp. de *dar*):

SINGULAR		PLURAL
vê	– ind. pres.	veem
lê		leem
crê		creem
dê	– subj. pres. e imp.	deem

PÔR

15 – *Ponho*, *pões*, põe, pomos, *pondes*, põem; punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham; pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, *puseram*; pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram; porei, porás, porá, poremos, poreis, porão; poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poriam; põe, ponde; ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham; pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, pusésseis, pusessem; puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem; *pôr*; pôr, pores, pôr, pormos, pordes, porem; pondo, posto.

Observação:

Seguem *pôr* todos os compostos

antepor	desimpor	justapor	recompor
apor	dispor	opor	repor
compor	expor	pospor	sobrepor
contrapor	impor	predispor	sotopor
depor	indispor	prepor	supor
descompor	interpor	propor	transpor

3ª Conjugação

464 – Veremos, em primeiro lugar, certos verbos, e, depois, *certas classes* de verbos irregulares da 3ª conjugação. Antes de tudo, estudaremos três verbos monossilábicos: *ir*, *rir* e *vir*.

IR

1 – *Vou*, *vais*, vai, vamos (rar. *imos*), *ides* (rar. *is*), vão; ia, ias, ia, íamos, íeis, iam; fui, foste, foi, fomos, fostes, *foram*; fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram; irei, irás, irá, iremos, ireis, irão; iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam; vai, ide (rar. *i*); vá, vás, vá, vamos, vades, vão; fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem; for, fores, for, formos, fordes, forem; *ir*; ir, ires, ir, irmos, irdes, irem; indo, ido.

Observação:

Não obstante ser composto de *ir*, o verbo *preterir* não segue a conjugação do simples (V. *obs*. do verbo *aderir*, no § 466).

RIR

2 – *Rio*, *ris*, ri, rimos, *rides*, riem; ria, rias, ria, ríamos, ríeis, riam; ri, riste, riu, rimos, ristes, *riram*; rira, riras, rira, ríramos, ríreis, riram; rirei, rirás, rirá, riremos, rireis, rirão; riria, ririas, riria, riríamos, riríeis, ririam; ri, ride; ria, rias, ria, riamos, riais, riam; risse, risses, risse, ríssemos, ríisseis, rissem; rir, rires, rir, rirmos, rirdes, rirem; *rir*; rir, rires, rir, rirmos, rirdes, rirem; rindo, rido.

Observação:

De igual maneira se conjuga o composto *sorrir*. Observe-se, ainda, que o verbo *sorrir* (rir sem fazer ruído, executando apenas leve contração muscular da boca e dos olhos) pode ser *intransitivo* ("Ele *sorriu*" – "De tão lisonjeiro acerto consigo mesmo *sorria*") e, com igual significação, *pronominal*: "O confidente do rei católico *sorria-*

-se com desprezo". Pode, também, esse verbo ser *transitivo indireto* (ligando-se ao objeto indireto com a prepos. *a*), com a significação de encantar, agradar, ser favorável: "A fortuna sorri *ao meu vizinho*" – "Sorriam-*lhe* as terras mais remotas, mais virgens, contanto que a natureza aí fosse opulenta, original". Pode ainda ser *transitivo direto-indireto* "... a fortuna que já *lhe* sorria *glórias* imortais" (= proporcionava agradavelmente).

VIR

3 – *Venho*, *vens*, vem, vimos, *vindes*, vêm; vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham; vim, vieste, veio, viemos, viestes, *vieram*; viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram; virei, virás, virá, viremos, vireis, virão; viria, virias, viria, viríamos, viríeis, viriam; vem, vinde; venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham; viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem; vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem; *vir*; vir, vires, vir, virmos, virdes, virem; vindo, vindo.

Observações:

1ª – Dificilmente, ainda de pessoas de certa cultura, ouvimos este verbo corretamente conjugado na primeira pessoa do plural do indicativo presente: se perguntarmos: "Como costumam vocês vir?" – encontramos quem erroneamente nos responda: "Nós sempre *viemos* de ônibus" – em vez de: "Nós sempre *vimos* de ônibus".

2ª – Seguem a conjugação de *vir* todos os seus compostos: *advir*, *avir-se*, *contravir*, *convir*, *desavir-se*, *desconvir*, *intervir*, *malavir*, *provir*, *reconvir*, *sobrevir*.

Constituem grosseiros erros flexões como: "Eles se *desouveram*" em vez de: "Eles se *desavieram*" – O verbo é des-a-*vir*, que se conjuga como o simples: des-a-*vieram*.

3ª – O particípio e o gerúndio têm forma idêntica: *vindo*; quando particípio, pode flexionar-se de acordo com a explicação do § 430: "Dirigiu-se às pessoas *vindas* do exterior".

465 – Em segundo lugar temos, na 3ª conjugação, os verbos que são irregulares apenas numa das formas primitivas. São eles:

1º – Os verbos *pedir*, *medir*, *ouvir* e respectivos compostos, que terminam em *ço* na 1ª pessoa do singular do indicativo presente; conseguintemente, em todo o subjuntivo presente deverá aparecer o *ç*.

2º – O verbo *parir*, que na 1ª pessoa do singular do indicativo presente tem a vogal da 1ª sílaba alterada para *ai*, do que resulta idêntica alteração no subjuntivo presente.

3º – O verbo *abrir*, que só é irregular no particípio: *aberto*.

PEDIR

1 – *Peço*, *pedes*, pede, pedimos, *pedis*, pedem; pedia, pedias, pedia, pedíamos, pedíeis, pediam; pedi, pediste, pediu, pedimos, pedistes, *pediram*; pedira, pediras, pedira, pedíramos, pedíreis, pediram; pedirei, pedirás...; pediria, pedirias...; pede, pedi; peça, peças, peça, peçamos, peçais, peçam; pedisse, pedisses...; *pedir*; pedindo, pedido. O fut. do subj. e o infinitivo pessoal são idênticos: pedir, pedires etc.

Observações:

1ª – Conjugação idêntica têm os verbos *impedir*, *desimpedir*, *despedir* e *expedir*, muito embora não sejam compostos de *pedir*. Esses verbos seguiam no português antigo a conjugação do verbo *aderir* (que logo adiante veremos): impido, impedes... que eu impida, impidas...

2ª – Segue também a conjugação de *pedir* o v. *medir*, cujos compostos são: *comedir-se*, *desmedir-se*, *descomedir-se*, que só se empregam nas formas verbais em cuja desinência existe *i* (§ 489, 10).

3ª – Regência de *pedir*: § 581, n. 1.

OUVIR

2 – *Ouço* (ou *oiço*), *ouves*, ouve, ouvimos, *ouvis*, ouvem; ouvia, ouvias, ouvia...; ouvi, ouviste, ouviu...; ouvira, ouviras, ouvira...; ouvirei, ouvirás...; ouviria, ouvirias...; ouve, ouvi; ouça (ou *oiça*), ouças (ou *oiças*), ouça (ou *oiça*), ouçamos (ou *oiçamos*), ouçais (ou *oiçais*), ouçam (ou *oiçam*); ouvisse, ouvisses, ouvisse...; *ouvir*; ouvindo, ouvido. O fut. do subj. e o infinitivo pessoal são idênticos: ouvir, ouvires etc.

PARIR

3 – A irregularidade deste verbo está apenas na 1ª pessoa do singular do ind. presente, que é *pairo*, e no subj. presente: *paira*, *pairas*, *paira*, *pairamos*, *pairais*, *pairam*. No mais, é regular, notando-se que, usualmente, esse verbo só aparece conjugado nas formas em que ao *r* se segue *i*.

ABRIR

4 – O verbo *abrir* só é irregular no particípio: *aberto*; idêntica orientação seguem os compostos *entreabrir* e *reabrir*. Possui ainda esse verbo o composto *desabrir*, do qual só nos resta o particípio regular *desabrido*, empregado como adjetivo.

Verbos que têm "E" na penúltima sílaba

466 – Os verbos da 3ª conjugação que têm *e* na penúltima sílaba podem ser divididos em *três grupos*, pertencendo ao *primeiro* os verbos *pedir* e *medir*, já estudados. Ao *segundo* pertencem os verbos em que o *e* se transforma em *i* na 1ª pessoa do singular do indicativo presente e em todas as pessoas do subjuntivo presente. O *terceiro* compreende os verbos em que o *e* se transforma em *i* nas formas rizotônicas e respectivas formas derivadas.

2º grupo

Verbos em que o *e* se transforma em *i* na 1ª pessoa do singular do indicativo presente e em todas as do subjuntivo presente.

ADERIR

Ad*i*ro, aderes, adere, aderimos, aderis, aderem; aderia, aderias, aderia...; aderi, aderiste, aderiu...; aderira, aderiras, aderira...; aderirei, aderirás, aderirá...; aderiria, aderirias, aderiria...; adere, aderi; ad*i*ra, ad*i*ras, ad*i*ra, ad*i*ramos, ad*i*rais, ad*i*ram; aderisse, aderisses...; aderir; aderindo, aderido. O fut. do subj. e o inf. pessoal são idênticos: aderir, aderires etc.

Observação:

Como aderir conjugam-se os seguintes verbos: *advertir*, *aspergir* (aspirjo, asperges), *cerzir* (cirzo, cerzes), *compelir* (compilo, compeles), *competir* (compito, competes), *concernir* (só é usado nas 3as pessoas), *convergir* (convirjo, converges), *despir*, *digerir* (digiro, digeres), *divergir* (divirjo, diverges), *divertir*, *expelir* (expilo, expeles), *ferir* (e compostos *aferir*, *auferir*, *conferir*, *deferir*, *desferir*, *diferir*, *indeferir*, *inferir* etc.), *gerir* (giro, geres), *impelir* (impilo, impeles), *inerir* (iniro, ineres), *ingerir* (ingiro, ingeres), *inserir* (insiro, inseres), *mentir* (minto, mentes), *preterir* (pretiro, preteres), *propelir* (propilo, propeles), *refletir*, *repelir* (repilo, repeles), *repetir*, *seguir* (e compostos), *sentir* (e compostos *assentir*, *consentir*, *dissentir* etc.), *servir*, *sugerir* (sugiro, sugeres), *vestir* (e compostos *desvestir*, *investir*, *revestir* e *transvestir*).

3º grupo

Verbos em que o *e* da penúltima sílaba se transforma em *i* nas formas rizotônicas e nas formas derivadas.

PREVENIR

Prev*i*no, prev*i*nes, prev*i*ne, prevenimos, prevenis, prev*i*nem; prevenia, prevenias...; preveni, preveniste...; prevenira, preveniras, prevenira...; prevenirei, prevenirás...; preveniria, prevenirias, preveniria...; prev*i*ne, preveni; prev*i*na, prev*i*nas, prev*i*na, prev*i*namos, prev*i*nais, prev*i*nam; preve-

nisse, prevenisses...; prevenir; prevenindo, prevenido. O fut. do subj. e o inf. pessoal são idênticos: prevenir, prevenires etc.

Nota: Seguem a conjugação de *prevenir* os seguintes verbos: *agredir*, *denegrir* (denigro, denigres...), *digredir*, *progredir*, *revenir*, *transgredir*.

Se adotarmos a grafia *denigrir*, que se encontra justificada no *Dicionário de Questões Vernáculas*, este verbo deixará de apresentar irregularidade: *denigro*, *denigres*, *denigre*, *denigrimos* etc.

Verbos que têm "O" na penúltima sílaba

467 – A semelhança do que se passa com os verbos que têm *e* na penúltima sílaba, muitos verbos da 3ª conjugação com *o* nessa sílaba têm-no alterado em certas formas da conjugação, havendo de tais verbos dois grupos; um em que o *o* se transforma em *u* na 1ª pessoa do singular do indicativo presente e em todas as do subjuntivo presente; outro em que o *o* se transforma em *u* nas formas rizotônicas.

1º grupo

Verbos em que o *o* se transforma em *u* na 1ª pessoa do singular do indicativo presente e em todas as do subjuntivo presente.

TOSSIR

T*u*sso, tosses, tosse, tossimos, tossis, tossem; tossia, tossias, tossia...; tossi, tossiste, tossiu, tossimos...; tossira, tossiras...; tossirei, tossirás...; tossiria, tossirias...; tosse, tossi; t*u*ssa, t*u*ssas, t*u*ssa, t*u*ssamos, t*u*ssais, t*u*ssam; tossisse, tossisses...; tossir; tossindo, tossido. O futuro do subj. e o infinitivo pessoal são idênticos: tossir, tossires etc.

Seguem a conjugação de *tossir* os verbos *cobrir* (e compostos *descobrir*, *encobrir*, *recobrir*), *dormir* e *engolir*.

2º grupo

Verbos em que o *o* da penúltima sílaba se transforma em *u* nas formas rizotônicas e correspondentes derivadas.

SORTIR

S*u*rto, s*u*rtes, s*u*rte, sortimos, sortis, s*u*rtem; sortia, sortias...; sorti, sortiste...; sortira, sortiras...; sortirei, sortirás...; sortiria, sortirias...; s*u*rte, sorti; s*u*rta, s*u*rtas, s*u*rta, s*u*rtamos, s*u*rtais, s*u*rtam; sortisse, sortisses...; sortir; sortindo, sortido.

Verbos que têm "U" na penúltima sílaba

468 – Muitos verbos há da 3ª conjugação com *u* na penúltima sílaba que passam a ter essa vogal alterada para *o* aberto na 2ª e na 3ª pessoa do singular e na 3ª do plural do presente do indicativo e na 2ª do singular do imperativo presente.

BULIR

Bulo, b*o*les, b*o*le, bulimos, bulis, b*o*lem; b*o*le, buli.

Notas: 1ª – No mais, é esse verbo normal. Seguem a conjugação de *bulir* os seguintes verbos: *acudir*, *cuspir*, *escapulir*, *fugir*, *sacudir*, *subir*, *sumir* e *consumir* (*assumir*, *reassumir*, *resumir* e *presumir* são regulares).

Entupir, por falsa analogia, segue o verbo *bulir*; era esse verbo inteiramente regular, como regulares eram os verbos *construir* e *destruir* (como ainda hoje são regulares *instruir* e *obstruir*), mas o uso é no caso tão forte que só nos resta segui-lo.

Construir e *destruir* têm conjugação própria no pres. do indicativo e no imperativo da 2ª pess. sing.: *construo*, *constróis*, *constrói*, *construímos*, *construís*, *constroem*. Imperativo: *constrói*, *construí*.

2ª – Com exceção de *construir* e *destruir*, os verbos em **UIR**, como *possuir*, *instruir*, *obstruir*, *constituir*, *estruir*, são regulares, merecedores de cuidados apenas na grafia: *possuo*, *possuis*, *possui*, *possuímos*, *possuís*, *possuem*. Perfeito: *possuí*, *possuíste*, *possuiu*, *possuímos*, *possuístes*, *possuíram*. Particípio: *possuído*.

Saiba portanto distinguir *constitui* (presente) de *constituí* (perfeito, com acento no *i* final); *substitui* de *substituí*.

Em decorrência do Acordo Ortográfico de 1990 (base X, parágrafo 7º), os verbos *arguir* e *redarguir*, além de perderem o trema em muitas flexões, não recebem mais o acento agudo na vogal tônica *u* nas formas rizotônicas *arguis*, *argui* e *arguem*; *redarguis*, *redargui* e *redarguem*. Assim, flexionamo-los: *arguo, arguis, argui, arguimos, arguis, arguem, argui, arguia, arguira, arguirei, arguiria, argua, arguisse; redarguo, redarguis, redargui, redarguimos* etc.

Quando o *u* não é pronunciado: § 453, n. 2.

3ª – Saiba ainda distinguir verbos em *uir* de verbos em *uar*: ele *constitui*, que ele *continue* (§ 440).

Verbos em AIR

469 – Consiste a irregularidade dos verbos assim terminados na intercalação de um *i* na 1ª pessoa do singular do indicativo presente e em todas as pessoas do subjuntivo presente.

SAIR

Sa*i*o, sais, sai, saímos, saís, saem; sa*í*a, sa*í*as, sa*í*a, sa*í*amos, sa*í*eis, sa*í*am; saí, saíste, saiu, saímos, saístes, saíram; saíra, saíras...; sairei, sairás...; sairia, sairias...; sai, saí; sa*i*a, sa*i*as, sa*i*a, sa*i*amos, sa*i*ais, sa*i*am; saísse, saísses...; sair; saindo, saído.

No mais, esse verbo não apresenta nenhuma modificação.

Idêntica orientação seguem os verbos *atrair*, *abstrair*, *cair*, *contrair*, *decair*, *descair*, *detrair*, *distrair*, *esvair-se*, *extrair*, *recair*, *retrair*, *retrotrair*, *sobressair*, *subtrair*, *trair*.

Verbos em UZIR

470 – Os verbos assim terminados não têm a desinência *e* da terceira pessoa do singular do indicativo presente; *conduzir*, *luzir*, *reluzir*, *reduzir*, *seduzir* e outros fazem nessa pessoa *conduz*, *luz*, *reluz*, *reduz*, *seduz*; quanto ao imperativo, 2ª pessoa do singular, veja o verbo *fazer*, obs. 2 do § 463, 4; no mais seguem o paradigma.

Questionário

1. Que é verbo irregular e quantas espécies existem de irregularidades? Exemplos.

2. Quantos tempos primitivos existem em nosso idioma?

3. Faça o quadro da derivação dos verbos, adotando como exemplo o verbo *pôr*.

4. Que entende, no estudo dos verbos em *ear*, por *i eufônico*? Quando aparece?

5. Há algum erro na seguinte oração: "Devemos partir nos meiados do mês de setembro"? – Justifique a resposta.

6. Que diz da conjugação dos verbos em *iar*?

7. Recite nas formas rizotônicas os verbos *premiar*, *negociar*, *incendiar* e *odiar*.

8. Diga todo o presente do subjuntivo do verbo *moscar-se*.

9. Diga todo o indicativo e o subjuntivo presentes do verbo *apiedar-se*.

10. Recite nas formas rizotônicas o verbo *resfolegar*.

11. Conjugue o verbo *dar* no pretérito imperfeito do subjuntivo.

12. Escreva o pretérito perfeito do indicativo do verbo *caber*.

13. Escreva o futuro do subjuntivo do verbo *caber*.

14. Escreva o futuro do subjuntivo de *dizer*. Qual a diferença ou diferenças entre esse tempo e o infinitivo pessoal?

15. Escreva o futuro do subjuntivo do verbo *fazer*.

16. Escreva o futuro do subjuntivo, o imperfeito do subjuntivo e o infinitivo pessoal de *poder*.

17. Escreva o pretérito perfeito dos verbos *aprazer* e *comprazer-se*. Faça duas orações em que entrem esses verbos.

18. Escreva o verbo *prazer* em todos os tempos.

19. Escreva a 3ª pessoa do plural do pretérito perfeito de *prover* e os correspondentes tempos derivados.

20. Escreva o futuro do subjuntivo e o infinitivo pessoal de *querer*.

21. Que diz da conjugação do verbo *requerer*?

22. Escreva o pretérito perfeito do indicativo e o futuro do subjuntivo de *saber*.

23. Escreva o futuro do subjuntivo de *trazer* (indique a pronúncia da 1ª pessoa).

24. Escreva o futuro do subjuntivo do verbo *ver*.

25. Quais os significados de *rever*? Que diz da conjugação desse verbo na acepção de *verter*?

26. Escreva a 3ª pessoa do singular do pretérito mais que perfeito de *apor*, *contrapor*, *descompor*, *impor*, *pospor*, *supor*.

27. Se o professor lhe pedir para conjugar qualquer verbo da 3ª conjugação, você saberá fazê-lo? Se ao professor compete ensinar, compete a você estudar.

28. Faça um trabalho escrito sobre "O Idioma Pátrio" empregando o mínimo de uma página e meia e o máximo de duas.

Para alguma inspiração, leia no D. QVs um destes verbetes: *Ensino do vernáculo – Língua brasileira? – Língua nacional – Linguagem dos jovens? – Professor de português – Redação – Vernáculo – Zelotes do vernáculo.*

CAPÍTULO 31

VERBOS ANÔMALOS

475 – São assim chamados os verbos *ser* e *ir*, cuja conjugação se processa de maneira ainda diferente da dos irregulares; enquanto estes sofrem alterações num mesmo radical, o verbo *ser* e o verbo *ir* mudam de radical.

a) **Ser**: Provém de dois verbos latinos: *esse* (ser) e *sedēre* (ficar, permanecer, estar, estar sentado). Enquanto *sedēre* fornece uma forma primitiva, *esse* fornece duas: *es*, *fu*.

b) **Ir**: Provém de três verbos latinos: *ire* (ir), *vadĕre* (caminhar, andar), *fugere* (retirar-se, fugir).

Nota: Cabe à Gramática Histórica, à luz da qual todos os verbos são regulares, o trabalho de explicar a origem e o desenvolvimento das várias formas verbais hoje existentes.

Questionário

1. Qual a diferença entre verbo irregular e verbo anômalo?

2. Quais são os verbos anômalos?

3. Acrescente a letra final faltante no verbo destas orações: *a*) ... antes que se consum_ o crime. *b*) ... antes que se consum_ o arroz.

CAPÍTULO 32

VERBOS DEFECTIVOS

479 – Defectivos são os verbos que têm deficiência na conjugação, isto é, são os que não possuem todas as formas verbais.

Assim, é defectivo o verbo *languir* (§ 453), pois não tem conjugação completa.

pres. do indic.	*pres. do subj.*
eu	. . . . .
tu langues	. . . . .
ele langue	. . . . .
nós languimos	. . . . .
vós languis	. . . . .
eles languem	. . . . .

Para o completo estudo dos defectivos, porém, importa-nos saber o que são verbos impessoais.

480 – **Verbos IMPESSOAIS**: Sabemos o que vem a ser sujeito; pois bem, um verbo se diz **impessoal** quando a ação não faz referência a nenhum sujeito especificado, a nenhuma causa determinada.

Se, por um lado, há verbos como *escrever*, *ler*, *abrir*, *quebrar*, que sempre apresentam a ação em relação com uma causa produtora, com uma *pessoa* gramatical – chamando-se, por isso, **verbos pessoais** – por outro lado há certos verbos como *chover*, *trovejar* e outros, cuja ação não é atribuída a nenhum sujeito, constituindo estes verbos a classe dos **verbos impessoais**.

481 – Dos verbos impessoais, há os que são *essencialmente* impessoais e os que são *acidentalmente* impessoais.

482 – Impessoais ESSENCIAIS: Um verbo se diz **impessoal essencial** quando, *no seu sentido verdadeiro e usual*, não atribui a ação a nenhuma causa verdadeira, isto é, a nenhum sujeito.

À classe dos impessoais essenciais pertencem verbos que indicam fenômenos de natureza inorgânica ou fenômenos meteorológicos, ou seja, os que indicam fenômenos da atmosfera. "*Chove* hoje" – "*Anoitecia* quando ele chegou" – "Ontem *trovejou*" – são orações em que os verbos (chove, anoitecia, trovejou) são *impessoais essenciais*, pois nesse sentido são comumente usados sem atribuir a ação de *chover*, de *anoitecer*, de *trovejar* a nenhum sujeito.

Todos esses verbos só se conjugam na 3ª pessoa do singular.

Nota: Tais verbos deixam de ser impessoais uma vez que se lhes dê um sujeito que se apresente ao espírito como causa da ação por eles expressa; se dissermos: "Os céus *chovem*" – "As nuvens *trovejam*" – "O dia *amanheceu* nublado" – passamos a empregar esses verbos *pessoalmente*, pois estamos a eles atribuindo um sujeito.

Ainda um segundo processo existe de tornar pessoal um verbo impessoal: empregá-lo em sentido figurado, comparado; exs.: "Os canhões *trovejam*" – "A vida já nos *anoitece*" – "As baionetas *relampagueavam*" – " *Amanhecemos* alegres" (Estávamos alegres quando amanheceu) – Os verbos dessas orações estão empregados comparativamente, isto é, em sentido que não lhes é próprio, em sentido figurado, comparado.

483 – Impessoais ACIDENTAIS: Ao lado dos verbos impessoais essenciais há os **impessoais acidentais**; assim se denominam os verbos que, em sua significação natural, isto é, como comumente são usados, têm sempre o respectivo sujeito, mas que, em determinados casos, ou seja, *acidentalmente*, tornam-se impessoais.

Se no parágrafo anterior o verbo era de natureza impessoal e só eventualmente se tornava pessoal, agora temos o caso contrário.

Há dos verbos impessoais acidentais dois grupos: impessoais acidentais *ativos* e impessoais acidentais *passivos*.

484 – Impessoais acidentais ATIVOS: 1 – Sabemos que verbo ativo é o que indica ação praticada pelo sujeito, o qual ou vem declarado na oração ou facilmente se subentende. Pois bem, se tivermos numa oração um verbo ativo cujo sujeito, além de não vir expresso, não é subentendido nem necessita ser conhecido, esse verbo será *impessoal acidental ativo*.

Suponhamos o verbo *dizer* empregado pessoalmente nesta oração: "Pedro e Paulo *dizem* a verdade" – Temos o verbo ativo *dizer* com os sujeitos *Pedro* e *Paulo*.

Nesta outra oração, porém: "*Dizem* que o Banco X faliu" – além de não estar expresso o sujeito do verbo, não cogitamos em saber qual seja. O verbo *dizer* nesse caso é chamado **impessoal acidental ativo**.

Outros exemplos: "*Falam* mil coisas a respeito da nossa situação" – "*Contam* por aí que a situação é precária".

Nessas orações, *mil coisas*, *que a situação é precária* são objetos diretos dos verbos *falam* e *contam*, cujos sujeitos não nos interessa conhecer.

Observação:

Orações assim impessoalizadas podem ser convertidas em orações pessoais, levando-se o verbo para a voz passiva, e dando-se-lhe como sujeito o objeto da *oração impessoal*:

CONSTRUÇÃO IMPESSOAL	CONSTRUÇÃO PESSOAL
Dizem (v. impess.) que ele é bom (obj. dir. de *dizem*)	Diz-se (v. passivo) que ele é bom (suj. de *diz-se*)
	(= *Que ele é bom é dito*) sujeito / verbo
Contam (v. impess.) que ele vai morrer (obj. dir. de *contam*)	Conta-se (v. passivo) que ele vai morrer (suj. de *conta-se*)
	(= *Que ele vai morrer é contado*) sujeito / verbo

2 – Sabemos que o verbo *haver* tem as significações de *possuir* e *ter*. Em vez de "Pedro *tem* muitos livros" – poderemos dizer, embora tal forma não seja usada: "Pedro *há* muitos livros". Dizendo agora: "*Há* homens na sala" – não nos interessa saber quem é o sujeito do verbo *haver*; o verbo está aqui empregado impessoalmente e *homens* vem a ser objeto direto, tal qual se passa com *livros* na oração anterior.

Raciocínios e exemplos semelhantes poderemos fazer com os verbos *ser*, *fazer* e outros: "*Faz* calor" – "*Está* tarde" etc.

Notemos que verbos como *falar*, *contar*, *dizer* etc. impessoalizam-se na terceira pessoa do plural, ao passo que *haver*, *ser*, *estar* e outros, na terceira pessoa do singular. Assim como não se pode dizer impessoalmente "*Fala* mil coisas a nosso respeito" – no singular – da mesma forma não se pode dizer: "Amanhã *haverão* aulas" – "*São* cedo" – no plural.

Nota: Empregado impessoalmente, o v. *haver* significa *existir*, mas, se o substituirmos por este verbo, a concordância se imporá, dada a mudança de função dos termos da oração:

Há	*homens*	*Existem*	*homens*
v. impessoal (sem sujeito)	obj. direto	v. pessoal vai para o plural, porque é o sujeito	suj. plural

Se na primeira construção substituirmos *homens* por pronome, este deverá ser *os*, porque é o caso correspondente ao objeto direto: *há-os*. Exemplo: "De homens bons precisamos, mas não *os* havendo..." – "Meios existem para sanar o mal; não *os* há, porém, senão a peso de muito sacrifício" – "Se então havia tanto rigor para quem ofendia a imagem, por que *o* não há também agora?"

485 – Impessoais acidentais PASSIVOS: Temos já do caso noção, em vista do que ficou no § 405: Muitos verbos intransitivos, transitivos indiretos e até alguns transitivos diretos (V. *Variante* do citado §) empregam-se impessoalmente, isto é, sem sujeito determinado, mediante o pronome apassivador *se*: "*Vai-se* todos os dias à fonte" – "*Precisa-se* de um datilógrafo" – "*Premiava-se* aos vencedores" – Nesses exemplos, os verbos (intransitivo no 1º, transitivo indireto no 2º e transitivo direto no 3º) estão empregados impessoalmente na voz passiva, ficando sempre no singular.

486 – Dentre as línguas que nos são mais conhecidas, o francês e o inglês sempre atribuem a ação dos verbos para nós impessoais a um sujeito aparente, empregando o primeiro desses idiomas o pronome *il* e o segundo, *it*. E, assim, dizem os franceses: "*Il* tonnera" (Trovejará) e os ingleses: "*It* rains" (Chove).

O português arcaico deixou-nos exemplos dessa construção: "*Ele* é muito cedo" – "*Ele* há bons e mais na criação" – "*Ele* chove hoje".

487 – É de importância saber que qualquer verbo que na oração venha acompanhando verbo impessoal, para a formação quer de tempo composto, quer de locução verbal, deve também impessoalizar-se. Não podemos dizer: "*Devem* haver homens na sala" – Se *haver* é impessoal, o verbo *dever*, que no caso concorre para a formação de uma locução verbal, também se impessoaliza: "*Deve* haver homens na sala". E assim: "Sem embargo de exceções que *possa* ter havido" – "Deixou de haver reclamações".

Igualmente: "*Vai* fazer cinco anos que ele morreu" e não: "*Vão* fazer..." – pois o verbo *fazer* é, nesse sentido, impessoal ("*Faz* cinco anos...").

Observações:

O verbo *dar* em expressões como: "*Deram* dez horas" é pessoal, sendo seu sujeito *dez horas*. Não podemos, portanto, dizer impessoalmente: "*Deu* dez horas".

O mesmo se observe quanto a *bater*, *soar*: "*Bateram* oito horas" – "*Soaram* as dez horas".

488 – Em resumo, assim se dividem os defectivos:

VERBOS DEFECTIVOS
- **impessoais** (sem sujeito determinado)
  - essenciais: *chover, anoitecer*
  - acidentais
    - ativos: *dizem, há* aula, *faz* duas horas
    - passivos: *precisa-se de*
- **pessoais** (com sujeito determinado)
  - os que exprimem fenômenos de natureza viva, orgânica: *latir, brotar*
  - alguns outros: *prazer* (§ 463, 7), *doer, soer, precaver-se, reaver, rever.*

Nota: Quando os defectivos só se conjugam na 3ª pessoa do singular ou do plural, chamam-se também *unipessoais.*

a) – DOER

Dói, doem; doía, doíam; doeu, doeram; doera, doeram; doerá, doerão; doeria, doeriam; doa, doam; doesse, doessem; doer, doerem (fut. do subj. e infin. pess. iguais); doendo, doído.

Observação:

A forma pronominal *doer-se* e o composto *condoer-se* conjugam-se em todas as pessoas: eu me doo, tu te dóis, ele se dói, nós nos doemos, vós vos doeis, eles se doem – etc. Eu me condoo, tu te condóis, ele se condói, nós nos condoemos, vós vos condoeis, eles se condoem – etc.

Por serem verbos regulares, nenhuma dificuldade devem apresentar para a conjugação.

b) – SOER

Este verbo só possui as seguintes formas:

Ind. pres. – sóis, sói, soemos, soeis, soem.

Imperf. – soía, soías, soía, soíamos, soíeis, soíam.

Part. – soído.

Observações:

1ª – A pronúncia do imperfeito é *so-í-a, so-í-as, so-í-a* etc.; no particípio é *so-í-do.*

2ª – *Soer* significa *costumar, ter por hábito* e geralmente vem seguido de um infinitivo: "Pedro *sói levantar-se* às 6 horas" – "Eles *soem desobedecer* a prescrições novas" – "Assim como *soemos fazer* aos cavalos".

c) – FEDER

Este verbo só é conjugado nas formas em que ao *d* se segue *e* ou *i*. Nas outras formas é ele substituído por *estar fedendo*, notando-se, porém, que em linguagem polida o próprio verbo *feder* não é usado, sendo substituído por *cheirar mal*.

Ind. pres. – fedes, fede, fedemos, fedeis, fedem. *Imperf.* – fedia, fedias etc. *Perf.* – fedi, fedeste etc. *M.-q.-perf.* – federa, federas etc. *Fut.* – federei, federás etc. *Fut. do pret.* – federia, federias etc. *Imperat.*: Impossível, dada a significação. *Subj. pres.*: Não há. *Imperf.* – fedesse, fedesses etc. *Fut. do subj.* e *infin. pess.* iguais: feder, federes etc. *Inf.* – feder. *Ger.* – fedendo. *Part.* – fedido.

d) – PRECAVER-SE

Este verbo nada tem de comum nem com o verbo *ver* nem com o verbo *vir*; dizer eu me *precavejo* ou eu me *precavenho*, que ele se *precavenha*, eles se *precaviram* ou eles se *precavieram* é incorrer em gravíssimo erro de conjugação. O que há é o seguinte: O verbo é defectivo, sendo usado somente nas formas arrizotônicas, nas quais é inteiramente regular.

Por outras palavras: O verbo *precaver-se* não se conjuga na 1ª, 2ª e 3ª pessoa do singular nem na 3ª do plural do indicativo presente (faltando, por conseguinte, todo o presente do subj. e a 2ª pess. sing. do imperativo), sendo, nas demais pessoas, *totalmente regular*, notando-se que o verbo sempre vem acompanhado do pronome oblíquo.

Ind. pres. – precavemos, precaveis. *Imperf.* – precavia, precavias etc. *Perf.* – precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram. *M.-q.-perf.* – precavera, precaveras etc. *Fut.* – precaverei, precaverás etc. *Fut. do pret.* – precaveria, precaverias etc. *Imperat.* – precavei. *Subj. pres.*: Não há. *Imperf. do subj.* – precavesse, precavesses etc. *Fut. do subj.* e *inf. pess.* iguais: precaver, precaveres etc. Precaver – precavendo – precavido.

Observação:

Para substituir as formas inexistentes, emprega-se um verbo sinônimo, como *acautelar-se*, *prevenir-se*, *precatar-se*.

e) – REAVER

É regra geral: Os verbos compostos conjugam-se de acordo com os verbos simples. Se *reter* é composto de *ter*, como este deverá ser ele conju-

gado: *re + tenho*, *re + tens*, *re + tem... re + tive*, *re + tiveste*, *re + teve*, *re + tivemos*, *re + tivestes*, *re + tiveram* etc. Seguindo tal norma, o verbo *reaver* deveria flexionar-se em *re + hei*, *re + hás*, *re + há* etc., mas tal não se dá, podendo ser conjugado apenas nas formas em que o primitivo *haver* tem *v*:

haver	*reaver*
hei	. . . .
hás	. . . .
há	. . . .
haVemos	reaVemos
haVeis	reaVeis
hão	. . . .

Não há, conseguintemente, as formas do subjuntivo presente nem a do imperativo singular, conjugando-se em todos os demais tempos, pois neles sempre existe *v*: *reavia*, *reaverei*, *reaveria*, *reouve*, *reouvera*, *reouvesse*, *reouver*.

f) – REVER

O verbo *rever* (V. § 463, obs. 3 do v. *ver*), no sentido de *transudar*, *verter*, *ressumar*, só é usado nas 3.as pessoas.

g) – VIGER

É verbo regular (= estar em vigor, ter vigor, vigorar), mas não se emprega na 1.ª pessoa do sing. do indic. presente nem, portanto, nas do presente do subjuntivo: "Essa lei já não *vige*" – "Ao tempo em que *vigia* a ditadura".

489 – Além dos verbos contidos nos grupos acima, outros existem que são perfeitamente normais e se conjugam em todas as pessoas, mas, em certas construções, tornam-se eventualmente defectivos. São eles:

1 – **Constar**: Defectivo no sentido de *ser notório*: *Constam* irregularidades (sujeito) na repartição. *Consta* que ele vai sair (sujeito).

No sentido de *consistir* ou de *estar presente*, é ele conjugado em todas as pessoas: *Constamos* de corpo e alma. Eu não *consto* na lista dos promovidos.

2 – **Grassar**, que significa *desenvolver-se*, *espalhar-se*, só é usado nas 3.as pessoas: *Grassavam* doenças de toda a espécie. Muito antes do dia marcado, *grassava* a notícia da rebelião.

3 – **Pesar**: É o verbo *pesar* conjugado normalmente na acepção de *verificar o peso, ter o peso de*. Com a significação de *causar mágoa, arrepender-se*, é ele defectivo pessoal: "*Pesa-me* tê-lo ofendido" – "*Pesam-lhe* hoje os atos da juventude".

sujeito (tê-lo ofendido); sujeito (os atos)

Nota: Quanto à pronúncia, veja-se a nota do § 446.

4 – **Relevar**: Conjuga-se em todas as pessoas, quando empregado com a significação de *perdoar* ("*Relevai-me* esta tardança"), *fazer sobressair*: "A feição que *releva* e carateriza o seu vulto".

Com a significação de *convir, ser necessário*, é defectivo pessoal: "*Releva*, porém, considerar qual seja desta guerra o motivo".

5 – **Importar**: Conjuga-se normalmente na acepção de *trazer para dentro do país*: "*Importamos* petróleo". É defectivo pessoal no sentido de *ser conveniente* ("A Deus *importa* que não haja distinção entre irmãos no pátrio abrigo"), *perfazer a quantia de*: " *Importam* os gastos em trinta mil cruzeiros".

sujeito (que não haja distinção); sujeito (os gastos)

6 – **Acontecer**, que significa *suceder, realizar-se*: "*Acontece* que ele não quer ir" – "Isso *aconteceu* ontem".

sujeito (que ele não quer ir); suj. (Isso)

7 – **Correr**: É defectivo pessoal na acepção de *constar, ser notório*: "*Corre* que vais ser exilado" – "*Correm* notícias as mais desencontradas".

sujeito (que vais ser exilado); sujeito (notícias)

8 – **Ocorrer**: É defectivo pessoal na acepção de *acontecer* ("*Ocorreu* triste fato" – "*Ocorreram* lastimáveis desavenças") e na de *lembrar, vir à memória*: "*Ocorreu-me* o seguinte" – "*Ocorrem-me* os traços do assaltante".

9 – **Suceder**: É defectivo pessoal quando significa *acontecer*: "*Sucede* que ele não quer aceitar" – "Casos como esse *sucedem* frequentemente".

sujeito (que ele não quer aceitar); sujeito (Casos)

Com a significação de *substituir*, é conjugado em todas as pessoas e se constrói hoje com objeto indireto (prep. *a*): "Sucederei *a* meu irmão na gerência da fábrica" – "Os reis que *lhe* sucederam".

10 – Certos verbos da 3ª conjugação, como *polir*, *colorir* e outros, que só se conjugam nas formas em cuja desinência existe *i*. Nas formas em que o paradigma *partir* não tiver *i* (o que se dá nas três pessoas do singular e na 3ª do plural do pres. do ind., no singular do imperativo e no pres. do subj.), tais verbos não poderão ser conjugados:

part-o	. . . .
part-es	. . . .
part-e	. . . .
part-*i*mos	polimos
part-*i*s	polis
part-em	. . . .

Lista desses verbos defectivos:

abolir	carpir	discernir	falir	polir
adir (acrescentar)	cernir	embair	fletir	puir
adir (receber, tomar	colorir	emergir	florir	remir
posse)	combalir	emolir	fornir	renhir
aguerrir	comedir-se	empedernir	fremir	ressequir
banir	compelir	esbaforir	ganir	retorquir
bramir	condir	espavorir	haurir	revelir
brandir	delir	exaurir	imergir	ruir
brunhir	demolir	exinanir	infletir	submergir
brunir	descomedir-se	explodir	latir	urgir
buir	desmedir-se	extorquir	munir	vagir

Desses verbos, alguns há que toleram as flexões *e* e *em*: *bane*, *brande*, *carpe*, *compele*, *discerne*, *explode*, *freme*, *gane*, *haure*, *inflete*, *late* e *mune*.

Quando necessário, recorre-se, para preencher as falhas da conjugação, ou a um verbo sinônimo ou ao auxílio de outro verbo que, sem prejuízo para a significação, proporcione a flexão em *i*: estou *polindo*, eu sei *colorir*, não vou *extorquir*, tu não podes *abolir*, ele se põe a *vagir*.

– Outros verbos, como *ecoar*, *estrondar*, *bruxulear*, *faiscar*, *marulhar*, *soar*, *ressoar*, *ribombar* etc., são defectivos porque indicam a produção de fatos atribuíveis a sujeitos determinados, especiais.

Apenas quando usados em linguagem figurada é que esses verbos se podem conjugar nas outras pessoas.

Questionário

1. Que é verbo *defectivo*? Exemplos.
2. Quando um verbo se diz *impessoal*?
3. Por quantos e por quais processos podemos pessoalizar um verbo impessoal essencial? Exemplos.
4. Qual a função sintática de *aula* na oração: "Hoje não há *aula*"?
5. Faça o quadro da divisão dos defectivos, não se esquecendo dos exemplos.
6. Faça duas orações com o verbo *soer*. (V. a 2ª observação que acompanha esse verbo .)
7. Qual o presente e o pretérito perfeito do indicativo do v. *precaver-se*?
8. Qual o pretérito perfeito do v. *reter*?
9. Qual o pres. do ind. e do subj. do v. *reaver*?
10. Corrija:

a) Tamerlão deteu a marcha dos turcos contra Constantinopla.
b) Não lhe estou culpando por isso. Sempre lhe tive como um bom amigo.
c) Isso era um exercício que nos entretia muito.
d) O magistrado diferiu o requerimento que você está falando.
e) Fazem seis meses que chegamos em São Paulo.
f) Devem haver grandes festas quando voltar nosso chefe.
g) Está eminente um grande temporal: precavejamo-nos.
h) Chegaram a haver suspeitas que você estivesse metido nessa falcatrua, mas eu sempre te defendi.
i) Você já experimentou tomar um chá de marcela?
j) Quando Pedro saiu para a caça, ele se proviu de um enorme facão.
k) Concordo que esta é uma situação angustiosa, de que o desenlace ninguém pode prever.
l) Durante duas semanas nos mantêramos (este verbo deve estar no mais-q.-perf.) só de conservas.
m) O cimento que se tem feito estes passeios não é igual ao que se fez os do outro lado da rua (corrija sem tirar palavras).
n) Nisso eu nunca intervi. Você compreende que, se eu tivesse intervisto teria te reservado um lugar melhor.

CAPÍTULO 33

VERBOS ABUNDANTES

494 – São assim chamados os que possuem alguma forma dupla, como o verbo *ir*. Agrupam-se entre os abundantes especialmente os muitos verbos de nosso idioma com dois particípios (**verbos de particípios duplos**): um *regular*, sempre terminado em *do* (*a*do para a 1ª conjugação, e *i*do para a 2ª e 3ª), outro *irregular*, sempre mais curto que o regular, e de terminação variável.

Assim é que, por exemplo, há para o verbo *suspender* dois particípios: *suspendido*, formado regularmente, e *suspenso*, de forma mais curta que o regular.

495 – Vejamos as normas para o perfeito uso dessas duas formas participiais.

Em regra geral, usa-se o particípio regular com os verbos *ter* e *haver*, ou seja, na voz ativa; o particípio irregular é usado com os verbos *ser* e *estar*, isto é, na voz passiva:

"O *diretor* *tem* (ou *há*) *suspendido* muitos alunos"
suj. ativo — part. regul.

"*Muitos alunos* *foram* *suspensos* pelo diretor"
suj. passivo — part. irreg.

"*Os alunos* *estão* *suspensos*"
suj. passivo

Nota: Vimos já que os particípios variam em gênero e em número com os verbos *ser* e *estar*, permanecendo invariáveis com os verbos *ter* e *haver* (V. § 430).

Isso no português atual, porquanto, no velho português, como ainda hoje em francês e em italiano, o particípio junto aos auxiliares *ter* e *haver* era variável; um quinhentista podia dizer: "Cart*a* que eu tenho escrit*a*" – como hoje diz um francês: "La lettre que j'ai écrite" – e um italiano: "Ho scritte molte lettere".
fem. fem. fem. fem. plur.

Atualmente, muita diferença existe entre: "Tenho corrigidas muitas lições" – que equivale a dizer: "Tenho já prontas, já corrigidas" – e "Tenho corrigido muitas lições" – ou seja: "Há tempo venho corrigindo lições".

496 – A regra acima, como todas as regras, possui exceções; em vez de dá-las agrupadamente, vamos expô-las na própria lista dos verbos de duplo particípio. Numa segunda lista exporemos as formas participiais irregulares usadas apenas como adjetivos, como substantivos ou, até, como preposições:

1ª CONJUGAÇÃO

Infinitivo	Part. reg.	Part. irreg.
afetar	afetado	afeto[1]
aceitar	aceitado[2]	aceito[3]
dispersar	dispersado	disperso
entregar	entregado	entregue[4]
enxugar	enxugado	enxuto
expressar	expressado	expresso
expulsar	expulsado	expulso
fartar	fartado	farto[5]
findar	findado	findo
fixar	fixado[5]	fixo
fritar	fritado	frito

(1) Os compêndios dão em geral *afeto* como part. de *afeiçoar*, mas neste sentido não se emprega. Alega-se não ser lídima a forma *afetar*, mas é corrente e parece imprescindível no sentido em que a impugnam: "*Afetamos* este caso ao tribunal" – "A questão foi *afeta* ao ministro".

(2) Forma empregada também na passiva.

(3) As formas participiais *aceite*, *fixe*, *encarregue* e *assente*, usadas principalmente em Portugal, devem ser postas de lado, porquanto são criações plebeias de todo inúteis, havendo já *aceito* e *aceitado*, *fixo* (adj.) e *fixado* (particípio), *encarregado* e *assentado*.

(4) "O particípio *entregue*, proveniente do adjetivo latino *integre* (com metátese), é a única forma participial em *e* cujo emprego remonta à fase mais antiga da língua portuguesa. Por analogia criou-se modernamente, a par de *assentado*, o supérfluo *assente*, termo de que se serviu Filinto Elísio, mas que foi refugado por outros escritores coetâneos e posteriores" (Said Ali).

Quite e *livre* são também formas participiais em *e* por todos aceitas.

(5) Não se confunda *farto* com *falto*: *farto* de comida (cheio de comida) e *falto* de comida (desprovido de comida).

(6) Forma também usada com os verbos *ser* e *estar*.

Infinitivo	Part. reg.	Part. irreg.
ganhar	ganhado (7)	ganho
gastar	gastado (7)	gasto
juntar	juntado	junto
limpar	limpado	limpo
matar	matado	morto
misturar	misturado	misto(8)
murchar	murchado	murcho
ocultar	ocultado(9)	oculto
pagar	pagado(10)	pago
pegar	pegado	pego(11)
salvar	salvado	salvo (V. D. QVs)
secar	secado	seco
segurar	segurado	seguro
soltar	soltado	solto
sujeitar	sujeitado	sujeito
vagar	vagado	vago

2ª CONJUGAÇÃO

Infinitivo	Part. reg.	Part. irreg.
acender(12)	acendido	aceso
benquerer	benquerido	benquisto
benzer	benzido	bento
defender	defendido	defeso(13)
eleger	elegido	eleito(14)
encher	enchido(15)	cheio
envolver	envolvido(16)	envolto

(7) Formas hoje desusadas; o uso prefere *ganho* e *gasto* para ambas as vozes: *Tenho ganho, está ganho; tenho gasto, está gasto.*

(8) Visando à coerência é que devemos escrever *misto* com *s*; se *mistura* e *misturar* sempre se escrevem com *s*, nada mais natural e justo que escrever também com *s* a forma irregular do particípio.

(9) Forma também empregada na passiva.

(10) Não existe, na linguagem hodierna, esta forma regular; hoje tanto se diz: "*Está pago*" – quanto: "*Tenho pago*".

(11) Pronuncia-se *pêgo*. Hodiernamente, este particípio tende a sair da regra, sendo indiferentemente usado na passiva e na ativa: *está pego, tenho pego, é pego, havia pego.*

(12) Não se confunda *acender* (= atear fogo), com *ascender* (= subir).

(13) A forma irregular só é usada no sentido de *proibir*: "A pesca por meio de explosivos foi *defesa*". No sentido de *proteger*, usa-se o part. regular: "Temos *defendido* as boas causas" – "A fortaleza foi *defendida* por um punhado de bravos".

(14) Forma usada também com os verbos *ter* e *haver*.

(15) *Enchido* é também muito usado com o verbo *ser*: "As garrafas foram *enchidas* por mim".

(16) O part. regular é também usado na passiva: "Ele *está envolvido* num escândalo" – "A criança *foi envolvida* em trapos".

Infinitivo	Part. reg.	Part. irreg.
escrever	escrevido (17)	escrito
fazer	fazido (17)	feito
incorrer	incorrido	incurso
malquerer	malquerido	malquisto
morrer	morrido	morto[18]
prender	prendido	preso
suspender	suspendido	suspenso

3ª CONJUGAÇÃO

Infinitivo	Part. reg.	Part. irreg.
abrir	abrido[19]	aberto
aspergir	aspergido	asperso
cobrir	cobrido[20]	coberto
emergir	emergido	emerso
erigir	erigido	ereto
espargir	espargido	esparso
exaurir	exaurido	exausto
expelir	expelido	expulso[21]
exprimir	exprimido[22]	expresso
extinguir[23]	extinguido	extinto
frigir	frigido	frito[24]
imergir	imergido	imerso
imprimir	imprimido	impresso
inserir	inserido	inserto
submergir	submergido	submerso
surgir	surgido	surto
tingir	tingido	tinto

(17) Formas inteiramente desusadas; tanto na ativa como na passiva empregam-se os particípios *escrito* e *feito*.

(18) *Morto* é particípio irregular de dois verbos, *morrer* e *matar*, verbos estes que têm o particípio regular diferente, *morrido* e *matado*.

Com os verbos de ligação, pois, aparece MORTO para ambos os verbos, mas com os verbos *ter* e *haver* aparece MORRIDO para *morrer* e MATADO para *matar*:

MORRER { Ele está MORTO – O ladrão ficou MORTO
Ele tinha MORRIDO

MATAR { Ele está MORTO – O ladrão foi MORTO
Ele tinha MATADO (nunca: *Ele tinha morto*)

(19) Forma desusada; emprega-se o particípio *aberto* na voz ativa e na passiva.

(20) Forma desusada; emprega-se *coberto* em ambas as vozes.

(21) É também part. irreg. de *expulsar*.

(22) Não se confunda *exprimido*, do v. *exprimir*, com *espremido*, do v. *espremer*; este segundo verbo não possui particípio irregular.

(23) O *u* é insonoro: extingh*i*r, extingh*i*do etc.

(24) Particípio irregular de *frigir* e de *fritar*.

497 – Particípios irregulares usados ou como adjetivos ou como substantivos ou como preposições. ESTES VERBOS ESCAPAM DA REGRA DOS PARTICÍPIOS DUPLOS; diz-se: *será anexado*, *está arrebatado*, *ficou agradecido* etc., como se diz: *estou descalço*, a rua *está descalçada*. Somente o uso ou o manuseio de um bom dicionário pode indicar a maneira de usar os particípios destes verbos.

1ª CONJUGAÇÃO

Infinitivo	Part. reg.	Part. irreg.
anexar	anexado	anexo
aprontar	aprontado	pronto
assentar	assentado	assento (subst.) [1]
benquistar	benquistado	benquisto
botar (= perder o gume)	botado	boto[2]
cativar	cativado	cativo (subst. e adj.)
cegar	cegado	cego (subst. e adj.)
circuncidar	circuncidado	circunciso (subst.)
completar	completado	completo
confessar	confessado	confesso (subst. e adj.)
concretar	concretado	concreto (subst. e adj.)
contraditar	contraditado	contradito
crucificar	crucificado	crucifixo (subst.)
cultivar	cultivado	culto (subst. e adj.)[3]
curvar	curvado	curvo
descalçar	descalçado	descalço
despertar	despertado	desperto
entortar	entortado	torto
escusar	escusado	escuso
estreitar	estreitado	estreito (subst. e adj.)
estremar	estremado	estremo (subst. e adj.) estreme (adj.)
excetuar	excetuado	exceto (prepos.)[4]
exentar	exentado	exento[5]
falhar	falhado	falho
faltar	faltado	falto
infeccionar	infeccionado	infecto
infetar	infetado	
inficionar	inficionado	

(1) V. notas 3 e 4 do § anterior.

(2) Pronuncia-se *bôto*: A espada está *bôta*.

(3) Não se vá confundir *culto* (ilustrado, civilizado) com *curto* (minguado, pequeno): Inteligência *culta* – Inteligência *curta*.

(4) O particípio *exceto* só é usado como preposição: "*Exceto* o filho menor, todos os outros são indolentes" (escreva *excetuar*, *excecional* etc., sem *p*).

(5) Presta-se também para part. irreg. de *eximir*. Existem as formas divergentes *isentar*, *isentado* e *isento*.

Infinitivo	Part. reg.	Part. irreg.
infestar	infestado	infesto
inquietar	inquietado	inquieto
interditar	interditado	interdito (subst. e adj.)
libertar	libertado	liberto (subst. e adj.)
livrar	livrado	livre
malquistar	malquistado	malquisto
manifestar	manifestado	manifesto (subst. e adj.)
molestar	molestado	molesto
murchar	murchado	murcho
professar	professado	professo (subst. e adj.)
quedar	quedado	quedo
quitar	quitado	quite[6]
raptar	raptado	rapto (subst.)
rejeitar	rejeitado	rejeito (subst. antiq.)
sepultar	sepultado	sepulto
situar	situado	sito
suspeitar	suspeitado	suspeito
suxar[7]	suxado	suxo

2ª CONJUGAÇÃO

Infinitivo	Part. reg.	Part. irreg.
absolver	absolvido	absolto absoluto (subst. e adj.)
absorver[8]	absorvido	absorto
agradecer	agradecido	grato
atender	atendido	atento
convencer	convencido	convicto
converter	convertido	converso
corromper	corrompido	corrupto
cozer	cozido	cozeito coito [9]
desenvolver	desenvolvido	desenvolto
devolver	devolvido	devoluto
dissolver	dissolvido	dissoluto

(6) *Quite* é forma que se emprega no singular: "Estou *quite*". *Quites*, com *s*, só se emprega no plural: "Estamos *quites*".

(7) Este verbo é antiquado; o *x* tem som chiante, como em *xarope*; significa *afrouxar*, *desapertar*; "*Suxando* a corda que estava atada".

(8) Não se vá confundir este verbo, em que entra *r* – absorver – com o de cima, absolver.

(9) *Cozeito* é hoje inteiramente desusado, como também já não se usam as formas *recoito* (do verbo *recozer*), *colheito* (do verbo *colher*), *escolheito* (do verbo *escolher*) e *tolheito* (do verbo *tolher*).

Coito aparece em *biscoito* (cozido duas vezes).

Infinitivo	Part. reg.	Part. irreg.
esconder	escondido	escuso esconso[10]
estender	estendido	extenso
interromper	interrompido	interrupto
nascer	nascido	nato nado
pender	pendido	penso
perverter	pervertido	perverso
propender	propendido	propenso
querer	querido	quisto[11]
refranger	refrangido	refrato
remover	removido	remoto
repreender	repreendido	repreenso
resolver	resolvido	resoluto
retorcer	retorcido	retorto
revolver	revolvido	revolto
romper	rompido	roto
solver	solvido	soluto
submeter	submetido	submisso
subtender[12]	subtendido	subtenso
surpreender	surpreendido	surpreso
tanger	tangido	tato (subst.)
tender	tendido[13]	tenso
torcer	torcido	torto

3ª CONJUGAÇÃO

Infinitivo	Part. reg.	Part. irreg.
abstrair	abstraído	abstrato
adstringir	adstringido (não usado)	adstrito
afligir	afligido	aflito (subst. e adj.)
assumir	assumido	assunto (subst. e adj.)
cingir	cingido	cinto (subst.)
coagir	coagido	coacto
coligir	coligido	coleto
compelir	compelido	compulso
comprimir	comprimido	compresso

(10) *Esconso* é usado como subst. e significa compartimento aproveitado nos desvãos inclinados do teto do telhado. Como adjetivo (na significação de *escondido*, *oculto*) é hoje desusado, mas aparece na locução adverbial *a esconsa*, que significa *ocultamente*.

(11) Usado só nos compostos *benquisto* e *malquisto*.

(12) Não se confunda *subtender* (= estender por baixo de) com *subentender* (= admitir, supor mentalmente).

(13) Bandeiras *tendidas* = desfraldadas; ver a olhos *tendidos* = esforçar a vista, à maneira dos míopes, para ver objetos longínquos.

Infinitivo	Part. reg.	Part. irreg.
concluir	concluído	concluso[14]
confundir	confundido	confuso
constringir	constringido	constrito
contrair	contraído	contrato (subst. e adj.)
contundir	contundido	contuso[15]
convelir	convelido	convulso
corrigir	corrigido	correto[16]
difundir	difundido	difuso
dirigir	dirigido	direto
distinguir	distinguido[17]	distinto
dividir	dividido	diviso[18]
excluir	excluído	excluso
eximir	eximido	exento[19]
extrair	extraído	extrato (subst.)
fingir	fingido	ficto
haurir	haurido	hausto (subst.)
iludir	iludido	iluso
incluir	incluído	incluso
infundir	infundido	infuso
insurgir	insurgido	insurreto
obtundir	obtundido	obtuso
omitir	omitido	omisso
oprimir	oprimido	opresso
possuir	possuído	possesso (subst. e adj.)
recluir	recluído	recluso
remitir	remitido	remisso
repelir	repelido	repulso
restringir	restringido	restrito
ressurgir	ressurgido	ressurrecto
suprimir	suprimido	supresso

498 – NOTAS FINAIS: 1ª – *Escorreito*: Apesar de João Ribeiro e outros gramáticos darem *escorreito* como forma participial irregular de *escorrer*, julgamos de mais acerto considerá-lo filiado ao baixo latim *excorrectum*, part. pass. de *excorrigere*, que significa *corrigir*, sendo o *ex* prefixo aumentativo, reforçativo.

---

(14) Forma usada somente em linguagem forense: Processo *concluso* = que subiu à presença do magistrado para despachar ou sentenciar.

(15) Ferida *contusa* = acompanhada de contusão.

(16) *Correto* não conservou a significação de *corrigir*: *correto* significa *sem defeitos*. Uma lição pode estar *correta* e não ter sido ainda *corrigida*. Vice-versa, pode estar *corrigida* e não estar *correta*.

(17) Neste verbo, como nos derivados, o *u* é insonoro: disting*h*ido, disting*h*ir, disting*h*ível etc.

(18) *Diviso*, que significa *que se dividiu*, é forma pouco usada.

(19) V. nota 5 deste mesmo §.

Compreende-se mais, assim, a razão de frases como: "Rapaz *escorreito*" (bem apessoado) – "Linguagem *escorreita*" (apurada, correta).

2ª – O verbo *ter* e seus compostos *conter*, *deter*, *manter* e *reter* possuíam antigamente as formas participiais em *udo*: *teúdo* (pronuncia-se *te-ú-do*), *conteúdo* (hoje usado como substantivo), *deteúdo*, *manteúdo* e *reteúdo*.

3ª – V. *imprimido*, *impresso* no D.QVs.

Questionário

1. Que são *verbos abundantes*?
2. Que são verbos de *particípios duplos*? Quais as diferenças entre o particípio irregular e o regular? Responda com exemplos.
3. Faça 6 sentenças com particípios regulares de quaisquer verbos (empregando dois de cada conjugação) e outras 6 com particípios irregulares dos mesmos verbos. (V. nota ao pé da página.)
4. Os verbos de particípios duplos aparecem divididos em dois grupos. Explique a razão disso. (A resposta é somente o que se encontra em letras maiúsculas nas primeiras linhas do § 497.)
5. Como se pronunciam os verbos *extinguir* e *distinguir*?
6. *Expresso* é particípio irregular de dois verbos; quais são?
7. *Boto* é particípio de que verbo? Que significa?
8. *Emergir* e *imergir* significam a mesma coisa? Explique a resposta.
9. "Lição *corrigida*" e "Lição *correta*" significam a mesma coisa? Explique a resposta.
10. Acrescente a letra final no verbo destas orações:
a) antes que se consum..... o crime.
b) antes que se consum..... o arroz.

No dar os 6 pares de sentenças pedidos na pergunta 3, use *ter* (ou *haver*) com o particípio regular, e *ser* (ou *estar* ou outro verbo de ligação) com o irregular de verbos que constem das listas do § 496, como nestes dois exemplos:

1. O diretor tinha *expulsado* dois alunos.
   Dois alunos foram *expulsos* pelo diretor.
2. Haviam já *prendido* o ladrão.
   O ladrão estava (tinha sido, ficou) *preso*.

CAPÍTULO 34

VERBO QUANTO À SIGNIFICAÇÃO

502 – A divisão do verbo quanto à significação constitui estudo de pouca importância, comparada com as divisões, já estudadas, quanto à predicação, quanto à voz e quanto à conjugação.

503 – Certos verbos, ao mesmo tempo que exprimem a ação, encerram ideias acessórias da ação, ideias que podem indicar *aumento*, *diminuição*, *frequência*, *princípio* e *imitação* do ato expresso pelo verbo.

Obtêm-se, dessa forma, cinco espécies de verbos:

a) verbos *aumentativos*

b) verbos *diminutivos*

c) verbos *frequentativos* (ou *iterativos*)

d) verbos *incoativos*

e) verbos *imitativos* (ou *onomatopaicos*)

504 – Verbos AUMENTATIVOS: São aumentativos os verbos que têm significação encarecida ou exagerada para mais; esse encarecimento é indicado ora pela terminação ou sufixo, ora por meio dos prefixos *re*, *tres* e *des*[1]:

(1) O estudo dos prefixos e dos sufixos será brevemente feito na *Etimologia*

Significação positiva	*Significação aumentativa*	*Significação positiva*	*Significação aumentativa*
atenazar	atenazear	ganir	esganiçar-se
berrar	berregar	inquietar	desinquietar
bombardear	esbombardear	jurar	tresjurar
bramar	rebramar	mexer	mexelhar / remexer
bravejar	esbravejar		
cantar	descantar	perder	esperdiçar
contar	recontar	picar	espicaçar
cuidar	recuidar	pousar	repousar
crescer	recrescer	queimar	requeimar
esmurrar	esmurraçar	soar	ressoar
espalhar	espalhagar	suar	tressuar
estrondar	estrondear	talhar	retalhar
fugir	refugir	torcer	retorcer

505 – Verbos DIMINUTIVOS: São diminutivos os verbos que têm a significação encarecida ou exagerada para menos, como os que se veem abaixo:

Significação positiva	*Significação diminutiva*	*Significação positiva*	*Significação diminutiva*
adoçar	adocicar	ferver	fervilhar
beber	bebericar / beberricar	lamber	lambiscar
		namorar	namoricar / namoriscar
chupar	chupitar		
cuspir	cuspinhar	piar	pipitar / pipilar
depenar	depenicar		
dormir	dormitar	saltar	saltitar / saltarinhar / saltarrilhar
escorrer	escorropichar[1]		
esparramar	esparrinhar		
escrever	escrevinhar	tremer	tremelicar

506 – Verbos FREQUENTATIVOS: Denominam-se frequentativos ou iterativos os verbos que indicam ação frequente ou reiterada. Além das locuções verbais com *andar*, *estar*, *ficar*, *permanecer*, *viver*, *continuar* e o *gerúndio* (§ 517), existem formas sintéticas de verbos frequentativos simples, derivados de nomes e de verbos, com as terminações *ejar*, *ear*, *itar*, *inhar*, *icar*:

(1) *Escarrapachar* (abrir muito as pernas), *escarrapichar-se* (proferir as palavras com meticulosidade) e *escorropichar* (beber até a última gota) são formas que não devem ser confundidas.

Nomes ou verbos	*Verbos frequentativos*
badalar	badalejar
balançar	balancear
boca	bocejar boquejar boquea
bordo	bordejar
bravo	bravejar
cabeça	cabecear
coice	escoicear escoicinhar
chorar	choramingar
cravar	cravejar
doido	doidejar
espanar	espanejar
estalar	estalejar
exercer	exercitar
gemer	gemicar gemelhicar
mancar	manquejar
palma	palmejar palmear
passar	passear
pé (pisar)	espezinhar
pestana	pestanejar
rumor	rumorejar
saltar	saltear
tornar	tornear
voltar	voltejar voltear

Nota: A ideia frequentativa é, não raro, reforçada pela forma perifrástica; exs.: "O navio *anda bordejando*" – "Ele *andava espezinhando* e *escoicinhando* a vida alheia". São essas expressões duplamente frequentativas.

507 – Verbos INCOATIVOS: Incoativos denominam-se os verbos que indicam começo de ação (lat. *inchoare* = começar). Além das formas perifrásticas com *ir*, *vir* e o *gerúndio* (§ 518), existem formas sintéticas terminadas em *ecer* ou *escer*, derivadas de substantivos ou de adjetivos. Muitos destes verbos têm a forma frequentativa:

Nomes	*Forma frequentativa*	*Forma incoativa*
alvo	alvejar	alvorecer
amarelo	amarelar	amarelecer
bravo	esbravejar	embravecer
claro	clarear	esclarecer
doido	doidejar	endoidecer
flor	florear	florescer
maduro	madurar	amadurecer
murcho	murchar	emurchecer
raiva	(raivar)	enraivecer
velho	avelhentar	envelhecer

Nota: Tal qual se passa com o verbo frequentativo, o verbo incoativo pode também ser reforçado pela forma perifrástica: Os campos *vão florescendo* – O mar *vai embravecendo*.

508 – Verbos IMITATIVOS: Imitativos ou onomatopaicos são os verbos que expressam a ação própria dos substantivos de que derivam:

Substantivo	*Verbo imitativo*	*Substantivo*	*Verbo imitativo*
balança	balançar balancear	mouro	mourejar
bigode	bigodear	pai	patrissar
cabra	cabrejar	papagaio	papaguear papagaiar
caçapo (= coelho)	acaçapar	parra	esparralhar
cão	encaniçar-se	pato	patinhar
caranguejo	caranguejar	pátria	patrizar
corvo	corvejar	pavão	pavonear
gato	engatinhar	pértiga	empritigar empertigar-se
gralha	gralhar	serpente	serpentear
grego	grecizar	Tântalo	tantalizar
grilo	engrilar	vespa (bespa)	abespinhar-se
judeu	judiar, judaizar		
latim	latinizar		

Nota: É excessivamente rica a língua portuguesa em verbos imitativos ou onomatopaicos, e nessa classe entram os que imitam os sons das coisas e as vozes dos animais: *estrondar*, *sibilar*, *roncar*, *gaguejar*, *chiar*, *mugir*, *latir*, *miar*. Por **vozes de animais** compreende-se tanto o som articulado quanto o barulho que o animal faz no voar, no andar, no comer etc. São vozes, enfim, onomatopaicas que, por reproduzirem sons nem sempre iguais, motivam muitas vezes uma infinidade de formas, parecidas ou não, conforme ou o animal ou o ouvido de quem escuta; o *cão*, por exemplo, ora *cuinca*, ora *late*, ora *acua*; outras vezes *rosna*, *uiva*, *ronca*, quando não *ulula*, *gane*, *esganiça* etc.

Abelha – azoinar, sussurrar, zinir, ziziar, zoar, zonzonear, zuir, zum-zum, zumbar, zumbir, zumbrar, zunir, zunzar, zunzilular, zunzunar.

Andorinha – chilido, chilidar, gazear, grinfar, trinfar, trissar, zinzilular.

Anhuma – cantar, gritar.

Anta – assobiar.

Araponga – golpe, golpear, gritar, martelar, retinir, serrar, tinir.

Arara – palrar, grasnar.

Arouque – berrar.

Bacurau – gemer, piar.

Beija-flor – trissar.

Bisão – berrar.

Bode – berrar, bodejar, gaguejar.

Boi – arruar, berrar, bramar, mugir.

Búfalo – bramar, berrar.

Burro – azurrar, ornear, ornejar, rebusnar, zornar, zunar, zurrar.

Caboré – piar, rir.

Cabra – badalar, balido, berrar, berregar.

Calhandra – o m. q. *andorinha*.

Camelo – blaterar.

Cão – acuar, aulido, balsar, cainhar, cuincar, esganiçar, ganir, ganizar, ladrar, ladrido, latir, maticar, roncar, ronronar, rosnar, uivar, ulular.

Capivara – assobiar.

Caracará – grasnir.
Carneiro – berrar.
Cavalo – bufar, bufido, nitrido, nitrir, relinchar, rifar, rinchar.
Cegonha – gloterar.
Chacal – regougar.
Cigarra – cantar, canto, chiar, chichiar, chio, estridular, fretenir, rechiar, rechinar, retinir, zinir, ziziar, zunir.
Cisne – arensar.
Cobra – assobiar, chocalhar, sibilar, silvar.
Coelho – assobiar, guinchar, chiar.
Condor – crocitar.
Cordeiro – berregar.
Coruja – chirrear, corujar, crocitar, crujar, piar, rir.
Corvo – corvejar, crás-crás, crocitar, grasnar, chem-chem, crasnar.
Cotia – gargalhar, bufar.
Crocodilo – bramir.
Cuco – cucular, cuar.
Curiango – gemer, lastimar.
Dromedário – blaterar.
Elefante – barrir.
Ema – suspirar.
Estorninho – pissitar.
Gafanhoto – zic-zic.
Gaio – gralhar, grasnar.
Gaivota – pipilar, grasnar.
Galinha – cacarecar, cacarejar, cacarejo, carcarear, carcarejar.
Galinha de Angola – fraquejar, estou-fraco.
Galo – cantar, clarinar, cocoriar, cocoricar, cucuricar, cucuritar, galicanto, galicínio.
Ganso – gritar, grasnar.
Garça – gazear.
Gato – bufar, miar, resmunear, resmungar, roncar, ronrom, ronronar, rosnear, rosnar.
Gaturamo – gemer, tritinar.
Gavião – guinchar.
Gralha – crocitar, gralhar, gralhear, grasnar.
Grilo – chirrear, cricilar, cri-cri, cricrilar, estridular, guizalhar, trilar.
Grou – guir, groir, gruir.
Hiena – gargalhar, gargalhear, gargalhadear.
Iaque – berrar.
Insetos – chiar, chirrear, estridular, sibilar, silvar, zinir, ziziar, zoar, zumbir, zunir, zunitar.
Jacaré – roçagar.
Javali – arruar, cuinchar, cuinhar, grunhir, roncar, rosnar.
Jia – coaxar.
Jumento – o m. q. *burro*.
Juriti – soluçar.
Leão – bramar, bramir, fremir, rugir, urrar.
Lebre – assobiar, guinchar.
Leitão – bacorejar, coinchar, cuinchar.
Lobo – ladrar, uivar, ulular.
Macaco – assobiar, guinchar, roncar.
Macuco – piar, chororocar.
Milheira – tinir.

Mocho – o m. q. *coruja*.
Morcego – trissar.
Mosca – o m. q. *abelha*.
Onça – esturro, esturrar, miar, rugir, urrar.
Ovelha – badalar, balar, balir, berrar, berregar, balido.
Paca – assobiar, rosnar, roncar.
Papagaio – chalrar, falar, granizar, palrar, palrear, taramelar, tartarear.
Passarinhos – apitar, assobiar, cantar, canto, chalrear, chiar, chichiar, chilro, chilrar, chilrear, chirrear, dobrar, estribilhar, galrar, galrear, galrejar, garrir, garrular, gazear, gazeio, gazilar, gorjear, gorjeio, granizar, grazinhar, gritar, modulação, modular, papiar, palrar, piar, pipiar, pipitar, pitar, ralhar, redobrar, regorjear, requebrar, soar, suspirar, taralhar, tintinir, tintinar, tintlar, tintilar, trilar, trilo, trinar, trino, trinolejar, tritrilar, tritrinar, ulular, vozear.
Pato – grasnar, gracitar.
Pavão – pupilar.
Pega – palrar.
Perdiz – piar.
Peixe – roncar.
Pica-pau – restridular.
Peru – bufar, glu-glu, glugluejar, gorgolejar, grugrulejar, grugrulhar, grulhar.
Pinto – piar, pipiar.
Pombo – arrolar, arrular, arrulhar, gemer, suspirar, turturejar, turturinar, volar.
Porco – o m. q. *javali*, mais *gritar*.
Rã – coaxar, engrolar, gasnir, grasnar, malhar, rouquejar.
Raposa – regougar, roncar.
Rato – chiar, chichiar, guinchar.
Rinoceronte – bramir, grunhir.
Rola – o m. q. *pombo*.
Rouxinol – cantar, tinar.
Sapo – o m. q. *rã*.
Saracura – apitar.
Seriema – cacarejar, aflautar.
Serpente – o m. q. *cobra*.
Sucuri – roncar.
Tamanduá – bufar, roncar.
Tapir – V. *anta*.
Taralhão – pistar.
Tatu – choramingar.
Tico-tico – tinir.
Tigre – o m. q. *leão*.
Tordo – trucilar.
Touro – berrar, bramir, bufar, gaitear, mugir, soluçar, urrar.
Tucano – chalrar.
Urso – o m. q. *leão*.
Uru – arpejar.
Urubu – o m. q. *corvo*.
Urutau – gargalhar, gemer, lastimar, regougar.
Veado – bramar, berrar, gemer, rebramar.

509 – Dada a exuberância derivativa de nossa língua, nem sempre se podem traçar limites rigorosos entre os verbos *aumentativos*, *diminutivos*, *frequentativos*, *incoativos* e *imitativos*.

Os principais **sufixos verbais** portugueses, que podem trazer significação especial, são:

açar exprime aumento, intensidade, frequência: esmurraçar (de *murro*), espicaçar (de *picar*), esvoaçar (de *voar*), adelgaçar, envidraçar.

ejar indica continuação, frequência, permanência: alvejar, apedrejar, arejar, boquejar, bordejar, bosquejar, bravejar, cortejar, farejar, velejar, versejar, vicejar.

Nota: Em *invejar* o *j* se deve a um *di* etimológico (inviDIa = inveja: § 69, 4).

entar exprime ação continuada, frequente, morosa: apoquentar, avelhentar, envelhentar, emagrentar, ensanguentar.

icar indica diminuição, pouca intensidade de ação: adocicar, beberricar, bebericar, depenicar.

Nota: Às vezes o sufixo verbal é apenas *ar*, por provir o verbo de diminutivo já terminado em *ico*: *tremelicar*, *ananicar*.

ilhar indica diminuição: dedilhar, fervilhar, saltarilhar.

inhar indica diminuição: cuspinhar, escrevinhar.

itar 1. significa tornar: facilitar (tornar fácil), possibilitar (tornar possível), capacitar (tornar capaz), debilitar, habilitar, infelicitar.

2. indica fraqueza, pouca intensidade de ação, depreciação: chupitar, dormitar, pipitar, saltitar.

izar V. § 448.

ecer traz ideia de começo, de continuidade, de tornar, de fazer com que fique: amadurecer, amortecer, amanhecer, embravecer, entardecer, envelhecer, esclarecer, ensurdecer, emagrecer.

Notas: 1ª – Quase sempre ocorre em tais verbos o prefixo *a* ou *em*.

2ª – Alguns desses verbos têm forma paralela em *ejar*: enverdecer, enverdejar; manquecer, manquejar; amarelecer, amarelejar.

escer indica começo de ação, passagem de um estado para outro, e se prende a verbos latinos terminados em *sco*: florescer, intumescer, recrudescer, rubescer.

Questionário

1. Que compreende por "estudo do verbo quanto à significação"?
2. Estudados quanto à significação, como se dividem os verbos?
3. Há diferença entre *inquieto* e *desinquieto*? Explique a resposta.
4. Há diferença entre *lamber* e *lambiscar*? Explique a resposta e dê outros exemplos.
5. Quanto à significação, que diz do verbo *bordejar*? Cite outros exemplos.
6. Que diz de verbos como *alvorecer*, *florescer*, *envelhecer*? Cite outros exemplos.
7. Que são *verbos onomatopaicos*?
8. Que entende por *vozes de animais*?
9. ESCREVA UMA CARTA, contando notícias várias (tratamento: *você* – tamanho: uma página).

CAPÍTULO 35

LOCUÇÃO VERBAL

513 – Já várias vezes falamos em *locução verbal* ou em *conjugação perifrástica*. Vejamos o que vem a ser isso.

Se um ente pode ser expresso por mais de um nome ("Casa do Estudante" – "Estrada de Ferro Sorocabana" – "João de Almeida e Silva"), constituindo assim uma locução substantiva, se também um adjetivo pode constituir-se de mais de uma palavra, obtendo-se dessa forma uma locução adjetiva, pode igualmente uma ação ser expressa por mais de um verbo, daí resultando a *locução verbal*, ou, por outras palavras, expressa-se a ação por meio de uma frase, por meio de uma *locução*, por meio de dois ou mais verbos.

Sempre que tal acontece, o último dos verbos é que expressa a verdadeira ação, a ação que se quer manifestar, e o outro (ou os outros, quando a locução é constituída de mais de dois verbos) indica o modo, o tempo, a pessoa ou, numa palavra, a *ideia acessória* da ação.

Na sentença: "Podemos escrever" – a ação é expressa por uma locução, isto é, por dois verbos, dos quais o segundo – *escrever* – indica a verdadeira ação que se quer expressar, e o primeiro – *podemos* – indica uma ideia acessória, a ideia de *poder*, ao mesmo tempo que denota o modo e o tempo da ação verbal e a pessoa e o número do sujeito.

Se dissermos: "Deverão ter passado" – "Podíamos ter sido reprovados" – empregaremos locuções verbais com mais de dois verbos, mas a ideia principal será sempre expressa pelo último, indicando os outros a ideia ou ideias acessórias.

Tais circunlóquios dão motivo a uma **locução verbal**: *estou estudando, estás estudando, está estudando* etc.; *devia ter sido reprovado, devias ter sido reprovado* etc.

514 – Além das locuções verbais constituídas pelas formas compostas de certos tempos, quatro tipos principais de locuções verbais podemos obter:

1 – Locuções verbais que indicam **passividade**.

2 – Locuções verbais que indicam **linguagem projetada**.

3 – Locuções verbais que indicam **continuidade**, *frequência* ou *reiteração* de ação.

4 – Locuções verbais que indicam **começo** ou *desenvolvimento gradual* de ação.

Passividade

515 – A voz passiva dos verbos, quando feita pelo primeiro processo (§ 391), é sempre expressa por meio de uma locução verbal:

INDICATIVO

Presente

SING.	Eu sou	(estou)	pago	PLUR.	Nós somos	(estamos)	pagos
	Tu és	(estás)	pago		Vós sois	(estais)	pagos
	Ele é	(está)	pago		Eles são	(estão)	pagos

Pretérito imperfeito

SING.	Eu era	(estava)	pago	PLUR.	Nós éramos	(estávamos)	pagos
	Tu eras	(estavas)	pago		Vós éreis	(estáveis)	pagos
	Ele era	(estava)	pago		Eles eram	(estavam)	pagos

Pretérito perfeito

SING.	Eu fui	(estive)	pago	PLUR.	Nós fomos	(estivemos)	pagos
	Tu foste	(estiveste)	pago		Vós fostes	(estivestes)	pagos
	Ele foi	(esteve)	pago		Eles foram	(estiveram)	pagos

Pretérito perfeito composto

SING.	Eu	tenho	(hei)	sido	(estado)	pago
	Tu	tens	(hás)	sido	(estado)	pago
	Ele	tem	(há)	sido	(estado)	pago
PLUR.	Nós	temos	(havemos)	sido	(estado)	pagos
	Vós	tendes	(haveis)	sido	(estado)	pagos
	Eles	têm	(hão)	sido	(estado)	pagos

Pretérito mais-que-perfeito

SING.	Eu fora	(estivera)	pago	PLUR.	Nós fôramos	(estivéramos)	pagos
	Tu foras	(estiveras)	pago		Vós fôreis	(estivéreis)	pagos
	Ele fora	(estivera)	pago		Eles foram	(estiveram)	pagos

Mais-que-perfeito composto

SING.	Eu	tinha	(havia)	sido	(estado)	pago
	Tu	tinhas	(havias)	sido	(estado)	pago
	Ele	tinha	(havia)	sido	(estado)	pago
PLUR.	Nós	tínhamos	(havíamos)	sido	(estado)	pagos
	Vós	tínheis	(havíeis)	sido	(estado)	pagos
	Eles	tinham	(haviam)	sido	(estado)	pagos

Futuro do presente

SING.	Eu serei	(estarei)	pago	PLUR.	Nós seremos	(estaremos)	pagos
	Tu serás	(estarás)	pago		Vós sereis	(estareis)	pagos
	Ele será	(estará)	pago		Eles serão	(estarão)	pagos

Futuro do presente composto

SING.	Eu	terei	(haverei)	sido	(estado)	pago
	Tu	terás	(haverás)	sido	(estado)	pago
	Ele	terá	(haverá)	sido	(estado)	pago
PLUR.	Nós	teremos	(haveremos)	sido	(estado)	pagos
	Vós	tereis	(havereis)	sido	(estado)	pagos
	Eles	terão	(haverão)	sido	(estado)	pagos

Futuro do pretérito

SING.	Eu seria	(estaria)	pago	PLUR.	Nós seríamos	(estaríamos)	pagos
	Tu serias	(estarias)	pago		Vós seríeis	(estaríeis)	pagos
	Ele seria	(estaria)	pago		Eles seriam	(estariam)	pagos

Futuro do pretérito composto

SING.	Eu teria	(haveria)	sido	(estado)	pago
	Tu terias	(haverias)	sido	(estado)	pago
	Ele teria	(haveria)	sido	(estado)	pago
PLUR.	Nós teríamos	(haveríamos)	sido	(estado)	pagos
	Vós teríeis	(haveríeis)	sido	(estado)	pagos
	Eles teriam	(haveriam)	sido	(estado)	pagos

SUBJUNTIVO

Presente

SING.	Que eu seja	(esteja)	pago	PLUR.	Que nós sejamos	(estejamos)	pagos
	Que tu sejas	(estejas)	pago		Que vós sejais	(estejais)	pagos
	Que ele seja	(esteja)	pago		Que eles sejam	(estejam)	pagos

Pretérito imperfeito

SING.	Se eu fosse	(estivesse)	pago	PLUR.	Se nós fôssemos	(estivéssemos)	pagos
	Se tu fosses	(estivesses)	pago		Se vós fôsseis	(estivésseis)	pagos
	Se ele fosse	(estivesse)	pago		Se eles fossem	(estivessem)	pagos

Pretérito perfeito (composto)

SING.	Que eu tenha	(haja)	sido	(estado)	pago
	Que tu tenhas	(hajas)	sido	(estado)	pago
	Que ele tenha	(haja)	sido	(estado)	pago
PLUR.	Que nós tenhamos	(hajamos)	sido	(estado)	pagos
	Que vós tenhais	(hajais)	sido	(estado)	pagos
	Que eles tenham	(hajam)	sido	(estado)	pagos

Mais-que-perfeito (composto)

SING.	Se eu tivesse	(houvesse)	sido	(estado)	pago
	Se tu tivesses	(houvesses)	sido	(estado)	pago
	Se ele tivesse	(houvesse)	sido	(estado)	pago
PLUR.	Se nós tivéssemos	(houvéssemos)	sido	(estado)	pagos
	Se vós tivésseis	(houvésseis)	sido	(estado)	pagos
	Se eles tivessem	(houvessem)	sido	(estado)	pagos

Futuro

SING.	Quando eu for	(estiver)	pago	PLUR.	Quando nós formos	(estivermos)	pagos
	Quando tu fores	(estiveres)	pago		Quando vós fordes	(estiverdes)	pagos
	Quando ele for	(estiver)	pago		Quando eles forem	(estiverem)	pagos

Futuro composto

SING.	Quando eu tiver	(houver)	sido	(estado)	pago
	Quando tu tiveres	(houveres)	sido	(estado)	pago
	Quando ele tiver	(houver)	sido	(estado)	pago

PLUR.	Quando nós	tivermos	(houvermos)	sido	(estado)	pagos
	Quando vós	tiverdes	(houverdes)	sido	(estado)	pagos
	Quando eles	tiverem	(houverem)	sido	(estado)	pagos

IMPERATIVO

SING. Sê pago
PLUR. Sede pagos

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo impessoal

Ser (estar) pago

Infinitivo pessoal

SING.	Por ser	(estar)	eu pago	PLUR.	Por sermos	(estarmos)	nós pagos
	Por seres	(estares)	tu pago		Por serdes	(estardes)	vós pagos
	Por ser	(estar)	ele pago		Por serem	(estarem)	eles pagos

Infinitivo pretérito impessoal

Ter (haver) sido (estado) pago

Infinitivo pretérito pessoal

SING.	Por ter	(haver)	eu	sido	(estado)	pago
	Por teres	(haveres)	tu	sido	(estado)	pago
	Por ter	(haver)	ele	sido	(estado)	pago
PLUR.	Por termos	(havermos)	nós	sido	(estado)	pagos
	Por terdes	(haverdes)	vós	sido	(estado)	pagos
	Por terem	(haverem)	eles	sido	(estado)	pagos

Gerúndio

Sendo pago

Gerúndio composto

Tendo (havendo) sido (estado) pago

Particípio

Pago

Nota: V. § 430

Linguagem Projetada

516 – Consiste a *linguagem projetada* numa locução verbal formada pelos auxiliares *ter* e *haver* e o infinitivo impessoal de outro verbo, antece-

dido da preposição *de*. Temos já disso completo conhecimento pelo que ficou dito no § 432.

Tais expressões verbais se conjugam em todos os tempos, modos e pessoas da voz ativa e da passiva, notando-se que a passiva é formada mediante junção, aos auxiliares, do infinitivo do verbo *ser* mais o particípio do verbo que se quer conjugar:

Tenho (hei) de ser pago, tens (hás) de ser pago, tem (há) de ser pago, temos (havemos) de ser pagos etc.

Nota: Incluem-se ainda neste tipo locuções verbais como *vou louvar*, *estou para louvar*, *devo louvar* etc.

Deverá o aluno reler, neste ponto, o que ficou dito na nota do § 432, na qual está explicada a diferença entre *ter de* e *ter que*.

Continuidade de Ação

517 – Há um tipo de locução verbal, constituído dos verbos *estar*, *andar*, *ficar*, *permanecer*, *viver*, *continuar*, mais outro verbo qualquer no *gerúndio*, ou no infinitivo impessoal precedido da preposição *a*, que dá à expressão ideia de ação frequentativa, continuada, reiterada:

Os pintos *estão a picar* a casca – O trem *está a partir* – As crianças *andam dizendo* nomes feios – Ele *está estudando* – *Vivem estudando* – *Continuam a faltar*.

Em todas essas sentenças empregaram-se locuções verbais que denotam continuidade da ação de *picar*, de *partir*, de *dizer*, de *estudar*, de *faltar*.

Nota: Recorde-se o que se disse na nota do § 416.1 e no § 427, obs. 2, e V. o § 506.

Desenvolvimento Gradual de Ação

518 – O último tipo das locuções verbais ou verbos perifrásticos ou, ainda, locuções perifrásticas é constituído de locuções em que entra o verbo *ir* ou o verbo *vir* junto a gerúndio de qualquer verbo, para exprimir começo ou desenvolvimento gradual de ação: O trem *vai saindo*, eu *venho observando* o progresso de todos os meus alunos, ele *vem vindo*, eu *vou indo*.

O verbo *vir* seguido de *a* e um infinitivo forma locuções verbais e assume o sentido de *acontecer*, *suceder*: *Vieram a* saber – Terras que *venha* ele *a* encontrar – O que *vem a* ser o mesmo – O Faraó *veio* também *a* morrer afogado.

Outras Locuções Verbais

519 – São esses os principais tipos de locuções verbais. Outros ainda há, como, principalmente, aquele em que entram verbos que denotam inclinação, tendência ou obrigação para a prática de uma ação (por alguns chamados *verbos servis*: verbos transitivos, quando trazem por objeto outro verbo), como *dever*, *poder*, *costumar*, *querer*, *desejar*, *conseguir*: *devo ir*, *posso fazer*, *costumava falar*, *queria sair*, *conseguimos escapar*.

Questionário

1. Que é *locução verbal*?

2. Quantos tipos há de locuções verbais? Discrimine, explique e exemplifique cada um deles.

3. Releu a nota do § 432? Diga quando se deve obrigatoriamente empregar *ter de*.

4. Copie estas passagens; ponha após cada uma um *c* para as certas, um *e* para as erradas, um *d* para duas delas cuja correição depende do sentido:

a) Isso nada tem que ver com o caso.
b) Você tem de ver o quanto ele progrediu.
c) Tive sempre de abrir o meu caminho.
d) Tudo o que eu tinha de dizer disse.
e) Outros fatos tínhamos que relatar.
f) Tenho que fazer isso sem falta.
g) Tínhamos todos que levantar-nos cedo.
h) Se você tem que ir, eu não.
i) Teremos que aceitar sua proposta?

*

"Uma raça cujo espírito não defende o seu solo e o seu idioma entrega a alma ao estrangeiro, antes de ser por ele absorvida" – Rui Barbosa.

CAPÍTULO 36

ADVÉRBIO

522 – **Advérbio** é toda a palavra que pode modificar o verbo, o adjetivo e, até, o próprio advérbio.

523 – Sob três aspectos podemos considerar o advérbio:

a) quanto à *circunstância*

b) quanto à *função*

c) quanto à *forma*

524 – Quanto à **circunstância**: Considerar um advérbio quanto à circunstância é considerá-lo quanto à ideia que encerra: se um advérbio indica *lugar* (*aqui*, *ali*, *lá*), outro indica *tempo* (*hoje*, *amanhã*, *sempre*), havendo outros que encerram outras ideias, outras circunstâncias.

Assim considerados, os advérbios classificam-se em advérbios de:

lugar	*negação*	*intensidade*	*modo*
tempo	*dúvida*	*afirmação*	

525 – **LUGAR**:

abaixo, acima[1] adiante, atrás[2]

---

(1) Com elegância, esses advérbios vêm às vezes pospostos a substantivos: *rio abaixo rua acima*

Atrás *s*

adentro, afora
além, aquém[3]
algures, alhures, nenhures[4]
aqui, aí, ali[5]
arriba, avante
cá, lá, acolá[6]
defronte, detrás
dentro, fora
junto
longe, perto[7]
onde, aonde[8]
exteriormente, interiormente, lateralmente (e outros terminados em *mente)* – V. § 527, obs.

---

(3) *Além* significa *da parte de lá*; *aquém* significa *da parte de cá*: Ir *além*; ficar muito *aquém*. *Aquém de* e *além de* são locuções prepositivas.

O prefixo *cis* equivale a *aquém*: Gália *cis*alpina (de aquém dos Alpes) e o prefixo *trans* equivale a *além*: Gália *trans*alpina (de além dos Alpes). Com elegância pospõe-se às vezes os advérbios *aquém* e *além* a substantivos: Mar *além*, rio *aquém*.

(4) Sobre esses advérbios, veja o § 354, nota 3.

(5) *Aqui*, *aí* e *ali* são advérbios demonstrativos de lugar, relacionando-se *aqui* com a 1ª pessoa (neste lugar), *aí* com a 2ª (nesse lugar) e *ali* com a 3ª (naquele lugar).

Não devemos esquecer-nos de que *aqui* corresponde ao demonstrativo *este*, *aí* a *esse*, *ali* e *lá* a *aquele*. Não se deve dizer: "Estive em Paris e vi *lá* muitas coisas"; o certo é "...vi *aí*", porquanto o advérbio não se relaciona com a distância geográfica da cidade visitada, mas com uma palavra já citada, tal qual foi estudado na nota 2 do § 341: vi *aí* = vi *nesse* lugar (e não: vi *naquele* lugar).

(6) *Cá* corresponde também à 1ª pessoa: "Vem *cá*" (= aqui). É às vezes usado enfaticamente: "Eu *cá* me entendo".

Lá e *acolá* correspondem ainda à 3ª pessoa e indicam maior afastamento do que *ali*: "Digo a um: Vai *acolá*, e ele vai; e a outro: Vem *cá*, e ele vem".

Lá empresta às vezes valor negativo à expressão: "Ali ficava eu muito tempo a cismar. Em quê? Eu sei *lá*".

(7) *Longe*, além da função adverbial de lugar, para indicar "a grande distância no espaço ou no tempo" – e é neste caso invariável (Eles foram *longe* – O negócio deita para *longe*) – tem a de adjetivo, com significação de distante, afastado, e é então geralmente usado no plural (Andou por *longes* cidades – Lembrou-se dos *longes* tempos da infância), e ainda a de substantivo, para indicar a parte que forma o fundo de uma pintura, paisagem (Os *longes* do quadro), a parte distante de uma região (nos *longes* do Brasil) e, figuradamente, vislumbres (Deu-me uns *longes* dos seus negócios), pressentimentos, semelhança: Tem uns *longes* disso.

Perto como advérbio não varia: Eles estão *perto* – Eles moram *perto* – Cheguem *perto* – Eles não estavam nem *perto* nem longe.

Pode funcionar adjetivamente (significa "próximo", "que está a pequena distância"), mas, ainda assim, a seguir Morais e Domingos Vieira (os demais dicionaristas nada dizem a respeito), não varia: Eles ficaram *perto* um do outro – Elas ficaram *perto* uma da outra.

Entra na locução prepositiva *perto de* e em locuções adverbiais (*ao perto*, junto, vizinho; *de perto*, a pouca distância, intimamente), sem flexionar-se: Gastamos *perto de* quinhentos cruzeiros – Todos eles, quando não vistos *ao perto*, eram moinhos – Saber alguma coisa *de perto*.

Funciona ainda como substantivo, no plural, por oposição a *longes*: os *pertos* da pintura (os objetos que se reapresentam como mais próximos a quem os vê).

(8) *Onde* pode ser advérbio relativo, com antecedente expresso ou latente; na frase: "A cidade *onde* nasci" – *cidade* é o antecedente expresso do advérbio relativo *onde*. Dizer: "Eu nasci *onde* tu nasceste" – equivale a dizer: "Eu nasci no *lugar onde* (= em *que* = pronome relativo) tu nasceste" – sendo *lugar* o antecedente implícito ou latente do advérbio *onde*.

em cima, em baixo[9]

526 – TEMPO:

agora, ora[1]
ainda (inda)[2]
antes, depois[3]
cedo, tarde, logo

O advérbio *onde* indica estada, permanência "em" um lugar: "Não sei *onde* (*em* que lugar) você o encontrou". O advérbio *aonde* indica movimento "para" um lugar: "Eu sei *aonde* (*para* que lugar) queres ir".

Não se pode empregar *aonde* nem *onde* em períodos cujos verbos se constroem diferentemente; é erro dizer: "Vou aonde você está" – porquanto o verbo *estar* não admite a preposição *a*. O certo é: "Vou *ao lugar em que* você está" – ficando cada verbo com sua devida construção. Compare-se este caso com o estudado com relação ao *quem*: § 379.

Dada a significação relativa que encerram, os advérbios *onde* (lugar em que), *quando* (tempo em que), *como* (maneira por que) e *por que* (motivo por que) podem ligar orações:

Todos procuram saber onde ele está
adv. conjuntivo (V. § 900, n. 4)

(9) Quanto à grafia, V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "em baixo".

526 – (1) *Agora* é forma derivada da locução latina *hac hora* (= nesta hora), e *ora* da palavra latina *hora*. Note-se que *hora*, com *h*, indica o período de tempo de 60 minutos, ao passo que *ora*, sem *h* (não obstante ter procedência igual à de *hora*), é advérbio, que não raro funciona como conjunção.

Também o advérbio *agora* funciona como conjunção, quando repetido:

Agora lhe pergunta pelas gentes
De toda a Hispéria última, onde mora;
Agora pelos povos seus vizinhos;
Agora pelos úmidos caminhos.

(2) Como advérbio de tempo, *ainda* (que por aférese se pode escrever *inda)* significa *até agora, até então*: "*Ainda* vive".

Ainda funciona também como advérbio de modo: "*Ainda* assim não aceito".

(3) *Antes* e *depois* pospõem-se às vezes, com elegância, a substantivos: *dias antes*, *dias depois*. Podem ainda indicar outras circunstâncias, como lugar, modo: "Os bancos *antes*, as cadeiras *depois*" – "Na paisagem de quase todos os atuais pintores portugueses, há *antes* uma tendência para pintar vistas".

Não se confundam os advérbios *antes* e *depois* com as locuções prepositivas *antes de* e *depois de*, as quais regem substantivo ou palavra substantivada:

Cheguei (verb.) *antes,* (adv.) *sairei* (verb.) *depois* (adv.) – *Cheguei* *antes d(e)o* (loc. prepos.) *chá* (subst.)

palavras ligadas pela loc. prepos.

Vou *antes de* você
locução prepositiva

então[4]
entrementes, já[5]
quando[6]
ontem, hoje, amanhã
outrora
nunca, jamais[7]
sempre
primeiro, primeiramente, secundariamente (e ainda outros em *mente*: atualmente, presentemente, diariamente...)

527 – MODO

acinte[1]
ademais
adrede[2]
ainda[3]
alerta[4]

---

(4) *Então* (= nesse tempo, nessa ocasião) pode denotar tempo passado ("Vivia *então* a gente moderada") e tempo futuro ("Virão *então* os prantos que não consolam"). *Então* funciona também como interjeição, indicando ora espanto, admiração ("*Então*, é possível?"), ora animação: "*Então*? Seja homem!"

A locução interjetiva "com que então" significa *pelo que vejo*, *quer dizer que*: "*Com que então*, você quer mesmo ir-se embora?"

(5) Significa "entretanto", "durante esse tempo", "enquanto isso sucede ou sucedia": "Conversavam todos na sala; *entrementes* (= enquanto isso se dava), Joãozinho peralteava no quintal" – "Voltavam os caçadores; um cão, *entrementes* (= nesse meio tempo), dá com o rasto do animal".

Condenado é o emprego de *mais* em orações temporais, quando substituível por *já*: "O doente *já* não respirava quando o médico chegou" (e não: "...não respirava *mais*") – "*Já* não há lei que os refreie" (e não: "Não há *mais* lei que os refreie"). Em "Não mais verei minha pátria", o *não* equivale a *nunca*, e o *mais* significa *um dia*; confronte-se, neste exemplo de Camões, o correto emprego do *já* e o não menos correto emprego do *mais*: "Se *já* não pões a tanta insânia freio, não esperes de mim daqui em diante que possa *mais* amar-te, mas temer-te".

(6) V. o final da nota 8 do § 525:

Não sei quando virá
adv. conjuntivo

(7) Advérbios de tempo de valor negativo (= em tempo nenhum).

527 – (1) Significa *de propósito*, *deliberadamente*: "Atirou ele *acinte* com uma pedra a um galo". *Acinte* é também substantivo e indica propósito de fazer alguma coisa, procedimento consciente para oprimir uma pessoa: "O chefe assim procedeu somente por *acinte*".

(2) Origina-se do lat. *directe* e significa *de caso pensado*, *de propósito*, *para esse fim*: "Em caminho, rezou o padre sua missa numas pedras *adrede* preparadas".

Note-se que o advérbio *adrede* (pronuncie "adrêde") costuma anteceder o verbo, que geralmente está no particípio: "Enviou tropas *adrede* exercitadas" – "Esperando estão todos a rainha, que na câmara *adrede* (= de caso pensado) se detinha".

(3) Veja a lista dos advérbios de tempo.

(4) *Alerta*, como advérbio, significa *atentamente*. Emprega-se também como adjetivo (= vigilante, atento): "Eles estavam *alertas*" – "Os editores, sempre *alertas* diante de séries duvidosas...".

Alerta existe ainda como interjeição e como substantivo.

apenas[5]	depressa
assim[6]	devagar
bem, mal[7]	rente
cerce[8]	só[10]
como[9]	também

---

(5) Formado da preposição *a* mais *penas*, plural de *pena* (= padecimento, tristeza), significa etimologicamente *penosamente*, *com dificuldade*: "Ele *apenas* consegue articular os dedos".

Tem também a significação de *somente* "*Apenas* levava na algibeira o dinheiro necessário para a jornada".

(6) É advérbio que entra em várias expressões: *Assim e assim* (nem muito nem pouco, nem bem nem mal), *como assim*? (locução adverbial interrogativa que denota espanto, admiração), *assim como assim* (= de qualquer modo, seja como for: "Eu, *assim como assim*, não nasci para sábio").

(7) **Mal** escreve-se com *l*, quando:

a) advérbio: dormi *mal*, *mal* feito;

b) equivaler a *apenas*: *mal* cheguei, ele saiu (= apenas cheguei, ele saiu) – § 588, n. 2;

c) substantivo: devemos evitar o *mal* (o plural é então *males*).

Mau escreve-se com *u*, quando adjetivo masculino: *mau* aluno, bicho *mau* (tem então plural, *maus*, e feminino: *má*, *más*).

Melhor e *pior* servem de comparativos dos adjetivos *bom* e *mau* e dos advérbios *bem* e *mal*. Não se deve construir "*melhor* informado", "*melhor* acabado" etc.; o mais seguro, antes de particípio, é redigir "*mais bem* informado", "*mais bem* acabado", "*mais mal* feito", "*mais mal* escrito". O caso se agrava quando se flexiona a forma adverbial, "*melhores* informados", o que é erro inominável. V. § 266. V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "mais bem" e "vão melhor".

(8) Significa *rente*, *pela raiz*: "Cortar *cerce*".

(9) Além de advérbio propriamente dito (*Como* vai você?), pode exercer função conjuntiva:

orações ligadas por *como*

Não sei *como* *ele passou*

Note-se, ainda, que *como* pode vir precedido de preposição exigida pela regência de nome ou verbo que o preceda: "Informo-vos *de como* se realizou a parada" – "Relatório *sobre como* se deu o desastre" – "Isto depende *de como* será interpretado" – "Pense *em como* ele irá reagir" – "E logo tomarás *a como* te vi" – "Sinal lhe mostra o Demo verdadeiro *de como* a nova gente lhe seria jugo perpétuo".

(10) *Só* pode ser *advérbio* e *adjetivo*: Como advérbio, significa *somente*, *unicamente*: "Eu *só* (somente) fiz o que você pediu". Como adjetivo, significa *sozinho*: "Eu, *só* (= sozinho), fiz o que você pediu".

A vírgula, no segundo exemplo, vem dar a *só* o valor de adjetivo.

Quando adjetivo, *só* flexiona-se em número: "Estamos *sós*" – "Nós, absolutamente *sós*, partimos para a Europa" (§ 260, n.).

Observação:

É o sufixo *mente* o único sufixo adverbial que possuímos em português; acrescenta-se, para formação de advérbios, aos adjetivos flexionados na forma feminina: *bondos(a)mente*, *caprichos(a)mente*, *precipitad(a)mente* etc. No entanto diz-se *portuguesmente* e não *portuguesamente*, porque a palavra *português*, como todas as que terminam em *es*, *or* e *ol*, era no velho português invariável em gênero: um homem *português*, uma mulher *português* (V. § 258, n. 1).

É erro, portanto, dizer *apenasmente*; o sufixo só se acrescenta a adjetivos; *apenas* já é advérbio. Dizer *apenasmente* é o mesmo que dizer *derrepentemente*, ou seja, é dizer tudo, menos português.

A terminação *mente* dos advérbios de modo significa *maneira*, *modo*, *forma*, e era antigamente considerada substantivo do gênero feminino, o que ainda hoje se vê na locução "de *boa mente*". Essa é a razão por que a terminação *mente* só se agrega à flexão feminina dos adjetivos, a razão por que é aberto o *o* de bon-*dó*-samente, capri-*chó*-samente, a razão ainda por que se pode suprimir a terminação *mente* quando existe uma série de advérbios em *mente*, para colocá-la no último: Ele estuda *calma*, *atenta* e *frequenteMENTE* (de *maneira* calma, atenta e frequente). Só se repete a terminação no caso de ênfase: Assassinou-a cruelmente, barbaramente, friamente. Repetir, sistematicamente, o sufixo *mente*, em enumerações de advérbios assim terminados, não é português.

Os advérbios em *mente* tanto podem indicar modo como lugar ou outra circunstância; a ideia depende do adjetivo a que o sufixo é acrescentado; *exteriormente* (lugar), *primeiramente* (tempo), *certamente* (afirmação), *cortesmente* (modo). O acento circunflexo do adjetivo desaparece: Decreto nº 5.765, de 18-12-1971.

528 – NEGAÇÃO:

não[1]

---

528 – (1) Em certas frases, o advérbio *não* perde seu valor negativo: "Quanto empenho *não* fiz eu para tirá-lo do vício!" – "Que bela coisa *não* é o escrever e o ler!" – "Calcule o prejuízo que ele *não* teve com a geada!"

A expressão *pois não* tem força positiva, equivalente a *pois sim*, conforme o tom em que é proferida: "Queres ir comigo? – Quero, *pois não*". – Não somente em português se dá isso; os alemães carateristicamente começam frases com *não*, quando desejam dar ênfase à afirmação: "*Não*, como é belo o dia" – "*Não*, como é barato".

Emprego errôneo vem-se notando, desde certo tempo, do advérbio *absolutamente*. Indicativo ora de intensidade, ora de modo, tem ainda força confirmativa; como tal, significa *completamente*, *inteiramente*, mas – e aqui está o importante – pode confirmar tanto uma expressão negativa, quanto uma positiva. O erro consiste, precisamente, no atribuírem a esse advérbio valor exclusivamente negativo. A perguntas como esta "É ele seu amigo?" comumente se dá a resposta "Absolutamente", para indicar "de forma nenhuma". Assim não deve ser; sozinho, esse advérbio virá confirmar uma negação ou confirmar uma afirmação positiva, nunca porém indicar, por si só, uma negação. Jamais esse advérbio devemos empregar, isoladamente, para indicar, categoricamente, "não". Quando seu emprego insulado não trouxer claro o sentido confirmativo, deveremos acrescentar qualquer palavra que, de acordo com a pergunta ou com o assunto, esclareça tratar-se de confirmação de coisa positiva ou de coisa negativa: "absolutamente sim", "absolutamente o sou" – ou: "absolutamente não", "absolutamente não o sou", "absolutamente não quero", "tal coisa absolutamente não disse".

nada[2] tampouco[3]

529 – DÚVIDA:

porventura quiçá[1] talvez[2] acaso

530 – INTENSIDADE:

algo[1] muito, pouco[3]
assaz[2] mais, menos[4]
bastante[3] meio metade[5]
demais que[6]

---

(2) *Nada* funciona como advérbio em orações negativas quando modifica adjetivo: Ele não está *nada* bom.

(3) *Tampouco = também não*: "Ele não saiu e eu *tampouco*" – "Não concordei com o projeto; *tampouco* aceitei as novas sugestões". Note-se bem que o *tampouco* já tem, por si, valor negativo; não se vá, pois, acrescentar um *não* à segunda oração: *tampouco não...*

529 – (1) Significa *talvez, quem sabe, porventura*: "...vencida a primeira estacada que os bárbaros largaram com fácil resistência, *quiçá* fiados no segundo engano".

(2) O advérbio *talvez* exige o subjuntivo quando precede o verbo: "Talvez *haja* conveniência" – "Se tivéssemos mais aulas de gramática, talvez *cuidássemos* mais de falar certo". Deixa o verbo no indicativo quando vem posposto: "*Há* talvez conveniência" – "Se tivéssemos mais aulas de gramática *cuidaríamos* talvez de falar certo" (§ 945, 14).

530 – (1) V. § 354, nota 1.

(2) Significa *bastante, suficientemente*: "Ele é *assaz* instruído" – "*Assaz* tem quem se contenta com o que tem" – "*Assaz* é pobre e delgado quem conta seu gado". Pode-se empregar substantivamente, seguido de *de*, para significar "o quanto é preciso", "o suficiente": "...o que ela muito de ordinário fazia, e com *assaz de* liberalidade".

(3) *Bastante* e *muito* são pronomes adjetivos quando modificam substantivos; em tal caso, variam de acordo com o substantivo a que se referem: "Vi *muitas* ovelhas" – "Comprei *muitos* bois" – "Procurações *bastantes*" (= Procurações em que se conferem poderes juridicamente necessários para determinado fim) – "Argumento *bastante*" (= suficiente) – "Somos *bastantes* para levar a cabo a empresa" (= temos recursos suficientes para...).

Quando advérbios, ou seja, quando modificam adjetivo, verbo ou outro advérbio, permanecem invariáveis: "Estamos *muito* atarefados" – "Estamos *bastante* satisfeitos" (§ 358).

(4) *Mais* e *menos* não variam nem quando advérbios, nem quando pronomes adjetivos: "*Mais* amor e *menos* confiança". Dizer "men*as* confiança" é cometer erro inominável.

(5) *Meio* e *metade* são substantivos que funcionam às vezes como advérbios: "Porta *meio* aberta" – "Porta *metade* aberta" (= porta um tanto aberta – § 261, B). A palavra *meio* pode também funcionar como numeral fracionário: *meia* garrafa – *meia* porta. A expressão "Porta mei*a* aberta" significa "Porta aberta pela metade" (no caso de ser a porta dividida em partes, como acontece com as janelas: "Todas as janelas estavam *meias* abertas").

(6) É advérbio quando modifica adjetivo:

"*Que tolo* você é!" (= quão tolo)

quase[7]
sobremaneira, sobremodo, mesmo[8]
tão, quão[9]
todo[10]
tanto, quanto[11]
sequer[12]

531 – AFIRMAÇÃO:

sim[1]
deveras[2]
pois não / pois sim [3]
certo
certamente

---

(7) *Quase* *bom* – *Quase quebrou* o braço.
adv. adj. adv. verbo

Quase é advérbio que significa *por um triz* (Quase caí), *a pequena distância, com pouca diferença* (Quase bom), *aproximadamente* (Tem quase setenta anos).

Quase que é o mesmo *quase*, com idêntico significado: "*Quase que* caí" – "...cujos mastros *quase que* se elevavam à altura dos edifícios".

O uso de *que* depois de certos advérbios e locuções (*felizmente, certamente, quase, talvez, sem dúvida*) encontra-se em bons escritores: "*Quase que* já chegaram" – "*Quase que* é o mesmo" – "*Talvez que* o último dia..." – "*Verdadeiramente que* não tenho a nossa língua por grosseira" – "*Felizmente que* não estava só" – "*Em suma que* nada justifica a implantação desse neologismo". O abuso desse *que* expletivo pode levar-nos a construir como as crianças: "*Onde que* você esteve?" – "*Quando que* iremos?" "*Quem que* disse?" – *Por que que* não responde?".

(8) "Ele estremecia *sobremodo* a terra natal". V. § 342, 3.

(9) Formas apocopadas de *tanto* e *quanto*:

Tão estudioso, quão carinhoso
adv. adj. adv. adj.

(10) V. §§ 350 e 351.

(11) *Tanto* e *quanto* podem equivaler a *muito* quando formam locução adverbial com *mais* ou com *menos*: "Se ele pode, *tanto mais* você" – "Ele pode, *quanto mais* você!" – "Se ele não pode, *tanto menos* você" – "Ele não pode, *quanto mais* você!".

(12) *Sequer* entra em orações negativas: "Os exércitos *não* estavam *sequer* prestes para o combate."

531 – (1) Uma palavra pode de uma classe passar para outra, conforme a função sintática que exerce na frase:

"*Sim* é *advérbio*"

↓ advérbio substantivado, uma vez que nessa frase está funcionando como sujeito de *é*

↓ substantivo adjetivado, visto funcionar como predicativo

(2) Significa *sinceramente*, *realmente*, *verdadeiramente*: "Que lhe fizesse comédias, que haviam de ser portuguesas *deveras*" (pronuncie *devéras*).

(3) *Pois sim* é locução adverbial que denota assentimento: "*Pois sim*, concedo-te a licença". Pode exprimir, familiarmente, dúvida ou reserva acerca do que outros afirmam: *Pois sim*!

Pois não é locução adverbial que, ao contrário de desaprovação, exprime, de forma cortês, ideia de consentimento: "Farei o que o senhor diz, *pois não*" – "*Pois não*, com muito gosto irei".

532 – Advérbios interrogativos – Vimos que, de acordo com a função, certos advérbios podem ser conjuntivos; chamam-se então *interrogativos*, pelo fato de em geral virem em orações interrogativas, tanto diretas quanto indiretas; podem indicar quatro circunstâncias:

advérbios interrogativos { de lugar / de tempo / de modo / de causa

EXEMPLOS:

lugar: "*Onde* está você?" – "Pergunto *onde* você está."

tempo: "*Quando* se deu isso?" – "Não sei *quando* se deu isso."

modo: "*Como* poderá você estudar?" – "Diga-me *como* poderá você estudar." – "*Quanto* você estima a sua casa?"

causa: "*Por que* não me pediu licença?" – "Gostaria de saber *por que* não me pediu licença."

Notas: 1ª – Ortograficamente, o advérbio interrogativo de causa traz os elementos separados, tanto nas interrogativas diretas ("*Por que* você não vai?") quanto nas indiretas ("Quero saber *por que* você não vai"). Quando no fim do período ou insulado, traz o acento circunflexo: "Você não vai, *por quê*?"

2ª – Não se confunda o advérbio interrogativo "por que" com o "por que" de frases como "A razão *por que* assim procedi" – "O caminho *por que* devo passar" – "O avião *por que* fui ao Rio". Agora o *que* é relativo, perfeitamente substituível por *o qual*, *a qual*, *os quais*, *as quais*: "A razão *pela qual* assim procedi" – "O caminho *pelo qual* devo passar".

Outros exemplos: "*Por que* enormes pecados hás chegado a esse estado de infâmia e miséria?" – "*Por que* razão ele assim procedeu eu não sei" – "*Por que* meios pretende você consegui-los?" – "*Por que* palavra se traduz?".

Com a função de relativo, o *que* sempre se separa do *por*, que é preposição. O que é estranho é que a ortografia oficial brasileira exija que se separe o *que* do *por* também quando interrogativo: O "cur", e principalmente o "quare" do latim, palavra esta composta mas sempre escrita como se fosse uma só, o "why" do inglês (o Webster discrimina as três diferentes funções desse advérbio, entre as quais a de interrogativo), o "perché" do italiano, o "pourquoi" do francês, o "warum" do alemão são em dicionários e gramáticas consignados como advérbios, sem mais dificuldades de análise nem de ortografia.

533 – Quanto à *forma*(*), os advérbios dividem-se em *advérbios propriamente ditos* e em *locuções adverbiais*.

(*) Entende-se por FORMA, para efeito de classificação de uma palavra, a maneira, o aspeto, o modo com que ela se apresenta à vista ou ao ouvido, isto é, se a palavra que se considera se apresenta verdadeiramente numa só ou em duas (*locução*). Assim, *hoje* é advérbio propriamente dito, visto constituir-se de uma só palavra, ao passo que *depois de amanhã* é locução adverbial, porquanto se constitui de mais de uma palavra.

Os advérbios **propriamente ditos** apresentam-se numa só palavra, quer seja ela simples (*hoje*, *não*, *sim*, *já* etc.), quer composta: *talvez* (tal + vez), *também* (tão + bem).

534 – Locuções adverbiais são advérbios expressos por frases (e às vezes por orações) compostas de duas ou mais palavras e exprimem uma das circunstâncias indicadas no parágrafo 524. Aqui se encontram algumas locuções adverbiais portuguesas; esta lista deve pelo aluno ser estudada e recordada, pois seu conhecimento e aplicação muito influem na boa linguagem.

1 – LOCUÇÕES ADVERBIAIS PORTUGUESAS:

A bandeiras despregadas = com toda a expansão: Rir a bandeiras despregadas.

A capucha = escondidamente, sem alarde: Casamento a capucha.

A carga cerrada = de um jato, sem exame nem distinção, por atacado: A câmara votou ontem a carga cerrada todos os projetos que o governo quis fazer passar.

A cavaleiro, às cavaleiras, a cavalinhas = Locuções que significam "em lugar superior": Ele fala a cavaleiro – Os conjurados reuniam-se em uma casa humilde, assentada entre colinas, a cavaleiro de uma várzea.

A chucha caladinha, a chucha calada = Locuções que significam "dissimuladamente", "sem ninguém perceber": Os mais que folguem a seu sabor; nós outros desfrutamos a chucha caladinha a nossa conta.

A colação = a propósito: Isso vem a colação.

A compita = a porfia, em rivalidade com outro: Ambos os periódicos a compita lhe deram estes regalados e maviosos nomes.

A desoras (Não se vá escrever *a dezoras*, com *z*) = fora de hora: E a tais desoras voltas para casa?

A Deus e a ventura = ao Deus dará, ao léu: Despediu-se e saiu a Deus e a ventura.

A Deus misericórdia = graças à misericórdia de Deus.

A duras penas = com grande dificuldade: Conseguiu formar-se a duras penas.

A eito = a fio, sem interrupção: O cavalo saltou quatro valados a eito.

A escala vista = diz-se da escalada a uma praça e entrada nela apesar da defesa.

A escuta = atentamente: Estacaram os ouvidos a escuta.

A esmo = ao acaso, irrefletidamente: Atirava murros a esmo – Processos despachados a esmo.

A espora fita[1] = a desfilada.

A falsa fé = deslealmente, a traição: Atacou-o a falsa fé.

A farta = com abundância: Tudo ali lhe era servido a farta.

A fito = atentamente: A morgada olhava para ele a fito.

A flux (pronuncie *flus*) = em abundância: Estar a flux = ter todos os votos por si – Levar tudo a flux = não deixar escapar nada.

A furtapasso = cautelosamente: andar a furtapasso; sair a furtapasso.

A furto = às ocultas, sem ninguém o saber: Posso a furto ir só.

---

(1) *Fito* = pregado, cravado.

A granel = em monte, às soltas, sem ser ensacado nem encaixotado, em desordem, abundantemente, sem conta nem peso: O navio traz fava a granel.

A lanço = de propósito: Caiu-lhe ao colo a lanço.

A lufa-lufa = a pressa, rapidamente: A metamorfose operou-se a lufa-lufa.

A mancheias = liberalmente: Fazer a mancheias caridade.

A mão tenente = de muito perto, à queima-roupa: Feriu-o a mão tenente.

A mata cavalos = a toda a brida: Pôs-se a mata cavalos a investigar o caso.

A monte = a granel, a molhos (pronuncie *mólhos*): Solecismos e barbarismos a monte.

A ouro e fio = em perfeito equilíbrio: As palavras foram pesadas a ouro e fio.

A pé quedo = firme, sem se mover: Respondeu a pé quedo.

A pelo = a propósito: A pelo me acode.

A pleno = completamente: Tu que a pleno gozaste.

A pressa = depressa, apressadamente: O hábito a pressa enfiei.

A própria = propriamente, com propriedade: Compre um bruxo, ou, mais a própria, um bode velho.

A recado = acauteladamente: Andar a recado, trazer a recado.

A regalada = regaladamente: Eram comes e bebes a regalada.

A reio = ininterruptamente: Dois dias a reio se bateram.

A revelia = sem conhecimento ou sem audiência da parte revel (pronuncie *revél*): Sentenciar a revelia – Deixar correr um negócio a revelia = descurá-lo, não se importar com ele.

A revezes = cada um por sua vez: Vinham a revezes cantando.

A rodo = a granel: Escrever artigos a rodo.

A sabendas = de propósito, com conhecimento e notícia: O que a sabendas joga com quem sabe que não tem com que pagar, perde e não pode ganhar.

A sabor = a bel-prazer, a vontade: Tomo com ela intimidade e a meu sabor a domo.

A seu talante, a meu talante = a sua vontade, a minha vontade: Construiu um barco a seu talante.

A socapa = disfarçadamente: Riu-se a socapa.

A solapa = o mesmo que *a socapa*.

A soldada = recebendo dinheiro pelos seus serviços; a soldo: João está a soldada com o irmão.

A sorrelfa = dissimuladamente, com ânimo de enganar: Proceder a sorrelfa.

A súbitas = subitamente: Os apertos deram a súbitas em larguezas liberalíssimas.

A surdina = sem barulho: A surdina dali escapuliu.

A toa = sem reflexão, a esmo, ao acaso: Andar a toa.

A todo o pano = com toda a força, a todo o transe: Atirou-se à luta a todo o pano.

A todo o pulso = com toda a força: Mandou forçar a voga a todo o pulso.

A trecheio = em grande cópia: Bebi a trecheio.

A trecho = a trechos, a passos, a lanços, de quando em quando: Murmurava a trecho certas palavras.

À tripa forra = A larga, muito, sem despender nada: Comer à tripa forra.

A trouxe-mouxe = sem ordem, de qualquer maneira: Executar um trabalho a trouxe-mouxe (pronuncie *trouche-mouche*).

A unhas (unha) de cavalo = com a maior rapidez: Foi necessário escapar a unhas de cavalo.

A vau = sem precisar nadar: Passa-se esse rio a vau.

A ventura = a toa, ao acaso: Os grandes foram ocupando seus lugares a ventura.

A voga arrancada = rapidamente, a toda a força de remos: De princípio a fim competiram a voga arrancada (voga = ação de remar, movimento de remos).

A vozes = em altos gritos: Bradou a vozes que iria.

Ao atar das feridas = com precipitação, à última hora.

Ao desbarato = desbaratadamente, por vil preço, com grande prejuízo.

Ao Deus dará = irrefletidamente: Agir ao Deus dará.

Ao invés = pelo contrário ("Ao invés de" é locução prepositiva: V. § 84, 4, n. 2).

Ao revés = às avessas: Fez tudo ao revés.

Ao viés = obliquamente: A linha equinoxial corta a ilha ao viés.

Às apalpadelas = tateando, apalpando: Como cegos que buscam coisas às apalpadelas.

Às caladas = encobertamente.

Às cegas = cegamente, sem conhecimento.

Às claras = sem rebuço, à vista de todos: Admiração que alimentou longamente e às claras.

Às escuras = sem luz: A igreja ficou totalmente às escuras.

Às fincas = com empenho, com afinco: Sempre se dedicou às fincas à profissão.

Às furtadas = às furtadelas; às escondidas: Este homem andou pela minha quinta às furtadas.

As mais das vezes, as mais vezes ou **o mais das vezes** = quase sempre.

Às mãos ambas = com as duas mãos, com ímpeto: Não queiras às mãos ambas ferindo o peito crédulo exclamar delirante.

Às mãos lavadas = gratuitamente, sem trabalho: Isso eu consegui às mãos lavadas.

Às rebatinhas = a porfia, em disputa: Vinham a mim às rebatinhas.

Às tontas = desgovernadamente: Os cavalos corriam às tontas.

Às vezes – Por vezes – A vezes = de quando em quando.

Assim como assim = de qualquer modo, seja como for: Eu, assim como assim, não nasci para ser sábio.

De afogadilho = precipitadamente: Agir de afogadilho.

De assento = com sossego, pausadamente: As deliberações foram tomadas de assento.

De beijado (de mão beijada) = gratuitamente, por favor: Recebeu tudo de mão beijada.

De cabo a rabo = de princípio a fim: Li o livro de cabo a rabo.

De caso pensado = propositadamente: Agiu de caso pensado.

De chapa = em cheio: O sol dava-lhe de chapa.

De chofre = de repente: Fez-me a pergunta de chofre.

De cotio = de uso cotidiano: Trazer o fato de cotio (do advérbio latino "quotidie").

De espaço = espaçadamente, devagar: Conversemos de espaço.

De estudo = de propósito, de intento: De estudo evito remover aqui memórias desagradáveis.

De fio a pavio = de princípio a fim.

De golpe = repentinamente: Assumiu de golpe a responsabilidade.

De improviso = sem arranjo prévio, de súbito: Discursou de improviso – Morreu de improviso.

De indústria = de caso pensado: Ela de indústria caiu – Florilégio que mui de indústria expurgamos de esperdícios de argúcia.

De largo = a distância: Passar de largo.

De longe em longe ou **de longe a longe** = a espaços, raramente: Só nos vemos de longe em longe.

De molde = a propósito, na ocasião: De molde lhe vai a esta altiveza natural o gênio sobranceiro.

De momento a momento = sucessivamente, sem intervalos.

De oitiva = de ouvido: Falar de oitiva = falar pelo que ouviu dizer e sem averiguar a verdade.

De onde em onde = aqui e ali, de espaço a espaço: Acariciava-o de onde em onde.

De ouvida = por ter ouvido dizer: Saber de ouvida.

De palanque = sem perigo: Assistir a uma briga de palanque.

De ponto em branco = com todo o apuro: Vestido de ponto em branco.

De presente = atualmente, no tempo presente: De presente domina toda a cidade.

De presto = brevemente, de pronto: Os olhos que tinha vendado de presto se descerraram.

De primeiro = antes de tudo ou de todos: De primeiro, ele proibiu perguntas.

De raiz = solidamente: Saber uma coisa de raiz.

De relance = rapidamente: Lançou de relance os olhos para o guarda.

De repelão = a pressa, velozmente, com violência: Entrou de repelão.

De resto = quanto ao mais, além disso, aliás: De resto, tudo muito bem – De resto, podiam falar com quem lhes cumpria.

De revés = obliquamente, de lado: Olhar de revés.

De rojo = de rastos, tocando o chão: Caiu de rojo.

De roldão = de golpe, de sobressalto: A gente entrou de roldão.

De rota batida = sem parar: Ir de rota batida.

De salto = de repente: Chegou de salto à chefia da fábrica.

De sobreaviso = de atalaia, de prevenção, alerta: Ficou de sobreaviso.

De sobrerrolda (ó) = a espreita, de sentinela: Andava sempre de sobrerrolda avivando os obreiros.

De sobressalto = repentinamente, de surpresa: Alcançou de sobressalto o ladrão.

De soslaio = de esguelha: O sol atirava de soslaio seus últimos raios.

De súbito = repentinamente: De súbito se levantaram e saíram.

De través (em través) = obliquamente, de lado: O carro parou de través.

De tropel = confusamente, tumultuariamente: Todos recuaram de tropel.

De um tiro = de vez, de jato: De um tiro ele resolveu o intricado problema.

De vereda = logo, sem parar: Passou por aqui de vereda.

De vez em quando, de quando em quando = De vez em quando vou à praia.

Em barda = em grande quantidade: Peixe em barda.

Em revés = inclinado, meio deitado: A má disposição da carga fazia-o navegar em revés.

Em som de guerra = hostilmente: Entrou em som de guerra pela província da Beira.

Em verdade = verdadeiramente: Em verdade lhe digo que não posso.

Entre a cruz e a caldeirinha (caldeirinha = vaso de água benta) = Estar entre a cruz e a caldeirinha: em artigo de morte.

Entre lusco e fusco = sem instruções, sem normas precisas: Caminhar entre lusco e fusco.

Fora parte (parte fora, de fora parte; pronuncie *fóra)* = exclusive, excetuadamente: Todos, de fora parte as crianças.

Mercê de Deus = graças a Deus.

Muitas vezes, loc. adverbial que aparece também na forma singular *muita vez* = frequentemente.

Nesse comenos = nessa ocasião: Nesse comenos chegou o rapaz que levara o recado (pronuncie *comênos)*.

Nesse meio tempo, nesse entremeio = nesse ínterim, nesse intervalo.

O mais das vezes = A redação normal é "o mais das vezes", onde *mais* está empregado de maneira neutra, substantivamente, como se fosse "o máximo", "o maior número", "a maior porção"; outros exemplos de *mais* com essa função: "Viviam o mais do tempo juntas" – "Passei o mais da tarde repousando".

P-a-pá Santa Justa (pronuncie *pê-á-pá)* = minuciosamente, tim-tim por tim-tim: Contei-lhe tudo p-a-pá Santa Justa.

Para todo o sempre.

Pela rama = superficialmente.

Por artes de berliques e berloques = milagrosamente, por arte mágica: Escapou da morte por artes de berliques e berloques.

Por dá cá aquela palha = por qualquer palha podre, por uma ninharia, por motivo fútil.

Por um és não és = por um triz, quase: Esteve por um és não és a cair na vala.

Pouco e pouco, a pouco e pouco, pouco a pouco (Não se deve dizer *a pouco a pouco*).

Sem bulha nem matinada = silenciosamente, sem alarde.

Sem chus nem bus (ou *sem tus nem bus*) = absolutamente nada: Sentou-se num tamborete sem dizer chus nem bus – Saiu sem fazer tus nem bus (sem fazer bulha, sem dizer palavra).

Sem cruz nem cunho = diz-se de uma pessoa disparatada, que em casos idênticos procede ora de um, ora de outro modo.

Sem rei nem roque = sem governo, desorientadamente.

Sem sobressalto = fleumaticamente, a sangue frio: Respondeu sem sobressalto.

Sem tir-te nem guar-te (contração de *sem tira-te nem guarda-te)* = sem aviso, repentinamente: ...para assim deitares essa obra por terra sem tir-te nem guar-te?

Senão quando, eis senão quando = improvisadamente, de repente.

2 – LOCUÇÕES ADVERBIAIS E ADVÉRBIOS LATINOS – Usam-se em português diversas locuções e advérbios latinos:

A posteriori = pelo que segue: Raciocinar a posteriori = argumentar com as consequências de uma hipótese.

A priori = segundo um princípio anterior, admitido como evidente: Concluir a priori.

Ab æterno = desde toda a eternidade.

Ab imo corde = do fundo do coração.

Ab initio = desde o princípio.

Ab ovo = desde o princípio, a partir do ovo.

Ad amussim = à risca, com exatidão: Ler uma obra *ad amussim.*

Ad hoc = para o caso, eventualmente.

Ad libitum = a vontade.

Ad nutum = segundo a vontade, ao arbítrio.

Ad referendum = pendente de aprovação.

Bis = duas vezes: Ele cantou bis.

Coram popolo = em público, em alto e bom som.

Currente calamo (pronuncie *cálamo*) = ao correr da pena: Fazer versos *currente calamo.*

Data venia = com sua licença.

Et similia = e coisas semelhantes: Redigir cartas, descrições, composições *et similia.*

Ex abrupto = repentinamente, inopinadamente, arrebatadamente: Não devemos proceder *ex abrupto* – Levaram-no *ex abrupto*.

Ex cathedra = de cátedra, em função do próprio cargo: O papa falou *ex cathedra* = falou realmente como sumo pontífice.

Ex corde = do coração: Amigo *ex corde*.

Ex expositis = do que ficou exposto.

Ex officio (pronuncie *êz ofício*) = por lei, oficialmente, em virtude do próprio cargo: O advogado do réu foi nomeado *ex officio* (por lei) pelo juiz – Ser eleitor *ex officio* (em virtude do cargo que ocupa).

Ex positis (pronuncie *pósitis*) = do que ficou assentado.

Ex professo = como professor, magistralmente, com toda a perfeição: Discorreu sobre o assunto *ex professo*.

Exclusive = exclusivamente (Para o emprego, segue a mesma orientação de *inclusive*).

Exempli gratia (pronuncie *grácia*) = por exemplo (abrevia-se *e. g.*).

Gratis = de graça: Entraremos *gratis*. V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "grátis".

Grosso modo = por alto, resumidamente.

Ibidem = aí mesmo, no mesmo lugar.

Idem = o mesmo.

In fine = no fim.

In limine = no limiar, no princípio. As razões foram rejeitadas *in limine*.

In perpetuum = para sempre, para perpetuar.

In totum = em geral, no todo, totalmente.

Inclusive = inclusivamente: Estudem a lição até o parágrafo 500 inclusive (por ser advérbio, jamais se flexiona).

Infra = abaixo, no lugar inferior: Os inframencionados.

Inter pocula (pronuncie *pócula*) = no ato de beber, no festim: Discursar *inter pocula* – Agir *inter pocula* = agir como bêbedo.

Ipsis verbis = com as mesmas palavras, sem tirar nem pôr.

Ipso facto = em virtude desse mesmo fato: Ele não pagou; *ipso facto* não concorreu ao sorteio.

Lato sensu = em sentido geral (o contrário de *stricto sensu* = em sentido restrito).

Maxime = principalmente, mormente: A todos obedeçamos, *maxime* aos pais.

Mutatis mutandis = fazendo-se as mudanças devidas: Tem o pai vários deveres para com o filho; *mutatis mutandis*, tem o filho iguais deveres para com o pai.

Pari passu = a passo igual, junto: Acompanhar alguém *pari passu* = acompanhá-lo por toda a parte.

Per fas et per nefas (pronuncie *néfas*) = a torto e a direito, quer queira quer não, por qualquer meio: Conseguirei *per fas et per nefas* o meu intento.

Primo = em primeiro lugar.

Pro forma = por mera formalidade.

Quantum satis ou **quantum sufficit** = o suficiente, o estritamente necessário.

Retro = atrás: Reporto-me ao que *retro* ficou dito nesta folha. V. *retro* = Veja atrás, veja o verso.

Secundo = em segundo lugar: Por duas razões assim procedi: *primo* porque a consciência o mandava, *secundo* porque as circunstâncias o exigiam.

Sic = assim, deste modo, com as mesmas palavras.

Sine die = indeterminadamente, sem fixar dia.

Statu quo = no estado em que; expressão usada substantivamente no ablativo para indicar o estado anterior a uma situação: Os vencedores mantiveram o *statu quo* na parte monetária.

Stricto sensu = em sentido restrito (o contrário de *lato sensu* = em sentido geral).

Sui generis = de gênero próprio, de gênero especial; peculiar, esquisito.

Supra = acima, no lugar superior: Os supracitados.

Una voce = a uma voz, unanimemente.

Verbi gratia = por exemplo (abrevia-se *v. g.*).

Vice-versa = às avessas, em sentido inverso.

Nota: Muitas dessas locuções adverbiais e advérbios latinos, por muito usados em português, não costumam vir nem grifados nem entre aspas.

Outras locuções, advérbios e provérbios latinos encontram-se no *Dicionário de Questões Vernáculas*.

535 – Muitos dos alunos, nas respostas do questionário da crase, falam em obrigatoriedade de crase "porque é locução adverbial". Não há tal regra, e aqui afirmamos ser errada. As locuções adverbiais levam crase ou para evitar ambiguidade ou quando se enquadram nas regras práticas do emprego da crase: "Peguei à mão" (com crase, tão somente para evitar ambiguidade; pela regra não havia necessidade da crase, uma vez que se diz "pegar *a* laço" e não "pegar *ao* laço"). "Peguei-o a mão" (aqui já não é necessário crase, pois deixa de existir perigo de ambiguidade).

Tratando-se de locuções pluralizadas, como *às vezes*, é claro que a crase deve aparecer: o *s* está denotando que além da preposição existe o artigo no plural.

536 – Uma vez que o advérbio modifica advérbio, pode igualmente modificar locucão adverbial:

"Entrou *muito* *de mansinho*"

adv. loc. adverbial

Nota: Podem alguns advérbios estar modificando toda a oração: "Sinceramente, não disse isso".

537 – Se o advérbio vem na frase modificando adjetivo, verbo ou advérbio, vezes há em que aparece modificando substantivo.

Isso acontece:

a) Quando o substantivo funciona como predicativo (§ 665):

"És *quase* *homem*" "É *muito* *verdade*"

adv. predicativo adv. predicativo

b) Em mais alguns casos:

"*Somente* *Cabral* descobriu o Brasil" – "A *não* *observância*"

adv. subst. adv. subst.

Notas: 1ª – A verdade é que certas palavras, por não se poderem claramente enquadrar na restrita conceituação e classificação do advérbio, nem em nenhuma outra classe, terão de classificar-se meramente como "palavras que denotam" exclusão (*só*, *somente*, *unicamente*), inclusão (*outrossim*), situação (*quase*, *casualmente*), designação (*eis*[1]), retificação (*aliás*), realce (*nada*), afetividade etc.

2ª – Frequentemente se empregam adjetivos na forma masculina, ou antes, neutra como advérbios: Eles falam *forte* (fortemente) – Falem *baixo* – Leia *alto* – Fomos *direto* ao assunto – Responda *calmo*[2].

538 – Se o próprio adjetivo (§ 277) não tem, em rigor, flexão de grau, somente em sentido muito especial se pode dizer que existe flexão de grau para os advérbios. Com tal ressalva, que o aluno já compreende, limitar-nos-emos a alguns exemplos:

comparativo
- de *igualdade*: tão bem, tão harmoniosamente
- de *superioridade*: melhor, pior (§ 527, n. 7), mais bem, mais mal (§ 268), mais harmoniosamente
- de *inferioridade*: menos bem, menos harmoniosamente

superlativo absoluto (§ 272, nota)
- *sintético*: harmoniosissimamente
- *analítico*: muito harmoniosamente

diminutivo: cedinho, longinho, agorinha (§ 240, obs. 2; § 276, n. 5)

Questionário

1. O que é *advérbio*?
2. Faça três frases ou orações, na 1ª das quais haja um advérbio modificando um adjetivo, na 2ª o mesmo advérbio modificando um verbo, e na 3ª ainda o mesmo advérbio modificando outro advérbio (V. § 158).
3. Quanto à circunstância, como se classificam os advérbios? Exemplos.
4. Redija duas orações com o advérbio *onde* e outras duas com *aonde*.
5. Construa dois períodos com o adv. *entrementes*. (Observe a colocação e o significado desse advérbio.
6. Discorra sobre o sufixo *mente*.

---

(1) *Eis* tem força de verbo e rege acusativo:

"Eis *o homem*"
obj. direto

Por essa razão é que se diz *ei-lo*, *eis-nos*, com pronome oblíquo. V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "*eis*".

(2) V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "passeei demasiado".

7. Construa dois períodos com o advérbio *adrede*. (Veja o "note-se" acrescentado a esse advérbio.)

8. *Alerta*, quando adjetivo, pode vir no plural? Exemplo.

9. Que diz das expressões: Lição *mais bem estudada*, trabalho *mais mal acabado*?

10. O *não* é sempre negativo? Exemplifique a resposta.

11. Empregar "absolutamente" com a significação de "não, de forma nenhuma", é certo? Como fugir do erro?

12. Corrija a oração: "Estamos bastantes satisfeitos". Com poucas palavras e com muita clareza, justifique a correção.

13. É correto dizer: "Colhi bastantes frutas"? (Responder somente *sim* ou *não*: V. a *nota* do § 358).

14. Posso dizer "porta meia aberta"? – E se disser "porta meio aberta"? Explique a resposta.

15. Por que certos advérbios se chamam interrogativos? Quais são? Exemplo.

16. Que entende por *forma* quando se classifica uma palavra?

17. Quanto à *forma*, como se dividem os advérbios?

18. Cite dez locuções adverbiais que até agora não conhecia.

19. Que significam as locuções latinas *a priori*, *a posteriori*, *per fas et per nefas*, *mutatis mutandis*, *ex professo* e *ex abrupto*?

20. Há casos em que o advérbio modifica substantivo? Explique e exemplifique.

21. Há palavras que não se enquadram na classe dos advérbios nem em nenhuma outra? Como terão então de classificar-se?

22. A palavra *alto*, da frase "falemos mais *alto*", a que classe de palavras pertence? Explique a resposta (§ 537, n. 2).

23. Diga a que classe de palavras pertence o "só" das duas seguintes orações:

a) Cabral, só, descobriu o Brasil.

b) Cabral só descobriu o Brasil.

24. Corrija:

a) Belmira deixou a roupa no quarador.

b) Em dado momento, ficamos só na sala (§ 527, n. 10, ao pé da página).

c) Prefiro muito mais este dentrifício do que a pasta que você usa (§ 276, n. 4).

*

"A inteireza do espírito começa por se caraterizar no escrúpulo da linguagem" – RUI BARBOSA.

CAPÍTULO 37

PREPOSIÇÃO

541 – Tanto a preposição[1] quanto a conjunção são *conectivos*, isto é, são classes que desempenham função de ligação; ambas essas classes ligam, mas entre elas há esta diferença: A preposição liga *palavras* (substantivo a substantivo, substantivo a adjetivo, substantivo a verbo, adjetivo a verbo etc.), ao passo que a conjunção liga *orações*.

Na expressão "livro *de* Pedro", *de* é preposição porque liga a palavra *Pedro* à palavra *livro*, ao passo que nestoutra expressão "Pedro foi *mas* não voltou" – o *mas* é conjunção porque está ligando a oração "Pedro foi" à oração "não voltou".

542 – **Preposição** é, pois, uma palavra invariável que tem por função ligar o complemento à palavra completada. Tais palavras se denominam *preposições* (do lat. *prae* = diante de, mais *positionem* = posição) pelo fato de porem na frente de uma palavra outra que a completa.

Os termos ligados pela preposição denominam-se *antecedente* (o que vem antes da preposição) e *consequente* (o que vem depois). O *antecedente* vem a ser o termo *regente* (que rege, que tem outro debaixo de sua dependência, subordinante), e o *consequente* vem a ser o *regime*, isto é, o termo regido, subordinado; a preposição, juntamente com o consequente, constituem o complemento do termo regente:

---

(1) Não confunda *prEposição* com *prOposição* (= sentença, oração).

complemento do antecedente

antecedente	*preposição*	*consequente*
casa	de	Pedro
fui	até	Paris
estamos	em	festas
morto	por	desconhecidos

543 – Na ordem em que costumam aparecer em português os termos de uma oração, a preposição vem colocada entre os dois termos por ela ligados. Algumas vezes, no entanto, o *consequente* deixa de vir logo depois da preposição: "Fiz isso pensando *em*, dado o que ele disse, *aliviar* a situação de angústia em que se encontrava". O termo *aliviar* não veio logo depois da preposição *em*, da qual é consequente.

Com maior frequência, o antecedente deixa de preceder a preposição: "*Sobre* isso não quero falar" – A preposição *sobre*, por causa da colocação dos termos, deixou de vir entre *falar* (antecedente) e *isso* (consequente); noutra ordem, a oração seria:

"Não quero *falar* *sobre* *isso*"
↓ antec. ↓ prep. ↓ cons.
Complemento de *falar*

544 – **CLASSIFICAÇÃO**: Classificam-se as preposições em *essenciais* e *acidentais*.

545 – **Preposições essenciais** são as que só desempenham essa função:

a[1]	de[3]	perante
ante	desde	por[6]
após	em[4]	sem
até[2]	entre[5]	sob
com	para[1]	sobre[7]
contra	per[6]	trás

546 – **Preposições acidentais** consideram-se as palavras de outras classes, eventualmente empregadas como preposições:

conforme, consoante [8]	fora, afora	salvo
	mediante	segundo[8]
durante, exceto [9]	menos	
	salvante[9]	tirante[9]

Observação:

As preposições não têm significação intrínseca, própria, mas relativa, dependente do verbo com que são empregadas, e, como nos adverte Carlos Pereira, "só o trato constante dos bons autores nos pode habituar ao manejo correto, elegante e vívido dessas importantes partículas".

Na verdade, o número de preposições existentes em nosso idioma é pequeno (Soares Barbosa chega a contar apenas 16 propriamente ditas); daí resulta ora o emprego de preposições diferentes com idêntico sentido, ora o de uma preposição com significados diferentes. Não deve, portanto, o aluno estranhar que a preposição *a* na frase "uma *a* uma" signifique *por*, e que a mesma preposição na frase "vender *a* fulano" signifique *para*. Conforme dissemos no início desta observação, as preposições não têm significação intrínseca, própria, mas relativa, dependente do verbo com que são empregadas ou da expressão em que aparecem.

Deverá o aluno, no estudar as *notas sobre as preposições*, ter sempre em mente o que acaba de ser observado.

NOTAS SOBRE AS PREPOSIÇÕES: (1) *a*) Acentua-se cada vez mais em nossa língua a tendência para colocar a preposição *a* em grande número de expressões. Assim é que se diz: "Está *a* (consoante) meu gosto" – "*A* (segundo) meu modo de ver" – "*A* (em) 8 de janeiro" – "Ele segue *a* (por) mandado do chefe".

Quem a torto e a direito emprega a preposição *a*, incorre em perigo de praticar galicismos; constituem francesismos os seguintes empregos de *a*: "Sopa *a* tomate" – em vez de "sopa *de* tomate". "Falar *ao* telefone" – em vez de "falar *no* telefone". "Tocar *ao* piano" – em vez de "tocar *no* piano". "Equação *a* duas incógnitas" – em vez de "equação *de* duas incógnitas".

b) São igualmente gaulesas expressões como: "Nada tenho *a* fazer" – "Há muitos pontos *a* esclarecer" – em vez de: "Nada tenho *por* fazer", "Há muitos pontos *para* esclarecer":

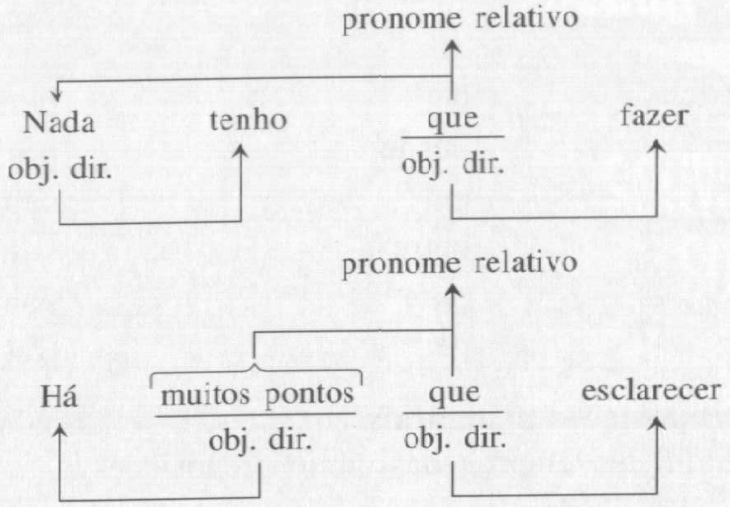

c) A preposição *a* tanto pode indicar *quietação*, *estada* num lugar, como *movimento* para um lugar.

Estávamos *à* (= na) janela (quietação, estada, lugar onde) – Dirigimo-nos à (para a) janela (movimento, lugar para onde).

d) Tem a preposição *para* emprego muitas vezes idêntico ao da preposição *a*: Disse *a* (para) você – Dei *ao* (para o) irmão. – Com os verbos *ir* e *vir*, a preposição *a* denota *transitoriedade* de movimento, ao passo que *para* indica *permanência* ou *destino*: Vamos à Argentina (ir a passeio, ir para voltar) – Veio *ao* Brasil (veio para visitar, veio transitoriamente) – Carlos foi *para* os Estados Unidos (foi fixar residência) – Eu vou *para* o Norte, você *para* o Sul (destino).

(2) *Até* é advérbio quando empregado no sentido de *mesmo*, *ainda*:

"*Podíamos* *até* vender a casa".
verbo adv.

Quando liga dois termos, *até* é preposição: "Foi *até* o cemitério".

Modernamente, a preposição *até* é também usada em forma de locução – *até a*: *até ao* Rio, *até ao* momento – ao lado de "*até* o Rio", "*até o* momento". Note-se que não há diferença de sentido entre essas expressões.

(3) Como acima vimos, uma mesma preposição pode indicar relações diferentes e, por outro lado, duas ou mais preposições podem indicar relação ou relações semelhantes; é o que se passa com as preposições *de* e *por* no agente da passiva (§ 390): "Somos conhecidos *do* prefeito" – "Somos conhecidos *pelo* prefeito".

(4) *a*) Não devemos usar a preposição *em* com verbos de movimento, porquanto *em* indica *lugar onde*: "ir *ao* colégio" – e não "ir *no* colégio" – "chegar *a* um lugar", e não "chegar *em*": chegamos *ao* Rio, cheguei *à* casa dele, cheguei tarde *a* casa, o avião chegou *ao* campo. O mesmo se diga do substantivo *chegada*: por ocasião de sua chegada *a* Recife (e não: chegada *em* Recife). Constituem exceção desta regra alguns verbos, como *ingressar*: "ingressar *no* seminário".

b) Certos escritores têm o tolo escrúpulo de *sempre* escrever "em o novo", "em o nosso", "em a nave". Pode-se perfeitamente dizer "no novo", "no nosso", "na nave", sem cogitar em falta de eufonia na repetição *no-no*, *na-na*. O *em* só não se combina com o *o*, quando este *o* é objeto ou sujeito do verbo: "Fez bem *em os* noticiar".

c) Não se deve empregar a preposição *em* nas expressões "éramos *em* três" – "íamos *em* quatro", porquanto essas construções constituem italianismos; "éramos três", "íamos quatro" é como se deve dizer em português. (D. QVs, Em 5.)

d) Ensinamento de todo falso, inconscientemente propalado de microfones, de salas de aula e de livros, é este: Deve-se construir "Moro à rua Tal" e não "Moro na rua Tal" porque – dizem os falhos doutrinadores – "morar na rua Tal" é morar "no meio" dessa rua.

Quem afirmou que as preposições têm sentido fixo em português? Quem, ciente do que faz, um dia se aventurou a dar os significados das preposições vernáculas, sem o cuidado de exemplificar o emprego? Jamais dirá o professor consciencioso que "de" indica posse, "sobre" significa "em cima de", "com" denota companhia. As preposições nossas não têm significação intrínseca, própria, senão relativa, dependente do verbo com que são empregadas, variável de expressão para expressão. Se "de" indica posse, como analisará o aluno o complemento da frase "vir de Pernambuco"? Se "sobre" significa "em cima de", por que não se poderá construir "Vou falar em cima do ensino"? Se "a" traz a ideia de movimento, que significará a expressão "estar a gosto"?

Como de nosso organismo as veias só com sangue têm função, as preposições de nosso idioma só com outras palavras têm significado.

Se "morar na rua Tal" significa "morar no meio da rua", não poderá ninguém, por coerência com essa pândega doutrina, construir: "Tenho escritório no largo da Concórdia", "Tal livraria fica na praça da Sé", "Fulano mora na avenida Paulista". Imaginem-se estas criações parisienses: Tenho escritório "ao" largo da Concórdia, moro "à" avenida Copacabana, tal livraria fica "à" praça da Sé, não existe farmácia "a" esta rua...

Se o conhecer um idioma não faculta forjar leis de sua gramática, não será o conhecer filosofia que irá trazer o poder de ilação a quem dele foi sempre destituído.

(5) Deve-se dizer "entre mim e ti", "entre ti e mim", "entre ele e mim" e não: "entre mim e tu", "entre ti e eu", "entre ele e eu" ; e assim: "entre Pedro e mim", "entre vocês e mim", "entre mim e você".

(6) *a*) Conquanto primitivamente se fizesse diferença entre *por* e *per* (*por* indicava *a favor de*: "Fiz isso *por* ela" – e *per* indicava *agente*, *meio*: "Fiz *per* ela", isto é, *por meio* dela), hoje só se emprega *per* quando se lhe segue o artigo, com o qual se combina: *pelo*, *pela*, *pelos*, *pelas* – e nas expressões *per si*, *de per si*, *de permeio*. V. D. QVs, *polo*.

b) Deve-se dizer: "Vou *pelo* trem das dez" – "Voltamos *pelo* avião das oito" – "Chegou *pelo* rápido" e não, como fazem os italianos: "Voltamos *com* o avião, chegou *com* o rápido, vou *com* o trem".

c) Emprega-se em expressões de tempo: "uma vez por dia", "três noites por mês", "duas horas por semana".

(7) *a*) Em português, como em outros idiomas, uma preposição ou locução prepositiva e o respectivo regime ("atrás do carro") podem vir regidos de outra preposição: "saiu DE atrás do carro". Outros exemplos: "...pendem, mergulham e desaparecem, numa imensa curva borbulhante, POR *sobre* o largo telheiro abandonado" – "POR *entre* a ganga" – "terreno que lhes foge DE *sob os cascos*", "passou POR *detrás do* teatro", "arrastaram-no PARA *ao pé do* catre", "ela não sai DE *ao pé de* mim", "janela que se abre DESDE *pela* manhã".

b) *Sobre* significa "além de" em expressões como estas: "*Sobre* escassos e honrosos, os desastres não tiveram consequência aviltante" – "*Sobre* honesto, é ele caridoso" – "E *sobre* ser Deus tão amável...".

(8) *Conforme*, *consoante* e *segundo* são preposições derivadas de adjetivos: *conforme* o modelo, *consoante* sua vontade, *segundo* a lei. Como acontece com *até*, as preposições *conforme* e *consoante* vêm às vezes seguidas de *a*: *conforme ao* original, *consoante ao* pedido.

Quando ligam orações, essas palavras passam para a categoria das conjunções: "Procedeu o aluno *conforme* foi aconselhado pelo mestre".

(9) *Durante*, *exceto*, *salvante* e *tirante* são formas nominais de verbos, as quais se imobilizaram entre as preposições. Flexionar hoje essas preposições (tirantes as mulheres, excetas as donzelas, salvantes os juízes) é incorrer em arcaísmo.

547 – LOCUÇÃO PREPOSITIVA: Há preposições que se apresentam sob a forma de **locuções**: *além de*, *antes de*, *aquém de*, *até a* (= até), *dentro em* (e não "dentre em"), *dentro de* (e não "dentre de"), *depois de*, *fora de*, *ao modo de*, *à maneira de*, *na conformidade de*, *junto de*, *junto a*,

devido a, *ao través de*, *a par de* etc.: "Chegarei *depois de* você" – "Irei *dentro de* duas semanas".

"Não há por que se confundam as *locuções prepositivas* com as *adverbiais*; traços diferenciais caraterísticos as separam e distinguem, quais os seguintes:

As **locuções prepositivas** têm de ordinário por último elemento componente uma preposição; não assim as *locuções adverbiais*, cujo vocábulo final nunca é representado por uma preposição. Ao demais, do fato de lhes ser em geral posta de remate uma preposição, resulta manifesto que as *locuções prepositivas* entretêm relações estreitíssimas com os vocábulos em cujo meio se elas enquadram e engranzam intimamente.

As **locuções adverbiais**, bem ao revés, são mais independentes, não se prendem tão diretamente, não se subordinam tanto às expressões onde se entremeiam; podem, pelo comum, meter-se entre vírgulas, e não raro cercear-se da contextura do discurso, sem se mutilar nem se desfigurar essencialmente o pensamento" (Carneiro Ribeiro).

548 – COMBINAÇÃO: Já vimos algumas combinações de preposições; essas, e outras que serão consideradas no momento oportuno, aqui estão resumidas:

A + artigo: *ao*, *aos*.

Nota: Na *crase* opera-se *contração*.

DE + artigo: *do*, *da*, *dos*, *das*;
+ demonstrativo: *deste(s)*, *desta(s)*, *disto*;
desse(s), *dessa(s)*, *disso*;
daquele(s), *daquela(s)*, *daquilo*;
+ pessoal *ele*: *dele(s)*, *dela(s)*;
+ advérbios: *daqui*, *daí*, *dali*, *donde*.

EM + artigo: *no(s)*, *na(s)*; *num*, *numa*, *nuns*, *numas*;
+ demonstrativo: *neste(s)*, *nesta(s)*, *nisto*;
nesse(s), *nessa(s)*, *nisso*;
naquele(s), *naquela(s)*, *naquilo*;
+ pessoal *ele*: *nele(s)*, *nela(s)*:
+ indefinido: *outro*: *noutro(s)*, *noutra(s)*; *nalgum*.

PER + artigo: *pelo(s)*, *pela(s)*.

549 – CONTRAÇÃO: É o fenômeno operado na *crase*: *à(s)*, *àquele(s)*, *àquela(s)*, *àquilo*.

550 – REPETIÇÃO DAS PREPOSIÇÕES: Sendo nosso idioma analítico, ao contrário do materno, sintético, o estudo das preposições toma a importância que nas ciências assumem os elementos distintivos,

caracterizadores. No "Gênio da Língua Portuguesa", importante obra de Evaristo Leoni, publicada em 1858, encontram-se estas palavras sobre a preposição: "As propriedades que lhe são inerentes e que, produzindo pasmosa variedade nas relações dos nomes e maravilhoso cambiante na acepção dos verbos, assinalam principalmente o gênio da língua, constituem, por certo, o grande caraterístico que a distingue, e de que, com acurado estudo, nos devemos ocupar".

Continuando, assevera com acerto Leoni: "Não duvidamos de que a muitos de nossos leitores pareça enfadonho e, talvez, pouco importante este objeto. Foi, todavia, uma das partes da presente obra que mais escrupulosamente elaboramos e de cuja utilidade mais estamos convencidos". E o mais importante de sua asserção está no final deste período: "Além de devermos às preposições todas as frases e elegâncias da língua, é, aliás, do ignorar o conveniente emprego delas que procede o vermos frequentemente errar a genuína linguagem, que, por tal causa, de dia em dia se vai deteriorando".

A esse introito seguem-se quase cento e setenta páginas sobre as preposições, mas... completo é o silêncio no que respeita à repetição das preposições. É, em verdade, ingrato esse assunto particularizado, que aqui nos arrojamos a ventilar.

Distinguiremos os diversos casos por letras, constituindo o primeiro um esclarecimento preliminar e básico:

a) Vários nomes, mas um só regime: Suponhamos uma luta entre um indivíduo, João, e dois outros, Pedro e Paulo. Diremos: "João lutou contra Pedro e Paulo" ou: "João lutou contra Pedro e contra Paulo"?

A segunda construção tem significado diferente da primeira, pois denota duas lutas separadas; João lutou primeiro contra um, depois contra outro. Se a luta foi uma só, a preposição não se repete: "João lutou contra Pedro e Paulo".

Perigo de ambiguidade como esse poderá existir em outras frases semelhantes: "Aos poetas e pintores" (= a pessoas a um tempo poetas e pintores), "Aos poetas e aos pintores" (= aos que são poetas e aos que são pintores).

Não cabe, em tais casos, verificar se as palavras, regidas pela preposição, são ou não antônimas; importa, isto sim, observar se elas constituem um só regime, conjunto, contemporâneo, ou, ao contrário, regimes diferentes, isolados. Quando se diz "Viaja por terra e por mar", diz-se bem, e não seria possível de outra forma dizer. Os elementos não podem constituir complemento conjunto de "viajar" ; a repetição da preposição impõe-se. Quando – considerando-se o caso contrário – diz alguém: "Destruir a ferro e fogo", procede corretamente em não repetindo a preposição, uma vez que as palavras "ferro" e "fogo" indicam elementos contemporâneos de destruição.

"A fita do Gordo e o Magro" – "Um grupo de cinco rapazes e duas moças" – constituem outros exemplos de regime comum, uno, da preposição. Outros exemplos em que a preposição rege vários nomes que constituem um só regime: "Durante o mês passado e parte do presente" – "Homem de cabelos brancos e bigode grisalho" – "Analogia de forma e significação" – "Campo juncado de mortos e feridos" – "Ante a violência do choque e a desordem das vanguardas" – "Casa de pau e barro" – "Comida com sal e pimenta" – "Secretaria de Educação e Saúde Pública" – "Instituto de Aposentadoria e Pensões" – "Tecido de algodão e lã" – "Flexão verbal de modo, tempo, pessoa e

número" – "Viver a pão e água" – "As letras dividem-se, quanto à natureza, em vogais e consoantes". Não se trata de regimes isolados; o regime é um só; mais estes exemplos: "Os metaplasmos podem processar-se por adição, subtração e substituição" – "Dividem-se em interjeições propriamente ditas e locuções interjetivas".

Se as palavras que vêm após a preposição não constituem regime uno, contemporâneo, a repetição se impõe: "Nomes derivados de substantivos e de verbos" – "Vive na cidade e no campo" – "Ostenta seu poder no céu, no ar, no mar, na terra" – "Orgulho da ciência e da indústria" – "Honra para mim e para todos" – "Flexão subordinada às regras de Soares Barbosa e à de Frederico Diez".

b) Se os complementos são *palavras que têm mais ou menos o mesmo sentido*, não se deve repetir a preposição: "Viver na moleza e ociosidade" – "Encantou-nos com sua bondade e doçura" – "Deve a vida à clemência e magnanimidade do vencedor".

Razão ainda maior há para não se repetir a preposição quando o segundo elemento é explicativo ou equivalente do primeiro: "Corresponde ao duplo **l** ou **l** molhado" – "Compostos de duas ou mais palavras" – "Seguido de e ou i" – "Indica um conjunto de seres ou objetos" – "Conhecem-se pelo sufixo ou terminação". Em construções como essas, não há verdadeiramente dois regimes, senão um só.

c) *Regimes das preposições "a" e "por", seguidas de artigo definido*: Deve-se repetir a preposição, quando repetido vem o artigo: "Opor-se aos projetos e aos desígnios de alguém" (jamais: "aos projetos e os desígnios") – "Carateriza-se pelo talento e pelos relevantes méritos" (jamais: "pelo talento e os relevantes méritos") – "Flagelado pela peste e pelos estragos" – "Sócrates distinguiu-se pela modéstia e pela sabedoria" – "Choravam pelo pai e pela mãe" – "Marasmado pelo álcool e pela nicotina" – "Morrer pela lei, pelo rei, pela pátria" – "Escarnecido pelo monarca e pelos ministros".

Se não se repetir o artigo, poder-se-á não repetir a preposição, tendo-se sempre em mente as normas *a*) e *b*): "Opor-se aos projetos e desígnios de alguém" – "Flagelado pela peste e estragos". O mesmo poderá ser dito com relação a outras preposições: "Nas formas rizotônicas e derivadas" – "Observações sobre a pronúncia e grafia de certos verbos" (ou: "sobre a pronúncia e sobre a grafia" – não: "sobre a pronúncia e a grafia").

É galicismo ou castelhanismo pôr antes do segundo nome o artigo sem a preposição: "Une patrie dévastée par la faim, la guerre ou la maladie", "Una patria devastada por el hambre, la guerra o la peste" ; em português: "Uma pátria assolada pela fome, pela guerra ou pela doença".

Não devemos imitar exemplos como estes: "O Dante é imortal, mas o seu poema é inspirado pelo misticismo e a vingança" – "Estas palavras quase severas do mancebo foram seguidas de um longo silêncio, apenas interrompido pelo tinir dos pratos e o rumor dos dentes" – "Mas as argolas do caixão foram seguras pelos cinco familiares e o Benjamim".

d) *Regimes antecedidos de possessivo*: Mutatis mutandis, é este caso igual ao anterior, ou seja, repete-se a preposição quando repetido vem o possessivo: "Disponha de minha casa e de minha bolsa" – "Com meu pai e com minha mãe" – "Dê o resto ao meu empregado e ao meu guia" – "Com saudades do seu vinho e dos seus charutos".

Poder-se-á não repetir o possessivo – e então nem a preposição virá repetida – quando aplicáveis as letras *a*) e *b*): "Segundo suas lucubrações e queixumes".

e) *Regime seguido de aposto*: Quando a repetição não se fizer necessária, nem para ênfase nem para clareza, não haverá necessidade de repetir a preposição antes do aposto: "Nascido numa bela cidade, Campinas" – "Proveniente da mais bela das capitais, Rio de Janeiro".

f) Regimes dispostos em grupos de dois ou mais elementos: Pode-se repetir a preposição antes de cada grupo: "Acompanhado de professores e advogados, de físicos e químicos, de médicos e dentistas" – "As letras classificam-se em maiúsculas e minúsculas, em vogais e consoantes".

g) Regime seguido de palavra ou locução explanatória: Repete-se a preposição: "No mês de janeiro, ou melhor, de fevereiro" – "A propriedade do advérbio, digo, do adjetivo" – "Refiro-me à filha, digo, à sobrinha do mordomo" – "Foi com o mestre, quero dizer, com o diretor".

551 – REPETIÇÃO DAS LOCUÇÕES PREPOSITIVAS:

a) Regimes ligados por "e": Na maioria das vezes, encontramos repetida somente a preposição que finaliza a locução: "Através do Dicionário e da Gramática" (M. Barreto) – "À vista das crônicas coevas e dos documentos" (Herc.) – "Em troca da proteção e do afeto" (M. de Assis) – "Acerca da solidão noturna e do sono e das coisas" (M. de Assis) – "À frente dos soldados vasconços e de algumas tiufadias" (Herc.) – "Por meio da fé e do batismo" (Vieira) – "À vista desta distinção tão verdadeira, e deste desengano tão certo" (Vieira) – "Abaixo de Deus e do estudo" (Castilho) – "Apesar da prima, do baronato, dos meninos, do dinheiro e da saúde" (Camilo)[1] – "À frente dos exércitos e das povoações entusiásticas" (Castilho) – "A instâncias dos seus editores e de outras pessoas" (J. J. Nunes) – "Em direção à Europa e ao sul do continente" (Carneiro Ribeiro) – "Por intermédio das folhas diárias e das subscrições públicas" (Silva Ramos).

Exemplos todavia não faltam de não repetição de nenhum dos elementos da locução: "A custa das concessões e promessas humilhantes" (Herc.) – "Por honra dos santos e dias de festa" (Bernardes) – "A par das crenças e civilização da mãe comum" (J. J. Nunes). Tais exemplos de não repetição são mais frequentes quando os regimes não vêm antecedidos de nenhum determinativo: "Atrair por meio de sedução e recompensa" (Rebelo da Silva) – "Da parte de néscios e ruins" (Castilho).

b) Regimes ligados assindeticamente: Quando, em vez de "e", há vírgula entre os regimes, jamais se deixa de repetir o elemento final da locução ou, se for para efeito enfático, conforme iremos ver na letra *e*), a locução inteira: "Através da virtude, da verdade" (Jorge Ferreira) – "A par desses foros imortais, desta bem-aventurança interminável" (Mont'Alverne) – "Apesar da prima, do baronato, dos meninos, do dinheiro..." (Camilo).

c) Regimes falsamente duplos: Citemos um exemplo: "Andam sempre através do uso e costume" (Jorge Ferreira). "Uso e costume" é expressão jurídica que, na prática, denota uma só e mesma coisa, e, no Direito, esses dois substantivos vêm sempre juntos.

Por analogia, no mesmo caso se enquadra este exemplo de Vieira: "E se ele se deixasse ver dentro da casa ou sepultura" (Se Vieira tivesse repetido o elemento final da locução, iria especificar coisas diferentes, dando sentido falso ao leitor; "casa" e "sepultura" são palavras que estão aí a indicar uma só coisa).

Caso o "ou" não trouxesse a indicação de uma coisa única, a preposição viria repetida: "Diante dos meus olhos ou dos meus ouvidos" (Silva Ramos).

d) Regimes distanciados: Quando de tal forma distanciado do primeiro, que esqueça ao leitor a locução de que ele depende, nada mais natural que vir o segundo regime com a locução repetida: "Não é quanto a ele, que vos lembro reformação, mas só quanto ao modo de..." (Castilho).

---

(1) Não nos parece acertada a doutrina encontrada em certo autor, de que a locução "apesar de" deveria ser usada somente para significar sentimento de pesar; aí fica um exemplo de Camilo – "apesar da saúde" – a confirmar nosso parecer.

e) *Repetição enfática*: Por menos atento esteja, notará o leitor o efeito enfático que ao período traz a repetição da locução inteira antes de cada regime, sempre que a repetição seja ditada por essa conveniência: "Ele continua a culminar ali acima das letras, acima da política, acima da magistratura" (Rui).

f) *Exemplos que não devem ser seguidos*: Constitui galicismo ou castelhanismo – ficou dito na letra *c*) do número anterior – pôr antes do segundo regime o artigo sem a preposição: "Acerca da Companhia de Jesus e a colonização brasileira" (deve ser: Acerca da Companhia de Jesus e da colonização brasileira) – "Acerca do extinto convento da Conceição desaproveitado e as ruínas da contígua igreja" (deve ser: Acerca do extinto convento... e das ruínas...).

552 – PREPOSIÇÃO e INFINITIVO: "Não saia sem *mim*", "Não vá sem *mim*" – são construções certas. Não podemos dizer: "Não saia sem *eu*", "Não vá sem *eu*" – porque a preposição exige após si a forma pronominal oblíqua. Acaso dizemos: "Isso não depende de *eu*"? – A mesma razão que nos obriga a construir "Isso não depende de *mim*", obriga-nos a dizer: "Não saia sem *mim*", "Não vá sem *mim*".

Se, porém, nessas orações, vier um infinitivo depois do pronome, já não será permitido o emprego do oblíquo, impondo-se, então, a forma reta: "Não saia sem *eu* ver", "Não vá sem *eu* mandar", "Isso não depende de *eu* estar presente". É que agora a preposição está regendo o infinitivo e não o pronome pessoal; este exerce, nestas frases, função de sujeito do infinitivo e não, como nas orações anteriores, de regime da preposição.

Observe o aluno esta construção: "Para *mim* estudar é uma delícia"; o "mim" está correto, uma vez que não é sujeito de "estudar"; há, nessa oração, simples inversão de termos: "Estudar é para mim uma delícia".

Questionário

1. Por que a preposição e a conjunção se dizem *conectivos*?

2. Que é *preposição*?

3. Como se chamam os termos ligados pelas preposições?

4. Como se classificam as preposições? Exemplos.

5. Que diz, *em geral*, do significado das preposições? Exemplos.

6. É correta a construção: "Nada tenho a fazer"? Por quê?

7. "Éramos em três" – "Íamos em cinco" – "Fui com o trem das oito" – são construções portuguesas?

8. Quando se usa a preposição *per*?

9. Que diz da expressão: "Tirantes as mulheres, todos se levantaram"? Explique a resposta.

10. Há perigo de confusão entre *locução prepositiva* e *locução adverbial*? Por quê?

11. Cite alguns casos de combinações de preposição.

12. Quando ocorre a contração de preposição?

13. Que diz da repetição das preposições? (Discorra somente sobre o ponto que tenha achado mais interessante.)

14. Corrija os períodos:

a) Vou na cidade fazer umas compras, e se ver que não chove talvez vá em Niterói em casa de minha irmã.

b) Recomendo-vos que dispensais toda a atenção a este caso.

c) Entre eu e tu pouca diferença existe.

d) Moro aonde já morou você, à rua dos Farrapos, 13.

CAPÍTULO 38

CONJUNÇÃO

556 – Conjunção é o *conectivo* oracional, isto é, é a palavra que liga orações: "O rústico, *porque* é ignorante, vê *que* o céu é azul; *mas* o filósofo, *porque* é sábio *e* distingue o verdadeiro do aparente, vê *que* aquilo *que* parece céu azul, *nem* é azul, *nem* é céu".

Nesse período, os vocábulos *porque*, *mas*, *e*, *que*, *nem* são *conjunções*, porque são os conectivos das orações.

"As conjunções fazem do discurso um todo harmônico e um símbolo dessa unidade que existe no espírito entre nossas ideias e nossos pensamentos, uns relativamente aos outros; elas ligam as orações umas às outras, constituindo os períodos; estes encadeiam-se uns com os outros, tecendo o discurso, o qual, sem esses elementos conectivos, que lhe servem de liga e cimento, perderia seu verdadeiro caráter" (C. Ribeiro).

Classificação

557 – As conjunções ligam as orações de duas maneiras: **coordenando** e **subordinando**[1]. *Coordenam*, quando ligam orações da mesma espécie, da mesma *ordem*, e chamam-se, então, conjunções *coordenativas*; *subordinam*, quando ligam orações diferentes de espécie, e então se chamam conjunções *subordinativas*.

(1) Toda a atenção pedimos ao aluno; iremos ser até prolixos na exposição da matéria, mas há disso necessidade, dada a importância do assunto para muitos casos de sintaxe.

558 – Para compreensão do assunto, veremos, antes de tudo, o que vem a ser, em gramática, *período*: **período** é uma ou mais *orações* que formam sentido completo. O fim do período é geralmente indicado pelo *ponto final*, tendo igual função o *ponto de exclamação* e o *ponto de interrogação*, quando equivalem a ponto final (V. nota do nº 1 do § 144). Dessa forma, obtemos a seguinte sequência:

as letras formam sílabas

as sílabas formam palavras

as palavras formam frases

as frases formam orações

as orações formam períodos

os períodos formam o discurso (ou *oração*, no sentido de *peça oratória*)

559 – As orações podem ser *absolutas*, podem ser *independentes*, podem ser *principais*, podem ser *coordenadas*, podem ser *subordinadas*.

Uma oração é *absoluta* quando tem *sentido completo* e vem isolada. Assim: "Pedro partiu" é oração *absoluta* porque tem sentido completo e vem isolada.

Quando o período se constitui de uma única oração absoluta, chama-se **período simples**.

Nota: As orações absolutas costumam ter o verbo no *indicativo* ou no *imperativo*, pois só esses modos podem enunciar fatos positivos ou independentes. Quando o *subjuntivo* ou o *infinitivo* aparecem numa oração absoluta, ou equivalem ao *imperativo* ou expressam opção (§ 644): "Não *sejais* cobiçosos" – "À direita *volver*" (= *volvei*) – "*Dê-me* Deus vida e saúde".

560 – Agora, se dissermos: "Pedro partiu e João ficou" – teremos um **período composto por coordenação**, ou seja, formado por duas orações de sentido completo, as quais então se chamam *independentes*. O período composto por coordenação pode constituir-se de mais de duas orações independentes:

"Os pedreiros chegaram cedo, (1) trabalharam muito, (2) mas não terminaram o serviço". (3)

O sujeito das orações 2 e 3 está subentendido (é o mesmo da oração 1), mas isso não impede que elas sejam independentes, isto é, de sentido completo.

561 – Com os verbos *dizer*, *responder*, *exclamar*, *prosseguir* e outros semelhantes, formam-se orações chamadas *interferentes*, por virem, de ordinário, entre os membros de outra oração: "A flor, *disse ele*, é uma maravilha" – "Os cachorrinhos, *respondeu a mulher*, comem as migalhas da mesa de seus senhores".

Observações:

1ª – Tais orações interferentes colocam-se entre vírgulas quando intercaladas.

2ª – As orações interferentes não influem gramaticalmente nas outras orações, isto é, não há subordinação gramatical entre a interferente e a outra oração.

Quando se constrói: *Eu venho, disse ele* (ou: *Disse ele: Eu venho*) usa-se o **estilo direto**, assim chamado aquele em que a oração é relatada tal qual o autor dela a proferiu. Quando, porém, se constrói: *Ele disse que vem*, emprega-se o **estilo indireto**, assim chamado aquele em que a oração é da autoria do escritor, e neste caso o período passa a ser composto por subordinação (V. § 419, n. 3, c).

562 – A locução *o que* dá origem a orações independentes: "Ele portou-se mal, *o que* muito me contrariou". De fato, *o que*, neste caso, equivale a *isto*, sendo a oração, pelo sentido, *coordenada*.

Outros exemplos: "O artista caiu, *o que* não estava no programa", "Meu filho tirou muito boas notas, *o que* a todos nós foi uma surpresa".

563 – Suponhamos, agora, que alguém a nós se chegue e nos diga, de chofre: "Que você vá". Nada entendemos com essa declaração; a oração não tem sentido completo, não obstante ser uma oração, pois nela existem os termos essenciais da oração: *sujeito* e *predicado*. A oração "que você vá" está necessitando de outra oração, para que tenha sentido completo. Se a pessoa nos tivesse dito: "Não quero que você vá" – tê-la-íamos compreendido.

Pois bem; a oração "que você vá", por necessitar de outra para que tenha sentido completo, chama-se *oração subordinada*, porquanto se subordina a outra, depende de outra, para que tenha sentido completo. A oração da qual a subordinada depende chama-se *oração principal*.

O período que se constitui de uma oração principal e de uma ou mais subordinadas chama-se *período composto por subordinação*:

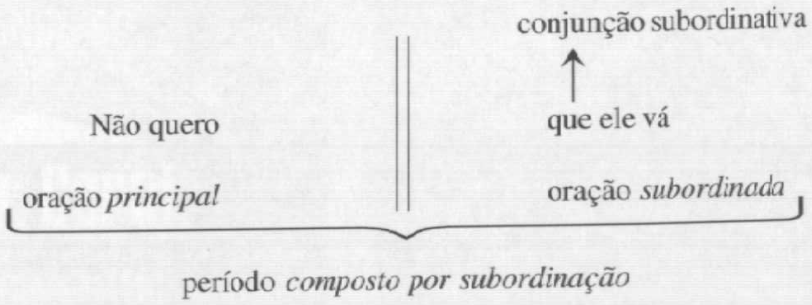

564 – O estudo que acima fizemos fornece-nos a seguinte sinopse:

A *ORAÇÃO*, quanto à *função* que exerce no período, pode ser:

Absoluta – Independente – Coordenada – Principal – Subordinada

O *PERÍODO*, quanto à *forma*, isto é, quanto à constituição, pode ser:

Simples – Composto por coordenação – Composto por subordinação

565 – Passemos, agora, para as conjunções: As conjunções que ligam uma oração independente a outra independente, ou uma subordinada a outra subordinada, ou, generalizando, as conjunções que ligam orações da mesma função, da **mesma ordem**, chamam-se **coordenativas**.

As conjunções que ligam a subordinada à principal chamam-se conjunções **subordinativas**.

Nota: Locução conjuntiva: Certas conjunções aparecem sob a forma de locuções, ou seja, são expressas por mais de uma palavra. Exemplos: *por conseguinte*, *ainda que*, *salvo se*, *com tal que*, *da mesma maneira que*.

Questionário

1. Que é *conjunção*?
2. Que é *período*?
3. Dê um exemplo em que o ponto de interrogação ou de exclamação não equivalha a ponto final (V. anota do nº 1 do § 144).
4. Como pode ser a oração? Definição e exemplos claros.
5. Quando um período é *composto por coordenação*? (Clareza na explicação e nos exemplos.)
6. Que é *oração interferente*? Exemplo.
7. Quando o estilo se diz *direto*? Exemplo.
8. Quando o estilo se diz *indireto*? Exemplo.
9. Redija um período em que apareça uma coordenada começada por "o que" (= isto).
10. Quando um período é *composto por subordinação*?
11. Quando uma conjunção é *coordenativa*?
12. Quando uma conjunção é *subordinativa*?
13. Que é *locução conjuntiva*?

CAPÍTULO 39

COORDENATIVAS

570 – Há **cinco** espécies de conjunções coordenativas:

571 – **ADITIVAS** são as que ligam duas orações, aproximando-as meramente: e[1] nem[2] também[3]

---

(1) *a*) A conjunção *e* é o tipo das conjunções aditivas e indica mera relação de nexo; por isso é comumente suprimida, sem prejuízo para o sentido, em uma série coordenada e só é expressa entre o penúltimo e o último termo: "Sócrates, Platão *e* Aristóteles são filósofos de nomeada". – Quando, porém, queremos pintar, com viveza, certa aglomeração de coisas, é de belo efeito torná-la expressa entre os membros da série: "De gente de guerra *e* hostes *e* de arrancada *e* de cavalaria *e* de besteiros (pronuncie *bés-têi-ros*) *e* de flecheiros *e* de ases *e* de trons *e* engenhos, disso sei eu mais a dormir do que vós acordado, mestre João das Regras" (Herculano).

b) As traduções vernáculas da Bíblia conservam a superabundância dessa partícula existente no original, donde o chamarem alguns autores *estilo bíblico* a exuberância da conjunção *e*. A repetição de uma conjunção em frases consecutivas chama-se *polissíndeto*.

c) Ao vocábulo *mais* dá-se às vezes o mesmo valor que à conjunção *e*, sobretudo em linguagem matemática ou familiar: "Dois *mais* dois são quatro" – "Pedro *mais* o irmão chegaram".

d) Entra em frases, unindo dois nomes, para indicar grande quantidade: "Levei horas *e* horas" – "Apareceram homens *e* homens".

(2) *a*) *Nem*, quando aditivo, supõe, antes, uma oração negativa e equivale analiticamente a "e não": "*Não* foi *nem* (= e não) deixou que outros fossem". Como a conjunção *nem* já equivale a "e não", é hoje condenada a anteposição do *e* ao *nem*: "Não foi *e nem* deixou..." – Só é possível dizer "e nem" quando o *nem* não exerce função coordenativa, como nestes exemplos: "Não foi e, nem que tivesse ido, não..." – "Ele não foi e nem por isso faltou à obrigação" – "Corriam alegres para a escola e nem sequer dos brinquedos de casa se lembravam" – "E nem da própria vida estou seguro".(*)

b) Quando repetido, o *nem* implica separação de ideias; diz-se então conjunção *alternativa*: "*Nem* um, *nem* outro" – "*Nem* para trás, *nem* para diante".

(*) V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "e nem".

que[4]

não só... mas também
tanto... como
assim... como
assim... quanto
assim... que

(5)

não só... como
não só... porém sim
não só... que também
não só... senão que
não só... senão também
não só... também

572 – ADVERSATIVAS são as que ligam orações de sentido adverso ou contrário:

mas[1] porém[2] todavia[3] contudo

---

c) *Nem* desempenha às vezes função adverbial: "*Nem* por sombra" – "*Nem* por isso" – "*Nem* tudo é bom" – "*Nem* sempre".

d) A locução conjuntiva *que nem*, de significação igual a *como*, só é usada hoje por pessoas incultas: "Ele caiu *que nem* uma pedra".

(3) *Também* é conjunção quando liga duas orações:

"Ele soube, *também* seria reprovado se não soubesse".

Funciona frequentemente como advérbio: "*Também* (adv.) *ali*" (adv.)

Não devemos confundir a conjunção *também* com a expressão *tão bem*:

"Isto está *tão* (adv.) *bem* (adv.) feito que merece ser publicado".

(4) *Que* é conjunção coordenativa aditiva quando equivale a "e": "Dize-me com quem andas, *que* (= *e*) eu te direi quem és" – "A mim *que* (= *e*) não a ele compete fazer isso" – "Mexe *que* (= *e*) mexe".

(5) São locuções conjuntivas, mas, observe-se, nem sempre se pode enquadrar uma locução de maneira rígida dentro de determinado tipo de conjunção, nem coordenativa nem subordinativa.

Exemplos: ...*não só* para mim *mas também* para você – *Tanto* ele *como* você podem... – "...O peso do açúcar, *assim* branco *como* mascavado – ...métodos, *assim* fáceis *quanto* seguros – ...escritores, *assim* antigos *que* modernos – *Não só* cortejavam *como* louvavam – ...impedido *não só* dos anos *porém sim* dos importantes negócios – ...sendo esse *não só* o dever dela *que também* a sua mais ardente vontade – *Não só* não trabalho comendo *senão que* mal as deixo comer – *Não só* os corpos *senão também* as almas padecem – *Não só* nos é preciso constância para sofrer, *também* necessitamos paciência para gozar.

572 – (1) *Mas* é o tipo das conjunções adversativas; indica, nitidamente, adversidade de ideia. À ideia de *ir* opõe-se a ideia de *voltar*; dizendo: "Ele foi, *mas* não voltou" – indicamos o contraste de ideias. Outros exemplos: "Davi escolheu o tempo da noite e assim chorava de noite, *mas* de dia não chorava" – "Entrou, *mas* não pôde sair".

(2) *Porém* é também adversativo, mas não tem a mesma força adversativa que *mas*, e do *mas* ainda se diferencia no seguinte: *Mas* sempre vem no rosto da oração (jamais se dirá: "Ele foi, não voltou *mas*"), ao passo que, atualmente, *porém* vem geralmente depois de iniciada a oração: "Pode ir; não se deixe, *porém*, levar pelas más companhias".

É arcaico e plebeu o emprego conjunto de *mas porém*: "*Mas porém* eu não vou". – *E porém*, *mas contudo*, *e contudo*, *e mas* são também combinações que os bons escritores evitam.

Quanto à vírgula, V. a nota do § 956.

(3) *Todavia* tem a mesma significação de *contudo*, *entretanto*, *no entanto*, *ainda assim*: "E ainda que com estes auxílios o inimigo não levante o cerco, *todavia* se lhe entorpecem as forças e encurtam as licenças".

senão[4] aliás[5] no entanto[6] entretanto ainda assim

573 – ALTERNATIVAS são as que ligam orações que indicam ideias incompatíveis ou alternadas. Enquanto as adversativas indicam oposição definida ("Foi, *mas* não voltou" – "Vai-te, *senão* morrerás"), as alternativas indicam separação vaga ou alternação: "*Ou* vai *ou* trabalha" – "*Quer* João, *quer* Pedro...". São alternativas as seguintes conjunções:

ou[1] ou... ou[2] já... já[3]

---

(4) *a*) *Senão* tem os seguintes significados: 1º – *de outro modo, de outra forma, do contrário*: "Confessa, *senão* morres" – "Não insistas, *senão* apanhas", 2º – *mas sim*: "Se tal disse, não foi com intuito de ofendê-lo, *senão* para adverti-lo". 3º – *a não ser, mais do que*: "Ele não se corrigirá *senão* apanhando" – "Não havia *senão* mulheres na sala".

Quando esses não forem os sentidos, *se* e *não* deverão ser escritos separadamente. Neste caso o *não* conserva todo o seu valor de advérbio de negação, e o *se*, unicamente o *se*, exerce a função de conjunção, que poderá ser substituída por outra conjunção sinônima: "*Se não* queres, não irei", o que equivale a dizer: "*Caso não* queiras, não irei", ou ainda: "Não querendo, não irei" – substituições estas impossíveis nos três casos de cima. Outros exemplos: "Homens iguais, *se não* superiores, temos hoje" (= se não forem; o *se* é conjunção condicional) – "Ganhando, *se não* a cor, o aspeto geral do resto da gente" – "Também um pouco, *se não* muito, amou os clássicos".

b) Quando de duas orações que se ligam e se combinam contiver a primeira a locução negativa *não só* ou *não somente*, a segunda oração será ligada à primeira pelas locuções adversativas *senão também, senão que, mas ainda, mas também, mas até*, ou simplesmente por *senão* ou *mas*: "O sol *não só* excede na luz a cada uma das estrelas e a cada um dos planetas, *senão* a todas e todos incomparavelmente" – "*Não só* é indigno da mercê, *senão também* da graça" – "Em tratando de mouros, ou infiéis, *não só* usa por sua conta, *senão que* atribui ao Apóstolo expressões violentas contra esses mesquinhos" – "*Não somente* a sua convicção, *mas* o seu amor próprio".

c) *Senão quando* é expressão que equivale a "mas, quando menos se esperava": "Caminhávamos, *senão quando* se apresenta um cavaleiro".

(5) *Aliás*, como advérbio, significa *de mais a mais, por outro lado, ou por outra*: "Pedido a que, *aliás*, não pude deixar de atender" – "Em fevereiro, *aliás*, em janeiro, fui ao Rio". Funcionando como conjunção, significa *de outro modo*: "Estuda, *aliás* não passarás nos exames".

(6) Hoje ou se diz *no entanto* ou *entretanto*; cai em desuso a forma *no entretanto*.

573 – (1) *Ou* é o tipo das conjunções alternativas. Há entre *e* e *ou* a seguinte diferença: A primeira estabelece ao mesmo tempo a junção de ideias e a junção material de palavras; a conjunção *ou*, muito pelo contrário, só é um elemento conectivo porque estabelece materialmente a junção de uma oração com outra; materialmente une, mas formalmente desune.

Ou deixa às vezes de indicar alternativa, para indicar distinção, equivalendo a *isto é, por outra forma* (V. a 5ª espécie, *explicativas*): "Um tostão *ou* cem réis", "Aristóteles *ou* o filósofo de Estagira" – ou para indicar possível substituição de uma coisa por outra: "Pode-se admitir a teoria física das emissões *ou* a das ondulações, porque ambas explicam os fenômenos caloríficos".

(2) Quando conjunção alternativa, o *ou* pode vir repetido: "*Ou* o pai *ou* o filho morrerá".

(3) *Já, ora, quer, quando, agora, seja* são conjunções alternativas que vêm repetidamente: "A criança *já* chora, *já* ri" – "*Quer* você queira, *quer* não queira..." – "*Ora* diz sim, *ora* diz não" – "*Quando* age deste modo, *quando* age daquele" (= umas vezes... outras vezes). Note-se a vírgula a separar essas orações alternativas.

seja... seja	quer... quer	quando... quando
ora... ora	agora... agora[4]	

574 – CONCLUSIVAS, ou **ilativas**, são as que ligam orações, exprimindo a segunda conclusão ou ilação da primeira:

logo[1]	portanto	enfim	conseguintemente
pois[2]	assim	por fim	consequentemente
então[3]	por isso[4]	por conseguinte	donde, por onde

575 – EXPLICATIVAS são as que ligam duas orações, explanando ou continuando a segunda o sentido da primeira:

ou isto é por exemplo a saber ou seja[1]

Aproveitamo-nos do ensejo para observar, embora a questão não se relacione propriamente ao caso, que não se deve em legítimo português dizer: "*Metade* da população vive a expensas do governo *e a outra metade* a pagar impostos" – pela mesma razão por que não se diz: "*Parte* dos alunos queria férias *e a outra parte* não queria" . O certo é "*Parte* queria férias, *parte* não queria" – "*Metade* vive do governo, *metade* para o governo". Lembremo-nos aqui do adágio: *A metade* do ano com arte e engano, e *a outra parte* com engano e arte (Domingos Vieira, *Tesouro da Língua Portuguesa*).

(4) V. § 526, n. 1.

574 – (1) Exemplo: "Ele bebeu, *logo* não pode conduzir o carro".

(2) Quando conclusivo, *pois* é pospositivo, isto é, vem depois de iniciada a oração: "Perdemos há poucos dias nosso pai; não podemos, *pois*, participar da festa". Quando causal, vem no rosto da oração subordinada: "Nenhum castigo mereço, *pois* nada fiz". No primeiro caso vem entre vírgulas, o que não se dá no segundo (§ 582, n. 3). *Pois* entra nas locuções adverbiais "*pois* sim" e "*pois* não" (§ 531, n. 3, ao pé da pág.). Outras vezes, entra em locuções interjetivas: "*Pois quê*!" – "*Ora pois*!" (V. § 582, n. 3.)

(3) Exemplo: "Ele nos avisou; devemos *então* esperá-lo".

(4) A ortografia oficial adotou a forma analítica para essa conjunção conclusiva: "Vou sair, *por isso* (= portanto) tenha juízo".

575 – (1) *Ou seja*, quando locução conjuntiva, equivale a "isto é" e é invariável; não se dirá: "Dois alqueires, *ou sejam*, 48 mil metros quadrados" – senão: "Dois alqueires, *ou seja*, 48 mil metros quadrados". (Compare-se com a conjunção italiana *ossia*.)

Note-se que "isto é", "a saber", "ou seja" vêm entre vírgulas na oração: "Aprendamos nosso idioma, *isto é*, fortaleçamos o mais sagrado laço de nossa nacionalidade" – "Morreu, *ou seja*, deixou de incomodar-nos".

verbi gratia[2]	depois[5]	demais
pois bem[3]	além disso	ademais
ora[4]	com efeito	ao demais
na verdade	outrossim[6]	de mais a mais
		demais disso

} [7]

Quanto às conjunções *que*, *porque* etc., V. nota 2 do § 582.

---

(2) Pronuncie *verbi grácia*; significa o mesmo que *exempli gratia*, *por exemplo*, *a título de exemplo*.

(3) Com força conclusiva equivale a "está bem", "seja assim".

(4) Exemplo: "O que é bom é amável; *ora*, ele é bom, logo é amável".

(5) Exemplo: "Não o empurrei; *depois*, não estava perto dele no momento da queda".

(6) *Outrossim* significa *ademais*, *igualmente*, *também*, *além disso*, *ao mesmo tempo*: "Nada lhe farei; não quero, *outrossim*, magoar sua família" – "Disse-lhe que o não fizesse; fi-lo *outrossim* ver a não razão de seu intento".

(7) Têm a mesma significação de *além disso*: "Não lhe obedeço; *demais*, esta ordem é ilícita".

Questionário

1. Quantas espécies de *conjunções coordenativas* existem? Definição e exemplos de cada espécie.
2. Que cuidado devemos ter no emprego da conjunção *nem*?
3. Que diz da locução conjuntiva *que nem*?
4. Faça uma oração ou período, no qual o *que* equivalha a *e*.
5. Quando podemos escrever *senão*, e quando devemos escrever *se não*, separadamente?
6. Construa duas orações, na primeira das quais *aliás* funcione como advérbio e, na segunda, como conjunção. Dê o sentido do *aliás* nas duas sentenças.
7. Qual o significado e o emprego de "outrossim", de "demais", de "por isso"?

CAPÍTULO 40

SUBORDINATIVAS

580 – As conjunções subordinativas distribuem-se em **dez** grupos, de conformidade com a ideia que trazem à subordinada; com exceção das *integrantes*, umas subordinativas podem indicar *tempo*, outras podem indicar *modo*, outras indicam *causa*, outras indicam *fim* etc., como passaremos a ver.

581 – INTEGRANTES: Assim se denominam as subordinativas *que* e *se*, quando iniciam subordinadas substantivas (§ 892 e ss.):

oração principal: QUERO (v. transitivo direto)
subordinada objetiva direta: QUE ESTUDES (QUE → conjunção integrante; ESTUDES: obj. dir. de *quero*)

oração principal: ISTO DEPENDE (v. transitivo indireto)
subordinada objetiva indireta: DE QUE SEJAS DILIGENTE (DE → (1); QUE SEJAS DILIGENTE: obj. ind. de *depende*)

oração principal: CONVÉM (v. intrans.)
subordinada subjetiva (sujeito): QUE ESTUDES (QUE → conjunção integrante; ESTUDES: sujeito de *convém*)

---

(1) Comprende-se perfeitamente a necessidade deste *de* antes da conjunção integrante; o verbo *depender* é transitivo indireto, e se constrói com a preposição *de*, a qual deverá interpor-se entre o verbo e o objeto. Fenômeno semelhante vimos com o pronome relativo *que* (§ 345, nota 3).

oração principal — subordinada objetiva direta

NÃO SEI — SE ELE SERVIRÁ

v. trans. dir. — obj. dir. de *sei*

conjunção integrante

Nota: O *que*, quando conjunção integrante, não raro vem elidido, principalmente em certas expressões como: "Forçoso lhe foi saísse" (= *que* saísse) – "É mister se entreguem" (= *que* se entreguem) – "Pediram-me fosse ver o menino" (= *que* fosse ver o menino). V. § 782, C, n. 1.

Quando o verbo da principal for transitivo direto, não poderemos colocar entre ele e a subordinada objetiva nenhuma preposição. Por isso é que é errado dizer: "Pedimos *para* que venha". *Pedir* é verbo transitivo direto (quem pede, pede *uma coisa*); portanto só poderemos dizer:

oração principal — subordinada objetiva direta

PEDIMOS — QUE VENHA

v. trans. dir. — obj. dir. de *pedimos*

conjunção integrante

O v. *pedir* só admite a preposição *para* quando o sentido for o de pedir licença, pedir consentimento, permissão, vênia: "O aluno pediu para sair".

O mesmo se diga de outros verbos volitivos (= que expressam vontade), entre os quais o v. *dizer*, quando usado com essa significação: "Diga a ele *que venha*" (e não: *para* que venha). V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "pedir que".

582 – CAUSAIS são as subordinativas que ligam duas orações, das quais uma depende da outra, como o efeito depende da causa; a que indica o efeito é a principal, e a que representa a causa é a subordinada:

porque(1) que(2) pois que(3)

---

(1) Exemplo: "Dei-lho *porque* me pediu". O *porque* era pelos clássicos empregado também como conjunção final (= para que), levando o verbo para o subjuntivo, conforme podemos ver neste exemplo de Camões:

Logo se emboscaram
Porque...
Nos *pudessem* mandar ao reino escuro.

Atualmente, na imprensa, a conjunção final *porque* vai sendo substituída por *para que*: "Faço votos *para que* seja feliz" – em vez de: "Faço votos *porque* seja feliz". – Não faltam, porém, autores contemporâneos, conhecedores do idioma, que empreguem o *porque* final, como nos prova este período, castiçamente redigido: "É a honra que nos compele a zelar *porque* o Brasil sobreviva" (V. § 587).

(2) Exemplos: "Não pôde reter as lágrimas o bom velho, não pôde, *que* elas vinham de um coração" – "Não mais, Musa, *que* a lira tenho destemperada" – "Cansado *que* fiquei, procurei apoio" (V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "que" – pág. 256).

A "Nomenclatura Gramatical Brasileira" traz: "As conjunções *que*, *porque* e equivalentes ora têm valor coordenativo, ora subordinativo; no primeiro caso, chamam-se *explicativas*; no segundo, *causais*".

Há nisso grave engano. Porque as causais explicam a causa, deixam de ser causais para ser explicativas? Quando se redige: "Não suba, que você cai", a subordinada constitui uma explicação, sem porém deixar de implicar motivo. Tanto aí como em "Não mais, Musa, que a lira tenho destemperada e a voz enrouquecida" o *que* (ou *porque* ou *porquanto* ou *pois* etc.) abre orações legitimamente causais. A admitir as causais como explicativas, forçoso se torna admitir como explicativas as finais, as temporais e ainda outras.

porquanto[4]	uma vez que	como[5]
já que	sendo que[6]	visto que[9]
por isso que[7]	dado que	
	desde que[8]	

583 – COMPARATIVAS: São o *que* (ou a locução *do que*) e outras palavras, quando ligam à principal uma subordinada que encerre comparação:

que (*do que*): "Dão-se os conselhos com mais boa vontade, *do que* geralmente se aceitam" (§ 265, c, n. 1) – "Sempre nos deleitamos mais em falar, *do que* os outros em nos ouvir" – "A atividade sem juízo é mais ruinosa *que* a preguiça".

Parece que o que houve foi terem dado à palavra "explicativa" o sentido lato de "declarativa", ou terem confundido conjunção com oração, ou gramática com filosofia. Se algo existe é cambiante de significação, não porém mudança de natureza de orações.

Veja-se ademais o pior: Se "que", quando tem valor subordinativo, é causal, vamos chamar "causal" o *que* do período "Gostaria *que* eles estudassem"? Se "que", quando tem valor coordenativo, é "explicativo", vamos chamar "explicativo" o *que* de "Mexe *que* mexe"?

(3) Exemplo: "O senhor rei não comungue, *pois que* não é justiceiro". – O *que* é às vezes suprimido: "Nenhum castigo mereço, *pois* nada fiz". *Pois que* funciona também como locução interjetiva, que denota espanto: *Pois quê!*

(4) *Porquanto* tem o mesmo significado de *visto que*: "Sair-me-ei bem, *porquanto a* sorte me tem sorrido" – "Isso não se faz, *porquanto* o proíbe o bom senso".

Não confundir com o "por quanto" de orações como: "...importância de quinhentos mil cruzeiros, *por quanto* adquiri a fazenda" (= total pelo qual).

(5) Exemplos: "*Como* ele faltou à palavra, julgo-me livre para agir" – "*Como* ontem choveu, não lhe posso entregar hoje o trabalho".

(6) *Sendo que* é locução conjuntiva causal, equivalente a "uma vez que", "dado que", "visto que", "porquanto" etc.: "*Sendo que* você não está bom, desisto da viagem".

Sem essa indicação de causa, a expressão não passa de mais um caso de abuso do gerúndio (§ 944, nota 2): "As frutas estão geralmente caras, *sendo que* as estrangeiras nem se podem comprar". O remédio é simples; por não encerrar ideia circunstancial nenhuma – nem de causa, nem de concessão, nem de nada – substitua-se o insosso "sendo que" por "e" ou por ponto e vírgula: "As frutas estão geralmente caras *e* as estrangeiras nem se podem comprar".

(7) Usam hoje com frequência esta locução conjuntiva, e vemo-la em Gonçalves Viana, em Carlos Góis. No latim, parece-nos, há expressão muito semelhante se não igual: "propter hanc causam quod" (V. Saraiva) é frase que literalmente se traduz *por essa razão que*. Ora, substituindo o *essa razão* por *isso*, temos com toda a segurança *por isso que*. Esta última expressão, vemo-la igualmente no latim "eo quod", frequente em César. Sua tradução literal é *por isso que*.

Devemos convir na legitimidade dessa locução conjuntiva, sem esquecer-nos de que significa *porquanto*, *porque*.

(8) Além de causal ("*Desde que* você não quer, deixaremos todos de ir"), pode ser temporal ("*Desde que* o mundo é mundo, o homem destrói a natureza") e condicional ("Irei *desde que* não chova").

(9) V. D. QVs, *Visto que*.

(tal) *qual*: Ficou tal *qual* dantes era.	(não só) *como*[1]
(tanto) *quanto*: Fez tanto *quanto* pôde.	(tanto) *como* } [2]
(tão) *quão*: Era tão inteligente, *quão* estudioso.	(tão) *como* } [2]

Notas: 1ª – "Tal qual" exige este cuidado: às vezes é locução conjuntiva, ou melhor equivale a uma só palavra, e isso se dá quando substituível por "tal-qualmente", forma esta consignada no "Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa" da Academia das Ciências de Lisboa: "Eles fizeram *tal qual* mandei"; às vezes cada um dos elementos conserva sua própria função adjetiva: "Praticou ações *tais quais* nunca foram praticadas" – "Os filhos são *tais qual* o pai" – "*Qual* pergunta farás, *tal* resposta terás" – "*Qual* é Maria, *tal* filha cria".

2ª – Não poucas vezes, *tal* deixa de vir expresso em tais orações: "Soldados briosos, *quais* são os portugueses, não usam coisas de faiança" – "Fui dos filhos aspérrimos da terra, *qual* Encélado..." (em vez de: Soldados briosos *tais quais* são os portugueses – Dos filhos aspérrimos da terra fui *tal* (filho), *qual* (filho foi) Encélado...).

3ª – Em construções como "*Antes* querem ao mar aventurar-se *que* nas mãos inimigas entregar-se" – "*Antes* sejamos breve *que* prolixo" – "Quero *antes* isto *que* aquilo", o *antes que*, que agora pode ser *antes do que*, não deve ser confundido com o "antes que" das orações temporais (§ 588).

584 – CONCESSIVAS são as que ligam indicando *concessão*. Suponhamos que alguém nos diga: "*Embora* vá de avião, você não alcançará o vapor". – A pessoa que assim nos diz *concede*-nos a possibilidade de tomar um avião, para dizer que, mesmo com essa concessão, não conseguiríamos alcançar o vapor. As conjunções que trazem ideia de concessão chamam-se *concessivas*:

embora	ainda que	posto que
quando	dado que	conquanto
quando mesmo	em que[1]	que[2]
mesmo que	por mais que	seja que... seja que
quer... quer	por menos que	com } + infinitivo[3]
	por muito que	sem } + infinitivo[3]
	por pouco que	
	se bem que	

583 – (1) É indiferente escrever: "*Não só* na grande imprensa *como* em vários escritores" e: "*Não só* na grande imprensa, *mas* em vários escritores". – Nenhuma diferença existe nem quanto à significação, nem quanto à pureza gramatical. Unicamente a análise das orações é que irá variar: *mas* inicia uma coordenada; *como* inicia uma subordinada comparativa: "*Não só* o operário deve ser protegido pelo governo, *mas* o patrão". – O "não só... mas" equivale a "como": "*Como* o operário, deve o patrão ser protegido pelo governo"; há nesse período duas orações, que assim podem ser desdobradas: "O patrão deve ser protegido pelo governo, *como* o operário é protegido pelo governo".

(2) Igual pureza gramatical existe em construções como: "*Tanto* Pedro *quanto* Paulo sabem a lição" e: "*Tanto* Pedro *como* Paulo sabem a lição".

584 – (1) Significa *conquanto*, *embora*: "*Em que* eu seja lavradora, bem vos hei de responder" – "*Em que* pese a meu pai, não serei médico".

EXEMPLOS: *Conquanto* estudasse, não conseguiu aprender – *Quando mesmo* te laves em água de nitro, não te limparás – *Seja que* ele obedeça, *seja que* ele desobedeça, castigá-lo-ei – *Por menos que* puxes, arrebentarás a corda – *Quando* esta resolução não tivera anos de propósito, bastava que tivesse dias de discurso.

585.0 – CONDICIONAIS são as que ligam duas orações, pondo a subordinada em relação de condição, de hipótese, de suposição para com a principal:

se	contanto que	a não ser que
salvo se	com tal que	a menos que
exceto se	caso	sem que
		suposto que

EXEMPLOS: *Se* ele quiser, irei – Voltarei domingo, *salvo se* aparecerem outros negócios – *A não ser que* proíbam, haverá sábado um comício monstro – Irei, *contanto que* me paguem a viagem – Pedro não se curará, *a menos que* eu esteja enganado (= *a não ser que* eu esteja enganado) – Irei, *caso* não chova.

Notas: 1ª – Não devemos confundir *se* conjunção com *se* pronome:

"Se *se* *pretender* *isso..."*
↓ ↓
conjunção
pronome apassivador (§ 391,2)

2ª – *Sem que* pode ser concessivo (Foi condenado *sem que* pudesse defender-se = embora não, conquanto não) e condicional: *Sem que* respeitemos o próximo não poderemos considerar-nos civilizados (= a menos que, a não ser que, se não) – V. n. 3 (ao pé da pág.) do § 584 e a nota 8 do § 585.5.

3ª – *Suposto que* tem também função concessiva, mormente entre clássicos: "Suposto que a culpa merecia mais compaixão, resolveram aterrá-lo com ameaças".

585.1 – O conjunto da condicional com a principal chama-se PERÍODO HIPOTÉTICO.

A subordinada condicional chama-se **prótase** (do verbo grego *proteíno* = propor, pôr em questão); é a que *propõe* a condição para que se realize a ação principal.

---

(2) A conjunção *que* é concessiva em frases como a seguinte: "Pedro não tem dinheiro, e *que* tivesse, não se meteria em empresa arrojada" – onde a conjunção *que* tem o mesmo sentido que *ainda que*, *concedido que*. – Outros exemplos: "Escrever para os outros não sei, nem *que* o soubera o faria" – "O lugar não tinha nenhuns meios de defesa, e *que* os tivesse, são os Paravás gente branda".

(3) As preposições *com* (na afirmativa) e *sem* (na negativa) têm elegantemente o valor de *concessivas* quando seguidas de verbo no infinitivo: "*Com ser* escravo (= *embora* fosse escravo), tinha pensamento de homem livre" – "...e, *com serem* aqueles algozes tão descorteses e cruéis, nenhum se atreveu a tocar-lhe nem a perder-lhe o respeito" (= *conquanto* fossem) – "*Com ser* sábio, não deixa de errar" – "*Sem ser* escravo, obedecia" (= *embora não* fosse escravo...). O *sem* pode vir com *que* e subjuntivo: *sem que fosse escravo.*

A principal chama-se **apódose** (do verbo grego *apodídomi* = definir); é a que *define*, *determina* a ação.

PERÍODO HIPOTÉTICO

Se queres a paz, — subord. condicional, PRÓTASE (propõe)

prepara a guerra — principal, APÓDOSE (determina)

585.2 – Três diferentes hipóteses existem: **real**, **possível**, **irreal**.

585.3 – **Real**, quando existente o fato: Se és homem..., Se Deus existe..., Se queres a paz...(a condição existe, é real ou tida como real: tu és homem, Deus existe, tu queres a paz). O "se" equivale, então, a "já que", "uma vez que", ou seja, a condicional corresponde a uma causal, e o verbo fica no **indicativo** (menos no futuro, que é substituído por uma locução verbal que encerre futuridade: "Se todos nós *vamos morrer*, você não será exceção" – e não "Se todos nós morreremos..."), e também no indicativo ou no imperativo fica o verbo da principal:

Se você não *quer*, não *insisto* – Se você *tinha* pressa, eu também *tinha* – Se *fiz*, foi porque *quis* – Se *lia* muito, *era* porque tinha tempo – Se eu *sabia*, também você *podia* saber – Se *vou* ao teatro, *é* porque gosto – Se você assim *quer*, *cuide* de sair logo – Se eu *posso*, você *poderá* – Se eu *pude*, você *poderá*.

Nota: Construções como "Se vou ao teatro, *é porque* gosto", "Se cheguei tarde, *foi porque* o trem se atrasou", "Se lia muito, *era porque* tinha tempo" constituem períodos formados de uma condicional de hipótese real e uma principal em que o verbo *ser* tem o significado de *suceder*, *acontecer*: Se vou ao teatro, (isso) é (sucede) porque gosto – Se cheguei tarde, (isso) foi (sucedeu) porque o trem se atrasou – Se lia muito, (isso) era (acontecia) porque tinha tempo.

O verbo *ser* tem realmente, entre muitos outros, o sentido de *suceder*, *acontecer*: "E se isto sucedeu no paraíso, cá fora que *será* senão o mesmo?" (Vieira) – A análise só poderá ser feita diante dessa equivalência.

585.4 – **Possível**, quando provável, admissível o fato. O verbo da condicional ou vai para o **subjuntivo imperfeito** (Se eu *quisesse*, se eu *fosse*, se ele *dissesse*) e o da principal para o futuro do pretérito (antes chamado "condicional" em nosso idioma e ainda hoje em outros), ou vai para o **subjuntivo futuro** (se eu *quiser*, se eu *for*, se ele *disser*) quando a hipótese encerrar ideia de possibilidade futura, e então o verbo da principal vai para o futuro – simples ou composto – do indicativo ou fica no presente, usado pelo futuro, ou no imperativo:

Se eu *quisesse*, eu *iria* – Se eu *tivesse querido*, eu *teria ido* – Se eu *fosse*, *teria* de deixar outras coisas – Eu *faria*, contanto que me *deixassem*.

Se eu *quiser* ir, não *irei* precisar de nada – Se eu *for*, *avisarei* – Se ele *disser* sim, *pode* comprar – Se ele não *quiser*, não *insista* – Se *fizermos* o contrário, *teremos conseguido* o nosso triunfo – Se ele *disser* não, eu *volto* atrás – Se ele *insistir*, *comunique-se* comigo.

Notas: 1ª – Não se usa o futuro do subjuntivo a não ser com "se" ou locução que o contenha: Se não *puder*, exceto se não *puder*, salvo se não *puder*. Com "caso" e outras palavras ou locuções condicionais usa-se o presente: Caso *chova*, não irei (ou "não vou", presente pelo futuro) – Vou preparar-me para a nossa viagem, a menos que você *desista* – Vou contanto que ele também *vá* – A não ser que *chova*, irei estar aí às 10.

Já ficou observada a inexistência do futuro do subjuntivo em outros idiomas e no próprio latim (§ 419, n. 4).

2ª – Com efeito enfático, pode o presente do indicativo vir em lugar do fut. do subj.: "Se *avanças*, morres".

585.5 – Irreal, quando verdadeiramente inexistente o fato: Se eu tivesse morrido, se eu fosse anjo. O verbo da condicional vai para o subjuntivo imperfeito ou mais-que-perfeito, e o da principal para o futuro do pretérito simples ou composto: Se eu *pudesse* falar, não *estaria* escrevendo – Se eu *tivesse podido* falar, não *teria escrito* nem *estaria* outra vez escrevendo.

Notas: 1ª – Na hipótese possível e na irreal, podemos elegantemente omitir a conjunção condicional quando a condicional expressa uma eventualidade no passado de consequência certa expressa na principal: Tivesse eu estudado, teria passado.

Essa justaposição de orações exige a posposição do sujeito ou a sua eliminação: Fosse comigo, a coisa teria sido outra – Pudesse falar, não estaria escrevendo (V. § 795, d).

2ª – Ainda na hipótese possível e na irreal, era comum na linguagem antiga o mais-que-perfeito do indicativo na prótase e na apódose: Se eu *pudera* não *ficara* – Mais eu *pudera*, mais *fizera* – Se tu *houveras* estado aqui não *morrera* meu irmão.

Na linguagem clássica a liberdade era ainda maior, aparecendo o imperfeito na principal: Se este documento fosse universal, *estava* achado o meio – ...e nem que pinto fora, assim *piava* – Se ele vivesse, não *existias* tu agora.

A substituição pelo mais-que-perfeito se consagrou em certas expressões hipotéticas e optativas: *Prouvera* a Deus! – Quem me *dera*! – *Pudera*! – *Tomaram* eles poder vê-la na forca! – *Tomara* que caia.

3ª – Também de uso clássico, conservado até hoje em qualquer dos três tipos de hipóteses, é a construção da oração condicional com um infinitivo antecedido de *a*: *A* não *ser* assim (Se não fosse assim), eu estaria perdido – *A ser-me* isto vedado (hipótese real: Se isto me é vedado), contento-me com o prazer bebido nas ficções de Virgílio – *A* não se *tratar* de um miserável, só duas forças seriam capazes de...

4ª – Ainda mais: Pode a oração condicional ser substituída por verbo no subjuntivo antecedido de *que* (por vezes elidido): *Que se levante* a mais ligeira brisa (Se se levantar...), basta o seu macio bafejo para encrespar a superfície espelhada do mar – *Haja*, porém, um excesso de ácido, a albumina não se separará.

5ª – Orações reduzidas participiais e gerundiais podem indicar condição: Devidamente *preparado*, você poderá enfrentar a situação – *Estudando* de forma inteligente, o assunto se tornará fácil.

6ª – Procedeu como se fosse dono – Quebraram tudo como se fossem bárbaros: Em períodos assim formados (o v. pode estar no mais-q.-perfeito do indicativo), o "como" abre uma oração conformativa (em que se subentende o mesmo verbo da principal no fut. do pretérito) e o "se" é que abre a condicional:

Procedeu como (procederia) se fosse (fora) dono.

↓ ↓

advérbio conjuntivo (= do mesmo modo que, da mesma forma que) — conj. condicional

↑ ↑

Quebraram tudo como (quebrariam) se fossem (foram) bárbaros.

7ª – Em "se é que" o "é que" é meramente expletivo (§ 784, n. 5): Você pode sair já, se é que você quer! – O verbo no indicativo, aceitando-se a hipótese como real.

8ª – Conjunções que normalmente encerram outras ideias (tempo, concessão etc.) podem aparecer com força condicional: Você irá ao cinema *desde que* esteja (se estiver) com o serviço em dia – *Sem que* eu recorde tudo (se eu não recordar tudo), não irei tranquilo para o exame.

586 – CONSECUTIVA – Denomina-se conjunção consecutiva o *que*, quando exigido por *advérbio* ("Isto está *tão* bem feito *que* merece ser publicado" – "*Nunca* pensei naquele caso, *que* não me lembrasse de você"), por *adjetivo* ("*Tamanha* era sua sorte, *que* todos os dias ganhava") ou por *locução* de sentido correlativo: "Guarde isto *de jeito que* não se quebre" – "*De tal modo* avançou, *que* se entregou à morte".

O *que*, nesses casos, denota sempre consequência, razão por que se denomina conjunção *consecutiva*. Note-se, todavia, que a palavra ou locução de sentido correlativo pode vir apenas implícita: "Correu *que* parecia vento".

Nota: Nenhum aluno, no estudar nossas conjunções ou no manusear lídimos escritores nossos, terá visto, pluralizadas, locuções conjuntivas como estas: *de maneira que*, *de forma que*, *de sorte que*, *de molde que*, *de jeito que*. Assim foi sempre, e não, como algumas vezes desavisadamente procedem os que falam português, *de maneiras que*, *de formas que*. O substantivo que em semelhantes locuções conjuntivas entra deve ficar no singular.

Acontece, porém, que tais locuções aparecem barbaramente transformadas em *de maneira a*, *de forma a*, *de modo a*, torcendo a construção portuguesa para um modo de dizer que não é nosso. Disfarçando a construção francesa, misturam-na outros com a portuguesa, e então nos oferecem este hibridismo sintático: *de modo a que*, *de forma a que*, *de maneira a que*. Tirando da frase o disfarce da francesia, ou seja, o "a", teremos vernácula a construção.

Elucidemos o assunto com exemplos da construção afrancesada, acompanhados da correspondente portuguesa: Voltou o rosto de modo a não ser visto de frente – Voltou o rosto *de modo que não fosse* visto de frente. Procede ele de forma a não saber eu se... – Procede ele *de forma que não sei se*... (Há, na frase, evidente elipse de *tal*, sendo o *que* conjunção consecutiva: *de tal forma que*.) O trabalho deve ser de maneira a conseguir... – O trabalho deve ser *de maneira que consiga*...

Fujamos, pois, com real proveito para o vernáculo e, muitas vezes, para maior compreensão e beleza do pensamento, das locuções *de forma a*, *de jeito a*, *de modo a*, *de molde a*, *de maneira a*, *de natureza a*, *de sorte a*, *de arte a*. Construamos como Camilo: "Tem ela os olhos *de jeito e molde que*...".

587 – FINAIS são as que ligam exprimindo circunstância de fim:

para que a fim de que[5] porque[5]
que (= para que)

EXEMPLOS: Tudo fizemos *para que* ele sarasse – Tu que as gentes da terra toda enfreias, *que* (= para que) não passem o termo limitado – Ao rei presentes manda, *porque* (= a fim de que) a boa vontade tenha firme – *Porque* sofra menos é que iremos dar este remédio (§ 582, n. 1).

588 – TEMPORAIS são as que ligam duas orações, trazendo ideia de tempo para a subordinada:

quando	enquanto[4]	que[1]	
apenas	logo que	depois que	senão quando[3]
mal [2]	até que (§ 904)	assim que	ao tempo que
desde que (§ 113, C)	antes que	sempre que	ao passo que[4]

EXEMPLOS: Eu sairei *quando* ele entrar – *Enquanto* a vara sobe e desce, as costas folgam – Não o vi *desde que* se empregou – Trabalhe *até que* eu mande parar – Recolha a roupa *antes que* chova – Afastei-me *assim que* o vi – *Ao passo que* você ia, eu vinha – Trabalharão *enquanto* eu quiser – Assim se compunha a devota matrona com a sua consciência *ao passo que* aliciava o chocarreiro para a ajudar.

589 – PROPORCIONAIS são as que ligam dando à subordinada, geralmente colocada em primeiro lugar, paridade, aumento ou diminuição de ideia, comparada com a expressa na principal:

---

(1) Temos visto as diversas funções do *que*. Encontramo-lo agora como conjunção subordinativa temporal, função que exerce quando a frase encerra ideia de tempo: "Já cinco sóis eram passados, *que* dali nos partíramos" – "Foi então *que* nós dissemos isso" – "Há mais de sessenta anos *que* nasci" – "Hoje, *que* a primeira febre e os ódios injustos da insurreição estão passados, pode-se já...".

(2) *Apenas* e *mal* são advérbios que passam a ser conjunções quando atam duas orações: "Ele saiu, *apenas* eu cheguei" – "*Mal* desembarcou, começou a estudar".

Quando não ligam orações, *apenas* e *mal* são advérbios: "Vou *mal*" – "*Apenas* gemeu".

(3) Veja a nota 4 do § 572.

(4) Tem muitas vezes sentido adversativo: "João é estudioso, *enquanto* ou *ao passo que* Antônio não é".

Diz-se "ao passo que", mas não se diz "enquanto que"; o certo é: "Você se saiu bem, *enquanto* eu me saí muito mal" (ou: "Enquanto você se saiu bem, eu me sai muito mal").

(5) V. *a fim de*, *por que* no D.QVs.

subordinada		*principal*	
quanto	mais	tanto	mais
	menos		menos
	maior		maior
	menor		menor
	melhor		melhor
	pior		pior

à medida que

à proporção que

EXEMPLOS: *Quanto mais* ganhavam, *tanto mais* pediam – *Quanto mais* eu viajava, *tanto menos* pensava em voltar – *Quanto mais* madrugares, *tanto mais* saúde terás – Ele melhorava *à medida que* o frio diminuía.

Nota: O primeiro elemento *tanto* pode ser omitido: *Quanto mais* vão medrando as enormidades, *mais* se impõe a exigência de agravá-las – *Quanto mais* difícil for a subida, *mais* rejubilará minh'alma.

590 – CONFORMATIVAS são as que ligam indicando semelhança, paralelismo, conformidade de ideia:

como conforme consoante segundo da mesma maneira que

EXEMPLOS: Ele agiu *como* pedi – Faça *conforme* o seu pai disse – Todos se vestem *consoante* veem no cinema – Faça *segundo* eu digo, não *segundo* eu faço.

Questionário

1. Quantas espécies de conjunções subordinativas existem? (Clareza nas definições; citação completa das conjunções nas suas diferentes espécies; explicação completa e clara das *integrantes*.)

2. Construa um período em que entre a subordinativa causal *porquanto*.

3. Construa três períodos, empregando em cada um deles as concessivas *conquanto*, *em que*, *que*.

4. *Com* pode ter força de conjunção? Quando? Exemplo.

5. Construa um período em que entre a subordinativa condicional "a menos que".

6. Preencha os claros destes períodos hipotéticos com os verbos indicados entre parênteses:

a) (reter) Ele poderia falar contanto que o choro.

b) (ver) Ficarei contristado se você fumando novamente.

c) (convir) Faria o negócio com tal que à firma.

7. Construa um período em que entre a subordinativa final *que*.

8. Construa quatro períodos, em dois dos quais o *como* funcione como conjunção *conformativa*, e noutros dois como conjunção *causal*.

9. Há diferença de pureza gramatical entre "tanto... quanto" e "tanto... como" ?

10. Quais as três hipóteses que a prótase pode encerrar? (Dê um exemplo de cada uma.)

11. Qual a diferença de significação entre "Se ele quer estudar medicina, deverá (deve)..." e "Se ele quiser estudar medicina, deverá (deve)..."?

12. Com relação à hipótese, que significa "Se ele quisesse estudar medicina, deveria..."?

13. Que hipótese encerra o período "Tivesse eu morrido, meu filho teria continuado meu trabalho"?

14. Que está elidido no período da pergunta anterior?

15. Que diz do período "Mais fizera se mais tivera ajuda"? (§ 585, n. 2.)

Quando conhecer todas as nossas conjunções, distinguindo o significado e o emprego de cada uma, você escreverá com beleza e correção que poucos escritores têm atualmente. Estas lições devem ser recordadas durante grande parte de sua vida.

CAPÍTULO 41

INTERJEIÇÃO

595 – **Interjeição** é a palavra ou a simples voz, ou, muitas vezes, um grito, que exprime de modo enérgico e conciso não já uma ideia, mas um pensamento, um afeto súbito da alma; a interjeição vem a ser a expressão sintética do pensamento, podendo desdobrar-se numa oração; assim, o grito de *Socorro!* equivale à oração "Acudam-me". *Cáspite!* equivale a "Eu admiro". *Ai!* equivale a "Tenho dor".

Muito pouca importância tem esta classe de palavras; além da divisão e de algumas notinhas, nada mais há que sobre ela dizer.

596 – Quanto à *significação*, as interjeições dividem-se de acordo com o sentimento que exprimem:

1 – *dor*	– ai! ui!
2 – *alegria*	– ah! eh! oh![1]
3 – *desejo*	– oxalá! tomara!
4 – *admiração*	– puxa! cáspite! safa! quê!
5 – *animação*	– eia! sus! coragem!
6 – *aplauso*	– bravo! apoiado!
7 – *aversão*	– ih! chi! irra! apre!
8 – *apelo*	– ó[2], olá! psit! pitsiu! alô! socorro!

(1) "De todas as exclamações nenhuma se apresenta com uso tão frequente e sentido tão variado como a interjeição *oh!*. Basta modificar o tom de voz para cada caso particular e ela denotará alegria, tristeza, pavor, nojo, espanto, admiração, dor, piedade etc." (Said Ali).

(2) Esta interjeição, que entra facultativamente no vocativo, não admite depois de si o ponto de exclamação: "*Ó* menino, não faças isso" – O *ó* de apelo não deve ser confundido com o *oh!* de admiração; este, sim, admite e sempre requer o ponto de exclamação: "*Oh!* que maravilha!".

9 – *silêncio* – psit! psiu! caluda!
10 – *interrogação, espanto* – hem!

Notas: 1ª – A conjunção *que* aparece como partícula expletiva, conseguintemente sem nenhuma função sintática, depois de várias interjeições: "Oxalá *que* ele venha" (= Oxalá ele venha) – "Oh! *que* não sei como tive mão em mim".

2ª – Há interjeições que são *onomatopaicas*, isto é, indicam na pronúncia o que significam: *zás-trás*, *chape*, *tchim-bum*, *piá*.

3ª – Com exceção do *ó* de apelo, as interjeições requerem o ponto de exclamação, mas *oxalá*, *tomara* e *olá* só o exigem quando isolados ou em fim de oração ou de frase.

597 – LOCUÇÃO INTERJETIVA: Certas interjeições aparecem sob a forma de *locuções*: *aqui d'el-rei!* (= acudam aqui os oficiais do rei), *pobre de mim!*

Questionário

1. Que é *interjeição*?
2. Como se dividem as interjeições?
3. Entre *ó* e *oh!* que diferença existe?
4. Analise o *que* da expressão "Oh! *que* maravilha!"
5. Que são interjeições onomatopaicas?

CAPÍTULO 42

ANALOGIA VOCABULAR

600 – Em conclusão ao estudo das classes das palavras, veremos certas relações entre os vocábulos de nosso idioma.

Analogia de função

601 – Em primeiro lugar notamos certa relação analógica, isto é, de semelhança, entre as classes de palavras; se as considerarmos quanto à *função*, obteremos três grupos: um de palavras *nominativas*, outro de palavras *modificativas* e um terceiro de palavras *conectivas*.

1º – Palavras *nominativas* são as que têm por função nomear os seres; tais são o *substantivo* e o *pronome*.

2º – Palavras *modificativas* são as que têm por função *modificar* outras palavras; tais são o *adjetivo*, o *verbo* e o *advérbio*.

3º – Palavras *conectivas* são as que têm por função ligar ou relacionar outras palavras entre si; tais são a *preposição*, a *conjunção*, o *verbo de ligação*, o *pronome relativo* e o *advérbio relativo*.

Analogia de forma e significação

602 – Há entre as palavras relação entre a *forma* (= *aspeto*, *modo* com que a palavra se apresenta à vista ou ao ouvido) e a *significação* (= *sentido*, *ideia* que a palavra encerra). Consideradas sob tal aspeto, as palavras podem ser *homônimas*, *parônimas*, *sinônimas* e *antônimas*.

603 – HOMÔNIMAS[1] são palavras iguais na forma e diferentes na significação. Como, porém, a forma pode relacionar-se já ao ouvido, já à vista, temos duas espécies de palavras homônimas: homônimas *homófonas* e homônimas *homógrafas*:

a) **Homônimas HOMÓFONAS** (gr. *phonê* = som) são as que têm som igual e significação diferente[2]:

acender (atear fogo) – ascender (subir)
acento (icto da voz) – assento (banco)
acerto (ato de acertar) – asserto (afirmação)
acessório (q. não é fundamental) – assessório (auxiliar)
apressar (dar pressa a) – apreçar (dar preço de)
área (superfície) – ária (cantiga)
bucho (estômago) – buxo (planta)
caça (do v. *caçar*) – cassa (tecido; do v. *cassar*)
caçar (apanhar) – cassar (anular)
cartucho (invólucro) – cartuxo (frade da Cartuxa)
cédula (bilhete) – sédula (cuidadosa)
cegar (privar da vista) – segar (ceifar)
cela (cubículo) – sela (arreio)
cerrar (fechar) – serrar (cortar)
cessão (ato de ceder) – seção (divisão) – sessão (reunião)
cesta (caixa de vime) – sexta (6ª)
cheque (ordem de pagamento) – xeque (lance de xadrez)
concelho (município, distrito) – conselho (opinião, aviso; corpo de pessoas)
concerto (harmonia, simetria) – conserto (remendo)
coser (costurar) – cozer (cozinhar)
hera (planta) – era (do v. *ser*; época)
incipiente (principiante) – insipiente (ignorante)
laço (laçada) – lasso (frouxo)
paço (palácio) – passo (ato de andar)
remição (resgate) – remissão (indulgência, perdão)
russo (da Rússia) – ruço (pardacento)
sede (assento) – cede (do v. *ceder*)
senáculo (lugar de sessões) – cenáculo (lugar de ceia)
silha (assento) – cilha (cinta)
sisa (imposto de transmissão) – cisa (corte)
tenção (propósito) – tensão (expansão)
testo (tampa de barro) – texto (tratado)
vês (do v. *ver*) – vez (ocasião)

---

(1) *Homônimo* é palavra composta dos elementos gregos *homós*, que quer dizer *igual* (*homo*métrico = de medida igual) e *ónymon*, que significa *nome*.

Assim se diz: *ascender* é homônimo de *acender*; *acento* é homônimo de *assento*; erraremos se dissermos: *ascender* é homônim*a* de *acender*.

(2) Explicações pormenorizadas dos homônimos e dos parônimos encontram-se no *Dicionário de Questões Vernáculas*.

b) **Homônimas HOMÓGRAFAS** (do gr. *grápho* = escrever) são palavras que têm escrita (forma gráfica) igual e significação diferente, notando-se que as vogais podem ter som diferente, bem como pode ser diferente o acento da palavra; o que importa é que se escrevam com as mesmas letras e tenham significação diferente:

leste (do v. *ler*) – leste (oriente)
sede (vontade de beber água) – sede (residência)
cara (rosto) – cará (planta)
pego (macho da pega) – pego (do v. *pegar*; abismo)
lobo (animal) – lobo (saliência; pronuncie *lóbo*)
sábia (fem. de *sábio*) – sabia (do v. *saber*) – sabiá (pássaro)

Nota: Duas ou mais palavras podem ao mesmo tempo ser homônimas homógrafas e homônimas homófonas:

mole (colosso) – mole (brando)
amo (patrão) – amo (do v. *amar*)
trago (sorvo) – trago (de *tragar*) – trago (de *trazer*)
vimos (do v. *ver*) – vimos (do v. *vir*)
fui (perf. de *ir*) – fui (do v. *ser*)
canto (do v. *cantar*) – canto (ângulo)
mato (do v. *matar*) – mato (bosque)
livre (do v. *livrar*) – livre (solto)
atestar (= provar) – atestar (= abarrotar)

604 – PARÔNIMAS: Assim se denominam as palavras de significação diferente, mas de forma parecida, semelhante:

adaga (arma branca) – adarga (escudo)
apreciar (dar apreço) – apreçar (ajustar preço)
comprimento (extensão) – cumprimento (execução; saudação)
deferimento (concessão) – diferimento (adiamento)
despercebido (desatento) – desapercebido (desprevenido)
descrição (ato de descrever) – discrição (reserva, modéstia)
descriminar (absolver) – discriminar (distinguir)
despensa (cômodo para mantimentos) – dispensa (desobrigação)
devisar (planejar) – divisar (avistar)
dessecar (tornar seco) – dissecar (cortar)
emergir (vir à tona) – imergir (mergulhar)
emigrar (sair do país) – imigrar (entrar no país)
eminente (alto, excelente) – iminente (ameaçante)
entender (compreender) – intender (superintender)
invicto (sempre vitorioso) – invito (involuntário)
flagrante (evidente) – fragrante (aromático)
moleta (instrumento) – muleta (bordão)
sucessão (sequência, transmissão) – secessão (separação)

torvo (que infunde terror) – turvo (escuro, toldado)
tráfego (condução) – tráfico (comércio ilícito)
treplicar (refutar com tréplica) – triplicar (tornar três vezes maior)
vultoso (de grande vulto) – vultuoso (atacado de uma doença chamada vultuosidade)

605 – SINÔNIMAS são palavras diferentes na forma, mas iguais ou semelhantes na significação; se a significação é igual, os sinônimos dizem-se *perfeitos* (o que é raro); se semelhante, *imperfeitos*.

a) *Sinônimos perfeitos*: léxico, vocabulário; avaro, avarento; falecer, morrer; escarradeira, cuspideira; língua, idioma; alfabeto, abecedário.

b) *Sinônimos imperfeitos*: córrego, riacho; sábio, erudito; belo, formoso; bondoso, caridoso.

Nota: Ao emprego exagerado de sinônimos – vício frequente em vanilóquios – dá-se o nome *datismo*.

606 – ANTÔNIMAS são palavras diferentes na forma e opostas na significação: vida, morte; bem, mal; levantar, abaixar; levar, trazer; sim, não; nascer, morrer.

607 – As palavras podem ser empregadas em sentido *próprio*, natural, e em sentido *translato*, figurado. Assim, *céu* no sentido próprio designa espaço indefinido em que se movem todos os astros; quando, no entanto, dizemos "*céu* da boca", empregamos a palavra *céu* em sentido figurado, em sentido translato (entra em função a analogia sematológica: § 621). Outros exemplos:

sentido próprio	**sentido figurado**
clamar (soltar altas vozes)	o crime *clama* castigo
coração (órgão do corpo)	o *coração* da cidade
escória (o que sobra do metal quando se purifica)	a *escória* da sociedade
maçã (fruta)	*maçã* do rosto
raio (de luz)	*raio* da roda

V. *Analogia* no índice analítico.

Questionário

1. Faça um quadro sinótico do estudo da *analogia vocabular* – Dê a definição e alguns exemplos das várias divisões.

2. Corrija os seguintes textos:

a) Minha boa e inolvidável amiga! Não tenho palavras para agradecer-te os momentos de imenso prazer que me alegrastes a tarde do domingo. Creias que nunca, nunca, senti-me tão feliz. Recebas o coração da tua companheira. (Tratamento: *tu*.)

b) Habituei-me as preciosas lições de meu pai, onde sempre deparei com exemplos morais admiráveis.

c) A leitura que mais prefiro? Os artigos do Dr. X, um membro da academia.

d) Aqui tem coisa! ia ele dizendo de si para si.

e) A questão que me propusestes é dificilíssima. Você pensa que eu sei muito, mas eu nunca te disse isso.

f) Ernestina, fizestes dois erros. Como uma coisa tão simples te passou desapercebida?

g) Não comprai sedas antes de verem os nossos preços. (Tratamento: *vós.*)

CAPÍTULO 43

ETIMOLOGIA

610 – Etimologia (gr. *étymos* = verdadeiro + *logia* = estudo) vem a ser o estudo dos *étimos*, isto é, das fontes de nossos vocábulos.

Nosso idioma, na quase totalidade, originou-se lenta, progressiva e ininterruptamente do latim; na ordem de semelhança com o latim, são estas as línguas *neolatinas* ou *românicas* (de *Roma*), assim denominadas por provirem do latim, que se diz *língua mãe* ou *língua matriz*; dada a oportunidade, estão também citadas as línguas *indo-europeias*.

Tronco indo-europeu (*ariano*)
- 1) Sânscrito
- 2) Armênio
- 3) Teutônico
- 4) Baltoeslávico
- 5) Celta
- 6) Grego
- 7) **Latim**
  - 1) Romeno ou Valáquio (da Romênia)
  - 2) Dálmata (da Dalmácia)
  - 3) Provençal (da Provença)
  - 4) Francês
  - 5) Sardo (da Sardenha)
  - 6) Italiano
  - 7) Espanhol (ou Castelhano)
  - 8) Galego (da Galiza)
  - 9) **Português**

611 – "Esse idioma latino, fonte donde promana a nossa língua, a princípio simples dialeto falado, sem escrita nem literatura, como o eram o *úmbrico*, o *osco*, o *samnita*, o *volsco* e o *sabino*, foi assim chamado do nome *Latium*, humilde, obscuro e pequeno território da *Itália Meridional*,

berço da nação romana, que, por seu poder, por sua grandeza sempre crescente, por seus brilhantes destinos, por sua política sagaz, perseverante, ambiciosa e absorvente, lançou a rede de suas conquistas sobre o mundo civilizado ocidental e fez do humilde e vulgar dizer do *Lácio* a língua que se desenvolveu e cresceu, à medida do desenvolvimento do povo romano, *populum late regem*, de que era instrumento, tornando-se no decurso do tempo a bela, a rica, a pomposa língua latina, esplendidamente vestida e ornada como uma rainha.

Assim é que essa língua estendeu o seu domínio por toda a Itália, pela Córsega, pela Sicília, pela Sardenha, pela Espanha, fazendo desaparecer a língua indígena dos iberos, cujos destroços ainda porventura se rastreiam no *vasconço* ou *êuscaro*, falado em alguns distritos montanhosos do sudoeste da França; percorreu a Gália, a Suíça ocidental e meridional e certas circunscrições da Suíça oriental, as bacias do Mediterrâneo e do Danúbio.

O latim, origem dos idiomas românicos, pertence à grande família das línguas *indo-europeias* ou *arianas*, oriundas do antigo *aríaco*, língua hoje perdida, que era falada pelos arianos, raça inteligente, poderosa e fecunda de pastores e lavradores a um tempo, cujo berço se supõe ter sido a elevada planura central da Ásia *Bactriana* e *Sogdiana*, como chamavam os antigos, donde, como raios divergentes, partiram várias tribos em direção à Europa e ao sul do continente, levando consigo e transmitindo sua língua, seus costumes, suas crenças, sua civilização e constituindo, conforme as diversas regiões que iam conquistando e onde se fixavam, outros tantos núcleos de povoações novas, que, em despeito de receberem o legado comum de linguagem, crenças religiosas e costumes, se foram, todavia, a pouco e pouco especificando e extremando, mercê das condições físicas, fisiológicas e mesológicas, que imprimiram em cada um dos dialetos dos povos conquistados certo cunho de individualidade.

Mas, ao lado do *latim oficial*, do latim dos atos administrativos, do latim literário e clássico (*sermo urbanus*), da língua dos livros e dos grandes escritores, que com tanto garbo e luzimento se imortalizaram sob os nomes de César, Cícero, Tito Lívio e Tácito, Lucrécio e Virgílio, Horácio e Ovídio, é incontestável a existência em Roma, ainda no tempo de César, do **latim vulgar** ou *popular* e *campesino* (*sermo plebeius*), da língua falada.

Esta foi a que levaram aos países submetidos a seu poder, à Espanha, à Gália, a toda a parte, enfim, em que estenderam o seu domínio as legiões romanas, compostas de soldados romanos, ilíricos, espanhóis e africanos, desvirtuando-se mais e mais o *latim*, já profundamente modificado na lin-

guagem do povo, por essa mescla de elementos heterogêneos e estranhos, que lhe deviam de força alterar a pureza e pronunciação.

Desse *latim popular*, falado e não escrito, no que se distingue do *baixo latim*, que era a língua escrita nessa época, mistura bárbara, extravagante e indigesta do *latim literário* e da língua popular falada, é que se originou a nossa língua, como todos os idiomas neolatinos.

Avantajados em civilização aos iberos, os romanos, pelas relações que com estes estabeleceram durante a dominação de tantos séculos, com o engodo do direito de cidade, que lhes abriu de par em par as portas a todas as aspirações e interesses, pela difusão do cristianismo, pregado aos vencidos por seus apóstolos, que, mirando ao mesmo intuito, para serem mais facilmente compreendidos, desciam à linguagem vulgar, preferindo no tecido do discurso os processos analíticos ao engenhoso e sábio mecanismo da síntese, tão ao gosto da formosa língua de Cícero, adaptando o dizer à ignorância e rudeza dos povos conquistados, empregando construções e modismos até contrários à contextura do *latim literário* e clássico; os romanos, dizemos, por sua política sábia, previdente, firme, ambiciosa e tenaz, a qual rompia por todos os estorvos e a que tudo se curvava e cedia, com seu inelutável jugo político, lhes impuseram sua língua, eficaz e poderoso instrumento de conquista, que os fazia sempre vencedores, ainda quando vencidos, verificando-se aquela conhecida lei da história, que, quando entram em competência dois povos, que falam línguas diferentes, o que mais civilizado é, seja vencedor ou vencido, esse é que impõe sua língua ao outro.

No século 5º os *visigodos*, povos bárbaros, que em suas conquistas foram precedidos pelos *vândalos*, *suevos* e *alanos*, substituíram os romanos em seu domínio na Espanha; mas, embora vencedores, menos adiantados que os vencidos na ciência e civilização, adotaram a língua destes.

A consequência da invasão desses bárbaros foi a corrupção, decadência e ruína das letras e da cultura romana; suprimiram-se as escolas, desapareceu a maior parte dos estabelecimentos de instrução. Estancados assim os mananciais donde vertiam os tesouros preciosos com que se enriqueciam as ciências, as artes e as letras, a língua, tão sólida e custosamente implantada na Península, foi-se ainda mais abastardando e corrompendo.

Aos *visigodos* ou *godos do Ocidente* sucederam, no século 8º, os *árabes*, que não mudaram a língua nem a religião dos vencidos.

Mas, se a conquista muçulmana não determinou o desaparecimento dos dialetos peninsulares, o *árabe* em contato com eles ministrou-lhes maior ou menor soma de vocábulos, conforme a maior ou menor facilidade com que se infiltrou em seu vocabulário.

Com o declinar do império romano no século 5º, declinou à proporção a língua latina literária, que, sob a influência genial de Ênio, se havia tornado a chave de ouro que abriu a seus sucessores o cofre precioso das ricas alfaias da literatura clássica latina, ainda hoje tão admiradas por seus finos quilates.

A língua vulgar, agora livre e independente, entregue só às suas tendências ingênitas, sem as peias da língua clássica e oficial, que desde então se condenou à esterilidade, foi-se mais e mais desenvolvendo, à feição de sua índole nativa, dando afinal nascimento a vários dialetos, que, no decurso do tempo, acentuando mais singularmente sua individualidade e preponderância, suplantando os dialetos congêneres, que se foram obscurecendo e reduzindo a dizeres populares, a línguas meramente faladas, produziram, pelas condições históricas, que os elevaram, favoreceram e diferenciaram, as línguas *neolatinas* ou *românicas*, as quais outra coisa não são que o *latim vulgar*, disfarçado em *português*, em *espanhol*, em *italiano*, em *francês*, em *provençal* e em *valáquio* ou *romeno*, tendo todos esses idiomas os traços gerais e os ares de família, que os aproximam, e a fisionomia peculiar e individual que os separa e distingue, fazendo-os todos *diversos aspetos de uma só e mesma língua*, diversas florescências de uma mesma plantação em terrenos diferentes" (Carneiro Ribeiro).

Literariamente a *língua portuguesa* começou a constituir-se no lapso do século 12, com a fundação da monarquia em 1139.

612 – As três declinações do latim vulgar: As cinco declinações do latim clássico ficaram com o tempo reduzidas a três, devendo-se notar que no próprio latim clássico já havia o *heteroclismo*[1], isto é, certas palavras seguiam já uma já outra declinação, como *domus*[2], *materies*, *barbaries* etc.[3]

Os nomes da 4ª declinação passaram para a 2ª, e os da 5ª distribuíram-se pela 1ª e pela 3ª.

613 – Sobrevivência do acusativo: No fim do latim popular não existiam senão dois casos: o *nominativo*, que se prestava também para o vocativo, e o *acusativo*, que substituía os casos restantes, da seguinte forma:

(1) V. Gramática Latina – § 124.
(2) V. Gramática Latina – § 117.
(3) V. Gramática Latina – § 120, obs. 3.

o *genitivo*, mediante anteposição da preposição *de*;

o *dativo*, mediante anteposição da preposição *ad*;

o *ablativo*, mediante anteposição da preposição *cum*, ou de outras, conforme a função.

Do acusativo é que provieram as palavras portuguesas, e disso constituem prova vários fatos:

a) o *m* final do acusativo singular já caíra no próprio latim;

b) o *s*, como elemento caraterístico do plural português, outra coisa não é senão o *s* do acusativo plural das declinações latinas[4];

c) o provençal e o francês antigo tinham forma especial para o objeto direto;

d) as inscrições em latim popular, onde aparecem seguidas de acusativo preposições que no latim clássico regem ablativo.

Algumas palavras, no entanto, possui o português que provieram de outros casos, o que acontece com certos nomes próprios, como *Deus*, *Jesus*, *Cícero*, *Júpiter*, que se originaram do nominativo, com os pronomes *mim*, *ti*, *si*, *lhe*, que se originaram do dativo (*mihi*, *tibi*, *sibi*, *illi*), com os advérbios *agora*, *logo*, *hoje*, com o sufixo adverbial *mente*, com a forma oblíqua *migo*, originários do ablativo (*hac hora*, *loco*, *hoc die*, *mente*, *mecum*), com alguns comuns: *oblívio*, *ônix*.

614 – O desaparecimento do neutro: Consoante vimos no § 183, possuía o latim clássico três gêneros: *masculino*, *feminino* e *neutro*. No próprio latim clássico começou a operar-se a heterogeneidade vocabular, passando certos nomes neutros para o masculino e alguns para o feminino[5]. No latim vulgar acentuou-se essa mudança de gênero, acabando o neutro por desaparecer, já por falta de significação especial, como vimos no § 183, já por motivos de ordem fonética:

a) confusão de declinação, na 2ª, 3ª e 4ª, de formas neutras com masculinas (*coelus* por *coelum*, *vinus* por *vinum*, *lactem* por *lac* etc.);

b) existência de terminações iguais com gêneros diferentes: *arma* (neutro pl. da 2ª), *arma* (fem. sing. da 1ª), e assim *folia*, *pira*, *vestimenta*, *ferramenta* etc.

---

(4) V. Gramática Latina – § 121.

(5) V. Gramática Latina – § 124 e 125.

Em português, somente um ou outro resquício há do neutro latino (V. § 183).

615 – As três conjugações do latim vulgar na Península Ibérica: Se no próprio latim clássico, onde havia 4 conjugações, apareciam verbos com dupla conjugação (*fervĕre* por *fervēre*, *tergĕre* por *tergēre*), no latim popular essa confusão de tal forma aumentou que a 3ª conjugação desapareceu. Enquanto os da 1ª e os da 4ª quase nada sofreram, vários da 2ª passaram para a 4ª (*lucēre* ficou *lucire*, *ridēre*, *ridire* etc.) e todos os da 3ª passaram ou para a 2ª (*facēre*, fazer, *dicēre*, dizer, *capēre*, caber, em vez de *facĕre*, *dicĕre*, *capĕre* etc.) ou para a 4ª, através da 2ª: *fallĕre*, *fallēre*, *fallire*; *fugĕre*, *fugēre*, *fugire*.

616 – A ação da analogia: Fenômeno de grande importância e influência na formação das línguas é o da *analogia*, que consiste na tendência niveladora que uma palavra exerce sobre outra, aparentada pelo sentido, pela forma ou pela função gramatical.

A ação analógica exerce-se *foneticamente*, *lexicamente*, *morfologicamente*, *sintaticamente* e *sematologicamente* (§ 607, § 621).

a) *Analogia* **fonética** é a que se opera, por exemplo, com as formas verbais *éramos*, *éreis*; pelo latim, o acento deveria ser *erâmos*, *erêis*, mas por analogia, isto é, por semelhança com as outras pessoas, cujo acento cai sempre no *e* inicial, sofreram essas formas deslocação de acento. *Amávamos*, *amáveis*, *amáramos*, *amáreis* são acentuações por analogia fonética.

b) A *analogia* **léxica** encontra abundantes exemplos na linguagem das crianças, que dizem *fazi*, *cabi*, *fazeu*, *cabeu*, *trazeu*, por semelhança às formas equivalentes dos verbos regulares (*vendi*, *escrevi* etc.). Tal se deu com *jazi*, *jazeste* etc., em vez de *jouve*, *jouveste*, *jouvera*, *jouvesse*, *jouver*; com *entupo*, *entopes* etc., por analogia com *tusso*, *tosses*, em vez de *entupo*, *entupes* etc.

c) *Analogia* **morfológica** é a que faz com que um vocábulo passe de uma forma especial para outra forma próxima, mais comum e generalizada. É o fenômeno analógico de maior influência no aparecimento de uma língua e na criação de formas vocabulares novas, distintas das formas etimológicas. Foi por influência da analogia vocabular que as cinco declinações do latim clássico ficaram reduzidas a três. Por analogia morfológica é que hoje se flexionam genericamente os adjetivos em *ês*, *ol* e *or* (V. *nota* 1 do § 258).

d) *Analogia* **sintática**: Certas construções ou locuções passam a ser empregadas como certas, por semelhança a outras de função semelhante ou de construção parecida. Tal se dá com a locução conjuntiva *enquanto que*, a semelhança de *contanto que*, quando está muito certo dizer simplesmente *enquanto*. Outro exemplo desta analogia temos em expressões como "É hora *do* almoço estar pronto", a semelhança da construção "É hora do almoço" (V. § 653).

e) *Analogia* **sematológica**: V. § 621.

617 – Criações românicas: Assim se denominam as inovações surgidas no latim vulgar e conservadas nas línguas românicas, operadas quase sempre para substituir a flexão de caso do latim clássico. Tais são as criações:

a) da preposição *de*, para substituir o genitivo: liber *Petri* – livro *de* Pedro; miserere *nostri* – compadece-te *de* nós; avidus *gloriae* – ávido *de* glória;

b) da preposição *a*, para substituir o dativo: Dedi *Petro* – dei *a* Pedro; oboedientia *legibus* – obediência *às* leis;

c) de outras preposições, para substituir o ablativo, segundo a circunstância indicada: amor a *Deo* – sou amado *por* Deus; ferire *gladio* – ferir *com* a espada; *anno* superiori – *no* ano passado.

Outras criações românicas há com relação aos tempos e modos dos verbos:

d) o futuro do presente do ind., com o infinitivo mais *habeo*;

e) o futuro do pretérito, com o infinitivo mais *habebam*;

f) o futuro do subjuntivo, fundindo-se o futuro anterior latino com o perf. do subj. latino;

g) o imperf. do subj., tirado do mais-q.-perf. do subj. latino;

h) os tempos compostos, mediante o particípio mais o verbo *ter* ou *haver*;

i) o particípio ativo, tirado do part. passado passivo latino;

j) o infinitivo pessoal (§ 915);

l) a voz passiva que, sintética no latim clássico, passou a analítica em português (V. § 391, 1, n. b).

618 – Domínio da língua portuguesa: A língua portuguesa assim se distribuiu:

PORTUGUÊS
- Europa –
  - Portugal
  - Açores
  - Madeira
- América do Sul – Brasil
- África –
  - Cabo Verde
  - Guiné-Bissau
  - São Tomé
  - Príncipe
  - Moçambique
  - Angola
- Ásia –
  - Goa
  - Damão
  - Dio
  - Timor
  - Ceilão
  - Macau

619 – A língua portuguesa enriqueceu, prodigiosamente, o modesto vocabulário recebido do latim popular, por três vias:

a) por via **popular**

b) por via **erudita**

c) por **importação** de outros idiomas.

620 – Pela **via popular** as palavras latinas eram, muito lenta, muito paulatinamente, deturpadas, cortadas ou abrandadas. A corrente ou influxo popular é a tendência genial da transformação da língua, a causa natural das alterações dos fonemas. Essa corrente dominou incontrastada desde a origem da língua até o século 14. Obedecendo muito embora a leis glóticas, ela variava, não raro, em diferentes épocas, o tipo de suas alterações fonéticas, bifurcando-se em **formas divergentes**, que vieram a coexistir na língua. De um mesmo vocábulo latino procedem às vezes formas *duplas*, *triplas*, *quádruplas* e até *quíntuplas*, como de *maculam* procederam cinco vocábulos – *malha*, *mágoa*, *mancha*, *mangra*, *mácula*.

Tais formas, geralmente chamadas *duplas*, em francês *doublets*, pois na maioria dos casos são duas, denominam-se formas *divergentes* ou *alotrópicas*, porque, partindo de um único tipo latino, separam-se na estrutura morfológica, e, em regra, no valor *sematológico* (= quanto à significação).

Na formação do português operou-se ainda o fenômeno da **convergência vocabular**, ou seja, a redução de duas ou mais formas latinas a uma única portuguesa (formas *convergentes* ou *homotrópicas*). Assim é que *sunt* (do v. *sum*), *sanctus* (santo) e *sanus* (*são*, adj.) convergiram em uma só forma em português: *são*. A conjunção latina *quomodo* e o verbo *comedo* redundaram em *como*:

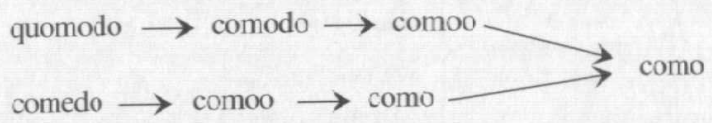

Outros exemplos:

Forma convergente é a redução de duas ou mais formas etimológicas a uma única portuguesa; formas divergentes são variantes de um mesmo vocábulo originário.

Estriba-se ainda o processo popular de formação de uma língua em múltiplos fatos ideológicos e afetivos. Prendem-se os primeiros à própria coisa e, portanto, aos vocábulos e locuções; os segundos, ao elemento subjetivo. Como as coisas aparecem, vivem, transformam-se, dividem-se, desaparecem, também as palavras nascem, modificam-se no sentido, divergem na forma, morrem. A vida das palavras outra coisa não é senão a vida das coisas; mortas estas, morrem também aquelas. De igual forma, não são as palavras que tendem a modificar-se, a tomar sentido pejorativo, a indicar afeto ou repulsa, mas o ambiente em que elas estão; os indivíduos que as empregam é que as transformam.

621 – Semântica: Se as palavras numa só língua sofrem tais transformações, mais ainda se modificam no sentido as tomadas de empréstimo de outros idiomas. O estudo do significado dos vocábulos, quer no momento atual, quer através do tempo e também do espaço, constitui o objeto da **semântica** ou *sematologia* (gr. *sema*, *atos* = significado) ou, ainda, *semasiologia*; dá isto assunto não para um capítulo de gramática, mas para um livro e... esse livro seria incompleto. Apenas a título de ilustração, vejamos este ligeiro resumo (da "Introdução ao estudo da semântica", do prof. Fernando V. Peixoto da Fonseca):

A semântica pode dividir-se em *estática* e *histórica*; a primeira diz respeito a determinada fase de uma língua (os dicionários são trabalhos de

semântica estática, pois dão o significado das palavras de uma língua num dado momento); a segunda – e esta é a que constitui propriamente a semântica – procura ver a evolução do significado das palavras, as suas transformações de sentido. Assim, há palavras que hoje se empregam quase sempre em acepção benéfica, como *fortuna*, que a rigor significa, meramente, *acaso*, *sorte* e pode por isso receber epítetos opostos: *fortuna próspera*, *fortuna adversa*. Também a passagem de adjetivos, como *forte*, *velho*, *rico*, *moço* etc., à classe de substantivos é uma transformação semântica: deixaram de exprimir uma qualidade inerente a um ser, para exprimir o próprio ser.

A semântica pode ainda ser *etiológica*, quando estuda as causas dos fenômenos semânticos, como pode ainda ser *geral* ou *particular*, conforme abranja várias línguas, geralmente aparentadas, ou uma só.

Há vários casos em que o domínio das palavras se restringe e alarga alternadamente; o termo *demoiselle*, que em francês designava a mulher nobre, passou depois a referir-se a todas as condições, mas só para as solteiras; o termo, primitivamente indiferente, desenvolveu-se num só sentido. A *ênfase* é um dos fenômenos gerais que levam à restrição do sentido, e, por outro lado, a extensão de sentido se dá em virtude das **figuras de pensamento** (*de retórica*) chamadas *sinédoque*, *metonímia*, *metáfora*, *eufemismo*, *hipérbole*, *prosopopeia*, *perífrase*.

a) A **sinédoque** (gr. *synedochê* = compreensão) consiste no emprego de uma palavra em lugar de outra na qual está compreendida, com a qual tem íntima conexão: *pão*, por alimento; *vela*, por navio; *ferro*, por espada ou âncora; *lar* (ou *fogão*), por casa.

b) A **metonímia** é simples variante da sinédoque; são denominações essas de distinção tão sutil que autores há que dão como exemplo de metonímia aquilo mesmo que outros subordinam à sinédoque, e tratadistas há que mal mencionam essas denominações de **tropos** semânticos (*tropo* – pronuncie *trôpo* – é o emprego de uma palavra em sentido figurado; lat. *tropum* = volta, e este do gr. *tropêo* = girar). Se na sinédoque se emprega o nome de uma coisa em lugar de nome de outra nela compreendida, na metonímia a palavra é empregada em lugar de outra que a sugere, ou seja, em vez de uma palavra emprega-se outra com a qual tenha qualquer relação por dependência de ideia: *damasco* = tecido de seda com flores ou espécie de abrunho, ambos provenientes de Damasco (o nome de um lugar acaba por designar os seus produtos industriais ou naturais); *louro*, por glória, prêmio; *cãs*, por velhice; fulano é um bom *garfo*; *perna*, que era só a de porco, é hoje de todos os mamíferos e até de aves e insetos; *rostro*, que

primitivamente indicava bico de ave, passou a designar o remate da proa e, posteriormente, sob a forma *rosto*, a face humana; *insultar* perdeu o sentido material de *saltar sobre*; *desprezar* significava em latim clássico olhar de cima para baixo. V. D. QVs, *progenitor*.

c) **Metáfora** é o fenômeno pelo qual uma palavra é empregada por semelhança real ou imaginária: os *dentes* do pente; *pé* de mesa; o *fumo* da glória; *chegar* (do lat. *plicare* = *dobrar*), porque no fim da jornada dobravam as velas do barco; *serra*, que no latim clássico era só a ferramenta do carpinteiro, passou no latim vulgar, no português, no espanhol e no catalão a indicar *cadeia de montanhas*, dada a semelhança das cristas com os dentes da ferramenta.

Os tropos metafóricos têm largo uso literário, e muitas expressões metafóricas dão origem a mal-entendidos e por isso provocam o riso.

Se na *metáfora* o sentido real da palavra é modificado por comparação e a palavra nova contém analogia com a primitiva, na **catacrese** – outro fenômeno linguístico (*catá* = contra; *chrestái* = usar) – o sentido real da palavra é modificado por esquecimento, e a palavra nova contém ideia absurda se comparada com o sentido etimológico da primitiva: *quarentena* de dois dias (*quarentena* = quarenta) – três *gêmeos* (*gêmeo* = duplo) – socorrer *mutuamente* (*mútuo* = tomado ou dado de empréstimo) – *caligrafia* ruim (*calós* = belo) – *cavalgar* um boi – *chumbar* um taco na parede.

A metáfora pode ser criada no momento pelo escritor, a catacrese é formada com os anos dentro do idioma: *pé* de mesa, *asa* de xícara.

d) **Eufemismo** é a adocicação de termos; em vez do termo próprio, que podia repugnar por qualquer razão, emprega-se outro mais brando: *passamento* em vez de *morte*. *Falsos eufemismos* são os provenientes mais de uma afetação, que tem prazer em achar indecência em toda a parte sob a máscara do pudor, do que de um cuidado de correção de linguagem; dizem respeito especialmente a algumas partes do corpo, a determinadas peças de vestuário, a certos animais e a pretendidas sílabas sujas.

e) **Hipérbole** – Consiste no emprego de palavra ou frase com sentido exagerado para dar maior força, maior impressão, para mais ou para menos: Ele se lançou com a velocidade de uma flecha – Correu um *rio* de lágrimas.

f) **Prosopopeia** – É a figura que dá vida, ação, movimento e voz a coisas inanimadas ou a pessoas mortas ou ausentes: Os altos promontórios o *choraram* – Esta porta *ronca*.

g) **Perífrase** – Consiste no emprego de várias palavras para expressar uma ideia, para representar uma coisa: Se lá no *assento etéreo* onde subiste (= céu) *de quantos bebem a água do Parnaso* (= dos poetas).

Constitui ainda fenômeno semântico a **etimologia popular**, ou seja, tendência geral para admitir uma ligação etimológica entre expressões que se parecem; é o caso, por exemplo, de *Sant'Iago*, que deu *São Tiago* por se julgar que o *t* pertencia ao nome, visto empregar-se quase sempre *são* antes de consoante (§ 113, C, n. 2). São as conformidades fonéticas que dão causa a tais *assimilações semânticas* da etimologia popular.

Outros exemplos curiosos de evolução semântica: *caderno* (do lat. *quaternum*) perdeu a noção originária de folha de papel dobrada em *quatro*; *volume*, que originariamente é o que envolve (do lat. *volvĕre*), passou a indicar a pele em que se escrevia e, depois, a própria obra, porque as peles eram guardadas enroladas (envolvidas) nas bibliotecas; *cálculos*, que indicava as pedrinhas com que se faziam contas, passou a significar a própria conta e, ainda, as pedrinhas que se criam nos rins; *pergaminho*, de Pérgamo, na Ásia Menor, onde se preparavam peles para escrever; *pêssego*, de *persicum* (*malum persicum* = maçã da Pérsia), dada a origem da fruta; *torre do tombo*, porque primitivamente os *tomos* ou *tombos* (documentos, registros, inventários etc.) eram guardados numa torre (daí ainda a expressão hodierna *Tombo do Estado*, para significar *Arquivo do Estado*); *secretário*, etimologicamente confidente, depositário de segredo; *pânico*, em virtude do susto (*panicus timor*) que causava o deus Pã quando aparecia entre os mortais; *pedagogo*, a princípio o escravo que conduzia as crianças à escola; *perfeito*, que significa bom, correto, vem do latim *perfectum*, que significa apenas "completamente terminado", "inteiramente feito" (v. no § 629 o verbete *per*, letra *b*).

Nota: **Semantema** é o elemento linguístico enquanto exprime uma ideia definida; é a raiz, é o radical da palavra. **Morfema** é o elemento linguístico que mostra as relações entre as ideias; é o prefixo, o sufixo, a desinência, a preposição, a conjunção, o verbo auxiliar, a entonação, a acentuação, a ordem dos termos etc.

622 – Linguagem afetiva: É o subjetivo outro elemento formador de uma língua, ou melhor, outro processo popular de manifestação da linguagem. As palavras deixam de ser empregadas com significação real, natural, e passam a ser empregadas sob a intervenção do sentimento.

Dessa modificação de sentido pela sensibilidade temos exemplos em muitos diminutivos: enquanto *livreco* é, lexicamente, forma diminutiva de *livro*, a palavra quase sempre se acompanha de conceito depreciativo, e, pois, de um matiz de sensibilidade.

É nos sufixos que a descarga das paixões se dá com maior energia; neles é que se refletem perfeitamente os sentimentos que vulgarmente agitam a nossa alma, sentimentos que se resumem, afinal, no amor e na aver-

são que manifestamos de ordinário às coisas e às pessoas. *Paizinho*, *mãezinha* não querem dizer "pai pequeno", "mãe pequena", mas pai e mãe muito queridos, e cambiantes igualmente afetivos trazem às palavras os sufixos *acho*, *aço*, *alha*, *alhão*, *az*, *ejo*, *elho* e outros.

Desse emprego de palavras com sentido intensivo temos mais exemplos com adjetivos. Quando dizemos "história universal", expressamos uma "história que abrange acontecimentos fundamentais de todas as nações". O nosso sentimento não intervém no caso; a representação é puramente intelectual. Se, porém, dissermos "remédio de fama universal", introduziremos na ideia marcada pelo adjetivo um pouco de sentimento.

Outro exemplo: "O frade observou sempre o jejum religioso". Aqui o adjetivo tem caráter puramente intelectual; "jejum religioso" significa apenas o jejum preceituado pela religião, o qualificativo é de natureza técnica. Se, porém, dissermos "silêncio religioso", o adjetivo poderá estar impregnado de sentimento, e o termo adquirirá sentido figurado e superlativo.

O dativo de interesse em orações como "Não *me* tire o vaso da mesa" é explicado pela linguagem afetiva, frequente no diálogo, na conversação comum.

Sempre existe, pois, figuração, trasladação de sentido na linguagem afetiva. Enfim, "se é verdade que o homem dispõe de uma linguagem intelectual, que lhe expressa os pensamentos, os raciocínios e a reflexão, nem por isso esta linguagem se apresenta sempre rigorosamente intelectual", com palavras no seu real significado.

623 – Ao lado da corrente popular, aparece, no século 14 e 15, a **corrente erudita**, também denominada latinista ou literária. Nesses séculos desenvolvem-se a cultura do latim e as traduções de obras eclesiásticas. Começa a reação erudita contra a corrente popular, reação que recebeu forte impulso com o movimento literário da Renascença, no século 16.

A intervenção desta corrente, que buscava aproximar artificialmente o português de sua fonte latina, importou do latim formas novas, ou antes, transportou integralmente, apenas com leve modificação na desinência, palavras latinas, que vieram figurar ao lado de outras que delas se derivaram por via popular, tal como *mácula* ao lado de *mágoa*, *malha* e *mancha*; *palácio* (lat. *palatium*) ao lado de *paço*; *frígido* (lat. *frigidum*) ao lado de *frio*.

As formas eruditas caraterizam-se por maior aproximação do tipo latino, ao passo que as populares por maior afastamento. Além das eruditas,

existem formas *semieruditas*, onde as duas correntes se revelam, tolhendo a influência erudita à plena expansão do influxo popular; tais as palavras – *botica* (lat. *apothecam*), *semana* (lat. *septimanam*), *Madalena* (lat. *Magdalene*), onde a permanência de consoantes fortes intervocálicas e do *n* na mesma condição acusa a influência erudita, ao lado do abrandamento do *p* em *b*, das síncopes do grupo *pt*, e da consoante *g*, que nos sugerem o influxo popular.

624 – Corrente estrangeira: Do séc. XIII em diante, com a invasão do lirismo provençalesco em Portugal, com o movimento europeu das cruzadas, e com as correntes literárias oriundas do influxo da Renascença, o português pôs-se em contato mais íntimo com as outras línguas românicas, e por elas recebeu novas formas de palavras latinas já evolvidas em seu próprio seio; assim deu-nos o francês *chefe* de *caput*, que nos havia dado *cabo*, e o espanhol *lhano* e o italiano *piano*, de *planum*, que nos havia dado *chão*.

Dois exemplos somente damos sobre o caso, que constitui objeto da gramática histórica:

Maculam	mágoa	formas populares
	malha	
	mancha	
	mangra	
	mácula	– forma erudita
Planum	chão	– forma popular
	plano	– forma erudita
	lhano	– forma estr. espanh.
	piano	– forma estr. ital.

625 – Na evolução fonética coexistem muitas vezes, em um momento da língua, formas paralelas de uma mesma palavra, resultado da incerteza ou vacilação na fixação da forma definitiva. Essas variações morfológicas de uma mesma palavra chamam-se **formas sincréticas**[1] como

(1) Variada era a população da ilha de *Creta* na antiguidade, e Plutarco exprimiu essa variedade na unidade insular do povo pelo termo *sinCRETismo*; daí o aproveitar-se o termo em filologia para exprimir a variedade da forma na unidade de sentido.

bulbo e *bolbo*, *camarlengo* e *camerlengo*, *dois* e *dous*, *albergue* e *alvergue*, *esplendor* e *esplandor*.

O que distingue as formas *sincréticas* das formas *divergentes* é o paralelismo do sentido: a diferença de significação das formas divergentes faz delas palavras distintas, se bem que *cognatas*, ao passo que a identidade de sentido das formas sincréticas mostra que são apenas variação mórfica de uma mesma palavra. O que caracteriza a palavra é o sentido próprio, e sinonímia perfeita só se pode dar em palavras não cognatas, pois nestas a equivalência de sentido produz o *sincretismo*.

Outro fenômeno operado na formação de uma língua é o **parassintetismo**, pelo qual se criam palavras novas pelo duplo processo de prefixação e sufixação. Há vocábulos parassintéticos verbais e há-os nominais, isto é, há verbos e nomes (substantivos e adjetivos) criados por esse processo. De *verniz* formou-se o verbo *envernizar* (em + verniz + ar); de *noite*, *pernoitar* (per + noite + ar) etc. De *oceano* formou-se *transoceânico* (trans + oceano + ico); de *terra*, *subterrâneo* (sub + terra + âneo) etc.

626 – Costumam certos autores de gramáticas expositivas discorrer longamente sobre a questão etimológica. Não queremos desprezar esse estudo; antes, afirmamos ser, sobre útil e interessante, muito lindo; nem todas essas belezas históricas, porém, interessarão a aluno que pretende falar, construir, criar, conhecer a contextura da linguagem sem preocupar-se com indagações de formação, de derivação, de importação de vocábulos.

Limitar-nos-emos a ver o que respeita à **prefixação** (que vem a ser o processo de composição de vocábulos mediante anteposição, a uma palavra, de **afixos**, isto é, de partícula ou sílaba que modifique o sentido da palavra), à **sufixação** (que consiste no processo de formação de palavras mediante posposição de afixos ao radical) e a dizer alguma coisa sobre derivação e composição. V. *neo* no D.QVs.

Prefixos

627 – Considerados quanto à origem, os prefixos podem ser **vernáculos** (que são os prefixos latinos modificados ou aportuguesados), **latinos** (que se conservam na forma primitiva) e **gregos**, que se antepõem a palavras gregas.

A apresentar os prefixos em famílias ideológicas, ou seja, de acordo com a ideia que trazem ao vocábulo, preferimos dá-los em ordem alfabética, acompanhados de sua significação e de alguns exemplos.

628 – Prefixos vernáculos:(*)

a (lat. *ad*) = aproximação: alinhar, avizinhar, abordar. O *a* é às vezes letra meramente protética (V. § 112). V. *fixar*, *afixar* no D.QVs.

além (lat. *ad* + *illic* + *inde*) = posterioridade local: além-mar, além-túmulo.

ante = posição anterior: antediluviano, antessala, anteontem.

aquém = anterioridade local: aquém-túmulo, aquém-mar.

bem (lat. *bene*) = bom êxito: bem-aventurado (pronuncie *bẽ-aventurado*), benquerer.

des (lat. *de* + *es*) – *a*) = separação, afastamento: descontar, desviar.

b) = privação, negação: desleal, desagradável, desculpa, desordem, a desoras, desbaforido. V. *impronunciar*, *despronunciar* no D.QVs.

c) = aumento, intensidade: desbaratar, descrever, desnudar, desfear, desinquieto, despavorido, despedaçar, desperdiçar, despertar (§ 504).

en, **em** (lat. *in*) – *a*) = movimento para dentro, colocação em, revestimento de: engarrafar, embainhar, encaixar, enforcar, empoeirar.

b) = procedimento à maneira de: emburrar, empepinar, encachoeirar.

c) = Constitui mero metaplasmo: *erradicar*, *embaralhar*, *endoutrinar*. V. *encruar* e *enradicado* no D.QVs.

entre (lat. *inter*) = posição intermédia: entreato, entrelinhar.

mal (lat. *male*) = mau êxito: maltratar, maldição, mal-avindo (pronuncie *mal'avindo*).

meio = mediação: meio-busto, meio-corpo.

menos (lat. *minus*) = privação, negação; menosprezar, menoscabar.

sem (lat. *sine*) = privação: sem-cerimônia.

sob, **so** (lat. *sub*) = posição inferior: sobpor, sopé (sob + pé), sobosque, sopesar.

sobre (lat. *super*) = posição superior: sobre-humano, sobrestar (sobre + estar).

soto – ou *sota* (lat. *subtus*) = posição inferior: sotopor, sotopiloto, sotavento.

(*) Para ilustração do aluno, são dados às vezes exemplos de assimilação nos quais aparecem letras geminadas.

629 – Prefixos latinos:

a = separação: aversão.

ab = separação, procedência: abjurar.

abs = separação, procedência: abster.

ad = aproximação: adjetivo, adição, admirar[1].

ambi = movimento circular: ambiente, ambiguidade.

ante = posição anterior: antecedente, antepenúltimo.

bene = bom êxito: beneplácito, benevolente.

bis (*bi*) = duas vezes: biscoito, bisavô, bígamo, bimensal.

circum = movimento circular: circunferência, circuito (circum + ito).

cis = anterioridade local: cisalpino, cisplatino, cisgangético.

contra = oposição, posição fronteira: contradizer, contrapor, contrabaixo.

com (= *cum*) = reunião: combater, compadre, conferência, confrade[2].

de – *a*) = de cima para baixo: dejeção, defluxo, decair.

b) = procedência: derivar, decorrer.

c) = separação, privação, falta: demente, demitir, depenar, depilar, delapidar, deportar, deminuir[3].

dis = separação, distribuição: dispersar, disseminar. Não confundir com *dis*, *dys*, prefixos gregos.

e = separação: emancipar (= sair da prisão das mãos).

es = separação: escorrer, estirar.

ex – *a*) = separação, procedência: extrair, expatriar[4].

b) = aumento, intensidade: exornar, exacerbar, exclamar, exabundante.

extra = movimento para fora: extrajudicial, extravagante.

in – *a*) = movimento para dentro: imigrar (in + migrar), ingressar, incamerar, inscrever, inserir.

b) = negação, privação: injusto, independência, inimigo (in + amigo). V. *impronunciar* no D. QVs.

---

(1) Dá-se com o *d* assimilação total antes de *c* (accesso), *f* (affirmar), *g* (aggravar), *l* (alludir), *s* (assentar) e *t* (attender). Igual fenômeno metaplástico opera-se em *aquisição* (adquisição).

(2) O *m* assimila-se antes de *l* (collaborar), *r* (corresponder) e *n* (connexo). Antes de vogal ou de *h*, o *m* é apocopado: coordenar (com + ordenar), coonestar (com + honestar).

(3) *Deminuir* e derivados, com *e*, seria grafia melhor. V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "delapidar".

(4) Antes de *f* opera-se, às vezes, a assimilação total regressiva: exfeito = *effeito*. Quando anteposto a substantivo para designar cargo, profissão ou estado que uma pessoa já não tem, liga-se por hífen: ex-presidente, ex-pátria. Nos demais casos liga-se sem hífen.

c) = superposição, aplicação em cima, colocação em: impor, instruir, inundar, incorrer, indigitar, inflamar, imprensar, infração, insolar.

d) = repouso, permanência: insídia, insigne, ínsito.

e) = direção, propensão, tendência: inferir, indício.

f) = reforço, aumento, intensidade: implorar, irradiar, irromper[5].

inter = posição intermédia: interpor, interromper.

intra / **intro** = movimento para dentro: intramuros, introduzir.

juxta = aproximação: justapor.

male = mau êxito: malévolo, malefício.

ob = oposição, posição fronteira: objetar, obstar, obstáculo[6].

pene = aproximação: península (quase ilha), penumbra (quase sombra).

per – *a*) = movimento através: pernoitar, percorrer, pervigília.

b) = intensidade: perfazer, perseguir (§ 276, 4ª).

c) = ideia pejorativa: perverso, perjurar, perverter.

post (ou *pos*) = posição posterior: postedênico, postoperatório, postergar, pospor, pospuerperal, posromano, posvídico.

pre = posição anterior: preâmbulo, predominar, predizer (§ 276, 4ª).

preter = posterioridade local, superioridade, excesso: preterir, preternatural.

pro – *a*) = movimento para diante: propender, progredir.

b) = substituição: pronome, procônsul (= vice-cônsul).

Não se confunda este prefixo com o *pro* grego.

re – *a*) = repetição: reler, refazer, reformar.

b) = reforço: rebramar, recolher, reluzir, rebuscar (§ 504).

c) = retrogradação: repelir, reagir, reverter, refluxo.

retro (*reta*) = retrogradação: retroceder, retrogradar, retaguarda.

semi = mediação: semicírculo, semilunar, semideus[7].

se = apartamento, separação: seduzir (= conduzir fora, extraviar).

sub = posição inferior: supor (suppor, de sub + por), subjugar.

subter = posição inferior: subterfúgio, subterfluente.

super = posição superior: superlativo, supérfluo, superintendente.

---

(5) O *n* assimila-se antes de *b* (imberbe), *p* (impróprio), *m* (immemorial), *l* (illegítimo) e *r* (irregular).

(6) O *b* assimila-se antes de *c* (occorrer), *f* (officio) e *p* (oppor).

(7) Em compostos, este prefixo latino, cujo *i* final é breve, tem o acento secundário da palavra na primeira sílaba e não na segunda: *sêmibárbaro* (e não *semí...*), como em *sêmibreve*, *sêmivivo*, *sêmitom* (§ 106).

supra = posição superior: supramundano, supranumerário.

sus (*sussum* ou *sursum*) = movimento para cima: suspender, sustentar.

trans (*tras, tra, tres*) – *a*) = posterioridade local: transcrever, trasladar, traduzir, tresmalhar, trespasse, tresnoite.

b) = travessia: transatlântico, transamazônia.

tris (*tri, tres, tre*) = triplicação ou reforço: trisavô, trifólio, tresloucar, trecentésimo (§ 504).

ultra = posterioridade local ou excesso: ultramar, ultrarromântico.

630.0 – Prefixos gregos:

a (*an*, antes de vogal) = negação, privação: ateu; analfabeto, acatólico[1], átono, acéfalo; anemia (estado sem sangue), anidro (sem água).

amphi (de ambos os lados) = movimento circular: anfiteatro, anfíbio.

aná – *a*) = movimento circular: aneurisma (ato de estender-se dos lados), anasarca (*sarx* = carne; entre carne, inchação).

b) = repetição: anabatista (que batiza de novo).

c) = contrariedade: anacrônico (que é contrário à cronologia).

antí = oposição: antídoto, antípoda, antagonista, antártica, anticatólico[1].

apó = afastamento: apogeu (longe da terra), afélio (apo + helio = distanciado do Sol).

catá = sob: catatonia, cataglóssio.

diá = movimento através: diâmetro, diagnóstico, diafragma.

dis (di) = dualidade: dístico, ditongo, dilema.

dys = mau êxito: dispepsia, dislalia, dispneia.

e (*ex*, antes de vogal) = movimento para fora: eclipse (ato de ficar omitido), êxodo (caminho a fora, saída).

en = movimento para dentro: energia, embrião.

epí = posição superior: epígrafe, epigástrico, epitáfio.

eu (*ev*) = bom êxito: eufonia (bom som), eucaristia (boa graça), eupepsia (boa digestão), evangelho (boa nova).

hemí = mediação: hemisfério, hemistíquio.

hypér = posição superior: hipérbole, hipertrofia.

hypó = posição inferior: hipogeu, hipotenusa[2].

---

(1) *Anticatólico* significa "*contrário* ao catolicismo", ao passo que *acatólico* significa "*não* católico" – V. § 112, A, obs. 1.

(2) Não se confunda este prefixo com o elemento grego *hippo*, que significa *cavalo*: hipódromo = pista para cavalo.

metá = posição posterior: metamorfose, metafísico, metonímia.

pará – *a*) = de lado: paráfrase (interpretação, comentário), parágrafo, paraninfo, paraestatal, parapsicologia, parasito, parequema[3].

b) = defeito, vício: parabiose, paracárpio, paracéfalo.

c) = contra: paradoxo, paranomia.

d) = além de: paracronismo, parafernais, paratopia.

perí = movimento circular: periélio, perífrase.

pro = posição anterior: prólogo, programa, prolegômenos, profeta (que fala antes dos fatos).

pros = movimento para diante: prosélito (o que se aproxima), prosódia (canto que guia as palavras).

syn (na composição pode transformar-se em *sim*, *sil* – formas assimiladas – e *si* – forma apocopada) = reunião: síntese, sinfonia, símbolo; sílaba (syllaba), sistema.

tris (*tri*) = triplicação: trissílabo, tritongo, trigonometria.

Sufixos

630.1 – Além dos sufixos aumentativos e dos diminutivos (§ 238) e de outros já estudados no devido lugar, importa ver mais alguns, dos mais importantes, aqui apresentados na ordem alfabética para maior aproveitamento de estudo e maior facilidade de consulta. Os sufixos podem ser **nominais**, quando formadores de substantivos e de adjetivos, **verbais**, quando formadores de verbos (já vistos no § 509), havendo ainda o **adverbial**, já estudado na *observação* do § 527.

áceo forma adjetivos que designam as qualidades gerais de um grupo de indivíduos a que o radical serve de tipo. É muito usado em termos de botânica: mirtáceo, orquidáceo. A forma feminina substantiva o adjetivo: O melão é da família das *cucurbitáceas*.

aco átono, forma adjetivos; indica relação, procedência: cardíaco, austríaco, demoníaco, egipcíaco.

ada 1 – forma substantivos; indica conjunto: bugrada, canalhada, criançada, porcada, vacada (V. *Marmelada* no D. QVs.)

2 – acrescido a tema verbal, forma substantivo que indica a prática da ação verbal: bicada, caçada, chegada, laçada, olhada, pincelada.

3 – acrescido a tema nominal, forma substantivo que indica ação relacionada com o tema: facada, jornada, noitada, paulada.

(3) *Parequema* (subst. masc.) = colocação de palavras de maneira que uma sílaba fica ao lado de outra do mesmo som: tenra rama.

ado, ato acrescido a tema nominal, indica cargo, função, dignidade (*ato* é a forma erudita, para temas latinos): apostolado, condado, ducado, marquesado, professorado, sacerdotado; baronato, cardinalato, clericato, diaconato, triunvirato, vicariato.

agem 1 – acrescido a substantivo, indica conjunto: criadagem, folhagem, plumagem, ramagem.

2 – acrescido a tema nominal ou verbal, indica a prática da ação sugerida pelo tema: aprendizagem, jardinagem, lavagem, moagem, passagem, selvagem, viagem.

aico acrescido a tema nominal, forma adjetivos; indica relação, procedência: espondaico, hebraico, farisaico, prosaico.

al 1 – acrescido a substantivo, indica lugar de plantação: abacaxizal, algodoal, arrozal, bambual, cafezal, juncal, trigal.

2 – (**el, il**) forma adjetivos; indica tendência, relação: braçal, filial, legal, penal; fiel, novel; febril, juvenil, senil – V. sufixo *ar*.

alha (**alhada**, muitas vezes depreciativo) acrescido a tema nominal, forma substantivos; indica ajuntamento: cainçalha (canalha), cordoalha, parentelha; comadralhada, pretalhada.

ama (**ame**) acrescido a substantivo, indica conjunto: dinheirama, mourama; cordoame, correame, velame.

ança, ância, ença (ensa), ência acrescido a tema verbal, forma substantivos abstratos; indica ação, resultado de ação, estado, situação: aliança, andança, confiança, mudança; arrogância, concordância, exorbitância; benquerença, crença, diferença; absorvência, advertência, beneficência[1], carência, conferência, assistência, ausência, adstringência, convivência, clemência, demência, prudência, regência, virulência, violência.

É sufixo proveniente da vogal que carateriza a conjugação latina, seguida da junção do sufixo *nt* – do particípio presente e de um grupo de adjetivos – com *ia* ou simplesmente *a*; *ância*, *ência* com *i* quando, geralmente, têm relação com formas latinas que nos deram *ante*, *ente*, *ento*: (abundante) abundância, (arrogante) arrogância, (distante) distância, (vigilante) vigilância, (suficiente) suficiência, (indolente) indolência, (prudente) prudência, (penitente) penitência, (violento) violência.

As formas contratas *ança*, *ença* aparecem geralmente quando não é nítida a proveniência de tema latino de verbo ou de adjetivo em *nt*: bonança, esperança, cobrança, parecença, licença, doença, sabença.

---

(1) V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "beneficência".

Isso em linhas gerais; vezes há no entanto em que ocorrem formas discrepantes de tal norma; se temos *diferente*, o substantivo é *diferença*, ao passo que o verbo é *diferenciar* (diferenciação, diferencial). V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "diferenciar".

Nota: O supino latino em *sum* é que motiva a variação gráfica com *s*: despensa, expensa, ofensa.

ano, ão forma adjetivos; indica procedência, relação: africano, franciscano, goiano, salesiano, veneziano; alemão, beirão, cristão, parmesão.

ar é o mesmo sufixo *al*, cujo *l* pode passar a *r* (fenômeno chamado *dissimilação*) quando acrescido a palavra que já tenha *l*: angular, capilar, circular, elementar, jugular, lunar, militar, vulgar[2].

aréu acrescido a substantivos, indica ajuntamento, aumento: cacaréu, fogaréu, fumaréu, povaréu, lumaréu, mastaréu.

aria acrescido a substantivos, indica conjunto: bicharia, cavalaria, confraria, drogaria, livraria, mercearia, pedraria.

ário 1 – acrescido a tema nominal, indica ajuntamento, lugar continente: devocionário, erário, hostiário, relicário, vocabulário.

2 – acrescido a tema nominal, forma adjetivos; indica estado, qualidade, relação: agrário, arbitrário, biliário, contrário, diário, feudatário, imaginário, primário, solitário, voluntário.

3 – acrescido a tema nominal, indica agente: bibliotecário, cartorário, incendiário, notário, sectário.

ático acrescido a tema nominal, forma adjetivos; indica relação, procedência: aquático, asiático, lunático, socrático.

ato – V. *ado*.

ável (ével, ível, óvel, úvel) – terminação própria de adjetivos formados em português ou provindos de correspondentes formas latinas; indica aptidão, possibilidade de praticar ou de receber uma ação, estado: amável, louvável, cobrável, estável, indelével, flexível, sofrível, sensível, visível, móvel, solúvel, volúvel.

Nota: À correspondente forma latina *bil*, que aparece em certos adjetivos de forma erudita (*flébil, ignóbil*), é que se deve o superlativo de adjetivos terminados em *vel*: § 273, 1ª, b.

az forma adjetivos; significa "que encerra", "capacidade para": eficaz, mordaz, pertinaz, capaz, voraz, loquaz.

(2) V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "regimental", "familiar".

bundo, cundo formam adjetivos eruditos; acrescem-se a temas latinos; indicam tendência, situação: furibundo, gemebundo, tremebundo; fecundo, iracundo, jucundo, rubicundo.

cundo – V. *bundo*.

ção (são) acresce-se a tema verbal; indica ação ou resultado de ação: armação, bendição, coroação, flutuação, injeção, laminação, punição, reparação, turvação.

Nota: A variante *são* é motivada pela proveniência de supinos latinos em *sum*: compreensão, confissão, difusão, dispersão, distensão, repressão.

dade (idade) acresce-se a adjetivo (tema português ou latino), para formar substantivo indicativo de estado, situação, quantidade: beldade, bondade, fatuidade, frugalidade, igualdade, irmandade, lealdade, loquacidade, maldade, ruindade, solubilidade, unidade, uniformidade, variedade, pluralidade, privatividade. V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "pluralismo".

ecer – V. § 509.

edo indica conjunto, agrupamento: arvoredo, lajedo, passaredo, penedo, vinhedo.

eiro (eira) 1 – sufixo que significa agente, ofício, profissão: boiadeiro doceiro, padeiro, rendeira, toureiro, vendeiro, banqueiro, barbeiro, ferreiro, leiteiro, carpinteiro, arqueiro.

Nota: A passagem da ideia de agente para a de fonte produtora é natural: abacateiro, amoreira, formigueiro, pedreira, pesqueiro, pinheiro.

Correlata significação tem ainda o sufixo *eiro* quando forma substantivos que indicam lugar continente: braseiro, chaveiro, atoleiro, lameiro, fruteira, frasqueira, licoreiro, sopeira, tinteiro, terreiro. V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "motorneiro".

2 – forma adjetivos; indica atributo: agoureiro, altaneiro, caseiro, costeiro, fragueiro, guerreiro, mineiro, dianteiro, lisonjeiro.

ença (ensa), ência – V. *ança*.

engo forma adjetivos; indica relação: abadengo, avoengo, flamengo molengo, mostrengo, realengo, solarengo, verdoengo.

enho forma adjetivos; indica: 1 – parecença: rouquenho, ferrenho, roufenho.

2 – natural de (por influência do espanhol): extremenho, portenho.

ense, ês formam adjetivos; indicam naturalidade: ateniense, cearense, fluminense, cretense, interamnense, riograndense; chinês, francês, genovês, inglês, milanês, português, siamês (V. § 84, n. 1; § 258, n. 1).

ento forma adjetivos; indica tendência, estado: barulhento, bexiguento, ferrugento, friorento, lamacento, rabugento, sonolento.

eo átono, forma adjetivos; significa relação, propriedade, procedência: argênteo, cesáreo, cortíceo, férreo, gigânteo, ígneo, níveo, pétreo, plúmbeo.

ês – V. *ense*.

esa terminação, provinda de forma verbal latina (supino em *sum*), de substantivos que indicam ação: defesa, despesa, empresa, represa (V. § 84, n. 1, b; V. nota do suf. *ança*).

escer – V. § 509.

esco 1 – forma adjetivos; indica relação: carnavalesco, cavalheiresco, dantesco, principesco, quixotesco.

2 – forma substantivos; indica relação: arabesco, compadresco, parentesco.

estre forma adjetivos; denota morada, relação: campestre, silvestre.

eto – V. § 869, *m*.

évil – V. *ável*.

eza (ez) acrescido a adjetivos, para formar substantivos abstratos indicativos de estado, situação (V. § 84, n. 1): altivez (altiveza), beleza, dureza, limpeza, sensatez, singeleza, viuvez, viveza.

Nota: Se *estupidez* faz no plural *estupidezes*, por que razão o plural de *malvadez* é *malvadezas* e não *malvadezes*?

Diz-nos a regra que o plural das palavras terminadas em *z* se faz mediante acréscimo de *es*: *nariz, narizes*; *noz, nozes*; *vez, vezes*; *capataz, capatazes*. Nisso baseado, o plural de *estupidez* é, sem dúvida, *estupidezes*. Acontece, porém, que muitos substantivos abstratos terminados em *ez* ou vigoram ao lado das formas em *eza*, ou dessas formas são corruptelas. O plural então se faz em *ezas*, por influência da outra ou da antiga forma; é o que acontece com *agudez, nudez, hediondez, redondez* e com *malvadez*, que no plural fazem *agudezas, nudezas, hediondezas, redondezas* e *malvadezas*.

Muitos dos substantivos assim terminados não aceitam o plural; tal se dá com *lucidez, languidez, pacatez, placidez, viuvez, solidez* e outros.

íase forma substantivos; indica: 1 – processo ou ação em andamento: odontíase, pogoníase.

2 – condição mórbida: hipocondríase, midríase, triquíase. V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "lazaríase".

ica forma substantivos que originariamente em grego, em latim, em línguas neolatinas eram adjetivos: aritmética, música, retórica, política, pianística, linguística, infortunística, casuística.

ice forma substantivos abstratos, indicativos de estado, situação; enquanto nuns tem sentido depreciativo (beatice, bernardice, louquice, gramatiquice), noutros não o tem: criancice, doidice, garridice, meiguice, meninice, tolice, velhice.

icio forma adjetivos; significa "que diz respeito a", "que encerra propriedade de": acomodatício, adventício, alimentício, cardinalício, esponsalício, fictício, natalício, patrício, vitalício.

ico (átono) forma adjetivos; indica "que encerra as qualidades de", "que é relativo a", "próprio de": acadêmico, anêmico, apostólico, angélico, alfabético, bucólico, bélico, cênico, diabético, dietético, domínico, epidêmico, filatélico, melancólico, poético, político, profético, simbólico.

iço forma adjetivos; indica propensão, estado: abafadiço, achadiço, alagadiço, assombradiço, castiço, compradiço, chegadiço, encontradiço, espantadiço, roliço.

idade – V. *dade*.

idão (da terminação latina *itúdinem*) forma substantivos para denotar estado: servidão, escuridão, escravidão, gratidão, retidão, sobejidão.

ídio elemento substantivante: bacterídio, conídio, ofídio, sacarídio. V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "ídio".

il forma adjetivos; *il* e *al* são sinônimos quando indicam "qualidade de", "natureza de": brutal, feudal, outonal; gentil, varonil, senil. V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "primaveril".

io sufixo tônico; acrescido a substantivos, indica conjunto, agrupamento: casario, rapazio, mulherio – V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "estádio".

ismo doutrina, posição partidária ou profissional, estado: cristianismo, florianismo, gongorismo, pluralismo, jornalismo, reumatismo. V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "pluralismo, pluralidade".

ista forma substantivos; dá ideia de atividade, de dedicação, de agente, de partidário, de teórico: artista, avalista, copista, dicionarista, espiritista, jurista, linguista, maquinista, monarquista, pianista, tabagista, filologista (ao lado de filólogo, que é o simples versado ou perito), pedagogista, zoologista.

ite acrescido a nomes, indica inflamação: apendicite, colite, laringite, meningite, nefrite. **Ite** tem a variante **ita** quando designa tipos de minérios: barita, linhita, bauxita, margarita, agafita (agafite), alabastrite, lazulite (lazulita), malaquite (malaquita), pirita (pirite). V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "meteorita".

ível – V. *ável*.

ivo forma adjetivos; denota aptidão, estado: afirmativo, caritativo, convulsivo, digestivo, festivo, fugitivo, imitativo, intuitivo, lucrativo, objetivo, purgativo.

Nota: O *t* que quase sempre precede este sufixo deve-se a formas provindas ou imitativas do supino latino.

mento acrescido a temas verbais, indica ação ou resultado de ação, meio ou instrumento: agradecimento, atrevimento, banimento, casamento, ferimento, sofrimento; complemento, implemento, ornamento.

nte acrescido a temas verbais, denota agente: agente, apelante, feirante, laxante, lente, ouvinte, pedinte, regente, servente.

oiro – V. *ouro*.

onho forma adjetivos; indica "que encerra", "que causa": enfadonho, medonho, risonho, tristonho.

or (dor, tor, sor) indica agente; acresce-se a temas verbais vernáculos ou latinos: agressor, assador, britador, cantor, condutor, defensor, fautor, impressor, leitor, mentor.

ório 1 – acrescido a temas verbais latinos e vernáculos, forma substantivos indicativos de lugar em que se pratica a ação: consultório, dormitório, genuflexório, locutório, purgatório, repositório, velório.

2 – forma adjetivos que encerram a ideia de capacidade de ação: assertório, convidatório, divisório, expiatório, imperatório, migratório, mitigatório, precatório, satisfatório, suasório.

ose acrescenta-se a nomes de substâncias para indicar: 1 – carboidrato: celulose, frutose, levulose;

2 – alteração primária ou hidrólise, produto de uma proteína: proteose, elastose, albumose;

3 – condição, estado, processo: hipnose, psicose, osmose;

4 – em patologia, condição anormal ou de doença; melanose, estenose, varicose;

5 – em patologia vegetal, doença de que é agente um fungo: micose, quitridiose;

6 – aumento ou formação fisiológica: quilose, leucocitose. V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "lazaríase".

oso acrescido a substantivos, forma adjetivos que significam "cheio de": amoroso, brioso, cheiroso, chuvoso, famoso, garboso, guloso, leitoso, lustroso, medroso, pejoso. Às vezes apõe-se a outro adjetivo: amargoso, sonoroso.

ouro (douro) 1 – forma substantivos que denotam lugar em que se pratica ação: ancoradouro, bebedouro, fervedouro, logradouro, matadouro, minadouro, sorvedouro. V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "acostadouro, acostamento".

2 – forma adjetivos que implicam ideia de futuridade: casadouro, imorredouro, vindouro.

Nota: Em Portugal a forma preferida é *oiro*: babadoiro, vindoiro.

óvel – V. *avel*.

são – V. *ção*.

tério sufixo grego; indica lugar: batistério, cemitério, necrotério, presbitério.

udo acrescido a substantivo, indica "cheio de", "com excesso de": beiçudo, bicudo, bojudo, cabeçudo, carnudo, dentudo, forçudo, narigudo, orelhudo, ossudo, pançudo, peludo, polpudo.

ugem forma nomes femininos; tem os mesmos significados de *agem*: 1 – acrescido a tema nominal, indica conjunto: babugem, salsugem, penugem, lanugem, ferrugem.

2 – acrescido a tema nominal ou verbal, indica a prática sugerida pelo tema: lambugem, amarugem, rabugem. v. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "lambugem".

ume acrescido a adjetivo, indica propriedade, qualidade: agrume, azedume, negrume.

ura 1 – acrescido a tema verbal latino ou vernáculo, indica ação ou resultado de ação: captura, censura, costura, formatura, fervura, fratura, fritura, leitura, pintura, ruptura, tremura, veladura, vestidura.

2 – acrescido a adjetivo, forma substantivo abstrato indicativo de estado, situação: alvura, brancura, bravura, cultura, fartura, finura, grossura, loucura, negrura, quadratura, tontura, travessura.

3 – acrescido a substantivo, indica exercício de cargo: advocatura, chefatura, judicatura, magistratura, nunciatura, prelatura.

V. D. QVs, *fornitura*.

úvel – V. *ável*.

Elementos Gregos

631 – Para finalizar esta parte – que é a última da morfologia – apresento uma lista de elementos gregos que entram na composição de várias palavras usadas nas ciências e nas artes:

adámas = indomável: diamante (houve hipértese do *a* inicial; especificava antigamente o aço mais duro), adamantino.

ácron = ponta, topo: acrópole, acrotério, acróstico.

ánemos = vento: anemômetro, anemoscópio.

ánthropos = homem: antropologia, antropófago, misantropo (paroxítono).

arché = governo: anarquia, jerarquia, monarquia, oligarquia.

autós = próprio, mesmo: autônomo, autocrata, autógrafo.

báros = peso: barômetro, barologia, baroscópio.

bíblion = livro: biblioteca, bibliografia.

bíos = vida: biografia, biologia, biotaxia (kcía).

cacós = mau: cacófato, cacofonia, cacografia.

calós = belo: caligrafia, calipedia, calidoscópio.

cephalé = cabeça: cefalalgia, cefaloide, acéfalo.

cheír = mão: quiromancia, quiromante, quirografia, cirurgia (chiro + urgia).

christós = ungido, sagrado: Cristo, cristandade.

chrôma, chrômatos = cor: isocromia, cromatismo, cromático, cromômetro.

chrónos = tempo: cronômetro, cronologia, cronograma.

chrysós = ouro: crisófilo, crisogênio, crisogastro, Crisóstomo.

cólon = parte do intestino: cólon, cólica (dor localizada no intestino).

cósmos = universo: cosmografia, cosmopolita.

cryptós = oculto: criptógamo, criptópodo.

cyanós = azul: cianídrico, cianogênio, cianose.

cýclos = círculo: ciclone, ciclótomo, enciclopédia[1].

cýon, cynós = cão: cínico (originariamente *canino, próprio de cão*), cinegética, cinocéfalo, cinoglossa.

cýstis = bexiga: cistalgia, cistotomia, cistorragia.

dáctylos = dedo: datilografia, datílico.

daímon = divindade. Nas religiões que precederam ao cristianismo, *demônio* significava *gênio bom* ou *gênio mau*. O cristianismo é que restringiu o significado para *espírito maligno*.

dêmos = povo: democracia, demagogia.

dérma = pele: derme, epiderme, paquiderme.

diábolos = caluniador: diabólico. Contrai-se em *diabo*; permuta o *l* em *r* em diab-r-ura, diab-r-ete. Reduz-se a *di* em di-acho e di-anho.

dýnamis = força: dínamo, dinamite, dinâmico.

dynástes = soberano, poderoso: dinasta, dinastia.

eicôn = imagem: iconoclasta, iconografia.

eídolon = imagem: idólatra, idolatria.

êlectron = âmbar, eletricidade: eletroscópio, eletrólise, eletrodinâmico.

eleemosýne = piedade, compaixão: esmola, esmoler.

éntomos = inseto: entomologia, entomozoário, entomostráceos.

éros, érotos = amor: erótico, erotomania, erotopégnio.

---

(1) Pelo étimo, a verdadeira acentuação seria *enciclopedía*. V. D. QVs, *Antioquia*.

éthnos = raça, povo: etnografia, etnologia, etnogenia, étnica, etnarca.

êthos = costume, hábito, moral: ética, etopeia, etocracia, etologia.

gála, gálactos = leite: galactose, galacturia, galactorreia, galactômetro, galactóforo.

gastér = ventre: gástrico, gastrônomo, gastralgia.

gê = terra: geografia, geologia, geodésia, geofagia, georama.

glaucós = cor pálida entre o verde e o azul: glauco (cor do mar).

glôssa = língua: glossário, glossologia. Reveste a forma *glos* em *glosa*, *glosar*; há ainda a forma grega com *tt*: glotal (glottal). – V. *glôtta*.

glôtta = língua: glote, glótico, glotologia – V. *glôssa*.

gloutós = nádega: glúteo (relativo às nádegas).

gnósis = conhecimento: diagnóstico, prognóstico.

gonía = ângulo: trigonometria, pentágono.

grámma = letra: anagrama, programa, monograma; gramática (originariamente *estudo das letras*); significa também peso ínfimo: grama (unidade de peso).

grápho = escrever: ortografia, cacografia, calígrafo, geógrafo, polígrafo.

gymnás = nu: ginásio (originariamente, escola de educação física exercitada com o corpo seminu), ginástica.

gyné, gynaicós = mulher: ginandria, ginecocracia, gineceu, ginecônomo, ginecologia.

hélios = sol: helioscópio, heliografia, heliometria.

haíma, haímatos = sangue: hemorragia, hemoptise, hemagogo, hematose.

hépar, hépatos = fígado: hepático, hepatocele, hepatorreia, hepatoscopia.

héteros = outro: heterogêneo, heterodoxo, heteróptero.

hierós = sagrado: hierofante, hieroglifo, hieródulo; a aspiração grega abranda-se em *jer* em *jer*arquia, *Jer*ônimo (por *Hierônimo* = nome sagrado, donde *hieronimitas*, professos da congregação de São Jerônimo).

híppos = cavalo: hipódromo, hipopótamo, hipófago[2].

homós = semelhante: homogêneo, homófono, homógrafo, homopatia.

horízon = o que limita: horizonte.

hýbris = injúria, violência, ultraje: híbrido.

hýdor = água: hidrogênio, hidrostática, hidromel, hídrico.

---

(2) Não se confunda este elemento com o prefixo grego *hypó*, que indica posição inferior: *hipogástrico*.

hygiés = são: higiene, higiologia.

hýalos = vidro: hialino, hialite, hialotecnia.

hygrós = úmido: higrômetro, higroscópio.

hýmen = membrana: hímen.

hýpnos = sono: hipnotismo, hipnotizar, hipnal, hipnose.

hystéra = útero: histerismo, histérico, histerômetro.

ichthýs = peixe: ictiófago, ictiologia.

idéa = ideia: ideograma, ideografia, ideologia.

ídios = próprio: idiossincrasia, idiomorfo, idioma (língua própria de um povo).

lampás, lampádos = facho, archote: lâmpada, lampascópio, relâmpago, pirilampo, lampião, lamparina.

leucós = branco: leucite, leucócito, leucina.

líthos = pedra: litoclastia, litografia, lítico, lítio, aerólito.

lógos = razão: lógica, si*log*ismo, catá*log*o, éc*log*a. Significa também *discurso*, *tratado*: antologia, biologia, teologia. Reveste as formas:

a) *lex* em léxico;

b) *let* (lect) em eclético, dialeto, dialética.

maniás = louco: manicômio, mania, melomania, melômano.

macrós = grande: macróbio, macrocéfalo.

mégas, megálou = grande: megatério, megalítico, megalomania, megalossauro, ômega (= *o* grande).

mésos = meio: mesóclise, mesotórax.

méter = mãe: metrópole.

métron = metro, medida: metrônomo, quilômetro.

micrós = pequeno: micróbio, microscópio, microcosmo, microcéfalo, ômicro (= *o* pequeno).

mísos = ódio: misantropo, misofobia, misoneísmo.

mónos = único: monismo, mônades, monarca, monografia, monandria, monanto.

morphê = forma: morfologia, morfozoário, amorfo.

mýron = perfume: mirônico, mirospermina, miroxilina.

mýthos = fábula: mitologia (história da fábula), mitografia, mítico.

nárce = torpor, sono: narcose, narcótico, narceína, narcolepsia.

necrós = cadáver: necrologia, necrológio, necrópole, necromancia.

neós = novo: neoplasma, neologismo, neolatino, neófito.

nephrós = rim: nefrite, nefrina, nefrologia.

neûron = nervo: neurastenia, neurofagia, neurólito, neurônio.

nómos = lei: autônomo, gastrônomo.

nósos = moléstia, doença: nosologia, nosogenia, nosografia, nosocômio, nosocrático.

odós = caminho: ânodo, cátodo, elétrodo, método, pêntodo, período.

odoús, odóntos = dente: odontologia, odontalgia, odontorranfo.

olígos = pouco: oligarquia, oligomania, oligospermo.

ón, óntos = ente: ontologia (tratado do ente), ontogênese.

ónoma, onómatos = nome: onomatopeia, onomástica (arte de aplicar nomes), onomástico.

ónymos = nome: sinônimo, pseudônimo, anônimo.

óphis = cobra: ofídio, ofilogia, ofiúros.

ophtalmós = olho: oftalmia, oftalmoscópio.

órnis, órnithos = pássaro, ave: ornitologia, ornitomancia, ornitóbio, ornitófilo, ornitomizo.

orthós = reto: ortografia, ortopedia, ortopneia, ortodoma, ortodoxo (que está com a opinião certa, direita), ortofonia. *Orthós* serve de étimo à raiz *ord*, donde *ordem*, *ordinário*, *ordenança*.

ostéon = osso: osteíte, osteologia, osteomielite, osteína.

oûs, otós = ouvido: otite, otocéfalo, otodinia.

palaiós = antigo: paleologia, paleontologia, paleozoologia, paleolífero, paleolítico.

pân = tudo: panteísmo, panorama, panclastita, pancrácio (= combate em que o atleta põe em jogo todas (*pan*) as suas forças (*crátos*) e que se compõe da luta e do pugilato), pâncreas (todo carnoso), panóplia, pantógrafo.

páthos = moléstia, sofrimento: patologia, patogenia, patogênese, patologista.

pépsis = digestão: pepsia, dispepsia, peptona, peptoxina.

phageín = comer: fagócito, antropófago, geofagia.

phílos = amigo: filósofo, filantropo, filologia.

phléps, phlebós = veia: fleborragia, flebite, flebotomia, flebosclerose, flebopalia.

phonê = voz: fonologia, fonógrafo, fonética, eufonia.

phôs, photós = luz: fotografia, fósforo (= que leva luz), holofote (= luz completa).

phthóngos = som: ditongo, tritongo.

phýsis = natureza: fisionomia, fisiologia, física, metafísica, apófise.

pléos = mais: pleonasmo, pleorama, pleonasto.

pólis = cidade: necrópole, acrópole, Nápoles, Teresópolis, Constantinopla.

polýs = muito: politécnica, polissílabo, polimorfo.

potamós = rio: potamologia, hipopótamo.

poús, podós = pé: podômetro, podoftalmo, podologia, ápode, cefalópode[1].

pseúdes = falso: pseudônimo, pseudópodo, pseudospermo. (Na composição, não varia o primeiro elemento; jamais vá alguém dizer pseudaciência, pseudanormalista.)

psyché = alma: psicologia, psicose, psicopata.

pterón = asa: pterólito, pterópodo, pterodátilo.

pýr = fogo: pirômetro, pirotécnico, piróforo, pirídico.

rhis, rhinós = nariz: rinite, rinoceronte, rinalgia, rinorreia, rinoscópio.

stereós = sólido: estereotipia, estereótipo, estereoscópio.

stratós = exército: estratégia, estratagema (manobra do exército), estratocracia.

taphé = sepultura: epitáfio.

téle = longe: telégrafo, telepatia, telefone, telêmetro.

thánatos = morte: tanatologia, Atanásio (= imortal), eutanásia.

theós = Deus: teologia, ateu, Teófilo, Filoteia, teodiceia, teosofia.

thérme = calor: termas, térmico, termômetro, termódota (distribuidor de água quente nos banhos).

tópos = lugar: topologia, topografia, toponimia.

týpos = modelo, molde: tipografia, tipógrafo, protótipo.

zôon = animal: zoologia, zoófito, zoogeografia, zoolattia, zoólito.

632 – Hibridismo: Quando os elementos de um composto provêm de idiomas diferentes, a palavra se diz *híbrida*: *automóvel* (gr. *autós*, lat. *mobile*). O **hibridismo** deve ser evitado sempre que possível; p. ex.: É erro formar *canídromo* (lat. e grego) em vez de *cinódromo* (pista para cães; ambos os elementos gregos).

Só é aceitável uma palavra híbrida:

a) quando os elementos já existirem, isoladamente, e forem de largo uso no vernáculo: *alcoômetro* (árabe e grego); *mineralogia* (lat. e grego); *automóvel* (grego e latim); *polivalente* (gr. e lat.);

b) quando um dos elementos, por ser muito usado em outros compostos, tiver perdido o caráter estrangeiro: *sociologia* (lat. e grego), *colorímetro* (lat. e gr.), *pluviômetro* (lat. e gr.), *televisão* (gr. e port.), *heliogravura* (gr. e

(1) V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "ápode".

lat.)[2], *estercoremia* (lat. e gr.), *endereçógrafo* (port. e gr.), *ambiopia* (lat. e gr.), *megavate* (gr. e ingl.), *motogodile* (lat. e fr.);

c) quando um dos elementos não puder de forma nenhuma ser trocado por ter sentido especial: *galvanotipia* (o 1º componente é tirado do nome de célebre físico italiano); *burocracia* (já nos veio formado do francês: *bureau*, fr. escritório, *cracia*, gr. governo);

d) quando de todo consagrada, já com direitos de cidade em nossa língua: *monóculo* (gr. e lat.), *sociologia* (lat. e gr.), *centímetro* (lat. e gr.).

633 – COMPOSIÇÃO e DERIVAÇÃO – Na **composição**, o sentido da palavra fundamental é modificado mediante palavras, preposições ou partículas que a ela se antepõem; processa-se ou por *justaposição* (quando duas ou mais palavras se juntam sem que se alterem: *porta-aviões*) ou por *aglutinação* (quando elas se fundem mediante alguma alteração: *pernalta*, de *perna* + *alta*) ou por *prefixação* (§ 626).

Em resumo, a *composição* de uma palavra pode ser:

a) por prefixação: § 626

b) por justaposição { sem hífen / com hífen } § 226, 3º caso

c) por aglutinação: § 633

d) parassintética: § 625.

Na **derivação**, o sentido da palavra fundamental é modificado mediante troca ou acréscimo de sílaba ou sílabas finais (*derivação própria*, feita por *sufixação*: *mel* + *oso* = *meloso*) ou por um dos processos semânticos (*derivação imprópria*, § 621).

Entre o tema e o sufixo pode aparecer, para efeito eufônico, uma *consoante de ligação*: frio(r)ento, sono(l)ento, lama(ç)al, casa(r)io, cafe(t)eira, cha(l)eira.

Nota: Na composição pode aparecer uma *vogal de ligação*: lan(í)gero, carn(í)voro, glot(o)logia, gram(o)fone, hem(o)rragia – predominando *i* nos compostos latinos e *o* nos gregos.

Questionário

1. Faça uma dissertação sobre o histórico da língua portuguesa.

2. Por que vias se enriqueceu, na língua portuguesa, o modesto vocabulário recebido do latim? – Dissertação *completa* e exemplificada.

3. Que são formas *divergentes*? Exemplo.

(2) V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "heliografia".

4. Explique o que é *convergência vocabular*. Exemplo.
5. Qual o objeto da *semântica*?
6. Que é *metáfora*? Exemplo.
7. Que é *eufemismo*?
8. Dê algum exemplo curioso de evolução semântica.
9. Que elemento carateriza a *linguagem afetiva*? (V. as primeiras palavras do § 622.)
10. Nas *formas sincréticas* existe divergência de significação? Que existe então?
11. Que são palavras *parassintéticas*?
12. Que é *prefixação*?
13. Considerados quanto à origem, como podem ser os prefixos?
14. *Coordenar* é palavra composta? Justifique a resposta.
15. Etimologicamente, que significa *penumbra*?
16. Quais as significações do prefixo *re*? Exemplos de cada significado.
17. Explique a etimologia de *tresmalhar*.
18. Tendo em mente que o prefixo grego *a* significa *privação*, *negação*, substituir por palavras gregas as locuções grifadas dos seguintes trechos (as palavras que estão entre parênteses não devem aparecer nas respostas):
a) Os *sem pés* (animais) movimentam-se de maneira curiosa.
b) Nada podemos fazer nesta situação *sem cabeça*.
19. Substituir as palavras grifadas pelas correspondentes derivadas do grego (os parênteses têm por fim facilitar a compreensão; não devem aparecer nas respostas):
a) Os (macacos de cabeça semelhante a) *cabeça de cão* são raros.
b) João é rapaz *de atividade* (de força).
c) O *medidor de calor* indica a febre do doente.
d) O (aparelho de) *som longe* é muito útil.
20. Os riscos das seguintes orações devem ser substituídos pela palavra adequada (derivada do grego):
a) _____ é o aparelho que serve para medir o vento.
b) _____ é o contrário de caligrafia.
c) _____ significa, etimologicamente, cavalo do rio.

*

As palavras são o suor da atividade humana; quanto mais operoso um povo, tanto maior o vocabulário; quanto mais fecundo um aglomerado, já de cientistas, já de guerreiros, já de comerciantes, já do que quer que seja, tanto mais premente a necessidade de enriquecimento de expressões e de palavras adequadas aos inventos, às táticas bélicas, às modalidades de comércio.

*

De um para outro capítulo poderá haver claros na numeração dos parágrafos; isso tem por fim possibilitar em futuras edições algum acréscimo que se torne necessário.

CAPÍTULO 44

SINTAXE

ESTUDO DAS PALAVRAS COMBINADAS

Noções Gerais

636 – Em geral, uma palavra exerce, na oração, duas funções: uma *taxeonômica* (§ 161, n. 2), outra *sintática*. Função *taxeonômica* é a que a palavra exerce quanto à classe a que pertence (substantivo, adjetivo, pronome etc.); a segunda função vem a ser a que a palavra exerce em relação a outros termos da oração (sujeito, complemento etc.).

637 – Muitos dos ensinamentos que as gramáticas costumam apresentar na sintaxe foram já expostos, para maior proveito do aluno, na própria morfologia; resta-nos agora estudar:

1º – As diversas relações que as palavras mantêm entre si na oração; por outras palavras, iremos estudar a *oração* e *seus termos*. É desnecessário dizer que é de muita importância esse estudo.

2º – Em segundo lugar, passaremos a estudar os *processos sintáticos*, ou seja, os requisitos a que deve obedecer um termo no referir-se a outro termo da oração; é, então, que estudaremos a *concordância*, a *regência* e a *colocação* dos termos que concorrem para formar a oração.

Faz parte desse ponto o estudo dos *vícios de linguagem*.

3º – Passaremos a estudar o *período* gramatical, analisando a concatenação que mantêm as orações para formar o período. É esta a parte mais importante da sintaxe, para cuja compreensão muito importa o perfeito conhecimento das conjunções, quer coordenativas quer subordinativas.

4º – Completará o estudo da sintaxe o conhecimento de certas *particularidades sintáticas* e o da *pontuação*.

638 – Esse é o programa que passaremos a desenvolver; abrange matéria bastante menor que a já estudada, mas é a que constitui o verdadeiro *desideratum* de quem pretende conhecer nosso idioma, de quem deseja redigir com segurança. Finalizará nosso estudo um *apêndice literário*, ao qual se seguirão *exercícios* e *testes* sobre todas as partes da gramática do nosso idioma e um *índice analítico* de todos os assuntos, de três mil e trezentos verbetes.

Generalidades da Oração

639 – **Oração** é a reunião de palavras ou a palavra com que manifestamos aos nossos semelhantes, de maneira completa, um pensamento.

Tanto manifesta um pensamento o indivíduo que diz: "Vivo" – muito embora esteja a proferir uma só palavra – como o que diz: "Eu estou com saúde".

640 – Quanto ao *sentido*, as orações podem ser:

1 – declarativas
2 – interrogativas } diretas / indiretas
3 – exclamativas
4 – optativas
5 – imperativas

641 – **Declarativa**, *expositiva* ou *enunciativa* é a que encerra mera informação, mera declaração. Exemplos:

Estudei a lição
Não quero a sua vinda

a) Quando a oração declarativa encerra juízo positivo, chama-se **positiva**: "Pedro é estudioso" – "Todos nós trabalhamos".

b) A oração declarativa será **negativa** quando encerrar negação: "Paulo *não* é estudioso" – "Nós *não* temos férias" – "*Nunca* ofendi o próximo" – "*Ninguém* viu o canário".

Isto de ser *positiva* ou *negativa* aplica-se a qualquer espécie de oração.

642 – É **interrogativa** a oração que encerra pergunta: "Quem quebrou o copo?"

A oração interrogativa pode ser *direta* e *indireta*.

a) É **interrogativa direta** quando a pergunta é expressa numa só oração, absoluta: "Quem quer o brinquedo?" – "Que faremos com o dinheiro?" – "Por que você não vai?"

b) É **interrogativa indireta** quando a oração de sentido interrogativo depende de um verbo principal que indique desconhecimento ou desejo de informação: "Não sei *quem entrou*" – "Quero conhecer *quem fez isto*" – "Diga-me se *ele já chegou*" – "*Quais eram esses sinais* quis saber o almirante" – "Gostaria de saber *por que você não vai*".

Notas: 1ª – Antigamente, as orações interrogativas *indiretas* que dependiam dos verbos *perguntar*, *dizer*, *responder* e *replicar* podiam vir acompanhadas do *que* e logo a seguir da oração interrogativa direta: "Perguntou-lhe *que como trazia armas?*" – "Dizendo-lhe *que por que não mandava escarlate?*" – "Replicaram-lhe *que por que não queria o jazigo onde estava o duque com seu marido?*" – "O Senhor respondeu a isto *que para que lhe perguntava isto?*"

2ª – Como interrogativas indiretas podem ser analisadas subordinadas como estas:

Não sei *quando volta*.
Sei *como passa*.
Não sei *por que saiu*.
É sabido *onde está*.
Sabe-se *quanto custa*.
Sei *quais meios empregar*.
Não sei *quem enviar*.

Essas interrogativas indiretas prendem-se ao verbo da oração principal (*saber* ou outro qualquer que implique ideia de declaração ou sentimento), sem que nenhum interesse traga ao nosso ou a qualquer idioma interpretar a palavra que inicia tais subordinadas (*quando*, *como*, *por que*, *onde*, *quanto*, *quais*, *quem* etc.) como conjunção integrante.

643 – Exclamativa é a oração que exprime sentimento de admiração ou de surpresa: "Quanta coisa certa ele disse!" – "Como é triste a morte do indigente!" – "Que miséria vai trazer esta guerra!"

Observação:

Não é contudo a oração completa, exarada com todos os seus termos, a forma de que sempre se revestem os dizeres exclamativos. Sendo rápidas as explosões de sentimento, nada mais natural do que o procurar externá-las em poucas palavras e em tempo rápido. Daqui procede a predileção às frases breves e orações abreviadas ou reduzidas aos conceitos essenciais:

"Terra! terra!" – "Mísera sorte!" – "Mentira!" – "Os árabes!" – "Prestes!" – "Venha!"

Certas frases de linguagem familiar, enunciadas a princípio por extenso, ficaram reduzidas pelo uso continuado a fórmulas cristalizadas, aparentemente inanalisáveis, que em determinadas ocasiões todos repetem sempre da mesma maneira sem que alguém cogite em reconstruir as frases com seus elementos primitivos. Tais são os dizeres *Boas! Ora essa! Pois não! Pois sim!* que podem significar muita coisa; e no

Viva! com que damos expansão ao entusiasmo, sentido por alguma pessoa, já não nos acode ser este o verbo ou predicado restante de uma oração optativa. Nem se nos dá disso, pois não hesitamos em dar também vivas aos irremediavelmente mortos. Por outra parte, *Oxalá!* – acomodamento do árabe *en shâ allah* (= "Se Deus quiser" – "Assim Deus queira") à pronúncia portuguesa, continua a usar-se como expressão de desejo, embora se tenha apagado a consciência da origem islamítica dessa exclamação.

644 – Optativa (do lat. *optare* = desejar) é a oração que encerra desejo: "Seja feliz" – "Bons olhos o vejam".

Nota: A forma verbal que por excelência expressa desejo é o subjuntivo presente; com força optativa, é ele usado em todas as pessoas: "Possa eu ser nomeado" – "Sejas feliz" – "Vá com Deus" – "Saibamos vencer" – "Sejais felizes" – "Passem com boas notas" – v. § 945.5.

645 – Imperativa é a oração que, tendo o verbo no modo imperativo, geralmente encerra ordem: "Suma-se daqui".

A oração imperativa pode também indicar ou súplica ou pedido: "Dê-me (o senhor) uma esmola" – "Dá-me (tu) um copo d'água" – "Livrai-me, Senhor, de todo o mal" – "Estude, meu filho".

O estudo do modo imperativo foi feito no nº 3 do § 413.

Questionário

1. Quantas funções exerce uma palavra na oração? Explicações e exemplos.

2. Diga, resumidamente, o que iremos estudar na sintaxe.

3. Que é *oração*?

4. Quanto ao *sentido*, como podem ser as orações? (Responda no plural, como está no § 640, com explicação e exemplos – Não se esqueça da subdivisão das declarativas e das interrogativas.)

5. Corrija os seguintes textos:

a) Vá na casa Pinto ver uma secretária pequena, que está em exposição: se convir para você, compra ela e manda trazer, e manda levar a conta no meu escritório, para mim pagar. (§ 546, n. 4; § 464, n. 3; § 313, obs.; evite a repetição de palavras; § 546, n. 4; § 313.)

b) Lembra de Santa Rita? Bebemos aí, na estação, um delicioso café, que nunca me hei de esquecê-lo. (Lembrar-se ou esquecer-se *de* algo; § 345, n. 3: Claro está que...)

c) O temporal deteu o trem à dois quilômetros de Cambuquira.

d) O juiz apreendeu a menor Silvina, de quem nada se sabe dos pais. (Recorde o § 382 e a pergunta 12 antes do § 386.)

e) Houve um cataclisma pavoroso no Japão. (V. o dicionário.)

f) Estes colarinhos não têm intertela. (Idem.)

CAPÍTULO 45

ANÁLISE SINTÁTICA

Termos da Oração

648 – Os **termos da oração** classificam-se em:

essenciais
integrantes
acessórios

649 – **Termos essenciais** da oração são os elementos que ordinariamente concorrem para a formação da oração. São dois:

sujeito
predicado

Sujeito

650 – Se sujeito de um verbo é a *pessoa* ou *coisa* sobre a qual se faz alguma declaração, é evidente que o sujeito deve ser constituído de *substantivo*, pois a esta classe de palavras cabe nomear as *pessoas* e as *coisas*.

Pode, no entanto, o sujeito deixar de ser constituído de substantivo *essencial*, isto é, de substantivo propriamente dito, para ser constituído de substantivo *virtual*, isto é, de palavra, frase ou oração, que tenha igual força de substantivo. Podem ainda, portanto, funcionar como sujeito:

a) um *pronome*: "*Ele* é estudioso"

b) qualquer *palavra substantivada*: "*Assaz* é advérbio" – "O *amanhecer* do trabalho há de antecipar-se ao amanhecer do dia"

c) uma *frase de sentido incompleto*: "*Trabalho e honra* deve ser lema de todos nós"

d) uma *oração*:

"É	bom	*que ele vá ao Rio*"
verbo	predicativo	sujeito

Nota: Quando é representado por frase, o sujeito chama-se *fraseológico*, como acontece no exemplo da letra *c*. Quando constituído de oração, chama-se *oracional*, como se vê na letra *d*.

651 – Como descobrir o sujeito: Suponha-se a oração "Pedro quebrou o disco". – Para que se descubra o sujeito da oração, é bastante saber quem praticou a ação de quebrar, isto é, quem quebrou o disco, o que se consegue mediante uma pergunta em que se coloque *que* ou *quem* antes do verbo:

Quem quebrou o disco?

Resposta: **Pedro**.

A resposta indica o sujeito da oração. Portanto o sujeito da oração é *Pedro*.

Outros exemplos: Descobrir o sujeito das seguintes orações:

Sócrates discorreu sobre a alma.

Pergunta: Quem discorreu sobre a alma?

Resposta: *Sócrates*.

Sujeito = **Sócrates**.

Os romanos honravam seus deuses.

Pergunta: Quem honrava seus deuses?

Resposta: *Os romanos*.

Sujeito = **Os romanos**.

Pedro foi ferido na guerra.

Pergunta: Quem foi ferido na guerra?

Resposta: *Pedro*.

Sujeito = **Pedro.**

Ao professor e ao pai do menino chegam reclamações dos colegas.

Pergunta: Que é que chega ao professor e ao pai?

Resposta: *Reclamações*.

Sujeito = **Reclamações**.

652 – Sujeito acusativo: Embora, por regra, somente o pronome reto possa funcionar como sujeito, há contudo casos em que o pronome oblíquo desempenha essa função. Tal se dá em orações em que entram os verbos *deixar*, *fazer*, *mandar*, *ouvir*, *sentir* e *ver* quando esses verbos têm, como objetos, outros verbos no infinitivo:

O	médico	fê-	LA	andar
	suj. de *fez*	v. principal	↓	obj. de *fez*
			suj. de *andar*	

Mandei-	O	entrar	Deixaram-	ME	sentar
v. principal	↓	obj. de *mandei*	v. principal	↓	obj. de *deixaram*
	suj. de *entrar*			suj. de *sentar*	

Outro exemplo: "Vi um homem morrer". – Não é intenção de quem assim se expressa declarar que "viu um *homem*" mas, sim e unicamente, que "viu *morrer*"; *morrer* é que é o objeto de *viu*.

"Mandei o menino *assobiar*, *cantar* e, finalmente, *sair*" – é oração em que se atribuem ao verbo *mandar* diversos objetos, constituídos pelos infinitivos *assobiar*, *cantar* e *sair*, dando-se-lhes um mesmo sujeito: *menino*.

Substituindo-se, em qualquer construção semelhante à dos exemplos acima, o sujeito do infinitivo pelo correspondente pronome pessoal, este irá aparecer na forma oblíqua correspondente ao acusativo latino: mandei-*o* sair, fê-*la* andar, vi-*o* correr, nunca *o* havia antes ouvido falar tão bem.

Outro exemplo de sujeito acusativo temos em orações como "Maria deixou-*se* ficar". Aqui o *se* é realmente sujeito, mas sujeito acusativo, ou seja, sujeito de um infinitivo; tem função etimologicamente certa, que não pode ser confundida com a profligada no § 406.

Pelo fato de nessas orações aparecer na forma oblíqua o pronome, não nos devemos deixar enganar na sua análise, atribuindo-lhe função objetiva. Trata-se, exclusivamente, de um *latinismo sintático*, onde as subordinadas substantivas levam o verbo para o infinitivo, com o respectivo sujeito no caso *acusativo*; pelo que, diremos constituírem essas sentenças exemplos de **orações infinitivo-latinas**.

Nota: São portanto erradas as construções: "Fiz *ele* entrar" – "Vi *elas* sair" – "Deixei *ele* passear" – "Viu *eu* entrar" – "Deixe *eu* ver" – em vez de: "Fi-*lo* entrar" – "Vi-*as* sair" – "Deixei-*o* passear" – "Viu-*me* entrar" – "Deixe-*me* ver".

653 – É norma de gramática, e a lógica exige que assim seja: **O sujeito não pode depender de nenhum termo da oração**.

É evidente a justiça de tal princípio: Pelo próprio fato de ser sujeito, e, por conseguinte, constituir aquilo de que se declara alguma coisa, o sujeito

poderá ter complemento, mas não ser complemento. A construção: "É hora *do* almoço estar pronto" – violaria esse princípio, pois subordinaria o sujeito do verbo *estar* ao substantivo *hora*, como se dissesse: "É hora do almoço" – quando o que se pretende dizer não é isso e sim: "É hora *de estar pronto* o almoço".

Nessas razões se baseiam os bons escritores, quando evitam combinar a preposição com o sujeito do infinitivo.

Assim, não se dirá: "É tempo *do* menino estudar" – senão, separando-se a preposição *de* do sujeito: "É tempo *de* o menino estudar".

A preposição, em exemplos como esse, rege, na realidade, o infinitivo e não o sujeito desse infinitivo: *É tempo de quê? – De estudar*. Daí um conselho muito justo, cuja prática evitará erros nessas construções: Colocar o sujeito de tais orações depois do infinitivo: "É tempo de estudar o menino a lição".

Exemplos típicos, que evidenciam bem essa questão, obtêm-se dando-se ao infinitivo um sujeito composto; em tais casos a preposição só aparece uma vez: "Baseamo-nos no fato *de* este rapaz e o seu irmão *não estarem* inscritos".

Outros exemplos: "O fato *de possuírem* os homens esmerada educação" (ou: "O fato *de* os homens *possuírem*...") – "Dada a impossibilidade *de* o rim *eliminar* fosfatos" – "Sem que houvesse tempo *de* o condutor *brecar* o carro" – "Não há necessidade *de* se *irem* eles embora" (ou: "...*de* eles se *irem* embora") – "Apesar *de estarem* cortadas as relações" (ou: "Apesar *de as* relações estarem cortadas") – "Não há vantagem *em ganharem* eles a causa" (ou: "...*em eles* ganharem a causa" – nunca: "*neles* ganharem a causa") – "O mal está *em* não *querer* isso o homem" (ou: "...*em o* homem não querer isso") – "*Por* a vírgula *estar* separando termos essenciais é que a cortei" (e não: "*Pela* vírgula...") – "Não vejo mal *em* a senhora *proceder* dessa forma" (e não: "...*na* senhora...") – "Uma prova foi anulada *por* ter *o* candidato..." (e não: "...*pelo* candidato ter...").

Nota: Esse mesmo é o motivo que impede a construção "Depois *da* porta arrombada...", que se deve corrigir para "Depois *de a* porta arrombada" ou, em ordem mais comum, "Depois *de* arrombada *a* porta" (= depois de ter sido arrombada a porta). E assim: "Depois *de* morta *a* onça" (ou: "Depois *de a* onça estar morta"), e não: "Depois *da* onça morta".

654 – Classificação do sujeito – O sujeito pode ser:

simples

composto

indeterminado

655 – O sujeito é **simples** quando representado por um só ente, ou por entes da mesma espécie, isto é, quando representado por um só nome no singular ou no plural.

"O *livro* é bom" – "Os *livros* são bons"

656 – O sujeito é **composto** quando representado por entes diversos, ou seja, por mais de um substantivo, ou por mais de uma palavra ou expressão substantivada: "O *livro* e o *lápis* são bons" – "*Ser* e *não ser* são coisas opostas".

657 – O sujeito é **indeterminado** quando de impossível identificação. Tal acontece em orações com verbos:

a) ativos, acidentalmente impessoalizados na 3ª do plural (§ 484, 1): "Dizem que ele vem".

b) acidentalmente impessoalizados na passiva (§ 485): "Precisa-se de um datilógrafo" – "Assim se vai aos céus".

Notas: 1ª – Sempre se entendeu por "sujeito gramatical" o verdadeiro sujeito, isto é, o sujeito despojado de todo e qualquer modificativo complementar que porventura tivesse ("A *casa* de Pedro ruiu"), e por "sujeito lógico", ou "sujeito total", o sujeito acompanhado de todos os modificativos complementares que lhe pertencessem: "*A casa de Pedro* ruiu".

Em substituição ao nome "sujeito gramatical", "objeto gramatical" procuraram introduzir o de "núcleo do sujeito", "núcleo do objeto", dando-se a entender por "núcleo" a palavra que realmente exerça a função sintática, seja ela qual for, que se considere, donde a definição de sujeito simples: "sujeito de um só núcleo", e a de sujeito composto: "sujeito constituído de dois ou mais núcleos". É nome inventado à revelia da nomenclatura oficializada no Brasil.

2ª – Se o aluno ouvir falar em sujeito *agente*, sujeito *paciente*, sujeito *oculto*, saiba entender o que isso significa:

O sujeito é **agente** quando pratica a ação verbal, o que se dá na voz ativa: "O *Sol* ilumina a Terra".

O sujeito é **paciente** quando sofre, recebe, padece a ação verbal, o que se dá na voz passiva: "*A Terra* é iluminada pelo Sol".

O sujeito é, ao mesmo tempo, **agente** e **paciente**, quando pratica e recebe a ação verbal, o que se dá na voz reflexiva: "*Pedro* livrou-se do embaraço".

Sujeito **oculto** é o facilmente subentendido: "(*Nós*) Precisamos estudar".

658 – Oração sem sujeito: Não se trata agora de classificar, nem de procurar, nem de determinar o sujeito; o sujeito *não existe* em orações:

1. em que o verbo é impessoal essencial: "Choveu ontem" (V. § 481);
2. em que entra o verbo *haver* acidentalmente empregado como impessoal: "Há homens na sala" (V. § 484, 2);

3. em que entra o verbo *fazer*, também acidentalmente empregado como impessoal: "Faz dois dias que..." (V. § 907, nota 1);

4. em que entra o verbo *ser*, acidentalmente empregado como impessoal: "Era a hora do repouso" (V. § 426, 2);

5. em que entra o verbo *estar*, acidentalmente empregado como impessoal: "Está tarde" (V. § 484, 2).

V. a nota da letra C do § 405.

659 – Se em regra geral o sujeito não vem regido de preposição, há todavia estas exceções:

1. Quando o sujeito é um infinitivo, aparece muitas vezes, nos clássicos, regido de *de*: Parecia desnecessário *de* mandar-lhe por ora maiores declarações – Desaire real seria *de* a deixar sem prêmio – Estes democratas, se acontece *de* caírem nas presas da justiça...
2. O sujeito infinitivo aparecia ainda com *a* quando o verbo da oração era *convir* ou *custar*: convém *a* saber... custa *a* crer que... custara-lhe *a* conformar-se.
3. O sujeito pode vir com *de* quando constituído de partitivo: Ainda existem *destes* homens – Até nos melhores escritores se encontram *destes* pecadilhos – ...mas não entraram *de* outros sorrisos naquela cara – Nesta casa vende-se *de* tudo.

Questionário

1. Como se classificam os *termos da oração*?

2. Quais os termos que ordinariamente concorrem para a formação da oração?

3. Que é *sujeito*?

4. Que classe de palavras desempenha função subjetiva?

5. Pode o sujeito vir representado por *substantivo virtual*? Explicação e exemplos. (Não se esqueça da nota do § 650.)

6. Como se consegue saber qual o sujeito de uma oração?

7. Procure o sujeito das seguintes orações (o aluno deve classificar o sujeito de acordo com o § 654 e ss.):

a) Os pirilampos ziguezagueiam no espaço.

b) Os chorões melancólicos inclinam-se sobre a água cristalina do regato.

c) O vendaval sinistro lembrava aos homens a existência de um criador.

d) Viam-se de longe os telhados vermelhos das casas.

8. Explique, com exemplos, o que é *sujeito acusativo* e, ao mesmo tempo, o que é *oração infinitivo-latina*.

9. Corrija estas orações:

a) É preciso fazer ela estudar.

b) Papai não deixa eu sair sozinha.

c) Vi muito bem ele entrar na sala e vi ela correr-lhe ao encontro.

10. É certo construir: "O mal está nela não estudar gramática"? De que outra ou outras maneiras podemos redigir esse período?

11. Cite alguns casos de *oração sem sujeito*.

CAPÍTULO 46

PREDICADO

661 – Entende-se por **predicado**, em análise sintática, o que se declara do sujeito, e essa é a função precípua do *verbo*: "A águia VOOU".

Quando o verbo trouxer um complemento, este ficará sintaticamente fazendo parte dele, ou seja, o predicado passará a ser constituído de todo o conjunto verbo-complemento. Da existência ou não deste complemento decorrem as espécies de predicado.

662 – O predicado pode ser:

verbal
nominal
verbo-nominal

663 – **Predicado verbal** – É o constituído:

a) ou só do verbo, por não exigir complemento (verbo intransitivo):

O menino CAIU

b) ou do verbo, que não seja de ligação, e do seu complemento, quer seja este integrante ou não:

Nós VIMOS O BALÃO
Isso DEPENDE DA LEI
Ele CAIU NO RIO
Meu pai ESCREVEU UMA CARTA PARA O DIRETOR DO COLÉGIO

664 – Predicado nominal – É o constituído de um verbo de ligação e do seu complemento, complemento este chamado **predicativo**:

João É ESTUDIOSO
(É ESTUDIOSO: predicado nominal; ESTUDIOSO: predicativo)

O pássaro ESTÁ DOENTE
(ESTÁ DOENTE: predicado nominal; DOENTE: predicativo)

OUTROS EXEMPLOS: Ele *anda preguiçoso* – Ele *permanece louco*.

665 – PREDICATIVO: Precisamos, para compreensão do *predicado verbo-nominal*, estudar melhor o que é *predicativo*.

Vimos no parágrafo anterior que o complemento do verbo de ligação se chama **predicativo**. Não só de adjetivo pode ser constituído o predicativo, como não só de uma única palavra; a função sintática é que determina se a palavra, ou expressão, ou mesmo oração, ou, ainda mais, um nome seguido de subordinada adjetiva, constitui predicativo. **Predicativo** é tudo o que se declara do sujeito mediante um verbo de ligação:

O sol é BRILHANTE
O sol é ASTRO
Eu sou UM
Eu não sou VOCÊ
Viver é LUTAR
Isso é TUDO
Isso é ASSIM
És tu A MÃE DESSA CRIANÇA?
Sou-A
És tu MÃE?
Sou-O
Aquilo é UMA DAS SURPRESAS
Ele está COM SAÚDE
O exército estava SEM MUNIÇÃO
Ele está DE LUTO
Nós estávamos DE PÉ
Roberto ficou SEM O LIVRO
Maria parece BOA ALUNA
Pedro não anda BEM DE ESTUDOS

Mário permanece O MESMO
Esse chapéu fica BEM PARA VOCÊ
Era DE VER a alegria da criançada
Essa vila fica PERTO
Essa estrada é DIFÍCIL DE PASSAR
Pedro é BOM E DIGNO DE LOUVOR
Isto é O QUE EU QUERO

666 – Quando o verbo da oração é de ligação, o complemento se chama, simplesmente, *predicativo*, e sempre se refere ao sujeito, mas o predicativo pode aparecer de duas outras maneiras e recebe então nomes especiais: *predicativo do sujeito*, *predicativo do objeto*.

667 – PREDICATIVO DO SUJEITO: É o predicativo que, referindo-se ao sujeito (ou sujeitos), aparece em orações cujo verbo não é de ligação:

João nasceu RICO
Pedro morreu POBRE
Eu via PREOCUPADO a aflição dos meus alunos
Ele saiu DE CABEÇA ERGUIDA
As palavras saíam INCONEXAS
As frases rompem MÚRMURAS
Ele foi apelidado SÁBIO
Ele será eleito DEPUTADO
Eles foram recolhidos PRESOS
Ele foi chamado ANTÔNIO
Vós fostes nomeado GENERAL
Chama-se SÍLABA a reunião de...

Observação:

Nas orações "Ele foi eleito deputado", "Eles foram recolhidos presos" e em outras semelhantes, o predicativo pode vir antecedido de certas preposições ou de *como*: "Ele foi eleito *como* deputado", "Eles foram recolhidos *como* presos", "Ele é tido *por* homem de bem" (ou: *como* homem de bem), "O verbo de predicação completa é também chamado *de* verbo intransitivo", "Era apelidado *de* gordinho".

Tais construções são permitidas quando não comprometem a clareza da oração; na oração "Eles foram reconhecidos *por* homens de bem", não sabemos se o "por homens de bem" é predicativo do sujeito ou se é agente da passiva.

668 – PREDICATIVO DO OBJETO: É o predicativo que se refere ao objeto; constitui-se de adjetivo ou substantivo que acrescenta ao objeto uma ideia que lhe não é essencial. Uma coisa é dizer "Achei os doentes" (a

doença é essencial; procurava pessoas conhecidamente doentes), outra é dizer "Achei-os doentes" (= encontrei-os estando doentes). Pode aparecer, portanto, em orações de verbo transitivo acompanhado do objeto ou objetos:

Vi-o TRISTE
Nomearam João SECRETÁRIO
Achei a criança DOENTE
Achei-a DOENTE
Fiz as armas brancas VERMELHAS
Fi-las VERMELHAS
O vício faz o homem MISERÁVEL
Elegeram o candidato DEPUTADO
Elegeram-no DEPUTADO
Tornei PÚBLICAS as suas injustiças

669 – Não devemos, pois, confundir **predicativo do sujeito** com **predicativo do objeto**. O predicativo do sujeito refere-se ao sujeito verbo, ao passo que o predicativo do objeto é o complemento que modifica, que completa o objeto e não o sujeito. Se eu disser: "Paulo chegou *doente*", "doente" é predicativo do sujeito, pois se refere ao sujeito, mas se eu disser: "Encontrei Paulo *doente*", "doente" passará a completar o objeto da oração, que é *Paulo*, denominando-se então **predicativo do objeto**.

Outros exemplos de **predicativo do objeto**: Reconheceram-no *homem de bem* (modifica o objeto *o*) – Chamei-o *sábio* – Julgo Paulo *apto* – Aceitamos Augusto *por chefe* – O governo nomeou-o *general* (ou *como general*) – Ele tornou-me *bom* – Ele tornou-se *triste* (nesta frase, o sujeito e o objeto são logicamente idênticos, mas, gramaticalmente, são diferentes, e a rigor "triste" está modificando o *se* e não o *ele*) – Reconheço *por maior* a indulgência que de novo peço – Ele se tem *por chefe* – Eu o diria *um atrapalhão* – Formou-se *advogado*.

Nota: O predicativo do objeto pode, como o predicativo do sujeito, vir precedido de *por*, *de*, *como*: tenho-o *por* honesto, tenho-o *como* honesto, a prefeitura denominou *de* Tiradentes a nova rua.

670 – Predicado verbo-nominal – É o constituído:

a) ou de verbo intransitivo e de um predicativo do sujeito:

Ele $\underbrace{\text{MORREU} \quad \overbrace{\text{POBRE}}^{\text{predicativo do sujeito}}}_{\text{predicado verbo-nominal}}$

b) ou de verbo transitivo e respectivo objeto, mais o predicativo deste objeto:

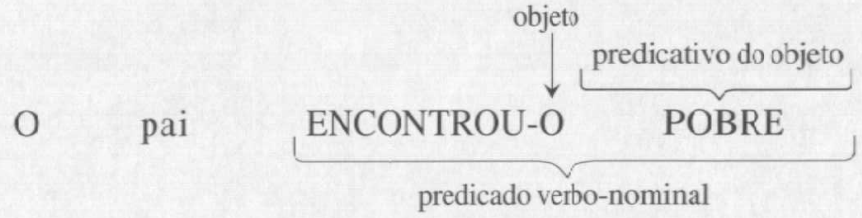

Questionário

1. Que se entende em análise sintática por *predicado*?
2. Que classe de palavras exerce precipuamente a função de *predicado*?
3. Como pode ser o predicado?
4. De que se constitui o *predicado verbal*?
5. De que se constitui o *predicado nominal*?
6. Que é *predicativo*? (V. a definição no § 665, antes dos exemplos.)
7. Constitui-se o predicativo de alguma classe de palavras especial? Exemplos. (Grife o predicativo.)
8. Que é *predicativo do sujeito*? Exemplos.
9. Que é *predicativo do objeto*? Exemplos.
10. Dois exemplos de predicativo (de sujeito ou de objeto) antecedido de preposição e um antecedido de *como*.
11. De que se constitui o *predicado verbo-nominal*? Dois exemplos de cada caso.
12. Declarar o *sujeito*, o *predicado nominal* e o *predicativo* das seguintes orações:
a) A fé, a esperança e a caridade são três virtudes teologais.
b) Fiquei fraco e desanimado.
c) As colheitas parecem boas.

CAPÍTULO 47

TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO

674 – Consideram-se **termos integrantes** da oração:

o *complemento nominal*
o *complemento verbal*
o *agente da passiva*

porque aparecem na oração completando necessariamente o sentido de algum outro termo.

675 – COMPLEMENTO NOMINAL – O complemento **nominal** é **exigido**, é essencial para que se complete a significação de um substantivo, de um adjetivo ou de um advérbio. Existem não somente verbos que precisam ser completados em sua significação; dos substantivos, dos adjetivos e dos advérbios há também os que não têm significação absoluta; **necessitam**, para que sua significação se complete, de um complemento que lhes inteire a significação.

Se, por um lado, há substantivos, adjetivos e advérbios que têm significação absoluta, como *parede*, *dedo*, *vivo*, *hoje*, há, por outro lado, os que **necessitam** de um termo que lhes integre o sentido: *gosto* (a alguma coisa), *obediência* (a alguma coisa), *desejo* (de alguma coisa), *contrariamente* (a alguma coisa). O complemento de palavras como estas vem a ser o *complemento nominal*. Exemplos: – "Amor *à pátria*" – "Obediência *ao mestre*" – "Desejoso *de aprender*" – "Apaixonado *pela ciência*" – "Desfavoravelmente *a nós*"–"Relativamente *à sociedade*" – "Chegada

ao país"[1] – "Vinda *do exterior*" – "Digno *de louvor*" – "Contrariamente *aos interesses*" – "Relativamente *a todos*" – "Gosto *à música*"[2].

676 – Emprega-se, frequentemente, a preposição *de* nos complementos nominais de substantivos em vez da preposição *a*: "Amor *da virtude*" por "amor *à virtude*". Dessa equivalência das duas preposições origina-se por vezes ambiguidade, que importa evitar; exemplo: "O amor *de minha mãe* me fortalece". "De minha mãe" pode ser adjunto adnominal e pode ser *complemento nominal*; no primeiro caso, *mãe* é *o sujeito* de *amor*, isto é, é o amor dela para comigo; no segundo, é o *objeto*, ou seja, é o meu amor para com ela. Sendo, pois, *complemento nominal*, dir-se-á, para maior clareza: "O amor *a* minha mãe me fortalece".

Tal substituição se fará somente quando necessária à clareza. Quando não houver perigo de ambiguidade, o *de* deverá permanecer.

677 – Mais compreendido ficará o assunto com o seguinte esclarecimento. Quando o complemento nominal de um substantivo se inicia pela preposição *de* (quase sempre tal complemento corresponde ao caso genitivo latino), poderá ele ser:

1) **Genitivo objetivo**, ou seja, complemento que indica o objeto, o recipiente da ação. Quando dizemos "adoração do bezerro de ouro", *bezerro* recebe a ação de adorar. Não há aí perigo nenhum de ambiguidade, e, por isso, a preposição *de* deverá permanecer; inconscientemente procederia quem a substituísse por *a*.

2) **Genitivo subjetivo**; é idêntico ao complemento anterior no aspeto material, mas diferente quanto ao sentido: "obediência do aluno". É claro que, nesta frase, *aluno* pratica a ação de obedecer.

678 – Algumas conclusões e outros esclarecimentos:

1) Devemos dizer: "Na infração *da* lei" (e não: "Na infração *à* lei"), "Quitação *do* serviço militar" (e não: "Quitação *para com* o serviço militar"), porque é clara a função do genitivo objetivo.

2) "Quer um convite da festa de amanhã?" é construção correta; não é necessário dizer "para a festa", porque "da festa" é aí, claramente, genitivo

(1) Como não se deve dizer "chegar *em* um lugar", tampouco devemos dizer "chegada *em* um lugar". – "Chegada *ao* cais", "chegada *à* velhice", "chegada *a* São Paulo", com a preposição *a*, é como devemos construir.

(2) V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "amor a".

objetivo. Se, porém, dissermos: "Fizeram-me um convite", o complemento será "para a festa", porque estará completando a expressão "fazer convite", e não somente "convite" (*fazer convite para alguma coisa*).

3) "Verba para a defesa do país" – "Agi em defesa da lei": os complementos "do país", "da lei" estão corretos. Vejamos esta frase: "Na defesa desse deputado aos princípios democráticos"; "desse deputado" é adjunto adnominal, e "aos princípios democráticos" é que é o complemento nominal de "defesa". Outros exemplos de complemento nominal de "defesa": "Mas, senhores, na minha defesa *aos* espoliados de 1892..." – "A defesa *contra* Espártaco..." – "Mas no uso dessa faculdade natural de defesa *contra* a usurpação...".

4) Não vá o aluno confundir *complemento nominal* com *objeto indireto*. O objeto indireto completa a significação de *verbos*, ao passo que o complemento nominal completa a significação de substantivos, de adjetivos, de advérbios. Não confundir com objeto indireto, nem com adjunto adnominal, nem com adjunto adverbial.

Não vá tampouco pensar que todo o adjunto adnominal iniciado por *de* deva necessariamente expressar genitivo objetivo ou subjetivo: relógio *de ouro* (adjunto adnominal de matéria), relógio *de sol* (adjunto adnom. de processo), relógio *de João* (adjunto adnom. restritivo de posse), relógio *de Genebra* (adjunto adnominal de proveniência).

Conclusão: Nada de substituir a preposição "de" por outra, sem real compreensão da função do complemento; por que "sala para festas" em vez de "sala de festas"? Por que a tola construção "Ginásio do Estado em Campinas" em vez de "Ginásio do Estado de Campinas"; "Fundação para o Livro Didático" em vez de "Fundação do Livro Didático"; "Campanha para as Liberdades Individuais" em vez de "Campanha das Liberdades Individuais"? Abra o aluno o dicionário de Aulete e leia quantas funções pode ter essa preposição!

Complemento Verbal

679 – *Complemento verbal*, ou simplesmente *objeto*, é o complemento exigido pelo verbo *transitivo*, para que o verbo tenha sentido completo.

Quando completa a significação de um substantivo, de um adjetivo ou de um advérbio, o complemento chama-se *complemento nominal*; quando completa a significação de um verbo transitivo, chama-se *objeto*.

Tal qual acontece com o sujeito, terá também o objeto de ser representado por substantivo, real ou virtual. Exemplos: "Quero *frutas*" – "Quero *estudar*" – "Aprecio *o dá cá toma lá*".

680 – Como há duas espécies de verbos transitivos, há também duas espécies de objetos, o *direto* e o *indireto*, denominações já de nós conhecidas (§ 301).

Como se descobre o objeto de uma oração? Fazendo-se uma pergunta com *que* ou *quem* **depois** do verbo. O objeto da oração "João viu o irmão" é *irmão* porque é a resposta da pergunta: "Viu *quem*?"

Objeto Direto

681 – Corresponde o objeto direto ao caso oblíquo latino chamado **acusativo**. Temos já conhecimento desse complemento, e pouco nos resta para conhecê-lo completamente.

682 – O **objeto direto**, como o sujeito, é *simples*, quando constituído de um só elemento ("O hábito não faz o *monge*"– "Ele bradou *independência ou morte*" – "Vi a *casa* de João" – "Comprei uma linda *chácara*") e *composto*, quando dois ou mais forem os elementos: "Quero *estudar* e *viajar*" – "Comprei um *livro* de escrituração comercial e um *caderno* de duzentas páginas".

683 – **OBJETO DIRETO PREPOSICIONADO**: O nome *objeto direto* provém do fato de o objeto prender-se *diretamente* ao verbo transitivo, isto é, sem preposição. Admite-se, todavia, a colocação, antes do objeto direto, da preposição *a* nos seguintes casos:

1 – Quando o objeto direto é constituído de nomes de *pessoas* ou de *animais* (entes animados), para que se evite o perigo de ambiguidade, isto é, de confusão entre o sujeito e o objeto direto. Construções como: "Matou o leão o caçador" –"Bruto César assassinou" – não nos indicam qual o praticante da ação verbal e qual o recipiente. A preposição *a* é aí de rigor, para que se evidenciem o sujeito e o objeto direto do verbo: "Matou o leão *ao caçador*" – "Matou *ao leão* o caçador" –"Bruto *a* César assassinou".

Observações:

a) Esta regra, quase de rigor na língua espanhola, não o era tanto em português; Camões escreveu: "Quando Augusto o capitão venceu" – "Gente que segue o torpe Mafamede" – Somente saberá distinguir, nessas orações, o objeto direto quem conhecer o fato histórico.

b) Ainda quando não exista na frase o sujeito podem os nomes próprios (ou personificados) vir acompanhados da preposição *a*: "Amo *a Deus*" – "Mandou *a*

Paulo" – "Vendeu *a Pedro*" – Caso apareça na frase outro complemento regido de *a*, o objeto não poderá então ser preposicionado:

"Vendeu Pedro a Matias"
obj. dir.

2 – Quando o objeto direto, mesmo constituído de ente inanimado, vier anteposto ao verbo, deverá, para clareza da expressão, ser preposicionado:

"Somente ao tronco que devassa os ares o raio ofende"
obj. dir. v. trans. dir.

Continuará a ser preposicionado o objeto direto constituído de nome de coisa, sempre que assim exigir a clareza: "Venceu o dia *à noite*" (= O dia venceu a noite) – "Venceu *ao dia* a noite" (= A noite venceu o dia).

3 – Quando o objeto direto for constituído das formas pronominais *mim*, *ti*, *si*, *ele*, *ela*, *nós*, *vós*, *eles*, *elas*: "Viu *a mim*" – "Levei *a ele*" – "Escolheu *a nós*".

Observações:

a) Não devemos pensar que é errado dizer "levei *a ele*", "escolheu *a nós*" em vez de "levei-o", "*escolheu-nos*". O que é errado, erradíssimo, é dizer "levei ele", "escolheu nós". – O que não devemos é abusar dessa construção.

b) As formas "a mim", "a ti", "a si", "a nós", "a vós" podem vir reforçando as formas *me*, *te*, *se*, *nos* e *vos*: "Eu *me* considero *a mim*" – "Feriu-se *a si*" – Em tais casos, as formas "a mim", "a ti" etc. são repetições pleonásticas, são reforços dos objetos diretos.

4 – Alguns verbos, conquanto transitivos diretos, vêm com preposição, quando o objeto é um infinitivo:

a) com a preposição *a*, com os verbos *começar*, *principiar*, *aprender*, *ensinar*, *forçar*, *obrigar*, *convidar* e outros: "começou *a dizer*", "principiou *a ler*", "ensinou *a escrever*", obrigar *a lutar*, forçar *a estudar*. V. *autorizar* no D.QVs.

b) com a preposição *de*, com os verbos *acabar*, *cessar* e alguns outros: "acabou *de ler*", "cessou *de falar*".

Observação:

Verbos que podem ligar-se a infinitivos sem preposição:

adorar	ousar
ameaçar	ouvir
ansiar	parecer
apreciar	pensar
aspirar	permitir
buscar	planejar
caber	poder
confiar	possibilitar
conseguir	precisar
contar	preferir
costumar	pretender
cumprir	pretextar
decidir	procurar
deixar (= permitir)	projetar
deliberar	propor
desejar	querer
dever	saber
esperar	soer
fingir	sonhar
intentar	supor
ir	temer
julgar	tencionar
lograr	tentar
mandar	ver
mostrar	vir

5 – Certos pronomes admitem a preposição *a* quando objetos diretos: "Ele matava *a todos* quantos alcançava" – "Amava *a outro* que não a ti" – "Para livrar de erros *a quem* não sabe latim" – "...prêmio, *ao qual* pretendeu José" – "*Aos outros* peixes do alto, mata-os o anzol ou a fisga" – "Gosto de todos, mas aprecio mais *a este*".

6 – Existe outro caso que se prende ao que estamos vendo: Quando o objeto direto é constituído de pronome oblíquo e vem seguido de aposto, este aposto é preposicionado: "Ferem-nos, *aos credores*, as imprecações" – "Aconselhei-os *a todos*" – "O parentesco que as unia *a todas*".

7 – Vejamos esta oração: "Venho convidá-lo e *à* Exma. Família". O segundo objeto direto (a Exma. Família) vem preposicionado para dar clareza à expressão. Bastará, para abonar essa construção, o exemplo de Her-

culano (Monge de Cister): "...de que o reitor o esperava e *aos* seus respeitáveis hóspedes". – Muito certas, portanto, são as seguintes construções: "Amando-o e *aos* seus irmãos..." – "Saúdo-o e *aos* seus parentes" – "Detesto-o e *aos* demais que o acompanham" – "Inscrevo-o e *aos* sócios componentes do clube" – "Degredou-o e *aos* filhos" – "Viu-a e *a* suas corrigendas". V. § 846, 3ª forma.

684 – Querem muitos autores que os verbos de **dupla regência** (V. § 305) que podem indiferentemente vir com objeto direto ou com indireto sejam sempre transitivos diretos e o objeto sempre direto; segundo essa opinião, tanto é objeto direto "puxar *a espada*", como "puxar *da espada*". Querem outros que a desigualdade de regência só passe a existir quando trouxer desigualdade de sentido; para estes, verbo *esperar*, na frase "esperar *alguém*" é transitivo direto, passando a ser transitivo indireto na frase "esperar *em alguém*", visto haver diversidade de sentido.

Não devemos concordar com essa manobra sintática; o verbo só continuará transitivo direto quando se enquadrar nos casos do parágrafo anterior; mesmo assim, a única preposição que poderá aparecer é a preposição *a*; não se dando isso, o verbo, quer conserve quer não o mesmo sentido, deixará de ser transitivo direto para ser transitivo indireto.

Objeto Indireto

685 – É assim chamado o complemento do verbo transitivo indireto, pelo fato de vir unido ao verbo *indiretamente*, isto é, mediante preposição. Exemplos: "Não obedeço *a ninguém*" – "Depende *do câmbio*" – "Acredito *nele*".

Nada resta que dizer sobre este ponto; baste-nos lembrar a justificativa (§ 334) das construções "roubaram-*me* o chapéu", "levaram-*me* o guarda-chuva", "conhecia-*lhe* os pais". Nessas construções, os pronomes oblíquos *me* (no 1º e 2º exemplo) e *lhe* (no 3º), empregados pelos possessivos, são objetos indiretos. Em tais casos, o número do pronome oblíquo depende do número da pessoa gramatical; referindo-nos a uma só pessoa, diremos: "Desconheço-*lhe* as intenções"; se a duas: "Desconheço-*lhes* as intenções".

Outras vezes o oblíquo, em vez de corresponder a possessivo, corresponde ao dativo (*dativo de interesse*): "Não *me* levem esse livro, porque não é meu" (§ 694).

Agente da Passiva

686 – É o agente da passiva o último dos termos integrantes da oração, já inteiramente estudado na explicação da voz passiva: § 390.

Questionário

1. Quais os *termos integrantes* da oração?
2. Por que esses termos se chamam integrantes?
3. Quando um termo integrante se chama *complemento nominal*?
4. Como se inicia o complemento nominal?
5. Três frases em que apareça complemento nominal.
6. Que é *genitivo objetivo*? Exemplo.
7. Que é *genitivo subjetivo*? Exemplo.
8. "Na infração da lei" – "Na infração à lei": Qual o mais certo? Por quê?
9. Que é *complemento verbal*?
10. Como se descobre o objeto de uma oração?
11. O objeto direto como pode ser? Resposta exemplificada (§ 682).
12. O objeto direto pode ser preposicionado? Quando? Um exemplo de cada um dos 7 casos.
13. Que é *objeto indireto* e por que assim se denomina? Exemplos.
14. "Desconheço-lhe as intenções": Qual a função e qual o significado do pronome *lhe*?
15. Qual o último dos termos integrantes da oração? Dê um exemplo.

CAPÍTULO 48

TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO

690 – Enquanto os termos integrantes, há pouco estudados, são exigidos na oração para que esta tenha sentido completo, os termos acessórios são acréscimos acidentais que nela aparecem com efeito meramente informativo. São estes os termos acessórios da oração:

adjunto adnominal
adjunto adverbial
aposto

Observação:

Adjunto é particípio irregular de *adjungir* = jungir a.

Adjunto Adnominal

691 – Chama-se **adjunto adnominal** toda a palavra ou expressão que, junto de um substantivo, modifica-lhe a significação.

Enquanto *predicativo* é o nome que se dá em análise sintática ao complemento que modifica a significação de um substantivo por intermédio de um verbo de ligação, *adjunto adnominal* é o complemento do substantivo a ele preso, a ele adjunto, sem verbo nenhum de permeio:

Este moço ganhou *brilhante* vitória

↓ adjunto adnominal de *moço*

↓ adjunto adnominal de *vitória*

sujeito: Os meninos comportados

Os meninos ↓ adjunto adnominal de *meninos*

comportados ↓ adjunto adnominal de *meninos*

predicado nominal: são estudiosos

são ↓ verbo de ligação

estudiosos ↓ predicativo

692 – Quando o adjunto adnominal se constitui de uma expressão, esta muitas vezes se inicia com a preposição *de*, mas a significação do adjunto pode variar; se sintaticamente não há diferença entre os complementos "casa *de João*" e "casa *de tijolos*" (ambos são adjuntos adnominais), há todavia diferença de sentido: se em "casa *de João*" temos um adjunto adnominal que indica **posse**, em "casa *de tijolos*" o adjunto adnominal indica **qualidade**, é uma perfeita locução adjetiva.

Outras ideias pode ainda o adjunto adnominal indicar, como, por exemplo, **finalidade** (casa *de armazenagem*, agulha *de marear*), **medida** (casa *de 10 metros de frente*), **disposição** (casa *com muitos quartos*), **preço** (casa *de vários milhões*), **processo** (relógio *de sol*), **argumento** (livro *de filosofia*).

O adjunto adnominal às vezes vem antes da palavra, como, ainda, uma palavra pode trazer vários adjuntos adnominais:

muitas compras *a prestações*

duas torneiras *de água quente*

todos os grandes homens *de antigamente*

693 – Se não devemos confundir *adjunto adnominal* com *predicativo*, tampouco devemos confundir com *complemento nominal*: o complemento nominal é integrante, é essencial, pertence intrinsecamente ao nome; o adjunto adnominal é acessório, não é exigido para que se complete o significado do nome. Em "obediência dos cidadãos às leis" temos um exemplo de ambos os complementos:

obediência dos cidadãos às leis

dos cidadãos: adjunto adnominal (termo acessório)

às leis: compl. nominal (termo integrante)

694 – O objeto indireto constituído de pronome oblíquo e correspondente ao dativo de interesse latino pode às vezes equivaler a possessivo ("Não me aperte o braço"), mas isso não significa que exerça função de

adjunto adnominal. Em "Não *me* deixe de cumprimentar sua professora", "Não *me* entre com os pés sujos", o *me* não modifica nada; o melhor é analisar como *dativo de interesse*, terminologia baseada no latim.

Adjunto Adverbial

695 – Se à oração "Pedro morreu" (de sentido perfeitamente completo, pois o verbo é intransitivo e, como tal, nenhum complemento pede) acrescentarmos uma ideia acessória, dizendo, por exemplo, "Pedro morreu no rio", *no rio* constituirá um *adjunto adverbial*.

O adjunto adverbial, portanto, não é exigido pelo verbo; é um complemento acidental, e, não, essencial; é, enfim, **um termo acessório da oração, que modifica o verbo, o adjetivo ou o próprio advérbio**. Numa palavra, adjunto adverbial é, em análise sintática, o que é o advérbio ou locução adverbial na morfologia.

"É muito útil falar claro e bem"

adjunto adv. de *útil* — adjunto adv. de *falar*

Observação importante – Quando vem modificando um verbo, e a ele se prende por preposição, o adjunto adverbial não deve ser confundido com objeto indireto. O objeto indireto vem com preposição, mas é *exigido* pelo *verbo*, ao passo que o adjunto adverbial não é exigido. O verbo *ir*, por exemplo, não é verbo transitivo; portanto, na frase "Fui *a Belo Horizonte*", o complemento "a Belo Horizonte" não é objeto indireto, mas adjunto adverbial. Outro exemplo: "Viver *de esmolas*"; nesta oração, "de esmolas" é objeto indireto? – Não, porque "viver" não é verbo transitivo indireto.

É desanimador o que se está passando em alguns colégios e até em faculdades; desastrosamente, para o português e principalmente para o latim, andam ensinando que o verbo *ir* e outros são transitivos indiretos porque, dizem, vêm com complemento antecedido de preposição. Não! Isso é um atentado à sintaxe. Ensinar isso é não saber o que é regência verbal nem em latim nem em português; teria graça ensinar que há dois objetos indiretos na oração "Foi do Rio para Recife"; e se estivesse "Foi do Rio para Recife por Belo Horizonte"? Não temos aí objetos mas adjuntos adverbiais de lugar: de lugar donde, de lugar para onde e de lugar por onde.

696 – Na oração '"Ele estudou *bem* a lição", "bem" é adjunto adverbial; na oração "Ele estudou *muito bem* a lição", "muito bem" é adjunto adverbial do verbo, e "muito", analisado sozinho, é adjunto adverbial de "bem".

Observação:

Suponhamos a oração: "*Fiz de ouro* o relógio de Pedro" – *De ouro* está modificando o verbo *fazer*; é adjunto adverbial. Se dissermos: "Comprei um relógio *de ouro*" – não teremos um adjunto adverbial, mas um *adjunto adnominal*, porque *de ouro* não está modificando um verbo, mas o substantivo *relógio*.

697 – Os adjuntos adverbiais podem indicar várias ideias; vejamos algumas delas:

a) **lugar** – *onde*: Estou *na sala. Em casa de enforcado* não falar em corda. Andava *à beira da estrada*.

donde: O avião vai sair *do Campo de Marte*.

por onde: Vim *pelo melhor caminho*. Voou *por cima da igreja*.

para onde: Vou *à cidade*. Dirigimo-nos *para a vitória*.

aproximação: Combatemos o inimigo *perto do rio*.

distância: Estamos *a cinco quilômetros do inimigo*.

Nota: Um complemento pode indicar, virtualmente, lugar: Saí *do aperto*. Passamos *por dificuldades*. Caminhamos *para a vitória*.

b) **tempo** – *quando*: *No verão* os corpos se distendem – Vamos jantar *às cinco horas* – *Todos os dias* temos aborrecimentos – *De pequenino* se torce o pepino.

em quanto tempo: Seremos vencedores *em menos de cinco dias*.

há quanto tempo: Somos assim *desde crianças*.

por quanto tempo: Choveu *o dia inteiro*.

de quanto em quanto tempo: As olimpíadas se realizam *de quatro em quatro anos*.

para quando: Deixemos isso *para domingo*.

quantas vezes: Alimentamo-nos *quatro vezes por dia*.

Nota: As construções: "Todos os dias temos aborrecimentos" – "Segunda-feira não há aula" – "Dia 24 sairemos" – são expressões corretas. Procedem erroneamente os que sempre exigem a preposição *em* em tais expressões.

c) **modo** – "Estudem *da melhor maneira possível* a lição" – "Não peça *com tanta insistência*" – "Ele come *a granel*" – "Faremos isso *sem medo*".

d) **companhia** – "Farei fortuna *com meu irmão*".

e) **causa** – "O filho partiu *por conselho do pai*" – "Não saímos *por causa da chuva*" – "*Dado o mau tempo* não sairemos".

f) **matéria** – "Fiz *de ouro* o relógio de Pedro".

g) **instrumento** ou **meio** – "Comemos tudo *com faca*" – "Passou *com proteção*".

h) **preço** – "Avaliei todos os objetos *em dez mil cruzeiros*" – "Vendeu tudo *por pouco dinheiro*".

i) **fim** – "Fiz os exames *para efeito de legislação*" – "Trabalho *para teu bem-estar*".

j) **oposição** – "Agiu *contra o próprio pai*".

k) **intensidade** – "Subiu *muito*" – "O aluno ficou *muito* prejudicado".

l) **afirmação** – "*Sem dúvida nenhuma* irei".

m) **dúvida** – "*Talvez* vá".

n) **negação** – "*Não* irei".

o) **argumento** – "Não lhe disse nada *dela*" (= sobre ela, a respeito dela) – "Chega *disso*" – "Basta *de pedras*" – "Chega *de dizer tolices*"(*).

Nota: Há ainda outras espécies de *adjuntos adverbiais*, mas o nome dessas espécies é coisa fácil de encontrar, porque depende da ideia, da circunstância que o adjunto indica. O essencial é saber o aluno que o adjunto adverbial sempre modifica ou um adjetivo ou um verbo ou um advérbio ou uma locução ou uma oração inteira. Com esse cuidado, é fácil ver se o adjunto adverbial, no modificar, indica *lugar, tempo... medida, valor, inclusão, exclusão* etc.

698 – Há um tipo de adjunto adverbial que merece esclarecimentos. No período: "*Acabada a festa*, os músicos partiram" – a oração participial "acabada a festa" constitui adjunto adverbial, porque indica uma circunstância, circunstância de tempo. Esse adjunto adverbial é "absoluto", isto é, não tem relação especificada com nenhum termo da oração "os músicos partiram".

Tal adjunto adverbial absoluto (chamado em latim **ablativo absoluto**) constitui-se de um substantivo acompanhado de um particípio ou de um gerúndio, mas é preciso observar rigorosamente o seguinte: *A forma nominal do verbo deve vir antes do substantivo*. Incorreremos em galicismo se invertermos essa ordem. Construções como estas: "*O discurso acabado*, ressoou uma salva de palmas", "*A festa acabada*, os músicos partiram", "*Exceção feita* dos diretores, todos votaram" – são construções francesas, e não portuguesas.

(*) V. *Gramática Latina*, § 537.

Nota: Tratando-se de verbos enquadrados na regra dos particípios duplos, o particípio irregular é que deve aparecer: "*Suspensas* as aulas, os professores cuidaram de descansar" – "*Insertas* essas notas, o trabalho pode ser publicado". (Observe-se a vírgula a separar a oração participial.)

Aposto

699 – Um tipo de adjunto adnominal existe que é estudado a parte; é o constituído de uma palavra ou grupo de palavras em aposição, palavra ou grupo de palavras que então se chama **aposto**. Exemplo: "Sócrates, *filósofo grego*, foi condenado à morte".

Podemos definir o **aposto**: Palavra ou frase que explica um ou vários termos expressos na oração: "Rio de Janeiro e S. Paulo, *cidades de caraterísticos muito diversos*, são grandes centros de atração".

O *aposto*, quando vem depois do *fundamental*, isto é, depois da palavra modificada, coloca-se entre vírgulas:

"João, meu aluno, ficou doente"
fundamental ↑ aposto ↑

O aposto pode ser constituído de *títulos profissionais* ou *jerárquicos*: "O *professor* Carlos de Almeida" – "O *tenente* José Joaquim" – "O *conde* Ramiro". – Quando vêm depois do fundamental, esses apostos exigem vírgulas: "Carlos de Almeida, professor..." – "José Joaquim, tenente..."

É interessante observar que o aposto pode às vezes vir ligado ao fundamental pela preposição *de*: "Rua *da* Consolação", "Duque *de* Caxias", "Praça *dos* Gusmões". Note-se que tanto é certo dizer "rua da Consolação" como "rua Consolação".

O aposto pode ter como fundamental uma oração:

"O general não tem um braço, índice de esforço bélico"
fundamental aposto

Não se repete a preposição no aposto: "Nascido *n*uma bela cidade, Campinas" (e não "*em* Campinas").

Nota: Palavras podem referir-se a um termo da oração, com aparência de aposto: "*Tez morena, olhos encovados, semblante acabrunhado*, apresentou-se a mim um rapaz". As palavras grifadas são complementos chamados *acusativos de relação*, como se fossem objetos de "tendo", subentendido.

Questionário

1. Qual a diferença, em análise sintática, entre "termos integrantes" e "termos acessórios"?
2. Quais são os *termos acessórios* da oração?

3. Que é *adjunto adnominal*?

4. Qual a diferença entre "predicativo" e "adjunto adnominal"? Exemplo.

5. Qual a diferença entre "adjunto adnominal" e "complemento nominal"?

6. Analise o complemento das seguintes frases:

casa *sem telhado*
bolo *de ameixa*
homem *sem alma*
olhar *de malandro*
homem *com ares de importância*
aparelho *de abrir lata*

7. Que é *adjunto adverbial*?

8. Existe diferença entre "objeto indireto" e "adjunto adverbial"? Explicação exemplificada.

9. Nos períodos seguintes, indicar a natureza dos complementos que aparecem grifados:

a) Estávamos todos *muito calmamente* conversando *na sala* || *de visitas*, quando vimos, *pelo buraco* || *da fechadura* || *do quarto fronteiriço*, um ladrão que, vindo talvez *da prisão*, dirigia-se *para a porta* || *com intuito de observar o que fazíamos*.

b) Deixemos *para outros* || *o desânimo* porque *dentro de cinco dias* seremos *vitoriosos*, a não ser que *de um momento para outro* sejamos *atraiçoados*.

c) Orfeu arrastou *com o seu canto* || *as florestas*.

d) José viveu fartamente *durante dois anos*.

10. Corrija:

a) O rei morto, dividiu-se o país em cinco estados independentes.

b) O sol escondendo-se, os pássaros não cantam.

11. Que é *aposto*? Exemplo.

CAPÍTULO 49

VOCATIVO

701 – Outro elemento que pode aparecer na oração é o **vocativo**. A função do vocativo é indicar *apelo, chamado.* Quando vemos um amigo e dizemos: "*Pedro,* venha cá" – a palavra *Pedro* está indicando *apelo, chamado*; a palavra *Pedro*, portanto, é *vocativo.*

Quando chamamos a atenção de alguma pessoa ou de alguma coisa, recorremos ao vocativo. Consideremos a oração: "*Meninos,* estudem o ponto". – Com essa oração, nós chamamos a atenção dos meninos; a palavra *meninos* é, pois, *vocativo* (do latim *vocare* = chamar).

702 – O vocativo pode vir no começo, no meio ou no fim da oração:

no começo: "*Meninos,* estudem a lição".

no meio: "Estudem, *meninos,* a lição".

no fim: "Estudem a lição, *meninos*".

Observe-se que o vocativo vem sempre acompanhado de vírgulas; quando o vocativo inicia a oração, há uma vírgula depois; quando vem no meio, o vocativo se põe entre vírgulas; quando no fim da oração, põe-se uma vírgula antes.

Essa pontuação é sempre observada; dessa forma, a própria pontuação indica ao aluno o *vocativo.*

703 – O vocativo, em português, ora vem constituído somente da palavra, ora vem acompanhado da interjeição *ó*:

1 – *Menino,* você não tem experiência da vida.

2 – *Ó menino,* você não tem experiência da vida.

O aluno não deve confundir o *ó* que aparece nos vocativos com o *oh*! que aparece nas orações exclamativas; o *oh*! das orações que indicam admiração vem com *h* e ponto de admiração, ao passo que o *ó* qual às vezes acompanha o vocativo não deve vir com *h* (§ 596, n. 2 ao pé da pág.).

704 – Pode o vocativo vir acompanhado de um adjunto: "*Homem de pouca fé*, por que deixou seus filhos sem a luz da ciência?"

705 – Esta é a sinopse, de acordo com a nomenclatura gramatical brasileira, dos *termos da oração*:

TERMOS DA ORAÇÃO			
ESSENCIAIS		INTEGRANTES	ACESSÓRIOS
SUJEITO	simples composto indeterminado	complemento nominal	adjunto adnominal
PREDICADO	nominal verbal verbo-nominal	complemento verbal: obj. direto, obj. indireto	adjunto adverbial
PREDICATIVO	do sujeito do objeto		aposto
PREDICAÇÃO VERBAL	v. transitivo: direto, indireto v. intransitivo	agente da passiva	vocativo

Questionário

1. Qual a função do vocativo?
2. Como se constitui o vocativo?
3. A simples pontuação pode indicar o vocativo? Por quê?
4. Um exemplo de vocativo modificado por adjunto.
5. Construa três orações diferentes em que haja vocativo. Na 1ª coloque o vocativo no começo; na 2ª no meio; na 3ª no fim.
6. Corrija os seguintes textos:
a) Fiz três exames, falto fazer outros três.
b) Precisam-se de duas caixeiras novas.
c) Chamam-se meridianos aos círculos máximos que passam pelos polos.
d) As famílias ítalas-brasileiras são particularmente numerosas em São Paulo.
e) Choveu tanto que não pudemos sair, nem para ir na esquina.

f) Dona Vitória pediu para mim ficar hoje aqui, porque tem muita lama nos caminhos; fazem sete dias que está chovendo.

g) Como você vai fazer exame, se não pegou nos livros e se todo o tempo que você dispunha foi pouco para divertimentos?

h) Prefiro muito mais desistir do que me sujeitar a isto (§ 276, 4ª).

i) Tem paciência; você vai ficar aqui.

j) Eu disse para jogarem fora todos os cacaréus (§ 581, n. 1).

CAPÍTULO 50

PROCESSOS SINTÁTICOS

Sintaxe Regular de Concordância

706 – Tendo já estudado os termos da oração e as relações existentes entre eles, iremos agora estudar o procedimento, o comportamento de um termo para com outro.

Sob três aspetos podemos considerar o procedimento entre os termos da oração, aspetos que se denominam *processos sintáticos*:

1 – quanto à *concordância* [*nominal* / *verbal*]

2 – quanto à *regência* [*nominal* / *verbal*]

3 – quanto à *colocação*

707 – Cada um desses aspetos pode ser encarado normal ou *regularmente* e anormal ou *irregularmente*; daí a subdivisão de cada um de tais aspetos em *processo regular* (ou *sintaxe regular*) e *processo irregular* ou *figurado* (*sintaxe irregular* ou *figurada*).

Observação:

"*Figura*, em gramática, são as alterações da *forma* que não influem no *sentido*, autorizadas pelo uso de pessoas cultas. Assim, as *figuras de palavras* ou *metaplasmos* são alterações que fazemos nos vocábulos, *aumentando*, *diminuindo* ou *transpondo* sons; semelhantemente, as figuras de sintaxe são alterações que fazemos na oração, *aumentando*, *diminuindo* ou *transpondo* palavras, como a seu tempo veremos".

708 – *Concordância* é o processo sintático pelo qual uma palavra se acomoda, na sua flexão, com a flexão de outra palavra de que depende.

Essa acomodação flexional pode efetuar-se quanto ao *gênero*, quanto ao *número* e quanto à *pessoa*.

Os termos que na oração devem *concordar*, *acomodar-se* são:

1 – O *verbo*, que se acomoda ao sujeito.

2 – O *adjetivo*, que concorda com o substantivo.

3 – O *predicativo*, que concorda com o sujeito.

4 – O *pronome*, que concorda com o nome a que se refere

No primeiro caso temos a **concordância verbal**, nos demais a **concordância nominal**.

Concordância Verbal

Sujeito Simples

709 – **REGRA GERAL**: – O verbo concorda com o sujeito em *número* e *pessoa*.

Quer isso dizer que o verbo deverá ir para o mesmo número e pessoa do sujeito.

Está claro que é o verbo que deve concordar com o sujeito e não o sujeito com o verbo, porque o verbo é que depende do sujeito e não o contrário. Exemplos:

Eu	quero	Tu	não	sabes	isso
1ª pess. sing.	1ª pess. sing.	2ª pess. sing.		2ª pess. sing.	

Os meninos	fugiram	Vendem-se[1]	casas
3ª pess. pl.	3ª pess. pl.	3ª pess. pl.	3ª pess. pl.

(1) De tal concordância temos já conhecimento (V. § 391, 2). Acrescentemos agora: Em orações como "Ouvem-se de vozes", o *de* traz ideia de partitivo, mas não impede a concordância do verbo com o sujeito.

OUTROS EXEMPLOS: Que *horas são*?[2] – *É uma* hora – *São duas* horas – *Quantos são* hoje[3] – Hoje *são vinte* – Hoje *são três* – *Eram treze* de maio – *Eram* perto das *seis horas*[4].

Regras Especiais

710 – Coletivo geral – O verbo fica no singular, embora o sujeito venha seguido de um complemento no plural: "O *exército* dos aliados *ficou* inteiramente derrotado" – "O *exército* dos persas *invadiu* a Grécia".

Notas: 1ª – Encontram-se nos clássicos exemplos de concordância não com o coletivo sujeito (concordância gramatical), mas com a ideia de plural que ele encerra (concordância siléptica ou lógica). Tal sintaxe não é, porém, para ser hoje imitada: "Ditosa condição, ditosa gente, que não *são* de ciúmes ofendidos" (Camões, 7º, 41).

2ª – Nos períodos em que há duas orações cujos verbos se referem ao mesmo coletivo, o primeiro verbo segue a concordância gramatical; o segundo pode seguir a mesma concordância ou a lógica, indo para o plural. Note-se nestes exemplos o afastamento do segundo verbo do período; esquece-se a *forma* singular do sujeito, conservando-se a *ideia* do plural: "Vadeado o rio, a cavalgada *encaminhou-se* por uma senda tortuosa que ia dar à entrada do mosteiro, aonde *desejavam* chegar" (Alexandre Herc., Eur., 129) – "Logo ao outro dia *se abalou* o exército, ao som de muitos instrumentos bélicos, e, chegando aos muros, *começaram* a arvorar escadas" (J. Freire).

Isto de afastamento é ponto que não deve ficar esquecido em casos de sujeitos coletivos. Não há quem nos obrigue a aceitar hoje, por certas, construções como estas – *o exército batalharam, o povo aplaudiram* – por repugnantes ao ouvido e ao gosto de todos; igualmente, não poderemos tachar de errada estoutra – "Logo ao outro dia ao romper da alva se abalou o *exército*, ao som de muitos instrumentos bélicos, com as bandeiras desenroladas, que se viam tremular dos

---

(2) Com igual acerto podemos perguntar – *Que hora é*? – deixando no singular o sujeito e, conseguintemente, também o verbo. Está claro que, pelo fato de ser assim construída a pergunta, não se irá responder "*É* duas *horas*" – mas, sim: "*São duas horas*"; dizer "*É* duas *horas*" – é incorrer em gravíssimo erro de concordância.

(3) Como no caso anterior, tanto poderemos perguntar: "*Quantos são* hoje?" – como: "*Quanto é* hoje?" – É mais comum dizer: "*Quanto é* hoje? – Hoje *é vinte*" – expressão esta perfeitamente analisável, desde que tomemos o cardinal pelo ordinal: "Hoje é o dia *vinte*" ou "*Vigésimo* dia do mês". Seria mais consentâneo com os antecedentes da língua formular a pergunta e a resposta no plural: "*Quantos são* hoje?" – Hoje *são dez* (= dez dias andados do mês).

(4) Quando se intercala entre o verbo e o sujeito qualquer das locuções *perto de*, *cerca de* ou a palavra *senão*, o verbo pode ir para o plural ou ficar no singular; exemplos: *Eram* perto das seis horas da tarde do dia seis de maio de 1889 – *Passaram-se* perto de duas horas – *Eram* perto de oito horas – Quando abri os olhos *era* perto de nove horas da manhã – ...não *restavam* sobre a terra senão os nomes – Por eles ainda não *vieram* senão tributos ao povo – Na bula não se *continha* senão os mesmos poderes que o papa usualmente conferia a qualquer dos seus núncios ordinários – Nas cidades e praças de guerra não se *ouviram* senão as aclamações.

nossos, e, chegando aos muros, *começaram* em torno da fortaleza a arvorar escadas" – por longe estar o verbo do sujeito coletivo, e, diremos melhor, por obliterarem autor e leitor a forma singular do sujeito e suporem a ação praticada, separadamente, pelos indivíduos de que o coletivo se compõe. Do mesmo modo, não há erro nestoutra – "que dos citas *grande número vivem*" – por nela haver o partitivo *dos citas*.

711 – Coletivo partitivo – A) Quando a ação do verbo pode ser atribuída separadamente aos indivíduos que o coletivo representa, pode ir o verbo para o plural, concordando com a totalidade desses indivíduos (concordância siléptica ou lógica) ou ficar no singular, concordando com o coletivo (concordância gramatical): "A maior parte dos homens não *quer* salvar-se" – "A maior parte dos moradores *acredita* nos feitiços e bruxarias" – "A maior parte dos seus companheiros *haviam* trazido os pais decrépitos" – "A maior parte dos homens *são* analfabetos" – "A maior parte dos homens *é* analfabeta" – "A maioria dos condenados *acabou* nas plagas africanas" – "*Vivificavam-te* o seio um sem-número de bem nascidos espíritos" – "Um terço dos brasileiros *são* economicamente ativos" – "Um grupo de homens e mulheres *assaltou* ontem a Casa de Saúde; *feriram* o diretor e *levaram* dinheiro" – "Metade das crianças *morreu* (ou *morreram*) de fome" – "Metade deles *foram* (ou *foi*) a Manaus" – "Parte deles já *tinham sido absolvidos*" (ou *tinha sido absolvida*). (V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "metade" e "grande número".)

B) O verbo ficará de preferência no singular quando a ação do verbo só puder referir-se ao nome coletivo e não a cada indivíduo, ou coisa, separadamente: "Um troço de soldados *enchia* o pavimento do edifício" – "Um grande número de chefes *prejudica* a disciplina" – "Uma companhia de granadeiros *estava* aquartelada no paço" – "...apenas a quarta parte das quantias depositadas *pertence* aos operários".

712 – Palavra tomada materialmente – Quando uma palavra, ainda que venha no plural, é considerada materialmente, ela tem a ideia de singular; disso resulta ficar o verbo, também, no singular: "Lágrimas *é* coisa que ele não tinha" – "Nós *é* um pronome" – "*Dançou-se* os Lanceiros" (*Lanceiros* é nome de uma peça, de uma dança; a ideia é singular) – "Vozes *está* no plural".

713 – Preço, quantidade, porção – Quando o predicativo é *muito*, *pouco*, o verbo fica geralmente no singular: "Cinco mil libras *é* muito" – "Dois capítulos *é* pouco" – "Seis anos *era* muito" – "Dez dólares *pode* parecer pouco, mas não é". Outros exemplos, em que a ideia é de preço: "Duas folhas por 5,00 *é* barato" – "Quatro pedaços por 5,00 *é* muito caro". Com ideia de quantidade: "Quanto *é* dois terços de um meio?" –

"Dois terços de um meio *é* dois sextos" – "Quanto *é* 20% de 80?" – "1% de 1.000 *é* 10" – "5% de 20 *é* 1". E assim: "Quanto *é* 20 multiplicado por 80?" – "20 multiplicado por 80 quanto *dá*?" – orações de que o sujeito não é constituído de "vinte unidades" senão de "vinte" tomado como "um" todo; tanto não é "vinte unidades" que "multiplicado" se emprega no singular.

714 – **Nome próprio plural** – Quando o sujeito é constituído de nome próprio de forma plural e sempre vem acompanhado de artigo, o verbo concorda com o número do artigo que o antecede: "Os Andes *lançam* seus píncaros" – "O Amazonas *corre*" – "Os Estados Unidos *são*..." – "Os Lusíadas *são*..." – "Os Três Mosqueteiros *fazem parte*...".

715 – **Quais** (interrogativo), **aqueles, quantos, alguns, nenhuns, muitos, poucos**, seguidos de **pronome** como complemento – Quando dessa forma for constituído o sujeito, o verbo concordará com o pronome que serve de complemento: "Quantos de vós *olhareis* com desprezo" (e não: "Quantos de vós *olharão*..."; o verbo concorda com *vós* e não com *quantos*) – "Quais dentre vós *sois* neste mundo sós?" – "Alguns de nós *atiramo-nos* ao trabalho".

Notas: 1ª – Todavia, Castilho escreveu: "Deus sabe se alguns de vós não *estarão* predestinados" e Bilac tem, também, esta construção: "Aqueles de nós que *iam* passar as férias nas fazendas...".

2ª – Se nesses casos o sujeito estiver no singular, o verbo ficará também no singular: "*Qual* de vós me *arguirá* de pecador?" – "*Qual* de vós, cavalheiros, *duvidará* um momento...?" – "...*nenhum* de nós ambos se *lembrava* de pensar no futuro" – "*Nenhum* dos processos *veio*" (= Dos processos, *nenhum veio*).

– Contudo, Garret escreveu: "Não a *podemos* tirar *nenhum* de nós".

716 – **Cada um** – Quando o sujeito é *cada um*, o verbo fica na terceira pessoa do singular: "Cada um deles *trazia* seu barco..." – "Cada um de nós *está* no lugar que lhe ensina a sua educação..." – "Cada um dos engenheiros *era* servido por cem homens" – "Cada um dos dois escritores *busca* atribuir aos seus a glória".

Nota: Exemplos contrários a esta regra se nos deparam em alguns antigos puristas da linguagem; não são, porém, para ser imitados.

717 – **Mais de um** – Quando o sujeito é *mais de um*, o verbo:

A) Fica no singular, se não houver reciprocidade de ação: "Mais de um coração *teria* de bater apressado..." – "Mais de um fato confuso *será*

esclarecido" – "Sobre esta fronte mais de uma verdade me *transluziu*" – "Mais de um réu *obteve* a liberdade..." – "...que mais de uma espada *saísse* da bainha...".

Nota: Otoniel Mota e Carlos Pereira dizem poder ficar o verbo no singular ou ir para o plural. Tal opinião encontra apoio somente em raríssimos documentos da língua.

B) Vai para o plural, se indicar reciprocidade: "Mais de um político *deram-se* as mãos" – "Mais de um se *esbofetearam*" – "Mais de um velho se *logram* reciprocamente".

Nota: MAIS DE, seguido: *a*) de nome no plural ou de nome coletivo acompanhado de complemento plural leva o verbo para o plural: "Mais de sete séculos *são* passados..." – "Mais de um milhão de cruzados *foram* desviados..." – "Mais de metade de suas obras *acusam* nomes de autores..." – "Mais de um de nós outros *poderíamos* dizer...".

b) de complemento no singular, deixa o verbo no singular: "Mais de um lhe *roía* na consciência" – "Mais de um coração *teria* de bater apressado" – como nos exemplos da letra **A** deste parágrafo.

718 – Quem – Sabemos já que é imprescindível, para efeito de análise, a separação do *quem* (quando pronome relativo – V. § 379) nos seus dois pronomes equivalentes "o que" ou "aquele que". Essa divisão já por si indica que o verbo deve ficar no singular, qualquer que seja a pessoa e o número do sujeito da oração principal: "Somos nós quem *paga*" (= Somos nós aquele que *paga*) – "Sou eu quem *vai*" – "Quem *vai* sou eu" (= Sou aquele que *vai* – Aquele que *vai* sou eu) – "...fui eu quem *abriu* esta polêmica" – "Eu e V. Exa. somos quem *vende*..." – "...fui eu quem o *deu*" – "...és tu quem *favorece* a minha resolução" – "Fôssemos nós quem *fizesse* isso!".

Notas: 1ª – Todavia, antecedendo expresso na frase a *quem* um pronome pessoal, pode (note bem o aluno: *pode*; é isto justificativa para certos exemplos de escritores de nomeada) o verbo deixar influenciar-se pelo número, pessoa e gênero desse pronome: "Sou eu quem primeiro *pude* tirar a limpo" (devia ser *pôde*) – "És tu quem *lucras*" (devia ser *lucra*) – "Fui eu quem os *apresentei*" (devia ser *apresentou*) – "Não fui eu quem *obrei* diversas maldades" (devia ser *obrou*).

2ª – Quando o *quem* equivale a "que pessoas", o verbo vai para o plural: "Quem *serão* os pais destes meninos?" – "Eis aqui quem *são* os aduladores" – "Mas quem *eram* estes dois homens?".

719 – Que (pronome relativo) e **quanto** – Quando tais palavras constituírem o sujeito da oração, levarão o verbo para o número, pessoa e gênero do seu antecedente ou antecedentes:

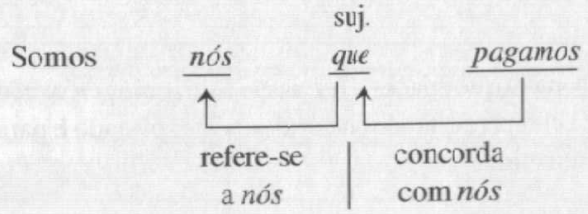

OUTROS EXEMPLOS: "Sou eu que *pago*" – "Todos (nós) quantos aqui *estamos*" – "O homem, a mulher e o menino que *foi preso*..." (o verbo *foi preso* está no sing. porque o relativo *que* só se refere a *menino*).

Notas: 1ª – Se o *que* possui dois ou mais antecedentes de pessoas gramaticais diferentes, o verbo vai para o plural da pessoa que tem prioridade, de acordo com uma regra que breve veremos (§ 732): "Era eu e minha irmã que *chorávamos*" – "Não hei de ser eu nem tu que a *havemos* de reformar".

2ª – Quando o *que* faz parte de um vocativo, o verbo vai para a segunda pessoa: "Alma minha gentil que te *partiste*" – "Ó alma que *viveis* na torre do luar da graça e da ilusão" – "Maria, que *desces* do seio dos anjos...".

3ª – Quando o verbo tem por sujeito um infinitivo, ele fica na 3ª pessoa do singular: "Arbitrando as quantias *que* lhe *pareça* necessário *fazê-lo*" – "O pior é que não tenho uns *que* me *era* necessário *ter*" – "Os inimigos *que era* fácil *derrotar*...".

– Observe-se que, se o infinitivo não vem expresso, o verbo passa a concordar com o antecedente do *que*: "Arbitrando as quantias que lhe *pareçam* necessárias".

4ª – Resulta do estudo dos parágrafos 718 e 719 a conclusão: Tanto é certo: "Sou eu *quem paga*" – quanto: "Sou eu *que pago*", devendo-se evitar a construção "Sou eu *quem pago*".

720 – O que, aquele que – Pode o "que" perder a autonomia pessoal (de 3ª pessoa gramatical) e ser absorvido pela pessoa do sujeito da oração principal. Quer isso dizer que tanto podemos dizer: "Eu sou o que *fala*", como, de acordo com o que acabamos de explicar: "Eu sou o que *falo*". Aqui explano melhor o segundo caso:

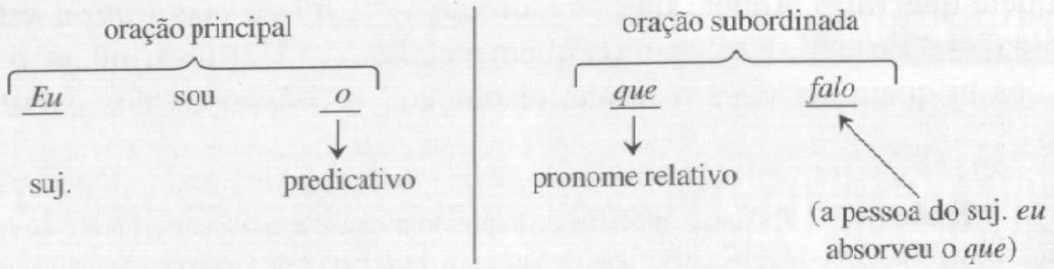

(Recorde-se o § 345)[1]

OUTROS EXEMPLOS: "Eu sou o ilustre Ganges, que na terra celeste *tenho* o berço verdadeiro" – "Não sou eu aquele que *vomitei* palavras cheias de blasfêmia?" – "Fui eu o primeiro que *clamei*" – "Mas como eu sou o que *hei* de falar..." – "Não sou eu o que lhes *intimo* este perigo" – "Não sereis vós os que *haveis* de expiar as minhas culpas" – "Os corruptos somos nós, os que *cuidamos* saber e ignoramos tudo".

(1) É dever do aluno, sempre que encontra remissão a um parágrafo, ver o que nele ficou dito. Tal é necessário para a perfeita compreensão do que está sendo explicado e para explanação ainda maior do ponto a que o aluno é remetido.

Notas: 1ª – Às vezes o antecedente do relativo está omitido: "Não seremos nós (os) que *iremos* assentar-nos" – "(Nós) Os que *defendemos* a escola temos esse egoísmo".

2ª – Se há dois ou mais antecedentes de diferentes pessoas gramaticais, o verbo vai para o plural e para a pessoa que tem prioridade: "Não sou eu nem os que me detestam, que *havemos* de julgá-lo".

721 – Um dos que – O verbo vai para o plural ou fica no singular conforme a ação verbal se refere a todos os indivíduos ou a um só:

"Osório foi um dos generais brasileiros que mais se *distinguiram* na guerra do Paraguai" – isto é, Osório foi um general dentre os generais brasileiros que mais se distinguiram. – "Napoleão foi um dos guerreiros de fama universal que *morreu* na ilha de Santa Helena" – "O Sena é um dos rios europeus que *atravessa* a cidade de Paris" – "O Tietê é um dos rios brasileiros que *passa* pela cidade de São Paulo" – "Era este Catual um dos que *estavam* corruptos pela maometana gente" – "Quem sabe se o meu nome não é um dos que *envergonham* moralmente esta terra?" – "Sou um dos que maior abalo *sofreram* com a notícia de tua angústia" – "Foi uma das tuas tragédias que se *representou* ontem..." – "Foi um dos meus filhos que *jantou* em vossa casa" – "Foi uma das peças de Plauto que *tiveram* maior êxito".

Observação:

Vê-se, dos exemplos, a existência de casos em que o verbo fica obrigatoriamente no singular, porque o verbo só se refere a um indivíduo ("O rio Tietê é um dos rios da capital paulista que *desagua* no Paraná" = dos rios da capital paulista o Tietê é o único que desagua no Paraná), e a existência de outros casos em que o verbo vai obrigatoriamente para o plural, porque o verbo se refere a todos os indivíduos: "Ele foi um dos que *falaram*".

Esse é o motivo por que o verbo vai obrigatoriamente para o plural quando ocorre qualquer das palavras *estes*, *esses*, *aqueles* antes de nome plural, porque é nítida a participação de todos os indivíduos na ação verbal: "Courtin é um desses homens que não *dormem*". – "Pedro é um daqueles indivíduos que não *receiam* jamais o perigo".

722 – Um que – Quando num período aparece a frase "um que", o verbo vai para o número e pessoa do sujeito da oração principal, ou exclusivamente para a 3ª pessoa, que é a concordância mais seguida pelos bons manejadores da língua: "Sou um homem que ainda não *renegou* nem da cruz..." – "Eu sou uma voz que *anda* bradando neste deserto" – "Eu sou uma voz que *clama* no deserto" – "Quem é o senhor? – Um homem que *procura* os infames quando..." – "Eu sou uma desgraçada que *vim* do Algarve" – "Sou um homem que *anda* a lutar há anos...".

723 – Isto de – Quando o sujeito é *isto de* e vem seguido de regime no plural, o verbo vai para o plural ou fica no singular: "Isto dos livros não *são* senão uns retratos mortos" – "Isto de unhas *são* como enxertos de mato bravo" – "Isto de balanças *deve* estar muito vigiado" – "Isto de leis *anda* sempre a mudar" – "Isto de campos depressa me *enfastia*".

Questionário

Faça um trabalho (carta, descrição ou composição), aplicando *todas* as regras expostas do § 710 ao 723. (Coloque, em cada caso, entre parênteses, o número do parágrafo, nota ou observação a que se refere o exemplo; é desnecessário dizer que esse trabalho, conquanto apresente certa dificuldade, é muito útil; procure, o quanto possível, ser conexo.)

CAPÍTULO 51

SUJEITO COMPOSTO

726 – O **sujeito composto** leva o verbo para o plural, pelo fato de concorrer na ação verbal mais de um praticante:

"Pedro e Paulo souberam" – "Tanto *Pedro como Paulo souberam* a lição".

suj. composto v. plural

Nota: No segundo exemplo, os sujeitos estão ligados por *tanto... como*; caso viessem ligados unicamente pelo *como*, o verbo ficaria no singular, concordando com o primeiro sujeito; "como Paulo" funcionaria como se viesse entre parênteses: "*Pedro* (como Paulo) *soube* a lição".

Caso *Pedro* e *Paulo*, sujeitos do verbo, viessem ligados por *bem como*, *assim como*, ou *do mesmo modo que*, o verbo continuaria no singular: "*Pedro* bem como Paulo *soube*" – "O *sol* assim como a caridade *procura*..." – Se, neste exemplo, a ordem fosse esta: "*Assim* o sol *como* a caridade" – o verbo iria para o plural: "Assim o sol como a caridade *procuram* com o ativo dos seus influxos unir e congregar todas as coisas".

Outro exemplo em que a ordem altera o comportamento do verbo: "A administração pública, tanto a federal como a estadual, *acha-se*..." (ao lado de: "Tanto a administração pública federal como a estadual *acham-se*...").

727 – Se o sujeito composto vier depois do verbo, poderá o verbo ficar no singular: "*Passará* o céu e a terra" – "...se a tanto me *ajudar* engenho e arte" – "*Foge*-me a cor e a voz" – "...lugar onde *caiba* ele, eu e meu ódio".

Notas: 1ª – Preste atenção o aluno aos dizeres da regra: "...*poderá* o verbo..." – Não há obrigação de ficar no singular o verbo; preferem muitos pô-lo no plural, talvez por temor de críticas de ignorantes em assuntos gramaticais. Segundo Cândido de Figueiredo, o verbo anteposto aos sujeitos deve ficar sempre no singular, mesmo nos casos em que os últimos elementos do sujeito estejam no plural ("*Morreu* Pedro e todos os que lá estavam"), porque assim exige a índole da língua e a prática dos melhores mestres.

2ª – Sendo o sujeito composto de nomes próprios, melhor se fará a concordância no plural, e se dirá com o próprio Antônio Vieira: "*Passaram* Heitor e Aquiles, *passaram* Aníbal e Cipião: *passaram* Pompeu e Júlio César". – Esta concordância no plural é de rigor quando, sendo *ser* o verbo da oração, a ele seguir substantivo no plural: "*Foram inventores* deste jogo Hércules, Pito, Teseu e outros heróis".

3ª – Irá o verbo para o plural se indicar reflexibilidade ou reciprocidade de ação: "De parte a parte *faltavam* a confiança e o amor" – "Deste modo *lutaram* o confessor e o enfermo".

4ª – Note-se que em orações em que o sujeito composto tem antes de si locuções como "é necessário", "é preciso", variação não se opera: "*É necessário* esforço e vigilância". V. D. QVs: *é preciso calma.*

728 – O sujeito composto deixa de levar o verbo para o plural, desde que haja **gradação**, quer ascendente, quer descendente:

"Uma *palavra*, um *gesto*, um *olhar bastava*"

Há gradação de intensidade de força nestas 3 coisas.

Outros exemplos: "Qual de vós, cavaleiros, duvidará um momento de que, se um mensageiro chegasse e lhe dissesse: "Vossa *esposa*, vossa *filha*, vossa *irmã caiu* em poder dos infiéis", hesitava em ajudá-lo...?" – "O próprio *interesse*, a *gratidão*, o mais restrito *dever fica* impotente...".

Nota: Os sujeitos estão, em tal caso, geralmente no singular e não ligados por *e*. Se, porém, os vários sujeitos não têm o caráter de gradação, o verbo segue a regra geral de concordância, isto é, vai para o plural: "O luxo, o jogo, as devassidões, a miséria *são* as mais das vezes os conselheiros destes deploráveis negócios" – "...a inércia, o desânimo, a indiferença *hão* de dar força de resistência quase invencível...".

729 – Quando o sujeito composto é constituído de palavras **sinônimas** ou tomadas como um *todo*, o verbo fica no singular, pois o sujeito é aparentemente composto:

"A *vida e o tempo* nunca *para*" – "Este *clima e este mar* nos *apresenta*" –
sinônimos — considera-se um todo

"O escuro da noite, o estrondo das ondas, o sopro do vento, o ranger da matéria, as vozes dos que mandavam, a grita de todos não *representava* menos que a confusão do inferno" – "Os nossos vícios, as nossas virtudes e a nossa mesma vida *passa* como fábula" – "Estes receios, este proceder meticuloso *pode* matar-nos".

Observação:

A concordância do verbo com o sujeito, observa o Sr. Vasconcelos, em sua Gramática Histórica, obedece atualmente a leis muito variadas e complexas, tendo sido o resultado do trabalho evolutivo da língua. No antigo português passava-se tudo muito mais simplesmente. Sendo o sujeito composto ou múltiplo, o verbo concorda-

va geralmente com o mais próximo; sendo um coletivo, empregava-se o verbo ordinanariamente no plural, concordando com a ideia que era plural e não com o vocábulo que era singular: "Os céus e o mar e a terra *apregoa* a glória de Deus" – "Compadecei-vos de toda esta gente que *morrem* de fome".

Nos velhos adágios de nossa língua encontramos frequentes confirmações desse fato atestado pelo ilustre gramático português: "Amor e senhoria não *quer* companhia" – "O amor e a fé nas obras se *vê*" – "Amor, dinheiro e cuidado não *está dissimulado*" – "O ignorante e a candeia a *si queima* e a outros *alumeia*".

730 – Continuará ainda no singular o verbo, quando o sujeito composto terminar por **tudo**, **nada**, **nenhum**, **ninguém**, **cada um**, **cada qual** ou equivalente expressão do singular: "Jogos, conversação, espetáculos, *nada o tirava* de seu intento" – "Cícero assegurava que espírito e corpo, *tudo se acabava* no sepulcro" – "A noz, o burro, o sino e o preguiçoso, sem pancadas *nenhum faz* o seu ofício" – "Vizinhos, amigos, parentes, *cada qual prefere* o seu interesse ao de qualquer outro" – "Os astrólogos tratam do porvir, de que eles nem *ninguém sabe* pouco nem muito".

731 – Quando o sujeito é *composto oracional*, isto é, constituído de orações, o verbo fica no singular:

"*Serem os homens uma coisa* e *parecerem outra* é fácil".

Nota: Se, porém, houver contraste entre os sujeitos fraseológicos ou oracionais, ou se forem individuados por pronome adjetivo ou artigo, irá o verbo para o plural: "Amar, agravar e empecer não se *compadecem*" – "O comer, o andar e o dormir *são* proveitosos à saúde" – "Dormir e aprender *são* coisas diversas" – "Outro pensar e outro sentir *trouxeram* novas artes".

732 – Se o sujeito composto for constituído de pessoas gramaticais diferentes (1ª e 2ª, 1ª e 3ª, 2ª e 3ª), o verbo, de acordo com a primeira regra (§ 726), irá para o plural, mas para o plural da pessoa que vem em primeiro lugar na ordem da gramática:

"Eu	e	tu	seremos"	"Tu	e	ele	sereis"	"Eu,	tu	e	ele	seremos"
1ª		2ª	pl. da 1ª	2ª		3ª	pl. da 2ª	1ª	2ª		3ª	pl. da 1ª

OUTROS EXEMPLOS: "Receio que eu e o meu enviado não *possamos* estar muito tempo juntos" – "Eu e tu *temos* de cumprir o nosso juramento" – "Se eu, se vós *chegássemos* neste momento".

Notas: 1ª – O verbo irá para o plural da pessoa que vem em primeiro lugar na ordem da gramática e não para o plural da pessoa que vem em primeiro lugar na oração. Quer se diga "ele e tu", quer "tu e ele", *tu* é sempre a pessoa que, em gramática, tem prioridade, isto é, vem em primeiro lugar: "As tuas cartas hão de ser lidas quando *tu* e *eu estivermos* em cinza".

2ª – Quando o verbo está anteposto, segue a mesma sintaxe acima ou concorda com o sujeito mais próximo: "Só *faltamos* eu e os meus amigos" – "*Acuso*-vos disto eu e todo o povo de Santarém" – "Em que nos *diferençamos* meu pastor e eu?" – "*Era* eu e minha companheira que chorávamos" – "Rogo-te que *entres* a barra tu com toda a armada" – "*Poderás* tu e o Soliz transportar-me nos braços até ao coche?".

733 – Quando o sujeito composto é constituído de **um e outro, nem um nem outro**, o verbo fica, *indiferentemente*, no singular ou vai para o plural: "Um e outro *é* bom" – "Um e outro *são* bons" – "Nem um nem outro *apareceu*" – "Nem um nem outro *são* meus irmãos" – "Nem uma nem outra coisa *sucedeu*".

Nota: Se depois de "um e outro" vier um substantivo, este ficará no singular: "Um e outro *homem* são bons", mas se o substantivo vier seguido de adjetivo, este irá para o plural: uma e outra coisa *juntas* – um e outro caso *paralelos*.

734 – **Ou** – Quando o sujeito composto é ligado por *ou*, o verbo:

a) ficará no singular se houver exclusão, isto é, se não for possível a ação conjunta dos dois sujeitos: "O pai ou o filho *será* eleito presidente" = "Ou o pai ou o filho será eleito presidente" (caso seja eleito um, o outro não será) – "Ou um ou outro *sairá* certo";

b) irá para o plural se a ação couber a todos os sujeitos: "O bacharel formado ou o pároco pensionista *podem* ser oficiais do Registro Civil" – "É claro que a ventura ou a desdita *residem* nos objetos com os quais nos pomos em contato" – "A charneca ou paul não se *convertem* em vinha" – "...cuja prorrogação ou cancelamento *deveriam* ter sido solicitados".

Notas: 1ª – Se, nesse caso, o sujeito for constituído de diferentes pessoas gramaticais, observa-se a regra do § 732, se bem que alguns prefiram a concordância com o pronome mais próximo: "O aluno ou eu *devemos* recordar as lições".

2ª – Se o verbo vem anteposto, concorda com o primeiro sujeito: "Ou *pagas* tu ou eu" – "Mas aqui *entra* a dúvida ou admiração...".

3ª – Se houver diferença de número entre os sujeitos, o verbo irá para o plural: "O outro, ou os outros, *servem* somente para...".

735 – **Nem** – Quando os sujeitos são ligados por *nem* (que o mais das vezes aparece repetido), o verbo:

1 – ficará no *singular*: *a*) se houver exclusão: "Nem Paulo nem João *será* porteiro da secretaria" – "Nem o pai nem o filho *será* eleito presidente";

b) quando se pretender que a ação se refira a cada sujeito em separado: "Nem a confissão nem o efeito dela *está* na sua mão" – "Nem a pesca nem a caça o *diverte*". – Neste caso, pode ir também para o plural, fazendo-se o verbo referir-se aos sujeitos em conjunto: "Nem a pesca nem a caça o *divertem*";

2 – irá para o plural quando não houver exclusão, ou seja, quando a ação se referir a todos os sujeitos: "Nem a guerra nem a fome *preocuparam* ainda a cidade" – "...nem a rainha nem o infante *conheciam* bem o caráter de D. Sebastião" – "A Jugurta nem o dia nem a noite *eram* tranquilos".

Notas: 1ª – Se os sujeitos forem de diferentes pessoas gramaticais e o verbo só se referir a um dos sujeitos, concordará com o mais próximo: "Nem tu nem Antônio *será*..." – ou "Nem Antônio nem tu *serás*...".

2ª – Se o verbo vier anteposto, concordará com o mais próximo: "Não quero que me *perdoes* nem tu nem ninguém" – "...não *conheces* nem tu nem os da ralé...".

3ª – Como se vê, as normas de concordância do verbo em casos em que os sujeitos são ligados pelas alternativas *ou* e *nem* baseiam-se praticamente nos mesmos princípios: exclusão ou não de um dos sujeitos, diferença de pessoas gramaticais, anteposição do verbo, diferença de número entre os sujeitos.

Esses mesmos princípios devem nortear-nos quando os sujeitos são ligados por outras alternativas:

"Já a saúde, já o conhecimento *influem* na produção" – "Já Antônio, já João *ocupava* a presidência por quatro anos" – "Já Antônio, já João *podiam* ser presidentes" – "Já Antônio, já eu *ocupávamos* a presidência" – "Já eles dois, já eu sozinho *ocupava* (ou *ocupávamos*) a presidência" – "Ora um, ora outro *ocupava* a presidência" – "Quer a caça, quer a pesca me *distraem*" – "Quer a caça, quer a pesca me *distrai*" (letra *b* deste §).

736 – Com – O sujeito no singular, que tem um complemento regido da preposição *com*, pode levar o verbo ao plural, quando a intenção é indicar cooperação, na ação verbal, de ambos os elementos: "Dª Rosa Guilhermina com a sua amiga *ocuparam* a casa do Laranjal". – Na construção "Napoleão com seus soldados *venceu*", quer-se evidenciar a ação de Napoleão, ficando por isso o verbo no singular.

Outros exemplos: "O tigre com o leão *ganhavam* dinheiro nas feiras" – "Tu com todos os teus *eras* digna de morte" – "...onde a tristeza c'o silêncio *mora*" – "El-rei com os seus cavalheiros *assistia* àquele préstito lúgubre de famílias sem pátria".

Nota: Se o verbo vier anteposto, ficará no singular, salvo se indicar reciprocidade: "*Padecia* o general com todos os seus soldados grande fome" – "*Apareceu* o filho mais novo com o mais velho" – "Rogo-te que *entres* a barra tu com toda a armada" – "*Dão-se* as mãos a ferocidade com a covardia".

737 – Isto e... – Quando o sujeito é assim constituído, fica o verbo no singular: "Isto e o que veio depois *trouxe* esperanças aos náufragos" – "Isto e a impaciência do auditório *fez*-me lembrar a história...".

Nota: Se o segundo elemento estiver no plural, para o plural irá o verbo: "Isto e outras contrariedades *tornaram*-me..." – "Isto e as dificuldades do caminho *impediram*-me...".

Particularidades

738 – Há certos casos curiosos em que o verbo deixa de concordar com o sujeito para concordar com o predicativo. Constitui esse um fenômeno de "concordância por atração"[1] e se opera sempre que na oração entra o verbo *ser* ou *parecer* e um sujeito constituído de *o*, *aquilo*, *isso*, *isto*, *tudo*:

"Isto	são	histórias"
suj.	v.	predicativo

OUTROS EXEMPLOS: "*O* que lhe desejo *são* felicidades" – "*Tudo são* vestígios do agradecimento" – "Não *são isto* conceitos nem encarecimentos" – "*O* que eu fiz aqui melhor *foram* os meus desenhos" – "*O* que trago *são* fatos e teses".

Nesses exemplos, o verbo, ao invés de concordar com o sujeito (*o*, *isto*, *tudo*), concorda com o predicativo.

Notas: 1ª – Caso o predicativo e o sujeito venham invertidos de lugares, a concordância então se efetua com o sujeito, isto é, fica o verbo no singular: "Histórias *é isto*" – "Sangue e vidas *é o* que peço".

2ª – Havendo mais de um predicativo do singular ou de números diversos, o verbo concorda com o mais próximo: "O que lhe desejo *é saúde* e felicidades" ou: "O que lhe desejo *são felicidades* e saúde".

3ª – Exemplos no entanto não faltam que contrariem a regra acima transcrita, de autores que muito souberam manejar nosso idioma, contando-se entre eles Júlio Ribeiro, Camilo e Herculano: "Ao chegarem junto da caneleira, ainda *tudo era* trevas" – "*O* que me falta *é* exemplos de bons costumes" – "*O* que eu precisava *era* limonadas e orchatas" – "*O* que não queremos *é* questões" – "Depois disto, *o* que eu poderia desejar-te *era* doze contos de renda" – "O que não somos obrigados a aceitar *é* os erros e abusos dos ministros".

Repete-se a preposição em construções como estas: O *de* que muitos começam a duvidar é *das* suas possibilidades – O *de* que eu não quero que te esqueças é do sinal da cruz – O *de* que precisamos é de calma – O *por* que luto é pela justiça – O *de* que nos queixávamos era *dos* erros de revisão.

4ª – Se, em tais casos, o sujeito for nome de *pessoa*, a concordância se efetuará regularmente: "Maria *é* as delícias da mãe" – "O homem *é* cinzas".

5ª – Se também o predicativo for pessoa, a concordância se efetuará livremente: "Porventura Herodes *é* muitos reis?" – "Esses que riram *é* a vilanagem".

6ª – Se o sujeito for nome de coisa, o verbo poderá concordar com ele ou com o predicativo: "O estudo *era* as suas delícias" – "O mantimento *eram* só ervas" – "Esses monumentos *são* a voz do passado" – "Obras *é* a minha paixão".

---

(1) CONCORDÂNCIA POR ATRAÇÃO, fenômeno que se opera em muitas línguas, vem a ser a modificação que sofre o gênero, o número, o tempo ou a pessoa de uma palavra, em consequência da vizinhança de outra com que se faz a concordância contra as regras ordinárias.

739 – Com os verbos **dar**, **soar**, **bater** (referindo-se a horas), a concordância se opera regularmente: "*Deram* duas horas" – "*Soavam* onze horas...".

740 – Os verbos que significam **carência**, **falta**, **abastança**, **suficiência**, segundo Júlio Ribeiro e Carlos Pereira, cingindo-se a exemplos isolados, ficam no singular, estando o sujeito no plural. Da prática, porém, da maioria dos pontífices da língua colhe-se que a concordância no plural é a que deve ser observada: "*Falta*-lhes pincel, *faltam*-lhes cores" (Camões) – "Amanhã em Lisboa não *faltarão* negócios" (Garrett) – "Para falar ao vento *bastam* palavras" (Vieira) – "Não *bastam* alívios do mundo" (Camilo) – "...*sobravam* ainda seis dinheiros" (Bernardes) – "*Restavam* apenas quinze mil homens" (Herculano) – "Não *faltaram* sacerdotes" – "*Faltavam* vinte minutos".

741 – **Fazer**, em construções como: "*Faz* anos que estou aqui" – é impessoal, isto é, não tem sujeito e mantém-se, por isso, na 3ª pessoa do singular: "Hoje *faz* quinze dias que me enviaste tua poesia" – "Vinte e sete dias *faz*" – "*Faz* dois meses que nos vimos" (§ 907, n. 1).

Observação:

Dizemos: "*Vai* por (em, para) dois meses que morreu meu irmão". "Já *tinha* passado de dois meses...". Levando, porém, o verbo ao plural, dizemos: "Já lá *vão* doze anos que ele desapareceu" – "Lá *vão* quatro meses que o vi" – "Já *tinham* passado dois meses...".

Outros exemplos: "...*vai* em trinta anos que pouco ou nada obteve para se melhorar" – "Eis aqui o que eu, *vai* já em oito anos, solicitava a bem da mocidade" – "Já lá *vão* os dias em que a ignorância era para a nobreza um foro essencial" – "Já lá *vão* vinte anos".

Havendo preposição depois do verbo, este fica no singular; não havendo, concorda com o sujeito plural.

742 – Nas **orações optativas**, os sujeitos são os pronomes ou nomes que se seguem aos verbos e com eles deve o verbo concordar: "*Tomaram* eles poder vê-la na forca" – "*Vivam* os Ataídes, *vivam* os Vilhenas, *vivam* os portugueses leais" – "*Tomáramos* nós que todos os vigários de nosso tempo...".

Questionário

Faça, procurando ser conexo, um trabalho (carta, descrição ou composição), em que se apliquem *todas* as regras expostas do § 726 ao 742. Coloque, em cada caso, entre parênteses, o número do parágrafo, nota ou observação a que se refere o exemplo.

CAPÍTULO 52

CONCORDÂNCIA NOMINAL E PRONOMINAL

Concordância do Adjetivo(*) com o Substantivo

745 – REGRA GERAL: O adjetivo, quer adjunto adnominal quer predicativo, quer anteposto quer posposto, concorda em *gênero* e *número* com o substantivo a que se refere:

artigo	*subst.*		
O	menino	A	menina
masc. sing.	masc. sing.	fem. sing.	fem. sing.

OUTROS EXEMPLOS: Homem *santo*, mulher *santa*, homens *santos*, mulheres *santas* – "Via *recolhidas* no santuário as tábuas de bronze" – "Hei de fazer *públicos* os seus desaforos".

Regras Especiais

746 – Se o adjetivo se refere a **vários substantivos do singular** e **do mesmo gênero**, e vem:

1) **Posposto** – vai, indiferentemente, para o plural e para o gênero dos substantivos ou fica no singular: "Nessa leitura e escrita tão *arrepiadas* de dificuldades" – "Rugido, grito, gemido *conglobados* num só hiato" – "...a

(*) Para facilidade de exposição, o *artigo* e o *numeral*, não obstante constituírem classes autônomas, estão incluídos entre os adjetivos nas regras de concordância nominal.

consciência e a dignidade *humanas*" – "Coragem e disciplina *digna* de granadeiros" – "...rudeza e pusilanimidade *alheia*".

Nota: Será de obrigação o singular, quando o adjetivo só se referir ao último substantivo: "O casaco e o chapéu *redondo* eram o meu alvará".

2) **Anteposto** – concorda com o substantivo mais próximo: "...*cujo* trajo e gesto indicavam..." – "...notando o *estrangeiro* modo e uso" – "*Chegada* a hora e a ocasião".

Notas: 1ª – Os exemplos de construção no plural não devem ser imitados.

2ª – Somente quando predicativo do objeto é que o adjetivo pode ir para o plural: "Eu julgava *satisfeitos* o pai e o filho" – "...entretinham *vivas* a ideia e a saudade".

3ª – Se aos substantivos precederem títulos ou pronomes de tratamento, a concordância se efetuará no plural: "Os *apóstolos* Barnabé e Paulo" – "Os *irmãos* Joaquim e José" – "Os *Srs*. Silva e Cia.".

747 – Se o adjetivo se refere a **vários substantivos do singular** e **de gênero diferente**, e vem:

1) **Posposto** – vai para o plural masculino: "Nariz, face e boca *monstruosos*" – "...comércio e navegação *costeiros*" – "Uma posse e um domínio *incompletos*".

Notas: 1ª – Pode também concordar com o substantivo mais próximo se o sentido o exige, ou o queremos: "Manda-me livro e fruta *madura*" – "Talento e habilidade *rara*" (ou *raros*) – "Ali dei a tradução em língua e estilo *moderno*" – "...o retrato de Maria com túnica e escapulário *branco*".

2ª – Se os substantivos forem sinônimos, o adjetivo concordará com o mais próximo: "As maldições se cumpriam no povo e gente *hebreia*".

2) **Anteposto** – concorda com o mais próximo ou, indiferentemente, vai para o plural masculino: "*Pasmado* Diogo e a multidão" – "...*atentos* o juízo e generosidade" – "Demais disso, *sua* mãe e irmão eram ricos" – "*Perdida* a cor e o alento" – "...tinha tornado *inúteis* a inteligência e o braço" – "...declarou *criminosa* a ré e o réu" – "Verão os homens *ensanguentados* o sol e a lua".

748 – O adjetivo que se refere a **substantivos do plural** e **de gêneros diversos** vai, geralmente, para o plural e para o gênero do substantivo mais próximo: "As armas e os barões *assinalados*" ou: Os barões e as armas *assinaladas* – "...carícias e bens *paternos*" – "...mordomos e confrarias *festeiras*" – "...casas e corações *abertos*" – "...atos e fórmulas *religiosas*".

Nota: Há em bons escritores nossos o emprego exclusivo do plural masculino: "Os recursos e as tropas *desproporcionados*" – "Pais e mães *carregados* de família" – "...enviando os breves e cartas *destinados* a protegê-los" – "*Pagos* as rendas, foros e impostos".

749 – Se o adjetivo se refere a **substantivo do mesmo gênero e de números diferentes**, e vem:

1) **Anteposto** – concorda com o substantivo mais próximo: "Os *seus* filhos e marido são meus hóspedes" – "*Sua* astúcia e tiranias" – "*Sua* mulher e filhas".

2) **Posposto** – vai para o plural de igual gênero dos substantivos: "...com as colônias e com a civilização *romanas*" – "Se os recursos e o tempo *absorvidos*..." – "Vês aqui as mãos e língua *delinquentes*".

750 – Se os substantivos forem **sinônimos** ou formarem **gradação** nas ideias enunciadas, a concordância do adjetivo se efetuará com o mais próximo, quer venha antes quer depois: "...depreender-se de uma ideia e pensamento *falso*" – "...ingratidão na fraqueza e temor *natural*" – "...para servirem ao interesse e gosto *alheio*" – "...a fé e a amizade *declarada*".

751 – Mais de um adjetivo qualifica ou determina o mesmo substantivo – Podem ser dadas à frase várias formas: O primeiro *batalhão* e o segundo; o primeiro e o segundo *batalhão*; o primeiro e segundo *batalhão*.

Gramáticos há que permitem a construção: "O primeiro e o segundo *batalhões*" – levando-se para o plural o substantivo ao qual se referem vários adjetivos no singular. Aceitam essa concordância Constâncio, Pacheco Júnior, Soares Barbosa, Rui Barbosa e Mário Barreto, aos quais apoiam exemplos dos melhores manejadores do idioma. Conceitua Epifânio Dias que se pode dizer: "Os dois poderes, temporal e espiritual", "Os dois poderes, o temporal e o espiritual" (observe-se a vírgula no primeiro exemplo e a repetição do artigo no segundo).

Reconhecemos casos em que o plural do substantivo se impõe pelo uso ("Nos *dias* 24 e 29 de junho"), mas o mais seguro é evitar, sempre que possível, a flexão do substantivo, porque, seja como for, o adjetivo é que concorda com o substantivo, e não este com aquele.

Exemplos diversos: "As expressões que se empregam na *lei* prussiana e na francesa" – "...na terrível peleja do bom e do mau *princípio*" – "As personagens são as do velho e do novo *testamento*" – "A primeira e a segunda *ameia*". D.QVs: *Concordância às avessas*.

752 – Se o substantivo vem antecedido de **um e outro**, **nem um nem outro**, fica ele no singular, mas o adjetivo vai para o plural (V. *nota* do § 733): "Uma e outra coisa *juntas*" – "Em um ou outro caso *paralelos*" – "Um e outro fato foram maliciosamente *impugnados*" – "Um e outro advogado são *hábeis*".

753 – Se o adjetivo vem antecedido de **alguma coisa**, **qualquer coisa**, vai para o feminino se não intervém a preposição *de* ("Alguma coisa *consoladora*") e para o masculino com a presença dessa partícula ("Alguma coisa de *consolador*").

754 – Em expressões como "pobre do homem", "desgraçado de ti", a interposição da preposição *de* não impede a concordância do adjetivo: "*Desgraçadas* das mulheres" – "*Coitados* dos que foram para a guerra".

755 – O adjetivo antecedido de *nada de*, *algo de*, *muito de*, *um quê de*, *um quid de*, *o que quer que seja de*, *um não sei quê de* concorda ou com o substantivo, quando estiver em relação com ele, ou com o nome de significação geral e indefinida que aquelas palavras e expressões encerram: "Estes escritores têm o que quer que seja de *ímpios* e *ateus*" – "Têm muito de *garridas* e *romeiras* essas raparigas" – "Mostram eles na linguagem muito de *duro* e *áspero*" (ou de *duros* e *ásperos*) – "Possuem elas um não sei quê de *esquisito*".

756 – O substantivo *aposto* concorda com seu fundamental em gênero e número sempre que possível: "O ódio, *filho* do orgulho" – "A esperança, *filha* da fé" – "Estes instrumentos, *produtos* de nossa fabricação" (§ 699).

Concordância do Predicativo com o Sujeito

757 – **REGRA GERAL**: O *predicativo*, quando constituído de **adjetivo** ou de **pronome**, concorda com o sujeito em gênero e número: "Pedro é *generoso*" – "Maria parece *bondosa*" – "É você o procurador da casa? – Sou-*o*" (o pronome está concordando com *procurador*).

Regras Especiais

758 – Quando o predicativo é constituído de **substantivo abstrato** ou de substantivo de **uma só forma genérica**, deixa de concordar com o sujeito, ficando invariável: "As propriedades não são *natureza*" – "As lágrimas do aflito não são *crime*" – "As cores que no camaleão são *gala*, no polvo são *malícia*" – "Ele é a *esperança* da família".

759 – Há casos curiosos de discordâncias do predicativo com o sujeito quando este, sem nenhuma determinação, é expresso em sua generalidade abstrata: "*Cerveja* não é *bom* para a saúde" – "*Pimenta* é *bom* para estimular" – "É *necessário paciência*" – "É *proibido entrada*" – "Não é *necessário mulheres* na fábrica".

Os predicativos *bom*, *necessário*, *proibido* assumem a forma aparentemente masculina, mas realmente *neutra*, visto que os substantivos a que se referem, tomados em sua generalidade abstrata, assumem sentido vago, no qual como que se oblitera o conceito genérico.

Outros exemplos: "É *bom* toda a cautela" – "É *necessário* prudência nos negócios" – "É *preciso* mais areia" – "Não é *preciso* margem" – "É *feio* blusa em criança" – "Uma caixa de sapato seria *bom* para guardar os brinquedos".

É este um dos vestígios interessantes do gênero neutro em português. Logo, porém, que esses sujeitos recebam uma determinação positiva, despojam-se do caráter *neutro*, e o predicativo assume a flexão genérica correspondente: "*Esta* cerveja não é *boa* para a saúde" – "*Aquelas* pimentas são *boas* para estimular" – "É *necessária a* paciência" – "É *proibida a* entrada".

760 – Quanto à concordância do *predicativo*, devemos observar o seguinte:

1) Referindo-se a nome tomado em sentido determinado (antecedido de artigo), varia em gênero e número: "Sois *a mãe* desta criança? Sou-*a*" – "Sois *a professora* desta escola? Sou-*a*" (este *a* é nos dois exemplos pronome articular, e não pronome pessoal).

2) Referindo-se a nome tomado em sentido vago, indeterminado (não antecedido de artigo, e equivalente, então, a *isto*, *isso*, *aquilo*) ou referindo-se a adjetivo, fica invariável na sua forma masculina, ou antes, *neutra*: "Sois *mãe*? Sou-*o*" (= Sou *isso*) – "Sua mãe era vã como *o* são todas" – "Se Henrique fora ambicioso não *o* era menos sua mulher" – "Se jamais houve condição para inveja, aquela *o* foi sem nenhuma falta".

Concordância do Pronome

761 – **REGRA GERAL**: Quando flexível, o pronome concorda em gênero e número com o nome a que se refere: "Para isso é preciso mais esforço que para defrontar a morte, mas tu *o* terás; inspirar-t*o*-ão o meu exemplo e a santa memória de nossos pais" – "Quero tê-*lo*, Vasco, porque tu *o* desejas".

Regras especiais

762 – Os pronomes oblíquos *o*, *a*, *os*, *as*, referindo-se a substantivos de gêneros diversos, tomam no *plural* a flexão *masculina*:

> Porque essas *honras* vãs, esse *ouro* puro
> Verdadeiro valor não dão à gente:
> Melhor é merecê-*los* sem *os* ter
> Que possuí-*los* sem *os* merecer.

763 – Referindo-se a um substantivo modificado por outro regido da preposição de companhia *com*, pode o pronome ir para o plural, como acontece com o verbo (§ 736): "Passava um dia de inverno o arcebispo com sua comitiva a serra de Gerez... salteou-os uma chuva fria e importuna".

Questionário

1. Que diz da concordância do adjetivo, quando se refere a substantivos do plural e de gêneros diversos?

2. Que diz da construção: "A primeira e a segunda *séries*"?

3. Corrija, JUSTIFICANDO AS CORREÇÕES, os seguintes textos:

a) Ele ameaçou tornar público os seus dizeres.

b) O livro cujos autor e editor foram presos acaba de ser apreendido pela polícia.

c) O presidente Roosevelt e Lebrun tudo fizeram para a manutenção da paz.

d) Qualquer coisa assustador vai acontecer.

e) É proibido a entrada – É proibida entrada.

f) As estrelas, como são os príncipes da noite, desaparecem ante o fulgor da rainha, a lua.

g) Sois mãe? Sou-a.

h) Atualmente só estudam as lições você e eu.

i) O réu não foi condenado no grau máximo da pena devido os seus bons procedentes.

j) Quero que você me copie esta poesia até as palavras "mas não vens" inclusives.

k) As duas senhoras que você me viu conversando ontem na rua era minha irmã e minha prima.

CAPÍTULO 53

CONCORDÂNCIA IRREGULAR OU FIGURADA

Silepse

766 – *Concordância irregular*, também chamada *concordância figurada* (V. § 707), é a que se opera não com o termo *expresso*, mas com outro termo *latente*, isto é, oculto, mentalmente subentendido.

Outros nomes tem ainda semelhante concordância: *semiótica*, *lógica*, *latente*, *anormal*, *mental*, nomes que denotam operar-se a concordância não com a *letra*, mas com o *espírito*, com a *ideia* da frase.

Tal tipo de concordância se denomina **silepse**. Etimologicamente (do grego *syn* = *com*, mais *lépsis*, do verbo *lambánô* = *tomar*, *prender*), *silepse* é sinônimo de *compreensão*.

767 – A *silepse* pode ser de *gênero*, de *número* e de *pessoa*.

768 – A **silepse** de **GÊNERO** opera-se:

1 – Com os nomes próprios de *rios* e de *cidades*, concordando o adjetivo não com o substantivo próprio em si, expresso na frase, mas com o apelativo dessas classes (*rio*, *cidade*): "Cartag*O* foi *destruídA*" (*cidade*).

masc. fem. fem. fem.

"O Paraíb*A* é *tortuosO*" (*rio*)

masc. masc.

Nota: Sabemos já (§ 187, B, 3) que constituem exceções alguns nomes de cidades: "O *Porto* está chei*O* de visitantes" – "O *Rio de Janeiro* é festiv*O*".

2 – Nas expressões de tratamento (*vossa senhoria*, *vossa mercê*, *vossa alteza*, *sua excelência*, *sua majestade* etc.), em que a concordância se opera não com o gênero dessas expressões, mas com o sexo ou com a natureza do cargo da pessoa a que essas expressões são dirigidas: "Vossa *majestade* é poderos*O*" (rei) – "Vossa *alteza* é bondos*O*" (príncipe) – "Vossa *senhoria* foi indicad*O*" (homem) – "Você está enganad*A*" (mulher) – "Ficam *V.Sas.* autorizad*Os* a...".

3 – Com os artigos *o* e *um*, quando, em certas frases já consagradas, constituem atributivos de nomes femininos que se referem a pessoa de sexo masculino:

"*Pedro* é *um* *criança*" – "O *besta* do *Antônio*"
masc. fem. — fem. masc.

"*Antônio* é *um* *banana*"
masc. fem.

4 – Em outros casos em que o pronome concorda não com o gênero da palavra expressa, mas com o sexo da pessoa a que a palavra se refere: "Conheci uma *criança*... mimos e castigos pouco podiam com *ele*; mas em lhe falando na mãe e no que custara para lhe dar a vida, o infeliz, que nunca a vira, enternecia-se" – "Só nove *crianças* de 6 até 8 anos e tais que é lástima vê-*los*".

5 – Como preencher, numa ficha em que se discriminam os dados identificadores de uma pessoa, o que pede a nacionalidade? Se homem, como escrever na frente da palavra *nacionalidade*: *brasileiro* ou *brasileira*? Se de homem se tratar, *brasileiro* é que se deverá consignar. *Brasileira*, tão só quando de mulher forem os dados.

Não haja nisso admiração. À pergunta "Qual o estado civil?" ninguém se aventuraria a declarar "casado", quando de mulher se tratasse. "Estado" está na ficha, mas "casada" se põe, porque não o estado mas a mulher é que se qualifica.

769 – A **silepse** de **NÚMERO** opera-se:

1 – Com o adjetivo no singular em função predicativa aos sujeitos *nós* (empregado em lugar de *eu*), *vós* (quando empregado em lugar de *tu*): "Antes sejamos *breve* que *prolixo*" – "Vós estais *enganado*" – "Amigo *atento* e *obrigado* somos" – "Estamos *persuadido* disso".

Notas: *a*) Ao emprego de *nós* com valor de *eu*, e de *vós* com valor de *tu* já tivemos ocasião de referir-nos no § 342, 1. *Nós* é empregado em lugar de *eu* pelos reis, pelos papas e prelados (plural majestático). O verbo irá para o plural, mas o adjetivo, como dissemos, concordará silepticamente.

b) Emprega-o ainda o escritor ou o orador, para efeito retórico, mas não poderá empregar ora *eu*, ora *nós*; ou sempre uma, ou sempre outra forma, notando-se ainda que as formas pronominais oblíquas e os possessivos devem ser uniformes com a escolha: *Nós* julgamos... foi-*nos* relatado... *nossa* opinião.

c) *Vós* emprega-se em lugar de *tu* quando se trata o interlocutor com deferência especial. Curioso é notar a não existência de tal emprego em latim; o interlocutor, fosse quem fosse – superior jerárquico, rei ou o próprio Deus – era sempre tratado por *tu*. *Vós*, nesse idioma, só se empregava quando realmente plural.

2 – Quando, sendo o sujeito coletivo de forma singular, vai entretanto o verbo para o plural, conformando-se com a pluralidade lógica do coletivo: "*Estavam pegados* com ele uma *infinidade* de homens" – "A máxima *parte* dos homens *morrem* antes dos cinquenta" – "Abalou o *colégio* quase todo em procissão pelas ruas de Coimbra, *capitaneados* pelo seu reitor".

Note-se, nesses casos, uma destas particularidades: 1 – a pluralidade lógica contida no coletivo; 2 – a distância geralmente existente entre o sujeito e o verbo; 3 – a presença de um genitivo plural.

Nota: 90% dos homens viajaram – No plural ou no singular o verbo?

Discriminemos estes casos:

a) Quando o predicado é constituído de verbo de ligação ou de locução verbal passiva, o verbo e o predicativo (ou o particípio nas locuções passivas) deixam-se influenciar pelo número e pelo gênero do partitivo: "90% das MULHERES SÃO analfabetAS" – "30% da nossa PRODUÇÃO É exportadA" – "20% da POPULAÇÃO ESTAVA acamadA" – "50% das PROFESSORAS DEVEM ser nomeadAS por merecimento".

b) Quando o número porcentual vem antecedido ou seguido de adjunto no plural, é melhor o plural: "BONS 30% DÃO conta das obrigações" – "ESSES 5% da boiada MORRERAM" – "90% DOS HOMENS VIAJARAM".

c) Afora esses casos o singular é empregado: "90% da imprensa DEFENDE" – "80% do eleitorado COMPARECEU" – "90% da borracha latino-americana ainda PROVÉM de árvores nativas" – exatamente como diz o inglês, cioso do *s* final da terceira pessoa do singular do indicativo presente: "Ninety percent of Latin American rubber still COMES from wild jungle trees".

d) Quanto a "parte de", "metade de", "um terço de", "a maior parte de", "a maioria de", veja o § 711.

e) Quanto à ideia de quantidade, veja o § 713.

770 – A **silepse** de **PESSOA** consiste em operar-se a concordância do verbo não com a pessoa do *aposto claro*, mas com a pessoa do *fundamental oculto*: "Dizem que os cariocas *somos* pouco dados a jardins públicos" – isto é: "...que **nós**, os cariocas, somos..." (o verbo concorda com o fundamental oculto *nós*, e não com o aposto claro "os cariocas").

OUTROS EXEMPLOS: "Ali *ficamos* alguns amigos" – "Os dois *íamos* ali por visita" – "Os portugueses *fazemos* este nome particular" – "Amigos e criados *saímos* todos pelo caminho de Refojos" – "Os outros *saltamos* para testemunhar a catástrofe" – "Todos os filhos de Adão *padecemos* nossas mutilações e fealdades" – "Uns esperando *andais* noturnas horas, outros *subis* telhados e paredes" – "Os quatro que *escapamos*, nos *lançamos* ao mar".

Questionário

1. Que é *silepse*? (Resposta completa.)
2. Como pode ser a silepse? – Especifique todos os casos de cada espécie, com exemplos diversos e explicação clara e completa.
3. Indicar nas orações seguintes as palavras que concordam por silepse e discriminar a espécie de silepse:

   Diógenes viu que uma grande tropa de varas e ministros da justiça levaram a enforcar uns ladrões. Os palanques estavam cobertos de infinita gente, todos a ver. Vós sois infinitamente bom. Nós somos obrigado a isso. São estas crianças na primeira infância lindíssimas, porque em muitos a cor é branca. Vossa majestade está indisposto. Todos os filhos de Adão padecemos nossas mutilações e fealdades.

CAPÍTULO 54

REGÊNCIA

773 – **Regência** vem a ser a relação de subordinação, ou seja, de dependência dos termos, uns dos outros, ou ainda, é a propriedade de ter uma palavra, sob sua dependência, outra ou outras que lhe completem o sentido. *Regência* é, pois, em gramática, sinônimo de *dependência*, *subordinação*.

A palavra que está servindo de complemento chama-se palavra *regida* ou *subordinada* ou, simplesmente, *regime*; a palavra que é completada, inteirada na sua significação chama-se palavra *regente* ou *subordinante*. Assim é que se diz que as preposições *regem* (= subordinam, põem debaixo de sua dependência) palavras, e as conjunções subordinativas *regem* orações subordinadas.

774 – As relações de regência são na frase indicadas:

a) pela *posição*
b) pela *preposição*
c) pela *conjunção subordinativa*

775 – **POSIÇÃO**: Muitas vezes, a função sintática de certos termos da oração só é revelada pela posição em que esses termos se encontram na frase. O sujeito e o objeto são termos que frequentemente se distinguem tão só pela posição, vindo o sujeito *antes* e o objeto *depois* do verbo:

sujeito (antes)	verbo	objeto (depois)
O soldado	feriu	o ladrão
O ladrão	feriu	o soldado

O advérbio é outra classe que em muitos casos se manifesta pela posição; conforme o lugar em que vem na frase, sabe-se qual o termo por ele modificado; são diferentes as orações "Minha residência aqui é conhecida" (= Todos sabem que moro neste lugar) e "Minha residência é conhecida aqui" (= Aqui sabem onde moro). Uma é dizer "Relatou, ainda, que não encontrou o filho" – onde o *ainda* modifica *relatar* (= também, além disso) – outra é dizer "Relatou que não encontrou ainda o filho", onde o *ainda* modifica o v. *encontrar* (= até agora). O mesmo se diga dos adjuntos, quer adnominais quer adverbiais; uma coisa é dizer "Colombo descobriu *só* a América" e outra: "*Só* Colombo descobriu a América" – "Meias para senhoras pretas" e "Meias pretas para senhoras".

"E assim, em geral, os complementos na frase revelam a sua regência pela posição *junto* aos termos completados ou regentes. A colocação dos termos foi um dos recursos neolatinos para suprir a perda dos casos latinos".

Em latim tanto podemos dizer "Paulus Petrum amat" quanto "Petrum Paulus amat", "Paulus amat Petrum", "Petrum amat Paulus", "Amat Paulus Petrum", "Amat Petrum Paulus" – que o sentido será sempre o mesmo, dado o *caso* em que estão os nomes, ao passo que em português (a não ser que preposicionemos o objeto – § 683, 1) tão somente desta maneira podemos dizer: "Paulo ama Pedro".

Nota: Já é do nosso conhecimento a força regencial da *preposição* e das *conjunções subordinativas* pelo que ficou dito na morfologia (§§ 542 e 556).

776 – CASOS DIVERSOS: 1 – O sujeito, como elemento soberano da frase, pois é o causador da ação verbal, não pode ligar-se a preposições (recorde-se o § 653).

Nota: Quando a preposição rege um infinitivo ela não se combina nem com o sujeito, nem com o objeto anteposto ("Invoca o tempo *de os* pagar co'as sombras"), nem com os advérbios *aí*, *aqui*, *ali* ou outro começado por vogal: "É tempo *de aí* ter chegado" – Nesses exemplos, a preposição está regendo os infinitivos *pagar* e *ter chegado*, razão por que não se combina com as palavras postas entre a preposição e o seu verdadeiro regime. Outro exemplo: "Não poderá fazer grandes progressos, *por o* não ajudar a memória".

Quando não estiver regendo infinitivo, é claro que a preposição poderá combinar-se: "*Daqui* partiam as bandeiras" (V. § 653).

2 – Outros casos concernentes à regência já conhecemos do estudo feito nos parágrafos 303, 304 e 305.

3 – Duas ou mais palavras podem ter um mesmo complemento, com tal que essas palavras tenham a mesma regência: "A obediência e o amor *à pátria*" ("obediência" e "amor" têm a mesma regência; podem, pois, ter por

complemento a mesma palavra). Não seria correto dizer: "O conhecimento e o amor à pátria" – porque "conhecimento" e "amor" exigem preposições diferentes (conhecimento *de* alguma coisa, amor *a* alguma coisa); o correto é: "O conhecimento *da* pátria e o amor *a* ela". Outros exemplos: "Conheço *este* livro e gosto *dele*" (e não: "Conheço e gosto deste livro") – "No espaço de meia hora comprei *um* livro e *dele* me desfiz" (e não: "...comprei e me desfiz de um livro").

Sabe já o aluno que não se deve dizer: "Conheço este livro e gosto *do mesmo*" – § 342, 4.

Nota: Quando complemento comum, o pronome oblíquo pode vir anteposto ao primeiro verbo, principalmente se algo o atrai: "Eu *o* vi e saudei", "Não *o* quero nem desejo" ou posposto ao segundo: "Apanharam a cobra, dizendo que iriam engordar e comê-la" – Virá posposto ao primeiro verbo quando este iniciar o período: "*Perdoo-lhe* e obedeço".

Não há necessidade de repetir o pronome: "Ele *se* rasgava e desfazia em elogios" – "...por entenderem que as almas dos defuntos *se* propiciavam e consolavam com sangue humano" – "A medicina tanto *se* aprofundou e expandiu..." – "...projetos que *se* movimentam e acomodam".

777 – Aqui oferecemos a regência ou as regências de alguns verbos, mas de antemão avisamos que são dadas as usadas *atualmente*, e sempre apresentadas com a significação ou significações do verbo, pois é do nosso conhecimento o que ficou dito no § 305:

ACONSELHAR – (= dar conselho): *a*) Aconselhar alguém a alguma coisa: Aconselhou-o a que fosse para casa. *b*) Aconselhar a alguém alguma coisa: Lourenço lhe aconselhou o claustro. *c*) Aconselhar alguém sobre alguma coisa: Aconselharam-me sobre o modo de viver.

– (= entrar em acordo): *a*) Depois nos aconselharemos no que mais nos convier. *b*) aconselharam-se para me tirarem a vida.

– (= tomar conselho): Aconselhei-me com ele.

AGRADAR – (= parecer bem, ser visto ou considerado com satisfação, gosto ou complacência): Este chapéu não lhe agradará – Agrada à vista.

– (= contentar, satisfazer): Procurei agradá-lo.

Nota: Com objeto direto é hoje usado com o significado de *contentar*, *satisfazer*, e de *mimar*, *acariciar*, *afagar*: agradar uma criança, agradar o gato.

AGRADECER – (agradecer a alguém alguma coisa): Agradeci-lhe o presente (objeto direto da coisa agradecida e indireto da pessoa a que se agradece). Dizer "agradecer alguém por uma coisa" é incorrer em italianismo intolerável.

Nota importante: Quando, em se tratando de verbo transitivo direto-indireto, for omitido um dos objetos, o outro continuará obedecendo à regência que lhe cabe. Assim, se quisermos *agradecer* somente a *coisa*, ela continuará constituindo objeto *direto*: "Agradeci *o* presente" – Se, agora, mencionarmos somente a pessoa, esta constituirá o objeto *indireto*: "Agradeço-*lhe*". O verbo *pagar*, para citar outro exemplo, constrói-se: "Pagar *a* alguém *alguma coisa*"; se mencionarmos somente a pessoa, diremos: "Paguei ao padeiro", "Paguei-*lhe*"; se somente a coisa, diremos: "Paguei *o* meu débito", "Paguei-*o*".

E assim: "Inconformados exortavam *à* subversão".

AJUDAR – (ajudar alguém em alguma coisa): Ajudei-o no serviço (se a coisa for um infinitivo a preposição será *a*: Ajudou-o a carregar com a cruz).

– (= servir de acompanhante): Ajudar à missa (neste caso não se diz *ajudei-lhe*, mas *ajudei a ela*).

– (= valer-se, aproveitar-se): Ajudou-se dos pés e das mãos para subir.

ANELAR – (= almejar, ansiar, aspirar): Várias regências: Alguns anelam o dinheiro – ...não anela eleger um esposo – ...aqueles que anelam pela segurança de uma relação íntima – Anelar ao legado.

APOIAR-SE – *a*) Apoiar-se ao muro, à mesa.

b) Apoiar-se no povo, em documentos.

c) Apoiar-se sobre a direita.

ASPIRAR – (= respirar, sorver, absorver): Aspirei o pó – Devemos aspirar o h.

– (= pretender, desejar): Aspiro a um cargo – Aspirava à coroa (não admite neste caso a forma *lhe*, a qual deve ser substituída por *a ela*).

– (= no sentido poético de favonear, favorecer): Imploramos favor que nos guiasse, e que nossos começos aspirasse.

ASSISTIR – (= prestar assistência, ajudar): O médico assiste o doente.

– (= estar presente): Assistir a um espetáculo.

– (= residir, permanecer): ...muitos portugueses que assistiam na corte – Por causa da muita continuação, com que assistia na oração.

– (= intervir, tomar parte): Nesse processo eu não assisti.

Nota: Na acepção de "estar presente", o verbo *assistir* exigirá as formas "a ele", "a ela", se o objeto for pronome da 3ª pessoa: Quando eu assistia a eles (aos jogos) – e não: Quando eu lhes assistia.

Igual impossibilidade existe com os verbos *ajudar*, *aspirar*, *presidir*, *recorrer* e com os de movimento: *ir*, *comparecer* etc.

ATENDER – Constrói-se, indiferentemente, com acusativo ou com dativo: Não o atenderam os criados – ...até vos merecerem, um dia, a bênção de lhes atenderdes.

ATIRAR – (= disparar arma de fogo): O alvo a que atiram os ambiciosos – ...deu ordem de lhe atirar – Atirei a esse pássaro[1].

– (= arrojar, arremessar, lançar): Atirar pedras ao telhado do vizinho – ...atirar aos juízes lama entrelinhada.

Não se deve confundir objeto indireto com adjunto adverbial. Quando se diz "atirar pedras ao telhado do vizinho", *telhado* é verdadeiro recipiente da ação verbal (contra ele se atirou); quando porém se diz "atirar a carta no lamaçal", *lamaçal* indica o lugar em que se atirou (adjunto adverbial de lugar onde), e não o recipiente da ação de atirar, que agora é *carta*.

A comparação presta-se para outros adjuntos adverbiais em que aparecem outras preposições.

---

(1) No Brasil, mais comumente se constrói com *em*: "Não atire *nesse* passarinho".

AVISAR – Constrói-se das seguintes maneiras: *a*) Avisá-lo-ei da sua chegada. *b*) Avisar-lhe-ei a sua chegada. *c*) Avisá-lo para receber. *d*) No sentido de *acautelar-se* é pronominal e se constrói: Tratou de avisar-se das importunações. V. D.QVs, *Avisar*.

BATER – Tem as seguintes regências: *a*) bater à porta; *b*) na porta; *c*) pelas portas; *d*) bater nele; *e*) bater-lhe; *f*) batê-lo; *g*) bater sobre alguma coisa.

CARREGAR – Além da regência transitiva direta, este verbo pode ser construído com a preposição *com*: Carregou com o cadáver – Carreguei com ele – Carregar com o pesado jugo dos respeitos humanos.

CHAMAR – Na acepção de *apelidar*, este verbo deve de preferência construir-se "chamei-*o* sábio" e não "chamei-*lhe* sábio" nem "chamei-*lhe de* sábio".

– No sentido de *invocar, pedir que venha*, constrói-se com objeto direto: Chama o Rei os senhores a conselho – ou com a prep. *por*: ...a filha chamava por ela.

COMUNGAR – Constrói-se de diferentes formas: *a*) com acusativo: Outros homens de têmpera enérgica comungavam (= tinham entre si) as mesmas ideias – O padre que os confessou e comungou (= dar a comunhão a).

b) com *com*: Uma confissão filosófica com que não comungamos (= não concordamos) – Há quase glória em comungar com tais homens.

c) com *de*: Reputo-me habilitado para comungar dos foros do ceticismo – Quis romper a clausura e vir cá fora comungar das liberdades públicas.

d) com *em*: E ficaram os dois absortos, soluçantes, comungantes na mesma dor – Onde todas as opiniões comungavam no mesmo sentimento.

CONTENTAR – (= agradar, satisfazer): ...que não saibam contentá-los.

No sentido de *ficar contente* é pronominal e se constrói com *com, de* ou *em*: Contento-me com isso – Contentar-se de salvar a bandeira – Contentou-se em levantar os ombros.

CUSTAR – Na acepção de "ser difícil, demorado, penoso", este verbo só se emprega na 3ª pessoa: *custa, custa-me*: "Custou-me muito contê-los" – e não: "*Custei* muito *para* contê-los" – "Custar-lhe-á muito fazer isso" e não: "Ele *custará* muito *para* fazer isso" – "À criada *custou* atender" e não "A criada *custou para* atender".

– Quando ao verbo *custar* se pospõe um infinitivo, este aparece às vezes em bons escritores antecedido de *a*: Mas tanto custava-me a crê-lo – Há de custar a dar o primeiro passo.

DEPARAR – (= fazer aparecer de repente, apresentar inesperadamente): Qual é no mundo o santo que depara as coisas perdidas? – Pedia ao padre Santo Antônio que deparasse a cabra perdida.

– (= achar por acaso, encontrar de repente): Deparei com um pobre homem.

– (= vir, chegar, aparecer inesperadamente): Deparou-se-lhe excelente ensejo.

DESCULPAR, ESCUSAR – Ambos os verbos significam perdoar, tolerar, admitir desculpas ou escusas, dispensar. Também quando pronominalmente empregados, esses verbos são sinônimos, apresentando a forma pronominal *escusar-se* outros significados (eximir-se, desobrigar-se), significados esses que continua apresentando a mais quando empregado como trans. ind.: A questão escusa de mais provas – Quem manda escusa de pedir.

Regências de *desculpar*: – (= perdoar): Não o desculpei – O brio e a mocidade desculparam a temeridade do general – Queira desculpar-me ter trocado as chaves – Desculpei-lhe os excessos – Tu é que me não desculparias a inútil crueza de te dar um espetáculo de angústias – Desculpe-me a demora – Desculpei-lhe a demora.

– (= pedir escusa): Desculpou-se da demora – Desculpou-se de só chegar àquela hora.

– (= justificar): Não soube o pai desculpar a falta do filho – Todo o ingrato é ladino para se desculpar.

– (= dispensar): Pediu-me que o desculpasse de ir à aula por encontrar-se doente.

ENCONTRAR – Pode construir-se: *a*) Encontrei o livro. *b*) Encontrei com um pobre. *c*) Encontrou-se com muita gente.

ENSINAR – *a*) Ensino ao aluno a gramática. *b*) Ensino o aluno a escrever – Ensinaram-no a assim proceder – Esse professor ensina a falar e a escrever em pouco tempo.

ENTRAR – Na acepção de *penetrar*, era antigamente construído: *a*) com obj. direto: O vapor entrou a barra – ...mães que entravam o templo. – Com essa regência temos este exemplo de Bilac: O exército entrou as portas de Cartago. – *b*) com a preposição a: Venceslau entrou ao pátio do palacete – Entrar aos nossos lares.

Hoje, nessa acepção, constrói-se com *em*: Entrou na sala; com *para*: ...entrando para a nova igreja.

Entre as muitas acepções e construções deste verbo note-se esta: *entrar de guarda*, *entrar de serviço*, *entrar de cantor* no coro do teatro.

ESQUECER – Hoje empregamos reflexivamente, quando, antigamente, eram os verbos *lembrar*, *esquecer*, *admirar* e *recordar* usados com significação ativa. Se hoje comumente dizemos: Lembro-me de um fato – Esqueci-me de uma coisa – Admirei-me de ter visto – Recordo-me daquilo – primitivamente se dizia: Lembra-me um fato – Esqueceu-me uma coisa – Recorda-me ter visto – Admira-me sua paciência. – São construções estas portuguesas, não merecedoras do esquecimento em que se encontram, não obstante aparecerem num ou noutro bom escritor moderno.

Esses verbos admitem, pois, três construções:

a) Lembro ter ouvido.

b) Lembro-me de ter ouvido.

c) Lembra-me ter ouvido (a pessoa é obj. ind.; a coisa lembrada é sujeito).

Lembrar e *recordar* têm ainda uma quarta construção: obj. ind. da pessoa e obj. direto da coisa: Lembrei-lhe que o Crucificado ensinara o perdão das injúrias – Recordei-lhe os benefícios recebidos.

FELICITAR – *a*) Felicitar *alguém de* alguma coisa: ...felicitando Guilherme a rapidez da sua cura.

b) Felicitar *alguém por* alguma coisa: ...felicitando o primo pela ventura de ter...

FUGIR – *a*) ...e todos o fugiam – E sem o conhecer fugiste o mundo.

b) Mas Simão teme-o e foge-lhe – É preciso, pois, fugir-lhe – Vão fugindo ao doce laço.

c) (= abandonar, retirar-se): ...não fugirei dela.

HONRAR-SE – Constrói-se: *a*) com *em*: Honra-me em estar presente.

b) com *de*:...a sintaxe do ingranzéu em que se honra de exprimir.

c) com *com*: Muito se honrava com lhe ficar ao lado.

IMPORTAR – (= trazer, acarretar, ter como consequência): A guerra importa grande calamidade – As ideias liberais importam a felicidade do povo.

– (= atingir o total de): As despesas importam em tanto.

– (= representar): Não apostilei erros ortográficos, senão quando importavam em erros gramaticais – Uma larga incisão na traqueia, importando na supressão dessa veia.

– (= dizer respeito, interessar): ...ensinamentos que importam à pureza e correção da língua – ...missão que importava às classes privilegiadas.

– O verbo *importar* constrói-se ainda: *a*) com *com*: Não me importo com isso.

b) com *de*: Qual dos leitores se importa dessas pequenas coisas?

c) dando-se-lhe como sujeito a coisa, ficando a pessoa como obj. indireto: Isso não me importa – Importa-vos advertir que... – Pouco me importa já muito sofrer – Não me importa que ele venha.

INDAGAR – No mesmo dia saiu a indagar a residência de Caetano – Voltemos atrás para indagar um pouco das manhas e feitos do leigo.

– (= indagar de alguém alguma coisa): Indagaram de mim os acontecimentos – ...curiosidade em indagar da própria dama os motivos da sua reclusão.

INFORMAR – Perguntado sobre se se deve dizer "informá-*lo*" ou "informar-*lhe*", demos esta resposta: "Quando dúvidas nos assaltarem no atribuir a determinado verbo a regência direta ou a indireta, de um processo poderemos lançar mão: É sabido que os verbos transitivos diretos podem ser empregados na voz passiva. Se é possível dizer, passivamente, "ele foi roubado", é sinal de que "roubei-o", ativamente, é segura construção. Para o caso transportado esse processo, em dois segundos se desfará a dúvida. Não dizemos, na passiva, "Ele foi informado de que...? Essa construção é mais que bastante, já não dizemos para justificar, mas para mostrar a mais aconselhada regência do verbo *informar*. Se "ele foi informado *de que*..." dizemos, é porque "eu informei-*o de* que" é sã construção. Exemplos não faltam que essa regência confirmem: ...informando-o de que a frota dos cristãos se compunha... – Quem poderia informá-lo do destino de Albertina? – ...para o informar daquele tal objeto.

Em vez de *de*, encontra-se ainda a preposição *sobre*: Monçaíde informou o prudente Gama sobre as armadas que todos os anos vinham – ...informar o leitor sobre o que o mundo tem de vir a saber a respeito do tendeiro.

Não podemos, no entanto, deixar de aceitar a regência "informar a alguém uma coisa", da qual não faltam exemplos de bons autores: Apenas lhe informaram que os bens de Domingos Leite haviam sido confiscados – ...posso informar ao Mendes que...

Com o significado, pois, de *avisar*, *participar*, é o verbo *informar* sempre transitivo direto-indireto; se a pessoa for objeto direto, a coisa será indireto; vice-versa, se a pessoa for objeto indireto, será direto a coisa: "informei-o de que" ou "informei-lhe que" – "informei-o disso, sobre isso" ou "informei-lhe isso".

INTERESSAR – (= dar interesse material, prender a atenção, a curiosidade): Interessei-o nesta empresa – Procure o mestre interessar os meninos em repararem na cor dos cavalos.

– (= ser proveitoso, dizer respeito): Isto interessa a todos – ...falar de objeto que interessa à felicidade de ambos – Meus dotes não lhe interessam.

– (= tomar interesse) *pr.*: Como de passagem nos interessamos por uma flor.

LEMBRAR – V. *esquecer*.

NECESSITAR – "Necessitar uma coisa" ou "de uma coisa".

OBEDECER – Este verbo é hoje usado exclusivamente com regência indireta: Obedecer *ao* pai, *às* leis, obedecer-*lhe*.

– Conquanto seja *transitivo indireto* admite o verbo *obedecer* a construção passiva: A lei foi obedecida.

PAGAR – Põe-se no *dativo* a *pessoa* a que se paga, e no *acusativo* a *coisa* paga: Paguei o pão, paguei ao padeiro – Já lhe pagamos a conta. (V. *nota importante* no verbo *agradecer*.)

PERDOAR – Dativo de pessoa e acusativo de coisa: Perdoei-lhe a falta – Não lhe posso perdoar – Eu nunca lhe perdoarei – Perdoei o mal passado em atenção ao bem atual. (V. a "nota importante" do v. *agradecer*.)

PERSUADIR – Persuadir *uma pessoa de alguma coisa* (= levar a crer, induzir a aceitar): É preciso persuadi-lo destas verdades.

– Persuadir *alguém a alguma coisa* (= instigar): Com este pretexto, persuadiu-a à fuga – Quero persuadi-lo a ir amanhã – Persuadiu-o a que desistisse – Mas o povo à morte crua o persuade – Persuadi-os a deixar a cidade.

– Persuadir *a alguém alguma coisa* (= dispor a praticar, determinar): Os príncipes persuadiam à turba que pedissem – ...argumentos que ou nos persuadem o erro, ou nos confirmam o acerto.

PRESIDIR – Constrói-se indiferentemente com dativo ou com acusativo: Presidir *o* congresso, *os* tribunais, *o* país – ou: Presidir *ao* congresso, *aos* tribunais, *ao* país.

Tal que se passa com o verbo *assistir*, repele o verbo *presidir* a forma pronominal *lhe*, admitindo somente *a ele*, *a ela*: Presidi *a ele*, *a ela* (e não "presidi-*lhe*").

PROVIDENCIAR – A regência mais usada para o verbo *providenciar* é a transitiva: providenciar a remessa. – Não deixam, entretanto, de ter abono estas outras regências:

a) *sobre*: Sobre ela deliberam e providenciam.

b) *para*: ...gravemente se providencia para a alteração do calendário.

c) *em*: Para providenciar na publicação das obras de meu pai.

QUERER – (= desejar): Não o queremos conosco.

– (= ter afeto, amar): Hei de querer-lhe como se fosse também meu filho.

RESIGNAR – (= renunciar, demitir-se voluntariamente): Resignou o bispado – Poderá ser que resigneis situações como eu as tenho resignado.

– (= conformar-se) *pr.* e se constrói: *a*) com *a*: Só por amor me resigno aos labores de tão espinhosa missão.

b) com *com*: Ele se resigna com a divina vontade.

RESPONDER – O que se profere como resposta é que é obj. dir., não a coisa nem a pessoa a que se dá resposta; nas orações: "Ele respondeu *sim*", "Ele não respondeu *nada*" – *sim* e *nada* são objetos diretos, como ainda é objeto direto a subordinada do período: "Ele respondeu *que estava bem*". É também intransitivo: assumir responsabilidade.

Uma vez que se pretenda declarar a coisa ou a pessoa a que se dá resposta, esta deve vir preposicionada, isto é, esta é sempre objeto indireto, quer venha ou não expresso na oração o que se profere por resposta: "Respondo-*lhe*", "Devemos responder *às cartas*".

SATISFAZER – *a*) No sentido de *contentar*, *agradar*, tanto se diz: "Satisfazer *o* desejo" – quanto: "Satisfazer *ao* desejo".

b) No sentido de *convencer*, *persuadir*, tem também as duas regências: Este chora porque não acha bem que o satisfaça – ...e quando lhes satisfazia com divinas respostas.

c) (= contentar-se): Satisfez-se com a exposição.

d) (= indenizar-se, vingar-se, fartar-se): Satisfazer-se da perda (= indenizar-se) – Se o difamador não se satisfaz das injúrias a quem o injuriou (= vingar-se) – ...de como se satisfazia delas (= fartar-se).

SOCORRER – É verbo que hoje leva para o acusativo a pessoa: "Socorrer *os* pobres" – "Vamos socorrê-*lo*".

– Pronominalmente é empregado para significar "valer-se da proteção de alguém", "tirar proveito de alguma coisa": Socorreu-se das joias para pagar as suas dívidas – Tive de me socorrer da competência e obsequiosidade de muitos dos nossos mais notáveis homens da ciência.

Questionário

1. Que é *regência*? – Explicação completa e exemplificada.
2. Como é indicada, na frase, a regência?
3. Qual a diferença de sentido entre "Minha residência *aqui* é conhecida" e "Minha residência é conhecida *aqui*"?
4. Discorra sobre o defeito desta oração, reproduzindo-a com os termos na verdadeira posição: Asno come bugalhos com fome.
5. Posso combinar a preposição *de* com o advérbio *aqui* na frase "*De aqui* não sairei"? Por quê?
6. Que se entende pelas frases: "Este verbo rege acusativo" – "Aqueloutro rege dativo"? (V. **nota** do § 180.)
7. Com os verbos *assistir* (na acepção de presenciar), *recorrer*, *presidir* e *aspirar* (na acepção de desejar, ambicionar) pode-se empregar *lhe* em lugar de "a ele"? V. a nota do verbo *assistir*.
8. Corrigir:
a) Ainda não paguei o padeiro este mês.
b) A criada custou muito para arrumar o meu quarto.
c) Precisamos assistir a fita que está passando no Rosário.
d) Se não o perdoo é porque não merece.
9. Dizer o que entende pelas orações:
a) Devemos avisar-nos dos ladrões.
b) Eu e tu não comungamos muito bem.

c) Não lhe quero – Não a quero.

d) Nem por tudo posso responder.

e) Tive de socorrer-me dele para esse negócio.

10. Corrija os seguintes textos:

a) O bom velhinho compreendeu então que o rei o tinha perdoado. (Lembre-se: Perdoar *a alguém*.)

b) Só aspiro hoje uma vida calma, em um sitiozinho qualquer, onde espere a grande paz da morte, que não deverá demorar. (Aspirar *o* perfume, aspirar *ao* cargo.)

c) Onde está o vasculho que nós nos servimos? (§ 345, n. 3: Claro está que...)

d) Venho avisá-lo, meu bom amigo, que estou na fazenda, onde lhe espero por todo este mês. Dou-te ainda esplêndida notícia: está aqui o Pedrinho, que estivemos no ano passado em casa dele, em Resende. (Avisar alguém de algo ou avisar a alguém algo. V. também o § 382 e a pergunta 12 após o § 382.)

e) O pai deste menino perdeu todas as duas pernas em um lamentável incidente de estrada de ferro. (§ 352, n. 2.)

f) O caso que você se refere não se passou propriamente assim. (§ 345, n. 3: Claro está que...)

CAPÍTULO 55

REGÊNCIA IRREGULAR

780 – Quatro espécies há de *figuras* ou de *casos irregulares* de regência dos termos; essas *figuras* só se permitem quando usadas *criteriosamente*, segundo as normas que vamos estudar.

Essas quatro figuras denominam-se:

Elipse
Pleonasmo
Anacoluto
Idiotismo

781 – **ELIPSE**: assim se denomina o caso em que um dos termos da frase não vem expresso, sendo, ao mesmo tempo, facilmente subentendido.

Nota: Não se confunda *elipse*, da sintaxe irregular de *regência*, com *silepse*, da sintaxe irregular de *concordância*.

782 – Há os seguintes casos de **elipse**:

A – Elipse do **sujeito**: Não posso sair (= *Eu* não posso sair) – Quer vir comigo? (= Quer *você* vir comigo?).

Nota: A elipse dos pronomes-sujeitos nas diversas pessoas dos tempos verbais não se dá quando se quer dar ênfase à expressão e contrastar os diversos sujeitos: "*Eu* pasmo! *eu* tremo! *eu* gelo! *eu* me arrepio!" – "O que quereis que os homens façam, fazeis *vós* a eles" – "Esses turcos e janízaros, que deste lugar estamos vendo, vêm restaurar conosco a honra que no primeiro cerco perdemos: porém nem *eles* valem mais que os que então foram vencidos, nem *nós* valemos menos que os vencedores" (V. § 317).

B – Elipse do **verbo**:

No mar (*há*) tanta tormenta e (*há*) tanto dano!

Tantas vezes a morte (*é*) apercebida!

Na terra (*há*) tanta guerra, (*há*) tanto engano!

Tanta necessidade aborrecida (*há*)!

"Isso merece publicado" (= merece *ser* publicado) – "Sobre miserável (= sobre *ser* miserável), ele é ignorante" – "Por inúteis (= por *serem* inúteis), não foram recebidas".

C – Elipse da **ligação**: "Alumia minh'alma, não se cegue no perigo em que está" (= *para que* não se cegue...) – "Peço-lhe me deixe ir" (= peço-lhe *que* me deixe...) – "Mandou se fizesse quanto antes" (= mandou *que*...) – "Navegamos vento à popa" (= navegamos *com* vento à popa) – "Espertar já sol nascente" (= *com* o sol já a nascer).

Notas: 1ª – É frequente e elegante a elipse da conjunção *que* depois dos verbos *mandar*, *requerer*, *pedir*, *pensar*, *parecer* e sinônimos. Tem essa elipse por vezes a vantagem de desembaraçar a frase da demasiada repetição do conectivo *que*.

2ª – Há, ainda, elipse em muitos provérbios e rifões em que somente aparecem as ideias principais:

Casa de ferreiro, espeto de pau.
Tal amo, tal criado.
Olho por olho, dente por dente.
De tal árvore, tal fruto.
Cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso.

3ª – Há, finalmente, em português, elipse, entre outras, das seguintes palavras:

coisa: "Essa (–) é boa!" – "Uma (–) assim eu não esperava!" – "Fizeram-lhe uma!" – "Deu na mesma" – "Fiquei na mesma" (V. § 342, 2, n. 2).

tempo: "Há muito (–) que isto devia acontecer" – "Vi-o há pouco (–)" – "Em breve (–) nos veremos".

possa ou *deva*: "Não sei para onde (–) ir" – "Já sei como (*poder*) ganhar a vida".

783 – ZEUGMA – (do gr. *zeugma*= união) vem a ser o caso de elipse em que se subentende um termo ou termos já anteriormente enunciados na frase:

"A Pedro *dei* uma pera, e a João (*dei*) uma maçã".

verbo já citado

Notas: 1ª – A vírgula, *quando não traz perigo de confusão*, é usualmente empregada para indicar o *zeugma* do verbo: "Tu foste meu soldado, e eu, teu capitão" –

↓
(*fui*)

"Os valorosos levam as feridas, e os venturosos, os prêmios"

↓
(*levam*)

Quando outras vírgulas já houver em partes de um período que encerrem zeugma, coloca-se ponto e vírgula entre essas partes, para maior clareza: "Seu rosto era sem rugas; a cútis, alva e delicada; as faces, roseadas; os olhos, castanho-escuros, vivos, expressivos de placidez e bondade; a fronte, alta e vasta; a fisionomia, aberta, desanuviada, serena, reveladora de respeitosa afabilidade".

Quando, ao contrário, curtas e já separadas por vírgula forem as partes de um período nas quais há zeugma, desnecessário se tornará esse ponto e vírgula e também desnecessária a vírgula indicativa do zeugma: "Seus movimentos eram rápidos, o olhar perscrutador, o ouvido atilado".

2ª – Muitas vezes o nome, anteriormente citado, é subentendido com modificações em seus acidentes de *gênero*, de *pessoa* ou de *número*:

"*Foi* vencido o inimigo, e (*foram*) soltos os prisioneiros"
sing. plur.

"Tu *queres* passear, e eu (*quero*) ficar"
2ª pess. 1ª pess.

"A um é *dada* a palavra de sabedoria, a outro (é *dado*) o dom de curar moléstias"
fem. masc.

– "Nem ele nos *entende*, nem nós (*entendemos*) a ele".

3ª – No período – "Desanimados, desesperados, *recorrem* esses homens ao muito conhecido expediente, *qual náufrago* à tábua de salvação" – nenhuma necessidade há de no plural ser colocado o substantivo *náufrago*, por tratar-se aqui de construção contrata, elítica, na qual se subentende o verbo da subordinada: "qual náufrago *recorre*".

Outro exemplo: "...para se conseguirem tantos títulos quantos for possível" – está igualmente certo; nele se subentende o infinitivo *conseguir* (...quantos for possível *conseguir*), que figurará como sujeito da locução *for possível*, exercendo o *quantos* função acusativa desse infinitivo.

4ª – O *zeugma* pode abranger uma palavra ou um conjunto de palavras: "Nem as lágrimas me são estranhas, nem (*me é estranho*) o longo e aflito orar".

5ª – O *zeugma* é às vezes *antecipado*, isto é, a omissão da palavra ou palavras é feita na primeira frase, para ser expressa essa palavra em frase que se vai proferir logo em seguida: "Não fosse esta (*coisa*), muitas outras *coisas* teria feito".

784 – PLEONASMO: Indica a palavra *pleonasmo* (gr. *pleonasmos* = superabundância) a figura de regência que consiste na *redundância* de expressão, ou seja, na repetição de uma mesma ideia, mediante palavras diferentes:

"*Vi* com os meus próprios olhos"

Notas: 1ª – Quando a repetição de ideia não traz nenhuma energia à expressão, o *pleonasmo*, antes de ser *figura*, passa a ser vício, que se denomina *perissologia* (= excesso de palavras), *tautologia* (= repetição de palavras) ou *batologia* (= repetição, gaguez): *comer com a boca*, *subir para cima*, *descer para baixo*, *ver com os olhos*.

2ª – Deixa de ser vicioso o pleonasmo quando, no repetir a ideia já expressa, acrescenta um especificativo qualquer, que dê graça e força à expressão, ou quando indica contraste: "Fiz a caminhada com meus *próprios* pés" – "Esse ouro e prata, posto que naturalmente *desce para baixo*, havia de *subir para cima*" – "Ele sabe *pescar peixe*, mas não sabe *pescar homens*" – "*Ver com os olhos* não é o mesmo que *ver com os dedos*".

3ª – Deixa, outrossim, de ser viciosamente pleonástica uma expressão, quando os termos que a compõem já não conservam sua significação de origem; não há, praticamente, repetição de ideia: "*Sé catedral*" – etimologicamente *cadeira da cadeira*. "*Meu monsenhor*" – etimologicamente *meu meu senhor*. "*Meu menino*" – etimologicamente *meu meu niño* (do espanhol).

4ª – Opera-se também o pleonasmo quando se repetem membros da oração (**oração pleonástica**); neste caso é preciso cautela e parcimônia para que surta efeito: "*Os sinos* já não há quem *os* toque" – "Ao qual recado *ele Hidalcão* não respondera" – "*Sabedor* nunca *o* fui" – "*A mim me* parece" – "*A podenga negra*, *essa* corria pelo aposento" – "Parece-me *a mim*" – "maltratando-*se a si próprio*" – "*Os bens* deste mundo, como são corruptíveis, ainda que não haja quem *os* furte, eles mesmos se nos roubam".

A repetição pleonástica do objeto na forma oblíqua ou do sujeito se dá geralmente quando esses termos vêm no rosto da oração ou antes do verbo: "Semelhantes *cortejos*, de contínuo *os* oferece a cidade" – "O *estímulo* da honra, tê-*lo*-ia o jovem pernambucano".

Observe-se, em alguns dos exemplos em que se repete o objeto direto, a vírgula antes da repetição pleonástica, pontuação essa às vezes exigida pela clareza.

5ª – Constitui também *pleonasmo* o emprego de certas partículas que não fazem parte da oração e dela podem ser suprimidas sem comprometer a clareza nem a construção: "Não *me* desças a escada pela grade" – "Sei *lá* o que quer ele!" – "Que santa *que* é esta mulher!" – "Eu *é que* a isso não me atrevo!" – "Quase *que* caí".

Tais partículas ou locuções se dizem *expletivas*.

6ª – Próprio da língua portuguesa é repetir a negação. No falar hodierno emprega-se essa linguagem pleonástica quando a palavra *não* vem mencionada *antes* das outras negativas: "*Não* digas *nada*" – "*Não* tinham coisa *nenhuma* para comer" – "*Não* apareceu *ninguém*" – "O vulto *não* respondeu *nada*" – "*Não* deixara entrar *ninguém*".

Podem-se também empregar em lugar da segunda negação as expressões *coisa alguma*, *pessoa alguma*: "*Não* vi *coisa alguma*" – "*Não* quero aqui *pessoa alguma*".

O que é erro é agir de maneira inversa, isto é, colocar um *nem*, um *ninguém*, um *nada* ou outra negativa em primeiro lugar e, depois, acrescentar o *não*. Deve-se redigir "Nem eu pude ver" (e não: Nem eu não pude ver), "Ninguém de nós falou" (e não: Ninguém de nós não falou), "Nada que o contrariasse podíamos fazer" (e não: Nada que o contrariasse não podíamos fazer). V. § 683, 3, obs. b. V. D.QVs: *Pleonasmo*.

785 – ANACOLUTO (do gr. *an* = não, mais *acólouthon* = acompanhado, significa não consequente, não coerente) especifica a figura de regência em que um termo da oração vem *solto*, *sozinho*, sem nenhuma relação sintática com os outros termos; vem a ser, por outras palavras, a *interrupção* ou *mudança* de construção já começada, por outra de nexo diferente. Em geral essa interrupção, não raras vezes elegantíssima, traduz mais fielmente o pensamento do que a coordenação lógica, por si mesma despida de sentimento.

> *Eu* que cair não pude neste engano
> (Que é grande dos amantes a cegueira)
> Encheram-me com grandes abondanças
> O peito de desejos e esperanças (Camões).

OUTROS EXEMPLOS: "*A terra* em que tu morreres, nessa morrerei" – "*Os três reis orientais*, que vieram adorar o Filho de Deus recém-nascido em Belém, é tradição da Igreja que um era preto" – "*Eu* me parece que..." – "*Eu* por bem farão de mim tudo, e por mal, nada" – "*Lá a mãezinha, essa, coitada*, é que lhe custou muito eu vir-me embora" – "*Eu* que falo aos olhos dos presentes, não me é necessário deter-me em tão sabido assunto".

São igualmente exemplos de anacoluto muitos provérbios em que as orações não mantêm entre si relação gramatical:

> "Quem se bem estreia, bom ano lhe venha"
> "Quem te não roga, não lhe vás à voda"
> "Bezerrinho que sói mamar, prui-lhe o paladar".

786 – IDIOTISMO (gr. *ídios* = próprio) ou *expressão idiomática* é o termo ou dicção existente numa língua, sem correspondente em outros idiomas. Por *idiotismo* se compreendem também as frases e modismos que se afastam dos princípios gerais da sintaxe, sendo, porém, consagrados pelo uso de pessoas cultas e geralmente adotados na boa linguagem.

São *idiotismos* nossos: *a*) O *infinitivo pessoal flexionado*, pois segundo os princípios gerais da gramática nenhuma das formas infinitivas deveria tomar desinência pessoal com a finalidade existente em português. (V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "infinitivo pessoal".)

b) O emprego da locução *é que*, usada expletivamente (§ 784, n. 5) em "Eu *é que* fiz isso" (= eu fiz isso), "Nós *é que* quisemos assim", "*É* lá *que* o rio se derrama".

Nota: Em casos como este: "Só depois da chegada *foi que* o assunto mereceu atenções" – o "foi que" não constitui oração; é a mesma locução expletiva "é que", e poderia por esta ser substituída nesse exemplo. É no entanto obrigatória a flexão do verbo, quando há inversão e, ao mesmo tempo, deslocamento do "que". Ou se diz: "Ele *é que* fez isso" ou "*Foi* ele *que* fez isso". Tanto

o "é que" do primeiro exemplo, quanto o "foi que" do segundo constituem a mesma locução expletiva. Ou se dirá: "*Foram* eles *que* fizeram isso" ou "Eles *é que* fizeram isso".

c) O emprego da preposição *de* nas expressões "pobre *do* homem", "coitado *de* meu tio", "o bom *do* velhinho".

d) A anteposição do artigo aos possessivos: *o* meu livro, *os* teus caprichos, *as* nossas relações (§ 244, B, 4, n.).

Questionário

1. Como se denominam as *figuras de regência*?
2. Quantos casos há de *elipse* e quais são? (Resposta completa e exemplificada.)
3. Faça uma oração com cada um dos verbos *mandar*, *requerer*, *pedir*, *pensar*, *parecer*, em que haja elipse da conjunção integrante *que*.
4. Dizer o que há na oração: "Uma assim eu não esperava!"
5. Que é *zeugma*?
6. Quando e como vem o *zeugma* indicado na frase?
7. Que é *zeugma antecipado*? Exemplos.
8. Diga o que aprendeu sobre *pleonasmo*.
9. A oração "Eu por bem farão de mim tudo" encerra anacoluto, isto é, nela existe um termo solto, sem função sintática; qual é esse termo?
10. Que vem a ser *idiotismo*? Explique e exemplifique.

CAPÍTULO 56

COLOCAÇÃO

790 – **Colocação** ou **ordem** é a maneira de dispor, na oração, os termos que a constituem ou, num grupo de palavras, os vocábulos que o formam.

Colocação dos Termos da Oração

791 – Construímos de ordinário a oração começando pelo sujeito, declarando a seguir algo sobre o sujeito, ou seja, o verbo, e ajuntando em terceiro lugar termo ou termos que completem a predicação.

A tal colocação de sujeito, verbo e complemento dá-se o nome **ordem direta** (ou *analítica*, por ser própria de línguas analíticas – § 180, nota):

$$\underbrace{\text{sujeito} \qquad \text{verbo} \qquad \text{complemento}}_{\text{ordem direta}}$$

Alterando-se essa disposição dos termos, diz-se que a oração está na **ordem indireta** (ou *inversa*, ou *sintética*, por ser própria de línguas sintéticas).

792 – No geral, a ordem direta não é observada em alguns casos, como os seguintes:

793 – A necessidade de externar desde logo o sentimento ou a ideia que nos preocupa pode levar-nos a iniciar a oração com o objeto ou com o predicativo:

Desta água não beberei.
Pão para os filhos pedem estas mulheres.
Livros não tenho melhores que os teus.
Teatro tão grande como este nunca vi em minha vida.
Cansado estou das tuas queixas.
Tolo serias se o procurasses.
Aos cachorros é que deveria você dar isso.

Nota: A deslocação do sujeito para o fim, ou do objeto para o princípio, não é possível com o pronome relativo, cujo lugar é sempre no princípio, qualquer que seja sua função (V. o § 796).

794 – Quando se quer chamar atenção especial para o sujeito da frase, é ele deslocado para depois do verbo:

Se nenhum de vós quiser ir, irei *eu*.
Aqui quem perde és *tu*.
Por essa fico *eu*.
Atrás do rei vinham *os fidalgos* da corte.

Nota: Nem sempre há necessidade de fazer a inversão. Em muitos casos basta recorrer à expressão *é que*, a qual, pelo contraste da acentuação fraca, faz sobressair o vocábulo anterior: "Tu *é que* podias explicar o caso" – "Nós *é que* não podemos ficar aqui" – "Eu *é que* não espero".

795 – Verbo em primeiro lugar, tratando-se de linguagem expositiva, é construção típica para os casos seguintes:

a) Quando se combina o verbo com o pronome *se* para denotar que fica indeterminada a pessoa que pratica a ação:

Luta-se pela existência.
Ganha-se com dificuldade.

b) Quando a oração tem sentido existencial, quer se empreguem os verbos *ser* ou *existir*, quer o verbo *haver*:

Era uma vez um rei.
Existem naquela terra povos de costumes diferentes.
Há muitos prédios elegantes na cidade.

Notas: 1ª – *Existir* e *haver* ocorrem também pospostos, podendo-se dizer *povos existem*, *homens há* etc., mas esta construção é justamente a inversa. Sucede o mesmo com algumas frases de agente indeterminado.

2ª – É de uso mencionar o verbo em primeiro lugar nas proposições que têm por fim assinalar uma época em que se enquadram outros acontecimentos. A começarmos pelo sujeito, perderia o enunciado sua força de expressão: "Quando fui eleito deputado, era presidente da república um amigo".

c) Em certas frases em que se determina *tempo*, *distância*, *peso*, *medida* ou *número*:

São duas horas e meia.
Faltam três laranjas para completar a dúzia.
Era dia claro quando me levantei.
São três léguas a cavalo.

d) Nas *orações condicionais* empregadas sem conjunção:

"*Visse*-a Juno, talvez se abrandaria" – "*Fosse* filho meu que tão cruelmente te houvesse ofendido..." (V. § 585, 5, n. 1).

e) Quando o predicado é expresso por uma das *formas nominais* do verbo:

É tempo de *falarem* os fatos.
Acabado o discurso... (V. § 698).
Tendo o orador acabado de falar...

796 – O pronome relativo coloca-se no princípio da oração, quer sirva de sujeito, quer de complemento:

Examinei a joia *que* ele comprou (obj. dir.).
Aqui está a casa *em que* morei (adj. adverbial).
O homem *que* nos recebeu era surdo (suj.).

797 – É infundado dizer que nas orações interrogativas o sujeito deve pospor-se ao verbo. O que existe é o seguinte: Interrogações em que se faz uso de alguma das palavras interrogativas *quem*, *que*, *quanto*, *como*, *por que*, *onde*, *quando* constroem-se de ordinário começando-se pela expressão interrogativa e enunciando-se depois o verbo seguido do sujeito, quando este não é pronome interrogativo.

Que quer *você*?
A quem procura *ele* enganar?
Com quem vives *tu*?
Quanto custa o *metro* desta fazenda?
Por que não deixas *tu* isso para mais tarde?
Como soube *ele* de tal coisa?

Nota: Pode-se, contudo, fazer às vezes a transposição, quer pondo-se o sujeito no começo da pergunta, quer colocando-se a expressão interrogativa no fim:

E tu *que* dizes a isto?
Teu primo *por que* não apareceu?
Receias *o quê?* (V. § 367.)

798 – Nas orações exclamativas os termos se colocam como nas interrogativas e admitem análoga transposição:

Quantas lágrimas amargas não verteu ela!
Como é triste a vida neste ermo!
Aqueles areais *como* são saudosos e contemplativos!

799 – Certas expressões optativas (e também simplesmente exclamativas) têm construção fixa, empregando-se o verbo sempre no começo: outras se constroem indiferentemente com o verbo em primeiro ou em segundo lugar:

Viva o soldado cumpridor do seu dever!
Morram os traidores!
Benza-vos Deus!
Deus vos *ajude*!

Nota: Na linguagem optativa também precedem aos demais dizeres as expressões *prouvera a Deus*, *tomara* (V. § 742), *quem me dera* e outras semelhantes.

800 – Os períodos compostos que têm subordinada substantiva ou adverbial podem ou não iniciar-se pela principal ("Avise-me quando teminar" ou "Quando terminar avise-me") – exceto se forem empregadas certas expressões como *é necessário*, *é preciso*, *importa*, *cumpre* etc., as quais se dizem em primeiro lugar.

801 – Há elegante deslocação idiomática dos termos da oração nas seguintes frases: "*Fácil* é isso de dizer e difícil de fazer" – por: "Isso é fácil de dizer e difícil de fazer". "*Velozes* corriam os dias" – por: "Os dias corriam velozes". "*Chegados* que foram" – por: "Logo que foram chegados". "Eles *que* fujam" – por: "Que eles fujam".

802 – Embora, quando há dois objetos, um direto e outro indireto, não haja colocação fixa para eles (o § 793 deve ser aqui lembrado), costuma-se, na oração declarativa comum, colocar o direto em primeiro lugar quando nenhum deles é constituído de pronome:

Pretendo distribuir *brinquedos* às crianças.
Esqueci-me de levar *doces* para os presos.

Nota: Quando constituídos de pronomes: § 321.

803 – Quando o verbo vem modificado ou acompanhado de vários complementos, estes devem ser distribuídos de maneira que fiquem uns antes do predicado e outros depois, procurando-se com isso dar não somente equilíbrio mas força de expressão ao período; o não cumprimento dessa norma torna o período coxo ou inexpressivo:

Por amor ao filho *lançou-se* o pai ao rio.

Em tais casos, coloca-se em primeiro lugar o complemento mais importante, isto é, aquele cuja ideia se pretende evidenciar: "*Por causa de um macaco* a mulher perdeu a vida".

804 – Levadas em conta as construções fundamentais de que a linguagem natural e espontânea não costuma afastar-se, é certo que para a estrutura oracional temos em português bastante liberdade. Esta, porém, é maior no verso, em que ocorrem certas transposições completamente estranhas não só ao falar comum, mas ainda ao discurso limado. Alguns escritores abusaram da liberdade poética, a ponto de tornarem a linguagem obscura e quase ininteligível:

"Ama a vivenda dos contrários ao fogo undosos rios a do rei potente mimosa filha" (= A filha mimosa do rei potente ama a vivenda dos rios undosos, contrários ao fogo).

"Dos sem conto que há passado maléficos portentos" (= Dos portentos maléficos sem conto que há passado).

Nota: Quanto à colocação do advérbio recorde-se o § 775.

Colocação do Adjetivo

807 – No geral, o adjetivo vem depois do substantivo, mormente quando restritivo. Quando explicativo, costuma também vir depois em orações que encerrem comparação ou contraste:

Comprei uma gravata *vermelha*.
Vi um prédio *alto*.
Os meninos *estudiosos* têm mais brio.
Tomei um café *amargo*.
Ela tem cabelos *compridos*.
Experimentei um açúcar *doce* como nenhum outro.
Água *mole* em pedra *dura*.

Notas: 1ª – Quando é explicativo e expresso na generalidade, sem nenhum interesse de informação nova nem para formar comparações ou contrastes, o adjetivo costuma vir antes.

As *tímidas* ovelhinhas pastavam calmamente.

2ª – Certos explicativos, mormente quando indicativos de cor, têm posição geralmente fixa, ora antes ora depois, conforme o substantivo qualificado. Assim, enquanto se diz "a safira azul", "o céu azul", "otopázio amarelo", costuma-se dizer "a verde esmeralda", "a branca neve".

3ª – Em frases de efeito enfático, o restritivo vem geralmente antes:

Vão passar um *bom* filme.
Trata-se de um *belo* coração.
Tenho *brilhantes* alunos na minha classe.
É sem dúvida uma *grande* cidade.
Seus *compridos* cabelos.
Deu o *último* suspiro.

808 – Em muitos casos a anteposição ou posposição do adjetivo acarreta mudança de sentido (§ 360):

bom homem (homem ingênuo)	homem bom (de boas qualidades)
rico homem (homem nobre)	homem rico (endinheirado)
grande homem (eminente)	homem grande (alto)
pobre homem (infeliz)	homem pobre (sem dinheiro)
simples homem (mero homem)	homem simples (homem singelo)
santo homem (homem bom)	homem santo (homem sem mancha)
verdadeiro homem (homem real)	homem verdadeiro (homem veraz)
vários homens (diversos homens)	homens vários (homens diferentes)
gigantes há ladrões	ladrões há gigantes
verdadeira unha	unha verdadeira

Nota: *Rico homem*, na linguagem medieval, significava *homem nobre*, *fidalgo*. Não tem aplicação no falar moderno.

Rico, anteposto a substantivo, usa-se hoje como equivalente de *valioso*, *precioso*, e também (em Portugal) com a acepção de *querido*, *estimado*: *Rica* pedraria, *ricas* joias, meu *rico* amigo.

Colocação de outras Classes de Palavras

811 – O **artigo**, o numeral **cardinal** e o **ordinal**, as **preposições** e, em geral, os **pronomes adjetivos** vêm antes do substantivo:

Este homem perdeu *a* vista *em um* combate.
Nosso vizinho possui *muitos* prédios.
Cada criança trazia *duas* cestinhas *com* flores.

Notas: 1ª – Há casos, porém, em que a posposição do pronome adjetivo traz graça à expressão: "Homem *este* que não conheço" – "Venturas *mil*".

Há até um caso em que a posposição dá sentido inverso à expressão: "Homem *algum* nos viu". Confrontem-se:

Em *caso nenhum*
Em *caso algum* } deixarei meu posto
Em *nenhum caso*

V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "Não dei nenhuma informação".

2ª – Quando para eles se quer chamar a atenção, os *possessivos* vêm depois:

Filho *meu* não seguirá tal carreira.
Não farão revolta com dinheiro *nosso*.

3ª – Os *numerais* vêm depois quando designam datas, páginas, monarcas, papas:

Página *25* (vinte e cinco)
Dia *quinze*
Luís *XIV* (catorze)
Carlos *I* (primeiro)
Pio *XII* (doze)

812 – Os *advérbios de intensidade* vêm antes do adjetivo:

Terreno { muito, pouco, mais, menos, tão, bem, assaz } extenso

Carne { bem, mal } assada

Nota: Quanto a *bastante*, veja a nota 3 do § 530 e o § 358.

813 – *Não* e *nem* vêm sempre antes da palavra modificada:

Não fui *nem* irei.
Não vi Pedro *nem* João.
Isso *não poderá* ser feito (não deverá ser feito).
Isso poderá *não ser* feito (talvez não seja feito).

814 – Nas locuções verbais o verbo auxiliar vem normalmente antes da forma nominal:

Tenho visto muita miséria.
O soldado *ficou ferido*.
Deves dizer a verdade.

Nota: Quanto à colocação do particípio e do gerúndio nas orações correspondentes ao ablativo absoluto latino, veja o § 698.

Quanto a outros casos, consulte o *Índice Analítico* sob o verbete "colocação".

Questionário

1. Que é *colocação*?
2. Ordinariamente, qual a ordem dos termos da oração portuguesa e que nome recebe?
3. Cite e exemplifique os principais casos em que a ordem direta não é observada.
4. Por que razão a oração "O pai lançou-se ao rio por amor ao filho" não é tão expressiva e harmoniosa quanto esta: "Por amor ao filho lançou-se o pai ao rio"?
5. Quando há dois objetos, um direto e outro indireto, qual deles costuma vir antes?
6. Que diz da ordem dos termos usada na poesia?
7. Corrija:
a) A festa acabada, todos se retiraram.
b) O trabalho ficando pronto, podem ir brincar.
8. Ordinariamente, o adjetivo vem antes ou depois do substantivo? Especifique e exemplifique.

9. Dê exemplos de mudança de sentido decorrente de mudança de posição do adjetivo.

10. Quando *algum* tem significação negativa? Exemplo.

11. Corrija (o erro, nestas orações, não está na colocação):

a) Sabia-se que, não obstante a indignação de ambos, iriam entender-se entre eles (V. o 2º exemplo no início do § 408).

b) Devemos procurar uma produção vultuosa.

c) Não encontrei qualquer meio para salvá-lo.

CAPÍTULO 57

COLOCAÇÃO DOS PRONOMES OBLÍQUOS ÁTONOS

818 – Conforme vimos no § 102, há em português alguns vocábulos sem acentuação própria, sem autonomia prosódica, que se apresentam como sílabas átonas do vocábulo seguinte ou do vocábulo anterior. Entre tais palavras átonas estão compreendidos os pronomes oblíquos *me*, *te*, *se*, *o*, *lhe*, *nos*, *vos*[1], *os*, *lhes*.

Uma vez átonos e, ao mesmo tempo, com função de complemento verbal, os pronomes oblíquos *terão de apoiar-se*, para efeito de acentuação, nos próprios verbos de que são complementos. Ora, com relação ao verbo, eles podem, na frase, ocupar três posições, podendo vir *antes*, *depois* ou no *meio* do verbo. Vindo antes, o pronome oblíquo se diz *proclítico* (e a posição se chama *próclise*); vindo depois, *enclítico* (e a posição se chama *ênclise*); vindo no meio, *mesoclítico* (e a posição, *mesóclise*).

Exemplos de *próclise*:

"Não foi isso que *vos* disse" – "Nada *lhe* fiz" – "Nem tudo *se* perdeu".

(1) Não se confundam as formas sem acento *nos* e *vos*, casos oblíquos, com *nós* e *vós*, casos retos, acentuados.

Exemplos de *ênclise*:

"*Foram-se* as esperanças" – "Não quis dizê-*lo* para não magoá-*lo*".

Exemplos de *mesóclise*:

"Dir-*te*-ei (dir(te)ei) depois o que aconteceu" – "Se fosse escrita, aprender-*se*-ia melhor a lição".

819 – A palavra **regra**, quando se fala em "regras para a colocação dos pronomes oblíquos", deve ser bem compreendida. A causa, o móvel, o eixo, o princípio fundamental, que explica a diversidade de posição, na frase, do pronome oblíquo, é tão só, única e exclusivamente um: a *eufonia* (gr. *eu* = bom + *phoné* = som), isto é, a harmonia, a agradabilidade do som, ou, ainda, a facilidade, a suavidade na pronunciação. (Isto se denomina, com mais propriedade, *eustomia* – do gr. *eu* = bom + *stóma* = boca.) Mas que é realmente, em gramática, *eufonia*? Não tem aí a palavra sentido absoluto, conceituação própria, independente, senão relativa: é eufônico, numa língua, o que é habitual, o que é costumeiro, o que é geral, e neste sentido é que o aluno deve compreender afirmações como "a posposição não é agradável ao ouvido", "repugna ao ouvido...". O uso, repetimos, tanto relativo a um grupo quanto a um indivíduo, é que torna eufônica, ou não, determinada incidência tônica: a agradabilidade do som e a suavidade da pronúncia são decorrência natural do hábito. Nesse sentido, pois, é que se deve compreender, no presente estudo, que "regra não passa de exigência da eufonia ou da eustomia" e, ainda, quando se diz que para os portugueses não existe o problema da colocação dos pronomes oblíquos; é que eles, *habitualmente*, observam as regras. Esse estudo iniciou-se e só se faz no Brasil, cuja extensão territorial exige muito mais escolas e muito mais vias de comunicação para que se preserve sua unidade política e linguística.

Regras de Colocação

820 – Vimos no início do § 818 que certos pronomes oblíquos, por serem átonos, apoiam-se, para efeito de acentuação, nos verbos de que são complementos. É isso sinal de que, **em regra geral**, os pronomes oblíquos devem vir depois dos verbos, isto é, devem ser *enclíticos*. Acontece, porém, que em diversos casos essa colocação posverbal não é seguida. Tal acontece ou em virtude do próprio verbo, cuja forma repele depois de si o pronome, ou em virtude de certas palavras colocadas antes dos verbos, as quais atraem o pronome oblíquo para antes do verbo. (Vindo depois do verbo, essas palavras nada terão que ver com a colocação do pronome oblíquo.) Quer isso dizer que, rigorosamente falando, as formas oblíquas tornam-se enclíticas dessas palavras; no entanto, na prática, toma-se por base o verbo, e daí as três posições já nossas conhecidas, cujas regras passaremos a ver, começando, como é natural, pelo estudo da *ênclise*.

Ênclise

821 – Se é de natureza dos oblíquos funcionar como complementos dos verbos, nada mais justo dizer que, em regra geral, os oblíquos devem vir pospostos aos verbos. Como é a eufonia que regula esta questão da posição dos oblíquos, podemos formular a seguinte regra:

Quando não há nada que eufonicamente atraia o oblíquo, deve-se dar preferência à posposição: "Os homens *dizem-se* sábios quando..." (melhor do que: Os homens *se dizem* sábios...). "O homem *mantinha-se* de pé" (melhor do que: O homem *se mantinha* de pé). "A menina *machucou-se* toda" (melhor do que: A menina *se machucou* toda).

Essa colocação dá mais ênfase à frase.

822 – Uma vez que, para efeito de prosódia, o pronome oblíquo deve apoiar-se no acento do verbo, *não se pode iniciar um período com pronome oblíquo*: "Disseram-*me* isso ontem" e não: "*Me* disseram isso ontem".

823 – Exige a eufonia a posposição dos oblíquos aos *gerúndios*: "Não queira conquistá-lo confiando-*lhe* segredos" e não: "Não queira conquistá-lo *lhe* confiando segredos" – "Devo estar vendo-*o*".

Notas: 1ª – Existe, para este caso, uma exceção: O pronome oblíquo passa a vir antes do gerúndio quando este estiver precedido da preposição *em* e, ainda mais, quando fizer parte de locuções verbais (V. § 517 e 518): "Em *o* nomeando, fez o governo justiça", e não: "Em nomeando-*o*..." – "Ele

está-*se* levantando". Pode a eufonia permitir que, em certos casos de locução verbal, o oblíquo se posponha ao gerúndio.

2ª – Se a uma forma verbal simples em *ndo* preceder palavra de valor atrativo (§ 827 e ss.), o oblíquo virá antes: "Não *se* revestindo..." – Quando nada houver que atraia, o oblíquo virá depois: "...e, detendo-*nos* para beber água, vimos...".

824 – Além de mais eufônica, é da tradição da língua a posposição dos oblíquos nas orações imperativas: "Ó menino, vai-*te* daqui".

825 – Quanto **à posposição do oblíquo "o"** ao verbo, devemos obedecer às seguintes normas:

1 – nenhuma modificação acarreta ao verbo em formas terminadas em vogal (*amo-o*, *diga-o*);

2 – transforma-se em *lo* quando posposto a formas terminadas em *r*, *s* ou *z*, consoantes estas que desaparecem (*amá-lo, amaste-lo*, *di-lo*, *fi-lo*, *ei-lo*);

3 – adquire a forma *no* quando posposto a formas terminadas em *m* (*amam-no*, *tinham-no* – V. § 124), notando-se que formas como "cercavam-*nos*" exigem cuidado para clareza: o *nos* poderá enquadrar-se no caso presente (= os cercavam) e pode ser forma oblíqua de *nós*;

4 – não se pospõe às formas do futuro nem do particípio (jamais *amarei-o*, *terei-o*, *amaria-o*, se eu *fizé-lo*, *amado-o*).

Exemplos:

amo	+ o = amo-o	tenho	+ o = tenho-o
amas	+ o = ama-lo	tens	+ o = tem-lo
ama	+ o = ama-o	tem	+ o = tem-no
amamos	+ o = amamo-lo	temos	+ o = temo-lo
amais	+ o = amai-lo	tendes	+ o = tende-lo
amam	+ o = amam-no	têm	+ o = têm-no

Notas: 1ª – O aluno atento saberá, mediante as regrinhas e os exemplos acima dados, encontrar todas as formas verbais que podem vir com o "*o*" posposto (V. § 121 e 124. V. § 243, B, obs. 2).

2ª – A desinência pessoal *mos* perde o *s* antes de formas pronominais enclíticas: *preparamo-nos*, *demo-los*.

Pode-se operar a supressão do *s* tanto com a primeira quanto com a segunda pessoa do plural e tanto com *nos* e *vos* como com qualquer outro pronome oblíquo.

Louvamo(s)-nos, louvamo(s)-vos, louvamos-lhe ou *louvamo(s)-lhe o arrojo, louvamo(s)-los, louvemo(s)-te, ó Deus. Vós recriminaste(s)-nos, recriminaste(s)-lo, recriminaste(s)-lhe vós a imprudência.*

Gramaticalmente não se pode dizer errada a forma *queixamos-nos*. Se outro, no entanto, é o uso geral, explica-o a facilidade, ou melhor, o hábito da pronúncia, o qual regula a omissão ou não do *s* final nos diferentes casos.

Enquanto a maioria dos autores falam em supressão do *s* de *mos* antes dos oblíquos *o*, *a*, *os*, *as*, Laudelino Freire ensina que só há supressão desse *s* antes de *nos*, Vasco Botelho de Amaral e Eduardo Carlos Pereira generalizam; este diz: "Na 1ª e na 2ª pessoa do plural seguida de pronome oblíquo, elimina-se, por eufonia, o *s* final".

3ª – Quando enclíticas, as formas pronominais oblíquas acusativas e dativas podem causar a ocorrência de uma acentuação que não temos num mesmo vocábulo; comum em outras línguas, não existe em português acento tônico na preantepenúltima sílaba de nenhuma palavra, e daí a estranheza de formas como *remeta-se-lhe*, *digam-se-lhe*, *havíamo-nos*, *tínhamo-los*, *lancem-se-lhe*, *afigura-se-nos*, estranheza que não deve impedir-nos seu uso, desde que não temos nesses casos uma só palavra senão duas ou mais.

826 – V. § 776, 3, nota, *complemento comum*.

Próclise

827 – Há casos em que o verbo perde sua força enclítica, o que é motivado pela anteposição, aos verbos, de partículas que, para efeito de eufonia, atraem o pronome oblíquo; tal se dá nos seguintes casos:

828 – Nas orações negativas, uma vez que a negativa, quer constituída de advérbio, quer de pronome, quer de conjunção, atrai o pronome oblíquo para antes do verbo: "Nada *lhe* fiz" e não: "Nada fiz-*lhe*"

– "Ninguém *o* conhece" e não: "Ninguém conhece-*o*" – "Ele não foi nem *se* deixou levar" e não: "...nem deixou-*se* levar".

OUTROS EXEMPLOS: "Não *me* é lícito" – "Não *me* seria possível"

Nota: Entre escritores, clássicos e modernos, é muito comum a elegante deslocação do pronome oblíquo para antes do *não*: "Eu *o não* vi" – "Contanto que *se não* atreva a passar" – "...que *me não* pode dar" – "Se *lhe não* houvesse dito...". Procedimento semelhante é o da anteposição do oblíquo ao reto em outros casos de próclise: "...quando *lhes eu* dou a ler alguns destes oitenta discursos".

829 – Com certas conjunções coordenativas aditivas (*nem*, *não só... mas também*, *que*): "Não foi nem *se* lembrou de levar" – "Não só *me* disse que ia, mas também *me* pagou a viagem" – "Diz-me com quem andas, que eu *te* direi quem és".

830 – Com as alternativas *ou... ou*, *já....já*, *quer... quer*, *ora... ora*, *agora... agora*, *quando... quando*: "*Quer o* diga, *quer o* não diga" – "Ora *se* arrepende, ora *se* revolta".

831 – Com os adjetivos e pronomes relativos (*que*, *qual*, *quem*, *cujo*): "O livro que *me* deu é bom" – "Aí está o livro cujas páginas *se* estragaram".

832 – Com as conjunções subordinativas:

Integrantes – "Disse que *se* ia embora".

Causais – "Dei-lho porque *mo* pediu".

Comparativas – "Isso é mais bonito do que *lhe* parece".

Concessivas – "Embora ele *se* arrependa..."

Condicionais – "Perdoai-me se *vos* ofendi".

Consecutivas – "Portou-se tão bem que *o* elogiaram".

Finais – "Dou-lhe este livro para que *se* lembre sempre de mim".

Temporais – "Quando eu *te* vi pela primeira vez..."

Proporcionais – "À medida que *se* preparava o trabalho..."

Conformativas – "Conforme *se* vê..."

Notas: 1ª – Não se esqueça o aluno disto: A *eufonia* é o primeiro fator que regula a posição do oblíquo. Nesta frase: "...porquanto atirá-*la*-ia...", o oblíquo está eufonicamente bem colocado, não obstante o "porquanto" que antecede o verbo. A posição: "...porquanto *a* atiraria..." é desagradável ao ouvido.

2ª – Caso curioso opera-se com o *que* integrante: atrai o oblíquo ainda quando oculto pela figura elipse (§ 781): "Requeiro *se* digne a Presidência informar..." – "Peço-lhe *me* deixe ir".

833 – Nas orações optativas (§ 644): "Bons olhos *o* vejam" (e não: "Bons olhos vejam-*no*") – "Bons ventos *o* levem" (e não: "Bons ventos levem-*no*").

834 – Com os indefinidos (*algum*, *alguém*, *diversos*, *muito*, *tudo*, *vários* etc.), quando vêm antes do verbo: Tudo *lhe* dei, saúde e dinheiro" (e não: "Tudo dei-*lhe*...") – "Pouco *se* faz em prol do idioma pátrio" (e não: "Pouco faz-*se*...").

835 – Com os advérbios, quando precedem ao verbo: "Sempre *lhe* disse" (e não: "Sempre disse-*lhe*") – "O que aqui *me* fizeram" (e não: "O que aqui fizeram-*me*").

836 – Em português, repugna ao ouvido a colocação dos pronomes oblíquos depois do *particípio*. Jamais se dirá: "Os pais têm descuidado-*se* da formação moral dos filhos" – Ou se diz: "Os pais têm-*se* descuidado da formação moral dos filhos" ou: "Os pais *se* têm descuidado da formação moral dos filhos".

Em tais casos, o pronome oblíquo deverá apoiar-se no verbo que antecede ao particípio. Mesmo que entre o verbo e o particípio haja uma locução, o pronome oblíquo deverá vir junto do verbo. Ou se diz: "Os pais *têm-se*, embora inconscientemente, *descuidado* da formação moral dos filhos" – ou: "Os pais *se têm*, embora inconscientemente, *descuidado*..." ou: "Os pais *se têm* descuidado embora inconscientemente..." – mas nunca: "Os pais *têm*, embora inconscientemente, *se descuidado*..." – deixando-se o *se* solto e desamparado do seu apoio, que é o *têm*.

Seja qual for a forma que se dê a essas orações, o pronome oblíquo deverá prender-se ao auxiliar e não ao particípio.

Pausa – Distância – Liberdade Poética

837 – Mais uma vez lembramos ao aluno: A causa, o móvel, o eixo, o princípio fundamental, que explica as várias posições do pronome oblíquo, é tão só, única e exclusivamente um: a **eufonia**. As regras para a colocação dos pronomes oblíquos são efeito – decorrente da eufonia – e não causa. Pois bem, a mesma eufonia que determina o cumprimento das regras da próclise pode determinar as exceções; para isto, três fatores podem concorrer: a *pausa*, a *distância* e a *liberdade poética*.

838 – PAUSA: Vimos há pouco que os advérbios atraem os oblíquos; suponhamos, no entanto, uma oração como esta: "*Antigamente* passava-se o caso de outro modo". O não cumprimento, à primeira vista, da regra (*antigamente* deveria atrair o oblíquo: § 835) evidencia uma *pausa* depois do advérbio; por causa dessa pausa, perde ele sua força atrativa, obrigando-nos ao cumprimento da segunda regra da ênclise: "Uma vez que, para efeito de prosódia, o pronome oblíquo deve apoiar-se no acento do verbo, não se pode iniciar um período com pronome oblíquo".

A anteposição ou a posposição do oblíquo denuncia-nos como deve ser feita a leitura e, conseguintemente, a intenção do autor no assim redigir a oração. Construções como: "*Aqui* canta-*se*, *ali* dança-se" – denunciam-nos,

evidentemente, uma pausa depois dos advérbios *aqui* e *ali*, como se aí existisse vírgula; a leitura seguida, sem pausa, não é eufônica nem expressiva.

Não devemos, pois, estranhar colocações como estas de Antônio Vieira: "Porque *hoje* pregam-*se* palavras e pensamentos, e *antigamente* pregavam-*se* palavras e obras". A posposição pronominal força o leitor a parar depois dos advérbios *hoje* e *antigamente*. Isso requerem a eufonia e a energia de expressão.

Concluindo: Havendo pausa, perde a partícula o valor atrativo: "Aluguei uma casa *que*, diga-se de passagem, não vale uma pataca".

839 – DISTÂNCIA: Se entre a palavra de valor atrativo (advérbio, indefinido, relativo, conjunção subordinativa, partícula negativa) e o verbo houver uma locução, um parêntese, uma oração interferente, se, enfim, houver *distância*, perderá essa palavra o valor atrativo, desobrigando a anteposição do oblíquo: "*Nada*, apesar de toda a boa vontade, torna-*o* digno do lugar" (em vez de: "*Nada*, apesar de toda a boa vontade, *o* torna digno do lugar") – "É que nós conhecemos a vida pública dos visigodos, e não a sua vida íntima, *enquanto* os séculos da Espanha restaurada revelam-*nos* a segunda" (em vez de: "...*enquanto*... *nos* revelam...") – "...flor *que*, disse ele, chama-*se* dália".

840 – LIBERDADE POÉTICA: Não há erro no seguinte verso da "Sagres" de Bilac: "Em *que* soidão o sol sepulta-*se*". Ao poeta tudo é permitido (Arte Poética, 9, 10); de tantas liberdades goza ele, que é mais fácil, quanto à pureza gramatical, a redação de uma poesia que a de um trecho em prosa.

Importa acrescentar que no caso presente não ficaria eustômica a sequência de três *ss*: "Em que soidão o *s*ol *se s*epulta".

Mesóclise

841 – Repugna ao ouvido, nas formas do **futuro do presente** e nas do **futuro do pretérito**, a posposição dos oblíquos. A não ser que tenha os ouvidos inteiramente estragados, ninguém irá dizer *farei-te*, *fará-nos*, *fará-vos*, *faremos-lhe*, *faríamos-lhe* etc. Se tais formas iniciarem o período, torna-se forçada a colocação dos pronomes no meio do verbo: *dir-te-ei*, *dar-me-ás*, *far-vos-á*, *encontrar-nos-emos*, *queixar-vos-eis*, *castigar-nos-ão*, *vender-te-ia*, *dar-lhe-íamos* etc.

Ainda que essas formas não iniciem período, pode-se empregar a mesóclise, bastando para isso que não exista nenhuma palavra de valor atrativo que obrigue a próclise: "O tempo *dir-lhe-á* quem está com a verdade".

Nessas formas podemos encontrar até dois oblíquos mesoclíticos: "Devolver-*no-la*-ão vocês?".

Nota: Erros gravíssimos são mesóclises como estas: *dizer-te-ei*, *fazer-lhe-ia*, *trazer--lhe-á*. Excluídos os oblíquos, teríamos: *dizerei*, *fazeria*, *trazerá*, inomináveis erros de conjugação. O certo é: *dir-te-ei*, *far-lhe-ia*, *trar-lhe-á* (V. § 463, 4, obs. 4).

Os Oblíquos e o Infinitivo

842 – Com um pouco de ouvido, fácil se torna a correta colocação dos oblíquos, quando o verbo da oração não está no infinitivo. Quando o verbo da oração é empregado nesta forma nominal (§ 414), surgem então as dificuldades; à eufonia da expressão vêm agora juntar-se o estilo do autor e a função do oblíquo.

Sem prometer eliminar todas as dúvidas nem entrar em todas as minúcias, faremos o possível para, com clareza e método, expor o assunto.

843 – O artigo, por ser palavra de valor tônico nulo, não tem força atrativa sobre o oblíquo: "*O* queixar-se o paciente não influi no tratamento".

Nota: Ainda que o artigo venha combinado com a preposição, continua sem valor atrativo sobre o pronome: "A vantagem está *no* criarem-se os filhos".

844 – As formas pronominais retas, as preposições e as locuções prepositivas (quando desacompanhadas de artigo) dão liberdade à anteposição ou posposição do oblíquo: "O fato de eu *o* ver..." ou "O fato de eu vê-*lo*..." – "*Sem os* perder de vista" ou "*Sem* perdê-*los* de vista" – "*Depois de se* esvair o sangue" ou "*Depois de* esvair-*se* o sangue" – "*Até se* descobrir o assassino" ou "*Até* descobrir-*se* o assassino" – "*Para o* castigar" ou "*Para* castigá-*lo*" – "Começou *a lhe* responder" ou "Começou *a* responder-*lhe*".

Exceções: *a*) A preposição *por* repele muitas vezes depois de si os oblíquos *o*, *a*, *os*, *as*: "*Por* traí-*lo*, foi castigado" (e não: "*por o* trair...") – "*Por* quererem-*nos* presentes, mandaram entrar" (e não: "*por os* quererem...").

Os antigos redigiam: "Eu me esforcei *pelo* conseguir", combinando o *por* ou sua variante *per* com o oblíquo; não só a combinação mas a própria anteposição do oblíquo caiu em desuso.

Tratando-se de outros oblíquos, é indiferente a colocação: "*Por nos* impedir a lei" ou "*Por* impedir-*nos* a lei".

b) A preposição *a* não permite depois de si os oblíquos *o*, *a*, *os* e *as*: "*A deixá-lo* ficar prefiro morrer" – e não: "*A o* deixar ficar...".

Visa esta norma a evitar o hiato: "Passei *a o* castigar". – Uma vez que, com os outros oblíquos, não se dá o hiato, torna-se livre a colocação: "*A* aceitar-*te*" ou "*A te* aceitar".

845 – Quando uma preposição rege mais de um infinitivo, a regra, bem como as exceções, continua a mesma para o primeiro infinitivo, mas os outros infinitivos deverão trazer os oblíquos depois de si: "*Para* castigá-*-lo*, corrigi-*lo* e educá-*lo*" ou "*Para o* castigar, corrigi-*lo* e educá-*lo*" (mas não: "*Para o* castigar, *o* corrigir e *o* educar" nem: "*Para* castigá-*lo*, *o* corrigir e *o* educar").

846 – Se a preposição rege um infinitivo que possui outro complemento além do pronome oblíquo, este deverá vir posposto ao verbo. Quando o infinitivo está nessas condições, ou se repete o primeiro pronome (precedido de *a*), ou se repete o infinitivo, ou se preposiciona o segundo complemento:

1ª forma: "Para convidá-*lo* *a você* e *seu irmão*"

↓ primeiro objeto de *convidar*

↓ repetição do *lo*, sob a forma reta, precedido de *a*

↓ segundo objeto de *convidar*

2ª forma: "Para convidá-lo e *convidar* seu irmão"

↓ repetição do inf.

3ª forma: (§ 683, 7): "Para convidá-lo e *a* seu irmão"

↓ 2º obj. dir. preposicionado para clareza

Outros exemplos: "Com salvar-me *a mim* e *a ela*" ou "Com salvar-*me* e *salvá-la*" – "Não é para humilhar-te *a ti* nem *teus companheiros*" ou "Não é para humilhar-*te* nem *humilhar* teus companheiros" – "Não pude socorrê-*-lo* nem *aos seus*".

847 – Havendo, num período, dois infinitivos que indiquem contraste, cada qual com sua preposição e respectivo pronome oblíquo, este deverá vir posposto ao infinitivo: "Não será *para* prendê-*lo* mas *para* resguardá-*lo*".

848 – IMPORTANTE: Tratando-se de infinitivo impessoal, as partículas negativas, os advérbios, os pronomes relativos e as conjunções subordinativas não têm força atrativa sobre os oblíquos; estes podem continuar a ficar depois dos infinitivos e, note-se, esta era a posição preferida pelos clássicos: "Sem *nunca* alcançá-*lo*" – "Por *não* amá-*lo* é que tal fez".

O que não devemos é confundir infinitivo pessoal com futuro do subjuntivo (V. a nota 1 do § 459, ao pé da pág.), ou seja, não cometamos o erro de redigir "...renda de quem *recolhê-la* na fonte" em vez de "...renda de quem *a recolher* na fonte", porque *recolher* aí é futuro do subjuntivo, e o futuro não permite a posposição do oblíquo; é erro igual a dizer "...de quem *fizé-las*".

849 – As partículas negativas somente obrigam a anteposição do oblíquo ao infinitivo quando este é pessoal e flexionado: "Para *não vos divertirdes*" – "Julgamos oportuno *não nos afastarmos*".

850 – Mais de acordo com a análise, os clássicos preferiam a posposição dos oblíquos ao infinitivo quando este dependesse dos verbos *dever*, *poder*, *querer*, *mandar*, *ir* e outros: "Ele deve pagar-*me*" – de preferência a: "Ele deve *me* pagar". – "Pode mandar-*nos* a mercadoria" – de preferência a: "Pode *nos* mandar a mercadoria". – "Ele deve queixar-*se*" – de preferência a: "Ele deve *se* queixar".

Observações:

1ª – Quando, em casos como esses, há uma partícula de valor atrativo antes dos dois verbos, o oblíquo será colocado ou antes do primeiro ou depois do segundo e nunca entre os dois verbos: "Não *o* quero melindrar" – ou "Não quero melindrá-*lo*" (e nunca: "Não quero-*o* melindrar") – "...homens que *lhe* devem dar" ou "...homens que devem dar-*lhe*" (e nunca: "...homens que devem-*lhe* dar") – "Ele que *se* vá queixar" ou "Ele que vá queixar-*se*" (e não: "Ele que vá *se* queixar").

2ª – Quando também o verbo de que depende o infinitivo está no infinitivo, o pronome pode vir antes do infinitivo de que é complemento: "Mandei o empregado embora por não podê-*lo* suportar" ou "...por não poder suportá-*lo*".

3ª – Note-se a diferença entre as construções "O diretor mandou-*me* inscrever" e "O diretor mandou inscrever-*me*". No primeiro caso, *me* é o agente (sujeito acusativo) de *inscrever*, sendo, no segundo exemplo, o recipiente (objeto direto) de *inscrever*. O primeiro exemplo corresponde a: "Mandou que eu me inscrevesse"; o segundo: "Mandou que inscrevessem a mim". V. § 652.

4ª – Quando o pronome *se* indica passividade, ele pode ficar entre o infinitivo e o verbo de que o infinitivo depende: "Deve-*se* repartir a herança" – "Promete-*se* acabar com as injustiças" – "Pode-*se* ver o que fez ele" – "Peixes podem-*se* pescar...".

5ª – "Virei buscá-lo", "Virei te buscar": Por que essa disparidade de topologia pronominal? Não é válido alegar eufonia. Eufonia é consequência, e não causa de procedimento; o ouvido, quando generalizado o erro, repele o acerto. A coerência de procedimento de colocação dos oblíquos exige o que se impõe para colocar vértebras e espinha no lugar: ginástica, repetição, assiduidade de exercício corretivo. Em locuções verbais terminadas em infinitivo a posposição do oblíquo não cria o problema do hífen.

Questionário

1. Onde se apoia o acento dos oblíquos átonos?

2. Qual o fator que mais influi na colocação dos pronomes oblíquos? (§ 819.)

3. Que sentido tem, em gramática, a palavra "eufonia"?

4. Quantas posições pode o pronome oblíquo ocupar na frase? Como se denominam essas posições e como, em cada caso, passa a chamar-se o pronome? Dois exemplos de cada caso (§ 818).

5. Quais os fatores que podem alterar a colocação dos oblíquos? – Resposta completa e exemplificada (V. § 837 e ss.).

6. Que diz da colocação dos oblíquos junto a infinitivos impessoais, quando existem partículas atrativas antes desses infinitivos? (§ 848.)

7. Dizer o que acha da colocação pronominal das seguintes orações:

a) Vamos nos apresentar em um espetáculo.

b) Vieram me dizer que...

c) Para o castigar, o corrigir e o educar...

d) Deve repartir-se a herança entre todos.

8. Que outras formas podemos dar à construção: "Não é para humilhar-te nem humilhar teus companheiros"?

9. Corrija a colocação do oblíquo nas seguintes orações:

a) O ministro tinha, desde o ano passado, se desinteressado do assunto.

b) O candidato havia, dentro do prazo legal, se desincompatibilizado para a eleição.

c) Da decisão proferida a exequente interpôs embargos declaratórios, tendo o tribunal os rejeitado.

d) Naquele dia em que estava se fazendo...

e) Nuvens que vêm se adensando.

f) Requeiro que a Presidência digne-se informar...

g) Eis que chegar-se-ia à conclusão.

h) Quando ia me retirar...

i) Em elegendo-o, o povo praticou ação justa.

j) Tudo fiz-lhe para curá-lo.

CAPÍTULO 58

COLOCAÇÃO IRREGULAR

853 – Uma das belezas que o português, mais do que as línguas suas irmãs, conservou do latim é a liberdade no dispor os termos da oração. Essas liberdades, ou melhor, essas inversões se reduzem a quatro *figuras*:

Hipérbato

Anástrofe

Tmese

Sínquise

854 – **HIPÉRBATO**, ou **transposição**, é nome que designa os casos de inversão em que se interrompem dois termos, que entre si se relacionam, para dar lugar à interposição de outro termo:

"Em pesada *caiu* melancolia"

↓

palavra que interrompe a sequência de dois termos que se relacionam: *pesada* e

OUTROS EXEMPLOS: "O das águas *gigante* caudaloso" (= O *gigante* caudaloso das águas) – "*Suporta* dos homens *tormentos*" (= *Suporta tormentos* dos homens) – "...*é* d'alma *um arroubo* em ânsias d'amor" (= ...*é um arroubo* d'alma...) – "...estão *ladeando* do Eterno Padre *o luminoso sólio*" (= ...estão *ladeando o luminoso sólio* do Eterno Padre).

855 – ANÁSTROFE (gr. *anastrophé* = inversão) é nome que designa a simples inversão dos termos da oração, isto é, a deslocação do sujeito, do verbo ou dos complementos:

"...que *escuta* dos angélicos coros *a harmonia*"

em vez de: "...que *escuta a harmonia* dos angélicos coros".

OUTROS EXEMPLOS: "Um mundo de vapores no ar flutua" (...flutua no ar) – "Mas aos pombais as pombas voltam, e eles aos corações não voltam mais" (Mas as pombas voltam aos pombais, e eles não voltam mais aos corações) – "Mas à nossa residência traz de dezembro a inclemência delícias a plenas mãos" (Mas a inclemência de dezembro traz delícias à nossa residência, a mãos plenas) – "Nos vergéis suaves, cantam as aves, sem cessar, amores" (As aves cantam amores nos vergéis suaves, sem cessar).

856 – TMESE (gr. *tmêsis* = corte) é como se denomina a intercalação dos oblíquos no futuro do presente e no futuro do pretérito: dir-*lhe*-ei, dir-*lhe*-ia (V. § 841).

857– SÍNQUISE (gr. *synchysis* = confusão) é o nome da figura de colocação que consiste na transposição violenta de termos, produzindo certa confusão artística das palavras: "Enquanto manda as ninfas amorosas, *grinaldas* nas cabeças pôr *de rosas*" (= ...pôr grinaldas de rosas nas cabeças) – "*A grita* se levanta ao céu, *da gente*" (= A grita da gente se levanta ao céu).

Nota: Observe o aluno, nesses dois exemplos de sínquise, a importância e necessidade da vírgula (depois de *amorosas*, no primeiro exemplo, e depois de *céu*, no segundo), sem a qual impossível se tornaria distinguir o sentido das orações.

858 – As figuras acima vistas são mui frequentes na poesia; delas, no entanto, não deve abusar o poeta a ponto de tornar obscuro ou ambíguo o período como se vê nesta passagem:

Entre *todos* com o dedo eras notado,
Lindos moços de Arzila, *em galhardia*. – (§ 804).

Tipos Sintáticos Divergentes

859 – Quer quanto à *concordância*, quer quanto à *regência*, quer quanto à *colocação* pode uma oração ser construída variadamente, sem que o sentido se altere. Essas variações se denominam **tipos sintáticos divergentes** (ou *tipos sintáticos equivalentes* ou ainda *formas equipolentes*).

860 – Exemplos de tipos sintáticos divergentes de **concordância**:

Era tudo flores	*Eram* tudo flores
Passará o céu e a terra	*Passarão* o céu e a terra
Chamam-te fama e glória *soberana*	Chamam-te fama e glória *soberanas*
Mas contigo se *acabe* o nome e a glória	Mas contigo se *acabem* o nome e a glória
Os primeiros lugares *leve*-os João e Diogo	Os primeiros lugares *levem*-nos João e Diogo
A língua e a poesia *portuguesa*	A língua e a poesia *portuguesas*
Palavras de gênero *masculino*	Palavras de gênero *masculinas*

861 – Exemplos de tipos sintáticos divergentes de **regência**:

Usar de roupa branca	Usar roupa branca
Ele deve de fazer	Ele deve fazer
Tirou a espada	Tirou da espada
Cercado de soldados	Cercado por soldados
Anda falando	Anda a falar
Perecer à fome	Perecer de fome
Tenho-o por honesto	Tenho-o como honesto
Creio ser ele bom	Creio que ele é bom
Entrar a barra	Entrar na barra
Esta água não beberei	Desta água não beberei
As povoações parece terem sido habitadas	As povoações parecem ter sido habitadas

862 – Exemplos de tipos sintáticos divergentes de **colocação**:

Ao campo damasceno o perguntara	Perguntara-o ao campo damasceno
Gália ali se verá	Ver-se-á Gália ali
Esta é a ditosa pátria minha amada	Esta é a minha ditosa pátria amada
Nomes com que se o povo néscio engana	Nomes com que o povo néscio se engana
Novos mundos ao mundo irão mostrando	Irão mostrando ao mundo novos mundos
Sabemos o de que precisamos	Sabemos do que precisamos

863 – O tipo sintático pode ser duplo, triplo, quádruplo etc.: "Amor *às* letras, *para as* letras" – "Bruto matou César, a César matou Bruto, Bruto a César matou, Bruto matou a César, matou a César Bruto, matou Bruto a César".

Observação:

Alguns alunos, no responder à pergunta 2 do Questionário, apresentam orações com termos diferentes, o que não é acertado. Tratando-se de divergência de regência, é claro que haverá certa mudança no complemento, mas o termo, isto é, o núcleo, o complemento empregado deverá ser o mesmo. Tratando-se de divergência de concordância ou de colocação, os termos devem ser absolutamente idênticos, só variando, só divergindo a concordância ou colocação. Havendo mudança de termo ou de significado, deixará de existir divergência sintática.

Além disso, deve o aluno dar as duas formas divergentes, como neste exemplo: cumprir o dever – cumprir com o dever.

Questionário

1. Quantas e quais as *figuras de colocação*? (Resposta completa, pormenorizada e exemplificada; de sínquise não é necessário dar exemplo.)
2. Que são *tipos sintáticos divergentes*? – Um exemplo de cada caso, que não conste na lição.
3. Corrija, *justificando* as correções, os seguintes textos:
   a) Me parece que já lhe encontrei hoje nalgum lugar.
   b) Os jornais ocultaram do público parte dos fatos, iludindo-lhe quanto à extensão do desastre.
   c) Se tivéssemos intervido mais cedo, o resultado teria sido favorável à nós. (§ 464, 3, obs. 2.)
   d) Se eu ver que não chego à tempo, lhe telegrafo, que é para mim ser substituído. Mas lhe peço um grande obséquio: me espere para a última discussão, a qual estarei presente. (§ 463, 14 – Cuidado com a colocação dos oblíquos.)
   e) Mandei o empregado na farmácia, que levou também uma carta para pôr na caixa do correio. (§ 376)
   f) Ela tinha me pedido para levar você comigo, mas se você não quer ir, não insisto consigo. (§ 581, n. 1 – § 408.)
   g) Sua tia, nesta carta, reitera os conselhos que dera-lhe.
   h) Quando Carlos soube que o delegado nos detera, veio logo e assistiu todo o interrogatório. (§ 431, obs. – § 777.)
   i) A missa foi assistida por muitas pessoas gradas, que mostravam-se muito compungidas.

Questionário

1. Quantas e quais as *figuras de colocação*? (Resposta completa, pormenorizada e exemplificada; de sínquise não é necessário dar exemplo.)

2. Que são *tipos sintáticos divergentes*? – Um exemplo de cada caso, que não conste na lição.

3. Corrija, *justificando* as correções, os seguintes textos:

a) Me parece que já lhe encontrei hoje nalgum lugar.

b) Os jornais ocultaram do público parte dos fatos, iludindo-lhe quanto à extensão do desastre.

c) Se tivéssemos intervido mais cedo, o resultado teria sido favorável à nós. (§ 464, 3, obs. 2.)

d) Se eu ver que não chego à tempo, lhe telegrafo, que é para mim ser substituído. Mas lhe peço um grande obséquio: me espere para a última discussão, a qual estarei presente. (§ 463, 14 – Cuidado com a colocação dos oblíquos.)

e) Mandei o empregado na farmácia, que levou também uma carta para pôr na caixa do correio. (§ 376)

f) Ela tinha me pedido para levar você comigo, mas se você não quer ir, não insisto consigo. (§ 581, n. 1 – § 408.)

g) Sua tia, nesta carta, reitera os conselhos que dera-lhe.

h) Quando Carlos soube que o delegado nos detera, veio logo e assistiu todo o interrogatório. (§ 431, obs. – § 777.)

i) A missa foi assistida por muitas pessoas gradas, que mostravam-se muito compungidas.

CAPÍTULO 59

VÍCIOS DE LINGUAGEM

866 – *Vícios de linguagem* são palavras ou construções que deturpam, desvirtuam ou dificultam a manifestação do pensamento.

867 – São os seguintes os *vícios de linguagem*:

1 – Barbarismo	6 – Hiato
2 – Solecismo	7 – Eco
3 – Anfibologia	8 – Colisão
4 – Obscuridade	9 – Preciosismo
5 – Cacofonia	10 – Provincianismo

868 – **BARBARISMO** ou **peregrinismo** ou **estrangeirismo** (para os latinos *bárbaro* era todo o estrangeiro) é o emprego, na língua, de palavras estranhas na *forma* ou na *ideia*, ou inteiramente desnecessárias ou contrárias à sua índole. (Note-se bem: quando *necessário*, deixa de constituir barbarismo.)

O barbarismo pode estar já no vocábulo, já na frase, donde a divisão em barbarismos vocabulares ou *léxicos* e barbarismos *fraseológicos*. Assim, quem emprega a palavra *habitué* (de origem francesa), em vez de *freguês*, *frequentador*, pratica um barbarismo *léxico*, por estar empregando uma palavra estrangeira, desnecessária; quem, agora, diz "boa manhã" em vez de *madrugada* pratica um barbarismo *fraseológico*, porque já não são os vocábulos, em si, que são estrangeiros, mas o fraseado, a locução (também aqui de origem francesa).

Tais *estrangeirismos* se discriminam pela língua de que procedem: *galicismo* (da *Gália*, antigo nome da França), *anglicismo* (do inglês), *castelhanismo* (do espanhol) etc.

Nota: O que determina a fixação de uma palavra no vocabulário de uma língua é, sem dúvida, o procedimento caprichoso da escolha, muitas vezes ingrato a ponto de rejeitar o que é prata de lei para substituir por desprezível escória:

> Multa renascentur quae jam cecidēre, cadentque
> Quae nunc sunt in honore vocabula, si volet usus,
> Quem penes arbitrium est et jus et norma loquendi.
>
> (Horácio, *Arte poética*, 70).

(Muitas palavras que já caíram renascerão, e as que agora estão em voga e estimação também hão de cair se assim o quiser o uso, o qual é o juiz, o árbitro e a regra da linguagem.)

Não disse Horácio que tanto mais caprichoso é o uso quanto menos escolas tem o povo.

869 – Galicismo – Muito concorreu o francês para abastardar ou barbarizar a nossa língua. As causas dessa influência achamo-las não só nas primitivas relações históricas de Portugal com a França, que lhe forneceu a dinastia fundadora de sua nacionalidade no século XII, como também na disseminação entre nós da literatura francesa. Por esta razão bradam constantemente nossos puristas contra o *galicismo* ou *francesismo*, não só *léxico* ou no *termo*, mas *sintático* ou na *frase*.

Há galicismos e galicismos, isto é, há os que se admitem, ou chegam até a justificar-se, e há os inadmissíveis, injustificáveis, meramente escusados e graciosos. A permuta de vocábulos é, até certo ponto, admissível entre as diversas línguas como consectário do comércio ou intercâmbio internacional. São aceitáveis os que servem para nomear objetos, artefatos, usanças, ritos, privativos ou originários de nação estranha, bem como produtos da flora, da fauna ou da geologia local, quando, em vez de designados por nome técnico científico ou nome universitário com equipolentes nos outros idiomas, o são por **antonomásia**[1] filiada a tradições ou acidentes meramente indígenas. Neste caso, porém, indispensável se torna que o vocábulo exótico, ao entrar no português, se expunja desde logo de todos os estigmas, que lhe assinalam a ascendência, isto é, da marca exótica, do cunho alienígena, e sofra a naturalização, transplantação ou aclimação, vestindo-se dos caraterísticos idiomáticos, adaptando-se à mesma forma daqueles com que vem concorrer, assumindo na república de palavras, que é o vocabulário ou léxico, a cor ambiente, a feição mesológica, o tipo ou a fácies consentânea com a fisionomia da língua do país.

---

(1) Figura de retórica que consiste no emprego de um nome comum ou de uma perífrase em vez de um nome próprio ou, pelo contrário, de um próprio em lugar de um comum ou de uma perífrase: "Como diz o *Apóstolo*" (= São Paulo) – "Os atuais *Borbagatos*" (= bandeirantes) – "É uma *babilônia* (= confusão; de *Babilônia*, cidade da Caldeia). *Antonomásia* é sinônimo de *epíteto*, *apelido*.

Em regra, a transplantação do francês para o português obedece às seguintes normas de alteração:

a) Os sons fechados convertem-se em abertos; assim, domin*o*, paleto*t*, bonne*t*, file*t*, cabriole*t*, triole*t*, livr*ée*, baudri*er*, fricass*ée*, chapit*eau* etc. passaram para o português: domin*ó*, paleto, bon*é*, fil*é*, cabriol*é*, triol*é*, libr*é*, boldri*é*, fricass*é*, chapit*éu*.

Às vezes a prosódia permanece a mesma em português. Raramente ocorre a conversão de voz "nasal fechada" em "oral aberta"; registra-se capil*é*, de capill*aine*, ou a de "som aberto" para "fechado": registre-se br*ai* (bré), que passou a br*eu* (brêu).(2)

b) A voz nasal *on* ditongaliza-se em *ão*, ditongo esse que é o maior, o mais belo idiotismo prosódico de nossa língua, e tão nosso, tão local, tão arraigadamente étnico, que lábios estrangeiros dificilmente logram emiti-lo em sua pura e clara eustomia, só o conseguindo ao cabo de muitos anos de aclimação. Assim, ode*on*, plastr*on*, pante*on*, parten*on* devem ceder a ode*ão*, plastr*ão*, pante*ão*, parten*ão*. Confrontem-se os vocábulos aleri*ão* (de aleri*on*), arm*ão* (de arm*on*), Avinh*ão* (de Avign*on*), barbilh*ão* (de barbill*on*), bet*ão* (de bet*on*), camin*hão* (de camio*n*; *caminhão* é a forma consagrada, mas errada, pois nada tem a palavra que ver com *caminho*), cant*ão* (de cant*on*), caramp*ão* (de gramp*on*), carrilh*ão* (de carrill*on*), Rubic*ão* (de Rubic*on*), val*ão* (de wall*on*, dialeto francês, falado na Bélgica) etc.

Excetuam-se as palavras francesas *bonbon* (que deu em português *bombom*, por influência analógica do adjetivo *bom*, com o qual nada tem de afim morfologicamente), *bothrion* (que deu *bótrio*, por influência do grego *bóthros*) e a interjeição *chitom*! (de *chut donc*), que existe também na forma *chitão*!

Coupon deve dar em português *cupão*, cujo plural é *cupões*.

c) A desinência feminina *e* passa para *a*: bobin*a* (de bobin*e*), ágat*a* (de agat*e*), alei*a* (de all*ée*), babuch*a* (de babuch*e*), bader*na* (de bader*ne*), marmit*a* (de marmit*e*), granj*a* (de grang*e*), opal*a* (de opal*e*), barbotin*a* (de barbotin*e*), vals*a* (de vals*e*), avalanch*a* (de avalanch*e*), Baion*a* (de Bayonn*e*) etc. Coqueluch*e* é forma errônea, já consagrada, que deveria ter dado coqueluch*a*. Dresd*a* (capital da Saxônia) é forma preferível a Dresd*e*.

d) A desinência masculina *e* passa a *o*, ou alonga-se em *io* ou *eo*: azot*o* (azot*e*), carbon*o* (carbon*e*), control*o* (control*e*), creosot*o* (creosot*e*), estér*eo* (ester*e*). Cyclon*e*, cern*e*, telephon*e* são formas que deveriam ter dado ciclon*o*, cern*o*, teléfon*o* (como no italiano) ou telefôn*io*.

e) O sufixo *age* passa a *agem*: cliv*agem*, embal*agem*, esclav*agem*, colmat*agem*, de cliv*age*, emball*age*, esclav*age*, colmat*age*.

f) O ditongo *ou* passa a *u*: b*u*gre, calemb*u*r (de b*ou*gre, calemb*ou*r). Excetua-se carr*o*ssel (de carr*ou*sel), por influência dos cognatos carr*o*ça e carr*o*.

g) O ditongo *eau* passa a *o*: bur*o*cracia por bur*eau*cracia (de bur*eau*cratie).

h) O *c* final passa a *que*: opodeldo*que* (de opodeldo*c*), cavanha*que* (de cavaigna*c*). *Cognac* deve naturalizar-se em *conhaque*.

i) O sufixo diminutivo *ette* (aberto) passa a *êta* (fechado): bacin*eta* (de bassin*ette*), barb*eta* (de barb*ette*). Essa a razão por que se deve dizer *coquêta*, *raquêta*, *grisêta*, *lorêta*, *plaquêta*, *marquêta*, *camionêta*.

Biciclêta deveria ser a forma portuguesa, mas *bicicleta* é forma arraigada e generalizada.

---

(2) V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "godê, godé".

j) O grupo consonantal *gn* grafa-se *nh*: champ*anh*a (de Champa*gne*), cava*nh*aque (de Cavai*gn*ac). Excetua-se *Colônia* (de *Cologne*). *Cognac* deve ceder a *conhaque*.

k) Em certos casos há deslocação do acento tônico: *cêntimo* (por influência do espanhol), em vez de *centímo*; *pátina* (por infl. do lat.), em vez de *patína*; *Madagáscar* (por infl. do malaio), em vez de *Madagascár*; *métope* (por infl. do grego), em vez de *metópe*. *Nenúfar*, e não *nenufár* (plural *nenúfares*).

l) O sufixo *ureto* (da desinência francesa *ure*) passa a *eto* em português; assim, *bromureto*, *carbureto*, *cianureto*, *clorureto*, *iodureto* devem corrigir-se para *brometo*, *carboneto*, *cianeto*, *cloreto*, *iodeto*. *Sulfureto* pode-se tolerar por preexistir o radical *sulfur*, se bem que não se diga *sulfurato* mas *sulfato*, *sulfurídrico* mas *sulfídrico*.

m) O ditongo grego *ei*, que em francês se mantém com a forma originária, em português passa a *i*: qu*i*rópteros e não qu*ei*rópteros; cl*i*dorrexia e não cl*ei*dorrexia; cal*i*doscópio e não cal*ei*doscópio; cal*i*dofônio e não cal*ei*dofônio.

n) O sufixo *ien* passa a *io* e *ítico*: acríd*io* e não acrid*iano* (fr. acrid*ien*); patríc*io* e não patric*iano* (fr. patric*ien*); sincrân*io* e não sincran*iano* (fr. syncran*ien*); proboscíd*ios* e não proboscid*ianos* (fr. proboscid*iens*); sinf*ítico* e não sinf*isiano* (fr. symphys*ien*).

o) Os radicais franceses devem substituir-se pelos equipolentes portugueses: *alumin*ação (lat. alumen, *aluminis*) e não *alun*ação (do fr. *alun*); *alumin*fero e não *alún*ico (do fr. *alun*); *âmnico* (do gr. *ámnion*) e não *amniótico* (do fr. *amniotique*); *antipleurítico* (do port. *pleurite*) e não *antipleurético* (do fr. *antipleuretique*); *glicínio* (por infl. do gr.) e não *glucínio* (por infl. do francês); *mamilão* (de *mamilo*) e não *mamelão* (do fr. *mamelon*); *siringa* (gr. *syrigx*) e não *seringa* (fr. *seringue*); *plumbagina* e não *plombagina*.

870 – Galicismos LÉXICOS:

Abordar – Poucos e fracos são os autores que empregaram este verbo na acepção francesa de aproximar-se de uma pessoa, de surpreendê-la, de a ela dirigir-se de surpresa, e na de discorrer sobre um tema. Deve-se dizer "*surpreender* alguém na rua", "*tratar* de um assunto", "*ventilar*, *explanar* uma questão", e não "*abordar* alguém", "*abordar* um assunto, uma questão". Na acepção de "*assaltar* uma embarcação" não é francesismo.

Algéria – em vez de *Argélia* (donde *argelino*, e nunca *algerino* nem *algeriano*).

Afixe – em lugar de *edital*.

Anvers (cidade da Bélgica) – em lugar de *Antuérpia*; o adjetivo pátrio é *antuerpiense*.

Bale (cidade suíça) – em lugar de *Basileia*.

Berne (capital da Suíça) – em vez de *Berna*.

Bordeaux (cidade francesa) – em vez de *Bordeus*.

Boudoir – em lugar de *toucador*.

Bouquet – em vez de *ramilhete*, *tope*, *capela*.

Chance – em vez de *oportunidade*.

Chauvinismo – em vez de *xenofobia* (gr. *xênos* = estrangeiro, e *phóbos* = medo, horror); o que nutre sentimentos ridículos de patriotismo é *xenófobo* (o *x* tem som alfabético).

Chefe de obra – em vez de *obra-prima*.

Comitê – em vez *dejunta*, *comissão*, *grupo*, *reunião*, *delegação*, *conselho*.

Costume – galicismo na acepção de *fato*, *vestido*, *traje*, *roupa*.

Debacle – em vez de *derrocada*, *derrota*.

Détraquê – em vez de *telhudo*, *lunático*, *adoidado*, *atoleimado*.

Eclodir – em vez de *estalar* ("Foi nesse dia que estalou a revolta"), *rebentar* ou *arrebentar* ("...comprou-se a guarda mourisca do alcáçar e a revolução rebentou"), *nascer*, *estourar*. – Como termo de botânica, traduza-se por *desabrochar*, *desabrolhar*, *surdir*, *nascer*. – Em outros casos troque-se por *surgir*, *irromper*, *romper*.

Eclosão – galicismo vogante e enervante. O ato de sair à luz expressa-se em português, conforme o caso, por *desabrochar*, *desabrolhar*, *desabrocho*, *desabrolho*, *aparecimento*, *desenvolvimento*, *nascimento*, *nascença*, *floração*, *origem*. – O termo científico é **antese** (do gr. *anthos*, flor).

Eletrôdo – galicismo prosódico; o acento português é *elétrodo*, como *período*, *método*.

Esquimau – a forma vernaculizada é *esquimó*.

Faringe – é palavra feminina: *a faringe*.

Feérico – em vez de *fantástico*, *mágico*, *maravilhoso*, *edênico*.

Fetiche, *fetichismo*, *fetichista* – em vez de *feitiço*, *feitiçaria*, *feiticeiro*. É curioso notar que o vocábulo francês *fétiche* foi tirado do português *feitiço*.

Flanar – em vez de *banzar*, *vadiar*, *cabular*.

Frapante – em vez de *notável*.

Gafe – em vez de *rata*, termo muito mais expressivo.

Grenoble – em vez de *Granobra* (cidade da França).

Grimaça – em vez de *careta*, *trejeitos*, *caramunha*, *momo*, *momice*.

Gris – em vez de *cinzento*. O verdadeiro aportuguesamento obriga a pronúncia do *s*.

Habitué – em vez de *freguês*, *frequentador*, *viciado*.

Insurmontável – em vez de *insuperável*, *invencível*.

Marcante – em vez de *notável*, *distinto*, *conhecido*, *ilustre*, *eminente* etc.

Mayença – em vez de *Mogúncia* (cidade alemã).

Montra – em vez de *mostruário, vitrina, exposição, mostra.*

Negligé – palavra empregada na moda feminina para indicar roupa larga usada dentro do quarto ou de casa; diga-se "vestida ao desalinho, à vontade", e não "vestida de *negligé*".

Numismática – em vez de *nomismática.*

Orquidéa – galicismo prosódico; em português o acento é no *i*: *orquídea.*

Polipo – a pronúncia verdadeira é *pólipo*, que aliás é corrente de Portugal no seio do próprio povo.

Propriedade – galicismo na acepção de *alinho, apuro, limpeza, asseio*: Ele se veste com "propriedade". Em outras acepções (*qualidade, bens de raiz, emprego apropriado*) é lídimo português.

Remarcável – em vez de *assinalado, notável.*

René – em vez de *Renato.*

Renomado – em vez de *afamado, famigerado, célebre.*

Revanche – em vez de *desforra, vingança, vindita, despique.*

Reveria – em vez de *arroubo, enlevo, devaneio, extasiamento.* Como gênero de música traduza-se por *fantasia.*

Robe de chambre – em vez de *roupão, bata.*

Soirée – em vez de *sarau* (reunião dançante) ou *serão* (reunião para palestra).

Solvável – em vez de *solvível*; o substantivo é *solvibilidade* (ou *solubilidade*).

Soi-disant – em vez de *suposto, inculcado, pseudo, falso, gabolas.*

Surmontar – em vez de *superar, avantajar-se, sobrepujar, vencer.*

Troupe – em vez de *elenco, grupo, companhia.*

Vitraux – em vez de *vitral. Vitraux* é, em francês, plural; dizer, pois, em português "um vitraux" é, além de galicismo, solecismo.

871 – Galicismos FRASEOLÓGICOS ou sintáticos:

A que serve tanto luxo? – em vez de: De que serve tanto luxo?

Abstração feita – em vez de: fazendo-se abstração (§ 698).

Através isso – *Através* requer sempre depois de si a preposição *de*: através *d*isso, através *d*a sombra.

Conheci *os* homens *os* mais sábios – Não se deve repetir o artigo em expressões superlativas; ou se diz: "Conheci homens os mais sábios" ou "Conheci os homens mais sábios" ou "Conheci os mais sábios homens".

Copiado *sobre* uma antiga fotografia, feito *sobre* modelo – em vez de: Copiado de acordo com uma antiga fotografia, conforme uma antiga fotografia, feito conforme o modelo.

Estar ao fato de tudo – em vez de: Estar a par de tudo, estar ciente, estar inteirado, estar ao cabo.

Fazer as delícias – em vez de: Ser, constituir as delícias.

Fazer erro, fazer falta – Não é português o emprego de *fazer* com o sentido de *cometer, praticar*; em nosso idioma diz-se "cometer erro", como se diz "cometer falta", "cometer engano", "cometer distração".

Grande mundo – em vez de: alta sociedade. O mundo dos médicos, o mundo dos engenheiros – em vez de: a classe médica, a classe dos engenheiros.

Guardar o leito – em vez de: Estar de cama, estar acamado, ou, como diziam os nossos clássicos, estar em cama.

Isso vem mal a propósito – em vez de: Isso não vem a propósito.

Jogos de espírito – em vez de: chistes.

Mais eu penso, mais me convenço – em vez de: Quanto mais penso, mais me convenço.

Modelar o seu procedimento *sobre* o de seu amigo – em vez de: Modelar o seu procedimento *pelo* de seu amigo.

Não há nada a ver – em vez de: Não há nada que ver *ou* para ver (§ 546, n. 1, b).

Não se o compreende, não se o entende – em vez de: Ninguém o compreende, ninguém o entende (V. § 406).

Obras, artefatos, lavores *em* prata, *em* ouro, *em* platina – em vez de: obras, artefatos, lavores *de* prata, *de* ouro, *de* platina. Estátua *em* bronze, *em* ouro, em vez de: estátua *de* bronze, *de* ouro. – Mesa, colunas, escadas, balaustrada *em* mármore, em vez de: mesa, colunas, escadas, balaustrada *de* mármore. – Vestido *em* seda – em vez de: vestido *de* seda. Deve-se dizer "A casa é toda *de* material de primeira".

Ou bem – em vez de "ou então", em frases alternativas, como a seguinte: Ou obedecereis à lei *ou bem* sereis punido severamente – em vez de: ...*ou então* sereis etc.

Ponto de vista – Não obstante já vulgarizado, não nos esqueçamos de outras vernáculas maneiras de dizer: *a qualquer luz* (Tudo isso é deplorável a qualquer luz que se considere), *a que luz* (Examinai a

que luz vos aprouver o mundo romano), *à luz que* (Examinai à luz que vos aprouver o mundo romano), *por qualquer face* (Por qualquer face em que encaremos o assunto), *aspeto* (Qualquer que seja o aspeto por que encaremos a questão), *modo de ver* (São modos de ver de cada um).

Proceder *de modo a, de maneira a* satisfazer a todos – em vez de: *...de modo que, de maneira que* a todos satisfaz.

Redator em chefe, general em chefe – em vez de: redator-chefe, general-chefe.

Regular-se sobre alguém – em vez de: Regular-se por alguém.

Seus haveres consistem *de* prédios e muitas apólices federais – em vez de: Seus haveres consistem *em* prédios etc.

Ter a fazer – V. § 546, n. 1, b.

Ter lugar – em vez de: efetuar-se, realizar-se: "Realizar-se-á amanhã a festa..." e não: "Terá lugar amanhã a festa".

Todos os dois, todas as duas – em vez de: ambos, ambas.

Tomar a palavra, tomar armas, tomar luto, tomar alguém pela mão, tomar o hábito, tomar véu – em vez de: usar da palavra, ter a palavra, pegar em armas, estar, ficar de luto, segurar alguém pela mão, fazer-se frade, fazer-se freira. (Diga-se "vestidura" em vez de "tomada de hábito".)

Vir – Galicismo na acepção de *acabar de*: "Vem de aparecer o último livro do escritor..." em vez de: "Acaba de aparecer..." – "Vem de estrear a Companhia Nacional" em vez de: "Acaba de estrear a Companhia Nacional".

O verbo é lídimo vernáculo na acepção de *vir* (movimento), *chegar*, *voltar*: "Donde *vens*, ó mulher minha? – *Venho* de ouvir missa nova" – "Ei-lo aí *vem* de dizer missa" – "Saiu um magote de damas e homens que *vinham* de passar um delicioso sarau" – "Frades *virão* vinte e sete que *vêm* de partir melões" – "Quando chegou àquele porto Luís Falcão que *vinha* de governar Ormuz".

872 – 1) O *que* pode ocasionar o seguinte galicismo: Quando, na sequência de duas subordinadas, começa a primeira pelas conjunções *quand*, *comme*, *si*, *puisque*, é muito comum no francês o uso da conjunção *que* antes da seguinte subordinada, que se liga assim à primeira. Vertendo à letra tais subordinadas em português, é de todo alheio da índole de nossa língua fazer conta do *que* da segunda subordinada da construção francesa, copiando-a servilmente.

Tais são os seguintes passos, em cuja tradução para o português se deve elidir esse *que*: "Neptune, *quand* il élève son trident, et *qu'*il menace les flots soulevés, n'apaise point plus soudainement les flots" (Quando Netuno levanta seu tridente e ameaça as vagas revoltas, não as amaina mais repentinamente) – "*Comme* l'ambition n'a pas de frein, et *que* la soif des richesses nous consume tous, il en résulte que le bonheur fuit à mesure que nous le cherchons" (Como a ambição não tem freio e a sede das riquezas nos consome a todos, resulta que a felicidade foge à medida que a procuramos) – "*Si* Voltaire eût également soigné toutes les parties de son style, et *qu'*il eût plus tendu à la perfection qu'à la fécondité, il serait incontestablement le premier de nos poètes" (Se Voltaire tivesse igualmente ligado todas as partes de seu estilo e aspirado mais à perfeição que à fecundidade, seria incontestavelmente o primeiro de nossos poetas) – "*Puisqu'*on plaide et *qu'*on meurt, et *qu'*on devient malade, il faut des médecins, il faut des avocats" (Já que o homem pleiteia, adoece e morre, é mister que haja médicos e advogados).

Corre outro tanto quando a primeira subordinada principia no francês pelas conjunções ou locuções conjuntivas *quoique*, *lorsque*, *tandis que*, *après que*, *jusqu'à ce que* e outras, e a segunda pela conjunção francesa *que*: na tradução para o português nunca se enuncia o *que* da segunda subordinada sem cair em censurável galicismo.

Considera-se ainda galicismo o *que* empregado por *senão* em passagens como esta: "Isto não presta *que* como remédio" – "Ele não procura *que* a verdade".

2) Os substantivos franceses adjetivados designativos de cores, tais como *paille*, *marron*, *lilas*, *crème*, *orange*, *citron*, *saumon*, *grenat*, sempre invariáveis em tais casos, transladados à letra em nossa língua, produzem expressões alheias do bom falar português. Assim, em vez de sedas lilás, vestidos marron, vestidos creme, noisette; fitas, tafetás limão, laranja, cereja, carmin; luvas gris-perle, blusas grenat, como descuradamente é correntio no falar vulgar, em que tão mal se disfarça e confeita a estranha vestidura, devemos dizer: vestidos cor de palha, cor de castanha, sedas cor de lilás (ou *sedas lilases*: V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "lilás"), cor de salmão, cor de cereja, de avelã, de limão, de laranja, de creme, de carmim; luvas cor de pérola, blusas cor de granada, cor de romã, e analogamente, comparando a cor do objeto com a de objetos comumente conhecidos: cor de telha, cor de cinza, cor de barro, cor de rosa, cor de tijolo, cor de lírio, cor de carne, cor de flor de algodão, cor de chumbo, cor de abóbora, cor de rapé, cor de ouro, de azeviche, de canela, de azeitona, de casca de carvalho, de melão, de rubim, de púrpura, de vinho, de café, de ferrugem, de chocolate, de enxofre, de gema de ovo, de sangue.

873 – SOLECISMO é todo o erro léxico ou sintático. Exemplos: *Haviam* muitas pessoas no baile, em vez de *havia* muitas pessoas no baile; *fazem* três semanas, em vez de *faz* três semanas; hão de me *obedecerem*, em vez de hão de me *obedecer*; *custei muito* a encontrá-lo, em vez de *custou-me* muito encontrá-lo; não lhe passou *desapercebido* esse fato, em vez de não lhe passou *despercebido* esse fato; preferir *antes* fazer uma coisa *do que* outra, em vez de preferir fazer uma coisa *a* fazer outra; não saia sem *eu*, em vez de não saia sem *mim*; entre eu e ele, entre vós e eu, entre Pedro e eu, em vez de entre mim e ele, entre mim e vós, entre mim e Pedro; não crede, não suponde, em vez de não creiais, não suponhais; pediu-me de os visitar, em vez de pediu-me que os visitasse; aspirar altas posições, em vez de aspirar a altas posições; senhor de braço e cutelo, em vez de senhor de baraço e cutelo; guerreiro *intemerato*, em vez de guerreiro intrépido, denodado, destemido, *intimorato* (*intemerato* quer dizer inviolável, sem mancha, puro, incorrupto: virgem intemerata; verdade e fé intemeratas).

Os *solecismos* podem ainda ser *prosódicos* e *ortográficos*. Exemplos:

Errado	**Certo**
ab*i*solutamente	a*bso*lutamente
ad*e*jetivo	a*dje*tivo
ad*e*vogado	a*dvo*gado
*á*lcools	alcoóis
alv*é*ja	alv*ê*ja
Borde*aux*	Bordéus
c*a*dorna	c*o*dorna
décano	decâno
descaril*h*ar	descarrilar
des*ouveram*	desavieram[1]
entreti	entretive[2]
esgarranchar	escarranchar
fizéste*is*	fizestes[3]
foste*is*	fostes[3]
hipodrômo	hipódromo
pégada	pegáda
pr*e*vilégio	pr*i*vilégio
proposital	propositado
propositalmente	propositadamente
prototípo	protótipo
púdico	pudíco
saloba	salobra

(1) O verbo é *desavir* (des + a + *vir*: *vieram*; V. § 464, 3, obs. 2).

(2) De *entreter* (entre + *ter*: eu *tive*).

(3) 2ª pess. do plural do pretérito perfeito.

Nota: *Cacografia* (gr. *cacós* = mau) é o nome que se dá aos erros ortográfico como:

Errado		Certo
aza	em vez de	asa
ascenção	em vez de	ascensão
	em vez de	defesa
	em vez de	despesa
	em vez de	empresa (4)
repreza	em vez de	represa
explendor	em vez de	esplendor(5)
paiz	em vez de	país
pacivo	em vez de	passivo
sugeito	em vez de	sujeito

874 - ANFIBOLOGIA ou **ambiguidade** é o vício pelo qual se dá tal construção à frase, que esta apresenta *dois sentidos* diversos.

"Bato, que em dura pedra converteu
Mercúrio, pelos furtos que revela".

Dada a construção, não se percebe quem foi convertido em pedra, se Bato ou Mercúrio.

"Ama o povo o bom rei e dele amado" – onde o objeto do verbo *ama* se confunde com o sujeito do mesmo verbo.

"O amor de minha mãe me fortalece" – onde não se sabe se *mãe* é o recipiente ou o agente do *amor*.

"Ele prendeu o ladrão em sua casa" – onde fica duvidoso se na casa do sujeito ou na do ladrão.

875 - OBSCURIDADE é a *falta de clareza* pela disposição enleada da frase: "...que em terreno não cabe o altivo peito tão pequeno" (= em terreno tão pequeno).

O *preciosismo* (§ 880), o *neologismo* (§ 882), as *elipses* e os *hipérbatos* viciosos (§ 854), as *inversões* afetadas, a *ambiguidade*, os *parênteses* extensos, o emprego exagerado dos *homônimos*, a acumulação das orações *interferentes*, a *perissologia*, as *circunlocuções*, os períodos demasiado longos e a má pontuação são circunstâncias que, pela maior parte, trazem *obscuridade* ao discurso.

876 - CACOFONIA ou **cacófato** é a união de duas palavras de forma tal que a última ou últimas sílabas da primeira, mais a primeira ou primeiras da segunda formem uma terceira palavra de sentido *torpe*, *obsceno* ou *ridículo*: E*la trina* muito bem – U*ma minha* prima – Dê-*me já* isso.

(4) O étimo dessas palavras acusa *s* (V. § 84, n. 1, b).

(5) Do latim *splendorem*.

Nota: Só haverá cacofonia quando a palavra produzida for *torpe, obscena, realmente ridícula*. É infundado o exagerado escrúpulo de quem diz haver cacófato em *por cada, ela tinha, só linha* etc. Cito a propósito os dizeres de Rui Barbosa: "Se a ideia de *porta*, suscitada em *por tal*, irrita a *cacofatomania* desses críticos... outras locuções vernáculas têm de ser, com essa, refugadas". V. Cacofatomania no D. QVs.

877 – HIATO é a afluência, seguida, de vozes acentuadas:

"*Vá* *à* *au*la" – "*Lá* *há* *al*mas"
↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓
acentos seguidos acentos seguidos

878 – ECO é a repetição, desagradável, de fonemas iguais: "Clem*ente* s*ente* constantem*ente* dores de d*ente*" – "O instru*mento* do consenti*mento* do casa*mento*".

879 – COLISÃO é a desagradável repetição de consonâncias iguais ou semelhantes: "A enfa*dada* vi*da dos deu*ses" – "*Para papai pôr o pó*" – "*Só se sal*va o *san*to" – "O *sol se se*pulta".

Nota: Na poesia, há vezes em que a colisão passa, de vício, a recurso onomatopaico, ou seja, o som da expressão interpreta o seu significado: Zunindo *as asas azuis*".

880 – PRECIOSISMO é o uso de *palavras, expressões* e *construções* ou antigas (mais propriamente o vício se denomina, então, **arcaísmo**) ou inusitadas, esquisitas, rebuscadas, de forma que o pensamento se torne de difícil compreensão. Exemplos:

Substantivos e **adjetivos**: *hostes*, inimigos; *heréu*, herdeiro; *incréu*, incrédulo; *comunal*, comum; *ucha*, arca; *infançon*, moço, fidalgo; *avença*, concórdia; *fazenda*, negócio ou sentimento; *manceba*, mulher jovem; *cuidança*, cuidado; *naviamento*, navegação; *primente*, primeiramente; *vizindade*, vizinhança; *defensão*, defesa; *livridõe*, liberdade; *similidõe*, similitude; *segre*, século; *malo*, mau.

Desses citados alguns são ainda usados com discrição. Entre os arcaísmos, convém notar os particípios em *udo*: *recebudo*, *estabeleçudo*, da 2ª conjugação. De tais particípios há três vestígios ainda usados: *teúdo*, *manteúdo* e *conteúdo* (tido, mantido, contido). Notem-se os arcaísmos resultantes da incerteza de sufixos na derivação: *sofrença* e *sofrimento*; *livridõe* e *liberdade*; ainda possuímos *nascença* e *nascimento*, que não se arcaizaram.

O arcaísmo *avença* (concórdia) deixou vestígio em *desavença*. O arcaísmo *heréu* (herdeiro) ocorre na expressão *terra d'heréu*. *Ucha* (arca) sobrevive em *uchaia* (despensa). *Malo* sobrevive na expressão "Pedro das *malas* artes".

Verbos: *jeitar*, lançar; *endurentar*, endurecer, sofrer; *conquerer*, conquistar; *emprir*, encher; *chantar*, plantar, fincar; *catar*, olhar; *trebelhar*, brincar etc. Note-se que alguns verbos deixaram vestígios: *jeitar* sobrevive nos compostos *rejeitar*, *sujeitar*. – *Catar* observa-se em *catacego*, *cata-vento*. – *Coitar* (magoar) nota-se em *coitado*. – *Chantar* ainda se encontra de quando em quando: "...cruz chantada em terra" - "Chantando esteios" – "O demônio se chantou naquele miserável corpo".

Nota: Quando os escritores dos séculos XV e XVI, por influxo da cultura clássica, tiraram do latim novas expressões, nem todas as antigas desapareceram, porque com o tempo já tinham adquirido sentidos novos; perderam-se as que não sofreram modificação de significado.

881 – PROVINCIANISMOS ou **provincialismos** são modos de falar particulares a um país ou a uma circunscrição maior ou menor de um país.

São conhecidas as corruptelas que introduzem na língua portuguesa os diversos modos de falar, peculiares às diversas divisões territoriais do mesmo país. Tais corrupções não respeitam somente a modificações prosódicas dos vocábulos, senão muitas e muitas vezes à significação mesma dos termos, que nem sempre se tomam exatamente no mesmo sentido em Portugal e no Brasil.

1) Lusitanismos: No Minho é notável a tendência para transformar o *o* fechado, longo, e o *u* longo em *õ*, *ũ*, nasalados, sendo muito comum entre os habitantes dessa província ouvir dizer: *bôa*, *ũa*, *lũa* em vez de *boa*, *uma*, *lua*.

Fazem ainda os minhotos as permutas do *b* e *v*, dizendo *binho* por *vinho*; *fevre* por *febre*; *berde* por *verde*; *lovo*, *vraço*, *São Vento* por *lobo*, *braço*, *São Bento*; *bisconde* por *visconde*; *barão* por *varão*.

No Algarve os vocábulos *pedir*, *pedaço*, *cegueira* são pronunciados como se figurassem *pidir*, *pidaço*, *cigueira*; outras vezes trocam o *i* pelo *e*: em vez de *fizer*, *fizera*, *dizer*, dizem *fezer*, *fezera*, *dezer*.

Nos coimbreses nota-se-lhes o defeito da intercalação de um *i* para evitar o *hiato*. Assim dizem: *a-i-alma* em vez de *a alma*; *a-i-aula* em vez de *a aula*; *a-i-água* em vez de *a água*.

Na Beira observa-se o vício de transformar o *ou* em *oi*, dizendo os beirões: *coive*, *oivir* em vez de *couve*, *ouvir*.

Os habitantes da própria capital portuguesa não se isentam de provincianismo, pronunciando *mensa*, *manjor*, em vez de *mesa*, *major*; *todó dia*, *todó tempo*, em vez de *todo o dia*, *todo o tempo*.

2) Brasileirismos: Dentre os *brasileirismos* notam-se certos vocábulos tomados às línguas e aos dialetos americanos e africanos. Tais os seguintes, que a língua timbra com a chancela nacional: *tapera*, *caipora*, *cacique*, *quilombo*, *quiabo*, *maniva*, *tocaia*, *tujupar*, *taquara*, *acaçá*, *taquari*, *umbu*, *açu*, *mirim*, *peva*, *pindoba*, *pucumari*, *patativa*, *piaçava*, *jiló*, *mucujé*, *sucuriúba*, *sapiranga*, *sicupira*, *lundu*, *oiti*, *taba*, *cuia*, *taboca*, *muriçoca*, *sururu*, *guaiamu*, *cutucar*, *imbira*, *cupim*, *coivara*, *coco*, *cuité*, *catapora*, *carimã*, *cará*, *patuá*, *sagu*, *samba*, *samburá*, *traíra*, *uru*, *urupema*, *tanga*, *xará*, *tipoia*, *arapuca*, *moquém*, *moqueca*, *mucuim*, *mondé*, *mingau*, *mutirão* (muxirão), e os vocábulos de tratamento *nhonhô*, *nhanhã*, *nenê*, *iaiá*, *ioiô*, *seu* (= senhor).

Os vocábulos *paixão*, *baixo*, *caixa*, *caixeiro*, *deixar* e outros análogos são no Brasil pronunciados, em geral, como se se escrevessem com *a* ou *e* simples e não com os ditongos *ai* ou *ei*, cujas vozes componentes se fazem bem ouvir em Portugal.

Na Bahia, além de muitos americanismos, limitados a essa circunscrição do país e que se estendem às vezes ao estado de Sergipe, referentes pela maior parte a produções animais ou vegetais, peculiares aos dois estados, a utensílios e termos da arte culinária, notam-se alguns outros provincialismos. Assim é que se não ouve bem distintamente o *l* molhado na pronúncia das palavras *mulher*, *bilhete*, *alheio*, *colher*, *talher*, dando-se a estes vocábulos a prolação do *l* simples. Também é comuníssimo ouvir da boca de muitos as expressões *me parece*, *me perdoe*, *me deixe*, *me dá*, em lugar de *parece-me*, *perdoe-me*, *deixe-me*, *dê-me*, a locução admirativa *ó gente!* pronunciada como se escrita *ó chente!* e terminações verbais como *deixá*, *falá*, *vendê*. Abusa-se ainda habitualmente do advérbio *mesmo*, pospondo-o ao adjetivo ou substantivo, e dando-se-lhe significação superlativa; são comuns e trilhadas as frases: Pedro é soberbo *mesmo*, é sabido *mesmo*, é inteligente *mesmo*, tem dinheiro *mesmo*.

No Pará é habitual o trocar o som do *ô* e do *ou* por *u* e vice-versa, dizendo-se: *canúa* por *canôa*; *cuco* por *côco*; *pupa* por *pôpa*, *prua* por *prôa*; *Jouca* por *Juca*; *môro* por *muro*; *bui* por *boi*.

Em Pernambuco e nos estados vizinhos o *E* e o *O* átonos são carateristicamente pronunciados com som aberto: *Récife*, *Jésuis*, *Pérnambuco*, *prófessor*, *pórtuguês*, *ménino*, *manéquim*, *sóciólogia*.

No Rio de Janeiro é para notar o uso do advérbio *sim* interrogativo imediatamente depois de uma oração, para consultar a aquiescência ou consentimento de alguém com respeito à realização do ato ou ação contida na proposição anteriormente enunciada: "Vens jantar conosco, *sim*?" – "Ele te ama com muito afeto, *sim*?" – "Tu gostaste muito do Rio, *sim*?"

Esse *sim*, que se pode considerar como um provincianismo, difere do *sim* interrogativo empregado só e absolutamente, e que exprime a admiração e estranheza a respeito de um fato ou ação que se nos diz ou relata. Assim, dizendo-se-nos que tal ou tal homem foi chamado para fazer parte de uma comissão importante, acudimos logo com um *sim* interrogativo: *Sim*?

O primeiro *sim*, que é um *provincianismo*, equivale à expressão francesa *n'est-ce pas?* ou à nossa frase *não é assim?*. O segundo, porém, que não é um *provincianismo*, corresponde às locuções portuguesas *de veras?*, *é certo o que dizes?*, *não estarás porventura iludido?*, *não será gracejo teu?* ou a outras de sentido análogo.

Na conversação é frequente entre os fluminenses o uso desapropositado do verbo *saber* na terceira pessoa do singular do presente do indicativo, sem relação alguma gramatical com os elementos da frase, em que se ele intercala, como parêntese, constituindo uma espécie de vezo ou sestro no falar. Com os residentes na cidade do Rio de Janeiro difícil é entreter uma conversação, por breve que seja, que nos não venha, amiúde, ferir o ouvido esse repisado *sabe*, empregado sem propósito, estrangulado, na frase (*sá? num sá?*).

882 - NEOLOGISMO – Só é vício de linguagem quando desnecessário. Constitui *neologismo* a palavra nova, introduzida pela ciência ou por necessidade de melhor especificação, criada dentro do idioma ou adaptada de outros de acordo com o gênio do nosso (*astronauta*, *míssil*, *telex*, *xérox*) ou a palavra antiga tomada em sentido novo (*computador*, *satélite*).

Questionário

1. Que são *vícios de linguagem*?

2. Quais são os vícios de linguagem?

3. Que é *barbarismo* e que outro nome tem?

4. Dos barbarismos, qual o mais funesto ao nosso idioma?

5. Na transplantação do francês para o português, a que normas obedecem as palavras? Resposta completa e exemplificada.

6. Corrija os seguintes textos:

a) Não posso abordar essa questão.

b) Através os matizes os mais lindos o sol apareceu.

c) Você não será feliz com essa troupe.

d) Meu pai está guardando o leito.

e) Mais estudo, mais me convenço que nada sei.

7. Cite 4 dos mais usados galicismos fraseológicos, dando a respectiva forma portuguesa.

8. Que é *solecismo*? Exemplos.

9. Reproduza, corrigidos, os seguintes cacógrafos: *expontâneo*, *despeza*, *sugeito*.

10. Explique, com exemplos, a diferença entre *intemerato* e *intimorato*.

11. Corrija os seguintes textos:

a) Não bebe dessa água, que é saloba (§ 413, 3, b).

b) Não foi propositalmente que eu lhe maxuquei.

c) Não pensa que você tem o previlégio de esgarranchar-se na carteira (§ 413, 3, b).

12. Que é *anfibologia*? Exemplos.

13. Em que consiste a *obscuridade*?

14. Diga, com exemplos, o que vem a ser *cacófato*.

15. Que é *hiato*? Exemplos.

16. Que é *eco*? Exemplos.

17. Um exemplo de *colisão*.

18. Que é *preciosismo*?

19. Que é *provincianismo*?

20. Corrija os seguintes textos:

a) Eu fui sempre um dos que mais se esforçou.

b) Temos grande variedade em sedas e em lãs.

c) Chamam-se serviços públicos aos serviços cuja manutenção todos nós concorremos por meio de impostos e taxas.

d) Estes livros são muito raros; não se os obtém senão por muito dinheiro.

CAPÍTULO 60

PERÍODO

885 – Como vimos no § 558, **período é uma ou mais orações que formam sentido completo**.

Tipos de Período

886 – Temos já conhecimento inteirado do período, dado o que vimos no necessário estudo introdutório das conjunções, onde vimos também que o período pode ser **simples** e **composto** e, quando composto, que o pode ser *por coordenação* e *por subordinação* (§ 558 e ss.).

Vejamos agora como podem classificar-se as orações que constituem um período.

Classificação das Orações

887 – As orações classificam-se em *absolutas*, *independentes*, *coordenadas*, *principais* e *subordinadas*.

Absolutas: *Oração absoluta* é a que, de sentido completo, constitui a única do período: "*O sono da morte exclui os sonhos da vida*".

Independentes: *Oração independente* é a que, de sentido completo, vem acompanhando outra, que poderá ter também sentido completo ou não:

"*Os vícios antecipam a velhice* e *as virtudes a retardam*".

1ª oração independente — 2ª oração independente

"*João irá ao Rio hoje* e *Antônio irá quando puder*".

oraç. independente — oraç. princ. — oraç. subordinada

Nota: É erro analisar como "principal" a primeira oração independente de um período composto por coordenação (§ 560).

888 – Principais: *Oração principal* é a que tem o sentido principal no período, e que, embora não dependa de outra oração, tem seu sentido inteirado por outra ou outras a ela subordinadas: "*Convém* que ele vá" – "*Desejo* que ele fique" – "*Isso depende* de que ele venha" – "*A ignorância não duvida*, porque desconhece que ignora".

889 – Coordenadas: *Oração coordenada* é a que vem ligada a outra de igual função, ou seja, as coordenadas entre si podem estar quer independentes, quer subordinadas, quer principais.

1ª oração independ. — conj. coordenativa — 2ª oração independ.

"MEU MANO PARTIU — MAS — NÃO VOLTOU"

principal — 1ª or. subord. — conj. coordenativa — 2ª oração subordinada

"QUERO — QUE VÁS — E — QUE VOLTES"

conj. subordinativa — conj. subordinativa

subordinada à principal — coordenada à subord. anterior e subord. à principal

conj. coordenativa

"QUERO — QUE VÁS — E — PEÇO — QUE VOLTES"

1ª oração principal — 2ª oração principal, coordenada à 1ª

Notas: 1ª – Há vezes em que duas orações independentes, em vez de virem ligadas por conjunção coordenativa, vêm separadas por vírgula:

"Faça boa viagem, volte logo".

Em tal caso as orações se dizem coordenadas *assindéticas* (= sem união, sem ligação); quando ligadas por conjunção, elas se dizem coordenadas *sindéticas* (= com união, ligadas): "Faça boa viagem *e* volte logo".

2ª – As **sindéticas**, ou seja, as ligadas por conjunção coordenativa, podem ser:

aditivas *conclusivas*
adversativas *explicativas*
alternativas

segundo a espécie da conjunção coordenativa (§ 571 e ss.).

890 – Subordinadas: *Oração subordinada* é a que completa o sentido de outra de que depende, chamada *principal*, à qual se prende por conjunções subordinativas ou pelas formas nominais do verbo: "Não dês o dedo ao vilão, *porque te tomará a mão*" – "Fiz *entrar primeiro os homens*".

Notas: 1ª – A subordinada caracteriza-se, pois, pelo *sentido dependente*, pelas *conjunções subordinativas* ou pelas *formas nominais do verbo com sujeito próprio* (V. § 905).

2ª – Uma subordinada pode depender de uma principal ("Quero *que venha*") e pode depender de outra que já é subordinada:

Quero	que venha	quando fizer bom tempo
principal	subordinada à principal	subordinada à subordinada anterior

Orações Subordinadas

891 – As **orações subordinadas** dividem-se em:

substantivas
adjetivas
adverbiais

conforme a função sintática que exercem no período.

892 – SUBORDINADA SUBSTANTIVA é a que em relação à oração principal equivale a um *substantivo*; assim, dizer:

"Desejo $\underbrace{\text{que sejas feliz}}_{\text{subordinada substantiva}}$"

é o mesmo que dizer: "Desejo a tua $\underbrace{\textit{felicidade}}_{\text{substantivo}}$".

Nota: Nem sempre é possível tal substituição; no período: "Vi *que não podiam com ele*" não podemos recorrer à substituição da subordinada substantiva pelo equivalente substantivo, mas o aluno tem capacidade bastante para ver que essa subordinada funciona como *objeto* de *vi*; ora, como os *objetos* são constituídos de *substantivos*, é claro que a oração que funciona como *objeto* é também *substantiva*.

893 – Não somente *objetiva* pode ser a subordinada substantiva; uma vez que o substantivo pode exercer funções diversas, diversas são também as **espécies de subordinadas substantivas**:

subjetivas
objetivas { diretas / indiretas }
completivas nominais
predicativas
apositivas

894 – **Subordinada substantiva subjetiva** é a que exerce função de sujeito com relação ao predicado da principal (em todos estes exemplos, as orações grifadas são *sujeitos* da oração principal, o que facilmente se pode averiguar, fazendo-se uma pergunta com o predicado da principal: Que é dura coisa? – Que é bom? – Que é então? – Que convém? – Que importa? – conforme os verbos dos exemplos que se seguem):

"Dura coisa é para ti *recalcitrares contra o aguilhão*".
"É bom *que estudes*".
"É então *que o catolicismo lhe oferece as pompas das suas solenidades*".
"Convém *que te apliques às artes*".
"Importa *viver honestamente*".
"É admirável *o como a instrução modifica as nações*".
"É sabido *quando ele vem*".
"Não é certo *que ele morreu ontem*".
"Obra é de vilão *atirar a pedra e esconder a mão*".
"Nota-se *que ele é inteligente*".
"*Se ele passa de ano* não se sabe".

895 – **Subordinada substantiva objetiva** é a que exerce função de objeto com relação ao predicado da principal, e será **direta** ou **indireta** se a ela vier ligada sem ou com preposição.

1) **Diretas**:

"O Brasil espera *que cada um cumpra o seu dever*".
"Dize-me *se sabes a lição*".
"Creio *estarem elas preparadas*".
"Ele esperava *vir*".
"Faça *o carro parar*" (§ 652).
"Mandei-o *comprar um livro*" (§ 652).

"Tenho medo (= temo) *que ele sucumba*".

"Estou com esperança (= espero) *que ele seja aprovado*".

"Ele é de opinião (= opina) *que fiques*".

Nota: Estes três últimos casos são curiosos; neles se vê que a locução é que tem força transitiva direta equivalente a verbo transitivo direto. Quase sempre aparece nessas construções a preposição *de* antes da conjunção *que*, transformando as substantivas objetivas diretas em substantivas completivas nominais: Tenho medo *de que ele sucumba* – Estou com esperança *de que ele seja aprovado.*

2) **Indiretas**:

"Isso depende *de que ele esteja em casa*".

"O desastre obstou *a que prosseguíssemos*".

896 – Subordinada substantiva completiva nominal é a que se prende complementarmente a substantivo ou adjetivo:

"Estou de acordo *com que você vá*".

"Ele está inclinado *a que estudes medicina*".

"O fato *de que falas várias línguas* é de si vantajoso".

"Estou receoso *de que não cheguemos a tempo*".

"A ideia *de que você vai arrepender-se* é ridícula".

897 – Subordinada substantiva predicativa é a que funciona como predicativo:

"O certo é *que ele não vem*".

"A verdade é *que nem todos entendem*".

"Sou eu *quem fala*".

898 – Subordinada substantiva apositiva é a que funciona como aposto:

"Só tenho uma ideia: *que você vai arrepender-se*".

"Uma coisa vos confessarei eu, Senhor Leonardo, *que os portugueses são homens de ruim língua*".

Nota: Certas completivas nominais que vêm ligadas com a preposição *de* podem, elidida a preposição, transformar-se em apositivas:

"A ideia *que você vai arrepender-se* é ridícula".

899 – SUBORDINADA ADJETIVA é a que em relação à principal equivale a um *adjetivo*; assim, dizer:

"A aluna que $\underbrace{\text{era de muita instrução}}$ faleceu"

subordinada adjetiva
(modifica o substantivo *aluna*)

é o mesmo que dizer: "*A* *aluna* muito *instruída* faleceu".

subst. modifica o subst. *aluna*

EXEMPLOS:

"Guarda-te d'homem | *que não fala*, | e de cão | *que não ladra*."

"Aquele | *que ama a vida*, | guarde sua língua do mal."

"A pessoa | *com que trato* | é honesta."

"O | *que é a baleia entre os peixes*, | era o Gigante Golias entre os homens."

"Pedro não é o | *que parece*."

"Viste jamais alguém | *que seja verdadeiramente feliz*?"

"Ele, | *que é incapaz de mentir*, | foi acusado de hipocrisia."

"A cidade | *onde* (= em que) *nasceste*, | prima pela beleza de seus arredores."

Nota: Tal qual acontece com as subordinativas (V. *nota* do § 892), nem sempre é possível a substituição; bastará, no entanto, que esteja modificando um substantivo, para que a subordinada seja *adjetiva*.

900 – As **subordinadas adjetivas** dividem-se em *explicativas* e *restritivas*.

Explicativas são as que indicam qualidade inerente ao substantivo a que se referem, e podem ser eliminadas sem prejuízo do sentido da oração principal: "O homem, | *que é mortal*, | passa rápido sobre a terra".

Restritivas são as que exprimem sentido acidental, e não podem ser eliminadas sem prejuízo do sentido da oração principal: "O homem | *que é justo* | deixa na terra memória abençoada".

Observe-se que há diferença de entoação e de pontuação entre as explicativas e as restritivas: Enquanto as explicativas vêm entre vírgulas e se proferem com certa acentuação enfática, as restritivas não se põem entre vírgulas e se proferem sem nenhum acento enfático.

Quer no meio, quer no fim do período, as adjetivas não vêm separadas por vírgula quando são restritivas: "O homem que esteve aqui ontem virá outra vez amanhã".

Quando simplesmente explicativa, como se em lugar do pronome estivesse redigido "saiba-se que ele", "todos sabem que ele", a vírgula se torna necessária: "Meu pai, que esteve aqui ontem, virá outra vez amanhã". A explicativa (os ingleses chamam-na *descritiva*) dá certa informação que não é essencial ao sentido do que está sendo declarado na principal; é como se fosse um parêntese, cuja ausência não viria sacrificar a compreensão do que se afirma na principal.

Para maior compreensão da diferença entre adjetiva explicativa e adjetiva restritiva e a correspondente pontuação, vejamos este período: "O quarto agrupamento é constituído de cavalarianos que têm 1,80 de altura". Com essa redação, compreende-se que há outros agrupamentos de cavalarianos sem essa altura; a relativa é restritiva; não podemos excluí-la do período; vem sem vírgula. Se, porém, pusermos vírgula antes do *que*, a compreensão do período será outra: Há só um agrupamento de cavalarianos, e estes são de 1,80 de altura, especificação, descrição, explicação esta que podemos agora tirar do período sem que deixemos de afirmar que "há vários agrupamentos, mas só um de cavalarianos".

Notas: 1ª - As subordinadas adjetivas vêm ligadas à principal por **pronome relativo**: "O homem | *que* vi | morreu" – "A mulher | *cujos* olhos a mim se voltaram | era piedosa"

ou por **advérbio relativo**: "A casa | *onde* moro | é pequena" – "É formoso o país *onde* (= em

adv. rel. (§ 525, n. 8)

que, no qual) nasceste".

2ª – Não raro acontece que vem elidido o antecedente do pronome relativo que prende a subordinada adjetiva: "Ignoro (o lugar) *donde vens*" – "Não sei (a coisa) de *que* se trata". V. § 345, 3, *in fine*.

3ª – Outras vezes, a repetição do antecedente dá ênfase à subordinada adjetiva: "Comprei este livro, *livro* que há muito desejava adquirir".

4ª – Para separar e analisar orações em que entram relativos, é necessário desdobrá-los: "Vi quem chegou" = "Vi *aquele* || *que* chegou".

↓ obj. dir. de *vi* — ↓ suj. de *chegou*

"Não vejo *onde* você está = Não vejo o lugar || em que você está".

Desse modo, poderão resolver-se em subordinadas *adjetivas* as subordinadas ligadas por esses relativos.

Assim como no período "Estimo quem me estima" não se analisa "quem me estima" como subordinada substantiva (§ 378), também não se deve dar essa análise, forçada e inútil, para orações iniciadas por outros relativos (§ 525, n. 8).

5ª – Casos há notáveis em que o pronome relativo (*que*), servindo de ligação a uma *subordinada adjetiva*, é ao mesmo tempo termo de uma subordinada subsequente: "São estas as leis *que* ele ordenou que fossem promulgadas". O relativo *que* é a ligação da adjetiva (*que ele ordenou*) e ao mesmo tempo é o *sujeito* da substantiva *que fossem promulgadas*.

Coisa semelhante se observa com outros pronomes: "Ele deu-me os livros, *os quais* eu julgava ter perdido" – "Tu não sabes *quantas* lições afirma ele que estuda por dia". Os pronomes *os quais* e *quantas* ligam as orações imediatas, e são *objetos* dos verbos das orações subsequentes. Outro exemplo: "Que queres que eu te diga? – onde o primeiro *que* é obj. direto de *diga*, e não de *queres* (= *Queres* que eu te diga *o quê*?).

Exemplos de redação um tanto confusa: "Apresento as provas do concurso *que* me *destes* a honra de organizar" – "Apresento as provas do concurso *que fui* por vós designado a fiscalizar". Em ambos o "que" não tem relação sintática com o verbo que vem logo após ("destes" no primeiro, "fui"

no segundo), mas com os infinitivos que se seguem; mais claro será: "Apresento as provas do concurso de cuja organização me destes a honra" (ou "...com cuja organização me honrastes") – "Apresento as provas do concurso de cuja fiscalização fui por vós designado" (ou "...para cuja fiscalização me designastes").

6ª – A subordinada adjetiva pode às vezes converter-se em uma coordenada com a principal: "Comprei uma casa *de que já estou de posse*" = "Comprei uma casa *e já estou de posse dela*".

↓ coorden. à oraç. anterior

conjunç. coordenativa

901 – SUBORDINADA ADVERBIAL é a que, em relação à oração principal, equivale a um *advérbio*:

"Morreu | quando menos esperava"

(modifica o verbo *morreu*)
subordinada adverbial

902 – As **subordinadas adverbiais** vêm ligadas às orações principais ou por **conjunção subordinativa** (Maria encanta *porque* é estudiosa), ou por **advérbios** (§ 525, n. 8: Não jogues *quando* estiveres cansado), ou por **formas nominais** dos verbos (*Chegando* a primavera, as aves se tornam mais belas).

Notas: 1ª – A **subordinada adverbial** pode, não raras vezes, converter-se em adjunto adverbial: Ele chegou *quando eu entrei* – Ele chegou *na minha entrada*.

2ª – A **subordinada adverbial** é ainda conversível, às vezes, em uma *coordenada* com a principal: Ele chegou *quando eu entrei* = Ele chegou *e* eu entrei.

903 – A *subordinada adverbial* pode ser:

causal
comparativa
consecutiva
concessiva
condicional
conformativa
final
proporcional
temporal

EXEMPLOS:

1 – **Causal:** "Eu sairei *porque ele entrou*" – "*Como ele entrou*, eu sairei" – "Deus existe, *visto que eu existo*" – "Vou ao teatro, *porque gosto das representações dramáticas*".

2 – **Comparativa**: "Dão-se os conselhos com mais boa vontade, *do que geralmente se aceitam*" – "Sempre nos deleitamos mais em falar, *do que os outros em nos ouvir*" – "A atividade sem juízo é mais ruinosa *que a preguiça*" – "Ninguém se agasta tanto do desprezo, *como* (*se agastam*) *aqueles* que mais o merecem" – "À Índia mais vão *do que tornam*".

3 – **Consecutiva**: "Perdeu ele o crédito, de sorte *que ninguém se fia dele*" – "De tal maneira nos amou *que se deu por nós*" – "Tal foi a sua audácia *que ninguém lhe ousou resistir*" – "Voou tão alto *que o perdi de vista*" – "Nunca fui a sua casa, *que o não achasse estudando*" – "Não correu muito tempo, *que a vingança o não alcançasse*".

As duas últimas têm na realidade sentido exclusivo; nelas o *que* equivale a "sem que" correspondente ao *quin* latino.[1]

4 – **Concessiva**: "Eu sairei, *embora ele entre*" – "*Ainda que enterrem a verdade*, a virtude não se sepulta" – "*Ainda que vistas a mona de seda*, mona se queda".

5 – **Condicional**: "Eu sairei *se ele entrar*" – "Feliz seria o gênero humano, *se os homens fossem tais* como geralmente se inculcam" – "*Se queres saber* quem é o vilão, mete-lhe a vara na mão" – "As palavras boas são *se assim fosse o coração*".

6 – **Conformativa**: "Eu sairei *como ele entrou*" – "Há economias ruinosas, *como há prodigalidades proveitosas*" – "Ele fez *segundo foi mandado*" – "*Como me tangerem*, assim bailarei" – "*Como* (*é*) *dente quebrado e pé desengonçado*, é a confiança no desleal em tempo de angústia".

7 – **Final**: "Eu sairei *para que ele entre*" – "Retira o teu pé da casa de teu próximo *para que não suceda* que ele de enfastiado te venha a aborrecer" – "...as gentes da terra todas enfreias, *que não passem o termo limitado*".

8 – **Proporcional**: "*À medida que o menino compreendia*, ele se tornava mais alegre" – "*À proporção que o inverno entrava*, os pássaros desapareciam" – "*Quanto mais se sobe*, (tanto) maior queda se dá" – "*Qual é Maria*, tal é sua cria" – "Portou-se tal *qual não convinha*" – "*Onde está teu tesouro*, aí está o teu coração".

9 – **Temporal**: "Eu sairei *quando ele entrar*" – "*Quando nos lembramos do passado*, receamo-nos do futuro" – "*Enquanto temos tempo*, façamos bem a todos".

---

(1) V. *Gramática Latina*, § 374, n. 3; § 429 (*in fine*).

904 – SUBORDINADAS REDUZIDAS: As subordinadas podem apresentar-se, também, de forma equipolente, com os verbos numa de suas *formas nominais*; chamam-se, neste caso, **reduzidas**.

Podem ser:

reduzidas *de infinitivo*
reduzidas *de gerúndio*
reduzidas *de particípio*

de infinitivo:

É bom *estudares* = É bom *que estudes*.

Julgo *deveres ir* = Julgo *que deves ir*.

O que me vinga de sua ignorância é *acreditarem eles a sua opinião* = O que me vinga de sua ignorância é *que eles acreditam a sua opinião*.

Isto depende *de seres feliz* = Isto depende *de que sejas feliz*.

Mandei *os convidados entrar* = Mandei *que os convidados entrassem*.

Fique *até eu mandar sair* = Fique *até que eu mande sair*.

de gerúndio:

Estudando as lições, o menino aprende = O *menino que estudar as lições* aprende.

Reinando Tarquínio, veio Pitágoras para a Itália = *Quando reinava Tarquínio...*

Proferindo o orador estas palavras, a assembleia rompeu em aplausos = *Quando o orador proferiu...*

de particípio:

Acabada a festa, os músicos partiram = Quando a festa acabou...

Posto o sol, os pássaros deixam de cantar = Depois que o sol se põe... (Recorde-se o § 698.)

Notas: 1ª – A oração que tem o verbo numa das formas nominais denomina-se **reduzida**; denomina-se **desenvolvida** a oração cujo verbo se encontra num dos modos verbais.

2ª – As subordinadas **reduzidas** classificam-se como as subordinadas **desenvolvidas**, isto é, podem ser *substantivas* (subjetivas, objetivas etc.), *adjetivas*, *adverbiais* (causais etc.) – § 891 e ss.

905 – Quantas orações há num período, ou por outra, como descobrir o número de orações existentes num período?

Há num período tantas orações quantos são os verbos em formas modais, quer em conjugação simples, quer em conjugação composta, quer em locução verbal. Por exemplo, no período "*Quero* que você *vá*" há duas orações, porque há duas formas modais de verbo, uma no indicativo (*quero*),

outra no subjuntivo (*vá*). No período "Eu *haveria conseguido* que você *ficasse* bom" há também duas, porque duas formas modais existem: *haveria conseguido* (forma composta) e *ficasse*. No período "Eu *tenho de ir* porque ele *está passando* mal" há ainda duas orações, porque há somente duas formas modais: *tenho de ir* (locução verbal) e *está passando* (outra locução verbal: § 513 e ss.).

Também as formas nominais constituem oração quando têm sujeito próprio (isto é, diverso do sujeito do verbo da oração subordinante) ou quando conversíveis em formas modais. Por exemplo: No período "Mandei Paulo sair" há duas orações e não somente uma, porque o infinitivo *sair* tem sujeito próprio (*Paulo*), diverso do sujeito de *mandei*, que é *eu*. – No período "Mandei-os sair" há também duas orações, porque o infinitivo é conversível em forma modal: "Mandei que eles *saíssem*". (Recordem-se os exemplos do § anterior.)

Nota: Períodos como "*Pedro* e *Paulo* partiram" melhor parece que se considerem "períodos simples, de sujeito composto", do que "períodos compostos de duas orações coordenadas" (Pedro partiu e Paulo partiu). O mesmo se diga quando o "e" liga objetos (Comprei um *lápis* e uma *pena*) ou outros termos que exerçam a mesma função: Ele é *inteligente* e *rápido*.

906 – Como fazer para dividir as orações, ou por outra, onde começa a nova oração?

As formas conjuntivas (conjunções, pronomes relativos, advérbios relativos) indicam o início de nova oração. Por exemplo: no período "Não veio o aluno que é bom" o *que* inicia nova oração, porque é pronome relativo:

"Não veio o aluno || que é bom"

Quando os pronomes relativos vêm antecedidos de preposição, esta preposição fica pertencendo à nova oração:

"Não veio o aluno || *a* que você deu boa nota"

A inversão dos termos não deve perturbar-nos na separação:

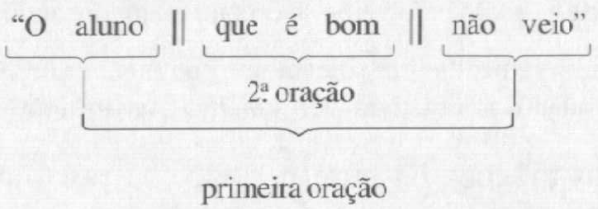

Quando o verbo da oração está numa forma nominal, pertencem a essa oração os termos que têm relação com a forma nominal:

Posto o sol || os pássaros deixam de cantar" (§ 698).

Mandei- || o sair" (§ 652).

907 – As orações do verbo *haver*, quando indicam noção de tempo – *há muito* (tempo), *havia anos* – aparecem na frase com feições diversas:

1 – Há muito tempo que moro nesta casa.

2 – Há muito moro nesta casa.

3 – Moro há muito nesta casa.

4 – Moro nesta casa muito há.

5 – De há muito moro nesta casa.

6 – Há mais tempo deveria estar morando nesta casa.

O primeiro tipo é manifestamente de um período composto por subordinação, em que *há muito* é a oração principal e *moro nesta casa* é subordinada adverbial temporal (*que = desde que*). A esta análise subordinam-se os seguintes exemplos: "Havia poucos dias que era chegado" – "Talvez não haja uma hora que passou pelo retiro".

No 2º, no 3º e no 4º tipo a oração do verbo *haver* tem caráter de *interferente*. A mesma análise de interferente tem a oração "há um ano" no seguinte exemplo: "E andam a prometer há um ano que se hão de levar lá" (o conectivo *que* pertence ao verbo *prometer*).

O 5º tipo assume a feição de mero adjunto adverbial de tempo. Sobre ela escreve A. Coelho: "Influência semelhante se nota na expressão frequente, mais viciosa, *de há muito* por *há muito*. *Há muito* fixa-se como a indicação de tempo passado; *há* não é percebido como verbo, mas antes como preposição (*a*); daí o antepor-se-lhe *de* por analogia com expressões como *de então*, *de ontem*, *de muito*". A esta análise se reduz, por exemplo: "Uma lei de há três séculos".

Quando encravada em subordinadas, como "Creio que *há muito* está doente", tal expressão existencial assume igualmente o caráter de adjunto adverbial de tempo. Tal análise poder-se-ia estender mesmo ao 2º, ao 3º e ao 4º tipo (*há muito = desde muito*). A ela com certeza devemos subordinar o seguinte passo de Camões, considerando expletivo o segundo *que*: "E navegar meus mares ousas, que eu *tanto tempo há já que tenho*".

O 6º tipo parece-se com o 5º enquanto indica tempo passado e *há* é percebido como preposição. Trata-se, porém, do verbo *haver*, equivalente a *fazer*: "Já há mais tempo podíamos ter-nos mudado" (= Já há mais tempo que...).

Notas: 1ª – Nos quatro primeiros tipos pode o verbo *haver* ser substituído por *fazer*. Tanto o verbo *haver* quanto o v. *fazer* são impessoais em orações como essas e devem ficar no singular: "*Faz* dois dias que chove" – e não: "*Fazem* dois dias..." (§ 741).

2ª – Não confundamos o *há* de tais expressões com a preposição *a* de outras: "Daqui *a* dois anos" (e não: "Daqui *há* dois anos"). "Os bombeiros chegaram *a* tempo" (= Os bombeiros chegaram

em tempo, *com* tempo) é oração que não se deve confundir com "Os bombeiros chegaram *há* tempo" (= "...faz tempo").

3ª – Subordina-se o verbo *haver*, quando impessoalmente empregado em expressões de tempo (= passar-se, ter decorrido, ser decorrido) às regras de correlação ou correspondência temporal; será simples verificar o acerto ou o erro do tempo do verbo, se substituirmos *haver* por *fazer*: "Em consequência de uma seca que já durava *havia* meses" (= que já durava *fazia* meses – e não: que já durava *faz* meses). O imperfeito aí se impõe, não se podendo dizer: "...que já durava há meses". Outro exemplo: "*Havia* poucos dias que era chegado".

"Modernamente, contra a índole da língua dos melhores escritores, com frequência se perde de vista o paralelismo das formas verbais, e redige-se: *Há* dias que se *trabalhava*. Evite-se esta construção" (Vasco Botelho de Amaral). D.QVs.; *sabiam havia tempos.*

908 – Sinopse da análise sintática da ORAÇÃO

(Elementos possíveis numa oração)

- sujeito
  - simples
  - composto
  - indeterminado
- predicado
  - nominal
  - verbal
  - verbo-nominal
- predicativo
  - do sujeito
  - do objeto
- complemento nominal
- (complemento verbal) objeto
  - direto
  - indireto
- agente da passiva
- adjunto adnominal
- adjunto adverbial
- aposto
- vocativo

909 – Sinopse da análise sintática do PERÍODO:

- PERÍODO
  - simples: uma oração absoluta
  - composto
    - por coordenação (duas ou mais orações independentes)
      - coordenada assindética
      - coordenada sindética
        - aditiva
        - adversativa
        - alternativa
        - conclusiva
        - explicativa
    - por subordinação
      - principal
      - subordinada (desenvolvida ou reduzida)
        - substantiva
          - subjetiva
          - objetiva
            - direta
            - indireta
          - completiva nominal
          - predicativa
          - apositiva
        - adjetiva
          - restritiva
          - explicativa
        - adverbial
          - causal
          - comparativa
          - consecutiva
          - concessiva
          - condicional
          - conformativa
          - final
          - proporcional
          - temporal

910 – Modelos de análise sintática:

1. *O menino correu para o campo.*

   Período simples (oração absoluta)

   O – adjunto adnominal.
   menino – sujeito simples.
   correu para o campo – predicado verbal.
   para o campo – adjunto adverbial de lugar para onde.
   o – adjunto adnominal.

2. *Tenha sempre, meu filho, cuidado com os livros, seus verdadeiros amigos.*

   Período simples (oração absoluta)

   (*você*) – sujeito oculto.

Tenha sempre cuidado com os livros – predicado verbal.
sempre – adjunto adverbial de tempo.
meu filho – vocativo
cuidado – objeto direto.
com os livros – complemento nominal.
os – adjunto adnominal.
seus verdadeiros amigos – aposto.
seus, verdadeiros – adjuntos adnominais.

3. *A menina passou nos exames || e o menino foi reprovado pela professora.*

Período composto por coordenação.

1ª oração: *A menina passou nos exames* – oração independente.

A – adjunto adnominal.
menina – sujeito simples.
passou nos exames – predicado verbal.
nos exames – adjunto adverbial de lugar onde.

2ª oração: *e o menino foi reprovado pela professora* – oração independente, coordenada sindética aditiva.

e – conectivo (conjunção coordenativa aditiva).
o – adjunto adnominal.
menino – sujeito simples.
foi reprovado pela professora – predicado verbal.
pela professora – agente da passiva.

4. *O aluno || que examinei || é inteligente.*

Período composto por subordinação.

1ª oração: *O aluno é inteligente* – principal.

O – adjunto adnominal.
aluno – sujeito simples.
é inteligente – predicado nominal.
inteligente – predicativo.

2ª oração: *que examinei* – subordinada adjetiva restritiva.

que examinei – predicado verbal.
que – objeto direto.

5. *Quero || que você vá ao Rio || e volte || quando mamãe ficar boa.*

Período composto por coordenação e subordinação.

1ª oração: *Quero* – principal.

quero – predicado.

2ª oração: *que você vá ao Rio* – subordinada substantiva objetiva direta.

que – conectivo (conjunção integrante).

você – sujeito simples.

vá ao Rio – predicado verbal.

ao Rio – adjunto adverbial de lugar para onde.

3ª oração: *e volte* – subordinada à principal e coordenada (sindética aditiva) à subordinada anterior.

e – conectivo (conjunção coordenativa aditiva).

volte – predicado.

4ª oração: *quando mamãe ficar boa* – subordinada adverbial temporal.

quando – conectivo (conjunção subordinativa temporal).

mamãe – sujeito simples.

ficar boa – predicado nominal.

boa – predicativo.

Observação:

Sempre nos aborrece ter de expor e explicar fenômenos e nomes que fogem da verdadeira substância sintática. Reformam os programas de ensino e organizam pontos para concursos professores que parecem querer complicar antes que pedir o que é essencial e suficiente, proceder que tem sua causa no abandono do latim, que, enquanto mais severo, é muito menos complicado na análise; na fuga do latim vemos explicação da falta de harmonia entre os nossos gramáticos em coisas que, em si, nada têm de misteriosas: Gramática não é Metafísica.

911 – A clareza e a elegância do período dependem da boa colocação das orações que o formam. O espírito disciplinado e o traquejo literário na leitura dos bons autores dispensam as regras, aliás pouco seguras, que se possam dar sobre o assunto.

Crendo oportuna a ocasião, aqui oferecemos ao aluno uma lista de autores recomendáveis pela harmonia e concatenação das orações bem como pelo conhecimento de vasto e erudito vocabulário, mencionando ao mesmo tempo algumas de suas obras.

Autores e Obras

BERNARDIM RIBEIRO, clássico quinhentista (1482-1562): "Menina e Moça", poema lírico em prosa, em que o autor, em linguagem castiça e harmoniosa, mostra toda a suavidade e carinho no contar melancólico de seus amores infelizes.

Luís Vaz de CAMÕES, clássico quinhentista (1524-1580), a maior expressão do Gênio português: "Lusíadas", uma das grandes epopeias da literatura universal.

Padre Antônio VIEIRA, clássico seiscentista (1608-1697), de estilo vivíssimo, descrições cheias de colorido, de propriedade, de riqueza e adjetivação muito segura: "Sermões".

Padre Manuel BERNARDES, clássico seiscentista (1644-1710), autor de linguagem pura, harmoniosa, majestosa e opulenta, de períodos maravilhosamente elegantes, bem feitos e melodiosos: "Nova Floresta", "Luz e Calor".

J. B. da Silva Leitão de Almeida GARRETT, romancista (1799-1854), de estilo colorido e ao mesmo tempo espontâneo: "Frei Luís de Sousa", "Viagens na Minha Terra", "Folhas Caídas", "Flores sem Fruto".

ALEXANDRE HERCULANO de Carvalho e **Araújo**, romancista (1810-1877), modelo dos que se dedicam a descrições, de estilo sóbrio e a um tempo vigoroso e de linguagem pura: "Lendas e Narrativas", "Eurico", "O Monge de Cister", "O Bobo", "A Harpa do Crente".

Antônio Feliciano de CASTILHO (1800-1875), de linguagem pura, variada, elegante e abundante: "Poesias" e várias traduções (Ovídio, Anacreonte, Virgílio, Molière, Shakespeare, Goethe).

CAMILO Castelo Branco, romancista (1826-1890), de propriedade e variedade assombrosas, de estilo admiravelmente seguro e enérgico: "Amor de Perdição", "Amor de Salvação", "A Corja", "Eusébio Macário".

José Maria EÇA DE QUEIRÓS, romancista naturalista (1845-1900), de estilo nem sempre puro, mas flexível e irônico: "O Crime do Padre Amaro", "O Primo Basílio", "O Mandarim", "Os Maias", "A Relíquia".

Abílio Manuel de GUERRA JUNQUEIRO, poeta satírico e mordaz (1850-1923): "Os Simples", "Orações".

Antônio GONÇALVES DIAS, poeta indianista (1823-1864), o maior poeta lírico brasileiro: "Primeiros Cantos", "Novos Cantos", "Últimos Cantos".

JOSÉ DE ALENCAR, romancista indianista (1829-1877), de lirismo imaginoso e de forma brilhante: "O Guarani", "As Minas de Prata", "Iracema", "O Tronco do Ipê", "O Sertanejo", "Mãe".

Joaquim Maria MACHADO DE ASSIS, naturalista (1839-1908), clássico na linguagem e moderado na expressão: "Crisálidas", "Falenas", "Histórias da Meia Noite", "Iaiá Garcia", "Memórias Póstumas de Brás Cubas", "Quincas Borba", "D. Casmurro", "A Mão e a Luva".

RAIMUNDO da Mota Azevedo CORREIA, poeta parnasiano (1860-1911), de espírito pessimista, mas claro e discreto, o maior ourives dos ourives parnasianos: "Primeiros Sonhos", "Sinfonias", "Poesias".

Antônio Mariano ALBERTO DE OLIVEIRA, grande poeta – foi poeta a vida inteira (1859-1937) – desde os 14 anos revelou sentimento e entusiasmo, vigor e opulência, melancolia e paixão, malícia e ironia: "Canções Românticas", "Meridionais", "Sonetos e Poemas", "Versos e Rimas", "Céu, Terra e Mar" e muitas outras obras.

OLAVO Brás Martins dos Guimarães BILAC, poeta parnasiano (1865-1918), de versos impecáveis e espontâneos, de imagens e expressões brilhantemente coloridas: "Via Láctea", "Sarça de Fogo", "O Caçador de Esmeraldas", "Alma Inquieta".

EUCLIDES DA CUNHA, historiador, sociólogo, polígrafo (1866-1909), um dos maiores literatos brasileiros, de espírito observador levado ao grau sumo: "Os Sertões", "Contrastes e Confrontos", "Martim Garcia", "À Margem da História", "Peru versus Bolívia".

Questionário

1. Como encontrar o número de orações existentes num período, ou melhor, quantas orações há num período"? (§ 905.)

2. Quando as formas nominais constituem oração? (§ 905.)

3. Como dividir as orações que constituem o período? (§ 906.)

4. Separe as orações que constituem o período "Quem se esforça vence" – NÃO SE ESQUEÇA DO QUE FICOU DITO NA NOTA 4 DO § 900 – VEJA TAMBÉM O 3º EXEMPLO DADO NO § 906: "O aluno que é bom não veio".

5. Separe as orações que constituem o período: "Irei quando você quiser" – e analise-as (§ 887 e ss.). Faça o mesmo com o período: "Se não estudares, não passarás".

6. No seguinte período há uma oração principal, uma adjetiva e uma adverbial: "Quando o sol lançou o último olhar sobre a terra, todos dirigiram ao Criador uma oração que agitava imperceptivelmente os lábios". Diga qual é a principal, qual a adverbial e qual a adjetiva, e dê a análise sintática dos termos que as constituem; proceda de acordo com os modelos do § 910.

7. Quando uma subordinada adjetiva não deve trazer vírgula? Exemplifique a resposta. (§ 900: "Observe-se que há diferença...")

CAPÍTULO 61

PARTICULARIDADES SINTÁTICAS

Infinitivo

913 – É a forma verbal que relata a ação de modo geral.

Como forma nominal (§ 414), o infinitivo exerce funções próprias do substantivo:

sujeito: *Estudar* é bom.

predicativo: O maior mandamento é *respeitar* o próximo.

objeto direto: Ouvi o *troar* dos canhões.

objeto indireto: Gosto de *ler*.

adjunto adnominal: Instrumento de *furar*; agulha de *marear*; tábua de *bater* roupa.

complemento nominal: Digno de *constar* nos anais.

914 – Com valor verbal, o infinitivo pode:

1. antecedido da preposição *a*, substituir o presente histórico (§ 416, 2) ou um tempo passado (infinitivo *histórico* ou *de narração*): "Eis que estala por todo o monte o incêndio, e as feras *a tremer* na baixa veiga" – "Chegaram à herdade, e os meninos *a escalar* mirantes, *a fazer* correrias".

Nota: Entre outras línguas, o latim e o francês têm igualmente o infinitivo de narração: Grenouilles aussitôt *de sauter* dans les ondes, grenouilles *de rentrer* dans leurs grottes profondes (Rãs logo a saltar nas ondas, rãs a entrar outra vez nas grutas profundas) – Interea Catilina Romae multa simul *moliri*, Ciceroni consuli insidias *tendere*, incendia *parare* (Entretanto Catilina em Roma a tramar ao mesmo tempo muitas coisas, a armar ciladas ao cônsul Cícero, a preparar incêndios).

2. antecedido da preposição *a*, substituir o gerúndio ou forma equivalente ao particípio presente latino (§ 927, 1): "Andavam *a entrar*-lhe por casa" (= andavam *entrando*) – "Flores *a recender* cheiros" (= flores *recendentes*) – "*A aceitar* essa opinião, será obrigado a desistir do empreendimento" (= *aceitando, com aceitar, por aceitar*).

3. substituir o imperativo (§ 413, 3, d): *Deixar* falar modernos e modernices – *Passar* bem – Anda lá, Pablo, na garupa, e *deixá-los* rir – *Trabalhar*, meus irmãos, que o trabalho é riqueza – À direita *volver*! – *Apresentar* armas! – Não *matar* – Não *fumar*.

4. quando antecedido de *é*, empregar-se com certa significação imperativa ou optativa: "Agora *é tratar* de estudar, *é cuidar* de trabalhar".

5. ter outras funções e empregos, indicados no Índice Analítico, verbete INFINITIVO.

Flexão do Infinitivo Pessoal

915 – É verdadeiramente desconcertante para o professor de português o problema da flexão do infinitivo pessoal; tropeços enormes encontram-se para a própria exposição e explanação do assunto, e maiores ainda para a fixação, não dizemos de regras, mas de normas que possam guiar o aluno. Tal a barafunda, que certos gramáticos chegam a conclusões desesperadoras e, muitas vezes, falsas e nocivas como esta: "Observadas tão-somente as exigências da clareza e da eufonia, o emprego do infinitivo é *facultativo*".

Por mais escabrosa, no entanto, iremos explicar esta árida e árdua questão, procurando ser o mais possível claro e sintético.

Quando substantivado, pluraliza-se normalmente desde que a ideia lhe admita o plural: Livro dos *Cantares* (o Cântico dos Cânticos de Salomão).

916 – Há duas espécies de infinitivos: o *impessoal* e o *pessoal*. O impessoal é o infinitivo puro, é a forma nominal essencialmente substantiva do verbo; é inflexível. O PESSOAL é o infinitivo empregado com referência a um sujeito e – aqui nasce a dificuldade – em português ora é flexionado de acordo com a pessoa do sujeito, ora não é flexionado e se confunde com o impessoal. Quando flexionado, assim se conjuga:

por *ter* eu	por *termos* nós
por *teres* tu	por *terdes* vós
por *ter* ele	por *terem* eles

Observação:

Fizemos anteceder as diferentes flexões do infinitivo da preposição *por* para evitar confusão com o futuro do subjuntivo, confusão de que às vezes não sabem

furtar-se alguns alunos: quando *tiver*, quando *tiveres*, quando *tiver*, quando *tivermos*, quando *tiverdes*, quando *tiverem*.

É coisa já sabida que somente nos verbos regulares as flexões do infinitivo pessoal são idênticas às do futuro do subjuntivo (§ 459, n. 1; ao pé da página).

917 – A flexão do infinitivo é notada nos mais antigos documentos da literatura lusa. Gil Vicente cometeu o erro de escrever em espanhol: "Teneis gran razon de *llorardes* vuestro mal" (Obras, II, 71). Alguns poetas do Cancioneiro Geral caíram no mesmo engano. Camões, que muito escreveu em espanhol, foi sempre correto.

Conforme podemos deduzir do § 904 (subordinadas reduzidas do infinitivo), três vantagens temos nessa flexão:

a) *clareza* na expressão do pensamento, pois a flexão sempre evidencia o sujeito;

b) *beleza*, uma vez que a pessoalização do infinitivo oferece ao escritor mais largo ensejo para *variar* e *colorir* o estilo, dando mais ensanchas à linguagem;

c) *concisão*.

918 – Foi Soares Barbosa o primeiro gramático que tentou regular o problema da flexão do infinitivo, formulando os dois seguintes princípios (Gramática Filosófica – 1803):

1 – Flexiona-se o infinitivo quando tem ele *sujeito próprio*, diverso do sujeito do verbo regente; não se flexiona quando os *sujeitos* são idênticos.

Em resumo:

Sujeito *próprio* = flexiona-se

Sujeito *idêntico* = não se flexiona

EXEMPLOS:

Declaramos (nós) ESTAREM (eles) prontos.

Ouvi (eu) CHAMAREM-me os amigos.

Julgo (eu) PODERES (tu) com isso.

Assinei (eu) o "Estado" para *proporcionar* (eu) a meus filhos oportunidade de LEREM (eles) as "Questões Vernáculas".

Solicitamos (nós) não DEIXAREM V. S.as de *comprar* (V. S.as)...

Envio-lhes esta carta, que peço (eu) ASSINAREM E DEVOLVEREM (eles).

OUTROS EXEMPLOS:

Solicitamos a V. S.as o obséquio de *enviarem*...
Peço aos meus amigos o obséquio de não *entrarem*...
É louvável o desejo de *aprenderem*.
Anima-nos a esperança de *triunfarmos*.
Referi-me à intenção de *partirem*.
Só me cabe aplaudir a resolução de *ampararde*s os pobres.

Em todos esses exemplos da primeira parte da regra de Soares Barbosa, os sujeitos dos infinitivos são diferentes dos sujeitos dos verbos de que dependem esses infinitivos.

Vejamos agora exemplos da segunda parte da regra, em que os infinitivos não são flexionados por terem sujeito *idêntico* ao do verbo de que esses infinitivos dependem:

Declaramos (nós) ESTAR (nós) prontos.
Declararam (eles) ESTAR (eles) prontos.
Julgas (tu) PODER (tu) com isso.
Julgo (eu) PODER (eu) com isso.
Temos (nós) o prazer de lhe PARTICIPAR...
Tivemos (nós) a honra de INFORMAR...
Eles tinham a certeza de TRIUNFAR.
Tinham necessidade de tudo DECLARAR.
Ficam com liberdade de MOVIMENTAR-se.

2 – Continua Soares Barbosa:

Flexiona-se ainda o infinitivo quando empregado como *sujeito*, *predicado*, ou *complemento de alguma preposição*, em sentido não já abstrato, vago, mas concreto, determinado – isto é, quando o infinitivo é empregado não em significação geral, universal, mas em referência a determinado, a especificado sujeito.

Exemplos em que o infinitivo é **sujeito**:

O *louvares*-me tu me causa novidade.
Lutarmos é o nosso dever.
Não é necessário *pedires*-me tu isso.
Santificares-te e *fazeres* o bem deve ser teu lema.
O *falares* dessa maneira prejudicará o negócio.
Sirva-nos de lenitivo à derrota o *termos* resistido com coragem.
Era de crer que o *seguirmos*, os membros do segundo, a lição...
Bem custoso seria *resistirem* os inimigos a Tarik.
Não é possível *assaltarem* esses perversos o arraial.
Cumpre *avisares* Ruderico.

É pouco provável *resistirem* os jovens à prova.

Nem é menos de ver no meio do ar *saírem* as águas e o fogo juntamente das nuvens.

É certo *terem* partido os navios.

Não é de prudência *dizerem-se* tais coisas publicamente.

Não compete a vocês *queixarem-se* de nós.

Como nos havia de ser defeso *recorrermos* para a mesma serventia...

Viu-se ao longe, para a banda das serranias... *resplandecerem* as cumeadas das montanhas.

Exemplos em que o infinitivo faz parte do **predicado**:

Nada mais surpreendente do que *verem*-na desaparecer.

Os trabalhadores que acontecia *passarem* por ali.

Exemplos em que o infinitivo é **complemento de alguma preposição** ou **locução prepositiva**:

Os maus, com se *louvarem*, não deixam de o ser.

Em virtude de *estarem* entrando os despachos de setembro...

A maneira de os alunos *estudarem* as lições...

Eles, os homens, para se *desculparem*...

As flores, além de *constituírem* matéria-prima...

É tempo de *partires*.

Pede-se aos senhores passageiros a fineza de, ao *entrarem* ou *saírem*, *fecharem* as portas do elevador.

Observações:

1ª – Vê o aluno nos exemplos da 2ª regra de Soares Barbosa que os infinitivos pessoalizados *determinam*, *concretizam* o verbo com relação ao sujeito, o que não aconteceria se viessem não flexionados: Fácil é *vencer* – *Lutar* é o nosso dever.

2ª – Corolário evidente desta 2ª regra é o princípio: Não se flexiona o infinitivo quando, empregado como sujeito ou predicado ou complemento de alguma preposição, é tomado em sentido *vago*:

Imaginavam que *seguir* metáforas é *descabeçar* adágios – Pede-se aos senhores passageiros a fineza de, ao *entrar* ou *sair*, *fechar* as portas do elevador.

3ª – Pode-se seguramente afirmar: Também quando *objeto* o infinitivo se flexiona, quando empregado em sentido determinado e quando necessária a flexão para determinação do sujeito:

Perdoe-te o céu o *haveres*-me enganado.

919 – Ótimas seriam as duas regras de Soares Barbosa, se esses somente fossem os casos de emprego do infinitivo; tanto não são elas comple-

tas que Camões, como todos os clássicos e modernos representantes de nossas letras, apresentam exemplos que a elas não se adaptam.

Camões escreveu: "Folgarás de *veres*" – construção que contraria a 1ª regra de Soares Barbosa, pois os sujeitos são idênticos (Folgarás – tu – de *veres* – tu). Bernardes escreveu: "Que traça dariam para todavia *comerem* até fartar-se?" – Onde, não obstante serem idênticos os sujeitos, o infinitivo está flexionado. Castilho redigiu: "Assaz mostraste *seres* cabal..." – flexionando o infinitivo, quando o sujeito é o mesmo do verbo *mostraste*: *tu*.

920 – Aparece então outra regra, 33 anos depois da de Soares Barbosa, formulada por Frederico Diez (pronuncie *ditz*), em sua "Grammatik der Romanischen Sprachen" (Gramática das Línguas Românicas – 1836-1844), procurando justificar exemplos e mais exemplos:

"Só se flexiona o infinitivo quando é possível ser substituído por uma forma modal, sendo indiferente que esse infinitivo tenha sujeito próprio ou não".

EXEMPLOS:

Alegram-se por *terem* visto o pai = Alegram-se *porque viram*...

Acreditando tu não me *teres* ofendido = ...*que* não me *ofendeste*[1].

Afirmo *terem* chegado os navios = ...*que chegaram* os navios.

Que mal te fiz eu, ó meu Deus, para não me *deixares* = para *que* não me *deixes*...

Deviam persegui-lo sem descanso nem tréguas até o *cativarem* = até *que* o *cativassem*.

Ficaram feridos até *conseguirem* reaver... = até *que conseguissem* reaver...

Que traça dariam para todavia *comerem* até fartar-se? = ...para *que comessem*.

Que também esses se ergam para *pelejarem* batalhas tremendas = para *que pelejem*...

Guarda-o para o *empregares* melhor = para *que* o *empregues*.

Trabalha, meu filho, para *agradarem* tuas obras a Deus = para *que agradem*.

---

(1) "Acreditando tu não me *teres* ofendido." (= ...que não me ofendeste) – A redação "Acreditando tu não me *ter* ofendido" traria sentido reflexivo ao verbo *ofender*, fazendo supor seu sujeito a 1ª pessoa: "...não me ter (*eu*) ofendido" – quando não é esse o sentido que o autor quer dar à frase. A flexão aí se impõe, já por ser conversível a forma nominal em forma modal, já por exigi-la a clareza.

Veja-se estoutro exemplo de Herculano: "Os dois dias que me pediste para *chorares* o teu cativeiro" (= para que chorasses) – A não flexão do infinitivo não evidenciaria com precisão o sujeito.

Leis que se fazem para se não *cumprirem* = para *que não se cumpram.*

A cidade de Goa não queria largar seus ossos para se *trasladarem* à de Lisboa = para *que se trasladassem.*

Grandes razões para nos *convencerem* têm V. S.as = para *que nos convençam...*

Sem que tal circunstância obrigue os amigos a *efetuarem* = a *que efetuem.*

O governo obrigou as fábricas a *produzirem* = a *que produzissem.*

Temíamos por *sermos* homens = *porque éramos* homens.

Já tivemos oportunidade de nos *referirmos* = de *que nos referíssemos.*

Observação:

Saiba o aluno compreender a significação do "só" que inicia a regra de Frederico Diez; a regra é justificativa da flexão, e não imperativo que nos obrigue a flexionar o infinitivo sempre que seja conversível numa forma modal. Achando um autor que o infinitivo, embora conversível numa forma modal, nenhuma necessidade sofre de flexionar-se, pode deixá-lo não flexionado: "Curvam-se para *beijar* a fímbria da sua estringe" – "Preparavam-se para *morrer*" – "Precisávamos cavar o chão para *obter* água" – "Cometeram tais atrocidades para *agradar* aos chefes" – "Grandes razões para *convencer*-nos têm V. S.as" – "Já tivemos oportunidade de *referir*-nos" – "Obrigai-nos a *confessar* que sois amigos dos brasileiros" – "Obrigando-os por via de tormento a *restituir* aquilo que tinha ocupado" – "Convidam os homens a *perseverar* na continuação do pecado" – "Forçou os inimigos a *fugir*".

921 – Confrontando as regras de Soares Barbosa com a de Diez, pode o aluno fazer estas considerações:

1 – É interessante notar que Diez encarou o problema por face inteiramente diferente.

2 – A nova regra vem justificar grande número de legítimos exemplos que não se amoldavam às regras de Soares Barbosa: "Folgarás de *veres*" (de que vejas) – "Mostraste *seres* cabal" (que és cabal) – "Que traça dariam para todavia *comerem*...?" (para que comessem).

Quer isso dizer que, ao mesmo tempo que esclarece o assunto, vem chocar-se com a regra de Soares Barbosa, pois justifica a possibilidade da flexão do infinitivo em casos em que os sujeitos são idênticos.

3 – Mesmo chocando-se numa parte, esclarece, por outra, o problema, servindo ambas de "fio condutor no labirinto do uso clássico do infinitivo flexionado".

922 – Ficam ainda essas duas normas *aquém dos fatos*, os quais, em grande variedade e incerteza, não se subordinam à disciplina gramatical.

Contra a teoria de Soares Barbosa insurgem a cada passo *fatos* de incontestável vernaculidade clássica, muitos dos quais vão igualmente fazer rosto ao eminente gramático alemão. Por exemplo:

"Não nos deixeis *cair* em tentação"
"Deixai *vir* a mim os pequeninos"
"Fazei-os *sentar*"

são construções em que os infinitivos *cair*, *vir*, *sentar* têm *sujeito próprio* (vão, pois, contra a regra de Soares Barbosa), e podem ser substituídos por formas modais (contrariando, dessa forma, ao mesmo tempo, a regra de Diez).

Notemos, ainda, exemplos como estes: "Alguns mancebos mais destros fingiam **acometer-se**, *pelejarem*, *vencerem*, *serem* vencidos" (Herculano) – "Assaz mostraste *seres* cabal para **dizer** verdades" (Castilho). Os infinitivos *acometer* e *dizer* tinham os mesmos motivos que os outros (peleja*rem*, vencer*em*, ser*em* – para o 1º exemplo – e ser*es*, para o 2º) para se flexionarem. De semelhante liberdade encontramos *frequentes* exemplos nos clássicos.

923 – Vê, pois, o aluno a insuficiência das duas regras tradicionais sobre o assunto; daí a necessidade de outras normas que expliquem e convenientemente justifiquem exemplos que contrariam os dois citados mestres. Tais normas iremos estudar, subordinando-as, quanto possível, às regras de Soares Barbosa e à de Frederico Diez.

Locução Verbal

924 – *a*) Deve o aluno compreender que as regras dos eminentes mestres são, antes de regras, *justificativas* da pessoalização do infinitivo. Isto queremos frisar: No caso de serem idênticos os sujeitos, devemos dar preferência à forma flexionada somente quando o exigir a *clareza*.

Sempre, portanto, que se chocarem as regras de Soares Barbosa com a de Frederico Diez, servir-nos-á de árbitro a *clareza*. Inútil e, conseguintemente, errada será a flexão, toda a vez que o infinitivo formar com o verbo subordinante uma *locução verbal* (§ 513 e ss.), isto é, quando o infinitivo vier intimamente subordinado ao verbo de que depende, não obstante a regra de Frederico Diez.

Construções como:

"Desejamos *comprarmos* livros"
"Desejando V. S.as *comprarem* livros"

"Lamentamos não *podermos*..."

"Estão merecendo *serem*..."

"Acham-se em mau estado, devendo *serem* substituídas"

"Esperando *sermos* atendidos..."

são construções inteiramente obtusas; nelas os infinitivos tornam-se como partes essenciais do verbo de que dependem, como, *mutatis mutandis*, os termos que concorrem para a formação de uma locução adverbial: É tudo um só verbo e, por conseguinte, só o primeiro se flexiona. Os infinitivos *comprar* (para os dois primeiros exemplos), *poder* (para o 3º) e *ser* (para os três últimos) dependem, intrinsecamente, das formas verbais *desejamos*, *desejando*, *lamentamos*, *estão merecendo*, *devendo*, *esperando*.

b) Entram no rol das locuções verbais exemplos como estes: "Tinham muito com que se *alegrar*" – "Tiveram bastante com que *se ocupar*". – Há nesses exemplos elipse do verbo *poder*, que forma com o infinitivo da oração a locução verbal: "Tinham muito com que se (*pudessem*) *alegrar*" – "Tiveram bastante com que se (*pudessem*) *ocupar*".

Oração Infinitivo-Latina

925 – Sabe já o aluno o que vem a ser "oração *infinitivo-latina*". (Recorde todo o § 652.) Pois bem, quando o infinitivo, juntamente com o seu sujeito (quer realmente expresso, quer substituído pelo correspondente pronome oblíquo) constituem oração infinitivo-latina, o infinitivo é empregado na forma não flexionada, não obstante as regras dos dois mestres:

"Mandei os homens procurar"
suj. de *procurar* ↓
obj. de *mandei*[1]

Vê o aluno que essa construção não se enquadra nas normas de Soares Barbosa (por serem diferentes os sujeitos o infinitivo deveria flexionar-se)

(1) Não confunda o aluno essa construção com estoutra: "Mandei procurar os homens", onde *os homens* passa a ser objeto de *procurar*. A primeira se converte em:

"Mandei-*os* procurar"
↓
sujeito acusativo de *procurar*
e a segunda em: "Mandei procurá-*los*"
↓
objeto dir. de *procurar*

nem na de F. Diez (o infinitivo é conversível numa forma modal: *que procurassem*); não obstante, é tal construção *legítima* e *usual*.

Outros exemplos: Fazei-os *parar* – Os raios matutinos faziam *alvejar* os turbantes – Viram *desaparecer* os godos – Vendo (ele) *voltear* ante si as imagens risonhas do opróbrio – Mandou-os o Senhor *pregar* pelo mundo – Que nem no fundo os deixa *estar* seguros – Não nos deixeis *cair* em tentação – Deixai *vir* a mim os pequeninos – Napoleão viu seus batalhões *cair* – Vi os navios que partiam *desaparecer* no horizonte – Vejamos do ar *cair* as nuvens e as neves.

O mesmo cuidado devemos ter de não flexionar o infinitivo quando ele estiver como objeto direto de certos verbos transitivos diretos que exigem preposição quando o objeto é um infinitivo (§ 683, 4): Forçam os jovens a *pensar* – Obrigou-os a *lutar* – Impediu-nos de *dizer* a verdade.

Observação:

Rara e excepcionalmente aparece a forma flexionada:

"E *verão* mais...
Os dois amantes míseros *ficarem*
Na férvida e implacábil espessura".

"Que eu vos prometo, filha, que *vejais*
Esquecerem-se gregos e romanos
Pelos ilustres feitos..."

– Lembre-se o que ficou dito no § 840 quanto à liberdade dos poetas.

Ele não nos deixará enganar

926 – Quando, nas orações infinitivo-latinas em que o sujeito é expresso por um oblíquo, o infinitivo for constituído de *verbo pronominal*, manda a eufonia que não se empregue o oblíquo do pronominal. Assim é que não dizemos: "Fazendo-*nos* sentar-*nos* junto de si" nem: "Fazendo-*nos* sentar*mo-nos*" (construção arrepiante), mas, simplesmente: "Fazendo-*nos sentar*".

Ouçamos, para o caso, o professor Álvaro Guerra: "De boa sintaxe, pois, são os seguintes torneios de elocução: "Faz-*me recordar* do passado" – "Fez-*te arrepender* dos teus crimes" – "Fazia-*nos curvar* ante a sua majestade" – em vez de: "Faz-*me* recordar-*me* do passado" – "Fez-*te* arrepender-*te*" etc. A duplicação do pronome átono, em tais expressões, evita-se, simplesmente, por eufonia. A mesma sintaxe, aliás, se nos oferece com os verbos *mandar*, *deixar*, *ver*, *ouvir* etc., quando, conjugados ou não, regem

um infinitivo em idênticas condições: "Mandou-*nos* sentar" – "Deixou-*nos* levantar" – "Viu-*nos* deitar" – "Ouviu-*nos* queixar da sorte" – "Ele não *nos* deixará enganar" (§ 776, 3, n.).

Preposição + Infinitivo

927 – 1) Quando o infinitivo, juntamente com a preposição *a*, equivale ou a um *particípio presente* latino (flores *a recender* cheiros = flores *recendentes*) ou a um *gerúndio* (Andavam *a entrar*-lhe por casa = andavam *entrando*), devemos usar a forma não flexionada:

"Seculares *a desfrutar* cinco ou seis abadias".

"...flores *a recender* cheiros vários".

"E tu *a reprovar*" – "E vós *a reprovar*".

"Os santos *a pregar* pobreza... *a persuadir*-lhe humildade".

2) Mesmo que o infinitivo regido da preposição *a* constitua *complemento* de *substantivo* ou de *adjetivo*, emprega-se a forma não flexionada:

"Destinados *a conseguir* grandes coisas" – "...fadados *a passar*" – "...tendentes *a submeter*" – "Condenados *a pagar* pesada multa..."

Observações:

1ª – A mesma preferência tem o infinitivo *não flexionado* quando constitui complemento de substantivo ou de adjetivo, *qualquer que seja a preposição*:

"Estâncias de propósito *fabricadas para hospedar* os peregrinos" – "*Penas para escrever* cartas" – "*Instrumentos para lavrar* a terra" – "*Desejosos de alcançar* vitória" – "Olhos *cansados de a chorar*" – "O *direito* que nos cabe *de ser* ciosos de nosso idioma".

2ª – Se o infinitivo, quando complemento de substantivo ou de adjetivo, tem sentido passivo, permanece inflexível: Ossos *duros de roer* – *Cartas por escrever*.

Não se deve em tais casos colocar o pronome apassivador *se* (V. § 407, nota 3).

3ª – Também não se flexiona quando complemento de verbo que exige a preposição *a* quando o objeto é um infinitivo (§ 683, 4): "...o que levou os ingleses *a deixar* os seus lares".

Posição – Distância

928 – Quando um *infinitivo preposicionado* precede ao verbo regente ou quando, quer preposicionado quer não, vem distanciado do verbo regente, a *clareza* permite a flexão mesmo no caso de serem idênticos os sujeitos.

EXEMPLOS:

Infinitivo preposicionado antes do verbo regente: "Para se *consolarem*, os infelizes dormiam tranquilos" – "Na expectativa de *sermos* atendidos, muito lhe agradecemos".

Infinitivo distanciado:

"*Possas* tu, descendente maldito
De uma tribo de nobres guerreiros,
Implorando cruéis forasteiros
Seres presa de vis Aimorés".

"*Deviam*-no TRAZER todos vocês nas palmas, DAR mil graças aos céus, e ACABAREM de crer" – "*Foram* dois amigos à casa de outro a fim de PASSAREM as horas da sesta" – "*Viam*-se LAMPEJAR as armas nos visos dos dois últimos outeiros que por aquela parte rodeavam o campo, e AGITAREM-SE ondas de vultos humanos e SUMIREM-SE, onda após onda..."[1] – "As aves aquáticas redemoinhavam nos ares ou pousavam sobre as águas, e *pareciam*, nos voos incertos, ora vagarosos, ora rápidos, FOLGAREM com os primeiros dias da estação...".

Vê o aluno que a intercalação de palavras ou frases entre o verbo subordinante e o infinitivo pode causar a flexão: "Quando, na redação da frase, grande número de palavras mediam entre a primeira e a segunda forma infinitiva, nem sempre fere o ouvido o supérfluo e inconveniente da flexão a esta desnecessariamente impressa" (Rui). – Ao mesmo tempo que permite, acha Rui desnecessária a flexão; o ouvido se esquece da subordinação, e daí provém a flexão do infinitivo.

Vejamos mais este exemplo em que, como em outros dados logo acima, o primeiro infinitivo, por vir próximo do verbo subordinante, encontra-se na forma não flexionada, e estão flexionados os outros infinitivos por se distanciarem do verbo subordinante: "Praza a Deus que Bolívar, San Martin, Nabuco e tantos outros *continuem* a IMITAR os servos deste Novo Mundo, a PROSSEGUIREM na sua marcha e a MANTEREM vivo o fogo...". Releia o aluno o exemplo sem flexionar os dois últimos infinitivos e verá que é realmente supérflua e inconveniente a flexão.

Verbo **Parecer**

929 – Dá-se com o verbo *parecer* o seguinte: Tanto podemos dizer: "Eles *parecem estar* doentes" – como: "Eles *parece estarem* doentes".

(1) V. § 404, antes da nota 1: Com os verbos *ver* e *ouvir*...

No primeiro caso ("Eles *parecem* estar doentes") o verbo *parecer* está empregado como verbo de ligação, sendo seu predicativo "estar doentes":

Eles	parecem	estar doentes
sujeito	v. de ligação	predicativo

No segundo caso ("Eles *parece* estarem doentes") o verbo *parecer* está empregado intransitivamente, isto é, com sentido completo, e é seu sujeito "estarem doentes" – equivalendo a oração a

"Parece *estarem eles doentes*" (sujeito de *parece*) ou "Parece *que eles estão doentes*". (sujeito de *parece*)

O verbo *parecer*, pois, quando o sujeito da oração está no plural, faculta estas duas construções:

1 – Eles parecem (plur.) estar (sing.) doentes.

2 – Eles parece (sing.) estarem (plur.) doentes.

Nada, portanto, deverá estranhar-nos a flexão do infinitivo quando o verbo *parecer* estiver no singular, nem a não flexão do infinitivo quando o verbo *parecer* vier no plural:

"Escudos que os compridos saios de malha *pareciam tornar* inúteis" – "Que *pareciam desprezar* as tribos bereberes" – "Que *parece entoarem*-lhes já o hino da morte" – "Lanças que *parecia encaminharem-se*" – "Os quais lhes *pareceu dirigirem*-se para os lados do célebre mosteiro" – "Tais condições me *parecia reunirem*-se...".

Exclamações e Interrogações

930 – Nas exclamações e nas interrogações o uso do infinitivo flexionado mostra que se quer referir a ação em especial a certo sujeito: "Tu, Hermengarda, *recordares*-te?!" – "*Assassinares* uma fraca mulher!".

Observação:

Críticas ao abuso da flexão do infinitivo são feitas no verbete *Infinitivo Pessoal*, e em outros seguintes, do *Dicionário de Questões Vernáculas*.

Questionário

1. *Justifique* ou *corrija*, explicando a razão da justificativa ou da correção, as seguintes construções:

a) Desejam comprarem livros.

b) Eles continuam a hostilizar-nos.

c) Juro terem eles partido.

d) Logrei ser eles nomeados.

e) Acabam de publicar-se os dois últimos volumes. (V. no § 404: "Note-se, porém, esta diferença...".)

f) Os cavaleiros e besteiros deviam auxiliarem-se uns aos outros.

g) Tinham agora, na sua estropiada condição, de se defrontarem com eles. (§ 924.)

h) Não será difícil chegarmos a entender-nos.

i) A primeira questão de que deveríamos termo-nos ocupado...

j) Em poucas páginas vemos afluírem todas estas locuções. (§ 925.)

k) Convido V. Ex.ª e Ex.ma Família para assistirem... (V. obs. do § 920.)

l) Pedro convida parentes e amigos a assistir à missa. (Ibidem.)

m) Devemos evitar mantermos relações com essas pessoas que chegaram agora.

n) De uma coisa podeis estar certos: obrigar-vos-ei a vos comportardes bem. (§ 926 e obs. do § 920.)

o) Se não souberdes vos aplicardes, sereis prejudicados em vossa carreira.

p) Estes homens ficam por aqui e devem, nas ocasiões de acidentes, mergulharem, nadarem e irem buscar as vítimas. (§ 918: sujeitos idênticos.)

q) Esta cena faz-me vir à memória aquela outra a que assistimos faz três meses: aqueles homens a rirem, a saltarem. (§ 927, 1.)

r) O serviço telefônico deve ser feito com muita presteza, devendo para tal as mesas de recepção ficarem sempre aparelhadas com o material necessário. (Não leve em conta a distância, por ser pequena.)

2. Justifique a igualdade de pureza gramatical entre as orações: "Os homens *parecem ter* perdido a felicidade" e "Os homens *parece terem* perdido a felicidade".

CAPÍTULO 62

PARTICÍPIO

933 – Se o *indicativo*, o *subjuntivo* e o *imperativo* constituem as formas *modais* do verbo, o *infinitivo*, juntamente com o *particípio* e o *gerúndio*, constituem as formas *nominais*, denominação devida ao fato de o infinitivo, o particípio e o gerúndio poderem exercer função de *nomes*, isto é, de substantivo e de adjetivo (§ 248, 3ª).

Exemplos em que o infinitivo aparece com função nominal: "*Estudar* é bom" (sujeito), "É hora de *estudar*" (adjunto adnominal), "Ouvimos o *troar* dos canhões" (obj. direto), "Cansado de *estudar*" (complemento nominal) – V. § 913.

934 – Três eram os *particípios* em latim(*):

1 – *presente* – amantem

2 – *passado* – amatum

3 – *futuro* – { *ativo*: amaturum / *passivo*: amandum }

935 – O particípio **presente** latino, que nos deu as formas em **ante** (*amante*) para a 1ª conjugação, **ente** (*movente*) para a 2ª e **inte** (*constituinte*) para a 3ª, perdeu em português o valor participial; é hoje considerado mero adjetivo (homem *amolante*, voz *suplicante*, rapaz *impertinente*), e em muitos casos passou para a classe dos substantivos: os *assistentes*, o *crente*, o *lente*, os *viajantes*, os *ouvintes*.

(*) V. *Gramática Latina* – § 248.

Encontram-se no velho português essas formas com seu etimológico valor, isto é, com força verbal: "Per'las ricas e *imitantes* a cor da aurora" (C.) – "Aníbal *passante* os montes Alpes" (Soares Barbosa) – "Mandou recado a certos mouros *estantes* em Cananor" (João de Barros). Em algumas frases feitas, como "*temente* a Deus", "não *obstante* isso", "*salvante* o caso", "bem *falante*", "*dependente* de", "*constante* em" (nomes *constantes* na lista), conservam ainda tais formas o valor do particípio presente latino.

936 – O particípio **futuro ativo** deixou vestígios em português, como: *vindouro* (lat. *venturum* = que há de vir), *morredouro* (lat. *moriturum* = que há de morrer, que vai morrer), mas são hoje usados como meros adjetivos.

937 – O mesmo se diga do particípio **futuro passivo**, em latim denominado **gerundivo**, cujos resquícios funcionam como adjetivos uns, como substantivos outros; ninguém, ao ouvir "*venerando* mestre", pensa no sentido etimológico: "mestre *que deve ser venerado*"; o mesmo se aplique a *reverendo*, *colendo*, *execrando*, *examinando*, *doutorando*, *memorandum*, *legenda*, *vivenda*, *oferenda* etc., palavras que perderam a ideia de "obrigatoriedade", de "dever ser", de "futuro passivo", ideia implícita no gerundivo latino (*legendus* = que deve ser lido; *vivendus* = que deve ser vivido; *oferendus* = que vai ser oferecido)(*).

Nota: Outra forma nominal existia ainda no latim, o *supino*, que indicava finalidade e nenhum vestígio deixou em português.

938 – O próprio particípio **passado** latino somente era usado com sentido passivo, na conjugação da voz passiva, concordando sempre com o sujeito a que se referia. Em português, no entanto, onde se designa pelo simples nome de *particípio*, é usado também na voz ativa (tenho *amado*, havia *merecido*), notando-se que, no velho português, flexionava-se de acordo com a palavra a que se referia: "*Cartas* que ele tinha *escritas*" – "...*mercês* que este reino tem *recebidas*" – "...depois de ter *pisada* a *arcia* ardente". Depois que, fenômeno operado do século XVI em diante, os verbos *ter* e *haver* se esvaziaram de sentido (§ 428), os particípios adquiriram sentido *ativo*, imobilizando-se na forma indeclinável, por muitos erroneamente chamada *supino*. Distintas são hoje as significações das frases "Eu tenho *escrito* cartas" e "Eu tenho cartas *escritas*".

939 – É interessante notar que, não obstante empregados na voz **passiva**, certos particípios têm significação **ativa**; por outras palavras: a pessoa, a que esses particípios se referem, em vez de receber, *pratica* a ação expressa por esses particípios. Assim é que "homem *lido*" não indica o autor cujas

(*) V. *Gramática Latina* – § 248, 2.

obras são muito lidas (sentido passivo), mas o homem que muito lê (sentido ativo), isto é, que pratica a ação de ler. Tais particípios se denominam particípios **depoentes**, à semelhança do que se passa em latim, onde certos verbos têm significação ativa, embora só possam vir conjugados na forma passiva.

Outros particípios em idênticas condições:

FORMA PASSIVA		SIGNIFICAÇÃO ATIVA
ele é *acreditado*	=	ele tem crédito
eu serei *agradecido*	=	agradecerei
não seja *atrevido*	=	não se atreva
fiquei *calado*	=	calei-me
seremos *comedidos*	=	teremos comedimento
rapaz *confiado*	=	rapaz que confia
menino *crescido*	=	menino que cresceu
rapaz *despachado*	=	rapaz que despacha
homem *fingido*	=	homem que finge
ele é *lido*	=	ele leu muito
sejamos *moderados*	=	tenhamos moderação
ele está *ocupado*	=	ele se ocupa
lei *ousada*	=	lei que tem ousadia
ele é *pausado*	=	ele trabalha com pausa
homem *sabido*	=	homem que sabe muito
estou *sentido*	=	senti muito
rapaz *viajado*	=	rapaz que viajou muito

Observações:

1ª – O mesmo fenômeno de *depoência* do particípio se dá quando, por elegância, empregamos o verbo *ser* pelos auxiliares *ter* e *haver*: "São *chegados* os visitantes da cidade" – "Já cinco sóis eram *passados*" (§ 429).

2ª – Recorde o aluno o que ficou explicado no § 430 sobre a construção "Chegados ao Rio".

Questionário

1. Quais são as *formas nominais* do verbo e por que assim se denominam?

2. Discorra sobre as várias espécies de particípios latinos, explicando a relação existente entre eles e o português atual.

3. Que diz dos particípios *lido*, *viajado*, *sabido*, *confiado*? Como se chamam tais particípios?

CAPÍTULO 63

GERÚNDIO

942 – Uma vez ter-se o particípio presente latino transformado em adjetivos terminados em *ante*, *ente*, *inte*, passou o gerúndio a exercer suas funções:

"Ouvi a Isaías *falando* com a mesma república de Jerusalém" – "Vi-o *voando*" – "Fazemos o milagre de Anfião *arrastando* as pedras" – "Com os olhos *vagando* por este quadro imenso...".

Em todos esses exemplos, as formas gerundiais portuguesas correspondem ao *particípio presente* latino, ou seja, são adjetivos, porque vêm modificando substantivo ou palavra substantivada.

Nota: Sempre que o autor queira ou a eufonia exija, tais formas gerundiais podem ser substituídas pelo infinitivo precedido de *a*: Ouvi-o *a falar* – Vi-o *a voar* – Fazemos o milagre de Anfião *a arrastar* as pedras – Com os olhos *a vagar* por este quadro imenso (V. § 927, 1).

943 – OUTROS EMPREGOS DO GERÚNDIO:

1. Como **modificativo de um verbo**, para ajuntar-lhe uma circunstância: "Eles fortaleceram a conjuração nascente não *crendo*" – O gerúndio *crendo* apresenta-se como **adjunto adverbial de modo** do verbo *fortaleceram*: Fortaleceram de que maneira? – Não *crendo*.

OUTROS EXEMPLOS:

causa: *Sendo* ainda novo, não quis ir só.
concessão: Não quis, *sendo* sábio, resolver as dúvidas por si mesmo.
condição: Triunfarás, *querendo*.
meio: O carneiro defendia-se *dizendo* que...

modo: Ele fala *cantando* – Ele dorme *roncando*.

tempo: *Proferindo* o orador estas palavras, a assembleia deu vivas (= Quando proferiu... – V. o nº 5 deste mesmo §).

2. Para a formação de locuções verbais **frequentativas** (§ 517) e **incoativas** (§ 518): andar *estudando*, estar *trabalhando*, ir *aprendendo*, vir *vindo* – ou quando por semelhante modo se prende a outros verbos: viver *penando*, morrer *vencendo*, acabar *brigando*, ficar *chorando*.

Nota: Nas locuções verbais que indicam continuidade de ação o gerúndio pode ser substituído pelo infinitivo preposicionado: andar *a estudar*, estar *a trabalhar*, viver *a pensar*, ficar *a chorar* etc. Escapam, porém, a esta substituição locuções verbais que indicam desenvolvimento gradual de ação, formadas com os verbos *ir* e *vir*: ir *aprendendo*, ir *indo*, vir *vindo* – V. § 518.

3. Como **predicativo** e, mais raramente, como **sujeito**: Ele está *lutando* (predicativo) – Seria satisfazer a vossos desejos *calando*-me (sujeito).

Observação:

Uma vez que o gerúndio latino não possui nominativo (a forma subjetiva é o próprio infinitivo), é naturalmente estranho, em português, o seu emprego com função subjetiva ou predicativa, mas exemplos não faltam desse emprego: "E o modo com que ele toma este tempo é não lho *dando*" (Vieira) – "...seria não corresponder a vossa reconhecida bondade, *omitindo*-vos a interessante nova..." (Camilo).

4. Como **aposto** do sujeito. Dá-se neste caso franca invasão do gerúndio português na esfera do particípio presente latino: "Tudo, *vendo*-me chegar, me perguntava por ela". *Vendo*, que em latim seria o particípio presente (*videns*), com a função de aposto do sujeito (*tudo*), guarda seu valor, em português, de substantivo-gerúndio, como se vê pela preposição *em* que o pode reger: "Tudo, *em* me *vendo* chegar, me perguntava por ela" (Castilho).

Exemplos: "Dessem-me uma capa de tal condão, que, em me *emboscando* nela, me visse por encanto em longes terras" (Castilho) – "Depois, *tirando* o chapeirão, cortejou a turba-multa por um e outro lado" (H.) – "A febre, *havendo* entrado com grande vigor, não quer despedir de todo" (Vieira) – "*Comendo* alegremente, perguntavam" (C.) – "O sol logo em *nascendo* vê primeiro" (C.) – "Pedro, em *tomando* do Reino a governança, a tomou dos fugidos homicidas" (C.).

5. Em *orações reduzidas de gerúndio* correspondentes ao **ablativo absoluto** latino (§ 698): "Tudo quanto há na capital do Pará, *tirando* as terras, não vale dez mil cruzados" (Vieira) – "*Reinando* Tarquínio, veio Pitágoras para a Itália" (lat, *regnante* Tarquinio...). – Como no caso antecedente, usurpou neste o gerúndio a função do particípio presente latino, mas conservou seu valor substantivo, revelado pela anteposição da preposição *em*: *Em* reinando Tarquínio, veio Pitágoras para a Itália.

Observações:

Nesse emprego, como no antecedente, a preposição *em* é facultativa; limita-se o seu uso à língua culta. Exemplos: "Frolalta, como ficava Antíoco, *em* te tu *vindo*?" (C.) – "*Em despontando* a aurora, adeus Bootes" (Castilho).

Note-se a vírgula a separar as reduzidas.

2ª – Em orações reduzidas de gerúndio é de rigor a posposição do sujeito ao gerúndio. Até o século XVI, porém, tal posposição era facultativa: "E eles assi *jazendo*, apareceu-lhe o dito cavalheiro em ávito de palmeiro" (em hábito de peregrino) (Crest. Arc., 110). Em Camões se lê: – "Prosperamente os ventos *assoprando*, os portugueses..." – em Manuel Bernardes (séc. XVII), encontra-se ainda a mesma colocação, que Antônio de Castilho, criticando, tacha de galicismo: "Frei Domingos *vindo* de Tortosa para Valença..." Havia de dizer: "*Vindo Frei Domingos*" etc. Tal construção, acrescenta o insigne mestre, "mais soa a francês que a português genuíno, e se deve evitar com grande escrúpulo". Entretanto, diz agora Carlos Pereira, mais parece soar a *arcaísmo*, como dos exemplos citados se vê.

6. Em orações em que é admissível a noção de tempo, isto é, quando a forma em *ndo* for conversível em subordinada adverbial de tempo, iniciada ou pelo advérbio *quando* ou pelo infinitivo regido da preposição *a:* "Fazemos o papel de Anfião *arrastando* as pedras" – isto é, *quando arrastava* ou *a arrastar.* "A seguinte comédia foi feita ao muito poderoso rei D. João III, *sendo* príncipe..." – isto é, *quando era* príncipe ou *ao ser* príncipe.

944 – É **incorreto** o emprego do gerúndio quando não se verificar uma dessas seis situações; deve, então, ser substituído por uma destas construções, conforme a ideia ou a possibilidade:

a) por subordinada adjetiva: "Foi comprada a casa *que tinha* o nº 40" (e não *tendo*) – "Precisamos de um auxiliar *que saiba* escrever a máquina" (e não *sabendo*) – "Língua extinta é a que não deixou documentos *que provem* a sua existência" (e não *provando*);

b) pela preposição *de* ou pela preposição *com*: "Foi comprada a casa *de* nº 40" (e não *tendo*) – "caixa *de* penas" (e não "caixa *encerrando* penas") – "livro *com* imagens" (e não "livro *contendo* imagens") – "carta *com* vale" (e não "carta *incluindo, contendo* ou *encerrando* vale");

c) quando possível, pela forma correspondente ao particípio presente latino (terminada em *nte*): "fronte *porejante* de suor" (e não "fronte *porejando* suor") – "bolsa *transbordante* de dinheiro" (e não "bolsa *transbordando* dinheiro") – "cor *tirante* a negro" (e não "cor *tirando* a negro") – "papelão *imitante* a couro" (e não "papelão *imitando* couro").

"Água *fervendo*" é expressão que contraria esse princípio; o certo seria "água *fervente*".

Notas: 1ª – É de toda a prudência seguir essas normas para que se evitem grosseiros galicismos. Em frases semelhantes à seguinte, a presença da forma em *ndo* seria de todo inadmissível: "Le chrétien croit à un Dieu *possédant* toutes les perfections" = "Crê o cristão em um Deus *que possui* (e nunca: *possuindo*) todas as perfeições".

2ª – Hoje repetem-se de modo enfadonho os gerúndios: "Os nacionalistas estiveram *cercando* a cidade, *conseguindo* por fim tomá-la, *sendo* muito aclamados" – Correção: "Os nacionalistas cercaram a cidade e conseguiram tomá-la finalmente, pelo que foram muito aclamados". Evitemos o gerundismo.

3ª – V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "gerúndio, particípio".

945.0 – Quem estudou com atenção o § 924 deve ter notado que o gerúndio não pode vir seguido de infinitivo pluralizado uma vez constituírem ambos locução verbal:

errado	*certo*
permitindo serem movidos	permitindo ser movidos
devendo terem feito	devendo ter feito
desejando comprarem livros	desejando comprar livros

Questionário

1. Quando a forma gerundial portuguesa corresponde ao particípio presente latino? Um exemplo.

2. Redija 6 orações em que apareça um gerúndio:
a) como *adjunto adverbial*;
b) em *locução verbal*;
c) como *predicativo*;
d) como *aposto do sujeito*;
e) que forme uma *subordinada reduzida*;
f) que traga *ideia de tempo*.

3. Dê exemplos de gerúndios antecedidos de *em*.

4. Por que construções deve o gerúndio ser substituído quando incorreto?

5. Corrija, explicando a correção, este período: "Língua extinta é a que não deixou documentos provando a sua existência".

6. Modifique a redação (V. a nota 2 do § 944) dos seguintes períodos:
a) O baile decorreu animadíssimo, dançando-se até alta madrugada, ficando todos com gratas recordações.
b) O ilustre escritor escreveu muitas obras, sendo eleito membro da Academia, conseguindo lá muitos êxitos.

7. Corrija:
a) Devendo os colarinhos serem trocados, deixe estas camisas de lado.
b) Não podendo os alunos daquele colégio responderem às perguntas, foram todos reprovados.

CAPÍTULO 64

SUBJUNTIVO

945.1 – Enquanto em certos idiomas não existe o problema do subjuntivo (temo-lo até no futuro, o que não se dá nem em latim[*]), em português esse modo verbal tem seus caprichos: Por que dizemos "Sei que ele VAI" e "Quero que ele VÁ"? Por que não podemos trocar os modos dessas duas subordinadas? É o que iremos estudar, observando que o tempo da subordinada é também passado quando no passado estiver o verbo da principal: *Permitiu* que eu *fizesse*.

Emprega-se o Subjuntivo:

945.2 – Nas orações que se subordinam a verbos volitivos (verbos que indicam **desejo, vontade**: *verba voluntatis*)[1]:

Presente ou futuro	**Qualquer passado**
Ele ACONSELHA que eu VÁ	ACONSELHAVA que eu FOSSE
Ele ADMITE que eu VÁ	ADMITIU que eu TIVESSE IDO
Ele COAGE a que FAÇAMOS	COAGIU-nos a que FIZÉSSEMOS
Ele CONCEDE que eu VÁ	TERIA CONCEDIDO que eu TIVESSE IDO
CONSINTO que PADEÇAM	CONSENTIA que PADECESSEM
CONVENHO que ele SEJA bom	CONVIERAM que ele FOSSE bom
Ele DEIXA que eu VENDA	DEIXAVA que eu VENDESSE
Ele DESEJA que eu FIQUE	DESEJARIA que eu FICASSE
Ele DETERMINA que PARTAMOS	DETERMINARA que PARTÍSSEMOS
Ele ESTABELECE que eu VOLTE	ESTABELECEU que eu VOLTASSE

(*) V. *Gramática Latina*, § 253, 2.
(1) V. *Gramática Latina*, § 282, n. 7.

Ele ESTATUI que eu RECORRA	ESTATUÍA que RECORRÊSSEMOS
Ele EXIGE que eu PROSSIGA	EXIGIRIA que PROSSEGUISSE
Ele FAZ (com) que HAJA paz	FEZ (com) que HOUVESSE paz
Ele IMPEDIRÁ que eu VOLTE	IMPEDIU que eu VOLTASSE
Ele IMPLORA que eu RETORNE	IMPLOROU que eu RETORNASSE
Ele MANDA que eu PEÇA	MANDARIA que eu PEDISSE
Ele OBRIGA que eu VOLTE	OBRIGAVA que eu VOLTASSE
Ele OBSTA que eu VEJA	OBSTOU que eu VISSE
Ele OPTA que CONTINUEMOS	OPTAVA que CONTINUÁSSEMOS
Ele ORDENARÁ que eu ACEITE	ORDENARIA que ACEITASSE
PEÇO que FALEM claramente	PEDIRIA que FALASSEM
Ele PERMITE que eu DIGA	PERMITIU que DISSESSE
PRAZA aos céus que eu VÁ	PROUVE a Deus que eu FOSSE
PREFIRO que você FIQUE	PREFERIRIA que FICASSE
Ele proíbe que eu JOGUE	TERIA PROIBIDO que eu TIVESSE JOGADO
Você QUER que eu VÁ?	Você QUERIA que eu FOSSE?
Ele RECOMENDA que eu FIQUE	RECOMENDARIA que FICASSE
ROGANDO (agora) que eu VÁ	ROGANDO (naquela época) que eu FOSSE
SUPLICO que você FIQUE	SUPLICAVA que FICASSE
VETO que DISCUTAM o assunto	VETEI que DISCUTISSEM

945.3 – Nas subordinadas a verbos que indicam **sentimento** (*verba sentiendi*)[1] ou a expressões que dão essa ideia, isto é, que supõem um "sentir" por parte de quem escreve ou do sujeito:

ADMIRAR QUE: Admiro que TENHA essa idade

ADMIRAR-SE QUE: Admira-me que TENHA, admirou-me que TIVESSE

ALEGRAR a alguém QUE: Alegra-me que você TENHA

BASTAR QUE: Bastaria que TIVÉSSEMOS

CONVIR QUE: Convém que VÁ, convinha que FOSSE

CUMPRIR QUE: Cumpria que ESTIVÉSSEIS prontos

ESPANTAR alguém QUE: Espanta-os que eu VÁ

ESPERAR QUE: Espero que POSSAMOS

ESTIMAR QUE: Estimarei que você PASSE

FOLGAR QUE: Folgarei que você DIGA

GOSTAR QUE: Gostaria que você CHEGASSE

IMPORTAR QUE: Importa que SAIBAMOS

LAMENTAR QUE: Lamento que TENHAM

LASTIMAR QUE: Lastimo que você PENSE o contrário

PESAR a alguém QUE: Pesa-nos que você HAJA

RECEAR QUE: Eu receava que ele OUVISSE

REPUGNAR a alguém QUE: Repugnou-me que ele TIVESSE

(1) V. *Gramática Latina*, § 367, 2.

SURPREENDER a alguém QUE: Surpreendeu-me que ele SOUBESSE
TEMER QUE: Temi que VISSEM
TOMARA QUE: Tomara que PUDÉSSEMOS – Tomáramos nós que todos SOUBESSEM

EXPRESSÕES EQUIVALENTES:

é bom que	é possível que
é feio que	é preciso que
é importante que	é provável que
é impossível que	é triste que
é incrível que	é proveitoso que
é lamentável que	é repugnante que
é lastimável que	é útil que
é inevitável que	é de admirar que
é mau que	é de pasmar que
é necessário que	é de recear que
é notável que	tenho receio de que
é pena que	estou receoso de que

945.4 – Nas subordinadas a verbos e expressões que indicam **dúvida** (*verba dubitandi*)[1]:

DESCONFIO QUE
DUVIDO QUE
É DE DUVIDAR QUE
É DE DESCONFIAR QUE
SUSPEITO QUE
TENHO DESCONFIANÇA DE QUE
TENHO MEDO DE QUE

Notas: 1ª – Tanto com verba *voluntatis* como com verba *sentiendi* e *dubitandi*, o *que* pode ser elegantemente suprimido:

Aconselhou-nos partíssemos logo.
Folgo tenha você tirado o primeiro lugar.
Pena é não exarasse o mestre a frase inteira.

2ª – Nas orações que se subordinam a verbos que indicam **declaração** (*verba declarandi*)[2], de forma que a subordinada expresse um fato real, o modo é o INDICATIVO:

Ele DECLARA que eu VOU, que eu IREI — DECLAROU que eu IA, que eu TINHA IDO, que eu IRIA

(1) V. *Gramática Latina*, § 427.
(2) V. *Gramática Latina*, § 366; § 367, 1

Ele AFIRMA que eu SOU, TENHO SIDO, SEREI
DIGO que ele SABE...
JURO que VEJO, que VI, VEREI...
CONFESSO que VI
SEI que ele estuda, estudou, estudava

AFIRMAVA que eu ERA, que FORA, TINHA, HOUVERA SIDO, SERIA
DIZIA que SABIA
JUROU que FAZ, que FEZ, FARÁ
CONFESSOU que VIU
SABIA que ESTUDARA, IRIA ESTUDAR

945.5 – Nas expressões **optativas** ou **imprecativas**:

VIVAM os bons!
Deus me PERDOE!
Oxalá todos RESPEITASSEM o próximo!
POSSAS tu, após tantas desilusões, voltar ao convívio dos teus!
TIVESSE eu a sua saúde! (§ 585.5, notas 1 e 2).
SEJAS feliz! (§ 644, n.).

Nota: Tal se dá ainda que tais expressões se iniciem com a conjunção *que* mas sejam proferidas como orações independentes, isto é, sem se subordinarem a outros dizeres:

Que todos SAIBAM o que vou dizer.
Que se RETIRE quem quiser (= Quem quiser que se retire).

945.6 – Nas subordinadas que expressam ação ou **ações aleatórias**, contingência, eventualidade:

Quer QUEIRA quer não QUEIRA, ele irá.
Quer FOSSE quer não FOSSE, nada teria conseguido.
Ou DIGA sim ou DIGA não, cairá em contradição.

Nota: Com alternativas aparecia, entre quinhentistas, também o indicativo: Ou que ele a *ouvisse* ou que alguém lhe FOI dizer.

945.7 – Nas *relativas* que denotarem incerteza, mera probabilidade, conjuntura:

Quero um livro que CONTENHA ilustrações.
Gostaria de premiar o aluno que SOUBESSE esta lição.
Não há prazer que sempre DURE.
Faltam-nos provas em que POSSAMOS apoiar-nos.
Procuro encontrar quem SAIBA.
Vou para onde me MANDEM.
Castigava-o por qualquer coisa que FIZESSE.
Quem quer que você VEJA prenda.
Quero um auxiliar com que POSSA viajar.
Levou os instrumentos todos com que PUDESSE trabalhar.
Digam o que QUISEREM, não irei.

Haja o que HOUVER, irei.
Dissesse o que DISSESSE, seria punido.
Cure quem QUISER.
Faça quem PUDER.

Nota: Se a ideia é de certeza, de fato real, o modo é o *indicativo*:

Quero o livro que *contém* ilustrações. Quero premiar os que *sabem* esta lição. Quis premiar os que *souberam*. Gostaria de conhecer os que *passaram*. Quero conhecer quem *faz* estes brinquedos. Vou para onde me *mandam*.

945.8 – Nas **finais** iniciadas com *para que*, *porque*, *a fim de que*:

Faço tudo para que ele APRENDA.
Escrevi o que pude a fim de que FICASSEM satisfeitos.
Faço votos porque SEJAS feliz.
Ao rei presentes manda, porque a boa vontade que mostrava TENHA firme.

945.9 – Nas **condicionais**, quando a hipótese é (o estudo completo ficou feito no § 585 e ss.):

possível (hipótese admissível): Se eu ESTUDASSE, eu passaria (teria passado) – Se eu TIVESSE ESTUDADO, eu teria passado – Se eu ESTUDAR, eu passarei – Se até lá eu TIVER MORRIDO, você perderá tudo – A não ser que MUDE de ideia, ele está perdido – Caso você VÁ, eu também irei – Meu prazer será imenso caso eu POSSA ir – Meu prazer seria imenso caso eu PUDESSE ir – Procedeu como se FOSSE dono – Sem que RESPEITEMOS o próximo, não poderemos considerar-nos civilizados – Suposto que seu sócio CONCORDE, eu vou.

irreal (hipótese de fato inexistente): Se eu PUDESSE falar, não estaria escrevendo.

Notas: 1ª – Enquanto, na hipótese real, o verbo em português está no indicativo ("Se você *tinha* pressa, por que não disse?"), na possível e na irreal esse modo verbal constitui erro: Se eu soubesse disso, não teria ido (e não: "Se eu sabia...").

2ª – A locução *como se* (entre os clássicos também *como que*) abre duas orações, uma conformativa hipotética, outra condicional: Ele agiu como (agiria) se *fosse* criança. O modo do verbo regula-se pelo das condicionais. Outros exemplos: Para me magoar busco ainda desaventuras alheias, como que as minhas não *bastassem* – Com os braços cruzados sobre o peito, como que me *media* com os olhos.

3ª – *Caso*, quando equivalente ao *se* condicional, repele o futuro: "Caso eu possa" (e não "caso eu puder").

945.10 – Nas **temporais**, quando a ideia é de suposição, de eventualidade, de futuridade:

Irei quando ele FOR.
Avise-me assim que ele SAIA.
Vou depois que TERMINE o serviço.
Compre antes que ACABE o dinheiro.
Plante logo que CAIA a primeira chuva.
Irei tão logo você SAIA.
Ficarei em casa enquanto ESTIVER de luto.

Nota: Quando a ideia é de fato real, o modo é o indicativo: Vou depois que *termino* o serviço – Saio assim que ele *sai* – O rio se enche logo que *cai* a primeira chuva – Fui tão logo você *saiu*.

945.11 – Nas **concessivas**:

Embora você QUEIRA, nada acontecerá.
Ainda que ESTEJA chovendo, irei.
Conquanto me TIVESSE demorado, consegui alcançá-lo.
Por mais que eu GRITASSE, não pude ser ouvido.
E, posto que a luta FOSSE longa e encarniçada, venceram.
Prefere ser julgado homem de bem sem que o SEJA a sê-lo sem que por tal SEJA CONSIDERADO.
Ele viaja sem que TENHA dinheiro.
Sem que FOSSE escravo, obedecia.
Você quer que eu me atire nágua sem que SAIBA nadar?

Nota: Era muito frequente entre os clássicos o indicativo, e ainda hoje é ele empregado quando se quer insistir no fato real: Ainda que a noite *era* de junho, não fazia apetecível a temperatura – Vinha do ocidente um grosso barulho, se bem que o vento *soprava* de estivo – Camboldão levantou-se o melhor que pôde, posto que a ferida o *estorvava* não o poder fazer à sua vontade.

945.12 – Nas **consecutivas**, quando se trata de fato que se pretende, que se objetiva conseguir:

Minha intenção é fazer tal barulho que o OBRIGUE a sair.
Pretendia fazer tal algazarra que IMPEDISSE o discurso.
Falou tanto que FIZESSE os outros desistir.

Nota: Quando se trata de fato certo, o modo é o indicativo: Dormiu tanto que *perdeu* o trem – Falarei de tal forma que ele *irá concordar* – Leio com tamanha vontade de aprender que *assimilo* tudo.

945.13 – Nas **imperativas negativas**, em todas as pessoas: não *faça*, não *faças*, não *faça*, não *façamos*, não *façais*, não *façam*.

Quando *positivas*, na 1ª e na 3ª pessoa: *viva* (eu), *viva* (ele), *vivamos*, *vivam*.

Nota: Com força de imperativo passado, emprega-se no passado do subjuntivo o verbo de principais que tenham por subordinada uma condicional de hipótese real (§ 585, n. 3): Se você queria aprender, *estudasse*.

945.14 – Nas orações que trazem o advérbio *talvez* antes do verbo:

Talvez VÁ amanhã.

Afirmou que talvez FOSSE com toda a família.

Nota: Deixa-se no indicativo o verbo quando vem antes de *talvez*: *Irei* talvez hoje mesmo (§ 529, n. 2).

945.15 – Nas **intercaladas**, começadas por *que*, tomado substantivamente, quando limitam uma possibilidade:

Ninguém, que eu SAIBA, entrou aqui (pelo que eu sei, segundo o que eu sei) – Que me LEMBRE, ele não disse isso (pelo que me lembro) – Que me CONSTE, ele não quer ir(*).

Outros Casos

946.1 – Nas **causais**, quando se iniciam por **porque** e antecedem a principal (o sentido do *porque* é então "pelo fato de", locução esta que vem com o indicativo), pode-se pôr o verbo no subjuntivo:

Porque o ladrão QUISESSE fugir, o guarda atirou.

Porque ele QUEIRA ser lavrador, você vai tirá-lo do colégio!

Nota: Nas **causais** com **como**: *a*) para atos presentes, costuma-se hoje empregar o indicativo: Como vocês *são* bons, vou permitir.

b) para atos passados, emprega-se o indicativo e, às vezes, conservando a construção clássica, o subjuntivo: Como não *tinha* podido passar, mudou de rumo – Como não *quisesse* ficar para trás, avançou contra o fogo.

946.2 – Quando a principal já por si indica suposição, incerteza, o pensar de alguém, o verbo da subordinada irá para o **subjuntivo** se persistir a ideia de suposição, de incerteza; ficará no **indicativo** se a ideia propender para a realização:

suposição, incerteza	**realização**
Acredito que ele VENHA	que ele VEM
Entendo que SEJA assim porque...	que É assim porque...
Suponho que ele SAIBA mais do que eu	que ele SABE mais do que eu
Não conheço quem FAÇA (uma coisa projetada)	quem FAZ (uma coisa realmente feita, mas de autor desconhecido)
Pensei que você ESTIVESSE enganado	Pensei então que você ESTAVA...

(*) V. *Gramática Latina*, § 414,7, n. *a*.

Farei como você QUEIRA	Farei como você QUER
Creio que SEJA tarde	Sei que É tarde
Cuido que SEJAM seus	Cuido que SÃO os verdadeiros
Transmitirei a quantos CONHEÇA	Transmitirei a quantos CONHEÇO
Presumo que SEJA como você diz	Acho que É como você diz
Quem nega que eu SEJA o culpado?	Quem nega que eu SOU o culpado?
Quem diria que ele FOSSE assim ruim?	Quem diria que ele ERA assim ruim?

946.3 – Quando a *eventualidade* é caracterizada, o modo é o **subjuntivo**; é o que se dá:

1. Com subordinadas que expressam fatos que não se realizaram no passado com relação ao expresso na principal (**suposição que implica o contrário**):

Imaginava que FOSSEM eles (mas não eram).

Achei que você POSSUÍSSE recursos para isso (mas não possuía).

Não era crível que FIZESSE tanto mal (mas fez).

Nota: Em tal caso de suposição que implica o contrário (os verbos estão no passado), em lugar do subjuntivo pode aparecer na subordinada o futuro do pretérito: Cuidava que *passariam* de ano.

2. Com orações que, sempre a encerrar eventualidade, se subordinam a uma principal **negativa**:

Não acredito que você VÁ.

Não espero que ele VENHA.

Não digo que você SEJA o que dizem.

Nota: Quando a subordinada implica a ideia de existência real do fato, pode ela ter o verbo no indicativo:

Eu não disse que você se *chamava* João – Eu não me lembrava de que vocês *eram* (fossem) pequenos naquele tempo – Por que você não jurou que *era* meu irmão?

3. Com subordinadas a um verbo que implique a ideia de existência e venha seguido de **quem**:

Existe quem DIGA o contrário.

Não falta quem PENSE assim.

Há quem QUEIRA ir.

Há alguém que NEGUE o fato?

Achei quem DESSE mais.

Vou encontrar quem COMPRE.

Havendo quem CONCORDASSE, tive de ficar.

Havendo quem CONCORDE, ficarei.

946.4 – Nas **proporcionais**, quando implicarem ideia de futuridade, emprega-se o futuro do subjuntivo:

À medida que ele FIZER progresso, mais recompensa terá.

Quanto mais DISSER, mais errará.

946.5 – Nas subordinadas **comparativas** e nas **conformativas** também se emprega o subjuntivo futuro quando existe ideia de futuridade:

Farei tanto quanto PUDER.

Serei tal qual você QUISER.

Faça como ele FIZER.

Questionário

1. Corrija, justificando a correção (§ 945.2):

a) Você quer que eu pago?

b) Ele mandou que eu pagava o aluguel.

c) Ele me obriga que eu digo.

d) Eu preferia que ele ia antes de mim.

2. Preencha os claros com os verbos indicados entre parênteses (§ 945.3):

a) (ir) Eu gostaria que você... ainda hoje.

b) (agir) É pena que você... precipitadamente.

c) (refletir) É bom que você... melhor.

d) (manter-se) Seria necessário que ele se... firme.

e) (conter-se) Foi bom que ele se...

f) (ter) É pena que... de mudar-nos.

g) (obter) Meu pai gostaria que eu... o primeiro lugar.

h) (precaver-se) Convém que você... (§ 488, d).

3. Ponha em qualquer passado o verbo da principal e complete os seguintes períodos (A pessoa deve ficar a mesma na principal e na subordinada):

a) Espero que possamos educar nosso povo (§ 945.3).

b) Ele sempre lamenta que você tenha falhado nos estudos (§ 945.3).

c) Quero um auxiliar com que possa viajar (§ 945.7).

d) Faço votos porque ele se mantenha estudioso (§ 945.8).

e) Porque ele diga isso você não vai expulsá-lo (§ 946.1).

f) Sempre encontro quem concorde (§ 946.3).

4. Complete, com o verbo indicado entre parênteses, os seguintes períodos:

a) (permanecer) Conquanto... sem febre, o doente exige cuidados.

b) (dispensar) Rogo-vos que... vossa preciosa atenção ao meu caso.

c) (ver) Veja o que... , ele não acreditará.

d) (precaver-se) Nada acontecerá se você... como deve.

e) (cerzir) Ainda que ele... , a roupa não durará.

f) (intervir) Sempre encontrei quem...

g) (antever) Quanto mais depressa ele... a alta dos preços, tanto maior lucro terá.

CAPÍTULO 65

PONTUAÇÃO

947 – Segundo a ótima definição de Júlio Ribeiro, *pontuação* é a "arte de dividir, por meio de sinais gráficos, as partes do discurso que não têm entre si ligação íntima, e de mostrar do modo mais claro as relações que existem entre essas partes".

Observações:

1ª – Note bem o aluno, na definição, os dizeres: "...dividir... partes do discurso que *não têm* entre si *ligação íntima*"; ora, têm ligação íntima entre si os termos da oração: o *sujeito* com o *verbo*, o *verbo* com o seu *complemento*; entre o *sujeito* e o *verbo*, como entre este e o *complemento*, não pode, pois, haver vírgula.

2ª – O processo de pontuação do português atual diverge do seguido pelos clássicos, dos quais pouco seguras seriam as regras de pontuação que pudéssemos induzir.

948 – São as seguintes as notações de pontuação usadas em português, que se dividem em três classes: *objetivas*, *subjetivas* e *distintivas*:

objetivas
- 1 – *vírgula* (antigamente *coma*) ,
- 2 – *ponto e vírgula* (antig. *semicólon*) ;
- 3 – *dois-pontos* (antig. *cólon*) :
- 4 – *ponto final* .

subjetivas
- 5 – *ponto de interrogação* ?
- 6 – *ponto de exclamação* !
- 7 – *reticências* ...
- 8 – *parênteses* ( )

distintivas
- 9 – *aspas* " "
- 10 – *travessão* —
- 11 – *parágrafo* §
- 12 – *chave* {
- 13 – *colchetes* [ ]
- 14 – *asterisco* *

Vírgula

949 – É comum vermos esta doutrina: "A vírgula indica pequena pausa". – De fato, essa indicação tem a vírgula, mas não devemos aceitar como certa a recíproca: "Havendo pausa, há vírgula". Essa recíproca induz a erros e erros; pausas existem que na leitura se fazem meramente por ênfase; vezes há – e isso facilmente poderá comprovar o aluno – em que separamos, na leitura ou em um discurso, o sujeito do verbo; outras, em que separamos o verbo do seu complemento, mas erro cometeremos se graficamente representarmos tais pausas por vírgula, porque **não se pode pôr vírgula entre o sujeito e o verbo nem entre o verbo e o seu complemento**, ou seja, não se concebe que se separem termos que mantêm entre si íntima relação sintática. O que podemos seguramente afirmar é: ONDE NÃO HÁ PAUSA NÃO HÁ VÍRGULA.

Em grande número de casos, as vírgulas exercem papel de parênteses; aberto o parêntese, claro é que o devemos depois fechar:

"Pedro (de acordo com as ordens recebidas) partiu". – Se por vírgulas

↑ ↑

substituirmos os parênteses que entram nesse período, teremos:

"Pedro, de acordo com as ordens recebidas, partiu".

↑ ↑

A supressão de uma das vírgulas constituirá erro, pois virá quebrar a concatenação da oração, por separar o sujeito *Pedro* do verbo *partiu*: *OU AMBAS AS VÍRGULAS SE COLOCAM, OU AS DUAS SE TIRAM.*

Essa simples norma engloba várias regrinhas comumente oferecidas em gramáticas.

Sem que a pessoa saiba o que venha a ser *oração interferente*, *subordinada adjetiva explicativa*, *aposto*, *vocativo*, saberá colocar com precisão as vírgulas. Exemplos aqui são dados em que, para mostrar a sequência do período, os parênteses aparecem em lugar das vírgulas: "*Damão* (condenado à morte) *impetrou* ir primeiro à sua casa" – "*Vem* (tu que duvidas da honra) *observar* o proceder deste pobre" – "*Francisco* (com o dinheiro ganho no negócio) *comprou* uma linda chácara" – "*Diógenes* (filósofo cínico) *morava* dentro de uma cuba" – "*Os reinos e as terras* (segundo a sentença do Eclesiástico) *passam* de umas a outras gentes" – "Nem mesmo *agora* (disse deles o chefe) *devemos* retroceder" – "O *homem* (que é mortal) *é* apenas forasteiro na terra".

Uma vez, em todos esses exemplos, excluída a locução que ficou entre parênteses, aparecerão ligados os termos essenciais da oração ou os que tenham entre si íntima relação sintática:

"Damão impetrou ir..." – "Francisco comprou..."

"Vem observar..." – "Diógenes morava..." etc.

Empregos da Vírgula

950 – Emprega-se a vírgula entre palavras, membros e orações de idêntica função; por outras palavras, emprega-se a vírgula *entre vários sujeitos* (Pedro, João, Antônio saíram – A riqueza, a saúde, o prazer são coisas transitórias), *entre vários objetos*, quer constituídos de substantivos, quer de orações (Francisco disse-me que eu fosse, que batesse, que entrasse, que tirasse os livros), *entre orações independentes assindéticas* (Antônio vive, Pedro vegeta) etc.

Notas: 1ª – Entre o penúltimo e o último termo ou membro coordenado, pode vir, em lugar da vírgula, uma conjunção aditiva ou, conforme o caso, alternativa: A água, o ar, o fogo *e* a terra... – Pedro, Antônio *ou* Carlos...

2ª – Pode, todavia, acontecer que, antes da conjunção *e* ou da conjunção *ou* apareça ainda uma vírgula, o que se dá quando *há* ênfase na citação da série coordenada:

"Ou ele vá, *ou* pare, *ou* retroceda..."

"Ele fez o céu, *e* a terra, *e* o mar, *e* tudo quanto há neles"

3ª – Quando se usa entre dois termos a partícula *ou* para indicar equivalência, ou se prescinde da pontuação ou se usa uma vírgula antes do *ou* e outra depois da palavra que indica equivalência:

O substantivo ou o adjetivo deve vir...
O substantivo, ou o adjetivo, deve vir...

4ª – Pela comparação feita no parágrafo anterior, é justificável a vírgula antes do *e* em períodos como estes: "Pedro deu, e o caso exigia, violenta tunda no irmão" – A conjunção *e* não está ligando o verbo *deu* ao substantivo *caso*; abre ela uma locução que, excluída do período, nenhum prejuízo trará à sua integridade.

"Disse ele muitas coisas, *e* mais coisas teria dito não fosse a carência de tempo"

– constitui outro exemplo da vírgula antes do *e*, vírgula necessária para separar complementos de verbos diferentes.

"...maduram laranjas, *e* esbeltos coqueiros balouçam as suas graciosas umbelas" – é outro exemplo de possibilidade e de necessidade de vírgula antes de *e*, pois esta conjunção não está aí ligando *laranjas* a *coqueiros*; cada palavra pertence a verbos de orações diferentes.

OUTROS EXEMPLOS: "...sentença de morte para Tiradentes, *e* para os outros a pena de desterro" – "A infância sabe só que vive, *e* ri" – V. DQVs: *Vírgula*, 21, 27.

5ª – O que se disse da vírgula antes do *e*, diga-se da vírgula antes do *etc.*, conforme há muito ficou dito na nota do § 81; em enumerações, não se irá escrever: "Comprei selos, papel, lápis, tinta, *e* outras coisas" – colocando-se vírgula antes da conjunção; nada mais justo que condenar tal pontuação antes das letras que abreviam dita locução latina.

6ª – Objeção comum entre alunos é esta: "Por que, no redigir-se um endereço, não se coloca vírgula antes do número que discrimina a caixa postal, quando é essa pontuação empregada antes do número que especifica a casa de uma rua?" – Nada mais simples: No primeiro caso, o adjetivo numeral está modificando o substantivo "caixa postal"; é um atributo que, como tal, não pode vir separado por vírgula do substantivo por ele modificado; é o mesmo que dizer: "Caixa postal quadragésima quarta". No segundo caso, o numeral não modifica o nome da rua, mas o subtantivo *casa*, que aparece claro quando também a rua é discriminada por número: "Rua 23, casa 4".

951 – Para marcar a pausa no fim da subordinada adjetiva restritiva, quando esta é constituída por dizeres muito longos: "As famílias que se estabeleceram naquelas encostas meridionais das longas serranias chamadas pelos antigos Montes Marianos, conservaram por mais tempo os hábitos...".

Nota: A existência ou não de vírgula a separar uma adjetiva que seja curta depende de ser esta explicativa ou restritiva: § 900.

952 – Para evitar ambiguidade na *sínquise* ou deslocação violenta dos complementos (V. nota do § 857):

"*A grita* se levanta ao céu, *da gente*".

OUTRO EXEMPLO:

"Pagou-se com o dinheiro do amigo, de tanto sacrifício e de tantas importunações que sofreu" – Sem a vírgula, *de tanto sacrifício* pareceria complemento de *amigo*, quando o é de *pagou-se*.

A mesma função explanatória da vírgula aparece no seguinte trecho de Frei Luís de Sousa: "E ficou murada, a uso daqueles tempos, de boa cantaria" – e neste de Coelho Neto: "...movimento que intima aos que a escutam, o entusiasmo e a persuasão".

953 – Para separar nas datas o nome da localidade:

Itaí, 8 de janeiro de 1911

↑

954 – Para indicar o *zeugma* do verbo, conforme ficou visto na nota 1 do § 783: "Os valorosos levam as feridas, e os venturosos, os prêmios".

↑

955 – Para separar os *elementos paralelos* de uma expressão proverbial:

"Cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso".

↑

"A pai muito ganhador, filho muito gastador".

↑

956 – Para separar certas conjunções *pospositivas*, tais como *porém*, *contudo*, *pois*, *todavia*: "Vens, pois, anunciar-me uma desventura?"

↑ ↑

– "Naquele dia, porém, as lanças...".

↑ ↑

Nota: *Porém*, *contudo* e outras que tais conjunções podem dispensar as vírgulas: "...ideias porém sólidas" – "Desempenham todavia funções...".

957 – Para dar *ênfase* a certas *conjunções*, *advérbios* e *locuções adverbiais*: "...cuja tez suaviza, ainda mais, o brando raio do luar" – "Mas,

↑ ↑ ↑

apesar disso, não deixarei..." – "Alguém, talvez, queira".

↑ ↑ ↑

Nota: Não vá o aluno pensar que é obrigatória a vírgula depois de *mas*, *todavia*, *logo* etc., quando tais conjunções iniciam uma coordenada. É ela colocada somente quando exigida para dar ênfase a alguma expressão que se segue a essas conjunções; em tal caso aparecem duas vírgulas: uma antes da expressão, outra depois. No período "Acho isso impossível, pois, estive ontem com ele" não só não é obrigatória, mas errada, por não ter nenhuma função, a vírgula que está após o *pois*.

É também erro colocar sistematicamente entre vírgulas advérbios e locuções adverbiais; só devem elas aparecer quando indicam ênfase, obrigando o leitor a notar a força do advérbio ou da locução.

958 – Depois de *sim* ou *não*, colocados no princípio da sentença: "Sim, quero" – "Não, porque já foi".

↑ ↑

959 – Depois de *assim*, *então*, *demais* e de outros advérbios e locuções adverbiais, empregados em princípios de sentenças, com sentido de

conjunção: "Então, iremos hoje?" – "Assim, espero por você".

960 – Para separar certas *locuções explanatórias*, tais como *isto é*, *por exemplo*, *verbi gratia*, *por assim dizer*, *a meu ver*, *por outra*, *além disso*, *a saber*, *ou seja* etc.: "Porei todavia aqui mais um exemplo, isto é, acrescentarei mais uma prova".

961 – O vocativo vem sempre acompanhado de vírgula; quando inicia a oração, há uma vírgula depois; quando vem no meio, o vocativo se põe entre vírgulas; quando no fim da oração, põe-se uma vírgula antes: "*Alunos*, recordem as correções" – "Recordem, *alunos*, as correções" – "Recordem as correções, *alunos*".

962 – Pode a vírgula ser empregada, enfaticamente, em lugar do verbo *ser* em orações de fácil compreensão: "Estes, os maiores perigos" – "Eles, os homens que indico".

Nota: V. a parte final da nota 4 do § 784.

963 – Introduzindo-se num período um parêntese em lugar onde já haja vírgula, esta se coloca depois de fechado o parêntese, uma vez que este sempre esclarece o que ficou antes da vírgula, e não o que vem depois dela: "Estava Mário em sua casa (nenhum prazer sentia fora dela), quando ouviu baterem...".

Ponto e Vírgula

965 – Tem o **ponto e vírgula** mais força que a vírgula e menos que o ponto final. A vírgula separa conceitos, ideias, frases; o ponto e vírgula separa juízos, orações, e o ponto final indica o término do raciocínio, do período.

Usa-se o ponto e vírgula:

1) Para separar orações independentes que têm certa extensão, sobretudo se tais orações possuem partes já divididas por vírgula:

"Das graças que há no mundo, as mais sedutoras são as da beleza; as mais picantes, as do espírito; as mais comoventes, as do coração" – "O mundo moderno descende do Calvário; a sua origem foi na raiz da cruz;

mais tarde ou mais cedo os povos, que o formaram, vieram ali fundir-se e regenerar-se" – "O bem é um; o mal se divide e não tem número; uma saúde, muitas as doenças; uma harmonia, muitas as dissonâncias".

Nota: Quando as orações independentes são de pouca extensão, basta a vírgula para separá-las: "Os povos dividiram-se, as raças combateram-se, os colossos dissolveram e a unidade moral não se obteve senão pela aliança da Igreja".

2) Para separar as partes principais de uma frase cujas partes subalternas têm de ser separadas por vírgulas: "Santos, Campinas, Recife são cidades do Brasil; Madri, Sevilha, Barcelona, da Espanha; Lisboa, Porto, Coimbra, de Portugal".

3) Para separar os *considerandos* (com exceção do último) que constituem o preâmbulo de um decreto, portaria, sentença, acórdão ou documento análogo:

Considerando que o recorrente, valando o seu olival, usou do direito de tapagem que lhe conferia o artigo 234, § 6 do código civil; ←

Considerando, porém, que no uso deste direito deixou de observar o artigo 84 do código de posturas; ←

Considerando que, por essa falta, o vaiado foi arrasado, conforme depuseram as testemunhas no auto; ←

Considerando que no processo não há um único documento que justifique a servidão pública no terreno do recorrente; ←

Considerando...:

Hei por bem revogar o acórdão recorrido e remeter as partes para as justiças ordinárias.

(Decr. publicado em Port., 1876, apud S. Valente).

Dois-Pontos

966 – Servem os **dois-pontos**:

1) Para anunciar uma *citação*: "Aristóteles dizia a seus discípulos: Meus amigos, não há amigos".

2) Para indicar ou uma *enunciação* ou uma *enumeração*, quer venham os objetos enumerados ou a coisa enunciada depois do verbo da

oração: "Os meios legítimos de adquirir fortuna são três: trabalho, ordem e economia" – quer venham antes do verbo ou palavra que apresenta os objetos: "Trabalho, ordem e economia: eis os meios legítimos de adquirir fortuna".

Nota: Às vezes não há verbo nenhum, nem antes nem depois da apresentação: "Primeira regra de estilo, uma das principais e porventura a mais esquecida de todas: naturalidade por oposição a afetações ridículas".

3) Antes de uma *reflexão* ou de uma *explanação*: "Nada faças encolerizado: levantarias ferro em ocasião de tempestade?" – "Não podias crer, por certo, que eu me houvesse esquecido de ti: larga experiência te ensinou que as minhas afeições são duradouras e profundas" – "Lá dizia Sócrates que as raízes da virtude são amargosas, e os frutos dela, suaves: símbolo natural desta virtude é a erva loto, amargosa nas raízes e doce nos frutos" – "Não o moleste: é um pobre coitado".

Nota: Nos casos 2 e 3, após os dois pontos vem letra minúscula.

4) Para separar O *preâmbulo* e o *último* de uma série de considerandos das leis, decretos, portarias, alvarás, sentenças, acórdãos e diplomas sociais (V. exemplo do nº 3 do § anterior). – "Tomando em consideração o relatório do Ministro e Secretário dos Negócios da Fazenda: Hei por bem decretar...".

Ponto Final

967 – Indica o **ponto final** a conclusão do período gramatical. São desnecessários, para o caso, exemplos, mas uma observação é necessária: tome o aluno um trabalho literário de clássicos nossos, e veja o período: longo, recheado de múltiplas circunstâncias. Modernamente, o período se resolve, multiplica-se em períodos mais curtos, de acordo com as circunstâncias, tornando-se mais rápido e incisivo. Regra, porém, não há, nem pode haver, para a divisão dos períodos gramaticais. É assunto que depende em grande parte do autor, pertencendo-lhe ao estilo: "Do critério e traquejo literário do escritor depende a boa divisão dos períodos no desenvolvimento de qualquer assunto".

Não devemos levar ao exagero a multiplicação dos períodos. Se os longos períodos dos clássicos produzem cansaço, os períodos demasiadamente curtos de certos modernistas causam fastio. Se coisa bela existe em literatura é saber o escritor concatenar subordinadas e coordenadas, dando ao período um todo harmonioso, fluente, natural.

968 – Quando, terminado um período, podemos começar o outro na mesma linha, e quando começá-lo na linha seguinte? A sequência do pensamento é que deve servir de critério. Havendo separação, havendo corte no pensamento, começa-se o período seguinte na outra linha; se o pensamento continua, constituindo o período seguinte consequência ou continuação do período anterior, o novo período se inicia na mesma linha (V. § 975).

Ponto de Interrogação

969 – **Ponto de interrogação** é o sinal que se coloca no fim de uma oração para indicar uma pergunta direta:

Quem quer ir? ←

Observação:

Nem sempre o ponto de interrogação indica fim de período; no período: "Quem quer ir? perguntou o chefe" – o ponto de interrogação indica, além da função que lhe é própria, a pausa de uma simples vírgula, pois o período continua; em tais casos, a letra que vem depois dele deve ser minúscula.

Ponto de Exclamação

970 – O **ponto de exclamação** emprega-se depois das interjeições (oh! arre! chi!) ou depois de orações que designam espanto, admiração, surpresa: "Quanto peixe!" – "Por essa é que eu não esperava!"

Observações:

1ª – Empregam-se, às vezes, os dois sinais, o interrogativo e o exclamativo, para denotar, ao mesmo tempo, dois sentimentos, o da pergunta e o da admiração:

A paz? ! – Já? ! – Eu entregar-me? ! – Quê? !

2ª – A observação feita sobre o ponto de interrogação deve aplicar-se igualmente ao de exclamação:

"Meu filho! exclama a pobre mulher".

↑

3ª – Lembro aqui o que ficou dito no § 596: O *ó* que às vezes acompanha o vocativo (*ó* menino, *ó* fulano) não deve ser confundido com o *oh!* de admiração; somente este admite e sempre requer depois de si o ponto de admiração.

4ª – Nas frases interrogativas e nas exclamativas, costumam os espanhóis colocar no começo, de cabeça para baixo, o ponto de interrogação ou o de exclamação, para advertência do leitor. Inutilmente tentou Castilho introduzir tal uso em português:

¿Ter trabalhado toda a minha vida com o maior afã para colher o quê?

↑

Reticências

971 – As **reticências** indicam interrupção ou suspensão do pensamento ou, ainda, hesitação ou desnecessidade de exprimi-lo:

"Nestes paços eu ficarei segura... Depois... Se tu soubesses... oh! nada... absolutamente nada... Sou eu que não sei o que digo..."

– "Quem conta um conto..." – "Se ele é bom, ela..." – "Mas... vamos deixar o problema para amanhã?"

Observações:

1ª – *Reticências*, no plural, ou *pontos de reticência* são designações sinônimas para o sinal desta pontuação. No singular, a palavra *reticência* não indica o sinal de pontuação mas a supressão, a omissão voluntária de uma coisa que se deveria dizer, o ato de suprimir ou a própria coisa suprimida, donde o verbo *reticenciar*, que significa exprimir incompletamente, e os adjetivos *reticencioso*, *reticente* (que significam "que faz ou em que há reticência"): "Suas declarações, além de *reticentes*, estavam em contradição com os depoimentos".

2ª – Os pontos de reticência podem formar uma linha inteira de pontos para indicar a supressão de palavras ou de linhas omitidas na cópia ou tradução de uma obra. Neste caso, os pontos de reticência podem também chamar-se *pontinhos*: "Onde a crônica se cala e a tradução não fala, antes quero uma página inteira de *pontinhos* do que uma só linha de invenção do croniqueiro".

Parênteses

972 – Servem os **parênteses** para separar palavras ou frases explanatórias, intercaladas no período: "Estava Mário em sua casa (nenhum prazer sentia fora dela), quando ouviu baterem...". ↑

↑

Observações:

1ª – Na leitura, a frase que vem entre parênteses deve ser proferida em tom mais baixo. Na escrita, ela se inicia com maiúscula somente quando constitui oração a parte, completa, com uma consideração ou pensamento independente, caso em que o parêntese vem de ordinário precedido de ponto final.

2ª – Quando a frase intercalada é curta, os parênteses são geralmente substituídos por vírgulas. Já sabemos que os parênteses muito longos são viciosos, pois prejudicam a clareza do período.

3ª – Servem ainda os parênteses para incluir um número (24), uma data (22 de agosto de 1939), uma letra (a), um asterisco (*). Se a letra inicia o período, para indicar os vários itens de um texto, basta o segundo semicírculo: a) – b) – c) – O asterisco entre parênteses chama a atenção do leitor para alguma observação ou nota feita no final do artigo ou da página.

4ª – *Parênteses,* no plural, indica os dois semicírculos; *parêntese,* no singular, indica todo o conjunto, isto é, os dois semicírculos com o que dentro deles se encontra: *Entre parênteses, abrir um parêntese, fechar o parêntese.*

5ª – Quanto à pontuação. V. § 145, n. 3.

Aspas

973 – As **aspas**, também chamadas *vírgulas dobradas* ou *comas,* usam-se:

1) No princípio e no fim das *citações,* para distingui-las da parte restante do discurso: Um sábio disse: "Agir na paixão é embarcar durante a tempestade".

2) Para distinguir palavras e expressões estranhas ao nosso vocabulário: Pedro vive num verdadeiro "dolce far niente".

3) Para chamar a atenção do leitor a certas palavras que pretendemos fazer sobressair: A palavra "mandar" nem sempre significa o mesmo que "enviar".

Observação:

Grifo: Frequentemente sublinhamos, na escrita, as citações e os dizeres para os quais queremos chamar à atenção: neste caso dispensamos as aspas. As palavras sublinhadas, ou grifadas, correspondem, nas obras impressas, ao tipo diferente, ao *negrito* ou *normando* (letras de corpo mais cheio), ao *itálico* (letras inclinadas), ao *cícero* (letras de corpo maior e grosso), ao *versal* (todas as letras maiúsculas), ao *versalete* (todas maiúsculas, mas a inicial maior).

973.1 – Quando dentro de trecho já entre aspas houver necessidade de novas aspas, estas são simples: O mestre avisou: "O aluno que responder 'Não estudei' deverá justificar a resposta". Em casos tais, as aspas encerram qualquer outro sinal de pontuação de uma passagem citada dentro delas: "Devo responder 'Não estudei'?"

No fim de uma citação o sinal de pontuação ficará dentro das aspas se pertencer à citação; se for do autor, depois: Ele perguntou: "Você vai?" – Por que você não disse "Eu vou"? – "Os alunos exclamaram: 'Muito bem!'"

Em certos idiomas as aspas são ordinariamente simples; passam a ser dobradas só quando dentro há outras. Encontram-se aspas em forma de cunhas: «Hoje?»

Travessão

974 – **Travessão** é um traço de certa extensão, maior do que o hífen, que indica a mudança de interlocutor:

– Quem é?
– Sou eu.
– Tu prisioneiro, tu?
– Vós o dissestes.
– Dos índios?
– Sim.
– De que nação?
– Timbiras.

Observação:

O travessão substitui comumente os *parênteses* (A la fé – disse Mem Moniz – que a festa de vossos anos, senhor Gonçalo Mendes, será...), as *vírgulas* (Não fora eu – que há muito a acompanhava – e ela teria perecido) e os *dois-pontos*: Prestem atenção – Ninguém deve sair. Serve, ainda, para evitar repetição de um termo já mencionado, emprego este comum nos dicionários.

Parágrafo

975 – Num ditado, quando queremos dizer ao escrevente que o período seguinte deve começar em outra linha, dizemos **parágrafo** ou *alínea*.

"O parágrafo pode conter um ou mais períodos, e encerra um pensamento ou grupo de pensamentos que, em geral, têm com o parágrafo antecedente relação menos íntima do que a que liga os períodos de um mesmo parágrafo. Ele denota, pois, pausa mais forte do que o simples ponto final. Todavia, para formar parágrafo, como para formar período, não se podem dar regras seguras; fica isso, até certo ponto, ao arbítrio, gosto ou critério do escritor, a não ser nos decretos, leis etc., em que os parágrafos são determinados pelo próprio assunto".

Notas: 1ª – O símbolo do parágrafo é §, constituído de dois *ss* entrelaçados, iniciais das palavras latinas *s*ignum *s*ectionis = sinal de secção, de corte.

2ª – A palavra *alínea* (do lat. *a* + *linea*) significa "distanciado da linha", isto é, fora da margem em que começam as linhas do texto.

3ª – Salvo nos artigos de lei, onde serve para discriminar casos particulares, muito raro é o emprego do símbolo do parágrafo.

Tratando-se de leis, estas se dividem em *partes* (geral, especial), *livros, títulos, capítulos, seções* (estas quatro se discriminam por algarismos romanos), *artigos* (discriminam-se por números arábicos), *parágrafos* (acréscimos aos artigos; fazem-se anteceder do símbolo §, seguido de número arábico, erroneamente lido como ordinal), *alíneas* (indicadas por letras ou por algarismos romanos) e *incisos*, indicados por letras minúsculas ou por números: inciso 2 do § 3 do art. 58.

4ª – Quando, corrigindo uma composição tipográfica, queremos fazer ver ao tipógrafo que o período que se inicia deve começar na outra linha, usamos sinais chamados *alíneas*:] [.

EXEMPLO: "Tudo se perdeu.] [Quanta agrura naqueles corações".

Outros Sinais

976 — De uso mais raro há ainda outros sinais:

1) A **chave** { que serve para enfeixar as partes ou divisões de um assunto:

Objeto { direto / indireto

2) Os **colchetes** [ ] que indicam um parêntese que tem outro dentro de si.

3) O **asterisco** * que serve umas vezes para chamar a atenção do leitor para alguma nota e, outras, para simbolizar qualquer juízo previamente indicado.

4) A **adaga** † , a **dupla adaga** ‡, a **mãozinha** ☞, as **paralelas** || – sinais de significação convencionada pelo autor no início da obra.

5) A **barra**, nome do traço oblíquo usado nas abreviações das datas: (2/6/942) e em certas abreviaturas: *m/* = meu(s), minha(s).

Questionário

1. Que é *pontuação*?

2. Um exemplo de cada um dos seguintes casos nos quais as vírgulas venham separando, na frase, um:

a) aposto (V. § 699).
b) vocativo (V. § 701 e ss.).
c) oração interferente (V. § 561).
d) locução explanatória (V. § 960).
e) ablativo absoluto (V.§ 698; 943,5).

3. Corrija a falta ou a presença da vírgula nos seguintes textos:

a) ... uma vez que entre as nações que mutuamente se hostilizam, muitas há que...
b) A guerra pode ser às vezes, consequente de incompreensão.
c) ... os quais, depois de alguns segundos levaram tudo o que aí havia.
d) Lente, quando designa objeto é nome feminino.
e) Os poetas podem na poesia, fazer de um ditongo duas sílabas.
f) O *qu* representa, portanto uma só consoante.

4. *Pontuar o trecho seguinte*: Vamos bom cavaleiro disse el-rei pondo-se de pé não haja entre nós doestos O arquiteto do mosteiro de Santa Maria vale bem o seu fundador Houve um dia em que nós ambos fomos pelejadores eu tornei célebre o meu nome a consciência mo diz entre os príncipes do mundo porque segui avante por campos de batalha ela vos dirá também que a vossa fama será perpétua havendo trocado a espada pela pena com que traçastes o desenho do grande monumento da independência e da glória desta terra Rei dos homens do aceso imaginar não desprezeis o rei dos melhores cavaleiros os cavaleiros portugueses Também vós fostes um deles e negar-vos-eis a prosseguir na edificação desta memória desta tradição de mármore que há de recordar aos vindouros a história de nossos feitos

5. Há aqui dois períodos, ambos corretos:

O tio meu que estava doente chegou na hora.
O tio meu, que estava doente, chegou na hora.

Responda (não saberá responder quem não tiver estudado o § 900):

a) Por que "que estava doente" não está entre vírgulas no primeiro e está no segundo?
b) Qual a diferença de sentido entre eles?

6. Copie estes períodos e ponha vírgula onde possível (não saberá responder quem não tiver estudado o § 900):

a) Existem substantivos que no singular indicam uma coisa e no plural outra.
b) Estas pessoas que aqui estão desde as 8 horas não sabem o risco que estão correndo.
c) Estas pessoas que estão neste lado devem ser vacinadas já.

CAPÍTULO 66

APÊNDICE LITERÁRIO

980 – ESTILO: O estudo da gramática não passa de munição para um combate; quanto maior for o nosso conhecimento de gramática, tanto mais munidos nos encontraremos para a luta. Não basta estar apercebido de abundantes e valiosos petrechos, conhecer cabalmente o funcionamento das armas: é preciso servir-se delas. Se a *gramática* estuda as palavras e a sua combinação para a expressão correta do pensamento, a *estilística* mira a *beleza*. Se a gramática tende a fixar-se em moldes uniformes de expressão, a estilística, isto é, o *estudo do estilo* não tolhe a liberdade ao gênio nas combinações estéticas da palavra. Se aquela é geral, esta é individual. **Estilo** é, pois, a maneira peculiar, individual, de expressar cada escritor os seus pensamentos.

981 – LITERATURA: Em sentido lato, a palavra *literatura* pode indicar:

a) A enumeração de escritores e de obras de um ou mais países, classificando-os de acordo com a época em que viveram, de acordo com as tendências gerais da sua produção. Constitui esse um estudo histórico e não propriamente linguístico; não é com estudar literatura portuguesa ou brasileira ou angolense que um indivíduo aprende a língua portuguesa; não é com saber onde, como, com quem viveram os escritores de um país e que obras escreveram que se aprende a gramática do idioma desse país.

b) O conceito, as definições, a divisão, a classificação das composições literárias, a crítica e a análise dos gêneros literários, as figuras, a malícia, a técnica da redação.

c) A bibliografia, ou seja, o conjunto de livros, a coleção de obras sobre um assunto qualquer; tal é o sentido da palavra *literatura* nas expressões "literatura policial", "literatura bélica", "literatura botânica", "literatura pitórica", "literatura médica", "literatura jurídica" etc.

Em sentido estrito, *literatura* é sinônimo de *arte literária*; se à maneira de expressar um indivíduo os seus pensamentos se dá o nome *estilo*, à arte de expressar o Belo mediante a palavra, falada ou escrita, dá-se o nome *literatura*.

982 – BELO: Belo é o que, uma vez conhecido, agrada já pelo esplendor de sua *grandeza*, já pelo de sua *ordem*. Ora, para que algo assim agrade, é necessário:

a) *Integridade*, visto ser disforme e não belo aquilo a que falta alguma de suas partes ou de suas perfeições.

b) *Harmonia*, isto é, proporção das partes entre si e delas com o todo, visto não haver agrado no que é desproporcional. Não é belo o rosto cujo nariz, muito embora perfeito em si, é desproporcional com as outras partes do rosto.

c) *Claridade*, visto não poder parecer-nos belo o objeto desacompanhado de cores harmonicamente distribuídas numa luz suficiente.

Observação:

Quando se fala em *Belo* como expressão artística não se tem em mente o antônimo de *feio*, senão a clara, harmônica e íntegra objetivação do que se pretende manifestar, pois também o feio, o feíssimo pode ser objeto de manifestação. Na literatura concorrem para o cumprimento desses fatores do Belo as *frases curtas*, o emprego de *palavras apropriadas*, a *simplicidade*, ou seja, *fuga* ao preciosismo; o emprego de *palavras elevadas*, ou melhor, fuga à trivialidade, pois há vocábulos e expressões que, embora tolerados na conversa, destoam num trabalho escrito; por fim, evitar o emprego repetido dos mesmos termos, dos mesmos torneios, procurando, ao invés, fazer *uso variado das figuras sintáticas*. A leitura exclusiva de *bons* escritores deve servir-nos de alimento para o nosso trabalho literário.

Afinal, que é escrever bem, que é *redigir*? Redigir é, em primeiro lugar, conhecer o idioma em que se escreve; em segundo, sentir, conhecer, dominar o assunto sobre que se escreve.

Esses são os dois pilares em que se assenta qualquer obra literária, seja qual for o gênero. Para a consecução do primeiro, a *gramática* e o *vocabulário* do idioma escolhido; para a consecução do segundo, a *educação*, ou seja, a *formação*, a *experiência* são os elementos necessários. Somente firmada nessas duas colunas é que existe redação.

983 – GÊNERO LITERÁRIO: Constitui *gênero literário* o conjunto de obras de igual natureza, de tendências essencialmente idênticas. Diversas

podem ser as espécies de gêneros literários, segundo o aspeto por que são tomados, mas, em geral, a mais importante e generalizada das divisões dos gêneros literários é a que se baseia na *finalidade* a que se propõe o literato; daí os dois grandes gêneros literários:

1º – A **poesia** (gênero poético), que tem por fim essencial o Belo, ao qual se subordinam todos os demais fins que possa ter o autor.

2º – A **prosa** (gênero prosaico), que tem por fim essencial a moção da vontade humana para a realização de determinados atos.

Poesia

984 – Quatro são as subdivisões do gênero poético:

gênero *épico* – EPOPEIA
gênero *lírico* – LÍRICA
gênero *dramático* – DRAMÁTICA
gênero *didático* – DIDÁTICA

985 – O *gênero épico* ou EPOPEIA consiste na *narração* poética de *grandes* feitos de heróis e de deuses (da mitologia).

Principais epopeias: *Ramaiana*, dos indianos; *Ilíada* e *Odisseia*, dos gregos; *Niebelungen*, dos germânicos; *Eneida*, dos romanos; *Divina Comédia*, dos italianos; *Paraíso Perdido*, dos ingleses; *Lusíadas*, dos portugueses.

986 – O *gênero lírico* ou LÍRICA consiste na *expressão* poética dos *pensamentos* e *sentimentos pessoais* do autor, traduzidos em ritmos análogos à sua emoção: *Ode*. A *ode* (composição poética, dividida em estrofes semelhantes entre si tanto pelo número como pela medida dos versos) pode ser:

1) *Sacra*, que, segundo as circunstâncias, pode chamar-se *salmo*, *hino*, *cântico*.

2) *Anacreôntica* (de Anacreonte, poeta lírico grego), em que se canta decente e graciosamente o amor, os prazeres e o vinho.

3) *Heroica* ou *pindárica* (de Píndaro, príncipe dos poetas líricos gregos), de assunto e estilo nobres e elevados, em honra e louvor dos heróis, para festejar os seus feitos.

4) *Epódica*, que se ocupa de matéria filosófico-moral.

5) *Sáfica*, que tem por objeto a regularidade nas estâncias, que são de quatro versos cada uma; assim chamada por ter sido muito cultivada por Safo, poetisa grega.

Ao gênero lírico reduzem-se também: a *canção*, a *elegia* (poema pequeno, consagrado ao luto e à tristeza), a *écloga* (poesia pastoril), o *soneto* (poesia de 14 versos, composta de 2 quartetos e 2 tercetos).

987 – O gênero *dramático* ou DRAMÁTICA consiste na *representação* poética dum fato por meio da palavra e da ação.

O gênero dramático subdivide-se em:

1) *Trágico*, que compreende a *tragédia* propriamente dita (ação heroica e infeliz): a *tragédia popular* ou *drama* (ação infeliz na vida comum); o *melodrama* (cantos e danças) e a *tragédia lírica* ou *ópera* (ação heroica, infeliz e às vezes fantasiosa).

2) *Cômico*, que compreende a *comédia* propriamente dita (de caráter, de costumes, de intriga: o ridículo risível), a *comédia popular* (caricatura da comédia: *farsa*, *paródia*) e a *ópera cômica*.

988 – O *gênero didático* ou DIDÁTICA consiste no ensino de alguma verdade, ajudado pelos encantos da imaginação e do verso. Temos no gênero didático:

1) O *poema didático* propriamente dito (estudo dum assunto grave).

2) A *epístola*, quando toma a forma de carta.

3) A *sátira*, quando procura corrigir os vícios.

4) O *apólogo* (*fábula*), quando velado pela ficção.

Prosa

989 – Possui também a prosa quatro gêneros:

gênero *histórico*
gênero *oratório*
gênero *romântico*
gênero *didático*

990 – O *gênero histórico* consiste na *narração conscienciosa* e *autêntica* dos acontecimentos sociais ou individuais. Grandes historiadores: Tucídides, Xenofonte, Tácito, Tito Lívio, Varnhagen, Capistrano de Abreu.

Reduzem-se ao gênero histórico: a *biografia*, o *diário*, as *crônicas*, as *memórias*, as *monografias* e a *imprensa periódica*.

991 – O *gênero oratório* consiste na *expressão artística* de uma sequência lógica de opiniões ou juízos, próprios ou alheios.

Subdivide-se o *gênero oratório* ou *eloquência* em:

1) *sagrada* ou *sacra* (sermão, prática, homília etc.)

2) *profana* (militar, judicial, política, acadêmica etc.).

992 – O *gênero romântico* ou *romance* consiste na *narração desenvolvida* de uma ação *total* ou *parcialmente fictícia*.

O *romance* pode ser: *a*) *didático* (de viagens, científico, histórico); *b*) de *aventuras*; *c*) de *análise* (de caracteres, de costumes). Reduzem-se ao romance o *conto* (narração fictícia, destinada a salientar uma verdade; são suas variantes a *parábola*, que, de tendência moral, difere do conto apenas em ter menor extensão, e a *fábula* ou *apólogo*, narração fictícia, geralmente folgazã e dialogada, que tem por fim salientar uma verdade moral) e a *novela* (narração, menor que a do romance, maior que a do conto, de fatos fabulosos, ideados para recrear ou para ministrar saudável ensinamento).

993 – O *gênero didático* consiste na *exposição* artística e metódica de *teorias* científicas, artísticas, sociais ou morais.

994 – Os diversos gêneros literários filiam-se a *épocas* e *escolas*, mas o estudo dos seus característicos foge já, muito, da finalidade da Gramática.

SINOPSE DOS GÊNEROS LITERÁRIOS

- GÊNEROS LITERÁRIOS
  - poético
    - épico
    - lírico
      - ode
        - sacra
          - salmo
          - hino
          - cântico
        - anacreôntica
        - heroica (pindárica)
        - epódica
        - sáfica
      - canção
      - elegia
      - écloga
      - soneto
    - dramático
      - trágico
        - tragédia
        - drama
        - melodrama
        - ópera (trágica)
      - cômico
        - comédia
        - farsa
        - paródia
        - ópera (cômica)
    - didático
      - poema didático
      - epístola
      - sátira
      - apólogo
  - prosaico
    - histórico
      - biografia
      - diário
      - crônica
      - memórias
      - monografia
      - imprensa periódica
    - oratório
      - sacro
        - sermão
        - prática
        - homília
        - etc.
      - profano
        - militar
        - judicial
        - político
        - acadêmico
        - etc.
    - romântico
      - didático
        - viagens
        - história
        - ciência
      - de aventuras
      - de análise
        - de caracteres
        - de costumes
      - conto
      - novela

SINOPSE DOS GÊNEROS LITERÁRIOS

- GÊNEROS LITERÁRIOS
  - poético
    - épico
    - lírico
      - ode
        - sacra
          - salmo
          - hino
          - cântico
        - anacreôntica
        - heroica (pindárica)
        - epódica
        - sáfica
      - canção
      - elegia
      - écloga
      - soneto
    - dramático
      - trágico
        - tragédia
        - drama
        - melodrama
        - ópera (trágica)
      - cômico
        - comédia
        - farsa
        - paródia
        - ópera (cômica)
    - didático
      - poema didático
      - epístola
      - sátira
      - apólogo
  - prosaico
    - histórico
      - biografia
      - diário
      - crônica
      - memórias
      - monografia
      - imprensa periódica
    - oratório
      - sacro
        - sermão
        - prática
        - homília
        - etc.
      - profano
        - militar
        - judicial
        - político
        - acadêmico
        - etc.
    - romântico
      - didático
        - viagens
        - história
        - ciência
      - de aventuras
      - de análise
        - de caracteres
        - de costumes
      - conto
      - novela
    - didático

Questionário

1. Que é *estilo*?

2. Que é *literatura*?

3. Que é *Belo*?

4. Quais os *requisitos* do *Belo*?

5. Quais os dois grandes *gêneros literários* e qual a sua *finalidade*?

6. A poesia de quantos gêneros consta e em que consistem eles?

7. Quais as principais *epopeias*?

8. Quais as subdivisões do gênero *lírico*?

9. Quais as subdivisões do gênero *dramático*?

10. Quais as subdivisões do gênero *didático*?

11. Quais as divisões do *gênero prosaico* e em que consistem?

12. Corrija os seguintes textos:

a) Não me importo que ele venha (§ 777).

b) Encontrei-me ontem com João que a tanto tempo não via (§ 907); daqui há quanto tempo irei vê-lo outra vez? (V. a nota 2 do § 907).

c) ...de modos que não é preciso vocês se incomodarem (§ 586, n.).

d) Felizmente agora as coisas vão bem melhores (§ 527, n. 7).

e) Não se alugam bicicletas fiadas (§ 537, n. 2).

CAPÍTULO 67

VERSIFICAÇÃO

1000 – POESIA é o gênero literário que manifesta o Belo por meio palavra rítmica, ou seja, por meio do *verso*.

1001 – VERSO ou **metro** é um ajuntamento de palavras e até, em algumas vezes, uma só palavra, de determinado número de sílabas, intervaladamente acentuadas, do que resulta uma cadência aprazível.

1002 – RITMO vem a ser o resultado dos três seguintes fatores:

a) *métrica*

b) *cadência*

c) *rima*

Métrica

1003 – MÉTRICA é a *medida* do verso, isto é, a contagem de sílabas que entram num verso. Acontece, porém, que o poeta não conta as sílabas como o impera a gramática; esta manda considerar duas sílabas ditongo crescente, e uma o ditongo decrescente, ao passo que o poeta não se prende a isso; todo o agrupamento de vogais, cuja pronúncia possa efetuar-se de um só impulso de voz, o poeta *pode* considerar uma única sílaba, coisa que em gramática não se dá; essa é a razão por que se diz que a sílaba gramatical difere da sílaba poética.

Exemplifiquemos; na frase:

"*Florir num descampado ou no úmido recanto*"

há, gramaticalmente, 15 sílabas:

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15
Flo-	rir	num	des-	cam-	pa-	do	ou	no	ú-	mi-	do	re-	can-	to

Se constituir um *verso*, essa frase terá 12 sílabas:

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
Flo-	rir	num	des-	cam-	pa-	do⌒ou	no⌒ú-	mi-	do	re-	can-	to

Notas: 1ª – Deve compreender o aluno a razão por que está grifada a palavra *pode*; o poeta não é obrigado a contrair numa só sílaba duas ou mais vogais átonas; fica isso a seu critério, competindo ao leitor saber se tais vogais devem ou não unir-se na leitura, coisa fácil para quem conhece versificação (§ 50, n. 2).

Para a contagem das sílabas muito importa o conhecimento dos parágrafos 49, 50 e suas notas. Deve-se, contudo, acrescentar que só pela leitura constante das composições poéticas se poderá apreciar o modo de contar as sílabas das palavras no verso.

2ª – O *h* inicial não impede a fusão das vogais átonas; veja, na frente, o 1º verso de 8 sílabas.

1004 – Contagem das sílabas: Para a contagem das sílabas de um verso, devem ser observadas as seguintes normas:

1 – Não se contam as sílabas que vêm depois da *última* sílaba tônica do verso:

1	2	3	4	5	6	7	
Ou-	tros	loi-	ros	co-	mo	nês-	pe-ras = 7 sílabas

↓ última sílaba tônica do verso

↓ sílabas átonas (não se contam)

2 – Duas ou mais vogais átonas, juntas, fundem-se (segundo vontade do poeta) em uma só sílaba:

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
A	ci-	gar-	ra a	can-	tar	pas-	sa-	ra o es-	ti-o = 10 sílabas

fusão de 2 vogais átonas

fusão de 3 vogais átonas

3 – A vogal tônica final (simples ou ditongal) não se funde com a vogal que inicia a palavra seguinte:

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
Meu	a	mor	teu	a-	mor	nos-	so⌒a-	mor	nos-	sa	vi-da = 12 sílabas

↓ não se

↓ não se

Cadência

1005 – **Cadência** é o agradável efeito eufônico resultante da disposição das sílabas tônicas no verso. Em todos os tipos de versos, há acentos que obrigatoriamente devem cair em determinadas sílabas, como passaremos a ver.

1006 – Nenhuma dificuldade há para a *cadência*, isto é, para a disposição das sílabas acentuadas, nos versos de uma, duas, três, quatro, cinco, seis e sete sílabas, pois nesses versos só existe *um* acento obrigatório: nos versos de uma sílaba o acento obrigatório é na primeira; nos de duas, na segunda; nos de três, na terceira, e assim por diante, até os de sete. Exemplos (não se esqueça de que as sílabas átonas finais do verso não se contam):

Versos de 1 sílaba:

1	
A-	mo
1	
Ge-	mo
1	
Cla-	mo
1	
Tre-	mo

Versos de 2 sílabas:

1	2
A-	*mi*-go
1	2
Pas-	*sei*-a
1	2
Co-	*mi*-go

Versos de 3 sílabas:

1	2	3
Lin-	do	*so*-nho
1	2	3
Vem	a	*mim*
1	2	3
Vem	ri-	*so*-nho
1	2	3
Que-	ru-	*bim*

Versos de 4 sílabas:

1	2	3	4
An-	da-	va⌒um	*di*-a
Em	pe-	que-	*ni*-no

Versos de 5 sílabas: *(redondilha menor)*

1	2	3	4	5
Não	cho-	res	meu	*fi*-lho
Vi-	ver	é	lu-	*tar*

Versos de 6 sílabas:

1	2	3	4	5	6
Ao	ho-	mem	que	ce-	*ga*-ra
De	no-	vo	ver	fi-	*zes*-te

Versos de 7 sílabas: *(redondilha maior)*

1	2	3	4	5	6	7
Os	o-	lhos	des-	sas	me-	*ni*-nas
São	me	ni-	nas	dos	meus	*o*-lhos

1007 – Nos versos de oito sílabas em diante até os de onze, começa a haver dois acentos obrigatórios: um da mesma maneira que nos versos anteriores (na oitava para os de 8, na nona para os de 9 etc.), outro numa sílaba mais ou menos medial do verso. Assim, no verso de oito sílabas, além do acento na oitava, há outro na quarta sílaba, nada importando a posição dos acentos restantes; pode, porém, este segundo acento ser deslocado, mas, em tal caso, dois outros acentos deverão aparecer para substituí-lo: um na 2ª, outro na 5ª. Quer isso dizer que o verso de oito sílabas pode ter o acento na 4ª e na 8ª sílaba, ou na 2ª, 5ª e 8ª. Recaindo os acentos, no verso de 8 sílabas, na 4ª e na 8ª, ou na 2ª, 5ª e 8ª, nada importa a posição dos outros acentos; cadencialmente, o verso está perfeito. Exemplos:

Versos de 8 sílabas:

	1	2	3	4	5	6	7	8
a)	No⌒hor-	ren-	do	*pân*-	ta-	no	pro-	*fun*-do.

↓ ↓

sílabas acentuadas

	1	2	3	4	5	6	7	
b)	Bem	*co*-	mo	ser-	*pen*-	tes	que⌒o	*fri*-o.

↓ ↓ ↓

sílabas acentuadas

Versos de 9 sílabas: Têm o acento obrigatório na 4ª e na 9ª, ou na 3ª, 6ª e 9ª:

	1	2	3	4	5	6	7	8	9
a)	Noi-	te	de	*ro-*	sas	noi-	te	de	*pal*-mas.

↓ ↓
s í l a b a s a c e n t u a d a s

	1	2	3	4	5	6	7	8	9
b)	Ó	guer-	*rei-*	ros	da	*ta-*	ba	sa-	*gra*-da.

↓ ↓ ↓
s í l a b a s a c e n t u a d a s

Versos de 10 sílabas: Têm o acento obrigatório na 6ª e na 10ª, ou na 4ª, 8ª e 10ª:

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
a)	As	ar-	mas	e⌒os	ba-	*rões*	as-	si-	na-	*la*-dos.
b)	Vai	al-	ta⌒a	*lu-*	a	na	man-	*são*	da	*mor*-te.

Versos de 11 sílabas: Têm o acento obrigatório na 5ª e na 11ª:

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
Sou	ín-	dia	sou	*vir-*	gem	sou	lin-	da	sou	*dé*-bil.

1008 – Os *versos de* 12 *sílabas*, chamados **alexandrinos**, devem ser considerados como 2 versos de 6 sílabas, versos estes que então se denominam *hemistíquios*, e chama-se *cesura* o ponto em que eles se dividem. Têm o acento obrigatório na 6ª e na 12ª sílaba:

cesura

1º hemistíquio ← | → 2º hemistíquio

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
Ma-	nhã	de	ju-	nho⌒ar-	*den*-te	u-	ma⌒en-	cos-	ta⌒es-	cal-	*va*-da

↓
não se conta
esta sílaba

Certa vez objetaram a Castilho: "Se o verso alexandrino se compõe de 2 versos de 6 sílabas, então não é preciso fazer alexandrinos; basta compor versos de 6 sílabas". – Castilho respondeu: "É verdade, mas alexandrino tem mais imponência, mais brilho. Assim, quando temos muita sede, preferimos beber um só copo grande de água a beber dois pequenos".

Nota: Tratando, ainda que resumidamente, de métrica, julgamos necessário apresentar estas três regras do alexandrino *clássico*: 1 – Quando o primeiro hemistíquio termina por palavra paroxítona, a palavra que inicia o segundo hemistíquio deve começar por vogal ou *h*. Esta regra é essencial; o não cumprimento dela faz com que o alexandrino deixe de ser clássico. 2 – Quando a última palavra do primeiro hemistíquio é oxítona, a primeira do segundo pode indiferentemente começar por vogal ou por consoante. 3 – A última palavra do primeiro hemistíquio nunca pode ser proparoxítona.

Variante – Poetas portugueses e brasileiros adotaram, para os versos de 12 sílabas, uma variante, acentuando a 4.ª, a 8.ª e a 12.ª sílaba inutilizando a cesura:

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
De-	pois	do⌒in	*cên-*	dio⌒a	ca-	te-	*dral*	fi-	cou	em	*ruí*-nas

1009 – O agrupamento de versos denomina-se *estrofe* ou *estância* que passará a chamar-se *terceto*, *quarteto*, *quintilha*, *sextilha*, *septena*, *oitava*, *nona* e *décima*, segundo for composta de 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 ou 10 versos juntos.

Rima

1010 – **Rima** é o resultado da conformidade de sons das sílabas finais de dois ou mais versos.

As rimas podem ser consideradas quanto à *qualidade* e quanto à *disposição*.

1011 – Quanto à *qualidade*, as rimas podem ser:

a) *Más*, quando não combinam perfeitamente: *estrela* com *bela*, *nus* com *azuis*.

b) *Vulgares*, quando são muito comuns: *ado*, *ade*, *ão*, *eza*, *ar* etc.

c) *Boas*, quando não são nem más nem vulgares: *feras* com *crateras*.

d) *Ricas*, quando são raras (*lágrima* com con*sagre-ma*).

e) *Assonantes*, quando as sílabas átonas finais apenas se assemelham: *al*tos com *al*vos.

1012 – Quanto à *disposição*, as rimas podem ser:

a) *Alternadas*:

Porém já cinco sóis eram passados a
Que dali nos partíramos, cortando b
Os mares nunca doutrem navegados, a
Prosperamente os ventos assoprando; b
Quando uma noite, estando descuidados a
Na cortadora proa vigiando b

b) *Opostas*:

– Minha mãe, quem é aquele a
Pregado naquela cruz? b
– Aquele, filho, é Jesus, b
É a santa imagem dele. a

c) *Paralelas*:

Dava-lhe a custo a sombra escassa e pequenina a
De um galho sem vida um pé de casuarina; a
Batia-lhe de chapa o sol no dorso forte, b
Vergastava-a de rijo o vendaval do Norte. b

d) *Deslocadas*:

De novo ante o rei se inclina →
A cabeça do ancião,
Depois elevando a fronte →
Altiva, estendendo a mão,
Busca achar da ignota cifra →
A divina inspiração.

} não rimam

Notas: 1ª – **Versos brancos** ou *soltos* dizem-se os que não têm rima.

2ª – Há uma estância chamada *triolé*, existente em vários idiomas, que se caracteriza por três versos iguais, ou seja, repetidos (1º, 4º e 7º) e mais outros dois também iguais (2º e 8º); note-se que os dois primeiros versos finalizam a estrofe; o esquema das rimas é: abaaabab. A composição pode constituir-se de uma ou mais oitavas de versos de sete ou de oito sílabas:

Na tela frágil dos Cromos	a
Quantas mimosas quimeras!	b
Meu Deus! que doirados pomos	a
Na tela frágil dos Cromos.	a
Os sábios, em muitos tomos,	a
Não sobem tanto às esferas.	b
Na tela frágil dos Cromos	a
Quantas mimosas quimeras!	b

Questionário

1. Que é *poesia*?
2. Que é *verso*?
3. Que é *ritmo*?
4. Que é *métrica*?
5. Qual a diferença entre *sílaba gramatical* e *sílaba poética*?
6. Quais as normas para a *contagem das sílabas* do verso?
7. Que é *cadência*?
8. Nos versos de 8, 9, 10 e 11 sílabas, onde caem os acentos?
9. Explique a cadência dos versos de 12 *sílabas*; tais versos como se chamam? Qual a sua variante?
10. Que é *rima*?
11. Escandir (segundo a maneira adotada nos exemplos), grifando as sílabas acentuadas, os seguintes versos:
a) Quando uma noite estando descuidados.
b) Minha mãe, quem é aquele?
c) "Pobreza, eu te agradeço", o honrado velho diz.
d) Sabei, brava gente, que sei com destreza.
e) Entre os gratos perfumes da flor.
f) No desconforto do meu quarto de estudante.

EXERCÍCIOS E TESTES

Os números indicam parágrafos

A – Ortografia (62 e ss.)

1. Assinale a letra que contém só um erro:

a. É ele um sujeito expontâneo e abalisado.
b. É ele um sujeito espontâneo e abalizado.
c. É ele um sujeito expontâneo e abalizado.
d. É ele um sugeito expontâneo e abalizado.
e. É ele um sugeito espontâneo e abalisado.

2. Assinale a letra certa:

a. *Presado* escreve-se com *s*, *cosinha* com *s*.
b. *Presado* escreve-se com *s*, *cozinha* com *z*.
c. *Prezado* escreve-se com *z*, *cozinha* com *z*.
d. *Prezado* escreve-se com *z*, *cosinha* com *s*.

3. Assinale a letra certa:

a. Exeto o de desenho, todos os testos foram atualisados.
b. Exeto o de desenho, todos os textos foram atualisados.
c. Exceto o de desenho, todos os textos foram atualisados.
d. Exceto o de desenho, todos os textos foram atualizados.
e. Exseto o de desenho, todos os textos foram atualizados.
f. Exeto o de desenho, todos os textos foram atualizados.

4. Assinale a única letra em que todas as palavras devem ser completadas com *s*:

a. le-ar; atra-ar; despe-a; parali-ar; bu-ina
b. defe-a; quero-ene; qui-er; va-inho; fu-il
c. Brá-; Vene-a; Queiró-; Sou-a; Eli-a
d. ga-eificar; ga-olina; empre-a; bi-ar; anali-ar

5. Assinale a única letra em que todas as palavras estão corretamente escritas:

a. dançar, descançar, passear
b. consciência, misto, ansioso
c. exceção, associado, macisso
d. acessor, ascensor, assençorista
e. assíduo, geito, encher

6. Assinale a letra que traz as palavras corretamente escritas:

a. misto – casemira – tigela – maizena – chuchu
b. mixto – casimira – tijela – maisena – xuxu
c. misto – casimira – tigela – maisena – chuchu
d. mixto – casemira – tijela – maizena – xuxu
e. misto – casemira – tigela – maizena – xuxu

B – Fonética

1. Assinale a letra em que não ocorre nenhum fonema consonantal oclusivo (59):

a. braço, apressado, esquerdo
b. assim, enxame, vinha
c. passo, escorregando, costas
d. fumaça, roncou, branco
e. sugeriu, chuva, xixarro

2. Assinale a afirmativa errada:

a. As vogais distinguem-se das consoantes. 33, 34.
b. M, N, NH são consoantes nasais. 60.
c. I, U são vogais fechadas. 46.
d. P, B, M são consoantes bilabiais. 60.
e. V, Z, J são consoantes fricativas. 60.

3. Assinale a letra em que todas as palavras devem ser acentuadas:

a. vermifugo – Niagara – latex – prototipo
b. juriti – raizes – gas – escrupulo
c. urubu – jovens – folego – pessoa
d. pinceis – gratuito – silencio – oxitono
e. saude – gratis – lapis – granizo

4. Assinale a letra em que há silabada:

a. crisântemo
b. ômega
c. gratuíto
d. rubrica
e. decano

C – Crase – 116 e ss.

Indique os números em que a crase está errada:

1. Tudo foi feito à contento. 116, 1.
2. Ele obedece às normas. 117, 1.
3. Ele obedece à todas as normas. 118, 4.
4. Ele obedece à sua majestade o rei do. . . 118, 9.
5. Ele obedece à Lisboa. 116, 3.
6. Ele voltou à escola. 117, 1.
7. Ele voltou à casa. 118, 5.
8. Ele voltou à Roma. 116, 3.
9. Ele voltou à Guanabara. 117, 2.
10. Respondi à colega que me escreveu. 117, 1.
11. Respondi à esta colega. 118, 12.
12. Respondi às colegas. 117, 1.
13. Respondi à todas as colegas. 118, 12.
14. Respondi à colegas de clube e não à colegas de colégio. 118, 4.
15. Irei à casa do companheiro. 118, 5.
16. Irei à essa festa. 118, 12.
17. Irei à uma hora. 118, 12.
18. Irei à procura dele. 117, 1.
19. Irei à vias de fato. 118, 4.
20. Refiro-me à Joana d'Arc e não à Santa Teresa. 118, 7.
21. Refiro-me à filha de Mário e não à de João. 117, 1.
22. Assisti àquele desastre. 117, 2, nota.
23. Assisti àquela cerimônia. 117, 2, nota.
24. Isto diz respeito àquilo. 117, 2, nota.
25. Escrevi à lápis. 116, 1.
26. Escrevi à tinta. 117, 1.
27. Escrevi à máquina. 117, 1.
28. Quanto à situação do aluno. 118, 10.
29. Quanto à situações imprevistas. 118, 4.
30. Quanto à essa situação. 118, 12.
31. Um pontilhão ligava o navio à terra. 118, 6.
32. Devido à dificuldade presente. 118, 10.
33. Devido à dificuldades inesperadas. 118, 4.
34. Devido às dificuldades do momento. 117, 1.
35. É de uma resistência à toda a prova. 117, 1.
36. A enfermeira assistiu à paciente a noite toda. 777.
37. Voltei à casa já tarde. 118, 5.
38. Dei à ela o caderno. 116, 3; 117, 1.
39. Deve-se o erro à nossa falta de atenção. 118, 1.
40. Colocar o sinal indicativo de crase, se necessário:
    a. Apresentou-se a festa vestido a moda antiga.
    b. Os lutadores chegavam pouco a pouco a arena.
    c. Irei a Paraíba antes de ir a Lisboa.

41. Indique a letra certa:

a. Fiquei a tarde toda a hesitar; só à noite decidi minha ida a Brasília.
b. Fiquei à tarde toda a hesitar; só à noite decidi minha ida à Brasília.
c. Fiquei a tarde toda à hesitar; só à noite decidi minha ida a Brasília.
d. Fiquei a tarde toda a hesitar; só à noite decidi minha ida à Brasília.
e. Fiquei a tarde toda à hesitar; só à noite decidi minha ida à Brasília.

42. Indique a letra correta:

a. Saímos de casa e fomos a uma festa a uma hora da tarde. Voltamos a casa as dezoito horas.
b. Saímos de casa e fomos à uma festa à uma hora da tarde. Voltamos à casa às dezoito horas.
c. Saímos de casa e fomos a uma festa à uma hora da tarde. Voltamos a casa às dezoito horas.
d. Saímos de casa e fomos à uma festa à uma hora da tarde. Voltamos a casa às dezoito horas.
e. Saímos de casa e fomos a uma festa a uma hora da tarde. Voltamos à casa às dezoito horas.

D – Flexão Nominal

1. Dar o superlativo sintético erudito de (274):

a. magro
b. amargo
c. doce

2. Dar o feminino plural de (261, n. 3):

a. russo-americano
b. greco-turco

3. Assinale a letra em que ambos os substantivos são femininos:

a. champanha, algoz (203)
b. telefonema, berinjela (186, 1, exc.)
c. cal, alface (185, 6, exc.)
d. dó, avelã (185, 1)

4. Destes femininos indicar o único errado (256 e ss.; 261, A, n. 1):

1. vão, vã
2. luso-brasileiro, lusa-brasileira
3. pigmeu, pigméia
4. ateu, atéia
5. sandeu, sandia

5. Destes plurais indicar o único errado (212 e ss.):

   1. projétil, projétis
   2. paul, pauis
   3. cível, cíveis
   4. açúcar, açúcares
   5. réptil, répteis

6. Destes plurais indicar o único errado (216):

   1. tabelião, tabeliães
   2. cidadão, cidadães
   3. capelão, capelães
   4. escrivão, escrivães
   5. capitão, capitães

E – SE – Análise Léxica e Sintática

1. Sublinhe a letra que corresponde à análise léxica do "se" desta oração:
   Quanto mais populoso um país, tanto mais estradas se constroem.

   a. pronome reflexivo – 401, 402
   b. pronome recíproco – 403
   c. pronome apassivador – 404
   d. pronome impessoalizador – 405

2. Sublinhe a letra que corresponde à análise léxica do "se" desta oração:
   Ele se reserva o direito de deixar a casa quando quiser.

   a. pronome reflexivo – 401, 402
   b. pronome recíproco – 403
   c. pronome apassivador – 404
   d. pronome impessoalizador – 405

3. Das seguintes funções:

   a. reflexibilidade pronunciada – 401
   b. reflexibilidade atenuada (expletivo, sem nenhuma função sintática) – 402
   c. reciprocidade – 403
   d. passividade – 404
   e. impessoalidade – 405

   determine a que indica o "se" destas orações:

   A. Ele se morre de amores pelo seu clube.
   B. Quem não se orgulha do que faz?
   C. Diante da evidência da culpa, eles se propuseram a indenizar o prejuízo.
   D. Você já notou como eles se cumprimentam?
   E. Nem tudo se perdeu na inundação.

F. Não se espante com o que vou declarar.
G. Todos se indignam sempre que ele fala.
H. A verdade não se dobra diante da falsidade.
I. De todos os casos de que se tratou, o de hoje foi o mais importante.

4. Determinar, dentre estes itens:

a. objeto direto – 401, A
b. objeto indireto – 401, B
c. mero reflexivo, sem função sintática nenhuma – 402
d. impessoalizante do sujeito – 405
e. apassivador – 404

qual o que se ajusta ao "se" destas orações:

A. De que maneira se diz "bom dia "em inglês?
B. De que maneira se sobe até o topo do Corcovado?
C. De que maneira eles se queixaram?
D. De que maneira ele se propõe abrir a estrada?
E. De que maneira o gato se machucou?

5. Destes itens:

a. conjunção condicional – 585.0
b. conjunção integrante – 581
c. pronome apassivador – 404
d. expletivo (reflexibilidade atenuada) – 402, B

indique o que se ajusta ao "se" destas orações:

A. Pergunte se ele quer ir.
B. Pergunte-se quem deseja ir.
C. Nada pergunte se ele não quiser ir.
D. Se ele foi, nada mais há que fazer.
E. Indague dos colegas se ele foi.
F. Ele foi-se.

6. Dentre estas possibilidades:

a. pronome apassivante – conjunção integrante
b. conjunção condicional – conjunção integrante
c. pronome apassivante – pronome impessoalizante
d. pronome apassivante – conjunção condicional
e. conjunção condicional – pronome apassivante
f. pronome reflexivo – conjunção condicional
g. conjunção integrante – pronome apassivante

indique a que se ajusta aos "ses" destes períodos:

A. Indagou-se se havia ou não chegado.
B. Se se fizer o que mandei, tudo sairá bem.
C. Não se enraiveça se ele disser não.

7. Assinale o período em que a palavra SE é parte integrante do verbo (395):

a. Ele arrependeu-se muito do que fez.
b. Alugam-se ótimas residências.
c. Esquece-se com facilidade o que se aprende mal.
d. O réu ajoelhou-se na frente de todos.
e. Na reunião aludiu-se a fatos diversos.

F – Conjugação

Indique a letra certa para os claros dos seguintes períodos:

1. Ele. . . para que. . . nas férias. 461 – 460.

a. negoceia, passeemos
b. negocia, passeemos
c. negocia, passeiemos

2. Se. . . nos. . . de março, não me encontrarão. 464, 3 – 460.

a. virem, meados
b. vierem, meiados
c. vierem, meados
d. virem, meiados

3. . . . ao que quiseres de contribuição, mas não. . . além de um dia de trabalho. 462, 4 – 413, 3, b.

a. Dê, dê
b. Dá, dê
c. Dê, dá
d. Dá, dês

4. . . . na sala o que não. . . no seu quarto. 463, 15 – 463, 1 – 316.

a. Ponha, couber
b. Põe, couber
c. Ponha, caber
d. Põe, caber

5. Se você. . . de noite e. . . que não há luz em casa,. . . no vizinho. 464, 3 – 463, 14 – 413, 3, b.

a. vir, ver, procura-me
b. vier, ver, procura-me

c. vier, vir, procure-me
d. vir, vir, procure-me
e. vier, ver, procure-me
f. vier, vir, procura-me

6. O temporal. . . o trem e a venda de passagens precisou ser. . . 431, obs. – 495.

a. deteu, suspendida
b. deteve, suspendida
c. deteu, suspensa
d. deteve, suspensa

7. . . .logo e. . . ainda antes da vossa primeira aula. 464, 1 – 464, 3 – 413, 3, b.

a. Vá, venha
b. Vão, venham
c. Vai, vinde
d. Ide, venhais
e. Ide, vinde
f. Vão, vinde

8. Não havia. . . o primeiro tempo quando o jogo foi. . . 495 – 496.

a. findado, suspenso
b. findo, suspenso
c. findo, suspendido
d. findado, suspendido

9. Preencha os claros com o imperativo (413, 3) dos verbos pedidos entre parênteses (cuidado com o tratamento, o qual está indicado em cada oração ou por outro verbo ou por um possessivo ou por um oblíquo):

a. (pedir). . . e receberá.
b. (pedir). . . e recebereis.
c. (ficar). . . em casa porque teu pai não está passando bem.
d. (reconhecer). . . nestes vossos alunos outros tantos amigos.
e. (incutir) Ó Senhor,. . . em nós, vossos servos, a consideração ao próximo.
f. (esquecer) Não vos. . . de nós.
g. (amar). . . a terra que respeita a tua liberdade e cuida da tua instrução.

10. Corrija as formas verbais grifadas:

a. Não *fazei* mal aos passarinhos. 463, 4.
b. *Sejais* obedientes aos vossos mestres, e *amais* os que vos repreendem. 425.
c. *Lembrei-vos* de que já *fosteis* pequeninos. 413, 3 – 425, n. 2 ao pé da pág.
d. Quanto trabalho *desteis* aos vossos pais! 425, n. 2 ao pé da pág.

11. Passe para o singular da mesma pessoa estas orações:

a. Nós nos refizemos da canseira. 463, 4.
b. Dizei-nos com quem andais que nós vos diremos quem sois. 463, 4, obs. 2.
c. Descobristes o erro porque refizestes o trabalho. 425, n. 2 ao pé da pág.

12. Reescreva no pretérito imperfeito do indicativo estas orações:

a. Não conheço a pessoa que se antepõe a nós na fila.
b. Refaço o trabalho só quando posso.

13. Reescreva no mais-que-perfeito do indicativo estas orações:

a. Nunca posponho o estudo ao esporte a não ser após as refeições. 463, 15, obs.
b. Nós compúnhamos nossas próprias músicas. 463, 15, obs.
c. Nada digo nem faço. 463, 3 – 463, 4.

14. Se na escola nos perguntarem "Como vêm vocês à escola?", devemos responder "Nós vimos a pé" ou "Nós viemos a pé"? (Note bem que a pergunta é feita no presente). 464, 3, obs. 1.

15. Diga em que tempo estão as formas verbais destas orações:

a. Se eu vir a sua tarefa, poderei dizer onde está o erro.
b. Eu viria de ônibus se ele passasse mais cedo por casa.
c. Só saiam quando vier ordem.
d. Oiça esta: a vaca voou.
e. Se tivéssemos intervindo na causa ele a teria ganho.

16. Escreva a 1ª pess. do pl. do pret. mais-q.-perfeito do indicativo (forma sintética) destes verbos:

ver	haver
vir	vendar
ir	dar
sair	poder
ouvir	dizer

17. Passe estes imperativos e o mais que for necessário para a 2ª pess. do plural (413, 3):

a. Não seja teimoso.
b. Faça o que eu mando, não faça o que eu faço.
c. Dize-me com quem andas que eu te direi quem és.
d. Ponha toda a atenção possível.
e. Não ponha o que não está na receita.

18. Passe imperativos e pronomes para a 3ª do singular:

a. Não desmereças teu trabalho.
b. Não venhais de borzeguins ao leito.
c. Ide-vos embora.
d. Pede a outrem só o que não puderes fazer.
e. Ouve o que te digo.
f. Saí antes que vos vejam.
g. Não te aflijas diante dos que te torturam.

19. Preencha os claros com o imperativo dos verbos pedidos entre parênteses (o tratamento será o indicado por alguma forma verbal ou pronominal da oração):

a. (dizer)..... o que você pediu.
b. (dizer) ..... o que quiseres.
c. (dizer) ..... o que pretendeis.
d. (dizer) Não..... o que viste.
e. (dizer) A ninguém..... o que vistes.
f. (fazer) ..... de mim o que for de vosso agrado.
g. (fazer) Não te ..... de rogado.
h. (fazer) Não se ..... de inocentes.

20. Escreva a 3ª pess. do pl. do ind. pres. dos verbos *ver, crer, ler* (463, 14, obs. 4).

21. Preencha os claros com o futuro do subjuntivo (419, 4 – 459, 4, n. 1 ao pé da pág.) dos verbos pedidos entre parênteses:

a. (ser) Quando eu ..... chamado, responderei com firmeza.
b. (estar) Quando ..... prontos, avisaremos.
c. (ter) Se ..... pressa, podeis ir.
d. (haver) Se ..... possibilidade, atenderei seu pedido.
e. (dizer) Jamais te envergonhes quando ..... a verdade.
f. (fazer) Se ..... bom tempo, iremos todos.
g. (caber) Iremos todos juntos, se ..... todos no carro.
h. (caber) Farei com todo o prazer a tarefa que me .....
i. (poder) Fazei o bem sempre que .....
j. (poder) Se ..... iremos hoje mesmo.
k. (querer) Quando ..... vir, não faça cerimônia.
l. (querer) Se ..... que eu conte a história, façam silêncio.
m. (saber) Só responda ao questionário quando ..... bem a lição.
n. (saber) Quando ..... o dia certo, avisaremos.
o. (trazer) Se você ..... o trabalho amanhã, tanto melhor.
p. (trazer) Eu vos agradecerei se ..... as informações que pedi.
q. (pôr) Serão reprovados se não ..... o livro sobre a carteira.
r. (pôr) Quando ..... tudo em dia, partiremos.
s. (caber) Vá pondo enquanto .....

22. Preencha os claros com o futuro do subjuntivo (419,4 – 459,4, n. 1 ao pé da pág.) dos verbos pedidos entre parênteses (a pessoa gramatical é a sugerida pelo restante de cada caso):

a. (ir) Quando eu ..... ao Rio, visitá-lo-ei.
b. (vir) Se ele ..... cedo, será melhor para ti.
c. (ir) Não se esqueça de mim quando ..... a Belo Horizonte.
d. (vir) Se ..... nas férias, avise com antecedência.
e. (ir) Se ..... cedo, seremos bem-sucedidos na caçada.
f. (vir) Quando ....., dispõe da nossa casa.
g. (ir) Serei recompensado se eu ..... ainda hoje.
h. (vir) Se ..... no fim do ano, passareis comigo as festas.
i. (ir) Se ..... de automóvel, chegaremos logo.

23. Preencha os claros com o subjuntivo presente dos verbos pedidos entre parênteses:

a. (nascer) É necessário cultivar a religião para que um país ..... direito. 451.
b. (eleger) São necessários muitos votos para que você se ..... 452.
c. (ficar) Peço-lhe que ..... tranquilo. 447, 1.
d. (roçar) Faça com que a vara não ..... os fios. 447, 2.
e. (infringir) As autoridades não devem permitir que os guardas ..... a Lei do Silêncio, a Lei das Contravenções, o Código Penal e o próprio Código Civil. 452, n. 2.

24. Leia em voz alta estas orações, preenchendo os claros com o presente do subjuntivo ou do indicativo dos verbos indicados entre parênteses. [Respondendo por escrito, ponha na sílaba tônica um sinal diacrítico (acento agudo ou circunflexo) que indique se o som é aberto ou fechado – 442 e ss.]:

a. (indignar-se) Seu procedimento faz com que todos ..... contra ele.
b. (indignar-se) Para que o céu não ..... contra a terra.
c. (obstar) A fim de que o muro ..... o avanço das ondas.
d. (obstar) Um remédio que ..... qualquer infecção.
e. (optar) Permito-lhes que ..... por uma das duas soluções.
f. (eclipsar) Que é necessário para que a terra ..... a lua?
g. (ritmar) Para que vocês ..... os passos pela música.
h. (peneirar) É necessário que você ..... a areia.
i. (abeirar-se) Ponha um aviso para que ninguém ..... da represa.
j. (enfileirar-se) Peço que vocês .....
k. (cavoucar) É necessário que vocês ..... mais fundo.
l. (afrouxar) O aviso pede que os passageiros ..... os cintos.
m. (poupar) Aconselho-o a que ..... energias.
n. (vicejar) Ponha mais adubo para que essas plantas .....
o. (alvejar) Quero uma pasta que ..... os dentes.
p. (espelhar) E o teu futuro ..... essa grandeza.
q. (desfechar) Isso faz com que eu ..... novo ataque.
r. (emparelhar) Quero dois animais que se .....
s. (vexar) Esse cuidado é para que você não ..... seu amigo.
t. (inteirar-se) Quero que você ..... melhor do assunto.
u. (arraigar-se) A verdade se esvai, o erro .....
v. (enraizar-se) Regue todas as tardes até que a grama ..... bem.
w. (arruinar-se) Procure salvá-lo antes que ..... de todo.
x. (estourar) Desligue o motor antes que .....

25. Reproduza estas orações limpando-as de um gravíssimo erro (433, 2, ao pé da pág.):

a. Essas medidas são para manter-mos mais ordem e produção.
b. Outro teria sido o resultado se tivésse-mos tido mais cuidado.

26. Complete com o futuro do subjuntivo dos verbos pedidos entre parênteses:

a. (caber) Enquanto ..... vá pondo gasolina no tanque. 463, 1.
b. (fazer) Sempre que nós ..... sinal, vocês parem. 463, 4.
c. (saber) Somente quando vocês ..... de cor é que devem dar-se por satisfeitos. 463, 11.
d. (trazer) Chamarei à lição somente os que ..... o exercício feito. 463, 12.

e. (repor) Não ficarei satisfeito enquanto nós não ..... as coisas nos seus lugares. 463, 15.

f. (opor) Parem se eles ..... resistência. 463, 15.

27. Reescreva esta oração "Quero que eles ....." substituindo as reticências pelo subjuntivo presente dos verbos *calçar*, *calcar*, *galgar*, *erguer*, *proteger*, *descer*, *extinguir*, *crescer*, *corrigir*, *distinguir*, *viajar*. 447; 451 e ss.

28. Copie estas orações com os verbos no pretérito perfeito, conservando a pessoa gramatical (462 e ss.):

a. Desfaço mas não reponho.
b. Ele quer mas não pode.
c. Digo isso para seu bem.
d. Ele faz o que pode.
e. Ponho os cadernos no armário.
f. Ele traz a mala a tiracolo.

29. A primeira oração encerra um imperativo positivo; a segunda deve trazer um imperativo negativo do mesmo verbo e da mesma pessoa gramatical (413,3, b):

a. Deixa ficar onde está – Não ..... que se afastem.
b. Deixai a criança andar – Não nos ..... caiem em tentação.
c. Põe o que faltar – Não ..... mais água.
d. Ponde mais cuidado – Não ..... a mão em seara alheia.
e. Faze tudo bem feito – Não ..... mal aos animais.
f. Tende compaixão de nós – Não ..... medo de perguntar.
g. Dize sempre a verdade – Não ..... que não convém.
h. Sede benignos e misericordiosos – Não ..... preguiçosos.
i. Vai buscar o livro – Não ..... se não mandarem.
j. Venha comigo, meu filho – Não ..... agora, minha mãe.

30. Copie estas orações com os verbos no pretérito perfeito, conservando a pessoa gramatical:

a. A menina obtém sempre boas notas. 431, obs.
b. Não contenho as lágrimas ao pensar nisso.
c. Vós mantendes a palavra dada?
d. O relato não condiz com a realidade. 463, 3, obs. 1.
e. Nós desdizemos tudo o que ele afirma.
f. Perfarás o caminho em 10 horas? 463, 4, obs. 1.
g. Desfarei todas as dúvidas.
h. O artista compunha belas canções. 463, 15.
i. Ele imporá a todos severos castigos.
j. Não intervenho nessa contenda. 464, obs. 2.
k. Donde provêm esses abusos?

31. Os verbos compostos destas orações estão errados; corrija-os, colocando entre os parênteses a forma certa:

a. Se eu tivesse intervido ( ) não se teria dado o desastre. 464, obs. 3.
b. Nada acontecerá se você repor ( ) os mesmos fios. 463, 15.

c. Pedi que retessem ( ) o caminhão no armazém. 431, obs.

d. O método mantia ( ) disciplina e interesse. 431, obs.

e. Seria necessário que eu prevesse ( ) melhor o que está por acontecer. 463, 14, obs. 1.

32. Supra os claros com o particípio dos verbos pedidos entre parênteses (494 e ss.):

a. (acender)Eu já havia ..... o fogo quando ele chegou.

b. (acender)O fogo permaneceu ..... o dia todo.

c. (expulsar) O inimigo havia sido ..... da fortaleza.

d. (expulsar) Doutra forma não teria ele ..... os cálculos dos rins.

e. (morrer) O coitado já havia ..... quando a ambulância chegou.

f. (matar) Este ano tenho ..... mais codornas que o ano passado.

g. (submergir) Não sei se o submarino estava espontaneamente ..... ou se o haviam .....

33. Complete com o imperativo do verbo *manter* (431, obs.):

a. Revele coragem e ..... toda a confiança.

b. Revela coragem e ..... toda a confiança.

c. Revelai coragem e ..... toda a confiança.

d. Revelemos coragem e ..... toda a confiança.

34. Indique a letra que se adapta aos claros do período

Quando vós ..... nosso próximo necessitado, não ..... de o socorrer.

a. virdes, deixeis

b. virdes, deixais

c. verdes, deixeis

35. Indique a letra que se adapta aos claros do período

Se você não ..... os documentos, ... a polícia.

a. reaver, procure

b. reouver, procures

c. reouver, procure

36. Indique a letra que se adapta aos claros do período

Quando ..... que os homens vos traem não .....; ..... vossa confiança em Deus.

a. vires, desesperes, põe

b. verdes, desesperais, ponde

c. virdes, desespereis, ponde

37. Indique a letra que se adapta aos claros do período

Assim como ouro ..... da terra, o filho mais velho ..... ao sustento da família.

a. provém, provê

b. provê, provém

c. provém, provém

38. Indique a letra que se adapta aos claros do período
O sacristão não tinha ..... as velas, e elas deviam ser ..... ao anoitecer.

a. acendido, acendidas
b. acendido, acesas
c. aceso, acendidas

39. Indique a letra certa:

a. Se ver Pedro, avise-me.
b. Se vires Pedro, avise-me.
c. Se vir Pedro, avise-me.
d. Se veres Pedro, avisa-me.
e. Se ver Pedro, avisa-me.

40. Indique a letra certa (488, d; 316, 328):

a. Precavenham-se contra os assaltantes, mas evitai o uso de armas.
b. Precavede-vos contra os assaltantes, mas evitai o uso de armas.
c. Precavinde-vos contra os assaltantes, mas evitai o uso de armas.
d. Precavei-vos contra os assaltantes, mas evitai o uso de armas.
e. Precavenham-se contra os assaltantes, mas evitem o uso de armas.

41. Indique a letra que deve preencher o claro da oração (452, n. 3):
A costureira respondeu: Esta roupa eu não .....

a. serzo
b. cerzo
c. sirzo
d. cirzo

42. Indique a letra que deve preencher os claros do período (488, e; 425, n. 1 ao pé da pág.)
Se todos ..... o que já perderam, talvez não cuidassem do que .....

a. reavessem, têm
b. reouvessem, têm
c. reouvessem, teem
d. rehavessem, tem
e. rehouvessem, teem

43. "Encontrei-o ontem, mas se o ..... de novo dir-lhe-ei tudo."
O período ficaria completo com (459, n. 1 ao pé da pág.):

a. vêr
b. ver
c. vir
d. vier

44. "Julieta ..... de família ilustre."
A oração ficaria completa com (464, 3, obs. 2):

a. provem
b. prove

c. provêm
d. provê
e. provém

45. "Se eu fizesse o que ele pediu eu seria prejudicado."
A subordinada condicional (585.4) desse período traz o verbo no:

a. futuro do subjuntivo
b. mais-que-perfeito do subjuntivo
c. imperfeito do indicativo
d. imperfeito do subjuntivo
e. mais-que-perfeito do indicativo

46. A 2ª pess. do pl. do imperativo positivo de *ter + o* é (825):

a. tenhai-lo
b. tenhai-o
c. tende-o
d. tende-lo

47. Assinale a letra que preenche o claro do período (658, 3):

. . . . . dez anos que ela morreu.

a. Fazem
b. Farão
c. Fizeram
d. Faz

G – Pronomes

1. Preencher os claros com os pronomes pessoais pedidos entre parênteses:

a. Entre (1ª do sing.) e (2ª do sing.) não há segredos.

b. Apresentaram um documento para (1ª sing.) assinar. 313.

c. Queriam falar com (1ª pl.) mesmos. 319, n.

2. *Mais* amor e *menos* confiança.
As palavras grifadas são:

a. pronomes indefinidos adjetivos (530, n. 4, ao pé da pág.; 357, 1, n.)
b. pronomes interrogativos
c. pronomes demonstrativos (340 e ss.)
d. advérbios de intensidade (530)
e. classes diferentes das anteriores.

3. Assinalar a letra que corresponde ao "o" grifado do período (345):
O que podia ser feito foi feito.

a. artigo
b. pronome demonstrativo
c. pronome pessoal oblíquo

H – QUE – Análise léxica:

Nestes períodos, sublinhe a letra que analisa lexicamente (morfologicamente) o "que":

1. É costume que haja concurso.

a. pronome relativo – 376
b. advérbio – 530, n. 6
c. conjunção integrante – 581; 894 e ss.
d. conjunção final – 587

2. Acontece que ele não quer.

a. conjunção conclusiva – 574
b. conjunção aditiva – 571
c. conjunção final – 587
d. conjunção integrante – 581; 894 e ss.
e. pronome relativo – 376

3. É lei que todos devem respeitar-se reciprocamente.

a. conjunção consecutiva – 586
b. conjunção integrante – 581; 894 e ss.
c. conjunção concessiva – 584

4. Segue-se que ele não tem razão.

a. conjunção final – 587
b. conjunção causal – 582
c. conjunção concessiva – 584
d. conjunção integrante – 581; 894 e ss.
e. pronome relativo – 376

5. O outro motivo é que ele não tem idade para o cargo.

a. explicativo – 575
b. expletivo – 784, n. 5
c. integrante – 581; 894 e ss.
d. final – 587
e. relativo – 376

6. Ainda que tivesse sido gerado dos deuses.
Nesta subordinada existe locução conjuntiva ou conjunção? Sublinhe as letras correspondentes.

A. locução conjuntiva – 565, n.

B. conjunção – 556
   a. consecutiva – 586
   b. concessiva – 584
   c. integrante – 581; 894 e ss.
   d. final – 587
   e. expletiva – 784, n. 5

7. Analise lexicamente o "que": Rogo-te que voltes logo. 581 – 895.

8. Assinale a letra que indica a função dos quês do período

Dos títulos que me dais só me cabe o de honrado, que esse, mercê de Deus, é meu.

a. final – expletivo
b. integrante – concessivo
c. relativo – causal
d. relativo – expletivo
e. concessivo – consecutivo

9. Assinale a letra que indica a função dos quês do período

Cale-se de Alexandre e de Trajano a fama das vitórias que tiveram, que eu canto o peito ilustre lusitano.

a. final – explicativo
b. integrante – concessivo
c. relativo – causal
d. relativo – expletivo
e. concessivo – consecutivo

I – Predicado

Seguem-se umas tantas orações; dizer a que letra corresponde o predicado nelas existente:

a. verbal – 663
b. nominal – 664
c. verbo-nominal – 670

1. Ele passou de ano.
2. Ele passa bem.
3. Ele passou a ponte.
4. João não está.
5. João não está em casa.
6. João não está bem.
7. João não está bom.
8. Ele ficou atordoado.
9. Viver é trabalhar.
10. O pai encontrou o filho.

11. O pai encontrou o filho esfarrapado.
12. Julgaram-me apto para o lugar.
13. Ele parece criança.
14. O soldado voltou ferido.
15. Os pais consideram-no aluno disciplinado.

J – Complementos e Adjuntos

1. Dizer, especificando a respectiva letra, o que aparece nestas orações:

a. adjunto adverbial – 695 e ss.
b. objeto direto preposicionado – 683
c. objeto indireto – 301, a; 681
d. complemento nominal – 675
e. agente da passiva – 390
f. objeto direto – 301, a; 681

1. Passei por duas ruas.
2. Será reverenciado de toda a forma.
3. Será reverenciado de todos os patrícios.
4. Ganhei a partida.
5. Chegada ao Rio.
6. Chegamos ao Rio.
7. Todos amam a Deus.
8. Fique aqui.
9. Comprei anéis de ouro.
10. Ele morreu de frio.

2. Dizer, nas orações que se seguem, mencionando a letra correspondente, se o complemento do verbo é (Cap. XVII, § 298 e ss.):

a. predicativo – 665
b. predicativo do sujeito – 666, 667, 669
c. predicativo do objeto – 666, 668, 669
d. objeto direto – 681
e. objeto indireto – 685
f. um direto, outro indireto.
g. um direto, outro predicativo do objeto.

1. Julgo-o apto.
2. Morreu desiludido.
3. Ele é leviano.
4. Acho-o leviano.
5. Nada lhe respondi.
6. Que quer você?
7. Não lhe perdoarei.
8. Viajamos preocupados.
9. O animal fugiu apavorado.

10. Declararam-se inocentes.
11. Quantas respostas você encontrou erradas?
12. Fique quieto.

3. Dizer, fazendo-as seguir da letra correspondente, se nestas orações existe:

a. objeto direto – 301, a; 681; 484, 2, n.
b. objeto indireto – 301, b; 685
c. agente da passiva – 390
d. adjunto adnominal – 691
e. complemento nominal – 675 e ss.
f. vocativo – 701 e ss.

1. Bom dia, rapazes!
2. Não mais vi João.
3. Obedeçam-nos.
4. Vamos comprá-los.
5. Ele é estimado de todos.
6. Ele é digno de todos.
7. Muitos alunos passaram.
8. Preciso de recursos.
9. Tenha paciência.
10. Haverá recursos.

K – Sujeito

Seguem-se umas tantas orações; antes de cada uma delas escreva a letra correspondente a uma destas especificações de sujeito:

a. agente (ou ativo) simples – 388; 655; 657, n. 2
b. paciente (ou passivo) simples – 389
c. agente (ou ativo) composto – 656
d. paciente (ou passivo) composto
e. inexistente – 658
f. indeterminado (ou impessoalizado) – 405; 485; 657
g. oculto – 657, n. 2

1. O professor ensinou toda a matéria.
2. Desapareceram o livro e o lápis.
3. Precisa-se de um marceneiro.
4. Precisamos estudar.
5. Choveu muito.
6. No momento não há indícios de melhora.
7. Quem foi reprovado?
8. Ele e a irmãzinha já estão alimentados.
9. Ele e a irmãzinha já estão dormindo.
10. Já estão dormindo.
11. Não se dorme com esses latidos.

12. É hora de dormir.
13. Vendeu-se tudo.
14. Ele se vendeu ao inimigo.
15. Havia muitos alunos na sala.
16. Alugaram-se todos os apartamentos.

L – Coordenadas e Subordinadas – 557 e ss.; 889 e ss.

Assinale a oração grifada com *c* se coordenada, com *s* se subordinada:

1. Não há mal *que sempre dure*.
2. Não há bem *que se não acabe*.
3. Ele sabe, *também seria reprovado* se não soubesse.
4. Ele sabe *que será reprovado*.
5. Será reprovado *se não souber*.
6. Vou verificar *se ele sabe*.
7. Verifiquei que ele não só sabe, *como sabe muito bem*.
8. Não é piada *senão coisa muito séria*.
9. Não faça o *que ele fez*.
10. Não faça *que você se arrepende*.
11. Tanto fez *que se arrependeu*.
12. Vou estudar; *conseguirei enfim passar*.
13. Ele agiu bem; *demais, eu havia ajudado*.
14. Agora lhe pergunta pelas gentes, *agora pelos povos seus vizinhos*, agora pelos úmidos caminhos.
15. Ele agiu *como sugeri*.

M – Subordinadas Substantivas, Adjetivas, Adverbiais

1. Dizer, fazendo-os anteceder da letra correspondente, se estes períodos têm uma subordinada

a. substantiva – 892 e ss.; 581
b. adjetiva – 899, 900
c. adverbial – 901 e ss.

1. Não valeu o gol que marcaram no primeiro tempo.
2. Faça o que mandei.
3. Faça-o de forma que você não se arrependa.
4. Faça-o de tal forma que ninguém perceba.
5. Ele faz que não ouve.
6. Ele mais ouve do que fala.
7. Só estudam quando voltam das férias.
8. Não faz mal que ele não estude.
9. Estude, que o exame não é de brinquedo.
10. Só quero uma coisa: que você recorde toda a matéria destas lições.

11. Não conheço a aluna cuja lição acabo de corrigir.
12. Farei como você mandar.
13. Já que assim é, que posso fazer?
14. Irei com tal que ele prometa pagar a viagem.
15. Vamos logo que a chuva está aí.
16. Tenho a impressão de que você está melhor.
17. Essa é a impressão que tenho.
18. Não é coisa sabida que ele é incompetente?
19. Como você não vai eu também não vou.
20. Por mais atrasado que você chegue não se esqueça do meu recado.

2. Separe e analise as orações que formam este período:

Mande quem indiquei. 900, n. 4; 379.

3. Não se sabe o QUE LHE PASSOU PELA CABEÇA.

Assinale a letra certa quanto à oração grifada:

a. subordinada substantiva subjetiva – 894
b. subordinada substantiva objetiva direta – 895, 1
c. subordinada adverbial – 901 e ss.
d. subordinada adjetiva – 899 e ss.
e. subordinada condicional - 903, 5

4. Mal você chegou, as discussões começaram.

A primeira oração é:

a. coordenada sindética – 889, n.
b. principal – 563, 888
c. subordinada adverbial temporal – 901 e ss.; 588, n. 2
d. subordinada adverbial proporcional – 901 e ss.
e. subordinada adverbial causal – 901 e ss.

5. Assinale o período em que há uma oração subordinada substantiva objetiva direta (895, 1):

a. Fiz tudo como me disseram.
b. Ignoro o motivo por que não veio.
c. Tenho receio de que o percas.
d. Não sei o que fazer.
e. Não sei se ele servirá.

6. Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heroico o brado retumbante.

Temos aí:

a. sujeito composto – 656
b. sujeito passivo – 389
c. sujeito indeterminado – 657

d. sujeito singular
e. o sujeito é "as margens plácidas", plural, feminino, ativo – 388

N – Subordinadas Substantivas

Assinale com a letra correspondente as subordinadas substantivas dos períodos seguintes:

a. subjetiva – 894
b. objetiva direta – 895, 1
c. objetiva indireta – 895, 2
d. completiva nominal – 896
e. predicativa – 897
f. apositiva – 898

1. Estou receoso de que não cheguemos a tempo.
2. Esperava que você viesse.
3. Tenho um receio: que nos testes você não raciocine também por exclusão.
4. Isto eu não posso deixar de dizer, que você deve recordar as lições anteriores todos os dias.
5. Você crê que o professor está sendo rigoroso?
6. Nunca é pernicioso que se exija o máximo dentro da capacidade do aluno.
7. Não aceito a desculpa de que você não compreende a explicação.
8. A verdade é que o estudo exige raciocínio.
9. Concordo em que a memorização não seja o único elemento para um bom exame.
10. Impediram-me que eu o atendesse.
11. É duvidoso que ele seja tolerante.
12. Devemos afastar a ideia de que tudo será fácil.
13. Conviria que você falasse com ele.
14. Isso não depende simplesmente de que ele queira.
15. Ele é merecedor de que o promovam.
16. Não tenho absoluta certeza de que ele é engenheiro.
17. Todos achavam que as coisas andavam bem.
18. Era falsa a impressão de que as coisas andassem bem.
19. Não era possível que as coisas andassem bem.
20. Estou na dependência de que as coisas andem rigorosamente bem.

O – Reduzidas – 904

1. Dizer, assinalando com a letra devida, se nos seguintes períodos:

a. há uma reduzida de infinitivo
b. há uma reduzida de gerúndio
c. há uma reduzida de particípio
d. não há reduzida

1. Já se havia posto o sol e o macuco continuava a piar.
2. Posto o sol, os pássaros deixam de cantar.
3. Temos de ir de avião.
4. Não é por irmos de avião que o caso vai resolver-se ainda hoje.
5. Fiquei pensando o dia todo e não cheguei a nenhuma conclusão.
6. Acabando as férias, cuide o mais possível dos estudos.
7. Já se haviam levantado quando irrompeu o incêndio.
8. Fiz sair todos.

2. Dizer, assinalando com a letra devida, se estas reduzidas de infinitivo são (904, n. 2):

a. subjetivas
b. objetivas
c. completivas nominais

1. Isso prova não termos pensado bem.
2. Não vejo culpa por terem agido dessa forma.
3. Isso significa estarem eles pedindo o dobro do valor.
4. Estarem eles pedindo o dobro não é estranho.
5. Será muito difícil conseguirmos triunfo.
6. Isso não depende de querermos.

P – Adjuntos Adnominais – Complementos Nominais

Com um traço subposto, indique os adjuntos adnominais (691 e ss.); com dois, os complementos nominais (675 e ss.; 927, 2; 693):

a. Julgaram-no indigno do prêmio.
b. Estes são inaptos para o serviço militar.
c. Os candidatos inidôneos para o cargo serão fatalmente reprovados.
d. Desejoso de aprender, ele estudava o dia todo.

Q – Aposto – Vocativo – Predicativo – Adjunto Adnominal

Dizer a qual destas letras correspondem as palavras ou frases grifadas dos textos que se seguem:

a. aposto – 699, 756.
b. vocativo – 701 e ss.
c. predicativo – 302, 664, 665.
d. adjunto adnominal – 691 e ss.

1. Esse rapazelho, *descurado como é dos pais*, encontrará muitos dissabores.
2. Esse rapazelho é *descurado* no vestir-se.

3. Nunca sabem nada os alunos *descurados* nas tarefas.
4. *Rapaz descurado*, você jamais será gente amanhã.

R – Composição

1. Dizer, discriminando a letra, se a formação destas palavras é:

a. por prefixação – 626.
b. por justaposição – 226, 3º caso.
c. por aglutinação – 633.
d. parassintética – 625.

1. planalto
2. santelmo
3. terrapleno
4. couve-flor
5. cantochão
6. anteontem
7. antártico
8. entronizar
9. sobrecincha
10. transatlântico
11. transcontinental
12. anônimo

2. Indicar dentre estas palavras a que é híbrida (632):

a. decâmetro
b. automóvel
c. novilatina
d. xenofobia

3. Nas palavras METRÓPOLE, ANARQUIA, DIAGONAL, ACÉFALO, ICONOCLASTA temos elementos gregos que significam respectivamente:

a. cidade, luta, ângulo, cabeça, ídolo
b. estado, caos, corte, pensamento, destruição
c. capital, revolução, linha reta, pescoço, ídolo
d. cidade, governo, ângulo, cabeça, ídolo
e. muito, confusão, lado, cabeça, destruição

4. Assinale a afirmativa errada:

a. FIDALGO é composto por aglutinação (633)
b. BUROCRACIA é hibridismo (632)
c. o prefixo de PREDIZER é latino e significa *antes* (629)
d. a letra *b* está errada

5. Assinale o grupo formado por prefixos latinos e gregos (629, 630):

a. hemisfério, hipertrofia, hipótese, eucaristia
b. companhia, embarcar, maldizer, procônsul
c. justapor, semimorto, superlotado, ambiguidade
d. anticristo, dípode, epígrafe, apogeu
e. sintaxe, biscoito, anacrônico, península

6. Assinale o grupo de palavras em que apenas duas têm o primeiro elemento grego (630, 631):

a. monarca, filantropo, teologia
b. metrópole, catálogo, anfíbio
c. maldizer, disfagia, endocarpo
d. micróbio, neologismo, pseudônimo
e. tipografia, zoológico, metamorfose

7. Assinale o grupo em que o prefixo latino significa *quase* (629):

a. perfazer, perpétuo, pervagar.
b. reaver, regredir, recomeçar.
c. península, penumbra, penúltimo.
d. indelével, irreal, ilegal.
e. ambiente, ambivalente, ambiguidade.

8. Assinale a afirmativa errada:

a. Os dígrafos SS e RR podem ser separados. 143, e, 1.
b. *Translúcido* e *diáfano* são sinônimos; o primeiro é de origem latina, o segundo de origem grega. 629; 630.0.
c. *Semi*, prefixo latino, e *hemi*, prefixo grego, são sinônimos. 629; 630.0.
d. Estão corretas: *excesso*, *exceção*, *obcecado*, *obsessão*.
e. Na palavra *pneumático* temos um dígrafo e um ditongo. 85.

9. Dentro dos parênteses coloque a letra correspondente ao significado (631):

a. demos ( ) úmido
b. hélios ( ) semelhante
c. homós ( ) letra
d. gramma ( ) sol
e. hygrós ( ) povo

10. Assinale a letra em que haja elemento grego com o significado de "único" (631):

a. metrópole
b. autônomo
c. anônimo
d. monarca
e. idólatra

S – Análises Diversificadas

Uma ou mais das orações destes grupos podem estar com as palavras grifadas corretamente analisadas; dentre estas letras, indicar a que se ajusta a cada grupo:

A. Se apenas as orações 1 e 3 estiverem corretamente analisadas.
B. Se apenas as orações 2 e 4 estiverem corretamente analisadas.
C. Se apenas as orações 1, 2, 3 estiverem corretamente analisadas.

D. Se todas estiverem corretamente analisadas.
E. Se nenhuma das letras anteriores.

Grupo 1:

1. Floresceu a árvore *que* plantei – objeto indireto
2. *Quem* convidaremos? – sujeito
3. Visitei os *meus* – adjunto adnominal
4. Tu bem *o* sabes – objeto direto

Grupo 2:

1. Seu sonho era *morar no Rio* – reduzida substantiva subjetiva
2. Havia receio *de voltares* – reduzida substantiva completiva nominal
3. Disseram-me *serem baleias* – reduzida substantiva objetiva direta
4. Diz-se *ter Cristo nascido em Belém* – reduzida substant. objet. direta

Grupo 3:

1. É bom *que você venha* – subordinada objetiva direta
2. Meu maior desejo é *que me deixem em paz* – subordinada predicativa
3. Não suba *que a escada cai* – coordenada sindética explicativa
4. Chamei-o *que me ouvisse* – subordinada adverbial final

Grupo 4:

1. *Chegados que fomos*, procuramos o diretor – adverbial temporal
2. Os louvores, *pequenos que sejam*, são ouvidos com agrado – adverbial concessiva
3. Tenho tanto medo *que me pelo* – adverbial consecutiva
4. Só lhe peço isto: *honre nosso nome* – substantiva apositiva

Grupo 5:

1. Sabe-se *que haverá trégua* – subordinada substantiva objetiva direta
2. Não te esqueças *de que és falível* – subordinada apositiva
3. É justo *que amparemos as crianças* – subordinada predicativa
4. A preguiça gasta a vida, *como a ferrugem consome o ferro* – subord. conformativa

T – Termos da Oração (de 648 a 705)

Estas questões trazem grifado um termo de oração; indique a letra correspondente à sua função:

1 – Quando desta Corte olhávamos para a serrania dos Órgãos, víamos *rutilante* a estrela que nos guiava.

a. objeto direto – 679 e ss.
b. adjunto adnominal – 691 e ss.
c. predicativo do objeto – 668, 669
d. predicativo do sujeito – 667, 669
e. aposto – 699

2 – Não sejamos *os últimos* a trilhar a senda dos progressos econômicos e políticos.

a. objeto direto – 679 e ss.
b. adjunto adnominal – 691 e ss.
c. complemento nominal – 675 e ss.
d. predicativo – 302, 664, 665
e. agente da passiva – 390

3 – Mandei-*o* sair.

a. objeto direto – 679 e ss.
b. objeto indireto – 685
c. sujeito acusativo – 652
d. predicativo do objeto – 668, 669
e. aposto – 699

4 – Ele era estimado *de todos*.

a. adjunto adnominal – 691 e ss.
b. complemento nominal – 675 e ss.
c. agente da passiva – 390
d. objeto indireto – 685
e. adjunto adverbial – 695 e ss.

5 – Saúdo-o e *aos seus parentes*.

a. objeto indireto – 685
b. predicativo – 302, 664, 665
c. complemento nominal – 675 e ss.
d. objeto direto preposicionado – 683; 846
e. adjunto adverbial – 695 e ss.

6 – Estudem, *rapazes*, todos os pontos.

a. predicativo do sujeito – 667, 669
b. sujeito – 650 e ss.
c. aposto – 699
d. vocativo – 701 e ss.
e. complemento nominal – 675 e ss.

7 – Devemos obediência *às leis*.

a. objeto indireto – 685
b. predicativo do objeto – 668, 669
c. complemento nominal – 675 e ss.
d. adjunto adnominal – 691 e ss.
e. adjunto adverbial – 695 e ss.

8 – Caminharam *trôpegos* até o altar.

a. objeto direto – 679 e ss.
b. adjunto adnominal – 691 e ss.
c. adjunto adverbial – 695 e ss.

d. aposto – 699
e. predicativo do sujeito – 667, 669

U – Regência, Concordância e outros assuntos

1. Assinale a oração errada (732):

a. Eu e tu estudaremos a mesma matéria.
b. Tu e ele desejais as mesmas coisas.
c. Comprará tu e ele esta casa?
d. Tu, ele e eu pensamos do mesmo modo.
e. Você e ele esperar-me-ão aqui.

2. Assinale a letra que preenche corretamente os claros da oração (261, n. 2):

A saia ..... e o chapéu ..... não combinavam.

a. azul-marinho – cinza-claro
b. azul-marinha – cinza-clara
c. azul-marinha – cinza-claro
d. azul-marinho – cinza-clara

3. Os seguintes períodos têm quatro partes grifadas indicadas pelas letras A, B, C, D. Indique qual a letra errada de cada período; se todas estiverem certas sua resposta deve ser E:

a. *Devido a* péssima alimentação que recebem na *primeira infância*, muitas
A B
crianças não atingem *todo o* seu *potencial* de desenvolvimento. *Sem erro*. (118, 10).
C D E

b. Não sei o motivo *porque* ela *se* tornou, *de repente*, tão *desleixada*. *Sem erro*. (532, n. 2).
A B C D E

c. Não *a via há* muito tempo, *de formas* que se tornara *incapaz* de reconhecê-la.
A B C D
Sem erro. (586, n.).
E

4. Destas regências indicar a única certa (777):

1. É homem muito importante; já lhe conhecia há muito.
2. Sempre o obedeci.
3. Sempre lhe vejo, caro professor, na cidade.
4. Quantas vezes quer você que lhe pague?
5. Todos nós admiramos aos gênios.

5. Destas concordâncias indicar a única certa (487; 405, n.):

1. Se houvessem mais recursos tudo seria conseguido.
2. Devem haver outros meios.
3. Fazem dois dias que partiu.
4. Pode fazer dois anos, quando muito, que se empregou.
5. Precisam-se de carpinteiros.

6. Destas orações indicar a que tem sujeito composto (656; 726 e ss.):

1. O burro e a vaca todos queriam comprar.
2. Assustados e empurrados foram conduzidos para o abrigo.
3. Contadores e gerentes são considerados responsáveis.
4. Todas as segundas-feiras e sábados tiveram aula.
5. Os livros e as estantes convém vocês limpar.

7. Assinale o período correto:

a. Fazem três anos que estivemos lá. 907, n. 1.
b. Minha irmã namora com um dos meus colegas.
c. Custei a acreditar no que via. 777.
d. Ele entreteu os colegas e não previu o que ia acontecer. 431, obs.
e. Os dois cidadãos escreveram livros para a segunda e para a terceira série. 751.

8. Assinale a letra certa (484, 2; 527, n. 7) que substitui os claros do período:

Nesse campo ..... muitas teorias, algumas ..... do que outras.

a. existe – melhor
b. existem – mais bem
c. existem – melhores
d. existe – mais bem
e. existe – melhores

V – Infinitivo Pessoal

1. Assinale a pessoalização errada:

a. Anima-nos a esperança de triunfarmos. 918, 1.
b. Temos o prazer de lhe participarmos. 918, 1.
c. É pouco provável resistirem os jovens à prova. 918, 2.
d. Os maus, com se louvarem, não deixam de o ser. 918, 2.
e. Leis que se fazem para se não cumprirem. 920.

2. Assinale a pessoalização certa:

a. Deixe os meninos brincarem no campo. 925.
b. Mandei todos os que chegaram atrasados voltarem para casa. 925.
c. Vi os navios desaparecerem no horizonte. 925.
d. Não compete a vocês queixarem-se de nós. 918. 2.
e. Tinham bastante com que se ocuparem. 924.

3. Assinale a construção certa (918, 2):

a. Viam-se com frequência sucederem-se desastres.
b. Via-se com frequência suceder-se desastres.
c. Via-se com frequência sucederem-se desastres.
d. Viam-se com frequência suceder-se desastres.

W – Figuras

Assinale a letra que indica a figura existente nos seguintes períodos:

1. Eu, também me parece que as leio.

a. anacoluto – 785
b. hipérbole – 621, e
c. silepse – 766 e ss.

2. Para mim o Tietê sempre chora.

a. prosopopeia – 621, f
b. metonímia – 621, b
c. perífrase – 621, g

3. Árvores de Natal, há-as aí tantas que farão uma densa e vasta floresta.

a. pleonasmo – 784
b. prosopopeia – 621, f
c. eufemismo – 621, d

4. Uma ilusão gemia em cada canto, chorava em cada canto uma saudade.

a. sínquise – 857
b. onomatopeia – 879, n.
c. prosopopeia – 621, f

5. Gabriela e Carolina têm má língua.

a. sinédoque – 621, a
b. metonímia – 621, b
c. antonomásia – 869, nota ao pé da pág.

6. Sobre a triste Ouro Preto o ouro dos astros chove.

a. uma catacrese e um eufemismo – 621, c; 621, d
b. uma sinédoque e uma linguagem afetiva – 621, a; 622
c. um zeugma e um hibridismo – 783; 632
d. uma silepse e uma hipérbole – 766 e ss.; 621, e
e. uma silepse de gênero e uma metáfora – 766; 621, c

7. E este homem às vezes lhe fazia o vinho dano, de que el-rei tinha desprazer.

a. zeugma – 783
b. idiotismo – 786
c. anacoluto – 785
d. eufemismo – 621, d
e. semântica – 621

X – Gerúndio – 942 e ss.

1. Temos aqui seis construções em que há gerúndio. Indique dentro dos parênteses que as antecedem a letra correspondente à ideia que o gerúndio empresta à construção:

( )	1. Ele fala cantando.	a – modo
( )	2. Não quis, sendo sábio, resolver as dúvidas por si mesmo.	b – causa
( )	3. O carneiro defendia-se dizendo que...	c – concessão
( )	4. Sendo ainda novo não quis ir só.	d – condição
( )	5. Proferindo o orador estas palavras, a assembleia deu vivas.	e – tempo
( )	6. Triunfarás, querendo.	f – meio

2. Corrija:
   a. Estamos necessitados de um auxiliar sabendo escrever a máquina muito bem.
   b. Compre-me uma camisa tendo dois ou pelo menos um bolso.
   c. Venderam a casa contendo quatro quartos.
   d. Estas malas são fabricadas de plástico imitando couro.

Y – Regência e outros assuntos

1. Indique a forma correta (546, n. 4, c):
   a. Em quantos vocês são? – Somos em dez.
   b. Quantos vocês são? – Somos em dez.
   c. Quantos vocês são? – Somos dez.
   d. Em quantos vocês são? – Somos dez.
   e. Quantos vocês são? – Nós somos em dez.

2. Indique a forma correta (777; 832):
   a. O pai disse ao filho que o perdoava todas as faltas.
   b. O pai disse ao filho que lhe perdoava a todas as faltas.
   c. O pai disse ao filho que perdoava a ele de todas as faltas.
   d. O pai disse ao filho que lhe perdoava todas as faltas.
   e. O pai disse ao filho que perdoava-lhe todas as faltas.

3. Indique a forma correta (777):
   a. Venho informá-lo que nossa firma abriu falência.
   b. Venho informar-lhe que nossa firma abriu falência.
   c. Venho informar-lhe de que nossa firma abriu falência.
   d. Venho informar você que nossa firma abriu falência.
   e. Venho informar a você de que nossa firma abriu falência.

4. Indique a forma correta:
   a. Oiça, digo-te sinceramente: nunca simpatizei com ele.
   b. Oiça, digo-te sinceramente: nunca me simpatizei com ele.

c. Ouve, digo-te sinceramente: nunca simpatizei com ele.
d. Ouve, digo-lhe sinceramente: nunca me simpatizei com ele.
e. Oiça, digo-lhe sinceramente: nunca me simpatizei com ele.

5. Indique a forma correta (487):

a. Entre nós não costuma haver discussões.
b. Entre nós não costumam haver discussões.

6. Indique a forma correta (777):

a. Ajudei-lhe a ser alguém na vida, mas não lhe convido mais para nada.
b. Ajudei-o ser alguém na vida, mas não o convido mais para nada.
c. Ajudei-lhe ser alguém na vida, mas não lhe convido para nada mais.
d. Ajudei-lhe à ser alguém na vida, mas não o convido para nada mais.
e. Ajudei-o a ser alguém na vida, mas não o convido para nada mais.

7. Indique a forma correta (714):

a. Os Lusíadas consagrou Camões.
b. Os Lusíadas consagraram Camões.
c. Os Lusíadas é uma obra importante de Camões.
d. Os Lusíadas são obras importantes de Camões.
e. O Lusíadas é uma obra importante de Camões.

8. Indique a forma correta (391, 2; 405, n.):

a. Viam-se faixas com os dizeres: precisa-se de colaboradores.
b. Viam-se faixas com os dizeres: precisam-se de colaboradores.
c. Viam-se faixas com os dizeres: precisa-se colaboradores.
d. Via-se faixas com os dizeres: precisa-se colaboradores.
e. Via-se faixas com os dizeres: precisa-se de colaboradores.

9. Indique a forma correta (907, n. 2; 118, 4):

a. A conferência será daqui à dezoito dias, mas à portas fechadas.
b. A conferência será daqui a dezoito dias, mas à portas fechadas.
c. A conferência será daqui há dezoito dias, mas a portas fechadas.
d. A conferência será daqui há dezoito dias, mas à portas fechadas.
e. A conferência será daqui a dezoito dias, mas a portas fechadas.

10. Indique a forma correta (836):

a. Tinham-se revoltado os presos.
b. Tinham se revoltado os presos.
c. Tinham revoltado-se os presos.

11. Indique a forma correta (841; 116, 1; 836):

a. Teriam lhe falado a respeito desses problemas?
b. Lhe teriam falado a respeito desses problemas?
c. Ter-lhe-iam falado a respeito desses problemas?

d. Teriam falado-lhe a respeito desses problemas?
e. Teriam falado-lhe à respeito desses problemas?

12. Indique a forma correta (527, n. 7):

a. Você está mau informado sobre teu processo.
b. Você está malinformado sobre seu processo.
c. Você está mal-informado sobre seu processo.
d. Você está mal informado sobre seu processo.
e. Você está mau informado sobre seu processo.

13. Indique a forma correta:

a. Prossigai, minhas colegas, não vos detende, porque haveis de vencer.
b. Prossegui, minhas colegas, não vos detenhais, porque haveis de vencer.
c. Prossigam, minhas colegas, não se detenham, porque haveis de vencer.
d. Prossigam, minhas colegas, não se detenham, porque heis de vencer.
e. Prosseguide, minhas colegas, não vos detenhais, porque haveis de vencer.

14. Indique a letra que deve preencher os claros do período:
Não se sentava. . . mesa, nem vinha. . . sala de refeições,. . . não ser. . . segundas-feiras.

a. à, na, à, as
b. na, a, a, as
c. na, na, à, às
d. à, à, a, às
e. na, na, a, nas

15. Indique a letra que preenche o claro do período (382):
É um professor . . . . . aulas não se deve faltar.

a. cujas
b. a cujas
c. à cujas
d. às quais
e. as quais

16. Assinale a oração errada (777):

a. Aspirava a uma posição muito brilhante.
b. Chamou por um escravo.
c. O médico assiste o doente.
d. Esqueci-me o nome dele.
e. Esqueceu-se o nome dele.

17. Assinale a letra certa:

a. Não sei se o vi porque não o conheço.
b. Não sei se lhe vi porque não o conheço.
c. Não sei se lhe vi porque não lhe conheço.
d. Não sei se o vi porque não lhe conheço.

18. Assinale a letra certa (276, 4):

a. Prefiro mais ler do que ouvir.
b. Prefiro ler mais do que ouvir.
c. Prefiro ler antes que ouvir.
d. Antes prefiro ler do que ouvir.
e. Prefiro ler a ouvir.

19. Se houver, assinale o período ou os períodos corretamente redigidos (345, 3; 377, n. 1; 382):

a. Não compreendi o que ele se refere na carta.
b. Este é o aluno que o professor deu nota baixa.
c. Aqui está o livro que me referi ontem.
d. Preciso de um chefe cujas ordens todos obedeçam.
e. Recife foi a primeira cidade que o navio atracou.

20. Assinale a letra que deve preencher os claros do período (712, n. 2; 276.4):

Quem ..... seus inimigos? Uns ..... que preferiam fugir ..... enfrentar a luta.

a.	eram	pobres diabos	o que
b.	eram	pobre-diabos	do que
c.	era	pobres diabos	que
d.	eram	pobres diabos	que
e.	eram	pobres diabos	a

21. "Quando lhe retiraram os sapatos. . ."

O verbo é:

a. transitivo direto
b. transitivo indireto
c. transitivo direto-indireto
d. intransitivo
e. de ligação

22. Não sei *onde* estás.

A palavra grifada é:

a. advérbio de lugar
b. pronome demonstrativo
c. advérbio interrogativo
d. pronome indefinido
e. conjunção coordenativa

Z – Colocação

1. Assinale a letra que deve preencher os claros do período:

Quanto ..... se ..... no pouco que ..... !

a.	alegrar-nos-íamos	atendêsseis-nos	solicitamos-vos
b.	alegraríamo-nos	atendêsseis-nos	solicitamos-vos
c.	alegrar-nos-íamos	nos atendêsseis	solicitamos-vos
d.	nos alegraríamos	atendêsseis-nos	vos solicitamos
e.	nos alegraríamos	nos atendêsseis	vos solicitamos

2. Assinale o período que traz a mais perfeita ordem direta (791):

a. Um senhor piedoso despiu o seu próprio paletó para sustentar a cabeça do menino.
b. Para lhe sustentar a cabeça, um senhor piedoso despiu o paletó de Dario.
c. Para sustentar a cabeça do menino, um senhor piedoso despiu o seu próprio paletó.
d. O seu próprio paletó um senhor piedoso despiu para sustentar a cabeça do menino.
e. Para sustentar a cabeça do menino, despiu o seu próprio paletó um senhor piedoso.
f. Um senhor piedoso, para sustentar a cabeça do menino, despiu o seu próprio paletó.

3. Assinale a letra que preenche o claro da oração (841):

. . . . . proveito esse procedimento?

a. Trazer-lhe-á
b. lhe trará
c. Trar-lhe-á
d. Trará-lhe

4. Assinale a letra que completa a interrogação (841; 121, 1; 321, 322):

a. Devolver-nos-la-ão?
b. No-la devolverão?
c. Devolver-no-la-ão?
d. Devolverão-nos-la?
e. devolverão-no-la?

A BALADA DA NEVE, de Augusto Gil

1. Batem leve, levemente
2. Como quem chama por mim...
3. Será chuva? Será gente?
4. Gente não é certamente
5. E a chuva não bate assim.
6. É talvez a ventania;
7. Mas há pouco, há poucochinho,
8. Nem uma agulha bulia
9. Na quieta melancolia
10. Dos pinheiros do caminho...
11. Quem bate assim levemente,
12. Com tão estranha leveza,
13. Que mal se ouve, mal se sente?...
14. Não é chuva, nem é gente,
15. Nem é vento com certeza
16. Fui ver. A neve caía
17. Do azul cinzento do céu
18. Branca e leve, branca e fria...
19. Há quanto tempo eu a não via!
20. E que saudade, Deus
21. Olho-a através da vidraça,
22. Pôs tudo da cor do linho.
23. Passa gente e, quando passa,
24. Os passos imprime e traça
25. Na brancura do caminho...
26. Fico olhando esses sinais
27. Da pobre gente que avança,
28. E noto, por entre os mais,

29. Os traços miniaturais
30. Duns pezitos de criança...
31. E descalcinhos, doridos...
32. A neve deixa inda vê-los,
33. Primeiro bem definidos,
34. Depois em sulcos compridos,
35. Porque não podia erguê-los!
36. Que quem já é pecador
37. Sofra tormentos, enfim!
38. Mas se crianças, Senhor,
39. Por que lhes dais tanta dor?
40. Por que padecem assim?
41. E uma infinita tristeza,
42. Uma funda turbação
43. Entra em mim, fica em mim presa.
44. Cai neve na natureza...
45. E cai no meu coração!

Luar de janeiro, pp. 25/27
Lisboa, 1909

1. Dar a classe das palavras:

a. leve (verso 1) – 351; 537, n. 2
b. que (v. 13) – 586
c. mal (v. 13) – 527, n. 7

2. Dar o sujeito de "batem leve, levemente" (v. 1) – 657, a

3. Dar a função sintática de:

a. os passos (v. 24)
b. miniaturais (v. 29)
c. tormentos (v. 37)

4. Dar a classificação destas subordinadas:

a. que mal se ouve (v. 13) – 586
b. que sofra tormentos, enfim (vv. 36, 37) – 584, n. 2 ao pé da pág.

5. Dar um adjetivo erudito, cognato de (623 – 354):

a. neve
b. frio
c. dor
d. coração

6. a. Com relação ao número de sílabas, como se chamam os versos dessa poesia? – 1004
b. Em que sílaba cai obrigatoriamente o acento? – 1006
c. Com relação ao número de versos, como se chamam as estrofes? – 1009

7. Com relação à rima, que dizer de:

a. mim (v. 2), assim (v. 5) – 1011, c
b. céu (v. 17), meu (v. 20) – 1011, a

8. Mudando a consoante inicial destas palavras por uma oclusiva bilabial surda e por uma constritiva lateral sonora alveolar, respectivamente, teremos:

a. linho – . . . . . – 60
b. será – . . . . . – 60

9. Pôr no futuro do presente os versos:

a. Olho-a através da vidraça (v. 21) – 825, 4 – 841

b. Por que lhes dais tanta dor (v. 39) - 463, 4

10. Passe para a passiva "Eu a não via" (v.19) – 390

11. Dar o imperativo positivo destes verbos, nas pessoas pedidas entre parênteses:

a. ouvir (1ª do pl.) – 465, 2

b. ver (2ª do pl.) – 463, 14

c. erguê-los (2ª do sing.) – 449; 825, 1

12. Dizer como se chama o recurso de expressão existente nos versos 23 e 24 (879, n.):

*Pa*ssa gente e, quando *pa*ssa,
os *pa*ssos imprime e traça.

13. Especificar o fenômeno operado na formação destas palavras:

a. descalcinhos – 625

b. vidraça – 626

c. inquieta – 626

d. passatempo – 633; 226, 3º caso

14. Assinale a afirmativa errada (1003 e ss.):

a. A rima só pode existir na poesia.

b. Os versos alexandrinos têm doze sílabas.

c. Escandir é separar as sílabas de um verso.

d. O soneto tem catorze versos, distribuídos em dois quartetos e dois tercetos.

e. A letra *c* está errada.

SINOPSE DA GRAMÁTICA METÓDICA

(números indicam parágrafos)

- GRAMÁTICA (Noções Gerais – 1)
  - Fonética – 25
    - alfabeto – em geral – 29
    - vogais – 41
    - consoantes – 55
    - prosódia
      - acentuação – 95
      - metaplasmos – 110
    - ortografia – 127
  - Morfologia – 150
    - substantivo
      - classificação – 164
      - flexão genérica – 180
      - flexão numérica – 212
      - flexão gradual – 235
    - artigo – 243
    - adjetivo
      - noções gerais – 247
      - flexão
        - genérica
        - numérica
        - – 255
        - gradual – 262
    - numeral – 280
    - pronome
      - pessoal – 308
      - possessivo – 327
      - demonstrativo – 340
      - indefinido – 349
      - interrogativo – 365
      - relativo – 371
      - "se" – 400
    - verbo
      - quanto à predicação – 297
      - quanto à voz – 386
      - quanto à flexão – 412
        - auxiliares – 425
        - regulares – 433
        - irregulares – 458
        - anômalos – 475
        - defectivos – 479
        - impessoais – 480
        - abundantes – 494
      - quanto à significação – 502
      - locução verbal – 513
    - advérbio – 522
    - preposição – 541
    - conjunção (noções gerais) – 556
      - coordenativas – 570
      - subordinativas – 580
    - interjeição – 595
  - Etimologia – 610
  - Sintaxe – 636
    - oração (análise sintática)
      - sujeito – 648
      - predicado – 661
      - complemento – 674
      - adjunto – 690
      - aposto – 699
      - vocativo – 701
    - processos sintáticos
      - concordância
        - verbal – 706
        - nominal – 745
        - figurada – 766
      - regência
        - regular – 773
        - figurada – 780
      - colocação
        - regular
          - em geral – 790
          - dos oblíquos – 818
        - figurada – 853
    - vícios de linguagem – 866
    - período gramatical (análise) – 885
    - particularidades sintáticas
      - infinitivo pessoal – 915
      - particípio e gerúndio – 933
    - pontuação – 947
  - APÊNDICE LITERÁRIO
    - prosa – 980
    - verso – 1000

500 EXERCÍCIOS SUPLEMENTARES

3 300 VERBETES DE ÍNDICE ANALÍTICO

REFERÊNCIAS

ACRE

RIO BRANCO – Esse livro maravilhoso me entusiasmou e me incentivou a continuar lecionando a língua de minha pátria (Olzaíra da Paz Barros).

ALAGOAS

MACEIÓ – No ensejo desta carta mister se faz, grande Mestre, salientar-lhe a minha admiração pela sua cultura e extraordinária capacidade de trabalho, fotografadas, bem ao vivo, nas notas de suas Antologias Remissivas, que vão encontrar explicações precisas nesse magnífico trabalho que é a sua GRAMÁTICA METÓDICA DA LÍNGUA PORTUGUESA. Perlustro-as de contínuo e nelas tenho aprendido muita coisa boa. Se lhe fora dizer, em torno das suas obras, tudo o que desejara, então seria preciso escrever-lhe muitas tiras de papel. Fico contente em lhe dizendo por agora: o senhor está prestando uma magnífica e real colaboração ao professorado nacional; e ainda: é grande a minha admiração pela sua bela cultura e irrequieta capacidade de trabalho (Graça Leite).

MACEIÓ – ...ao incomparável, ao magnífico gramático e mestre que é essa figura conhecidíssima e admirada pelo talento e desejo de servir a juventude brasileira, o preclaro Napoleão Mendes de Almeida (Antônio Nonô).

MACEIÓ – O professor Napoleão Mendes de Almeida revela o maior devotamento à cultura da língua vernácula; a excelência do seu plano didático é manifestada através da distribuição racional dos assuntos (José Cajueiro).

MACEIÓ – A sua gramática é a mais aceita pelos estudantes alagoanos (Alvandir Oliveira Dantas).

ARAPIRACA – Diante dos princípios de latim como base da Metódica, consideramos o professor Napoleão Mendes de Almeida a maior autoridade gramatical do país (José Ventura Filho).

PILAR – V. Sa., caro Mestre, pode orgulhar-se de ser autor das melhores obras didáticas que conheço. Sabe, como nenhum outro filólogo, e de maneira brilhante, aliar a simplicidade e a clareza à profundidade (Enoch Cavalcanti de Barros).

AMAZONAS

MANAUS – Sua GRAMÁTICA METÓDICA é um repositório de ensinamentos conscientes e proveitosos dos meandros de nossa língua, que deve ter como preciosos guias as mui bem organizadas Antologias Remissivas que apresentam o problema linguístico, remetem o estudante para uma consulta segura e consolidadora de conhecimentos ao farto e prefalado repositório. Os próprios "ratos de ministério" o revelaram involuntariamente um famosíssimo e mais do que poderoso "angorá", que os desbaratou e venceu com a sua nova edição de sua METÓDICA, que representa uma grande vitória no campo da didática renovadora (João Chrysostomo de Oliveira).

MANAUS – Suas obras estão sendo adotadas por diversos professores, e eu sou um deles. Os alunos muito têm aproveitado com as suas lições, que são realmente metódicas (Herbert Palhano).

BAHIA

SALVADOR – Adotei sua gramática no Seminário Central (Mons. Ápio Silva).

SALVADOR – Resolvemos telegrafar à Editora para que nos remeta 250 gramáticas (Irmão Cirilo).

SALVADOR – Sou prefeito dos internos e professor de latim do Colégio Vieira. Vim da Itália há catorze meses. Mal chegado, precipitei-me no estudo da língua portuguesa mas, mergulhando cada dia mais no mar gramatical, desconfiei e enfim acreditei que nada aproveitaria. Um dia, porém, falando com um padre do colégio, descobri a GRAMÁTICA METÓDICA. O padre ma ofereceu. Mergulhei de novo no mar gramatical, mas com satisfação, com verdadeiro gosto, e fiquei encantado com tanta erudição e simplicidade e especialmente com tanta clareza de exposição, como só podia ter quem estudou e se dedicou ao ensino com a paixão de um apóstolo (Pe. João Dell'Anna).

SALVADOR – Aqui há um padre, que leciona no Colégio Antonio Vieira, que mostra sempre um júbilo cordial quando afirma que a sua gramática portuguesa superou e derrubou a fama privilegiada de Carlos Pereira como o melhor gramático brasileiro (Pe. Carlos Bresciani).

SALVADOR – Há muito desejava encontrar uma gramática como a sua (Fr. Basílio de Alagoinhas).

SALVADOR – Sua GRAMÁTICA METÓDICA sempre teve de minha parte a melhor acolhida; desconheço outra que ensine melhor o nosso idioma. O mesmo digo de sua GRAMÁTICA LATINA. A METÓDICA é o primeiro livro que indico aos meus alunos, quer de primeiro grau, quer de segundo, quer do Curso de Oficiais da Polícia Militar (Aristides Fraga Lima).

SALVADOR – Já comuniquei a todos os colégios em que leciono que os livros adotados são os do Prof. Napoleão (Benjamim Câmara da Silva).

SALVADOR – A METÓDICA do Prof. Napoleão deve ser adquirida, lida, relida, anotada, aprendida (Fernando Ramos, *Jornal da Cidade*).

ALAGOINHAS – Li, encantado e atentamente, os seus magistrais livros, sem nenhum favor os melhores e mais completos até agora publicados (Antonio José Pimentel).

JEQUIÉ – Confesso que com o estudo de algumas lições da GRAMÁTICA METÓDICA consegui aprovação no concurso do Banco da Bahia; logrei nessa disciplina o primeiro lugar. Trata-se de trabalho consciencioso, que dá ao aluno segurança, dada a facilidade com que os assuntos são explanados, sempre em linguagem clara e precisa (Álvaro Ricardo de Melo Gouveia Veiga).

JUAZEIRO – ...pelo primor que é a sua METÓDICA, que vivo a folhear e a que não poupo elogios por considerá-la a mais atualizada de quantas conheço (Benedito F. de Araújo).

CEARÁ

FORTALEZA – As novas edições confirmam a excelência de sua gramática, que tem sobrevivido impávida às vicissitudes do tempo e aos desmandos do nosso sistema de ensino (Pe. Alípio R. Santiago de Oliveira).

FORTALEZA – Há escritores de ótima linhagem que merecem a admiração e o reconhecimento da coletividade, pelos benefícios inestimáveis que lhe prestam, através de trabalhos valiosos, úteis, indestrutíveis. É o que ocorre com o Prof. Napoleão Mendes de Almeida, notável filólogo patrício, um dos melhores mestres e dos maiores gramáticos nacionais. O seu prestígio, entre o professorado, em terras brasílicas é imenso; está cimentado, consolidado, plenamente, de todos os lados.

Quero, neste ensejo, render ao consagrado Mestre as sinceras homenagens da minha amizade e consideração pelo que já fez, vem fazendo e continuará a fazer em obséquio dos que se interessam pelo aprendizado correto, firme, duradouro da língua portuguesa.

Tenho a satisfação de cumprir este dever precípuo, qual o de aconselhar aos colegas de magistério, aos amigos, aos meus alunos o estudo atento, continuado da GRAMÁTICA METÓDICA DA LÍNGUA PORTUGUESA. Todos os livros que lhe saem do cérebro luminoso e da pena amestrada são de uma clareza solar impressionante. A METÓDICA já devia ter sido premiada como obra didática insuperável; a ANTOLOGIA REMISSIVA é indispensável na boa e segura orientação dos ginasianos (Antonio Soares, *Unitário*).

FORTALEZA – O Prof. Napoleão Mendes de Almeida, longe de ser repetidor do que já foi dito por aí a fora de todos os modos, é expositor claro e seguro, explana a matéria com clarividência e simplicidade, pondo-a ao alcance de qualquer espírito, por mais destituído que seja de inteligência (Carlyle Martins).

FORTALEZA – Apraz-me comunicar-lhe que a sua insubstituível GRAMÁTICA METÓDICA foi adotada em nossa Escola Apostólica. Tanta propaganda fiz, com justeza e verdade, que ora me sinto satisfeito e plenamente confortado, sabendo que os nossos alunos vão ter um manual que os vai levar, de manso e com segurança absoluta, ao conhecimento e prática da nossa língua (Pe. Rinaldo Guimarães da Silva).

FORTALEZA – Não há palavra para definir toda uma vida dedicada ao ensino, à elaboração de duas gramáticas, uma de português outra de latim, ambas modelares, e à direção de um curso de redação por correspondência (Paulo Peroba).

BATURITÉ – Parabéns pela edição enriquecida da excelente e nunca assaz louvada METÓDICA, já na casa dos 500 mil exemplares. É a preferência do público, ansioso por algo que satisfaça. Sempre o considerei um herói autêntico e agora mais ainda, diante do êxito inaudito de seus livros didáticos. O amigo é um Hércules, na sua faina de limpar as estrebarias do rei Augias (Aires de Montalbo).

IPU – Há quase um ano conheci e li, pela primeira vez, sua excelente GRAMÁTICA METÓDICA; tornei-me logo tão entusiasta dela que a adotei na Escola Rural desta cidade e nos cursos particulares que mantenho (Moacir Timbó).

VIÇOSA DO CEARÁ – Não só para mim, mas para todos os mestres a METÓDICA foi uma revelação (Ir. Antoinette Bissa).

DISTRITO FEDERAL

BRASÍLIA – Sou aluno da Faculdade de Letras da Universidade de Brasília, e aqui venho para confessar-lhe meu profundo agradecimento ao que me tem feito com a sua GRAMÁTICA METÓDICA; quem quiser aprender nosso idioma tem nela um *vade mecum* seguro; só lamento não ter tido conhecimento dela há mais tempo (João Passos Bacelar).

BRASÍLIA – Desde que comecei a estudar pela GRAMÁTICA METÓDICA tenho sentido uma vontade enorme de levar avante o meu aprendizado. Os outros autores se preocupam apenas em escrever livros, dizendo sempre a mesma coisa; o senhor é diferente (Ciléia Barreto da Silva).

BRASÍLIA – De há muito venho adotando a METÓDICA em meus cursos e recomendando a quantos me pedem uma indicação (Jorge Manuel Azevedo).

ESPÍRITO SANTO

VITÓRIA – Um padre, meu colega, disse-me que na universidade daqui, que ele frequenta, foi indicada a sua gramática como a melhor do Brasil; eu me permito acrescentar que tal juízo pode abranger também Portugal (Pe. Caetano Oricchio, S.J.).

VITÓRIA – Causa-me admiração encontrar estudantes que não tenham conhecimento da sua gramática, que eu considero "solução" no aprendizado da língua pátria (José Bonifácio Parmagnani).

VITÓRIA – Professores e alunos encontram, nesse magnífico trabalho, solução para todos os problemas da língua (Mesquita Neto, *A Gazeta*).

IBIRASSU – Adotei a sua METÓDICA e a ANTOLOGIA REMISSIVA; estamos, superiores e alunos, supersatisfeitos (Pe. Carlos Furbetta).

SÃO MATEUS – Manuseei várias gramáticas. Nenhuma me agradou. Estou convencido de que somente a METÓDICA dará aos nossos seminaristas um curso profundo e completo de português (Pe. Pedro Fossi).

GOIÁS

GOIÂNIA – Adotamos a sua magnífica e inigualável METÓDICA em todas as nossas classes secundárias (Múcio de Melo Álvares).

GOIÂNIA – A sua gramática é tão usada como o meu Breviário; nela encontro coerência e segurança, sem nenhum pedantismo (Pe. Geraldo Pompeu de Campos).

GOIÂNIA – Na realidade, será difícil encontrar trabalho mais pedagógico (Pe. José Balestieri).

BURITI ALEGRE – Tanto mais aprecio sua gramática quanto mais dela vou tomando conhecimento; acho original e completo seu modo de ensinar (Pe. João Botelho).

MARANHÃO

SÃO LUÍS – Nenhum valor teriam as palavras deste humilde estudante não fosse a sinceridade com que as escrevo e o desejo incontido de expressar-lhe o meu reconhecimento e admiração ao seu método (José de Ribamar Muniz Pinto).

SÃO LUÍS – ...gramáticas como, por exemplo, as de Napoleão Mendes de Almeida, o mais competente, o mais erudito, o mais completo professor de português entre quantos até hoje conheci (Amaral Raposo, *Jornal do Dia*).

MATO GROSSO

CORUMBÁ – É uma grande gramática, superior a todas as que têm passado por minhas mãos. Sobre ela tenho tecido, em minhas aulas, os mais sinceros elogios. A primeira gramática que recebi este ano foi a do Prof. Almeida Torres, trabalho de afogadilho, sem nenhum objetivo didático, uma autêntica prova de interesse comercial, e nada mais. Com o recebimento de sua METÓDICA estou habilitado a fazer uma judiciosa indicação, pelos mesmos motivos que recomendaram as edições precedentes (Alexandrino dos Santos Mauro).

CORUMBÁ – Seus ótimos livros de português irão auxiliar-nos muitíssimo na árdua missão de ensinar. Pediremos ao Supremo Doador de todas as graças faça cair sobre o boníssimo professor Napoleão as suas escolhidas bênçãos e lhe outorgue muitos anos de existência para que possa, por meio da pena, continuar a espalhar suas luzes pelo nosso amado Brasil (Ir. Bartira Constança Gardès e Ir. Maria de Lourdes Maganhato).

CORUMBÁ – Melhor gramática seria impossível colocar nas mãos de nossas futuras mestras, obra realmente metódica, completa, clara, despida de inúteis citações de clássicos, tão abundantes em autores que mais parecem querer mostrar erudição do que ensinar (Ir. Clara Magalhães de Siqueira).

CAMPO GRANDE – Suas obras estão acima de qualquer comentário; se aventuro uma frase de apreciação é apenas para recomendá-las aos ilustres colegas e alunos de todo o Brasil (Adair José de Aguiar).

CAMPO GRANDE – ...o seu compêndio aparece tal qual um céu estrelado depois de uma tempestade (José Everaldo da Silva).

PONTA PORÃ – Tendo por companheira inseparável sua GRAMÁTICA METÓDICA desde os tempos de ginásio, tenho-a hoje, na qualidade de professor de português do ginásio estadual desta cidade, como base para as minhas aulas (Sílvio Félix de Oliveira).

MINAS GERAIS

CARAÇA – Ótima a sua gramática. Nela se encontram, a par da doutrina geral, aliás muito clara e distribuída com muito método, notas explicativas e matéria de que outros gramáticos não cogitam (Pe. Antônio da Cruz).

B. HORIZONTE – De tal sorte nos caiu em graça que, havendo de adquirir algumas dezenas de gramáticas como prêmio e fecho de um curso de aperfeiçoamento, a fim de assegurar aos aperfeiçoandos estímulo e meio para continuarem o estudo da língua, optamos por ela, com aplauso dos interessados (Mário Casasanta).

B. HORIZONTE – Sou um dos atuais diretores do Curso Champagnat, onde leciono português. Adotamos seus dois livros, a insuperável METÓDICA e a utilíssima GRAMÁTICA LATINA (Delson Gonçalves Ferreira).

B. HORIZONTE – Na minha opinião de velho professor de português e de latim e de ex-aluno do Caraça não há, no Brasil nem em Portugal, trabalho congênere que se possa equiparar à METÓDICA (Antônio Augusto da Costa Leite).

B. HORIZONTE – Confesso desconhecer outra gramática que à sua se compare no que diz respeito à clareza, ao método, que é original, e, sobretudo, à eficiência (J. G. de Almeida).

B. HORIZONTE – Sou seminarista da congregação do Verbo Divino e nós estudamos português há quatro anos na sua GRAMÁTICA METÓDICA e na ANTOLOGIA REMISSIVA. Desde que conheci suas obras sinto-me orgulhoso de ser patrício de um professor como o senhor (Gilberto Antonio Martins Veloso).

B. HORIZONTE – Há muitos anos venho adotando com o mais completo êxito a sua admirável e nunca assaz louvada METÓDICA. Meu maior prazer é quando antigos alunos, que conseguiram com brilho vencer em algum concurso, vêm procurar-me para dar conta de como se houveram; e todos, unânimes, atribuem à sua gramática o êxito. Fiz-me paladino, aqui em Belo Horizonte, da METÓDICA. Outro dia, um colega de magistério, distinto engenheiro que rege a cadeira de física em nosso ginásio, pediu-me que lhe indicasse uma boa gramática. Disse-lhe que boas havia muitas, mas que a melhor era a METÓDICA; dois dias depois o professor veio dizer-me do seu espanto e admiração. "Se quando concluí o ginásio e o científico tivesse em mãos tal gramática, não estaria hoje, como realmente estou, em tão deplorável situação quanto ao idioma pátrio" (Tássilo Orpheu Spalding).

ANTÔNIO CARLOS – O senhor professor nem pode imaginar o entusiasmo e o interesse dos alunos pela METÓDICA. Tanto que, no dia em que a adotamos, os alunos amontoaram os exemplares todos da Moderna Gramática Expositiva, antes adotada, e lhes atearam fogo. O ato talvez não conviesse a seminaristas, mas estudante é estudante (Pe. Santo Conterato).

BARROSO – No colégio em que estudo aboliram as demais, pondo em uso absoluto e exclusivo a sua, por ser dentre todas a mais completa não só para o estudante como também para todos os mestres (José Geraldo de Sousa).

CARATINGA – Não me abstenho de confessar-lhe que seu trabalho é joia de quilate inestimável, ouro de lei, porque representa a erudição do filólogo no ourives do mestre (Francisco dos Reis Alves).

CONGONHAS – ...pela elaboração realmente metódica dessa gramática, que tanto facilita o aprendizado de nossa querida língua portuguesa. Conhecida que se tornou essa gramática, propus, com outros colegas, a sua adoção em nosso seminário como compêndio de português (Pe. Mário Ferreira Gonçalves).

CONSELHEIRO LAFAIETE – Continuamos a adotá-la, pois continua sendo sempre a mais apreciada (Ir. Maria Henriqueta Marques).

ELÓI MENDES – Estou convencido de que a GRAMÁTICA METÓDICA é a melhor gramática do idioma português (João Alves Pereira Penha).

GOVERNADOR VALADARES — ...é grande a minha estima ao senhor dado o que tenho aprendido por meio de sua gramática (Gentil Martins Peres).

JUIZ DE FORA – Onde quer que se me depare ocasião, não deixo de recomendar a sua gramática, pois é a melhor e a mais atualizada (Pe. José Wisniewski Filho).

JUIZ DE FORA – Como tenho aprendido! Desnecessário dizer-lhe que vou adotá-la no Colégio São José (Leo Caldas Renault).

LUZ – A todos quantos apresento a METÓDICA tem sido impossível reprimir a admiração e, até, o espanto diante de tanta clareza, método e didática (Cl. José Augusto).

MADRE DE DEUS DE MINAS – Lecionando no ginásio estadual, procurei uma gramática que pudesse atender minha vontade de ensinar; após consultas e mais consultas, caiu-me às mãos a sua, o melhor trabalho que fiquei conhecendo sobre a nossa língua (Glacy Camargo Secco).

MANHUMIRIM – ...sua GRAMÁTICA METÓDICA, insuperável pela didática e clareza (Frater José Herval).

OURO FINO – Já o conheço através de sua extraordinária GRAMÁTICA METÓDICA, adotada em nosso seminário (Fr. Leopoldo Maria).

PASSA QUATRO – ...sua METÓDICA, que desde 1955 estamos adotando em nosso Seminário S. José, em Conceição do Rio Verde (Pe. Carlos).

PASSOS – Se as edições anteriores a haviam consagrado como a mais útil e didática, a presente só poderá confirmar esse conceito (Francisco Soares de Melo).

PIRAPORA – Tenho adotado sempre nos estabelecimentos em que leciono a sua excelente GRAMÁTICA METÓDICA (Carlos Nunes Lopes).

POÇOS DE CALDAS – Comparando as edições, noto que sempre muitas coisas são carreadas para as edições novas. Sempre fui incondicional seguidor de seu método, com reais benefícios para os alunos, desde que comecei a lecionar; de outro não me valho, tanto pela clareza quanto pela simplicidade tão cara aos mestres e aos discípulos. Qual o proveito de apontar erros sem dar o certo, de abrir sulcos na terra sem nada plantar? Os fãs da linguística são incapazes de apresentar uma gramática como a sua, à maneira de Brunot, Saussure, Delacroix e tantos outros! (Edmundo Cardillo).

POÇOS DE CALDAS – A grande preferência atesta-lhe o valor inigualável do método pedagógico, insuperável quanto à simplicidade e à clareza na exposição integral dos fatos gramaticais (Jesus Bernardino da Costa, *Diário de Poços de Caldas*).

POÇOS DE CALDAS – ...pude capacitar-me do valor do seu trabalho. É a METÓDICA um desses livros que aparecem raramente. Creia-me de agora em diante uma propagandista de seus livros (Ir. Maria Antonieta).

PONTE NOVA – ...para encaminhar à Editora o nosso pedido de 150 exemplares da METÓDICA, que adotamos no seminário (Leonel Mariano, Salesiano).

RIO POMBA – Adotei a sua gramática, certa de que minhas alunas nela encontrarão ensino sempre seguro (Madre Michelina Cremonei).

RIO POMBA – Resolvi adotar os seus livros de português e de latim, os quais possuem todas as características, eficientes e indispensáveis, para um bom aproveitamento (Wilson José de Melo).

SABARÁ – ...um admirador de tudo quanto o ilustre e estimado Mestre tem publicado em prol do ensino. Bendigo o extraordinário acolhimento que vem obtendo nas escolas a METÓDICA, a REMISSIVA e a sua valiosíssima GRAMÁTICA LATINA (Padre Pedro Alcântara).

SANTOS DUMONT – Incontestavelmente a sua gramática é a mais apropriada para os seminários, onde se deve aprender "non scholae sed vitae". O senhor é um dos maiores benfeitores dos alunos e professores de nossa pátria. Só Deus sabe quanto bem já trouxe e ainda há de trazer esse seu precioso e simpático livro (Pe. Frei Inácio Dresch).

SÃO GOTARDO – As alunas gostam de estudar pela METÓDICA os assuntos ventilados e explicados durante as aulas. Lamento ter conhecido esse tesouro tão tarde em minha vida (Ir. Maria Branca).

SÃO JOÃO DEL REI – ...sua GRAMÁTICA METÓDICA. Excelente! Ótima! Parabéns, efusivos e sinceros parabéns! (José Américo da Costa).

SÃO SEBASTIÃO DO PARAÍSO – Cada vez que leio algo de sua autoria sinto-me mais amigo e admirador seu (Pe. Antonio Glugoski).

TRÊS CORAÇÕES – Quero afiançar-lhe que sua gramática continua a merecer minha preferência. Adotei-a sempre: no Seminário Diocesano de Campanha, no Colégio Três Corações e atualmente na Escola de Sargentos das Armas. A meu ver, é a justiça ao mérito! (Pe. José Maria Ferreira Maciel).

UBERABA – ...pela publicação de sua nova edição, uma vez que a sua gramática, tão rica em regras simples e claras, tão abundante em exemplos, não encontrou outra que a substituísse (Ir. Maria Celestia).

PARAÍBA

JOÃO PESSOA – Sou uma das grandes admiradoras de sua GRAMÁTICA METÓDICA pela completa e clara exposição da matéria (Madre M. Elisabeth).

LAGOA SECA, Noviciado Marista – A METÓDICA é um professor que esclarece prontamente qualquer dúvida. Das muitas gramáticas que conheço, é a sua, sem favor nenhum, a *prima inter pares*. (Ir. Osvaldo Lúcio).

PARANÁ

CURITIBA – Após dois anos de aulas com a METÓDICA meus alunos se tornaram irreconhecíveis; no vestibular três deles alcançaram os três primeiros lugares sem que tivessem frequentado cursinho algum. A um deles, com quem havia feito minuciosa revisão da METÓDICA, o reitor concedeu bolsa de estudo, tal o seu excepcional desempenho (Virgílio Josué Balestro).

CURITIBA – O Prof. Napoleão Mendes de Almeida é guia e mestre que lançou alicerces à grande obra histórica, crítica, literária e didática da gramática portuguesa; afirmou-se como expositor pedagógico de fatos e de ideias simples e intuitivo, um libertador vernaculista espiritual das graves regras conservadoras. A GRAMÁTICA METÓDICA interessa essencialmente todos aqueles que se ocupam com tornar resolvidas antigas querelas como o infinitivo pessoal, a colocação dos pronomes oblíquos e outras questões escabrosas, certeiramente caraterizadas e julgadas com sinceridade. O autor tem, por suas lúcidas exposições, o método que falta às congêneres gramáticas. Nenhum livro, mais nítida e lucidamente, como a GRAMÁTICA METÓDICA pode transmitir-nos essa verdade sem elipses nem contornos ornamentais (Jaime Balão Júnior).

CURITIBA – Tenho como livros de cabeceira as obras do ilustre e original mestre paulista: GRAMÁTICA METÓDICA DA LÍNGUA PORTUGUESA e GRAMÁTICA LATINA. Sou propagandista tão entusiasmado que quase orça pelo fanatismo (Elemer Hasse).

CURITIBA – Sou professora de português do Ginásio Estadual Presidente Lamenha Lins. Sua GRAMÁTICA METÓDICA é uma beleza! De agora em diante o senhor será o meu guia e o dos meus alunos (Maria Ferrer da Rosa Cunha).

ENGENHEIRO GUTIERREZ – As novas edições são uma confirmação de ser a sua gramática a melhor obra no gênero; colegas, alunos e eu já de anos a temos por insubstituível aqui (Pe. Frei Rufino Sousa).

PALMAS – Tenho várias gramáticas... até que um dia um colega meu me cedeu a sua METÓDICA. Foi então que percebi que os problemas que eram antes incompreensíveis se tornavam fáceis, graças às suas excelentes explicações; o senhor está realmente empenhado em fazer com que todos os brasileiros saibam verdadeiramente falar com correção o nosso idioma (Décio Franzener).

PIRAQUARA – Em todos os lugares deixo o meu exemplar; o último que comprei vou deixar agora com as reverendíssimas irmãs; faço assim propaganda da mais completa e mais didática gramática portuguesa (Fr. Câncio Berri).

PONTA GROSSA – Deseja V. Sa. saber a opinião do meu esposo, professor Meiras, relativa a sua gramática? Tanto a sua obra, como a do Prof. S. Bueno e a de C. Jucá ele as leu vagarosamente: adotou a sua. – Não é preciso dizer mais nada (Eleonora Amaral de Angelis).

PONTA GROSSA – Adoto sua GRAMÁTICA METÓDICA há vários anos; quer por sua logicidade, quer por sua clareza, sou-lhe sua devotada (Glacy Camargo Secco).

PERNAMBUCO

RECIFE, Seminário Cristo Rei – Quero na presente carta significar-lhe a minha admiração, os mais calorosos encômios pela feliz realização dessa obra pedagógica de alto valor. Não é intenção ferir-lhe a modéstia ao dirigir-lhe os elogios dos quais sua ilustre pessoa é merecedora. Em minhas palavras, aqui escritas, domina um só pensamento: prestar honra ao mérito. Em toda a sua obra, fruto de largos conhecimentos linguísticos, produto de um mestre aprimorado, reflexo de uma inteligência lúcida, pude observar a tão perfeita coordenação das lições, a clareza meridiana ao expor os enigmas da língua; ouso afirmar ser o senhor mestre sem igual, incomparável pedagogo, profundo psicólogo (Pe. João Batista Lippo Netto).

RECIFE – ...autor da GRAMÁTICA METÓDICA, que o brilhante filólogo Prof. Olímpio Magalhães considera, com razão, a melhor gramática expositiva da língua portuguesa, pela quantidade de questões nela tratadas. Possuímos a METÓDICA e recomendamo-la, iterativamente, aos nossos alunos. O notável mestre paulista escreveu obra imorredoura que só mui dificilmente poderá ser superada, pois é a gramática mais completa que conhecemos, não só quanto à profundidade, senão também quanto à extensão e variedade dos assuntos tratados (Adauto Pontes).

RECIFE – Não há dúvida que o seu trabalho preenche, com singular sabedoria, uma lacuna depois do advento da nomenclatura gramatical brasileira, quando certos gramáticos pretendem, vãmente, impingir certos tipos de gramática que constituem autênticas mutilações da língua vernácula (Charles Mendonça).

RECIFE – Sem querer praticar a famulagem, e mirando antes de tudo a justiça, afirmo com o douto professor Adauto Pontes, de Recife: "O notável mestre paulista escreveu obra imorredoura que só mui dificilmente poderá ser superada" (Benedito F. de Araújo).

RECIFE – Adotei sua gramática em todas as séries do segundo grau, assim como a REMISSIVA. Fi-lo com a convicção de servir aos meus alunos da melhor maneira possível (Hulmo Passos).

RECIFE – Sou estudante e, movida não sei por que liberdade, venho dizer-lhe que encontro na sua gramática o que não se vê em livros similares: riqueza de conhecimentos e domínio didático (Lucena Lima).

CARUARU – Sua gramática é tão completa e tão clara que ela se tornou minha companheira indispensável. Só um apóstolo do idioma podia tê-la redigido (Lídia Soares Rolim).

PESQUEIRA – É realmente uma obra-prima, uma obra d'arte. Considero-a a mais completa no gênero e sinto prazer em confessar que não adoto outro livro; onde ensino, adoto-a (Fr. Hermínio Teófilo).

VITÓRIA DE SANTO ANTÃO – Considero a METÓDICA a melhor obra entre as demais gramáticas (Delecarlinda da Silveira Lins).

PIAUÍ

TERESINA – Na METÓDICA e na sua GRAMÁTICA LATINA aprendi muita coisa que nunca tive oportunidade de conhecer e saborear durante todo o tempo que passei na sementeira sagrada do Seminário (Severino Gomes de Oliveira).

RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO – Quando escrevo, tenho sempre perto de mim a METÓDICA, a que recorro, em plena confiança, para resolver as dúvidas que com frequência me assaltam neste meu canhestro lidar com o idioma. Aprendi assim de longa data, por essa prática constante, a apreciar as muitas e preciosas qualidades do seu livro: método, clareza de exposição, segurança dos conceitos, precisão dos exemplos, tudo se conjuga para torná-lo instrumento de máxima utilidade para os que ambicionem sólido conhecimento do vernáculo (Vivaldo Coaracy – "V. Cy").

COMISSÃO NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO (Processo 1.100-46) – Examinei o livro, que é um dos mais instrutivos (Pe. Leonel Franca S.J.).

RIO DE JANEIRO – Devo dizer-lhe que não vejo possibilidade de escrever livro mais claro, completo e rigoroso quanto o seu. Nele encontra-se tudo quanto um jovem precisa aprender para se

servir com firmeza de nossa língua. O seu trabalho revela que é de um autor dotado de excecionais dotes de inteligência e extraordinárias qualidades pedagógicas. Os muitos conhecimentos são expostos com arte invulgar (Tomaz D'Almeida Correia).

RIO DE JANEIRO – Enche-me de prazer o seu método didático. Eu mesmo, como modesto professor, tenho aprendido grandes coisas que não são encontradas em outros autores de nota (Cônego Lauro de Sousa Fraga).

RIO DE JANEIRO – No próprio estudo do alemão sua GRAMÁTICA METÓDICA me tem sido de grande valia (Benjamim Maierovitch).

RIO DE JANEIRO – Ao lado das pilhas de documentos que examino e das notas que redijo está a sua excelente GRAMÁTICA METÓDICA. Sempre responde às minhas consultas com precisão e clareza admiráveis (Joaquim Didier Filho).

RIO DE JANEIRO – Achamos apoucado este elogio de Vasco Botelho de Amaral: "Nas escolas secundárias do Brasil adota-se um trabalho notabilíssimo intitulado GRAMÁTICA METÓDICA DA LÍNGUA PORTUGUESA, pelo Prof. Mendes de Almeida" (Glossário Crítico do Idioma Português, p. 227). A nossa mensagem aos estudantes será: "Adotem a GRAMÁTICA METÓDICA de Napoleão Mendes de Almeida: é realmente a melhor!" (Délcio Muniz, *Jornal do Comércio*).

RIO DE JANEIRO – Perfilho os dizeres do linguista português Vasco Botelho de Amaral a respeito da GRAMÁTICA METÓDICA DA LÍNGUA PORTUGUESA: "É na verdade, em mistura de simplicidade e erudição, um resumo sistemático do que melhor existe no terreno de nosso idioma". – A gramática do Prof. Napoleão Mendes de Almeida sempre me lembra um curso intensivo de português que reuniu na cidade de Goiânia freiras, padres, clérigos e leigos; era de ver o zelo com que os reverendos salesianos defendiam a D. Bosco através da METÓDICA, de autoria de um ex-aluno de faculdade salesiana. Tem a GRAMÁTICA METÓDICA, sem favor algum, o grande mérito do método (José Braga Martins, Jotabê, *Correio da Manhã*).

RIO DE JANEIRO – Estudante do terceiro ano do Instituto de Letras da Universidade do Estado, jamais senti, como agora, a certeza de estar realmente compreendendo a gramática do nosso idioma. E esta certeza devo-a integralmente ao que de bom tem feito por a sua inestimável METÓDICA. Como é maravilhoso aprender, com clareza e simplicidade, de alguém, que não se importa em demonstrar erudição, preocupando-se apenas em ensinar! (Gilberto Marques Gama).

NITERÓI, Seminário de S. José – A sua GRAMÁTICA METÓDICA vem sendo adotada, há vários anos, com real aproveitamento dos alunos (Pe. Francisco Paulo Veiga).

NITERÓI, Seminário de S. José – Adotei seus livros de português e de latim em todos os cursos. É-me grande alegria ver os alunos progredir seguindo-lhe a orientação (Pe. Afonso Martins de Carvalho).

NITERÓI – O cônego Lino Vitor Foureaux expressou toda a satisfação que os mestres experimentamos quando achamos certo o resultado de um problema difícil que procurávamos resolver: "Até que enfim encontrei uma gramática!" Não vejo outras palavras que traduzam melhor minha debilíssima opinião sobre tão excelente compêndio (Eduardo Antônio Viana).

MARECHAL HERMES – Sendo profundo admirador de seus dois trabalhos, um a GRAMÁTICA METÓDICA, outro a GRAMÁTICA LATINA, recorro-me à presente com a finalidade de tecer os mais elevados aplausos aos seus dois citados livros, que são simplesmente notáveis, dotados de um alto nível didático que, suponho, nunca encontrarão outros que os superem (Mauro da Silva De Felice).

PETRÓPOLIS – Desde que fiquei conhecendo sua GRAMÁTICA METÓDICA sirvo-me dela para as minhas aulas e nas minhas dúvidas, que logo se elucidam (Sóror Maria Manuelina de Sion).

RIO GRANDE DO NORTE

NATAL – Talvez o senhor venha a estranhar o conceito que faço de sua METÓDICA, classificando-a como a primeira, após a oficialização da nova nomenclatura. É que os outros compêndios são simples comentários acéfalos que deixam a entender quão mercenários são os seus autores, especialmente Almeida Torres, Rocha Lima e C. Góis-H. Palhano. Sua GRAMÁTICA, professor Napoleão, fez com que eu lançasse ao lixo todos esses livros, adquiridos por alto preço (Ivanaldo Lopes).

NATAL – São, por assim dizer, livros puramente didáticos, feitos de maneira superior, pelo método e pelo conhecimento, sob a inspiração excelsa dos manes de Pestalozzi, de Comenius, de Gregório Girard e de D. Bosco! São, enfim, livros despidos daquele intolerável vezo da mercantização limpa e seca! A pedagogia do Prof. Mendes de Almeida é, como diz Afrânio Peixoto da de Hebart, ciente e consciente! (F. Rodrigues Alves).

NATAL – Sem nenhuma sombra de bajulação, sua GRAMÁTICA METÓDICA é a maior gramática da língua portuguesa das já editadas, quer em Portugal, quer no Brasil (Cícero Mendonça).

NATAL – Jamais me cansarei de preconizar que os seus livros de português, pela maneira farta, desenvolta e simples com que V. S.ª trata dos assuntos, arvoram-se em verdadeiro "Abra-te Sésamo" para todos aqueles que se debatem por um aprendizado mais acentuado da língua pátria (Arnaldo Azevedo).

NATAL – ...os parabéns por tão maravilhosa obra: ela é digna de louvor, ela é motivo de orgulho para a nossa pátria (Gláucia César da Silva).

NATAL – São meus conhecidos os seus excelentes livros de português e os tenho adotado com indiscutível proveito nas classes em que leciono (Antônio Fagundes).

CAICÓ, GINÁSIO DIOCESANO SERIDOENSE — ... e confesso desconhecer outra que a ela se compare no que diz respeito à clareza, ao método, à eficiência. Posso seguramente afirmar que é a melhor gramática do idioma português (João Maria Filho).

CAICÓ – Quero agradecer-lhe os muitos e grandes serviços que a sua gramática me vem prestando (Padre Bernardo Devries).

CEÁRA MIRIM – Após demorado exame, cheguei à conclusão de que a METÓDICA, agora de conformidade com a nova nomenclatura gramatical, é verdadeiro monumento de saber linguístico, redigido com admirável clareza, simplicidade e erudição. Todos os meus colegas de magistério são unânimes em manifestar seu entusiasmo pela excelente obra (Floriano Ferreira da Silva).

MOSSORÓ, SEMINÁRIO – Tive a grande satisfação de receber sua carta circular intitulada "Nomenclatura Gramatical Brasileira". Li-a com satisfação e saboreei, com gosto, as verdades que V. S.ª revela sem subterfúgios... Falando a verdade, sem nenhum interesse, a sua GRAMÁTICA METÓDICA é a melhor, a mais clara e a mais completa que conheço (Cônego Francisco de Sales Cavalcanti).

MOSSORÓ, SEMINÁRIO – Cheguei hoje à última página de sua GRAMÁTICA METÓDICA. Gostei muito. Encontrei nela todas as qualidades de que as "Referências", no fim, falam. Pretendo adotá-la em nosso curso ginasial (6 anos). O que mais me agradou foi o fato de o senhor

recorrer sempre à análise da palavra ou da frase para marcar o sentido ou a função. Ótimo, porque dá ao aluno a satisfação de saber como é e por que é assim. Essa sua boa qualidade de aprofundar e examinar as coisas me agrada muito na sua gramática.

Apareceu assim uma obra de cunho particular, pessoal, cujo autor está com os alunos diante de si, a explicar-lhes a matéria, e não com a lembrança dos professores, para lhes mostrar o que sabe (Padre F. Jansen).

MOSSORÓ – Li e comentei os seus trabalhos com alguns professores, inclusive com o prof. Dr. Mozar Menescal, juiz de direito aqui no Estado, recebendo de todos palavras de louvores, as quais se associam às minhas.

Pelo moderníssimo, pelas compreensíveis exposições de sua gramática, ligadas às completas páginas dos dois volumes de sua ANTOLOGIA REMISSIVA, formando um conjunto magnífico e homogêneo, considero-os de inestimável valor aos estudantes do Brasil (Ivanaldo Lopes).

RIO GRANDE DO SUL

PORTO ALEGRE, Colégio Anchieta – A qualificação que deram de suas obras foi irrestrita de "excelentes" e de "o melhor que temos no campo de língua portuguesa". Um até me declarou: Nos Livros do Prof. Napoleão encontro resposta pronta e segura para todas as minhas dúvidas (Padre Luís Gonzaga Jaeger S.J.).

PORTO ALEGRE – Confesso que ultrapassou minha expectativa, tanto mais que se tem a segurança duma obra sempre atualizada (Irmã Maria Estefanina Menossi).

PORTO ALEGRE, Instituto Champagnat – O que mais me atrai na sua obra é a clareza e o método como expõe e apresenta as lições mais embrenhadas de nossa língua. Os alunos que por ela estudarem serão profundos conhecedores da língua além de adquirirem gosto e método para o seu estudo (Irmão Elvo Clemente).

PORTO ALEGRE – Posso garantir que não conheço obra mais completa, mais prática, em suma mais "metódica" para adotar nas minhas classes (Arnaldo Mário Hillebrand).

PORTO ALEGRE – Há muitos anos conheço e adoto sua admirável e nunca assaz louvada GRAMÁTICA METÓDICA (João Batista Camilotto).

PORTO ALEGRE – Devo confessar que estou maravilhado com a sua GRAMÁTICA METÓDICA. É realmente notável! (Irineu Celso Petry Koller).

PORTO ALEGRE – ...de sua GRAMÁTICA METÓDICA que, digo-o sem receio de contestação, é um grande livro, notável contribuição de V. Sa. (Godofredo O. Gomes).

PORTO ALEGRE – Tenho adotado seus livros em minhas aulas. O método empregado por V. Sa. é claro, seguro e profundo (Maximiliano Bottari).

BAGÉ – Sempre adotei a METÓDICA e acho-a excelente sob qualquer aspecto. Luto e lutarei sempre por sua magnífica gramática, que tantas satisfações me traz no ensino da última flor do Lácio (Pe. Zeno Antonio Schweitzar).

BAGÉ – Sou simples estudante do primeiro grau; peço que não estranhe que o chame "querido amigo", pois o senhor é amigo querido de todos os que desejam realmente aprender a língua portuguesa (Ivan Barcelos).

CACHOEIRA DO SUL – As questões de nosso idioma são tratadas nesse livro com tanta ordem, método, simplicidade, precisão, clareza, com tal coordenação e lógica, com tão positivo e forte encadeamento de raciocínio na demonstração e explanação dos assuntos, que o estudante se vê forçado a aprender o idioma sem recorrer a explicadores. Esse modo especial, engenhoso de explicar

os fatos da linguagem, com segurança, firmeza e persuasão, dá a impressão ao leitor que está ouvindo o próprio autor da gramática a falar-lhe (Cel. Carlos Abreu, "Comércio").

CARAZINHO – Sua GRAMÁTICA METÓDICA é realmente notável (Irmão João Dionísio).

CAXIAS DO SUL, Irmãos Lassalistas – Ao receber a sua METÓDICA, a minha indecisão quanto à escolha e adoção de uma boa gramática desde logo desapareceu (Alfonso Hillebrand).

CAXIAS DO SUL, Seminário N. Sra. Aparecida – A nenhum de nós seminaristas falta a METÓDICA, que nos vem trazendo esclarecimentos cada vez maiores, acompanhada da ANTOLOGIA REMISSIVA (Euclides Smiderle).

CERRO LARGO, Esc. Normal La Salle – Queremos dar a V. Sa. os parabéns por essa obra, orgulho da língua portuguesa, orgulho do professorado, guia indispensável do professor e do aluno (Irmão Atanásio).

ESTRELA – ...quando dei com a sua gramática fiquei admirado com o conteúdo. O Brasil pode orgulhar-se de possuir um filho tão capacitado para ensinar a sua língua. A METÓDICA é para mim, que curso a segunda série do segundo grau, de valor incalculável. Por todos os meus patrícios agradeço o muito que tem feito através de suas obras (Ema Maria Scheid).

GRAVATAÍ – Bendirei sempre o dia em que surgiu sua gramática, e todos os alunos concordam comigo (Agostinho Ruschel).

PASSO FUNDO – Estou cursando o segundo grau; com essa gramática não há quem não aprenda a escrever corretamente o português (Ovídio Lovison).

PASSO FUNDO – Se lhe disser que durante vários anos já lecionei com sua GRAMÁTICA METÓDICA nas mãos, o senhor já não terá dúvidas sobre o prazer que sinto em escrever-lhe (Pe. Afonso Mattye CSSR).

PELOTAS, Seminário Diocesano – Sua gramática continua a ser adotada em nosso Seminário (Pe. Zomar Garcia).

PELOTAS – ...da sua gramática, guia ideal para professores, fonte inesgotável para alunos (Wilma Casaretto).

RIO GRANDE, Irmãos Maristas – Trata-se de trabalho atual, completo e profundamente didático (Pedro Tormen).

RIO PARDO – Sou sua fã número um. Sua GRAMÁTICA METÓDICA é simplesmente formidável. Parabéns, professor, pela elaboração de tão excelentes livros (Vera Beulke).

SANTA ROSA – Eu andava com quatro dúvidas insolúveis; assim que recebi sua gramática tudo ficou resolvido, e satisfatoriamente. Tenho feito ampla divulgação de suas obras didáticas (Pe. Sílvio Sattler).

SANTO ÂNGELO - É um humilde professor marista que tem a ousadia de escrever-lhe. Tive conhecimento de sua pessoa por referência de amigos e admiradores de seus livros; considero-o hoje meu particular amigo, o verdadeiro amigo; há vários anos faço da METÓDICA o meu livro de cabeceira (Irmão Acelino).

SÃO GABRIEL – Verifiquei que as recomendações elogiosas que recebera de sua gramática são mais que verdadeiras; é concisa, prática e agradável. Como costumamos dizer em aula, o "Napoleão" responde a qualquer dúvida, e sempre com clareza (Ir. Maria Gema).

SÃO LEOPOLDO, Seminário Central – Adotou-se depois a sua GRAMÁTICA METÓDICA porque o valor deste seu trabalho é incontestável e superior a qualquer outro valor linguístico (Severino De Toni).

SÃO LEOPOLDO – Sua gramática há muito tempo me é familiar devido ao seu grande valor (Pe. Artur Bohen S.J.).

TORRES – Meus primeiros passos no campo da gramática portuguesa foram dados com a ajuda da sua GRAMÁTICA METÓDICA desde o 1º ano ginasial até o último do colegial clássico. Desde lá sou seu admirador inconteste (Constante Alfeu de Luca).

VERANÓPOLIS, Seminário Seráfico – Já vai para mais de um triênio que adotamos em nosso seminário sua excelente gramática. Admira o entusiasmo e o interesse com que nossos duzentos seminaristas se aplicam em estudá-la, assimilando-a do melhor modo possível (Pe. Frei Romeu de Garibaldi).

RONDÔNIA

PORTO VELHO – Quanto ao método, posso garantir que de todas as gramáticas é a melhor, porque qualquer pessoa que a leia compreenderá perfeitamente os problemas de nossa língua como se fossem expostos em uma história em quadrinhos (Raimundo Nonato dos Reis Eirado).

PORTO VELHO – Não me é possível trabalhar sem ela, tão completa é (Lourival Chagas da Silva).

PORTO VELHO – Sempre que abro a sua gramática ou recordo algum exercício do seu curso por correspondência acode-me a ideia de que suas lições elevaram-me na vida, colocando-me numa posição que me honra e enobrece (Manuel Cordeiro da Silva).

SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS – ...vim encontrar aqui na Capital ex-alunos, hoje professores universitários e advogados, que me falam com saudade das nossas velhas batalhas de português, vitoriosas para mim todas elas, pois eu dizia, dedo em riste: "É assim que ensina o Napoleão!" (Frei Elzeário Schmidt, O.F.M.).

FLORIANÓPOLIS – Professor de português do Colégio Catarinense, nesta cidade, tenho adotado em minhas aulas sua excelente GRAMÁTICA METÓDICA (Alfredo Zimmer).

ASCURRA, Seminário Salesiano – Adotei a sua METÓDICA, por todos elogiada e apreciada (Pe. Pedro Prade).

CORUPÁ, Seminário Sagrado Coração – Muitos elogios mereceu de meu mestre sua GRAMÁTICA METÓDICA. Aconselhado pelo referido professor, venho por meio desta testemunhar as felicitações mais calorosas pelo êxito de seu trabalho (Augusto César Pereira).

IBICARÉ – Meus colegas e eu ficamos fascinados quando conhecemos a sua gramática, dada a clareza e perfeição de exposição da matéria. É tal a facilidade de compreensão dos assuntos, que resolvemos substituir as "gramáticas-antologias" dos diversos anos pela sua METÓDICA (José Atanilo Junkes).

ITAJAÍ – O nome "Napoleão" pontifica em nossas aulas (Pe. Zeno A. Schweitzer).

LAGES – Apresentamos-lhe, senhor professor, nossos entusiásticos parabéns por tão perfeito trabalho, e agradecemos-lhe o benefício que aos professores de português do Brasil nos prestou (Frei Elzeário Schmidt, O. F. M.).

RIO DO OESTE, INST. MISSÕES CONSOLATA – Com a sua gramática, prescindo das demais, porque nela tudo encontro (Pe. Jordão Maria Pessatti).

RIO DO SUL – Sabíamos que o senhor se dedicava ao estudo da língua portuguesa e pudemos averiguar esse fato agora, manuseando em aulas de português a GRAMÁTICA METÓDICA, de sua autoria. Gostamos imensamente desse trabalho, pela abundância de matéria, pela clareza

de exposição e pela novidade de particularidades tão instrutivas. Por esse motivo é que ministramos todas as aulas com material exclusivamente haurido de sua obra (Padre Albano Slamp e Padre Chiarot).

RODEIO, SEMINÁRIO SERÁFICO – ...a sua é ainda sempre a melhor (Frei Cândio Berri).

TUBARÃO, ESC. NORMAL S. JOSÉ – ..a melhor gramática que vive no Brasil (Irmã Tarcila).

SÃO PAULO, Capital

SÃO PAULO – Sua Gramática Metódica da Língua Portuguesa constitui realização ímpar na história da literatura didática, brasileira e portuguesa. O fato se explica, pois, ao contrário do que ocorre com outras, a gramática de sua autoria é claríssima e de leitura amena e até agradável. É aliás o que tenho comprovado no meu lar; todos nós e também os netos nela estudamos, e com prazer. Sua obra verdadeiramente apostolar no ensino da língua mereceria maior reconhecimento, mas constitui verdadeiro milagre a sua repercussão e influência em meio tão adverso (Desembargador João Del Nero).

SÃO PAULO – ...quero contar-lhe o que encontrei escrito na primeira página do exemplar da sua gramática; copiei as palavras, às escondidas, para mandar-lhe. São estas: "Orgulho-me de possuir esta gramática, fonte de saber e visão; que Deus me ajude a trazê-la também na mente".

Esse rapazola escreveu aquilo provavelmente numa conversa com Deus, sem jamais imaginar que o autor da gramática viria a saber. Assim sendo, acredito que aquelas palavras são um bom testemunho de que o seu amor ao nosso idioma encontra o mais fervoroso eco no coração dos seus patrícios. E é bom que o exemplo tenha vindo de um jovem: isso faz pensar que as esperanças no tão falado "futuro melhor" se justifiquem (Judith Martins).

SEMINÁRIO METROPOLITANO – Até que enfim encontrei *UMA GRAMÁTICA*! (o grifo é do missivista, Cônego Lino Vítor Foureaux, O. Praem).

SEMINÁRIO S. CAMILO – Sei do alto alcance, dos profícuos métodos empregados por V. Sa. para tornar mais prático, mais atraente aos alunos o árduo estudo da língua vernácula (Padre Pedro Mayer).

SEMINÁRIO DO ESPÍRITO SANTO – Agora, com a METÓDICA adaptada à nova nomenclatura, sei que gramática adotar (Frater Angelo Bim).

INST. SALESIANO PIO XI – O povo brasileiro, unânime, lhe deve ser agradecido pelo labor insano que levou V. Sa. a brindá-lo com trabalho tão precioso, agora atualizado e cada vez mais metódico. Já são bem 18 anos que manuseio diariamente sua gramática e cada vez mais a aprecio, e, edição por edição, sempre encontro novas riquezas (Padre Albano Slomp).

IRMÃOS MARISTAS – Poucas vezes ou nenhuma terei encontrado, na minha já não pequena existência (60 anos), maior consciência profissional aliada a tanta competência. O prof. Napoleão Mendes de Almeida é para mim a personificação, a idealização do que dizem os ingleses: The right man in the right place. Não sei se estou enganado, mas creio que são raros, raríssimos os professores que tanto respeitam e honram o magistério como o Sr. Napoleão Mendes de Almeida (Irmão Epifânio Maria, Vice-Reitor).

COL. ADVENTISTA BRASILEIRO – Quando sou consultado sobre a melhor gramática que temos sempre indico a sua (Pedro Apolinário).

ESCOLA DE JORNALISMO CASPER LÍBERO – A nova edição da METÓDICA vem confirmar a admiração que tenho à sua competência de mestre insuperável (Mons. João Batista Carvalho).

SÃO PAULO – O que torna a METÓDICA recomendável sobre as demais gramáticas é o sentirmos nela a presença constante do professor, do mestre que nos fala e nos ensina (Souza Diniz).

SÃO PAULO – Venho adotando há muitos anos, com maravilhoso proveito para minhas alunas, a sua admirável GRAMÁTICA METÓDICA. Pode o senhor estar certo de que, em qualquer parte em que me encontre, serei sempre uma propagandista de seus livros didáticos, principalmente de sua METÓDICA, a mais completa, a mais clara, a mais eficiente de todas as congêneres editadas em nosso país (Ir. Julieta Clara Mendes).

SÃO PAULO – Tendo estudado a língua e a literatura portuguesa nas universidades de Amesterdão e de Coimbra, adquiri um exemplar da sua GRAMÁTICA METÓDICA logo após a minha chegada ao Brasil. Li-a duas vezes de capa a capa e consultei-a muitas vezes (F. G. Wildeboer).

SÃO PAULO – ...folheia daqui, folheia dacolá, quando dou por mim estou a ler quase de cabo a rabo o excelente livro (Léo Vaz).

SÃO PAULO – ...A propósito, permitimo-nos recomendar aos estudiosos do idioma pátrio a monumental GRAMÁTICA METÓDICA. Mestre que é, tendo observado o estudo e a aplicação da gramática, no convívio com os estudantes, escreveu a obra supra citada, numa disposição adequada e estilo suave para fácil aprendizagem (Dorival Soares Ramos).

SÃO PAULO – É proveitosa e indispensável não só aos estudantes dos vários anos, mas a todos os que desejam manejar corretamente nosso idioma. Em linguagem escorreita, todos os fatos concernentes à nossa língua são tratados de modo simples e intuitivo. As inovações introduzidas, na disposição da matéria, são de raro alcance pedagógico (Manuel Pereira do Vale).

SÃO PAULO – Aprendi mais em quinze dias de estudo em sua preciosa gramática do que aprendera em quase quinze anos de bancos escolares (Neusa L. D. Monteiro).

SÃO PAULO – Lendo-a e relendo-a, pude aquilatar-lhe o valor didático e a soma de conhecimentos que encerra. Os sinceros parabéns de um simples colega que, vivendo entre livros, teve o prazer de encontrar no seu o que em muitos procurou: a clareza serena e grandiosa das águas-mães (Inácio Novelli).

SÃO PAULO – De mim sei dizer que, vacilando neste ou naquele ponto, sempre encontrei na sua METÓDICA a doutrina certa, o exemplo elucidativo, a regra clara e precisa, apoiada sempre nos bons escritores (Antônio D'Ávila).

SÃO PAULO – Entre os que estão à frente do ensino da língua portuguesa no Brasil impõe-se Napoleão Mendes de Almeida, que edição a edição sempre melhora seus livros didáticos e vem, com eficiência e escrúpulo, mantendo um curso de português por correspondência (Walter Fontenelle Ribeiro).

SÃO PAULO – Sem ter o prazer e a honra de conhecê-lo pessoalmente, há muitos anos que o conheço e admiro através de sua GRAMÁTICA METÓDICA, sem sombra de dúvida – "and by far" – a melhor de nosso idioma.

Estudioso de português desde minha pré-histórica mocidade (fui aluno de Eduardo Carlos Pereira, no velho Ginásio do Estado), sinto que minha ignorância no assunto se vem agravando ultimamente. Para isso devem ter contribuído dois fatores: 35 anos de residência no Exterior (serviço diplomático, EUA, França e Inglaterra) e anarquização de nossa língua por duas academias, uma de Ciências, outra de Letras.

Sou também um bibliófilo e em minha "biblioteca" ("excusez du peu... ") tenho uma razoável coleção de gramáticas, desde a "Philosophica" do velho Soares Barbosa, até a sua. Esta, sempre a tenho a meu alcance e nunca me "deixou na mão" quando a ela precisei recorrer, mercê do excelente índice, que me leva imediatamente à elucidação de minhas dúvidas.

Lembra-me que o ilustre mestre, no prefácio da METÓDICA, alude ao enorme trabalho que esse índice lhe deu, e que bem avalio.

Por isso, não pude resistir à tentação ("the best way to get rid of a temptation is to yield to it" dizia Oscar Wilde) de transmitir-lhe a seguinte frase que há dias, acidentalmente, encontrei no excelente "Reader's Digest Great Encyclopedic Dictionary", página 2.083, em um artigo de Charles W. Ferguson:

"Any fool can write, but it takes a genius to make an index".

So it is, indeed ! E é por isso que me permito felicitar o autor da melhor gramática da língua e do excelente índice, que a torna ainda mais preciosa (Eurico Penteado).

SÃO PAULO – O autor desafia qualquer professor a não saber explicar ou qualquer estudante a não entender seus pontos. Livros assim, sim. Autores assim, que sentem e vivem com os alunos, dão gosto. Livros assim valem por muitos pedagogos que acumulam os alunos com tantos livros novos no princípio do ano e sem as partes estudadas nos anos anteriores. Livros completos assim formam uma biblioteca completa (José Pedro Miranda).

SÃO PAULO – Foi como sol de estio por sobre os meus dantes pálidos laivos gramaticais. Sem hipocrisia ou intuito de louvaminhá-lo, assevero-lhe que nunca houvera visto gramática tão elucidativa e de tão fácil e suave tirocínio. O caso da regência em geral, mormente a dos verbos; a doutrina sobre a partícula "se"; a riqueza de advérbios e locuções; a colocação dos pronomes oblíquos etc., nenhum outro mestre explana tão precisa e expressivamente. Um abundante oásis de saboroso aprendizado, em que o caminhante se dessedenta gostosamente – eis ao que comparo, abalizado professor, a sua riquíssima GRAMÁTICA METÓDICA (Penitenciária, Sentenciado 12.929).

SÃO PAULO, Interior

APARECIDA, Seminário Santo Afonso – Vibro e sinto com a METÓDICA; alegram-me, sinceramente, os seus triunfos (D. José Rodrigues de Sousa).

BOTUCATU, Inst. Santa Marcelina – A sua gramática dispensa o manuseio de qualquer outra; é livro realmente completo (Ir. Alzira Vieira).

CAMPINAS – Trata-se – digo-lhe sem o menor favor – do melhor livro que, no gênero, possuímos (Hildebrando Siqueira).

CAMPINAS – Autor capacitadamente enfronhado nos torneio e obstáculos do idioma, anula com arte a deprimente sensação, incutindo no estudioso o prazer de compulsá-la miudamente (Francisco Nunes).

CAMPINAS – Devo acrescentar que o Prof. Luís Gonzaga Diniz fez este ano em toda a sua Inspetoria de Ensino ótima campanha de seus livros didáticos e conseguiu adoção por parte de muitos mestres (Clóvis Pansani).

ITAPORANGA, Mosteiro Cisterciense – Se, em vez de se amontoarem tantos didatas com seus programinhas, postilas e ditadinhos de gramática, se obrigasse adotar a METÓDICA e se exigisse que ela fosse estudada com seriedade e afinco, o resultado dos concursos seria bem diferente do de nossos dias (Pe. Bernardo Pani).

JAÚ – Deixei de lado todas as demais obras para o ensino da língua e passei a adotar esse valioso trabalho do prezado mestre (Osvaldo Brandão Tófano).

JAÚ – Nos meus cursos adotei a sua inigualável gramática (Adonis M. Pirágine).

LAVRINHAS, Seminário Salesiano – Um menino disse assim: "A gramática do Napoleão a gente basta ler e logo entende; as outras não" – Ele falava assim com o senhor Padre Diretor, de quem ouvi o "abalizado" juízo: *Ex ore in fantium*...! (Pe. Hilário Passero).

LINS, Seminário N. Sra. do Rosário – Sua gramática será o vade-mécum meu e dos meus alunos, que se acham entusiasmadíssimos com ela (Cônego João Santucci).

LINS, Esc. Normal N. Sra. Auxiliadora – Acho que todos os colégios deveriam adotar a METÓDICA: que querem de melhor os professores? (Ir. Josefina L. Di Sano).

MOGI DAS CRUZES – Foi a que mais me impressionou, pela clareza e pelo método; considero-a a melhor. A sintaxe está tão bem exposta que, a quem ler, não sobrará justificativa para ignorar análise sintática. Felicito-vos, exultante, pela publicação dessa magnífica obra linguística e altamente patriótica (Coronel Carlos Abreu).

MOGI-GUAÇU – Sempre adotei a METÓDICA em todos os colégios por onde passei, pois acho que não há gramática que possa substituir a sua (Clóvis Pansani).

NOVA GRANADA – Minha admiração pela sua pessoa não tem limites. O senhor é uma dessas raras pessoas que nasceram para fazer algo de extraordinário. Acho seus livros de português e de latim notáveis. Aprende-se e toma-se gosto pelo estudo (Dirceu Penteado).

OURINHOS – Nada se poderia desejar de melhor e passo a adiantar-lhe que será a escolhida e adotada em todos os meus cursos (Aparecido G. Lemos).

PINDAMONHANGABA, Seminário Salesiano – Bem sabes o quanto a METÓDICA é apreciada entre nós (Pe. Luís Garcia de Oliveira).

PIRACICABA, Seminário Seráfico S. Fidelis – Aqui no Seminário temos sempre seguido a sua gramática com o máximo proveito dos alunos. Nossos sinceros parabéns pela nova edição, fruto de tanto trabalho e amor a nosso idioma pátrio (Fr. Luís Maria de Limeira).

PIRACICABA, Seminário Seráfico S. Fidelis – Queira receber os mais sinceros parabéns por trabalho de tão subido valor. Que Deus, Senhor nosso, continue a abençoar seus trabalhos, a fim de que sua diamantina pena possa espargir sempre o bem entre os homens (Fr. Estêvão Maria de Piracicaba).

PIRACICABA – Sua gramática é um livro precioso, como preciosa é a advertência com que o mestre inicia o seu prefácio, que encerra um trecho que todo o professor precisa conhecer, especialmente os mestres do vernáculo de todas as categorias, daquém e dalém mar (Sílvio de Aguiar Sousa).

PIRAÇUNUNGA – Preciso contar-lhe este episódio. Num curso que precisei fazer numa capital de estado, logo no início um professor deu a lista de livros para consulta e nela não figurava seu nome. Levantei-me e, delicadamente mas com firmeza, mostrei-lhe a estranheza do seu procedimento; após mais uns apartes da turma, o tal catedrático "tolerou" a METÓDICA em sua lista. Ora, durante aquele curso intensivo não foram poucas as vezes que, apoiado na METÓDICA, dirimimos questões e confundimos o mestre e partidários. Com o correr das aulas, sempre que havia qualquer dúvida a turma toda se voltava para trás e perguntava num misto de brincadeira e curiosidade: "Pe. Humberto, que diz o Napoleão?" Sempre aceitava o desafio e tudo se resolvia, até que um dia, quando a METÓDICA veio aclarar uma questão do pronome "se", eu disse alto e bom som: "Eis aqui o Napoleão das gramáticas, que nunca viu Waterloo" – e assim o curso foi chegando a seu termo e, resultado: todos os colegas já tinham adquirido a METÓDICA e a consultavam com entusiasmo. Modéstia a parte, fiz um curso brilhante, que me valeu o segundo lugar entre examinandos de turma bastante numerosa, e tudo acabou muito bem (Pe. Humberto Capobianco M.S.C.).

RIBEIRÃO PRETO – Ao passo que o felicito pela valiosa colaboração prestada aos estudiosos e aos estudantes através de seus livros, tesouros de simplicidade e erudição, comunico-lhe que os adotei em todos os cursos que venho ministrando (Pe. César Luzio Junior).

RIBEIRÃO PRETO – Professora de português, tenho o apelido de "Napoleônica", tal a admiração que nutro aos seus ensinamentos e à clareza com que os apresenta (Esmeralda Maria de Assis Moura).

RIBEIRÃO PRETO – A METÓDICA tem a vantagem de ensinar com segurança, sem que o estudante perceba o esforço. O estudo na METÓDICA concorre para a satisfação e alegria de quem estuda (José Pedro Miranda).

RIO CLARO – Trabalho verdadeiramente metódico e erudito. Repito aqui o que mais de uma vez disse aos meus alunos: "Com esta gramática aprende-se a falar e a escrever escorreitamente o vernáculo". Socorro-me dela inúmeras vezes em minhas próprias aulas de latim. Outro tanto faz o professor da mesma disciplina (Padre Luciano Orlando Giovanni).

SANTOS – Particular admirador da GRAMÁTICA METÓDICA do Prof. Napoleão Mendes de Almeida, tenho feito dela sinceras e por isso mesmo as melhores recomendações a alunos e colegas, adotando-a invariavelmente como compêndio dos alunos das classes onde leciono (Rubens Nunes).

SANTOS – De há muito vínhamos acompanhando os trabalhos do professor Napoleão Mendes de Almeida. Já o admirávamos pela sua cultura, pelo seu espírito conquistador e estudioso. Nosso respeito cresceu com a sua GRAMÁTICA METÓDICA, em que apresenta aos estudiosos e aos que verdadeiramente gostam de nossa língua ensinamentos úteis e explicações claras, simples e fáceis de serem compreendidas (Prof. Anuar Frayha).

SÃO CARLOS, SEMINÁRIO DIOCESANO – Ainda há pouco recebi um exemplar da sua GRAMÁTICA METÓDICA, que realmente imenso me agradou. Pena que os alunos de meu seminário já haviam adquirido outra. No entanto, como demais apreciei a clareza das suas explicações, bem como o método genuinamente psicológico, desejo vê-la na mão dos meus seminaristas (Padre Armando Antônio Salgado).

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS – Adotei na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras a sua gramática, sem favor nenhum o melhor compêndio para aulas, pois não só desenvolve a teoria como esparge, a mancheias, milhares de exemplos e de opiniões próprias, abalizadas, que deixam o aluno confiante e entusiasmado (Xenofonte S. Castro)

SÃO JOSÉ DO RIO PARDO – A GRAMÁTICA METÓDICA é, sem favor algum, excelente método de língua portuguesa – seguro na doutrina, claro na exposição, simples nos pontos controvertidos, é prático na correção dos erros mais comuns em nosso idioma (Hersílio Angelo).

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS, SEMINÁRIO DOS SERVOS DE MARIA – É tanta a simplicidade, erudição e clareza com que V. Exa. se exprime, que prende o aluno até a última página com o mesmo sabor de quando começou (Frei João Mezzari).

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS, SEMINÁRIO DAS MISSÕES – ...tal é a sua gramática, a que eu chamaria "Suma", pois não há outra no gênero (Fr. Laerte Carmelo).

SÃO VICENTE – A GRAMÁTICA METÓDICA é de uma doçura agradável, ensina, corrige e educa (José de Marília).

SÃO VICENTE – É com imenso prazer que lhe escrevo para agradecer em meu nome e no de tantos que hoje vivem livres do pesadelo "gramática" o grande benefício prestado ao público estudantil. Apenas quero dizer-lhe que o Português se me tornou mais suave, mais lógico e mais compreensível por meio de sua METÓDICA (Reginaldo Amaral Miranda).

SOROCABA – No terreno da gramática não conheço nada mais perfeito, mais limado, mais metódico, mais claro, mais preciso e mais conciso. Problemas tão debatidos, como o do infinitivo flexionado, da colocação dos pronomes átonos e da bizantina sintaxe do pronome "se", trata-os sempre com cunho original, com método didático surpreendente e até com certo sainete... e o faz sem a falta de método de Carneiro Ribeiro, sem o estilo pesado de Said Ali e sem o excesso analítico de Carlos Góis. Sua gramática, sobre científica, é simples, estética e simpática (Marius Teixeira Neto).

TAQUARITINGA – Examinei página a página, questão a questão, comparando-a com os velhos mestres e só achei superior a sua gramática (Paulo Gusman).

TATUÍ – Li-a toda e fiquei encantado; não há exageração no termo: fiquei realmente encantado (Sílvio Azevedo).

TATUÍ, INSTITUTO DE EDUCAÇÃO – É com incontido entusiasmo que digo. Ninguém mais inspirado do que o Napoleão na organização de um trabalho tão completo e precioso como a sua METÓDICA (José Tomás Borges).

TATUÍ – Há anos lecionamos por meio da sua prodigiosa gramática, a mais completa da língua portuguesa (Leila Salum M. da Silva).

TAUBATÉ, SEMINÁRIO DIOCESANO – ...pelo seu trabalho notável GRAMÁTICA METÓDICA DA LÍNGUA PORTUGUESA, magnífica contribuição para o estudo tão necessário do nosso sublime idioma. Coincidiu minha nomeação, para o cargo de reitor do Seminário Diocesano desta cidade, com o aparecimento da sua tão bem elaborada gramática. Veio-me então o desejo de adotá-la em todos os cursos deste Seminário, o que, aliás, foi sugerido pelo meu amigo, Prof. Leôncio Amaral, Diretor do Ginásio de S. José dos Campos (Padre Teodomiro Lobo).

VALPARAÍSO, IRMÃS FRANCISCANAS – Bem pode o abalizado mestre avaliar a proporção do nosso agradecimento na medida do prazer que nos causa a sua preciosa gramática (Irmã Maria Rosália França).

SERGIPE

ARACAJU, FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA – Há dois anos venho adotando nesta faculdade, com real proveito para os alunos, a sua METÓDICA (Paulo Almeida Machado).

ARACAJU – ...sua preciosa GRAMÁTICA METÓDICA, onde observei o interesse do mestre em tornar a gramática mais acessível à simpatia dos alunos, obedecendo a um método todo singular, o que lhe dá um aspecto de novidade (José Bezerra dos Santos).

ALEMANHA

BERLIM LANKWITZ – Venho participar a V. Exa. que pedimos à Livraria Saraiva a sua GRAMÁTICA METÓDICA DA LÍNGUA PORTUGUESA, a fim de ser enviada para a Seção Brasileira desta biblioteca onde é procurada por muitos interessados (Hermann B. Hagen, Ibero-Amerikanische Bibliothek).

GARMISCH – PARTENKIRCHEN – Possuo um grande número de gramáticas, tanto de autores portugueses quanto de brasileiros; a obra de V. Sa. absorve a minha atenção pelas muitas vantagens sobre as congêneres (Helmut Ascherfeld).

ARMÊNIA

YÉRÉVAN – Conheço e leciono vários idiomas; estudei muitas gramáticas, mas a sua é extraordinariamente metódica e clara. Alunos e professores brasileiros lhe devem ser agradecidos, porque o trabalho deles é facilitado (Kegham Chahinian).

CHECOSLOVÁQUIA

PRAGA – Há dois anos comprei a última edição de sua GRAMÁTICA METÓDICA, com a qual fiquei realmente encantado. Não preciso dizer ao senhor que a sua obra me tem satisfeito em todos os sentidos, por poder encontrar nela, facilmente, tudo o que preciso aclarar. O seu método é o

mais apropriado também para nós estrangeiros que queremos aperfeiçoar as noções da língua portuguesa, pois a sua gramática oferece um aspecto completo da estrutura do português.

Em especial e com muito interesse li o capítulo que trata dos particípios duplos, parte que, na verdade, é uma das coisas mais difíceis, pelo menos com respeito a nós estrangeiros. Adotei a sua gramática nos meus cursos de português, considerando o guia que nunca falha: a qualquer momento que a consulto, sempre encontro solução para os problemas que surgem (Jaroslav Holbik).

PRAGA – Leciono português (língua e literatura) na universidade e sou autor de muitos manuais didáticos; na bibliografia de meus trabalhos cito a sua gramática como a mais importante obra do gênero (Zdenek Hampl-Hampejs).

CHINA

PEQUIM, Instituto de Línguas Estrangeiras – A fama das suas obras ilustres chegou até aqui (Nio Cheng-lu).

BEIJING – Sou professor de português do Instituto de Línguas Estrangeiras de Beijing. Tenho "gramáticas" de vários autores... , mas a sua é a de que eu gosto, por ser mais prática, mais concreta, mais aproveitável para o verdadeiro ensino gramatical (Zhou Han-jun).

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

NOVA YORK – Como atividade paralela, dedico-me a lecionar português para americanos, e a sua gramática, profissional e pessoalmente, é a mais conceituada e realmente a melhor (Regina Emygdio Pereira de Melo Barreto).

BOSTON – Tenho o prazer de contar entre os meus mais queridos livros a sua Gramática Metódica, que até agora nunca deixou de fornecer-me respostas e explicações claras e satisfatórias. Sou americano e professor de inglês. Estou terminando meu mestrado: aprimorando-me no conhecimento do português (William H. Russell Jr.).

HOLANDA

HAIA – Hoje não fiz outra coisa senão examinar a sua METÓDICA, e já sei dizer que o livro será de grande utilidade para os meus alunos mais adiantados (W. D. Meijer).

ITÁLIA

ROMA – É com grande prazer e avidez que estou estudando sua preciosa GRAMÁTICA METÓDICA, verdadeira joia para mestres e alunos (Padre Anselmo Goulart).

POLÔNIA

RACIBÓRZ – Leio os seus livros diariamente; são livros que recomendo a todos os que intentam aprender o português, pois figuram entre os melhores que se publicaram (Paulo Kaleta, filólogo).

PORTUGAL

LISBOA – É, na verdade, em mistura de simplicidade e erudição, um resumo sistemático do que de melhor existe no terreno de nosso idioma (Vasco Botelho de Amaral).

LISBOA – Em vez de defender meu modo de ver com palavras minhas, prefiro transcrever aqui o que ensina o distinto professor Napoleão Mendes de Almeida... (Fernando V. Peixoto da Fonseca).

LISBOA – Se quer ainda uma boa gramática, se não a melhor, recomendamos a do professor brasileiro Napoleão Mendes de Almeida, GRAMÁTICA METÓDICA DA LINGUA PORTUGUESA (F. V. P. da Fonseca, Boletim Mensal da Sociedade de Língua Portuguesa).

LISBOA – Está aqui uma GRAMÁTICA METÓDICA DA LÍNGUA PORTUGUESA, feita pelo eminente filólogo brasileiro, Prof. Napoleão Mendes de Almeida. Percorrendo as páginas, encontro o que não se vê em livros similares portugueses, e é isto – ensina a escrever bem, com domínio expressional, com riqueza de conhecimentos práticos em vez de teorias bafientas, com exposição de fatos da língua e não com regrinhas fastidiosas. Trata-se de regência? Apresentam-se os verbos com as regências. Expõe-se o assunto da pureza da língua? Fazem-se listas com erros e suas emendas ("Palestras" de Língua Portuguesa, nº 34. pág. 299).

LISBOA – Consegui obter no "Centro do Livro Brasileiro" as tão recomendadas gramáticas de vossa autoria, a portuguesa e a latina. Apesar de a nomenclatura brasileira diferir um pouco da nossa, não tive dificuldade em compreender os incomparáveis ensinamentos que elas encerram (Octávio da Silva Neves).

LEIRIA – Fiquei entusiasmado com o critério didático de vossa excelente GRAMÁTICA METÓDICA (Delfim Luís Pires).

PRAIA CABO VERDE, Portugal Ultramarino – Quero deixar registrado que a GRAMÁTICA METÓDICA vem-me servindo de guia na orientação dos estudos liceais de meus filhos, e os resultados são francamente animadores (Arcádio Monteiro).

RÚSSIA

LENINGRADO – Tem o prazer de escrever-lhe um estudante da universidade de Leningrado. Estudo na faculdade de filologia, seção de línguas românicas. Com grandes dificuldades recebi de São Paulo a sua famosa GRAMÁTICA METÓDICA DA LÍNGUA PORTUGUESA. Eu a considero a melhor obra sobre a língua portuguesa (Anatólio Gach).

ÍNDICE ANALÍTICO

Os **números** *indicam* **parágrafos**

A

A (artigo) 243
A (prefixo) 112, obs. 1
grego 630
latino 629
vernáculo 628
A (preposição) 301, n. 2; 546, n. 1
+ A = **À** – V. *crase*
antes de "qual" 374
com verbos de movimento 546, n. 4, a
combinado com artigo 548
contração 549
e o infinitivo 546, 1, b; 914; 927
= gerúndio 942, n.
e o oblíquo **o** 844, exc. b
na linguagem forense 289, n. 2
na loc. verbal 517
não confundir com **HÁ** 907; n. 2
no complemento nominal 675, 676
no complemento de tempo e de lugar 289, n.2
no obj. direto 683; 777
no obj. indireto 684; 777
= **PARA** 546; n. 1, d
repetição 550, c
A (vogal)
aberta 43
fechada 43, obs.
fundamental 42
média 42
terminação de subst. 186, 1
A MENOS QUE 585
A – V. *crase*
AB 629
A ELE – V. *lhe*
= **O** 683, 3
ABAULAR 443
ABDÔMEN 218, n.
ABECEDÁRIO 32, n. 1 (ao pé da pág.)
ABELHA 89; 240, obs. 8
ABLATIVO 180, n.; 613
absoluto 698; 943, 5
ABOLIR 489, 10
ÁBREGO 62
ABREVIATURAS 70, 6; 146
ABRIR 465, 3; 465, 4
particípio 496, 19
ABS 629
ABSOLUTA (oração) – V. *oração*
ABSOLUTAMENTE 528, n. 1
ABSORVER 497, n. 8
ABSOLUTO 497
ABSTRATO – V. *substantivo*
AÇÃO VERBAL 298; 299
ACEITE 496, 3
ACENDER 496, 12 (ao pé da pág.); 603, a (ao pé da pág.)
ACENTO 97 e ss. (V. páginas após o *Prefácio*)
agudo 100; 133
arrizotônico 107; 440, n. 3, a
circunflexo 100; 135
de nomes terminados em "il" 221, 6
diacrítico 100; 234, 1, n.
grave 100; 134
na desinência do v. 439
na flexão de subst. 224; 234, 1, obs. 1, 2
na preantep. síl. 825, 4, n. 3
na poesia 1006
na termin. de subst. 215
no radical do v. 439
principal 106
rizotônico 107; 439
secundário 106
tônico 98; 100; 101; regra latina 104

ACENTUAÇÃO – V. *acento*
do ditongo 50, notas
latina 104
oxítona 101 e ss.
paroxítona 101 e ss.
proparoxítona 101 e ss.
ACINTE 527, n. 1
ACÔNITO 104
ACONSELHAR 777
ACONTECER 489, 6
ACORDO 120, obs. 2, b
ACUDIR 468, n. 1
ACUSATIVO 180, n. 1
de relação 699, n.
sobrevivência 613
sujeito acusativo 652
AD 629
ADAGA 976, 4
dupla adaga 976, 4
ADEMAIS 527
ADEQUAR-SE 440, n. 3, a
ADERIR 466. 2º grupo
ADIÇÃO DE SONS 112; 629
ADJETIVA (oração) – V. *oração*
ADJETIVAÇÃO DO SUBSTANTIVO 248, obs. 2
ADJETIVO 247 e ss.
colocação 360; 807
composto 261, A
concordância 745 e ss.
definição 154; 247
empregado adverbialmente 351; 537, n. 2
etimologia 629
étnico 249
explicativo 248, obs. 4; 900
flexão – V. *flexão*; V. *sintaxe*
gentílico 249
grau – V. *flexão gradual*
numeral – V. *numeral*
pátrio 249
que designa cor 261; 872, 2
restritivo 248, obs. 4; 900
sintaxe – V. *concordância*; V. *colocação*; V. *regência*; V. *adjunto*; V. *complemento* etc.
substantivado 231, 5; 248, obs. 1; 935; 937
uniforme 258, n. 1; 260
ADJUNTO 690, obs.
adnominal 691 e ss.; 927
adverbial 695 e ss.
colocação 775
constituído de gerúndio 943, 1
conversível em subordinada adverbial 902, n. 1
correspondente ao abl. absoluto latino 698; 943, 5
de modo e o predicativo do sujeito 537, n. 2
de tempo, sem preposição 697, b., n.
não confundir com objeto indireto 695, obs. imp.; 777 (atirar)
atributivo – V. *adjunto adnominal*
predicativo – V. *predicativo*
ADREDE 527, n. 2
ADVÉRBIO 522 e ss.
classificação:
quanto à circunstância 524
quanto à função 532
quanto à forma 533
colocação 775; 525, n. 1; 812
combinação com preposição 548
conjuntivo 525, n. 8; 526, n. 6; 900, n. 1; 906, 959
conversível em oração 901
definição 158; 522
e o oblíquo (colocação) 835
flexão 538
modificando subst. 537
não se combina com prep. 776, n.
sentido intensivo 240, obs. 2; 276, n. 5
substituído por adjetivo 537, n. 2
AFAZER – V. *fazer* (compostos)
AFEAR, AFIAR 461, n.
AFÉRESE 113, A
AFETO 496, n. 1
AFIGURAR 112, A
AFIXO 626
AFLIGIDO 497
ÁFRICA 244, A, 2, n. 1; 618
AFROUXAR 445
AGENTE
da ação verbal 298, 388
e paciente 657, n. 2
da passiva 390; 546, n. 3, 686
AGLUTINAÇÃO 633
de nome composto 633
do pron. átono – V. *combinação* (pronominal)
AGNOME 244, A, 5
AGORA 526, n. 1

agora ... agora 573, n. 4
origem 613, d
AGRADAR (reg.) 777
AGRADECER (reg.) 777
AGREDIR (conj.) 466, 3ª gr., n.
AGUAR 440
AGUDA (palavra) – V. *oxítono*
AÍ 525, 5
não se combina com prep. 776, n.
AINDA (adv.) 526, n. 2; 775
AINDA MESMO 342, 6
AINDA QUE 584
AJUDAR (reg.) 777
AL 183; 356
terminação 219; 260, 1; 630, 1
ALAGOA 112, A
ÁLBUM 234, 4
ÁLCOOL 234, 5, n.
ALCUNHA 144, 9; 244, A, 5
ALEIJAR 444
ALÉM 525, n. 3; 628
ALÉM DISSO 575
ALERTA 527, 4
ALEVANTAR 112, A
ALEXANDRINO (verso) 1008
ALFABETO 31
defeito 58
dórico 38, 6
eólico 38, 7
fenício 38, 6
grego 38
origem 37 e ss.
ALGO 183
advérbio 354, n. 1; 530, n. 1
indefinido 354
ALGUÉM 354
ALGUM 353
= **NENHUM** 784, n. 6; 811, n. 1
ALGUM TANTO 353, n. 3
formas cognatas 354; 354, n. 3
alguma coisa de (antecedendo adjetivo) 753
ALGURES 354, n. 3; 525, n. 4
ALHURES 354, n. 3; 525, n. 4
ALI 525, n. 5
não se combina com prep. 776, n.
ALIÁS 572, n. 5
ALÍNEA 975, n. 2
ALMA 64
ALOTRÓPICAS – V. *formas divergentes*
ALTERAÇÃO
do vocábulo – V. *metaplasmo*
fonética – V. cada letra no seu respectivo verbete
ALTO 274
ALUGUEL 76
ÁLVARES 169
ALVITRE 71
AMAZONAS 232, 2, n. 1
AMBIGUIDADE – V. *anfibologia*
na poesia 804; 858
no emprego de "que" 376
no emprego de "se" 393
no emprego de "seu" 329
pela ausência do artigo 376, obs.
AMBOS 291; 352, n. 2
ÂMEN 105
AMIDO (étimo) 66
ANACOLUTO 785
ANÁLISE
da oração – V. *oração*
do período – V. *período*
espécies 24
fonética 24
gramatical 24, n.
léxica – V. *análise morfológica*
modelo se sintática 910
morfológica 24
sintática 24
da oração – V. *oração*
do período – V. *período*
ANALÍTICA (forma 271, obs.)
ANALOGIA
ação 616
de sentido 207
no artigo 243, obs. 3
entre "um" e os indefinidos 349, n. 2
na formação do português 616
fonética 616, a
morfológica 616, c
sintática 616, d
léxica 616, b
vocabular 600 e ss.
ANAPTIXE 87
ANÁSTROFE 855
ANDAR + gerúndio 506; 517
ANELAR 92
regência 777
ANELO 92
ANFIBOLOGIA 867; 874

V. *ambiguidade*
ANÔMALO (verbo) – V. *verbo* (anômalo)
ANTE (preposição) 546
prefixo vernáculo 628
ANTECEDENTE
da preposição 542
de "cujo" 380
do relativo 372
elidido 900, n. 2
repetido 900, n. 3
expresso de "quem" 900, n. 4
não exigido 900, n. 4
ANTERIOR 266, n.
ANTES 526, n. 3
"antes de" 526, n. 3
"antes que" 588; = "antes do que" 583, n. 3
ANTÍ (prefixo grego) 630.0
ANTIQUAR-SE 440, n. 3, b
ANTÔNIMAS (palavras) 606
ANTONOMÁSIA 869, nota ao pé da pág.
ÃO ÁTONO 136; 216, obs. 4; V. *terminação*
AO CERTO 359
AO DEMAIS 575, n. 7
AO INVÉS 78
AO INVÉS DE 86, n. 2
AONDE 525, n. 8
APASSIVAÇÃO – V. *voz*
APELATIVO – V. *nome*
APENAS 527, n. 5; 588, n. 2
APESAR (grafia) 78
APESAR DE 551, a
APICAL (consoante) 60, n.
APIEDAR-SE 462, 1
APÓCOPE 113, C; 226, 2º caso
APÓDOSE 581.1
APOIAR-SE 777
APÓLOGO 988
APOSIÇÃO – V. *aposto*
APOSTO (definição) 699
com prep. DE 699
concordância com o fundamental 756
constituído de gerúndio 943, 4
e o artigo 244, B, 6
APÓSTROFO 114, A, obs.; 137
APRAZER 463, 7
APROPINQUAR-SE 440, n. 3, c
AQUELE – V. *pronome demonstrativo* 340 e ss.
combinação com **DE** 548
e **OUTRO** 340, n. 2; 356, n. 4
= **QUEM** 378
sujeito seguido de pron. como compl. 715
AQUELE QUE = O QUE 345, n. 3
AQUELOUTRO 340, n. 2; 356, n. 4
AQUÉM 628
AQUÉM DE 525, n. 3
AQUI 525, n. 5
não se combina com prep. 776, n.
AQUILO 183; 340 e ss.
ARCAÍSMO 880; 943, 4, obs. 2
ARGUIR 468, n. 2
ARGUMENTO (adjunto adverbial) 697, p
ARMAZÉM 76
ARRAIGAR 443
ARRENEGAR 112, A
ARRIZOTÔNICO 107; 440, n. 3
ARTELHO 89
ARTIGO 243 e ss.
antes de **CASA** 118, 5; 243, obs. 4
antes de **CERTO** 359, n. 2
antes de nome de cidade 244, A, 2, n.
antes de **PALÁCIO** 243, obs. 4
antes de **TERRA** 118, 6
colocação 811
com função pronominal 336; 345, n. 1
combinação com prep. 548
contração 549
definido 243, A
e a substantivação 248, obs. 1
e o oblíquo 843
e o possessivo 244, B, 4, n.; 786, d
e o relativo **QUE** 376, obs.
e o superl. relat. 275
emprego 244, A; facultativo 244, B, 4, n.
indefinido 243, B; 283
na silepse de gênero 768, 3
"o" = demonstrativo neutro 345, n. 1
omissão 244, B
quando se emprega após **TODO** 350
repetição 243, obs. 9
substituto dos casos latinos 180, n.
UM e os indefinidos 349, n. 2
ASA 78
ASCENDER e **ACENDER** 496, n. 12 (ao pé da pág.); 603, a (ao pé da pág.)
ÁSIA 244, A, 2, n. 1; 618
ASPAS 973
ASPIRAÇÃO GREGA 37, 2

ASPIRAR 777
ASSAZ 530, n. 2
ASSENTAR, ASSENTO 497, n. 1 (ao pé da pág.)
ASSENTE 496, n. 3 (ao pé da pág.)
ASSIM, ASSIM E ASSIM, ASSIM COMO
ASSIM, COMO ASSIM 527, n. 6
ASSIM COMO 571, n. 5
ASSIM MESMO 342, 7
CONJUNÇÃO 574
ASSIMILAÇÃO 119 e ss.
DE **SIMO** 272
do artigo 243, obs. 3
semântica 621, d
outros casos de assimil. 629
ASSINDÉTICA (oração) – V. *oração*
ASSISTIR 305; 777
ASSUNTO 497
ASTERISCO 972, obs. 3; 976, 3
ATÉ, ATÉ A 546, n. 2
ATÉ HÁ POUCO 907, 5º tipo
ATÉ MESMO 342, 6
ATÉ QUE 588
ATENDER 777
ATER-SE 431, ob.
ATIRAR 777
ATIVA (voz) – V. *voz*
ativo (verbo) – V. *verbo*
ÁTONO (vocábulo e sílaba) 99; 102
pronome 818
ATRÁS, ATRASAR 78; 525, n. 2
ATRAVÉS 78
ATRIBUTO – V. *adjunto adnominal*
AUMENTATIVO – V. *flexão* (gradual do subst.)
verbo 504
AUTORES DE OBRAS 911
AVIR-SE 464, 3, obs. 2
AVISAR 777
AVOS (terminação) 288
AZAG 68
AZUL-MARINHO 261, n.

B

B (origem e pronúncia) 62; 91
assimilação 629, n. 5
BARAÇO 873
BARBARISMO 868 e ss.
BARRA 976, 5
BASTANTE
adjetivo 530, n. 3
advérbio 530, n. 3
emprego incorreto 358, n.
flexão 358
pronome indefinido 358
BATER 777
BATOLOGIA 784, n. 1
BEL 112, C
BELO 982
BELTRANO
BEM 527
prefixo 628
BEM MAL 265, c, n. 2; 268
BEM-AVENTURADO 72; 268, c; 628
BENFAZER 463, obs. 1
particípio 496
BEXIGA 84, obs., c
BIBLIOGRAFIA 981, b
BISCOITO 497, n. 9 (ao pé da pág.)
BOA VONTADE, BOM GOSTO, BOM HUMOR 267
BODA (plural) 234, 1, obs. 1
BOI 82
BOM 266; 274
BONDE 234, 3
BOTO 497, n. 2
BRASILEIRISMO 881, 2
BRASILEIRO, BRASÍLICO 249; 249, n. 3
BÚFALO 67
BUFAR 67
BULIR 468

C

C 36; 38, 5
cedilhado 64; 138
intervocálico 86, 1
origem e pronúncia 63
CÁ 525, n. 6
CABER 463, 1
DESCABER 463, obs. 2
CACÓFATO – V. *cacofonia*
CACOFONIA 342, 8; 876
CACOGRAFIA 873, n.
CADA 43 obs.
emprego 362
diferença entre **TODO** 362, n.

CADA QUAL 309, n. ; 362
CADA UM, CADA QUAL 716; 730
CADÊNCIA 1005
CADERNO 63, 2; 621, d
CAIR (étimo) 66
conjug. 469
CAIXÃO 240, obs. 9
CAL 219, n.
CÁLCULO 621, d
CALENDAS 70
CÁLICE 223, n.
CALIDOSCÓPIO 70
CALIGRAFIA 621, c
CAMPAINHA 42
CANÇÃO 986
CARÁTER 224
CARDINAL – V. *numeral*
CARGO 315
CARIOCA 249, n. 2
CARREGAR 777
CARTOLA 63, 2
CASA: e o artigo 118, 5ª; 243, obs. 4;
e a crase 118, 5ª
e o possessivo 330, n.; 332
CASAL 293, n.
CASAR 396, n. 2
CASO: latino 180, n.
lexicogênico 180, n.; 613
oblíquo 312, 313
reto 312, 313
supressão 180, n.; 775
= *se* 945.9, obs. 3
CÁSPITE 595
CASSINO 80
CASTELHANISMO 550, c; 551, f
CATACRESE 621, c
CATEGORIA GRAMATICAL – V. *classe de palavra*
CATÉTER 224
CATIVO 497
CATORZE 63, n.
CAVIDADE (bucal nasal) 41
CC (cç) 65; 143, e, 1
CEAR, CIAR 461, n.
CEDILHA 64; 138
CEGO 497
CEGONHA 68
CELEUMA 186, 1, excs.
CENTO 281, n.
CERCA DE (influência na concord.) 709, n. 4
CERCE 527, n. 8
CERTAME 73
CERTO 359
e o artigo 243, obs. 5; 359, n. 2
locuções 359
CERZIR 452, n. 3; 466, obs. do v. *aderir*
CESURA 1008
CÉU 71
CH (origem e pronúncia) 88
CHAMA 88, 3
CHAMAR 777
CHÃO 88, 1; 624
CHAPÉU 88, 4
CHARRUA 88, 4
CHAVE 88, 2
sinal distintivo 976, 1
CHEGAR 446, a
CHEIO 88, 1
CHEQUE 83, 1, n.
"CHI" (χ) 37, 1
CHORAR 88, 1; 91
CHUVA 88, 1
CÍCERO 973, obs.
CID 66
CIGARRA 76, 3
CINCO 63, 2
CINTO (de **CINGIR**) 497
CIRCUITO 50, n. 1; 629
CIRCUNDAR 462, n. 3
CIRCUNFLEXO (acento) 100; 135
CIRCUNLOCUÇÕES 875
CIRCUNLÓQUIO 513
CIS 525, n. 3; 629
CITAÇÕES 144, 2
CÍVEL 220
CLASSE DE PALAVRAS 155 e ss.; 161, n. 2
intercâmbio entre as classes 231, 5; 248, obs. 1, 2, 3; 249, n. 3; 276, 1, n. 3
CLÁUSULA – V. *oração subordinada*
C'O 114, B
COBRIDO 496, n. 20
COBRIR 467, 1º gr.; 496, n. 20
CO'ESTE 137
COGNATO 354; 625
COISA (elipse) 782, C, n. 3
COISÍSSIMA 263, n.
COITO 497, n. 9
COLCHETES 976, 2

COLETIVO – V. *substantivo* (coletivo)
COLISÃO 879
COLOCAÇÃO 775; 790 e ss.
como indicativo de regência 774, 775
da oração principal no período 800
da preposição 543; 811
de bastante 358; 530, n. 3
de certas expressões exclamativas 799
de certas expressões optativas 799
de **MAS**, de **PORÉM** 572, n. 2
de **MESMO** = **PRÓPRIO** 342, 9
de **NÃO** 813
de **NEM** 813
de **POIS** 574, n. 2
deslocação idiomática dos termos da oração 801
do adjetivo 360, 807 e ss.
do adjunto adnominal 775, 791
do adjunto adverbial 775, 791
do artigo 811
do complemento 543
do numeral 811; 811, n. 3
do particípio e gerúndio na oração = ablativo absoluto 698
do possessivo 331
do pronome adjetivo 811; 811, n. 1
do pronome no imperativo 425, 6
do pronome possessivo 811, n. 2
do pronome oblíquo 776, 3, n.; 818 e ss.
do pronome relativo 793, n.; 796
do sujeito – V. *sujeito* (colocação)
do verbo auxiliar em locuções verbais 814
do verbo modificado por vários complementos 803
do vocativo 702
dos termos da oração 775; 791; 793; 794; 795; 797; 802; 803 e ss.
da oração exclamativa 798
da oração interrogativa 797
equipolência 859; 862
irregular dos termos da oração 853 e ss.
na poesia 804
predicativo no início da oração 793
sintaxe de coloc. 790 e ss.
sujeito posposto ao verbo 794
sujeito seguido de **É QUE** 794, n.
tipos sintáticos divergentes 859; 862
verbo em primeiro lugar 795, 799
CÓLON 73
COLORIR 489, 10
COM: conjunção 584, n. 3 ao pé da pág. na ligaç. de suj. comp. 736
prefixo 629
preposição 545
COM CERTEZA 359
COM QUE ENTÃO 526, n. 4
COM TAL QUE 585
ESTAR COM 427, obs. 4, d
+ infinitivo 584, n. 3 ao pé da pág.
seguido de NÓS 319, n.
seguido de SI 319, n.
COMA 186, 1, excs.
COMBINAÇÃO:
das prep. **A**, **DE**, **EM**, **PER** 548
dos oblíquos 321, 322
impossível da prep. 653; 776, 1, n.
COMÉDIA 987, 2
COMER 450, n. 2
COMIGO 319
COMO: advérbio 527, n. 9
adv. conjuntivo 527, n. 9
antec. de prep. 527, n. 9
conj. causal 582, n. 5; 946.1, n.
conj. conformativa 590; 525, n. 8
em correl. com **TAL** 343, n. 2
entre subst. e demonstr. 341, n. 4
entre subst. e indefin. 243, obs. 6; 265, a
forma convergente 620
na exclamação 798
na interrogação 797; 642, n. 2
na introdução de oraç. subst. 894
COMO QUE 945.9, n. 2
COMO SE 585.5 n. 6; 945.9, n. 2
COMPARATIVA – V. *conjunção*, V. *oração*
COMPARATIVO – V. *flexão* (gradual do adj.)
COMPLEMENTO:
agente – V. *agente* (da passiva)
circunstancial – V. *adjunto* (adverbial)
comum 378; 776, 3
constituído de prep. e consequente 542
de especificação – V. *adjunto* (adnominal)
nominal 675 e ss.; 927, 2
não confundir com outro compl. 693
de certos adjet. 391, 2, n. a
objetivo – V. *predicativo* (do objeto)
omissão do obj. dir. ou do ind. 777 n.
do v. *agradecer*

predicativo – V. *predicativo*
repetição 776, 3, n.; 926
restrito – V. *adjunto adnominal*
verbal 299; 300; 679 e ss.
COMPLETIVA NOMINAL – V. *oração*
COMPLETIVO OBJETIVO – V. *predicativo* (do objeto)
COMPLETIVO PREDICATIVO – V. *predicativo*
COMPLETIVO SUBJETIVO – V. *predicativo* (do sujeito)
COMPOSIÇÃO (de palavras) 610 e ss.; 633
compostos gregos 631; 633, n.
compostos espúrios 227. n. 2
por aglutinação 633
por justaposição 633
COMPRAZER 463, 7, obs. 2
COMPREENSÃO (do subst.) 247
COMPUTAR 439
CÔMPUTO, COMPUTO 439
COMUM – V. *substantivo*
COMUM DE DOIS 202
COMUNGAR 777
CONCESSIVA – V. *conjunção,* V. *oração*
CONCLUSIVA – V. *conjunção,* V. *oração*
CONCLUSO 497, n. 14
CONCORDÂNCIA
anormal – V. *conc. siléptica*
de **MESMO** 342
de tratamento 316; 328
do adjetivo com o substantivo 255; 262, n. 1; 745 e ss.
do aposto 756
do numeral 289
do particípio 430
do possessivo com a coisa possuída 328, n. 2
do predicativo 757 e ss.
quando é **MUITO POUCO** 713
do pronome 761; 762
oblíquo 685
do verbo 709 e ss.
que indica intenção, vontade 404
dos nomes de cores 261, A, notas
irregular ou figurada – V. *conc. siléptica*
latente – V. *conc. siléptica*
lógica – V. *conc. siléptica*
mental – V. *conc. siléptica*
nominal 745 e ss.
90% dos homens – 769, 2, n.; 713
por atração 738
semiótica – V. *conc. siléptica*
siléptica 710, n. 1; 711; A; 766 e ss.
tipos sintáticos divergentes 859; 860
verbal – V. *concord. do verbo*
CONCRETO (subst.) 170
fictício 171
verbo 428
CONCRETO 497
CONDICIONAL
conjunção – V. (no verbete *se) conjunção*
modo – V. *futuro do pretérito* (no verbete *tempo)*
oração – V. *oração*
CONDUZIR 470
CONECTIVO 541; 556; 601
oracional 556; 900, n. 4
CONFESSO 497
CONFORMATIVA – V. *conjunção,* V. *oração*
CONFORME, CONFORME A 546, n. 8; 590
CONJUGAÇÃO – V. *verbo*
CONJUNÇÃO
definição 160; 541; 556
classificação 557
comparativa 583
concessiva 584
conclusiva 574
coordenativa 565; 557; 571 e ss.
e a colocação do obl. 829 e ss.
integrante 581; análise forçada 642, n. 2
pospositiva 956
subordinativa 556, 557; 564, 565; 580 e ss.; 776
elipse 782, C
nas subord. adverb. 902
CONJUNTIVO – V. *pronome* (relativo)
CONQUANTO 584
CONSEQUENTE 372; 380; 542
CONSIGO 319; variante de **SE** 408
CONSOANTE: defin. 34; 55
classific. 59
de ligação 239
geminada 120, obs. 3; 143
inicial 143, b
intervocálica 143, d
temática de verbos 447
CONSOANTE, CONSOANTE A 546, n. 8; 590
CONSONÂNCIA 57; 93

CONSONANTISMO – V. cada consoante no seu respectivo verbete
CONSTANTE 935
CONSTAR 489, 1
CONSTRITIVA (cons.) 59
CONSTRUÇÃO PESSOAL E IMPESSOAL 484
CONSTRUIR 468, n. 1
CONTAGEM DAS SÍLABAS 50, n. 3; na poesia 1003; 1004
CONTANTO QUE 585
CONTENTAR 777
CONTIGO 319
CONTÍNUA (cons.) 60, n.
CONTINUIDADE DE AÇÃO – V. *locução verbal*
CONTO 292; 992
CONTRA: prep. 545
pref. latino 629
CONTRAÇÃO – V. *combinação*, V. *crase*
CONTRAPOSIÇÃO 283, c
CONTRIBUIÇÃO BRASILEIRA PARA O LÉXICO DA LÍNGUA – V. *brasileirismo*
CONTUSO 497, n. 15
CONVERGENTE (forma) 620
CONVERSÃO DAS ORAÇÕES:
da adjetiva em coordenada 900, n. 6
da adverbial em adjunto adv. 901; 902, n.1
da adverbial em coordenada 902, n. 2
da ativa em passiva 390, n. 1
da gerundial em subord. adv. temporal 943, 6
da infinitiva em modal 920
do adjunto adnominal em subord. adjet. 899
do complem. ou suj. em subord. subst. 892; 894
CO'O 114, B; 137
COORDENADA – V. *oração* (coordenada)
COORDENATIVA – V. *conjunção*
COÓRTE, CÔRTE, CÓRTE 143, c, 4
CORES 261, A, n. 2; 872, 2
CORRELAÇÃO E EMPREGO DOS TEMPOS E MODOS DOS VERBOS 413 e ss.; 529 (talvez); 907, n. 3 (haver); 945.1 e ss.
CORRELATIVA (conj.) – V. *conjunção* (comparativa)
CORRER 489, 7
CORRETO 497, n. 16
COZER, COZINHA 86, 2
COZIDO 497, n. 9
CRASE 116 e ss.; 549
antes do obj. ind. 301, n. 2
antes de verbo 116, 1ª
e o pronome de trat. 244, B, 4
na locução adverbial 535
CREAR, CRIAR 460, 2
CRER 463, 2
CRIAÇÕES ROMÂNICAS 617; 419, 3
CRÔNICA 990
CT 65
CUJO 380 e ss.
CULTO 497, n. 3
CUNEIFORME 40
CUSTAR 777

D

D (origem e pronúncia) 66
assimilação 629, n. 1 (ao pé da pág.)
D'ÁGUA 137
DAR (e compostos) 462
concordância 739
DAR-SE 401, B
DATA:
abreviada 976, 5
do 1º dia do mês, obs. 1
e a pontuação 953
e o artigo 244, B, 5
DATISMO 605, n.
DATIVO 180, n.; 613
de interesse 320, n.; 334; 685; 694
DD. 315, n. 3
DE:
antes de **QUE** 895, 1, n.
após adjetivo 754
com ideia de partitivo 709, n. 1 ao pé da pág.
combinação 548; (impossível) 776, 1, n.
criação românica 617, a
e o superl. relat. 275
em adjunt. adv. de arg. 697, p
em expressões comparat. 265, c, n. 4
em idiotismos 786, c
em partitivos 709, n. 1 ao pé da pág.
na oração completiva nominal 898, n.

no adjunto adnominal 692
no agente da passiva 390, n. 2
no aposto 699
no complem. de v. trans. ind. 301, b
no complem. nominal 675, 676
nos nomes próprios 144, 4, n. 1
prefixo 629
preposição 545, n. 3
DE CERTO 359
DE FORMA, DE MANEIRA, DE MODO QUE 586, n.
DE HÁ 907, 5º tipo
DECASSÍLABO (verso) 1005
DÉCIMA 180, n.
DECLINAÇÃO 180, n.
redução 612
DEFECTIVO (verbo) 479 e ss.
DEFESO 496, n. 13
DEFICIT 81; 234, 5
DEFINIÇÃO (e o artigo) 244, B, 2
DEFLUXO 76
DEIXAR (étimo) 66
DEMAIS 575, n. 7
DEMONSTRATIVO – v. *pronome*
DENIGRIR 466, 3º gr. n.
DENTAL (consoante) 60, n.
DEPARAR 777
DEPOIS (conj.) 575, n. 5
DEPOIS DE 526, n. 3
DEPOIS QUE 588
DEPUTADO, DEPUTADA 206
DERIVAÇÃO 354, n. 1 (ao pé da pág.)
das palavras 633
do adjetivo 251
do subst. 174
dos tempos 459
DERIVADO – V. *derivação*
DES (perf.) 504; 628
DES QUE 113, C
DESAGUAR 440
DESAPARECIMENTO DE TEMPOS – V. *histórico da língua*
DESAPERCEBIDO 873
DESAVIR 464, 3, obs. 2
DESCABER 463, obs. 2
DESCENDER 426, 6, e
DESCER 451
DESDE 545
DESDE QUE 582; 588
DESENVOLVIDA (oração) 904, n. 1
DESENVOLVIMENTO GRADUAL DE AÇÃO – V. *locução verbal*
DESIDERATUM 234, 4
DESINÊNCIA: definição 163
anomalia na verbal 458, 2
gradual 237; 238; 276
DESPERCEBIDO 873
DESTRUIR 468, n. 1
DESVAIRAR 123, a
DEUS 144, 11
plural 223
DEVER (elipse) 782, C, n. 3
com v. impessoal 487
DEVERAS 531, n. 2
DEZESSEIS, DEZESSETE, DEZOITO, DEZENOVE 284
DICIONÁRIO 10; 621
DIDÁTICA 988
DIÉRESE 50, n. 2
DIFERENTES 360
DIGAMA 38, 7
DIGNAR-SE 442
DÍGRAFO 87
DIGRAMA – V. *dígrafo*
DIMINUTIVO – V. *flexão* (gradual do substantivo)
verbo 505
DISCURSO (direto, indireto) – V. *estilo*
DISSÍLABO 96
DISSIMILAÇÃO 630.1 (sufixo *ar)*
DISTÂNCIA (e o oblíquo) 839
e o infinitivo 928
DISTINGUIR 453, n. 2; 497, n. 17
DISTRIBUTIVO 349, n.; 362
DITONGO (defin. e classif.) 49, 50
crescente 49
decrescente 50
na partição de palavras 143, c
no radical dos verbos 443, 444
DIVERGENTE (forma) 620
DIVERSOS 360
DIVISO 497, n. 18
DIZER (e compostos) 463, 3
regência 581, n. 1
DO (de + o) 114, A
DO QUE 265, b, c, n. 1; 583
= **O DE** 345, n. 3 (in fine)
DOBRADA (consoante) 60, n.
DOBRE, DOBRO 286, obs. 1
DOCUMENTO (da língua) 7
DOCE (consoante) 60, n.

DOER 488
DOIS-PONTOS 144, 2, n.; 966
DOM 146, n. 1 (ao pé da pág.)
DRAMA 987,1
DRUIDA 50, n. 1
DUAL 213, n.; 232, n. 2; 291
DURA (consoante) 60, n.
DURANTE 546, n. 9
DUVIDAR 62
DÚZIA 177; 293

E

E: aberto 42; em certas formas verbais 462, 4, n. 1
conjunção 571, n. 1
e a vírgula 950, n. 4
fechado 42
longo 38, 4
omissão nos numerais 281, obs. c, d
prefixo latino 629
prefixo grego 630
pronúncia 33, n.
protético 112, A, obs. 2
= **MAIS** 571, n. 1, c
E NEM 571, n. 2
E. GR. (= exempli gratia) 534, 2
É PORQUE 585.3, n.
É PRECISO, É NECESSÁRIO 759
É QUE 784, n. 5; 794, n.
flexão obrigatória 786, b, n.
idiotismo 786, b
ÉCLOGA 986
ECO 878
ECTLIPSE 114, B; 137
EE (em verbos em **ear**) 460, 5
EIS 121, 2; 537, n. 1
EL 243, obs. 2
EL-REI 243, obs. 2
ELDORADO 243, obs. 2
ELE – V. pronome pessoal
ELEGIA 986
ELEITO 496, 14
ELEMENTAR 32, n. 1 (ao pé da pág.)
ELINHO 240, obs. 2
ELIPSE 780 e ss.
do conectivo 581, obs.; 782, C
do verbo 782, B; 783
de **COISA, DEVA, POSSA, TEMPO** 782, C, n. 3
em condicionais 585.3, n.
nos provérbios 782, C, n. 2
EM 546, n. 4
com verbo de movimento 546, n. 4, a
constituindo galicismo 871
constituindo italianismo 546, n. 4, c
em adjunto adv. de tempo 697, b, n.
em oração gerundial 943, 4; 943, 5, obs. 1
EM O, EM A 546, n. 4, b
EM QUE (conj.) 584, n. 1
EM VEZ DE 86, n. 2
EMBORA (conj.) 584; 945-11
EMPREGO – V. os verbetes dos assuntos pedidos
EN (pref. vem.) 628; pref. gr. 630
ENCARREGUE 946, 3
ENCHIDO 496, 15
ÊNCLISE 818, 821
enclítica (palavra) 103
ENCONTRAR 777
ENTREGUE 496, 4
ENCONTROS CONSONANTAIS 87
ENCRUAR 440
ENDEFLUXADO 77
ÊNFASE 342, 5, b; 551, e; 621; 807, n. 3; 821; 900, n. 3
ENFIM 574
ENQUANTO 588; com o subj. 945, 10
ENSINAR 777
ENTÃO 526, n. 4; 574, n. 3
ENTRAR 777
ENTRE 546, n. 5
ENTRE MIM E TI 546, n. 5
pref. vernáculo 628
ENTREGUE 496, 4
ENTREMENTES 526, n. 5
ENTRETANTO 572
ENTUPIR 468, n. 1; 616, b
ENUMERAÇÃO 144, 2, n.; 289, 966, 2
ENVELOPE 315
ENVOLVIDO 496, n. 16
EPÊNTESE 112, B
EPICENO (substantivo) 201
EPÍSTOLA 988
EPÍTETO 144, 9; 244, A, 5
EPOPEIA 985
EQUIPOLÊNCIA 859; 904

EQUIVALÊNCIA – V. *equipolência*
ERUDITA (palavra) 623
ES, ESA – V. *terminação*
ESCARRAPACHAR, ESCARRAPICHAR 506, n. 1
ESCONSO 497, n. 10
ESCORREITO 498
ESCREVIDO 496, n. 17
ESDRÚXULO (acento) – V. *proparoxítono*
ESFÍNCTER 224
ESPÉCIME 73
ESPERANTO 8, n.
ESPÍRITO ÁSPERO 38, 2
ESPLÊNDIDO 112, A, obs. 2
ESPONTÂNEO 112, A, obs. 2
ESPORTE 112, A, obs. 2
ESP'RANÇA 137
ESQUECER 777
ESSE – V. *pronome demonstrativo* 340 e ss.
combinação com **DE** 548
combinação com **EM** 548
e **OUTRO** 356, n. 4
e **COMO** 341, n. 4
ênfase 342, 5, b
ESTADOS UNIDOS (os) 232, 2, n. 1
244, A, n. 1
ESTÂNCIA 1009
ESTAR
+ gerúndio 506; 517
= **JULGAR** 427, obs. 3
conjugação 425
e o particípio 430; 495, n.
e o particípio duplo 495
impessoal 405, C; 484, 2
acidental 658, 5
na indicação da passiva 391, 1
regências, construções e expressões 427, obss. 1, 2, 3, 4
verbo de ligação 427
ESTÁTER 224
ESTÁTICA (semântica) 621
ESTE 340 e ss.; 260, 5, exc.
combinação com **DE** 548
combinação com **EM** 548
e **OUTRO** 356, n. 4
e **COMO** 341, n. 4
ênfase 342, 5, b
ESTILO 980
bíblico 571, n. 1, b
direto, indireto 561; V. *tempo* (correlação e correspondência)
ESTOUTRO 114, A; 340, A, n. 2
ESTRALAR 112, B
ESTRANGEIRISMOS 234, 3, 4, 5; 868
ESTREAR, ESTRIAR 461, n.
ESTROFE 1009
"ÉTA" (η) 38,4
ETC. 81, n.
ÉTIMO, ETIMOLOGIA 610 e ss.; 621, d
ÉTNICO (adjet.) – V. *adjetivo*
EU – V. pronome pessoal
EUFEMISMO 621, d
EUFONIA 124; 319, n.; 345, n. 3, 4; 351; 365; 821; 942, n.
conceito 819
EUROPA 244, A, 2, n. 1; 618
EUSTOMIA 819
EXCEÇÃO (grafia) 74
EXCETO (prepos.) 497, n. 4; 546, n. 9
EXCETO SE 585
EXCLAMAÇÃO – V. oração (exclamativa)
EXEMPLI GRATIA 534, 2
EXENTO 497, n. 19 ao pé da pág.
EXISTIR = SER 426, 1
colocação 795, b; 795, n. 1
e **TER** 431
= HAVER 484, 2
EXORTAR 777, n. do v. *agradecer*
EXPANSÃO DO LATIM 611
EXPLETIVO 530, n. 7; 596, n. 1; 784, n. 5
EXPLICATIVA (conjunção) 575
oração 889, n. 2; 900
EXPLICATIVO (adjetivo) 248, obs. 4
EXPLOSIVA (consoante) 60, n.
EXPRESSÃO: de tempo 741; 907
de tratamento – V. *pronome* (de tratamento)
idiomática 786
imprecativa 945.5
optativa 799; 945.5
EXPRIMIDO 496, n. 22
EXPULSO 496, n. 21
EXTERIOR 266, n.
EXTERIORMENTE 527, n. 9
EXTINGUIR 496, n. 23
EZ, EZA – V. *terminação* (ez, eza)

F

F (origem e pronúncia) 67
FÁBULA 988; 992
FAISÃO 67
FAIXA 84, obs. b
FALTAR (concordância) 740
FALTO, FARTO 496, n. 5
FARSA 987, 2
FAZER:
conjugação 463, 4
composto 463, 4, obs. 1
emprego 463, 4, obs. 3
particípio duplo 496, n. 17
impessoal 484, 2; 487; 658, 3; 741; 907, n. 3
vicário 463, 4, obs. 3
= **HAVER** 658, 3; 741, 907, n. 1, 3
e o oblíquo 463, 4, obs. 2, 4
concordância 741
FAZIDO 496, n. 17
FEDER 488, c
FELICE 112, C
FELICITAR 777
FÊMEO (adjetivo) 201
FEMININO – V. *flexão genérica*
FICAR (na indicação da passiva) 391, 1, n. a
FIDALGO 345, n. 2
FIGURA GRAMATICAL 707
de colocação 853 e ss.
de concordância 766 e ss.
de dicção – V. *metaplasmos*
de pensamento, de retórica 621
de regência 780 e ss.
FIGURADO (sentido) 607
FILARMÔNICO 90
FLAUTA 77
FLECHA 77
FLEXÃO
casual 180, n.
diminutivo aparente 240, obs. 8
do adjetivo 255 e ss.
adverbializado 351
do advérbio 538
do artigo 243
do infinitivo pessoal 915 e ss.
do numeral 282
do pronome 313 e ss.
do substantivo 180 e ss.
do verbo 386 e ss.; 412 e ss.
quanto à voz – V. *voz* (do verbo)
dos nomes em ÃO 216
dos nomes estrangeiros 234, 3, 4, 5
dos nomes próprios 233
eufônica 351
genérica:
das terminações graduais 240, obs. 5, 6
do adjetivo 255 e ss.
composto 261, A, n. 1
do numeral (card. pelo ord.) 289
do subst. 180 e ss.
feminino tirado do diminutivo 240, obs. 7
neutro 183; 340, A, n.; 342, 2; 357,4; 614
pela classif. do obj. 187, 188
gradual:
do adjet. 240; 262 e ss.; sua existência ou não 277
do advérbio 538
do subst. 235 e ss.
indicativa de desprezo, ironia 240, obs. 4
numérica: 212 e ss.
do adjetivo 261 e ss.
composto 261, A
do nome estrangeiro 234, 3, 4, 5
do pronome 311; 314, 315
do substantivo 212 e ss.
composto 225 e ss.
próprio 233
só empregado no sing. (singularia tantum) 231
só empregado no plural (pluralia tantum) 232
do verbo 412; 420
dos diminutivos 234, 2
e a acentuação 224
e a significação 230
eufônica 351
plural duplo, triplo 216, n. obs.
plural majestático 769, 1, n. a
por atração 351
FLORÃO 240, obs. 9
FLUIDO 50, n. 1, a
FLUMINENSE 249, n. 2
FOI PORQUE 585.3, n.
FOLGAZÃO 259

FONEMA 21
definição e espécies 29
alteração do fon. 620
nome dos fonemas 34, n.
vogal 47
FONÉTICA: definição 21
descritiva 26
divisão 25
histórica 27
sintática 28
FORMA (para fim de classif.) 533, nota ao pé da pág.
alotrópica – V. *forma divergente*
analítica 271, obs.
analogia de forma 602 e ss.
arrizotônica 440, n. 3; 488, d
cognata 354; 625
convergente 620
de delicadeza 419, 3, g
divergente 620
equipolente 859, 904
erudita 623
híbrida 631, n.
homotrópica 620
modal 933
nominal do verbo 414; 933 e ss. – V. cada forma no seu respectivo verbete
oblíqua – V. *pronome*
paralela 625
parassintética 625
perifrástica – V. *locução verbal*
popular 620
pronominal – V. *pronome pessoal*
rizotônica 439 e ss.; 443 e ss.; de verbos 460, 461, 462
semierudita 623
sincrética 625
sintética
do comparat. 266; 268
verbal 412
dupla 494
supletiva do imperat. 413, 3, d
V. *palavra*
FORMAÇÃO DO VOCABULÁRIO 619 e ss.
FÓRMULA DE TRATAMENTO 315
FORTE (consoante) 60, n.
FORTUITO 50, n. 1
FRACIONÁRIO – V. *numeral*
FRALDA 112, B
FRANCÊS, FRANCESISMO, DERIVADO DO FRANCÊS – V. *galicismo*
FRASE = locução 11
= oração 12
completa 23
incompleta 23
FRAUTA 77
FRECHA 77
FREI 146, n. 3
FREQUENTATIVA (ação) 506; 514, 3; 517
FREQUENTATIVO (verbo) 506
FRICATIVA (consoante) 59
FRITO 496, n. 24
FUGIR 777
FULANO 315
FUNÇÃO 636; 775
acusativa 180, n.; 392; 401
adverbial – V. *adjunto adverbial*
analogia 601
atributiva – V. *adjunto adnominal*
complementar – V. *complemento*
conectiva 541; 544; 556
da palavra – V. as várias classes de palavras nos seus verbetes
dativa 180, n.
do adjetivo 248
do artigo 243
do **QUE** – V. *que*
do **SE** – v. *se*
do subjuntivo – V. *subjuntivo*
do substantivo 650; 679
modificativa 601, 2
nominativa 601, 1
predicativa 649; 661 e ss.
sintática 636
subjetiva 313; 649; 650 e ss.
taxeonômica 636
FUNDAMENTAL (do aposto) 699
FUTURO – V. *tempo*

G

G (origem e pronúncia) 68
GALEGO 610
GALICISMO 868; 361, n. 2; 406; 546, n. 1; 550, c; 551, f; 698
aceitável 869

adaptação fonética e ortográfica do voc. francês 869
arcaico 233, n.
fraseológico ou sintático 871
léxico 870
GALINHA 240, obs. 7, 8
GANHO 496, n. 7
GÁS 78
GASTAR 68
GEAR 460, 3
GEMINADA (consoante) 60, n.; 143, e
GÊNERO 188 – V. *flexão genérica*
literário 983
GENGIBRE 68
GENITIVO 180, n.; 613
objetivo 677, 1
subjetivo 677, 2
GENTE 315; 315, n. 6
GENTIL-HOMEM 90
GENTÍLICO (adjetivo) – V. *adjetivo*
GERME 73
GERÚNDIO 414
= adjetivo 942
colocação 698
em oração = ablat. absoluto 943, 5
correspondente ao part. pres. latino 942
e o oblíquo 823
emprego 942 e ss.
emprego incorreto 944
função 942
na oração reduzida 904; 943, 5
precedido de **EM** 943, 4, 5; 823, n. 1
repetição enfadonha 944, n. 2
substituível pelo infinit. precedido de **a** 942, n.; 943, 2, n.
GERUNDIVO 937
GESSO 78
GIGANTE, GIGANTA: subst. 206; adj. 260, 5
GOAL 234, 5, n. 3
GONZO 86, 4
GOVERNALHO 89, 2
GRÁFICO REPRESENTATIVO DAS VOGAIS 42
GRALHA 89, 2
GRAMA 186, 1
GRAMÁTICA (definição) 13
comparativa 14
descritiva 19
divisão 20
expositiva 18
geral 14
histórica 17
normativa 19
particular 15, 16
prática 19
GRÃ, GRÃO 113, C
GRANDE 266; 274
colocação 808
GRASSAR 489, 2
GRATUITO 50, n. 1, *a*
GRAU – V. *flexão* (gradual)
GRAVE (palavra) – V. *paroxítono*
GRAXO 84, 1
GRIFO 973, obs.
GRUPO VOCÁLICO 48
consonantal 143, e, f
GU 68; 273, 4ª, n. 2
GUARDA (e compostos) 226, obs. 2 e ss.
G(U)E, G(U)I 61
GUERRA 68
GUILHERME 68
GUTURAL (consoante) 60, n.

H

H (origem, pronúncia, grafia) 36; 37, 2; 58; 90; 92; 93, 3
HÁ e **A** (nas expressões de tempo) 907, n. 2
HÁ MAIS TEMPO 907, 6º tipo
HÁ MUITO (análise) 907
= **FAZ** 658, 3; 741; 907, n. 1, 3
= **DESDE MUITO** 907, 5º
HABITAT 81; 234, 5
HAUSTO 497, 3ª conjug.
HAVER:
= **FAZER** 907, n. 3
= **TER** 431
+ infinitivo 428, 3
auxiliar 418
colocação 795, b; 795, n. 1
conjugação 425
considerações sintáticas 428
e o particípio 430; 495
emprego 428 e ss.
impessoal 428, 2; 484, 2; 487; 658, 2; 907
na locução verbal 516; 487

nas expressões de tempo 907
correspondência temporal 907, n. 3
pronominal (= portar-se) 428, 3
significações 428 e ss.
sintaxe 428; 484, 2
HAVER DE 432, b
HELVÉCIA 63, 3
HEMISTÍQUIO 1008
HETEROCLISMO 612
HETEROGÊNEO (superlativo) 274, n.
HETERORGÂNICA (consoante) 60, n.
HI = **J** 69
HIATO 52; 89; 877
HIBRIDISMO 632
HIEROGLIFO 40
HÍFEN 139; 226, obs. 1; 227
HÍFEN 73
HINDU 258, n. 1
HIPÉRBATO 854
HIPÉRBOLE 621, e
HIPÉRTESE 123
HIPOCORÍSTICO – V. *nome* (hipocorístico)
HIPOTÉTICO (período) 585, 1 e ss.
HISTÓRICO DA LÍNGUA 610 e ss.
HOJE 69,4
HOMÓFONO 603, a
HOMÓGRAFO 603, b
HOMÔNIMO 603
HOMORGÂNICA (consoante) 60, n
HOMOTRÓPICA (forma) 620
HONRAR-SE 777
HÓSPEDE, HÓSPEDA 206

I

I 37, 2; 42
semivogal 35
terminação 185
vogal eufônica 460; 460, 1
IBERO 104
ICTO 100
IDIOMA (língua) 4
IDIOTISMO 786
ÍDOLO 104
IGREJA 69, 4; 144, 7, n.
ILATIVA (conj.) 574
ILHÉU 256, n.
IMIGO 113, B
IMITATIVO (verbo) 508
IMPERATIVO – V. *modo*
IMPERFEITO – V. *tempo*
IMPESSOAL – V. *verbo*
IMPESSOALIDADE:
do **SE** – V. *se*
do verbo – V. *verbo*
IMPORTAR 489, 5; 777
IN (prefixo) 119; 629
INCISO 975, n. 3
INCOATIVO (verbo) 507
INCRÉU 256, n.
INDA 113, A; 526, n. 2
INDAGAR 777
INDEFINIDO – V. *um, uma*. V. *pronome*, V. *artigo*
ÍNDEX 223, n.
INDICATIVO – V. *modo*
ÍNDICE 223, n.
INDIGNAR-SE 442
INDO-EUROPEU 610, 611
INFERIOR 266, n.
INFINITIVO: 913
= forma nominal 414
= gerúndio 927; 942, n.
= imperativo 413, 3, d
= particípio presente 927
antecedido de **A** quando objeto dir. 683, 4, a; em construções francesas 546, n. 1, b; quando equivalente a gerúndio ou part. pres. 914, 2; 942, n.; 943, 2, n.
antecedido de **COM**, **SEM** 584, n. 3
antecedido de pron. pessoal 313
antecedido de preposição 552; 653; 776, 1, n.; 777 (ajudar); 918, 2
com função nominal 913; 933
com sentido passivo 391, 2ª, n. a; 927, obs. 2
inutilidade de **SE** 404, n. 4
com sujeito acusativo 652
de narração 914.1
dependente de **DEVER, PODER, QUERER, MANDAR, IR** e o oblíquo 850
e o artigo 913
e o oblíquo (colocação) 842 e ss.; 850, obs. 3
dois infinitivos formando locução e o oblíquo 850, obs. 2
dois inf. preposicionados e o obl. 847
impessoal e o obl. 848

perigo de ambiguidade 925, n. ao pé da página
vários infinit. e o obl. 845
flexão 915 e ss.
histórico 914, 1
impessoal e o oblíquo 848
na locução verbal 924 e ss.; 516, 517
na oração absoluta 559, n. 1
na oração reduzida 904
não confundir com o fut. do subj. 459, n. 1 ao pé da pág.
pessoal:
criação românica 617, j
e o fut. do subj. 433, n. 3
e o oblíquo 925
em locuc. verbal 924; 945.0
flexão 915 e ss.
flexionado e o obl. 849
idiotismo 786, a
seguido de 2 objetos 683, 7; 846
INFIXO – V. *consoante de ligação*
INFLETIR 489, 10
INFLIGIR 452, n. 4
INFORMAR 777
INFRINGIR 452, n. 4
INRI 37, 2
INSERTO 698, n.
INTEGRANTE (conj.) – V. *conjunção*
INTEIRAR 444
INTEMERATO, INTIMORATO 873
INTENÇÃO, INTENSÃO 63, 3
INTENSIDADE DAS VOGAIS 41; 45
INTERCALAÇÃO EUFÔNICA 124
INTERCÂMBIO TAXEONÔMICO 248, obs. 3
INTERESSAR 777
INTERFERENTE – V. *oração*
INTERIOR 266, n.
INTERJEIÇÃO (definição) 161; 595
classificação 596
locução interjetiva 582, n. 3; 597
onomatopaica 596, n. 2
INTERLÍNGUA 8, n.
INTERROGATIVA – V. *oração*
INTERROGATIVO – V. *pronome*
INTERVIR 464, 3, obs. 2
INTERVOCÁLICA (consoante) 60, n.
ÍNTIMO 272
INTRANSITIVO – V. *verbo*
INTUITO 50, n. 1
INVARIÁVEL – V. *palavra*
INVEJAR 446, b
INVERSÃO – V. *colocação* (irregular)
INVÉS 78
INVOCAÇÃO 315
IOTA 69, 5
IR (conjugação) 464, 1
concordância em expressões de tempo 741, obs.
em locução verbal 518
pretérito perf. 425, 3
verbo anômalo 475
IRMÃO 68
ISENTO 497, n. 5
ISSO 183; 340, A
combinado 548
substituído por "o" 345, n. 2
ISTO 183; 340, A
combinado 548
substituído por "o" 345, n. 2
sujeito 723; 738
ISTO É 575, n. 1
ITALIANISMOS 345, n. 3; 413, 2; 527, obs., 546, n. 4, c; 777 (agradecer)
ITÁLICO 973, obs.
ITERATIVO (verbo) 506

J

J 37, 2;
origem e pronúncia 69
= **HI** 69, 1, 5
JÁ 526, n. 5
JÁ . . . JÁ 573, n. 3; concordância 735, n. 3
JÁ QUE 582; = *se* 585, 3
= **MAIS** 526, n. 5
JACINTO 69, 1
JAMAIS 526, n. 7
JANELA 240, obs. 8
JAZER (e compostos) 463, 8; 616, b
JERUSALÉM 69, 1
JNRJ 37
JOELHO 89, 2
JOIO 69, 3
JORNAL 69, 4
JULGAR 71, 3
JÚNIOR 266, n.

JUSTIFICAÇÃO HISTÓRICA DE ALGUMAS REGRAS DE ORTOGRAFIA – V. cada letra do alfabeto no seu respectivo verbete
JUSTAPOSIÇÃO 266, 3º caso; 633

K

K (origem e pronúncia) 70
KAPPA 38, 5
KOPH 38, 6
KOPPA 38, 6

L

L (origem e pronúncia) 71
molhado 89
permuta com **R** 77
LÁ 525, n. 6
com valor negat. 525, n. 6
LABIAL (consoante) 60, n.
LABIODENTAL (consoante) 59
LADY 234, 5
LAMBDACISMO 77
LANCHE 234, 3
LANGUIR 453, n. 3; 479
LATERAL (consoante) 59
LATIM (como origem do port.) 610 e ss.
importância para a análise 910, obs.
LATINISMO 234, 4, 5, n. 2;
sintático 652
LEI 975, n. 3
LEMBRAR 71; 777
LENGA-LENGA 226, 1º, n. 3
LER 463, 2, obs. 2; 463, 14, obs. 4
LETRA 30 e ss.
cuneiforme 40
grega 38
maiúscula 32; 144, 145
no parêntese 972, obs. 1
em compostos 145, n. 2
nas abrev. 146, n. 2
minúscula 32; 144, 2, n.; 145; 966, 3, n.
no parêntese 145, n. 3; 972, obs. 1
LÉXICO 10; V. *vocabulário*
LEXICOGÊNICO (caso) 180, n.
LH (origem e pronúncia) 89, 90
LHANO 624
LHE = A ELE 777 (AJUDAR, ASPIRAR, ASSISTIR, PRESIDIR, RECORRER; V. n. do v. *assistir)* V. *pronome oblíquo*
LHO 321
LIBERDADE POÉTICA: no contar as sílabas 50, n. 2; 1003; 112, C, obs.; 113, B, n.; 114, B, n.
e o infinitivo 924, obs.
e o oblíquo 840
LIBERTO 497
LIGAÇÃO (verbo de) 302
LÍNGUA (idioma) 4
analítica 180, n.; 791
artificial 8, n.
espécies 5
extinta 8
histórico 610 e ss.
mãe, matriz 610
morta 7
neolatina 610, 611
românica 610
sintética 180, n.; 791
vernácula 4, n.
viva 6
LINGUAGEM:
afetiva 622
definição 1
espécies 2
familiar 240, obs. 2
projetada – V. *locução verbal*
LINGUODENTAL (consoante) 59
LÍQUEN 218, n.
LÍQUIDA (consoante) 60, n.
LÍRICA 986
LITERATURA 981 e ss.
LIVRE 496, n. 4
LO, LA 121, 1; 243, obs. 2, 3; 321
posposto a verbos 825, 2
LOCUÇÃO (= frase) 11; 533, n. ao pé da pág.
adjetiva 250; 513
adverbial 286, obs. 2; 357, 3, n.; 359; 533; e a crase 535; 536; 547
conjuntiva 565, n.; 571, n. 2; 586 n.
elucidativa 329
explanatória 550, g
e a pontuação 960
expletiva 784, n. 5
interjetiva 582, n. 3
latina 534, 2

perifrástica – V. *loc. verbal*
prepositiva 525, n. 3; 526, n. 3; explicação 547
repetição 551
pronominal 309, n.
substantiva 167; 168; 513
verbal 432; 487; 513 e ss.
e o infin. flexionado 924 e ss.
e o gerúndio 943, 2
e o oblíquo 850
e o verbo auxiliar (coloc.) 814
com v. impessoal 487
com força transitiva 895, 1, n.
que indica continuidade de ação 506; 517
que indica linguagem projetada 516
que indica passividade 515
que indica desenvolvimento gradual de ação 507; 518
LOGO:
conj. 574, n. 1
étimo 613, d
LOGO QUE 588
LONGE 525, n. 7; 240, obs. 2
LOPES 169
LÚCIFER 224
LUFA-LUFA 226, 12, n. 3
LUSITANISMO 881, 1

M

M (origem e pronúncia) 72
assimilação 136; 629, n. 2
apócope 629, n. 2
final do acusat. 613, a
MACHO (origem) 88, 2
flexão 201
MÁCULA 620 e ss.
MÁGOA 620 e ss.
MÃEZINHA 240, obs. 1; 622
MAIS:
advérbio 530, n. 4
em oração temporal 526, n. 5
indefinido 357
no comparativo 264, 2
MAIS BEM 268; 527, n. 7
MAIS BOM 266, 267
MAIS DE UM (concord.) 717
MAIS E MAIS 357, 3, n.
MAIS GRANDE 266. obs. 1
MAIS MAL 268; 527. n. 7
O MAIS 271. obs. 1, 2
O MAIS DE 357, 4, n. 1
O MAIS POSSÍVEL 357, 4, n. 2
OU MENOS 357, 3, n.
PEQUENO 266
= **E** 571, 1, n. 1, c
= **JÁ** 526, n. 5
MAIS-QUE-PERFEITO – V. *tempo* (pretérito)
MAIÚSCULA – V. *letra*
MAJOR 266, n.
MAL (adv.) 527, n. 7
conj. 588. n. 2
não confundir com **MAU** 527, n. 7
pref. vernác. 628
MAL-ESTAR 71
MALO 274 (1); 880
MANTER 431, obs.
MÃOZINHA 976, 4
MAPA-MÚNDI 227. exc. b
MARIA (diminutivos) 240, obs. 3
MARSELHA 76
MÁRTIRE 112, C
MAS : colocação 572, 2
conjunção 572, n. 1
pronúncia 43, obs. 1
MASCULINO – V. *flexão genérica*
MASSÉTER 224
MAU 266; 274; 527, n. 7
MAVORTE 112, B
MEAR, MIAR 461, n.
MEDIANTE (prep.) 546
MEDIR 426, 6, g; 465, 1
MEETING 234, 5
MEIO 261, B, n. 1
adjet. 530, n. 5
advérbio 530, n. 5
numeral 281; 287
pref. vern. 628
MEIO-DIA E MEIA 261, B, n. 2
MEL 220
MELHOR (adv.) 527, n. 7
comparat. de **BEM** 527, n. 7; 268, n.
comparat. de **BOM** 266; 268, n.
MENDES 169
MENOS:
advérbio 265; 530, n. 4
indefinido 357

preposição 546
pref. vern. 628
não se flexiona 357, n.
MÊS (grafia) 78
nome dos meses 144, 4, n. 3; 145; 167, obs.
primeiro dia do mês 289, n. 1
MESMO (concordância) 319, n.
adv. de intensidade 530, n. 8
emprego e significados 342
MESMO QUE 584
MESÓCLISE 818; 841
METADE 530, n. 5
concord. 711; 769, 2, n.
METADE... METADE 573, n. 3
METAFONIA 234
METÁFORA 621, c
METAPLASMOS 110 e ss.; 707, obs.
METÁTESE 123
METONÍMIA 621, b
MÉTRICA 1003
METRO 1001
MEU – V. *pronome possessivo*
MEXER 84, 5, obs. b
MIAR 461, n.
MIM – V. *pronome oblíquo*
MÍMICA 2
MINH'ALMA 114, A; 137
MINÚSCULAS – V *letra*
MISTER (haver mister) 428, 3
MISTO 496, n. 8
MO 321
MOBILIAR 439
MOÇO 63; 248, obs. 3
MÓDICO 273, 4, n. 2
MODO (do verbo): defin. 413
indicativo 413, 1
comparado com subj. 413, 2; 945.1 e ss.
na oração absoluta 559, n.
da possibilidade 413, 2
imperativo 413, 3
de **DIZER, FAZER, CONDUZIR** e o oblíquo 463, 4, obs. 2
e a coloc. do pron. sujeito 425, n. 6
formas supletivas 413, 3, d
inaplicável ou impossível (V. *caber, poder, querer*)
na oração absoluta 559, n.
negativo 413, 3, b
oração imperativa 645
passado 945.13, n.
substituído pelo subjunt. 413, 2
todas as pessoas 413, 3, c
subjuntivo:
explicação e emprego 413, 2; 945.1 e ss.
exigido por **TALVEZ** 529, n. 2
futuro 459, n. 1 ao pé da pág.; 617, f
imperfeito 617, g
substituído pelo mais-que-perf. do ind. 413, 2
emprego 413, 2
na oração absoluta 559, n.; 644, n.
na oração optativa 644, n.
MOLHADA (consoante) 60, n.
MONOGRAFIA 990
MONOSSÍLABO 96
MOR 113, B
MORAR (regência) 545, n. 4, d
MORFEMA 621, n.
MORFOLOGIA 22; 150 e ss.
MORMO 62
MORTO 496, n. 18
MOS (não confundir com combinação pronominal) 433, n. 2 ao pé da pág.
quando perde o *S* 825, n. 2
MOSCAR-SE 462, 2
MUDANÇA (de som) 234
MUGIR, TUGIR 452, n. 5
MUI (= MUITO) 113, C, n. 1
MUITO 265, c, n. 2
advérbio 357, 3; 530, n. 3
adjetivo 530, n. 3
e o superlativo 271, obs.
e o oblíquo 831
pronome indefinido 357, 2
pronome substantivado 357, 4
flexão 358
e a concord. verbal 713; 715
+ **DE** e adjetivo 755
HÁ MUITO 907
MULTIPLICATIVO (numeral) 281

N

N (origem e pronúncia) 73
assimilação 122; 629, n. 4
na terminação de subst. 218
representado pelo til 136
NA VERDADE (conj.) 575
NADA 183; 355; 528, n. 2

e a concord. verbal 730
+ **DE** e adjetivo 755
repetição da negação 784, n. 6
NÃO (adv.) 528, n. 1
e o oblíquo 828, n.
e a pontuação 958
sem valor negativo 528, n. 1
repetição da negação 784, n. 6
NÃO SÓ, COMO 571, n. 5; 583, n. 1
NÃO SÓ, MAS 572, n. 4, b
NARRAÇÃO 990
NASAL (consoante) 59
NASALIZAÇÃO 72; 73; 136
NASCER 451
NATUREZA DA VOGAL 97
NECESSÁRIO 759
NECESSITAR 777
NEGAÇÃO (adj. adverb.) 697
repetição 784, n. 6
NEGRITO 973, obs.
NEM (conj.) 571, n. 2
= **E NÃO** 571, n. 2, a
outras funções 571, n. 2, b, c
QUE NEM 571, n. 2, d
ligando suj. composto 735
NEM UM NEM OUTRO (concord.) 752
repetição da negação 784, n. 6
NEM UM, NENHUM 355, n.
NENHUM 355; 361, n. 1; 811, n. 1
e a concord. verbal 715; 730
repet. da neg. 784, n. 6
NENHURES 354, n. 3; 525, n. 4
NENÚFAR 224
NEOLATINA – V. *língua*
NEOLOGISMO 882
NÊSPERA 73
NESTE 340, A, n. 2
NESTÚLTIMO 114, A
NEUTRO (verbo) 397
desaparecimento 614
V. *flexão genérica*
NH (origem e pronúncia) 91, 92
NINGUÉM 355
rep. da neg. 784, n. 6
NÍVEL 73
NO 114, A, obs.; 120, 121, 3
posposto a verbo 825, 3
NO-LO 121, 1; 321, 322
NO ENTANTO 572, n. 6
NOME:
dos meses 144, 4, n. 3; 145; 167, obs.
hipocorístico 240, obs. 3
predicativo – V. *predicativo*
próprio: femin. e a crase 118, 7ª; 166 e ss.
de cid. (gên.) 187, B
e o artigo 244, A, 1
geográfico e o artigo 244, A, 2
partes 168
plural 233
patronímico 169
V. *substantivo*, V. *palavra*
NOMEN SUBSTANTIVUM, ADJECTIVUM 248, obs. 3
NOMINATIVO (caso) 180, n.; 313, obs.; 613
NONA 1009
NORMANDO 973, obs.
NOS = **OS** 825, 3
NÓS – V. *pronome pessoal*
NOSSO – V. *pronome possessivo*
NOTAÇÕES LÉXICAS (ortográficas, fônicas, prosódicas) 133 e ss.
NOVELA 992
NOVENTA POR CENTO 769, 2, n.
NÚCLEO 657, n. 1
NUM 114, A, obs.
NUMERAL (definição) 355
classificação 281
cardinal 281; em lugar de ordinal 289
fracionário 281
multiplicativo 281
ordinal 281
emprego 290
colocação 811; 811, n. 3
diferença entre **UM** (num.) e **UM** (art.) 283
flexão 231, 5; 282 e ss.
= pronome 337
NÚMERO – V. *flexão numérica*
NUNCA 63, 2; 526, n. 7
NUNES 169

O

O (artigo) 243
= **ISTO, ISSO, AQUILO** 345, n. 2
e **LHE** 320
aberto 42; 46; n. plural 234
elemento eufônico 367

em combinações pronominais 322; 406
longo 38, 4; 42
fechado 42; 450; 450, n. 2
obj. de *haver* 484, 2, n.
pronome 314; 320; 336; 344, n. 1, 2, 3
posposto a verbo 825
pronúncia 33, n.
terminação masc. 185
vogal de ligação de compostos gregos 633, n.
Ó (vocativo) 703
não confundir com **OH!** 596, n. 2 ao pé da pág.
O DE = DO 345, n. 3 infine
O MAIS 271, obs. 1, 2
O MAIS DE 357, 4, n. 1
O MAIS POSSÍVEL 357, 4, n. 2
O QUE 345, n. 2, 3
= **ISTO** 562
= **QUEM** 378
e a oração independ. 562
interrogativo 367
sujeito (concord. do v.) 720
O QUE QUER QUE SEJA (+ DE) 755
OBEDECER 320; 777
OBJETIVA (oração) – V. *oração*
OBJETO: definição 301; 679
colocação 775; 791; 793; 802
de v. trans. direto-indireto com um dos objetos 777 *(agradecer)*
dois ou mais ligados por E 905, n.; 846
direto 679 e ss.; 683, 7
= acusativo 180, n.; 401, A
com **HAVER** 484, 2
constituído de oração 583
constituído de pessoa 405, B
constituído de pronome 320; 321; 345, 3; 683, 3
duplo, constituído o primeiro de oblíquo 846
preposicionado 683; 683, 4ª; 846
repetido 784, n. 4; 846
indireto 180, n.; 401, B
= dativo 180, n.; 401, B
= dativo de interesse 320, n.; 334; 685; 694
com os verbos **SER, ESTAR** 320. 3.; 391, 2, n. *b*
não confundir com adj. adverbial 695, obs. imp.; 777 *(atirar)*
oracional 892; 895
pleonástico 784, n. 4; 846
OBLÍQUO – V. *pronome oblíquo*
OBLIQUAR-SE 440, n. 3, c
OBSCURIDADE 804; 875
OBSÉQUIO 80
OBSTAR 442
OBSTRUIR 468, n. 1
OCCIPUT 81
OCLUSIVA (consoante) 59
OCORRER 489, 8
ÓCULO 232, 2, n. 2
ODE 986
ODIAR 461
OH! (não confundir com **Ó**) 596, nota 2 ao pé da pág.
OITAVA 1009
OMBRO 93, 3
ÔMEGA (ω) 38, 4
ON francês = **SE** 404; 406
ONDE (adv. relativo) 525, n. 8
com o anteced. elidido 900, n. 2
na interr. 797; 642, n. 2
na introduç. de sub. adj. 900, n. 1
não confundir com **AONDE** 525, n. 8
ONOMATOPAICO (verbo) 508
onomatopeia 879, n.
OPOSIÇÃO (adj. adv.) 697, j
ORA 575, n. 4
ORA . . . ORA 573, n. 3; concordância 735, n. 3
ORAÇÃO (comparada com **FRASE**) 12
absoluta 559; 887
e o modo verbal 559, n.
adjetiva 899
explicativa 900
restritiva 900
adverbial temporal constituída de gerúndio 943, 6
alternativa 945.6, n.
análise sintática da oração (sinopse) 908
assindética 889, n. 1, 2
ativa 388
apassivação 390, 391; 484, 1, obs. V. *voz*
causal 903, 1; quando antecede a principal: 946.1
classificação 640; 887 e ss.
comparativa 583; 946.5

concessiva 945.1
condicional 585; sem conjunção 795, d
e o modo verbal 585, n. 3; 945.9, n. 1
e o oblíquo 850, obs. 3; 925
elítica 585.3, n.
conformativa 590; 946.5
consecutiva 903, 3; e o modo: 945.12
conversão – V. *conversão das orações*
coordenada 556 e ss.; 889
assindética 889, n.
justaposta 562; 889, n. 1
de sentido existencial 795, b
de suj. acus. 652; 925; 926
declarativa 641
definição 639
desenvolvida 904, n. 1
divisão do período em orações 906
e o **PERÍODO** 558 e ss.; 906
exclamativa 366; 643; 798
e a flexão do infinitivo 930
final 945.8
imperativa 413.3; 645
e os oblíquos 824
independente 560; 562; 565; 887
ligada por vírgula 889, n. 1
e a pontuação 965, 1
infinitivo-latina 652, 925; 926
intercalada – V. *oração interferente*
interferente 561; 907
interrogativa 365; 532
colocação dos termos 797
direta 642, a
e a flexão do infinitivo 930
indireta 642, b
negativa 641, b; 784, n. 6
e o modo da subord. 946.3, 2
e o oblíquo 828
objetiva – V. *subordinada substantiva*
optativa 644
e o oblíquo 833
colocação do v. 799; 799, n.
concord. do v. 742
participial (colocação) 698; 795, e
passiva 390, 391; 404 – V. *voz*
pleonástica 784, n. 4
positiva 641
predicativa 897
principal 559; 563; 800; 888
proporcional 589; 903, 8; 946.4
quantas há no período 905
quanto ao sentido 640
quanto à função 564; 886
reduzida 904
relativa 945.7
sem sujeito 658
sentenciosa 244, B, 1
sindética 889, n. 1, 2
subjetiva – V. *subordinada substantiva*
subordinada 559; 563 e ss; 580 e ss.; 890 e ss.
adjetiva 899; 900
a outra subordinada 890, n. 2
adverbial 901 e ss.
condicional 585
e coordenada a outra sub. 889
equipolente 904
espécies 891 e ss.
reduzida 904
substantiva 581; 892 e ss.
completiva nominal 896
espécies 893 e ss.
objetiva 893; 895
predicativa 897
subjetiva 894
temporal 903, 9; 945.10
termos da oração 563; 639; 648; 947, obs. 1; 949
acessórios 690 e ss.
colocação 791 e ss; 801; 804
essenciais 649 e ss.
integrantes 674 e ss.
ordem direta, indireta 791
tipos de orações 640 e ss.
ORAL (consoante) 59
ORDEM DOS TERMOS DA ORAÇÃO – V. *oração* (termos da oração)
ORDINAL – V. *numeral*
ORELHA 240, obs. 8
ORTOEPIA 95
ORTOGRAFIA 127 e ss.; erros 873
OS QUE (V. na 1ª do pl.) 770
OU 573, n. 1
na ligação de suj. composto 734
OU . . . OU 573, n. 2
OU SEJA 575, n. 1; 960
OU UM OU OUTRO 734
OUTREM 356
OUTRO 283; 356
e a prepos. **EM** 548
e o art. 243, obs. 5, a
quando objeto direto 683, 5

significados 356, n. 1
OUTRO QUE TAL 344, e
OUTRO TAL 344, e
UM AO OUTRO 393
OUTROSSIM 575, n. 6
OUVIR (conjug.) 465, 2
conc. 404
OVELHA 240, obs. 8
OXALÁ 643, obs.
OXÍTONO 101

P

P (origem e pronúncia) 74
PACIENTE – V. *sujeito*
PAGAR 777 (V. *agradecer*)
PAGO 496, n. 10
PAI-NOSSO 227, b
PAÍS 78
PAIXÃO 389, n. 1
PALÁCIO (e o artigo) 243, obs. 4
PALATAL (consoante) 59
PALAVRA 1; 3; 9; 22
aglutinada 633
antônima 606
arrizotônica 107
átona 102; 818
classificação 151 e ss.
cognata 354; 625
com sentido próprio 607
com sentido translato 607
composta 139, 1; 209; 225; 226; 261; 633; 610 e ss.
conectiva 601, 3
convergente 620
derivada 633
do grego 631
enclítica 103; 818; 821
erudita 623
estrangeira 234, 3, 4, 5
formação 610 e ss.
grave – V. *palavra paroxítona*
grifada 973, 3, obs.
hipocorística 240, obs. 3
homônima 603
inclassificável 537, n. 1
invariável 162, 163; 282 – V. *flexão*
modificativa 601, 2
nominativa 601, n. 1
oxítona 101
parassintética 625
parônima 604
paroxítona 101, 2
popular 620
proclítica 103; 818; 827 e ss.
proparoxítona 101
quanto à forma 533, nota ao pé da pág.
regente, regida 773
rizotônica 107
rítmica 1000
sinônima 605
subordinante, subordinada 773
substantivada 231, 5
= termo 9
tomada materialmente 712
tônica 102
transformação 110
variável, invariável 162, 163; 282 – V. *flexão*
V. *nome*
PAPELUCHO 240, obs. 4
PAR 293, n.
PARA (preposição) 546, n. 1
= **A** 546, n. 1
pronúncia 43, obs.
seguido de infinitivo 313
PARABÉNS 232, 2, obs.
PARÁBOLA 992
PARADIGMA 433
PARAGOGE 112, C
PARÁGRAFO 975; 968
PARALELAS 976, 4
PARASSINTETISMO 625
PARECER 929
PARÊNTESES 972
comparação com vírgula 949
e pontuação 145, n. 3
PAREQUEMA 630.0, n. 3
PARIR 465, 3
PARÓDIA 987, 2
PARÔNIMOS 604
PAROXÍTONA – V. *palavra paroxítona*
PARTIÇÃO SILÁBICA 139, 3; 140 e ss.
PARTICÍPIO 933 e ss.
colocação 698
concordância 430; 495
depoente 939
duplo 494 e ss.; 698, n.
e o comparativo 268, b

e o objeto 825, 4; 836
empregado como adjetivo, substantivo, preposição 497
flexão 430; 495, n.
forma nominal 414
irregular 494
na oração reduzida 904
na passiva 391, 1
no adjunto adverbial 698
nos tempos compostos 430; 495, n.
quando constitui oração 904; 905
regular 494
PARTÍCULA APASSIVADORA – V. *se* (pronome apassivador)
PARTÍCULA EXPLETIVA – V. *expletivo*
PARTICULARIDADES SINTÁTICAS 915 e ss.
PARTIR 433
PARTITIVO 373
PASSADO (tempo) – V. *pretérito*
PASSIVO – V. *voz*
PATER FAMILIAS 234, 5, n. 2
PÁTRIO (adjetivo) 249
PATRONÍMICO (subst.) – V. *substantivo*
PAULISTA, PAULISTANO 249, n. 2
PAUSA (e a pontuação) 949
e o oblíquo 837, 838
PEÃO 216, 3, n.
PEDAGOGO 621, d
PEDIR (e compostos) 465, 1
regência 581, n. 1
PEGO, PEGADO 496, n. 11
PEJORATIVO 240; 240, obs. 4
PELO (per + o) 390, n. 2; 844, exc. a
PEQUENO 266; 274
PER: no agente da passiva 390, n. 2;
isolado ou com artigo 546, n. 6
+ artigo 546, n. 6, a
prefixo latino 629
PERDER 463, 5
PERDOAR 777
PEREGRINISMO 868
PERFEITO (pretérito) – V. *tempo*
PERÍFRASE – V. *locução verbal*
figura de retórica 621, g
PERÍODO 558 e ss.; 885 e ss.
análise sintática 558 e ss.; 885 e ss.
colocação das orações 800
composto 560; 563; 886
e a pontuação 144, 1; 967, 969, obs.
hipotético 585.1 e ss.
iniciado com *que* 945.5, n.
moderno 967
não se inicia com oblíquo 822
quanto à forma 564
quanto ao número de orações 905; 906
simples 559; 886
de suj. composto 905, n.
PERISSOLOGIA 784, n. 1
PER'LA 137
PERMANECER 397
PERSUADIR 777
PERTO (adv.) 525, n. 7; 240, obs. 2
PERTO DE (concord.) 709, n. 4 ao pé da pág.
PÊSAMES 232, 2, obs.
PESAR 489, 3; 446, n.
PESSOA GRAMATICAL 311; 314 e ss.
concordância de tratamento 316; 328
e a flexão verbal 421
PH 67
PHI (φ) 38,1
PIÃO 216, 3, n.
PIOR 527, n. 7, c
PITUÍTA 50, n. 1, b
PLEONASMO (definição e tipos) 784
repetição do obj. 683, 3, obs. b
PLURAL – V. *flexão numérica*
majestático 769, 1, n. a
POÇO 63, 3
PODER 463, 6
com v. impessoal 487
em locução verbal 513; 924, b
elipse de **POSSA** 782, C, n. 3
POEDEIRA 423, n.
POENTE 423, n.
POESIA 983, 1; 984
licença poética 112, C, obs.; 113, B, n.; 114, B, n.
POETASTRO 240, obs. 4
POIS: 574, n. 2
causal 582, n. 3
conclusivo 574, n. 2
POIS BEM 575, n. 3
POIS NÃO 528, n. 1; 531, n. 3
POIS QUE 582, n. 3
POIS SIM 531, n. 3
POLIR 489, 10

POLISSÍLABO 96
POLISSÍNDETO 571, n. 1, b
POLTRÃO, POLTRONA 240, obs. 5
PONTO:
abreviativo 146
de exclamação 144, 1; 558; 596, n. 3; 970
de interrogação 144, 1; 558; 969
e vírgula 965
final 144, 1; 558; 967
PONTOS CARDEAIS 144, 10
PONTUAÇÃO (definição e casos) 947 e ss.
e parêntese 145, n. 3
na sínquise 857
na subordinada adjetiva 900
no aposto 699
no fim do período 144, 1; 558
no vocativo 702
sinais de pontuação 948
POPULACHO 140, obs. 4
POPULAR (palavra) 620
POR 546, n. 6
com mais de um regime 550, c
e o oblíquo **O** 844, exc. **A**
em orações temporais 546, 6, c
no agente da passiva 390, n. 2
seguido de infinitivo 546, n. 1, b
POR CENTO (concord.) 769, 2, n.
POR CERTO 359
POR CONSEGUINTE 574
POR EXEMPLO 575
POR FIM 574
POR MAIS QUE, POR MENOS QUE, POR POUCO QUE 584
PÔR (conjugação e compostos) 463, 15
irregular da 2ª 423, n.
grafia 78
POR ISSO QUE 582, n. 7
POR QUE (adv. interr.) 532; 797; 642, n. 2
insulado 532, n. 1
no fim do período 532, n. 1
quanto à grafia e acento 532, n. 1; 582, n. 1
substituível por "o qual" 532, n. 2
V. *porque*
PORÉM 572, n. 2; e a vírg. 956, n.
PORISSO, POR ISSO 574, n. 4
PORQUANTO 582, n. 4
PORQUE:
conj. causal 582; 903, 1; 946.1
conj. final 582, n. 1
na interrogação 532, n. 1; 797
"foi porque" 585, 3, n.
V. *por que*
PORTÃO 240, obs. 9
PORTENHO 249
PORTUGUÊS 610
domínio e vocabulário 618 e ss.
PORTUGUESMENTE 527, obs.
PORVENTURA 529
POSIÇÃO (da vogal) 97
do vocábulo como índice de regência 774, 775
e a flexão do infinitivo 928
V. *colocação*
POSSESSIVO – V. *pronome*
POSSUIR 468, n. 2
POST-SCRIPTUM 234, 4
POSTO QUE 584
POSTÔNICA (sílaba) 99
POUCO (pron. indefinido) 357
advérbio 530, n. 3
seguido de pron. (concord.) 715
em locuções 357, 3, n.
PRAZER (e compostos) 463, 7
PREBENDA 62
PRECAVER-SE 463, 14, obs. 2
conjugação 488, d
PRECIOSISMO 880
PRECISAR 405, n.
PREDICAÇÃO – V. *verbo* (quanto à predicação)
PREDICADO – verbo 299; classificação 662
termo essencial 649; 661 e ss.
nominal 664
verbal 663
verbo-nominal 670
PREDICATIVO (defin. e exemplos) 302; 664; 665 e ss.
colocação 791; 793
concordância 713; 738; 757; 758; 760
constituído: de gerúndio 943, 3
de subst. 302
diferente de adjunto adnominal 691
discordância 759
do objeto 668, 669; 746, 2, n. 2
do sujeito 667, 669; 537, n. 2
e o adjunto adv. de modo 537, n. 2
e o artigo 243, obs. 5, c

espécies 666
outros exemplos (**SER DE**) 426, 6
pleonástico 784, n. 4
PREENDA 62
PREFERIR 276, 4
PREFIXAÇÃO 626, 633
no parassintetismo 625
prefixos 627
gregos 630.0
latinos 629
vernáculos 628
PRENDA 62
PREPOSIÇÃO (definição e relação) 159; 541 e ss.
acidentais 546; 497
antecedência de outra 546, n. 7
classificação 544
colocação 543; 811
com v. de movimento 546, n. 4, a
combinação 548
impossível 776, 1, n.
contração 549
duas diferentes com um só regime 546, n. 7
e o aposto 699
e o infinitivo 846; 927; 552; 653; 683, 4; 776, 1, n.
e o objeto 683, 4; 685; 906
e o oblíquo 318; 844
e o predicativo do suj. 667, obs. 1
e o regime 313; 773; 776, 3
e o sujeito 653; 776, 1, n.
e os adv. **AÍ, AQUI, ALI** 776, 1, n.
essenciais 545
função conectiva 541; 542
não se combina com o artigo 653; 776, n.
omissão 697, b, n.
repetição 550
significado 546, obs.; 546, n. 4, d
substituta dos casos latinos 180, n.
PRESENTE (tempo) – V. *tempo*
PRESIDIR 777
PRESUMIR 468, n. 1
PRETERIR 464, 1, obs.
PRETÉRITO – V. *tempo*
PRETÔNICA (sílaba) 99
PREVENIR 466, 3º grupo
PREZADO, PREZAR 86, 3
PRIMÁRIO, SECUNDÁRIO 285
PRIMEIRO (dia do mês) 289, n. 1
PRIMITIVO (substantivo) 173
adjetivo 251
tempo 459
PRINCIPAL (oração) – V. *oração*
PRIOR 266, n.
PROCESSOS SINTÁTICOS 706 e ss.
PRÓ E CONTRA 231, 5
PRÓCLISE 818; 827 e ss.
PROCLÍTICA (palavra) 103; 818; 827 e ss.
PROFESSO 497
PROGREDIR 466, 3º gr.
PROJÉTIL (plural) 221, b
PROMÍSCUO (substantivo) – V. *epiceno*
PRONOME (definição) 156; 308
acusativo com função nominativa 652; 925; 926
adjetivo 323; 335; 811
apassivador – V. *se* (pronome apassivador)
articular 244, A, 6; 336
átono 820
classificação 309
colocação no imperativo 425, 6
combinações pronominais 121; 321; 322; 548
concordância 685; 761 e ss.
conjuntivo – V. *relativo*
de tratamento 315, 3; 328; 768; 769
e o artigo 118, 9ª; 244, B, 4
uniformidade 316; 328
demonstrativo 340 e ss.
diminutivo 240, obs. 2
indefinido 349
e o oblíquo 834
interrogativo 365; 715; 797
numeral 337
oblíquo 312; 313; 318 e ss.; 613
acusativo com função nominativa 652; 925; 926
colocação 776, 3, n.; 818 e ss.
errada ou ambígua 850, obs. 3; 925
com valor possessivo 334; 685
com verbo reflexivo 394
com verbo transitivo 396
combinação 321, 322
impossível 322, notas 2, 3
complemento comum 776, 3; 845
e certas locuções verbais 850
e o futuro 825, 4

e o imperativo de **DIZER, FAZER, CONDUZIR** 463, 4, obs. 2
e o infinitivo 842 e ss.
e o infinitivo impessoal 848
e o particípio 825, 4
e vários infinitivos 845
emprego pleonástico 784, 4
indicativo de reciprocidade 403
lhe – V. *lhe*
lho – V. *lho*
ligado por hífen 139
no futuro e no condicional 856
repetição errada 776, 3, n.; 926
seguido de aposto 683, 6
seguido de **O** 121
sujeito 652; 925; 926
pessoal 310 e ss.
emprego 317
regido de preposição 313; 332; 683, 3, 5
plural majestático 769, 1, n. a
possessivo 327 e ss.
substituído pelo oblíquo 334; 786, d
recíproco 403
reflexivo 312; 314, n.
relativo 345; 371 e ss.; 793, n.; 796; 900;
sem relação com v. q. vem imediatamente depois 900, n. 5
e a preposição 345, n. 3; 377, n. 1; 382
e o oblíquo 832, n. 1
repetição 776, 3, n.
reto 312; 313; 317
e o oblíquo 828, n.; 844
emprego desnecessário 317
se – V. *se*
substantivado 357, 4
substantivo 323; 335
PRONOMINAL (verbo) – V. *verbo*
PROPAROXÍTONO 101
PROPORCIONAL (conjunç.) 589
oração 903, 8
PROPOR (com *se* dativo) 401, B
PROPOSIÇÃO – V. *oração*
PRÓPRIO:
= seu 334
concordância 342, 1, n.
superlativo 273, 4ª
A SI PRÓPRIO 393
PRÓPRIO (subst.) 166 e ss.
no pl. (concord. verbal) 714
PROSA 989 e ss.
PROSÓDIA 95
latina 104
modificações 230
de certos verbos 438 e ss.
erros prosódicos 873
PROSOPOPEIA 621, f
PRÓTASE 581.1
PRÓTESE 112, A
PROTÓTIPO 104; 873
PROVENÇAL 610
PROVER 463,14, obs. 1
PROVÉRBIO 244, B, 1
e a elipse 782, C, n. 2
e a pontuação 955
PROVIDENCIAR 777
PROVINCIALISMO – V. *provincianismo*
PROVINCIANISMO 881
PSALMO 74
PSI (ψ) 38, 3
PTOLOMEU 74
PUS 78
PUXAR 83, c

Q

Q (origem e pronúncia) 75
Q(U) 38, 6; 63, 2; 86, 2; 87; 273, 4ª, n. 2
QUADRO
da derivação dos tempos verbais 459
das combinações pronominais 322
das consoantes 60
das consonâncias 57
das funções do **QUE** – V. o próprio *Índice*, no verbete *que*
das funções do **SE** 408
das vogais 46
de análise sintática 908, 909
do verbo quanto à predicação 305
do verbo quanto à voz 397, n.
dos pronomes pessoais 314
dos verbos defectivos 488
QUAL:
pronome interrogativo 365, 366
pronome relativo 372 e ss.
partitivo 373
precedido de **A** 374
em correlação com **TAL** 343, n. 2
quando obj. direto 683, 5

QUALIFICATIVO – V. *adjetivo*
QUALQUER:
em orações negativas 361, n. 1
pronome indefinido 361
plural 224
QUALQUER COISA DE 753
QUALQUER PESSOA 361, n. 2
QUANDO:
advérbio 526, n. 6
conjugação 588
na interrogação 642, n. 2; 797
QUANDO MESMO 584
QUANDO. . . QUANDO 573, n. 3
QUANTIDADE SILÁBICA 97; 98; 104
QUANTO:
colocação 797, 798
e a concord. verbal 715; 719
pronome interrogat. 365, 366
QUANTO MAIS 530, n. 11 ao pé da pág.
QUANTO. . . TANTO. . . 357, 1; 583
QUÃO (adv.) 530, n. 9
= quanto 265, a
QUARTETO 1009
QUASE 530, n. 7
QUASE QUE 530, n. 7
QUE:
= **O QUAL** 377, n. 2
advérbio 530, n. 6
conjunção:
aditiva 571, n. 4
aproximativa – V. *aditiva*
causal (estudioso que sou) 582, n. 2
comparativa 265, b, c; 583
concessiva 584, n. 2
consecutiva 586
final 587
integrante 581, n.
e o oblíquo 832, n. 2
temporal 588, n. 1
conjuntivo – V. *relativo*
elipse 581, n.; 782, C, n.; 945.4, n. 1
expletivo 530, n. 7; 596, n. 1; 784, n. 5; 786, b; 794, n.; 907
funções do **QUE** 377, n. 2
galicismo 872
interjeição 596; 970, obs. 1
interrogativo 367; 797
no início de expressões optativas ou imprecativas 945, 5, n.
no início de orações intercaladas 945.15
quando deve ser convertido em **QUAL** 376; 377, n. 2
quando inicia oração não subordinada 945.5, n.
quando traz ambiguidade 376
relativo 345, n. 3; 376; 377; 432, n.; 900
e a concord. verbal 719
e o artigo 376, obs.
precedido de prep. 345, n. 3; 377, n. 1; 581, n. 1 (ao pé da pág.)
sem relação com o v. q. vem depois 900, n. 5
termo de duas orações ao mesmo tempo 900, 5
QUE DE 366
QUE É DE 366, n.
QUE NEM 571, n. 2, d
QUE TAL 344, f
QUEDA 75
QUEDO 497
QUEIJO 69, 4
QUEM:
= **AQUELE QUE, O QUE** 378
colocação 797
desdobramento necessário 379; 900, n. 4
pronome interrog. 365, 366
pronome relat. 378; 900, n. 4
sujeito (concord.) 718
QUEM ME DERA 799, n
QUER. . . QUER 573, n. 3; 584; concordância 735, n. 3
QUERER (conjugação e grafia) 78; 463, 9
compostos 463, 9, obs. 1
particípio 497, n. 11
regência 305; 777
QUEROSENE 70
QUIÇÁ 529, n. 1
QUILO 70
QUILÔMETRO 70
QUINTILHA 1009
QUIOSQUE 70
QUIS 78
QUISTO 497, n. 11
QUITE, QUITES 497, n. 6

R

R (origem e pronúncia) 76
permuta com **L** 77

terminação de subst. 185,7; 223
RÁBANO 62
RADICAL (defin.) 163
mudança 206, 2
dos verbos 433; 458
de palavras derivadas 354, n. 1
RAIO 66
RAIZ 163, n.; 354, n. 1, ao pé da pág.
RALHAR 89, 3
RAPSÓDIA 79, A, 3
RAPTO 497
RAZÃO 86, 3
RE (prefixo) 504; 629
REAL 219, 4
REAVER 488, e
RECIPIENTE DA AÇÃO VERBAL 299; 389
RECIPROCIDADE DE AÇÃO:
indicado pelo **SE** 403; 393
e o verbo 717, B; 727, n. 3
REDAÇÃO 982, obs.
REDONDILHA (*menor* = de 5 sílabas; *maior* = de 7 sílabas): 1006
REDUÇÃO: das orações 904
das conjugações 615
das declinações 612
REDUZIDA – V. *oração* (reduzida)
REFLEXIBILIDADE:
do **SE** 401, 402
dos pronomes 312; 314, n.
do verbo 392, 393; 396, n. 1; 422
REGÊNCIA 773 e ss.
tipos sintáticos divergentes 859; 861
das preposições 542; 550 e ss.; 653
dos verbos 297 e ss., 304; 382; 396, n. 2; 773 e ss.; 777, volitivos 581, n. 1; dupla 305; 684
indicada pela posição 774, 775
duas ou mais palavras com a mesma reg. 776, 3
irregular 780
em orações relativas 382; 345, n. 3; 377
REGENTE (palavra) 773; 776, 3
REGIME 542; 550; 773
o mesmo para 2 ou mais palavras 776, 3
dois ligados com ou sem **E** 551, a, b
V. *regência*
REI 68
REINOL 258, n. 1
REITERATIVA (ação) – V. *verbo* (frequentativo)
RELATIVO – V. *pronome*, V. *verbo transitivo indireto*
RELEVAR 489, 4
RENUNCIAR 777
REPETIÇÃO:
da preposição 550
de ideia – V. *pleonasmo*
do artigo 243, obs. 9
do complemento 776, 3; 926
do pronome 315, n. 7; 776, 3; 926
não se repete o oblíquo 926
REQUERER 463, 10; 782, C, n.
RESERVAR-SE 401, B
RESFOLEGAR 462, 3
RESIGNAR 777
RESPONDER (reg.) 777
e a oração interferente 561
RESSAIBO 123, a
RESSOAR 78
RESTRITIVA – V. *oração* (adjetiva)
RESTRITIVO (adjet.) 248, obs. 4 (compl. – V. *adjunto adnominal*)
RESUMIR 78
RETICÊNCIAS 971
RETÓRICA, figuras 621
REVENIR 466 (*prevenir*)
REVER 463, 14, obs. 3; 488, f
REVÉRBERO, REVERBERO 439
REVÉS 78
RICO (colocação) 808, n.
RIMA 1010 e ss.
RIR 464, 2
RITMAR 442
RITMO 1002
RIZOTÔNICA – V. *forma* (rizotônica) acento rizotônico 107
RODRIGUES 169
ROLHA 89, 6
ROMENO 610
ROMÂNICA (língua) 610, 611, 617
ROSTO 621, b
ROTACISMO 77
ROUXINOL 76, 2
ROXO 84, obs., d
RUA 68
RUÍDO 50, n. 1, b
RUIM 50, n. 2

S

S (origem e pronúncia) 36; 78
assimilação 121; 825, n. 2
característica de plural 214, 215, n.; 613, b
impuro 112, A, obs. 2
nos diminutivos 240, obs. 10
supressão 825, 4, n. 2; 121, 1; 321, 322
terminação de subst. 185, 8; 223
SS 143, e, 1
SABER 463, 11
SAIR 71; 469
SALMO 74
SALVANTE (prep.) 546, n. 9
SALVO (prep.) 546
SALVO SE 585
SALVO-CONDUTO 227, b
SANCHES 169
SÂNSCRITO 610
SANTARRÃO 240, obs. 4
SANTO emprego 113, C, n. 2; coloca
SANTO emprego 113, C, n. 2; colocação 808
SÃO (= santo) 113, C, n. 2; 620
SARDO 610
SÁTIRA 988
SATISFAZER 777
SE acusativo 401; 652
ambiguidade 393
conjunção: condicional 585; 903, 5
omissão 585, 5, n. 1; 795, d
integrante 581; 894; 895, 1
dativo 401, B
emprego condenável 404, notas 1, 2, 3; 927, obs. 2
funções 400 e ss.; 395
não se repete 776, 3, n.
no período hipotético 585, 1 e ss.
ora reflexivo, ora passivo 322, n. 3
outras funções 393; 401 e ss.; 485
prefixo 629
pronome 393; 400
apassivador 391, 2; 404; 405, A
colocação 850, obs. 4
não se emprega 407, notas; 927, obs. 2
impessoalizador 405, A; 485
quadro sinótico das funções 408
sujeito 406; acusat. 652
variantes reflexivas 408
SE BEM QUE 584
SE NÃO, SENÃO 572, n. 4
SE O 322, n. 2; 406
SE SE 585.0
SECUNDÁRIO (acento) 106
SECUNDÁRIO, PRIMÁRIO 285
SEGUNDO: conjunção 590
preposição 546, n. 8
SEJA. . . SEJA 573
SEJA QUE. . . SEJA QUE 584
SELVAGEM 68
SEM: prefixo 628
preposição 545
+ infinitivo 584, n. 3
SEM QUE concessivo 584, n. 3 ao pé da pág.; condicional 585; 945.9
ESTAR SEM 427, obs. 4, d
SEMANTEMA 621, n.
SEMÂNTICA 621
SEMASIOLOGIA 621
SEMATOLOGIA 621
SEMELHANTE (um) 243, obs. 5, b
SEMIDITONGO – V. *ditongo crescente*
SEMIÓTICA (concordância) 766 e ss.
SEMIVOGAL 35
SEMPRE QUE 588
SENÃO:
conjunção 572, n. 4
influência na concordância 709, n. 4 ao pé da pág.
SENÃO, SE NÃO 572, n. 4
SENÃO QUANDO 572, n. 4, c
SENDO QUE 582
SENHOR 266, n. 258, n. 1; 266, n.; como fórmula de trat. e como vocat. 316, n. V. *pronome pessoal*
SENHORA 258, n. 1
SENTENÇA – V. *oração*
SENTIDO – V. *significação*
SEPTENA 1009
SEQUER 530
SER (verbo):
colocação 795, b
com verbo intrans. 429
conjugação 425; 475; 616, a
considerações sintáticas 426
e o particípio 430; 495
impessoal 405, C; 426, 2; 658, 4

influência na concord. 738
italianismo 546, n. 4, c
nas definições 244, B, 2
na passiva 391, 1
significados 426, 427, obs. 1
substituído por vírgula 962
vicário 463, 4, obs. 3
= **TER** 429; 939, obs. 1
SÉRIO 273, 4ª
SESQUI 295
SEU (pron. possess.) 327
empregos especiais 333, n.
SEU DELE 328, n. 1
V. *pronome* (possessivo)
SEXTILHA 1009
SHILLING 234, 5
SI (variante de **SE**) 318, 319, n., 408
SIBILANTE (consoante) 60, n.
SICRANO 315
SIGNIFICAÇÃO
analógica 207; 600 e ss.; 621
da preposição 546, obs.; 546, n. 4, d
de acordo com a colocação 331; 360; 808
de acordo com o gênero 205
dos vocábulos 110; 621
etimológica 784, n. 3
figurada 607
mudança de sign. 230, 231, 3; 240, obs. 6, 9; 331
passiva de verbos ativos 391, 2, n. a
própria 607
superlativa de adjetivos 276; 240, obs. 2
translata 607
SÍLABA (definição) 95
átona 99
breve 97
contagem – V. *contagem*
duplicação 240, obs. 3
longa 97
partição – V. *partição*
poética 1003
postônica 99
pretônica 99
tônica 99
SILEPSE 710, n. 1; 711, **A**
definição e espécies 766 e ss.
SIM: étimo – 72
e a pontuação 958
SIM, NÃO 231, 5
SÍMBOLOS 40
SIMPLES: significação 808
colocação 808
multiplicação 281; 286
SINAIS DIACRÍTICOS 100; 132 e ss.
de pontuação 948
SINALEFA 114, A; 137
SINCLITISMO – V. *colocação* (do pronome oblíquo)
SÍNCOPE 113, B; 137
SINCRETISMO 625
SINDÉTICA – V. *oração*
SINÉDOQUE 621, a
SINÉRESE 50, n. 2
SINGELO 286, obs. 2
SINGULAR – V. *flexão* (numérica)
SINÔNIMO 605
datismo 605, n.
perfeito, imperfeito 605
verbo sinônimo – V. *verbo* (vicário)
SINOPSE – V. *quadro*
SÍNQUISE 857
e a pontuação 952
SINTAXE: definição 23
em geral 636 e ss.
de colocação – V. *colocação*
de concordância – V. *concordância*
de regência – V. *regência*
do adjetivo – V. *adjetivo*
do artigo – V. *artigo*
do advérbio – V. *advérbio*
da conjunção – V. *conjunção*
da interjeição – V. *interjeição*
do numeral – V. *numeral*
da preposição – V. *preposição*
do pronome – V. *pronome*
do substantivo – V. *substantivo*
do verbo – V. *verbo*
figurada 707
ideológica e afetiva 622
irregular: 707
de colocação 853 e ss.
de concordância 766 e ss.
de regência 780 e ss.
pronúncia da palavra 84, 2
regular 707
SISTEMAS ORTOGRÁFICOS 127, A
SÓ:
adjetivo 260, 5, n.
adv. e adjet. 527, n. 10

SOAR 440, n. 2
SOB (grafia) 62, b
prefixo 628
preposição 545
SOBERBO 62
SOBRE (étimo) 123, b
prefixo 628
preposição 545, n. 7
SOBRECOMUM (subst.) 203
SOBREMANEIRA 530, n. 8
SOBREMODO 530, n. 8
SOBRENOME 168
SOBRESCRITO 315
SOBREVIVÊNCIA DO ACUSATIVO 613
SOCORRER 777
SOER (conjug.) 488, b
SOIDÃO 113, B
SOLECISMO 313, obs.; 873
SOM 21
= fonema, letra 34, n.
oral 2
molhado 89, 90, 92
adição 112
subtração 113
substituição 115
SOMENTE 527, n. 10
SONETO 986
SONORA (consoante) 59, e
SOPRAR 74
SÓROR 224
SORRIR 464, 2, obs.
SORTIR 467, 2º gr.
SOZINHO 260, n.
ST 63
SUA (nos pronomes de tratamento) 315, n. 1
SUAR 440
SUARABÁCTI 87
SUBIR 468
SUBJETIVA (oração) – V. *oração*, V. *função*
SUBJUNTIVO – V. *modo*
SUBORDINAÇÃO – V. *regência*
subordinada – V. *oração*
subordinante – V. *palavra*
subordinativa – V. *conjunção*
SUBPREFEITO 226, 1º caso, n. 3. obs.
SUBSISTÊNCIA 80
SUBSTANTIVA – V. *oração*
SUBSTANTIVAÇÃO 231, 5
do adjet. 248, obs. 1
do particípio 497
do pronome indef. 357, 4
SUBSTANTIVO (definição) 152; 236
adjetivado 248, obs. 2; 276, 3, 302
classificação 164 e ss.
coletivo 177
concordância 710; 710, n. 2; 711, A
universal 349, n. 1
comum de dois 202
composição do subst. – V. *composição*
e o hífen 226, obs. 1
composto (plural) – V. *flexão* (numérica)
epiceno 201
flexão – V. *flexão*
função 650; 679
gênero: dos compostos 209
V. *flexão* (genérica)
grau – V. *flexão* (gradual)
particularidades numéricas 230 e ss.
patronímico 169
personificado 144, 8; 167, 2
plural – V. *flexão* (numérica)
próprio – V. *nome*
que exprime vício, virtude 231, 3
só empregado no sing. ou no pl. – V. *flexão* (numérica)
sobrecomum 203
subentendido 248, obs. 2
virtual 650
V. *nome*, V. *palavra*
SUBSTITUIÇÃO:
de orações – V. *conversão das orações*
de pessoa gramatical 315
de sons 115
do possessivo pelo pronome oblíquo 334
do possessivo por locução elucidativa 329
do imperativo pelo subjunt. 413, 2
SUBTENDER 497, n. 12
SUBTÔNICA (sílaba) 106
SUBTRAÇÃO DE SONS 113
SUCEDER 489, 9
SUFIXAÇÃO – 626; 630.1; 633; sufixo
adverbial 527, obs.; aumentativo 238;
diminutivo 238; nominal 630.1; verbal 509
– V. *terminação*

SUJEITO (definição) 298, 299; 563; 653
acusativo 652
agente 657, n. 2
e paciente 657, n. 2
classificação 654 e ss.
coletivo 710; 711; 729, obs.; 769, 2
colocação 775; 791; 793, n.; na oração interrog. 797; 943, 5, obs. 1
com *de* partitivo 709, n. 1 ao pé da pág.
como descobrir 404, 651
composto 656; concord. do v. 726 e ss.; e o período 905, n.
constituído de: gerúndio 943, 3
infinitivo 653; 719, n. 3
oração ou frase 650; 894
substantivo real ou virtual 650
e a voz: ativa 388
neutra 397
passiva 389; 404; 391, 2
reflexiva 392
e o verbo (concord.) – V. *concordância* (do verbo)
elipse 782, A
englobado 730
espécies 654 e ss.
indeterminado (impessoalizado) 405; 485; 657
inexistente 405; C, n.; 658
não se combina com prep. 653; 776
oculto 657, n. 2
paciente – V. *sujeito recipiente*
pleonástico 784, n. 4
recipiente 299; 657, n. 2
regido de prep. 653; 659
simples 655; 657, n. 1
SUPERAVIT 234, 5
SUPERIOR 258, n. 1; 266, n.
SUPERLATIVO – V. *flexão* (gradual do adjetivo)
heterogêneo 274, n.
SUPINO 937, n.
SURDA (consoante) 59
SURDO-MUDO 261, A
SUXAR 497, n. 7

T

T (origem e pronúncia) 81
seguido de **I**, **E**, mais vogal 63, 3
TABARÉU 256, n.
TABERNÁCULO 240, obs. 9
TAL
e o artigo 243, obs. 5; 343, n. 4
emprego 343, 344
QUE TAL 344, f
TAL COMO 343, n. 2
TAL QUAL 343, 344; 583
outras expressões 343; 344
TÁLER 224
TALVEZ 231, 5; 529, n. 2; 945.14
TAMANHO 265, b, n. 3
TAMBÉM 571, n. 3
TAMPOUCO 528, n. 3
TANTÍSSIMO 263, n.
TANTO 357
TANTO COMO 571, n. 5; 583, n. 2; 726
TANTO QUANTO 583
TÃO:
advérbio 530
e o artigo 243, obs. 5, a
e o comparativo 265, a
TÃO COMO 583, n. 2
TÃO QUÃO 583
TATO 497
TAUTOLOGIA 784, n. 1
TAXEONOMIA 161, n. 2
intercâmbio taxeonômico 231, 5; 248, obs. 3; 249, n. 3; 276, 1, n. 3
função taxeonômica 636
TE (grupo) seguido de vogal 63, 3
TE 113, A
TECER (étimo) 64
TE-DÉUM 234, 4
TEM, TÊM 425, n. 1 ao pé da pág.
TEMA – V. *radical*
TEMPO (dos verbos) 415
composto 419, 1, 2, 3; 425; 617, h
correlação e correspondência 413, 2; 419, 3; 945.1 e ss.
derivado 459
elipse 782, C, n. 3
futuro 419
do presente 419
usado pelo imperat. 413, 3, d
simples e composto 419, 1, 2
formação 617, d
do pretérito: formação 617, e
emprego 419, 3; 946.3, 1, n.
simples e composto 419, 3

também chamado condicional 413, n. 1 (ao pé da pág.)
do subjuntivo e o inf. pessoal 459, n. 1 ao pé da pág.; 916, obs.; na ênclise 848;
criação românica 617, f
e o oblíquo 463, 4, obs. 4; 825, 4; 841
histórico 419, n. 3
passado – V. *pretérito*
presente 416
do ind. pelo imperat. 413, 3, d
histórico 416.2
pretérito:
imperfeito do ind. 417; 417, 2
empregado pelo fut. do pret. 419, 3, f
do subj. substituído pelo m.-q.-p. do ind. 413, 2
criação românica 617, g
mais-que-perfeito 417, 418
empregado pelo imperf. subj. 413, 2
perfeito 417, 418
(ÂMOS-ÁMOS) 433, n. 1 ao pé da pág.
diferença entre 2ª sing. e 2ª pl. 425, n. 2 ao pé da pág.
do v. **SER** e **IR** 425, n. 3 ao pé da pág.
primitivo 459
quadro da derivação 459
simples 419, 1, 2, 3
TENDER 497, n. 13
TENENTAÇO 240, obs. 4
TER (conjugação) 425
conjug. dos compostos 431, obs.
considerações sintáticas 428
e os tempos compostos 418; 429, 430; 495, n.
não significa **EXISTIR** 431
particípio antigo 498
verbo abstrato 425, n. 4 ao pé da pág.; 428, 4
auxiliar 428, 4
concreto 428
"TER A" 546, n. 1, b
TER DE 432, n.; 516
TER POR 546, n. 1, b
TER QUE 432, n.; 516; 546, n. 1, b
TERCETO 1009
TERMINAÇÃO:
A 186, 1
Ã 186, 2; 259
ÁCEO 630.1
ACHO 622
ACO 630.1
AÇO 622
ADA 630.1
ADO 630.1
AGEM 68; 630.1; 869, e
AICO 630.1
AL 219; 260, 1; 630.1
ALHA, ALHÃO 622; 630.1
AM 136
AMA 630.1
ÂMOS-ÁMOS 433, n. 1
ANÇA 630.1
ÂNCIA 630.1
ANO 630.1
ANTE, ENTE, INTE 935
ÃO 216; 240, obs. 5; 273, 3; 869, b
no feminino 259
tonicidade 136; 216, obs. 4
AR 260, 2; 448; 630.1
ARIA 630.1
ARIO 630.1
ÁTICO 630.1
ATO 630.1
ÁVEL 630.1
AVO 288
AZ 260, 3; 622; 630.1
BUNDO 630.1
ÇÃO 630.1
CER 451
CO 273, 4ª, n. 4
CUNDO 630.1
DADE 186, 5; 630.1
DE AUMENTATIVO 238
DE DIMINUTIVO 238
DICUS 273, 4, n. 4
E 260, 5; 273, 4ª
EAR 460; 506
ECER 64; 507
EDEIRA 423, n.
EDO 630.1
EIA 256
EIRA 258, n. 2; 630.1
EIRO 249, n. 3; 630.1
EITO 497, n. 9; 498
EJAR 446, b; 506
EJO 622

ELHO 622
EL 220; 260, 1
EN 73; 185, 4
ENÇA 630.1
ÊNCIA 630.1
ENGO 630.1
ENSE 630.1
ENTE 423, n; D. QVs, *presidente*
ENTO 630.1
EO 630.1
ER (tonicidade e plural) 224; 260, 2
ES 169; 224
ÊS 86, n. 1, b; 258; 616, c; 630.1
ESA 86, n. 1, b; 630.1
ESCER 507
ESCO 630.1
EU, ÉU 185, 5
ESTRE 630.1
ÉVIL 630.1
EZ, EZA 86, n. 1: 172: 630.1
FICUS 273.4, n. 4
GEM 68; 186, 4
GNAR 442
GO 273, 4ª, n. 2
ICAR 506
ICE 282; 630.1
ÍCIO 630.1
ICO 630.1
IÇO 630.1
IDADE 630.1
IDÃO 630.1
IL 220; 221, b; 260, 1; 273, 1, exc. c
INHAR 506
INHO 240, obs. 10
IO 273, 4ª; 630.1
ISMO 630.1
ÍSSIMO 272, 273; 277
ISTA 630.1
ITAR 506
ITE 630.1
ÍVEL 630.1
IVO 630.1
IZ 260, 3
IZAR 448
L 185, 6; 273, 1
LHÃO 282
LHO 89, 2
LIMO 272, 273, 1, exc. c; 277
M 260, 4; 273, 1
MENTE 527, obs.
MENTO 630.1
N 218
NDO 414; 937
NTE 630.1
O 273, 4ª
OA 259
OIRO 630.1
OL 219; 258; 616, c
ON 73
ONA 259
ONHA 630.1
OR 224; 258; 258, n. 2; 266, n.; 616, c; 630.1
ÓRIO 630.1
OSO 257; 273, 4ª, n. 1; 630.1
OURO 630.1; 936
ÓVEL 630.1
OZ 260, 3
PLICE 286
PLO 286
R 185, 7; 222; 224; 273, 1
RE 273, 4ª, n. 3
RIMO 272; 273, 4, n. 3; 277
RO 273, 4ª, n. 3
S 185, 8; 223; 260, 4
TÉRIO 630.1
TICO 68
TRIZ 258, n. 2
U 258; 258, n.; 273, 1
UDO 630.1
UI 468; n. 2, 3
UL 219; 260, 1
UME 630.1
URA 630.1
ÚVEL 630.1
UZ 260, 3
VEL 273, 1, exc. a
VOLUS 273, 4, n. 4
X 185, 9; 223, n.
Z 273, 3
ZINHO, ZITO 234, 2; 239, obs.; 240, obs. 10
TERMO 9 – V. *palavra*
da oração – V. *oração* (termo da oração)
antecedente – V. *antecedente*
consequente – V. *consequente*
TERRA (e o artigo) 118, 6
TETA (θ) 38,1
TEU – V. *pronome* (possessivo)
TEUTÔNICO 610

TÉXTIL 221, b
TI 63,3
seguido de vogal 86, 3
TIL 100; 136
TIMBRE DAS VOGAIS 41; 43
TIPOS SINTÁTICOS DIVERGENTES 859
TIRANTE 546, n. 9
TISANA 74; 91, 2
TMESE 856
TO (te + o) 321, 322
TODAVIA 572, n. 3
TODO
advérbio 349 e ss.; 530, n. 10
diferença entre **TODO** e **NADA** 362, **n.**
e o artigo 350
flexão eufônica 351
forma neutra – V. *tudo*
quando objeto 683, 5
TODOS OS DOIS 352, n. 2
TOLOMEU 74
TOMARA 742; 945.3
TÔNICA, TÔNICO – V. *tonicidade*
TONICIDADE 95 e ss.
palavra tônica – V. *palavra* (tônica)
sílaba tônica – V. *sílaba* (tônica)
TOPOLOGIA – V. *colocação*
TOSSIR 467, 1º gr.
TRAÇO DE UNIÃO – V. *hífen*
TRAGÉDIA 987, 1
TRÂMUEI 234, 3
TRANS 80, n.; 525, n. 2 e 3; 629
TRANSFORMAÇÃO DOS VOCÁBULOS – V. *palavra* (transformação)
TRANSGREDIR 466, 3º gr., n.
TRANSITIVO – V. *verbo* (transitivo)
TRANSPOSIÇÃO 123
TRANSLATO – V. *significação* (translata)
TRÁS (prep.) 545
TRATAMENTO (pronome); 315; uniformidade 316; 328; 768, 769
TRAVESSÃO 974
TRAZER 463, 12
TREMA 139, n.
TRES (prefixo) 504; 629
TREVO 82, 2
TRILHO 89, 1
TRIOLÉ 1012, n. 2
TRISSÍLABO 96
TRITONGO 51
TROPOS SEMÂNTICOS 621, b
TU – V. *pronome* (pessoal)
TUDO 183
e a concord. verbal 730
forma neutra 352; 352, n. 1
seguido de oblíquo 831
TUDO O QUE 345, n. 7
TUGIR, MUGIR 452, n. 5
TURFE 67

U

U (grafia) 37, 1
semivogal 35
terminação de subst. 185
vogal labial 42
vogal posterior 42
UI (ditongo cresc., decresc.) 50, n. 1
ULTERIOR 266, n.
ULTIMATUM 234, 4
ULTRAVIOLETA 261, A, n. 2, d
UM, UMA:
artigo – V. *artigo* (indefinido)
e a crase 118, 12ª
e os indefinidos 349, n. 2
emprego abusivo 243, obs. 5
numeral 280; 281; 283; 289
terminação de subst. 185, 3
UMA QUALQUER PESSOA 361, n. 2
UMA VEZ QUE (conj.) 582
UM AO OUTRO 393
UM COMO 243, obs. 6
UM DOS QUE (concord. verbal) 721
UM E OUTRO, NEM UM NEM OUTRO (antes de subst.) 733; 752
UM NÃO SEI QUE DE (e a concord.) 755
UM QUE (e a concord.) 722; 755
UM TAL 343, n. 4; 243, obs. 5, b
UM TAL DE 344, g
UNIFORME (adjetivo) 260
UNIFORMIDADE: de tratamento 316; 328
UNIPESSOAL (verbo) – V. *verbo* (unipessoal)
URÉTER 224
USO (norma linguística) 200; 868, n.
ÚVULA 42

V

V (grafia) 37, 1
consoante e vogal 37, 2
origem e pronúncia 82
V. GR. (= **VERBI GRATIA**) 534, 2
VAL 113, C
VALER (e compostos) 463, 13
VÁLVULA 240, obs. 8
VARIAÇÃO FONÉTICA E GRÁFICA DOS VERBOS – V. *verbo* (variação)
VARIÁVEL (palavra) – V. *palavra* (variável)
VÁRIOS 360
colocação 808
seguido de oblíquo 831
VELAR (consoante) 59
VÊM, VEEM obs. do § 463, 14
VER (étimo) 66
concord. 404
conjugação 463, 14
futuro do subj. 459, 1, ao pé da pág.
regência 320
VERBA:
declarandi 945.4, n. 2
dubitandi 945.4
sentiendi 945.3
voluntatis 945.2
VERBI GRATIA 534, 2; 575, n. 2
VERBO 157; 298
abstrato 425, 4; 427, 428; 428, 4
abundante 494 e ss.
anômalo 475 e ss.
ativo – V. *voz*
aumentativo 504
auxiliar 391, 1; 425 e ss.
SER em vez de **TER** – V. *ser*
colocação – V. *colocação* (do verbo)
com **AU** ou **AI** no tema 443
com duas regências 305
com **E** no tema 466
E fechado na penúlt. sílaba 449
com **EI** no tema 444
com **EU** no tema 444, n. 2
com **IU** no tema 443
com **O** no tema 467
O fechado na penúlt. sílaba 450
com **OI** no tema 444, n.
com **OU** no tema 445
com radical em **M, N, NH** 446, a
com timbre fechado na penúlt. sílaba 446
com **U** no tema 468
complem. de outro 683, 4; 777 *(ajudar)*
concordância – V. *concordância* (do verbo)
concreto 428
conjugação 412 e ss.
dos auxiliares 425
dos compostos 463, 9, obs. 4
dos irregulares 458 e ss.
dos paradigmas 433
perifrástica – V. *locução verbal*
de ligação 302; 426, 3; 664; 665
de movimento 546, n. 4, a
de particípio duplo 496
defectivo 479 e ss.
depoente 939
diminutivo 240, obs. 2; 505
elipse – V. *elipse* (do verbo)
em **AIR** 469
em **CAR, ÇAR** 447, 1, 2
em **CER** 451
em **EAR** 460; 506
em **EJAR, ECHAR, EXAR, ELHAR** 446, b; 506
em **ECER** 64
em **GAR** 447, 3
em **GER**, 452
em **GIR** 452, notas; 466, obs. de *aderir*
em **GNAR, BSTAR, PTAR, PSAR, TMAR** 442
em **GUAR** 440, n. 3, 4
em **GUER** 453
em **GUIR** 453, n. 2
em **IAR** 461; 506
em **IR** 489, 10
em **IZAR** 448
em **JAR** 447, 4
em **OAR** 441
em **OER** 450, n. 1
em **QUAR** 440, n. 3, 4
em **UAR** 440
em **UIR** 468, n. 2, 3 do v. *bulir*
em **UZIR** 470
existencial 907, 5; e o modo da subord. 946.3, 3
forma arrizotônica, rizotônica – V. *forma*
frequentativo 506; 514, 3; 157
imitativo 508

impessoal 426, 2; 480 e ss.; 654, 2; 657, 658; 907, n. 1
em locuç. verbal 487
incoativo 507
intransitivo 300; 390, n. 2
empregado transitivamente 303
empregado pronominalmente 396, n. 3
irregular 458 e ss.
da 1ª 460 e ss.
da 2ª 463
da 3ª 464
iterativo – V. *verbo* (frequentativo)
nas orações infinitivo-latinas 926
neutro 397
onomatopaico 508
passivo – V. *voz*
pessoal 480; 482, n.
perifrástico – V. *locução* (verbal)
pronominal 394 e ss.; 402, A; 926
e o oblíquo 926
prosódia de certos verbos – v. *prosódia*
quanto à conjugação – V. *verbo* (conjugação)
quanto à predicação 297 e ss.; 777
quanto à regência – V. *regência dos verbos*
quanto à significação 502 e ss.
quanto à voz – V. *voz*
quanto ao complemento – V. *verbo quanto à predicação*
quanto ao sujeito – V. *verbo quanto à voz*
que não admite **LHE** 777 (**ASSISTIR, RECORRER, PRESIDIR, ASPIRAR**)
que pode ligar-se a outro no infin. sem prepos. 683, 4, obs.
que significa *vontade* 404
recíproco 403
reflexivo – V. *voz*
regência – V. *regência* (dos verbos)
regular 433
relativo – V. *verbo transitivo indireto*
servil 519
substantivo 244, 2
transitivo 301
direto 301, a
com prepos. 683, 4
empregado passivamente 777 *(importar)*
empregado impessoalmente 485
empregado intransitivamente 303
direto-indireto 301, b, n. 2; 777 *(agradecer)*
com um dos complem. não expresso 777 *(agradecer)*
e a conjunção integr. *QUE* 581, n. 1
e o oblíquo 396
indireto 301, b
transitivo-relativo – V. *verbo transitivo direto-indireto*
unipessoal 488, n.
variação:
fonética da 1ª 439 e ss.
da 2ª 449, 450
gráfica da 1ª 447, 448
da 2ª 451 e ss.
vicário 463, 4, obs. 3
volitivo 581, n. 1 ao pé da pág.; 945.2
voz – V. *voz*
VERDADEIRO (coloc.) 808
VERNÁCULO 4, n.
VERSAL, VERSALETE 973, obs.
VERSIFICAÇÃO 97; 1000 e ss.; verso 1001; 1006 e ss.; verso branco 1012, n. 1
VESTIDURA 630.1
VÉU 71
VEZ 78; 86, 1
VIAGEM 68
VIAGEM e **VIAJEM** 447, 4
VIBRANTE (consoante) 59
VICÁRIO (verbo) – V. *verbo* (vicário)
VÍCIOS DE LINGUAGEM 866 e ss.
VIÇO 63, 3
VIGER 488, 9
VIR (e compostos) 464, 3
em loc. verbal 518
fut. do subj. 459, n. 1, ao pé da pág.
VIR DE 871
VÍRGULA 949
e a conjunção 957, n.
e a palavra **SÓ** 527. n. 10
e a data 953
e a sínquise 857; 952
e a subordinada adjetiva 900; 951
e as orações alternativas 573, n. 3
e as orações independentes 889, n.
e as orações interferentes 561, obs.
e as orações pleonásticas 784 n. 4
e as orações reduzidas 698, n., 943 5. obs. 1
e o aposto 699
e o "e" 950, n. 4
e o endereço 950, n. 6
e o "etc." 950, n.
e o numeral 950, n. 6

e o parêntese 963
e o vocativo 702; 961
e o zeugma 783, n. 1; 954
em lugar de *ser* 962
nos demais casos 949 e ss.
VISTO QUE (conj.) 582
VÍVERES 224; 232, 2
VIZINHO 86, 1
VOCABULÁRIO 10
formação e enriquecimento 619 e ss.
VOCÁBULO – *V. palavra*
VOCALISMO – V. cada vogal no seu respectivo verbete
vocalização 273, 4, n. 1
VOCATIVO 180, n.; 244, B, 3
função 701 e ss.
pontuação 702; 961
VOCÊ 315, n. 5; 328
VOCEZINHO 240, obs. 2
VOGAL:
definição 33
classificação 41 e ss.
mudança de som 234
prepositiva 50, n. 1, a
VO-LO 121, 1; 321, 322
VÓS – V. *pronome* (pessoal)
VOSSA (antes de pronome de tratamento) 315, n. 1; 316
silepse de gênero 768, 2
V. *pronome de tratamento*
VOSSO – V. *pronome* (possessivo)
VOSSA EXCELÊNCIA 315, n. 8
VOSSA SENHORIA 315, n. 8
VOSSO – V. *pronome* (possessivo)
VOZ 47
do verbo 387 e ss.; 422
ativa 388
de sentido passivo 391, n. a
passar para a passiva 390, 391; 484.1, obs.
passiva 389 e ss.; 404; 422; 425; 484, obs. 1; 515
de v. intrans. 429
e signif. ativa 939
impessoal 405; 485; 657, b
reflexiva 392 e ss.; 401, 402
e o oblíquo 394
dos animais 508
nasal 44
= fonema vogal 47
onomatopaica 596, n. 2; 879, n.
VOZ 86

W

W 83

X

X (origem e pronúncia) 84
terminação 223, n.
XEQUE 84, 1, n.

Y

Y 31, n. ao pé da p., 85

Z

Z (origem e pronúncia) 86
consoante de ligação 239
nos diminutivos 240, obs. 10
intervocálico 86, 1
na terminação **EZA** 86 n. 1
na terminação **IZAR** 448
ZÉ 113, A
ZEUGMA (definição) 783
casos diversos 783
e a pontuação 783, n. 1; 954
ZINHO 234, 2; 240. obs. 10
ZUM-ZUM 226, 1º, n. 3

Referências a trabalhos do

Prof. Napoleão Mendes de Almeida

Gramática Metódica da Língua Portuguesa: "Um padre, meu colega, disse-me que na universidade daqui, que ele frequenta, foi indicada a sua gramática como a melhor do Brasil; eu me permito acrescentar que tal juízo pode abranger também Portugal" (Caetano Oricchio, S. J.).

Gramática Latina: "... do seu notável trabalho, que acabo de adotar no curso de Línguas Neolatinas e no de Línguas Anglo-Germânicas da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro" (José Florentino de Marques Leite).

— "Sou professor em dois ginásios, já o fui em seminários, e nunca encontrei — este "nunca" é absolutamente exato — uma clareza tão grande de exposição nem uma tão singela apresentação do que é essencial na aprendizagem. Com inteira verdade, repito-lhe que estou aprendendo latim pelo seu livro, pelo qual tenho verdadeira paixão de ensinar, notando, reciprocamente, que os meus alunos têm gosto em aprender" (Padre Manuel Albuquerque).

Curso de Português por Correspondência (De um ex-aluno de Mário Barreto; começou o curso como major em Bagé, e o terminou como tenente-coronel em Campo Grande): "O que mais recomenda o Curso de Português por Correspondência é precisamente a honestidade de seu diretor, que coloca acima das vantagens materiais o dever profissional" (General Benjamim Cabelo Bidart).

Curso de Latim por Correspondência: "Não há dinheiro que pague o serviço que o senhor está prestando com suas lições de latim. Sou advogado, conheço vários idiomas, mas, principalmente, sou seu aluno gratíssimo" (Rui Otávio Domingues).

ISBN 978-85-02-05430-1

GRAMÁTICA LATINA

Lamente-se a quase extinção do ensino do latim entre nós, mas louve-se quem sempre lutou pela difusão e pelo aprendizado da nossa língua-mãe, esteio do vernáculo e da cultura jurídica.

Depois de lançar os alicerces desse ensino, configurados na explicação simples e muito clara dos diversos casos latinos e de sua correspondência em português, vai o emérito Professor conduzindo o aluno pelos meandros da língua de Cícero, tornando o estudo sempre suave e propiciando ao estudante o completo domínio do latim e a um tempo compreensão aprimorada da sintaxe portuguesa.

"Vejo na GRAMÁTICA LATINA do Napoleão" – são palavras do seu venerando professor Pe. Luís Garcia de Oliveira – "ainda maior mérito do que na sua Gramática Metódica."

É do emérito professor Mário Casasanta, de Belo Horizonte, esta apreciação, publicada na *Folha de Minas*: "Mais do que pelo seu saber linguístico, impõe-se-nos o Prof. Napoleão Mendes de Almeida pela honestidade de seu magistério e, sobretudo, pelo singular senso pedagógico que revela. Não conhecemos livro mais didático do que sua Gramática Latina".

CPAD

Gordon Chown

Gramática Hebraica

Como Ler o Antigo Testamento na Língua Original

© Crédito: Seven

Todos os direitos reservados. Copyright © 2002 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembléias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Consultoria editorial: Esequias Soares da Silva
Projeto gráfico e editoração eletrônica: Paulo Sérgio Primat
Capa: Daniel Bonates

CDD: 492.4 – Língua Hebraica
ISBN: 85-263-0220-5

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site: http//www.cpad.com.br

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida e Corrigida, edição de 1995, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.

Casa Publicadora das Assembléias de Deus
Caixa Postal 331
20001-970, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

1ª edição/2002
2ª Edição 2002

Prefácio

Já faz mais de 30 anos que escrevi esta gramática, que só usei nas faculdades e institutos bíblicos onde eu mesmo ensinava. Esta é a razão por que tive que escrevê-la em letra cursiva, e não na quadrática que se usa na Bíblia. Naquela ocasião não havia meios de imprimir com o tipo impresso. Em 1982 fiz outra matriz graças ao meu aluno, na época, pastor Esequias Soares, da Assembléia de Deus de Jundiaí (SP), que importou uma esfera IBM, hebraica, e fez a composição do texto inteiro em papel vegetal para *off-set*. Este trabalho foi considerável.

O objetivo da obra desde o início foi que o estudante pudesse estudá-la sozinho, o que era dificultado pelo uso da letra que se emprega em correspondência, etc.

"Pintar" o quadrático à mão num estêncil não teria sido muito viável.

Os ingredientes que ajudaram no preparo deste pequeno manual foram a experiência de ensinar línguas faladas nas Escolas YÁZIGI, o Curso LINGUAPHONE de hebraico, ensinado como língua falada, a didática de um livro predileto de ornitologia, que punha cada espécie numa página só, com o retrato completo e as informações seguindo sempre a mesma ordem. Depois vieram os volumes teológicos: a famosa Gramática de Gesenius, os manuais de Bagster: "Pocket Hebrew Lexicon"; "Analytical Hebrew and Chaldee Lexicon"; "Interlineary Hebrew and English Psalter"; "Hebrew and Chaldee Concordance" (Zondervan); "Hebräisches Wörterbuch zum Alten Testament", Siegfried e Stade. E, desde o princípio, a leitura na Bíblia Hebraica, sempre com a ajuda das gramáticas e dos dicionários.

A metodologia aplicada segue o estilo adotado para o ensino de uma língua moderna, falada. Por outro lado, o vocabulário é introduzi-

© Crédito: Seven

do segundo sua freqüência de ocorrência na Bíblia. Os exemplos básicos, escolhidos como paradigmas a serem decorados, muitas vezes são aqueles que ocorrem entre três e cinco mil vezes na Bíblia. Há, também, umas duzentas palavras que, não sendo comuns na Bíblia, são de emprego muito generalizado na língua atual, falada em Israel.

O que agora está sendo publicado é, segundo a minha opinião, a totalidade da matéria gramatical a ser decorada para ler e falar o hebraico clássico ou moderno. Tudo que passa disso deve ser aprendido diretamente do texto, seja da Bíblia, seja dos livros lidos hoje no Estado de Israel. O vocabulário chega até toda "raiz" (palavra básica) que ocorre acima de 25 vezes na Bíblia. A importância que dei à memorização destas também, levou-me a não compilar um vocabulário alfabético. Mas, para a conveniência do estudante, o pastor Esequias Soares da Silva se deu ao trabalho de colher todo o vocabulário que aqui se ensina cada um segundo seu papel na gramática, conforme sua classificação, e o transpôs para um apêndice em ordem alfabética.

Fiz questão de escrever os verbos por extenso – quem estuda uma gramática por conta própria tem o pendor fatal de aplicar alguma regra imaginária cada vez que o professor deixa a palavra "etc." numa lista de informações técnicas. Ao decorar os "paradigmas", o estudante está decorando as formas mais comuns na língua, e ao desenvolver os vocábulos no rodapé de cada paradigma, aprende as palavras mais importantes juntamente com as suas formas gramaticais.

Os exercícios são justamente estes: em cada página escrever por extenso, conforme o modelo ali dado, os vocábulos adicionais – conforme seu tempo, modo, número e pessoa. Abandonei a ordem da gramática técnica semítica para apresentar a matéria como "língua falada". Mesmo quem não pretende conversar em hebraico, terá de aprender a pensar naquele idioma para saber interpretar corretamente textos escritos. Abandonei o ensino técnico da fonética, pois a ordem em que os verbos são apresentados já é um curso de "fonética sem lágrimas".

Se esta obra levar o aluno a decorar bem o sistema de verbos, então ele já possuirá a chave da vitória no assunto da língua hebraica,

pois até mesmo a palavra que quer dizer "sim", é nada mais do que uma partícula tirada de um verbo hebraico. A ordem da matéria é para levar o aluno a decorá-la na forma lógica, facilitado pela disposição psicologicamente planejada – mas é para decorar mesmo! A obra é pequena demais para satisfazer a curiosidade do pesquisador – a ele, recomendam-se as obras supramencionadas. Além delas, há o grande dicionário de Gesenius, com informações de outras línguas semíticas e com citações de trechos bíblicos; e existe em inglês e alemão.

A fonética é de enorme importância na língua hebraica. Tendo achado tremenda dificuldade a seguir os sistemas clássicos de explicação, consegui entender melhor com muita leitura da Bíblia em voz alta, e procurei transmitir com simplicidade aquilo que me custou muito esforço. Os "segolados", os "dagesh" e os "artigos", depois de muita luta, procurei disciplinar dentro de uma ordem fácil de ser assimilada. O intuito final é oferecer ao leitor um instrumento básico na compreensão da revelação que Deus fez ao povo de Israel.

Para mim, o hebraico serviu, aqui no Brasil, para trabalhar em dezesseis traduções da Bíblia (inclusive Bíblias de Estudo – algumas delas ainda em andamento), e para traduzir enciclopédias, dicionários e comentários bíblicos que empregam a exegese hebraica, bem como para o ensino em vários cursos superiores.

Dos alunos dos tempos idos com os quais ainda trabalho em cooperação na literatura, destaco com respeito dois pastores e doutorandos, Carlos Oswaldo Pinto e Márcio Redondo, que, entre outras coisas, se destacam na Nova Versão Internacional da Bíblia (obra que iniciei, por sugestão minha, em 1985), e da qual fiz duas revisões pelo hebraico, e no Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento (com uma revisão minha por comparação com o inglês; e outra da exatidão da impressão e tradução do aramaico e do hebraico). Nas duas obras, labutou Luís Sayão com grande destaque, e muitos cooperadores mais.

Aluno mais recente (1980-1990), o atual pastor da Assembléia de Deus em Jundiaí (SP), Esequias Soares da Silva, pessoalmente coorde-

© Crédito: Seven

nou a editoração e a impressão dessa edição, que envolveu viagens a São Paulo e ao Rio de Janeiro. A ele agradeço por vinte de anos de mútua amizade. Ele sempre vinha aqui em casa no sítio dos meus sogros. Esequias conquistou outros graus superiores e tem muitos atributos. Ele fundou uma escola bíblica e treinou seus professores assim como ele foi treinado.

Para mais explicações introdutórias a principiantes, recomendo calorosamente "Noções de Hebraico Bíblico" de Paulo Mendes, cujo texto programado é muito didático, mormente para ajudar nos casos de não haver professor disponível.

Quanto aos meios de aplicar a gramática hebraica à exegese, o volume que admiro é da minha compatriota, Betty Bacon: "Estudos na Bíblia Hebraica – Exercícios de Exegese". A obra me inspirou o desejo de escrever outra, desenvolvendo o mesmo estilo, baseada nas numerosas anotações exegéticas que escrevi para a Nova Versão Internacional da Bíblia entre 1990 e 1991. O nome planejado seria "Aventuras na Bíblia Hebraica", pois muitas vezes, ao examinar um texto à luz do hebraico, o resultado saía um pouco diferente do que eu havia imaginado.

Aos alunos pertencentes a várias denominações que tive desde 1964, peço desculpas se omiti alguns que posteriormente se destacaram na carreira.

Aos bravos e valentes alunos futuros, que estudarão sozinhos ou com outros professores, desejo resultados frutíferos nos seus esforços.

Gordon Chown

Jundiaí, 5 de fevereiro de 2001

Sumário

Introdução 1
Abreviaturas usadas nesta gramática 3
O alfabeto comparado 5

PRIMEIRA PARTE
O verbo com suas conjugações no ativo 7

Lição 1 O alfabeto 9
Lição 2 As vogais com *Aleph* 11
Lição 3 Introdução ao verbo 13
Lição 4 O presente do verbo modelo 15
Lição 5 Presente do verbo "ע" gutural 17
Lição 6 Presente dos verbos ל"ח e ל"ע 19
Lição 7 Presente do verbo ל"א *lamed aleph* 21
Lição 8 Presente dos verbos ע"ו e ע"י 22
Lição 9 Passado do verbo grau קל 24
Lição 10 Passado do verbo *pei* gutural 26
Lição 11 Passado do verbo *ayin* gutural 27
Lição 12 Passado do verbo *lamed aleph* 29
Lição 13 Passado do verbo *lamed hei* 31
Lição 14 Passado dos verbos ע"ו e ע"י 33
Lição 15 Presente do verbo modelo 35
Lição 16 Futuro – *lamed* e *ayin* gutural 37
Lição 17 Futuro do verbo *pei* gutural 39
Lição 18 Futuro dos verbos פ"נ e ל" *aleph* 40
Lição 19 Futuro do verbo *lamed hei* 42
Lição 20 Futuro do verbo *pei nun* 44
Lição 21 Futuro do verbo ע"ו e ע"י 46
Lição 22 O imperativo 47
Lição 23 O imperativo (continuação) 49
Lição 24 O infinitivo construto 50
Lição 25 O infinitivo absoluto 52
Lição 26 O verbo *pei yod* פ"י 54
Lição 27 O verbo פ"י – grupo especial 56

© Crédito: Seven

Lição 28 O particípio passivo 57
Lição 29 O verbo de estados 59
Lição 30 Dois verbos de uso constante 62
Lição 31 O verbo duplo *ayin* ע"ע 63
Lição 32 Vocabulário do verbo modelo 65
Lição 33 Vocabulário de vários tipos de verbos 67
Lição 34 Tabela para conjugação 68

SEGUNDA PARTE
Substantivos, adjetivos e pronomes com suas declinações 71

Lição 35 O artigo definido 73
Lição 36 O *hei* interrogativo 75
Lição 37 O construto do substantivo 79
Lição 38 Introdução ao adjetivo 81
Lição 39 O adjetivo – várias declinações 83
Lição 40 O substantivo masculino com sufixos 85
Lição 41 O substantivo feminino com sufixos 87
Lição 42 O substantivo com sufixos masculino plural 89
Lição 43 O substantivo com sufixos feminino plural 92
Lição 44 Recapitulação dos sufixos 94
Lição 45 Sufixos – exemplos adicionais – masculino 96
Lição 46 Sufixos – exemplos adicionais – feminino 97
Lição 47 Substantivos – várias declinações 99
Lição 48 As preposições prefixas 101
Lição 49 O emprego das preposições prefixas 103
Lição 50 A partícula de ligação – *vav* 105
Lição 51 Os números cardinais 1-10 107
Lição 52 Dezenas, centenas e milhares 109
Lição 53 Os números ordinais 110
Lição 54 O dual dos substantivos 112
Lição 55 O uso de אַיִן e יֵשׁ 114
Lição 56 O acusativo – a partícula אֵת 115
Lição 57 As preposições separadas 117
Lição 58 Preposições com sufixos – I 118
Lição 59 Preposições com sufixos – II 120
Lição 60 Os pronomes interrogativos 122
Lição 61 Os substantivos segolados 124
Lição 62 Segolados com *patah* 126
Lição 63 Segolados com *hiriq* 128
Lição 64 Segolados com *holam* 130

Lição 65 Segolados sem *segol* nenhum 132
Lição 66 Segolados femininos 134
Lição 67 Plurais de substantivos femininos 136
Lição 68 Plurais de substantivos masculinos 138
Lição 69 A construção de vocábulos 139

TERCEIRA PARTE
O verbo com suas conjugações, reflexivos, passivos, etc 141

Lição 70 Grau *niph'al* – verbo modelo 143
Lição 71 *Niph'al – lamed* gutural 145
Lição 72 *Niph'al – lamed aleph* ל"א 147
Lição 73 *Niph'al – lamed hei* ל"ה 149
Lição 74 *Niph'al – pei yod* 151
Lição 75 *Niph'al – pei* gutural 153
Lição 76 Grau *pi'el* – verbo modelo 155
Lição 77 *Pi'el – lamed aleph* ל"א 157
Lição 78 *Pi'el – ayin* gutural 159
Lição 79 *Pi'el – lamed hei* - ל"ה 161
Lição 80 *Pi'el – lamed* gutural 163
Lição 81 *Pi'el* – ע"ע ע"י ע"ו 165
Lição 82 Grau *pu'al* – verbo modelo 167
Lição 83 *Pu'al – lamed hei* ל"ה 169
Lição 84 Grau *hiph'il* – verbo modelo 171
Lição 85 *Hiph'il – pei* gutural 173
Lição 86 *Hiph'il – lamed* gutural 175
Lição 87 *Hiph'il – lamed hei* ל"ה 177
Lição 88 *Hiph'il – lamed aleph* ל"א 179
Lição 89 *Hiph'il – pei yod* פ"י 181
Lição 90 *Hiph'il – ayin vav* e *ayin yod* 183
Lição 91 *Hiph'il* – duplo *ayin* ע"ע 185
Lição 92 *Hiph'il – pei nun* פ"נ 187
Lição 93 Grau *hoph'al* – verbo modelo 189
Lição 94 *Hoph'al – lamed hei* ל"ה 191
Lição 95 *Hoph'al – ayin vav* e *ayin yod* 193
Lição 96 Grau *hitpa'el* – modelo 195
Lição 97 *Hitpa'el – lamed aleph* ל"א 197
Lição 98 *Hitpa'el – lamed hei* ל"ה 199
Lição 99 *Hitpa'el – lamed* gutural 201
Lição 100 *Hitpa'el* – ע"ע ע"י ע"ו 203
Lição 101 Sufixos pronominais dos verbos 205

© Crédito: Seven

Lição 102 Mais sufixos pronominais 207
Lição 103 Infinitivo construto com sufixos 209
Lição 104 O *vav* conversivo 210
Lição 105 Verbos com modificação dupla 212

TEXTOS BÍBLICOS SELECIONADOS PARA LEITURA
A criação *(Gn 1.1-31)* 215
Os sonhos de José *(Gn 37.1-16)* 217
Os dez mandamentos *(Êx 20.1-20)* 218
O *Shema* *(Dt 6.1-12)* 219
Peregrinação em Moabe *(Rt 1.1-22)* 220
A bem-aventurança do homem que teme ao Senhor *(Sl 1.1-6)* 221

VOCABULÁRIO HEBRAICO-PORTUGUÊS DAS PALAVRAS EXTRAÍDAS DOS EXERCÍCIOS E OUTRAS 223

Introdução

Quem quer estudar hebraico tem de fazê-lo de uma maneira sistemática, pois vai entrar num mundo de idéias linguísticas que diferem fundamentalmente daquelas que os ocidentais alimentam.

Inútil estudar vocabulário somente — o segredo está no verbo, que é a raiz da qual cada palavra brota.

Inútil decorar traduções — o segredo é mergulhar no hebraico original como quem se atira na parte profunda da piscina.

Inútil tentar "pôr os estudos em dia" num fim de semana conveniente — o segredo é enfrentar o pensamento hebraico a cada dia, sendo que a mente não vai aceitar irregularidades num assunto tão difícil, porém tão proveitoso.

A língua é tão regular, tão perfeitamente estereotipada dentro das leis da música e da matemática, que quem se familiariza com ela, não usa mais as vogais, que são uma invenção comparativamente recente. As inscrições de milhares de anos atrás, e os jornais do Estado de Israel hoje, vêm sem vogais. Para o aluno que aprende a ler e a falar, que estuda a gramática, a vogal é de grande importância. Seu alvo, porém, é conhecer a gramática tão bem que ele já entre no âmago da língua, e finalmente pense em hebraico de tal maneira que não pare para averiguar a pronúncia, que deve ser gravada no seu íntimo. O passo mais importante para conseguir isto é decorar o sistema inteiro do verbo. Quanto às peculiaridades da expressão idiomática, isso não se estuda cientificamente — o aluno tem de fechar sua memória contra toda influência das outras línguas e entregar-se à leitura regular, em alta voz, da língua na qual foi escrito o Antigo Testamento.

© Crédito: Seven

Abreviaturas usadas nesta gramática

ABS. – Absoluto
CSTR. – Construto
Conj. – Conjunção
F. – Feminino
Fem. – Feminino
H. – hiph´il
Infin. – Infinitivo
M. – Masculino
Masc. – Masculino
Q. – qal
Sing. – Singular

© Crédito: Seven

O alfabeto comparado

HIEROGLÍFICO	CANANITO	QUADRADO	CURSIVO	LATINO	NOME HEBRAICO
		א		Gutural leve	אָלֶף *ALEPH* Boi
		ב		B, V	בֵּית *BEIT* Casa
		ג		G	גִּימֶל GUIMEL Camelo
		ד		D	דָּלֶת *DALET* Limiar (porta)
		ה		H	הֵי *HEI* Grito (janela)
		ו		V	וָו *VAV* Gancho
		ז		Z	זַיִן *ZAYIN* Arma
		ח		H forte	חֵית *HEIT* Tufo
—		ט		T forte	טֵית *TEIT* Cobra
		י		Y	יוֹד *YOD* Mão
		כ ך		K	כַּף *KAPH* Palma
		ל		L	לָמֶד *LAMED* Laço

© Crédito: Seven

HIEROGLÍFICO	CANANITO	QUADRADO	CURSIVO	LATINO	NOME HEBRAICO
		מ ם	מ, ם	M	מַיִם *MEIM* Água
		נ ן	נ, ן	N	נוּן *NUN* Peixe
		ס	ס	S	סָמֶךְ *SAMEK* Apoio
		ע	ע	Gutural forte	עַיִן *AYIN* Olho
		פ ף	פ, ף	P, F	פֵּא *PEI* Boca
		צ ץ	צ ץ	TS	צָדֵי TSADEY Gafanhoto (anzol)
		ק	ק	Q	קוֹף *KHOPH* Macaco (fundo de agulha)
		ר	ר	R	רֵישׁ *REISH* Cabeça
		ש	ש	SH	שִׁין *SHIN* Dente
		ת	ת	T	תָּו *TAV* Cruz

Os hieroglíficos são do Egito e originalmente se referiam a palavras inteiras. Há mais de quatro mil anos, os símbolos mencionados acima podiam ser usados como letras avulsas para completar nomes de pessoas, etc. Ninguém percebeu, porém, que qualquer palavra que existe pode ser escrita por intermédio desses sinais. O alfabeto cananita surgiu pouco depois, baseado sobre modelos egípcios mas com valor de letras, veículo de uma língua semítica. Já que para eles a palavra "casa" se exprimia por "*beit*", então o hieroglífico que mostra o plano de uma casa passou a se chamar de "*beit*", e serviu para exprimir a consoante B. O quadrático se usa nos livros impressos até hoje, e o alfabeto cursivo é aquele que se usa na correspondência em Israel e entre os israelitas em toda parte do mundo.

PRIMEIRA PARTE

O verbo com suas conjugações no ativo

© Crédito: Seven

Lição 1

O Alfabeto

AS CONSOANTES

ט	ח	ז	ו	ה	ד	ג	ב	א
teit	*heit*	*zayin*	*vav*	*hei*	*dalet*	*gimel*	*beit*	*aleph*
צ	פ	ע	ס	נ	מ	ל	כ	י
tsadei	*pei*	*ayin*	*samek*	*nun*	*meim*	*lamed*	*kaph*	*yod*
					ת	ש	ר	ק
					tav	*shin*	*reish*	*khoph*

O hebraico se escreve da direita para a esquerda. Nisso é imitado pelo árabe que se fala hoje, e sempre tem sido um característico das línguas semíticas, como o aramaico e o acádico.

As seguintes letras têm uma forma especial para terminar a palavra. Nota-se grandes diferenças que precisam ser bem aprendidas.

kaph ך כ *meim* ם מ *nun* ן נ *pei* ף פ *tsadei* ץ צ

As seguintes letras recebem um ponto que se chama *dagesh*, no começo de uma sílaba, ficando sem ponto quando encerra a sílaba.

beit ב *gimel* ג *dalet* ד *kaph* כ *pei* פ *tav* ת

sem dagesh, ב = *"v"* כ = *"ch"* פ = *"f"*.

A pronúncia adotada na Universidade Hebraica de Jerusalém não faz distinção entre as demais letras desta lista, que com ou sem *dagesh* se pronunciam igualmente.

gimel ג *dalet* ד *tav* ת.

© Crédito: Seven

GUTURAIS

Aleph א é apenas uma pausa na garganta que ajuda a pronunciar a vogal que vem junto com esta consoante. Idealmente, cada consoante vem seguida por uma vogal para formar uma sílaba clássica. *Hei* ה é H leve segundo a pronúncia da língua inglesa. *Heit* ח é H forte árabe com duas vezes o valor de *hei*. *Ayin* ע é uma gutural que se pronuncia no fundo da garganta, que um carioca pronunciaria na palavra "rio", se fosse ingerir ar em vez de expulsá-lo no ato de falar. As guturais quase nunca se pronunciam sem vogais; por isso, cada vez que a "música" da língua, as exigências de outras sílabas, forçam as guturais a ficarem sem som, então elas retorquem com outras exigências, ou chamando vogais especiais para virem em seu auxílio ou causando outras alterações na palavra. A maior parte de verbos e substantivos que um observador ignorante chamaria de irregular estão fazendo nada mais do que obedecer às leis da fonética, das exigências das guturais e de outras letras chamadas "fracas", *vav* ו e *yod* י, que às vezes são consoantes puras, e às vezes são vogais.

OUTRAS CONSOANTES

Gimel ג é G duro, como em "ganhar". *Shin* שׁ tem ponto em cima à direita — se o ponto se acha no lado da esquerda então a letra é *Sin* שׂ. *Samek* ס é Ṣ mais fortemente sibilante. *Khoph* ק é um Q forte no fundo da garganta, como os árabes falam hoje, e *kaph* com *dagesh* כּ é um K comum. *Teit* ט é um Ṭ no fundo do pálato, distinguido da *tav* ת, que é um T dental tipo inglês. As letras *nun* נ e *meim* מ são plenamente pronunciados, mesmo no fim da sílaba, não desaparecendo como acontece em português.

EXERCÍCIO 1

Procure essas letras na sua Bíblia Hebraica e nos textos impressos nessa Gramática até reconhecê-las facilmente.

Lição 2

As vogais com *Aleph*

As vogais foram inventadas para pronunciar o texto da Bíblia, pois a língua original tinha sinais somente para as consoantes. Para não perturbar essas consoantes originais, o sistema adotado era usar pequenos pontos a serem escritos debaixo ou ao lado do texto.

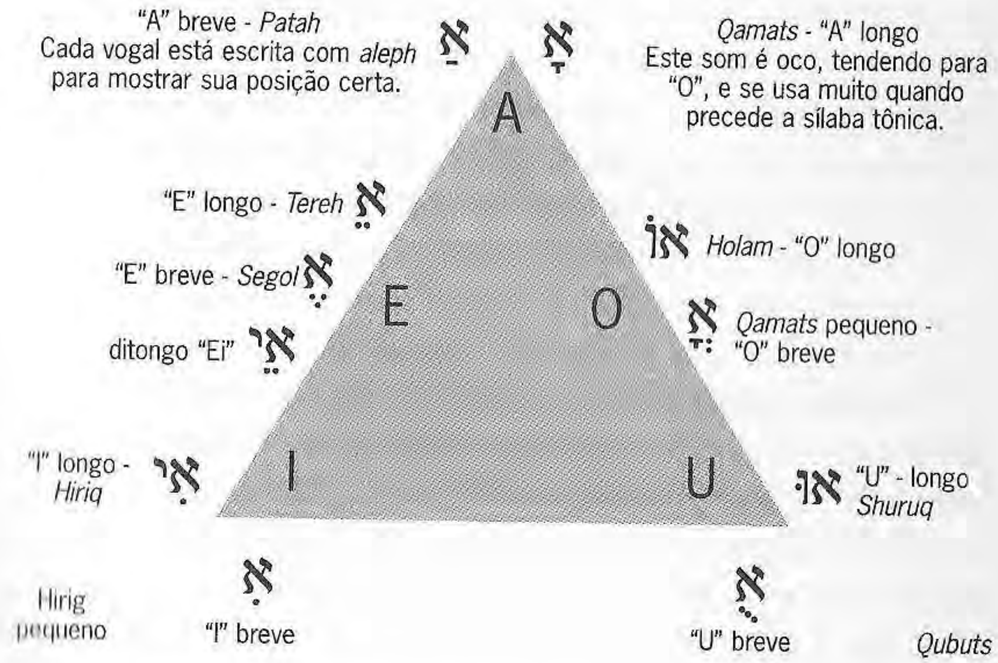

Este triângulo da fonética mostra-nos os nomes das vogais em ordem técnica. Quando a gramática exige que uma vogal fique um pouco mais forte ou um pouco mais fraca, para atender as exigências de sílabas vizinhas, então a vogal escolhida sempre será aquela que neste triângulo se achar mais perto da vogal que a fonética manda trocar. O sentido dessa declaração será compreendido na leitura deste livro. O hebraico normalmente se forma com uma seqüência de uma vogal por consoante, havendo muitas vezes uma consoante sem vogal no fim da

© Crédito: Seven

palavra. Para indicar uma vogal indistinta ou a ausência de vogal, há o símbolo *shevá*, dois pontos debaixo da consoante — בְּ. É silencioso quando encerra a sílaba, como na palavra אֶכְתֹּב "eu escreverei", onde o *dagesh* no *tav* mostra que aí começa uma sílaba nova. *Shevá* só se escreve se há ainda outra letra para seguir. *Shevá* só se pronuncia quando está ocupando o lugar de uma vogal que caiu perante a influência de outras vogais seguintes que "tiram" sua força. Do verbo שָׁמַר temos שְׁמַרְתֶּם "guardastes", onde o primeiro *shevá* é pronunciado. *Shevá* composto com as vogais *patah*, *qamats* e *segol* se chama *hateph*. Reservado para ocasiões quando, pelas leis da fonética, uma letra *gutural* teria de ficar com *shevá*, tomar a forma *hateph patah* (ֲ) *hateph segol* (ֱ), ou *qamats* pequeno (ֳ), para a *gutural* ser devidamente pronunciada. Estas alterações da fonética exigidas por certos tipos de consoante são responsáveis pelas palavras serem classificadas em "famílias" de flexão. De fato, quase a totalidade da gramática hebraica é observar a mudança das vogais de moldes rígidos. Além disso, há casos nos quais as consoantes desaparecem por estarem no meio de uma palavra sem uma suficiência vocálica para serem devidamente pronunciadas. Daí desaparecem, deixando lastros como reduplicação da consoante vizinha, ou fortificação da vogal que precede. Assim como o N na língua portuguesa desaparece, na pronúncia, dentro da vogal que precede quando o N não tem vogal para seguir, assim também o hebraico está sempre pronto a assimilar o *nun* dentro da consoante que segue. Esse fato ajuda-nos a entender que o hebraico põe as vogais em segundo plano, e que o português põe mais peso sobre as vogais. *Yod* e *vav* já podiam representar vogais no texto original (como V-U e J-I em latim), mas mesmo assim recebem pontuação adicional além da consoante que já constava como vogal. *Hiriq* e *holam* podem ser escritos defetivamente, isto é, um ponto sem a presença da consoante.

EXERCÍCIO

Procure essas vogais na sua Bíblia Hebraica, juntamente com as consoantes já aprendidas.

Lição 3

Introdução ao verbo

O verbo em hebraico normalmente tem uma raiz formada por três consoantes, que são os três radicais — *shamar* שָׁמַר "ele guardou". As vogais que aqui aparecem são parte da flexão.

O verbo tem dois infinitivos, o infinitivo absoluto e o infinitivo construto. O infinitivo absoluto normalmente tem os três radicais sem adição, e.g. *shamor* — שָׁמֹר "guardar", e poderia servir para ser o "nome próprio" do verbo se não fosse uma forma que às vezes provoca modificações. O infinitivo construto é bem comum, mas tem formas que fogem um pouco da simplicidade dos três radicais com vogais, e por isso a terceira pessoa do masculino, no passado do verbo, é a forma normalmente adotada para designar o nome do verbo. Embora *shamar* שָׁמַר queira dizer "ele guardou", na gramática técnica quer dizer "verbo guardar".

O oriental tem mente fotográfica, e a gramática tem métodos pitorescos para denominar termos técnicos. Por exemplo, o verbo פָּעַל "agiu, fez" serve para ilustrar os graus do verbo, e os nomes dos três radicais. Isto é, se o verbo פָּעַל no grau reflexivo passa a receber sufixo e vogais que formam a palavra נִפְעַל então os hebreus acham natural chamar o grau reflexivo de *niph'al*, que quer dizer que qualquer outro verbo no reflexivo tem a se transformar no modo ilustrado pelo verbo fazer — *nishmar* נִשְׁמַר "se guardou". Já que a primeira letra radical do verbo פָּעַל é *pei*, então essa letra passa a ser a designação técnica do termo citado "a primeira letra radical do verbo". A expressão *pei aleph*, escrita assim פ"א, quer dizer que se trata de uma "família" de verbos que começam com *aleph*, fato que vai causar certas modificações na vocalização. Do mesmo modo, a segunda radical se chama *ayin* ע, e a terceira se chama *lamed* ל.

© Crédito: Seven

Já se mencionou certas modificações fonéticas pelas quais as palavras passam sob a influência das flexões, e que isso acontece sobretudo quando se trata de certas consoantes fracas que não agüentam obedecer aos modelos dados. Ora, são esses fatores que dão origem às várias famílias de verbos. Se um verbo segue o verbo modelo sem a mínima alteração, não recebe um nome técnico especial. São estes, pois, os tipos de verbo que formam famílias.

Nome Aportuguesado	Símbolo	Exemplo	Comum com Tradução
Pei gutural	Gut"פ	חָזַק	Ser forte
*Pei aleph**	פ"א	אָכַל	Comer
Pei yod	פ"י	יָשַׁב	Sentar-se, morar
Pei nun	פ"ן	נָשָׂא	Erguer, levar
Ayin gutural	Gut"ע	אָהַב	Amar
Ayin yod	ע"י	שִׂים	Pôr
Ayin vav	ע"ו	מוּת	Morrer
Duplo *ayin*	ע"ע	סָבַב	Dar volta, Rodear
Lamed gutural	Gut"ל	שָׁלַח	Mandar, Enviar
*Lamed hei**	ל"ה	בָּנָה	Construir
*Lamed aleph**	ל"א	מָצָא	Achar

*As famílias assim marcadas são construídas com guturais especiais que em certos casos não se conformam ao modelo *pei gutural* e *lamed gutural*.

Esta, pois, é a lista total das famílias que temos de conhecer. É bom lembrar-nos de que esses nomes entram em pauta tão-somente quando se trata de uma parte do verbo que vai ser alterada pelo fato de o verbo a ser declinado pertencer a uma destas famílias.

EXERCÍCIOS

1. Leia em alta voz a chamada de Abraão, (Gn 12.1-3).

1) וַיֹּאמֶר יְהוָה אֶל־אַבְרָם לֶךְ־לְךָ מֵאַרְצְךָ וּמִמּוֹלַדְתְּךָ וּמִבֵּית

2) אָבִיךָ אֶל־הָאָרֶץ אֲשֶׁר אַרְאֶךָּ׃ וְאֶעֶשְׂךָ לְגוֹי גָּדוֹל וַאֲבָרֶכְךָ

3) וַאֲגַדְּלָה שְׁמֶךָ וֶהְיֵה בְּרָכָה׃ וַאֲבָרְכָה מְבָרְכֶיךָ וּמְקַלֶּלְךָ אָאֹר וְנִבְרְכוּ
בְךָ כֹּל מִשְׁפְּחֹת הָאֲדָמָה׃

2. Procure formas verbais semelhantes na sua Bíblia Hebraica.

Lição 4

O presente do verbo modelo

שָׁמַר GUARDAR

Masculino	Singular	Feminino
אֲנִי שׁוֹמֵר	eu guardo	אֲנִי שׁוֹמֶרֶת
אַתָּה שׁוֹמֵר	tu guardas	אַתְּ שׁוֹמֶרֶת
הוּא שׁוֹמֵר	ele, ela guarda	הִיא שׁוֹמֶרֶת

© Crédito: Seven

	Plural	
אֲנַחְנוּ שׁוֹמְרִים	nós guardamos	אֲנַחְנוּ שׁוֹמְרוֹת
אַתֶּם שׁוֹמְרִים	vós guardais	אַתֶּן שׁוֹמְרוֹת
הֵם שׁוֹמְרִים	eles, elas guardam	הֵן שׁוֹמְרוֹת

N.B.: O presente do verbo modelo é realmente um particípio presente com as terminações do masculino e feminino, singular e plural. Isso dá apenas quatro formas diferentes para decorar. As terminações que aqui aparecem servem também para substantivos e adjetivos. Qualquer verbo com três consoantes firmes segue este modelo sem a mínima alteração. O verbo vem aqui com os pronomes pessoais.

ALGUNS VERBOS ADICIONAIS

Estes verbos são selecionados para serem os mais comuns na língua hebraica, dentro das regras do verbo modelo. Vêm nas quatro formas básicas. Escrever cada um por extenso com os pronomes.

זָכַר – LEMBRAR-SE

Masc. singular	זוֹכֵר	Fem. singular	זוֹכֶרֶת
Masc. plural	זוֹכְרִים	Fem. plural	זוֹכְרוֹת

כָּרַת – CORTAR

Masc. singular	כּוֹרֵת	Fem. singular	כּוֹרֶתֶת
Masc. plural	כּוֹרְתִים	Fem. plural	כּוֹרְתוֹת

מָלַךְ – REINAR

Masc. singular	מוֹלֵךְ	Fem. singular	מוֹלֶכֶת
Masc. plural	מוֹלְכִים	Fem. plural	מוֹלְכוֹת

גָּדַל FOI GRANDE
כָּפַר COBRIR
דָּרַשׁ PROCURAR
סָפַר CONTAR

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.
2. Desenvolva por extenso, segundo os paradigmas dados nesta lição, os demais verbetes aqui dados como exemplos.
3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.

Lição 5

Presente do verbo "ע" gutural

שָׁאַל PEDIR

Masculino	Singular	Feminino
שׁוֹאֵל	eu peço	שׁוֹאֶלֶת
שׁוֹאֵל	tu pedes	שׁוֹאֶלֶת
שׁוֹאֵל	ele, ela pede	שׁוֹאֶלֶת

	Plural	
שׁוֹאֲלִים	nós pedimos	שׁוֹאֲלוֹת
שׁוֹאֲלִים	vós pedis	שׁוֹאֲלוֹת
שׁוֹאֲלִים	eles, elas pedem	שׁוֹאֲלוֹת

Aqui o presente já vem sem os pronomes pessoais, mas ainda com a tradução por extenso.

O verbo *ayin gutural* é aquele que tem uma letra *gutural* א, ה, ח, ע, como segunda consoante radical. Realmente é facílimo, segue o verbo modelo em cada pormenor a não ser a seguinte exigência: no

© Crédito: Seven

lugar onde a letra *gutural* teria que ter *shevá* quase silenciosa, ela exige uma *shevá* composta para ser mais claramente pronunciada. Nestes casos a família *ayin gutural* lança mão do *hateph patah* אֲ.

Esta exigência é devido ao fato de a letra *gutural* ser quase inaudível.

MAIS VERBOS "*AYIN GUTURAL*" DOS MAIS FREQÜENTES

amar	אָהַב *	redimir	גָּאַל
ver	רָאָה *	alimentar, pastoreiar	רָעָה *
permanecer	שָׁאַר	inclinar-se	שָׁחָה *
segurar, pegar	אָחַז	escolher	בָּחַר
queimar	בָּאַר	gritar, clamar	זָעַק
aconselhar	יָעַץ *	estar zangado	כָּעַס
rejeitar, desprezar	מָאַס	herdar	נָחַל *
fazer	פָּעַל	gritar, clamar	צָעַק
ter compaixão	רָחַם	lavar	רָחַץ
estar distante	רָחַק	matar, abater	שָׁחַט

*Os verbos aqui marcados com asterisco pertencem a duas famílias ao mesmo tempo. São muito comuns, mas é melhor evitar o uso deles para fazer exercícios.

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.

2. Copie os demais verbos nas quatro formas do presente.

3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.

Lição 6

Presente dos verbos ל״ח e ל״ע

לָקַח RECEBER

Masc. singular	לוֹקֵחַ	recebendo	Fem. singular	לוֹקַחַת
Masc. plural	לוֹקְחִים	Fem. plural	לוֹקְחוֹת	

יָדַע SABER

Masc. singular	יוֹדֵעַ	sabendo	Fem. singular	יוֹדַעַת
Masc. plural	יוֹדְעִים		Fem. plural	יוֹדְעוֹת

Tradicionalmente, os verbos *lamed heit* e *lamed ayin* recebem o nome coletivo de *lamed* gutural, excluindo o *lamed he* e o *lamed aleph* que já pertencem a outras famílias especiais que passaremos a descrever. As letras *heit* ח e *ayin* ע têm fortes exigências, não somente encomendando uma *patah* extra para formar a sílaba adicional, mas até forçando as vogais de outras sílabas a se alterarem segundo as predileções dessas duas letras guturais. Na forma denominativa do verbo — a terceira pessoa do passado — normalmente há *patah*, justamente a vogal da qual *heit* e *ayin* gostam. Portanto, não há alteração ali. Mas o modelo do presente, formando verbo com a vogal *tsereh*, segue a influência dessas duas letras guturais. Acrescenta-se, pois, a *patah* que se vê no masculino singular. No feminino, a influência da *patah* se estende para a vogal anterior. Isto é, assim como no verbo modelo o *tsereh* (vogal longa) se divide em duas vogais curtas (*segol*) para aceitar a consoante extra *tav* que é a terminação feminina, assim também na família *lamed heit* e *lamed ayin* há redistribuição de vogais: *tsereh* dá lugar para duas *patah*, já que uma *patah* se acha no masculino singular.

No plural, as guturais têm vogal forte e não pedem alteração nenhuma.

© Crédito: Seven

MAIS VERBOS ל"ח E ל"ע DOS MAIS FREQÜENTES

mandar	שָׁלַח	escutar, ouvir	שָׁמַע
confiar	בָּטַח	tocar, ferir*	נָגַע
sacrificar	זָבַח	viajar, tirar*	נָסַע
alegrar-se	שָׂמַח	engolir, tragar	בָּלַע
esquecer-se	שָׁכַח	romper	בָּקַע

*Estes dois verbos também pertencem a família *pe nun* - פ"ן

O PRESENTE – EM OUTRAS FAMÍLIAS

pe aleph פ"א *pe yod* פ"י *pe nun* פ"ן *pe* gutural *gut* פ"

Estas famílias seguem o verbo modelo no presente, sendo que o presente começa com uma vogal forte com a qual *qualquer* letra se acha satisfeita.

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.
2. Desenvolva por extenso, segundo os paradigmas dados nesta lição, os demais verbetes aqui dados como exemplos.
3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.

Lição 7

Presente do verbo ל"א *lamed aleph*

קָרָא CHAMOU

Masc. singular	קוֹרֵא	chamando	Fem. singular	קוֹרֵאת
Masc. plural	קוֹרְאִים		Fem. plural	קוֹרְאוֹת

O *aleph* é a única letra hebraica que pode passar sem vogal no meio da palavra. Mas só faz isso quando tem certas vogais favoritas junto com a consoante que precede. Depois de *qamats* e *tsereh* o *aleph* fica sem pronúncia, mas permanece no texto escrito. *Aleph* é a mais silenciosa das letras hebraicas, mas pode-se dizer que está pronunciada simplesmente pelo fato de ter exigido a companhia de certas vogais. No feminino singular permanece o *tsereh*, que provém da forma masculina. A língua hebraica sempre quer seguir os modelos quando possível, e se há exigências particulares de certas letras, então ao menos tentam evitar profundas modificações. O plural é normal.

MAIS VERBOS ל"א

sair	יָצָא	levantar	נָשָׂא
pecar, errar	חָטָא	achar	מָצָא
criar	בָּרָא	curar	רָפָא

PRESENTE DO VERBO ל"ה *LAMED HEI*

עָשָׂה FAZER

Masc. singular	עוֹשֶׂה	fazendo	Fem. singular	עוֹשָׂה
Masc. plural	עוֹשִׂים		Fem. plural	עוֹשׂוֹת

O *hei*, nas ocasiões quando não é possível reger uma sílaba, se-

© Crédito: Seven

gundo a ambição de toda consoante hebraica, recusa a comparecer no texto escrito e falado, fugindo perante uma vogal forte, ou seja, ficando absorvido por ela. No masculino singular vem com *segol*, para distinguir a família *lamed he* da família *lamed aleph* (as demais guturais *heit* e *ayin* já têm vogal extra). O feminino singular usa forma com *he* ה , que aliás é muito usada nos adjetivos.

MAIS VERBOS ל"ה

subir	עָלָה	ver	רָאָה
edificar	בָּנָה	acabar-se	כָּלָה
aumentar	רָבָה	chorar	בָּכָה
descobrir	גָּלָה	cobrir	כָּסָה
virar-se	פָּנָה	adoecer, ficar fraco	חָלָה

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.
2. Copie todos os verbos nesta página por extenso.
3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.

Lição 8

Presente dos verbos ע"ו e ע"י

שׁוּב VOLTAR-SE

Masc. singular	שָׁב	voltando-se	Fem. singular	שָׁבָה
Masc. plural	שָׁבִים		Fem. plural	שָׁבוֹת

שִׂים COLOCAR

Masc. singular	שָׂם	colocando	Fem. singular	שָׂמָה
Masc. plural	שָׂמִים		Fem. plural	שָׂמוֹת

Nesta família de verbos, a forma radical se acha no infinitivo, sendo que a terceira pessoa do passado não possui o *vav* ou *yod* central. No particípio, com o qual o presente é construído, a consoante original *vav* ou *yod* também não aparece mais, deixando a vogal *qamats* no seu lugar. Mesmo no infinitivo, a consoante original se pronuncia como vogal, formando *shuruq*, *hiriq* ou às vezes até *holam*.

Com uma sílaba a menos para decorar, os verbos desta família são fáceis de guardar na memória. O uso do infinitivo vai ser debatido depois de examinar o passado e o futuro.

MAIS VERBOS ע"ו E ע"י DOS MAIS FREQÜENTES

morrer	מוּת	compreender	בִּין
vir	בּוֹא *	defender, pleitear	רִיב
levantar-se	קוּם	cantar	שִׁיר
ser alto	רוּם	por, colocar	שִׁית
envergonhar-se	בּוֹשׁ *	alegrar-se	גִּיל
peregrinar	גּוּר	retirar-se	סוּר
fugir	נוּס	correr	רוּץ

*Estes dois verbos têm o *vav* na forma de *holam*, mas seguem a regra.

NOTAS GERAIS SOBRE O USO DO PRESENTE

שׁוֹמֵר יִשְׂרָאֵל - PRESENTE "Aquele que guarda Israel"
שׁוֹמֵר יִשְׂרָאֵל - PARTICÍPIO "Aquele que está guardando Israel"
שׁוֹמֵר יִשְׂרָאֵל - SUBSTANTIVO "O guarda de Israel"

© Crédito: Seven

Esta frase vem do Salmo 121. Temos de reconhecer que dentro da mentalidade israelita, não existem estas distinções da gramática das línguas latinas. Os três conceitos acima são iguais para eles.

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.
2. Desenvolva por extenso, segundo os paradigmas dados nesta lição, os demais verbetes aqui dados como exemplos.
3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.

Lição 9

Passado do verbo grau קַל

כָּתַב ESCREVEU **שָׁמַר GUARDAR**

Singular				
eu escrevi	כָּתַבְתִּי	1 m. f.	eu guardei	שָׁמַרְתִּי
tu escreveste	כָּתַבְתָּ	2 m.	tu guardaste	שָׁמַרְתָּ
tu escreveste	כָּתַבְתְּ	2 f.	tu guardaste	שָׁמַרְתְּ
ele escreveu	כָּתַב	3 m.	ele guardou	שָׁמַר
ela escreveu	כָּתְבָה	3 f.	ela guardou	שָׁמְרָה
Plural				
nós escrevemos	כָּתַבְנוּ	1 m.f.	nós guardamos	שָׁמַרְנוּ
vós escrevestes	כְּתַבְתֶּם	2 m.	vós guardastes	שְׁמַרְתֶּם
vós escrevestes	כְּתַבְתֶּן	2 f.	vós guardastes	שְׁמַרְתֶּן
eles escreveram	כָּתְבוּ	3 m.	eles guardaram	שָׁמְרוּ
elas escreveram	כָּתְבוּ	3 f.	elas guardaram	שָׁמְרוּ

Cada verbo da família *qal* tem uma forma igual à do modelo acima, se o verbo tem três consoantes claramente pronunciadas. Logo que aparece uma letra gutural em qualquer posição, haverá mudanças:

יָשַׁב	se sentou	1 m.f.	יָשַׁבְתִּי	2 m.	יָשַׁבְתָּ	2 f.	יָשַׁבְתְּ
נָפַל	caiu	1 m.f.	נָפַלְתִּי	2 m.	נָפַלְתָּ	2 f.	נָפַלְתְּ
כָּרַת	cortou	1 m.f.	כָּרַתְתִּי	2 m.	כָּרַתְתָּ	2 f.	כָּרַתְתְּ
פָּקַד	visitou	1 m.f.	פָּקַדְתִּי	2 m.	פָּקַדְתָּ	2 f.	פָּקַדְתְּ
זָכַר	se lembrou	1 m.f.	זָכַרְתִּי	2 m.	זָכַרְתָּ	2 f.	זָכַרְתְּ

Aqui as três consoantes radicais ficam firmes, sem se alterar, simplesmente recebendo as vogais e os sufixos adicionais. Observe que os verbos que começam com *yod* e *nun* vão formar famílias de verbos com nome *pe yod* e *pe nun*, mas que aqui estão dentro da regra do verbo modelo, sendo que estão regendo uma sílaba inteira. Tendo sílaba com uma consoante e uma vogal, a palavra hebraica está dentro da forma ideal, e não vai exigir mudanças. Temos de nos lembrar que a terceira pessoa do passado, no masculino, é a forma denominativa do verbo, isto é, o próprio nome do verbo é tirado desta forma básica.

As modulações que hão de seguir nas seguintes páginas não são nada mais do que a aplicação dos característicos específicos de certas letras. Como exercícios, copie por extenso os cinco verbos dados acima, lembrando que estes verbos foram escolhidos por ser dos mais comuns e úteis que existem na língua hebraica.

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.
2. Desenvolva por extenso, segundo os paradigmas dados nesta lição, os outros verbetes do mesmo tipo, dados como exemplos.
3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.

© Crédito: Seven

Lição 10

Passado do verbo *pei* gutural

ANDOU הָלַךְ **ATRAVESSOU עָבַר**

Singular				
andei	הָלַכְתִּי	1 m. f.	atravessei	עָבַרְתִּי
andaste	הָלַכְתָּ	2 m.	atravessaste	עָבַרְתָּ
andaste	הָלַכְתְּ	2 f.	atravessaste	עָבַרְתְּ
andou	הָלַךְ	3 m.	atravessou	עָבַר
andou	הָלְכָה	3 f.	atravessou	עָבְרָה
Plural				
andamos	הָלַכְנוּ	1 m.f.	atravessamos	עָבַרְנוּ
andastes	הֲלַכְתֶּם	2 m.	atravessastes	עֲבַרְתֶּם
andastes	הֲלַכְתֶּן	2 f.	atravessastes	עֲבַרְתֶּן
andaram	הָלְכוּ	3 m.	atravessaram	עָבְרוּ
andaram	הָלְכוּ	3 f.	atravessaram	עָבְרוּ

Quando a primeira radical é uma letra gutural, há uma suavíssima modificação na segunda pessoa do plural, tanto masculino como feminino. É o caso dos sufixos pesados que atraem o acento, deixando a primeira sílaba com *shevá* apenas — aqui a letra gutural exige *hateph patah*. É bom aproveitar para aprender estes dois verbos por extenso, sendo que são muito usados em hebraico. Mais tarde o aluno não vai exigir que o autor copie um verbo por extenso só por causa de uma modificação.

MAIS VERBOS *PEI* GUTURAL – DOS MAIS COMUNS

ficar de pé	עָמַד	amar	אָהַב
murchar	אָבַל	ser cumprido	אָרַךְ
reunir	אָסַף	ser forte	חָזַק
trabalhar, lavrar	עָבַד	virar, voltar	הָפַךְ
matar	הָרַג	pensar	חָשַׁב
deixar, abandonar	עָזַב	reunir	אָסַר
cessar, deixar	חָדַל	dividir, distribuir	חָלַק

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.
2. Ponha estes verbos na segunda pessoa do plural, e desenvolva alguns deles por extenso.
3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.

Lição 11

Passado do verbo *ayin* gutural

Verbo	Tradução	3 Fem. Sing.	3 Masc. Plural
שָׁאַל	pedir, perguntar	שָׁאֲלָה	שָׁאֲלוּ
אָהַב	amar	אָהֲבָה	אָהֲבוּ
צָחַק	rir	צָחֲקָה	צָחֲקוּ
בָּטַח	confiar	בָּטְחָה	בָּטְחוּ
שָׁאַר	restar, permanecer	שָׁאְרָה	שָׁאְרוּ
גָּאַל	redimir	גָּאֲלָה	גָּאֲלוּ

© Crédito: Seven

Agora o aluno sabe construir o passado na forma do modelo e no *pei* gutural, e não vai errar nas demais partes se o professor explicar que aqui há apenas duas pessoas para modificar — terceira feminino singular e terceira masculino e feminino plural. São justamente essas pessoas que no verbo modelo ficam com *shevá* na segunda radical. Ora, acontece que no *pei* gutural a segunda radical é uma letra gutural que recusa a ficar com *shevá* apenas, então mais uma vez estamos conhecendo *hateph patah*, que vem auxiliar estas letras fracas.

PASSADO DO VERBO *LAMED* GUTURAL

Verbo	Tradução	2 Feminino Sing.	Tradução
יָדַע	saber	יָדַעְתְּ	tu (f) soubeste
שָׁלַח	mandar	שָׁלַחְתְּ	tu (f) mandaste
פָּתַח	abrir	פָּתַחְתְּ	tu (f) abriste
שָׁמַע	ouvir	שָׁמַעְתְּ	tu (f) ouviste
לָקַח	receber	לָקַחְתְּ	tu (f) recebeste
בָּטַח	confiar	בָּטַחְתְּ	tu (f) confiaste

O verbo cuja terceira radical é uma gutural sofre modificação na segunda pessoa que, no verbo modelo, tem *shevá* com a terceira radical. Aqui não se trata de um *hateph* inserido, mas uma vogal inteira, sendo que já tem *shevá* na última consoante. *Patah* é escolhida pelas guturais ח e ע .

O resto do singular do *lamed* gutural:

1mf sing.	2m sing.	2f sing.	3m sing.	3f sing.
יָדַעְתִּי	יָדַעְתָּ	יָדַעְתְּ	יָדַע	יָדְעָה

Note que o termo "gutural" aqui se refere tão-somente às letras ח e ע, sendo que as demais guturais formam as famílias *lamed hei* e *lamed aleph* ל"ה e ל"א.

Vê-se que com *shevá* silenciosa, isto é, *shevá* que está encerrando uma sílaba ao invés de representar uma vogal caída, estas duas letras guturais aguentam ficar com *hateph*, ou seja, *shevá* simples.

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.
2. Escreva o passado de alguns desses verbos por extenso em todas as pessoas.
3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.

Lição 12

Passado do verbo *lamed aleph*

SAIR יָצָא			CHAMAR קָרָא	
SINGULAR				
sai	יָצָאתִי	1 m. f.	chamei	קָרָאתִי
saíste	יָצָאתָ	2 m.	chamaste	קָרָאתָ
saíste	יָצָאת	2 f.	chamaste	קָרָאת
saiu	יָצָא	3 m.	chamou	קָרָא
saiu	יָצְאָה	3 f.	chamou	קָרְאָה
PLURAL				
saímos	יָצָאנוּ	1 m.f.	chamemos	קָרָאנוּ
saístes	יָצָאתֶם	2 m.	chamastes	קְרָאתֶם
saístes	יָצָאתֶן	2 f.	chamastes	קְרָאתֶן
saíram	יָצְאוּ	3 m.	chamaram	קָרְאוּ
saíram	יָצְאוּ	3 f.	chamaram	קָרְאוּ

© Crédito: Seven

A consoante *aleph* é a única na língua hebraica que pode ficar sem vogal no meio da palavra, conforme já vimos no presente do *lamed aleph*. Ora, é justamente no passado que a terceira radical fica com *shevá* silencioso para encerrar a sílaba, e nessa família, esta terceira radical é *aleph*, que nunca pode ficar com *shevá*. Daí, lança mão da possibilidade de ficar com uma vogal forte na sílaba que precede, e se sente suficientemente apoiada pelo *qamats* para poder ficar sem vogal nenhuma. O *qamats* já existe na terceira pessoa, mas singular, para mostrar que a consoante que segue, que parece silenciosa, é de fato o *aleph*. Não há *dagesh* nas terminações, que não são novas sílabas. A terceira pessoa feminino singular e terceira masculino e feminino do plural têm *aleph* seguida por uma vogal.

MAIS VERBOS ל"א

ser cheio	מָלֵא	ser impuro	טָמֵא
ter ódio	שָׂנֵא	ter medo	יָרֵא

Note que estes verbos terminam com *tsereh*, que se usa nos verbos que exprimem estados emocionais ou físicos. Serão descritos mais adiante nesta gramática, mas já que os quatro aqui dados são *lamed aleph*, vale a pena aprendê-los aqui, explicando apenas que já *tsereh* é a outra vogal longa que o *aleph* prefere (*qamats* foi mencionado acima), conserva o *tsereh* em cada pessoa que normalmente tem *qamats* no passado do *lamed aleph*.

EXERCÍCIOS

Cada vez que uma parte de um verbo vem acompanhada por um pequeno vocabulário, as novas palavras tem de ser copiadas por extenso, seguindo o modelo dado na mesma página. Os verbos são selecionados por sua freqüência dentro da família que está sendo ensinada, e fixar os mesmos na memória do estudante vai fornecer um magnífico vocabulário básico junto com um conhecimento profundo das formas gramaticais da maior importância prática.

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.
2. Desenvolva por extenso, segundo os paradigmas dados nesta lição, os demais verbetes aqui dados como exemplos.
3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.

Lição 13

Passado do verbo *lamed hei*

בָּנָה construiu	Singular	רָצָה quis	הָיָה esteve
בָּנִיתִי	1 m. f.	רָצִיתִי	הָיִיתִי
בָּנִיתָ	2 m.	רָצִיתָ	הָיִיתָ
בָּנִית	2 f.	רָצִית	הָיִית
בָּנָה	3 m.	רָצָה	הָיָה
בָּנְתָה	3 f.	רָצְתָה	הָיְתָה
	Plural		
בָּנִינוּ	1 m.f.	רָצִינוּ	הָיִינוּ
בְּנִיתֶם	2 m.	רְצִיתֶם	הָיִיתֶם
בְּנִיתֶן	2 f.	רְצִיתֶם	הָיִיתֶן
בָּנוּ	3 m.	רָצוּ	הָיוּ
בָּנוּ	3 f.	רָצוּ	הָיוּ

A terceira radical sendo a gutural *hei*, não aceita *shevá*, e não aceita ficar sem vogal como o *aleph*. A pequena consoante *yod* vem tomar seu lugar, e forma um ditongo *hiriq* com a vogal anterior, isto é, depois de ter alterado a vogal original *patah* para atender suas exigências. Seguindo o verbo modelo, se pode ver a origem disso:

בָּנִיתִי - בָּנַיְתִי - בָּנִיתִי - שָׁמַרְתִּי *Tav* está seguindo uma vogal, e fica sem *dagesh*.

© Crédito: Seven

No plural, terceira masculina e feminina, a terminação em vogal longa simplesmente leva o ה embora. A terceira pessoa feminino singular fica com *tav*, letra feminina mais forte, não havendo uma vogal precedente para formar ditongo como nas demais pessoas.

MAIS VERBOS *LAMED HEI* (ALGUNS COM *PEI* GUTURAL)

viver	חָיָה	responder	עָנָה
beber	שָׁתָה	inclinar-se, morar	חָנָה
adulterar	זָנָה	dividir, discernir	חָזָה
irar, inflamar	חָרָה	ser aflito	עָנָה
redimir, libertar	פָּדָה	comprar	קָנָה
observar	צָפָה	ficar fraco, doente	חָלָה

Os verbos *lamed hei* que também começam com gutural seguem o verbo "ser, estar" acima.

N.B.: O *yod* no verbo הָיָה é consoante normal.

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.

1. Desenvolva por extenso, segundo os paradigmas dados nesta lição, os demais verbetes aqui dados como exemplos.

1. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.

Lição 14

Passado dos verbos ע"ו e ע"י

שוּב voltar-se	Singular	שִׂים pôr
שַׁבְתִּי	1 m. f.	שַׂמְתִּי
שַׁבְתָּ	2 m.	שַׂמְתָּ
שַׁבְתְּ	2 f.	שַׂמְתְּ
שָׁב	3 m.	שָׂם
שָׁבָה	3 f.	שָׂמָה
	Plural	
שַׁבְנוּ	1 m.f.	שָׂמְנוּ
שַׁבְתֶּם	2 m.	שַׂמְתֶּם
שַׁבְתֶּן	2 f.	שַׂמְתֶּן
שָׁבוּ	3 m.	שָׂמוּ
שָׁבוּ	3 f.	שָׂמוּ

No passado, assim como no presente, perde-se a segunda radical do verbo original. *Qamats*, embora fazendo muito barulho, é uma vogal que facilmente cai da palavra quando tem sufixos, portanto aqui vem *patah* para representar a primeira sílaba do verbo modelo. Essa não pode cair nem na presença dos sufixos pesados neste caso, pois tem de representar o *vav* ou o *yod* que caíram. As terceiras pessoas ficam com *qamats*, numa forma que é mais semelhante à forma do substantivo. Há motivos para pensar que, historicamente, as primeiras e segundas pessoas são um desenvolvimento da terceira que segue o substantivo.

NOTAS GERAIS SOBRE O PASSADO

O acento cai na segunda radical do verbo, se ela tem vogal. Se ela tem *shevá* apenas, mesmo *shevá* pronunciada, o acento vai para a sílaba que segue. Os verbos *ayin vav* e *ayin yod*, porém, sempre têm o

© Crédito: Seven

acento na primeira sílaba, sendo que esta é realmente a segunda sílaba também. As terminações pesadas, segunda masculino e feminino plural תם e תן, recebem o acento e normalmente tiram a força da primeira vogal do verbo, a única exceção sendo o verbo na tabela acima. Para mostrar o acento, pode-se sobrelinhar algumas palavras (as vogais não permitem linha debaixo das palavras).

שַׁבְתֶּם - כְּתַבְתֶּם - כָּתְבָה - כָּתַבְתִּי

O passado, sendo uma única forma para todas as idéias contidas na concepção do passado, se traduz por várias maneiras. Produz em português as formas do perfeito, aoristo e mais que perfeito. רָאָה se pode traduzir "tem visto", "viu" e "tinha visto". Só o contexto dá a tradução certa. O hebraico clássico não tem muita idéia sobre "tempo físico", mas, sim, os "tempos" são na realidade "modalidades de ação", e por isso os gramáticos chamam o passado de "completo" e o futuro de "incompleto". O imperfeito se produz com o verbo ser/estar — "estava sentado" ou "sentava-se" — הָיָה יוֹשֵׁב.

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.

2. Desenvolva verbos ע"ו e ע"י por extenso, segundo o paradigma.

3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.

Lição 15

Futuro do verbo modelo

ESCREVEU כָּתַב **GUARDOU** שָׁמַר

		Singular		
escreverei	אֶכְתֹּב	1 m. f.	guardarei	אֶשְׁמֹר
escreverás	תִּכְתֹּב	2 m.	guardarás	תִּשְׁמֹר
escreverás	תִּכְתְּבִי	2 f.	guardarás	תִּשְׁמְרִי
escreverá	יִכְתֹּב	3 m.	guardará	יִשְׁמֹר
escreverá	תִּכְתֹּב	3 f.	guardará	תִּשְׁמֹר
		Plural		
escreveremos	נִכְתֹּב	1 m.f.	guardaremos	נִשְׁמֹר
escrevereis	תִּכְתְּבוּ	2 m.	guardareis	תִּשְׁמְרוּ
escrevereis	תִּכְתֹּבְנָה	2 f.	guardareis	תִּשְׁמֹרְנָה
escreverão	יִכְתְּבוּ	3 m.	guardarão	יִשְׁמְרוּ
escreverão	תִּכְתֹּבְנָה	3 f.	guardarão	תִּשְׁמֹרְנָה

O verbo escrever serve para ilustrar as sílabas, pelo uso do *dagesh*.

ORIGEM DAS QUATRO FORMAS BÁSICAS DO FUTURO

1. *Aleph* do começo do pronome se coloca como prefixo, com *segol* para formar sílaba do tipo que *aleph* gosta.	1 m. sing	אֲנִי אֶשְׁמֹר
2. Aqui se coloca *tav*, sendo que *aleph* já foi ocupado. *Tav* vem sem vogal própria, por isso recebe *hiriq* para formar sílaba antes de *shevá*.	2 m. sing.	אַתָּה תִּשְׁמֹר

© Crédito: Seven

3. *Hei* tem outras funções como prefixo, e *vav* também; então a 3a. pessoa começa com *yod*.	3 m. sing.	הוּא יִשְׁמֹר
4. *Pei*. O primeiro *nun* entra em função aqui para fazer o prefixo, ao invés do *aleph* que está ocupado no singular.	1 m. f. pl.	אֲנַחְנוּ נִשְׁמֹר

Igual à segunda masculino singular é a terceira feminino singular, que recebe uma velha forma de terminação feminina e que repete a vogal da segunda masculino singular. No plural, um *vav* é acrescentado para as formas masculinas do singular para dar 2ª e 3ª plural. Este causa diminuição da vogal *holam*, que se acha na 2ª masculino singular. A 2ª feminino e 3ª feminino do plural são iguais, recebendo uma sílaba extra que não tira o *holam* que se vê na forma singular.

MAIS VERBOS QUE SEGUEM O MODELO

ficou sagrado	קָדַשׁ	ajuntou, reuniu	קָבַץ
enterrou	קָבַר	queimou	שָׂרַף
seguiu	רָדַף	aproximou-se	קָרַב

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.

2. Desenvolva por extenso, segundo os paradigmas dados nesta lição, os demais verbetes aqui dados como exemplos.

3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.

Lição 16

Futuro – *lamed* e *ayin* gutural

Ayin gutural			*Lamed* gutural	
שָׁאַל pedir	צָחַק rir	Singular	שָׁמַע ouvir	לָמַד aprender
אֶשְׁאַל	אֶצְחַק	1 m. f.	אֶשְׁמַע	אֶלְמַד
תִּשְׁאַל	תִּצְחַק	2 m.	תִּשְׁמַע	תִּלְמַד
תִּשְׁאֲלִי	תִּצְחֲקִי	2 f.	תִּשְׁמְעִי	תִּלְמְדִי
יִשְׁאַל	יִצְחַק	3 m.	יִשְׁמַע	יִלְמַד
תִּשְׁאַל	תִּצְחַק	3 f.	תִּשְׁמַע	תִּלְמַד
PLURAL				
נִשְׁאַל	נִצְחַק	1 m. f.	נִשְׁמַע	נִלְמַד
תִּשְׁאֲלוּ	תִּצְחֲקוּ	2 m.	תִּשְׁמְעוּ	תִּלְמְדוּ
תִּשְׁאַלְנָה	תִּצְחַקְנָה	2 f.	תִּשְׁמַעְנָה	תִּלְמַדְנָה
יִשְׁאֲלוּ	יִצְחֲקוּ	3 m.	יִשְׁמְעוּ	יִלְמְדוּ
תִּשְׁאַלְנָה	תִּצְחַקְנָה	3 f.	תִּשְׁמַעְנָה	תִּלְמַדְנָה

Havendo uma letra gutural no meio de um verbo ou no fim, na 2ª ou na 3ª radical, o *holam* do futuro é alterado para *patah*. Sendo que uma gutural, quando tem exigências especiais, se satisfaz quando a vogal exigida vem antes da gutural ou depois, vê-se que essas duas famílias, *lamed* gutural e *ayin* gutural, hão de ser iguais. No *ayin* gutural há *patah* depois da gutural, e no *lamed* gutural há *patah* antes da gutural. O resultado é que em ambas as famílias a segunda vogal é *patah*.

A diferença entre as famílias vem quando, seguindo a regra do verbo modelo, haveria de aparecer *shevá* com a segunda radical. No caso do *lamed* gutural, é a terceira radical que tem gutural, e portanto a 3ª radical recebe *shevá* sem dificuldade. No *ayin* gutural, o *shevá* vai ser transformado em *hateph patah* na 2ª feminino singular e na 2ª e 3ª

© Crédito: Seven

masculino plural. Veja que o verbo לָמַד, "aprender", tem *dalet* na 3ª radical, mas que segue junto com os verbos que tomam *patah* antes da 3ª radical. Talvez isto acontece porque o verbo é tão usado que quer uma forma mais rápida, com vogal menor.

É bom relembrar o fato de que o termo *lamed* gutural se refere realmente a *lamed ayin* e *lamed heit*, sendo que *lamed aleph* e *lamed hei* são famílias independentes que, tendo guturais mais fracas, vão sofrer modificações adicionais. O prefixo do futuro não tem vogal definida, portanto viria com *shevá*, que se tornou *hiriq* pequeno por ser seguido por outro *shevá*. Essa é sempre a regra onde houver dois *shevá* juntos.

MAIS VERBOS *LAMED* GUTURAL

fugir	בָּרַח	semear	זָרַע
pintar, ungir	מָשַׁח	ser satisfeito	שָׂבַע
lograr, vicejar	צָלַח	tocar	תָּקַע

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.

2. Desenvolva por extenso, segundo os paradigmas dados nesta lição, os demais verbetes aqui dados como exemplos.

3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.

Lição 17

Futuro do verbo *pei* gutural

עָמַד ficou de pé	הָרַג matou		חָלַם sonhou	אָסַף adicionar
		Singular		
אֶעֱמֹד	אֶהֱרֹג	1 m. f.	אֶחֱלֹם	אֶאֱסֹף
תַּעֲמֹד	תַּהֲרֹג	2 m.	תַּחֲלֹם	תֶּאֱסֹף
תַּעַמְדִי	תַּהַרְגִי	2 f.	תַּחַלְמִי	תֶּאֱסְפִי
יַעֲמֹד	יַהֲרֹג	3 m.	יַחֲלֹם	יֶאֱסֹף
תַּעֲמֹד	תַּהֲרֹג	3 f.	תַּחֲלֹם	תֶּאֱסֹף
		Plural		
נַעֲמֹד	נַהֲרֹג	1 m.f.	נַחֲלֹם	נֶאֱסֹף
תַּעַמְדוּ	תַּהַרְגוּ	2 m.	תַּחַלְמוּ	תֶּאֱסְפוּ
תַּעַמְדְנָה	תַּהַרְגְנָה	2 f.	תַּחַלְמְנָה	תֶּאֱסֹפְנָה
יַעַמְדוּ	יַהַרְגוּ	3 m.	יַחַלְמוּ	תֶּאֱסְפוּ
תַּעַמְדְנָה	תַּהַרְגְנָה	3 f.	תַּחַלְמְנָה	תֶּאֱסֹפְנָה

Creio ser este o paradigma mais difícil de decorar. Os quatro verbos acima descritos têm cada uma gutural diferente na primeira radical. A primeira radical, no futuro, normalmente vem com *shevá* simples silencioso em todas as pessoas. O prefixo, como vimos na, página 35 e 36, vem no futuro sem vogal própria, então lhe é atribuído *shevá* alterado para *hiriq* pequeno para formar sílaba com o *shevá* da primeira radical. A letra gutural exige um *hateph* para fortificar o *shevá* simples. O resultado é que em todas as pessoas, exceto a 1ª singular, as guturais aparecem com *hateph patah*. O *aleph* da 1ª pessoa, sendo gutural, já no verbo modelo aparece com *segol*, uma vogal inteira para ser usada antes de um *shevá* silencioso. Essa vogal inteira pode ditar que tipo de *hateph* vai aparecer em seguida, então a 1ª pessoa singular vem com *hateph segol*. Da mesma maneira, *aleph* no quarto verbo אָסַף quase sempre vem com

© Crédito: Seven

segol. Só quando a segunda radical tem *shevá*, a primeira exige vogal plena (*patah*) — 2ª feminina singular, 2ª e 3ª masculina plural.

MAIS VERBOS *LAMED* GUTURAL

derrubou	הָרַס	fez embuste	אָרַב
preparou	עָרַךְ	ajudou	עָזַר
cravou, cortou	חָרַשׁ	ficou unido	חָבַר
atou	חָבַשׁ	cingiu-se	חָגַר
foi sábio	חָכַם	fechou, constrangiu	עָצַר
negociou	עָרַב	oprimiu	עָשַׁק

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.

2. Desenvolva por extenso, segundo os paradigmas dados nesta lição, os demais verbetes aqui dados como exemplos.

3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.

Lição 18

Futuro dos verbos פ"א e ל"א *aleph*

Pei aleph פ"א		*Lamed aleph* ל"א	
אָמַר - disse	אָכַל - comeu	Singular	קָרָא - chamou
אֹמַר	אֹכַל	1 m. f.	אֶקְרָא
תֹּאמַר	תֹּאכַל	2 m.	תִּקְרָא
תֹּאמְרִי	תֹּאכְלִי	2 f.	תִּקְרְאִי
יֹאמַר	יֹאכַל	3 m.	יִקְרָא
תֹּאמַר	תֹּאכַל	3 f.	תִּקְרָה

		Plural	
נֹאמַר	נֹאכַל	1 m.f.	נִקְרָא
תֹּאמְרוּ	תֹּאכְלוּ	2 m.	תִּקְרְאוּ
תֹּאמַרְנָה	תֹּאכַלְנָה	2 f.	תִּקְרֶאנָה
יֹאמְרוּ	יֹאכְלוּ	3 m.	יִקְרְאוּ
תֹּאמַרְנָה	תֹּאכַלְנָה	3 f.	תִּקְרֶאנָה

Aqui temos juntos os verbos *pei aleph* e *lamed aleph*. Ora, já na Lição 18 temos visto verbos que têm primeira radical *aleph* conjugados juntos com os demais *pei* gutural. Quer dizer, então, que o termo técnico *pei aleph* se refere apenas a certos verbos, em número de cinco, que sendo muito usados, desenvolveram uma forma contraída. Isso não é de estranhar, sendo que o *pei* gutural que começa com *aleph* fica com *segol* e *hateph segol* em todas as pessoas até haver *shevá* na sílaba seguinte, e depois fica com dois *patah* inteiros, seguindo a analogia dos demais *pei* gutural. Decerto, o próprio povo de Israel achou que isto era tão difícil que, nos verbos mais comuns, resolveu lançar mão do recurso simples que *aleph* sempre oferece — *aleph* nem sempre recebe *shevá* nem *hateph* (*shevá* composto), mas apenas uma vogal mais forte na sílaba anterior (*holam*, no caso).

A primeira pessoa perde um dos dois *aleph* (um do prefixo), e as demais seguem o verbo modelo, com a modificação na primeira sílaba já descrita. Os outros três verbos dessa pequena sub-família são:

perecer	אָבַד	desejar	אָבָה	assar	אָפָה

O verbo *lamed aleph* não vai nos custar muito trabalho. Assim como no presente o *aleph* faz uso do *tsereh* que existe já no verbo modelo, sendo conjugado de uma maneira mais fácil do que o próprio modelo, aqui no passado o *aleph* está exigindo na sílaba anterior uma outra vogal de que gosta — *qamats*. Daí a conjugação ser fácil — *qamats* cai para *shevá* na presença de um sufixo, exatamente como acontece com o *holam* das demais famílias. A única diferença vem no feminino do plural,

© Crédito: Seven

2ª e 3ª pessoas. Ali, o fato de o sufixo ser uma sílaba inteira faz necessário devolver a vogal para a segunda sílaba. Mas não precisa ser o *qamats - segol*, é mais próprio para um *aleph* silencioso.

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.
2. Desenvolva por extenso, segundo os paradigmas dados nesta lição, os demais verbetes aqui dados como exemplos.
3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.

Lição 19

Futuro do verbo *lamed hei*

בָּנָה construiu	הָיָה foi, esteve		עָשָׂה fez	עָלָה subiu
		Singular		
אֶבְנֶה	אֶהְיֶה	1 m. f.	אֶעֱשֶׂה	אֶעֱלֶה
תִּבְנֶה	תִּהְיֶה	2 m.	תַּעֲשֶׂה	תַּעֲלֶה
תִּבְנִי	תִּהְיִי	2 f.	תַּעֲשִׂי	תַּעֲלִי
יִבְנֶה	יִהְיֶה	3 m.	יַעֲשֶׂה	יַעֲלֶה
תִּבְנֶה	תִּהְיֶה	3 f.	תַּעֲשֶׂה	תַּעֲלֶה
		Plural		
נִבְנֶה	נִהְיֶה	1 מ׳׳	נַעֲשֶׂה	נַעֲלֶה
תִּבְנוּ	תִּהְיוּ	2 מ׳	תַּעֲשׂוּ	תַּעֲלוּ
תִּבְנֶינָה	תִּהְיֶינָה	2 ׳	תַּעֲשֶׂינָה	תַּעֲלֶינָה
יִבְנוּ	יִהְיוּ	3 מ׳	יַעֲשׂוּ	יַעֲלוּ
תִּבְנֶינָה	תִּהְיֶינָה	3 ׳	תַּעֲשֶׂינָה	תַּעֲלֶינָה

Quando a terceira pessoa radical é *hei*, há modificações na última sílaba. Nesta sílaba, o verbo modelo tem *holam*, o verbo *ayin* gutural tem *patah* e aqui o *lamed hei* vem com *segol*. Quer dizer que cada letra gutural veio pedir o tipo de vogal que lhe convém, com a qual pode ser pronunciada de uma maneira mais nítida. Já vimos o *hei* exigir *segol* no presente do verbo, e já vimos o *hei* desaparecer na presença dos sufixos do passado do verbo. Aqui, pois, vem *segol* na última sílaba a não ser que venha um sufixo que leva o *hei* embora. No plural, na 2ª e 3ª pessoas do feminino, o *segol* fica de pé segundo a exigência desta família, mas o *hei*, que segundo a regra ficaria com *shevá* apenas, pede ao pequeno *yod* para substituí-lo, formando uma ligação que poderia ser considerada quase como um ditongo.

N.B.: O verbo "ser, estar" está seguindo a regra fielmente, embora que tem *hei* na primeira radical. Note os demais verbos que começam com gutural neste paradigma! O fato de também serem *pei* gutural afeta só a primeira sílaba, conforme estudado na Lição 17. A diferença da pronúncia, por comparação com o verbo modelo, é grande, mas tudo dentro das regras!

MAIS VERBOS ל״ה PARA FAZER EXERCÍCIOS

visar	מָרָה	desprezar	בָּזָה
assemelha-se	דָּמָה	peneirar	זָרָה
destruir, apagar	מָחָה	contar, numerar	מָנָה
ser frutífero	פָּרָה	acontecer, encontrar	קָרָה

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.
2. Desenvolva por extenso, segundo os paradigmas dados nesta lição, os demais verbetes aqui dados como exemplos.
3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.

© Crédito: Seven

Lição 20

Futuro do verbo *pei nun*

COM MODELO	COM *LAMED* GUTURAL		COM *LAMED ALEPH*	COM *AYIN* GUTURAL
נָפַל caiu	נָסַע viajou		נָשָׂא carregou	נָאַם pronunciou
		Singular		
אֶפֹּל	אֶסַּע	1 m. f.	אֶשָּׂא	אֶנְאַם
תִּפֹּל	תִּסַּע	2 m.	תִּשָּׂא	תִּנְאַם
תִּפְּלִי	תִּסְּעִי	2 f.	תִּשְּׂאִי	תִּנְאֲמִי
יִפֹּל	יִסַּע	3 m.	יִשָּׂא	יִנְאַם
תִּפֹּל	תִּסַּע	3 f.	תִּשָּׂא	תִּנְאַם
		Plural		
נִפֹּל	נִסַּע	1 m.f.	נִשָּׂא	נִנְאַם
תִּפְּלוּ	תִּסְּעוּ	2 m.	תִּשְּׂאוּ	תִּנְאֲמוּ
תִּפֹּלְנָה	תִּסַּעְנָה	2 f.	תִּשֶּׂאנָה	תִּנְאַמְנָה
יִפְּלוּ	יִסְּעוּ	3 m.	יִשְּׂאוּ	יִנְאֲמוּ
תִּפֹּלְנָה	תִּסַּעְנָה	3 f.	תִּשֶּׂאנָה	תִּנְאַמְנָה

Pei nun com modelo significa que só a primeira sílaba é alternada, e o restante segue o modelo. Os demais na lista têm duas famílias!

O verbo com *nun* na primeira radical vai perdê-lo cada vez que ficar com *shevá*, se a consoante que segue tem possibilidade de assimilá-lo. Essa assimilação se dá mediante um *dagesh* forte, um ponto na letra para indicar reduplicação. No futuro, o primeiro radical sempre tem *shevá*, portanto esta perda do *nun* sempre ocorre, a não ser que a consoante que segue seja uma gutural, que não pode ser reduplicada e portanto não pode "carregar um *nun* fraco" (sem vogal). Isso quer dizer que o *pei nun*, que é também *ayin* gutural, se escreve por extenso, recebendo *patah* segundo a regra dada na página 36. Note as quatro

famílias conjugadas acima, segundo as terminações de vários verbos *pei nun*: veja os dois tipos de *lamed hei* na Lição 19.

MAIS VERBOS *PEI NUN* DOS MAIS COMUNS

COM QUE OUTRA FAMÍLIA DE VERBOS

com modelo	
ferir, tocar נָגַשׁ	observar, preservar נָצַר
com "ל gutural	
chegar perto נָגַע	plantar נָטַע
com "ע gutural	
propulsar, afugentar נָהַג	herdar נָחַל
com "ל"ה veja lição 19	
inclinar-se נָטָה	fugir נָצָה

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.
2. Desenvolva por extenso, segundo os paradigmas dados nesta lição, os demais verbetes aqui dados como exemplos.
3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.

© Crédito: Seven

Lição 21

Futuro do verbo ע"ו e ע"י

קוּם levantar-se	שׁוּב voltar		שִׂים pôr	בּוֹא vir
		Singular		
אָקוּם	אָשׁוּב	1 m. f.	אָשִׂים	אָבֹא
תָּקוּם	תָּשׁוּב	2 m.	תָּשִׂים	תָּבֹא
תָּקוּמִי	תָּשׁוּבִי	2 f.	תָּשִׂימִי	תָּבֹא
יָקוּם	יָשׁוּב	3 m.	יָשִׂים	יָבֹא
תָּקוּם	תָּשׁוּב	3 f.	תָּשִׂים	תָּבֹא
		Plural		
נָקוּם	נָשׁוּב	1 m.f.	נָשִׂים	נָבֹא
תָּקוּמוּ	תָּשׁוּבוּ	2 m.	תָּשִׂימוּ	תָּבֹאוּ
תָּקֹמְנָה	תָּשֹׁבְנָה	2 f.	תָּשַׂמְנָה	תָּבֹאנָה
יָקוּמוּ	יָשׁוּבוּ	3 m.	יָשִׂימוּ	יָבֹאוּ
תָּקֹמְנָה	תָּשֹׁבְנָה	3 f.	תָּשַׂמְנָה	תָּבֹאנָה

Quando a radical central é *vav* ou *yod*, essas consoantes se comportam inteiramente como vogais longas. Gramaticalmente, elas se chamam de quiescentes, pois muitas vêzes são usadas só para indicar a presença de uma vogal. Que a vogal pode ser escrita sem elas, se mostra no verbo "VIR" (acima) no futuro — mais comumente escrito sem o *vav*, ou seja "defectivamente". Embora que essas duas famílias (ou seja, essa família dupla) se achem longe do verbo modelo, não há dificuldade na conjugação. A perda de uma sílaba sempre produz uma palavra forte e sadia sem *shevá* e *hateph* para considerar. Nota-se apenas que uma palavra monossilábica recebe um prefixo com uma vogal forte, *qamats* neste caso. Essa vogal é sempre pré-tônica nesta tabela, quer dizer, o acento sempre está com a primeira radical, e portanto não cai. A 2ª e 3ª pessoas femininas do plural sempre têm uma vogal mais fraca no lugar de *shuruq* e *hiriq*, vogais longas.

MAIS VERBOS PARA FAZER EXERCÍCIOS E DECORAR

torcer, tremer	חוּל	pernoitar	לוּן
descansar	נוּחַ	despertar-se	עוּר
dispersar	פּוּץ	brilhar	אוֹר
ser bom	טוֹב	testificar	עוּד

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.
2. Desenvolva por extenso, segundo os paradigmas dados nesta lição, os demais verbetes aqui dados como exemplos.
3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.

Lição 22

O imperativo

VERBO MODELO

escrever	כָּתַב		guardar	שָׁמַר
		Singular		
escreve tu m.	כְּתֹב	2 m.	guarda tu m.	שְׁמֹר
escreve tu f.	כִּתְבִי	2 f.	guarda tu f.	שִׁמְרִי
		Plural		
escrevei m.	כִּתְבוּ	2 m.	guardai m.	שִׁמְרוּ
idem, f.	כִּתְבְנָה	2 f.	idem, f.	שְׁמֹרְנָה

O imperativo é como o futuro sem os prefixos anteriores, que são relíquias da primeira parte do pronome pessoal. Ou, em outras pala-

© Crédito: Seven

vras, parece como o infinitivo construto, do qual o futuro se forma. A grande diferença na vocalização será vista nos casos nos quais esta perda de uma sílaba do futuro vai libertar a primeira radical para ditar o tipo de sílaba que quer reger. Por exemplo, nas pessoas que recebem um sufixo simples, 2ª feminino singular e 2ª masculino plural, o *shevá* da primeira radical mudará para *hiriq*, que, sendo vogal plena, vai também servir para todas as letras guturais. Ou seja, nessas pessoas todas as famílias vão concordar melhor.

IMPERATIVO DO VERBO *PEI* GUTURAL

VERBO	TRADUÇÃO	2 m. sing.	2 f. sing.	2 m. plural	2 f. plural
עָמַד	ficar de pé	עֲמֹד	עִמְדִי	עִמְדוּ	עֲמֹדְנָה
חָשַׁב	pensar	חֲשֹׁב	חִשְׁבִי	חִשְׁבוּ	חֲשֹׁבְנָה
עָבַר	atravessar	עֲבֹר	עִבְרִי	עִבְרוּ	עֲבֹרְנָה
הָרַס	destruir	הֲרֹס	הִרְסִי	הִרְסוּ	הֲרֹסְנָה

A gutural inicial exige *hateph patah*, a não ser quando há a alternativa de usar a vogal *hiriq*, quando vem outra *shevá* logo em seguida. Vê-se que o verbo sempre quer seguir o modelo quando a pronúncia permite.

IMPERATIVO DO VERBO *PEI ALEPH*

VERBO	TRADUÇÃO	2 m. sing.	2 f. sing.	2 m. plural	2 f. plural
אָכַל	comer	אֱכֹל	אִכְלִי	אִכְלוּ	אֱכֹלְנָה
אָמַר	dizer	אֱמֹר	אִמְרִי	אִמְרוּ	אֱמֹרְנָה
אָסַף	reunir	אֱסֹף	אִסְפִי	אִסְפוּ	אֱסֹפְנָה

Esse imperativo segue o *pei* gutural exatamente a não ser na escolha de *hateph segol*

O IMPERATIVO NEGATIVO: 2ª pessoa futuro + אַל
não escreva — אַל־תִּכְתֹּב

A PROIBIÇÃO ABSOLUTA: 2ª pessoa futuro + לֹא
não furtarás — לֹא־תִּגְנֹב

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta. (cf. modelo.)
2. Procure outros verbos modelo, *pei* gutural e *pei aleph*, escrevendo-os por extenso segundo os paradigmas aqui oferecidos.
3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.

Lição 23

O Imperativo (continuação)

Verbo	Tradução	2 m. sing.	2 f. sing.	2 m. plural	2 f. plural
		Lamed gutural			
שָׁלַח	mandar	שְׁלַח	שִׁלְחִי	שִׁלְחוּ	שְׁלַחְנָה
פָּתַח	abrir	פְּתַח	פִּתְחִי	פִּתְחוּ	פְּתַחְנָה
שָׁמַע	ouvir	שְׁמַע	שִׁמְעִי	שִׁמְעוּ	שְׁמַעְנָה
לָמַד	aprender	לְמַד	לִמְדִי	לִמְדוּ	לְמַדְנָה
		Ayin gutural			
שָׁאַל	pedir	שְׁאַל	שַׁאֲלִי	שַׁאֲלוּ	שְׁאַלְנָה
צָחַק	rir	צְחַק	צַחֲקִי	צַחֲקוּ	צְחַקְנָה
צָעַק	gritar	צְעַק	צַעֲקִי	צַעֲקוּ	צְעַקְנָה
		Lamed aleph			
מָצָא	achar	מְצָא	מִצְאִי	מִצְאוּ	מְצֶאנָה
קָרָא	chamar	קְרָא	קִרְאִי	קִרְאוּ	קְרֶאנָה
		Lamed hei			
בָּנָה	construir	בְּנֵה	בְּנִי	בְּנוּ	בְּנֶינָה
עָשָׂה	fazer	עֲשֵׂה	עֲשִׂי	עֲשׂוּ	עֲשֶׂינָה
עָנָה	responder	עֲנֵה	עֲנִי	עֲנוּ	עֲנֶינָה

© Crédito: Seven

Ayin vav - Ayin yod					
קוּם	levantar-se	קוּם	קוּמִי	קוּמוּ	קַמְנָה
בּוֹא	vir	בֹּא	בֹּאִי	בֹּאוּ	בֹּאנָה
שִׂים	pôr, colocar	שִׂים	שִׂימִי	שִׂימוּ	שֵׂמְנָה
Pei nun					

Forma comum na qual o *nun* é restaurado, o verbo seguindo o verbo modelo. Não há reduplicação da 2ª radical, já que o *nun* está separado.

נָפַל	cair	נְפֹל	נִפְלִי	נִפְלוּ	נִפֹּלְנָה
נָטַע	plantar	נְטַע	נִטְעִי	נִטְעוּ	נִטַּעְנָה

Forma especial na qual o *nun* permanece caído. Não há reduplicação.

נָסַע	viajar	סַע	סְעִי	סְעוּ	סַעְנָה
נָשָׂא	levantar	שָׂא	שְׂאִי	שְׂאוּ	שֵׂאנָה

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.

2. Procure, nas lições anteriores, mais verbos *lamed* gutural, *ayin* gutural, *lamed, aleph, lamed hei, ayin vav, ayin yod, pei nun*, e desenvolva-os por extenso segundo estes paradigmas.

3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.

Lição 24

O infinitivo construto

Este infinitivo é chamado construto porque normalmente aparece em construções com sufixos, ou prefixos, ou ambos. Com *lamed*, toma-se no mesmo sentido que tem a frase inglesa *to do*, que é simplesmente o verbo no infinitivo com a partícula que normalmente aparece junto.

FAMÍLIA DE VERBO	NOME DO VERBO	INFINITIVO + ל	TRADUÇÃO
Modelo (o prefixo recebe *hiriq* para formar sílaba com *shevá* que segue)	שָׁמַר	לִשְׁמֹר	guardar
" (mostrando *dagesh*)	כָּתַב	לִכְתֹּב	escrever
ayin gutural (com *holam* segundo o modelo)	שָׁאַל	לִשְׁאֹל	pedir
lamed gutural (com *patah* adicional)	שָׁמַע	לִשְׁמֹעַ	ouvir
" (com verbo פ"ן)	נָסַע	לִנְסֹעַ	viajar
lamed hei (*hei* cai, *holam* escreve-se por extenso)	בָּנָה	לִבְנוֹת	edificar
" (com verbo *gut* "ע)	רָאָה	לִרְאוֹת	ver
" (note *hei* com *shevá*)	הָיָה	לִהְיוֹת	ser, estar
lamed aleph	מָצָא	לִמְצֹא	achar
pei nun	נָפַל	לִנְפֹל	cair
pei gutural (*hateph patah* da gutural dá *patah* no prefixo)	עָבַר	לַעֲבֹר	atravessar
" (terminação tipo *lamed* gutural)	עָמַד	לַעֲמֹד	ficar de pé
" (com verbo ל"ה)	עָשָׂה	לַעֲשׂוֹת	fazer
pei aleph (*hateph segol* do *aleph* dá *segol* no prefixo)	אָכַל	לֶאֱכֹל	comer
" (com verbo *gut* "ע)	אָהַב	לֶאֱהֹב	amar
" (toma vogal especial)	אָמַר	לֵאמֹר	dizer

© Crédito: Seven

ayin vav (a forma denominativa destes verbos já é o infinitivo construto)	קוּם	לָקוּם	levantar-se
	בּוֹא	לָבוֹא	vir
ayin yod (as mesmas regras do *ayin vav*)	שִׂים	לָשִׂים	pôr, colocar

Há vogal forte no prefixo (*qamats*), devido ao fato de o verbo ser monossílabo. Vê-se com *lamed* o infinito como em qualquer língua neolatina. Mas no lugar apropriado vamos ver expressões como "no meu andar", que quer dizer "quando eu ando".

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.
2. Desenvolva por extenso, segundo os paradigmas dados nesta lição, outros verbos das mesmas famílias, aprendidos em lições anteriores.
3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.

Lição 25

O infinitivo absoluto

O infinitivo absoluto não recebe nem preposição prefixa nem sufixo. É reservado apenas para certas expressões idiomáticas, tais como já ouvi no Brasil — "prometer, promete, mas cumprir, nunca cumpre".

do verbo שָׁמַר infin. absoluto שָׁמוֹר
alternativo: שָׁמוּר

Vê-se que a forma usual deste infinitivo é igual à raiz do verbo. Segue uma lista de verbos já conhecidos, no infinitivo absoluto.

modelo כָּתֹב escrever	modelo לָמֹד aprender	modelo רָקֹד dançar	modelo קָטֹל matar
שָׁאֹל *gut* ע" pedir	מָצֹא ל"א achar	נָפֹל פ"נ cair	קָנֹה ל"ה comprar
עָמֹד *gut* פ" ficar de pé	אָהֹב פ"א amar	שָׁלֹחַ *gut* ל" mandar	רָאֹה ל"ה ver
עשׂה ל"מ *gut* פ" fazer	אָסֹף פ"א reunir	נָסֹעַ *gut* ל" viajar	פָּנֹה ל"ה virar-se
עָנֹה ל"ה *gut* פ" responder	אָמֹר פ"א dizer	פָּתֹחַ *gut* ל" abrir	הָיֹה ל"ה ser, estar
מוֹת ע"ו morrer	קוּם ע"ו levantar-se	שׁוֹר ע"י cantar	שׂוֹם ע"י pôr
רוּץ ע"ו correr	בּוֹא ע"ו vir	בּוֹן ע"י compreender	לוּן ע"י morar
עָבֹר *gut* פ" atravessar	אָכֹל פ"א comer	שָׁמֹעַ *gut* ל" ouvir	בָּנֹה ל"ה construir

Notemos como o verbo *ayin yod* muda de raíz no hebraico, embora que isto não seja realmente mudança, sendo que era originalmente *ayin vav*.

EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS COM O INFINITIVO ABSOLUTO

"De fato, construí" (construir, construi) בָּנֹה בָּנִיתִי
"Ouvi mesmo" (ouvir, ouvi) שָׁמֹעַ שָׁמַעְתִּי
"Decerto morrerás" (morrer, morrerás) מוֹת תָּמוּת
"Ficou sempre melhorando"
(andou, andar e bem) *vav* prefixo - "e" הָלַךְ הָלוֹךְ וְטוֹב
"Ficará cada vez pior"
(andará, andar e mal) יֵלֵךְ הָלוֹךְ וְרַע

© Crédito: Seven

Este futuro do verbo "andar" será explicado na Lição 27. Os advérbios aqui traduzidos, "bem" e "mal", são também adjetivos "bom" e "mau".

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.
2. Desenvolva por extenso, segundo os paradigmas dados nesta lição, os demais verbetes aqui dados como exemplos.
3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.

Lição 26

O verbo *pei yod* פ"י

Estes verbos têm formas especiais no futuro e nas partes do verbo que estão intimamente ligadas com o futuro — o imperativo e o infinitivo construto. O grupo comum forma ditongo *hiriq* na primeira sílaba — a este grupo pertence quase a totalidade dos verbos *pei yod*. Aqui conjugamos quatro verbos dessa família.

dormir יָשַׁן	herdar יָרַשׁ		temer יָרֵא	secar-se יָבֵשׁ
verbo de estado	modelo		*lamed aleph*	estado
		Futuro singular		
אִישַׁן	אִירַשׁ	1 m.f.	אִירָא	אִיבַשׁ
תִּישַׁן	תִּירַשׁ	2 m.	תִּירָא	תִּיבַשׁ
תִּישְׁנִי	תִּירְשִׁי	2 f.	תִּירְאִי	תִּיבְשִׁי
יִישַׁן	יִירַשׁ	3 m.	יִירָא	יִיבַשׁ
תִּישַׁן	תִּירַשׁ	3 f.	תִּירָא	תִּיבַשׁ
		Plural		
נִישַׁן	נִירַשׁ	1 m.f.	נִירָא	נִיבַשׁ
תִּישְׁנוּ	תִּירְשׁוּ	2 m.	תִּירְאוּ	תִּיבְשׁוּ
תִּישַׁנָּה *	תִּירַשְׁנָה	2 f.	תִּירֶאנָה	תִּיבַשְׁנָה
יִישְׁנוּ	יִירְשׁוּ	3 m.	יִירְאוּ	יִיבְשׁוּ
תִּישַׁנָּה *	תִּירַשְׁנָה	3 f.	תִּירֶאנָה	תִּיבַשְׁנָה
		Imperativo		
יְשַׁן	forma רֵשׁ curta	2 m. sing.	יְרָא	יְבַשׁ
יְשָׁנִי	veja Lição 27 רְשִׁי	2 f. sing.	יִרְאִי	יִבְשִׁי
יְשָׁנוּ	רְשׁוּ	2 m. plural	יִרְאוּ	יִבְשׁוּ
יְשַׁנָּה *	רֵשְׁנָה	2 f. plural	יִרֶאנָה	יִבַשְׁנָה
		Infinitivo construto		
לִישַׁן	לָרֶשֶׁת		לִירֹא	לִיבֹשׁ
		Infinitivo absoluto		
יָשׁוֹן	יָרוֹשׁ		יָרוֹא	יָבוֹשׁ

MAIS VERBOS DA MESMA FAMÍLIA

ser bom יָטַב aconselhar יָעַץ derramar יָצַק formar יָצַר

*A terminação *nun* do verbo desaparece no *nun* do sufixo (*lamed nun*).

© Crédito: Seven

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.
2. Desenvolva por extenso, segundo os paradigmas dados nesta lição, os demais verbetes aqui dados como exemplos.
3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.

Lição 27

O verbo פ"י – grupo especial

Este grupo perde o *yod* no futuro, imperativo e no infinitivo construto. Existem apenas seis verbos nesta subfamília, mas são verbos da maior freqüência na língua hebraica. São foneticamente superdesenvolvidos pelo fato de terem sido usados com tanta freqüência.

morar יָשַׁב	descer יָרַד		sair יָצָא	saber יָדַע
modelo	modelo		ל"א	GUT ל"
		Futuro singular		
אֵשֵׁב	אֵרֵד	1 m.f.	אֵצֵא	אֵדַע
תֵּשֵׁב	תֵּרֵד	2 m.	תֵּצֵ א	תֵּדַע
תֵּשְׁבִי	תֵּרְדִי	2 f.	תֵּצְאִי	תֵּדְעִי
יֵשֵׁב	יֵרֵד	3 m.	יֵצֵא	יֵדַע
תֵּשֵׁב	תֵּרֵד	3 f.	תֵּצֵא	תֵּדַע
		Plural		
נֵשֵׁב	נֵרֵד	1 m.f.	נֵצֵא	נֵדַע
תֵּשְׁבוּ	תֵּרְדוּ	2 m.	תֵּצְאוּ	תֵּדְעוּ
תֵּשַׁבְנָה	תֵּרַדְנָה	2 f.	תֵּצֶאנָה	תֵּדַעְנָה
יֵשְׁבוּ	יֵרְדוּ	3 m.	יֵצְאוּ	יֵדְעוּ
תֵּשַׁבְנָה	תֵּרַדְנָה	3 f.	תֵּצֶאנָה	תֵּדַעְנָה

		Imperativo		
שֵׁב	רֵד	2 m. sing.	צֵא	דַּע
שְׁבִי	רְדִי	2 f. sing.	צְאִי	דְּעִי
שְׁבוּ	רְדוּ	2 m. plural	צְאוּ	דְּעוּ
שֵׁבְנָה	רֵדְנָה	2 f. plural	צֶאנָה	דַּעְנָה
		Infinitivo construto		
לָשֶׁבֶת	לָרֶדֶת	(com ל)	לָצֵאת	לָדַעַת
		Infinitivo absoluto		
יָשֹׁב	יָרֹד		יָצֹא	יָדֹעַ

O verbo "sair" acima, sendo *lamed aleph*, recebe *segol* no feminino plural. O infinitivo construto recebe prefixo com *tsere*. O verbo "saber" recebe *patah* com ע. O verbo "andar" הָלַךְ perde o *hei* para seguir os modelos acima. O último verbo dessa lista é "gerar" — יָלַד.

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.
2. Desenvolva por extenso, segundo os paradigmas dados nesta lição, os demais verbetes aqui dados como exemplos.
3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.

Lição 28

O particípio passivo

Verbo modelo	שָׁמַר	guardar		
		Singular		
guardado m.	שָׁמוּר		guardada f.	שְׁמוּרָה
		Plural		
guardados m.	שְׁמוּרִים		guardadas f.	שְׁמוּרוֹת

© Crédito: Seven

Lembre-se que o presente do verbo é o particípio ativo.

Lamed gutural פָּתַח abrir

Singular			Plural	
פָּתוּחַ	פְּתוּחָה		פְּתוּחִים	פְּתוּחוֹת

יָדַע saber

Singular			Plural	
יָדוּעַ	יְדוּעָה		יְדוּעִים	יְדוּעוֹת

Lamed hei בָּנָה edificar, construir

Singular			Plural	
בָּנוּי	בְּנוּיָה		בְּנוּיִים	בְּנוּיוֹת

Lamed aleph קָרָא chamar, ler

קָרוּא	קְרוּאָה		קְרוּאִים	קְרוּאוֹת

O particípio passivo, sendo formado com duas vogais fortes, não dá campo para muitas modificações nas várias famílias. Há apenas o *hei* que se transforma em *yod* no *lamed hei*, e *patah* extra do *gut* ל״.

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.

2. Desenvolva por extenso, segundo os paradigmas dados nesta lição, outros verbetes do mesmo tipo, ensinados nas lições anteriores.

3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.

Lição 29

O verbo de estados

Na gramática hebraica tradicional, a palavra "intransitivo" se refere a verbos que normalmente descrevem um estado de emoção ou condição. Aqui usamos o termo "verbo de estados", já que esses verbos são transitivos, no sentido de muitos deles terem objeto direto. A forma denominativa do verbo, 3ª masculino singular do passado, recebe a vogal *tserei* no lugar de *patah*, e esta forma também serve para o masculino singular do particípio ativo (forma, portanto, o presente do verbo). O passado desses verbos segue o modelo tradicional, havendo *tserei* tão-somente na terceira pessoa masculino singular, nas demais pessoas há *patah*.

Na Lição 12, no vocabulário, há quatro verbos de estados com terminações *pei aleph*. Estes guardam *tserei* em cada pessoa que recebe vogal (veja esboço abaixo). Na Lição 26 há três verbos de estados declinados no futuro. São os verbos "dormir", "temer" e "secar-se", e podem ser interpretados "estar adormecido", "estar com medo" e "estar seco". Daí compreende-se muito bem que o presente desses verbos também é adjetivo — "adormecido", "medroso" e "seco". Esse presente e/ou adjetivo conserva *tserei* em todas as pessoas, isto é, não cai na presença dos sufixos formativos do feminino singular e de masculino e feminino plural.

Há dois verbos de estados que existem apenas no presente —

deve צָרִיךְ acostumado רָגִיל

הוּא צָרִיךְ לָקוּם
Ele precisa se levantar

אֲנִי רָגִיל לָקוּם
Estou acostumado a me levantar

© Crédito: Seven

O VERBO DE ESTADOS (CONJUGAÇÃO)

modelo: כָּבֵד	ser pesado	Presente
está pesando		está pesando
é pesado masc. כָּבֵד	Singular	é pesada fem. כְּבֵדָה
estão pesando		estão pesando
são pesados m. כְּבֵדִים	Plural	são pesadas f. כְּבֵדוֹת
gut שָׂמֵחַ ל״		alegrar-se
m. שָׂמֵחַ	Singular	f. שְׂמֵחָה
m. שְׂמֵחִים	Plural	f. שְׂמֵחוֹת
צָמֵא ל״א	ter sede	Passado
Singular		Plural
1 m. f. צָמֵאתִי		1 m. f. צָמֵאנוּ
2 m. צָמֵאתָ		2 m. צְמֵאתֶם
2 f. צָמֵאת		2 f. צְמֵאתֶן
3 m. צָמֵא		3 m. צָמְאוּ
3 f. צָמְאָה		3 f. צָמְאוּ

UM VERBO DE ESTADO, *PEI YOD*, COM FORMA EXCEPCIONAL

Singular	Passado	Presente	Singular	Futuro
1 m. f.	יָכֹלְתִּי	Verbo poder	1 m. f.	אוּכַל
2 m.	יָכֹלְתָּ	M. sing. יָכוֹל	2 m.	תּוּכַל
2 f.	יָכֹלְתְּ	F. sing. יְכוֹלָה	2 f.	תּוּכְלִי
3 m.	יָכֹל	אֲנִי יָכוֹל לִרְאוֹת	3 m.	יוּכַל
3 f.	יָכְלָה	eu posso ver	3 f.	תּוּכַל

Plural			Plural	
1 m. f.	יָכֹלְנוּ		1 m. f.	נוּכַל
2 m.	יָכֹלְתֶּם	M. pl. יְכוֹלִים	2 m.	תּוּכְלוּ
2 f.	יָכֹלְתֶּן	F. pl. יְכוֹלוֹת	2 f.	תּוּכַלְנָה
3 m.	יָכְלוּ	הֵן יְכוֹלוֹת לָלֶכֶת	3 m.	יוּכְלוּ
3 f.	יָכְלוּ	Elas sabem andar	3 f.	תּוּכַלְנָה

N.B.: *Yod* com prefixo tornou-se vogal com *vav*.

MAIS VERBOS DE ESTADOS

estar com fome רָעֵב com saúde שָׁלֵם com vontade חָפֵץ
vestir-se לָבֵשׁ habitar, morar שָׁכֵן

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.
2. Acrescente a esta lista os quatro mencionados na Lição 12, os três da Lição 26, e faça declinação nos três tempos desta dúzia de verbos.
3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.

© Crédito: Seven

Lição 30

Dois verbos de uso constante

dar נָתַן			tomar לָקַח	
Passado	Futuro	Singular	Passado	Futuro
נָתַתִּי	אֶתֵּן	1 m. f.	לָקַחְתִּי	אֶקַּח
נָתַתָּ	תִּתֵּן	2 m.	לָקַחְתָּ	תִּקַּח
נָתַתְּ	תִּתְּנִי	2 f.	לָקַחַתְּ	תִּקְּחִי
נָתַן	יִתֵּן	3 m.	לָקַח	יִקַּח
נָתְנָה	תִּתֵּן	3 f.	לָקְחָה	תִּקַּח
Plural				
נָתַנּוּ	נִתֵּן	1 m.f.	לָקַחְנוּ	נִקַּח
נְתַתֶּם	תִּתְּנוּ	2 m.	לְקַחְתֶּם	תִּקְּחוּ
נְתַתֶּן	תִּתְּנָה	2 f.	לְקַחְתֶּן	תִּקַּחְנָה
נָתְנוּ	יִתְּנוּ	3 m.	לָקְחוּ	יִקְּחוּ
נָתְנוּ	תִּתְּנָה	3 f.	לָקְחוּ	תִּקַּחְנָה

Imperativo:
Singular 2 m. תֵּן 2 f. תְּנִי
Plural 2 m. תְּנוּ 2 f. תְּנֹנָה

Imperativo:
Singular 2 m. קַח 2 f. קְחִי
Plural 2 m. קְחוּ 2 f. קַחְנָה

Infinitivo construto:
לָתֵת - ל com תֵּת
Infinitivo absoluto: נָתוֹן
Part. passivo נָתוּן
Presente נוֹתֵן etc.
(=Part. ativo)

Infinitivo construto:
לָקַחַת - ל com קַחַת
Infinitivo absoluto: לָקוֹחַ
Part. passivo לָקוּחַ
Presente לוֹקֵחַ
(=Part. ativo)

Estes dois verbos são muito usados em hebraico — o verbo "dar" tem uma variedade de sentidos, inclusive a idéia de "colocar", e o verbo "tomar" inclui as idéias de "receber" e "pegar". Ambos têm que ser

considerados *pei nun*, sendo que o *lamed* do verbo "tomar" cai como se fosse *nun*. Note a terminação *lamed nun* do verbo "dar", conforme o verbo "dormir" na página 55. Os dois perdem uma sílaba no imperativo. No verbo "tomar", o *khoph* não recebe reduplicação com *shevá* (futuro 2ª feminino singular, 2ª masculino e 3ª masculino plural), e os infinitivos e particípios têm *patah*, conforme exigência do *heit*. Esses verbos precisam ser bem decorados, especialmente o passado de "dar" com assimilação do *nun* final nas primeiras e segundas pessoas singular e plural.

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.
2. Desenvolva por extenso, segundo os paradigmas dados nesta lição, os demais verbetes aqui dados como exemplos.
3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.

Lição 31

O verbo duplo *ayin* ע"ע

סָבַב CERCAR, VIRAR-SE

Passado		Presente	Futuro	
singular				
1 m. f.	סָבַבְתִּי		1 m. f.	אָסֹב
2 m.	סַבּוֹתָ	Masc. סוֹבֵב	2 m.	תָּסֹב
2 f.	סַבּוֹת	Fem. סוֹבֶבֶת	2 f.	תָּסֹבִּי
3 m.	סָבַב	(todas as pessoas)	3 m.	יָסֹב
3 f.	סָבְבָה		3 f.	תָּסֹב

© Crédito: Seven

Plural				
1 m. f.	סַבֹּנוּ		1 m. f.	נָסֹב
2 m.	סַבֹּתֶם	M. סוֹבְבִים	2 m.	תָּסֹבּוּ
2 f.	סַבֹּתֶן	F. סוֹבְבוֹת	2 f.	תְּסֻבֶּינָה
3 m.	סָבְבוּ	(todas as pessoas)	3 m.	יָסֹבּוּ
		Part. passivo		
3 f.	סָבְבוּ	סָבוּב	3 f.	תְּסֻבֶּינָה

Imperativo 2 m. סֹב Singular 2 f. סֹבִּי
2 m. סֹבּוּ Plural 2 f. סֻבֶּינָה
Infinitivo construto לָסֹב Infinitivo absoluto סָבֹב

Aqui os vários tempos do verbo se acham numa página só. Vê-se que o duplo *ayin* apresenta várias modificações que confundiriam a mente do estudante se o verbo inteiro não fosse deixado para o fim da descrição do verbo simples (*qal* — "leve, sem sílaba extra para formar o passivo, reflexivo, etc."). O termo duplo *ayin* dá a impressão que o verbo tinha duas radicais, que o hebraico clássico estendeu para três quando a flexão do verbo oferece vogais longas, seguindo a tendência hebraica de padronizar tudo. Há um ponto de vista que o considera como verbo contraído. Os substantivos e os adjetivos com apenas duas radicais normalmente surgiram dessa família de verbos. Decore bem com os exemplos dados abaixo!

MAIS VERBOS ע"ע DOS MAIS USADOS

medir מָדַד
festejar חָגַג
ter dó חָנַן

ser leve קָלַל
rolar גָּלַל
confundir-se חָתַת

EXERCÍCIOS

1. Decorar os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.

2. Desenvolva por extenso, segundo os paradigmas dados nesta lição, os demais verbetes aqui dados como exemplos.
3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.

Lição 32

Vocabulário do verbo modelo

julgar	שָׁפַט	ser perfeito	שָׁלַם	jazer	שָׁכַב
cair, desmaiar	כָּשַׁל	ligar, unir	דָּבַק	derramar	שָׁפַךְ
governar	מָשַׁל	vender	מָכַר	tomar, conquistar	לָכַד
despedaçar	פָּרַשׁ	dividir, separar	פָּרַד	fechar	סָגַר
segurar, manusear	תָּפַשׂ	descansar	שָׁבַת	cavalgar	רָכַב
ferver	בָּשַׁל	aparar	בָּצַר	trair, enganar	בָּגַד
furtar	גָּנַב	desmamar	גָּמַל	roubar, rasgar	גָּזַל
esconder	עָמַן	espalhar	זָרַק	expulsar	גָּרַשׁ
puxar, atrair	מָשַׁךְ	respigar	לָקַט	despedaçar	טָרַף
lamentar-se	סָפַד	reclinar	סָמַךְ	afrouxar, desatar	פָּרַץ
ser justo	צָדַק	despir	פָּשַׁט	escapar	פָּלַט
zangar-se	קָצַף	refinar	צָרַף	entesourar	צָפַת
ficar junto	קָשַׁר	escutar	קָשַׁב	ceifar	קָצַר
caluniar	רָגַל	preocupar-se	רָגַז	deitar-se	רָבַץ
estar quieto, inativo	שָׁקַט	ser abatido	שָׁפַל	fluir	שָׁטַף

© Crédito: Seven

EXERCÍCIOS PARA O VERBO SIMPLES = *QAL*

Cada tempo do verbo foi dado junto com as modificações fonéticas para que o estudante se assenhoreie de todas as famílias de uma vez, recebendo, sem esforço especial, uma doutrina da fonética hebraica. Agora chegou o momento de gravar na mente o verbo modelo na sua totalidade, na forma ativa (*qal*). Isto se faz com o vocabulário acima.

Copie os primeiros quinze verbos na página anterior, três colunas de cinco cada, por extenso, em todos os tempos, mentalmente traduzindo para o português cada pessoa copiada. Esses verbos ocorrem mais do que cinqüenta vezes na Bíblia Hebraica. Os demais verbos tipo modelo que ocorrem nesta lista, aparecem mais do que vinte e cinco vezes na Bíblia. Ponha cada um na primeira pessoa do futuro, e no masculino singular do presente. Depois de ter feito o exercício na página seguinte, você terá a totalidade dos verbos mais comuns na língua hebraica, junto com todas as modalidades do verbo ativo.

Doravante, um exercício permanente será o seguinte: procure nos textos da Bíblia Hebraica, quantas palavras possam ser entendidas à luz desta gramática. Não vamos ver o passivo, reflexivo, intensivo do verbo até conhecer os substantivos, adjetivos, pronomes e advérbios. Mas para orientar o aluno que quer procurar verbos num texto escrito, segue uma tabela da formação dos graus do verbo.

Lição 33

Vocabulário de vários tipos de verbos

rasgar	קָרַע	ajudar	עָזַר	ser limpo	טָהֵר
ser deserto	שָׁמַם	roubar, ser violento	שָׁדַד	gritar	רָנַן
provar, examinar	בָּחַן	despojar	בָּזַז	ser completo, acabar-se	תָּמַם
fluir	זוּב	ser mudo	דָּמַם	misturar	בָּלַל
tirar fora	חָלַץ	passar além	חָלַף	ser velho	זָקַן
examinar	חָקַר	matar, fender	חָצַב	compadecer-se	חָמַל
ser agudo	חָרַף	temer, tremer	חָרַד	secar, desolar	חָרַב
sugar, mamar	יָנַק	lacrar	חָתַם	freiar, recusar	חָשַׂךְ
pôr fogo	יָצַת	reprovar	יָסַר	estabelecer	יָסַד
zombar	לוּץ	ajoelhar-se	כָּרַע	medir, conter	כּוּל
velar, furtar	מָעַל	refrear-se	מָנַע	oscilar	מוּט
tirar, esticar	נָטַשׁ	fazer voto	נָדַר	ferir, derrotar	נָגַף
vingar-se	נָקַם	furar, marcar	נָקַב	derramar	נָסַךְ
tirar, rasgar	נָתַק	derrubar	נָתַץ	beijar	נָשַׁק
achar, encontrar	פָּגַע	voar	עוּף	perdoar	סָלַח
rebelar	פָּשַׁע	brotar	פָּרַח	ter medo	פָּחַד
ser difícil	קָשָׁה	brotar	צָמַח	ligar, estreitar	צוּר
tremer	רָעַשׁ	ser espaçoso	רָחַב	ser pobre	רוּשׁ
ser ímpio	רָשַׁע	assassinar	רָצַח	desistir	רָפָה
cativar	שָׁבָה	rir-se de	שָׂחַק	regozijar-se	שׂוּשׂ
pendurar	תָּלָה				

REVISÃO COMPLETA

Procure reconhecer a família de cada um desses verbos.

Cada verbo aqui tem apenas uma "letra fraca", isto é, tem modi-

© Crédito: Seven

ficação em uma posição só. Copie cada um por extenso nas várias formas.

Este exercício pesadíssimo dará ao aluno a chave da língua hebraica.

Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.

Lição 34

Tabela para conjugação

ESTA TABELA SERVIRÁ PARA REFERÊNCIA CONSTANTE

As conjugações e seus usos seguirão na terceira parte desta gramática didática. Mas essa tabela já orienta quem encontrar essas formas verbais aludidas nos comentários bíblicos.

Procure na sua Bíblia Hebraica algumas formas gramaticais aqui apresentadas.

NOME DOS GRAUS	QAL קַל	NIPH'AL נִפְעַל	PI'EL פִּעֵל	PU'AL פֻּעַל	HIPH'IL הִפְעִיל	HOPH'AL הֻפְעַל	HITPA'EL הִתְפַּעֵל
EFEITO DOS GRAUS Verbo em branco	SIMPLES Fazer	REFLEXIVO Fazer-se	INTENSIVO Fazer bem	PASSIVO DO INTENSIVO Ser bem feito	CAUSATIVO Levar a fazer	PASSIVO DO CAUSATIVO Ser levado a fazer	REFLEXIVO DO INTENSIVO Fazer-se bem (ou muito)
PARTICÍPIO ATIVO = PRESENTE	שׁוֹמֵר	-	מְשַׁמֵּר	-	מַשְׁמִיר	-	מִתְשַׁמֵּר
3 M. SING. PASSADO	שָׁמַר	נִשְׁמַר	שִׁמֵּר	שֻׁמַּר	הִשְׁמִיר	הֻשְׁמַר	הִתְשַׁמֵּר
3 M. SING. FUTURO	יִשְׁמֹר	יִשָּׁמֵר	יְשַׁמֵּר	יְשֻׁמַּר	יַשְׁמִיר	יֻשְׁמַר	יִתְשַׁמֵּר
2 M. SING. IMPERATIVO	שְׁמֹר	הִשָּׁמֵר	שַׁמֵּר	-	הַשְׁמֵר	-	הִתְשַׁמֵּר
INFIN. CSTR.	שְׁמֹר	הִשָּׁמֵר	שַׁמֵּר	שֻׁמַּר	הַשְׁמִיר	הֻשְׁמַר	הִתְשַׁמֵּר
INFIN. ABS.	שָׁמוֹר	הִשָּׁמֹר	שַׁמֵּר	שֻׁמַּר	הַשְׁמֵר	הֻשְׁמַר	הִתְשַׁמֵּר
PARTICÍPIO PASSIVO	שָׁמוּר	נִשְׁמָר	מְשֻׁמָּר	-	מֻשְׁמָר	מֻשְׁמָר	מִתְשֻׁמָּר

© Crédito: Seven

SEGUNDA PARTE

Substantivos, adjetivos e pronomes com suas declinações

© Crédito: Seven

Lição 35

O artigo definido

הַ	O artigo se forma com *hei* vocalizado com *patah*, com reduplicação da primeira consoante do substantivo que recebe o artigo.

O rei הַמֶּלֶךְ	O descanso הַשַּׁבָּת	A casa הַבַּיִת
O número הַמִּסְפָּר	O braço הַזְּרוֹעַ	A manhã הַבֹּקֶר

O artigo sofre modificações quando precede substantivos que começam com letras que não podem receber reduplicação, a saber, as guturais junto com *reish* — ר, ע, ח, ה, א.

הַ com ח, ה, יְ Note que *yod* com *shevá* não aceita *dagesh*. O artigo toma a mesma forma supra, mas sem exigir reduplicação da primeira consoante.

O mês הַחֹדֶשׁ	A misericórdia הַחֶסֶד	O jumento הַחֲמוֹר
O palácio הַהֵיכָל	O rio הַיְאוֹר	

הָ com ר, ע, א	O artigo recebe *qamats* quando precede *aleph, ayin* ou *reish*. Não há reduplicação.

A terra	הָאָרֶץ	A eternidade	הָעוֹלָם	O mau	הָרַע
A árvore	הָעֵץ	A testemunha	הָעֵד	O tempo	הָעֵת
A cidade	הָעִיר	O homem	הָאָדָם	O princípio	הָרֵאשִׁית

עָ הָ חָ	O artigo tem a vogal *segol* quando precede *ayin* ou *hei* com *qamats* não acentuado.

© Crédito: Seven

A turba הֲהָמוֹן A nuvem הֶעָנָן Os montes הֶהָרִים

No caso mais raro de o *qamats* estar com o acento, o artigo recebe *qamats* também. A regra se aplica especialmente às monossilábicas.

O povo הָעָם A nuvem הָעָב A montanha הָהָר

הֶ com הָ	O artigo invariavelmente recebe *segol* antes de *heit* com *qamats* breve ou longo, com ou sem acento.

A festa	הֶחָג	O leite	הֶחָלָב	Os meses	הַחֳדָשִׁים
O sábio	הֶחָכָם	A violência	הֶחָמָס	A sabedoria	הַחָכְמָה

"Os meses" tem *qamats* pequeno "o" como plural de uma palavra que no singular tem *holam*. "A sabedoria" tem *qamats* precedindo *shevá*, portanto conta também como *qamats* pequeno nesta posição.

MODIFICAÇÕES CAUSADAS EM CERTAS PALAVRAS PELO ARTIGO DEFINIDO

Boi פַּר escreve-se com *qamats* quando recebe o artigo - הַפָּר
Alterações semelhantes ocorrem em quatro outras palavras comuns.

עַם הַר חַג אֶרֶץ

O estudante achará a tradução com o artigo nesta mesma página.

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.
2. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.

Lição 36

O *hei* interrogativo

הַ *Hei* com *hateph patah* quando usado como prefixo na primeira palavra da frase, tem a mesma força que nosso ponto de interrogação tem no fim da frase.

"Tu também és um varão (homem)?" הֲגַם אַתָּה גֶּבֶר

O hebraico clássico não tem "?".

הַ antes de ע, ח, ה, א (as quatro guturais), o *hei* recebe um *patah*. Isto não inclui gutural com *qamats*.

"Eu sou o príncipe?" הַאֲנִי הַשַּׂר "Tu és o amigo?" הַאַתָּה הָרֵעַ

הַ antes de עָ, חָ, הָ, אָ (as quatro guturais com *qamats*) o *hei* recebe a vogal *segol*.

"Eu (forma enfática) sou o primogênito?" הֲאָנֹכִי הַבְּכוֹר

Uma pergunta pode ser feita com a palavra "se" precedida pelo *hei* interrogativo, que começa a frase como uma partícula interrogativa.

"Tu és o herói?" הַאִם הַגִּבּוֹר אַתָּה

O hebraico escrito que se usa hoje sempre tem o ponto de interrogação. Já que uma pergunta pode ser feita apenas pela modulação da voz (como acontece em português), essa pontuação se torna necessária.

ALGUMAS REGRAS GERAIS DA FONÉTICA, PARA ACOMPANHAR A LEITURA GERAL

A maneira de apresentar o verbo simples já forneceu ao aluno uma idéia geral sobre as mudanças fonéticas, e agora ele está pronto a assimilar algumas indicações práticas sobre o assunto.

A língua hebraica tem por base sílabas formadas com uma consoante acompanhada por sua vogal (sílaba aberta) ou com uma consoante com sua vogal seguida por outra consoante sem vogal (sílaba fechada).

Isso leva-nos às seguintes declarações:

© Crédito: Seven

1) Nenhuma vogal pode iniciar uma palavra. Exceção — O *vav* copulativo (traduzido "e"), que forma o prefixo *shuruq* em certos casos que veremos logo adiante. Por exemplo, *umoshe* וּמֹשֶׁה — "E Moisés".
2) A palavra normalmente se encerra com uma consoante final, ou ao menos com uma consoante que está formando ou representando uma vogal (*hei, aleph, yod* e *vav* são muito usados neste sentido). A única vogal que tem licença de aparecer no fim da palavra é *qamats*, ָ.
3) Nunca aparecem duas vogais juntas, a não ser no caso especial do *patah* furtivo, que se introduz debaixo de *heit* e *ayin* quando essas guturais encerram a palavra sem serem precedidas por uma vogal que é foneticamente aceitável. Neste caso o *patah* pronuncia-se antes da gutural — *shomeah* שׁוֹמֵעַ, "ouvindo".

A NATUREZA DO *SHEVÁ*

4) O *shevá* simples pode ser considerado um símbolo para indicar que certa consoante não tem vogal. No verbo que já conhecemos, *yich-tov*, יִכְתֹּב, "ele escreverá", o *kaph* tem *shevá* para indicar que não tem vogal, mas que a palavra ainda há de receber uma outra sílaba. Quer dizer que *shevá* simples sempre encerra a sílaba.
5) Se a palavra termina com uma consoante simples sem vogal, e sem ser reduplicada, não precisa de *shevá*. Exceção - *kaph* final כַּךְ
6) Se a palavra termina com *duas* consoantes sem vogal, *ambas* recebem *shevá* — *qosht* קוֹשְׁטְ, "verdade". Da mesma maneira, a segunda consoante que não tem vogal, recebe *shevá* para encerrar a palavra, como no caso dos já conhecidos verbos 2ª pessoa feminino singular, שָׁמַרְתְּ.
7) Se a primeira dessas duas consoantes não recebe *shevá*, a segunda semelhantemente fica sem *shevá* — *rosh* רֹאשׁ, "cabeça".
8) *Shevá* sonoro se usa para começar uma sílaba, e pronuncia-se como uma vogal levíssima. Quando se vê dois *shevá* juntos, excetuando-se a regra 6, o primeiro é simples, o outro é sonoro. *Tich'tevu* תִּכְתְּבוּ, "vós escrevereis". A primeira, muda, encerra a sílaba anterior.

9) Nenhuma palavra pode começar com dois *shevás*, mesmo se um deles seja o *shevá* composto, tecnicamente conhecido como *hateph*.

Procure na sua Bíblia Hebraica exemplos das formas do *hei* interrogativo e das regras da fonética aqui oferecidas.

INTRODUÇÃO AO SUBSTANTIVO

Eis aqui um modelo para demonstrar as terminações do masculino e do feminino, singular e plural. É uma palavra curta, sem modificações.

cavalo	סוּס	Masculino	cavalos	סוּסִים
Singular			Plural	
égua	סוּסָה		éguas	סוּסוֹת
Singular		Feminino	Plural	

VÁRIOS SUBSTANTIVOS MASCULINOS ACOMPANHADOS PELA FORMA DO PLURAL

Singular		Plural	
extremidade, margem	גְּבוּל	extremidades	גְּבוּלִים
homem	אֱנוֹשׁ	homens	אֲנוֹשִׁים
professor	מוֹרֶה	professores	מוֹרִים
		(note a queda do *hei* final)	
bordão, cetro, galho	מַטֶּה	cetros, etc.	מַטִּים
sacerdote	כֹּהֵן	sacerdotes	כֹּהֲנִים
		(enfraquecimento da vogal)	
jardim	גַּן	jardins	גַּנִּים
		(reduplicação da consoante)	

MAIS TRÊS SUBSTANTIVOS QUE RECEBEM O PLURAL SIMPLES MASCULINO

Divindade אֵל Nação, tribo גּוֹי Árvore עֵץ

© Crédito: Seven

Mais explicações sobre as alterações fonéticas ainda serão dadas.

VÁRIOS SUBSTANTIVOS FEMININOS ACOMPANHADOS PELA FORMA DO PLURAL

Singular		Plural	
professora	מוֹרָה	professoras	מוֹרוֹת
terra, solo	אֲדָמָה	terras	אֲדָמוֹת
braço	אַמָּה	braços	אַמּוֹת
oferta	מִנְחָה	ofertas	מִנְחוֹת
		(note o *qamats* pretônico)	

MAIS SEIS SUBSTANTIVOS QUE RECEBEM O PLURAL SIMPLES FEMININO

guerra	מִלְחָמָה	hora	שָׁעָה	família	מִשְׁפָּחָה
calor	חֵמָה	mandamento ordem	מִצְוָה	lavoura	עֲבוֹדָה

FORMAS ESPECIAIS PARA O PLURAL, MASCULINO E FEMININO

Plurais que apontam para uma raiz maior, tendo um singular breve:

homem, marido	אִישׁ	homens	אֲנָשִׁים
mulher	אִשָּׁה	mulheres N. B.: Plural tipo Masc. mulheres F.	נָשִׁים

PLURAIS QUE ASSUMEM A FORMA DE OUTRO GÊNERO

Feminino - ano	שָׁנָה	anos (Fem.)	שָׁנִים
Masculino - coração	לֵבָב	corações (Masc.)	לְבָבוֹת

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.
2. Memorize os vocábulos novos apresentados nesta lição.
3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.

Lição 37

O construto do substantivo

O caso construto de um substantivo é uma forma mais breve do que a forma absoluta, e se refere a um objeto possuído. O possuidor fica no absoluto, e recebe o artigo definido do objeto possuído.

Absoluto		Construto (casa-de)	
casa	בַּיִת	a casa do homem	בֵּית הָאִישׁ
palavra	דָּבָר	a palavra do rei	דְּבַר הַמֶּלֶךְ
filho	בֵּן	o filho da viúva	בֶּן הָאַלְמָנָה
cabeça (sem mudança)	רֹאשׁ	a cabeça da esquina ou: a pedra fundamental	רֹאשׁ הַפִּנָּה

Os vários métodos de enfraquecer as vogais para formar o construto serão conhecidos através das regras da fonética.

© Crédito: Seven

Absoluto		Construto	Absoluto		Construto
דָּם	sangue	דַּם	מִשְׁפָּט	julgamento	מִשְׁפַּט
יָם	mar	יַם	אָדוֹן	senhor	אֲדוֹן
שָׂדֶה	campo	שְׂדֵה	מוֹרֶה	professor	מוֹרֵה
צָבָא	exército	צְבָא	סָבִיב	círculo	סְבִיב

Estes poucos exemplos servem como guia básico para o estudante.

MODELO PARA FORMAR O CONSTRUTO DO FEMININO

Alegria שִׂמְחָה Construto: Alegria na lei שִׂמְחַת תּוֹרָה

Esta regra simples é obedecida pelos substantivos femininos com *hei*

possessão	אֲחֻזָּה	colina, alto	בָּמָה	façanha	גְּבוּרָה
vergonha	חֶרְפָּה	cortina	יְרִיעָה	conselho	עֵצָה
serva	שִׁפְחָה	tropa	עֵדָה	angústia	צָרָה

Há ainda uma forma perifrástica para exprimir a frase "a casa do homem", com a partícula שֶׁל "de" — הַבַּיִת שֶׁל הָאִישׁ

MAIS REGRAS GERAIS DA FONÉTICA, APLICÁVEIS A SUBSTANTIVOS

10) Quando o acento é atraído para o fim da palavra, por causa de um sufixo ou de uma sílaba acentuada, então a terceira vogal antes deste novo acento se remove quando possível, lembrando-se que as vogais que se formam com consoantes (*holam, hiriq, shuruq*) normalmente não caem. Se já tem *shevá* ali, não há mais nada para remover.

11) Quando a terceira vogal precedente não se pode remover, pode-se remover a segunda, isto é, a que precede o acento. Só que não se deve remover *qamats* neste caso, porque é *qamats* pretônico.

12) Nenhuma vogal está sujeita à remoção fonética quando está acom-

panhando uma consoante reduplicada, sendo que está agindo dentro de duas sílabas originais. O verbo é mais "rápido" ou dinâmico do que o substantivo e pode perder a vogal com a consoante reduplicada, como veremos no intensivo (*pi'el*) do verbo.

13) Como temos visto no caso de verbos *ayin vav, ayin yod* e *lamed hei*, há casos de uma consoante original cair da palavra, deixando uma vogal longa para representá-la. É claro que uma vogal com tão grandes responsabilidades não vai abandonar seu posto por causa da influência de prefixos ou sufixos!

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.
2. Memorize os vocábulos novos apresentados nesta lição.
3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.

Lição 38

Introdução ao adjetivo

O adjetivo concorda com o substantivo em gênero e número, como podemos ver nestas palavras curtas que não têm modificações internas.

Singular cavalo bom		Plural cavalos bons	
סוּס טוֹב	Masculino	Masculino	סוּסִים טוֹבִים
סוּסָה טוֹבָה	égua boa Feminino	éguas boas Feminino	סוּסוֹת טוֹבוֹת

A seguir podemos ver ainda o adjetivo com substantivos com terminações excepcionais. O adjetivo continua seguindo o paradigma supra.

© Crédito: Seven

Terminação tipo masculino

mulher fem. אִשָּׁה mulheres boas fem. נָשִׁים טוֹבוֹת

Terminação tipo feminino

coração masc. לֵבָב corações bons masc. לְבָבוֹת טוֹבִים

Quando o adjetivo qualifica um substantivo que tem o artigo definido, o adjetivo também precisa ser definido pelo artigo definido

O homem bom הָאִישׁ הַטּוֹב O príncipe sábio הַנָּשִׂיא הֶחָכָם

O fato de omitir o artigo em tais casos tem o resultado de deixar subentendido o verbo ser ou estar depois do substantivo com o artigo.

O homem é bom הָאִישׁ טוֹב O príncipe é sábio הַנָּשִׂיא חָכָם

O verbo ser é subentendido quando a frase não tem verbo próprio. "Moisés é um profeta" (o pronome indica o verbo ser) — הוּא נָבִיא מוֹשֶׁה

O adjetivo exige um artigo definido quando está acompanhando um substantivo que é definido por um sufixo (veja página 85 adiante).

camelo גָּמָל meu camelo grande גְּמָלִי הַגָּדוֹל

Aqui segue uma lista de adjetivos com vários tipos de vocalização. O estudante deve observar bem as alterações fonéticas. O *qamats* sempre está pronto a cair quando não precede o acento. Assim como nas terminações do particípio, há uma forma feminina com *tav* e *segol*

Masc. singular		Fem. singular	Masc. plural	Fem. plural
אַחֵר	outro	אַחֶרֶת	אֲחֵרִים	אֲחֵרוֹת
תָּמִים	completo	תְּמִימָה	תְּמִימִים	תְּמִימוֹת
יְהוּדִי	judeu	יְהוּדִית	יְהוּדִים	יְהוּדִיּוֹת
נוֹרָא	terrível	נוֹרָאָה	נוֹרָאִים	נוֹרָאוֹת
מָהִיר	rápido	מְהִירָה	מְהִירִים	מְהִירוֹת
אֶבְיוֹן	pobre	אֶבְיוֹנָה	אֶבְיוֹנִים	אֶבְיוֹנוֹת
אַחֲרוֹן	posterior	אַחֲרוֹנָה	אַחֲרוֹנִים	אַחֲרוֹנוֹת

As terminações recebem o acento, que enfraquece a primeira vogal do adjetivo, segundo leis nº 10 e 11. A terminação feminina com 2 *segol* e *tav* tem o acento no primeiro *segol*, *"ahéret"*, אַחֶרֶת

A palavra "judeu" recebe um plural contraído no masculino, por ser uma palavra comum na língua falada. O estudante deve tomar a oportunidade de decorar estes adjetivos como vocabulário importante.

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.
2. Memorize os vocábulos novos apresentados nesta lição.
3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.

Lição 39

O adjetivo – várias declinações

Cada declinação tem um pequeno vocabulário para fazer exercícios.

© Crédito: Seven

Masc. singular	Tradução	Fem. singular	Masculino plural		Fem. plural
1) זָקֵן	Velho	זְקֵנָה	זְקֵנִים	זְקֵנוֹת	
Outros adjetivos da mesma declinação:					
faminto	רָעֵב	seco	יָבֵשׁ	impuro	טָמֵא
satisfeito	שָׂבֵעַ	exausto	יָלֵעַ	feliz	שָׂמֵחַ
2) קָשֶׁה	difícil, duro	קָשָׁה	קָשִׁים		קָשׁוֹת
bonito	יָפֶה	espesso	עָבֶה	agradável	נָאֶה
3) רַב	grande, muito	רַבָּה	רַבִּים		רַבּוֹת
puro	זַךְ	feroz	עַז	afiado	חַד
4) רַע	mau	רָעָה	רָעִים		רָעוֹת
amargo	מַר	estreito	צַר	claro, puro	בַּר
5) אָדֹם	vermelho	אֲדֻמָּה	אֲדֻמִּים		אֲדֻמּוֹת
profundo	עָמֹק	comprido	אָרֹךְ	azul	כָּחֹל
6) זָכָר	macho	זְכָרָה	זְכָרִים		זְכָרוֹת
ímpio	רָשָׁע	branco	לָבָן	largo	רָחָב
forte	חָזָק	reto, justo	יָשָׁר	baixo	שָׁפָל
7) עָרוּם	astuto	עֲרוּמָה	עֲרוּמִים		עֲרוּמּוֹת
importante	חָשׁוּב	cinza	אָפוּר	escrito	כָּתוּב
8) צַדִּיק	justo	צַדִּיקָה	צַדִּיקִים		צַדִּיקוֹת
firme	אַמִּיץ	jovial	עַלִּיז	poderoso	אַדִּיר
9) עָנִי	pobre	עֲנִיָּה	עֲנִיִּים		עֲנִיּוֹת
limpo	נָקִי	fresco	טָרִי	natural	טִבְעִי
10) גָּדוֹל	grande	גְּדוֹלָה	גְּדוֹלִים		גְּדוֹלוֹת
puro, limpo	טָהוֹר	perto	קָרוֹב	preto	שָׁחוֹר

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.
2. Desenvolva por extenso, segundo os paradigmas dados nesta lição, os demais verbetes aqui dados como exemplos.
3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.
4. Memorize os vocábulos novos apresentados nesta lição.

Lição 40

O substantivo masculino com sufixos

O substantivo pode receber sufixos pronominais que se referem ao possuidor do mesmo — o substantivo vai para o caso construto e depois recebe o sufixo do possuidor, que pode ser precedido por *qamats* pretônico:

palavra דָּבָר Construto דְּבַר
minha palavra (palavra de mim) דְּבָרִי

O acento cai no sufixo. Quando o sufixo tem duas vogais (1ª masculino e feminino plural) o acento cai na primeira das duas. O sufixo pesado pede o construto.

© Crédito: Seven

O SUBSTANTIVO MASCULINO SINGULAR COM SUFIXOS

ato fato palavra	דָּבָר	saúde paz	שָׁלוֹם	dono Senhor	אָדוֹן
Singular do sufixo					
minha palavra	דְּבָרִי		שְׁלוֹמִי	1 m.f.	אֲדוֹנִי
tua (m) palavra	דְּבָרְךָ		שְׁלוֹמְךָ	2 m.	אֲדוֹנְךָ
tua (f) palavra	דְּבָרֵךְ		שְׁלוֹמֵךְ	2 f.	אֲדוֹנֵךְ
sua (m) palavra	דְּבָרוֹ		שְׁלוֹמוֹ	3 m.	אֲדוֹנוֹ
sua (f) palavra	דְּבָרָהּ		שְׁלוֹמָהּ	3 f.	אֲדוֹנָהּ
Plural do sufixo					
nossa palavra	דְּבָרֵנוּ		שְׁלוֹמֵנוּ	1 m.f.	אֲדוֹנֵנוּ
vossa (m) palavra	דְּבַרְכֶם		שְׁלוֹמְכֶם	2 m.	אֲדוֹנְכֶם
vossa (f) palavra	דְּבַרְכֶן		שְׁלוֹמְכֶן	2 f.	אֲדוֹנְכֶן
palavra deles	דְּבָרָם		שְׁלוֹמָם	3 m.	אֲדוֹנָם
palavra delas	דְּבָרָן		שְׁלוֹמָן	3 f.	אֲדוֹנָן

O sufixo pesado é aquele que se usa na 2ª pessoa do plural, masculino e feminino.

É feito de duas consoantes precedidas por *shevá* silencioso, e que fecha a sílaba anterior, portanto não há mais *qamats* pretônico. Esse sufixo forma uma nova sílaba inteira.

O SUBSTANTIVO MASCULINO COM *HEI* COM SUFIXOS

campo שָׂדֶה
terminação, fim קָצֶה
obra, ato, façanha מַעֲשֶׂה
rebanho מִקְנֶה
rosto, aparência מַרְאֶה
arraial מַחֲנֶה

Estes substantivos perdem uma sílaba inteira para receber os sufixos, que se ligam diretamente com a palavra e tomam o lugar de *tsereh* — שָׂדוֹ

MAIS REGRAS GERAIS DA FONÉTICA

14) Embora o *shevá* simples possa ocorrer com uma letra gutural, *shevá* sonoro, aquele que começa a sílaba, é forçado a tomar a forma de *hateph* cada vez. O estudante deve aplicar essa regra à conjugação dos adjetivos na página 84, e observar a palavra "Senhor" na página anterior.

15) Se já há um *hateph* na segunda consoante da palavra, a primeira não recebe nem *shevá*, nem *hateph*, mas, sim, a vogal plena que corresponde à vogal que forma o *hateph* com a segunda consoante.

16) As guturais *ayin, heit* e *hei* com *mapiq* (o ponto que se vê na terminação da 3ª pessoa feminino singular) não podem terminar a palavra sem ser acompanhadas por uma vogal "a" (*patah* ou *qamats*). Senão, pedem uma vogal extra — *patah* furtivo, escrita debaixo da gutural, mas pronunciada antes da gutural.

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.
2. Desenvolva por extenso, segundo os paradigmas dados nesta lição, os demais verbetes aqui dados como exemplos.
3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.
4. Memorize os vocábulos novos apresentados nesta lição.

Lição 41

O substantivo feminino com sufixos

O substantivo feminino com a terminação *hei* recebe *tav* no construto "justiça, retidão", צְדָקָה — construto צִדְקַת

© Crédito: Seven

É esta forma do construto (com *qamats* pretônico) que recebe sufixos.

O SUBSTANTIVO FEMININO SINGULAR COM SUFIXOS

justiça	צְדָקָה	medida	מִדָּה	serva	אָמָה
Singular do sufixo					
minha justiça	צִדְקָתִי		מִדָּתִי	1 m.f.	אֲמָתִי
tua (m.) justiça	צִדְקָתְךָ		מִדָּתְךָ	2 m.	אֲמָתְךָ
tua (f.) justiça	צִדְקָתֵךְ		מִדָּתֵךְ	2 f.	אֲמָתֵךְ
justiça dele	צִדְקָתוֹ		מִדָּתוֹ	3 m.	אֲמָתוֹ
justiça dela	צִדְקָתָהּ		מִדָּתָהּ	3 f.	אֲמָתָהּ
Plural do sufixo					
nossa justiça	צִדְקָתֵנוּ		מִדָּתֵנוּ	1 m.f.	אֲמָתֵנוּ
vossa (m.) justiça	צִדְקַתְכֶם		מִדַּתְכֶם	2 m.	אֲמַתְכֶם
vossa (f.) justiça	צִדְקַתְכֶן		מִדַּתְכֶן	2 f.	אֲמַתְכֶן
justiça deles	צִדְקָתָם		מִדָּתָם	3 m.	אֲמָתָם
justiça delas	צִדְקָתָן		מִדָּתָן	3 f.	אֲמָתָן

Já notamos no caso do substantivo masculino que é apenas antes dos sufixos pesados da 2ª pessoa do plural que o caso construto simples é empregado — nas demais pessoas há *qamats* pretônico. Aqui o mesmo ocorre. O *qamats* que na palavra "justiça" fica na terceira posição, antes do sufixo desaparece, e depois o *shevá* original do *tsadei* precisa ser modificado para *hiriq* pequeno (lei da fonética 17), já que nenhuma palavra pode começar com dois *shevá* (lei 9). Sempre devemos lembrar-nos do fato que o efeito de acrescentar sufixos é enfraquecer as vogais no começo do verbo, do substantivo, do adjetivo, etc. O particípio (usado para fazer o presente do verbo) forma substantivos masculinos e femininos, e qualquer um deles pode ser empregado assim. Não é difícil perceber que, colocando o *tav* no seu devido lugar, o resto do feminino singular segue o masculino.

MAIS REGRAS GERAIS DA FONÉTICA

17) Quando um prefixo com *shevá* precede uma palavra que começa com *shevá*, ou quando a segunda vogal de uma palavra que começa com *shevá* é forçada a diminuir-se para *shevá* pelo efeito de um sufixo, o primeiro dos dois *shevá* em conjunto assim produzido altera-se para *hiriq* pequeno, formando uma sílaba fechada, com a primeira consoante da palavra.

18) Quando um dos *shevá* mencionados na regra anterior é *hateph* por causa de uma letra gutural, a vogal que acompanha tem que ser uma vogal plena, justamente a vogal que forma o *hateph* que a procede ou segue.

19) Sendo que as guturais e *reish* não podem receber *dagesh*, a reduplicação das mesmas é indicada ao colocar com elas uma vogal mais forte.

20) A consoante com *shevá* tende a recusar o *dagesh* de reduplicação.

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.
2. Memorize os vocábulos novos apresentados nesta lição.
3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.

Lição 42

O substantivo com sufixos masculino plural

דָּבָר , "palavra", "ato" no plural, com os sufixos pronominais do possuidor.

Singular דָּבָר plural דְּבָרִים construto plural *palavras de* דִּבְרֵי

© Crédito: Seven

O *meim* final do plural masculino, cai no construto, deixando uma terminação vocálica.

Singular do sufixo			Plural do sufixo	
minhas palavras	דְּבָרַי	1 m.f.	nossas palavras	דְּבָרֵינוּ
tuas palavras	דְּבָרֶיךָ	2 m.	vossas palavras	דִּבְרֵיכֶם
tuas palavras	דְּבָרַיִךְ	2 f.	vossas palavras	דִּבְרֵיכֶן
palavras dele	דְּבָרָיו	3 m.	palavras deles	דִּבְרֵיהֶם
palavras dela	דְּבָרֶיהָ	3 f.	palavras delas	דִּבְרֵיהֶן

Note aqui os sinais em cima de certas sílabas, que não fazem parte do texto bíblico, são para ensinar onde cai o acento, que em geral está na última sílaba, e muitas vezes na penúltima, quando a última é aberta. Os sufixos pesados, como já notamos no verbo, recebem o acento. No caso do plural do substantivo, as terceiras pessoas do plural do sufixo também contam como pesados. Isso acontece porque uma terminação vocálica (com consoante quiescente segundo a regra) pode agüentar uma nova sílaba começando com *hei*, a forma plena do pronome da 3ª pessoa do plural.

A grande diferença entre o singular do substantivo com sufixos, e o plural com sufixos está justamente no *yod* do plural. Na 1ª pessoa do plural, a única diferença entre o singular e o plural do substantivo está no *yod* quiescente na tabela acima (com ou sem *yod*, o *tseireh* pronuncia-se como "EI" em português). O *singular* do substantivo, terminando com uma consoante com *shevá*, não pode aceitar as terminações feitas com o pronome *hem* e *hen* (3ª pessoa do plural) e tem portanto uma forma curta *am* e *an*. Na tabela acima, a 2ª f. sing. do possuidor se pronuncia *devarayich*, isto é, o *yod* consta como uma consoante. Nos demais lugares é uma letra quiescente, como na 3ª masculino singular do possuidor *devarav*. Na 3ª pessoa masculino singular vê-se outro efeito da terminação vocálica da raiz do plural — não é aceitável uma terminação com mais uma vogal (o *holam* da 3ª masculino singular do singular do substantivo), e por este motivo, o *vav* volta a ser consoante.

Na 3ª pessoa feminino singular, o *hei* volta a ser uma consoante regendo uma vogal (no singular do substantivo era necessário dar uma vogal à consoante final do substantivo, e terminar a palavra com *hei* com *mapiq* (mapiq faz do *hei* uma consoante plenamente pronunciada no fim da palavra, senão é quiescente).

Notemos, finalmente, que na presença dos quatro sufixos pesados que ocorrem no plural do possuidor, o substantivo no plural recebe a forma do construto plural. Nas demais pessoas é a forma do absoluto que impera quanto à vocalização, enquanto a influência do construto se faz sentir nas consoantes ao exigir a ausência do *meim* original do absoluto.

MAIS PALAVRAS MASCULINAS QUE RECEBEM AS TERMINAÇÕES ACIMA

deserto	מִדְבָּר	pastagem	מִגְרָשׁ	habitação	מִשְׁכָּן
asa	כָּנָף	fome	רָעָב	despojo	שָׁלָל
cavalo	פָּרָשׁ	labor, dor	עָמָל	cerca, pátio	חָצֵר
excelência, altura	מָרוֹם	desejo, vontade	רָצוֹן	perversidade	עָוֹן

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.
2. Desenvolva por extenso, segundo os paradigmas dados nesta lição, os demais verbetes aqui dados como exemplos.
3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.
4. Memorize os vocábulos novos apresentados nesta lição.

© Crédito: Seven

Lição 43

O substantivo com sufixos feminino plural

Singular צְדָקָה Plural צְדָקוֹת Construto plural - "Justiças-de" צִדְקוֹת

O PLURAL DO SUBSTANTIVO FEMININO, COM SUFIXOS PRONOMINAIS

Singular do sufixo			Plural do sufixo	
minhas justiças	צִדְקוֹתַי	1 m.f.	nossas justiças	צִדְקוֹתֵינוּ
tuas (m) justiças	צִדְקוֹתֶיךָ	2 m.	vossas (m) justiças	צִדְקוֹתֵיכֶם
tuas (f) justiças	צִדְקוֹתַיִךְ	2 f.	vossas (f) justiças	צִדְקוֹתֵיכֶן
justiças dele	צִדְקוֹתָיו	3 m.	justiças deles	צִדְקוֹתֵיהֶם
justiças dela	צִדְקוֹתֶיהָ	3 f.	justiças delas	צִדְקוֹתֵיהֶן

A regra simples para explicar a maneira de formar as terminações do substantivo feminino no plural é colocar a terminação normal do plural do feminino (וֹת) e, diretamente depois, acrescentar os sufixos pronominais do substantivo no masculino plural. Ora, como já dissemos, estes sufixos têm como ponto de destaque o *yod* do plural do substantivo masculino, que produz um conjunto de terminações especiais. O fato de colocar esses sufixos depois de uma terminação que já é plural faz com que o substantivo feminino no plural quando recebe sufixos seja duplamente plural. Quem aprendeu bem as terminações do plural do substantivo masculino não achará mais dificuldade nesta página.

O SUBSTANTIVO FEMININO COM SUFIXOS, QUANDO HÁ DUAL E NÃO PLURAL

Há algumas palavras femininas que se referem a objetos que naturalmente existem em pares. Essas não vão para o plural, mas, sim, para

o *dual*. Na página 112 haverá uma doutrina mais completa sobre o dual, basta dizer que a terminação do dual é igual para o masculino e o feminino, só que o feminino recebe um *tav* se tinha uma terminação *hei*. O dual normalmente se refere a qualquer número de objetos.

"Idioma", "lábio" שָׂפָה *dual* "Lábios, idiomas" שְׂפָתַיִם
CSTR. *dual* שִׂפְתֵי *dual* com sufixos "Meus lábios" שִׂפְתַי

MASCULINO

"Nariz, Ira" אַף *dual* אַפַּיִם *dual* com sufixos אַפַּי

A única diferença que se nota entre M e F é o *tav* do *dual* feminino.

MAIS PALAVRAS SIMPLES FEMININAS, PARA RECEBER AS TERMINAÇÕES ACIMA

animal	בְּהֵמָה	parede	חוֹמָה	professora	מוֹרָה
obra	מְלָאכָה	distrito	מְדִינָה	espanto, surpresa	שְׁמָמָה
moça	נַעֲרָה	herança	נַחֲלָה	região, lado	פֵּאָה

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.
2. Desenvolva por extenso, segundo os paradigmas dados nesta lição, os demais verbetes aqui dados como exemplos.
3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.
4. Memorize os vocábulos novos apresentados nesta lição.

© Crédito: Seven

Lição 44

Recapitulação dos sufixos

Os sufixos do singular e do plural do possuidor da palavra "cavalo" e "égua" no singular e no plural. É uma palavra curta e imutável.

סוּס Masc.	סוּסָה	Fem.	Masc. Plural סוּסִים	Fem. Plural סוּסוֹת
Singular do sufixo do possuidor				
סוּסִי	סוּסָתִי	1 m.f.	סוּסַי	סוּסוֹתַי
סוּסְךָ	סוּסָתְךָ	2 m.	סוּסֶיךָ	סוּסוֹתֶיךָ
סוּסֵךְ	סוּסָתֵךְ	2 f.	סוּסַיִךְ	סוּסוֹתַיִךְ
סוּסוֹ	סוּסָתוֹ	3 m.	סוּסָיו	סוּסוֹתָיו
סוּסָהּ	סוּסָתָהּ	3 f.	סוּסֶיהָ	סוּסוֹתֶיהָ
Plural do sufixo do possuidor				
סוּסֵנוּ	סוּסָתֵנוּ	1 m.f.	סוּסֵינוּ	סוּסוֹתֵינוּ
סוּסְכֶם	סוּסַתְכֶם	2 m.	סוּסֵיכֶם	סוּסוֹתֵיכֶם
סוּסְכֶן	סוּסַתְכֶן	2 f.	סוּסֵיכֶן	סוּסוֹתֵיכֶן
סוּסָם	סוּסָתָם	3 m.	סוּסֵיהֶם	סוּסוֹתֵיהֶם
סוּסָן	סוּסָתָן	3 f.	סוּסֵיהֶן	סוּסוֹתֵיהֶן

Com esta página o estudante pode comparar os sufixos explicados nas quatro lições que precedem. Nesta demonstração é fácil ver que a única diferença entre "cavalo" com sufixos e "égua" com sufixos é o *tav* adicional do substantivo feminino. Em ambos os casos se trata de sufixos que seguem uma consoante, que passaremos a chamar "sufixos tipo singular". Entre estes sufixos e aqueles que acompanham a palavra "cavalos" há várias diferenças já descritas na tabela do plural do substantivo masculino. A diferença básica é causada pelo fato de os sufixos seguirem uma vogal com sua letra quiescente (*yod*). A esse tipo de sufixo que segue uma vogal passaremos a chamar "sufixos tipo plu-

ral". Podemos os chamar assim pelo fato de o plural do substantivo feminino também receber os mesmos sufixos formados pelo *yod*, seguindo uma analogia ensinada pela forma do masculino.

Exige-se da parte do estudante grande cuidado em lembrar quando se trata do singular do substantivo com o plural do possuidor, como na frase "nosso cavalo", e quando se trata do plural do substantivo com o singular do possuidor — "meus cavalos". O estudante é convidado a decorar esta tabela com o maior esmero, já que estas terminações se usam para definir muitos tipos de palavras, inclusive preposições e a partícula do acusativo, como veremos adiante.

VOCABULÁRIO SIMPLES MASCULINO PARA COLOCAR AS TERMINAÇÕES ACIMA

rocha, refúgio	צוּר	rua, fora	חוּץ	canção	שִׁיר
contenda	רִיב	ceifa	קָצִיר	cabrito	שָׂעִיר
tolo	כְּסִיל	majestade	גָּאוֹן	arca, caixa	אָרוֹן

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.
2. Desenvolva por extenso, segundo os paradigmas dados nesta lição, os demais verbetes aqui dados como exemplos.
3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.
4. Memorize os vocábulos novos apresentados nesta lição.

© Crédito: Seven

Lição 45

Sufixos – exemplos adicionais – masculino

Cinco substantivos masculinos curtos e úteis.

	Filho	Nome	Pai	Irmão	Boca
	בֵּן	שֵׁם	אָב	אָח	פֶּה
Construto	בֶּן	שֵׁם	אֲבִי	אֲחִי	פִּי
Singular do sufixo, do substantivo no singular					
1 m.f.	בְּנִי	שְׁמִי	אָבִי	אָחִי	פִּי
2 m.	בִּנְךָ	שִׁמְךָ	אָבִיךָ	אָחִיךָ	פִּיךָ
2 f.	בִּנֵךְ	שְׁמֵךְ	אָבִיךְ	אָחִיךְ	פִּיךְ
3 m.	בְּנוֹ	שְׁמוֹ	אָבִיו	אָחִיו	פִּיו
3 f.	בִּנָּהּ	שְׁמָהּ	אָבִיהָ	אָחִיהָ	פִּיהָ
Plural do sufixo, do substantivo no singular					
1 m.f.	בְּנֵנוּ	שְׁמֵנוּ	אָבִינוּ	אָחִינוּ	פִּינוּ
2 m.	בִּנְכֶם	שִׁמְכֶם	אֲבִיכֶם	אֲחִיכֶם	פִּיכֶם
2 f.	בִּנְכֶן	שִׁמְכֶן	אֲבִיכֶן	אֲחִיכֶן	פִּיכֶן
3 m.	בָּנָם	שְׁמָם	אֲבִיהֶם	אֲחִיהֶם	פִּיהֶם
3 f.	בָּנָן	שְׁמָן	אֲבִיהֶן	אֲחִיהֶן	פִּיהֶן
Plurais dos substantivos, no absoluto, construto e com sufixos					
Plural abs.	בָּנִים	שֵׁמוֹת	אָבוֹת	אָחִים	פִּיוֹת
Plural construto	בְּנֵי	שְׁמוֹת	אֲבוֹת	אֲחֵי	פִּיוֹת
Sufixo 1 m. f. singular	בָּנַי	שְׁמוֹתַי	אֲבֹתַי	אַחַי	-

As palavras "filho" e "nome" são das mais curtas na língua hebraica, sendo monossílabas que na forma absoluta têm uma vogal forte se-

gundo a norma para monossílabas hebraicas. O motivo para chamá-las de especialmente curtas é o fato de receberem *shevá* com os sufixos.

Normalmente uma palavra com duas consoantes mostra sinais de uma terceira consoante quando vai para o plural, ou quando recebe sufixos, ou quando vai para o construto. Isso ocorre porque quase toda palavra hebraica provém de uma raiz construída com três consoantes radicais, ou, em termos populares, provém do verbo. Vejamos, por exemplo, as palavras "pai", "irmão" e "sogro" (חָם), que no construto recebem um *yod* extra que aponta para uma raiz primitiva. Ora, este *yod* permanece antes de todos os sufixos pronominais, e por este motivo, são sufixos de um tipo especial, que seguem a vogal com a consoante quiescente. O *yod* da palavra "boca" causa a queda do *hei* original. Memorize cada plural individualmente.

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.
2. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.

Lição 46

Sufixos – exemplos adicionais – feminino

Quatro substantivos femininos com sufixos tipo singular.

© Crédito: Seven

Mulher	Filha		Mãe	Irmã
אִשָּׁה	בַּת	Absoluto	אֵם	אָחוֹת
אֵשֶׁת	בַּת	Construto	אֵם	אֲחוֹת
Singular do sufixo, do substantivo no singular				
אִשְׁתִּי	בִּתִּי	1 m.f.	אִמִּי	אֲחוֹתִי
אִשְׁתְּךָ	בִּתְּךָ	2 m.	אִמְּךָ	אֲחוֹתְךָ
אִשְׁתֵּךְ	בִּתֵּךְ	2 f.	אִמֵּךְ	אֲחוֹתֵךְ
אִשְׁתּוֹ	בִּתּוֹ	3 m.	אִמּוֹ	אֲחוֹתוֹ
אִשְׁתָּהּ	בִּתָּהּ	3 f.	אִמָּהּ	אֲחוֹתָהּ
Plural do sufixo, do substantivo no singular				
אִשְׁתֵּנוּ	בִּתֵּנוּ	1 m.f.	אִמֵּנוּ	אֲחוֹתֵנוּ
אִשְׁתְּכֶם	בִּתְּכֶם	2 m.	אִמְּכֶם	אֲחוֹתְכֶם
אִשְׁתְּכֶן	בִּתְּכֶן	2 f.	אִמְּכֶן	אֲחוֹתְכֶן
אִשְׁתָּם	בִּתָּם	3 m.	אִמָּם	אֲחוֹתָם
אִשְׁתָּן	בִּתָּן	3 f.	אִמָּן	אֲחוֹתָן
O plural do substantivo				
נָשִׁים	בָּנוֹת	Absoluto	אִמּוֹת	אֲחָיוֹת
נְשֵׁי	בְּנוֹת	Construto	אִמּוֹת	אַחְיוֹת
Sufixos				
נָשַׁי	בְּנֹתַי	1 m. f.	אִמֹּתַי	אֶחְיוֹתַי

As palavras "filha" e "mãe" são monossilábicas, sem indicação de serem palavras femininas (um *hei* ou *tav* final é a norma). Recebem os sufixos normais do singular do substantivo depois de reduplicar a segunda radical por intermédio de um *dagesh* forte. Assim passam a revelar as três consoantes radicais que a língua hebraica usualmente tem como raiz. A palavra "irmã" recebe uma terminação mais pesada para distingui-la da palavra "irmão" – essa terminação coincide com o plural normal dos substantivos femininos (o *yod* do construto de "irmão" אֲחִי teve influência em produzir este *holam*, e o mesmo *yod* aparece no plural "irmãs"). Feita essa mudança, os sufixos são os mesmos de sempre. A palavra "mulher" é a única nesta tabela que tem a terminação feminina tradicional com *qamats* e *hei*. Recebe, portanto, o construto

com *tav*, e os sufixos acrescentam-se a uma forma curta do construto que não é passível de redução na presença dos sufixos pesados. O plural tipo masculino já foi ensinado. Cada palavra nesta tabela é isenta da influência dos sufixos pesados.

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.
2. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.

Lição 47

Substantivos – várias declinações

Cada modelo para declinação vem seguido por vários exemplos úteis.

Absoluto	Tradução	Construto	Plural Absoluto	Plural Construto
1) בָּשָׂר	carne	בְּשַׂר	בְּשָׂרִים	בִּשְׂרֵי
rio נָהָר	barba זָקָן	leite חָלָב		

NOTA: Cada vez que ocorre uma gutural com *shevá* nestas tabelas, compreende-se que o *shevá* passa a ser *hateph patah*, como no caso da palavra "leite" acima, sem haver necessidade de estipulação individual.

2) עַם	povo, nação	עַם	עַמִּים	עַמֵּי
jardim גַּן	cesta סַל	jarro כַּד		

N.B.: Itens 2 e 3 recebem reduplicação com *dagesh* nas flexões.

© Crédito: Seven

3) חֵץ flecha, vara חֵץ חִצִּים חִצֵּי
graça, favor חֵן sombra צֵל monte תֵּל
fim קֵץ cabrito עֵז mãe (F) אֵם

4) צַד lado צַד צְדָדִים צְדָדֵי
limiar סַף fatia פֵּת

NOTA: Item 4 recebe reduplicação por extenso na flexão.

Note que cada substantivo que não tem as terminações normais do feminino é masculino, caso contrário, recebe a anotação (F).

5) חֹק estatuto, lei חֹק חֻקִּים חֻקֵּי
jugo עֹל força עֹז multidão (qualidade de ser muito) רֹב

REDUPLICAÇÃO E ALTERAÇÃO DE VOGAL

O sufixo do singular é חֻקִּי "minha lei" aplicável às demais do item 5.

SUBSTANTIVOS QUE PROVÊM DE RAÍZES QUADRILATERAIS

6) גִּבְעָה altura, colina גִּבְעַת גְּבָעוֹת גִּבְעוֹת
lágrima דִּמְעָה vale בִּקְעָה oferta מִנְחָה

DIVERSOS TIPOS ADICIONAIS DE DECLINAÇÃO, SEM VOCABULÁRIO EXTRA

7) צַר adversário, perseguidor צַר צָרִים צָרֵי

8) קָנֶה caniço, cana קְנֵה קָנִים קְנֵי

9) לַיְלָה noite לֵיל לֵילוֹת לֵילוֹת

REGRA GERAL - A modificação que um substantivo sofre para receber a terminação do plural normalmente é a mesma que sofre para receber os sufixos pronominais pessoais do singular do substantivo.

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.
2. Desenvolva por extenso, segundo os paradigmas dados nesta lição, os demais verbetes aqui dados como exemplos.
3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.
4. Memorize os vocábulos novos apresentados nesta lição.

Lição 48

As preposições prefixas

As preposições prefixas são consoantes únicas, normalmente com *shevá*, que precedem, como prefixos, as palavras que definem.

בְּ	em, em ordem	בְּסֵדֶר	em peso, valor	בְּמִשְׁקָל
לְ	para punição	לְמוּסָר	para meu irmão	לְאָחִי
כְּ	como um fardo	כְּמַשָּׂא	como meu pai	כְּאָבִי
מִ	de coração	מִלֵּב	de meu reino	מִמַּלְכוּתִי

Este último *im* tem *hiriq* e exige reduplicação da consoante que segue. O *shevá* que acompanha as demais preposições remove o *dagesh leve*, da palavra seguinte.
em ferro בְּבַרְזֶל em energia בְּכֹחַ em sua boca בְּפִיו

Se a primeira consoante da palavra que há de receber uma prepo-

© Crédito: Seven

sição prefixa já tem *shevá*, então o *shevá* da preposição torna-se *hiriq*.
para meu filho לְבְנִי como mel כִּדְבַשׁ para sobra לִשְׁאֵרִית

Antes dos *hatafim*, as preposições prefixas que normalmente teriam *shevá* passam a ter a vogal plena indicada pelo *hateph* que as segue.

como um sonho	כַּחֲלוֹם	em terra	בַּאֲדָמָה	para aflição	לָעֳנִי
em verdade	בֶּאֱמֶת	num navio	בָּאֳנִיָּה	humanamente	כָּאֱנוֹשׁ

As quatro preposições prefixas têm o efeito de tirar o *shevá* de um *yod* que começa a palavra, formando um *hiriq* grande com este *yod*.
Jerusalém יְרוּשָׁלַיִם de Jerusalém מִירוּשָׁלַיִם
para Jerusalém לִירוּשָׁלַיִם

מִ antes de uma gutural não pode exigir reduplicação, e toma a forma מֵ
de minha mãe מֵאִמִּי de meus irmãos מֵאַחַי
de minha rua מֵרְחוֹבִי de posteridade מֵאַחֲרִית

Duas destas preposições têm uma forma que se escreve separadamente, que não modifica a palavra que segue. Aqui se compara estas formas.

מִן de da casa מִן הַבַּיִת ou: da casa מֵהַבַּיִת
כְּמוֹ como כְּעַמּוּד como uma coluna ou: כְּמוֹ עַמּוּד

Estas formas por extenso podem até receber sufixos, como veremos adiante. Por exemplo, "como" com o sufixo pronominal da terceira pessoa feminino singular traduz-se "como ela".

Cada uma destas preposições tem vários sentidos alternativos.

בְּ em, com, contra, enquanto
כְּ como, de acordo, acerca de
לְ para, por, a, até
מִ de, dentro de, desde

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.
2. Memorize os vocábulos novos apresentados nesta lição.
3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.

Lição 49

O emprego das preposições prefixas

Quando as preposições prefixas precedem um substantivo modificado pelo artigo definido, o *hei* do artigo cai, e a preposição assume para si mesma, no lugar do *shevá*, a vogal que caiu.

a casa הַבַּיִת na casa pequena בַּבַּיִת הַקָּטָן
(em-a-casa a-pequena)

o artigo normal:
como o rei כַּמֶּלֶךְ No ombro (F) בַּכָּתֵף

com *heit* e *hei*:
para o mês לַחֹדֶשׁ segundo a misericórdia כַּחֶסֶד

com outras guturais:
na montanha (*hei* com ָ) בָּהָר como a árvore כָּעֵץ

com הָ e חָ
para a turba לֶהָמוֹן

sem acento:
o sábio estranho הֶחָכָם הַזָּר

Esta é uma boa oportunidade para o estudante ver se precisa fazer revisão da matéria ensinada sobre o artigo definido na página 73. Sem

© Crédito: Seven

compreender a informação ali dada, fatalmente vai achar dificuldade em seguir esta pequena tabela concentrada. O ponto mais complicado é a letra *hei* com suas exigências — normalmente pede *patah* para representar o artigo, mesmo quando o *hei* tem a vogal *qamats*.

AS QUATRO PREPOSIÇÕES PREFIXAS, COM SUFIXOS

em	בְּ	para לְ		como כְּמוֹ, כְּ	de מִן, מִ
			Singular		
em mim	בִּי	לִי	1 m.f.	כָּמוֹנִי	מִמֶּנִּי
em ti (M.)	בְּךָ	לְךָ	2 m.	כָּמוֹךָ	מִמְּךָ
em ti (F.)	בָּךְ	לָךְ	2 f.	כָּמוֹךְ	מִמֵּךְ
nele	בּוֹ	לוֹ	3 m.	כָּמוֹהוּ	מִמֶּנּוּ
nela	בָּהּ	לָהּ	3 f.	כָּמוֹהָ	מִמֶּנָּה
			Plural		
em nós	בָּנוּ	לָנוּ	1 m.f.	כָּמוֹנוּ	מִמֶּנּוּ
em vós (M.)	בָּכֶם	לָכֶם	2 m.	כְּמוֹכֶם	מִכֶּם
em vós (F.)	בָּכֶן	לָכֶן	2 f.	כְּמוֹכֶן	מִכֶּן
neles	בָּהֶם	לָהֶם	3 m.	כְּמוֹהֶם	מֵהֶם
nelas	בָּהֶן	לָהֶן	3 f.	כְּמוֹהֶן	מֵהֶן

Note que as palavras traduzidas "como" e "de" usam a forma longa para receberem os sufixos, e que as demais, "em", "para", meramente exigem uma vogal forte, como só acontece em hebraico. "Como" termina numa vogal, e portanto recebe os sufixos tipo plural. "De" perde o *nun* final dentro de um *meim* reduplicado, voltando para uma forma arcaica. Nas 2as e 3as pessoas do plural do sufixo, "de" se comporta segundo a fonética tradicional: exige reduplicação da consoante que segue, ou reduplica a vogal no caso de uma gutural.

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.

2. Memorize os vocábulos novos apresentados nesta lição.
3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.

Lição 50

A partícula de ligação – *vav*

Uma maneira muito comum de ligar duas palavras de qualquer tipo é pôr *vav* com *shevá* como um prefixo de segunda palavra das duas:

É o copulativo "e". Exemplo – aqui e ali פֹּה וְשָׁם

Qualquer verbo, substantivo ou nome próprio pode receber este *vav*.

ב מ פ – Estas três consoantes são as labiais, e quando recebem o *vav* copulativo, o *vav* é forçado a ser um *shuruq* – uma vogal para dar eufonia.

ali e aqui שָׁם וּפֹה e minha torre וּמִגְדָּלִי

N.B.: e três mulheres וּשְׁלֹשָׁה אֲנָשִׁים

A mesma regra se aplica às consoantes com *shevá*.

Este *shuruq* copulativo é a única vogal que inicia uma palavra hebraica.

misericórida e benção חֶסֶד וּבְרָכָה
querubins e serafins כְּרוּבִים וּשְׂרָפִים

Assim como as preposições prefixas, o *vav* copulativo recebe uma

© Crédito: Seven

vogal inteira quando precede *hateph*, e recebe *hiriq* antes de *yod* com *shevá*.

verdade e fé אֱמֶת וֶאֱמוּנָה

e Jerusalém וִירוּשָׁלַיִם

e eu וַאֲנִי

Uma forma especial – e Deus: וֵאלֹהִים

Resumindo, podemos dizer que o simples copulativo *vav*, fica com as mesmas vogais da preposição prefixa (inclusive na regra básica de ser *hiriq* pequeno antes de outro *shevá*). Veja pág. 210 *vav* conversivo.

O COMPARATIVO E O SUPERLATIVO DOS ADJETIVOS

O comparativo do adjetivo é feito com a preposição "de" mais o adjetivo simples. A preposição aqui se traduz "do que".

ele é menor do que seu pai הוּא קָטֹן מֵאָבִיו

O adjetivo que consta é "pequeno".

יוֹתֵר "Mais" oferece uma alternativa adicional para formar o comparativo do adjetivo. Pode seguir ou preceder o adjetivo.

זֶה יוֹתֵר טוֹב isto é melhor (isto mais bom) זֶה טוֹב יוֹתֵר

עִבְרִית יוֹתֵר יָפָה hebraico é mais bonito עִבְרִית יָפָה יוֹתֵר

בְּיוֹתֵר literalmente, "em mais" é a partícula que forma o superlativo do adjetivo que recebe o artigo e precede a partícula do superlativo citado.

(o homem o bom em mais) o melhor homem הָאִישׁ הַטּוֹב בְּיוֹתֵר

Existe uma forma alternativa, na qual a partícula do superlativo recebe o artigo, e o adjetivo fica sem:

(o homem o mais bom) o melhor homem הָאִישׁ הַיּוֹתֵר טוֹב

Há outra partícula do superlativo, הֲכִי que não leva o artigo que quer dizer "mais".

"A coisa mais difícil" הַדָּבָר הֲכִי קָשׁוּב

Note que, fora do sistema dos verbos, quase não há nada a ser aprendido na língua hebraica que causa dificuldades ao aluno. A ordem das palavras é bem diferente, mas tão padronizada que um hábito de simples leitura diária ensinará todos estes pontos.

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.
2. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.

Lição 51

Os números cardinais 1-10

O nº masculino				O nº feminino	
Absoluto	Construto			Absoluto	Construto
אֶחָד	אַחַד	1	UM	אַחַת	אַחַת
שְׁנַיִם	שְׁנֵי	2	DOIS	שְׁתַּיִם	שְׁתֵּי
שְׁלֹשָׁה	שְׁלֹשֶׁת	3	TRÊS	שָׁלֹשׁ	שְׁלֹשׁ
אַרְבָּעָה	אַרְבַּעַת	4	QUATRO	אַרְבַּע	אַרְבַּע
חֲמִשָּׁה	חֲמֵשֶׁת	5	CINCO	חָמֵשׁ	חֲמֵשׁ
שִׁשָּׁה	שִׁשֶּׁת	6	SEIS	שֵׁשׁ	שֵׁשׁ
שִׁבְעָה	שִׁבְעַת	7	SETE	שֶׁבַע	שְׁבַע
שְׁמֹנָה	שְׁמֹנַת	8	OITO	שְׁמֹנֶה	שְׁמֹנֶה
תִּשְׁעָה	תִּשְׁעַת	9	NOVE	תֵּשַׁע	תְּשַׁע
עֲשָׂרָה	עֲשֶׂרֶת	10	DEZ	עֶשֶׂר	עֶשֶׂר

© Crédito: Seven

A forma normativa (a mais simples) é o absoluto do feminino. Note que o número que acompanha o substantivo masculino tem uma terminação feminina. Esta tabela dá bons exemplos da formação do construto.

Masculino			Feminino	
ONZE	אַחַד עָשָׂר	11	ONZE	אַחַת עֶשְׂרֵה
DOZE	שְׁנֵים עָשָׂר	12	DOZE	שְׁתֵּים עֶשְׂרֵה
TREZE	שְׁלֹשָׁה עָשָׂר	13	TREZE	שְׁלֹשׁעֶשְׂרֵה

A lista do número masculino continua até 19, usando o masculino absoluto das unidades, mais a forma especial de 10: עָשָׂר	A lista no número feminino continua até 19, usando o feminino construto das unidades, mais a forma especial de dez: עֶשְׂרֵה

ESTES NÚMEROS EXISTEM SOMENTE NO ABSOLUTO!

O número um usa absoluto masculino e feminino depois do nome:

um homem אִישׁ אֶחָד uma mulher אִשָּׁה אַחַת

O número um também tem um plural, que quer dizer "alguns, algumas"

Masculino – alguns אֲחָדִים Feminino – algumas אֲחָדוֹת

O número dois fica no absoluto e vem antes do substantivo.

Os números três até dez quase sempre ficam no construto na linguagem bíblica, mas na língua falada ficam no absoluto. Em ambos os casos, precedem o substantivo.

Depois do número dez não há a forma do construto. Na língua falada, o construto de 3 até 10 é reservado para expressões partitivas, como segue: três dos homens שְׁלֹשָׁה הַנָּשִׁים (Masculino construto)

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.

2. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.

Lição 52

Dezenas, centenas e milhares

DEZ עֶשֶׂר (tem várias formas)

VINTE (20)	עֶשְׂרִים	SESSENTA (60)	שִׁשִּׁים
TRINTA (30)	שְׁלֹשִׁים	SETENTA (70)	שִׁבְעִים
QUARENTA (40)	אַרְבָּעִים	OITENTA (80)	שְׁמֹנִים
CINQÜENTA (50)	חֲמִשִּׁים	NOVENTA (90)	תִּשְׁעִים

Estas dezenas são invariáveis, e precedem o nome que enumeram.

CEM (100) מֵאָה

DUZENTOS	שְׁתֵּי מֵאוֹת	SEISCENTOS	שֵׁשׁ מֵאוֹת
TREZENTOS	שְׁלֹשׁ מֵאוֹת	SETECENTOS	שְׁבַע מֵאוֹת
QUATROCENTOS	אַרְבַּע מֵאוֹת	OITOCENTOS	שְׁמֹנֶה מֵאוֹת
QUINHENTOS	חֲמֵשׁ מֵאוֹת	NOVECENTOS	תְּשַׁע מֵאוֹת

Estas centenas se formam com o construto do feminino das unidades.

MIL (1.000) אֶלֶף

2.000	שְׁנֵי אֲלָפִים	6.000	שֵׁשֶׁת אֲלָפִים
3.000	שְׁלֹשֶׁת אֲלָפִים	7.000	שִׁבְעַת אֲלָפִים
4.000	אַרְבַּעַת אֲלָפִים	8.000	שְׁמֹנַת אֲלָפִים
5.000	חֲמֵשֶׁת אֲלָפִים	9.000	תִּשְׁעַת אֲלָפִים

Estes milhares se formam com o construto do masculino das unidades.

DEZ MIL (10.000): רִבָּבָה UM MILHÃO (1.000.000): מִלְיוֹן

É difícil formar regras infalíveis para usar o número na língua falada, e para compreendê-los na língua escrita. Por exemplo, 25 com o substantivo masculino fica חָמֵשׁ וְעֶשְׂרִים, e com o feminino fica חָמֵשׁ וְעֶשְׂרִים

© Crédito: Seven

ALGUMAS PARTÍCULAS DE LIGAÇÃO

Estas são algumas partículas bem úteis para formar frases básicas:

se	אִם	qual	כִּי	que	שְׁ	ou	אוֹ
mesmo	אַף	mas	אֲבָל			mas sim	אֶלָּה
mesmo se	אַף אִם			também	גַּם	a fim de	כְּדֵי
embora	אַף כִּי			quando	כַּאֲשֶׁר	do qual	מֵאֲשֶׁר

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.

2. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.

3. Aprenda os novos vocábulos.

Lição 53

Os números ordinais

1 PRIMEIRO	רִאשׁוֹן	6 SEXTO	שִׁשִּׁי
2 SEGUNDO	שֵׁנִי	7 SÉTIMO	שְׁבִעִי
3 TERCEIRO	שְׁלִישִׁי	8 OITAVO	שְׁמִינִי
4 QUARTO	רְבִיעִי	9 NONO	תְּשִׁיעִי
5 QUINTO	חֲמִישִׁי	10 DÉCIMO	עֲשִׂירִי

Estes números ordinais se empregam como adjetivos, que seguem o substantivo que definem, recebem o artigo definido se o substantivo o recebe, e têm formas do masculino e feminino, singular e plural.

TERMINAÇÃO CONSONANTAL		TERMINAÇÃO VOCÁLICA	
Singular			
primeiro	רִאשׁוֹן	Masc. segundo	שֵׁנִי
primeira	רִאשׁוֹנָה	Fem. segunda	שֵׁנִית
Plural			
primeiros	רִאשׁוֹנִים	Masc. segundos	שֵׁנִיִּים
primeiras	רִאשׁוֹנוֹת	Fem. segundas	שֵׁנִיּוֹת

Os ordinais depois do décimo são os cardinais mais o artigo definido.
a primeira glória, esplendor הַתִּפְאָרָה הָרִאשׁוֹנָה

(O-Salmo vinte-e-nove)
o vigésimo-nono Salmo הַמִּזְמוֹר הָעֶשְׂרִים וְתִשַׁע

Os números ordinais desde o décimo-primeiro até o décimo-nono ainda têm masculino e feminino, exatamente como os cardinais (mais o artigo)
הָאַחַת עֶשְׂרֵה (F) DÉCIMO-PRIMEIRO (M) הָאֶחָד עָשָׂר

As dezenas já são imutáveis – "trigésimo", masculino e feminino, singular e plural הַשְּׁלִשִׁים, assim como as centenas.

AS FRAÇÕES SE FORMAM COM OS NÚMEROS ORDINAIS NO FEMININO SINGULAR

"Terceira" quer dizer "uma terceira parte", ou seja, "um terço".

Só as metades, quartos e quintas que têm palavras especiais.

1/3 UM TERÇO שְׁלִישִׁית 1/8 UM OITAVO עֲשִׂירִית

As seguintes três frações de uso comum têm formas especiais:
METADE ½ חֲצִי QUARTO ¼ רֶבַע QUINTO 1/5 חֹמֶשׁ
uma meia hora חֲצִי שָׁעָה em meados de noite חֲצוֹת לַיְלָה

© Crédito: Seven

O assunto dos números é complicado demais para o estudante perder demasiado tempo com ele. No texto bíblico não são muito comuns – a mente hebraica nunca aceitou o sistema de estatísticas. Quanto à língua falada, o povo está simplificando as regras complicadas.

EXERCÍCIOS

1. Memorize as palavras novas que vêm sendo introduzidas.
2. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.

Lição 54

O dual dos substantivos

O dual é a forma do plural de objetos que naturalmente existem em pares. O estudante deve notar que isto não quer dizer "dois objetos".

FEMININO	
pé, perna רֶגֶל	qualquer número de pernas רַגְלַיִם
FEMININO	
ouvido, orelha אֹזֶן	qualquer número de ouvidos אָזְנַיִם
mão (F) יָד	mãos pequenas יָדַיִם קְטַנּוֹת
(F) lábio שָׂפָה	lábios puros שְׂפָתַיִם זַכּוֹת
(F) olho עַיִן	olhos brilhantes עֵינַיִם בְּהִירוֹת
	olhos vivos
(F) dente שֵׁן	dentes afiados שִׁנַּיִם חַדּוֹת

No dual, o acento incide no *patah*, e a palavra "pernas", portanto, se pronuncia "*ragláyim*". Essas palavras são usualmente femininas. Com número maior — "Dez mãos fortes" עֶשֶׂר יָדַיִם חֲזָקוֹת

Há casos raros de o dual significar *dois*, quando existe um plural:

ano (F) שָׁנָה	anos (F) שָׁנִים	dois anos שְׁנַיִם
dia (M) יוֹם	dias יָמִים	dois dias יוֹמַיִם

Há palavras que existem no dual sem ter singular nem plural:

água (M) מַיִם céu שָׁמַיִם rosto (M) פָּנִים

As três tomam o adjetivo no masculino plural.

Entre as demais palavras que não têm plural existem as coletivas:

aves עוֹף ovelhas, rebanho צֹאן gado, vacas בָּקָר

OS ADVÉRBIOS

O advérbio é uma palavra imutável que modifica o sentido do verbo, do adjetivo, ou até de um outro advérbio.

Exemplo: "Todo ouro brilha muito" כֹּל זָהָב אוֹר מְאֹד

ADVÉRBIOS DE TEMPO

agora	עַכְשָׁיו	então	אָז	sempre	תָּמִיד
hoje	הַיּוֹם	ontem	אֶתְמוֹל	amanhã	מָחָר
ADVÉRBIOS DE LUGAR		para lá	שָׁמָּה	para cá	הֵנָּה
junto a	יַחַד	perto de	קָרוֹב	longe de	רָחוֹק
ADVÉRBIOS DE MANEIRA		um pouco	עֵם	súbito	פִּתְאֹם
bem	הֵיטֵב	rapidamente	מַהֵר	devagar	לְאַט
pacificamente em paz	בְּשָׁלוֹם	sabiamente em sabedoria	בְּחָכְמָה		

EXERCÍCIOS

1. Memorize as novas formas e palavras apresentadas.
2. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.

© Crédito: Seven

Lição 55

O uso de אַיִן e יֵשׁ

אַיִן quer dizer "zero, nada, não há, etc.", segundo o contexto, onde pode ser o negativo de "ser, estar, ter ou fazer".

יֵשׁ quer dizer "há". "Há para mim" quer dizer "eu tenho".

"Eu tenho, mas tu não tens" לִי יֵשׁ אֲבָל לְךָ אַיִן

"Eu não tenho dinheiro" (Não-há para-mim prata) אֵין לִי כֶּסֶף

O construto é אֵין

(Não-há coisa) (Até não-há fim)

de nada אֵין דָּבָר etcétera עַד אֵין סוֹף

("NINGUÉM" está subentendido)

não há ninguém maior do que o rei אֵין גָּדוֹל מִן הַמֶּלֶךְ

Esta pequena partícula "não há" até recebe sufixos pronominais: אַיִן com sufixos "eu não sou, não faço, não tenho, não estou".

Singular			Plural	
1 m.f.	eu não sou	אֵינֶנִּי ou אֵינִי	1 m.f.	אֵינֶנּוּ
2 m.	tu não és (M.)	אֵינְךָ	2 m.	אֵינְכֶם
2 f.	tu não és (F.)	אֵינֵךְ	2 f.	אֵינְכֶן
3 m.	ele não é	אֵינֶנּוּ ou אֵינוֹ	3 m.	אֵינָם
3 f.	ela não é	אֵינֶנָּה - אֵינָהּ	3 f.	אֵינָן

Note as três formas alternativas:

EXEMPLOS: eu não sou mais rei אֵינֶנִּי עוֹד מֶלֶךְ

eu não estou fazendo coisa alguma אֵינֶנִּי עוֹשֶׂה מְאוּמָה

não sabes ler hebraico אֵינְךָ יוֹדֵעַ לִקְרֹא עִבְרִית

יֵשׁ "há" se usa como segue – há esperança יֵשׁ תִּקְוָה

יֵשׁ "Há" é um tipo de construto para formar ligações com outras palavras: Eu tenho uma casa na bela cidade יֵשׁ־לִי בַּיִת בָּעִיר הַיָּפָה

(Há para mim casa)

Nenhuma dessas duas partículas precisa do pronome pessoal, o qual apenas aparece na frase para formar uma ênfase adicional. É justamente no uso de partículas dessa natureza que se vê a chave da linguagem idiomática hebraica. Os verbos-chave "ser", "estar", "ter", "haver" e "fazer", embora que existam em hebraico de formas distintas, são tão básicos no pensamento do povo que muitas vezes ficam subentendidos, como temos visto no caso destas partículas. O estudante sempre vai estranhar as expressões idiomáticas em hebraico até que aprenda a sempre estar pronto a achar um destes cinco verbos entre as linhas, ou entre as palavras faladas.

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.
2. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.

Lição 56

O acusativo – a partícula אֶת

אֶת é a partícula que indica o acusativo. Não existe o caso do acusativo nas declinações, mas, sim, qualquer substantivo definido pode ser precedido por esta partícula para ser considerado no acusativo. O substantivo é definido 1) pelo artigo, 2) pelo construto, 3) pelo sufixo pronominal e 4) por ser um nome próprio.

© Crédito: Seven

1) Eu tomo o escudo — אֲנִי לוֹקֵחַ אֶת הַמָּגֵן
2) Moisés conhece o pai de Raquel — מֹשֶׁה יוֹדֵעַ אֶת־אֲבִי רָחֵל
3) Rute ama seu pai — רוּת אוֹהֶבֶת אֶת־אָבִיהָ
4) Gideão vê Maria — גִּדְעוֹן רוֹאֶה אֶת־מִרְיָם

Nunca podemos colocar a partícula do acusativo com um substantivo que não está definido de uma das quatro maneiras aqui exemplificadas.
"João gosta de montanhas" יוֹחָנָן אוֹהֵב הָרִים

Esta partícula com sufixos pronominais forma o acusativo do pronome.

אֶת com sufixos

Singular			Plural		
1 m.f.	me	אוֹתִי	1 m.f.	nos	אוֹתָנוּ
2 m.	te (M.)	אוֹתְךָ	2 m.	vos (M.)	אֶתְכֶם
2 f.	te (F.)	אוֹתָךְ	2 f.	vos (F.)	אֶתְכֶן
3 m.	o	אוֹתוֹ	3 m.	os	אוֹתָם
3 f.	a	אוֹתָהּ	3 f.	as	אוֹתָן

Como só acontece com palavras curtas hebraicas, há vocalização forte para receber os sufixos, que volta à forma breve antes dos sufixos pesados.
eis o leão, eu o vejo — הִנֵּה הָאַרְיֵה אֲנִי רוֹאֶה אוֹתוֹ
Jacó toma o livro e o abre — יַעֲקֹב לוֹקֵחַ אֶת הַסֵּפֶר וּפוֹתֵחַ אוֹתוֹ

VOCABULÁRIO BÍBLICO – A OFERTA

oferta de libação	נֶסֶךְ	coisa santa, dedicada	מִקְדָּשׁ
holocausto	עֹלָה	sacrifício queimado	אִשֶּׁה
oferta, contribuição	תְּרוּמָה	oferta dedicada	קָרְבָּן
incenso	קְטֹרֶת	pão asmo	מַצָּה

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.
2. Memorize os vocábulos que aparecem aqui.
3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.

Lição 57

As preposições separadas

PREPOSIÇÕES DE LUGAR

a, para	אֶל	até	עַד	em frente	לִפְנֵי
na direção de	לִפְנוֹת	perante diante de	נֶגֶד	para a frente oposto a	נֹכַח
para com	לְעֻמַּת	defronte de	מוּל	perto de	אֵצֶל
com	אֵת	entre	בֵּין	atrás de	בַּעַד
além, aquém	עֵבֶר	após, atrás	אַחַר	depois de	אַחֲרֵי
sobre	עַל	debaixo de	תַּחַת	ao redor de	סָבִיב
dentro de	בֵּית	fora de	חוּץ	de cima	מִמַּעַל

PREPOSIÇÕES DE LUGAR COMPOSTAS COM AS PREPOSIÇÕES PREFIXAS

no meio de	בְּתוֹךְ	no interior de	בְּקֶרֶב
no outro lado de	בְּעֵבֶר	de encontro com	לִקְרַאת
de sobre, de cima	מֵעַל	de com	מֵאֵת
de debaixo de	מִתַּחַת	de entre	מִבֵּין

Exemplo típico do uso das preposições compostas:

© Crédito: Seven

פַּרְעֹה לוֹקֵחַ אֶת־רִבֿד הַזָּהָב מִבֵּין יָדָיו וְנוֹתֵן אוֹתוֹ לְסָבִיב צַוָּאר יוֹסֵף
"Faraó toma a corrente de ouro de entre suas mãos e põe-na para ao redor do pescoço de José" (note a precisão em definir as preposições).

Com os seguintes substantivos pode-se compor preposições à vontade, usando as preposições prefixas para fazer preposições de lugar:

Oriente, frente קֶדֶם	Oriente קָדִים	Oriente מִזְרָח
Ocidente, Oeste מַעֲרָב	Norte, esquerda שְׂמֹאל	
Norte צָפוֹן	Sul, direita יָמִין	

Para fazer as preposições, é só formar expressões como "do Oriente" "para o Sul" segundo as regras para o uso das preposições prefixas que se acham na página 101. Note as palavras "esquerda" e "direita" que se acham como alternativos para "Norte" e "Sul". O Sul está à esquerda de quem olha para o Mediterrâneo de uma situação em Israel.

Aqui temos uma coleção bem completa das preposições de lugar, sendo que é necessário conhecê-las pelo fato de darem direção ao pensamento da frase. As causais, relativas e finais, acham-se logo adiante.

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.

2. Memorize os novos vocábulos apresentados.

3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.

Lição 58

Preposições com sufixos – I

A maioria das preposições pode receber os sufixos do pronome pessoal.

perto de	אֶצֶל	com, perto	אֵת	com, por	עִם
Singular do sufixo					
1 m.f.	אֶצְלִי	comigo	אִתִּי	comigo	עִמִּי
2 m.	אֶצְלְךָ	contigo (M.)	אִתְּךָ	contigo (M.)	עִמְּךָ
2 f.	אֶצְלֵךְ	contigo (F.)	אִתָּךְ	contigo (F.)	עִמָּךְ
3 m.	אֶצְלוֹ	consigo (M.)	אִתּוֹ	consigo (M.)	עִמּוֹ
3 f.	אֶצְלָהּ	consigo (F.)	אִתָּהּ	consigo (F.)	עִמָּהּ
Plural do sufixo					
1 m.f.	אֶצְלֵנוּ	conosco	אִתָּנוּ	conosco	עִמָּנוּ
2 m.	אֶצְלְכֶם	convosco (M.)	אִתְּכֶם	convosco (M.)	עִמָּכֶם
2 f.	אֶצְלְכֶן	convosco (F.)	אִתְּכֶן	convosco (F.)	עִמָּכֶן
3 m.	אֶצְלָם	com eles	אִתָּם	com eles	עִמָּם
3 f.	אֶצְלָן	com elas	אִתָּן	com elas	עִמָּן

Aqui o sufixo pronominal não se refere a um possuidor, mas sim, à pessoa que sofre o efeito da preposição. "Perto de mim", "perto de ti", etc., têm a mesma declinação que qualquer substantivo. As duas palavras monossilábicas são como os substantivos curtos "mãe" e "filha", descritos na página 98. Note apenas o *qamats* na 2ª feminino singular e na 1ª masculino e feminino plural. Aqui está sendo empregado o tipo de sufixo usado com o substantivo singular, ou seja, o tipo consonantal.

A reduplicação que se nota nas duas palavras que igualmente querem dizer "com" aponta para raízes trilaterais (é *dagesh* forte, portanto). Compare "convosco" (aqui) com "vós" (acusativo) na Lição 57.

VOCABULÁRIO – PREPOSIÇÕES DE CAUSA E DE FINALIDADE

a fim de que	בַּעֲבוּר	a fim de que	לְבַעֲבוּר
em prol de	בְּגֹלַל	em prol de	עַל־אוֹדוֹת
por causa de	יַעַן	para que, porque	לְמַעַן
em favor de	בְּעַד	em consideração de	לְנֹכַח
com resultado que	עֵקֶב	porque	עַל־עֵקֶב
a fim de	עַל־דְּבַר	por causa de	בִּשְׁבִיל

© Crédito: Seven

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.

2. Memorize os vocábulos novos apresentados nesta lição.

3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.

Lição 59

Preposições com sufixos – II

Algumas preposições que recebem os sufixos tipo plural (com *yod*):

	sobre עַל	para אֶל		perante לִפְנֵי	depois אַחֲרֵי
	Singular do sufixo				
1 m.f.	עָלַי	אֵלַי	1 m.f.	לְפָנַי	אַחֲרַי
2 m.	עָלֶיךָ	אֵלֶיךָ	2 m.	לְפָנֶיךָ	אַחֲרֶיךָ
2 f.	עָלַיִךְ	אֵלַיִךְ	2 f.	לְפָנַיִךְ	אַחֲרַיִךְ
3 m.	עָלָיו	אֵלָיו	3 m.	לְפָנָיו	אַחֲרָיו
3 f.	עָלֶיהָ	אֵלֶיהָ	3 f.	לְפָנֶיהָ	אַחֲרֶיהָ
	Plural do sufixo				
1 m.f.	עָלֵינוּ	אֵלֵינוּ	1 m.f.	לְפָנֵינוּ	אַחֲרֵינוּ
2 m.	עֲלֵיכֶם	אֲלֵיכֶם	2 m.	לְפָנֵיכֶם	אַחֲרֵיכֶם
2 f.	עֲלֵיכֶן	אֲלֵיכֶן	2 f.	לְפָנֵיכֶן	אַחֲרֵיכֶן
3 m.	עֲלֵיהֶם	אֲלֵיהֶם	3 m.	לְפָנֵיהֶם	אַחֲרֵיהֶם
3 f.	עֲלֵיהֶן	אֲלֵיהֶן	3 f.	לְפָנֵיהֶן	אַחֲרֵיהֶן

Assim como temos visto no caso de substantivos como "pai" "irmão" e "sogro" (veja Lição 46), as duas preposições monossilábicas que constam nesta tabela se estendem para uma raiz trilateral pela adição de um *yod*. Uma vez que aparece o *yod*, os sufixos seguem o mo-

delo para substantivos no plural com sufixos. Quanto às demais preposições nesta tabela, já constam no construto do plural. A preposição "perante" é feita com a palavra "face", que só existe no plural, mais a preposição prefixa (לְ) formando a expressão "Para-a-a-face-de", então "perante", "na presença de". Do mesmo modo, "depois de", "atrás de" se forma do substantivo "posterior" no construto do plural.

As fontes substantivais são:

"Posterior" אַחַר

"Face" פָּנִים

VOCABULÁRIO — PREPOSIÇÕES TEMPORAIS E RELATIVAS

		Temporais			
desde	מִן	antes de	מִטֶּרֶם	durante	בְּעוֹד
desde então	מֵאָז	depois de	אַחַר	antes de	לִפְנֵי
		Relativas			
cada vez que	מִדֵּי	por intermédio de	בְּעַד	ao invés de	מִתַּחַת
além de	בִּלְעֲדֵי	sem	בְּלִי	sem	בִּלְתִּי
exceto	בְּאֶפֶס	exceto	זוּלַת	a não ser	מִלְּבַד

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.

2. Memorize os vocábulos novos apresentados nesta lição.

3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.

© Crédito: Seven

Lição 60

Os pronomes interrogativos

מַה "O quê?" recebe modificações de vogal semelhantes às do artigo definido.

Como vai? (Que é tua saúde?) מַה שְׁלוֹמְךָ

מָה Com *qamats* antes de *aleph, ayin* e *reish*: ר ע א

O que fazem os filhos à noite? מָה עוֹשִׂים הַבָּנִים בַּלַּיְלָה

Com *hei, heit* e *ayin* vocalizados com *qamats*.

מֶה com ע ח ה

O que é que pensaste sobre isto, e qual foi tua resposta?

מֶה חָשַׁבְתָּ עַל זוֹת וּמֶה הָיְתָה תְּשׁוּבָתֶךָ

מִי "quem?" Quem é este hóspede? מִי הַגֵּר הַזֶּה

"Quem" e "o quê?" têm sentido distributivo: "qualquer um que" com "qualquer que sabe" מִי שֶׁיּוֹדֵעַ e "quem sabe?" מִי יוֹדֵעַ

Tudo o que fazes, faze-o com toda a tua força

אֶת כָּל־מַה שֶּׁתַּעֲשֶׂה עֲשֵׂהוּ בְּכָל מְעוֹדֶךָ

onde?	אֵיפֹה	onde?	אַיֵּה	como?	אֵיךְ
por quê?	מַדּוּעַ	por quê?	לָמָּה	qual?	אֵיזֶה

OS PRONOMES DEMONSTRATIVOS

este M. Singular	זֶה	esta F.	זֹאת	Plural M. F.	אֵלֶּה

Estes pronomes exigem que o substantivo que eles definem tenha o artigo definido. Senão, o verbo "ser" é subentendido.

isto é louvor זֹאת תְּהִלָּה esta oração הַתְּפִלָּה הַזֹּאת

"Aquele" se exprime com a terceira pessoa do pronome simples precedido pelo artigo definido. Sem o artigo, o verbo "ser" é subentendido.

aquele aquela

este homem הָאִישׁ הַהוּא esta mulher הָאִשָּׁה הַהִיא

Esse pronome se usa no singular "aquele" e no plural, masculino e feminino:

estas são as mulheres הֵן הַנָּשִׁים

"O mesmo" e "a mesma" se formam com a terceira pessoa da partícula do acusativo.

a mesma aliança (feminino singular) אוֹתָהּ הַבְּרִית

OS PRONOMES RELATIVOS

אֲשֶׁר "Que" שֶׁ "Que" (este último exige reduplicação da consoante como se vê abaixo.)

Não tem flexão de gênero nem de número.

A cidade que está no Arabá הָעִיר אֲשֶׁר בָּעֲרָבָה

(O nome desta parte de Israel quer dizer "planície", "terra seca".)

Da peste que despoja na escuridão מִדֶּבֶר שֶׁשּׁוֹד בַּחֹשֶׁךְ

Para formar "em que", "para que", etc., coloca-se uma preposição final.

O trono no qual o rei está assentado (que... nele).

הַכִּסֵּא אֲשֶׁר הַמֶּלֶךְ יוֹשֵׁב בּוֹ

Esta forma idiomática é da máxima importância na Bíblia hebraica.

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.
2. Memorize os vocábulos novos apresentados nesta lição.
3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.

© Crédito: Seven

Lição 61

Os substantivos segolados

A forma clássica do segolado é de um substantivo com três consoantes, as primeiras duas tendo a vogal *segol*. Isso produz uma sílaba aberta seguida por uma fechada. Os substantivos segolados possuem as seguintes três qualidades:

1) O acento cai na primeira sílaba (na forma absoluta).
2) Não há modificação para formar o construto.
3) A segunda vogal cai quando o segolado recebe sufixos.

Aqui segue um segolado com sufixos, no qual o primeiro *segol* permanece, pelo menos no singular:

Quarto חֶדֶר Plural - חֲדָרִים Construto Plural חַדְרֵי

Singular do substantivo			Plural do substantivo	
quarto			quartos	
Singular do sufixo				
meu quarto	חַדְרִי	1 m.f.	meus quartos	חֲדָרַי
teu quarto (m.)	חַדְרְךָ	2 m.	teus quartos (m.)	חֲדָרֶיךָ
teu quarto (f.)	חַדְרֵךְ	2 f.	teus quartos (f.)	חֲדָרַיִךְ
quarto dele	חַדְרוֹ	3 m.	quartos dele	חֲדָרָיו
quarto dela	חַדְרָהּ	3 f.	quartos dela	חֲדָרֶיהָ
Plural do sufixo				
nosso quarto	חַדְרֵנוּ	1 m.f.	nossos quartos	חֲדָרֵינוּ
vosso quarto (m.)	חַדְרְכֶם	2 m.	vossos quartos (m.)	חֲדָרֵיכֶם
vosso quarto (f.)	חַדְרְכֶן	2 f.	vossos quartos (f.)	חֲדָרֵיכֶן
quarto deles	חַדְרָם	3 m.	quartos deles	חֲדָרֵיהֶם
quarto delas	חַדְרָן	3 f.	quartos delas	חֲדָרֵיהֶן

Torna-se necessário destacar agora o fato de esta tabela não representar o tipo de segolado mais comum. Consta, portanto, como modelo básico porque pouca alteração existe entre o absoluto e a forma da palavra com sufixos. Os demais segolados que ficam com *segol* na declinação, normalmente têm *tsereh* no absoluto (e no construto que é igual ao absoluto). No plural da palavra acima, a primeira sílaba recebe *hateph patah* por causa de ter uma letra gutural. Como veremos, os plurais são sempre iguais no absoluto — *shevá* com a 1ª sílaba, e *qamats* com a 2ª. A vogal-chave, neste caso o *segol* mesmo, se vê no singular do substantivo, com todos os sufixos singular e plural, no construto plural do substantivo, e no plural do substantivo com os sufixos pesados. Quer dizer que o absoluto singular e plural não serve para indicar a declinação, embora que o construto do plural também receba a vogal-chave (que só nesta palavra-modelo coincide com o absoluto). Confira essas explicações com a declinação supra, para entender bem. É bom saber que vamos encontrar segolados que obedecem às três leis acima sem ter *segol* nenhum.

OUTRAS TRÊS PALAVRAS QUE CONSERVAM *SEGOL* NA DECLINAÇÃO

porção חֵלֶק seleção חֵלֶב rebanho עֵדֶר

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.
2. Memorize os vocábulos novos apresentados nesta lição.
3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.

© Crédito: Seven

Lição 62

Segolados com *patah*

Aqui segue a família de segolados que tem mais importância, pelo fato de conter o maior número de segolados, e também pelo fato de os segolados mais comuns pertencerem a ela. Já que é a terceira regra dos segolados que a segunda vogal cai antes dos prefixos, é natural que a primeira (*segol*) assume uma forma mais estável (*patah*).

1)		2)		3)	
caminho	דֶּרֶךְ	alma F.	נֶפֶשׁ	terra	אֶרֶץ
Singular do sufixo					
1 m.f.	דַּרְכִּי	1 m.f.	נַפְשִׁי	1 m.f.	אַרְצִי
2 m.	דַּרְכְּךָ	2 m.	נַפְשְׁךָ	2 m.	אַרְצְךָ
Plural do sufixo					
1 m.f.	דַּרְכֵּנוּ	1 m.f.	נַפְשֵׁנוּ	1 m.f.	אַרְצֵנוּ
2 m.	דַּרְכְּכֶם	2 m.	נַפְשְׁכֶם	2 m.	אַרְצְכֶם
Plural do substantivo					
Absoluto	דְּרָכִים	Absoluto	נְפָשׁוֹת	Absoluto	אֲרָצִים
Construto	דַּרְכֵי	Construto	נַפְשׁוֹת	Construto	אַרְצֵי
Plural do substantivo com sufixos leves e pesados					
1 m.f. Sing.	דְּרָכַי	1 m.f. Sing.	נְפָשׁוֹתַי	1 m.f. sing.	אֲרָצַי
2 m. Plural	דַּרְכֵיכֶם	2 m. Plural	נַפְשׁוֹתֵיכֶם	2 m. plural	אַרְצֵיכֶם

A lista nº 1 revela a divisão das sílabas pela consoante *kaph* na 3ª radical, que é uma das seis letras que recebem o *dagesh* leve para começar a sílaba. No plural, este *dagesh* não ocorre, sendo que o *shevá* é sonoro (está representando o *qamats* do absoluto do plural).

A lista nº 2 mostra o segolado sem consoantes especiais, feminino.

A lista nº 3 mostra o segolado da mesma família, tendo, porém,

uma letra gutural na primeira radical, havendo, portanto, *hateph patah* no lugar do *shevá*, ou *patah* inteiro antes de outro *shevá*.

As formas supra revelam todas as possibilidades de mudanças. O estudante deve agora escrever estas listas por extenso.

VOCABULÁRIO BÁSICO DOS SEGOLADOS DECLINADOS COM *PATAH*

1)					
dinheiro	כֶּסֶף	mil, manada	אֶלֶף	rei	מֶלֶךְ
mocinho	יֶלֶד	arca (F.)	קֶשֶׁת	porta (F.)	דֶּלֶת
2)					
videira	גֶּפֶן	óleo	שֶׁמֶן	pão	לֶחֶם
graças recompensa	שֶׁלֶם	pomar	כֶּרֶם	canto, chifre (F.)	קֶרֶן
3)					
corda	חֶבֶל	servo	עֶבֶד	osso (F.)	עֶצֶם
pedra F.	אֶבֶן	base	אֶדֶן	cedro	אֶרֶז

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.
2. Desenvolva por extenso, segundo os paradigmas dados nesta lição, os demais verbetes aqui dados como exemplos.
3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.
4. Memorize os vocábulos novos apresentados nesta lição.

© Crédito: Seven

Lição 63

Segolados com *hiriq*

Estes segolados recebem *hiriq* no lugar do primeiro *segol*, para formar a declinação. O plural absoluto e o plural com sufixos leves é o mesmo em quase cada família, e não recebe a vogal-chave.

1)		2)		3)	
justiça	צֶדֶק	tribo	שֵׁבֶט	abertura	פֶּתַח
Singular do sufixo					
1 m.f.	צִדְקִי	1 m.f.	שִׁבְטִי	1 m.f.	פִּתְחִי
2 m.	צִדְקְךָ	2 m.	שִׁבְטְךָ	2 m.	פִּתְחֶךָ
Plural do sufixo					
1 m.f.	צִדְקֵנוּ	1 m.f.	שִׁבְטֵנוּ	1 m.f.	פִּתְחֵנוּ
2 m.	צִדְקְכֶם	2 m.	שִׁבְטְכֶם	2 m.	פִּתְחֶכֶם
Plural do substantivo					
Absoluto	צִדְקִים	Absoluto	שְׁבָטִים	Absoluto	פְּתָחִים
Construto	צִדְקֵי	Construto	שִׁבְטֵי	Construto	פִּתְחֵי
Plural do substantivo com sufixos leves e pesados					
Singular	צִדְקִי	1 m.f. Sing.	שִׁבְטִי	1 m.f.	פִּתְחִי
Plural	צִדְקֵיכֶם	2 m. Plural	שִׁבְטֵיכֶם	2 m.	פִּתְחֵיכֶם

Escreva a declinação por extenso.

1) É a forma mais simples desta família, que se forma simplesmente colocando a vogal-chave *hiriq* nos modelos que já conhecemos. Note apenas que o plural só recebe esta vogal no construto, e com os sufixos pesados 2ª masculino, 2ª feminino, 3ª masculino, 3ª feminino do plural do sufixo.

2) É a mesma forma dada no item 1, só que o absoluto do singular (que é igual ao construto) tem *tsereh* e não *segol*.

3) É o caso de terminar com *heit* ou com *ayin*. Ambas essas guturais têm a qualidade de atrair um *patah* para si. Se estivessem na segunda radical, podiam exigir que ambas as vogais (inclusive a da primeira consoante radical) ficassem na forma *patah*. Quando vem um sufixo vocálico, os membros deste terceiro item ficam iguais ao resto da família, já que estas duas guturais aceitam qualquer vogal para reger. A dificuldade delas é ficar no fim da palavra sem nenhuma indicação firme da sua presença. Onde haviam de receber *shevá*, exigem *hateph patah*, seguindo a norma das guturais.

VOCABULÁRIO BÁSICO DOS SEGOLADOS DECLINADOS COM *HIRIQ*

1)					
interior	קֶרֶב	carro, vagão	רֶכֶב	chuva	גֶּשֶׁם
bandeira	דֶּגֶל	ventre	בֶּטֶן	voto	נֶדֶר
sepultura	קֶבֶר	peso	שֶׁקֶל	roupa	בֶּגֶד
2)					
livro, rolo	סֵפֶר	pronunciamento	אֵמֶר	vale	עֵמֶק
3)					
flor	פֶּרַח	momento	רֶגַע	golpe, praga	נֶגַע

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.
2. Desenvolva por extenso, segundo os paradigmas dados nesta lição, os demais verbetes aqui dados como exemplos.
3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.
4. Memorize os vocábulos novos apresentados nesta lição.

© Crédito: Seven

Lição 64

Segolados com *holam*

Estes segolados têm *holam* no absoluto e no construto, que é idêntico ao absoluto. Na declinação, aparece *qamats qatan* ("o" breve).

1) santidade		2) limpeza		3) dureza	
pureza	קֹדֶשׁ	pureza	טֹהַר	dificuldade	קֹשִׁי
Singular do sufixo					
1 m.f.	קָדְשִׁי	1 m.f.	טָהֳרִי	1 m.f.	קָשְׁיִי
2 m.	קָדְשְׁךָ	2 m.	טָהֳרְךָ	2 m.	קָשְׁיְךָ
Plural do sufixo					
1 m.f.	קָדְשֵׁנוּ	1 m.f.	טָהֳרֵנוּ	1 m.f.	קָשְׁיֵנוּ
2 m.	קָדְשְׁכֶם	2 m.	טָהֳרְכֶם	2 m.	קָשְׁיְכֶם
Plural do substantivo					
Absoluto	קָדָשִׁים	Absoluto	טְהָרִים	Absoluto	קָשַׁיִים
Construto	קָדְשֵׁי	Construto	טָהֳרֵי	Construto	קָשְׁיֵי
Plural do substantivo com sufixos leves e pesados					
1 m.f. Sing.	קָדָשַׁי	1 m.f. Sing.	טְהָרַי	1 m.f. sing.	קָשָׁיַי
2 m. Plural	קָדְשֵׁיכֶם	2 m. Plural	טָהֳרֵיכֶם	2 m. plural	קָשְׁיֵיכֶם

Escreva a declinação por extenso.

1) O *holam* só existe nesta declinação quando não há sufixos pronominais nem sufixos do plural. O *qamats* é pequeno, mas não se escreve de uma forma especial (com *shevá*), sendo que a segunda vogal já é *shevá*, segundo o costume dos segolados. Ora, *qamats* antes de *shevá* sempre é breve, exceto no caso do passado do verbo. No plural, tanto no absoluto como com os sufixos leves, o *qamats* pequeno é escrito como *hateph*.

2) Quando a segunda radical é uma gutural, a segunda vogal é *qamats qatan*, para fazer companhia à primeira.

3) No absoluto, a terceira consoante forma um ditongo *hiriq* grande. No singular, segue nº 1, mas no plural tem vocalização breve.

largura	רֹחַב	forma a declinação com *dagesh* leve - que mostra a nova sílaba.	רָחְבֵי
sacerdote	כֹּהֵן	conserva o *holam* - Plural absoluto	כֹּהֲנִים

VOCABULÁRIO BÁSICO DOS SEGOLADOS QUE TÊM *HOLAM* NO ABSOLUTO E CONSTRUTO

1)					
comida	אֹכֶל	tenda	אֹהֶל	mês	חֹדֶשׁ
comprimento	אֹרֶךְ	farinha	סֹלֶת	latão	נְחֹשֶׁת
				cobre	
2)					
gentileza	נֹעַם	trilho	אֹנַח	largura	רֹחַב
3)					
beleza	יֹפִי	caráter	אֹפִי	doença	חֳלִי

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.
2. Desenvolva por extenso, segundo os paradigmas dados nesta lição, os demais verbetes aqui dados como exemplos.
3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.
4. Memorize os vocábulos novos apresentados nesta lição.

© Crédito: Seven

Lição 65

Segolados sem *segol* nenhum

Estes segolados não têm *segol* na forma absoluta, mas não somente obedecem às regras gerais dos segolados, como também revelam uma tendência para *segol*.

1) vaso		2) moço		3)	
utensílio	כְּלִי	rapaz	נַעַר	vinho	יַיִן
Forma pausal	כֶּלִי	Construto	נַעַר	Construto	יֵין
Singular do sufixo					
meu vaso	כֶּלְיִי	1 m.f.	נַעֲרִי	meu vinho	יֵינִי
teu vaso M.	כֶּלְיְךָ	2 m.	נַעֲרְךָ	teu vinho	יֵינְךָ
Plural do sufixo					
nosso vaso	כֶּלְיֵנוּ	1 m.f.	נַעֲרֵנוּ		יֵינֵנוּ
vosso vaso	כֶּלְיֵכֶם	2 m.	נַעֲרְכֶם		יֵינְכֶם
Os plurais seguem as normas tradicionais dos segolados -					
Plural Absoluto	כֵּלִיִים	Plural absoluto	נְעָרִים	Plural absoluto	יַיִנִים
Plural Construto	כְּלֵיי	Plural construto	נַעֲרֵי	Plural construto	יֵינֵי
Plural do substantivo com sufixos leves e pesados					
meus vasos	כְּלָיַי	1 m.f. Sing.	נְעָרַי	1 m.f. sing.	יֵינַי
vossos vasos	כֶּלְיֵיכֶם	2 m. Plural	נַעֲרֵיכֶם	2 m. plural	יֵינֵיכֶם

Escreva a declinação por extenso.

Onde está o *segol*? No item nº 1, há uma forma no pausal, onde o *segol* aparece, embora o absoluto tenha uma forma mais curta. É o caso raro de uma forma especial para o pausal do segolado.

O item nº 2 tem dois *patah*, que é, aliás, bem comum no caso de

uma letra gutural ocorrer numa palavra que teria dois *segol* (lembra-se do presente do *ayin* gutural e do *lamed* gutural).

No item nº 3 há um construto com *tsereh*, que toma o lugar de dois *segol*, sendo que o *ayin* que o segue não tem vogal, mas, sim, forma uma vogal *plene* com o *tsereh*. Esta vogal plenamente escrita não se altera mais na declinação, nem com os sufixos, nem com as formas do plural.

VOCABULÁRIO BÁSICO DOS SEGOLADOS SEM *SEGOL* NENHUM

1) fruta	פְּרִי	queixo	לְחִי	cabrito	גְּדִי
2) casa	בַּיִת	azeitona oliveira	זַיִת	noite	לַיִל
poder exército	חַיִל	carneiro carvalho	אַיִל	olho	עַיִן
3) conhecimento	דַּעַת	portão	שַׁעַר	ribeiro	נַחַל
bosque floresta	יַעַר	dono marido	בַּעַל	junto unidade	יַחַד

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.
2. Desenvolva por extenso, segundo os paradigmas dados nesta lição, os demais verbetes aqui dados como exemplos.
3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.
4. Memorize os vocábulos novos apresentados nesta lição.

© Crédito: Seven

Lição 66

Segolados femininos

Embora haja alguns segolados femininos nas listas já dadas, que, aliás, são raras e sempre aparecem nestas páginas com o distintivo "F", estes que agora aparecem têm a terminação feminina com *tav*:

	Absoluto e Construto	Sufixo 1 m.f.
conservação, guarda	מִשְׁמֶרֶת	מִשְׁמַרְתִּי
pensamento	מַחֲשֶׁבֶת	מַחֲשַׁבְתִּי
gancho (clássico) caderno (popular)	מַחְבֶּרֶת	מַחְבַּרְתִּי
uso, utilidade	תּוֹעֶלֶת	תּוֹעַלְתִּי

Escreva a declinação por extenso.

A última consoante com sua vogal é uma terminação feminina derivada do particípio. Para achar a raiz verbal, precisamos abandonar esta terminação, bem como o prefixo *meim*, símbolo do particípio. Estes segolados mais compridos seguem a declinação com *patah*. Algumas palavras deste tipo recebem a terminação de segolado no construto:

Absoluto		Construto	Sufixo 1 m.f.
guerra	מִלְחָמָה	מִלְחֶמֶת	מִלְחַמְתִּי
reino	מַמְלָכָה	מַמְלֶכֶת	מַמְלַכְתִּי
esplendor, beleza	תִּפְאָרָה	תִּפְאֶרֶת	תִּפְאַרְתִּי

Desenvolva essas formas por extenso, à luz da Lição 62.

Nestas palavras, no absoluto, o distintivo do segolado está no fato de haver dois *qamats* no fim, que formam um par de *segol* no construto. Se fosse apenas uma terminação *qamats* com *hei*, o construto seria *patah* com *tav*. A conjugação destas palavras é igual às de cima, com *patah*, lembrando-se que as flexões se aplicam às duas sílabas finais – a primeira sílaba é estática. Estas palavras que têm terminações femininas não precisam da designação "F".

SEGOLADOS MONOSSILÁBICOS

Tradução	Absoluto	Construto	Plural
1)			
vale	גַּיְא	גֵּיא	גֵּיאָיוֹת
2)			
ungüento, nardo	נֵרְד	נֵרְדִי	נֵרָדִים
3)			
pecado	חֵטְא	חֵטְאֵי	חֲטָאִים
4)			
fidelidade	קֹשֶׁט	קֹשְׁטֵי	קֹשָׁטִים

Nº 1 termina com *aleph*, que nesta palavra pode ser omitido do absoluto e do construto. Nº 3 também termina com *aleph*, e em ambas as palavras se pode notar a falta do segundo *shevá* que normalmente há quando a palavra termina com duas consoantes sem vogais.

Dois segolados muito comuns no absoluto.

Desenvolva essas formas por extenso, à luz da Lição 62.

cordeiro כֶּבֶשׂ sol M. F. שֶׁמֶשׁ

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.
2. Desenvolva por extenso, segundo os paradigmas dados nesta lição, os demais verbetes aqui dados como exemplos.
3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.
4. Memorize os vocábulos novos apresentados nesta lição.

© Crédito: Seven

Lição 67

Plurais de substantivos femininos

Alguns substantivos femininos recebem uma forma do plural que é igual ao plural dos substantivos masculinos:

	Singular	Plural
figueira	תְּאֵנָה	תְּאֵנִים
grão de cevada	שְׂעוֹרָה	שְׂעוֹרִים
grão de trigo	חִטָּה	חִטִּים
pomba	יוֹנָה	יוֹנִים
ovo	בֵּיצָה	בֵּיצִים
cidade (mudança de vogal no plural)	עִיר	עָרִים
pedra (segolado)	אֶבֶן	אֲבָנִים
videira (segolado)	גֶּפֶן	גְּפָנִים

Os demais segolados femininos, mencionados nos vocabulários das páginas anteriores, recebem os plurais femininos normais.

UM PLURAL ESPECIAL

preceito, lei Singular עֵדוּת Plural עֵדוֹת

Além dos substantivos femininos que têm as terminações femininas, e, além dos segolados já mencionados, há outras palavras que são femininas, sem porém ter uma terminação que indica o gênero, entre elas são todos os nomes das cidades e dos países, e as que seguem:

língua	לָשׁוֹן	quintal	חָצֵר	cerca	גָּדֵר
copo	כּוֹס	palma de mão	כַּף	poço	בְּאֵר

É importante guardar na memória que, se a palavra é feminina, recebe o adjetivo feminino mesmo se dita palavra tem uma terminação tipo masculino.

VOCABULÁRIO – INTERJEIÇÕES

que pena!	אוֹי	que pena!	חֲבַל	oh!	אֲהָהּ
ai!	הוֹי	viva!	הֵידָד	ah!	הֶאָח

VOCABULÁRIO BÍBLICO-TÉCNICO

anjo	מַלְאָךְ	messias	מָשִׁיחַ	o Supremo	עֶלְיוֹן
pecado	חַטָּאת	abominação	תּוֹעֵבָה	salvação	יְשׁוּעָה
congregação	קָהָל	estola, éfode	אֵפוֹד	sepulcro, sheol	שְׁאוֹל

EXERCÍCIOS

1. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.
2. Memorize os vocábulos novos apresentados nesta lição.

© Crédito: Seven

Lição 68

Plurais de substantivos masculinos

Existem muitos substantivos masculinos cujos plurais assumem uma forma igual ao feminino plural (mas não mudam de gênero no plural).

	Singular	Plural
poeira	עָפָר	עֲפָרוֹת
lugar	מָקוֹם	מְקוֹמוֹת
coração	לֵבָב	לְבָבוֹת
coração (reduplicação no plural)	לֵב	לְבוֹת
tábua (termina com gutural)	לוּחַ	לוּחוֹת
altar (idem)	מִזְבֵּחַ	מִזְבְּחוֹת
trono, assento	כִּסֵּא	כִּסְאוֹת
trilho (segolado com *holam*)	אֹרַח	אָרְחוֹת
memória	זִכָּרוֹן	זִכְרוֹנוֹת

As seguintes palavras recebem o simples acréscimo da terminação tipo feminino plural, sem modificações vocálicas internas:

pai	אָב	geração	דּוֹר	muralha	קִיר
luz	אוֹר	couro	עוֹר	ave	עוֹף
voz	קוֹל	poço	בּוֹר	marca, sinal	אוֹת
trombeta	שׁוֹפָר	sorte	גּוֹרָל	tesouro armazém	אוֹצָר

Note que a maioria destes substantivos têm *holam* no singular, de tal maneira que parecem atrair para si mesmos um plural com *holam*, a forma feminina, portanto. Esta lista contém muitas das palavras deste tipo, suficientes para o uso prático do estudante.

Aqui, uma exemplificação do plural masculino estendido.

boi	שׁוֹר	bois	שְׁוָרִים
mercado	שׁוּק	mercados	שְׁוָקִים

NOTA SOBRE O ACENTO NO SUBSTANTIVO

Sabemos que o acento normalmente cai na última vogal, ou na penúltima no caso do segolado, de qualquer substantivo no absoluto. Mas se a última vogal é *patah* furtivo, ou o *qamats,* que acompanha um *hei* com *mapiq* (portanto, vogais leves adicionais para ajudar uma letra gutural a ser pronunciada), esta não recebe o acento:

espírito, vento M. e F. רוּחַ força כֹּחַ divindade אֱלֹהַּ

EXERCÍCIOS

1. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.
2. Memorize os vocábulos novos apresentados nesta lição.

Lição 69

A construção de vocábulos

É verdade que, indiretamente, cada substantivo é derivado de uma raiz trilateral. Também é conhecido que o particípio – o presente do verbo – pode funcionar como um substantivo. Mas, além destes fatos há ainda alguns meios estereotipados para produzir mais substantivos. Isto se torna muito necessário no novo Estado de Israel, onde há uma tentativa de enquadrar os termos da tecnologia dentro dos moldes da

© Crédito: Seven

língua clássica. Até a palavra "eletricidade" vem de uma palavra de Ezequiel traduzida por "quartzo brilhante".

A pequena lista que segue é apenas uma iniciação de como se forma o substantivo verbal e servirá pelo menos para ajudar o estudante a reconhecer muitas das formas que encontra escritas ou faladas. Nesta lista se menciona o *pi'el*, o *hiph'il* e o *hitpa'el*, graus do verbo que foram mencionados na Lição 54, e que a partir da lição seguinte serão cuidadosamente estudados.

Modelo	escrever	כָּתַב	escritura	כְּתִיבָה
Modelo	guardar	שָׁמַר	vigilância	שְׁמִירָה
Lamed gutural	ouvir	שָׁמַע	audição	שְׁמִיעָה
idem	saber	יָדַע	sabedoria	יְדִיעָה
ל"א	sair	יָצָא	saída	יְצִיאָה
ל"ה	ver	רָאָה	vista	רְאִיָּה
ל"ה	fazer	עָשָׂה	atividade	עֲשִׂיָּה
ע"ו	voltar	שׁוּב	volta	שִׁיבָה
Derivados do grau *pi'el*				
Modelo	falar	דִּבֵּר	discurso	דִּבּוּר
Idem	narrar	סִפֵּר	narrativa	סִפּוּר
Derivados do grau *hiph'il*				
Modelo	lembrar	הִזְכִּיר	memorial	הַזְכָּרָה
Lamed gutural	lograr	הִצְלִחַ	sucesso	הַצְלָחָה
פ"נ	salvar	הִצִּיל	salvação	הַצָּלָה
ע"ו	preparar	הֵכִין	preparação	הַכָּנָה
Derivados do grau *hitpa'el*				
ל"ה	multiplicar-se	הִתְרָבָּה	multiplicação	הִתְרַבּוּת
ע"ו	levantar-se contra	הִתְקוֹמֵם	rebelião	הִתְקוֹמְמוּת

EXERCÍCIOS

1. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.

2. Memorize os vocábulos novos apresentados nesta lição.

TERCEIRA PARTE

O verbo com suas conjugações, reflexivos, passivos, etc.

© Crédito: Seven

Lição 70

Grau *niph'al* – verbo modelo

שָׁמַר GUARDAR *Niph'al* GUARDAR-SE

Passado		Presente		Futuro	
1 m.f.	נִשְׁמַרְתִּי	Singular		1 m.f.	אֶשָּׁמֵר
2 m.	נִשְׁמַרְתָּ	M.	נִשְׁמָר	2 m.	תִּשָּׁמֵר
2 f.	נִשְׁמַרְתְּ	F.	נִשְׁמָרָה	2 f.	תִּשָּׁמְרִי
3 m.	נִשְׁמַר	se guardando		3 m.	יִשָּׁמֵר
3 f.	נִשְׁמְרָה			3 f.	תִּשָּׁמֵר
		Plural			
1 m.f.	נִשְׁמַרְנוּ			1 m.f.	נִשָּׁמֵר
2 m.	נִשְׁמַרְתֶּם	M.	נִשְׁמָרִים	2 m.	תִּשָּׁמְרוּ
2 f.	נִשְׁמַרְתֶּן	F.	נִשְׁמָרוֹת	2 f.	תִּשָּׁמַרְנָה
3 m.	נִשְׁמְרוּ			3 m.	יִשָּׁמְרוּ
3 f.	נִשְׁמְרוּ			3 f.	תִּשָּׁמַרְנָה
Imperativo		2 m. הִשָּׁמֵר	Singular	הִשָּׁמְרִי	2 f.
guarda-se!					
		2 m. הִשָּׁמְרוּ	Plural	הִשָּׁמַרְנָה	2 f.
Infin. Cstr.		לְהִשָּׁמֵר	Infin. Abs.		הִשָּׁמֵר

Tecnicamente, o *niph'al* é o reflexivo do verbo *qal*, mas comumente uma língua européia moderna usa o passivo para traduzir o *niph'al* hebraico. O hebreu pensa "a carta se escreveu" e nós traduzimos "a carta foi escrita", pensando do ponto de vista do escritor, enquanto o hebreu está pensando do ponto de vista da carta.

No passado, vê-se o simples prefixo *nun* que forma uma sílaba fechada com a primeira radical, deixando terminações idênticas com as do *qal*. No futuro, este prefixo se esconde dentro da primeira radi-

© Crédito: Seven

cal, que agora sendo dupla, passa a ter uma vogal forte, que é justamente o *qamats* que já vimos cair do texto em tantas ocasiões.

זָכַר lembrar-se — נִזְכַּר mencionar

Dagesh aparece na nova sílaba.

(*qal*) (*niph'al*)

RAÍZES DE VERBOS NORMALMENTE *NIPH'AL*

esconder	סתר	livrar	מלט	ficar envergonhado	כלם
destruir	שמד	separar	פרד		

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.

2. Desenvolva por extenso, segundo os paradigmas dados nesta lição, os demais verbetes aqui dados como exemplos.

3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.

4. Memorize os vocábulos novos apresentados nesta lição.

Lição 71

Niph'al – *lamed* gutural

שָׁלַח MANDAR *Niph'al* SER MANDADO

Passado		Presente		Futuro	
1 m.f.	נִשְׁלַחְתִּי	Singular		1 m.f.	אֶשָּׁלַח
2 m.	נִשְׁלַחְתָּ	M.	נִשְׁלָח	2 m.	תִּשָּׁלַח
2 f.	נִשְׁלַחַתְּ	F.	נִשְׁלַחַת	2 f.	תִּשָּׁלְחִי
3 m.	נִשְׁלַח	sendo mandado		3 m.	יִשָּׁלַח
3 f.	נִשְׁלְחָה			3 f.	תִּשָּׁלַח
		Plural			
1 m.f.	נִשְׁלַחְנוּ			1 m.f.	נִשָּׁלַח
2 m.	נִשְׁלַחְתֶּם	M.	נִשְׁלָחִים	2 m.	תִּשָּׁלְחוּ
2 f.	נִשְׁלַחְתֶּן	F.	נִשְׁלָצוֹת	2 f.	תִּשָּׁלַחְנָה
3 m.	נִשְׁלְחוּ			3 m.	יִשָּׁלְחוּ
3 f.	נִשְׁלְחוּ			3 f.	תִּשָּׁלַחְנָה
Imperativo		2 m. הִשָּׁלַח	Singular	הִשָּׁלְחִי	2 f.
seja mandado!					
		2 m. הִשָּׁלְחוּ	Plural	הִשָּׁלַחְנָה	2 f.
Infin. cstr.		לְהִשָּׁלֵחַ	Infin. abs.		נִשְׁלוֹחַ

A gutural no fim da raiz influi na vogal da segunda radical, isto é, a gutural exige ser precedida pela vogal que escolhe – *patah*, no caso. Ora, no passado, *patah* já é a vogal normal para a segunda radical, seguindo exatamente o passado do *qal*. No futuro, porém, o verbo modelo do *niph'al* tem *tsereh*, vogal escolhida para fazer companhia fonética ao *qamats* que foi escolhido para a letra reduplicada com *dagesh* (para representar o *nun* assimilado). No verbo *lamed* gutural, a

© Crédito: Seven

exigência da gutural vence sobre o *tsereh* (era posto apenas para eufonia), e há um futuro com *patah*, que se aplica a todas as pessoas a não ser aquelas que têm *shevá*. No presente, o feminino tem uma forma com *patah* e *tav*. No verbo modelo, prefere *qamats* com *hei*.

O estudante tem que aprender a colocar as vogais e afixos junto com as raízes dadas, (se elas não têm *qal*, a raiz é escrita sem vogal).

Quanto ao *ayin* gutural, o passado no *niph'al* segue a fonética do *qal* no futuro (Lição 46). Desenvolva sua tabela do *niph'al* na base daquela Lição.

RAÍZES PARA *NIPH'AL – LAMED* GUTURAL E *AYIN* GUTURAL

humilhar-se	כנע	jurar	שבע	combater	לחם
assustar-se	בהל	esconder-se	כצד	congregar-se	קהל

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.

2. Desenvolva por extenso, segundo os paradigmas dados nesta lição, os demais verbetes aqui dados como exemplos.

3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.

4. Memorize os vocábulos novos apresentados nesta lição.

Lição 72

Niph'al – lamed aleph ל"א

מָצָא ACHAR *Niph'al* SER ACHADO, EXISTIR

Passado		Presente		Futuro	
1 m.f.	נִמְצֵאתִי	Singular		1 m.f.	אֵמָּצֵא
2 m.	נִמְצֵאתָ	(M.)	נִמְצָא	2 m.	תִּמָּצֵא
2 f.	נִמְצֵאת	(F.)	נִמְצָאָה	2 f.	תִּמָּצְאִי
3 m.	נִמְצָא			3 m.	יִמָּצֵא
3 f.	נִמְצְאָה	existindo		3 f.	תִּמָּצֵא
		Plural			
1 m.f.	נִמְצֵאנוּ			1 m.f.	נִמָּצֵא
2 m.	נִמְצֵאתֶם	(M.)	נִמְצָאִים	2 m.	תִּמָּצְאוּ
2 f.	נִמְצֵאתֶן	(F.)	נִמְצָאוֹת	2 f.	תִּמָּצֶאנָה
3 m.	נִמְצְאוּ			3 m.	יִמָּצְאוּ
3 f.	נִמְצְאוּ			3 f.	תִּמָּצֶאנָה
Infin. cstr.		לְהִמָּצֵא	Infin. abs.		נִמְצֹא
Imperativo	2 m.	הִמָּצֵא	Singular	הִמָּצְאִי	2 f.
exista!					
	2 m.	הִמָּצְאוּ	Plural	הִמָּצֶאנָה	2 f.

Note que o imperativo não se usa muito no *niph'al*, sendo logicamente raro dar ordens no reflexivo que na prática também é passivo. O *aleph* vê-se servido com um *tsereh* no futuro, que vem do verbo modelo, e por isso não exige outra modificação, a não ser nas formas femininas no plural (com *segol*). No passado não aceita modificações além daquelas que vimos; no *qal-tsereh* vem no lugar de *patah* e não há mais *shevá* com a última radical (que é *aleph*, é claro).

Se um objeto "se acha" no mundo, isto significa que "existe". Isto nos ajuda a reconhecer por que há relativamente poucos verbos em

© Crédito: Seven

hebraico – o povo de Israel usa várias formas de verbos muito simples para exprimir os conceitos filosóficos os mais profundos. Nesta folha, temos mais verbos que têm forma reflexiva sem ter uma forma *qal*. São do *lamed aleph* e o estudante tem de copiar a lista de conjugação acima substituindo os novos verbos. Isto tem de ser a praxe normal em cada página desta gramática. A família que, além de ser *lamed aleph*, também é *pei nun* segue o verbo modelo, só que o *nun* é assimilado no passado e no presente.

RAÍZES PARA FORMAR VERBOS NO *NIPH'AL*

família	ל"א	esconder-se	חבא	ser maravilhoso	פלא
família	פ"נ	fingir	נכר	colocar	נצב
(com 2 famílias) - profetizar נבא					

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.

2. Desenvolva por extenso, segundo os paradigmas dados nesta lição, os demais verbetes aqui dados como exemplos.

3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.

4. Memorize os vocábulos novos apresentados nesta lição.

Lição 73

Niph'al – lamed hei ל"ה

בָּנָה EDIFICAR *Niph'al* SER EDIFICADO

Passado		Presente		Futuro	
1 m.f.	נִבְנֵיתִי	Singular		1 m.f.	אֶבָּנֶה
2 m.	נִבְנֵיתָ	(M.)	נִבְנֶה	2 m.	תִּבָּנֶה
2 f.	נִבְנֵית	(F.)	נִבְנָה	2 f.	תִּבָּנִי
3 m.	נִבְנָה	sendo edificado		3 m.	יִבָּנֶה
3 f.	נִבְנְתָה			3 f.	תִּבָּנֶה
		Plural			
1 m.f.	נִבְנֵינוּ			1 m.f.	נִבָּנֶה
2 m.	נִבְנֵיתֶם	(M.)	נִבְנִים	2 m.	תִּבָּנוּ
2 f.	נִבְנֵיתֶן	(F.)	נִבְנוֹת	2 f.	תִּבָּנֶינָה
3 m.	נִבְנוּ			3 m.	יִבָּנוּ
3 f.	נִבְנוּ			3 f.	תִּבָּנֶינָה
Imperativo seja edificado		Singular 2 m.	הִבָּנֶה	2 f.	הִבָּנִי
		Plural 2 m.	הִבָּנוּ	2 f.	הִבָּנֶינָה
Infin. cstr.	לְהִבָּנוֹת	Infin. abs.			נִבְנֹה

Quem compreende bem as mudanças sofridas pelo *lamed hei* no *qal*, terá facilidade com o *niph'al*.

No passado o *hei* cai como no *qal*, só que o ditongo que passava a existir com *hiriq* aqui tem *tsereh* com *yod*. O futuro tem as terminações do futuro *qal* – o *niph'al* será logo reconhecido pela duplicação da primeira radical (o *nun* absorvido) e pela vogal *qamats* que acompanha a reduplicação. O presente tem *segol* no masculino singular, para distingui-lo do feminino. Em cada família o imperativo *niph'al* tem esta

© Crédito: Seven

mesma característica de querer seguir a forma do futuro MENOS o prefixo embora seja impossível começar uma palavra com uma reduplicação – o resultado estranho é que fica forçado a convocar um *hei* (consoante fraquíssima) para assegurar ao imperativo uma forma semelhante ao futuro sem aceitar o prefixo usado no futuro.

ALGUNS INFINITIVOS CONSTRUTOS DO *NIPH'AL LAMED HEI*

comprar	קָנָה	ver	רָאָה	contar	מָנָה
Inf. cstr.	לְהִקָּנוֹת	Inf. cstr.	לְהֵרָאוֹת	Inf. cstr.	לְהִמָּנוֹת

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.

2. Desenvolva por extenso, segundo os paradigmas dados nesta lição, os demais verbetes aqui dados como exemplos.

3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.

Lição 74

Niph'al – pei yod

יָלַד **GERAR** *Niph'al* **NASCER**

Passado		Presente		Futuro	
1 m.f.	נוֹלַדְתִּי	Singular		1 m.f.	אִוָּלֵד
2 m.	נוֹלַדְתָּ	(M.)	נוֹלָד	2 m.	תִּוָּלֵד
2 f.	נוֹלַדְתְּ	(F.)	נוֹלָדָה	2 f.	תִּוָּלְדִי
3 m.	נוֹלַד	sendo gerado		3 m.	יִוָּלֵד
3 f.	נוֹלְדָה	nascendo		3 f.	תִּוָּלֵד
		Plural			
1 m.f.	נוֹלַדְנוּ			1 m.f.	נִוָּלֵד
2 m.	נוֹלַדְתֶּם	(M.)	נוֹלָדִים	2 m.	תִּוָּלְדוּ
2 f.	נוֹלַדְתֶּן	(F.)	נוֹלָדוֹת	2 f.	תִּוָּלַדְנָה
3 m.	נוֹלְדוּ			3 m.	יִוָּלְדוּ
3 f.	נוֹלְדוּ			3 f.	תִּוָּלַדְנָה
Imperativo	Singular 2 m.		הִוָּלֵד	2 f.	הִוָּלְדִי
nasça!	Plural 2 m.		הִוָּלְדוּ	2 f.	הִוָּלַדְנָה
Infin. cstr.	לְהִוָּלֵד		Infin. abs.		Não há.

Na história antiga da língua hebraica, estes verbos começavam com *vav*, mas, depois, a língua clássica reservou o *vav* para o conjuntivo traduzido "e" que já vimos.

Segundo o verbo modelo, este verbo seria escrito נילד, a fonética exigiria que o *shevá* caísse para deixar um *hiriq*, e não haveria mais consoante para reduplicar segundo a exigência do *pei nun* no caso do futuro, imperativo e infinitivo.

Por isso, reaparece o *vav* original que fica reduplicado com *dagesh* para assimilar o *nun* (note que parece ser *shuruk*, só que a vogal *shuruk* não poderá ter outra vogal em baixo). *Ayin vav* quase não há no *niph'al*.

© Crédito: Seven

O verbo כּוּן quer dizer no *niph'al* "ser estabelecido, firme":
Passado נָכוֹן Presente נָכוֹן Futuro יִכּוֹן

MAIS EXEMPLOS DO *NIPH'AL* (COM FUTURO ESPECIAL, 3ª PESSOA MASCULINA)

יתר não tem *qal, niph'al* נוֹתַר Passado sobrar Futuro יִוָּתֵר
יָדַע saber *niph'al* נוֹדַע Passado ficar sabido Futuro יִוָּדַע
יָצַר formar *niph'al* נוֹצַר Passado formar-se Futuro יִוָּצֵר

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.
2. Desenvolva por extenso, segundo os paradigmas dados nesta lição, os demais verbetes aqui dados como exemplos.
3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.

Lição 75

Niph'al – pei gutural

אָמַן **FIRMAR** *Niph'al* **SER FIRME, FIEL**

Passado		Presente		Futuro	
1 m.f.	נֶאֱמַנְתִּי	Singular		1 m.f.	אֵאָמֵן
2 m.	נֶאֱמַנְתָּ	(M.)	נֶאֱמָן	2 m.	תֵּאָמֵן
2 f.	נֶאֱמַנְתְּ	(F.)	נֶאֱמָנָה	2 f.	תֵּאָמְנִי
3 m.	נֶאֱמַן	sendo fiel,		3 m.	יֵאָמֵן
3 f.	נֶאֱמָנָה	verdadeiro		3 f.	תֵּאָמֵן
		Plural			
1 m.f.	נֶאֱמַנּוּ			1 m.f.	נֵאָמֵן
2 m.	נֶאֱמַנְתֶּם	(M.)	נֶאֱמָנִים	2 m.	תֵּאָמְנוּ
2 f.	נֶאֱמַנְתֶּן	(F.)	נֶאֱמָנוֹת	2 f.	תֵּאָמַנָּה
3 m.	נֶאֱמְנוּ			3 m.	יֵאָמְנוּ
3 f.	נֶאֱמְנוּ			3 f.	תֵּאָמַנָּה
Imperativo		Singular 2 m.	הֵאָמֵן	2 f.	הֵאָמְנִי
		Plural 2 m.	הֵאָמְנוּ	2 f.	הֵאָמַנָּה
Infin. cstr.	לְהֵאָמֵן		Infin. abs.		נֵאָמֹן

No passado vemos a mesma geminação de vogais que vimos no futuro *qal* do *pei aleph*, só que aqui se aplica a TODAS as letras guturais.

No futuro, imperativo, infinitivo, a letra gutural recebe *qamats* como as letras que se reduplicaram para absorver *nun*, mas NÃO PODE RECEBER *dagesh*. Por isso, só a vogal reforçada do prefixo ajuda-nos a reconhecer que ali perdeu-se um *nun*. Esta vogal é *tsereh*.

1) O verbo aqui escolhido como modelo do *pei* gutural termina com *nun* – quando há *nun* no sufixo o primeiro *nun* da terminação é assimilado.

© Crédito: Seven

2) Quando o *shevá* composto com *segol* é seguido por outro *shevá*, passa a ser um *segol* pleno para dar "corpo" à palavra.
3) Só os verbos que começam com *aleph* têm o infinitivo absoluto assim, os demais o têm com *patah* seguido por *hateph patah*.
4) No *niph'al pei gutural*, considero este o verbo mais importante (especialmente para a leitura da Bíblia) – dele se deriva a palavra "amém". O *nun* no fim não deve servir de tropeço para ninguém.

VERBOS "פ GUTURAL QUE EXISTEM NO *QAL* – *NIPH'AL* PASSADO

ficar	נֶחֱרַס	ser comido	נֶאֱכַל	ser dito	נֶאֱמַר
arruinado					
ficar preso	נֶאֱסַר	ser detido	נֶעֱצַר	enfraquecer	נֶחֱלַשׁ
estabelecer	נֶעֱמַד	ficar profano	נֶחֱלַל	ser feito com *qamats* por também ser *lamed hei*	נַעֲשָׂה

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.
2. Desenvolva por extenso, segundo os paradigmas dados nesta lição, os demais verbetes aqui dados como exemplos.
3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.
4. Memorize os vocábulos novos apresentados nesta lição.

Lição 76

Grau *pi'el* – verbo modelo

דִּבֵּר **FALAR** (não existe no *qal*)

Passado		Presente		Futuro	
1 m.f.	דִּבַּרְתִּי	Singular		1 m.f.	אֲדַבֵּר
2 m.	דִּבַּרְתָּ	(M.)	מְדַבֵּר	2 m.	תְּדַבֵּר
2 f.	דִּבַּרְתְּ	(F.)	מְדַבֶּרֶת	2 f.	תְּדַבְּרִי
3 m.	דִּבֵּר	falando		3 m.	יְדַבֵּר
3 f.	דִּבְּרָה			3 f.	תְּדַבֵּר
		Plural			
1 m.f.	דִּבַּרְנוּ			1 m.f.	נְדַבֵּר
2 m.	דִּבַּרְתֶּם	(M.)	מְדַבְּרִים	2 m.	תְּדַבְּרוּ
2 f.	דִּבַּרְתֶּן	(F.)	מְדַבְּרוֹת	2 f.	תְּדַבֵּרְנָה
3 m.	דִּבְּרוּ			3 m.	יְדַבְּרוּ
3 f.	דִּבְּרוּ			3 f.	תְּדַבֵּרְנָה
Imperativo		Singular 2 m.	דַּבֵּר	2 f.	דַּבְּרִי
fala!		Plural 2 m.	דַּבְּרוּ	2 f.	דַּבֵּרְנָה
Infin. cstr.		לְדַבֵּר	Infin. abs.		דַּבֵּר

Este grau se chama *pi'el* porque o verbo "fazer" assume a forma פִּעֵל na terceira pessoa singular do passado do grau intensivo. Isto quer dizer, se um verbo existe no *qal*, então, quando passa a receber os acréscimos típicos do *pi'el* (novas vogais MAIS reduplicação da segunda radical) passa a ter uma força extra. Ora, o verbo conjugado acima é justamente um verbo que existe normalmente no *pi'el*, o verbo deste tipo que mais se usa na língua. A seguir, mais verbos que são *pi'el* por natureza. Seguem dois verbos que têm *qal*.

© Crédito: Seven

qal - quebrar שָׁבַר
qal - aprender לָמַד

No *pi'el* - quebrar com força שִׁבֵּר
No *pi'el* - ensinar לִמֵּד
(aprender com força para inspirar outrem).

VERBOS NORMALMENTE *PI'EL* – TIPO MODELO

queimar incenso	קִטֵּר	encobrir expiar	כִּפֵּר	encontrar, madrugar	קִדֵּם
lavar	כִּבֵּס	buscar	בִּקֵּשׁ	louvar	הִלֵּל
narrar, contar	סִפֵּר	tocar, cantar	זִמֵּר	livrar	מִלֵּט

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.
2. Desenvolva por extenso, segundo os paradigmas dados nesta lição, os demais verbetes aqui dados como exemplos.
3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.
4. Memorize os vocábulos novos apresentados nesta lição.

Lição 77

Pi'el – lamed aleph ל״א

מָלֵא SER CHEIO *Pi'el* ENCHER-SE

Passado		Presente		Futuro	
1 m.f.	מִלֵּאתִי	Singular		1 m.f.	אֲמַלֵּא
2 m.	מִלֵּאתָ	(M.)	מְמַלֵּא	2 m.	תְּמַלֵּא
2 f.	מִלֵּאת	(F.)	מְמַלְּאָה	2 f.	תְּמַלְּאִי
3 m.	מִלֵּא	enchendo		3 m.	יְמַלֵּא
3 f.	מִלְּאָה	ficando cheio		3 f.	תְּמַלֵּא
		Plural			
1 m.f.	מִלֵּאנוּ			1 m.f.	נְמַלֵּא
2 m.	מִלֵּאתֶם	(M.)	מְמַלְּאִים	2 m.	תְּמַלְּאוּ
2 f.	מִלֵּאתֶן	(F.)	מְמַלְּאוֹת	2 f.	תְּמַלֵּאנָה
3 m.	מִלְּאוּ			3 m.	יְמַלְּאוּ
3 f.	מִלְּאוּ			3 f.	תְּמַלֵּאנָה
Imperativo		Singular 2 m.	מַלֵּא	מַלְּאִי	2 f.
enche-se!		Plural 2 m.	מַלְּאוּ	מַלֵּאנָה	2 f.
Infin. cstr.	לְמַלֵּא		Infin. abs.		מְלֹא

Vimos que o característico básico do *pi'el* é a reduplicação da 2ª consoante da raiz. Ocorre, porém, que o próprio título hebraico deste grau não tem reduplicação, sendo que a 2ª consoante é uma gutural, que nunca recebe *dagesh*. Muitas vezes o primeiro sinal que nos levará a reconhecer que um verbo é no *pi'el* é a reduplicação, *dagesh* forte no meio de um verbo que não mostra outros sinais de ser mais "pesado" do que a forma "leve" (*qal*). Note duas vogais que se aprazem em aparecer antes de uma reduplicação, *hiriq* e *patah*. Ambas são vogais secas e cortantes, que têm força para carregar uma reduplicação em seguida. Se, por exemplo, a reduplicação fosse precedida por *shevá*,

© Crédito: Seven

nem seria mais lícito colocar *dagesh* forte, porque a palavra tem de se dividir assim – *mil lei*, a consoante reduplicada fica metade com cada sílaba. Por isso podemos reconhecer se o *dagesh* que segue *shevá* é leve, iniciando nova sílaba – nesse caso nem se trataria do *pi'el*, nem de uma letra assimilada.

O passado do *lamed aleph* conserva *tsereh* em cada pessoa que tem vogal na 2ª radical. O futuro fica com o *tsereh* que já há no verbo modelo, prefere, porém, *segol* para 2 f. e 3 f. plural. Aqui vêm dois verbos *lamed aleph*, usados no *pi'el*.

Niph'al - ser maravilhoso נִפְלָא
separar, consagrar פִּלֵּא ter ciúmes קִנֵּא

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.
2. Desenvolva por extenso, segundo os paradigmas dados nesta lição, os demais verbetes aqui dados como exemplos.
3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.
4. Memorize os vocábulos novos apresentados nesta lição.

Lição 78

Pi'el – ayin gutural

פִּאֵר EMBELEZAR, GLORIFICAR

Passado		Presente		Futuro	
1 m.f.	פִּאַרְתִּי	Singular		1 m.f.	אֲפָאֵר
2 m.	פִּאַרְתָּ	(M.)	מְפָאֵר	2 m.	תְּפָאֵר
2 f.	פִּאַרְתְּ	(F.)	מְפָאֶרֶת	2 f.	תְּפָאֲרִי
3 m.	פִּאֵר	embelezando		3 m.	יְפָאֵר
3 f.	פִּאֲרָה	glorificando		3 f.	תְּפָאֵר
		Plural			
1 m.f.	פִּאַרְנוּ			1 m.f.	נְפָאֵר
2 m.	פִּאַרְתֶּם	(M.)	מְפָאֲרִים	2 m.	תְּפָאֲרוּ
2 f.	פִּאַרְתֶּן	(F.)	מְפָאֲרוֹת	2 f.	תְּפָאַרְנָה
3 m.	פִּאֲרוּ			3 m.	יְפָאֲרוּ
3 f.	פִּאֲרוּ			3 f.	תְּפָאַרְנָה
Imperativo					
embelezai!	2 m.	פָּאֵר	Singular	פָּאֲרִי	2 f.
glorificai!	2 m.	פָּאֲרוּ	Plural	פָּאַרְנָה	2 f.
Infin. cstr.		לְפָאֵר		Infin. abs.	פָּאֵר

No *pi'el*, no *ayin* gutural, a letra *reish* ר conta como gutural, e forma uma classe com o *aleph* א. Estas letras causam o passado do *pi'el* a ter *tsereh* seguido por *patah*. Há muitos exemplos a seguir. O passado não tem outra diferença com o verbo modelo senão o *tsereh* inicial em todas as pessoas, e o *shevá* composto que acompanha a consoante gutural onde o verbo modelo tem *shevá* simples. No presente, futuro, imperativo e infinitivos, a primeira radical tem *qamats* e não *patah*, para dar companhia desejável à letra gutural que segue.

© Crédito: Seven

VÁRIOS TIPOS DE VERBOS *AYIN* GUTURAL NO *PI'EL*

fazer sair expelir	גֵּרַשׁ	abençoar	בֵּרֵךְ	gravar, explicar	בֵּאֵר
misturar	עֵרֵב	servir	שֵׁרֵת	recusar	מֵאֵן
esperar	יֵחֵל	destruir	שִׁחֵת	apressar-se	מִהֵר
atrasar-se	אֵחֵר	descrever	תֵּאֵר	esconder	כִּחֵד

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.

2. Desenvolva por extenso, segundo os paradigmas dados nesta lição, os demais verbetes aqui dados como exemplos.

3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.

4. Memorize os vocábulos novos apresentados nesta lição.

Lição 79

Pi'el – lamed hei - ל״ה

צִוָּה MANDAR, ORDENAR

Passado		Presente		Futuro	
1 m.f.	צִוִּיתִי	Singular		1 m.f.	אֲצַוֶּה
2 m.	צִוִּיתָ	(M.)	מְצַוֶּה	2 m.	תְּצַוֶּה
2 f.	צִוִּית	(F.)	מְצַוָּה	2 f.	תְּצַוִּי
3 m.	צִוָּה	mandando		3 m.	יְצַוֶּה
3 f.	צִוְּתָה	ordenando		3 f.	תְּצַוֶּה
		Plural			
1 m.f.	צִוִּינוּ			1 m.f.	נְצַוֶּה
2 m.	צִוִּיתֶם	(M.)	מְצַוִּים	2 m.	תְּצַוּוּ
2 f.	צִוִּיתֶן	(F.)	מְצַוּוֹת	2 f.	תְּצַוֶּינָה
3 m.	צִוּוּ			3 m.	יְצַוּוּ
3 f.	צִוּוּ			3 f.	תְּצַוֶּינָה
Imperativo manda! ordena! constitue	2 m.	צַוֵּה	Singular	צַוִּי	2 f.
	2 m.	צַוּוּ	Plural	צַוֶּינָה	2 f.
Infin. cstr.		לְצַוּוֹת	Infin. abs.		צַוֵּה

Os paradigmas aqui fornecidos visam dar ao estudante controle de verbos-chave. Este verbo, por exemplo, foi escolhido por ser o mais comum dos verbos *lamed hei* que existem normalmente no *pi'el*. Possui, porém, um *vav* na segunda radical que não tem nada a ver com *ayin vav*. Comporta-se como qualquer consoante, recebendo a reduplicação normal do *pi'el*. No passado podemos ver as terminações que conhecemos do verbo *lamed hei* no *qal*: a terceira radical, *hei*, deixa

© Crédito: Seven

lugar para *hiriq* grande, ou, nas 3as pessoas do plural, cede lugar ao sufixo *shuruq*. No presente, futuro, imperativo e infinitivos o *pi'el* segue o modelo, a não ser as terminações que obedecem normalmente às regras já dadas no *qal* do *lamed hei*.

MAIS VERBOS NORMALMENTE *PI'EL* - ל"ה

provar, tentar	נִסָּה	extinguir	כִּבָּה	esperar com vontade	קִוָּה
trocar	שִׁנָּה	limpar	נִקָּה	cobrir	כִּסָּה
esperar, aguardar	חִכָּה	gastar	בִּלָּה	descobrir	גִּלָּה

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.

2. Desenvolva por extenso, segundo os paradigmas dados nesta lição, os demais verbetes aqui dados como exemplos.

3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.

4. Memorize os vocábulos novos apresentados nesta lição.

Lição 80

Pi'el – *lamed* gutural

שָׁלַח MANDAR, ENVIAR *Pi'el* MANDAR EMBORA

Passado		Presente		Futuro	
1 m.f.	שִׁלַּחְתִּי	Singular		1 m.f.	אֲשַׁלַּח
2 m.	שִׁלַּחְתָּ	(M.)	מְשַׁלֵּחַ	2 m.	תְּשַׁלַּח
2 f.	שִׁלַּחְתְּ	(F.)	מְשַׁלַּחַת	2 f.	תְּשַׁלְּחִי
3 m.	שִׁלַּח	libertando		3 m.	יְשַׁלַּח
3 f.	שִׁלְּחָה	mandando embora		3 f.	תְּשַׁלַּח
Plural					
1 m.f.	שִׁלַּחְנוּ			1 m.f.	נְשַׁלַּח
2 m.	שִׁלַּחְתֶּם	(M.)	מְשַׁלְּחִים	2 m.	תְּשַׁלְּחוּ
2 f.	שִׁלַּחְתֶּן	(F.)	מְשַׁלְּחוֹת	2 f.	תְּשַׁלַּחְנָה
3 m.	שִׁלְּחוּ			3 m.	יְשַׁלְּחוּ
3 f.	שִׁלְּחוּ			3 f.	תְּשַׁלַּחְנָה
Imperativo					
liberta!	2 m.	שַׁלַּח	Singular	שַׁלְּחִי	2 f.
demite!					
manda embora	2 m.	שַׁלְּחוּ	Plural	שַׁלַּחְנָה	2 f.
Infin. cstr.		לְשַׁלַּח	Infin. abs.		שַׁלֵּחַ

Lembre-se que o termo *lamed* gutural se refere apenas a *heit* e *ayin* na terceira radical – sendo que para as outras duas letras guturais (*aleph* e *hei*) já há famílias especiais. No passado, esta família é igual ao modelo, só que pede *patah* na 3ª pessoa m. singular. No Futuro, simplesmente pede *patah* na radical que precede a gutural. Sempre onde há *shevá* no modelo, há *shevá* aqui. O imperativo e o infinitivo

© Crédito: Seven

construto substituem *tsereh* por *patah*. O infinitivo absoluto usa o recurso já conhecido do presente *qal* de colocar um *patah* furtivo extra, com a letra gutural final.

VERBOS *LAMED* GUTURAL – PARA EXERCÍCIOS

qal שָׂמַח ser alegre *pi'el* alegrar שִׂמֵּחַ
qal בָּלַע engolir *pi'el* destruir, etc. בִּלֵּעַ

Segue *lamed* gutural
qal aprender לָמַד *pi'el* ensinar לִמֵּד

pei nun não tem forma especial no *pi'el*.
supervisionar נִצַּח sacrificar זִבַּח
derrubar, roçar גִּדַּע clamar por socorro שִׁוַּע louvar שִׁבַּח

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.
2. Desenvolva por extenso, segundo os paradigmas dados nesta lição, os demais verbetes aqui dados como exemplos.
3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.
4. Memorize os vocábulos novos apresentados nesta lição.

Lição 81

Pi'el – ע"ע ע"י ע"ו

סָבַב DAR VOLTA, VIRAR-SE *Pi'el* CERCAR

Passado		Presente		Futuro	
1 m.f.	סוֹבַבְתִּי	Singular		1 m.f.	אֲסוֹבֵב
2 m.	סוֹבַבְתָּ	M.	מְסוֹבֵב	2 m.	תְּסוֹבֵב
2 f.	סוֹבַבְתְּ	F.	מְסוֹבֶבֶת	2 f.	תְּסוֹבְבִי
3 m.	סוֹבֵב	cercando		3 m.	יְסוֹבֵב
3 f.	סוֹבְבָה	indo ao redor		3 f.	תְּסוֹבֵב
Plural					
1 m.f.	סוֹבַבְנוּ			1 m.f.	נְסוֹבֵב
2 m.	סוֹבַבְתֶּם	M.	בְּסוֹבְבִים	2 m.	תְּסוֹבְבוּ
2 f.	סוֹבַבְתֶּן	F.	מְסוֹבְבוֹת	2 f.	תְּסוֹבֵבְנָה
3 m.	סוֹבְבוּ			3 m.	יְסוֹבְבוּ
3 f.	סוֹבְבוּ			3 f.	תְּסוֹבֵבְנָה
Imperativo					
vai ao redor!					
cerca!	2 m.	סוֹבֵב	Singular	סוֹבְבִי	2 f.
	2 m.	סוֹבְבוּ	Plural	סוֹבֵבְנָה	2 f.
Infin. cstr.	לְסוֹבֵב		Infin. abs.		סוֹבֵב

Aqui, você pode ver uma reduplicação escrita por extenso. Na analogia do verbo *ayin vav*, o verbo duplo *ayin* também fica com vogal composta com *vav* seguindo a primeira radical. A terminação de cada palavra não causa dificuldade ao estudante – é só tratar a segunda ocorrência da consoante reduplicada como se fosse a terceira radical do verbo modelo, e tudo dá certo. Esta mesma prática se aplica ao *pi'el* quadrilateral – seja com quatro consoantes diferentes, seja com duas consoantes repetidas, como no verbo

© Crédito: Seven

abaixo. Este tipo de *pi'el* é uma raridade que não deve nos deter aqui.

Qal confundir-se *Pi'el* amedrontar	חוֹתֵת	*Qal* compadecer-se *Pi'el* ser favorável	חוֹנֵן
Qal ser leve *Pi'el* desprezar	קוֹלֵל	*Qal* medir *Pi'el* estender	מוֹדֵד
Qal cantar *Pi'el* cantarolar	שׁוֹרֵר	*Qal* voltar *Pi'el* restaurar	שׁוֹבֵב

Pi'el quadrilateral. O *dagesh* no 2° *gimel* é leve. Rolar גִּלְגֵּל

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.

2. Desenvolva por extenso, segundo os paradigmas dados nesta lição, os demais verbetes aqui dados como exemplos.

3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.

4. Memorize os vocábulos novos apresentados nesta lição.

Lição 82

Grau *pu'al* – verbo modelo

Pi'el הִלֵּל **LOUVAR** *Pu'al* הֻלַּל **SER LOUVADO**

Passado		Presente		Futuro	
1 m.f.	הִלַּלְתִּי	Singular		1 m.f.	אֲהַלֵּל
2 m.	הִלַּלְתָּ	M.	מְהֻלָּל	2 m.	תְּהַלֵּל
2 f.	הִלַּלְתְּ	F.	מְהֻלָּלָה	2 f.	תְּהַלְּלִי
3 m.	הֻלַּל	Alternativo		3 m.	יְהַלֵּל
3 f.	הֻלְּלָה	F. מְהוּלֶלֶת		3 f.	תְּהַלֵּל
		sendo louvado			
Plural					
1 m.f.	הִלַּלְנוּ			1 m.f.	נְהַלֵּל
2 m.	הוּלַּלְתֶּם	M.	מְהֻלָּלִים	2 m.	תְּהַלְּלוּ
2 f.	הִלַּלְתֶּן	F.	מְהֻלָּלוֹת	2 f.	תְּהַלֵּלְנָה
3 m.	הֻלְּלוּ			3 m.	יְהַלְּלוּ
3 f.	הֻלְּלוּ	O presente do *pu'al* é um particípio passivo	3 f.	תְּהַלֵּלְנָה	
O IMPERATIVO não tem existência num verbo PASSIVO.					
Infin. cstr.	לְהֻלַּל		Infin. abs.		הֻלַּל

Primeiramente é necessário explicar que o *pu'al* não tem existência própria a não ser como simples passivo do *pi'el*. Se um verbo tem um sentido especial no *pi'el*, o *pu'al* é o passivo deste sentido. Se um verbo tem existência somente no *pi'el* (e existem muitos), o *pu'al* é o simples passivo do mesmo.

© Crédito: Seven

Já que a primeira vogal é firme, não vai haver preocupações com *pei* gutural, etc., e, por isso, o referido verbo tem um *hei* se comportando como uma consoante firme qualquer. O próprio nome do grau (*pu'al* פֻּעַל) mostra quais são as vogais para substituir na forma do *pi'el* que já aprendemos. A reduplicação é a mesma que já temos no *pi'el*. O estudante deve ensaiar bem a substituição das vogais por intermédio de fazer os verbos *pi'el* embaixo seguir o verbo *pu'al* dado nesta página. Também seria valioso usar o próprio verbo modelo do *pi'el* (falar דִּבֵּר) para aprender o *pu'al*. Este não é um grau muito importante, nem muito difícil. Vem aqui neste livrinho na forma de um modelo e depois no *lamed hei* e no *ayin* gutural. Aqui ensinamos o essencial para ser decorado; o resto é matéria para dicionário.

VERBOS *PI'EL* PARA COPIAR NO GRAU *PU'AL*

pagar	שִׁלֵּם	receber	קִבֵּל	visitar	בִּקֵּר
orientar	אִשֵּׁר	profanar	הִלֵּל	estudar bem	שִׁנֵּן
		santificar	קִדֵּשׁ	amaldiçoar	קִלֵּל

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.

2. Desenvolva por extenso, segundo os paradigmas dados nesta lição, os demais verbetes aqui dados como exemplos.

3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.

4. Memorize os vocábulos novos apresentados nesta lição.

Lição 83

Pu'al – lamed hei ל"ה

כָּלָה **ACABAR-SE** *pi'el* **ACABAR** *pu'al* **SER ACABADO**

Passado		Presente		Futuro	
1 m.f.	כֻּלִּיתִי	Singular		1 m.f.	אֲכֻלֶּה
2 m.	כֻּלִּיתָ	M.	מְכֻלֶּה	2 m.	תְּכֻלֶּה
2 f.	כֻּלִּית	F.	מְכֻלָּה	2 f.	תְּכֻלִּי
3 m.	כֻּלָּה	sendo acabado		3 m.	יְכֻלֶּה
3 f.	כֻּלְּתָה	completando-se		3 f.	תְּכֻלֶּה
		Plural			
1 m.f.	כֻּלִּינוּ			1 m.f.	נְכֻלֶּה
2 m.	כֻּלִּיתֶם	M.	מְכֻלִּים	2 m.	תְּכֻלּוּ
2 f.	כֻּלִּיתֶן	F.	מְכֻלּוֹת	2 f.	תְּכֻלֶּינָה
3 m.	כֻּלּוּ			3 m.	יְכֻלּוּ
3 f.	כֻּלּוּ	O presente do *pu'al* é um particípio passivo		3 f.	תְּכֻלֶּינָה
O imperativo não tem existência num verbo PASSIVO.					
Infin. cstr.	לְכֻלּוֹת		Infin. abs.		כֻּלּוֹת

As terminações do verbo *lamed hei* no *pu'al* seguem normas já conhecidas no *qal, niph'al* e *pi'el*. O *hei* cai, deixando lugar a um ditongo formado com *yod* (no *qal* e *pi'el* há *hiriq* escrito com *yod*).

PU'AL – AYIN GUTURAL

No *pu'al*, os verbos que classificamos como *ayin* gutural (letra gutural na segunda radical) são apenas os que têm *aleph, ayin* ou *reish*

© Crédito: Seven

no meio. A única modificação específica que sofrem é ter *holam* no lugar de *qubuts*. *Reish* às vezes aparece junto com as guturais por ter lançado mão do mesmo expediente para ser reconhecido com reduplicado, já que o *reish* não recebe *dagesh*.

Passado		Presente		Futuro	
3 m. sing.	בֹּרַךְ	M. Sing.	מְבֹרָךְ	3 m. sing.	יְבֹרַךְ

Este é o verbo que existe no *pi'el* na forma, בִּרֵךְ, com a tradução "abençoar". No *pu'al* quer dizer "ser abençoado". O estudante verá oito verbos *ayin* gutural que existem naturalmente no *pi'el* na página 160. Todos eles tomarão a forma dada aqui, que é simplesmente a conjugação do verbo modelo *pu'al* dada na página anterior substituindo *holam*. É necessário copiar alguns dos exemplos por extenso, sendo que a falta do *qubuts* e da reduplicação causará ao aluno dificuldade em reconhecer imediatamente que o verbo que ele acha num texto escrito é um *pu'al ayin* gutural. Quando *aleph* e *hei* ocupam a posição *ayin* (2ª radical), o verbo segue o modelo, só que tem *hateph patah* cada vez que haveria de ter *shevá*.

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.
2. Desenvolva por extenso, segundo os paradigmas dados nesta lição, os demais verbetes aqui dados como exemplos.
3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.
4. Memorize os vocábulos novos apresentados nesta lição.

Lição 84

Grau *hiph'il* – verbo modelo

הִשְׁלִיךְ **ARREMESSAR** (não tem *qal*)

Passado		Presente		Futuro	
1 m.f.	הִשְׁלַכְתִּי	Singular		1 m.f.	אַשְׁלִיךְ
2 m.	הִשְׁלַכְתָּ	M.	מַשְׁלִיךְ	2 m.	תַּשְׁלִיךְ
2 f.	הִשְׁלַכְתְּ	F.	מַשְׁלִיכָה	2 f.	תַּשְׁלִיכִי
3 m.	הִשְׁלִיךְ	arremessando		3 m.	יַשְׁלִיךְ
3 f.	הִשְׁלִיכָה	jogando c/força		3 f.	תַּשְׁלִיךְ
		Plural			
1 m.f.	הִשְׁלַכְנוּ			1 m.f.	נַשְׁלִיךְ
2 m.	הִשְׁלַכְתֶּם	M.	מַשְׁלִיכִים	2 m.	תַּשְׁלִיכוּ
2 f.	הִשְׁלַכְתֶּן	F.	מַשְׁלִיכוֹת	2 f.	תַּשְׁלֵכְנָה
3 m.	הִשְׁלִיכוּ			3 m.	יַשְׁלִיכוּ
3 f.	הִשְׁלִיכוּ			3 f.	תַּשְׁלֵכְנָה
Imperativo					
arremessa! lança!		2 m. הַשְׁלֵךְ	Singular	2 f.	הַשְׁלִיכִי
		2 m. הַשְׁלִיכוּ	Plural	2 f.	הַשְׁלֵכְנָה
Infin. cstr.	לְהַשְׁלִיךְ		Infin. abs.		הַשְׁלֵךְ

O *hiph'il*, escrito הִפְעִיל , quando existe como modulação de um verbo no *qal*, é causativo, isto é, o *hiph'il* de "escrever" quer dizer "causar a escrever", e pode ser traduzido "ditar". Isto nos mostra como os graus dos verbos podem dar à língua hebraica uma riqueza de vocabulário que mal se supõe quando se vê que o sistema de três radicais só dá campo para dez mil palavras básicas. A marca do *hiph'il* é a vocalização com um *hiriq* pequeno e um *hiriq* grande. No passado, quando há sufixo inteiro de consoante e vogal, *hiriq* grande cai e fica represen-

© Crédito: Seven

tado por *patah*. Quando o sufixo é vogal (nas terceiras pessoas) *hiriq* permanece. No futuro, com o imperativo e os infinitivos, é o *hiriq* pequeno que fica substituído por *patah*, na totalidade dos casos.

No 2 f. e 2 m. plural do futuro, o *hiriq* grande é reduzido para *tsereh*.

VERBOS NORMALMENTE *HIPH'IL* – TIPO MODELO

madrugar	הִשְׁכִּים	separar	הִבְדִּיל	destruir	הִשְׁמִיד
começar	הִתְחִיל	esconder	הִסְתִּיר	ser sábio cuidar de	הִשְׂכִּיל

MAIS EXEMPLOS DO USO DO *HIPH'IL* (MODELO)

Qal ser doce	מָתַק	*Hiph'il* adocicar	הִמְתִּיק
Qal ouvir	קָשַׁב	*Hiph'il* escutar	הִקְשִׁיב
Qal madrugar	קָדַם	*Hiph'il* chegar cedo	הִקְדִּים

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.

2. Desenvolva por extenso, segundo os paradigmas dados nesta lição, os demais verbetes aqui dados como exemplos.

3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.

4. Memorize os vocábulos novos apresentados nesta lição.

Lição 85

Hiph'il – *pei* gutural

אָכַל COMER *Hiph'il* ALIMENTAR

Passado		Presente		Futuro	
1 m.f.	הֶאֱכַלְתִּי	Singular		1 m.f.	אַאֲכִיל
2 m.	הֶאֱכַלְתָּ	M.	מַאֲכִיל	2 m.	תַּאֲכִיל
2 f.	הֶאֱכַלְתְּ	F.	מַאֲכִילָה	2 f.	תַּאֲכִילִי
3 m.	הֶאֱכִיל	alimentando		3 m.	יַאֲכִיל
3 f.	הֶאֱכִילָה	causar a comer		3 f.	תַּאֲכִיל
		Plural			
1 m.f.	הֶאֱכַלְנוּ			1 m.f.	נַאֲכִיל
2 m.	הֶאֱכַלְתֶּם	M.	מַאֲכִילִים	2 m.	תַּאֲכִילוּ
2 f.	הֶאֱכַלְתֶּן	F.	מַאֲכִילוֹת	2 f.	תַּאֲכֵלְנָה
3 m.	הֶאֱכִילוּ			3 m.	יַאֲכִילוּ
3 f.	הֶאֱכִילוּ			3 f.	תַּאֲכֵלְנָה
Imperativo					
alimenta		2 m. הַאֲכֵל	Singular הַאֲכִילָה		2 f.
		2 m. הַאֲכִילוּ	Plural הַאֲכֵלְנָה		2 f.
Infin. cstr.	לְהַאֲכִיל		Infin. abs.		הַאֲכֵל

O *hiph'il* não nos causa dificuldades no *pei* gutural, que tinha tantas modificações delicadas no futuro do *qal*. Aqui, o futuro com o presente, imperativo e infinitivos, começam uniforme e inalteradamente com *patah* seguido por *hateph – patah*. Já vimos que o verbo modelo tem *patah* em cada prefixo dos tempos supra mencionados e, aqui, na letra gutural que segue o prefixo, temos um *shevá* composto no lugar do *shevá* do modelo. É claro que este *shevá* vai se compor com o *patah* do prefixo.

No passado, temos de achar um *hateph* para ficar no lugar do *she-*

© Crédito: Seven

vá da primeira radical do verbo (a letra gutural, justamente) e, sendo que não existe *hateph* para o *hiriq*, escolhe-se *hateph segol*, e daí o prefixo aceito *segol* no lugar de *hiriq*. A letra que segue este *hateph* sempre tem vogal, portanto, ele nunca é alterado.

O *HIPH'IL* DE ALGUNS VERBOS *PEI* GUTURAL

destruir amaldiçoar	הֶחֱרִים	dar ouvidos	הֶאֱזִין
Qal ficar de pé	עָמַד	colocar causar a ficar de pé	הֶעֱמִיד
Qal ser comprido	אָרַךְ	prolongar causar a ser comprido	הֶאֱרִיךְ

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.

2. Desenvolva por extenso, segundo os paradigmas dados nesta lição, os demais verbetes aqui dados como exemplos.

3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.

4. Memorize os vocábulos novos apresentados nesta lição.

Lição 86

Hiph'il – lamed gutural

בָּטַח CONFIAR *Hiph'il* PROMETER, DAR CONFIANÇA

Passado		Presente		Futuro	
1 m.f.	הִבְטַחְתִּי	Singular		1 m.f.	אַבְטִיחַ
2 m.	הִבְטַחְתָּ	M.	מַבְטִיחַ	2 m.	תַּבְטִיחַ
2 f.	הִבְטַחַתְּ	F.	מַבְטִיחָה	2 f.	תַּבְטִיחִי
3 m.	הִבְטִיחַ	Alternativo do F.	מַבְטַחַת	3 m.	יַבְטִיחַ
3 f.	הִבְטִיחָה	prometendo		3 f.	תַּבְטִיחַ
		Plural			
1 m.f.	הִבְטַחְנוּ			1 m.f.	נַבְטִיחַ
2 m.	הִבְטַחְתֶּם	M.	מַבְטִיחִים	2 m.	תַּבְטִיחוּ
2 f.	הִבְטַחְתֶּן	F.	מַבְטִיחוֹת	2 f.	תַּבְטַחְנָה
3 m.	הִבְטִיחוּ			3 m.	יַבְטִיחוּ
3 f.	הִבְטִיחוּ			3 f.	תַּבְטַחְנָה
Imperativo					
causa alguém a confiar promete		2 m. הַבְטַח	Singular הַבְטִיחִי		2 f.
		2 m. הַבְטִיחוּ	Plural הַבְטַחְנָה		2 f.
Infin. cstr.	לְהַבְטִיחַ		Infin. abs.		הַבְטֵחַ

No *lamed* gutural, é só a última sílaba com os sufixos que terá alterações, posto que os guturais *ayin* ע e *heit* ח podem aceitar um *shevá* completamente silencioso para encerrar uma sílaba fechada. O passado em nada difere do verbo modelo escolhido para o *hiph'il*, a não ser na 3ª pessoa masculino singular, que exige *patah* furtivo para acomodar o gutural. As 1ªs e 2ªs pessoas singular e plural têm *patah* ANTES do gutural (seguindo o modelo) e com isso o gutural se dá por

© Crédito: Seven

satisfeito. No futuro, presente, imperativo e nos infinitivos, a letra gutural quase sempre recebe este *patah*. As ocasiões quando não precisa do *patah* extra são estas: quando o sufixo já é uma outra vogal, e quando o gutural é precedido por *patah*. O presente tem uma forma alternativa para evitar a queda do *patah* extra que tem no masculino. O imperativo tem uma forma com *patah* no masculino singular (o modelo faz o *hiriq* diminuir-se para *tsereh*). O infinitivo absoluto tem uma forma breve com *tsereh* mais *patah*.

VERBOS *LAMED* GUTURAL E *AYIN* GUTURAL

perturbar	הִפְרִיעַ	*niph'al* sobrar *hiph'il* deixar, guardar (causar a sobrar)	הִשְׁאִיר
ter sucesso, conseguir	הִצְלִיחַ	*Qal* ouvir *hiph'il* exprimir-se (causar a ouvir)	הִשְׁמִיעַ

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.

2. Desenvolva por extenso, segundo os paradigmas dados nesta lição, os demais verbetes aqui dados como exemplos.

3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.

4. Memorize os vocábulos novos apresentados nesta lição.

Lição 87

Hiph'il – *lamed hei* ל״ה

שָׁקָה BEBER *Hiph'il* REGAR, ABEBERAR

Passado		Presente		Futuro	
1 m.f.	הִשְׁקִיתִי	Singular		1 m.f.	אַשְׁקֶה
2 m.	הִשְׁקִיתָ	M.	מַשְׁקֶה	2 m.	תַּשְׁקֶה
2 f.	הִשְׁקִית	F.	מַשְׁקָה	2 f.	תַּשְׁקִי
3 m.	הִשְׁקָה	abeberando		3 m.	יַשְׁקֶה
3 f.	הִשְׁקְתָה	causando a beber		3 f.	תַּשְׁקֶה
		Plural			
1 m.f.	הִשְׁקִינוּ			1 m.f.	נַשְׁקֶה
2 m.	הִשְׁקִיתֶם	M.	מַשְׁקִים	2 m.	תַּשְׁקוּ
2 f.	הִשְׁקִיתֶן	F.	מַשְׁקוֹת	2 f.	תַּשְׁקֶינָה
3 m.	הִשְׁקוּ	O presente é um particípio que pode ser tido como substantivo copeiro		3 m.	יַשְׁקוּ
3 f.	הִשְׁקוּ			3 f.	תַּשְׁקֶינָה
Imperativo					
dá a beber rega		2 m. הַשְׁקֵה	Singular הַשְׁקִי		2 f.
		2 m. הַשְׁקוּ	Plural הַשְׁקֶינָה		2 f.
Infin. cstr.	לְהַשְׁקוֹת		Infin. abs.		הַשְׁקֵה

Um verbo comum no *hiph'il* pode ter muitas traduções segundo o contexto. Se é o causativo de "beber", então a tradução básica tem de ser "causar a beber".

Ora, causar roupas a beber seria "enxaguar", causar tinta a beber

© Crédito: Seven

seria "diluir", causar plantas a beber seria "regar", causar pessoas a beber seria "dessedentar". Assim você viu que é importante analisar o sentido físico de uma palavra para depois dar uma tradução técnica, poética ou prosaica segundo as exigências do contexto.

As terminações aqui são aquelas que sempre acompanham um verbo *lamed hei*, sendo que as regras para lidar com esta consoante têm mais influência do que as exigências das terminações do verbo com simples *hiriq* grande, seguindo o grau *qal*.

VERBOS *LAMED HEI* – NO *QAL* E NO *HIPH'IL*

Qal ver	רָאָה	causar a ver, mostrar	הֵרְאָה
Qal subir *Niph'al* ser elevado	עָלָה	causar a subir criar, cultivar levantar	הֶעֱלָה
Qal desnudar	גָּלָה	causar a ser levado embora exilar	הֶגְלָה

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.

2. Desenvolva por extenso, segundo os paradigmas dados nesta lição, os demais verbetes aqui dados como exemplos.

3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.

4. Memorize os vocábulos novos apresentados nesta lição.

Lição 88

Hiph'il – lamed aleph ל״א

פלא *Niph'al* **SER MARAVILHOSO** *Hiph'il* **SANTIFICAR**

Passado		Presente		Futuro	
1 m.f.	הִפְלֵאתִי	Singular		1 m.f.	אַפְלִיא
2 m.	הִפְלֵאתָ	M.	מַפְלִיא	2 m.	תַּפְלִיא
2 f.	הִפְלֵאת	F.	מַפְלִיאָה	2 f.	תַּפְלִיאִי
3 m.	הִפְלִיא	santificando		3 m.	יַפְלִיא
3 f.	הִפְלִיאָה	tornando maravilhoso		3 f.	תַּפְלִיא
		Plural			
1 m.f.	הִפְלֵאנוּ			1 m.f.	נַפְלִיא
2 m.	הִפְלֵאתֶם	M.	מַפְלִיאִים	2 m.	תַּפְלִיאוּ
2 f.	הִפְלֵאתֶן	F.	מַפְלִיאוֹת	2 f.	תַּפְלֵאנָה
3 m. 3 f.	הִפְלִיאוּ הִפְלִיאוּ	causando algo a ficar maravilhoso		3 m. 3 f.	יַפְלִיאוּ תַּפְלֵאנָה
Imperativo					
santifica!		2 m. הַפְלֵא	Singular הַפְלִיאִי		2 f.
consagra!		2 m. הַפְלִיאוּ	Plural הַפְלֵאנָה	2 f.	
Infin. cstr.	לְהַפְלִיא		Infin. abs.		הַפְלֵא

O verbo que escolhemos para representar o *lamed aleph* existe com significados especiais em todos os graus a não ser no *qal*. O *niph'al* quer dizer "ser maravilhoso", o *pi'el* tem o sentido de "separar como algo maravilhoso" então "consagrar".

Aqui é o sentido de "causar algo a ser maravilhoso". Veja as traduções variadas que ofereci no paradigma supra.

O *aleph* aceita ficar sem vogal depois do *hiriq* grande do verbo

© Crédito: Seven

modelo. Por esta razão, é quase sempre igual ao modelo, a não ser no fato de não haver *shevá* com o *aleph* (que nunca aceita *shevá*). Quando o passado do modelo do *hiph'il* não tem *hiriq* e se abrevia para *patah*, o *lamed aleph* exige *tsereh*, além de aceitar *tsereh* nos lugares onde o modelo já tem *hiriq* abreviado para *tsereh*.

Compare os respectivos paradigmas!

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.

2. Desenvolva por extenso, segundo os paradigmas dados nesta lição, os demais verbetes aqui dados como exemplos.

3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.

Lição 89

Hiph'il – pei yod פ"י

יָרַד **DESCER** *Hiph'il* **ABAIXAR, FAZER DESCER**

Passado		Presente		Futuro	
		Singular			
1 m.f.	הוֹרַדְתִּי			1 m.f.	אוֹרִיד
2 m.	הוֹרַדְתָּ	M.	מוֹרִיד	2 m.	תּוֹרִיד
2 f.	הוֹרַדְתְּ	F.	מוֹרִידָה	2 f.	תּוֹרִידִי
3 m.	הוֹרִיד	causando a descer		3 m.	יוֹרִיד
3 f.	הוֹרִידָה			3 f.	תּוֹרִיד
		Plural			
1 m.f.	הוֹרַדְנוּ			1 m.f.	נוֹרִיד
2 m.	הוֹרַדְתֶּם	M.	מוֹרִידִים	2 m.	תּוֹרִידוּ
2 f.	הוֹרַדְתֶּן	F.	מוֹרִידוֹת	2 f.	תּוֹרַדְנָה
3 m.	הוֹרִידוּ			3 m.	יוֹרִידוּ
3 f.	הוֹרִידוּ			3 f.	תּוֹרַדְנָה
Imperativo					
abaixa! faz descer!		2 m. הוֹרֵד	Singular הוֹרִידִי		2 f.
		2 m. הוֹרִידוּ	Plural הוֹרַדְנָה 2 f.		
Infin. cstr.	לְהוֹרִיד		Infin. abs.	הוֹרֵד	

No *pei yod* do *hiph'il* é a primeira parte do verbo que sofre modificações, e por isso mesmo as terminações obedecem o modelo do *hiph'il*. A primeira sílaba é bem simples – o *yod* com prefixo estende-se para *vav* e, ao invés de termos *hiriq* mais *shevá* para formar a primeira sílaba, devemos pronunciar o *vav* como *holam*, deixando uma sílaba forte, simples e aberta, que não se modifica em lugar nenhum

© Crédito: Seven

desta tabela de paradigmas. Aqui, seguem três verbos que SEMPRE tiveram *yod*, mesmo na antiguidade.

TRÊS VERBOS *PEI YOD* PURO – NO *HIPH'IL*

amamentar הֵינִיק	lamentar הֵילִיל	fazer bem הֵיטִיב
qal sugar		*qal* ser bom

TRÊS VERBOS *PEI YOD* – NO *QAL* E NO *HIPH'IL*

qal sair יָצָא	saber יָדַע	andar הָלַךְ
causar a sair הוֹצִיא	fazer saber הוֹדִיעַ	fazer andar הוֹלִיךְ
tirar fora	informar	guiar

VERBOS *PEI YOD* NORMALMENTE NO *HIPH'IL*

louvar הוֹדָה	salvar הוֹשִׁיעַ	julgar הוֹכִיחַ
confessar	ajudar	decidir

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.

2. Desenvolva por extenso, segundo os paradigmas dados nesta lição, os demais verbetes aqui dados como exemplos.

3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.

4. Memorize os vocábulos novos apresentados nesta lição.

Lição 90

Hiph'il – ayin vav e *ayin yod*

קוּם **LEVANTAR-SE** *Hiph'il* **LEVANTAR**

Passado		Presente		Futuro	
		Singular			
1 m.f.	הֲקִימוֹתִי			1 m.f.	אָקִים
2 m.	הֲקִימוֹתָ	M.	מֵקִים	2 m.	תָּקִים
2 f.	הֲקִימוֹת	F.	מְקִימָה	2 f.	תָּקִימִי
3 m.	הֵקִים	levantando		3 m.	יָקִים
3 f.	הֵקִימָה	causando algo a levantar-se		3 f.	תָּקִים
		Plural			
1 m.f.	הֲקִימוֹנוּ			1 m.f.	נָקִים
2 m.	הֲקִימוֹתֶם	M.	מְקִימִים	2 m.	תָּקִימוּ
2 f.	הֲקִימוֹתֶן	F.	מְקִימוֹת	2 f.	תָּקִמְנָה
3 m.	הֵקִימוּ			3 m.	יָקִימוּ
3 f.	הֵקִימוּ			3 f.	תָּקִמְנָה
Imperativo					
põe em pé! reestabelece!		2 m. הָקֵם	Singular 2 f. הָקִימִי		
		2 m. הָקִימוּ	Plural 2 f.		הָקִמְנָה
Infin. cstr.	לְהָקִים		Infin. abs.		הָקֵם

O futuro segue o modelo do *hiph'il* em cada ponto a não ser o prefixo com a vogal *qamats*, que tão freqüentemente precede a consoante com vogal forte com o acento ("pretônico"). O passado tem um *holam* extra, que tem peso para enfraquecer o prefixo para *shevá* (composto).

© Crédito: Seven

hiph'il do ע"ו que é também é ל"א - בוֹא vir

Passado	Presente	Futuro
הֵבֵאתִי	causar a vir מֵבִיא	אָבִיא
Imperativo הָבֵא	trazer	Infin. cstr. לְהָבִיא

O *HIPH'IL* DE TRÊS VERBOS ע"ו JÁ CONHECIDOS

espalhar הֵפִיץ — levantar הֵרִים — devolver הֵשִׁיב

ser disperso Q. — fazer alto

sacudir, remover H. הֵנִיעַ — (no *qal* é ser sacudido) נוּעַ

TRÊS VERBOS ע"ו QUE NÃO TÊM GRAU *QAL*

estabelecer הֵכִין — florescer הֵנִיץ — gritar הֵרִיעַ

exultar-se

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.

2. Desenvolva por extenso, segundo os paradigmas dados nesta lição, os demais verbetes aqui dados como exemplos.

3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.

4. Memorize os vocábulos novos apresentados nesta lição.

Lição 91

Hiph'il – duplo *ayin* ע"ע

סָבַב *Qal* **CERCAR, ANDAR EM VOLTA** *Pi'el* **ALTERAR-SE**
Niph'al **VIRAR-SE** *Hiph'il* **ALTERAR, LEVAR EM VOLTA**

Passado		Presente		Futuro	
		Singular			
1 m.f.	הֵסִבּוֹתִי			1 m.f.	אָסֵב
2 m.	הֵסִבּוֹתָ	M.	מֵסֵב	2 m.	תָּסֵב
2 f.	הֵסִבּוֹת	F.	מֵסֵבָה	2 f.	תָּסֵבִּי
3 m.	הֵסֵב	alterando		3 m.	יָסֵב
3 f.	הֵסֵבָּה	mudando transferindo dirigindo		3 f.	תָּסֵב
		Plural			
1 m.f.	הֵסִבּוֹנוּ			1 m.f.	נָסֵב
2 m.	הֵסִבּוֹתֶם	M.	מֵסֵבִּים	2 m.	תָּסֵבּוּ
2 f.	הֵסִבּוֹתֶן	F.	מֵסֵבּוֹת	2 f.	תְּסֵבֶּינָה
3 m.	הֵסֵבּוּ			3 m.	יָסֵבּוּ
3 f.	הֵסֵבּוּ			3 f.	תְּסֵבֶּינָה

Note que não há reduplicação na consoante no *tav* sem vogal que termina a palavra.

Imperativo causa a voltar! altera! circunda!		2 m. הָסֵב	Singular 2 f.	הָסֵבִּי
		2 m. הָסֵבּוּ	Plural 2 f.	הָסֵבֶּינָה
Infin. cstr.	לְהָסֵב		Infin. abs.	הָסֵב

© Crédito: Seven

Aqui se vê um verbo muito comum, que existe em muitos graus, e com várias interpretações. À primeira vista, parece haver aqui uma divergência maior entre a família do duplo *ayin* e a *ayin vav* do que normalmente ocorre. Mas o *holam* que apareceu no *ayin vav* não foi embora – apenas aparece sem *vav* (*holam* defectivo). O *yod* que no passado *hiph'il* do *ayin vav* e *ayin yod* representa a consoante da raiz, deixa simples *hiriq* pequeno o representar no duplo *ayin*. Em compensação, temos reduplicação da letra que na forma básica do verbo aparece como segunda radical e também como terceira radical. Observando estas alterações lógicas, a vocalização segue junto com o *ayin vav*. O futuro com as demais partes do verbo não faz questão do *hiriq* grande, que era importante para o verbo que tinha *vav* ou *yod* na raiz. Aqui é abandonado para pôr *tsereh*, que forma um par mais agradável a pronunciar com o *qamats* do prefixo. *Qamats* era necessário para o prefixo de uma sílaba única, então atrai para si mesmo o *tsereh* que é um compromisso fonético entre *hiriq* e *qamats*, como existe no futuro do *niph'al*. *Qamats* é sobretudo a vogal que aparece e desaparece com facilidade, e que causa modificações fonéticas. Note a tentativa do feminino plural futuro de seguir o verbo modelo.

DOIS VERBOS ע"ע NO *HIPH'IL* (SÓ UM TEM *QAL*)

esmagar פָּרַר violar, aniquilar הֵפֵר começar הֵחֵל

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.

2. Desenvolva por extenso, segundo os paradigmas dados nesta lição, os demais verbetes aqui dados como exemplos.

3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.

4. Memorize os vocábulos novos apresentados nesta lição.

Lição 92

Hiph'il – pei nun פ"נ

נָגַד **FERIR, ATINGIR** *Hiph'il* **NARRAR, CONTAR**

Passado		Presente		Futuro	
		Singular			
1 m.f.	הִגַּדְתִּי			1 m.f.	אַגִּיד
2 m.	הִגַּדְתָּ	M.	מַגִּיד	2 m.	תַּגִּיד
2 f.	הִגַּדְתְּ	F.	מַגִּידָה	2 f.	תַּגִּידִי
3 m.	הִגִּיד	narrando		3 m.	יַגִּיד
3 f.	הִגִּידָה	causando a atingir os ouvidos		3 f.	תַּגִּיד
		Plural			
1 m.f.	הִגַּדְנוּ			1 m.f.	נַגִּיד
2 m.	הִגַּדְתֶּם	M.	מַגִּידִים	2 m.	תַּגִּידוּ
2 f.	הִגַּדְתֶּן	F.	מַגִּידוֹת	2 f.	תַּגִּדְנָה
3 m.	הִגִּידוּ			3 m.	יַגִּידוּ
3 f.	הִגִּידוּ			3 f.	תַּגִּדְנָה
Imperativo					
conta! narra!		2 m. הַגֵּד	Singular 2 f.		הַגִּידִי
		2 m. הַגִּידוּ	Plural 2 f.		הַגִּדְנָה
Infin. cstr.	לְהַגִּיד		Infin. abs.		הַגֵּד

Aqui temos o verbo mais comum para exprimir a idéia de "relatar", "explicar" – enfim, sendo causativo, podemos entender – "causar um assunto a ferir o tímpano do ouvido ou atingir a compreensão".

Na totalidade das partes do verbo *pei nun* no *hiph'il*, o *nun* foi assimilado pela reduplicação (feita por intermédio de *dagesh* forte) da

© Crédito: Seven

consoante seguinte. Isto se dá porque no *hiph'il* a primeira radical do verbo sempre está sem vogal no modelo, e a segunda radical sempre está com vogal. Condições perfeitas para a primeira radical ser assimilada pela reduplicação da segunda (no caso do *nun*).

DOIS VERBOS פ"נ NO *QAL* E NO *HIPH'IL*

tocar נָגַע — *hiph'il* causar a tocar, chegar a, galgar הִגִּיעַ
brotar נָבַע — *hiph'il* exprimir, expressar הִבִּיעַ

SEIS VERBOS פ"נ QUE NÃO TÊM *QAL* – NO *HIPH'IL*

observar הִבִּיט
olhar

colocar הִצִּיב

atingir הִשִּׂיג
adquirir

(*lamed hei*) הִכָּה
ferir

libertar הִצִּיל

perceber הִכִּיר
reconhecer

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.
2. Desenvolva por extenso, segundo os paradigmas dados nesta lição, os demais verbetes aqui dados como exemplos.
3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.
4. Memorize os vocábulos novos apresentados nesta lição.

Lição 93

Grau *hoph'al* – verbo modelo

הִשְׁלִיךְ ARREMESSAR *Hoph'al* SER ARREMESSADO

Passado		Presente		Futuro	
		Singular			
1 m.f.	הָשְׁלַכְתִּי			1 m.f.	אָשְׁלַךְ
2 m.	הָשְׁלַכְתָּ	Masc.	מָשְׁלָךְ	2 m.	תָּשְׁלַךְ
2 f.	הָשְׁלַכְתְּ	Fem.	מָשְׁלָכָה	2 f.	תָּשְׁלְכִי
3 m.	הָשְׁלַךְ	Alternativa Fem.	מָשְׁלֶכֶת	3 m.	יָשְׁלַךְ
3 f.	הָשְׁלְכָה	sendo arremessado jogado		3 f.	תָּשְׁלַךְ
		Plural			
1 m.f.	הָשְׁלַכְנוּ			1 m.f.	נָשְׁלַךְ
2 m.	הָשְׁלַכְתֶּם	Masc.	מָשְׁלָכִים	2 m.	תָּשְׁלְכוּ
2 f.	הָשְׁלַכְתֶּן	Fem.	מָשְׁלָכוֹת	2 f.	תָּשְׁלַכְנָה
3 m.	הָשְׁלְכוּ			3 m.	יָשְׁלְכוּ
3 f.	הָשְׁלְכוּ			3 f.	תָּשְׁלַכְנָה
O "presente" do *hoph'al* é um particípio passivo.					
Imperativo: Não tem existência no passivo do verbo.					
Infin. cstr.	לְהָשְׁלַךְ		Infin. abs.		הָשְׁלֵךְ

O *hoph'al* (הָפְעַל) é simplesmente o passivo do *hiph'il*. Para compreender o sentido de um verbo no *hoph'al*, é necessário saber qual seria o significado do *hiph'il*, mesmo se o verbo tem vários outros graus. É formado com *qamats* seguido por *shevá* fazendo uma sílaba fechada na qual o *qamats* é PEQUENO, pronunciado como "o" breve.

A vogal que acompanha a segunda radical é *patah*, e por este motivo é possível conjugar o passado do *hoph'al* como se fosse o *qal*

© Crédito: Seven

(depois de isolar a primeira sílaba que é fechada e não influi sobre as demais dois radicais com os sufixos). No futuro, *patah* ainda permanece como parte integrante deste grau. Tão importante é este som que, no presente, torna-se um *qamats* que usa seu valor como pretônico e, assim, permanece mesmo antes dos sufixos do plural.

Realmente, o melhor meio de reconhecer este grau à primeira vista é o *qamats qatan* (às vezes consta *qubuts*) na parte inicial da palavra, na totalidade dos tempos do verbo no *hoph'al*. O preformativo *hei* se vê apenas no passado e nos infinitivos. O preformativo *meim* se vê no presente, mas todos os graus a não ser *qal* e *niph'al* têm esta característica no presente (que é também particípio e serve como substantivo em muitos casos).

Desenvolva por extenso estes exemplos:

DOIS VERBOS פ"נ – *QAL, HIPH'IL* E *HOPH'AL*

qal	*hiph'il*	*hoph'al*
efervescer נָבַע borbulhar	exprimir הִבִּיעַ	ser exprimido הָבַע
qal	*hiph'il*	*hoph'al*
atingir נָגַד	narrar הִגִּיד	ser narrado הֻגַּד

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.

2. Desenvolva por extenso, segundo os paradigmas dados nesta lição, os demais verbetes aqui dados como exemplos.

3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.

4. Memorize os vocábulos novos apresentados nesta lição.

Lição 94

Hoph'al – lamed hei ל"ה

גָּלָה *Qal* **DESCOBRIR, REVELAR, DESNUDAR**

Niph'al ser revelado
Pi'el mostrar, revelar
Hiph'il exilar, desamparar
Hoph'al ser exilado

Passado		Presente		Futuro	
1 m.f.	הָגְלֵיתִי	Singular		1 m.f.	אֶגְלֶה
2 m.	הָגְלֵיתָ	M.	מֻגְלֶה	2 m.	תִּגְלֶה
2 f.	הָגְלֵית	F.	מֻגְלָה	2 f.	תִּגְלִי
3 m.	הֻגְלָה	sendo exilado		3 m.	יִגְלֶה
3 f.	הֻגְלְתָה			3 f.	תִּגְלֶה
		Plural			
1 m.f.	הָגְלִינוּ			1 m.f.	נִגְלֶה
2 m.	הָגְלִיתֶם	M.	מֻגְלִים	2 m.	תִּגְלוּ
2 f.	הָגְלִיתֶן	F.	מֻגְלוֹת	2 f.	תִּגְלֶינָה
3 m.	הֻגְלוּ			3 m.	יִגְלוּ
3 f.	הֻגְלוּ			3 f.	תִּגְלֶינָה
O "presente" do *hoph'al* é um particípio passivo.					
Imperativo: Não tem existência no passivo do verbo.					
Infin. cstr.	לְהֻגְלוֹת		Infin. abs.		הֻגְלָה

O *hei* sempre produz as mesmas terminações quando ocorre como terceira radical. As várias vogais usadas como terminações dos vários graus não têm tanta força quanto a influência de uma consoante inteira que cai do texto na condição de a vocalização se modificar segundo suas exigências. No *qal*, *pi'el* e numa forma alternativa do *hiph'il* deixa *hiriq* GRANDE no seu lugar para formar o passado.

Os demais graus recebem um tipo de ditongo *tsereh* com *yod*.

© Crédito: Seven

O *hoph'al* do *ayin* gutural e do *lamed* gutural não é desenvolvido nestas páginas. A presença do *patah* no verbo modelo é justamente aquilo que as duas famílias citadas requerem para si, portanto obedecem ao modelo; o *pei* gutural não precisa aparecer aqui, sendo que a única modificação é colocar *hateph qamats* (*qamats* breve formado em composição com *shevá*) na primeira radical no lugar de *shevá*. "ser colocado" הָעֳמַד

QUATRO VERBOS COMUNS – NO *QAL* NO *HIPH'IL* – *HOPH'AL*

reinar מָלַךְ	fazer reinar הִמְלִיךְ	ser posto como rei הָמְלַךְ
ser puro טָהַר	santificar הִקְדִּישׁ	ser santificado הָקְדַּשׁ
ser justo צָדַק	justificar הִצְדִּיק	ser justificado הָצְדַּק
perecer אָבַד	fazer perecer destruir הֶאֱבִיד	ser destruído הָאֱבַד

(este último é *pei* gutural)

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.

2. Desenvolva por extenso, segundo os paradigmas dados nesta lição, os demais verbetes aqui dados como exemplos.

3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.

4. Memorize os vocábulos novos apresentados nesta lição.

Lição 95

Hoph'al – ayin vav e *ayin yod*

קוּם **LEVANTAR-SE**

Hiph'il **LEVANTAR** *Hoph'al* **SER LEVANTADO**

Passado		Presente		Futuro	
		Singular			
1 m.f.	הוּקַמְתִּי			1 m.f.	אוּקַם
2 m.	הוּקַמְתָּ	M.	מוּקָם	2 m.	תּוּקַם
2 f.	הוּקַמְתְּ	F.	מוּקָמָה	2 f.	תּוּקְמִי
3 m.	הוּקַם	F. alternativo	מוּקֶמֶת	3 m.	יוּקַם
3 f.	הוּקְמָה	sendo levantado		3 f.	תּוּקַם
		Plural			
1 m.f.	הוּקַמְנוּ			1 m.f.	נוּקַם
2 m.	הוּקַמְתֶּם	M.	מוּקָמִים	2 m.	תּוּקְמוּ
2 f.	הוּקַמְתֶּן	F.	מוּקָמוֹת	2 f.	תּוּקַמְנָה
3 m. 3 f.	הוּקְמוּ הוּקְמוּ	O "presente" do *hoph'al* é um particípio PASSIVO		3 m. 3 f.	יוּקְמוּ תּוּקַמְנָה
Imperativo: não tem existência no passivo do verbo.					
Infin. cstr.	לְהָקִים		Infin. abs.		הָקֵם

O *hoph'al* do *ayin vav* e *ayin yod* é interessantíssimo pelo fato de o *vav* original constar ANTES da primeira radical na forma de um *shuruq*. Já foi dito que o *hoph'al* pode receber *qubuts*, e, aqui, aproveitou-se para indicar a radical central desta família de verbos. O resultado é que, depois de feita esta alteração, esta família obedece totalmente ao modelo do *hoph'al*. O infinitivo construto volta para a norma do *hiph'il*,

© Crédito: Seven

e tem um *qamats* pretônico, plenamente pronunciado pois tem vogal acentuada logo em seguida.

VERBOS ע"ו E ע"י NO *QAL – HIPH'IL – HOPH'AL*

voltar	שׁוּב	devolver	הֵשִׁיב	ser devolvido	הוּשַׁב
compreender	בִּין	fazer, instruir compreender	הֵבִין	ser instruído (compreensivo)	הוּבַן
vir	בּוֹא	causar a vir trazer	הֵבִיא	ser trazido	הוּבָא
brilhar	אוֹר	iluminar	הֵאִיר	ser iluminado	הוּאָר
descansar-se	נוּחַ	dar descanso	הֵנִיחַ	receber descanso	הוּנַח
descansar-se	נוּחַ	deitar	הִנִּיחַ	ser colocado	הֻנַּח

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.

2. Desenvolva por extenso, segundo os paradigmas dados nesta lição, os demais verbetes aqui dados como exemplos.

3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.

4. Memorize os vocábulos novos apresentados nesta lição.

Lição 96

Grau *hitpa'el* – modelo

קָדַשׁ *Qal* **SER JUSTO, PURO** *Hiph'il* **SANTIFICAR**
pi'el **CONSAGRAR** *Hitpa'el* **CONSAGRAR-SE**

Passado		Presente		Futuro	
		Singular			
1 m.f.	הִתְקַדַּשְׁתִּי			1 m.f.	אֶתְקַדֵּשׁ
2 m.	הִתְקַדַּשְׁתָּ	M.	מִתְקַדֵּשׁ	2 m.	תִּתְקַדֵּשׁ
2 f.	הִתְקַדַּשְׁתְּ	F.	מִתְקַדֶּשֶׁת	2 f.	תִּתְקַדְּשִׁי
3 m.	הִתְקַדֵּשׁ	consagrando-se		3 m.	יִתְקַדֵּשׁ
3 f.	הִתְקַדְּשָׁה	ficando famoso		3 f.	תִּתְקַדֵּשׁ
		Plural			
1 m.f.	הִתְקַדַּשְׁנוּ			1 m.f.	נִתְקַדֵּשׁ
2 m.	הִתְקַדַּשְׁתֶּם	M.	מִתְקַדְּשִׁים	2 m.	תִּתְקַדְּשׁוּ
2 f.	הִתְקַדַּשְׁתֶּן	F.	מִתְקַדְּשׁוֹת	2 f.	תִּתְקַדֵּשְׁנָה
3 m.	הִתְקַדְּשׁוּ			3 m.	יִתְקַדְּשׁוּ
3 f.	הִתְקַדְּשׁוּ			3 f.	תִּתְקַדֵּשְׁנָה
Imperativo					
seja consagrado!		2 m. הִתְקַדֵּשׁ	Singular הִתְקַדְּשִׁי		2 f.
dedica-se!		2 m. הִתְקַדְּשׁוּ	Plural הִתְקַדֵּשְׁנָה		2 f.
Infin. cstr.	לְהִתְקַדֵּשׁ		Infin. abs.		הִתְקַדֵּשׁ

O *hitpa'el* (הִתְפַּעֵל) é um grau reflexivo, e realmente pode ser considerado como um desenvolvimento do *pi'el*, tanto na forma da conjugação do grau, como também na maneira de traduzir como o intensivo-reflexivo do *qal*. Uma maneira prática de ver a forma do *hitpa'el* é considerá-lo semelhante ao infinitivo construto do *pi'el*, MAIS o prefixo *hit* (הִתְ) que forma uma sílaba fechada, junto com os sufixos que já

© Crédito: Seven

conhecemos desde o *qal*. O *hei* do prefixo do *hitpa'el* cai para dar lugar aos prefixos do futuro, como já vimos no *hiph'il* e no *hoph'al*. No presente, o *hei* cede lugar ao *meim* usado em todos os graus intensivos e causativos. O passado tem a mesma modificação que é normal no *pi'el* – o *tsereh* da 3ª pessoa masculino singular que acompanha a radical central reduplicada modifica-se para *patah* antes dos sufixos.

O grau é facílimo de reconhecer por causa do seu grande comprimento devido ao prefixo de duas consoantes.

HITPA'EL DOIS VERBOS ILUSTRATIVOS PARA DESENVOLVER

Não há *qal*	פלל	*pi'el* julgar	פִּלֵּל	*hit.* orar	הִתְפַּלֵּל
enganar	נָכַל	*pi'el* enganar	הִכֵּל	conspirar	הִתְנַכֵּל

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.

2. Desenvolva por extenso, segundo os paradigmas dados nesta lição, os demais verbetes aqui dados como exemplos.

3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.

4. Memorize os vocábulos novos apresentados nesta lição.

Lição 97

Hitpa'el – lamed aleph ל״א

פָּלָא *Qal – Pi'el* **SEPARAR, CONSAGRAR**

Niph'al **SER MARAVILHOSO** *Hiph'il* **SANTIFICAR**
Hitpa'el **MOSTRAR-SE EXTRAORDINÁRIO, MARAVILHAR-SE**

Passado		Presente		Futuro	
		Singular			
1 m.f.	הִתְפַּלֵּאתִי			1 m.f.	אֶתְפַּלֵּא
2 m.	הִתְפַּלֵּאתָ	M.	מִתְפַּלֵּא	2 m.	תִּתְפַּלֵּא
2 f.	הִתְפַּלֵּאת	F.	מִתְפַּלֵּאת	2 f.	תִּתְפַּלְּאִי
3 m.	הִתְפַּלֵּא	Alt. F.	מִתְפַּלְּאָת	3 m.	יִתְפַּלֵּא
3 f.	הִתְפַּלְּאָה	maravilhando-se		3 f.	תִּתְפַּלֵּא
		Plural			
1 m.f.	הִתְפַּלֵּאנוּ			1 m.f.	נִתְפַּלֵּא
2 m.	הִתְפַּלֵּאתֶם	M.	מִתְפַּלְּאִים	2 m.	תִּתְפַּלְּאוּ
2 f.	הִתְפַּלֵּאתֶן	F.	מִתְפַּלְּאוֹת	2 f.	תִּתְפַּלֵּאנָה
3 m.	הִתְפַּלְּאוּ			3 m.	יִתְפַּלְּאוּ
3 f.	הִתְפַּלְּאוּ			3 f.	תִּתְפַּלֵּאנָה
Imperativo					
maravilha-se!		2 m. הִתְפַּלֵּא	Singular	2 f.	הִתְפַּלְּאִי
faça proezas!		2 m. הִתְפַּלְּאוּ	Plural	2 f.	הִתְפַּלֵּאנָה
Infin. cstr.	לְהִתְפַּלֵּא		Infin. abs.		הִתְפַּלֵּא

O *hitpa'el* da família *lamed aleph* tem as terminações conhecidas desde o *qal*, isto é, o *aleph* perde o *shevá* que haveria de ter segundo o verbo modelo, na condição de ser precedido por *qamats* ou *tsereh*. Aqui conserva o *tsereh* que já existe na terceira pessoa singular do modelo do *hitpa'el*, tanto no passado como no futuro. O imperativo, infinitivo

© Crédito: Seven

construto e infinitivo absoluto seguem o resto do verbo de uma maneira bem regular. Nota-se um *dagesh* tanto na primeira radical como na Segunda neste verbo. O primeiro é acidental (o *dagesh* leve que se aplica às letras - בּ, גּ, דּ, כּ, פּ, תּ , depois de um prefixo que já é a sílaba fechada e completa em si). O segundo é *dagesh* forte de reduplicação, proveniente do *pi'el* que é a forma básica do *hitpa'el*. Um verbo que não tem uma dessas seis consoantes especiais como primeira radical, não vai ter o *dagesh* leve aqui apontado. No *ayin* gutural há *qamets* e não *patah*. O *hitpa'el* pode ser usado para descrever uma ação recíproca.

hitpa'el.
Se ver mutuamente, entreolhar-se
Verbo *ayin* gut e ל"ה הִתְרָאָה
qal – ver רָאָה

DOIS VERBOS *LAMED ALEPH* NO *HITPA'EL*

esconder-se הִתְחַבֵּא falar sobre si הִתְבַּטֵּא

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.
2. Desenvolva por extenso, segundo os paradigmas dados nesta lição, os demais verbetes aqui dados como exemplos.
3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.
4. Memorize os vocábulos novos apresentados nesta lição.

Lição 98

Hitpa'el – lamed hei ל"ה

גָּלָה *Qal* **DESCOBRIR, REVELAR, DESNUDAR**
Pi'el **MOSTRAR, REVELAR** *Hitpa'el* **REVELAR-SE**

Passado		Presente		Futuro	
		Singular			
1 m.f.	הִתְגַּלִּיתִי			1 m.f.	אֶתְגַּלֶּה
2 m.	הִתְגַּלִּיתָ	M.	מִתְגַּלֶּה	2 m.	תִּתְגַּלֶּה
2 f.	הִתְגַּלִּית	F.	מִתְגַּלָּה	2 f.	תִּתְגַּלִּי
3 m.	הִתְגַּלָּה	revelando-se		3 m.	יִתְגַּלֶּה
3 f.	הִתְגַּלְּתָה			3 f.	תִּתְגַּלֶּה
		Plural			
1 m.f.	הִתְגַּלִּינוּ			1 m.f.	נִתְגַּלֶּה
2 m.	הִתְגַּלִּיתֶם	M.	מִתְגַּלִּים	2 m.	תִּתְגַּלּוּ
2 f.	הִתְגַּלִּיתֶן	F.	מִתְגַּלּוֹת	2 f.	תִּתְגַּלֶּינָה
3 m.	הִתְגַּלּוּ			3 m.	יִתְגַּלּוּ
3 f.	הִתְגַּלּוּ			3 f.	תִּתְגַּלֶּינָה
Imperativo					
revela-se!		2 m. הִתְגַּלֵּה	Singular הִתְגַּלִּי 2 f.		
descobre-se!		2 m. הִתְגַּלּוּ	Plural הִתְגַּלֶּינָה 2 f.		
Infin. cstr.	לְהִתְגַּלּוֹת		Infin. abs.		הִתְגַּלֵּה

Mais uma vez estamos com as terminações tradicionais do *lamed hei*, formadas no passado com *tsereh* e *yod*. O *dagseh* leve está no *gimel*, sendo que começa uma nova sílaba. Sempre fazemos questão de escrever o *lamed hei* por extenso, não porque é muito difícil, mas, sim, por ser importante para o estudante se familiarizar por completo com uma família que sempre perde uma letra radical, e que é, talvez, tão comum como o próprio verbo modelo. Note o

© Crédito: Seven

infinitivo construto com a terminação *ot* (וֹת) como ocorre em cada grau. O infinitivo absoluto termina com *tsereh*, que não é vogal muito usada para acompanhar o *hei* (normalmente abranda-se para *segol*). Aqui segue um verbo *hitpa'el* que se traduz como um passivo, e um outro no qual podemos ver que o *yod* da primeira radical não complica.

ser recebido הִתְקַבֵּל tomar posição הִתְיַצֵּב

HITPA'EL DE TRÊS VERBOS ל"ה JÁ CONHECIDOS

No *pi'el* cobiçar אִוָּה *hith.* cobiçar הִתְאַוָּה
multiplicar-se הִתְרַבָּה ser exaltado הִתְעַלָּה

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.
2. Desenvolva por extenso, segundo os paradigmas dados nesta lição, os demais verbetes aqui dados como exemplos.
3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.
4. Memorize os vocábulos novos apresentados nesta lição.

Lição 99

Hitpa'el – lamed gutural

בָּלַע **TRAGAR** הִתְבַּלַּע **PERECER**

Passado
3 masc. sing. הִתְבַּלַּע
Futuro
1 m.f. sing. אֶתְבַּלַּע
יָדַע saber
Passado
3 masc. sing. הִתְוַדַּע
Futuro
1 m.f. sing. אֶתְוַדַּע

Presente מִתְבַּלֵּעַ

Infinito
construto לְהִתְבַּלֵּעַ
הִתְוַדַּע tornar-se conhecido
Presente מִתְוַדֵּעַ
Infinitivo
construto לְהִתְוַדֵּעַ

Este último verbo também é *pei yod*, onde o *yod* passa para *vav*. Contrastar o *pei yod* puro na Lição 101.

Temos de observar que a expressão *lamed* gutural se refere às terminações com *heit* e *ayin*. Um exemplo de cada consta aqui. As formas mais "lentas" (presente e infinitivo) recebem o *tsereh* com *patah* furtivo. O passado e o futuro têm formas mais "rápidas".

MODIFICAÇÕES SÉRIAS NAS CONSOANTES DO *HITPA'EL*

ס, שׂ e שׁ trocam lugar com o *tav* prefixo do הִתְפַּעֵל quando são na posição de primeira radical alterando a aparência exterior do verbo, como nestes exemplos:

שָׁלַח mandar הִשְׁתַּלֵּחַ retirar-se
סכל (Não existe no *qal*) הִסְתַּכֵּל considerar, observar
שָׁכַר beber transforma-se em: הִשְׁתַּכֵּר ficar bêbado

© Crédito: Seven

שָׂכַר alugar transforma-se em הִשְׂתַּכֵּר ganhar (se alugar por tanto)

צ se acompanha pelo *teit* quando é precedido pelo prefixo normal do *hitpa'el*, sendo o *teit* um *tav* original modificado nesta posição.

צָדַק ser justo *hitpa'el* הִצְטַדֵּק justificar-se

צָעֵר ser menosprezado הִצְטַעֵר desculpar-se

Esta dupla modificação quase não deixa visível a forma do *hitpa'el*. Da mesma forma, o *tav* do *hitpa'el* pode desaparecer dentro da primeira consoante de certos verbos, por reduplicação.

תָּמַם ser puro, reto *hitpa'el* - הִתַּמֵּם conduzir-se retamente

טָהֵר ser puro *hitpa'el* - הִטַּהֵר purificar (ritualmente)

Alguns verbos têm este desaparecimento como forma alternativa: הִתְנַבֵּא ou הִנַּבֵּא profetizar do verbo נִבָּא

Há também o caso de verbos que começam com *zayin*, que forçam o *tav* do prefixo do *hitpa'el* a se modificar para *dalet* antes de trocar lugar com o *zayin*. É uma raridade. Realmente é a primeira destas modificações que vai ser encontrada pelo estudante numa escala que valha a pena gravar a regra bem firmemente na memória.

As demais constam aqui para pôr o estudante de sobreaviso para o dia no qual ele acha um verbo "que não consta no dicionário". Aliás, quem souber a gramática que consta neste livro, nunca terá que falar assim.

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.

2. Desenvolva por extenso, segundo os paradigmas dados nesta lição, os demais verbetes aqui dados como exemplos.

3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.

4. Memorize os vocábulos novos apresentados nesta lição.

Lição 100

Hitpa'el – ע"ע ע"י ע"ו

קוּם **LEVANTAR-SE** הִתְקוֹמֵם **LEVANTAR-SE CONTRA**

Passado הִתְקוֹמֵם
3 masc. sing.

Passado הִתְקוֹמַמְתִּי
1 m.f. sing.

Presente מִתְקוֹמֵם
Masc. sing.

Futuro אֶתְקוֹמֵם
1 m.f. sing.

Imperativo הִתְקוֹמֵם
2 masc. sing.

Infinitivo construto לְהִתְקוֹמֵם

פִּלֵּל julgar (*pi'el*)

הִתְפַּלֵּל orar (*hitpa'el*)

Passado הִתְפַּלֵּל
3 m. sing.

Passado הִתְפַּלַּלְתִּי
1 m.f. sing.

Presente מִתְפַּלֵּל
Masc. sing.

Futuro אֶתְפַּלֵּל
1 m.f. sing.

Imperativo הִתְפַּלֵּל

Infinitivo construto לְהִתְפַּלֵּל

A primeira destas duas formas recebe o nome técnico de *hitpolel*, e se aplica igualmente aos verbos *ayin vav*, *ayin yod* e duplo *ayin*.

Não há reduplicação por *dagesh* forte, mas sim, por extenso (mas é a última radical que fica escrita duas vezes). Por boa medida, devolve-se para o verbo o *vav* do verbo original e, por analogia, o duplo *ayin* recebe um *vav* que nunca tinha antes.

Realmente é a aplicação da lei para estender o *ayin vav* juntam com a lei para estender o duplo *ayin*. Ambos os tipos se estendem destas duas

© Crédito: Seven

maneiras. O verbo "orar" simplesmente obedece o verbo modelo, tratando as duas consoantes iguais como qualquer consoante firme e forte.

VOCABULÁRIO

עוּר despertar-se

הִתְעוֹרֵר ficar estimulado (*hitpa'el*)

LISTA DE VERBOS *PEI YOD* PURO

יָקַע despertar-se

יָשַׁר ser reto

יָנַק sugar

הֵימִין virar à direita (*hiph'il*)

יָצַר formar

יָבֵשׁ ficar seco

יָטַב ser bom

הֵיטִיב fazer bem (*hiph'il*)

הֵילִיל lamentar existe somente no *hiph'il*.

São estes verbos que sempre exigem ter o *yod* escrito por extenso no futuro do *qal*, e que, no *hiph'il*, conservam o *yod* por extenso em todos os tempos e em todas as pessoas. Esta lista é completa, para o estudante estar bem ciente que, uma vez aprendida esta pequena coleção, os demais verbos *pei yod* provêm realmente de verbos que tinham *vav* na primeira radical, um *vav* que sempre está pronto a reaparecer na flexão do verbo. Outros aspectos deste assunto se acham descritos na Lição 90 que descreve o *hiph'il* do verbo *pei yod*. O verbo "fazer bem" é o *hiph'il* de "ser bom". Os demais dois verbos que aparecem no *hiph'il* não têm forma *qal*.

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.

2. Desenvolva por extenso, segundo os paradigmas dados nesta lição, os demais verbetes aqui dados como exemplos.

3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.

4. Memorize os vocábulos novos apresentados nesta lição.

Lição 101

Sufixos pronominais dos verbos

Um verbo ativo pode receber um sufixo pronominal para exprimir o objeto direto, o acusativo do pronome. "Ele me guardou" por extenso se escreve assim:

שָׁמַר אוֹתִי Com sufixo podemos dizer: guardou-me שְׁמָרַנִי

A terceira pessoa do singular, masculino, segue aqui com sufixos.

Singular do sufixo	Passado		Singular do sufixo	Futuro
ele me guardou	שְׁמָרַנִי	1 m.f.	ele me guardará	יִשְׁמְרֵנִי
ele te (M.)	שְׁמָרְךָ	2 m.	ele te (M.)	יִשְׁמָרְךָ
ele te (F.)	שְׁמָרֵךְ	2 f.	ele te (F.)	יִשְׁמָרֵךְ
ele o guardou	שְׁמָרוֹ	3 m.	ele o guardará	יִשְׁמְרֵהוּ
ele a guardou	שְׁמָרָהּ	3 f.	ele a guardará	יִשְׁמְרֶהָ
Plural do sufixo			Plural do sufixo	
ele nos guardou	שְׁמָרָנוּ	1 m.f.	ele nos guardará	יִשְׁמְרֵנוּ
ele vos (M.)	שְׁמָרְכֶם	2 m.	ele vos (M.)	יִשְׁמָרְכֶם
ele vos (F.)	שְׁמָרְכֶן	2 f.	ele vos (F.)	יִשְׁמָרְכֶן
ele os guardou	שְׁמָרָם	3 m.	ele os guardará	יִשְׁמְרֵם
ele as guardou	שְׁמָרָן	3 f.	ele as guardará	יִשְׁמְרֵן

Estas terminações são usadas consideravelmente na língua clássica escrita, e têm de ser aprendidas como chave das muitas terminações semelhantes que o estudante vai achar. Mas para falar na língua hebraica moderna, é mais aconselhável cingir-se à forma simples seguida por um pronome separado.

© Crédito: Seven

Presente

שׁוֹמְרֵנִי	1 m.f. שׁוֹמְרֵנוּ
שׁוֹמֶרְךָ	2 m. שׁוֹמְרֶכֶם
שׁוֹמְרֵךְ	2 f. שׁוֹמְרֶכֶן
שׁוֹמְרוֹ	3 m. שׁוֹמְרָם
שׁוֹמְרָהּ	3 f. שׁוֹמְרָן

À esquerda o presente masculino singular está com os sufixos do singular. À direita, está com os sufixos do plural. Com a última radical do verbo vem o *shevá* sonoro que não encerra a sílaba, ou uma vogal forte fazer ligação direta.
(FORMA COMPRIDA)

Imperativo 2 m. sing.
guarda-me 1 m.f. שָׁמְרֵנוּ
guarda-o 3 m. שָׁמְרֵהוּ
guarda-a 3 f. שָׁמְרֵהָ
PLURAL DO SUFIXO
guarda-nos 1 m.f. שָׁמְרֵנוּ
guarda-os 3 m. שָׁמְרֵם
guarda-as 3 f. שָׁמְרֵן

O INFINITIVO CONSTRUTO
(com o sufixo e prefixo)
me guardar

לְשָׁמְרֵנִי

EXERCÍCIOS

1. Decore os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.
2. Memorize os vocábulos novos apresentados nesta lição.

Lição 102

Mais sufixos pronominais

Eis aqui mais duas pessoas do passado do *qal*, com os sufixos.

3ª PESSOA F. SINGULAR
שָׁמְרָה

3ª PESSOA M. e F. PLURAL
שָׁמְרוּ

Singular do sufixo			Singular do sufixo	
ela me guardou	שְׁמָרַתְנִי	1 m.f.	eles me guardaram	שְׁמָרוּנִי
ela te (m)	שְׁמָרַתְךָ	2 m.	eles te (m)	שְׁמָרוּךָ
ela te (f)	שְׁמָרַתֵּךְ	2 f.	eles te (f)	שְׁמָרוּךְ
ela o	שְׁמָרַתּוּ	3 m.	eles o	שְׁמָרוּהוּ
ela a	שְׁמָרַתָּהּ	3 f.	eles a	שְׁמָרוּהָ
Plural do sufixo			**Plural do sufixo**	
ela nos guardou	שְׁמָרַתְנוּ	1 m.f.	ele nos guardou	שְׁמָרוּנוּ
ela vos (m)	שְׁמָרַתְכֶם	2 m.	não há*	
ela vos (f)	שְׁמָרַתְכֶן	2 f.	não há*	
ela os guardou	שְׁמָרַתָּם	3 m.	ele os	שְׁמָרוּם
ela as guardou	שְׁמָרַתָּן	3 f.	ele as	שְׁמָרוּן

*Aqui podemos ver o que acontece quando a terminação feminina do verbo recebe sufixos, e o que acontece com uma forma de um verbo que termina em vogal, que nestas mesmas condições recebe sufixo. Assim como no caso do substantivo feminino, o *hei* final se transforma em *tav*, perdendo o *qamats* que foi exigido pelo *hei*. Agora a vogal de ligação entre a raiz do verbo e o sufixo é o *patah*. Este *patah* tem o acento, o eixo de equilíbrio entre o verbo original e o sufixo. Na hora em que perde o acento, que passa a ficar na vogal seguinte, (2 f. sing., e 3 m. e f.

© Crédito: Seven

plural dos sufixos), *patah* toma a forma de *qamats* pretônico. Antes da consoante reduplicada (3 m. e f. singular dos sufixos) não está diretamente antes do acento, e conserva-se como *patah* (sem acento).

SELEÇÕES DO VERBO *LAMED HEI* COM SUFIXOS PRONOMINAIS

Passado	Futuro
	Singular
	רָאָה ver
ele me viu רָאַנִי	1 m.f. ele me verá יִרְאֵנִי
ele o viu רָאָהוּ	3 m. ele o verá יִרְאֵהוּ
	Plural
ele os viu רָאָם	3 m. ele os verá יִרְאֵם

Não há limite para as várias formas de verbos com sufixos. Se o verbo termina em simples vogal como no caso de "eles guardaram" acima, não há problema pois a própria vogal final faz a ligação. O *lamed hei* perde a consoante final antes do sufixo vocálico. As formas dadas são a exigência mínima para memorizar.

EXERCÍCIOS

1. Memorize os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.

2. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.

Lição 103

Infinitivo construto com sufixos

O infinitivo construto de cada verbo, em cada grau, pode receber um sufixo pronominal, e também uma preposição prefixa, assim como os Substantivos (Em hebraico, o infinitivo é o substantivo do verbo.)

a guardar לִשְׁמֹר	em guardar בִּשְׁמֹר
de guardar מִשְׁמֹר	como guardar כִּשְׁמֹר

Esta última expressão serve para dizer "seu andar é como o andar de João", etc. Aqui segue o método literário e o método popular de dizer a mesma coisa:

Quando Moisés guardava o rebanho de Jetro.

Literário	בִּשְׁמֹר מֹשֶׁה אֶת צֹאן יִתְרוֹ
Popular	כַּאֲשֶׁר שָׁמַר מֹשֶׁה אֶת צֹאן יִתְרוֹ

"Em-guardar-de-Moisés o rebanho-de-Jetro" é a maneira clássica de falar. בְּשָׁמְרִי "no meu guardar" tem de ser traduzido à altura do contexto, seja passado, presente ou futuro.

Singular do sufixo			Plural do sufixo	
meu guardar	שָׁמְרִי	1 m.f.	nosso guardar	שָׁמְרֵנוּ
teu (M) guardar	שָׁמְרְךָ	2 m.	vosso (M) guardar	שָׁמְרְכֶם
teu (M) guardar	שָׁמְרֵךְ	2 f.	vosso (F) guardar	שָׁמְרְכֶן
seu (M) guardar	שָׁמְרוֹ	3 m.	seu (M) guardar	שָׁמְרָם
seu (F) guardar	שָׁמְרָהּ	3 f.	seu (F) guardar	שָׁמְרָן

Todas estas formas podem receber as preposições prefixas. O *qamats* aqui é *qamats* pequeno sendo seguido por *shevá*.

© Crédito: Seven

qal ל"ה	comprar קָנָה	meu comprar קִנּוֹתִי
qal ל"א	achar מָצָא	meu achar מְצֹאִי
qal ע"ו	voltar שׁוּב	meu voltar שׁוּבִי
niph'al Modelo	cuidar נִשְׁמַר	meu cuidar הִשַּׁמֵּרִי
pi'el Modelo	falar דִּבֵּר	meu falar דַּבְּרִי
hiph'il Modelo	jogar הִשְׁלִיךְ	meu jogar הַשְׁלִיכִי

Esta lista que oferece a forma normativa do verbo (3m. sing. Passado) e o infinitivo construto com o sufixo pronominal da 1ª pessoa singular é o suficiente para dar uma idéia geral ao estudante de como reconhecer as várias famílias e os vários graus do verbo, no caso do infinitivo construto com sufixos. Quanto ao seu vasto uso nas expressões idiomáticas, é igual às expressões idiomáticas brasileiras.

EXERCÍCIOS

1. Memorize os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.
2. Desenvolva por extenso, segundo os paradigmas dados nesta lição, os demais verbetes aqui dados como exemplos.
3. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.

Lição 104

O *vav* conversivo

1) O simples *vav* com *shevá* (que é o copulativo normal no Hebraico), pode fazer que um verbo aparentemente no passado tenha em tradução o sentido do futuro.
"E acontecerá, se dás ouvidos..." וְהָיָה אִם תִּשְׁמַע

2) O simples *vav* com *shevá* quando aparece com o verbo no futuro é apenas um copulativo simples, com tradução "e".
"Tu escutarás e farás" תִּשְׁמַע וְתַעֲשֶׂה

3) O *vav* com *patah* (ou com *qamats* quando precede *aleph*), quando se liga a um verbo no futuro, causa o tempo do verbo a se subordinar ao sentido do resto da frase na qual ocorre. Isto quer dizer que uma narrativa no passado pede um verbo no futuro com este *vav* conversivo para cada declaração subordinada. Assim como no caso do artigo definido, este *vav* exige reduplicação da consoante seguinte.
"E ele ficou de pé" וַיַּעֲמֹד "E eu disse" וָאֹמַר

Uma frase que começa com o passado exigirá uma seqüência de futuro com *vav* conversivo, e uma frase que começa com um verbo no futuro vai exigir que os demais verbos fiquem no passado com *vav* conversivo. O nº 2 nesta página tem o nome normal de *vav* copulativo. Os dois outros têm o nome do título *vav* conversivo, um convertendo o passado para o futuro, e o outro transforma o futuro em passado (isto é, do ponto de vista do tradutor e do leitor). Estas regras se aplicam somente quando o *vav* está estreitamente ligado ao verbo (se há intervenção de pronome, etc. entre o *vav* e o verbo, quebra-se o elo da seqüência e o verbo volta a ter seu sentido normal).

O JUSSIVO E O HORTATIVO

O jussivo é a forma do imperativo para a terceira pessoa, equivalente ao nosso subjuntivo. Na teoria, é uma forma abreviada do futuro, uma forma rápida para emitir uma ordem. Na prática, já que o futuro normalmente não tem vogais que poderiam ser abreviadas, coincide exatamente com o futuro. Tecnicamente se pode dizer que o imperativo negativo que se forma com o futuro é realmente o jussivo. Neste caso se acha na segunda pessoa. Na segunda pessoa com לֹא forma a proibição absoluta, que já estudamos.

© Crédito: Seven

A maneira de fazer um tipo de imperativo na primeira pessoa, é colocar o *hei* de direção (neste caso, direção de vontade) depois da primeira pessoa do futuro, que passa a se chamar hortativo.

1 m.f. Sing. אֶשְׁמְרָה	que eu guarde
1 m.f. Plural נִשְׁמְרָה	que nos guardemos

Nota-se aqui que, para receber uma vogal forte (*qamats*) na última radical do verbo, a forma do futuro pode perder a vogal forte que tinha na segunda radical, embora que no caso do jussivo tal perda seria impossível, sendo que o futuro ficaria sem vogal. No hortativo, o sufixo *hei* com *qamats* recebe o acento. O estudante só precisa destas breves informações para reconhecer qualquer hortativo que ele ver, embora seja claro que certos graus do verbo e certas famílias terão várias maneiras de ter uma forma curta.

Este *hei* com *qamats* pode ser acrescentado à segunda pessoa masculina singular do imperativo para produzir um imperativo enfático.

EXERCÍCIOS

1. Memorize os paradigmas ensinados, copiando-os e repetindo-os em voz alta.

2. Procure na sua Bíblia Hebraica as palavras e as formas gramaticais aqui ensinadas.

Lição 105

Verbos com modificação dupla

Eis alguns verbos úteis que pertencem a duas famílias ao mesmo tempo. Os tempos do verbo se acham na terceira pessoa masculina singular.

Passado	Tradução	Famílias	Futuro
אָרַר	amaldiçoar	ע"ע e פ"א	יָאֹר
אָשַׁם	expiar, ser culpado	פ"א estado	יֶאְשַׁם
אִוָּה	cobiçar (*pi'el*)	ל"ה e פ"א (*pi'el*)	יְאַוֶּה
יָרָה	visar	ל"ה e פ"י	יִירֶה
יָגַע	cansar, labutar	פ"י e Gut ל"	יִיגַע
יָהַב	dar (só Imper.)	פ"י e Gut ע" Imper.	הַב
נָדַח	expulsar	פ"ן e Gut ע"	יִדַּח
נָאַף	adulterar	פ"ן e Gut ע"	יִנְאַף
נָאַץ	rejeitar, desprezar	פ"ן e Gut ע"	יִנְאַץ
נָחָה	guiar	ל"ה e פ"ן	יִנְחֶה
נָקָה	ser inocente (*niph'al*)	ל"ה e פ"ן (*niph'al*)	יִנָּקֶה
נוּעַ	tremer, mover-se	ע"ו e פ"ן	יָנוּעַ
הָגָה	murmurar	ל"ה e Gut פ"	יֶהְגֶּה
הָמָה	soar	ל"ה e Gut פ"	יֶהֱמֶה
הָרָה	conceber (só no feminino)	ל"ה e Gut פ" Fem.	תַּהֲרֶה
חָסָה	refugiar-se	ל"ה e Gut פ"	יֶחְסֶה
קָוָה	confiar-se	ל"ה e ע"ו	יְקַוֶּה
תָּעָה	desgarrar-se	ל"ה e תָּג ע"	יִתְעֶה
רָעַע	ser mau	ע"ע com guturais	יֵרַע
אָמֵץ	ser forte	פ"א estado	יֶאֱמַץ

Os verbos mais comuns que têm duas famílias, ou seja, Modificação dupla, já foram registrados aqui por extenso. Esta lista, bem gravada na mente do estudante, servirá de guia para casos semelhantes.

© Crédito: Seven

TEXTOS BÍBLICOS SELECIONADOS PARA LEITURA

A CRIAÇÃO
Gênesis 1.1-31 בראשית

1 1 בְּרֵאשִׁית בָּרָא אֱלֹהִים אֵת הַשָּׁמַיִם וְאֵת הָאָרֶץ׃
2 וְהָאָרֶץ הָיְתָה תֹהוּ וָבֹהוּ וְחֹשֶׁךְ עַל־פְּנֵי תְהוֹם וְרוּחַ אֱלֹהִים
מְרַחֶפֶת עַל־פְּנֵי הַמָּיִם׃
3 וַיֹּאמֶר אֱלֹהִים יְהִי אוֹר וַיְהִי־אוֹר׃
4 וַיַּרְא אֱלֹהִים אֶת־הָאוֹר כִּי־טוֹב וַיַּבְדֵּל אֱלֹהִים בֵּין הָאוֹר
וּבֵין הַחֹשֶׁךְ׃
5 וַיִּקְרָא אֱלֹהִים לָאוֹר יוֹם וְלַחֹשֶׁךְ קָרָא לָיְלָה וַיְהִי־עֶרֶב
וַיְהִי־בֹקֶר יוֹם אֶחָד׃ פ
6 וַיֹּאמֶר אֱלֹהִים יְהִי רָקִיעַ בְּתוֹךְ הַמָּיִם וִיהִי מַבְדִּיל בֵּין
מַיִם לָמָיִם׃
7 וַיַּעַשׂ אֱלֹהִים אֶת־הָרָקִיעַ וַיַּבְדֵּל בֵּין הַמַּיִם אֲשֶׁר מִתַּחַת
לָרָקִיעַ וּבֵין הַמַּיִם אֲשֶׁר מֵעַל לָרָקִיעַ וַיְהִי־כֵן׃
8 וַיִּקְרָא אֱלֹהִים לָרָקִיעַ שָׁמָיִם וַיְהִי־עֶרֶב וַיְהִי־בֹקֶר יוֹם
שֵׁנִי׃ פ
9 וַיֹּאמֶר אֱלֹהִים יִקָּווּ הַמַּיִם מִתַּחַת הַשָּׁמַיִם אֶל־מָקוֹם אֶחָד
וְתֵרָאֶה הַיַּבָּשָׁה וַיְהִי־כֵן׃
10 וַיִּקְרָא אֱלֹהִים לַיַּבָּשָׁה אֶרֶץ וּלְמִקְוֵה הַמַּיִם קָרָא יַמִּים
וַיַּרְא אֱלֹהִים כִּי־טוֹב׃
11 וַיֹּאמֶר אֱלֹהִים תַּדְשֵׁא הָאָרֶץ דֶּשֶׁא עֵשֶׂב מַזְרִיעַ זֶרַע עֵץ פְּרִי
עֹשֶׂה פְּרִי לְמִינוֹ אֲשֶׁר זַרְעוֹ־בוֹ עַל־הָאָרֶץ וַיְהִי־כֵן׃
12 וַתּוֹצֵא הָאָרֶץ דֶּשֶׁא עֵשֶׂב מַזְרִיעַ זֶרַע לְמִינֵהוּ וְעֵץ עֹשֶׂה־
פְּרִי אֲשֶׁר זַרְעוֹ־בוֹ לְמִינֵהוּ וַיַּרְא אֱלֹהִים כִּי־טוֹב׃
13 וַיְהִי־עֶרֶב וַיְהִי־בֹקֶר יוֹם שְׁלִישִׁי׃ פ
14 וַיֹּאמֶר אֱלֹהִים יְהִי מְאֹרֹת בִּרְקִיעַ הַשָּׁמַיִם לְהַבְדִּיל בֵּין
הַיּוֹם וּבֵין הַלָּיְלָה וְהָיוּ לְאֹתֹת וּלְמוֹעֲדִים וּלְיָמִים וְ
שָׁנִים׃
15 וְהָיוּ לִמְאוֹרֹת בִּרְקִיעַ הַשָּׁמַיִם לְהָאִיר עַל־הָאָרֶץ וַיְהִי־
כֵן׃

© Crédito: Seven

16 וַיַּעַשׂ אֱלֹהִים אֶת־שְׁנֵי הַמְּאֹרֹת הַגְּדֹלִים אֶת־הַמָּאוֹר הַ
גָּדֹל לְמֶמְשֶׁלֶת הַיּוֹם וְאֶת־הַמָּאוֹר הַקָּטֹן לְמֶמְשֶׁלֶת הַלַּיְלָה
וְאֵת הַכּוֹכָבִים:
17 וַיִּתֵּן אֹתָם אֱלֹהִים בִּרְקִיעַ הַשָּׁמָיִם לְהָאִיר עַל־הָאָרֶץ:
18 וְלִמְשֹׁל בַּיּוֹם וּבַלַּיְלָה וּלְהַבְדִּיל בֵּין הָאוֹר וּבֵין
הַחֹשֶׁךְ וַיַּרְא אֱלֹהִים כִּי־טוֹב:
19 וַיְהִי־עֶרֶב וַיְהִי־בֹקֶר יוֹם רְבִיעִי: פ
20 וַיֹּאמֶר אֱלֹהִים יִשְׁרְצוּ הַמַּיִם שֶׁרֶץ נֶפֶשׁ חַיָּה וְעוֹף יְעוֹפֵף
עַל־הָאָרֶץ עַל־פְּנֵי רְקִיעַ הַשָּׁמָיִם:
21 וַיִּבְרָא אֱלֹהִים אֶת־הַתַּנִּינִם הַגְּדֹלִים וְאֵת כָּל־נֶפֶשׁ הַ
חַיָּה הָרֹמֶשֶׂת אֲשֶׁר שָׁרְצוּ הַמַּיִם לְמִינֵהֶם וְאֵת כָּל־עוֹף כָּנָף
לְמִינֵהוּ וַיַּרְא אֱלֹהִים כִּי־טוֹב:
22 וַיְבָרֶךְ אֹתָם אֱלֹהִים לֵאמֹר פְּרוּ וּרְבוּ וּמִלְאוּ אֶת־הַמַּיִם
בַּיַּמִּים וְהָעוֹף יִרֶב בָּאָרֶץ:
23 וַיְהִי־עֶרֶב וַיְהִי־בֹקֶר יוֹם חֲמִישִׁי: פ
24 וַיֹּאמֶר אֱלֹהִים תּוֹצֵא הָאָרֶץ נֶפֶשׁ חַיָּה לְמִינָהּ בְּהֵמָה וָרֶמֶשׂ
וְחַיְתוֹ־אֶרֶץ לְמִינָהּ וַיְהִי־כֵן:
25 וַיַּעַשׂ אֱלֹהִים אֶת־חַיַּת הָאָרֶץ לְמִינָהּ וְאֶת־הַבְּהֵמָה לְ
בְצַלְמֵנוּ כִּדְמוּתֵנוּ וְיִרְדּוּ בִדְגַת הַיָּם וּבְעוֹף הַשָּׁמַיִם וּבַבְّהֵמָה וּבְכָל־הָאָרֶץ וְאֵת כָּל־הָרֶמֶשׂ הָרֹמֵשׂ עַל־הָאָרֶץ:
26 וַיַּרְא אֱלֹהִים כִּי־טוֹב
27 וַיֹּאמֶר אֱלֹהִים נַעֲשֶׂה אָדָם
בְּצַלְמֵנוּ כִּדְמוּתֵנוּ וְיִרְדּוּ בִדְגַת הַיָּם וּבְעוֹף הַשָּׁמַיִם וּבַבְּהֵמָה וּבְכָל־הָאָרֶץ וּ
בְכָל־הָרֶמֶשׂ הָרֹמֵשׂ עַל־הָאָרֶץ:
27 וַיִּבְרָא אֱלֹהִים אֶת־הָאָדָם בְּצַלְמוֹ בְּצֶלֶם אֱלֹהִים בָּרָא אֹתוֹ
זָכָר וּנְקֵבָה בָּרָא אֹתָם:
28 וַיְבָרֶךְ אֹתָם אֱלֹהִים וַיֹּאמֶר לָהֶם אֱלֹהִים פְּרוּ וּרְבוּ וּמִלְאוּ
אֶת־הָאָרֶץ וְכִבְשֻׁהָ וּרְדוּ בִּדְגַת הַיָּם וּבְעוֹף הַשָּׁמַיִם וּ
בְכָל־חַיָּה הָרֹמֶשֶׂת עַל־הָאָרֶץ:
29 וַיֹּאמֶר אֱלֹהִים הִנֵּה נָתַתִּי לָכֶם אֶת־כָּל־עֵשֶׂב זֹרֵעַ זֶרַע אֲשֶׁר
עַל־פְּנֵי כָל־הָאָרֶץ וְאֶת־כָּל־הָעֵץ אֲשֶׁר־בּוֹ פְרִי־עֵץ זֹרֵעַ זָרַע
לָכֶם יִהְיֶה לְאָכְלָה:
30 וּלְכָל־חַיַּת הָאָרֶץ וּלְכָל־עוֹף הַשָּׁמַיִם וּלְכֹל רוֹמֵשׂ עַל־
הָאָרֶץ אֲשֶׁר־בּוֹ נֶפֶשׁ חַיָּה אֶת־כָּל־יֶרֶק עֵשֶׂב לְאָכְלָה וַיְהִי־
כֵן:
31 וַיַּרְא אֱלֹהִים אֶת־כָּל־אֲשֶׁר עָשָׂה וְהִנֵּה־טוֹב מְאֹד וַיְהִי־
עֶרֶב וַיְהִי־בֹקֶר יוֹם הַשִּׁשִּׁי: פ

OS SONHOS DE JOSÉ
Gênesis 37.1-16 בראשית

37 1 וַיֵּשֶׁב יַעֲקֹב בְּאֶרֶץ מְגוּרֵי אָבִיו בְּאֶרֶץ כְּנָעַן:
2 אֵלֶּה תֹּלְדוֹת יַעֲקֹב יוֹסֵף בֶּן־שְׁבַע־עֶשְׂרֵה שָׁנָה הָיָה רֹעֶה אֶת־
אֶחָיו בַּצֹּאן וְהוּא נַעַר אֶת־בְּנֵי בִלְהָה וְאֶת־בְּנֵי זִלְפָּה נְשֵׁי
אָבִיו וַיָּבֵא יוֹסֵף אֶת־דִּבָּתָם רָעָה אֶל־אֲבִיהֶם:
3 וְיִשְׂרָאֵל אָהַב אֶת־יוֹסֵף מִכָּל־בָּנָיו כִּי־בֶן־זְקֻנִים הוּא לוֹ
וְעָשָׂה לוֹ כְּתֹנֶת פַּסִּים:
4 וַיִּרְאוּ אֶחָיו כִּי־אֹתוֹ אָהַב אֲבִיהֶם מִכָּל־אֶחָיו וַיִּשְׂנְאוּ
אֹתוֹ וְלֹא יָכְלוּ דַּבְּרוֹ לְשָׁלֹם:
5 וַיַּחֲלֹם יוֹסֵף חֲלוֹם וַיַּגֵּד לְאֶחָיו וַיּוֹסִפוּ עוֹד שְׂנֹא אֹתוֹ
6 וַיֹּאמֶר אֲלֵיהֶם שִׁמְעוּ־נָא
7 הִנֵּה אֲנַחְנוּ מְאַלְּמִים אֲלֻמִּים בְּתוֹךְ הַשָּׂדֶה וְהִנֵּה קָמָה
אֲלֻמָּתִי וְגַם־נִצָּבָה וְהִנֵּה תְסֻבֶּינָה אֲלֻמֹּתֵיכֶם וְתִשְׁתַּחֲוֶיָן
לַאֲלֻמָּתִי:
8 וַיֹּאמְרוּ לוֹ אֶחָיו הֲמָלֹךְ תִּמְלֹךְ עָלֵינוּ אִם־מָשׁוֹל תִּמְשֹׁל בָּנוּ
וַיּוֹסִפוּ עוֹד שְׂנֹא אֹתוֹ עַל־חֲלֹמֹתָיו וְעַל־דְּבָרָיו:
9 וַיַּחֲלֹם עוֹד חֲלוֹם אַחֵר וַיְסַפֵּר אֹתוֹ לְאֶחָיו וַיֹּאמֶר הִנֵּה חָלַמְתִּי
חֲלוֹם עוֹד וְהִנֵּה הַשֶּׁמֶשׁ וְהַיָּרֵחַ וְאַחַד עָשָׂר כּוֹכָבִים מִשְׁתַּחֲוִים
לִי:
10 וַיְסַפֵּר אֶל־אָבִיו וְאֶל־אֶחָיו וַיִּגְעַר־בּוֹ אָבִיו וַיֹּאמֶר לוֹ
מָה הַחֲלוֹם הַזֶּה אֲשֶׁר חָלָמְתָּ הֲבוֹא נָבוֹא אֲנִי וְאִמְּךָ וְאַחֶיךָ
לְהִשְׁתַּחֲוֹת לְךָ אָרְצָה:
11 וַיְקַנְאוּ־בוֹ אֶחָיו וְאָבִיו שָׁמַר אֶת־הַדָּבָר:
12 וַיֵּלְכוּ אֶחָיו לִרְעוֹת אֶת־צֹאן אֲבִיהֶם בִּשְׁכֶם:
13 וַיֹּאמֶר יִשְׂרָאֵל אֶל־יוֹסֵף הֲלוֹא אַחֶיךָ רֹעִים בִּשְׁכֶם לְכָה וְ
אֶשְׁלָחְךָ אֲלֵיהֶם וַיֹּאמֶר לוֹ הִנֵּנִי:
14 וַיֹּאמֶר לוֹ לֶךְ־נָא רְאֵה אֶת־שְׁלוֹם אַחֶיךָ וְאֶת־שְׁלוֹם הַצֹּאן
וְהָשִׁבֻנִי דָּבָר וַיִּשְׁלָחֵהוּ מֵעֵמֶק חֶבְרוֹן וַיָּבֹא שְׁכֶמָה:
15 וַיִּמְצָאֵהוּ אִישׁ וְהִנֵּה תֹעֶה בַּשָּׂדֶה וַיִּשְׁאָלֵהוּ הָאִישׁ
לֵאמֹר מָה־תְּבַקֵּשׁ:
16 וַיֹּאמֶר אֶת־אַחַי אָנֹכִי מְבַקֵּשׁ הַגִּידָה־נָּא לִי אֵיפֹה הֵם רֹעִים

© Crédito: Seven

OS DEZ MANDAMENTOS
Êxodo 20.1-20 ואלה מות

20 [1] וַיְדַבֵּר אֱלֹהִים אֵת כָּל־הַדְּבָרִים הָאֵלֶּה לֵאמֹר׃ ס
אֲחֵרִים עַל־פָּנָי׃ [2] אָנֹכִי יְהוָה אֱלֹהֶיךָ אֲשֶׁר הוֹצֵאתִיךָ מֵאֶרֶץ מִצְרַיִם מִבֵּית עֲבָדִים
[3] לֹא יִהְיֶה־לְּךָ אֱלֹהִים
[4] לֹא תַעֲשֶׂה־לְּךָ פֶסֶל וְכָל־תְּמוּנָה אֲשֶׁר בַּשָּׁמַיִם מִמַּעַל
וַאֲשֶׁר בָּאָרֶץ מִתָּחַת וַאֲשֶׁר בַּמַּיִם מִתַּחַת לָאָרֶץ׃
[5] לֹא־תִשְׁתַּחֲוֶה לָהֶם וְלֹא תָעָבְדֵם כִּי אָנֹכִי יְהוָה אֱלֹהֶיךָ אֵל
מְצוֹתָי׃ ס קַנָּא פֹקֵד עֲוֹן אָבֹת עַל־בָּנִים עַל־שִׁלֵּשִׁים וְעַל־רִבֵּעִים לְשֹׂנְאָי
[6] וְעֹשֶׂה חֶסֶד לַאֲלָפִים לְאֹהֲבַי וּלְשֹׁמְרֵי
[7] לֹא תִשָּׂא אֶת־שֵׁם־יְהוָה אֱלֹהֶיךָ לַשָּׁוְא כִּי לֹא יְנַקֶּה יְהוָה אֵת
אֲשֶׁר־יִשָּׂא אֶת־שְׁמוֹ לַשָּׁוְא׃ פ
[8] זָכוֹר אֶת־יוֹם הַשַּׁבָּת לְקַדְּשׁוֹ׃
[9] שֵׁשֶׁת יָמִים תַּעֲבֹד וְעָשִׂיתָ כָּל־מְלַאכְתֶּךָ׃
[10] וְיוֹם הַשְּׁבִיעִי שַׁבָּת לַיהוָה אֱלֹהֶיךָ לֹא־תַעֲשֶׂה כָל־מְלָאכָה
אַתָּה וּבִנְךָ־וּבִתֶּךָ עַבְדְּךָ וַאֲמָתְךָ וּבְהֶמְתֶּךָ וְגֵרְךָ
אֲשֶׁר בִּשְׁעָרֶיךָ׃
[11] כִּי שֵׁשֶׁת־יָמִים עָשָׂה יְהוָה אֶת־הַשָּׁמַיִם וְאֶת־הָאָרֶץ אֶת־
הַיָּם וְאֶת־כָּל־אֲשֶׁר־בָּם וַיָּנַח בַּיּוֹם הַשְּׁבִיעִי עַל־כֵּן בֵּרַךְ
יְהוָה אֶת־יוֹם הַשַּׁבָּת וַיְקַדְּשֵׁהוּ׃ ס
[12] כַּבֵּד אֶת־אָבִיךָ וְאֶת־אִמֶּךָ לְמַעַן יַאֲרִכוּן יָמֶיךָ עַל הָאֲדָמָה
אֲשֶׁר־יְהוָה אֱלֹהֶיךָ נֹתֵן לָךְ׃ ס
[13] לֹא תִרְצָח׃ ס
[14] לֹא תִנְאָף׃ ס
[15] לֹא תִגְנֹב׃ ס
[16] לֹא־תַעֲנֶה בְרֵעֲךָ עֵד שָׁקֶר׃ ס
[17] לֹא תֶחְמֹד בֵּית רֵעֶךָ לֹא־תֶחְמֹד אֵשֶׁת רֵעֶךָ וְעַבְדּוֹ וַאֲמָתוֹ וְ
שׁוֹרוֹ וַחֲמֹרוֹ וְכֹל אֲשֶׁר לְרֵעֶךָ׃ פ
[18] וְכָל־הָעָם רֹאִים אֶת־הַקּוֹלֹת וְאֶת־הַלַּפִּידִם וְאֵת קוֹל הַ
שֹּׁפָר וְהָהָר עָשֵׁן וַיַּרְא הָעָם וַיָּנֻעוּ וַיַּעַמְדוּ מֵרָחֹק
[19] וַיֹּאמְרוּ אֶל־מֹשֶׁה דַּבֵּר־אַתָּה
עִמָּנוּ אֱלֹהִים פֶּן־נָמוּת׃
[20] וַיֹּאמֶר מֹשֶׁה אֶל־הָעָם אַל־תִּירָאוּ כִּי לְבַעֲבוּר נַסּוֹת אֶתְכֶם
בָּא הָאֱלֹהִים וּבַעֲבוּר תִּהְיֶה יִרְאָתוֹ עַל־פְּנֵיכֶם לְבִלְתִּי תֶחֱטָאוּ

O *SHEMA*
Deuteronômio 6.1-12 אלה הדברים

6 [1] וְזֹאת הַמִּצְוָה הַחֻקִּים וְהַמִּשְׁפָּטִים אֲשֶׁר צִוָּה יְהוָה אֱלֹהֵיכֶם
וּמִצְוֹתָיו לְלַמֵּד אֶתְכֶם לַעֲשׂוֹת בָּאָרֶץ אֲשֶׁר אַתֶּם עֹבְרִים שָׁמָּה לְרִשְׁתָּהּ׃
[2] לְמַעַן תִּירָא אֶת־יְהוָה אֱלֹהֶיךָ לִשְׁמֹר אֶת־כָּל־חֻקֹּתָיו
אֲשֶׁר אָנֹכִי מְצַוְּךָ אַתָּה וּבִנְךָ וּבֶן־בִּנְךָ כֹּל יְמֵי חַיֶּיךָ וּ
לְמַעַן יַאֲרִכֻן יָמֶיךָ׃
[3] וְשָׁמַעְתָּ יִשְׂרָאֵל וְשָׁמַרְתָּ לַעֲשׂוֹת אֲשֶׁר יִיטַב לְךָ וַאֲשֶׁר
תִּרְבּוּן מְאֹד כַּאֲשֶׁר דִּבֶּר יְהוָה אֱלֹהֵי אֲבֹתֶיךָ לְךָ אֶרֶץ זָבַת חָלָב
וּדְבָשׁ׃ פ
[4] שְׁמַע יִשְׂרָאֵל יְהוָה אֱלֹהֵינוּ יְהוָה אֶחָד׃
[5] וְאָהַבְתָּ אֵת יְהוָה אֱלֹהֶיךָ בְּכָל־לְבָבְךָ וּבְכָל־נַפְשְׁךָ וּ
בְכָל־מְאֹדֶךָ׃
[6] וְהָיוּ הַדְּבָרִים הָאֵלֶּה אֲשֶׁר אָנֹכִי מְצַוְּךָ הַיּוֹם עַל־לְבָבֶךָ
[7] וְשִׁנַּנְתָּם לְבָנֶיךָ וְדִבַּרְתָּ
בָּם בְּשִׁבְתְּךָ בְּבֵיתֶךָ וּבְלֶכְתְּךָ בַדֶּרֶךְ וּבְשָׁכְבְּךָ וּבְקוּמֶךָ׃
[8] וּקְשַׁרְתָּם לְאוֹת עַל־יָדֶךָ וְהָיוּ לְטֹטָפֹת בֵּין עֵינֶיךָ׃
[9] וּכְתַבְתָּם עַל־מְזוּזֹת בֵּיתֶךָ וּבִשְׁעָרֶיךָ׃ ס
[10] וְהָיָה כִּי יְבִיאֲךָ יְהוָה אֱלֹהֶיךָ אֶל־הָאָרֶץ אֲשֶׁר נִשְׁבַּע לְ
אֲבֹתֶיךָ לְאַבְרָהָם לְיִצְחָק וּלְיַעֲקֹב לָתֵת לָךְ עָרִים גְּדֹלֹת וְטֹבֹת
אֲשֶׁר לֹא־בָנִיתָ׃
[11] וּבָתִּים מְלֵאִים כָּל־טוּב אֲשֶׁר לֹא־מִלֵּאתָ וּבֹרֹת חֲצוּבִים אֲשֶׁר
חֹצַבְתָּ כְּרָמִים וְזֵיתִים אֲשֶׁר לֹא־נָטָעְתָּ וְאָכַלְתָּ וְשָׂבָעְתָּ
[12] הִשָּׁמֶר לְךָ פֶּן־תִּשְׁכַּח אֶת־יְהוָה אֲשֶׁר
מִבֵּית עֲבָדִים׃

© Crédito: Seven

PEREGRINAÇÃO EM MOABE
Rute 1.1-22 רות

1 וַיְהִי בִּימֵי שְׁפֹט הַשֹּׁפְטִים וַיְהִי רָעָב בָּאָרֶץ וַיֵּלֶךְ
אִישׁ מִבֵּית לֶחֶם יְהוּדָה לָגוּר בִּשְׂדֵי מוֹאָב הוּא וְאִשְׁתּוֹ וּשְׁנֵי
בָנָיו:
2 וְשֵׁם הָאִישׁ אֱלִימֶלֶךְ וְשֵׁם אִשְׁתּוֹ נָעֳמִי וְשֵׁם שְׁנֵי־בָנָיו
מַחְלוֹן וְכִלְיוֹן אֶפְרָתִים מִבֵּית לֶחֶם יְהוּדָה וַיָּבֹאוּ שְׂדֵי־מוֹאָב
וַיִּהְיוּ־שָׁם:
3 וַיָּמָת אֱלִימֶלֶךְ אִישׁ נָעֳמִי וַתִּשָּׁאֵר הִיא וּשְׁנֵי בָנֶיהָ:
4 וַיִּשְׂאוּ לָהֶם נָשִׁים מֹאֲבִיּוֹת שֵׁם הָאַחַת עָרְפָּה וְשֵׁם הַשֵּׁנִית
רוּת וַיֵּשְׁבוּ שָׁם כְּעֶשֶׂר שָׁנִים:
5 וַיָּמוּתוּ גַם־שְׁנֵיהֶם מַחְלוֹן וְכִלְיוֹן וְתִשָּׁאֵר הָאִשָּׁה מִ
שְׁנֵי יְלָדֶיהָ וּמֵאִישָׁהּ:
6 וְתָקָם הִיא וְכַלֹּתֶיהָ וְתָשָׁב מִשְּׂדֵי מוֹאָב כִּי שָׁמְעָה בִּ
שְׂדֵה מוֹאָב כִּי־פָקַד יְהוָה אֶת־עַמּוֹ לָתֵת לָהֶם לָחֶם:
7 וַתֵּצֵא מִן־הַמָּקוֹם אֲשֶׁר הָיְתָה־שָּׁמָּה וּשְׁתֵּי כַלֹּתֶיהָ עִמָּהּ
וַתֵּלַכְנָה בַּדֶּרֶךְ לָשׁוּב אֶל־אֶרֶץ יְהוּדָה:
8 וַתֹּאמֶר נָעֳמִי לִשְׁתֵּי כַלֹּתֶיהָ לֵכְנָה שֹּׁבְנָה אִשָּׁה לְבֵית אִמָּהּ
בֵּית אִישָׁהּ וַתַּשֵּׁק לָהֶן יַעַשׂ יְהוָה עִמָּכֶם חֶסֶד כַּאֲשֶׁר עֲשִׂיתֶם עִם־הַמֵּתִים וְעִמָּדִי
9 יִתֵּן יְהוָה לָכֶם וּמְצֶאן מְנוּחָה אִשָּׁה
וַתִּשָּׁאנָה קוֹלָן וַתִּבְכֶּינָה:
10 וַתֹּאמַרְנָה־לָּהּ כִּי־אִתָּךְ נָשׁוּב לְעַמֵּךְ:
11 וַתֹּאמֶר נָעֳמִי שֹׁבְנָה בְנֹתַי לָמָּה תֵלַכְנָה עִמִּי הַעוֹד־לִי בָנִים
בְּמֵעַי וְהָיוּ לָכֶם לַאֲנָשִׁים:
12 שֹׁבְנָה בְנֹתַי לֵכְן כִּי זָקַנְתִּי מִהְיוֹת לְאִישׁ כִּי אָמַרְתִּי יֶשׁ־
לִי תִקְוָה גַּם הָיִיתִי הַלַּיְלָה לְאִישׁ וְגַם יָלַדְתִּי בָנִים:
13 הֲלָהֵן תְּשַׂבֵּרְנָה עַד אֲשֶׁר יִגְדָּלוּ הֲלָהֵן תֵּעָגֵנָה לְבִלְתִּי
הֱיוֹת לְאִישׁ אַל בְּנֹתַי כִּי־מַר־לִי מְאֹד מִכֶּם כִּי־יָצְאָה בִי יַד־
יְהוָה:
14 וַתִּשֶּׂנָה קוֹלָן וַתִּבְכֶּינָה עוֹד וְתִשַּׁק עָרְפָּה לְחֲמוֹתָהּ
וְרוּת דָּבְקָה בָּהּ:
15 וַתֹּאמֶר הִנֵּה שָׁבָה יְבִמְתֵּךְ אֶל־עַמָּהּ וְאֶל־אֱלֹהֶיהָ שׁוּבִי
אַחֲרֵי יְבִמְתֵּךְ:
16 וַתֹּאמֶר רוּת אַל־תִּפְגְּעִי־בִי לְעָזְבֵךְ לָשׁוּב מֵאַחֲרָיִךְ כִּי

אֶל־אֲשֶׁר תֵּלְכִי אֵלֵךְ וּבַאֲשֶׁר תָּלִינִי אָלִין עַמֵּךְ עַמִּי וֵאלֹהַיִךְ
אֱלֹהָי:
17 בַּאֲשֶׁר תָּמוּתִי אָמוּת וְשָׁם אֶקָּבֵר כֹּה יַעֲשֶׂה יְהוָה לִי וְכֹה
יֹסִיף כִּי הַמָּוֶת יַפְרִיד בֵּינִי וּבֵינֵךְ:
וַיְהִי כִּבֹאָנָה בֵּית לֶחֶם 18 וַתֵּרֶא כִּי־מַתְאַמֶּצֶת הִיא לָלֶכֶת אִתָּהּ וַתֶּחְדַּל לְדַבֵּר אֵלֶיהָ
19 וַתֵּלַכְנָה שְׁתֵּיהֶם עַד־בֹּאָנָה בֵּית לָחֶם
וַתְּהֹם כָּל־הָעִיר עֲלֵיהֶן וַתֹּאמַרְנָה הֲזֹאת נָעֳמִי:
20 וַתֹּאמֶר אֲלֵיהֶן אַל־תִּקְרֶאנָה לִי נָעֳמִי קְרֶאן לִי מָרָא כִּי־הֵמַר
שַׁדַּי לִי מְאֹד:
21 אֲנִי מְלֵאָה הָלַכְתִּי וְרֵיקָם הֱשִׁיבַנִי יְהוָה לָמָּה תִקְרֶאנָה לִי
נָעֳמִי וַיהוָה עָנָה בִי וְשַׁדַּי הֵרַע לִי:
22 וַתָּשָׁב נָעֳמִי וְרוּת הַמֹּאֲבִיָּה כַלָּתָהּ עִמָּהּ הַשָּׁבָה מִ
שְׂדֵי מוֹאָב וְהֵמָּה בָּאוּ בֵית לֶחֶם בִּתְחִלַּת קְצִיר שְׂעֹרִים:

A BEM-AVENTURANÇA DO HOMEM QUE TEME AO SENHOR
Salmos 1.1-6 תהלים

1 1 אַשְׁרֵי־הָאִישׁ אֲשֶׁר לֹא הָלַךְ בַּעֲצַת רְשָׁעִים וּבְדֶרֶךְ חַטָּאִים
לֹא עָמָד וּבְמוֹשַׁב לֵצִים לֹא יָשָׁב:
2 כִּי אִם בְּתוֹרַת יְהוָה חֶפְצוֹ וּבְתוֹרָתוֹ יֶהְגֶּה יוֹמָם וָלָיְלָה
3 וְהָיָה כְּעֵץ שָׁתוּל עַל־פַּלְגֵי
מָיִם אֲשֶׁר פִּרְיוֹ יִתֵּן בְּעִתּוֹ וְעָלֵהוּ לֹא־יִבּוֹל וְכֹל אֲשֶׁר־יַעֲשֶׂה יַצְלִיחַ:
4 לֹא־כֵן הָרְשָׁעִים כִּי אִם־כְּמֹץ אֲשֶׁר־תִּדְּפֶנּוּ רוּחַ:
5 עַל־כֵּן לֹא־יָקֻמוּ רְשָׁעִים בַּמִּשְׁפָּט וְחַטָּאִים בַּעֲדַת צַדִּיקִים
וְדֶרֶךְ רְשָׁעִים תֹּאבֵד:
6 כִּי־יוֹדֵעַ יְהוָה דֶּרֶךְ צַדִּיקִים

© Crédito: Seven

VOCABULÁRIO HEBRAICO-PORTUGUÊS DAS PALAVRAS EXTRAÍDAS DOS EXERCÍCIOS E OUTRAS

א

אָב	pai, chefe
אָבַד	perecer
אָבָה	querer, desejar
אֶבְיוֹן	pobre
אֲבָל	mas
אֶבֶן	pedra
אַבְרָהָם	Abraão
אַדִּיר	poderoso
אָדָם	homem - Adão
אָדֹם	vermelho
אֶדֶן	base
אֲדָמָה	terra, solo, chão
אָדוֹן	senhor, dono
אָהּ	Ah!
אָהַב	amar
אֹהֶל	tenda, barraca
אָוָה	cobiçar
אוֹ	ou
אוֹי	que pena!
אָוֶן	vaidade, impiedade
אוֹצָר	tesouro, armazém
אוֹר	ser luz, brilhar, luzir
אוֹת	marca, sinal
אָז	então
אֹזֶן	ouvido
אָח	irmão
אֲחָדוֹק	algumas
אַחַד עָשָׂר	onze
אַחַר	depois, após
אָחַר	atrasar-se
אַחֵר	outro
אַחֲרוֹן	posterior
אַי	onde
אֵיזֶה	qual?
אֵיד	calamidade
אֵיךְ	como? como!
אַיִל	carneiro, carvalho
אַיִן	nada
אֵיפוֹא	onde?
אִישׁ	homem, varão, marido
אִשָּׁה	mulher

© Crédito: Seven

אַךְ	certamente, apenas
אָכַל	comer
אֹכֶל	alimento
אַל	não
אֶל	a, para
אֵלֶּה	estes
אֱלֹהִים	Deus
אֱלִיל	ídolo
אַלְמָנָה	viúva, desamparada
אֶלֶף	mil
אִם	se
אֵם	mãe
אָמָה	serva
אָמַן	ser firme
אֵמִיץ	firme
אָמַר	dizer
אֵמֶר	pronunciamento, dizer
אָמַץ	ser forte
אֱמֶת	verdade
אֳנִיָּה	navio
אֲנִי	eu
אָסַף	reunir, ajuntar, adicionar
אֵפוֹד	mantelete, éfode
אָפַף	rodear
אֵפֶר	cinza
אֶצְבַּע	dedo
אֵצֶל	perdo de, junto de
אַרְבַּעִיק	quatro,
אַרְבַּע,	quarenta
אֶרֶז	cedro
אַרְיֵה	leão
אָרֹךְ	comprido
אָרוֹן	caixão, caixa, arca
אֲרָם	Síria
אֶרֶץ	terra
אָרַר	amaldiçoar
אֵשׁ	fogo
אָשַׁם	expiar
אֹשֶׁר	felicidade
אֲשֶׁר	que
אִשֵּׁר	confirmar
אַשְׁרֵי	bem-aventurado, feliz
אֵת	com
אַתָּה	tu
אָתוֹן	jumenta

ב

בְּ	e, com, por, contra
בַּאֲפֶס	exceto
בְּאֵר	poço
בֵּאֵר	explicar
בֶּגֶד	roupa, coberta
בָּגַד	trair, enganar
בַּד	separação
בָּהַל	assustar-se
בָּזַה	despojar
בּוֹא	vir, ir, entrar
בּוֹשׁ	ter vergonha, envergonhar-se
בָּזַז	saquear, despojar
בָּחַז	provar, examinar
בָּחַר	escolher
בָּטַח	confiar
בֶּטֶן	ventre, interior
בֵּין	entre

בִּין	compreender
בֵּיצָה	ovo
בַּיִת	casa
בָּכָה	chorar
בְּכֹרָה	primogenitura
בָּלַל	misturar
בָּלַע	devorar, tragar
בִּלְעֲדֵי	além de
בִּלְעָם	Balaão
בָּמָה	colina, alto
בֵּן	filho
בַּת	filha
בָּנָה	construir, edificar
בְּסֵדֶר	em ordem
בְּעַד	atrás, à, sobre
בְּעַד	durante
בָּעַל	casar
בַּעַל	senhor, marido
בָּעַר	queimar
בָּקַע	romper
בָּקָר	gado, vacas
בֹּקֶר	manhã
בַּר	claro, puro
בָּרָא	cortar, dar forma, criar
בָּרָד	saraiva
בָּרַח	fugir
בָּרִיא	gordo
בְּרִית	aliança, pacto
בָּרַךְ	ajoelhar
בָּרוּךְ	abençoado, bendito
בֶּרֶךְ	joelho
בְּרָכָה	benção
בִּשְׁבִיל	por causa de
בָּשַׁל	ferver, cozer, cozinhar
בָּשָׂר	carne

ג

גָּאַל	redimir
גָּאוֹן	majestade
גָּבַהּ	ser alto
גָּבוֹהַ	alto
גְּבוּל	extremidade, margem
גָּבַר	ser forte, prevalecer
גְּבִירָה	senhora,
גְּבֶרֶת,	patroa
גִּבְעָה	altura, colina
גֶּבֶר	homem forte, valente, varão
גְּדִי	cabrito
גָּדַל	ser grande
גָּדוֹל	grande
גָּדַע	derrubar, rogar
גָּדֵר	cerca
גּוֹי	nação (gentio)
גָּוַע	expirar, morrer
גּוּר	peregrinar
גָּזַל	tirar, rasgar
גּוֹרָל	sorte
גַּיְא	vale
גִּיל	alegrar-se
גָּלָה	descobrir, revelar
גָּלַל	rolar
גַּם	também
גָּמָל	camelo
גָּמַל	desmamar
גַּן	jardim
גָּנַב	furtar

© Crédito: Seven

גָּעַל	aborrecer
גֶּפֶן	videira
גּוֹי	nação, tribo
גֵּר	estranho, peregrino
גָּרַשׁ	expulsar
גֶּשֶׁם	chuva

ד

דֹּב	urso
דָּבַק	unir, ligar
דִּבֵּר	falar
דָּבָר	palavra
דָּג	peixe
דֶּגֶל	bandeira
דָּוִיד	Davi
דּוֹר	geração
דֶּלֶת	porta
דָּם	sangue
דָּמָה	assemelhar-se
דְּמוּת	semelhança, imagem
דָּמַם	ser mudo
דִּמְעָה	lágrima
דַּעַת	saber, conhecer, conhecimento
דֶּרֶךְ	caminho
דָּרַשׁ	procurar
דֶּשֶׁא	broto, renovo, grama tenra

ה

הַ	o, a, os, as
הֶבֶל	Abel
הָדָר	honra, majestade
הוּא	ele
הוֹד	glória, esplendor
הוֹי	Ah! Ai! Ai de
הֵידָד	Viva!
הָיָה	ser
הֵיכָל	palácio, templo
הֵלוֹם	para cá, para aqui
הָלַל	louvar, celebrar, cantar
הָלַךְ	ir, andar
הִנֵּה, הֵן	Eis, eis que
הָפַךְ	tornar, transformar em
הַר	montanha, monte
הָרַג	matar
הָרָה	conceber, ficar grávida
הָרַס	derrubar

ו

וְ	conj. e

ז

זָבַח	abater, carnear, sacrificar
זָהָב	ouro
זוּב	fluir
זָכַר	lembrar-se
זָמַר	tocar
זָנָה	adulterar
זָעַק	gritar, berrar
זָקֵן	ser velho, ancião
זָר	estranho, forasteiro
זְרוֹעַ	braço, poder
זָרַח	peneirar
זָרַע	semear
זַךְ	puro
זָרַק	espalhar

ח

חָבָא	esconder
חֶבֶל	corda
חָבַר	ficou unido
חַבַל	que pena!
חָבַשׁ	atar, encilhar
חָגַג	dar festa, festejar
חָג	festa
חָגַר	cingiu-se
חָדַל	cessar, deixar
חָדָשׁ	novo
חֹדֶשׁ	lua nova, mês
חוֹל	areia
חוּל	torcer, gerar, tremer
חוֹמָה	parede, muralha
חוּס	ter dó, pena, misericórdia
חוּץ	fora, rua, campo
חָזָה	dividir, discernir
חָזַק	ser forte
חָזֵק	forte
חָטָא	pecar
חוֹטֵא	pecador
חֵטְא	pecado
חַטָּא	pecador, pecaminoso
חִטָּה	grão de trigo
חָיָה	viver
חַיָּה	animal, ser vivo
חַיִל	força, poder (exército)
חֵיק	seio
חָכָם	sábio
חָכְמָה	sabedoria
חֵלֶב	seleção
חָלָה	adoecer, ficar fraco, ficar doente
חֳלִי	doença
חָלַל	profanar (no *pi'el*)
חָלַם	sonhar
חֲלוֹם	sonho
חַלּוֹן	janela
חָלַק	dividir
חֵלֶק	porção
צָלַץ	tirar fora
חָמַד	desejar
חֲמוֹר	jumento, burro
חָמַס	fazer violência
חָמָס	violência
חֲמִשָּׁה	cinco
חָנָה	inclinar
חָנַךְ	instruir, treinar
חָסָה	refugiar-se
חָנַן	compadecer-se
חֶסֶד	misericórdia, bondade
חָפֵץ	desejar
חֵץ	flecha
חָצַר	matar, fender
חָצֵר	cercado, pátio, quintal
חֹק	estatuto
חָקַר	examinar
חָרַב	secar, desolar
חֹרֶב	sequidão, calor, desolação
חֶרֶב	espada
חָרָה	irar, inflamar
חָרוֹן	ardor
חָרַף	ser agudo
חָרַשׁ	gravou, cortou

© Crédito: Seven

חֶרְפָּה	vergonha
חָשׁוּב	importante
חָשַׁב	pensar, reputar, considerar
חֹשֶׁךְ	escuridão, trevas
חָשַׂךְ	freiar, recusar
חָתַם	lacrar
חָתַת	confundir-se

ט

טָבַח	abater
טִבְעִי	natural
טָהֵר	ser puro, estar limpo
טָמֵא	ser ou tornar-se impuro
טָמַן	esconder, ocultar, enterrar
טָעַם	provar, sentir, perceber
טָרִי	fresco
טֶרֶם	ainda não, antes que
טָרַף	despedaçar, dilacerar

י

יָאַל	decidir-se
יָבֵשׁ	estar seco, murchar
יָגוֹן	mágoa, aflição, desgosto
יָגֵעַ	exausto
יָדָה	louvar, enaltecer, exaltar
יָדַע	conhecer, saber
יָהַב	dar
יְהוּדִי	judeu
יוֹם, יוֹמָם	dia, de dia
יַחַד	junto, unidade
יַחְדָּו	junto a
יָחַל	esperar, esperar com ansiedade
יָטַב	ser bom
יַיִן	vinho
יָכַח	julgar, justificar, punir
יָכֹל	poder, conseguir
יָלַד	dar à luz
יֶלֶד	menino, mocinho
יָם	mar
יָמִין	sul, direita
יָנַק	mamar, amamentar
יָסַד	estabelecer
יָסַף	acrescentar, continuar
יָסַר	reprovar
יָעַל	servir
יַעַן	por causa de
יַעַר	matagal, mato, bosque
יָצָא	sair
יִצְהַר	de
יָצַק	derramar
יָצַר	formar, moldar
יָצַת	pôr fogo
יָקַץ	despertar-se, acordar
יָרֵא	temer, temente
יָרַד	descer
יָרָה	visar
יְרִיעָה	cortina
יָרֵחַ	mês
יָרַשׁ	apossar-se, herdar de
יָשַׁב	habitar, morar
יָשֵׁן	dormir, morrer
יָשַׁע	ajudar, salvar
יָשַׁר	ser reto, justo, direito

כ

כְּ	como
כָּבֵד	ser pesado, severo
כָּבוֹד	honra, glória
כַּד	jarro
כּוּל	medir, conter
כְּדֵי	a fim de
כֹּה	assim, deste modo
כֹּהֵן	sacerdote
כֹּחַ	força, poder
כּוֹכָב	estrela
כּוֹס	copo
כָּחַד	esconder-se
כָּבַס	lavar
כֶּלֶא	prisão
כֶּלֶב	cão
כָּלָה	acabar
כָּלַם	ficar envergonhado
כַּמָּה	quantos
כֵּן	assim
כָּנַע	humilhar-se
כָּנָף	asa
כִּסֵּא	assento, cadeira, trono
כָּסָה	cobrir
כֶּסֶף	prata, dinheiro
כַּף	palma (da mão)
כָּפַר	cobrir
כִּפֵּר	expiar
כֹּפֶר	resgate, suborno, peita
כַּפֹּרֶת	propiciatório
כְּרוּב	Querube (Querubim)
כֶּרֶם	vinha
כֶּרֶם	vinha, jardim
כָּרַע	ajoelhar-se
כָּרַת	cortar
כָּרַת בְּרִית	fazer aliança (ou pacto)
כָּתַב	escrever
כָּתֵף	ombro

ל

לְ	para, por, a
לֹא	não
לְאַט	devagar
לֵב	coração
לְבָב	coração
לְבַד	só
לְבִלְתִּי	de modo que não, para que não
לָבָן	branco
לָבַשׁ	vestir, usar
לַהַט	chama
לוּחַ	tábua, pedra
לוּן	morar
לוּן	zombar (*niph'al*)
לָחַךְ	lamber
לָחַם	comer, consumir
לֶחֶם	pão
לַיְלָה	noite
לָכַד	tomar, capturar
לָמַד	aprender
לִמֵּד	ensinar (*pi'el*)
לָמָּה	porque, para que
לְמַעַן	afim de, por amor de
לִפְנֵי	em frente
לָקַח	tomar, receber
לָקַט	respigar

© Crédito: Seven

לָקַק	lamber
לָשׁוֹן	língua, idioma

מ

מְאֹד	muito
מֵאָה	cem
מְאוּמָה	cousa alguma
מָאוֹר	luminar, luz
מַאֲכָל	alimento
מָאַן	recusar
מָאַס	rejeitar, desprezar
מֵאֲשֶׁר	do qual
מֵעַל	de sobre
מַבּוּל	dilúvio
מִדְבָּר	pastagem, deserto
מָדַד	medir
מְדִינָה	distrito
מַה	que (como! como?)
מָהֵר	rápido
מָהַר	apressar-se
מִזְרָח	oriente
מוּג	derreter
מוֹדֵד	medir, estender
מוּט	oscilar
מוֹלֶדֶת	parentela
מוֹצָא	saída
מוֹרֶה	mestre, professor
מֹשֶׁה	Moisés
מוּת	morrer
מוֹת	morte
מִזְבֵּחַ	altar
מָחָה	destruir, apagar
מַחֲנֶה	acampamento, arraial
מָחָר	amanhã
מַטֶּה	vara, bordão, cetro
מִטָּה	leito, cama
מָטַר	chover
מָטָר	chuva
מָה, מִי	quem, que (interrogativos)
מִי יִתֵּן	quem dera! prouvera!
מַיִם	água
מִין	espécie, qualidade
מַלָּח	marinheiro
מֵינֶקֶת	ama
מָכַר	vender
מָלֵא	ser cheio
מַלְאָךְ	mensageiro, anjo
מְלָאכָה	obra
מִלְבַד	a não ser
מָלַט	livrar
מִלְחָמָה	guerra, batalha
מָלַךְ	governar, reinar, ser rei
מֶלֶךְ	rei
מַמְלֶכֶת	rainha
מַלְכָּה,	reino
מָלַל	falar, referir, proclamar
מַלְקוֹחַ	despojo, presa, maxilar
מָן	maná
מִן	desde
מָנָה	contar, numerar, dispor
מָנוֹחַ	lugar de descanso, apoio
מִנְחָה	oferta (de manjares)
מָנַע	refrear-se
מִסְפֵּד	pranto
מִסְפָּר	número
מְעַט	um pouco

מַעְיָן	fonte
מַעֲרָב	ocidente, oeste
מַעֲשֶׂה	obra, façanha
מָצָא	achar
מַצָּה	pão asmo
מִצְוָה	mandamento, ordem
מִצְרַיִם	Egito
מִקְדָּשׁ	dedicado
מָקוֹם	lugar
מַקֵּל	bordão, vara
מִקְנֶה	gado, rebanho
מָקַק	desfazer-se
מָרָה	visar
מִקְרָא	assembléia
מַרְאֶה	vista, aparência, rosto
מְרִיבָה	contenda, luta
מָרַר	ser amargo
מַר	amargo
מָרוֹם	excelência
מִשְׁבָּר	onda, rebentação
מָשִׁיחַ	Messias
מָשַׁח	pintar, ungir
מָשַׁךְ	puxar, atrair
מִשְׁכָּן	habitação, tabernáculo
מָשַׁל	governar
מָשָׁל	provérbio
מִשְׁמָר	vigia, guarda, observância
מִשְׁפָּחָה	família
מִשְׁפָּט	juízo, julgamento
מִתַּחַת	de debaixo de
מָתַק	ser doce
מָתוֹק	doce

נ

נָאֶה	agradável
נֶאְשָׁם	ficar acusado
נָאַץ	desprezar, rejeitar
נֶעֱשָׂה	ser feito
נְאֻם יְהוָה	oráculo de Javé
נָבָא	profetizar, profeta
נָבַט	olhar, observar, mirar
נָבַל	murchar
נָבָל	tolo, infame, perverso
נָבַע	brotar
נֶגֶב	sul (região)
נָגַד	ferir, atingir
נָגַע	chegar perto
נָגַף	bater, ferir
נָגַשׁ	aproximar-se
נָדַד	fugir, ser fugitivo
נָדַח	expulsar
נָדַר	prometer, jurar
נָהַג	afugentar
נָהָר	corrente, rio
נוּחַ	descansar, repouso
נְחֹשֶׁת	latão, cobre
נוּם	cochilar
נוּס	fugir
נוֹרָא	terrível
נִזְכַּר	mencionar
נָחָה	guiar
נוּעַ	tremer, mover-se
נָחַל	herdar
נַחַל	desfiladeiro, vale, riacho
נַחֲלָה	herança
נֶחֱלָשׁ	enfraquecer

© Crédito: Seven

נָחַם	ter pena de, condoer-se
נָחַץ	derrubar
נָחָשׁ	cobra, serpente
נָטָה	estender, curvar, inclinar
נָטַע	plantar
נָטַשׁ	tirar, esticar
נָכָה	bater, golpear, ferir
נָכַר	fugir
נָכַל	enganar
נָסָה	pôr à prova, tentar
נָסַע	viajar
נֶעֱמַד	estabelecer
נֹעַם	gentileza
נַעַר	menino, jovem, servo, rapaz
נָפַל	cair
נִפְלָא	ser maravilhoso
נֶפֶשׁ	sopro, alma, vida, pessoa
נָצַב	colocar
נָצָה	fugir
נָצַח	supervisionar
נָצַל	salvar
נָצַר	cuidar, proteger, observar
נָקַב	furar, marcar
נָקָה	ser inocente
נָקָה	limpar
נָקִי	limpo
נָקַם	vingar
נֵרְדְּ	ungüento, nardo
נָשָׂא	carregar, levar
נָשַׂג	atingir, alcançar
נָשִׁים	mulheres
נָשַׁל	despir
נָשַׁק	beijar
נָתַן	dar, entregar
נָטַק	tirar, rasgar

ס

סָבַב	dar volta, rodear, serpear
סָבִיב	círculo
סָגַר	fechar, cerrar
סוּס, סוּסָה	cavalo, égua
סוּר	retirar, remover, apartar
סֻכָּה	rancho, choça, guarita
סָלַח	perdoar
סַל	cesta
סַף	limiar
סֻלָּם	escada
סָמַךְ	reclinar, encostar
סִינַי	Sinai
סָעַד	sustentar, restaurar
סָפַד	lamentar-se
סָפַר	contar, escrever
סֹפֵר	escriba
סֵפֶר	livro
סָפַר	numerar
סָתַר	esconder

ע

עָבַד	trabalhar, lavrar, servir
עֶבֶד	servo
עָבֵו	espesso
עֲבוֹדָה	lavoura
עֲבוּר	por causa de
עָבַר	atravessar

עֵבֶר	outro lado (além ou aquém)
עִבְרִי	hebreu
עִבְרִית	hebreu (língua)
עֵגֶל	bezerro
עַד	até, eternidade
עֵד	testemunho
עֵדָה	tropa, companhia
עֵדֶן	delícia (Éden)
עֵדֶר	rebanho
עַז	feroz
עוּד	testificar, protestar
עוֹד	mais, ainda
עָוֹן	culpa, pecado, iniqüidade
עֹלָה	holocausto
עוֹלָל	criança
עוֹלָם	tempo indefinido, eternidade
עוּר	despertar-se
עוּף	voar
עוֹף	ave, inseto
עִוֵּר	cego
עֹז	força
עֵז	cabrito
עָזַב	deixar, abandonar
עָזַר	ajudar
עֶזֶר	auxílio
עַיִן	olho
עֵינוֹת	fontes, poços
עִיר	cidade
עֵירֹם	nu
עַל	sobre, a respeito
עֹל	jugo
עַל אוֹדוֹת	em prol de
עַל־דְּבַר	a fim de
עָלָה	subir, raiar
עַלִּיז	jovial
עָלַף	cobrir, desmaiar, enfadar
עִם	com, juntamente
עַם	povo, nação
עָמַד	estar de pé, permanecer
עָמַל	labutar, sofrer trabalhos
עָמָל	trabalhos aflitivos, vexação
עָמֹק	profundo
עָנָה	responder
עָנִי	pobre
עָנָן	nuvem
עָנַן	enublar, trazer nuvens
עָפָר	pó
עֵץ	árvore
עֶצֶב	dor, sofrimento, trabalho
עֵצָה	conselho
עָתַם	tornar-se forte, numeroso
עָצוּם	forte, numeroso
עֶצֶם	osso
עָצַר	fechou, constrangiu
עֵקֶב	com resultado que
עֶרֶב	tarde
עָרַב	negociou
עָרַךְ	preparou
עָשַׁק	oprimir, fazer mal
עָשַׁת	ser macio, pensar, lembrar
עֵשֶׂב	erva verde
עָשָׂה	fazer, trabalhar
עֶשְׂרִים	vinte, vigésimo

© Crédito: Seven

עֵת	tempo
עַתָּה	agora

פ

פָּגַע	ferir, encontrar
פָּדָה	redimir, libertar
פֶּה	boca
פּוּת	dispersar
פַּח	laço, armadilha
פֶּלֶא	maravilha
פְּלִשְׁתִּים	filisteus
פִּינְחָס	Finéas
פֶּן	para que não
פָּנָה	virar-se
פָּנִים	rosto
פֶּסַח	páscoa, passagem
פָּעַל	fazer
פֹּעַל	obra
פַּעַם	vez
פָּקַד	visitar, inspecionar
פָּקִיד	inspetor
פָּקוּד	preceito
פָּקַח	abrir
פַּר	boi
פָּרַד	dividir, separar
פָּרָה	frutificar, ser frutífero
פְּרִי	fruto
פַּרְעֹה	Faraó
פָּשַׁט	despir
פָּשַׁע	rebelar
פֶּשַׁע	rebelião
פַּת	fatia, pedaço
פָּתַח	abrir

צ

צֹאן	rebanho
צָבָא	exército, hoste
צַד	lado
צָדַק	ser reto, justo
צֶדֶק	retidão, justiça
צַדִּיק	justo, reto
צוּד	caçar
צוּר	ligar, estreitar
צֵל	sombra
צָלַח	lograr, vicejar
צֶלֶם	imagem, semelhança
צָלַע	coxear, manquetolar
צֵלָע	lado, costela
צָמָא	ter sede
צָמַח	brotar
צֶמַח	broto, ramo
צָעַק	clamar, gritar
צָעַר	ser menosprezado
צָפָה	observar
צָפַן	esconder, guardar, entesourar
צָפוֹן	norte
צְפַרְדֵּעַ	sapo, rã
צַר	adversário
צָרָה	angústia
צָרַף	refinar
צָרִיךְ	deve

ק

קָבַב	amaldiçoar
קָבַל	receber
קָבַץ	ajuntar, reunir

קָבַר	enterrar
קֶבֶר	sepulcro
קָדַר	enegrecer, ficar preto
קָדִים	oriente, vento oriental
קֶדֶם	frente, oriente
קָדַם	encontrar, madrugar
קָדַשׁ	ser santo, sagrado, ser puro
קָדוֹשׁ	santo
קֹדֶשׁ	santidade, santuário
קָהָל	congregação
קוֹל	voz, som, ruído
קָוָה	esperar com vontade
קוּם	levantar
קִיר	muralha
קָם	ficando de pé
קוֹץ	espinhos
קָטַל	matar
קָטַן	ser pequeno
קָטָן	pequeno
קְטֹרֶת	incenso
קָלַל	ser leve
קַל	leve, rápido
קָנָא	ter ciúmes
קָנָה	adquirir, comprar, possuir
קָנֶה	possuidor, dono
קֶנֶה	caniço, cama
קֵץ	fim
קָצַף	ficar zangado, zangar-se
קָצַר	curto
קָצַר	ceifar
קָרָא	chamar, gritar, dar nome
קָרַב	aproximar-se
קָרוֹב	perto, vizinho
קֶרֶב	dentro, interior
קָרְבָּן	oferta dedicada
קָרָה	acontecer, encontrar
קֶרַח	geada, gelo
קֶרֶן	chifre, canto
קָרַע	rasgar
קָשַׁב	escutar
קָשָׁה	ser difícil
קֹשִׁי	dureza, dificuldade
קֹשֶׁט	fidelidade
קָשַׁר	ficar junto
קֶשֶׁת	arco

ר

רָאָה	ver
רֹאשׁ	cabeça, ponta, chifre
רִאשׁוֹן	primeiro
רַב	grande, muito
רָבַב	ser muito, multiplicar
רָבָה	Rabá
רָבָה	aumentar, multiplicar
רְבִיעִי	quarto
רָבַע	jazer, deitar-se
רָגִיל	acostumado
רָגַל	caluniar
רֶגֶל	pé
רָדָה	dominar
רָדַף	seguir após, prosseguir
רוּחַ	fôlego, vento, espírito
רוּם	ser alto, levantar, erguer
רוּץ	correr
רָזַב	quis

© Crédito: Seven

רוּשׁ	ser pobre
רָחַב	ser largo, espaçoso
רֹחַב	largura
רְחֹב	praça, rua larga
רָחֵל	Raquel, ovelha
רָחַם	ter piedade, ter compaixão
רָחַף	estremecer
רָחַץ	lavar
רָחַק	estar distante, retirar-se
רָחוֹק	longe, distante
רִיב	defender, pleitear
רִיק	vaidade, vácuo, um vazio
רֵיקָם	vazio, vaziamente
רָכַב	correr
רָם	alto, elevado, nobre
רֹמַח	lança
רָמַס	pisar em tropel
רָמַשׂ	rastejar
רֶמֶשׂ	rastejante, réptil
רָנָה	grito, queixa, clamor
רָנַן	gritar
רָעַב	ter fome
רָעֵב	faminto, esfaimado
רָעָב	fome
רָעָה	alimentar, dar pastagem
רֹעֶה	pastor
רֵעַ	amigo
רַע	mau
רָעַע	ser mau, mal, afligir
רָעַשׁ	tremer
רַעַשׁ	terremoto
רָפָא	curar
רָצַח	assassinar
רִצְפָּה	brasa, pedra quente
רַק	só, fino, magro
רָקַב	apodrecer
רָקַד	dançar
רָקִיעַ	firamento
רָשָׁע	ser perverso, ser ímpio

שׂ

שָׂבַע	ser satisfeito
שָׂדֶה	campo
שׂוּם	colocar
שָׂטָן	adversário, Satanás
שִׂיחַ	meditação
שֵׂכֶל	entendimento
שִׂמְלָה	roupa, manto
שָׂנֵא	odiar
שָׂפָה	lábio, fio, margem, praia
שְׂפָתַיִם	lábios
שַׂר	príncipe, chefe, comandante
שָׂרָה	princesa
שָׂרַי	Sara
שָׂרַף	queimar, engolir, devorar
שָׂרָף	serafim, serpente ardente

שׁ

שָׁאַג	rugir
שָׁאַל	pedir, perguntar
שְׁאוֹל	Sheol, inferno, Hades
שָׁאַר	ser deixado, restar
שָׁבָה	cativar
שָׁבַח	louvar
שֵׁבֶט	tribo

שָׁבַע	jurar
שֶׁבַע	sete
שְׁבִעִי	sétimo
שִׁבְעִים	setenta
שָׁבַר	quebrar
שֶׁבֶר	quebra, brecha, grão, trigo
שָׁבַר	comprar ou vender trigo
שָׁבַת	descansar, cessar, acabar
שַׁבָּת	descanso, sábado
שָׁדַד	roubar, ser violentado
שַׁדַּי	Todo-Poderoso
שׁוּב	voltar, restaurar, volver
שׁוּק	mercado
שָׁוַע	gritar por socorro
שׁוּף	esmagar
שׁוֹפָר	trombeta
שׁוּק	rua
שׁוֹר	boi
שׂוּשׂ	regozijar-se
שָׁחָה	inclinar-se
שָׁחוֹר	preto
שָׁחַט	matar, abater, massacrar
שָׂחַק	rir-se
שַׁחַר	aurora, alva
שׁחת	destruir
שָׁטַף	fluir
שִׁיר	cântico
שִׁית	colocar, estabelecer
שָׁכַב	deitar-se, jazer
שָׁכַח	esquecer
שָׁכַל	ser desfilhada
שָׁכַן	habitar
שָׁכַר	ser, estar embriagado
שֶׁל	de
שֶׁלֶג	neve
שָׁלַח	mandar, estender
שֻׁלְחָן	mesa
שָׁלָל	despojo
שָׁלַם	ser perfeito
שׁלם	graças, recompensa
שָׁלוֹם	paz, saúde, prosperidade
שְׁלֹמֹה	Salomão
שָׁם	lá, ali
שֵׁם	nome
שָׁמַד	destruir
שְׁמוּאֵל	Samuel
שָׁמַיִם	céu, céus
שְׂמֹאול	norte, esquerda
שָׁמַם	ser desolado, deserto
שְׁמָמָה	espanto, surpresa
שֵׁמַע	relatório, notícia
שָׁמַר	vigiar, guardar
שֶׁמֶשׁ	sol
שֵׁנִי	segundo (ordinal)
שַׁעַר	portão, porta, porteira
שִׁפְחָה	serva, criada
שָׁפַט	julgar
שׁוֹפֵט	juiz
שָׁפַךְ	derramar, entornar
שָׁפַל	ser abatido, humilhado
שָׁקַל	pesar
שָׁרַץ	abundar, enxamear
שֶׁרֶץ	seres animados, vivos
שִׁשִּׁי	sexto
שָׁתָה	beber
שָׁתַק	acalmar, sossegar

© Crédito: Seven

ת

תֵּבָה	arca (de Noé)
תְּהוֹם	abismo, mar, profundeza
תְּהִלָּה	louvor
תּוֹךְ	meio
תּוֹכֵחָה	correção, castigo, punição
תּוֹעֵבָה	abominação
תּוֹרָה	ensino, lei, revelação
תַּחַת	sob, debaixo, em vez de
תַּלְמִיד	aluno
תָּם	perfeito, completo
תַּנִּין	serpente, dragão
תְּפִלָּה	oração
תְּרוּעָה	ruído forte, gritos de alegria
תְּשׁוּעָה	salvação

© Crédito: Seven

Gramática Hebraica

O hebraico tem características próprias que precisam ser devidamente compreendidas, e o pastor Gordon Chown coloca nesta obra toda a sua experiência didática sobre a língua do Antigo Testamento.

Esta obra, utilizada pelo autor em diversos seminários teológicos, contém:

- O alfabeto e os sinais massoréticos
- As construções verbais como base das frases
- Tabelas de declinações verbais
- Exercícios com textos bíblicos
- Concentração nas palavras mais usadas no Antigo Testamento
- Tradução das palavras utilizadas em cada lição

Gordon Chown, missionário britânico no Brasil, é professor de Hebraico, tradutor e consultor de diversas obras de renome teológico. Tradutor das notas da *Bíblia de Estudo Pentecostal* e autor do livro *O Espírito Santo na Vida de Paulo*, editados pela CPAD.

© Crédito: Seven

Endereço da página:

https://novaescola.org.br/conteudo/6205/gramatica-com-textos-coordenacao-e-subordinacao-de-periodos

Publicado em NOVA ESCOLA 02 de Fevereiro | 2017

Língua Portuguesa

Gramática com textos: coordenação e subordinação de períodos

novaescola

Objetivo(s)

- Apresentar o período composto
- Analisar as relações de coordenação e subordinação entre períodos
- Analisar as relações semânticas presentes na construção dos períodos compostos.

Conteúdo(s)

- Período composto
- Relações de coordenação e subordinação
- Relações semânticas em períodos compostos.

Ano(s)

6º, 7º, 8º, 9º

Tempo estimado

Seis aulas

Desenvolvimento

1ª etapa

Inicie a aula colocando no quadro o silogismo abaixo.

Todo brasileiro é sul-americano.
Todo paulista é brasileiro.
Todo paulista é sul-americano.

Explique aos alunos que a palavra silogismo vem do verbo *syllogízo* (em grego) e significa reunir, juntar pelo pensamento, conjeturar. Trata-se de um tipo de raciocínio desenvolvido na Grécia Antiga pelo filósofo Aristóteles (384 a.C. - 322 a.C.). Parte-se de duas afirmações, chamadas premissas, para chegar a uma conclusão. O exemplo acima começa com uma afirmação geral - *Todo brasileiro é sul-americano* -, passa por outra mais específica - *todo paulista é brasileiro* - e chega à conclusão - *todo paulista é sul-americano.*

Entendido o conceito de silogismo, apresente à moçada o objetivo desta sequência didática: estudar o período composto. Explique que, para isso, é importante relembrar o período simples. Mostre aos alunos que, no silogismo acima, há três períodos simples - cada um com um verbo (*ser*).

Em seguida, peça que os alunos tentem reescrever o silogismo colocando todas as informações em um único período. Caso perceba que os estudantes estão com dificuldade, proponha que pensem em uma expressão indicativa de hipótese ou condição - sugira o uso dos conectivos *se* e *caso.* Dê um tempo para que realizem a atividade e corrija coletivamente no quadro.

Uma possibilidade de redação é a seguinte:

Se todo brasileiro é sul-americano e todo paulista é brasileiro; logo, todo paulista é sul-americano.

Outra é:

Se todo brasileiro é sul-americano e todo paulista é brasileiro, todo paulista é sul-americano.

Durante a correção, mostre aos alunos que a transformação dos três períodos em um ocorreu por meio do acréscimo de palavras como *se, e, logo*. Explique que esses elementos funcionam como articuladores entre as orações que fazem parte do período composto.

Pergunte se a conclusão (*todo paulista é sul-americano*) se sustenta ao suprimirmos uma das duas orações indicadoras de condição (*se todo brasileiro é sul-americano e todo paulista é brasileiro*). Os estudantes vão notar que não.

2ª etapa

Proponha, então, que a turma se organize em duplas e transforme outros dois silogismos em períodos compostos. Desta vez, oriente os alunos para que comecem as frases pela conclusão.

a) *Todos homens são mortais.*
Sócrates é homem.
Sócrates é mortal.

b) *Todo metal dilata com o calor.*
A prata é um metal.
A prata dilata com o calor.

Dê um tempo para que os alunos procurem as respostas e peça que as apresentem. Uma possibilidade de construção é:

a) *Sócrates é mortal, já que Sócrates é homem e todo homem é mortal.*

Outra é:

b) *Sócrates é mortal porque Sócrates é homem e todo homem é mortal*.

Deixe claro aos alunos a diferença de sentido entre as duas reescritas. No primeiro caso, trata-se de um período de caráter condicional, em que o locutor cria uma hipótese e a comprova. No segundo, as duas premissas são tomadas como verdades, como dados que embasam o pensamento.

Explique à classe que os articuladores que interligam as orações - *porque, já que, logo, se* e *e* -, representam uma classe de palavras chamada "conjunções".

3ª etapa

Escreva no quadro os seguintes períodos compostos:

José saiu e Pedro chegou.
Quando José saiu, Pedro chegou.

Pergunte aos estudantes se os dois períodos possuem o mesmo significado. Conclua com a classe que não. O primeiro possui duas orações interligadas pela conjunção *e* e sugere a ideia de linearidade: primeiro José saiu e depois Pedro chegou. Já o segundo indica concomitância entre as duas ações. Essa simultaneidade é marcada pela presença da conjunção *quando*.

Explique, então, a diferença entre períodos compostos por coordenação e por subordinação. Para isso, desmembre as duas orações presentes no item a e pergunte à classe se elas são compreensíveis separadamente. *José saiu* e *Pedro chegou*. A moçada vai perceber que sim.

Questione se o mesmo ocorre no item b. Os alunos vão dizer que não. Comente que a oração *Quando José saiu* é um trecho solto e precisa de complementos para fazer sentido.

Explique à classe que essa característica - possibilidade ou não de existir independentemente do complemento - é usada por vários gramáticos para diferenciar períodos coordenados e subordinados. São chamados períodos compostos por coordenação aqueles em que as orações estão articuladas, mas não há dependência entre elas. O período composto por subordinação, por sua vez, possui orações articuladas, mas com uma relação de dependência.

Para saber mais...

A diferenciação entre período composto por coordenação e por subordinação apresenta vários pontos de discussão entre os gramáticos. Muitos acreditam que também existe dependência nas orações coordenadas.

Não há consenso também sobre as denominações. Para alguns autores, o período subordinado é composto por duas orações distintas - a principal e a subordinada. Para outros, todo o período subordinado representa a oração principal e, dentro dela, está a oração subordinada.

Como as relações estabelecidas pelos períodos compostos são importantes para a estruturação do pensamento e da argumentação, talvez o mais importante, nesse estágio de aprendizado, é dar aos alunos o conhecimento dessas relações. Realize uma problematização compatível com o nível escolar e não insista em aspectos da nomenclatura e classificações minuciosas.

Para se aprofundar sobre o tema, leia o texto A Coordenação e a Subordinação nas Perspectivas Tradicional e Funcionalista: confrontos de Andréa Marques.

4ª etapa

Peça que os alunos tragam a gramática para a classe e leia com eles os trechos referentes à coordenação e à subordinação. Veja se a turma apresenta alguma dúvida e explique-a. Em seguida, façam uma breve síntese do conteúdo lido e diga para os alunos anotarem nos cadernos.

Após a escrita dessa síntese, proponha que a moçada classifique as seguintes manchetes - publicadas no jornal *Folha de S. Paulo* em 03 de novembro de 2010 - em períodos compostos por coordenação ou subordinação.

a) *Facebook afirma que corretora comprou dado sigiloso de usuários.*
b) *Gal relança obra e prepara novo disco.*
c) *Estudo explica por que ocidental não diferencia rostos orientais.*
d) *Proteína pode ser capaz de destruir células cancerígenas.*
e) *Republicanos ganham força, mas racham.*

Para corrigir a tarefa, sublinhe os verbos de cada período e procure identificar com a turma se eles precisam de complemento. Caso julgue interessante, use a gramática como suporte durante a correção.

Em *Facebook afirma que corretora comprou dado sigiloso de usuários*, sublinhe os verbos *afirma* e *comprou*. Ao dividir os períodos, os alunos vão perceber que, sozinha, a primeira oração não possui sentido completo. O verbo *afirma* pressupõe um complemento - que, no caso, é a oração *que corretora comprou dado sigiloso de usuários*. Trata-se, portanto, de um período composto por subordinação.

Na manchete *Gal relança obra e prepara novo disco*, repita o procedimento com a classe. Sublinhe os verbos, divida os períodos e peça que os alunos analisem as frases. Eles vão notar que, nesse caso, nenhum dos verbos precisa de elementos da outra oração para ter seu sentido completo. Trata-se, então, de um período composto por coordenação.

Repita a mesma orientação para analisar as demais manchetes. Quando terminar, comente com a classe que a língua é muito rica e a classificação dos gramáticos nem sempre dá conta dessa riqueza. É por isso que as gramáticas se modificam ao longo do tempo.

5ª etapa

Comente com a classe que, embora as gramáticas afirmem que o e é uma conjunção coordenada aditiva, há uma série de exemplos na Língua Portuguesa em que ele aparece associado a ideias bem diferentes da adição.

Em seguida, peça que os alunos se dividam em trios e discutam os possíveis sentidos assumidos pelo conectivo e nos textos publicitários abaixo:

Dê um Boticário no dia das mães e transforme-a numa linda mulher. (Propaganda
para o dia das mães do Boticário, outdoor, Juiz de Fora, abril/2006).

Mude para a Tim e ganhe mais créditos no seu pré-pago(Propaganda Tim, Revista Época, 20 abr 2006)

Não leve trabalho pra casa. Tenha Internet no seu Oi e leia seus e-mails no caminho. (Propaganda, Revista Época 5 jul 2010)

Voe Azul e dê férias para o seu bolso.
(Propaganda, Revista Época 5 jul 2010)

Dê um tempo para a realização da atividade e corrija-a. Leve os alunos a perceberem que, embora o conectivo e seja comumente associado à ideia de adição, nos casos acima ele remete à ideia de condição e às relações de causalidade. Explique que o vínculo apresentado nessas orações não é de dependência sintática, mas sim da ordem do significado.

As frases *Voe Azul / Dê férias para o seu bolso* poderiam ser separadas e justapostas sem a presença de conectivos. Há um vínculo implícito entre elas, remetendo ao contexto em que se inserem e ao sentido que as atravessa. Como estamos na dimensão do texto publicitário, mais forte será a sua ação se ele passar como um dado natural e não como uma construção com o objetivo de persuadir o leitor. Assim, se justificaria o camuflamento da subordinação nessas construções.

Levante ainda com os alunos outros usos da conjunção e. Ela pode ser usada com o sentido de adversidade - *O menino caiu e não chorou* -, com o sentido de conclusão - *Chegamos atrasados, perdemos o ônibus e não fomos viajar*- entre outros.

Avaliação

Proponha que os alunos leiam, em trios, o poema "Eu, etiqueta" de Carlos Drummond de Andrade. Com base na leitura, peça que elaborem um texto publicitário em que o conectivo e seja usado de duas maneiras: como conjunção aditiva - Raul usa blusa da marca X e Ana usa calça da marca Y - e como organizador de períodos com valor de hipótese - Use a marca X, a marca Y e você será feliz. Os textos publicitários devem ser entregues ao professor e apresentados para a classe na aula seguinte. Eu, etiqueta Em minha calça está grudado um nome que não é o meu de batismo ou cartório, um nome... estranho. Meu blusão traz lembrete de bebida que jamais pus na boca, nesta vida. Em minha camiseta, a marca de cigarro que não fumo, até hoje não fumei. Minhas meias falam de produto que nunca experimentei, mas são comunicados a meus pés. Meu tênis é proclama colorido de alguma coisa não provada por este provador de longa idade. Meu lenço, meu relógio, meu chaveiro, minha gravata e cinto e escova e pente, meu copo, minha xícara, minha toalha de banho e sabonete, meu isso, meu aquilo, desde a cabeça ao bico dos sapatos, são mensagens, letras falantes, gritos visuais, ordens de uso, abuso, reincidência, costume, hábito, premência, indispensabilidade, e fazem de mim homem-anúncio itinerante, escravo da matéria anunciada. Estou, estou na moda. É doce estar na moda, ainda que a moda seja negar minha identidade, trocá-la por mil, açambarcando todas as marcas registradas todos os logotipos do mercado. Com que inocência demito-me de ser eu que antes era e me sabia tão diverso de outros, tão

mim-mesmo ser pensante, sentinte e solitário com outros seres diversos e conscientes de sua humana, invencível condição. Agora sou anúncio, ora vulgar ora bizarro, em língua nacional ou em qualquer língua (qualquer, principalmente). E nisto me comprazo, tiro glória de minha anulação. Não sou - vê lá - anúncio contratado. Eu é que mimosamente pago para anunciar, para vender em bares festas praias pérgulas piscinas, e bem à vista exibo esta etiqueta global no corpo que desiste de ser veste e sandália de uma essência tão viva, independente, que moda ou suborno algum a compromete. Onde terei jogado fora meu gosto e capacidade de escolher, minhas idiossincrasias tão pessoais, tão minhas que no rosto se espelhavam, e cada gesto, cada olhar, cada vinco da roupa resumia uma estética? Hoje sou costurado, sou tecido, sou gravado de forma universal, saio da estamparia, não de casa, da vitrina me tiraram, recolocam, objeto pulsante mas objeto que se oferece como signo de outros objetos estáticos, tarifados. Para me ostentar assim, tão orgulhoso e ser não eu, mas artigo industrial, peço que meu nome retifiquem. Já não me convém o título de homem. Meu nome novo é coisa. Eu sou a coisa, coisamente. (Carlos Drummond de Andrade) Disponível em: acd.ufrj.br/~pead/tema10/perspectivas.html - Acesso em 02 nov 2010

Créditos: Conceição Aparecida Bento Formação: Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo e professora universitária.

Endereço da página:

https://novaescola.org.br/conteudo/6205/gramatica-com-textos-coordenacao-e-subordinacao-de-periodos

Publicado em NOVA ESCOLA 02 de Fevereiro | 2017

Língua Portuguesa

Gramática com textos: coordenação e subordinação de períodos

novaescola

Objetivo(s)

- Apresentar o período composto
- Analisar as relações de coordenação e subordinação entre períodos
- Analisar as relações semânticas presentes na construção dos períodos compostos.

Conteúdo(s)

- Período composto
- Relações de coordenação e subordinação
- Relações semânticas em períodos compostos.

Ano(s)

6º, 7º, 8º, 9º

Tempo estimado

Seis aulas

Desenvolvimento

1ª etapa

Inicie a aula colocando no quadro o silogismo abaixo.

Todo brasileiro é sul-americano.
Todo paulista é brasileiro.
Todo paulista é sul-americano.

Explique aos alunos que a palavra silogismo vem do verbo *syllogízo* (em grego) e significa reunir, juntar pelo pensamento, conjeturar. Trata-se de um tipo de raciocínio desenvolvido na Grécia Antiga pelo filósofo Aristóteles (384 a.C. - 322 a.C.). Parte-se de duas afirmações, chamadas premissas, para chegar a uma conclusão. O exemplo acima começa com uma afirmação geral - *Todo brasileiro é sul-americano* -, passa por outra mais específica - *todo paulista é brasileiro* - e chega à conclusão - *todo paulista é sul-americano.*

Entendido o conceito de silogismo, apresente à moçada o objetivo desta sequência didática: estudar o período composto. Explique que, para isso, é importante relembrar o período simples. Mostre aos alunos que, no silogismo acima, há três períodos simples - cada um com um verbo (*ser*).

Em seguida, peça que os alunos tentem reescrever o silogismo colocando todas as informações em um único período. Caso perceba que os estudantes estão com dificuldade, proponha que pensem em uma expressão indicativa de hipótese ou condição - sugira o uso dos conectivos *se* e *caso.* Dê um tempo para que realizem a atividade e corrija coletivamente no quadro.

Uma possibilidade de redação é a seguinte:

Se todo brasileiro é sul-americano e todo paulista é brasileiro; logo, todo paulista é sul-americano.

Outra é:

Se todo brasileiro é sul-americano e todo paulista é brasileiro, todo paulista é sul-americano.

Durante a correção, mostre aos alunos que a transformação dos três períodos em um ocorreu por meio do acréscimo de palavras como *se, e, logo*. Explique que esses elementos funcionam como articuladores entre as orações que fazem parte do período composto.

Pergunte se a conclusão (*todo paulista é sul-americano*) se sustenta ao suprimirmos uma das duas orações indicadoras de condição (*se todo brasileiro é sul-americano e todo paulista é brasileiro*). Os estudantes vão notar que não.

2ª etapa

Proponha, então, que a turma se organize em duplas e transforme outros dois silogismos em períodos compostos. Desta vez, oriente os alunos para que comecem as frases pela conclusão.

a) *Todos homens são mortais.*
Sócrates é homem.
Sócrates é mortal.

b) *Todo metal dilata com o calor.*
A prata é um metal.
A prata dilata com o calor.

Dê um tempo para que os alunos procurem as respostas e peça que as apresentem. Uma possibilidade de construção é:

a) *Sócrates é mortal, já que Sócrates é homem e todo homem é mortal.*

Outra é:

b) *Sócrates é mortal porque Sócrates é homem e todo homem é mortal*.

Deixe claro aos alunos a diferença de sentido entre as duas reescritas. No primeiro caso, trata-se de um período de caráter condicional, em que o locutor cria uma hipótese e a comprova. No segundo, as duas premissas são tomadas como verdades, como dados que embasam o pensamento.

Explique à classe que os articuladores que interligam as orações - *porque, já que, logo, se* e *e* -, representam uma classe de palavras chamada "conjunções".

3ª etapa

Escreva no quadro os seguintes períodos compostos:

José saiu e Pedro chegou.
Quando José saiu, Pedro chegou.

Pergunte aos estudantes se os dois períodos possuem o mesmo significado. Conclua com a classe que não. O primeiro possui duas orações interligadas pela conjunção *e* e sugere a ideia de linearidade: primeiro José saiu e depois Pedro chegou. Já o segundo indica concomitância entre as duas ações. Essa simultaneidade é marcada pela presença da conjunção *quando*.

Explique, então, a diferença entre períodos compostos por coordenação e por subordinação. Para isso, desmembre as duas orações presentes no item a e pergunte à classe se elas são compreensíveis separadamente. *José saiu* e *Pedro chegou*. A moçada vai perceber que sim.

Questione se o mesmo ocorre no item b. Os alunos vão dizer que não. Comente que a oração *Quando José saiu* é um trecho solto e precisa de complementos para fazer sentido.

Explique à classe que essa característica - possibilidade ou não de existir independentemente do complemento - é usada por vários gramáticos para diferenciar períodos coordenados e subordinados. São chamados períodos compostos por coordenação aqueles em que as orações estão articuladas, mas não há dependência entre elas. O período composto por subordinação, por sua vez, possui orações articuladas, mas com uma relação de dependência.

Para saber mais...

A diferenciação entre período composto por coordenação e por subordinação apresenta vários pontos de discussão entre os gramáticos. Muitos acreditam que também existe dependência nas orações coordenadas.

Não há consenso também sobre as denominações. Para alguns autores, o período subordinado é composto por duas orações distintas - a principal e a subordinada. Para outros, todo o período subordinado representa a oração principal e, dentro dela, está a oração subordinada.

Como as relações estabelecidas pelos períodos compostos são importantes para a estruturação do pensamento e da argumentação, talvez o mais importante, nesse estágio de aprendizado, é dar aos alunos o conhecimento dessas relações. Realize uma problematização compatível com o nível escolar e não insista em aspectos da nomenclatura e classificações minuciosas.

Para se aprofundar sobre o tema, leia o texto A Coordenação e a Subordinação nas Perspectivas Tradicional e Funcionalista: confrontos de Andréa Marques.

4ª etapa

Peça que os alunos tragam a gramática para a classe e leia com eles os trechos referentes à coordenação e à subordinação. Veja se a turma apresenta alguma dúvida e explique-a. Em seguida, façam uma breve síntese do conteúdo lido e diga para os alunos anotarem nos cadernos.

Após a escrita dessa síntese, proponha que a moçada classifique as seguintes manchetes - publicadas no jornal *Folha de S. Paulo* em 03 de novembro de 2010 - em períodos compostos por coordenação ou subordinação.

a) *Facebook afirma que corretora comprou dado sigiloso de usuários.*
b) *Gal relança obra e prepara novo disco.*
c) *Estudo explica por que ocidental não diferencia rostos orientais.*
d) *Proteína pode ser capaz de destruir células cancerígenas.*
e) *Republicanos ganham força, mas racham.*

Para corrigir a tarefa, sublinhe os verbos de cada período e procure identificar com a turma se eles precisam de complemento. Caso julgue interessante, use a gramática como suporte durante a correção.

Em *Facebook afirma que corretora comprou dado sigiloso de usuários*, sublinhe os verbos *afirma* e *comprou*. Ao dividir os períodos, os alunos vão perceber que, sozinha, a primeira oração não possui sentido completo. O verbo *afirma* pressupõe um complemento - que, no caso, é a oração *que corretora comprou dado sigiloso de usuários*. Trata-se, portanto, de um período composto por subordinação.

Na manchete *Gal relança obra e prepara novo disco*, repita o procedimento com a classe. Sublinhe os verbos, divida os períodos e peça que os alunos analisem as frases. Eles vão notar que, nesse caso, nenhum dos verbos precisa de elementos da outra oração para ter seu sentido completo. Trata-se, então, de um período composto por coordenação.

Repita a mesma orientação para analisar as demais manchetes. Quando terminar, comente com a classe que a língua é muito rica e a classificação dos gramáticos nem sempre dá conta dessa riqueza. É por isso que as gramáticas se modificam ao longo do tempo.

5ª etapa

Comente com a classe que, embora as gramáticas afirmem que o e é uma conjunção coordenada aditiva, há uma série de exemplos na Língua Portuguesa em que ele aparece associado a ideias bem diferentes da adição.

Em seguida, peça que os alunos se dividam em trios e discutam os possíveis sentidos assumidos pelo conectivo e nos textos publicitários abaixo:

Dê um Boticário no dia das mães e transforme-a numa linda mulher. (Propaganda
para o dia das mães do Boticário, outdoor, Juiz de Fora, abril/2006).

Mude para a Tim e ganhe mais créditos no seu pré-pago(Propaganda Tim, Revista Época, 20 abr 2006)

Não leve trabalho pra casa. Tenha Internet no seu Oi e leia seus e-mails no caminho. (Propaganda, Revista Época 5 jul 2010)

Voe Azul e dê férias para o seu bolso.
(Propaganda, Revista Época 5 jul 2010)

Dê um tempo para a realização da atividade e corrija-a. Leve os alunos a perceberem que, embora o conectivo e seja comumente associado à ideia de adição, nos casos acima ele remete à ideia de condição e às relações de causalidade. Explique que o vínculo apresentado nessas orações não é de dependência sintática, mas sim da ordem do significado.

As frases *Voe Azul / Dê férias para o seu bolso* poderiam ser separadas e justapostas sem a presença de conectivos. Há um vínculo implícito entre elas, remetendo ao contexto em que se inserem e ao sentido que as atravessa. Como estamos na dimensão do texto publicitário, mais forte será a sua ação se ele passar como um dado natural e não como uma construção com o objetivo de persuadir o leitor. Assim, se justificaria o camuflamento da subordinação nessas construções.

Levante ainda com os alunos outros usos da conjunção e. Ela pode ser usada com o sentido de adversidade - *O menino caiu e não chorou* -, com o sentido de conclusão - *Chegamos atrasados, perdemos o ônibus e não fomos viajar*- entre outros.

Avaliação

Proponha que os alunos leiam, em trios, o poema "Eu, etiqueta" de Carlos Drummond de Andrade. Com base na leitura, peça que elaborem um texto publicitário em que o conectivo e seja usado de duas maneiras: como conjunção aditiva - Raul usa blusa da marca X e Ana usa calça da marca Y - e como organizador de períodos com valor de hipótese - Use a marca X, a marca Y e você será feliz. Os textos publicitários devem ser entregues ao professor e apresentados para a classe na aula seguinte. Eu, etiqueta Em minha calça está grudado um nome que não é o meu de batismo ou cartório, um nome... estranho. Meu blusão traz lembrete de bebida que jamais pus na boca, nesta vida. Em minha camiseta, a marca de cigarro que não fumo, até hoje não fumei. Minhas meias falam de produto que nunca experimentei, mas são comunicados a meus pés. Meu tênis é proclama colorido de alguma coisa não provada por este provador de longa idade. Meu lenço, meu relógio, meu chaveiro, minha gravata e cinto e escova e pente, meu copo, minha xícara, minha toalha de banho e sabonete, meu isso, meu aquilo, desde a cabeça ao bico dos sapatos, são mensagens, letras falantes, gritos visuais, ordens de uso, abuso, reincidência, costume, hábito, premência, indispensabilidade, e fazem de mim homem-anúncio itinerante, escravo da matéria anunciada. Estou, estou na moda. É doce estar na moda, ainda que a moda seja negar minha identidade, trocá-la por mil, açambarcando todas as marcas registradas todos os logotipos do mercado. Com que inocência demito-me de ser eu que antes era e me sabia tão diverso de outros, tão

mim-mesmo ser pensante, sentinte e solitário com outros seres diversos e conscientes de sua humana, invencível condição. Agora sou anúncio, ora vulgar ora bizarro, em língua nacional ou em qualquer língua (qualquer, principalmente). E nisto me comprazo, tiro glória de minha anulação. Não sou - vê lá - anúncio contratado. Eu é que mimosamente pago para anunciar, para vender em bares festas praias pérgulas piscinas, e bem à vista exibo esta etiqueta global no corpo que desiste de ser veste e sandália de uma essência tão viva, independente, que moda ou suborno algum a compromete. Onde terei jogado fora meu gosto e capacidade de escolher, minhas idiossincrasias tão pessoais, tão minhas que no rosto se espelhavam, e cada gesto, cada olhar, cada vinco da roupa resumia uma estética? Hoje sou costurado, sou tecido, sou gravado de forma universal, saio da estamparia, não de casa, da vitrina me tiraram, recolocam, objeto pulsante mas objeto que se oferece como signo de outros objetos estáticos, tarifados. Para me ostentar assim, tão orgulhoso e ser não eu, mas artigo industrial, peço que meu nome retifiquem. Já não me convém o título de homem. Meu nome novo é coisa. Eu sou a coisa, coisamente. (Carlos Drummond de Andrade) Disponível em: acd.ufrj.br/~pead/tema10/perspectivas.html - Acesso em 02 nov 2010

Créditos: Conceição Aparecida Bento Formação: Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo e professora universitária.

Endereço da página:

https://novaescola.org.br/conteudo/6205/gramatica-com-textos-coordenacao-e-subordinacao-de-periodos

Publicado em NOVA ESCOLA 02 de Fevereiro | 2017

Língua Portuguesa

Gramática com textos: coordenação e subordinação de períodos

novaescola

Objetivo(s)

- Apresentar o período composto
- Analisar as relações de coordenação e subordinação entre períodos
- Analisar as relações semânticas presentes na construção dos períodos compostos.

Conteúdo(s)

- Período composto
- Relações de coordenação e subordinação
- Relações semânticas em períodos compostos.

Ano(s)

6º, 7º, 8º, 9º

Tempo estimado

Seis aulas

Desenvolvimento

1ª etapa

Inicie a aula colocando no quadro o silogismo abaixo.

Todo brasileiro é sul-americano.
Todo paulista é brasileiro.
Todo paulista é sul-americano.

Explique aos alunos que a palavra silogismo vem do verbo *syllogízo* (em grego) e significa reunir, juntar pelo pensamento, conjeturar. Trata-se de um tipo de raciocínio desenvolvido na Grécia Antiga pelo filósofo Aristóteles (384 a.C. - 322 a.C.). Parte-se de duas afirmações, chamadas premissas, para chegar a uma conclusão. O exemplo acima começa com uma afirmação geral - *Todo brasileiro é sul-americano* -, passa por outra mais específica - *todo paulista é brasileiro* - e chega à conclusão - *todo paulista é sul-americano.*

Entendido o conceito de silogismo, apresente à moçada o objetivo desta sequência didática: estudar o período composto. Explique que, para isso, é importante relembrar o período simples. Mostre aos alunos que, no silogismo acima, há três períodos simples - cada um com um verbo (*ser*).

Em seguida, peça que os alunos tentem reescrever o silogismo colocando todas as informações em um único período. Caso perceba que os estudantes estão com dificuldade, proponha que pensem em uma expressão indicativa de hipótese ou condição - sugira o uso dos conectivos *se* e *caso.* Dê um tempo para que realizem a atividade e corrija coletivamente no quadro.

Uma possibilidade de redação é a seguinte:

Se todo brasileiro é sul-americano e todo paulista é brasileiro; logo, todo paulista é sul-americano.

Outra é:

Se todo brasileiro é sul-americano e todo paulista é brasileiro, todo paulista é sul-americano.

Durante a correção, mostre aos alunos que a transformação dos três períodos em um ocorreu por meio do acréscimo de palavras como *se, e, logo*. Explique que esses elementos funcionam como articuladores entre as orações que fazem parte do período composto.

Pergunte se a conclusão (*todo paulista é sul-americano*) se sustenta ao suprimirmos uma das duas orações indicadoras de condição (*se todo brasileiro é sul-americano e todo paulista é brasileiro*). Os estudantes vão notar que não.

2ª etapa

Proponha, então, que a turma se organize em duplas e transforme outros dois silogismos em períodos compostos. Desta vez, oriente os alunos para que comecem as frases pela conclusão.

a) *Todos homens são mortais.*
Sócrates é homem.
Sócrates é mortal.

b) *Todo metal dilata com o calor.*
A prata é um metal.
A prata dilata com o calor.

Dê um tempo para que os alunos procurem as respostas e peça que as apresentem. Uma possibilidade de construção é:

a) *Sócrates é mortal, já que Sócrates é homem e todo homem é mortal.*

Outra é:

b) *Sócrates é mortal porque Sócrates é homem e todo homem é mortal*.

Deixe claro aos alunos a diferença de sentido entre as duas reescritas. No primeiro caso, trata-se de um período de caráter condicional, em que o locutor cria uma hipótese e a comprova. No segundo, as duas premissas são tomadas como verdades, como dados que embasam o pensamento.

Explique à classe que os articuladores que interligam as orações - *porque, já que, logo, se* e *e* -, representam uma classe de palavras chamada "conjunções".

3ª etapa

Escreva no quadro os seguintes períodos compostos:

José saiu e Pedro chegou.
Quando José saiu, Pedro chegou.

Pergunte aos estudantes se os dois períodos possuem o mesmo significado. Conclua com a classe que não. O primeiro possui duas orações interligadas pela conjunção *e* e sugere a ideia de linearidade: primeiro José saiu e depois Pedro chegou. Já o segundo indica concomitância entre as duas ações. Essa simultaneidade é marcada pela presença da conjunção *quando*.

Explique, então, a diferença entre períodos compostos por coordenação e por subordinação. Para isso, desmembre as duas orações presentes no item a e pergunte à classe se elas são compreensíveis separadamente. *José saiu* e *Pedro chegou*. A moçada vai perceber que sim.

Questione se o mesmo ocorre no item b. Os alunos vão dizer que não. Comente que a oração *Quando José saiu* é um trecho solto e precisa de complementos para fazer sentido.

Explique à classe que essa característica - possibilidade ou não de existir independentemente do complemento - é usada por vários gramáticos para diferenciar períodos coordenados e subordinados. São chamados períodos compostos por coordenação aqueles em que as orações estão articuladas, mas não há dependência entre elas. O período composto por subordinação, por sua vez, possui orações articuladas, mas com uma relação de dependência.

Para saber mais...

A diferenciação entre período composto por coordenação e por subordinação apresenta vários pontos de discussão entre os gramáticos. Muitos acreditam que também existe dependência nas orações coordenadas.

Não há consenso também sobre as denominações. Para alguns autores, o período subordinado é composto por duas orações distintas - a principal e a subordinada. Para outros, todo o período subordinado representa a oração principal e, dentro dela, está a oração subordinada.

Como as relações estabelecidas pelos períodos compostos são importantes para a estruturação do pensamento e da argumentação, talvez o mais importante, nesse estágio de aprendizado, é dar aos alunos o conhecimento dessas relações. Realize uma problematização compatível com o nível escolar e não insista em aspectos da nomenclatura e classificações minuciosas.

Para se aprofundar sobre o tema, leia o texto A Coordenação e a Subordinação nas Perspectivas Tradicional e Funcionalista: confrontos de Andréa Marques.

4ª etapa

Peça que os alunos tragam a gramática para a classe e leia com eles os trechos referentes à coordenação e à subordinação. Veja se a turma apresenta alguma dúvida e explique-a. Em seguida, façam uma breve síntese do conteúdo lido e diga para os alunos anotarem nos cadernos.

Após a escrita dessa síntese, proponha que a moçada classifique as seguintes manchetes - publicadas no jornal *Folha de S. Paulo* em 03 de novembro de 2010 - em períodos compostos por coordenação ou subordinação.

a) *Facebook afirma que corretora comprou dado sigiloso de usuários.*
b) *Gal relança obra e prepara novo disco.*
c) *Estudo explica por que ocidental não diferencia rostos orientais.*
d) *Proteína pode ser capaz de destruir células cancerígenas.*
e) *Republicanos ganham força, mas racham.*

Para corrigir a tarefa, sublinhe os verbos de cada período e procure identificar com a turma se eles precisam de complemento. Caso julgue interessante, use a gramática como suporte durante a correção.

Em *Facebook afirma que corretora comprou dado sigiloso de usuários*, sublinhe os verbos *afirma* e *comprou*. Ao dividir os períodos, os alunos vão perceber que, sozinha, a primeira oração não possui sentido completo. O verbo *afirma* pressupõe um complemento - que, no caso, é a oração *que corretora comprou dado sigiloso de usuários*. Trata-se, portanto, de um período composto por subordinação.

Na manchete *Gal relança obra e prepara novo disco*, repita o procedimento com a classe. Sublinhe os verbos, divida os períodos e peça que os alunos analisem as frases. Eles vão notar que, nesse caso, nenhum dos verbos precisa de elementos da outra oração para ter seu sentido completo. Trata-se, então, de um período composto por coordenação.

Repita a mesma orientação para analisar as demais manchetes. Quando terminar, comente com a classe que a língua é muito rica e a classificação dos gramáticos nem sempre dá conta dessa riqueza. É por isso que as gramáticas se modificam ao longo do tempo.

5ª etapa

Comente com a classe que, embora as gramáticas afirmem que o e é uma conjunção coordenada aditiva, há uma série de exemplos na Língua Portuguesa em que ele aparece associado a ideias bem diferentes da adição.

Em seguida, peça que os alunos se dividam em trios e discutam os possíveis sentidos assumidos pelo conectivo e nos textos publicitários abaixo:

Dê um Boticário no dia das mães e transforme-a numa linda mulher. (Propaganda
para o dia das mães do Boticário, outdoor, Juiz de Fora, abril/2006).

Mude para a Tim e ganhe mais créditos no seu pré-pago(Propaganda Tim, Revista Época, 20 abr 2006)

Não leve trabalho pra casa. Tenha Internet no seu Oi e leia seus e-mails no caminho. (Propaganda, Revista Época 5 jul 2010)

Voe Azul e dê férias para o seu bolso.
(Propaganda, Revista Época 5 jul 2010)

Dê um tempo para a realização da atividade e corrija-a. Leve os alunos a perceberem que, embora o conectivo e seja comumente associado à ideia de adição, nos casos acima ele remete à ideia de condição e às relações de causalidade. Explique que o vínculo apresentado nessas orações não é de dependência sintática, mas sim da ordem do significado.

As frases *Voe Azul / Dê férias para o seu bolso* poderiam ser separadas e justapostas sem a presença de conectivos. Há um vínculo implícito entre elas, remetendo ao contexto em que se inserem e ao sentido que as atravessa. Como estamos na dimensão do texto publicitário, mais forte será a sua ação se ele passar como um dado natural e não como uma construção com o objetivo de persuadir o leitor. Assim, se justificaria o camuflamento da subordinação nessas construções.

Levante ainda com os alunos outros usos da conjunção e. Ela pode ser usada com o sentido de adversidade - *O menino caiu e não chorou* -, com o sentido de conclusão - *Chegamos atrasados, perdemos o ônibus e não fomos viajar*- entre outros.

Avaliação

Proponha que os alunos leiam, em trios, o poema "Eu, etiqueta" de Carlos Drummond de Andrade. Com base na leitura, peça que elaborem um texto publicitário em que o conectivo e seja usado de duas maneiras: como conjunção aditiva - Raul usa blusa da marca X e Ana usa calça da marca Y - e como organizador de períodos com valor de hipótese - Use a marca X, a marca Y e você será feliz. Os textos publicitários devem ser entregues ao professor e apresentados para a classe na aula seguinte. Eu, etiqueta Em minha calça está grudado um nome que não é o meu de batismo ou cartório, um nome... estranho. Meu blusão traz lembrete de bebida que jamais pus na boca, nesta vida. Em minha camiseta, a marca de cigarro que não fumo, até hoje não fumei. Minhas meias falam de produto que nunca experimentei, mas são comunicados a meus pés. Meu tênis é proclama colorido de alguma coisa não provada por este provador de longa idade. Meu lenço, meu relógio, meu chaveiro, minha gravata e cinto e escova e pente, meu copo, minha xícara, minha toalha de banho e sabonete, meu isso, meu aquilo, desde a cabeça ao bico dos sapatos, são mensagens, letras falantes, gritos visuais, ordens de uso, abuso, reincidência, costume, hábito, premência, indispensabilidade, e fazem de mim homem-anúncio itinerante, escravo da matéria anunciada. Estou, estou na moda. É doce estar na moda, ainda que a moda seja negar minha identidade, trocá-la por mil, açambarcando todas as marcas registradas todos os logotipos do mercado. Com que inocência demito-me de ser eu que antes era e me sabia tão diverso de outros, tão

mim-mesmo ser pensante, sentinte e solitário com outros seres diversos e conscientes de sua humana, invencível condição. Agora sou anúncio, ora vulgar ora bizarro, em língua nacional ou em qualquer língua (qualquer, principalmente). E nisto me comprazo, tiro glória de minha anulação. Não sou - vê lá - anúncio contratado. Eu é que mimosamente pago para anunciar, para vender em bares festas praias pérgulas piscinas, e bem à vista exibo esta etiqueta global no corpo que desiste de ser veste e sandália de uma essência tão viva, independente, que moda ou suborno algum a compromete. Onde terei jogado fora meu gosto e capacidade de escolher, minhas idiossincrasias tão pessoais, tão minhas que no rosto se espelhavam, e cada gesto, cada olhar, cada vinco da roupa resumia uma estética? Hoje sou costurado, sou tecido, sou gravado de forma universal, saio da estamparia, não de casa, da vitrina me tiraram, recolocam, objeto pulsante mas objeto que se oferece como signo de outros objetos estáticos, tarifados. Para me ostentar assim, tão orgulhoso e ser não eu, mas artigo industrial, peço que meu nome retifiquem. Já não me convém o título de homem. Meu nome novo é coisa. Eu sou a coisa, coisamente. (Carlos Drummond de Andrade) Disponível em: acd.ufrj.br/~pead/tema10/perspectivas.html - Acesso em 02 nov 2010

Créditos: Conceição Aparecida Bento Formação: Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo e professora universitária.

Endereço da página:

https://novaescola.org.br/conteudo/6205/gramatica-com-textos-coordenacao-e-subordinacao-de-periodos

Publicado em NOVA ESCOLA 02 de Fevereiro | 2017

Língua Portuguesa

Gramática com textos: coordenação e subordinação de períodos

novaescola

Objetivo(s)

- Apresentar o período composto
- Analisar as relações de coordenação e subordinação entre períodos
- Analisar as relações semânticas presentes na construção dos períodos compostos.

Conteúdo(s)

- Período composto
- Relações de coordenação e subordinação
- Relações semânticas em períodos compostos.

Ano(s)

6º, 7º, 8º, 9º

Tempo estimado

Seis aulas

Desenvolvimento

1ª etapa

Inicie a aula colocando no quadro o silogismo abaixo.

Todo brasileiro é sul-americano.
Todo paulista é brasileiro.
Todo paulista é sul-americano.

Explique aos alunos que a palavra silogismo vem do verbo *syllogízo* (em grego) e significa reunir, juntar pelo pensamento, conjeturar. Trata-se de um tipo de raciocínio desenvolvido na Grécia Antiga pelo filósofo Aristóteles (384 a.C. - 322 a.C.). Parte-se de duas afirmações, chamadas premissas, para chegar a uma conclusão. O exemplo acima começa com uma afirmação geral - *Todo brasileiro é sul-americano* -, passa por outra mais específica - *todo paulista é brasileiro* - e chega à conclusão - *todo paulista é sul-americano.*

Entendido o conceito de silogismo, apresente à moçada o objetivo desta sequência didática: estudar o período composto. Explique que, para isso, é importante relembrar o período simples. Mostre aos alunos que, no silogismo acima, há três períodos simples - cada um com um verbo (*ser*).

Em seguida, peça que os alunos tentem reescrever o silogismo colocando todas as informações em um único período. Caso perceba que os estudantes estão com dificuldade, proponha que pensem em uma expressão indicativa de hipótese ou condição - sugira o uso dos conectivos *se* e *caso.* Dê um tempo para que realizem a atividade e corrija coletivamente no quadro.

Uma possibilidade de redação é a seguinte:

Se todo brasileiro é sul-americano e todo paulista é brasileiro; logo, todo paulista é sul-americano.

Outra é:

Se todo brasileiro é sul-americano e todo paulista é brasileiro, todo paulista é sul-americano.

Durante a correção, mostre aos alunos que a transformação dos três períodos em um ocorreu por meio do acréscimo de palavras como *se, e, logo*. Explique que esses elementos funcionam como articuladores entre as orações que fazem parte do período composto.

Pergunte se a conclusão (*todo paulista é sul-americano*) se sustenta ao suprimirmos uma das duas orações indicadoras de condição (*se todo brasileiro é sul-americano e todo paulista é brasileiro*). Os estudantes vão notar que não.

2ª etapa

Proponha, então, que a turma se organize em duplas e transforme outros dois silogismos em períodos compostos. Desta vez, oriente os alunos para que comecem as frases pela conclusão.

a) *Todos homens são mortais.*
Sócrates é homem.
Sócrates é mortal.

b) *Todo metal dilata com o calor.*
A prata é um metal.
A prata dilata com o calor.

Dê um tempo para que os alunos procurem as respostas e peça que as apresentem. Uma possibilidade de construção é:

a) *Sócrates é mortal, já que Sócrates é homem e todo homem é mortal.*

Outra é:

b) *Sócrates é mortal porque Sócrates é homem e todo homem é mortal*.

Deixe claro aos alunos a diferença de sentido entre as duas reescritas. No primeiro caso, trata-se de um período de caráter condicional, em que o locutor cria uma hipótese e a comprova. No segundo, as duas premissas são tomadas como verdades, como dados que embasam o pensamento.

Explique à classe que os articuladores que interligam as orações - *porque, já que, logo, se* e *e* -, representam uma classe de palavras chamada "conjunções".

3ª etapa

Escreva no quadro os seguintes períodos compostos:

José saiu e Pedro chegou.
Quando José saiu, Pedro chegou.

Pergunte aos estudantes se os dois períodos possuem o mesmo significado. Conclua com a classe que não. O primeiro possui duas orações interligadas pela conjunção *e* e sugere a ideia de linearidade: primeiro José saiu e depois Pedro chegou. Já o segundo indica concomitância entre as duas ações. Essa simultaneidade é marcada pela presença da conjunção *quando*.

Explique, então, a diferença entre períodos compostos por coordenação e por subordinação. Para isso, desmembre as duas orações presentes no item a e pergunte à classe se elas são compreensíveis separadamente. *José saiu* e *Pedro chegou*. A moçada vai perceber que sim.

Questione se o mesmo ocorre no item b. Os alunos vão dizer que não. Comente que a oração *Quando José saiu* é um trecho solto e precisa de complementos para fazer sentido.

Explique à classe que essa característica - possibilidade ou não de existir independentemente do complemento - é usada por vários gramáticos para diferenciar períodos coordenados e subordinados. São chamados períodos compostos por coordenação aqueles em que as orações estão articuladas, mas não há dependência entre elas. O período composto por subordinação, por sua vez, possui orações articuladas, mas com uma relação de dependência.

Para saber mais...

A diferenciação entre período composto por coordenação e por subordinação apresenta vários pontos de discussão entre os gramáticos. Muitos acreditam que também existe dependência nas orações coordenadas.

Não há consenso também sobre as denominações. Para alguns autores, o período subordinado é composto por duas orações distintas - a principal e a subordinada. Para outros, todo o período subordinado representa a oração principal e, dentro dela, está a oração subordinada.

Como as relações estabelecidas pelos períodos compostos são importantes para a estruturação do pensamento e da argumentação, talvez o mais importante, nesse estágio de aprendizado, é dar aos alunos o conhecimento dessas relações. Realize uma problematização compatível com o nível escolar e não insista em aspectos da nomenclatura e classificações minuciosas.

Para se aprofundar sobre o tema, leia o texto A Coordenação e a Subordinação nas Perspectivas Tradicional e Funcionalista: confrontos de Andréa Marques.

4ª etapa

Peça que os alunos tragam a gramática para a classe e leia com eles os trechos referentes à coordenação e à subordinação. Veja se a turma apresenta alguma dúvida e explique-a. Em seguida, façam uma breve síntese do conteúdo lido e diga para os alunos anotarem nos cadernos.

Após a escrita dessa síntese, proponha que a moçada classifique as seguintes manchetes - publicadas no jornal *Folha de S. Paulo* em 03 de novembro de 2010 - em períodos compostos por coordenação ou subordinação.

a) *Facebook afirma que corretora comprou dado sigiloso de usuários.*
b) *Gal relança obra e prepara novo disco.*
c) *Estudo explica por que ocidental não diferencia rostos orientais.*
d) *Proteína pode ser capaz de destruir células cancerígenas.*
e) *Republicanos ganham força, mas racham.*

Para corrigir a tarefa, sublinhe os verbos de cada período e procure identificar com a turma se eles precisam de complemento. Caso julgue interessante, use a gramática como suporte durante a correção.

Em *Facebook afirma que corretora comprou dado sigiloso de usuários*, sublinhe os verbos *afirma* e *comprou*. Ao dividir os períodos, os alunos vão perceber que, sozinha, a primeira oração não possui sentido completo. O verbo *afirma* pressupõe um complemento - que, no caso, é a oração *que corretora comprou dado sigiloso de usuários*. Trata-se, portanto, de um período composto por subordinação.

Na manchete *Gal relança obra e prepara novo disco*, repita o procedimento com a classe. Sublinhe os verbos, divida os períodos e peça que os alunos analisem as frases. Eles vão notar que, nesse caso, nenhum dos verbos precisa de elementos da outra oração para ter seu sentido completo. Trata-se, então, de um período composto por coordenação.

Repita a mesma orientação para analisar as demais manchetes. Quando terminar, comente com a classe que a língua é muito rica e a classificação dos gramáticos nem sempre dá conta dessa riqueza. É por isso que as gramáticas se modificam ao longo do tempo.

5ª etapa

Comente com a classe que, embora as gramáticas afirmem que o e é uma conjunção coordenada aditiva, há uma série de exemplos na Língua Portuguesa em que ele aparece associado a ideias bem diferentes da adição.

Em seguida, peça que os alunos se dividam em trios e discutam os possíveis sentidos assumidos pelo conectivo e nos textos publicitários abaixo:

Dê um Boticário no dia das mães e transforme-a numa linda mulher. (Propaganda
para o dia das mães do Boticário, outdoor, Juiz de Fora, abril/2006).

Mude para a Tim e ganhe mais créditos no seu pré-pago(Propaganda Tim, Revista Época, 20 abr 2006)

Não leve trabalho pra casa. Tenha Internet no seu Oi e leia seus e-mails no caminho. (Propaganda, Revista Época 5 jul 2010)

Voe Azul e dê férias para o seu bolso.
(Propaganda, Revista Época 5 jul 2010)

Dê um tempo para a realização da atividade e corrija-a. Leve os alunos a perceberem que, embora o conectivo e seja comumente associado à ideia de adição, nos casos acima ele remete à ideia de condição e às relações de causalidade. Explique que o vínculo apresentado nessas orações não é de dependência sintática, mas sim da ordem do significado.

As frases *Voe Azul / Dê férias para o seu bolso* poderiam ser separadas e justapostas sem a presença de conectivos. Há um vínculo implícito entre elas, remetendo ao contexto em que se inserem e ao sentido que as atravessa. Como estamos na dimensão do texto publicitário, mais forte será a sua ação se ele passar como um dado natural e não como uma construção com o objetivo de persuadir o leitor. Assim, se justificaria o camuflamento da subordinação nessas construções.

Levante ainda com os alunos outros usos da conjunção e. Ela pode ser usada com o sentido de adversidade - *O menino caiu e não chorou* -, com o sentido de conclusão - *Chegamos atrasados, perdemos o ônibus e não fomos viajar*- entre outros.

Avaliação

Proponha que os alunos leiam, em trios, o poema "Eu, etiqueta" de Carlos Drummond de Andrade. Com base na leitura, peça que elaborem um texto publicitário em que o conectivo e seja usado de duas maneiras: como conjunção aditiva - Raul usa blusa da marca X e Ana usa calça da marca Y - e como organizador de períodos com valor de hipótese - Use a marca X, a marca Y e você será feliz. Os textos publicitários devem ser entregues ao professor e apresentados para a classe na aula seguinte. Eu, etiqueta Em minha calça está grudado um nome que não é o meu de batismo ou cartório, um nome... estranho. Meu blusão traz lembrete de bebida que jamais pus na boca, nesta vida. Em minha camiseta, a marca de cigarro que não fumo, até hoje não fumei. Minhas meias falam de produto que nunca experimentei, mas são comunicados a meus pés. Meu tênis é proclama colorido de alguma coisa não provada por este provador de longa idade. Meu lenço, meu relógio, meu chaveiro, minha gravata e cinto e escova e pente, meu copo, minha xícara, minha toalha de banho e sabonete, meu isso, meu aquilo, desde a cabeça ao bico dos sapatos, são mensagens, letras falantes, gritos visuais, ordens de uso, abuso, reincidência, costume, hábito, premência, indispensabilidade, e fazem de mim homem-anúncio itinerante, escravo da matéria anunciada. Estou, estou na moda. É doce estar na moda, ainda que a moda seja negar minha identidade, trocá-la por mil, açambarcando todas as marcas registradas todos os logotipos do mercado. Com que inocência demito-me de ser eu que antes era e me sabia tão diverso de outros, tão

mim-mesmo ser pensante, sentinte e solitário com outros seres diversos e conscientes de sua humana, invencível condição. Agora sou anúncio, ora vulgar ora bizarro, em língua nacional ou em qualquer língua (qualquer, principalmente). E nisto me comprazo, tiro glória de minha anulação. Não sou - vê lá - anúncio contratado. Eu é que mimosamente pago para anunciar, para vender em bares festas praias pérgulas piscinas, e bem à vista exibo esta etiqueta global no corpo que desiste de ser veste e sandália de uma essência tão viva, independente, que moda ou suborno algum a compromete. Onde terei jogado fora meu gosto e capacidade de escolher, minhas idiossincrasias tão pessoais, tão minhas que no rosto se espelhavam, e cada gesto, cada olhar, cada vinco da roupa resumia uma estética? Hoje sou costurado, sou tecido, sou gravado de forma universal, saio da estamparia, não de casa, da vitrina me tiraram, recolocam, objeto pulsante mas objeto que se oferece como signo de outros objetos estáticos, tarifados. Para me ostentar assim, tão orgulhoso e ser não eu, mas artigo industrial, peço que meu nome retifiquem. Já não me convém o título de homem. Meu nome novo é coisa. Eu sou a coisa, coisamente. (Carlos Drummond de Andrade) Disponível em: acd.ufrj.br/~pead/tema10/perspectivas.html - Acesso em 02 nov 2010

Créditos: Conceição Aparecida Bento Formação: Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo e professora universitária.

GRAMÁTICA PRÁTICA da Língua Inglesa

O Inglês Descomplicado

Nelson Torres

Editora Saraiva

Nelson Torres

C.L.L.
biblioteca

GRAMÁTICA PRÁTICA da Língua Inglesa

O Inglês Descomplicado

9ª edição — 2001
7ª tiragem — 2006

Editora
Saraiva

Nelson Torres

BIBLIOTECA

GRAMÁTICA PRÁTICA da Língua Inglesa

O Inglês Descomplicado

9ª edição — 2001
7ª tiragem — 2006

Editora Saraiva

ISBN 85-02-03175-9
ISBN 85-02-03176-7 (Livro do Professor)

Supervisão editorial
José Lino Fruet
Editor
Eneida C. Silva Gordo
Assistente editorial
Myrian Kobayashi Yamamoto
Revisão
Fernanda Almeida Umile (supervisão)
Ana Paula Piccoli, Sueli Bossi da Silva, Aurea M. dos Santos
Gerência de Arte
Nair de Medeiros Barbosa
Projeto gráfico e produção
Selma Caparroz
Ilustrações
Alex Argozino
Capa
Antonio Roberto Bressan

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Torres, Nelson
Gramática prática da língua inglesa : o inglês descomplicado / Nelson Torres. — 9. ed. — São Paulo : Saraiva, 2002.

ISBN 85-02-03175-9 (Livro do aluno)
ISBN 85-02-03176-7 (Livro do professor)

1. Inglês — Gramática 2. Inglês — Estudo e ensino I. Título.

02-0195 CDD-420.7

Índices para catálogo sistemático:

1. Inglês : Gramática : Lingüística 420.7

Editora Saraiva

Av. Marquês de São Vicente,1697 – CEP 01139-904 – Barra Funda – São Paulo-SP
Tel.: PABX (0**11) 3613-3000 – Fax: (0**11) 3611-3308 – Televendas: (0**11) 3613-3344
Fax Vendas: (0**11) 3611-3268 – Atendimento ao Professor: (0**11) 3613-3030
Endereço Internet: www.editorasaraiva.com.br – E-mail: atendprof.didatico@editorasaraiva.com.br

UCL Biblioteca

Apresentação

O livro de Nelson Torres, ***Gramática Prática da Língua Inglesa — O Inglês Descomplicado***, é um verdadeiro achado para estudantes e professores dessa língua.

Os estudantes encontrarão nele um manual utilíssimo que ajuda no desenvolvimento da capacidade de estruturar o pensamento e a expressão verbal de acordo com regras gramaticais diferentes das que são utilizadas em nossa língua. Na verdade, é uma transposição difícil e penosa para aqueles que aprendem um novo idioma, pois a primeira tendência é de dizer ou escrever, neste caso, em inglês, frases da mesma forma que diria ou escreveria em português.

Para professores, a ***Gramática Prática da Língua Inglesa — O Inglês Descomplicado*** é um poderoso auxiliar que pode complementar seus próprios materiais didáticos e os livros que adotam. Escrito de maneira clara, em linguagem coloquial e cheio de exemplos extraídos da linguagem cotidiana, o livro de Nelson Torres é um auxiliar versátil e imaginativo.

Assim, como declara o próprio autor, não se trata apenas de mais um livro de inglês, mas também de um livro complementar, de apoio, a estudantes e professores, que muito auxiliará na aprendizagem e no ensino.

Uma palavra indispensável sobre o autor: Nelson Torres, tradutor e professor respeitadíssimo, tem todos os qualificativos para escrever um livro como este, pois domina o inglês (e outras línguas) com a mesma desenvoltura, riqueza vocabular e elegância que caracterizam seus textos em português.

Belmiro Valverde Jobim Castor
Ex-Secretário de Educação do Paraná

UCL Biblioteca
Reg.: 6277/07

Agradecimento

A Emília Noriko Ohno, do Departamento Editorial Didático da Editora Saraiva, que, com infinita paciência e dedicação, acompanhou a evolução deste livro desde que os primeiros originais foram entregues à editora, sugerindo melhoras, retocando, completando e mesmo reorganizando capítulos inteiros, tornando-se, assim, mais que uma simples colaboradora, praticamente uma co-autora desta obra.

UCL Biblioteca

Prefácio

Quem se propõe lançar mais um livro destinado ao estudo da língua inglesa, cujo mercado já está saturado, deve ao público uma boa explicação. Tentarei, portanto, explicar o **porquê**, o **como** e o **para quem** deste livro.

O Porquê

A idéia de escrever um livro deste tipo me veio em meados dos anos 70, quando lecionava na Cultura Inglesa, em Curitiba.

Embora as aulas fossem ministradas em inglês e os livros-texto, importados da Inglaterra, fossem bem-estruturados e vistosamente ilustrados, eu costumava reforçar as explicações gramaticais traçando comparações com o nosso idioma e, sobretudo, dando algumas regrinhas e "macetes". Os alunos gostavam dos "macetes", usavam-nos e, o que é mais importante, diziam que eles facilitavam a compreensão e a fixação de certas regras e estruturas.

O motivo parece óbvio: o público visado pelos livros-texto *made in England* ou *made in the USA* é o mundo inteiro, pois o inglês, a cada dia que passa, mais e mais se impõe como língua universal. O mesmo livro, portanto, é vendido e usado no Japão, na Argentina, na Turquia, na Itália, no Brasil, no Paquistão etc. Assim, não leva em conta as peculiaridades dos diversos idiomas, nem as dificuldades específicas que japoneses, argentinos, turcos, italianos, brasileiros, paquistaneses e tantos outros encontram em se adaptar às estruturas e às peculiaridades da língua inglesa.

Foi pensando nisso que, aos poucos, fui compilando, e posteriormente organizei em forma de apostila, as "dicas" que formam a Segunda Parte deste livro — **Trocando em Miúdos**. Considerando, porém, que tais "dicas" só fariam sentido para quem tivesse um prévio conhecimento da gramática inglesa, e atendendo ao apelo de colegas e alunos, resolvi elaborar algo mais abrangente que pudesse ser utilizado como um manual, um livro básico para o aprendizado de inglês, ou ainda como um livro de apoio. Assim, *a posteriori*, surgiram a Primeira Parte — **Gramática** — e o Apêndice, no qual se destaca uma coletânea de **Falsos Cognatos**.

O Como

O livro foi estruturado em três partes:

- Primeira Parte — Gramática
- Segunda Parte — Trocando em Miúdos
- Apêndice { — Falsos Cognatos
  — Verbos Irregulares

Além disso, há, no final, um Índice Remissivo bastante útil para a localização de itens específicos.

De modo geral, o livro caracteriza-se pela abordagem em linguagem informal, conferindo fluência no desenvolvimento de cada tópico e trocando em miúdos particularidades do idioma, o que, em geral, as gramáticas fazem implicitamente ou de maneira diversa da que adotei.

A propósito da informalidade, houve quem sugerisse um tom mais sério, mais formal. Por outro lado, a outros pareceu mais indicado o aspecto da informalidade que, por uma questão de estilo pessoal, decidi manter.

Em todas as partes há abundância de exemplos extraídos da linguagem do dia-a-dia, ou seja, de situações que comumente enfrentamos. Convém lembrar, porém, que não foram excluídos exemplos nem explicações de situações formais, quando necessários.

Haverá, sem dúvida, quem critique o fato de os exemplos serem todos traduzidos. Isso, porém, faz parte da proposta do livro, que consiste em levar o estudante a se conscientizar das diferenças entre os dois idiomas e, a partir dessa conscientização, esforçar-se ainda mais para assimilar e automatizar as estruturas da língua inglesa.

Na **Primeira Parte — Gramática**, procurei abordar os assuntos essenciais, transmitindo-os de forma objetiva e, tanto quanto possível, sucinta.

Quanto à organização da Gramática, convém esclarecer que a seqüência dada não corresponde a uma gradação de dificuldade, o que permite ao professor ou ao estudante criar uma seqüência própria, de acordo com suas dificuldades ou necessidades.

Além da linguagem informal, adotou-se o emprego de quadros, esquemas e diagramas que procuram sintetizar o conteúdo e permitem melhor visualização em comparações.

Em algumas unidades, para não truncar a explanação teórica, foram inseridos boxes com informações básicas pertinentes ao item estudado.

Ainda, quando necessário, há remissões a outras unidades ou a itens da Segunda Parte que complementam o assunto.

Quanto à **Segunda Parte — Trocando em Miúdos**, como já disse, foi a que nasceu primeiro. É fruto de minha vivência da língua (que já passa dos 45 anos) aliada à experiência adquirida em sala de aula, onde, no "corpo-a-corpo" com os alunos, percebi suas principais dificuldades no aprendizado da língua inglesa, que, muitas vezes, com a ajuda de um simples "macete", se resolvem com facilidade.

A meu ver, além da informalidade que caracteriza o livro, a Segunda Parte lhe dá uma identidade própria. No que diz respeito ao conteúdo, diferencia-se dos demais livros que se destinam ao ensino de inglês, pois trabalha especificamente com as particularidades do idioma inglês.

Por se tratar de "dicas", não há longas explanações teóricas, visando sempre o aspecto comparativo e a informação clara, rápida, objetiva.

Quando se faz necessário certo embasamento teórico, há indicações da unidade que engloba o item abordado.

Tanto na Primeira quanto na Segunda Parte, além dos exercícios tradicionais e indispensáveis, há um certo número de frases que o estudante deverá verter para o inglês. Por que essa insistência em **versão**? Porque, a meu ver, uma versão vale por dez traduções. Ao fazer uma tradução, o estudante fica **passivo** diante das regras gramaticais, ortográficas etc. Uma versão, porém, obriga-o a uma atitude **ativa**, levando-o a **aplicar** regras, a **pensar** sobre as estruturas, a **encontrar** ou **escolher** a palavra correta, o que aprofunda e enriquece o processo de aprendizagem.

Os **Falsos Cognatos**, incluídos no **Apêndice**, são de certo modo uma extensão da Segunda Parte e reforçam a proposta do livro que, como já disse, procura levar o estudante a confrontar o próprio idioma (já automatizado) com o idioma inglês (a ser automatizado). Os Falsos Cognatos, nesse sentido, oferecem a vantagem de salientar que os dois idiomas são diferentes precisamente onde mais parecem se assemelhar.

Quanto aos **Verbos Irregulares**, foram selecionados os mais empregados, perfazendo um total de 136 verbos.

Para finalizar o **como** deste livro, resta falar do Sumário e do Índice Remissivo. O **Sumário** contém os assuntos abordados na Primeira Parte de acordo com sua classificação gramatical, e na Segunda Parte de acordo com a chamada dada para a "dica", que pode aparecer em inglês ou em português.

Embora traga todo o conteúdo do livro, o Sumário pode não ser suficiente para a localização de um determinado item gramatical ou uma "dica". Nesse caso, deve-se recorrer ao **Índice Remissivo**, que contém assuntos específicos de cada item gramatical, assim como palavras abordadas nas "dicas", tanto em inglês quanto em português.

O Para Quem

Inicialmente, eu diria que a ***Gramática Prática da Língua Inglesa — O Inglês Descomplicado*** destina-se a qualquer pessoa que queira aprender inglês. Todavia, convém lembrar que desde as primeiras lições há exercícios de versão, o que requer um mínimo de conhecimento do idioma. Diria, então, que se destina àqueles que desejam reforçar, complementar ou aprimorar os conhecimentos de inglês já adquiridos (e talvez esquecidos).

Quero crer que poderá ser útil aos estudantes desde as últimas séries do primeiro grau até a faculdade, não esquecendo os alunos de cursos de inglês e cursos pré-vestibulares, professores e autodidatas.

Tenho plena consciência de não estar oferecendo um livro completo. Ouso, porém, afirmar que o essencial está aí. Ouso também esperar que a ***Gramática Prática da Língua Inglesa — O Inglês Descomplicado*** venha a ser um instrumento útil nas mãos de professores e estudantes.

O autor

O autor

Nelson Torres, baiano nascido em Palmeiras, na Chapada Diamantina, professor e tradutor da língua inglesa, acumula uma experiência com o idioma que ultrapassa os 45 anos. Morou nos EUA por seis anos; possui o *Certificate of Proficiency in English*, da Universidade de Cambridge (Inglaterra) e da Universidade de Michigan (EUA), ambos com nota máxima com louvor; foi professor da Cultura Inglesa de Curitiba (de 1971 a 1980); foi professor de inglês na Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Paranaguá — PR (de 1964 a 1994) e atualmente leciona inglês no curso de Comércio Exterior da Fundação de Estudos Sociais do Paraná (desde 1979); faz traduções e versões de livros, especialmente de arte, como *O Paraná* (1989), *O Pantanal* (1991), *Curitiba — capital ecológica* (1992), *A Mata Atlântica no Paraná* (1995) e *São José dos Pinhais* (1999 — a ser lançado em breve).

Sumário

Primeira Parte – Gramática

1. O artigo 15
The article

2. O plural dos substantivos 27
Plural of nouns

3. Os pronomes pessoais e reflexivos 37
Personal pronouns and reflexive pronouns

4. O caso possessivo 44
The possessive case ('s)

5. O verbo **ser/estar** 50
*The verb **to be***

6. O verbo **haver** 57
There be

7. Os adjetivos e os advérbios 60
Adjectives and adverbs

8. Os graus de adjetivos e advérbios 78
Degrees of comparison (adjectives and adverbs)

9. Os demonstrativos (pronomes substantivos e adjetivos) 92
Demonstrative pronouns and demonstrative adjectives

10. Os possessivos (pronomes adjetivos e substantivos) 98
Possessive adjectives and possessive pronouns

11. Verbos — observações preliminares 104
Verbs — preliminary remarks

12. O presente 112
Simple present — present progressive

13. O pretérito perfeito/imperfeito 126
Simple past — past progressive

14. O futuro (futuro do presente) 138
Simple future — future progressive — be going to

15. O verbo **ter** 154
*The verb **to have***

16. O pretérito perfeito composto 161
Present perfect — present perfect progressive

17. O pretérito mais-que-perfeito composto 176
Past perfect — past perfect progressive

18. O futuro do presente composto 185
Future perfect — future perfect progressive

19. O subjuntivo e o imperativo 191
The subjunctive and the imperative
20. Verbos auxiliares especiais 1 203
Modal verbs 1
21. Verbos auxiliares especiais 2 213
Modal verbs 2
22. As orações condicionais 228
Conditional clauses (If clauses)
23. A voz passiva 237
The passive voice
24. O gerúndio e o infinitivo 247
Gerund and infinitive
25. As perguntas no final da frase 268
Question tags
26. Respostas breves e perguntas na forma negativa 273
Short answers and negative questions
27. Os interrogativos (pronomes e advérbios) 279
Question words (pronouns and adverbs)
28. Os pronomes relativos 286
Relative pronouns
29. Os indefinidos (pronomes substantivos e adjetivos) 293
Indefinite pronouns and adjectives
30. As conjunções 310
Conjunctions
31. O discurso indireto 315
Reported speech (indirect speech)
32. Os numerais 325
Numbers
33. As preposições 332
Prepositions
34. Alguns verbos preposicionados 344
Phrasal verbs
35. Algumas expressões idiomáticas 353
Idiomatic expressions

Segunda Parte – Trocando em Miúdos

1. Como dizer **eu quero que**; **ela queria que**; **eu gostaria que**; **ele gostaria que**; 359
2. Como dizer **quem será que**; **onde será que**; **como será que**; **quando será que**; 360

3. Como dizer **levei um dia para**; **leva duas horas para**; **demora cinco horas para**; 361
4. Como dizer **faz três anos que**; **faz uma semana que**; 362
5. Como dizer **já é tempo de**; **já era hora de**; 363
6. Como dizer **um dia sim, um dia não; uma semana sim, outra não**; 363
7. Como dizer **não ... mais** 364
8. Como dizer **eu também**; **eu também não** 365
9. Como dizer **mandar lavar**; **mandar pintar**; **mandar arrumar**; **mandar consertar**; 367
10. Como dizer **comenta-se**; **diz-se**; **não se sabe**; **falam**; **dizem**; **comentam**; 368
11. Como dizer **por mais que** 369
12. Como dizer **seja lá quem for**; **seja lá como for**; **seja lá onde for**; 370
13. Como dizer **nem que**; **mesmo que**; **ainda que**; **muito embora** 371
14. Como dizer **contanto que**; **ao passo que**; **enquanto** 371
15. Como dizer **cada vez mais**; **cada dia mais**; **quanto mais ... tanto mais** . . . 373
16. Como dizer **estou morrendo de vontade de**; **estou com vontade de** 374
17. Como dizer **faltar** e **sobrar** 375
18. Como dizer **do outro lado de**; **em frente a**; **ao lado de** 376
19. Como dizer **engraçadinho**; **friozinho**; **pesadinho**; 377
20. Como dizer **mais ou menos** 378
21. *tall* x ***high*** x ***loud*** 379
22. ***very*** x ***too***; ***also*** x ***too*** x ***as well***; ***enough*** 380
23. ***all*** x ***whole*** x ***every*** 382
24. ***yet*** x ***already*** x ***ever*** (já) 383
25. ***after*** x ***afterward(s)*** 384
26. ***except*** x ***except for*** x ***but*** 385
27. ***if*** x ***whether*** 386
28. ***fewer*** x ***less*** 387
29. ***The same***; ***the same as***; ***similar***; ***similar to***; ***different***; ***different from*** . . . 388
30. ***In the end***; ***at the end*** 389
31. ***Both ... and*** 389
32. ***Either ... or***; ***neither ... nor*** 390
33. ***Actual***; ***actually*** 391
34. ***How much***; ***how many***; ***how old***; ***how far***; ***how long***; 392
35. ***Do***, ***does***, ***did*** (enfatizantes) 395
36. ***Have***; ***have to***; ***have got***; ***have got to*** 396
37. ***Supposed to*** 397
38. ***Would rather (***'***d rather)*** 397
39. ***I'd better***; ***you'd better***; ***she'd better***; 399
40. A palavra ***back*** 400
41. A palavra ***else*** 401
42. A palavra ***as*** 401

43. A palavra ***so*** 402
44. A palavra ***time*** 404
45. A palavra **até** 405
46. A palavra **como** 407
47. **Hoje de manhã; ontem à noite; amanhã à noite; ...** 408
48. **Costumar** e **acostumar-se** 410
49. **Valer; aproveitar** e **guardar** 412
50. **Viajar** e **viagem** 413
51. **Precisar** e **não precisar** 414
52. O problema do verbo **ficar** 415
53. O problema do verbo **deixar** 416
54. O problema do verbo **esperar** 417
55. O problema do verbo **parecer** 418
56 O problema do verbo **chegar** 420
57. O problema do **objeto oculto** 422
58. Empregos diferentes de ***will*** e ***would*** 423
59. Empregos diferentes de ***should*** 426
60. Um emprego diferente de ***of*** 426
61. Uso e abuso do **possessivo** 427
62. Uso e abuso de ***some*** e ***any*** 428
63. Uso e omissão do ***that*** 429
64. Uma dica sobre a **voz passiva** 431
65. Uma dica sobre as **formas em *-ing*** 432
66. Uma dica sobre **complementos nominais** 433
67. Uma dica sobre **concordância verbal** 434
68. Uma dica sobre a **estrutura da frase em inglês** 435
69. Frases iniciadas com ***only*** 435
70. Como expressar **saudade** em inglês 436
71. Duplicação de consoantes finais em formas verbais 437
72. Alguns verbos que merecem cuidado especial 437

Apêndice

▶▶ Falsos cognatos 448
▶▶ Verbos irregulares 493

Índice Geral 497
Bibliografia 506
Respostas e Traduções 507

PRIMEIRA PARTE

GRAMÁTICA

Unidade 1

O ARTIGO

THE ARTICLE

Sentimo-nos na obrigação de iniciar esta unidade com a seguinte advertência: saber quando usar e quando omitir o artigo — tanto definido como indefinido — é uma das coisas mais difíceis para o estrangeiro que aprende inglês. Somente o fato de que o artigo é fundamental, em qualquer idioma, leva-nos a abordar, logo de início, um dos "bichos-de-sete-cabeças" da gramática inglesa.

Felizmente coisas mais amenas virão pela frente!... Mas vamos às regras básicas, onde procuraremos **salientar os casos em que o inglês difere do português**.

O ARTIGO DEFINIDO — O, A, OS, AS

THE DEFINITE ARTICLE — THE

1 Regra fundamental

▶▶ Quando o substantivo é usado em sentido genérico, **omite-se** o artigo.

Children like toys.
As crianças gostam de brinquedos.

Brazilians love soccer.
Os brasileiros adoram futebol.

Music is an art.
A música é uma arte.

Gold is a precious metal.
O ouro é um metal precioso.

Os **substantivos contáveis** (***countable nouns***) são aqueles que admitem plural, ou seja, a maioria.

Os **substantivos não contáveis** (***uncountable nouns***) são os que, em inglês (às vezes, também, em português), não admitem plural.

gold (ouro) – *information* (informação) – *money* (dinheiro) – *advice* (conselho)

Porém, quando o substantivo é contável e está sendo usado em sentido genérico, no **singular** emprega-se o artigo.

The cat is a domestic animal.
O **gato** é um animal doméstico.

mas ▶▶ *Cats are domestic animals.*
Os **gatos** são animais domésticos.

The computer is a wonder of technology.
O **computador** é uma maravilha da tecnologia.

mas ▶▶ *Computers are wonders of technology.*
Os **computadores** são maravilhas da tecnologia.

Today, the car is a status symbol.
Hoje, o **carro** é um símbolo de *status*.

mas ▶▶ *Today, cars are status symbols.*
Hoje, os **carros** são símbolos de *status*.

Veja que o artigo é omitido **apenas** no plural. No singular, não!

▶▶ Quando o substantivo é usado em sentido específico, **emprega-se** o artigo.

The children that are studying...
As **crianças** que estão estudando...

The Brazilians who went to the USA...
Os **brasileiros** que foram para os EUA...

The music written by Mozart...
A **música** escrita por Mozart...

The gold that was stolen...
O **ouro** que foi roubado...

Observe que a pessoa que fala **não** está se referindo a criança, brasileiros, música e ouro em geral, mas a determinadas crianças, determinados brasileiros, determinada música, determinado ouro.

2 Nunca se usa um artigo antes de nomes próprios pessoais e de possessivos.

Peter is my friend.
(O) **Peter** é meu amigo.

Jane is a pretty girl.
(A) **Jane** é uma moça bonita.

Your grandmother is very old.
(A) **tua/sua** avó é muito idosa.

*We are selling **our** house.*
Estamos vendendo (a) **nossa** casa.

Convém lembrar que, com **sobrenomes**, referindo-se a uma família específica, emprega-se o artigo.

The Simpsons went to the restaurant.
Os Simpsons foram ao restaurante.

The Kennedys are a famous family.
Os Kennedys são uma família famosa.

The Camargos are my neighbors.
Os Camargos são meus vizinhos.

3 Embora **títulos** (presidente, rainha, governador, doutor, general, capitão, bispo etc.) levem o artigo, como em português, devem ser usados **sem artigo** quando acompanhados de nome próprio.

The President came to our city.
O presidente veio a nossa cidade.

mas ▶▶| *President Kennedy was assassinated.*
O presidente Kennedy foi assassinado.

The Queen of England lives in London.
A rainha da Inglaterra mora em Londres.

mas ▶▶| *Queen Elizabeth II was crowned in 1953.*
A rainha Elizabeth II foi coroada em 1953.

The doctor is visiting his patients.
O médico está visitando seus pacientes.

mas ▶▶| *Doctor Brown is visiting his patients.*
O dr. Brown está visitando seus pacientes.

The captain spoke to the soldiers.
O capitão falou aos soldados.

mas ▶▶| *Captain Smith spoke to the soldiers.*
O capitão Smith falou aos soldados.

4 Reforçando a regra básica do **genérico-específico**, lembramos que o artigo definido deve ser omitido antes de substantivos que denotam **esportes**, **ciências**, **cores**, **refeições**, **estações do ano**, **meses**, **dias da semana** e **substantivos abstratos** em sentido genérico. Em português, normalmente emprega-se o artigo definido nesses casos.

Tennis is very popular in Australia.
(**O**) **tênis** é muito popular na Austrália.

Biology is an important science.
A biologia é uma ciência importante.

Red is Jane's favorite color.
O vermelho é a cor favorita da Jane.

I'm going to the bank after lunch.
Vou ao banco depois do **almoço**.

Humility is a rare virtue.
A humildade é uma virtude rara.

mas ▶▶ *The blue of her eyes...*
O azul dos olhos dela...

The lunch she offered us...
O almoço que ela nos ofereceu...

The winter I spent in London...
O inverno que passei em Londres...

The humility of St. Francis...
A humildade de São Francisco...

Observe que nesse último grupo de exemplos os substantivos destacados são empregados em sentido específico.

5 Omite-se também o artigo definido antes de nomes de **cidades**, **estados**, **ilhas**, **países**, **continentes**.

Rio is a beautiful city.
O Rio é uma cidade linda.

France is famous for its wines.
A França é famosa por seus vinhos.

Asia is bigger than Europe.
A Ásia é maior que **a Europa**.

Hawaii is in Oceania.
O Havaí está na Oceania.

Exceções:

the United States (os Estados Unidos)
the United Kingdom (o Reino Unido)
the United Arab Emirates (os Emirados Árabes Unidos)
the Netherlands (os Países Baixos)
the Dominican Republic (a República Dominicana)
the Ivory Coast (a Costa do Marfim)
the Solomon Islands (as ilhas Salomão) — grupos de ilhas em geral

Ainda existem outros, porém de menor importância. Por que emprega-se o artigo? Você deve ter percebido que são nomes compostos, inclusive ***the Netherlands***, que é formado por ***nether*** (mais baixo, do inglês arcaico) e ***lands*** (terras).

Observações:

a. Convém citar alguns nomes compostos com os quais **não** se usa o artigo: *Saudi Arabia* (Arábia Saudita), *South Africa* (África do Sul), *North Korea* (Coréia do Norte), *South Korea* (Coréia do Sul).
b. Grave também: ***the*** *Azores* (**os** Açores), ***the*** *Bahamas* (**as** Bahamas), ***the*** *Philippines* (as Filipinas).

Lembre-se de que estamos enfatizando os casos em que o inglês **difere** do português. Portanto, **acidentes geográficos** (montanhas, rios, mares, oceanos etc.) levam o artigo em inglês, da mesma forma que em português.

the Andes (os Andes)
the Alps (os Alpes)
the Rockies (as Montanhas Rochosas)
the Atlantic (o Atlântico)
the Mediterranean (o Mediterrâneo)
the Amazon (o Amazonas)
the Gulf of Mexico (o golfo do México)

Lagos, porém, são exceção.

Lake Victoria (o lago Vitória)
Lake Huron (o lago Huron)
Lake Titicaca (o lago Titicaca)
Lake Michigan (o lago Michigan)

6 Omite-se o artigo definido antes das palavras ***church*** (igreja), ***school*** (escola), ***bed*** (cama), ***prison*** (prisão), principalmente quando usadas com o verbo ***to go*** (ir) e a preposição ***in*** (em). Sempre?... Não! Apenas quando esses locais estiverem sendo usados para a finalidade à qual normalmente se destinam.

*My children go to **school** in the morning.*
Meus filhos vão para a escola de manhã. (são alunos, vão estudar)

*I have to go to **the school** to speak to the principal.*
Tenho que ir à escola para falar com o diretor. (não como aluno)

*John killed a man and went to **prison**. Tomorrow his wife is going to **the prison** in order to see him.*
John matou um homem e foi para prisão. (como prisioneiro)
Amanhã a mulher dele vai à prisão para vê-lo. (não como prisioneira)

*Margaret goes to **church** every Sunday.*
Margaret vai à igreja todos os domingos. (rezar, participar de alguma função religiosa)

*The tourists went to **the church** to see the beautiful stained-glass windows.*
Os turistas foram à igreja para ver os belos vitrôs coloridos.

*Mary was **in bed** with a high fever.*
Mary estava de cama com uma febre alta.

*Let's sit **on the bed**, since there are no chairs.*
Vamos sentar-nos na cama, já que não há cadeiras.

Existem ainda outras palavras que normalmente não são precedidas de artigo. Entre elas merecem destaque: ***heaven*** (céu), ***hell*** (inferno), ***work*** (local de trabalho).

*When I die, I hope to go to **heaven**.*
Quando eu morrer, espero ir para **o céu**.

*Go to **hell**!*
Vá para **o inferno**!

*Paul goes to **work** at 7:30.*
Paul vai para **o trabalho** às 7:30.

Observações:

a. **Céu**, no sentido de firmamento, é ***sky***.
*The stars are in **the sky**.* (As estrelas estão no céu.)

b. ***Hell*** (inferno) é precedido de artigo em certas expressões comuns na linguagem coloquial.

*What **the hell**!...* (Que diabo!...)

*What **the hell** is going on?* (Que diabo está acontecendo?)

7 Ao contrário do que ocorre em português, é obrigatório o emprego de artigo definido antes de **instrumentos musicais** precedidos de verbos como ***to like*** (gostar), ***to learn*** (aprender) e, principalmente, ***to play*** (tocar).

*Caroline plays **the piano** well.*
Caroline toca **piano** bem.

*Henry is learning **the guitar**.*
Henry está aprendendo **violão**.

*Robert likes **the saxophone**.*
Robert gosta de **saxofone**.

Assim como se diz ***to play the** piano, **the** violin, **the** guitar*, quando se trata de **tocar** um instrumento musical, o verbo ***to dance*** (dançar), quando seguido de uma dança específica, também exige um artigo definido.

*Glória dances **the samba** very well.*
Glória dança **samba** muito bem.

*I like dancing **the lambada**.*
Gosto de dançar **lambada**.

*William dances **the tango** like a professional.*
O William dança (o) **tango** como um profissional.

8 Quando o artigo definido é empregado antes de adjetivos substantivados, significa que estes estão no plural.

***the** blind* (os cegos)
***the** poor* (os pobres)
***the** powerful* (os poderosos)
***the** rich and **the** poor* (os ricos e os pobres)

Como proceder, então, para o singular? Como dizer o rico, o pobre, o cego, a cega, o poderoso etc.?

*The **rich man** helped the **poor man**.*
O **rico** ajudou o **pobre**.

*I gave (some) money to the **blind woman**.* BLIND
Eu dei dinheiro à (mulher) **cega**.

6 Omit bastante
col

man lost his cane.
erdeu sua bengala.

O ARTIGO INDEFINIDO — UM, UMA
THE INDEFINITE ARTICLE — A, AN

▶▶ ***a*** (um, uma) — antes de consoantes e semivogais.

***a** man*	***a** house*	***a** university*
***a** pencil*	***a** year*	***a** story*

▶▶ ***an*** (um, uma) — antes de vogais e h não-aspirado.

***an** egg*	***an** evening*	***an** honest man*
***an** arm*	***an** hour*	***an** opera*

1 É obrigatório o emprego de um artigo indefinido antes de substantivos que denotam **profissão**.

*Helen is **a teacher** and her husband is **an engineer**.*
Helen é **professora** e seu marido é **engenheiro**.

*Michael wants to be **a doctor**.*
Michael quer ser **médico**.

2 Emprega-se o artigo indefinido antes de substantivos que denotam **religião** e **nacionalidade**. Porém, quando a mesma palavra é usada como adjetivo, o artigo não pode ser usado.

*Peter is **a** devout **Catholic**.*
subs.

Peter é **um católico** fervoroso.

His wife is Jewish.
adj.
Sua mulher é **judia**.

— *Who won the race?*
— *It was **a** German.*
subs.
— Quem ganhou a corrida?
— Foi **um alemão**.

Takeshi is Japanese.
adj.
Takeshi é **japonês**.

Cumpre observar que certas nacionalidades têm duas palavras diferentes: uma para o adjetivo, outra para o substantivo.

Salientamos as principais:

	Adjetivo	**Substantivo**
inglês	*English/British*	*Englishman*
francês	*French*	*Frenchman*
escocês	*Scottish*	*Scot/Scotsman*
irlandês	*Irish*	*Irishman*
sueco	*Swedish*	*Swede*
dinamarquês	*Danish*	*Dane*
holandês	*Dutch*	*Dutchman*
espanhol	*Spanish*	*Spaniard*

Observação: Algumas formas substantivas terminadas em ***man*** designam o gênero masculino, sendo o feminino formado com ***woman***.

Englishman — *Englishwoman*
Frenchman — *Frenchwoman*

3 Depois das preposições ***with*** (com) e ***without*** (sem), seguidas de substantivo concreto, também é necessário o artigo indefinido.

*Jane prefers to write **with a pencil**.*
Jane prefere escrever a (com) **lápis**.

*Charles likes to work **without a coat**.*
Charles gosta de trabalhar **sem paletó**.

*Don't go out in the cold **without an overcoat**!*
Não saia no frio **sem** (um) **casaco** (sobretudo)!

4 É obrigatório o emprego do artigo indefinido depois das palavras ***what*** (que), ***such*** (tal, tais) e ***half*** (meio, meia), precedendo substantivos contáveis.

*What **a** nice **day**!*
Que dia bonito!

*I've never seen **such a** big **animal**.*
Nunca vi um animal tão grande.

*Richard ate **half a watermelon**.*
O Richard comeu meia melancia.

*What **a** difficult **test** we had!*
Que prova difícil tivemos!

mas ▶▶| *What nice **furniture** you have!* (*furniture* = não-contável)
Que mobília bonita você tem!

*Ann has **such patience** with kids!* (*patience* = não-contável)
Ann tem tanta paciência com crianças!

5 O artigo indefinido também é usado com sentido de **por** em expressões, tais como: preço por quilo, km por hora, vezes por dia etc.

*Rice costs less than one real **a kilo**.*
O arroz custa menos de um real **por quilo**.

*That car was going at more than 150 km **an hour**!*
Aquele carro ia a mais de 150 km **por hora**!

*We have English class three times **a week**.*
Temos aula de inglês três vezes **por semana**.

6 O artigo indefinido também é usado em expressões idiomáticas, tais como:

*many **a** time* (muitas vezes)
*all of **a** sudden* (subitamente, de repente)
*as **a** rule* (normalmente, de regra geral)
*in **a** hurry* (com pressa, apressadamente)
*as **a** matter of fact* (de fato, na realidade)
*one at **a** time* (um, uma de cada vez)
*once upon **a** time* (era uma vez)
***an** eye for **an** eye* (olho por olho)

7 Cabe salientar, finalmente, que o artigo indefinido **não** deve ser usado antes de substantivos não-contáveis, embora nós o façamos em português. Nesses casos, o inglês usa muitas vezes ***some*** (algum, alguns, alguma, algumas, uns, umas).

*Let me give you **some** advice.*
Permita-me dar-lhe **uns** conselhos.

*Can you lend me **some** money?*
Você pode me emprestar **um** dinheiro?

*I spent **some** time in New York.*
Passei **algum** tempo em Nova Iorque.

Observações:

a. Quando queremos enfatizar que se trata de **um** ou **uma**, não dois (duas) ou mais, usamos o numeral ***one***.

*I asked for **one** bottle of wine, not two!*
Pedi **uma** garrafa de vinho, não duas!

b. Também usamos o numeral ***one*** em expressões idiomáticas, como ***one day*** (um certo dia).

*Then **one day** he said to me...*
Então **um** (certo) **dia** ele me disse...

EXERCÍCIOS

A Complete com o artigo adequado (***the***, ***a*** ou ***an***), onde for necessário:

1. .... Pacific is .... world's biggest ocean.
2. What did you eat for .... breakfast this morning?
3. Henry plays .... piano as well as .... guitar.
4. Mr Silva is .... Catholic but he almost never goes to .... church.
5. I'm in .... hurry because I have to catch .... bus to go to .... work.
6. What .... delicious cake! Have .... piece!
7. Susan was in .... bed with .... fever, so she couldn't go to .... party.
8. Helen works as .... secretary for .... mutinational company.
9. What .... nice gardens! .... people who live in these houses must have .... good taste.
10. .... price of .... gold is going up, but .... price of .... silver is going down.
11. .... life is not easy for .... people who earn .... minimum wage.
12. .... inflation is bad for everybody, but it's worse for .... poor than for .... rich.
13. I like coffee, but .... coffee they serve in .... our school cafeteria is terrible!

14. .... sun and .... water are necessary for .... flowers to grow.
15. .... air in this room is not good. Please, open .... windows!
16. .... students were playing .... basketball in .... school gymnasium.
17. .... President's wife received .... bouquet of .... flowers.
18. .... Dr Costa goes to .... United States once .... year.

B Acrescente ***a/an*** ou ***the***, conforme o caso:

Alice and Betty are having lunch at .... restaurant and there is .... bank across .... street. .... man wearing .... black coat and carrying .... large black briefcase gets out of .... car and goes into .... bank.
Betty — Did you see that man, Alice?
Alice — Do you mean .... man who just walked into .... bank?
Betty — Yes, he looked suspicious to me!
Alice — Oh, don't be silly and pass me .... salt, please. I know him, he's .... manager of .... bank.

C Verta para o inglês:

1. O Paulo estava com pressa e saiu sem casaco.
2. Maria tocava piano enquanto seus amigos dançavam samba.
3. O verde e o amarelo são as cores do nosso país.
4. O presidente Kennedy foi assassinado no Texas.
5. O Pedro é católico e vai à igreja todo domingo.
6. Os cavalos e os bois são muito úteis ao homem.
7. O outono é uma estação muito bonita no norte dos Estados Unidos.
8. A biologia que aprendi na escola foi uma perda (desperdício) de tempo.

Unidade 2

O PLURAL DOS SUBSTANTIVOS

PLURAL OF NOUNS

Regra geral: À semelhança do português, acrescenta-se um **-s** ao singular.

book → *books* *river* → *rivers*
garden → *gardens* *table* → *tables*

Exceções? Não poderia deixar de haver, e você não vai reclamar se pensar nos nossos:

capim → capins fuzil → fuzis
pastel → pastéis caracol → caracóis

Vejamos, então, os casos que fogem à regra geral.

1 Os substantivos que terminam em ***s, ss, sh, x, ch*** e ***z*** formam o plural acrescentando-se **-es**.

bus → *buses* *box* → *boxes*
class → *classes* *church* → *churches*
brush → *brushes* *topaz* → *topazes*

O motivo é simples: você já tentou pronunciar "*brushs*", "*boxs*", "*topazs*", "*churchs*"? Quanto às palavras que terminam em ***s*** e ***ss***, o inglês, ao contrário do português, que diz **um lápis**, **dois lápis**, exige que o plural seja diferenciado do singular, tanto na pronúncia como na grafia; daí a necessidade de acrescentar o ***e***.

Observação: Existem certas palavras (de origem grega) que terminam em ***ch*** pronunciado com o som de **k**. O plural dessas palavras é feito mediante o acréscimo de um simples *-s*.

monarch → *monarchs* *patriarch* → *patriarchs*
epoch → *epochs* *matriarch* → *matriarchs*

2 Para formar o plural dos substantivos terminados em ***y***.

▶▶ Quando o ***y*** for precedido de uma **vogal**, acrescenta-se simplesmente um *-s*.

boy → *boys* *day* → *days* *toy* → *toys*

Unidade 2

O PLURAL DOS SUBSTANTIVOS

PLURAL OF NOUNS

Regra geral: À semelhança do português, acrescenta-se um **-s** ao singular.

book → *books* *river* → *rivers*
garden → *gardens* *table* → *tables*

Exceções? Não poderia deixar de haver, e você não vai reclamar se pensar nos nossos:

capim → capins fuzil → fuzis
pastel → pastéis caracol → caracóis

Vejamos, então, os casos que fogem à regra geral.

1 Os substantivos que terminam em ***s, ss, sh, x, ch*** e ***z*** formam o plural acrescentando-se **-es**.

bus → *buses* *box* → *boxes*
class → *classes* *church* → *churches*
brush → *brushes* *topaz* → *topazes*

O motivo é simples: você já tentou pronunciar "*brushs*", "*boxs*", "*topazs*", "*churchs*"? Quanto às palavras que terminam em ***s*** e ***ss***, o inglês, ao contrário do português, que diz **um lápis**, **dois lápis**, exige que o plural seja diferenciado do singular, tanto na pronúncia como na grafia; daí a necessidade de acrescentar o ***e***.

Observação: Existem certas palavras (de origem grega) que terminam em ***ch*** pronunciado com o som de **k**. O plural dessas palavras é feito mediante o acréscimo de um simples ***-s***.

monarch → *monarchs* *patriarch* → *patriarchs*
epoch → *epochs* *matriarch* → *matriarchs*

2 Para formar o plural dos substantivos terminados em ***y***.

▶▶ Quando o ***y*** for precedido de uma **vogal**, acrescenta-se simplesmente um ***-s***.

boy → *boys* *day* → *days* *toy* → *toys*

- Quando o *-y* for precedido de uma **consoante**, substitui-se o *y* por *-ies*.
  city → *cities* *lady* → *ladies* *story* → *stories*

3 Os substantivos terminados em *o* formam o plural com o acréscimo de *-es*.

negro → *negroes*
potato → *potatoes*
tomato → *tomatoes*

Porém, em formas reduzidas e vocábulos de origem estrangeira, acrescenta-se apenas *-s*.

photo → *photos*
piano → *pianos*
studio → *studios*

4 Os substantivos terminados em *f* ou *fe*, geralmente, fazem o plural em *-ves*.

life → *lives* *wolf* → *wolves* *thief* → *thieves*
shelf → *shelves* *half* → *halves* *wife* → *wives*

Observações:

a. *Cerca* de 15 palavras terminadas em *f*, *ff* ou *fe*, no plural, recebem apenas um *s*. Dentre elas, vale a pena gravar:

- *belief* → *beliefs* (crença)
- *brief* → *briefs* (sumário, resumo)
- *chief* → *chiefs* (chefe, cacique)
- *cliff* → *cliffs* (despenhadeiro)
- *cuff* → *cuffs* (punho de camisa)
- *grief* → *griefs* (dor, sofrimento)
- *handkerchief* → *handkerchiefs* (lenço)
- *proof* → *proofs* (prova)
- *safe* → *safes* (cofre)

b. Existem ainda cerca de dez palavras que admitem um duplo plural: em *-s* e em *-ves*. Dentre essas, grave as seguintes:

- *dwarf* → *dwarfs* — *dwarves* (anão)
- *hoof* → *hoofs* — *hooves* (casco de animal)
- *roof* → *roofs* — *rooves* (telhado)
- *scarf* → *scarfs* — *scarves* (cachecol, manta)
- *self* → *selfs* — *selves* (a própria pessoa)

5 Existem dez substantivos cujo plural é realmente irregular. Decore-os, pois não há outra solução.

- *man* → *men* (homem)
- *woman* → *women* (mulher)
- *child* → *children* (criança)
- *tooth* → *teeth* (dente)
- *foot* → *feet* (pé)
- *goose* → *geese* (ganso)
- *mouse* → *mice* (camundongo)
- *louse* → *lice* (piolho)
- *ox* → *oxen* (boi)
- *die* → *dice* (dado de jogar)

Observações:

a. ***Children***, além de crianças, significa **filhos** de ambos os sexos e de qualquer idade.

b. Como você terá percebido, as cinco primeiras palavras são bastante úteis. Quanto às outras cinco, nem tanto. Mas, pelo sim, pelo não, decore-as. Um belo dia, você poderá ouvir sobre alguém infestado de ***lice*** ou sobre alguma casa infestada de ***mice***. Ou, jogando dados com um grupo de americanos, terá que entender quando um deles disser: *"Let's roll the dice!"*.

6 Há palavras estrangeiras (ou adaptadas) que também possuem plural irregular, obedecendo a certas regras.

- ***is*** → ***es***

  analysis → *analyses* — *thesis* → *theses*
  basis → *bases* — *hypothesis* → *hypotheses*
  crisis → *crises* — *parenthesis* → *parentheses*

- ***um*** → ***a***

  datum → *data* — *medium* → *media*
  bacterium → *bacteria*

- ***us*** → ***i***

  nucleus → *nuclei*

- ***a*** → ***ae***

  encyclopedia → *encyclopediae*

- ***on*** → ***a***

  criterion → *criteria*

- ***ix*** → ***ices***

  matrix → *matrices* *appendix* → *appendices*

- ***ex*** → ***ices***

  index → *indices / indexes*

Observações

a. Há palavras em inglês que **só existem no plural** e, com elas, o verbo também vai para o plural.

- *annals* (anais)
- *billiards* (bilhar)
- *scissors* (tesoura)
- *outskirts* (arredores)
- *surroundings* (arredores)
- *belongings* (pertences)
- *slacks/pants/trousers* (calças)

etc.

*My **scissors are** on the table.*
Minha tesoura está sobre a mesa.

*John's **pants are** dirty.*
A calça do John está suja.

*All his **belongings were** in a small valise.*
Todos os seus pertences estavam em uma pequena valise.

Por outro lado, existem substantivos no singular que se referem a um grupo de pessoas, um coletivo. Esses substantivos, em inglês, fazem a concordância verbal no plural. Talvez a palavra mais conhecida (e mais usada) seja ***police*** (polícia).

*The **police are** looking for the robbers.*
A polícia está procurando os assaltantes.

*The **police were** working on the case.*
A polícia estava trabalhando no caso.

Além de ***police***, no inglês britânico, são usados com o verbo no plural: ***management*** (administração, diretoria de uma empresa), ***government*** (governo no sentido de governantes), ***assembly*** (assembléia) etc.

*The **government are** trying to solve the problem.*
O governo está tentando resolver o problema.

*The **management were** late for the meeting.*
A diretoria chegou atrasada para a reunião.

b. Há substantivos que terminam em ***s*** mas são falsos plurais, ficando o verbo no singular.

- *mathematics* (matemática)
- *physics* (física)
- *electronics* (eletrônica)
- *acoustics* (acústica)
- *genetics* (genética)
- *politics* (política)
- *news* (notícia/notícias)

etc.

*I'm sorry, but the **news isn't** good.*
Sinto muito, mas a(s) notícia(s) não é (são) boa(s).

***Politics is** detested by many people.*
A política é detestada por muitas pessoas.

c. Existem substantivos que, no plural, podem ter outro sentido totalmente diferente.

- *custom* (costume) → *customs* (costumes — alfândega)
- *minute* (minuto) → *minutes* (minutos — ata)
- *glass* (copo, vidro) → *glasses* (copos — óculos)

*There are three **glasses** on the table.*
Há três **copos** sobre a mesa.

*My **glasses** are on the table.*
Meus **óculos** estão sobre a mesa.

*Thirty **minutes** are the same as half an hour.*
Trinta **minutos** são o mesmo que meia hora.

*The **minutes** were written and signed right after the meeting.*
A **ata** foi escrita e assinada logo após a reunião.

Observação: Existem dois adjetivos que, acrescidos de ***s***, passam a ser substantivos, tendo outro sentido completamente diferente.

- *good* (bom) → *goods* (bens, mercadorias)
- *new* (novo) → *news* (notícia/notícias)

d. Algumas palavras têm a mesma forma para o singular e o plural.

- *fish* → peixe — peixes
- *sheep* → ovelha — ovelhas
- *deer* → veado — veados
- *trout* → truta — trutas
- *shrimp* → camarão — camarões
- *aircraft* → aeronave— aeronaves
- *means* → meio (recurso) — meios
- *species* → espécie — espécies
- *series* → série — séries

There is one fish in the aquarium.
Há um peixe no aquário.

There are three fish in the aquarium.
Há três peixes no aquário.

The aircraft is taking off.
A aeronave está decolando.

The aircraft are taking off.
As aeronaves estão decolando.

This is a rare species.
Esta é uma espécie rara.

These are rare species.
Estas são espécies raras.

e. Há substantivos, no inglês, que **só existem no singular** e, ainda que o sentido seja plural, a concordância verbal é sempre feita no singular. Os principais são:

- *information* (informação/informações)
- *equipment* (equipamento/equipamentos)

Além desses, salientamos:

- *advice* (conselho)
- *money* (dinheiro)
- *jewelry* (jóias)
- *air* (ar)
- *snow* (neve)
- *music* (música)
- *evidence* (evidência, prova)
- *homework* (tarefa escolar)
- *furniture* (mobília)
- *housework* (trabalho caseiro)
- *weather* (tempo meteorológico)
- *clothing* (roupa/roupas)
- *knowledge* (conhecimento)
- *luggage/baggage* (bagagem)

He gave me some good advice.
Ele me deu uns bons conselhos.

Her knowledge of art was impressive.
Seu(s) conhecimento(s) sobre arte era(m) impressionante(s).

The evidence against the defendant was irrefutable.
As provas contra o réu eram irrefutáveis.

f. Atenção para a palavra ***people***, que pode significar **povo** no sentido demográfico, como também pode significar **gente**, **pessoas**.

- ***people*** no sentido de **povo** forma o plural acrescentando-se ***s***.

The Brazilian people likes carnival.
O povo brasileiro gosta de carnaval.

Some African peoples have strange customs and beliefs.
Alguns povos africanos têm costumes e crenças estranhos.

▶▶ ***people*** no sentido de **gente, pessoas** é considerado plural (embora nunca com ***s***), e a concordância verbal é feita sempre no plural.

Who are those people waiting outside?
Quem são aquelas pessoas esperando lá fora?

Certain people think they are so important!
Certas pessoas se acham tão importantes!

g. Certas palavras que exprimem números ou quantidades, quando precedidas de um **numeral**, ***a few*** (alguns, algumas) ou ***several*** (vários, várias), dispensam o ***s***, embora, de fato, sejam plurais.

five dozen eggs (cinco dúzias de ovos)
two hundred houses (duzentas casas)
several hundred trees (várias centenas de árvores)
eight thousand people (oito mil pessoas)
} **sem *of*!**

mas ▶▶ *dozens of eggs* (dúzias de ovos)
hundreds of houses (centenas de casas)
hundreds of trees (centenas de árvores)
thousands of people (milhares de pessoas)
} **com *of*!**

O mesmo ocorre com ***million*** (milhão), ***billion*** (bilhão), ***trillion*** (trilhão) etc.[1]

Acrescentamos nesta unidade uma nota sobre o **gênero dos substantivos *(gender of nouns)***. Embora a maioria tenha uma única forma para o masculino e o feminino, existem também os que têm duas formas. Vejamos alguns:

boy (menino) → *girl* (menina)
man (homem) → *woman* (mulher)
brother (irmão) → *sister* (irmã)
son (filho) → *daughter* (filha)
uncle (tio) → *aunt* (tia)
father (pai) → *mother* (mãe)
husband (marido) → *wife* (mulher)
nephew (sobrinho) → *niece* (sobrinha)

actor (ator) → *actress* (atriz)
host (anfitrião) → *hostess* (anfitriã)
waiter (garçom) → *waitress* (garçonete)
dog (cão) → *bitch* (cadela)
bull (touro)/*ox* (boi) → *cow* (vaca)
rooster (galo) → *hen* (galinha)

EXERCÍCIOS

A Passe as frases para o plural (não use nada ao passar para o plural onde houver artigo indefinido — ***a/an***):

1. Professor Brown's class is always interesting.
2. A gentleman never tells a lie.
3. The child put the toy in a box.
4. The story sounds good, but is it true?
5. Please, put the knife on the shelf.
6. The glass was broken by the waiter.
7. The saleswoman is very polite to the customer.
8. Who repaired the watch that was broken?
9. My friend said that the bus was full of people.
10. The man speaks English well but the lady doesn't.
11. A trout was caught in the stream by the fisherman.
12. A potato, a tomato and an egg can be used to make a salad.
13. Our city has a beautiful church.
14. An elephant has a long life and a good memory.
15. The dentist is treating the tooth of the poor child.

B Assinale a alternativa que contém o plural correto dos seguintes substantivos:

monkey — appendix — story — shrimp — tomato — proof

a) monkeys — appendixes — stories — shrimps — tomatos — prooves
b) monkies — appendices — storys — shrimp — tomatoes — proofes
c) monkeys — appendices — stories — shrimp — tomatoes — proofs
d) monkeys — appendixies — stories — shrimps — tomatoes — proofs

C Verta para o inglês:

1. Cinco ônibus trouxeram todas as crianças.
2. As mercadorias estão naquelas prateleiras.
3. Os homens vieram com suas esposas e filhos.
4. As informações importantes estão todas neste *folder*.
5. Eu pus várias dúzias de ovos naquelas caixas.
6. Durante os feriados, o cassino estava sempre cheio de gente.
7. O fogo destruiu centenas de árvores.
8. Muitas pessoas pobres moram nos arredores (*outskirts*) da cidade.

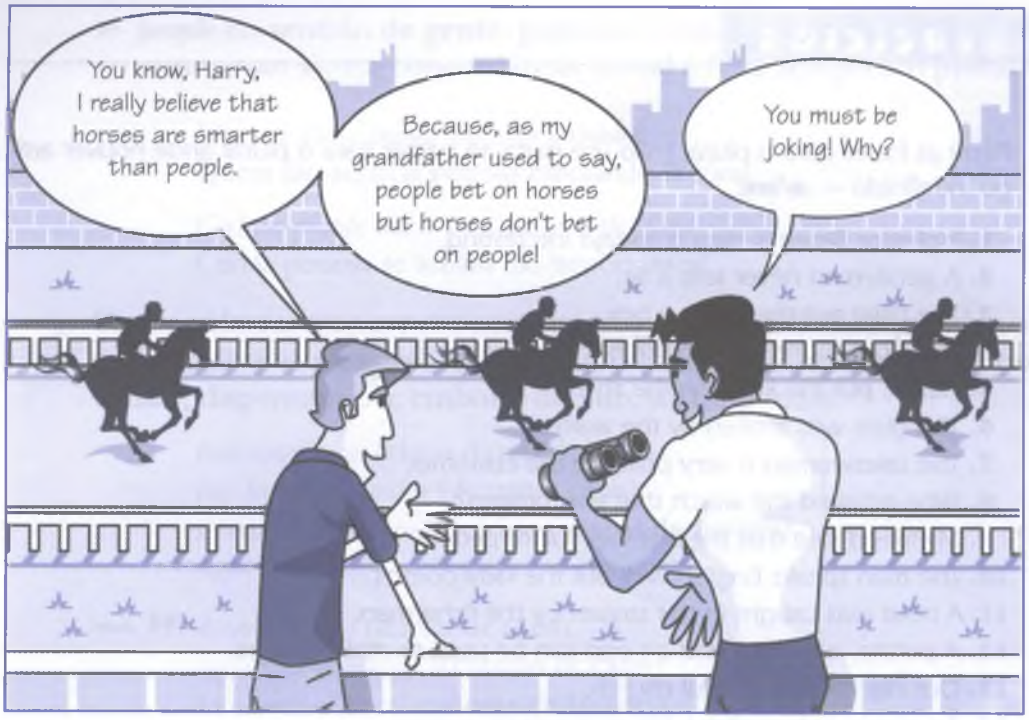
You know, Harry, I really believe that horses are smarter than people.
Because, as my grandfather used to say, people bet on horses but horses don't bet on people!
You must be joking! Why?

Unidade 3 OS PRONOMES PESSOAIS E REFLEXIVOS

PERSONAL PRONOUNS AND REFLEXIVE PRONOUNS

Reconhecemos que, em uma seqüência tradicional, já deveríamos ter falado ou estar falando dos verbos **ser** e **ter**, fundamentais em qualquer idioma. Mas chegaremos lá. Afinal, você diz: **Eu** sou, **Ele** é, **Nós** temos... Vamos então falar primeiro dos **pronomes**.

PRONOMES PESSOAIS
PERSONAL PRONOUNS

Caso reto (sujeito)		Caso oblíquo (objeto)	
Subject pronoun		*Object pronoun*	
I	eu	*me*	me, mim
you	você, tu	*you*	lhe, o, a, te, ti, a você
he	ele	*him*	lhe, o, a ele
she	ela	*her*	lhe, a, a ela
it	ele, ela (neutro)	*it*	lhe, o, a
we	nós	*us*	nos
you	vocês, vós	*you*	vos, lhes, a vocês
they	eles, elas	*them*	lhes, os, as

É indispensável que lhe seja absolutamente clara a diferença entre **sujeito** e **objeto**.

We saw him at the restaurant.
s. o.

Nós o vimos no restaurante.
s. o.

He saw us at the restaurant.
s. o.

Ele nos viu no restaurante.
s. o.

I gave you a present.
s. o.

Eu te (lhe) dei um presente.
s. o.

You gave me a present.
s. o.

Você (tu) me deu (deste) um presente.
s. o.

Observação: ***You*** é pronome reto (**sujeito**) e também pronome oblíquo (**objeto**).

Mais alguns exemplos que você poderá traduzir:

*I invited **them** to the party.*
*They invited **me** to the party.*

*She gave **him** the news.*
*He gave **her** the news.*

*They spoke to **us** in Spanish.*
*We spoke to **them** in Spanish.*

Observações

a. Pode ser cansativa a repetição de pronomes, porém, em inglês, todo verbo pede um sujeito expresso. Não se admite sujeito oculto, salvo em raríssimas exceções e em linguagem muito informal. No caso de verbos impessoais, usa-se ***it***.

They always blame me for everything that goes wrong!
Sempre me culpam por tudo o que acontece de errado!

They want to beat up Paul!
Querem bater no Paul!

It is difficult to learn Chinese.
É difícil aprender chinês.

It rains a lot on the coast.
Chove muito no litoral.

Observação: Assim como ocorre em português, o mesmo sujeito pode servir para dois ou mais verbos na mesma frase:

The President addressed the nation on TV and spoke about the new economic measures.
O presidente dirigiu-se à nação na TV e falou sobre as novas medidas econômicas.

b. Você terá notado que, na terceira pessoa do singular, o inglês tem três gêneros: masculino (***he*** — ***him***), feminino (***she*** — ***her***) e neutro (***it*** — ***it***). No plural, porém, não há diferenças de gênero: ***they*** — ***them***.

c. Que tal alguns exemplos para automatizar o pronome?

Did you see Peter?
Yes, I saw him.

Does Fred love Susan?
Yes, he loves her.

Did the children like the cake?
Yes, they liked it.

Did Lucy invite her friends?
Yes, she invited them.

Faça você mesmo mais algumas dezenas de frases desse tipo.

Lembre-se de que a aprendizagem de uma língua é também um processo de automatização!

PRONOMES REFLEXIVOS
REFLEXIVE PRONOUNS

Ainda não liqüidamos o assunto de **pronomes**, pois faltam as **formas reflexivas**. A cada pronome pessoal corresponde um pronome reflexivo.

Pronome pessoal	Pronome reflexivo	
Personal pronoun	***Reflexive pronoun***	
I	*myself*	a mim mesmo, -me
you	*yourself*	a ti, a você mesmo(a), -te, -se
he	*himself*	a si, a ele mesmo, -se
she	*herself*	a si, a ela mesma, -se
it	*itself*	a si mesmo(a), -se
we	*ourselves*	a nós mesmos(as), -nos
you	*yourselves*	a vós, a vocês mesmos(as), -vos, -se
they	*themselves*	a si, a eles mesmos, a elas mesmas, -se

Observações

a. O emprego do reflexivo, **como reflexivo**, é menos freqüente em inglês do que em português.

Em português dizemos	Em inglês se diz
Eu me lembro.	*I remember.*
Eles se reuniram naquela sala.	*They met in that room.*
Eles se beijaram e se separaram.	*They kissed and parted.*
Ela se arrependeu.	*She repented (regretted).*
Junte-se a nós!	*Join us!*
Eles se mudaram para Campinas.	*They moved to Campinas.*
Eu me esqueci do que ele disse.	*I forgot what he said.*

b. É **obrigatório** o emprego do reflexivo em inglês quando se trata, realmente, de **ação reflexiva**.

*Helen hurt **herself**.*
Helen se machucou.

*Hitler killed **himself**.*
Hitler se matou.

*Take care of **yourself**!*
Cuide-se!

c. O reflexivo, em inglês, também é empregado como **enfatizante**.

Tom painted the house ***himself***
O **próprio** Tom pintou a casa.

I did this ***myself!***
Eu **mesmo** fiz isto!

Helen ***herself*** *made the dress.*
A **própria** Helen fez o vestido.

They planned everything ***themselves.***
Eles **próprios** planejaram tudo.

d. Quando precedidos da preposição ***by***, os reflexivos têm o sentido de **sozinho**, **sozinha**, **sozinhos**, **sozinhas**. Às vezes, a palavra ***all*** é colocada antes de ***by***, servindo então como enfatizante.

She was sitting there (all) ***by herself***
Ela estava sentada lá (bem) **sozinha**.

Did you go to the movies ***by yourself****?*
Você foi ao cinema **sozinho**?

Sometimes I prefer to be ***by myself.***
Às vezes prefiro estar (ficar) **só**.

Grave as expressões:

Help yourself (yourselves)!
Sirva(m)-se!

Make yourself (yourselves) at home!
Sinta(m)-se à vontade! Esteja(m) em casa!

e. Observe a diferença entre os pronomes reflexivos ***ourselves, yourselves, themselves,*** e os chamados reflexivos recíprocos: ***each other / one another***:

Mary and I looked at ***ourselves*** *in the mirror.*
Maria e eu olhamos para **nós mesmas** (nos miramos) no espelho.

Mary and I looked at ***each other*** *and laughed.*
Mary e eu olhamos **uma para a outra** e demos risada.

*Make sure you and Tom don't hurt **yourselves**!*
Cuidem-se para que você e o Tom não **se machuquem**!

*I think that you and Tom should be nicer to **each other**.*
Acho que você e o Tom deveriam ser mais educados **um com o outro**.

*Bob and I really enjoyed **ourselves** during the trip.*
O Bob e eu realmente **nos** divertimos durante a viagem.

*Bob and I don't see **one another** very often.*
O Bob e eu não **nos** vemos (não vemos um ao outro) com muita freqüência.

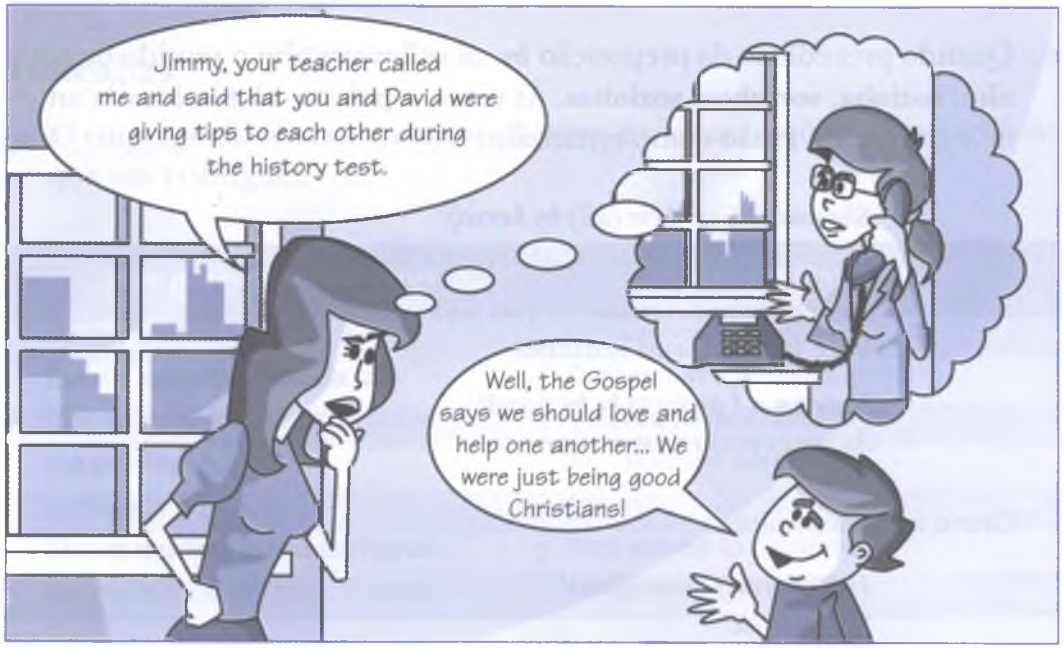

Mais adiante estudaremos:

- **pronomes demonstrativos**, na Unidade 9;
- **pronomes possessivos**, na Unidade 10;
- **pronomes interrogativos**, na Unidade 27;
- **pronomes relativos**, na Unidade 28;
- **pronomes indefinidos**, na Unidade 29.

EXERCÍCIOS

A Substitua as palavras em destaque por pronomes:

1. **Paul** invited **Sheila** to go to the movies.
2. **Margaret** knows **those boys** very well.
3. **Charles** and **I** met **Robert** last night.
4. **Francis** didn't enjoy **the show**, but **his girlfriend** did.
5. Don't blame **Mary**; she didn't break **those glasses**.
6. **Diana and Bill** invited **me and my wife** to their wedding.
7. Will **Monica** be sitting next to **William**?
8. Give my regards to **your relatives**!
9. **Mrs Bauer** always drives **the children** to school.
10. **The car** belongs to **my brother**.

B Complete as frases seguintes com ***selves*** ou ***each other / one another***:

1. Some people are very selfish. They only think of ....
2. George greeted me and I greeted him. George and I greeted ....
3. Did Johnny and Susie enjoy .... at the circus?
4. Christmas is a time when friends usually give presents to ....
5. Pat and Henry had an argument last week. They are still not speaking to ....
6. Bill and I hurt .... when we fell off the jabuticaba tree.

C Verta para o inglês:

1. Meus amigos me convidaram para ir ao jogo com eles.
2. As crianças estavam assistindo à TV sozinhas.
3. Os professores se reuniram no auditório (*auditorium*).
4. Eu fiz a tarefa sozinho; ninguém me ajudou.
5. O próprio Roberto consertou sua bicicleta.
6. Jane não gosta de viajar sozinha.
7. Lembre-se de trazer o livro amanhã!
8. A Betty e a Sandra estão sempre no telefone, conversando uma com a outra.
9. Paulo não se machucou quando o carro dele capotou (*to turn over*).
10. Por que vocês mesmos não pintam sua casa?

Unidade 4

O CASO POSSESSIVO

THE POSSESSIVE CASE ('S)

O **caso possessivo** é típico da língua inglesa. Trata-se de colocar um apóstrofo seguido de ***s*** após o nome do possuidor, que precederá sempre a coisa possuída.

John's car (o carro do John)
my sister's house (a casa de minha irmã)
Mary's boyfriend (o namorado da Mary)

1 **Tradicionalmente**, ensinava-se que o caso possessivo (***'s***) aplicava-se a **seres animados** (pessoas e animais), não devendo ser empregado quando o possuidor era um **ser inanimado** (coisas e substantivos abstratos).

Pessoas obviamente abrangem, além de nomes próprios, parentes em todos os graus, títulos, cargos, funções, profissões e outros substantivos que só podem se referir a pessoas: criança, menino(a), amigo(a), vizinho(a), colega de escola ou trabalho etc. Portanto, além dos exemplos dados acima, diríamos:

the Queen's popularity (a popularidade da rainha)
the governor's wife (a esposa do governador)
the manager's office (o escritório do gerente)
my neighbor's house (a casa do meu vizinho)
the children's toys (os brinquedos das crianças)

O mesmo vale para animais:

the lion's roar (o rugido do leão)
the elephant's trunk (a tromba do elefante).

Posteriormente, passou-se a empregar o ***'s*** também em relação aos corpos celestes, à Terra, ao mundo, aos países, às pessoas jurídicas e similares. Assim, dizemos corretamente:

the Earth's atmosphere (a atmosfera da Terra)
Saturn's rings (os anéis de Saturno)
the world's highest mountains (as montanhas mais altas do mundo)
Brazil's foreign debt (a dívida externa do Brasil)
the army's traditions (as tradições do exército)
the company's employees (os empregados / funcionários da empresa)

Com a evolução da língua e pela facilidade que o ***'s*** oferece (aqui surge o problema...), seu uso passou a ser tolerado e finalmente aceito em casos nos quais o possuidor é um **ser inanimado**. Esse uso, em certos casos, acaba sendo visto como um **abuso** pelos *native speakers* que possuem boa formação cultural e defendem o que muitos chamam de "*proper English*", ou seja, o inglês adequado, correto.
Assim, locuções como

the system's reliability (a confiabilidade do sistema),
the garden's lovely flower-beds (os lindos canteiros de flores do jardim),
the plane's landing gear (o trem-de-pouso do avião),
the computer's growing importance (a crescente importância do computador)

provavelmente seriam bem vistas pelos defensores do "*proper English*". Por outro lado, com certeza eles iriam franzir as sobrancelhas ou condenar como inaceitáveis locuções do tipo:

the car's color (a cor do carro)
the table's legs (as pernas da mesa)
the telephone's usefulness (a utilidade do telefone)

Não obstante, a tendência de ampliação cada vez maior do uso do ***'s*** em vez de ***of the*** é um fato que pode ser comprovado, inclusive por meio da leitura de revistas cujo inglês é considerado de ótima qualidade. Isso acabou transformando esse tema em um dos mais polêmicos da moderna gramática inglesa. A solução, a nosso ver, é ficar atento e não radicalizar.

2 Quando se trata de uma **dupla posse** (dois possuidores do mesmo objeto), acrescenta-se o ***'s*** apenas ao segundo possuidor.

John and Alice's wedding
o casamento de John e Alice

Dr Brown and his wife's house
a casa do dr. Brown e de sua mulher

mas ▶▶| *men's and women's clothes*
roupas de homens e de mulheres
(dois possuidores de objetos diferentes)

Observações

a. Quando o possuidor animado estiver no plural (terminado em ***s***), basta acrescentar o apóstrofo.

the boys' aunt (a tia dos meninos)
the birds' nests (os ninhos dos passarinhos)
the workers' tools (as ferramentas dos trabalhadores)

Quando, porém, se tratar de um nome próprio ou sobrenome terminado em ***s***, existem duas possibilidades: simplesmente acrescentar o apóstrofo ou colocar o apóstrofo seguido de mais um ***s***.

Mr Jones' house ou *Mr Jones's house* (a casa do sr. Jones)
Mrs Williams' children ou *Mrs Williams's children* (os filhos da sra. Williams)

Entretanto, vale salientar que, no caso de nomes bíblicos, a praxe é usar um ***of*** antes do nome.

The laws of Moses (em vez de *Moses' laws*) (as leis de Moisés)
The Book of Jeremias (em vez de *Jeremias' Book*) (o Livro de Jeremias)
The miracles of Jesus (em vez de *Jesus' miracles*) (os milagres de Jesus)

b. Na maioria das expressões de tempo é **obrigatório** o uso do caso possessivo.

***today's** newspaper* (o jornal de hoje)
nunca ▶▶| *the newspaper of today*

*an **hour's** work* (o trabalho de uma hora)
nunca ▶▶| *the work of an hour*

last night's party (a festa de ontem à noite)

nunca ▶▶| *the party of last night*

next week's test (a prova da semana que vem)

nunca ▶▶| *the test of next week*

c. No caso dos substantivos compostos, acrescenta-se o ***'s*** à última palavra.

my brother-in-law's house (a casa do meu cunhado)
the commander in chief's orders (as ordens do comandante-chefe)

d. Não se surpreenda ao encontrar um caso possessivo que não é seguido de nada. Isso significa que uma palavra ficou subentendida. Essa palavra pode ser ***house, shop, store, office*** ou ***church.***

I was at my uncle's. ***(uncle's house)***
Eu estava na casa do meu tio.

He visited St Peter's in Rome. ***(St Peter's church)***
Ele visitou a igreja de São Pedro em Roma.

Helen works at Prosdócimo's. ***(Prosdócimo's shop/store)***
A Helen trabalha na Prosdócimo.

I'm going to the doctor's. ***(doctor's office)***
Vou ao médico.

My mother went to the butcher's. ***(butcher's shop)***
Minha mãe foi ao açougue.

e. Para terminar, temos o **duplo possessivo**, ou seja, além do ***of*** (de, do, da), utiliza-se também o ***'s***. Ocorre freqüentemente com palavras como ***friend*** (amigo), ***enemy*** (inimigo), ***relative*** (parente), ***acquaintance*** (conhecido).

He is a friend of my father's.
Ele é um amigo do meu pai.

Bill is an enemy of Henry's.
Bill é um inimigo do Henry.

A relative of John's called me up.
Um parente do John me telefonou.

She's an acquaintance of my mother's.
Ela é uma conhecida da minha mãe.

Observe que, no duplo possessivo, as palavras ***friend, enemy, relative, acquaintance*** são sempre precedidas de artigo indefinido (***a, an***). Eis um macete que não é infalível, mas tem sua utilidade.

Olho Vivo na Preposição

A partir desta Unidade, introduzimos uma seção com objetivo específico de ilustrar **o uso da preposição** em inglês, coisa que nenhum livro ou curso jamais poderia ensinar satisfatoriamente. Aprende-se lendo muito, ficando sempre atento(a) e procurando gravar o que se observou. Portanto, **olho vivo na preposição**!

Como todos os pensamentos ou breves anedotas foram colhidos em diversas edições da revista *Reader's Digest*, registraremos a fonte apenas acrescentando entre parênteses: **R.D.**, seguido do mês e ano.

> *In today's marriages men and women still take each other **for** better or **for** worse, but not **for** long! (R.D. Jun. 1979)*

EXERCÍCIOS

A Reescreva as sentenças usando ***'s*** ou ***of***, conforme for o caso:

The maid cleans all (the rooms — house).
The maid cleans all the rooms of the house.

I'm going to borrow (the bicycle — my brother).
I'm going to borrow my brother's bicycle.

1. Please, give me (a glass — water).
2. Have you seen (the newspaper — today)?
3. (The fur — fox) is used for making (coats — women).
4. (The beauty — painting) impressed everybody.
5. We all enjoyed (the party — last night).
6. (the desk — Peter) is covered with (sheets — paper).
7. I live next door to (house — uncle Harry).
8. Do you like (the color — this shirt)?
9. (Hands — a mechanic) are often dirty.
10. (Boyfriend — my sister) is studying to be a doctor.

B Reescreva usando o caso possessivo (***'s***):

the tail of the dog
the dog's tail

1. the work of the scientists
2. the important events of last year
3. for the sake of safety
4. the music of Mozart
5. the house of my brother-in-law
6. the toys of the children
7. the apartment of Mr Clark and his wife
8. the reputation of the Senator

C Verta para o inglês:

1. As roupas das crianças estão em cima da (sobre a) cama.
2. Um primo do meu pai trabalha na Macy, em Nova Iorque.
3. O retrato do presidente está no jornal de hoje.
4. A mãe da Patrícia é minha professora.
5. Vou à panificadora comprar leite e pão.
6. Você estava na casa da sua tia ontem?
7. A prova da semana passada estava fácil.
8. Os jornais de ontem estavam sobre a mesa do gerente.

Unidade 5

O VERBO SER/ESTAR

THE VERB TO BE

Queremos salientar, logo de início, que, além dos significados básicos de **ser** e **estar**, o verbo ***to be*** é muito usado no sentido de **ficar** (tornar-se).

*John **is** my friend.*
O John **é** meu amigo.

*They **are** American actors.*
Eles **são** atores (norte-)americanos.

*It **was** raining yesterday.*
Estava chovendo ontem.

*Peter and Susan **were** in a hurry.*
O Peter e a Susan **estavam** com pressa.

*They **will be** at the club.*
Eles **estarão** no clube.

*Mary **was** upset when she heard the news.*
Mary **ficou** contrariada quando ouviu a notícia.
(não **esteve** ou **estava**, nem **foi** ou **era**)

*Your father **will be** very happy if you pass the exam.*
Seu pai **ficará** muito contente se você passar no exame.
(não **será** nem **estará**)

*I **would be** very grateful to you.*
Eu lhe **ficaria** muito grato.
(não **seria** ou **estaria**)

Insistimos nesse emprego do verbo ***to be*** porque a maioria das pessoas que aprendem inglês costuma associar o ***to be*** apenas com **ser** e **estar**, jamais com **ficar**.

Mas vamos ao verbo ***to be***, em seus tempos simples, na forma afirmativa (*affirmative form*), na negativa (*negative form*) e na interrogativa (*interrogative form*), e em suas formas nominais.

	SIMPLE PRESENT — PRESENTE		
	Forma sem contração	Forma contraída	Tradução
AFIRMATIVA	*I am*	*I'm*	Eu sou/estou
	You are	*You're*	Você é/está (Tu és/estás)
	He/She/It is	*He's/She's/It's*	Etc.
	We/You/They are	*We're/You're/They're*	
NEGATIVA	*I am not*	*I'm not*	Eu não sou/estou
	You are not	*You're not (You aren't)*	Você não é/está (Tu não és/estás)
	He/She/It is not	*He's not/She's not/It's not (He/She/It isn't)*	Etc.
	We/You/They are not	*We're not /You're not / They're not (We/You/They aren't)*	
INTERROGATIVA	*Am I?*		Eu sou/estou?
	Are you?		Você é/está? (Tu és/estás?)
	Is he/she/it?	(Não se faz a contração.)	Etc.
	Are we/you/they?		

Alex is in the kitchen.

O Alex está na cozinha.

What is he doing?

O que ele está fazendo?

He is drinking a glass of water.

Ele está bebendo um copo de água.

Is he thirsty?

Ele está com sede?

	SIMPLE PAST — PRETÉRITO PERFEITO/IMPERFEITO		
	Forma sem contração	**Forma contraída**	**Tradução**
AFIRMATIVA	*I was*		Eu era/estava
	You were		Você era/estava
	He/She/It was	(Não se faz a contração.)	Etc.
	We/You/They were		
NEGATIVA	*I was not*	*I wasn't*	Eu não era/estava
	You were not	*You weren't*	Você não era/estava
	He/She/It was not	*He/She/It wasn't*	Etc.
	We/You/They were not	*We/You/They weren't*	
INTERROGATIVA	*Was I?*		Eu era/estava?
	Were you?		Você era/estava?
	Was he/she/it?	(Não se faz a contração.)	Etc.
	Were we/you/they?		

Observação: Já que o ***simple past*** corresponde ao nosso pretérito perfeito e ao imperfeito, conseqüentemente ***I was, you were, he was*** etc. significam também **eu fui, você foi** (**tu foste**), **ele foi** etc. Como saber, então, qual dos dois tempos está sendo usado ou mentalizado, em inglês? Analisando qual dos dois, no contexto, faz mais sentido.

*I **was** tired last night.*
Eu **estava** cansado ontem à noite.

*They **were** in the kitchen.*
Eles **estavam** na cozinha.

*Mr Castro **was** the president of our club.*
O sr. Castro **era** o presidente de nosso clube.

*It **was** the most important decision of my career.*
Foi a decisão mais importante da minha carreira.

	SIMPLE FUTURE — FUTURO DO PRESENTE		
	Forma sem contração	**Forma contraída**	**Tradução**
AFIRMATIVA	I/You will be	I'll/You'll be	Eu serei/estarei/ Você será/estará
	He/She/It will be	He'll/She'll/It'll be	Etc.
	We/You/They will be	We'll/You'll/They'll be	
NEGATIVA	I/You will not be	I'll/You'll not be (I/You won't be)	Eu não serei/estarei/ Você não será/estará
	He/She/It will not be	He'll/She'll/It'll not be (He/She/It won't be)	Etc.
	We/You/They will not be	We'll/You'll/They'll not be (We/You/ They won't be)	
INTERROGATIVA	Will I/you be?		Eu serei/estarei?/ Você será/estará?
	Will he/she/it be?	(Não se faz a contração.)	Etc.
	Will we/you/ they be?		

Will you be at home tomorrow morning?
Você estará em casa amanhã de manhã?

Yes, I will.
Sim, estarei.

Then, I will be there at eight o'clock.
Então, estarei lá às oito horas.

Observação: No inglês britânico, emprega-se ***shall*** em vez de ***will*** na 1ª pessoa do singular e na 1ª pessoa do plural: ***I shall***, ***we shall***, ***I shall not*** (***shan't***), ***we shall not*** (***shan't***) etc.

	CONDITIONAL — FUTURO DO PRETÉRITO		
	Forma sem contração	Forma contraída	Tradução
AFIRMATIVA	*I/You would be*	*I'd/You'd be*	Eu seria/estaria/ Você seria/estaria
	He/She/It would be	*He'd/She'd/It'd be*	Etc.
	We/You/They would be	*We'd/You'd/They'd be*	
NEGATIVA	*I/You would not be*	*I/You wouldn't be*	Eu não seria/estaria/ Você não seria/estaria
	He/She/It would not be	*He/She/It wouldn't be*	Etc.
	We/You/They would not be	*We/You/They wouldn't be*	
INTERROGATIVA	*Would I/you be?*	(Não se faz a contração.)	Eu seria/estaria?/ Você seria/estaria?
	Would he/she/it be?		Etc.
	Would we/you/they be?		

I would be very happy if I won the lottery.
Eu ficaria muito feliz se ganhasse na loteria.

She wouldn't be so tired if she didn't work so hard.
Ela não estaria tão cansada se trabalhasse menos.

VERBALS — FORMAS NOMINAIS		
GERÚNDIO	*being*	sendo/estando
PARTICÍPIO	*been*	sido/estado
IMPERATIVO	*be!*	seja!, sede!, sejam!/esteja! estejam!

Resta salientar que o verbo ***to be*** é utilizado na formação das **locuções verbais*** (***progressive tenses***) e da **voz passiva** (***passive voice***). Portanto, é importante estar familiarizado com esse verbo.

Estudaremos as **locuções verbais *(progressive tenses)*** na Unidade 12, 13, 14, 16, 17 e 18; e a **voz passiva *(passive voice)*** na Unidade 23.

* Na gramática portuguesa, construções como **estou cantando, estou dançando** são classificadas como **locuções verbais**. No inglês, tais construções entram em tempos verbais.

Olho Vivo na Preposição

*Sign **over** the door **of** a veterinary clinic: "True love is when you spend 100 dollars **for** an operation **on** a 10-dollar dog". (R.D., Jun. 1978)*

EXERCÍCIOS

A Passe para a forma **interrogativa** e **negativa**:

This is an easy lesson.
Is this an easy lesson?
This isn't an easy lesson.

1. They were here yesterday.
2. She is a good swimmer.
3. I am interested in modern art.
4. John was a good athlete.
5. Her relatives are all in Bahia.
6. You are a good pianist.

B Passe para a forma **interrogativa** e **negativa**:

He will be here tomorrow.
Will he be here tomorrow?
He won't be here tomorrow.

1. She would be surprised.
2. They'll be in Miami next week.
3. I'll be busy tonight.
4. It would be a good opportunity.
5. We'll be on time for class.
6. He'd be very angry.

C Complete com a forma adequada do verbo ***to be***, lembrando-se de que, além de **ser** e **estar**, ele tem o sentido de **ficar** (tornar-se):

1. .... *(Você não ficou)* happy when you heard the good news?
2. Mary told me that .... *(ela estaria)* at home tonight.

3. .... *(Seria)* easy for you to learn Japanese?
4. .... (*Estava*) raining when you got home last night?
5. .... (*Eles não estarão*) in town next week. .... (*estarão*) travelling.
6. .... (*Estaremos*) at the bus station waiting for you.
7. .... (*Estava*) the weather nice when you .... (*esteve*) in the Bahamas?
8. John's father .... (*ficou*) very upset when he found out his son .... (*estava*) using drugs.

D Verta para o inglês:

1. Paulo não ficará muito contente.
2. Vocês estiveram no clube ontem?
3. Meu pai ficaria muito contrariado *(upset)*.
4. O professor estava na sala de aula?
5. O teste de amanhã será difícil?
6. Em julho eles estarão em Miami.
7. Por que você não estava na aula hoje de manhã?
8. Não fique zangada comigo, por favor!

Unidade 6

O VERBO HAVER

THERE BE

Sabemos que na língua portuguesa utilizamos os auxiliares **ter** e **haver** para formar os tempos compostos: tenho aprendido, havia estudado, terei partido. Na língua inglesa, porém, só podemos usar o verbo **ter** (*to have*), pois o verbo **haver** propriamente não existe.

O inglês utiliza um recurso que substitui o verbo **haver**, mas apenas no sentido de **existir**. Não é possível utilizá-lo para formar tempos compostos! Trata-se da combinação da palavra ***there*** (que normalmente significa **lá**, **ali**, mas aqui não tem significado) com o verbo ***to be: there be***.

Surge daí um pequeno problema de concordância, pois ela não se dá da mesma forma nas duas línguas.

Em português, o verbo **haver**, com sentido de **existir**, é impessoal e, portanto, não tem sujeito. O verbo fica na 3ª pessoa do singular.

Há uma flor no vaso.

Há dez flores no vaso.

Em inglês, porém, a concordância se faz com o substantivo que segue ***there be***, ou seja, se o substantivo estiver no plural, o verbo ***to be*** também deverá estar no plural.

There is one flower in the vase.
There are ten flowers in the vase.

Forma afirmativa: *There* { *is — are* / *was — were* / *will be* }

There is *a post office on the corner.*
Há uma agência de correio na esquina.

There are *two doors in this room.*
Há duas portas nesta sala.

*There **was** a book on the table.*
Havia um livro sobre a mesa.

*There **were** cups, mugs and glasses in the cupboard.*
Havia xícaras, canecas e copos no armário.

*There **will be** a party at Joana's house.*
Haverá uma festa na casa da Joana.

*There **will be** many people at the party.*
Haverá muitas pessoas na festa.

Forma negativa: *There* { *is not (isn't) — are not (aren't)* / *was not (wasn't) — were not (weren't)* / *will not be (won't be)* }

*There **isn't** any sugar in the sugar bowl.*
Não há (nenhum) açúcar no açucareiro.

*There **aren't** many books on the shelf.*
Não há muitos livros na prateleira.

*There **wasn't** a single flower in the garden.*
Não havia uma única flor no jardim.

*At that time, **there weren't** (any) cars and buses.*
Naquele tempo, não havia carros nem ônibus.

*There **won't be** a test this week.*
Não haverá prova esta semana.

Forma interrogativa: { *Is — Are* / *Was — Were* / *Will there be* } *there*

*Is **there** any beer in the fridge?*
Há cerveja na geladeira?

*Were **there** many pretty girls at the party?*
Havia muitas garotas bonitas na festa?

*Was **there** a doctor in the hospital?*
Havia um médico no hospital?

*Will **there be** a game tomorrow?*
Haverá jogo amanhã?

Confira na Segunda Parte, item 17, o emprego de ***there be*** expressando **faltar** e **sobrar**.

EXERCÍCIOS

A Complete com ***there is / there isn't / is there / there are / there aren't / are there / there was***.

1. .... only one computer in our school.
2. How can we make an omelet? .... any eggs!
3. Do you know how many planets .... in the solar system?
4. This is a small town; .... many tall buildings here.
5. Many Brazilians don't know how many states .... in Brazil.
6. .... a news-stand nearby where I can buy a newspaper?
7. Who said .... someone at the gate? .... anybody there!
8. .... many banks in the town where you live?

B Escolha a alternativa que completa a frase corretamente:

1. .... a heavy rain last night.
   a. There is b. There were c. There was
2. When the concert started, ... only a few people in the auditorium.
   a. there were b. there was c. there will be
3. .... four seasons in a year.
   a. There will be b. There were c. There are
4. Next Saturday, ... a big party at our club.
   a. there is b. there were c. there will be
5. .... a serious accident and several people were injured.
   a. There will be b. There was c. There is
6. .... no sign of rain right now.
   a. There was b. There is c. There will be

C Verta para o inglês:

1. Havia apenas uma igreja naquela cidade.
2. Há muita gente na rua?
3. Não haverá um jogo hoje por causa da chuva.
4. Havia muita gente no (*at*) estádio ontem à tarde?
5. Não há lojas neste setor (*part*) da cidade.
6. Há um computador no teu escritório?
7. Haverá uma eleição importante no mês que vem.
8. Haveria tempo para ver todas as atrações turísticas?

Unidade 7

OS ADJETIVOS E OS ADVÉRBIOS

ADJECTIVES AND ADVERBS

Decidimos agrupar essas duas categorias gramaticais em uma única unidade pelas seguintes razões:

- muitos advérbios são formados de adjetivos ou são iguais a eles;
- adjetivos e advérbios têm funções semelhantes na frase. O adjetivo qualifica um substantivo ou um pronome; o advérbio qualifica um verbo, um adjetivo ou um outro advérbio.

O ADJETIVO
THE ADJECTIVE

Abordaremos primeiro o adjetivo, para facilitar o estudo dos advérbios. Lembre-se de que muitos advérbios são iguais aos adjetivos ou derivam deles.

Em inglês:

1 Adjetivo **não tem gênero**, isto é, utiliza-se o mesmo adjetivo tanto para o masculino como para o feminino.

*a **good** boy* (um **bom** menino)
*a **good** girl* (uma **boa** menina)

*a **new** house* (uma casa **nova**)
*a **new** book* (um livro **novo**)

2 Adjetivo **não tem número**, isto é, não tem plural.

*one **fat** man* (um homem **gordo**)
*five **fat** men* (cinco homens **gordos**)

*one **big** car* (um carro **grande**)
*ten **big** cars* (dez carros **grandes**)

3 O adjetivo sempre **precede o substantivo** que ele qualifica. Essa regra é válida também quando estão presentes dois ou mais adjetivos.

a tall girl (uma garota alta)
a beautiful garden (um jardim bonito)
a difficult lesson (uma lição difícil)
a deep river (um rio fundo)
an intelligent boy (um garoto inteligente)
an interesting movie (um filme interessante)
a naughty kid (uma criança levada)
a large room (uma sala grande)
a wonderful tropical country (um maravilhoso país tropical)
a charming, elegant, blond-haired girl (uma garota loira, charmosa e elegante)

4 Quando o substantivo é qualificado por mais de um adjetivo, é necessário colocá-los na ordem certa. Para isso, deve-se considerar o seguinte:

a. Existem adjetivos de **fato** e adjetivos de **opinião**. Os adjetivos de **fato** são objetivos, dão-nos informações sobre o substantivo (idade, tamanho, cor, origem etc.). Os adjetivos de **opinião** dizem-nos o que **alguém pensa** ou **acha** sobre o substantivo e sempre **precedem** os de fato.

	Opinião	Fato	
an	*intelligent*	*young*	*man*
a	*valuable*	*classical*	*painting*
an	*intriguing*	*ancient*	*manuscript*

Traduzindo os exemplos acima, temos:

- um rapaz inteligente
- uma valiosa pintura clássica
- um curioso manuscrito antigo

b. Quando existem dois ou mais adjetivos de fato, normalmente são colocados na seguinte ordem:

	Opinião	Tamanho	Idade	Forma	Cor	Origem	Feito de ou como	
a	*beautiful*	*big*		*round*			*wooden*	*table*
an	*impressive*		*old*			*Egyptian*		*monument*
a	*beautiful*			*oval*			*handmade*	*rug*
a	*charming*		*young*			*American*		*actress*
a	*wonderful*				*blue*			*sky*

Traduzindo os exemplos acima, temos:

- uma linda mesa de madeira grande e redonda
- um imponente e antigo monumento egípcio
- um bonito tapete oval, feito à mão
- uma jovem e encantadora atriz (norte-)americana
- um maravilhoso céu azul

5 O adjetivo é usado depois de certos verbos, tais como:

- *to be* (ser, ficar)
- *to get* (tornar-se, ficar)
- *to become* (tornar-se, ficar)
- *to look* (parecer)
- *to seem* (parecer)
- *to feel* (sentir)
- *to taste* (ter o gosto de)
- *to sound* (falar como se, em tom de)
- *to smell* (cheirar)

Mr Brown ***was pleased.***
O sr. Brown estava (ficou) satisfeito.

Are you ***getting tired?***
Você está ficando cansado(a)?

The pudding ***tastes strange.***
O pudim está com um sabor estranho.

*The boss **sounded angry**.*
O chefe falou em tom zangado.

*Hmm... This perfume **smells good**!*
Humm... Este perfume tem um cheiro bom!

6 Um substantivo pode ser precedido por outro substantivo que o qualifica, exercendo, assim, a função de um adjetivo. Nesse caso, mesmo que em português o substantivo qualificante esteja no plural, em inglês ele permanece no singular.

*a **metal** box* (uma caixa de metal)

*a **toy** shop* (uma loja de brinquedos)
nunca ▶▶| *a **toys** shop*

*a **ten-story** building* (um prédio de dez andares)
nunca ▶▶| *a **ten stories** building*

*an **eight-page** chapter* (um capítulo de oito páginas)
nunca ▶▶| *an **eight pages** chapter*

Observação: Quando o substantivo estiver associado a um numeral, deve-se ligá-los com hífen.

Confira na Segunda Parte, item 66, uma dica sobre **complementos nominais**.

7 Ressaltamos, finalmente, que existem adjetivos formados pelo gerúndio (***-ing***) e pelo particípio (***-ed***) de um verbo. A forma em ***-ing*** pode ser considerada ativa, e a forma em ***-ed***, passiva.

*I found the instructions rather **confusing**.*
Achei as instruções um tanto **confusas**.

*I was **confused** by the instructions.*
As instruções me deixaram **confuso**.

*The actor's performance was **fascinating**.*
O desempenho do ator foi **fascinante**.

*We were **fascinated** by the actor's performance.*
Ficamos **fascinados** com o desempenho do ator.

*It was a **terrifying** experience.*
Foi uma experiência **aterrorizante**.

*She was **terrified** by the scene she saw.*
Ela ficou **aterrorizada** com a cena que viu.

*It was an **amazing** feat.*
Foi um feito **impressionante**.

*I was **amazed** by his cleverness.*
Fiquei **impressionado** com a habilidade dele.

*Robert's suggestion was really **interesting**.*
A sugestão do Robert foi realmente **interessante**.

*I am **interested** in Robert's proposal.*
Estou **interessado** na proposta do Robert.

*It was a very **embarrassing** situation.*
Foi uma situação muito **constrangedora**.

*I was **embarrassed** by Paul's behavior.*
Fiquei **constrangido** com o comportamento do Paul.

EXERCÍCIOS

A Coloque os adjetivos entre parênteses na ordem certa:

a table (wooden, round, beautiful)
a beautiful round wooden table

1. a suitcase (leather, large)
2. a house (modern, attractive)
3. a statue (marble, small)
4. a shirt (yellow, cotton, bright)
5. a church (little, old, lovely)
6. fruits (tropical, delicious)
7. a painting (French, interesting, old)
8. a dog (big, black, friendly)

B Complete com um dos seguintes adjetivos (nem todos serão usados):

interested	boring	surprising	exciting	embarrassing
interesting	bored	surprised	excited	embarrassed

1. I was really .... when I heard that Paul and Jane were getting divorced. They always seemed a happy couple.
2. It was a rather .... lecture and some people even fell asleep.
3. It's always .... when you have to borrow money from someone.
4. Mary was quite .... about her upcoming trip to Europe.
5. I seldom visit museums because I'm not very .... in art.
6. What an .... party we had last night!
7. Coming from George, that's not a very .... attitude.

O ADVÉRBIO
THE ADVERB

Enquanto o adjetivo nos diz algo ou alguma coisa sobre um substantivo (ou um pronome), o advérbio nos diz alguma coisa sobre um verbo (ou um adjetivo ou um outro advérbio).

John is a careful driver. (John é um motorista cuidadoso.)
adj. subs.

John drives carefully. (John dirige cuidadosamente.)
v. adv.

He is a fast worker. (Ele é um trabalhador rápido.)
adj. subs.

He works fast. (Ele trabalha rápido.)
v. adv.

Como vimos, os advérbios podem ser derivados de adjetivos ou podem ter a mesma forma do adjetivo. Nesse último caso, temos situação semelhante em português quando dizemos, por exemplo:

Ele é um rapaz bonito.
adj.

Ele canta bonito.
adv.

Vejamos cada caso.

1 Muitos advérbios, principalmente os de modo, freqüência e intensidade, são derivados de adjetivos mediante o acréscimo do sufixo *-ly* (**-mente**, em português).

Adjetivo	Advérbio
Adjective	***Adverb***
slow (lento, vagaroso)	*slowly* (lentamente, devagar)
careful (cuidadoso)	*carefully* (cuidadosamente)
efficient (eficiente)	*efficiently* (eficientemente)
quick (rápido)	*quickly* (rapidamente)
bad (mau)	*badly* (mal)
perfect (perfeito)	*perfectly* (perfeitamente)
silent (silencioso)	*silently* (silenciosamente)
easy (fácil)	*easily* (facilmente)
terrible (terrível)	*terribly* (terrivelmente)
tragic (trágico)	*tragically* (tragicamente)

*He walked **slowly**.*
Ele andava **lentamente**.

*Joe drives **carefully**.*
O Joe dirige **cuidadosamente**.

*Peter solved the problem very **quickly**.*
O Peter resolveu o problema (muito) **rapidamente**.

*He speaks French **perfectly**.*
Ele fala francês **perfeitamente**.

*We can do this exercise **easily**.*
Podemos fazer esse exercício **facilmente**.

*She played that music **terribly**.*
Ela tocou aquela **música muito mal**.

*They died **tragically** in a car accident.*
Eles morreram **tragicamente** em um acidente de carro.

Como você pode deduzir dos três últimos exemplos, o simples acréscimo de ***-ly*** nem sempre basta para formar o advérbio. Observe as regras:

a. Os adjetivos terminados em ***y*** trocam o ***y*** por ***i*** antes de receberem o sufixo ***-ly***.

heavy (pesado) → *heavily* (pesadamente)
lazy (preguiçoso) → *lazily* (preguiçosamente)
primary (principal) → *primarily* (principalmente)
happy (feliz) → *happily* (felizmente)

b. Os adjetivos terminados em ***le*** trocam o ***le*** por ***ly***.

horrible (horrível) → *horribly* (horrivelmente)
simple (simples) → *simply* (simplesmente)
subtle (sutil) → *subtly* (sutilmente)

Exceção:

whole (inteiro) → *wholly* (inteiramente)

c. Aos adjetivos terminados em ***ic*** acrescenta-se o sufixo ***-ally*** para formar o advérbio.

tragic (trágico) → *tragically* (tragicamente)
fantastic (fantástico) → *fantastically* (fantasticamente)
specific (específico) → *specifically* (especificamente)

Observação: Não se pode acrescentar um ***-ly*** a adjetivos que já terminam em ***ly***, tais como: ***friendly, silly, lovely*** etc. Nesse caso, deve-se recorrer a uma construção com ***way*** (jeito, modo) ou ***manner*** (maneira).

friendly (amigável) → *in a friendly way*
silly (tolo) → *in a silly manner*

2 Entre os advérbios que têm a mesma forma do adjetivo, vale a pena salientar os seguintes:

	Adjetivo *Adjective*	Advérbio *Adverb*
fast	*Jack loves **fast** cars.* O Jack adora carros **velozes**.	*Jack drives **fast**.* O Jack dirige **rápido**.
right	*This is the **right** way to do it.* Esta é a maneira **correta** de fazê-lo.	*Do it **right**!* Faça-o **corretamente**!
high	*It's a **high** mountain.* É uma montanha **alta**.	*The bird flew very **high**.* O pássaro voou muito **alto**.
late	*A **late** student came into the room.* Um aluno **atrasado** entrou na sala.	*I got up **late** this morning.* Acordei **tarde** esta manhã.
loud	*The music is very **loud**.* A música está muito **alta**.	*Please, don't speak so **loud**!* Por favor, não fale tão **alto**!
close	*Harry is a **close** friend of mine.* O Harry é um amigo **próximo** (**íntimo**).	*Come **close**, I want to tell you something.* Chegue **perto**, quero te contar uma coisa.
hard	*John is a **hard** worker.* O John é um trabalhador **esforçado**.	*John works **hard**.* O John trabalha **esforçadamente**.

Mesmo esses, com exceção de *fast*, admitem a forma em *-ly*, geralmente com alguma alteração no sentido.

rightly	*He was treated with great respect, and **rightly** so.* Ele foi tratado com grande respeito, e **merecidamente**.
highly	*Dr Barbosa is a **highly** respected surgeon.* O dr. Barbosa é um cirurgião **altamente** conceituado.
loudly	*Bob spoke so **loudly** (**loud**) that he woke up the whole family.* O Bob falou tão **alto** que acordou a família toda.
closely	*The boxer watched his opponent **closely**.* O lutador de boxe observava seu adversário **atentamente**.
lately	*We haven't seen our neighbors **lately**.* Não temos visto nossos vizinhos **ultimamente**.
hardly	*The test was so difficult that **hardly anyone** passed.* A prova foi tão difícil que **quase ninguém** passou.

Observações:

a. ***Hardly*** significa **quase não** e nada tem a ver com ***hard*** (duro, difícil). Observe que seu sentido é negativo e, por isso, o verbo da oração é afirmativo.

*Peter and I are neighbors, but we **hardly** know each other.*
O Pedro e eu somos vizinhos, mas quase não (mal) nos conhecemos.

*Aren't you hungry? You ate **hardly** anything!*
Você não está com fome? Não comeu quase nada!

b. ***Hardly ever*** significa **quase nunca**.

*We **hardly ever** go to the theater.*
Nós **quase nunca** vamos ao teatro.

*He **hardly ever** smokes.*
Ele **quase nunca** fuma.

3 Há um advérbio que em nada é semelhante ao adjetivo: ***good*** (adjetivo) → ***well*** (advérbio).

*His English is very **good**.*
O inglês dele é muito **bom**.

*He speaks English very **well**.*
Ele fala inglês muito **bem**.

Tipos de advérbio e sua posição na frase

1 **Advérbios de modo**: são aqueles que nos dizem **como** alguma coisa acontece, aconteceu, acontecerá etc. São colocados depois do verbo principal, mas antes de um particípio.

*John acted (very) **quickly**.*
O John agiu (muito) **rapidamente**.

*I always try to drive **carefully**.*
Sempre tento dirigir **com cuidado** (**cuidadosamente**).

*Jane was **smartly** dressed.*
A Jane estava **elegantemente** vestida.

2 **Advérbios de tempo**: são aqueles que nos dizem **quando** alguma coisa acontece, aconteceu, acontecerá etc.

a. Se o tempo for definido (***today, yesterday, tonight, tomorrow***) ou se se tratar de dias da semana, meses etc., o advérbio normalmente vai para o fim da frase, podendo também, às vezes, ser colocado no começo.

*I spoke to him **last night**.*
Falei com ele **ontem à noite**.

*The goods will arrive on **Monday**.*
A mercadoria chegará na **segunda-feira**.

***Yesterday** I went to the doctor's (**yesterday**).*
Ontem fui ao médico (**ontem**).

*In **January** we usually go to the beach (in **January**).*
Em **janeiro**, geralmente vamos para a praia (em **janeiro**).

b. Outros advérbios de tempo têm posição variável.

- ***already*** é colocado depois do verbo ***to be*** e é intercalado nos tempos compostos.

*The books **are already** in the library.*
Os livros **já** estão na biblioteca.

*I **have already seen** that film.*
Já vi aquele filme.

- ***just*** é usado com o ***present perfect*** (Unidade 16), sendo sempre intercalado entre o auxiliar ***have*** e o **particípio**.

*The bus **has just arrived**.*
O ônibus chegou **agora mesmo**.

*We **have just moved** into the new apartment.*
Acabamos de mudar para o apartamento novo.

- ***now*** é normalmente colocado depois do verbo ***to be***, podendo ser posto antes para enfatizar. Nos demais casos, fica como em português.

*They **are now** living in Europe.*
Eles estão morando na Europa **agora**.

***Now**, they are living in Europe.*
Agora eles estão morando na Europa.

***Now** I understand!*
Agora eu compreendo!

*I want you to do this **now**!*
Quero que você faça isso **agora**!

- ***soon*** normalmente vai para o final da frase, podendo, porém, ser colocado antes do verbo.

*The doctor promised to come **soon**.*
O médico prometeu vir **logo**.

*The doctor will **soon** be here.*
O médico **logo** estará aqui.

- ***afterwards*** (***later***) normalmente vai para o final da frase, podendo também ser colocado no seu início.

*I'll speak to you **afterwards** (**later**).*
Falarei com você **depois** (**mais tarde**).

***Afterwards** (**Later**) he said he was sorry.*
Depois, ele disse que estava arrependido.

- ***lately*** é usado da mesma forma que ***afterwards***.

*Henry has been very busy **lately**.*
O Henry tem estado muito ocupado **ultimamente**.

***Lately** it has rained a lot.*
Ultimamente tem chovido muito.

3 **Advérbios de freqüência**: são empregados depois do verbo ***to be***, mas antes de outros verbos.

I'm	***never*** (nunca)	
	usually (geralmente)	
	generally (geralmente)	*in bed before 11 P.M.*
	always (sempre)	
	often (freqüentemente)	
He	***seldom*** (raramente)	
	never (nunca)	
	always (sempre)	***travels*** *by plane.*
	sometimes (às vezes)	
	hardly ever (quase nunca)	

Observações:

a. ***Usually***, ***generally*** e ***sometimes*** podem ser colocados no começo da frase.

> ***Usually*** *I go to the club on Saturdays.*
> **Geralmente** vou ao clube aos sábados.
>
> ***Generally*** *she reads the newspaper in the morning.*
> **Geralmente** ela lê o jornal pela manhã.
>
> ***Sometimes*** *John has to use the computer.*
> **Às vezes** o John tem de usar o computador.

b. ***Not always*** é traduzido por **nem sempre**.

> *Mr Silva* ***doesn't (does not) always*** *drive to work.*
> O sr. Silva **nem sempre** vai de carro para o trabalho.
>
> *Newspapers* ***don't (do not) always*** *tell the truth.*
> Os jornais **nem sempre** dizem a verdade.

Na Segunda Parte serão abordados:

- ***still*** e ***yet*** (ainda), no item 24;
- ***till***, ***until*** e ***by*** (até), no item 45.

4 **Advérbios de intensidade**: qualificam ou reforçam adjetivos, verbos ou advérbios.

a. Os mais comuns são: ***very, too, much/far, too much, very much.***

- ***very*** significa **muito**, qualificando um adjetivo ou um advérbio.

  *John is a **very** bright boy.*
  O John é um menino **muito** inteligente.

  *He acted **very** cautiously.*
  Ele agiu **muito** cautelosamente.

- ***too*** significa **demais**, **excessivamente**, qualificando geralmente um adjetivo.

  *This apartment is **too** small for us.*
  Esse apartamento é pequeno **demais** para nós.

  *The coffee is **too** sweet.*
  O café está doce **demais**.

- ***much*** e ***far*** significam **muito** e são usados antes de comparativos (ver Unidade 8).

  *Jack is **much** taller than Peter.*
  O Jack é **muito** mais alto do que o Peter.

  *São Paulo is **far** bigger than Recife.*
  São Paulo é **muito** maior do que Recife.

- ***too much*** significa **demais**, **em excesso**, e segue um verbo que não o ***to be***.

  *He drank **too much** and felt dizzy.*
  Ele bebeu **demais** e sentiu-se tonto.

  *She talks **too much**.*
  Ela fala **demais**.

- ***very much*** significa **muito**, qualificando um verbo.

  *I like English **very much**.*
  Gosto **muito** de inglês.

*We enjoyed that party **very much**.*
Apreciamos **muito** aquela festa.

*She likes ice-cream **very much**.*
Ela gosta **muito** de sorvete.

*Romeo loved Juliet **very much**.*
Romeu amou **muito** Julieta.

Observe a posição de ***very much*** nos exemplos.

nunca ▶▶| *I like very much English.*

b. Outros advérbios de intensidade: ***quite***, ***fairly***, ***rather*** e ***pretty***.

▶▶ ***quite*** significa **muito**, **bastante** (mas não demasiadamente) e também, dependendo do adjetivo que segue ou da situação, significa **totalmente**, **completamente**.

*The cake was **quite** tasty.*
O bolo estava **bastante** (**bem**) gostoso.

*You are **quite** wrong.*
Você está **completamente** enganado.

*The bucket was **quite** full.*
O balde estava **completamente** cheio.

▶▶ ***fairly*** significa **razoavelmente**, **bastante**, e é usado com adjetivos positivos (***good***, ***easy***, ***interesting***).

*The weather was **fairly** nice.*
O tempo estava **razoavelmente** bom.

▶▶ ***rather*** significa **um tanto**, **mais ou menos**, e é usado com adjetivos negativos (**boring**, **poor**, **low**).

*The film was **rather** boring.*
O filme estava **um tanto** maçante (chato).

▶▶ ***pretty*** tem o mesmo significado que ***rather***, e é usado indiferentemente.

*The test was **pretty** easy/hard.*
A prova foi **um tanto** fácil/difícil.

Confira na Segunda Parte:

- ***enough*** e ***too***, no item 22;
- ***so*** e ***such***, no item 43.

c. Mais exemplos de advérbios de intensidade.

That car is	***amazingly*** (impressionantemente) ***remarkably*** (notavelmente) ***incredibly*** (incrivelmente)	*fast.*
You are	***extremely*** (extremamente) ***terribly*** (excessivamente) ***awfully*** (excessivamente)	kind.
She is	***completely*** (completamente) ***absolutely*** (absolutamente) ***entirely*** (inteiramente) ***totally*** (totalmente) ***utterly*** (totalmente)	*wrong.*

Olho Vivo na Preposição

*Youngsters always brighten **up** a home. They never turn **out** the lights. (R.D., Nov. 1974)*

EXERCÍCIOS

A Complete com um dos seguintes advérbios de freqüência:

always seldom often
hardly ever usually sometimes
never

1. Although Mary is on a diet, she .... eats cakes and sweets.
2. We live far from the coast, so we .... go to the beach.
3. Shirley .... eats meat because she prefers a vegetarian diet.
4. Charles is very much against tobacco, that's why he .... smokes.

5. Mr Castro is a rich man, so he .... spends his vacation in Europe.
6. We .... go to the Hong Kong restaurant, because we love Chinese food.
7. Since Jane doesn't have a car, she .... goes to work by bus.

B Complete as frases seguintes com:

hardly	hardly any	hardly anyone
hardly anything	hardly anywhere	hardly ever

1. The flowers were so expensive that .... bought them.
2. She was so surprised that she could .... speak.
3. .... of the cars were in perfect condition.
4. The weather was so bad that .... went to the stadium.
5. I often buy newspapers, but I .... buy a magazine.
6. We had wonderful weather at the beach, with .... rain.
7. Things are very dull at the office; there's .... to do.
8. This rare species of butterfly is found .... in Brazil.
9. He's not a religious person, so he .... goes to church.
10. The poor man was so weak that he could .... walk.

C Complete as frases usando ***very***, ***too***, ***very much***, ***fairly***, ***rather***, ***quite***, ***too much***:

1. The house is .... large, but it's still .... small for a large family like ours.
2. How did you enjoy last night's party? I enjoyed it .... .
3. Jack didn't buy the motorcycle because he thought it cost .... .
4. As I felt .... tired to watch TV, I went to bed early.
5. You should put on a sweater, because it's .... cold outside.
6. The food was .... good, but I thought the wine was of .... poor quality.

D Abaixo você tem dez frases curtas e simples, nas quais existe um **advérbio**. Faça outras dez empregando os mesmos advérbios:

1. The students will **soon** go home.
2. Doctor, come **quickly**! The man is dying!
3. She **hardly ever** rides her bicycle.
4. My cousin Henry speaks very **fast**.
5. You're **always** losing your things!
6. This lesson is **really** difficult.
7. Congratulations! You play the violin **very well**!
8. Bobby **never** disobeys his parents.
9. Why does he **seldom** visit his grandparents?
10. Where did you go **last night**?

E Verta para o inglês:

1. Ontem à noite houve um acidente perto da minha casa.
2. Nos Estados Unidos você aprenderá inglês rapidamente.
3. Marta guarda todas as suas jóias numa velha caixa de madeira.
4. Meus amigos moram num lindo prédio de quinze andares.
5. Foi um teste muito difícil e quase ninguém o terminou em menos de duas horas.
6. Ele fala inglês mal porque nunca teve alguém que o ensinasse (para ensiná-lo).
7. João não está interessado no carro porque acha que ele é velho demais.
8. Quase nunca vejo o Paulo porque ele mudou para o outro lado da cidade.

Unidade 8

OS GRAUS DE ADJETIVOS E ADVÉRBIOS

DEGREES OF COMPARISON (ADJECTIVES AND ADVERBS)

Em inglês, como em português, existem o grau comparativo e o superlativo (*comparative and superlative*). O **comparativo** pode ser de **igualdade, inferioridade** e **superioridade**. O **superlativo** pode ser de **inferioridade** e **superioridade**.

COMPARATIVOS E SUPERLATIVOS DE ADJETIVOS
COMPARATIVE AND SUPERLATIVE ADJECTIVES

1 Comparativo de igualdade: ***as*** + adjetivo + ***as***

*John is **as tall as** his cousin.*
O John é **tão alto quanto** seu primo.

*Mary was **as happy as** Jane.*
A Mary estava **tão feliz quanto** a Jane.

*The film isn't **as interesting as** the book.*
O filme não é **tão interessante quanto** o livro.

Observações:

a. Quando o primeiro termo da comparação estiver na forma **negativa**, pode-se usar ***not so ... as***, em vez de ***not as ... as***.

*John is **not so tall as** his cousin.*
O John **não** é **tão alto quanto** seu primo.

*Mary was **not so happy as** Jane.*
A Mary **não** estava **tão feliz quanto** a Jane.

Porém, para evitar complicações, prefira ***as ... as*** tanto em frases afirmativas quanto em negativas.

b. Ao compararmos características de pessoas, utilizamos **nomes** ou **pronomes**.

- Quando utilizamos **nomes**, podemos repetir ou não o verbo ***to be*** na segunda parte da comparação.

  Mary is as old as John.
  *Mary is as old as John **is**.*
  A Mary é da mesma idade que o John.

- Quando utilizamos **pronome** na segunda parte da comparação, podemos fazê-lo com um **pronome reto** (***subject pronoun***) ou um **pronome oblíquo** (***object pronoun***). Com o pronome reto, pode-se repetir ou não o verbo ***to be***. Com o pronome oblíquo (gramaticalmente incorreto, porém bastante usado na linguagem informal), não se repete o verbo ***to be***.

  *Mary is as old as **he**.* (pronome reto)
  *Mary is as old as **he is**.* (pronome reto)
  *Mary is as old as **him**.* (pronome oblíquo)

  Outros exemplos:

  Ruth is as tall as Beth.
  Ruth is as tall as Beth is.
  Ruth is as tall as she.
  Ruth is as tall as she is.
  Ruth is as tall as her.

  Paul is as fat as Jack.
  Paul is as fat as Jack is.
  Paul is as fat as he.
  Paul is as fat as he is.
  Paul is as fat as him.

c. A estrutura ***as ... as*** também pode ser empregada para dizer o quanto uma coisa é mais que outra. Para isso, utilizam-se expressões como ***twice*** (duas vezes), ***three times*** (três vezes), ***four times*** (quatro vezes) etc. Ao compararmos, por exemplo, um prédio de dez metros de altura com outro de vinte metros, podemos dizer:

  *This building is **twice as tall as** that one.*
  Este prédio é **duas vezes mais alto do que** aquele.

Outros exemplos:

*Their house is **five times as big as** ours.*
A casa deles é **cinco vezes maior do que** a nossa.

*The Hilton Hotel is **three times as expensive as** the Eldorado Hotel.*
O hotel Hilton é **três vezes mais caro do que** o hotel Eldorado.

d. ***The same*** + **substantivo** + ***as*** (o mesmo ... que, a mesma ... que) pode equivaler, em sentido, à estrutura ***as ... as***.

*Henry is **as old as** Andrew.*
O Henry é **tão velho quanto** o Andrew.
*Henry is **the same age as** Andrew.*
O Henry tem **a mesma idade que** o Andrew.

*Ann is **as tall as** Lucy.*
A Ann é **tão alta quanto** a Lucy.

*Ann is **the same height as** Lucy.*
A Ann tem **a mesma altura que** a Lucy.

Observe que o substantivo corresponde ao adjetivo.

Confira na Segunda Parte, item 29, mais algumas dicas sobre o **comparativo de igualdade**.

2 Comparativo de inferioridade: *less* + adjetivo + *than*

Superlativo de inferioridade: ***the least*** + adjetivo

*A silver ring is **less expensive than** a gold ring.*
Um anel de prata é **menos caro (do) que** um anel de ouro.

*This lesson is **less difficult than** the previous one.*
Esta lição é **menos difícil (do) que** a anterior.

*Of the three rings, this one was **the least expensive**.*
Dos três anéis, este era **o menos caro**.

*This exercise was **the least difficult** of all.*
Este exercício foi **o menos difícil** de todos.

Observação: ***Than*** significa **(do) que**.

3 Para formar o **comparativo de superioridade** e o **superlativo de superioridade** deve-se considerar o número de sílabas do adjetivo.

a. Adjetivos monossilábicos (uma sílaba)

- **comparativo:** adjetivo + ***-er*** + ***than***
- **superlativo:** ***the*** + adjetivo + ***-est***

Adjetivo	Grau comparativo	Grau superlativo
old (velho)	*old**er***	***the** old**est***
clear (claro)	*clear**er***	***the** clear**est***
tall (alto)	*tall**er***	***the** tall**est***
small (pequeno)	*small**er***	***the** small**est***
strange (estranho)	*strang**er***	***the** strang**est***

Não se esqueça de que o ***-e*** final não é pronunciado. Portanto, mesmo um adjetivo de sete letras, como ***strange***, pode ser monossilábico.

*Jean is **older than** Tom.*
A Jean é **mais velha (do) que** o Tom.

*A Gol is **smaller than** a Santana.*
Um Gol é **menor (do) que** um Santana.

*Charles is **the oldest** in the class.*
O Charles é **o mais velho** da turma.

*Which is **the smallest** car made in Brazil?*
Qual é **o menor carro** fabricado no Brasil?

Observação: Quando um adjetivo monossilábico termina em uma consoante única, precedida de uma só vogal, a consoante final é duplicada antes de se acrescentar ***-er*** ou ***-est***.

Adjetivo	Grau comparativo	Grau superlativo
fat (gordo)	*fa**tt**er*	*the fa**tt**est*
hot (quente)	*ho**tt**er*	*the ho**tt**est*
big (grande)	*bi**gg**er*	*the bi**gg**est*
thin (fino, magro)	*thi**nn**er*	*the thi**nn**est*

*Jack is **fatter than** Paul.*
O Jack é **mais gordo (do) que** o Paul.

*Today is **hotter than** yesterday.*
Hoje está **mais quente (do) que** ontem.

*Ruth's house is **bigger than** Peter's house.*
A casa da Ruth é **maior (do) que** a casa do Peter.

*Of the three boys, Jack is **the fattest**.*
Dos três garotos, o Jack é **o mais gordo**.

*Yesterday was **the hottest** day of the year.*
Ontem foi **o** dia **mais quente** do ano.

*Jane's house is **the biggest** on the street.*
A casa da Jane é **a maior** da rua.

b. Adjetivos dissilábicos (duas sílabas) terminados em *y*

- **comparativo**: troca-se o *y* por *i* e acrescenta-se *-er* + *than*
- **superlativo**: troca-se o *y* por *i* e acrescenta-se *-est*

Adjetivo	Grau comparativo	Grau superlativo
pretty (bonito)	*pretti**er***	***the** pretti**est***
easy (fácil)	*eas**ier***	***the** eas**iest***
busy (ocupado)	*bus**ier***	***the** bus**iest***

*Susan is **prettier than** Julia.*
A Susan é **mais bonita (do) que** a Julia.

*This lesson is **easier than** the other one.*
Esta lição é **mais fácil (do) que** a outra.

*Of the three girls, Susan is **the prettiest**.*
Das três garotas, a Susan é **a mais bonita**.

*This is **the easiest** lesson in the book.*
Esta é **a** lição **mais fácil** do livro.

c. Adjetivos dissilábicos **não** terminados em *y*

- **comparativo**: ***more*** + adjetivo + ***than***
- **superlativo**: ***the most*** + adjetivo

Adjetivo	Grau comparativo	Grau superlativo
recent (recente)	***more*** *recent*	***the most*** *recent*
famous (famoso)	***more*** *famous*	***the most*** *famous*
modern (moderno)	***more*** *modern*	***the most*** *modern*
boring (maçante)	***more*** *boring*	***the most*** *boring*
charming (charmoso)	***more*** *charming*	***the most*** *charming*

*Beethoven is **more famous than** Prokofiev.*
Beethoven é **mais famoso (do) que** Prokofiev.

*He is **the most famous** of all.*
Ele é **o mais famoso** de todos.

*Fernanda is **more attractive than** Jennifer.*
A Fernanda é **mais bonita (atraente) do que** a Jennifer.

*Fernanda is **the most attractive girl** in the class.*
A Fernanda é **a garota mais bonita (atraente)** da turma.

Observação: Existem adjetivos de duas sílabas não terminados em *y* que admitem as duas formas para o comparativo (***-er*** e ***more***) e as duas formas para o superlativo (***-est*** e ***the most***), embora as formas em ***-er*** e ***-est*** devam ser preferidas nos adjetivos assinalados com asterisco. Entre eles vale a pena destacar:

Adjetivo	Grau comparativo	Grau superlativo
simple * (simples)	*simpl**er*** ***more*** *simple*	***the*** *simpl**est*** ***the most*** *simple*
gentle * (suave)	*gentl**er*** ***more*** *gentle*	***the*** *gentl**est*** ***the most*** *gentle*
able * (capaz)	*abl**er*** ***more*** *able*	***the*** *abl**est*** ***the most*** *able*
polite * (educado)	*polit**er*** ***more*** *polite*	***the*** *polit**est*** ***the most*** *polite*

continua ▶▶

Adjetivo	Grau comparativo	Grau superlativo
clever * (habilidoso)	*clever**er*** ***more** clever*	***the** clever**est*** ***the most** clever*
quiet (sossegado)	*quiet**er*** ***more** quiet*	***the** quiet**est*** ***the most** quiet*
narrow * (estreito)	*narrow**er*** ***more** narrow*	***the** narrow**est*** ***the most** narrow*
common (comum)	*common**er*** ***more** common*	***the** common**est*** ***the most** common*

d. Adjetivos de três sílabas ou mais

- **comparativo**: ***more*** + adjetivo + ***than***
- **superlativo**: ***the most*** + adjetivo

Adjetivo	Grau comparativo	Grau superlativo
important (importante)	***more** important*	***the most** important*
valuable (valioso)	***more** valuable*	***the most** valuable*
responsible (responsável)	***more** responsible*	***the most** responsible*
beautiful (bonito)	***more** beautiful*	***the most** beautiful*
competent (competente)	***more** competent*	***the most** competent*

*A Picasso is **more valuable than** a Cézanne.*
Um Picasso é **mais valioso (do) que** um Cézanne.

*Of all precious stones, the diamond is **the most valuable**.*
De todas as pedras preciosas, o diamante é **a mais valiosa**.

Observação: Se bem que poucos, existem adjetivos monossilábicos aos quais não se costuma acrescentar *-er* para formar o comparativo, embora o superlativo seja formado mediante o acréscimo de *-est*.

Adjetivo	Grau comparativo	Grau superlativo
rude (grosseiro, mal educado)	***more*** *rude*	***the*** *rud**est***
wrong (errado, enganado)	***more*** *wrong* *	***the*** *wrong**est*** *
straight (reto, direto)	***more*** *straight* **	***the*** *straight**est*** **

* Usado apenas naquilo que os *native speakers* chamam de "*frozen expressions*".

You couldn't be more wrong!
Você não poderia estar mais enganado!

That was the wrongest thing I've ever done.
Essa foi a coisa mais errada que já fiz.

** Teoricamente correto, mas usado apenas em circunstâncias muito raras.

4 Comparativo e superlativo irregulares

Adjetivo	Grau comparativo	Grau superlativo
good (bom)	***better*** (melhor)	***the best*** (o melhor)
bad (mau)	***worse*** (pior)	***the worst*** (o pior)
little (pouco)	***less*** (menos)	***the least*** (o mínimo)
much (muito)	***more*** (mais)	***the most*** (o máximo)
many (muitos)	***more*** (mais)	***the most*** (o máximo)
far (longe)	***farther*** (mais longe)	***the farthest*** (o mais distante)

Observação: Quando o segundo termo da comparação for um pronome, vale o que foi dito no comparativo de igualdade sobre o uso do pronome oblíquo na linguagem informal.

*I am taller than **her**.*
Eu sou mais alta (do) que **ela**.

*Susan is more intelligent than **me**.*
A Susan é mais inteligente (do) que **eu**.

*Joe is more stubborn than **her**.*
O Joe é mais teimoso (do) que **ela**.

Olho Vivo na Preposição

*Conscience takes **up** more room than all the rest **of** a person's insides. (R.D., Jul. 1982, citando Mark Twain)*

*The best thing **about** the future is that it comes only one day **at** a time. (R.D., Apr. 1986)*

EXERCÍCIOS

A Escreva no comparativo, seguindo o modelo:

The avenue / long / the street.
The avenue is longer than the street.

1. Your dictionary / good / mine.
2. Jane / attractive / her sister.
3. São Paulo / polluted / Curitiba.
4. The brown suitcase / heavy / the black one.
5. Some motorcycles / expensive / certain cars.
6. Algebra / complicated / arithmetic.
7. Everybody knows that a hurricane / bad / a rainstorm.
8. Don't you think Renato/ thin / me?
9. My street / noisy / the one where you live.
10. English / simple / German.

B Escolha a única alternativa correta para preencher os espaços em branco:

I. The United States' coastline is not .... as that of Brazil.
II. The Everest is .... mountain in the world.
III. Large apes are .... than dogs.
IV. Which disease is ...., cancer or aids?
V. No snake is .... as the anaconda.

a) as beautiful — the higher — as intelligent — the worst — more strong
b) more beautiful — the most high — as intelligent — the badder — stronger
c) so beautiful — higher — more intelligent — the baddest — strongest
d) so beautiful — the highest — more intelligent — worse — as strong
e) as beautiful — highest — more intelligent — the worst — strongest

C Preencha os espaços em branco com o comparativo dos adjetivos seguintes:

hard — easy — good — bad — interesting — far — nice — fast — nervous — crowded

1. My handwriting is not so good; yours is .... .
2. Shopping centers are always .... around Christmas time.
3. Before the test, Fred was .... than Jim.
4. A rabbit runs much .... than a wolf.
5. If Paul worked .... he'd make more money.
6. I find action movies .... than dramas or comedies.
7. Where did you buy your sweater? It's much .... than mine.
8. Most people think Windows is .... to use than other types of software.
9. You're standing too close to the camera; can you move a little .... away?
10. We lost simply because our team played .... than the other team.

D Escreva no superlativo, seguindo o modelo:

That building / tall / in the city.
That building is the tallest in the city.

1. Mrs Baker bought / beautiful / flowers in the flower-shop.
2. It was / hot / day in the whole summer.
3. That was / interesting / book I've ever read.
4. They say this is / good / restaurant in town.
5. That was / difficult / problem we had to solve.
6. This is / comfortable / chair in the whole house.
7. My / bad / grades are always in math.
8. Bobby is / lazy / boy in his class.
9. In Brazil / short / days of the year are in June.
10. Who, in your opinion, is / popular / singer in the USA?

COMPARATIVOS E SUPERLATIVOS DE ADVÉRBIOS
COMPARATIVE AND SUPERLATIVE ADVERBS

1 Comparativo de igualdade: *as* + advérbio + *as*

*I'll be there **as early as** possible.*
Estarei lá **tão cedo quanto** possível.

*Claude drives **as fast as** Marcos.*
O Claude dirige **tão rápido quanto** o Marcos.
*Takeshi speaks English **as well as** José.*
O Takeshi fala inglês **tão bem quanto** o José.

2 Advérbios terminados em *ly*

- **comparativo de inferioridade**: ***less*** + advérbio + ***than***
- **comparativo de superioridade**: ***more*** + advérbio + ***than***
- **superlativo de inferioridade**: ***the least*** + advérbio
- **superlativo de superioridade**: ***the most*** + advérbio

*Lúcia drives **less carefully than** Suely.*
A Lúcia dirige **menos cuidadosamente (do) que** a Suely.
*Henry works **more slowly than** Bruno.*
O Henry trabalha **mais lentamente (do) que** o Bruno.
*Peter speaks **the least clearly**.*
O Peter (é o que) fala **menos claramente**.
*Maria dances **the most gracefully**.*
A Maria (é a que) dança **mais graciosamente**.

3 Advérbios **não** terminados em *ly*

- **comparativo de superioridade**: advérbio + ***-er*** + ***than***
- **superlativo de superioridade**: ***the*** + advérbio + ***-est***

Advérbio	Grau comparativo	Grau superlativo
fast (rapidamente)	*fast**er***	***the** fast**est***
hard (esforçadamente)	*hard**er***	***the** hard**est***
soon (logo, cedo)	*soon**er***	***the** soon**est***
late (tarde)	*lat**er***	***the** lat**est***
close (perto)	*clos**er***	***the** clos**est***

*Walter drives **faster than** Philip.*
O Walter dirige **mais rápido (do) que** o Philip.

*Sílvio drives **the fastest**.*
O Sílvio (é **o** que) dirige **mais rápido**.

Observação: Aqui também vale o que foi dito para o comparativo de adjetivos, no que se refere ao uso de pronomes. Porém, em vez de repetir o verbo no segundo termo da comparação, utilizamos o auxiliar ***do/does/did***.

Walter drives faster than Philip.
*Walter drives faster than Philip **does**.*
*Walter drives faster than he **does**.*
Walter drives faster than him.

4 Comparativo e superlativo irregulares

Advérbio	Grau comparativo	Grau superlativo
well (bem)	***better***	***the best***
badly (mal)	***worse***	***the worst***
far (longe)	***farther***	***the farthest***

Observações:

a. ***Farther*** é usado para expressar **distância física**.

I walked five blocks, my friend walked three blocks.
*I walked **farther** than my friend.*
Caminhei cinco quarteirões, meu amigo caminhou três quarteirões.
Caminhei (Fui) **mais longe** (do) que meu amigo.

b. ***Further*** significa **adicional, adicionais**.

*I need **further** information.*
Preciso de informações **adicionais**.

Para complementar o estudo desta unidade, consulte:

- ***few, a few, little, a little***, na Unidade 29;
- **por mais que**, no item 11 da Segunda Parte;
- **cada vez mais, quanto mais ... tanto mais**, no item 15 da Segunda Parte;
- **fewer** e **less**, no item 28 da Segunda Parte.

EXERCÍCIOS

A Traduza os advérbios (comparativos ou superlativos) que estão entre parênteses:

1. Richard drives *(mais cuidadosamente)* than his brother.
2. Tommy won the race because he ran *(o mais rápido)* of all.
3. You can go now, but I'll go *(mais tarde)*.
4. Charles gets the best grades because he works *(o mais esforçadamente)* of all.
5. If you speak *(mais alto)*, I'll be able to hear you.
6. I'll be there *(mais cedo/logo)* than you.
7. Dr Castro is *(o mais altamente)* respected surgeon in town.
8. He spoke so *(rapidamente)* that I wasn't able to understand him.

B Complete com ***farther*** ou ***further***:

1. Cuiabá is .... from Rio than Brasília is.
2. If you have any .... questions, don't hesitate to ask.
3. Now I'm living .... from my school than I used to.
4. Since I have no .... need of these books, I'm going to give them away.
5. John said he didn't want to discuss the matter any .... .

C Verta para o inglês:

1. O Paulo não é tão forte quanto eu.
2. Esta é a lição mais difícil do livro inteiro.
3. A casa deles é três vezes maior do que a nossa.
4. O Paulo parece mais velho, mas tem a mesma idade que o Pedro.
5. A Maria fala francês menos fluentemente do que inglês.
6. A situação estava muito pior do que eu esperava *(expect)*.
7. Você não acha que eu dirijo melhor do que meu irmão?
8. Os carros mais bonitos nem (não) sempre são os melhores.
9. O João chegou mais cedo porque veio de táxi, não de ônibus.
10. Na América do Norte, os dias mais longos são no final (fim) de junho.

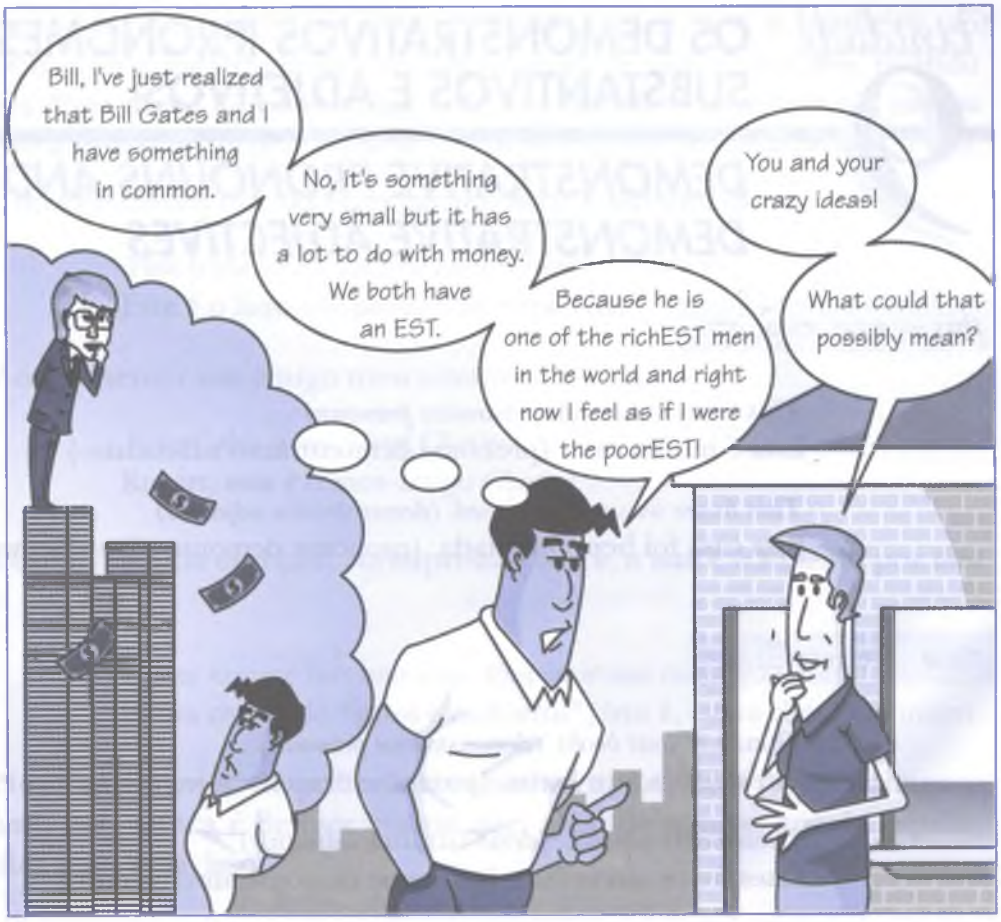
Bill, I've just realized that Bill Gates and I have something in common.
No, it's something very small but it has a lot to do with money. We both have an EST.
Because he is one of the richEST men in the world and right now I feel as if I were the poorEST!
You and your crazy ideas!
What could that possibly mean?

Unidade 9 OS DEMONSTRATIVOS (PRONOMES SUBSTANTIVOS E ADJETIVOS)

DEMONSTRATIVE PRONOUNS AND DEMONSTRATIVE ADJECTIVES

this — este, esta, isto

This is my house. (demonstrative pronoun)
Esta é minha casa. (pronome demonstrativo substantivo)

This house was well designed. (demonstrative adjective)
Esta casa foi bem projetada. (pronome demonstrativo adjetivo)

these — estes, estas

These are your books. (demonstrative pronoun)
Estes são os teus livros. (pronome demonstrativo substantivo)

These books are old. (demonstrative adjective)
Estes livros são velhos. (pronome demonstrativo adjetivo)

that — aquele, aquela, aquilo, esse, essa, isso

That is my car. (demonstrative pronoun)
Aquele é o meu carro. (pronome demonstrativo substantivo)

That car is new. (demonstrative adjective)
Aquele carro é novo. (pronome demonstrativo adjetivo)

those — aqueles, aquelas, esses, essas

Those are Swiss watches. (demonstrative pronoun)
Aqueles são relógios suíços. (pronome demonstrativo substantivo)

Those watches are expensive. (demonstrative adjective)
Aqueles relógios são caros. (pronome demonstrativo adjetivo)

Unidade 9 OS DEMONSTRATIVOS (PRONOMES SUBSTANTIVOS E ADJETIVOS)

DEMONSTRATIVE PRONOUNS AND DEMONSTRATIVE ADJECTIVES

this — este, esta, isto

This is my house. (demonstrative pronoun)
Esta é minha casa. (pronome demonstrativo substantivo)

This house was well designed. (demonstrative adjective)
Esta casa foi bem projetada. (pronome demonstrativo adjetivo)

these — estes, estas

These are your books. (demonstrative pronoun)
Estes são os teus livros. (pronome demonstrativo substantivo)

These books are old. (demonstrative adjective)
Estes livros são velhos. (pronome demonstrativo adjetivo)

that — aquele, aquela, aquilo, esse, essa, isso

That is my car. (demonstrative pronoun)
Aquele é o meu carro. (pronome demonstrativo substantivo)

That car is new. (demonstrative adjective)
Aquele carro é novo. (pronome demonstrativo adjetivo)

those — aqueles, aquelas, esses, essas

Those are Swiss watches. (demonstrative pronoun)
Aqueles são relógios suíços. (pronome demonstrativo substantivo)

Those watches are expensive. (demonstrative adjective)
Aqueles relógios são caros. (pronome demonstrativo adjetivo)

Até aqui, tudo claro, tudo fácil. Ocorre, porém, que o brasileiro, ao começar a falar inglês, geralmente cai no erro de usar muito ***this***, quando deveria dizer ***that***. Lembre-se, então, de que ***this/these*** só devem ser usados quando a pessoa ou a coisa a que se refere está muito próxima de quem fala.

Conseqüentemente, ao entregar um livro a alguém, diz-se:

> *This is the book I promised to lend you.*
> **Este** é o livro que prometi te emprestar.

Ao apresentar um amigo meu a outro:

> *Robert, **this** is my friend Charles.*
> Robert, **este** é o meu amigo Charles.

Porém, há uma exceção! Na expressão **isto é**, o **isto** é traduzido por ***that*** e não por ***this***.

> *It was raining cats and dogs, **that is**, it was raining heavily.*
> Estava chovendo "gatos e cachorros", **isto é**, estava chovendo muito.

Nos demais casos, dê preferência absoluta a ***that/those*** (principalmente ao ***that***), pois nunca é demais insistir que, além de **aquele**, **aquela**, **aquilo**, significa **esse**, **essa**, **isso**.

> *What's **that**?*
> O que é **isso**?
>
> ***That**'s what I want.*
> É **isso** o que eu quero.
>
> ***That**'s it!*
> É **isso** aí!
>
> *Who told you **that**?*
> Quem lhe disse (contou) **isso**?
>
> ***That**'s not the magazine I wanted.*
> Não é **essa** a revista que eu queria.
>
> *But **that**'s ridiculous!*
> Mas **isso** é ridículo!
>
> *Remember **that**!*
> Lembre-se **disso**!

Pelos exemplos que acabamos de dar, você já percebeu a importância prática do ***that***. Quem usa e abusa do ***that***, com desenvoltura e corretamente, mostra que dominou um detalhe do inglês que, para o brasileiro, não é fácil. Por outro lado, quem fica "amarrado" ao ***this*** mostra que ainda tem muito a aprender e a automatizar. *Remember that!*

Observação: Embora incorretas, em português, **este um**, **aquele um** são locuções usadas na linguagem informal.

— Você viu o filme *Sociedade dos Poetas Mortos*?

— Não me lembro...

— **Aquele um** sobre um professor e seus alunos.

Em inglês, tais expressões — ***this one***, ***these ones***, ***that one***, ***those ones*** — são perfeitamente corretas e bastante usadas.

— *Have you seen the film* Dead Poets Society?

— *I don't remember...*

— ***That one*** *about a teacher and his students.*

Outros exemplos:

This pen is mine, ***that one*** *is yours.*
Esta caneta é minha, **aquela** é (a) tua.

I don't want these peaches; I'd rather take ***those ones****.*
Não quero estes pêssegos; prefiro levar **aqueles**.

Don't sit on that chair; ***this one*** *is more comfortable.*
Não sente naquela cadeira; **esta** (aqui) é mais confortável.

Those books are mine; ***these ones*** *are yours.*
Aqueles livros são meus; **estes** são seus.

Outros demonstrativos menos comuns

▶▶ ***such*** — tal, tais, esse, esses, essa, essas, isso, tão

I don't believe ***such*** *stories.*
Não acredito em **tais** (**nessas**) histórias.

*Animals **such** as cats, dogs, birds...*
Animais **tais** como gatos, cães, pássaros...

*I've never seen **such** beautiful orchids.*
Nunca vi orquídeas **tão** bonitas.

*Jack is **such** a funny fellow!*
O Jack é um rapaz **tão** engraçado!

Quando depois do ***such*** vier um **substantivo no singular**, qualificado ou não, ele deve ser seguido de um artigo indefinido (***a, an***). Por isso dissemos:

*Jack is such **a** funny fellow!*
subs. sing.

mas ▶▶ *...such beautiful orchirds.*

O exemplo:

*I don't believe **such** stories.*

ficaria assim:

*I don't believe such **a** story.*
subs. sing.

▶▶ ***the one, the ones*** — o, a, os, as, os que, as que

*That was a good movie, but **the one** I saw last week was better.*
Esse foi um bom filme, mas **o que** vi na semana passada era melhor.

*Are these apples imported from Argentina? **The ones** I bought last week were delicious.*
Estas maçãs são importadas da Argentina? **As que** comprei na semana passada estavam deliciosas.

*If I were to choose between these two sweaters, I'd choose **the** gray **one**.*
Se eu fosse escolher entre estas duas blusas, escolheria **a** cinza.

▶▶ ***the former ... the latter*** — o primeiro ... o segundo

Two Kennedy brothers were assassinated: John and Robert.
***The former** was President of the USA, **the latter** was a Senator.*
Dois irmãos Kennedy foram assassinados: John e Robert.
O primeiro era presidente dos EUA, **o segundo** era senador.

EXERCÍCIOS

A Complete com ***this, these, that, those, those ones, such, the one, the ones, the former, the latter***. (Pode haver mais de uma opção correta.)

1. .... crimes deserve the death penalty!
2. Is .... what he said? He must have been joking!
3. Jorge Amado and Guimarães Rosa are both famous writers, but .... is more popular than .... .
4. .... is a nice car, but .... my cousin has is even nicer.
5. These potatoes don't look so good; .... I bought last week were much better.
6. All .... roses look beautiful, but personally I prefer the red .... .
7. Ann and Caroline are sisters; .... is a typist and .... is a receptionist.
8. Henry was .... a big liar that no one ever believed him.
9. .... pie is delicious, but .... you made last week was even better.
10. .... letter arrived this morning; .... were delivered yesterday.

B Preencha os espaços em branco com ***(the) one, (the) ones, (the) other one(s), another one***.

1. Do you like these roses?
   Yes, they are all beautiful, but I prefer the yellow .... .
2. Are you staying at the Ritz Hotel?
   No, we're staying at a less expensive .... .
3. Was Kate wearing a red dress?
   No, she was wearing a blue .... .
4. Will you take this Sinatra CD?
   No, I'll take .... with country music.
5. Which of those girls is your cousin?
   .... with the long black hair.
6. Did you like this shirt?
   Yes, but it's a little tight. Show me some .... .
7. This beer was delicious! I think I'll have .... .

C Verta para o inglês:

1. Einstein e Fermi foram ambos grandes cientistas, mas o primeiro é mais famoso do que o segundo.

EXERCÍCIOS

A Complete com ***this, these, that, those, those ones, such, the one, the ones, the former, the latter***. (Pode haver mais de uma opção correta.)

1. .... crimes deserve the death penalty!
2. Is .... what he said? He must have been joking!
3. Jorge Amado and Guimarães Rosa are both famous writers, but .... is more popular than .... .
4. .... is a nice car, but .... my cousin has is even nicer.
5. These potatoes don't look so good; .... I bought last week were much better.
6. All .... roses look beautiful, but personally I prefer the red .... .
7. Ann and Caroline are sisters; .... is a typist and .... is a receptionist.
8. Henry was .... a big liar that no one ever believed him.
9. .... pie is delicious, but .... you made last week was even better.
10. .... letter arrived this morning; .... were delivered yesterday.

B Preencha os espaços em branco com ***(the) one, (the) ones, (the) other one(s), another one***.

1. Do you like these roses?
   Yes, they are all beautiful, but I prefer the yellow .... .
2. Are you staying at the Ritz Hotel?
   No, we're staying at a less expensive .... .
3. Was Kate wearing a red dress?
   No, she was wearing a blue .... .
4. Will you take this Sinatra CD?
   No, I'll take .... with country music.
5. Which of those girls is your cousin?
   .... with the long black hair.
6. Did you like this shirt?
   Yes, but it's a little tight. Show me some .... .
7. This beer was delicious! I think I'll have .... .

C Verta para o inglês:

1. Einstein e Fermi foram ambos grandes cientistas, mas o primeiro é mais famoso do que o segundo.

2. Esta é uma lição tão difícil!
3. Este queijo foi feito na Suíça; aqueles foram feitos em Minas.
4. Este vinho é muito bom, mas o que tomei (tive) ontem era melhor.
5. Estes turistas chegaram ontem; os outros vieram na semana passada.
6. Não foi isso o que o professor disse ontem!
7. Estes chocolates são para você; aqueles são para sua irmã.
8. Esta não é a caneta que perdi; a que eu perdi era preta, não azul.

Unidade 10

OS POSSESSIVOS (PRONOMES ADJETIVOS E SUBSTANTIVOS)

POSSESSIVE ADJECTIVES AND POSSESSIVE PRONOUNS

Pronomes possessivos adjetivos		Pronomes possessivos substantivos	
Possessive adjectives		*Possessive pronouns*	
my	meu, minha	*mine*	(o) meu, (a) minha
your	teu, tua, seu, sua	*yours*	(o) teu, (a) tua, (o) seu, (a) sua
his	dele	*his*	(o)/(a) dele
her	dela	*hers*	(o)/(a) dela
its	dele, dela (neutro)	*its*	(o)/(a) dele, (o)/(a) dela (neutro)
our	nosso, nossa	*ours*	(o) nosso, (a) nossa
your	vosso, vossa, seu, sua, de vocês	*yours*	(o) vosso, (a) vossa, (o) seu, (a) sua
their	deles, delas (neutro)	*theirs*	(o)/(a) deles, (o)/(a) delas (neutro)

My car is gray. *(possessive adjective)*
Meu carro é cinza. (pronome possessivo adjetivo)

*This is **your** pen.* *(possessive adjective)*
Esta é (a) **tua** caneta. (pronome possessivo adjetivo)

*This car is **mine**.* *(possessive pronoun)*
Este carro é **meu**. (pronome possessivo substantivo)

*That house is **hers**.* *(possessive pronoun)*
Aquela casa é (a) **dela**. (pronome possessivo substantivo)

1 Para empregar corretamente um e outro é necessário levar em conta, tanto em inglês como em português, que: enquanto o **pronome possessivo adjetivo** (***possessive adjective***) serve para **qualificar** o substantivo, o **pronome possessivo substantivo** (***possessive pronoun***) tem a função de **substituí-lo**. Eis uma regra prática: o pronome possessivo adjetivo está sempre **diretamente ligado** a um substantivo.

my house (minha casa)
your bicycle (tua/sua bicicleta)
their relatives (os parentes deles)
her jacket (a jaqueta dela)

Em português, o pronome possessivo substantivo **não está diretamente ligado** a um substantivo.

*This bicycle is **mine**.*
Esta bicicleta é **minha**.

*Are these books **yours**?*
Estes livros são **teus** (**seus**)?

*No, **mine** are over there.*
Não, **os meus** estão lá.

*The shoes are **hers**, not **mine**.*
Os sapatos são **dela**, não **meus**.

2 Convém lembrar que os possessivos, em inglês, não se flexionam, isto é, valem tanto para o singular como para o plural.

*This is **my** book.*
Este é (o) **meu** livro.

*These are **my** books.*
Estes são (os) **meus** livros.

*This book is **mine**.*
Este livro é **meu**.

*These books are **mine**.*
Estes livros são **meus**.

Outros exemplos:

*This is **our** car.*
Este é (o) **nosso** carro.

*These are **our** cars.*
Estes são (os) **nossos** carros.

*This car is **ours**.*
Este carro é **nosso**.

*These cars are **ours**.*
Estes carros são **nossos**.

3 Outra coisa aparentemente óbvia, mas que vale salientar, é que a diferença de gênero — ***his, her, its*** — existe apenas no singular, e a concordância se faz com o **possuidor**. Lembre-se de que, em português, a concordância se faz com a coisa (pessoa, animal, objeto) possuída.

Douglas and his father...

Douglas e seu pai...

Bob and his mother...

Bob e sua mãe...

Mary and her brother...

Mary e seu irmão...

Mary and her sister...

Mary e sua irmã...

The city and its population... (neutro)

A cidade e sua população...

The baby and its toy... (neutro)

O nenê e seu brinquedo...

No plural, ***their*** é usado tanto para o masculino como para o feminino.

*The boys and **their** sisters...*
Os meninos e **suas** irmãs...

*The boys and **their** brothers...*
Os meninos e **seus** irmãos...

*The aunts and **their** nieces...*
As tias e **suas** sobrinhas...

*The aunts and **their** nephews...*
As tias e **seus** sobrinhos...

4 Evite cometer erros que, em última análise, decorrem de uma confusão provocada por nossa própria língua. Trata-se do emprego de **seu, sua, seus, suas**.

O diretor disse aos alunos que era **seu** dever manter a escola limpa.

Seu — de quem? Do diretor ou dos alunos? Para desfazer a confusão, podemos dizer:

O diretor disse aos alunos que era dever dele (diretor) manter a escola limpa.

ou

O diretor disse aos alunos que era dever deles (alunos) manter a escola limpa.

Com um pouco de cuidado, você evitará cair na "armadilha" do **seu, sua, seus, suas**, ao se expressar em inglês.

Em português		Refere-se a		Em inglês
seu, sua	▶▶	teu, tua, de você	◀◀	*your*
seu, sua	▶▶	dele	◀◀	*his*
seu, sua	▶▶	dela	◀◀	*her*
seus, suas	▶▶	de vocês	◀◀	*your*
seus, suas	▶▶	deles, delas	◀◀	*their*

Você e **seu** irmão...
*You and **your** brother...*

Paulo e **sua** (dele) mãe...
*Paulo and **his** mother...*

Vocês e **seus** amigos...
*You and **your** friends...*

5 Na Unidade 4 (item **e**), falamos sobre o duplo possessivo, empregado principalmente com palavras como ***friend*** (amigo), ***enemy*** (inimigo), ***relative*** (parente) e ***acquaintance*** (conhecido).

*a friend **of** my father's* (um amigo do meu pai)
*a relative **of** my neighbor's* (um parente do meu vizinho)

Algo semelhante acontece aqui com o pronome possessivo substantivo (*possessive pronoun*).

*a friend **of ours*** (um amigo nosso)
*an acquaintance **of mine*** (um conhecido meu)
*a relative **of his*** (um parente dele)
*an enemy **of hers*** (um inimigo dela)

Confira na Segunda Parte, item 61, o **uso e abuso do possessivo**.

EXERCÍCIOS

A Passe para o inglês os possessivos entre parênteses:

1. *(Meus)* shoes are black; *(os teus)* are brown.
2. *(Sua, dele)* family is rich; *(a dela)* is poor.
3. *(Sua, deles)* house is large; *(a nossa)* is small.
4. You go in *(teu)* car, and I'll go in *(meu)*.
5. Susan went to *(sua, dela)* house, and Henry went to *(a sua, dele)*.
6. George did *(sua, dele)* homework, but Peter forgot to do *(sua, dele)*.

B Preencha os espaços em branco com o possessivo adequado:

1. Robert went to .... hotel and his friends went to .... .
2. I always wash .... hands before meals. Do you wash ....?

3. Billy brushes .... teeth after breakfast, but Katie doesn't brush .... .
4. I'm going to shine .... shoes; so let me shine .... too.
5. The Hindus have .... customs and we Brazilians have .... .
6. You take care of .... bike and I'll take care of .... .

C Responda usando o pronome possessivo adequado:

Does the guitar belong to Charles?
Yes, it's his.

Do these records belong to Ann?
Yes, they're hers.

1. Does the house belong to Mrs White?
2. Does the tennis racket belong to Michael?
3. Does the bicycle belong to you?
4. Do those keys belong to Susan?
5. Do these books belong to you and your brother?
6. Does the jacket belong to Mr Baker?

D Complete o diálogo a seguir com ***my***, ***mine***, ***your***, ***yours*** e ***our***.

Billy: Listen, Johnny, how many times have I told you not to use .... pens?
Johnny: Oh, come on, Billy! Why can't we share .... things? After all, we are brothers; so what's yours is .... and what's mine is .... .
Billy: No, sir! Mother bought these pens for me, so they're .... .
Johnny: But she's .... mother too! She buys things for both of us.
Billy: Yes, but we're so different! You don't take care of .... things, and I take good care of .... . I never lose .... things and you're always losing .... . So don't give me that line "what's .... is also .... ." I don't want .... things.
Johnny: OK, if that's the way you want it. By the way, mother has just bought me a big chocolate bar. Don't you touch it! It's .... .

E Verta para o inglês:

1. Um amigo nosso sofreu (teve) um acidente ontem.
2. Meus documentos estão no meu bolso; onde estão os teus?
3. Teus olhos são azuis; os meus são castanhos (marrons).
4. Um parente meu trouxe este relógio da Europa.
5. A mãe dela e a minha são amigas.
6. Nosso carro é mais velho do que o de vocês.
7. Nós temos as nossas opiniões e eles têm as deles.
8. Lucy disse que o relógio dela está atrasado (*slow*); o problema é que o meu também está atrasado.

Unidade 11 VERBOS — OBSERVAÇÕES PRELIMINARES

VERBS — PRELIMINARY REMARKS

Em matéria de verbos, pode-se dizer que o inglês é mais simples do que o português.

Enquanto em português o verbo apresenta flexão de número (singular, plural), pessoa (1ª, 2ª, 3ª), modo (indicativo, subjuntivo, imperativo) e tempo (presente, pretérito, futuro), em inglês, o verbo **praticamente** não se flexiona. Excetuando-se o verbo ***to be***, a flexão fica por conta apenas do pretérito, do gerúndio, do particípio e da 3ª pessoa do singular do presente.

Por isso podemos dizer que o estudo dos verbos, em inglês, não requer tanto esforço de memória, mas sim que se entenda, principalmente, **quando usar** cada tempo verbal.

Além disso, na língua inglesa, inúmeros substantivos transformam-se em verbos. Basta colocar ***to*** na frente. Substantivos como, por exemplo, ***house*** (casa), ***floor*** (assoalho), ***knife*** (faca), ***pencil*** (lápis), ***bottle*** (garrafa), ***paper*** (papel), ***bus*** (ônibus) podem ser usados como verbos.

to house — abrigar, alojar
to floor — assoalhar
to knife — esfaquear
to pencil — escrever (rabiscar) a lápis
to bottle — engarrafar
to paper — cobrir ou forrar com papel
to bus — transportar em ônibus

Até mesmo preposição pode virar verbo, por exemplo, ***up*** e ***down***.

to up — aumentar, elevar
to down — derrubar, jogar ao chão

Antes de entrarmos nos verbos propriamente ditos, daremos algumas informações preliminares que servirão para guiar o estudo deste item da gramática, tão importante em qualquer língua.

Convém salientar que trabalharemos os verbos partindo do inglês, uma vez que é mais simples, não deixando de dar a terminologia em português.

1 Como já dissemos na Unidade 3, pode ser cansativa a repetição de pronomes, mas, em inglês, todo verbo pede um **sujeito expresso**.

It's very cold.
Está muito frio.

We want peace.
Queremos paz.

2 Os verbos auxiliares (*auxiliary verbs*), como o nome sugere, são aqueles que, em uma oração, ajudam outro verbo, chamado **principal**, e, às vezes, não têm sentido isoladamente.
Em inglês, podemos dividir os verbos auxiliares em duas categorias, de acordo com a função que assumem na oração:

a. aqueles que não mudam o sentido do verbo principal

- ***to be*** — auxilia na formação da ***passive voice*** (voz passiva) e dos ***progressive tenses*** (locuções verbais).

Hamlet *was written by Shakespeare.* (*passive voice*)
v.a. v.p.

Hamlet foi escrito por Shakespeare.

I am working. (*progressive tense*)
v.a. v.p.

Eu estou trabalhando.

- ***to do / does*** — auxilia na forma interrogativa e negativa do ***simple present*** (presente) e do ***simple past*** (pretérito perfeito/imperfeito).

Do you work here?
v.a. v.p.

Você trabalha aqui?

Does she play the piano?
v.a. v.p.

Ela toca piano?

I didn't go to the movies yesterday.
v.a. v.p.

Eu não fui ao cinema ontem.

▶▶ ***to have*** — auxilia na formação dos ***perfect tenses*** (tempos compostos).

I have worked a lot lately. *(present perfect)*
v.a. v.p.

Eu tenho trabalhado muito ultimamente.

He had already been there. *(past perfect)*
v.a. v.p.

Ele já tinha estado lá.

Não esqueça que esses três verbos funcionam também como verbo principal.

*I **am** late.*
Eu **estou** atrasado.

*He **has** a fast car.*
Ele **tem** um carro veloz.

*We **did** the homework.*
Nós **fizemos** a tarefa.

Já estudamos o verbo ***to be*** na Unidade 5; deixaremos o verbo ***to have*** para a Unidade 15, e o verbo ***to do*** para a Segunda Parte, item 72.

b. aqueles que mudam ou completam o sentido do verbo principal, sendo usados para indicar capacidade, habilidade, obrigação, permissão ou possibilidade. São os chamados ***modal auxiliaries*** ou ***modal verbs*** — ***can***, ***could***, ***may***, ***might***, ***must***, ***ought***, ***shall***, ***should***, ***will***, ***would***.

You can use my car tomorrow. (permissão)
modal v.p.

Você pode usar meu carro amanhã.

She must study! (obrigação)
modal v.p.

Ela deve estudar!

Convém salientar que os ***modal auxiliaries*** não possuem todos os tempos verbais.

Os ***modal* auxiliaries** serão estudados detalhadamente na Unidade 20 e 21.

3 À semelhança da nossa gramática, a gramática inglesa fala em três modos do verbo:

- ***indicative mood*** (modo indicativo) — exprime um fato certo, real;
- ***subjunctive mood*** (modo subjuntivo) — exprime incerteza, condição, possibilidade;
- ***imperative mood*** (modo imperativo) — exprime um conselho, uma ordem, um pedido.

Dentre eles, o modo indicativo é o mais usado.

Diferentemente do português, o modo subjuntivo quase desapareceu do inglês corrente, restando apenas algumas formas.

O **modo subjuntivo** e o **modo imperativo** serão estudados na Unidade 19.

4 Vejamos, resumidamente, os tempos verbais (*verb tenses*) do inglês.

MODO INDICATIVO — *INDICATIVE MOOD*			
TEMPOS SIMPLES *SIMPLE TENSES*		LOCUÇÕES VERBAIS *PROGRESSIVES TENSES*	
Simple Present – Presente		***Present Progressive***	
*I **work** every day.*		*I **am working** now.*	
Eu **trabalho** todos os dias.		Eu **estou trabalhando** agora.	
Simple Past – Pretérito Perfeito/Imperfeito		***Past Progressive***	
*I **worked** yesterday.*		*I **was working** when he arrived.*	
Eu **trabalhei** ontem.		Eu **estava trabalhando** quando ele chegou.	
Simple Future – Futuro do Presente		***Future Progressive***	
*I **will work** tomorrow.*		*I **will be working** when you come.*	
Eu **trabalharei** amanhã.		Eu **estarei trabalhando** quando você vier.	

continua ▶▶

MODO INDICATIVO — *INDICATIVE MOOD*			
TEMPOS COMPOSTOS *PERFECT TENSES*	***Present Perfect*** Pretérito Perfeito Composto	LOCUÇÕES VERBAIS COMPOSTAS *PERFECT PROGRESSIVE TENSES*	***Present Perfect Progressive***
	*I **have worked** a lot lately.*		*I **have been working** for two hours.*
	Eu **tenho trabalhado** muito ultimamente.		Eu **tenho estado trabalhando** por duas horas. (Há duas horas que estou trabalhando.)
	Past Perfect Pretérito Mais-que-Perfeito Composto		***Past Perfect Progressive***
	*I **had** already **worked** for two hours when she arrived.*		*I **had been working** for two hours when I stopped for a rest.*
	Eu já **tinha trabalhado** por duas horas quando ela chegou.		Eu **tinha estado trabalhando** por duas horas quando parei para descansar.
	Future Perfect Futuro do Presente Composto		***Future Perfect Progressive***
	*By five o'clock, I **will have worked** for two hours.*		*By May, I **will have been working** for this company for three years.*
	Até às cinco horas, eu **terei trabalhado** duas horas.		Em maio, eu **terei estado trabalhando** nesta empresa há três anos.

Observações:

a. Em inglês, os ***progressive tenses*** constituem tempos verbais, porém em português não. Em nossa gramática, eles são classificados como **locuções verbais** (verbo **estar** + **gerúndio**). Por isso, não estranhe se não usamos a denominação tempo progressivo, inadequadamente adotada em muitos livros, uma vez que esse tempo verbal não existe. Lembre-se de que, no português, tempos compostos, que utilizam **ter** e **haver** como verbos auxiliares, também constituem locuções verbais.

It is raining. (present progressive)
Está chovendo. (locução verbal)

I am working. (present progressive)
Estou trabalhando. (locução verbal)

I have studied a lot lately. (present perfect)
Tenho estudado muito ultimamente. (pretérito perfeito composto)

b. Note que para cada ***simple tense*** e ***perfect tense*** há um ***progressive tense*** correspondente. Enquanto os ***simple tenses*** e os ***perfect tenses*** indicam o **tempo da ação ou do evento**, os ***progressive tenses*** indicam sua **duração**.

c. O gerúndio é formado com o acréscimo de *-ing* (**-ando**, **-endo**, **-indo**, **-ondo**) ao verbo no infinitivo sem ***to***.

I am reading.
Estou **lendo**.

He is studying.
Ele está estud**ando**.

d. Você deve ter observado que no quadro não aparece o **futuro do pretérito** (cantaria, faria, partiria, estudaria). Pois bem, em inglês, o futuro do pretérito é formado com o auxílio do *modal verb* ***would***, não sendo classificado como tempo verbal. Geralmente, ele é estudado junto com as **orações condicionais** (*if clauses*).

O **futuro do pretérito** será estudado na Unidade 20 e 22.

e. Além do futuro do pretérito, também não aparece no quadro o **pretérito mais-que-perfeito** (cantara, fizera, partira, dançara). Em inglês, esse tempo verbal não existe, ou melhor, existe apenas na forma composta (tinha cantado, tinha feito, tinha partido, tinha dançado).

5 Da mesma forma que o português, o inglês também possui verbos regulares e irregulares.

- **verbos regulares** — formam o pretérito (*past*) e o particípio (*past participle*) acrescentando-se ***-ed*** ao infinitivo.

- **verbos irregulares** — **não** formam o pretérito (*past*) e o particípio (*past participle*) com ***-ed***. O pretérito e o particípio desses verbos podem ter formas diferentes ou iguais ao infinitivo.

Verbo	Infinitivo	Pretérito	Particípio
	Infinitive	*Past*	*Past Participle*
Regular	*work* (trabalhar)	*worked*	*worked*
	live (morar)	*lived*	*lived*
	jump (pular)	*jumped*	*jumped*
	walk (andar)	*walked*	*walked*
Irregular	*drink* (beber)	*drank*	*drunk*
	read (ler)	*read*	*read*
	cut (cortar)	*cut*	*cut*
	sleep (dormir)	*slept*	*slept*

Os verbos irregulares não são muitos, mas é necessário **decorá-los**!

No **Apêndice**, você encontrará a lista de verbos irregulares com ***past, past participle*** e **tradução** (p. 493 a 496).

6 Ao acrescentar *-ed* para formar o pretérito e *-ing* para formar o gerúndio, alguns verbos sofrem alteração na grafia.

Regra	-ed	-ing
▸▸ Verbos terminados em ***e***	acrescenta-se apenas ***-d*** *hope — hoped* *live — lived*	elimina-se o ***e*** antes de acrescentar ***-ing*** *hope — hoping* *live — living*
▸▸ Verbos de uma sílaba, terminados em consoante precedida de uma única vogal	repete-se a consoante final antes de acrescentar ***-ed*** *stop — stopped* *rob — robbed*	repete-se a consoante final antes de acrescentar ***-ing*** *stop — stopping* *rob — robbing*
▸▸ Verbos de duas sílabas, sendo a segunda tônica	repete-se a consoante final antes de acrescentar ***-ed*** *prefer — preferred* *control — controlled*	repete-se a consoante final antes de acrescentar ***-ing*** *prefer — preferring* *control — controlling*
▸▸ Verbos terminados em ***y***	se for precedido de consoante, o ***y*** é substituído por ***i*** antes de acrescentar ***-ed*** *study — studied* *try — tried*	conserva-se o ***y***, acrescentando-se ***-ing*** *study — studying* *try — trying*
▸▸ Verbos terminados em ***ie***	acrescenta-se ***-d*** *die — died* *lie — lied*	substitui-se ***ie*** por ***-y*** antes de acrescentar ***-ing*** *die — dying* *lie — lying*

7 À semelhança do português, encontramos na gramática inglesa a **voz ativa** e a **voz passiva**. Os tempos verbais serão estudados na voz ativa, sendo reservada uma unidade para o estudo da voz passiva (Unidade 23).

8 Por fim, é importante dominar os tempos verbais em inglês, pois servirão para o estudo de outras unidades:

- voz passiva
- orações condicionais
- discurso indireto
- pronomes relativos

EXERCÍCIO

Dê o significado e a grafia correta do gerúndio (***-ing***) e do pretérito (***-ed***) dos seguintes verbos regulares:

fry — *fritar* — *frying* — *fried*

1. act
2. open
3. die
4. earn
5. boil
6. try
7. stay
8. tape
9. tap
10. offer
11. refer
12. gain
13. plan
14. tie
15. help
16. study
17. admit
18. visit
19. hug
20. bore
21. dry
22. guide
23. refer
24. simplify
25. cry
26. succeed
27. bury
28. lie
29. trim
30. argue

Unidade 12

O PRESENTE

SIMPLE PRESENT — PRESENT PROGRESSIVE

Nesta unidade, estudaremos o ***simple present*** e o ***present progressive***, dando ênfase a **quando usar** esses tempos verbais.

Você verá que não se trata de decorar, mas de entender.

Como já dissemos, em inglês, os verbos praticamente não se flexionam. Um dos casos em que ocorre a flexão é exatamente o ***simple present***, na 3ª pessoa do singular. Nada complicado! Basta acrescentar um ***-s*** ao infinitivo sem ***to***, considerando as regras do plural dos substantivos.

Relembrando!

1. Se o verbo termina em ***o, ch, s, ss, sh, x*** ou ***z***, acrescenta-se ***-es*** para formar a 3ª pessoa do singular.

   go (ir) → *go**es***
   *cat**ch*** (pegar) → *catch**es***
   *pa**ss*** (passar) → *pass**es***
   *bru**sh*** (escovar) → *brush**es***
   *fi**x*** (consertar) → *fix**es***
   *bu**zz*** (zumbir) → *buzz**es***

2. Caso o verbo termine em ***y*** precedido de consoante, troca-se o ***y*** por ***i*** e acrescenta-se ***-es***. Sendo o ***y*** precedido de vogal, basta acrescentar um ***-s***.

   *tr**y*** (tentar, experimentar) → *tr**ies***
   *stud**y*** (estudar) → *stud**ies***
   mas ▶▶ *enj**oy*** (gostar, apreciar) → *enj**oys***
   *pl**ay*** (jogar, brincar, tocar) → *pl**ays***

SIMPLE PRESENT

Forma afirmativa

sujeito + infinitivo (– ***to***)

sujeito + infinitivo (– ***to***) + ***-s*** 3ª pessoa do singular

*I **play** the piano.*
Eu toco piano.

*She **plays** the flute.*
Ela toca flauta.

*We **play** different instruments.*
Nós tocamos instrumentos diferentes.

Forma negativa

sujeito + ***do not*** + infinitivo (– ***to***)
(***don't***)

sujeito + ***does not*** + infinitivo (– ***to***) 3ª pessoa do singular
(***doesn't***)

*He **doesn't like** spinach.*
Ele não gosta de espinafre.

*She **doesn't like** spinach.*
Ela não gosta de espinafre.

*They **don't like** spinach.*
Eles não gostam de espinafre.

Forma interrogativa

do + sujeito + infinitivo (– ***to***)

does + sujeito + infinitivo (– ***to***) 3ª pessoa do singular

***Do** you **go** to the movies every week?*
Você vai ao cinema toda semana?

***Does** she **study** English?*
Ela estuda inglês?

***Does** it **work**?*
Isso funciona?

Observações:

a. Na forma negativa e interrogativa usamos o auxiliar ***do***, sendo ***does*** para a 3ª pessoa do singular, pois aqui também vale a flexão.

b. Na forma negativa, podemos fazer a contração:

do not → *don't*
does not → *doesn't*

PRESENTE — *SIMPLE PRESENT*		
Affirmative form	***Negative form***	***Interrogative form***
I/You work	*I/You don't work*	*Do I/you work?*
He/She/It works	*He/She/It doesn't work*	*Does he/she/it work?*
We/You/They work	*We/You/They don't work*	*Do we/you/they work?*
Forma afirmativa	**Forma negativa**	**Forma interrogativa**
Eu trabalho	Eu não trabalho	Eu trabalho?
Tu trabalhas /	Tu não trabalhas /	Tu trabalhas? /
Você trabalha	Você não trabalha	Você trabalha?
Etc.	Etc.	Etc.

Observação: A propósito do verbo ***to work***, é importante salientar que, além de significar **trabalhar**, ele é muitíssimo usado no sentido de **funcionar**, quando então o sujeito neutro *IT* é empregado:

This is a good machine; it works very well.
Esta é uma boa máquina; (ela) funciona muito bem.

What's the matter with the phone? It's not working!
O que é que está havendo com o telefone? Não está funcionando!

Outros exemplos da forma interrogativa e da negativa:

Do you like country music?
Você gosta de música *country*?

I don't speak Japanese.
Eu não falo japonês.

Where does he live?
Onde (é que) ele mora?

He doesn't live in São Paulo.
Ele não mora em São Paulo.

Para facilitar a compreensão dos tempos verbais, utilizaremos o seguinte diagrama:

No diagrama, de acordo com o tempo verbal, poderá aparecer um (ou mais de um) dos seguintes símbolos:

— *now* (agora) refere-se ao momento da fala

● — refere-se ao momento em que a ação ocorre

→ — representa a ação em progresso

— — representa o período em que a ação ocorre, ocorreu ou ocorrerá

QUANDO USAR O *SIMPLE PRESENT*

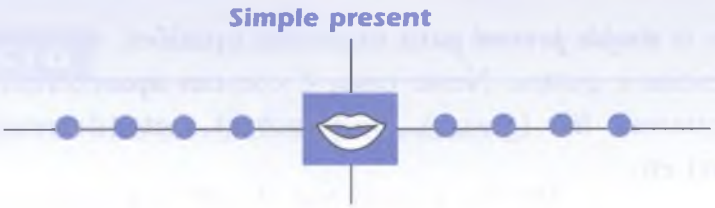

1 Usamos o ***simple present*** para expressar algo que era verdade no passado, é verdade no presente e será verdade no futuro. Ou seja, para expressar verdades gerais, postulados, leis.

The Earth is round.
A Terra é redonda.

The sun rises in the east.
O sol se levanta no leste.

Water freezes at 0° C.
A água congela a 0°C.

2 Usa-se o ***simple present*** para falar de hábitos, rotina, acontecimentos ou ações que ocorrem regularmente ou com freqüência. Nesse caso, é comum o uso de advérbios de freqüência, tais como: ***always***, ***often***, ***sometimes***, ***usually***, ***normally***, ***every day*** (*week, month, year, Sunday* ...). Porém, eles não são obrigatórios, nem são usados exclusivamente com o *simple present.*

I get up at seven o'clock every day.
Eu me levanto às sete horas todos os dias.

It usually rains a lot in spring.
Geralmente, chove muito na primavera.

I often go to the movies.
Eu vou ao cinema com freqüência.

3 O ***simple present*** indica uma situação atual ou uma condição geral.

My sister works in a large store.
Minha irmã trabalha numa grande loja.

Jane speaks French fluently.
A Jane fala francês fluentemente.

I live in New York.
Eu moro em Nova Iorque.

4 Usamos o ***simple present*** para expressar opiniões, sentimentos, desejos, preferências e gostos. Nesse caso, é comum aparecerem verbos como ***want*** (querer), ***like*** (gostar), ***think*** (achar), ***hate*** (detestar, odiar), ***hope*** (esperar) etc.

I think you are right.
Eu acho que você está certo (tem razão).

I hope so.
Espero que sim.

He hates cabbage.
Ele detesta repolho.

5 O ***simple present*** também é empregado para substituir o futuro do subjuntivo (conforme voltaremos a salientar mais adiante, na Unidade 19), que não existe em inglês. Ocorre mais freqüentemente com ***if*** (se) e ***when*** (quando).

I'll be very happy if mother makes an apple pie.
Ficarei muito contente se mamãe fizer uma torta de maçã.

When you come to my house, I'll show you the photos.
Quando você vier à minha casa, eu lhe mostrarei as fotos.

6 Além de todos esses usos, podemos usar o ***simple present*** para expressar acontecimentos futuros sobre os quais não temos controle, isto é, acontecimentos que têm data ou hora marcada.

The plane leaves for Miami at 11:00 P.M.
O avião parte para Miami às 23:00.

The tournament begins next Saturday.
O campeonato começa no próximo sábado.

The museum opens at ten tomorrow.
O museu abre às dez amanhã.

Observação: ***Do*** e ***does*** podem ser utilizados em sentenças afirmativas para dar ênfase ao que se fala.

*He **does** believe in God.*
Ele acredita (sim) em Deus.

*I don't speak Italian, but I **do** speak Japanese.*
Eu não falo italiano, mas falo (sim) japonês.

EXERCÍCIO

Coloque os verbos na forma correta do ***simple present***:

1. The bank (open) at 10:00 A.M. and (close) at 4:00 P.M.
2. What time (Paul/go) to school?
3. If the movie (start) on time, it will be over before 10 P.M.
4. I have a bicycle but I (not use) it very often.
5. A: (you/play) the guitar?
   B: Yes, but I (not play) very well.
6. My Uncle George (not drink) but he (smoke) a lot.
7. A: (the concert/begin) at 8:00 P.M.?
   B: No, it (begin) at 9:00 P.M.
8. A: (Tom/drive) to work every day?
   B: No, sometimes he (go) by bus.
9. Sandra (brush) her teeth after meals and before going to bed.
10. When Tony (arrive) we'll start the game.

Um excelente exemplo do uso do *simple present* é a seguinte anedota publicada pela revista *Reader's Digest*, edição de outubro de 1995, na qual a quase totalidade dos verbos está no *simple present*.

Two highway workers are at a construction site when a car with diplomatic plates pulls up.

"Parlez vous français?" the driver asks. The two workers just stare.

"Hablan ustedes español?" They stare some more.

"Sprechen Sie Deutsch?" They continue to stare.

"Parlate italiano?" Nothing. Finally the man drives off in disgust.

One worker turns to the other and says, "Maybe we should learn a foreign language."

"What for?" the other replies. "That guy speaks four of them and it didn't do him any good!"

PRESENT PROGRESSIVE

Para formar o ***present progressive*** utilizamos o presente do verbo ***to be*** (estar) junto com o gerúndio (***-ing***) do verbo principal.

Forma afirmativa

sujeito + ***be*** + infinitivo (– ***to***) + ***-ing***

presente — gerúndio

*I **am expecting** a phone call.*
Estou aguardando um telefonema.

*He **is working** now.*
Ele está trabalhando agora.

*They **are playing** basketball.*
Eles estão jogando basquetebol.

Forma negativa

sujeito + ***be*** + ***not*** + infinitivo (– ***to***) + ***-ing***

presente — gerúndio

*I'm **not talking** to you.*
Eu não estou falando com você.

*He's **not studying** hard enough.*
Ele não está estudando com empenho suficiente.

*You **aren't eating**.*
Você não está comendo.

Forma interrogativa

be + sujeito + infinitivo (– ***to***) + ***-ing***
presente — gerúndio

*Are you **kidding**?*
Você está brincando?

*What **is** she **doing**?*
O que ela está fazendo?

*Where **are** they **going** (to)?*
Para onde eles estão indo?

Observações:

a. O presente do verbo ***to be***, na forma afirmativa, negativa e interrogativa, encontra-se na Unidade 5. Caso necessário, consulte-a.

b. Os ***progressive tenses*** também são chamados de ***continuous tenses***. Por isso, não estranhe se, em algum livro, você encontrar ***present continuous*** em vez de ***present progressive***.

c. Não se esqueça de que alguns verbos sofrem alteração na grafia com o acréscimo de ***-ing***. Em caso de dúvida, retome o item 6 da Unidade 11.

PRESENT PROGRESSIVE		
Affirmative form	**Negative form**	**Interrogative form**
I am working	I'm not working	Am I working?
You are working	You're not working	Are you working?
He/She/It is working	He's/She's/It's not working	Is he/she/it working?
We/You/They are working	We're/You're/They're not working	Are we/you/they working?

continua

Forma afirmativa	Forma negativa	Forma interrogativa
Eu estou trabalhando	Eu não estou trabalhando	Eu estou trabalhando?
Tu estás/ Você está } trabalhando	Tu não estás/ Você não está } trabalhando	Tu estás/ Você está } trabalhando?
Etc.	Etc.	Etc.

Mais alguns exemplos:

Be quiet! The baby is sleeping.
Fique quieto! O bebê está dormindo.

She is writing a letter to her mother.
Ela está escrevendo uma carta para a mãe dela.

Are you studying for the test?
Você está estudando para a prova?

No, I'm not studying for the test.
Não, eu não estou estudando para a prova.

What are you thinking about?
Em que você está pensando?

Quando usar o *Present Progressive*

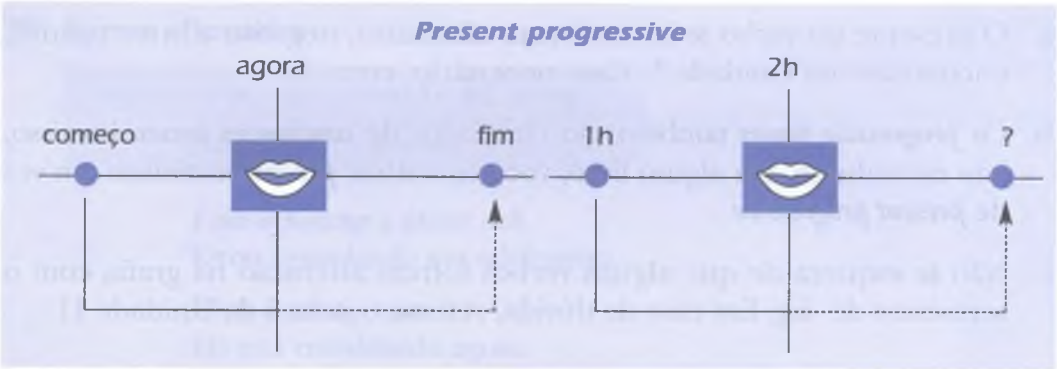

1 Usamos o ***present progressive*** para expressar ações (atividades, situações) que estão ocorrendo no momento em que se fala. A ação tem início antes do momento da fala, continua no momento em que se fala e, provavelmente, continuará depois do momento da fala.

My brother is still sleeping.
Meu irmão ainda está dormindo.

Are you doing your homework now?
Você está fazendo sua tarefa agora?

I need an umbrella because it is raining.
Preciso de um guarda-chuva porque está chovendo.

2 Quando nos referimos a um fato que está acontecendo no período (semana, mês, ano) em que se fala, não necessariamente naquele exato momento, também usamos o ***present progressive***.

I'm reading a very interesting book.
Estou lendo um livro muito interessante.

Is your cousin working for IBM?
O teu primo está trabalhando na IBM?

My sister is studying at Miami University.
Minha irmã está estudando na Universidade de Miami.

3 Usamos o ***present progressive*** para descrever uma situação que está se alterando no momento ou na época em que se fala.

The sky is getting cloudy.
O céu está ficando nublado.

The price of gasoline is going up again.
O preço da gasolina está subindo de novo.

4 Usa-se o ***present progressive*** para descrever ações que se repetem ou que ocorrem com freqüência. Nesse caso, temos o advérbio ***always*** (sempre), que se posiciona entre o verbo ***to be*** e o verbo principal.

She is always complaining about the children.
Ela está sempre se queixando das crianças.

Tom is always telling the same jokes.
O Tom está sempre contando as mesmas piadas.

With inflation, prices are always rising!
Com a inflação, os preços estão sempre subindo!

5 Podemos usar o ***present progressive*** para nos referirmos a ações futuras planejadas ou previstas.

Hurry up! The bus is leaving in a few minutes!
Depressa! O ônibus está saindo dentro de alguns minutos!

Next year, we are spending our vacation at the seashore.
No próximo ano, vamos passar nossas férias na praia.

She's leaving for London tomorrow.
Ela parte para Londres amanhã.

Observação: Existem verbos que, normalmente, não são usados nos *progressive tenses* em inglês, muito embora o sejam em português. São eles:

- **verbos dos sentidos** — *hear* (ouvir), *taste* (saborear), *smell* (cheirar), *see* (ver)...

  I hear a strange noise.
  Ouço um ruído estranho.

  nunca ▶▶| *I'm hearing a strange noise.*
  Estou ouvindo um ruído estranho. (válido em português)

  This fish smells bad.
  Este peixe cheira mal.

  nunca ▶▶| *This fish is smelling bad.*
  Este peixe está cheirando mal. (válido em português)

- **verbos que envolvem atividade mental** — *know* (conhecer, saber), *believe* (acreditar, crer), *think* (achar, pensar que), *understand* (entender), *recognize* (reconhecer), *remember* (lembrar), *forget* (esquecer), *mean* (significar, querer dizer)...

  I don't recognize him.
  Não o reconheço.

  nunca ▶▶| *I'm not recognizing him.*
  Não o estou reconhecendo. (válido em português)

  I know about your feats.
  Sei das suas façanhas.

  nunca ▶▶| *I'm knowing about your feats.*
  Estou sabendo das suas façanhas. (válido em português)

- **verbos que significam posse** — *have* (ter), *own* (possuir), *possess* (possuir), *belong* (pertencer)... Nesse caso, o mesmo ocorre em português.

He has a car.
Ele tem um carro.

That belongs to me.
Isso me pertence.

▶▶ **verbos que exprimem opinião, sentimento ou desejo** — *want* (querer), *prefer* (preferir), *need* (precisar), *appreciate* (apreciar), *like* (gostar), *dislike* (não gostar), *love* (amar), *hate* (odiar, detestar), *detest* (detestar), *seem* (parecer), *look* (parecer com)...

She needs more money.
Ela precisa de mais dinheiro.

nunca ▶▶| *She is needing more money.*
Ela está precisando de mais dinheiro. (válido em português)

I want to take a trip.
Quero fazer uma viagem.

nunca ▶▶| *I'm wanting to take a trip.*
Estou querendo fazer uma viagem. (válido em português)

I like the food.
Gosto da comida.

nunca ▶▶| *I'm liking the food.*
Estou gostando da comida. (válido em português

Olho Vivo na Preposição

Sometimes a majority simply means that all the fools are **on** *the same side. (R.D., May 1982)*

EXERCÍCIOS

A Coloque os verbos no ***present progressive***:

1. What time (you/leave) tomorrow?
2. He (always/make) the same mistakes!
3. A: What (you/do) here?
   B: I (wait) for the bus that goes downtown.
4. Look! The dog (run) after the cat!
5. Mary's on a diet, that's why she (not eat) any sweets.
6. I (look) for a bookstore; is there one nearby?
7. (she/study) to be a dentist?
8. Nowadays people (become) more ecology-minded.

B Leia as frases seguintes observando se os verbos destacados estão sendo usados corretamente. Caso não estejam, coloque-os na forma correta:

1. *Are* you *seeing* that car near the gate? It belongs to my brother.
2. Johnny *is looking* very much like his father.
3. Look! Someone *is calling* you from across the street.
4. A: *Are* you *believing* that he *is telling* the truth?
   B: No, I think that he *lies*.
5. Sorry, but I*'m not remembering* your telephone number.
6. I *think* that Paul *is wanting* to sell his motorcycle.

C Use o ***simple present*** ou o ***present progressive***, conforme for o caso:

1. Professor Almeida (teach) history in the university and, at the moment, he (write) a biography of Rui Barbosa.
2. Please, don't make so much noise. I (try) to study.
3. Johnny usually (sit) in the front row during class, but today he (sit) in the last row.
4. Mr Souza is the man who (stand) by the window and (smoke) a cigar.
5. A: (you/know) who that lady is?
   B: No, I (not recognize) her.
6. Helen (go) to the hairdresser every Saturday, but today she (not go) because she is too busy.

D Verta para o inglês:

1. A grama cresce rapidamente quando chove muito durante o verão.
2. O ônibus está chegando (vindo) e não quero perdê-lo.
3. O concerto começa às 20:00. Você comprou as entradas (*tickets*)?

4. Não estou ouvindo a explicação do professor porque há muito barulho na rua.
5. Não estou me lembrando do seu número de telefone; você pode repeti-lo, por favor?
6. A: Este CD pertence a você?
   B: Não, ele pertence a meu primo.
7. Maria diz que tem apenas 35 anos. Você acredita nela?
8. Estou lendo um livro muito interessante no qual o autor usa muitos termos de gíria.

Unidade 13

O PRETÉRITO PERFEITO/IMPERFEITO

SIMPLE PAST — PAST PROGRESSIVE

Na Unidade 11 vimos que os verbos, em inglês, podem ser classificados em regulares e irregulares, de acordo com a forma do pretérito. Considerando que o pretérito dos verbos leva a terminação em ***-ed*** (regular) ou tem forma diferente ou igual ao infinitivo (irregular), torna-se fácil o estudo do ***simple past***, uma vez que o verbo não é flexionado em nenhuma pessoa, repetindo-se em todas elas.

Caso você encontre dificuldade para formar o pretérito em ***-ed***, retome o item 6 da Unidade 11. Quanto aos verbos irregulares, consulte a lista da página 493 à 496.

Resta apenas lembrar o que foi dito na Unidade 5, quando estudamos o verbo ***to be***: o ***simple past*** equivale ao nosso **pretérito perfeito** e também ao **pretérito imperfeito**.

SIMPLE PAST

Forma afirmativa

sujeito + $\underbrace{\text{infinitivo (– } \textit{to}\text{) + } \textit{-ed}}_{\text{pretérito}}$ verbos regulares

sujeito + pretérito do verbo verbos irregulares

*He **cleaned** his bedroom yesterday.*
Ele limpou o quarto dele ontem.

*I **opened** the window because it was too hot.*
Eu abri a janela porque estava quente demais.

*Oscar Wilde **wrote*** The Portrait of Dorian Gray.
Oscar Wilde escreveu *O Retrato de Dorian Gray.*

Forma negativa

sujeito + ***did not*** + infinitivo (– ***to***) ***(didn't)***	verbos regulares e irregulares

*It's not fair! Joe **didn't work** as much as Paul.*
Não é justo! O Joe não trabalhou tanto quanto o Paul.

*They **didn't pay** the bill.*
Eles não pagaram a conta.

*She **didn't say** that.*
Ela não disse isso.

Forma interrogativa

did + sujeito + infinitivo (–***to***)	verbos regulares e irregulares

*Where **did** they **go**?*
Para onde eles foram?

***Did** you **arrive** yesterday?*
Você chegou ontem?

***Did** he **leave** last week?*
Ele partiu na semana passada?

Observações:

a. Você deve ter notado que o pretérito dos verbos regulares e irregulares é utilizado apenas na forma afirmativa, uma vez que a forma interrogativa e a negativa são compostas pelo auxiliar ***do*** no pretérito — ***did*** — mais o verbo no infinitivo sem ***to***.

b. Na forma negativa, podemos fazer a contração:

did not → *didn't*

c. Para a forma afirmativa, a solução é **memorizar** o pretérito dos verbos irregulares. Bastará uma rápida olhada na lista de verbos irregulares para você se convencer de que eles são os verbos mais usados.

to go (ir) → *past: went*
to come (vir) → *past: came*

to see (ver) → *past: saw*
to say (dizer) → *past: said*
to tell (dizer, contar) → *past: told*
to think (achar, pensar que) → *past: thought*

d. Embora não seja nossa intenção entrar no complicado campo da pronúncia, neste livro, achamos necessário abrir aqui uma exceção. Na terminação ***-ed*** do pretérito dos verbos regulares, o ***e*** só é vocalizado quando precedido de ***t*** ou ***d***. Em alguns casos, o ***d*** de ***-ed*** é pronunciado com som de ***t***.

"e" vocalizado		"e" não-vocalizado	
pretérito regular	**pronúncia**	**pretérito regular**	**pronúncia**
started (começou)	*stárted*	*cleaned* (limpou)	*clind*
needed (precisou)	*níded*	*loved* (amou)	*lóvd*
painted (pintou)	*pêinted*	*filled* (encheu)	*fild*
treated (tratou)	*tríted*	*arrived* (chegou)	*aráivd*

Essa regra deve ser respeitada mesmo nos casos em que a pronúncia se torna difícil, como acontece com ***worked*** e ***changed***.

worked → pronunciar ***uôrkt***
changed → pronunciar ***tchêindjd***

Apenas no caso de ***asked*** aceita-se a pronúncia ***ast***, porque, especialmente no meio de uma frase, é muito difícil pronunciar ***askt***.

e. À semelhança do *simple present*, no ***simple past*** também usamos ***did*** em afirmativas para dar ênfase ao que se fala.

*I know that he **did** say it!*
Eu sei que (de fato) ele disse!

*We **did** go to the game last Sunday!*
Nós fomos (sim) ao jogo no domingo passado!

*I **did** tell the truth!*
Eu contei a verdade (sim)!

*She **did** know the situation!*
Ela sabia (sim) da situação!

to see (ver) → *past: saw*
to say (dizer) → *past: said*
to tell (dizer, contar) → *past: told*
to think (achar, pensar que) → *past: thought*

d. Embora não seja nossa intenção entrar no complicado campo da pronúncia, neste livro, achamos necessário abrir aqui uma exceção. Na terminação ***-ed*** do pretérito dos verbos regulares, o ***e*** só é vocalizado quando precedido de ***t*** ou ***d***. Em alguns casos, o ***d*** de ***-ed*** é pronunciado com som de ***t***.

"e" vocalizado		"e" não-vocalizado	
pretérito regular	**pronúncia**	**pretérito regular**	**pronúncia**
started (começou)	*stárted*	*cleaned* (limpou)	*clind*
needed (precisou)	*níded*	*loved* (amou)	*lóvd*
painted (pintou)	*pêinted*	*filled* (encheu)	*fild*
treated (tratou)	*tríted*	*arrived* (chegou)	*aráivd*

Essa regra deve ser respeitada mesmo nos casos em que a pronúncia se torna difícil, como acontece com ***worked*** e ***changed***.

worked → pronunciar ***uôrkt***
changed → pronunciar ***tchêindjd***

Apenas no caso de ***asked*** aceita-se a pronúncia ***ast***, porque, especialmente no meio de uma frase, é muito difícil pronunciar ***askt***.

e. À semelhança do *simple present*, no ***simple past*** também usamos ***did*** em afirmativas para dar ênfase ao que se fala.

*I know that he **did** say it!*
Eu sei que (de fato) ele disse!

*We **did** go to the game last Sunday!*
Nós fomos (sim) ao jogo no domingo passado!

*I **did** tell the truth!*
Eu contei a verdade (sim)!

*She **did** know the situation!*
Ela sabia (sim) da situação!

SIMPLE PAST — PRETÉRITO PERFEITO/IMPERFEITO	
Affirmative form	**Forma afirmativa**
I worked	Eu trabalhei — trabalhava
You worked	Tu trabalhaste — trabalhavas/ Você trabalhou — trabalhava
He/She/It worked	Etc.
We/You/They worked	
Negative form	**Forma negativa**
I didn't work	Eu não trabalhei — trabalhava
You didn't work	Tu não trabalhaste — trabalhavas/Você não trabalhou — trabalhava
He/She/It didn't work	Etc.
We/You/They didn't work	
Interrogative form	**Forma interrogativa**
Did I work?	Eu trabalhei — trabalhava?
Did you work?	Tu trabalhaste — trabalhavas?/Você trabalhou — trabalhava?
Did he/she/it work?	Etc.
Did we/you/they work?	

Mais alguns exemplos:

She left her purse on the counter.
Ela deixou a bolsa no balcão.

They came very late.
Eles vieram muito tarde.

We didn't see the accident.
Nós não vimos o acidente.

Did you see the accident?
Você viu o acidente?

Where did he go last night?
Onde ele foi na noite passada?

QUANDO USAR O *SIMPLE PAST*

Simple past

1 Empregamos o ***simple past*** ao nos referirmos a eventos, ações ou situações que aconteceram no passado e, no momento da fala, acham-se concluídas. O **quando** o fato ocorreu pode ser expresso ou apenas subentendido. Nesse caso, o ***simple past*** equivale ao **pretérito perfeito**.

The Second World War ended in 1945.
A Segunda Guerra Mundial terminou em 1945.

It rained a lot last night.
Choveu muito ontem à noite.

I never met my grandfather.
Nunca encontrei com meu avô. (subentende-se que ele faleceu antes de eu nascer)

2 O ***simple past*** pode expressar um fato anterior ao momento da fala, mas que ainda dura no momento do passado que está sendo mencionado. Aqui o ***simple past*** equivale ao **pretérito imperfeito**.

While the cicada sang, the ant worked.
Enquanto a cigarra cantava, a formiga trabalhava.

Charles detested rock and roll, but his sister loved it.
O Charles detestava ***rock and roll***, mas a irmã dele adorava.

While the children played, their mother worked in the kitchen.
Enquanto as crianças brincavam, a mãe delas trabalhava na cozinha.

3 O ***simple past*** pode exprimir também um fato passado habitual ou freqüente, equivalendo ao **pretérito imperfeito**.

When I lived near the beach, I went swimming every morning.
Quando eu morava perto da praia, ia nadar todo dia de manhã.

Whenever someone walked past the gate, the dog barked.
Sempre que alguém passava em frente do portão, o cachorro latia.

When I was younger, I smoked a great deal.
Quando eu era mais jovem, fumava muito.

Observações:

a. Nos casos em que o ***simple past*** equivale ao **pretérito imperfeito**, é comum aparecer ***when*** (quando), ***while*** (enquanto), ***whenever*** (sempre que).

b. Quando o ***simple past*** equivale ao **pretérito imperfeito**, em inglês temos duas outras opções que podem substituí-lo: o ***past progressive***, que veremos a seguir, e a construção com ***used to***, que veremos no item 48 da Segunda Parte. Por enquanto, vejamos como ficam alguns dos exemplos apresentados anteriormente.

*While the children **were playing**, their mother **was working** in the kitchen.*

*Whenever someone walked past the gate, the dog **used to bark**.*

*When I **was living** near the beach, I **used to go** swimming every morning.*

*Charles **used to detest** rock and roll but his sister **used to love** it.*

c. O ***simple past***, equivalendo ao **pretérito imperfeito**, é usado com verbos que, normalmente, não admitem a forma em ***-ing***.

*Tom **wanted** to see a movie, but his girlfriend **preferred** to go to a disco.*
Tom queria ver um filme, mas a namorada dele preferia ir a uma discoteca.

*We **thought** you had bought a new car.*
Nós achávamos que você tinha comprado um carro novo.

EXERCÍCIO

A Para você se conscientizar da necessidade de memorizar e automatizar os **verbos irregulares** (ver lista no final do livro), que são **os mais usados**, tanto na língua inglesa como em nosso próprio idioma, faça o seguinte exercício, preenchendo os espaços em branco com o ***simple past*** dos verbos dados entre parênteses:

1. Mr Jones .... (drink) half a bottle of wine at lunch and .... (sleep) till 4 P.M.
2. Johnny's mother .... (buy) some gum-drops and he .... (eat) them all in one sitting.
3. When Helen's friends .... (hear) she was in the hospital, they .... (pay) her a visit.
4. Sorry I .... (forget) to bring back the CD you .... (lend) me three days ago.
5. Danny's mother .... (write) a note to his teacher and later she .... (speak) to her by phone.
6. Someone .... (steal) Tom's car but he was lucky and .... (get) it back on the same day.
7. Sandra .... (find) the book rather boring, so she .... (read) only the first two chapters.

8. Yes, my brother .... (win) a lottery prize, but who .... (tell) you?
9. The police .... (come) quickly, but even so the robbers .... (flee) with all the money.
10. The old man .... (fall) down the stairs and .... (break) his arm.
11. The doctor .... (give) me some pills and an hour later I .... (feel) better.
12. Margaret .... (choose) the pink blouse because it was the one that .... (catch) her attention the moment she .... (see) it in the shop window.

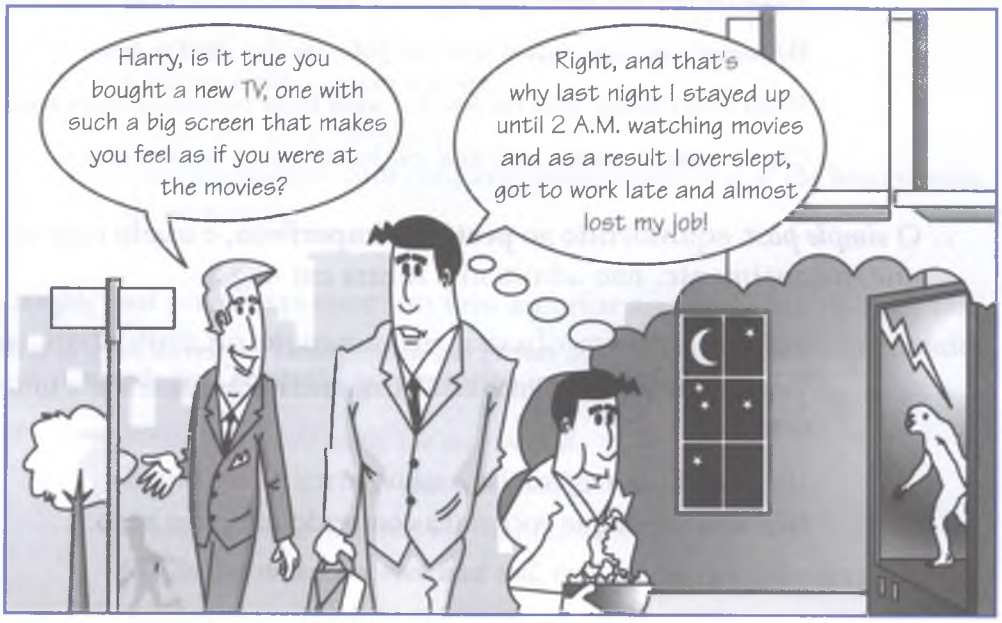

PAST PROGRESSIVE

Para formar o ***past progressive***, utilizamos o pretérito do verbo ***to be*** (estar) junto com o gerúndio (***-ing***) do verbo principal.

Forma afirmativa

sujeito + ***be*** + infinitivo (– ***to***) + ***-ing***

pretérito — gerúndio

*I **was talking** on the phone when Jack arrived.*
Eu estava falando ao telefone quando o Jack chegou.

*While I **was reading**, he **was writing**.*
Enquanto eu estava lendo, ele estava escrevendo.

*It **was raining** this morning.*
Estava chovendo esta manhã.

*You **were sleeping** when I arrived.*
Você estava dormindo quando cheguei.

Forma negativa

sujeito + ***be*** + ***not*** + infinitivo (– ***to***) + ***-ing***
pretérito — gerúndio

*They **weren't studying** for the test.*
Eles não estavam estudando para a prova.

*She **wasn't reading** a book, she was reading a magazine.*
Ela não estava lendo um livro, estava lendo uma revista.

*You **weren't sleeping** when Suzy came home.*
Você não estava dormindo quando a Suzy chegou em casa.

*It **wasn't raining** this morning.*
Não estava chovendo esta manhã.

Forma interrogativa

be + sujeito + infinitivo (– ***to***) + ***-ing***
pretérito — gerúndio

*Were you **sleeping**?*
Você estava dormindo?

*What **was** he **doing** when the teacher called him?*
O que ele estava fazendo quando o professor o chamou?

*Were they **playing** voleyball or basketball?*
Eles estavam jogando voleibol ou basquetebol?

*Was it **raining** this morning?*
Estava chovendo esta manhã?

Observações:

a. O ***past progressive*** também é chamado de ***past continuous***.

b. O pretérito do verbo ***to be***, na forma afirmativa, na negativa e na interrogativa, encontra-se na Unidade 5. Em caso de dúvida, consulte-a.

c. Não se esqueça! Se você tiver dificuldade para compor o gerúndio (***-ing***), consulte o item 6 da Unidade 11.

PAST PROGRESSIVE	
Affirmative form	**Forma afirmativa**
I was working	Eu estava trabalhando
You were working	Tu estavas/ Você estava } trabalhando
He/She/It was working	Etc.
We/You/They were working	
Negative form	**Forma negativa**
I wasn't working	Eu não estava trabalhando
You weren't working	Tu não estavas/ Você não estava } trabalhando
He/She/It wasn't working	Etc.
We/You/They weren't working	
Interrogative form	**Forma interrogativa**
Was I working?	Eu estava trabalhando?
Were you working?	Tu estavas/ Você estava } trabalhando?
Was he/she/it working?	Etc.
Were we/you/they working?	

Mais alguns exemplos:

Where were they working?
Onde eles estavam trabalhando?

He was climbing the ladder when he fell down.
Ele estava subindo a escada quando caiu.

While I was reading a story, the boy fell asleep.
Enquanto eu estava lendo uma história, o menino adormeceu.

QUANDO USAR O *PAST PROGRESSIVE*

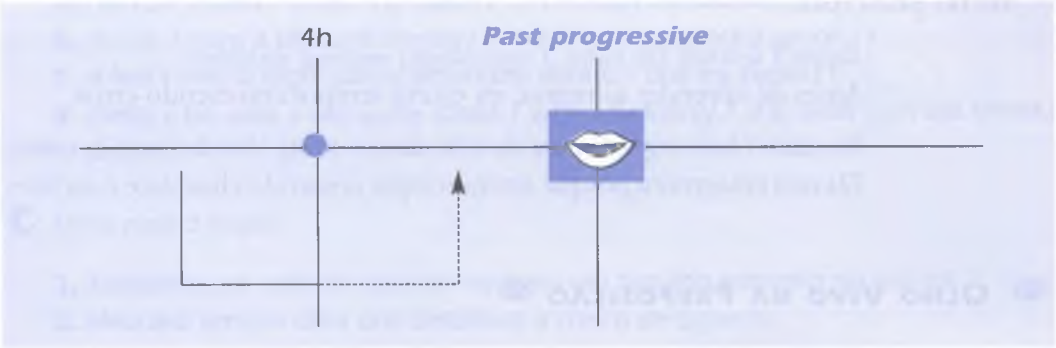

1 Usamos o ***past progressive*** para descrever uma ação que estava em desenvolvimento, em "progresso", no passado.

Yesterday at four o'clock I was working in the garden.
Ontem, às quatro horas, eu estava trabalhando no jardim.

At that time he was living in Rio.
Naquele tempo, ele estava morando no Rio.

Last year at this time I was travelling.
No ano passado, nesta época, eu estava viajando.

2 O ***past progressive*** é usado para descrever uma ação que estava em andamento quando outra ação aconteceu.

While we were walking in the park, it started to rain.
Enquanto estávamos passeando no parque, começou a chover.

I was taking a shower when the phone rang.
Eu estava tomando banho (de chuveiro) quando o telefone tocou.

Jane was sleeping when Susan came into the bedroom.
A Jane estava dormindo quando a Susan entrou na quarto.

3 Usa-se o ***past progressive*** para descrever duas ou mais ações que ocorreram ao mesmo tempo no passado.

While I was studying, my brother was watching TV.
Enquanto eu estava estudando, meu irmão estava assistindo à TV.

While she was cooking, he was washing the car.
Enquanto ela estava cozinhando, ele estava lavando o carro.

4 Também usamos o ***past progressive*** para indicar ações que se repetiam no passado. Nesse caso, é comum aparecer ***always*** entre o verbo ***to be*** e o verbo principal.

Before I learned the rules, I was always making mistakes.
Antes de aprender as regras, eu estava sempre cometendo erros.

She didn't lose weight because she was always eating chocolate and ice cream.
Ela não emagreceu porque estava sempre comendo chocolate e sorvete.

Olho Vivo na Preposição

It was raining when I left the beauty salon, so they gave me a plastic bag to put ***over*** *my head to protect my coiffure. When I arrived home, my husband commented: "You spend four hours and 80 dollars at the hairdresser and then you come* ***in with*** *a bag* ***over*** *your head?" (R.D., Aug. 1995)*

EXERCÍCIOS

A Use o ***simple past*** ou o ***past progressive***, conforme for o caso:

1. This morning John (see) an accident when he (drive) to work.
2. Last night I (watch) TV when someone (ring) the doorbell.
3. (you/see) many indians while you (live) in Rondônia?
4. Peter (fall) while he (skate) and (hurt) his knee.
5. We (not go) anywhere on the weekend because it (rain).
6. I (talk) with Susan while we (wait) for a bus to go downtown.
7. While Mr Silva (paint) the wall, he nearly (fall) off the ladder.
8. When the waiter (serve) the food, he accidentally (spill) some gravy on Mary's dress.

B Forme frases com as palavras entre parênteses, colocando os verbos na forma correta (***simple past*** ou ***past progressive***).

Exemplo: (I / hurt / my leg / when I / play football) *I hurt my leg when I was playing football.*

1. (It begin / to rain / while we drive / to the stadium.) It ....
2. (Maggie / cut her finger / while she / slice tomatoes.) Maggie ....
3. (George / take a shower / when the electricity / go off.) George ....

4. (Mr Brown / make several phone calls / while the mechanic / repair his car.) Mr Brown ....
5. (You be scared / when the plane / fly through the storm?) ....
6. (I / be / have a pleasant dream / when the alarm clock / go off.) I ....
7. (I feel / only a slight pain / when the dentist / drill my tooth.) I ....
8. (Betty / be walk / along the street / when suddenly / she meet / an old friend.) Betty ....

C Verta para o inglês:

1. Estávamos na cozinha quando ouvimos um barulho estranho no quintal.
2. Meu avô sempre dizia que detestava o cheiro de cigarros.
3. Nesta época, no ano passado, nós morávamos naquele prédio alto perto da igreja.
4. Quando Sheila ouviu a notícia, começou a chorar.
5. Rimos muito quando o Tony contou aquela piada (*joke*) sobre os dois bêbados.
6. Teus amigos visitaram o Museu do Louvre quando estiveram em Paris?
7. As crianças estavam fazendo suas tarefas (escolares), enquanto sua mãe preparava o jantar.
8. Quando levantei hoje de manhã, eu não estava me sentindo bem. Mais tarde, quando me senti melhor, fui para o trabalho.

Unidade

14 O FUTURO (FUTURO DO PRESENTE)

SIMPLE FUTURE — FUTURE PROGRESSIVE — BE GOING TO

Da mesma forma que no português, existem várias maneiras de expressar o futuro em inglês. Já vimos que o ***simple present*** e o ***present progressive*** podem expressá-lo.

*The show **begins** at 8:30 P.M.*
O espetáculo começa às 20:30.

*What time is your aunt **arriving** tomorrow?*
A que horas sua tia chega amanhã?

Agora veremos as formas que expressam o futuro propriamente dito — ***simple future***, ***future progressive***, ***be going to*** —, observando as diferenças entre elas.

Pode-se dizer que o ***simple future***, que equivale ao nosso futuro do presente, é o tempo verbal mais fácil do inglês. Para compô-lo, tanto na forma afirmativa como na negativa e na interrogativa, basta utilizar o *modal auxiliary* ***will*** com o infinitivo do verbo sem ***to***. Nenhuma flexão!

Quanto às outras formas que expressam o futuro, você verá que também não há complicação, pois são semelhantes às formas em português.

SIMPLE FUTURE

Forma afirmativa

sujeito + ***will*** + infinitivo (– ***to***)

*I think I **will stay** at home tonight.*
Acho que ficarei em casa hoje à noite.

*They **will get** there before noon.*
Eles chegarão lá antes do meio-dia.

*She **will wash** the dishes later.*
Ela lavará os pratos mais tarde.

Forma negativa

sujeito + ***will not*** + infinitivo (– ***to***)
(***won't***)

*Bob **won't** come.*
O Bob não virá.

*I **won't** buy anything.*
Não comprarei nada.

*They **won't** go hunting.*
Eles não irão caçar.

Forma interrogativa

will + sujeito + infinitivo (– ***to***)

***Will** you **do** it for me?*
Você fará isso para mim?

*Where **will** they **spend** their vacation?*
Onde eles passarão as férias?

*When **will** she **leave**?*
Quando ela partirá?

Observações:

a. Na forma afirmativa, podemos fazer a contração de ***will*** com o pronome.

I will → I'll	*it will → it'll*
you will → you'll	*we will → we'll*
he will → he'll	*you will → you'll*
she will → she'll	*they will → they'll*

b. Na forma negativa, a contração pode ser feita com o pronome ou com ***not***.

I will not → I'll not **ou** *I won't*
you will not → you'll not **ou** *you won't*

c. Convém lembrar que, no inglês britânico, costuma-se usar ***shall*** em vez de ***will*** na 1ª pessoa do singular e na 1ª pessoa do plural.

I shall work.
We shall work.

SIMPLE FUTURE — FUTURO DO PRESENTE		
Affirmative form	**Negative form**	**Interrogative form**
I/You will work	I/You won't work	Will I/you work?
He/She/It will work	He/She/It won't work	Will he/she/it work?
We/You/They will work	We/You/They won't work	Will we/you/they work?
Forma afirmativa	**Forma negativa**	**Forma interrogativa**
Eu trabalharei	Eu não trabalharei	Eu trabalharei?
Tu trabalharás/	Tu não trabalharás/	Tu trabalharás?/
Você trabalhará	Você não trabalhará	Você trabalhará?
Etc.	Etc.	Etc.

Mais alguns exemplos:

I'll see you later!
Verei você mais tarde. (Até mais tarde!)

Will you wait for him?
Você esperará por ele?

The table will be clean in a minute.
A mesa estará limpa em um minuto.

QUANDO USAR O *SIMPLE FUTURE*

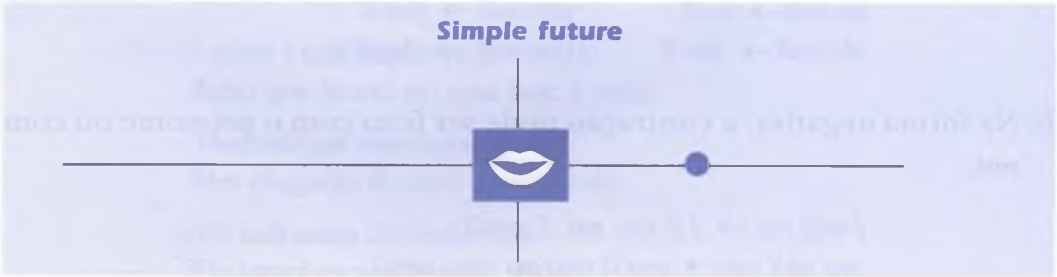

1 Usamos o ***simple future*** para dizer o que vai acontecer, ou deverá acontecer, em um **futuro não-imediato**.

Mary is a good student; she'll pass the test.
A Mary é uma boa aluna; ela passará no teste.

Next year at this time I'll be in New York.
Nesta época, no ano que vem, estarei em Nova Iorque.

I'm sure my team will win the game.
Estou certo de que meu time ganhará o jogo.

2 Em português, freqüentemente usamos o presente do indicativo para expressar uma ação que, de fato, vai acontecer no futuro, seja ele imediato ou remoto. Exemplos: "Amanhã eu trago", "depois eu te conto", "na semana que vem eu lhe pago", "eu já volto" etc. Em todos esses casos e outros semelhantes, o uso do *simple future* é **obrigatório** em inglês. Tais situações ocorrem geralmente quando o sujeito da oração ou da cláusula:

- oferece ou propõe fazer alguma coisa

*That box looks heavy; **I'll help** you lift it.*
Essa caixa parece pesada; eu **ajudo** você a levantá-la.

*If you need more money, **I'll lend** you some.*
Se você precisar de mais dinheiro, eu lhe **empresto** (algum).

- concorda ou se recusa a fazer alguma coisa

*Can you help me? Of course, **I'll do** whatever I can.*
Você pode me ajudar? Naturalmente, **faço** tudo o que eu puder.

*John was invited but he says he **won't go**.*
O John foi convidado, mas diz que não **vai**.

Estudaremos este caso detalhadamente mais adiante, na Segunda Parte, item 58.

- promete fazer alguma coisa

*Sorry, I forgot to bring that tape you wanted, but **I'll bring** it tomorrow.*
Desculpe, esqueci de trazer aquela fita que você queria, mas eu **trago** amanhã.

*I can't talk to you now. **I'll give you a call** as soon as I can.*
Não posso falar com você agora. **Eu lhe telefono** assim que eu puder.

3 O ***simple future*** também pode ser usado para pedir a alguém que faça alguma coisa, dando um tom polido (educado) ao pedido. Nesse caso, em português, usamos um **imperativo**.

Will you close the window, please?
Feche a janela, por favor.

Will you bring me a glass of water, please?
Me traga um copo de água, por favor!

Will you please take these suitcases to my room?
Leve estas malas para o meu quarto, por favor.

Observação: Quando a pessoa que fala se oferece para fazer alguma coisa, ou está sugerindo algo, querendo saber se a outra pessoa aceita a sugestão, usamos ***shall***, nunca ***will***.

Shall I call a doctor?
Chamo um médico? (Você quer que eu chame um médico?)

Shall I answer the phone?
Atendo ao telefone? (Você quer que eu atenda ao telefone?)

Esse tipo de pergunta é comum, principalmente, em tratamento formal. Em um restaurante, por exemplo, ao consultar a outra pessoa sobre o pedido ou perguntar se podem sair, diz-se:

Shall we order?
Podemos pedir? (Podemos fazer o pedido?)

Shall we go?
Vamos? (Podemos ir?)

FUTURE PROGRESSIVE

Para formar o ***future progressive*** utilizamos o futuro do verbo ***to be*** (estar) junto com o gerúndio (***-ing***) do verbo principal.

Forma afirmativa

sujeito + ***will be*** + $\underbrace{\text{infinitivo (– ***to***) + ***-ing***}}_{\text{gerúndio}}$

*At this same time tomorrow, **I'll be** travelling.*
Amanhã, neste mesmo horário, estarei viajando.

*Come at eight; **I'll be waiting** for you.*
Venha às oito; estarei esperando você.

*At nine, Mauro **will be having** dinner.*
Às nove, o Mauro estará jantando.

Forma negativa

sujeito + ***will not be*** + $\underbrace{\text{infinitivo (– ***to***) + ***-ing***}}_{\text{gerúndio}}$
(***won't***)

*Next year **I won't be studying**; I'll be working.*
No ano que vem, eu não estarei estudando; estarei trabalhando.

*Tomorrow they **won't be working** at the factory.*
Amanhã eles não estarão trabalhando na fábrica.

*Next week Alex **won't be working**; he'll be on vacation.*
Na próxima semana, o Alex não estará trabalhando; ele estará de férias.

Forma interrogativa

will + sujeito + ***be*** + infinitivo (– ***to***) + ***-ing***
gerúndio

*Where **will** they **be playing** tomorrow?*
Onde eles estarão jogando amanhã?

*Next year, **will** you **be taking** the same courses?*
No ano que vem, você estará fazendo as mesmas matérias?

Observação: O ***future progressive*** também é chamado ***future continuous***.

FUTURE PROGRESSIVE	
Affirmative form	**Forma afirmativa**
I'll be working	Eu estarei trabalhando
You'll be working	Tu estarás/ Você estará } trabalhando
He'll/She'll/It'll be working	Etc.
We'll/You'll/They'll be working	
Negative form	**Forma negativa**
I won't be working	Eu não estarei trabalhando
You won't be working	Tu não estarás/ Você não estará } trabalhando
He/She/It won't be working	Etc.
We/You/They won't be working	
Interrogative form	**Forma interrogativa**
Will I be working?	Eu estarei trabalhando?
Will you be working?	Tu estarás/ Você estará } trabalhando?
Will he/she/it be working?	Etc.
Will we/you/they be working?	

Mais alguns exemplos:

At six o'clock, I won't be watching TV.
Às seis horas, eu não estarei assistindo à TV.

Tomorrow they'll be taking pictures of the animals.
Amanhã eles estarão tirando fotos dos animais.

I'll be always thinking of you.
Eu estarei sempre pensando em você.

Quando usar o *Future Progressive*

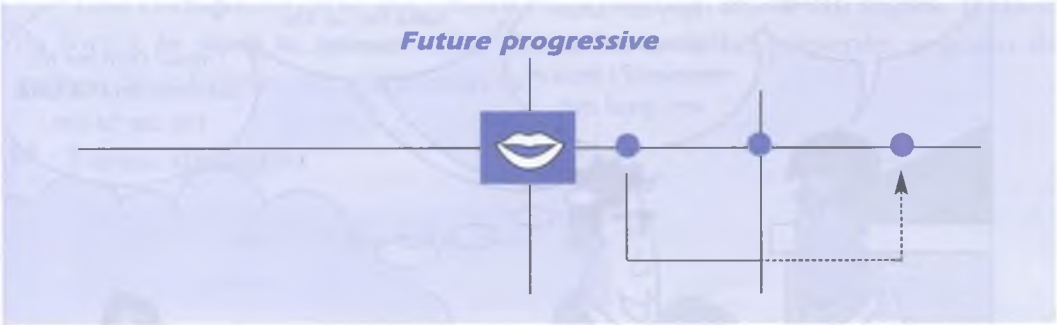

1 Usamos o ***future progressive*** para expressar uma ação que estará em desenvolvimento no futuro.

Don't be late! I'll be waiting for you.
Não se atrase! Estarei esperando você.

At this time next Sunday, I'll be visiting my aunt in Rio.
No próximo domingo, neste horário, estarei visitando minha tia, no Rio.

2 O ***future progressive*** também pode ser usado para expressar uma ação que estará em andamento no futuro quando outra terá acontecido.

When I get to the airport, my father will be waiting for me.
Quando eu chegar ao aeroporto, meu pai estará me esperando.

When I wake up tomorrow morning, the sun will be shining and the birds will be singing.
Quando eu acordar amanhã de manhã, o sol estará brilhando e os pássaros estarão cantando.

Observação: Em alguns casos, podemos usar o ***simple future*** e o ***future progressive*** indiferentemente, especialmente quando o fato ocorrer em tempo indefinido.

Don't be impatient! She'll be coming soon.
Não fique impaciente! Logo ela estará chegando.

Don't be impatient! She'll come soon.
Não fique impaciente! Logo ela chegará.

BE GOING TO

Observe, a seguir, duas traduções possíveis para o diálogo: a primeira, literal, e a segunda como normalmente falamos em português.

Tradução literal

GEORGE: Paul, o mecânico **consertará** o teu carro hoje?

PAUL: Não, infelizmente ele **não estará trabalhando** hoje. A mulher dele ficou muito doente, e ele **terá que levá-la** ao hospital.

GEORGE: Por que não levar o carro a outro mecânico? Conheço um muito bom.

PAUL: Ótimo! Dê-me o endereço dele e **levarei** o carro a ele.

Tradução como falamos

GEORGE: Paul, o mecânico **vai consertar** o teu carro hoje?

PAUL: Não, infelizmente ele não **vai trabalhar** hoje. A mulher dele ficou muito doente, e ele **vai ter que levá-la** para o hospital.

GEORGE: Por que não levar o carro a outro mecânico? Conheço um muito bom.

PAUL: Ótimo! Me dê o endereço dele e eu **levo** o carro a ele.

O contraste entre as duas traduções mostra como, na linguagem coloquial, pouco usamos o **futuro do presente** (consertará, levarei), que corresponde ao ***simple future***. Normalmente, damos preferência à construção **vou consertar**, **vamos consertar** etc., ou a um presente com sentido de futuro.

Essa construção (vou, vai, vamos etc.) também existe em inglês. Trata-se da forma ***be going to***, que consiste do verbo ***to be*** no presente, seguido de ***going*** e do infinitivo do verbo com ***to***.

Forma afirmativa

sujeito + ***be*** + ***going*** + infinitivo
presente

*We're **going to spend** our vacation in Hawaii.*
Vamos passar nossas férias no Havaí.

*Bob **is going to take** Sandra to the movies.*
O Bob vai levar a Sandra ao cinema.

Forma negativa

sujeito + ***be*** + ***not*** + ***going*** + infinitivo
presente

*We're **not going to buy** a new fridge.*
Não vamos comprar uma geladeira nova.

*I'm **not going to tell** the boss what to do.*
Não vou dizer ao chefe o que fazer.

Forma interrogativa

be + sujeito + ***going*** + infinitivo
presente

*Are you **going to take** the children to school?*
Você vai levar as crianças para a escola?

*What are you **going to do** with these old magazines?*
O que você vai fazer com estas revistas velhas?

Observação: Na linguagem falada, freqüentemente pronuncia-se ***gonna*** em vez de ***going to***.

BE GOING TO	
Affirmative form	**Forma afirmativa**
I'm going to work	Eu vou trabalhar
You're going to work	Tu vais/ Você vai } trabalhar
He's/She's/It's going to work	Etc.
We're/You're/They're going to work	
Negative form	**Forma negativa**
I'm not going to work	Eu não vou trabalhar
You're not going to work	Tu não vais/ Você não vai } trabalhar
He's/She's/It's not going to work	Etc.
We're/You're/They're not going to work	
Interrogative form	**Forma interrogativa**
Am I going to work?	Eu vou trabalhar?
Are you going to work?	Tu vais/ Você vai } trabalhar?
Is he/she/it going to work?	Etc.
Are we/you/they going to work?	

Mais alguns exemplos:

We're going to visit them next week.
Nós vamos visitá-los na próxima semana.

It's going to be another hot day.
Vai ser mais um dia quente.

Are they going to wait for us after class?
Eles vão nos esperar depois da aula?

QUANDO USAR *BE GOING TO*

1 Usamos ***be going to*** para nos referirmos a uma ação planejada ou pretendida (intenção).

Tonight I'm going to study for tomorrow's test.
Hoje à noite vou estudar para a prova de amanhã.

John says he's going to be an engineer when he grows up.
John diz que vai ser engenheiro quando crescer.

2 ***Be going to*** é usado para expressar uma ação que irá ou poderá acontecer no futuro imediato.

Look at those dark clouds. I think it's going to rain.
Veja aquelas nuvens escuras. Acho que vai chover.

What are we going to do now?
O que vamos fazer agora?

3 Também usamos ***be going to*** para advertir (avisar) sobre uma situação perigosa.

Watch out! You're going to hit that car!
Cuidado! Você vai bater naquele carro!

Be careful! You're going to break the glasses.
Cuidado! Você vai quebrar os copos.

Observação: ***Be going to*** também pode ser usado no **passado** para indicar uma ação planejada ou pretendida que **não ocorreu**. Ou, ainda, referindo-se a uma ação que estava para acontecer quando foi interrompida por outra ação ou algo imprevisto. Nesse caso, usamos o verbo ***to be*** no **passado**.

*They **were going to get married** in June but they decided to wait until October.*
Eles iam se casar em junho, mas decidiram esperar até outubro.

*I **was going to buy** some candies but I noticed that I had no money.*
Eu ia comprar algumas balas, mas percebi que não tinha dinheiro.

*He **was going to spend** the evening studying, but he fell asleep right after dinner.*
Ele ia passar a noite estudando, mas dormiu logo após o jantar.

WILL OU *BE GOING TO*?

Em muitas situações podemos usar tanto ***will*** quanto ***be going to*** exatamente com o mesmo sentido. Mas se nos referirmos a algo que irá acontecer muito em breve (futuro imediato), geralmente optamos por ***be going to***.

Outra distinção entre ***will*** e ***be going to*** refere-se ao planejamento prévio ou não da ação. ***Will*** é usado quando a pessoa que fala decide, no momento em que fala, fazer alguma coisa no futuro. Não houve planejamento prévio. No entanto, se a decisão já havia sido tomada, emprega-se ***be going to***.

A distinção parece sutil, mas o diálogo a seguir pode ajudá-lo a entender.

MARY: *I'd like to make a cake but we haven't got any eggs.*
Gostaria de fazer um bolo, mas não temos ovos.

TOM: *In that case, I'**ll go** to the corner store and buy some.*
Nesse caso, vou à mercearia da esquina e compro alguns.

Note que a decisão de Tom foi tomada **agora**.

Minutos mais tarde, quando ele está saindo de casa para comprar os ovos...

TOM: *Mary, I'**m going to buy** the eggs you asked for. Do you need anything else?*

Mary, vou comprar os ovos que você pediu. Você precisa de mais alguma coisa?

Tom diz ***I'm going to buy*** porque a decisão de comprar os ovos já havia sido tomada. Além disso, a ação (comprar os ovos) ocorrerá em breve.

OLHO VIVO NA PREPOSIÇÃO

*Having the world's best idea will do you no good unless you act **on** it. People who want milk shouldn't sit **on** a stool **in** the middle **of** a field **in** hopes that a cow will back **up** to them. (R.D., Aug. 1984)*

EXERCÍCIOS

A Coloque o verbo na forma correta, com ***will*** ou ***be going to***:

1. Sorry, I forgot to bring the dictionary you asked for; but I .... (bring) it tomorrow.
2. Is that faucet still dripping? I .... (try) to fix it right now.
3. A: I've got a terrible headache!
   B: Wait there and I .... (get) an aspirin for you.
4. A: Where are you going?
   B: I .... (buy) a newspaper at the newsstand.
5. When I go to Paris next year, I .... (stay) at the Ritz Hotel.
6. I'm sure Henry .... (get) the promotion. After all, he deserves it.
7. A: I'm going to repaint my living room.
   B: Really? What color .... (you / paint) it?
8. Do you think we .... (have) good weather for the weekend?
9. A: Can you call me later?
   B: Sure, I .... (call) you after I get home tonight.
10. Haven't we got any bread? Then I .... (go) to the baker's and get some.

B Complete as frases com ***simple present***, ***present progressive***, ***simple future***, ***future progressive*** ou ***be going to***.

1. I .... (go) to Los Angeles next week, and I .... (send) you a card as soon as I get there.
2. The bus .... (leave) at 4:30 sharp; if we don't hurry, we .... (miss) it.
3. Bob and Suzy .... (get) married tomorrow, but I still don't know whether I .... (go) to their wedding.
4. So you .... (stop off) at Aruba on your way to Miami. How long .... (you / stay) there?
5. My birthday present to Maggie .... (be) a surprise; I'm sure she .... (be) delighted.
6. The governor .... (arrive) at 10 A.M., and from the airport he .... (go) directly to city hall for a meeting with the local authorities.
7. My neighbors .... (spend) a few days at the beach; in the meantime, I .... (look) after their two dogs.
8. I have a lot of work to do tomorrow, so I .... (have) to get up earlier than usual.
9. Since the game .... (start) at four, we'd better hurry, otherwise we .... (get) there late.
10. Since Betty .... (leave) for the States in a week or so, her friends .... (have) a farewell party for her next Saturday night.

C Complete as frases com ***was/were going to***, conforme for o caso:

1. We .... have a picnic, but the rain spoiled our plans.
2. My brother .... sell his car and buy a new one, but at the last moment he changed his mind.
3. A: (You / not) .... work for that multinational company?
   B: Yes, I was, but then I found out they don't pay very well.
4. My neighbors .... move into their new house, but they've decided to wait till the end of the month.
5. Our plane .... land at Santos Dumont airport, but the bad weather forced us to land at Galeão.

D Verta para o inglês:

1. Estaremos viajando no mês que vem.
2. O Carlos vai telefonar para sua namorada mais tarde?
3. Meus amigos provavelmente chegarão antes das oito horas.
4. Perdi o ônibus, mas meu pai disse que me leva para a escola.
5. Começou a chover. Fecho todas as janelas?
6. A: O que você acha que o professor vai fazer?
   B: Acho que ele vai nos dar uma prova difícil.
7. Precisamos de carne para o almoço? Então eu vou ao açougue comprar (alguma).
8. Você vai lavar todos esses pratos? Então eu a ajudo.

Unidade

15 O VERBO TER

THE VERB TO HAVE

Para entrarmos nos tempos compostos do inglês (***perfect tenses***), vamos primeiro estudar o verbo ***to have*** (ter), pois é ele o auxiliar utilizado para compô-los.

Estamos cientes de ter fugido à praxe da maioria dos livros, que apresentam ***to have*** juntamente com ***to be*** por se tratar de verbos auxiliares. Fizemos isso para que pudéssemos estudá-lo não apenas como **verbo auxiliar,** mas também como **verbo principal** e como ***modal verb*** (*have to*), comparando suas diferenças.

JANE: *Sheila, **do you have** to study for tomorrow's test?*
SHEILA: *Sure, **I have** to study a lot.*
JANE: *By the way, **do you have** a good English dictionary?*
SHEILA: *Yes, I do. But **I don't have** it with me right now.*
*This morning **I had to lend** it to my brother.*

Nesse diálogo, podemos observar as diferentes funções que o verbo ***to have*** pode assumir. Vejamos cada uma delas.

To have como verbo principal — Ter, possuir

Empregado no sentido de **ter**, **possuir**, ***to have*** vem sempre seguido de um substantivo, que pode ser precedido por um adjetivo, ou por um **pronome**.

Como todo verbo principal, ***to have*** pede o auxiliar ***do*** para compor a forma negativa e a interrogativa.

1 *Simple present* (presente)

Forma afirmativa: ***has*** — 3ª pessoa do singular
have — demais pessoas

*John **has** a fast car.*
subs.

O John tem um carro veloz.

*I **have** many friends.*
subs.

Eu tenho muitos amigos.

Forma negativa: ***does not have*** — 3ª pessoa do singular ***(doesn't)***
do not have — demais pessoas ***(don't)***

*Mary **doesn't have** a boyfriend.*
Maria não tem namorado.

*I **don't have** a cell phone.*
Eu não tenho um telefone celular.

Forma interrogativa: ***does*** + sujeito + ***have*** — 3ª pessoa do singular
do + sujeito + ***have*** — demais pessoas

***Does** Tony **have** nice sneakers?*
O Tony tem um tênis bacana?

***Do** they **have** a large house?*
Eles têm uma casa grande?

2 *Simple past* (pretérito perfeito/imperfeito)

▸▸ **Forma afirmativa:** ***had*** — todas as pessoas

*They **had** a farm in Paraná.*
Eles tinham uma fazenda no Paraná.

▸▸ **Forma negativa:** ***did not have*** — todas as pessoas ***(didn't)***

*They **didn't have** a farm in Paraná.*
Eles não tinham uma fazenda no Paraná.

▸▸ **Forma interrogativa:** ***did*** + sujeito + ***have*** — todas as pessoas

***Did** they **have** a farm in Paraná?*
Eles tinham uma fazenda no Paraná?

3 *Simple future* (futuro do presente)

▸▸ **Forma afirmativa:** ***will have*** — todas as pessoas

*One day, **I'll have** a farm.*
Um dia, eu terei uma fazenda.

▸▸ **Forma negativa:** ***will not have*** — todas as pessoas ***(won't)***

*I'll **never have** anything if I don't work hard.*
Nunca terei nada se eu não trabalhar muito.

▸▸ **Forma interrogativa:** **will** + sujeito + **have** — todas as pessoas

***Will** you **have** enough patience to do this?*
Você terá paciência suficiente para fazer isto?

Observação: Como verbo principal, ***to have***, além de expressar **posse**, pode expressar também **ação** relacionada a uma refeição, substituindo ***to drink*** (beber, tomar) e ***to eat*** (comer).

*I **had breakfast** at seven o'clock.*
Tomei café às sete horas.

*Let's **have lunch** together!*
Vamos almoçar juntos!

*What are you going to **have**: **wine** or **beer**?*
O que você vai tomar: vinho ou cerveja?

Com o sentido de **posse**, já sabemos que ***to have*** não aceita gerúndio. Porém, quando substitui ***to drink*** ou ***to eat***, o gerúndio pode ser usado perfeitamente.

*I'm **having** dinner.*
Estou jantando.

*He's **having** a cup of coffee.*
Ele está tomando uma xícara de café.

Além desses dois usos, ***to have*** pode, ainda, ser utilizado em algumas expressões:

***Have** a good time!*
Divirta-se!

***Have** a good test!*
Faça uma boa prova!

***Have** a nice weekend!*
Tenha um bom fim de semana!

TO HAVE COMO *MODAL VERB* — TER DE, TER QUE

Empregado no sentido de **ter de**, **ter que**, expressando obrigação, necessidade, ***have*** vem sempre seguido de um verbo no infinitivo (com ***to***).

Nesse caso, ***to have*** comporta-se do mesmo modo que um verbo principal na forma afirmativa, negativa e interrogativa.

Mais adiante, você verá que, nesse aspecto, ele difere dos demais ***modal verbs*** (Unidade 21).

1 *Simple present*

*I **have to do** my homework.*
Tenho que fazer minha lição de casa.

*She **doesn't have to set** the table.*
Ela não tem que arrumar a mesa.

*Do you **have to go** now?*
Você tem que ir agora?

2 *Simple past*

*I **had to tell** him the truth.*
Tive que contar a ele a verdade.

*He **didn't have to pay** the fine.*
Ele não teve que pagar a multa.

*Did they **have to walk** ten kilometers?*
Eles tiveram que caminhar dez quilômetros?

3 *Simple future*

*Tom **will have to go** by bus.*
O Tom terá que ir de ônibus.

*Tom **won't have to go** by bus.*
O Tom não terá que ir de ônibus.

*Will Tom **have to go** by bus?*
O Tom terá que ir de ônibus?

TO HAVE COMO VERBO AUXILIAR — TER

Como verbo auxiliar, ***to have*** forma os ***perfect tenses*** (tempos compostos), assim como seus correspondentes ***progressive tenses***:

- *present perfect* (pretérito perfeito composto)
  present perfect progressive
- *past perfect* (pretérito mais-que-perfeito composto)
  past perfect progressive
- *future perfect* (futuro do presente composto)
  future perfect progressive

Esses três tempos compostos do verbo serão apresentados na Unidade 16, 17 e 18, respectivamente. Por enquanto, fique apenas com um exemplo de cada um desses tempos, na forma afirmativa.

Present perfect

I have made many friends since I arrived here.
Fiz muitos amigos desde que cheguei aqui.

Past perfect

Jim's girlfriend had already left when he called.
A namorada do Jim já tinha saído quando ele telefonou.

Future perfect

By the time I wake up tomorrow, they will have already arrived in Miami.
Quando eu acordar amanhã, eles já terão chegado a Miami.

Confira na Segunda Parte:

- emprego de ***have*** com sentido de **mandar fazer alguma coisa**, no item 9;
- ***have got*** e ***have got to***, no item 36.

Olho Vivo na Preposição

*One man **to** another: "I've got a great lawyer. You know, I broke a mirror, which means seven years **of** bad luck. But the lawyer thinks he can get me **off with** five!" (R.D. Aug. 1986)*

EXERCÍCIOS

A Complete com a forma adequada do verbo ***to have***:

1. My uncle .... a farm in Mato Grosso, but he sold it last month.
2. We .... to go to school today because it's a holiday.
3. Let's .... dinner at a restaurant where they serve Chinese food!
4. Richard .... to pay a fine because he was driving too fast.

5. I prefer .... meat today because yesterday I .... fish.
6. .... Jack .... to work next Saturday morning?
7. The plane .... already landed when I got to the airport.
8. What (you) .... for breakfast this morning?
9. Oh, I .... only a cup of coffee and two slices of bread.
10. We hope you .... a good vacation at the seaside!
11. (she) .... enough money to buy everything she needs?
12. Bob .... to see a doctor tomorrow because he doesn't feel well.

B Verta para o inglês:

1. A família do Paulo tem uma bela casa na praia.
2. Você teve que pagar aquela conta?
3. Ontem eu tomei café muito cedo.
4. Vamos (*Let's*) jantar num restaurante perto da minha casa!
5. Eduardo não tem (um) carro, mas tem uma motocicleta.
6. Teremos um teste importante na semana que vem.
7. O que você gostaria de comer: carne ou peixe?
8. Jane terá que comprar um vestido novo para a festa.

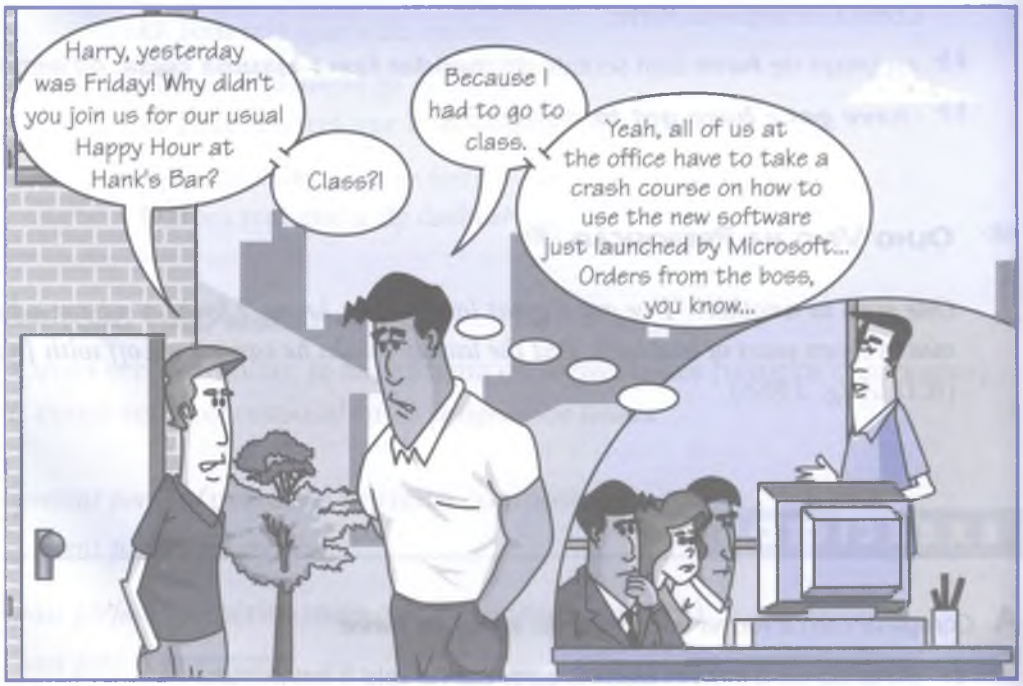

Glossário: *crash course* — curso rápido, concentrado
launched — lançado (do verbo *to launch*)
boss — chefe, patrão

Unidade

16 O PRETÉRITO PERFEITO COMPOSTO

PRESENT PERFECT — PRESENT PERFECT PROGRESSIVE

Depois de termos estudado detalhadamente os tempos simples do verbo, vamos agora aos tempos compostos (*perfect tenses*).

Os tempos compostos são formados pelo auxiliar ***to have*** mais o particípio do verbo principal. Por isso, é necessário que você tenha automatizado todos os tempos do auxiliar ***to have*** (Unidade 15) e não tenha dúvidas quanto à forma do particípio de verbos regulares e irregulares.

De todos os tempos verbais, simples e compostos, o ***present perfect*** é o que apresenta maiores dificuldades para o brasileiro que busca o domínio da língua inglesa. É a "pedra no sapato"! Por quê? Embora tenhamos dado o título de **pretérito perfeito composto** a esta unidade, nem sempre o ***present perfect*** equivale a esse tempo verbal.

Considere as seguintes frases:

Moramos nesta casa há mais de cinco anos. (presente)

Você **leu** algum romance de Jorge Amado? (pretérito perfeito)

Eu sempre **quis** saber por que certos perfumes são tão caros. (pretérito perfeito)

Você já **esteve** em Nova Iorque? Eu já **estive** lá várias vezes. (pretérito perfeito)

Ela ainda não **viu** esse filme. (pretérito perfeito)

Nunca **estive** em Itaparica, mas meu primo **acaba de voltar** de lá. (pretérito perfeito — presente)

Tenho visto bons filmes na televisão ultimamente. (pretérito perfeito composto)

Com exceção da última frase, em que foi usado o pretérito perfeito composto (tenho visto), todas as demais apresentam tempos verbais variados. No entanto, vertendo-as para o inglês, em todas usaríamos o ***present perfect***.

Por aí você pode ter uma idéia das dificuldades. Mas não se assuste!

Como já dissemos, o importante é você entender **quando usar** cada tempo verbal. A partir daí, tudo fica mais fácil.

No ***present perfect***, o auxiliar ***to have*** vem sempre no **presente**.

PRESENT PERFECT

Forma afirmativa

sujeito + ***have*** + particípio
(***'ve***)

sujeito + ***has*** + particípio
(***'s***) — 3ª pessoa do singular

*I've **been** here since six o'clock.*
Estou aqui desde as seis horas.

*We **have lived** here since 1990.*
Moramos aqui desde 1990.

*She **has studied** a lot for the test.*
Ela tem estudado bastante para a prova.

Forma negativa

sujeito + ***have not*** + particípio
(***haven't***)

sujeito + ***has not*** + particípio
(***hasn't***) — 3ª pessoa do singular

*We **haven't gone** to the movies lately.*
Não temos ido ao cinema ultimamente.

*He **hasn't seen** that film yet.*
Ele ainda não viu esse filme.

*It **hasn't rained** this week.*
Não choveu esta semana.

Forma interrogativa

have + sujeito + particípio

has + sujeito + particípio 3ª pessoa do singular

*Have they **moved** yet?*
Eles já se mudaram?

*How many letters **have** you **received** this month?*
Quantas cartas você recebeu este mês?

*Has she **done** her homework?*
Ela fez a lição de casa?

Observação: O *'s* pode indicar a contração do pronome com ***is*** ou com ***has***.

*He's working. = He **is** working.*
*She's thirsty. = She **is** thirsty.*
*It's old. = It **is** old.*

*He's gone. = He **has** gone.*
*She's left. = She **has** left.*
*It's disappeared. = It **has** disappeared.*

Quando a contração é feita com ***is***, segue-se a ele um **gerúndio** ou um **adjetivo**. Quando a contração é feita com ***has***, segue-se a ele um **particípio**.

***PRESENT PERFECT* — PRETÉRITO PERFEITO COMPOSTO**	
Affirmative form	**Forma afirmativa**
I have worked	Eu tenho trabalhado
You have worked	Tu tens (Você tem) trabalhado
He/She/It has worked	Etc.
We/You/They have worked	
Negative form	**Forma negativa**
I have not worked	Eu não tenho trabalhado
You have not worked	Tu não tens (Você não tem) trabalhado
He/She/It has not worked	Etc.
We/You/They have not worked	

continua ▶▶

PRESENT PERFECT — PRETÉRITO PERFEITO COMPOSTO	
Interrogative form	**Forma interrogativa**
Have I worked?	Eu tenho trabalhado?
Have you worked?	Tu tens (Você tem) trabalhado?
Has he/she/it worked?	Etc.
Have we/you/they worked?	

Observação: Embora tenhamos traduzido o ***present perfect*** por **pretérito perfeito composto**, lembre-se de que **nem sempre** isso é válido.

Mais alguns exemplos:

They've worked here since 1987.
Eles trabalham aqui desde 1987.

Have you called your mother?
Você telefonou para sua mãe?

I haven't seen him lately.
Não o tenho visto ultimamente.

I've written her three letters, but I haven't received any reply.
Escrevi a ela três cartas, mas não recebi resposta (alguma).

QUANDO USAR O *PRESENT PERFECT*

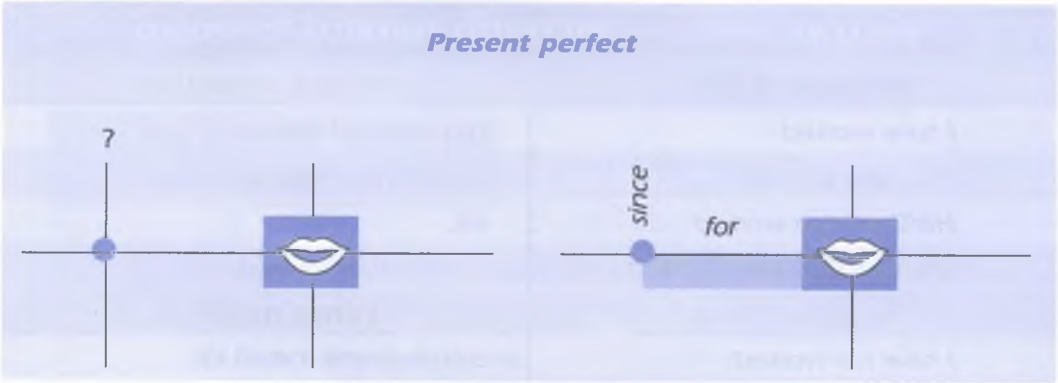

Usamos o ***present perfect*** para expressar um fato **passado que tem alguma relação com o presente**. Há duas situações básicas em que ele é usado, as quais veremos a seguir.

1 O ***present perfect*** é empregado para designar fatos que ocorreram no passado em **tempo não determinado**. Pode ser acompanhado ou não de advérbio que dá **alguma referência** desse tempo.

a. sem referência de tempo.

She's typed the letters.
Ela datilografou as cartas.

They've bought a new car.
Eles compraram um carro novo.

Have you passed the exam?
Você passou no exame?

b. com referência de tempo, indicando que a ação:

- acabou de acontecer (***just***)

*I've **just** got home.*
Acabei de chegar a casa.

- nunca aconteceu (***never***)

*I've **never** seen such a thing.*
Eu nunca vi tal coisa.

- aconteceu alguma vez (***ever***, geralmente em interrogativas)

*Have you **ever** been to Europe?*
Você já esteve na Europa (alguma vez)?

- ainda não aconteceu (***yet***, em negativas)

*Joe hasn't had dinner **yet**.*
O Joe ainda não jantou.

- já aconteceu (***yet***, em interrogativas; ***already***, em afirmativas)

*Has she visited the museum **yet**?*
Ela já visitou o museu?

*I've **already** talked to him about this matter.*
Já falei com ele sobre este assunto.

Observe a posição dos advérbios. Com exceção de ***yet***, que vem no final da frase, eles vêm sempre antes do verbo principal.

c. com referência de tempo, indicando freqüência (***often***, ***many times***, ***frequently***, ***several times***, ***always***).

*I've **often** seen this kind of bird in the park.*
Tenho visto com freqüência esta espécie de pássaro no parque.

*They've gone to Playcenter **several times**.*
Eles foram ao Playcenter várias vezes.

*John has played tennis **three times** this week.*
O John jogou tênis três vezes esta semana.

2 O ***present perfect*** é empregado para descrever um **passado não acabado**, isto é, a ação começou no passado e continua até o presente. Nesse caso, pode expressar duas situações, apresentando, geralmente, uma preposição ou um adjunto adverbial de tempo.

a. expressando situações ou ações que ocorreram em um período de tempo que inclui o presente (***lately***, ***recently***, ***this week***, ***this month***, ***this morning*** etc.).

*I haven't seen Tom **lately**.*
Não tenho visto o Tom ultimamente.

*Has Jane taken a trip to Argentina **this year**?*
A Jane fez uma viagem à Argentina este ano?

*Our company has exported a lot **this month**.*
Nossa empresa exportou muito este mês.

b. expressando uma ação ou situação que tem início no passado e continua no presente, tendo certo destaque o período de tempo de ocorrência da ação. Nesse caso, freqüentemente usamos as preposições ***since*** e ***for***.

▶▶ ***since*** — desde (a partir de um determinado momento)

*Mr Costa has been the store manager **since** 1993.*
O sr. Costa é o gerente da loja desde 1993.

*They've lived in Maceió **since** 1990.*
Eles moram em Maceió desde 1990.

*Helen has painted ever **since** she was a teenager.*
A Helen pinta desde a adolescência.

▶▶ ***for*** — durante, há (período de tempo)

*They have lived in the same apartment **for** 20 years.*
Eles moram no mesmo apartamento há 20 anos.

*We have known Mr Castro **for** a long time.*
Conhecemos o sr. Castro há muito tempo.

*I've worked here **for** 10 years.*
Trabalho aqui há 10 anos.

As perguntas são feitas com ***how long*** (há quanto tempo).

***How long** has she worked as a store clerk?*
Há quanto tempo ela trabalha como balconista de loja?

***How long** have they lived in Porto Alegre?*
Há quanto tempo eles moram em Porto Alegre?

Vimos que o ***present perfect*** é empregado para expressar um **passado não determinado** ou um passado **não acabado**. Se o tempo for determinado e a ação encerrou-se no passado, usamos o ***simple past***.

Cuidado para não confundi-los ao pensar em português.

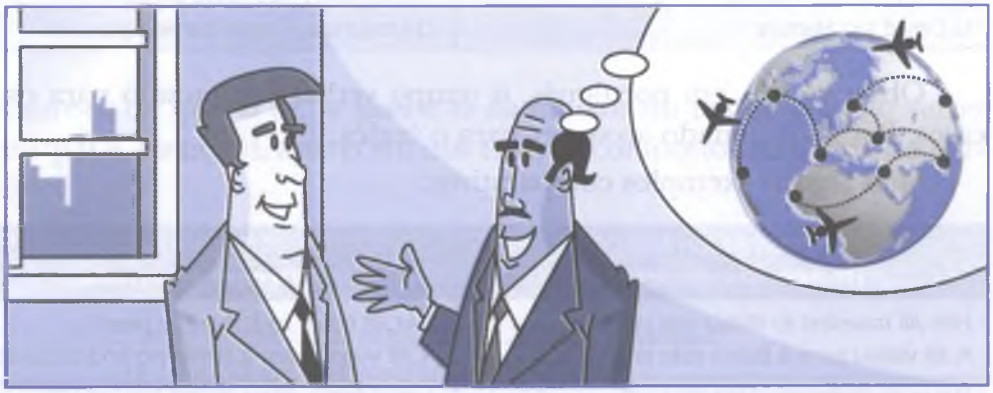

HENRY: ***Have** you **travelled** a lot, Ted?*
Você tem viajado muito, Ted?

TED: *Yes, **I've** already **visited** more than a dozen countries.*
Sim, já visitei mais de uma dúzia de países.

HENRY: *Really? **Have** you ever **been** to Japan?*
É mesmo? Você já esteve no Japão?

TED: *Yes. As a matter of fact, I **went** to Japan **last year**.*
Sim. Na verdade, fui ao Japão no ano passado.

Vejamos alguns exemplos comparando esses dois tempos verbais.

Present perfect **(tempo não determinado)**	***Simple past*** **(tempo determinado)**
Susie has already visited Pantanal several times. A Susie já visitou o Pantanal diversas vezes.	*Susie visited Pantanal three years ago.* A Susie visitou o Pantanal três anos atrás.
I've already closed all the windows. Já fechei todas as janelas.	*Last night I closed all the windows.* Ontem à noite, fechei todas as janelas.
Bill hasn't done his homework yet. O Bill ainda não fez sua tarefa.	*Bill did his homework yesterday.* O Bill fez sua tarefa ontem.
David has read Hamlet. O David leu *Hamlet.*	*David read* Hamlet *last year.* O David leu *Hamlet* no ano passado.

Observe que, em português, o tempo verbal é o mesmo para os dois casos. Por isso, cuidado ao verter para o inglês.

Mais alguns exemplos comparativos:

Present perfect **(tempo não encerrado)**	***Simple past*** **(tempo encerrado)**
Has Jill travelled to Bahia this year? A Jill viajou para a Bahia este ano?	*Did Jill travel to Bahia last year?* A Jill viajou para a Bahia no ano passado?
I've read some good novels lately. Tenho lido alguns bons romances ultimamente.	*I read some good novels last month.* Li alguns bons romances no mês passado.
He's worked here for six months. Ele trabalha aqui há seis meses.	*He worked here for six months.* Ele trabalhou aqui por seis meses.
I've smoked ten cigarettes today. Fumei dez cigarros hoje. (O dia não acabou, posso fumar mais alguns.)	*I smoked fifteen cigarettes yesterday.* Fumei quinze cigarros ontem.

Em alguns casos, com ***tonight*** (hoje à noite), ***this morning*** (hoje de manhã), ***this afternoon*** (hoje à tarde) etc., os dois tempos verbais podem ser empregados. Dependerá apenas de o período haver se encerrado ou não.

I haven't seen Joe this morning.
Não vi o Joe esta manhã.
(a afirmação é feita ainda pela manhã)

I didn't see Tom this morning.
Não vi o Tom hoje de manhã.
(a afirmação é feita à tarde ou à noite)

Observações:

a. É importante observar que **não** se usa o ***present perfect*** ao se fazer referência a ações passadas que não têm ligação com o presente, embora o tempo em que aconteceram não seja mencionado.

*The Chinese **invented** gunpowder.*
Os chineses inventaram a pólvora.

*Everybody knows who **discovered** America.*
Todo mundo sabe quem descobriu a América.

*How many symphonies **did** Beethoven **compose**?*
Quantas sinfonias Beethoven compôs?

*My uncle **died** in a plane crash.*
Meu tio morreu em um desastre de avião.

b. Lembre-se de que ***to be***, ***to have*** e ***to do*** funcionam também como verbo principal e, como tal, aparecem nos tempos compostos na forma do particípio.

*She has **been** very busy lately.*
Ela tem estado muito ocupada ultimamente.

*I have already **had** lunch at a Chinese restaurant.*
Já almocei em um restaurante chinês.

*They have **done** this lesson before.*
Eles fizeram esta lição anteriormente.

c. Na linguagem falada (informal) é comum ouvirmos a expressão ***have got*** (***'ve got***). Tal expressão tem o mesmo sentido de ***have*** (ter). Não se trata de *present perfect*!

*I **have got** a car. = I **have** a car.*
Eu tenho um carro.

*We'**ve got** some eggs. = We **have** some eggs.*
Temos alguns ovos.

Observe agora a diferença de sentido nos exemplos a seguir.

*I've **gotten** five letters so far this week.*
Por enquanto recebi cinco cartas esta semana.

*I've **got** a present for you.*
Tenho um presente para você.

PRESENT PERFECT PROGRESSIVE

O ***present perfect progressive*** é formado pelo ***present perfect*** do verbo ***to be*** mais o gerúndio do verbo principal.

Forma afirmativa

sujeito + ***have been*** + infinitivo (– ***to***) + ***-ing*** (gerúndio)

sujeito + ***has been*** + infinitivo (– ***to***) + ***-ing*** (gerúndio) — 3ª pessoa do singular

*I've **been studying** for two hours.*
Estou estudando há duas horas.

*She's **been waiting** for him all morning.*
Ela passou a manhã toda esperando por ele.

*It's **been raining** for over an hour.*
Está chovendo há mais de uma hora.

Forma negativa

sujeito + ***have not been*** (***haven't***) + infinitivo (– ***to***) + ***-ing*** (gerúndio)

sujeito + ***has not been*** (***hasn't***) + infinitivo (– ***to***) + ***-ing*** (gerúndio) — 3ª pessoa do singular

*They **haven't been working** since eight o'clock.*
Eles não estão trabalhando desde as oito horas.

*I **haven't been living** in São Paulo since 1996. I've been living in São Paulo since 1998.*
Eu não estou morando em São Paulo desde 1996. Moro em São Paulo desde 1998.

Forma interrogativa

Have + sujeito + ***been*** + infinitivo (– ***to***) + ***-ing***
gerúndio

Has + sujeito + ***been*** + infinitivo (– ***to***) + ***-ing*** 3ª pessoa do singular
gerúndio

***Have** you **been working** since eight o'clock?*
Você está trabalhando desde as oito horas?

***Has** she **been waiting** for an hour?*
Ela está esperando há uma hora?

*How long **have** you **been living** here?*
Há quanto tempo você mora aqui?

PRESENT PERFECT PROGRESSIVE	
Affirmative form	**Forma afirmativa**
I've been working	Eu tenho estado trabalhando
You've been working	Tu tens (Você tem) estado trabalhando
He's/She's/It's been working	Etc.
We've/You've/They've been working	
Negative form	**Forma negativa**
I haven't been working	Eu não tenho estado trabalhando
You haven't been working	Tu não tens (Você não tem) estado trabalhando
He/She/It hasn't been working	Etc.
We/You/They haven't been working	
Interrogative form	**Forma interrogativa**
Have I been working?	Eu tenho estado trabalhando?
Have you been working?	Tu tens (Você tem) estado trabalhando?
Has he/she/it been working?	Etc.
Have we/you/they been working?	

Observação: Embora tenhamos traduzido o ***present perfect progressive*** dessa forma, lembre-se de que nem sempre tal tradução é válida.

Mais alguns exemplos:

I've been painting my bedroom.
Estou pintando meu quarto.

She's been talking on the phone for more than an hour.
Ela está falando no telefone há mais de uma hora.

We've been studying English for many years.
Estamos estudando inglês há muitos anos.

QUANDO USAR O *PRESENT PERFECT PROGRESSIVE*

Present perfect progressive

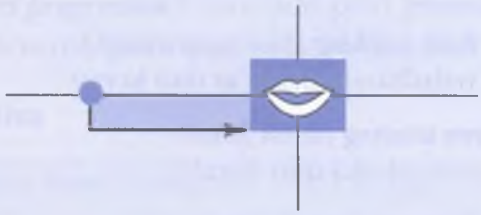

1 O ***present perfect progressive*** é usado basicamente para denotar o caráter de **continuidade**, de **não-interrupção** da ação. Descreve ações que tiveram início no passado e continuam até o presente, dando-se ênfase ao seu período de duração, não importando o resultado. Nesse caso, geralmente, usamos ***since***, ***for***, ***all day***, ***all morning***, ***all week*** etc. para expressar o tempo. Em português, usamos normalmente o **presente do indicativo**.

I've been sitting here ***since*** *nine o'clock.*
Estou sentada aqui desde as nove horas.

It's been raining ***all day****.*
Está chovendo o dia todo.

He's been running ***for*** *half an hour.*
Ele está correndo há meia hora.

2 Usamos também o ***present perfect progressive*** quando queremos expressar um fato genérico que está em progresso em período de tempo não espe-

cífico. Podem ser usados advérbios como ***lately*** (ultimamente), ***recently*** (recentemente) etc.

I've been thinking of looking for a different job.
Estou pensando em procurar um emprego diferente.

All the students have been studying hard.
Todos os alunos estão estudando bastante.

My back hurts, so I've been sleeping on the floor lately.
Minhas costas doem, então estou dormindo no chão ultimamente.

3 Com alguns verbos (principalmente ***live*** e ***work***), há pouca diferença de sentido entre o ***present perfect*** e o ***present perfect progressive*** quando ***since*** ou ***for*** é usado.

I've lived here since 1995.
Eu moro aqui desde 1995.

I've been living here since 1995.
Estou morando aqui desde 1995.

They've worked in the same factory for 10 years.
Eles trabalham na mesma fábrica há 10 anos.

They've been working in the same factory for 10 years.
Eles estão trabalhando na mesma fábrica há 10 anos.

Observação: Lembre-se de que há verbos, em inglês, que não aceitam o gerúndio (***-ing***). Em caso de dúvida, consulte a Unidade 12.

Agora que você já se familiarizou com o ***present perfect***, vale a pena ver como ficam aquelas sete frases apresentadas no início desta unidade.

We've been living in this house for over five years.
Have you read any of Jorge Amado's novels?
I've always wanted to know why certain perfumes are so expensive.
Have you ever been to New York? I've been there several times.
She hasn't seen that film yet.
I've never been to Itaparica, but my cousin has just returned from there.
I've seen some good films on TV lately.

Olho Vivo na Preposição

*Eternity is difficult to conceive **of**, unless you've ever sat **through** a whole opera.*
(R.D., Apr. 1989)

EXERCÍCIOS

A Coloque os verbos entre parênteses no ***present perfect*** (***simple*** ou ***progressive***), conforme for o caso:

1. Paul (know) Frank ever since they were children.
2. I (be) in New York for five days now; it's a city I (always want) to visit.
3. We (wait) for you since 3 o'clock. Where (you / be)?
4. I (tell) you the same thing a hundred times. Why don't you listen to me?
5. I (not see) the Carters for over two months. I suppose they (go) back to England.
6. Tony (work) for IBM for several years and (not get) a promotion yet.
7. My mother (bake) a cake and I (already eat) two slices.
8. You (work) too hard lately. Why don't you take a few days off?

B Neste exercício, você terá oportunidade de usar ora o ***present perfect***, ora o ***simple past***.

1. A: (you/ever/meet) a famous movie star?
   B: Well, I (see) Robert Redford once when he was filming in Brazil.
2. Betty (always want) to own a fur coat; she finally (get) one for her birthday last week.
3. A: (you/ever/eat) *acarajé*?
   B: Yes, I (eat) some when I (be) in Salvador last year.
4. Penicillin (be) invented in 1928 and, since then, it (save) millions of lives.
5. I (never be) to Hawaii, but I'd certainly like to go there.
6. We (buy) a house on the coast four years ago, and since then we (always spend) our vacations there.

C Faça perguntas com ***how long***. Veja o exemplo:

Bob is studying to be a doctor.
How long has Bob been studying to be a doctor?

1. Henry is in Los Angeles. *How long .... .*
2. Susie works as a secretary. *How long .... .*
3. Charles works with computers. *How long .... .*
4. My cousin Sandra is in the hospital. *How long .... .*
5. Tom and Helen live in Canada. *How long .... .*
6. I know Mr Santos. *How long .... .*

D Verta para o inglês:

1. Esta semana, o Ricardo viu a namorada dele apenas cinco vezes. (A semana ainda não acabou!)
2. Estou trabalhando neste relatório desde ontem e ainda não o terminei.

3. Encontrei a Sandra várias vezes na semana passada.
4. A: Você já visitou um museu famoso?
   B : Sim, visitei o Louvre quando estive em Paris dois anos atrás.
5. Estudo inglês há vários anos e ainda tenho dificuldades com o *present perfect*.
6. Já acabei (de ler) o livro que você me emprestou na semana passada.
7. A: Você tem visto o Tom ultimamente?
   B: Não. Acho que ele voltou para Cuiabá, onde sua família mora desde o ano passado.
8. O carro parece muito limpo. Você acabou de lavá-lo?

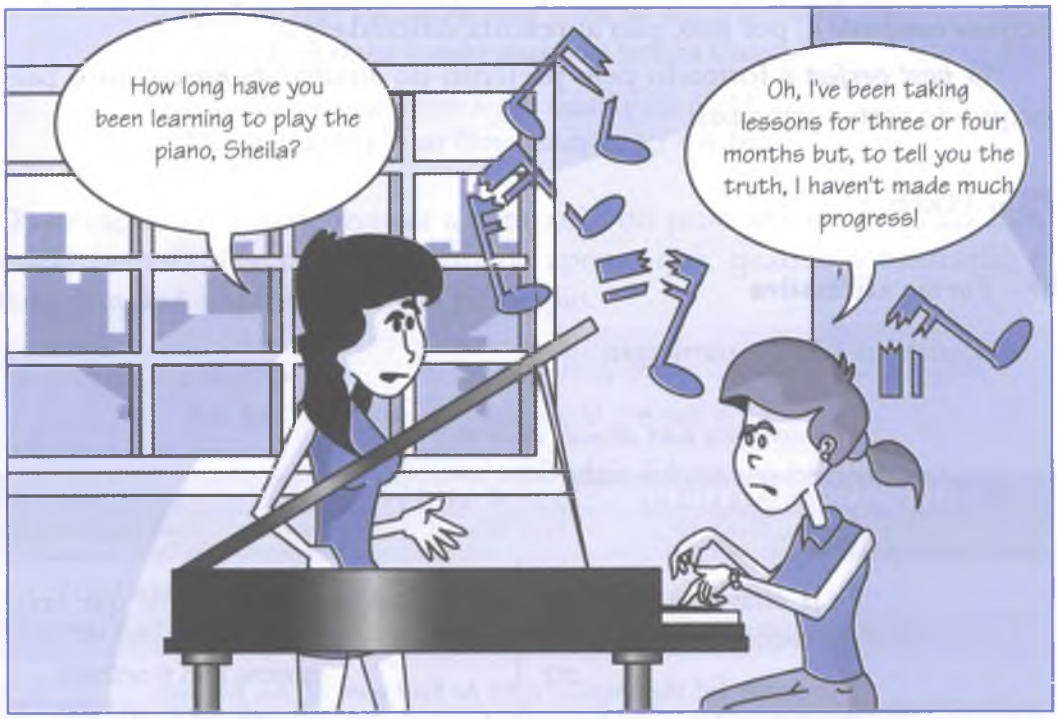

Unidade 17 O PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO

PAST PERFECT — PAST PERFECT PROGRESSIVE

Agora que você já estudou o ***present perfect***, os demais tempos verbais ficam fáceis! O ***past perfect***, por exemplo, equivale ao nosso ***pretérito mais-que-perfeito composto*** e, por isso, não apresenta dificuldades.

O ***past perfect*** é formado pelo pretérito do auxiliar ***to have*** mais o particípio do verbo principal.

PAST PERFECT

Forma afirmativa

sujeito + ***had*** + particípio

*I thought you **had** already **done** it.*
Pensei que você já tinha feito isso.

*I was already at the bus stop when I remembered that I **had forgotten** to lock the door.*
Eu já estava no ponto de ônibus quando me lembrei de que tinha esquecido de trancar a porta.

*The doctor left the hospital after he **had seen** all his patients.*
O médico deixou o hospital depois que tinha visitado todos os seus pacientes.

Forma negativa

sujeito + ***had not*** + particípio
(***hadn't***)

*The carpet got soaked because they **hadn't closed** the window.*
O carpete ficou encharcado porque eles não tinham fechado a janela.

*My parents **hadn't had** dinner yet when I arrived.*
Meus pais ainda não tinham jantado quando cheguei.

*Peter didn't go to the party because he **hadn't been** invited.*
Peter não foi à festa porque não tinha sido convidado.

Forma interrogativa

had + sujeito + particípio

***Had** the train already **left** when you got to the station?*
O trem já tinha saído quando você chegou à estação?

***Had** the thief already **escaped** when the police arrived?*
O ladrão já tinha fugido quando a polícia chegou?

***Had** she **seen** the movie before reading the book?*
Ela tinha assistido ao filme antes de ler o livro?

Observação: O ***'d*** pode indicar a contração do pronome com ***had*** ou com ***would*** (*modal*). Por enquanto, guarde apenas que, quando a contração é feita com ***had***, segue-se a ele um particípio.

I had → I'd *I would → I'd*
You had → you'd *You would → you'd*

***PAST PERFECT* — PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO**	
Affirmative form	**Forma afirmativa**
I had worked	Eu tinha trabalhado
You had worked	Tu tinhas (Você tinha) trabalhado
He/She/It had worked	Etc.
We/You/They had worked	
Negative form	**Forma negativa**
I hadn't worked	Eu não tinha trabalhado
You hadn't worked	Tu não tinhas (Você não tinha) trabalhado
He/She/It hadn't worked	Etc.
We/You/They hadn't worked	
Interrogative form	**Forma interrogativa**
Had I worked?	Eu tinha trabalhado?
Had you worked?	Tu tinhas (Você tinha) trabalhado?
Had he/she/it worked?	Etc.
Had we/you/they worked?	

Mais alguns exemplos:

*Marcos **had** already **decided** not to go.*
O Marcos já tinha decidido não ir.

*I was surprised at the fact that he **hadn't left** a message.*
Fiquei surpreso diante do fato de que ele não havia deixado um recado.

*They knew that they **had made** many mistakes in the test.*
Eles sabiam que tinham feito muitos erros na prova.

*I was sure that I **had** already **seen** her before.*
Eu tinha certeza de que já a tinha visto antes.

*I **had** already **seen** that film, but I wanted to see it again.*
Eu já tinha visto aquele filme, mas queria vê-lo de novo.

QUANDO USAR O *PAST PERFECT*

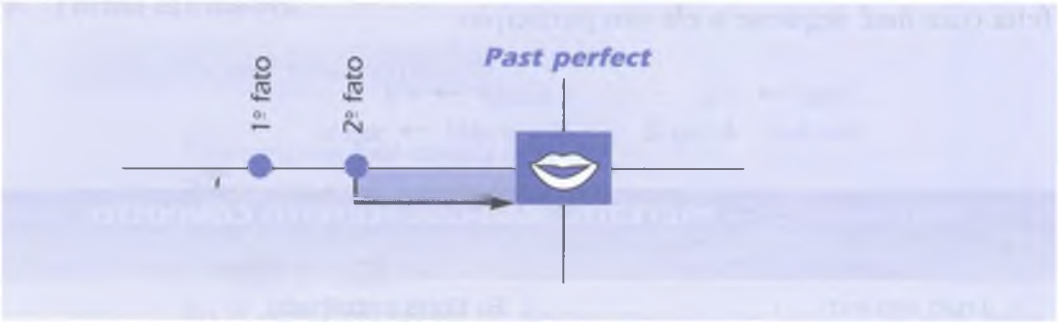

Usamos o ***past perfect*** para expressar um fato que aconteceu no passado antes de outro que também aconteceu no passado (passado anterior a outro passado). Convém salientar que o ***past perfect***, que expressa o primeiro fato, estará sempre em correlação a um ***simple past***, que expressa o fato posterior.

The patient had already died when the doctor arrived at the hospital.
O paciente já tinha morrido quando o médico chegou ao hospital.

Primeiro o paciente morreu, depois o médico chegou. Ambos os fatos se deram no passado, mas um antecedeu o outro. O mesmo ocorre no exemplo seguinte: o ônibus saiu às 9:30 e você chegou à rodoviária às 9:35.

When I arrived at the bus station, the bus had already left.
Quando cheguei à rodoviária, o ônibus já tinha saído.

Introduzimos, muitas vezes, o ***past perfect*** com advérbios como: ***when*** (quando), ***by the time*** (quando), ***already*** (já), ***never*** (nunca), ***ever*** (já, alguma vez — em perguntas diretas ou indiretas), ***just*** (há pouco, recentemente), ***before*** (antes), ***after*** (depois).

*I had **already** finished lunch when my friends arrived.*
Eu já tinha terminado o almoço quando meus amigos chegaram.

*She didn't go to the movies because she had seen the film **before**.*
Ela não foi ao cinema porque tinha visto o filme antes.

*He asked me if I had **ever** seen a live crocodile.*
Ele me perguntou se eu já tinha visto um crocodilo vivo.

*By the time I called, he had **already** gone to work.*
Quando eu telefonei, ele já tinha ido para o trabalho.

Observação: Quando se usa ***before*** ou ***after***, nem sempre é necessário o ***past perfect***, pois fica clara a relação de tempo, isto é, fica expresso o fato que ocorreu primeiro. Nesse caso, pode-se usar o ***simple past*** em vez do ***past perfect***.

*He **had left before** we arrived.*
Ele tinha partido antes de nós chegarmos.

*He **left before** we arrived.*
Ele partiu antes de chegarmos.

*After the guests **had left**, I went to bed.*
Depois que os convidados tinham saído, fui deitar.

*After the guests **left**, I went to bed.*
Depois que os convidados saíram, fui deitar.

EXERCÍCIO

Na seguinte historieta (fato verídico) tirada da *Reader's Digest* (*Sep.* 1997), você terá a oportunidade de colocar no tempo adequado os verbos dados entre parênteses no infinitivo, sem ***to***. Com exceção de apenas um, todos devem ficar ou no ***simple past*** ou no ***past perfect***. Confira depois com o texto completo que é dado nas respostas desta Unidade no final do livro.

My sister's home .... (just be) .... (burglarize). When the crook .... (arrest) and the police .... (discover) that he .... (be) a frequent "visitor" in the area, they .... (take) him on a drive through the neighborhood for him to point out the houses he .... (hit).

Anne, who .... (work) for the state's criminal justice department, later .... (find out) that the burglar .... (have) no problem remembering her house. "That's the one", he .... (say), "with the nice little dog that .... (follow) me from room to room".

Glossário: *to burglarize* — arrombar para furtar
crook — patife
neighborhood — vizinhança
burglar — ladrão

PAST PERFECT PROGRESSIVE

O ***past perfect progressive*** é formado pelo ***past perfect*** do verbo ***to be*** mais o gerúndio do verbo principal.

Forma afirmativa

sujeito + ***had been*** + infinitivo (– ***to***) + ***-ing***
gerúndio

*They became restless because they **had been standing** in line for over two hours.*
Eles ficaram irrequietos porque tinham ficado na fila por mais de duas horas.

*She **had been studying** all day for that evening's test.*
Ela tinha estudado o dia inteiro para a prova daquela noite.

*She didn't go shopping yesterday because it **had been raining** all day.*
Ela não foi fazer compras ontem porque tinha estado chovendo (tinha chovido) o dia todo.

Forma negativa

sujeito + ***had not been*** + infinitivo (– ***to***) + ***-ing***
(***hadn't***) gerúndio

*Everybody was tired except Joe, because he **hadn't been working** all day.*
Todos estavam cansados, exceto Joe, porque ele não tinha estado trabalhando (tinha trabalhado) o dia todo.

*I **hadn't been jogging** for more than fifteen minutes that morning, but I felt very tired.*
Eu não tinha estado correndo (tinha corrido) por mais de quinze minutos naquela manhã, mas me senti muito cansado.

Forma interrogativa

had + sujeito + ***been*** + infinitivo (– ***to***) + ***-ing***
gerúndio

Your hair was all wet when you arrived. ***Had*** *you* ***been swimming****?*
Seu cabelo estava todo molhado quando você chegou. Você tinha estado nadando (estava nadando)?

How long ***had*** *Mr Silva* ***been working*** *for that company when he retired?*
Há quanto tempo o sr. Silva tinha estado trabalhando (tinha trabalhado) para aquela empresa quando se aposentou?

Why was Ted so angry when Carol arrived? ***Had*** *he* ***been waiting*** *for her very long?*
Por que o Ted estava tão zangado quando a Carol chegou? Ele tinha estado esperando (tinha esperado) por ela muito tempo?

PAST PERFECT PROGRESSIVE	
Affirmative form	**Forma afirmativa**
I had been working	Eu tinha estado trabalhando
You had been working	Tu tinhas (Você tinha) estado trabalhando
He/She/It had been working	Etc.
We/You/They had been working	
Negative form	**Forma negativa**
I hadn't been working	Eu não tinha estado trabalhando
You hadn't been working	Tu não tinhas (Você não tinha) estado trabalhando
He/She/It hadn't been working	Etc.
We/You/They hadn't been working	
Interrogative form	**Forma interrogativa**
Had I been working?	Eu tinha estado trabalhando?
Had you been working?	Tu tinhas (Você tinha) estado trabalhando?
Had he/she/it been working?	Etc.
Had we/you/they been working?	

Mais alguns exemplos:

*He won the race because **he'd been training** for months.*
Ele ganhou a corrida porque tinha estado treinando (tinha treinado) por (durante) meses.

*The police **had been looking** for the thief for two hours before they caught him.*
A polícia tinha estado procurando (esteve procurando) o ladrão por duas horas antes de pegá-lo.

*Her hair was wet because **she'd been walking** in the rain.*
O cabelo dela estava molhado porque ela tinha estado andando (tinha andado) na chuva.

Quando usar o *Past Perfect Progressive*

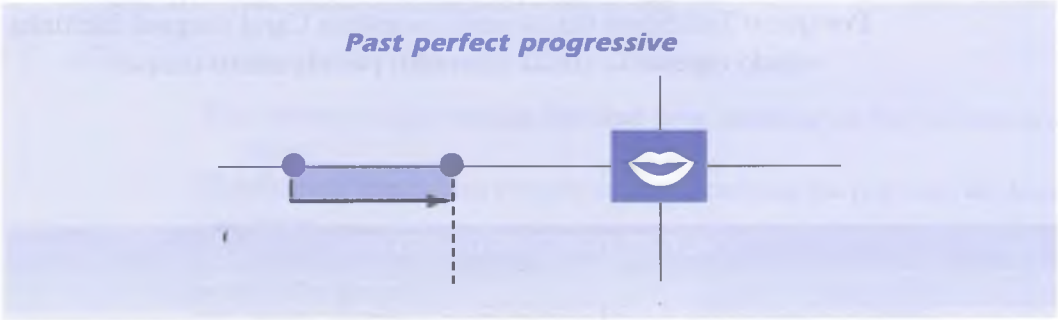

Usamos o ***past perfect progressive*** para expressar um fato que estava acontecendo no passado (em determinado período) antes de outro fato passado. Aqui, geralmente, a ênfase é dada à duração do período em que a ação estava acontecendo.

I was very tired when I got home because I'd been working hard all day.
Eu estava muito cansado quando cheguei em casa porque tinha estado trabalhando (tinha trabalhado) muito o dia todo.

John had been jogging for half an hour when he stopped for a rest.
O John tinha estado correndo (tinha corrido) por meia hora quando parou para descansar.

I'd been waiting for the dentist for almost one hour, when he finally arrived.
Eu tinha estado esperando (tinha esperado) o dentista por quase uma hora, quando ele finalmente chegou.

UCL Biblioteca

Olho Vivo na Preposição

*Below the "**Out of Order**" sign **on** the stamp machine **in** a California post office someone had scribbled: "Doesn't anyone or anything work **around** here?" Next **to** it was this response: "I do. I put **up** the '**Out of** order' signs". (R.D., May 1982)*

EXERCÍCIOS

A Reescreva as frases seguintes, completando as lacunas com o ***simple past*** ou o ***past perfect*** (***simple*** ou ***progressive***) dos verbos entre parênteses:

They .... the door before I .... there. (lock/get)
*They **had locked** the door before I **got** there.*

She .... very tired because she .... all day. (be/work)
*She **was** very tired because she **had been working** all day.*

1. By the time I .... to Ann's house, she .... to school. (get/go)
2. Before we .... Johnny to the zoo, he .... a lion. (take/never see)
3. It was clear that she .... because her eyes .... red. (be/cry-be).
4. I .... the bell when I .... I was at the wrong house. (just ring/realize)
5. John .... me all about the trip he .... to Mexico. (tell/take)
6. A: How did you know I .... (paint)?
   B: Because your hair .... covered with paint. (be)
7. The house .... very quiet because everyone .... to bed. (be/go)
8. We .... as soon as we .... that a serious accident .... . (stop/notice/happen)
9. I .... hungry because I .... a sandwich. (not be/just eat)
10. The children .... all afternoon, so they all .... tired and hungry. (play/feel)
11. Everybody .... well, because the cook .... an excellent meal. (eat/prepare)
12. He only .... me after I .... the same thing three times. (understand/repeat)

B Verta para o inglês:

1. Ela tinha estado esperando por mais de quinze minutos quando o ônibus chegou.
2. O *show* já havia começado quando você chegou ao teatro?
3. Quando o despertador tocou, Jane tinha estado dormindo por mais de dez horas.
4. Maria estava com medo de viajar de avião porque nunca tinha voado antes.
5. João perguntou-me se eu havia trazido de Miami as coisas que ele tinha encomendado.

6. Somente quando Tony chegou à loja percebeu que sua carteira havia sido roubada.
7. A polícia tinha estado à procura (procurando) dos ladrões a semana toda, e finalmente os encontrou em uma favela (*shantytown*).
8. Às (*by*) 22:00 as crianças já tinham terminado suas tarefas e estavam prontas para ir deitar.

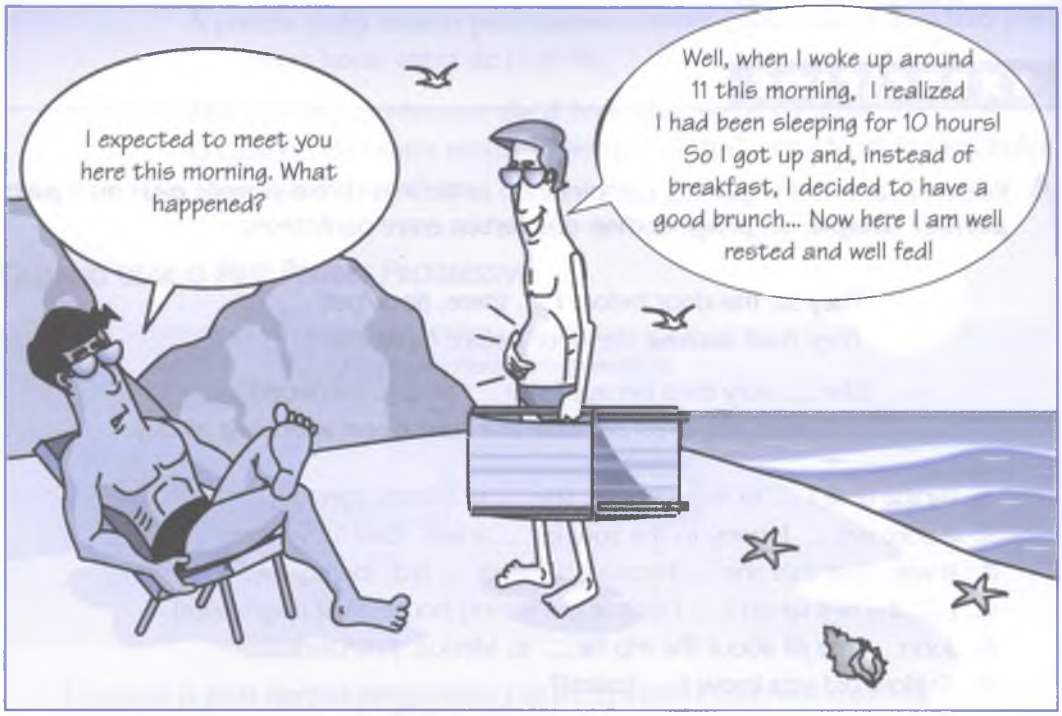

Glossário: *brunch* — combinação de *breakfast* e *lunch*

Unidade 18 O FUTURO DO PRESENTE COMPOSTO

FUTURE PERFECT — FUTURE PERFECT PROGRESSIVE

À semelhança do ***past perfect***, o ***future perfect*** é empregado da mesma forma e nas mesmas circunstâncias que o seu equivalente em português, o **futuro do presente composto**. Trata-se de um tempo verbal que, em inglês, é formado com o futuro do auxiliar ***to have*** (***will have***) mais o **particípio** do verbo principal.

Por se tratar de uma construção raramente empregada na prática, a maioria dos *textbooks* de inglês dão muito pouca ou nenhuma atenção ao ***future perfect***. Entretanto, como ele de fato existe e, ocasionalmente, é ou tem de ser empregado, vamos abordá-lo aqui, embora sem lhe dar a mesma atenção dispensada aos outros tempos do verbo, bem mais importantes porque são freqüentemente utilizados.

FUTURE PERFECT

Forma afirmativa

sujeito + ***will have*** + particípio

*We are late! By the time we get to the airport, the plane **will have** already **left**.*
Estamos atrasados! Quando chegarmos ao aeroporto, o avião já terá partido.

*When you arrive, she **will have** already **finished** her homework.*
Quando você chegar, ela já terá terminado a tarefa.

Forma negativa

sujeito + ***will not have*** + particípio
(***won't***)

*By Tuesday, I **won't have finished** my report yet.*
Na terça-feira, eu ainda não terei terminado meu relatório.

*By February, they **won't have returned** from their trip to Europe yet.*
Até fevereiro, eles ainda não terão regressado de sua viagem à Europa.

Forma interrogativa

will + sujeito + ***have*** + particípio

***Will** you **have finished** your essay by Monday?*
Você terá terminado sua redação até segunda-feira?

***Will** they have already **had** dinner when we arrive?*
Eles já terão jantado quando chegarmos?

FUTURE PERFECT — FUTURO DO PRESENTE COMPOSTO	
Affirmative form	**Forma afirmativa**
I will have worked	Eu terei trabalhado
You will have worked	Tu terás (Você terá) trabalhado
He/She/It will have worked	Etc.
We/You/They will have worked	
Negative form	**Forma negativa**
I won't have worked	Eu não terei trabalhado
You won't have worked	Tu não terás (Você não terá) trabalhado
He/She/It won't have worked	Etc.
We/You/They won't have worked	
Interrogative form	**Forma interrogativa**
Will I have worked?	Eu terei trabalhado?
Will you have worked?	Tu terás (Você terá) trabalhado?
Will he/she/it have worked?	Etc.
Will we/you/they have worked?	

Mais alguns exemplos:

When Joe retires next year, he will have worked for 35 years.
Quando Joe se aposentar no próximo ano, ele terá trabalhado por 35 anos.

By 10 o'clock tomorrow, I'll have already got up.
Às dez horas, amanhã, eu já terei me levantado.

QUANDO USAR O *FUTURE PERFECT*

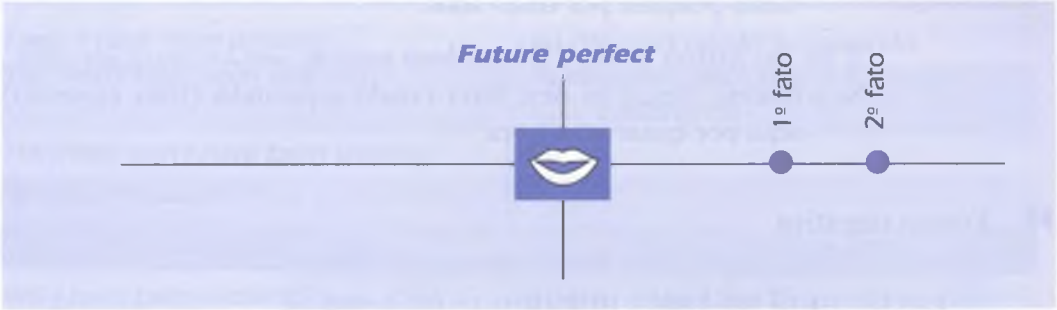

Usamos o ***future perfect*** para indicar que uma ação já terá (ou não) sido realizada num determinado tempo do futuro, ou antes de outra ação futura. Em frases em que o ***future perfect*** é usado, é comum aparecer ***before*** (antes), ***by*** (até, no, na), ***when*** (quando), ***still*** (ainda), ***already*** (já) etc.

> ***By*** *the year 2010, my father will have retired.*
> No ano 2010, meu pai terá se aposentado.
>
> ***When*** *I return, he will have* ***already*** *left.*
> Quando eu voltar, ele já terá saído.
>
> ***When*** *we get to the airport, the plane will* ***already*** *have taken off.*
> Quando chegarmos ao aeroporto, o avião já terá decolado.

Observação: No ***future perfect***, o advérbio ***already*** (já) pode se posicionar antes ou depois do auxiliar ***have***.

> *He will have* ***already*** *left.*
> *He will* ***already*** *have left.*

FUTURE PERFECT PROGRESSIVE

O ***future perfect progressive*** é formado pelo ***future perfect*** do verbo ***to be*** mais o gerúndio do verbo principal.

Forma afirmativa

sujeito + ***will have been*** + infinitivo (– ***to***) + ***-ing***
gerúndio

*By 2005, we **will have been working** on this research project for five years.*
Em 2005, nós teremos estado trabalhando (teremos trabalhado) nesta pesquisa por cinco anos.

*If the bus arrives at ten, **I'll have been waiting** here for nearly an hour.*
Se o ônibus chegar às dez, terei estado esperando (terei esperado) aqui por quase uma hora.

Forma negativa

sujeito + ***will not have*** + infinitivo (– ***to***) + ***-ing***
(***won't***) — gerúndio

*Don't worry about being a little late. By the time you get there, they **won't have been working** for more than a few minutes.*
Não se preocupe em chegar um pouco atrasado. Quando você chegar lá, eles não terão estado trabalhando (terão trabalhado) por mais que alguns minutos.

Forma interrogativa

will + sujeito + ***have been*** + infinitivo (– ***to***) + ***-ing***
gerúndio

*By next month, how long **will** we **have been working** on this research project?*
No mês que vem, quanto tempo teremos estado trabalhando (teremos trabalhado) nesta pesquisa?

*By December of this year, how long **will** you and your family **have been living** in Rio?*
Em dezembro deste ano, há quanto tempo você e sua família terão estado morando (terão morado) no Rio?

FUTURE PERFECT PROGRESSIVE	
Affirmative form	**Forma afirmativa**
I'll have been working	Eu terei estado trabalhando
You'll have been working	Tu terás (Você terá) estado trabalhando
He'll/She'll/It'll have been working	Etc.
We'll/You'll/They'll have been working	

continua ▶▶

FUTURE PERFECT PROGRESSIVE	
Negative form	**Forma negativa**
I won't have been working	Eu não terei estado trabalhando
You won't have been working	Tu não terás (Você não terá) estado trabalhando
He/She/It won't have been working	Etc.
We/You/They won't have been working	
Interrogative form	**Forma interrogativa**
Will I have been working?	Eu terei estado trabalhando?
Will you have been working?	Tu terás (Você terá) estado trabalhando?
Will he/she/it have been working?	Etc.
Will we/you/they have been working?	

QUANDO USAR O *FUTURE PERFECT PROGRESSIVE*

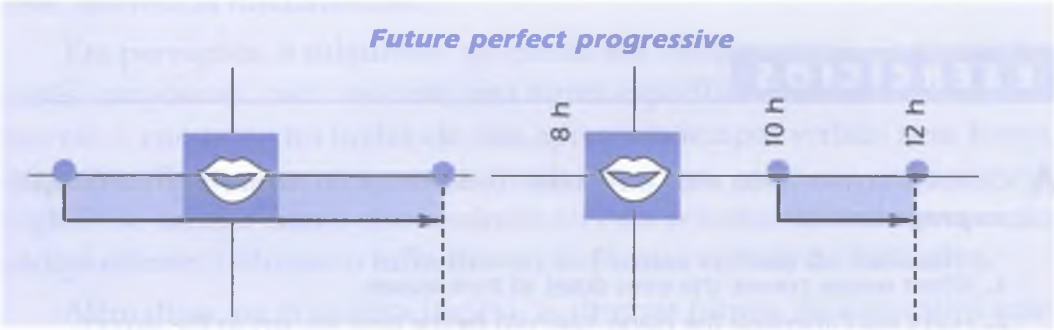

1 Usamos o ***future perfect progressive*** para enfatizar o período de duração de um fato ou uma ação que estará ocorrendo em determinado tempo no futuro, podendo ou não estar ocorrendo no momento da fala. Convém salientar que esse fato ou ação pode ter-se iniciado no passado.

By December of this year, I will have been studying English for three years.
Em dezembro deste ano, terei estado estudando (terei estudado) inglês por três anos.

By next year, Henry will have been working as a waiter for five years.
No ano que vem, o Henry terá estado trabalhando (terá trabalhado) como garçom por cinco anos.

2 O ***future perfect progressive*** também pode indicar o período de duração de uma ação futura antes de outra ação futura.

It's eight o'clock now. I'll start working at ten. Paul will arrive at noon. I'll have been working for two hours by the time Paul arrives.

São oito horas. Começarei a trabalhar às dez. O Paul chegará ao meio-dia. Eu terei estado trabalhando (terei trabalhado) por duas horas quando o Paul chegar.

Observação: Em alguns casos, quando o fato tem início no passado, tanto o ***future perfect*** como o ***future perfect progressive*** podem ser empregados.

*By next year, we'**ll have lived** in this house for ten years.*

No ano que vem, nós teremos morado nesta casa por dez anos.

*By next year, we'**ll have been living** in this house for ten years.*

No ano que vem, nós teremos estado morando (teremos morado) nesta casa por dez anos.

EXERCÍCIOS

A Complete com o verbo entre parênteses, colocando-o no ***future perfect*** (***simple*** ou ***progressive***):

1. When winter comes, the trees (lose) all their leaves.
2. Hurry up! Otherwise the plane (take off) by the time you get to the airport.
3. This report is going to be a long one; I'm afraid I (not finish) it by Thursday.
4. We (visit) at least a dozen big cities by the time we finish our European tour.
5. By 5 P.M., I (sit) here for three hours waiting for the dentist.

B Verta para o inglês:

1. Acho que o ônibus já terá partido quando o Paulo chegar à rodoviária.
2. Esperamos que, dentro de três ou quatro anos, terá sido encontrada uma cura para a aids.
3. Você acha que, até (*by*) as 10 horas, todos os alunos já terão terminado a prova?
4. Quando o médico terminar a cirurgia, o paciente terá ficado inconsciente por, no mínimo, cinco horas.
5. Até (*by*) 2010, a informática (*computer science*) já terá mudado radicalmente nosso estilo de vida (*way of life*).

Unidade 19

O SUBJUNTIVO E O IMPERATIVO

THE SUBJUNCTIVE AND THE IMPERATIVE

Agora que já vimos os tempos verbais do modo indicativo, veremos o modo subjuntivo e o modo imperativo.

O SUBJUNTIVO

THE SUBJUNCTIVE

Tanto em inglês quanto em português, o subjuntivo é o modo verbal que expressa dúvida, incerteza, condição ou desejo, aparecendo geralmente em orações dependentes (*dependent clauses*). Daí conclui-se que as **circunstâncias** em que é usado são semelhantes em ambas as línguas. Existem, porém, diferenças fundamentais.

Em português, o subjuntivo apresenta seis tempos verbais (três simples e três compostos), cada um com uma forma específica (saiba, soubesse, souber etc.), enquanto no inglês ele não apresenta tempos verbais nem forma específica. Então, como expressar dúvida, incerteza, condição ou desejo em inglês? De acordo com a circunstância ou com o verbo utilizado na oração independente, utiliza-se o **infinitivo** ou as **formas verbais do indicativo**.

Além disso, na gramática inglesa, as diversas formas do subjuntivo existentes no português são estudadas principalmente em sintaxe, em pontos tais como: orações substantivas (*noun clauses*); orações adverbiais (*adverb clauses*); orações condicionais (*if clauses*).

Convém lembrar que, aqui, não estudaremos detalhadamente as situações em que o subjuntivo expressa condição, pois o faremos mais adiante. Vamos nos restringir à apresentação dos casos e seus exemplos.

Como vimos, as complicações do nosso subjuntivo acham-se ausentes da gramática inglesa; por isso, estudaremos o subjuntivo partindo do inglês.

1 Em desejos, exortações, bênçãos e locuções similares, em português empregamos o **presente do subjuntivo**; já no inglês usamos **infinitivo** (sem *to*).

*Let this **be** very clear...*
Que isto **fique** bem claro...

*Let it **not be** said that...*
Que **não se diga** que...

*Peace **be** with you!*
A paz **esteja** convosco!

*May all your dreams **come** true!*
Que todos os seus sonhos se **realizem**!

*May heaven **smile** upon you!*
Que o céu **sorria** para você!

*(May) God **bless** you!*
(Que) Deus te **abençoe**!

*(May) God **forbid**!*
(Que) Deus nos **livre**! ((Que) Deus **proíba**!)

*Come rain or **come** shine...*
Chova ou **faça** sol...

Come what may...
Venha o que vier... (**Aconteça** o que acontecer...)

2 Quando, na oração principal, temos verbos que denotam exigência, pedido, recomendação e similares, usamos o **infinitivo** (sem ***to***) na oração dependente, equivalendo a um **presente do subjuntivo** ou a um **imperfeito do subjuntivo**. Entre esses verbos, destacam-se:

- *to demand* (exigir)
- *to insist* (insistir)
- *to request* (pedir)
- *to ask* (pedir)
- *to suggest* (sugerir)
- *to recommend* (recomendar)
- *to propose* (propor)
- *to require* (exigir)
- *to urge* (insistir)

*He demanded that we **come** on time.*
Ele exigiu que **chegássemos** na hora certa.

*I insisted that he **pay** at once.*
Insisti que ele **pagasse** imediatamente.

*Mary proposed that we all **go** together.*
A Mary propôs que **fôssemos** todos juntos.

*What do you suggest that we **do**?*
O que você sugere que **façamos**?

*The doctor recommended that he **smoke** less.*
O médico recomendou que ele **fume** (**fumasse**) menos.

3 Quando, na oração principal, temos uma expressão que denota importância, urgência, necessidade e similares, usamos também o **infinitivo** (sem ***to***) na oração dependente, equivalendo a um **presente do subjuntivo**. Entre essas expressões, destacam-se:

- *It's important that...* (É importante que...)
- *It's necessary that...* (É necessário que...)
- *It's essential that...* (É essencial que...)
- *It's inevitable that...* (É inevitável que...)
- *It's urgent that...* (É urgente que.../É muito importante que...)
- *It's unavoidable that...* (É inevitável que...)
- *It's advisable that...* (É aconselhável que...)
- *It's indispensable that...* (É indispensável que...)

*It's important that you **come**.*
É importante que você **venha**.

*It's essential that she **get** a passport.*
É essencial que ela **obtenha** um passaporte.

*It's necessary that he **see** a dentist.*
É necessário que ele **consulte** um dentista.

*It's urgent that we **find** a solution.*
É urgente que **encontremos** uma solução.

Vale lembrar que, nesses casos, outras construções equivalentes são freqüentemente usadas na linguagem coloquial. Veja como ficam os exemplos anteriores:

It's important for you to come.
It's essential for her to get a passport.
It's necessary for him to see a dentist.
We have to find a solution urgently.

4 Quando temos o verbo ***to hope*** (esperar) na oração principal, se ele estiver no presente, usamos um ***simple present*** ou um ***simple future*** na oração dependente, equivalendo a um **presente do subjuntivo**.

*I **hope** she comes.*
Espero que ela **venha**.
*I **hope** the weather **will change**.*
Espero que o tempo **mude**.
*She **hopes** he'll come.*
Ela **espera** que ele **venha**.

Porém, se o verbo ***to hope*** estiver no passado, usamos o *modal* ***would*** (antes do verbo principal) na oração dependente, equivalendo a um **imperfeito do subjuntivo**.

*We **hoped** they **would come**.*
Esperávamos que eles **viessem**.

*I **hoped** the weather **would change**.*
Esperava que o tempo **mudasse**.

*She **hoped** he'd come.*
Ela **esperava** que ele **viesse**.

5 Em português, para sugerir fatos incertos, ou hipotéticos, geralmente usamos advérbios (**quando** eu souber) ou conjunções (**embora** ele soubesse) que exigem o verbo no subjuntivo. O mesmo ocorre em inglês, porém usamos tempos verbais do indicativo com valor de subjuntivo. As conjunções e os advérbios mais utilizados são:

- *when* (quando)
- *before* (antes que)
- *after* (depois que)
- *until* (até)
- *while* (enquanto)
- *by the time* (quando)
- *as long as* (contanto que)
- *whenever* (sempre que)
- *provided* (contanto que)
- *maybe* (talvez)
- *perhaps* (talvez)
- *though* (embora)
- *although* (embora)
- *if* (se)
- *unless* (a menos que)
- *even though* (mesmo que, embora)

a. Usamos um ***simple present*** para expressar possibilidade, hipótese, condição futura ou concessão, equivalendo ao **presente do subjuntivo** ou ao **futuro do subjuntivo**.

*Perhaps he **wants** to go.*
Talvez ele **queira** ir.

*Unless we **tell** him, he won't know the truth.*
A menos que lhe **contemos**, ele não saberá da verdade.

*Although she **works** hard, she doesn't earn a good salary.*
Embora ela **trabalhe** muito, não recebe um bom salário.

*Provided he **pays**, I don't care.*
Contanto que ele **pague**, não me importo.

*If I **study**, I'll pass the test*
Se eu **estudar**, passarei na prova.

*When he **comes**, I'll give him the news.*
Quando ele **chegar**, eu lhe darei as notícias.

*Before you **go**, let me tell you something.*
Antes que você **vá**, deixe-me contar-lhe uma coisa.

*After they **arrive**, we'll serve dinner.*
Depois que eles **chegarem**, serviremos o jantar.

*Don't open the door **while** we **are** out.*
Não abra a porta enquanto **estivermos** fora.

*I won't leave **until** you **come back**.*
Eu não sairei até você **voltar**.

*Take it **whenever** you **need** it.*
Pegue-o sempre que **precisar**.

b. Podemos usar também um ***simple future***, equivalendo a um **presente do subjuntivo** com valor de futuro, para expressar uma possibilidade futura.

Perhaps he'll go.
Talvez ele **vá**.

Maybe she'll accept the job.
Talvez ela **aceite** o emprego.

c. Usamos o ***simple past*** para expressar possibilidade, condição ou concessão passada, equivalendo a um **imperfeito do subjuntivo** ou a um **perfeito do subjuntivo**.

*If she **called** me, I'd go at once.*
Se ela me **chamasse**, eu iria imediatamente.

*If I **knew** it, I would tell you.*
Se eu **soubesse**, contaria a você.

***Although** it **was** warm, I put on my jacket.*
Embora **estivesse** quente, vesti minha jaqueta.

***Even if** it **were** very difficult, I'd try it.*
Mesmo que **fosse** muito difícil, eu tentaria.

***Maybe** he **got** to the bus station in time to take the eight o'clock bus.*
Talvez ele **tenha chegado** à rodoviária em tempo de pegar o ônibus das oito horas.

***Although** she **insisted**, I didn't go.*
Embora ela **tenha insistido**, eu não fui.

d. Usamos um ***past perfect***, equivalendo a um **mais-que-perfeito do subjuntivo**, para expressar condição passada, algo que aconteceria caso outro fato anterior tivesse ocorrido. Trata-se de um passado anterior a outro passado, ambos totalmente concluídos.

***If I had looked**, the child wouldn't have fallen.*
Se eu **tivesse olhado**, a criança não teria caído.

*If they **had got** here on time, they would have gone with us.*
Se eles **tivessem chegado** na hora, teriam ido conosco.

6 Finalizando, há uma forma do verbo ***to be*** no passado que, usada com ***if*** (se), ***wish*** (quisera, gostaria) e a expressão ***would that*** (oxalá), pode ser considerada um autêntico subjuntivo. Trata-se de ***were***, que é usado em todas as pessoas do singular e do plural, equivalendo ao **imperfeito do subjuntivo** (fosse, fosses, fôssemos, fossem, estivesse, estivesses, estivéssemos, estivessem etc.).

*If I **were** the boss, I would fire him.*
Se eu **fosse** o chefe, eu o demitiria.

*If he **were** more careful, this wouldn't happen.*
Se ele **fosse** mais cuidadoso, isso não aconteceria.

***Would that** I **were** a millionaire!*
Oxalá eu **fosse** um milionário!

*I **wish** you **were** here.*
Gostaria que você **estivesse** aqui.

*I **wish** he **weren't** so selfish.*
Gostaria que ele **não fosse** tão egoísta.

Observações:

a. A propósito de ***wish***, quando na oração dependente temos um verbo diferente de ***to be***, usamos os *modals* ***would*** e ***could***.

*I **wish** she **would come** to see me.*
Gostaria que ela **viesse** me ver.

*I **wish** you **could go** with us.*
Gostaria que você **pudesse ir** conosco.

b. Não se surpreenda ao ler ou ouvir frases como:

*If the car **was** less expensive, I would buy it.*
Se o carro fosse menos caro (mais barato), eu o compraria.

*If Tom **wasn't** so conceited, he'd be a more likeable fellow.*
Se o Tom não fosse tão convencido, ele seria um rapaz mais simpático.

*You wouldn't treat me like that if I **was** your boss.*
Você não me trataria desta maneira, se eu fosse seu patrão.

*I wish Johnny **wasn't** such a lazy boy.*
Eu gostaria que o Johnny não fosse um menino tão preguiçoso.

Em todas essas frases, o inglês mais culto, gramaticalmente correto, exigiria o emprego de ***were***. Ocorre, porém, que, na linguagem falada e até mesmo na escrita, prospera cada vez mais o uso de ***was***, quando o sujeito está na 1ª ou 3ª pessoa do singular.

Mais adiante, estudaremos detalhadamente os ***modal verbs*** (Unidade 20 e 21) e as **orações condicionais** (Unidade 22) que complementam o estudo do subjuntivo.
Veremos também na Segunda Parte, item 1, outras construções com ***wish***.

EXERCÍCIOS

A Corrija as frases seguintes, usando a forma apropriada do subjuntivo:

1. I suggest that she prepares for the test, if she really wants to pass.
2. My friend was in a hurry, so he suggested that we took a taxi.
3. If you plan to go to the USA, it's indispensable that you will get a passport.
4. Although Mary tries very hard, she wasn't able to open the bottle of wine.
5. It's urgent that we took our dog to a veterinarian.
6. The teacher recommended that the students paid special attention to articles and prepositions.
7. I demanded that he pays me at once.

B Indique a alternativa que completa corretamente a seguinte frase:

I suggested that he...

a) do not marry her.
b) wouldn't marry her.
c) not to marry her.
d) not marry her.

C Reescreva as frases abaixo sem alterar o sentido, começando na forma indicada:

1. "I think it would be a good idea if you smoked less!" *The doctor suggested that .... .*
2. "How about having apple pie instead of cake?", my friend said. *My friend proposed that .... .*
3. "I really want you to invite Jill to the party", Bob said to me. *Bob insisted that .... .*
4. "Your phone bill must be paid by Friday", the clerk said to me. *The clerk demanded that .... .*
5. "Why don't you take a few days off from work?", Bill said to me. *Bill suggested that .... .*
6. "We think you should wait till the rain stops", my friends said to me. *My friends recommended .... .*

D Verta as frases seguintes para o inglês:

1. Embora Paulo tenha jogado muito bem, o time dele perdeu a partida *(game)*.
2. É indispensável que a polícia tenha os meios *(means)* necessários para combater o crime.
3. O professor recomendou que os alunos memorizassem os verbos irregulares.
4. Talvez o Carlos queira ir à festa. Por que você não o convida?

5. Quando eu chegar a Nova Iorque, mando (mandarei) um cartão para você.
6. Insisti que ele fosse comigo porque eu tinha medo de ir sozinho.
7. Se ele fosse seu amigo, não diria tais coisas sobre você.
8. Concordo em fazer *(to do)* o trabalho, contanto que *(provided)* você me ajude.

O IMPERATIVO
THE IMPERATIVE

O imperativo, que tantas dificuldades traz ao estrangeiro que aprende a nossa língua (dizer — diga!; fazer — faça!; pôr — ponha!; vir — venha!), em inglês é facílimo! Para construí-lo, na forma afirmativa, basta eliminar o ***to*** do infinitivo, e, na forma negativa, acrescentar ***don't*** ao infinitivo sem ***to***.

Stop that noise!
Pare com esse barulho!

Be a man!
Seja homem!

Don't be a coward!
Não seja covarde!

Don't tell anybody!
Não conte a ninguém!

Observações:

a. O imperativo, ao contrário das demais formas do verbo em inglês, não exi-

ge um sujeito explícito. Pode-se, porém, dizer que ele tem um sujeito implícito, que seria ***you***.

(You) Stop that noise!
(You) Be a man!
(You) Don't tell anybody!

b. Na forma negativa, às vezes, o ***you*** aparece depois de ***don't***, dando mais ênfase ou mesmo um tom de ameaça ao imperativo.

Don't you *touch that wire!*
Não toque naquele fio!

Don't you *tell anybody!*
Não conte a ninguém! (Não vá contar a ninguém!)

Don't you *come in here!*
Não entre aqui!

c. Deixando ***you*** explícito no imperativo, estaremos salientando uma ou mais pessoas a quem a ordem é dirigida.

You *wait here!*
Você(s) espere(m) aqui!
(Subentende-se que os demais não precisam esperar.)

You *keep quiet!*
Você(s) fique(m) quieto(s)!
(Subentende-se que os demais já estão quietos.)

d. Pode-se amenizar o imperativo, torná-lo mais educado, acrescentando-lhe um ***please***.

Turn on the light, ***please****!*
Acenda a luz, por favor!

Answer the phone, ***please****!*
Atenda ao telefone, por favor!

e. Dirigindo-se a um grupo de pessoas, pode-se usar um imperativo com ***everybody*** (todo mundo), ***somebody*** (alguém), ***nobody*** (ninguém) e ***don't anybody*** (ninguém).

Everybody pay attention!
Prestem atenção todos!

Somebody close that window!
Alguém feche aquela janela!

Nobody say a word!
Ninguém diga uma palavra!

Don't anybody leave the room!
Ninguém saia da sala!

f. O imperativo também é usado com uma ***question tag***, que estudaremos mais adiante, na Unidade 25.

*Bring me a glass of milk, **will you**?*
Traga-me um copo de leite, tá?

*Turn off the TV, **will you**?*
Desligue a televisão, ok?

*Buy me a newspaper, **will you**?*
Compre um jornal para mim, faz favor?

g. Dois imperativos juntos são unidos por um ***and*** e não por um ***to***.

*Come **and** see us one of these days.*
Venha ver-nos um dia desses.

*Go **and** get yourself an ice cream!*
Vá comprar um sorvete para você!

Com o verbo ***try*** (tentar, experimentar), porém, pode-se usar tanto ***and*** como ***to***.

*Try **and** open this bottle of wine.*
*Try **to** open this bottle of wine.*
Tente abrir esta garrafa de vinho.

EXERCÍCIO

Verta as frases seguintes para o inglês:

1. Empreste-me sua caneta por um momento, tá?
2. Tente levantar esta caixa; está pesada demais para mim.

3. Não se esqueça de trancar (lock) todas as portas!
4. Todos se levantem quando o diretor entrar!
5. Venha escutar este CD que comprei ontem!
6. Não abra a porta se você não sabe quem está batendo!
7. Desfrute suas férias na Europa e não se esqueça de me mandar um cartão-postal!
8. Alguém feche aquela porta, por favor! O ar que está entrando é muito frio.

Divirta-se com a leitura do seguinte trecho extraído do Reader's Digest (Apr. 1989) onde você verá o imperativo usado diversas vezes:

"Finding the right doctor is not easy", says the inimitable George Burns. "Recommen-dations are a good start. So talk to your friends, preferably the ones who are still alive. Once you get the name of a doctor who sounds interesting, go to his office to check him out. Does he have medical books on his shelf among the investment and real-estate volumes? Does he have an aquarium full of tropical fish? Are the fish alive?

Next observe the patients in the waiting room. Do they look better than the fish? Talk to the patients. See what they think of him. Find out if the doctor makes house calls. If he does, send me his name .... . Personally, I like an older doctor. And if he's still alive, I ask who his doctor is and go to him — if he's still alive."

(From: How to live to be 100 — or More: The Ultimate Diet, Sex and Exercise Book. Putnam.)

Unidade

20 VERBOS AUXILIARES ESPECIAIS 1

MODAL VERBS 1

Antes de começarmos a falar dos ***modal verbs***, cabe aqui uma explicação quanto ao título desta unidade: **verbos auxiliares especiais**.

Alguns livros de inglês trazem a denominação **verbos modais**; porém, optamos por não utilizá-la em português por julgá-la inadequada, uma vez que essa terminologia não existe em nossa gramática.

Outros livros classificam os ***modal verbs*** como verbos **anômalos** (mudam o radical na conjugação) ou **defectivos** (não possuem todas as formas verbais). Não utilizaremos essa classificação por julgá-la também inadequada e, principalmente, por não expressar as principais características dos ***modal verbs***, que veremos a seguir.

O QUE É UM *MODAL VERB*

O ***modal verb*** é um tipo especial de verbo auxiliar que é usado junto com um verbo principal, alterando-lhe ou completando-lhe o sentido. De modo geral, indicam possibilidade, obrigação, dedução, permissão, habilidade, vontade, desejo ou, ainda, o tom da conversa (formal/informal). São eles:

can	*may*	*must*	*shall*	*will*
could	*might*	*ought to*	*should*	*would*

Os ***modal verbs*** podem ser chamados também de ***modal auxiliaries*** ou apenas ***modals***.

Grosso modo, poderíamos dizer que a maioria dos ***modals*** equivale a **poder** e **dever**. Em português, tanto um quanto outro podem expressar situações diversas. Em inglês, porém, para cada situação há um ***modal*** mais adequado. Observe:

Posso usar seu guarda-chuva? (permissão)
May I use your umbrella?

Ele **pode** estar na biblioteca. (possibilidade)
*He **may** be in the library.*

Ela **deve** estar no salão de beleza. (dedução)
*She **must** be at the beauty salon.*

Você **devia** ir a um dentista. (conselho)
*You **should** see a dentist.*

Antes de vermos cada um dos ***modal verbs***, daremos algumas informações preliminares para auxiliar seu estudo.

1 Os ***modal verbs*** não existem na forma infinitiva.

2 Eles são sempre seguidos por verbos no infinitivo **sem *to***. A única exceção fica por conta de ***ought***.

*He **can swim**.*
Ele sabe nadar.
nunca ▶▶| *He can to swim.*

*She **must study**.*
Ela deve estudar.
nunca ▶▶| *She must to study.*

*They **ought to pay** the rent.*
mas ▶▶| Eles deveriam pagar o aluguel.

3 Os ***modals*** nunca são flexionados. Ou seja, não levam ***-s*** na 3ª pessoa do singular, nem formam gerúndio com ***-ing*** ou passado com ***-ed***.

4 Podem ser acompanhados pelo auxiliar ***be***, freqüentemente seguido de gerúndio, expressando tempo presente ou futuro, ou pelo auxiliar ***have*** seguido de particípio, expressando tempo passado.

*They **might be studying**.* (presente)
Eles podem estar estudando.

*The game **will be starting** at five.* (futuro)
O jogo estará começando às cinco.

*Joe **may have seen** the film already.* (passado)
O Joe já pode ter visto o filme.

5 Nunca são acompanhados pelo auxiliar ***do*** (*do, does, did*). Porém, quando ***do*** é verbo principal, é perfeitamente cabível.

*I **can do** it.*
Eu posso fazê-lo.

*She **should do** her homework.*
Ela deveria fazer sua tarefa.

6 Para a forma negativa, acrescenta-se um ***not***.

- *can → cannot (can't)*
- *may → may not*
- *must → must not (mustn't)*
- *shall → shall not (shan't)*
- *will → will not (won't)*
- *could → could not (couldn't)*
- *might → might not (mightn't)*
- *ought to → ought not to (oughtn't to)*
- *should → should not (shouldn't)*
- *would → would not (wouldn't)*

Observações:

a. O negativo de ***can*** é ***cannot*** (sem separar ***can*** de ***not***), ou empregando-se a contração ***can't*** (mais comum).

*I'm sorry, but I **cannot** (**can't**) help you now.*
Desculpe, mas não posso ajudá-la agora.

b. Não há forma contraída para ***may not***.

*No, you **may not** smoke here.*
Não, você não pode fumar aqui.

7 Para a forma interrogativa, faz-se a inversão **sujeito-*modal***, à semelhança dos demais auxiliares.

Can you speak English?
Você sabe falar inglês?

May I use your pen?
Posso usar sua caneta?

Must they wait until five o'clock?
Eles devem (precisam) esperar até às cinco horas?

Ought he to take any medicine?
Ele deveria tomar algum remédio?

8 Os ***modals*** são **sempre** seguidos de um verbo principal. Porém, há casos em que o verbo principal é elíptico, isto é, não aparece, deixando o ***modal*** sozinho.

Can he speak English? I guess he can. (***speak*** elíptico)
Ele sabe falar inglês? Acho que sabe.

He should see a dentist... You're right, he should. (***see*** elíptico)
Ele deveria ir ao dentista... Você tem razão, acho que deveria.

9 Existem **locuções verbais** que podem substituir os ***modals*** em seus vários sentidos e se conjugam em todos os tempos.

- ***be able to*** — expressa habilidade, capacidade
- ***be possible for*** — expressa possibilidade
- ***be allowed to*** — expressa permissão
- ***have to*** — expressa obrigação, necessidade

10 Geralmente, os ***modals*** não se referem a um tempo específico: presente, passado ou futuro. Para determinar o tempo, acrescentam-se auxiliares, como, por exemplo, ***have*** seguido do particípio do verbo principal para expressar o passado, ou se utilizam **locuções verbais**. O tempo pode ser expresso também pelo próprio contexto, que deixa claro se está se falando do presente, do passado ou do futuro.

Will e ***shall*** são exceções! São os únicos ***modals*** que indicam especificamente o tempo, no caso, futuro.

Convém salientar que, em alguns casos, ***could*** é o passado de ***can***.

Agora que já temos as noções gerais, vamos ver cada um dos ***modals***.

WILL — SHALL

Na verdade, já estudamos ***will*** e ***shall*** quando vimos o ***simple future*** (futuro do presente), na Unidade 14. Vamos apenas relembrar!

Modal	Usado para	Presente/Futuro
Will	formar o ***simple future***	*He **will come** later.* Ele chegará mais tarde.
	dar um tom polido (educado) a perguntas	***Will** you **close** the door, please?* Feche a porta, por favor.
Shall	formar o ***simple future*** com ***I*** e ***we*** (inglês britânico)	*We **shall arrive** at noon.* Chegaremos ao meio-dia.
	sugerir, propor, seguido de pergunta	***Shall** I **open** the window?* Abro a janela?

Salientamos que este último uso de ***shall*** é muito freqüente na linguagem coloquial.

*The phone is ringing... **Shall** I answer it?*
O telefone está tocando... Quer que eu atenda?

***Shall** we take a taxi?*
Vamos pegar um táxi?

WOULD

1 Basicamente usamos ***would*** para dar um tom polido (educado) ou delicado a perguntas e pedidos. De certa forma, procedemos da mesma maneira em português. Observe:

Bring me a glass of water, please.
Traga-me um copo de água, por favor.

***Would** you **bring** me a glass of water, please?*
Você me traria um copo de água, por favor?

I want a cup of coffee.
Quero uma xícara de café.

*I **would like** a cup of coffee.*
Eu queria uma xícara de café.

2 Também empregamos ***would*** em orações condicionais, equivalendo ao nosso **futuro do pretérito simples** (***would*** + verbo principal) ou ao nosso

futuro do pretérito composto (***would*** + ***have*** + particípio). Deixaremos o estudo desse caso para a Unidade 22, onde abordaremos as orações condicionais. Por ora, vejamos apenas alguns exemplos.

*If I had enough money, I **would buy** a car.*
Se eu tivesse dinheiro suficiente, **compraria** um carro.

*If she had seen Paul, she **would have invited** him.*
Se ela tivesse visto o Paul, ela o **teria convidado**.

3 Quando nos referimos a uma ação habitual no passado, equivalendo ao nosso **pretérito imperfeito**, podemos usar ***would*** para expressá-la. Não se esqueça de que, nesse caso, podemos usar indiferentemente ***would*** ou ***used to*** (Segunda Parte, itens 48 e 58).

*When I was a child, we'**d go** to the beach every summer.* Ou:
*When I was a child, we **used to go** to the beach every summer.* (mais comum)
Quando eu era criança, **costumávamos** ir à praia todo verão.

WOULD		
Usado para	**Presente/Futuro**	**Passado**
dar tom polido (educado) ou delicado a perguntas	***Would** you **turn** the radio down, please?* Você abaixaria o (volume do) rádio, por favor?	
dar tom delicado a pedidos	*I'**d like** some information about the course.* Queria algumas informações sobre o curso.	*I'**d have liked** some information about the course.* Queria ter tido algumas informações sobre o curso.
formar o **futuro do pretérito simples**	*If I had money, I'**d buy** a car.* Se eu tivesse dinheiro, compraria um carro.	
formar o **futuro do pretérito composto**	*If I had had money, I'**d have bought** a car.* Se eu tivesse tido dinheiro, teria comprado um carro.	
expressar ações repetidas no passado (**pretérito imperfeito**)		*When I was 8 years old, I'**d ride** a bicycle every day.* Quando eu tinha 8 anos, andava de bicicleta todo dia.

Observações:

a. Podemos fazer a contração de ***would*** com o pronome:

I would → I'd *you would → you'd*
she would → she'd *we would → we'd*

Para não confundir com a contração **pronome + *had***, basta verificar que ***would*** é sempre seguido de um verbo no infinitivo **sem *to***.

b. ***Would*** e ***will*** podem ser usados indiferentemente para dar tom polido (educado) à pergunta.

Will you pass me the salt, please?
Would you pass me the salt, please?
Você (me) passaria (pode passar) o sal, por favor?

Verifique na Segunda Parte:

- ***would*** com o verbo ***to wish***, no item 1;
- ***would rather***, no item 38;
- empregos diferentes de ***would***, item 58.

SHOULD — OUGHT TO

Should e ***ought to*** têm basicamente o mesmo sentido, sendo ***ought to*** mais formal. Ambos expressam conselho, advertência, obrigação ou expectativa, correspondendo a **deveria** em português.

*You **should** see a doctor.*
*You **ought to** see a doctor.*
Você **deveria (devia) consultar** um médico. (conselho)

*He **should take** better **care** of his health.*
*He **ought to take** better **care** of his health.*
Ele **deveria (devia) cuidar** mais de sua saúde. (advertência)

1 ***Ought*** é o único ***modal verb*** que é seguido por verbo no infinitivo **com *to***.

*You **ought to** smoke less.*
Você deveria fumar menos.

2 Em alguns casos, principalmente quando expressam conselho, advertência, ***should*** e ***ought to*** podem ser traduzidos por **devia**.

3 Com referência ao passado, também aqui usamos ***have*** seguido do particípio do verbo principal.

*I **should have bought** that car.*
*I **ought to have bought** that car.*
Eu deveria ter comprado aquele carro.

*She **should have studied** yesterday.*
*She **ought to have studied** yesterday.*
Ela deveria ter estudado ontem.

4 ***Should*** também é usado para:

a. expressar ou pedir opinião

*I think Paul **should be** more polite!*
Acho que o Paul deveria ser mais educado!

*Don't you think we **should call** the police?*
Você não acha que deveríamos chamar a polícia?

b. dizer que alguma coisa não está certa ou não é o que esperávamos

*Peter **shouldn't be watching** TV; he should be doing his homework.*
O Peter não deveria estar assistindo à TV; deveria estar fazendo sua tarefa escolar.

*The butter is on the table but it **should be** in the fridge.*
A manteiga está na mesa, mas deveria estar na geladeira.

c. dizer que alguma coisa deverá (provavelmente) acontecer

*Call me tomorrow morning. I **should be** up by eight.*
Telefone-me amanhã cedo. Deverei estar em pé por volta das oito.

*Vivien **should pass** the test very easily.*
A Vivien deverá passar no teste com muita facilidade.

SHOULD — OUGHT TO		
Usado para	**Presente/Futuro**	**Passado**
expressar conselho	*You **should visit** your parents.* *You **ought to visit** yours parents.* Você deveria visitar seus pais.	*You **should have visited** your parents.* *You **ought to have visited** your parents.* Você deveria ter visitado seus pais.
expressar advertência	*He **shouldn't smoke** so much.* *He **ought not to** smoke so much.* Ele não deveria fumar tanto.	*He **shouldn't have smoked** so much.* *He **ought not to have smoked** so much.* Ele não deveria ter fumado tanto.
expressar obrigação	*I **should tell** him the truth.* *I **ought to tell** him the truth.* Eu deveria contar-lhe a verdade.	*I **should have told** him the truth.* *I **ought to have told** him the truth.* Eu deveria ter-lhe contado a verdade.
expressar expectativa	*She **should come** soon.* *She **ought to come** soon.* Ela deveria (deverá) chegar logo.	*She **should have come** earlier.* *She **ought to have come** earlier.* Ela deveria ter chegado mais cedo.

Na Segunda Parte, item 59, veremos dois empregos diferentes de ***should***, que diferem dos vistos até aqui.

Olho Vivo na Preposição

*Patience is the ability to put **up with** people you'd like **put down**. (R.D., Jun. 1978)*

EXERCÍCIOS

A Complete com a forma em ***would*** ou ***wouldn't*** do verbo entre parênteses:

1. If someone pointed a gun at me, I honestly .... (not know) what to do!
2. .... (you/like) to go on a picnic with us tomorrow?
3. I .... (not be) here now if this meeting weren't so important.
4. Too bad it's raining; otherwise I .... (be) playing football with my friends.
5. John was sorry he couldn't pay me today, but he assured me he .... (pay) at the end of the month.
6. .... (you/not/be) happy if you won a lottery prize?

B Responda com ***should*** ou ***shouldn't*** na forma adequada (presente ou passado):

You didn't pass because you didn't study for the test.
What do you say?
I should have studied for the test.

Bob is overweight because he eats too many sweets.
What do you say to him?
You shouldn't eat too many sweets.

Henry got to work late because he didn't catch an early bus.
What do you say to him?
You should have caught an early bus.

1. Susan is sad because Peter offended her. What do you say to him?
2. Richard is ruining his health because he smokes too much. What do you say to him?
3. Your friend Paul was in hospital and you didn't go to visit him. What do you say?
4. Jane is always hungry at 10 o'clock because she never eats a good breakfast. What do you say to her?
5. Tom drives too fast and you don't like it. What do you say to him?
6. Sandra ate too many sweets and put on weight. What do you say to her?

C Complete com um dos seguintes ***modals***:

will	would	shall
should	shouldn't	ought to

1. .... you buy me some aspirins when you go to the drugstore?
2. If George were really serious about losing weight, he .... go on a diet.
3. Unless the bus is late, it .... arrive in a few minutes.
4. .... you come with me, please? I'll take you to the manager's office.
5. When we lived near the lake, I .... go fishing almost every weekend.
6. .... I pick you up at eight o'clock, or is that too early for you?
7. If you feel so much pain, I think you .... see a doctor.
8. Bill telephoned me and said he .... come later.
9. .... you turn off the TV, please? After all, nobody's watching it.
10. He knows he .... smoke so much, but he doesn't care.

D Verta para o inglês:

1. Eu iria ao cinema com você, mas infelizmente não posso.
2. Você faria o favor de me trazer uma lata de pêssegos do supermercado?
3. Ela disse que ficaria muito desapontada se sua nota fosse menos de 5.
4. Repita (usar *will*) o que você disse, por favor.
5. A: Convidamos (usar *shall*) o Tony para a festa de amanhã?
   B: Acho que deveríamos; do contrário, ele ficará magoado *(hurt)*.
6. Telefone-me hoje à noite. Deverei estar em casa antes das 20:00.
7. O Paulo não gostaria de ganhar um *walkman* no seu aniversário?
8. Eu deveria ter ido para a cama mais cedo ontem à noite.

Unidade

21 VERBOS AUXILIARES ESPECIAIS 2

MODAL VERBS 2

Nesta segunda parte do estudo de ***modals***, veremos os que ficaram faltando: ***can***, ***could***, ***may***, ***might*** e ***must***.

CAN — COULD

Glossário: *puffing* — tirando baforadas de
concerned — preocupado

Em português, ***can*** e ***could*** correspondem a **poder** em seus diversos sentidos.

1 ***Can*** expressa capacidade, habilidade, permissão informal, pedido informal e possibilidade.

Can you lift this suitcase? (capacidade)
Você pode (consegue) levantar esta mala?

She ***can speak*** *French very well.* (habilidade)
Ela sabe falar francês muito bem.

Can *I go with you?* (permissão informal)
Posso ir com você?

Can *you* ***help*** *me?* (pedido informal)
Você pode me ajudar?

It ***can be*** *dangerous.* (possibilidade)
Pode ser perigoso.

Observe que, em se tratando de capacidade física, em português, o verbo **conseguir** é mais usado, e, no caso de habilidade, o verbo **saber** é mais utilizado.

2 ***Could*** geralmente é usado em perguntas, dando-lhes tom polido (educado) ou delicado, pedindo favor ou permissão. Pode expressar também capacidade ou habilidade no passado, sendo, neste caso, o passado de ***can***.

Could *you* ***open*** *the door, please?* (tom polido)
Você poderia abrir a porta, por favor?

Could *I* ***borrow*** *your eraser?* (permissão)
Posso emprestar (tomar emprestada) sua borracha?

Mozart ***could play*** *the piano when he was six years old.* (passado)
Mozart sabia tocar piano aos seis anos de idade.

I ***could see*** *that she was very nervous.* (capacidade no passado)
Eu pude (podia) ver que ela estava muito nervosa.

The coffee was so hot that I ***couldn't drink*** *it.* (capacidade no passado)
O café estava tão quente que não pude (consegui) tomá-lo.

3 ***Could*** pode, ainda, expressar possibilidade, equivalendo a um **futuro do pretérito**. Nesse caso, é comum aparecer em orações condicionais.

We ***could invite*** *the Souzas for dinner.*
Poderíamos convidar os Souza para jantar.

After dinner, we ***could go*** *to the movies.*
Depois do jantar, poderíamos ir ao cinema.

There ***could be*** *a negative reaction.*
Poderia (Pode/Poderá) haver uma reação negativa.

*If I had a million dollars, I **could buy** a big mansion.*
Se eu tivesse um milhão de dólares, poderia comprar uma grande mansão.

Observe que ***could*** pode também equivaler a um **presente** ou a um **futuro do presente**.

4 ***Can't*** e ***couldn't*** são usados freqüentemente em exclamações com sentido de **não é possível que...**

*I **can't have slept** more than 30 minutes!*
Não posso ter dormido mais de 30 minutos! (Não é possível que eu tenha dormido mais de 30 minutos!)

*He **couldn't have been** so foolish!*
Ele não poderia ter sido tão tolo! (Não é possível que ele tenha sido tão tolo!)

5 ***Can*** pode ser substituído por **locuções verbais**, que são conjugadas em todos os tempos, nos seguintes sentidos:

▶▶ capacidade, habilidade — ***to be able***

*He **used to be able** to skate well when he was young.*
Ele sabia (costumava poder/era capaz de) patinar bem quando era moço.

*I **won't be able** to come tomorrow.*
Não poderei vir amanhã.

*Was she **able** to buy everything she needed?*
Ela conseguiu comprar tudo de que precisava?

*Our company **has been able** to make some good sales.*
Nossa empresa tem conseguido fazer algumas boas vendas.

*By the time the firemen arrived, we **had been able** to put out the fire.*
Quando os bombeiros chegaram, tínhamos conseguido apagar o fogo.

Observações:

a. O futuro de ***can*** é ***will be able.***

I can't go to the bank today, but I'll ***be able*** *to go tomorrow.*
Não posso ir ao banco hoje, mas amanhã poderei.

b. Nos tempos do passado, o verbo ***to manage*** é muito usado para substituir ***can/could/be able.***

Did she ***manage*** *to buy everything she needed?*
Our company ***has managed*** *to make some good sales.*
By the time the firemen arrived, we ***had managed*** *to put out the fire.*

▶▶ permissão — ***to be allowed to***

I'm ***not allowed to*** *tell you anything.*
Eu não posso (não tenho permissão para) contar-lhe coisa alguma.

She ***was allowed to*** *go into the lab.*
Ela podia (tinha permissão para) entrar no laboratório.

They said they ***had been allowed to*** *leave class earlier.*
Eles disseram que tinham podido (tinham recebido permissão para) sair da aula mais cedo.

▶▶ possibilidade — ***to be possible for***

Is it ***possible for*** *you to come earlier?*
Você pode chegar mais cedo?

It ***was possible for*** *her to buy a car.*
Ela pôde comprar um carro.

Observações:

a. Para dar tom polido (educado), delicado a perguntas, ***could***, ***will*** e ***would*** podem ser usados indiferentemente.

Could *you pass me the sugar, please?*
Will *you pass me the sugar, please?*
Would *you pass me the sugar, please?*
Você poderia (me) passar o açúcar, por favor?

b. **Saber**, com sentido de **conhecimento**, é sempre traduzido por ***to know***.

*I don't **know** his address.*
Não sei o endereço dele.

*Do you **know** how to get there?*
Você sabe como chegar lá?

*He **knows** English grammar very well.*
Ele conhece (sabe) a gramática inglesa muito bem.

Modal	Usado para	Presente/Futuro	Passado
can	expressar capacidade, habilidade	*I **can speak** Japanese.* Eu sei falar japonês. ***Can** you **lift** this box?* Você consegue levantar esta caixa?	*I **could speak** Japanese when I was a child.* Eu sabia falar japonês quando era criança. ***Could** you **hear** them well?* Você conseguiu ouvi-los bem?
	pedir favor, permissão (informal)	***Can** you **help** me?* Você pode me ajudar? ***Can** I **open** the can?* Posso abrir a lata?	
	expressar possibilidade	*It **can be** in the drawer.* Pode estar na gaveta.	
could	expressar capacidade, habilidade no passado		*I **could speak** Japanese when I was a child.* Eu sabia falar japonês quando era criança. ***Could** you **hear** them well?* Você conseguiu ouvi-los bem?
	pedir favor, permissão em tom polido (educado), delicado	***Could** you **help** me?* Você poderia me ajudar? ***Could** I **use** your telephone?* Eu poderia usar seu telefone?	
	expressar possibilidade, equivalendo ao **futuro do pretérito**	*After work, we **could go** shopping.* Depois do trabalho, poderíamos fazer compras.	

Tendo em vista o uso muitíssimo freqüente e os diversos significados de ***could*** e ***should*** em relação ao português, decidimos apresentar aqui uma série de exemplos que, com certeza, lhe serão úteis:

COULD	
Podia (sabia)	*When Paul was younger, he **could** do many things he can't do now.* Quando o Paulo era mais jovem, podia (sabia) fazer muitas coisas que hoje ele não pode (não sabe).
Pude (não pude)	*I **couldn't** do it because it was against my principles.* Não pude fazê-lo porque era contra os meus princípios.
Poderia	***Could** you give me a hand, please?* Você poderia me dar uma mão, por favor? *She **could** go, but she doesn't want to.* Ela poderia ir, mas não quer.
Pudesse	*If they **could** be here now, I'm sure they would.* Se eles pudessem estar aqui agora, tenho certeza de que estariam.
Poderá	*It **could** turn out to be a tough game.* Poderá acabar sendo uma partida (um jogo) difícil.

SHOULD	
Deveria	*I think Johnny **should** spend less time watching TV.* Acho que o Joãozinho deveria passar menos tempo assistindo à TV.
Devia	*Most people think that they **should** pay fewer taxes.* A maioria das pessoas acha que devia pagar menos impostos.
Deverei, deverá	*Call me tonight. I **should** be home by nine.* Ligue para mim hoje à noite. Deverei estar em casa lá pelas nove. *That **should** be a very exciting game.* Esse deverá ser um jogo muito empolgante.

Observação: Convém lembrar que o verbo ***must*** tem, em inglês, um sentido muito impositivo ou, dependendo do contexto, proibitivo, exceto quando usado em condições que indicam probabilidade (exemplo: *It must be cold outside.* / Deve estar frio lá fora.). Em vista disso, a forma ***should*** é empregada com mais freqüência, mesmo quando a tradução mais indicada em português for **deve, devem**.

This product should be kept under refrigeration.
Este produto deve ser conservado refrigerado (na geladeira).

The following considerations should be taken into account:...
As seguintes considerações devem ser levadas em conta:...

COULD	
Podia (sabia)	*When Paul was younger, he **could** do many things he can't do now.* Quando o Paulo era mais jovem, podia (sabia) fazer muitas coisas que hoje ele não pode (não sabe).
Pude (não pude)	*I **couldn't** do it because it was against my principles.* Não pude fazê-lo porque era contra os meus princípios.
Poderia	***Could** you give me a hand, please?* Você poderia me dar uma mão, por favor? *She **could** go, but she doesn't want to.* Ela poderia ir, mas não quer.
Pudesse	*If they **could** be here now, I'm sure they would.* Se eles pudessem estar aqui agora, tenho certeza de que estariam.
Poderá	*It **could** turn out to be a tough game.* Poderá acabar sendo uma partida (um jogo) difícil.

SHOULD	
Deveria	*I think Johnny **should** spend less time watching TV.* Acho que o Joãozinho deveria passar menos tempo assistindo à TV.
Devia	*Most people think that they **should** pay fewer taxes.* A maioria das pessoas acha que devia pagar menos impostos.
Deverei, deverá	*Call me tonight. I **should** be home by nine.* Ligue para mim hoje à noite. Deverei estar em casa lá pelas nove. *That **should** be a very exciting game.* Esse deverá ser um jogo muito empolgante.

Observação: Convém lembrar que o verbo ***must*** tem, em inglês, um sentido muito impositivo ou, dependendo do contexto, proibitivo, exceto quando usado em condições que indicam probabilidade (exemplo: *It must be cold outside.* / Deve estar frio lá fora.). Em vista disso, a forma ***should*** é empregada com mais freqüência, mesmo quando a tradução mais indicada em português for **deve, devem**.

This product should be kept under refrigeration.
Este produto deve ser conservado refrigerado (na geladeira).

The following considerations should be taken into account:...
As seguintes considerações devem ser levadas em conta:...

EXERCÍCIOS

A Complete as frases com ***can/can't, could/couldn't*** ou uma locução verbal equivalente. Em alguns casos, você terá mais de uma opção. Em outros, o uso de uma locução será obrigatório.

George *can* speak several languages.
O George sabe falar várias línguas.

I *haven't been able to* study much lately.
Não tenho podido estudar muito ultimamente.

1. I can't stand Oriental music. I've never .... enjoy it.
2. Paul .... drive but he doesn't have a car.
3. .... (you) understand what the German tourists were saying?
4. I used to .... walk on my hands when I was a boy.
5. Tell Jane about your problem. I'm sure she .... help you.
6. .... (she) speak Russian? No, she .... speak Russian at all!
7. He .... have forgotten his mother's birthday!
8. When I was younger, I .... swim across the river.
9. .... (you) speak to the governor? No, his secretary said he .... receive me.
10. I .... (not) lend you 100 dollars now, but at the end of the month I .... lend you even more than that.

B Complete as frases com ***could***, ***couldn't*** ou ***be able to***:

1. Charles hurt his foot, so he .... play football.
2. Even though it was dark, I .... see that the room was beautifully decorated.
3. John didn't want to come but in the end we .... persuade him to come.
4. My uncle was a gifted musician; he .... play several instruments.
5. Mary .... finish her homework because her brother helped her.

C Leia a situação e formule uma pergunta começando com as palavras entre parênteses, seguindo o exemplo:

You have a 100-dollar bill but you need some change.
You ask somebody to help you. (Can you...?)
Can you change 100 dollars?

1. You want to borrow your friend's pen. What do you say? (Could I...?)
2. You are looking for a good hotel. You ask someone to tell you where to find one. (Can you...?)
3. You don't have a car and you would like your friend to give you a lift. What do you say? (Could you...?)

4. You don't understand a certain expression and you ask a friend to explain it to you. What do you say? (Can you...?)
5. You have to go to the bus station but you don't know how to get there. You ask someone for directions. What do you say? (Could you...?)

Divirta-se agora com a seguinte anedota extraída da seção "*Campus Comedy*", da *Reader's Digest* (*Aug.* 1995), e observe bem o uso de *would* e *could* na "*punch line*" do texto:

One of the highlights of the biology class at New Mexico Highlands University was the monthly feeding of a caged rattlesnake kept in the laboratory. One time, the entire class gathered around the cage and, in complete silence, watched as the feeding took place. "I'm jealous of the snake", the instructor said. "I never get the undivided attention of the class like this."

A student answered matter-of-factly, "You would if you could swallow a mouse."

Glossário: *highlight* — ponto alto
rattlesnake — cascavel
cage — gaiola
jealous — com inveja
matter-of-factly — sem cerimônia, com naturalidade

MAY — MIGHT

Em português, ***may*** e ***might*** correspondem a **poder**, indicando permissão e possibilidade.

1 ***May*** e ***might*** podem ser usados indiferentemente para expressar possibilidade no presente ou no futuro.

*He **may** (**might**) be in the director's office.*
Ele pode estar na sala do diretor.

*He **may** (**might**) be in the bathroom.*
Ele pode estar no banheiro.

*She **may not** (**might not**) be interested.*
Ela pode não estar interessada.

*I don't know what I'll do tonight. I **might** (**may**) go to the movies.*
Não sei o que farei hoje à noite. Talvez eu vá ao cinema.

*The patient seems to be getting worse. We **may** (**might**) have to call the doctor.*
O paciente parece estar piorando. Talvez tenhamos que chamar o médico.

*There **may not** (**mightn't**) be a test tomorrow because our teacher is sick.*
Pode não haver (Talvez não haja) uma prova amanhã porque o nosso professor está doente.

2 Para expressar possibilidade no passado, acrescenta-se ***have*** seguido do particípio do verbo principal.

— Why didn't Walter come to the meeting?
— Por que o Walter não veio à reunião?

*— I don't know. He **may** (**might**) **have forgotten** about it.*
— Não sei. Ele pode ter esquecido.

— I wonder why Jane didn't answer the phone.
— Por que será que a Jane não atendeu ao telefone?

*— I don't know. She **may** (**might**) **have been** taking a bath.*
— Não sei. Ela pode ter estado tomando banho.

3 ***May*** e ***might***, à semelhança de ***can*** e ***could***, também podem ser empregados para pedir ou dar permissão. Convém salientar que ***might*** dá um tom mais polido, sendo menos usado que os demais.

***May** I **smoke** here?*
Posso fumar aqui?

***May** (**Might**) I **borrow** your calculator?*
Posso emprestar (tomar emprestada) sua calculadora?

***May** I **come in**?*
Posso entrar?

***May** I **ask** you a question?*
Posso fazer-lhe uma pergunta?

***May** I **speak** to Helen?*
Posso falar com a Helen?

MAY — MIGHT		
Usado para	**Presente/Futuro**	**Passado**
expressar possibilidade	*She **may be** sick.* *She **might be** sick.* Ela pode estar doente.	*She **may have been** sick.* *She **might have been** sick.* Ela pode ter estado doente.
pedir ou dar permissão	***May** I go now?* Posso ir agora? *You **may** go now.* Você pode ir agora.	

Olho Vivo na Preposição

*"I can see how it might be possible **for** a man to look **down upon** the earth and be an atheist, but I cannot conceive how he could look **up into** the heavens and say there is no God." (R.D., Jul. 1972, citando Abraham Lincoln.)*

EXERCÍCIOS

A Responda usando ***may*** ou ***might***, no presente/futuro ou no passado, dependendo do que fizer mais sentido:

Do you know if Dr Brown is in his office?
I'm not sure; he may be in his office.

Do you know if Sandra has gone to the hairdresser?
I'm not sure; she may (might) have gone to the hairdresser.

Do you know if Paul is going to buy a jet-ski?
I'm not sure. He may (might) be going to buy one (a jet-ski).

1. Do you know if Jane is still sleeping?
2. Do you know if Mr Silva took the 10 o'clock plane?
3. Do you know if they'll go to the football game?
4. Do you know if Michael was sick yesterday?
5. Do you know if they are still living in São Paulo?
6. Do you know if Mary will be here soon?

B Responda agora usando ***may not*** ou ***might not***:

1. Do you know if he passed the test?
2. Do you know if she is telling the truth?
3. Do you know if she was angry with me?
4. Do you know if Tom will be busy tonight?
5. Do you know if he got there in time?

MUST

Em português, ***must*** corresponde a **dever**, podendo indicar probabilidade e obrigação (ou necessidade).

1 Usamos ***must***, expressando probabilidade, quando temos uma evidência do fato a que nos referimos. Caso contrário, usamos ***may*** ou ***might***. Observe a diferença:

— *Why isn't John in class?*
— Por que o John não está na aula?

— *I don't know. He **might** (**may**) be sick.* (possibilidade)
— Não sei, ele pode estar doente.

— *Why isn't John in class?*
— Por que o John não está na aula?

— *He **must** be sick, because when I saw him yesterday he wasn't feeling well.* (probabilidade)
— Ele deve estar doente, porque, quando o vi ontem, ele não estava se sentindo bem.

(É provável que o John esteja doente. A pessoa que fala baseia-se em uma evidência.)

2 Quando ***must*** é usado para indicar probabilidade no passado, usa-se ***have*** seguido do particípio do verbo principal.

*Charles **must have worked** hard because he was exhausted.*
O Charles deve ter trabalhado muito porque ele estava exausto.

*That's a nice car. It **must have cost** a lot of money.*
Aquele é um belo carro. Deve ter custado muito dinheiro.

3 Para expressar obrigação, necessidade, usamos ***must*** (só para o presente) e ***have to*** ou ***need to*** (que servem tanto para o presente como para os demais tempos).

*Is the phone bill due today? Then I **must** go to the bank and pay it.*
A conta do telefone vence hoje? Então devo ir ao banco pagá-la.

*I **must** go to class today.*
Eu devo ir à aula hoje. (Eu preciso ir à aula hoje.)

*I **had to** go to class yesterday.*
Eu tive que ir à aula ontem.

*She **needs to** (**needed to**) buy a new pair of sneakers.*
Ela precisa (precisava/precisou) comprar um novo par de tênis.

4 Para expressar obrigação, na afirmativa, podemos usar ***must*** e ***have to*** indiferentemente. Diríamos que, à semelhança do português, no inglês coloquial ***have to*** é usado com maior freqüência. Existe, porém, uma diferença bastante sutil entre ***must*** e ***have to***. Observe os exemplos:

*The crime rate is rising alarmingly. The government **must** do something about it.*
A taxa de criminalidade está crescendo de maneira alarmante. O governo tem que (precisa) fazer alguma coisa quanto a isso.

*I'd like to watch TV tonight, but unfortunately I **have to** study for a test.*
Eu gostaria de assistir à TV hoje à noite, mas infelizmente tenho de estudar para uma prova.

No primeiro exemplo, a pessoa que fala expressa uma opinião sobre algo que deve ser feito. No segundo exemplo, a pessoa que fala não expressa uma opinião, mas uma necessidade, algo que tem que ser feito, independentemente de opinião.

Outros exemplos:

*Traffic laws **must** be obeyed, otherwise we'll have a lot of accidents.*
As leis do trânsito devem (têm que) ser obedecidas, do contrário teremos muitos acidentes.

*Do you **have to** finish this paper by tomorrow?*
Você tem que terminar este trabalho até amanhã?

5 Na negativa, porém, a coisa muda de figura. ***Must not*** (***mustn't***) e ***don't/doesn't have to*** e ***don't need to*** (***needn't***) têm sentidos bem diferentes!

▶▶ ***must not*** — expressa proibição

*You **must not** smoke here.*
Você não deve (não pode) fumar aqui.

*You **mustn't** park here.*
Você não deve (não pode) estacionar aqui.

▶▶ ***don't/doesn't have to*** e ***need not/needn't*** — expressam ausência de obrigação, não-necessidade

*You **don't have to** get up before eight.*
*You **needn't** get up before eight.*
Você não tem de (não precisa) levantar antes das oito.

*He **doesn't have to** pay the bill today.*
*He **needn't** pay the bill today.*
Ele não tem de (não precisa) pagar a conta hoje.

Mas:

*She **didn't have to** wash the dishes yesterday.*
*She **didn't need to** wash the dishes yesterday.*
Ela não teve de (não precisou) lavar a louça ontem.

Observe que o uso de ***need not/needn't*** está restrito ao presente e dispensa o ***to*** antes do verbo que vem em seguida!

MUST		
Usado para	**Presente/Futuro**	**Passado**
expressar probabilidade	*Joe isn't in class today. He **must be** sick.* O Joe não está na aula hoje. Ele deve estar doente.	*Joe wasn't in class yesterday. He **must have been** sick.* O Joe não estava na aula ontem. Ele deve ter estado doente.
expressar obrigação, necessidade	*I **must pay** this bill today.* Eu devo pagar esta conta hoje.	*I **had to pay** this bill yesterday.* Eu tive que pagar esta conta ontem.
expressar proibição, na negativa	*You **mustn't step** on the grass.* Você não deve (não pode) pisar na grama.	

Confira na Segunda Parte:

- ***have to*** e ***have got to***, no item 36.
- ***mustn't*** e ***needn't***, no item 51.

EXERCÍCIOS

A Complete com ***must*** ou ***have to*** na forma adequada. Em algumas frases, ambos serão possíveis; em outras, apenas ***have to***.

1. Last night, the lights went out, so we .... light some candles.
2. You .... study harder if you really want to pass the test.
3. She says she's only 25 but she .... be at least 30.
4. Forgive me if I don't go to your wedding next Saturday; I may .... travel.
5. Tomorrow I .... get up earlier than usual.
6. If you .... buy a new watch, then buy a good one!
7. Frank .... pay a fine yesterday because he parked his car in a "No Parking" zone.

B Complete com ***mustn't***, ***don't/doesn't/didn't have to*** ou ***needn't/didn't need to***.

1. My electric shower wasn't working but I .... call in an electrician because I managed to repair it myself.
2. This is a secret. You .... tell anyone about it!
3. Bill .... get up before seven. He gets up earlier because he wants to.
4. Children .... be allowed to stay up past midnight.
5. He .... work anymore because he's just won a million dollars in the lottery.
6. My mother .... buy sugar, because we had plenty of it at home.

C Reescreva as frases seguintes usando ***should have*** ou ***shouldn't have***, seguido de um particípio.

Why didn't you take your medicine this morning?
You should have taken your medicine this morning.

Charles disregarded the speed limit and was fined.
Charles shouldn't have disregarded the speed limit.

1. We didn't pay attention to the instructions. *We ....*
2. I wish you had told me that you were coming. *You ....*
3. We regret that Tony did not follow our advice. *Tony ....*
4. Why didn't you send me a card from Las Vegas? *You ....*

5. Your teacher gave you a low mark and you didn't like it. *My teacher ....*
6. You wish that Fred had been kinder to his parents. *Fred ....*
7. Your team lost the game and you were sad. *My team ....*
8. Judy wanted to lose weight but she ate too much "junk food". *Judy ....*

D Verta para o inglês:

1. Você não deveria mentir para o seu melhor amigo.
2. Ele deve ter discado *(to dial)* o número errado.
3. A: Onde está o Paulo?
   B: Não sei, ele pode ter ido ao banco.
4. Não posso pagar esta conta hoje, mas poderei pagá-la na semana que vem.
5. O teu primo sabe jogar tênis?
6. O avião deveria chegar às 10 horas, mas pode atrasar devido ao mau tempo.
7. A prova deve ter sido difícil porque poucos alunos conseguiram (usar *manage*) passar.
8. Pode abrir a janela, porque não está mais chovendo.

E Agora que você já conhece os ***modals***, faça um quadro-resumo com todos eles, seguindo como modelo os quadros apresentados até aqui. Crie novos exemplos para cada um.

Além de facilitar o estudo dos ***modals***, pois estarão todos reunidos, você poderá compará-los. Então, mãos à obra!

Unidade

22 AS ORAÇÕES CONDICIONAIS

CONDITIONAL CLAUSES (IF CLAUSES)

"Se eu ganhasse na loteria", "se eu tivesse pensado", "se ele estudar" etc. **Se**, **se**, **se**... Vamos agora falar dos tantos **ses** que fazem parte da linguagem de nosso cotidiano: as orações condicionais.

Existem, basicamente, três tipos de oração condicional, tanto em português como em inglês.

Observe que, em português, as orações subordinadas condicionais contêm sempre um subjuntivo.

Se Paulo **estudar**, ele passará. (futuro do subjuntivo)
Se Paulo **estudasse**, ele passaria. (imperfeito do subjuntivo)
Se Paulo **tivesse estudado**, ele teria passado. (mais-que-perfeito do subjuntivo)

Em inglês, porém, já sabemos que não há forma específica para o subjuntivo. Para expressá-lo, usamos tempos verbais do indicativo. Relembrando a Unidade 19, vejamos as equivalências.

Português — subjuntivo	Inglês — indicativo
presente	*infinitive/simple present/simple future*
futuro	*simple present*
pretérito imperfeito	*infinitive/simple past/conditional*
pretérito perfeito	*simple past*
pretérito mais-que-perfeito	*past perfect*

Para não ficarmos presos às "decorebas" de equivalência português-inglês, vamos estudar os três tipos de oração condicional, verificando as circunstâncias em que são usados.

Lembre-se de que estamos trabalhando com períodos compostos, constituídos por uma **oração principal** (***main clause***) e uma oração dependente, no caso, **oração subordinada condicional** (***conditional clause***). Com isso em mente, veremos os tempos verbais empregados em cada uma delas.

1 Referindo-se a uma condição possível, real ou a algo que inevitavelmente acontece ou acontecerá (***present/future possible***).

Conditional clause	Main clause
Simple present	**Simple present**
*If you **press** the button,* Se você aperta(r) o botão,	*you **turn** the radio off.* você desliga o rádio.
*If you **touch** the car,* Se você tocar no carro,	*the alarm **goes** off.* o alarme dispara.
Simple present	**Simple future**
*If Paul **studies**,* Se o Paul estudar,	*he **will pass.*** ele passará.
*If you **don't keep** quiet,* Se você não ficar quieto,	*the teacher **will be** angry.* a professora ficará zangada.

If he wants to pass, he has to study.
Se ele quer passar, ele tem que estudar.

If she takes a taxi, she'll get there in time.
Se ela pegar um táxi, ela chegará lá em tempo.

If we invite Jane, she'll go.
Se convidarmos a Jane, ela irá.

2 Referindo-se a uma condição hipotética, possível, mas pouco provável (***present unreal***). Para que determinada situação ocorra, é necessário que a condição se realize. Observe:

The weather is not nice. (*present*)
O tempo não está bom.

Susan will not go to the beach. (*future*)
A Susan não irá à praia.

If the weather were (was) nice, Susan would go to the beach.*
Se o tempo estivesse bom, a Susan iria à praia.

I don't have money. (*present*)
Eu não tenho dinheiro.

* Conferir, na p.197, a observação sobre ***were/was***. O mesmo vale para outros exemplos ou outras frases de exercícios desta Unidade em que a forma ***were*** for empregada com o sujeito na 1ª ou na 3ª pessoa do singular.

I won't buy a car. (*future*)
Eu não comprarei um carro.

If I had money, I would buy a car.
Se eu tivesse dinheiro, compraria um carro.

Conditional clause	Main clause
Simple past	**Would + infinitivo (sem to)**
If I **were** you, Se eu fosse você,	I ***would go***. eu iria.
*If I **won** the lottery,* Se eu ganhasse na loteria,	*I **would buy** a farm.* eu compraria uma fazenda.
Simple past	**Could + infinitivo (sem to)**
*If I **had** a driver's license,* Se eu tivesse carteira de motorista,	*I **could go** by car.* eu poderia ir de carro.
*If I **spoke** Russian,* Se eu falasse russo,	*I **could** talk with him.* eu poderia falar com ele.

Observações:

a. Nas orações condicionais usamos ***were*** (verdadeiro subjuntivo) para todas as pessoas do singular e do plural.

Convém salientar, entretanto, que, na linguagem mais informal, já está sendo aceito o uso de ***was***, em vez de ***were***, na 1ª e 3ª pessoa:

If I was in your place, I would act differently.
Se eu estivesse em seu lugar, agiria de maneira diferente.

If he wasn't so arrogant, I'd forgive him.
Se ele não fosse tão arrogante, eu o perdoaria.

b. De modo geral, neste tipo de condicional usamos ***would*** na oração principal. Porém, é possível aparecerem situações com ***could*** para expressar possibilidade, capacidade.

If Maria spoke English better , she could be a bilingual secretary.
Se a Maria falasse inglês melhor, poderia ser uma secretária bilíngüe.

If she were angry, she'd refuse to speak to you.
Se ela estivesse zangada, ela se recusaria a falar com você.

If they had time, they'd practise more sports.
Se eles tivessem tempo, praticariam mais esportes.

3 Referindo-se a uma condição não-realizada no passado, isto é, algo teria acontecido se um fato anterior tivesse ocorrido.
Observe:

We didn't invite Jane. (*past*)
Nós não convidamos a Jane.

She didn't go to the party. (*past*)
Ela não foi à festa.

If we had invited Jane, she'd have gone to the party.
Se tivéssemos convidado a Jane, ela teria ido à festa.

It wasn't sunny yesterday. (*past*)
O dia não estava ensolarado ontem.

They didn't go to the beach. (*past*)
Eles não foram à praia.

If it had been sunny yesterday, they'd have gone to the beach.
Se o dia estivesse ensolarado ontem, eles teriam ido à praia.

Conditional clause	Main clause
Past perfect	**Would have + participio**
If I ***had had*** *time,* Se eu tivesse tido tempo,	*I* ***would have studied.*** eu teria estudado.
If she ***had felt*** *well,* Se ela tivesse se sentido bem,	*she* ***would have gone*** *to school.* ela teria ido à escola.
Past perfect	**Could have + participio**
If they ***had arrived*** *on time,* Se eles tivessem chegado na hora,	*they* ***could have caught*** *the bus.* poderiam ter pego o ônibus.
If she ***had felt*** *well,* Se ela tivesse se sentido bem,	*she* ***could have done*** *the test.* ela poderia ter feito a prova.

If he had driven more carefully, he could have avoided the accident.
Se ele tivesse dirigido com mais cuidado, poderia ter evitado o acidente.

If I hadn't said that, he wouldn't have been so angry.
Se eu não tivesse dito aquilo, ele não teria ficado tão zangado.

If she had asked, she would have known the truth.
Se ela tivesse perguntado, ela teria sabido a verdade.

Observações:

a. A ordem das orações não altera nem o sentido nem a seqüência dos tempos verbais. Quando a oração condicional aparece em primeiro lugar, usamos vírgula para separá-la da oração principal.

If Paul studied, he would pass.
Paul would pass if he studied.

If we invite Jane, she will go.
Jane will go if we invite her.

b. O fato de o verbo estar na forma negativa ou na interrogativa também não afeta a seqüência.

If Paul doesn't study, he won't pass.
Se o Paul não estudar, ele não passará.

If it weren't for me, they wouldn't come.
Se não fosse eu, eles não viriam.

I would have gone if you hadn't warned me.
Eu teria ido se você não tivesse me avisado (prevenido).

Won't you be happy if your team wins?
Você não ficará contente se seu time ganhar?

c. Existem orações condicionais que não se encaixam em nenhum dos três tipos apresentados, mas nem por isso lhe trarão problemas, pois o inglês corresponde exatamente ao português, levando-se em conta o que já dissemos sobre a não existência de uma forma específica para expressar o subjuntivo em inglês.

▶▶ usando ***progressive tense***

If it weren't raining now, I would go for a walk.
Se não estivesse chovendo agora, eu iria dar uma caminhada.

If it hadn't been raining yesterday, I would have gone for a walk.
Se não estivesse estado chovendo ontem, eu teria ido dar uma caminhada.

▸▸ usando ***modals*** **(*can, could, must, might*)**

If you want to, you can go.
Se você quiser, pode ir.

If I were a bird, I could fly very high.
Se eu fosse um pássaro, eu poderia voar bem alto.

If Peter lied, he must be punished.
Se o Peter mentiu, ele deve ser castigado.

If you had studied, you might have got better grades.
Se você tivesse estudado, poderia ter tirado notas melhores.

▸▸ usando **imperativo**

If you like the book, take it.
Se você gosta do livro, leve-o.

If you are so clever, do the same thing.
Se você é tão esperto, faça a mesma coisa.

If you don't believe me, go and ask her.
Se você não acredita em mim, vá perguntar a ela.

d. Há casos em que a condição é implícita, não aparecendo a conjunção ***if***. Geralmente, trata-se de uma oração adversativa, em que usamos conjunções como: ***but*** (mas), ***however*** (porém, entretanto) etc.

I would lend you the money, but right now I don't have it.
Eu lhe emprestaria o dinheiro, mas, no momento, não tenho.

If I had the money, I would lend it to you.
Se eu tivesse o dinheiro, eu lhe emprestaria.

We would love to stay longer, but it's getting late.
Adoraríamos permanecer mais tempo, mas está ficando tarde.

If it weren't getting late, we would love to stay longer.
Se não estivesse ficando tarde, adoraríamos ficar mais tempo.

I would have gone with you, but I had to work.
Eu teria ido com você, mas tinha que trabalhar.

I would have gone with you if I hadn't had to work.
Eu teria ido com você se não tivesse tido que trabalhar.

e. Além da conjunção ***if***, podemos usar também:

▶▶ ***unless*** (a não ser que)

The Stones will come to dinner unless Mr Stone has other plans.
Os Stones virão para o jantar, a não ser que o sr. Stone tenha outros planos.

Susan won't come unless you invite her.
A Susan não virá, a não ser que você a convide.

▶▶ ***whether or not*** (quer ... ou não)

Susan will come whether or not you invite her.
A Susan virá, quer você a convide ou não.

I'll go swimming whether or not it rains.
Eu irei (vou) nadar, quer chova ou não.

Na Segunda Parte, item 26, você encontrará uma dica sobre ***if*** e ***whether***.

EXERCÍCIOS

A Complete as frases com o tempo correto do verbo que é dado entre parênteses:

1. If Henry really .... (love) Gina, he'd marry her.
2. If I see her, I .... (give) her your message.
3. We would have notified the police if we .... (hear) any shots.
4. If Jim .... (not hurry) he'll be late for class.
5. If it weren't for me, he .... (not get) that job.
6. Would you be surprised if Charles .... (win) the contest?
7. If I .... (be) you, I wouldn't buy that car.
8. What would you do if you .... (find) 100 dollars in the street?
9. I'm sure he would have come immediately if you .... (call) him.
10. You .... (not catch) a cold if you had worn a sweater.

11. If Monica isn't busy, she .... (be) glad to help you.
12. If I were a millionaire, I .... (buy) a Ferrari.

B Ligue as frases seguintes, formando uma única oração condicional, de acordo com o exemplo:

The weather is not nice. Sandra will not go to the beach.
If the weather were nice, Sandra would go to the beach.

1. You will not stay here. You will not meet my friend Paul.
2. John isn't your friend. He won't give you a hand.
3. The stereo set is not good. I won't buy it.
4. Our team doesn't have better players. We won't win the game.
5. I don't know anything about biology. I won' t be able to help you.
6. Walter doesn't have a computer. You can't send him an e-mail.

C Seguindo o exemplo, faça o mesmo com as frases seguintes: (Cuidado com as duas últimas. Pela lógica, a oração principal terá que ser negativa.)

I didn't see John. I didn't give him your message.
If I had seen John, I would have given him your message.

1. I didn't finish the book. I didn't return it to the library.
2. I didn't win a big lottery prize. I didn't buy a beautiful mansion.
3. The dogs didn't bark. The thief didn't run away.
4. They didn't call a doctor. The patient died.
5. The man wasn't a good swimmer. He drowned.

D Escolha a alternativa que completa corretamente a frase seguinte:

I would have stayed up watching TV last night, if I ...

a) wouldn't have to get up early this morning.
b) think the program was more interesting.
c) hadn't felt so tired and sleepy.
d) might guess that the game was going to be so good.

E Verta para o inglês:

1. Se o Jorge estivesse aqui, ele poderia nos ajudar.
2. Se você for à Flórida, pretende visitar a Disneyworld?
3. Se eu não tiver que estudar, irei ao clube com você.
4. Se eles tivessem visto o Carlos, teriam falado com ele.
5. Nós compraríamos aquele apartamento se o preço não fosse tão alto.
6. Se este produto fosse melhor, mais pessoas o comprariam.

7. A não ser que chova, passaremos a tarde no clube.
8. O Paulo irá à festa, quer sua namorada vá ou não.
9. Se eu ouvir qualquer barulho, chamarei a polícia.
10. Se você gosta de comédias, deveria ver o filme que eu vi ontem à noite.

Para encerrar esta Unidade, divirta-se e aprenda mais sobre o uso do ***IF***, lendo a seguinte anedota extraída da *Reader's Digest (Apr.* 1989):

A couple was having a heated discussion regarding family finances. Finally the wife exploded: "If it weren't for my money, this television set wouldn't be here. If it weren't for my money, that chair you're sitting on wouldn't be here. If it weren't for my money, this house wouldn't be here."

"Are you kidding?" her husband replied. "If it weren't for your money, ***I*** wouldn't be here!"

Unidade

23 A VOZ PASSIVA

THE PASSIVE VOICE

As **vozes do verbo** estabelecem a relação entre o sujeito e a ação expressa pelo verbo. O sujeito pratica ou sofre a ação, isto é, o sujeito é agente ou paciente. Quando o sujeito é o agente, temos a **voz ativa** (*active voice*) e, quando o sujeito é o paciente, temos a **voz passiva** (*passive voice*).

Somebody built this house in 1960. (*active voice*)
Alguém construiu esta casa em 1960.

This house was built in 1960. (*passive voice*)
Esta casa foi construída em 1960.

Shakespeare wrote Hamlet. (*active voice*)
Shakespeare escreveu *Hamlet.*

Hamlet *was written by Shakespeare.* (*passive voice*)
Hamlet foi escrito por Shakespeare.

Até aqui, estudamos a voz ativa dos verbos. Passaremos agora à voz passiva, que, em inglês, não difere muito do português, podendo ser aplicada a quase todos os tempos verbais.

1 Para formar a voz passiva, usamos o auxiliar ***to be*** seguido do particípio do verbo principal. À semelhança do português, o objeto da voz ativa passa a ser o sujeito da voz passiva, e o sujeito da voz ativa passa a ser o agente da voz passiva.

Shakespeare ***wrote*** Hamlet.
s. o.

Hamlet ***was written by*** *Shakespeare.*
s. ag. da pas.

Somebody ***built*** *this house in 1960.*
s. o.

This house ***was built*** *in 1960.*
s.

Observe que, na voz passiva, o tempo verbal de ***to be*** corresponde ao tempo do verbo da voz ativa. Além disso, o agente da voz passiva é precedido por ***by*** (por, pelo, pela, pelos, pelas) e só é mencionado quando necessário, para maior clareza.

2 Para formar a interrogativa, antepomos ao sujeito o verbo auxiliar que compõe o tempo verbal da voz passiva. Para a negativa, basta acrescentar ***not*** ao auxiliar.

The house ***has been painted*** *regularly.* (afirmativa)
A casa tem sido pintada regularmente.

The house ***has not been painted*** *regularly.* (negativa)
A casa não tem sido pintada regularmente.

Has *the house* ***been painted*** *regularly?* (interrogativa)
A casa tem sido pintada regularmente?

3 Vejamos como proceder para formar a voz passiva em cada um dos tempos verbais.

Verb tense	Active voice	Passive voice
Simple present	*Joe paints the house every year.* O Joe pinta a casa todo ano.	**am/is/are + participio** *The house* ***is painted*** *by Joe every year.* A casa é pintada por Joe todo ano. *The house* ***isn't painted*** *by Joe every year.* A casa não é pintada por Joe todo ano. ***Is*** *the house* ***painted*** *by Joe every year?* A casa é pintada por Joe todo ano?
Present progressive	*Joe is painting the house.* O Joe está pintando a casa.	**am/is/are being + participio** *The house* ***is being painted*** *by Joe.* A casa está sendo pintada por Joe. *The house* ***isn't being painted*** *by Joe.* A casa não está sendo pintada por Joe. ***Is*** *the house* ***being painted*** *by Joe?* A casa está sendo pintada por Joe?

continua ▶▶

Simple future	*Joe will paint the house.* O Joe pintará a casa.	***will be* + particípio** *The house* ***will be painted*** *by Joe.* A casa será pintada por Joe. *The house* ***won't be painted*** *by Joe.* A casa não será pintada por Joe. ***Will*** *the house* ***be painted*** *by Joe?* A casa será pintada por Joe?
Be going to	*Joe is going to paint the house.* O Joe vai pintar a casa.	***am/is/are going to be* + particípio** *The house* ***is going to be painted*** *by Joe.* A casa vai ser pintada por Joe. *The house* ***isn't going to be painted*** *by Joe.* A casa não vai ser pintada por Joe. ***Is*** *the house* ***going to be painted*** *by Joe?* A casa vai ser pintada por Joe?
Present perfect	*Joe has painted the house.* O Joe tem pintado a casa.	***has/have been* + particípio** *The house* ***has been painted*** *by Joe.* A casa tem sido pintada por Joe. *The house* ***hasn't been painted*** *by Joe.* A casa não tem sido pintada por Joe. ***Has*** *the house* ***been painted*** *by Joe?* A casa tem sido pintada por Joe?

continua ▶▶

Verb tense	Active voice
Simple past	*Joe painted the house.* O Joe pintou a casa.
Past progressive	*Joe was painting the house.* O Joe estava pintando a casa.

Passive voice

***was/were* + participio**

The house ***was painted*** *by Joe.*

A casa foi pintada por Joe.

The house ***wasn't painted*** *by Joe.*

A casa não foi pintada por Joe.

Was *the house* ***painted*** *by Joe?*

A casa foi pintada por Joe?

***was/were being* + participio**

The house ***was being painted*** *by Joe.*

A casa estava sendo pintada por Joe.

The house ***wasn't being painted*** *by Joe.*

A casa não estava sendo pintada por Joe.

Was *the house* ***being painted*** *by Joe?*

A casa estava sendo pintada por Joe?

Verb tense	Active voice	Passive voice
Past perfect	*Joe had painted the house.* O Joe tinha pintado a casa.	**had been + participio** *The house **had been painted** by Joe.* A casa tinha sido pintada por Joe. *The house **hadn't been painted** by Joe.* A casa não tinha sido pintada por Joe. ***Had** the house **been painted** by Joe?* A casa tinha sido pintada por Joe?
Future perfect	*By next week, Joe will have painted the house.* Até a próxima semana, o Joe terá pintado a casa.	**will have been + participio** *By next week, the house **will have been painted**.* Até a próxima semana, a casa terá sido pintada. *By next week, the house **won't have been painted**.* Até a próxima semana, a casa não terá sido pintada. *Will the house have been painted by next week?* Até a próxima semana, a casa terá sido pintada?

4 Podemos usar na voz passiva: ***can***, ***could***, ***would*** e ***would have***.

*This bird **can** be seen in the tropics.*
Este pássaro pode ser visto nos trópicos.

*No language **can** be learned so quickly.*
Nenhuma língua pode ser aprendida tão rapidamente.

*This painting **could** be sold for a good price.*
Este quadro poderia ser vendido por um bom preço.

*The house **would** be painted this year.*
A casa seria pintada este ano.

*The e-mails **would** be sent, if the secretary were here now.*
Os *e-mails* seriam enviados, se a secretária estivesse aqui agora.

*The cake **would** have been made if we had all the ingredients.*
O bolo teria sido feito, se tivéssemos todos os ingredientes.

3 Não são usados na voz passiva: o ***present perfect progressive***, o ***past perfect progressive***, o ***future progressive*** e o ***future perfect progressive***.

USO DA VOZ PASSIVA

1 Semelhante ao português.

The mail is delivered every day.
A correspondência é entregue diariamente.

Were these computer chips made in Taiwan?
Esses *chips* para computadores foram fabricados em Taiwan?

The killer will be sent to jail.
O assassino será mandado para a prisão.

2 Usa-se a voz passiva, em inglês, quando o sujeito é indefinido, equivalente ao nosso sujeito indeterminado.

They eat avocado with sugar in Brazil.
No Brasil, comem abacate com açúcar. (sujeito indeterminado)

Avocado is eaten with sugar in Brazil. (voz passiva)
Abacate é comido com açúcar no Brasil.

They play baseball everywhere in the USA.
Jogam beisebol em toda parte nos EUA. (sujeito indeterminado)

Baseball is played everywhere in the USA. (voz passiva)
O beisebol é jogado em toda parte nos EUA.

Observe que o uso da voz ativa com ***they*** ou ***people*** (as pessoas, a gente) é mais comum na linguagem informal (coloquial), ao passo que a voz passiva é mais usada na linguagem formal.

3 Em português, temos a voz passiva analítica e a voz passiva sintética.

Maria foi socorrida por José. (voz passiva analítica)
Vendem-se casas. (voz passiva sintética)

Em inglês, há apenas uma forma para a voz passiva, que equivale às duas formas em português.

Portuguese is spoken in Brazil.
Fala-se português no Brasil.
Português é falado no Brasil.

A lot of rice is eaten in China.
Come-se muito arroz na China.
Muito arroz é comido na China.

Honey is sold here.
Vende-se mel aqui.
Mel é vendido aqui.

It is said that the price of gas will go up again.
Diz-se que o preço da gasolina subirá novamente.

Confira na Segunda Parte, item 10, mais alguns exemplos que equivalem à nossa voz passiva sintética.

Observações:

a. A língua inglesa não possui um equivalente exato para o verbo **nascer**. Supre-se essa falta usando a voz passiva do verbo ***to bear*** (*bear — bore — born* = gerar, dar à luz). Normalmente, emprega-se o verbo ***to be*** no ***simple past***, mas, às vezes, pode-se empregá-lo no *simple present*. Note que o agente (a mãe) nunca é mencionado!

*I **was born** in 1960.*
Eu nasci em 1960.

*When **were** you **born**?*
Quando você nasceu?

*Fritz **was born** in Germany.*
O Fritz nasceu na Alemanha.

*Many babies **are born** in this hospital every day.*
Muitos bebês nascem neste hospital diariamente.

b. Alguns verbos podem ter dois objetos, um direto e outro indireto, como, por exemplo, ***to ask*** (perguntar).

They asked the President many questions.
ob. ind. ob. dir.

Fizeram muitas perguntas ao presidente.

Ou

The President was asked many questions.

Outros verbos que também podem ter dois objetos:

- *to offer* (oferecer)
- *to send* (enviar)
- *to teach* (ensinar)
- *to tell* (dizer/contar)
- *to promise* (prometer)
- *to show* (mostrar)
- *to pay* (pagar)
- *to give* (dar)

Wasn't the position offered to him?
Wasn't he offered the position?
O cargo não lhe foi oferecido?

Two options were given to Peter, but he refused both.
Peter was given two options, but he refused both.
Duas opções foram oferecidas ao Peter, mas ele recusou ambas.

Several beautiful necklaces were shown to the rich lady.
The rich lady was shown several beautiful necklaces.
Vários lindos colares foram mostrados à rica senhora.

c. Às vezes pode-se usar ***get*** em vez de ***be*** na voz passiva, quando se diz que alguma coisa acontece, aconteceu, acontecerá etc. a alguém ou a alguma coisa.

There was an accident but nobody got (= was) hurt.
Houve um acidente, mas ninguém se machucou.

William got (= was) promoted last week.
O William foi promovido na semana passada.

The cat always gets (= is) scared when the dog barks.
O gato sempre fica assustado quando o cachorro late.

Existem, porém, muitas outras situações em que o verbo principal não permite o uso de ***get***:

*That actor **is** admired by many people.*
Aquele ator é admirado por muita gente.

nunca ▶▶| *That actor **gets** admired by many people.*

O uso de ***get*** na voz passiva, substituindo ***be***, ocorre principalmente no inglês falado, informal.

Na seguinte anedota retirada da *Reader's Digest* (*Dec.* 1974), você verá como Johnny, apesar de não conseguir nomear os tempos verbais, mostra, além de grande precocidade, que sabe usar o verbo *to get* para formar a voz passiva.

"Johnny", said the grammar-school teacher, "tell me what verb tense I'm using when I say, 'I love, you love, he loves'."

"Well", replied Johnny, "I'm not sure, but to me it looks like one of those deals where somebody's gonna get shot."

Glossário: *deals* — negócios (aqui poderia ser "rolos")

Confira na Segunda Parte, item 64, um emprego especial da voz passiva.

EXERCÍCIOS

A Partindo das frases seguintes, escreva outras na voz passiva, com o mesmo sentido, começando com as palavras dadas. Siga o exemplo:

The police have arrested several suspects.
Several suspects have been arrested by the police.

1. That restaurant serves excellent seafood. Excellent seafood...
2. They have cancelled all flights because of the bad weather. All flights...
3. A computer can easily solve this problem. This problem...
4. People won't forget our national heroes. Our national heroes...
5. Congress will discuss the matter next week. The matter...
6. They are building some beautiful houses on my street. Some beautiful houses...
7. Someone had already cleaned the room. The room...
8. Someone hurt Richard during the football game (*usar* get). Richard...
9. Someone accused Paul of stealing the money. Paul...
10. The wind blew down even some big trees. Even some big trees...

B Proceda da mesma forma com as frases seguintes, observando que aqui trabalharemos com os verbos que possuem dois objetos:

They didn't offer Charles the job.
Charles wasn't offered the job.

1. They don't pay the workers a good salary. The workers...
2. Nobody told Jim that his uncle was sick. Jim...
3. They gave Johnny many presents on his birthday. Johnny...
4. They will show you how to operate the machine. You...
5. They promised us a lot of money. We...

C Passe as seguintes frases da voz ativa para a voz passiva, considerando que o agente precedido por ***by*** deve ser expresso apenas quando necessário:

1. They built the Eiffel Tower in 1889.
2. The postman delivered many letters and magazines.
3. Did the storm damage many houses? (*usar* get)
4. Shakespeare wrote many famous tragedies.
5. They will grow corn and soybeans on their farm.
6. There was an explosion and it killed many people. (*usar* get)
7. They have changed the date of the meeting.
8. Last year they reorganized the school system.
9. The mechanic will repair the car this afternoon.
10. They were selling the merchandise at a 50% discount.

D Verta para o inglês:

1. O prédio inteiro foi destruído pelo fogo.
2. Diz-se (dizem) que o criminoso nunca será conhecido.
3. O paciente já foi examinado pelo médico?
4. Estas laranjas foram compradas hoje de manhã.
5. Quando cheguei lá, o carro já tinha sido vendido.
6. Você sabia que, a despeito do frio, toma-se (come-se) muito sorvete no Alasca?
7. Quando meu tio nasceu, a televisão ainda não havia sido inventada.
8. É verdade que este carro foi importado do Japão?

BILL: Harry, have you been told that our friend Dick lost his job?

HARRY: Do you mean he was dismissed, fired, sacked, just like that?

BILL: Yep!

HARRY: Well, you know good old Dick. Probably too many parties, too many girls, too many times late for work and then, bang! But I bet he was warned, he was threatened and finally the axe came down. Too bad for him.

BILL: Come on, Harry, I thought you'd show more pity, that you wouldn't be so heartless toward our good pal Dick.

HARRY: In a way, I feel sorry for him. But if he deserved, it's his fault.

BILL: You know what, Harry? I was just pulling your leg to see how loyal a friend you are!

HARRY: You rat, you... I'll get you one of these days!

Glossário: *to fire, to sack* — demitir, pôr no olho da rua
axe — machado
heartless — sem coração, impiedoso
to pull one's leg — brincar com, enganar alguém
pal — amigo, companheiro

Unidade

24 O GERÚNDIO E O INFINITIVO

GERUND AND INFINITIVE

Mais uma vez esbarramos em um problema de nomenclatura! Embora tenhamos dado o nome de **gerúndio e infinitivo** a esta unidade, na verdade, trabalharemos com o que equivale ao nosso **infinitivo**, que, em inglês, apresenta duas formas.

Tanto em inglês quanto em português, os verbos apresentam **formas nominais** (***verbals***). Em português, temos o **infinitivo**, o **gerúndio** e o **particípio**, que, em inglês, correspondem, respectivamente, ao ***infinitive***, ao ***present participle*** e ao ***past participle***. Em inglês, porém, quando o ***present participle*** (*-ing*) tem outra função, ele é denominado ***gerund***. Não confunda! Esse ***gerund*** não é o mesmo que o nosso **gerúndio** (-ando, -endo, -indo, -ondo), embora sejam cognatos (mesma raiz).

Formas nominais — *Verbals*			
Português		**Inglês**	
infinitivo	cant**ar**	*infinitive*	***to*** *sing*
	viv**er**		***to*** *live*
		gerund	*sing**ing***
			*liv**ing***
gerúndio	cant**ando**	*present participle*	*sing**ing***
	viv**endo**		*liv**ing***
particípio	cant**ado**	*past participle*	*sung* (irregular)
	viv**ido**		*liv**ed*** (regular)

*He likes **to sing**.* (*infinitive*)
Ele gosta de **cantar**. (infinitivo)

***Singing** is a pleasure.* (*gerund*)
Cantar é um prazer. (infinitivo)

*He is **singing**.* (*present participle*)
Ele está **cantando**. (gerúndio)

*He has **sung** lately.* (*past participle*)
Ele tem **cantado** ultimamente. (particípio)

Observe que o ***gerund*** e o ***present participle*** têm a forma em ***-ing***. O que os diferencia é a função. O primeiro tem função de **substantivo** (sujeito ou objeto), e o segundo, além de verbo, pode ter função de **adjetivo**.

Confira na Unidade 7, item 7, o uso do ***present participle*** (*-ing*) como adjetivo.

Utilizaremos aqui a nomenclatura da gramática inglesa, para não incorrermos em erros e, também, para não tornar a coisa confusa!

Tirando esse "porém" da nomenclatura, o importante, nesta unidade, é que você saiba distinguir quando usar o ***gerund*** (*-ing*) e quando usar o ***infinitive***, já que ambos podem ser traduzidos por um infinitivo em português.

GERUND

Em alguns casos, o emprego do ***gerund*** é obrigatório; em outros, o emprego do ***infinitive*** é obrigatório. Há, ainda, casos opcionais, isto é, pode-se empregar o ***gerund*** ou o ***infinitive*** indiferentemente.

Vejamos os casos em que o emprego do *gerund* é obrigatório.

1 Preposições regem ***gerund***, ou seja, depois de preposição é obrigatório o uso de um ***gerund***. Na gramática inglesa, diz-se que o ***gerund*** é o objeto da preposição.

*He is interested in **buying** the car.*
Ele está interessado em **comprar** o carro.

*Susan left without **saying** goodbye.*
A Susan saiu sem **dizer** tchau.

*Are you thinking of **working** as a salesman?*
Você está pensando em **trabalhar** como vendedor?

*He turned off the TV by **pushing** the button.*
Ele desligou a TV **pressionando** o botão.

*Frank had a drink before **eating**.*
O Frank tomou um *drink* antes de **comer**.

*After **reading** the book, he also saw the film.*
Depois de **ler** o livro, ele também viu o filme.

*I am used to **sleeping** with the window open.*
Estou acostumado a **dormir** com a janela aberta.

Observações:

a. Se as preposições ***before*** e ***after*** são seguidas de **verbo**, este irá no ***gerund***. Porém, quando forem seguidas por um **nome** ou **pronome**, não há necessidade do ***gerund***.

A diferença pode ser reduzida ao seguinte: **antes de** + ***gerund*** e **antes que** + **verbo** no ***simple present*** ou no ***simple past***.

*He closed all the windows before **leaving**.*
Ele fechou todas as janelas antes de **sair**.

*After **eating**, he brushed his teeth.*
Depois de **comer**, ele escovou os dentes.

mas ▶▶| *Before you **go**, do me a favor.*
Antes que você **vá**, faça-me um favor.

*After he **died**, we sold the house.*
Depois que ele **morreu**, vendemos a casa.

b. No exemplo "*I am used to sleeping with the window open*", o ***to*** é uma **preposição** e não parte do infinitivo. Daí dizermos ***to sleeping*** e não ***to sleep*** como alguns dizem erroneamente.

*I'm accustomed to **getting** up early.*
Estou acostumado a levantar cedo.

*He objected to **changing** the plans.*
Ele objetou a **mudar** os planos (à mudança dos planos).

Confira na Segunda Parte, item 48, os usos de ***used to***.

2 Há certos verbos que regem ***gerund***, isto é, quando seguidos de outro verbo, exigem um ***gerund***. Na gramática inglesa, diz-se que são verbos que exigem um ***gerund*** como objeto.

Entre eles salientamos:

- *to finish* (terminar)
- *to enjoy* (gostar, apreciar)
- *to consider* (pensar em, cogitar)
- *to resist* (resistir)
- *to deny* (negar)
- *to admit* (admitir)

- *to avoid* (evitar)
- *to mind* (importar-se)
- *to postpone* (adiar)
- *to appreciate* (apreciar)
- *to dislike* (não gostar)
- *to keep* (continuar)
- *to delay* (atrasar, demorar)
- *to stop* (parar)

*I've just finished **painting** the kitchen.*
Agora há pouco terminei de **pintar** a cozinha.

*Do you enjoy **listening** to country music?*
Você gosta de **ouvir** música sertaneja?

*Mary avoids **meeting** her former boyfriend.*
A Mary evita **encontrar** seu ex-namorado.

*Would you mind **closing** that window?*
Você se importaria de **fechar** aquela janela?

*Mr Silva usually postpones **making** important decisions.*
O sr. Silva geralmente adia **tomar** decisões importantes.

*We would appreciate **receiving** an answer.*
Apreciaríamos (gostaríamos de) **receber** uma resposta.

*I couldn't resist **eating** another piece of pie.*
Não pude resistir (à vontade de) **comer** mais um pedaço de torta.

*Does he deny **taking** (**having** taken) the money?*
Ele nega **ter** pego o dinheiro?

*You keep **saying** the same thing!*
Você continua a **dizer** a mesma coisa!

*Paul delayed **coming** to the meeting.*
O Paul demorou a **chegar** à reunião.

*William stopped **working** at 5 P.M.*
O William parou de **trabalhar** às 17:00.

*We are considering **selling** our house and **buying** an apartment.*
Estamos pensando em **vender** nossa casa e **comprar** um apartamento.

*When he was caught, he admitted **forging** (having forged) the documents.*
Quando ele foi pego, ele admitiu ter **falsificado** os documentos.

Observações:

a. O verbo ***to stop*** pode ser usado em dois sentidos:

- **parar de** — exige ***gerund***.

  *He stopped **working**.*
  Ele parou de **trabalhar**.

  *They stopped **talking**.*
  Eles pararam de **falar**.

- **parar para**, isto é, interromper uma atividade para fazer outra — pede um ***infinitive***.

  *After walking for two hours, we stopped **to rest**.*
  Depois de caminhar por duas horas, paramos para descansar.

  *The meeting starts at eight, but at ten we will stop **to have** a cup of coffee.*
  A reunião começa às oito, mas às dez pararemos para **tomar** uma xícara de café.

b. Os verbos ***remember/recall, forget*** e ***regret*** (que não constam na lista da p. 251) são seguidos de ***gerund*** apenas quando significam lembrar-se, esquecer-se ou arrepender-se de alguma coisa no **passado**.

*I remember **locking** all the doors.* (sentido passado)
Lembro-me de ter trancado todas as portas.

*I'll never forget **seeing** a snake just a meter away from me.* (sentido passado)
Nunca me esquecerei de ter visto uma cobra a apenas um metro de mim.

*Tom regrets **having** bought that second-hand TV set.* (sentido passado)
O Tom se arrepende de ter comprado aquela TV de segunda-mão.

mas ▶▶ *Remember **to call** me tonight.*
Lembre-se de me telefonar hoje à noite.

*She always forgets **to take** her medicine.*
Ela sempre se esquece de tomar seu remédio.

*I regret **to inform** you that we no longer sell this product.*
Lamento informar-lhe que não vendemos mais esse produto.

3 Emprega-se o ***gerund*** depois do verbo ***to go*** (em qualquer de seus tempos), quando este é seguido por outro verbo que expressa certas atividades, principalmente esportivas.

*The boys are going **swimming**.*
Os meninos estão indo **nadar**.

*My uncle went **fishing** last Saturday.*
Meu tio foi **pescar** sábado passado.

*Let's go **skating**!*
Vamos **patinar**!

*They like to go **jogging** every morning.*
Eles gostam de ir **correr** todas as manhãs.

*Hemingway used to go **hunting** in Africa.*
Hemingway costumava ir **caçar** na África.

*Jane went **shopping** yesterday.*
A Jane foi **fazer compras** ontem.

Outros verbos que vão no ***gerund*** após o verbo ***to go***:

- *to go bowling* — ir jogar boliche
- *to go skiing* — ir esquiar
- *to go hiking* — ir fazer uma excursão (a pé)
- *to go bicycling (biking)* — ir andar de bicicleta
- *to go surfing* — ir surfar
- *to go boating / sailing* — ir andar de barco / velejar
- *to go camping* — ir acampar
- *to go dancing* — ir dançar
- *to go mountain climbing* — ir fazer alpinismo

4 Usamos o ***gerund*** com a função de sujeito de uma oração ou de uma cláusula, equivalendo ao nosso **infinitivo**.

***Swimming** is an excellent exercise.*
Nadar é um excelente exercício.

***Listening** to music is my favorite pastime.*
Ouvir música é meu passatempo favorito.

Smoking is harmful to your health.
Fumar é prejudicial à sua saúde.

*Many people think that **watching** TV is a waste of time.*
Muita gente acha que **assistir** TV é uma perda de tempo.

*Everyone knows that **reading** and **writing** are basic skills.*
Todo mundo sabe que **ler** e **escrever** são conhecimentos fundamentais.

Observações:

a. Como explicar a famosa frase de Shakespeare: *"To be or not to be, that is the question"*? Na frase citada temos uma disjunção (ser **ou não** ser), isto é, dois infinitivos separados por **ou não**. Quando isso ocorre, usamos o ***infinitive***.

To buy or not to buy, sometimes that's a difficult decision to make.
Comprar ou não **comprar**, às vezes essa é uma decisão difícil de tomar.

To go or not to go to the university...
Ir ou não **ir** para a universidade...

b. Às vezes, usamos um ***infinitive*** como sujeito da oração. Porém, o ***infinitive*** é mais comumente usado com ***it***.

Playing with fire is dangerous.
To play with fire is dangerous.
Brincar com fogo é perigoso.

It is dangerous to play with fire.
É perigoso **brincar** com fogo.

5 Algumas expressões pedem verbos na forma em ***-ing***. Entre essas expressões salientamos:

▶▶ ***It's no use / no good*** (Não adianta)

*It's no use **going** now. The game must be nearly over.*
Não adianta ir agora. O jogo deve estar quase no fim.

*It's no good **trying** to persuade him. He won't listen to you.*
Não adianta tentar persuadi-lo. Ele não vai lhe dar atenção.

Observação: Existe, ainda, a expressão ***There's no point in***, que, devido à preposição ***in***, automaticamente rege o gerúndio e pode ser empregada com sentido idêntico a ***It's no use***.

- ***It makes no sense*** (Não faz sentido)

  It makes no sense ***getting*** *so upset about such a small thing.*
  Não faz sentido ficar tão nervoso por causa de uma coisa tão pequena.

- ***It's worth / not worth*** (Vale a pena / Não vale a pena)

  It's not worth ***watching*** *such a silly program.*
  Não vale a pena assistir a um programa tão bobo.

  Do you think it's worth ***taking*** *a taxi?*
  Você acha que vale a pena pegar um táxi?

  Pode-se também dizer:

  This book is worth ***reading****.*
  Vale a pena ler este livro.

  This film is really worth ***seeing****.*
  Realmente vale a pena ver este filme.

- ***(I) can't help*** (Não posso deixar de)

  I can't help ***laughing*** *when I think of it.*
  Não posso deixar de rir quando penso nisso.

  I'm sorry I broke the glass, but I couldn't help ***dropping*** *it.*
  Sinto ter quebrado o copo, mas não pude deixar de derrubá-lo.

- ***Have difficulty / a hard time / a difficult time / trouble*** (Ter dificuldade em)

  I had difficulty ***finding*** *a good hotel.*
  I had a hard time ***finding*** *a good hotel.*
  I had a difficult time ***finding*** *a good hotel.*
  I had trouble ***finding*** *a good hotel.*
  Tive dificuldade em achar um bom hotel.

  You'll have no trouble ***learning*** *Spanish.*
  You'll have no difficulty ***learning*** *Spanish.*
  Você não terá dificuldade em aprender espanhol.

I'll have a hard time ***convincing*** *him.*
Terei dificuldade em convencê-lo.

▶▶ ***It's a waste of money / time*** (Desperdício de dinheiro / tempo)

It's a waste of money ***buying*** *low quality products.*
É um desperdício de dinheiro comprar produtos de baixa qualidade.

It's a waste of time ***going*** *to that exhibition.*
É um desperdício de tempo ir àquela exposição.

6 O ***gerund*** é também muito freqüente na função de **substantivo** ou **adjetivo**:

This house needs a good ***cleaning****.*
Esta casa precisa de uma boa **limpeza**.

We set up our tents in a ***clearing*** *of the woods.*
Montamos nossas barracas numa **clareira** do bosque.

The ***beginning*** *of the book was quite interesting.*
O **começo** do livro foi bastante interessante.

What an ***exciting*** *game it was! I really enjoyed it.*
Que jogo **empolgante** que foi! Realmente gostei.

We had a very ***interesting*** *science class today.*
Tivemos uma aula de ciências muito **interessante** hoje.

E, por falar em *gerund*, divirta-se com esta pequena anedota retirada do *Reader's Digest* (*Apr.* 1977):

Psychiatrist: "I'm not aware of your problem, so perhaps we should start from the beginning."
Patient: "All right. In the beginning I created the heavens and the earth..."

Glossário: *aware* — ciente

Olho Vivo na Preposição

Teenagers were put ***on*** *earth to keep adults* ***from*** *wasting time* ***on*** *the telephone.*
(R.D., Apr. 1989)

EXERCÍCIOS

A Leia a seguinte relação de atividades:

- smoking
- seeing horror films
- writing letters
- doing housework
- getting up early
- talking about politics
- going to bed late
- eating sweets
- going shopping
- watching TV news programs
- reading newspapers
- listening to classical music

Agora escreva aquelas que você normalmente:

- dislike
- try to avoid
- enjoy
- don't mind
- hate
- like
- love

I hate getting up early.
I like writing letters.

B Complete com o ***gerund*** (*-ing*) de um dos verbos seguintes:
(Atenção! Nem todos serão usados.)

see	wait	take	swim	smoke
walk	open	run	drink	meet
work	hear	make	go	lock
rain	listen	cut	learn	

1. I'm tired of ....; let's go home.
2. Charles dislikes .... to rock and roll.
3. Do you think that film is worth ....?
4. Before .... a decision, think a little more!
5. People should avoid .... in polluted waters.
6. He only left the house after .... all the doors.
7. For older people, ... is a better exercise than .... .
8. Are you really interested in .... Chinese?
9. .... is dangerous for your health.
10. Scissors are for .... things, not for .... cans.

11. After .... all day, I felt like .... to bed early.
12. It has stopped .... but the ground is still wet.

C Reescreva as frases seguintes usando:

- It's no use
- It's no good
- It makes no sense
- It's not worth
- It's a waste of time
- It's a waste of money

Don't worry about it.
It's no use worrying about it.

Don't buy this book if you're not going to read it.
It's a waste of money buying this book.

Don't buy this watch.
It's not worth buying this watch.

Don't study if you're too tired.
It makes no sense studying if you're too tired.

1. Don't ask Henry for money.
2. Don't study a language if you're not going to use it.
3. Don't visit that modern art exhibition.
4. Don't buy this old TV set.
5. Don't try to bend this iron bar.
6. Don't get upset.
7. Don't buy these bananas if no one is going to eat them.
8. Don't get these old shoes repaired.
9. Don't try to convince her.
10. Don't risk your life by driving so fast.

D Verta para o inglês:

1. Pare de me incomodar! Não vê que estou ocupado?
2. Evite tomar remédios que lhe são estranhos!
3. Antes de votar, devemos escolher cuidadosamente o nosso candidato.
4. No próximo domingo, vou pescar com meus amigos.
5. Finalmente terminamos de pintar nosso apartamento.
6. Obrigado por (*for*) me ajudar!
7. Não tivemos dificuldade em achar um bom restaurante.
8. Hoje em dia, vale a pena aprender inglês bem.

INFINITIVE

Vejamos agora os casos em que o ***infinitive*** é obrigatório, em alguns deles com ***to***, em outros sem ***to***. Para facilitar, convencionaremos chamar de ***to-infinitive*** o infinitivo **com *to***, e apenas ***infinitive*** o infinitivo **sem *to***.

Convém lembrar que, em inglês, muitas vezes o subjuntivo é expresso por um ***infinitive***, como vimos na Unidade 19. Portanto, há casos em que o ***infinitive*** equivale ao nosso subjuntivo.

1 Alguns verbos regem ***to-infinitive***, isto é, quando seguidos de outro verbo, exigem que este esteja no ***to-infinitive***. Entre eles destacamos:

- *to hope* (esperar)
- *to agree* (concordar)
- *to promise* (prometer)
- *to attempt* (tentar)
- *to decide* (decidir)
- *to forget* (esquecer)
- *to fail* (deixar de)
- *to learn* (aprender)
- *to dare* (atrever-se)
- *to manage* (conseguir)
- *to pretend* (fingir)
- *to seem* (parecer)
- *to plan* (planejar)
- *to offer* (oferecer)
- *to threaten* (ameaçar)
- *to refuse* (recusar)
- *to appear* (parecer)

*George refused **to give** me a lift.*
O George recusou-se a **dar-me** uma carona.

*Don't forget **to pay** the phone bill!*
Não se esqueça de **pagar** a conta do telefone!

*She hopes **to become** a famous actress.*
Ela espera **tornar-se** uma atriz famosa.

*I'm sure you will manage **to pass**.*
Tenho certeza de que você conseguirá **passar**.

Observações:

a. O verbo ***to dare*** admite infinitivo com ou sem ***to***.

*I wouldn't dare **to ask** the boss for a raise.*
*I wouldn't dare **ask** the boss for a raise.*
Eu não me atreveria a **pedir** um aumento ao patrão.

b. Para fazer a negativa do ***to-infinitive***, basta acrescentar ***not*** antes de ***to***.

*We decided **not to go** because it was raining.*
Decidimos **não ir** porque estava chovendo.

*Albert pretended **not to see** his former girlfriend.*
O Albert fingiu **não ver** sua ex-namorada.

2 Alguns verbos seguidos de pronome relativo (***what, where, how, when*** etc.) pedem ***to-infinitive***. Entre eles salientamos:

- *to ask* (perguntar)
- *to decide* (decidir)
- *to know* (saber)
- *to remember* (lembrar)
- *to forget* (esquecer)
- *to explain* (explicar)
- *to tell* (dizer)
- *to understand* (compreender)

*I **explained** to him how **to use** the computer.*
Expliquei a ele como **usar** o computador.

*Have you **decided** where **to go** for your vacation?*
Você decidiu aonde **ir** em suas férias?

*I don't **remember** what **to do** to send an e-mail.*
Não me lembro o que **fazer** para mandar um *e-mail*.

*Do you **know** how **to play** bridge?*
Você sabe (como) **jogar** *bridge*?

3 Um pequeno número de verbos que exigem ***to-infinitive*** admitem duas estruturas de frase, ou seja, o objeto pode ser posicionado antes ou depois do ***to-infinitive***, conforme o caso. Entre esses verbos, merecem destaque:

- *to want* (querer)
- *to ask* (pedir)
- *to help* (ajudar)
- *to expect* (esperar)
- *would like* (gostaria)

- **verbo + *to-infinitive* + objeto**

*Do you want **to do** this right now?*
o.
Você quer **fazer** isto agora mesmo?

*She asked **to speak** to the manager.*
o.

Ela pediu para **falar** com o gerente.

*I'll help (**to**) **wash** the dishes.*
o.

Ajudarei a **lavar** a louça.

*We would like **to play** cards.*
o.

Gostaríamos de **jogar** baralho.

verbo + objeto + *to-infinitive*

*I expect him **to come** on time.*
o.

Espero que ele **chegue** na hora certa.

*We wanted our team **to win**.*
o.

Queríamos que nosso time **ganhasse**.

*Mary asked Tom **to go** with her.*
o.

A Mary pediu ao Tom para **ir** com ela.

*I'll help you (**to**) **carry** the suitcase.*
o.

Ajudarei você a **carregar** a mala.

Observações:

a. O verbo ***to help*** também pode ser seguido por ***infinitive*** (sem ***to***), como veremos mais adiante.

b. Em alguns casos, o ***to-infinitive*** pode ser traduzido por um **subjuntivo**, como ocorre no primeiro e no segundo exemplos.

Confira na Segunda Parte, item 1, o emprego de ***to-infinitive*** com ***want, would like*** e ***wish***.

4 Há também verbos, em número maior, que exigem um objeto (substantivo ou pronome) antes do ***to-infinitive***. A estrutura da frase deve ser: **verbo + objeto +** ***to-infinitive***. Entre esses verbos, os principais são:

- *to tell* (dizer, mandar)
- *to order* (ordenar)
- *to remind* (fazer lembrar)
- *to teach* (ensinar)
- *to advise* (aconselhar)
- *to warn* (avisar, alertar)
- *to encourage* (animar, encorajar)
- *to invite* (convidar)
- *to force* (forçar)
- *to allow* (permitir)
- *to permit* (permitir)
- *to enable* (possibilitar)
- *to persuade* (persuadir)
- *to get* (no sentido de mandar)

Who taught you (how) ***to drive?***
o.

Quem te ensinou a **dirigir**?

I advised him ***to be*** *very careful.*
o.

Eu o aconselhei que **fosse** muito cuidadoso.

Paul encouraged me ***to go.***
o.

O Paul me animou a **ir**.

Remind me ***to call*** *Jane tonight.*
o.

Lembre-me de **telefonar** para a Jane hoje à noite.

I'll get someone ***to clean*** *the garden.*
o.

Vou mandar alguém **limpar** o jardim.

Vejamos alguns exemplos na voz passiva.

The children were warned ***not to cross*** *the street.*
As crianças foram alertadas para não atravessarem a rua.

He was forced ***to hand over*** *all his money.*
Ele foi forçado a entregar todo o seu dinheiro.

5 O ***infinitive*** (sem ***to***) é empregado:

- com verbos dos sentidos — ***to hear*** (ouvir), ***to see*** (ver), ***to watch*** (observar), ***to feel*** (sentir). Nesse caso, admite-se também a forma em ***-ing***.

  *I saw John **get** into the car.*
  Vi o John **entrar** no carro.

  *I saw John **getting** into the car.*
  Vi o John **entrando** no carro.

  *She felt the blood **run** down her face.*
  Ela sentiu o sangue **escorrer** no seu rosto.

  *She felt the blood **running** down her face.*
  Ela sentiu o sangue **escorrendo** no seu rosto.

  *I heard them **say** that.*
  Eu os ouvi **dizer** isso.

  *I heard them **saying** that.*
  Eu os ouvi **dizendo** isso.

- com verbos como ***to let*** (deixar), ***to make*** (fazer, obrigar), ***to have*** (mandar, fazer com que), ***to help*** (ajudar).

  *Let me **carry** the suitcase for you.*
  Deixe-me **carregar** a mala para você.

  *I made her **clean** the whole house.*
  Eu a fiz **limpar** a casa inteira.

  *Mr Jones had his secretary **type** the letters.*
  O sr. Jones mandou sua secretária **digitar** as cartas.

  *My brother helped me **to do** my homework.*
  *My brother helped me **do** my homework.*
  Meu irmão me ajudou a **fazer** minha tarefa.

Observe que o verbo ***to help*** admite infinitivo com ou sem ***to***.

6 Finalmente, temos:

- ***to-infinitive*** depois de adjetivos que expressam estado emocional.

  *I was afraid **to fail** the test.*
  Eu estava com medo de **não passar** no teste.

  *He was eager **to go**.*
  Ele estava com muita vontade de **ir**.

  *She was anxious **to know**.*
  Ela estava ansiosa para **saber**.

  *Are you willing **to help** me?*
  Você está disposto a me **ajudar**?

- ***to-infinitive*** de intenção ou finalidade.

  *She went to the supermarket **to buy** meat and vegetables.*
  Ela foi ao supermercado (para) comprar carne e legumes.

  *I need a towel **to wipe** my hands.*
  Preciso de uma toalha para **enxugar** minhas mãos.

  *Give the poor man something **to eat**.*
  Dê ao pobre homem alguma coisa para **comer**.

  *The president always has bodyguards **to protect** him.*
  O presidente sempre tem guarda-costas para **protegê**-lo.

  *I need money **to buy** food.*
  Preciso de dinheiro para **comprar** comida.

- ***to-infinitive*** em orações em que aparecem ***too*** (muito, demais) ou ***enough*** (suficiente).

  *This suitcase is too heavy for Carol **to carry**.*
  Esta mala é pesada demais para a Carol **carregar**.

  *I don't have enough money **to pay** my debts.*
  Não tenho dinheiro suficiente para **pagar** minhas dívidas.

VERBOS SEGUIDOS POR *GERUND* OU *INFINITIVE*

Já vimos os casos em que o ***gerund*** e o ***infinitive*** são obrigatórios. Veremos agora quando podemos usar um ou outro indiferentemente.

Depois dos seguintes verbos, podemos usar tanto o ***gerund*** quanto o ***infinitive***:

- *to love* (gostar, adorar)
- *to start* (começar)
- *to begin* (começar)
- *to continue* (continuar)
- *to prefer* (preferir)
- *to like* (gostar)
- *to intend* (pretender)
- *to try* (tentar)
- *to hate* (odiar)
- *to detest* (detestar)
- *can't stand / can't bear* (não tolerar)

*The students continued **writing** after the bell rang.*
*The students continued **to write** after the bell rang.*
Os alunos continuaram a **escrever** depois que a campainha tocou.

*She prefers **playing** ping-pong.*
*She prefers **to play** ping-pong.*
Ela prefere **jogar** pingue-pongue.

*Try **doing** it this way.*
*Try **to do** it this way.*
Tente **fazer** deste jeito.

*I hate (detest) **getting up** before seven.*
*I hate (detest) **to get up** before seven.*
Odeio (detesto) **levantar** antes das sete.

*Helen loves **meeting** celebrities.*
*Helen loves **to meet** celebrities.*
A Helen adora **encontrar** gente famosa.

*She can't stand (can't bear) **being** corrected.*
*She can't stand (can't bear) **to be** corrected.*
Ela não tolera **ser** corrigida.

Observação: O verbo ***to like*** na maioria das vezes pode ser seguido de um ***gerund*** ou de um ***to-infinitive***, indiferentemente.

*I like **staying** up late.*
*I like **to stay** up late.*
Gosto de **ficar** acordado até tarde.

Há, porém, casos em que ora um ora outro são obrigatórios:

- o ***gerund*** é obrigatório quando ***to like*** é sinônimo de ***to enjoy*** (gostar de fazer alguma coisa porque se sente um prazer especial em fazê-la).

  *I like (enjoy) **watching** comedies on TV.*
  Gosto de **assistir** comédias na TV.

  *He likes (enjoys) **going out** with his friends.*
  Ele gosta de **sair** com os amigos.

  *They like (enjoy) **dancing** the lambada.*
  Eles gostam de **dançar** lambada.

- o ***to-infinitive*** é obrigatório quando ***to like*** significa gostar de fazer alguma coisa porque é bom, é prático, é do interesse de quem faz.

  *I like **to do** my homework in the evening.*
  Gosto de **fazer** minhas tarefas escolares à noite.

  *Jane likes **to brush** her teeth after every meal.*
  A Jane gosta de **escovar** os dentes depois de cada refeição.

Observe também a diferença entre:

*I like (enjoy) **playing** tennis.*
Gosto de (aprecio) **jogar** tênis.

*I would like **to play** tennis today.*
Eu gostaria de (quero) **jogar** tênis hoje.

EXERCÍCIOS

A Complete as frases com um dos infinitivos seguintes:

- to bring
- to listen
- to speak
- to play
- to get
- to drive
- to close
- to lend
- to mail

1. The thief got into the house because I forgot .... one of the windows.
2. If you pass by the post office, remember .... this letter for me.

3. Anyone who hopes .... English fluently some day, must practise a lot.
4. Don't forget .... your racket if you intend .... tennis.
5. My father won't allow me .... until I am 18 years old.
6. Despite the traffic, I still managed .... to the bus station in time.
7. Paul was sad because his best friend refused .... him the money he needed.
8. If you intend .... to your heavy metal CDs, please turn the volume down!

B Leia a frase e, em seguida, escreva outra com o mesmo sentido, começando com as palavras dadas. Observe o exemplo:

"Don't touch anything", the man said to me.
The man told me *not to touch anything*.

1. I said to him: "Don't reveal the secret to anyone!".
   I warned him...
2. "Would you like to have lunch with us?", Mr and Mrs Brown asked me.
   Mr and Mrs Brown invited me...
3. "Bring your pens and notebooks", the teacher told the students.
   The teacher reminded the students...
4. The loud noise caused me to jump from my seat.
   The loud noise made me...
5. I didn't want to go to the show but Frank insisted that I go.
   Frank convinced me...

C Qual é a alternativa que completa corretamente a frase?

1. I was so tired when I went to bed that I .... very quickly.
   a) fell sleeping b) went to sleep c) slept
2. When Mary is at the beach, she enjoys .... in the sun for hours on end (*horas a fio*).
   a) sitting b) to sit c) being sitting
3. Robert looked at Susan without .... a word.
   a) to say b) say c) saying
4. That box is too heavy for you to carry alone. Let me .... you a hand.
   a) give b) giving c) to give
5. The weather's lovely: why don't we go .... this afternoon?
   a) swimming b) swim c) to swim
6. That shirt looks so funny on you, it makes me .... .
   a) laughing b) to laugh c) laugh

7. Jimmy was afraid .... into the swimming pool.
   a) jumping b) to jump c) jump

8. The boss threatened .... me, if I keep .... late for work.
   a) firing / coming b) to fire / coming c) to fire / to come

9. She pretended .... what I was saying about her.
   a) not to hear b) not hearing c) to not hear

10. Would you mind .... after the dog while we are away for the weekend?
    a) to look b) for looking c) looking

D Verta para o inglês:

1. O sr. Silva não deixa ninguém fumar no seu escritório.
2. O filme era tão triste que me fez chorar.
3. Ele te explicou como usar a câmera?
4. Decidimos não viajar porque o tempo não estava bom.
5. A televisão faz muita gente comprar coisas de que não precisa.

Unidade

25 AS PERGUNTAS NO FINAL DA FRASE

QUESTION TAGS

Muitas vezes, ao terminarmos uma frase, seja ela afirmativa ou negativa, acrescentamo-lhe uma pergunta. Essa pergunta não pede uma informação, mas, na verdade, quer a confirmação do que se acabou de declarar ou quer que o ouvinte concorde com a opinião emitida.

Você gosta de sorvete de chocolate, **não gosta**? (confirmação)
A Carolina é muito simpática, **não é**? (opinião)
Eles não foram para a chácara ontem, **foram**? (confirmação)
O Alberto vive contando mentiras, **não é mesmo**? (opinião)

Em inglês, a pergunta no final da frase recebe o nome de ***question tag*** (***tag*** = acréscimo, arremate).

You like chocolate ice cream, ***don't you****?*
Carolina is very nice, ***isn't she****?*

They didn't go to the farm yesterday, ***did they****?*
Alberto is always telling lies, isn't he?

Comparando os exemplos, em português e em inglês, podemos concluir que procedemos basicamente da mesma forma em ambas as línguas. Vale salientar que, em português, o ***tag*** varia mais, pois temos diferentes modos de formá-lo. Por outro lado, em inglês, utilizamos sempre um auxiliar no ***tag***. Vejamos como proceder.

1 À semelhança do português, em inglês, quando a declaração inicial for afirmativa, o ***tag*** será negativo e, quando a declaração inicial for negativa, o ***tag*** será afirmativo.

\+ −

Bobby ***is*** *a smart boy,* ***isn't he****?*
O Bobby é um menino inteligente, não é?

\+ −

The house was very old, ***wasn't it?***
A casa era muito velha, não era?

− +

Your brother ***isn't*** *at home,* ***is he?***
Seu irmão não está em casa, está?

− +

Those bananas ***aren't*** *ripe,* ***are they?***
Aquelas bananas não estão maduras, estão?

2 O ***tag*** será sempre formado por um auxiliar (***to do, to be, to have*** ou ***modal***), no mesmo tempo verbal empregado na declaração inicial.

It's awfully hot, ***isn't it?***
Está terrivelmente quente, não está?

You can ride a bicycle, ***can't you?***
Você sabe andar de bicicleta, não sabe?

This could be a serious problem, ***couldn't it?***
Isto poderia ser um problema sério, não é mesmo?

The books shouldn't be left on the bed, ***should they?***
Os livros não deveriam ser deixados em cima da cama, deveriam?

Pedro's English has improved a lot, ***hasn't it?***
O inglês do Pedro melhorou muito, não melhorou?

The kids would like an ice cream cone, ***wouldn't they?***
As crianças gostariam de uma casquinha de sorvete, não é?

Shirley has beautiful hair, ***doesn't she?***
A Shirley tem cabelos bonitos, não tem?

Charles doesn't speak Greek, ***does he?***
O Charles não fala grego, fala?

Richard flew to London last week, ***didn't he?***
O Richard foi de avião para Londres na semana passada, não foi?

Helen and Walter will get married next month, ***won't they?***
A Helen e o Walter se casarão no mês que vem, não é?

You wouldn't say that to your boss, ***would you?***
Você não diria isso ao seu chefe, diria?

3 Se o ***tag*** for negativo, a contração é obrigatória. Observe os exemplos dados anteriormente.

Observações:

a. O ***question tag*** é um recurso mais comumente utilizado na linguagem falada.

b. "Para que tanto pronome no ***tag***?", perguntará você. Ora, como sabemos, em inglês, todo verbo exige um **sujeito expresso**, por isso é necessário o pronome no ***tag***.

c. As frases iniciadas com ***Let's*** (**Vamos**, implicando um convite, uma sugestão) terminam geralmente com ***shall we?***, que é uma espécie de ***tag***.

> *Let's dance, **shall we**?*
> Vamos dançar, vamos?
>
> *Let's have a cup of coffee, **shall we**?*
> Vamos tomar uma xícara de café, vamos?

d. Frases que começam com um imperativo podem terminar com ***will you*** ou ***would you*** (menos freqüente), que também são uma espécie de ***tag***.

> *Bring me a glass of water, **will you**?*
> Traga-me um copo de água, "tá" bom?
>
> *Close the window, **would you**?*
> Feche a janela, "tá" bom?

Nada impede que você use um ***please*** ou mesmo um simples ***OK***, mas, do ponto de vista gramatical, ***will you*** ou ***would you*** são mais adequados.

e. Assim como em português, informalmente, usamos **certo?** para corroborar uma frase afirmativa; em inglês, emprega-se seu equivalente, que é ***right ?***.

> *You're going to have lunch with us, **right**?*
> Você vai almoçar com a gente, certo?
>
> *We are going to have a test, **right**?*
> Teremos uma prova, certo?

EXERCÍCIOS

A Complete com um *question tag*:

1. Sandra likes to wear expensive clothes, ...?
2. Fred can't play the guitar, ...?
3. The police are looking for the killer, ...?
4. You wouldn't say that mathematics is easy, ...?
5. Let's have a glass of beer, ...?
6. They won't believe your story, ...?
7. William didn't lie to his parents, ...?
8. Do me a small favor, ...?
9. That bank has made a lot of money, ...?
10. Charles has been studying very hard, ...?
11. You can hear me, ...?
12. Those boys ought to be more polite, ...?

B A esta altura você já tem vocabulário e conhecimento suficientes para criar frases que terminam com um *question tag*. Tente, então:

1. .... aren't they?
2. .... shall we?
3. .... won't she?
4. .... doesn't he?
5. .... will you?
6. .... isn't it?
7. .... do you?
8. .... can she?

C Leia o trecho seguinte e, depois, diga qual das alternativas contém os *question tags* apropriados:

One card fits all, ...? Cash cards and credit cards are the best known types of cards in use, ...?

a) isn't it? / didn't they?
b) do they? / aren't they?
c) don't they? / did they?
d) doesn't it? / aren't they?
e) does it? / do they?

D Verta para o inglês:

1. Roberto não lavou o carro dele ontem, lavou?
2. Vamos discutir este assunto amanhã, "tá" bom?
3. Você me emprestaria 100 dólares, não emprestaria?
4. O Fritz fala alemão bem, não fala?
5. Traga-me um copo de leite, "tá" bom?
6. Hoje de tarde você pode jogar futebol, não pode?
7. Teus amigos teriam vindo, não teriam?
8. O João deveria fumar menos, não deveria?

Unidade 26 RESPOSTAS BREVES E PERGUNTAS NA FORMA NEGATIVA

SHORT ANSWERS AND NEGATIVE QUESTIONS

RESPOSTAS BREVES
SHORT ANSWERS

À pergunta:

Do you like New York?
Você gosta de Nova Iorque?

um brasileiro talvez respondesse:

Yes, I like.
Sim, eu gosto.

Essa resposta, possivelmente, seria dada por uma pessoa que ainda não tivesse automatizado ou tivesse esquecido as **respostas breves** (***short answers***) utilizadas no inglês. Se a pergunta começou com ***do***, a resposta "curta e grossa" não poderia ser outra senão *"Yes, I do"* (afirmativa) ou *"No, I don't"* (negativa).

Nas respostas breves, que são mais comuns na linguagem falada, emprega-se um pronome igual ou correspondente ao sujeito, seguido do auxiliar (***to be, to do, to have*** ou ***modal***) que foi usado na pergunta.

Are they having dinner now? (Eles estão jantando agora?)
*Yes, they **are**.* (Sim, estão.)
*No, they **aren't**.* (Não, não estão.)

Does Joe like popular music? (O Joe gosta de música popular?)
*Yes, he **does**.* (Sim, gosta.)
*No, he **doesn't**.* (Não, não gosta.)

Can Paul play the piano? (O Paul sabe tocar piano?)
*Yes, he **can**.* (Sim, sabe.)
*No, he **can't**.* (Não, não sabe.)

***Should** Jim help his aunt?* (O Jim deveria ajudar sua tia?)
*Yes, he **should**.* (Sim, deveria.)
*No, he **shouldn't**.* (Não, não deveria.)

***Did** Mr Brown go to London?* (O sr. Brown foi para Londres?)
*Yes, he **did**.* (Sim, foi.)
*No, he **didn't**.* (Não, não foi.)

***Would** you rather drink Scotch?* (Você prefere beber Scotch?)
*Yes, I **would**.* (Sim, prefiro.)
*No, I **wouldn't**.* (Não, não prefiro.)

***Was** the test very difficult?* (O teste estava muito difícil?)
*Yes, it **was**.* (Sim, estava.)
*No, it **wasn't**.* (Não, não estava.)

***Are** you going to the game?* (Você vai ao jogo?)
*Yes, I **am**.* (Sim, vou.)
*No, I'm **not**.* (Não, não vou.)

***Have** they finished the test?* (Eles terminaram a prova?)
*Yes, they **have**.* (Sim, terminaram.)
*No, they **haven't**.* (Não, não terminaram.)

***Will** Patrick be here tomorrow?* (O Patrick estará aqui amanhã?)
*Yes, he **will**.* (Sim, estará.)
*No, he **won't**.* (Não, não estará.)

***Must** he pay his debts?* (Ele deve pagar suas dívidas?)
*Yes, he **must**.* (Sim, deve.)
*No, he **mustn't**.* (Não, não deve.)

***Do** you have a pen on you?* (Você tem uma caneta com você?)
*Yes, I **do**.* (Sim, tenho.)
*No, I **don't**.* (Não, não tenho.)

Não se esqueça de que o verbo ***to have*** pode ser também um verbo principal, no sentido de **ter, possuir**. Quando isso ocorrer, usamos o auxiliar ***to do***.

***Does** she have a car?* (Ela tem carro?)
*Yes, she **does**.* (Sim, tem.)
*No, she **doesn't**.* (Não, não tem.)

Vale salientar que, no **inglês britânico**, é comum dizer-se:

***Has** she a car?*
*Yes, she **has**.*
*No, she **hasn't**.*

EXERCÍCIO

Responda, afirmando ou negando, conforme a indicação entre parênteses:

1. Can George speak Japanese? (negative)
2. Should they be here before noon? (affirmative)
3. Is your mother having lunch now? (affirmative)
4. Are you and your cousin going to the club? (negative)
5. Will there be a test tomorrow? (negative)
6. Have you ever eaten caviar? (negative)
7. Does Helen like popular music? (affirmative)
8. Could they pass such a difficult test? (negative)
9. Were the spectators disappointed with the show? (affirmative)
10. Will Bob and Jane get married soon? (negative)
11. Must Donald stay at home this afternoon? (affirmative)
12. Did the bus arrive on time? (negative)

PERGUNTAS NA FORMA NEGATIVA
NEGATIVE QUESTIONS

Você já observou quantas vezes, ao formularmos uma pergunta, nós o fazemos na forma negativa? Formulamos esse tipo de pergunta quando esperamos uma resposta afirmativa, ou dando a entender que ficaríamos surpresos se a resposta fosse negativa.

Você não sabia que o Alberto e a Sandra se casaram?

O Miguel não trabalha mais aqui?

Este bolo não está delicioso?

O João não disse que ia trazer o dinheiro?

Tais perguntas são tão usadas em português quanto em inglês. Em inglês, basta empregar o auxiliar (***to be***, ***to do***, ***to have*** ou ***modal***) na negativa.

Vejamos como ficam os exemplos dados anteriormente.

Didn't *you know that Alberto and Sandra got married?*
Doesn't *Miguel work here anymore?*

Isn't this cake delicious?
Didn't João say (that) he was going to bring the money?

Agora observe a diferença de intenção da pergunta na afirmativa.

Did you know that Alberto and Sandra got married?
Você sabia que o Alberto e a Sandra se casaram?

Does Miguel work here?
O Miguel trabalha aqui?

Is this cake delicious?
Este bolo está delicioso?

Did João say (that) he was going to bring the money?
O João disse que ia trazer o dinheiro?

Não se esqueça de que nas ***negative questions*** é **obrigatório** o uso do verbo na **forma contraída**!

Observação: Caso a pergunta comece com ***why***, a estrutura que acabamos de ver continua valendo. Porém, nesse caso, não se espera uma resposta afirmativa; pretende-se evidenciar surpresa, dúvida.

Why didn't you come to my birthday party?
Por que você não veio à minha festa de aniversário?

Why don't you tell her the truth?
Por que você não conta a ela a verdade?

Why aren't they working?
Por que eles não estão trabalhando?

Mais alguns exemplos para liqüidar esse assunto:

Wasn't Sarah at home when you telephoned?
A Sarah não estava em casa quando você telefonou?

Didn't they make a lot of mistakes?
Eles não cometeram muitos erros?

Aren't these peaches beautiful?
Estes pêssegos não estão bonitos?

Can't you wait until tomorrow?
Você não pode esperar até amanhã?

Won't the teacher give us an easy test?
A professora não vai nos dar uma prova fácil?

Wouldn't you like to travel throughout Europe?
Você não gostaria de viajar pela Europa?

Doesn't Helen go to church every Sunday?
A Helen não vai à igreja todo domingo?

Isn't this lesson rather boring?
Esta lição não é um tanto chata?

EXERCÍCIOS

A Transforme as seguintes frases afirmativas em perguntas na forma negativa:

Michael bought a new motorcycle.
Didn't Michael buy a new motorcycle?

1. You can open this bottle.
2. The Ritz is an expensive hotel.
3. Paul likes to listen to jazz.
4. The children will go on a picnic tomorrow.
5. Sylvia would love to go to the disco.
6. They are going to paint their house.
7. Jack loves to surf the Internet.
8. This is a very easy lesson.
9. It has been very warm lately.
10. The carpenter repaired the broken chairs.

B Verta para o inglês:

1. Você não viu o incêndio *(fire)* naquele prédio?
2. Ela não gostaria de ir ao cinema conosco?
3. O William não trabalha com computadores?
4. A Jane não toma cerveja?
5. Por que eles não foram de carro?
6. Teus amigos não estão na lanchonete?
7. Os cães não estavam latindo?
8. Não estava chovendo ontem à noite?

BILL: Harry, you have always talked about taking a vacation in the Caribbean, haven't you?

HARRY: Yes, that's one of my dreams.

BILL: You have a vacation coming up, don't you? Coincidentally, so have I. Why then don't we plan our vacations so that both of us can go together? I know that some travel agencies are offering package tours with everything included, for a very attractive price.

HARRY: Great! But first let me talk to my boss... when he happens to be in a good mood. If he says OK, it's a deal!

Unidade 27 OS INTERROGATIVOS (PRONOMES E ADVÉRBIOS)

QUESTION WORDS (PRONOUNS AND ADVERBS)

Já estudamos substantivos, pronomes, adjetivos, advérbios e verbos, elementos suficientes para montar qualquer narrativa. Falta apenas aprender a formular perguntas para obter informações: "quem fez, o que, como, quando, onde?". São os interrogativos.

Em inglês, os **interrogativos** são chamados de ***question words***. As perguntas elaboradas com eles são chamadas ***wh-questions***, pois, com exceção de ***how*** (como), todas elas são feitas com interrogativos que começam com ***wh***:

who	*which*	*why*
whom	*what*	*when*
whose	*where*	*how*

who — quem (sujeito)

Who *is that pretty girl?*
Quem é aquela moça bonita?

Who *told you about the accident?*
Quem lhe contou sobre o acidente?

Who *was talking to you?*
Quem estava falando com você?

whom — quem (objeto)

Whom *did you meet at the party?*
Quem você encontrou na festa?

With ***whom*** *did Rosalyn go?*
Com quem a Rosalyn foi?

To ***whom*** *were you speaking just now?*
Com quem você estava falando agora há pouco?

whose — de quem

***Whose** book is this?* (ou ***Whose** is this book?)*
De quem é este livro?

***Whose** boots are those?* (ou ***Whose** are those boots?)*
De quem são aquelas botas?

***Whose** camera is that?* (ou ***Whose** is that camera?)*
De quem é aquela câmera?

which — qual, quais

***Which** of those ladies is your mother?*
Qual daquelas senhoras é sua mãe?

***Which** are the easiest lessons?*
Quais são as lições mais fáceis?

***Which** shirt do you prefer: the blue one or the red one?*
Qual camisa você prefere: a azul ou a vermelha?

what — o que, que

***What** did you say?*
O que você disse?

***What** would she like to drink?*
O que ela gostaria de beber?

***What** should I do?*
O que eu deveria fazer?

where — onde

***Where** did you spend your holidays?*
Onde você passou suas férias?

***Where** are we going tonight?*
Onde vamos hoje à noite?

***Where** is Peter?*
Onde está o Peter?

why — por que

Why did he run away?
Por que ele fugiu?

Why don't you come with us?
Por que você não vem conosco?

Why did he say that?
Por que ele disse isso?

when — quando

When was this building put up?
Quando este prédio foi construído?

When were you born?
Quando você nasceu?

When did she arrive?
Quando ela chegou?

how — como

How did you manage to do that?
Como você conseguiu fazer isso?

How's your family?
Como vai sua família?

How can I forget that?
Como posso esquecer isso?

Confira na Segunda Parte, item 34, os usos de ***how many***, ***how much***, ***how old***, ***how about*** etc.

Observações:

a. Em perguntas com ***who***, o verbo ***to be*** pode estar no singular ou no plural, de acordo com o que o acompanha.

*Who **are** your favorite **singers**?*
Quem são seus cantores favoritos?

*Who **were** those **girls** talking to you?*
Quem eram aquelas garotas (que estavam) conversando com você?

*Who's **coming** to have **dinner** with us?*
Quem vem jantar conosco?

*Who **was** that **elderly** gentleman?*
Quem era aquele senhor idoso?

Nos demais casos, ***who*** é seguido de verbo no singular, mesmo que conste mais de uma pessoa na resposta.

*Who **is** coming to visit us? Mary, Joe and Paul.*
Quem vem nos visitar? A Mary, o Joe e o Paul.

*Who **wants** (some) chocolate cake? All the children do.*
Quem quer bolo de chocolate? Todas as crianças querem.

*Who **is going** to the party? Everybody (is).*
Quem vai à festa? Todo mundo (vai).

b. Além de sujeito, ***who*** também pode ser usado como objeto da pergunta, sendo até mais usado do que ***whom*** (formal). A construção com ***whom*** é obrigatória apenas quando há uma preposição que o preceda.

Who did you meet at the reception? (mais comum)
Whom did you meet at the reception? (formal)
Quem você encontrou na recepção?

Who did Rosalyn go with? (mais comum)
With whom did Rosalyn go? (formal)
Com quem a Rosalyn foi?

Who are you talking about? (mais comum)
About whom are you talking? (formal)
Sobre quem você está falando?

Observe que, quando ***who*** é usado como objeto, **a preposição vai para o final da pergunta**.

c. Na linguagem informal, quando se trata de escolher ou expressar **qual** entre dois ou entre vários, é muito comum o uso de ***which one***.

Both these pens are good; ***which one*** *do you prefer?*
Ambas (estas) canetas são boas; qual você prefere?

They are all new; ***which one*** *would you buy?*
Elas são todas novas; qual você compraria?

Which one *do you prefer: the pink one or the gray one?*
Qual você prefere: a rosa ou a cinza?

d. Além de ***whose***, ***what*** e ***which*** também podem ser usados juntamente com substantivos.

Whose coat *is this?*
De quem é este casaco?

What flavors *of ice cream do you have?*
Que sabores de sorvete você tem?

What languages *do you speak?*
Que línguas você fala?

Which student *won the prize?*
Qual aluno ganhou o prêmio?

Which car *is yours?*
Qual carro é o seu?

e. Observe que ***who***, ***which*** e ***what***, quando usados como sujeito, dispensam o emprego do auxiliar ***to do*** *(do, does, did).*

Who broke the window?
Quem quebrou a janela?

Who paid the bill?
Quem pagou a conta?

Which team won the game?
Qual time ganhou o jogo?

Which car is faster?
Qual carro é mais veloz?

What made you so sad?
O que fez você ficar tão triste?

What's that?
O que é aquilo? ou O que é isso? (confira explicação dada na Unidade 9 — "Os demonstrativos")

mas ▶▶ *Who **did** you **go** to the party with?*
Com quem você foi à festa?

*Which one **did** you **choose**?*
Qual você escolheu?

*What color **does** she **prefer**?*
Que cor ela prefere?

Note que, nos três últimos exemplos, ***who***, ***which*** e ***what*** são objeto, não são sujeito!

f. Os interrogativos também são empregados em perguntas indiretas.

*Tony asked me **why** I was so upset.*
O Tony me perguntou **por que** eu estava tão nervoso.

*George wants to know **where** the can opener is.*
O George quer saber **onde** está o abridor de latas.

*Mr Silva asked his secretary **who** had telephoned.*
O sr. Silva perguntou à sua secretária **quem** havia telefonado.

*She wants to know **how** I lost so much weight.*
Ela quer saber **como** foi que eu perdi tanto peso.

Mais adiante, na Unidade 31, estudaremos o emprego dos interrogativos no discurso indireto.

EXERCÍCIOS

A Complete com um dos interrogativos estudados:

1. .... were you born: in 1977 or in 1978?
2. .... dessert would you rather have: ice cream or lemon pie?
3. For .... did Walter bring those beautiful roses?
4. .... are the newspapers saying about the coming elections?
5. My father wants to know .... I got home so late last night.

6. .... does John do for a living? He's an electrician.
7. Can you tell me .... invented the telephone?
8. .... is more expensive: a VCR or a cell-phone?
9. Please tell me .... you bought these delicious cookies.
10. .... car is that? Mr Brown's or Mr Robinson's?
11. .... did you miss class yesterday?
12. Jennifer insists on knowing .... called .... she was out.

B Baseando-se no que foi dito nesta Unidade e no que é dito no item 34 da Segunda Parte do livro, remonte as frases abaixo, de acordo com o exemplo:

at the wedding party / bottles of whisky / were drunk / how many?
How many bottles of whisky were drunk at the wedding party?

1. in the bank / how much money / deposit / did you?
2. your vacation / where do you plan / this year / to spend?
3. to the / with / who did you go / football game?
4. the correct answer / what / to this question / do you think is?
5. to Mr Brown, / which car / the red one / belongs / or the black one?
6. for class / why did Paul / this morning / come late?
7. how long / to stay there / do you intend / to Manaus, / if you go?
8. for your shoes / how much / did you pay / did you buy / them / and where?

C Verta para o inglês:

1. Onde você pôs a minha caneta?
2. Quem lhe deu o número do meu telefone?
3. Por que teus amigos não compraram o apartamento?
4. João me perguntou onde eu tinha passado o fim de semana.
5. O que você comprou no supermercado?
6. Qual daquelas moças é a namorada do Paulo?
7. Com quem o Jorge está trabalhando agora?
8. De quem são aqueles sapatos?

Unidade

28 OS PRONOMES RELATIVOS

RELATIVE PRONOUNS

Quando estamos aprendendo uma língua (mesmo a nossa), começamos elaborando períodos simples, orações curtas, nada complexo. Em outra fase, já com certo domínio de vocabulário e com conhecimentos básicos, passamos a formular períodos mais complexos. Observe:

Clark Gable era um ator famoso.

Ele estrelou *E o Vento Levou.*

→ Clark Gable, **que** estrelou *E o Vento Levou*, era um ator famoso.

Elaboramos períodos compostos ligando períodos simples com um conectivo. É o que faremos aqui. Na verdade, estudaremos os conectivos que introduzem as orações subordinadas adjetivas (*adjective clauses*) — os **pronomes** relativos (***relative pronouns***). O exemplo anterior, em inglês, ficaria:

Clark Gable was a famous actor.

He starred in Gone with the Wind.

→ *Clark Gable,* ***who*** *starred in* Gone with the Wind, *was a famous actor.*

Quando mencionamos alguém ou algo em uma oração e queremos dar mais informações a respeito da pessoa ou da coisa, podemos fazê-lo introduzindo uma outra oração. Para ligar as duas orações utilizamos os **pronomes relativos**.

Os **pronomes relativos** substituem um substantivo que já foi mencionado na oração anterior.

The boy broke the window.
O menino quebrou a janela.

He will have to pay for it.
Ele terá que pagá-la.

The boy who broke the window will have to pay for it.

O menino que quebrou a janela terá que pagá-la.

The dog belongs to our neighbor.

O cachorro pertence ao nosso vizinho.

It is barking.

Ele está latindo.

The dog which is barking belongs to our neighbor.

O cachorro que está latindo pertence ao nosso vizinho.

Vejamos os pronomes relativos:

who	que, o qual, a qual, os quais, as quais (referindo-se a pessoas)	*The boys **who** were playing are my cousins.* Os meninos **que** estavam brincando são meus primos.
whom	que, quem, o qual, a qual, os quais, as quais (referindo-se a pessoas)	*The writer **whom** they admire is J. Joyce.* O escritor **que** eles admiram é J. Joyce.
which	que, o qual, a qual, os quais, as quais (referindo-se a animais e coisas)	*The dress **which** Sandra was wearing was very chic.* O vestido **que** a Sandra estava trajando era muito chique.
that	que, o qual, a qual, os quais, as quais (referindo-se a pessoas, animais e coisas)	*The book **that** is on the table belongs to Peter.* O livro **que** está sobre a mesa pertence ao Peter.
where	onde, em que, no qual, na qual, nos quais, nas quais (referindo-se a lugar)	*The hotel **where** we stayed was rather expensive.* O hotel **em que** ficamos era um tanto caro.
when	quando, em que, no qual, na qual, nos quais, nas quais (referindo-se a dia, dias, mês, meses etc.)	*I'll always remember the day **when** we got married.* Sempre me lembrarei do dia **em que** nos casamos.
what	o que (referindo-se a determinada coisa)	*I didn't tell anybody **what** happened.* Não contei a ninguém **o que** aconteceu.
whose	cujo, cuja, cujos, cujas (referindo-se à coisa possuída)	*The man **whose** daughter I met is a history teacher.* O homem **cuja** filha encontrei é professor de história.

Observe agora a função que alguns dos pronomes relativos desempenham na oração:

▶▶ ***who, which, that*** — sujeito

*The girl **who** has just arrived is Joe's sister.*

The girl ***that*** *has just arrived is Joe's sister.*
A garota **que** acabou de chegar é irmã do Joe.

The e-mail ***which*** *I received was sent by an old friend.*
The e-mail ***that*** *I received was sent by an old friend.*
O *e-mail* **que** recebi foi enviado por um velho amigo.

whom, which, that — objeto direto

The man ***whom*** *they were seeking is a murderer.*
The man ***that*** *they were seeking is a murderer.*
O homem **que** eles estavam procurando é um assassino.

The books ***which*** *she bought are very interesting.*
The books ***that*** *she bought are very interesting.*
Os livros **que** ela comprou são muito interessantes.

Lembre-se de que, na linguagem **informal**, podemos empregar ***who*** em vez de ***whom***.

The man ***who*** *they were seeking is a murderer.* (informal)

Quando ***whom***, ***which*** e ***that*** têm a função de **objeto**, podem ser e, na linguagem informal, normalmente são omitidos.

The man they were seeking is a murderer.
The books she bought are very interesting.

Confira na Segunda Parte, item 63, a omissão de ***that***, ***whom*** e ***which*** na função de objeto.

whom, which — objeto indireto

The man ***to whom*** *you were talking is Mr Silva.*
O homem **com quem** você estava conversando é o sr. Silva.

The film ***about which*** *we were talking won several Oscars.*
O filme **sobre o qual** estávamos falando ganhou vários óscares.

Como **objeto indireto**, ***whom*** e ***which*** são precedidos por preposição. Geralmente, o pronome relativo é omitido, e a preposição é deslocada para depois do verbo ou, caso haja objeto direto, para depois deste.

*The man you were **talking to** is Mr Silva.*
*The film we were **talking about** won several Oscars.*

Observe que, nesse caso, não usamos ***that***. O relativo ***that*** não pode ser usado com preposição.

Mais alguns exemplos:

*The man **who** built this house is very wealthy.*
O homem que construiu esta casa é muito rico.

*The girl of **whom** I'm speaking is Paul's cousin.*
A garota de quem estou falando é prima do Paul.

*The boy **whose** bicycle was stolen lives across the street.*
O menino cuja bicicleta foi roubada mora do outro lado da rua.

*The building in **which** I live has two elevators.*
O prédio em que moro tem dois elevadores.

*The store **where** he works belongs to his uncle.*
A loja em que ele trabalha pertence ao tio dele.

*I still remember the day **when** I first met you.*
Ainda me lembro do dia em que te encontrei pela primeira vez.

*I can't forget **what** you said that day.*
Não consigo esquecer o que você disse naquele dia.

Observações:

a. Embora ***that*** possa ser empregado em relação a pessoas, dê preferência a ***who***, principalmente quando se trata de uma só pessoa.

b. À semelhança do português, usamos vírgulas, separando a oração adjetiva, apenas quando for **explicativa**.

*My radio, **which is being repaired**, was made in Japan.*
Meu rádio, **que está sendo consertado**, foi feito (fabricado) no Japão. (explicativa)

*Professor Carneiro, **who teaches English**, is an excellent translator.*
O professor Carneiro, **que leciona inglês**, é um excelente tradutor. (explicativa)

mas ▶▶| *The radio which is being repaired was made in Japan.*
O rádio que está sendo consertado foi feito (fabricado) no Japão. (restritiva)

The professor who teaches English is an excellent translator.
O professor que leciona inglês é um excelente tradutor. (restritiva)

Quando a oração adjetiva é separada por vírgulas, não podemos usar ***that.***

Hamlet, *which was written by Shakespeare, is a famous play.*
Hamlet, que foi escrita por Shakespeare, é uma peça famosa.

nunca ▶▶| Hamlet, *that was written by Shakespeare, is a famous play.*

Olho Vivo na Preposição

*After viewing a television program **on** which I had been interviewed, I was upset **by** how I looked. "Am I that ugly?", I asked my husband. He was quiet **for** a moment and then said, "Well, I recognized you." (R.D., Aug. 1995)*

EXERCÍCIOS

A Complete com um dos pronomes relativos estudados:

1. The man .... robbed the bank has been arrested by the police.
2. The house .... they live is small but comfortable.
3. Is this the book .... you need?
4. That's the actor .... name I was trying to remember.
5. The letter .... I received is from my uncle .... lives in Campinas.
6. The little box in .... I had put all my jewels was stolen.
7. Is that the man with .... your father works?
8. Do you remember the day .... the Berlin Wall was knocked down?
9. The lions and tigers .... you saw in the zoo came from Africa.
10. It was Peter .... won the prize.
11. The girl .... you saw was my cousin Martha.
12. Is that the lady .... husband is a famous surgeon?
13. I assure you that I won't tell anybody .... happened.

B No inglês coloquial, são muito comuns construções do tipo:

A bedroom is a place we sleep in.
em uez de ⏭ *A bedroom is a place in which we sleep.*

He's the boy I went to school with.
em uez de ⏭ *He's the boy with whom I went to school.*

Nessas construções, o pronome relativo é eliminado e a preposição vai para o final da frase. Ocorrem principalmente com as preposições ***about, by, for, of, in, to*** e ***with***.

Modifique as frases seguintes, imitando os exemplos dados:

1. He's the teacher about whom I was talking.
2. Mr Clark is the man with whom I travelled.
3. Susan is the girl to whom Jim gave a present.
4. Mr Harris is the architect by whom the house was built.
5. This is the suitcase in which I put all my clothes.
6. This is the document for which you were waiting.
7. That is the bed in which I slept.

C Ligue as orações com um pronome relativo:

I thanked the woman. She helped me.
I thanked the woman ***who*** *helped me.*

1. I saw a film last night. It was very good.
2. My cousin works for a company. It sells farm machinery.
3. The man lives next door. He is a good friend of ours.
4. *The faucet was dripping. It was repaired by a plumber.*
5. That is the hotel. We stayed there last year.
6. Fred is a technician. My TV set was repaired by him.
7. She's an actress. She was awarded the Oscar for "best actress" in 1997.
8. That's the boy. His sister won the beauty contest.

D Verta para o inglês:

1. O bolo que minha mãe fez estava delicioso.
2. Ainda me lembro da escola em que (onde) estudei quando eu era criança.
3. Não conheço o professor de quem você está falando.
4. As pessoas que estão naquele hotel são turistas americanos.
5. Eu gostaria de saber para quem você comprou este presente.

6. Quem pegou as revistas que comprei hoje de manhã?
7. O que aconteceu ontem foi uma surpresa para todo mundo.
8. Esta é a gaveta em que guardei (*put*) todos os papéis importantes.

Prova de que os próprios *native speakers* de inglês têm lá seus problemas com o uso correto de ***who*** e ***whom*** é o engraçado e irônico trecho publicado pela revista *Reader's Digest,* em sua edição de agosto de 1975:

Letter to the editor of the Tucson Star *from C. S. Corey: "On page five of the* Star *of January 30, 1975, there is the headline: WHOM SHOULD BE LAID OFF FIRST? The answer is obvious: Whom wrote the headline? Him should be laid off first! Him doesn't know enough about English grammar for the position him has."*

Glossário: *headline* — manchete
laid off — demitido (do verbo irreg. *to lay* — pôr, colocar)

Unidade 29

OS INDEFINIDOS (PRONOMES SUBSTANTIVOS E ADJETIVOS)

INDEFINITE PRONOUNS AND ADJECTIVES

À semelhança dos pronomes demonstrativos e possessivos (Unidade 9 e 10), os **pronomes indefinidos** podem ser substantivos (***indefinite pronouns***), quando os substituem, ou adjetivos (***indefinite adjectives***), quando qualificam os substantivos.

Para facilitar o estudo dos **pronomes indefinidos**, vamos dividi-los em grupos, segundo a forma como são empregados:

- referindo-se a pessoa, coisa ou lugar indefinidos (alguém, ninguém, nenhum, alguns etc.);
- dando idéia de conjunto indefinido (todo, tudo, cada etc.);
- dando idéia de quantidade indefinida (muito, pouco, algum etc.);
- equivalendo, em português, a uma locução pronominal (quem quer que, onde quer que, quando quer que etc.).

PESSOA, COISA OU LUGAR INDEFINIDOS

SOME, ANY, NO, NONE...

Antes de apresentarmos os **indefinidos** deste grupo, queremos salientar que:

- ***some*** e seus compostos são usados em frases **afirmativas**;
- ***any*** e seus compostos são usados em frases **negativas** e **interrogativas** e em frases **afirmativas** com sentido de **qualquer**.

some	algum, alguns, alguma, algumas, um, uns, uma, umas, um pouco de	***Some*** *words are difficult to remember.* Algumas palavras são difíceis de lembrar.
somebody ***someone***	alguém	***Somebody*** *(**Someone**) called and left a message for you.* Alguém telefonou e deixou um recado para você.
something	alguma coisa, algo	*I gave him **something** to eat.* Eu dei a ele alguma coisa para comer.

continua ▶▶

somewhere	em algum lugar	*I saw your keys **somewhere** in this house.* Vi suas chaves em algum lugar nesta casa.
somehow	de alguma meneira, de algum jeito	*George is a persistent fellow; **somehow** he'll get what he wants.* O George é um sujeito persistente; de algum jeito ele conseguirá o que quer.
any	algum, alguns, alguma, algumas, um, uns, uma umas, qualquer	*Do you have **any** talent for music?* Você tem algum talento para música?
anybody ***anyone***	alguém, qualquer um	*I didn't see **anybody** downstairs.* Não vi ninguém lá embaixo.
anything	alguma coisa, qualquer coisa	*Although Bill was hungry, he didn't eat **anything**.* Embora estivesse com fome, o Bill não comeu coisa alguma.
anywhere	em algum lugar, em qualquer lugar	*Did you go **anywhere** on the weekend?* Você foi a algum lugar no fim de semana?
anyway	de alguma maneira, de qualquer jeito	***Anyway**, I'll do what you want.* De qualquer forma, farei o que você quer.
no **(adjetivo)**	nenhum, nenhuma	*I have **no** money in the bank.* Não tenho nenhum dinheiro no banco.
none **(substantivo)**	nenhum, nenhuma	*— Do you have any book on zoology?* Você tem algum livro sobre zoologia? *— No, I have **none**.* Não, não tenho nenhum.
nobody ***no one***	ninguém	***Nobody** (**No one**) is listening to him.* Ninguém o está ouvindo.
nothing	nada	*There is **nothing** in the fridge.* Não há nada na geladeira.
nowhere	nenhum lugar	*She is **nowhere** in this building.* Ela não está em nenhum lugar deste prédio.

1 ***Some*** e ***any*** podem ser pronomes adjetivos (*indefinite adjectives*) ou pronomes substantivos (*indefinite pronouns*), porém o mesmo não ocorre com ***no***. ***No*** é pronome adjetivo, enquanto ***none***, seu correspondente, é pronome substantivo.

*I need **some** eggs to make a cake. (adjective)*
Preciso de alguns ovos para fazer um bolo.

*Do you have **any** eggs? (adjective)*
Você tem alguns ovos?

*Yes, I have **some**. (pronoun)*
Sim, tenho alguns.

*No, I don't have **any**. (pronoun)*
Não, não tenho nenhum.

*No, I have **no** eggs. (adjective)*
Não, não tenho nenhum ovo.

*No, I have **none**. (pronoun)*
Não, não tenho nenhum.

2 Lembre-se de que o inglês não admite **dupla negativa** na oração, coisa muito comum e, às vezes, obrigatória em nosso idioma. Enquanto dizemos:

Não há **nada** na geladeira.

em inglês se diz:

*There is **nothing** in the fridge.*

o que literalmente significa:

Há nada na geladeira.

ou ainda, em inglês, pode-se dizer:

There isn't anything in the fridge.

o que literalmente significa:

Não há coisa alguma na geladeira.

Por aí, podemos concluir que, em inglês, há duas formas de elaborar orações com indefinidos, evitando a dupla negativa.

*I have **no** money in my wallet.*
*I don't have **any** money in my wallet.*
Não tenho nenhum dinheiro em minha carteira.

Se as duas formas são corretas, a qual se deve dar preferência?
No inglês do dia-a-dia, as formas com ***any*** desfrutam da preferência popular.

*I didn't buy **anything**.*
Não comprei nada.

*He doesn't know **anybody**.*
Ele não conhece ninguém.

*She didn't drink **any** wine.*
Ela não bebeu vinho (algum).

3 Como já dissemos, ***any*** e seus compostos em frases afirmativas têm o sentido de **qualquer**. Vejamos alguns exemplos:

*Take **any** book you like.*
Leve **qualquer** livro que você gostar.

***Anyone** can do that!*
Qualquer um consegue fazer isso!

*You may buy **anything** you want.*
Você pode comprar **qualquer coisa** que quiser.

*They can go **anywhere**, provided they spend their own money!*
Eles podem ir a **qualquer lugar**, contanto que gastem seu próprio dinheiro!

*I'll buy the car **anyway**.*
De qualquer jeito, comprarei o carro.

4 Em frases com ***if*** (se), ainda que afirmativas, normalmente se deve usar ***any*** e seus compostos.

*If you want **anything** from Paraguay, I'll bring it for you.*
Se você quiser alguma coisa do Paraguai, eu trago para você.

*If you meet **any** of my friends, give them my regards.*
Se você encontrar alguns de meus amigos, dê a eles minhas lembranças.

*If **anyone** disagrees with me, let him or her say so.*
Caso alguém discorde de mim, que ele ou ela se manifeste.

Por outro lado, temos frases como: *What would you do if **somebody** put a gun to your head and asked for the keys to your car?* Nesse caso, usa-se ***somebody*** / ***someone*** porque a referência é a uma determinada pessoa (embora imaginária), ao passo que no terceiro exemplo acima a referência é a qualquer pessoa.

5 Dissemos no início desta Unidade que ***some*** e seus compostos são empregados em frases afirmativas. Porém, como toda regra, esta também tem sua exceção... Emprega-se ***some***, ***something***, ***somebody*** e ***someone*** em perguntas, quando se espera ouvir uma resposta afirmativa, especialmente ao se oferecer alguma coisa, na maioria das vezes **comida** ou **bebida**.

*Would you like **someone** to help you?*
Você gostaria que alguém lhe ajudasse?

*Would you like **some** beer?*
Você aceita uma cerveja?

*Would you like **something** to eat?*
Você aceita algo para comer?

O mesmo vale para construções tais como:

*Did you say you saw **somebody** trying to break into the house?*
Você disse que viu alguém tentando arrombar a casa?

*Are you sure you heard **someone** scream for help?*
Você tem certeza de que ouviu alguém gritar por socorro?

Confira na Segunda Parte:
- item 7, as expressões ***anymore*** e ***any longer***,
- item 62, o uso e abuso de ***some*** e ***any***.

EXERCÍCIOS

A Complete as frases com o indefinido apropriado:

1. We don't have .... bread at home, so don't forget to bring .... from the baker's.
2. You haven't eaten .... all day, so you must be hungry. Would you like .... to eat now?
3. Have you seen .... good movies lately?
4. You can buy Coca Cola almost .... in Brazil.
5. .... people are so naïve that they believe the silliest stories!
6. I left my car keys .... in the house, but I can't remember where.
7. A: Is there .... at the gate?
   B: No, there's .... there.

8. I have .... to tell you but it's a secret; so, don't tell .... about it!
9. If you see .... suspicious-looking person near the house, call the police.
10. These puzzles are easy; .... can solve them.
11. The man was practically dead, but .... he survived.
12. Are you sure that .... was waving to us from across the street?

B Entre as alternativas abaixo, aponte aquela que completa corretamente todas as frases seguintes:

1. There isn't .... paper in that drawer.
2. I'm sure I saw that girl .... before.
3. If you want .... from the fridge, just take it!
4. Do you have .... experience as a carpenter? No, I have .... .
5. Would you like .... to drink?

a) any — somewhere — something — any — no one — something
b) some — somewhere — anything — some — nothing — anything
c) any — anywhere — something — any — none — something
d) any — somewhere — anything — any — none — something

CONJUNTO INDEFINIDO

EVERY, ALL, EACH...

Neste grupo, estudaremos os indefinidos que dão idéia de conjunto. Na verdade, trata-se mais de uma questão de vocabulário. Daremos exemplos que o ajudarão a fixar melhor o significado e o emprego correto de cada um.

Atente para o fato de que, em inglês, esses indefinidos concordam com o verbo no **singular**.

every	cada, todo, toda	***Every*** *person has the right to life and liberty.* Toda pessoa tem o direito à vida e à liberdade.
everybody ***averyone***	todos, todo mundo	***Everybody*** *likes ice cream.* Todos gostam de sorvete.
everything	tudo	*The teacher explained* ***everything*** *very clearly.* O professor explicou tudo muito claramente.
everywere	em todo lugar, em toda parte	*This flower is found* ***everywhere*** *in Brazil.* Esta flor é encontrada em toda parte no Brasil.
all	todo, toda, todos, todas, tudo	*I've waited for you* ***all*** *day.* Esperei por você o dia todo.

continua ▶▶

each	cada, cada um dos, cada uma das	*She gave a chocolate bar to **each** of the children.* Ela deu uma barra de chocolate a cada uma das crianças.
either (one)	um ou outro, uma ou outra (entre dois ou duas)	*We have two types of dessert; you can have **either (one).*** Temos dois tipos de sobremesa; você pode comer uma ou outra.
neither (one)	nem um nem outro, nem uma nem outra (entre dois ou duas)	***Neither** of these streets will take you downtown.* Nem uma nem outra destas ruas leva você ao centro.
other (pronome adjetivo e substantivo) **others (pronome substantivo)**	outro, outros, outra, outras	*The **other** painting was more beautiful.* O outro quadro era mais bonito. *Charles must stay. The **others** can go.* O Charles deve ficar. Os outros podem ir.
another	um outro, uma outra, mais um, mais uma, mais outro, mais outra	*Tomorrow will be **another** day.* Amanhã será um outro dia.
enough	bastante, suficiente, suficientemente	*He's old **enough** to know.* Ele tem idade suficiente para saber.
most **most of**	a maioria dos, a maioria das, a maior parte de	***Most** boys love to play soccer.* A maioria dos meninos gosta de jogar futebol. *Jane spent **most of** her life in Aracaju.* A Jane passou a maior parte de sua vida em Aracaju.

1 Como já dissemos, neste grupo, os indefinidos concordam com o verbo no singular.

*Everybody **is** here.*
Todo mundo está aqui. (Todos estão aqui.)

*Everything **is** all right.*
Tudo está bem.

*Each of the bottles **has** a label on it.*
Cada uma das garrafas (dos frascos) tem um rótulo.

Com ***all***, porém, o verbo concorda com o substantivo que o segue.

*All the students **are** here.*
Todos os alunos estão aqui.

*All my savings **are** invested in stocks.*
Todas as minhas economias estão aplicadas em ações.

2 Como pronome adjetivo (*adjective*), ***other*** não pode ir para o plural. Porém, como pronome substantivo (*pronoun*), pode.

*The **other pie** was really delicious.* (*adjective*)
A outra torta era (estava) realmente deliciosa.

*The **other pies** were really delicious.* (*adjective*)
As outras tortas eram (estavam) realmente deliciosas.

*This book you put here, the **other** you put over there.* (*pronoun*)
Este livro você põe aqui, o outro você põe lá.

*These books you put here, the **others** you put over there.* (*pronoun*)
Estes livros você põe aqui, os outros você põe lá.

3 ***Enough*** pode ser empregado como pronome substantivo ou como pronome adjetivo. Como pronome adjetivo, posiciona-se antes do substantivo e depois do adjetivo.

*If I had **enough** money, I could go to Europe.*
s.

Se eu tivesse dinheiro suficiente, poderia ir à Europa.

*The house is big **enough** for my family.*
adj.

A casa é suficientemente grande para minha família.

*I was foolish **enough** to believe his story.*
adj.

Fui suficientemente tolo(a) para acreditar na história dele.

*There's still plenty of food. Have you had **enough**?*
Ainda há comida de sobra. Você comeu o bastante?

4 **Na maioria das vezes** traduz-se por ***most of the time***. Observe que não é ***times***, mas ***time*** (singular).

***Most of the time** he goes to work by bus, although he has a car.*
Na maioria das vezes ele vai trabalhar de ônibus, embora tenha um carro.

Mais alguns exemplos:

*Mr Johnson goes to London **every** year.*
O sr. Johnson vai a Londres todo ano.

***Everyone** came to hear the famous singer.*
Todos vieram ouvir o famoso cantor.

*There were flies **everywhere**.*
Havia moscas em toda parte.

*I've worked **all** day.*
Trabalhei o dia todo.

***Each** student received a blank sheet of paper.*
Cada aluno recebeu uma folha de papel em branco.

*There are two types of salad; you can have **either one**.*
Temos dois tipos de salada; você pode comer uma ou outra.

*You may take **neither** of these medicines.*
Você não pode tomar nem um nem outro destes remédios.

*The **other** camera is less expensive.*
A outra câmera é mais barata.

*Peter arrived at eight; the **others** came later.*
O Peter chegou às oito; os outros vieram mais tarde.

*This cake is delicious; I'll have **another** piece.*
Este bolo está uma delícia; vou comer mais um pedaço.

*We don't have **enough** food for everybody.*
Não temos comida suficiente para todos.

***Most of** the students in the classroom were quiet.*
A maioria dos alunos na sala de aula estava quieta.

EXERCÍCIOS

A Complete as frases a seguir com o indefinido apropriado:

1. It was spring and there were flowers .... .
2. Are you sure (that) you have .... money for your trip?
3. Leave these towels here; the .... you can put in the closet.
4. All the kids wanted chocolate ice cream but there wasn't .... for .... .

5. You've invited .... your friends; now, do you have .... you need for the party?
6. Is the cake big .... for .... to have at least a small piece?
7. Both shirts look good on you; you can take .... one.
8. I listened carefully to .... word the man said, but I can't say that I understood .... .
9. I don't think Jimmy is old .... to read this type of book.
10. We can go to .... of those restaurants; both are very good.

B Entre as alternativas abaixo, aponte aquela que completa corretamente todas as frases seguintes:

1. .... is worried about the return of a high inflation.
2. As .... child knows, there are four seasons in the year.
3. Do you have .... to pay all the bills?
4. Kate spends .... her free time watching TV.
5. Since both of these pens are black, I'll take .... .

a) Everyone — every — money enough — most— either one
b) Everybody — every — enough money — most of — either one
c) Everywhere — each — enough money — most of — both
d) Everyone — each — money enough — most of — neither

QUANTIDADE INDEFINIDA
MUCH, MANY, LITTLE, FEW...

Antes de mais nada, convém lembrar a distinção entre os ***countable*** e os ***uncountable nouns***, mencionada e explicada na Unidade 1. Os ***countable nouns*** (substantivos contáveis) podem ser usados no plural, enquanto os ***uncountable nouns*** (substantivos não contáveis) não podem ser, ou normalmente não são, usados no plural.

Teremos, portanto, indefinidos que acompanham substantivos no singular e indefinidos que acompanham substantivos no plural. De modo geral:

- ***much*** e ***little*** acompanham substantivos no singular *(uncountable nouns)*;
- ***many*** e ***few*** acompanham substantivos no plural *(countable nouns)*.

Quando não podemos empregá-los, usamos outros indefinidos que os substituem.

much **(singular)**	muito, muita	*I don't have* ***much time****, but I'll give you a hand.* Não tenho muito tempo, mas vou lhe dar uma mão.
many **(plural)**	muitos, muitas	*Harold has* ***many friends*** *in the USA.* O Harold tem muitos amigos nos EUA.
little **(singular)**	pouco, pouca	*Mary has* ***little patience*** *with her children.* A Mary tem pouca paciência com seus filhos.
few **(plural)**	poucos, poucas	*Johnny is sad because he got* ***few presents*** *for Christmas.* O Johnny está triste porque ganhou poucos presentes no Natal.
a great deal of **(singular)**	muito, muito	*I've spent* ***a great deal of money*** *on car repairs.* Tenho gasto muito dinheiro em consertos de carro.
a lot of **(singular, plural**	muitos, muitos muita, muitas	*Jane has* ***a lot of talent*** *for music.* A Jane tem muito talento para música. *There are* ***a lot of oranges*** *in the basket.* Há muitas laranjas na cesta.
plenty of **(singular, plural)**	muito, muitos, muita, muitas, de sobra, em abundância	*He had* ***plenty of opportunities****.* Ele teve muitas oportunidades.
a little **(singular)**	algum, alguma, um pouco (de)	*I have* ***a little money*** *in my savings account.* Tenho algum dinheiro em minha poupança.
a few **(plural)**	alguns, algumas	*She has* ***a few friends*** *in New York.* Ela tem alguns amigos em Nova Iorque.

1 ***Much*** geralmente não é usado em frases afirmativas e pouco nas interrogativas, sendo substituído por ***a lot of, lots of*** (coloquial) ou ***a great deal of*** (seguido de um substantivo no singular) ou ainda ***a great many*** (seguido de um substantivo no plural). Em frases negativas, normalmente se emprega ***much***.

Jill spent ***a lot of*** *time cleaning the house.* *(affirmative)*
A Jill gastou muito tempo limpando a casa.

Jill didn't spend ***much*** *time cleaning the house.* *(negative)*
A Jill não gastou muito tempo limpando a casa.

Did Jill spend ***much/a lot of*** *time cleaning the house?* *(interrogative)*
A Jill gastou muito tempo limpando a casa?

Jane says Peter has ***a great deal of*** *talent for drawing.*
A Jane diz que o Peter tem muito talento para desenho.

Podemos, porém, usar ***much*** em frases afirmativas, quando a linguagem for um tanto formal ou quando ***much*** for precedido de ***too***, ***so*** e ***very***. Cabe, ainda, salientar que o uso de ***much*** (*a lot*) é obrigatório toda vez que se deseja enfatizar os comparativos de superioridade.

__Much__ still remains to be done. (formal)
Muito ainda resta a ser feito.

__Much__ depends on the outcome of the discussions. (formal)
Muito depende do resultado das discussões.

You've been smoking __too much__!
Você tem fumado demais!

There's __so much__ violence nowadays!
Há tanta violência hoje em dia!

Thank you __very much__.
Muito obrigado.

An elephant is __much__ (a lot) bigger than a horse.
Um elefante é muito maior do que um cavalo.

This is __much__ (a lot) more important than you think.
Isto é muito mais importante do que você pensa.

2 ***A lot of (lots of)*** e ***plenty of*** são empregados tanto no singular como no plural, ou seja, podem acompanhar tanto ***countable*** quanto ***uncountable nouns***. Portanto, podem substituir ***many*** e ***much***.

She has __lots of__ friends.
Ela tem muitos amigos.

There is __a lot of__ information stored in the computer.
Há muitas informações armazenadas no computador.

There is __plenty of__ time.
Há tempo de sobra.

Convém lembrar que, na linguagem coloquial, em frases afirmativas, ***many*** é normalmente substituído por ***a lot of*** ou ***lots of*** ou, ainda, por ***plenty of***.

She has many friends.
She has a lot of friends. (coloquial)
Ela tem muitos amigos.

He had many dictionaries to help him do his homework.
He had plenty of dictionaries to help him do his homework.
Ele tinha muitos dicionários (dicionários de sobra) para ajudá-lo a fazer sua tarefa escolar.

Many students went to the library.
Lots of students went to the library. (coloquial)
Muitos alunos foram à biblioteca.

Nada impede que você opte por ***many***; porém soa mais formal.

3 Atente para a diferença entre ***few*** e ***a few***. Observe que ***a few*** equivale a ***some***. Tanto um quanto outro acompanham substantivos no plural.

*I have **few** friends in Rio.*
Tenho **poucos** amigos no Rio.

*I have **a few** friends in Rio.*
Tenho **alguns** amigos no Rio.

4 Atente, agora, para a diferença entre ***little*** e ***a little***, que são usados no singular. Aqui, ***a little***, além de equivaler a ***some***, também significa **um pouco de**.

*We have **little** time to act.*
Temos **pouco** tempo para agir.

*We have **a little** more time. Don't rush!*
Temos um **pouco** mais **de** tempo. Não se precipite!

***A little** patience doesn't hurt anybody.*
Um pouco de paciência não faz mal a ninguém.

5 Embora não exista regra explícita a respeito, ***few*** (assim como ***several***) é comumente empregado com expressões de tempo no plural, envolvendo as palavras ***last*** (últimos/as) e ***next*** (próximos/as).

*In the **last few** (several) days...* (Nos últimos dias...)
*In the **next few** (several) years...* (Nos próximos anos...)
*In the **next few** (several) weeks...* (Nas próximas semanas...)
*In the **next few** (several) hours...* (Nas próximas horas...)

Mais alguns exemplos:

*Does Mr Bonetti have **a lot of / many** relatives in Italy?*
O sr. Bonetti tem muitos parentes na Itália?

*Today, **a lot of / many / a great many** people are concerned about pollution.*
Hoje em dia, muitas pessoas estão preocupadas com a poluição.

*I've spent **a lot of / a great deal of** time preparing for the exams.*
Tenho passado muito tempo preparando-me para os exames.

*Do you usually drink **a lot of / much** water?*
Você geralmente toma muita água?

*He doesn't eat **much / a lot of** meat.*
Ele não come muita carne.

*She has **little** patience with stubborn people.*
Ela tem pouca paciência com gente teimosa.

Observação: Nos cinco primeiros exemplos, embora as duas opções oferecidas estejam corretas (ou as três, no caso do segundo exemplo), a primeira é a mais empregada na linguagem informal.

Confira na Segunda Parte, item 28, os comparativos ***fewer*** e ***less***.

EXERCÍCIOS

A Levando em conta o que foi estudado na Unidade 2 (**O plural dos substantivos**), complete as frases seguintes com ***much*** ou ***many / a lot of***.

1. I've read .... books but I wasn't able to find .... information about the Eskimos.
2. .... bacteria breed in stagnant water.
3. Man doesn't have .... knowledge about .... species of animals.
4. The alligator has a large mouth with .... teeth.
5. We have .... hypotheses but not .... evidence.
6. Our company doesn't buy .... sophisticated equipment because .... of the workers don't know how to use it.

B Complete as frases seguintes, usando ***much***, ***many***, ***a lot of***, ***little***, ***a little***, ***few*** e ***a few***:

1. I don't have .... time to spare but I'll stay .... minutes longer.
2. If what you say is true, there isn't .... (that) we can do about it.
3. Our city doesn't have .... industries, so there isn't .... air pollution.
4. Dr Brown has .... patients and .... of them come from far away.
5. Does Richard spend .... time on his homework?
6. There is .... butter in the refrigerator but we have .... margarine.
7. I have .... dictionaries but they are good ones.
8. Don't be discouraged! .... people have failed examinations before.
9. There isn't .... copper in Brazil but we have .... iron ore.
10. Because of the rain, not .... fans went to the football game.
11. .... people know about this because it's a well-guarded secret.
12. We've had .... rain in the last .... days.

LOCUÇÃO PRONOMINAL

-EVER

Veremos agora os indefinidos que, em português, equivalem a locuções pronominais.

whoever ***(whosoever)***	quem quer que, qualquer um que, qualquer uma que	***Whoever*** *does that will be severely punished.* Quem quer que faça isso será severamente castigado.
whatever ***(whatsoever)***	o que quer que, qualquer coisa que	*You can do* ***whatever*** *you want.* Você pode fazer qualquer coisa que quiser.
whichever	qualquer um que, qualquer uma que, seja qual for que (entre dois ou mais)	*Both these shirts look good on you. Take* ***whichever*** *your prefer.* Ambas as camisas ficam bem em você. Leve qualquer uma que você preferir.
whenever	sempre que, quando quer que	***Whenever*** *I see him, he's chewing gum.* Sempre que o vejo, ele está mascando chiclete.
however	como quer que	***However*** *I cook eggs, she refuses to eat them.* Como quer que eu cozinhe ovos, ela se recusa a comê-los.
wherever	onde quer que	*These days,* ***wherever*** *you go people are complaining about inflation.* Hoje em dia, onde quer que você vá as pessoas estão se queixando da inflação.

Observações:

a. ***Whosoever*** e ***whatsoever*** são pouco empregados.

b. ***However*** também pode ser uma **conjunção** (confira na Unidade 30), cujo significado é **contudo, porém, no entanto:**

Many *and* a lot of *may be used in affirmative statements.*
However, many *is more formal.*
Many e *a lot of* podem ser usados em orações afirmativas.
No entanto, *many* é mais formal.

Confira na Segunda Parte, item 12, expressões que podem substituir as locuções pronominais.

EXERCÍCIOS

A Entre as alternativas abaixo, aponte aquela que completa corretamente todas as frases seguintes:

1. .... you decide, you can count on my support.
2. She intends to spend just .... days in Salvador.
3. I have .... talent for music but I enjoy listening to it.
4. You may come to my house .... you wish.
5. They don't eat .... meat because they favor a vegetarian diet.

a) wherever — a few — a lot of — whenever — much
b) whichever — a few — much — whoever — a lot of
c) whatever — a few — little — whenever — much
d) whatever— few— a lot of — wherever — much

B Verta para o inglês:

1. Não fui a lugar nenhum nas últimas semanas.
2. A: Você viu alguém na sala de estar?
   B: Não, não vi ninguém lá.
3. Todo mundo sabe que Pelé foi um grande jogador de futebol.
4. Roberto não comeu nada porque não estava com fome.
5. Embora o sr. Simmons tenha muito dinheiro, ele tem poucos amigos.
6. Por favor, ponha um pouco de açúcar no meu café!

7. Onde quer que você vá, hoje é importante saber inglês.
8. Vi a Patrícia em algum lugar, mas não me lembro exatamente onde.
9. Tudo será explicado nos próximos dias.
10. Não temos gasolina suficiente para terminar a viagem.
11. Sempre que chove, há mais acidentes nas ruas.
12. Estas bananas estão maduras; as outras estão verdes.
13. Nos últimos anos, a informática *(computer science)* tem feito muito progresso.
14. Se você precisar de qualquer ajuda, não hesite em pedir!

Unidade 30

AS CONJUNÇÕES

CONJUNCTIONS

Conjunção, como a própria etimologia do termo indica (junção = ligação), é uma palavra que liga duas orações ou dois termos semelhantes da mesma oração.

Em vez de subdividir as conjunções em adversativas, concessivas, conclusivas etc., como fazemos em português, preferimos adotar aqui uma classificação mais pragmática, baseada no *Dictionary of American English*, da editora Longman. As conjunções são divididas em quatro grupos: o grupo ***and***, o grupo ***but***, o grupo ***because*** e o grupo ***so***.

1 Grupo *and* (e)

Em vez de dizer:

When Tom went to the bookstore, he bought a notebook ***and*** *several pens.*
Quando o Tom foi à livraria, ele comprou um caderno **e** várias canetas.

Ou

Jim and Daisy came to my birthday party.
O Jim **e** a Daisy vieram a minha festa de aniversário.

Podemos dizer:

When Tom went to the bookstore, he bought a notebook; he bought several pens ***as well****.* (também)
Jim came to my birthday party; Daisy came ***as well****.*

When Tom went to the bookstore, he bought a notebook ***as well as*** (bem como) *several pens.*
Jim, ***as well as*** *Daisy, came to my birthday party.*

When Tom went to the bookstore, he bought a notebook; he ***also*** (também) *bought several pens.*
Jim and ***also*** *Daisy came to my birthday party.*

*Not only did Tom buy a notebook, he **also** bought several pens.**
*Not only Jim but **also** Daisy came to my birthday party.*

Besides (Além de) *buying a notebook, Tom bought several pens.*
*Many (A lot) of my friends came to my birthday party, **besides** Jim and Daisy.*

In addition (Além de) *buying a notebook, Tom bought several pens.*
*Many (A lot) of my friends came to my birthday party, **in addition** to Jim and Daisy.*

* Sobre esta construção com *"Not only did..."*, conferir o item 69 da Segunda Parte do livro.

2 Grupo *but* (mas)

Em vez de dizer:

*My mattress isn't very soft **but** it's comfortable.*
Meu colchão não é muito macio, mas é confortável.

Ou

*Our players did their best **but** they lost the game.*
Nossos jogadores fizeram o melhor que puderam, mas perderam o jogo.

Podemos dizer:

*My mattress isn't very soft; **yet*** (no entanto, todavia), *it's comfortable.*
*Our players did their best; **yet**, they lost the game.*

*My mattress isn't very soft; **however*** (porém, entretanto), *it's comfortable.*
*Our players did their best; **however**, they lost the game.*

Although / Even though (embora / muito embora) *my mattress isn't very soft, it's comfortable.*
***Although / Even though** our players did their best, they lost the game.*

Despite the fact / In spite of the fact (a despeito de / apesar de) *that my mattress isn't very soft, it's comfortable.*
***Despite** (**in spite of**) the cold, I went for a walk in the park.*

Observações:

a. Ao usarmos ***although / even though*** e ***despite the fact / in spite of the fact***, podemos colocá-los no início ou no meio da frase:

__Although__ / __Even though__ my mattress isn't very soft, it's comfortable.
My mattress is comfortable, __although__ / __even though__ it's not very soft.

__Despite the fact__ that our players did their best, they lost the game.
Our players lost the game, __despite the fact__ that they did their best.

b. As conjunções ***nevertheless*** / ***nonetheless*** (não obstante) e ***still*** (ainda ou mesmo assim) também se enquadram neste grupo.

My mattress isn't very soft; __nevertheless__, it's comfortable.
Our players did their best; __still__, they lost the game.

3 O grupo *because* (porque)

As conjunções deste grupo respondem à pergunta ***why*** (**por que**) ou explicam a causa de algo. Vejamos:

He was late __because__ he missed the bus.
Ele se atrasou porque perdeu o ônibus.

__As__ / __Since__ I wasn't thirsty, I didn't drink anything.
Já que / Uma vez que eu não estava com sede, não bebi nada.

We cancelled our trip __on account of__ the rain.
Cancelamos nossa viagem por causa da chuva.

The patient was saved __due to__ the doctor's prompt action.
O paciente foi salvo devido à pronta ação do médico.

He failed the test __owing to__ his lack of interest.
Ele fracassou na prova devido a sua falta de interesse.

Millions of people have died __from__ aids.
Milhões de pessoas morreram de aids.

He only said that __to__ / __in order to__ fool me.
Ele só disse isso para / a fim de me enganar.

I put on a heavy woolen sweater __so that__ I wouldn't feel cold. Ou
I put on a heavy woolen sweater, __so as__ not to feel cold.
Vesti uma grossa blusa de lã, para não sentir frio.

Observação:

A oração iniciada por ***because, so that*** / ***so as*** e ***in order that*** pode vir no início ou no final do período:

He got a low mark ***because*** *he didn't study.*
Because *he didn't study, he got a low mark.*
Ele tirou nota baixa porque não estudou / Porque ele não estudou, tirou nota baixa.

4 O grupo ***so*** (assim, portanto, por isso)

As conjunções deste grupo expressam o que acontece/aconteceu / acontecerá em razão de alguma coisa.

Mary felt tired and sleepy, ***so*** *she went to bed.*
Mary felt tired and sleepy, ***that's why*** *she went to bed.*
Maria sentia-se cansada e com sono, assim / portanto / por isso ela foi deitar.

That's why é uma forma mais informal (e muito usada) de expressar o motivo pelo qual alguma coisa acontece, aconteceu ou acontecerá.

Outras conjunções mais formais (e, por isso mesmo, mais usadas na linguagem escrita) são ***therefore*** (portanto), ***thus*** (assim), ***consequently*** (por conseguinte) e ***hence*** (e daí).

A definitive cure for cancer hasn't been found yet; ***therefore****, research work will go on.*
Uma cura difinitiva para o câncer ainda não foi encontrada; portanto, o trabalho de pesquisa irá continuar.

The company's profits have fallen; ***thus****, it cannot raise the salaries of its employees.*
Os lucros da empresa diminuíram; assim, ela não tem como aumentar os salários de seus empregados.

I have no interest in astrology; ***consequently*** */* ***hence****, I don't know much about it.*
Não tenho interesse em astrologia; conseqüentemente / daí, não sei muita coisa sobre ela.

Além dessas conjunções que acabamos de mencionar, existem outras que não se enquadram em nenhum dos grupos acima. Entre elas, salientamos as mais usadas:

either ... or — ou ... ou
both ... and — tanto ... como
if / whether — se
unless — a não ser que
then — então
neither ... nor — nem ... nem
except / except for — exceto, com exceção de
provided / as long as — contanto que
whereas / while — ao passo que, enquanto
otherwise — do contrário, caso contrário

Para todas elas (ou quase todas), você encontrará exemplos no livro; basta consultar o índice geral.

EXERCÍCIOS

A Complete as frases abaixo com uma das seguintes conjunções: ***but, although / even though, despite / in spite of, as well as, besides / in addition to, because, so / so that, that's why, however, nevertheless, unless***. (Em certas frases, haverá mais de uma opção.)

1. Bill has a sore throat, ... he can hardly speak.
2. .... I was very angry, I preferred to keep my mouth shut.
3. We left the back door open, ... the dog could go out.
4. .... English, Julia speaks Spanish and French fluently.
5. For dessert, we had ice-cream .... chocolate mousse.
6. .... the fact that Henry doesn't have a college degree, he has a good job.
7. You can walk along a dark street at night; .... you must be careful.
8. The sun didn't shine all day, ... , it was very warm.
9. I'm sorry I can't go; ...., thank you for inviting me.
10. .... we were all tired, we stopped for a rest.
11. Fred looks a bit sad; it must be .... his mother is quite ill.
12. We're going to play football this afternoon, ... it rains.

B Verta as seguintes frases para o inglês:

1. Acho que ela disse aquilo só para agradar *(to please)* o professor.
2. O sr. Santos vai comprar o apartamento, embora o preço seja um pouco alto.
3. Ela toca música clássica, bem como música popular.
4. Já que você não quer bolo, então coma um pedaço de torta.
5. Maria ganhou uma bicicleta; por isso é que ela está tão contente (feliz).
6. Estudei muito para a prova; no entanto, tirei apenas um seis.
7. Prometo ajudar você amanhã, contanto que eu não esteja muito ocupado.
8. Embora insistíssemos, ela não quis ir ao cinema conosco.

Unidade

31 O DISCURSO INDIRETO

REPORTED SPEECH (INDIRECT SPEECH)

Ao narrarmos o que outra pessoa disse, pediu, perguntou ou contou, podemos fazê-lo de duas maneiras:

- por meio do **discurso direto** (***direct speech***), repetindo a fala da pessoa, isto é, repetindo suas palavras; ou
- por meio do **discurso indireto** (***reported speech***), relatando com nossas palavras o que a pessoa falou.

Ann said, "I am very tired." (direct speech)
A Ann disse: "Estou muito cansada".

Ann said (that) she was very tired. (reported speech)
main clause — *noun clause*
A Ann disse que estava muito cansada.

Observe que, quando passamos do **discurso direto** para o **discurso indireto,** formulamos um período composto, onde temos uma **oração principal** (***main clause***) e uma **oração subordinada substantiva** (***noun clause***) introduzida por **que** (***that***), por **se** (***if***) ou por um pronome interrogativo. O discurso indireto aparece na oração subordinada.

1 Na oração principal, empregamos os verbos ***say*** (dizer), ***ask*** (perguntar) e ***tell*** (dizer, contar).

Tell é sempre seguido de um nome ou pronome pessoal (objeto indireto). O mesmo ocorre geralmente com ***ask***, embora haja casos em que ele é seguido de um pronome interrogativo.

Say pode ser seguido, ou não, de um nome ou pronome. Vejamos:

*John **told us** (that) he was going to New York.*
O John nos disse (contou) que ia a Nova Iorque.

*She **said** (that) she was afraid.*
Ela disse que estava com medo.

*She **said to Peter** that she was afraid.*
*She **told Peter** (that) she was afraid.* (melhor)
Ela disse ao Peter que ela estava com medo.

*She **asked me** where I was going.*
Ela me perguntou aonde eu ia.
*He **asked** why people were laughing at him.*
Ele perguntou por que as pessoas estavam rindo dele.

Observe que ***tell*** nunca é seguido de ***to***, ao passo que ***say*** não dispensa o ***to*** quando é seguido de um nome (substantivo ou nome próprio) ou pronome pessoal.

2 O conectivo ***that*** pode ser omitido.

*They say **that** they study every day.*
They say they study every day. (mais comum na linguagem coloquial)
Eles dizem que estudam todos os dias.

3 Além do conectivo ***that***, usamos também:

- ***if*** ou ***whether*** (se) — quando, no discurso direto, temos perguntas que pedem respostas com **sim** ou **não** (***yes/no question***)

The boss asked me, "Have you finished the report?"
O chefe me perguntou: "Você terminou o relatório?".

*The boss asked me **if** I had finished the report.*
O chefe me perguntou **se** eu tinha terminado o relatório.

Mary asked me, "Are you hungry?"
A Mary me perguntou: "Você está com fome?".

*Mary asked me **if** I was hungry.*
A Mary me perguntou **se** eu estava com fome.

- **pronome interrogativo** (***what, when, where, who, which***)

My brother asked me, "Where did you buy your shoes?"
Meu irmão me perguntou: "Onde você comprou seus sapatos?".

*My brother asked me **where** I had bought my shoes.*
Meu irmão me perguntou **onde** eu tinha comprado meus sapatos.

He asked her, "What should I do?"
Ele perguntou a ela: "O que eu deveria fazer?".

*He asked her **what** he should do.*
Ele perguntou a ela **o que** ele deveria fazer.

Ted asked me, "When will you come back?"
O Ted me perguntou: "Quando você voltará?".

*Ted asked me **when** I would (I'd) come back.*
O Ted me perguntou **quando** eu voltaria.

4 Quando o verbo da oração principal está no presente, ao passarmos do discurso direto para o indireto, o tempo verbal da oração subordinada deve ser mantido.

*He **says**, "I usually get up early."*
Ele diz: "Geralmente me levanto cedo".

*He **says** (that) he usually gets up early.*
Ele diz que geralmente se levanta cedo.

*He **asks** her, "Where are you going?"*
Ele pergunta a ela: "Aonde você vai?".

*He **asks** her where she is going.*
Ele pergunta a ela aonde ela vai.

*She **tells** me, "I will buy some apples."*
Ela me diz: "Comprarei algumas maçãs".

*She **tells** me (that) she will buy some apples.*
Ela me diz que comprará algumas maçãs.

5 Quando o verbo da oração principal está no passado, ao passarmos do discurso direto para o indireto, o verbo da oração subordinada muda para uma forma de passado.

*She **said**, "I usually go by plane."*
Ela disse: "Geralmente vou de avião".

*She **said** (that) she usually went by plane.*
Ela disse que geralmente ia de avião.

*He **told** me, "I am going to Recife."*
Ele me disse: "Estou indo para Recife".

*He **told** me (that) he was going to Recife.*
Ele me disse que estava indo para Recife.

*I **asked** him, "When will you arrive?"*
Perguntei a ele: "Quando você chegará?".

*I **asked** him when he would arrive.*
Perguntei a ele quando ele chegaria.

Vale salientar, porém, que, quando a ação da oração subordinada **geralmente acontece** ou **ainda não aconteceu**, mantém-se, na linguagem coloquial, o tempo da oração subordinada no discurso indireto.

Portanto:

She said (that) she usually goes by plane.
He told me (that) he's going to Recife.
I asked him when he'll (he is going to) arrive.

Concluindo, portanto, diríamos que, de maneira geral, no discurso indireto usamos um tempo verbal "anterior" ao tempo verbal utilizado no discurso direto. Porém, se você prefere regras, veja como ficam as mudanças dos tempos verbais e compare-as com os exemplos que seguem o quadro.

Direct speech		Reported speech
simple present	▶▶|	simple past
simple past	▶▶|	past perfect
present perfect	▶▶|	past perfect
simple future	▶▶|	conditional (would + verb)
imperative	▶▶|	infinitive

*She **said**, "I study every day."*
Ela disse: "Estudo todo dia".

*She **said** (that) she studied (studies) every day.*
Ela disse que estudava (estuda) todo dia.

*She **said**, "I studied yesterday."*
Ela disse: "Estudei ontem".

*She **said** (that) she had studied the day before.*
Ela disse que tinha estudado no dia anterior.

*She **said**, "I have studied."*
Ela disse: "Eu estudei".

*She **said** (that) she had studied.*
Ela disse que tinha estudado.

*She **said**, "I will study tomorrow."*
Ela disse: "Estudarei amanhã".

*She **said** (that) she would study (she'll study) on the following day (tomorrow).*
Ela disse que estudaria no dia seguinte.

*She **said** to him, "Study hard."*
Ela disse a ele: "Estude bastante".

*She **told** him to study hard.*
Ela disse a ele para estudar bastante.

Confira na Segunda Parte, item 72, os verbos ***say*** e ***tell***.

Observações:

a. Quando temos um imperativo no discurso direto, é necessário mencionar a quem a ordem (ou pedido) está sendo dada no discurso indireto.

*"Stay in bed for a few days", the doctor told **me**.*
"Fique de cama por alguns dias", disse-me o médico.

*The doctor told **me** to stay in bed for a few days.*
O médico me disse para ficar de cama por alguns dias.

*"Answer the telephone, please", she said to **me**.*
"Atenda ao telefone, por favor", disse-me ela.

*She asked **me** to answer the telephone.*
Ela me pediu para atender ao telefone.

*"Don't come late tomorrow ", he told **me**.*
"Não chegue tarde amanhã", disse-me ele.

*He told **me** not to come late tomorrow (the following day).*
Ele me disse para não chegar tarde amanhã (no dia seguinte).

*"Don't forget to call me later", Tom said to **Sandra**.*
"Não se esqueça de me ligar mais tarde", disse o Tom à Sandra.

*Tom told **Sandra** not to forget to call him later.*
O Tom disse à Sandra que não se esquecesse de ligar para ele mais tarde.

*"Can you buy me some sugar?", Mary asked **Tom**.*
"Você pode me comprar açúcar?", a Mary pediu ao Tom.

*Mary asked **Tom** if he could buy her some sugar.*
A Mary perguntou ao Tom se ele podia comprar açúcar para ela.

b. Também podemos ter um ***present progressive*** ou um futuro com ***be going to*** no discurso direto. Quando isso ocorre, basta passar o verbo ***to be*** para o passado no discurso indireto.

*She **said**, "I am studying ."*
Ela disse: "Estou estudando".

*She **said** (that) she was studying .*
Ela disse que estava estudando.

*She **said**, "I am going to study ."*
Ela disse: "Vou estudar".

*She **said** (that) she was going to study .*
Ela disse que ia estudar.

c. Quando você relata algo que foi dito recentemente sobre uma situação que, no momento da fala, ainda permanece válida ou verdadeira, não é necessário mudar o tempo do verbo ao passar do discurso direto para o indireto.

*Jane **said**, "I **want** to go to the theater tonight."*
A Jane disse: "Quero ir ao teatro hoje à noite".

*Jane **said** (that) she **wants** (wanted) to go to the theater tonight.*
A Jane disse que quer (queria) ir ao teatro hoje à noite.

*Paul **said**, "It's **raining** very heavily."*
O Paul disse: "Está chovendo muito".

*Paul **said** (that) it **is** (was) raining very heavily.*
O Paul disse que está (estava) chovendo muito.

Observe que, em todos esses casos, no discurso indireto o tempo verbal da oração subordinada pode, mas não precisa, ser mudado para o passado.

6 Quanto aos ***modals***, passam do discurso direto para o indireto conforme o quadro a seguir:

Direct speech		Reported speech
can	▶▶|	*could*
may	▶▶|	*might*
must	▶▶|	*had to*
should	▶▶|	*should*
ought to	▶▶|	*ought to*

She said, "I can go."
She said (that) she could go.

She said, "I may go."
She said (that) she might go.

She said, "I must go."
She said (that) she had to go.

She said, "I should go."
She said (that) she should go.

She said, "I ought to go."
She said (that) she ought to go.

7 Você deve ter observado que, do discurso direto para o indireto, os pronomes pessoais e os pronomes possessivos são trocados.

He asked me, "Where are you going?"
He asked me where I was going.

I asked her, "Do you enjoy going to parties?"

I asked her if she enjoyed going to parties.

She said, "I met my cousin at the club."

She said (that) she had met her cousin at the club.

They asked her, "Can you bring some magazines for us?"

They asked her if she could bring some magazines for them.

O mesmo ocorre com demonstrativos e expressões de tempo e lugar. Veja como eles podem ser substituídos:

Direct speech		Reported speech
this	▶▶|	that
today	▶▶|	that day
yesterday	▶▶|	the day before
tomorrow	▶▶|	the next day, the following day
last night	▶▶|	the night before
last week/year	▶▶|	the week/year before
next week/month/year	▶▶|	the following week/month/year
now	▶▶|	then
here	▶▶|	there

*Henry said, "I slept only a few hours **last night.**"*
*Henry said (that) he had slept only a few hours **the night before.***

*John said, "I'm going to Argentina **next week.**"*
*John said (that) he was going to Argentina **the following week.***

*Ann called me from Boston and said, "It's very cold **here.**"*
*Ann called me from Boston and said (that) it was very cold **there.***

Provavelmente você não encontrará dificuldades pois, em português, o procedimento é semelhante.

EXERCÍCIOS

A Imagine que você encontra seu amigo Tony, que lhe diz as seguintes coisas:

1. My mother is in bed with a high fever.
2. I'm going to buy some medicine for her.
3. I have no idea as to when I'll be able to go on vacation.
4. My sister Helen has bought a new car.
5. I'm thinking of looking for a better job.
6. My brother had an accident but he's OK now.
7. I haven't played tennis lately.
8. I hardly ever go to the movies anymore.
9. Nora and Jim will get married next month.
10. I may pay you a visit tomorrow.
11. My brother is thinking of moving to Canada.
12. I must go now because it's getting late.

Agora conte a alguém tudo o que Tony lhe disse, usando o discurso indireto, começando sempre com ***Tony said that...***

B Passe as frases seguintes para o ***reported speech***:

1. Mr Johnson said, "I'm going to Chicago on business."
2. George says, "I feel like having a glass of ice-cold beer."
3. My brother asked me, "Did you borrow my woolen sweater?"
4. Mary said to me, "Don't forget to buy some oranges!"
5. Tom asked his father, "Can you lend me the car for a few hours?"
6. Mr Silva said, "These letters must be mailed before noon."
7. Frank asked me, "Did you go to Cynthia's birthday party last week?"
8. The policeman said to me, "You shouldn't be so careless when you drive."
9. Tony asked, "Why is the boss always complaining about my work?"
10. The doctor asked the patient, "Have you been taking your medicine regularly?"
11. Jim said, "I'll be going on vacation in a couple of weeks."
12. Mary says, "I've been working too hard and I really need a rest."

C Leia o seguinte diálogo ocorrido num vôo entre Rio e Nova Iorque:

"Where are you from?", asked the passenger sitting next to me on the plane. "Rio de Janeiro", I said.

"That's nice. I'm from Mapleton. It's a small town in northern Michigan", he added.

"I've never heard of Mapleton", I said, "but I know Michigan is a beautiful state. I was once on vacation there."

"Are you going to Michigan on vacation this summer?", he asked me.
"Oh no, I'll stay home this year", I replied.
"That's a good idea. Argentina is a beautiful country", the passenger replied with a smile on his face.
My mouth fell open, I didn't know how to respond... Some people certainly need to study geography!

Tomando por base o diálogo acima, preencha os espaços em branco da narrativa abaixo:

Last summer, the passenger sitting next to me on the plane asked me where I was from. I .... him I .... from Rio de Janeiro. He .... me he .... from Mapleton, a small town in northern Michigan. I mentioned that I (never) .... of Mapleton, but that I .... to Michigan once on vacation. The passenger .... me if I .... to Michigan on vacation .... summer. I .... that I .... home .... year. At that point the passenger .... me that it .... a good idea, since Argentina .... a beautiful country. My mouth fell open. I didn't know how to respond. Some people certainly need to study geography!

Bill: Harry, have you spoken to your boss about our vacation plans? I mean about making our vacations coincide so that we can spend 2 or 3 weeks together in the Caribbean!
Harry: Oh yes, I mentioned it to him and I even said that we'd like to go in June. He said it was OK with him, but then he asked me... well, you won't believe me if I tell you...
Bill: Come on, tell me. You know I always believe anything you say.
Harry: Believe it or not, he asked me if June wasn't a cold month in the Caribbean.
Bill: Oh no! Doesn't he know where the Caribbean is?
Harry: That goes to show you how much he knows about geography!

Unidade

32 OS NUMERAIS

NUMBERS

Os numerais não estão, evidentemente, entre os elementos mais importantes de um idioma. Seria, porém, lamentável se você dominasse bem as estruturas da gramática inglesa, chegasse a ter um vocabulário razoavelmente bom e se atrapalhasse na hora de dizer algo como:

> Ronaldo, que tem 37 anos, é piloto internacional; já voou mais de 500 mil milhas e esteve nos Estados Unidos e na Europa umas 20 ou 30 vezes. Quando está em Nova Iorque, costuma ficar em um hotel na rua 52 ou com um amigo que mora na rua 161.

Para evitar vexames, a solução é memorizar e praticar. A propósito, o trecho acima ficaria assim:

> *Ronaldo, who's thirty-seven years old, is an international pilot; he's already flown over five hundred thousand miles and has been to the USA and Europe some twenty or thirty times. When he's in New York, he usually stays at a hotel on Fifty-Second Street or with a friend who lives on One Hundred and Sixty-First Street.*

Cardinal numbers		Ordinal numbers	
1	*one*	1st	*first*
2	*two*	2nd	*second*
3	*three*	3rd	*third*
4	*four*	4th	*fourth*
5	*five*	5th	*fifth*
6	*six*	6th	*sixth*
7	*seven*	7th	*seventh*
8	*eight*	8th	*eighth*
9	*nine*	9th	*ninth*
10	*ten*	10th	*tenth*
11	*eleven*	11th	*eleventh*
12	*twelve*	12th	*twelfth*

continua ▶▶

Cardinal numbers		Ordinal numbers	
13	*thirteen*	13th	*thirteenth*
14	*fourteen*	14th	*fourteenth*
15	*fifteen*	15th	*fifteenth*
16	*sixteen*	16th	*sixteenth*
17	*seventeen*	17th	*seventeenth*
18	*eighteen*	18th	*eighteenth*
19	*nineteen*	19th	*nineteenth*
20	*twenty*	20th	*twentieth*
21	*twenty-one*	21st	*twenty-first*
22	*twenty-two*	22nd	*twenty-second*
30	*thirty*	30th	*thirtieth*
31	*thirty-one*	31st	*thirty-first*
32	*thirty-two*	32nd	*thirty-second*
40	*forty*	40th	*fortieth*
41	*forty-one*	41st	*forty-first*
42	*forty-two*	42nd	*forty-second*
50	*fifty*	50th	*fiftieth*
60	*sixty*	60th	*sixtieth*
70	*seventy*	70th	*seventieth*
80	*eighty*	80th	*eightieth*
90	*ninety*	90th	*ninetieth*
100	*one/a hundred*	100th	*(one) hundredth*
101	*one hundred and one*	101st	*(one) hundred and first*
1,000	*one/a thousand*	1,000th	*(one) thousandth*
1,000,000	*one/a million*	1,000,000th	*(one) millionth*
1,000,000,000	*one/a billion*	1,000,000,000th	*(one) billionth*

Observações:

a. Quando escrevemos os números por extenso, colocamos um hífen unindo a unidade e a dezena. Isso vale tanto para cardinais quanto para ordinais.

25 — *twenty-five*
25th — *twenty-fifth*
167 — *one hundred and sixty-seven*
167th — *one hundred and sixty-seventh*

b. Quando lemos ou escrevemos por extenso números superiores a **100**, cardinais ou ordinais, acrescentamos ***and*** antes dos dois últimos algarismos.

518 — *five hundred **and** eighteen*
518th — *five hundred **and** eighteenth*
333 — *three hundred **and** thirty-three*
333rd — *three hundred **and** thirty-third*

c. Em inglês, a pontuação dos números é oposta à nossa, isto é, onde usamos vírgula, eles usam ponto e onde usamos ponto, eles usam vírgula.

1,000	3.1415 (π)
1,000,000	0.5 (1/2)
1,000,000,000	US$ 1,345.50

d. Como já vimos na Unidade 2, quando expressam número, ***hundred***, ***thousand***, ***million***, ***billion*** etc. não vão para o plural. Porém, quando significam **centenas**, **milhares**, **milhões** etc., de maneira genérica, vão para o plural.

three million (três milhões)
five trillion (cinco trilhões)

mas ▶▶| *hundreds of people* (centenas de pessoas)
millions of birds (milhões de pássaros)

e. A abreviação dos números ordinais é feita acrescentando ao número as duas últimas letras de sua forma extensa.

first	— 1st	*fourth*	— 4th
second	— 2nd	*twentieth*	— 20th
third	— 3rd	*seventieth*	— 70th

Na grafia, as duas últimas letras podem ser elevadas: 1st, 2nd, 3rd, 4th, 70th etc.

f. Em português, ao lermos ou escrevermos por extenso os números ordinais, tanto na dezena quanto na centena e no milhar, todos os algarismos vão para a forma ordinal. Em inglês, porém, apenas o último algarismo vai para a forma ordinal.

21º — vigésimo primeiro
21st — *twenty-first*
72º — septuagésimo segundo
72nd — *seventy-second*

Em alguns casos, em inglês, empregam-se os numerais de maneira diferente da nossa. Vejamos alguns.

1 É comum usar o plural das dezenas para designar **décadas** ou quando se quer dizer "quarentão", "cinqüentão" etc.

in the fifties (nos anos cinqüenta)
in the eighties (nos anos oitenta)

Jane is still in her twenties.
A Jane ainda tem vinte e tanto. (não chegou aos 30)

Mr Castro is in his fifties.
O sr. Castro é "cinqüentão".

2 Como ler **ano**, por exemplo, 1988? Embora a forma completa seja ***nineteen hundred and eighty-eight***, popularmente diz-se ***nineteen eighty-eight***. Lê-se de dois em dois algarismos.

1789 — *seventeen eighty-nine*
1820 — *eighteen twenty*
1995 — *nineteen ninety-five*

Quando o penúltimo algarismo for 0 (zero), lemos da seguinte forma:

1805 — *eighteen **oh** five*
1907 — *nineteen **oh** seven*

O zero é pronunciado como se fosse a vogal **o** (pronúncia: **ou**).

3 Quanto a **datas**, a forma **tradicional** de expressá-las é colocando os dias do mês na forma **ordinal**. Portanto:

*On July **19th** / On the **19th** of July*
No dia 19 de julho

*He was born on August **14th** / on the **14th** of August.*
Ele nasceu no dia 14 de agosto.

May fifteenth

Observações:

a. Note que, em inglês, os meses, assim como os dias da semana, são grafados sempre com inicial maiúscula: *March, June, September, Sunday, Monday...*

b. Hoje em dia, está cada vez mais em desuso grafar datas na forma ordinal quando o mês é mencionado juntamente com o dia: *June 22, March 4* etc. Um exemplo típico ocorre em correspondências: *São Paulo, May 15, 1998; New York, Nov. 22, 1997.* Não obstante, **é importante lembrar** que, embora não se coloque o "*th*" depois de 15 ou o "*nd*" depois de 22, esses números devem ser **pronunciados** como ordinais. Portanto, a leitura é: *May fifteenth, November twenty-second.*

4 Quando o mês não é expresso, permanece a obrigatoriedade do ordinal. Isso ocorre principalmente em diálogos, onde se presume que o interlocutor saiba de que mês se trata. Exemplos:

Our English test will be on the 27th.
Nossa prova de inglês será no dia 27.

My sister got married on the 31st
Minha irmã se casou no dia 31.

5 Como expressar **horas** em inglês? Os povos de língua inglesa costumam dividir o dia em duas partes: ***A.M.*** (*Ante Meridiem*), para as horas antes do meio-dia, e ***P.M.*** (*Post Meridiem*), para as horas depois do meio-dia. ***A.M.*** e ***P.M.*** também podem ser grafados em letra minúscula.

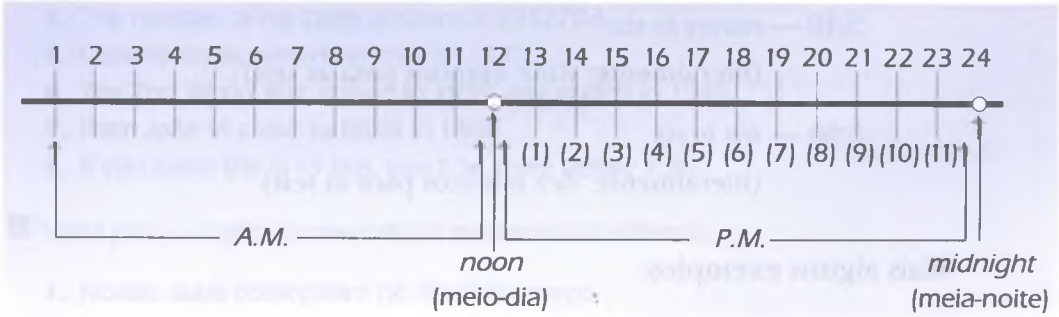

4:00 — 4 *A.M.* 15:00 — 3 *P.M.*
9:00 — 9 *A.M.* 22:00 — 10 *P.M.*

Pode-se dispensar o ***A.M.*** e o ***P.M.***, desde que esteja claro que o falante está se referindo à manhã, à tarde ou à noite. Para expressar frações de horas, temos duas opções:

- A primeira, mais usada nos EUA, é semelhante ao nosso modo de ler as horas.

7:30 — *seven thirty* 11:25 — *eleven twenty-five*
9:15 — *nine fifteen* 14:40 — *two forty*
10:10 — *ten ten* 17:45 — *five forty-five*

Para as horas em que os minutos são inferiores a **10**, vale o que dissemos para anos.

10:05 — *ten **oh** five* 14:08 — *two **oh** eight*

- A segunda opção, mais usada pelos britânicos, divide a hora em duas partes: de 0 a 30 minutos, usa-se ***past*** (depois); e de 31 a 59, usa-se ***to*** (para). Além disso, usa-se ***quarter*** (um quarto) para 15 e 45 minutos, e ***half*** (metade) para meia hora. Os exemplos esclarecem:

5:10 — *ten past five*
(literalmente: dez minutos depois das cinco)

5:30 — *half past five*
(literalmente: meia hora depois das cinco)

5:40 — *twenty to six*
(literalmente: vinte minutos para as seis)

5:50 — *ten to six*
(literalmente: dez minutos para as seis)

Mais alguns exemplos:

6:05 — *five past six* 7:15 — *a quarter past seven*
8:30 — *half past eight* 9:35 — *twenty-five to ten*
10:45 — *a quarter to eleven* 11:55 — *five to twelve*

6 As palavras ***teens*** ou ***teenager*** referem-se à ou ao adolescente, cuja idade está entre 13 (*thirteen*) e 19 (*nineteen*) anos. A palavra ***teenager*** nada mais é do que a fusão substantivada de ***teen*** e ***age*** (idade).

When my mother was a teenager (in her teens), Elvis Presley was very popular.
Quando minha mãe era adolescente, Elvis Presley era muito popular.

Monica was still a teenager (in her teens) when she got married.
Monica ainda era uma adolescente quando casou.

Teenagers like rock and roll.
Os adolescentes gostam de *rock and roll.*

7 Os ordinais que seguem nomes próprios, quando pronunciados, são precedidos de artigo definido (*the*).

*Queen Elizabeth II (**the** Second)*
A rainha Elizabeth II

*Pope John XXIII (**the** Twenty-third)*
O papa João XXIII

*King Henry VIII (**the** Eighth)*
O rei Henrique VIII

EXERCÍCIOS

A Reescreva as frases seguintes, escrevendo os numerais por extenso:

1. When did Pope John Paul II visit Brazil for the 2nd time: in 1990 or in 1991?
2. Emperor Pedro I declared the independence of Brazil in 1822.
3. The check was made out for US$ 1,395.67.
4. The number of my bank account is 8542703.
5. Columbus discovered America in 1492.
6. The 2nd World War started in 1939 and ended in 1945.
7. Dom João VI came to Brazil in 1808.
8. If you catch the 5:15 bus, you'll be there before 7:30.

B Verta para o inglês, escrevendo os numerais por extenso:

1. Nossas aulas começaram no dia 3 de março.
2. Espero estar em Londres no dia 21 de setembro.
3. A rainha Elizabeth II foi coroada em 1953.
4. O presidente Kennedy foi assassinado em 22 de novembro de 1963.
5. Tenho um amigo em Nova Iorque que mora na rua 159.

Unidade 33 AS PREPOSIÇÕES

PREPOSITIONS

Deixamos para o final aquilo que, como todos sabem, constitui uma das maiores dificuldades para quem estuda outro idioma: as **preposições**.

Em inglês, a dificuldade reside não tanto no fato de serem muitas, nem nos múltiplos significados que muitas delas possuem, mas sim no fato de que a preposição freqüentemente é empregada como uma espécie de "tempero". Um tempero que, se não for usado, não constitui erro, porém faz falta a quem está acostumado ao verdadeiro sabor da língua.

Se você disser, por exemplo, *"Let's clean the table"*, falou de forma gramaticalmente impecável. Agora, se quiser falar como **eles** falam, terá que dizer *"Let's clean **up** the table"*. Você pode telefonar para um amigo e dizer *"Come to my house!"*. Correto, mas sem tempero. Para falar à moda **deles**, é bom que você diga *"Come **over** to my house!"* ou *"Come **on over** to my house!"*.

O uso e o abuso desse tempero — assim como ocorre na arte culinária — não é coisa que os livros sozinhos possam ensinar. Aprende-se na convivência com os *native speakers*, quando possível, ou por meio de muita leitura.

Vamos então às preposições, mas lembre-se de que a relação que apresentamos não tem a pretensão de ser exaustiva. Daremos exemplos para que você saiba como empregá-las, traduzindo apenas as frases em que a tradução literal do inglês não ficaria bem.

▸▸ ***about*** — sobre (a respeito de), cerca de, mais ou menos

*The men were talking **about** politics.* (sobre)
*The show began at **about** 10 P.M.* (mais ou menos)

▸▸ ***above*** — acima, acima de

*The President is **above** his ministers.*
*The airplane was flying **above** the clouds.*

▸▸ ***across*** — através de, do outro lado de

*The boys walked **across** the park.*
Os meninos atravessaram o parque a pé. (andando)

*My relatives live **across** the river.* (do outro lado de)

▶▶ ***after*** — depois de

*I'll see you **after** lunch.*

▶▶ ***against*** — contra

*At the Pan-American games, Brazil played **against** the USA.*

▶▶ ***along*** — ao longo de, junto com

*The horses galloped **along** the road.*
*Come **along** with us!*

▶▶ ***among*** — entre (vários)

*It's good to be **among** friends, isn't it?*

▶▶ ***around (round)*** — ao redor de, por volta de (cerca de)

*The cars went **(a)round** the track 75 times.*
Os carros deram 75 voltas na pista.

*There were **around** 300 people in the auditorium.* (cerca de)

▶▶ ***at*** — em, no, na (à, às)

*Myriam wasn't **at** home when I called.*
*There was a blue car **at** the gate.*
*The show will begin **at** 9 P.M.*

▶▶ ***before*** — antes de, diante de, perante

*I got home **before** the rain started.* (antes de)
*All men are equal **before** God.* (diante de, perante)

▶▶ ***behind*** — atrás de

*The cat was sleeping **behind** the door.*

▶▶ ***below*** — abaixo de

*South America is **below** Central America.*

▸▸ ***beneath*** — abaixo de, embaixo, sob

A king shouldn't do anything ***beneath*** *his dignity.*
She was wearing a sweater ***beneath*** *her coat.*

▸▸ ***beside*** — ao lado de

Sandra was sitting ***beside*** *her boyfriend.*

▸▸ ***besides*** — além de

Mr Clark has a house ***besides*** *two apartments.*
Ingrid speaks German and English ***besides*** *Swedish.*

▸▸ ***between*** — entre (dois)

Paul stood ***between*** *the two policemen.*
Just ***between*** *you and me, he's a big liar!*

▸▸ ***beyond*** — além de, para lá de

The town lies ***beyond*** *that mountain.*
A cidade fica (está situada) para lá daquela montanha.

▸▸ ***by*** — por (agente), de (meio de transporte), perto de

Hamlet *was written* ***by*** *Shakespeare.* (agente)
Did you come ***by*** *bus or* ***by*** *plane?* (meio de transporte)
Let's sit here ***by*** *the window.* (perto de)

▸▸ ***despite*** — a despeito de, apesar de

Despite *the rain, he arrived on time.*

▸▸ ***down*** — para baixo

Elevators are always going up and ***down****.*

▶▶ ***during*** — durante

*The students mustn't smoke **during** class.*

▶▶ ***for*** — para (intenção), por (duração), por (dinheiro)

*I've brought a present **for** you.* (intenção)
*We intend to stay in Washington **for** two weeks.* (duração)
*Diana paid 50 dollars **for** her new blouse.* (dinheiro)

▶▶ ***from*** — de (procedência)

*My cousin has just arrived **from** Canada.*
*I've just received a postcard **from** my friend Charles.*

▶▶ ***in*** — em, no, na, dentro de

*There's no beer **in** the fridge.*
*The papers are all **in** my briefcase.*
*That tall building was put up **in** five months.*

put up
→ levantado

▶▶ ***inside*** — dentro de, para dentro (de)

*The keys are **inside** my pocket.*
*It's beginning to rain; let's go **inside**!*

▶▶ ***into*** — para dentro de

*Please, bring more chairs **into** this room.*

▶▶ ***near*** — perto de, próximo a

*Is there a supermarket **near** your house?*

▶▶ ***of*** — de, a respeito de

*Mr Correia is the president **of** our club.*
*We were speaking **of** him when he arrived.*

▸▸ ***off*** — fora de, para fora de

*Please, keep **off** the grass!*
Por favor, mantenha-se fora da grama! (Não pise na grama!)

*The dancers walked **off** the stage.*

▸▸ ***on*** — em, no, na, em cima de, a respeito de

*The letters were left **on** the table.*
*This article is **on** slavery in South America.*

▸▸ ***out*** — fora, para fora de

*Mr Silva was **out** of the office when I telephoned.*
*She took all the apples **out** of the basket.*

▸▸ ***outside*** — fora de, do lado de fora de

*The students are all **outside** the school building.*
*A strange-looking man stood **outside** the gate.*

▸▸ ***over*** — sobre, por cima de, mais que, durante

*Many planes fly **over** our house.* (por cima de)
*My grandfather was **over** 90 when he died.* (mais de)
*This happened **over** a long period of time.* (durante)

▸▸ ***round*** — (ver ***around***)

▸▸ ***since*** — desde

*I haven't spoken to Tom **since** last month.*

▸▸ ***through*** — através de, por intermédio de

*This river flows **through** several states.*
*I got this book **through** a friend who lives in London.*

spread → espalhar

▶▶ ***throughout*** — através de (em sentido abrangente)

*The news quickly spread **throughout** the country.*
A notícia se espalhou rapidamente através do país.

▶▶ ***till (until)*** — até (no sentido de tempo)

*My aunt will stay with us **till (until)** the end of the month.*

aunt

▶▶ ***to*** — para (direção, movimento), ao, à, aos, às

*My uncle went **to** Argentina last week.*
*Did you give the money **to** Richard?*

I saw him walking toward the car
what are Henry's feelings toward Nancy?

▶▶ ***toward(s)*** — em direção a, para com

*I saw him walking **toward** the car.*
*What are Henry's feelings **toward(s)** Nancy?*

▶▶ ***under*** — sob, embaixo de, menos de

*We sat **under** a big tree in the garden.* (sob)
*That is not a movie for boys and girls **under** 14!* (menos de)

▶▶ ***up*** — para cima, em direção a

*The plane kept going **up** and **up**...* (para cima)
*A man came **up** to me and asked for information.* (em direção a)

▶▶ ***upon*** — sobre, em cima de (geralmente sinônimo de ***on***)

*George put his hand **upon** my shoulder.*

▶▶ ***with*** — com

*Would you like to have lunch **with** us?*

▸▸ ***within*** — dentro de (ver ***in*** e ***inside***)

*Peter will be here **within** ten minutes.*

▸▸ ***without*** — sem

*She always takes her coffee **without** sugar.*

Voltamos a ressaltar que a relação dada não é exaustiva e que, além dos significados atribuídos a essas preposições, muitas têm outros significados que você poderá conferir em qualquer bom dicionário.

Para que você se conscientize ainda mais da importância da preposição em inglês, veja na próxima unidade o que acontece com alguns verbos quando a eles se juntam uma ou mais preposições.

guest = hospede

Olho Vivo na Preposição

*A guest with a reservation **at** our small hotel had trouble finding us and went **to** the funeral home **across** the street **by** mistake. **With** his garment bag **over** his shoulder, he walked **in** and looked **around**. "Is this where I check **in**?" he asked someone **in** the lobby. "No", came the reply; "this is where you check **out**!" (R.D., Sep., 1996)*

EXERCÍCIO

Complete com uma das seguintes preposições:

up	*by*	*into*	*with*	*about*	*along*	*across*
to	*off*	*of*	*for*	*since*	*out*	*till*
around	*through*	*from*	*under*	*without*		

Observação: Não incluímos as preposições ***in***, ***on*** e ***at*** porque serão objeto de um estudo mais detalhado no **adendo** que virá logo após este exercício.

1. Mr Brown is going .... London and will stay there .... the end .... the month.
2. Charles always mixes his whiskey .... water.
3. Please, pour the milk .... this jug.
4. When the ships sail .... the river, they pass .... several bridges.
5. Jim fell .... a ladder and broke his arm.
6. Sílvio is always talking .... going .... the United States.
7. The horse was tied .... a tree .... a piece .... rope.
8. It's difficult .... me to understand what he says.

9. Jane arrived .... Paris yesterday, after staying there .... three months.
10. What company does Mr Jenkins work ....?
11. The thief got .... the house .... an open window.
12. I've been sitting here .... three o'clock, waiting .... the dentist.
13. Yes, I see Mr Simpson .... time .... time.
14. You can go there .... bus, ... subway or, of course, ... car.
15. I explained .... him that the elevator was .... of order.
16. A man came .... / .... the house and got .... a car.
17. It rained .... three days .... stopping.
18. My uncle's house is just .... the corner.
19. The dog swam .... the river and ran .... the hill.
20. Just when I was talking .... Jane, she came .... the stairs.

AS PREPOSIÇÕES IN, ON, AT

Decidimos dar a essas preposições um tratamento especial, em primeiro lugar devido ao seu uso muitíssimo freqüente tanto no inglês falado quanto no escrito e, em segundo lugar, pelas dificuldades que apresentam ao estudante desse idioma.

A nosso ver, não seria nenhum exagero dizer que a última coisa que um estudante de inglês aprende a usar com (certa) segurança são essas três pequeninas, mas traiçoeiras, preposições.

Só para você ter uma idéia, aqui estão três exemplos:

In those days... (naqueles dias, no sentido de "naqueles tempos")

On that occasion... (naquela ocasião)

At that time... (naquele tempo, naquela época)

Como justificar a diferença, se nos três casos estamos nos referindo a tempo? Outro exemplo, que deixa qualquer um perplexo: ***on** a train / **on** a plane / **on** a ship*, mas ***in** a car*. Por que, se são todos meios de transporte?

Mas não se desespere. Sem nenhuma pretensão de dar ao tema um tratamento exaustivo (o que nenhum livro faz), vamos dar-lhe algumas "dicas" (a palavra "regra" seria perigosa), para você sentir, pelo menos, alguma segurança no uso de ***at***, ***on*** e ***in***, como preposições de lugar, acrescentando alguns detalhes considerados importantes.

- Empregamos ***at*** ao nos referirmos a um lugar como **ponto definido**.
- Empregamos ***in*** ao nos referirmos a um lugar como **área definida**.
- Empregamos ***on*** ao nos referirmos a um lugar como **superfície**.

1 ***At***, referindo-se a um determinado **ponto**:

There's someone at the door.
Jim was standing at the bus stop.
Mr Silva's house is at the end of this street.
Turn left (vire à esquerda) *at the traffic light.*
Rose was sitting at (à) *her desk.*
Write your name at the top / at the bottom of the page.
We must be at the airport by 9 o'clock.

Observações:

a. Lembre-se de que **em casa** é ***at home*** e **no trabalho** é ***at work***.

b. ***Corner*** pode ser **esquina de uma rua** ou **canto de um cômodo de uma casa.**

Ao nos referirmos a uma **esquina**, podemos usar ***at*** ou ***on***:

The car was parked at the corner of the street.
There is a telephone booth on the corner.

Ao nos referirmos a um **canto**, devemos usar ***in***:

Please put this chair in that corner of the room.

c. O uso de ***at*** é comum, quando se refere a tempo:

At that time (naquele tempo, naquela época)
At the same time (ao mesmo tempo)
At noon, at night, at midnight (à meia-noite), *at dawn* (ao amanhecer)...

d. Dizemos também: *at the beginning, at the end, at first* (inicialmente), *at last* (finalmente), *at least* (no mínimo), *at most* (no máximo) etc.

Como veremos no final deste **adendo**, é obrigatório o emprego de ***at*** para expressar as horas do dia.

2 ***In***, referindo-se a uma determinada **área** (país, região geográfica, cidade, bairro, prédio, local dentro de uma cidade / prédio / casa).

Manoel was born in Portugal, more precisely in Lisbon.
Porto Alegre is in the South of Brazil.

It doesn't rain much in northeastern Brazil. (nordeste do Brasil)
I have friends who live in Copacabana.
Life is more quiet and pleasant in the country. (zona rural)
Fred and I live in the same building.
The dog was running in the garden.
She usually has breakfast in the kitchen.
I enjoy jogging (correr) *in the park.*
Angela works in a shop / in a factory / in a bank.

Observações:

a. ***in** the office / **at** the office, **in** the theater / **at** the theater, **at** school / **in** the school.*
Como se explica?
Ao usarmos ***in***, estamo-nos referindo ao lugar como uma **construção**, um **prédio**. Já com o ***at***, a referência é um lugar como uma **instituição**, um **local público**.

I forgot my briefcase (pasta) *in the office.* (prédio ou parte dele)
Mary had a hard day at the office. (local de trabalho, portanto público)

There's an interesting play (peça teatral) *at the theater.* (instituição, local público)
It was very hot in the theater last night. (prédio)

The children are at school. (instituição, estabelecimento público)
The children were in the school when the lights went out (se apagaram). (prédio)

b. É desnecessário enfatizar que ***in***, cujo significado básico é **dentro de**, é usado em frases como:

The keys are in my pocket.
We always keep a few cans of beer in the fridge.
All the dirty clothes were put in the washer.
We are going for a swim in the ocean / in the river / in the lake.

c. Lembre-se também das muitas locuções nas quais empregamos ***in***, dentre as quais destacamos algumas:

Frank and Susie are in love... Are you in a hurry? The boss was in a good mood.

In the morning / afternoon / evening... In the book... In the newspaper...
mas ▶▶ *on the front page, on page 25, in the air, in the sky etc.*

d. Lembre-se, finalmente, de que você se refere a sua própria casa com ***in*** e à dos outros com ***at***:

We are having a party in our house tonight and many of our friends are coming.
I was at Tony's house last night.

3 ***On***, referindo-se a um lugar como **superfície**:

I sat down on the sofa.
There are books on the shelf (estante) *and paintings* (quadros) *on the wall.*
Don't sit on the grass; it's wet.
There was a beautiful crystal vase on the table.
There are lots of oranges on those trees.
What's that man doing on the roof?

Observações:

a. **Endereços**: • ***on*** — rua, avenida, praça;
• ***at*** — número da casa, prédio, considerando que, em inglês, o número vem antes da rua:

We live ***at*** *735, Main Street.*
Saint Patrick's Cathedral, in New York, is ***on*** *5th Avenue.*

b. Lembre-se de que a gente diz:

My relatives live on a farm.
Who is that man on a motorbike?
They used to have (tinham) *a house on the coast* (litoral).
What's on your mind? (No que você está pensando?)

Dizemos também: *on the right, on the left, on the first / second / tenth floor* (andar), *on foot* (a pé), *on the radio, on TV, on my / his / her ... way* (a caminho) etc.

E, para terminar, uma regrinha infalível (coisa raríssima em matéria de preposições) sobre **datas** e **hora**:

- Dia da semana e do mês ou dias especiais: ***on***.

  portanto ▶▶ *on Monday, on the 14th, on my birthday, on Christmas Day...*

- Mês e ano: ***in***

  portanto ▶▶ *in May, in November, in 1995...*

  mas ▶▶ *Paul was born on June 11th.* (porque, além do mês, o dia é mencionado)

- Hora: ***at***

  portanto ▶▶ *The bus leaves at 10:15.*

  Our classes start at 8 and end at noon.

EXERCÍCIO

Aponte a alternativa correta:

1. When my friends were .... (at / in) New York, they stayed .... (on / at) the Plaza Hotel.
2. I wasn't hungry when I arrived .... (at / in) Rio, because I had had a meal .... (in / on) the plane.
3. When we arrived .... (in / at) Laura's house, she wasn't .... (in / at) home.
4. There is a picture .... (in / on) the wall, above the TV set .... (at / in) the corner of the room.
5. Ricardo gets up .... (on / at) 7 and by 8 he's .... (in / on) his way to work.
6. When we were .... (at / in) Alagoas, we stayed .... (at / on) a small hotel .... (at / on) the coast.
7. Paul and Bob were sitting .... (on / in) a blue car parked .... (in / at) the corner of the street.
8. There is a report .... (on / at) the football game .... (in / on) page 7 of the newspaper.
9. William lives .... (at / in) that building, but I don't remember .... (at / on) which floor.
10. Your picture was .... (on / in) the newspaper, but it wasn't .... (on / in) the front page.
11. It was a beautiful day, without a cloud .... (on / in) the sky.
12. Are you .... (at / in) a hurry? Too bad *(que pena)*, you'll miss a good program .... (in / on) TV.

Unidade

34 ALGUNS VERBOS PREPOSICIONADOS

PHRASAL VERBS

Daremos agora uma pequena lista de verbos preposicionados, escolhidos entre os mais conhecidos. Antes, porém, cabe uma explicação quanto ao título da unidade — ***Phrasal verbs***.

Na verdade, os ***phrasal verbs*** são combinações idiomáticas de um **verbo** e uma **preposição** ou de um **verbo** e um **advérbio**. Aqui, veremos apenas os verbos combinados com preposição, ou seja, os **verbos preposicionados**.

Apresentaremos, primeiro, o significado básico do verbo e, em seguida, o significado que adquire quando a ele se junta uma preposição.

Convém salientar que em muitos deles pode-se intercalar um substantivo ou um pronome entre o verbo e a preposição.

I put on the coat.
*I put **the coat** on.*
*I put **it** on.*

▶▶ *To Call* — chamar

call for — exigir, requerer

This work calls for a lot of patience.

call in — chamar (no sentido de convidar)

A specialist was called in to give an opinion.

call off — cancelar

The game was called off because of the rain.

call out — gritar para

Jim called out to me from across the street.

call up — telefonar

Call me up tomorrow morning, will you?

▶▶ ***To Come*** — vir

come across — encontrar por acaso

I came across some old letters yesterday.

come down — descer

Come down from that tree!

come in — entrar

Come in, please!

come off — sair, desprender-se

The stamp came off the envelope.

come on — entrar em cena (vamos!, ora!, em expressão)

Finally the actor came on.
Come on, don't be silly.

come out — sair

I saw a man coming out of that building.

come up — subir, surgir

Come up to my office, will you?
Some doubts came up during the meeting.

▶▶ ***To Get*** — obter, adquirir

get along with — dar-se bem com alguém

Peter gets along with his classmates.

get away — escapar

The biggest fish is always "the one that got away".

get away with — safar-se

The criminal got away with a five-year sentence.

get in — entrar

How did the dog get in here?

get into — entrar

The thief got into the house through a window.

get off — descer, apear de

She got off the bus and went into a drugstore.

get on — subir, montar em

He got on his horse and rode away.

get on with — continuar

Get on with your work!

get out — sair

Get out of here!

get over — superar, livrar-se de

Have you got over your cold?

get over with — terminar, acabar

Let's get it over with! (Vamos acabar com isso!)

get up — levantar-se

What time did you get up this morning?

▶▶ ***To Give*** — dar

give away — doar

She gave away all her old dresses.

give back — devolver

If you lend me this book, I promise to give it back to you by the end of the week.

give in — ceder, entregar-se

The pressure was so great that the President finally gave in.

give off — exalar

These flowers give off a very pleasant aroma.

give onto — dar (vista) para

My room gives onto the garden.

give up — desistir

Don't give up because of such a small problem!

▶▶ ***To Go*** — ir

go after — ir atrás, perseguir

The police went after the robbers.

go at — atacar, lançar-se sobre

The boxer went at his opponent with great fury.

go away — ir embora

Don't go away, I want to speak to you!

go down — descer

Let's go down to the kitchen and have something to eat.

go for — ir buscar

I'm going to the drugstore for some aspirins.

go off — explodir

The bomb went off, killing several people.

go on — continuar

Go on writing, don't let me interrupt you!

go out — sair

Mary went out with her friends last night.

go over — rever, repassar

Let's go over the lesson on the present perfect.

go with — combinar com

Brown shoes don't go well with a black suit.

go up — subir

The elevator went up to the 22nd floor.

▶▶ ***To Look*** — olhar

look after — cuidar de

Will you please look after the children while I'm out?

look at — olhar para

Look at that beautiful moon!

look down on — menosprezar

It's typical of him to be always looking down on other people.

look for — procurar

I'm looking for Paul. Have you seen him?

look forward — aguardar ansiosamente

We're looking forward to the holidays.

look into — examinar, analisar

The Board of Directors will look into this matter during today's meeting.

look out — tomar cuidado

Look out! That car almost hit you!

look up — consultar (livro, dicionário etc.)

If you don't know the meaning of a word, look it up in your dictionary.

look up to — admirar

Americans look up to Lincoln as one of their greatest men.

▶▶ ***To Make*** — fazer

make into — transformar

Some football players are made into national heroes.

make off — fugir, escapar

The thieves made off with a lot of money.

make out — preencher (cheque)

Mr Jones made out a cheque for US$ 500,000.00

make out — entender, captar

I simply can't make out what he's trying to say.

make up — inventar, criar

Cathy's good at making up stories for children.

make up — fazer as pazes

After a big quarrel, Bill and Nancy made up.

▶▶ *To Put* — pôr, colocar

put aside — guardar, economizar

Betty's putting some money aside for her trip to Europe.

put away — guardar, pôr no lugar

Johnny, please, put your books away!

put off — adiar

The test was put off because the teacher got sick.

put on — vestir

Gloria put on her yellow sweater.

put out — pôr para fora

Put the dog out, will you?

put up — hospedar, alojar

Can you put me up for tonight?

put up with — tolerar, suportar

The boss won't put up with that!

▶▶ *To Run* — correr

run after — correr atrás

The dog ran after the cat but couldn't catch it.

run away — fugir

The boy ran away from home.

run down — escorrer

Tears ran down her cheeks.

run into — encontrar inesperadamente

I ran into an old friend the other day.

run out of — ficar sem

We've run out of sugar. Will you please go and buy some?

run over — atropelar

The child was run over by a car.

▶▶ *To Take* — tomar, levar

take after — puxar, assemelhar-se a

Helen took after her mother.

take away — levar embora

Please, take the dishes away; we've finished eating.

take down — anotar

The teacher told the students to take down some notes.

take in — enganar, ludibriar

Nobody likes to be taken in.

take off — tirar, despir

It's warm in here, so take off your coat.

take off — decolar, levantar vôo

The plane going to Paris took off at midnight.

take on — contratar, admitir

Our company is taking on new workers.

take out — levar para fora

I'm taking Johnny out for a walk.

take over — assumir chefia, direção

When Mr Cardoso died, his son took over the company.

Você acabou de ver uma boa amostra do que pode acontecer com o verbo em inglês quando a ele se junta uma ou mais preposições.

Os verbos apresentados nesta unidade podem ter outros significados, com as mesmas ou outras preposições. Lembre-se de que, como esses, existem muitos outros verbos sujeitos a semelhantes alterações, dependendo da preposição que a eles se acrescente.

Enfatizamos, mais uma vez, que, entre um verbo **sem** preposição e outro **com**, os falantes da língua inglesa, no dia-a-dia, dão preferência ao verbo **com** preposição. Alguns exemplos:

go in (into)	*ɛm vɛz dɛ* ▶▶	***enter***
come in (into)	*ɛm vɛz dɛ* ▶▶	***enter***
get up	*ɛm vɛz dɛ* ▶▶	***rise*** ou ***arise***
make up	*ɛm vɛz dɛ* ▶▶	***invent***
go down	*ɛm vɛz dɛ* ▶▶	***descend***
call off	*ɛm vɛz dɛ* ▶▶	***cancel***
get away	*ɛm vɛz dɛ* ▶▶	***escape***

Reiteramos o que dissemos na introdução da Unidade 32: a preposição é o tempero da língua inglesa que lhe dá um sabor típico, muitas vezes sem ter significado algum.

Para encerrar o assunto de preposições e verbos preposicionados, vamos brindá-lo, e provavelmente assustá-lo, com um comentário bem-humorado sobre o abuso da preposição ***up***, publicado na edição de junho de 1986 da revista *Reader's Digest.*

Upon my word!

We all seem to be hung up on ***up****. We put up with, use up, come up, butter up, line up, punch up and belly up.*

Houses are opened up, lighted up, warmed up, cleaned up and closed up. Motors are fired up, gassed up and charged up. Boats are speeded up, slowed up, tied up and laid up.

If we are mixed up, we must hurry up and shape up or we'll be fouled up.

And, heaven help us, we drink up with 7-Up.

If you think up other examples, don't call me up. I'm up the wall with ***up****. I give up!*

Thelma Wilson Cook

Tradução?... Só mesmo com a ajuda de um bom dicionário mais a de alguém que tenha uma boa vivência da língua. O pior é que **eles** realmente falam assim!

EXERCÍCIO

Complete as frases a seguir, usando verbos da relação que acabamos de apresentar. Para facilitar, damos o sentido desejado entre parênteses.

1. The robbers .... the bank through a back-door and .... with a lot of money. (entraram; escaparam)
2. We've .... beer. I'm .... to the supermarket .... some. (estamos sem; buscar)
3. Mary .... me .... to say that the meeting had been .... . (telefonou; adiado)
4. ....! You were almost .... by that car! (cuidado; atropelado)
5. Charles .... his dirty jeans and .... clean trousers before going to the restaurant. (tirou; vestiu)
6. I .... the thief but unfortunately he .... . (corri atrás; safou-se, escapou)
7. This is a job that .... a lot of patience. (exige)
8. After he .... his books ...., Johnny .... to play with his friends. (guardou; saiu)
9. Who's going to .... your dog when you .... on vacation? (cuidar; sair)
10. While walking along Main Street yesterday, I .... an old friend of mine. (encontrei inesperadamente)
11. Don and Bob used to be enemies, but now they've .... . (fizeram as pazes)
12. After Mr Williams .... his position as chairman, his son .... the company. (desistiu de, abandonou; assumiu a direção)

Unidade

35 ALGUMAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

IDIOMATIC EXPRESSIONS

Como em qualquer idioma, no inglês também encontramos muitas expressões idiomáticas. Damos aqui uma pequena amostra das mais utilizadas, lembrando que inserimos exemplos apenas naquelas que julgamos necessário.

Convém salientar que nesta seleção não se encontram gírias.

actually — realmente

after all — afinal de contas

all day long — o dia inteiro

all of a sudden — subitamente, de repente

anyway — de qualquer forma, em todo caso

as a matter of fact — de fato, efetivamente

as a rule — normalmente

as far as — pelo que, quanto ao que

As far as I know...
Pelo que (Quanto ao que) eu sei... (Que eu saiba...)

as long as — contanto que

as soon as — logo que, assim que

as well — também (geralmente no final da frase)

at all — absolutamente

nothing at all (absolutamente nada)

at any rate — de qualquer forma

at first — inicialmente

at most — no máximo

at once — imediatamente

at present — atualmente

at random — ao acaso

at times — às vezes
back and forth — para frente e para trás
by all means — claro, certamente
by chance — por acaso
by far — de longe, sem comparação
by heart — de cor
by no means — de jeito nenhum
by the way — a propósito
currently — atualmente
even though — muito embora
excuse me — desculpe, com licença
fairly well — mais ou menos bem
from now on — de agora (hoje) em diante
hardly ever — quase nunca
how come? — como se explica que?, por quê?, por que razão?

How come he's so upset?
Como se explica que ele esteja tão contrariado?

increasingly — cada vez mais
in order to — a fim de
instead of — em vez de, ao invés de
in the meantime — entrementes, nesse meio tempo
in time — a tempo
just now — agora há pouco
little by little — pouco a pouco
most of the time — na maioria das vezes
never mind — não se incomode
no matter — não importa
no way — de maneira alguma
now and again — de vez em quando
now and then — de vez em quando
of course — naturalmente
on account of — por causa de

on foot — a pé
on purpose — de propósito
on the other hand — por outro lado
on the whole — de modo geral
on time — pontualmente, na hora certa
once and for all — de uma vez por todas
once in a while — de vez em quando
once upon a time — era uma vez
one by one — um por um
otherwise — caso contrário, do contrário
over and over again — repetidas vezes
please — por favor
right away — imediatamente
so far — até o momento
sorry — sinto muito, desculpe
sort of — um tanto, meio..., tipo...
step by step — passo a passo
to a certain (some) extent — até certo ponto
up and down — para cima e para baixo
what about...? — que tal...?, e quanto a...?

What about an ice cream? (Que tal um sorvete?)
What about me? (E quanto a mim?)

what for? — para quê?

Ao encerrarmos essa relação, achamos interessante incluir uma série de expressões que empregam a palavra ***God*** (Deus) ou um "substituto", as quais são freqüentes na língua inglesa.

Tais palavras ou expressões (algumas pertencentes à gíria, como é o caso de ***gosh***, ***gads*** e ***golly***) são uma herança do tempo em que o puritanismo exerceu forte influência nos hábitos e costumes — entre eles a fala e, por conseqüência, a escrita — dos povos de língua inglesa.

Esse puritanismo excessivo tomava rigorosamente ao pé da letra as injunções e proibições da *Bíblia*, entre as quais se destacam os Dez

Mandamentos. Ora, como se sabe, o segundo mandamento proíbe "tomar em vão", isto é, usar levianamente, "o santo nome de Deus". A obediência escrupulosa a esse mandamento deu origem a expressões onde a palavra ***God*** (Deus) é substituída por outra que também começa com ***G***. Relacionamos a seguir tais expressões com suas equivalentes de hoje, quando a influência puritana já desapareceu ou tende a desaparecer.

Gosh! = *God!*

Goodness gracious! = *Good God!*

My goodness! = *My God!*

Goodness knows... = *God knows...*

For goodness' sake! = *For God's sake!*

Good grief! = *Good God!*

By golly! = *By God!*

Ye gads! = *You God! (Oh God!)*

SEGUNDA PARTE

TROCANDO EM MIÚDOS

1 Como dizer eu quero que; ela queria que; eu gostaria que; ele gostaria que; ...

O brasileiro que ainda não dominou a estrutura correspondente da língua inglesa cairá na tentação de dizer *"I want **that**..."* ou *"I would like **that**..."*

Nada disso! **Nunca** coloque ***that*** depois de ***want*** ou ***would like***. Lembre-se de que a estrutura do inglês, neste caso, é completamente diferente da do português. Usa-se ***want*** (geralmente no ***simple present*** ou no ***simple past***) e ***would like*** seguido de um **nome ou pronome oblíquo** (*object pronoun*), mais um verbo no infinitivo com ***to***.

*I want **him to come**.*
Eu quero que ele venha.

*She wants **me to call** her.*
Ela quer que eu lhe telefone.

*Paul wanted **Jane to go**.*
O Paul queria que a Jane fosse.

*Would you like **me to help** you?*
Você gostaria que eu o ajudasse?

*Maria didn't want **the children to watch** TV.*
A Maria não quis (queria) que as crianças assistissem à TV.

Observações:

a. A construção acima vale também para os verbos ***to expect*** (**esperar**, mas com uma certa firmeza ou segurança) e ***to prefer***, sendo que este último ocorre com bem menos freqüência:

*I expect **you to be** here on time.*
Espero que você esteja aqui na hora certa.

*Did you expect **me to believe** that story?*
Você esperava que eu acreditasse naquela história?

*I prefer **him to stay** in the position he currently holds.*
Prefiro que ele permaneça no cargo que ocupa atualmente.

b. Para expressar **eu gostaria que**, é também muito comum o emprego de uma construção com ***I wish***.

I wish I could buy a car like that!
Eu gostaria de poder comprar um carro assim!

I wish she would come to see me.
Eu gostaria que ela viesse me ver.

I wish they were here now.
Eu gostaria que eles estivessem aqui agora.

I wish he had come with us.
Eu gostaria que ele tivesse vindo conosco.

2 Como dizer quem será que; onde será que; como será que; quando será que; ...

O segredo aqui é começar a frase sempre com ***I wonder*** (eu imagino).

I wonder who

I wonder where

I wonder who spread the rumor.
Quem será que espalhou o boato?

I wonder where my keys are.
Onde será que estão minhas chaves?

I wonder how they got into the house.
Como será que eles entraram na casa?

I wonder when they'll arrive.
Quando será que eles chegarão?

I wonder what she's thinking.
O que será que ela está pensando?

I wonder why Tony was so upset.
Por que será que o Tony estava tão contrariado?

Observações:

a. **Será que...?** traduz-se simplesmente por ***I wonder if...***

I wonder if it will rain tomorrow.
Será que vai chover amanhã?

I wonder if the boss knows about this.
Será que o chefe sabe disso?

b. Como você terá notado, a frase em inglês não termina com um ponto de interrogação. Observe que não se trata de uma interrogativa, mas sim de uma afirmativa; daí a ausência do ponto de interrogação.

I wonder where my keys are.

Traduzindo literalmente, teríamos:

Eu imagino (eu me pergunto) onde estão minhas chaves.

3 Como dizer levei um dia para; leva duas horas para; demora cinco horas para; ...

Emprega-se a forma impessoal (sujeito ***it***) de ***to take*** no devido tempo verbal, seguida de um **nome** ou **pronome oblíquo** (*object pronoun*), mais o número de dias, horas, minutos etc., ou ainda palavras como ***long, how long, a while.***

It takes me *two hours to...*
Eu levo duas horas para...

It takes her *less than 30 minutes to...*
Ela leva menos de 30 minutos para...

It would take you *several days to...*
Você levaria vários dias para...

It took my friends *six hours to...*
Meus amigos levaram seis horas para...

It will take Sandra *many hours to...*
A Sandra levará muitas horas para...

It didn't take them *very long to...*
Eles não levaram muito tempo para...

How long does it take to...?
Quanto tempo leva para...?

It takes a while to...
Leva-se um certo tempo (demora-se um pouco) para...

Observação: Como se deduz dos dois últimos exemplos, nada impede que o nome ou o pronome esteja ausente, tanto em português quanto em inglês. Note que a estrutura é a mesma, apenas o nome ou o pronome está ausente.

4 Como dizer faz três anos que; faz uma semana que; ...

Emprega-se a estrutura: ***It has been... since...***

*It's **been** three years **since** my grandmother died.*
Faz três anos que minha avó morreu.

*It's **been** several months **since** I last spoke to Charles.*
Faz vários meses que falei com o Charles pela última vez.

*It's **been** five months **since** the shop was sold.*
Faz cinco meses que a loja foi vendida.

*Has it **been** very long **since** they moved?*
Faz muito tempo que eles se mudaram?

Observações:

a. Na **negativa** prefira uma construção com o ***present perfect*** na forma pessoal.

*I haven't seen Paul **for** years.*
Faz anos que não vejo o Paul.

*She hasn't travelled by plane **for** a long time.*
Faz muito tempo que ela não viaja de avião.

b. Já que estamos falando de **tempo**, convém lembrar que **durar** em inglês se traduz por ***to last***.

very important!!! to last

*The class **lasts** two hours.*
A aula dura duas horas.

*This rain **won't last** very long.*
Esta chuva não vai durar muito tempo.

*The cold weather **lasted** until September.*
O tempo frio durou até setembro.

tempo ruim

5 Como dizer já é tempo de; já era hora de; ...

Usa-se ***It's time...*** ou ***It's about time...*** (um tanto sarcástico) ou, ainda, ***It's high time...*** (mais enfático), seguido de um verbo no ***simple past***.

*Johnny, **it's time** you **went** to bed!*
Johnny, já é tempo de você ir para a cama!

***It's (about) time** you **memorized** the irregular verbs!*
Já é hora de você memorizar os verbos irregulares!

*Don't you think **it's time** you **paid** this bill?*
Você não acha que era hora de você pagar esta conta?

***It's (about) time** Mary **showed** more interest in her studies!*
Já era tempo de a Mary mostrar mais interesse em seus estudos!

6 Como dizer um dia sim, um dia não; uma semana sim, uma semana não; ...

Usa-se ***every other day, every other week, every other year, every other month*** etc.

*We have English classes **every other day**.*
Temos aulas de inglês um dia sim, outro não (em dias alternados).

*Mr Antunes takes a business trip to São Paulo **every other week**.*
O sr. Antunes faz viagem de negócios a São Paulo uma semana sim, outra não (em semanas alternadas).

Every other year they go to Europe for their vacation.
Um ano sim, outro não (a cada dois anos) eles passam as férias na Europa.

Observação: Pode-se dizer também:

- ***every two weeks*** — a cada duas semanas, de duas em duas semanas

*Mr Antunes takes a business trip **every two weeks**.*

- ***every two years*** — a cada dois anos, de dois em dois anos

Every two years they go to Europe for their vacation.

Nesse caso, porém, não se enfatiza a idéia de **alternância**, porque também se diz:

- ***every five years*** — a cada cinco anos, de cinco em cinco anos
- ***every four weeks*** — a cada quatro semanas, de quatro em quatro semanas

77 Como dizer não ... mais ...

Chegará a hora em que a Sandra vai querer dizer ao Tony:

Não gosto **mais** de você! ou
Você **não** me traz **mais** chocolates!

Para dizer isso em inglês é necessário saber que o **mais** é traduzido por ***anymore*** ou ***any longer***, que vão sempre para o final da frase. A Sandra diria, portanto:

*I don't like you **anymore** (**any longer**)!*
*You don't bring me chocolates **anymore** (**any longer**)!*

Outros exemplos:

*Peter doesn't work here **anymore** (**any longer**).*
O Peter **não** trabalha **mais** aqui.

Every other year they go to Europe for their vacation.
Um ano sim, outro não (a cada dois anos) eles passam as férias na Europa.

Observação: Pode-se dizer também:

- ***every two weeks*** — a cada duas semanas, de duas em duas semanas

  *Mr Antunes takes a business trip **every two weeks**.*

- ***every two years*** — a cada dois anos, de dois em dois anos

  Every two years they go to Europe for their vacation.

Nesse caso, porém, não se enfatiza a idéia de **alternância**, porque também se diz:

- ***every five years*** — a cada cinco anos, de cinco em cinco anos
- ***every four weeks*** — a cada quatro semanas, de quatro em quatro semanas

7 Como dizer não ... mais ...

Chegará a hora em que a Sandra vai querer dizer ao Tony:

Não gosto **mais** de você! ou
Você **não** me traz **mais** chocolates!

Para dizer isso em inglês é necessário saber que o **mais** é traduzido por ***anymore*** ou ***any longer***, que vão sempre para o final da frase. A Sandra diria, portanto:

*I don't like you **anymore** (**any longer**)!*
*You don't bring me chocolates **anymore** (**any longer**)!*

Outros exemplos:

*Peter doesn't work here **anymore** (**any longer**).*
O Peter **não** trabalha **mais** aqui.

The Silvas don't live in that house ***anymore*** *(**any longer**).*
Os Silvas **não** moram **mais** naquela casa.

Alice doesn't live here ***anymore****.*
A Alice **não** mora **mais** aqui.

Observação: Se você usar o verbo na forma afirmativa, o que é pouco comum no inglês coloquial, deverá introduzir a expressão ***no longer*** logo depois do sujeito. Os três últimos exemplos ficariam assim:

Peter ***no longer*** *works here.*
The Silvas ***no longer*** *live in that house.*
Alice ***no longer*** *lives here.*

Na prática, o mais aconselhável é empregar o verbo na forma negativa e terminar a frase com ***anymore***.

8 Como dizer eu também; eu também não

Vejamos, primeiramente, alguns exemplos em português:

Estou "louco" para ver esse filme! — Eu também!

O André torce pelo Flamengo. — Eu também!

A Sandra sabe falar espanhol. — Eu também!

Eu não gosto de repolho. — Nem eu! (Eu também não!)

O Miguel não estava cansado. — Nem eu! (Eu também não!)

Não sei falar japonês! — Nem eu! (Eu também não!)

Teu irmão não passou no teste. — Nem eu! (Eu também não!)

O João faltou à aula ontem. — Eu também!

Eu não compraria aquela moto velha. — Nem eu! (Eu também não!)

O Tom deveria ser mais cuidadoso. — Eu também!

Não gostamos do espetáculo. — Eu também não!

Tenho visto alguns bons filmes. — Eu também!

Em inglês, duas regras têm que ser levadas em conta:

- Para a forma afirmativa (**eu também**), além do popular ***me too***, usamos uma construção com ***so*** seguido de um auxiliar (***to be***, ***to do***, ***to have*** ou um ***modal***) no tempo verbal expresso na declaração inicial.
- Para a forma negativa (**eu também não**), usamos ***neither*** seguido de um auxiliar (***to be***, ***to do***, ***to have*** ou um ***modal***) no tempo verbal expresso na declaração inicial.

Traduzindo os exemplos:

*I'**m** anxious to see that film! — **So am** I!*
*André **roots** for Flamengo. — **So do** I!*
*Sandra **can** speak Spanish. — **So can** I!*
*I **don't like** cabbage. — **Neither do** I!*
*Miguel **wasn't** tired. — **Neither was** I!*
*I **can't** speak Japanese! — **Neither can** I!*
*Your brother **didn't pass** the test. — **Neither did** I!*
*João **missed** class yesterday. — **So did** I!*
*I **wouldn't buy** that old motorcycle. — **Neither would** I!*
*Tom **should be** more careful. — **So should** I!*
*We **didn't enjoy** the show. — **Neither did** I!*
***I've seen** some good films. — **So have** I!*

Embora a primeira pessoa do singular ocorra com maior freqüência, nada impede o emprego dessa construção com as demais pessoas, quer do singular, quer do plural.

*So do **you**.*
*Neither does **she**.*
*So would **we**.*
*So can **they**.*
*Neither is **he**.*

9 Como dizer mandar lavar; mandar pintar; mandar arrumar; mandar consertar; ...

Antes de mais nada, nunca use o verbo ***to send***, que significa mandar no sentido de **enviar, remeter**. Tampouco use o verbo ***to order***, que quer dizer **mandar, ordenar, encomendar**.

Você terá que recorrer à construção: ***have*** **... particípio** ou ***get*** **... particípio**, com ***have*** e ***get*** no devido tempo verbal.

*I **had** (**got**) my house **painted**.*
Mandei pintar a minha casa.

*Charles **had** (**got**) his car **washed**.*
O Charles mandou lavar seu carro.

*She'**ll have** (**get**) a new dress **made**.*
Ela mandará fazer um vestido novo.

*Are you **going to have** (**get**) your watch **repaired**?*
Você vai mandar consertar seu relógio?

*Mr Clarck **didn't have** a yacht **built**.*
O sr. Clarck não mandou construir um iate.

*Do you usually **have** (**get**) your shoes **shined**?*
Você geralmente manda engraxar seus sapatos?

Observação: Quando mencionamos a quem se manda, mandou ou mandará fazer alguma coisa, é preferível empregar a construção ***tell*** **... infinitivo com *to***.

*I'**ll tell** the cook **to fry** some more steaks.*
Mandarei a cozinheira fritar mais alguns bifes.

*Dr Silva **told** his secretary **to type** a letter.*
O dr. Silva mandou sua secretária digitar uma carta.

Porém, nada impede que você empregue uma construção com ***have*** ou ***get***. Nesse caso, em vez do particípio, use o infinitivo **sem *to*** para ***have*** e o infinitivo **com *to*** para ***get***.

*I'**ll have** the cook **fry** some more steaks.*
*I'**ll get** the cook **to fry** some more steaks.*

*Dr Silva **had** his secretary **type** a letter.*
*Dr Silva **got** his secretary **to type** a letter.*

10 Como dizer comenta-se; diz-se; não se sabe; falam; dizem; comentam; ...

- A voz passiva sintética (diz-se, vende-se) não existe em inglês, sendo empregada a voz passiva analítica ou a construção com ***one*** (linguagem escrita ou formal), ou ainda a construção com ***you*** (linguagem falada, informal).

*It **is said** that...*
Diz-se que...

*It **is reported** that...*
Relata-se que...

*English **is spoken** in Australia.*
Fala-se inglês na Austrália.

*A lot **has been written** about that.*
Tem-se escrito muito sobre isso.

***One gets** the impression that...*
Tem-se a impressão de que... (Fica-se com...)

***One doesn't know** exactly...*
Não se sabe ao certo...

***You never know** what to do...*
Nunca se sabe o que fazer... (A gente nunca sabe...)

***You can't work** in such an environment.*
Não se pode trabalhar num ambiente desses.

***You shouldn't believe** everything you read.*
Não se deve acreditar em tudo o que se lê.

- Quanto ao sujeito indeterminado (dizem, comentam, falam), como em português, emprega-se o verbo na 3ª pessoa do plural (***simple present***). Em inglês, porém, por não haver oração sem sujeito expresso, o verbo será sempre precedido por ***they***.

They say that...
Dizem que...

They speak English also in South Africa.
Falam inglês também na África do Sul.

They serve good food in that restaurant.
Servem boa comida naquele restaurante.

Há, ainda, outra forma de expressar o sujeito indeterminado, que consiste em empregar um indefinido (Unidade 29): ***somebody*** ou ***someone***, em afirmativas e interrogativas; ***anybody*** ou ***anyone***, em interrogativas.

Somebody (Someone) knocked on the door.
Bateram à porta.

Did anybody (anyone) knock on the door?
Bateram à porta?

Somebody (Someone) took my red pen.
Pegaram minha caneta vermelha.

Somebody (Someone) is ringing the bell.
Estão tocando a campainha.

11 Como dizer por mais que

Use as expressões ***however much***, ***no matter how*** ou ***no matter how much***.

However much she insists...
Por mais que ela insista...

No matter how much I learn...
Por mais que eu aprenda...

However much you're willing to pay, I won't sell the car.
Por mais que você queira pagar, não vendo (venderei) o carro.

No matter how much he wants...
Por mais que ele queira...

Observação: Com certos verbos, notadamente ***try***, ***work*** e ***study***, é mais comum o emprego de ***hard*** em vez de ***much***.

However hard I try, I can't manage to do it.
Por mais que eu tente, não consigo fazê-lo.

No matter how hard *he works, he doesn't get ahead.*
Por mais que ele trabalhe, não progride na vida.

However hard *she studies, she doesn't get good marks.*
Por mais que ela estude, não tira boas notas.

12 Como dizer seja lá quem for; seja lá como for; seja lá onde for; ...

Além dos indefinidos ***whoever***, ***however***, ***wherever***, ***whenever*** etc. (Unidade 29), você tem vários outros modos de expressar a mesma idéia:

- ***no matter who*** *(how, where, what etc.)...*
- ***regardless of who*** *(what, how, where etc.)...*
- ***I*** *(you, he, she etc.)* ***don't*** *(doesn't)* ***care who*** *(how, when etc.)*

No matter who *said that, I think he or she was wrong.*
Regardless of who *said that, I think he or she was wrong.*
I don't care who *said that, I think he or she was wrong.*
Não importa quem disse isso, acho que ele ou ela estava enganado.

No matter where *Walter is now, I need to speak to him.*
Regardless of where *Walter is now, I need to speak to him.*
I don't care where *Walter is now, I need to speak to him.*
Seja lá onde estiver o Walter agora, preciso falar com ele.

No matter what *you think, that's the law.*
Regardless of what *you think, that's the law.*
I don't care what *you think, that's the law.*
Não importa o que você acha, essa é a lei.

Duas coisas precisam ser salientadas:

1 Evidentemente, todas essas frases poderiam ser iniciadas com um indefinido, conforme foi dito acima:

Whoever *(may have) said that...*
Wherever *Walter is (may be) now...*
Whatever *you (may think)...*

2 Das três formas apresentadas, a terceira é a mais informal e, portanto, a menos "polida" de todas.

13 Como dizer nem que; mesmo que; ainda que; muito embora

Vejamos, primeiramente, uma frase em português para, em seguida, vermos a maneira correta de expressá-la em inglês.

Nem que você me pague mil dólares, **não** farei tal coisa!

Observe que temos duas negativas (**nem ... não**), coisa que o inglês não admite. Então, substituindo a primeira negativa, emprega-se ***even if*** ou ***even though*** (**mesmo que** ou **muito embora**).

O exemplo anterior ficaria assim:

Even if *you pay me a thousand dollars, I* ***won't*** *do such a thing!*

Outros exemplos:

Even if (Even though) *it's very hard, I'm going to try it.*
Mesmo que (Muito embora) seja muito difícil, vou tentar.

Even if (Even though) *she insists, I won't let her go.*
Mesmo que (Muito embora) ela insista, não deixarei que ela vá.

Even if *they invited me, I wouldn't go.*
Mesmo que (Embora) eles me convidassem, eu não iria.

Even if *it rains, we'll go to the seashore.*
Ainda que (Embora) chova, iremos à praia.

14 Como dizer contanto que; ao passo que; enquanto

▸▸ Para dizer **contanto que**, você tem duas opções: ***provided*** (seguido ou não de ***that***) e ***as long as:***

I'll go to the party, ***provided (that)*** *you go too.*
Irei (Vou) à festa, contanto que você também vá.

There'll be a game this afternoon, ***as long as*** *it doesn't rain.*
Haverá jogo hoje de tarde, contanto que (desde que) não chova.

- Para expressar **ao passo que**, emprega-se ***whereas*** ou ***while*** (ver abaixo).

Bob likes action movies, ***whereas (while)*** *his girlfriend prefers comedies.*
O Bob gosta de filmes de ação, ao passo que (enquanto) sua namorada prefere comédias.

Chile is rich in copper, ***whereas (while)*** *Brazil has a tremendous amount of iron ore.*
O Chile é rico em cobre, ao passo que (enquanto) o Brasil tem uma imensa quantidade de minério de ferro.

- **Enquanto**, em inglês, é simplesmente ***while***. Ocorre, porém, que, além do sentido utilizado acima, ***while*** tem outras aplicações que vale a pena conhecer.

Shirley called me this morning ***while*** *I was having breakfast.*
A Shirley me telefonou hoje de manhã, enquanto eu estava tomando café.

While também é empregado como substantivo (nos exemplos acima, é uma conjunção), no sentido de "um tempo", "um momento", "um pouco" (de tempo).

Wait ***a while****, and I'll give you a hand.*
Espere um momento (um pouco) e eu lhe dou uma mão.

We're going to stay in New York for ***a while*** *and then we'll fly to Miami.*
Vamos ficar um tempo em Nova Iorque e então tomaremos um avião para Miami.

While aparece na expressão ***worthwhile*** (confira a Unidade 24, sobre os usos do gerúndio, na Primeira Parte do livro), significando "valer a pena".

Nowadays, it's really ***worthwhile*** *knowing how to use a computer.*
Hoje em dia, realmente vale a pena saber usar um computador.

We waited for over an hour to buy our tickets, but the concert was ***worthwhile (worth it).***
Esperamos mais de uma hora para comprar nossas entradas, mas o concerto valeu a pena.

15 Como dizer cada vez mais; cada dia mais; quanto mais ... tanto mais

Para dizer **cada vez mais, cada dia mais**, usa-se um **comparativo** + ***and*** + **comparativo**, ou o advérbio ***increasingly***.

He's becoming ***smarter and smarter.***
He's becoming ***increasingly*** *smart.*
Ele está ficando cada vez (dia) mais esperto.

It's getting ***darker and darker.***
It's getting ***increasingly*** *dark.*
Está ficando cada vez mais escuro.

Quando, porém, o comparativo é feito com ***more***, o adjetivo aparece uma vez só. Seria demais ter que dizer ***more expensive and more expensive***, não acha?

Cars are getting ***more and more expensive.***
Cars are getting ***increasingly*** *expensive.*
Os carros estão ficando cada vez (dia) mais caros.

Observação: Simplesmente **cada vez (dia) mais**, no início de uma frase, expressa-se por ***more and more***:

More and more*, people are becoming distrustful of politicians.*
Cada vez (dia) mais, as pessoas estão perdendo a confiança nos políticos.

Para dizer **quanto mais ... tanto mais**, a fórmula empregada é: ***The more*** **(ou comparativo)** ... ***the more*** **(ou comparativo)**.

The older *he gets,* ***the wiser*** *he should become.*
Quanto mais velho ele fica, tanto mais sábio deveria ficar.

I like my beer cold; ***the colder the better.***
Gosto da minha cerveja fria; quanto mais fria, melhor.

The more *you study,* ***the more*** *you learn.*
Quanto mais você estuda, tanto mais você aprende.

The harder *he works,* ***the more*** *money he makes.*
Quanto mais ele trabalha, tanto mais dinheiro ele ganha.

16 Como dizer estou morrendo de vontade de; estou com vontade de

Use a expressão ***I'm dying for*** seguida de um substantivo (geralmente algo de comer ou beber) ou ***I'm dying to*** seguida de um verbo.

I'm dying for *a Coke!*
Estou morrendo de vontade de tomar uma Coca-Cola!

He's dying to *see that film.*
Ele está morrendo de vontade de ver aquele filme.

I'm dying for *a pizza!*
Estou morrendo de vontade de comer uma pizza!

We're dying to *go to the beach.*
Estamos morrendo de vontade de ir à praia.

Se você não estiver **morrendo** de vontade, mas simplesmente **com vontade**, use a expressão ***to feel like*** seguida de um substantivo ou de um verbo no gerúndio (construção preferida), ou às vezes de um simples ***it***.

I ***feel like having*** *a beer.*
Estou com vontade de tomar uma cerveja.

Do you ***feel like*** *a cup of coffee?*
Você está com vontade de tomar uma xícara de café?

Today we ***feel like eating*** *something different.*
Hoje estamos com vontade de comer algo diferente.

If you don't ***feel like it****, don't go!*
Se você não está com vontade, não vá!

17 Como dizer faltar e sobrar

Faltar aqui não se refere a "faltar à aula" (*to miss class*), "faltar ao trabalho" (*to be absent from work*) etc. Referimo-nos a frases como "faltar maçãs, dólares", "faltar dias, semanas, meses", "faltar x páginas para terminar".

a. Para "faltar maçãs, dólares", ou seja, quando a quantidade que se tem é inferior à que se supunha ou deveria ter, usamos ***there be ... missing*** (gerúndio do verbo ***to miss***).

There ***are*** *three apples* ***missing*** *from the basket.*
Faltam três maçãs na cesta.

There ***were*** *five dollars* ***missing*** *from my wallet.*
Faltavam cinco dólares em minha carteira.

There ***was*** *an English dictionary* ***missing*** *from the library.*
Faltava um dicionário de inglês da biblioteca.

Temos ainda uma construção alternativa, que é mais simples: ***... to be + missing.***

Three apples ***are missing*** *from the basket.*
Estão faltando três maçãs na cesta.

Five dollars ***were missing*** *from my wallet.*
Estavam faltando cinco dólares em minha carteira.

An English dictionary ***was missing*** *from the library.*
Estava faltando um dicionário de inglês da biblioteca.

b. No caso de "faltar dias, semanas", emprega-se uma construção com ***away***.

Carnival is only two weeks ***away****.*
Faltam apenas duas semanas para o carnaval.

Summer is only three months ***away****.*
Faltam apenas três meses para o verão.

c. No caso de "faltar x páginas para terminar" e outros semelhantes, emprega-se uma construção com ***to have ... to go***.

*I still **have** 36 pages **to go** before I finish this book.*
Ainda faltam 36 páginas para eu terminar este livro.

*He still **has** two years **to go** before he finishes his course.*
Ainda faltam dois anos para ele terminar seu curso.

- No caso do verbo **sobrar**, a coisa é mais simples, embora o verbo em si não exista em inglês. Usamos ***there be ... left*** (particípio do verbo ***to leave***).

*There **were** only two apples **left**.*
Sobravam (Sobraram) apenas duas maçãs.

*There **are** only seven students **left** in the classroom.*
Sobram somente sete alunos na sala de aula.

*There **will be** a lot of food **left**.*
Sobrará muita comida.

*There **was** no money **left**.*
Não sobrou dinheiro nenhum.

Observação: Na linguagem coloquial, é comum o emprego da preposição ***over*** depois de ***left***, sem qualquer alteração no sentido da frase. Além disso, o plural substantivado que resulta da união dessas duas palavras — ***leftovers*** — é muito usado no sentido de **sobras** (geralmente de alimentos).

Please, put the leftovers in the fridge.
Por favor, ponha as sobras na geladeira.

18 Como dizer do outro lado de; em frente a; ao lado de

- do outro lado de — *across (from)*
- em frente a (defronte a) — *in front of*
- ao lado de (vizinho) — *next to* ou *next door to*

*There was a policeman **across** the street.*
Havia um policial (guarda) do outro lado da rua.

*They live **across** the street **from** us.*
Eles moram em frente à nossa casa. (Literalmente: Eles moram do outro lado da rua em relação a nós.)

*There is a mail box **in front of** the bank.*
Há uma caixa de correio em frente ao banco.

*I know the Souzas very well; they live **next door to** me.*
Conheço os Souzas muito bem; moram ao lado da minha casa (são meus vizinhos).

*She lives in that big house **next to** the church.*
Ela mora naquela casa grande ao lado da igreja.

19 Como dizer engraçadinho; friozinho; pesadinho; ...

Em primeiro lugar, salientamos que o inglês não tem sufixo de diminutivo equivalente a **inho** ou **inha**. Existem, de fato, algumas exceções como ***booklet*** (livreto) e ***rivulet*** (riachinho), mas são tão poucas que nem vale a pena levar em conta.

Para expressarmos o diminutivo de substantivos, em inglês, usamos os adjetivos ***little*** ou ***small*** ou, dependendo do caso, ***tiny*** (equivalente ao nosso **pequenininho**).

uma florzinha — *a little flower*
um carrinho — *a small car*
um menininho — *a little boy*
uma casinha — *a tiny house*

Quanto a adjetivos, convém lembrar que, em português, ao lhes acrescentarmos **-inho** ou **-inha**, queremos dizer **mais ou menos**, **um tanto**. Em inglês, essas expressões são traduzidas por ***rather***, ***pretty***, ***somewhat*** ou ***fairly***. Observe os exemplos:

*John told me a **pretty** funny joke.*
O John me contou uma piada engraçadinha. (um tanto engraçada)

*It's **rather** cold today, isn't it?*
Está friozinho hoje, não está? (um tanto frio)

*This box is **somewhat** heavy.*
Esta caixa é pesadinha. (mais ou menos pesada)

*He's **pretty** smart for his age!*
Ele é espertinho para sua idade! (um tanto esperto)

*Your clothes are **fairly** old!*
Suas roupas são velhinhas! (um tanto velhas)

20 Como dizer mais ou menos

Você dirá: ***more or less***. E nossa resposta será: **sim e não**.

O nosso **mais ou menos** tem mil e uma utilidades que ***more or less*** não tem, sendo relativamente pouco usado. O melhor é limitar o emprego de ***more or less*** a situações em que, pelo próprio sentido das palavras, seja mais conveniente. Por exemplo:

*There are **more or less** 50 desks in the classroom.*
Há mais ou menos 50 carteiras na sala de aula.

Isso significa que pode haver um pouco mais ou um pouco menos de 50 carteiras.

Vale a pena salientar que, entre as pessoas que falam inglês, é muito mais comum o uso de ***about*** ou ***approximately*** (cerca de, aproximadamente) do que de ***more or less***. Diriam então:

*There are **about** 50 desks in the classroom.*

Nos demais casos, prefira ***so so***, ***fairly***, ***rather***, ***somewhat***, ***pretty*** ou ***or so***.

— How do you feel today?
Como você está (hoje)?
*— **So so**. (Pretty well.)*

*The test was **rather** difficult.*
A prova estava mais ou menos (um tanto) difícil.

*It's **somewhat** cold today.*
Está um tanto (mais ou menos) frio hoje.

*I found the novel **fairly** interesting.*
Achei o romance mais ou menos (um tanto) interessante.

*The watch will cost you 80 dollars **or so**.*
O relógio lhe custará mais ou menos (uns) 80 dólares.

Em todas essas frases, as palavras destacadas podem ser traduzidas por **mais ou menos**. Porém, em inglês, com exceção do último exemplo, não ficaria bem se no lugar delas empregássemos ***more or less***.

21 *tall* x *high* x *loud*

Esses três adjetivos significam **alto**. Porém...

- ***tall*** — refere-se geralmente a **estatura** (pessoas), podendo também ser utilizado para qualificar prédios, árvores.

*Charles is very **tall** for his age.*
O Charles é muito alto para a idade dele.

*New York is famous for its **tall** buildings.*
Nova Iorque é famosa por seus edifícios altos.

*The **tall**, majestic trees of the Amazon forest...*
As árvores altas e majestosas da floresta Amazônica...

- ***high*** — refere-se a **altura** (altitude).

*There are **high** mountains in this part of the country.*
Há montanhas elevadas nesta região do país.

*The clouds are very **high** today.*
Hoje as nuvens estão muito altas.

Pode ser empregado também no sentido figurado.

high position — posição alta
high esteem — alta estima
high interest rates — altas taxas de juros
high temperature — temperatura elevada
high prices — preços altos

▸▸ ***loud*** — refere-se a **volume** de som.

*Young people like to dance to the sound of **loud** music.*
Os jovens gostam de dançar ao som de música alta.

*George spoke in a **loud** voice.*
O George falou em voz alta.

Observação: Da mesma forma que temos três adjetivos para **alto**, temos também três adjetivos para seu antônimo — **baixo**.

▸▸ ***tall*** (alto) → ***short*** (baixo)

*Bill is **tall**, Jim is **short**.*
O Bill é alto, o Jim é baixo.

▸▸ ***high*** (alto) → ***low*** (baixo)

*Today the clouds are **high**; yesterday they were **low**.*
Hoje as nuvens estão altas; ontem estavam baixas.

▸▸ ***loud*** (alto) ↔ ***low*** ou ***soft*** (baixo, suave)

*I like **loud** music, she prefers **soft** music.*
Eu gosto de música alta, ela prefere música suave.

*He speaks in a **loud** voice, I speak in a **low** voice.*
Ele fala em voz alta, eu falo em voz baixa.

22 *very* x *too*; *much*; *also* x *too* x *as well*; *enough*

▸▸ ***very*** x ***too***

Dizemos em português:

Esta camisa é **muito** bonita.
Esta camisa está **muito** velha.
Esta camisa está **muito** velha para você sair com ela.

Refletindo um pouco, você notará que, nas duas últimas frases, o que realmente se quis dizer foi:

Esta camisa está velha **demais**.

Pois bem, **muito** no sentido de **demais** deve ser sempre traduzido por ***too***.

*This shirt is **very** nice.* (Esta camisa é **muito** bonita.)
*This shirt is **too** old.* (Esta camisa está velha **demais**.)

*Tom is **very** fat.* (O Tom é **muito** gordo.)
*Tom is **too** fat.* (O Tom está gordo **demais**.)

*This coffee is **very** hot.* (Este café está **muito** quente.)
*This coffee is **too** hot.* (Este café está quente **demais**.)

Observação: Muito, quando usado em comparativos de superioridade, é sempre ***much***.

*Paul is **much** taller than Joe.*
O Paul é muito mais alto que o Joe.

*A three-bedroom house is **much** more expensive than a studio apartment.*
Uma casa de três quartos é muito mais cara do que uma quitinete.

also* x *too* x *as well

São três maneiras diferentes de dizer **também**. Normalmente, ***also*** é empregado no meio da frase, e ***too*** e ***as well*** são colocados no final.

*Besides a newspaper, Fred **also** bought some magazines.*
Além de um jornal, o Fred **também** comprou algumas revistas.

*I want an ice cream cone **too**!*
Eu **também** quero uma "casquinha" de sorvete!

*Paul is fluent in French and he speaks German **as well**.*
O Paul fala francês fluentemente e fala **também** alemão.

Embora não seja comum na linguagem coloquial, nada impede que o ***too*** venha logo depois do sujeito.

He too was a clever politician.
Ele também era um político hábil.

We too are interested in going.
Nós também estamos interessados em ir.

enough

Enough, que significa **bastante**, **suficiente**, pode acompanhar um substantivo, um adjetivo ou um advérbio (Unidade 29). Posiciona-se antes de substantivos e depois de adjetivos e advérbios.

*We have **enough gasoline** for the whole trip.*
Temos gasolina suficiente para a viagem inteira.

*Do you have **enough money** to buy everything you need?*
Você tem dinheiro bastante (suficiente) para comprar tudo que precisa?

*He's not **strong enough** to lift 200 kilos.*
Ele não é bastante forte para levantar 200 quilos.

*Jane isn't **old enough** to drive a car, is she?*
A Jane não tem idade suficiente para dirigir um carro, tem?

*Tbny didn't pass because he didn't study **hard enough**.*
O Tony não passou porque não estudou bastante (com esforço suficiente).

23 *all* x *whole* x *every*

Embora as três palavras, basicamente, signifiquem **todo** ou **toda**, há diferenças de sentido que precisam ser levadas em conta.

all — tudo, todo, todos, toda, todas

All you need is in that box.
Tudo o que você precisa está naquela caixa.

*Please, put **all** the sugar in that can.*
Por favor, ponha **todo** o açúcar naquela lata.

All the boys are playing basketball.
Todos os meninos estão jogando basquete.

▸▸ ***whole*** — todo, toda (no sentido de **inteiro**)

*The **whole** town knows.*
A cidade **toda** (inteira) sabe.

*John ate a **whole** watermelon!*
O John comeu uma melancia **inteira**!

Quando **inteiro** é empregado com expressões de tempo, particularmente **dia** (*day*) e **noite** (*night*), usa-se tanto ***all*** quanto ***whole:*** *all day (all day long), the whole day, all night (all night long), the whole night.*

*After working **all day**, I felt very tired.*
Depois de trabalhar **o dia inteiro**, eu me senti muito cansado.

*It rained **the whole night**, but in the morning the sun was shining.*
Choveu **a noite inteira**, mas de manhã o sol estava brilhando.

▸▸ ***every*** — todo, todos, toda, todas (no sentido de **cada**, **cada um**, **cada uma**)

*They go to the USA **every** year.*
Eles vão aos Estados Unidos **todo** ano.

Every student received a pencil and a piece of paper.
Todo (**Cada**) aluno recebeu um lápis e um pedaço de papel.

24 *yet* x *already* x *ever* (já)

▸▸ ***Yet***, que significa **ainda** em frases negativas, tem o sentido de **já** em frases interrogativas no ***present perfect*** (Unidade 16), sendo sua colocação obrigatoriamente no final da frase.

*I haven't seen the film **yet**.*
Ainda não vi o filme.

*Has the bus arrived **yet**?*
O ônibus **já** chegou?

*Have you finished the book **yet**?*
Você **já** terminou o livro?

Observação: ***Yet*** pode também ter o sentido de **nunca**, na seguinte construção, mais comum na linguagem falada do que na escrita.

*I **have yet** to see such a scary picture!*
Nunca vi um filme tão assustador!

*We **have yet** to hear such an interesting lecture.*
Nunca ouvimos uma palestra tão interessante.

▶▶ ***Already*** é empregado em frases afirmativas, em qualquer tempo verbal, e em frases interrogativas no ***simple present*** (Unidade 11) ou no ***past perfect*** (Unidade 17).

*I've **already** mailed the letters.*
Já postei as cartas (pus no correio).

*We've **already** bought the tickets.*
Já compramos as passagens.

*Is the doctor **already** in his office?*
O médico **já** está no consultório?

*Had Paul **already** left when you called?*
O Paul **já** tinha saído (ido embora) quando você telefonou?

▶▶ ***Ever*** significa **já** no sentido de **algum dia**, **alguma vez**, sendo empregado em frases interrogativas, tanto diretas quanto indiretas.

*Have you **ever** eaten vatapá?*
Você **já** (alguma vez) comeu vatapá?

*Has Ingrid **ever** been to Los Angeles?*
A Ingrid **já** (algum dia) esteve em Los Angeles?

*Harold asked me if I had **ever** seen a baseball game.*
O Harold me perguntou se eu **já** (alguma vez) tinha assistido a um jogo de beisebol.

25 *after* x *afterward(s)*

Vale a pena lembrar que o primeiro é uma preposição, e o segundo, um advérbio.

- ***after*** — depois de, depois que
- ***afterward(s)*** — depois (posteriormente, mais tarde)

*I'll see you **after** class.*
Vejo você depois da aula.

***After** the game we had an ice-cold beer.*
Depois do jogo, tomamos uma cerveja gelada.

***After** the rain stopped, I went out for a walk.*
Depois que a chuva parou, saí para dar uma caminhada.

*Wait till the game is over. **Afterwards** we'll have a beer.*
Espere até o jogo acabar. Depois tomaremos uma cerveja.

*I'm too busy now; I'll speak to you **afterwards** (later).*
Estou ocupado demais agora; falo com você depois (mais tarde).

26 *except* x *except for* x *but*

- ***Except*** e ***except for*** significam **exceto, com exceção de, à exceção de, excetuando**. Diferem apenas na posição que ocupam na frase: ***except for*** vai sempre no início, enquanto ***except*** vai no final.

*All the students passed, **except** Richard.*
***Except for** Richard, all the students passed.*
Todos os alunos passaram, exceto o Richard.

*All the girls were dressed in white, **except** Jane.*
***Except for** Jane, all the girls were dressed in white.*
Com exceção da Jane, todas as meninas estavam vestidas de branco.

*All the employees got a raise, **except** Bill and Tom.*
***Except for** Bill and Tom, all the employees got a raise.*
Excetuando o Bill e o Tom, todos os empregados tiveram um aumento.

- ***But***, cujo sentido é **mas**, também pode ser empregado no sentido de **exceto, com exceção de**, quando precedido de certas palavras, tais como ***all, no, nobody, no one, who, where*** etc.

*There's **no one** here **but** me.*
Não há ninguém aqui, exceto eu.

***All** the students passed **but** Diana.*
Com exceção da Diana, todos os alunos passaram.

***Nobody** ate tomato salad **but** me.*
Ninguém comeu salada de tomate, exceto eu.

***Who but** George would do a thing like that?*
Quem, a não ser (exceto) o George, faria uma coisa dessas?

***Where but** in New York would you witness such a scene?*
Onde, a não ser (exceto) em Nova Iorque, a gente presenciaria uma cena dessas?

27 *if* x *whether*

Tanto ***if*** quanto ***whether*** significam **se**. Enquanto ***if*** é usado principalmente em orações condicionais, ***whether*** geralmente é usado quando o **se** tem função **disjuntiva** (**se ... ou**).

If you come, I'll be very happy.
Se você vier, ficarei muito contente.

If I won the lottery, I would buy a Mercedes.
Se eu ganhasse na loteria, compraria um Mercedes.

If the students had studied, they would have passed.
Se os alunos tivessem estudado, teriam passado.

*I don't know **whether** she went by car **or** by bus.*
Não sei se ela foi de carro **ou** de ônibus.

*I don't know **whether** this is Japanese **or** Chinese.*
Não sei se isto é japonês **ou** chinês.

*Daniel was in doubt **whether** to eat fish **or** meat.*
O Daniel estava em dúvida se comia peixe **ou** carne.

Nos casos em que o **se** é disjuntivo, mas a segunda parte da frase fica subentendida (geralmente algo como **ou não**), é comum o uso de ***if*** na linguagem informal.

*There's **no one** here **but** me.*
Não há ninguém aqui, exceto eu.

*All the students passed **but** Diana.*
Com exceção da Diana, todos os alunos passaram.

*Nobody ate tomato salad **but** me.*
Ninguém comeu salada de tomate, exceto eu.

*Who **but** George would do a thing like that?*
Quem, a não ser (exceto) o George, faria uma coisa dessas?

*Where **but** in New York would you witness such a scene?*
Onde, a não ser (exceto) em Nova Iorque, a gente presenciaria uma cena dessas?

27 *if* x *whether*

Tanto ***if*** quanto ***whether*** significam **se**. Enquanto ***if*** é usado principalmente em orações condicionais, ***whether*** geralmente é usado quando o **se** tem função **disjuntiva** (**se ... ou**).

If you come, I'll be very happy.
Se você vier, ficarei muito contente.

If I won the lottery, I would buy a Mercedes.
Se eu ganhasse na loteria, compraria um Mercedes.

If the students had studied, they would have passed.
Se os alunos tivessem estudado, teriam passado.

*I don't know **whether** she went by car **or** by bus.*
Não sei **se** ela foi de carro **ou** de ônibus.

*I don't know **whether** this is Japanese **or** Chinese.*
Não sei **se** isto é japonês **ou** chinês.

*Daniel was in doubt **whether** to eat fish **or** meat.*
O Daniel estava em dúvida se comia peixe **ou** carne.

Nos casos em que o **se** é disjuntivo, mas a segunda parte da frase fica subentendida (geralmente algo como **ou não**), é comum o uso de ***if*** na linguagem informal.

*I don't know **if** he went swimming.*
Não sei se ele foi nadar (**ou não**).

*She doesn't remember **if** the bill was paid.*
Ela não se lembra se a conta foi paga (**ou não**).

*How can I guess **if** it's going to rain?*
Como posso adivinhar se vai chover (**ou não**)?

*He doesn't know **if** she likes pizza.*
Ele não sabe se ela gosta de pizza (**ou não**).

Mas lembre-se, quando o **se** é disjuntivo, o correto mesmo é usar ***whether***.

*I don't know **whether** he went swimming.*
*She doesn't remember **whether** the bill was paid.*
*How can I guess **whether** it's going to rain?*
*He doesn't know **whether** she likes pizza.*

28 *fewer* x *less*

Para facilitar a explicação de ***fewer*** e ***less***, vamos relembrar ***few*** e ***little*** (Unidade 29).

- ***few*** — significa **poucos, poucas**, sendo empregado com substantivos no **plural** (***countable nouns***).
- ***little*** — significa **pouco, pouca**, sendo empregado com substantivos no **singular** (***uncountable nouns***).

few friends — poucos amigos
few books — poucos livros
few apples — poucas maçãs
little talent — pouco talento
little money — pouco dinheiro
little sugar — pouco açúcar

Temos então:

- ***fewer*** — comparativo de ***few***, significa **menos**.
- ***less*** — comparativo de ***little***, significa **menos**.

Ora, ambos significam **menos**!

Para distinguir quando usar um e quando usar outro, basta levar em conta o que foi dito sobre ***few*** e ***little***, ou seja, empregamos ***fewer*** com substantivos no **plural**, e ***less*** com substantivos no **singular**.

*I have **fewer friends** than my sister (has).*
Tenho menos amigos do que minha irmã.

*Walter has **fewer books** than I (have).*
O Walter tem menos livros do que eu.

*Jane has **less patience** than Sheila (has).*
A Jane tem menos paciência do que a Sheila.

*I have **less money** than you (have).*
Tenho menos dinheiro do que você.

29 *the same*; *the same as*; *similar*; *similar to*; *different*; *different from*

Os exemplos deixarão claro que não há segredo, pois são empregados da mesma forma que em português.

*John and Mary have **the same** books.*
O John e a Mary têm **os mesmos** livros.

*John and Mary have **similar** books.*
O John e a Mary têm livros **semelhantes**.

*John and Mary have **different** books.*
O John e a Mary têm livros **diferentes**.

*Their books are **the same**.*
Os livros deles são **iguais**.

*Their books are **similar**.*
Os livros deles são **semelhantes**.

*Their books are **different**.*
Os livros deles são **diferentes**.

*This book is **the same as** that one.*
Este livro é **igual** àquele (outro).

*This book is **similar to** that one.*
Este livro é **semelhante** àquele (outro).

*This book is **different from** that one.*
Este livro é **diferente** daquele (outro).

*She is **the same** age **as** my brother.*
Ela tem **a mesma** idade **que** o meu irmão.

*My shoes are **the same** size **as** yours.*
Meus sapatos são **do mesmo** tamanho **que** os seus.

Pelos exemplos, você deve ter notado que ***the same as***, ***similar to*** e ***different from*** são empregados em comparações.

30 *in the end; at the end*

O mesmo cuidado que se tem com ***in time*** e ***on time*** (item 44) deve-se ter com ***in the end*** e ***at the end***.

- ***in the end*** — no fim, no final das contas
- ***at the end*** — no fim de, no final de, ao final de

*Everything may be going well now, but **in the end** you'll be sorry.*
Tudo pode estar correndo bem agora, mas, no fim, você se arrependerá.

***At the end** of the show, the audience gave the cast a standing ovation.*
No final do espetáculo, o auditório aplaudiu de pé o elenco.

31 *both ... and*

Como você já sabe, ***both*** significa ambos. Antes, porém, de entrarmos no assunto específico deste item, vale a pena salientar que o uso da palavra ***both***, em inglês, não é inteiramente igual ao português. Para dizer, por exemplo:

O Frank e o Mark são irmãos; ambos são bons amigos meus.

você pode se expressar de duas maneiras:

Frank and Mark are brothers; both are good friends of mine. **ou**
Frank and Mark are brothers; both of them are good friends of mine.

Pode parecer estranho, mas o fato é que, na linguagem do dia-a-dia, a expressão ***"both of them"*** é mais usada do que simplesmente ***both***:

Sandra and Jane study at my school; I saw ***both of them*** *this morning.*
A Sandra e a Jane estudam na minha escola; vi ambas (as duas) hoje de manhã.

We have two dogs and ***both of them*** *are poodles.*
Temos dois cães e ambos são poodles.

Voltemos, porém, ao assunto que mais interessa aqui, por ser muito usado em inglês, que é o emprego de ***both ... and*** significando **tanto ... como (quanto)**. O espaço entre uma palavra e outra pode ser preenchido por um verbo, um substantivo, um adjetivo, um pronome e até mesmo um advérbio.

Henry ***both*** *speaks* ***and*** *writes German fluently.*
O Henry tanto fala como escreve alemão fluentemente.

She's admired ***both*** *for her good looks* ***and*** *for her intelligence.*
Ela é admirada tanto por sua beleza quanto por sua inteligência.

A computer works ***both*** *quickly* ***and*** *efficiently.*
Um computador funciona tanto (tão) rápida quanto eficientemente.

Both *myself* ***and*** *Bob are convinced that the referee was unfair.*
Tanto eu como o Bob estamos convencidos de que o juiz (do jogo) foi injusto.

32 *either ... or; neither ... nor*

▶▶ ***either ... or*** — ou ... ou

Em português dizemos:

Você pode ir (ou) a pé ou de ônibus.
Posso pagar (ou) em dinheiro ou com cheque.

Normalmente omitimos o primeiro **ou**. Em inglês, porém, você **não** pode omiti-lo.

*You can **either** walk **or** go by bus.*
*I can pay **either** in cash **or** with a check.*

▶▶ ***neither ... nor*** — nem ... nem

Aqui você deve ter o cuidado de evitar a dupla negativa, perfeitamente aceitável em português, mas inadmissível em inglês. Enquanto dizemos:

Não falo nem polonês nem russo.
A Maria não bebeu nem cerveja nem vinho.

em inglês, você tem de dizer:

*I speak **neither** Polish **nor** Russian.*
nunca ▶▶ *I don't speak neither Polish nor Russian.*

*Mary drank **neither** beer **nor** wine.*
nunca ▶▶ *Mary didn't drink neither beer nor wine.*

Observação: Você pode usar o verbo na negativa *(don't speak, didn't drink)* desde que, para evitar a dupla negativa, continue a frase com ***either ... or***.

*I **don't** speak **either** Polish **or** Russian.*
*Mary **didn't** drink **either** beer **or** wine.*

33 *actual; actually*

Nunca é demais salientar que ***actual*** significa **real**, e não **atual**, e que ***actually*** significa **de fato, realmente,** e não **atualmente**.

Considere o trecho seguinte, que poderia ter sido extraído de um jornal norte-americano.

According to official sources, Brazil's inflation rate for the month of April was 1.5%, but the ***actual*** *figure was much higher.* ***Actually****, the government is trying to mask the figures.*

De acordo com fontes oficiais, a taxa de inflação no Brasil para o mês de abril foi de 1,5%, mas o número **real** foi muito mais alto. **Na realidade**, o governo está tentando mascarar os dados.

Como, então, dizer **atual** e **atualmente**?

- atual — ***present*** ou ***current***
- atualmente — ***at present***, ***currently***, ***today*** ou ***nowadays***

O advérbio ***presently***, que, antigamente, só era aceito no sentido de **já já**, **logo mais**, também vem sendo empregado no sentido de atualmente.

current *events* — atualidades, acontecimentos atuais
the ***present*** *director* — o atual diretor

Currently*, our inflation rate is...*
Atualmente, nossa taxa de inflação é...

Today *(****Nowadays****), thanks to television, people are much better informed.*
Hoje (Hoje em dia), graças à televisão, as pessoas são muito mais bem informadas.

34 *how much*; *how many*; *how old*; *how far*; *how long*; ...

São expressões relacionadas com **quantidade**, **dimensão**, **freqüência**, **tempo** etc., muito comuns na linguagem corrente. Aprenda a usar as seguintes, que são as principais:

- ***How much*** — quanto

How much *did you pay for your shoes?*
Quanto você pagou por seus sapatos?

How much is that camera?
Quanto custa essa câmera?

- ***How many*** — quantos, quantas

How many bananas did Jimmy eat?
Quantas bananas o Jimmy comeu?

How many CDs do you have?
Quantos CDs você tem?

- ***How old*** — quantos anos, que idade

How old is your father?
Quantos anos tem seu pai?

- ***How wide*** — que largura, qual a largura

How wide is this river?
Que largura tem este rio?

- ***How far*** — qual a distância

How far is it from Brasília to Rio?
Qual a distância de Brasília ao Rio?

- ***How often*** — com que freqüência

How often do you go to church?
Com que freqüência você vai à igreja?

- ***How long*** — qual o comprimento; quanto tempo

How long is this street?
Qual o comprimento desta rua?

How long will you stay in New York?
Quanto tempo você vai ficar em Nova Iorque?

Observações:

a. Levando em conta a distinção entre os ***countable*** e ***uncountable nouns***, observe a diferença:

*How **much money** do you want?*
Quanto dinheiro você quer?

*How **many dollars** do you have in your wallet?*
Quantos dólares você tem em sua carteira?

*How **much beer** did he drink?*
Quanta cerveja ele bebeu?

*How **many glasses of beer** did he drink?*
Quantos copos de cerveja ele bebeu?

*How **much sugar** do we need?*
De quanto açúcar precisamos?

*How **many kilos of sugar** do we need?*
De quantos quilos de açúcar precisamos?

b. Todas as expressões com ***how*** apresentadas anteriormente podem ser empregadas também em perguntas indiretas.

*Charles asked me **how old** I was.*
O Charles me perguntou qual era a minha idade.

*She wanted to know **how far** the airport was.*
Ela queria saber qual era a distância até o aeroporto.

c. Finalmente, observe o uso de ***how***:

- na expressão ***how about*** (que tal?), equivalente a ***what about***.

*How **about** a cup of tea?*
Que tal uma xícara de chá?

*How **about** going to the movies?*
Que tal irmos ao cinema?

▶▶ em frases exclamativas.

How interesting!	mas ▶▶	*What an interesting book!*
Que interessante!		Que livro interessante!
How foolish!	mas ▶▶	*What a foolish idea!*
Que bobagem!		Que idéia boba!
How exciting!	mas ▶▶	*What an exciting movie!*
Que empolgante!		Que filme empolgante!

Como você deve ter percebido, ***how*** é usado apenas com **adjetivos**. Quando a frase exclamativa contém um **substantivo**, qualificado ou não, você é obrigado a começar com ***what***, sempre seguido de um artigo indefinido, desde que o substantivo esteja no singular (veja Unidade 1).

35 *do*; *does*; *did* (enfatizantes)

Você já sabe que ***to do*** é o auxiliar usado nas formas interrogativas e negativas do ***simple present*** e do ***simple past*** de todos os verbos, com exceção de ***to be*** e dos ***modals***. Convém lembrar que, além disso, ***do***, ***does*** e ***did*** são freqüentemente empregados como **enfatizantes** (na maioria das vezes em diálogos), no sentido de **de fato**, **realmente**, para insistir que alguém realmente fez isso ou aquilo, ou que isso ou aquilo de fato aconteceu.

*But Jane **did** go to London; she sent me a postcard from there!*
Mas a Jane **foi** a Londres; ela me mandou um cartão-postal de lá!

*Frank **did** say that; I heard it myself!*
O Frank realmente **disse** isso; eu mesmo o ouvi!

*But Susan **does** speak Russian; she lived in Moscow for 10 years.*
Mas a Susan **fala** russo; ela morou em Moscou por 10 anos.

*You **do** play the saxophone, don't you?*
Você **toca** saxofone, não toca?

36 *have; have to; have got; have got to*

To have, como você sabe, significa **ter**, **possuir**, e, seguido de ***to***, significa **ter de**, **ter que**, no sentido de obrigação, necessidade.

Em ambos os casos, os *native speakers* freqüentemente acrescentam ***got*** (particípio de ***get***) depois de ***have***. No sentido de **possuir** em nada altera o significado. Porém, no sentido de obrigação, necessidade, reforça e dá maior ênfase.

*Lucy **has got** two brothers and three sisters.*
A Lucy **tem** dois irmãos e três irmãs.

***Have** you **got** five dollars to lend me?*
Você **tem** cinco dólares para me emprestar?

*She's **got** a lot more patience than I have.*
Ela **tem** muito mais paciência do que eu.

*I've **got to** be there at 5 P.M.*
Tenho que estar lá às 17:00.

*They've **got to** help you!*
Eles **têm que** ajudá-lo!

*She's **got to** pass the test; after all, she needs the job badly.*
Ela **tem que** passar na prova; afinal de contas, precisa muito do emprego.

Observação: Essa construção com ***got*** só pode ser empregada no **presente**. Nos demais tempos, emprega-se apenas ***to have***.

*Charles **had to** leave early.*
O Charles teve de sair cedo.

*Susan **will have to** see a doctor.*
A Susan terá que consultar um médico.

*We **had** a good opportunity.*
Tivemos uma boa oportunidade.

*I don't know if I passed; **I'll have** an answer tomorrow.*
Não sei se passei; terei uma resposta amanhã.

37 *supposed to*

A palavra ***supposed***, em si, nada mais é do que o ***simple past*** ou ***past participle*** do verbo ***to suppose*** (supor).

Sua aplicação mais freqüente é idiomática, sendo precedida do verbo ***to be*** no ***simple present*** ou no ***simple past***.

*The President **is supposed to** arrive at 5 P.M.*
Espera-se que o presidente chegue às 17:00. (Está previsto que o presidente chegará às 17:00.)

*Jane **was supposed to** call me this morning.*
Era para a Jane me telefonar hoje de manhã. (A Jane devia ter me telefonado hoje de manhã.)

*They **were supposed to** go to Los Angeles, but...*
Era para eles irem a Los Angeles, mas...

*The students **were not supposed to** use dictionaries during the test.*
Não era para aos alunos usarem dicionários durante a prova.

***Weren't** you **supposed to** be here earlier?*
Não era para você chegar aqui mais cedo? (Você não deveria ter chegado mais cedo?)

*The meal **was supposed to** be ready at noon, but...*
A refeição deveria estar pronta ao meio-dia, mas...

38 *would rather ('d rather)*

Emprega-se ***would rather*** para expressar preferência.

Embora exista em inglês o verbo ***to prefer***, quando temos **preferir** acompanhado de outro verbo (prefiro ir, prefiro fazer, prefiro ficar), é mais freqüente a construção com ***would rather*** seguido de verbo no **infinitivo sem *to***. Porém, só podemos empregar ***would rather*** quando estamos falando de **preferir** no **presente** (prefiro, prefere) ou no **futuro do pretérito** (preferiria,

preferiríamos). Se o verbo **preferir** estiver no **pretérito perfeito** (preferi, preferiu) ou no **futuro do presente** (preferirei, preferirá), é obrigatório o uso de ***to prefer***.

*I'd **rather have** a glass of orange juice.*
Prefiro tomar um copo de suco de laranja.

*We'd **rather take** a taxi.*
Preferimos tomar um táxi.

*Helen **would rather wear** lighter clothes.*
A Helen prefere usar roupas mais leves.

*I'd **rather be** lying on a beach, right now.*
Neste exato momento eu preferiria estar deitado numa praia.

mas ▶▶ *I'm sure she **will prefer** to play tennis.*
Tenho certeza de que ela preferirá jogar tênis.

*Richard **preferred** to work in the export department.*
O Richard preferiu trabalhar no departamento de exportações.

Em frases **negativas**, coloca-se ***not*** depois de ***rather***.

*I'd rather **not** tell you.*
Prefiro não lhe contar.

*She'd rather **not** go.*
Ela prefere não ir.

Em frases **interrogativas**, coloca-se ***would*** antes do pronome ou nome.

***Would you rather** play cards?*
Você prefere jogar baralho?

***Would they rather** walk?*
Eles preferem andar (ir a pé)?

***Wouldn't you rather** have something to eat first?*
Você não preferiria (preferia) comer alguma coisa primeiro?

Observações:

a. Quando se expressa preferência por uma coisa a outra, usa-se ***than*** (do que).

I'd rather study English ***than*** *French.*
Prefiro estudar inglês a francês.

I'd rather have pie ***than*** *cake.*
Prefiro comer torta a comer bolo.

b. Quando se expressa preferência por algo no passado (preferiria ou, popularmente, preferia ter feito isso ou aquilo), emprega-se uma construção com ***have*** **+ particípio**.

— Did you enjoy the movie?
Você gostou do filme?

— Yes, but I'd ***rather have gone*** *to the concert.*
Sim, mas eu preferiria ter ido ao concerto.

— Did you enjoy your trip to the USA?
Você gostou de sua viagem aos Estados Unidos?

— It was OK, but I'd ***rather have spent*** *a month in Europe.*
Foi boa, mas eu preferiria ter passado um mês na Europa.

39 *I'd better; you'd better; she'd better; ...*

Salientamos, antes de mais nada, que o ***'d*** da contração (*I'd, you'd, she'd* etc.) não representa ***would***, mas ***had*** (***simple past*** de ***to have***). A forma **não contraída** com pronome, que praticamente não se usa, seria ***I had better, you had better*** etc.

Trata-se de uma expressão idiomática que, em português, equivale a **é (seria) melhor que**, denotando geralmente um conselho ou uma advertência.

You'd ***better*** *listen to me!*
É melhor você me ouvir!

She'd ***better*** *go home.*
Seria melhor ela ir para casa.

Robert ***had better*** *study for the test.*
É melhor o Robert estudar para a prova.

*I'd **better** go; it's getting late.*
É melhor eu ir embora; está ficando tarde.

*We'd **better** be careful, otherwise...*
É melhor termos cuidado, do contrário...

*You'd **better** ask the boss.*
É melhor você perguntar ao chefe.

40 A palavra *back*

Back, que como substantivo significa **costas**, **dorso**, quando ligada a um verbo, tem o sentido de **de volta**, sendo uma palavra muito usada no inglês coloquial.

- ***to go back*** — voltar, ir de volta

  *Mr Castro is **going back** to his office.*
  O sr. Castro está voltando para o escritório.

- ***to come back*** — retornar, vir de volta

  *Please, **come back** to me!*
  Por favor, volte pra mim!

- ***to give back*** — devolver

  *You must **give** this book **back** by next week.*
  Você tem que devolver este livro até a semana que vem.

- ***to put back*** — repor, pôr de volta

  *Did she **put** the papers **back** in the file cabinet?*
  Ela pôs os papéis de volta no arquivo?

- ***to pay back*** — pagar, devolver dinheiro

  *I'll **pay** you **back** next week.*
  Devolvo o dinheiro para você na semana que vem.

Entre outros exemplos que poderíamos dar, quem é que não conhece o ***play-back*** dos toca-fitas e videocassetes?

41 A palavra *else*

Muito comum no inglês coloquial, essa palavra vem sempre acompanhada de outra, com o significado de **mais** e, às vezes, de **outro** ou **outra**.

*What **else** do you want to know?*
Que **mais** você quer saber?

*Henry didn't say anything **else**.*
O Henry não disse **mais** nada.

*I don't like this restaurant; let's go somewhere **else**!*
Não gosto deste restaurante; vamos para **outro** lugar!

*She went with someone **else**.*
Ela foi com **outra** pessoa.

*Who **else** was at the reception?*
Quem **mais** estava na recepção?

42 A palavra *as*

São tantos e tão variados os usos de ***as***, que a melhor maneira de entendê-los e assimilá-los é por meio de exemplos.

▶▶ ***as ... as*** — tão ... quanto (comparativo de igualdade)

*John is **as** tall **as** his cousin.*
O John é **tão** alto **quanto** seu primo.

▶▶ ***as*** — já que, uma vez que

As you're not interested in learning...
Já que você não está interessado em aprender...

▸▸ ***as*** — quando

As I was walking down the street...
Quando eu estava caminhando pela rua...

▸▸ ***as*** — como (Item 46)

As the teacher explained last week...
Como o professor explicou na semana passada...

▸▸ ***as*** — como, na qualidade de

*Tom used to work **as** a waiter before he married a rich girl.*
O Tom trabalhava **como** garçom antes de se casar com uma moça rica.

▸▸ ***such as*** — tal como, tais como

*Animals **such as** dogs, cats and rabbits...*
Animais **tais como** cães, gatos e coelhos...

▸▸ ***as if*** (***as though***) — como se

*Mr Watson spoke **as if** (**as though**) he were an expert.*
O sr. Watson falou **como se** ele fosse um perito.

Na Unidade 34, você ainda encontrará ***as long as*** e ***as soon as***.

43 A palavra *so*

Assim como ocorre com a palavra ***as***, os diversos usos de ***so*** somente serão entendidos e devidamente assimilados por meio de exemplos.

▸▸ ***so*** — tão

*He spoke the language **so** fluently that I thought he was a native.*
Ele falava o idioma **tão** fluentemente que achei que ele era um nativo.

*I'm **so** tired that I feel like going to bed right now.*
Sinto-me **tão** cansado que estou com vontade de ir dormir imediatamente.

▶▶ ***so*** — assim

So they say...
Assim dizem...

▶▶ ***so*** — que sim (em expressões)

*I think **so**.* (Acho **que sim**.)
*I don't think **so**.* (Acho **que não**.)

▶▶ ***so so*** — mais ou menos

*— How do you feel? — Oh, **so so**.*
— Como está se sentindo? — **Mais ou menos.**

▶▶ ***so that*** — para que

*I gave some money to the poor boy **so that** he might get something to eat.*
Dei um dinheiro ao menino pobre **para que** ele pudesse comprar algo para comer.

▶▶ ***so far*** — até agora, até o momento

*Dick promised to be here before 5 o'clock, but **so far** he hasn't showed up.*
O Dick prometeu estar aqui antes das 5, mas **até agora** não apareceu.

▶▶ ***so much so*** — tanto assim que

*He was guilty; **so much so** that he didn't react when the police handcuffed him.*
Ele era culpado; **tanto assim que** não reagiu quando a polícia o algemou.

▶▶ ***so*** — também (concordando com ou confirmando o que alguém diz)

So am I. (Eu **também** sou.)
So can he. (Ele **também** pode.)

Confira o item 8.

Observação: Além de ***so, such*** também significa **tão**. ***So*** precede um **adjetivo**, enquanto ***such*** precede um **substantivo**, na maioria das vezes qualificado.

*The bug was **so small** that I could hardly see it.*
O inseto era tão pequeno que eu mal podia enxergá-lo.

*It was **such a small bug** that I could hardly see it.*
Era um inseto tão pequeno que eu mal podia enxergá-lo.

*This pie is **so delicious**, I think I'll have another piece.*
Esta torta está tão deliciosa que acho que vou comer mais um pedaço.

*This is **such a delicious pie** that I think I'll have another piece.*
Esta é uma torta tão deliciosa que acho que vou comer mais um pedaço.

*Have you ever seen **such beautiful paintings**?*
Você já viu quadros tão bonitos?

*I admire **such courage**!*
Eu admiro tanta (tal) coragem!

Observe que, quando o substantivo está no singular e é contável (*countable noun*), é precedido de ***a*** ou ***an***.

*such **a** small bug*
*such **a** delicious pie*

mas ▶▶| *such beautiful **paintings** (plural)*
*such **courage** (uncountable noun)*

44 A palavra *time*

Assim como muitos verbos, em inglês, têm o seu sentido alterado dependendo da preposição que lhes é acrescentada (Unidade 33), algo semelhante ocorre com a palavra ***time***.

- ***on time*** — na hora certa, pontualmente

  *Our teacher always starts her classes **on time**.*
  Nossa professora sempre começa as aulas dela **na hora certa**.

- ***in time*** — a tempo

  *I got to the bus terminal **in time** to catch the five o'clock bus.*
  Cheguei à rodoviária **a tempo** de pegar o ônibus das cinco horas.

- ***at the time*** — naquele tempo, naquela ocasião

  ***At the time**, we used to live in a smaller apartment.*
  Naquela época, morávamos num apartamento menor.

- ***at times*** — às vezes

  ***At times**, the prepositions "in", "on" and "at" leave me totally confused.*
  Às vezes, as preposições ***in***, ***on*** e ***at*** me deixam totalmente confuso.

- ***by the time*** — quando, na hora em que

  ***By the time** he arrives, we'll have already left.*
  Quando ele chegar, já teremos saído.

Já que estamos falando de ***time***, vale a pena mencionar também:

- ***sometimes*** — às vezes

  ***Sometimes** I feel like quitting my job.*
  Às vezes fico com vontade de deixar meu emprego.

- ***sometime*** — um dia desses, uma hora dessas

  *Come and visit me **sometime**!*
  Venha me visitar **uma hora dessas**!

45 A palavra até

Até é uma daquelas palavras que têm múltiplos sentidos em português

e que, para serem expressos em inglês, requerem o uso de palavras ou expressões diferentes.

- até, sinônimo de **mesmo**, **até mesmo**, deve ser expresso por ***even***.

  *The test was so difficult that **even** Peter, who is a real brain, got a low mark.*
  A prova estava tão difícil que **até** o Peter, que é um "crânio", tirou nota baixa.

- até, com o sentido de **distância física** ou **extensão**, traduz-se por ***as far as*** ou ***to***.

  *I'm in a hurry, but I'll go with you **as far as** the bank.*
  Estou com pressa, mas vou com você **até** o banco.
  *Our property goes from the river **to** the top of that hill.*
  Nosso terreno vai do rio **até** o alto daquele morro.

- **até**, significando **limite de tempo**, é expresso por ***till*** ou ***until***.

  *I'm going to stay in São Paulo **until** (**till**) the end of the month.*
  Vou ficar em São Paulo **até** o final do mês.

- **até**, também significando **limite de tempo**, no sentido de **duração máxima**, é expresso por ***up to***.

  *The guarantee is valid for a period of **up to** six months.*
  A garantia é válida por um período de **até** seis meses.

- **até**, significando ainda **limite de tempo**, no sentido de **prazo** dentro do qual alguma coisa deve ser feita ou acontecer, é expresso pela preposição ***by***.

  *This job must be finished **by** the end of the month.*
  Este trabalho deve estar concluído **até** o final do mês.

46 A palavra como

Ao contrário do que normalmente acontece, aqui o português é simples e o inglês, complicado.

Dizemos:

> **Como** é que você descobriu?
> O George trabalha **como** um escravo.
> Ele fez exatamente **como** lhe mandei.

Em inglês, para expressar o **como**, você tem que saber escolher corretamente entre ***how***, ***like*** e ***as***. Traduzindo as frases, temos:

> *How did you find out?*
> *George works **like** a slave.*
> *He did exactly **as** I told him.*

- ***how*** é empregado em perguntas, tanto diretas quanto indiretas (Unidade 27).

> *How does he go to work, by bus or by car?*
> Como é que ele vai para o trabalho, de ônibus ou de carro?
>
> *How are you?*
> Como vai você?

- ***like*** normalmente é seguido de um substantivo, qualificado ou não, e tem sentido comparativo.

> *Henry drives **like** a real **madman**!*
> O Henry dirige como um verdadeiro louco!
>
> *Margaret swims **like** a **fish**.*
> A Margaret nada como um peixe.

- ***as*** normalmente é seguido de um verbo que, como já vimos, em inglês, não dispensa um sujeito.

As we expected, the meal was excellent.
Como esperávamos, a refeição estava excelente.

As you know, the price has gone up.
Como você sabe, o preço subiu.

Embora, às vezes, até mesmo os *native speakers* menos cultos falem assim, seria errado dizer:

*Do **like** I told you!*
***Like** the teacher said...*

O correto é:

*Do **as** I told you!* (Faça como lhe disse!)
As the teacher said... (Como a professora disse...)

Mais detalhes, veja o item 42 desta seção do livro.

47 Hoje de manhã; ontem à noite; amanhã à noite; ...

Para evitar erros "cabeludos", do tipo ***today morning, yesterday night*** e outros semelhantes, grave definitivamente o seguinte:

- hoje — ***today***
  - hoje de manhã — ***this morning***
  - hoje à tarde — ***this afternoon***
  - hoje à noite — ***this evening***
  - hoje à noite — ***tonight***
- amanhã — ***tomorrow***
  - amanhã de manhã — ***tomorrow morning***
  - amanhã à tarde — ***tomorrow afternoon***
  - amanhã à noite — ***tomorrow evening***
  - amanhã à noite — ***tomorrow night***

- ontem — ***yesterday***
  - ontem de manhã — ***yesterday morning***
  - ontem à tarde — ***yesterday afternoon***
  - ontem à noite — ***yesterday evening***
  - ontem à noite — ***last night***

Tonight I intend to stay at home.
Hoje à noite pretendo ficar em casa.

Tomorrow afternoon I'm going to mow the lawn.
Amanhã à tarde vou cortar a grama.

Where were you last night?
Onde você estava ontem à noite?

Tomorrow morning I'm going to do some shopping.
Amanhã de manhã vou fazer umas compras.

Algo semelhante acontece com **semana, mês** e **ano.**

- semana — ***week***
  - (n)esta semana — ***this week***
  - na próxima semana, na semana que vem — ***next week***
  - na semana passada — ***last week***

- mês — ***month***
  - (n)este mês — ***this month***
  - no próximo mês, no mês que vem — ***next month***
  - no mês passado — ***last month***

- ano — ***year***
  - (n)este ano — ***this year***
  - no próximo ano, no ano que vem — ***next year***
  - no ano passado — ***last year***

This week I'm still on vacation, but next week I'll be working.
Esta semana ainda estou de férias, mas na semana que vem estarei trabalhando.

Last month we had lots of rain.
No mês passado tivemos muita chuva.

Next year I hope to go to the USA.
No ano que vem espero ir aos Estados Unidos.

Observe que, nesses casos, **nunca se usa preposição.**

48 Costumar e acostumar-se

Em português, o verbo **costumar** (ter o costume, o hábito) é empregado quase exclusivamente no **presente** e no **pretérito imperfeito**. E no inglês, como é que fica?

- No **presente** (costumo), somos obrigados a apelar para um advérbio: ***usually*** (geralmente, usualmente).

*I **usually** get up early.*
Eu **costumo** levantar cedo.

A tradução literal do inglês seria:

Eu geralmente levanto cedo.

Outros exemplos:

*We **usually** have dinner late.*
Costumamos jantar tarde.

*I **usually** walk to work.*
Costumo ir a pé para o trabalho.

*Do you **usually** watch TV in the evening?*
Você costuma assistir à TV à noite?

- No **pretérito imperfeito** (costumava), usamos ***used to***.

*I **used to** get up early.*
Eu **costumava** levantar cedo.

Embora **costumava** fique bem no exemplo dado (e em outros semelhantes), na maioria dos casos pode ser empregado apenas o **pretérito imperfeito** do verbo que o segue, sem que seu sentido se altere. Observe:

*He **used to** smoke a lot.*
Ele **costumava** fumar muito.
Ele **fumava** muito.

Em ambos, estamos nos referindo a um hábito no passado. Subentende-se que hoje ele fuma menos ou não fuma.

Daí podemos concluir que ***used to*** pode ser traduzido pelo **pretérito imperfeito** do verbo que o segue, omitindo-se o **costumava**, sem prejudicar o sentido.

*I **used to live** downtown a few years ago.*
Eu **morava** no centro alguns anos atrás.

*She **used to work** for a Swedish company.*
Ela **trabalhava** em uma empresa sueca.

*They **used to go** to their farm every weekend.*
Eles **iam** (costumavam ir) para o sítio todo fim de semana.

*He **used to love** cowboy films when he was a boy.*
Ele **adorava** filmes de *cowboy* quando era menino.

Quanto ao verbo **acostumar-se**, que significa adquirir o hábito, adquirir o costume ou se adaptar a alguma coisa ou circunstância, traduz-se por ***get used to*** (forma mais popular) ou ***get accustomed to*** ou, ainda, ***become accustomed to***.

Outra forma bastante usada no português é **estar acostumado a**, que se traduz por ***to be used to*** ou ***to be accustomed to***.

*Donald **got used to** the Curitiba climate.*
O Donald **se acostumou** ao clima de Curitiba.

*Are you **getting used to** the new teacher?*
Você **está se acostumando** com o novo professor?

*I'll never **get used to** this language!*
Nunca me **acostumarei** com esta língua!

*I'm **used to** these changes.*
Estou **acostumado** a essas mudanças.

*Jane **got accustomed to** her new job.*
A Jane **acostumou-se** (adaptou-se) ao seu novo emprego.

Quando **acostumar-se** e **estar acostumado** forem seguidos de um verbo, este deve ir para a forma em ***-ing***, pois o ***to*** que vem depois de ***used*** ou ***accustomed*** é uma **preposição**.

*Mary **got accustomed to working** till late.*
A Mary **acostumou-se a trabalhar** até tarde.

*I **wouldn't get used to eating** raw fish.*
Eu **não** me **acostumaria a comer** peixe cru.

*He's **used to flying**.*
Ele **está acostumado a andar** de avião.

49 Valer; aproveitar e guardar

Três verbos do dia-a-dia que nós temos e eles não têm!

A afirmação que acabamos de fazer contém uma certa dose de exagero, porque, embora a língua inglesa não possua equivalentes exatos desses verbos, "chega-se lá" por outros caminhos.

▶▶ valer — ***to be worth***

*This watch **is worth** 500 dollars.*
Este relógio **vale** 500 dólares.

*This **is worth** nothing! (This **isn't worth** anything!)*
Isto **não vale** nada!

*How much **is** that house **worth**?*
Quanto **vale** aquela casa?

▶▶ aproveitar — ***to use*** (usar) ou ***to take advantage*** (tirar vantagem de)

*Mary **used** the leftovers from lunch to prepare dinner.*
A Mary **aproveitou** as sobras do almoço para preparar o jantar.

*I'm going **to take advantage of** your presence here to...*
Vou **aproveitar** sua presença aqui para...

*Take **advantage of** the opportunity!*
Aproveite a oportunidade!

▸▸ guardar — ***to put away, to put*** (pôr) ou ***to keep***

*Johnny, **put** your books **away**!*
Johnny, **guarde** seus livros!

*Please, **put** the butter in the fridge.*
Por favor, **guarde** a manteiga na geladeira.

*I hope you'll **keep** the secret.*
Espero que você **guarde** o segredo.

50 Viajar e viagem

▸▸ viajar — ***to travel*** (sentido genérico), ***to take a trip, to go on a journey*** (sentido específico)

▸▸ viagem — ***trip, journey, voyage*** (se a viagem for marítima)

Ao contrário de tantos verbos que, substituindo-se o ***to*** por um artigo, se transformam em substantivos, **travel** não é empregado como substantivo quando no singular, podendo sê-lo, porém, no plural.

*Have a happy **voyage**!* (se for de navio)
*Have a good **trip**!* (se for de carro, avião, ônibus...)
Tenha uma boa **viagem**!

*During my **trip** (**journey**) to Europe...*
Durante minha **viagem** à Europa...

*In my **travels** all over the world...*
Em minhas **viagens** pelo mundo afora...

nunca ▸▸ *During my **travel** to Europe...*

51 Precisar e não precisar

Em português empregamos o verbo **precisar** em dois sentidos:

- **precisar, necessitar**, que se expressa em inglês por ***to need***.

*I **need** more money.*
Preciso de mais dinheiro.

*We **need** coffee and sugar.*
Precisamos de café e açúcar.

*Do you **need** more money?*
Você **precisa** de mais dinheiro?

*We **don't need** coffee and sugar.*
Não precisamos de café e açúcar.

- **precisar, ter necessidade, obrigação, o dever de** (seguido de um verbo) podem ser expressos por ***need, must, have to, have got to***.

*I **need** to make a phone call right now.*
Preciso fazer um telefonema imediatamente.

*You **must** be more careful!*
Você **precisa** ser mais cuidadoso!

*We've **got to** warn Jim about this as soon as possible.*
Precisamos alertar o Jim quanto a isso o mais cedo possível.

*She **has to** pay the rent today.*
Ela **precisa** (**tem de**) pagar o aluguel hoje.

Must you go now?
Você **precisa** ir agora?

*Does she **have to** study so hard?*
Ela **precisa** (**tem que**) estudar tanto assim?

*Did you **have to** wait very long?*
Você **precisou** (**teve que**) esperar muito tempo?

*You **don't have to** go right now.*
Você **não precisa** (**não tem de**) ir já.

*He **doesn't have to** wear a tie.*
Ele **não precisa** (**não tem que**) usar gravata.

Fique atento para a forma negativa, pois não podemos usar ***must not*** (***mustn't***), uma vez que denota proibição.

*The students **mustn't** smoke in the classroom.*
Os alunos **não devem** (não podem) fumar na sala de aula.

Por outro lado, temos outras opções para a forma negativa: a construção ***there is no need to*** (não precisa, não há necessidade de) ou ***needn't*** (***need not***).

***There's no need to** pay now; you can wait till next week.*
Não há necessidade de pagar agora; você pode esperar até a semana que vem.

*You **needn't** do it now.*
Você não precisa fazer isso agora.

*They **needn't** work on Saturdays.*
Eles não precisam trabalhar aos sábados.

Observações:

a. A forma negativa de ***have to*** é mais informal do que ***needn't***, que é menos usada.

b. ***Needn't*** é seguido por verbo no infinitivo sem ***to***.

52 O problema do verbo ficar

Considere a seguinte situação:

O João **ficou** 10 dias em São Paulo e, na hora do seu avião levantar vôo, não foi possível por falta de teto. João **ficou** contrariado, mas a solução foi **ficar** no hotel Pink até o dia seguinte.

Se você tivesse que relatar esse fato em inglês, deveria antes de tudo lembrar que:

- **ficar, permanecer** é ***to remain*** ou ***to stay***
- **ficar, tornar-se** é ***to get, to become*** ou ***to be***

Portanto:

*João **stayed** (**remained**) in São Paulo for 10 days.*
O João **ficou** 10 dias em São Paulo.

*He **was** (**got, became**) annoyed.*
Ele **ficou** contrariado.

*He **stayed** at the Pink hotel.* (não serve ***remained***)
Ele **ficou** no hotel Pink.

Outros exemplos:

*My brother **will be** very surprised.*
Meu irmão **ficará** muito surpreso.

*The players **remained** on the field.*
Os jogadores **ficaram** no campo.

*Is it true that Tom **became** (**got**) very rich?*
É verdade que o Tom **ficou** muito rico?

*John is **getting** bald, isn't he?*
O John está **ficando** careca, não é?

*We're going to **stay** at the Plaza.*
Vamos **ficar** no (hotel) Plaza.

Vale a pena salientar mais um significado de **ficar**, que é **guardar**, **ficar com**, que se traduz por ***to keep***.

*I don't need this book anymore. If you liked it, you can **keep** it.*
Não preciso mais desse livro. Se você gostou, pode **ficar** com ele.

53 O problema do verbo deixar

Aqui também é uma questão de atentar para os diversos significados de **deixar** em português.

▸▸ deixar, permitir — ***to let, to allow, to permit***

Let me explain this to you.
Deixe-me explicar isto a você.

*Dad didn't **let** me go to the movies.*
Papai não me **deixou** ir ao cinema.

*The boss **allowed** me to leave at 4 P.M.*
O chefe me **deixou** sair às 16:00.

Observação: O verbo que segue ***let*** fica sem ***to***, ao passo que o que segue ***allow*** ou ***permit*** mantém o ***to***!

▸▸ deixar, abandonar, sair, afastar-se — ***to leave***

*She **left** all the papers on the table.*
Ela **deixou** todos os papéis em cima da mesa.

*Charles **left** home early.*
O Charles **deixou** a (saiu de) casa cedo.

▸▸ deixar, fazer — ***to make / to drive***

*This has **made** me curious.*
Isto me **deixou** curioso.

*You **make / drive** me mad!*
Você me **deixa** louco!

54 O problema do verbo esperar

Basicamente, temos três verbos em inglês para expressar **esperar**: ***to hope***, ***to wait*** (***await***) e ***to expect***.

▸▸ ***to hope*** — esperar vagamente, ter esperança de que alguma coisa aconteça

*I **hope** to win a big lottery prize.*
Espero ganhar um grande prêmio na (de) loteria.

*We **hope** you'll be able to come.*
Esperamos que você possa vir.

- ***to wait*** (***await***) — esperar, aguardar

*There's no hurry, I can **wait**.*
Não tem pressa, posso **esperar**.

*I'll **wait** (**await**) here until you come back.*
Esperarei (**Aguardarei**) aqui até você voltar.

*She was **waiting** for the bus.*
Ela estava **esperando** o ônibus.

*Who are you **waiting** for?*
Por quem você está **esperando**?

- ***to expect*** — esperar com certa segurança, contando com alguém ou alguma coisa

*I **expect** you to pass!*
Espero que você passe!

*Don't **expect** much from George; he's too irresponsible.*
Não **espere** muito do George; ele é irresponsável demais.

*We all **expected** our team to win.*
Todos **esperávamos** que nosso time ganhasse.

Quanto à construção com *expect*, confira o item 1.

55 O problema do verbo parecer

Existem vários verbos em inglês que podem ser traduzidos por **parecer**.

- **parecer**, no sentido de semelhança física — ***look like***

*She **looks like** her sister.*
Ela se **parece** com a irmã.

*The lake was so huge that it **looked like** the ocean.*
O lago era tão imenso que **parecia** o oceano.

▶▶ **parecer**, no sentido de aparentar, dar a impressão de — ***seem, seem to be, seem like, look, look like*** (item 72)

*This problem **seems** (**looks**) really difficult.*
Este problema **parece** realmente difícil.

*It **seemed** as if she was going to cry.*
Parecia que ela ia chorar.

*He **seems to be** (**seems like**) a nice fellow.*
Ele **parece** ser um rapaz bacana.

*To me, this **seems to be** (**looks like**) the best solution.*
Esta me **parece** (ser) a melhor solução.

*There **seems to be** a mistake here.*
Parece haver um erro aqui.

seems to be
looks like
seems like

Observações:

a. ***Seem*** pode ser substituído por ***appear to be.***

*This problem **appears to be** really difficult.*

*He **appears to be** a nice fellow.*

*To me, this **appears to be** the best solution.*

Salientamos, porém, que, na linguagem coloquial, ***seem*** é mais freqüente.

b. ***Seem*** é seguido de ***as if*** ou ***that*** quando, na seqüência da frase, há um ou mais verbos.

c. O uso de ***seem*** é obrigatório quando se começa a frase com ***there.*** Outra opção (menos indicada) para o exemplo dado seria:

*It **looks like** there is a mistake here.*

d. Nunca se usa ***seem*** no sentido de semelhança física.

- **parecer**, relacionado com os cinco sentidos — ***look like*** (visão), ***feel like*** (tato), ***sound like*** (audição), ***smell like*** (olfato), ***taste like*** (paladar)

*It **looks like** rain.*
Parece chuva. (Parece que vai chover.)

*It **feels like** silk.*
Parece seda.

*It **sounds like** thunder.*
Parece trovão.

*It **smells like** gas.*
Parece gás.

*It **tastes like** pineapple.*
Parece abacaxi.

56 O problema do verbo chegar

Em princípio, traduzimos **chegar** por ***to arrive***. Porém, há casos em que podemos usar ***to come*** e ***to get***. Observe os exemplos:

*When the bus **arrived**, I'd already been at the bus station for half an hour.*
Quando o ônibus **chegou**, eu já estava na rodoviária havia meia hora.

*He **came** very early for the meeting.*
Ele **chegou** bem cedo para a reunião.

*The students who **come** late will not be allowed to do the test.*
Os alunos que **chegarem** atrasados não poderão fazer a prova.

*When I **got** here, the classroom was still empty.*
Quando **cheguei** aqui, a sala ainda estava vazia.

*Last night I **got** home very late.*
Ontem à noite, **cheguei** em casa muito tarde.

*When you **get** to the hotel, don't forget to call me (up).*
Quando você **chegar** ao hotel, não se esqueça de me telefonar.

- **parecer**, relacionado com os cinco sentidos — ***look like*** (visão), ***feel like*** (tato), ***sound like*** (audição), ***smell like*** (olfato), ***taste like*** (paladar)

*It **looks like** rain.*
Parece chuva. (Parece que vai chover.)

*It **feels like** silk.*
Parece seda.

*It **sounds like** thunder.*
Parece trovão.

*It **smells like** gas.*
Parece gás.

*It **tastes like** pineapple.*
Parece abacaxi.

56 O problema do verbo chegar

Em princípio, traduzimos **chegar** por ***to arrive***. Porém, há casos em que podemos usar ***to come*** e ***to get***. Observe os exemplos:

*When the bus **arrived**, I'd already been at the bus station for half an hour.*
Quando o ônibus **chegou**, eu já estava na rodoviária havia meia hora.

*He **came** very early for the meeting.*
Ele **chegou** bem cedo para a reunião.

*The students who **come** late will not be allowed to do the test.*
Os alunos que **chegarem** atrasados não poderão fazer a prova.

*When I **got** here, the classroom was still empty.*
Quando **cheguei** aqui, a sala ainda estava vazia.

*Last night I **got** home very late.*
Ontem à noite, **cheguei** em casa muito tarde.

*When you **get** to the hotel, don't forget to call me (up).*
Quando você **chegar** ao hotel, não se esqueça de me telefonar.

Apenas no primeiro exemplo você é **obrigado** a usar ***arrive***, uma vez que não é mencionado, embora se saiba, onde o ônibus chegou.

Podemos substituir ***to arrive*** por:

- ***to come*** — normalmente quando falamos em **chegar atrasado** (***to come late***) e **chegar cedo** (***to come early***).
- ***to get*** — quando mencionamos onde se chega. Com exceção de ***home*** (casa), ***here*** (aqui) e ***there*** (lá), ***get*** deve ser sempre seguido de ***to***.

Quando o verbo **chegar** significa **bastar**, **ser suficiente**, geralmente usamos a expressão ***to be enough***.

*I have only half a kilo of flour and that's **not enough** to make a cake.*
Tenho apenas meio quilo de farinha de trigo e isso **não é suficiente** para fazer um bolo.

Mais alguns exemplos para você assimilar melhor:

*When I **arrived**, my friend was waiting for me at the airport.*
Quando cheguei, minha amiga estava esperando por mim no aeroporto.

*If you **come** early, wait for me because I won't delay.*
Se você chegar cedo, espere por mim porque não vou me atrasar.

*As soon as I **get** home, I'll call you up.*
Assim que eu chegar em casa, te telefono.

*We **got** there quickly because there wasn't much traffic.*
Chegamos lá depressa porque não havia muito trânsito.

*When we **got** to the restaurant, the tables were all taken.*
Quando chegamos ao restaurante, todas as mesas estavam ocupadas.

*When our bus **got** to São Paulo, it was raining heavily.*
Quando nosso ônibus chegou em São Paulo, estava chovendo bastante.

*The eggs she has **are not enough** to make an omelet.*
Os ovos que ela tem não chegam para fazer uma omelete.

E como ficam os nossos **chega pra lá** e **chega pra cá**?

Chega pra lá! — *Move over!* **ou** *Move over that way!*

Chega pra cá! — *Come closer!* **ou** *Move over this way!*

57 O problema do objeto oculto

Todos os livros salientam que o inglês não admite sujeito **oculto** ou oração sem sujeito.

It's impossible!
É impossível!

*We knew **it** was difficult.*
Sabíamos que era difícil.

They brought the newspapers.
Trouxeram os jornais.

Bem poucos, porém, salientam que o inglês também não gosta de **objeto oculto**, ou seja, verbo transitivo sem um objeto expresso.

Em português, dizemos:

Não comi salada de tomate porque não gosto.

Na verdade, queremos dizer "não gosto **de tomate**". Na maioria das vezes, nesses casos, não mencionamos o objeto pois ele está subentendido. Em inglês, diríamos:

*I didn't eat tomato salad because I don't like **it**.*

Em inglês, o objeto deve ser mencionado, sendo geralmente expresso por um pronome.

*I was going to bring the money, but I forgot **it**.*
Eu ia trazer o dinheiro, mas esqueci.

*The watch was inexpensive, but Richard didn't want to buy **it**.*
O relógio estava barato, mas o Richard não quis comprar.

*The movie is excellent. Are you going to see **it**?*
O filme é ótimo. Você vai ver?

*The apples were fresh, but Mary didn't want to buy **them**.*
As maçãs estavam frescas, mas a Mary não quis comprar.

*The paintings are nice, but personally I don't like **them**.*
Os quadros são bonitos, mas pessoalmente eu não gosto.

Como não poderia deixar de existir, há exceções. Embora os verbos ***to know*** e ***to remember*** sejam transitivos, quando empregados em resposta a uma pergunta, seu objeto (***it***) é oculto.

Dizemos:

I don't know. em vez de ▶▶| *I don't know **it**.*
Não sei.

I don't remember. em vez de ▶▶| *I don't remember **it**.*
Não me lembro.

Observação: Se o objeto for um verbo, termina-se a frase com ***to***.

*I didn't go because I didn't want **to**.*
Não fui porque não quis (ir).

*— Would you like to play? — Yes, I'd like **to**.*
Você gostaria de jogar? Sim, gostaria.

*Paul was going to travel, but then he decided not **to**.*
O Paul ia viajar, mas depois resolveu não ir (viajar).

58 Empregos diferentes de *will* e *would*

Que ***will*** e ***would*** são ***modals*** empregados, respectivamente, na formação do ***simple future*** (futuro do presente) e dos ***conditionals*** (futuro do pretérito), já sabemos. Considere, porém, as frases:

*Every time I met Tony, he **would remind** me of the money I owed him.*

*I tried to convince her, but she **wouldn't listen** to me.*

*I've told him a hundred times, but he **won't believe** my words.*

*This material **will** sometimes **crack** when exposed to high temperatures.*

Se você traduzisse essas frases colocando os verbos no **futuro do presente** ou no **futuro do pretérito**, estaria redondamente enganado! Eis a tradução correta:

Todas as vezes que eu encontrava o Tony, ele me **lembrava** do dinheiro que eu lhe devia.

Tentei convencê-la, mas ela não **quis** me ouvir.

Eu disse (isso) a ele uma centena de vezes, mas ele **não quer** acreditar nas minhas palavras.

Este material às vezes **racha** quando exposto a temperaturas elevadas.

Vejamos cada caso:

1 ***Would*** pode ser empregado para expressar ação repetida no passado, equivalendo ao nosso **pretérito imperfeito**.

*Every time I asked him a question, he **would reply**: "I don't know."*
Todas as vezes que eu lhe fazia uma pergunta, ele **respondia**: "Não sei".

*Whenever I tried to speak, she **would interrupt** me.*
Sempre que eu tentava falar, ela me **interrompia**.

2 ***Will*** e ***would*** podem ser empregados com o sentido de **querer**. Na realidade, são resquícios do verbo ***to will*** (querer) do inglês arcaico. Assim, ***won't*** (*will not*) hoje é muitas vezes usado no sentido de **não quer**, **não querem**, e ***wouldn't*** (*would not*), no sentido de **não queria**, **não queriam**, **não quis**, **não quiseram** etc.

*I insisted, but he simply **won't** go.*
Insisti, mas ele simplesmente **não quer** ir.

*I offered to pay, but she **wouldn't** accept the money.*
Ofereci pagar, mas ela **não quis** aceitar o dinheiro.

*He knows he needs the medicine, but he **won't** take it.*
Ele sabe que precisa do remédio, mas **não quer** tomá-lo.

*I said the wine was good, but she **wouldn't** drink it.*
Eu disse que o vinho era bom, mas ela **não quis** bebê-lo.

3 ***Will*** pode ter **uso idiomático**, não sendo empregado com sentido de futuro, quando denota um fato que geralmente acontece. Em tal caso, o verbo deve ser traduzido no **presente**.

*This bird **will** often **build** its nest in tall trees.*
Este pássaro freqüentemente **constrói** seu ninho em árvores altas.

Observações:

a. A propósito de ***would***, aproveitamos para relembrar (Unidade 20) que é muito usado para **atenuar**, **suavizar,** pedidos e afirmações, particularmente na linguagem coloquial.

*I'd **like** a cup of coffee.* (mais educado)
Eu gostaria de (tomar) uma xícara de café.

*I **want** a cup of coffee.* (menos educado)
Eu quero uma xícara de café.

*I'd **prefer** a cup of tea.* (mais educado)
Eu preferiria uma xícara de chá.

*I **prefer** a cup of tea.* (menos educado)
Eu prefiro uma xícara de chá.

b. Há casos em que o nosso **presente** está camuflando um **futuro**. Observe as frases:

Eu lhe **telefono mais tarde**.
Empreste-me este livro; **na semana que vem** eu **devolvo**.

O fato de empregarmos **mais tarde**, **na semana que vem**, mostra que o presente tem sentido de futuro.

Cuidado, pois o inglês não permite essa camuflagem. Você tem de dizer:

*I'll **call** you later.*
*Lend me this book, will you? I'll **give** it back next week.*

Resumindo: presente com sentido de futuro, em português, exige o emprego de ***will***, em inglês. Nesses casos, também não se permite o uso de ***be going to***.

59 Empregos diferentes de *should*

Como ***modal verb***, você já sabe como empregar ***should*** (Unidade 20). Ocorre, porém, que ***should*** pode ter ainda mais dois empregos diferentes.

- ***should***, às vezes, é empregado no lugar de ***would***, para formar o **futuro do pretérito**. Isso ocorre principalmente no inglês britânico. Não se surpreenda, portanto, se ouvir:

  *I **should** be very surprised...*
  Eu **ficaria** muito surpreso...

  em vez de:

  *I **would** be very surprised...*

  Outro exemplo:

  *I **should** say so!*
  Eu **diria** que sim!

- ***should*** pode ainda ser empregado no início da frase com o sentido de **se** ou **caso**.

  ***Should** you be interested...*
  Se você estiver (**Caso** esteja) interessado...
  ***Should** anyone call...*
  Se alguém telefonar... (**Caso** alguém telefone...)
  ***Should** they decide to go...*
  Se eles decidirem (**Caso** eles decidam) ir...

60 Um emprego diferente de *of*

Você já deve ter visto frases como:

*All **of** them were sleeping.*
Todos eles estavam dormindo.

Both of them are very tall.
Ambas são muito altas.

Ocorre também, embora menos freqüentemente, com substantivos.

All of the boys...
Todos os garotos...

All of the girls...
Todas as garotas...

Trata-se de construções idiomáticas em que o ***of*** não tem seu significado normal, que é **de**. Nos exemplos dados e em frases semelhantes, você tem ainda outra opção que não emprega ***of***.

They were all sleeping.
They are both very tall.

Daí podemos concluir que, se você começar a frase com ***all*** ou ***both*** (seguido de pronome), terá que empregar ***of*** antes do pronome (*them, us, you*).

Mais exemplos para você fixar melhor:

Do you see those two houses? ***Both of them*** *belong to my uncle.*
Você está vendo aquelas duas casas? Ambas pertencem ao meu tio.

There are many TV sets and VCRs in that shop. ***All of them*** *were made in Japan.*
Há muitos aparelhos de TV e videocassetes naquela loja. Todos foram fabricados no Japão.

John and I are good friends; ***both of us*** *went to the same school.*
O John e eu somos bons amigos; nós dois freqüentamos a mesma escola.

(Veja item 31.)

61 Uso e abuso do possessivo

Qualquer pessoa que tenha uma certa familiaridade com a língua inglesa já terá observado como se usa e abusa do possessivo. Isso se deve a

uma regra que qualificaríamos como implícita, pois poucos são os livros que fazem alusão a ela. A regra para o uso e abuso do possessivo é: ao nos referirmos a uma **parte do corpo**, **peça de vestuário**, **pessoas da família** ou **objetos de uso pessoal** do sujeito da frase, devemos empregar um possessivo.

*Charles lost **his** father last month.*
O Charles perdeu o pai no mês passado.

*Clara is very jealous of **her** husband.*
A Clara tem muito ciúme do marido.

*I've hurt **my** arm.*
Machuquei o braço.

*Tony put on **his** shirt.*
O Tony vestiu a camisa.

*Mary tore **her** skirt.*
A Mary rasgou a saia.

*Put on **your** coat!*
Vista o paletó!

*George hung **his** coat on a chair.*
O George pendurou o paletó numa cadeira.

*I have a pain in **my** chest.*
Estou com dor no peito.

*John lost **his** wallet with all **his** documents.*
O John perdeu a carteira com todos os documentos.

*Mary took off **her** earrings.*
A Mary tirou os brincos.

*He has a scar on **his** face.*
Ele tem uma cicatriz no rosto.

*She packed **her** suitcase.*
Ela arrumou a mala.

62 Uso e abuso de *some* e *any*

Como você sabe, ***some*** e seus compostos são usados em frases afirmati-

vas, enquanto ***any*** e seus compostos são usados em frases interrogativas e negativas (Unidade 29).

Acontece, porém, que ***some*** e ***any*** muitas vezes são empregados sem que, a rigor, haja necessidade. Nesses casos, o português pode traduzir ***some*** e ***any*** por **algum**, **alguma**, **um pouco de**, **uns**, **umas**, **nenhum**, **nenhuma**, ou, preferivelmente, não traduzir.

Para entender e assimilar, compare os dois idiomas.

*I need **some** paper to write a letter.*
Preciso de papel para escrever uma carta.

*She wants **some** sugar for her coffee.*
Ela quer açúcar para seu café.

*Johnny asked for **some** money to buy an ice cream cone.*
O Johnny pediu dinheiro para comprar uma "casquinha" de sorvete.

*You should take **some** medicine for your cold.*
Você deveria tomar remédio para seu resfriado.

Nos exemplos dados, o português dispensa o uso de qualquer indefinido, enquanto, em inglês, a falta de ***some*** seria sentida por qualquer pessoa que tenha plena familiaridade com a língua.

O mesmo vale para os seguintes exemplos com ***any***:

*Betty doesn't have **any** patience with the kids.*
A Betty não tem paciência com as crianças.

*I haven't got **any** talent for music.*
Não tenho talento para música.

*She doesn't wear **any** makeup.*
Ela não usa maquiagem.

*Is there **any** beer in the fridge?*
Há cerveja na geladeira?

*Did you see **any** tigers in the zoo?*
Você viu tigres no zoológico?

63 Uso e omissão do *that*

De acordo com a função que exerce na frase, ***that*** pode ser omitido ou não. Vejamos:

- **demonstrativo** (aquele, aquela, esse, essa, isso) — **nunca** pode ser omitido.

  That's the house where I live.
  Aquela é a casa onde moro.

  *Who told you **that**?*
  Quem lhe disse (contou) **isso**?

- **conjunção** (que) — pode e, na linguagem coloquial, normalmente é omitida.

  *She said (**that**) she was tired.*
  Ela disse **que** estava cansada.

  *Albert said (**that**) he was going downtown.*
  O Albert disse **que** ia ao centro.

- **relativo** (que) — pode ser omitido, e geralmente é, exceto quando é o sujeito da frase.

  *The plane **that** has just landed came from Miami.* (sujeito)
  O avião **que** acabou de aterrissar veio de Miami.

  *The song **that** is being played was written by the Beatles.* (sujeito)
  A canção **que** está sendo tocada foi escrita pelos Beatles.

  *The film (**that**) I saw last night was very good.* (objeto)
  O filme **que** vi ontem à noite foi muito bom.

  *I didn't believe the story (**that**) she told me.* (objeto)
  Não acreditei na história **que** ela me contou.

Observações:

a. Na prática, ou seja, na linguagem informal, ***that*** como conjunção e como relativo (objeto) são omitidos. Como saber se o ***that*** é sujeito ou objeto? Eis aqui a dica:

- se for seguido de um **verbo** (na maioria das vezes, ***to be***), é **sujeito**. Não se omite!

▶▶ se for seguido de um **substantivo** ou **pronome** (sujeito), é **objeto**. Omita!

b. O que acabamos de dizer sobre ***that*** vale também para ***who*** (sujeito) e ***whom*** (objeto). Quando sujeito, não pode ser omitido. Quando objeto direto, pode e, normalmente, é omitido.

*The man (**whom**) I saw.* (objeto)
O homem **que** eu vi.

mas ▶▶ *The man **who** said that...* (sujeito)
O homem **que** disse isso...

64 Uma dica sobre a voz passiva

Vimos no item 10 que, para expressar o sujeito indeterminado, o inglês emprega o verbo na 3ª pessoa do plural do ***simple present***, sempre precedido por ***they***, ou utiliza uma construção com ***somebody***, ***anybody*** etc.

They say that...
Dizem que...

Somebody told me (that) you won the contest.
Disseram-me que você ganhou o concurso.

Além dessas duas formas, podemos empregar também uma construção com a **voz passiva**, quando o objeto indireto (a quem foi dito, permitido etc.) é mencionado.

***I was told** that you got a scholarship.*
Disseram-me que você ganhou uma bolsa de estudos.

***She was allowed** to go home early.*
Permitiram-lhe que fosse para casa cedo.

Se traduzirmos literalmente, essas frases são agramaticais e parecem até sem sentido. Por isso, cuidado!

Eu fui dito que...
Ela foi permitida...

Mais alguns exemplos:

He is said to be a strong candidate for the job.
Dizem que ele é um forte candidato ao cargo.

They are supposed to arrive tonight. (ver item 37)
Supõe-se que eles cheguem hoje à noite.

Mr Souza was expected to take over the company.
Esperava-se que o sr. Souza assumisse a direção da empresa.

The President is reported to be in good health.
Dizem (Relatam) que o presidente está em bom estado de saúde.

65 Uma dica sobre as formas em *-ing*

Embora este assunto já tenha sido abordado na Unidade 24 da Primeira Parte do livro (Gerúndio e Infinitivo), por serem as formas em ***-ing*** tão usadas em inglês, vale a pena salientar novamente aqui as funções nas quais elas são empregadas.

▸▸ substantivo (*noun*)

*We set up our tents in a **clearing** in the forest.*
Armamos nossas barracas em uma **clareira** da floresta.

*The **killing** of whales is a crime against nature.*
A **matança** de baleias é um crime contra a natureza.

*It was a storm with **lightning** and thunder.*
Era uma tempestade com **relâmpagos** e trovões.

▸▸ adjetivo (*adjective*)

*The **working** class...*
A classe **trabalhadora**...

*Brazil has a lot of **grazing** land.*
O Brasil tem muitas terras **de pastagem**.

*It was a **frightening** place.*
Era um lugar **assustador**.

*His performance was **amazing**.*
A atuação dele foi **impressionante**.

- **preposição** *(preposition)*

*I'm going to talk to the manager **regarding** this matter.*
Vou falar com o gerente **sobre** este assunto.

- **gerúndio** *(present participle)*

*Is Mônica still **sleeping**?*
A Mônica ainda está **dormindo**?

*It was **raining** very hard.*
Estava **chovendo** muito.

*They are **studying** now.*
Eles estão **estudando** agora.

- **infinitivo** *(gerund)*

*I'm tired of **working**.*
Estou cansado de **trabalhar**.

*After **eating** a good sandwich...*
Depois de **comer** um bom sanduíche...

*I like **dancing**.*
Gosto de **dançar**.

***Listening** to music is a pleasant and relaxing pastime.*
Ouvir música é um passatempo agradável e relaxante.

66 Uma dica sobre complementos nominais

Mesmo que, em português, um complemento nominal esteja no plural, em inglês ele normalmente fica no singular. Quando o complemento nominal for composto de duas ou mais palavras, formando um conceito único, elas devem ser unidas por um hífen.

*a **toy** factory* — uma fábrica de brinquedos
*a **shoe** store* — uma loja de calçados
*five **flower** baskets* — cinco cestas de flores
*a **ten-year-old** boy* — um menino de dez anos
*a **four-bedroom** house* — uma casa de quatro quartos

A **exceção** fica por conta das palavras que só existem no plural, isto é, elas mantêm a forma mesmo quando são complemento nominal.

the telecommunications industry
a indústria de telecomunicações

a dozen clothes hangers
uma dúzia de cabides

67 Uma dica sobre concordância verbal

Existem casos em que a concordância verbal do inglês não é a mesma do português.

***Nobody was** waiting for me at the airport.*
Ninguém estava me esperando no aeroporto.

No exemplo dado, inglês e português se correspondem. Mas...

***Everybody is** here.*
Todos estão aqui.

Difícil estabelecer regras, por isso observe e tente assimilar.

***Most of the children were** playing in the garden.*
A maioria das crianças estava brincando no jardim.

*In big cities, **there are** many people in the streets.*
Nas cidades grandes, **há** muitas pessoas nas ruas.

*There are 10 bottles on the table; half of them **are** empty.*
Há 10 garrafas sobre a mesa; metade delas **está** vazia.

68 Uma dica sobre a estrutura da frase em inglês

Muitos estudantes de inglês confundem-se na leitura e compreensão de um texto, porque esquecem que na gramática inglesa os complementos e qualificativos sempre precedem o substantivo (ou substantivos) a que se referem.

The company's successful overseas operations...
As operações bem-sucedidas da empresa no estrangeiro...

New foreign market segments...
Novos segmentos do mercado externo...

Fuel efficiency and consumption tests...
Testes de eficiência e consumo de combustíveis...

69 Frases iniciadas com *only*

Talvez você já tenha visto frases como:

*Only then **did I realize** that Paul was joking.*
Somente então percebi que o Paul estava brincando.

*Only when you get your driver's license **will you be** allowed to drive.*
Só quando você tirar sua carteira de motorista, terá permissão para dirigir.

Quando iniciamos uma frase com ***only***, principalmente se for seguido de ***then***, ***when***, ***after***, devemos dar preferência à construção que tem a forma de pergunta, isto é, auxiliar anteposto ao sujeito. Nada impede, porém, que se dispense o uso do auxiliar, empregando a construção normal.

***Only** then **I realized** that Paul was joking.*
***Only** when you get your driver's license **you will be** allowed to drive.*

Outros exemplos:

Only then did we realize *that we had taken the wrong road.*
Só então percebemos que tínhamos tomado a estrada errada.

Only when *the tests are all corrected* ***will the students know*** *who passed.*
Só quando as provas estiverem todas corrigidas é que os alunos saberão quem passou.

Only after *a year* ***did I begin*** *to see the results of my work.*
Só depois de um ano é que comecei a ver os resultados de meu trabalho.

Only *in a few countries* ***does the whole population enjoy*** *a good standard of living.*
Somente em alguns poucos países é que toda a população desfruta um bom padrão de vida.

70 Como expressar saudade em inglês

Todo mundo sabe que **saudade** é uma palavra muito nossa e, segundo dizem, não tem equivalente exato em nenhum outro idioma.

Os dicionários traduzem saudade por ***yearning***, ***longing***, ***homesickness***... Os dois primeiros são termos de cunho poético, literário, e não são usados na linguagem do dia-a-dia. Quanto a ***homesickness*** (substantivo) e ***homesick*** (adjetivo), significam ter saudade de casa, da família ou da terra natal.

A solução verdadeira é de fato um tanto banal e consiste em empregar o verbo ***to miss*** (**faltar** ou **sentir falta de**).

I miss my friends.
Sinto (Tenho) saudade dos meus amigos.

I miss the good old days.
Tenho saudade dos bons, velhos tempos.

Don't you miss Roberto?
Você não tem saudade do Roberto?

We miss our uncle very much.
Sentimos muita saudade do nosso tio.

When that guy dies, no one is going to miss him!
Quando aquele sujeito morrer, ninguém vai sentir saudade dele!

Existe, ainda, a expressão ***to long for***, também de cunho literário e, por isso, pouco usada na linguagem coloquial.

I long for the good old days.

71 Duplicação de consoantes finais em formas verbais

Os verbos terminados em consoante (com exceção de ***x***) precedida de vogal única, em sílaba acentuada, duplicam a consoante final antes das formas em ***-ing*** e ***-ed***.

drop — dropped — dropping
plan — planned — planning
beg — begged — begging
whip — whipped — whipping
prefer — preferred — preferring
run — running
hit — hitting

Observação: Os verbos terminados em ***l*** (precedidos de uma só vogal), com mais de uma sílaba e não acentuados na sílaba final, e o verbo ***to worship*** (adorar, venerar) têm duas formas, isto é, com e sem duplicação da consoante final:

travel — traveled/travelled — traveling/travelling
signal — signaled/signalled — signaling/signalling
worship — worshiped/worshipped — worshiping/worshipping

72 Alguns verbos que merecem cuidado especial

(r) = regular (i) = irregular

Assist (r) e *Attend* (r)

assist — assistir, ajudar

Dr Grant was assisted by Dr Parker.

attend — assistir, presenciar, participar de

Only 45 students attended the lecture.
Do you attend Mass every Sunday?

Borrow (r) e *Lend* (i)

borrow — tomar emprestado

Jack is always borrowing money from his friends.

lend — emprestar, dar emprestado

Can you lend me 10 dollars?

Close (r) e *Lock* (r)

close — fechar, cerrar

She closed her eyes and tried to sleep.
Please, close the windows; it may rain.

lock — fechar, trancar

Don't forget to lock the door before you go to bed.

Discuss (r) e *Argue* (r)

discuss — discutir, no sentido de debater, trocar idéias

Let's discuss this later.
The Board of Directors will discuss the matter tomorrow.

argue — discutir, entrar num "bate-boca"

Mr and Mrs Boggs are always arguing.

Do (i) e *Make* (i)

do — fazer, no sentido indefinido

What are the children doing?
I don't know what to do with these old magazines.

make — fazer, fabricar

Mr Silva makes nice furniture.
My mother makes delicious cakes.

Observação: Por se tratar de verbos muitíssimo usados, a distinção que acabamos de fazer é apenas relativamente confiável. Considere o seguinte:

- *to do homework* — fazer tarefa (escolar)
- *to do a favor* — fazer um favor
- *to do business* — fazer negócio, negociar
- *to do the dishes* — lavar a louça
- *to do the laundry* — lavar a roupa
- *to do the cleaning* — fazer limpeza
- *to make a mistake* — fazer, cometer um erro
- *to make money* — ganhar dinheiro
- *to make a speech* — fazer um discurso
- *to make the bed* — arrumar a cama
- *to make trouble* — fazer (criar) encrenca
- *to make (no) difference* — (não) fazer diferença

Explore (r) e *Exploit* (r)

explore — explorar, analisar, pesquisar (geralmente no sentido científico)

American scientists are exploring the possibility of life in outer space.

exploit — explorar, aproveitar, tirar proveito (sentido comercial)

Brazil has many natural resources still waiting to be exploited.

▶▶ *FINISH* (r) e *END* (r)

O que vamos dizer não é exatamente uma regra, mas a prática da língua nos diz que é assim que funciona.

finish — terminar (algo que terminamos ou acabamos)

The students finished the test in less than one hour.
I hope to finish this book before the end of the week.

end — acabar (algo que termina ou acaba por si só)

Do you think the movie will end before 10?

Observação: Vale lembrar a expressão ***to put an end to***, que significa **pôr fim a**.

Let's ***put an end*** *to this argument!*
Vamos acabar com (pôr fim a) esta discussão!

▶▶ *GET* (i), *GAIN* (r), *EARN* (r) e *WIN* (i)

get — ganhar; obter; conseguir; receber

Sheila got a ring from her fiancé.
Brian always gets the highest marks in the class.

gain — ganhar, obter

What do you gain from this?

earn — ganhar o sustento, fama ou reputação

Donald earns a good salary.
He earned the reputation of being a strict judge.

win — ganhar uma competição, concorrência

Henry won the first prize.
Our team won the game.

▶▶ *HANG* (r) e *HANG* (i)

hang (r) — enforcar

Tiradentes was hanged in Rio, in 1792.

hang (i) — pendurar

Paul hung his coat on the back of a chair.

▶▶ *HEAR* (i) e *LISTEN* (r)

hear — ouvir

Did you hear what the teacher said?

listen — escutar, ouvir com atenção

Now listen carefully to what I'm going to say!

▶▶ *INTEND* (r) e *PRETEND* (r)

intend — pretender, tencionar

Tony intends to take a trip to Australia.

pretend — fingir, fazer de conta

She pretended to be crying.
Frank pretended not to see.

▶▶ *LIE* (r), *LIE* (i) e *LAY* (i)

lie (r) — mentir

You lied to me yesterday!

lie (i) — deitar, estar deitado, situado, jazer (intransitivo)

If you're tired, lie down for a few minutes.
The village lies to the south of those mountains.
Mary lay in bed all day.

lay (i) — pôr, botar (transitivo)

The hen laid an egg.
Bill came in and laid his books on the table.

LIKE (r) e *ENJOY* (r)

like — gostar, apreciar (concretos e abstratos)

Jimmy likes chocolate.
Would you like to go fishing next Saturday?

enjoy — gostar, apreciar, desfrutar (abstratos ou semi-abstratos)

Did you enjoy the show?
I certainly enjoyed my trip to Hawaii.
Ann enjoys listening to classical music.

LOSE (i), *MISS* (r) e *WASTE* (r)

lose — perder alguma coisa (concreta ou abstrata), perder um ente querido por morte

Tony lost his wallet.
You make me lose my patience!
Vivien lost her father last month.

miss — perder por não assistir, não alcançar; sentir falta de (saudade)

You missed a good game!
I missed the bus by a few seconds.
We miss our friends very much.

waste — desperdiçar, perder (não aproveitar) tempo, perder oportunidade

Don't waste your time with these things.
He wasted years doing something he didn't really like.

MARRY (r) e *GET* (i) *MARRIED*

marry — casar-se com (transitivo)

I wouldn't marry her for a million dollars!

get married — casar-se (intransitivo)

Bob and Alice got married last week.
Do they plan to get married soon?

REMEMBER (r) e *REMIND* (r)

remember — lembrar-se

Remember to study the verbs!
Do you remember John's telephone number?

remind — fazer lembrar

Please, remind me to bring the tape I promised to lend you.

RISE (i) e *RAISE* (r)

rise — levantar-se; surgir (intransitivo)

The sun rises in the east.
Everybody rose when the President came in.

raise — levantar, erguer; criar, cultivar (transitivo)

John raised his hand to ask a question.
They raise cattle on their farm.

SAY (i) e *TELL* (i)

say — dizer, declarar, dizer algo a alguém (com ***to***)

What did you say?
Jim said (that) he felt very tired.
Mary said to her mother: "I need a new pair of shoes."

tell — dizer, contar algo a alguém (sem ***to***); mandar

Tell me what you think about the case.
Dr Jones told his secretary to type a letter.
Ernest told his father (that) he was going to the club.

Observação: É sempre preferível usar ***tell*** quando se menciona a pessoa a quem se diz. Portanto, o último exemplo com ***say*** ficaria melhor com ***tell***.

Mary told her mother (that) she needed a new pair of shoes.

Exceções:

- *to tell the truth* — dizer, contar a verdade
- *to tell a lie* — contar uma mentira
- *to tell the time* — dizer as horas
- *to tell the difference* — distinguir, diferenciar uma coisa de outra

SEE (i) e *LOOK* (r)

see — ver, enxergar

Can you see a bird on that tree?
I saw a very good movie last night.

look — olhar

What are you looking at?
During the eclipse, everybody was looking at the sun.

▶▶ *SEEM* (r), *LOOK* (r) e *LOOK LIKE* (r)

seem/look — parecer, aparentar ser ou estar

This test seems rather difficult, doesn't it?
The poor boy looks rather tired.
It seems to me that you're wrong. (aqui ***look*** não iria bem)
He seems to be upset. (aqui não poderíamos usar ***look***, pois ***look*** não deve preceder um infinitivo)

look like — parecer-se, ter semelhança física

Francis looks like his father.
That car looks like a 1955 Ford.

▶▶ *SHINE* (i) e *SHINE* (r)

shine (i) — brilhar (intransitivo)

The sun was shining brightly.

shine (r) — lustrar (transitivo)

Do you shine your shoes every week?
I shined my shoes this morning.

▶▶ *SPEAK* (i) e *TALK* (r)

speak — falar; dirigir a palavra a

Charles speaks several languages.
I spoke to the manager about this problem.

talk — falar, conversar

What are you talking about?
The teacher was annoyed because some students were talking during class.

START (r) e *BEGIN* (i)

start — começar, iniciar

The game started at 4 P.M.

begin — começar, iniciar

Let's begin the meeting right away so we can finish before noon.

Observação: Embora teoricamente não haja diferença entre esses dois verbos, na prática, ***start*** é bem mais usado.

It started raining.
The class will start at 8 A.M.

STEAL (i), *ROB* (r) e *BURGLARIZE* (r)

steal — roubar, furtar

Somebody stole my watch.
Mrs Brown's jewels were stolen last night.

rob — roubar, assaltar

Many people are robbed in the streets of big cities.
Three men robbed a bank downtown yesterday afternoon.

burglarize — roubar residência, edifício, casa

Our house has been burglarized.

WEAR (i) e *USE* (r)

wear — usar, trajar (refere-se a tudo o que se põe sobre o corpo)

Betty was wearing a beautiful green dress.
She doesn't like to wear jewelry.
Does Mrs Smith wear glasses?

use — usar, utilizar

May I use your pen?
He used a false name in order to hide his identity.

Apêndice

FALSOS COGNATOS

VERBOS IRREGULARES

Falsos cognatos

Os estudantes de inglês, de modo geral, possuem certa familiaridade com o idioma para saberem que, às vezes, uma palavra portuguesa e uma inglesa apresentam semelhança de forma, mas possuem significado totalmente diverso, o que pode levar a uma compreensão ou tradução errônea. São os **falsos cognatos** (***false cognates***), também conhecidos, em inglês, como ***false friends***, ou seja, falsos amigos. Falsos, porque a semelhança entre tais palavras é traiçoeiramente enganosa, falsa.

Apenas três exemplos, dentre os mais conhecidos, dizem tudo: ***actually*** não significa **atualmente**, mas **realmente**; ***sensible*** não é **sensível**, mas **sensato**; e ***pretend*** não é **pretender**, mas **fingir**. É claro que nem sempre a "falsidade" é tão patente. Há também os casos em que ela é mais sutil ou se esconde por detrás da diversidade de significados que uma palavra pode ter.

Existem centenas de falsos cognatos e, dentre eles, selecionamos alguns, relacionando-os em ordem alfabética. São acompanhados de exemplos em inglês com tradução para o português, a fim de que o confronto entre os dois idiomas facilite a compreensão por parte dos estudantes.

Com essa seleção, esperamos ter desmascarado pelo menos os mais traiçoeiros dos muitos ***false friends*** que estudantes e tradutores de inglês encontram e encontrarão pela frente.

Convém salientar que, quando necessário, incluímos a classe gramatical a que a palavra pertence, indicando da seguinte forma:

(s) = substantivo	(adj) = adjetivo
(v) = verbo	(adv) = advérbio

A

- *Ability* — além de **habilidade**, tem o sentido de **capacidade**.

  He is a man of great ability.
  Ele é um homem de grande habilidade (capacidade).

- *Absolutely* (adv) — geralmente não pode ser traduzido por **absolutamente** porque, em inglês, tem uma conotação positiva, enquanto, em português, a conotação é negativa. O sentido de ***absolutely*** é, portanto, **com certeza, sem dúvida**.

  — *Are you sure everything will be ready by 10 o'clock?*
  Você tem certeza de que tudo estará pronto até às 10 horas?

  — *Absolutely!*
  Sem dúvida!

- *Actual* (adj) — não significa **atual** (que se expressa por ***present, current***), mas **real**.

  The actual story is quite different!
  A história real (A verdadeira história) é bem diferente!

- *Actually* (adv) — não significa **atualmente** (que se expressa por ***at present, today, currently***), mas **realmente**.

  We planned to leave at seven o'clock, but we actually left after eight.
  Pretendíamos partir às sete horas, mas realmente saímos depois das oito.

- *Advise* (v) — embora possa ser empregado no sentido de **avisar, dar ciência de**, normalmente tem o sentido de **aconselhar**.

  Please, advise us as soon as this letter reaches you.
  Favor avisar-nos assim que esta carta chegar às suas mãos.

The doctor advised me to quit smoking.
O médico aconselhou-me a parar de fumar.

Observação: Cuidado para não confundir ***advise*** (v) ***com advice*** (s), que significa conselho.

Let me give you some advice.
Permita-me dar-lhe um conselho.

- *Affluent* — embora, como substantivo, possa significar **afluente** de rio ou curso d'água, ***affluent*** é muito mais usado como adjetivo, significando **rico, próspero**.

An affluent society also has its problems.
Uma sociedade próspera também tem seus problemas.

- *Agonize* (v) — não significa **agonizar, estar prestes a morrer**, mas **preocupar-se intensamente** ou, como se diz na linguagem popular, "**esquentar a cabeça**".

She agonized for several days over the decision she had to make.
Ela "esquentou a cabeça" durante vários dias com a decisão que tinha de tomar.

- *Anticipate* (v) — não tem o sentido de ***antecipar***, mas de **prever**, embora possa também ser empregado no sentido de **antegozar** ou **preceder**.

I don't anticipate any difficulties, but in case difficulties do arise...
Não estou prevendo dificuldades, mas caso dificuldades venham a ocorrer...

- *Apologize* (v) — não significa **fazer a apologia de**, no sentido de **elogiar**, mas **pedir desculpas**.

She apologized for her son's rude behavior.
Ela pediu desculpas pelo comportamento grosseiro (pela falta de educação) do seu filho.

▸▸ *Apology* (s) — não significa **apologia**, no sentido de **elogio**, mas **desculpa**, **escusa**.

Please accept my apologies.
Por favor, aceite minhas escusas.

▸▸ *Apparent* — significa **aparente**, embora seja pouco usado nesse sentido. Na maioria das vezes é empregado no sentido de **evidente**, **claro**.

The apparent cause of the accident was...
Aparentemente a causa do acidente foi... (melhor do que: A causa aparente do acidente foi...)

His nervousness was apparent to all.
Seu nervosismo era evidente a todos.

▸▸ *Application* (s) — significa **aplicação**, no sentido de aplicar um tratamento ou algo semelhante; **não** significa **esforço**, dedicação aos estudos ou ao trabalho. A palavra, porém, é mais empregada no sentido de **pedido**, **requerimento**, **inscrição**.

There were only a few vacancies, but hundreds of applications were received.
Havia apenas algumas vagas, mas centenas de inscrições foram recebidas.

▸▸ *Appoint* (v) — não significa **apontar** para alguém ou alguma coisa (que se expressa por ***point to*** ou ***point at***), mas **nomear**, **designar**; **marcar**.

Paul was appointed head of the export department.
O Paul foi nomeado chefe do departamento de exportação.

She arrived at the appointed time.
Ela chegou na hora marcada.

▸▸ *Appointment* (s) — é usado no sentido de **nomeação** e também no sentido de **hora marcada**, **compromisso**.

Tony's appointment as manager was well received by all the employees.
A nomeação do Tony como gerente foi bem recebida por todos os funcionários.

Today I have an appointment with my dentist.
Hoje tenho hora marcada com meu dentista.

- *Apt* — não significa **apto**, no sentido de **capacitado** (que se expressa por ***able, capable, ready***). Normalmente é empregado no sentido de **capaz de** (mais freqüentemente em contexto negativo), e no sentido de **apto, adequado**, que **cai bem** ou **fica bem**.

  He is apt to become quite upset when he hears about it.
  Ele é capaz de ficar bastante contrariado quando ouvir falar disso.

  Megalomaniac is a word that aptly describes him.
  Megalomaníaco é uma palavra adequada para descrevê-lo.

- *Argue* (v) — não significa **argüir** (que é ***to question***), mas **debater, discutir acaloradamente, defender uma opinião ou um ponto de vista**.

  Don't argue with your boss; he might fire you.
  Não discuta com o chefe; ele pode demiti-lo.

  The lecturer argued that the death penalty was unacceptable under any circumstances.
  O conferencista defendeu a opinião segundo a qual a pena de morte não era admissível em circunstância alguma.

- *Argument* (s) — significa tanto **debate, discussão** ("bate-boca"), como **argumento, opinião, ponto de vista**.

  They had a long argument about the merits and demerits of socialism.
  Eles mantiveram um longo debate sobre os méritos e deméritos do socialismo.

  Her argument is that...
  O ponto de vista dela é que...

- *Arrange* (v) — não tem o sentido popular de **arranjar**, isto é, **conseguir, obter alguma coisa**, podendo, porém, significar **fazer um arranjo musical, de flores** etc. Outro sentido, bastante comum, é **combinar, marcar horário**, sendo normalmente seguido pela preposição ***for***.

He managed to arrange for a meeting with the governor.
Ele conseguiu marcar um encontro com o governador.

- *Assist* (v) — não significa **assistir**, **freqüentar aula**, **ato religioso** (que se expressa por ***attend***), mas **ajudar**, **ser assistente de**.

Dr Castro was assisted by a much younger surgeon.
O dr. Castro teve como assistente um cirurgião muito mais jovem.

- *Assume* (v) — pode significar **assumir**, mas nesse sentido é pouco usado (melhor dizer ***to undertake***, ***to take over***). É mais freqüentemente empregado no sentido de **presumir**, **supor**.

As he didn't come to class, I assumed he was ill (sick).
Já que ele não veio à aula, presumi que estava doente.

- *Attend* (v) — nunca é usado no sentido de **atender** a telefone, porta ou campainha (***to answer*** *the telephone, the door, the door-bell*). ***Attend*** pode significar **freqüentar**, **assistir**, no sentido de estar presente a; e **cuidar**, **atender**.

He attended excellent schools when he was young.
Ele freqüentou escolas excelentes na sua juventude.

She always attends Mass on Sundays.
Ela sempre assiste à missa aos domingos.

The good doctor attended even his poorest patients.
O bondoso médico atendia até mesmo seus pacientes mais pobres.

- *Audience* (s) — pode significar **audiência** no sentido de **encontro**, **recepção** ou **julgamento**, mas na maioria das vezes é empregada no sentido de **público ouvinte ou assistente**, **platéia**.

He had an audience with the Pope.
Ele teve uma audiência com o papa.

Radio station Light FM has a large and faithful audience.
A estação de rádio Light FM tem uma audiência (público ouvinte) grande e fiel.

Was there a large audience for Dr Brown's lecture?
Houve uma grande assistência (platéia) para a palestra do dr. Brown?

- *Bachelor* — além de **bacharel**, tem o sentido de **solteiro, solteirão, celibatário.**

  He is a confirmed bachelor.
  Ele é um solteirão convicto.

- *Balance* (s) — dos diversos sentidos que a palavra tem, o menos usado é o que mais se assemelha ao português — **balança**, instrumento utilizado para pesar (dá-se preferência a ***scales***). ***Balance*** significa também **balanço contábil, balanço comercial; equilíbrio; saldo, resto.**

  He lost his balance and fell.
  Ele perdeu o equilíbrio e caiu.

  Most of our winter stock has been sold; the balance will go on sale at a discount.
  A maior parte do nosso estoque de inverno foi vendida; o saldo será posto em liqüidação com desconto.

- *Bar* — além de **bar** ("boteco") e **barra** (tablete), significa também a **classe dos advogados.**

  The American Bar Association is equivalent to our Ordem dos Advogados do Brasil (OAB).
  O *American Bar Association* é equivalente à nossa Ordem dos Advogados do Brasil (OAB).

  He stopped at his favorite bar and had a drink.
  Ele parou no seu bar preferido e tomou um drinque.

  Johnny asked his mother for a bar of chocolate.
  O Johnny pediu um tablete de chocolate à sua mãe.

She bought several bars of soap.
Ela comprou vários sabonetes.

Observação: ***Soap*** (sabão, sabonete) não tem plural. Para dizer sabonetes, em inglês, somos obrigados a dizer ***bars of soap***.

- *Bargain* — não significa **barganha** (troca), mas **pechincha**, **negócio vantajoso**, **coisa boa e barata**.

  At 10 dollars, this tie is a bargain!
  A 10 dólares, esta gravata é uma pechincha!

- *Beef* — não é **bife**, mas **carne de boi**, genericamente falando.

  Pork costs about the same as beef.
  Carne de porco custa mais ou menos o mesmo que carne de boi.

- *Block* — significa **bloco**, mas também é muito empregado no sentido de **quadra**, **quarteirão**.

  A block of flats...
  Um bloco (conjunto) de apartamentos...

  They live only a few blocks from here.
  Eles moram a apenas algumas quadras daqui.

- *Candor* — não tem o significado de **candura**, **pureza**, mas de **sinceridade**, **franqueza**.

  His candor sometimes makes him sound rude.
  Sua franqueza às vezes faz com que ele pareça grosseiro.

- *Carton* — não significa **cartão** (que se traduz por ***card***), mas **caixa de papelão**, **pacote**.

  There are 10 packs of cigarettes in a carton.
  Há 10 maços de cigarros em um pacote.

The cups and saucers were placed in a (cardboard) carton.
As xícaras e os pires foram colocados em uma caixa de papelão.

- *Casual* — pode significar **casual**, **fortuito**; **ocasional**, **eventual**; ou **informal**.

  a casual meeting — um encontro casual
  casual expenses — despesas ocasionais
  casual clothes — roupa informal

- *Casualty* — nada tem a ver com **casualidade** (que, em inglês, se expressa por ***chance***). Significa **baixa** ou **perda** em guerra ou batalha.

  The allied troops had few casualties.
  As tropas aliadas sofreram poucas perdas.

- *Character* — além de significar **caráter**, designa também **personagem** (de peça teatral, livro); e **pessoa excêntrica**, **original**.

  Who are the main characters in the play?
  Quem são os personagens principais da peça?

  Jack is a real character!
  O Jack é realmente uma "figura"!

- *China* — além de **China**, significa também **porcelana**, quando usado com **c** minúsculo.

  Where did you buy such beautiful china?
  Onde você comprou esta porcelana tão bonita?

- *Cigar* — significa **charuto**, e não **cigarro** (que se traduz por ***cigarette***).

  Some people say that smoking cigars is less harmful than smoking cigarettes.
  Algumas pessoas dizem que fumar charutos é menos prejudicial do que fumar cigarros.

▸▸ *Claim* (v) — não significa **clamar** (que se traduz por ***shout, cry out***), mas **alegar, afirmar; exigir; invocar**.

The attorney claimed that his client had acted in good faith.
O advogado alegou que seu cliente tinha agido de boa-fé.

This matter claims my immediate attention.
Este assunto exige minha atenção imediata.

Feeling that his rights had been violated, he claimed the protection of the law.
Achando que seus direitos haviam sido violados, ele invocou a proteção da lei.

▸▸ *Collar* (s) — não é colar (que se expressa por ***necklace***), mas **colarinho, gola; e coleira**.

He was wearing a shirt with an open collar.
Ele trajava uma camisa de colarinho aberto.

▸▸ *College* — não é **colégio** (que é ***high school***), mas **faculdade**.

Some famous universities have a great many colleges.
Algumas universidades famosas possuem um grande número de faculdades.

▸▸ *Commit* (v) — não só significa **cometer**, mas também **confiar, entregar aos cuidados de; comprometer**.

If he committed a crime, he must pay for it.
Se ele cometeu um crime, deve pagar pelo mesmo.

The little orphan was committed to the care of his uncle and aunt.
O pequeno órfão foi confiado aos cuidados de seus tios.

Although he witnessed the accident, he wouldn't commit himself by talking to the police about it.
Embora tivesse presenciado o acidente, ele não quis se comprometer falando com a polícia sobre o mesmo.

▸▸ *Commodity* — nada tem a ver com **comodidade**; significa **mercadoria, artigo** ou **bem de consumo**.

These commodities are traded on the Chicago Board of Trade.
Estas mercadorias são negociadas na Bolsa de Mercadorias de Chicago.

- ***Comprehensive*** — não significa **compreensivo** (que, em inglês, é ***sympathetic***), mas sim **amplo**, **abrangente**.

  This is a very comprehensive study of tropical fish.
  Este é um estudo muito abrangente sobre peixes tropicais.

- ***Compromise*** — não significa **compromisso**, no sentido de obrigação assumida (que é ***commitment***). Traduz-se e entende-se por **acordo**, **acerto** alcançado através de arbitragem ou concessões mútuas.

  The litigants finally arrived at a compromise.
  Os litigantes chegaram finalmente a um acordo.

- ***Confidence*** — significa tanto **confidência** como **confiança**.

  Ann and Caroline just love to exchange confidences.
  A Ann e a Caroline simplesmente adoram trocar confidências.
  People have lost confidence in politicians.
  As pessoas perderam a confiança nos políticos.

- ***Confirmed*** — além de **confirmado**, significa **incorrigível**, **inveterado**.

  a confirmed drunkard — um beberrão inveterado
  a confirmed liar — um mentiroso incorrigível

- ***Consistent*** — não significa **consistente**, no sentido de **sólido** (traduz-se por ***solid***), mas **coerente**, **constante**.

  He's very consistent in his opinions.
  Ele é muito coerente em suas opiniões.

- ***Contemplate*** — significa **contemplar**, embora, nesse sentido, seja pouco usado no inglês do dia-a-dia. É mais empregado no sentido de **prever** ou **tencionar**.

He contemplates going back to his homeland.
Ele tenciona retornar à terra natal.

- *Content* — como adjetivo (acento na última sílaba), significa **contente**, **satisfeito**; como substantivo (acento na primeira sílaba), significa **conteúdo**.

  She's quite content with the salary she earns.
  Ela está bastante satisfeita com o salário que ganha.

  I have no idea what the content of this bottle is.
  Não faço idéia de qual seja o conteúdo desta garrafa.

- *Convict* — não significa **convicto**, **convencido** (que é ***convinced***), mas **réu convicto**, **condenado** ou **prisioneiro**.

  One of the convicts planned the escape.
  Um dos prisioneiros planejou a fuga.

- *Cord* — não significa **corda** (que se traduz por ***rope***), mas cordão, inclusive **cordão umbilical** (*umbilical cord*). Usa-se também para designar a **medula espinhal** (*spinal cord*) e **fios** que ligam aparelhos elétricos a uma tomada.

  She broke her spinal cord in a car accident.
  Ela quebrou a medula espinhal em um acidente de carro.

- *Costume* — não tem o sentido de **costume**, **hábito** (que se expressa por ***custom***, ***habit***), mas **trajes usados no palco** e **fantasia**.

  A great deal of money is spent on carnival costumes.
  Gasta-se muito dinheiro em fantasias de carnaval.

- *Data* — não significa **data** (que é traduzido por ***date***), mas **dados** no sentido de fatos, informações. Daí o termo **processamento de dados** (*data processing*). Por se tratar de uma palavra latina no plural (sin-

gular = ***datum***), a concordância verbal também deveria ser feita no plural.

The data are processed by a computer.
Os dados são processados por um computador.

No entanto, inclusive em textos técnicos, é comum a construção com o verbo no singular.

*The data **is** processed...*
Os dados **são** processados...

*The data **was** collected...*
Os dados **foram** coletados...

- ***Date*** — além de significar **tâmara**, é também empregado no sentido de **encontro marcado, compromisso**.

  Do you have a date tonight?
  Você tem compromisso hoje à noite?

- ***Deception*** — não é **decepção** (que se expressa por ***disappointment***), mas **ilusão, engano, ardil**.

  Spies often practise deception to achieve their aims.
  Os espiões muitas vezes se valem de ardis para atingir seus objetivos.

- ***Defendant*** — não tem nada a ver com **defensor** (que é ***defender***), mas significa **réu**.

  The evidence against the defendant was irrefutable.
  As provas contra o réu eram irrefutáveis.

- ***Demand*** — não deve ser entendida no sentido de **demanda, ação judicial** (que é ***lawsuit***). ***Demand*** geralmente é empregada no sentido de **procura; exigência, reivindicação**.

  The law of supply and demand...
  A lei de oferta e procura...

Not all the workers' demands are reasonable.
Nem todas as exigências dos trabalhadores são razoáveis.

- *Destination/Destiny* — embora ambas as palavras sejam traduzidas por **destino**, em inglês têm sentidos bem diferentes.

  - *Destination* — **destino**, no sentido de **lugar** aonde alguém ou alguma coisa deve chegar.

    What's your destination, Miami or New York?
    Qual é o seu destino, Miami ou Nova Iorque?

  - *Destiny* — cujo sinônimo, mais freqüentemente usado, é ***fate***, significa **destino** no sentido de **sorte, sina**.

    She says that her destiny is to suffer.
    Ela diz que seu destino é sofrer.

- *Discuss* (v) — não significa **discutir**, no sentido de envolver-se em uma altercação ou desentendimento com alguém (que se expressa por ***argue***), mas **discutir** no sentido de **debater, trocar idéias** ou, simplesmente, **conversar**.

  Let's discuss this matter tomorrow.
  Vamos discutir (conversar sobre) este assunto amanhã.

  Vale salientar que ***discuss***, em inglês, é um verbo transitivo direto. Portanto, nunca se diz ***discuss about***. Daí dizermos:

  Let's discuss this matter later.
  nunca ▶▶ *Let's discuss about this matter later.*

- *Discussion* (s) — também não tem o sentido de **desavença, desentendimento**, mas de **debate, troca de idéias**.

  The law is being discussed by Congress.
  A lei está sendo discutida pelo Congresso.

- *Disgrace* — não tem o sentido de **desgraça**, **infelicidade**, mas de **vergonha**, **humilhação**.

  Graffiti-covered buildings are a disgrace to the city!
  Prédios pichados são uma vergonha para a cidade!

- *Disgust* — não significa **desgosto** (que se expressa por ***sadness, grief***), mas **aversão**, **nojo**.

  She couldn't hide her disgust at the sight of the filthy room.
  Ela não pôde esconder o nojo ao ver o quarto imundo.

- *Domestic* — como em português, significa **doméstico** no sentido de referente ao lar, à casa em que se reside, assim como ao próprio país em oposição a **estrangeiro**.

  domestic animals — animais domésticos
  domestic flight — vôo doméstico
  domestic trade — comércio interno (de dentro do país)
  domestic policy — política interna

  É bom lembrar que, no sentido de **referente ao lar**, também é bastante usado ***household***, um substantivo que freqüentemente tem função de adjetivo.

  household chores — tarefas caseiras (domésticas)
  household appliances — aparelhos (eletro)domésticos

  He is the head of the household.
  Ele é o cabeça (chefe) da família (do lar).

- *Drug* — além de significar **droga**, **alucinógeno**, tem também o sentido de **remédio**. Daí a tão comum ***drugstore*** (farmácia), que antigamente era o lugar onde se compravam remédios e se aviavam receitas, e hoje passou a ser uma loja onde, além de remédios, compra-se uma série de outros artigos, inclusive guloseimas.

  The drug he needs is very difficult to find.
  O remédio de que ele precisa é difícil de encontrar.

E

- *Edit* — pode significar **editar** (que, na maioria das vezes, se expressa por ***publish***), mas geralmente é empregado no sentido de **revisar**, **preparar para publicação**.

  He's an expert at editing.
  Ele é especialista em revisar textos para publicação.

- *Education* — significa **educação** no sentido de **instrução**, **formação acadêmica**, nunca no sentido de **boas maneiras**, **cortesia** (que se expressa por ***politeness***, ***good manners***).

  Today, a scientific education is more highly prized than a humanistic one.
  Hoje em dia, dá-se mais valor a uma formação científica do que a uma formação humanística.

- *Effective* — não quer dizer **efetivo**, mas **eficaz**, **que produz efeito**.

  The government should take effective measures to eradicate illiteracy.
  O governo deveria tomar medidas eficazes para erradicar o analfabetismo.

- *Elaborate* — não é **elaborar** (que se expressa por ***develop***, ***prepare***). Como verbo, significa **descrever** ou **explicar detalhadamente**; como adjetivo, significa **esmerado**, **feito com capricho**.

  He elaborated on the theme.
  Ele explicou detalhadamente o tópico.

  She was complimented on the elaborate decoration.
  Elogiaram-na pela decoração esmerada.

- *Enroll* — nada tem a ver com **enrolar** (que é ***to roll up***), mas significa **matricular-se**, **inscrever-se**.

  Have you enrolled for the course on Chinese cooking?
  Você se matriculou no curso sobre cozinha chinesa?

- *Estate* — não significa **estado** (que se expressa por ***state***), mas **bens, patrimônio**.

  When Mr Carter died, he left a large estate.
  Quando o sr. Carter morreu, deixou muitos bens.

- *Eventually* — não deve ser entendido como **eventualmente, casualmente** (que é ***accidentally***), mas como **finalmente**.

  Eventually, all the stolen paintings were recovered by the police.
  Finalmente, todos os quadros roubados foram recuperados pela polícia.

- *Evidence* — é mais usado no sentido de **prova, indício**, do que de **evidência**. Convém lembrar que ***evidence*** não tem plural, embora em português se diga **provas, indícios**.

  The evidence showed that it had been murder, not suicide.
  As provas indicavam que havia sido assassinato, não suicídio.

- *Exhaustive* — não significa **cansativo**, algo que deixa alguém exausto, mas **aprofundado, detalhado, minucioso**.

  It was an exhaustive research.
  Foi uma pesquisa minuciosa (aprofundada).

- *Exit* — nada tem a ver com **êxito, sucesso**. Significa **saída**.

  He stepped out of the subway car and headed for the exit.
  Ele saiu do vagão do metrô e rumou para a saída.

- *Expert* — não significa **esperto**, mas **perito, especialista**.

  You don't have to be an expert to operate this machine.
  Você não precisa ser um perito para operar esta máquina.

- *Exquisite* — não tem o sentido de **esquisito, estranho** (que, em inglês, se expressa por ***odd, strange***), mas de **aprimorado, fino, *sui generis*, requintado**.

an exquisite flavor — um sabor *sui generis*
an exquisite style — um estilo aprimorado
an exquisite pleasure — um prazer diferente e intenso

- *Fabric* — não significa **fábrica** (que se traduz por ***factory***, ***plant***), mas **tecido** ou, em certos contextos, **estrutura**.

  fine cotton fabric — tecido de algodão de boa qualidade
  our social fabric — nossa estrutura social

- *Figure* — além de **figura**, **forma**, é uma palavra muito usada no sentido de **algarismo**, **número**, **dado numérico**.

  These are very impressive figures.
  Estes são números (dados) muito impressionantes.

  A good skater can make a figure eight on the ice.
  Um bom patinador consegue fazer um (número) oito sobre o gelo.

- *Fix* (v) — além de **fixar**, tem outros sentidos, entre os quais salientamos: **consertar**; **preparar**; **determinar**, **combinar antecipadamente** (geralmente o resultado de um jogo ou competição).

  He fixed his eyes on me.
  Ele fixou os olhos em mim.

  The mechanic is going to fix my car.
  O mecânico vai consertar meu carro.

  Can you fix me a sandwich?
  Você pode preparar um sanduíche para mim?

  They've fixed the date for the wedding.
  Eles determinaram a data do casamento.

  I'm sure the game was fixed!
  Tenho certeza de que houve "marmelada" no jogo!

- *Fortune* — pode significar **fortuna**, mas também tem o sentido de **sorte, destino**.

  He made a fortune in the stock market.
  Ele ganhou uma fortuna no mercado de ações.

  Do you believe in fortune tellers?
  Você acredita em cartomantes (pessoas que lêem a sorte)?

  She had the good fortune of marrying a man like Mário.
  Ela teve a sorte de casar-se com um homem como o Mário.

- *Gracious* — não significa **gracioso, graciosa** (que se traduz por ***graceful***), mas **bondoso, amável**.

  Mary is a graceful dancer.
  A Mary é uma bailarina graciosa.

  Mary's mother is a very gracious hostess.
  A mãe da Mary é uma anfitriã muito amável.

- *Grand* — não quer dizer **grande** em tamanho ou volume (que se expressa por ***big, large***), mas **grandioso, maravilhoso, magnífico**.

  The Grand Canyon is really a grand sight.
  O Grand Canyon é realmente um espetáculo grandioso.

  It was a grand opportunity and I missed it!
  Foi uma oportunidade maravilhosa, e eu a deixei escapar!

- *Gratify* — não significa **gratificar**, no sentido de **dar gratificação** ou **gorjeta**, mas de **agradar, contentar**.

  We were gratified to learn that you had been promoted.
  Ficamos contentes em saber que você havia sido promovido.

Observação: ***Gratifying*** pode ser traduzido por **gratificante**.

It was a very gratifying experience.
Foi uma experiência muito gratificante.

- *Gross* — não significa **grosso**, antônimo de **fino** (que, em inglês, se traduz por ***thick***), mas sim **crasso**, **flagrante**, **gritante**; **bruto**, **total** (sem deduções); **grosseiro**, **vulgar**.

  a gross mistake — um erro crasso
  a gross exaggeration — um exagero gritante
  grossly exaggerated — gritantemente exagerado
  gross weight — peso bruto
  gross (rude) behavior — comportamento grosseiro
  gross (rude) words — palavras grosseiras

- *Ignore* — não significa **ignorar** no sentido de **desconhecer** (que se expressa por ***not to know***), mas **ignorar** no sentido de **não tomar conhecimento**.

  I simply ignored his rude behavior.
  Simplesmente ignorei (não tomei conhecimento de) seu comportamento grosseiro.

- *Inaugurate* (v) — pode ser usado no sentido de **inaugurar**, mas significa também **empossar** (em cargo ou função).

  The new hospital was inaugurated yesterday.
  O novo hospital foi inaugurado ontem.

  The President of the USA is inaugurated in the morning of January 20th, and at night the traditional Inaugural Balls are held.
  O presidente dos EUA é empossado no dia 20 de janeiro e, à noite, realizam-se os tradicionais Bailes da Posse.

- *Inauguration* (s) — significa **inauguração**, mas também **posse**.

  Were you present at the governor's inauguration?
  Você esteve presente à posse do governador?

- *Individual* — como adjetivo significa **individual**, **separado**, **distinto**; como substantivo, significa **indivíduo**.

They booked individual rooms at the hotel.
Eles reservaram quartos separados no hotel.

In a democratic society, the rights of the individual are sacred.
Em uma sociedade democrática, os direitos do indivíduo são sagrados.

- *Infant* — como substantivo, na linguagem formal e escrita, significa **bebê**, **infante**, sendo freqüentemente empregado como qualificativo (**infantil**).

  infant mortality — mortalidade infantil

- *Ingenious/Ingenuous* — deve-se ter o cuidado de não confundir essas duas palavras.

  - *Ingenious* — significa **hábil**, **engenhoso**.
    an ingenious mind — uma mente engenhosa, criativa

  - *Ingenuous* — significa **ingênuo**, **inocente**.
    an ingenuous smile — um sorriso inocente

  Observe, porém, que o substantivo ***ingenuity*** pode significar tanto **engenhosidade**, **habilidade**, como **ingenuidade**. Entretanto, convém salientar que muitos *native speakers* dão preferência às palavras francesas ***naïve*** (ingênuo) e ***naïveté*** (ingenuidade).

  Don't be so naïve!
  Não seja tão ingênuo!

  It takes a lot of ingenuity to solve such complex problems.
  É preciso muita habilidade para solucionar problemas tão complexos.

- *Injury* — não significa **injúria**, **ofensa**, mas **dano**, principalmente **ferimento**.

  He died from injuries suffered in a car crash.
  Ele morreu de ferimentos sofridos num desastre de carro.

- *Instance* — não é **instância**, mas **exemplo**.

  for instance — por exemplo

- *Intend* — não significa **entender** (que é ***understand***), mas **tencionar, pretender**.

  What does he intend to do after he graduates?
  O que ele pretende fazer depois que se formar?

- *Interest* — além de **interesse**, significa **juros**. No sentido de **juros**, ***interest*** não vai para o plural.

  That bank charges high interest rates.
  Aquele banco cobra taxas de juros altas.

- *Intrigue* (v) — além de **intrigar**, tem o sentido de **despertar curiosidade, interesse** ou, ainda, **deixar perplexo**.

  This puzzle really intrigues me.
  Este quebra-cabeça realmente me deixa curioso.

  John's attitude intrigues me.
  A atitude do John me deixa perplexo.

- *Intriguing* (adj) — além de **intrigante**, significa também **curioso, interessante**.

  This puzzle is really intriguing.
  Este quebra-cabeça realmente desperta a curiosidade da gente.

- *Introduce* — significa não apenas **introduzir**, mas também **apresentar uma pessoa a outra**.

  A new subject has been introduced into our course.
  Uma nova matéria foi introduzida em nosso curso.

  I'd like to introduce my friend Tony to you.
  Gostaria de apresentar-lhe meu amigo Tony.

- *Item* — além de **item** (em uma lista ou relação), significa **artigo, mercadoria, unidade**.

  These are fairly expensive items.
  Estes são artigos um tanto caros.

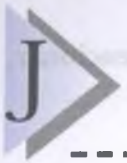

- *Journal* — normalmente não é palavra empregada para designar **jornal** (que se diz ***newspaper***), em que pese uma famosa exceção: *The Wall Street Journal*, um dos jornais mais conhecidos do mundo. O sentido normal de ***journal*** é **periódico, revista especializada**.

  The New England Journal of Medicine
  International Journal of Psychoanalysis

- *Large* — não significa **largo** (que se expressa por ***wide***), mas **grande, amplo**.

  A man with a large family needs a large house.
  Um homem com uma família grande precisa de uma casa grande.

- *Lecture* — não quer dizer **leitura** (que se expressa por ***reading***), mas **palestra, conferência**.

  Did you enjoy Professor Brown's lecture on the British monarchy?
  Você gostou da conferência do professor Brown sobre a monarquia britânica?

- *Library* — não é **livraria** (que se traduz por ***bookstore***), mas **biblioteca**.

  This book must be returned to the school library by tomorrow.
  Este livro tem que ser devolvido à biblioteca da escola até amanhã.

- *Liquor* — é usado para designar **bebidas alcoólicas** em geral, não significando **licor**, bebida alcoólica açucarada, para a qual se usa a palavra francesa ***liqueur***.

One shouldn't drive under the influence of liquor.
Não se deve dirigir sob a influência do álcool.

- *Lunch* — não é **lanche, refeição leve**, mas **almoço**.

She usually takes a nap after lunch.
Ela geralmente tira uma soneca depois do almoço.

- *Luxury* — nada tem a ver com **luxúria** (que é ***lasciviousness, lewdness***). Significa **luxo, suntuosidade**.

Sorry, but this is a luxury I can't afford.
Desculpe, mas esse é um luxo que está além de minhas posses.

M

- *Magazine* — não significa **loja** (que se diz ***shop*** ou ***store***), mas **revista**.

Sometimes I like to page through old magazines.
Às vezes gosto de folhear revistas antigas.

- *Major* — significa **major** (patente militar), mas não é **maior** (comparativo de **grande**). Emprega-se freqüentemente no sentido de **importante, de vulto**.

the state's major cities — as principais cidades do estado
major repairs — consertos de vulto
Chesterton's major works — as principais obras de Chesterton
Brazil's major exports — os principais produtos exportados pelo Brasil

- *Manifest* — como verbo e substantivo, tem os mesmos sentidos que o português: **manifestar** e **manifesto**. Como adjetivo, porém, tem o sentido de **claro, patente, óbvio**.

It became manifest that his intentions were quite different from his words.
Ficou patente que suas intenções eram bem diferentes de suas palavras.

- *Master* — como substantivo, além de **mestre**, tem o sentido de **chefe**, **senhor**, **patrão**. Como verbo, tem o sentido de **dominar** um esporte, um idioma, uma matéria etc.

  He has master's degree in economics.
  Ele tem grau de mestre (mestrado) em economia.

  "The servant is not above his master." (frase bíblica)
  "O servo não está acima de seu senhor."

  He mastered Russian in less than a year.
  Ele dominou o (idioma) russo em menos de um ano.

- *Matter* — significa **matéria** em oposição a **mente** ou **espírito**. Além disso, ***matter*** significa **assunto**, **problema**.

  mind over matter — a mente (o espírito) acima da matéria

  These matters don't concern her.
  Estes assuntos não dizem respeito a ela.

  What's the matter with you? You look pale.
  O que é que há com você? Você está pálido.

- *Medicine* — além de significar **medicina** (sentido em que ***medical science*** também é muito usado), significa também **remédio**, **medicamento**.

  Take this medicine; you'll soon feel better.
  Tome este remédio; logo você se sentirá melhor.

- *Memory* — além de **memória**, no plural (***memories***) é empregado no sentido de **lembranças**, **recordações**.

  She has a fantastic memory for numbers.
  Ela tem uma memória fantástica para números.

  I have fond memories of my childhood days.
  Tenho agradáveis recordações dos dias da minha infância.

- *Minor* — tecnicamente tem o sentido de **menor**, mas a palavra é mais freqüentemente empregada no sentido de **pequeno**, **leve**, **sem importância** ou **de pouca importância**.

He suffered only minor injuries.
Ele sofreu apenas ferimentos leves.

These are minor details; we can discuss them later.
Estes são detalhes de pouca (menor) importância; podemos tratar deles depois.

- *Miserable* — não significa **miserável** no sentido de **deserdado da sorte** nem tampouco de **avaro, mesquinho**. O termo é usado no sentido de **triste, muito indisposto, péssimo**.

This cold makes me feel miserable.
Este resfriado me deixa extremamente indisposto.

The weather has been miserable lately.
O tempo tem estado péssimo ultimamente.

N

- *Notice* — não significa **notícia** (que é ***news***). Como substantivo, significa **aviso, comunicação, aviso prévio**; como verbo, significa **notar, perceber**.

The teacher wrote a notice on the chalk-board.
A professora escreveu um aviso no quadro-de-giz.

Tom's boss gave him a month's notice.
O patrão do Tom deu-lhe um mês de aviso prévio.

She had been crying, but nobody noticed it.
Ela tinha estado chorando, mas ninguém percebeu.

- *Novel* — não é **novela** (a que, nos EUA, popularmente se dá o nome de ***soap opera***), mas **romance**.

Have you read Jorge Amado's latest novel?
Você leu o último romance de Jorge Amado?

- *Office* — não é **ofício** (que se expressa por ***trade***, ***occupation***), mas **escritório** ou **consultório**, sendo empregado também no sentido de **cargo** ou **função** (geralmente em serviço público).

  IBM has a large office in that building.
  A IBM tem um escritório grande naquele prédio.

  Do you know if the doctor is in his office?
  Você sabe se o médico está no consultório?

  He held a high office in the Reagan administration.
  Ele ocupou um alto cargo na administração do presidente Reagan.

- *Official* — como adjetivo, significa **oficial** e, como substantivo, significa **funcionário**, não podendo ser empregado no sentido de **oficial militar** (que é ***officer***).

  official papers — documentos oficiais

  He met with some high government officials when he was in Brasília.
  Ele manteve contato com alguns altos funcionários do governo quando esteve em Brasília.

- *Operator* — além de **operador** (de equipamento), tem o sentido de **telefonista** que atende em uma central telefônica.

  To make an international call, sometimes one has to ask for the operator's help.
  Para fazer uma ligação internacional, às vezes é necessário pedir o auxílio da telefonista.

- *Order* — além de **ordem** (s) e **ordenar** (v), significa **encomenda**, **pedido**, e **encomendar** ou **fazer pedido em restaurante**.

  Our company has received an order for 200 machines.
  Nossa empresa recebeu um pedido de 200 máquinas.

The manager has ordered three new computers.
O gerente encomendou três computadores novos.

"Have you ordered yet?", the waiter asked.
"O senhor já fez seu pedido?", perguntou o garçom.

- *Ordinary* — nada tem a ver com **ordinário, vulgar, de baixa qualidade**. Significa **comum, normal**.

Tomorrow isn't a holiday; just an ordinary workday.
Amanhã não é feriado; apenas um dia de trabalho normal.

- *Paper* — além de **papel**, significa **jornal** (abreviação de ***newspaper***); **ensaio, dissertação; trabalho** (escolar).

The Financial Times *is a highly respected paper.*
O *Financial Times* é um jornal que goza de alto conceito.

John submitted an excellent paper on endangered animal species.
O John apresentou um excelente trabalho sobre espécies de animais em extinção.

- *Parent* — não significa **parente** (que é ***relative***), mas **pai** ou **mãe, pais; tronco, origem, matriz**.

His parents live in Campinas.
Os pais dele moram em Campinas.

Mark used to be a department head at our parent company, but now he's director of one of our foreign branches.
O Mark era chefe de departarnento em nossa matriz, mas atualmente ele é diretor de uma de nossas filiais estrangeiras.

- *Park* — além de **parque** (s), significa **estacionar** (v).

Whenever she takes the children to the park, she parks the car in a nearby street.
Sempre que ela leva as crianças ao parque, estaciona o carro em uma rua nas proximidades.

▸▸ *Patron* — não significa **patrão** (que se traduz por ***boss, employer***), mas **santo(a); padroeiro(a); patrocinador** (das artes); **freguês, cliente**.

Saint Sebastian is the patron saint of Rio de Janeiro.
São Sebastião é o padroeiro do Rio de Janeiro.

He's a well known patron of the arts.
Ele é um conhecido patrocinador das artes.

Mrs Baker is one of the best patrons of our boutique.
A sra. Baker é uma das melhores freguesas da nossa butique.

▸▸ *Period* — além de **período** de tempo, significa **ponto final**, tanto no sentido literal quanto no figurativo.

John Paul I was Pope for a very short period of time.
João Paulo I foi Papa durante um período de tempo muito breve.

A sentence usually ends with a period.
Uma frase geralmente termina com um ponto final.

Let's put a period to this silly argument!
Vamos pôr um ponto final nesta discussão sem pé nem cabeça!

▸▸ *Petrol* — não é **petróleo**, mas **gasolina**, no inglês britânico. **Petróleo** é ***petroleum*** (técnico) ou ***oil*** (popular e jornalístico), sendo este último empregado também para designar **óleo para motores**. Quanto a **óleo de cozinha** ou **de mesa**, diz-se ***cooking oil*** ou ***salad oil***, dependendo da finalidade a que o óleo se destina.

There is a petrol station on the next corner.
Há um posto de gasolina na próxima esquina.

▸▸ *Phrase* — não significa **frase** (que se expressa por ***sentence***), mas **locução** (frase de sentido incompleto, por exemplo, ***adverbial phrase***); **expressão consagrada, dito**.

"Better late than never" is a phrase we often use.
"Antes tarde do que nunca" é uma expressão que usamos freqüentemente.

- *Physics/Physicist/Physician* — são três palavras que requerem um cuidado especial para não serem confundidas. ***Physics*** significa **física** (ciência); ***physicist*** é **físico** (cientista), e ***physician*** é **médico**.

  Not many people enjoy studying physics.
  Não são muitas as pessoas que gostam de estudar física.

  Einstein was a renowned physicist.
  Einstein foi um físico renomado.

  What did the physician prescribe for your arthritis?
  O que o médico receitou para a tua artrite?

- *Plant* — não é **planta** no sentido de **projeto arquitetônico** (que se expressa por ***plans***), nem de **planta do pé** (que é ***sole of one's foot***), mas **planta** no sentido de vegetal ou, ainda, **fábrica**, **unidade fabril**.

  The Amazon forest is rich in medicinal plants.
  A floresta amazônica é rica em plantas medicinais.

  A multinational company is putting up a new plant in our town.
  Uma empresa multinacional está construindo uma nova fábrica em nossa cidade.

- *Point* — como verbo, significa **apontar**, **indicar** e, como substantivo, é **ponto** ou **ponta**. Entretanto, a palavra ***point*** é muito empregada em sentido idiomático, conforme mostram os exemplos.

  to point to something — apontar para alguma coisa
  at this point — neste ponto
  the point of a needle — a ponta de uma agulha

  I'm afraid you've missed the point.
  Sinto muito, mas acho que você não entendeu.

  Let's go straight to the point.
  Vamos direto ao assunto.

  There's no point in trying to fool him.
  Não adianta tentar enganá-lo.

  I don't see your point.
  Não percebo aonde você quer chegar.

Sorry, but your argument is not to the point.
Sinto muito, mas seu argumento não vem ao caso.

Speaking of bribery, here is a case in point.
Falando em suborno, aqui está um exemplo que vem a calhar.

- ***Police/Policy/Politics*** — são três palavras que merecem atenção especial.

  - ***Police*** — é **polícia**.

    The kidnappers were arrested by the police.
    Os seqüestradores foram presos pela polícia.

  - ***Policy*** — é **política** no sentido de **norma, programa de ação**, e também **apólice** (de seguro).

    This is against company policy.
    Isto é contra a política da empresa.

    The secretary filled out the insurance policy.
    A secretária preencheu a apólice de seguro.

  - ***Politics*** — é **política** no sentido de **política partidária**.

    Some people just love to talk about politics.
    Certas pessoas simplesmente adoram falar sobre política.

  Observação: Político, pessoa que faz política, é ***politician***.

    He's a born politician!
    Ele é um político nato!

- ***Pork*** — não significa **porco** (que se expressa por ***pig*** ou, genericamente, por ***swine***), mas **carne de porco**.

  My doctor advised me not to eat pork.
  Meu médico aconselhou-me a não comer carne de porco.

- ***Prejudice*** — é empregado no sentido de **prejuízo** ou **detrimento** apenas na linguagem jurídica. Normalmente tem o sentido de **preconceito**.

Racial prejudice is condemned by the law.
O preconceito racial é condenado pela lei.

- *Presently* — não significa **presentemente** nem **atualmente** (que se expressa por ***at present, now, today***), mas **logo mais, dentro em breve**.

  The bus will arrive presently.
  O ônibus chegará logo mais.

- *Pretend* (v) — não tem o sentido de **pretender**, **tencionar** (que é ***intend***), mas de **fingir**, **fazer de conta**.

  He pretended to be sleeping.
  Ele fingiu estar dormindo.

- *Primary* — além de **primário**, significa principal, fundamental e, nesse sentido, é empregado com maior freqüência.

  primary school — escola primária

  This is of primary importance to all of us.
  Isto é de importância fundamental para todos nós.

- *Principal* — como adjetivo, significa **principal**, mas, como substantivo, é empregado para designar o **diretor** ou a **diretora** de uma escola.

  The principal held a meeting with all the teachers.
  O diretor realizou uma reunião com todos os professores.

- *Private* — além de **privado**, na maioria dos casos deve ser entendido como **particular**.

  private business — negócio particular
  private property — propriedade particular
  private school — escola particular
  private reasons — motivos de ordem particular
  private enterprise — iniciativa privada

- *Proper* — normalmente não significa **próprio** (que se expressa por ***own***), mas **adequado, apropriado; decente, educado; propriamente dito.**

  This is not the proper word.
  Esta não é a palavra adequada.

  Susie's very proper behaviour impressed everyone.
  O comportamento muito educado da Susie impressionou a todos.

  Russia proper...
  A Rússia propriamente dita...

- *Propitiate* — nada tem a ver com **propiciar, proporcionar** (que se traduz por ***give, provide, afford***). Significa **aplacar, apaziguar, conciliar.**

  The Romans used to make offerings in order to propitiate their gods.
  Os romanos costumavam fazer oferendas para aplacar seus deuses.

- *Prospect* — nada tem a ver com **prospecto, programa**. O significado da palavra é **perspectiva.**

  His new job afforded bright prospects for his career.
  Seu novo emprego abriu ótimas perspectivas para sua carreira.

- *Provision* — além de significar **provisão**, no sentido de **abastecimento** (geralmente no plural, ***provisions***), é palavra empregada também para designar: **cláusula, dispositivo** (na linguagem contratual, jurídica) e **providências, medidas.**

  Before you go camping, make sure you have all the provisions.
  Antes de ir acampar, certifique-se de que tem todas as provisões.

  She read carefully all the provisions of the contract.
  Ela leu cuidadosamente todas as cláusulas do contrato.

  Have you made all the provisions for your stay in Miami?
  Você tomou todas as providências para sua estada em Miami?

- *Push* — não tem nada a ver com **puxar** (que é ***pull***), mas significa **empurrar, pressionar** (chave, botão).

Jane was pushing a baby carriage along the sidewalk.
A Jane estava empurrando um carrinho de bebê ao longo da calçada.

Don't push, pull!
Não empurre, puxe!

To turn on the machine, just push this button.
Para ligar a máquina, basta pressionar este botão.

- *Question* — além de **questão**, é palavra muito empregada no sentido de **pergunta** e **dúvida**.

  "To be or not to be, that is the question!"
  "Ser ou não ser, eis a questão!"

  "Any questions?", asked the lecturer.
  "Alguma pergunta?", indagou o conferencista.

  There's no question about it.
  Não há dúvida quanto a isso.

- *Quiet* — além de **quieto**, é uma palavra passível de diversas traduções.

  Keep quiet!
  Fique quieto!

  a quiet street — uma rua sossegada, com pouco movimento
  a quiet life — uma vida tranqüila, sem agitações
  a quiet sea — um mar calmo
  a quiet man — um homem reservado

- *Realize* — embora possa significar **realizar**, **concretizar** (planos, aspirações), é mais comumente usado no sentido de **perceber**, **compreender**.

Suddenly we realized that we had taken the wrong road.
Subitamente percebemos que havíamos pegado a estrada errada.

- *Recipient* — não significa **recipiente**, no sentido de **vaso** ou **vasilha** que recebe algum produto (que se traduz por ***receptacle*** ou ***container***), mas **recebedor, beneficiário**.

  All pension recipients must be registered with the INSS.
  Todos os que recebem pensão devem estar registrados junto ao INSS.

- *Record* — como verbo, não significa **recordar** (que se expressa por ***recall***, ***remember***), mas **registrar**; **gravar**. Como substantivo, significa **recorde** quando se trata de **feito** ou **proeza** (principalmente, mas não exclusivamente, **esportiva**) nunca realizada antes. Além disso, significa também **disco**; **assentamento, registro**.

  The inspector recorded everything he saw.
  O inspetor registrou tudo o que viu.

  Would you like to have your name in the Guinness Book of Records*?*
  Você gostaria de ter o seu nome no *Livro de Recordes de Guinness?*

  The Beatles recorded this song in 1965.
  Os Beatles gravaram esta música em 1965.

  Would you like to hear the record I've just bought?
  Você gostaria de ouvir o disco que acabei de comprar?

  His name is not on our records.
  O nome dele não consta nos nossos registros.

- *Relative* — como adjetivo, significa **relativo**. Como substantivo, porém, significa **parente**.

  Most of her relatives live in Fortaleza.
  A maioria dos parentes dela mora em Fortaleza.

- *Remark* — nada tem a ver com **remarcar** (marcar novamente), significando **notar**, **observar**, **comentar**.

  Did you remark how nervous she looked?
  Você notou como ela parecia estar nervosa?

"What a quiet street!", he remarked.
"Que rua sossegada!", ele observou.

- *Report* — como substantivo, é **informação** ou **relatório**. Como verbo, porém, significa: **relatar**; **apresentar-se**; **dar parte**, **comunicar**.

This report must be finished by tonight.
Este relatório tem que estar concluído até hoje à noite.

I reported only what I actually saw.
Relatei apenas o que realmente vi.

When you have finished this task, report yourself to the supervisor.
Quando você tiver terminado esta tarefa, apresente-se ao supervisor.

Why didn't you report the burglary to the police?
Por que você não comunicou o roubo à polícia?

- *Requirement* — não é **requerimento** (que se expressa por ***request***, ***application***), mas **requisito**.

If he meets all the requirements, he'll get the job.
Se ele satisfizer todos os requisitos, conseguirá o emprego.

- *Resign* — embora signifique **resignar-se**, **conformar-se** (a forma reflexiva é opcional em inglês), pode ser empregado também como **demitir-se**, **renunciar**.

Fernando Collor resigned from the presidency of Brazil on December 29th, 1992.
Fernando Collor renunciou à presidência do Brasil no dia 29 de dezembro de 1992.

She has never resigned (herself) to her husband's premature death.
Ela nunca se resignou à morte prematura de seu marido.

- *Rest* — além de **resto**, significa também **descanso**; **morte**.

Keep only the fresh vegetables; the rest you may throw away.
Guarde apenas os legumes frescos; o resto você pode jogar fora.

You look tired; why don't you take a rest?
Você parece cansado; por que não vai descansar (não tira uma folga)?

She suffered a great deal before she passed away, but now she's at rest.
Ela sofreu muito antes de morrer, mas agora descansou (morreu).

- ***Resume*** — nada tem a ver com **resumir** (que é ***sum up, summarize***). Significa **retomar, dar prosseguimento**.

After a few hours' interruption, the work was resumed.
Depois de uma interrupção de algumas horas, o trabalho foi retomado.

Let's resume this discussion after the coffee-break, shall we?
Vamos dar prosseguimento a esse debate depois da pausa para o cafezinho, OK?

- ***Retire*** — não significa **retirar, excluir** (que é ***remove, exclude***), mas **recolher-se, ir dormir; aposentar-se**.

As he didn't feel well, he retired earlier than usual.
Como não estivesse se sentindo bem, ele foi deitar mais cedo do que de costume.

My uncle intends to retire next year.
Meu tio pretende aposentar-se no ano que vem.

- ***Romance*** — não significa **romance** (que é ***novel***), mas **namoro, romantismo**.

She loves songs that speak of love and romance.
Ela adora músicas (canções) que falam de amor e romantismo.

- ***Rumor*** — não significa **rumor** no sentido de **ruído** (que é ***noise***), mas no sentido de **boato**.

Some people just love to spread rumors.
Certas pessoas simplesmente adoram espalhar boatos.

- *Save* — além de **salvar**, significa **poupar, economizar**.

  In periods of drought, people do their best to save water.
  Em épocas de seca, as pessoas fazem o possível para poupar água.

  She's saving money for a trip to Europe.
  Ela está economizando dinheiro para uma viagem à Europa.

- *Scholar* — não significa **escolar**, mas **pessoa erudita**, profundamente versada em determinado assunto.

  Latin and Greek scholars are hard to find nowadays.
  Pessoas profundamente versadas em latim e grego são difíceis de encontrar hoje em dia.

- *Sensible* — **não é sensível** (que se traduz por ***sensitive***), mas **sensato, equilibrado**.

  He's a very sensible person.
  Ele é uma pessoa muito sensata.

  That was a sensible thing to do.
  Essa foi uma maneira sensata de agir.

Entretanto, ***sensible*** pode ser traduzido por **sensível** em casos nos quais a palavra é empregada em seu sentido etimológico, ou seja, **que pode ser sentido, percebido**, como sinônimo de **perceptível**.

a sensible rise in the temperature
uma sensível (perceptível) elevação da temperatura

a sensible increase in prices
um aumento sensível (perceptível) nos preços

a sensible difference
uma diferença sensível (perceptível)

- *Soda* — não tem sentido restrito a um tipo de refrigerante, como a nossa **soda** limonada, sendo um termo genérico aplicável a qualquer refrigerante, sinônimo de ***soft drink***.

  Let's have a soda (a soft drink)!
  Vamos tomar um refrigerante!

- *Sort* — nada tem a ver com **sorte**, **destino** (que se expressa por ***fate***, ***fortune***). Significa **tipo**, **espécie**.

  What sort of books do you like to read?
  Que tipo de livros você gosta de ler?

Observação: A expressão ***sort of*** é usada no sentido de **um tanto**, **mais ou menos**.

I feel sort of tired.
Sinto-me um tanto cansado.

- *Stomach* — não se refere apenas a **estômago**, mas também a **abdome**, **barriga**, **ventre**. ***Stomachache***, portanto, não é uma dor limitada ao estômago, mas pode se referir a toda a região abdominal.

  She left earlier because she had a stomachache.
  Ela foi embora mais cedo porque estava com dor de barriga.

- *Story/History* — são duas palavras que não devem ser confundidas. History é a história escrita por historiadores, matéria obrigatória em todas as escolas. ***Story*** é uma narrativa cujo enredo envolve personagens, locais, acontecimentos etc., reais ou fictícios.

  The history of the Roman empire...
  A história do império romano...

  Children's stories often start like this: "Once upon a time..."
  Histórias infantis muitas vezes começam assim: "Era uma vez..."

Vale salientar que no inglês atual, notadamente na linguagem jornalística, emprega-se a palavra ***story*** no sentido de **artigo de jornal ou de revista**.

The story was published on the front page of the New York Times.
O artigo foi publicado na primeira página do *New York Times.*

Have you read Time*'s cover story for this week?*
Você leu o artigo de capa da *Time* desta semana?

- ***Stranger*** — não significa **estrangeiro** (que é ***foreign*** para adjetivo, e ***foreigner*** para substantivo), mas **estranho, forasteiro, desconhecido**.

Although he is a foreigner, he's no stranger to me.
Embora ele seja estrangeiro, não é nenhum estranho para mim.

We often warn the children not to talk to strangers.
Freqüentemente alertamos as crianças para não conversarem com desconhecidos.

- ***Subscription*** — não somente significa **subscrição, compromisso** de contribuição em dinheiro ou de compra de ações, **integralização de capital** (linguagem contratual), mas também **assinatura de jornal ou revista**.

Subscription rates for foreign magazines are usually quoted in dollars.
Os preços de assinaturas de revistas estrangeiras geralmente são cotados em dólares.

She has just renewed her subscription to House and Garden.
Ela acaba de renovar sua assinatura da *House and Garden.*

- ***Suburb*** — não tem o mesmo sentido (um tanto pejorativo) de **subúrbio**. ***Suburb*** (especialmente nos Estados Unidos) designa uma comunidade ou área residencial, em geral pequena e de classe média alta, logo além dos limites de uma cidade.

As soon as they were able to afford it, they moved from downtown to a pleasant suburb.
Assim que suas condições financeiras permitiram, mudaram-se do centro para uma agradável área suburbana.

- ***Succeed*** — Além de **suceder**, significa **ter êxito, obter sucesso**.

David succeeded his father as president of the company.
O David sucedeu o pai como presidente da empresa.

Did you succeed in getting what you wanted?
Você teve êxito em obter (conseguir) o que queria?

"Nothing succeeds like success." (dito chistoso americano)
"Nada faz sucesso como o (próprio) sucesso."

- *Support* — não significa **suportar, tolerar** (que se expressa por ***bear, stand***), mas **sustentar, apoiar, escorar**.

  I can't stand such incompetence!
  Não suporto tal (tamanha) incompetência!

  A beam supports the roof.
  Uma viga apóia (escora) o telhado.

  Does he earn enough to support a family?
  Ele ganha o suficiente para sustentar uma família?

- *Sympathetic/Sympathize/Sympathy* — são palavras que podem levar a uma interpretação ou tradução errônea.

  - *Sympathetic* (adj) — não quer dizer **simpático** (que se traduz por ***pleasant, likeable***), mas **compreensivo**.

    A true friend is always sympathetic.
    Um verdadeiro amigo é sempre compreensivo.

  - *Sympathize* (v) — não é **simpatizar** (que pode ser expresso por ***feel attracted to, feel attracted by*** ou, simplesmente, ***like***), mas **compadecer-se, mostrar-se compreensivo**.

    The authorities sympathized with the plight of the strikers.
    As autoridades mostraram-se compreensivas perante a difícil situação dos grevistas.

  - *Sympathy* (s) — não significa **simpatia** (que pode se expressar por ***likeableness, charm***), mas **compaixão, condolência, condolências, solidariedade**.

    I offer you my deepest sympathy.
    Apresento-lhe minhas mais profundas condolências.

T

- *Tax* — embora tenha o sentido de **taxa**, **tributo**, como substantivo, seu equivalente mais usado em português é **imposto**. Como verbo, *tax* significa **tributar**, **lançar impostos**; **exigir**, **sobrecarregar**, **pôr à prova**, **abusar**.

  to pay taxes — pagar impostos
  tax collector — coletor, cobrador de impostos

  Alcoholic beverages and cigarettes are heavily taxed.
  Bebidas alcoólicas e cigarros são pesadamente tributados.

  I don't want to tax your patience, but...
  Não quero abusar da sua paciência, mas...

- *Temper* — significa **têmpera**, mas é muito mais empregado no sentido de **humor**, **disposição**; **calma**, **serenidade**; **irritação**, **cólera**.

  the temper of the steel — a têmpera do aço

  The boss was in a bad temper this morning.
  O chefe estava de mau humor hoje de manhã.

  It's not easy to keep one's temper in certain situations.
  Não é fácil manter a calma em certas situações.

  He had a fit of temper.
  Ele teve um acesso de cólera.

- *Tentative* — não é um substantivo equivalente à nossa **tentativa**. Trata-se de um **adjetivo** que significa **experimental**, **provisório**, **não-definitivo**.

  a tentative plan — um plano não-definitivo, ou provisório
  a tentative schedule — um horário (cronograma) provisório

- *Terrific* — embora mantenha o sentido etimológico de **terrífico**, **aterrorizante**, na prática é empregado com uma conotação positiva, sendo traduzido por **fabuloso**, **fantástico**, **impressionante**.

What a terrific movie!
Que filme fantástico!

The weight-lifter was a man of terrific strength.
O halterofilista era um homem de força impressionante.

- ***Test*** — além de ser empregado no sentido de **teste científico**, **prova**, é também empregado como **prova escolar**.

a test tube — um tubo de ensaios
laboratory tests — testes de laboratório
a test pilot — um piloto de provas

Our English test will be on Thursday.
Nossa prova de inglês será na quinta-feira.

- ***Tint*** — não significa **tinta** (que se traduz por ***ink***), mas **tonalidade** (de cor), **matiz**.

This variety of orchid has a purplish tint.
Esta variedade de orquídea tem uma tonalidade arroxeada.

- ***Tribute*** — não significa **tributo** no sentido de **imposto** (que é ***tax***), mas **tributo** no sentido de **homenagem**.

Americans pay tribute to men like Washington and Lincoln.
Os americanos prestam homenagem a homens como Washington e Lincoln.

- ***Tutor*** — não deve ser entendido como **tutor** (que é ***guardian***), mas como **professor particular**. Nesse sentido, ***tutor*** também é usado como verbo.

She tutors in English and French.
Ela dá aulas particulares de inglês e francês.

Do you know a good tutor in math?
Você conhece um bom professor particular de matemática?

U

- *Ultimate* — tem os sentidos de: **último, supremo; final; fundamental, básico.**

  his ultimate aim — seu objetivo supremo
  the ultimate proof — a prova final, definitiva
  the ultimate causes — as causas fundamentais

- *Ultimately* — não significa **ultimamente**, que se expressa por ***lately***, ***recently***, mas, sim, em **última análise**.

  The jury's decision will ultimately depend on the evidence submitted.
  A decisão do júri dependerá, em última análise, das provas apresentadas.

- *Union* — além de significar **união**, é palavra muito usada para designar **sindicato**.

  the auto-workers union
  o sindicato dos trabalhadores da indústria automobilística

- *Usually* — embora signifique **usualmente**, deve ser traduzido por expressões mais genuinamente nossas, tais como **geralmente, habitualmente, normalmente.**

  I usually get up at seven o'clock.
  Geralmente me levanto às sete horas.

  He usually works till six.
  Normalmente ele trabalha até às seis.

V

- *Vegetable* — como adjetivo, tem o sentido de **vegetal**; como substantivo, significa **legume, hortaliça.**

  vegetable oil — óleo vegetal
  the vegetable kingdom — o reino vegetal
  Vegetables are indispensable in a balanced diet.
  Os legumes são indispensáveis em uma dieta balanceada.

- *Venture* — nada tem a ver com **ventura, felicidade** (que se traduz por ***happiness***, ***good luck***). A palavra significa **aventura**, no sentido de **empreendimento arriscado, empreitada, risco assumido**.

  His oil prospecting venture has made him a millionaire.
  Seu empreendimento na exploração de petróleo fez dele um milionário.

  Observação: A expressão ***joint venture***, muito usada hoje em dia, significa uma **aventura conjunta** ou **empreendimento conjunto**, geralmente de natureza comercial ou industrial, no qual duas pessoas (físicas ou jurídicas) investem recursos financeiros com a finalidade de auferir lucro.

- *Vicious* — não significa **viciado** no sentido de pessoa viciada (em drogas, por exemplo), mas no sentido de **defeituoso** ou **impuro**. A palavra também é usada no sentido de **perverso, mau, feroz**.

  a vicious circle — um círculo vicioso
  vicious air — ar viciado, impuro
  a vicious temper — um temperamento explosivo, perverso
  a vicious dog — um cão feroz

Verbos irregulares

O total de verbos irregulares em inglês é 202 (incluindo os arcaicos). Aqui daremos aqueles que são mais usados, somando um total de 136.

Infinitive	Past tense	Past participle	Tradução
arise	arose	arisen	surgir; levantar-se
awake	awoke	awoken	despertar, acordar
be	was, were	been	ser, estar
bear	bore	borne (born*)	suportar, carregar
beat	beat	beaten	bater; derrotar
become	became	become	tornar-se
begin	began	begun	começar
bend	bent	bent	curvar(-se), vergar
bet	bet	bet	apostar
bind	bound	bound	atar, amarrar, encadernar
bite	bit	bitten	morder
bleed	bled	bled	sangrar
blow	blew	blown	soprar
break	broke	broken	quebrar
breed	bred	bred	procriar
bring	brought	brought	trazer
build	built	built	construir
burst	burst	burst	arrebentar, estourar
buy	bought	bought	comprar
cast	cast	cast	lançar, atirar
catch	caught	caught	apanhar, pegar
choose	chose	chosen	escolher
come	came	come	vir
cost	cost	cost	custar
creep	crept	crept	arrastar-se, rastejar
cut	cut	cut	cortar
deal	dealt	dealt	tratar, lidar
dig	dug	dug	cavar, escavar
do	did	done	fazer

continua ▶▶

* ***to be born*** = nascer

Infinitive	Past tense	Past participle	Tradução
draw	*drew*	*drawn*	puxar, arrastar; traçar, desenhar
dream	*dreamt (dreamed)*	*dreamt (dreamed)*	sonhar
drink	*drank*	*drunk*	beber, tomar
drive	*drove*	*driven*	dirigir, ir de carro
eat	*ate*	*eaten*	comer
fall	*fell*	*fallen*	cair
feed	*fed*	*fed*	alimentar
feel	*felt*	*felt*	sentir
find	*found*	*found*	achar
flee	*fled*	*fled*	fugir; escapar
fight	*fought*	*fought*	lutar, brigar
fly	*flew*	*flown*	voar
forbid	*forbade*	*forbidden*	proibir
forget	*forgot*	*forgotten*	esquecer
forgive	*forgave*	*forgiven*	perdoar
freeze	*froze*	*frozen*	gelar, congelar
get	*got*	*gotten* (got)	conseguir; obter; ganhar; comprar; arranjar
give	*gave*	*given*	dar
go	*went*	*gone*	ir
grind	*ground*	*ground*	moer, triturar
grow	*grew*	*grown*	crescer
*hang**	*hung*	*hung*	pendurar; suspender
have	*had*	*had*	ter
hear	*heard*	*heard*	ouvir
hide	*hid*	*hidden*	esconder
hit	*hit*	*hit*	atingir, bater em
hold	*held*	*held*	segurar, deter; realizar
hurt	*hurt*	*hurt*	ferir; magoar; doer
keep	*kept*	*kept*	guardar; conservar; manter
kneel	*knelt*	*knelt*	ajoelhar
know	*knew*	*known*	saber; conhecer
lay	*laid*	*laid*	pôr, colocar, botar
lead	*led*	*led*	levar, conduzir
leave	*left*	*left*	sair, deixar, partir
lend	*lent*	*lent*	emprestar

continua ▶▶

* ***hang, hanged, hanged*** = enforcar

Infinitive	Past tense	Past participle	Tradução
let	*let*	*let*	deixar, permitir
*lie**	*lay*	*lain*	estar deitado; jazer
light	*lit*	*lit*	iluminar; acender
lose	*lost*	*lost*	perder
make	*made*	*made*	fazer
mean	*meant*	*meant*	querer dizer, significar; pretender
meet	*met*	*met*	encontrar
pay	*paid*	*paid*	pagar
put	*put*	*put*	pôr, colocar
quit	*quit (quitted)*	*quit (quitted)*	abandonar, desistir de
read	*read*	*read*	ler
ride	*rode*	*ridden*	cavalgar; andar de bicideta, carro etc.
ring	*rang*	*rung*	tocar sino, campainha
rise	*rose*	*risen*	levantar-se, erguer-se
run	*ran*	*run*	correr; administrar
saw	*sawed*	*sawn*	serrar
say	*said*	*said*	dizer, afirmar
see	*saw*	*seen*	ver
seek	*sought*	*sought*	buscar, procurar
sell	*sold*	*sold*	vender
send	*sent*	*sent*	enviar
set	*set*	*set*	pôr, colocar
sew	*sewed*	*sewn*	costurar
shake	*shook*	*shaken*	sacudir, apertar a mão (em cumprimento)
shave	*shaved*	*shaven (shaved)*	barbear-se
shine	*shone*	*shone*	brilhar
shoot	*shot*	*shot*	atirar; filmar
show	*showed*	*shown (showed)*	mostrar
shrink	*shrank*	*shrunk*	encolher
shut	*shut*	*shut*	fechar
sing	*sang*	*sung*	cantar
sink	*sank*	*sunk*	afundar
sit	*sat*	*sat*	sentar(-se)
sleep	*slept*	*slept*	dormir

continua ▶▶

* ***lie, lied, lied*** = mentir

Infinitive	Past tense	Past participle	Tradução
slide	*slid*	*slid* (slidden)	escorregar
slit	*slit*	*slit*	cortar, fazer uma incisão
smell	*smelt*	*smelt*	cheirar
sow	*sowed*	*sown* (sowed)	semear, plantar
speak	*spoke*	*spoken*	falar
speed	*sped*	*sped*	apressar
spend	*spent*	*spent*	gastar; passar tempo
spit	*spat*	*spat*	cuspir
split	*split*	*split*	rachar, fender
spread	*spread*	*spread*	espalhar, estender
spring	*sprang*	*sprung*	saltar
stand	*stood*	*stood*	ficar ou pôr-se em pé
steal	*stole*	*stolen*	furtar, roubar
stick	*stuck*	*stuck*	cravar, fincar; colar
sting	*stung*	*stung*	ferroar, picar
stride	*strode*	*stridden*	andar a passos largos
strike	*struck*	*struck*	bater, golpear
swear	*swore*	*sworn*	jurar; praguejar
sweep	*swept*	*swept*	varrer
swell	*swelled*	*swollen*	inchar
swim	*swam*	*swum*	nadar
swing	*swung*	*swung*	balançar
take	*took*	*taken*	tomar; pegar; levar
teach	*taught*	*taught*	ensinar
tear	*tore*	*torn*	rasgar
tell	*told*	*told*	dizer, contar
think	*thought*	*thought*	pensar, achar
throw	*threw*	*thrown*	lançar, atirar
understand	*understood*	*understood*	compreender
wake	*woke* (waked)	*woken* (waked)	acordar
wear	*wore*	*worn*	usar, trajar
weave	*wove*	*woven*	tecer, trançar
weep	*wept*	*wept*	chorar
wet	*wet* (wetted)	*wet* (wetted)	molhar, umedecer
win	*won*	*won*	ganhar, vencer
wind	*wound*	*wound*	enrolar; serpentear, dar corda
wring	*wrung*	*wrung*	espremer, torcer
write	*wrote*	*written*	escrever

Índice geral

- Os números remetem às páginas.
- Hífen unindo dois números significa **de ... à ...** Exemplo: 251-258, da página 251 à página 258.

A

a, an (artigo indefinido) 22-25
ability 449
able (be able to) 215-216
absolutely 449
acostumado 411-412
acostumar-se a 411-412
actual, actually 391-392, 449
adiantar (não adianta, do que adianta?) 253-254
adjetivos 60-64
  the + adjetivo 21
  posição do adjetivo 61
  graus de adjetivos 78-85
advérbios 65-75
  formação e irregulares 65-79
  advérbios iguais a adjetivos 68
  posição na frase 69-72
  graus de advérbios 87-90
advice/advise 449-450
affluent 450
after/afterward(s) 71, 249, 384-385
agonize 450
all/whole 382-383
already + present perfect 165
also/too 381-382
alto (*tall/high/loud*) 379-380
amanhã (de manhã, à tarde, à noite) 408
another 299
antes de/antes que 249
anticipate 450
any e compostos 293-297
  any (uso e abuso) 428-429
anymore 364-365
apologize 450
apology 450
apparent 450
application 451
appoint 451
appointment 451-452
aproveitar 412-413
apt 452
argue/discuss 438, 452
argument 452
arrange 452-453
artigo 15-25
  artigo definido (***the***) 15-22
  artigo indefinido (***a, an***) 22-25
  artigo com "contáveis" e "não-contáveis" 15-16
as 401-402, 407-408
  as... as 78-80
  as far as 406
  as well 381
assist/attend 438, 453
assume 453
at 339-340
  at the time 405
  at the end 340
até (*even, as far as, to, until, up to, by*) 405-406
attend/assist 438, 453
atualmente 391-392, 449
audience 453
avoid + ***-ing*** 250

B

bachelor 454
back (go back, come back, pay back, ...) 400-401
balance 454
bar 454
bargain 455
be (ser, estar, ficar) 50-54
  tempos e formas de ***to be*** 46-54

bed (go to/in) 20
beef 455
before 333
begin + infinitivo ou ***-ing*** 264
better (comparativo) 85
I'd better, you'd better, ... 399-400
block 455
borrow/lend 438
but/except 385-386
by 238, 406
by the time 405

C

cada *(each, every)* 298-301
cada dia mais, cada vez mais 373
call + preposições 344-345
can, could (poder e saber) 203-206, 213-218
can't help + gerúndio 254
candor 455
cardinais (números) 325-326
carton 455-456
caso possessivo (*'s*) 44-48
uso obrigatório 44-46
duplo possessivo (*of... 's*) 47-48, 102
casual 456
casualty 456
character 456
chegar *(arrive, get, come)* 420-422
China/china 456
cigar 456
claim 457
close/lock 438
collar 457
college 457
come + preposições 345
commit 457
commodity 457-458
como *(as, how, like)* 407-408
comparativo de adjetivos 78-85
de igualdade 78-80
de inferioridade 80
de superioridade 81-85
comparativo de advérbios 87-90
de igualdade 87-88
de inferioridade 88
de superioridade 88-90
complementos nominais ("dica") 433-434
comprehensive 458
compromise 458
concordância verbal ("dica") 434
condicionais (orações) 228-234
confidence 458
confirmed 458
conjunções 310-314
consistent 458
contemplate 458-459
content 459
continue + infinitivo ou ***-ing*** 264
convict 459
cord 459
costumar/acostumar-se 410-412
costume 459
could, can 203-206, 213-218
countable and uncountable nouns 15, 302-303

D

data (plural de ***datum***) 459-460
date 460
deception 460
defendant 460
definite article (***the***) 15-22
degrees of comparison (adjectives and adverbs) 78-90
deixar *(let, leave, make)* 417
demais/muito 73-74
demand 460-461
demonstrativos (pronomes e adjetivos) 92-95
deny + ***-ing*** 249-250
depois de/depois que 249
destination/destiny 461
dever (obrigação e probabilidade) 223-225
dias do mês 328-329
different/different from 388-389
discurso indireto 315-322
esquema dos tempos verbais 318
discuss/argue 438, 461
discussion 461
disgust 462
do, does, did (enfatizantes) 117, 128
do/make 439
domestic 462
dozen/dozens of 34
drug 462
duplicação de consoantes finais em tempos verbais 437

E

each 298-299
earn/win/gain/get 440-441
edit 463
education 463
effective 463
either... or 390-391
either/neither 299
elaborate 463
else (what else, who else, ...) 401
end (In the end, at the end) 389
enjoy/like 264-265, 442
enough (posição na frase) 300, 382
enroll 463
equipment (sem plural) 33
esperar (*hope, wait, expect*) 417-418
estar *(to be)* 50-54
  estar com vontade 374
estate 464
estrutura da frase em inglês ("dica") 435
eu também, eu também não 365-366
even if, even though (mesmo que) 371
  até 405-406
eventually 464
ever 383-384
every 383
  every e compostos 298
  every other 363-364
evidence 464
except/except for 385
exhaustive 464
exit 464
expect/expect someone to ... 359, 418
expert 464
explore/exploit 439-440
expressões idiomáticas 353-356
exquisite 464-465

F

fabric 465
falsos cognatos 448-492
faltar/sobrar 375-376
fast 68
faz dias, faz meses, faz anos, ... 362-363
fazer (*make/do*) 439
feel like 374
few 305
  a few 305
  in the next few days, hours, ... 305
fewer/less 387-388
ficar (*remain, stay, get, become, be*) 415-416
figure 465
fim (no fim, no final das contas) 389
finish/end 440
fix 465
fortune 466
frente (em frente a) 376-377
futuro do presente 138-151
  simple future 138-143
    usos do *simple future* 140-143
  future progressive 143-145
    usos do *future progressive* 145
  futuro com ***going*** *to* 146-149
    usos do futuro com ***going to*** 148-149
  will x ***going to*** 149-151
futuro do presente composto 185-190
  future perfect 185-187
    usos do *future perfect* 187
  future perfect progressive 187-190
    usos do *future perfect progressive* 189-190
futuro do pretérito 207-209, 229-232
futuro do pretérito composto 207-209, 231-232

G

gain/get/win/earn 440-441
gênero dos substantivos (*gender of nouns*) 34
gerúndio (formação e usos) 247-255 ver ***-ing***
get married/marry 443
get + preposições 345-346
get used to 411-412
give + preposições 346-347
go + ***-ing*** 252
go + preposições 347-348
going to (futuro) 146-149
gostaria que 359-360
gracious 466
grand 466
gratify 466
graus de adjetivos e advérbios 78-90
gross 467
guardar *(put away, put, keep)* 413

H

há, havia, haverá, ... (*there be*) 57-58
half (com e sem artigo indefinido) 24
hang 441
hard (advérbio) 68
hardly, hardly ever 69
hate + ***-ing*** ou infinitivo 264
have (ter) 154-159
  have to 157-158, 414-415
  have (auxiliar) 106, 158
  have/have got/have got to 396
  had better ('d better) 399-400
  have breakfast, lunch, ... 156-157
haver *(there be)* 57-58
hear/listen 441
heaven/hell (to, in) 20-21
help (*can't help* + gerúndio) 254
high/tall/loud 379-380
hoje (de manhã, de tarde, de noite) 408-410
horas (*A.M.* e *P.M.*) 329-330
how (*question word*) 281, 407
  how many, how much, ... 392-394
hundred/hundreds of 34, 327

I

idiomatic expressions 353-356
if clauses 228-234
  if/whether 316, 386-387
ignore 467
imperativo (verbos) 199-201
in 339-343
  in the end 389
inaugurate 467
inauguration 467
indefinidos (pronomes e adjetivos) 293-308
indefinite articles (***a***, ***an***) 22-25
indirect speech 315-322
individual 467-468
infant 468
infinitivo (verbos) 258-265
  infinitivo como sujeito 252-253
information (sem plural) 33
-ing (gerúndio) 108-109, 247-255
  preposições + ***-ing*** 248-249
  forma em ***-ing*** como sujeito da frase 252-253
  to go + ***-ing*** 252
  verbos seguidos da forma em ***-ing*** 249-250
  formas em ***-ing*** (usos) 432-433
ingenious/ingenuous 468
-inho (friozinho, pesadinho, ...) 377-378
injury 468
instance 468
intend/pretend 441
interest 469
interrogativos (pronomes e advérbios) 279-284
intrigue 469
intriguing 469
introduce 469
item 469

J

já (*yet, already, ever*) 383-384
já + *present perfect* 165
já é tempo, já era hora de, ... 363
journal 470
just + *present perfect* 165

K

keep (ficar com alguma coisa) 413

L

lado (ao lado de, do outro lado de) 376-377
large 470
last week, last month, ... 409-410
least (the least) 80, 85
lecture 470
lend/borrow 438
less/fewer 387-388
levar horas, levar dias para, ... 361-362
library 470
lie/lay 441-442
like/as (como) 407-408
like/enjoy 265, 442
liquor 470-471
listen to 441
little 305
  a little 305
lock/close 438

locuções verbais (*progressive tenses*) 108
look + preposições 348
lose/miss 442-443
lot (a lot of, lots of) 303-305
loud/high/tall 379-380
love + ***-ing*** ou infinitivo 264
lunch 471
luxury 471

M

magazine 471
mais (quem mais, o que mais, ...) 401
  mais (não ... mais) 364-365
  mais ou menos 74, 378-379
major 471
make/do 439
make + preposições 348-349
manage (conseguir, poder) 216
mandar fazer alguma coisa 367-368
manifest 471
many/much 303-304
marry/get married 443
master 472
matter 472
  no matter how much 369
may, might 203-205, 220-222
medicine 472
memory 472
mesmo que 371
might, may 203-205,220-222
million/millions of 34, 327
mind (importar-se) + ***-ing*** 250
minor 472-473
miserable 473
miss (faltar, sentir falta de) 375, 436-437, 442
modal verbs 203-225
more, the most 82-83
  more ... than 84
most, most of 83, 299
  the most 83
much/many 303-304
muito/demais 73-74
must 223-225, 414
  must not 225, 415

N

nacionalidades 23
não adianta 253
não ... mais 364-365
need/needn't 414-415
negative questions 275-277
neither ... nor 391
  neither am I, neither does he, ... 366
nem que 371
nem sempre 72
never + present perfect 165
next month, next year, ... 409-410
no, none 294-295
notice 473
novel 473
numerais (ordinais e cardinais) 325-331

O

objeto oculto 422-423
of 44-48
  all of, both of 426-427
  of mine, of yours, ... 102
office 474
official 474
on 339-343
one (the one, the ones) 94, 95
only then, only when 435-436
ontem (de manhã, à tarde, à noite) 409
operator 474
orações condicionais 228-234
order 474-475
ordinais (números) 325-326
  ordinais com nomes próprios 331
ordinary 475
other 299
others 299
ought to 209-211

P

paper 475
parecer (*look like, seem, appear to be, sound like, ...*) 418-420
parent 475
park 475
passive voice 237-244
  uso da voz passiva 241-244
patron 476
people/peoples 33-34
perguntas na forma negativa 275-277
period 476
petrol 476

phrasal verbs 344-352
phrase 476
physics/physicist/physician 477
plant 477
plenty of 304-305
plural de substantivos 27-34
plural irregular 29
poder/poderia 213-218, 220-222
point 477-478
there's no point in + ***-ing*** 254
police/policy/politics 478
por mais que 369-370
pork 478
possessivos (pronomes e adjetivos) 98-102
duplo possessivo 47-48, 102
uso e abuso 427-428
precisar/não precisar 414-415
prejudice 478-479
preposições 332-343
presente (verbo) 112-120
simple present 112-117
usos do *simple present* 115-117
present progressive 118-123
usos do *present progressive* 120-123
presently 479
pretend/intend 479
pretérito mais-que-perfeito 176-182
past perfect 176-179
usos do *past perfect* 178-179
past perfect progressive 180-182
usos do *past perfect progressive* 182
pretérito perfeito/imperfeito 126-136
simple past 126-131
usos do *simple past* 129-131
past progressive 132-136
usos do *past progressive* 135-136
pretérito perfeito composto 161-173
present perfect 162-170
usos do *present perfect* 164-170
present perfect progressive 170-173
usos do *present perfect progressive* 172-173
primary 479
principal 479
prison (in/go to) 20
private 479
pronomes
pessoais 37-39
possessivos 98-102, 427-428
reflexivos 39-42
como enfatizantes 41
precedidos de ***by*** 41
demonstrativos 92-95
interrogativos 279-284
relativos 286-290
indefinidos 293-308
proper 480
propitiate 480
prospect 480
provision 480
push/pull 480-481
put + preposições 349

Q

qual 280
quando 281
quanto, quantos 392-395
quanto mais ... tanto mais 373-374
que (interrogativo) 280
o que 280
que, o qual (relativo) 286-287
quem 279
de quem 280
querer que 359
question 481
question tag 268-270
question words 279-281
quiet 481

R

rather (mais ou menos, um tanto) 74
would rather (preferência) 397-399
realize 481-482
recipient 482
record 482
relative 482
relativos (pronomes) 286-290
remark 482-483
remember + ***-ing*** 251
remember/remind 443
report 483
reported speech 315-322
esquema dos tempos verbais 318
requirement 483
resign 483
resist + ***-ing*** 249-250
respostas breves 273-274
rest 483-484
resume 484
retire 484
rise/raise 443
rob/steal/burglarize 446
romance 484
rumor 484
run + preposições 350

S

's (caso possessivo) 44-48
same, the same as 388-389
saudade 436-437
save 485
say/tell 444
no discurso indireto 315-319
scholar 485
school (go to/in, at) 20
se *(if/whether)* 316, 386-387
-se (diz-se, vende-se, ...) 368-369
see/look 444
seem/look 418-420, 445
seja lá quem for, seja lá onde for, ... 307, 370
sensible/sensitive 485
ser *(to be)* 50-54
tempos e formas 51-54
será (onde será que, como será que, ...) 360-361
seu, sua 100-101
shall (futuro) 207
shall we? (question tag) 270
shine 445
short answers 273-274
should (modal) 203-206, 209-211, 426
simple future 138-143
usos do *simple future* 140-143
simple past 126-131
usos do *simple past* 129-131
simple present 112-117
usos do *simple present* 115-117
so 402-404
so so 403
so am I, so does he, ... 365-366
so that, I think so 403
so + adjetivo/advérbio 402-403
sobrar/faltar 375-376
soda 486
some e compostos 293-297
some (uso e abuso) 428-429
somente então, somente quando 435-436
sometime/sometimes 405
sort 486
speak/talk 445
start/begin 446
start + ***-ing*** ou infinitivo 264
steal/rob/burglarize 446
stomach 486
stop + ***-ing*** 250
story/history 486-487
stranger 487
subjuntivo (verbos) 191-197
subscription 487
substantivos "contáveis" e "não-contáveis" 15, 302
plural dos substantivos 27-34
plural irregular 29
substantivos só no singular 33
substantivos só no plural 30-31
gênero dos substantivos 34
suburb 487
succeed 487-488
such (com e sem artigo indefinido) 24, 404
such/such as 94-95
suggest that + infinitivo 192-193
superlativos de adjetivos 80-85
de inferioridade 80
de superioridade 81-85
irregulares 85
superlativos de advérbios 87-90
de inferioridade 88
de superioridade 88-89
irregulares 89
support 488
supposed to 397
sympathetic/sympathize/sympathy 488

T

tag endings 268-270
take + preposições 350-351
tall/high/loud 379-380
também (eu também, eu também não) 366
tax 489
teens, teenager 331
tell/say 444
temper 489
tentative 489
ter (*to have*) 154
ter que (*have to*) 157-158
ter (auxiliar) 106, 158-159
ter vontade 374
to have breakfast, dinner, ... 156-157
terrific 489-490
test 490
that
demonstrativo 92-93
relativo 287-288

uso e omissão 429-431
the (artigo definido) 15-22
the former/the latter 95
the least 80, 88
the most 83-84, 88
the one/the ones 95
there be 57-58
there's no point in 254
these (demonstrativo) 92
this (demonstrativo) 92
those (demonstrativo) 92
thousand/thousands of 34, 327
till (até) 406
time (*in time, on time*) 405
it's about time 363
at the time 405
by the time 405
tint 490
to (até) 406
todo/inteiro 382-383
too/very, too/also 380-382
travel/travels 413
tribute 490
try + ***-ing*** ou infinitivo 264
tutor 490

U

ultimate 491
um dia sim, outro não; um mês sim, outro não; ... 363-364
uncountable and countable nouns 15, 302
union 491
unless 234
until (até) 406
up to (até) 406
use (*to be of no use* + gerúndio) 253
use/wear 446
used to, usually 410-411, 491

V

valer ($) 412
valer a pena 254
vegetable 491
venture 492
verbos
to be (ser, estar, ficar) 50-54
observações gerais 104-111
simple present 112-117
present progressive 118-123
simple past 126-131
past progressive 132-136
simple future 138-143, 149-151
future progressive 143-145
be going to 146-151
to have 154-159
there be 57-58
present perfect 161-170
present perfect progressive 180-183
past perfect 176-179
past perfect progressive 180-183
future perfect 185-187
future perfect progressive 187-190
subjuntivo 191-197
imperativo 199-201
modal verbs 203-226
o que é 203-206
will, shall 207
would 207-209
should, ought to 209-211
can, could 213-218
may, might 220-222
must 223-226
conditional clauses (futuro do pretérito) 228-234
voz passiva 237-244
gerúndio e infinitivo 247-265
question tags 268-270
short answers 273-274
negative questions 275-277
reported speech 315-322
phrasal verbs 344-352
verbos que merecem cuidado especial 437-446
verbos irregulares 493-496
very/too 73, 380-381
viajar/viagem 413
vicious 492
vontade (ter vontade de) 374
voz passiva 237-244
uso da voz passiva 241-244
uma "dica" sobre a voz passiva 431-432

W

want (*to want someone to*) 359
waste 442-443

*it's a waste + **-ing*** 255
wear/use 446
were (if I were) 196-197, 229-230
what (em exclamações) 24
what (question word) 280
whatever 307
when 281
where 280
whether/if 386-387
whether ... or not (em condicionais) 234
which (interrogativo) 280
which (relativo) 287-289
who 279
whole/all 382-383
whom 279
whose 280
why 281
will (futuro do presente) 138-140
will* x *going to 149-151
will (modal verb) 207
will (sentido especial) 423-425
will you (question tag) 270
win/get/earn/gain 440-441
wish (gostaria que) 359-360
wish + were/would 360
with + artigo indefinido 23
without + artigo indefinido 23
wonder (será que) 360-361
work (go to/at) 20
worse/worst 85
worth
to be worth + gerúndio 254
to be worth (valer $) 412
would (conditional) 230-232
would (modal) 207-209
would (sentido especial) 423-425
would rather 397-399

Y

yet/already/ever 383-384

Bibliografia

- ALEXANDER, L. G. *Longman English Grammar Practice.* New York, Longman, 1990.
- AZAR, Betty Schrampfer. *Understanding & Using English Grammar.* Prentice-Hall, 1981.
- BALD, W-D.; COBB, D. J. & SCHWARZ, A. *Active Grammar.* Singapore, Longman, 1986.
- COLLINS PUBLISHERS & THE UNIVERSITY OF BIRMINGHAM. *Collins Cobuild English Grammar.* London/Glasgow, William Collins Sons & Co., 1990.
- DORNAN, Edward A. & DAWE, Charles W. *The Brief English Handbook.* Scott, Foresman and Co., 1986.
- GORDON, Ian. *Practical Punctuation.* Heinemann Educational Books, 1989.
- MASCHERPE, Mário & ZAMARIN, Laura. *Os Falsos Cognatos na Tradução do Inglês para o Português.* Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1991.
- MURPHY, Raymond. *English Grammar in Use.* Great Britain, Cambridge University Press, 1990.
- SANTOS, Agenor Soares dos. *Guia Prático de Tradução Inglesa: Comparação Semântica e Estilística entre os Cognatos de Sentido Diferente em Inglês e Português.* São Paulo, Cultrix/Edusp, 1981.
- SWAN, Michael. *Practical English Usage.* Oxford University Press, 1990.
- WALKER, Elaine & ELSWORTH, Steve. *Grammar Practice for Intermediate Students.* Singapore, Longman, 1990.
- *A Dictionary of American English.* New York, Longman.

Respostas e traduções

Unidade 1

Diálogo — p. 22

Alice: Você gosta de flores, Betty?
Betty: Claro, adoro fores!
Alice: Mas você não tem flores em volta de sua casa, só um gramado.
Alice: Ah, mas eu adoro ver as flores do jardim do meu vizinho!

A — p. 25

1. The; the
2. —
3. the; the
4. —; —
5. a; a (the); —
6. a; a
7. —; a; the
8. a; a
9. —; The; —
10. The; —; the; —
11. —; —; a
12. —; the; the
13. the; —
14. —; —; —
15. The; the
16. The; —; the
17. The; a; —
18. —; the; a

B — p. 26

Alice and Betty are having lunch at **a** restaurant and there is **a** bank across **the** street. **A** man wearing **a** black coat and carrrying **a** large black briefcase gets out of **a** car and goes into **the** bank.

Betty: Did you see that man, Alice?
Alice: Do you mean **the** man who just walked into **the** bank?
Betty: Yes, he looked suspicious to me!
Alice: Oh, don't be silly and pass me **the** salt, please. I know him, he's **the** manager of **the** bank.

C — p. 26

1. Paulo was in a hurry and left without a coat.
2. Maria played the piano while her friends danced the samba.
3. Green and yellow are the colors of our country.
4. President Kennedy was assassinated in Texas.
5. Pedro is catholic and goes to church every Sunday.
6. Horses and oxen are very useful to man.
7. Autumn (Fall) is a very beautiful season in the north of the Unit States.
8. The biology (that) I learned in school was a waste of time.

Unidade 2

Diálogo — p. 32

Presidente: Agora, nosso secretário, sr. Busby, procederá à leitura da ata da última reunião.
Secretário: Só um minuto, sr. presidente, não consigo achar meus óculos!

A — p. 35

1. Professor Brown's classes are always interesting.
2. Gentlemen never tell lies.
3. The children put the toys in boxes.
4. The stories sound good, but are they true?
5. Please, put the knives on the shelves.
6. The glasses were broken by the waiters.
7. The saleswomen are very polite to the customers.
8. Who repaired the watches that were broken?
9. My friends said that the buses were full of people.
10. The men speak English well but the ladies don't.
11. Trout were caught in the streams by the fishermen.
12. Potatoes, tomatoes and eggs can be used to make salads.
13. Our cities have beautiful churches.
14. Elephants have long lives and good memories.
15. The dentists are treating the teeth of the poor children.

B — p. 35
Alternativa correta: letra **c**

C — p. 35
1. Five buses brought all the children.
2. The goods are on those shelves.
3. The men came with their wives and children.
4. The important information is all in this folder.
5. I put several dozen eggs in those boxes.
6. During the holidays the casino was always full of people.
7. The fire destroyed hundreds of trees.
8. Many poor people live in the outskirts of the city.

Diálogo — p. 36
Bill: Sabe de uma coisa, Harry? Eu realmente acredito que os cavalos são mais inteligentes do que gente.
Harry: Você deve estar brincando! Por quê?
Bill: Porque, como dizia meu avô, a gente aposta em cavalos, mas os cavalos não apostam na gente!

Unidade 3

Diálogo — p. 42
Mamãe: Jimmy, sua professora me telefonou e disse que você e o David estavam dando dicas um ao outro durante a prova de história.
Jimmy: Bem, o Evangelho diz que devemos amar e ajudar uns aos outros... Estávamos apenas sendo bons cristãos!

A — p. 43
1. **He** invited **her** to go to the movies.
2. **She** knows **them** very well.
3. **We** met **him** last night.
4. **He** didn't enjoy **it**, but **she** did.
5. Don't blame **her**; she didn't break **them**.
6. They invited **us** to their wedding.
7. Will **she** be sitting next to **him**?
8. Give my regards to **them**!
9. **She** always drives **them** to school.
10. **It** belongs to **him**.

B — p. 43
1. themselves
2. one another / each other
3. themselves
4. each other / one another
5. each other / one another
6. ourselves

C — p. 43
1. My friends invited me to go to the game with them.
2. The children were watching TV (all) by themselves.
3. The teachers met in the auditorium.
4. I did the (home) work by myself; nobody (no one) helped me.
5. Roberto repaired his bicycle himself.
6. Jane doesn't like to travel by herself.
7. Remember to bring the book tomorrow!
8. Betty and Sandra are always talking to each other (one another) on the phone.
9. Paul didn't hurt himself (get hurt) when his car turned over.
10. Why don't you paint your house yourselves?

Unidade 4

Olho vivo na preposição! — p. 48
Nos casamentos de hoje, os homens e as mulheres ainda se aceitam um ao outro para melhor ou para pior, mas não para muito tempo!

A — p. 48
1. Please, give me a glass of water.
2. Have you seen today's newspaper?
3. The fox's fur is used for making women's coats.
4. The beauty of the painting impressed everybody.
5. We all enjoyed last night's party.
6. Peter's desk is covered with sheets of paper.
7. I live next door to Harry's uncle.
8. Do you like the color of this shirt?
9. A mechanic's hands are usually dirty.
10. My sister's boyfriend is studying to be a doctor.

B — p. 49
1. the scientists' work
2. last year's important events
3. for safety's sake

4. Mozart's music
5. my brother-in-law's house
6. the children's toys
7. Mr Clark and his wife's apartment
8. the Senator's reputation

C — p. 49

1. The children's clothes are on the bed.
2. A cousin of my father's works at Macy's in New York.
3. The President's picture is in today's newspaper.
4. Patrícia's mother is my teacher.
5. I'm going to the baker's (to the bakery) to buy milk and bread.
6. Were you at your aunt's (house) yesterday?
7. Last week's test was easy.
8. Yesterday's newspapers were on the manager's desk.

Unidade 5

Olho vivo na preposição! — p. 55

Cartaz acima da porta de uma clínica veterinária: "O verdadeiro amor consiste em gastar cem dólares numa operação em um cachorro que vale apenas dez".

A — p. 55

1. Were they here yesterday?
   They weren't here yesterday.
2. Is she a good swimmer?
   She isn't a good swimmer.
3. Am I interested in modern art?
   I'm not interested in modern art.
4. Was John a good athlete?
   John wasn't a good athlete.
5. Are her relatives all in Bahia?
   Her relatives aren't all in Bahia.
6. Are you a good pianist?
   You aren't a good pianist.

B — p. 55

1. Would she be surprised?
   She wouldn't be surprised.
2. Will they be in Miami next week?
   They won't be in Miami next week.
3. Will I be busy tonight?
   I won't be busy tonight.
4. Would it be a good opportunity?
   It wouldn't be a good opportunity.
5. Will we be on time for class?
   We won't be on time for class.
6. Would he be very angry?
   He wouldn't be very angry.

C — p. 55

1. Weren't you
2. she'd be
3. Would it be
4. Was it
5. They won't be; They'll be
6. We'll be
7. Was the weather nice when you were in the Bahamas?
8. John's father was very upset when he found out that his son was using drugs.

D — p. 56

1. Paulo won't be very happy.
2. Were you at the club yesterday?
3. My father would be very upset.
4. Was the teacher in the classroom?
5. Will tomorrow's test be difficult?
6. In July, they will be in Miami.
7. Why weren't you in class this morning?
8. Don't be angry with me, please!

Diálogo — p. 56

Bill: Harry, se, por acaso, você ganhasse um prêmio de R$ 10 milhões na Mega-Sena, onde você estaria nesta hora na semana que vem?

Harry: Ah, você pode ter certeza de que eu estaria muito, muito longe daqui.

Bill: Por quê?

Harry: Porque assim você e o resto de meus amigos não tentariam botar a mão no meu dinheiro!

Unidade 6

A — p. 59

1. There is
2. There aren't
3. there are
4. there aren't
5. there are
6. Is there
7. there was... There isn't
8. Are there

B — p. 59

1. c **3.** c **5.** b
2. a **4.** c **6.** b

C — p. 59

1. There was only one church in that town (city).
2. Are there many people in the street?
3. There won't be a game today on account (because) of the rain.
4. Were there many people at the stadium yesterday afternoon?
5. There aren't any stores (shops) in this part of the city.
6. Is there a computer in your office?
7. There will be an important election next month.
8. Will there be time to see all the tourist attractions?

Unidade 7

A — p. 64

1. a large, leather suitcase
2. an attractive, modern house
3. a small marble statue
4. a bright yellow cotton shirt
5. a lovely little old church
6. delicious tropical fruits
7. an interesting, old French painting
8. a friendly, big, black dog

B — p. 65

1. surprised
2. boring
3. embarrassing
4. excited
5. interested
6. exciting
7. surprising

Diálogo — p. 71

Kate: Brenda, a que horas você geralmente vai dormir?
Brenda: Ah, eu geralmente deito antes das dez. Às vezes mamãe e papai me deixam ficar acordada até às 11, mas isso raramente acontece.

Olho vivo na preposição! — p. 75

As crianças sempre iluminam uma casa. Nunca apagam as luzes.

A — p. 75

1. often (sometimes)
2. seldom (hardly ever/never)
3. seldom (hardly ever/never)
4. never
5. always (often/usually)
6. often (sometimes)
7. always (usually)

B — p. 76

1. hardly anyone
2. hardly
3. Hardly any
4. hardly anyone
5. hardly ever
6. hardly any
7. hardly anything
8. hardly anywhere
9. hardly ever
10. hardly

C — p. 76

1. fairly; too
2. very much
3. too much
4. too
5. very (quite/rather/fairly)
6. very (quite); rather (very)

D — p. 76 (respostas possíveis)

1. We'll meet again very **soon**.
2. She did everything very **quickly**.
3. He **hardly ever** drinks beer.
4. Henry drives very **fast**.
5. He's **always** telling lies.
6. I **really** don't know what to do.
7. Monica speaks Italian **very well**.
8. She **never** answers the letters.
9. They **seldom** go to the library.
10. **Last night** I dreamed about you.

E — p. 77

1. Last night there was an accident near my house.
2. In the United States you'll learn English quickly.
3. Marta keeps all her jewels in an old wooden box.
4. My friends live in a beautiful, fifteen-storey (fifteen-story) building.
5. It was a very difficult test and hardly anyone (anybody) finished it in less than two hours.

6. He speaks English badly (poorly) because he has never had anyone (anybody) to teach him.
7. João isn't interested in the car because he thinks it's too old.
8. I hardly ever see Paulo because he has moved to the other side of the city.

Diálogo — p. 77

Bill: Sabe, Harry, os médicos sempre aconselham as pessoas a comer e beber com moderação.

Harry: Bom, você sabe muito bem que os médicos e eu quase nunca estamos de acordo em nossas opiniões!

Unidade 8

p. 84

Pancho é baixinho; Chico é mais alto do que Pancho mas não tão alto quanto Pablo; Pablo é o mais alto dos três.

Olho vivo na preposição! — p. 86

- A consciência ocupa mais espaço do que todo o resto que está dentro de uma pessoa.
- A melhor qualidade do futuro está no fato que ele chega um dia de cada vez.

A — p. 86

1. Your dictionary is better than mine.
2. Jane is more attractive than her sister.
3. São Paulo is more polluted than Curitiba.
4. The brown suitcase is heavier than the black one.
5. Some motorcycles are more expensive than certain cars.
6. Algebra is more complicated than arithmetic.
7. Everybody knows that a hurricane is worse than a rainstorm.
8. Don't you think Renato is thinner than me?
9. My street is noisier than the one where you live.
10. English is simpler than German.

B — p. 86

Alternativa correta: letra **d**

C — p. 87

1. better
2. more crowded
3. more nervous
4. faster
5. harder
6. more interesting
7. nicer
8. easier
9. farther
10. worse

D — p. 87

1. Mrs Baker bought the most beautiful flowers in the flower-shop.
2. It was the hottest day in the whole summer.
3. That was the most interesting book I've ever read.
4. They say this is the best restaurant in town.
5. That was the most difficult problem we had to solve.
6. This is the most comfortable chair in the whole house.
7. My worst grades are always in math.
8. Bobby is the laziest boy in his class.
9. In Brazil, the shortest days of the year are in June.
10. Who, in your opinion, is the most popular singer in the USA?

A — p. 90

1. more carefully
2. the fastest
3. later
4. the hardest
5. louder
6. sooner
7. the most highly
8. fast

B — p. 90

1. farther
2. further
3. farther
4. further
5. further

C — p. 90

1. Paulo isn't as strong as I am.
2. This is the most difficult lesson in the whole book.
3. Their house is three times as big as ours.
4. Paulo looks older, but he's the same age as Pedro.
5. Maria speaks French less fluently than (she speaks) English.
6. The situation was much worse than I expected.
7. Don't you think I drive better than my brother?
8. The most beautiful cars aren't always the best.

9. João arrived earlier because he came by taxi, not by bus.
10. In North America, the longest days are at the end of June.

Diálogo — p. 91

Harry: Bill, acabei de perceber que o Bill Gates e eu temos algo em comum.
Bill: Você e suas idéias malucas!
Harry: Não, é algo muito pequeno mas que tem muito a ver com dinheiro. Nós dois temos um MAIS.
Bill: O que você quer dizer com isso?
Harry: Simples! Ele é o cara **mais** rico do mundo e, neste momento, eu me sinto o **mais** pobre!

Unidade 9

A — p. 96

1. Such (These)
2. that
3. the former; the latter
4. This (That); the one
5. the ones
6. these (those); ones
7. the former; the latter
8. such
9. This; the one
10. This; those (those ones)

B — p. 96

1. ones
2. one
3. one
4. the one
5. The one
6. other ones
7. another one

C — p. 96

1. Einstein and Fermi were both great scientists, but the former is more famous than the latter.
2. This is such a difficult lesson!
3. This cheese was made in Switzerland; those (ones) were made in Minas.
4. This wine is very good, but the one I had yesterday was better.
5. These tourists arrived yesterday; the others came last week.
6. That's not what the teacher said yesterday!
7. These chocolates are for you; those are for your sister.
8. This isn't the pen I lost; the one I lost was black, not blue.

Unidade 10

A — p. 102

1. My; yours
2. His; hers
3. Their; ours
4. your; mine
5. her; his

B — p. 102

1. his; theirs
2. my; yours?
3. his; hers
4. my; yours
5. their; ours
6. your; mine

C — p. 103

1. Yes, it's hers.
2. Yes, it's his.
3. Yes, it's mine.
4. Yes, they're hers.
5. Yes, they're ours.
6. Yes, it's his.

D — p. 103

Billy: Listen, Johnny, how many times have I told you not to use **my** pens?
Johnny: Oh, come on, Billy! Why can't we share **our** things? After all, we are brothers; so what's yours is **mine** and what's mine is **yours**.
Billy: No, sir! Mother bought these pens for me, so they're **mine**.
Johnny: But she's my mother too! She buys things for both of us.
Billy: Yes, but we're so different! You don't take care of **your** things, and I take good care of **mine**. I never lose **my** things and you're always losing **yours**. So don't give me that line "what's **mine** is also **yours**". I don't want **your** things.
Johnny: OK, if that's the way you want it. By the way, mother has just bought me a big chocolate bar. Dont'you touch it! It's **mine**.

E — p. 103

1. A friend of ours had an accident yesterday.
2. My documents are in my pocket; where are yours?

3. Your eyes are blue; mine are brown.
4. A relative of mine brought this watch from Europe.
5. Her mother and mine are friends.
6. Our car is older than yours.
7. We have our opinions and they have theirs.
8. Lucy said that her watch is slow; the problem is, mine is slow too.

Unidade 11

p. 111

1. act — acting — acted
2. open — opening — opened
3. die — dying — died
4. earn — earning — earned
5. boil — boiling — boiled
6. try — trying — tried
7. stay — staying — stayed
8. tape — taping — taped
9. tap — tapping — tapped
10. offer — offering — offered
11. refer — referring — referred
12. gain — gaining — gained
13. plan — planning — planned
14. tie — tying — tied
15. help — helping — helped
16. study — studying — studied
17. admit — admitting — admitted
18. visit — visiting — visited
19. hug — hugging — hugged
20. bore — boring — bored
21. dry — drying — dried
22. guide — guiding — guided
23. refer — referring — referred
24. simplify — simplifying — simplified
25. cry — crying — cried
26. succeed — succeeding — succeeded
27. bury — burying — buried
28. lie — lying — lied
29. trim — trimming — trimmed
30. argue — arguing — argued

Unidade 12

A — p. 117

1. The bank **opens** at 10 A.M. and **closes** at 4 P.M.
2. What time **does Paul go** to school?
3. If the movie **starts** on time, it will be over before 10 P.M.
4. I have a bicycle but I **don't use** it very often.
5. A: **Do you play** the guitar?
   B: Yes, but I **don't play** very well.
6. My uncle George **doesn't drink** but he **smokes** a lot.
7. A: **Does the concert begin** at 8 P.M.?
   B: No, it **begins** at 9 P.M.
8. A: **Does Tom drive** to work every day?
   B: No, sometimes he **goes** by bus.
9. Sandra **brushes** her teeth after meals and before going to bed.
10. When Tony **arrives**, we'll start the game.

Anedota da *Reader's Digest* — p. 118

Dois operários de construção rodoviária estão trabalhando, quando um carro com placas diplomáticas pára em frente a eles.
"Parlez voux français?" pergunta o motorista.
Os dois trabalhadores ficam só olhando.
"Hablan ustedes español?" Eles continuam olhando.
"Sprechen Sie Deutsch?" Eles continuam fitando o motorista.
"Parlate italiano?" Nada. Finalmente o motorista, chateado, vai embora.
Um dos trabalhadores vira para o outro e diz: "Talvez a gente deva aprender uma língua estrangeira".
"Pra quê?", responde o outro. "Aquele cara fala quatro e não adiantou nada!"

Olho vivo na preposição! — p. 123

- Às vezes, uma maioria significa apenas que todos os tolos estão do mesmo lado.

A — p. 124

1. What time **are you leaving** tomorrow?
2. He'**s always making** the same mistakes!
3. A: What **are you doing** here?
   B: I'**m waiting** for the bus that goes downtown.
4. Look! The dog **is running** after the cat.
5. Mary's on a diet, that's why she'**s not eating** any sweets.
6. I'**m looking** for a bookstore; is there one nearby?
7. **Is she studying** to be a dentist?
8. Nowadays people **are becoming** more ecology-minded.

B — p. 124

1. **Do you see** that car near the gate? It belongs to my brother.
2. Johnny **looks** very much like his father.
3. Look! Someone **is calling** you from across the street.
4. A: **Do you believe** that he**'s telling** the truth?
   B: No, I think that he**'s lying**.
5. Sorry, but I **don't remember** your telephone number.
6. I think that Paul **wants** to sell his motorcyle.

C — p. 124

1. Professor Almeida **teaches** history at the University, and at the moment he**'s writing** a book on the life of Rui Barbosa.
2. Please, don't make so much noise. I**'m trying** to study.
3. Johnny usually **sits** in the front row during class, but today he**'s sitting** in the last row.
4. Mr Souza is the man who**'s standing** by the window and **smoking** a cigar.
5. A: **Do you know** who that lady is?
   B: No, I **don't recognize** her.
6. Helen **goes** to the hairdresser every Saturday, but today she**'s not going** because she is too busy.

D — p. 124

1. The grass grows quickly when it rains a lot during (the) summer.
2. The bus is coming and I don't want to miss it.
3. The concert begins at 8 P.M. Have you bought the tickets?
4. I don't (can't) hear the teacher's explanation because there's too much noise in the street.
5. I don't remember your telephone number; can you repeat it, please?
6. A: Does this CD belong to you?
   B: No, it belongs to my cousin.
7. Maria says she's only 35 years old. Do you believe her?
8. I'm reading a very interesting book in which the author uses a lot of slang words.

Diálogo — p. 125

Bill: Harry, você está ouvindo aquele barulho? Pra mim, parece trovão.

Harry: É, mas ainda não está chovendo. Você pode ir, mas vou ficar na praia mais um pouco.

Unidade 13

p. 131

1. drank — slept
2. bought — ate
3. heard — paid
4. forgot — lent
5. wrote — spoke
6. stole — got
7. found — read
8. won — told
9. came — fled
10. fell — broke
11. gave — felt
12. chose — caught — saw

Diálogo — p. 132

Bill: Harry, é verdade que você comprou uma televisão nova, uma que tem uma tela tão grande que faz a gente sentir que está no cinema?

Harry: É verdade, e é por isso que ontem à noite fiquei acordado até às duas da manhã assistindo a filmes. Resultado: dormi além da hora, cheguei atrasado ao trabalho e quase perdi meu emprego!

Olho vivo na preposição! — p. 136

- Estava chovendo quando saí do salão de beleza e, por isso, deram-me um saco plástico para cobrir a cabeça e proteger o meu penteado. Quando cheguei em casa, meu marido falou: "Você passa quatro horas e gasta 80 dólares no cabeleireiro e chega aqui com um saco em cima da cabeça?".

A — p. 136

1. saw; was driving
2. was watching; rang
3. Did you see; were living (lived)
4. Fell; was skating; hurt
5. didn't go; was raining
6. was talking; were waiting
7. was painting; fell
8. was serving; spilled

B — p. 136

1. It began to rain while we were driving to the stadium.
2. Maggie cut her finger while she was slicing tomatoes.

3. George was taking a shower when the electricity went off.
4. Mr Brown made several phone calls while the mechanic was repairing his car.
5. Were you scared when the plane flew /was flying through the storm?
6. I was having a pleasant dream when the alarm clock went off.
7. I felt only a slight pain when the dentist drilled / was drilling my tooth.
8. Betty was walking along the street when suddenly she met an old friend.

C — p. 137

1. We were in the kitchen when we heard a strange noise in the backyard.
2. My grandfather always said (used to say) that he hated the smell of cigarettes.
3. At this time last year we lived (were living) in that tall building near the church.
4. When Sheila heard the news she started to cry.
5. We laughed a lot (heartily) when Tony told that joke about the two drunks (drunkards).
6. Did your friends visit the Louvre Museum when they were in Paris?
7. The children were doing their homework while their mother prepared dinner.
8. When I got up this morning I didn't feel well. Later (on), when I felt better, I went to work.

Unidade 14

Diálogo — p. 142

Harry: Bill, parece que você esquece as coisas muito facilmente. Por exemplo... hã ... aquele dinheiro que lhe emprestei uns dez dias atrás...

Bill: Ah, desculpe, Harry! Juro que lhe pago até sexta-feira, o mais tardar!

Olho vivo na preposição! — p. 151

- Ter a melhor idéia do mundo de nada lhe servirá a não ser que você a ponha em prática. As pessoas que querem leite não devem sentar-se numa banqueta no meio de um campo na esperança de que uma vaca venha se postar em sua frente.

A — p. 152

1. will bring
2. will try
3. will get
4. am going to buy
5. will stay (am going to stay)
6. will get
7. are you going to paint
8. will have (are going to have)
9. will call
10. will go

B — p. 152

1. am going; will send
2. leaves; will miss (are going to miss)
3. are getting; will go
4. are stopping off; will you stay (are you going to stay)
5. is going to be; will be
6. is arriving (arrives); will go (goes)
7. are going to spend; will look
8. will have
9. stars; will get
10. is leaving; are having

C — p. 153

1. were going to
2. was going to
3. Weren't you going to
4. were going to
5. was going to

D — p. 153

1. We'll be travelling next month.
2. Is Carlos going to call his girlfriend later?
3. My friends will probably arrive before eight.
4. I (I've) missed the bus, but my father said he'll take me to school.
5. It has started to rain. Shall I close all the windows?
6. A: What do you think the teacher is going to do?
   B: I think he's going to give us a difficult test.
7. Do we need meat for lunch? Then I'll go to the butcher's and buy some.
8. Are you going to wash all these plates? Then I'll help you.

Unidade 15

Diálogo — 154

Jane: Sheila, você tem de estudar para a prova de amanhã?

Sheila: Sim, tenho de estudar muito.

Jane: A propósito, você tem um bom dicionário de inglês?
Sheila: Sim, tenho. Mas não o tenho comigo agora. Hoje de manhã tive que emprestá-lo a meu irmão.

Olho vivo na preposição! — p. 159

- Um homem diz ao outro: "Tenho um excelente advogado. Sabe de uma coisa? Quebrei um espelho, o que significa sete anos de azar. Mas o advogado acha que ele consegue reduzir minha pena para cinco!".

A — p. 159

1. had
2. don't have
3. have
4. had
5. to have; had
6. will... have
7. had
8. did you have
9. had
10. have
11. Does she have
12. has (will have)

B — p. 160

1. Paulo's family has a beautiful house at the seaside.
2. Did you have to pay that bill?
3. Yesterday I had breakfast very early.
4. Let's have dinner at a restaurant near my house!
5. Eduardo doesn't have a car, but he has a motorcycle.
6. We'll have an important test next week.
7. What would you like to have (eat): meat or fish?
8. Jane will have to buy a new dress for the party.

Diálogo — p. 160

Bill: Harry, ontem foi sexta-feira! Por que você não se juntou a nós para a *happy hour* de sempre no Bar do Hank?
Harry: Porque tive que ir para a aula.
Bill: Aula?
Harry: É isso mesmo, todos nós lá do escritório temos que fazer um curso intensivo para aprender a usar o novo *software* da Microsoft ... Ordens do chefe, você sabe...

Unidade 16

Olho vivo na preposição! — p. 173

- É difícil entender a eternidade, a não ser que você tenha se sujeitado a assistir a uma ópera inteira.

A — p. 174

1. has known
2. I've been; always wanted
3. have been waiting; have you been?
4. I've told
5. I haven't seen; they've gone
6. has been working (has worked); hasn't got
7. baked (has baked); have already eaten
8. have been working

B — p. 174

1. A: have you ever met
   B: saw
2. has always wanted; got
3. A: Have you ever eaten
   B: I ate; was
4. was invented; has saved
5. have never been
6. bought; have always spent

C — p. 174

1. How long has Henry been in Los Angeles?
2. How long has Susie been working as a secretary?
3. How long has Charles been working (worked) with computers?
4. How long has your cousin Sandra been in the hospital?
5. How long have Tom and Helen been living (lived) in Canada?
6. How long have you known Mr Santos?

D — p. 174

1. This week, Ricardo has seen his girlfriend only five times.
2. I've been working on this report since yesterday and I haven't finished it yet.
3. I met Sandra several times last week.
4. A: Have you ever visited a famous museum?
   B: Yes, I visited the Louvre when I was in Paris two years ago.
5. I've been studying / I've studied English for several years and I still have difficulty with the *present perfect*.
6. I've already finished reading the book you lent me last week.
7. A: Have you seen Tom lately?
   B: No. I think he's returned (gone back) to Cuiabá where his family has been living/has lived since last year.
8. The car looks very clean. Have you just washed it?

Diálogo — p. 175

Jane: Há quanto tempo você está aprendendo a tocar piano, Sheila?

Sheila: Ah, estou estudando há três ou quatro meses, mas, para falar a verdade, não tenho feito muito progresso!

Unidade 17

Anedota da *Reader's Digest* — p. 179

My sister's home **had just been burglarized.** When the crook **was arrested** and the police **discovered** that he **was** a frequent "visitor" in the area, they **took** him on a drive through the neighborhood for him to point out the houses he **had** hit.
Anne, who **works** for the state's criminal justice department, later **found out** that the burglar **had** no problem remembering her house. "That's the one", he **said**, "with the nice little dog that **followed** me from room to room."

Tradução

A casa de minha irmã tinha acabado de ser furtada. Quando o patife foi preso e a polícia descobriu que ele era um "visitante" assíduo da área, levaram-no para uma volta de carro pela vizinhança, para que ele apontasse as casas onde tinha dado seus golpes.
Anne, que trabalha no departamento de justiça criminal do estado, posteriormente ficou sabendo que o ladrão não teve dificuldade em lembrar-se da casa dela. "É aquela", disse ele, "com o cachorrinho simpático que me seguiu de quarto em quarto".

Olho vivo na preposição! — p. 183

- Abaixo do aviso "Não está funcionando", em uma máquina de vender selos numa agência de correio na Califórnia, alguém tinha rabiscado: "Alguém ou alguma coisa funciona por aqui?". Ao lado da pergunta estava esta resposta: "Eu funciono. Sou eu quem coloca os avisos de 'Não está funcionando'".

A — p. 183

1. got; had gone
2. took; had never seen
3. had been crying; were
4. had just rung; realized
5. told; had taken
6. A: had been painting
   B: was
7. was; had gone
8. stopped; noticed; had happened
9. Wasn't; had just eaten
10. had been playing; felt
11. ate; had prepared
12. understood; had repeated

B — p. 183

1. She had been waiting for more than 15 minutes when the bus arrived.
2. Had the show already started when you got to the theater?
3. When the alarm clock rang (went off), Jane had been sleeping for more than (for over) ten hours.
4. Maria was afraid to travel by plane because she'd never flown before.
5. João asked me if (whether) I had brought from Miami the things he had ordered.
6. Only when Tony got to the store he noticed (did he notice) that his wallet had been stolen.
7. The police had been looking for the thieves the whole week, and they finally found them in a shantytown.
8. By 10 P.M. the children had already finished their homework and were ready to go to bed.

Diálogo — p. 184

Harry: Eu esperava encontrar você aqui hoje pela manhã. O que houve?

Bill: Quando acordei por volta das onze horas hoje de manhã, percebi que estava dormindo há dez horas! Então, levantei e, em vez de tomar café, decidi fazer um bom *brunch* (combinação de *breakfast* com *lunch*)... Agora, aqui estou, bem descansado e bem nutrido!

Unidade 18

A — p. 190

1. will have lost
2. will have taken off

3. won't have finished
4. will have visited
5. will have been sitting

B — p. 190

1. I think (that) the bus will have already left when Paul gets to the bus terminal.
2. We hope that within three or four years, a cure for AIDS will have been found.
3. Do you think that by 10 o'clock all the students will have finished the test?
4. When the doctor finishes the operation, the patient will have been unconscious for at least five hours.
5. By 2010, computer science will have radically changed our way of life.

Unidade 19

A — p. 198

1. I suggest that she **prepare** for the test if she really wants to pass.
2. My friend was in a hurry, so he suggested that we **take** a taxi.
3. If you plan to go to the USA, it's indispensable that you **get** a passport.
4. Although Mary **tried** very hard, she wasn't able to open the bottle of wine.
5. It's urgent that we **take** our dog to a veterinarian.
6. The teacher recommended that the students **pay** special attention to articles and prepositions.
7. I demanded that he **pay** me at once.

B — p. 198

Alternativa correta: letra **c**

C — p. 198

1. The doctor suggested that I smoke less.
2. My friend proposed that we (I) have apple pie instead of cake.
3. Bob insisted that I invite Jill to the party.
4. The clerk demanded that I pay my phone bill by Friday.
5. Bill suggested that I take a few days off from work.
6. My friends recommended that I wait till the rain stops.

D — p. 198

1. Although Paulo played very well, his team lost the game.
2. It's indispensable that the police have the necessary means to fight crime.
3. The teacher recommended that the students memorize the irregular verbs.
4. Maybe Carlos wants to go to the party. Why don't you invite him?
5. When I get to New York, I'll send you a postcard.
6. I insisted that he go with me, because I was afraid to go alone.
7. If he were your friend, he wouldn't say such things about you.
8. I agree to do the work, provided (that) you help me.

Diálogo — p. 199

Mary: Você vai ao supermercado mais tarde?
Tony: Posso dar uma passada por lá quando estiver voltando do escritório.
Mary: Então, por favor não se esqueça de comprar presunto e queijo e, a propósito, traga também alface e tomates, OK?

p. 201

1. Lend me your pen for a moment, will you?
2. Try and lift this box; it's too heavy for me.
3. Don't (you) forget to lock all the doors!
4. Everybody get up when the director comes in!
5. Come and listen to this CD I bought yesterday!
6. Don't (you) open the door if you don't know who's knocking!
7. Enjoy your vacation in Europe and don't forget to send me a postcard!
8. Somebody please close that door! The air that's coming in is very cold.

Anedota da *Reader's Digest* — p. 202

"Achar o médico certo não é fácil", diz o inimitável George Burns. "Recomendações são um bom começo. Portanto, converse com seus amigos, de preferência com aqueles que ainda estão vivos. Uma vez que você tiver o nome de um médico que lhe parecer interessante, vá ao seu consultório e dê uma olhada. Ele tem livros sobre medicina em sua estante, entre os volumes sobre investimentos e imóveis? Ele tem um aquário cheio de peixes tropicais? Os peixes estão vivos?

A seguir, observe os pacientes na sala de espera. A aparência deles é melhor do que a dos peixes? Converse com os pacientes. Verifique o que acham dele. Descubra se o médico atende em domicílio. Se atender, mande-me o nome dele... Particularmente, gosto de um médico mais idoso. E, se ele ainda estiver vivo, pergunte quem é seu médico e vá falar com ele — se ainda estiver vivo."

Unidade 20

Olho vivo na preposição! — p. 211

- Paciência é a capacidade de agüentar pessoas que a gente gostaria de "arrasar".

A — p. 211

1. wouldn't know
2. Would you like
3. wouldn't be
4. would be
5. would pay
6. wouldn't you be

B — p. 211

1. You shouldn't have offended Susan.
2. You shouldn't smoke so (too) much.
3. I should have visited (gone to visit) my friend Paul.
4. You should eat a good breakfast.
5. You shouldn't drive so (too) fast.
6. You shouldn't have eaten so many sweets.

C — p. 212

1. Will/Would
2. would
3. should/will
4. Will/Would
5. would
6. Shall
7. ought to/should
8. will/would
9. Will/Would
10. shouldn't

D — p. 212

1. I'd go to the movies with you, but unfortunately I can't.
2. Wil / Would you (please) bring me a can of peaches from the supermarket?
3. She said (that) she'd be very disappointed if her grade were less than 5.
4. Will you please repeat what you said?
5. A: Shall we invite Tony to tomorrow's party?
B: I think we should/ought to; otherwise he'll feel hurt.
6. Call me tonight. I should be (at) home before 8 P.M.
7. Wouldn't Paulo like to get a walkman on (for) his birthday?
8. I should have gone to bed earlier last night.

Unidade 21

Diálogo — p. 213

George: Tom, toda vez que o encontro, você está com um cigarro na boca. Acho que você deveria se preocupar mais com sua saúde e parar de fumar!
Tom: Eu sei que eu deveria e, se eu pudesse, deixaria!

A — p. 219

1. been able to
2. can
3. Were you able to
4. be able to
5. can/will be able to
6. Can; can't
7. can't/couldn't
8. could/was able to
9. Were you able to; couldn't
10. can't; will be able to

B — p. 219

1. can't/won't be able to
2. could/was able to
3. were able to
4. could/was able to
5. was able

C — p. 219

1. Could I borrow your pen?
2. Can you tell me where I can find a good hotel?
3. Could you give me a lift?
4. Can you explain this expression to me? (Can you explain to me what this expression means?)
5. Could you tell me how to get to the bus station?

Anedota da Reader's Digest — p. 220

Um dos pontos altos da aula de biologia na New Mexico Highlands University era a ali-

mentação mensal de uma cascavel engaiolada, mantida no laboratório. Uma vez, a turma inteira juntou-se em volta da gaiola e, em silêncio, observava a cobra sendo alimentada. "Tenho inveja da cobra", disse o instrutor. "Nunca consigo atenção absoluta da turma, como acontece aqui."

Um aluno respondeu com naturalidade: "O sr. conseguiria, se pudesse engolir um camundongo".

Olho vivo na preposição! — p. 222

- Posso até entender como seria possível um homem olhar para baixo aqui na terra e ser um ateu; mas não consigo compreender como ele pode levantar os olhos para o céu e dizer que não existe Deus.

A — p. 222

1. I'm not sure. She may (might) be still sleeping.
2. I'm not sure. He may (might) have taken the 10 o' clock plane.
3. I'm not sure. They may (might) go to the football game.
4. I'm not sure. He may (might) have been sick.
5. I'm not sure. They may (might) be still living in São Paulo.
6. I'm not sure. She may (might) be here soon.

B — p. 222

1. I'm not sure. He may (might) not have passed it (the test).
2. I'm not sure. She may (might) not be telling the truth.
3. I'm not sure. She may (might) not have been angry with you.
4. I'm not sure. He may (might) not be busy tonight.
5. I'm not sure. He may (might) not have got (gotten) there in time.

A — p. 226

1. had to
2. must/have to
3. must
4. have to
5. will have to
6. must/have to
7. had to

B — p. 226

1. didn't have to/didn't need to
2. mustn't
3. doesn't have to/needn't
4. mustn't
5. doesn't have to/needn't
6. didn't have to/didn't need to

C — p. 226

1. We should have paid attention to the instructions.
2. You should have told me you were coming.
3. Tony should have followed our advice.
4. You should have sent me a card from Las Vegas.
5. My teacher shouldn't have given me such a low mark.
6. Fred should have been kinder to his parents.
7. My team shouldn't have lost the (that) game.
8. Judy shouldn't have eaten so much "junk food".

D — p. 227

1. You shouldn't (ought not to) lie to your best friend.
2. He must have dialed the wrong number.
3. A: Where is Paulo?
   B: I don't know, he may have gone to the bank.
4. I can't pay this bill today, but I'll be able to pay it next week.
5. Can your cousin play tennis?
6. The plane should arrive at 10 o'clock, but it may arrive later due to bad weather.
7. The test must have been difficult because few students managed to pass.
8. You can (may) open the window because it isn't raining anymore.

E — p. 227

(Resposta pessoal)

Unidade 22

A — p. 234

1. loved
2. will give
3. had heard
4. doesn't hurry
5. wouldn't get (wouldn't have got)
6. won (wins)
7. were
8. found
9. had called
10. wouldn't have caught

11. will be
12. would buy

B — p. 235

1. If you stayed here, you'd meet my friend Paul.
2. If John were your friend, he'd give you a hand.
3. If the stereo set were good, I'd buy it.
4. If our team had better players, we'd win the game.
5. If I knew something about biology, I'd be able to help you.
6. If Walter had a computer, you could send him an e-mail.

C — p. 235

1. If I'd finished the book, I'd have returned it to the library.
2. If I'd won a big lottery prize, I'd have bought a beautiful mansion.
3. If the dogs had barked, the thief would have run away.
4. If they had called a doctor, the patient wouldn't have died.
5. If the man were a good swimmer, he wouldn't have drowned.

D — p. 235

Alternativa correta: letra **c**

E — p. 235

1. If Jorge were here, he could help us.
2. If you go to Florida, do you intend to visit Disneyworld?
3. If I don't have to study, I'll go to the club with you.
4. If they had seen Carlos, they'd have spoken to him.
5. We'd buy that apartment if the price weren't so high.
6. If this product were better, more people would buy it.
7. Unless it rains, we'll spend the afternoon at the club.
8. Paulo will go to the party, whether or not his girlfriend goes.
9. If I hear any noise, I'll call the police.
10. If you like comedies, you should see the movie I saw last night.

Diálogo — p. 236

Um casal estava tendo uma discussão acalorada sobre as finanças da família. Finalmente, a mulher explodiu: "Se não fosse meu dinheiro, esta televisão não estaria aqui. Se não fosse meu dinheiro, essa cadeira em que você está sentado não estaria aí. Se não fosse meu dinheiro, esta casa não estaria aqui."

"Você está brincando?", respondeu o marido. "Se não fosse o seu dinheiro, **eu** não estaria aqui!"

Unidade 23

Anedota da *Reader's Digest* — p. 244

"Johnny", perguntou a professora de ensino fundamental, "diga-me que tempo verbal estou usando quando digo 'eu amo, tu amas, ele ama'."

"Bem", respondeu Johnny, "eu não tenho certeza, mas pra mim parece um daqueles 'rolos' em que alguém acaba levando um tiro".

A — p. 244

1. Excellent seafood is served by (in) that restaurant.
2. All flights were cancelled because of the bad weather.
3. This problem can be solved easily by a computer.
4. Our national heroes won't be forgotten.
5. The matter will be discussed by the Congress next week.
6. Some beautiful houses are being built on my street.
7. The room had already been cleaned.
8. Richard got hurt during the football game.
9. Paul was accused of stealing the money.
10. Even some big trees were blown down by the wind.

B — p. 245

1. The workers aren't paid a good salary.
2. Jim wasn't told (by anybody) that his uncle was sick.
3. Johnny was given many presents on his birthday.
4. You'll be shown how to operate the machine.
5. We were promised a lot of money.

C — p. 245

1. The Eiffel Tower was built in 1889.
2. Many letters and magazines were delivered by the postman (mailman).
3. Did many houses get damaged by the storm?
4. Many famous tragedies were written by Shakespeare.
5. Corn and soybeans will be grown on their farm.
6. Many people got killed by the (an) explosion.
7. The date of the meeting has been changed.
8. The school system was reorganized last year.
9. The car will be repaired by the mechanic this afternoon.
10. The merchandise was being sold at a 50% discount.

D — p. 245

1. The whole building was destroyed by the fire.
2. They say (that) the author of the crime will never be known.
3. Has the patient been examined by the doctor yet?
4. These oranges were bought this morning.
5. When I got there, the car had already been sold.
6. Did you know that, despite the cold, a lot of ice cream is eaten in Alaska?
7. When my uncle was born, television hadn't been invented yet.
8. Is it true that this car was imported from Japan?

Diálogo — p. 246

Bill: Harry, contaram-lhe que nosso amigo Dick perdeu o emprego?
Harry: Você quer dizer que ele foi demitido, posto no olho da rua, assim, sem mais nem menos?
Bill: É isso aí.
Harry: Bem, você conhece o bonachão do Dick. Provavelmente, foram festas demais, garotas demais, muitos atrasos no trabalho e, então, bang! Mas aposto que ele foi alertado, ameaçado e no fim veio o golpe. Que azar o dele!
Bill: Ora, vamos, Harry. Eu achava que você mostraria mais compaixão, que não seria tão insensível em relação ao nosso bom colega Dick.
Harry: De certa forma, tenho dó dele. Mas se ele merecia, a culpa é dele.
Bill: Sabe de uma coisa, Harry? Eu estava apenas brincando para ver que tipo de "amigo leal" você é!
Harry: Seu patife, seu... Um dia desses eu te pego!

Unidade 24

Diálogo — p. 255

Psiquiatra: "Não estou bem a par do seu problema, então talvez a gente deva começar do início."
Paciente: "Tudo bem. No início, eu criei os céus e a terra..."

Olho vivo na preposição! — p. 255

- Os adolescentes foram postos no mundo para impedir que os adultos desperdicem tempo no telefone.

A — p. 256

(Resposta pessoal)

B — p. 256

(Obs.: Quando há mais de uma opção, utilizamos as duas que consideramos melhores ou mais plausíveis.)

1. waiting/working
2. listening
3. seeing
4. making
5. swimming
6. locking
7. walking/swimming; running
8. learning
9. Smoking
10. cutting; opening
11. working/walking; going
12. raining

C — p. 257

(Obs.: Quando há mais de uma opção, utilizamos as duas que consideramos melhores ou mais plausíveis.)

1. **It's no use / It's a waste of time** asking Henry for money
2. **It makes no sense / It's a waste of time** studying a language if you're not going to use it.
3. **It's not worth / It's a waste of time** visiting a modern art exhibition.
4. **It's no good / It's a waste of money** buying this old TV set.
5. **It's no use / It's a waste of time** trying to bend this iron bar.
6. **It makes no sense / There's no point in** getting upset.
7. **It makes no sense / It's a waste of money** buying these bananas if no one is going to eat them.
8. **It's not worth / There's no point in** getting these old shoes repaired.
9. **It's no use / It's a waste of time** trying to convince her.
10. **It makes no sense / It's not worth** risking your life by driving so fast.

D — p. 257

1. Stop bothering me! Don't (Can't) you see I'm busy?
2. Avoid taking medicines that are unfamiliar to you!
3. Before voting, we must choose our candidate carefully.
4. Next Sunday I'm going fishing with my friends.
5. We finally finished painting our apartment.
6. Thanks for helping me!
7. We had no difficulty finding a good restaurant.
8. Nowadays it's worth learning English well.

A — p. 265

1. to close
2. to mail
3. to speak
4. to bring; to play
5. to drive
6. to get
7. to lend
8. to listen

B — p. 265

1. I warned him not to reveal the secret to anyone.
2. Mr and Mrs Brown invited me to have lunch with them.
3. The teacher reminded the students to bring their pens and notebooks.
4. The loud noise made me jump from my seat.
5. Frank convinced me to go to the show.

C — p. 266

As alternativas que completam corretamente as frases são:

1 — b	**6** — c
2 — a	**7** — b
3 — c	**8** — b
4 — a	**9** — a
5 — a	**10** — c

D — p. 267

1. Mr Silva doesn't let (allow) anyone (to) smoke in his office.
2. The film (movie) was so sad (that) it made me cry.
3. Did he explain to you how to use the camera?
4. We decided not to travel (not to take the trip) because the weather wasn't good.
5. Television makes many people buy things (that) they don't need.

Unidade 25

A — p. 271

1. doesn't she
2. can he
3. aren't they
4. would you
5. shall we
6. will they
7. did he
8. will you
9. hasn't it
10. hasn't he
11. can't you
12. oughtn't they

B — p. 271

(Resposta pessoal)

C — p. 271

Alternativa correta: letra **d**

D — p. 272

1. Roberto didn't wash his car yesterday, did he?
2. Let's discuss this matter tomorrow, shall we?
3. You'd lend me 100 dollars, wouldn't you?
4. Fritz speaks German well, doesn't he?
5. Bring me a glass of milk, will/would you?
6. You can play football this afternoon, can't you?
7. Your friends would have come, wouldn't they?
8. João should smoke less, shouldn't he?

Unidade 26

p. 275

1. No, he can't.
2. Yes, they should.
3. Yes, she is.
4. No, we aren't.
5. No, there won't.
6. No, I haven't.
7. Yes, she does.
8. No, they couldn't.
9. Yes, they were.
10. No, they won't.
11. Yes, he must.
12. No, it didn't.

A — p. 277

1. Can't you open this bottle?
2. Isn't the Ritz an expensive hotel?
3. Doesn't Paul like to listen to jazz?
4. Won't the children go on a picnic tomorrow?
5. Wouldn't Sylvia love to go to the disco?
6. Aren't they going to paint their house?
7. Doesn't Jack love to surf the Internet?
8. Isn't this a very easy lesson?
9. Hasn't it been very warm lately?
10. Didn't the carpenter repair the broken chairs?

B — p. 277

1. Didn't you see the fire in that building?
2. Wouldn't she like to go to the movies with us?
3. Doesn't William work with computers?
4. Doesn't Jane drink beer?
5. Why didn't they go by car?
6. Aren't your friends at the cafeteria (luncheonette)?
7. Weren't the dogs barking?
8. Wasn't it raining last night?

Diálogo — p. 278

Bill: Harry, você sempre falou em passar as férias no Caribe, não é?

Harry: Sim, é um dos meus sonhos.

Bill: Você tira férias em breve, né? Por coincidência, eu também tiro. Por que então não programamos nossas férias de tal modo que possamos ir juntos? Conheço umas agências de turismo que estão oferecendo pacotes com tudo incluído, por um preço muito atraente.

Harry: Ótimo! Mas primeiro deixe-me falar com meu chefe... quando ele estiver de bom humor. Se ele concordar, negócio fechado!

Unidade 27

A — p. 284

1. When
2. Which
3. whom
4. What
5. why
6. What
7. who
8. Which
9. where
10. Whose
11. Why
12. who; when

B — p. 285

1. How much (money) did you deposit in the bank?
2. Where do you plan to spend your vacation this year?
3. Who did you go to the football game with?
4. What do you think is the correct answer to this question?
5. Which car belongs to Mr Brown, the red one or the black one?
6. Why did Paul come late for class this morning?
7. If you go to Manaus, how long do you intend to stay there?
8. How much did you pay for your shoes and where did you buy them?

C — p. 285

1. Where did you put my pen?
2. Who gave you my telephone number?
3. Why didn't your friends buy the apartment?
4. John asked me where I had spent the weekend.
5. What did you buy at the supermarket?
6. Which of those girls is Paulo's girlfriend?
7. Who is George working with now? (With whom is George working now?)
8. Whose shoes are those? (Whose are those shoes?)

Unidade 28

Olho vivo na preposição! — p. 290

- Após assistir a um programa de televisão no qual eu havia sido entrevistada, eu estava apreensiva quanto à minha aparência. "Estou tão feia assim?", perguntei ao meu marido. Ele ficou em silêncio por algum tempo e então falou: "Bem, eu consegui te reconhecer".

A — p. 290

1. who
2. where/in which
3. that/which
4. whose
5. that/which; who
6. which
7. whom
8. when
9. that/which
10. who
11. whom
12. whose
13. what

B — p. 291

1. He's the teacher I was talking about.
2. Mr Clark is the man I travelled with.
3. Susan is the girl Jim gave a present to.
4. Mr Harris is the architect the house was built by.
5. This is the suitcase I put all my clothes in.
6. This is the document you were waiting for.
7. That is the bed I slept in.

C — p. 291

1. The film **that/which** I saw last night was very good.
2. My cousin works for a company **that/which** sells farm machinery.
3. The man **who** lives next door is a good friend of ours.
4. The faucet **that/which** was dripping was repaired by a plumber.
5. That's the hotel **where** we stayed last year.
6. Fred is the technician **by whom** my TV set was repaired.
7. She's the actress **who** was awarded the Oscar for "best actress" in 1997.
8. That's the boy **whose** sister won the beauty contest.

D — p. 291

1. The cake (that) my mother made was delicious.
2. I still remember the school where I studied when I was a child.
3. I don't know the teacher about whom you're talking. (I don't know the teacher you're talking about.)
4. The people who are in that hotel are American tourists.
5. I'd like to know for whom you bought this present. (I'd like to know who you bought this present for.)
6. Who took the magazines (that) I bought this morning?
7. What happened yesterday was a surprise to everybody.
8. This is the drawer in which/where I put all the important papers.

Anedota da *Reader's Digest* — p. 292

Carta de C. S. Corey ao editor do (jornal) Tucson Star: "Na página cinco do Star de 30 de janeiro de 1975, encontra-se a manchete: 'WHOM SHOULD BE LAID OFF FIRST?' ("A quem" deveria ser demitido primeiro?). A resposta é óbvia: 'A quem' redigiu a manchete? 'Lhe' deveria ser demitido primeiro! 'Lhe' não conhece gramática inglesa o suficiente para o cargo que 'lhe' ocupa".

Unidade 29

A — p. 297

1. any; some
2. anything; something
3. any
4. anywhere
5. Some
6. somewhere
7. anyone/anybody; no one/nobody
8. something; anyone/anybody
9. any
10. anyone/anybody
11. somehow
12. someone/somebody

B — p. 298

Alternativa correta: letra **d**

A — p. 301

1. everywhere
2. enough
3. others
4. enough; everybody/everyone
5. all; everything
6. enough; everyone/everybody
7. either
8. every; everything/anything
9. enough
10. either

B — p. 302

Alternativa correta: letra **b**

A — p. 306

1. many; much
2. Many; a lot of
3. much; many
4. many; a lot of
5. many; much
6. much; many

B — p. 307

1. much; a few
2. much
3. many; much
4. a lot of; many
5. much
6. little/a lot of; a lot of/ little
7. few
8. Many/A lot of
9. much; a lot of/much
10. many
11. Few
12. a lot of; few

A — p. 308

Alternativa correta: letra **c**

B — p. 308

1. I didn't go anywhere in the last few weeks.
2. A: Did you see anyone/anybody in the living room?
   B: No, I didn't see anyone/anybody there.
3. Everyone/Everybody knows that Pelé was a great football player.
4. Roberto didn't eat anything because he wasn't hungry.
5. Although Mr Simmons has a lot of/a great deal of money, he has few friends.
6. Please, put some/a little sugar in my coffee!
7. Today, wherever you go, it's important to know English.
8. I saw Patrícia somewhere, but I don't remember exactly where.
9. Everything will be explained in/within the next few days.
10. We don't have enough gasoline to finish the trip.
11. Whenever it rains there are more accidents in the streets.
12. These bananas are ripe; the others are green.
13. In the last few years, computer science has made a lot of/a great deal of progress.
14. If you need any help, don't hesitate to ask!

Unidade 30

A — p. 314

1. that's why/so
2. Although/Even though
3. so/so that
4. Besides/In addition to
5. besides/in addition to
6. Despite
7. however/but
8. nevertheless
9. nevertheless
10. As/Because
11. because
12. unless

B — p. 314

1. I think she said that only to please the teacher.
2. Mr Santos is going to buy the apartment (flat), although the price is a little high.
3. She plays classical (music) as well as popular music.
4. Since (As) you don't want any cake, then have a piece of pie.
5. Mary got a bicycle; that's why she's so happy.
6. I studied very hard for the test; in spite of it (nevertheless), I got only a 6.
7. I promise to help you tomorrow, provided (as long as) I'm not too (very) busy.
8. Although we insisted, she didn't want to go to the movies with us.

Unidade 31

A — p. 323

1. Tony said that his mother was in bed with a high fever.
2. ... he was going to buy some medicine for her.
3. ... he had no idea as to when he'd be able to go on vacation.
4. ... his sister Helen had bought a new car.
5. ... he was thinking of looking for a better job.
6. ... his brother had had an accident but he was OK by then.

7. ... he hadn't played tennis lately.
8. ... he hardly ever went to the movies anymore.
9. ... Nora and Jim would get married next month/the following month.
10. ... he might pay me a visit tomorrow/on the following day.
11. ... his brother was thinking of moving to Canada.
12. ... he had to go then because it was getting late.

B — p. 323

1. Mr Johnson said (that) he was going to Chicago on business.
2. George says (that) he feels like having a glass of ice-cold beer.
3. My brother asked me if I had borrowed his woolen sweater.
4. Mary told me not to forget to buy some oranges.
5. Tom asked his father if he could lend him the car for a few hours.
6. Mr Silva said that those letters had to be mailed before noon.
7. Frank asked me if I had gone to Cynthia's birthday party the week before.
8. The policeman told me/said to me (that) I shouldn't be so careless when I drive.
9. Tony asked why the boss was always complaining about his work.
10. The doctor asked the patient if he had been taking his medicine regularly.
11. Jim said (that) he would be going on vacation in a couple of weeks.
12. Mary says (that) she's been working too hard and (that) she really needs a rest.

C — p. 323

Last summer, the passenger sitting next to me on the plane asked me where I was from. I **told** him I **was** from Rio de Janeiro. He **told** me he **was** from Mapleton, a small town in northern Michigan. I mentioned that I **had never heard** of Mapleton, but that I **had been** to Michigan once on vacation. The passenger **asked** me if I **was going** to Michigan on vacation **that** summer. I **said** that I **would stay at** home **that** year. At that point, the passenger **told** me that it **was** a good idea, since Argentina **was** a beautiful country. My mouth fell open. I didn't know how to respond. Some people certainly need to study geography.

Diálogo — p. 324

Bill: Harry, você falou com seu chefe sobre nossos planos de férias? Quer dizer, sobre a idéia de fazermos nossas férias coincidirem, para que possamos passar duas ou três semanas juntos no Caribe.

Harry: Sim, mencionei isso a ele e até disse que gostaríamos de ir em junho. Ele disse que, quanto a ele, estava OK; mas então ele me perguntou... bem, você não vai acreditar se eu lhe contar...

Bill: Ora vamos, conte-me. Você sabe que sempre acredito em qualquer coisa que você diga.

Harry: Acredite ou não, ele me perguntou se junho não era um mês frio no Caribe.

Bill: Ah, não! Ele não sabe onde fica o Caribe?

Harry: Isso lhe mostra o quanto ele entende de geografia!

Unidade 32

A — p. 331

1. When did Pope John Paul **the Second** visit Brazil for the **second** time: in **nineteen ninety** or in **nineteen ninety-one**?
2. Emperor Pedro **the First** declared the independence of Brazil in **eighteen twenty-two**.
3. The check was made out for **one thousand, three hundred and ninety-five dollars and sixty-seven cents**.
4. The number of my bank account is **eight five four two seven "oh" three**.
5. Columbus discovered America in **fourteen ninety-two**.
6. The second World War started in **nineteen thirty-nine** and ended in **nineteen forty-five**.

7. Dom João **the Sixth** came to Brazil in **eighteen "oh" eight**.
8. If you catch the **five fifteen** bus, you'll be there before **seven thirty**.

B — p. 331

1. Our classes started on March third.
2. I hope to be in London by the twenty-first of September (by September twenty-first).
3. Queen Elizabeth the Second was crowned in nineteen fifty-three.
4. President Kennedy was assassinated on November twenty-second, nineteen sixty-three.
5. I have a friend in New York who lives on One Hundred and Fifty-Ninth Street.

Unidade 33

Olho vivo na preposição! p. 338

- Um hóspede que tinha feito uma reserva em nosso pequeno hotel teve dificuldade em nos achar e acabou entrando numa funerária do outro lado da rua. Com sua sacola de roupas pendurada no ombro, ele entrou e olhou em volta. "É aqui que eu registro minha entrada?", perguntou a alguém no saguão. "Não", veio a resposta, "aqui é onde você registra a saída".

p. 338

1. to; till; of
2. with
3. into
4. along; under
5. off; in
6. about; to
7. to; by; of
8. for
9. from; over/for
10. for
11. into; through
12. since; for
13. from; to
14. by; by; by
15. to; out
16. out/of; into
17. for; without
18. around
19. across; up
20. about; up

p. 343

1. in; at
2. in; on
3. at; at
4. on; in
5. at; on
6. in; at; on
7. in; at
8. on; on
9. in; on
10. in; on
11. in
12. in;on

Unidade 34

p. 352

1. got into; made off
2. run out of; going; for
3. called me up; put off
4. Look out; run over
5. took off; put on
6. ran after; got away
7. calls for
8. put his books away; went out
9. look after; go away
10. ran into
11. made up
12. gave up; took over

UCL
Biblioteca
Reg.: 6277/07

Editora Saraiva

Av. Marquês de São Vicente, 1697
CEP 01139-904 – Barra Funda – São Paulo-SP
Tel.: PABX (0**11) 3613-3000
Fax: (0**11) 3611-3308
Televendas: (0**11) 3613-3344
Fax Vendas: (0**11) 3611-3268
Atendimento ao Professor:
(11) 3613-3030 Grande São Paulo
0800-0117875 Demais localidades
Endereço Internet:
www.editorasaraiva.com.br
E-mail:
atendprof.didatico@editorasaraiva.com.br

Revendedores Autorizados

Aracaju: (0**79) 3211-8266/3213-7736/3211-6981
Bauru: (0**14) 3234-5643/3234-7401
Belém: (0**91) 3222-9034/3224-9038
Belo Horizonte: (0**31) 3429-8300
Brasília: (0**61) 3344-2920/3344-2951/3344-1709
Campinas: (0**19) 3243-8004/3243-8259
Campo Grande: (0**67) 3382-3682/3382-0112
Cuiabá: (0**65) 3901-8088
Curitiba: (0**41) 3332-4894
Florianópolis: (0**48) 3244-2748/3248-6796
Fortaleza: (0**85) 3238-2323/3238-1331
Goiânia: (0**62) 3225-2882/3212-2806/3224-3016
Imperatriz: (0**99) 3524-0032
João Pessoa: (0**83) 3241-7085/3388/3222-4803
Londrina: (0**43) 3322-1777
Macapá: (0**96) 223-0706/223-0715
Maceió: (0**82) 3302-1680/3302-1681/3302-1679
Manaus: (0**92) 3633-4227/3633-4782
Natal: (0**84) 3611-0627/3211-0790/3222-1158
Porto Alegre: (0**51) 3343-1467/3343-7563
3343-2986/3343-7469
Porto Velho: (0**69) 3223-2383/3221-0019/2915
Recife: (0**81) 3421-4246/3421-4510
Ribeirão Preto: (0**16) 3610-5843/3610-8284
Rio Branco: (0**68) 3224-0803/3224-0806/3224-0798
Rio de Janeiro: (0**21) 2577-9494/2577-8867/2577-9565
Salvador: (0**71) 3381-5854/3381-5895/3381-0959
Santarém: (0**93) 3523-6016/3523-5055
São José do Rio Preto: (0**17) 227-3819/227-0982
227-5249
São José dos Campos: (0**12) 3921-0732
São Luís: (0**98) 3243-0353
Teresina: (0**86) 3221-3998/3226-1956/3226-1125
Tocantins: (0**63) 3225-1736
Uberlândia: (0**34) 3213-5158/3213-6555/4966
Vitória: (0**27) 3137-2595/3137-2589/3137-2566
3137-2567/3137-2560

ISBN 85-02-03175-9

9 788502 031753

CÓPIA ILEGAL NÃO É LEGAL!

Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.

Ernani Pimentel

Gramática pela Prática

15ª edição

SEGUNDO A NOVA ORTOGRAFIA

Vestcon

Gramática pela Prática

Ernani Pimentel

Gramática pela Prática

Escritor, gramático e professor com formação em Língua Portuguesa, Latim, Linguística, Análise de Texto, Teoria e Análise Literária. Ernani Pimentel é pesquisador de Língua Portuguesa há quarenta e oito anos, autor de mais de 10 mil páginas didáticas e de livros que são *best-sellers* nessa área. Já teve mais de quinhentos e cinquenta mil alunos presenciais nos estados de Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, Goiás, Tocantins e Distrito Federal. Hoje leciona para milhares de alunos na internet, via www.vestcon.com.br.

Contempla antiga e nova ortografias. Ambas em vigor até 31 de dezembro de 2012.

15ª edição
Revista e Ampliada
Adota a Nova Ortografia

Vestcon

Brasília
2012

© 2012 Vestcon Editora Ltda.

Todos os direitos autorais desta obra são reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/2/1998. Proibida a reprodução de qualquer parte deste livro, sem autorização prévia expressa por escrito do autor e da editora, por quaisquer meios empregados, sejam eletrônicos, mecânicos, videográficos, fonográficos, reprográficos, microfílmicos, fotográficos, gráficos ou outros. Essas proibições aplicam-se também à editoração da obra, bem como às suas características gráficas.

Pimentel, Ernani.
Gramática pela prática / Ernani Pimentel. – 15. ed. – Brasília : Vestcon, 2012.
442 p. : il. ; 21 cm.

ISBN 978-85-381-0671-5

1. Língua portuguesa – gramática. I. Título.

CDU 81'36

DIRETORIA EXECUTIVA
Norma Suely A. P. Pimentel

PRODUÇÃO EDITORIAL
Fabrícia de Oliveira Gouveia

EDIÇÃO DE TEXTO
Isabel Cristina Aires Lopes
Cláudia Freires

ASSISTENTE EDITORIAL
Gabriela Tayná Moura de Abreu

AUXILIAR DE PRODUÇÃO
Geane Rodrigues Rocha

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA
Marcos Aurélio Pereira

REVISÃO
Fábio Marques Rezende
Liv Chamma
Naiane B. Francischetto

CAPA
Agnelo Pacheco
Bertoni Design

EDITORA FILIADA

Vestcon

SEPN 509 Ed. Contag 3° andar CEP 70750-502 Brasília/DF
SAC: (61) 3034 9588 Tel.: (61) 3034 9576 Fax: (61) 3347 4399

www.vestcon.com.br

Atualizado até 4/2011
Publicado em 4/2012
(LLP14)

Situe-se

Este livro faz parte do **Curso de Língua Portuguesa do Professor Ernani Pimentel**, constituído por uma trilogia:

1. GRAMÁTICA PELA PRÁTICA
2. ANÁLISE SINTÁTICA VISUAL
3. INTELECÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

GRAMÁTICA PELA PRÁTICA (LIVRO E CURSO *ONLINE*)
Desenvolvimento racional e fixação pela prática dos conceitos de Fonologia, Morfologia, Estrutura e Formação de Palavras, Ortografia, Regência Verbal e Nominal, Crase, Concordância Verbal e Nominal, Colocação Pronominal, Pontuação e Semântica, com o intuito de proporcionar ao interessado uma visão objetiva, clara e segura da Língua Portuguesa, que o tornará, em pouco tempo, apto a entender e escrever corretamente, inclusive para prestar exames e concursos, sem a necessidade de conhecer profundamente Análise Sintática.

ANÁLISE SINTÁTICA VISUAL (LIVRO E CURSO *ONLINE*)
Apresentação e treino, de maneira profunda, sintética e fácil, dos fundamentos da Análise Sintática para os que pretendem conquistar um conhecimento mais consistente da nossa estrutura linguística, ou que querem passar em provas e concursos que exigem essa matéria.

INTELECÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS (LIVRO E CURSO *ONLINE*)
Exposição e treinamento, em linguagem clara e sucinta, de conceitos como Linguagem, Língua, Fala, Tipos de Signo, Elementos da Comunicação, Funções da Linguagem, Prosa, Poema, Poesia, Sincronia, Diacronia, Narração, Descrição, Dissertação, Níveis de Fala, Tipos de Norma, Tipos de Discurso, Tipos de Narrador, Figuras de Linguagem, Qualidades e Vícios de Linguagem, Coesão e Coerência... ferramentas necessárias a uma abordagem consciente e racional de textos informativos e literários, cujo conhecimento, direta ou indiretamente, é cobrado nas provas de intelecção e interpretação de textos. Mais de 480 exercícios propostos, corrigidos e/ou comentados, findos os quais o estudioso se sentirá competente e capaz no que se refere à construção e leitura de qualquer tipo de texto.

Apresentação Rápida

Destinação
Professores, universitários, concursandos, vestibulandos, profissionais liberais, comunicadores e você que, de vez em quando, tem dúvida.

Assunto
Fonologia, Ortografia, Morfologia, Estrutura e Formação de Palavras, Concordância, Regência, Colocação, Crase, Pontuação e princípio estrutural das frases. Tudo de que se necessita para escrever e falar corretamente o Português de hoje, no Brasil, e para passar em concursos de nível médio e superior, vestibulares, ENEM, PAS, OAB...
Cuidado prévio: foram estudados, comparados e coligidos os autores nacionais mais respeitados pelas universidades brasileiras e pelos mais avançados órgãos elaboradores de concursos.

Diferencial
A prática como caminho da teoria. O interessado pratica, entende, conclui e fixa a estrutura das frases e seus significados. Absorve o uso da Norma Culta, ou Padrão, do idioma pelo raciocínio conduzido passo a passo e pela repetição das fórmulas consagradas e oficializadas.

Motivação
Eliminação do mito de que é preciso saber muita teoria além de toda a Análise Sintática para escrever e falar bem. Demonstração de que se pode saber Sintaxe com apenas uns mínimos rudimentos de Análise Sintática.

Técnica de Abordagem
Variável de acordo com o assunto, de forma a facilitar o aprendizado. As técnicas escolhidas foram consagradas ao longo de mais de trinta e cinco mil horas-aula e mais de quinhentos e cinquenta mil alunos. A teoria, exposta com um mínimo de palavras em relação às gramáticas tradicionais, transmite-se de maneira prática, direta e consistente.

Orientação de Uso
O interessado deve fazer a lápis os exercícios de cada comando, conferir com o gabarito e refazer os errados. Assim que os exercícios estiverem corretos, ir adiante. Terminado um capítulo, voltar ao início do livro e ler, no sumário, os assuntos estudados, para mais tarde saber localizar onde esclarecer suas dúvidas. Pronto? Passar ao capítulo seguinte.

Recurso Extra
Videoaulas com o autor na internet.
Visite o *site* **www.vestcon.com.br** e assista às aulas ministradas pelo próprio autor, com direito a desconto pela aquisição deste livro.

Palavras do Autor

Caro estudioso,

Este livro é resultado de muitos anos de carinho e dedicação à tarefa de simplificar o estudo da Língua Portuguesa, sob o enfoque da profundidade e da abrangência.

Separe de duas a três horas por dia – você consegue – e dois ou três meses bastam para mudar e ampliar, de uma vez, sua visão e conhecimento a respeito da Língua Portuguesa.

Ao término desse tempo, você terá conquistado confiança em sua própria capacidade de escrever bem, além de poder sair-se vitorioso em provas e concursos de nível médio e superior, vestibulares, PAS, ENEM, OAB...

Antecipadamente, agradeço, de coração, as sugestões que queira enviar, ou dúvidas e questões que constituam desafio para alunos e professores.

Ernani Pimentel
linguaportuguesa@vestcon.com.br

Sumário

1 FONOLOGIA, DIVISÃO SILÁBICA E TRANSLINEAÇÃO

Estudo dos fonemas ____ 25
Sílaba ____ 25
Fonema ____ 25
Fonema ≠ Grafema ____ 26
Tipos de fonemas ____ 26
Vogal ____ 26
Semivogal ____ 27
Consoante ____ 28
Encontros Vocálicos ____ 29
Ditongo crescente ____ 29
Ditongo decrescente ____ 29
Tritongo ____ 29
Hiato ____ 29
Encontros Consonantais ____ 30
Descontínuos ou separáveis ____ 30
Contínuos, reais ou inseparáveis ____ 30
Dífono ____ 30
Dígrafo ____ 30
Divisão Silábica ____ 30
Translineação ____ 31

2 ESTRUTURA E FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Palavra, Fonema, Morfema, Semantema, Unidade Mórfica ____ 37
Palavra Primitiva, Derivada, Cognata, Família de Palavras ____ 38
Palavra Primitiva ____ 38
Palavra Derivada ____ 38
Palavra Cognata ____ 39
Família de Palavra ____ 39
Radical, Prefixo, Sufixo ____ 39
Raiz ≠ Radical ____ 40
Raiz ____ 40
Radical ____ 40
Tema, Vogal Temática, Afixo (prefixo e sufixo) e Desinência ____ 41
Tema ____ 41
Vogal Temática ____ 41
Desinência ____ 42
Afixo ____ 42
Prefixo ____ 42
Sufixo ____ 42
Vogal e Consoante de Ligação ____ 43
Formação de Palavras: Derivação, Composição, Hibridismo ____ 44
Derivação ____ 45
Derivação Prefixal ____ 45
Derivação Sufixal ____ 45
Derivação Prefixal e Sufixal ____ 45

Derivação Parassintética ou Circunfixal 45
Derivação Regressiva 45
Derivação Imprópria ou Conversão 46
Derivação por Abreviação ou Redução 46
Derivação por Reduplicação 46
Derivação por Combinação 46
Derivação por Intensificação 47
Composição 47
Composição por Justaposição 47
Composição por Aglutinação 47
Hibridismo 47

3 ORTOGRAFIA

Alfabeto 52
Uso de K, W, Y 52
Uso do H, h 53
Uso das Letras 54
Uso do Hífen (norma antiga) 59
Uso do Hífen (norma nova) 66
Não se Usa Hífen 74
Hífen Repetido 76
Uso dos Porquês 77
Mal ≠ Mau 79
Onde ≠ Aonde 80
Abreviaturas, Siglas, Símbolos 80
Acentuação Gráfica (norma antiga) 81
Acentuação Gráfica (norma nova) 89

4 SUBSTANTIVO

Definição 97
Locução substantiva 97
Classificação 97
Concreto 97
Abstrato 97
Próprio 98
Comum 98
Coletivo 98
Flexão 98
Flexão de gênero 99
Masculino 99
Feminino 99
Comum de dois 99
Sobrecomum 99
Epiceno 99
Formação do feminino 100
Femininos especiais 102
Flexão de número 104
Singular 104
Plural 104
Pluralia tantum 104

Formação do plural 104
Plural com metafonia 109
Plural dos compostos ligados por hífen 112
Flexão de grau 116
Aumentativo 116
Diminutivo 116
Sentidos afetivo e pejorativo 116

5 ARTIGO

Definição 121
Classificação 121
Definido 121
Indefinido 121
Uso do Artigo 121

6 ADJETIVO

Definição 125
Adjetivo Restritivo 125
Adjetivo Explicativo 126
Adjetivo Antes ou Depois de Substantivo 126
Locução Adjetiva 126
Flexão 127
Flexão de gênero 127
Adjetivo biforme 127
Adjetivo uniforme 127
Flexão de número 128
Flexão de grau 129
Grau comparativo 129
Grau superlativo 130
Como diferençar adjetivo de substantivo 133

7 PRONOME

Definição 135
Papel dos Pronomes 135
Pronome substantivo 135
Pronome adjetivo 135
Classificação e Emprego dos Pronomes 136
Pronomes pessoais 136
Pronomes de tratamento 141
Pronomes demonstrativos 143
Pronomes relativos 146
Pronomes relativos e ambiguidade 149
Pronomes interrogativos 149
Pronomes possessivos 150
Pronomes indefinidos 151
Locução Pronominal Indefinida 151

8 NUMERAL

Definição e Classificação 157
Papel dos Numerais 157

Numeral substantivo 157
Numeral adjetivo 157
Emprego dos Numerais 158
O e UM: artigo, pronome, ou numeral? 164

9 VERBO

Definição Provisória 165
Estrutura dos Verbos – Conjugações (1ª, 2ª e 3ª) 165
Números e Pessoas Verbais – Desinências 166
Quadro de desinências número-pessoais 167
Modos Verbais 167
Indicativo, subjuntivo, imperativo 167
Subjuntivo não subordinado 168
Tempos Verbais 168
Presente, pretérito e futuro 168
Presente e pretérito (passado) do indicativo 169
Presente e futuro do presente do modo indicativo 169
Correlação de Tempos ou *Consecutio Temporum* 170
Quadro de Desinências Modo-temporais e Número-pessoais 171
Vozes Verbais 172
Voz ativa 174
Voz passiva 174
Voz passiva e passividade 174
Voz passiva analítica 175
Voz passiva sintética 175
Voz reflexiva 175
Voz reflexiva recíproca 175
Mudança de voz 176
Passagem da ativa para a passiva analítica 176
Passagem da ativa para a passiva sintética 177
Aspectos Verbais 178
Paradigmas das Três Conjugações Regulares – Tempos Simples: **amar**, **vender**, **partir** 179
Infinitivo impessoal 179
Modo indicativo 179
Presente 179
Pretérito perfeito 180
Pretérito imperfeito 180
Pretérito mais-que-perfeito 181
Futuro do presente 181
Futuro do pretérito 182
Modo subjuntivo 182
Presente 182
Pretérito imperfeito 183
Futuro 183
Modo imperativo 184
Imperativo afirmativo 184
Imperativo negativo 184
Formas nominais do verbo 185
Infinitivo: impessoal e pessoal 186

Gerúndio 186
Particípio 186
Conjugação dos Verbos **ter**, **haver**, **ser** e **estar** 187
Uso de **ter**, **haver**, **ser** e **estar** como auxiliares 190
Paradigmas das Três Conjugações Regulares – Tempos Compostos: **ter amado**, **ter vendido**, **ter partido** 191
Paradigma da Voz Passiva 192
Formas Rizotônicas e Arrizotônicas 195
Definição Abrangente de Verbo 196
Locução Verbal 196
Verbo auxiliar e verbo principal 196
Formação de Tempos e Modos 197
Derivado do presente do indicativo 197
Presente do subjuntivo 197
Derivados dos presentes do indicativo e subjuntivo 198
Imperativos afirmativo e negativo 198
Derivados do pretérito perfeito 199
Mais-que-perfeito do indicativo 199
Futuro do subjuntivo 199
Imperfeito do subjuntivo 199
Derivados do infinitivo impessoal 201
Imperfeito do indicativo 201
Futuro do presente 201
Futuro do pretérito 201
Particípio 201
Gerúndio 201
Infinitivo pessoal 201
Classificação do Verbo quanto ao Modelo de Conjugação 202
Verbo regular 202
Verbo irregular 202
Irregularidade e variação gráfica 202
Metafonia ou alteração de timbre vocálico 203
Como saber se um verbo é regular 203
Verbo anômalo 203
Verbo defectivo 203
Verbo unipessoal 204
Verbo impessoal 204
A respeito de defectivos, unipessoais e impessoais 204
Verbo abundante 205
A respeito de abundantes 205
Relação de verbos abundantes no particípio 205
Verbo Pronominal e Voz Reflexiva 208
Paradigma de Conjugação Pronominal e Reflexiva 209
Classificação do Verbo quanto à Função 214
Verbo principal 214
Verbo auxiliar 214
Uso dos Particípios: Regular e Irregular 215
Conjugação de Verbos Regulares, Irregulares, Defectivos, Anômalos e Abundantes que Requerem Atenção 215

1ª Conjugação

Abalroar 220
Abençoar 220
Abotoar 220
Abreviar 218
Acarear 217
Acariciar 218
Aceitar 205
Adequar(-se) 221
Adiar 218
Afiar 218
Afoguear 217
Agoniar 218
Agraciar 218
Aguar 221
Alardear 217
Aliar 218
Aliviar 218
Amaciar 218
Ampliar 218
Amuar 221
Anexar 206
Angariar 218
Ansiar 219
Antiquar 221
Anunciar 218
Apaniguar 221
Apaziguar 221
Apear 217
Aperrear 217
Apiadar(-se) 220
Apiedar(-se) 220
Apreciar 218
Apropinquar(-se) 221
Arear 217
Arrear 217
Arrepiar 218
Assediar 218
Assentar 206
Assoar 220
Assobiar 218
Associar 218
Assoviar 218
Ataviar 218
Atear 217
Atuar 221
Autuar 221
Avaliar 218
Averiguar 221
Aviar 218
Balbuciar 218
Baquear 217
Beneficiar 218
Bloquear 217
Caçoar 220
Caluniar 218
Cambalear 217
Capitanear 217
Cear 217
Chiar 218
Circundar 216
Clarear 217
Coar 220
Confiar 218
Consignar 223
Constar 216
Continuar 221
Contrariar 218
Coxear 217
Criar 218
Cultuar 221
Dar 216
Deliciar 218
Delinqüir/delinquir 221
Desaguar 221
Desdar 216
Desfiar 218
Desnortear 217
Despertar 206
Dignar(-se) 223
Dispersar 206
Doar 220
Eclipsar 223
Encruar 221
Enfiar 218
Ensaboar 220
Entregar 206
Enunciar 218
Enviar 218
Enxaguar 221
Enxugar 206
Esfriar 218
Espiar 218
Estagnar 223
Estar 187
Estrear 218
Evidenciar 218
Expiar 218
Expressar 206
Expulsar 206
Extasiar 218
Falsear 217
Fartar 206
Fiar 218
Findar 206
Folhear 217
Frear 217
Galantear 217
Ganhar 206
Gastar 206
Golpear 217
Graduar 221
Granjear 217
Grassar 216
Guerrear 217
Habituar 221
Hastear 217
Historiar 218
Idear 218
Impugnar 223
Incendiar 219
Indignar(-se) 223
Injuriar 218
Insertar 206
Isentar 206
Jejuar 221
Juntar 206
Limpar 206
Magoar 220
Matar 206
Mediar 219
Menear 217
Miar 218
Minguar 221
Mobilar 219
Mobilhar 219
Mobiliar 219
Negociar 218/219
Nomear 217
Nortear 217
Obliquar(-se) 221
Obstar 223
Obviar 220
Odiar 219
Oficiar 218
Optar 223
Pagar 206
Palmear 217

Passear 217
Patentear 217
Pegar 206
Pentear 217
Persignar(-se) 223
Piar 218
Planear 217
Porfiar 218
Precatar(-se) 217
Premiar 218/219
Prenunciar 218
Prestar 216
Principiar 218
Procriar 218
Pronunciar 218
Propugnar 223
Pugnar 223
Raptar 223
Reboar 220
Recear 217
Recrear 217
Recriar 218
Refrear 217
Regatear 217
Relampaguear 217
Relampear 217
Relampejar 216
Remediar 219
Renunciar 218
Repugnar 223
Resfolegar 222
Resfolgar 223
Resignar(-se) 223
Restar 216
Ritmar 223
Rodear 217
Saborear 217
Saciar 218
Salvar 206
Saquear 217
Sediar 218
Semear 217
Sepultar 206
Serpear 217
Serpentear 217
Soar 220
Sobestar 216
Sobrestar 216
Soltar 207
Suar 221
Sustar 216
Tosquiar 218
Tracejar 216
Vadiar 218
Vangloriar(-se) 218
Variar 218
Voar 220

2ª Conjugação

Absolver 205
Abster(-se) 224
Acender 205
Adjazer 225
Adscrever 228
Afazer 224
Antepor 231
Antever 234
Apor 231
Aprazer 226
Ater(-se) 224
Bem-fazer 224
Bendizer 228
Benquerer 233
Benzer 206
Caber 227
Circumpor 231
Circunjazer 225
Circunscrever 228
Compor 231
Comprazer 225
Condizer 227
Condoer-se 230
Conter 224
Contradizer 228
Contrafazer 224
Contrapor 231
Corroer 230
Crer 227
Decompor 231
Depor 231
Desafazer 224
Desaprazer 226
Descaber 227
Descompor 231
Descomprazer 225
Descrer 227
Descrever 228
Desdizer 228
Desfazer 224
Desprazer 226
Desprover 232
Desquerer 233
Desvaler 234
Deter 224
Dispor 231
Dizer 228
Doer(-se) 230
Eleger 206
Entredizer 228
Entrepor 231
Entreter 224
Entrever 234
Envolver 206
Equivaler 234
Escrever 228
Esfazer 224
Esmoer 230
Estupefazer 224
Expor 231
Fazer 224
Feder 228
Haver(-se) 229
Impor 231
Incorrer 206
Indispor 231
Inscrever 228
Interdizer 228
Interpor 231
Jazer 225
Justapor 231
Ler 227
Liqüefazer/Liquefazer 224
Maldispor 231
Maldizer 228
Malfazer 224
Malquerer 233
Manter 224
Moer 230
Morrer 206
Nascer 206
Obter 224
Opor 231
Perder 230

Perfazer 224
Poder 231
Pôr 231
Pospor 231
Prazer 226
Precatar(-se) 217
Precaver(-se) 232
Predispor 231
Predizer 228
Prender 206
Prepor 231
Prescrever 228
Pressupor 231
Prever 234
Propor 231
Proscrever 228
Prover 232
Putrefazer 224
Querer 233
Rarefazer 224
Reaver 229
Recompor 231
Redizer 228
Reescrever 228
Refazer 224
Reler 227
Remoer 230
Repor 231
Requerer 233
Reter 224
Rever 1 234
Rever 2 234
Roer 230
Romper 202
Saber 233
Satisfazer 224
Sobrepor 231
Sobrescrever 228
Soer 230
Sotopor 231
Subjazer 205
Subscrever 228
Superpor 231
Supor 231
Surpreender 207
Suspender 207
Suster 224
Ter 224
Torrefazer 224
Transcrever 228
Transfazer 224
Transpor 231
Trazer 226
Tresler 227
Tumefazer 224
Valer 234
Ver 234
Viger 235

3ª Conjugação

Abolir 235
Abrir 238
Abstrair 236
Acudir 239
Aderir 242
Adir 241
Advertir 242
Advir 246
Aferir 242
Agredir 236
Aguerrir 241
Anuir 237
Argüir/Arguir 237
Aspergir 242
Assumir 239
Atingir 245
Atrair 236
Aturdir 243
Auferir 242
Avir(-se) 246
Banir 235
Bramir 235
Brandir 235
Brunir 243
Bulir 239
Cair 236
Carpir 235
Cerzir 239
Cingir 245
Cobrir 240
Colorir 235
Combalir 241
Comedir 235
Compelir 242
Competir 242
Concernir 242
Concluir 237
Conduzir 241
Conseguir 242
Consentir 243
Constituir 237
Constringir 245
Construir 236
Consumir 239
Contrair 236
Contundir 206
Convergir 242
Convir 246
Cuspir 239
Decair 236
Deferir 242
Defluir 237
Delinqüir/delinquir 238
Delir 235
Demolir 235
Denegrir 236
Desabrir 238
Desavir(-se) 246
Descair 236
Descobrir 240
Desconstruir 236
Desentupir 239
Desimpedir 244
Desmentir 243
Despedir 244
Despir 242
Despolir 245
Desservir 242
Destingir 245
Destituir 237
Destruir 236
Detrair 236
Diferir 242
Digerir 242
Discernir 243
Distinguir 245
Distrair 236
Divergir 242
Divertir 242
Dormir 240
Embair 241

Emergir 242
Emolir 235
Empedernir 241
Encobrir 240
Engolir 240
Entreabrir 238
Entupir 239
Erigir 206
Esbaforir-se 241
Escapulir 239
Esculpir 241
Espargir 243
Espavorir 241
Estruir 237
Esvair 236
Exaurir 243
Exinanir 241
Expedir 244
Expelir 241
Explodir 241
Exprimir 206
Extinguir 245
Extorquir 235
Extrair 236
Falir 241
Ferir 242
Florir 241
Foragir-se 243
Fornir 241
Fremir 235
Frigir 243
Fruir 237
Fugir 239
Fulgir 243
Garrir 241
Gerir 242
Haurir 243
Imergir 242
Impedir 244
Impelir 242
Impingir 243
Imprimir 206
Inanir 241
Incluir 206
Induzir 241
Influir 237
Infringir 245
Ingerir 242
Inserir 241
Instruir 237
Intervir 246
Ir 244
Jungir 243
Luzir 241
Medir 244
Mentir 243
Obstruir 237
Omitir 206
Ouvir 244
Pedir 244
Perseguir 242
Polir 245
Possuir 237
Pressentir 243
Presumir 239
Preterir 242
Prevenir 236
Progredir 236
Prosseguir 242
Protrair 236
Provir 246
Pruir 238
Puir 238
Reabrir 238
Reassumir 239
Recair 236
Reconstruir 236
Redargüir/redarguir 237
Reduzir 241
Refletir 242
Refluir 237
Regredir 236
Reluzir 241
Remir 241
Renhir 241
Repelir 242
Repetir 242
Ressair 236
Ressarcir 241
Ressentir 243
Ressequir 241
Restituir 237
Resumir 239
Retorquir 235
Retrair 236
Retribuir 237
Retrotrair 236
Revelir 241
Revestir 242
Rir 245
Ruir 238
Sacudir 239
Seduzir 241
Sair 236
Seguir 242
Sentir 243
Servir 242
Sobressair 236
Sobrevir 246
Sorrir 245
Sortir 245
Subir 239
Submergir 242
Subtrair 236
Sugerir 242
Sumir 239
Suprimir 207
Surtir 245
Tingir 245
Tinir 245
Tossir 240
Trair 236
Transgredir 236
Transir 241
Ungir 243
Vagir 235/245
Vestir 242
Vir 246
Zunir 239

10 ADVÉRBIO

Definição 259
Circunstâncias Expressas 261
Locução Adverbial 262

11 PREPOSIÇÃO
Definição 267
Preposições Essenciais 267
Locuções Prepositivas 268
Preposições Acidentais 268

12 CONJUNÇÃO
Definição 271
Locução Conjuntiva (exercícios 16 a 18) 272
Classificação 272
Conjunções coordenativas 272
Aditivas 272
Adversativas 272
Alternativas 273
Conclusivas 273
Explicativas 273
Conjunções subordinativas adverbiais 273
Causais 273
Concessivas 274
Condicionais 274
Conformativas 274
Finais 274
Consecutivas 274
Temporais 274
Comparativas 274
Proporcionais 275
Conjunções subordinativas substantivas 275
Integrantes 275

13 INTERJEIÇÃO
Classificação 279
Definição 279
Locução Interjetiva 279

14 SEMÂNTICA
Definição 281
Denotação 281
Conotação 281
Homonímia 281
Sinonímia 281
Antonímia 281
Paronímia 282
Hiperonímia 284
Hiponímia 285

15 CONCORDÂNCIA NOMINAL
Do Adjunto com o Núcleo Substantivo 289
Do Predicativo com o Núcleo Substantivo 291

Anexo, Bastante, Incluso, Junto, Leso, Meio, Muito, Nenhum,
Pouco, Próprio, Só, Dado, Visto, Obrigado, Quite ____ 292
Adjuntos de Antropônimos (Nomes de Pessoas) ____ 293
Dois ou Mais Adjetivos para um Mesmo Substantivo ____ 294
Um ou outro, Um e outro, Nem um nem outro ____ 294
Tal ... qual, Tais ... quais ____ 294
Menos, Pseudo, Monstro, Alerta ____ 295
O mais ... possível, O melhor possível ____ 295
É bom... É proibido... É necessário... ____ 296
A olhos vistos, A olhos vistas ____ 297
Nós = Eu, Vós = Tu ____ 297
Santo e São ____ 298
Concordância Sintática e Concordância Semântica ____ 298

16 CONCORDÂNCIA VERBAL

Definição ____ 301
Concordância Sintática e Concordância Semântica ____ 301
Com Sujeito Simples ____ 301
Com Sujeito Composto Anteposto ____ 302
Com Sujeito com Pessoas Diferentes ____ 302
Com Sujeito Composto Posposto ____ 303
Com Sujeito com Aposto Resumitivo ____ 303
Com Sujeito com Núcleos Sinônimos ou Quase ____ 304
Com Sujeito com Núcleos em Gradação ____ 304
Com Sujeito com *Ou* ____ 305
Com Sujeito com *Nem* ____ 306
Com Sujeito com *Com* ou *Como* ____ 307
Com Sujeito com *Não Só ... mas também, Tanto ... quanto* ____ 307
Com Sujeito com *Mais de um ... Mais de dois... Mais de três...* ____ 308
Com Sujeito com *Um e outro, Nem um nem outro* ____ 308
Um ou outro ____ 309
Com Sujeito *Que* ____ 309
Com Sujeito *Quem* ____ 310
Com Sujeito *Um dos que* ____ 310
Com Sujeito *Quais de vós, Quantos de nós* ____ 310
Com Sujeito *Qual de nós, Nenhum de nós* ____ 311
Com Sujeito com *A maioria de... Grande parte de... Um enxame de...* ____ 311
Com Sujeito com *Cada, Nenhum, Qualquer* ____ 312
Com Sujeito com *Um por cento, Vinte por cento* ____ 312
Com Sujeito com *Cerca de... Perto de... Obra de...* + Numeral ____ 313
Com Sujeito Plural Aparente ____ 313
De Haja vista ou Hajam vista ____ 314
De Aluga-se casa, Alugam-se casas ____ 314
De Gosta-se de fruta, Gosta-se de frutas ____ 315
Com Vossa Senhoria está... Vossas Senhorias estão... ____ 316
Com Sujeito de Dar, Bater, Soar ____ 316
Com Sujeito Composto com Ideia Única ____ 317
Com Sujeito Oracional ____ 317
Com Parecem sorrir ou Parece sorrirem ____ 318
Com Infinitivo ____ 318

Infinitivo invariável 318
Infinitivo variável ou flexionado 319
Infinitivo como complemento de verbos permissivos, causativos e sensitivos 320
Dos Verbos só de 3ª Pessoa 320
Do Verbo Ser nas Interrogações 321
Do Verbo Ser com *Isto, Isso, Aquilo...* 321
Do Verbo Ser com Pronome Reto 322
Do Verbo Ser com Medida ou Quantidade 322
Do Verbo Ser com Distância, Data ou Hora 323
Do Verbo Ser entre Dois Substantivos Comuns, de Números Diferentes 323
Do Verbo Ser com Gente 324
Do Verbo Ser na Expressão *É que* 324
Do Verbo Ser em *Era uma vez ... Eram dois caminheiros* 325

17 REGÊNCIA

Definição 335
Regência Verbal 335
Regência dos verbos mais frequentes 335
- Agradar 336
- Ansiar 336
- Aspirar 337
- Assistir 337
- Atender 337
- Chamar 338
- Chegar 338
- Custar 338
- Esquecer 339
- Implicar 339
- Ir/vir 340
- Lembrar, avisar, prevenir 340
- Morar, residir, situar-se, estabelecer-se 341
- Namorar 341
- Obedecer, desobedecer, suceder e obstar 341
- Pagar 342
- Perdoar 342
- Preferir 342
- Presidir 342
- Querer 343
- Responder 343
- Visar 343

Isto é para eu fazer. Isto é para mim 344
Está na hora de a onça beber água 344
Pedir para ~~que~~ 344
Não disse o em que acreditava/Não disse no que acreditava 345
Ter de ≠ ter que 345
Onde ≠ Aonde 345
Sintaxe do verbo haver 346

Uso de *o* ou *lhe* 346
Complementos de regências diferentes 347
Pronome relativo – complemento verbal 348
Regência Nominal 348
Um mesmo regido para mais de um regente 349
Um mesmo regente para mais de um regido 349
Regência dos substantivos e adjetivos mais frequentes 350

18 COLOCAÇÃO OU TOPOLOGIA PRONOMINAL

Próclise, Mesóclise, Ênclise 355
Com Um só Verbo 355
Com Infinitivo 360
Com Locução Verbal 361

19 CRASE

Conceituação 367
Método Prático 368
Casos Especiais 369
Em locuções 369
Em lugares 370
Com distância 370
Com horas 371
Paralelismo e quebra do paralelismo 371
Com pronomes relativos 372
Com *casa* 372
Com *terra* 373
Com *até* ou *até a* 373
Com pronomes possessivos 374
Com antropônimos femininos 374
Em *à moda de* 375
Não há Crase 375
Uso do Paralelismo 378
Há ≠ A 379

20 PONTUAÇÃO

Visão Geral 383
Visão Detalhada 383
Uso da Vírgula 383
Dentro de uma oração 383
Entre orações 387
Vírgulas permutáveis por parênteses ou travessões 386
Dois-pontos 389
Ponto e vírgula 389
Reticências 390
Travessão, Aspas Duplas e Simples 391

21 GABARITO 401

Fonologia, Divisão Silábica e Translineação

ESTUDO DOS FONEMAS

Uma frase é uma linha melódica composta de palavra(s), que, por sua vez, compõe(m)-se de **sílaba(s)**.

Sílaba

Quando falamos, produzimos "arrancos sonoros".

Eu que ri a sa ber se vo cê me en ten deu.

Cada um desses "arrancos" chama-se **sílaba**.

Quais sílabas há na seguinte frase?

A conquista do sucesso é questão de vontade.

Resposta: (Escreva como você pronuncia cada sílaba.)

1 ___ 2 ___ 3 ___ 4 ___ 5 ___ 6 ___ 7 ___ 8 ___ 9 ___ 10 ___ 11 ___ 12 ___ 13 ___ 14 ___ 15 ___

Você notou que as sílabas são conjuntos de sons mínimos? Esses sons mínimos são os **fonemas**.

Fonema

Chama-se **fonema** o som mínimo usado na língua para distinguir o significado de uma palavra do significado de outras.

/r/ato /m/ato /p/ato /f/ato	r/a/to r/e/to r/i/to r/o/to	ra/t/o ra/l/o ra/r/o ra/b/o
/r/-/m/-/p/-/f/ são fonemas	/a/-/e/-/i/-/o/ são fonemas	/t/-/l/-/r/-/b/ são fonemas

Observação:

Fonema não é letra, é som. Letra ou grafema é desenho que representa o som. Fala-se e ouve-se o fonema. Escreve-se e enxerga-se o grafema ou letra.

Tipos de Fonemas

Vogal

A vogal é o fonema em que a sílaba se apoia.
A vogal é o apoio da sílaba.

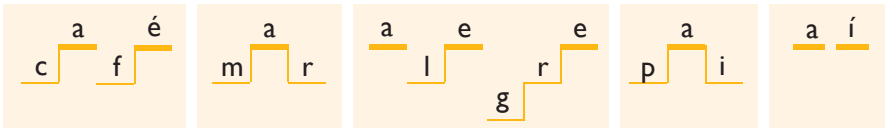

Observe que toda sílaba tem uma vogal que a apoia e que só há um ponto de apoio em cada sílaba.
Portanto, **só há uma vogal em cada sílaba**.

Prática

■ Distribua os fonemas nos gráficos. Ouça como você os pronuncia para não errar.

1. mãe
2. pão
3. mão
4. pau
5. pais
6. país

■ Compare agora as palavras **pais** e **país** e marque **C** ou **E** nos parênteses.

7. ( ) Nas duas o **i** é o apoio da sílaba.
8. ( ) Só em **pais** o **i** é o apoio da sílaba.
9. ( ) Só em **país** o **i** é apoio de sílaba.
10. ( ) Só em **país** o **i** é vogal, porque vogal é apoio da sílaba.

■ Compare **mãe** e **pai**, **pão** e **pau**. Agora marque **C** ou **E** nos parênteses.

11. ( ) Em **mãe** e **pai**, as letras **e** e **i** representam o mesmo som ou fonema: **i**.
12. ( ) Em **pão** e **pau**, as letras **o** e **u** representam o mesmo fonema: **u**.
13. ( ) Em **mãe** e **pai**, o fonema **i** é o apoio da sílaba.
14. ( ) Em **pão** e **pau**, os fonemas **o** e **u** são vogais.
15. ( ) Em **pão** e **pau**, as vogais são **ã** e **a**.
16. ( ) Em **mãe** e **pai**, as vogais são **ã** e **a**.
17. ( ) Em **país**, o **i** é vogal (apoio de sílaba) como o **a**.

Importante:

Na escrita, as cinco **letras** a, e, i, o, u representam doze vogais da língua falada:
- **sete vogais orais**: a, é, ê, i, ó, ô, u;
- **cinco vogais nasais**: ã, ẽ, ĩ, õ, ũ.

A vogal nasal pode ser escrita de três maneiras diferentes:
- **com til**: m**ã**o, p**õ**e, c**ã**s, ím**ã**, maç**ã**;
- **com m**: **âm**bar, **sem**pre, **tim**bre, **com**pra, **Jum**bo;
- **com n**: **an**tes, **en**te, **cin**to, **con**to, **jun**ta.

Prática

- Reescreva as vogais que distinguem os significados dos seguintes pares:

18. Ele havia **lido** um **lindo** artigo. _____
19. Ela não foi **boba**, percebeu que era uma **bomba**._____
20. **Vede** como ele **vende** bem._____
21. Ele vive **mudo** num **mundo** loquaz._____
22. **Lá** se fabrica **lã** de primeira._____
23. Já **leste** as notícias do **leste** europeu?_____
24. Ontem ele não **pôde**, mas hoje **pode** falar. _____

Semivogal

Semivogal são os fonemas **i** e **u**, quando apoiados em uma vogal. Como você já viu, as semivogais **i** e **u** podem também ser representadas pelas letras **e** e **o** (mã**e**, pã**o**).

Prática

- Distribua nos gráficos.

25. cai
26. caí
27. louro
28. lua

- Agora julgue as afirmações e coloque **C** ou **E** nos parênteses.

29. ( ) Em **cai**, o **i** é semivogal.
30. ( ) Em **caí**, o **a** é vogal.
31. ( ) Em **caí**, o **i** é vogal.
32. ( ) Em **louro**, o **u** é vogal.
33. ( ) Em **lua**, o **u** é vogal.
34. ( ) Em **lua**, há duas vogais.
35. ( ) Em **cai**, há duas vogais.

Consoante

Consoante é qualquer fonema que se apoie em vogal e que não seja semivogal.

Prática

■ Distribua nos gráficos os fonemas.

36. bonde

37. ombro

38. Marte

39. norte

■ Agora, julgue as afirmações.

40. ( ) Em **bonde** e **norte**, o **n** é consoante.
41. ( ) Em **norte**, o **n** é consoante.
42. ( ) Em **Marte** e **ombro**, o **m** é consoante.
43. ( ) Em **Marte**, o **M** é consoante.
44. ( ) Em **ombro**, **om** é uma vogal nasal.
45. ( ) Em **bonde**, **on** é uma vogal nasal.

Importante:

Você sabia que as semivogais **i** e **u** podem ser representadas pela letra **m**? Veja:

iam

bem 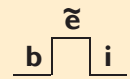

Em ambos os casos, a letra **m** serviu para nasalar as vogais (ã, ẽ) e representar as semivogais (u, i).

Prática

■ Distribua nos gráficos a frase.

46. Ela passou bem o vestido.

■ Assinale **C** ou **E** nos parênteses.

47. ( ) O **ss** representa um som só, por isso é um só fonema, consoante.
48. ( ) Em **bem**, o **m** é consoante.
49. ( ) Em **bem**, o **m** é semivogal (i) e marca a nasalização da vogal (ẽ).

50. ( ) Há dez vogais na frase apresentada.
51. ( ) Há duas semivogais na frase citada.
52. ( ) Há nove consoantes.
53. ( ) Há oito consoantes.
54. ( ) Há nove vogais.
55. ( ) Se há nove vogais, há nove sílabas.

ENCONTROS VOCÁLICOS (orais ou nasais)

Ditongo crescente

Semivogal + vogal, na mesma sílaba.

série: r i e / sv v

quanto: k u ã / sv v

sério: r i u / sv v

Ditongo decrescente

Vogal + semivogal, na mesma sílaba.

mau: m a u / v sv

botão: t ã u / v sv

bem: b ẽ i / v sv

Tritongo

Semivogal + vogal + semivogal, na mesma sílaba.

quão: k u ã u / sv v sv

quais: k u a i s / sv v sv

Hiato

Vogal + vogal.

saída: s a í / v v

caaba: c a a / v v

baús: b a ú s / v v

ENCONTROS CONSONANTAIS

Descontínuos ou separáveis

Cada consoante numa sílaba.

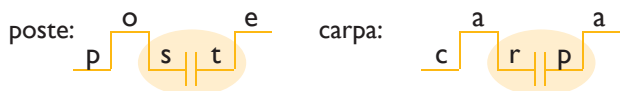

Contínuos, reais ou inseparáveis

Consoantes juntas na mesma sílaba.

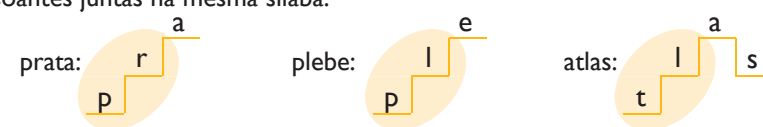

blusa, **br**aço, **cl**aro, **cr**uz, **dr**ama, **fl**auta, **fr**aco, **gl**úten, **gr**osa, **pr**ana, a**tl**ântico, **tr**ena, la**vr**a...

Dífono

Uma letra = dois fonemas.

táxi	x = ks	/t/á/k/s/i/.
ônix	x = ks	/ô/n/i/k/s/.

DÍGRAFO

Duas letras = um só fonema.

onde (= õ), **ch**apéu (= x).

ja**rr**a, ca**lh**a, u**nh**a, **lon**ge, **gen**te, cre**sc**er, cre**sç**a, e**xc**itar, pa**ss**ar, **ch**ave, **gu**iso, **qu**ilo, n**im**bo, m**an**ga, **jum**bo...

DIVISÃO SILÁBICA

A separação de uma palavra em sílabas depende da pronúncia.
Observe as seguintes regras:

Não se separam

Ditongos e tritongos

m**ai**s m**ai**-ô q**ua**-se sa-g**uão** q**uai**s

Os dígrafos lh – nh – ch – gu – qu – am – an – em – en – im – in – om – on – um – un

a-**lh**o bu-**ch**a **gu**ei-xa **lim**-po
ni-**nh**o **qu**e-ro **sem**-pre **con**-to

Encontros consonantais no início das palavras

gno-mo **ps**i-co-lo-gi-a **gn**o-se **pn**eu

Separam-se

As vogais do hiato

r**e**-**u**-ni-do c**o**-**o**-pe-rar p**o**-**é**-ti-co r**u**-**a** b**i**-**o**-lo-g**i**-**a**

As letras dos dígrafos rr – ss – sc – sç – xc

ga**r**-**r**o-te a**s**-**s**e**s**-**s**or su**s**-**c**i-tar cre**s**-**ç**a e**x**-**c**e-ção

Os encontros consonantais descontínuos (antes da última consoante)

o**c**-**c**i-pi-tal su**bs**-**t**an-ti-vo pa**c**-**t**o fel**ds**-**p**a-to

Os encontros que contêm s separam-se após o s

a**bs**-**tr**a-to pe**rs**-**p**i-caz su**bs**-**cr**e-ver

Atenção:

Em sílaba átona final, hiato pode ser lido como ditongo ou vice-versa.
his-tó-r**i**-**a** ou his-tó-r**ia**; sé-r**i**-**e** ou sé-r**ie**.
Mas, na escrita, não se separam: his-tó-ria, sé-rie.

TRANSLINEAÇÃO

bi-	giras-		fac-
savô	sol		ção

Translineação é a divisão de palavras no final de uma linha e começo de outra. Normalmente, obedece à divisão silábica.

1. Evite escrever uma letra isolada no fim ou início de uma linha.

o-
ceano

Capara-
ó

2. Evite separar as sílabas de nomes próprios personativos.

Joa-
quim

Angé-
lica

3. Evite deixar em uma das linhas parte de palavra que possa ser lida como chula, de calão ou grosseira.

ocu-
pado

após-
tolo

vaga-
bunda

4. Evite separar o hiato em final de palavra.

vali-
as

ja-
ós

5. Quando a translineação acontece onde há hífen, este se repete:

disse-
-lhe

auto-
-observação

pré-
-histórico

Prática Geral

56. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Indique a alternativa em que há **erro(s)** de divisão silábica.
a) res-sur-gir / a-ve-ri-gueis / vo-o / po-e-ta / quais-quer.
b) ca-í-ram / co-o-pe-ra-ção / pig-meu / op-ção / cons-ti-tu-in-tes.
c) tu-a / ai-ro-so / e-gí-pcio / su-bs-tan-ti-vo / pneu-má-ti-co.
d) ab-di-ca-ção / o-ci-den-tal / sor-rin-do / sou-bes-te / mne-mô-ni-ca.
e) a-do-les-cen-te / mai-o-res / sub-ju-gar / me-lan-co-li-a / cir-cui-to.

57. (PRF/N.M./ANP) A divisão silábica **não** está correta em:
a) car-rei-ra. b) des-i-lu-são. c) nas-cer. d) rá-dio.

58. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa que apresenta divisão silábica **incorreta**.
a) mne-mô-ni-ca / ét-ni-co / op-ção / ab-di-car.
b) fi-lho / ma-nhã / cons-ci-en-te / des-cer.
c) per-ce-pção / a-ni-mais / sa-ú-de / in-ter-stí-cio.
d) pres-cin-dir / res-ci-são / e-xér-ci-to / guer-ra.

59. Assinale a opção em que **todas** as palavras estão corretamente separadas em sílabas.
a) pa-pe-lei-ro / te-rre-no / re-co-lhe-dor.
b) ter-ri-tó-ri-o / in-dis-pen-sá-ve-is / pro-me-ssas.
c) con-qu-is-tou / au-xí-lios / com-pa-nh-ei-ra.
d) des-gre-nha-da / in-sis-ten-te / en-som-bra-do.
e) ar-mis-tí-cio / es-cas-sos / e-xclu-si-vi-da-de.

60. As palavras **carrossel** e **corrupção** têm as sílabas corretamente divididas em:
a) car-ros-sel / cor-rup-ção.
b) ca-rro-ssel / co-rru-pção.
c) ca-rro-ssel / co-rru-p-ção.
d) car-ro-ssel / cor-rup-ção.
e) ca-rros-sel / co-rrup-ção.

61. Assinale a alternativa que apresenta as duas palavras com as sílabas **corretamente** divididas.
a) poe-ta / a-bso-lu-to.
b) bo-lin-ha / pa-cto.
c) de-sci-da / mi-lha.
d) ri-t-mo / a-d-je-ti-vo.
e) Pa-ra-guai / Pi-au-í.

62. A alternativa que apresenta a divisão silábica **correta** de todas as palavras é:
a) as-pec-to / fic-ção / pês-se-go / sal-si-cha.
b) ri-tmo / ass-eio / di-scu-ssão / as-sar.
c) de-zes-seis / admis-ão / ma-chu-car / ca-rro.
d) chei-a / sub-stan-ti-vo / i-deal / fas-ci-na-ção.
e) ma-cio / ba-i-xo / dis-ten-são / guer-ra.

63. Entre as palavras abaixo, há uma que apresenta **semivogal**. Assinale-a.
a) tapioca. b) saúde. c) hiato. d) goleada. e) feito.

64. A palavra cuja separação de sílabas está **incorreta** é:
a) co-or-de-nar.
b) sub-ju-gar.
c) sub-trair.
d) pneu-má-ti-co.
e) e-qui-va-len-te.

65. Marque a opção em que todas as palavras são **substantivos** separados corretamente em sílabas.
a) in-dig-na-ção / a-do-le-scen-te / ad-mi-nis-trar.
b) rea-gir / tra-bal-ho / in-di-gna-da.

c) a-tro-pe-la-men-to / coi-bir / res-sar-ci-men-to.
d) con-ces-são / ab-di-ca-ção / ir-res-pon-sa-bi-li-da-de.
e) ma-dri-nha / con-ti-nu-ar / atro-pe-la-men-to.

66. No vocábulo **brasileiríssimo**, há
a) 13 fonemas; nenhum encontro consonantal; 1 hiato; 2 dígrafos; 7 vogais; nenhuma semivogal.
b) 14 fonemas; 1 encontro consonantal; 1 ditongo decrescente oral; 1 dígrafo; 7 vogais; nenhuma semivogal.
c) 14 fonemas; 1 encontro consonantal; 1 ditongo decrescente oral; 1 dígrafo; 6 vogais; 1 semivogal.
d) 15 fonemas; 1 encontro consonantal; 1 ditongo crescente oral; 1 dígrafo; 3 vogais; 4 semivogais.

67. Apresentam o **mesmo** fonema inicial os vocábulos:
a) cheguei / certos / cima.
b) ciência / sossego / canção.
c) quem / cultivar / cravei.
d) geologia / grandeza / gente.

68. Assinale a alternativa em que há **erro** na divisão silábica das palavras.
a) tran-so-ce-â-ni-co / o-blí-quo / pneu-má-ti-co.
b) a-ve-ri-guou / pe-rí-o-do / bi-sa-vô.
c) subs-cri-tar / u-ru-gu-ai-o / su-bli-nhar.
d) es-pé-cie / a-poi-o / trans-por-te.

69. Assinale a palavra cuja separação de sílabas está **errada**.
a) ma-tri-cu-lou.
b) re-ssen-ti-men-to.
c) hu-mi-lha-ção.
d) ver-go-nha.
e) sim-ples-men-te.

70. Indique a opção em que o fonema /s/ se realiza em todas as palavras da série que está em **ordem alfabética**.
a) intercessor / intervencionismo / introspecção / introversão.
b) ociosidade / reposição / rescisão / repressão.
c) ferocíssimo / litisconsórcio / hortaliça / insucesso.
d) homologação / isenção / ficção / fossilização.
e) cansaço / forçoso / formoso / fosforescência.

71. Marque a opção em que todas as palavras são **adjetivos** e estão separadas, corretamente, em sílabas.
a) as-sis-tên-cia / dig-no / hu-mi-lha-ção.
b) con-stran-gi-do / a-rro-gan-tes / re-a-lis-ta.
c) in-te-lec-tual / e-fe-ti-vo / cor-ru-pto.
d) ad-mi-ra-dís-si-mo / res-pei-tá-veis / i-nin-ter-rup-to.
e) a-dmi-ti-mos / sub-me-ti-dos / con-vin-ha.

72. Em qual alternativa se encontra uma palavra **errada** quanto à separação de sílabas?
   a) poe-ti-sa.
   b) co-lhe-res.
   c) ra-í-zes.
   d) fe-ro-zes.
   e) seis-cen-tos.

■ Assinale **C** ou **E**.

73. ( ) Joia, apoio, joio, Irineia são exemplos de tritongos.
74. ( ) Separam-se as sílabas assim: jo-ia, a-po-io, jo-io, I-ri-ne-ia.
75. ( ) A divisão silábica correta é: joi-a, a-poi-o, joi-o, I-ri-nei-a.
76. ( ) Essa mesma divisão silábica pode ser usada para translineação.

■ Assinale **C** ou **E** considerando a separação silábica para **translineação**.

77. ( ) separa-ção / se-paração.
78. ( ) coi-va-ra / dis-puta.
79. ( ) Jo-sé / Eustá-quio.
80. ( ) a-notar / i-lação.

Estrutura e Formação de Palavras

PALAVRA, FONEMA, MORFEMA, SEMANTEMA, UNIDADE MÓRFICA

Prática

■ Leia o texto, relacionando-o ao quadro abaixo, e responda **C** ou **E**:

	Coluna A	Coluna B	Coluna C	Coluna D	Coluna E
1	palavra	m e n i n i n h a s			
2	fonema	/m/ /e/ /n/ /in/	/in/ /nh/	/a/	/s/
3	morfema	menin	inh	a	s
4	semantema	filhote humano	pequeno	fêmea	mais de um
5	unidade mórfica	radical	sufixo	desinên. gênero	desinên. número

Uma palavra, como "menininhas", observada sua morfologia (morfo = forma, logia = estudo), é constituída por **unidades de som** mínimas, capazes de alterar significado, ou seja, constrói-se com **fonemas** (Capítulo 1, Fonologia). Pode também ser analisada quanto aos seus menores **componentes dotados de significado**, que se chamam **morfemas**. Um morfema pode ser estudado sob o ponto de vista do significante (conjunto de sons e letras) ou do significado (imagem mental que se desperta no cérebro do falante/ouvinte – IIT, Capítulo 2, Signo Linguístico).

Semântica é o estudo dos significados, e o morfema, visto por esse prisma, recebe também o nome de **semantema**.

O **semantema** pode trazer um significado relacionado à vida real, ao mundo extralinguístico – **pão**, **chuva**, **horizonte**... – e recebe o nome de morfema ou semantema **lexical**, **extralinguístico** ou **exofórico**, como os radicais das palavras.

Por outro lado, o semantema pode referir-se a um significado pertencente não ao mundo externo, mas ao mundo interno da língua – como os morfemas **ão** e **ázio** que significam aumentativo; **inho** e **ico**, diminutivo; **isa** e **esa**, feminino; **o** e **or**, masculino; ausência e presença de **s**, denotando singular ou plural –, sendo chamados de morfemas ou semantemas **gramaticais**, **intralinguísticos** ou **endofóricos,** representados por prefixos, sufixos, desinências etc.

1. ( ) Uma palavra pode decompor-se em várias partes e sob visões diferentes.
2. ( ) Fonema é uma unidade de significado.
3. ( ) Fonema é uma unidade mínima de som, distintiva de significado.
4. ( ) Morfema é, na palavra, uma unidade mínima dotada de significado.
5. ( ) Semantema é uma unidade de significado que compõe uma palavra.
6. ( ) Semantema pode expressar um significado puramente gramatical ou intralinguístico, como gênero, número, grau (morfemas gramaticais), ou pode despertar um significado extralinguístico, como fé, mar, céu... (morfemas lexicais ou referentes ao mundo real).
7. ( ) Unidade mórfica é unidade de significado.
8. ( ) Mórfico é um adjetivo derivado do radical "morfos" que em grego significa "forma".
9. ( ) No morfema radical **menin**, as letras **i** e **n** representam o fonema **i nasal**.
10. ( ) No morfema sufixo diminutivo **inh**, fonologicamente a letra **n** tem duas funções: marca a nasalidade do **i** que a antecede e forma dígrafo com o **h** que a sucede, por isso está repetida na Coluna C do quadro supra, representando fonema.
11. ( ) Sufixo é o significado-base de uma palavra.
12. ( ) O radical contém o significado-base de uma palavra.
13. ( ) Sufixo é elemento caracterizador de gênero e número.
14. ( ) Sufixo é morfema que propicia derivar-se uma palavra de outra: bel**eza**, bon**dade**, cord**ão**.
15. ( ) Desinência é morfema que define flexão de gênero e número no substantivo; e número e pessoa, no verbo: canta**mos** (1ª pessoa do plural).

PALAVRA PRIMITIVA, DERIVADA, COGNATA, FAMÍLIA DE PALAVRAS

Há palavras constituídas apenas de radical (mar, ar, pó) e outras que se formam a partir dele (**mar**esia, **mar**ítmo, **aér**eo, **ar**ejado, **po**eira, em**po**ar). Em função disso, tem-se a seguinte distinção:

Palavra Primitiva

É a que dá origem a outra(s):

café, cipó, Amazonas.

Palavra Derivada

É a que se origina de outra:

cafezal, cipoal, Amazonense.

Palavra Cognata [co(m) = em companhia + gnata = nascida]

É a palavra nascida em companhia de outra, irmã de outra, pertencente à mesma família de outra. **Cruz**ada, **cruc**ificar, **cruz**eiro... são palavras cognatas porque nasceram da palavra **cruz**.

Família de Palavra

É o conjunto das palavras que têm o mesmo radical primário, ou seja, a mesma raiz.

RADICAL, PREFIXO, SUFIXO

Prática

■ Associe o quadro à leitura e responda **C** ou **E**.

Palavra	d e s c a p i t a l i z a r		
morfemas	des	capital	izar
extralinguístico		radical	
intralinguísticos	prefixo		sufixo

Observando-se a palavra "descapitalizar" e comparando-a com outras da mesma família (capitalizar, recapitalizar, capitalização, descapitalizado, capitalismo, capitalista...), é fácil perceber que o morfema permanente, em torno do qual se criaram essas palavras, é **capital**. Essa constatação permite dizer que esse morfema é o **radical** da palavra, porque tem relação com a raiz dela. Então, **radical** é, da palavra, a parte que mantém o **significado-base** e que **aponta para a raiz**.

16. ( ) Radical significa que tem relação com raiz.
17. ( ) O radical concentra a base da significação da palavra.
18. ( ) O radical classifica-se como morfema endofórico, ou de significado intralinguístico.
19. ( ) Prefixo é morfema de significado extralinguístico, ou exofórico.
20. ( ) Radical é componente formal da palavra, da qual constitui a base de significação externa, podendo seu significado ter referente extralinguístico (cavalo, capim) ou linguístico (vírgula, til).
21. ( ) O morfema **capital** classifica-se como lexical e não como gramatical.
22. ( ) O prefixo **des** traz à palavra um significado de ausência ou negação.
23. ( ) Ele existe só no mundo extralinguístico.
24. ( ) O sufixo **izar** é formador de verbo e sua existência se limita ao universo gramatical.
25. ( ) Prefixos e sufixos são morfemas gramaticais, por não terem referente extralinguístico.

RAIZ ≠ RADICAL

Raiz

É um substantivo que significa origem, início mais profundo. Há quem a chame de radical primário.

Radical

É palavra originariamente adjetiva que significa aquilo **que tem relação com RAIZ.**

Achar a **raiz** não é tão fácil. Leia as frases:

> "O capataz da fazenda perdeu a cabeça e fez um movimento tão brusco que traumatizou o bíceps do capitão, tendo este sido levado urgentemente para a capital".

Perceba que o conjunto fonêmico **capital** (cidade principal) tem um significado muito diferente do que o que se encontra em des**capital**izar, embora sejam iguais na forma. Engano, porque tanto o **capital** (dinheiro) quanto a **capital** (cidade) são oriundos da mesma raiz latina *"cáput, cápitis"*, que significa **cabeça**, **parte superior**, **parte mais importante**, **bico**, **ponta**. A partir daí, vejam-se, na frase dada, as outras palavras pertencentes a uma mesma família, porque apresentam a mesma raiz, embora modificada pelo uso e pelo tempo: **cap**ataz (chefe, o cabeça dos trabalhadores), **cab**eça (parte mais alta), bí**ceps** (que tem bi = duas + ceps = cabeças), **cap**itão (chefe, o cabeça de um grupo militar), a **cap**ital (cidade principal), o **cap**ital (o principal do dinheiro, excluídos os juros). Querendo-se ir adiante com o mesmo radical, há **cap**itel, **cap**ítulo, **cab**edal, **cap**itólio, **cap**otar, pre**cip**ício, per **cap**ita.

Contudo, a dificuldade de se achar a raiz da palavra não se deve apenas à metamorfose que ela sofre ao longo do tempo (cap, cab, cep, cip), mas às transformações que outras raízes de outras palavras também experimentam e com ela se confundem. Por exemplo, raízes que se confundem com **cap**, **cab**, **cep**, **cip**, de *"caput"*:

1. A palavra *"cappa"*, do latim tardio, que significava "certo tipo de casaco com capuz, capa", originou o diminutivo "cappella" e as palavras portuguesas **cap**a, **cap**ela (esta, no século VII, designava o local onde se venerava a capa de são Martinho, e daí se estendeu o significado para "oratório"), **cap**elo, **cap**ote, **chap**éu, **cap**ucho, **cap**uz, de**cap**ar, de**cap**ê, **quep**e...

2. A palavra *"cápus"*, do latim clássico, que significava "galo castrado", gerou em Português **cap**ar, **cap**ão, **cap**ado...

3. O verbo latino *"cápìo,is, cépi, cáptum, cápere"*, que era extremamente plurissignificativo, derivou na Língua Portuguesa **cab**o, **cab**az, **cab**ear, **cab**er, **cap**acidade, **cap**acitor, **cap**az, **capc**iosidade, **capc**ioso, **capt**ação, **capt**ar, **capt**ura, **cat**ador, **cat**ar, **cat**ivar, **cat**iveiro, a**cep**ção, a**cep**tar, a**cei**tar, con**ceb**er, con**cei**ção, con**cep**ção, ex**cep**to, ex**ce**to, ex**cip**iente, ex**cep**cional, en**ce**tar, o**cup**ar.

Achar a **raiz** é, portanto, bem mais difícil do que encontrar o radical de uma palavra. Por quê? Porque exige uma observação bem mais profunda, mais afastada, mais distante no tempo, o qual, com o seu passar e com as alterações das circunstâncias sociais e históricas, modificou o significante e o significado, a forma e o conteúdo, a grafia e a ideia da **raiz**, de várias maneiras.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, com base no texto acima.

26. ( ) É mais fácil encontrar o radical que a raiz, numa família de palavras.
27. ( ) A raiz e o radical se apresentam sempre com a mesma forma gráfica.
28. ( ) A raiz e o radical podem mostrar alterações, quer tenham origem culta, quer popular, como acontece com cátedra/cadeira, concepção/conceição, regular/regrar, sacratíssimo, sagradíssimo.
29. ( ) São cognatos: capitão, capote, capacidade, capado.
30. ( ) Uma maneira de ajudar a distinguir radicais é atentar para o significado.
31. ( ) Capa, capela, capelo, capote, capuz, capucho, chapéu e quepe são cognatos.

TEMA, VOGAL TEMÁTICA, AFIXO (prefixo e sufixo) E DESINÊNCIA

Tema

É o radical ou raiz acrescido da vogal temática, pronto, portanto, para receber a(s) desinência(s): cab + o = **cabo**, têmper + a = **têmpera**.

Vogal Temática

É a vogal que prepara o radical ou raiz, tanto para se tornar uma palavra independente, como para receber a(s) desinência(s) ou o(s) sufixo(s): cab + **o**, têmper + **a**.

Desinência

É elemento mórfico, ou componente formal, que se pospõe à raiz, ao radical ou ao tema de verbos, substantivos, adjetivos ou pronomes para marcar flexão nominal (de gênero, número, grau) e verbal (de modo, tempo, número, pessoa). Por isso, também são conhecidos por **morfemas flexionais**: cabo + **s**, têmpera + **s**, tempera + **r**.

Afixo

É elemento mórfico que se junta ao radical para criação de nova palavra, que se chamará **derivada**. Por esse motivo os afixos também se chamam **morfemas derivacionais**.

Prefixo

É afixo que **se antepõe ao radical** somando-lhe um novo significado, ligado ao de uma preposição: **des**temor, **contra**por, **sobre**ssair, **a**moral, **i**rregular...

Sufixo

É afixo que **se pospõe ao radical**, acrescentando-lhe nova ideia e definindo-lhe a categoria gramatical como adjetivo (amor**oso**, embeleza**do**), substantivo (utili**dade**, armazen**agem**), advérbio (feliz**mente**, grata**mente**)... ou somando-lhe sentido de agente ou profissão (cant**or**, livr**eiro**, dent**ista**, estud**ante**, secret**ário**), ação (cumpri**mento**, doa**ção**, toler**ância**, nivel**ar**, folh**ear**), aumentativo (fog**aréu**, barc**aça**, canec**ão**, grand**alhão**), diminutivo (papel**ucho**, sal**eta**, chuv**isco**, part**ícula**), coletivo (boi**ada**, dinheir**ama**, pluma**gem**), origem ou nacionalidade (brasil**eiro**, paulist**ano**, brasili**ense**)...

Prática

■ Tendo como ponto de partida o quadro a seguir e o texto recém-lido, responda **C** ou **E**:

	Prefixo	Radical	Vogal temática	Sufixo	Desinência mod./temp.	Desinência núm./pes.	Desinência gên./núm.	
1	des	temper	a		va	s		
2	re	corr	ê		ra	mos		
3	com	part	i		r	eis		
4	a	noit	e	ece	r			
6	a	clar	a		r			
7	in	util		mente				
8	des	temper	a	mento				s
8	sub	nutr	i		d		o	s
9		am	a	dor			a	s

32. ( ) Os elementos linguísticos presentes nas oito colunas verticais chamam-se morfemas.
33. ( ) Todos eles são morfemas gramaticais.
34. ( ) Radical e raiz são os únicos morfemas lexicais ou de significação externa à língua.
35. ( ) Prefixo, sufixo , vogal temática e desinência são morfemas gramaticais ou de significação interna à língua.
36. ( ) Prefixos são morfemas flexionais.
37. ( ) Morfemas flexionais são as desinências que, nos nomes, indicam flexão de gênero e número; e, nos verbos, número, pessoa, modo, tempo e gênero.
38. ( ) Até a linha 6, só há desinências verbais (modo-temporais e número-pessoais).
39. ( ) Na linha 4, há um sufixo verbal, formador de verbo; na 7, adverbial, formador de advérbio; na 8, nominal, formador de substantivo; e na 9, nominal, formador de adjetivo.
40. ( ) As vogais temáticas, na terceira coluna, juntam-se aos radicais, para que estes possam receber os sufixos ou as desinências.
41. ( ) Os sufixos sempre antecedem as desinências, assim como os prefixos em relação aos radicais.

VOGAL E CONSOANTE DE LIGAÇÃO

Observe-se a formação das seguintes palavras: pá + ada = pa**z**ada, cha + eira = cha**l**eira, gás + metro = gas**ô**metro, limão + inho = limão**z**inho, em que apareceram automaticamente os elementos mórficos **z**, **l**, **ô**, **z**, respectivamente, sem qualquer contribuição no significado e sem outra função que não seja a de facilitar a pronúncia. Às vogais e consoantes que se intercalam entre dois morfemas com a finalidade única de facilitar a prolação (pronúncia) da palavra dá-se o nome de vogais e consoantes de ligação.

Prática

- Olhando o parágrafo anterior e o quadro a seguir, pense e responda **C** ou **E**:

	Radical	Letra de ligação	Sufixo/ radical	Vogal temática	Desin. gên.		Desin. núm.	
					Masc.	Fem.	Sing.	Pl.
1	feliz		mente		/	/	/	/
2	carr			o	/	/	∅	s
3	carroç			a	/	/	∅	s
4	menin			o	o	a	∅	s
5	trist			e	/	/	∅	s
6	lápis				/	/	/	/
7	gas	o	duto		/	/	∅	s
8	pau	l	ada		/	/	∅	s
9	café	t	eira		/	/	∅	s
10	lan	i	fer	o	o	a	∅	s

42. ( ) Na linha 1, a palavra é formada apenas de radical e sufixo; sem qualquer desinência, porque advérbio é invariável.
43. ( ) Nas linhas 2, 3 e 5, não há desinência de gênero porque as desinências só existem quando justificadas pelo par opositivo (menin**o**/**a**). Carr**o**, carroç**a**, trist**e** não apresentam morfemas (nem masculinos nem femininos), só porque inexistem os opostos carr**a**, carroç**o**, trist**o** ou trist**a**. Na morfologia dos nomes (substantivos, adjetivos, certos pronomes), só existem três vogais temáticas e todas estão aqui representadas: e, o, a.
44. ( ) Nas linhas 4 e 10, o **o** é vogal temática, porque prepara o radical para ser uma palavra independente (menin**o**, lanífer**o**) e acumula a função de desinência de gênero, por causa da oposição (menin**o**/menin**a**, lanífer**o**/lanífer**a**).
45. ( ) Em **chute**, **cavalo**, **cavaleiro**, **bomba**, o fonema final é uma vogal temática, mas em **cipó**, **rapé**, **pá**, não há vogal temática, porque ela nunca é tônica. Como se vê, há nomes que não têm vogal temática, por isso não podem ter tema, mas têm apenas radical ou raiz, sendo, então, chamados de **atemáticos**.
46. ( ) O **o** e o **a** no final de certos substantivos não marcam masculino ou feminino (vo**o**, telefonem**a**, dram**a**, carr**o**, carroç**a**), o que lhes aponta o gênero são os seus determinantes: **o** voo, noss**o** telefonema, carroça conhecid**a**.
47. ( ) Em "Ele comeu o bol**o** e chutou a bol**a**", os elementos sublinhados e negritados são desinências de gênero.
48. ( ) Na linha 6, não há desinência de gênero, nem de número, porque o **s** final de palavras como **lápis**, **oásis**, **ônibus** não é marca de plural. O plural de tais palavras se mostra por um determinante: o**s** ônibus, lápis amarelo**s**, meus óculo**s**.
49. ( ) **Nos nomes**, o que marca singular não é a presença de uma letra, mas sua ausência, ou seja, a ausência do marcador de plural **s** é que indica estar a palavra no singular. Essa ausência do morfema plural **s** é o que se chama **morfema zero**. Por isso, no quadro, só há **desinência zero**, de número singular, quando a palavra tem plural formado por **s**.
50. ( ) "duto" (l.7) e "fero" (l.10) são sufixos latinos originários de verbos com significado de **conduzir**.
51. ( ) "duto" (l.7) e "fero" (l.10) são radicais latinos originários de verbos com significado de **conduzir**, enquanto "ada" e "eira" (l.8 e 9) são sufixos formadores de substantivos.
52. ( ) Nas linhas 7, 8, 9 e 10, há **vogais e consoantes de ligação**, que não contribuem para o significado, e existem apenas para facilitar a pronúncia.

FORMAÇÃO DE PALAVRAS: DERIVAÇÃO, COMPOSIÇÃO, HIBRIDISMO

Em Português, formam-se palavras por dois processos básicos: derivação e composição.

Derivação

É o processo pelo qual se formam palavras a partir de um radical, ao qual se acrescentam afixos.

Derivação Prefixal

Uso de prefixo como em **des**crença, **intro**versão, **super**feliz, **con**ter.

Derivação Sufixal

Uso de sufixo como em arroz**al**, arroz**eiro**, barc**aça**, barqu**inho**, fam**oso**.

Derivação Prefixal e Sufixal

É o acréscimo de outro afixo (prefixo ou sufixo) a uma palavra já constituída de radical e afixo. Com a eliminação de um dos afixos, a palavra continua existindo.

inutil**mente**, pois existe tanto **in**útil quanto util**mente**;
descumpri**mento**, pois existe tanto **des**cumprir como cumpri**mento**;
incomunicá**vel**, pois existe tanto **in**comunicar como comunicá**vel**.

Derivação Parassintética ou Circunfixal

Uso de prefixo e sufixo simultaneamente, ou seja, ambos se juntam ao radical no momento exato da criação da palavra, o que se prova pela tentativa inútil de se retirar o prefixo, porque a palavra sem ele inexiste, como em

embarc**ar**, pois não existe barcar;
anoit**ecer**, pois não existe noitecer;
repatri**ar**, pois não existe patriar.

Derivação Regressiva

É formada pela perda de elemento fônico da palavra primitiva, de tal maneira que a derivada fica menor em tamanho que a primitiva. Chama-se também derivação deverbal, porque a derivada é um substantivo que provém de um verbo como em:

pescar > a pesca	afagar > o afago	atacar > o ataque
perder > a perda	apelar > o apelo	enlaçar > o enlace
censurar > a censura	chorar > o choro	debater > o debate

Dica:

Como saber se **âncora** é primitiva ou derivada em relação a **ancorar**? E **venda** em relação a **vender**? O **substantivo deverbal contém em si a noção de ação** que herdou

do verbo, por isso observe não o verbo, mas o substantivo. Âncora, por não ter ideia de ação, não proveio de ancorar; então, âncora é primitiva e ancorar derivada.
Já o substantivo venda significa ação de vender e, por trazer ideia de ação, originou-se de um verbo, o que permite concluir que venda é derivada e vender é primitiva.

Derivação Imprópria ou Conversão

É a criação de uma palavra pela alteração de sua categoria gramatical:

Ele era um estudante **caxias**.	(antropônimo virando adjetivo)
Não li essa **circular**.	(adjetivo virando substantivo)
Deixa de ser **borboleta**, menina.	(substantivo virando adjetivo)
Que teremos para o **jantar**?	(verbo virando substantivo)
Pudera! **Bravo**!	(verbo e adjetivo virando interjeição)
Analisando **prós** e **contras**...	(advérbio e preposição virando substantivo)

Derivação por Abreviação ou Redução

Encurtamento da palavra primitiva:

motocicleta > moto	automóvel > auto
fotografia > foto	quilograma > quilo
logomarca > logo	Teresópolis > Terê
pneumático > pneu	Flamengo > Mengo

Cabem aqui as **Siglas**:

Organização dos Estados Americanos	>	OEA
Organização das Nações Unidas	>	ONU
Academia Brasileira de Letras	>	ABL
Transportes Aéreos Portugueses	>	TAP

PT, PMDM, DEM, PSB, PCB, PDT, PSOL, PSC,TCU, TJDFT...

Derivação por Reduplicação

Formação de palavra por repetição silábica, havendo ou não alteração sonora:

pingue-pongue	to-tó	lambe-lambe
tique-taque	reco-reco	bate-bate

Derivação por Combinação

A palavra derivada combina elementos de duas ou mais outras:

português + espanhol	>	portunhol
brasileiro + uruguaio	>	brasiguaio
Flamengo + Fluminense	>	Fla-Flu

Derivação por Intensificação

Alargamento ou alongamento do sufixo de uma palavra, quase sempre usando-se o **izar**, em substituição a um mais curto já existente:

digitar	>	digitalizar
agir	>	agilizar
protocolar	>	protocolizar
culpar	>	culpabilizar

Composição

É a criação de uma nova palavra pela aproximação de dois ou mais radicais. As palavras compostas podem classificar-se como justapostas ou como aglutinadas.

Composição por Justaposição

Os radicais mantêm sua integridade sonora intocável, sem alteração sequer de um fonema, podendo ou não haver uso de hífen:

guarda-chuva	mand**ac**huva
finca-pé	pont**ap**é
couve-flor	min**iss**aia
mal-aventurado	ma**ln**ascido
super-regular	extr**arr**egular

Composição por Aglutinação

Na junção dos radicais acontece a queda ou alteração de fonema(s):

filho de algo	>	fidalgo	perna alta	>	pernalta
em boa hora	>	embora	água ardente	>	aguardente
grande eloquência	>	grandiloquência	vinho acre	>	vinagre

Hibridismo

É a junção de componentes mórficos, oriundos de línguas diferentes, na mesma palavra, não importando se ela foi formada por composição ou por derivação, ou seja, se tem dois ou mais radicais, ou se apenas um radical mais afixo(s):

*auto*móvel	(*grego* + latim)	bi*cicleta*	(latim + *grego*)
*endo*venoso	(*grego* + latim)	bi*gamia*	(latim + *grego*)
socio*logia*	(latim + *grego*)	oleo*grafia*	(vern. + *grego*)

Prática

■ Leia atentamente e responda **C** ou **E**:

53. ( ) pôr, transpor, posto, posição, imposição, impostor, postura, posicionado... pertencem à mesma família de palavras.
54. ( ) vida, viver, vivaz, vivacidade, vital, vitalidade, vitalício, vitaliciedade, pós-vida, vivo, vivenciar... são cognatos.
55. ( ) A palavra neologismo é um bom exemplo de hibridismo.
56. ( ) Neologismo significa palavra nova. É um vocábulo derivado com dois radicais de origem grega.
57. ( ) A palavra neologismo é composta por dois radicais (neo + logos), ambos de origem grega, que significam respectivamente novo e palavra.
58. ( ) Ambidestro, bicombustível, dicotomia, anfíbio, bienal, bíblico: todas essas palavras têm em sua constituição um morfema com significado ligado a **dois**.
59. ( ) Todas as palavras do item anterior são formadas por derivação prefixal, exceto a última, que é derivada por sufixação.
60. ( ) Superfície, suprarrenal, superlotar, epiderme, epígrafe, hipermercado: todos esses vocábulos são derivados por prefixação e seus prefixos latinos (super, supra) e gregos (epi, hiper) apresentam entre si correspondência semântica.
61. ( ) Todas as palavras a seguir exemplificam derivação sufixal: amoroso, barrigudo, latino, diário, enfermiço, medonho, róseo, datilografia.
62. ( ) Do exercício anterior, a última palavra não é derivada, mas composta por dois radicais gregos que significam respectivamente dedo e escrita.
63. ( ) São exemplos de derivação regressiva ou deverbal os seguintes substantivos: desembarque, festejo, grita, renúncia, entrega, chute, agito, esfrega, troca, arquivo, barco, apelido.
64. ( ) Do exercício anterior, arquivo, barco e apelido não são derivados regressivos ou deverbais porque semanticamente não trazem ideia de ação, mas denotam objeto ou substância.
65. ( ) Exemplificam a derivação parassintética os seguintes vocábulos: abotoar, amanhecer, anoitecer, aterrorizar, embainhar, embrutecer, envelhecer, escurecer, esvaziar, esburacar, introduzir.
66. ( ) Do exercício anterior, introduzir é, em Português, palavra primitiva. No latim, constitui derivação prefixal (intro + dúcere = para dentro + levar).
67. ( ) Em gasômetro e geografia constata-se a existência de vogal de ligação.
68. ( ) A aglutinação pode ser encontrada em: lobisomem (lobo e homem), vinicultura (cultura da vinha), agridoce (acre e doce), monocórdio (uma corda), silvícola ou selvícola (morador da selva).
69. ( ) São exemplos de derivação por conversão, ou derivação imprópria, substantivos comuns transformados em nomes próprios: Pereira, Coelho, Pimenta, Vargem Grande.

70. ( ) "Analise o protótipo, avalie prós e contras, e me dê urgentemente uma resposta". Nessa frase, pela ordem, encontra-se uma composição de palavra, duas derivações impróprias, uma sufixação adverbial e uma derivação prefixal.
71. ( ) Na questão anterior, só há um erro: a última palavra, que é **resposta**, formou-se por derivação regressiva e não prefixal.
72. ( ) "Os anjolescentes obstaculizavam a portaria onde o donjuan passaria". Há, nessa frase, pela ordem em que aparecem, exemplos de composição por combinação, derivação intensificada, derivação sufixal, derivação imprópria.
73. ( ) Na frase "Que teremos para jantar?" há uma derivação imprópria, ou conversão.
74. ( ) Em "A CBF resolveu promover treinos no Rio", há duas palavras formadas por abreviação, duas por prefixação e uma por regressão. Todas compostas.
75. ( ) Na questão anterior, só o último período apresenta informação errada.
76. ( ) Nas palavras **ambi**destro, **bi**combustível, **bí**blico, **di**cotomia, **anfí**bio, e **bi**enal, os prefixos em negrito trazem significado ligado ao número dois.

Ortografia

Uso das Letras

Uso do Hífen

Uso dos Porquês

Mal e Mau

Onde e Aonde

Acentuação Gráfica

Do grego (**orto** = certo, correto + **grafia** = escrita), ortografia significa escrita correta.

É capítulo que, indiscutivelmente, ainda precisa de conscientização e reparos por parte das comunidades linguísticas e educacionais, tarefa que já abraçamos.

Em setembro de 2008, a Presidência da República do Brasil promulgou o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, assinado em Lisboa, em dezembro de 1990, por oito países lusófonos (*vide* Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, Vestcon Editora).

O Decreto de promulgação implementou as novas regras ortográficas a partir de 1° de janeiro de 2009, devendo valer tanto a antiga quanto a nova ortografia até 31 de dezembro de 2012, a partir de quando passará a viger apenas a última regulamentação.

Para atender a esse período de transição, este capítulo usa as seguintes cores:

verde:	indica novas regras;
laranja:	indica o que não sofreu alteração;
azul:	indica regras antigas.

Ajustes estão sendo esperados durante um período de adaptação e observação e, à medida que necessários, serão divulgados no site **www.vestcon.com.br**.

É oportuno pedir ao leitor que conheça o movimento **www.acordarmelhor.com.br** e que o ajude com seu apoio, para a racionalização e simplificação das regras ortográficas, visando inclusive, à eliminação de exceções.

ALFABETO (norma nova)

O alfabeto português, com a introdução de K, k (cá ou capa); W, w (dáblio) e Y, y (ípsilon), passou a ter 26 letras ou grafemas:

A a	B b	C c	D d	E e	F f
G g	H h	I i	J j	**K k (cá)**	L l
M m	N n	O o	P p	Q q	R r
S s	T t	U u	V v	**W w (dáblio)**	X x
Y y (ípsilon)	Z z				

USO DE K, W, Y

Essas três novas letras ou grafemas são destinadas ao seguinte uso:

1	Em antropônimos (nomes de pessoas) originários de outras línguas e seus derivados: *Byron, byroniano; Darwin, darwinismo; Franklin, frankliniano; Kant, kantista, kantismo; Kardec, kardecista, kardecismo...*
2	Em topônimos (nomes de lugares) de outras línguas e seus derivados: *Kwuanza, kwanzaniano; Kuwait, kuwaitiano; Malawi, malawiano...*
3	Em siglas internacionais (TWA, KLM) e em símbolos internacionais (K de potássio, *kalium* em latim; W de oeste, *West* em inglês; kg de quilograma; km de quilômetro; kW de quilowatt; kV de quilovolt; yd de jarda, *yard* em inglês...).

Observações:

a) Antropônimos estrangeiros e seus derivados: respeita-se a grafia, inclusive das demais letras e do trema: Garrett, garrettiano; Müller, mülleriano; Shakespeare, shakespeariano... Muitos têm mais de uma grafia: Baruch, Baruc; Loth, Lot; Ziph, Zif; Joseph, José; Nazareth, Nazaré; Judith, Judite; Jacob, Jacó; Isaac, Isac; David, Davi; Josafat, Josafá; Madrid, Madri; Calecut, Calicut, Calcutá, Cid...

b) Topônimos estrangeiros e seus derivados: vernaculizam-se, ou seja, devem ser adaptados, aportuguesados, sempre que possível: Calicut > Calcutá; Cherbourg > Cherburgo; Finland > Finlândia; Torino > Turim; Zürich > Zurique...

USO DO *H, h*

USA-SE H INICIAL	
1	Por respeito à etimologia (origem das palavras): haver, hélice, hera, hoje, hora, homem, humor...
2	Por convenção: hã?, hem?, hum!

Observações:

a) Várias palavras já se modernizaram (**e**rva, **e**rvaçal, **e**rvanário, **e**rvoso...) e convivem com formas eruditas, mais tradicionais (herbáceo, herbanário, herboso...).
b) Quando deixa de ser inicial, o h pode desaparecer (hebdomadário > biebdomadário; harmônico > desarmônico; homem > lobisomem...) ou ser antecedido por hífen (anti-horário, pré-história, sobre-humano).

USA-SE O H FINAL
Em interjeições: Ah! Oh! Ih! Uh!

Observação:

Não se usa o h final na interjeição de vocativo: "Ó jardineira, por que estás tão triste?..."; Ó menino, venha cá.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

1. ( ) No Brasil, preferem-se as formas Calcutá, Cid, Davi, Josafá, Jó, Jacó, Madri, Nazaré.
2. ( ) Continuam existindo **ç** (c cedilhado) e os dígrafos **rr**, **ss**, **ch**, **lh**, **nh**, **gu**, **qu**...
3. ( ) Corretas as grafias Malawi, malawiano, Müller, mülleriano, shakespeariano, Kubitschek.
4. ( ) Preferem-se as grafias: uísque, drinque, vodca, vermute e não whisky, whiskey, drink, vodka, vermouth...
5. ( ) Preferem-se as grafias Garona, Jutlândia, Milão, Munique, Turim, Zurique e não Garonne, Jutland, Milano, München, Torino, Zürich...
6. ( ) Em haver, hélice, hera, hoje, hora, homem, humor... o **h** (agá) se mantém com base na etimologia.
7. ( ) O mesmo acontece com herbáceo, herbanário, herbicida, herbícola, herbático, herbívoro, que se originam, por via culta, da palavra latina **herba**.
8. ( ) Porém erva, ervaçal, ervoso, ervica, ervicida escrevem-se **sem h** (agá) porque essa grafia já foi consagrada pelo uso.
9. ( ) Usa-se **h** (agá) final em interjeições: Oh! Ah!
10. ( ) O **h** (agá) permanece no interior de palavras ligado por hífen (anti-higiênico, pré-história, sobre-humano, contra-haste), mas desaparece quando antecedido de **in**, **an**, **des** ou do **som "z"** (inábil < in+hábil; desumano < des+humano; exaurir < ex+haurir).

USO DAS LETRAS

Em cada item, siga o modelo e pratique.

Observe:

monte – mont**ês**; Escócia – esco**cês**; Portugal – portugu**ês**...

Adjetivos derivados de substantivos escrevem-se com **s**: **(ês, esa)**.

Prática

11. França: francê__
12. Japão: japone__a
13. corte: cortê__
14. burgo: burguê__
15. montanha: montanhê__
16. campo: campone__a

Observe:

prior – prior**esa**; duque – duqu**esa**; sacerdote – sacerdot**isa**...

Os sufixos **-esa** e **-isa**, formadores de feminino, escrevem-se com **s**.

Prática

17. barão: barone__a
18. príncipe: prince__a
19. cônsul: consule__a
20. papa: papi__a
21. poeta: poeti__a
22. profeta: profeti__a

Observe:

metást**ase**, anáf**ase**; diur**ese**, gên**ese**, sínt**ese**; diál**ise**, anál**ise**; diagn**ose**, metamorf**ose**, hipn**ose**...

Grafam-se com **s** as terminações **-ase**, **-ese**, **-ise**, **-ose**.

Prática

23. cateque__e
24. anáfa__e
25. hemopti__e
26. meio__e
27. hidróli__e
28. simbio__e
29. neuro__e
30. psico__e
31. sínte__e

Observe:

pre**s**o – apre**s**ar; va**z**io – esva**z**iar; rai**z** – enrai**z**ar, catáli**s**e – catali**s**ar...

Radicais com **z** originam palavras com **z**. Radicais com **s** originam palavras com **s**.

Prática

32. baliza: bali__ar
33. vez: reve__ar
34. trás: atra__o
35. vaso: enva__ar

Observe:

moral – moral**izar**; rubor – rubor**izar**; tranquilo – tranquil**izar**...

Verbos de radicais não terminados em **s** ou **z** recebem o sufixo **-izar**, com **z**.

Prática

36. profeta: profeti__ar
37. civil: civili__ar
38. concreto: concreti__ar
39. anarquia: anarqui__ar
40. drama: dramati__ar
41. banal: banali__ar

Atenção:

sífilis – sifil(i)-izar

Observe:

pôr – pu**s**; querer – qui**s**er; relu**z**ir – relu**z**...

As formas dos verbos **pôr** e **querer** (e seus derivados) escrevem-se com **s**. As formas dos verbos que já têm **z** escrevem-se com **z**.

Prática

42. querer: qui__, qui__esse
43. pôr: pô__, pu__esse, pu__er
44. trazer: tra__
45. dizer: di__
46. fazer: fi__, fi__esse, fi__er
47. cozer: co__i

Observe:

l**ous**a; N**eus**a; p**aus**a...

Depois de **ditongo**, escreve-se **s**, e não z.

Prática

48. cau__a
49. gêi__er
50. mai__ena
51. náu__ea
52. Sou__a
53. pou__ar

Observe:

compree**nd**er – compreen**s**ão; subme**rg**ir – submer**s**o, subme**rs**ão; conver**rt**er – conver**s**ão...

Palavras derivadas de radicais com **nd**, **rg**, **rt** grafam-se com **s** (**ns, rs**).

Prática

54. apreender: apreen__ão
55. pretender: preten__ão
56. aspergir: asper__ão
57. imergir: imer__ão
58. inverter: inver__ão
59. divertir: diver__ão

Observe:

puro – pur**eza**; honrado – honrad**ez**; nu – nud**ez**...

Substantivos derivados de adjetivo escrevem-se com **z** (**ez, eza**).

Prática

60. árido: aride__
61. áspero: aspere__a
62. avaro: avare__a
63. claro: clare__a
64. cúpido: cupide__
65. estúpido: estupide__

Observe:

pro**ceder** – proce**ss**o; a**gredir** – agre**ss**ão; re**primir** – repre**ss**ão; ad**mitir** – admi**ss**ão...

Palavras derivadas dos radicais **-ceder**, **-gredir**, **-primir**, **-mitir** escrevem-se com **ss**.

Prática

66. ceder: ce__ão
67. aceder: ace__o
68. exceder: exce__o
69. progredir: progre__o
70. regredir: regre__o
71. imprimir: impre__ão
72. oprimir: opre__ão
73. deprimir: depre__ão
74. omitir: omi__ão
75. demitir: demi__ão
76. permitir: permi__ão

Observe:

sindética – a**ss**indética; **s**afra – entre**ss**afra...

Palavras iniciadas por **s** escrevem-se com **ss** quando recebem prefixos terminados em vogal.

Prática

77. sílaba: a__ilábico
78. sossego: a__ossegar
79. surgir: re__urgir
80. supor: pre__upor
81. sair: sobre__air
82. semelhante: de__emelhante

Observe:

jun**to** – jun**ç**ão; perfei**to** – perfei**ç**ão...

Radicais terminados em **to** geram **c**, **ç**.

Prática

83. atento: aten__ioso
84. projeto: proje__ão
85. exceto: exce__ão
86. isento: isen__ão
87. distinto: distin__ão
88. ereto: ere__ão

Observe:

f**oic**e; Conc**ei**ção; t**ouc**eira...

Depois de **ditongo**, escrevem-se as letras **c** ou **ç**, e não ss.

Prática

89. cau__ão
90. lou__a
91. bei__o
92. arcabou__o
93. coi__e
94. fei__ão

Observe:

mu**ç**ulmano, alfa**c**e; Igua**ç**u; mu**ç**um...

Escrevem-se com **c** ou **ç** palavras de origem árabe, indígena ou africana.

Prática

95. a__afrão
96. a__ucena
97. alma__o
98. pa__oca
99. ca__anje
100. a__aí

Observe:

s**eix**o; c**aix**a; fr**oux**o...

Depois de **ditongo**, usa-se **x**, e não ch.

Prática

101. fai__a
102. amei__a
103. madei__a
104. trou__a
105. bai__o
106. pei__e

Exceções:

c**auch**o, c**auch**al, rec**auch**utagem.

Observe:

mexer; **Méx**ico; **enx**ada; **enx**ó...

Usa-se **x** após os grupos iniciais **me-** e **en-**.

Exceções:

charco – **ench**arcar
cheio – **ench**er
chumaço – **ench**umaçar
an**ch**ova ou **ench**ova

Prática

107. me__icano
108. me__ilhão
109. me__erico
110. en__aguar
111. en__ergão
112. en__erido
113. en__urrada
114. en__uto

Observe:

xá; ara**x**á, **X**angô...

Escrevem-se com **x** palavras de origem árabe, indígena ou africana.

Prática

115. almo__arife
116. o__alá
117. __adrez
118. ca__ambu
119. mu__o__o
120. __avante

Observe:

vadio – vadi**agem**; lã – lan**ugem**; vert**igem**...

Escreve-se a letra **g** nas terminações **-agem**, **-igem**, **-ugem**.

Prática

121. ara__em
122. fuli__em
123. malandra__em
124. ferru__em
125. selva__em
126. penu__em

Exceção:

a vi**agem**; que eles vi**ajem**

Observe:
ágio; privil**égio**; prest**ígio**...

Escreve-se a letra **g** nas terminações **-ágio**, **-égio**, **-ígio**, **-ógio**, **-úgio**.

Prática
127. adá__io
128. está__io
129. plá__io
130. egré__io
131. reló__io
132. refú__io

Observe:
pa**j**é; alfan**j**e; acara**j**é...

Grafam-se com **j** palavras de origem indígena, árabe ou africana.

Prática
133. __ê
134. __enipapo
135. __erimum
136. __irau
137. alfor__e
138. caçan__e

Exceções:
álgebra, algema, algeroz

USO DO HÍFEN (norma antiga)

O hífen, ou traço-de-união, é um sinal (-) com várias funções na escrita.

Hífen usado na composição de palavras novas por justaposição

Têm sentidos diferentes:

amor perfeito	≠	amor-perfeito
copo de leite	≠	copo-de-leite
segunda feira	≠	segunda-feira
sem vergonha	≠	sem-vergonha
sempre viva	≠	sempre-viva

Atenção:
Nem toda palavra composta por justaposição é ligada por hífen:
girassol, madressilva, mandachuva, pontapé, rodapé, vaivém...

Prática

■ Escreva nos parênteses os significados.

139. copo de leite (_____)
140. sempre viva (_____)
141. sócio econômico (_____)
142. copo-de-leite (_____)
143. sempre-viva (_____)
144. socioeconômico (_____)

Hífen nos compostos sem elemento de ligação

luso-brasileiro
histórico-geográfico
médico-cirúrgico
sino-japonês

Prática

■ Reescreva **corretamente**.

145. luso africano _____
146. nipoamericano _____
147. anglo americano _____
148. sinosoviético _____
149. greco romano _____
150. afro brasileiro _____

Hífen usado para separar elementos sufixados

-mor — sempre
-açu
-guaçu
-mirim
— só após vogal tônica, inclusive nasal

altar-mor
guarda-mor
maracanã-guaçu
ingá-açu
socó-mirim

Exceções:

O nome das cidades de Manhuaçu, Manhumirim, Mojiguaçu e Mojimirim está registrado sem hífen.

Prática

■ Reescreva **corretamente**.

151. capitão mor _____
152. ingá açu _____
153. Manhu-açu _____
154. Moji guaçu _____
155. altar mor _____
156. capim mirim _____
157. Manhu-mirim _____
158. Moji mirim _____

Hífen usado para separar elementos prefixados

O hífen separa dos radicais os seguintes prefixos tônicos:

aquém- além- recém-	pró- pré- pós-	sem- bem-	sota-, soto- vice-, vizo-	nuper- ex- co- pára-	grão- grã- bel-

além-mar	bem-amado	co-autor
recém-casado	soto-ministro	pára-choque
pré-escola	vice-reitor	grão-duque
pós-graduação	vizo-rei	bel-prazer
sem-vergonha	ex-aluno	

Exceção:

Sr. Benvindo (antropônimo), seja bem-vindo!

Prática

■ Reescreva **corretamente**.

159. aquém fronteiras _____
160. aquém mar _____
161. além túmulo _____
162. além mar _____
163. recém vindo _____
164. pró leite _____
165. pro-por _____
166. pró educação _____
167. pro rogar _____
168. pré natal _____
169. pré escola _____
170. pre tender _____
171. pós operatório _____
172. pos por _____
173. senvergonha _____
174. sem terra _____
175. bem querer _____
176. bem educado _____
177. bem falante _____
178. sotogovernador _____
179. vice governador _____
180. vizo governador _____
181. nuper vindo _____
182. examante _____
183. co seno _____
184. co autor _____
185. pára lama _____
186. pára choque _____
187. grão vizir _____
188. grã cruz _____
189. bel prazer _____

■ Leia e compare.
José é um sem-terra. Os vasos estão sem terra.
O bem-educado e o mal-educado comportam-se diferente.
Ele é um sem-vergonha. Sorria sem vergonha e sem medo.
Sorria, sem-vergonha. Ele chorava sem vergonha.

O hífen separa os prefixos dos seus radicais quando ocorrem os casos discriminados a seguir

auto- contra- extra- infra- intra- neo- prot(o)- pseud(o)- semi- supra- ultra-	diante de	vogal H R S	usam o hífen.

Exceção:

extraordinário.

Prática

■ Reescreva **corretamente**.

190. auto confiante _____
191. auto defesa _____
192. auto avaliação _____
193. auto reconhecimento _____
194. contra dizer _____
195. contra indicar _____
196. contra regra _____
197. extra regimental _____
198. extra-ordinário _____
199. intra hepático _____
200. infra vermelho _____
201. infra som _____
202. neo clássico _____
203. neo simbólico _____
204. proto histórico _____
205. pseudo etimologia _____
206. pseudo sábio _____
207. pseudo ciência _____
208. semi árido _____
209. semi desértico _____
210. supra renal _____
211. supra-partidário _____
212. ultra humano _____
213. ultra correto _____

ante- sobre- ant(i)- arqui-	diante de	H R S	usam o hífen.

Exceções:

antissepsia; antisséptico; sobressair; sobressaltar; sobressalto; sobressaltear; sobressalente; sobresselente; sobressaliente, embora o VOLP registre, também, que deve ser: anti-sepsia; anti-séptico; sobre-sair; sobre-saltar...

Prática

■ Reescreva **corretamente**.

214. ante diluviano _____
215. ante rosto _____
216. ante sala _____
217. anti herói _____
218. anti democrata _____
219. anti social _____
220. arqui milionário _____
221. arqui secular _____
222. sobre humano _____
223. sobre salente _____
224. sobre sair _____
225. sobre saltar _____
226. sobre saltear _____

Pare aqui! Antes de seguir, refaça num papel à parte o que já foi feito deste capítulo.

inter- super- hiper-	diante de	H R	usam o hífen.

Exceções:

interregno, hiperepatia.

Prática

■ Se já refez todos os exercícios de hífen, continue.

227. super homem _____
228. super humano _____
229. super resistente _____
230. inter resistente _____
231. super ativo _____
232. super dotado _____
233. hiper hedônico _____ *
234. hiper hidrose _____ *
235. hiper rugoso _____
236. hiper rancoroso _____

* O VOLP registra também: hiperedônico, hiperidrose.

pan- circum- mal-	diante de	H vogal	usam o hífen.

Prática

■ Reescreva.

237. circum ambiente _____
238. circum hospitalar _____
239. circum navegar _____
240. pan hispânico _____
241. pan americano _____
242. mal humorado _____
243. malagradecido _____
244. mal ajambrado _____ *
245. pan harmônico _____ *
246. pan africano _____

* Registram-se também: malajambrado e panarmônico.

ad-	diante de	R ou D	usa(m) o hífen.
sub-	diante de	R ou B	
ab- ob- sob-	diante de	R	

Exceções:

ab-rupto ou abrupto, sob-bosque ou sobosque, sub-bosque ou subosque, subumano ou sub-humano, subepático ou sub-hepático.

Prática

■ Continue.

247. ad referendar _____
248. ad digital _____
249. ad rogar _____
250. sub raça _____
251. sub região _____
252. sub rogar _____
253. sub base _____
254. sub borato _____
255. sub entender _____
256. sub secretário _____
257. sub hepático _____ *
258. sub área _____ **
259. sub humano _____ *
260. sub oficial _____ **

* Existem oficialmente: subepático e subumano.

** Fogem à pronúncia geral, mas são as formas oficiais.

Curioso...

1. Existem subaluguel e subaluguer.
2. Prefixo **sub-** seguido de palavra iniciada por l: escrevem-se juntos, lêem-se separados:
   - **escrita**: subliminar, sublingual, subliterato;
   - **pronúncia**: sub liminar, sub lingual, sub literato.
3. O VOLP admite dupla pronúncia para: sublevar e sublinhar.

■ Mais um pouco.

261. ab reação _____
262. ab rogar _____
263. ob rogar _____
264. ob reptício _____
265. sob roda _____
266. sob rojar _____
267. ab rupção _____ *
268. ab rupto _____ *
269. ab ruptela _____ *
270. ab ruptipenado _____ *

* O VOLP registra também com hífen: ab-rupção, ab-rupto, ab-ruptela, ab-ruptipenado. Devem-se pronunciar separadamente o **b** e o **r**, mesmo nas formas escritas sem hífen.

Prefixos ou radicais que não usam hífen

aero	cis	etno	hipo	mega	neuro	socio
agri	cromo	filo	homo	meta	odonto	tele
ambi	crono	fisio	in	micro	oni	termo
anfi	des	geo	iso	midi	orto	trans
audio	dis	hemi	justa	mini	pluri	tri
auri	ego	hetero	linguo	mono	poli	uni
bi	endo	hexa	macro	moto	quilo	video
bio	epi	hidro	maxi	multi	retro	

Prática

■ Agora, termine.

271. agri doce _____
272. ambi destro _____
273. audio visual _____
274. auri verde _____
275. bi sexual _____
276. homo sexual _____
277. hetero sexual _____
278. orto molecular _____
279. mini mercado _____
280. mono fásico _____
281. odonto pediatra _____
282. pluri anual _____
283. poli esportivo _____
284. iso térmico _____
285. neuro cirurgião _____
286. tele vendas _____
287. mono motorizado _____

USO DO HÍFEN (norma nova)

Hífen nos compostos sem elemento de ligação

Observe:

afro-brasileiro ≠ afrodisíaco, afrogenia, afrofilia...
anglo-brasileiro ≠ anglofalante, anglomaníaco, anglofilia...
euro-asiático ≠ eurorresidente, eurodescendente, euromania...
franco-germânico ≠ francofilia, francófilo, francodescendente...

Conclusão:

Compostos formados por mais de um radical pátrio (afro, anglo, euro, franco, indo, luso, sino...), locativo ou gentílico, grafam-se com hífen.

Prática

■ Reescreva corretamente:

288. luso americano _____ 289. afro descendente _____
290. teuto mania _____ 291. teuto germânico _____
292. euro canal _____ 293. euro asiático _____
294. luso fonia _____ 295. luso moçambiquense _____
296. franco angolano _____ 297. franco maçonaria _____

Observe:

A nova ortografia apresenta, como exceções do uso do hífen, girassol, madressilva, mandachuva, pontapé, paraquedas, paraquedista, paraquedismo, entre outras.

Conclusão e prática

■ Complete:

298. Os demais compostos iniciados pelas formas verbais **para** e **manda** _____

_____

Prática

■ Reescreva corretamente:

299. gira mundo _____ 300. gira discos _____
301. gira sol _____ 302. para brisa _____
303. para lama _____ 304. para-choque _____
305. manda tudo _____ 306. manda brasa _____
307. busca pé _____ 308. ponta pé _____
309. manda chuva _____ 310. guarda chuva _____
311. madre pérola _____ 312. madre caprina _____

Hífen nos topônimos e gentílicos

Observe:

Grã-Bretanha, Grão-Pará ≠ Belo Horizonte
Passa-Quatro, Quebra-Costas ≠ Boa Vista
Albergaria-a-Velha ≠ América do Sul

Conclusão:

Topônimos compostos usam hífen quando iniciados por Grã, Grão, por forma verbal e quando tenham internamente um artigo. Exceções: Guiné-Bissau e Timor-Leste.

Prática

■ Reescreva corretamente:

313. Abre Campo _____
314. Rio de Janeiro _____
315. Quebra Frasco _____
316. Todos os Santos _____
317. Três Rios _____
318. Entre os Rios _____
319. Trás os Montes _____
320. Trinca Fortes _____
321. Pendura Saia _____
322. Timor Leste _____
323. Santa Cruz _____
324. Guiné Bissau _____
325. América do Sul _____
326. Nova Guiné _____

Observe:

África do Sul ≠ sul-africano, africano-do-sul
Rio Grande do Norte ≠ norte-rio-grandense, rio-grandense-do-norte

Conclusão:

Mesmo que os topônimos compostos sejam escritos sem hífen, os seus gentílicos são hifenizados.

Prática

■ Escreva os gentílicos correspondentes aos topônimos.

327. Rio Grande do Sul _____
328. América do Norte _____
329. Porto Alegre _____
330. Belo Horizonte _____
331. Cruzeiro do Sul _____
332. da Índia e da China _____
333. da Indochina _____
334. do centro da África _____
335. da República Centroafricana _____

■ Assinale **C** ou **E**:

336. ( ) Topônimos e gentílicos se escrevem com inicial maiúscula.
337. ( ) Topônimos e antropônimos se escrevem com inicial maiúscula.
338. ( ) Gentílicos escrevem-se com inicial minúscula, a não ser que comecem a frase.

Observe:

mula-sem-cabeça > mula sem cabeça pé-de-moleque > pé de moleque

Conclusão:

Os compostos com elemento de ligação, na nova ortografia, perderam o hífen.

Prática

■ Reescreva convenientemente.

339. pé-de-pato _____
340. baba-de-moça (doce) _____
341. papo-de-anjo (doce) _____
342. ponta-de-lança (futebol) _____

Hífen nos encadeamentos vocabulares

Observe:

O lema de Liberdade, Igualdade e Fraternidade ≠ o lema Liberdade-Igualdade-Fraternidade.
O percurso de Rio para Brasília ≠ o percurso Rio-Brasília.

Conclusão:

Encadear palavras é um recurso econômico propiciado pelo uso do hífen.

Prática

■ Crie encadeamento, se possível.

343. Foi de Florianópolis a Brasília, passando por Curitiba e Uberlândia.
Fez o percurso _____.
344. Estava na divisa entre Brasil, Argentina e Paraguai.
Estava na divisa _____.

Hífen nas espécies botânicas e zoológicas

Observe:

abóbora-menina, banana-menina, banana-d'água, couve-flor;
andorinha-do-mar, formiga-branca, bem-te-vi, joão-de-barro;
azeite-de-dendê, água-de-coco, bálsamo-do-Canadá.

Conclusão:

Nomes de espécies botânicas e zoológicas, produtos afins e derivados escrevem-se com hífen, tendo ou não elemento de ligação. Exceção: girassol, madressilva, malmequer (*vide* a regra de mal).

Prática

■ Corrija, se preciso.

345. bálsamo coral _____
346. bálsamo de cheiro _____
347. bico de papagaio (planta) _____
348. bico de papagaio (nariz adunco, problema de coluna) _____
349. bem me quer _____
350. mal me quer _____
351. mata pasto (planta) _____
352. mata borrão _____
353. não me toques (planta) _____
354. não me toques (melindres) _____
355. bola de neve (planta) _____
356. bola de neve (situação que cresce) _____
357. Colheu o copo de leite _____
358. Bebeu um copo de leite _____

Hífen antes de h

Observe:

anti-higiênico, circum-hospitalar, contra-harmônico...
arqui-hipérbole, eletro-higrômetro, semi-histeria...
reaver, coerdeiro, deserdado, inumano, anistórico...

Conclusão:

Prefixos e falsos prefixos usam hífen antes de h, exceto **re**, **co**, **des**, **in**, **an**.

Prática

■ Corrija, se necessário.

359. coherdeiro _____
360. desherdar _____
361. antihumano _____
362. préhistória _____
363. contraharmônico _____
364. inharmônico _____
365. desharmonia _____
366. superharmonia _____
367. cohabitar _____
368. deshabitar _____
369. anhistórico _____
370. anhepático _____

371. ahistórico _____ 372. anhidro _____
373. eletrohigrometria _____ 374. geohistória _____
375. inhabilidoso _____ 376. ultrahabilidoso _____
377. cohabilidade _____ 378. arquihipérbole _____
379. rehaver _____ 380. rehouvera _____
381. rehumanizar _____ 382. rehidratar _____

■ Preencha:
383. Usa-se hífen antes de h, exceto quando precedido de ____, ____, ____, ____, ____.

Atenção:

bi-hebdomadário e biebdomadário, carbo-hidrato e carboidrato, porque o primeiro elemento não perdeu fonema vocálico (justaposição). Porém **cloridrato**, **clorídrico**, por ter o primeiro elemento perdido fonema vocálico (aglutinação).

Observe:

contra-almirante, infra-axilar, semi-interno, semi-irado, auto-observação, auto-olhar...
coopositor, reeducar, preencher, proótico.

Conclusão:

Quando prefixo ou falso prefixo terminam com a mesma letra vogal que inicia o segundo elemento, usa-se hífen (exceto ree, pree, coo, proo).

Prática

■ Corrija, se necessário.
384. supraauricular _____ 385. contraatestar _____
386. reeducar _____ 387. cooperação _____
388. antiibérico _____ 389. arquiirmão _____
390. preexistir _____ 391. autoobservação _____
392. microonda _____ 393. semiinconstante _____

■ Preencha:
394. Usa-se hífen para separar letras vogais iguais em palavra composta, exceto nos encontros ____, ____, ____, ____.

Observe:

Circum-ambiente, pan-amazônico, circum-murar, pan-mestiço, circum-nadar, pan-negro, pan-paulista, pan-britânico, circum-habitar...
Circuncisão, panteísmo...

Conclusão:

Circum e **pan** recebem hífen antes de **vogal**, **m**, **n**.

Prática

■ Corrija, se necessário.

395. circum navegar _____
396. pan hemisférico _____
397. circum adjacência _____
398. Circum vagar _____
399. pan mágico _____
400. Pan americano _____
401. pan psiquismo _____
402. Pan nigeriano _____
403. pan brasileiro _____
404. Circum volução _____
405. circum lóquio _____
406. Pan harmônico _____

■ Preencha:

407. Pan e circum recebem hífen antes de _____, _____, _____.

Observe:

Inte**r-r**esistente, su**b-b**ase, a**d-d**igital, su**b-r**esistente, a**d-r**ogar.

Conclusão:

Separam-se com hífen r-r, b-b, d-d, b-r, d-r.

Prática

■ Corrija, se necessário.

408. hiperrequinte _____
409. superrevista _____
410. subbloco _____
411. sub-bosque _____
412. subreitor _____
413. addsoniano _____
414. abrupto _____
415. adrenalina _____
416. adrenalite _____
417. adrenal _____
418. subrogar _____
419. subresfriar _____

■ Preencha:

420. São exceções: _____, _____, _____, _____.

Observe:

Além-Atlântico, além-fronteira, aquém-montanha, recém-vindo, sem-fim, bem-vindo.

Conclusão:

Recebem hífen os compostos iniciados por **além**, **aquém**, **recém**, **sem**, **bem**.

Prática

■ Corrija, se necessário.

421. além mar _____ 422. aquém divisa _____
423. além pireneus _____ 424. recém casado _____
425. recém nascido _____ 426. o sem cerimônia _____
427. um sem vergonha _____ 428. um sem número _____
429. bem aventurado _____ 430. bem criado _____

■ Preencha:

431. São exceções: _____, _____, _____, _____, _____, _____.

Observe:

ex-ator, ex-professor, soto-capitão, sota-capitão, vice-rei, vizo-rei.

Conclusão:

ex (cessamento), **soto**/**sota** (= sub), **vice**/**vizo** antecedem hífen.

Prática

■ Corrija, se necessário.

432. ex padre _____ 433. ex portar _____
434. ex presidente _____ 435. ex patriar _____
436. soto piloto _____ 437. sota pitoto _____
438. vizo monarca _____ 439. vice presidente _____

Observe:

pós-graduação, pré-átono, pró-africano.

Conclusão:

pós, **pré**, **pró** (abertos e tônicos) antecedem hífen.

Prática

■ Corrija, se necessário.

440. pré natal _____ 441. pós parto _____
442. pos por _____ 443. pós textual _____
444. postergar _____ 445. pró europeu _____
446. propor _____ 447. pró soviético _____
448. pré gravação _____ 449. pré embrião _____

450. pré eleger _____ 451. pré esclerose _____
452. pré esclerótico _____ 453. pre existir _____
454. pré eleição _____ 455. Pré eleito _____
456. pré eleitoral _____ 457. Pré embrionário _____

■ Preencha:
458. São anormais: _____, _____.

Observe:

Mal-aventurado, mal-educado, mal-humorado, malditoso, malfalante.

Conclusão:

Mal (advérbio) tem hífen antes de **vogal** e **h**.

Prática

■ Corrija, se necessário.
459. mal criado _____ 460. Mal falante _____
461. mal amado _____ 462. Mal afamado _____
463. mal ajambrado _____ 464. Mal entendido _____
465. mal olhado _____ 466. Mal visto _____

Observe:

Mal-americano (sífilis) mal-germânico (sífilis) mal-napolitano (sífilis)

Conclusão:

Mal (substantivo, significando doença), sem elemento de ligação, usa hífen.

Prática

■ Corrija, se necessário.
467. mal-bruto (hanseníase) _____ 468. mal-caduco (epilepsia) _____
469. mal-céltico (sífilis) _____ 470. mal-canadense (sífilis) _____
471. mal-morfético (hanseníase) _____ 472. mal-francês (sífilis) _____
473. mal da nuca _____ 474. mal de Alzheimer _____
475. mal de Parkinson _____

Atenção!

São anormais: mal-andança (infortúnio), mal-assombro (fantasma), malconceito (má fama), malcriação, porque, apesar de registrado no VOLP, o **mal** está indevidamente usado como adjetivo. Deveria ser má-andança, mau-assombro, mau-conceito, má-criação.

Observe:

andá-açu, amoré-guaçu, anajá-mirim, Manhuaçu, Mojimirim.

Conclusão:

Sufixos tupis **açu** (grande), **guaçu** (grande), **mirim** (pequeno) ligam-se por hífen quando antecedidos de vogal acentuada graficamente, ou para preservar a pronúncia.

Prática

■ Corrija, se necessário.

476. Manhu mirim _____ 477. Moji guaçu _____
478. Ceará mirim _____ 479. capim açu _____
480. socó açu _____ 481. tatu açu _____
482. cupim açu _____ 483. tuim açu _____

NÃO SE USA HÍFEN

Observe:

Locuções substantivas: *cão de guarda, sala de estar, água de cheiro...*
Locuções adjetivas: *cor de café, cor de bonina, cor de abacate, à toa...*
Locuções pronominais: *cada um, qualquer um, quem quer que...*
Locuções adverbiais: *à toa, depois de amanhã, à vontade, em cima, por isso...*
Locuções prepositivas: *abaixo de, em cima de, junto a, quanto a...*
Locuções conjuntivas: *logo que, uma vez que, ao passo que...*
Frases nominalizadas: Era um *deus nos acuda*. Foi um *salve-se quem puder*. Era a *casa da mãe Joana*. É um *Maria vai com as outras...*

Conclusão:

Locuções e frases nominalizadas não usam hífen.

Prática

■ Corrija, se necessário.

O *arco-da-velha* (484) que vivera *ao-deus-dará* (485) era *água-de-colônia* (486) lançada *à-queima-roupa* (487) no *pé-de-meia* (488) *cor-de-rosa* (489) preso ao caule do *dois-por-dois* (490), conhecida palmeira da Região Norte. Vivera está no *mais-que-perfeito* (491).

_____
_____
_____

Observe:

não proliferação... não violência... quase perfeito... quase mordida...

Conclusão:

Não e **quase**, mesmo usados como prefixos, não usam hífen.

Prática

■ Corrija, se necessário.

Houve um *quase-entendimento* (492) naquele tratado de *não-agressão* (493) e *não-vingança* (494).

_____

Observe:

agridoce, auriverde, contradizer, contrafação, contralateral, ortomolecular...

Conclusão:

Em palavras cujo primeiro elemento (prefixo ou radical interno) termina em vogal e o segundo começa com consoante que não permite alteração fonética, unem-se os dois sem hífen.

Prática

■ Corrija, se necessário.

495. agro negócio _____ 496. agro mania _____
497. auri céfalo _____ 498. auro ferrífero _____
499. contra vento _____ 500. contra verdade _____
501. contra fluxo _____ 502. orto fotografia _____
503. orto morfismo _____ 504. retro carregar _____
505. proto plama _____ 506. proto vértebra _____

Observe:

anti**aé**reo, c**oe**educar, estr**ae**scolar, aut**oa**prendiz, agr**oi**ndustrial, supr**ai**nventivo.

Conclusão:

Na união de vogais com letras diferentes, não se usa hífen.

Prática

■ Corrija, se necessário.

507. aero espacial _____ 508. supra inventivo _____

509. auto investigação _____ 510. termo elétrica _____
511. endo estesia _____ 512. hidro avião _____

Observe:

Anti**rr**eligioso, contr**arr**egra, ant**iss**emita, c**oss**eno.

Conclusão:

r ou **s**, antecedidos de vogal, transformam-se em **rr** e **ss**, para preservar o som original.

Prática

■ Corrija, se necessário.

513. extra regular _____ 514. infra som _____
515. mini saia _____ 516. bio ritmo _____
517. bio satélite _____ 518. bi secular _____
519. micro sistema _____ 520. micro radiografia _____

HÍFEN REPETIDO

Observe:

recém-	bem-
-nascido	-mandado

Conclusão:

Repete-se o hífen quando a translineação acontece exatamente onde ele está.

Prática

■ Corrija, se necessário.

521. ... circum-
navegar

522. ... super-
rádio

523. ... vice-
prefeito

524. ... soto-
mestre

525. ... bem-
humorado

526. ... pós-
graduado

Observação final:

Expressões latinas e de outras línguas não se alteram, quando não aportuguesadas: *Ad augusta per angusta. Ab ovo. Carpe diem. Ad valorem. Verbi gratia. Ad immortalitatem. To be or not to be.*

USO DOS PORQUÊS

Observe:

Queremos saber **por que** (motivo) não nos convocaram.
A razão **por que** (pela qual) estão agindo assim não foi esclarecida.

POR QUE	1. Quando se subentende a palavra **motivo**. Pode ocorrer nas interrogações diretas ou indiretas. 2. Quando substituível pelo pronome relativo preposicionado **pelo qual** e suas flexões, **pela qual**, **pelos quais**, **pelas quais**.

Prática

527. _____ não são tomadas providências concretas?
528. Muito se falou, mas ninguém explicou _____ as mudanças foram adiadas.
529. São justos os ideais _____ lutamos.
530. Desconhecemos o motivo _____ ele não compareceu.

Observe:

São perceptíveis mudanças no clima, **por quê** (motivo)?

POR QUÊ	Quando se subentende a palavra **motivo** e está **seguido de pausa**. As pausas são marcadas por: **, ; : . ? ! – ...**

Prática

531. Acentua-se o conflito na fronteira, resta saber _____ .
532. Foram feitas críticas a esse modelo econômico, _____?
533. Houve nova desvalorização da moeda _____?
534. Não sabia _____ , mas estava confiante.
535. Ela saiu e você imagina _____...

Observe:

O **porquê** de tanto esforço só você pode entender.

PORQUÊ	Emprega-se quando for um **substantivo**.

Prática

536. Explique-nos o _____ dessa atitude precipitada.
537. Desconhecemos _____ e consequências da ausência de tantos condôminos.
538. Resta-lhes explicar pelo menos um _____ dessa desvalorização da moeda.
539. _____ interessantes nos esperam.

Observe:

Ele voltou para a mulher **porque** detestava silêncio.

PORQUE	1. Conjunção causal. 2. Conjunção explicativa. → Resposta a perguntas. 3. Conjunção final (= para que). 4. Pergunta com resposta implícita.

Prática

540. Os servidores fizeram cursos de aperfeiçoamento _____ a chefia os obrigou.
541. Os jovens são os melhores empreendedores, até _____ aceitam riscos que os mais velhos não assumiriam.
542. Gritava a plenos pulmões _____ fosse de longe ouvido.
543. Você está feliz. Não será _____ o namorado chegou?

■ Preencha conscientemente em relação ao uso dos porquês.

544. _____ você está rindo?
545. Estou rindo _____ fui bem na prova. Eis _____ estou rindo.
546. Você continua rindo! _____?
547. Não lhe posso dizer o _____.
548. Então ria de lábios fechados, _____ seus dentes estão sujos.

■ Continue.

549. _____ você errou?
550. Errei _____ não estudei.
551. Não estudou _____?
552. Vou-lhe dizer _____ não estudei. Mas _____ você quer saber o _____ de eu não ter estudado? Só _____ você é curioso?
553. Não. É _____ eu quero ajudá-lo.

■ Continue.

554. Qual o motivo _____ ela me ama? Talvez _____ tenha mostrado a ela os sentimentos _____ fui envolvido.
555. Os _____ do coração humano são indecifráveis.

MAU ≠ MAL

MAU	É **adjetivo**. Fala de um substantivo. Pode ir para o plural e para o feminino.

Josias era um **mau jogador**, passou por **maus momentos**,
adjet. subst. adjet. subst.

porém não tinha **más intenções**.
adjet. subst.

MAL	Pode ser **substantivo**: Conheça o bem e **o mal**. art. subst.
	Pode ser **advérbio**: Ela **falava mal**. José era **mal educado**. verbo adv. adv. adjet.
	Pode ser **conjunção temporal**: **Mal** chegou, sorriu. (mal = quando)

Prática

Use **mal** se no seu lugar couber **bem**.
Use **mau** (má, maus, más) no lugar de **bom** (boa, bons, boas).

■ Reveja os exemplos e reescreva.

556. bom jogador: _____ jogador
557. bons momentos: _____ momentos
558. boas intenções: _____ intenções
559. o bem: o _____
560. falava bem: falava _____
561. bem educado: _____ educado

ONDE ≠ AONDE

Veja Capítulo 17, Regência, p. 345.

ABREVIATURAS, SIGLAS, SÍMBOLOS

Abreviatura

Abreviatura é a grafia reduzida de palavra(s), terminada com um ponto: Dra. (Doutora), Dr. (Doutor), Sra. (Senhora), Sr. (Senhor), a.C. ou A.C. (antes de Cristo), a.D. ou A.D. (*Anno Domini*, ou no ano do Senhor), P.S. (*Post Scriptum*), abrev. (abreviatura).

Sigla

Sigla é a união das letras iniciais das palavras que nomeiam instituições, associações, órgãos, empresas etc. A sigla difere da abreviatura porque não apresenta ponto final: OMC (Organização Mundial do Comércio), ONU (Organização das Nações Unidas), FMI (Fundo Monetário Internacional), AGU (Advocacia Geral da União).

Sigla pronunciável letra a letra deve ter todas as letras em formato maiúsculo: BB, TCU, INSS, IGPM, BNDES.

Sigla com até três letras grafa-se com todas maiúsculas:
a) quer pronunciável letra a letra: CBF (cê bê efe), STF (esse tê efe), AGU (a, gê, u).
b) quer pronunciável como palavra: ONU (ônu), PIS (pis), PAS (pas).

Sigla com mais de três letras, pronunciável como uma palavra, deve ter a primeira letra maiúscula e as seguintes, minúsculas: Alerj, Bacen, Petrobras, Enem.

Símbolo

Símbolo é um tipo de abreviação convencionado e padronizado no âmbito de determinado campo de conhecimento. Não termina por ponto, nem tem plural: **g**, grama(s); **h**, hora(s); **m**, metro(s) ou minuto(s); **l**, litro(s); **kl**, quilolitro(s); **km**, quilômetro(s); **min**, minuto(s); **K**, potássio; **Au**, *aurum*, nome latino do ouro; **Ag**, *argentum*, nome latino da prata; **Cu**, *cuprum*, nome latino do cobre.

Prática

■ Assinale C (certo) ou E (errado) nos parênteses, para as seguintes afirmações.

562. ( ) Abreviatura não usa ponto.

563. ( ) Sigla usa ponto.
564. ( ) Símbolo e sigla não usam ponto.
565. ( ) Abreviatura usa ponto.
566. ( ) Redução de uma palavra com as letras iniciais, terminadas com ponto, chama-se abreviatura.
567. ( ) Infere-se dos exemplos dados na definição de abreviatura que o uso de inicial maiúscula é sempre obrigatório.
568. ( ) Redução de várias palavras com a letra inicial de cada uma, sem uso de ponto ao final, chama-se sigla.
569. ( ) Dos exemplos apresentados na definição de sigla, deduz-se que elas sempre começam com letra maiúscula.
570. ( ) Pelos exemplos dados na definição de símbolo, conclui-se que os símbolos químicos apresentam inicial maiúscula.

571. Corrija, dentre as seguintes, as três siglas mal grafadas:
ABI (Associação Brasileira de Imprensa), AGU (Advocacia-Geral da União), ANPAC (Associação Nacional de Proteção e Apoio aos Concursos), CBF (Confederação Brasileira de Futebol), FMI (Fundo Monetário Internacional), OAB (Ordem dos Advogados do Brasil), Onu (Organização das Nações Unidas), Pis (Programa de Integração Social), STF (Supremo Tribunal Federal).

572. Preencha os parênteses com a sigla de cada Estado brasileiro.
Acre ( ), Alagoas ( ), Amapá ( ), Amazonas ( ), Bahia ( ), Ceará ( ), Distrito Federal ( ), Espírito Santo ( ), Goiás ( ), Maranhão ( ), Mato Grosso ( ), Mato Grosso do Sul ( ), Minas Gerais ( ), Pará ( ), Paraíba ( ), Paraná ( ), Pernambuco ( ), Piauí ( ), Rio de Janeiro ( ), Rio Grande do Norte ( ), Rio Grande do Sul ( ), Rondônia ( ), Roraima ( ), Santa Catarina ( ), São Paulo ( ), Sergipe ( ), Tocantins ( )

573. Corrija, se necessário:
Em 2h. e 20min., ele percorreu 250 kms.

ACENTUAÇÃO GRÁFICA (norma antiga)

Casos específicos

Monossílabos tônicos: acentuam-se os terminados em:

a(s), **e(s)**, **o(s)**: pá(s), pé(s), vê(s), tê-lo, nó(s), pô-lo.

Prática

■ Acentue, se necessário, as palavras dos grupos abaixo.

574.

no (subst.)	po (subst.)	vos (pron. reto)	mas (adj.)	vi
le-lo	nos (subst.)	cos	voz	nu
ri	fi-lo	noz	cor	ma
cru	fa-lo	po-lo	vez	ves

Oxítonos: acentuam-se os terminados em:

a(s), **e(s)**, **o(s)**, **em**, **ens**: está(s), prevê(s), café(s), cipó(s), robô(s), (ele) retém, (eles) retêm, reféns.

Prática

■ Acentue, se necessário, as palavras dos grupos abaixo.

575.

atras	atraves	contem (pl.)	marca-lo	decidi-lo
maio	apos (verbo)	camelo	dete-lo	recem
buriti	voce	cara	impo-lo	porem

Paroxítonos: acentuam-se os terminados em:

i(s), **us**: júri(s), vírus;
um, **uns**: álbum, álbuns;
on, **ons**: íon(s), próton(s);
ôo, **ôos**: vôo(s), enjôo(s);
r, **x**, **n**, **l** (RouXiNoL): éter, ônix, éden, sêmen, amável;
ditongo: água, mágoa, série, ciência, órgão;
ps, **ã(s)**: bíceps, órfã(s).

Prática

576. Por que éden, hífen, sêmen (**com acento**) e edens, hifens, semens (**sem acento**)?
Resp.: _____

■ Acentue, se necessário.

577.

caqui (cor)	pensil	hifen	faceis	ciencia
item	polen	hifens	orfão	imã
itens	tenis	triceps	policia (subst.)	neutron

Proparoxítonos: acentuam-se todos.

Prática

■ Acentue as seguintes proparoxítonas:

578.

camara	eramos	interim	edito
calculo	medico	veiculo	umido
falassemos	transito	fotografo	abobada

Observação:

Não há padronização quanto às palavras que mantêm a forma latina. No *Aurélio*, paroxítonos como *quantum*, *primum*, *princeps* não estão acentuados, embora apareçam com acento: *quórum*, *déficit*, *superávit*, *fórum*.

Casos gerais

Acentuam-se os ditongos **éi, ói, éu**, abertos e tônicos.

Prática

579.

roi	paranoia	aldeia	seu
doi	sequoia	apoio	reuzinho
moi	geleia	chapeu	assembleia

Observação:

Pasteizinhos, aneizinhos, anzoizinhos, chapeuzinhos não são acentuados porque os ditongos **éu**, **éi** e **ói** saíram da sílaba tônica.

Acentuam-se

i / u	tônicos e 2ª diferente vogal de hiato e sozinhos na sílaba ou com **s** e não seguidos de **nh**	caído, caíste, Emaús, reúne
		Mas: sucuuba, caindo, Saul rainha, xiita

Prática

■ Acentue as palavras dos grupos abaixo, optando por hiato.

580.

cai	cair	juiz	Raul	conclui
caido	caindo	alaude	reune	construi-lo
caiste	juizo	balaustre	tainha	proibe
gratuito	fluido	distribui	rainha	ateismo

G > U < E Q > U < I	**u** pronunciado átono = **ü**: ag**ü**entar
	u pronunciado tônico = **ú**: arg**ú**is

Usa-se o trema no **U** dos encontros **GU** e **QU** quando seguidos de **E** ou **I**, se o **U** for átono. Se o **U** for tônico, recebe acento agudo.

Prática

■ Use corretamente o trema.

581. aguentas, enxaguei, arguem, apaziguei, tranquilo, argui, oblique, cinquenta, averigue, equino, linguiças, sequestro, delinquir, frequentemente, arguimos, apazigue

Verbos com plural especial

		crer	dar	ler e ver		(com ou sem prefixo)
êem	(ele)	crê	dê	lê	vê	(regra dos monossílabos tônicos, p. 81 e 89)
	(eles)	crêem	dêem	lêem	vêem	ESPECIAL
	(ele)	descrê	desdê	relê	revê	(regra dos oxítonos, p. 82 e 89)
	(eles)	descrêem	desdêem	relêem	revêem	ESPECIAL

		ter e vir		(sem prefixo)
êm	(ele)	tem	vem	(regra dos monossílabos tônicos, p. 81 e 89)
	(eles)	têm	vêm	ESPECIAL

		ter e vir (com prefixo)				
ém/êm	(ele)	retém	contém	provém	advém	(regra dos oxítonos, p. 82 e 89)
	(eles)	retêm	contêm	provêm	advêm	ESPECIAL

Prática

■ Corrija, se necessário.

582. Ele provem do sul, mas seus pais provem do leste.
583. Cada qual diz as coisas que lhe convem.
584. Ele faz aquilo que lhe convem.
585. O que contem estas caixas?
586. Os teóricos, agora, revem os conceitos.
587. Eles proveem a despensa do necessário para uma semana.
588. Eles não descreem sistematicamente.

Acentos diferenciais de intensidade

côa(s) – verbo coar
pára – verbo parar
pélo, péla(s) – verbo pelar; péla (bola, jogo)
pêlo(s) – cabelo
pêra – (substantivo)
péra (pedra) – em péra-fita
póla(s) – pancadaria
pôla(s) – rebento, broto de árvore
pólo(s) – extremidade, jogo
pôlo(s) – gavião ou falcãozinho
pôr – verbo
pôde – perfeito do indicativo

Prática

■ Acentue.

589 Ele para a todo instante para olhar o mapa.
590. Veja se você para para pensar.
591. Por ordem médica, ela vai por um marca-passo por mês.
592. Passava a mão pelo pelo do animal.
593. Ele se pela de medo pela amiga.

Prática Geral

594. (PRF/N.M./ANP) Assinale o vocábulo escrito **incorretamente**.
a) colisão.
b) necessidade.
c) estranjeiro.
d) experiência.

595. (PRF/N.M./ANP) Assinale a opção em que há **erro** no emprego de **mau** ou **mal**:
a) Saiu-se mal na prova.
b) Não faça mau a ninguém.
c) Ele mal adivinha o que o espera.
d) Ele sempre foi mau aluno.

596. (ITA/VEST.) Assinale a opção em que todas as palavras estejam **corretamente** grafadas.
a) homilia, tepidez, revezar, reveses, paisinho.
b) pôr, pêlo, véns, provejai, averigüem.
c) sequer, assimetria, descensão, suscinto, avidês.
d) caístes, amá-la-íeis, bemdisseram, prazeiroso, coalizão.
e) requesitar, rivalizar, fascínora, emurchecer, extravazar.

597. (BRB/N.M./IDR) Indique a alternativa em que todas as palavras estão grafadas **corretamente**.
a) "Cheque pré-datado não existe", irrita-se o advogado. "É um crime de extorção indireta, um convite ao descomprimento de normas vingentes".
b) Aqueles que se sentirem prejudicados devem procurar as instituições financeiras que domissiliavam sua conta, apresentando os documentos comprovatórios dos acrécimos indevidos.
c) Se ele cochilasse, o ajiota não exitaria em dobrar os juros acertados previamente.
d) Antigamente os brasileiros enfileiravam-se para comprar feijão na entressafra; mais recentemente, encontram empecilhos para pegar guia de atendimento no INSS.

598. (ALCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **incorreta**.
a) Maria se indigna por que não obteve a classificação?
b) Por que haveria de se ocupar daquele assunto, se não era sua a obrigação?
c) O princípio de que o réu é inocente até prova em contrário é uma conquista da civilização; daí por que não tem ele que se preocupar.
d) Depois de suas explicações foi fácil entender por que tomara aquela decisão.

599. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **correta**.
a) Mecanismos de contrôle do Orçamento do DF – o projeto de lei orgânica estabelece uma prestação de conta trimestral, por parte do Executivo, à Câmara Legislativa.
b) Atrelado à idéia de independência política das cidades-satélite, o dispositivo também deverá causar polêmica, pois entra em choque novamente com princípios constitucionais, de caracterizar a divizibilidade do DF.
c) Autonomia financeira para as Administrações Regionais – O artigo 153 do capítulo II do Orçamento destina verbas a serem administradas com autonomia pelas administrações regionais.
d) Este dispositivo deverá ser combatido pelo GDF, através de sua bancada na casa, uma vez que já existem mecanismos de contrôle através da programação de envestimento, estipulada no Orçamento anual, somados à Lei de Diretrizes Orçamentárias e ao Plano Plurianual.

600. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **incorreta**.
a) Existe ainda uma série de outros pontos de menor importância que sucitam controvérsias.
b) Tais pontos deverão exigir dos deputados muita discussão quanto à interpretação da constitucionalidade.
c) É o caso da participação de servidores na diretoria de empresas públicas e autarquias; permissão para reunião em local de trabalho; a participação popular na elaboração da lei orçamentária anual, bem como vários pontos do capítulo da Comunicação Social, do Transporte, da Segurança, da Saúde e da Educação.

d) Muitos dispositivos são considerados de competência exclusiva da União e deverão ser retirados do projeto de lei orgânica.

601. Assinale a seqüência que completa **corretamente** as lacunas do texto seguinte.
Não sabemos _____ greves e mais greves se sucedem na área educacional. Aliás, ninguém parece saber o _____ disso tudo. A situação é muito grave, principalmente _____ está associada ao crescente descrédito em relação à escola pública.
a) porquê / por que / por quê.
b) por quê / porquê / por que.
c) por que / porquê / porque.
d) porque / por quê / por que.

602. (ATCL-DF/N.S./IDR) Quanto ao emprego das iniciais maiúsculas e minúsculas, é **incorreto** afirmar que
a) os nomes dos meses, dias, semanas e estações do ano devem ser escritos com inicial maiúscula.
b) os nomes dos pontos cardeais escrevem-se com inicial minúscula quando designam direções ou limites geográficos.
c) as iniciais maiúsculas são usadas nos nomes de fatos históricos e importantes, de atos solenes e de grandes eventos públicos.
d) os nomes que designam altos cargos, dignidades ou postos devem ser escritos com iniciais maiúsculas quando acompanhados do nome ou quando o cargo o substituir.

603. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a seqüência em que todas as palavras estão **corretamente** grafadas.
a) admissão / admirar / adivinhar / adiminículo.
b) privilégio / táboa / monje / óbolo.
c) choviscar / estripolia / extasiar / inexorável.
d) majestade / herege / adstringente / inexaurível.

604. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a seqüência que apresenta **erro** de grafia.
a) ascensão / expenças / extensivo / ressuscitar.
b) batizar / repisar / extenso / exceção.
c) quisesse / enviesar / envernizar / cortês.
d) paralisar / turquesa / revés / desazado.

605. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a seqüência que preenche **corretamente** as lacunas.
Todos os cidadãos devem saber_____ o Poder Legislativo está assim. Estamos instalando novos computadores, é um momento de transição, eis o _____.
a) por que / porquê.
b) porque / por quê.
c) porquê / por que.
d) por que / porque.

606. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **correta** quanto à ortografia.
a) A cultura não prezume, não pode almejar, nem à uniformisação, nem à unidade sem diversidade.
b) A linguagem administrativa e legal, em qualquer sociedade organizada, apresenta um hiato em relação aos usos correntes da língua.
c) O fenômeno da inteleção da linguagem jurídica apresenta uma série de problemas ao cidadão leigo.
d) É necessário consiliar a tecnisidade dos textos legais com a comunicação do povo, que é o principal destinatário da lei.

607. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **correta** quanto à ortografia.
a) A rescisão do contrato depende do acordo entre empregador e empregado.
b) O parecer legislativo deve ser suscinto, claro e conciso.
c) A campanha publicitária pode sucitar falsas expectativas junto ao público menos consciente.
d) Não se pode precindir das ordenações sociais formuladas em conjunto e consolidadas em forma de lei.

608. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **correta** quanto à ortografia.
a) As leis precisam ser ezeqüíveis para que possam aperfeiçoar objetivamente a sociedade.
b) A pespicácia em relação às aspirações da sociedade é essencial para um político.
c) Os subcídios ainda são insuficientes para fundamentar o voto do ilustre Deputado.
d) O interstício entre uma votação e outra deve corresponder ao que preceitua o regimento.

609. (Ag. Adm./TRT/N.M./ACCESS) Só está **correta** a grafia da palavra destacada em:
a) Talvez ele não **esteje** à altura do cargo.
b) O povo **reinvindicou** seus direitos.
c) Os **empecilhos** da privatização ainda não foram superados.
d) Ele expôs com clareza a sua **pretenção**.
e) Não consigo **advinhar** a causa da sua tristeza.

ACENTUAÇÃO GRÁFICA (norma nova)

Monossílabos tônicos	
a(s), e(s), o(s)	Continuam-se acentuando os monossílabos tônicos terminados em a(s), e(s), o(s): pá(s), pé(s), vê(s), pó(s), Jô, Jó, pôs (verbo), dá-lo, vê-lo, pô-lo, fá-lo-ás, trá-las-iam (trariam+as), trá-lo-á (trará+o), trá-las-á (trará+as)...
	^ ou **´**, conforme pronúncia brasileira ou portuguesa: rô/ró (letra grega).
ter/vir/pôr	Ele tem, eles **têm**; ele vem, eles **vêm**; **pôr** (verbo), por (preposição).

Oxítonos	
a(s), e(s), o(s), em, ens	Continuam-se acentuando os oxítonos terminados em a(s), e(s), o(s), ém, éns: cajá(s), café(s), dendê(s), avó(s), avô(s), adorá-lo, entrevê-los, sobrepô-las, detê-lo, repô-la...
	^ ou **´**, conforme pronúncia brasileira ou portuguesa: bebê/bebé, bidê/bidé, caratê/caraté, crochê/croché, guichê/guiché... ou metrô/metro, judô/judo...
ter e vir	Continuam exatamente iguais: **ele** tem, retém, mantém, vem, advém, convém...; **tu** tens, reténs, manténs...; **eles** têm, retêm, mantêm, vêm, advêm, convêm...

Monossílabos tônicos e oxítonos		
éi(s), ói(s), éu(s), abertos	Eram acentuados todos: réis, sóis, anéis, chapéu(s)...	– **éi**(s), **ói**(s), **éu**(s), **em final de palavra**, continuam acentuados: réis, anéis, dói, corrói(s), chapéu(s), véu(s)...
	idéia, jibóia, paranóico...	– **Não finais, perdem o acento**: id**ei**a, jib**oi**a, paran**oi**co, prot**ei**co... (ver nos paroxítonos: Méier, destróier...).

Paroxítonos		
Não terminados em: a(s), e(s), o(s), em, ens	Continuam-se acentuando os paroxítonos terminados em **i**(s), **u** – júri(s), oásis, vírus, húmus; em **om**, **on**, **ons** – iândom, rádom, rádon(s), fóton(s), herôon(s); em **um**, **uns** – álbum, álbuns, fórum, fóruns; em **r**, **x**, **n**, **l** – éter, âmbar, Méier, destróier, blêizer, gêiser; ônix, Fênix, bórax; éden(s); amável, útil; em **ditongo** – jóquei(s), pódio(s); em **ps** – bíceps, fórceps; em **ã** – ímã(s), órfã(s).	
	^ ou **´**, conforme pronúncia brasileira ou portuguesa: pênis/pénis, tênis/ténis, bônus/bónus, Vênus/Vénus; fêmur/fémur; sêmen/sémen; fêmea/fémea...	
oo, eem	Eram acentuados: vôo(s), crêem, dêem...	**Não mais se acentuam**: voo(s), creem/descreem, deem, desdeem, leem, releem, veem, reveem...
i/u, tônico	Pós-ditongo, acentua-vam-se nos paroxítonos: b**ai**úca, b**oi**úno, f**ei**úra...	– **Perderam o acento nos paroxítonos**: baiuca, boiuno, cauila, feiura, bocaiuva (coco-de-catarro), cheiinho, feiinho, maoismo, maoista, taoismo, taoista... – **nos oxítonos, acentuam-se**: teiú(s), tuiuiú(s), bocaiú(s)...
	Continuam sendo acentuados i/u, segunda diferente vogal tônica de hiato, sozinha na sílaba ou com s, não seguida de nh: aí, arguí(s), arguía(s), arguíste(s), arguímos, arguíra(m), baú(s), Alaíde, alaúde, faísca, juízes, sanduíche... Porém: juiz, paul, ruim, ainda, triunfo, rainha, arguiu, fuinha...	

e/o/a em homografia	Acentuavam-se: pêlo, pêra, pôlo, pólo, pára, pôr, pôde...	Agora, obrigatório só: **pôr** e **pôde** (verbo). Facultativos: – **subjuntivo**: que nós **dêmos**. – **pretérito: amamos**, **louvamos**... – **pronúncia fechada**: **forma**.

Proparoxítonos	
	Continuam-se acentuando todos os proparoxítonos: árabe, cáustico, Cleópatra...
	^ ou ´, conforme pronúncia brasileira ou portuguesa: acadêmico/académico, anatômico/anatómico, cênico/cénico, gênero/género.

Trema		
	gue/gui, que/qui tinham acento agudo ou trema: argúi(s), seqüestro...	gue, gui, que, qui não têm mais trema nem acento agudo: águem, delinquir, ele argui, tu arguis, sequestro, aquífero, frequente, linguiça, aguentas...
	Atenção: 1. palavras estrangeiras: Hübner(iano), Müller(iano)... 2. arguí (veja oxítonos da regra "i/u, tônico").	

Prática

■ Corrija pela nova ortografia.

Ele tem (610) o direito, mas elas não o tem (611). O juiz (612) e a juiza (613) tambem (614) consideraram paranoica (615) a atitude de empafia (616) do sequestrador (617). Eles arguem (618) hoje exatamente o que argui (619) ontem e Ataide (620) argui (621) agora. O voo (622) frequente (623) do tuiuiu (624) entretem (625) os turistas proximos (626) ao agueiro (627). Ela poderia ama-los (628), prende-los (629)... e fa-lo-a (630) assim que a geleia (631) os tornar doceis (632). Vou por (633) por (634) perto da claraboia (635) os chapeus (636) dos herois (637). No passado ela nunca pode (638) instrui-lo (639) porem (640) agora pode (641). Qual a forma (642) da ultima (643) forma (644)?

O plural de foton (645) é fotons (646), de iandom (647) é iandons (648), de radom (649) ou radon (650) é radons (651), de heroon (652) é heroons (653), de destroier (654), geiser (655) e bleizer (656) é destroieres (657), geiseres (658) e bleizeres (659). Enquanto o taoismo (660), para os taoistas (661), é uma doutrina filosófica e transcendental, o maoismo (662) é, para os maoistas (663), uma teoria política, diferente do hinduismo (664).

Prática

665. (TFC-RJ/N.S.) Indique a opção em que **não** há **erro** de grafia.

a) Porque chegou atrazado perdeu grande parte do explêndido espetáculo.
b) Pediu-lhe que ascendesse a luz, pois a claridade não era impecilho a seu repouso.
c) Ele não é uma exceção, também é muito ambicioso.

d) Quizera eu que todas as espécies animais estivessem livres da estinsão.
e) Não poderia advinhar que sua música viesse a ter tanto hêsito.

666. (TFC-RJ/N.S.) Identifique o segmento inteiramente **correto** quanto à grafia.
a) Há intensão de se alcançar um consenso para evitar as divergências entre os parlamentares.
b) É preciso cessarem as disensões para se obter a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação.
c) Um aquário pode ser tido como um ecossistema, no qual os escrementos dos peixes, depois de decompostos, fornecerão elementos essenciais à vida das plantas.
d) O Sol é o responsável pela emissão de luz, indispensável para a fotossíntese, processo pelo qual as plantas produzem o alimento orgânico primário assim como praticamente todo o oxigênio disponível na atmosfera.
e) Pesquizas recentes têm atribuído a choques meteóricos a súbita extinção dos dinossauros da face da Terra.

667. (AFRE-SP/N.S.) Assinale a seqüência que preenche **corretamente** as lacunas.
Era um homem _____, daí seu _____ comportamento.
a) frustado / extranho.
b) frustado / estranho.
c) frustrado / estranho.
d) frustrado / extranho.

668. (AFRE-SP/N.S.) Assinale a seqüência que preenche **corretamente** a lacuna.
Essa foi a _____.
a) estensão dos prejuisos.
b) extensão dos prejuízos.
c) extensão dos prejuizos.
d) estenção dos prejuísos.

669. (Sold. Pol. Milit.) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da frase a seguir.
____ muito tempo, ele vivia ____ juntar papéis velhos, ____ não tinha outra ocupação.
a) A / a / porque.
b) À / à / por que.
c) Há / a / porque.
d) Há / à / por quê.
e) A / há / porquê.

670. Assinale a opção em que todas as palavras estão escritas **corretamente**.
a) O principal refugio do sujeito era uma muntueira de papéis.
b) A Polícia, às vezes, se faz de cega frente ao problema da mendicância.
c) A opreção deixa muitos individuos à margem da sociedade.
d) O papeleiro não adimitia discursão na defesa do seu território.
e) Baixinha era um apilido, porque ela era baichinha.

671. Assinale a opção em que as palavras completam **corretamente** a frase seguinte.
Na _____ da última quinta-feira, a Prefeitura planejou a _____ do terreno baldio em duas partes, para fazer a _____ de uma delas aos catadores de lixo.
a) sessão / secção / cessão.
b) secção / cessão / sessão.
c) cessão / sessão / secção.
d) sessão / cessão / secção.
e) cessão / secção / sessão.

672. Assinale a alternativa em que as palavras estão escritas **incorretamente**.
a) presente / caule / lenços.
b) enrijando / miúdas / adeus.
c) cheirosa / transparente / cajus.
d) rezina / treis / flôres.
e) pequenino / lembranças / agitado.

673. A alternativa em que **as duas palavras** devem ser escritas com "g" é
a) gor___eta / in___eção.
b) cere___eira / berin___ela.
c) ti___ela / mar___em.
d) ___iló / la___e.
e) sar___eta / ultra___e.

674. As palavras estão **corretamente** escritas na alternativa
a) xuxu e moscila.
b) sessenta e seiscentos.
c) braza e ofenza.
d) querozene e gasolina.
e) crusado e cruseiro.

675. Há **erro** de ortografia na alternativa:
a) velocidade.
b) capaz.
c) compreensão.
d) inesplicável.
e) atração.

676. A frase: "Eis a razão _____ a maçã caiu" completa-se com a palavra:
a) porque. b) porquê. c) por que. d) por quê. e) com que.

677. As palavras que são escritas com **ss** encontram-se na alternativa:
a) a___istir, pa___ivo, promi___ória.
b) a___ enção, di___iplina, sei___entos.
c) desgra___a, corrup___ão, promo___ão.
d) esque___er, aten___ioso, finan___eiro.
e) man___o, remor___o, fal___idade.

678. Escolha a alternativa que preencha adequadamente os espaços.
Iniciada a _____ parlamentar, foi discutida a _____ das terras aos índios.
a) seção / cessão.
b) seção / sessão.
c) cessão / seção.
d) sessão / seção.
e) sessão / cessão.

679. Escolha a alternativa que preencha adequadamente os espaços.
Eu _____ o que você _____, portanto não _____ triste.
a) fiz / quis / fiques.
b) fis / quiz / fique.
c) fiz / quis / fique.
d) fiz / quiz / fiques.
e) fiz / quiz / fique.

680. Assinale a opção em que o fonema **/z/** é representado pela letra **x** em todas as palavras.
a) e__oneração / e__orbitante / e__igüidade.
b) e__ecutante / de__erção / apra__ível.
c) resci__ão / ra__oável / ane__ação.
d) e__igibilidade / e__tintivo / cláu__ula.
e) má__imo / e__clusão / pre__unção.

681. Assinale a alternativa **incorreta** quanto à ortografia.
a) gasolina.
b) estrangeiro.
c) atrazado.
d) atualizar.
e) chuvoso.

682. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Em todas as alternativas, as palavras foram acentuadas corretamente, **exceto** em:
a) Eles têm muita coisa a dizer.
b) Estude os dois primeiros ítens do programa.
c) Afinal, o que contém este embrulho?
d) Foi agradável ouvir aquele orador.
e) Por favor, dêem-lhe uma nova chance!

683. (PRF/N.M./ANP) Assinale o vocábulo **indevidamente** acentuado.
a) lápis.
b) inquérito.
c) pessôa.
d) notícia.

684. (BRB/N.M./IDR) Assinale a alternativa em que todos os vocábulos devam ser acentuados e, respectivamente, pelas mesmas regras que **hipócrita**, **ingênuo**, **ninguém**, **café** e **faísca**.
a) compulsorio / textil / tambem sera / aneis.
b) debentures / desperdicio / parabens / voce / atraido.
c) rubrica / exito / recem / guiche / juizo.
d) apolices / bonus / itens / mes / saida.

685. (ALCL-DF/N.S./IDR). Assinale a alternativa **correta**.
a) O júri foi ágil e determinou que, em tempo hábil, o Estado amparasse os órfãos da cátastrofe.
b) A nova legislação pôs em destaque as vantagens a que os aposentados faziam jús há muitos anos.

c) A consciência tranqüila é uma bênção que os políticos devem alcançar por meio de um contínuo exercício de caráter.
d) A linha tenue que divide a justiça da injustiça é uma espécie de cristal que se pode estilhaçar com o vento.

686. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **incorreta** quanto à acentuação gráfica.
a) destroem / vêem / instruí-lo / partí-los-ão.
b) tórax / hinduísmo / tênis / jabuti.
c) itens / psíquico / fúteis / geléia.
d) caíram / vírus / éter / acórdãos.

687. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a seqüência em que todas as palavras são acentuadas em obediência à **mesma regra**.
a) alguém / afável / açúcar / também.
b) chapéu / heróico / último / próximo.
c) egoísta / faísca / cafeína / viúvo.
d) estréia / família / imóvel / espontâneo.

688. (ATCL-DF/N.S./IDR) Marque a alternativa **correta** quanto à acentuação gráfica.
a) Os polos agrícolas do sul são ferteis e prosperos.
b) O parlamentar pôde participar da assembléia anterior e vai emitir agora um juízo sobre o tema.
c) Louvaríamos a iniciativa se tivessemos participado democraticamente de sua formulação.
d) O país tem muitos contribuíntes e, portanto, muita renda, mas é preciso distribuí-la.

689. (Ag. Adm./TRT/N.M./ACCESS) Algumas palavras não seguem as regras gerais de acentuação. Foi mantido, de um certo modo, um **acento diferencial**. Estão nesse caso as palavras da seguinte alternativa:
a) alguém, parabéns, convém.
b) pólo, pára, pôde.
c) açúcar, hífen, cânon.
d) ágeis, jóquei, faríeis.
e) paranóico, rouxinóis, jibóia.

690. (Ag. Adm./TRT/N.M./ACCESS) Há um **erro** na grafia do plural do verbo na alternativa:
a) ele detém / eles detêm.
b) (que) ele dê / (que) eles dêem.
c) (que) ele conte / (que) eles contem.
d) ele tem / eles têm.
e) ele vê / eles vêm.

691. Assinale a alternativa em que as palavras estão acentuadas **incorretamente**.
a) constituínte / embóra / senadôr.
b) flexível / receberás / pântano.
c) porém / miúdas / até.
d) ofício / São Luís / ninguém.
e) ignorância / fácil / avô.

692. Em qual alternativa as palavras são **paroxítonas**?
a) ótimo / maiúsculas.
b) condução / período.
c) freguês / cômodo.
d) bênção / repórter.
e) André / parabéns.

693. Assinale a alternativa em que **todas** as palavras podem ser acentuadas.
a) vigia / proa.
b) governo / caju.
c) aqui / fusil.
d) taxi / revolver.
e) juiz / nuvem.

694. Assinale a alternativa que está de acordo com a regra "Todas as **proparoxítonas** são acentuadas."
a) saída / faísca.
b) melancólico / ridículo.
c) rês / mês.
d) caberá / poderá.
e) Suíça / cuíca.

695. Em qual alternativa encontra-se a **única** palavra que deve ser graficamente acentuada?
a) corpos. b) força. c) vezes. d) planeta. e) saisse.

696. Assinale a alternativa constituída de palavras **oxítonas**.
a) laje / saco / água / subúrbio.
b) fotografia / pilha / ruído / noite.
c) história / fácil / açúcar / lápis.
d) urubu / reféns / aqui / atrás.
e) idéia / ódio / vida / saída.

697. Assinale a alternativa em que as palavras obedecem à **mesma regra** de acentuação.
a) egoísmo / dívida.
b) será / freqüência.
c) vírus / belíssimo.
d) mês / baú.
e) açúcar / agradável.

698. Assinale a **única** alternativa em que todas as palavras estão corretamente acentuadas.
a) chuchú / querê-lo / Luís / rubi.
b) bíceps / Afrânio / dá-la / café.
c) César / partí-la / ítem / tabú.
d) bau / atrás / túnel / urubú.
e) rapé / também / água / viuva.

699. Nas frases seguintes, a que apresenta **erro(s)** quanto à acentuação gráfica é:
a) Vocês tem que colocar sua rúbrica aqui.
b) Ele fez o cálculo da alíquota.
c) Os países limítrofes participaram da conferência.
d) A nova alfândega será construída proximamente.
e) É considerável este ônus financeiro.

700. A palavra que obedece à mesma regra de acentuação que **corroído** é:
a) ataúde. b) sapé. c) corróis. d) láurea. e) crédulo.

701. De acordo com a acentuação de palavras, marque a série **errada**.
a) pedagio / trânsito / véiculos.
b) incêndio / câmbio / óleo.
c) ré / faróis / pára-brisa.
d) mecânicos / distância / alguém.
e) automóveis / painéis / triângulo.

702. Acentua-se a forma destacada em "**pô-la** na cadeia" porque se trata de
a) forma tônica em hiato.
b) paroxítona terminada em **o** fechado.
c) forma verbal em que, depois de **o**, assimilou-se o **r** ao **l** do pronome.
d) homografia com a preposição **por**.
e) acento distintivo de timbre.

703. A **única** palavra que deve ser acentuada é:
a) abacaxi. b) abacate. c) caju. d) morango. e) maracuja.

Substantivo

DEFINIÇÃO

Substantivo é a palavra com que se nomeiam seres e conceitos.

Exemplos: Maria, cavalo, peroba, Brasil, aragem, beleza, chuva.

Locução substantiva é um conjunto de palavras, com elemento de ligação, equivalentes a um substantivo.

Exemplos: mula sem cabeça, pé de pato (nadadeira), sala de aula, quarto de dormir...

CLASSIFICAÇÃO

Classificam-se os substantivos em:

Concreto

É o que nomeia seres com existência autônoma, independente, ou que são assim imaginados:

pessoas: José, Júlia;
ocupantes de cargos: tesoureiro, professor;
animais: tigre, lesma;
vegetais: árvore, bambu;
minerais: água, ouro;
fenômenos: chuva, relâmpago;
lugares: continente, Piauí;
objetos: caneta, livro;
imaginados: saci, fada, Deus.

Abstrato

É o que nomeia seres ou conceitos que só existem dependentes de outros seres; não existem por si sós:

ações: o chute, a entrega;
sentimentos: amor, compreensão;
qualidades: dureza, feiura;
estado: desonra, glória.

Só existem em função de outros seres.

Próprio

É o que nomeia um ser específico dentro de um grupo:

José, Brasil, Vestcon.

Comum

É o que nomeia um ser como pertencente a uma classe:

homem, país, editora.

Coletivo

É o substantivo comum que nomeia um conjunto de seres:

cardume, esquadra, time.

Coletivos numéricos são os que definem a quantidade de seres ou conceitos: par, dezena, dúzia, centena, grosa, milheiro, biênio, triênio, quadriênio, lustro, década, século, milênio...

Prática

■ Marque as classificações correspondentes a cada substantivo.

		a) Concreto	b) Abstrato	c) Próprio	d) Comum	e) Coletivo
1	inteligência					
2	vento					
3	Juraci					
4	arquipélago					
5	alcateia					
6	rouxinol					
7	Dumbo					
8	saudade					

FLEXÃO

Chama-se flexão a mudança que se pode fazer numa palavra sem alterar seu significado essencial. Exemplificando: **livro** e **livros** apresentam uma diferença, que indica quantidade, mas o objeto que nomeiam é o mesmo.

Os substantivos flexionam-se em gênero, número e grau.

Flexão de gênero

Quanto ao **gênero**, pode o substantivo ser classificado como:

Masculino

O que aceita apenas o artigo masculino:

o cinzeiro, o profeta, o enigma.

Feminino

O que aceita apenas o artigo feminino:

a harpa, a profetisa, a profecia.

Comum de dois

O que aceita tanto o artigo masculino como o feminino, sem mudança de forma:

o amante	**a** amante
o colega	**a** colega
o pianista	**a** pianista

Sobrecomum

Só aceita um artigo (masculino ou feminino), embora se refira a seres de qualquer dos sexos:

o algoz = para homem ou mulher;
o cônjuge = para homem ou mulher;
a vítima = para homem ou mulher;
a testemunha = para homem ou mulher.

Epiceno

Só se refere a animais e só aceita um artigo (masculino ou feminino). Quando se quer definir-lhe o sexo, usa-se a palavra macho ou fêmea:

a águia macho ou o macho da águia;
o jacaré fêmea ou a fêmea do jacaré.

Observação 1:

Como as palavras macho e fêmea são adjetivos biformes, também é correto:

a águia macha – o jacaré fêmeo

Observação 2:

Alguns substantivos mudam o significado quando mudam de gênero:

o cabeça (chefe)	a cabeça (parte do corpo)
o cabra (homem corajoso)	a cabra (animal)
o caixa (trabalhador)	a caixa (objeto)
o cisma (separação)	a cisma (desconfiança)
o crisma (óleo)	a crisma (sacramento)
o grama (unidade de medida)	a grama (vegetal)
o guarda (soldado)	a guarda (vigilância)
o guia (cicerone)	a guia (documento)
o lente (professor)	a lente (vidro de aumento)
o moral (ânimo)	a moral (código de conduta)

Formação do feminino

O **feminino** de um substantivo se faz de quatro maneiras:

a) por substituição ou acréscimo na terminação da palavra, isto é, na desinência:
gat**o**, gat**a**; pintor, pintor**a**; rapaz, rapa**riga**;

b) pela mudança no gênero do artigo:
o colega, **a** colega; **o** jovem, **a** jovem; **o** cliente, **a** cliente;

c) pela mudança completa do radical:
homem, mulher; bode, cabra; pai, mãe;

d) pelo acréscimo de "**macho**" ou "**fêmea**":
a pulga macho, a pulga fêmea.

Prática

■ Ponha nos parênteses **a**, **b**, **c** ou **d**, conforme a norma vista acima.

9. ( ) cavalo / cavalheiro / marido.
10. ( ) rouxinol / besouro / tatu.
11. ( ) artista / imigrante / selvagem.
12. ( ) barão / pombo / ladrão.

■ Assinale certo ou errado. Se estiver errado, indique a correção.

13. ( ) Substantivo uniforme só tem uma forma, que tanto serve para o masculino como para o feminino.
Correção: _____

14. ( ) As letras **a** e **b** do quadro anterior são exemplos de uniformes.
Correção: _____

15. ( ) Os exemplos das letras **a** e **c** do quadro anterior correspondem a substantivos biformes.
Correção: _____

■ Estabeleça a correta correspondência para os seguintes substantivos uniformes.

a) Epicenos b) Sobrecomuns c) Comuns de dois gêneros

16. ( ) dentista / colegial / camarada / pianista / intérprete.
17. ( ) albatroz / besouro / tartaruga / badejo / condor.
18. ( ) apóstolo / indivíduo / testemunha / pessoa / verdugo.

Os substantivos terminados em **-or** fazem o feminino com acréscimo das desinências **-a**, **-eira**, **-triz**.

Prática

■ Realize seus femininos optando pelas desinências **-a**, **-eira**, **-triz** ou outras.

19. leitor _____
20. pintor _____
21. ator _____
22. governador _____
23. imperador _____
24. cerzidor _____
25. remador _____
26. aviador _____

■ Continue.

27. cantador _____ ou _____
28. cantor _____, _____ ou _____
29. embaixador _____ ou _____

O feminino dos **títulos eclesiásticos** ou **de previlégio social** se faz com **-esa**, **-essa** ou **-isa**.

Prática

■ Realize os femininos dos títulos eclesiásticos ou de privilegiados socialmente optando por **-esa**, **-essa** ou **-isa**.

30. abade _____
31. diácono _____
32. sacerdote _____
33. bispo _____
34. papa _____
35. profeta _____
36. píton _____
37. cônego _____
38. druida _____
39. barão _____
40. conde _____
41. duque _____
42. cônsul _____
43. oficial _____

44. alcaide _____ ou _____
45. prior _____ ou _____

Femininos especiais

Prática

■ Realize os **femininos**.

46. bacharel _____
47. cachorro _____
48. cão _____
49. general _____
50. gigante _____
51. hóspede _____
52. elefante _____
53. pardal _____
54. rapaz _____
55. monge _____
56. raja ou rajá _____
57. doge _____
58. silfo _____
59. marajá _____
60. varão _____
61. sandeu _____
62. tabaréu _____

■ Aponte os masculinos de **radicais** diferentes.

63. cabra _____
64. ovelha _____
65. arará _____
66. gironda _____
67. amazona _____
68. dama _____
69. cerva _____
70. besta _____
71. abelha _____
72. abada _____

■ Escreva os **femininos** de:

73. infante _____
74. governante _____
75. presidente _____
76. parente _____
77. doente _____

Os substantivos terminados em **-ão** fazem o feminino em **-ã**, **-oa**, **-ona** e outras terminações.

Prática

■ Escreva os femininos nas colunas corretas.

	MASCULINO	Ã	OA	ONA	OUTRAS
78.	aldeão				
79.	alemão				

	MASCULINO	Ã	OA	ONA	OUTRAS
80.	anfitrião				
81.	beirão				
82.	bretão				
83.	ermitão				
84.	figurão				
85.	lebrão				
86.	maganão				
87.	perdigão				
88.	respondão				
89.	sultão				
90.	tecelão				
91.	valentão				
92.	vilão				

93. Qual das terminações de feminino é usada para **aumentativos** e **adjetivos substantivados**?
a) -ã. b) -oa. c) -ona. d) outra.

■ Assinale **C** ou **E**.

94. ( ) leoa / patroa / pavoa / tabelioa / leitoa.
95. ( ) anciã / coimbrã / faisã / peã / catalã.
96. ( ) **ladra** tem também as variantes **ladroa** e **ladrona**.
97. ( ) **alfaiata** é feminino de **alfaiate**.

Flexão de número

Quanto ao **número**, os substantivos flexionam-se em **singular** e **plural**, normalmente:

o boi	os bois
a manada	as manadas

Alguns só existem no plural (*pluralia tantum*)

afazeres	óculos
alvíssaras	pêsames
anais	parênteses
arredores	víveres
condolências	

Outros mudam de sentido ao mudar de número

dama (senhora)	damas (jogo)
ouro (metal)	ouros (naipe do baralho)
pau (madeira)	paus (naipe do baralho)
honra (probidade)	honras (homenagens)
bem (virtude)	bens (riquezas)
féria (ganho financeiro ou repouso)	férias (repouso)

Formação do plural

Para pluralizar os substantivos, usa-se a desinência **s** quando terminam em **ditongo** ou **vogal** (oral ou nasal).

Prática

■ Pluralize corretamente.

98. mesa _____
99. café _____
100. degrau _____
101. refém _____
102. álbum _____
103. jasmim _____

Aos terminados em **-r** ou **-z**, acrescenta-se **-es**.

Prática

■ Pluralize corretamente.

104. mar _____
105. colher _____
106. gestor _____
107. xadrez _____
108. raiz _____
109. cruz _____

Atenção:

caráter – caracteres

Os terminados em **-il**, se oxítonos, trocam o **l** por **s**.

Prática

■ Pluralize corretamente.

110. ardil _____
111. barril _____

Os terminados em **-il**, se paroxítonos, trocam o **il** por **eis**.

Prática

■ Pluralize corretamente.

112. fóssil _____
113. míssil _____

Atenção:

projetil – projetis
reptil – reptis
projétil – projéteis
réptil – répteis

Os terminados em **-al**, **-el**, **-ol**, **-ul** trocam o **l** por **is**.

Prática

■ Pluralize corretamente.

114. animal _____
115. sol _____
116. papel _____
117. paul _____

Atenção:

mal – males	real – reais ou réis
aval – avales	cônsul – cônsules (e seus derivados)

Os terminados em **-ão**, quase sempre, flexionam-se em **-ãos**, **-ões**, **-ães**.

Prática

■ Pluralize corretamente.

118. cidadão _____
119. irmão _____
120. cristão _____
121. coração _____
122. fração _____
123. balão _____
124. pão _____
125. capelão _____
126. cão _____

Os aumentativos têm sempre o plural em **-ões**.

Prática

■ Pluralize corretamente.

127. bolão _____
128. filhão _____
129. verdão _____

Os paroxítonos têm o plural em **-ãos**.

Prática

■ Pluralize corretamente.

130. órfão _____
131. sótão _____
132. órgão _____

Observação:

Há substantivos que admitem mais de um plural correto.

Prática

■ Escreva nas colunas certas os plurais certos.

		ões	ãos	ães
133.	alão (cão de fila)			
134.	alazão			
135.	alcorão			
136.	aldeão			
137.	anão			
138.	ancião			
139.	bastião (baluarte)			
140.	bênção			
141.	capelão			
142.	capitão			
143.	castelão			
144.	charlatão			
145.	cidadão			
146.	corrimão			
147.	deão (decano)			
148.	ermitão			
149.	escrivão			
150.	feijão			
151.	fuão (fulano)			
152.	guardião			
153.	hortelão			
154.	mão			
155.	opinião			
156.	órgão			
157.	pagão			
158.	peão			
159.	pião			
160.	questão			
161.	rufião			
162.	sacristão			
163.	sultão			
164.	tabelião			
165.	verão			
166.	vilão			
167.	vulcão			

Prática

168. Das três terminações de plural (ões, ãos, ães), qual a mais frequente?
Resp.: _____

■ Assinale **C** ou **E** para certo ou errado.

169. ( ) Os substantivos concretos terminados em **-ão** são masculinos. Exs.: o agrião, o balcão, o algodão.

170. ( ) Os substantivos abstratos terminados em **-ão** são femininos. Exs.: a emoção, a opinião, a aceitação.

171. ( ) O vocábulo **mão** foge às regras anteriores por ser concreto e feminino.

Os oxítonos terminados em **-s** recebem **-es**.

Prática

■ Pluralize corretamente.

172. ananás _____
173. inglês _____
174. ilhós _____

Os paroxítonos e proparoxítonos terminados em **-s** são invariáveis.

Prática

■ Pluralize corretamente.

175. o lápis _____
176. o oásis _____
177. o ônibus _____

Substantivos formados de **radical** + **zinho** ou **zito**: pluralizam-se os dois componentes separadamente.

cãe**s**+zitos papéi**s**+zinhos

Para uni-los, retira-se o **s** intermediário.

cãe zitos papei zinhos

↓ ↓

cãezitos papeizinhos

Prática

■ Pluralize corretamente, seguindo os passos certos.

	colarzinho	➔	colares + zinhos	➔	colarezinhos
178.	peãozinho	➔	+	➔	
179.	papelzinho	➔	+	➔	
180.	cãozito	➔	+	➔	
181.	balãozinho	➔	+	➔	

Plural com metafonia

Quando passam do singular para o plural, alguns substantivos com a vogal tônica "o" fechada trocam essa vogal por "o" aberto. Essa alteração de timbre chama-se **metafonia**.

(ô)	(ó)
aposto	apostos
corpo	corpos
esforço	esforços
fogo	fogos

Quando há metafonia no feminino, há também no plural, com exceção de **sogra** (´) e **tolda** (´), sogros (^) e toldos (^).

Prática

■ Ponha nos parênteses ´ ou ^ para indicar timbre aberto ou fechado.

	masculino	feminino	plural
182.	aposto (^)	aposta ( )	apostos ( )
183.	porco (^)	porca ( )	porcos ( )
184.	sogro (^)	sogra ( )	sogros ( )

Os substantivos **femininos** apresentam o mesmo timbre no singular e no plural.

Prática

■ Ponha nos parênteses ´ ou ^ para indicar timbre aberto ou fechado.

185.	sogra (´)	sogras ( )
186.	bolha (^)	bolhas ( )
187.	roda (´)	rodas ( )

■ Escreva na coluna adequada o plural dos substantivos.

SINGULAR		PLURAL	
		(^)	(´)
188.	abrolho (^)		
189.	adorno (^)		
190.	almoço (^)		
191.	arroba (^)		
192.	bolha (^)		
193.	bolso (^)		
194.	cachorro (^)		
195.	caroço (^)		
196.	cebola (^)		
197.	choco (^)		
198.	coco (^)		
199.	consolo (^)		
200.	contorno (^)		
201.	corno (^)		
202.	coro (^)		
203.	corpo (^)		
204.	corvo (^)		
205.	cota (´)		
206.	dorso (^)		
207.	esforço (^)		
208.	esposa (^)		
209.	esposo (^)		
210.	estorvo (^)		
211.	fogo (^)		

SINGULAR		PLURAL	
		(^)	(´)
212.	folha (^)		
213.	forno (^)		
214.	foro (^)		
215.	fosso (^)		
216.	globo (^)		
217.	imposto (^)		
218.	jogo (^)		
219.	miolo (^)		
220.	moda (´)		
221.	molho (´) (de chaves)		
222.	molho (^) (de tomate)		
223.	morro (^)		
224.	namoro (^)		
225.	olho (^)		
226.	osso (^)		
227.	ovo (^)		
228.	peroba (´)		
229.	pescoço (^)		
230.	piloto (^)		
231.	piolho (^)		
232.	poço (^)		
233.	polvo (^)		
234.	porto (^)		
235.	potro (^)		
236.	povo (^)		

	SINGULAR	PLURAL	
		(^)	(´)
237.	reboco (^)		
238.	reforço (^)		
239.	repolho (^)		
240.	roda (´)		
241.	rogo (^)		
242.	rolha (^)		
243.	rolo (^)		
244.	rosto (^)		
245.	senhora (´)		
246.	socorro (^)		
247.	sogra (´)		
248.	sogro (^)		
249.	sopa (^)		
250.	sopro (^)		
251.	sova (´)		
252.	suborno (^)		
253.	tijolo (^)		
254.	toco (^)		
255.	toldo (^)		
256.	topo (^)		
257.	tremoço (^)		
258.	troco (^)		

Plural dos substantivos compostos ligados por hífen

Substantivo composto por **verbo** + **substantivo** ou **verbo** + **adjetivo**: somente o **segundo elemento varia**.

Veja: guarda-roupa – guarda-roupas
beija-flor – beija-flores
porta-estandarte – porta-estandartes
abaixo-assinado – abaixo-assinados

Prática

■ Complete as lacunas com o plural correspondente.

259. furta-cor _____
260. quebra-mar _____
261. porta-bandeira _____
262. pára-choque (nova ortografia: para-choque) _____
263. guarda-chuva _____

Em substantivos compostos formados por:

substantivo + substantivo | **adjetivo + substantivo**
substantivo + adjetivo | **numeral + substantivo**

ambos variam

Veja: redator-chefe – redatores-chefes
baixo-relevo – baixos-relevos
meio-termo – meios-termos

Prática

■ Pluralize corretamente.

264. cirurgião-dentista _____
265. tenente-coronel _____
266. couve-flor _____
267. amor-perfeito _____
268. cabra-cega _____
269. guarda-civil _____
270. guarda-noturno _____
271. segunda-feira _____
272. terça-feira _____
273. meio-fio _____

Substantivo composto por dois substantivos em que o segundo indica **tipo**, **limitação**, **semelhança** ou **finalidade** do primeiro: somente o **primeiro varia**.

Veja: manga-espada – mangas-espada
navio-tanque – navios-tanque
decreto-lei – decretos-lei

Prática

■ Pluralize corretamente.

274. banana-maçã _____
275. caneta-tinteiro _____
276. navio-escola _____
277. peixe-boi _____
278. manga-rosa _____

Substantivo composto **ligado por preposição** clara ou oculta: somente o **primeiro vocábulo varia**.

Veja: ama-de-leite – amas-de-leite (nova ortografia: ama de leite – amas de leite)
limão-de-cheiro – limões-de-cheiro (nova ortografia: limão de cheio – limões de cheiro)
mula-sem-cabeça – mulas-sem-cabeça (nova ortografia: mula sem cabeça – mulas sem cabeça)
cavalo-vapor (= de, a vapor) – cavalos-vapor

Prática

279. pão-de-ló (nova ortografia: pão de ló) _____
280. estrela-do-mar _____
281. papo-de-anjo _____
282. baba-de-moça (nova ortografia: baba de moça) _____
283. grão-de-bico _____

Substantivo composto em que o primeiro vocábulo é uma palavra **invariável**: somente o **segundo varia**.

Veja: grão-vizir – grão-vizires
auto-escola – auto-escolas (nova ortografia: autoescola – autoescolas)
vice-rei – vice-reis

Prática

■ Pluralize corretamente.

284. vice-presidente _____
285. ex-diretor _____

286. ave-maria _____
287. grão-duque _____
288. sempre-viva _____
289. abaixo-assinado _____

Substantivo composto formado por **onomatopeia** (imitação de som) ou por **palavras repetidas**: somente o **segundo vocábulo varia**. Se houver verbos **repetidos**, também é correto **variarem os dois**.

Veja: pingue-pongue – pingue-pongues
treme-treme – treme-tremes ou tremes-tremes

Prática

■ Pluralize corretamente.

290. tico-tico _____
291. tique-taque _____
292. reco-reco _____
293. corre-corre _____ ou _____
294. pisca-pisca _____ ou _____
295. pega-pega _____ ou _____

■ Estes substantivos compostos admitem mais de uma forma no plural:

296. fruta-pão _____ ou _____
297. guarda-marinha _____ ou _____
298. padre-nosso _____ ou _____
299. salvo-conduto _____ ou _____
300. ruge-ruge_____ ou _____

São invariáveis as expressões **substantivadas** e os **substantivos compostos** por verbos antônimos.

Veja: a maria-vai-com-as-outras – as maria-vai-com-as-outras

Prática

■ Pluralize corretamente.

301. o bota-fora _____
302. o louva-a-Deus _____
303. o disse-me-disse (nova ortografia: o disse me disse) _____
304. o leva-e-traz (nova ortografia: o leva e traz) _____
305. o pisa-mansinho _____

Flexão de grau

Os substantivos flexionam-se em grau: **aumentativo** e **diminutivo**.

normal	**aumentativo**	**diminutivo**
barco	barcaça	barquinho
boca	bocarra	boquinha
copo	copázio	copinho
homem	homenzarrão	homenzinho
fogo	fogaréu	fogacho
corpo	corpanzil	corpúsculo
rapaz	rapagão	rapazote

Conforme o uso, os sufixos de grau podem acrescentar uma ideia **afetiva** ou **pejorativa** às palavras:

amigão, sabichão, gentalha, homenzinho, povinho, gentinha, livreco...

Há palavras que aparentam ter sufixo de grau, mas têm significado distinto de sua primitiva:

cartão, calção, casebre...

Prática Geral

306. (PRF/N.M./ANP) Assinale a palavra com gênero **errado**.
a) a vítima.
b) o testemunha.
c) a jovem.
d) o agente.

307. (PRF/N.M./ANP) A forma de plural **errada** é
a) papel / papéis.
b) difícil / difíceis.
c) chapéu / chapéus.
d) cidadão / cidadões.

308. (PRF/N.M./ANP) Assinale a opção em que a significação do nome varia com a mudança de **gênero**.
a) o dentista / a dentista.
b) o turista / a turista.
c) o atendente / a atendente.
d) o capital / a capital.

309. Na frase: "Há **duas** vagas debaixo da **ponte**", as palavras destacadas classificam-se como
a) numeral e substantivo.
b) numeral e adjetivo.
c) artigo e substantivo.
d) artigo e advérbio.
e) numeral e verbo.

310. Os plurais de **escrivão** e **pagão** são
a) escrivões e pagões.
b) escrivões e pagães.
c) escrivãos e pagãos.
d) escrivães e pagões.
e) escrivães e pagãos.

311. A alternativa que contém o emprego correto do feminino das palavras **cidadão** e **ancião** é
a) cidadona e anciã.
b) cidadã e ancioa.
c) cidadona e ancioa.
d) cidadã e anciã.
e) cidadoa e ancioa.

312. Na frase "Então **o** homem descobriu o Bem e o **Mal**", as palavras destacadas são, respectivamente,
a) pronome demonstrativo e advérbio.
b) pronome oblíquo e adjetivo.
c) pronome relativo e numeral.
d) preposição e verbo.
e) artigo definido e substantivo.

313. A palavra **talão** forma o plural da mesma maneira que:
a) alemão.
b) cidadão.
c) ação.
d) capital.
e) órgão.

314. O plural de **sexta-feira** e **abaixo-assinado** é
a) sextas-feiras e abaixo-assinados.
b) sextas-feiras e abaixos-assinados.
c) sexta-feiras e abaixo-assinados.
d) sextas-feira e abaixos-assinados.
e) sextas-feira e abaixos-assinado.

315. Marque a alternativa que aparece com o plural **errado**.
a) para-lama / para-lamas.
b) sinal / sinais.
c) herói / heróis.
d) veículo / veículos.
e) farol / farols.

316. A frase em que há um **substantivo próprio** é:
   a) No fim da rua Monte Alegre estava a escola pública.
   b) Lá fiz todo o curso primário.
   c) Minha família era pobre.
   d) Eu gosto de banana.
   e) Comi um sanduíche gostoso.

■ Assinale **C** ou **E** para certo ou errado, respectivamente.

317. ( ) Substantivos como **anais**, **arredores**, **condolências**, **esponsais** e **óculos** só se usam no plural e são chamados de *pluralia tantum* (pronuncia-se plurália tântum).
318. ( ) O plural **avôs** refere-se a mais de um avô (masc.).
319. ( ) O plural **avós** tanto se refere a mais de uma avó, quanto ao conjunto de avô e avó.
320. ( ) Havia dois **oitos**, três **noves** e dois **agás** na sua camisa.
321. ( ) **cais** é invariável, mas **cós** pode ficar invariável ou fazer o plural **coses**.
322. ( ) Os substantivos paroxítonos terminados em **s** são invariáveis: o pires, os pires; o oásis, os oásis.
323. ( ) Também o são os terminados em **x**: o tórax, os tórax; a fênix, as fênix; o ônix, os ônix.
324. ( ) **Os projéteis atingiram os répteis**. **Os projetis atingiram os reptis**. O singular das duas frases é exatamente o mesmo.
325. ( ) **flautim** e **atum** terminam em vogal nasal; **bem** e **som**, em ditongo nasal. Por isso, fazem plural com um simples acréscimo de **s**, como os vocábulos **boné** e **boi**.

■ Identifique os coletivos.

326. alavão _____
327. alcateia _____
328. cardume _____
329. cáfila _____
330. cacho _____
331. concílio _____
332. congregação _____
333. corja _____
334. esquadra _____
335. fato _____
336. banda _____
337. bandeira _____
338. boana _____
339. choldra (ô) _____
340. clero _____
341. conclave _____
342. consistório _____
343. elenco _____
344. esquadrilha _____
345. legião _____

■ Nos seguintes sobrecomuns, marque **F** para feminino e **M** para masculino.

346. ( ) algoz
347. ( ) membro
348. ( ) criança
349. ( ) ídolo
350. ( ) vítima
351. ( ) testemunha

■ Ponha nos parênteses **o** ou **a** para masculino ou feminino.

352. ( ) clã
353. ( ) dó
354. ( ) formicida
355. ( ) libido
356. ( ) sósia
357. ( ) preá
358. ( ) trema
359. ( ) axioma
360. ( ) cal
361. ( ) cataplasma
362. ( ) dinamite
363. ( ) elipse
364. ( ) telefonema
365. ( ) diadema
366. ( ) dilema
367. ( ) cólera
368. ( ) champanha
369. ( ) eclipse
370. ( ) jângal
371. ( ) proclama
372. ( ) estratagema
373. ( ) edema
374. ( ) coma (estado de)
375. ( ) coma (vírgula, cabeleira)

Fixe com atenção:

o cólera morbo	a cólera morbo
o personagem	a personagem
o crisma	a crisma
o íris	a íris
o lama ou lhama (monge)	a lama (lodo), a lhama (animal dos Andes)
o tapa (palmada)	a tapa (palmada)
o víspora (loto)	a víspora (loto)

Aconselha-se a usar no masculino:

o ágape	o antílope	o caudal	o contralto
o soprano	o diabete(s)	o praça (soldado)	o sabiá

Recomenda-se o feminino para:

a abusão (abuso, engano)	a alcíone (ave)	o alcíon (ave)
a aluvião (depósito da erosão)	a áspide (réptil)	a ordenança
a sentinela	a omoplata	a sucuri
a jaçanã (ave)		

376. Aponte três femininos para **diabo**.
Resp.: _____

377. Aponte três femininos para **deus**.
Resp.: _____

Artigo

DEFINIÇÃO

Artigo são as palavras variáveis **o** e **um** que antecedem o substantivo, servindo para definir ou indefinir seu sentido.

o dentista – **a** dentista	**um** livro	**umas** fitas
o lápis – **os** lápis	**uns** óculos	**as** fitas

CLASSIFICAÇÃO

Em Português só existem um artigo definido – **o** – e um artigo indefinido – **um**. Ambos são variáveis em gênero e número: **a**, **os**, **as**; **uma**, **uns**, **umas**.

O artigo definido serve para:
a) indicar um ser definido entre os demais;
b) indicar toda a espécie ou conjunto de seres.

O artigo indefinido serve para:
c) indicar um ser indefinido entre os demais;
d) indicar um subconjunto indefinido de seres;
e) indicar reforço de uma ideia.

Ocorre, portanto, mudança de sentido se o substantivo vem acompanhado pelo artigo definido – **o** (**a**, **os**, **as**) – ou pelo artigo indefinido – **um** (**uma**, **uns**, **umas**).

Prática

■ Nos parênteses das frases, coloque **a**, **b**, **c**, **d** ou **e**, relacionados no quadro anterior, conforme o sentido que o artigo sublinhado propõe.

1. Uma professora de Português indicou esse livro. ( )
2. A professora de Português indicou esse livro. ( )
3. O professor precisa sempre estar atualizado. ( )
4. Um rapaz comprou o apartamento dela. ( )
5. Umas bactérias desenvolveram resistência a certas substâncias. ( )
6. Estava com uma fome! ( )

Observações:

1. Quando se quer generalizar uma ideia, é possível suprimir-se o artigo.

   Exemplos: Mudanças são necessárias para o aperfeiçoamento do trabalho. (genérico)
   As mudanças (já sabidas) devem ser implantadas. (específico)
   Festas não me atraem. (genérico)
   As festas que ela promove não me atraem. (específico)
   Especializou-se em várias áreas de política. (genérico)
   Especializou-se n**as** várias áreas d**a** política. (específico)

2. Quando se usa nome próprio de personagem histórica ou pessoa célebre, suprime-se o artigo.

   Exemplos: Rui Barbosa lutou por seus ideais. (personagem histórica)
   O Rui parecia alheio à discussão. (pessoa íntima ou conhecida)

3. Antes de pronomes de tratamento iniciados por pronome possessivo, omite-se o artigo.

   Exemplo: Vossa Senhoria não me entendeu.

4. Ordinariamente, não se usa artigo com a palavra "casa" quando designa "própria morada", nem com a palavra "terra" na acepção de "terra firme", em oposição ao sentido "a bordo".

   Exemplos: Em casa, não se discute às refeições.
   Agora estou vindo de casa.
   Os viajantes abandonaram o barco e seguiram por terra.

5. Qualquer tipo de palavra transforma-se num substantivo se se lhe antepõe um artigo.

   Exemplos: O bom e o justo; o querer e o poder.
   O hoje, o ontem e o amanhã; o aqui e o agora.
   O tudo e o nada...Viver é um sem-fim!

Prática Geral

7. A frase que apresenta um artigo indefinido destacado é:
   a) Ele só tem **um** filho.
   b) **Ninguém** imagina minha alegria.
   c) Este fato **me** impressionou.
   d) **Os** garotos olhavam a banana.
   e) **Um** lindo sanduíche surgiu do embrulho.

■ Assinale **C** ou **E** conforme a afirmação seja certa ou errada, com relação à seguinte frase.

O aqui e o agora são os parâmetros do realista.

8. ( ) Só há três artigos.
9. ( ) Existem quatro artigos.
10. ( ) Por isso, há também quatro substantivos.
11. ( ) **aqui** e **agora**, que noutros contextos são advérbios, nessa frase são substantivos, por força do artigo.
12. ( ) **realista**, que noutras frases é **adjetivo**, tornou-se também substantivo, pela antecipação do artigo.
13. ( ) O artigo, definido ou indefinido, substantiva a palavra a que se refere.
14. ( ) Em **do** há uma contração da preposição **de** com o artigo definido **o**.

■ Estabeleça a correta correspondência sobre o uso do artigo.

a) Assinala o gênero do substantivo.
b) Indica o número do substantivo.
c) Indica que o substantivo é conhecido entre outros da espécie, tanto pelo emissor quanto pelo receptor.
d) Indica que o substantivo é um ser qualquer de sua espécie; nem o ouvinte nem o leitor saberão precisar quem seja.
e) Não há artigo na frase. Há numeral.

15. ( ) ( ) O Presidente virá visitar-nos.
16. ( ) ( ) O colega e a colega chegaram.
17. ( ) Uma administradora virá falar conosco.
18. ( ) Ele comprou duas canetas e só um estojo.
19. ( ) ( ) ( ) O oásis, os oásis.
20. ( ) Ele falou de uns índios que aqui estiveram.

Adjetivo

DEFINIÇÃO

Palavra que qualifica o substantivo.

Os seres nomeados por um substantivo apresentam diferenças entre si.
Essas diferenças são explicitadas pelos **adjetivos** – os qualificadores dos substantivos.

ADJETIVO RESTRITIVO E ADJETIVO EXPLICATIVO

O adjetivo, ao se referir a um substantivo, pode ser classificado de dois modos:

Adjetivo restritivo

Exprime atributo que distingue um substantivo dos outros da mesma espécie:

O homem inteligente. (nem todo homem é inteligente)

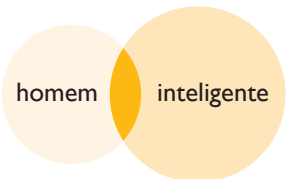

- Os círculos representam o campo de significado (ou campo semântico) do substantivo **homem** e do adjetivo **inteligente**.
- O adjetivo tem um campo semântico maior que o do substantivo, o que está representado pelo círculo maior.
- Isso, porque pode abranger outros seres (macaco, cão, elefante, golfinho...) além de todos os homens.
- No desenho, o **inteligente** abrange apenas uma parte dos homens, representada pela interseção, de cor mais escura.
- Por isso, o adjetivo está limitando, restringindo o campo semântico do substantivo e se chama "adjetivo restritivo".
- Entre o adjetivo restritivo e seu substantivo não há vírgula.

Adjetivo explicativo

Exprime uma **qualidade inerente** ao substantivo; exprime **uma característica própria** do substantivo:

O homem , mortal. (todo homem é mortal)

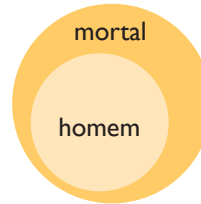

- A vírgula, colocada entre o adjetivo e o substantivo, determina uma pausa na leitura.
- Essa pausa introduz uma entonação explicativa, ou seja, considera que **(todo) homem** está inserido no conjunto **mortal**.
- O adjetivo explicativo mantém inalterado o campo semântico do substantivo, isto é, não o restringe.
- Lembre-se, então: entre adjetivo e substantivo há vírgula; vírgula é pausa, pausa é explicação.

O **adjetivo explicativo** vem separado do substantivo a que se refere por uma vírgula, para representar a mudança do tom de voz que a explicação requer:

O leite , branco , agrada a vista. O homem , mortal , é diferente do mineral.
subst. adj. expl. subst. adj. expl.

ADJETIVO ANTES OU DEPOIS DE SUBSTANTIVO

O adjetivo posposto ao substantivo tem uma carga semântica mais objetiva: Homem **pobre**, mulher **boa**.

Anteposto ao substantivo, o adjetivo traz uma carga semântica mais subjetiva: **Pobre** homem, **boa** mulher.

LOCUÇÃO ADJETIVA

homem de ontem árvore sem folhas

Quando a qualidade é expressa por mais de uma palavra, tem-se **locução adjetiva**, que sempre começa com preposição.

Observação:

É importante lembrar que o adjetivo existe para **qualificar o substantivo**; caso não se refira a um substantivo, **não** é adjetivo ou locução adjetiva.

Prática

■ Observe o **feio** nestas frases e classifique-o, relacionando as colunas.

1. ( ) Cometeu um erro *feio*. a) advérbio
2. ( ) Quem ama o *feio*, bonito lhe parece. b) substantivo
3. ( ) O carro derrapou *feio* na curva. c) adjetivo

FLEXÃO

Os adjetivos podem variar em gênero e número para acompanhar os substantivos a que se referem.

Flexão de gênero

Veja: documento **incluso** nota **inclusa**
caso **estranho** casa **estranha**
homem **certo** mulher **certa**

Os adjetivos que mudam a terminação, do masculino para o feminino, dependendo do gênero do substantivo, são os **adjetivos biformes** ou variáveis.

Prática

■ Flexione corretamente.

4. ofício *anexo* – carta _____
5. trabalho *publicado* – obra _____
6. ingresso *proibido* – entrada _____

Veja: homem **elegante** mulher **elegante**
trabalho **notável** obra **notável**
diretor **capaz** diretora **capaz**

Os adjetivos que não mudam de forma, quer o substantivo seja masculino ou feminino, são os **adjetivos uniformes** ou invariáveis.

Prática

■ Flexione corretamente.

7. candidato *quite* – pessoa _____
8. relatório *final* – palavra _____
9. problema *grave* – ameaça _____

Flexão de número

Veja:	gráfico **anexo**	gráficos **anexos**
	revista **nova**	revistas **novas**
	cirurgia **complexa**	cirurgias **complexas**

Os **adjetivos simples** (de uma só palavra) variam do singular para o plural para combinar com os substantivos a que se referem.

Prática

■ Flexione corretamente.

10. ofício *penoso* – ofícios _____
11. candidato *quite* – candidatos _____
12. carnê *quitado* – carnês _____
13. *velho* amigo – _____ amigos

Veja:	roupa **azul-escura**	roupas **azul-escuras**
	guerra **sino-japonesa**	guerras **sino-japonesas**
	instrumento **médico-cirúrgico**	instrumentos **médico-cirúrgicos**

Adjetivo composto, formado por **adjetivo** + **adjetivo**: só o último se pluraliza.

Prática

■ Flexione corretamente.

14. tratado *luso-brasileiro* – tratados _____
15. produção *hispano-americana* – produções _____
16. reunião *lítero-musical* (nova ortografia: *literomusicais)* – reuniões _____
17. saia *verde-clara* – saias _____
18. olho *castanho-claro* – olhos _____

Exceções:

São invariáveis os adjetivos compostos **azul-marinho** e **azul-celeste**.
O adjetivo composto **surdo-mudo** sofre variação nas duas palavras: surdos-mudos, surdas-mudas.

Veja:	gravata azul-topázio	gravatas azul-topázio ou azuis-topázios
	tecido amarelo-ouro	tecidos amarelo-ouro ou amarelos-ouros
	laço vermelho-sangue	laços vermelho-sangue ou vermelhos-sangues

Adjetivo composto, com segundo elemento substantivo, nenhum se pluraliza ou ambos se pluralizam.

Prática

■ Flexione corretamente.

19. camiseta *azul-piscina* – camisetas _____
20. gravata *grafite-fosca* – gravatas _____
21. lenço *cinza-pérola* – lenços _____
22. olho *verde-mar* – olhos _____

Flexão de grau

Grau comparativo

Pode-se comparar a qualidade de dois ou mais seres:

A **cadeira** é mais alta que o **banco**.

Ou qualidades de um mesmo ser:

Ela é mais simpática que bonita.

Para fazer isso, a Língua Portuguesa utiliza o grau comparativo dos adjetivos.

Prática

Leia os exemplos e relacione as colunas.

a) Grau comparativo de igualdade
b) Grau comparativo de inferioridade
c) Grau comparativo de superioridade

23. ( ) O problema daquele senhor parecia MAIS *complicado* QUE o meu.
24. ( ) Percebi que este navio parecia TÃO *luxuoso* QUANTO aquele.
25. ( ) A atual situação econômica do país é MENOS *caótica* QUE a anterior.

Observação:

GRAU COMPARATIVO DE SUPERIORIDADE	
ANALÍTICO	**SINTÉTICO**
Mais BOM	Ele é MELHOR que ela.
Mais MAU	Ele é PIOR que ela.
Mais GRANDE	Ele é MAIOR que ela.
Mais PEQUENO	Ele é MENOR que ela.

Usa-se o comparativo sintético para comparação entre dois seres.
Ele é melhor que ela.
Ela dança melhor que ele.

Usa- se o comparativo analítico:

1. Para comparar duas qualidades de um mesmo ser:
   Ele é **mais bom** que **mau**.
   Ele é **mais grande** que **pequeno**.

2. Para comparar maneiras de um mesmo sujeito praticar ações:
   Ele fala **mais bem** que **mal**.
3. Antes de particípio:
   Ele passou a ser **mais bem ouvido**.
4. Quando bem e mal pertencem a adjetivo composto:
   Ela era **mais bem-educada**, e ele, **mais mal-informado**.

Grau superlativo

Usa-se o superlativo para enfatizar ou exagerar uma qualidade de um substantivo:

Jovem **muito estudioso**. Jovem **estudiosíssimo**.

Chama-se **superlativo sintético** o formado pelo acréscimo de sufixo ao adjetivo: notabilíssimo, paupérrimo, humílimo.

Chama-se **superlativo analítico** o formado por acréscimo de um advérbio ou locução adverbial ao adjetivo:

Jovem **muito esperto**.
adv. adj.

Jovem **esperto demais**.
adj. adv.

...era um garoto **feio à beça**.
adj. loc. advl.

...era uma guria **bonita pra chuchu**.
adj. loc. adverbial

Leia os exemplos e escreva: a) para o superlativo que se refere a um único substantivo;
b) para o superlativo que se refere a um ser entre os demais.

26. ( ) O conflito entre sérvios e bósnios é *gravíssimo*.
27. ( ) A explosão da bomba atômica foi considerada a atitude *MAIS insensata* entre todas tomadas por aquele presidente.
28. ( ) O professor mantinha os alunos *ocupadíssimos*.
29. ( ) O processo será examinado pelo juiz *MAIS rigoroso* do Tribunal.

É possível enfatizar ou exagerar uma qualidade considerando o ser sozinho (**superlativo absoluto**), ou um ser entre os demais de sua classe (**superlativo relativo**).

Prática

■ Responda **C** ou **E**.

30. ( ) Superlativo absoluto é o que está nas frases 26 e 28.
31. ( ) Superlativo relativo está nas frases 27 e 29.

Prática Geral

32. (PRF/N.M./ANP) Assinale a forma **errada** de superlativo erudito.
    a) feliz / felicíssimo.
    b) geral / generalíssimo.
    c) simples / simplicíssimo.
    d) amigo / amiguíssimo.

33. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa que completa **corretamente** as lacunas da frase "Os _____ vestiam casacos _____."
a) grão-duques / verde-garrafa.
b) grãos-duques / verde-garrafa.
c) grão-duques / verde-garrafas.
d) grão-duques / verdes-garrafa.

34. (Ag. Adm./TRT/N.M./ACCESS) Nas alternativas abaixo, a que contém **erro** no emprego do plural é:
a) O governo está estudando novas medidas econômico-financeiras.
b) Ao dar prioridade à educação, teremos cidadãos mais conscientes.
c) Havia provas bastantes do crime.
d) Quaisquer soluções seriam bem recebidas.
e) A reunião iria examinar os pró e os contra da questão.

35. Marque o adjetivo que equivale à expressão destacada na frase. Era um amor **de irmãos** que os unia.
a) paterno.
b) materno.
c) filial.
d) fraterno.
e) puro.

■ Assinale **C** ou **E**, consultando a observação da página 129.
36. ( ) Joaquina é mais má que o irmão.
37. ( ) João é mais bom que Flávio.
38. ( ) Teresa é mais tímida que Paula.
39. ( ) E Paula é mais boa que ruim.
40. ( ) Antonio é mais mau que bom.
41. ( ) Antônio é mais mau que Flávio.
42. ( ) Ela é mais grande que ele.
43. ( ) Ela é mais grande que gorda.

■ Estabeleça a correspondência correta.
a) comparativo de **superioridade**
b) comparativo de **inferioridade**
c) comparativo de **igualdade**
d) superlativo absoluto **sintético**
e) superlativo absoluto **analítico**

44. ( ) Todos achavam que ele era paupérrimo, mas
45. ( ) era dotado de incredibilíssima sensibilidade;
46. ( ) além disso, era muito próspero,
47. ( ) porém era menos vaidoso que o irmão,
48. ( ) menor que a própria mãe,
49. ( ) pior que o pai
50. ( ) e tão educado quanto o tio.

■ Escreva os superlativos **absolutos sintéticos** (eruditos, não populares) de:

51. agudo _____
52. amargo _____
55. célebre _____
56. cruel _____
57. doce _____
58. dócil _____
59. fiel _____
60. frio _____
61. incrível _____
62. íntegro _____
53. antigo _____
54. áspero _____
63. livre _____
64. miúdo _____
65. negro _____
66. nobre _____
67. pródigo _____
68. público _____
69. soberbo _____
70. tetro _____

■ Substitua as locuções adjetivas por adjetivos de origem erudita.

71. nariz **de águia** _____
72. torre **de marfim** _____
73. físico **de gafanhoto** _____
74. amor **de fogo** _____
75. lábios **de lebre** _____
76. golpe **de morte** _____
77. comportamento **de bode** _____
78. tratamento **de cabelo** _____
79. armas **de guerra** _____
80. agilidade **de rato** _____
81. comportamento **da alma** _____
82. arrulhar **de pombo** _____
83. sensibilidade **de pele** _____
84. corpo **de professores** _____
85. grupo **de alunos** _____
86. energia **do vento** _____
87. águas **da chuva** _____
88. águas **dos rios** _____
89. morada **do bispo** _____
90. frio **de gelo** _____
91. dor **de estômago** e **de rins** _____
92. brilho **de ouro** e **de prata** _____
93. influência **do sul** _____
94. vento **do norte** _____

■ Escreva os adjetivos **gentílicos** ou **pátrios** referentes a:

95. Bahia e Salvador _____
96. Jerusalém _____
97. China _____
98. Judeia _____
99. Egito _____

ADJETIVO ≠ SUBSTANTIVO
(dica prática)

Para quem está começando e para quem acha que aprender português é difícil, basta prestar atenção a pequenos detalhes básicos. Temos percebido que grande parte dos jovens e adultos estudantes da língua não sabe diferenciar no texto um adjetivo de um substantivo, dúvida que, não sendo imediatamente sanada, impede a compreensão de tudo o que a isso se segue. Por exemplo, responda você agora, em voz alta: beleza é adjetivo ou substantivo? Em voz alta, sim, para se conscientizar de sua resposta. Beleza é adjetivo ou substantivo? Se tem alguma dúvida, continue lendo para eliminá-la de uma vez por todas.

1 Substantivo representa uma ideia-base, nomeia seres (homem, pedra, água, rio, comida...) e características ou qualidades de seres, vistas como ideia-base (utilidade, amabilidade, largura, beleza, feiúra, amizade).

2 Adjetivo representa uma ideia acompanhante, caracteriza o substantivo e com ele concorda em gênero e número, com exceção dos adjetivos uniformes (útil, amável), que só concordam em número.

3 Como saber se as palavras "altura", "largura", "beleza", que designam características de seres, são substantivos ou adjetivos?

4 Sabendo você que as palavras "homem" e "mulher" são substantivos, tome-as no plural "homens" e "mulheres" e veja se "altura" concorda com elas: "homens altura, mulheres altura". Como "altura" não concorda com os substantivos "homens" e "mulheres", sabe-se que "altura" é também substantivo, **porque substantivo não casa** (não concorda) **com substantivo**. Qual, então, o adjetivo correspondente ao substantivo "altura"? Pode ser "alto"? Vejamos, "homens altos"," mulheres altas", isso mesmo! "alto" **casa com o substantivo, portanto é adjetivo**.

5 Veja agora se "largura" e "beleza" são substantivos ou adjetivos: "homens larguras", "mulheres larguras", "homens belezas", "mulheres belezas". A conclusão é que "largura" e "beleza" não podem concordar com o substantivo, por isso são também substantivos, **porque substantivo não casa** (não concorda) **com substantivo**. Quais os adjetivos correspondentes a largura e beleza? Faça você o teste e responda, em voz alta, antes de continuar esta leitura.

Se você disse "homens largos", "mulheres largas", "homens belos", "mulheres belas" e concluiu que os adjetivos procurados são "largo" e "belo", acertou.

6 Conclusão, em gramática não há casamento homo, substantivo não casa com substantivo, só casamento hetero, machista e tradicional: sem ferir o respeito devido, assim diz o antigo testamento gramatical: **o adjetivo foi feito da costela do substantivo, para com ele casar e concordar**.

7 Teste agora com: fidelidade, fiel; harmonia, harmonioso; gentileza, gentil; equilíbrio, equilibrado; consciência, consciente; amor, amoroso; crença, crente.

Resposta do item 7:
substantivos: fidelidade, harmonia, gentileza, equilíbrio, consciência, amor, crença; **adjetivos:** fiel, harmonioso, gentil, equilibrado, consciente, amoroso, crente.

Pronome

DEFINIÇÃO

Observe:

Para os diretores, a situação parecia sob controle. Para resolvê-**la** definitivamente, seria necessário que **eles** tivessem uma atuação mais enérgica.

eles — **substitui "diretores"**

la — **substitui "situação"**

Este **livro** não é **aquele** premiado.
subst.

Este — **acompanha** o subst. **livro**

aquele — **substitui** o subst. **livro**

Aquele **menino** de que você falou não é **este**.
subst.

Aquele — **acompanha o substantivo**

este — **substitui o substantivo**

Essas palavras são pronomes.

Pronomes são palavras que substituem ou podem substituir o substantivo.

PAPEL DOS PRONOMES

Pronomes substantivos e pronomes adjetivos

Quando o pronome é usado com o papel de substituir o substantivo, é denominado **pronome substantivo**:

A casa não é **minha**.

Quando o pronome é usado com o papel de acompanhante de um substantivo, é denominado **pronome adjetivo**:

Sua casa não é minha.

O país **cujas** crianças não têm escola não tem futuro.

Prática

■ Escreva dentro dos parênteses relativamente aos pronomes em negrito: PA = pronome adjetivo; PS = pronome substantivo.

1. **Nossas** intenções não são **as** que **você** entendeu.
   ( ) ( ) ( )
2. **Estas** são as **minhas** palavras.
   ( ) ( )
3. As **mesmas** perguntas foram feitas por **aquela** menina e por **esta**.
   ( ) ( ) ( )

CLASSIFICAÇÃO E EMPREGO DOS PRONOMES

Pronomes pessoais

Referem-se às pessoas do discurso, ou seja, às pessoas que participam de uma conversa. O **falante** é a primeira pessoa; o **ouvinte** é a segunda pessoa; e o **assunto** é a terceira pessoa.

Conforme seu uso na frase, os pronomes pessoais classificam-se como retos ou oblíquos.

Nº	Pessoa do discurso	Pron. reto	Pronome oblíquo	
		tônico	átono	tônico
Singular	primeira segunda terceira	eu tu ele, ela	me* te* se, lhe, o*, a*	mim, comigo ti, contigo si, consigo, ele, ela
Plural	primeira segunda terceira	nós vós eles, elas	nos* vos* se, lhes, os*, as*	nós, conosco vós, convosco si, consigo, eles, elas
		PARA SUJEITO	**PARA OUTRAS FUNÇÕES**	

Prática

■ Escreva dentro dos parênteses **R** ou **O**, se o pronome em negrito for **reto** ou **oblíquo**.

4. **Ela** disse a **ele** que iria sair sem **mim**.
   ( ) ( ) ( )

* Esses pronomes podem exercer função de sujeito. *Vide*, em *Análise Sintática Visual*, Período: Análise de períodos com verbos permissivos, causativos e sensitivos em que o pronome oblíquo funciona como sujeito.

5. **Eu** disse a **mim** que iria sem **ela**.
( ) ( ) ( )
6. **Ele** disse a **nós** que iria sem **ti**.
( ) ( ) ( )
7. **Tu me** disseste que irias sem **eles**.
( )( ) ( )
8. **Tu te** maltratas demais, sem **nós**.
( )( ) ( )
9. **Eu** disse que **ela** iria sem **vós**.
( ) ( ) ( )

Conclusão:
Os pronomes **eu** e **tu** são retos. **Nós**, **vós**, **ele(s)** serão retos ou oblíquos, dependendo de seu emprego na frase.

Pronomes oblíquos

Observe:
pagar a dívida **aos credores** = pagar-**lhes** a dívida
avisar algo **aos amigos** = avisar-**lhes** algo
ser útil **a alguém** = ser-**lhe** útil
pagar **a conta** ao garçom = pagá-**la** ao garçom
ver **os amigos** = vê-**los**

O pronome **lhe (lhes)** completa verbos ou nomes que exigem preposição **a** e refere-se a seres animados; o pronome **o** (**a**, **os**, **as**) completa verbos que não pedem preposição.

Prática
■ Preencha as lacunas com um dos pronomes que estão dentro dos parênteses.
10. Os pais da moça deram-_____ seu apoio, por isso ela ____ admirava muito. (**na/lhe**) (**lhes/os**)
11. Quando o presidente estava saindo, alguém _____ avisou de que precisava voltar. (**o/lhe**)
12. Fui visitar minha amiga, porém não pude vê-_____. (**lhe/la/a**)
13. Sou responsável pelos alunos; mantenho-_____ informados. (**os/lhes**)
14. Fomos os primeiros a encontrar a diretora e informamos-_____ o acidente. (**ela/lhe/a**)

Observe:

entregar **a ti**	ajudar-**te**
avisar **a nós**	auxiliar-**nos**
lutar **por ela**	conhecê-**la**
gostar **de mim**	amar-**me**

Os pronomes oblíquos tônicos são usados após preposição; os oblíquos átonos ocupam as posições que não vierem precedidas de preposição.

Prática

■ Preencha as lacunas com um dos pronomes que estão dentro dos parênteses.

15. Eu resolvi que sem _____ você não sai. (**eu/mim**)
16. Tu sabes que quero muito bem a _____, por isso _____ apoiarei. (**tu/te/ti**)
17. O ator tinha excelente opinião de _____ mesmo, ele _____ julgava ótimo. (**si/se/ele**)
18. Nós resolvemos investigar o caso; contra _____ você não pode lutar; cedo vai descobrir que não _____ engana. (**nós, nos**)

Observe:

amar + o	➜	ama(r)-lo	➜	amá-lo
fiz + o	➜	fi(z)-lo	➜	fi-lo
nos + o	➜	no(s)-lo	➜	no-lo

As letras **r**, **s** ou **z** que antecedem o oblíquo **o** (**a**, **os**, **as**) transformam-se em **l** e mudam de sílaba.

Prática

19. Amas **o menino**. Am_____-_____.
20. Fez **os trabalhos**. F_____-_____.
21. Ela quer **o livro**. Ela qué-_____.

Observe:

As respostas, ela **mas** deu ontem à tarde. (mas = me + as)
As respostas, ela **no-las** deu ontem à tarde. (no-las = nos + as)

Os pronomes oblíquos **se combinam entre si**.

Prática

■ Estabeleça as combinações conforme o modelo.

Modelo: me + (o, a, os, as) = mo (ma, mos, mas)

22. te + o (a, os, as) = _____
23. lhe + o (a, os, as) = _____
24. lhes + o (a, os, as) = _____
25. nos + o (a, os, as) = _____
26. vos + o (a, os, as) = _____

Observe:

Dão + o = Dão-**no**. Dizem + as = Dizem-**nas**. Põe + os = Põe-**nos**.

O pronome oblíquo **o** (**a**, **os**, **as**), depois de uma terminação nasal, transforma-se em **no** (**na**, **nos**, **nas**).

Prática

27. Dizem **a verdade**. Dizem-_____.
28. Cumprem **as promessas**. Cumprem-_____.
29. Põe **o casaco**. Põe-_____.
30. Põem **os casacos**. Põem-_____.

Observe:

O professor indicou um livro **para eu** ler.
Ele pensava **em eu** representá-lo.
Existe a possibilidade **de tu** resolveres.

Mesmo após preposição, a função de sujeito do infinitivo é ocupada por pronome pessoal reto.

Prática

■ Preencha as lacunas com um dos pronomes que estão dentro dos parênteses.

31. Fiquei com a casa para _____ vender em troca da comissão. (eu/mim)
32. Eu sei que o trabalho foi trazido para _____ corrigir. (eu/mim)
33. Eu já lhe avisei que sem ____ aprovar, a campanha não irá ao ar. (mim/eu)
34. Sem _____ permitir, ninguém sairá. (eu/mim)

Observação:

Há orações em que o pronome parece ser sujeito, mas não é:
Será benéfico **para mim** deixar de fumar. = Deixar de fumar será benéfico **para mim**.
Nesse caso, houve inversão da ordem dos termos da oração.

Observe:

Ele pensava **consigo** se haveria motivo para tanta confusão.
Carregue (você) **consigo** seus documentos.
Ele falava de **si**.

Os pronomes **si** e **consigo** só podem ser usados quando se referem à mesma pessoa do sujeito, ou seja, quando são reflexivos.

Prática

■ Preencha as lacunas com um dos pronomes que estão dentro dos parênteses.

35. Meu amigo, venha a minha casa e traga _____ seus filhos. (consigo, contigo)
36. Ele parece carregar _____ toda a tristeza do mundo. (consigo, com nós)
37. Amigo, gostaria de falar _____ sobre um importante assunto. (com você, consigo)
38. Meu pai, você pode falar de _____. (ti, si)

Observe:

Tu estavas falando ~~**consigo**~~. **Tu** estavas falando **contigo**.
2ª 3ª 2ª 2ª

Digo a **você** que ~~**estás**~~ bonita. Digo a **você** que **está** bonita.
3ª 2ª 3ª 3ª

Referindo-se a um mesmo ser, não se misturam os pronomes **tu** e **você**. Use o **tu** apenas, ou o **você** apenas.

Prática

■ Marque **C** para certo, **E** para errado.

39. ( ) Quero (eu) falar comigo.
40. ( ) Queres (tu) falar comigo?
41. ( ) Quer (você/ele) falar comigo?
42. ( ) Quero (eu) falar contigo.
43. ( ) Queres (tu) falar contigo.
44. ( ) Quer (ele) falar contigo.
45. ( ) Quer (você) falar contigo.
46. ( ) Quero (eu) falar consigo.
47. ( ) Queres (tu) falar consigo.
48. ( ) Quer (você/ele) falar consigo.
49. ( ) Queremos falar contigo.
50. ( ) Queremos falar consigo.
51. ( ) Queremos falar conosco.
52. ( ) Queremos falar convosco.

53. ( ) Quereis falar comigo?
54. ( ) Quereis falar consigo?
55. ( ) Elas querem falar comigo.
56. ( ) Elas querem falar contigo.
57. ( ) Elas querem falar consigo mesmas.

Observe:

Ela falou ~~**conosco**~~ **mesmos**. Ela falou **com nós mesmos**.

Eu contava ~~**convosco**~~ **todos**. Eu contava **com vós todos**.

Não se usam **conosco** e **convosco** acompanhados de determinantes.

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

58. ( ) Ela falou conosco.
59. ( ) Ela falou convosco mesmos.
60. ( ) Contava conosco todos.
61. ( ) Ela falou com nós três.
62. ( ) Ela falou com vós mesmos.
63. ( ) Contava com nós todos.

Pronomes de tratamento

Os pronomes de tratamento correspondem ao modo como se tratam as pessoas, formal (cerimoniosamente) ou informalmente (intimamente). Substituem os pronomes pessoais retos de 1ª, 2ª e 3ª pessoas, mas levam o verbo e o possessivo sempre para a 3ª.

Substituindo a primeira pessoa: eu, nós:

A gente briga, diz tanta coisa.

Substituindo a segunda pessoa: tu, vós:

Você está louco! **Vossa Excelência** agiu certo.

Substituindo a terceira pessoa: ele, eles:

Sua Excelência agiu certo. **Sua Alteza** virá.

Os mais usados são:

Pronomes de tratamento	Abreviatura		Usados para:
	singular	plural	
Você	v.	vv.	Pessoas familiares, íntimas.
Senhor, Senhora	Sr., Sr^{a}.	Srs., Sras.	Pessoas com as quais se mantém um certo distanciamento respeitoso.
Vossa Senhoria	V. S^{a}.	V. S^{as}.	Pessoas de cerimônia, principalmente em textos escritos, como: correspondências comerciais, ofícios, requerimentos etc.
Vossa Excelência	V. Exª.	V. Ex^{as}.	Altas autoridades: presidente da República e vice, ministros, governadores e vice, secretários estaduais, prefeitos, membros dos tribunais regionais, dos tribunais de justiça, juízes, desembargadores, senadores, deputados, embaixadores etc.
Vossa Magnificência	V. Mag^{a}.	V. Mag^{as}.	Reitores de universidades.
Vossa Reverendíssima	V. Revm^{a}.	V. Revm^{as}.	Sacerdotes e religiosos em geral.
Vossa Excelência Reverendíssima	V. Exª. Revm^{a}.	V. Ex^{as}. Revm^{as}.	Arcebispos e bispos.
Vossa Paternidade	V. P.	VV. PP.	Superiores de ordens religiosas.
Vossa Eminência	V. Em^{a}.	V. Em^{as}.	Cardeais.
Vossa Santidade	V. S.	—	Papa.
Vossa Alteza	V. A.	VV. AA.	Príncipes e duques.
Vossa Majestade	V. M.	VV. MM.	Reis e rainhas.

Observações:

Vossa Eminência: os pronomes de tratamento iniciados por "Vossa" substituem a pessoa com quem se fala.
Sua Excelência: os pronomes de tratamento iniciados por "Sua" substituem a pessoa de quem se fala.
Nas altas esferas, as abreviaturas dos pronomes de tratamento estão sendo desaconselhadas.

Prática

■ Indique o pronome de tratamento usado para se dirigir a:

64. amigo _____
65. diretor de escola _____
66. senador _____
67. bispo _____
68. reitor de universidade _____

■ Indique o pronome de tratamento usado para se falar de:

69. diretor de escola _____
70. padre _____
71. reitor de universidade _____
72. bispo _____
73. presidente da República _____

■ Corrija os erros.

Vossa Senhoria entendeis bem nossos problemas.
74. _____
Vossa Excelência tens todos os vossos argumentos válidos.
75. _____

Pronomes demonstrativos

Os pronomes demonstrativos são os que indicam o lugar que o substantivo ocupa no espaço ou no tempo, em relação às três pessoas do discurso.

Observe os quadros:

Pronomes demonstrativos		
Pessoa	**Variáveis**	**Invariáveis**
1ª	este (esta, estes, estas)	isto
2ª	esse (essa, esses, essas)	isso
3ª	aquele (aquela, aqueles, aquelas)	aquilo

Eles demonstram:

	ESPAÇO	TEMPO	TEXTO	REFERÊNCIA AO JÁ DITO
este/isto	próximo à 1ª pessoa	presente	palavras ou ideias que serão citadas	refere-se à palavra mais próxima
esse/isso	próximo à 2ª pessoa	futuro ou passado próximos	palavras ou ideias que já foram citadas	refere-se à palavra intermediária
aquele/aquilo	distante da 1ª e da 2ª pessoa	futuro ou passado distantes	—	refere-se à palavra mais distante

Prática

NO ESPAÇO

Preencha adequadamente as lacunas com os pronomes demonstrativos, prestando atenção no significado dos advérbios e pronomes possessivos em negrito.

76. _____ livro que está **aqui** nas **minhas** mãos...
77. _____ livro que está **aí** nas **tuas** mãos...
78. _____ livro que está **aí** nas **suas** mãos...
79. _____ livro que está **lá** nas **mãos** dele...

NO TEMPO

Preencha as lacunas com os pronomes demonstrativos adequados, obedecendo às indicações de tempo.

80. Referindo-se a um passado distante:
_____ anos foram ótimos para a lavoura.

81. Referindo-se a um passado recente.
_____ ano que passou vai deixar saudade.

82. Referindo-se ao presente.
_____ ano está sendo melhor que os anteriores.

Lembre-se **disto**: "Quem espera muito, cansa".

"Quem espera muito, cansa". Lembre-se **disso**.

Prática

NO TEXTO

83. Quando se quer indicar o que se vai dizer, usa-se o demonstrativo _____, ou as variações _____, _____, _____, _____.

84. Quando se quer indicar algo que já foi dito, usa-se o demonstrativo _____ ou as variações _____, _____, _____, _____.

_____ _____ ... este ... aquele
1 2

Prática

REFERÊNCIA AO JÁ DITO

As montanhas e o céu, no horizonte, se destacavam. **Este**, azul e rosa; **aquelas**, verde cinza.

85. **Este** se refere a _____ e **aquelas** a_____.

Com três elementos

_____, _____, _____ ... este ... esse ... aquele

Prática

"As árvores, a piscina e o alpendre incluem-se no cenário que estamos visitando. **As árvores**(1), verdes, fortes, viçosas; **a piscina**(2), azul, límpida, transparente; **o alpendre**(3), ensolarado e florido..."

86. Substitua os termos numerados pelos demonstrativos compatíveis. A sequência correta é:

_____ _____ _____
1 2 3

São também usados como pronomes demonstrativos:

mesmo*	O delegado deve chamar a **mesma** testemunha.
próprio	O **próprio** partido escolherá os candidatos.
tal	Não admitirei **tal** comportamento.
semelhante	Não aceito **semelhante** resposta.
o, **a**, **os**, **as** (quando significam aquele, aquela, aquilo)	Entre todos os brinquedos, ela escolheu **o** mais caro. (**aquele** mais caro) Vi as candidatas e falei com **a** que chegou primeiro. (**aquela** que chegou primeiro) **Os** que não estudam têm mais dificuldade. (**Aqueles** que não estudam...)

***Mesmo**: para alguns gramáticos, só deve ser usado para acompanhar o substantivo,

A mesma **pessoa**... (subst.) O **assunto** mesmo... (subst.)

e não para substituir o substantivo, como em:

Encontrei a **chave**. A ~~mesma~~ estava enferrujada. Limei a ~~mesma~~.

Pronomes relativos

São os pronomes que substituem os nomes que os antecedem na frase, evitando que seja repetida uma palavra da oração anterior.

Observe os modelos:

– Comprei o livro. Você recomendou **o livro**.
  Comprei o livro **que** você recomendou.

– Voltei à cidade. Nasci **nessa cidade**.
  Voltei à cidade **onde** nasci.

– O escritor escondeu-se. A obra **desse escritor** foi condenada.
  O escritor **cuja** obra foi condenada escondeu-se.

Considere o quadro abaixo para o uso correto dos pronomes relativos.

COISA	PESSOA	LUGAR	POSSE	QUANTIDADE
que o qual	que quem o qual	onde em que	cujo	quanto

Prática

■ Construa períodos compostos com o uso dos pronomes relativos adequados.

87. Desta vez serei eu. Eu decidirei meu futuro.

_____

88. O crítico elogiou o filme. Paulo Autran participou do filme.

_____

89. O autor vive na clandestinidade. A obra desse autor foi condenada.

_____

90. Passaram as férias na praia. Eles se conheceram nessa praia.

_____

91. As tribos foram dizimadas por doenças. As tribos tiveram contato com a civilização.

_____

Observe as construções.

A menina **que** chegou primeiro foi premiada.
(a menina)

A menina de **quem** eu gosto foi premiada.
de (a menina)

A menina com **quem** eu falei foi premiada.
com (a menina)

A menina contra **a qual** eu lutei foi premiada.

contra (a menina)

A **menina** **cujo** filho esteve aqui foi premiada.

de (a menina)

Prática

O rapaz **ORAÇÃO 2** sagrou-se campeão.

■ Escreva, no lugar da oração 2, as seguintes ideias, usando adequadamente os pronomes relativos **que**, **quem** ou **cujo**.

92. Eu vi o rapaz.
O rapaz _____ sagrou-se campeão.

93. Eu falei do rapaz.
O rapaz _____ sagrou-se campeão.

94. Eu procurava pelo rapaz.
O rapaz _____ sagrou-se campeão.

95. Eu pensava no rapaz.
O rapaz _____ sagrou-se campeão.

96. Eu conheço o filho do rapaz.
O rapaz _____ sagrou-se campeão.

Pronomes Relativos e Ambiguidade

Observe:

Chegou a mãe do rapaz **a quem** devemos agradecer.
– A quem devemos agradecer? Ao rapaz ou à mãe dele?

Os primos da Ester, **de quem** Paulo nos falou, acabaram de telefonar.
– Paulo nos falou de quem? Da Ester ou dos primos dela?

Prática:

■ Reescreva, a seguir, duas vezes cada frase ambígua, uma para cada sentido, substituindo os relativos **que** e **quem** por **o qual** e suas variantes (a qual, os quais, as quais).

Chegou a mãe do rapaz que encontramos no cinema.

97. Chegou a mãe do rapaz _____ encontramos no cinema.
98. Chegou a mãe do rapaz _____ encontramos no cinema.

Este é o quarto da casa com que Julieta sonha.

99. Este é o quarto da casa _____.
100. Este é o quarto da casa _____.

A filha de Paulo, que fugiu ontem, está sem paradeiro definido.

101. A filha de Paulo, _____, está sem paradeiro definido.
102. A filha de Paulo, _____, está sem paradeiro definido.

Pronomes interrogativos

Os pronomes interrogativos aparecem nas orações interrogativas diretas e indiretas. São eles: **que**, **quem**, **qual**, **quanto**.

Prática

Interrogativa indireta: Quero saber **quem** viu o acidente.
Interrogativa direta: Quem viu o acidente?

103. Interrogativa indireta: Você não me disse **qual** o seu nome.
Interrogativa direta: _____

104. Interrogativa indireta: Indagaram **quem** os apoiaria.
Interrogativa direta: _____

105. Interrogativa indireta: A cozinheira quer saber **quantos** virão para o jantar.
Interrogativa direta: _____

106. Interrogativa indireta: Pergunto o **que** procuras aqui.
Interrogativa direta: _____

Pronomes possessivos

Pronomes possessivos referem-se às pessoas do discurso, indicando-as como possuidoras, responsáveis ou autoras de algo.

Prática

■ Faça a correspondência, segundo a ideia da palavra destacada.

107. ( ) **Minha** casa é grande.
108. ( ) Já devolveram **teus** livros?
109. ( ) Essa é a **sua** opinião.
110. ( ) Preparamos o **nosso** futuro.

(a) o possuidor é a 1ª pessoa do singular
(b) o possuidor é a 1ª pessoa do plural
(c) o possuidor ou autor é a 2ª pessoa do singular
(d) o possuidor ou responsável é a 3ª pessoa do singular

Observe os casos abaixo.
A moça pisou o **meu** pé. = pisou-**me** o pé.
Eu penteava os **seus** cabelos. = penteava-**lhe** os cabelos.
Eu deveria puxar as **tuas** orelhas. = puxar-**te** as orelhas.

O papel de pronome possessivo pode ser exercido pelos **pronomes oblíquos átonos**.

Prática

■ Ele beijou a **minha** mão. / Ele beijou-**me** a mão.

111. Rasgaram a **minha** roupa. / _____

112. Confiscaram os **seus** bens. / _____

113. Isso roubou a **nossa** vontade. / _____

■ Os possessivos podem ter outros significados. Estabeleça a correspondência adequada.

114. ( ) Manuela beirava **seus** setenta anos.
115. ( ) Ela está num dos **seus** dias. Deixe-a quieta.
116. ( ) Ele não podia envergonhar **os seus**, nem eu podia trair **os meus**.

a) Parentes, companheiros, compatriotas
b) Cálculo aproximado
c) Situação habitual

117. ( ) **Meu** caro Antônio.
118. ( ) Pode falar, **meu** general.

d) Deferência, respeito, polidez
e) Intimidade

Pronomes indefinidos

Pronomes indefinidos referem-se à terceira pessoa do discurso, de modo vago, impreciso.

Exemplos: Alguém testemunhou o acidente.

Empregados no lugar de um nome que não se pode, ou não se quer definir.

A criança quer algo.

São **pronomes indefinidos**:

INVARIÁVEIS	VARIÁVEIS	
quem	algum(a)(s)	nenhum(a)(s)
alguém	muito(a)(s)	pouco(a)(s)
ninguém	outro(a)(s)	vário(a)(s)
algo	certo(a)(s)	tanto(a)(s)
tudo	quanto(a)(s)	todo(a)(s)
nada	qualquer (quaisquer)	
cada		
outrem		

■ Sublinhe os pronomes indefinidos.

119. Quem tudo quer, tudo perde.
120. Alguns alunos acertaram várias questões.
121. Muitas crianças comem pouco.
122. Certas pessoas não falam certo.
123. Cada pessoa sabe de quanto precisa.

Locução Pronominal Indefinida

Locução pronominal indefinida é o conjunto com mais de uma palavra, funcionando como um pronome indefinido.

Prática

■ Sublinhe, a seguir, as locuções pronominais indefinidas:

124. Cada qual com seu rival.
125. Quem quer que faça isso, merecerá o apoio de cada um.
126. Pedirei desculpas a seja quem for.
127. A gente fala tanto sem pensar, que todo mundo ri antes de a gente terminar.

Prática Geral

128. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) O pronome pessoal está empregado **incorretamente** em
   a) Não consegui entendê-lo naquela confusão.
   b) É para mim fiscalizar aqueles volumes.
   c) Tudo ficou esclarecido entre mim e ti.
   d) Por favor, mande-o entrar e sentar-se.
   e) Fizeram-no esperar demais hoje.

129. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Com relação aos pronomes destacados em "ao prestar-**nos** as informações" e "ficando responsabilizado pelo que **nos** adiantar", é **incorreto** afirmar que
   a) ambos são pronomes pessoais subjetivos.
   b) ambos são formas pronominais átonas.
   c) ambos desempenham a função sintática de objeto indireto.
   d) ambos podem ser substituídos, sem alterar semanticamente a frase, por "a nós".
   e) ambos estão vinculados à mesma pessoa do discurso.

130. (PRF/N.M./ANP) A forma destacada que deve ser **evitada** é
   a) Conversou muito **com nós**.
   b) Jogaram bola **comigo**.
   c) Pensamos muito **em ti**.
   d) Meu irmão já sabe cuidar **de si**.

131. (ITA/Vest.) Qual das opções substitui corretamente as palavras destacadas?
   1. Foi-lhes fácil **fazer os exercícios**.
   2. Não obstante seja parco de recursos, **mantém as aparências**.
   3. **Expões as ideias** com lucidez.
   4. **Faz os deveres** rapidamente.
   5. Se não pretendes gastar, **põe o dinheiro** na poupança.

   a) fazerem-nos / mantenha-os / Expô-las / Fá-los-á / ponha-o.
   b) fazerem-nos / mantém-as / Expõe-nas / Faze-os / põe-lo.
   c) fazê-los / mantém-las / Expõe-as / Faça-os / põe-no.
   d) fazê-los / mantém-nas / Expõe-las / Fá-los / põe-no.
   e) fazer-los / mantém-nas / Expõe-nas / Faze-os / põe-lo.

132. (BRB/N.M./IDR) Assinale a alternativa em que os pronomes pessoais estão **corretamente** empregados.
a) Tentou, mais uma vez, remetendo o documento para mim, acabar com o clima hostil entre nós.
b) O rapaz confirmou que entregou para tu o comprovante de depósito.
c) Mandei ele aguardar até que o gerente chegasse para atendê-lhe.
d) Hoje à tarde vou encontrar ela para fecharmos o negócio.

133. (BRB/N.M./IDR) Indique a sentença em que todas as formas pronominais estão **corretas**.
a) Vossa Senhoria tem justos motivos para preocupar-se com os débitos de vossa esposa.
b) Sua Excelência sinta-se à vontade para propor-nos os termos do contrato.
c) Vossa Excelência pode viajar tranquilo, que cuidaremos de seus investimentos.
d) O chefe mandou você avisar ao assessor do Sr. Ministro que a bagagem de Vossa Excelência já foi despachada.

134. (ALCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **correta**.
a) Refiro-me ao estudo de cujo o autor não se conhece a nacionalidade.
b) Dessas questões não se tratou, as quais merecem exame acurado.
c) Esse é o escritor de que todos admiramos as obras que foram feitas as melhores referências.
d) Apenas as pessoas que concernem essas palavras devem sentir o peso de tanta indignação.

135. (ATCL-DF/N.S./IDR) De acordo com a práxis consagrada do uso dos pronomes de tratamento, assinale a alternativa **correta**.
a) Pela presente, enviamos a V. Sª a relação de seus débitos e solicitamos-lhe a gentileza de saldá-los com urgência. (correspondência comercial)
b) Vossa Alteza Real, o Príncipe de Gales, virá ao Brasil para participar da ECO-92. (nota de jornal)
c) Sua Santidade pode ter a certeza de que sua presença entre nós é motivo de júbilo e de místico fervor. (discurso pronunciado em recepcão diplomática ao Sumo Pontífice)
d) Solicito a V. Exª dignar-vos aceitar as homenagens devidas, por justiça, a quem tanto engrandeceu a pátria. (ofício dirigido a Ministro do Supremo Tribunal)

136. (ATCL-DF/N.S./IDR) Marque a opção em que houve substituição **incorreta** do termo destacado.
a) Daria **a eles** uma resposta adequada.
Dar-lhes-ia uma resposta adequada.
b) Enviamos o presente **a nossos amigos**.
Enviamos-lhes o presente.
c) Mandamos **as crianças** saírem.
Mandamos-as saírem.
d) Não pediria **isso a você** em hipótese alguma.
Não lho pediria em hipótese alguma.

137. (ATCL-DF/N.S./IDR) Se, em "... milhares de jovens e adultos que precisam frequentar, movidos pela sobrevivência, **um posto de trabalho** ou que estão impossibilitados de abandonar **suas comunidades**...", tivéssemos que substituir os segmentos destacados por pronomes, o fragmento ficaria assim redigido:
a) ... milhares de jovens e adultos que, movidos pela sobrevivência, precisam frequentá-la ou que estão impossibilitados de abandoná-las...
b) ... milhares de jovens e adultos que, movidos pela sobrevivência, precisam frequentá-lo ou que estão impossibilitados de abandoná-las...
c) ... milhares de jovens e adultos que, movidos pela sobrevivência, precisam frequentá-lo ou que estão impossibilitados de abandoná-la....
d) ... milhares de jovens e adultos que, movidos pela sobrevivência, precisam frequentá-la ou que estão impossibilitados de abandoná-la...

138. (Ag. Adm./TRT/N.M./ACCESS) Ela conhecera o poeta, _____ versos gostava e _____ estava apaixonada, na cidade _____ nascera.
As lacunas da frase acima são completadas, respectivamente, por:
a) dos quais / por quem / que.
b) de quem / por que / onde.
c) por cujos / com quem / em que.
d) de cujos / por quem / onde.
e) os quais / pelo qual / em que.

139. (AFRE-SP/N.S./92) Todos _____, Senhor Diretor, que Vossa Senhoria _____ bastante _____.
a) crêem / será / compreensivo.
b) creem / sereis / compreensiva.
c) crêm / sereis / compreensiva.
d) creem / será / compreensivo.

140. Assinale a frase que apresenta pronome pessoal oblíquo no **feminino plural**.
a) Ela apodrece ao contato com a terra.
b) Algumas gralhas morrem, outras esquecem onde enterraram os pinhões.
c) Hoje se sabe que é obra de um pássaro.
d) Durante muito tempo, não se soube explicar o fato.
e) As espingardas explodem quando eles as apontam para as gralhas azuis.

141. As formas de tratamento usadas para **cardeais** e **príncipes** são, respectivamente,
a) Alteza e Excelência.
b) Majestade e Eminência.
c) Eminência e Alteza.
d) Senhoria e Excelência.
e) Santidade e Senhoria.

142. Assinale a alternativa cuja palavra destacada é **pronome de tratamento**.
a) Oficialmente não é lugar onde **se** more.
b) A ponte é de **todos**.
c) **V. Sª** não come carne?
d) Vinha trazer-**lhe** carne.
e) **Esta** carne não está boa.

143. Na frase: "Ninguém **a** jogou ao solo", a palavra destacada é
a) substantivo.
b) pronome pessoal oblíquo.
c) preposição.
d) artigo definido.
e) pronome demonstrativo.

144. Há **erro** no emprego do pronome demonstrativo na frase:
a) Esta mesa não é nova.
b) Esse livro, aí, é muito interessante.
c) Esse papel, aqui, não serve para isso.
d) Vi aquele filme tão comentado.
e) Ouça isto: fortes chuvas deverão cair nesta tarde.

145. Assinale a alternativa que apresenta o emprego **correto** do pronome de tratamento.
a) Senhor Ministro, apresento a V. Sª a relação dos aprovados.
b) Ilustríssimo Senhor Diretor, solicitamos a V. Exª o empréstimo de microfones.
c) Sua Excelência, o chefe da seção, autorizou minha liberação.
d) Sua Alteza, a rainha da Inglaterra, compareceu à cerimônia.
e) Senhor Coordenador, é do conhecimento de V. Sª a reivindicação do pessoal.

146. Assinale a frase que se completaria com o pronome **eu**.
a) O mestre deixou os desenhos para ___ fazer.
b) ___ poderá ensaiar o desenho total da figura humana.
c) O mestre ficou entre ___ e o modelo.
d) Entre ___ e ele, você deverá escolher com quem fará o trabalho.
e) Você será atendido depois de ___.

147. A palavra **que**, no período "Os truques, que desempenham papel fundamental na realização rítmica, são de três espécies (...)" é
a) conjunção.
b) preposição.
c) pronome relativo.
d) interjeição.
e) pronome indefinido.

148. Complete as lacunas do texto abaixo e, em seguida, assinale a alternativa correspondente.
"Tenho a honra de apresentar a V. Sª a servidora MARESIA FLUTUANTE, _____ Departamento, que, em atenção ao seu ofício nº 302, de 18 de maio corrente, foi colocada à disposição _____ órgão, sem prejuízo de _____ vencimento".
a) desse / deste / teu.
b) deste / desse / seu.
c) do / deste / vosso.
d) daquele / do / teu.
e) desse / deste / meu.

149. Na frase "S. S. visitou vários países", o pronome de tratamento refere-se
a) a um sacerdote.
b) a um rei.
c) a um príncipe.
d) ao papa.
e) a um governante.

■ Use os **pronomes demonstrativos** adequados a cada caso.

150. Ser indicado para o prêmio Nobel. Por _____ ele não esperava.
151. Por _____ ele não esperava: ser indicado para o prêmio Nobel.
152. O mundo se moderniza. Num tempo como _____, é preciso estar preparado.
153. _____ livros são muito pesados. Vou largá-los aqui mesmo.
154. Brasília e Goiânia foram cidades planejadas. No entanto _____ cidades apresentam os mesmos problemas de outras capitais.
155. O problema parece ser _____: a certeza da impunidade.
156. Não houve acordo entre patrões e empregados; _____ não estavam dispostos a pagar o que _____ exigiam.
157. Deixe-me ver _____ livro que você está lendo.

■ Preencha as lacunas com os demonstrativos adequados (**este**, **esse**, **aquele** e suas variáveis).

158. Graciliano Ramos e Gilberto Gil representam épocas distintas. _____ se enquadra no regionalismo nordestino dos anos trinta, _____ pertence à atualidade.
159. As Guerras Púnicas e a Guerra das Malvinas chamaram a atenção do mundo. _____ recentemente; _____ antigamente.
160. Há três anéis. Um na minha mão, outro na sua, Maria; o terceiro está na mão da Daniela. _____ (o da Daniela) é de ouro; _____ (meu) é de prata; _____ (o que está na sua mão) é de platina.
161. Júlia e Ernesto foram ao cinema. _____ (Ernesto) saiu desiludido, enquanto _____ (Júlia) ficou maravilhada.

■ Assinale **C** ou **E**.

162. ( ) Olha, José. Preciso falar consigo.
163. ( ) Atenção, meu amigo. Tenho que conversar consigo.
164. ( ) Olha, José. Quero falar contigo.
165. ( ) Olhe, José. Quero falar contigo.
166. ( ) Olhe, José. Quero falar com você.
167. ( ) Venha, meu caro. Quero abraçar-te.
168. ( ) Venha, meu caro. Quero abraçá-lo.
169. ( ) Vem, meu caro. Quero abraçar-te.

■ Ofício de uma escola para a Secretaria de Fazenda – Use o demonstrativo **correto**.

170. Informamos que _____ Secretaria foi avisada do que ocorreu _____ escola, em fax da semana passada.

Numeral

DEFINIÇÃO E CLASSIFICAÇÃO

Prática

Assinale **C** ou **E**.

1. ( ) Numeral, palavra que tem como referente um número.
2. ( ) Numeral cardinal denota quantidade: um, dez, cem...
3. ( ) Numeral ordinal denota quantidade.
4. ( ) Numeral ordinal denota ordem, posição numa sequência: primeiro, décimo...
5. ( ) Numeral multiplicativo indica multiplicação: dobro, quíntuplo...
6. ( ) Numeral fracionário indica parte ou fração: meio, terço, onze avos...

Conclusão:

Numeral é a palavra que se refere a número.
Classificam-se os numerais em: cardinais, ordinais, multiplicativos e fracionários.

PAPEL DOS NUMERAIS

Numeral substantivo e *numeral adjetivo*

Quando o numeral é usado com o **papel de substituir o substantivo**, chama-se **numeral substantivo**.

Havia muitas camisas. Comprei **cinco** (camisas).

Quando o numeral é usado com o **papel de acompanhar o substantivo**, chama-se **numeral adjetivo**.

Escolhi **dois** sapatos.

EMPREGO DOS NUMERAIS

Escreva na coluna adequada os ordinais, multiplicativos e fracionários.

	Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
7.	um		_____	_____
8.	dois			
9.	três			
10.	quatro			
11.	cinco			
12.	seis			
13.	sete			
14.	oito			
15.	nove			
16.	dez			
17.	onze			
18.	doze			
19.	treze		_____	
20.	catorze		_____	
21.	quinze		_____	
22.	dezesseis		_____	
23.	dezessete		_____	
24.	dezoito		_____	
25.	dezenove		_____	
26.	vinte		_____	*
27.	trinta		_____	*
28.	quarenta		_____	*
29.	cinquenta		_____	*
30.	sessenta		_____	*
31.	setenta		_____	*
32.	oitenta		_____	*
33.	noventa		_____	*
34.	cem			*
35.	duzentos		_____	*
36.	trezentos		_____	*
37.	quatrocentos		_____	*
38.	quinhentos		_____	*
39.	seiscentos		_____	*
40.	setecentos		_____	*
41.	oitocentos		_____	*
42.	novecentos		_____	*
43.	mil		_____	*
44.	milhão		_____	*
45.	bilhão		_____	*
46.	trilhão		_____	*

Observação:

Os fracionários que no quadro da página anterior têm asterisco (*) devem usar a forma igual à dos ordinais quando são múltiplos exatos de 10 ou 100: **vigésimo**, **trigésimo**, **centésimo**, **quingentésimo**...
Se não são múltiplos exatos de 10 ou 100, usam a forma igual à dos cardinais seguida da expressão **avos**: **vinte e três avos**, **cento e cinco avos**, **quinhentos e quatro avos**...

Prática

■ Assinale **C** ou **E** para os ordinais correspondentes aos seguintes números:

47. ( ) 1886 – Ele chegou no milésimo octingentésimo octagésimo sexto lugar.
48. ( ) 999 – Ela ocupava a noningentésima nonagésima nona cadeira.
49. ( ) 777 – Ele foi o setingentésimo setuagésimo sétimo a entrar.
50. ( ) 444 – Ela comprou o quatringentésimo quadragésimo quarto bilhete.

■ Assinale **C** ou **E**.

51. ( ) Octagésimo é variante de octogésimo.
52. ( ) Quatorze é variante de catorze.
53. ( ) Quatorzeno e terzeno são variantes pouco usadas de décimo quarto e décimo terceiro.
54. ( ) Novena, dezena, década, dúzia, trezena, quinzena, vintena, centena, cento, lustro, milhar, milheiro, par,... funcionam como substantivos coletivos, mas, por denotarem quantidade exata de seres, são também chamados de numerais coletivos.
55. ( ) Os numerais coletivos são invariáveis.

Para responder às questões de 56 a 59, observe este quadro:

3		3	.	2		2		4	.	1		2		3
														três
												vinte	**e**	três
										cento	**e**	vinte	**e**	três
								quatro mil	,	cento	**e**	vinte	**e**	três
						vinte	**e**	quatro mil	,	cento	**e**	vinte	**e**	três
				duzentos	**e**	vinte	**e**	quatro mil	,	cento	**e**	vinte	**e**	três
trinta	**e**	três milhões	,	duzentos	**e**	vinte	**e**	quatro mil	,	cento	**e**	vinte	**e**	três
dezena de milhão		unidade de milhão		centena de milhar		dezena de milhar		unidade de milhar		centena		dezena		unidade

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

56. ( ) Centenas, dezenas e unidades separam-se com **e**.
57. ( ) Milhares, milhões, bilhões separam-se com vírgula.
58. ( ) Ponto no número transforma-se em vírgula no numeral.
59. ( ) Usa-se a conjunção **e** para separar as centenas das dezenas; as dezenas das unidades; as unidades dos decimais...

■ Escreva por extenso.

60. 24.132.436 _____
_____

61. 22.333.432.123 _____
_____
_____

Atenção:

1.001 mil **e** um
1.200 mil **e** duzentos
8.096 oito mil **e** noventa e seis.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

62. ( ) Quando a última centena começa com zero, a vírgula que se seguiria ao milhar é substituída por **e**.
63. ( ) Quando a última centena termina com dois zeros, a vírgula que se seguiria ao milhar é substituída por **e**.

■ Escreva os numerais correspondentes aos seguintes algarismos.

64. 9.056 _____
65. 9.006 _____
66. 9.156 _____
67. 9.320 _____
68. 9.300 _____

■ Escreva nos espaços os fracionários dos algarismos que estão entre parênteses.

69. Ela comprou (1/3) _____ da fazenda.
70. Ela comprou (2/3) _____ da fazenda.
71. Ela comprou (5/8) _____ da fazenda.
72. Ela comprou (1/8) _____ da fazenda.
73. Ela comprou (3/11) _____ da fazenda.

74. Ela comprou (1/20) _____ da fazenda.
75. Ela comprou (7/30) _____ da fazenda.
76. Ela comprou (4/33) _____ da fazenda.
77. Ela comprou (11/200) _____ da fazenda.
78. Ela comprou (13/220) _____ da fazenda.

■ Quanto à flexão dos numerais, assinale **C** ou **E**.

79. ( ) Variam em gênero: **um**, **dois**, **três**.
80. ( ) Variam em gênero: **um**, **dois** e as centenas de duzentos em diante.
81. ( ) Variam em gênero as dezenas.
82. ( ) Os ordinais variam em gênero e número, normalmente.
83. ( ) **terçã** e **quartã** (formas em desuso) só variam em número (singular e plural).
84. ( ) Os ordinais variam em gênero e número.
85. ( ) Os cardinais terminados em **-lhão** admitem plural.
86. ( ) **bilhão** tem como variante **bilião**.
87. ( ) **milhão** tem como variante **milião**.
88. ( ) **trilhão** tem como variante **trilião**.
89. ( ) Em abril, chuvas **mil**. A expressão em destaque deixa de ser numeral para ser indefinida.

Atenção:

No *Manual de Redação da Presidência da República*, há as seguintes recomendações:

– "Os numerais devem ser escritos por extenso quando constituírem uma única palavra ('quinze'; 'trezentos'; 'mil' etc.); quando constituírem mais de uma, devem ser grafados em algarismos ('25', '142' etc.)";

– "Os numerais que indiquem porcentagem seguem a mesma regra: a expressão 'por cento' será grafada por extenso se o numeral constituir uma única palavra ('**quinze** por cento', '**cem** por cento'), e na forma numérica seguida do símbolo '%' se o numeral constituir mais de uma palavra ('142%', '57%' etc.)";

– "Valores monetários devem ser expressos em algarismos seguidos da indicação, por extenso, entre parênteses: R$1.000.000,00 (um milhão de reais). Se o valor a ser mencionado estiver localizado no final de uma linha, não o separe; coloque o cifrão em uma linha e os algarismos na seguinte"; (texto adaptado)

– "Nas datas, o mês deve ser grafado por extenso, e o dia, sem o algarismo **0** à esquerda: '3 de setembro de 2006' e não '03 de setembro de 2006' ". (texto adaptado)

Designando papas, soberanos, séculos, partes de uma obra, usam-se os **ordinais** até **décimo**; daí em diante, **os cardinais**. Porém, se o numeral antecede o substantivo, emprega-se o ordinal: **vigésimo** século, **décimo sexto** capítulo, **décimo primeiro** canto.

Prática

■ Escreva como devem ser lidos os numerais correspondentes aos algarismos romanos.

90. Pio XI _____
91. Pedro II _____
92. Canto VI _____
93. Século XX _____
94. Século X _____
95. Capítulo X _____
96. Capítulo XI _____
97. Pio X _____
98. Canto XI _____

Na numeração de artigos de leis, decretos e portarias, usa-se o **ordinal** até **nono**; daí em diante, os **cardinais**.

Prática

■ Continue.

99. Art. (1) _____
100. Art. (9) _____
101. Art. (10) _____
102. Art. (25) _____

Na referência aos dias do mês, usam-se os cardinais, exceto para o **primeiro**.

Prática

■ Continue.

103. ...no dia (1) _____ de maio...
104. ...no dia (2) _____ de fevereiro...
105. ...no dia (25) _____ de junho...
106. ...no dia (31) _____ de janeiro...

Com referência a páginas e folhas, a apartamentos, quartos de hotelaria, cabines de navio, poltronas de casas de espetáculo, veículos de transporte... usam-se os cardinais. Porém, se o numeral vier anteposto, usa-se o ordinal: terceira poltrona, oitava cabine, vigésima folha.

Prática

■ Continue.

107. Casa (1) _____
108. Folha (1) _____
109. Quarto (1) _____
110. Apartamento (1) _____
111. Cabine (1) _____
112. Folha (2) _____
113. Cabine (9) _____
114. Casa (22) _____
115. Quarto (10) _____

■ Continue.

116. Ela hoje completa o (1757) _____ _____ ano de existência.
117. Eu cheguei em (486) _____ _____ lugar.
118. R$ 8.723.846.123,35 (_____ _____)
119. Comprei (5/200) _____ daquela área.
120. Ele vendeu (18%) _____ de suas ações.

■ Assinale **C** ou **E**.

121. ( ) O novo sócio adquiriu mil trezentos e vinte e duas cotas.
122. ( ) Gênova, 05 de outubro de 1999.
123. ( ) Nem um de vocês conseguiu alcançar a meta?
124. ( ) Nenhum de vocês conseguiu alcançar a meta?
125. ( ) Comprei um dez avos da boiada.
126. ( ) Ocorria isso por volta do século dez depois de Cristo.
127. ( ) Para que andar o senhor vai? — Para o dezoito andar.
128. ( ) Estamos aqui na quarenta e dois DP.
129. ( ) Aos dezenove dias do mês de fevereiro do ano de mil novecentos e quarenta e dois...

■ Responda.

130. Se as frases 123 e 124 estão certas, há diferença de sentido entre elas?
Resp.: _____

O e UM: artigo, pronome, ou numeral?

Artigos só existem dois: o definido **o** (a, os, as) e o indefinido **um** (uma, uns, umas).

O (artigo definido, ou pronome)

Como o artigo só existe antes de um substantivo, toda vez que **o** (a, os, as) não anteceder um substantivo, será pronome.

Exemplos de artigo definido, com os seus substantivos sublinhados:
O bom menino sonhava com ***a*** muitas vezes amada Julieta...
Os quatro irmãos analisavam ***as*** oportunidades...

Exemplos de pronomes:
Chamei-***o(s)***, mas não sei ***o*** que queres com eles.
As moças vieram, exceto ***as*** que não foram convidadas.

UM (artigo indefinido, ou pronome indefinido, ou numeral)

Toda vez que o indefinido **um** (uma, uns, umas) não anteceder um substantivo, será pronome:

Exemplos de artigo indefinido, com os seus substantivos sublinhados:
Era ***uma*** vez ***um*** calmo estudante que achou ***umas*** pérolas barrocas e ***uns*** interessantes gravetos.

Exemplos de pronome indefinido:
Ei! meninos, quero ***um*** que me ajude...
Havia ***várias*** meninas, ***umas*** alegres, ***outras*** tristes...
Uns acreditam, ***outros***, não.

Quando **um** (uma, uns, umas) não for indefinido, dará ideia de número preciso, então não pode ser artigo ou pronome indefinido, mas numeral.

Exemplos de numeral:
Quero só ***um*** exemplo.
Das três moças, ***uma*** se retirou.

Atenção:

O numeral **um** não tem plural. Sempre **uns** é indefinido.

Verbo

DEFINIÇÃO PROVISÓRIA

Observe as palavras em negrito:

Nós **confiamos** no presente.
Ele **chegou** à fazenda de madrugada.
Elas **estão** felizes.
Choverá muito à noite.

Prática

Assinale **C** ou **E** para as afirmações acerca das palavras em negrito.

1. ( ) São variáveis em **tempo**.
2. ( ) São **invariáveis**.
3. ( ) Variam em **gênero** (masculino/feminino).
4. ( ) Variam em **número** (singular/plural).
5. ( ) Variam em **pessoa** (1ª/2ª/3ª).
6. ( ) **Chegou** traduz ideia de ação.
7. ( ) **Estão** indica fenômeno da natureza.
8. ( ) **Estão** traduz ação.
9. ( ) **Choverá** traduz fenômeno da natureza.
10. ( ) **Estão** traduz ideia de estado.

Verbo é a palavra, variável em tempo, que exprime **ideia de ação**, **estado ou fenômeno**.

ESTRUTURA DOS VERBOS – CONJUGAÇÕES

	TEMA		
	RADICAL	VOGAL TEMÁTICA	DESINÊNCIA
1ª conj.	am	a	r
2ª conj.	vend	e	r
3ª conj.	part	i	r

Prática

■ Assinale **C** ou **E** para certo ou errado.

11. ( ) O **radical** contém a base da significação.
12. ( ) A vogal temática determina a **conjugação** (1ª, 2ª, 3ª).
13. ( ) Para achar-se o radical, tira-se **-ar**, **-er**, **-ir** do infinitivo dos verbos regulares.
14. ( ) Radical + vogal temática = **tema**.
15. ( ) Nos verbos regulares, tirando-se o **r** do infinitivo obtém-se o tema.
16. ( ) O verbo **pôr** pertence à quarta conjugação.
17. ( ) O verbo **pôr** é uma anomalia da segunda conjugação. Antigamente era **poer**, por isso a existência de palavras como **poedeira**, **poente**.

NÚMEROS E PESSOAS VERBAIS – DESINÊNCIAS

PESSOA	NÚMERO	
	SINGULAR	PLURAL
1ª	eu FAL**O**	nós FALA**MOS**
2ª	tu FALA**S**	vós FALA**IS**
3ª	ele FALA Ø	eles FALA**M**

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

18. ( ) A parte do verbo assinalada em **negrito** indica se o verbo está no singular ou plural (**número**).
19. ( ) Indica também se o verbo está conjugado na 1ª, 2ª ou 3ª **pessoa**.
20. ( ) Por isso se chama **desinência número-pessoal**.
21. ( ) Na terceira pessoa do singular, nesse tempo, a desinência número-pessoal é Ø.

O verbo varia em número (singular e plural) e pessoa (primeira, segunda, terceira). O que indica essas variações são as desinências.

Quadro de desinências número-pessoais

		INDICATIVO		
número	pessoa	presente	pretérito perfeito	futuro do presente
singular	1ª	o	i	ei
	2ª	s	ste	ás
	3ª	∅	u	á
plural	1ª	mos	mos	-emos
	2ª	is/des	stes	-eis
	3ª	m	ram	ão

■ Observe o quadro acima e responda **C** ou **E**.

22. ( ) Esse quadro se refere a três tempos do modo indicativo: presente, pretérito perfeito e futuro do presente.
23. ( ) Tais desinências se chamam número-pessoais, porque indicam a pessoa verbal e informam seu número (singular ou plural).
24. ( ) As desinências verbais **s** e **ás** (amas, amarás) indicam 2ª pessoa do plural.
25. ( ) As desinências verbais **s**, **ste** e **ás** indicam 2ª pessoa do singular.
26. ( ) As formas verbais terminadas em **m** e **ão** indicam 3ª pessoa do plural.

MODOS VERBAIS

Indicativo, subjuntivo, imperativo

Prática

■ Observe os sentidos dos verbos destacados e responda **C** ou **E**.

a) Juliana **chega** hoje à noite.
b) Espero que Juliana **chegue** hoje à noite.
c) **Chegue** cedo, Juliana!

27. ( ) Em *a*, o sentido é de afirmação, certeza, convicção.
28. ( ) Em *b*, o sentido é de possibilidade, dúvida.
29. ( ) O modo verbal que denota convicção, certeza, chama-se **indicativo**.
30. ( ) O modo verbal que denota dúvida, possibilidade, chama-se **imperativo**.
31. ( ) O modo verbal que denota possibilidade, dúvida, chama-se **subjuntivo**.
32. ( ) **Subjuntivo** (que se junta sob) permite concluir que normalmente se encontra em orações subordinadas.

33. ( ) Em *c*, dependendo da entonação, o verbo pode expressar um pedido, uma súplica ou uma ordem.
34. ( ) Em *c*, o verbo está no modo **imperativo**.

35. Correlacione corretamente as colunas quanto a sentido e modo verbais.

a) certeza	( ) indicativo
b) dúvida	( ) imperativo
c) ordem ou pedido	( ) subjuntivo

Subjuntivo não subordinado

O subjuntivo pode ser usado sozinho sem depender de outra oração.

Prática

36. Correlacione as colunas adequadamente.

a) subjuntivo em frase optativa*	( ) Talvez não se chegue a esse ponto.
b) subjuntivo expressando dúvida	( ) Deus a abençoe, minha filha.
	( ) Que a felicidade seja sempre sua companheira.

O verbo é variável também em modo. São três os modos verbais:
Modo Indicativo: exprime certeza, convicção;
Modo Subjuntivo: usado para orações subordinadas, para frases optativas, ou para expressar dúvida;
Modo Imperativo: denota pedido, súplica, ou imposição.

TEMPOS VERBAIS

Presente, pretérito e futuro

Antes			Agora	Depois
Pretérito	←		**Presente**	→ Futuro
perfeito amei			amo estou amando	amarei vou amar
imperfeito ...amava... ...estava amando...				
mais-que-perf.	←	→	fut. do pret.	
amara	←	→	amaria...	
tinha amado	←	→	ia amar...	

* *Vide*, em *Análise Sintática Visual*, Frase, Oração, Período: Frase quanto ao sentido.

Presente e pretérito (passado) do indicativo

Prática

a) Hoje me **sinto** bem neste local.
b) Quando me **mudei** para cá, **vim** a convite de minha tia, que **morava** aqui e **chegara** três anos antes.
c) Nem eu nem ela **sabíamos** que a minha vinda transformaria por completo a aparência do lugar em menos de um ano.

■ Assinale **C** ou **E**.

37. ( ) Em *a*, o verbo refere-se ao tempo presente, isto é, a ação acontece enquanto o emissor fala.
38. ( ) Em *b* e *c*, os verbos fazem referência ao tempo pretérito (passado), ou seja, as ações aconteceram antes do momento em que o emissor fala.
39. ( ) **morava** e **sabíamos** indicam que essas ações estavam em andamento dentro do passado (pretérito).
40. ( ) **mudei** e **vim** referem-se a ações passadas e concluídas.
41. ( ) *Perfectus*, em latim, significa "terminado", "concluído", "acabado".
42. ( ) Por isso, **mudei** e **vim** situam-se no **pretérito perfeito**.
43. ( ) Se "perfeito" significa "terminado", "concluído", "imperfeito" significa "em andamento", "não terminado".
44. ( ) **morava** e **sabíamos** situam-se, então, no **pretérito imperfeito**.

■ Atente agora para o verbo **chegara** em relação a **mudei** e **vim**.

45. ( ) **chegara** faz referência a uma ação já pretérita em relação a outro pretérito (**mudei** e **vim**).
46. ( ) Trata-se, então, de um pretérito anterior a um pretérito perfeito.
47. ( ) Por isso, **chegara** exemplifica o tempo verbal que se chama **pretérito mais-que--perfeito**, pois indica uma ação concluída antes de outra também já concluída.

■ Observe, ainda, **transformaria** em relação a **sabíamos**.

48. ( ) Nem um dos dois se encontra no pretérito.
49. ( ) Ambos situam-se no pretérito.
50. ( ) **transformaria** refere-se a um futuro dentro do pretérito.
51. ( ) A indicação de tempo de **transformaria** é exemplo do que se chama **futuro do pretérito**, porque denota uma ação futura dentro do passado.

Presente e futuro do presente do modo indicativo

Prática

a) Judite **gosta** de Gustavo e **quererá** ir com ele ao teatro.
b) Judite **está gostando** de Gustavo e **vai querer** ir com ele ao teatro.
c) Judite **gosta** de estudar.

■ Assinale **C** ou **E**.

52. ( ) Em *a*, **gosta** é um verbo flexionado no **presente**, porque denota um sentimento que acontece no **momento em que se fala**.
53. ( ) Em *a*, **quererá** é um verbo articulado no **futuro**, porque denota um sentimento, uma vontade que só vai acontecer **depois do momento em que se fala**.
54. ( ) Em *b*, **está gostando** é uma locução verbal no presente do indicativo, enquanto **vai querer** é uma locução verbal no futuro.
55. ( ) O presente do indicativo em **gosta**, **está gostando** transmite também uma ideia de ação contínua.

O verbo ainda varia em tempo:
Tempo presente: acontece quando se fala. Pode denotar ação momentânea ou contínua;
Tempo pretérito: aconteceu antes do momento em que se fala. Subdivide-se em **Pretérito perfeito**, **pretérito imperfeito**, **pretérito mais-que-perfeito** e **futuro do pretérito**;
Tempo futuro: acontecerá depois do momento em que se fala.

CORRELAÇÃO DE TEMPOS OU *CONSECUTIO TEMPORUM*

Atenção:

Futuro do pretérito pertence ao pretérito, como o nome sugere, por isso, relaciona-se bem com a oração subordinada no **pretérito** imperfeito do subjuntivo: **iria, se pudesse**.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, conforme convenha.

56. ( ) Se nós podemos, compraríamos.
57. ( ) Se vocês podem, comprarão.
58. ( ) Se eles quisessem, compraríam.

Já, o futuro do presente adéqua-se bem com o futuro do subjuntivo: **irei, se puder**.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, conforme convenha.

59. ( ) Se eles poderão, comprarão.
60. ( ) Quando eles podem, comprarão.
61. ( ) Quando eles puderem, comprarão.

A *consecutio temporum* (pronúncia: consecúcio têmporum), ou *correlação de tempos* da norma culta da Língua Portuguesa, acontece em outros tempos e modos.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, conforme convenha.

62. ( ) Todos ficamos absolutamente tranquilos porque eles tivessem chegado bem cedo.
63. ( ) Ninguém podia comentar, sequer em voz baixa, pois os outros podiam estar ouvindo.
64. ( ) Todos resolveram combinar a compra dos ingressos com antecedência, porque deveria esgotar-se logo a venda.
65. ( ) É muito possível, na opinião da maioria dos presentes, que Maria, embora sem convite, chega mais cedo.
66. ( ) Ela estaria certíssima se estivesse falado antes com o irmão.
67. ( ) Se me ouvisses, como todos te aconselharam, chegarias primeiro.
68. ( ) Se me ouves, não tenho a menor dúvida, chegas primeiro.
69. ( ) Se me tivesses ouvido, terias chegado primeiro.
70. ( ) Se me tivesses ouvido, chegaste primeiro.
71. ( ) Por me teres ouvido, chegaste primeiro.

■ Corrija a correlação de tempos, se necessário.

72. O pai aconselhou que o menino saía de casa.

_____

73. No dia em que não me sinta mais feliz, vou mudar de vida.

_____

74. No dia em que não me sentir mais feliz, vou mudar de vida.

_____

75. Todos os dias, chova ou faça sol, eu ia à cachoeira mais perto de casa.

_____

76. Pena era que os meninos estejam tão mal vestidos quando eu os visitei.

_____

77. Pena será se os meninos estejam mal vestidos quando eu os visitar.

_____

QUADRO DE DESINÊNCIAS MODO-TEMPORAIS E NÚMERO-PESSOAIS

Infinitivo impessoal	Gerúndio	Particípio
r	ndo	do/to/so

Número	Pessoa	Infinitivo Pessoal	Imperfeito do Indicativo	Imperfeito do Subjuntivo	Mais-q.-perf. do Indicativo	Futuro do Pretérito	Futuro do Subjuntivo
SING.	1ª	r	va ia	sse	ra	ia	r
	2ª	r es	va ia s	sse s	ra s	ia s	r es
	3ª	r	va ia	sse	ra	ia	r
PLUR.	1ª	r mos	va ia mos	sse mos	ra mos	ía mos	r mos
	2ª	r des	ve ie is	sse is	re is	íe is	r des
	3ª	r em	va ia m	sse m	ra m	ia m	r em

Prática

■ Observe as desinências no quadro anterior e responda **C** ou **E**.

78. ( ) **amado**, **coberto** e **aceso** são exemplos de particípio.
79. ( ) O particípio é variável em gênero (amada, coberta, acesa) e número (amados, cobertos, acesas).
80. ( ) A desinência **s**, no particípio, marca plural, como nos adjetivos: **belos**, **ricos**.
81. ( ) A terminação **s** sempre marca plural, tanto nos verbos, como nos nomes (substantivo, adjetivo...)
82. ( ) O gerúndio é variável em número e pessoa, porque é uma forma verbal.
83. ( ) O gerúndio é invariável em número e pessoa.
84. ( ) Existe um infinitivo variável em número e pessoa, e outro infinitivo invariável.
85. ( ) **Quando eu amar**... tem o verbo no infinitivo.
86. ( ) As formas verbais **amar**, **amardes** podem indicar infinitivo pessoal ou futuro do subjuntivo.
87. ( ) As formas verbais **quiser**, **quiserdes** podem indicar também infinitivo pessoal ou futuro do subjuntivo.
88. ( ) **Querer**, **quererdes** estão no infinitivo, assim como **quiser**, **quiserem** estão no futuro.
89. ( ) As desinências fixas **-r**, **-ndo**, **-va**, **-ia**, **-sse**, **-ra** indicam número (singular e plural) e pessoa (1ª, 2ª, 3ª).
90. ( ) As desinências fixas **-r**, **-ndo**, **-va**, **-ia**, **-sse**, **-ra** são modo-temporais, pois indicam modo e/ou tempo.
91. ( ) A desinência modo-temporal do imperfeito do indicativo pode ser **-va** (amá**va**mos) ou **-ia** (faz**ia**m).
92. ( ) Na 2ª pessoa do plural, o **-a** das desinências modo-temporais, por ser átono, transforma-se em **e** ao se juntar ao **i** da desinência número-pessoal **is**.
93. ( ) Amá**va**mos, amá**ve**is; puder**as**, pudé**re**is; pod**ia**m, pod**íe**is são exemplos que justificam a afirmação anterior.

VOZES VERBAIS

Veja esta cena:

Qualquer observador pode comunicar a ação que nela se passa. Se, inconscientemente, ele enfatiza a planta, possivelmente dirá:

— A **planta** está sendo regada pelo homem.

Se, contudo, ressalta o ser humano, provavelmente dirá:

— O **homem** está regando a planta.

O falante coloca como sujeito o que lhe parece ser mais importante, extrai-se daí que sujeito é posição de destaque psicológico. Quando se escolhe para sujeito o agente da ação, usa-se a **voz ativa** do verbo. Quando se emprega como sujeito o alvo ou paciente da ação, tem-se a **voz passiva**.

Prática

■ Compare estas cenas e responda:

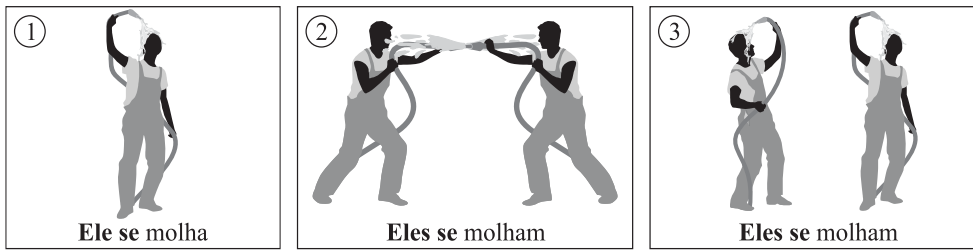

94. Em que cena(s) os pronomes **ele(s)** e **se** têm o mesmo referente, isto é, se referem ao mesmo indivíduo? Resp.: _____.
95. Em que cena(s) os pronomes **ele(s)** e **se** representam reciprocidade de ações, troca de ações? Resp.: _____.
96. Você classifica como **voz reflexiva recíproca** o verbo que se encontra na frase da cena número: _____.
97. Você denomina simplesmente **voz reflexiva** a do(s) verbo(s) que se encontra(m) na(s) cena(s) número: _____.
98. As frases 2 e 3 são iguais e ambíguas. Se dissermos "José e João se molham", ocorrerá novamente ambiguidade. Qual é o duplo sentido? Resp.: _____ _____.
99. Como se deve fazer para evitar ambiguidade com uso do verbo na voz reflexiva? Resp.: _____.

Observe os gráficos e assinale **C** ou **E** nos parênteses das afirmações a seguir.

Voz ativa

Sujeito só pratica a ação.

Voz passiva

Sujeito só recebe a ação.

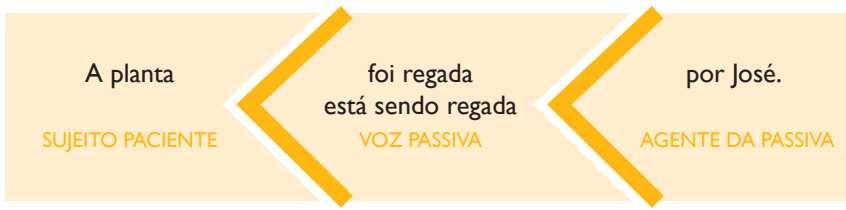

100. ( ) Voz ativa e passiva dizem exatamente a mesma coisa.
101. ( ) Voz ativa e passiva são visões diferentes de um mesmo fato.
102. ( ) Na voz ativa, o sujeito é agente da ação verbal.
103. ( ) Na voz passiva, o sujeito é paciente.
104. ( ) O verbo **ser** é usado como auxiliar da voz passiva.
105. ( ) Na passiva, o verbo **ser** assume o tempo e o modo do verbo principal da ativa.
106. ( ) O verbo principal da ativa, na passiva, vai para o particípio.

Voz passiva e passividade

Prática

■ Observe os exemplos de verbos destacados e responda **C** ou **E**.

Quando se fala em passividade, fala-se que o sujeito recebe e não pratica a ação verbal. Há, porém, verbos que denotam passividade mesmo na voz ativa:

I – Ele **recebeu** um presente.
II – Ele **doou** um presente.
III – Um presente **foi recebido** por ele.
IV – Um presente **foi doado** por ele.

107. ( ) Em I, o verbo denota passividade do sujeito.
108. ( ) Em II, o verbo denota atividade do sujeito.
109. ( ) Em III e IV, os sujeitos são pacientes e não agentes da ação verbal.
110. ( ) Os verbos de I, III e IV estão, portanto, na voz passiva.
111. ( ) Voz passiva não é a ideia de passividade, mas uma **forma** que o verbo assume.
112. ( ) O verbo assume a forma de voz passiva com a partícula apassivadora **se** ou com o auxiliar **ser**. (Alguns gramáticos aceitam também o verbo **estar** como auxiliar de voz passiva.)
113. ( ) Os verbos dos exemplos I e II estão na voz ativa, enquanto os das frases III e IV estão na voz passiva.

Voz passiva é uma **forma** verbal. Passividade é ideia. "Ele **recebeu** um presente" tem o verbo na forma ativa, embora traga ideia de passividade.

Voz passiva analítica

v. auxiliar + v. principal
ser no particípio

A casa **foi derrubada**.
ser + particípio

Voz passiva sintética

verbo + se *(apassivador)* **+ sujeito paciente**

Derrubou-se a casa.
sujeito paciente
apassivador

Voz reflexiva

Sujeito agente e objeto paciente representam a mesma pessoa.

José	feriu	-se.
SUJEITO AGENTE	VOZ REFLEXIVA	OBJETO PACIENTE

se representa José.

Voz reflexiva recíproca ou apenas recíproca

O sujeito representa dois ou mais seres que trocam ação entre si, por isso o verbo tem de estar no plural.

José e Daniela se beijaram.
Eles se beijaram.

O verbo tem capacidade de variar em voz:
Voz Ativa: o sujeito pratica a ação verbal;
Voz Passiva: o sujeito sofre a ação verbal;
Voz Reflexiva: o sujeito e o alvo da ação são o mesmo ser;
Voz Recíproca: há troca de ação entre dois ou mais seres.

Mudança de voz

Na mudança de voz, só se alteram o sujeito, o verbo e o objeto direto. Sublinhe-os e trabalhe só com eles. Todos os outros termos permanecem inalterados.

Passagem da ativa para a passiva analítica

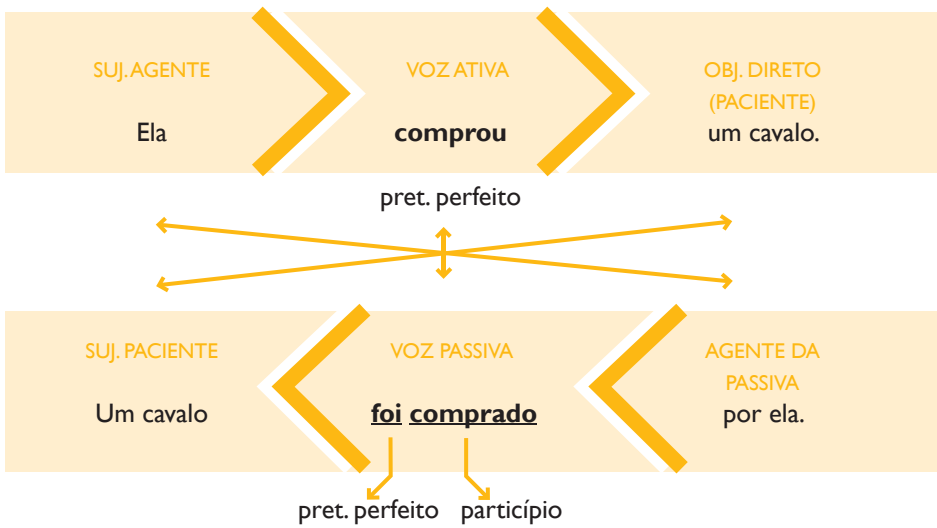

Prática

■ Julgue **C** ou **E**.

114. ( ) O objeto direto paciente da **ativa** (sem preposição) vira sujeito da **passiva**.
115. ( ) O sujeito agente (sem preposição) recebe a preposição **por** e vira agente da passiva.
116. ( ) O verbo da ativa vai para o **particípio** (comprado) tendo como auxiliar o verbo **ser**. O verbo **ser** acompanha o tempo do verbo da ativa (comprou = foi).

■ Transforme em **passiva analítica**.

117. Ele traz um presente. _____

118. Ela trará soluções. _____
119. Ela trazia perfume _____
120. Ela traria perfumes. _____

■ Siga o modelo.
Ela está trazendo um perfume.
Um presente está sendo trazido por ela.
121. Ela esteve trazendo uns presentes.
_____
122. Ela estará trazendo um presente.
_____
123. Ela estaria trazendo uns presentes.
_____
124. Ela deverá estar trazendo um presente.
_____

Conclusão:

Quando a locução verbal ativa termina em **gerúndio**, na passiva esse gerúndio vira particípio antecedido pelo gerúndio do verbo ser.

Passagem da ativa para a passiva sintética

SUJ. INDET.	VOZ ATIVA	OBJ. DIRETO (PACIENTE)
?	**Compraram**	um cavalo.

SUJ. PACIENTE	VOZ PASSIVA	AGENTE INDETERMINADO
Um cavalo	**comprou-se**	?

■ Observe e continue.

OBJ. DIRETO PACIENTE	→	**SUJEITO PACIENTE**
Trouxeram **um presente**.	→	Trouxe **um presente**.

125. Procuravam solução. → _____
126. Pediram um favor. → _____
127. Fabricarão barco aqui. → _____

OBJ. DIRETO PACIENTE	→	SUJEITO PACIENTE
Trouxeram **dois presentes**.	→	Trouxeram-se **dois presentes**.

128. Procuravam soluções. → _____
129. Pediriam uns presentes. → _____
130. Fabricarão barcos aqui. → _____

■ Observe e responda **C** ou **E**.

a. Falaram **de** você.
b. Alugam **por** centavos.
c. Pensam **em** reformas.
d. Falou-se **de** você.
e. Aluga-se **por** centavos.
f. Pensa-se **em** reformas.

131. ( ) No esquema anterior, só admite **voz passiva** a frase que na ativa tem objeto (direto) paciente.
132. ( ) Só existe **voz passiva** se existe sujeito paciente.
133. ( ) Os exemplos **c**, **d** e **e** estão na **voz passiva**.
134. ( ) Sujeito não começa por **preposição**.
135. ( ) Os exemplos **a**, **b** e **c** estão na **voz passiva**.
136. ( ) **a**, **b** e **c** não podem estar na voz passiva porque não têm **sujeito paciente**.
137. ( ) "**de** você", "**por** centavos", "**em** reformas" não podem ser objeto direto nem sujeito por causa das preposições.
138. ( ) Todas as frases, de **a** a **f**, têm, portanto, **sujeito indeterminado** e não têm voz passiva.

■ Quais as frases que estão na **voz passiva**? Se houver erro, corrija-o, fazendo o verbo concordar com o sujeito paciente.

139. Procura-se por líderes.
140. Procura-se líderes.
141. Não se falava em verdades.
142. Não se falava verdades.
143. Sacou-se da caneta.
144. Sacou-se a caneta.
145. Focou-se dois tatus.
146. Focou-se ao leão.

ASPECTOS VERBAIS

Incoativo, **inceptivo**: aspecto verbal que acrescenta ao significado do verbo a ideia de "início de ação".
... amanhecer, **entardecer...**

Frequentativo: acrescenta ao significado verbal a ideia de repetitividade.
Ela **costuma** vir aqui.
Saltitar.
Chorava **volta e meia**.

Atenção:

O aspecto frequentativo pode ser indicado por uma locução adverbial.

Causativos: verbos que denotam causa ou motivo da existência das orações que o seguem.
Deixava que o acariciassem.
Mandei-o sair.
Pedi que ela viesse.
Fizemos que ele concordasse.

Sensitivos: referem-se a um dos sentidos humanos (visão, audição...).
Eu a **vi** chorando.
Ouvimos a menina rezar.
Sentimos seu coração bater.

PARADIGMAS DAS TRÊS CONJUGAÇÕES REGULARES – TEMPOS SIMPLES

Infinitivo impessoal

1ª Amar 2ª Vender 3ª Partir

Modo indicativo

Presente do indicativo								
am		**o**	vend		**o**	part		**o**
am	**a**	**s**	vend	**e**	**s**	part	**e**	**s**
am	**a**		vend	**e**		part	**e**	
am	**a**	**mos**	vend	**e**	**mos**	part	**i**	**mos**
am	**a**	**is**	vend	**e**	**is**	part	**i**	**s**
am	**a**	**m**	vend	**e**	**m**	part	**e**	**m**

Prática

■ Leia três vezes em voz alta o quadro acima, observe-o atentamente e responda **C** ou **E**.

147. ( ) No presente do indicativo, a terminação da 1ª pessoa do singular é igual nas três conjugações.

148. ( ) Na 1ª e 2ª conjugação, as vogais temáticas se mantêm **a** e **e**, respectivamente, exceto na 1ª pessoa do singular.

149. ( ) Na terceira conjugação, a vogal temática, tirando-se a primeira pessoa do singular, aparece em forma de **e** ou **i**.

Pretérito perfeito do indicativo

am	**e**	**i**	vend		**i**	part		**i**
am	**a**	**ste**	vend	**e**	**ste**	part	**i**	**ste**
am	**o**	**u**	vend	**e**	**u**	part	**i**	**u**
am	(´) **á**	**mos**	vend	**e**	**mos**	part	**i**	**mos**
am	**a**	**stes**	vend	**e**	**stes**	part	**i**	**stes**
am	**a**	**ram**	vend	**e**	**ram**	part	**i**	**ram**

Prática

■ Leia três vezes em voz alta o quadro acima, observe-o atentamente e responda **C** ou **E**.

150. ( ) No pretérito perfeito do indicativo, as desinências pessoais são iguais nas três conjugações: **i**, **ste**, **u**, **mos**, **stes**, **ram**.

151. ( ) A vogal temática da 1ª conjugação, **a**, aparece alterada para **e** e **o** na 1ª e na 3ª pessoa do singular, respectivamente.

152. ( ) Na 2ª e na 3ª conjugação, as vogais temáticas **e** e **i**, na primeira pessoa do singular, desaparecem, pela proximidade da desinência **i**.

153. ( ) Nas outras pessoas da 2ª e da 3ª conjugação, as vogais temáticas se mantêm inalteradas.

154. ( ) Amamos ou amámos, no pretérito perfeito, são grafias e pronúncias corretas.

Pretérito imperfeito do indicativo

ama	**va**		vend	**ia**		part	**ia**	
ama	**va**	**s**	vend	**ia**	**s**	part	**ia**	**s**
ama	**va**		vend	**ia**		part	**ia**	
amá	**va**	**mos**	vend	**ía**	**mos**	part	**ía**	**mos**
amá	**ve**	**is**	vend	**íe**	**is**	part	**íe**	**is**
ama	**va**	**m**	vend	**ia**	**m**	part	**ia**	**m**

Prática

■ Leia três vezes em voz alta o quadro acima, observe-o atentamente e responda **C** ou **E**.

155. ( ) No pretérito imperfeito do indicativo, as desinências pessoais são iguais nas três conjugações: ∅, **s**, ∅, **mos**, **is**, **m**.

156. ( ) As desinências temporais são **va** para 1ª conjugação e **ia** para 2ª e 3ª conjugações.

157. ( ) As desinências temporais se mantêm inalteradas.
158. ( ) As desinências temporais antes de **i** trocam o **a** por **e**.
159. ( ) A desinência temporal **va** indica ação concluída no passado.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

ama	**ra**		vende	**ra**		parti	**ra**	
ama	**ra**	**s**	vende	**ra**	**s**	parti	**ra**	**s**
ama	**ra**		vende	**ra**		parti	**ra**	
amá	**ra**	**mos**	vendê	**ra**	**mos**	partí	**ra**	**mos**
amá	**re**	**is**	vendê	**re**	**is**	partí	**re**	**is**
ama	**ra**	**m**	vende	**ra**	**m**	parti	**ra**	**m**

Prática

■ Leia três vezes em voz alta o quadro acima, observe-o atentamente e responda **C** ou **E**.

160. ( ) No pretérito mais-que-perfeito do indicativo, as desinências pessoais são iguais nas três conjugações: ∅, **s**, ∅, **mos**, **is**, **m**.
161. ( ) As desinências temporais são as mesmas nas três conjugações (**ra**), e trocam o **a** por **e** apenas antes de **i**.
162. ( ) A desinência temporal **ra** indica que a ação foi praticada antes de outra ação praticada no passado.
163. ( ) O pretérito mais-que-perfeito se forma tirando-se o **m** final da 3ª pessoa do plural do pretérito perfeito (amara~~m~~, vendera~~m~~, partira~~m~~).

Futuro do presente do indicativo

amar	**ei**	vender	**ei**	partir	**ei**
amar	**ás**	vender	**ás**	partir	**ás**
amar	**á**	vender	**á**	partir	**á**
amar	**emos**	vender	**emos**	partir	**emos**
amar	**eis**	vender	**eis**	partir	**eis**
amar	**ão**	vender	**ão**	partir	**ão**

Prática

■ Leia três vezes em voz alta o quadro acima, observe-o atentamente e responda **C** ou **E**.

164. ( ) No futuro do presente do indicativo, as terminações são exatamente iguais nas três conjugações: **ei**, **ás**, **á**, **emos**, **eis**, **ão**.
165. ( ) Antigamente conjugava-se o verbo haver assim: **hei**, **hás**, **há**, **hemos**, **heis**, **hão**.
166. ( ) Pode-se perceber que o futuro do presente é infinitivo seguido do verbo haver no presente: **amar+hei**, **amar+hás**, **amar+há**, ... **amar+hão**, não se escrevendo o **h** porque não é pronunciado.

167. ( ) Também hoje se constrói o futuro com o presente do verbo haver + o infinitivo de outro verbo: **hei de amar**, **hás de amar**, **há de amar**...

168. ( ) O verbo **ir** também auxilia na formação de futuro: **vou** amar, **vais** amar, **vai** amar...

Futuro do pretérito do indicativo								
amar	**ia**		vender	**ia**		partir	**ia**	
amar	**ia**	**s**	vender	**ia**	**s**	partir	**ia**	**s**
amar	**ia**		vender	**ia**		partir	**ia**	
amar	**ía**	**mos**	vender	**ía**	**mos**	partir	**ía**	**mos**
amar	**íe**	**is**	vender	**íe**	**is**	partir	**íe**	**is**
amar	**ia**	**m**	vender	**ia**	**m**	partir	**ia**	**m**

Prática

■ Leia três vezes em voz alta o quadro acima, observe-o atentamente e responda **C** ou **E**.

169. ( ) No futuro do pretérito, após o **r** do infinitivo, as terminações são exatamente iguais nas três conjugações: **ia**, **ias**, **ia**, **íamos**, **íeis**, **iam**.

170. ( ) Só antes de **i** é que o **a** das terminações se transforma em **e**.

171. ( ) As terminações do futuro do pretérito se confundem com o imperfeito do verbo ir: **ia**, **ias**, **ia**, **íamos**, **íeis**, **iam**.

172. ( ) Pode-se fazer o futuro do pretérito com o imperfeito do verbo ir, antes do infinitivo: ia amar, ias amar, ia amar... (= amaria, amarias, amaria...).

O modo indicativo tem seis tempos:

Pretérito Perfeito	Presente	Futuro do Presente
Pretérito Imperfeito		
Pretérito Mais-que-perfeito		
Futuro do Pretérito		

Modo subjuntivo

Presente do subjuntivo (que eu...)								
am	**e**		vend	**a**		part	**a**	
am	**e**	**s**	vend	**a**	**s**	part	**a**	**s**
am	**e**		vend	**a**		part	**a**	
am	**e**	**mos**	vend	**a**	**mos**	part	**a**	**mos**
am	**e**	**is**	vend	**a**	**is**	part	**a**	**is**
am	**e**	**m**	vend	**a**	**m**	part	**a**	**m**

Prática

■ Sobre o presente do subjuntivo, assinale **C** ou **E**.

173. ( ) Na primeira conjugação, forma-se o presente do subjuntivo trocando-se o **o** da primeira pessoa do singular do presente do indicativo (am-**o**) por **e** (am**e**), que se repete em todas as pessoas.

174. ( ) Na segunda e na terceira conjugações, o presente do subjuntivo se forma trocando-se o **o** da primeira pessoa do presente do indicativo (vend**o**, part**o**) por **a**, (vend**a**, part**a**), que se mantém em todas as demais pessoas.

175. ( ) Nas três conjugações, as desinências pessoais são as mesmas (∅, **s**, ∅, **mos**, **is**, **m**).

176. ( ) O fato de a conjugação do presente do subjuntivo começar com **que eu...** significa que é usado como ideia secundária ou subordinada.

Pretérito imperfeito do subjuntivo (se eu...)		
ama **sse**	vende **sse**	parti **sse**
ama **sse s**	vende **sse s**	parti **sse s**
ama **sse**	vende **sse**	parti **sse**
amá **sse mos**	vendê **sse mos**	partí **sse mos**
amá **sse is**	vendê **sse is**	partí **sse is**
ama **sse m**	vende **sse m**	parti **sse m**

Prática

■ Relativamente ao pretérito imperfeito do subjuntivo, assinale **C** ou **E**.

177. ( ) Indica ação concluída do passado.

178. ( ) Nas três conjugações, é representado pela desinência temporal **sse**, que se mantém em todas as pessoas.

179. ( ) Nas três conjugações, as desinências pessoais são as mesmas (∅, **s**, ∅, **mos**, **is**, **m**).

180. ( ) É derivado da 3ª pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo, trocando-se o **ram** por **sse** (amar~~am~~ + sse; vender~~am~~ + sse; partir~~am~~ + sse).

181. ( ) O fato de começar com um **se** (se eu amasse...) pressupõe pertencer a uma oração subordinada.

Futuro do subjuntivo (quando eu...)		
ama **r**	vende **r**	parti **r**
ama **r es**	vende **r es**	parti **r es**
ama **r**	vende **r**	parti **r**
ama **r mos**	vende **r mos**	parti **r mos**
ama **r des**	vende **r des**	parti **r des**
ama **r em**	vende **r em**	parti **r em**

Prática

■ Em relação ao futuro do subjuntivo, assinale **C** ou **E**.

182. ( ) É também derivado da 3ª pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo, de que se tira a terminação **am** (amar~~am~~, vender~~am~~, partir~~am~~).

183. ( ) Nas três conjugações, usam-se as mesmas desinências pessoais (∅, **s**, ∅, **mos**, **des**, **em**).

184. ( ) Sua conjugação começa com um **quando** (quando eu chegar...), o que indica pertencer a uma ideia subordinada, e não principal.

185. ( ) É sempre igual ao infinitivo (**amar**: quando eu amar; **vender**: quando eu vender; **partir**: quando eu partir).

Modo imperativo

Afirmativo											
am	**a**		(tu)	vend	**e**		(tu)	part	**e**		(tu)
am	**e**		(você)	vend	**a**		(você)	part	**a**		(você)
am	**e**	**mos**	(nós)	vend	**a**	**mos**	(nós)	part	**a**	**mos**	(nós)
am	**a**	**i**	(vós)	vend	**e**	**i**	(vós)	part	**i**		(vós)
am	**e**	**m**	(vocês)	vend	**a**	**m**	(vocês)	part	**a**	**m**	(vocês)

Negativo											
não ame	**s**		(tu)	não venda	**s**		(tu)	não parta	**s**		(tu)
não ame			(você)	não venda			(você)	não parta			(você)
não ame	**mos**		(nós)	não venda	**mos**		(nós)	não parta	**mos**		(nós)
não ame	**is**		(vós)	não venda	**is**		(vós)	não parta	**is**		(vós)
não ame	**m**		(vocês)	não venda	**m**		(vocês)	não parta	**m**		(vocês)

Prática

■ Em referência ao imperativo, assinale **C** ou **E**.

186. ( ) Não possui 1ª pessoa do singular.

187. ( ) No quadro anterior, os sujeitos aparecem entre parênteses, porque, na verdade, não são pronunciados. Estão normalmente subentendidos.

188. ( ) Os sujeitos são sempre receptores.

189. ( ) O sujeito de **amemos** é o emissor.

Os sujeitos de **estudemos** nas frases seguintes referem-se a diferentes pessoas do discurso.

I – Ela quer que estudemos.

II – Estudemos, para saber.

■ Assinale **C** ou **E**.

190. ( ) Em I, o verbo está no presente do subjuntivo e refere-se a emissor (eu) e receptor (tu, vós, você...), podendo até incluir o referente (ela).
191. ( ) Em II, o verbo está no imperativo e coloca o emissor (eu) junto com o receptor (tu, vós, você...), mas não inclui o referente (ele, ela...)
192. ( ) No imperativo, o sujeito é sempre o receptor (a pessoa com quem se fala), pois, mesmo quando se usa o **nós**, é para convencer o receptor a tomar alguma atitude: "Estudemos para saber."

FORMAS NOMINAIS DO VERBO

Observe o quadro, leia as frases a seguir e responda **C** ou **E**.

INFINITIVO Funciona como substantivo	**IMPESSOAL** (sem sujeito)	**Viver** é **lutar**.
	PESSOAL (com sujeito)	Flexionado: É bom **estudares** (tu). Não flexionado: Estudamos para **vencer** (nós).
GERÚNDIO Funciona como adjetivo ou advérbio		Usava um pano **cobrindo** o rosto. ↳ que cobria... (oração adjetiva) **Lutando**, conseguiremos. ↳ se lutarmos (oração adverbial)
PARTICÍPIO Funciona como adjetivo ou forma tempo composto como verbo principal		O rapaz, **apaixonado**, confessou ↳ adjetivo que **tinha escrito** a poesia. ↳ particípio do verbo principal (tempo composto)

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

193. ( ) **Infinitivo**, **gerúndio** e **particípio** são formas nominais dos verbos.
194. ( ) **Indicativo**, **subjuntivo** e **imperativo**, consequentemente, são formas verbais.
195. ( ) As formas nominais do verbo são assim chamadas porque podem funcionar como **nomes** (substantivo, adjetivo, advérbio).
196. ( ) O **particípio** é usado na formação dos tempos compostos.
197. ( ) "Ela foi **escolhida**". A palavra destacada é um adjetivo.
198. ( ) A palavra destacada no item anterior é um **particípio** formando uma voz passiva com o verbo auxiliar **ser**.

Prática

■ Leia em voz alta três vezes o quadro a seguir, para treinar o ouvido, e assinale **C** ou **E** nas afirmações seguintes.

Formas nominais

Infinitivo impessoal					
ama	**r**	vende	**r**	parti	**r**

Infinitivo pessoal					
ama	**r**	vende	**r**	parti	**r**
ama	**r es**	vende	**r es**	parti	**r es**
ama	**r**	vende	**r**	parti	**r**
ama	**r mos**	vende	**r mos**	parti	**r mos**
ama	**r des**	vende	**r des**	parti	**r des**
ama	**r em**	vende	**r em**	parti	**r em**

Gerúndio					
ama	**ndo**	vende	**ndo**	parti	**ndo**

Particípio					
ama	**do**	vendi	**do**	parti	**do**

"**Amar**, **vender** e **partir** é sempre bom."

199. ( ) Os verbos em negrito da frase acima estão no infinitivo impessoal.
200. ( ) O infinitivo sugere ações desvinculadas da ideia de tempo (presente, pretérito, futuro), isto é, as ações são postas na atemporalidade.
201. ( ) Quando se diz que o infinitivo é impessoal, é porque não indica o sujeito da ação.

"**Partires** é bom."

202. ( ) O verbo em negrito da frase acima está no infinitivo pessoal.
203. ( ) Infinitivo, porque não delimita a ação no tempo.
204. ( ) **Pessoal**, porque indica o sujeito (tu).

205. ( ) No infinitivo pessoal, nas três conjugações, as desinências pessoais são as mesmas.
206. ( ) A desinência que marca o infinitivo, nas três conjugações, é **r**, em todos os verbos, regulares e irregulares.

"Ele encontrou os rapazes **chorando**."

207. ( ) O verbo em negrito está no gerúndio.
208. ( ) O gerúndio indica um tempo definido e estático.
209. ( ) O gerúndio, como o infinitivo, indica tempo em desenvolvimento, em andamento.
210. ( ) A desinência que marca o gerúndio é **ndo**, para as três conjugações, em todos os verbos, regulares ou irregulares.

"Ele encontrou os inimigos **reunidos**."

211. ( ) O verbo negritado está no particípio.
212. ( ) A desinência indicadora de particípio, nos verbos regulares, é **do**.
213. ( ) O particípio funciona como adjetivo e varia em gênero e número.
214. ( ) Trata-se da única forma do verbo que varia em gênero.

CONJUGAÇÃO DOS VERBOS TER, HAVER, SER E ESTAR

Antes de estudar os tempos compostos, é importantíssimo saber a conjugação de quatro verbos que costumam aparecer como auxiliares: **ter**, **haver**, **ser** e **estar**. Conjugue-os em voz alta três vezes para educar o ouvido.

Modo indicativo

Presente do indicativo			
tenho	hei	sou	estou
tens	hás	és	estás
tem	há	é	está
temos	havemos	somos	estamos
tendes	haveis	sois	estais
têm	hão	são	estão

Pretérito imperfeito do indicativo			
tinha	havia	era	estava
tinhas	havias	eras	estavas
tinha	havia	era	estava
tínhamos	havíamos	éramos	estávamos
tínheis	havíeis	éreis	estáveis
tinham	haviam	eram	estavam

Pretérito perfeito do indicativo			
tive	houve	fui	estive
tiveste	houveste	foste	estiveste
teve	houve	foi	esteve
tivemos	houvemos	fomos	estivemos
tivestes	houvestes	fostes	estivestes
tiveram	houveram	foram	estiveram

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo			
tivera	houvera	fora	estivera
tiveras	houveras	foras	estiveras
tivera	houvera	fora	estivera
tivéramos	houvéramos	fôramos	estivéramos
tivéreis	houvéreis	fôreis	estivéreis
tiveram	houveram	foram	estiveram

Futuro do pretérito do indicativo			
teria	haveria	seria	estaria
terias	haverias	serias	estarias
teria	haveria	seria	estaria
teríamos	haveríamos	seríamos	estaríamos
teríeis	haveríeis	seríeis	estaríeis
teriam	haveriam	seriam	estariam

Futuro do presente do indicativo			
terei	haverei	serei	estarei
terás	haverás	serás	estarás
terá	haverá	será	estará
teremos	haveremos	seremos	estaremos
tereis	havereis	sereis	estareis
terão	haverão	serão	estarão

Modo subjuntivo

Presente do subjuntivo			
tenha	haja	seja	esteja
tenhas	hajas	sejas	estejas
tenha	haja	seja	esteja
tenhamos	hajamos	sejamos	estejamos
tenhais	hajais	sejais	estejais
tenham	hajam	sejam	estejam

Pretérito imperfeito do subjuntivo			
tivesse	houvesse	fosse	estivesse
tivesses	houvesses	fosses	estivesses
tivesse	houvesse	fosse	estivesse
tivéssemos	houvéssemos	fôssemos	estivéssemos
tivésseis	houvésseis	fôsseis	estivéssseis
tivessem	houvessem	fossem	estivessem

Futuro do subjuntivo			
tiver	houver	for	estiver
tiveres	houveres	fores	estiveres
tiver	houver	for	estiver
tivermos	houvermos	formos	estivermos
tiverdes	houverdes	fordes	estiverdes
tiverem	houverem	forem	estiverem

Modo imperativo

Afirmativo			
tem (tu)	(desusado)	sê (tu)	está (tu)
tenha (você)	haja (você)	seja (você)	esteja (você)
tenhamos (nós)	hajamos (nós)	sejamos (nós)	estejamos (nós)
tende (vós)	havei (vós)	sede (vós)	estai (vós)
tenham (vocês)	hajam (vocês)	sejam (vocês)	estejam (vocês)

Negativo	
não tenhas (tu)	não sejas (tu)
não tenha (você)	não seja (você)
não tenhamos (nós)	não sejamos (nós)
não tenhais (vós)	não sejais (vós)
não tenham (vocês)	não sejam (vocês)
não hajas (tu)	não estejas (tu)
não haja (você)	não esteja (você)
não hajamos (nós)	não estejamos (nós)
não hajais (vós)	não estejais (vós)
não hajam (vocês)	não estejam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal			
ter	haver	ser	estar

Infinitivo pessoal			
ter	haver	ser	estar
teres	haveres	seres	estares
ter	haver	ser	estar
termos	havermos	sermos	estarmos
terdes	haverdes	serdes	estardes
terem	haverem	serem	estarem

Gerúndio			
tendo	havendo	sendo	estando

Particípio			
tido	havido	sido	estado

Uso de ter, haver, ser e estar como auxiliares

Prática

■ Observe as frases e responda **C** ou **E**.

I – Ele havia adquirido um belo relógio.
II – Ele tem escrito belos poemas.
III – Ela foi cercada pelos colegas.
IV – Ela estava cercada pelos colegas.

215. ( ) Em I e II, os auxiliares **haver** e **ter** são formadores de voz passiva, porque os sujeitos recebem a ação verbal.
216. ( ) Em III e IV, os auxiliares **ser** e **estar** formam voz passiva.
217. ( ) **ter** e **haver** são auxiliares de voz ativa; **ser** auxilia na formação de voz passiva.
218. ( ) O auxiliar **estar** não forma voz passiva, mas pode conferir à frase noção de passividade: **Ela estava cercada**.

Ter e **haver** auxiliam a formação de tempos compostos de voz ativa. **Ser** é o verbo escolhido para auxiliar a formação da voz passiva. O verbo **estar**, quando auxiliar, introduz noção de passividade na frase.

PARADIGMA DAS TRÊS CONJUGAÇÕES REGULARES – TEMPOS COMPOSTOS

Modelos: **ter amado; ter vendido; ter partido**.

Modo indicativo

Perfeito *(pres. + particípio)*		
tenho amado	tenho vendido	tenho partido

Mais-que-perfeito *(imperf. + particípio)*		
tinha amado	tinha vendido	tinha partido

Futuro do presente *(fut. + particípio)*		
terei amado	terei vendido	terei partido

Futuro do pretérito *(fut. pret. + particípio)*		
teria amado	teria vendido	teria partido

Modo subjuntivo

Mais-que-perfeito *(imperf. + particípio)*		
tivesse amado	tivesse vendido	tivesse partido

Futuro *(fut. + particípio)*		
tiver amado	tiver vendido	tiver partido

Prática

■ Observe os dois quadros anteriores e responda **C** ou **E**.

219. ( ) Os tempos compostos de voz ativa constroem-se com o verbo auxiliar **ter** seguido do particípio do verbo principal.

220. ( ) **Tenho vendido** é exemplo de pretérito perfeito composto, mas sugere uma ação que se repete até o presente.

221. ( ) "Quando cheguei, você **tinha saído**." "Quando eu cheguei, você **saíra**." Os dois verbos destacados estão no mais-que-perfeito.
222. ( ) O mais-que-perfeito composto se constrói com o auxiliar no imperfeito.
223. ( ) **Tinha saído** é hoje muito mais usado que **saíra**.
224. ( ) Os futuros compostos têm o auxiliar no futuro: o futuro do presente apresenta auxiliar no futuro do presente; o futuro do pretérito usa o auxiliar no futuro do pretérito.

PARADIGMA DA VOZ PASSIVA

Modelo: **ser amado**

Modo Indicativo

Presente	Pretérito imperfeito
sou amado(a)	era amado(a)
és amado(a)	eras amado(a)
é amado(a)	era amado(a)
somos amados(as)	éramos amados(as)
sois amados(as)	éreis amados(as)
são amados(as)	eram amados(as)

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

225. ( ) A voz passiva se faz com o verbo auxiliar **ser** e o particípio do verbo principal.
226. ( ) Os tempos da voz passiva, quando formados com mais de um verbo, são tempos compostos.
227. ( ) Na voz passiva, define-se o tempo pelo verbo auxiliar.
228. ( ) Na voz passiva, o particípio varia em gênero e número (amado/a/s) para concordar com o sujeito.

Continue a observar a formação dos tempos na voz passiva, que podem ter o verbo auxiliar em tempo simples ou composto.

Modo Indicativo

Pretérito perfeito (auxiliar simples)	Pretérito perfeito (auxiliar composto)
fui amado(a)	tenho sido amado(a)
foste amado(a)	tens sido amado(a)
foi amado(a)	tem sido amado(a)
fomos amados(as)	temos sido amados(as)
fostes amados(as)	tendes sido amados(as)
foram amados(as)	têm sido amados(as)

Pretérito mais-que-perfeito (auxiliar simples)	Pretérito mais-que-perfeito (auxiliar composto)
fora amado(a)	tinha sido amado(a)
foras amado(a)	tinhas sido amado(a)
fora amado(a)	tinha sido amado(a)
fôramos amados(as)	tínhamos sido amados(as)
fôreis amados(as)	tínheis sido amados(as)
foram amados(as)	tinham sido amados(as)

Futuro do pretérito (auxiliar simples)	Futuro do pretérito (auxiliar composto)
seria amado(a)	teria sido amado(a)
serias amado(a)	terias sido amado(a)
seria amado(a)	teria sido amado(a)
seríamos amados(as)	teríamos sido amados(as)
seríeis amados(as)	teríeis sido amados(as)
seriam amados(as)	teriam sido amados(as)

Futuro do presente (auxiliar simples)	Futuro do presente (auxiliar composto)
serei amado(a)	terei sido amado(a)
serás amado(a)	terás sido amado(a)
será amado(a)	terá sido amado(a)
seremos amados(as)	teremos sido amados(as)
sereis amados(as)	tereis sido amados(as)
serão amados(as)	terão sido amados(as)

Modo Subjuntivo

Presente	Pretérito imperfeito
seja amado(a)	fosse amado(a)
sejas amado(a)	fosses amado(a)
seja amado(a)	fosse amado(a)
sejamos amados(as)	fôssemos amados(as)
sejais amados(as)	fôsseis amados(as)
sejam amados(as)	fossem amados(as)

Pretérito perfeito	Pretérito mais-que-perfeito
tenha sido amado(a)	tivesse sido amado(a)
tenhas sido amado(a)	tivesses sido amado(a)
tenha sido amado(a)	tivesse sido amado(a)
tenhamos sido amados(as)	tivéssemos sido amados(as)
tenhais sido amados(as)	tivésseis sido amados(as)
tenham sido amados(as)	tivessem sido amados(as)

Futuro (auxiliar simples)	Futuro (auxiliar composto)
for amado(a)	tiver sido amado(a)
fores amado(a)	tiveres sido amado(a)
for amado(a)	tiver sido amado(a)
formos amados(as)	tivermos sido amados(as)
fordes amados(as)	tiverdes sido amados(as)
forem amados(as)	tiverem sido amados(as)

Formas nominais

Infinitivo impessoal presente	Infinitivo impessoal pretérito
ser amado(a)	ter sido amado(a)

Infinitivo pessoal presente	Infinitivo pessoal pretérito
ser amado(a)	ter sido amado(a)
seres amado(a)	teres sido amado(a)
ser amado(a)	ter sido amado(a)
sermos amados(as)	termos sido amados(as)
serdes amados(as)	terdes sido amados(as)
serem amados(as)	terem sido amados(as)

Gerúndio presente	Gerúndio pretérito
sendo amado(a)(os)(as)	tendo sido amado(a)(os)(as)

Particípio
amado(a)(os)(as)

Prática

■ Observando o paradigma visto de conjugação da voz passiva, responda **C** ou **E**.

229. ( ) A única forma simples da voz passiva analítica é o particípio.
230. ( ) Em todas as demais formas, a voz passiva analítica é composta por dois ou mais verbos.

■ Compare as duas formas seguintes e responda **C** ou **E**.

I – É melhor **ser amado** que **estar sendo amado**.
II – Eu não **estou sendo amado**, eu **sou amado**.

231. ( ) Em todas as formas, o verbo **ser** é responsável pela formação da voz passiva.
232. ( ) Em II, as ações estão sendo consideradas no presente.
233. ( ) Em II, **estou sendo** e **sou** têm o mesmo sentido.
234. ( ) **Sou amado** traz noção de continuidade, enquanto **estou sendo amado** conota transitoriedade.
235. ( ) Em I, acontece a mesma ideia. O verbo **estar** contribui com a noção de transitoriedade, momentaneidade, e o **ser** transmite continuidade, permanência.

FORMAS RIZOTÔNICAS E ARRIZOTÔNICAS

Prática

■ Compare os quadros e assinale **C** ou **E**.

RADICAL	DESINÊNCIA	RADICAL	DESINÊNCIA
est**u**d	o	estud	**a**mos
est**u**d	as	estud	**a**is
est**u**d	a/am		
RIZOTÔNICAS		ARRIZOTÔNICAS	

236. ( ) **riz(o)** significa **raiz**, **radical**.
237. ( ) **Radical**, ou **raiz**, é onde reside o significado-base da palavra.
238. ( ) **Tônico** significa **forte**.
239. ( ) **Rizotônica** significa que a **vogal tônica está dentro do radical**.
240. ( ) **Arrizotônica** é a forma que tem a **vogal tônica fora do radical**.

Formas rizotônicas são as que apresentam vogal tônica no radical (**a**m-o, **a**m-as). Formas arrizotônicas são as que têm a vogal tônica fora do radical (am-**e**i, am-**a**mos).

DEFINIÇÃO ABRANGENTE DE VERBO

Verbo é a palavra que apresenta o maior número de variações (pessoa, número, tempo, modo, voz) e exprime ideia de ação, estado ou fenômeno.

LOCUÇÃO VERBAL

Verbos auxiliares e verbo principal

VERBOS AUXILIARES	+	VERBO PRINCIPAL	
Vou		amando	gerúndio
Estarei		chegando	
Vais		entender	infinitivo
Teria	de	aprender	
Fiquei	a	observar	
Deverei ter		passado	particípio
Podemos ter sido		aprovados	

Prática

Assinale **C** ou **E** em relação ao quadro anterior.

241. ( ) "Vou amando", "Teria de aprender", "Podemos ter sido aprovados": cada um desses conjuntos de dois ou mais verbos funciona como se fosse um verbo só.
242. ( ) Cada locução verbal apresenta uma só palavra (verbo) como principal.
243. ( ) Na locução verbal, pode haver um ou mais verbo(s) auxiliar(es).
244. ( ) As locuções verbais podem ter ou não a presença de preposição.
245. ( ) Em locução verbal, o verbo principal estará no gerúndio, no infinitivo ou no particípio.
246. ( ) Em "Podemos ter **sido** aprovados", o verbo em negrito é o verbo principal.
247. ( ) O verbo **ser** na locução verbal é indicador de voz passiva.
248. ( ) São locuções verbais: começou a chorar, andou falando, deixou de falar, acabou-se convencendo, voltou a incomodar, podia supor, pôs-se a cantar, tornou a sorrir, vai começar a amar.

Locução verbal: dois ou mais verbos com ideia de um só verbo.

FORMAÇÃO DOS TEMPOS E MODOS

Derivado do presente do indicativo

Presente do subjuntivo

TEMPO PRIMITIVO	→	TEMPO DERIVADO
PRESENTE DO INDICATIVO		PRESENTE DO SUBJUNTIVO

1ª pessoa do singular			
~~o~~	→	**e** 1ª conj.	**a** 2ª e 3ª conj.

Prática

■ Preencha as lacunas.

		am**ar**	**ler**	fug**ir**
		eu amo	eu leio	eu fujo
249.	que eu	am _____	lei _____	fuj _____
250.	que tu	am _____	lei _____	fuj _____
251.	que ele	am _____	lei _____	fuj _____
252.	que nós	am _____	lei _____	fuj _____
253.	que vós	am _____	lei _____	fuj _____
254.	que eles	am _____	lei _____	fuj _____

O presente do subjuntivo se forma do presente do indicativo. Na primeira conjugação, o **o** do presente do indicativo se transforma em **e** (cont**o** → cont**e**); na segunda e na terceira conjugação, o **o** do indicativo vira **a** (tenh**o** → tenh**a**; sai**o** → sai**a**).

Derivados dos presentes do indicativo e do subjuntivo

Imperativos afirmativo e negativo

	Primitivo	Modo derivado		Primitivo
		Imperativo		
	Presente do indicativo	Afirmativo	Negativo	Presente do subjuntivo
1ª	eu amo	———	———	ame
2ª	tu amas (~~s~~)	ama (tu)	não ames (tu)	ames
3ª	ele ama	ame (você)	não ame (você)	ame
1ª	nós amamos	amemos (nós)	não amemos (nós)	amemos
2ª	vós amais (~~s~~)	amai (vós)	não ameis (vós)	ameis
3ª	eles amam	amem (vocês)	não amem (vocês)	amem

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, em relação ao quadro anterior.

255. ( ) O **imperativo afirmativo** deriva do presente do indicativo e do presente do subjuntivo.
256. ( ) No **imperativo**, não há 1ª pessoa.
257. ( ) No **imperativo**, não há 1ª pessoa do singular, porque ninguém dá ordem a si mesmo.
258. ( ) No imperativo, o **nós** representa o(s) receptor(es) e inclui o emissor. "Comecemos por aqui".
259. ( ) No imperativo, **não existe sujeito ele(s)**, porque não se dá ordem diretamente à pessoa de quem se fala.
260. ( ) Os sujeitos do imperativo são sempre **receptores**.
261. ( ) O **imperativo negativo** deriva do presente do indicativo e do presente do subjuntivo.
262. ( ) **Tu** e **vós** do **imperativo afirmativo** se originam de **tu** e **vós** do presente do indicativo, eliminado-se o **s** final.
263. ( ) As demais pessoas do **imperativo afirmativo** (**você**, **nós**, **vocês**) são iguais ao **presente do subjuntivo**.
264. ( ) Todo o **imperativo negativo** é igualzinho ao presente do subjuntivo.

No imperativo, não há primeira pessoa do singular.
No **imperativo afirmativo**, **tu** e **vós** são iguais ao tu e vós do presente do indicativo, sem os **s** finais: amas~~s~~ → ama; amais~~s~~ → amai.
No **imperativo negativo**, todas as pessoas são iguais às do presente do subjuntivo.

■ Forme o imperativo do verbo.

	correr			
265. (tu)	_____	não	_____	(tu)
266. (você)	_____	não	_____	(você)
267. (nós)	_____	não	_____	(nós)
268. (vós)	_____	não	_____	(vós)
269. (vocês)	_____	não	_____	(vocês)

270. Passe para a **3ª do singular**.
Namora, vibra, corre, pula, diverte-te à vontade.
Resp.: _____

271. Passe a frase anterior para o **negativo** (2ª pessoa do singular).
Resp.: _____

272. Passe para a 2ª do **plural**.
Divirta-se, mas não se esgote.
Resp.: _____

Derivados do pretérito perfeito

Mais-que-perfeito do indicativo, futuro e imperfeito do subjuntivo

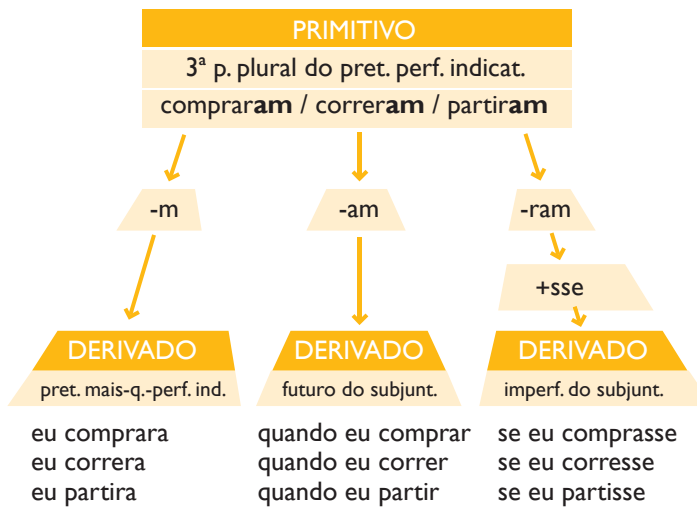

Prática

■ Observe o quadro anterior e conjugue o verbo **poder** nos seguintes tempos e modos.

	Pret. mais-que-perf. ind.	Futuro do subjuntivo	Imperf. do subjuntivo
273. eu	_____	_____	_____
274. tu	_____	_____	_____
275. ele	_____	_____	_____
276. nós	_____	_____	_____
277. vós	_____	_____	_____
278. eles	_____	_____	_____

■ Conjugue os verbos relacionados na **primeira pessoa do singular**.

	Pret. mais-que-perf. ind.	Futuro do subjuntivo	Imperf. do subjuntivo
279. querer	_____	_____	_____
280. ver	_____	_____	_____
281. vir	_____	_____	_____
282. haver	_____	_____	_____
283. caber	_____	_____	_____

Tempos derivados da 3ª pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo:
Mais-que-perfeito do indicativo: forma-se com a queda do **m** da 3ª p. plural (amaram ➜ amara);
Futuro do subjuntivo: forma-se com a queda do **am** da 3ª p. plural (amaram ➜ quando eu amar);
Imperfeito do subjuntivo: forma-se trocando o **ram** da 3ª p. plural por **-sse** (amaram ➜ ama**sse**).

Derivados do infinitivo impessoal

PRIMITIVO	Processo de derivação			DERIVADOS
INFINITIVO IMPESSOAL comprar/correr/partir	**RADICAL**			IMPERF. (indicativo)
	compr	+ ava	=	1ª conj. compr**ava**
	corr part	+ ia	=	2ª conj. corr**ia** 3ª conj. part**ia**
	+ ei	=		FUT. DO PRESENTE (indicativo) compraré**i** / correre**i** / partire**i**
	+ ia	=		FUT. DO PRETÉRITO (indicativo) compra**ria** / corre**ria** / parti**ria**
	RADICAL			PARTICÍPIO
	compr	+ ado	=	1ª conj. compr**ado**
	corr part	+ ido	=	2ª conj. corr**ido** 3ª conj. part**ido**
	TEMA			GERÚNDIO
	compra corre parti	+ ndo	=	compra**ndo** corre**ndo** parti**ndo**
	+ Desinência número-pessoal		=	INFINITIVO PESSOAL comprar (eu) compra**res** (tu) comprar (ele) compra**rmos** (nós) compra**rdes** (vós) compra**rem** (eles)

Prática

■ Conjugue em voz alta os verbos **estudar**, **entender** e **suprir** nos tempos:

1) PRET. IMPERFEITO DO INDICATIVO	4) PARTICÍPIO
2) FUTURO DO PRESENTE DO INDICATIVO	5) GERÚNDIO
3) FUTURO DO PRETÉRITO	6) INFINITIVO PESSOAL

CLASSIFICAÇÃO DO VERBO QUANTO AO MODELO DE CONJUGAÇÃO

Verbo regular

Segue o modelo ou paradigma de sua conjugação: **amar**, **vender**, **partir**.

Verbo irregular

Foge ao modelo de sua conjugação: **ouvir**: ou**ço**; **estar**: est**ou**; **ir**: **vou**.

Irregularidade e variação gráfica

Prática

■ Observe e responda **C** ou **E**.

Fiquei sem poder ficar.
Cheguei sem poder chegar.
Extingo sem poder extiguir.

284. ( ) No verbo **ficar**, o **c** se transforma em **qu** antes de **e**, para mostrar que a pronúncia não muda.
285. ( ) No verbo **chegar**, o **g** se transforma em **gu** antes de **e**, para representar a mesma pronúncia.
286. ( ) No verbo **extinguir**, o **gu** se transforma em **g** antes de **o** ou **a**, porque a pronúncia não se altera.
287. ( ) Nos casos vistos, a variação gráfica serve para confirmar a regularidade da pronúncia de verbos regulares.
288. ( ) É o mesmo que acontece com **atiçar**, que perde a cedilha em **aticemos**.

Na 1ª conjugação, radicais terminados em **c**, **ç** e **g** transformam essas letras em **qu**, **c** e **gu** antes de **e**.
Na 2ª e na 3ª conjugação, radicais terminados em **c**, **g** e **qu** trocam essas letras por **qu**, **gu** e **c** antes de **a** e **o**.
Tais variações gráficas existem para comprovar a regularidade desses verbos.

Metafonia ou alteração de timbre vocálico

Prática

■ Observe a pronúncia das vogais destacadas e responda **C** ou **E**.
l**e**vo, l**e**vais;
f**e**rvo, f**e**rves.

289. ( ) Em **levo** e **fervo**, as vogais do radical são abertas.
290. ( ) Em **levo** e **ferves**, as vogais dos radicais são abertas.
291. ( ) Em **levais** e **levo**, a vogal **e** do radical altera timbre fechado com timbre aberto.
292. ( ) Não há alteração de timbre vocálico entre as formas **fervo** e **ferves**.
293. ( ) **levas**, **levo**, **fervo**, **ferves** são formas rizotônicas.
294. ( ) Nas formas rizotônicas, a variação de timbre vocálico é comum em Português e se chama **metafonia**.
295. ( ) A metafonia não é considerada irregularidade verbal.

Metafonia é alternância de timbre vocálico que ocorre nas formas rizotônicas: t**o**car: t**o**co; d**e**ver: d**e**ves; qu**e**rer: qu**e**ro.

Como saber se um verbo é regular

Para saber se um verbo é regular, basta conjugá-lo na 1ª pessoa do singular do presente e do pretérito perfeito do indicativo. Se nessas pessoas ele seguir o paradigma da sua conjugação, é um verbo regular.

Verbo anômalo

Apresenta mais de um radical: **ser**: sou, fui, era; **ir**: vou, fui, ia.

Há autores que consideram anômalos qualquer verbo que apresente fortes mudanças em seu radical. Por exemplo:

dar: **de**i, **dav**a, **dar**ei, **dad**o
ter: **tenh**o, **tiv**e, **ter**ei, **tid**o
haver: **he**i, **hav**ia, **hou**ve
poder: **poss**o, **pod**ia, **pud**e
vir: **venh**o, **vir**ei, **vi**er
ver: **vej**o, **v**i, verei, **vis**to
caber: **caib**o, **coub**e, **cab**ia
dizer: **dig**o, **diss**e, **diz**ia, **dit**o
saber: **sab**ia, **soub**e, saiba
pôr: **ponh**o, **pus**er, **por**ei

Verbo defectivo

Não tem todas as formas: **reaver**, **colorir**, **precaver-se**, **abolir**...

Verbo unipessoal

Só se conjuga na 3ª pessoa (singular e plural), como no caso das **vozes de animais: coaxa(m), crocita(m)**.

Verbo impessoal

Só se conjuga na 3ª pessoa, mas não tem sujeito:
Fenômenos naturais: **chove**, **amanhece**.
Haver com ideia de **existir**: **Há** soluções para tudo.
Alguns verbos relacionados a tempo: **Faz** dezoito anos que...

A respeito de defectivos, unipessoais e impessoais

Defectivos

São verbos em cuja conjugação faltam formas, por várias razões, entre as quais, cacofonia, modismo, significação. As listas desses verbos variam entre os autores, em função da época em que se constituíram os registros falados, do nível sociocultural e até econômico dos falantes, inclusive da visão política do gramático. Costumam ser divididos em cinco grupos:

1. **os que não aceitam o ou a após o radical**, por isso não têm a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, não têm todo o presente do subjuntivo, não têm a(s) pessoa(s) **você(s)** do imperativo afirmativo, não têm todo o imperativo negativo (*vide* **abolir**, **carpir**, **demolir**);

2. **os arrizotônicos da 3ª conjugação**, que só se conjugam nas formas em que ao radical se segue a letra **i**. Por isso, no presente do indicativo só têm as pessoas **nós** e **vós**; não têm todo o presente do subjuntivo; não têm imperativo negativo; do imperativo afirmativo, só têm a pessoa **vós** (*vide* **falir**, **florir**, **adir)**;

3. os que, pelo significado, **não podem ter imperativo** (*vide* **acontecer**, **caber**, **poder**);

4. os que, pelo significado, **só se conjugam na voz recíproca**, tendo, portanto, só as pessoas do plural: **entreolhamo-nos**, **entreolhais-vos**, **entreolham-se**;

5. **os que têm particularidades especiais** (*vide* **adequar**, **precaver-se**, **reaver**, **grassar**).

Unipessoais

São verbos conjugáveis só nas 3as pessoas, como as onomatopeias referentes às vozes dos animais, porque normalmente os animais são **referentes**, isto é, **seres de que se fala**.

Impessoais

São verbos que, conforme o prefixo **im** sugere, não têm pessoa, ou seja, não se referem a um sujeito. *Vide Análise Sintática Visual*, Quadro das Orações sem Sujeito.

As fronteiras entre esses três tipos de classificação são instáveis e polêmicas, o que evidencia certa postura subjetiva. A verdade é que a gramática, mesmo a normativa, deve estar atenta para não limitar ou tentar cercear a linguagem figurada, a licença poética, a criatividade de expressão, que podem reverter ou modificar a situação do verbo e até conjugá-lo em todos os tempos e modos:

O menino **choveu** na cama.
Eu **miei** de medo.
Caiba você nos nossos moldes, ou será demitido.

Verbo abundante

Tem, pelo menos, duas formas equivalentes:
aceitar: aceitado, aceito, aceite.
haver: havemos, hemos.
construir: constrói, construi.

A respeito de abundantes

1. A abundância acontece com mais frequência no particípio, com vários verbos apresentando um particípio regular (terminado em ado/ido) e um ou mais irregulares.
2. O particípio regular é invariável (**ele** tinha aceit**ado**; **elas** haviam aceit**ado**).
3. O particípio irregular varia em gênero e número: **ele** foi aceit**o**; **elas** foram aceit**as**.
4. O particípio irregular funciona como adjetivo também: regra **aceita**.
5. Quanto ao uso do particípio regular e do irregular, *vide* pág. 215.
6. Autores modernos têm dado preferência ao uso do particípio irregular, por ser mais sucinto, e têm-no usado indiferentemente para voz passiva ou ativa.

Relação de verbos abundantes no particípio

Não há unanimidade em relação às formas entre parênteses, que são vistas por alguns gramáticos como **adjetivos**.

absolver _____ absolvido, (absolto)
aceitar _____ aceitado, aceito, aceite
acender _____ acendido, aceso

anexar _____ anexado, (anexo)
assentar _____ assentado, assento, assente
benzer _____ benzido, bento
concluir _____ concluído, concluso
contundir _____ contundido, (contuso)
despertar _____ despertado, desperto
dispersar _____ dispersado, disperso
eleger _____ elegido, eleito
emergir _____ emergido, emerso
entregar _____ entregado, entregue
envolver _____ envolvido, envolto
enxugar _____ enxugado, enxuto
erigir _____ erigido, (ereto)
expelir _____ expelido, (expulso)
expressar _____ expressado, expresso
exprimir _____ exprimido, expresso
expulsar _____ expulsado, (expulso)
extinguir _____ extinguido, extinto
fartar _____ fartado, farto
findar _____ findado, findo
frigir _____ frigido, frito
ganhar _____ ganhado, ganho
gastar _____ gastado, gasto
imergir _____ imergido, imerso
imprimir _____ imprimido, impresso
incluir _____ incluído, (incluso)
incorrer _____ incorrido, (incurso)
inserir _____ inserido, inserto
insertar _____ insertado, (inserto)
isentar _____ isentado, isento
juntar _____ juntado, junto
limpar _____ limpado, limpo
matar _____ matado, morto
morrer _____ morrido, morto
nascer _____ nascido, (nado), (nato)
omitir _____ omitido, omisso
pagar _____ pagado, pago
pegar _____ pegado, pego (ê)
prender _____ prendido, preso
romper _____ rompido, (roto)
salvar _____ salvado, salvo
sepultar _____ sepultado, (sepulto)

soltar _____ soltado, solto
submergir _____ submergido, submerso
suprimir _____ suprimido, (supresso)
surpreender _____ surpreendido, surpreso
suspender _____ suspendido, suspenso
tingir _____ tingido, (tinto)

Prática

■ Qual a **1ª pessoa do singular** dos seguintes tempos dos verbos numerados? Na última coluna, ponha R, se for regular, e I, se irregular. Se o verbo for anômalo, considere-o irregular.

	INDICATIVO			
	Presente	Pretérito perfeito	Futuro do pretérito	R/I
296. agir				
297. caber				
298. crer				
299. enxaguar				
300. ir				
301. fazer				
302. mobiliar				
303. polir				
304. pular				
305. possuir				
306. poder				
307. querer				
308. requerer				
309. ser				
310. sumir				

Prática

■ Compare.

	PRES. INDICAT.	PRET. PERF. INDICAT.
1ª conj.	amo ≠ esto**u**	amei ≠ est**ive**
2ª conj.	corro ≠ tra**go**	corri ≠ tr**ouxe**
3ª conj.	parto ≠ pe**ço**	parti = pedi

■ Assinale **C** ou **E**, com base no quadro anterior.

311. ( ) **amar**, **correr** e **partir** são paradigmas das 1ª, 2ª e 3ª conjugações, respectivamente.
312. ( ) **estar** foge do paradigma, no presente e no perfeito do indicativo, por isso é irregular.
313. ( ) A irregularidade do verbo **estar**, no presente e no perfeito do indicativo, aparece no radical.
314. ( ) Em **estou** e **estive**, as desinências fogem do paradigma am**o**, am**ei**, e elas é que acusam a irregularidade.
315. ( ) Em **trazer**, **trago**, a mudança **z/g** mostra irregularidade no radical.
316. ( ) Em **trouxe**, há irregularidade no radical e na desinência. Se o verbo fosse regular, seria **trazi**.
317. ( ) **trarei** é forma regular.
318. ( ) **pedir** é irregular no pretérito perfeito.
319. ( ) **pedir** é irregular no futuro do presente.
320. ( ) Para saber se um verbo é **regular** ou **irregular**, não se precisa conjugá-lo todo. Basta conjugar, no indicativo, a 1ª do singular do presente e do pretérito perfeito.
321. ( ) **ser** e **ir** são anômalos porque têm mais de um radical primário ou raiz.
322. ( ) Alguns gramáticos consideram anômalos também verbos como **haver**, **vir** porque apresentam fortes mudanças nos seus radicais.
323. ( ) **Defectivo** é o verbo a que falta(m) forma(s).
324. ( ) **Abundante** é o verbo a que sobra(m) forma(s).
325. ( ) Nos tempos **compostos** ou **locuções verbais**, há dois ou mais verbos com valor de um só.
326. ( ) O verbo que, nas locuções verbais ou nos tempos compostos, mantém o seu significado-base chama-se **verbo principal**.

VERBO PRONOMINAL E VOZ REFLEXIVA

Prática

■ Compare os dois verbos e marque **C** ou **E**.

1. Eu me arrependi.
2. Eu me molhei.
3. Eu arrependi você.
4. Eu molhei você.

327. ( ) Em 1 e 2, as formas verbais parecem estar na voz reflexiva.
328. ( ) Em 2, o sujeito **eu** e o alvo **me** representam casualmente o mesmo ser; já em 4, o mesmo verbo molhar tem o sujeito **eu** e o alvo **você** representando seres diferentes.
329. ( ) O verbo **molhar** pode ser conjugado com pronome oblíquo átono, como em 2; mas também pode ser conjugado sem o oblíquo átono, como em 3.

330. ( ) O verbo **molhar**, em 2, está na voz reflexiva; em 4, na voz ativa.
331. ( ) O exemplo 3 foge à norma culta da Língua Portuguesa, porque o verbo **arrepender-se** só pode ser conjugado com o pronome oblíquo átono.
332. ( ) Deduz-se, dos exemplos 3 e 4, que **arrepender-se** é um verbo pronominal por essência, enquanto o **molhar** só tem a aparência de pronominal quando está conjugado na voz reflexiva ou recíproca (ex. 2).

■ Compare agora os exemplos e marque **C** ou **E**.

Eu **molho** a flor – Voz Ativa
Eu **sou molhado** por alguém – Voz Passiva
Eu **me molho** – Voz Reflexiva
Eu **arrependo** – Não existe
Eu **sou arrependido** por alguém – Não existe
Eu **me arrependo**.

333. ( ) Em **Eu me molho**, o verbo está na **voz reflexiva**, porque ele tem também as vozes **ativa** e **passiva**; e uma voz se define por oposição a outra.
334. ( ) Em **Eu me arrependo**, o verbo está numa forma única, que não pressupõe voz ativa, passiva ou reflexiva, por isso é um verbo pronominal.

Verbo Pronominal é o que **só** se conjuga acompanhado dos pronomes oblíquos átonos, na mesma pessoa do seu sujeito: **arrepender-se**, **ater-se**, **suicidar-se**.
Não confunda verbo pronominal com **voz reflexiva** de qualquer verbo: **cortar**, **ver**, **ferir**...

PARADIGMA DE CONJUGAÇÃO PRONOMINAL E REFLEXIVA

Modo indicativo

Presente do indicativo		
lavo-me	arrependo-me	saio-me
lavas-te	arrependes-te	sais-te
lava-se	arrepende-se	sai-se
lavamo-nos	arrependemo-nos	saímo-nos
lavais-vos	arrependeis-vos	saís-vos
lavam-se	arrependem-se	saem-se

Pretérito perfeito do indicativo

lavei-me	arrependi-me	saí-me
lavaste-te	arrependeste-te	saíste-te
lavou-se	arrependeu-se	saiu-se
lavamo-nos	arrependemo-nos	saímo-nos
lavastes-vos	arrependeis-vos	saístes-vos
lavaram-se	arrependem-se	saíram-se

tenho-me
tens-te
tem-se
temo-nos
tendes-vos
têm-se

lavado, arrependido, saído...

Pretérito imperfeito do indicativo

lavava-me	arrependia-me	saía-me
lavavas-te	arrependias-te	saías-te
lavava-se	arrependia-se	saía-se
lavávamo-nos	arrependíamo-nos	saíamo-nos
laváveis-vos	arrependíeis-vos	saíeis-vos
lavavam-se	arrependiam-se	saíam-se

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

lavara-me	arrependera-me	saíra-me
lavaras-te	arrependeras-te	saíras-te
lavara-se	arrependera-se	saíra-se
laváramo-nos	arrependêramo-nos	saíramo-nos
laváreis-vos	arrependêreis-vos	saíreis-vos
lavaram-se	arrependeram-se	saíram-se

tinha-me
tinhas-te
tinha-se
tínhamo-nos
tínheis-vos
tinham-se

lavado, arrependido, saído...

Futuro do pretérito do indicativo

lavar-me-ia	arrepender-me-ia	sair-me-ia
lavar-te-ias	arrepender-te-ias	sair-te-ias
lavar-se-ia	arrepender-se-ia	sair-se-ia
lavar-nos-íamos	arrepender-nos-íamos	sair-nos-íamos
lavar-vos-íeis	arrepender-vos-íeis	sair-vos-íeis
lavar-se-iam	arrepender-se-iam	sair-se-iam

ter-me-ia
ter-te-ias
ter-se-ia
ter-nos-íamos
ter-vos-íeis
ter-se-iam

lavado, arrependido, saído...

Futuro do presente do indicativo

lavar-me-ei	arrepender-me-ei	sair-me-ei
lavar-te-ás	arrepender-te-ás	sair-te-ás
lavar-se-á	arrepender-se-á	sair-se-á
lavar-nos-emos	arrepender-nos-emos	sair-nos-emos
lavar-vos-eis	arrepender-vos-eis	sair-vos-eis
lavar-se-ão	arrepender-se-ão	sair-se-ão

ter-me-ei
ter-te-ás
ter-se-á
ter-nos-emos
ter-vos-eis
ter-se-ão

lavado, arrependido, saído...

Prática

■ Observando a conjugação pronominal e reflexiva do indicativo, assinale **C** ou **E**.

335. ( ) A desinência **mos**, da 1ª pessoa do plural, perde o **s** ao receber o oblíquo átono **nos**.
336. ( ) O verbo **lavar** não é um verbo pronominal, mas assume a conjugação pronominal para fazer a voz reflexiva.
337. ( ) O verbo **sair** não é pronominal: **Ela sai cedo**.
338. ( ) O verbo **sair-se** é pronominal no sentido de obter resultado (**sair-se bem ou mal**) e no sentido de desvencilhar-se.

339. ( ) Não é possível construir-se a forma **havia-me lavado**.
340. ( ) Os tempos compostos da voz ativa podem ser construídos com o auxiliar **ter** ou **haver**: **tinha-me** ou **havia-me lavado**; **ter-me-ei** ou **haver-me-ei lavado**.
341. ( ) Atualmente, o auxiliar **haver** está em desuso, o que traz um tom de arcaísmo à frase. Ainda é usado para evitar a repetição do **ter** ou para obtenção de efeito estilístico.

Modo subjuntivo

Presente do subjuntivo

...que eu me lave	...me arrependa	...me saia
...que tu te laves	...te arrependas	...te saias
...que ele se lave	...se arrependa	...se saia
...que nós nos lavemos	...nos arrependamos	...nos saiamos
...que vós vos laveis	...vos arrependais	...vos saiais
...que eles se lavem	...se arrependam	...se saiam

Pretérito imperfeito do subjuntivo

se eu me lavasse	...me arrependesse	...me saísse
se tu te lavasses	...te arrependesses	...te saísses
se ele se lavasse	...se arrependesse	...se saísse
se nós nos lavássemos	...nos arrependêssemos	...nos saíssemos
se vós vos lavásseis	...vos arrependêsseis	...vos saísseis
se eles se lavassem	...se arrependessem	...se saíssem

se eu me tivesse
se tu te tivesses
se ele se tivesse
se nós nos tivéssemos
se vós vos tivésseis
se eles se tivessem

> lavado, arrependido, saído...

Futuro do subjuntivo

quando eu me lavar	...me arrepender	...me sair
quando tu te lavares	...te arrependeres	...te saíres
quando ele se lavar	...se arrepender	...se sair
quando nós nos lavarmos	...nos arrependermos	...nos sairmos
quando vós vos lavardes	...vos arrependerdes	...vos sairdes
quando eles se lavarem	...se arrependerem	...se saírem

quando eu me tiver
quando tu te tiveres
quando ele se tiver
quando nós nos tivermos
quando vós vos tiverdes
quando eles se tiverem

lavado, arrependido, saído...

Prática

■ Observando a conjugação pronominal e reflexiva do subjuntivo, assinale **C** ou **E**.

342. ( ) Os pronomes oblíquos átonos são colocados antes do verbo porque são atraídos pelas conjunções subordinativas **que**, **se**, **quando**...

343. ( ) Na frase "Lave-me a culpa a Sua misericórdia", a forma verbal é igual à do subjuntivo (**lave**), e o pronome átono **me** vem depois do verbo porque este não está precedido de conjunção subordinativa.

344. ( ) Em "Lave-me a culpa", tem-se exemplo de oração optativa, constituída de forma verbal igual à do subjuntivo, mas com ênclise obrigatória.

Modo imperativo

Afirmativo		
lava-te	arrepende-te	sai-te
lave-se (você)	arrependa-se (você)	saia-se (você)
lavemo-nos	arrependamo-nos	saiamo-nos
lavai-vos	arrependei-vos	saí-vos
lavem-se (vocês)	arrependam-se (vocês)	saiam-se (vocês)

Negativo		
Não te laves	Não te arrependas	Não te saias
Não se lave (você)	Não se arrependa (você)	Não se saia (você)
Não nos lavemos	Não nos arrependamos	Não nos saiamos
Não vos laveis	Não vos arrependais	Não vos saiais
Não se lavem (vocês)	Não se arrependam (vocês)	Não se saiam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal		
lavar-se	arrepender-se	sair-se

Infinitivo pessoal		
lavar-me	arrepender-me	sair-me
lavares-te	arrependeres-te	saíres-te
lavar-se	arrepender-se	sair-se
lavarmo-nos	arrependermo-nos	sairmo-nos
lavardes-vos	arrependerdes-vos	sairdes-vos
lavarem-se	arrependerem-se	saírem-se

Gerúndio		
lavando-se	arrependendo-se	saindo-se

Particípio		
lavado	arrependido	saído

Prática

■ Observe as formas nominais da conjugação pronominal e reflexiva e responda **C** ou **E**.

345. ( ) O quadro apresenta erro porque o particípio deveria ser **lavado-se**, **arrependido-se**, **saído-se**.

346. ( ) O quadro está correto. O particípio não aceita pronome átono.

347. ( ) Em todo o quadro, só há três formas acentuadas graficamente: **saíres-te**, **saírem-se**, **saído**.

348. ( ) Em **saíres-te**, **saírem-se**, **saído**, o **i** é acentuado graficamente por ser 2ª vogal de hiato e estar sozinho na sílaba.

CLASSIFICAÇÃO DO VERBO QUANTO À FUNÇÃO

Verbo principal

Mantém o significado próprio:
Tenho **estudado**. Estou sendo **amado**.
Vou **amar**.

Verbo auxiliar

Perde seu significado próprio para ajudar a conjugar o principal:
Tenho sido amado. **Estou** amando.
Vou amar.

USO DOS PARTICÍPIOS: REGULAR E IRREGULAR

Observe:

I – Ele **havia matado** o inimigo.
II – O inimigo **foi morto**.
III – Ele **tinha matado** o inimigo.
IV – O inimigo **está morto**.
V – Inimigo bom é inimigo **morto**.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

349. ( ) I e III estão na **voz ativa** (auxiliares: haver e ter).
350. ( ) II e IV estão na **voz passiva** (auxiliares: ser e estar).
351. ( ) "matado" é particípio regular; "morto", irregular.
352. ( ) Na frase V, "morto" é **adjetivo**.

Os **particípios regulares** (**ado**, **ido**) são usados com os auxiliares **ter** e **haver** e formam a voz ativa.
Os **particípios irregulares** são usados para função de adjetivo e para fazer a voz passiva, com os auxiliares **ser** e **estar**.

■ Assinale **C** ou **E**.

353. ( ) Esse livro foi imprimido no Brasil.
354. ( ) A editora tinha impresso esse livro no Brasil.
355. ( ) Esse livro foi impresso no Brasil.
356. ( ) A editora tinha imprimido esse livro no Brasil.
357. ( ) Foi impressa enorme velocidade ao carro.
358. ( ) **imprimir**, na acepção de "produzir movimento", "infundir", tem apenas o particípio regular (imprimido).
359. ( ) Foi imprimida enorme velocidade ao carro.

CONJUGAÇÃO DE VERBOS REGULARES, IRREGULARES, DEFECTIVOS, ANÔMALOS E ABUNDANTES QUE REQUEREM ATENÇÃO

As formas verbais a seguir relacionadas são dignas de nota. Todas as não relacionadas são regulares. Destacamos, por serem primitivas e gerarem outras: o **infinitivo**, no título do verbo; e, do indicativo, o **presente** e o **pretérito perfeito**, conjugados em todas as pessoas. Para esclarecer dúvidas, apresentamos as pessoas do **presente do subjuntivo** e o **imperativo afirmativo**. O imperativo negativo tem as pessoas iguais ao presente do subjuntivo, por isso não as relacionamos. Sob a denominação **outras**, registramos a

1ª pessoa do singular dos seguintes tempos, sempre na mesma ordem: do indicativo, o **imperfeito**, o **futuro do presente**, o **futuro do pretérito** e o **mais-que-perfeito**; do subjuntivo, o **imperfeito** e o **futuro**; além desses, o **gerúndio** e o **particípio**. Quando se define um verbo como regular, ele segue o paradigma da sua conjugação (*vide* página 179). Em alguns casos, negritamos as sílabas ou vogais tônicas para evitar dúvidas quanto à pronúncia.

1ª conjugação

circundar, relampejar, tracejar (Regulares.)
Conjugam-se como **amar**.

constar, prestar, restar, sustar (Regulares.)
Não seguem **estar**. Conjugam-se como **amar**.

Ind. pres.:	consto, constas, consta, constamos, constais, constam.
Pret. perf.:	constei, constaste, constou, constamos, constastes, constaram.
Subj. pres.:	conste, constes, conste, constemos, consteis, constem.
Imperat. afirm.:	consta, conste, constemos, constai, constem.
Outras:	constava, constarei, constaria, constara, constasse, constar, constando, constado.

dar, desdar (Irregulares.)

Ind. pres.:	dou, dás, dá, damos, dais, dão.
Pret. perf.:	dei, deste, deu, demos, destes, deram.
Subj. pres.:	dê, dês, dê, demos, deis, dêem (nova ortografia: deem).
Imperat. afirm.:	dá, dê, demos, dai, dêem (nova ortografia: deem).
Outras:	dava, darei, daria, dera, desse, der, dando, dado.

sobestar, sobrestar (Irregulares.)
Conjugam-se como **estar**. *Vide* pág. 187.

grassar (Defectivo, unipessoal.)

Ind. pres.:	–, –, grassa, –, –, grassam.
Pret. perf.:	–, –, grassou, –, –, grassaram.
Subj. pres.:	–, –, grasse, –, –, grassem.
Imperat. afirm.:	–, grasse, –, – grassem.
Outras:	grassava(m), grassará(ão), grassaria(m), grassara(m), grassasse(m), grassar(em), grassando, grassado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** a respeito de **grassar**.

360. ( ) **grassar** significa **espalhar-se**.
361. ( ) Só se conjuga nas 3as pessoas. Por só dispor de uma pessoa, a terceira, é chamado de unipessoal.
362. ( ) Há autores que consideram o **unipessoal** como uma espécie de **defectivo**.
363. ( ) Consideram-se também unipessoais os verbos que designam vozes de animais: **uivar**, **crocitar**.

Terminados em ear

acarear, afoguear, alardear, apear, aperrear, arear, arrear, atear, baquear, bloquear, cambalear, capitanear, cear, clarear, coxear, desnortear, falsear, folhear, frear, galantear, golpear, granjear, guerrear, hastear, menear, nomear, nortear, palmear, passear, patentear, planear, recear, recrear, refrear, regatear, relampaguear, relampear, rodear, saborear, saquear, semear, serpear, serpentear... (Irregulares; seguem o modelo de **pentear**.)

Ind. pres.:	penteio, penteias, penteia, penteamos, penteais, penteiam.
Pret. perf.:	penteei, penteaste, penteou, penteamos, penteastes, pentearam.
Imperat. afirm.:	penteia, penteie, penteemos, penteai, penteiem.
Subj. pres.:	penteie, penteies, penteie, penteemos, penteeis, penteiem.
Outras:	penteava, pentearei, pentearia, penteara, penteasse, pentear, penteando, penteado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos em **ear**.

364. ( ) Nas formas rizotônicas, aparece um **i** depois do **e**: pente**i**o, pente**i**e, pente**i**am.
365. ( ) Nas formas arrizotônicas, são conjugados normalmente: penteamos, penteemos, penteei, penteaste, penteastes, pentearam.
366. ( ) A 1ª pessoa do plural do presente e a do pretérito perfeito do indicativo são iguais, como em muitos outros verbos.
367. ( ) **relampaguear** tem outras duas variantes corretas: **relampear** e **relampejar**; esta última, regular.

precatar(-se) (Regular.)

Ind. pres.:	precato, precatas, precata, precatamos, precatais, precatam.
Pret. perf.:	precatei, precataste, precatou, precatamos, precatastes, precataram.
Subj. pres.:	precate, precates, precate, precatemos, precateis, precatem.
Imperat. afirm.:	precata, precate, precatemos, precatai, precatem.
Outras:	precatava, precatarei, precataria, precatara, precatasse, precatar, precatando, precatado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

368. ( ) **precatar(-se)** significa **acautelar(-se)**, **prevenir(-se)**, **precaver(-se)**.
369. ( ) São verbos característicos do registro popular.
370. ( ) A norma culta os aconselha para suprir as pessoas que faltam ao defectivo **precaver-se**.

idear, estrear (Irregulares.)

Ind. pres.:	idéio, idéias, idéia, ideamos, ideais, idéiam. (nova ortografia: ideio, ideias, ideia, ideamos, ideais, ideiam)
Pret. perf.:	ideei, ideaste, ideou, ideamos, ideastes, idearam.
Subj. pres.:	idéie, idéies, idéie, ideemos, ideeis, idéiem. (nova ortografia: ideie, ideies, ideie, ideemos, ideeis, ideiem)
Imperat. afirm.:	idéia, idéie, ideemos, ideai, idéiem. (nova ortografia: ideia, ideie, ideemos, ideai, ideiem)
Outras:	ideava, idearei, idearia, ideara, ideasse, idear, ideando, ideado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos acima.

371. ( ) Após o **e**, aparece o **i** nas formas rizotônicas, como acontece com os outros verbos terminados em **ear**.
372. ( ) São também, por isso, irregulares.
373. ( ) Diferentemente dos outros terminados em **ear**, apresentam o ditongo aberto **éi** no presente do indicativo e no presente do subjuntivo, só nas formas rizotônicas.
374. ( ) Nos imperativos afirmativo e negativo, que derivam dos presentes do indicativo e do subjuntivo, as formas arrizotônicas devem também ter o ditongo aberto **éi**.
375. ( ) Explica-se o ditongo aberto nos verbos **idear**, **estrear**, pela existência de seus substantivos cognatos **idéia** e **estréia**.

Terminados em iar

acariciar, adiar, afiar, agoniar, agraciar, aliar, aliviar, amaciar, ampliar, angariar, ansiar, anunciar, apreciar, arrepiar, assediar, assobiar, associar, assoviar, ataviar, avaliar, aviar, balbuciar, beneficiar, caluniar, chiar, confiar, contrariar, criar, deliciar, desfiar, enfiar, enunciar, enviar, esfriar, espiar, evidenciar, expiar, extasiar, fiar, historiar, incendiar, injuriar, mediar, miar, negociar, odiar, oficiar, piar, porfiar, premiar, prenunciar, principiar, procriar, pronunciar, recriar, remediar, renunciar, saciar, sediar, tosquiar, vadiar, vangloriar, variar...
(Regulares; seguem o modelo de **abreviar**, com exceções, no próximo quadro.)

Ind. pres.:	abrevio, abrevias, abrevia, abreviamos, abreviais, abreviam.
Pret. perf.:	abreviei, abreviaste, abreviou, abreviamos, abreviastes, abreviaram.
Subj. pres.:	abrevie, abrevies, abrevie, abreviemos, abrevieis, abreviem.
Imperat. afirm.:	abrevia, abrevie, abreviemos, abreviai, abreviem.
Outras:	abreviava, abreviarei, abreviaria, abreviara, abreviasse, abreviar, abreviando, abreviado.

ansiar, incendiar, mediar, odiar, remediar (Irregulares.) **premiar, negociar** (Regulares ou iregulares.)

Ind. pres.:	anseio, anseias, anseia, ansiamos, ansiais, anseiam.
Pret. perf.:	ansiei, ansiaste, ansiou, ansiamos, ansiastes, ansiaram.
Subj. pres.:	anseie, anseies, anseie, ansiemos, ansieis, anseiem.
Imperat. afirm.:	anseia, anseie, ansiemos, ansiai, anseiem.
Outras:	ansiava, ansiarei, ansiaria, ansiara, ansiasse, ansiar, ansiando, ansiado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos em **iar**.

376. ( ) Os verbos terminados em **iar** são todos regulares.

377. ( ) Os regulares seguem a conjugação de **amar** e são a grande maioria.

378. ( ) Há, pelo menos, cinco verbos terminados em **iar**, irregulares, que se conjugam com um **e**, nas formas rizotônicas: **mediar**, **ansiar**, **remediar**, **incendiar** e **odiar**, como se terminassem em **ear**: **medeio**, **anseio**...

379. ( ) No Brasil se fala "eu negocio", "eu premio"; em Portugal e outros países, também se fala "eu negoceio", "eu premeio".

Observação:

Para lembrar esses cinco verbos irregulares terminados em **iar**, que se conjugam como os terminados em **ear**, lembre-se da palavra MÁRIO:

Mediar, **A**nsiar, **R**emediar, **I**ncendiar, **O**diar.

mobiliar, mobilar, mobilhar (Regulares.)

Ind. pres.:	– mo**bí**lio, mo**bí**lias, mo**bí**lia, mobili**a**mos, mobili**ais**, mo**bí**liam.
	– mo**bi**lo, mo**bi**las, mo**bi**la, mobi**la**mos, mobi**lais**, mo**bi**lam.
	– mo**bi**lho, mo**bi**lhas, mo**bi**lha, mobi**lha**mos, mobi**lhais**, mo**bi**lham.
Pret. perf.:	– mobili**ei**, mobili**as**te, mobili**ou**, mobili**a**mos, mobili**as**tes, mobili**a**ram.
	– mobil**ei**, mobil**as**te, mobil**ou**, mobil**a**mos, mobil**as**tes, mobil**a**ram.
	– mobilh**ei**, mobilh**as**te, mobilh**ou**, mobilh**a**mos, mobilh**as**tes, mobilh**a**ram.
Subj. pres.:	– mo**bí**lie, mo**bí**lies, mo**bí**lie, mobili**e**mos, mobili**eis**, mo**bí**liem.
	– mo**bi**le, mo**bi**les, mo**bi**le, mobil**e**mos, mobil**eis**, mo**bi**lem.
	– mo**bi**lhe, mo**bi**lhes, mo**bi**lhe, mobilh**e**mos, mobilh**eis**, mo**bi**lhem.

Imperat. afirm.: – mo**bí**lia, mo**bí**lie, mobili**e**mos, mobili**ai**, mo**bí**liem.
– mo**bi**la, mo**bi**le, mobil**e**mos, mobil**ai**, mo**bi**lem.
– mo**bi**lha, mo**bi**lhe, mobilh**e**mos, mobilh**ai**, mo**bi**lhem.

Outras: – mobili**a**va, mobiliar**e**i, mobiliar**i**a, mobili**a**ra, mobili**a**sse, mobili**a**r, mobili**an**do, mobili**a**do.
– mobil**a**va, mobilar**e**i, mobilar**i**a, mobil**a**ra, mobil**a**sse, mobil**a**r, mobil**an**do, mobil**a**do.
– mobilh**a**ra, mobilhar**e**i, mobilhar**i**a, mobilh**a**ra, mobilh**a**sse, mobilh**a**r, mobilh**an**do, mobilh**a**do.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

380. ( ) A variante **mobilar** é lusitanismo.
381. ( ) Na variante **mobiliar**, a sílaba **bi** passa a ter acento agudo nas formas arrizotônicas.
382. ( ) Toda paroxítona terminada em ditongo deve ser acentuada graficamente. É por isso que em **mobiliar**, as formas rizotônicas recebem o acento agudo.
383. ( ) No subjuntivo presente, estão certas as formas: mobíle, mobílhes, mobílhem, mobílem...
384. ( ) No subjuntivo presente, estão certas as formas: mobile, mobilhes, mobilhem, mobilem...

apiedar-se, apiadar-se (Regulares.)

eu me apiedo	eu me apiado
tu te apiedas	tu te apiadas
ele se apieda	ele se apiada
nós nos apiedamos	nós nos apiadamos
vós vos apiedais	vós vos apiadais
eles se apiedam	eles se apiadam

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

385. ( ) Em Portugal, **piedade** e **piadade**, na pronúncia, confundem-se.
386. ( ) A forma **apiadar-se** relaciona-se com **piadade** e é considerada arcaísmo.
387. ( ) Ambos os verbos são pronominais e regulares.

Terminados em <u>oar</u>

abençoar, abalroar, abotoar, assoar, caçoar, coar, doar, ensaboar, magoar, reboar, soar, voar... (Regulares; seguem o modelo de **voar**.)

Ind. pres.: vôo (nova ortografia: voo), voas, voa, voamos, voais, voam.
Pret. perf.: voei, voaste, voou, voamos, voastes, voaram.
Subj. pres.: voe, voes, voe, voemos, voeis, voem.

Imperat. afirm.:	voa, voe, voemos, voai, voem.
Outras:	voava, voarei, voaria, voara, voasse, voar, voando, voado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos em **oar**.

388. ( ) **ensabôo**, **abotôo**, **magôo**, **vôo** eram acentuadas, mas deixaram de sê-lo pela nova ortografia.
389. ( ) **abalrôas**, **abotôas**, **caçôas** não são acentuadas, nem pela antiga, nem pela nova ortografia.
390. ( ) **côa**, **côas** eram acentuadas para diferençar de **coa**, **coas**, contração de **com** + **a**(**s**), mas perderam o acento pela nova ortografia.
391. ( ) Os grupos **oo**, **oa**, **oe**, pela nova ortografia, não se acentuam, exceto em **côa**, **côas**.

Terminados em uar

amuar, atuar, autuar, continuar, cultuar, encruar, graduar, habituar, jejuar... (Regulares; seguem o modelo de **suar**.)

Ind. pres.:	suo, suas, sua, suamos, suais, suam.
Pret. perf.:	suei, suaste, suou, suamos, suastes, suaram.
Subj. pres.:	sue, sues, sue, suemos, sueis, suem.
Imperat. afirm.:	sua, sue, suemos, suai, suem.
Outras:	suava, suarei, suaria, suara, suasse, suar, suando, suado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

392. ( ) **soar** e **suar** são regulares, e é comum confundi-los.
393. ( ) Soamos muito no calor.
394. ( ) Naquele ambiente úmido e fechado, o tambor soava e suava.
395. ( ) O bolo encroou.

Terminados em guar, quar, quir

aguar, apaniguar, apaziguar, apropinquar, adequar(-se), antiquar, averiguar, desaguar, enxaguar, minguar, obliquar, delinqüir/delinquir (nova ortografia)**...** (Regulares.)

Ind. pres.:	1 – **á**guo, **á**guas, **á**gua, agu**a**mos, agu**a**is, **á**guam.
	2 – ag**u**o, ag**u**as, ag**u**a, agu**a**mos, agu**a**is, ag**u**am.
Pret. perf.:	agüei (nova ortografia: agu**e**i), agu**a**ste, agu**o**u, agu**a**mos, agu**a**stes, agu**a**ram.
Subj. pres.:	1 – **á**güe, **á**gües, **á**güe, agü**e**mos, agü**e**is, **á**güem (nova ortografia: **á**gue, **á**gues, **á**gue, agu**e**mos, agu**e**is, **á**guem).
	2 – ag**u**e, ag**u**es, ag**u**e, agu**e**mos, agu**e**is, ag**u**em.

Imperat. afirm.: 1 – água, ágüe, agüemos, aguai, ágüem (nova ortografia: água, águe, aguemos, aguai, águem).
2 – ag**u**a, ag**ue**, agu**e**mos, agu**a**i, ag**u**em.
Outras: aguava, aguarei, aguaria, aguara, aguasse, aguar, aguando, aguado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos acima.

396. ( ) As formas rizotônicas recebem acento agudo porque são paroxítonas terminadas em ditongo.
397. ( ) Na antiga ortografia, o **u** recebe trema antes de **e** por ser pronunciado e átono. Nas novas regras ortográficas, o **u** perdeu o trema.
398. ( ) Observando-se as letras em negrito que marcam a vogal tônica, constata-se que há duas pronúncias possíveis.
399. ( ) Nos presentes do indicativo e do subjuntivo, há duas pronúncias e grafias consagradas.
400. ( ) Por isso, nos imperativos afirmativo e negativo, há também duas pronúncias e grafias consagradas.
401. ( ) O **u** é sempre pronunciado tônico.
402. ( ) O **u** é sempre pronunciado. Na antiga ortografia, quando átono, tem trema; quando tônico, tem acento agudo.
403. ( ) Agora, pela nova ortografia, devem-se eliminar todos os tremas.
404. ( ) O **u** é sempre pronunciado tônico nas formas rizotônicas. Nas arrizotônicas, é pronunciado átono.
405. ( ) O dicionário Houaiss classifica todos esses verbos como regulares.
406. ( ) As formas rizotônicas apresentam acento agudo por serem proparoxítonas.
407. ( ) As formas rizotônicas apresentam acento agudo por serem paroxítonas terminadas em ditongo.
408. ( ) **Apropinguar(-se)** é muito usado, mas a forma pronominal não o é.
409. ( ) Esse verbo, que significa **aproximar**, **aproximar-se**, é de uso raro.

resfolegar (Regular.)

Ind. pres.: resfólego, resfólegas, resfólega, resfolegamos, resfolegais, resfólegam.
Pret. perf.: resfoleguei, resfolegaste, resfolegou, resfolegamos, resfolegastes, resfolegaram.
Subj. pres.: resfólegue, resfólegues, resfólegue, resfoleguemos, resfolegueis, resfóleguem.
Imperat.: afirm.: resfólega, resfólegue, resfoleguemos, resfolegai, resfóleguem.
Outras: resfolegava, resfolegarei, resfolegaria, resfolegara, resfolegasse, resfolegar, resfolegando, resfolegado.

resfolgar (Regular.)

Ind. pres.:	resfolgo, resfolgas, resfolga, resfolgamos, resfolgais, resfolgam.
Pret. perf.:	resfolguei, resfolgaste, resfolgou, resfolgamos, resfolgastes, resfolgaram.
Subj. pres.:	resfolgue, resfolgues, resfolgue, resfolguemos, resfolgueis, resfolguem.
Imperat. afirm.:	resfolga, resfolgue, resfolguemos, resfolgai, resfolguem.
Outras:	resfolgava, resfolgarei, resfolgaria, resfolgara, resfolgasse, resfolgar, resfolgando, resfolgado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os quadros anteriores.

"No intervalo, os jogadores resfolgavam (ou resfolegavam) no vestiário."

410. ( ) **resfolegar** ou **resfolgar** significa **recuperar o fôlego**, **descansar**.
411. ( ) **resfolgar** é derivado de **resfolegar** pela síncope do **e** (queda do **e**).
412. ( ) **resfolegar** e **resfolgar** são, pois, sinônimos.
413. ( ) **resfolegar** conjuga-se regularmente nas formas arrizotônicas.

Terminados em gnar, bstar, psar, ptar e tmar

dignar-se, indignar-se, consignar, estagnar, persignar-se, resignar-se, impugnar, propugnar, repugnar, obstar, eclipsar, optar, raptar, ritmar... (Regulares; conjugam-se como **pugnar**.)

Ind. pres.:	p**u**gno, p**u**gnas, p**u**gna, pugn**a**mos, pugn**a**is, p**u**gnam.
Pret. perf.:	pugn**e**i, pugn**a**ste, pugn**o**u, pugn**a**mos, pugn**a**stes, pugn**a**ram.
Subj. pres.:	p**u**gne, p**u**gnes, p**u**gne, pugn**e**mos, pugn**e**is, p**u**gnem.
Imperat. afirm.:	p**u**gna, p**u**gne, pugn**e**mos, pugn**a**i, p**u**gnem.
Outras:	pugn**a**va, pugnar**e**i, pugnar**i**a, pugn**a**ra, pugn**a**sse, pugn**a**r, pugn**a**ndo, pugn**a**do.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre o quadro anterior.

414. ( ) Na pronúncia, o encontro consonantal **gn** é inseparável.
415. ( ) O **g** se apoia na vogal que lhe vem antes; o **n**, na que se lhe segue (p**u**g-n**o**).
416. ( ) O mesmo acontece com **o**bs-t**o**, **o**bs-t**a**s, **o**p-t**o**, **o**p-t**a**s, r**a**p-t**o**, r**a**p-t**a**s, r**i**t-m**o**, r**i**t-m**a**s...
417. ( ) No presente do indicativo, do subjuntivo e no imperativo é que aparecem formas rizotônicas, excetuando-se **nós** e **vós**.
418. Sublinhe as letras que representam as vogais tônicas, pronunciando as palavras, em voz alta, para educar o ouvido.
indigno-me, indigna-se, indignam-se, indignamo-nos, indignai-vos, indignas-te.

obviar (Regular.)

Ind. pres.:	obv**i**o, obv**i**as, obv**i**a, obv**i**amos, obv**i**ais, obv**i**am.
Pret. perf.:	obv**i**ei, obv**i**aste, obv**i**ou, obv**i**amos, obv**i**astes, obv**i**aram.
Subj. pres.:	obv**i**e, obv**i**es, obv**i**e, obv**i**emos, obv**i**eis, obv**i**em.
Imperat. afirm.:	obv**i**a, obv**i**e, obv**i**emos, obv**i**ai, obv**i**em.
Outras:	obv**i**ava, obviar**á**, obviar**i**a, obv**i**ara, obv**i**asse, obv**i**ar, obv**i**ando, obv**i**ado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre o quadro visto.

419. ( ) O encontro consonantal **bv** é separável, ficando cada consoante numa sílaba.
420. ( ) Nenhuma de suas formas apresenta acento gráfico no **i** ou **e**.
421. ( ) **obviar** conjuga-se com a mesma pronúncia de **optar**.
422. ( ) Em **obviar**, a tônica está sempre depois do encontro consonantal, o que não acontece com **optar**.

2ª conjugação

abster-se, ater-se, conter, deter, entreter, manter, obter, reter, suster... (Irregulares; conjugam-se como **ter**.) *Vide* pág. 187.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** em relação ao presente do indicativo do verbo **ter**.

423. ( ) A 3ª pessoa do plural tem circunflexo para não ser confundida com a 3ª pessoa do singular (eles têm ≠ ele tem).
424. ( ) Nos derivados, isso também acontece: eles detêm, mantêm, obtêm...
425. ( ) Nos derivados, a 3ª pessoa do singular também segue a grafia de **ter**: ele tem, detem, mantem, se abstem...
426. ( ) A 3ª pessoa do singular de **ter** escreve-se sem acento, mas a de seus derivados, por ter mais de uma sílaba, segue a regra de acentuação das oxítonas e recebem acento agudo: tem ≠ retém, detém, abstém-se, ou se abstém, entretém...

Terminados em azer*

afazer, bem-fazer, contrafazer, desafazer, desfazer, esfazer, estupefazer, liqüefazer ou liquefazer, malfazer, perfazer, putrefazer, rarefazer, refazer, satisfazer, torrefazer, transfazer, tumefazer... (Irregulares e abundantes; conjugam-se como **fazer**.)

Ind. pres.:	faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem.

Pret. perf.:	fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram.
Subj. pres.:	faça, faças, faça, façamos, façais, façam.
Imperat. afirm.:	faz(e), faça, façamos, fazei, façam.
Outras:	fazia, farei, faria, fizera, fizesse, fizer, fazendo, feito.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

427. ( ) **faz-**, **faç-**, **fiz-**, **fez-**, **far-**, **fei-** ... tantos radicais num mesmo verbo levam gramáticos a classificarem-no como anômalo.
428. ( ) **faço**, **faz**, **fiz**, **faça** são formas irregulares.
429. ( ) **farei**, **faria**, **feito** são formas regulares.
430. ( ) No imperativo afirmativo, **faz** (tu) ou **faze** (tu) são formas abundantes.

jazer, adjazer, circunjazer, subjazer (Irregulares e abundantes.)

Ind. pres.:	subjazo, subjazes, subjaz, subjazemos, subjazeis, subjazem.
Pret. perf.:	subjazi, subjazeste, subjazeu, subjazemos, subjazestes, subjazeram.
Subj. pres.:	subjaza, subjazas, subjaza, subjazamos, subjazais, subjazam.
Imperat. afirm.:	subjaz(e), subjaza, subjazamos, subjazei, subjazam.
Outras:	subjazia, subjazerei, subjazeria, subjazera, subjazesse, subjazer, subjazendo, subjazido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

431. ( ) A irregularidade desses verbos acontece só na 3ª pessoa do singular: **jaz**, **subjaz**, **adjaz**, **circunjaz**.
432. ( ) No imperativo afirmativo, são abundantes: **jaze** (tu) ou **jaz** (tu)...

comprazer, descomprazer (Irregulares e abundantes.)

Ind. pres.:	comprazo, comprazes, compraz, comprazemos, comprazeis, comprazem.
Pret. perf.:	comprazi, comprazeste, comprazeu, comprazemos, comprazestes, comprazeram (moderno). comprouve, comprouveste, comprouve, comprouvemos, comprouvestes, comprouveram (antigo).
Subj. pres.:	compraza, comprazas, compraza, comprazamos, comprazais, comprazam.
Imperat. afirm.:	compraz(e), compraza, comprazamos, comprazei, comprazam.
Outras:	comprazia, comprazerá, comprazeria, comprazera, comprazesse ou comprouvesse, comprazer ou comprouver, comprazendo, comprazido.

**Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*

prazer, aprazer, desaprazer, desprazer (Irregulares, defectivos e abundantes.)

Ind. pres.:	–, –, praz, –, –, prazem.
Pret. perf.:	–, –, prouve, –, –, prouveram.
Subj. pres.:	–, –, praza, –, –, prazam.
Imperat. afirm.:	–, praza, –, prazam.
Outras:	prazia(am), prazerá(ão), prazeria(am), prouvera(am), prouvesse(em), prouver(em), prazendo, prazido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

433. ( ) Esses verbos são irregulares na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo: **praz**, **compraz**...

434. ( ) Alguns gramáticos já consideram o verbo **prazer** com conjugação completa, como a de **comprazer**.

435. ( ) **comprazer** e **descomprazer** conjugam-se em todas as pessoas e tempos.

436. ( ) **aprazer**, **desaprazer**, **desprazer** normalmente só são usados nas 3as pessoas, porém **aprazer-se**, **desaprazer-se**, **desprazer-se** conjugam-se em todas as pessoas e tempos.

437. ( ) No pretérito perfeito do indicativo, convive a forma moderna regular **prazi**, **prazeste**, **prazeu**... **prazeram** com a antiga **prouve**, **prouveste, prouve, prouveram**.

438. ( ) Trata-se, portanto, de verbo abundante nas formas: aprazeu/aprouve, aprazesse/aprouvesse, aprazer/aprouver...

439. ( ) Algumas pessoas de **aprazer**, fora do contexto da frase, podem confundir-se com pessoas de **aprazar**.

trazer e derivados (Irregulares e abundantes.)

Ind. pres.:	trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem.
Pret. perf.:	trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram.
Subj. pres.:	traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam.
Imperat. afirm.:	traz(e), traga, tragamos, trazei, tragam.
Outras:	trazia, trarei, traria, trouxera, trouxesse, trouxer, trazendo, trazido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

440. ( ) **traz**, **trago**, **trazemos**, **trazia** são formas irregulares.

441. ( ) **trago**, **traz**, **trarei**, **traria**, **trouxe**, **trouxera**, **trouxesse**, **trouxer** são formas irregulares.

442. ( ) A forma **traz**, irregular, resulta do mesmo processo que aconteceu com **faz**, **diz** e **traduz**.
443. ( ) **trazer** e derivados são abundantes no imperativo afirmativo: traze ou traz (tu).

caber, descaber (Irregulares.)

Ind. pres.:	caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem.
Pret. perf.:	coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam.
Subj. pres.:	caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam.
Imperat. afirm.:	cabe, caiba, caibamos, cabei, caibam.
Outras:	cabia, caberei, caberia, coubera, coubesse, couber, cabendo, cabido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

444. ( ) As formas **cabia**, **caberei**, **caberia**, **cabendo** e **cabido** são irregulares.
445. ( ) As formas **caibo**, **caibamos**, **coube**, **coubesse**, **couber** são irregulares.
446. ( ) Pelo seu sentido, dizem alguns gramáticos, o imperativo não se coaduna com o verbo caber, e o consideram defectivo no imperativo.
447. ( ) Para alguns gramáticos, o verbo **descaber** só é usado no infinitivo e no particípio, por isso, também é considerado defectivo.

crer, ler, descrer, reler, tresler (Irregulares.)

Ind. pres.:	creio, crês, crê, cremos, credes, crêem (nova ortografia: creem).
Pret. perf.:	cri, creste, creu, cremos, crestes, creram.
Subj. pres.:	creia, creias, creia, creiamos, creiais, creiam.
Imperat. afirm.:	crê, creia, creiamos, crede, creiam.
Outras:	cria, crerei, creria, crera, cresse, crer, crendo, crido.

Ind. pres.:	leio, lês, lê, lemos, ledes, lêem (nova ortografia: leem).
Pret. perf.:	li, leste, leu, lemos, lestes, leram.
Subj. pres.:	leia, leias, leia, leiamos, leiais, leiam.
Imperat. afirm.:	lê, leia, leiamos, lede, leiam.
Outras:	lia, lerei, leria, lera, lesse, ler, lendo, lido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

448. ( ) São formas irregulares: creio, creia, cri, leio, li, creste, leste.
449. ( ) São formas irregulares: creio, leio, creia, leia.
450. ( ) Creem, leem, descreem e releem, no recente Acordo Ortográfico, perderam o circunflexo, assim como deem, veem e derivados.

dizer, bendizer, condizer, contradizer, desdizer, entredizer, interdizer, maldizer, predizer, redizer (Irregulares e abundantes.)

Ind. pres.:	digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem.
Pret. perf.:	disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram.
Subj. pres.:	diga, digas, diga, digamos, digais, digam.
Imperat. afirm.:	diz(e), diga, digamos, dizei, digam.
Outras:	dizia, direi, diria, dissera, dissesse, disser, dizendo, dito.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

451. ( ) São formas regulares: dizes, diz, dizemos.

452. ( ) Constituem-se como formas irregulares: diz, disse, dissemos, digo, digas, direi, diremos, diria, dissera, dito.

453. ( ) Diz e dize: formas abundantes do imperativo afirmativo.

escrever, circunscrever, adscrever, descrever, inscrever, prescrever, proscrever, reescrever, sobrescrever, subscrever, transcrever... (Irregulares.)

Ind. pres.:	escrevo, escreves, escreve, escrevemos, escreveis, escrevem.
Pret. perf.:	escrevi, escreveste, escreveu, escrevemos, escrevestes, escreveram.
Subj. pres.:	escreva, escrevas, escreva, escrevamos, escrevais, escrevam.
Imperat. afirm.:	escreve, escreva, escrevamos, escrevei, escrevam.
Outras:	escrevia, escreverei, escreveria, escrevera, escrevesse, escrever, escrevendo, escrito.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

454. ( ) A única irregularidade de **escrever** e de seus derivados acontece no particípio: escrito, adscrito, subscrito, circunscrito, transcrito...

feder (Regular, ex-defectivo.)

Ind. pres.:	(fedo), fedes, fede, fedemos, fedeis, fedem.
Pret. perf.:	fedi, fedeste, fedeu, fedemos, fedestes, federam.
Subj. pres.:	(feda), (fedas), (feda), fedamos, fedais, fedam.
Imperat. afirm.:	fede, (feda), (fedamos), fedei, fedam.
Outras:	fedia, federei, federia, federa, fedesse, feder, fedendo, fedido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre o quadro anterior.

455. ( ) Usado predominantemente na linguagem popular.

456. ( ) Tradicionalmente era classificado como defectivo, não tendo conjugação de todas as formas que estão entre parênteses.
457. ( ) É característico da norma culta.
458. ( ) Atualmente é considerado regular, conjugável em todas as formas.

haver(-se) (Irregular e abundante.)

Ind. pres.:	hei, has, há, havemos (ou hemos), haveis (ou heis), hão.
Pret. perf.:	houve, houveste, houve, houvemos, houvestes, houveram.
Subj. pres.:	haja, hajas, haja, hajamos, hajais, hajam.
Imperat. afirm.:	há, haja, hajamos, havei, hajam.
Outras:	havia, haverei, haveria, houvera, houvesse, houver, havendo, havido.

Obs.: veja toda sua conjugação a partir da pág. 187.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

459. ( ) No presente do indicativo, o verbo **haver** é abundante na 1ª e 2ª pessoa do plural.
460. ( ) As formas **hemos** e **heis** não são hoje usadas.
461. ( ) O verbo **haver**, na linguagem moderna, vem sendo substituído pelo verbo ter.

1. haja(s) ≠ aja(s)
2. havia(s) ≠ avia(s)
3. heis ≠ eis
4. houve ≠ ouve

462. ( ) Os pares de homônimos acima comparam formas do verbo **haver** com outras dos verbos **agir**, **aviar**, **ouvir** e com a palavra **eis**.
463. ( ) Ele se houve bem na prova. Nessa frase, empregou-se o verbo **haver-se**, que significa **sair-se**.

reaver (Irregular e defectivo.)

Ind. pres.:	–, –, –, reavemos, reaveis, –.
Pret. perf.:	reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram.
Subj. pres.:	–, –, –, –, –, –.
Imperat. afirm.:	–, –, –, reavei, –.
Outras:	reavia, reaverei, reaveria, reouvera, reouvesse, reouver, reavendo, reavido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

464. ( ) **reouve**, **reouvera** e **reouver** são formas irregulares.
465. ( ) **reaver** conjuga-se pelo verbo **haver**, mas só se conjuga nas formas em que aparece a letra **v**.
466. ( ) **reaver** é defectivo nas formas em que **haver** não tem a letra **v**.

Terminados em oer

condoer-se, corroer, doer(-se), esmoer, remoer, roer (Irregulares; conjugam-se como **moer**.)

Ind. pres.:	môo (nova ortografia: moo), móis, mói, moemos, moeis, moem.
Pret. perf.:	moí, moeste, moeu, moemos, moestes, moeram.
Subj. pres.:	moa, moas, moa, moamos, moais, moam.
Imperat. afirm.:	mói, moa, moamos, moei, moam.
Outras:	moía, moerei, moeria, moera, moesse, moer, moendo, moído.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

467. ( ) **ôo** é terminação dos verbos em **oar** e **oer**, na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo.
468. ( ) **móis**, **mói** têm acento agudo pela presença do ditongo aberto **ói**.
469. ( ) **moí**, **moía**, **moíamos**, **moído** têm o **i** acentuado por ser tônico e segunda vogal de hiato.
470. ( ) **móis** e **mói** são formas irregulares.

soer (Irregular e defectivo.)

Ind. pres.:	–, sóis, sói, soemos, soeis, soem.
Pret. perf.:	soí, soeste, soeu, soemos, soestes, soeram.
Subj. pres.:	–, –, –, –, –, –.
Imperat. afirm.:	sói –, –, soei, –.
Outras:	soía, soerei, soeria, soera, soesse, soer, soendo, soído.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre **soer**.

471. ( ) É defectivo na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo.
472. ( ) Por isso, é também defectivo no presente do subjuntivo e nas pessoas do imperativo negativo.
473. ( ) Tem todas as pessoas do imperativo afirmativo.
474. ( ) No imperativo afirmativo só se conjuga nas pessoas **tu** e **vós**, porque são derivadas do presente do indicativo. Nas outras, é defectivo.
475. ( ) É irregular nas formas **sóis**, **sói**.

perder (Irregular.)

Ind. pres.:	perco, perdes, perde, perdemos, perdeis, perdem.
Pret. perf.:	perdi, perdeste, perdeu, perdemos, perdestes, perderam.
Subj. pres.:	perca, percas, perca, percamos, percais, percam.
Imperat. afirm.:	perde, perca, percamos, perdei, percam.
Outras:	perdia, perderei, perderia, perdera, perdesse, perder, perdendo, perdido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

476. ( ) **perco**, **perca**, **percamos** são formas irregulares.
477. ( ) Se a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo é irregular, também o serão suas formas derivadas, como o presente do subjuntivo e, consequentemente, todo o imperativo negativo e as pessoas **você**, **nós** e **vocês** do imperativo afirmativo.
478. ( ) As formas escritas com **c** apresentam o **e** aberto.
479. ( ) As formas escritas com **c** têm o **e** fechado.

poder (Irregular.)

Ind. pres.:	posso, podes, pode, podemos, podeis, podem.
Pret. perf.:	pude, pudeste, pôde, pudemos, pudestes, puderam.
Subj. pres.:	possa, possas, possa, possamos, possais, possam.
Imperat. afirm.:	pode, possa, possamos, podei, possam.
Outras:	podia, poderei, poderia, pudera, pudesse, puder, podendo, podido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

480. ( ) São irregulares todas as formas do verbo **poder** que apresentam **ss** e **pu**: posso, possamos, puder, pudesse...
481. ( ) **pôde** é pretérito perfeito, **pode** é presente.
482. ( ) Há gramáticos que consideram este verbo defectivo no imperativo, alegando que **não se manda alguém poder**.
483. ( ) Mas cabe usá-lo no imperativo quando se quer incutir ênfase: Você só não pode se não quiser tentar, então **queira**-o e **possa**.

pôr, antepor, apor, circumpor, compor, contrapor, decompor, depor, descompor, dispor, entrepor, expor, impor, indispor, interpor, justapor, maldispor, opor, pospor, predispor, prepor, pressupor, propor, recompor, repor, sobrepor, sotopor, superpor, supor, transpor (Irregulares ou anômalos.)

Ind. pres.:	ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem.
Pret. perf.:	pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram.
Subj. pres.:	ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham.
Imperat. afirm.:	põe, ponha, ponhamos, ponde, ponham.
Outras:	punha, porei, poria, pusera, pusesse, puser, pondo, posto.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos anteriores.

484. ( ) São os únicos que apresentam irregularidade no infinitivo.
485. ( ) Esse acontecimento faz alguns gramáticos considerarem-nos anômalos (mais que irregulares).

486. ( ) Alguns, inclusive, sugerem classificá-los como representantes de uma quarta conjugação: a dos verbos com infinitivo em **or**.
487. ( ) Normalmente, por sua derivação a partir do verbo **poer**, é considerado como irregularidade ou anomalia da 2ª conjugação.

precaver(-se) (Regular e defectivo.)

Ind. pres.:	–, –, –, precavemos, precaveis, –.
Pret. perf.:	precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram.
Subj. pres.:	–, –, –, –, –, –.
Imperat. afirm.:	–, –, –, precavei, –.
Outras:	precavia, precaverei, precaveria, precavera, precavesse, precaver, precavendo, precavido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre **precaver** e **precaver-se**.

488. ( ) São defectivos em algumas pessoas do presente do indicativo, do imperativo afirmativo e em todas do presente do subjuntivo e do imperativo negativo.
489. ( ) Esses verbos só se conjugam nas formas arrizotônicas.
490. ( ) Hoje só se usa a forma pronominal.
491. ( ) **precavejo**, **precaveem**, **precaviste**, **precaviu**... são formas que não existem porque são referentes a verbos que não são derivados de **ver**.
492. ( ) **precavenho**, **precavéns**, **precavenha**, **precavim** são também inexistentes na norma culta, porque não derivam os verbos **precaver** e **precaver-se** de **vir**.
493. ( ) Como são defectivos, suas formas inexistentes podem-se suprir pelas dos verbos **prevenir(-se)**, **precatar-se** ou **cuidar-se**.

prover, desprover (Irregulares.)

Ind. pres.:	provejo, provês, provê, provemos, provedes, provêem (nova ortografia: proveem).
Pret. perf.:	provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram.
Subj. pres.:	proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam.
Imperat. afirm.:	provê, proveja, provejamos, provede, provejam.
Outras:	provia, proverei, proveria, provera, provesse, prover, provendo, provido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

494. ( ) Derivado de **ver**, **prover** ora se conjuga como **ver**, ora não.
495. Todas as formas a seguir são corretas. Sublinhe as que fogem à conjugação de **ver**.
provê, provia, proviam, provi, proveste, proveu, provera, proveras, provesse, provesses, proverei, proveria, provejamos, provido.

querer, benquerer, desquerer, malquerer (Irregulares e abundantes.)

Ind. pres.:	quero, queres, quer(e), queremos, quereis, querem.
Pret. perf.:	quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram.
Subj. pres.:	queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram.
Imperat. afirm.:	quer(e), queira, queiramos, querei, queiram.
Outras:	queria, quererei, quereria, quisera, quisesse, quiser, querendo, querido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

496. ( ) No presente do indicativo, a forma **quere** é só usada em Portugal; no Brasil, só se usa a irregular **quer**.
497. ( ) **benquerer** e **malquerer** são abundantes em particípio: benquerido, malquerido, benquisto, malquisto.
498. ( ) **quis**, **queira**, **quisesse**, **quiser** são formas irregulares.
499. ( ) **Quer/quere**: formas abundantes no presente do indicativo e no imperativo afirmativo.

requerer (Irregular e abundante.)

Ind. pres.:	requeiro, requeres, requer(e), requeremos, requereis, requerem.
Pret. perf.:	requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram.
Subj. pres.:	requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram.
Imperat. afirm.:	requer(e), requeira, requeiramos, requerei, requeiram.
Outras:	requeria, requererei, requereria, requerera, requeresse, requerer, requerendo, requerido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

500. ( ) A forma regular **requere** é usada ainda em Portugal, e no Brasil, prefere-se a irregular **requer**.
501. ( ) **requere** e **requer** são formas abundantes desse verbo.
502. ( ) O **i** de **requeiro** caracteriza irregularidade que se repetirá no presente do subjuntivo, no imperativo negativo e em algumas pessoas do imperativo afirmativo.
503. ( ) A conjugação de **requerer** foge, portanto, à do verbo **querer**.

saber (Irregular.)

Ind. pres.:	sei, sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem.
Pret. perf.:	soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, souberam.
Subj. pres.:	saiba, saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam.
Imperat. afirm.:	sabe, saiba, saibamos, sabei, saibam.
Outras:	sabia, saberei, saberia, soubera, soubesse, souber, sabendo, sabido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** a respeito do verbo **saber**.

504. ( ) No presente do indicativo, só a 1ª pessoa do singular é irregular.
505. ( ) O pretérito perfeito e o subjuntivo presente apresentam todas as pessoas irregulares.
506. ( ) São regulares: sabia, saberei, saberia, sabendo, sabido.
507. ( ) São irregulares: souber, soubesse, saiba, sei, soube.

valer, desvaler, equivaler (Irregulares.)

Ind. pres.:	valho, vales, vale, valemos, valeis, valem.
Pret. perf.:	vali, valeste, valeu, valemos, valestes, valeram.
Subj. pres.:	valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham.
Imperat. afirm.:	vale, valha, valhamos, valei, valham.
Outras:	valia, valerei, valeria, valera, valesse, valer, valendo, valido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

508. ( ) São irregulares: valho, valha, valhamos, valham.
509. ( ) São regulares: vali, valia, valerei, valeria, valesse.

antever, entrever, prever, rever* (Irregulares; conjugam-se como **ver****.)

Ind. pres.:	vejo, vês, vê, vemos, vedes, vêem (nova ortografia: veem).
Pret. perf.:	vi, viste, viu, vimos, vistes, viram.
Subj. pres.:	veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam.
Imperat. afirm.:	vê, veja, vejamos, vede, vejam.
Outras:	via, verei, veria, vira, visse, vir, vendo, visto.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

510. ( ) Vemos hoje o que vimos ontem.
511. ( ) Quando você ver o que nós víramos...
512. ( ) Eu me entretive pensando que se ele previsse ou antevisse, não reveria o trato.
513. ( ) Viste bem do que proveste a nossa despensa.
514. ( ) Tenho visto que você não tem provido os cargos abertos.
515. ( ) O Acordo Ortográfico aboliu o circunflexo de veem, reveem...

* Rever: existe, derivado do latim *repere*, um outro verbo **rever**, que significa "transudar", 'verter', 'deixar transpirar', mas que também se conjuga como o verbo **ver**: O suor **revê** de seus poros. Sua fala ao telefone **revia** descontrole.

** O verbo **prover** foge à conjugação de **ver**. Estude-o na página 232.

viger (Regular.)

Ind. pres.:	(vijo), viges, vige, vigemos, vigeis, vigem.
Pret. perf.:	vigi, vigeste, vigeu, vigemos, vigestes, vigeram.
Subj. pres.:	(vija), (vijas), (vija), (vijamos), (vijais), (vijam).
Imperat. afirm.:	vige, (vija), (vijamos), vigei, (vijam).
Outras:	vigia, vigerei, vigeria, vigera, vigesse, viger, vigendo, vigido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre o verbo **viger**.

516. ( ) Significa "ter vigor", "estar em vigor", "vigorar".
517. ( ) Alguns gramáticos ainda o consideram defectivo na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo.
518. ( ) Portanto, não há, para esses autores, todo o presente do subjuntivo e, consequentemente, o imperativo negativo e as pessoas **você(s)** e **nós** do imperativo afirmativo.
519. ( ) Modernamente vem sendo conjugado em todas as pessoas, como verbo regular.
520. ( ) Antes de **o** e **a**, o **g** vira **j**, para não se perder a pronúncia regular.

3ª conjugação

abolir, banir, bramir, brandir, carpir, colorir, comedir, delir, demolir, emolir, extorquir, fremir, retorquir, vagir... (Regulares e defectivos.)

Ind. pres.:	–, aboles, abole, abolimos, abolis, abolem.
Pret. perf.:	aboli, aboliste, abolui, abolimos, abolistes, aboliram.
Subj. pres.:	–, –, –, –, –, –.
Imperat. afirm.:	abole, –, –, aboli, –.
Outras:	abolia, abolirei, aboliria, abolira, abolisse, abolir, abolindo, abolido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

521. ( ) São defectivos na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, portanto não têm o presente do subjuntivo e, consequentemente, o imperativo negativo e as pessoas **você**(**s**) e **nós** do imperativo afirmativo.
522. ( ) Trocam o **i** por **e** nas formas rizotônicas.
523. ( ) Eu coloro com as cores do céu.
524. ( ) O **coloro** da frase anterior pertence ao verbo **colorar**, sinônimo de "colorir" e pronuncia-se com a vogal tônica aberta como **demoro**.

agredir, denegrir, prevenir, progredir, regredir, transgredir (Irregulares.)

Ind. pres.:	agrido, agrides, agride, agredimos, agredis, agridem.
Pret. perf.:	agredi, agrediste, agrediu, agredimos, agredistes, agrediram.
Subj. pres.:	agrida, agridas, agrida, agridamos, agridais, agridam.
Imperat. afirm.:	agride, agrida, agridamos, agredi, agridam.
Outras:	agredia, agredirei, agrediria, agredira, agredisse, agredir, agredindo, agredido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro anterior.

525. ( ) Trocam o **gre** por **gri** nas formas rizotônicas do presente do indicativo, inclusive na 1ª pessoa do singular.

526. ( ) Por isso, o presente do subjuntivo e as formas do imperativo dele derivadas também trocam o **gre** por **gri**.

527. ( ) Para progredirdes mais facilmente, não agridais nem transgridais as normas do bom convívio.

Terminados em air

abstrair, atrair, cair, contrair, decair, descair, detrair, distrair, esvair, extrair, protrair, recair, ressair, retrair, retrotrair, sobressair, subtrair, trair... (Regulares; conjugam-se como **sair**.)

Ind. pres.:	saio, sais, sai, saímos, saís, saem.
Pret. perf.:	saí, saíste, saiu, saímos, saístes, saíram.
Subj. pres.:	saia, saias, saia, saiamos, saiais, saiam.
Imperat. afirm.:	sai, saia, saiamos, saí, saiam.
Outras:	saía, sairei, sairia, saíra, saísse, sair, saindo, saído.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro anterior.

528. ( ) Todos esses verbos resumem-se em **esvair**, **cair**, **trair**, **sair** e derivados.

529. ( ) Abstrai-te e não te retraias para sobressaíres.

530. ( ) Não destraias, nem traiais vossos eleitores, para não cairdes em descrédito.

Terminados em uir

construir, desconstruir, destruir, reconstruir (Irregulares e abundantes.)

Ind. pres.:	construo, constróis/truis, constrói/trui, construímos, construís, constroem/truem.
Pret. perf.:	construí, construíste, construiu, construímos, construístes, construíram.
Subj. pres.:	construa, construas, construa, construamos, construais, construam.
Imperat. afirm.:	constrói/trui, construa, construamos, construí, construam.
Outras:	construía, construirei, construiria, construíra, construísse, construir, construindo, construído.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

531. ( ) As formas tu **construis**, ele **construi** e eles **construem** são usadas em Portugal e em outros países lusófonos.

532. ( ) As formas tu **constróis**, ele **constrói** e eles **constroem** são usadas no Brasil, embora também aceitas em Portugal e em outros países lusófonos.

533. ( ) São verbos abundantes no presente do indicativo e imperativo afirmativo.

anuir, concluir, constituir, defluir, destituir, estruir, fruir, influir, instruir, obstruir, possuir, refluir, restituir, retribuir (Regulares.)

Ind. pres.:	influo, influis, influi, influímos, influís, influem.
Pret. perf.:	influí, influíste, influiu, influímos, influístes, influíram.
Subj. pres.:	influa, influas, influa, influamos, influais, influam.
Imperat. afirm.:	influi, influa, influamos, influí, influam.
Outras:	influía, influirei, influiria, influíra, influísse, influir, influindo, influído.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

534. ( ) No presente do indicativo, **influis** e **influi** graficamente têm **ui** e não **ue**, porque se trata de ditongo.

535. ( ) Trata-se de pronúncia regular, portanto de verbo regular.

argüir, redargüir/arguir, redarguir (nova ortografia) (Regulares.)

Ind. pres.:	arg**u**o, argúis, argúi, argü**i**mos, argü**i**s, argúem (nova ortografia: arg**u**o, arg**u**is, arg**u**i, arguímos, arguís, arg**u**em).
Pret. perf.:	argü**i**, argü**i**ste, argü**i**u, argü**i**mos, argü**i**stes, argü**i**ram (nova ortografia: arguí, arguíste, argu**i**u, arguímos, arguístes, arguíram).
Subj. pres.:	arg**u**a, arg**u**as, arg**u**a, arg**u**amos, arg**u**ais, arg**u**am.
Imperat. afirm.:	argúi (nova ortografia: arg**u**i), arg**u**a, arg**u**amos, argü**i** (nova ortografia: arguí), arg**u**am.
Outras:	argüia, argüirei, argüiria, argüira, argüisse, argüir, argüindo, argüido. (nova ortografia: arguía, arguirei, arguiria, arguíra, arguísse, arguir, arguindo, arguído.)

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

536. ( ) O uso do trema, pela nova ortografia, foi abolido em todos os tempos, modos e pessoas.

537. ( ) Pela nova ortografia, na sílaba **gui**, o **u** não se acentua, acentua-se o **i** quando tônico, sozinho na sílaba ou com **s**: arguí, arguís, arguímos, arguístes, arguía, arguíra, arguísse, arguído.

delinqüir/delinquir (nova ortografia) (Regular ou irregular ou defectivo.)

Ind. pres.:	1 – (delínquo), delínqües, delínqüe, delinqüimos, delinqüis, delínqüem.
	2 – delinq**u**o, delinq**u**es, delinq**u**e, delinqüimos, delinqüis, delinquem.
Pret. perf.:	delinqüi, delinqüiste, delinqüiu, delinqüimos, delinqüistes, delinqüiram.
Subj. Pres.:	1 – (delínqua), (delínquas), (delínqua), (delinquamos), (delinquais), (delínquam).
	2 – delinq**u**a, delinq**u**as, delinq**u**a, delinquamos, delinquais, delinq**u**am.
Imperat. afirm.:	1 – delínqüe, (delínqua), (delinquamos), delinqüi, (delínquam).
	2 – delinq**ú**e, delinq**u**a, delinqu**a**mos, delinqü**i**, delinq**u**am.
Outras:	delinqüia, delinqüirei, delinqüiria, delinqüira, delinqüisse, delinqüir, delinqüindo, delinqüido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

538. ( ) Nos presentes do indicativo, do subjuntivo e no imperativo, há duas conjugações diferentes.

539. ( ) Pela nova ortografia, o trema e o acento agudo no **u** foram abolidos, sem prejuízo das pronúncias.

540. ( ) Conjugam-se igualmente os verbos terminados em -guar, -quar, -quir, terminações de infinitivo em que o **u** é pronunciado átono.

541. ( ) Pela nova ortografia, tais verbos, por oferecerem dois paradigmas, ou têm o **u** como vogal tônica, mas sem acento gráfico [enxag**u**a(s), delinq**u**e(s)], ou são paroxítonos terminados em ditongo, tendo acento gráfico [enxágue(s), delínque(s)].

puir, pruir, ruir (Regulares e defectivos.)

Ind. pres.:	–, p**u**is, p**u**i, puímos, puís, p**u**em.
Pret. perf.:	puí, puíste, pu**i**u, puímos, puístes, puíram.
Subj. pres.:	–, –, –, –, –, –.
Imperat. afirm.:	p**u**i, –, –, puí, –.
Outras:	puía, puirei, puiria, puíra, puísse, puir, puindo, puído.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro anterior.

542. ( ) São defectivos nas formas em que o **u** seria seguido de **o** ou **a**.

543. ( ) São regulares nas outras formas.

abrir, desabrir, entreabrir, reabrir (Irregulares.)

Ind. pres.:	abro, abres, abre, abrimos, abris, abrem.
Pret. perf.:	abri, abriste, abriu, abrimos, abristes, abriram.
Subj. pres.:	abra, abras, abra, abramos, abrais, abram.
Imperat. afirm.:	abre, abra, abramos, abri, abram.
Outras:	abria, abrirei, abriria, abrira, abrisse, abrir, abrindo, aberto.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

544. ( ) **abro**, **abri**, **abra** são formas irregulares.
545. ( ) A única irregularidade está no particípio: aberto, desaberto, entreaberto, reaberto.

acudir, bulir, consumir, cuspir, desentupir, entupir, escapulir, fugir, sacudir, subir, sumir, zunir (Irregulares.)

Ind. pres.:	acudo, acodes, acode, acudimos, acudis, acodem.
Pret. perf.:	acudi, acudiste, acudiu, acudimos, acudistes, acudiram.
Subj. pres.:	acuda, acudas, acuda, acudamos, acudais, acudam.
Imperat. afirm.:	acode, acuda, acudamos, acudi, acudam.
Outras:	acudia, acudirei, acudiria, acudira, acudisse, acudir, acudindo, acudido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos anteriores.

546. ( ) A irregularidade se baseia na mudança do **u** por **o**.
547. ( ) Só existem quatro pessoas irregulares: **tu**, **ele**, **eles** do presente do indicativo e **tu** do imperativo afirmativo.
548. ( ) f**ug**o, f**oge**s, f**oge**, fu**gi**mos, fu**gi**s, fo**ge**m.
549. ( ) f**uga**, f**uga**s, f**uga**, fu**ga**mos, f**uga**is, f**uga**m.
550. ( ) f**ujo**, f**uja**, fu**jam**os, f**uja**is, f**uja**m, f**uja**s.
551. ( ) Antes de **o** e **a**, trocam o **g** por **j** para manter a pronúncia. Esse fato não caracteriza irregularidade.
552. ( ) **entupir** e **desentupir**, dessa lista, são os únicos abundantes no presente do indicativo (entupe(s) ou entope(s), entupem ou entopem) e no imperativo afirmativo (entupe ou entope).

assumir, presumir, reassumir, resumir (Regulares.)

Ind. pres.:	assumo, assumes, assume, assumimos, assumis, assumem.
Pret. perf.:	assumi, assumiste, assumiu, assumimos, assumistes, assumiram.
Subj. pres.:	assuma, assumas, assuma, assumamos, assumais, assumam.
Imperat. afirm.:	assume, assuma, assumamos, assumi, assumam.
Outras:	assumia, assumirei, assumiria, assumira, assumisse, assumir, assumindo, assumido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

553. ( ) Como regulares, mantêm o **u** em todas as pessoas: resumo, resumes, resume, resumimos, resumis, resumem, resumi, resumia, resumirei, resumiria, resumindo...

cerzir (Irregular e abundante.)

Ind. pres.:	cirzo, cirzes/cerzes, cirze/cerze, cerzimos, cerzis, cirzem/cerzem.

Pret. perf.:	cerzi, cerziste, cerziu, cerzimos, cerzistes, cerziram.
Subj. pres.:	cirza, cirzas, cirza, cirzamos, cirzais, cirzam.
Imperat. afirm.:	cirze/cerze, cirza, cirzamos, cerzi, cirzam.
Outras:	cerzia, cerzirei, cerziria, cerzira, cerzisse, cerzir, cerzindo, cerzido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre o verbo **cerzir**.

554. ( ) É irregular na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, portanto, também no subjuntivo presente e, consequentemente, no imperativo negativo e nas pessoas **você(s)** e **nós** do imperativo afirmativo.

555. ( ) No presente do indicativo (tu e ele) e no imperativo afirmativo (tu), coexistem no uso as formas regulares e irregulares.

556. ( ) Pela afirmação anterior, conclui-se ser verbo abundante.

cobrir, encobrir, descobrir (Irregulares.)

Ind. pres.:	cubro, cobres, cobre, cobrimos, cobris, cobrem.
Pret. perf.:	cobri, cobriste, cobriu, cobrimos, cobristes, cobriram.
Subj. pres.:	cubra, cubras, cubra, cubramos, cubrais, cubram.
Imperat. afirm.:	cobre, cubra, cubramos, cobri, cubram.
Outras:	cobria, cobrirei, cobriria, cobrira, cobrisse, cobrir, cobrindo, coberto.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

557. ( ) Todas as pessoas em que o **o** se troca por **u** são irregulares.

558. ( ) O particípio é também irregular.

559. ( ) Todas as outras formas são regulares.

dormir, engolir, tossir (Irregulares.)

Ind. pres.:	durmo, dormes, dorme, dormimos, dormis, dormem.
Pret. perf.:	dormi, dormiste, dormiu, dormimos, dormistes, dormiram.
Subj. pres.:	durma, durmas, durma, durmamos, durmais, durmam.
Imperat. afirm.:	dorme, durma, durmamos, dormi, durmam.
Outras:	dormia, dormirei, dormiria, dormira, dormisse, dormir, dormindo, dormido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

560. ( ) Conjugam-se inteiramente como os verbos **cobrir** e derivados.

561. ( ) Conjugam-se como **cobrir** e derivados, com uma única diferença: o particípio é regular: **dormido**, **engolido**, **tossido**.

Terminados em uzir

conduzir, induzir, luzir, reduzir, seduzir, reluzir (Irregulares e abundantes.)

Ind. pres.:	conduzo, conduzes, conduz, conduzimos, conduzis, conduzem.
Pret. perf.:	conduzi, conduziste, conduziu, conduzimos, conduzistes, conduziram.
Subj. pres.:	conduza, conduzas, conduza, conduzamos, conduzais, conduzam.
Imperat. afirm.:	conduz(e), conduza, conduzamos, conduzi, conduzam.
Outras:	conduzia, conduzirei, conduziria, conduzira, conduzisse, conduzir, conduzindo, conduzido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro anterior.

562. ( ) São inteiramente irregulares.
563. ( ) No presente do indicativo, **conduz** é uma forma irregular. A regular deveria ter um **e** final.
564. ( ) No imperativo afirmativo, **conduze** ou **conduz** (tu) são formas abundantes.
565. ( ) Todas as outras formas são perfeitamente regulares.

esculpir, explodir (Regulares; *vide* **partir**, pág. 179.)

expelir, inserir (Irregulares e abundantes.)

Ind. pres.:	expilo, expeles, expele, expelimos, expelis, expelem.
Pret. perf.:	expeli, expeliste, expeliu, expelimos, expelistes, expeliram.
Subj. pres.:	expila, expilas, expila, expilamos, expilais, expilam.
Imperat. afirm.:	expele, expila, expilamos, expeli, expilam.
Outras.:	expelia, expelirei, expeliria, expelira, expelisse, expelir, expelindo, expelido/expulso.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

566. ( ) Irregulares na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, pela troca do **e** por **i** (exp**e**lir ➜ exp**i**lo).

adir, aguerrir, combalir, embair, empedernir, esbaforir-se, espavorir, exinanir, florir, fornir, garrir, inanir, remir, renhir, ressarcir, ressequir, revelir, transir (Regulares e defectivos; seguem o modelo de **falir**.)

Ind. pres.:	–, –, –, falimos, falis, –.
Pret. perf.:	fali, faliste, faliu, falimos, falistes, faliram.
Subj. pres.:	–, –, –, –, –, –.
Imperat. afirm.:	–, –, –, fali, –.
Outras:	falia, falirei, faliria, falira, falisse, falir, falindo, falido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro anterior.

567. ( ) São conjugados só nas formas rizotônicas.
568. ( ) Somente têm as formas arrizotônicas, e nessas são regulares.
569. ( ) **revelir** e **ressarcir** já são considerados regulares, sendo conjugados em todas as formas.

Terminados em eguir, elir, erir, etir, ergir, ertir, ervir, espir, estir

aderir, advertir, aferir, aspergir, auferir, compelir, competir, conseguir, convergir, deferir, despir, desservir, diferir, digerir, divergir, divertir, ferir, gerir, impelir, ingerir, perseguir, preterir, prosseguir, refletir, repelir, repetir, revestir, seguir, servir, sugerir, vestir (Irregulares.)

Ind. pres.:	adiro, aderes, adere, aderimos, aderis, aderem.
Pret. perf.:	aderi, aderiste, aderiu, aderimos, aderistes, aderiram.
Subj. pres.:	adira, adiras, adira, adiramos, adirais, adiram.
Imperat. afirm.:	adere, adira, adiramos, aderi, adiram.
Outras:	aderia, aderirei, aderiria, aderira, aderisse, aderir, aderindo, aderido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

570. ( ) Na primeira pessoa do singular do presente do indicativo, sua irregularidade consiste na troca do **e** por **i**: aderir > ad**i**ro.
571. ( ) Essa irregularidade afeta, portanto, o presente do subjuntivo e os imperativos afirmativo e negativo.
572. ( ) Todas as outras formas são regulares.

emergir, imergir, submergir (Regulares e abundantes.)

Ind. pres.:	emerjo, emerges, emerge, emergimos, emergis, emergem.
Pret. perf.:	emergi, emergiste, emergiu, emergimos, emergistes, emergiram.
Subj. pres.:	emerja, emerjas, emerja, emerjamos, emerjais, emerjam.
Imperat. afirm.:	emerge, emerja, emerjamos, emergi, emerjam.
Outras:	emergia, emergirei, emergiria, emergira, emergisse, emergindo, emergido/imerso.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

573. ( ) A pronúncia da vogal tônica é: emerjo(ê), emerges(é), emergem(é).
574. ( ) A permuta do **g** por **j** só ocorre antes de **o** e **a**, para manter a pronúncia original, por isso não constitui irregularidade.

concernir

Para uns autores, conjuga-se como **aderir**; para outros, só se conjuga nas 3as pessoas: concerne(m), concernia(m)...

discernir
Para uns autores, conjuga-se como **aderir**; para outros, conjuga-se como **aderir**, porém, só nas formas arrizotônicas:

Ind. pres.:	–, –, –, discernimos, discernis, –.
Pret. perf.:	discerni, discerniste, discerniu, discernimos, discernistes, discerniram.
Subj. pres.:	–, –, –, –, –, –.
Imperat. afirm.:	–, –, –, discerni, –.
Outras:	discernia, discernirei, discerniria, discernira, discernisse, discernir, discernindo, discernido.

aturdir, brunir, espargir, exaurir, foragir-se, fulgir, impingir, jungir, ungir (Regulares, ex-defectivos; seguem o modelo de **haurir**.)

Ind. pres.:	(hauro), haures, haure, haurimos, hauris, haurem.
Pret. perf.:	hauri, hauriste, hauriu, haurimos, hauristes, hauriram.
Subj. pres.:	(haura), (hauras), (haura), (hauramos), (haurais), (hauram).
Imperat. afirm.:	haure, (haura), (hauramos), hauri, (hauram).
Outras:	hauria, haurirei, hauriria, haurira, haurisse, haurir, haurindo, haurido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

575. ( ) Para alguns, conjugam-se como **abolir**, defectivos na primeira pessoa do singular do presente do indicativo e, portanto, também não conjugáveis no presente do subjuntivo, no imperativo negativo e nas pessoas **você(s)** e **nós** do imperativo afirmativo – as formas entre parênteses.

576. ( ) Para autores mais modernos, trata-se de verbos regulares, dotados de todas as pessoas, tempos e modos.

Terminados em entir

consentir, desmentir, mentir, pressentir, ressentir, sentir (Irregulares.)

Ind. pres.:	sinto, sentes, sente, sentimos, sentis, sentem.
Pret. perf.:	senti, sentiste, sentiu, sentimos, sentistes, sentiram.
Subj. pres.:	sinta, sintas, sinta, sintamos, sintais, sintam.
Imperat. afirm.:	sente, sinta, sintamos, senti, sintam.
Outras:	sentia, sentirei, sentiria, sentira, sentisse, sentir, sentindo, sentido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

577. ( ) Sua irregularidade aparece na troca do **en** por **in**: **sen**tir, **sin**to.

578. ( ) Todos os verbos terminados em **entir** conjugam-se como **sentir**.

frigir (Irregular e abundante.)

Ind. pres.:	frijo, freges, frege, frigimos, frigis, fregem.

Pret. perf.:	frigi, frigiste, frigiu, frigimos, frigistes, frigiram.
Subj. pres.:	frija, frijas, frija, frijamos, frijais, frijam.
Imperat. afirm.:	frege, frija, frijamos, frigi, frija.
Outras:	frigia, frigirei, frigiria, frigira, frigisse, frigir, frigindo, frigido/frito.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre o verbo **frigir**.

579. ( ) A irregularidade se mostra na troca de **fri** por **fre**.
580. ( ) Outra irregularidade está na troca do **g** por **j**.
581. ( ) Permuta-se o **g** por **j** antes de **o** e **a**, para manter-se a regularidade da prosódia, isto é, da pronúncia.
582. ( ) A abundância ocorre no particípio, com duas formas: **frigido** e **frito**.

ir (Anômalo.)

Ind. pres.:	vou, vais, vai, vamos, ides, vão.
Pret. perf.:	fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.
Subj. pres.:	vá, vás, vá, vamos, vades, vão.
Imperat. afirm.:	vai, vá, vamos, ide, vão.
Outras:	ia, irei, iria, fora, fosse, ir, indo, ido.

Prática

■ Assinale **C** o **E** sobre o verbo **ir**.

583. ( ) Sua conjugação incorpora radicais de três verbos latinos: *ire*, *esse* e *vadere*.
584. ( ) A presença de vários radicais (vai, foi, ia) justifica sua classificação como anômalo.
585. ( ) Anômalo é um irregular mais forte.
586. ( ) **ia**, **irei**, **iria**, **indo**, **ido**: nessas formas, sua conjugação é regular, mantendo o mesmo radical do infinitivo.

desimpedir, despedir, expedir, impedir, ouvir, pedir (Irregulares; seguem o modelo de **medir.**)

Ind. pres.:	meço, medes, mede, medimos, medis, medem.
Pret. perf.:	medi, mediste, mediu, medimos, medistes, mediram.
Subj. pres.:	meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam.
Imperat. afirm.:	mede, meça, meçamos, medi, meçam.
Outras:	media, medirei, mediria, medira, medisse, medindo, medido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

587. ( ) Na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e nos tempos e pessoas dela derivados, aparece um **ç** no radical (pe**ç**, ou**ç**, me**ç**).
588. ( ) Nas outras formas, são regulares.

rir, sorrir (Irregulares.)

Ind. pres.:	rio, ris, ri, rimos, rides, riem.
Pret. perf.:	ri, riste, riu, rimos, ristes, riram.
Subj. pres.:	ria, rias, ria, riamos, riais, riam.
Imperat. afirm.:	ri, ria, riamos, ride, riam.
Outras:	ria, rirei, riria, rira, risse, rir, rindo, rido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

589. ( ) **ríamos** é imperfeito do indicativo e **riamos** é subjuntivo presente.

590. ( ) O verbo **sorrir**, para alguns gramáticos, na 2ª pessoa do plural do presente do indicativo, conjuga-se **vós sorris**; para outros, segue o **rir**: **vós sorrides**.

polir, sortir, despolir (Irregulares.)

Ind. pres.:	pulo, pules, pule, polimos, polis, pulem.
Pret. perf.:	poli, poliste, poliu, polimos, polistes, poliram.
Subj. pres.:	pula, pulas, pula, pulamos, pulais, pulam.
Imperat. afirm.:	pule, pula, pulamos, poli, pulam.
Outras:	polia, polirei, poliria, polira, polisse, polir, polindo, polido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** a respeito de **polir**, **sortir**, **despolir**.

591. ( ) São irregulares nas formas rizotônicas, em que trocam o **o** por **u**.

592. ( ) **sortir** significa **abastecer**, **fazer sortimento**.

surtir (Regular).

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

593. ( ) **surtir** significa **originar** e é regular: surto, surtes, surte, surtimos, surtis, surtem, surtia, surtirei, surtiria, surtira, surtisse, surtindo, surtido.

atingir, cingir, constringir, destingir, destinguir, extinguir, infringir, tingir, tinir e outros terminados em **-ingir** e **inguir** (Regulares, *vide* **partir**, pág. 179.)

vagir (Defectivo.)

Ind. pres.:	–, (vages), (vage), vagimos, vagis, (vagem).
Pret. perf.:	vagi, vagiste, vagiu, vagimos, vagistes, vagiram.
Subj. pres.:	–, –, –, –, –, –.
Imperat. afirm.:	–, (vage), –, –, vagi, –.
Outras:	vagia, vagirei, vagiria, vagira, vagisse, vagir, vagindo, vagido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre **vagir**.

594. ( ) Para uns gramáticos, só se conjuga nas formas em que o radical vem seguido da letra **i**; portanto, para eles, as formas entre parênteses não existem.

595. ( ) Para outros, não se conjugam apenas as formas em que ao radical se seguiriam as letras **a** e **o**.

596. ( ) Ou seja, para uns, pertence o verbo **vagir** a um grupo de defectivos; para outros, continua sendo defectivo, porém pertencente a outro grupo. (*Vide* pág. 235.)

advir, avir(-se), convir, desavir(-se), intervir, provir, sobrevir (Irregulares; seguem o modelo de **vir**.)

Ind. pres.:	venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm.
Pret. perf.:	vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.
Subj. pres.:	venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham.
Imperat. afirm.:	vem, venha, venhamos, vinde, venham.
Outras:	vinha, virei, viria, viera, viesse, vindo, vindo.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

597. ( ) Os derivados de **vir**, por terem mais de uma sílaba, têm acentos gráficos diferentes de **vir**: **vens**, **vem** / **advéns**, **advém**.

598. ( ) O particípio e o gerúndio têm a mesma forma.

599. ( ) **desavindo**, além de particípio, é adjetivo: pares **desavindos**.

Prática Geral

■ Passe para a **2ª pessoa do singular** e **2ª pessoa do plural**.

Vão com Deus, sejam felizes e, quando saírem, fechem a porta.

600. _____

_____

_____

_____

■ Use o verbo **reaver** nas formas indicadas ou, se impossível, use um sinônimo.

601. Eu _____ (pres. indicat.) o tempo perdido e já _____ (pret. perf.) o que me tiraram.

602. Nós _____ (pret. perf.) nossos créditos. Ela não _____ (pres. indicat.) os dela.

■ Escreva os **particípios** dos seguintes verbos:

603. expressar _____ – exprimir _____
604. extinguir _____ – suspender _____
605. frigir _____ – abrir _____

606. Dos verbos dos três últimos exercícios, só não é abundante o _____.

■ **Corrija**, se for preciso.

607. Se eu o ver, dizerei que te procure.

_____

608. Ele interviu logo, porque não quiz fazer o que eu propora.

_____

609. É bom que você averigüe como eu mobilio os pavimentos.

_____

610. Quando ele vir de férias, se poder, vou esperá-lo.

_____

611. O vice sobestá ao prefeito.

_____

■ (UFPR – adaptado). Preencha as lacunas com os verbos **ver** ou **vir**.

612. Quando _____ a Brasília, traga sua mãe.
613. Se _____ o Pedro, avise-o da minha chegada.
614. Ontem nós _____ um peixe enorme no lago.
615. Se tu _____ com mentiras, verás o que é bom!
616. Entregue-lhe isto, se o _____ amanhã.
617. Quando _____ o lago e o sol _____ nascendo...
618. Nós sempre _____ aqui pelo mesmo caminho.
619. Se _____ à escola, terá uma surpresa.
620. Peça-lhe para _____ aqui quando puder.
621. Se _____ à escola, terás uma surpresa.
622. Se _____ à escola, tereis uma surpresa.
623. Se você e Tiago os _____, nada comentem com eles.
624. Se você e Renan _____, vou buscá-los no aeroporto.

■ Nas frases de 625 a 635, assinale nos parênteses as letras correspondentes ao **indicativo**.

a) presente
b) pretérito perfeito
c) pretérito imperfeito
d) pretérito mais-que-perfeito
e) futuro do presente
f) futuro do pretérito

625. ( ) "A cantiga que eu **cantava**,
626. ( ) por ser cantada **morreu**.
627. ( ) Nunca **hei de dizer** o nome
628. ( ) daquilo que **há de ser** meu."
(Cecília Meireles)

"**Gostaríamos** de ser retos em nossos julgamentos, mas não **queremos** fazer sofrer os nossos semelhantes. Então **abrimos** mão de toda justiça e **sofremos** nós mesmos com as fraudes de nossa balança." (Carlos Drummond de Andrade)

629. ( ) gostaríamos.
630. ( ) queremos.
631. ( ) abrimos.
632. ( ) sofremos.

"Foi com esta impressão profunda que **cheguei** ao hospital onde Marcela **entrara** na véspera, e onde a **vi** expirar meia hora depois, feia, magra, decrépita..." (Machado de Assis)

633. ( ) cheguei.
634. ( ) entrara.
635. ( ) vi.

■ Classifique as **formas verbais** do seguinte texto de Carlos Drummond de Andrade (com adaptação).

"De sua poltrona, o moço **reclamava**:
– **Botem** esse ventilador para **funcionar**! Não aguento mais de calor.
Como ninguém **providenciasse**, ele **insistia**, **declarando** o fato uma falta de consideração com os passageiros. Mas nós não nos **sentimos** pessoalmente desconsiderados.
O rapaz insistia sempre, até que **apareceu** o chefe do trem e lançou um plebiscito.
– O motor está fraco. Se **quiserem** que o ventilador **funcione**, **ficarão** sem luz. Que preferem os senhores: ar ou claridade?
Olhamos com reprovação o reclamante, e ele emudeceu."

636. reclamava: _____
637. botem: _____
638. funcionar: _____

639. providenciasse: _____
640. insistia: _____
641. declarando: _____
642. sentimos: _____
643. apareceu: _____
644. quiserem: _____
645. funcione: _____
646. ficarão: _____
647. olhamos: _____

A – Ela **dorme** cedo.
B – **Durma** logo, menino.
C – Talvez ela **durma** logo.
D – Quero que você **dorme** logo.
E – Talvez ela **dorme** logo.

■ Assinale **C** ou **E**, para quer se trate de afirmação certa ou errada.

648. ( ) Em A, o verbo está no **imperativo**.
649. ( ) Em A, o verbo está no **indicativo**.
650. ( ) Em B, o verbo está no **subjuntivo**.
651. ( ) Em B, o verbo está no **imperativo**.
652. ( ) Em C, o verbo está no **subjuntivo**.
653. ( ) Em D, o verbo em negrito deveria estar no **subjuntivo** (durma).
654. ( ) Em E, o verbo está errado porque a dúvida requer **subjuntivo** (durma).
655. ( ) O nome **subjuntivo** vem de **sub + juntar** (que se junta por baixo) devido a ser o modo das orações subordinadas.

■ (FEMPAR) Que frases terão suas lacunas corretamente preenchidas pelas formas colocadas entre parênteses? Marque-as com um **C**.

656. Para não acentuar a discórdia, não _____ na discussão. (intervim)
657. O tempo todo _____ -me em silêncio. (manti)
658. Seria oportuno que ele se _____. (contesse)
659. Apesar da insistência, não _____ seus pertences. (reaveu)
660. Da minha janela, _____ tudo o que se passa na rua. (presencio)
661. Olho ao redor e _____ que todos os amigos se foram. (averiguo)

■ (U.E.MARINGÁ-PR) Assinale com **C** toda vez que os verbos do imperativo, em cada dupla, se referirem à mesma pessoa.

662. a) **Enxágua** a louça, mana.
b) Filha, **seja** mais otimista!

663. a) **Crede** sempre no bem!
b) Não **digais** tudo o que vem à mente.

664. a) **Sigamos** nosso caminho.
b) **Criemos** nosso destino!

665. a) Papai, **descola** uma grana aí.
b) Psiu, **vem** mais perto, vem.

■ Preencha as lacunas corretamente seguindo o modelo.
Vir, talvez eu venha. Se eu não vier...
666. Valer, talvez eu _____. Se eu não _____...
667. Poder, talvez eu _____. Se eu não _____...
668. Querer, talvez eu _____. Se eu não _____...
669. Requerer, talvez eu _____. Se eu não _____...
670. Pôr, talvez eu _____. Se eu não _____...
671. Ver, talvez eu _____. Se eu não _____...
672. Caber, talvez eu _____. Se eu não _____...
673. Ter, talvez eu _____. Se eu não _____...
674. Tragar, talvez eu _____. Se eu não _____...
675. Trazer, talvez eu _____. Se eu não _____...
676. Saber, talvez eu _____. Se eu não _____...
677. Remediar, talvez eu _____. Se eu não _____...

■ Corrija as frases.
678. Quando irmos, encontraremos os que se oporam.

_____

679. Enquanto não verdes a placa, não dobre à direita.

_____

680. Quando vires ao Brasil, mostra-me os presentes que trouxes.

_____

681. Quando ele propor, quero que você não interveja na conversa.

_____

682. Se eles reverem o texto e manterem o erro...

_____

683. Ela interviu porque eles não se comporam.

_____

684. Vá em frente e serás recompensado.

_____

685. Eles se desaviram, mas pode ser que ainda se avenham.

_____

686. (FUVEST-SP) "Se ele _____ (ver) o nosso trabalho _____ (fazer) um elogio."
Assinale a alternativa em que as formas dos verbos **ver** e **fazer** preenchem corretamente as lacunas da frase acima:
a) ver / fará.
b) visse / fará.
c) ver / fazerá.
d) vir / fará.
e) vir / faria.

687. (FESP-SP) Assinale a alternativa em que todas as formas estejam na **segunda pessoa do plural do imperativo afirmativo**.
a) ouvi / vinde / ide / traze.
b) ouvi / vinde / ide / trazei.
c) ouvi / venhas / ide / trazei.
d) ouça / vinde / vá / tragais.
e) ouça / venhas / vás / tragais.

688. (VUNESP-SP) Observe a frase abaixo.
"A grosseria de Deus me feria e insultava-me."
Transcreva-a no:
a) pretérito perfeito do indicativo:

_____

b) pretérito mais-que-perfeito do indicativo:

_____

689. (FUVEST-SP) Preencha os claros da frase transformada com as formas adequadas dos verbos assinalados na frase original.
Original:
Para você **vir** à Cidade Universitária, é preciso **virar** à direita ao **ver** a ponte da Alvarenga.
Para tu _____ à Cidade Universitária, é preciso que _____ à direita quando _____ a ponte da Alvarenga.

690. (UM-SP) Indique a oração em que há um **erro** quanto à flexão verbal.
a) A mãe previu no filho aquela personalidade marcante.
b) O próprio garoto precaviu-se contra aquele mal.
c) Missão sublime o detivera aqui neste universo humano.
d) O mestre não interveio a tempo na solução daquele problema.
e) Mesmo com a mente iludida, o jovem reouve a consciência da trágica situação.

691. (UNIMEP-SP) "Não fales! Não bebas! Não fujas!"
Passando tudo para a forma **afirmativa**, teremos:

a) Fala! Bebe! Foge!
b) Fala! Bebe! Fuja!
c) Fala! Beba! Fuja!
d) Fale! Beba! Fuja!
e) Fale! Bebe! Foge!

692. (F. C. Chagas-PR) Mesmo que você lhe _____ um acordo amigável, ele não _____.
a) proponha / aceitará.
b) propor / aceitava.
c) proporia / aceitaria.
d) proporá / aceitará.
e) propôs / aceitava.

693. (ITA-SP) Vi, mas não _____; o policial viu, e também não _____; dois agentes secretos viram, e não _____. Se todos nós _____, talvez _____ tantas mortes.
a) intervim / interviu / interviram / tivéssemos intervido / teríamos evitado.
b) me precavi / se precaveio / se precaveram / nos precavíssemos / não teria havido.
c) me contive / se conteve / contiveram / houvéssemos contido / tivéssemos impedido.
d) me precavi / se precaveu / precaviram / precavêssemo-nos / não houvesse.
e) intervim / interveio / intervieram / tivéssemos intervindo / houvéssemos evitado.

694. (F. C. Chagas) Se você _____ chegado a tempo _____ visto o que _____.
a) tem / tenha / acontece.
b) tiver / terá / acontecesse.
c) teria / tinha / aconteça.
d) tivesse / teria / aconteceu.
e) tinha / tem / acontecia.

695. (F. C. Chagas) Transpondo para a voz **ativa** a frase: "O filme ia ser dirigido por um cineasta ainda desconhecido", obtém-se a forma verbal:
a) dirigirá.
b) dirigir-se-á.
c) vai dirigir.
d) será dirigido.
e) ia dirigir.

696. (UF Londrina) Transpondo para a voz **ativa** a frase: "Os livros seriam postos em um líquido desinfetante", obtém-se a forma verbal:
a) vão pôr.
b) íamos pôr.
c) põem-se.
d) vão ser postos.
e) poriam.

697. (UNESP) Explicou que *aprendera aquilo de ouvido*.
Transpondo a oração em destaque para a **voz passiva**, temos a seguinte forma verbal:
a) tinha sido aprendido.
b) era aprendido.
c) fora aprendido.
d) tinha aprendido.
e) aprenderia.

698. (UM-SP) Assinale a alternativa em que há **erro** na forma verbal ou no pronome enclítico.
a) tem + o = tem-no.
b) faz + o = fá-lo.
c) fez + o = fê-lo.
d) tens + o = ten-lo.
e) pões + o = põe-lo.

699. (FCMSCSP) Transpondo para a **voz ativa** a frase: "Solicita-se a atenção de V. Sª. para um dado importante", obtém-se a forma verbal:
a) é solicitado.
b) solicitam.
c) foi solicitada.
d) solicitaram.
e) solicitou-se.

700. (FCMSCSP) Transpondo para a **voz passiva** a frase: "Os mutuários devem continuar a seguir essa orientação", obtém-se a forma verbal:
a) deve continuar a ser seguida.
b) deve ser continuada a seguir.
c) deve ser continuada a ser seguida.
d) é devida continuar a seguir.
e) é devida ser continuada a seguir.

701. (FCMSCSP) Caso você _____ viajar no sábado, com certeza _____ necessário reservar as passagens.
a) quer / fosse.
b) quisesse / seja.
c) queira / será.
d) queria / é.
e) quiser / fosse.

702. (UF Londrina) Transpondo para a **voz passiva** a frase: "Os cavalinhos de pau despertavam a fantasia das crianças", obtém-se a forma verbal:
a) fora despertada.
b) despertou-se.
c) ia sendo despertada.
d) foi despertada.
e) era despertada.

703. (FCMSCSP) Mesmo que a direção o _____ para o lugar e ele _____ nomeado, duvido que _____ a exercer o cargo.
a) indicar / for / chega.
b) indicaria / seja / chega.
c) indique / for / chega.
d) indique / seja / chegue.
e) indicar / ser / chegue.

704. (FIUbe) Transpondo para a **voz passiva** a oração: "A pedidos, a orquestra tocaria fado e modinha", obtém-se a forma verbal:
a) se tocaria.
b) será tocado.
c) seriam tocados.
d) serão tocados.
e) iam ser tocados.

705. (FIUbe) Caso eu não _____ mais aqui e não nos _____ outra vez, telefone-me.
a) vier / vermos.
b) venho / virmos.
c) virei / veremos.
d) venha / vejamos.
e) viesse / vimos.

706. (EEM-SP) Siga o modelo.
Provo que tenho direito. Se tens direito, prova-o.
a) Juro que não comprei a máquina.

_____

b) Digo que compus um poema.

_____

707. (ITA-SP) Dadas as afirmações de que os verbos:
a. requerer b. prover c. aprazer
têm, respectivamente, como primeira pessoa do singular do presente do indicativo:
1. requero 2. provejo 3. aprazo
constatamos que está (estão) **correta(s)**:
a) apenas a afirmação nº 1.
b) apenas a afirmação nº 2.
c) apenas a afirmação nº 3.
d) todas as afirmações.
e) n.d.a.

708. (FUVEST-SP) _____ em ti, mas nem sempre _____ dos outros.
a) Creias / duvides.
b) Crê / duvidas.
c) Creias / duvidas.
d) Creia / duvide.
e) Crê / duvides.

709. (FUVEST-SP) Ele _____ a seca e _____ a casa de mantimentos.
a) preveu / proveu.
b) prevera / provira.
c) previra / proviera.
d) preveu / provera.
e) previu / proveu.

710. (FUVEST-SP) Passe o texto para a forma **negativa**.
"Sai daqui! Foge! Abandona o que é teu e esquece-me."

_____

_____

711. (FUVEST-SP) Escreva as formas dos verbos indicados que preencham **corretamente** as lacunas.
a) Quando eu _____ os livros, nunca mais os emprestarei. (reaver)
b) Quando ele _____ uma canção de paz, poderá descansar. (compor)

712. (F. C. Chagas) Não _____ diante de nenhum sacrifício que você de mim _____.
a) recuei / exija.
b) recuo / exigisse.
c) recuo / exija.
d) recuara / exigiu.
e) recuei / exigir.

713. (F. C. Chagas) Para que você _____ isso, precisa ser ambicioso; quem _____ sem que _____, certamente é ambicioso.
a) deseja / deseja / estima.
b) deseje / deseja / estime.
c) deseje / deseja / estima.
d) deseja / deseje / estime.
e) deseje / deseje / estima.

714. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Assinale a alternativa que apresenta um verbo **incorretamente** flexionado.
a) O enxoval conviria às noivas dos bairros mais pobres.
b) Não despeças os carregadores antes do desembarque.
c) Os policiais interviram nos protestos dos grevistas.
d) A noiva precaveu-se contra os prejuízos da mudança.

715. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Assinale o trecho que **não** contém oração na voz passiva.
a) Lamentamos que o pouco tempo disponível venha a prejudicar o processo que foi iniciado de forma tão incorreta.
b) No quarto, já tinham sido espalhados vários colchões pelo chão, para acomodar os parentes que vinham de longe.
c) À distância, viam-se pequenos pontos de luz, a denunciar a presença de casas por ali.
d) Assim que começou a cursar medicina, sentiu-se atraído para a área de neurologia.
e) A lembrança de sua convivência conosco ia sendo afastada à medida que os afazeres da rotina iam nos absorvendo.

716. (PRF/N.M./ANP) Assinale a opção em que o tempo do verbo está empregado **erradamente**.
a) Quem terminar pode entregar a prova.
b) Eu começarei de novo, se fosse preciso.
c) Quando ela passou, todos aplaudiram.
d) Até ontem eles não tinham chegado.

717. (ITA/VEST) Assinale a opção que preenche corretamente os espaços.
"Mesmo que _____ outros imprevistos, haja vista que já _____ alguns, _____ todas as necessidades se _____ tranquilos."
a) haja / ocorreram / proviremos / nos mantermos.
b) advenham / sobrevieram / proveremos a / nos mantivermos.

c) advissem / sobreviram / proviríamos / mantivéssemo-nos.
d) adviessem / têm sobrevindo / proviremos / mantermo-nos.
e) advierem / têm havido / supriremos a / mantivermo-nos.

718. (BRB/N.M./IDR) Assinale a alternativa **correta**.
a) Só irei festejar o prêmio, quando eu vir a cor do dinheiro, e, nesse momento, você, com certeza, quererá ficar comigo para sempre.
b) A Constituição proibi as discriminações, mas parece que alguns bancos ignoram isso ao manterem caixas à disposição exclusiva de clientes de muitas estrelas.
c) Se ele repor a quantia retirada ontem, não será necessário que o gerente intervenha a seu favor.
d) Só ficará calmo quando perfazer todos os pontos exigidos para a sua ascensão funcional.

719. (BRB/N.M./IDR) Assinale a alternativa **correta**.
a) Quando o líder propor mudanças na lei, certamente os demais encontrarão no documento pontos que transgridam a lei.
b) Será necessário que as empresas falham para que os juros baixassem? E quantas ainda precisarão anunciar falência?
c) Se o presidente muda sua rotina, busca-se imediatamente explicação. Se as informações conflitam, especula-se.
d) Se o computador caber naquela mesa, cancele a encomenda feita ontem. Afinal, é hora de conter despesas.

720. (ALCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **correta**.
a) Se você não requerer logo, é possível que lhe digam amanhã que o documento não valhe nada.
b) Se o vir, diga-lhe que eu me precavejo contra possíveis aborrecimentos.
c) Se eles se mantiverem irredutíveis e não se proporem a conversar nada se resolverá.
d) Quando ele obtiver aquilo por que tanto anseia, será tarde demais.

721. (ALCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa que corresponde, na **voz passiva**, ao período abaixo.
"Os deputados estavam sempre discutindo a mesma questão."
a) A mesma questão vinha sempre sendo discutida pelos deputados.
b) A mesma questão estava sempre sendo discutida pelos deputados.
c) A mesma questão ia sendo sempre discutida pelos deputados.
d) A mesma questão era sempre discutida pelos deputados.

722. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale o período **incorreto** quanto à conjugação verbal.
a) Ao propordes tal solução, não vos esqueçais de que vos tornareis responsáveis pelo sucesso ou fracasso da empreitada.

b) Ele reaveu todos os documentos desaparecidos; para obtê-los novamente ateve-se a publicar um anúncio no jornal.
c) Esperando que se contradissessem, propuseram questões sutis, e, enquanto lhes aprouve, mantiveram o interrogatório.
d) Caberem todos não é difícil; o problema é manterem-se quietos para não comprometer a estabilidade do barco.

723. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale o período **incorreto** quanto à conjugação verbal.
a) Ninguém creu no que disseste: tua imagem não é das melhores.
b) Após a queda, por longo tempo jazeram ali, exânimes, quase mortos.
c) Não tinham prazido aos credores as garantias que lhes tinham sido oferecidas.
d) Muitas empresas já faliram este ano. Espero, contudo, que a nossa não falha.

724. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale o período que corresponde, na **voz passiva**, ao período abaixo.
"A construtora deverá demolir, em breve, todas as casas, e, em seu lugar, os operários vão erguer um edifício."
a) Em breve, todas as casas serão demolidas pela construtora, e, em seu lugar, um edifício será erguido pelos operários.
b) Em breve, a construtora terá demolido todas as casas, e, em seu lugar, um edifício deverá ser erguido pelos operários.
c) Em breve, todas as casas deverão ser demolidas pela construtora, e, em seu lugar, um edifício vai ser erguido pelos operários.
d) Em breve, todas as casas deverão ser demolidas pela construtora, e, em seu lugar, um edifício será erguido pelos operários.

725. (TFC-RJ/N.S.) A forma passiva correspondente ao enunciado "Vi, no claro azul do céu, um papagaio de papel, alto e largo", é:
a) O garoto viu, no claro azul do céu, um papagaio de papel, alto e largo.
b) Um papagaio de papel, alto e largo, estava sendo visto pelo menino, no claro azul do céu.
c) No claro azul do céu, era visto um papagaio de papel, alto e largo, por mim.
d) Alto e largo, um papagaio de papel foi visto por mim no claro azul do céu.
e) Foi visto pelo menino, no claro azul do céu, um papagaio de papel.

726. (TFC-RJ/N.S.) Assinale a opção cujo período apresenta **erro** na sintaxe ou morfologia das formas verbais.
a) É necessário que se intermedeiem os conflitos étnicos para que a paz seja preservada.
b) Segundo pressupuseram especialistas, novas bactérias, de extraordinária resistência, estão surgindo nos hospitais.

c) Ao não se aterem aos limites previstos para a pesquisa, correram o risco de falsear os resultados.
d) Sem que se transgridam os modelos convencionais, os prejuízos jamais poderão ser reavidos.
e) Se não sobrevirem novos problemas, serão satisfeitas todas as exigências do contrato assinado.

727. (TFC-RJ/N.S.) Assinale a opção cujo período apresenta **erro** na sintaxe ou morfologia das formas verbais.
a) Se não provessem os estoques do governo com a necessária antecedência, dificuldades maiores adviriam na entressafra.
b) Se eles interporem um novo recurso contra a decisão do diretor, é possível que seja aceita a argumentação que apresentaram.
c) Exige-se que as amostras não difiram significativamente do padrão oficial e que se expeça o respectivo laudo de fiscalização.
d) Por não se preverem as consequências do novo decreto, deixaram de ser tomadas medidas que contivessem o aumento de custos.
e) O governo não interveio nem pretende intervir no mercado, embora as informações de alguns empresários se contradissessem.

728. (TFC-RJ/N.S.) Assinale a opção cujo período apresenta **erro** na sintaxe ou morfologia das formas verbais.
a) Havia, entre os meses de outubro e dezembro, ocorrido pancadas de chuva tão violentas que as estradas estavam em péssimas condições.
b) Se houver desistências, as vagas não poderão ser preenchidas por candidatos sem habilitação legal.
c) Embora muitas dificuldades houvessem surgido, os trabalhos foram concluídos em tempo hábil.
d) Todas as opiniões que houvesse entre os participantes do encontro seriam debatidas democraticamente.
e) Ninguém sabe se vão haver ou não novas inscrições para o concurso anunciado há duas semanas.

729. Avalie a correlação dos tempos verbais e assinale C ou E no parêntese.
( ) Em "Quando se **somam** salários, retiradas e outras remunerações, alguns setores **apresentaram** diferenças não justificadas".

Advérbio

DEFINIÇÃO

Advérbio é uma palavra invariável que se refere a um adjetivo, advérbio ou verbo, atribuindo-lhes uma circunstância.

Observe:

O menino alto cantava alto.
subst. adj. verbo adv.

Prática

1. Passe a frase acima para o **feminino**.

_____

2. Passe a frase acima para o **plural**.

_____

Conclusão:

O **alto** que se refere a um substantivo é um **adjetivo** e varia em gênero e número.
O **alto** que se refere a um verbo é um **advérbio**, por isso é invariável.

Observe:

Era muito problema ...
adj. subst.

Era problema muito fácil.
subst. adv. adj.

Prática

■ Passe as frases acima para o **plural**.

3. _____
4. _____

Conclusão:

O **muito** que se refere a um substantivo é **pronome indefinido** e varia em gênero e número.
O **muito** que se refere a um adjetivo é **advérbio**, por isso é invariável.

Observe:

Júlio tinha muito (adv.) pouco (adj.) conhecimento (subst.) e era muito (adv.) pouco (adv.) admirado (adj.).

Prática

■ Preencha as lacunas.

5. Júlia tinha _____ _____ prática e era _____ _____ _____.

Conclusão:

Os adjetivos são variáveis para concordar com os substantivos a que se referem.
Os advérbios também podem se referir a adjetivos ou a outros advérbios, mas são sempre invariáveis.
Os advérbios nunca se referem a substantivos.

Prática

A. Ela estava mal.
B. Ela estava bem.
C. Ela estava bem mal.
D. Felizmente, agora não há barreiras entre nós.

■ Assinale **C** ou **E**.

6. ( ) Em A, **mal** é adjetivo.
7. ( ) Em A, **mal** não é adjetivo, porque é invariável: Elas estavam mal.
8. ( ) Em A, **mal** é advérbio de modo, referindo-se ao verbo **estava**.
9. ( ) Em B, **bem** é adjetivo.
10. ( ) Em B, **bem** é advérbio, porque é invariável.
11. ( ) Em B, **bem** é advérbio de modo, referindo-se ao verbo.
12. ( ) Em C, **mal** é adjetivo.
13. ( ) Em C, **bem** é advérbio de modo, referindo-se ao advérbio **mal**.
14. ( ) Em C, **bem** é advérbio de intensidade, referindo-se a outro advérbio.
15. ( ) Um advérbio se refere a outro advérbio, estabelecendo sentido de intensidade e se chama advérbio de intensidade.
16. ( ) Em D, **Felizmente** é advérbio e se refere a toda uma oração.
17. ( ) Quando o advérbio se refere a toda uma oração, normalmente vem separado desta por vírgula.
18. ( ) O advérbio serve para atribuir qualidade aos seres.
19. ( ) **Advérbio** é palavra invariável que se refere a um adjetivo, verbo ou outro advérbio, exprimindo uma circunstância.

CIRCUNSTÂNCIAS EXPRESSAS PELO ADVÉRBIO

Prática

■ Estabeleça a correlação adequada.

a) afirmação c) dúvida e) tempo g) intensidade
b) negação d) lugar f) modo

20. ( ) não.
21. ( ) jamais, nunca, logo, hoje, já, cedo, antes, depois, agora, outrora...
22. ( ) efetivamente, sim, realmente, certamente...
23. ( ) bastante, muito, pouco, bem, mais, demais, menos...
24. ( ) assim, bem, mal, depressa, devagar, debalde, melhor...
25. ( ) geralmente os terminados em -mente: fielmente, facilmente, ricamente...
26. ( ) acaso, porventura, talvez, provavelmente.
27. ( ) aqui, aí, ali, além, abaixo, acima, adiante, além, aquém, fora...

■ Continue correlacionando os **advérbios interrogativos**.

a) de causa b) de tempo c) de modo d) de lugar

28. ( ) Quando você chegou?
29. ( ) Como conseguiste chegar?
30. ( ) Onde você guardou minha cenoura?
31. ( ) Por que não veio mais cedo?
32. ( ) Quero saber como você aprendeu o caminho.
33. ( ) Não sei onde você se esconde.
34. ( ) Diga-me quando você chegou.

Observe:

E. Como você cresceu? F. Como você cresceu!
G. Ela usa bastante batom. H. Ele nunca voltou.

■ Responda **C** ou **E**.

35. ( ) Em E e F, existe **advérbio interrogativo**.
36. ( ) Em E e F, existe **advérbio de modo**.
37. ( ) Em E, **como** é **advérbio interrogativo de modo**.
38. ( ) Em F, **como** é **advérbio de intensidade**.
39. ( ) Em G, há um **advérbio de intensidade**.
40. ( ) Em G, **bastante** não é advérbio, porque se refere ao substantivo **batom**.
41. ( ) Em G, **bastante** é pronome indefinido, como **muito** e **pouco** quando se referem a substantivo.
42. ( ) Em H, **nunca** é advérbio de tempo e negação.

LOCUÇÃO ADVERBIAL

Prática

Observe:

I. Ela sorriu **novamente**.
J. Ela sorriu **de novo**.
K. Ele **não** se comprometeu.
L. **De modo nenhum** ele se comprometeu.
M. Ele virá, **sim**.
N. Ele virá, **com certeza**.
O. – Onde está o Ivan? – Não sei. **Com certeza** está numa dessas exposições que frequenta.
P. Renato cortava legumes **com Teresa**.
Q. Teresa se cortou **com o canivete** de Renato.

■ Assinale **C** ou **E**.

43. ( ) **novamente** e **de novo** são circunstâncias do verbo sorrir.
44. ( ) **novamente** é um advérbio que atribui ao verbo sorrir uma circunstância de **repetitividade**.
45. ( ) **não** e **De modo nenhum** atribuem circunstância de negação ao verbo comprometer-se.
46. ( ) Em J, L e N, vê-se que duas ou mais palavras podem fazer as vezes de um advérbio.
47. ( ) Duas ou mais palavras que funcionam no lugar de um advérbio chamam-se **locução adverbial**.
48. ( ) Em N e O, encontram-se locuções adverbiais de **afirmação**.
49. ( ) Em N, **Com certeza** é uma locução adverbial de **afirmação**.
50. ( ) Em O, **Com certeza** é uma locução adverbial de **dúvida**.
51. ( ) Em P, há uma locução adverbial de **companhia**.
52. ( ) Em Q, há uma locução adverbial de **instrumento** ou **meio**.

Observe:

R. Ela estava **perto**.
advérbio

S. Ela estava **por perto**.
prep. + adv.
locução adverbial

T. Ela estava **em casa**.
prep. + subst.
locução adverbial

U. Ela estava **com você**.
prep. + pron.
locução adverbial

■ Assinale **C** ou **E**.

53. ( ) Em R, **perto** é advérbio de lugar.
54. ( ) Em S, **por perto** é locução adverbial de lugar, constituída de preposição e advérbio juntos.
55. ( ) Em T, **em casa** é advérbio de **lugar**.
56. ( ) Em T, **em casa** é locução adverbial de **lugar**, formada por uma preposição e um substantivo.
57. ( ) Em U, **com você** é uma locução adverbial de **companhia**.

Observe:

V. Ela estava (**locução adverbial**: **com** (prep.) + **você**. (pron.))

W. Ela estava (**locução adverbial**: **perto de** (**adv. + prep.** loc. prepositiva) **você**. (pron.))

X. Ela estava (**locução adverbial**: **em** (prep.) **casa**. (subst.))

Y. Ela estava (**locução adverbial**: **em cima de** (**prep.+ adv.+ prep.** locução prepositiva) **sua casa**. (subst.))

A **locução adverbial** pode ter a seguinte estrutura: preposição + advérbio; preposição + substantivo; preposição + pronome. A preposição vem sempre antes.
Advérbio + preposição = **locução prepositiva**.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

58. ( ) Observando V e W, conclui-se que a locução prepositiva equivale na frase a uma **preposição**.
59. ( ) Observando W e Y, conclui-se que, na construção da frase, a locução prepositiva pode ter duas ou mais palavras.
60. ( ) A locução adverbial sempre começa com preposição, ou locução prepositiva.
61. ( ) A locução adverbial nunca termina com preposição.
62. ( ) O núcleo da locução adverbial é a preposição.
63. ( ) A locução prepositiva sempre termina com preposição.
64. ( ) Toda locução que termina em preposição é locução prepositiva.
65. ( ) A locução prepositiva pode ter preposição no início e no fim (**em** cima **de**).

Observe:

Ela está meio / menos / mais / muito / pouco **tonta**. adjet.

advérbio de intensidade

Ela está **tonta** adjet. de verdade. / à beça. / p'ra chuchu.

locução adverbial de intensidade

Ela está mais / menos / meio / muito / pouco / bastante **perto**. adv.

advérbio de intensidade

Ela está **perto** adv. de verdade. / p'ra chuchu. / à beça.

locução adverbial de intensidade

O **advérbio** ou **locução adverbial** que se referem a adjetivo ou a advérbio são, quase sempre, de intensidade.

Prática

Naquela época, com rara felicidade, as famílias conversavam em volta da mesa, em tom normal, após o sono dos menores.

■ Assinale **C** ou **E**.

66. ( ) **Naquela época** é locução adverbial de **tempo**.
67. ( ) Na oração há cinco locuções adverbiais.
68. ( ) Todas começam com preposição.
69. ( ) **em volta de** é uma locução prepositiva.
70. ( ) Há duas locuções adverbiais de **tempo**.
71. ( ) Há só duas ocorrências da preposição **em** no texto.

■ Sublinhe e classifique os **advérbios** ou **locuções adverbiais**.

72. Nunca vi olhos tão meigos.
73. Quanta alegria havia lá!
74. Por que vieste tão cedo?
75. Não me disseste onde ou como eles estão.
76. Talvez não saibam quando chegaremos.
77. Chegou da Espanha o jovem do Brasil.
78. Muitos homens e muitas mulheres pensam muito pouco.
79. Bastantes estudiosos nos ajudam bastante.
80. Ele era de meias-palavras. Meio calado.

Preposição

DEFINIÇÃO

Observe:

Preposição é a **palavra** que liga **dois termos**, subordinando o segundo ao primeiro e estabelecendo uma relação semântica (relação de significado) com o subordinado ou regido.

A preposição é escolhida pelo termo regente e pertence sintaticamente ao termo regido.

Prática

■ Estabeleça a carga semântica da preposição.

Regente	Prep.	Regido	Núcleo	
1.	em	casa.	( )	a) companhia
2.	com	ela.	( )	b) posição superior
3.	de	cama.	( )	c) posição inferior
4.	sob	a mesa.	( )	d) lugar
5.	sobre	o fogão.	( )	e) estado

São **preposições essenciais**, isto é, funcionam sempre como preposições:

a, ante, até, após,
com, contra,

de, desde,
em, entre,
para, por, perante,
sem, sob, sobre,
trás.

Locuções prepositivas: são constituídas por duas ou mais palavras, sendo a última sempre uma preposição:

além de, antes de, até a, apesar de, acerca de, em vez de, dentro de, depois de, devido a, fora de, junto a, junto de, junto com...

Isoladas, as preposições não têm sentido, mas podem adquirir diversos significados dependendo do contexto.

Exemplos: O orador olhava **à** frente (direção).
Todos os anos, a família vai **a** Paris (lugar).
A amazona saiu **a** galope (modo).
O desenho era todo feito **a** lápis (instrumento).

Prática

■ Faça a correlação entre a forma destacada e o significado que ela cria.

6. ( ) estar **ante** o portão
7. ( ) parar **após** o obstáculo
8. ( ) beber **com** os amigos
9. ( ) pagar **com** cheque
10. ( ) lutar **contra** o vício
11. ( ) trabalhar **para** a sobrevivência
12. ( ) provir **de** Uruguaiana
13. ( ) cadeira **de** vime
14. ( ) morrer **de** frio
15. ( ) doce **com** leite
16. ( ) doce **sem** leite

(a) finalidade
(b) oposição
(c) instrumento
(d) companhia
(e) causa
(f) matéria
(g) origem
(h) posterioridade
(i) anterioridade
(j) inclusão
(k) exclusão

São **preposições acidentais** aquelas que podem ligar termos de uma oração ou ter outras funções:

conforme, consoante, durante, exceto, fora, mediante, menos, salvo, segundo...

Prática

■ Faça a correlação, considerando a preposição destacada.

(a) liga termos de uma oração (é preposição)
(b) liga orações com verbo flexionado (é conjunção)
(c) acompanha verbo, adjetivo ou advérbio (é advérbio)

17. ( ) Montou o aparelho **conforme** as especificações.
18. ( ) O trabalho será feito **conforme** você pediu.
19. ( ) As pessoas agem **segundo** seus impulsos.
20. ( ) O aparelho será montado amanhã, **segundo** disseram os técnicos.
21. ( ) Irá toda minha família **menos** eu.
22. ( ) Os inquilinos estavam **menos** preocupados após a reunião.

As preposições **a**, **em**, **por**, **de** podem combinar-se ou contrair-se com os artigos definidos ou com os pronomes demonstrativos.

por + o, a, os, as	➜	pelo, pela, pelos, pelas
de + o, a, os, as	➜	do, da, dos, das
em + o, a, os, as	➜	no, na, nos, nas
a + o, a, os, as	➜	ao, à, aos, às
de + este, aquele	➜	deste, daquele
em + esta, aquilo	➜	nesta, naquilo
a + aquela, aquele, aquilo	➜	àquela, àquele, àquilo
em + um, uma uns, uma	➜	num, numa, nuns, numa

Prática

■ Complete as lacunas com a forma preposicional adequada.

23. Ele voltou _____ o caminho mais difícil.
24. Saiu _____ a porta _____ a cabeça erguida.
25. Acreditamos _____ o valor da vida humana.
26. Os moradores precisam _____ essa segurança.
27. O ex-presidente referia-se _____ aquelas sobras de campanha.

Observação:

As preposições podem substituir as conjunções, quando a oração subordinada for reduzida:
Ele voltou **para** trabalhar.

Prática

■ Substitua adequadamente a conjunção por uma **preposição**.

28. O poeta trouxe o livro **para que** eu o lesse e corrigisse.
_____ eu ler e corrigir.

29. As crianças não poderão sair, **se** o pai não der sua autorização.
_____ o pai dar sua autorização.

30. O médico ficou chateado **porque** causou muita preocupação a todos.
_____ causar muita preocupação a todos.

31. (PRF/N.M./ANP) Assinale a frase em que a preposição está empregada **indevidamente**.
a) Era rigoroso com as infrações na estrada.
b) Severas responsabilidades lhe pesavam sobre os ombros.
c) Já leu algo sob este assunto?
d) Espero ter o prazer de apertar-lhe a mão.

32. (PRF/N.M./ANP) Assinale a opção em que a ideia da preposição destacada **não** está indicada corretamente entre parênteses.
a) Moro **em** Copacabana há muitos anos. (lugar)
b) Viajou **de** São Paulo a Recife. (procedência)
c) Saíram **em** um dia chuvoso. (tempo)
d) Tiritavam **de** frio pelas ruas da capital. (modo)

Conjunção

DEFINIÇÃO

Observe:

COORDENADO	CONJUNÇÃO COORDENATIVA	COORDENADO
Paulo TERMO	e	Cristina TERMO
Ele chegou ORAÇÃO	e	ela saiu ORAÇÃO

SUBORDINANTE		
Ele chegou ORAÇÃO	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA	
		SUBORDINADO
	quando	
		ela saiu ORAÇÃO

Prática

■ Observe o gráfico e responda **C** ou **E**.

1. ( ) A conjunção pode ligar dois termos.
2. ( ) A conjunção pode ligar duas orações.
3. ( ) A conjunção pode coordenar dois termos.
4. ( ) A conjunção pode coordenar duas orações.
5. ( ) A conjunção pode subordinar um termo a outro.
6. ( ) A conjunção pode subordinar uma oração a outra.
7. ( ) A conjunção pode ser, então, classificada como coordenativa ou como subordinativa.
8. ( ) Se a conjunção liga dois termos de uma oração, necessariamente tem papel coordenativo.
9. ( ) Se a conjunção liga duas orações, pode assumir um papel coordenativo ou subordinativo.

Agora veja a definição de Evanildo Bechara:

> "**Conjunção** é a expressão que liga orações, ou, dentro da mesma oração, palavras que tenham o mesmo valor ou função."

Prática

■ Leia as frases seguintes e responda **C** ou **E**.

A) **Visto que** estava com medo, calou-se.
B) **Porque** estava com medo, calou-se.
C) **Quando** estava com medo, calou-se.

10. ( ) Em A, a primeira oração determina a causa do fato expresso na segunda.
11. ( ) Em B, a primeira oração determina a causa do fato expresso na segunda.
12. ( ) Em C, a primeira oração determina a causa do fato expresso na segunda.
13. ( ) Em C, a primeira oração explicita uma circunstância de tempo relacionada ao fato expresso na segunda.
14. ( ) Em A, B e C, as circunstâncias de causa ou tempo são declaradas pelas expressões **Visto que**, **Porque** e **Quando**, respectivamente.
15. ( ) **Porque** e **Quando** são, portanto, conjunções, por ligarem orações.
16. ( ) **Visto que** também funciona como conjunção, por ligar orações.
17. ( ) Duas ou mais palavras com valor de uma recebem o nome de locução.
18. ( ) **Visto que** é, por isso, uma locução conjuntiva, isto é, duas palavras que funcionam como uma conjunção.

CLASSIFICAÇÃO

Leia com atenção o quadro dos cinco tipos de conjunções coordenativas.

	CONJUNÇÕES COORDENATIVAS
1	**ADITIVAS**: somam informações de natureza semelhante. positiva + positiva: Ela estudou **e** aprendeu. negativa + negativa: Ela não estudou **e** não aprendeu. Ela não estudou **nem** aprendeu.
	São elas: **e**, **nem (= e não)**, **não só... mas também**, **não só... mas até** etc.
2	**ADVERSATIVAS**: opõem informações, aproximam informações contrárias. positiva + negativa: Estudou, **mas** não aprendeu. Estudou, **e** não aprendeu. negativa + positiva: Não estudou, **porém** aprendeu. Não estudou, **contudo** aprendeu.
	São elas: **e**, **mas**, **porém**, **todavia**, **contudo**, **no entanto**, **entretanto** etc.

3	**ALTERNATIVAS**: interligam orações cujas ideias se excluem, que não acontecem juntas. Estudava, **ou** se divertia. **Ora** estudava, **ora** se divertia.
	São elas: **ou**, **ou ... ou**, **já ... já**, **ora ... ora**, **quer ... quer**, **seja ... seja** etc.
4	**CONCLUSIVAS**: interligam duas ideias, fazendo da segunda uma conclusão da primeira. Teu combustível está no fim; **portanto**, não conseguirás chegar. Está na hora da decolagem; deves, **pois**, apressar-te.
	São elas: **logo**, **portanto**, **por isso**, **por conseguinte**, **consequentemente**, **então**, **pois** (quando não começa frase) etc.
5	**EXPLICATIVAS**: interligam orações fazendo, numa, justificativa ou explicação do que se disse noutra. Venha logo, **porque** já é tarde. Sorria, **pois** a vida é bela.
	São elas: **pois** (começando oração), **porque**, **que**, **porquanto** etc.

Prática

■ Nas orações a seguir, sublinhe as conjunções e classifique-as conforme a ideia que introduzem.
a) aditiva b) adversativa c) alternativa d) conclusiva e) explicativa.

19. ( ) A lua está nascendo, ou se pondo?
20. ( ) A lua está nascendo, mas o dia está claro ainda.
21. ( ) O sol se põe cedo, porque estamos no inverno.
22. ( ) P'ra frente, que atrás vem gente.
23. ( ) Não só tremia, mas também chorava.
24. ( ) Doía, e ele não chorava.
25. ( ) Ora chorava, ora sorria.
26. ( ) Penso; portanto, insisto.

Estude agora o quadro dos dez tipos de conjunções subordinativas.

CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS	
	ADVERBIAIS
1	**CAUSAIS**: introduzem oração, com uma ideia de causa. **Como** não choveu, o poço secou. Ele caiu **porque** tropeçou.
	São elas: **que**, **porque**, **porquanto**, **como**, **já que**, **desde que**, **pois que**, **visto que**, **visto como**, **uma vez que...**

2	**CONCESSIVAS**: introduzem oração, com ideia contrária à da oração principal. **Embora** tentasse, não conseguiu esconder. Trabalhava, **por mais que** a perna doesse.
	São elas: **embora**, **conquanto**, **ainda que**, **mesmo que**, **posto que**, **se bem que**, **por mais que**, **por menos que**, **apesar de que**, **nem que**, **que**, **de todo modo...** Todas essas conjunções levam o verbo para o subjuntivo.
3	**CONDICIONAIS**: introduzem oração, com ideia de hipótese ou condição. **Se** quiser, eu vou. Ela seria feliz, **caso** o destino quisesse.
	São elas: **se**, **caso**, **contanto que**, **salvo se**, **sem que (= se não)**, **dado que**, **desde que**, **a menos que**, **a não ser que** etc.
4	**CONFORMATIVAS**: introduzem oração, exprimindo a conformidade de uma ideia com a da oração principal. **Conforme** eu previra, ela mentiu. Vai chover, **segundo** anunciou a meteorologia.
	São elas: **como**, **conforme**, **segundo**, **consoante** etc.
5	**FINAIS**: introduzem oração, com ideia de finalidade. Gritava **para que** todos o ouvissem. Chorou, **a fim de que** eu me comovesse.
	São elas: **para que**, **a fim de que**, **que (= para que)**, **porque (= para que)** etc.
6	**CONSECUTIVAS**: introduzem oração, com ideia de consequência. Falava tanto, **que** o marido fugiu. Era de tal beleza **que** nos ofuscava.
	Conjunções: **que** associado a **tal**, **tanto**, **tão**, **tamanho** (expressos ou subentendidos na oração anterior); de forma **que**, de maneira **que**, de modo **que**, de sorte **que** etc.
7	**TEMPORAIS**: introduzem oração, com ideia de tempo. **Logo que** me viu, sorriu. **Desde que** chegou, todos a cercam.
	São elas: **quando**, **antes que**, **depois que**, **logo que**, **assim que**, **desde que** etc.
8	**COMPARATIVAS**: introduzem oração, comparando ações. Normalmente têm o verbo subentendido. Igualdade: Ela dança tanto **quanto** Carlos (dança). Inferioridade: Ela dança menos (do) **que** Júlia (dança). Superioridade: Ela dança mais (do) **que** Renata (dança).
	São elas: **(do) que** (relacionado a mais, menos, melhor, pior, maior, menor), **tal ... qual**, **tanto ... quanto**, **como**, **assim como**, **bem como** etc.

9	**PROPORCIONAIS**: introduzem oração, com ideia de proporcionalidade. Indiretamente: **Quanto** mais gritava, menos era entendido. Diretamente: la aprendendo, **à medida que** convivia com ela.
	São elas: **à proporção que**, **ao passo que**, **quanto mais**, **quanto menos** etc.

SUBSTANTIVAS

10	**INTEGRANTES**: introduzem orações permutáveis pelo pronome substantivo ISSO. Quero **que** venhas. (Quero **isso**.) Gostaria de **que** me entendessem. (Gostaria **disso**.) A verdade é **que** ele saiu. (A verdade é **isso**.) Veja **se** ele concorda. (Veja **isso**.)
	São elas: **que** e **se**. Podem vir elípticas: gostaria me entendessem.

Prática

■ Classifique as conjunções destacadas e numere-as de 1 a 10, de acordo com o quadro que acabou de estudar.

27. **Se** ( ) ela quiser, eu vou; mas não sei **se** ( ) ela quer.
28. Trouxe-lhe uma rosa **para que** ( ) ela não brigasse com ele.
29. **Como** ( ) não queria ser visto, ficou a um canto **como** ( ) vassoura esquecida.
30. **Embora** ( ) tentasse, não conseguia fazer melhor **que** ( ) o irmão.
31. Dance **como** ( ) o ritmo pede, **porque** ( ) todos a aplaudam.
32. Tanto fez **que** ( ) conseguiu **que** ( ) o vizinho lhe vendesse o terreno.
33. **Assim que** ( ) chegou, começou a gesticular **para que** ( ) a vissem.
34. **Quanto** ( ) mais gesticulava, mais cansada ficava.

A. Ele ensinou **para que** todos aprendessem.
B. Ele ensinou **para** todos aprenderem.

■ Assinale **C** ou **E**.

35. ( ) Em A, a segunda oração é introduzida pela locução conjuntiva **para que**.
36. ( ) A locução conjuntiva, no caso, é formada por duas conjunções.
37. ( ) A locução conjuntiva, no caso, é formada por uma preposição (para) e uma conjunção (que).
38. ( ) Em A, a oração subordinada acrescenta à principal uma ideia de finalidade.
39. ( ) Em B, a segunda oração é introduzida só pela preposição (para) e também acrescenta à principal uma ideia de finalidade.
40. ( ) Pode-se concluir que a ideia de finalidade nasce da conjunção.
41. ( ) Pode-se concluir que a ideia de finalidade nasce da preposição.

Observe:

Constroem-se sem conjunção as orações reduzidas.*

Antes de discutido o assunto, ninguém o entendia.

locução prepositiva — verbo no particípio

Para evoluir, todos estudamos.

preposição — verbo no infinitivo

Em se falando de negócios...

preposição — verbo no gerúndio

RESUMO FINAL

CONJUNÇÕES

- COORDENATIVAS
  - a) aditivas
  - b) adversativas
  - c) alternativas
  - d) conclusivas
  - e) explicativas
- SUBORDINATIVAS
  - f) causais
  - g) concessivas
  - h) condicionais
  - i) conformativas
  - j) finais
  - k) consecutivas
  - l) temporais
  - m) comparativas
  - n) proporcionais
  - o) integrantes

Prática

■ Use as letras que precedem, no resumo final, a classificação das conjunções, para preencher os parênteses relacionados às conjunções ou preposições dos exercícios seguintes.

42. **Segundo** Schopenhawer, as ideias encurtam à medida **que** crescem os cabelos.
( ) ( )

* *Vide*, em *Análise Sintática Visual*, Período: Orações reduzidas de infinitivo, de gerúndio, de particípio.

43. Logo **que** ele nasceu, pareceu-me mais feio **que** um sapo.
( ) ( )

44. Não sei **se** vou **ou** **se** fico.
( ) ( ) ( )

45. Ela disse **que** viria, **mas** não falou **se** viria só.
( ) ( ) ( )

46. O ruído atingiu tal intensidade **que** quase nos ensurdeceu.
( )

47. **Se** Júlia concordasse **e** nos ajudasse, **como** você havia previsto, seria fácil para nós
( ) ( ) ( )
convencer aos restantes.

48. **Apesar de** nada ter dito, **porque** foi ameaçada, a testemunha despertou a atenção
( ) ( )
dos jurados.

49. Vá logo, **que** estão esperando. Fale pouco **para** não ser mal entendido.
( ) ( )

50. És inteligente. **Por isso**, não te deves preocupar **quando** tentarem confundir-te.
( ) ( )

Interjeição

CLASSIFICAÇÃO

Prática

■ Estabeleça a correspondência entre as expressões da segunda coluna e o que se pede na primeira.

1. Dor física	( )	a) Psit! Psiu! (rápido)
2. Surpresa	( )	b) Ai! Ui!
3. Silêncio	( )	c) Ora!...
4. Incredulidade	( )	d) Nossa! Puxa! Oh!
5. Animação	( )	e) Psiu! (demorado)
6. Aplauso	( )	f) Bravo!
7. Chamamento	( )	g) Eia!
8. Desejo	( )	h) Tomara! Oxalá!
9. Repetição	( )	i) Oh! Ah!
10. Dor moral	( )	j) Bis!

■ Assinale **C** ou **E** sobre as interjeições.

11. ( ) Exprimem racionalidade.
12. ( ) Exprimem emoção.
13. ( ) Elementos afetivos da linguagem.
14. ( ) Valem por frases inteiras.
15. ( ) São instrumentos de comunicação precisa e indiscutível.
16. ( ) Seu sentido pode variar conforme a entonação e o contexto.
17. ( ) **Ai de mim! Ora bolas!** são locuções interjetivas.
18. ( ) São uma espécie de grito, com que traduzimos estados emotivos.
19. ( ) Normalmente vêm acompanhadas de ponto de exclamação.
20. ( ) Após o ponto exclamativo da interjeição, usa-se sempre letra maiúscula.

DEFINIÇÃO

Interjeição é uma espécie de grito que exprime emotividade, de maneira não racional: Puxa!

Locução interjetiva: duas ou mais palavras com valor de uma interjeição: Nossa senhora! Puxa vida!

Semântica

DEFINIÇÃO

Semântica é o estudo do significado das palavras.

DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO

O sentido usual das palavras, descrito nos dicionários, é o que se denomina **denotativo**.
O sentido figurado, que as palavras adquirem na dependência do contexto em que são usadas, é o que se denomina **conotativo**.

Prática

■ Utilize o código **d** para o sentido denotativo das palavras em negrito e **c** para o sentido conotativo.

1. ( ) Li com cuidado **página** por **página**.
2. ( ) "És **página** virada, descartada do meu folhetim." (C.B.)
3. ( ) Surgiu uma **onda** de boatos.
4. ( ) As **ondas** do mar nos encantam.
5. ( ) Os preços ficarão **congelados** durante um certo período.
6. ( ) Comida **congelada** é uma opção prática.

HOMONÍMIA, SINONÍMIA, ANTONÍMIA

Homônimos são palavras iguais.
Homônimos homófonos são palavras iguais no som.
Homônimos homógrafos são palavras iguais na escrita.
Sinônimos são palavras diferentes com sentidos semelhantes.
Antônimos são palavras diferentes com sentidos opostos.

Prática

■ Faça a correspondência.

a) pronúncia igual / escrita igual / sentido diferente
b) pronúncia igual / escrita diferente / sentido diferente
c) pronúncia diferente / escrita igual / sentido diferente
d) pronúncia diferente / escrita diferente / sentido semelhante
e) pronúncia diferente / escrita diferente / sentido oposto

7. ( ) renda **líquida** / substância **líquida**.
8. ( ) **acento** gráfico / **assento** confortável.
9. ( ) **olho** azul / eu **olho** as fotos.
10. ( ) fazer **cara** de mau / ter **rosto** de anjo.
11. ( ) peso **bruto** / homem **bruto**.
12. ( ) **quarto** arrumado / **dormitório** grande.
13. ( ) **sede** de viver / **sede** da empresa.
14. ( ) **concerto** sinfônico / **conserto** do carro.
15. ( ) pessoa **calma** / homem **nervoso**.
16. ( ) calcular as **perdas** / comemorar os **ganhos**.

■ Estabeleça a correta correspondência.
a) Homônimos perfeitos (homógrafo e homófono)
b) Homônimos homógrafos
c) Homônimos homófonos
d) Parônimos
e) Sinônimos
f) Antônimos

17. ( ) renda **líquida** / substância **líquida**.
18. ( ) Eu **conserto** para não mais se falar em **conserto**.
19. ( ) Ela era um misto de **intimorata** e **intemerata**.
20. ( ) A **sessão** sobre a **cessão** de terras vai começar.
21. ( ) Não se exceda em **silêncio** ou **gritarias**.
22. ( ) É melhor **morrer** que **perder a vida**.

PARONÍMIA

Parônimas são palavras **parecidas**, ou seja, não são iguais, mas guardam alguma semelhança de forma.

Alguns casos de parônimos:
desapercebido (desprevenido) _____ despercebido (não notado)
descrição (ato de descrever) _____ discrição (ser discreto)
descriminar (retirar o crime) _____ discriminar (diferençar)
infringir (transgredir) _____ infligir (aplicar penalidade)
iminente (próximo) _____ eminente (ilustre)
intimorato (destemido) _____ intemerato (puro)
prever (antever) _____ prover (abastecer)
ratificar (confirmar) _____ retificar (corrigir)
vultuoso (inchado) _____ vultoso (de grande vulto)

Prática

■ Preencha as lacunas com as palavras dos parênteses.

23. O _____ conferencista previu o perigo _____. (iminente/eminente)
24. Esse detalhe passou _____. (desapercebido/despercebido)
25. Sua maior qualidade é a _____. (descrição/discrição)
26. O médico _____ a medicação que lhe parecia adequada. (proscreveu, prescreveu)
27. O Ministério da Saúde _____ os remédios que tinham horríveis efeitos colaterais. (proscreveu/prescreveu)
28. O _____ de caminhões aumentou naquela rodovia. (tráfego/tráfico)

■ Classifique os pares de acordo com o código.

1) Sinônimos
2) Antônimos
3) Homógrafos heterófonos
4) Homófonos heterógrafos
5) Homônimos perfeitos
6) Parônimos

29. ( ) cumprimentar / saudar.
30. ( ) ( ) emergir / imergir.
31. ( ) proeminente / preeminente.
32. ( ) ( ) proeminente / prominente.
33. ( ) comprido / curto.
34. ( ) manga (fruta) / manga (da blusa).
35. ( ) lima (fruta) / lima (ferramenta).
36. ( ) despercebido / desapercebido.
37. ( ) comedido / imoderado.
38. ( ) açodadamente / apressadamente.

■ Indique o número, entre parênteses, que completa corretamente a lacuna.

39. O requerimento do pai ainda não foi _____.
    (1) deferido (2) diferido
40. O herói chega sempre no momento _____.
    (1) azado (2) asado
41. O excesso de carga de energia elétrica fez com que o _____ se interrompesse.
    (1) fúsil (2) fusível (3) fuzil
42. Os alunos precisavam de _____ junto ao corpo de professores.
    (1) intercessão (2) intersecção
43. Tenho certeza de que haveremos de encontrar uma _____ entre nossos interesses.
    (1) intercessão (2) intersecção

44. Principiante é _____, enquanto desconhecedor é _____.
(1) insipiente (2) incipiente
45. Dos meus ancestrais, sou _____; ao passo que dos meus filhos, sou _____.
(1) descendente (2) ascendente
46. Em _____ solene, decidiu-se pela _____ dos lotes aos moradores.
(1) secção (2) cessão (3) sessão
47. Um círculo pode representar uma _____ de uma esfera.
(1) cessão (2) secção
48. Aos monges se associa _____; aos cavalos, _____.
(1) sela (2) cela
49. Destemido é _____; imaculo é _____.
(1) intemerato (2) intimorato
50. Ele _____ ao céu e _____ em nós a esperança.
(1) acendeu (2) ascendeu
51. Um rosto carrancudo é um rosto _____, enquanto um fato de grande importância é um fato _____.
(1) vultoso (2) vultuoso
52. Apesar de ele ter feito uma _____ exagerada da cena, todos se portaram com _____.
(1) descrição (2) discrição
53. Era _____ a confirmação da chegada do _____ visitante.
(1) eminente (2) iminente
54. O que aconteceu na véspera é um fato _____.
(1) esterno (2) externo (3) hesterno
55. Osso situado na parte vertebral do tórax chama-se _____.
(1) esterno (2) externo (3) hesterno
56. Um fator de fora é um fato _____.
(1) esterno (2) externo (3) hesterno
57. Relativo a assessor é _____, mas o que se junta ao principal é o _____.
(1) acessório (2) assessório
58. Depois da quinta vem _____. Hora de repouso é hora de _____. Balaio é _____.
(1) cesta (2) sesta (3) sexta

HIPERONÍMIA

Hiperônimas são palavras cujo significado abrange o de outra(s).
Árvore é hiperônimo de **mangueira**, **cajueiro**, **ipê**...

HIPONÍMIA

Hipônimas são palavras cujo significado é abrangido pelo de outra(s).
Amendoeira é hipônimo de **árvore** e de **vegetal**.

Prática Geral

59. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Assinale a alternativa que apresenta palavras antônimas.
a) inédito / original.
b) incauto / precavido.
c) intrépido / resoluto.
d) inexorável / rigoroso.
e) incisivo / categórico.

60. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Assinale a alternativa que substitui, **sem alteração de sentido**, a expressão destacada no seguinte trecho:
"Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus. Tempo de **absoluta depuração**."
a) inteira corrupção.
b) relativa perversão.
c) irrestrita purificação.
d) ilimitada depravação.
e) condicional apuração.

61. (Aux. Jud/TRF/N.M./Esaf) Marque a alternativa cujas palavras preenchem **corretamente** as respectivas lacunas, na frase seguinte:
"Necessitando _____ o número do cartão do PIS, _____ a data de meu nascimento."
a) ratificar / proscrevi.
b) prescrever / discriminei.
c) descriminar / retifiquei.
d) proscrever / prescrevi.
e) retificar / ratifiquei.

62. (PRF/N.M./ANP) Assinale a frase que **não** pode ser completada com a palavra entre parênteses.
a) Os funcionários impetraram _____ de segurança. (mandado)
b) Ameaçava-os um perigo _____. (eminente)
c) Anualmente chegam muitos _____ nordestinos a São Paulo. (imigrantes)
d) O policial fez minuciosa _____ do acidente. (descrição)

63. (ALCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **incorreta**.
"Os riscos envolvidos no **afazer** (1) legislativo exigem peculiar cautela de todos aqueles que se ocupam do difícil processo de elaboração normativa. Eles estão obrigados a colher variada gama de informações sobre a matéria que deve ser regulada, pesqui-

sa esta que não pode ficar limitada a aspectos estritamente jurídicos. É certo que se faz mister realizar **minuciosa** (2) investigação no âmbito legislativo, doutrinário e jurisprudencial. **Imprescindível** (3) revela-se, igualmente, a análise da **repercussão** (4) econômica, social e política do ato legislativo."

(Adaptação do *Manual de Redação da Presidência da República*)

a) 1. b) 2. c) 3. d) 4.

64. (ATCLDF/N.S./IDR) Assinale a alternativa em que a palavra destacada deve ser substituída pela que aparece entre parênteses para dar sentido lógico à frase.
a) Eles pararam **incontinente**. (incontinênti)
b) O governo gastou **vultosa** soma na construção do metrô. (vultuosa)
c) Ele **distratou** o que havia combinado. (destratou)
d) O bombardeio **infligiu** graves danos à cidade. (infringiu)

65. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a sequência que preenche **corretamente** as lacunas.
Era ___ a ___ do conflito, pois as partes ___ nos erros já cometidos.
a) iminente / defraglação / reincidiram.
b) eminente / confraglação / incidiram.
c) inevitável / defraglação / reicindiam.
d) iminente / deflagração / reincidiram.

66. (TFC-RJ/N.S.) Assinale o segmento que pode substituir, sem prejuízo da significação original, o trecho: "**Ardia por andar lá fora**".
a) Queimava de raiva por estar preso.
b) Ansiava por estar lá fora.
c) Fervia-me para caminhar pelas ruas.
d) Recapitulava para saltar para a rua.
e) Almejava dirigir-me para o refeitório.

67. (TFC-RJ/N.S.) Indique a letra na qual as palavras completam, **corretamente**, os espaços das frases abaixo.
1) Quem possui deficiência auditiva não consegue _____ os sons com nitidez.
2) Hoje são muitos os governos que passaram a combater o _____ de entorpecentes com rigor.
3) O Diretor do presídio _____ pesado castigo aos prisioneiros revoltosos.

a) discriminar / tráfico / infligiu.
b) discriminar / tráfico / infringiu.
c) descriminar / tráfego / infringiu.
d) descriminar / tráfego / infligiu.
e) descriminar / tráfico / infringiu.

68. (AFRE-SP/N.S.) Assinale a alternativa **correta**.
_____, recorreu a_____ jurisconsulto.
a) Autuado em flagrante / eminente.
b) Atuado em flagrante / iminente.
c) Autuado em flaglante / iminente.
d) Atuado em flagrante / eminente.

69. Em "tarefas sórdidas", o adjetivo significa
a) ocupações.
b) fedorentas.
c) labores.
d) mórbidas.
e) imundas.

70. Indique o item em que há palavra(s) empregada(s) em sentido **figurado**.
a) "Uma semana depois, o professor mandou que nós todos escrevêssemos sobre a Bandeira Nacional."
b) "Não me lembro do resto, mas era divino."
c) "Tremi de emoção ao ver essas palavras impressas."
d) "O professor de Português passara uma composição: 'A lágrima'."
e) "Quando a alma vibra, atormentada, às pulsações de um coração amargurado, pelo peso da desgraça."

71. Marque a alternativa que apresenta palavras em sentido **figurado**.
a) "Ouro Preto é a cidade que não mudou."
b) "A criança tem dentro da alma seu sino de ouro."
c) No sertão de Goiás há um sino de ouro.
d) Os homens procuram ouro em Serra Pelada.
e) "... de ouro catado e fundido na própria terra."

72. O sinônimo que substitui a palavra destacada na frase:
"Não **apreciava** o canto de pássaros" é
a) estimava.
b) detestava.
c) julgava.
d) avaliava.
e) depreciava.

73. O antônimo da palavra destacada na frase: "... o capitão ficou mais **exigente**" é
a) incontestável.
b) tolerante.
c) intransigente.
d) impertinente.
e) intolerável.

74. O contrário de "trabalho bruto" é trabalho
a) inteligente.
b) rude.
c) grosseiro.
d) delicado.
e) duro.

75. Na frase "A luta contra a poluição vem ganhando muitos **adeptos**", a palavra destacada significa
a) reprovados.
b) materiais bélicos.
c) condionadores.
d) partidários.
e) discursos.

Na Amazônia, as águas se manifestam sob forma de rios, igarapés, igapós, neblina e vapor. O açaí, o tucumã, o buriti, o murici são vegetais onipresentes na floresta, bem como os papagaios, maritacas, araras e uma centena de outros pássaros em convívio diuturno com antas, capivaras, quatis, e um sem número de animais terrestres, aquáticos e anfíbios.

■ Assinale **C** ou **E**.

76. ( ) No primeiro período, **águas** é hiperônimo de **rios**, **igarapés**, **igapós**, **neblina** e **vapor**.
77. ( ) No segundo período, **açaí**, **tucumã** e **vegetais** são, entre si, hipônimos.
78. ( ) **florestas** e **vegetais** constituem hiperônimos em relação a **açaí**, **murici**, **buriti**...
79. ( ) **capivaras** e **quatis** são hipônimos em relação a **animais**.

80. O grande hiperônimo do texto, o que abrange todos os demais significados é _____ _____.

Concordância Nominal

Observe:

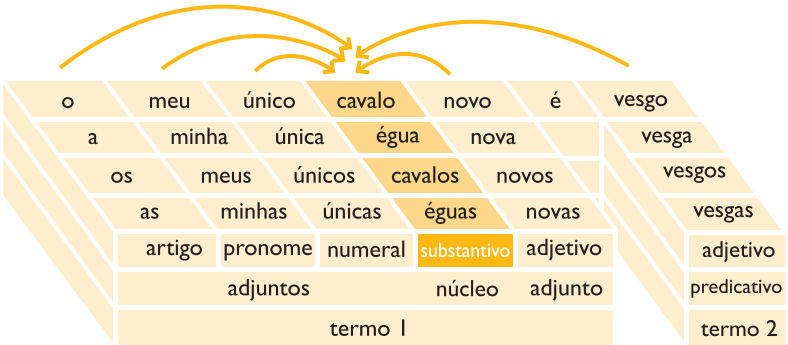

Conclusão:

Artigo, pronome, numeral e adjetivo concordam em gênero e número com o substantivo a que se referem.

Prática

Assinale **C** ou **E**.

1. ( ) Artigo, pronome, numeral e adjetivo funcionam como adjuntos de um **substantivo**.
2. ( ) O adjunto está junto de um substantivo fazendo com ele parte de **um só termo**.
3. ( ) Adjunto é um tipo de **satélite de um núcleo**.
4. ( ) Os adjuntos de um substantivo concordam com ele em **gênero e número**.
5. ( ) Predicativo e adjunto são a **mesma coisa**.
6. ( ) O predicativo é diferente do adjunto, porque o predicativo é um termo **separado** do núcleo a que se refere.
7. ( ) O predicativo é **invariável**.
8. ( ) O predicativo também **concorda** em gênero e número com o núcleo substantivo.
9. ( ) Artigo, pronome, numeral e adjetivo são **invariáveis**.

Observe:

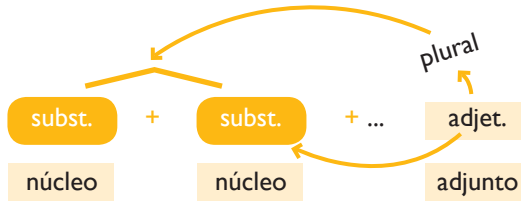

Conclusão:

Adjetivo (adjunto) posposto a mais de um núcleo substantivo concorda com todos, indo para o plural no gênero predominante*, ou concorda só com o núcleo mais próximo.

* Gênero predominante: se houver pelo menos um núcleo masculino, este predomina.

Prática

■ Com base no esquema acima, estabeleça a concordância correta.

10. ...cachorro e gato amig_____/_____
11. ...pato, gata e sapa amig_____/_____
12. ...gata e pata amig_____/_____
13. ...cachorro e gatos amig_____/_____
14. ...gatas e gatos amig_____/_____
15. ...cachorro ou gato amig_____/_____

Observe:

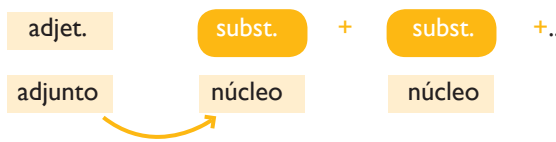

Conclusão:

Adjetivo (adjunto) anteposto a mais de um núcleo substantivo concorda com o núcleo mais próximo.

Prática

■ Com base no esquema acima, estabeleça a concordância correta.

16. ...cheiros_____ cravo e rosa...
17. ...cheiros_____ rosa e cravo...

18. ...cheiros_____ rosas e cravo...
19. ...cheiros_____ cravos e rosa...

Observe:

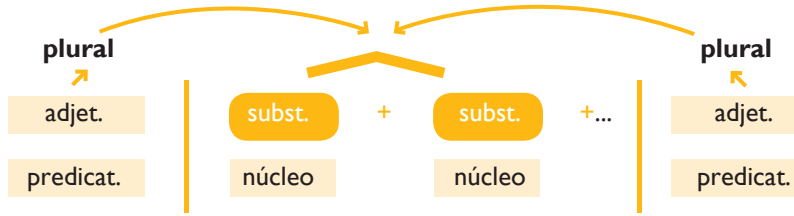

Conclusão:

Adjetivo (predicativo), quando se refere a mais de um núcleo substantivo, concorda com todos, indo para o plural, no gênero predominante.

Prática

■ Com base no esquema acima, estabeleça a concordância correta.

20. O rapaz e a menina estavam aces_____.
21. Os rapazes e a menina estavam aces_____.
22. O rapaz e as meninas estavam aces_____.
23. Encontrei aces_____ a menina e o rapaz.
24. Encontrei aces_____ o rapaz e as meninas.
25. Encontrei aces_____ as meninas e o rapaz.
26. Encontrei aces_____ a menina e a filha.

Observe:

Conclusão:

O núcleo substantivo pode ser substituído por um pronome que continua havendo a concordância.

Prática

■ Com base no esquema anterior, estabeleça a concordância correta.

27. Encontrei o artista, alegre. — Encontrei-__, alegre. (o, a, os, as)
28. Os convidados chegaram sós. — ____ chegaram sós. (Estes, Estas)
29. As possibilidades são muitas. — ____ são muitas. (Ela, Elas)

Observe:

Ele mesm**o**

Elas mesm**as**

núcleo subst.

anexo, **bastante**, **incluso**, **junto**, **leso**, **meio**, **muito**, **nenhum**, **pouco**, **próprio**, **só**, **dado**, **visto**, **obrigado**, **quite** e qualquer outro particípio.

Conclusão:

As expressões em destaque concordam com o núcleo substantivo a que se referem. Pronome substantivo é também núcleo substantivo.

Prática

- Estamos encaminhando anex_____ (30) as correspondências, com bastant_____ (31) informações inclus_____ (32) e nenhum_____ (33) críticas.
- O estudante e o atleta foram vist_____ (34), junt_____ (35) e s_____ (36).
- Elas mesm_____ (37) compraram coisas pouc_____ (38) com muit_____ (39) precauções porque o dinheiro sairia de suas própri_____ (40) contas.
- Dad_____ (41) essas circunstâncias, vist_____ (42) estes últimos argumentos e qua_____ (43) quer outros já aprovad_____ (44), só nos resta concordar.

Observe:

A. Eles mesmos saíram.

B. Elas estavam meio tristes.

C. Eles saíram mesmo.

D. Era pessoa de meias palavras.

E. Elas choraram, só.

F. Elas choraram, sós.

G. As notas vinham anexas.

H. As notas vinham em anexo.

Conclusão:

Advérbios e locuções adverbiais são invariáveis. Adjuntos variáveis, só os que se referem a um núcleo substantivo.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, para afirmação certa ou errada.

45. ( ) Em A, a palavra **mesmo** é pronome; em C, ela é advérbio.
46. ( ) Em B, a palavra **meio** é numeral; em D, ela é advérbio.
47. ( ) Em B, a palavra **meio** é advérbio; em D, ela é numeral.
48. ( ) Em E, **só** é advérbio e significa **somente**.
49. ( ) Em F, **sós** é adjetivo e significa **sozinhas**.
50. ( ) Em G, **anexas** é advérbio.
51. ( ) Em H, **em anexo** é locução adverbial.

Observe:

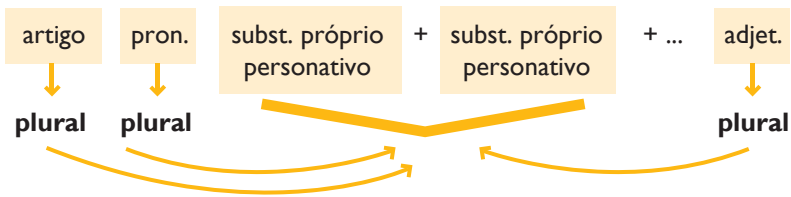

Conclusão:

Dois ou mais antropônimos (nomes de pessoas) levam seus adjuntos para o plural.

Prática

■ Com base no esquema acima, estabeleça a concordância correta.

52. O_____ mesm_____ Paulo e Jurandir corintian_____...
53. A_____ própri_____ Judite e Esther bíblic_____...
54. O_____ lépid_____ José e Antônia...

Observe:

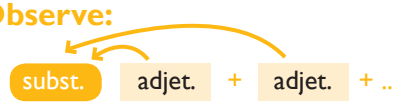

as línguas nova e velha...
a língua nova e velha...
a língua nova e a velha...

Conclusão:

Quando dois ou mais adjetivos se referem a um mesmo substantivo, este pode ficar no plural ou no singular. Se ficar no singular, pode-se repetir o **o** (**a**, **os**, **as**).

Prática

■ Com base no esquema anterior, estabeleça a concordância correta.

55. Os estandartes austríac_____ e suíç_____.
56. O estandarte austríac_____ e suíç_____.
57. O estandarte austríac_____ e o suíç_____.

Observe:

um ou outro um e outro nem um nem outro	+	subst. ↓ **singular**	+	adjet. ↓ **plural**

Conclusão:

As expressões **um ou outro**, **um e outro**, **nem um nem outro**, seguidas de substantivo acompanhado de adjetivo, deixam o substantivo no singular, mas levam o adjetivo para o plural.

Prática

■ Com base no esquema acima, estabeleça a concordância correta.

58. Discorria sobre um e outro problema___.
59. Falava sobre um___ e outr___ estratégia___.
60. Discorria sobre um e outro problema___ sério___.
61. Falava sobre um___ e outr___ estratégia___ combinad___.

Observe:

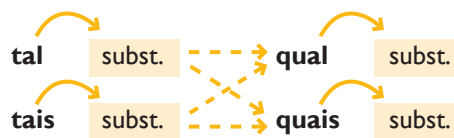

Conclusão:

tal e **qual** se referem a substantivos e com eles concordam.

Prática

■ Com base no esquema anterior, estabeleça a concordância correta.

62. Ta_____ pai, ta_____ filho.
63. Ta_____ pai, ta_____ filhos.
64. Ta_____ pergunta, qua_____ respostas.
65. Os frutos eram ta_____ qua_____ as árvores.
66. Os frutos são ta_____ qua_____ a árvore.

Observe:

men**os** → filho, filha, filhos, filhas

pseud**o-** → homem, mulher, homens, mulheres

comício, festa, comícios, festas ← monstr**o**

homem, mulher, homens, mulheres ← alert**a**

Conclusão:

menos, **pseudo** e **alerta** são invariáveis. **Monstro** e qualquer outro substantivo usado como adjetivo também ficam invariáveis.

Prática

■ Com base no esquema acima, estabeleça a concordância correta.

67. Aqui há men_____ medo que coragem.
68. Havia men_____ moças que rapazes.
69. A pseud_____ mulher e os pseud_____ meninos não se entendiam.
70. Organizou-se uma carreata-monstr_____.
71. Eles se mantiveram alert_____ como eu sempre estou alert_____.

Observe:

o	mais	**possível**
o	menos	
o	pior	
o	melhor	

os	mais	**possíveis**
os	menos	
as	piores	
as	melhores	

Conclusão:

possível fica no singular ou plural, concordando com o **o** (**a**, **os**, **as**) que o antecede.

Prática

■ Com base no esquema anterior, estabeleça a concordância correta.

72. Eram pessoas o mais educadas possív_____.
73. Eram pessoas as mais educadas possív_____.
74. Trata-se de pinturas o mais possív_____ amenas.
75. Trata-se de pinturas o mais belas possív_____.
76. Encontrei amigas as mais simpáticas possív_____.
77. Eles eram o pior possív_____ lutadores.
78. Eles eram os piores lutadores possív_____.
79. Eles eram os piores possív_____ lutadores.

Observe:

A. Est**a** cerveja é bo**a**.

B. Cerveja é bom.

C. É proibid**a** **a** entrada.

D. É proibido entrada.

E. É necessári**a** **a** bondade.

F. É necessário bondade.

Conclusão:

As expressões **é bom...**, **é proibido...**, **é necessário...** ficam invariáveis se o substantivo a que se referem não vier antecedido de artigo ou pronome, sendo usado em sentido vago, geral.
Concordam com o substantivo a que se referem quando este vem antecedido de artigo, demonstrativo ou outro indicador de sentido específico e não genérico.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

80. ( ) Em A, C e E, os adjetivos (boa, proibida, necessária) concordam com os substantivos a que se referem (cerveja, entrada e bondade).
81. ( ) Em B, D e F, os adjetivos (bom, proibido, necessário) ficaram invariáveis, não concordando com os substantivos femininos a que se referem (cerveja, entrada, bondade).
82. ( ) Nos exemplos em que houve a concordância (A, C, E), os três substantivos (cerveja, entrada, bondade) estão antecedidos de artigo feminino (a) ou de pronome.
83. ( ) Nos exemplos em que não houve concordância, os substantivos estão sem artigo ou pronome.

84. ( ) Em A, C e E, os substantivos estão usados em sentido vago, distante, enquanto em B, D e F, em sentido determinado, próximo.
85. ( ) Em A, C e E, os substantivos estão usados em sentido determinado, próximo; em B, D e F, em sentido vago, geral.

Observe:

A menina progredia **a olhos vistos**. (expressão fixa)
A menin**a** progredia a olhos **vist**a. (particípio variável)

As meninas progrediam **a olhos vistos**. (expressão fixa)
As menin**as** progrediam a olhos **vist**as. (particípio variável)

Conclusão:

A expressão **a olhos vistos** pode ser considerada expressão fixa ou pode ter o particípio variável (visto/a/os/as), concordando com o núcleo substantivo a que se refere.

Prática

■ Com base no esquema acima, estabeleça a concordância correta.

86. José foi-se recuperando a olhos _____.
87. Paula está se transformando a olhos _____.
88. José e Paula estão mudando a olhos _____.
89. Elas estão mudando a olhos _____.

Observe:

NÓS = EU

nós pode ser usado no lugar de **eu**. Chama-se plural majestático ou plural de modéstia. Nesse caso, o adjetivo que se refere ao pronome pode ficar no singular ou no plural.

Esta**mos** (eu) fe**liz** ou feli**zes**.

VÓS = TU

vós pode ser usado no lugar de **tu**, referindo-se a uma só pessoa. Chama-se plural de respeito. Nesse caso, o adjetivo a que se refere o pronome fica no singular.

Percebo que **sois** razoá**vel**.

SANTO e SÃO

Usa-se **Santo** antes de vogal: Santo Antônio
Usa-se **São** antes de consoante: São José

Obs.: Jó, Tirso e Tomás aceitam ambas as formas.

CONCORDÂNCIA SINTÁTICA E CONCORDÂNCIA SEMÂNTICA

Sintaxe é estudo das funções dos termos ou das frases. Semântica é a visão do significado.

Na frase "As amazonas eram guerreiras", o artigo "as" e o adjetivo "guerreiras" estão no feminino plural para concordar com o núcleo substantivo "amazonas", que é feminino plural. Essa **concordância de palavra para palavra** é o que se chama **concordância sintática**.

Na frase "O Amazonas é profundo e largo", o artigo "o" e os adjetivos "profundo" e "largo", no masculino singular, deixam de concordar com a palavra feminina plural "Amazonas", para fazê-lo com a **ideia** subentendida de "rio". Essa **concordância com a ideia**, em detrimento da concordância sintática, é o que se denomina **concordância semântica**, ou ideológica, ou figurada, ou irregular, ou siléptica (veja Silepse, em *Intelecção e Interpretação de Textos*, Figuras de Linguagem).

Prática Geral

(Se necessário, consulte o plural dos adjetivos no Capítulo 6)

■ Nas frases a seguir, use as palavras entre parênteses para estabelecer a(s) concordância(s) correta(s).

- Os olhos de Renata são _____ (azul); os meus, _____ (cinza).
  90 91
- Ruth tem olhos _____ (azul-claro).
  92
- Na sala havia tecidos _____ (azul-marinho), _____ (verde-mar), _____ (verde-garrafa), _____ (cor de safira) e _____ (azul-celeste).
  93 94 95 96 97

98. Sentaram-se em bancos e cadeiras _____. (novo)
99. Era um desfile do exército e marinha _____. (brasileiro)
100. Procurava uma saída e um recuo _____. (tático)
101. Eram mulheres e rapazes _____. (honesto)
102. Comiam apenas alface e carne _____. (bovino)
103. Muito _____ a aurora e o crepúsculo. (belo)
104. Pimenta em dose certa é _____ para o paladar. (bom)
105. É _____ gritaria. (proibido)
106. É _____ a saída, dez minutos antes. (permitido)
107. Todos acharam a secretária e o embaixador muito _____. (claro)
108. Considero _____ do crime o jardineiro e o guarda. (autor)
109. Compreensão com o próximo é _____. (necessário)
110. Comprei um terno e um chapéu _____. (ovalado)
111. Era meio-dia e _____. (meio)
112. Falava por _____ palavras. (meio)
113. Estava _____ tonta. (meio)
114. Vão _____ os protocolos requisitados. (anexo)
115. Vossa Excelência, governadora, é _____ de nossos agradecimentos. (merecedor)
116. As duas caminhavam esquecidas de si _____. (mesmo)
117. As duas caminhavam esquecidas _____ de si. (mesmo)
118. As duas caminhavam esquecidas de si, _____. (mesmo)
119. Eles viveram _____ e morreram também sozinhos. (só)
120. Eles estavam _____ olhando. (só)
121. Estou _____ com você, mas você não pode dizer que estamos _____. (quite)
122. Não era apenas um crime de _____-patrimônio, mas um verdadeiro crime de _____-pátria. (leso)
123. Os netos são _____ o avô. (tal qual)
124. Todos fomos _____ ao passeio, mas as crianças só puderam sair do ônibus _____ com o professor. (junto)
125. As fichas foram _____ ao relatório. (anexo)
126. Todos ficamos _____. (alerta)
127. Mais amor e _____ confiança. (menos)

128. Todos vieram, _____ vocês. (menos)
129. Todos vieram, _____ elas. (salvo)
130. Todos foram _____. (salvo)
131. Os _____ utópicos é que defendem a _____ utopia. (pseudo)
132. As casas eram _____. Foram vendidas _____. (barato)
133. As lanchas eram _____. Foram vendidas _____. (caro)
134. Elas procuraram os argumentos mais claros _____. (possível)
135. Ele relacionou argumentos o mais _____ _____. (claro possível)
136. Um e outro _____ foram premiados. (funcionário competente)
137. Ela disse alguma coisa _____. (maravilhoso)
138. Ela disse algo de _____. (maravilhoso)
139. O menino crescia a olhos _____. (visto)
140. Percorri _____ terras. Fui _____ demais. (longe)
141. E, na qualidade de responsável, sempre fomos _____. (cauteloso)
142. E, na qualidade de mestres, sempre fomos _____. (cauteloso)
143. Sempre será _____ a humildade. (necessário)
144. Aquela _____ afirmação deixou Rosa _____ decepcionada. (meio)
145. Julieta parecia _____ simpática. Possuía _____ virtudes. (bastante)
146. Vocês precisam ficar _____. (alerta)
147. Aquela menina é _____ _____ os tios. (tal qual)
148. Tinha fé em _____ Elesbão. (São)

Concordância Verbal

DEFINIÇÃO

Concordância verbal é a que se processa entre o verbo e o núcleo do sujeito, ou entre o verbo e a expressão que o comanda.

CONCORDÂNCIA SINTÁTICA E CONCORDÂNCIA SEMÂNTICA

Sintaxe é estudo das funções dos termos ou das frases. Semântica é a visão do significado.

Na frase "Quais de nós chegarão?", o sujeito é "Quais de nós" e o seu núcleo é "Quais" (veja *Análise Sintática Visual*). O verbo está na 3ª pessoa do plural, "chegarão", concordando com o núcleo do sujeito "Quais chegarão?". A concordância do verbo com o núcleo do sujeito é o que se chama **concordância sintática**.

Na frase "Quais de nós chegaremos?", o verbo deixou de concordar com o núcleo do sujeito, preferindo fazê-lo com o "nós", enfatizando **a ideia** de o falante incluir-se na ação. O "nós", então, que é apenas um satélite sintático do núcleo do sujeito, pois está subordinado pela preposição "de" que o antecede, passou a ser o núcleo semântico do sujeito, também chamado de sujeito semântico. A **concordância semântica**, ou ideológica, ou figurada, ou irregular, ou siléptica, em outras palavras, é a **concordância com a ideia** e não com o núcleo sintático (veja Silepse, em *Intelecção e Interpretação de Textos*, Figuras de Linguagem).

SUJEITO SIMPLES

VERBO → concorda com SUJEITO

em → número
e
pessoa

Conclusão:

O verbo concorda com o sujeito simples em número e pessoa.

Prática

■ Complete as lacunas.

1. Nós cant_____ enquanto vocês danç_____.
2. Tu cant_____ enquanto eu danç_____.
3. Vós cant_____ enquanto ele danç_____.

SUJEITO COMPOSTO ANTEPOSTO

Paulo e Tereza	chegar**am**
suj. composto antes do verbo	verbo: plural

Conclusão:

Sujeito composto anteposto: o verbo vai para o plural.

Prática

■ Complete as lacunas.

4. Júlia e Cláudia fal_____ a verdade.
5. O livro e a caneta sumir_____.

SUJEITO COM PESSOAS DIFERENTES

Ele, tu e **eu** **Tu** e **ele**	chega**mos** chega**stes/aram**
SUJEITO COMPOSTO DE PESSOAS DIFERENTES	VERBO NO PLURAL NA PESSOA PREFERENCIAL
3ª + 2ª + 1ª = ... 3ª + 2ª = ...	... 1ª do plural ... 2ª ou 3ª do plural

Conclusão:

Se houver 1ª pessoa, o verbo vai para a 1ª do plural (nós).
Se houver 2ª e 3ª pessoas apenas, é preferível o verbo na 2ª do plural (vós). Aceita-se, contudo, a 3ª do plural, como se o sujeito fosse "vocês".

Prática

■ Complete as lacunas.

6. Eu e tu ir_____ amanhã.
7. Ela e eu ir_____ amanhã.
8. Ela e tu ir_____ amanhã.
9. Ela e ele ir_____ amanhã.

SUJEITO COMPOSTO POSPOSTO

Chegar**am** Cheg**ou**	**Paulo** e **Teresa** **Paulo** e Teresa
VERBO NO PLURAL OU CONCORDA C/ O MAIS PRÓXIMO	SUJEITO COMPOSTO DEPOIS DO VERBO

Conclusão:

Sujeito composto posposto: o verbo vai para o plural ou concorda com o mais próximo, para enfatizá-lo.

Prática

■ Complete as lacunas.

10. Chorav_____ a menina e o irmão. (a/am)
11. Miav_____ a gata e o gato. (a/am)
12. Viajav_____ os estudantes e o carteiro. (a/am)

SUJEITO COM APOSTO RESUMITIVO

Festas, flores,	tudo nada ninguém	atraí**a** a menina.
SUJEITO	APOSTO RESUMITIVO	VERBO

Conclusão:

Quando os núcleos do sujeito são resumidos por expressões como **tudo**, **nada**, **ninguém**..., o verbo concorda com a expressão resumitiva.

Prática

■ Complete as lacunas.

13. Alegrias, tristezas, saudade, nada o far_____ chorar. (á/ão)
14. Júlia, José, Adão, ninguém o convencer_____. (á/ão)

SUJEITO COM NÚCLEOS SINÔNIMOS OU QUASE

A **paz** e a **tranquilidade** > comoveu / comoveram o visitante.

Conclusão:

Quando os núcleos do sujeito são sinônimos ou quase sinônimos, o verbo vai para o plural ou pode ficar no singular.

Prática

■ Complete as lacunas.

15. A música e a sonoridade envolvi_____ os presentes. (a/am)
16. Aquele desejo carnal e aquela febre os uni_____. (a/am)

SUJEITO COM NÚCLEOS EM GRADAÇÃO

Um **gesto**, um **sussurro**, uma **palavra** > pod**ia** / pod**iam** despertá-lo.

Conclusão:

Quando o sujeito é composto por núcleos em gradação, o verbo concorda com todos, ou com o mais próximo.

Prática

■ Complete as lacunas.

17. A mesma coisa, o mesmo ato, a mesma palavra provocav_____ risadas. (a/am)
18. A saúde, a força, a vitalidade fazi_____ bem a mim. (a/am)

SUJEITO COM NÚCLEOS LIGADOS POR OU

Observe:

O **calor** extremo ou o **frio** excessivo prejudicar**am**-no.
adição — PLURAL

Seus **sucessores** ou o próprio **São Pedro** disser**am**...
PLURAL — SINGULAR — PLURAL

Conclusão:

Se o **ou** trouxer ideia de **adição/inclusão**, ou se um dos núcleos do sujeito estiver no plural, o verbo vai para o plural.

Prática

■ Complete as lacunas.

19. A alegria ou a tristeza _____ parte da vida. (faz/em)
20. As festas ou o funeral _____ a todos. (impressionou/aram)

Observe:

O **poder** ou **poderes** do homem er**am**...
retificação

Nenhum vestígio deix**ou** o **autor** ou **autores** do crime.
retificação

Conclusão:

Se o **ou** trouxer ideia de **retificação**, o verbo concorda com o núcleo mais próximo.

Prática

■ Complete as lacunas.

21. O candidato, ou melhor, os candidatos _____. (aproxime-se/em-se)
22. _____-me depois o réu ou réus para esclarecimentos. (Procure/m)

Observe:

Ele pensava que **Júlia** ou **Teresa** estive**sse** morta.

exclusão

Um **jogador** ou **técnico** preci**sa** respeitar as regras.

equivalência

Conclusão:

Se o **ou** trouxer ideia de **exclusão** ou **equivalência** entre dois ou mais núcleos no singular, o verbo fica no singular, concordando com apenas um dos núcleos.

Prática

■ Complete as lacunas.

23. Sei que Ana ou Cláudia se _____ com Flávio. (casará/ão)
24. Um presidente ou ministro, na qualidade de cidadão, _____ responsável. (é/são)

SUJEITO COM NÚCLEOS LIGADOS POR NEM

Nem a **virtude**, nem a **preguiça** o abandonar**am**.

Nem o **elogio**, nem a **crítica**, nem a **recomendação** bast**ou** para...

sucessividade, em momentos diferentes, cada um de per si.

Conclusão:

Sujeitos ligados por **nem**: o verbo vai normalmente para o plural. Só fica no singular quando se quer informar que as ações acontecem de per si, em momentos diferentes, sucessivos.

Prática

■ Complete as lacunas.

25. Concomitantemente:
    Nem o grito, nem o palavrão, nem o tiro o _____. (amedrontou/aram)
26. Sucessivamente:
    Nem o grito, nem o palavrão, nem o tiro o _____. (amedrontou/aram)

SUJEITO COM NÚCLEOS LIGADOS POR COM / COMO

O **capitão** com o **sargento** organizar**am** o grupo.

O **capitão** **,** **com o sargento**, organiz**ou**.
adj. adverbial

Conclusão:

Quando os núcleos estão ligados por **com** ou **como** sem vírgula, o verbo vai para o plural, porque se trata de sujeito composto.
Se antes do **com** ou **como** há vírgula, o verbo fica no singular, porque o sujeito é simples seguido de uma expressão adverbial de companhia ou comparação.

Prática

■ Complete as lacunas.

27. O mestre com o boleeiro _____ a emenda. (J. L. Rego) (fez/fizeram)
28. Eu com os outros _____ bem cedo. (vim/emos)
29. O mestre, com o boleeiro, _____ a emenda. (fez/fizeram)
30. Eu, com os outros, _____ bem cedo. (vim/emos)

NÃO SÓ... MAS TAMBÉM, TANTO... QUANTO...

Não só o **grande**, mas também o **pequeno** compreend**em.**
compreend**e**

Tanto **José** como **Antônio** sabi**am** a verdade.
sabi**a**

Conclusão:

Sujeitos ligados por expressões correlativas, do tipo **não só** ... **mas também**, **não só** ... **mas ainda**, **tanto** ... **como** permitem o verbo no plural, ou concordando com o mais próximo.

Prática

■ Complete as lacunas.

31. Não só Eduardo mas até Roberta _____. (acertou/aram)
32. Tanto força quanto amor nos _____. (atinge/em)

MAIS DE UM, MAIS DE DOIS, MAIS DE TRÊS

Mais de um ... chegou
Mais de dois ... chegaram

Quando o sujeito se constrói com as expressões **mais de um**, **mais de dois**..., o verbo concorda com o numeral.

Prática

■ Complete as lacunas.

33. Mais de um correspondente _____. (noticiou/aram)
34. Mais de cinco pessoas _____. (pediu/ram)

Observações:

Sempre que houver reciprocidade, o verbo irá para o plural:
Mais de um amigo se abraçaram.
Se **mais de um** vier repetido, o verbo irá para o plural:
Mais de um soldado, **mais de um** general foram mortos.

UM E OUTRO, NEM UM NEM OUTRO

Um e **outro** falav**am**. falav**a**

Nem um nem outro ajudante saí**ram**. sai**u**

Um e **outro** prêmio const**am** da lista. const**a**

Conclusão:

As expressões **um e outro**, **nem um nem outro**, seguidas ou não de substantivo, permitem o verbo no singular ou no plural. Mas o substantivo sempre estará no singular. *Vide* Sujeito com núcleos ligados por nem, pág. 306.

Prática

■ Complete as lacunas.

35. Uma e outra menina _____. (sorria/am)
36. Uma e outra se _____. (calou/aram)
37. Nem um nem outro vizinho _____. (entendeu/eram)

UM OU OUTRO

Um ou outro ajudante reclam**ou**.
reclam**aram**

Conclusão:

Um ou outro normalmente leva o verbo para o singular, pois, geralmente, o **ou** tem ideia de exclusão. Porém, quando o **ou** trouxer ideia de inclusão, terá o verbo no plural.

Prática

■ Complete as lacunas.

38. Um ou outro se casar_____ amanhã com Ernestina. (casará/ão)
39. Um ou outro aluno reclam_____ de sua decisão. (reclamou/aram)

SUJEITO QUE

Ele foi o **candidato** (ANTECEDENTE) | **que** (PRONOME RELATIVO SUJEITO) | pass**ou**.

Eis as **candidatas** (ANTECEDENTE) | **que** (PRONOME RELATIVO SUJEITO) | passar**am**.

Conclusão:

Quando o sujeito é o pronome relativo **que**, o verbo concorda com o antecedente.

Prática

■ Complete as lacunas.

40. Encontramos os concorrentes que _____. (venceu/ram)
41. Fomos nós que _____. (venceu/emos)
42. Fostes vós que _____. (venceu/estes)

Observação:

Veja expressão **é que** na página 324.

SUJEITO QUEM

Foram eles quem **disse**.
disser**am**

Conclusão:

Quando o sujeito é o pronome relativo **quem**, o verbo, de preferência, fica na 3ª pessoa do singular. Contudo, há quem aceite sua concordância com o antecedente.

Prática

■ Complete as lacunas.

43. Fui eu quem te _____. (chamou/ei)
44. Foste tu quem me _____. (chamou/aste)
45. Fomos nós quem te _____. (chamou/amos)
46. Fostes vós quem nos _____. (chamou/astes)

SUJEITO UM DOS QUE

Ele era **um** d**os** candidatos **que** sabi**a**.
sabi**am**

Conclusão:

Quando o verbo se refere à expressão **um dos ... que**, pode concordar com **um**, no singular, ou com **os** do **dos**, no plural.

Prática

■ Complete as lacunas.

47. Eu sou um dos que te _____. (convidou/ei/aram)
48. Tu és uma das que _____. (cantou/aste/aram)

SUJEITO QUAIS DE VÓS, QUANTOS DE NÓS

Quais **Quantos** **Muitos** **Poucos** **Vários**... PLURAL	de dentre	**nós** **vós**	vencere**mos**/vencer**ão**. vencer**eis**/vencer**ão**.

Conclusão:

Com as expressões **quais de nós**, **quais de vós**..., se o primeiro pronome está no plural, o verbo concorda com ele. Mas também pode concordar com o pessoal (nós, vós).

Prática

■ Complete as lacunas.

49. Muitos dentre vós _____ felizes. (sairá/ão/eis)
50. Poucos de nós _____ o caso. (compreende/emos/em)

SUJEITO QUAL DE NÓS, NENHUM DE NÓS

Qual
Quem
Nenhum
Ninguém...
SINGULAR

de
dentre

nós
vós

chegar**á**.

Conclusão:

Se o primeiro elemento dessas locuções pronominais está no singular, o verbo obrigatoriamente concorda com ele.

Prática

■ Complete as lacunas.

51. Qual dentre vós _____ a oferta? (fará/eis)
52. Ninguém de nós _____ a oferta. (fará/eis)

A MAIORIA DE... GRANDE PARTE DE... UM ENXAME DE...

A maior parte dos **interessados** compareceu.
QUANTITATIVA PLURAL comparecer**am**

Conclusão:

Sujeito constituído por expressões quantitativas, seguidas de um nome no plural, admite o verbo no singular ou no plural.

Prática

■ Complete as lacunas.

53. Grande parte dos homens _____ o sigilo. (quebrou/aram)
54. Um monte de soldados _____ do outro lado. (surgiu/iram)

CADA... NENHUM... QUALQUER...

Cada verme, **cada** molusco, **cada** ameba com**põe** este universo.
SING.

Conclusão:

Sujeito com indefinidos (cada, nenhum, qualquer...) repetidos deixa o verbo no singular, a não ser que os indefinidos estejam no plural.

Prática

■ Complete as lacunas.

55. Qualquer homem, qualquer senhora _____ observar. (pode/em)
56. Nenhum inimigo, nenhum amigo _____. (duvida/am)
57. Nenhuns inimigos, nenhuns amigos _____. (duvida/am)

UM POR CENTO... VINTE POR CENTO...

Um por cento **das vítimas** chegou / chegaram ao abrigo.

Vinte por cento **da sala** estudaram. / estudou

Conclusão:

Sujeito constituído de percentual seguido de substantivo determinante: o verbo concorda com o numeral ou com o determinante.

Prática

■ Complete as lacunas.

58. Quinze por cento dos alunos _____. (passou/aram)
59. Um por cento da turma _____. (estudou/aram)
60. Treze por cento do time _____ bem. (atuou/aram)

Observação:

Se o numeral vem antecedido de artigo ou pronome adjetivo, o verbo só concorda com o numeral.

Os quinze por cento do grupo que for**am** chamados...

Aqueles três por cento da turma for**am** aplaudidos.

CERCA DE... PERTO DE... OBRA DE... + NUMERAL

Cerca de **vinte** pessoas gritav**am**.

Obra de **quatro mil** soldados ocupar**am** o porto.

Conclusão:

Expressão aproximativa seguida de numeral: o verbo concorda com o numeral.

Prática

■ Complete as lacunas.

61. _____ no cinema perto de duzentos convidados. (Entrou/aram)
62. Perto de sete séculos se _____. (passou/aram)

SUJEITO PLURAL APARENTE

Memórias de Agapito Goiaba foi pouco lido.

As **Memórias de Agapito Goiaba** for**am** pouco lidas.

Conclusão:

Nomes plurais de lugares e obras artísticas são tratados como singular se não vêm antecedidos por artigo. Se lhes antecede artigo, o verbo acompanha o artigo.

Prática

■ Complete as lacunas.

63. Campos _____ por sua economia. (surpreende/em)
64. As Minas Gerais que nos _____. (enfeitiça/am)
65. Minas Gerais que nos _____. (enfeitiça/am)
66. O Amazonas _____ a região Norte. (atravessa/am)

HAJA VISTA OU HAJAM VISTA

Haja vist**a** seus méritos...

Hajam vist**a** seus méri**tos**...

Haja vist**a** **a** seus méritos...
prep.

Haja em vist**a** seus méritos...
prep.

Conclusão:

Na expressão **haja vista**, o verbo pode ficar invariável ou concordar com o substantivo que se lhe segue. Havendo preposição antes ou depois da palavra **vista**, o verbo fica no singular.

Prática

■ Complete as lacunas.

67. Ele é bom batedor, _____ vista seus chutes. (haja/am)
68. Ele é bom batedor, _____ vista seu chute. (haja/am)
69. Ele é bom batedor, _____ em vista seus chutes. (haja/am)

ALUGA-SE CASA, ALUGAM-SE CASAS

Alu**ga**	-se	ca**sa**
VERBO	+ SE	SUBSTANTIVO SEM PREP.

Alug**am**	-se	cas**as**
VERBO	+ SE	SUBSTANTIVO SEM PREP.

Conclusão:

Quando um verbo seguido de **se** se refere a um núcleo substantivo não preposicionado, concorda com ele.

Prática

■ Complete as lacunas.

70. _____-se gravatas. (Conserta/am)
71. _____-se botões. (Cobre/em)
72. _____-se faca. (Afia/am)

GOSTA-SE DE FRUTA, GOSTA-SE DE FRUTAS

Gosta	-se	de fruta.
VERBO	+ SE	+ PREP. + SUBSTANT.

→ 3ª DO SINGULAR

Gosta	-se	de frutas.
VERBO	+ SE	+ PREP. + SUBSTANT.

→ 3ª DO SINGULAR

Vive	-se	bem.
VERBO	+ SE	+ ADV.

→ 3ª DO SINGULAR

Conclusão:

Verbo + **se** referindo-se a núcleo substantivo preposicionado, ou a advérbio, fica sempre no singular.
Verbo + **se** só vai para o plural quando se refere a núcleo substantivo plural, sem preposição (*Vide* item anterior).

Prática

■ Complete as lacunas.

73. _____-se em mudanças. (Fala/m)
74. _____-se por ajudantes. (Procurava/m)
75. _____-se muito aqui. (Discute/m)
76. _____-se feliz e não se _____. (Era/m; sabia/m)

Observação:

Observação: Já há teóricos que sugerem aceitar-se como portadoras de sujeito indeterminado frases como: *Aluga-se casa. Aluga-se casas. Conserta-se pneu. Conserta-se pneus.* E justificam com o argumento de que, na atualidade, tais construções perderam o significado passivo.

VOSSA SENHORIA ESTÁ... VOSSAS SENHORIAS ESTÃO...

Vossa Excelência ficou embaraçada, governadora.
3ª p. 3ª p.

Sua Santidade virá ao Brasil.
3ª p. 3ª p.

Conclusão:

Os pronomes de tratamento levam o verbo para a terceira pessoa (singular ou plural).

Prática

■ Complete as lacunas.

77. Vossa Alteza _____. (chegou/astes)
78. Vossas Reverendíssimas _____ . (entenderam/eis)
79. Sua Excelência _____. (virá/eis)

DAR, BATER, SOAR...

A torre da igreja SUJEITO SINGULAR	d**eu** bat**eu** so**ou**	**duas horas**. OBJETO DIRETO
Na torre da igreja ADJUNTO ADVERBIAL	der**am** bater**am** soar**am**	**duas horas**. SUJEITO PLURAL

Conclusão:

Os verbos **dar**, **bater**, **soar**, **repicar** e sinônimos concordam com o sujeito (a torre, o relógio, o sino...). Se não houver essas palavras como sujeito, as horas se transformam em sujeito.

Prática

■ Complete as lacunas.

80. Nos campanários _____ uma hora. (soou/aram)

81. O relógio _____ cinco horas. (batia/m)
82. Ao lado, devagar _____ dez horas, solenemente, o sino da matriz. (deu/deram)

SUJEITO COMPOSTO COM IDEIA ÚNICA

O presente e o passado esta**va** ali, na sua frente.

1

Conclusão:

Quando os sujeitos formam um todo indivisível, uma ideia única, o verbo fica no singular.

SUJEITO ORACIONAL

É ótimo [que todos saibam a verdade].

[Diminuir os privilégios], [equilibrar as finanças] **deve** ser o objetivo da política.
SING.

[Que ela estava feliz] e [que Joaquim não o percebia] **era** sabido de todos.
SING.

[Amar] e [correr] **faz** bem à saúde.
SING.

Conclusão:

Fica na 3ª pessoa do singular o verbo que tem como sujeito uma ou mais orações.

Atenção:

Se os infinitivos sujeitos vêm precedidos de artigo, ou são antônimos, o verbo vai para o plural, normalmente:

O amar e **o correr** faz**em** bem à saúde.
PLURAL

[**Amar**] e [**odiar**] faz**em** parte da vida.
PLURAL
Antônimos

PARECEM SORRIR OU PARECE SORRIREM

Ambos estão certos.

Os homens pareciam chorar. **Os homens** parecia **chorarem**.

Conclusão:

Varia só um dos dois: ou o verbo **auxiliar** ou o **infinitivo**.

ERRADO VARIAREM OS DOIS:

~~Os homens pareciam sorrirem.~~

Prática

■ Assinale **C** ou **E** para as concordâncias.

83. ( ) Futuro, passado e presente é uma só coisa, uma só realidade.
84. ( ) Deveria ser muito bom comer, dormir e amar à vontade.
85. ( ) Amar o próximo e ajudá-lo competem a nós.
86. ( ) Construir e destruir resume a vida humana.
87. ( ) Construir e destruir resumem a vida humana.
88. ( ) As nuvens parece desenharem infinitamente.
89. ( ) As nuvens parecem desenharem infinitamente.
90. ( ) As nuvens parecem desenhar infinitamente.

CONCORDÂNCIA DO INFINITIVO

Infinitivo Invariável

Viver é lutar.	Verbo impessoal, com ideia de sujeito indefinida ou muito vaga.
"Preparar. Apostar. Atinar." (EFP)	Função de imperativo.
Estava **a sonhar**.	Com preposição **a**, tem valor de gerúndio (Estava **sonhando**).
Fácil **de entender**.	Preposicionado, como complemento nominal de adjetivo. Há gramáticos que nele veem uma forma de voz passiva (Fácil de **ser entendido**).
Va**mos cantar**, dev**es dizer**...	Como verbo principal de locução verbal, é seu auxiliar que concorda com o sujeito.

Prática

■ Estabeleça a devida correspondência:

a) Verbo impessoal, com ideia de sujeito indefinida ou muito vaga.
b) Função de imperativo.
c) Com preposição **a**, tem valor de gerúndio.
d) Preposicionado, como complemento nominal de adjetivo. Há gramáticos que nele veem uma forma de voz passiva.
e) Como verbo principal de locução verbal, é seu auxiliar que concorda com o sujeito.

91. ( ) Os pais, as crianças, todos se puseram a rir.
92. ( ) Pessoal, todos agora. Mergulhar.
93. ( ) Estávamos juntos na sala, a conversar, a sorrir, a pilheriar.
94. ( ) Trata-se de uma situação fácil de solucionar.
95. ( ) Atingir a velhice pode ser superar a maturidade.

Infinitivo Variável ou Flexionado

Convém (**tu**) esta**res** atento.	Quando o sujeito do infinivo (expresso ou elíptico) é diferente do verbo da oração principal.
Será ótimo (**nós**) participa**rmos**.	
Poderão os brasileiros, em conjunto e em harmonia, organiza**rem**-se e leva**rem** adiante esse projeto?	Quando, em locução verbal, o infinitivo se encontra distante do verbo auxilar... ou quando se quer enfatizar, realçar a pessoa a quem se refere a ação.

Prática

Observe as frases-modelo e julgue Certa ou Errada cada declaração seguinte:

1. Devemos estarmos juntos para que nos possam verem melhor.
2. Convém estarmos juntos, a fim de que elas possam ver-nos melhor.

96. ( ) "Devemos estar" e "possam ver" constroem melhor a frase 1, porque em locução verbal, normalmente, o infinitivo é invariável.
97. ( ) Em 2, "estarmos" está corretamente flexionado para mostrar que tem um sujeito diferente do de "Convém".
98. ( ) Em 2, ficaria melhor a construção com "verem-nos".
99. ( ) Em 2, o verbo **ver** está bem usado porque, como é o verbo principal de uma locução (possam ver), o papel de concordar com o sujeito é exercido pelo seu auxiliar (possam).

Infinitivo como Complemento de Verbos Permissivos, Causativos e Sensitivos (veja Análise Sintática Visual)

INVARIÁVEL ou NÃO FLEXIONADO	VARIÁVEL ou FLEXIONADO
Não ***deixes*** cresc**er** as dúvidas.	Não ***deixes*** cresce**rem** as dúvidas.
Mandou os meninos entr**ar**.	***Mandou*** os meninos entra**rem**.
Senti-os sussurr**ar** no escuro.	***Senti***-os sussurra**rem** no escuro.
Ouvi fal**ar** bem de você	***Ouvi*** fala**rem** bem de você.

Prática

Observe as frases-modelo e julgue Certa ou Errada cada afirmação seguinte:

1. Vi nascer os primeiros raios. 2. Vi nascerem os primeiros raios.

100. ( ) A concordância do verbo **nascer** está errada em 1.
101. ( ) O verbo **ver** é um verbo sensitivo e o infinitivo que o complementa pode flexionar-se ou não, por isso estão corretas ambas as frases.
102. ( ) Em 2, a flexão do infinitivo ressalta, põe em destaque "os primeiros raios".

VERBOS DE 3ª PESSOA

Observe:

ESTAR **FAZER** **HAVER** **IR**	com ideia de TEMPO	CRONOLÓGICO OU METEOROLÓGICO	FICAM SEMPRE NA 3ª PESSOA DO SINGULAR
FENÔMENOS NATURAIS **HAVER com ideia de EXISTIR** **CHEGA DE... BASTA DE...**			

Prática

■ Complete as lacunas.

103. _____ de problemas. (Basta/m)
104. _____ trinta anos que se namoram. (Faz/em)
105. Com certeza, _____ soluções melhores. (haverá/ão)
106. _____ de haver ideias mais simples. (Há/hão)
107. _____ de sorrir com ela os arcanjos. (Há/hão)
108. _____ fazer três dias que ela se foi. (Vai/vão)
109. _____ para três meses que voltou. (Vai/vão)
110. _____ muitos torcedores lá. (Havia/m)
111. _____ muitas mulheres também. (Existia/m)
112. _____ existir muitas saídas. (Deve/m)
113. _____ haver muitas saídas. (Deve/m)
114. _____ muito nas férias. (Chovia/m)
115. _____ flores no casamento. (Chovia/m)

CONCORDÂNCIA DO VERBO SER

Observe:

Que Quem O que	**é** **são**	protozoár**io**? protozoár**ios**?

Conclusão:

Nas orações interrogativas iniciadas por **quem**, **que**, **o que**, o verbo **ser** concorda com o termo que lhe vem após.

Prática

116. Que _____ célula? (é/são)
117. Quem _____ os protagonistas? (é/são)
118. Quero saber o que _____ precatórios. (é/são)

Observe:

SUJEITO		PREDICATIVO
Isto, **isso**, **aquilo** **o** (= aquilo) **tudo**	**são** **é**	flor**es**
		substant. plural

Conclusão:

Quando o sujeito for um dos pronomes **isto**, **isso**, **aquilo**, **o** e **tudo**, e o predicativo for um substantivo plural, o verbo **ser** concorda preferencialmente com o predicativo plural, mas também pode concordar no singular com o sujeito.

Prática

■ Complete as lacunas.

119. Tudo aquilo _____ ameaças apenas. (era/eram)
120. O que ele quer _____ cuidados especiais. (é/são)

Observe:

Nós fomos campeões. Campeão **fui eu**.

Conclusão:

Se em qualquer dos lados há um **pronome pessoal reto**, o verbo com este concorda.

Prática

■ Complete as lacunas.

121. O interessado _____ tu. (era/eras)
122. Vós _____ os escolhidos. (sereis/serão)

Observe:

peso preço medida quantidade	**é**	**muito** **pouco** **tanto** **mais** **algo**

Conclusão:

Expressões indefinidas relacionadas a ideias de **medida** ou **quantidade** mantêm o verbo **ser** no singular.

Prática

123. Vinte anos _____ muito. (é/são)
124. Quarenta reais _____ pouco. (será/ão)
125. Cinco quilômetros não _____ tanto. (é/são)
126. Noventa quilos _____ muito pouco. (era/m)

Observe:

Daqui até lá **é** **um** quilômetro. Daqui até lá **são** **cinco** quilômetros.

Hoje **é** **dia** cinco. Hoje **é** **primeiro** de março.

Hoje **são** **cinco**. Agora **é** **uma** hora. **São** **duas** horas.

Conclusão:

Relacionado a **distância**, **data** e **hora**, o verbo **ser** concorda com o numeral. Nas datas, se aparecer a palavra **dia**, é com ela que o verbo concorda.

Prática

■ Complete as lacunas.

127. _____ meio-dia. (É/São)
128. _____ 20 de outubro. (Será/ão)
129. _____ quatro horas. (Era/m)
130. _____ dois metros. (É/São)

Observe:

Substantivo		Substantivo
O mundo	**é** / **são**	ilusões.
singular		plural

Substantivo		Substantivo
Os mundos	**é** / **são**	ilusão.
plural		singular

Conclusão:

O verbo **ser** entre dois substantivos comuns, de **números diferentes**, concorda com o que se quer realçar.

Prática

■ Complete as lacunas.

131. Justiça _____ as forças do bem. (é/são)
132. Telhas soltas _____ um perigo. (era/m)

Observe:

Irene / **gente** **era os devaneios** do namorado.

Os devaneios do namorado **era** a noiva. / **gente**

O verbo **ser** prefere concordar com o núcleo que se refere a **gente**.

Prática

■ Complete as lacunas.

133. Julieta sempre _____ as alegrias da família. (foi/foram)
134. Os seus sonhos _____ Carmelita. (era/eram)

Observação:

Pode haver concordância com o plural, quando este denota partes do corpo da pessoa nomeada.
Renato eram só aquelas mãos enormes.

Observe:

Sou **eu** que **saí**.
És **tu** que saí**ste**.
Fomos **nós** que saí**mos**.
Foram **eles** que saí**ram**.
Seremos **nós** que lutare**mos**.

Suj.		Verbo
Eu	é que	saí.
Tu	é que	saíste.
Nós	é que	saímos.
Eles	é que	saíram.

A expressão **é que** fica invariável em tempo, número e pessoa quando aparece unida, separando sujeito e verbo, porque expletivo, porque de realce.

Prática

■ Distribua as expressões: foi que, será que, é que, serão que.

135. Romero _____ venceu, mas _____ João _____ foi premiado.
136. Júlia _____ viajará, mas _____ Antônia _____ lucrará.
137. Nós _____ compraremos, mas _____ vocês _____ pagarão.

Observe:

Er**a** **uma vez** um rei e uma rainha, que...

Er**am** um **rei** e uma **rainha**, que...

Er**a** uma **rainha** que... Er**am** dois caminheir**os**...

Conclusão:

Se não houver a expressão **uma vez**, o verbo **ser** concorda com o substantivo ou substantivos que o seguir(em).

Prática

138. Assinale a que **não** está correta.
   a) Aqui faz verões quentíssimos.
   b) Chegou agora o pessoal da festa.
   c) Deu cinco horas agora.
   d) Chegaram a lutadora e o adversário.

139. a) Faltava uma hora, agora só faltam vinte minutos.
   b) Faltaram quinhentos e vinte e três pessoas.
   c) Receba Vossa Majestade nossas congratulações.
   d) Fazia duas semanas que estava mudo.

■ Escolha a opção ou opções corretas.

140. Após o baile _____ confetes e serpentinas. (sobrou/aram)
141. Cada um de vocês, cada um de nós _____ um prêmio. (ganha/em/amos)
142. _____ poucos metros para que _____ vítimas. (Faltou/aram; houvesse/em)
143. _____ mais cedo meus pais e eu. (voltaram/amos)
144. O presidente com o ministro _____ manifestar-se (resolveu/ram)
145. O prefeito, com o vereador, _____ os presentes. (convenceu/ram)
146. Nem ele, nem você _____ comigo. (concordou/aram)
147. Ele ou você _____ o vencedor. (será/ão)
148. Ele ou você _____ os vencedores. (será/ão)
149. Tu ou ele _____ os vencedores. (serão/eis)
150. Júlia, tu e eu _____ fora. (almoçarão/emos/eis)
151. Todos, exceto eu, _____ com o juiz. (concordaram/amos)
152. Qual de vós _____ com isso? (concorda/ais)

153. Quantos dentre vós _____ com isso? (concordam/ais)
154. Mais de um lutador _____ -se. (embolou/aram)
155. _____ vários erros no relatório. (Havia/m)
156. _____ sido cometidos vários erros no relatório. (Havia/m)
157. Não _____ ali erros graves. (existia/m)
158. Àquela hora, um menino e uma menina _____. (nascia/m)
159. Um grupo de inocentes _____ . (deporá/ão)
160. Por isso, _____ embora o cansaço e a fraqueza. (foi/ram)
161. _____ por aqui Cláudio e Teresa. (Passou/aram)
162. Vós e vossos amigos _____ sorte. (tiveram/stes)
163. Só o Brasil ou a Itália _____ ser o futuro campeão. (poderá/ão)
164. Você, ela, eu, ninguém, naquele momento, _____ . (acreditei/ou/amos)
165. Afeto e ternura _____ a gente. (comove/m)
166. O interesse, a gratidão, o dever _____ impotente... (fica/m)
167. A pobreza ou a falta de higiene _____ o ser humano. (prejudica/m)
168. A tia ou a sobrinha _____ isto. (fez/fizeram)
169. A verdade, ou verdades _____ ser alcançadas. (pode/m)
170. A verdade, ou verdades, _____ ser alcançada. (pode/m)
171. Nem o medo, nem o frio o _____ . (demoveu/ram)
172. Júlia com Joaquim _____ a festa. (preparou/aram)
173. Júlia, com Joaquim, _____ a festa. (preparou/aram)
174. Nem um nem outro _____.(chegou/aram)
175. Um ou outro _____. (saiu/ram)
176. Um e outro _____. (cantava/m)
177. Um e outro competidor _____. (convence/m)
178. Uma e outra vizinha _____ aqui. (está/ão)
179. Um e outro competidor _____-se. (cumprimenta/m)
180. Nem um nem outro se _____. (entende/m)
181. Encontrei os anéis que _____. (sumira/m)
182. Somos nós que_____. (vencerá/emos)
183. Seriam elas que _____. (venceria/m)
184. Elas _____ venceriam. (é que/seriam que)
185. Vós _____ vencereis. (é que/sereis que)
186. Seriam elas quem _____. (venceria/m)
187. Fomos nós quem _____. (venceu/emos)
188. Tu foste um dos que _____. (concordou/aste/aram)
189. Quantos de nós _____ lá? (chegarão/emos)
190. Vários de vós _____ lá. (chegarão/eis)
191. Quem de nós _____? (falou/aram)
192. Grande parte dos jogadores _____ cedo. (levantou/aram)
193. Oito por cento _____ ali. (está/ão)

194. Oito por cento do grupo _____ ali. (está/ão)
195. Os oito por cento do grupo _____ ali. (está/ão)
196. Perto de cinquenta pessoas _____. (gritava/m)
197. Os Estados Unidos _____ uma proposta. (apresentou/aram)
198. Minas Gerais _____ agindo. (continua/m)
199. As Minas Gerais _____ produzindo. (continua/m)
200. Estamos todos felizes, _____ vista nossos sorrisos. (haja/m)
201. Estamos todos felizes, _____ em vista nossos sorrisos. (haja/m)
202. _____-se por líderes. (Procurava/m)
203. _____-se líderes. (Procurava/m)
204. Ali se _____ em treinamentos intensivos. (pensava/m)
205. Aqui se _____ treinamentos intensivos. (faz/em)
206. Duas horas _____, na noite úmida, o sino recém-instalado. (bateu/eram)
207. Pensar e refletir _____ para a evolução. (ajuda/m)
208. Os animais _____ pensar. (parecia/m)
209. Os animais _____ pensarem. (parecia/m)
210. Hoje _____ de janeiro. (são um/é um/é primeiro)
211. Amanhã _____ dois. Ontem _____ dia 31 de dezembro. (será/ão; foi/ram)

Prática Geral

212. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Levando em consideração as regras de concordância nominal, escreva (1) para as frases corretas e (2) para as incorretas.
( ) Quando a senhora terminou de abrir as malas, já era meio-dia e meia.
( ) A própria sogra presenciou a abertura das malas; sim, ela mesmo.
( ) Anexo àquela carta destinada ao pai da moça, foram remetidas as jóias.
( ) Ao final da tarde, a senhora mostrava-se meio apreensiva.
( ) Naquelas bagagens havia jóias muito preciosas.
A sequência correta é
a) 1, 1, 2, 2, 1.
b) 2, 1, 1, 2, 2.
c) 1, 2, 1, 2, 1.
d) 2, 2, 1, 1, 2.
e) 1, 2, 2, 1, 1.

213. (PRF/N.M./ANP) Há **erro** de concordância em:
a) aluna e alunos estudiosos.
b) nome e situação conhecida.
c) exercícios e dieta recomendados.
d) estradas e parques mal conservadas.

214. Assinale a alternativa **correta**.
a) Foram cobrados as taxas e as multas recentes, mas perdoados os débitos anteriores.
b) Ao gerente não passou despercebido a arrogância do cliente.
c) A caneta custou cara, mas não se arrependeu da compra.
d) Foi dispensado do trabalho porque os dedos indicador e médio estavam feridos.

215. Assinale a alternativa **correta**.
a) Remetemos anexa uma fotocópia do recibo.
b) Era ela mesmo que, sempre ao meio-dia e meio, conferia o dinheiro arrecadado.
c) Considerou inútil as medidas para conter a corrida da população aos bancos.
d) É proibido a entrega de declarações de imposto de renda, nas agências bancárias, após o prazo estabelecido pela Fazenda.

216. (ALCL-DF/N.S./IDR) Marque a alternativa na qual **só uma** das concordâncias nominais é **correta**.
a) Uma e outra questão examinadas.
Uma e outra questão examinada.
b) Vossa Excelência é esperada, Sra. Ministra.
Vossa Excelência é esperado, Sr. Ministro.
c) A primeira e a segunda sessão.
A primeira e a segunda sessões.
d) Proposta e projeto aceitos.
Proposta e projeto aceito.

217. (ALCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa em que **somente um** dos itens é **correto**.
a) Segue anexa a documentação exigida.
Segue anexo a documentação exigida.
b) É vedado às empresas praticar atos desse teor.
É vedado as empresas praticarem atos desse teor.
c) Ela nada tem de sedutor.
Ela nada tem de sedutora.
d) Eles parecem estar contentes.
Eles parece estarem contentes.

218. (Ag. Adm./TRT/N.M./ACCESS) A concordância nominal das **duas** frases está **correta** em:
a) Devemos analisar os defeitos e as virtudes **verdadeiras**.
Devemos analisar os defeitos **verdadeiros** e as virtudes **verdadeiras**.
b) O pivete não tem ação e julgamento **éticos**.
O pivete não tem julgamento e ação **éticas**.

c) Eram **doentias**, o crime e a brutalidade.
O crime e a brutalidade eram **doentios**.
d) A senhora e o adolescente eram **violentos**.
A senhora e a adolescente eram **violentos**.
e) Ele pesquisa o comércio e as finanças **brasileiros**.
Ele pesquisa as finanças e o comércio **brasileiras**.

219. (TFC-RJ/N.S.) Assinale a opção em que **não** há **erro**.
a) Seguem anexo os formulários pedidos.
b) Não vou comprar esta camisa. Ela está muito caro!
c) Estas questões são bastantes difíceis.
d) Eu lhes peço que as deixem sós.
e) Estando pronto os preparativos para o início da corrida, foi dada a largada.

220. (AFRE-SP/N.S.) Assinale a alternativa **correta**.
É _____ prudência na interpretação dos resultados, _____ seguem _____ algumas normas.
a) necessária / porisso / inclusas.
b) necessário / por isso / inclusa.
c) necessária / porisso / incluso.
d) necessário / por isso / inclusas.

221. Indique a alternativa **correta** em relação à concordância nominal.
a) Não é permitida a presença de menores neste recinto.
b) Segue incluso no envelope a procuração e o requerimento.
c) Infelizmente temos motivos bastante para duvidar de você.
d) Limonada é muito boa para refrescar.
e) Todos acharam a moça e o rapaz muito simpática.

222. Há **erro** de concordância na frase:
a) Encontrei a ficha anexa.
b) Muito obrigado, disse-me ela sorrindo.
c) Voltarei ao meio dia e meia.
d) Depois ela ficou meio desconfiada.
e) Ela própria confirmou o que disse.

223. A concordância nominal apresenta-se **correta** na alternativa:
a) Havia no baú pentes e rendinhas barato.
b) Assustadas a cidade e os coronéis viram o desastre.
c) Na bagagem, muitos relógios foram encontrado.
d) Enviamos anexos os relatórios sobre os assaltos.
e) Apreenderam pacotes de cigarros americano.

224. A concordância nominal está **correta** em:
a) A mãe avisou que seria temerário, mesmo sendo período de férias, a ida do menino à escola.
b) Os atos indisciplinados do menino custaram caros a seu pai e mãe zelosa.
c) Já se acreditou que palmatória era bom para manter a ordem na escola.
d) Depois de retribuir à professora, o menino estava certo de que ficou quites com ela.

225. Assinale a opção que contenha **silepse** (discordância da palavra, concordância com a ideia).
a) "No Ocidente desenvolvido é de rigor tirar férias até para quem não faz nada."
b) "Os presidentes herdaram-lhe o hábito e, enquanto a capital ficou no Rio de Janeiro, costumavam passar temporadas de refresco na mesma Petrópolis, no Palácio Rio Negro."
c) "(...) e portanto não pode haver nem índices de inflação nem artigos de economistas da PUC-Rio."
d) "Como escreveu o articulista da revista *Time* James Collins, são ocasiões que oferecem aos presidentes um poderoso segundo contexto (...)."
e) "Da serra gaúcha ao litoral nordestino, há muitos lugares aprazíveis no Brasil, inclusive, sem humor negro, a reserva ianomâmi (...)."

226. Assinale a opção que se apresenta **correta** quanto à concordância nominal.
a) Além de valioso para a compreensão das características dos povos em cujas estruturas mentais não entra o conceito de férias, as reflexões do articulista não perdem a força de argumento a favor das férias para presidentes.
b) O articulista refere-se aos hábitos de Dom Pedro II de uma maneira familiar, como se o tivesse presenciado; faz, ainda, comentários sobre o de outros presidentes do passado.
c) O texto apresenta vários aspectos que, por si só, explicam as diferenças entre os povos que têm direito a férias e os que não o tem.
d) Na semana passada, de forma inusitada, os agentes de segurança procuraram ficar o mais afastados possível do presidente, alegando que a tática visava a uma maior liberdade para o chefe de Estado.
e) O articulista qualificou de danoso à nação – dadas as circunstâncias do evento – a viagem do presidente Collor a Angra dos Reis e a Araxá.

■ Estabeleça a devida correspondência com relação ao uso do infinitivo:
a) Verbo impessoal, com ideia de sujeito indefinida ou muito vaga.
b) Função de imperativo.
c) Com preposição **a**, tem valor de gerúndio.
d) Preposicionado, como complemento nominal de adjetivo. Há gramáticos que nele veem uma forma de voz passiva.
e) Como verbo principal de locução verbal, é seu auxiliar que concorda com o sujeito.

227. ( ) Todos os presentes devemos parar para refletir e rir.
228. ( ) Avançar.
229. ( ) Entrou no salão, a sorrir e a distribuir abraços.
230. ( ) Osso duro de roer, água boa p'ra beber.
231. ( ) Viver bem é participar e construir.

■ Observe as frases e julgue Certa ou Errada cada afirmação seguinte:
1. Ouvia farfalhar as folhas da palmeira.
2. Ouvia farfalharem as folhas da palmeira.

232. ( ) Em 1, a concordância do verbo **farfalhar** se faz com **as folhas da palmeira**.
233. ( ) Em 2, a concordância do verbo **farfalhar** se faz com **as folhas da palmeira**.
234. ( ) O verbo **farfalhar** é um verbo sensitivo, e o infinitivo que o complementa pode flexionar-se ou não, por isso estão corretas ambas as frases.
235. ( ) As duas frases têm exatamente o mesmo significado.
236. ( ) Em 2, a flexão do infinitivo ressalta, põe em destaque "as folhas da palmeira".

■ Observe as frases e julgue Certa ou Errada cada declaração seguinte:
1. Estuda para passar.
2. Estuda para passares.

237. ( ) Em cada uma das duas frases, os dois verbos se referem a pessoas distintas.
238. ( ) A construção 1 é preferível à 2, porque os dois verbos se referem a uma mesma pessoa, ou indivíduo.

3. É bom saírem logo, para poderem ver a lua.

239. ( ) **É bom saírem** é uma locução verbal, e os dois verbos, "É" e "saírem", referem-se à mesma pessoa.
240. ( ) **É** e **saírem** estão em pessoas diferentes, porque têm sujeitos diferentes.
241. ( ) **poderem ver** é uma locução verbal e os dois verbos se referem à mesma pessoa.
242. ( ) Na locução verbal, o verbo auxiliar (poderem) estabelece a concordância, enquanto o verbo principal no infinitivo (ver) fica invariável.

■ Assinale **C** ou **E**, conforme a frase esteja de acordo ou em desacordo com a concordância verbal.
243. ( ) Mandou calar-se todos os que cochichavam.
244. ( ) Tu devias, com certeza, fazeres o que te pedem.
245. ( ) Mandou calarem-se todos os que cochichavam.
246. ( ) Tu devias, com certeza, fazer o que te pedem.

247. ( ) No seguinte exemplo de Alexandre Herculano "**Queres ser** mau filho, mau amigo, **deixares** uma nódoa d'infâmia na tua linhagem?", apresentado por Rocha Lima, ocorre simultaneamente o infinitivo invariável e o variável.

248. ( ) Na seguinte estrofe de Gonçalves Dias "**Possas** tu, descendente maldito / De uma tribo de nobres guerreiros, / Implorando cruéis forasteiros, / **Seres** presa de vis Aimorés!", **possas** e **seres**, verbos respectivamente auxiliar e principal, estão variando, em função de estarem distantes um do outro. Se estivessem juntos, só o auxiliar concordaria com o sujeito elíptico **tu**: **possas ser**. Como estão afastados, a flexão do infinitivo reforça a ideia de o sujeito ser **tu**.

249. ( ) Em "A maré, calma e serena, fazia **acalmarem as sensações** dentro de mim" e "A maré, calma e serena, fazia **acalmar as sensações** dentro de mim", as duas construções exemplificam infinitivo complemento de verbo causativo e ambas estão corretas.

250. ( ) **Ve**r, **ouvir** são verbos sensitivos, **deixar** é permissivo, **fazer** e **mandar** são causativos. Com eles, o infinitivo pode apresentar-se flexionado ou não.

251. (Cespe) Se para a elite social o trabalho infantil era uma medida de prevenção, para os pobres era uma maneira de sobreviver.

( ) A forma verbal "era" foi empregada na primeira pessoa do singular para concordar com a expressão "a elite social".

252. (Cespe) Mesmo que não possamos olhar de um curso único para história, os projetos humanos têm um assentamento inicial que já permite abrir o presente para a construção de futuros possíveis.

( ) Preservam-se as relações argumentativas, a noção de pluralidade e a correção gramatical da oração ao se empregar a expressão **cada projeto humano** em lugar de "os projetos humanos".

253. (Cespe – adaptado) Desde a chegada dos portugueses até as últimas décadas do século XIX, foi aberta uma infinidade de caminhos terrestres e rotas fluviais de circulação, em um esforço verdadeiramente titânico de apropriação.

( ) Diminuindo-se a ênfase, o desenvolvimento das ideias no texto e sua estrutura linguística permitem substituir o termo "uma infinidade" por **inúmeros**.

254. (Cespe) As carruagens tinham eixos desse tamanho para caber nos sulcos escavados ao longo do tempo nas estradas da Grã-Bretanha. As estradas da Grã-Bretanha tinham sido construídas pelos romanos, e os sulcos foram escavados por carruagens romanas.

( ) Devido ao valor de mais-que-perfeito das duas formas verbais, preservam-se a coerência textual e a correção gramatical ao se substituir "tinham sido" por **havia sido**.

255. (Cespe) A velocidade, símbolo do desenvolvimento tecnológico e de um modo de produção e consumo cada vez mais vorazes, criou um sentimento de urgência que poucos conseguem administrar. Se é que conseguem mesmo.
( ) A inserção de **administrarem** depois de "mesmo" tornaria explícita uma ideia subentendida do texto e preservaria sua correção gramatical.

256. (Cespe) Tudo indica que mais de 70% do trabalho no futuro vão requerer a combinação de uma sólida educação geral com conhecimentos específicos.
( ) O emprego da flexão de plural em "vão" respeita as regras de concordância com "mais de 70% do trabalho".

257. (Cespe) O estudo do engenheiro militar Eduardo José de Moraes, apresentado ao governo imperial em 1869, continha ambicioso projeto de aproveitamento de vários rios brasileiros.
( ) "Continha" está na 3ª pessoa do singular para concordar com Eduardo José de Moraes.

258. (Funrio)
Rio, podem dizer o que quiser,
Mas o xodó do povo é o Rio.
Casa do samba e do amor, do Redentor,
Louvado seja o Rio.

Sobre os versos iniciais da canção "Delírio dos Mortais", de Djavan, é correto afirmar que a concordância verbal do trecho "podem dizer o que quiser" é
a) facultativa: pode-se considerar que o sujeito desses verbos está oculto.
b) ideológica: prevalece a ideia genérica e não identificada do sujeito.
c) rígida: admite-se que o sujeito indeterminado leve o verbo à 3ª pessoa.
d) estilística: integra o individual no coletivo com a mistura de tratamento.
e) viciosa: deveria ser corrigida para "podem dizer o que quiserem".

259. (FCC) Há um **deslize** na concordância verbal da seguinte frase:
a) Aos golpes mais duros da vida responde uma amizade verdadeira com palavras e gestos de solidariedade.
b) Nunca haverão de nos faltar, quando contamos com amigos verdadeiros, a força justa das palavras certas.
c) Assim como ninguém vive sem o préstimo da água, não se superam os infortúnios sem o apoio de um amigo verdadeiro.
d) Os sofrimentos que pesam sobre alguém haverão de ser mais leves com a companhia solidária de um amigo leal.
e) Importa, acima de todas as coisas, poder contar com a lealdade e os bons préstimos que nos oferece a amizade verdadeira.

260. (FCC) Estão plenamente respeitadas as normas de concordância verbal na frase:

a) É muito difícil que se cumpra os propósitos que, invariavelmente, se formula a cada início de ano.
b) Enredam-se nas tramas das próprias memórias todo aquele que não busca abrir, para si mesmo, novos tempos e novas experiências.
c) A cada vez que dá impulso a uma nova cadeia de acontecimentos, os homens se tornam autores de seu próprio destino.
d) Não deveriam caber às pessoas tomar suas próprias iniciativas, em vez de se submeterem à força do acaso?
e) Aos que não submete a força imperiosa das experiências passadas estende-se a possibilidade de abrir novos tempos.

Regência

DEFINIÇÃO

REGÊNCIA		REGENTE (VERBO OU NOME)	REGÊNCIA (PREPOSIÇÃO)	REGIDO
REGÊNCIA	VERBAL	vencer	∅	o obstáculo
		gostar	de	alguém
		agradecer	a	alguém
	NOMINAL	ansioso	por	justiça
		necessidade	de	algo
		referentemente	a	o processo

Prática

■ Observando o esquema acima, julgue se são certas ou erradas as seguintes afirmações e ponha nos parênteses **C** ou **E**.

1. ( ) Regência é um fenômeno que ocorre entre um termo regente e um regido.
2. ( ) O termo regente é subordinante; o regido, subordinado.
3. ( ) Se o regente é um verbo, trata-se de regência verbal.
4. ( ) Se o regente for uma preposição, trata-se de regência nominal.
5. ( ) Os verbos podem reger com ou sem preposição.
6. ( ) A regência nominal é sempre preposicionada.
7. ( ) Os nomes que podem ser regentes são: adjetivo, substantivo e advérbio.

Conclusão:

Regência é a relação existente entre um termo subordinante e um ou mais subordinados.

REGÊNCIA VERBAL

Observe:

A: lutar contra (= brigar); lutar por (= esforçar-se); lutar judô (praticar).
B: chamar alguém; chamar por alguém.
C: avisar alguém de algo; avisar algo a alguém.

Prática

■ Agora assinale **C** para certo e **E** para errado.

8. ( ) De A, conclui-se haver verbos que, mudando a regência, mudam a base de significado.
9. ( ) De B, conclui-se que, às vezes, a mudança de regência quase nada ou pouco influi no significado.
10. ( ) De C, conclui-se que um verbo pode ter um termo regido com preposição e um sem preposição.

Regência dos verbos mais frequentes

Agradar

Agradar	∅	alguém	= acarinhar
Agradar	a	alguém	= cair no seu agrado

Prática

■ Complete as lacunas.

11. Parecia que a proposta dos patrões não agradara _____ trabalhadores. (aos/os)
12. O gesto impensado do rapaz não deve ter agradado _____ namorada. (a/à)
13. Com mãos suaves, ela agradava _____ criança que caíra. (a/à)
14. Agradava _____ o gesto de amor. (o/a ele)

Ansiar

Ansiar	∅	alguém	= provocar angústia em alguém
Ansiar	por	algo	= almejar

Prática

■ Complete as lacunas.

15. Em virtude da fadiga, ansiava _____ uma ilha. (∅/por)
16. Aquelas palavras ansiavam _____. (-no/por ele)

Aspirar

Aspirar	∅	algo	= sorver, respirar
Aspirar	a	algo	= desejar, almejar *

* Neste sentido, não aceita **lhe(s)**, apenas **a ele(s)**, **a ela(s)**.

Prática

■ Complete as lacunas.

17. Trancado no apartamento, o escritor aspirava _____ ar do campo. (ao/o)
18. Cavalgando na fazenda, ele aspirava _____ ar puro, sem saudade da poluição. (o/ao)
19. Após tantos anos, a professora aspirava _____ aposentadoria. (a/à)
20. Àquele cargo? Sim, aspiro _____. (ele/a ele)

Assistir

Assistir	a	algo	= presenciar *
Assistir	∅/a	alguém	= dar assistência (v.t.d.)
Assistir	a	alguém	= caber direito
Assistir	em	algum lugar	= morar

* Neste sentido, não aceita **lhe(s)**, apenas **a ele(s)**, **a ela(s)**.

Prática

■ Complete as lacunas.

21. Tenho minha própria casa e _____ assisto. (a ela/nela)
22. Assiste _____ cidadão o direito de escolher seus representantes. (ao/o)
23. Foi muito bom o filme _____ que assistimos. (a/∅)
24. Assistir _____ doentes deve ser prioridade na ação governamental. (aos/os)
25. Esta cena, já assistimos _____. (lhe/a ela)

Atender

Atender	∅	Não faz nada. Atende.	= Espera
Atender	o	O ministro atendeu o requerente	= ouviu
Atender	a	Atender às súplicas... Atendeu à conversação.	= dar atenção a
Atender	em	Se atendermos nas provações...	= correspondermos
Atender	para	Basta atender para essas infecções.	= atentar para

Chamar

Chamar	∅	alguém	= convocar
Chamar	por	alguém	= invocar
Chamar	∅/a	alguém de	= atribuir qualidade ou nomear

Prática

■ Complete as lacunas.

26. O diretor chamou _____ professores para uma reunião. (aos/os)
27. No caso das aposentadorias, a própria imprensa chamou _____ jornalistas de espertalhões. (aqueles/àqueles)
28. É comum chamar ignorantes _____ pessoas que não pensam como nós. (as/às)
29. Nas horas difíceis, chamava _____ Deus. (a/por)

Atenção:

Todas certas:

Chamei-o valente.	Chamei-lhe valente.
Chamei-o de valente.	Chamei-lhe de valente.

Chegar

Chegar	a/de	um lugar
Chegar	em/de	meio de transporte

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

30. ( ) Ele chegou em Paris.
31. ( ) Chegou no último trem.
32. ( ) Ele chegou a Paris.
33. ( ) Chegou de trem.

Custar

Custar	∅	tanto	= atribuir valor
Custar	a	alguém	= ser custoso, ser difícil

Prática

■ Complete as lacunas.

34. Pagou com sacrifício os cem mil reais ____ que custou a casa. (∅/a)
35. Parece custar _____ pessoas mudar suas opiniões. (as/às)
36. Não custa _____ alunos manter a sala limpa. (os/aos)

Atenção:

ACEITÁVEL	TRADICIONALMENTE CERTO	ACEITÁVEL
Eu ~~custo~~ a crer.	Custa-me crer.	Custa-me a crer.
Tu ~~custas~~ a crer.	Custa-te crer.	Custa-te a crer.
Ele ~~custa~~ a crer.	Custa-lhe crer.	Custa-lhe a crer.
Nós ~~custamos~~ a crer.	Custa-nos crer.	Custa-nos a crer.
Vós ~~custais~~ a crer.	Custa-vos crer.	Custa-vos a crer.
Eles ~~custam~~ a crer.	Custa-lhes crer.	Custa-lhes a crer.

Esquecer

Esquecer	∅	algo/alguém
Esquecer-se	de	algo/alguém
Esquecer-se	(de)	que...

Algo esquece a alguém (foge da memória).

Prática

■ Complete as lacunas.

37. Você não poderá esquecer-se _____ nossa amizade. (a/da)
38. Recordo os dias tristes _____ que você já esqueceu. (de/∅)
39. Esqueceram _____ soldado as angústias da guerra. (ao/o)
40. Esqueceu-lhe _____ assunto. Esqueceram-se _____ assunto. (o/do)
41. Esqueci-me _____ que você viria. (∅/de)

Implicar

Implicar	com	algo	= ter implicância
Implicar-se	em	algo	= envolver-se
Implicar	∅	algo	= acarretar

Prática

■ Complete as lacunas, de 42 a 44. Reescreva, corrigindo, de 45 a 47.

42. Devem ser profundamente analisadas as conseqüências _____ que essas medidas implicarão. (∅/em)
43. O ex-presidente implicou-se _____ tráfico de influência. (em/com)
44. Uma coisa implica _____ outra. (em/∅)

45. Esta medida não implica em aumento de custo.

_____

46. Ela, sem saber, implicava de mim.

_____

47. A nova lei implicou na mudança das taxas.

_____

Ir, vir

Ir	a	um lugar (temporariamente)
Vir	para	um lugar (definitivamente)
	de/por	um lugar
	em/de	meio de transporte

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

48. ( ) Ele foi de ônibus.
49. ( ) Ele foi na carroça do amigo.
50. ( ) Ele veio de Recife.
51. ( ) Veio no velho carro.
52. ( ) Veio por Recife.
53. ( ) Veio a Brasília.
54. ( ) Fui em Petrópolis.
55. ( ) Fui a Rondônia.

Lembrar, avisar, prevenir

Lembrar	∅	algo	a alguém
Lembrar	∅	alguém	de algo
Lembrar	∅	algo	
Lembrar-se	de		algo/alguém
Lembrar-se	(de)		que...

Algo **lembra** a alguém (vem à memória).

Prática

■ Complete as lacunas.

56. Todos lembravam _____ gentileza com que nos recebera. (a/da)
57. Era uma moça simpática _____ cujo nome não me lembro. (de/∅)
58. Os dias felizes do passado lembravam _____ todos nós. (a/∅)
59. Lembrou-lhe____ ocorrido. Lembraram-se_____ ocorrido. (o/do)
60. Lembrou-me _____ infância. (a/da)

Morar, residir, situar-se, estabelecer-se

Morar Residir	em	uma casa, rua, praça, cidade, país	
morador em	residente em	sito em	estabelecido em

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

61. ( ) Ele mora à rua do Cais.
62. ( ) ...dono do estabelecimento, sito à Avenida Paulista, nº...
63. ( ) João morava em Recife, na rua...

Namorar

Namorar Namorar	∅ com	alguém alguém (em companhia de)

Prática

■ Complete as lacunas.

64. Não é inteligente a moça _____ que ele namora. (∅/com)
65. Esta moça _____ cuja irmã eu namoro é médica. (∅/com)
66. _____ quem ela está namorando? (∅/com)

Obedecer, desobedecer, suceder, obstar

Obedecer Desobedecer Suceder Obstar	a	algo / alguém

Prática

■ Complete as lacunas.

67. Às vezes se deve obedecer _____ ditames do coração. (aos/os)
68. A pessoa _____ que ele sucederia já fora avisada. (∅/a)
69. Alguns fatores externos poderiam obstar _____ que fizesse um bom planejamento. (∅/a)
70. Não se pode, impunemente, desobedecer _____ leis. (as/às)

Pagar

Pagar	algo	ao credor

Prática

■ Complete as lacunas.

71. Tivemos dificuldade para pagar _____ empréstimo. (o/ao)
72. Já podemos pagar _____ Banco agora que recebemos. (o/ao)
73. A seguradora _____ pagamos o seguro do carro não nos atendeu quando precisamos. (a que/que)

Perdoar

Perdoar	algo	a alguém

Prática

■ Complete as lacunas.

74. Não podem perdoar sempre _____ erros que você comete. (os/aos)
75. Desta vez, perdoo _____ você. (a/∅)
76. Perdoar _____ que nos fazem mal é preceito bíblico. (os/aos)

Preferir

Preferir	isto	a aquilo

Prática

■ Complete as lacunas.

77. Ela demonstrara preferir _____ ficar em casa _____ sair. (mais...do que/antes...que/∅...a)
78. O diretor preferiu _____ acatar aquelas ordens _____ exonerar-se. (a...∅/mais...que/antes...a)
79. Prefiro _____ ler _____ ver televisão. (mais...que/∅...a)

Presidir

Presidir	∅ a	uma reunião uma reunião

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

80. ( ) Na reunião em que ele presidiu...
81. ( ) Na reunião que ele presidiu...
82. ( ) Na reunião a que ele presidiu...

Querer

Querer	∅	algo/alguém (= desejar)
Querer	a	alguém (= gostar)

Prática

■ Complete as lacunas.

83. Queremos _____ seu bem. (o/ao)
84. Quero _____ que me querem bem. (os/aos)
85. São poucas as pessoas _____ quero perto de mim. (a que/que)

Responder

Responder	∅	algo (= dar como resposta)
Responder	a	algo/alguém (= dar uma resposta a...)

Prática

■ Complete as lacunas.

86. O convidado de honra respondeu _____ viria. (que/a que)
87. Ninguém respondeu _____ questionário. (o/ao)
88. Não conheço a carta _____ ele respondeu tão prontamente. (que/a que)

Visar

Visar	a/∅	algo	= ter em vista, almejar *
Visar	∅	algo	= pôr visto
Visar	∅	algo	= mirar

* Neste sentido, não aceita **lhe(s)**, apenas **a ele(s)**, **a ela(s)**.

Prática

■ Complete as lacunas.

89. Era necessário visar _____ cada página do contrato. (a/∅)
90. O alvo _____ que ele visava encontrava-se a uma grande distância. (∅/a)
91. Cada candidato deve visar _____ primeiro lugar no concurso. (ao/o)

Isto é para eu fazer *isto é para mim*

SUJ. INFINITIVO NÃO SUJ.

Usam-se os pronomes retos **eu** e **tu** para sujeito de infinitivo. Os oblíquos **mim** e **ti** para outras funções.

Prática

■ Complete as lacunas.

92. Aquilo era para _____ fazeres. Aquilo era para _____. (tu/ti)
93. A peça era para _____ escrever. A peça era para _____. (mim/eu)
94. A peça era para _____ e _____ escrevermos. (mim e ti/eu e tu)

Está na hora de	*a onça*	*beber*	*água*
Está na hora	*da onça*	*beber*	*água*
	SUJEITO	INFINITIVO	

A maioria dos gramáticos prefere a primeira construção, apontando na segunda frase um erro: o sujeito preposicionado **da onça**.

Prática

■ Assinale as melhores alternativas.

95. Está na hora de o José sair.
96. Isto é difícil dela entender.
97. Está na hora do José sair.
98. Isto é difícil de ela entender.

Pedir ~~para que~~

Pedir	a alguém (lhe)	algo
Pedir	a alguém (lhe)	que faça algo
Pedir	(licença, permissão, vênia...)	para fazer algo

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

99. ( ) O presidente da mesa pediu para que José saísse.
100. ( ) O presidente da mesa pediu que José saísse.
101. ( ) Ele pedia a José para sair.
102. ( ) Pediu-lhe que saísse.

Não disse o em que acreditava
Não disse no que acreditava

Embora a primeira construção seja a mais erudita, a segunda também já é aceita.

Prática

■ Transforme as seguintes construções em sua forma erudita.

103. Não perguntou do que falávamos. _____
104. Não sei no que pensar. _____

Ter de ≠ ter que...

Tenho de fazer = obrigatoriedade, necessidade, firme propósito (construção castiça).

Tenho que fazer (**que** com valor de preposição, uso moderno).

Hei de fazer = promessa, intenção.

Tenho **muito que** fazer. Tenho **o que** fazer. (**que** = pron. relativo com antecedente).

Onde ≠ Aonde

Onde é advérbio ou pronome relativo. **Aonde** é a mesma palavra antecipada da preposição **a**.

É a regência do verbo que define a preposição que vai anteceder o **onde**.

Moro em... > Moro onde... > Onde moro?

Vou **a**... > Vou **a**onde... > **A**onde vou?

Venho **de**... > Venho **de** onde... > **De** onde venho?

Venho **por**... > Venho **por** onde... > **Por** onde venho?

Venho **para**... > Venho **para** onde... > **Para** onde venho?

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre o uso de "onde".

105. ( ) A palavra **onde** pode ser ou não antecedida por uma preposição.
106. ( ) A única preposição que se junta numa só palavra com o **onde** é "a".
107. ( ) Podem fazer uma só palavra com **onde** as preposições "de" e "a": Não sabemos normalmente **donde** viemos nem **aonde** vamos.
108. ( ) É mais comum, no português do Brasil, usar-se **de onde**, do que **donde**.
109. ( ) Só se sabe se o **onde** deve ser antecedido de preposição, e que preposição é essa, vendo a regência do verbo ao qual está subordinado.

Sintaxe do verbo haver

	CONSTRUÇÃO	FUNÇÃO	SENTIDO
1	**Há** pensado, **havia** dito.	auxiliar	(= ter)
2	Como você **houve** tanto dinheiro?	principal	(= conseguir)
3	Como você **se houve** na festa?	principal	(= comportar-se)
4	Você vai **haver-se com** ela.	principal	(= ajustar contas)
5	**Hei** admiração por você. (arcaico)	principal	(= ter)
6	Ele **havia por** correta aquela fala.	principal	(= considerar)
7	Ele **houve por bem** concordar.	locução	(= dignar-se)

Prática

■ Passe as construções vistas de 1 a 7 para as pessoas que se pedem.

110. 1, para a 1ª do plural: _____ .
111. 2, para a 3ª do plural: _____ .
112. 3, para a 1ª do singular: _____ .
113. 4, para a 2ª do singular: _____ .
114. 5, para a 1ª do plural: _____ .
115. 6, para a 2ª do plural: _____ .
116. 7, para a 2ª do plural: _____ .

Observação:

Quando um pronome pessoal átono de terceira pessoa for complemento de verbo, usar-se-á o pronome **o (a, os, as)** para os verbos que não exigem preposição; usar-se-á o pronome **lhe (lhes)** para os verbos que exigem preposição "a", sendo que **lhe** só é usado para pessoas. Para **coisas**, usa-se **a ele (a ela, a eles, a elas)**.

Auxiliei **meus amigos** quando precisaram.
Auxiliei-**os** quando precisaram.

Lembrei **aos amigos** o compromisso.
Lembrei-**lhes** o compromisso.

Prática

■ Substitua os nomes destacados pelos pronomes átonos **lhe**, **lhes**, **o**, **a**, **os**, **as**.

117. Chamei **as crianças** para almoçar.
Chamei-_____ insistentemente.

118. O funcionário apenas obedeceu **ao supervisor**.
Obedeceu-_____sem pensar.

119. Nada devo **a você**.
Nada_____ devo, com certeza.

120. Só poderei pagar **essa dívida** quando receber o salário.
Agora não _____ posso pagar.

121. Só poderei pagar **ao credor** quando receber o salário.
Logo _____ pagarei.

122. Não assisti **ao filme** quando passou naquele cinema.
Assisti _____ depois.

123. Como você, aspiro à gloria.
Aspiro _____ e conseguirei.

Complemento de regências diferentes

Não se usa um mesmo complemento para verbos que têm regências diferentes.

Errado

Precisava e encontrei **o material** de acampamento.
Assisti, mas não gostei **do filme**.

Usa-se um complemento para cada verbo:

Correto

Precisava **do material** de acampamento e encontrei-**o**.
Assisti **ao filme**, mas não gostei **dele**.

■ Corrija, se necessário, as orações abaixo.

124. Aceito, mas não concordo com seu protesto.
_____ .

125. Amo e lutarei por meus filhos.
_____ .

126. Recebemos e já encaminhamos sua solicitação.

_____ .

127. Conheço e obedeço às leis.

_____ .

Observação:

Quando o complemento de um verbo for um **pronome relativo**, a regência deve ser corretamente seguida antes do pronome.

Conheço a pessoa **de** que falaste. (falar **de**)

Este é o lugar **em** que vivi. (viver **em**)*

REGÊNCIA NOMINAL

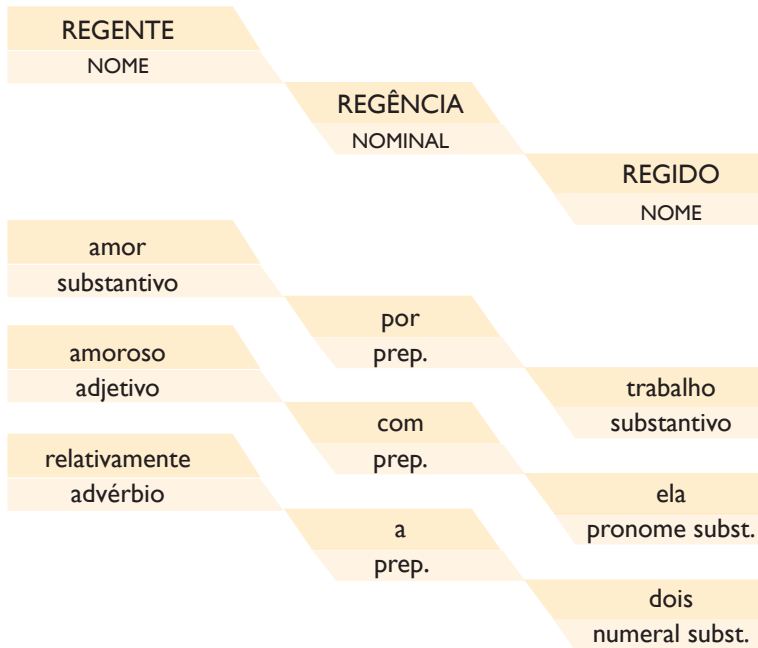

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, observando o gráfico acima.

128. ( ) Quando o regente é um nome, a regência é nominal.

* *Vide*, em *Análise Sintática Visual*, Período: Orações subordinadas adjetivas.

129. ( ) Regência nominal é a relação que existe entre o nome regente e o seu termo regido, *por intermédio de uma preposição*.

130. ( ) Como se pode dizer "*amor às* artes" e "*amor pelas* artes", conclui-se que a regência de um mesmo nome pode também se dar por intermédio de diferentes preposições.

131. ( ) Todo advérbio é nome.

132. ( ) O termo regido é de natureza substantiva.

133. ( ) Pode um advérbio se formar pelo acréscimo da terminação ***mente*** a um adjetivo: relativo + mente = relativamente.

134. ( ) Nesse caso (advérbio com base nominal), o advérbio herda a regência do adjetivo: relativo a → relativamente a.

135. ( ) É essa uma das explicações para a regência do advérbio chamar-se regência nominal.

Um mesmo regido para mais de um regente

Observação:

Um mesmo termo pode ser regido por dois ou mais nomes apenas quando esses nomes aceitam a mesma preposição.

Estou louco e atraído **por ela**. (louco por, atraído por)

Prática

■ Corrija a frase, desdobrando o termo regido.

Ele é contrário e impaciente com mentiras.

136. _____

■ Escolha a preposição adequada à lacuna.

137. Isso diz respeito somente _____ interessados. (aos/com os)

138. Demonstrava um grande respeito _____ suas opiniões. (por/de)

139. Não tentou ajudar aquela pessoa _____ quem sentia desprezo. (de/por)

140. Identificaram-se as substâncias _____ que era constituída a mistura. (para/de)

141. É um caso difícil _____ encontrar. (a/de)

Um mesmo regente para mais de um regido

Um mesmo termo regente, quer seja nome ou verbo, pode ter mais de um regido. Observe as frases a seguir e assinale C ou E nas afirmações que as seguem.

a) Ela sempre gostou *de conquistar, de sobressair, de dominar*...

b) Na época, demonstrava interesse *por sapatos, por luvas* e *por chapéus*.

c) Fazia jus *a ser criticada*, porém não *a sofrer discriminação*.

142. ( ) Em "a", as expressões em itálico são regidas pelo mesmo verbo **gostar**.
143. ( ) Em "b", os termos em itálico estão sob a regência do verbo **demonstrar**.
144. ( ) Em "b", os termos em itálico estão sob a regência do substantivo **interesse**.
145. ( ) Em "c", as orações em itálico estão regidas pelo substantivo **jus**.

Regência dos substantivos e adjetivos mais frequentes

adequado a
afável com, para com
alheio a
amoroso com, para com
análogo a
ansioso de, por
anterior a
aparentado com
apto a, para
atento a, em
avaro de
aversão a, em, para, por
avesso a, de, em
ávido de
bacharel em
benéfico a
bom para
capaz de, para
cego a
certo de
cheiro a, de
cobiçoso de
coetâneo de
coevo a, de
comum a, de
conforme a, com
constante em
contente com, de, em, por
contemporânea a, de
contíguo a
contrário a
cruel com, para com
cuidadoso com
cúmplice de, em
curioso a, de, para
desatento a
descontente com
desejoso de
desfavorável a
desleal a
devoto a, de
devoção a, com, para com, por
diferente de
difícil de
digno de
diligente em, para
dessemelhante de
ditoso com
diverso de
doce a
dócil a
dotado de
doutor em
duro de
dúvida acerca de, com, de, em, sobre
empenho de, em, por
entendido em
erudito em
escasso de
essencial a, para
estranho a
exato em
fácil a, de, para
favorável a
falho de, em
feliz com, de, em, para, por
fértil de, em
fiel a
firme em
forte de, em
fraco com, de, em, para, por
furioso com, de
grato a
hábil em

habituado a, com, em
horror a
hostil a, contra, para com
ida a
idêntico a
imediato a
impaciente com
imune a, de
impotente contra, para
impróprio para
inábil para
inacessível a, para
incapaz de, para
incompatível com
incompreensível para
inconsequente com
inconstante em
incrível a, para
indébito a
indeciso em
indiferente a
indigno de
indulgente para, para com
inerente a
ingrato com, para com
insaciável de
insensível a
intolerante com, para com
leal a
lento em
liberal com
maior de
mau com, para com
menor de
morada em
natural de
necessário a
nobre de, em, por
nocivo a
obediente a
obsequioso com
orgulhoso com, de, para com
parco de, em
parecido a, com
possível de
peculiar a
perito em
pernicioso a
pertinaz em
piedade de
pobre de
poderoso em, para
possível de
posterior a
prático em
presto a, para
pródigo de, em
propício a
propínquo de
próprio para, de
proveitoso a
próximo a, de
querido de, por
rente a, com, de
respeito a, com, de, por
rico de, em
sábio em, para
sedento de, por
seguro de, em
sensível a
sito em (e não "a")
situado em, entre
soberbo com
solícito com
sujo de
suspeito a, de
temeroso de
temível a
transido de
triste com, de
último a, de, em
união a, com, entre
único a, em, entre
útil a, para
vazio de
visível a
vizinho a, de

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, para certo ou errado.

146. ( ) Éramos em cinco na festa.
147. ( ) Éramos cinco na festa.
148. ( ) São excelentes pessoas, cuja colaboração estamos desejosos.
149. ( ) São excelentes pessoas, de cuja colaboração estamos desejosos.
150. ( ) É preferível perder a vida do que morrer.
151. ( ) É preferível perder a vida a morrer.
152. ( ) Ele é especialista e obediente às leis.
153. ( ) Ele é especialista em leis e obediente a elas.
154. ( ) Ela está desejosa e ansiosa por vencer.
155. ( ) Ela está desejosa e ansiosa de vencer.
156. ( ) Ela tem um sítio vizinho ao meu.
157. ( ) Compraste uma casa vizinha do meu terreno.
158. ( ) Com raiva ela bateu a porta.
159. ( ) Ela bateu à porta. Em seguida bateu na porta.
160. ( ) É dono de um terreno sito à Rua Alvorada.
161. ( ) Minha casa, sita na rua do Cais, nunca foi alagada.
162. ( ) Estamos situados no meio do problema.
163. ( ) Ele é avesso por ajuda de estranhos.
164. ( ) Júlia estava cobiçosa por ajuda.
165. ( ) Ele é devoto a Júpiter; ela é devota de Santa Teresa.

Observação:

Quando o regido for uma oração subordinada, é comum na norma popular e na linguagem coloquial deixar subentendida a preposição. (elipse da preposição)

Tenho necessidade ↓ que te protejam.

(de) elíptico

Porém, na norma culta, dá-se preferência à preposição expressa, e não elíptica.

Prática

■ De acordo com a norma culta, ou padrão, da Língua Portuguesa, assinale **C** ou **E**, para certo ou errado, referentemente à regência.

166. ( ) O delegado tinha certeza que tudo fora explicado.
167. ( ) O delegado tinha certeza de que tudo fora explicado.
168. ( ) Eu preciso que a encontrem.
169. ( ) Eu preciso de que a encontrem.
170. ( ) Estava receoso que tudo desse errado.
171. ( ) Estava receoso de que tudo desse errado.
172. ( ) Tinha confiança que tudo sairia certo.
173. ( ) Tinha confiança em que tudo sairia certo.

Prática Geral

174. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Observe as palavras destacadas e indique a frase que apresenta regência nominal **correta**.
a) Por ser muito estudioso, ele tinha grande **amor** a seus livros.
b) Havia muitos anos que não via o filho, por isso estava **ansioso** em vê-lo.
c) **Alheio** para com o julgamento, o réu permanecia calado.
d) Coitado! Foi preso porque era **suspeito** por um crime que não cometeu.
e) Tínhamos o **propósito** em dizer toda a verdade, mas nos impediram de fazê-lo.

175. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) A frase que apresenta **erro** de regência do verbo **assistir** é:
a) Não fui ver o filme, embora quisesse assistir-lhe.
b) Não lhe assiste o direito de humilhar ninguém.
c) Ele assiste às aulas sempre com muita seriedade.
d) Aqueles médicos assistem os doentes com dedicação.
e) Assistiu aos jogos da Seleção sem nenhum entusiasmo.

176. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Observe, nos períodos abaixo, a regência dos verbos e dos nomes.
I – As constantes faltas ao trabalho implicaram a sua demissão.
II – Procederemos à abertura do inquérito.
III – O cargo a que aspiramos é disputado por todos.
IV – Prefiro mais estudar do que trabalhar.
V – Sua atitude é incompatível ao ambiente.
Assinale a sequência que corresponde aos períodos **corretos**:
a) I, II, IV.
b) II, III, IV.
c) II, IV, V.
d) I, II, III.
e) I, III, IV.

177. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Marque a alternativa cujas palavras preenchem **corretamente** as respectivas lacunas, na frase seguinte:
"Necessitando _____ o número do cartão do PIS, _____ a data de meu nascimento." (Revendo Semântica)
a) ratificar / proscrevi.
b) prescrever / discriminei.
c) descriminar / retifiquei.
d) proscrever / prescrevi.
e) retificar / ratifiquei.

178. (ITA/Vest.) Assinale a opção **correta** quanto à regência.
Paradoxalmente, a redução das Forças Armadas iraquianas_____ proporções inferiores _____ necessárias _____ preservação do equilíbrio _____ nações vizinhas não é desejável, sobretudo _____

luz dos acontecimentos recentes, que atestam quanto é pequena a resistência desses países _____ tentações criadas _____ vácuo militar.

a) a / às / na / ante às / à / pelas / no.
b) a / às / à / com as / à / às / pelo.
c) em / àquelas / pela / nas / pela / em / pelo.
d) à / das / à / das / a / com as / do.
e) às / às / para a / ante as / com a / às / por.

179. (AFRESP/N.S.) Assinale a alternativa **correta**.
_____, por algum tempo, os elementos detidos.

a) Preveni-o que retesse.
b) Preveni-lhe que retesse.
c) Preveni-o de que retivesse.
d) Preveni-lhe de que retivesse.

180. (AFRESP/N.S.) Assinale a alternativa **correta**.
_____ crer que você tenha sido capaz de _____ a aceitar o cargo.

a) Custa-me / persuadi-lo.
b) Custo a / persuadir-lhe.
c) Custa-me / persuadir-lhe.
d) Custo a / persuadi-lo.

181. Assinale a opção em que a regência verbal, de acordo com as normas gramaticais, está **incorreta**.

a) O papeleiro custou muito a se esquecer da Baixinha.
b) Os vizinhos assistiam o papeleiro com sobras de comidas.
c) O dono da carrocinha pagou ao ajuntador de papéis a importância devida.
d) O personagem preferia a cachaça ao café.
e) O homem já não se lembrava mais do que era um bom banho.

182. Assinale a frase com **erro** de regência.

a) Aspiro ao cargo de chefe do departamento de Desenho Artístico.
b) Assisti aos debates dos estudiosos da arte.
c) Obedeça aos mestres das épocas passadas.
d) Abracei-lhe dizendo que era um ótimo artista e desenhista.
e) João, vim aqui para ajudá-lo.

183. Analise as construções abaixo.
I – A lei permite que o sujeito fique livre.
II – A lei permite-lhe ficar livre.

Assinale a opção **correta**.

a) Em II, o pronome pessoal não exerce função de complemento verbal.
b) Os dois períodos têm sentido equivalente, embora apresentem regências diferentes.
c) A regência não está correta em I.
d) Em I, o conectivo **que** tem, também, a função de objeto direto.
e) Os dois períodos apresentam a mesma regência e o mesmo sentido.

Colocação ou Topologia Pronominal

Existem três posições para os pronomes oblíquos átonos – me, te, se, nos, vos, o(s), a(s), lhe(s) – em relação ao verbo:

PRÓCLISE **VER** MESÓCLISE **BO** ÊNCLISE

A colocação pronominal (ou topologia pronominal) deve ser estudada considerando a relação dos pronomes oblíquos átonos com:

I – um só verbo;

II – o infinitivo;

III – as locuções verbais.

COM UM SÓ VERBO

PRÓCLISE **VERBO**

São fatores de próclise obrigatória

Os fatores obrigatórios que atraem o pronome para **antes** do verbo são:

Palavra negativa ou advérbio (não seguidos de pausa)

Prática

■ Escolha a letra que corresponde à lacuna a ser preenchida corretamente com o pronome entre parênteses.

1. Ele escreveu de uma maneira que **não** _____ (a) limita _____ (b) a apresentar os fatos. (se)
2. Ele é gente boa, **nunca** _____ (a) meteu _____ (b) em confusão. (se)
3. **Nunca**; _____ (a) partiu _____ (b), assim mesmo, o coração. (me)
4. Mesmo doente, **jamais** _____ (a) isolei _____ (b) dentro de casa. (me)

5. **Jamais,** _____ afirmo _____ de novo. (lhe)
   a b
6. O psiquiatra apoiou-o e **hoje** _____ considera _____ curado. (se)
   a b
7. **Amanhã** _____ tornar- _____-ás um líder. (te)
   a b
8. **Amanhã,** _____ tornar- _____-ás um líder. (te)
   a b
9. Nós **sempre** ____ sentimos ____ bem durante os longos voos. (nos)
   a b
10. Na mesma noite, recebeu a notícia de que **talvez** _____ tivessem _____ levado. (o)
    a b

Pronome relativo

Prática

■ Escolha a lacuna adequada à colocação pronominal.

11. Não criticava os meios de comunicação, **que** _____ davam _____ espaço. (lhe)
    a b
12. Não faltaram barracas, **onde** _____ abrigamos _____. (nos)
    a b
13. A injustiça foi maior pelo modo **como** _____ trataram____. (te)
    a b

Pronome indefinido ou numeral <u>ambos</u> (não seguidos de substantivo)

Prática

■ Escolha a lacuna adequada.

14. Agora, **tudo** _____ serve _____ como desculpa. (lhe)
    a b
15. **Muitos** _____ valerão _____ do seu apoio incondicional. (se)
    a b
16. Esse episódio revelava que **ninguém** _____ apoiaria _____. (a)
    a b
17. A verdade é que **ambos** _____ desentenderam _____. (se)
    a b

Pronome demonstrativo (não seguido de substantivo)

Prática

■ Escolha a lacuna.

18. Não era a primeira vez que **isso** _____ acontecia _____. (lhe)
    a b
19. **Aquele** _____ realizou _____ com o objetivo de discutir um assunto polêmico. (se)
    a b

Conjunção subordinativa (mesmo subentendida)

Prática

■ Escolha a lacuna.

20. Se _____ (a) sentia _____ (b) mal no trânsito, parava. (me)
21. Tratar sem medicamento, como _____ (a) vê _____ (b), é possível. (se)
22. Caso _____ (a) encontre- _____ (b), diga-lhe que ____ (c) esperamos ____ (d). (o, o)
23. Peço _____ (a) faças _____ (b) um favor. (me)

Oração exclamativa

Prática

■ Complete as lacunas certas.

24. Como _____ (a) custou _____ (b) caro a liberdade! (nos)
25. Quanto tempo _____ (a) perde ____ (b) com coisas inúteis! (se)

Oração interrogativa (com verbo flexionado)

Prática

■ Complete as lacunas certas.

26. Ele me perguntou por que _____ (a) apoiei _____ (b). (te)
27. Quem _____ (a) habilita _____ (b) a investir num setor falido? (se)

Oração optativa (exprime desejo, sem verbo que o exprima, e tem entonação exclamativa)

Prática

■ Complete as lacunas certas.

28. Bons ventos _____ (a) levem _____ (b). (o)
29. Deus _____ (a) acompanhe _____ (b). (te)
30. Que a terra _____ (a) seja _____ (b) leve. (lhe)

Em + verbo no gerúndio

Prática

■ Complete as lacunas certas.

31. Em _____ (a) tratando _____ (b) de política, ele se abstém de opinar. (se)

32. Em _____ falando _____ de filosofia, é impossível ignorar os gregos. (se)
a b

Sujeito expresso por pronome reto ou de tratamento (anteposto ao verbo)

Prática

■ Complete as lacunas certas.

33. Eu _____ lembro _____. (me)
a b

34. Tu _____ lembras _____. (te)
a b

35. Ele _____ lembra _____. (se)
a b

36. Você _____ lembra _____. (se)
a b

37. Nós _____ lembramos _____. (nos)
a b

Observação:

Fator Facultativo da Próclise

Sujeito expresso por substantivo anteposto ao verbo

Exemplo: As grandes estrelas / se escondem / em suas mansões.
As grandes estrelas / escondem-se / em suas mansões.

VER - MESÓCLISE - BO

A mesóclise ocorre somente com verbos no futuro do presente ou no futuro do pretérito (o verbo é dividido após a última letra "r").

Encontrar-**se**-ão novas maneiras de resolver esses problemas.

Esse material ser-**nos**-ia muito útil.

Havendo um fator de próclise obrigatória, não use mesóclise.
Não se encontrarão novas maneiras de resolver esses problemas.
Qualquer um nos seria útil agora.

Admite-se, optativamente, a próclise com verbos no futuro do presente ou do pretérito, quando o sujeito da oração está expresso, anteposto ao verbo.
A cidade curvar-**se**-ia aos seus encantos.
A cidade **se** curvaria aos seus encantos.

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

38. ( ) Farei-me poeta.
39. ( ) Fazer-me-ei poeta.
40. ( ) Far-me-ei poeta.
41. ( ) Faria-me poeta.
42. ( ) Fazer-me-ia poeta.
43. ( ) Far-me-ia poeta.
44. ( ) A sirene despertar-me-á.
45. ( ) A sirene me despertará.

VERBO ■ ÊNCLISE

Normalmente os pronomes oblíquos átonos são usados como objeto direto ou objeto indireto. Nesse caso, a posição **preferencial**, segundo a norma culta, ou padrão, é a **ênclise**, porque, na ordem direta, os objetos vêm após o verbo.

Casos de ênclise

Orações iniciadas por verbo (que não esteja no futuro do presente ou do pretérito): ênclise obrigatória.

Prática

■ Faça a colocação pronominal correta.

46. ____ (a) Evidencia-____ (b) uma certa má vontade em sua atitude. (se)
47. ____ (a) Contou-____ (b) essa história um antigo morador do lugar. (me)
48. ____ (a) Uni-____ (b) para vencer. (vos)

Verbo no imperativo afirmativo: ênclise obrigatória, inexistindo termo atrativo.

Prática

■ Faça a colocação pronominal correta.

49. Pegue qualquer um dos livros. ____ (a) Leia-____ (b). (o)
50. Aqui estão as cartas: ____ (a) remeta-____ (b). (as)
51. Tome uma decisão e ____ (a) firme-____ (b) nela. (se)

Atenção:

Em provas, quando você tiver dúvida, e não houver fator obrigatório de próclise, opte pela mesóclise ou ênclise, que são as tradicionalmente preferidas pela norma culta, ou padrão.

Prática

■ Opte pela preferência da norma erudita.

52. Mas as pessoas ____ (a) sentem ____ (b) capazes de ajudar. (se)
53. As meninas ____ (a) arrepender-____ (b)-iam, anos mais tarde. (se)

COM INFINITIVO

1. A ênclise ao infinitivo estará sempre correta.

   Ver bem é enxergar-se.
   Bastou olharem-se e...

2. Quando o infinitivo vier preposicionado, mesmo havendo fator de atração, pode-se construir com **próclise** ou **ênclise**.

   Veio-lhe o impulso **para não me** chamar.
   Veio-lhe o impulso **para não** chamar-**me**.

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

54. ( ) Ela estava ali para te ver.
55. ( ) Ela estava ali para ver-te.
56. ( ) Tinha intenção de não te ofender.
57. ( ) Tinha intenção de não ofender-te.

Atenção:

Se o infinitivo vier precedido da preposição **a**, não se pode juntá-la ao oblíquo o (a, os, as), e a próclise é proibida.

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

58. ( ) Estava decidido a a convidar.
59. ( ) Estava decidido a convidá-la.
60. ( ) Estava propenso a o perdoar.

61. ( ) Estava propenso a perdoá-lo.
62. ( ) Estava decidido a te convidar.
63. ( ) Estava decidido a convidar-te.

COM LOCUÇÃO VERBAL

As locuções verbais se formam com **verbo auxiliar** e **verbo principal**, podendo o principal estar no **infinitivo**, no **gerúndio** ou no **particípio**.

V. AUXILIAR	+	INFINITIVO
vou		amar

V. AUXILIAR	+	GERÚNDIO
estou		amando

V. AUXILIAR	+	PARTICÍPIO
tenho		amado

FORMA 1		FORMA 2
Vou-te amar	ou	Vou te amar?
Estou-te amando	ou	Estou te amando?
Tenho-te amado	ou	Tenho te amado?

64. Você prefere a forma 1 ou 2? _____
65. A norma culta, ou padrão, prefere qual das duas? _____

!! Atenção: COM LOCUÇÃO VERBAL

1. O particípio **nunca** aceita a ênclise.

   Tenho amado-~~te~~.

2. O particípio não aceita oblíquo átono, somente tônico (preposicionado).

   Tenho amado **a ti**.

3. O infinitivo e o gerúndio **sempre** aceitam **ênclise**.

   Estou amando-**te**.

Não estou amando-**te**.
Vou beijar-**te**.
Não vou beijar-**te**.

4. Os auxiliares aceitam próclise, ênclise ou mesóclise como se fossem um verbo só, segundo as regras já vistas.

Vou-**te** amar.
Não **te** vou amar.

5. O pronome átono pode vir solto entre verbos se estiver preposicionado:

Começou **a lhe** dizer.
Gostava **de me** agradar.

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

66. ( ) Eu me devo calar.
67. ( ) Eu devo me calar.
68. ( ) Eu devo-me calar.
69. ( ) Eu devo calar-me.
70. ( ) Ele vai arrastando-se.
71. ( ) Ele se vai arrastando.
72. ( ) Ele vai se arrastando.
73. ( ) Ele vai-se arrastando.
74. ( ) Eles haviam-me avisado.
75. ( ) Eles me haviam avisado.
76. ( ) Tu não te deverias calar.
77. ( ) Tu não dever-te-ias calar.
78. ( ) Tu não deverias te calar.
79. ( ) Tu não deverias calar-te.
80. ( ) Deverias-te calar.
81. ( ) Deverias calar-te.
82. ( ) Dever-te-ias calar.
83. ( ) Deverias te calar.
84. ( ) Eles haviam me avisado.
85. ( ) Eles haviam avisado-me.

86. Se, numa questão, um examinador pede a forma **incorreta** e você percebe que todas as alternativas estão certas, mas uma delas apresenta um oblíquo átono solto entre dois verbos, é essa que você deve escolher. Quais os números do exercício anterior que podem ser considerados **errados**, segundo as visões mais tradicionais?
Resp.: _____

Prática Geral

87. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Assinale a frase em que o pronome oblíquo átono está colocado **incorretamente**.
a) O guarda chamou-nos a atenção para os pivetes.
b) Quantas lágrimas se derramaram pelo jovem casal!
c) Ninguém nos convencerá de que esta notícia seja verdadeira.
d) As pessoas afastaram-se daquele pacote suspeito.
e) O vizinho cumprimentou o casal, se retirando imediatamente.

88. (BRB/N.M./IDR) Assinale a sentença em que foram respeitadas as regras de colocação dos **pronomes oblíquos átonos**.
    a) Em se tratando de denúncias contra funcionários do alto escalão, nada o impedia de divulgar informações esclarecedoras.
    b) Jamais entregar-lhe-ei a fita gravada a que se referiu o delegado durante o inquérito, lhe disse o acusado em alto e bom som.
    c) Lhe contou tudo que sabia, pouco importando-se com o fato inevitável de todos voltarem-se contra ele.
    d) Restringirei-me a mencionar fatos que relacionam-se diretamente à matéria tratada neste relatório.

89. (ATCL-DF/N.S./IDR) Indique o período **correto** quanto à colocação do pronome pessoal oblíquo átono.
    a) Se o considerasse incapaz, jamais dar-lhe-ia tal incumbência.
    b) Meu pai trouxe-o de Londres e pediu-lhes que não deixassem-no estragar.
    c) Não o aceitariam, em hipótese alguma, nem deixar-se-iam enganar.
    d) Não se esqueça de consertá-lo e de devolvê-lo o quanto antes.

90. Assinale a frase **incorreta** quanto à colocação de pronomes átonos.
    a) O que lhe contei é a pura verdade.
    b) Nunca repita-me tal coisa.
    c) Já se pôs o Sol no horizonte.
    d) Alguém me disse para ficar aqui.
    e) Sempre me lembro dela com carinho.

91. Assinale o item que apresenta pronome átono colocado **corretamente**.
    a) Nesta loja, se compram os mais variados artigos.
    b) Dizia-se que ele enlouquecera.
    c) Fui eu quem falou-te daquela vez.
    d) A estátua que dedicaram-lhe é de pedra.
    e) Quem obrigou-te a assinar aquele documento?

92. De acordo com a norma culta, assinale a construção **incorreta**.
    a) As crianças também se tinham esquecido.
    b) Passada a surpresa, ainda se sentiu mais borocochô.
    c) Engasgado, não confessou-lhe toda a verdade.
    d) Os quinze minutos atropelaram-se.
    e) Sua mulher, seus filhinhos e a secretária já o esperavam cantando "Parabéns para você".

■ Coloque os pronomes oblíquos nos locais adequados.

93. Fiquei duas horas a _____ (1) esperar _____ (2). (o)

94. De repente veio o grito: _____ (1) prepara _____ (2) para a luta. (te)

95. Ensina-se o bem, _____ (1) fazendo _____ (2). (o)

96. _____ (1) junta _____ (2) aos bons e serás um deles. (te)

97. Não _____ (1) preocupar _____ (2) emos com isso. (nos)

98. _____ (1) deite _____ (2), gritou a irmã. (se)

99. Quantas alegrias _____ (1) conquistaram _____ (2) nas Olimpíadas! (se)

100. Quem _____ (1) matriculou _____ (2) primeiro? (se)

101. Deus _____ (1) guarde _____ (2) meu filho! (te)

102. Em _____ (1) tratando _____ (2) de opções, temos três. (se)

103. Ninguém _____ (1) ajudou _____ (2) a _____ (3) convencer _____ (4). (nos/o)

104. Há pessoas que _____ (1) admiram _____ (2). (nos)

105. Estarei aí, se _____ (1) convidarem _____ (2). (me)

106. Alguém _____ (1) viu _____ (2) quando _____ (3) abriu _____ (4) aquela porta. (nos/se)

107. Depois, _____ (1) chamaram _____ (2) para dentro. (nos)

■ Nas frases seguintes, pode haver mais de uma opção.

108. _____ (1) sentir _____ (2) ei _____ (3) tranquilo (me), porque o amigo _____ (4) convidou _____ (5). (me)

109. Voltei para _____ (1) convidar _____ (2). (vos)

110. Eu _____ (1) voltar _____ (2) ei _____ (3) para teus assuntos. (me)

111. O Carlos _____ (1) contou _____ (2) a verdade. (lhe)

112. O Carlos _____ (1) contou _____ (2) a verdade? (lhe)

113. Esta _____ (1) dar _____ (2) ia _____ (3) muito prazer. (nos)

■ Continue na prática.

114. Jamais _____ (1) disse _____ (2) o que acho de você. (lhe)

115. Falarei com quem _____ convidou _____. (a)
1 2

116. Viajo hoje mesmo, embora _____ desagrade _____. (te)
1 2

117. À noite, sempre, _____ fecham _____ as portas das casas. (se)
1 2

118. Que a experiência _____ sirva _____ de lição. (nos)
1 2

119. Tudo _____ acalmar _____ á _____. (se)
1 2 3

120. _____ acalmar _____ á _____ tudo. (se)
1 2 3

121. Sempre _____ considerar _____ ei _____ um bom exemplo. (te)
1 2 3

122. Como _____ enganas _____, meu amigo! (te)
1 2

123. _____ dá _____ um abraço bem apertado. (me)
1 2

■ Elimine a primeira palavra e reescreva a frase.

124. Isto me será bastante fácil.

_____

125. Não a beijarei mais.

_____

126. Jamais te perdoarei.

_____

127. Não me trarás resposta.

_____

128. Você o fará bem.

_____

129. Nós nos poremos a seu dispor.

_____

130. (F. C. Chagas) Quanto _____ se _____ no ponto que _____ _____.

a) alegrar-nos-íamos / atendêsseis-nos / solicitamos-vos.
b) alegraríamo-nos / atendêsseis-nos / solicitamos-vos.
c) alegrar-nos-íamos / atendêsseis-nos / solicitamos-vos.
d) nos alegraríamos / atendêsseis-nos / vos solicitamos.
e) nos alegraríamos / nos atendêsseis / vos solicitamos.

131. (F. C. Chagas) Nem sequer _____ das coisas que _____ quando _____ .

a) se lembra / disse-me / procurei-o.
b) se lembra / me disse / procurei-o.

c) lembra-se / disse-me / o procurei.
d) se lembra / me disse / o procurei.
e) lembra-se / me disse / procurei-o.

132. Com relação à colocação pronominal, assinale a descrição gramatical **incorreta**.
a) Em "não tem permitido que se explique", ocorre próclise pronominal porque a forma verbal no particípio rejeita a posição de ênclise.
b) Em "onde menos se imagina", a próclise é obrigatória por tratar-se de estrutura sintática de oração subordinada desenvolvida.
c) Em "Os cargos executivos monopolizam as atenções", a substituição do objeto direto por um pronome pessoal oblíquo resultaria em: **Os cargos executivos monopolizam-nas**.
d) Em "É do prefeito a iniciativa, cabendo aos vereadores acatá-la ou recusá-la", é gramaticalmente inaceitável a colocação pronominal de próclise às formas dos verbos **acatar** e **recusar**.
e) Em "fica difícil fazer o mesmo", a substituição do objeto direto por um pronome pessoal oblíquo resultaria em: **fica difícil fazê-lo**.

Crase

CONCEITUAÇÃO

Observe:

regência

Ela pensa em o irmão.

termo subordinante — prep. — termo subordinado

regência

Ela gosta de o tio.

termo regente — prep. — termo regido

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

1. ( ) A preposição coordena termos.
2. ( ) A preposição une dois termos subordinando o segundo ao primeiro.
3. ( ) É o termo subordinado que determina qual a preposição a ser usada.
4. ( ) A escolha da preposição a ser usada pertence ao termo subordinante e se chama regência.
5. ( ) O termo subordinante é o termo regente.
6. ( ) O termo subordinado é o termo regido.

Prática

7. Ela gosta **de** + **o** José = Ela gosta _____ José.
8. Ela foi **a** + **o** teatro = Ela foi _____ teatro.
9. Ele gostou **de** + **aquele** filme = Ele gostou _____ filme.

Observe:

As preposições contraem-se ou combinam-se com **artigos** e **pronomes** do termo regido.

	preposição		artigo		
Ela foi	a	+	o(s)	teatro(s)	→ a + o(s) = ao(s) teatro(s)
Ela foi	a	+	a(s)	igreja(s)	→ a + a(s) = à(s) igreja(s)

CRASE

	preposição		pronome demonstrativo		
Refiro-me	a	+	o(s)	que ama(m)	[a + o(s) = ao(s) que ama(m)]
Refiro-me	a	+	a(s)	que ama(m)	[a + a(s) = à(s) que ama(m)]

CRASE

	preposição		pronome demonstrativo		
Refiro-me	a	+	aquela(s)	menina(s)	[a + aquela(s) = à quela(s)]
Refiro-me	a	+	aquele(s)	menino(s)	[a + aquele(s) = à quele(s)]
Refiro-me	a	+	aquilo		[a + aquilo = à quilo]

CRASE

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

10. ( ) Crase é fusão de dois "**as**".
11. ( ) O primeiro **a** da crase é uma preposição.
12. ( ) O segundo **a** da crase é uma preposição.
13. ( ) O segundo **a** é um artigo, um pronome demonstrativo ou a vogal inicial do demonstrativo **aquele**, **aquela**, **aquilo**.
14. ( ) **à** ou **às** (com acento grave) indica existência de crase, isto é, fusão de dois **as**.
15. ( ) **à** ou **às** indica existência de substantivo feminino.
16. ( ) O masculino de **à** ou **às** é **ao** ou **aos**.
17. ( ) Para haver crase, é necessário um termo regendo a preposição **a**.
18. ( ) Para haver crase, é necessário que o termo regido seja feminino.
19. ( ) Sempre que houver preposição **a** + **aquela**, **aquele**, **aquilo**, haverá crase.
20. ( ) Sempre que no masculino se escrever **ao** ou **aos**, no feminino haverá crase.

MÉTODO PRÁTICO

Troque a palavra feminina por outra que seja masculina.
Se no masculino aparecer obrigatoriamente **ao** ou **aos**, no feminino haverá crase.
Se no masculino for facultativo **a** ou **ao(s)**, a crase poderá ser usada ou não.

Prática

■ Leve para o feminino.

21. Refiro-me a menino. ➜ Refiro-me _____ menina.
22. Refiro-me ao menino. ➜ Refiro-me _____ menina.
23. Refiro-me a meninos. ➜ Refiro-me _____ meninas.
24. Refiro-me aos meninos. ➜ Refiro-me _____ meninas.

■ Assinale **C** ou **E**.

25. ( ) Entre as práticas 21 e 22 só há diferença na escrita. Semanticamente (= no sentido) são iguais.
26. ( ) Nas práticas 21 e 23, a falta do artigo deixa o substantivo com uma ideia vaga, genérica, indefinida.
27. ( ) Nas práticas 22 e 24, a presença do artigo define, determina o substantivo **menino**. Não se trata mais de qualquer menino, mas de alguém que falante e ouvinte conhecem.

CASOS ESPECIAIS

Crase em locuções

Locuções prepositivas com palavras femininas

à cata de, à moda de, à custa de, à força de, à procura de, à guisa de, à beira de...

Observação:

As locuções prepositivas sempre terminam em **preposição**.

Locuções conjuntivas com palavras femininas

à medida que, à proporção que...

Observação:

Quase todas as locuções conjuntivas terminam em **que**.

Locuções adverbiais com palavras femininas

às vezes, às claras, às ocultas, às pressas, à toa, às fartas, às escondidas, à noite, à tarde, à vista, à direita, à esquerda, à socapa, às terças-feiras.

Prática

■ Corrija, se necessário.

28. Pedro estava a procura de uma desculpa. A medida que ia comendo e a proporção que o dia clareava, também clareavam seus pensamentos. Aquela hora, corria ainda vinho e champanha a farta. Uns bebiam as claras, outros as escondidas, outros as pressas, porém todos a larga.

Crase em lugares

Há topônimos que repelem artigo feminino, portanto não aceitam crase. Teste-os assim: **Venho + de + tôponimo** e use o bom senso.

Se venho **de** Paris, vou **a** Paris.	(só preposição: sem crase)
Se venho **de** Fortaleza, vou **a** Fortaleza.	(só preposição: sem crase)

Mas,

Se venho **da** Bahia, vou **à** Bahia.	(prep. + artigo = crase)
Se venho **da** Itália, vou **à** Itália.	(prep. + artigo = crase)

Faça uso deste processo mnemônico:
Se vou **a** e venho **da**, crase há;
Se vou **a** e venho **de**, crase p'ra quê?

Prática

■ Corrija, quando necessário.

29. Júlia foi a padaria, a manicura, a modista e voltou a repartição antes de viajar. Por pouco não chegava a estação a tempo de tomar o trem que a levaria a Recife. De Recife viajará a Portugal, a Espanha, a França, a Inglaterra, a Holanda e a Israel. É a primeira vez que visitará a Europa. No próximo ano pretende ir a África.

Observação:

No final do século XIX, era chique usar sem artigo topônimos como França, Inglaterra, Espanha, Holanda, África, Ásia..., motivo pelo qual está correto dizer:

Venho de França / Vou a França
Venho de Inglaterra / Vou a Inglaterra

Hoje, porém, tais construções denotam **pedantismo**.

Crase com distância

Distância não definida	O disco foi lançado a distância. Ele estava a distância do grupo.
Distância determinada	Foi lançado **à** distância **de 60 metros**.

Prática

■ Acentue, se for preciso.

30. Ele parou a distância de um quarteirão.
31. Ela chegou a pequena distância da casa.

Crase com horas

Hora exata de relógio	A aula começa **às** oito horas. Ele saiu **às** sete e quinze. Cheguei **à** uma hora da tarde.
Hora aproximada	Vou lanchar daqui **a** uma hora. Vou lanchar daqui **a** três horas.

Atenção para o paralelismo:

O filme vai **de** oito **a** dez e meia.
prep. prep.

O filme vai **das** oito **às** dez e meia.
prep. + artigo prep. + artigo

Prática

■ Preencha adequadamente as lacunas.

32. É bom chegares ___ duas horas.
33. ___ três horas que gastou no trabalho foram recompensadas.
34. Estudo de duas ___ quatro horas por dia.
35. Trabalho das oito ___ dezoito.

Atenção:

A quebra do paralelismo na crase torna mais evidente e próximo o sentido do termo antecedido pelo artigo.

O filme vai de oito às dez e meia em ponto.
Refiro-me a Tereza e à Júlia.

Crase com pronomes relativos

a) Conheço o homem **cujo** filho passou em primeiro lugar, e **cuja** irmã chegou da Índia.	Nunca há crase antes de **cuja(s)** porque este pronome não aceita artigo.
b) Eis o rapaz **ao** qual me referi. Eis a moça **à** qual me referi. Eis as moças **às** quais me referi.	Usa-se **à qual**, **às quais**, com crase, quando se opõem a **ao qual**, **aos quais**.
c) Refiro-me **ao** que usa bigode. Refiro-me **à** que usa luvas. Refiro-me **aos** que usam bigode. Refiro-me **às** que usam batom. Eis o rapaz **a** que me referi. Eis a moça **a** que me referi.	Usa-se **à que**, **às que**, com crase, quando se opõem a **ao que**, **aos que**. Neste caso, é CRASE da preposição **a** com o **pronome demonstrativo a(s)**, que é igual a **aquele(a)**.

Prática

■ Corrija.

36. Ela se dirigiu aquele que estava a meu lado e a que se mantinha em pé.
37. Este é o senhor a cuja filha me aliei.
38. Não me presto aquilo que vocês querem.
39. Admiro aquela deputada, a que te uniste.

Crase com casa

a) Cheguei **de** casa hoje. Estou **em** casa agora. Voltei **a** casa ontem.	**Casa** significando **própria morada** não aceita artigo, portanto não há crase.
b) Cheguei d**a** casa **de José**. Estou n**a** casa **nova**. Regressou **à** casa **materna**. Voltou **à antiga** casa. Referiu-se **à** casa **de Orleans**.	Quando a palavra **casa** aparece acompanhada de um determinante, justifica-se a presença do artigo e se justifica a crase, mas não é obrigatório.

Prática

■ Qual a diferença de sentido?

40. Referia-se a belas casas.	Referia-se às belas casas.
41. Estou em casa de José.	Estou na casa de José.
42. Vou a casa de José.	Vou à casa de José.

Crase com terra

a) Os astronautas voltaram **à** Terra. Voltou **à** terra em que estudou. O lavrador se apega **à** terra que cultiva. Do céu **à** terra, o infinito.	Normalmente a palavra **terra** aceita artigo e, portanto, CRASE.
b) Estamos a bordo mas vamos **a** terra. Chegado o navio, os marujos desceram **a** terra.	Em linguagem náutica, **terra** opõe-se a **bordo** e não usa artigo. Portanto, SEM CRASE.
c) Os marujos desceram **à** terra **dos Vikings**.	Uso de determinante justifica o artigo e a crase.

Crase com até ou até a

Prática

■ Use **até**

43. Caminharam _____ o portão.
44. Ele foi _____ a divisa.
45. Ele chegou _____ aquele morro.

Use **até a**

Caminharam _____ o portão.
Ele foi _____ a divisa.
Ele chegou _____ aquele morro.

Como não se sabe se foi usada a preposição **até** ou a locução prepositiva **até a**, a crase é facultativa.

Crase com pronomes possessivos

Refiro-me **a(o)**	teu	irmão	e não **ao**	meu	∅
preposição / artigo (facultativo)	PRON. POSSESS.	SUBSTAN-TIVO	preposição / pronome demonstrativo (obrigatório)	PRON. POSSESS.	∅

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

46. ( ) O possessivo pode vir seguido de substantivo.
47. ( ) O possessivo pode vir sozinho, isto é, não seguido de substantivo.
48. ( ) O possessivo seguido de substantivo pode ou não usar artigo: meu filho/o meu filho.
49. ( ) O possessivo sozinho, isto é, sem substantivo, usa artigo.
50. ( ) O possessivo sozinho vem antecedido de pronome demonstrativo obrigatório.
51. ( ) Quando o possessivo feminino vem acompanhado de substantivo, a crase é facultativa.
52. ( ) A crase antes de possessivo feminino só é obrigatória quando o possessivo não vem acompanhado de substantivo.
53. ( ) Refiro-me a tua irmã e não a minha.
54. ( ) Refiro-me à tua irmã e não à minha.
55. ( ) Refiro-me a tua irmã e não à minha.
56. ( ) Refiro-me a tuas irmãs.
57. ( ) Refiro-me as tuas irmãs.

Crase com antropônimos femininos (nomes de mulheres)

– Cláudia chegou. **A** Cláudia chegou. – José partiu. **O** José partiu.	Antropônimos têm artigo facultativamente, portanto a crase também é facultativa.

Prática

58. Qual a diferença semântica entre os pares de enunciados?
    a) Fiz referência a Ester. Fiz referência à Ester.
    b) Apresentou elogios a Marlene. Apresentou elogios à Marlene.
    c) Referia-se a Ernesto. Referia-se ao Ernesto.

Resp.: _____

_____

59. Se o antropônimo vier determinado por adjunto, o que acontece com o artigo? Opte por uma ou duas das respostas.
    a) É facultativo: "Refiro-me a Ernesto careca."
    b) Passa a ser usado: "Refiro-me ao Ernesto careca."
    c) Passa a ser usado: "Refiro-me à Teresa caolha."

Observação:

O antropônimo pode ficar sem artigo quando só tem predicativo:
Refiro-me a Ernesto, careca.

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

60. ( ) Quando o antropônimo se refere a amigo, parente ou pessoa muito próxima, o artigo aparece.
61. ( ) Fiz um elogio à Gabriela, minha sobrinha.

Crase em à moda (de)

Observe: Servia-se **à** francesa. Cantava **à** Caetano Veloso.
Bebia **à** siciliana. Usava roupas **à** Luis XIV.

Usa-se o acento grave, indicativo de crase, mesmo antes de masculino, quando se tem subentendida a expressão "**à moda (de)**".

Prática

■ Complete as lacunas.

62. Ele se portava ____ Napoleão.
63. Alimentava-se ____ mineira.

NÃO HÁ CRASE

Antes de substantivos masculinos, não há crase.

Refiro-me a Antônio. Vou ao Rio. Pinto a óleo.

64. Por quê? Resp.: _____

_____

Atenção:

Há sinal grave, indicativo de crase, mesmo antes de masculino quando se tem subentendida a expressão "à moda de".

Cantava à Caetano Veloso. Usava roupas à Luís XIV.

Antes de verbos, não há crase.

Estava a pensar. Estou disposto a vencer.

65. Por quê? Resp.: _____

_____

Antes de pronomes pessoais, não há crase.

Dirigi-me **a** ela, **a** ti, **a** elas.

66. Por quê? Resp.: _____

_____

Antes de pronomes de tratamento, não há crase. (Exceções: Madame, Senhora, Senhorita, Dona)

Refiro-me **a** Vossa Excelência, que faz críticas **a** Sua Santidade.

67. Por quê? Resp.: _____

_____

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

68. ( ) Refiro-me a Senhor Joaquim.
69. ( ) Refiro-me ao Senhor Joaquim.
70. ( ) Refiro-me a rapaz Joaquim.

71. ( ) Refiro-me ao rapaz Joaquim.
72. ( ) Refiro-me a cavalheiro Joaquim.
73. ( ) Refiro-me ao cavalheiro Joaquim.
74. ( ) Refiro-me a Dom Joaquim.
75. ( ) Refiro-me ao Dom Joaquim.

■ Conclua.
Havendo antecedência de preposição **a**, a crase,
76. antes de **Madame**, é _____: Dirijo-me _____ **Madame** (Fernanda).
77. antes de **Senhora**, é _____: Dirijo-me ___ **Senhora** (Josefa).
78. antes de **Senhorita**, é _____: Dirijo-me ___ **Senhorita** (Andreia).
79. antes de **Dona**, é _____: Dirijo-me ___ **Dona** Júlia.

Antes de artigos indefinidos e pronomes indefinidos, não há crase.

Prática

Referia-me a uma valsa.
Referia-me a certa valsa.
Referia-me a nenhuma valsa.
Referia-me a cada valsa.
Referia-me a nada, a qualquer, a toda, a ninguém, a alguém...

80. Por quê? Resp.: _____
_____

Expressões constituídas de substantivos repetidos normalmente não usam artigo, por isso não ocorre crase.

Prática

81. Houve receptividade de parte _____ parte.
82. Bebeu gota _____ gota o que lhe deram.
83. Estudou o livro de ponta _____ ponta.
84. Montava sua resposta de palavra _____ palavra.

Antes de pronomes demonstrativos, não se tem crase. (Exceções: aquela(s), aquele(s), aquilo)

Prática

Refiro-me a esta, a essa...

85. Por quê? Resp.: _____

_____

Se existe um **a** sem **s**, antes de plural, ele é só uma preposição. Não pode haver crase.

Prática

Refiro-me a pessoas, a mulheres, a crianças...

86. Por quê? Resp.: _____

_____

Cuidado com o **paralelismo**. Termos de mesma função têm, normalmente, mesmo tratamento.

Prática

87. Refiro-me ao Apolo e ___ Afrodite.
88. Refiro-me a Apolo e ___ Afrodite.

A expressão "**cheirar a**" normalmente não gera crase.

Prática

■ Preencha com a / ao / à.

89. Isto me cheira ___ peixe.
90. ___ sua fala cheira ___ antiguidade.

Observação final:

O acento grave, indicativo de crase, deve ser usado para evitar ambiguidade (duplo sentido).

Ela cheira à pinga (tem cheiro de pinga).
Ela cheira a pinga (sente o cheiro da pinga).

HÁ ≠ A

HÁ	➜ Verbo **haver**: **Há** sempre soluções melhores. ➜ Tempo passado: Estudo **há** três anos. ➜ Permutável por **faz**: **Há** três noites que eu não durmo...
A	➜ Tempo futuro: Voltarei daqui **a** três meses. ➜ Artigo definido: **A** vitória sempre chega. ➜ Preposição: Voltei **a** casa cedo. ➜ Pronome oblíquo: Deus **a** proteja, minha filha. ➜ Pronome demonstrativo: Guardei **a** que você me deu.

Prática

■ Preencha as lacunas com **a**, **à**, **as**, **às**.

91. Ela foi ___ feira, depois ___ modista.
92. Debatemos ___ respeito da matéria e chegamos ___ conclusão final ainda ___ tempo.
93. Ele é insensível ___ dor e propõe-se ___ assistir ___ filmes de guerra e ___ mutilações neles contidas.
94. Isto me cheira ___ velhice e ___ asneira.
95. Erigiram-se templos ___ Júpiter e ___ Minerva.
96. Não costumava ir ___ todas as festas.

■ Use o sinal indicativo de crase, conforme as regras vistas.

97. Ele ficou a conjecturar por que não bateram palmas a porta.
98. Não retornou a casa sem antes telefonar a sua mãe.
99. Não me referi a que chorava, mas a que ria.
100. Não me dirigi a este, mas aquele menino.
101. Referia-me a tua irmã e não a dele, nem a minha.
102. Voltou o filho a casa dos pais.
103. Voltou o filho a casa.
104. Ele fala a nordestina, se veste a mineira, come a baiana e canta a Gilberto Gil.
105. Eles ficaram cara a cara, frente a frente com o monstro, face a face com o perigo.
106. Aludi a minha prima e a Marília bela.
107. Escrevo a lápis e não a caneta.
108. Assistiu a aulas de violino, a tarde.
109. Voltarei a Argentina, a Itália e a Portugal.
110. As onze horas, havia ainda bebida a farta.
111. Solicito a Vossa Excelência que se mova a procura de uma solução adequada a esta situação.

112. A medida que ele se unia a Dona Inês, unia-se também a Senhorita Cláudia e a Madame Cristine.
113. Ele estava submetido a enorme depressão quando retornou a Brasília para dedicar-se a pessoas desconhecidas e as irmãs de seu pai.
114. Referia-me a Faculdade de Economia da USP, não a de Arquitetura nem a de Filosofia.

■ Preencha as lacunas com **a**, **à**, **as**, **às**, conforme necessário.

115. A sessão será das 8h _____ 10h.
116. Voltaremos _____ meia-noite.
117. O voo parte pontualmente _____ onze horas.
118. O almoço será servido de treze _____ quinze horas.
119. Só posso recebê-lo daqui _____ uma hora.

Prática Geral

120. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Assinale a frase em que o acento indicativo de crase foi empregado **incorretamente**.
    a) Ao voltar das férias, devolverei tudo à V. Sª.
    b) O candidato falou às classes trabalhadoras.
    c) Fique à espera de meus amigos.
    d) Sua maneira de falar é semelhante à de Paulo.
    e) Você só poderá ser atendido às 9 horas.

121. (PRF/N.M./ANP) Assinale a opção em que **falta** o acento de crase.
    a) O ônibus vai chegar as cinco horas.
    b) Os policiais chegarão a qualquer momento.
    c) Não sei como responder a essa pergunta.
    d) Não cheguei a nenhuma conclusão.

122. (ALCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **correta**.
    a) O ministro não se prendia à nenhuma dificuldade burocrática.
    b) O Presidente ia a pé, mas a guarda oficial ia à cavalo.
    c) Ouviu-se uma voz igual à que nos chamara anteriormente.
    d) Solicito à V. Exa. que reconheça os obstáculos que estamos enfrentando.

123. (ATCL-DF/N.S./IDR) Marque a alternativa **correta** quanto ao acento indicativo da crase.
    a) A cidade à que me refiro situa-se em plena floresta, a algumas horas de Manaus.
    b) De hoje à duas semanas estaremos longe, a muitos quilômetros daqui, a gozar nossas merecidas férias.
    c) As amostras que servirão de base a nossa pesquisa estão há muito tempo à disposição de todos.
    d) À qualquer distância percebia-se que, à falta de cuidados, a lavoura amarelecia e murchava.

124. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa que apresenta emprego **incorreto** do sinal indicativo de crase.
a) Trata-se de uma tradição há muito inserida nas práticas legislativas do País e que não deve estar condicionada à deliberação do plenário.
b) A publicação no *Diário Oficial* constitui a forma pela qual se dá ciência da promulgação da lei à sociedade.
c) O Presidente vai à sala de reuniões às oito horas dar as informações sobre o problema à todos que estiverem a espera.
d) Com respeito às questões operacionais colocadas pela necessidade de divulgação das leis, é preciso avaliar os custos de implantação de novos parques gráficos.

125. (Ag. Adm./TRT/N.M./ACCESS) O poeta aspirava ___ felicidade, mas sem ___ volta da amada ele não ___ obteria.
A alternativa que completa **corretamente** as lacunas da frase acima é:
a) à / à / a.
b) à / a / a.
c) a / à / a.
d) à / a / à.
e) à / à / à.

126. (TFC-RJ/N.S.) Marque o item que se completa de forma correta com a sequência seguinte: **Há/às**.
a) _____ algum tempo, a tecnologia revoluciona em áreas que vão da cirurgia plástica _____ armas nucleares.
b) O raio laser se revela _____ altura de um bisturi de alta precisão _____ anos.
c) _____ quem afirme que _____ áreas da medicina em que o uso do raio laser é imprescindível.
d) _____ novidade surgiu na França onde o laser está sendo usado na restauração da Catedral de Amiens, recuperando vestígios das cores aplicadas _____ sete séculos.
e) Debaixo da fuligem que conferiu um tom acinzentado _____ igreja, o laser revelou uma gama de dourados, azuis e vermelhos existentes _____ épocas da feitura de obras góticas.

(Adap. de *Veja*, 10/3/1993).

127. (AFRE-SP/N.S.) Assinale a alternativa **correta**.
Chegou _____ tempo de presenciar _____ pequena discussão entre _____ e o encarregado da limpeza.
a) à / uma / eu.
b) a / uma / mim.
c) há / a uma / mim.
d) a / a uma / eu.

128. **Não** se usa o acento grave, indicador da crase, em:
a) Fomos a Bahia no ano passado.
b) Voltamos a casa de Pedro, mas não o encontramos.
c) As vezes, meus filhos chegam tarde do colégio.
d) Todos aqui gostam de bife a milanesa.
e) Os documentos serão entregues a Vossa Excelência, em tempo hábil.

129. Usa-se acento indicativo de crase em:
   a) As frutas caem a terra quando maduras.
   b) Ele também é capaz de exercer a força de atração.
   c) A queda da maçã provocou a curiosidade de Newton.
   d) Foi o único homem a perceber a lei da gravitação universal.
   e) A não ser que alguém a passasse para outra pessoa.

130. A crase **não** é admissível em:
   a) Comprou **a** crédito.
   b) Vou **a** casa de Maria.
   c) Fui **a** Bahia.
   d) Cheguei **as** doze horas.
   e) A sentença foi favorável **a** ré.

131. Indique a alternativa em que o acento grave, indicador da crase, **não** foi empregado corretamente.
   a) Às ameaças que tantas vezes proferiu não demos a menor importância.
   b) Às vésperas da revolução, convocou às armas várias classes.
   c) Às vezes vou à repartição.
   d) A festa à que assisti ontem jamais sairá do meu pensamento.
   e) A roupa que você está usando é semelhante à que comprei.

132. Quanto ao emprego do acento grave, indicativo de crase, assinale a opção **incorreta**.
   a) Em "alusão à data", emprega-se o acento grave para indicar a fusão da preposição **a**, que rege um substantivo feminino singular, com o artigo definido, formando uma locução adverbial.
   b) Em "havia flores à sua espera sobre a mesa", o emprego do acento grave é facultativo, porque é dispensável o uso do artigo antes do pronome prossessivo com substantivo.
   c) Reescreve-se o enunciado "Engasgado, confessou-lhe que em parte nenhuma" da seguinte maneira: **Engasgado, confessou à secretária que em parte nenhuma**.
   d) Em "iria rodar por aí à noite", emprega-se o acento grave diante da locução adverbial constituída de substantivo feminino.
   e) Substitui-se o enunciado "Foram ao drinque" por **Foram às bebidas**.

Pontuação

VISÃO GERAL

Ordem direta da frase.

1	2	3		4
sujeito	verbo	objeto/predicativo		adj. adverbial
Os turistas	estavam	felizes	(,)	no metrô
Os turistas	compraram	presentes	(,)	em Brasília

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, para as declarações a seguir, com base no quadro acima e em sua experiência linguística.

1. ( ) Entre os termos das colunas 1, 2 e 3 não se usa vírgula.
2. ( ) Entre eles, podem-se usar duas ou mais vírgulas para intercalar outros termos.
3. ( ) Entre os termos das colunas 3 e 4, o uso da vírgula é facultativo.
4. ( ) Usar-se ou não a vírgula, nesse caso, não altera o sentido.
5. ( ) O uso da vírgula, nesse caso, enfatiza, ressalta a ideia expressa no termo 4.
6. ( ) O termo 4 pode colocar-se entre 1 e 2, porém entre vírgulas.
7. ( ) O termo 4 pode colocar-se entre 2 e 3, porém entre vírgulas.
8. ( ) As declarações de 1 a 7 correspondem aos parâmetros da norma culta.
9. ( ) Os jornais e a imprensa escrita, de um modo geral, seguem rigidamente tais normas.
10. ( ) A imprensa escrita, de um modo geral, economiza os sinais de pontuação que considera desnecessários ao sentido básico do texto.

VISÃO DETALHADA

USO DA VÍRGULA

Dentro de uma oração

Observe:

– Escolheram um garoto-propaganda **feio**, **atrapalhado**, **desajeitado**, **carente**.
– Meu pai era **respeitoso**, **presente** em casa, **alegre**.

Conclusão:

A vírgula separa termos de mesma função.

Prática

■ Use a vírgula onde for necessário.

11. É necessário lealdade honestidade coragem desprendimento.
12. Nós o encontramos alegre bem disposto e descansado.
13. Toda criança precisa de carinho de atenção de educação.

Observe:

– O professor, **nervoso**, chamou os alunos para uma conversa.
– **Preocupado**, o diretor convocou uma reunião.

Conclusão:

A vírgula separa os predicativos dos núcleos a que se referem.

Prática

■ Coloque as vírgulas necessárias.

14. Consciente de sua responsabilidade o advogado pediu tempo para estudar.
15. A empresa premida pelas dificuldades quase fechou as portas.
16. O ministro ainda doente voltou a despachar em seu gabinete.

Observe:

– **Na virada do século**, a operária Luíza trabalhava na fábrica têxtil Bangu.
– **Hoje**, **nos Estados Unidos**, mais da metade das mulheres trabalha.

Conclusão:

A vírgula separa o adjunto adverbial deslocado do seu lugar normal.

Prática

■ Use as vírgulas adequadamente.

17. No Primeiro Mundo boicotes costumam dar resultados.
18. A televisão na noite de sexta-feira revelou as causas do acidente.
19. Os técnicos tentaram apesar dos empecilhos explicar o raro fenômeno.

Observe:

Brasília, 23 de março de 2009.

Conclusão:

A vírgula separa, nas datas, o topônimo (nome de lugar).

Observe:

– **A mim**, tudo **me** parecia absurdo.
– **Esse dinheiro**, não voltaremos a vê-**lo**.

Conclusão:

Quando se coloca o objeto no início da oração para repeti-lo, usa-se vírgula.

Prática

■ Use corretamente as vírgulas.

20. Um caso assim é preciso estudá-lo cuidadosamente.
21. Aos turistas não lhes importa como chegarão até lá.
22. O contrato convém assiná-lo o quanto antes.

Observe:

– O caso exigia providência urgente; ela, **porém**, parecia não se importar.
– Já foi decidido o seu afastamento; não há, **portanto**, o que reclamar.

Conclusão:

Quando se desloca, do início da oração, a conjunção adversativa ou conclusiva, usam-se vírgulas.

Prática

■ Use adequadamente a vírgula.

23. O mesmo estudo porém mostra que a situação pode melhorar.
24. Essa não é contudo a prática na companhia.
25. Já vai longe o tempo da censura; direi o que quiser pois.

Observe:

– Plínio, **o filho do primeiro casamento**, decidiu que moraria com o pai.
– A verdade, **senhores eleitores**, é que a responsabilidade é sua.

Conclusão:

A vírgula separa o aposto e o vocativo do resto da oração.

Prática

■ Empregue adequada pontuação.

26. Rafael médico-gerente de laboratório criou um manual para emergências.
27. Esse empresário era casado com Heloísa uma ex-bailarina.
28. Na dúvida senhores jurados o réu deve ser favorecido.

Observe:

– Dizem que os homens decidem com o cérebro; as mulheres, com o coração.
– Alguns casos são encaminhados para os hospitais centrais; outros, para os centros de saúde.

Conclusão:

A vírgula substitui um verbo subentendido.

Prática

■ Virgule adequadamente.

29. Jaime estava feliz; Zeca tranquilo.
30. Vera compreendeu tudo; Cláudio quase tudo.
31. Sandra estava radiante; Rosa eufórica.

Observe:

– Esse caso, **por exemplo**, pode ser resolvido rapidamente.
– **Em suma**, sua função era visitar as sucursais.

Conclusão:

A vírgula separa termos ou expressões intercaladas que servem para resumir, incluir, excluir, retificar, exemplificar...

Prática

■ Virgule adequadamente.

32. Esses países inclusive o Sudão são governados por fundamentalistas.
33. Exceto você todos já sabiam das mudanças.
34. Em compensação o país tem batido recordes de crescimento econômico.

Observação:

Vírgulas para intercalação são permutáveis por parênteses ou travessões.

Preste atenção às seguintes frases, os parênteses estão substituídos por travessões (curtinhos por conta da intenção de síntese) e por vírgulas.

1ª O casal era confuso ***(ela mais do que ele), mas*** *fingia naturalidade.*
2ª O casal era confuso ***– ela mais do que ele –, mas*** *fingia naturalidade.*
*3ª O casal estava confuso****, ela mais do que ele, mas*** *fingia naturalidade.*

Atente que, nos dois primeiros exemplos, os parênteses e os travessões estão seguidos de vírgula, porque antecedem a conjunção coordenativa **mas**. No terceiro, não poderia haver duas vírgulas juntas.

Entre orações

Observe:

– Minha mãe faz curso de teatro, ouve palestras, atualiza-se.
– Houve algumas resistências, mas as colônias serão devolvidas.

Conclusão:

A vírgula separa orações coordenadas (exceto as iniciadas por *e*).

Prática

■ Virgule adequadamente.

35. Os lábios tentaram abrir-se num sorriso mas desistiram e fecharam-se.
36. Acordava tomava café lia o jornal e ia para o aeroporto.
37. Ele era metódico portanto não deixaria de telefonar.

Atenção:

Vírgula antes do e

, e

a) Quando se enfatiza o que se segue, seja termo ou oração:

Estava feliz, radiante, **e** agradecida

Ele disse com muita firmeza, **e** a convenceu.

b) Quando o **e** tem sentido de "mas":

Não estudou, **e** sabia tudo.

c) Se se repetir a conjunção **e** (polissíndeto).

Falou, **e** repetiu, **e** gritou, **e** chorou.

d) Para alguns gramáticos, se o sujeito da oração iniciada pelo **e** for diferente do da outra oração.

Ela chegou, **e** Renato fingiu não vê-la.

Vírgula antes do etc.

~~e~~ etc

"etc." é abreviatura de *et cetera*, que, em latim, significa "e o restante", expressão que começa com "e". Como não se enquadra em nenhuma das situações em que se usa vírgula antes do "e", o melhor é não usá-la.

Observe:

– Ronaldo, **que hoje tem 34 anos**, mudou muito.
– Os homens, **que são mortais**, julgam-se imortais.

Conclusão:

A vírgula separa da principal as orações subordinadas adjetivas explicativas.*

Prática

■ Use corretamente a vírgula.

38. O leite que contém cálcio é excelente alimento para as crianças que são desnutridas.
39. Meu pai que falava quatro línguas julgava-se superior às pessoas que só sabiam a língua materna.
40. Os empresários que vieram querem erguer grandes hotéis que atrairão turistas.

Atenção:

A vírgula nunca pode iniciar uma oração adjetiva restritiva (a que está sublinhada no exemplo seguinte), mas pode separar essa oração da que lhe vem após, mesmo quando separa o sujeito (As) do seu verbo (acabam percebendo).

1. As <u>que deixam de respeitar seus semelhantes por quaisquer supostas razões</u>, acabam percebendo que não o deveriam ter feito.
2. Os participantes <u>que ontem à noite nos procuraram</u>, voltaram hoje.

Explica-se essa possibilidade nos exemplos 1 e 2 quer pela extensão da restritiva quer pela opção por uma pausa respiratória. No exemplo 2, alega-se também a separação dos dois verbos vizinhos, pertencentes cada um a uma oração distinta.

Observe:

– **<u>Se</u> não houver empenho de todos**, não se encontrará uma solução.
– **<u>Quando</u> a editora estiver publicando tais trabalhos**, eu aplaudirei.

Conclusão:

A vírgula separa orações subordinadas adverbiais que antecedem a oração principal.

Prática

■ Virgule corretamente.

41. Para usufruir de todas as vantagens os turistas se dispõem a pagar mais.
42. Examinando-se a disputa atual nas capitais a proposta parece vir a calhar.
43. Confirmadas as informações divulgadas pelos jornalistas o jogador teve de desdizer-se.

* *Vide*, em *Análise Sintática Visual*, Período: Orações subordinadas adjetivas.

Observe:

– A democracia, **embora ainda seja imperfeita**, é o melhor sistema de governo.
– A mulher, **se for preciso**, dobra sua jornada de trabalho.

Conclusão:

A vírgula separa orações intercaladas.

Prática

■ Use adequadamente a vírgula.

44. O projeto apesar de merecer alguns reparos parece melhorar a vida do contribuinte.
45. Qualquer pessoa conforme se divulgou na imprensa terá acesso às informações sobre andamento de processos.
46. Nós para garantir nossos direitos contamos com a Justiça.

DOIS-PONTOS

(Pausa pouco maior que a vírgula, indicando frase inconclusa)

Usam-se dois-pontos para:

a. **introduzir uma fala, uma citação:**

A manchete estampava (:) "A mosca morreu!"

b. **anunciar uma enumeração**:

São três os suspeitos (:) o papagaio, a minhoca e o sapo.

c. **anunciar um esclarecimento ou explicação**:

Ele é impaciente (:) não sabe ouvir.

d. **introduzir exemplo(s)**:

...um monossílabo tônico (:) pé.

Prática

■ Com base nas ideias do quadro, assinale **a**, **b**, **c** ou **d** para as afirmações seguintes.

47. ( ) As palavras de origem grega, terminadas em **ma**, são masculinas: o teorema, o drama, o anátema...
48. ( ) De vez em quando, vinha-nos um pressentimento: o velho carpinteiro não estava morto, escondera-se de nós.
49. ( ) Compareceram todos: seu Lucas, padre Abílio, mestre Caetano...
50. ( ) O *maitre* recomendou: "Sirvam gelado".

PONTO E VÍRGULA

Usa-se ponto e vírgula para:

a. **separar orações que tenham vírgula(s) em seu interior**:

Ela agia correto ; ele, errado.

b. **separar itens de uma enumeração**:

O numeral pode:
indicar uma quantidade ;
denotar posição numa sequência ;
determinar número de vezes ;
indicar parte(s) de unidade.

c. **para enfatizar ideias adversativas ou conclusivas**:

Sofreu, mas não chorou. Estudou, portanto mereceu.
Sofreu ; mas não chorou. Estudou ; portanto mereceu.

Prática

■ Com base nas informações do quadro, assinale **a**, **b** ou **c** para as frases seguintes.

51. ( ) Ficamos atentos, esperando que ele viesse; mas ninguém veio.
52. ( ) Os erros eram pequenos, escassos; poderiam, portanto, ser relevados.
53. ( ) A cidade adormecia; a lua suave passeava lentamente; os grilos a festejavam; os sapos cadenciavam seus ritmos...

RETICÊNCIAS

São usadas as reticências para:

a. **indicar suspensão de uma ideia**:

"Ele e eu estávamos indo ... Mas, me diga primeiro, como você chegou até aqui?"

b. **denotar interrupção ou interrupções de fala para conotar hesitação, timidez**:

"É verdade que ... que estava ... estava lá, sim."

c. **denotar interferência da fala de um personagem na de outro**:

"– Mariana me disse ...
– Deixa isso p'ra lá!"

d. **realçar a expressão que se lhe segue**:

"Ela é uma grande ... cilada!"

e. **suprimir trechos de uma citação**:

"Ouviram do Ipiranga ... retumbante."

Nesse caso, usam-se também as reticências entre parênteses:

"Ouviram do Ipiranga (...) retumbante."

Prática

■ Com base no quadro das reticências, assinale a letra que mais se aproxima dos exemplos seguintes.

54. ( ) "As armas e os barões... espalharei por toda a parte." (Camões)
55. ( ) Eu quero... que você... que você se case comigo.
56. ( ) Teresa disse que ... Deixa p'ra lá: não interessa o que ela tenha dito.
57. ( ) Eu acho que você ficou... maluquinha por ele.
58. ( ) É... – adivinhe! – a sua melhor amiga.
59. ( ) – Você gosta dela ou...
– Gosto, com certeza.

TRAVESSÃO, ASPAS DUPLAS E ASPAS SIMPLES

Com base nos exemplos I, II e III, responda **C** ou **E** para as afirmações seguintes:

I – "Eu sofria já o começo de velhice – esta vida era só o demoramento." (J. Guimarães Rosa)

II – "Achei especial o jeito de João Concliz vir, ansiado cauteloso. Ação em que qualquer um anda – nessas semelhantes ocasiões – só encostado nas paredes – 'Você fica aqui, mais você, e você... Você dessa banda... Você ali, você aí acolá...' – arrumação ele ordenava." (J. Guimarães Rosa)

III – "Seu peito, ela recordava,
era branco, firme, polido – um marfim." (Cecília Meireles)

60. ( ) Em I, o travessão está usado em lugar de uma vírgula e introduz uma explicação.
61. ( ) Em II, o primeiro travessão serve para introduzir fala de personagem.
62. ( ) Em II, os dois primeiros travessões servem para destacar a expressão "nessas semelhantes ocasiões".
63. ( ) Em II, o terceiro travessão serve para introduzir fala de personagem.
64. ( ) Em II, ocorre o uso de aspas duplas e simples.
65. ( ) É indiferente o uso de aspas duplas ou simples. Podem-se usar umas ou outras indiferentemente.
66. ( ) Em II, as aspas duplas são usadas, como em I e III, para reproduzir fala de personagens.
67. ( ) Em II, usam-se as aspas simples para reproduzir a fala de um personagem.
68. ( ) Em II, se não houvesse as aspas duplas no início e no fim do texto, não se usariam as aspas simples.
69. ( ) Conclusão: aspas simples se usam dentro de aspas duplas.
70. ( ) Em III, o travessão está introduzindo um resumo das ideias anteriores.
71. ( ) Esse travessão poderia, sem mudança de significado, ser substituído por reticências.
72. ( ) Esse travessão poderia ser substituído por dois-pontos ou reticências.

Prática Geral

Instruções para as questões de números 73 a 76.

Os períodos abaixo apresentam diferenças de pontuação. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta.

73. a) Mas a raiva voltou, e ele teve vontade de devolver o incômodo presente.
    b) Mas, a raiva voltou e ele, teve vontade de devolver o incômodo presente.
    c) Mas a raiva voltou e, ele teve vontade de devolver o incômodo presente.
    d) Mas a raiva, voltou e ele teve, vontade de devolver o incômodo presente.
    e) Mas, a raiva voltou, e ele teve vontade, de devolver o incômodo presente.

74. a) Não sei do que você, está falando, deixe-me pois em paz.
    b) Não sei do que, você está falando: deixe-me, pois em paz.
    c) Não sei do que, você está falando; deixe-me pois, em paz.
    d) Não sei do que você está falando; deixe-me, pois, em paz.
    e) Não sei, do que você está falando, deixe-me pois, em paz.

75. a) As dúvidas, porém, permaneciam as mesmas, por mais que se tentasse esclarecê-las.
    b) As dúvidas porém, permaneciam as mesmas por mais que se tentasse esclarecê-las.

c) As dúvidas, porém permaneciam as mesmas por mais, que se tentasse esclarecê-las.
d) As dúvidas porém permaneciam, as mesmas, por mais que se tentasse esclarecê-las.
e) As dúvidas porém permaneciam as mesmas por mais que se tentasse esclarecê-las.

76. a) O velho professor vivia à parte com ar tristonho sempre, de livro na mão imerso na leitura.
b) O velho professor vivia, à parte com ar tristonho sempre, de livro, na mão, imerso na leitura.
c) O velho professor vivia à parte, com ar tristonho, sempre de livro na mão, imerso na leitura.
d) O velho professor vivia à parte com ar tristonho sempre de livro, na mão, imerso na leitura.
e) O velho, professor, vivia, à parte com ar tristonho, sempre de livro na mão imerso, na leitura.

77. Qual das sequências abaixo jamais admitirá, de acordo com as nossas gramáticas, o emprego de duas vírgulas?
a) O irmão meu que estava doente não chegou na hora.
b) Mesmo que tu chegues atrasado José não deixes de trazer as revistas que te emprestei sábado último.
c) A mulher se divide em quatro partes cabeça tronco membros e espelho.
d) Jamais lhe poderei dizer que isto se passou na casa de uma das mais tradicionais famílias da região os Mesquitas.
e) A muito custo após algumas horas disseram que não haviam chegado os impressos para formalizar a petição.

78. Dadas as afirmações:
I – Em "José, por não concordar com as ordens do chefe, retirou-se.", a supressão de uma das vírgulas constituirá erro, pois virá quebrar a concatenação da oração, por separar o sujeito do predicado.
II – Em "Disse ele muitas coisas e mais coisas teria dito se não fosse a carência de tempo.", é necessária a vírgula antes da conjunção aditiva para separar complementos de verbos diferentes.
III – Usa-se o ponto e vírgula para separar as partes principais de uma frase, sobretudo se longas, nas quais já existam elementos virgulados.
deduzimos que, de acordo com as normas de pontuação, pode(m) estar correta(s)
a) todas.
b) apenas a I.
c) apenas a II.
d) apenas a III.
e) apenas a I e III.

79. Assinale a opção cujos sinais, indicados entre parênteses, não permitem pontuação correta para as frases abaixo.
a) Se a felicidade é proporcional à renda é irrespondível a causa das máquinas se não a questão toda precisa ser examinada. (2 vírgulas e 1 ponto e vírgula)
b) "O mau médico encarece a enfermidade e não lhe dá remédio o mau conselheiro exagera os inconvenientes e não dá meio com que os melhorar." (3 vírgulas e 1 ponto e vírgula)
c) "O beijo das mulheres sérias é frio faz a gente espirrar o das mulheres ardentes gasta-nos os lábios... e o dinheiro." (1 dois-pontos e 1 ponto e vírgula)
d) Chamava-se Isolina a amiga que a consolava Piedade. (1 vírgula e 1 ponto e vírgula)
e) "Depois dos pais que recebem o nosso primeiro grito o solo pátrio recebe os nossos primeiros passos é um duplo receber que é duplo dar." (3 vírgulas e 1 dois-pontos)

80. Observe as frases abaixo quanto à pontuação. Quais as certas?
I – Muito estimado, como pássaro de gaiola dá o pintassilgo, quando cruzado, com o canário-do-reino, um híbrido chamado pintagol.
II – Muito estimado como pássaro de gaiola, dá o pintassilgo, quando cruzado com o canário-do-reino, um híbrido chamado pintagol.
III – Nas minas, no final do século XVIII, viviam-se momentos de insatisfação – a lembrança de um passado perdido –, que propiciaram novas atitudes e novos laços de solidariedade entre os homens.
IV – Nas minas – no final do século XVIII – viviam-se momentos de insatisfação: a lembrança de um passado perdido, que propiciaram novas atitudes e novos laços de solidariedade entre os homens.
V – Pênalti, ou penalidade máxima no futebol, é a falta máxima, dentro da grande área cometida por jogador que defende, que é punida, com um tiro direto – sem barreira, a onze metros do gol.
a) I, IV, V.
b) II, III.
c) II, IV, V.
d) I, III, V.
e) II, IV.

81. Dadas as sentenças:
I – O álbum que comprei contém mais de mil ilustrações.
II – Meu irmão comprou: uma casa, uma geladeira, uma televisão em cores e um gravador; por isso, está com dívidas.
III – É fácil destruir, difícil é construir mesmo que, para isso, tenhamos que nos sacrificar.
verificamos que está (estão) devidamente pontuada(s)
a) apenas a sentença I.
b) apenas a sentença II.
c) apenas a sentença III.
d) apenas as sentenças I e II.
e) todas as sentenças.

82. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Assinale a frase **correta** quanto à pontuação.
a) O parágrafo único do artigo 37, também trata da isenção do imposto em caso semelhante ao estudado.
b) A mãe do soldado implorara piedade, confidenciou-me o tenente; o general porém, mandou executar a sentença.
c) Eu para não ser indiscreto, retirei-me calmamente da sala, quando percebi que o assunto era confidencial.
d) Embora o doente não corresse mais perigo, os médicos resolveram mantê-lo em observação durante doze horas.
e) É alentador, o que os indicadores econômicos demonstram: uma retomada do desenvolvimento em São Paulo, o maior parque industrial brasileiro.

83. (ITA/Vest.) Assinale a opção em que, retirando-se a vírgula ou mudando-se a sua posição, **não** se obtém alteração de sentido.
a) Isso também pesa aos brasileiros, que têm carro a álcool.
b) Pediu que contemplássemos a bela visão, da ampla janela.
c) Mariana foi, logo Mário não pôde ir.
d) Como precisava de ajuda, procurou Maria, sua melhor amiga.
e) Obtivemos, em julho, os passaportes; só em dezembro, porém, é que viajamos.

84. (BRB/N.M./IDR) O cronista desprezou algumas prescrições sobre pontuação da norma culta da língua. Assinale a alternativa em que o trecho reescrito atende a tais regras.
a) Estou certo de que no futuro dentro de uns 500 anos, quando os atuais países desaparecerem do mapa, os universitários estudando civilizações pré-históricas, do século XX, ao serem chamados a falar, sobre o povo brasileiro perguntarão:
b) Estou certo de que, no futuro, dentro de uns 500 anos, quando os atuais países desaparecerem do mapa; os universitários, estudando civilizações pré-históricas do século XX, ao serem chamados a falar sobre o povo brasileiro perguntarão:
c) Estou certo de que, no futuro, dentro de uns 500 anos, quando os atuais países desaparecerem do mapa, os universitários, estudando civilizações pré-históricas do século XX, ao serem chamados a falar sobre o povo brasileiro, perguntarão:
d) Estou certo, de que no futuro – dentro de uns 500 anos – quando os atuais países desaparecerem do mapa, os universitários estudando civilizações pré-históricas do século XX, ao serem chamados a falar sobre o povo brasileiro, perguntarão:

85. (ALCL-DF/N.S./IDR) Marque o período no qual a supressão das vírgulas **não** acarreta modificação de sentido.
a) As discussões prolongaram-se por dias, para que todos pudessem dar sua opinião.
b) A emenda de alteração da Constituição, combatida pelos presidencialistas, ainda não foi a voto.
c) Os entendimentos desenrolaram-se bem, como se previa.
d) A convenção ocorre num momento particularmente difícil para os partidos, que entraram em crise existencial.

O texto abaixo foi transcrito com algum erro. Leia-o atentamente.

A universidade aberta pode ser implantada paulatinamente sem grandes investimentos fixos e já com capacidade para atender grandes públicos, simultaneamente no Distrito Federal e Entorno. Ao mesmo tempo, volta-se para atender a um público fundamental que, ao longo da história foi excluído dos níveis superiores de ensino – os trabalhadores e as camadas populares.

O projeto que ora apresentamos à Câmara Legislativa não tem a intensão de definir a estrutura da universidade. Entendemos que cabe ao GDF criar uma comissão de especialistas, com representantes de todos os segmentos da sociedade, para formular a proposta de estrutura e o programa-piloto da Instituição, no prazo de 120 dias após a publicação da lei. O GDF é quem reúne as melhores condições técnicas para coordenar a implantação de um projeto de tão grande envergadura.

(Deputado Carlos Alberto)

86. (ATCL-DF/N.S./IDR) Quanto às regras de pontuação, existe **erro** na linha
a) 3. b) 4. c) 9. d) 11.

87. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale o período **correto** quanto à pontuação.
a) O Poder Legislativo, na fase atual do processo democrático em marcha no País tende a se firmar, cada vez mais, na consciência da sociedade brasileira, segundo o presidente da Câmara Legislativa do DF.
b) O Poder Legislativo, na fase atual do processo democrático em marcha no País, tende a se firmar, cada vez mais, na consciência da sociedade brasileira, segundo o presidente da Câmara Legislativa do DF.
c) O Poder Legislativo na fase atual do processo democrático em marcha no País, tende a se firmar cada vez mais na consciência da sociedade brasileira, segundo o presidente da Câmara Legislativa do DF.
d) O Poder Legislativo, na fase atual do processo democrático em marcha no País, tende a se firmar, cada vez mais, na consciência da sociedade brasileira, segundo, o presidente da Câmara Legislativa do DF.

88. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale o período **correto** quanto à pontuação.
a) Nenhum brasileiro será extraditado, salvo o naturalizado, em caso de crime comum, praticado antes da naturalização, ou de comprovado envolvimento em tráfico ilícito de entorpecentes e drogas afins, na forma da lei.
b) Todos têm direito de receber dos órgãos públicos informações de seu interesse particular, ou de interesse coletivo ou geral, que serão prestadas no prazo da lei, sob pena de responsabilidade, ressalvadas aquelas, cujo sigilo, seja imprescindível à segurança da sociedade e do Estado.
c) São direitos sociais; a educação, a saúde, o trabalho, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados.

d) Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e estrangeiros residentes no País, a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade.

89. (ATCL-DF/N.S./IDR) A eliminação da vírgula em três das frases abaixo é possível, mas acarretaria alteração de seu sentido.
Assinale a alternativa em que essa eliminação **não** é possível, por tornar ilógica a frase.
a) A mesa, que está no meio da sala, é vermelha.
b) Dedico este livro aos estudantes de minha terra, que não se contentam com superficialidades.
c) Sorte foi ter-se quebrado meu braço esquerdo, que menos falta me faz que o direito.
d) O governador mandou suspender o pagamento dos funcionários, que estavam em greve desde maio.

90. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale o período **incorreto** quanto à pontuação.
a) O tempo de serviço público federal, estadual ou municipal será computado integralmente para os efeitos de aposentadoria e disponibilidade.
b) O tempo de serviço público federal, estadual ou municipal, será computado integralmente para os efeitos de aposentadoria e disponibilidade.
c) O tempo de serviço público federal, estadual ou municipal será computado, integralmente, para os efeitos de aposentadoria e disponibilidade.
d) O tempo de serviço público federal, estadual ou municipal será computado integralmente, para os efeitos de aposentadoria e disponibilidade.

91. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa em que a pontuação está **correta**.
a) Não se justifica que o ilustre Autor, querendo valorizar a nobre missão de ensinar, atribua aos professores um salário mínimo profissional de tão pouca expressão.
b) Não se justifica, que o ilustre Autor, querendo valorizar a nobre missão de ensinar; atribua aos professores um salário mínimo profissional, de tão pouca expressão.
c) Não se justifica que, o ilustre Autor, querendo valorizar: a nobre missão de ensinar, atribua aos professores um salário mínimo profissional de tão pouca expressão.
d) Não se justifica que o ilustre Autor querendo, valorizar a nobre missão de ensinar atribua, aos professores, um salário mínimo profissional, de tão pouca expressão.

92. (TFC-RJ/N.S.) Assinale a opção cujo período apresenta pontuação **correta**.
a) O Vice-Presidente da República, além de outras atribuições que lhe forem conferidas por lei complementar, auxiliará o Presidente sempre que, por ele convocado, para missões especiais.
b) O Vice-Presidente da República, além de outras atribuições, que lhe forem conferidas, por lei complementar, auxiliará o Presidente sempre que por ele convocado para missões especiais.

c) O Vice-Presidente da República, além de outras atribuições que lhe forem conferidas, por lei complementar auxiliará o Presidente, sempre que por ele convocado, para missões especiais.
d) O Vice-Presidente da República, além de outras atribuições, que lhe forem conferidas por lei complementar, auxiliará o Presidente sempre que, por ele convocado, para missões especiais.
e) O Vice-Presidente da República, além de outras atribuições que lhe forem conferidas por lei complementar, auxiliará o Presidente, sempre que por ele convocado para missões especiais.

93. (TFC-RJ/N.S.) Assinale o período **corretamente** pontuado.
a) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis, que, num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.
b) Os carros modernos, são feitos com chapas bastante flexíveis que, num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.
c) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis, que num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.
d) Os carros modernos são feitos, com chapas bastante flexíveis, que, num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.
e) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis que num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.

94. (Ag. Fc. Rend.-SP/N.S.) Assinale a letra correspondente ao período de pontuação **certa**.
a) Acredito que ele não venha; se, entretanto, vier, não o insulte.
b) Acredito que ele não venha; se, entretanto vier não o insulte.
c) Acredito que, ele não venha se, entretanto, vier não o insulte.
d) Acredito que ele não venha, se entretanto, vier não o insulte.

95. (AFRE-SP/N.S.) Assinale a letra correspondente ao período de pontuação **certa**.
a) Ao ser testada a nova rotina revelou-se, inócua, para provocar o desejado aumento, de produtividade.
b) Ao ser testada, a nova rotina, revelou-se inócua para provocar, o desejado aumento de produtividade.
c) Ao ser testada a nova rotina, revelou-se inócua para provocar, o desejado aumento de produtividade.
d) Ao ser testada, a nova rotina revelou-se inócua para provocar o desejado aumento de produtividade.

96. Assinale a frase **errada** quanto à pontuação.
a) A cigarra morre de frio e de fome no inverno.
b) César, chegou, viu e venceu.

c) A cigarra, símbolo da ociosidade, morre de frio e de fome no inverno.
d) Estudamos Português, Francês e Inglês.
e) Mocidade ociosa, velhice vergonhosa.

97. Assinale a opção em que o emprego da vírgula se justifica pela mesma regra que se aplica a "**Era dia de seu aniversário, e a esposa nem sequer o abraçara (...)**"
a) "Passada a surpresa, sentiu-se ainda mais borocochô: (...)"
b) "(...) tinha palavras amáveis, e o ditado da correspondência foi entremeado de suaves brincadeiras da parte dela."
c) "Engasgado, confessou-lhe que em parte nenhuma."
d) "Conteve-se, no prazer ansioso da espera."
e) "Saiu bem mais jovem do bar, e pegou-lhe do braço."

98. (FGV) "Mas a correlação de forças não lhes permite ir mais longe, e essa paralisia favorece o retorno dos acordos bilaterais ou regionais."
No trecho acima, utilizou-se corretamente a vírgula antes do E. Assinale a alternativa em que isso **não** tenha ocorrido.
a) A sentença foi prolatada, e as partes foram intimadas.
b) Os manifestantes desejavam falar com o juiz; chegaram à porta do tribunal e não entraram.
c) Fiz, e faria novamente tudo igual para ser aprovado no concurso.
d) Leio, e releio, e estudo, e me concentro: todos os esforços são poucos.
e) O procurador assinou o documento, e o advogado ficou satisfeito.

99. (Cespe – adaptado) Não se podendo repetir a relação sujeito-objeto, é forçoso afirmar que seria impossível a reprodução exata de qualquer situação de pesquisa, o que ressalta a importância da descrição do fenômeno e o caráter vivo dos postulados teóricos.
Com referência ao texto acima, julgue o item subsequente.
( ) Logo após "pesquisa", estaria gramaticalmente correto e coerente com o desenvolvimento das ideias do texto o emprego do travessão simples no lugar da vírgula.

100. (Cesgranrio) Qual o trecho cuja pontuação está correta?
a) Os monitores mais antigos contêm várias substâncias, como chumbo, bório e fósforo que podem provocar doenças.
b) Os monitores mais antigos contêm várias substâncias; como: chumbo, bório e fósforo, que podem provocar doenças.
c) Os monitores mais antigos contêm várias substâncias (como chumbo, bório e fósforo) que podem provocar doenças.
d) Os monitores mais antigos contêm várias substâncias, como chumbo, bório e fósforo; que podem provocar doenças.
e) Os monitores mais antigos, contêm várias substâncias – como chumbo, bório e fósforo – que podem provocar doenças.

Gabarito

Em verde: ortografia nova; em azul: ortografia antiga; em laranja: não houve alteração

I FONOLOGIA, DIVISÃO SILÁBICA E TRANSLINEAÇÃO

A	kõ	kis	ta	do	su	se	so	é	kes	tão	di	võ	ta	di
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15

1. m ã i
2. P ã u
3. m ã u
4. P a u
5. P a i s
6. P a i s
7. E
8. E
9. C
10. C
11. C
12. C
13. E
14. E
15. C
16. C
17. C
18. i – ĩ
19. ô – õ
20. ê – ẽ
21. u – ũ
22. a – ã
23. ê – é
24. ô – ó
25. c a i
26. c a i
27. l o u r o
28. l u a
29. C
30. C
31. C
32. E
33. C
34. C
35. E
36. b õ d e
37. b õ r o
38. M a r t e
39. n o r t e
40. E
41. C
42. E
43. C
44. C
45. C
46. E l a p a ss o u b ã i o v e s t i d o
47. C
48. E
49. C
50. E
51. C
52. E
53. C
54. C
55. C
56. c – e-gíp-cio, subs-tan-ti-vo
57. b – de-si-lu-são
58. c – per-cep-ção, in-ters-tí-cio
59. d
60. a
61. e
62. a
63. e
64. c – sub-tra-ir
65. d
66. c
67. c
68. c – u-ru-guai-o, sub-li-nhar ou su-bli-nhar
69. b
70. a
71. d
72. a – po-e-ti-sa

73. E
74. E
75. C
76. E – porque não se deve deixar vogal isolada sozinha numa linha; e não se devem separar os nomes próprios personativos.
77. C
78. E (puta)
79. E (nomes de pessoas)
80. E (vogal isolada)

2 ESTRUTURA E FORMAÇÃO DE PALAVRAS

1. C
2. E
3. C
4. C
5. C
6. C
7. E
8. C
9. C
10. C
11. E
12. C
13. E
14. C
15. C
16. C
17. C
18. E
19. E
20. C
21. C
22. C
23. E
24. C
25. C
26. C
27. E
28. C
29. E
30. C
31. C
32. C
33. E
34. C
35. C
36. E
37. E
38. C
39. C
40. C
41. C
42. C
43. C
44. C
45. C
46. C
47. E
48. C
49. C
50. E
51. C
52. C
53. C
54. C
55. E
56. E
57. C
58. E
59. C
60. C
61. E
62. C
63. E
64. C
65. E
66. C
67. E
68. C
69. C
70. E
71. C
72. C
73. E
74. E
75. C
76. E (*bíblion* = livro)

3 ORTOGRAFIA

Alfabeto (norma nova)

1. C
2. C
3. C
4. C
5. C
6. C
7. C
8. C
9. C
10. C

Uso das Letras

11. francês
12. japonesa
13. cortês
14. burguês
15. montanhês
16. camponesa
17. baronesa
18. princesa
19. consulesa
20. papisa
21. poetisa

22. profetisa
23. catequese
24. anáfase
25. hemoptise
26. meiose
27. hidrólise
28. simbiose
29. neurose
30. psicose
31. síntese
32. balizar
33. revezar
34. atraso
35. envasar
36. profetizar
37. civilizar
38. concretizar
39. anarquizar
40. dramatizar
41. banalizar
42. quis, quisesse
43. pôs, pusesse, puser
44. traz
45. diz
46. fiz, fizesse, fizer
47. cozi
48. causa
49. gêiser
50. maisena
51. náusea
52. Sousa
53. pousar
54. apreensão
55. pretensão
56. aspersão
57. imersão
58. inversão
59. diversão
60. aridez
61. aspereza
62. avareza
63. clareza
64. cupidez
65. estupidez
66. cessão
67. acesso
68. excesso
69. progresso
70. regresso
71. impressão
72. opressão
73. depressão
74. omissão
75. demissão
76. permissão
77. assilábico
78. assossegar
79. ressurgir
80. pressupor
81. sobressair
82. dessemelhante
83. atencioso
84. projeção
85. exceção
86. isenção
87. distinção
88. ereção
89. caução
90. louça
91. beiço
92. arcabouço
93. coice
94. feição
95. açafrão
96. açucena
97. almaço
98. paçoca
99. caçanje
100. açaí
101. faixa
102. ameixa
103. madeixa
104. trouxa
105. baixo
106. peixe
107. mexicano
108. mexilhão
109. mexerico
110. enxaguar
111. enxergão
112. enxerido
113. enxurrada
114. enxuto
115. almoxarife
116. oxalá
117. xadrez
118. caxambu
119. muxoxo
120. xavante
121. aragem
122. fuligem
123. malandragem
124. ferrugem
125. selvagem
126. penugem
127. adágio
128. estágio
129. plágio
130. egrégio
131. relógio
132. refúgio
133. Jê
134. jenipapo
135. jerimum
136. jirau
137. alforje
138. caçanje

Uso do Hífen *(norma antiga)*

139. bebida
140. nunca morta
141. sócio que não gasta
142. flor
143. flor
144. social e econômico
145 a 150. com hífen
151 e 152. com hífen
153. Manhuaçu
154. Mojiguaçu

155. altar-mor
156. capim-mirim
157. Manhumirim
158. Mojimirim
159. aquém-fronteiras
160. aquém-mar
161. além-túmulo
162. além-mar
163. recém-vindo
164. pró-leite
165. propor
166. pró-educação
167. prorrogar
168. pré-natal
169. pré-escola
170. pretender
171. pós-operatório
172. pospor
173. sem-vergonha
174. sem-terra
175. bem-querer/benquerer
176. bem-educado
177. bem-falante
178. soto-governador
179. vice-governador
180. vizo-governador
181. nuper-vindo
182. ex-amante
183. co-seno/cosseno
184. co-autor
185. pára-lama
186. pára-choque
187. grão-vizir
188. grã-cruz
189. bel-prazer
190. autoconfiante
191. autodefesa
192. auto-avaliação
193. auto-reconhecimento
194. contradizer
195. contra-indicar
196. contra-regra
197. extra-regimental
198. extraordinário
199. intra-hepático
200. infravermelho
201. infra-som
202. neoclássico
203. neo-simbólico
204. proto-histórico
205. pseudo-etimologia
206. pseudo-sábio
207. pseudociência
208. semi-árido
209. semidesértico
210. supra-renal
211. suprapartidário
212. ultra-humano
213. ultracorreto
214. antediluviano
215. ante-rosto
216. ante-sala
217. anti-herói
218. antidemocrata
219. anti-social
220. arquimilionário
221. arqui-secular
222. sobre-humano
223. sobressalente
224. sobressair ou sobre-sair (VOLP)
225. sobressaltar ou sobre-saltar (VOLP)
226. sobressaltear ou sobre-saltear
227. super-homem
228. super-humano
229. super-resistente
230. inter-resistente
231. superativo
232. superdotado
233. hiper-hedônico
234. hiper-hidrose
235. hiper-rugoso
236. hiper-rancoroso
237. circum-ambiente
238. circum-hospitalar
239. circunavegar
240. pan-hispânico
241. pan-americano
242. mal-humorado
243. mal-agradecido
244. mal-ajambrado/ malajambrado
245. pan-harmônico/ panarmônico
246. pan-africano
247. ad-referendar
248. ad-digital
249. ad-rogar
250. sub-raça
251. sub-região
252. sub-rogar
253. sub-base
254. sub-borato
255. subentender
256. subsecretário
257. sub-hepático/subepático
258. subárea
259. sub-humano/subumano
260. suboficial
261. ab-reação
262. ab-rogar
263. ob-rogar
264. ob-reptício
265. sob-roda
266. sob-rojar
267. abrupção/ab-rupcão
268. abrupto/ab-rupto
269. abruptela/ab-ruptela/
270. abruptipenado/ ab-ruptipenado
271. agridoce
272. ambidestro
273. audiovisual
274. auriverde
275. bissexual
276. homossexual
277. heterossexual
278. ortomolecular
279. minimercado
280. monofásico

281. odontopediatra
282. plurianual
283. poliesportivo
284. isotérmico
285. neurocirurgião
286. televendas
287. monomotorizado

Uso do hífen *(norma nova)*

288. luso-americano
289. afrodescendente
290. teutomania
291. teuto-germânico
292. eurocanal
293. euro-asiático
294. lusofonia
295. luso-moçambiquense
296. franco-angolano
297. francomaçonaria
298. ...devem ter hífen (segundo Evanildo Bechara, *Nova Ortografia*, pág. 91) e, por analogia, os iniciados por **gira**.
299. gira-mundo
300. gira-discos
301. girassol
302. para-brisa(s)
303. para-lama(s)
304. para-choque(s)
305. manda-tudo
306. manda-brasa
307. busca-pé
308. pontapé
309. mandachuva
310. guarda-chuva
311. madrepérola
312. madre-caprina
313. Abre-Campo
314. Rio de Janeiro
315. Quebra-Frasco
316. Todos-os-Santos
317. Três Rios
318. Entre-os-Rios
319. Trás-os-Montes
320. Trinca-Fortes
321. Pendura-Saia
322. Timor-Leste
323. Santa Cruz
324. Guiné-Bissau
325. América do Sul
326. Nova Guiné
327. sul-rio-grandense, rio-grandense-do-sul
328. norte-americano, americano-do-norte
329. porto-alegrense
330. belo-horizontino
331. cruzeirense-do-sul, sul-cruzeirense
332. indo-chinês
333. indochinês
334. centro-africano
335. centroafricano
336. E
337. C
338. C
339. pé de pato
340. baba de moça
341. papo de anjo
342. ponta de lança
343. Florianópolis-Curitiba-Uberlândia-Brasília
344. Brasil-Argentina-Paraguai
345. bálsamo-coral
346. bálsamo-de-cheiro
347. bico-de-papagaio
348. correto
349. bem-me-quer
350. malmequer
351. mata-pasto
352. mata-borrão
353. não-me-toques
354. correto
355. bola-de-neve
356. correto
357. copo-de-leite
358. correto
359. coerdeiro
360. deserdar
361. anti-humano
362. pré-história
363. contra-harmônico
364. inarmônico
365. desarmonia
366. super-harmonia
367. coabitar
368. desabitar
369. anistórico
370. anepático
371. a-histórico
372. anidro
373. eletro-higrometria
374. geo-história
375. inabilidoso
376. ultra-habilidoso
377. coabilidade
378. arqui-hipérbole
379. reaver
380. reouvera
381. reumanizar
382. reidratar
383. re, co, des, in, an
384. supra-auricular
385. contra-atestar
386. reeducação
387. cooperação
388. anti-ibérico
389. arqui-irmão
390. preexistir
391. auto-observação
392. micro-onda
393. semi-inconstante
394. ree, pree, coo, proo
395. circum-navegar
396. pan-hemisférico
397. circum-adjacência
398. circunvagar
399. pan-mágico
400. pan-americano
401. pampsiquismo

402. pan-nigeriano
403. pambrasileiro
404. circunvolução
405. circunlóquio
406. pan-harmônico
407. vogal, m, n
408. hiper-requinte
409. super-revista
410. sub-bloco
411. sub-bosque
412. sub-reitor
413. addsoniano (de addson)
414. pref. ab-rupto
415. adrenalina
416. adrenalite
417. adrenal, ad-renal
418. sub-rogar
419. sub-resfriar
420. abrupto (ou ab-rupto), adrenal (ou ad-renal), adrenalina, adrenalite
421. além-mar
422. aquém-divisa
423. além-pireneus
424. recém-casado
425. recém-nascido
426. sem-cerimônia
427. sem-vergonha
428. sem-número
429. bem-aventurado
430. bem-criado
431. benquerer, benfazer e derivados: benquisto, benquerença, benfeito, benfeitor; topônimos e derivados: Benfica, benfiquense, Bembom, bembonense, Bemposto, bempostano...
432. ex-padre
433. exportar
434. ex-presidente
435. expatriar
436. soto-piloto
437. sota-piloto
438. vizo-monarca
439. vice-presidente
440. pré-natal
441. pós-parto
442. pospor
443. pós-textual
444. postergar
445. pró-europeu
446. propor
447. pró-soviético
448. pré-gravação
449. pré-embrião ou preembrião
450. preeleger
451. pré-esclerose
452. preesclerótico/pré-esclerótico
453. preexistir
454. pré-eleição/preeleição
455. pré-eleito/preeleito
456. pré-eleitoral
457. pré-embrionário
458. pré-embrião/preembrião, mas só pré-embrionário; só pré-esclerose, mas pré-esclerótico/preesclerótico; só preeleger, mas pré-eleito/preeleito, pré-eleição/preeleição...
459. malcriado
460. malfalante
461. mal-amado
462. mal-afamado
463. mal-ajambrado
464. mal-entendido
465. mal-olhado ≠ mau-olhado
466. malvisto
467. correto
468. correto
469. correto
470. correto
471. correto
472. correto
473. correto
474. correto
475. correto
476. Manhumirim
477. Mogiguaçu
478. Ceará-Mirim
479. capim-açu
480. socó-açu
481. tatuaçu
482. cupim-açu
483. tuim-açu

(484) *arco-da-velha*, (485) *ao-deus-dará*, (486) *água-de-colônia*, (487) *à-queima-roupa*, (488) *pé-de-meia*, (489) *cor-de-rosa* e (490) *mais-que-perfeito* são exceções indicadas no Acordo Ortográfico, mas o VOLP também registra (491) *dois-por-dois*. (492) quase entendimento, (493) não agressão, (494) não vingança.

495. agronegócio
496. agromania
497. auricéfalo
498. auroferrífero
499. contravento
500. contraverdade
501. contrafluxo
502. ortofotografia
503. ortomorfismo
504. retrocarregar
505. protoplasma
506. protovértebra
507. aeroespacial
508. suprainventivo
509. autoinvestigação
510. termoelétrica
511. endoestesia
512. hidroavião
513. extrarregular
514. infrassom
515. minissaia
516. biorritmo
517. biossatélite
518. bissecular
519. microssistema
520. microrradiografia
521. circum- -navegar
522. super- -rádio

523. vice- -prefeito
524. soto- -mestre
525. bem- -humorado
526. pós- -graduado

Uso dos Porquês

527 e 528. por que (= por que motivo)
529. por que (... os ideais pelos quais lutamos)
530. por que (... o motivo pelo qual ele não compareceu)
531 a 535. por quê (motivo)
536. porquê
537. porquês
538. porquê
539. Porquês
540. porque (conj. causal)
541. porque (conj. explicativa)
542. porque (conj. final = para que)
543. porque (pergunta com resposta implícita)
544. Por que
545. porque, por que
546. Por quê?
547. porquê
548. porque
549. Por que
550. porque
551. por quê?
552. por que, por que, porquê, porque
553. porque
554. por que (pelo qual), porque (conj. explicativa = resposta)
por que (pelos quais)
555. porquês

Mau ≠ Mal

556. mau
557. maus
558. más
559. mal
560. mal
561. mal
562. E
563. E
564. C
565. C
566. C
567. E
568. C
569. C
570. C
571. Anpac, ONU, PIS
572. AC, AL, AP, AM, BA, CE, DF, ES, GO, MA, MT, MS, MG, PA, PB, PR, PE, PI, RJ, RN, RS, RO, RR, SC, SP, SE, TO
573. Em 2h e 20min, ele percorreu 250 km.
O ponto após km não é do símbolo, mas, como ponto final, apenas termina a frase.

Acentuação Gráfica (norma antiga)

574. nó – lê-lo – ri – cru – pó – nós – fi-lo – fá-lo – vós – cós – noz – pô-lo – mas – voz – cor – vez – vi – nu – má – vês
575. atrás – maio – buriti – através – apôs – você – contêm – camelo – cara – marcá-lo – detê-lo – impô-lo – decidi-lo – recém – porém
576. Porque os terminados em **ens**, para serem acentuados, devem ser oxítonos.
577. cáqui – item – itens – pênsil – pólem – tênis – hífen – hifens – tríceps – fáceis – órfão – polícia – ciência – ímã – nêutron
Obs.: Pelo Formulário Ortográfico, as palavras terminadas em ditongo crescente átono (cárie, água, polícia...) incluem-se na regra das proparoxítonas.
578. câmara – cálculo – falássemos – éramos – médico – trânsito – ínterim – veículo – fotógrafo – édito – úmido – abóbada
579. rói – dói – mói – paranóia – sequóia – geléia – aldeia – apóio ou apoio – chapéu – seu – reuzinho – assembléia
580. caí – caído – caíste – gratuito – cair – caindo – juízo – fluído – juiz – alaúde – balaústre – distribuí – Raul – reú-ne – tainha – rainha – concluí – construí-lo – proíbe – ateísmo
581. agüentas – enxagüei – argúem – apazigüei – tranqüilo – argúi ou argüi – obliqúe – cinqüenta – averigúe – eqüino ou equino – lingüiças – seqüestro – delinqüir – freqüentemente – argüimos – apazigúe
582. Ele provém do sul, mas seus pais provêm do leste.
583. Cada qual diz as coisas que lhe convêm.
584. Ele faz aquilo que lhe convém.
585. O que contêm estas caixas?
586. Os teóricos, agora, revêem os conceitos.

587. Eles provêem a despensa do necessário para uma semana.
588. Eles não descrêem sistematicamente.
589. Ele pára a todo instante para olhar o mapa.
590. Veja se você pára para pensar.
591. Por ordem médica, ela vai pôr um marcapasso por mês.
592. Passava a mão pelo pêlo do animal.
593. Ele se péla de medo pela amiga.

Prática Geral

594. c
595. b
596. a
597. d
598. a
599. c
600. a
601. c
602. a
603. d
604. a
605. a
606. b
607. a
608. d
609. c

Acentuação gráfica *(norma nova)*

610. tem
611. têm
612. juiz
613. juíza
614. também
615. paranoica
616. empáfia
617. sequestrador
618. arguem
619. arguí
620. Ataíde
621. argui
622. voo
623. frequente
624. tuiuiú
625. entretém
626. próximos
627. agueiro
628. amá-los
629. prendê-los
630. fá-lo-á
631. geleia
632. dóceis
633. pôr
634. por
635. claraboia
636. chapéus
637. heróis
638. pôde
639. instruí-lo
640. porém
641. pode
642. forma
643. última
644. fôrma
642. fôrma
643. última
644. forma
645. fóton
646. fótons
647. iândom
648. iândons
649. rádom
650. rádon
651. rádons
652. herôon
653. herôons
654. destróier
655. gêiser
656. blêizer
657. destróieres
658. gêizeres
659. blêizeres
660. taoismo
661. taoista
662. maoismo
663. maoista
664. hinduísmo

Prática

665. c
666. d
667. c
668. b
669. c
670. b
671. a
672. d
673. c
674. b
675. d
676. c
677. a
678. e
679. c
680. a
681. c
682. b
683. c
684. b
685. c
686. a
687. c
688. b
689. b
690. e
691. a
692. d
693. d
694. b
695. e
696. d
697. e
698. b
699. a
700. a
701. a
702. c
703. e

4 SUBSTANTIVO

1. b, d
2. a, d
3. a, c
4. a, d, e
5. a, d, e
6. a, d
7. a, c
8. b, d
9. c
10. d
11. b
12. a
13. C
14. E
15. C
16. c
17. a
18. b
19. leitora
20. pintora
21. atriz
22. governadora
23. imperatriz
24. cerzideira
25. remadora
26. aviadora
27. cantadora ou cantatriz
28. cantora, cantorina ou cantarina
29. embaixatriz (esposa) ou embaixadora (ocupante do cargo)
30. abadessa
31. diaconisa
32. sacerdotisa
33. episcopisa
34. papisa
35. profetisa
36. pitonisa
37. canonisa
38. druidesa, druidisa
39. baronesa
40. condessa
41. duquesa
42. consulesa
43. oficiala
44. alcaidessa ou alcaidina
45. prioresa ou priora
46. bacharela
47. cachorra
48. cadela
49. generala
50. giganta
51. hóspeda
52. elefanta (**aliá** para alguns; **elefoa** já em desuso)
53. pardoca, pardaloca, pardaleja
54. rapariga, moça
55. monja
56. râni ou rani
57. dogesa, dogaresa ou dogaressa
58. sílfide
59. marani
60. varoa, matrona, virago ou mulher
61. sandia
62. tabaroa
63. bode
64. carneiro
65. cupim
66. (ou javalina) javali
67. cavaleiro
68. cavalheiro
69. (ou veada) veado
70. burro
71. zangão ou zângão
72. rinoceronte
73. infanta (pode também ficar invariável)
74. governanta (também invariável)
75. presidenta (também invariável)
76. parenta (também invariável)
77. invariável

	MASCULINO	Ã	OA	ONA	OUTRAS
78.	aldeão	aldeã			
79.	alemão	alemã			
80.	anfitrião	anfitriã	anfitrioa		
81.	beirão		beiroa		
82.	bretão	bretã	bretoa		
83.	ermitão	ermitã	ermitoa		
84.	figurão			figurona	

	MASCULINO	Ã	OA	ONA	OUTRAS
85.	lebrão				lebre
86.	maganão				magana
87.	perdigão				perdiz
88.	respondão			respondona	
89.	sultão				sultana
90.	tecelão	tecelã	teceloa		
91.	valentão			valentona	
92.	vilão	vilã	viloa		

93. a
94. C
95. C
96. C
97. C
98. mesas
99. cafés
100. degraus
101. reféns
102. álbuns
103. jasmins
104. mares
105. colheres
106. gestores
107. xadrezes
108. raízes
109. cruzes
110. ardis
111. barris
112. fósseis
113. mísseis
114. animais
115. sóis
116. papéis
117. pauis
118. cidadãos
119. irmãos
120. cristãos
121. corações
122. frações
123. balões
124. pães
125. capelães
126. cães
127. bolões
128. filhões
129. verdões
130. órfãos
131. sótãos
132. órgãos

		ões	**ãos**	**ães**
133.	alão (cão de fila)	alões	alãos	alães
134.	alazão	alazões	—	alazães
135.	alcorão	alcorões	—	alcorães
136.	aldeão	aldeões	aldeãos	aldeães
137.	anão	anões	anãos	—
138.	ancião	anciões	anciãos	anciães
139.	bastião (baluarte)	bastiões	—	bastiães
140.	bênção	—	bênçãos	—
141.	capelão	—	—	capelães
142.	capitão	—	—	capitães

		ões	ãos	ães
143.	castelão	castelões	castelãos	castelães
144.	charlatão	charlatões	—	charlatães
145.	cidadão	—	cidadãos	—
146.	corrimão	corrimões	corrimãos	—
147.	deão (decano)	deões	deãos	deães
148.	ermitão	ermitões	ermitãos	ermitães
149.	escrivão	—	—	escrivães
150.	feijão	feijões	—	—
151.	fuão (fulano)	fuões	fuãos	—
152.	guardião	guardiões	—	guardiães
153.	hortelão	hortelões	hortelãos	—
154.	mão	—	mãos	—
155.	opinião	opiniões	—	—
156.	órgão	—	órgãos	—
157.	pagão	—	pagãos	—
158.	peão	peões	peãos	peães
159.	pião	piões	piãos	piães
160.	questão	questões	—	—
161.	rufião	rufiões	—	rufiães
162.	sacristão	—	sacristãos	sacristães
163.	sultão	sultões	sultãos	sultães
164.	tabelião	—	—	tabeliães
165.	verão	verões	verãos	—
166.	vilão	vilões	vilãos	—
167.	vulcão	vulcões	vulcãos	vulcães

168. ões
169. C
170. C
171. C
172. ananases
173. ingleses
174. ilhoses
175. os lápis
176. os oásis
177. os ônibus
178. peões + zinhos – peõezinhos
peãos + zinhos – peãozinhos
peães + zinhos – peãezinhos
179. papéis + zinhos – papeizinhos
180. cães + zitos – cãezitos
181. balões + zinhos – balõezinhos
182. aposta (′) – apostos (′)
183. porca (′) – porcos (′)
184. sogra (′) – sogros (^)
185. sogras (′)
186. bolhas (^)
187. rodas (′)

	SINGULAR	PLURAL	
		(^)	(′)
188.	abrolho (^)		abrolhos
189.	adorno (^)	adornos	
190.	almoço (^)	almoços	
191.	arroba (^)	arrobas	
192.	bolha (^)	bolhas	
193.	bolso (^)	bolsos	
194.	cachorro (^)	cachorros	
195.	caroço (^)		caroços
196.	cebola (^)	cebolas	
197.	choco (^)		chocos
198.	coco (^)	cocos	
199.	consolo (^)	consolos	
200.	contorno (^)		contornos
201.	corno (^)		cornos
202.	coro (^)		coros
203.	corpo (^)		corpos
204.	corvo (^)		corvos
205.	cota (′)		cotas
206.	dorso (^)	dorsos	
207.	esforço (^)		esforços
208.	esposa (^)	esposas	
209.	esposo (^)	esposos	
210.	estorvo (^)	estorvos	estorvos
211.	fogo (^)		fogos
212.	folha (^)	folhas	
213.	forno (^)		fornos
214.	foro (^)		foros
215.	fosso (^)		fossos
216.	globo (^)	globos	
217.	imposto (^)		impostos
218.	jogo (^)		jogos
219.	miolo (^)		miolos
220.	moda (′)		modas
221.	molho (′) (de chaves)		molhos

	SINGULAR	PLURAL	
		(^)	(′)
222.	molho (^) (de tomate)	molhos	
223.	morro (^)	morros	
224.	namoro (^)	namoros	
225.	olho (^)		olhos
226.	osso (^)		ossos
227.	ovo (^)		ovos
228.	peroba (′)		perobas
229.	pescoço (^)	pescoços	
230.	piloto (^)	pilotos	
231.	piolho (^)	piolhos	
232.	poço (^)	poços	poços
233.	polvo (^)	polvos	
234.	porto (^)		portos
235.	potro (^)	potros	
236.	povo (^)		povos
237.	reboco (^)	rebocos	
238.	reforço (^)		reforços
239.	repolho (^)	repolhos	
240.	roda (′)		rodas
241.	rogo (^)		rogos
242.	rolha (^)	rolhas	
243.	rolo (^)	rolos	
244.	rosto (^)	rostos	
245.	senhora (′)		senhoras
246.	socorro (^)		socorros
247.	sogra (′)		sogras
248.	sogro (^)	sogros	
249.	sopa (^)	sopas	
250.	sopro (^)	sopros	
251.	sova (′)		sovas
252.	suborno (^)	subornos	
253.	tijolo (^)		tijolos
254.	toco (^)	tocos	tocos
255.	toldo (^)	toldos	
256.	topo (^)	topos	
257.	tremoço (^)		tremoços
258.	troco (^)	trocos	trocos

259. furta-cores
260. quebra-mares
261. porta-bandeiras
262. pára-choques (nova ortografia: para-choques)
263. guarda-chuvas
264. cirurgiões-dentistas
265. tenentes-coronéis
266. couves-flores
267. amores-perfeitos
268. cabras-cegas
269. guardas-civis
270. guardas-noturnos
271. segundas-feiras
272. terças-feiras
273. meios-fios
274. bananas-maçã
275. canetas-tinteiro
276. navios-escola
277. peixes-boi
278. mangas-rosa
279. pães-de-ló (nova ortografia: pães de ló)
280. estrelas-do-mar
281. papos-de-anjo
282. babas-de-moça (nova ortografia: babas de moça)
283. grãos-de-bico
284. vice-presidentes
285. ex-diretores
286. ave-marias
287. grão-duques
288. sempre-vivas
289. abaixo-assinados
290. tico-ticos
291. tique-taques
292. reco-recos
293. corre-corres ou corres-corres
294. pisca-piscas ou piscas-piscas
295. pega-pegas ou pegas-pegas
296. frutas-pão ou frutas-pães
297. guardas-marinha ou guardas-marinhas
298. padres-nossos ou padre-nossos
299. salvos-condutos ou salvo-condutos
300. ruges-ruges ou ruge-ruges
301. os bota-fora
302. os louva-a-Deus
303. os disse-me-disse (nova ortografia: os disse me disse)
304. os leva-e-traz (nova ortografia: os leva e traz)
305. os pisa-mansinho
306. b
307. d
308. d
309. a
310. e
311. d
312. e
313. c
314. a
315. e
316. a
317. C
318. C
319. C
320. C
321. C
322. C
323. C
324. E
325. E
326. ovelhas leiteiras
327. lobos
328. peixes
329. camelos
330. uvas, bananas
331. bispos
332. professores, religiosos
333. vadios
334. navios de guerra
335. cabras
336. músicos
337. garimpeiros
338. peixes pequeninos
339. assassinos, malfeitores
340. sacerdotes
341. cardeais p/ escolher o Papa
342. cardeias com o Papa
343. atores
344. aviões
345. soldados, demônios
346. M
347. M
348. F
349. M
350. F
351. F
352. o
353. o
354. o
355. a
356. o
357. o/a
358. o
359. o
360. a
361. o/a
362. a
363. a
364. o
365. o
366. o
367. o/a
368. o
369. o
370. o
371. o

372. o
373. o
374. o
375. a
376. diaba, diabra, diáboa
377. deusa, deia, diva

5 ARTIGO

1. c
2. a
3. b
4. c
5. d
6. e
7. e
8. E
9. C
10. C
11. C
12. C
13. C
14. C
15. a, c
16. a, c
17. d
18. e
19. a, b, c
20. d

6 ADJETIVO

1. c
2. b
3. a
4. anexa
5. publicada
6. proibida
7. quite
8. final
9. grave
10. penosos
11. quites
12. quitados
13. velhos
14. luso-brasileiros
15. hispano-americanas
16. lítero-musicais (nova ortografia: literomusicais)
17. verde-claras
18. castanho-claros
19. azul-piscina
20. grafite-fosca
21. cinza-pérola
22. verde-mar
23. c
24. a
25. b
26. a
27. b
28. a
29. b
30. C
31. C
32. d (amicíssimo é o certo)
33. a
34. e (os prós e os contras)
35. d
36. E
37. E
38. C
39. C
40. C
41. E
42. E
43. C
44. d
45. d
46. e
47. b
48. a (**menor** é superioridade na qualidade de pequeno; é **mais** pequeno e não menos grande)
49. a (pior é **mais** mau e não menos bom)
50. c
51. acutíssimo
52. amaríssimo
53. antiquíssimo
54. aspérrimo
55. celebérrimo
56. crudelíssimo
57. dulcíssimo
58. docílimo
59. fidelíssimo
60. frigidíssimo
61. incredibilíssimo
62. integérrimo
63. libérrimo
64. minutíssimo
65. nigérrimo
66. nobilíssimo
67. prodigalíssimo
68. publicíssimo
69. superbíssimo
70. tetérimo
71. aquilino
72. ebúrnea
73. acrídeo
74. ígneo
75. leporinos
76. letal
77. hircino
78. capilar
79. bélicas

80. murina
81. anímico
82. columbino
83. cutânea
84. docente
85. discente
86. eólia
87. pluvial
88. fluvial
89. episcopal
90. glacial
91. gástrica e renal
92. áureo e argênteo
93. austral ou meridional
94. boreal ou setentrional
95. baiano e soteropolitano ou salvadorense
96. hierosolimitano
97. chinês, chim ou chino
98. judeu, judaico, judengo, judio
99. egípcio, egipcíaco, egipciano, egiptano

7 PRONOME

1. PA, PS, PS
2. PS, PA
3. PA, PA, PS
4 a 8. R, O, O
9. R, R, O
10. lhe, os
11. o
12. la
13. os
14. lhe
15. mim
16. ti, te
17. si, se
18. nós, nos
19. Ama-lo
20. Fê-los
21. qué-lo
22. to, ta, tos, tas
23. lho, lha, lhos, lhas
24. lho, lha, lhos, lhas
25. no-lo, no-la, no-los, no-las
26. vo-lo, vo-la, vo-los, vo-las
27. Dizem-na
28. Cumprem-nas
29. Põe-no
30. Põem-nos
31. eu
32. eu
33. eu
34. eu
35. consigo
36. consigo
37. com você
38. si
39. C
40. C
41. C
42. C
43. C
44. C
45. E
46. E
47. E
48. C
49. C
50. E
51. C
52. C
53. C
54. E
55. C
56. C
57. C
58. C
59. E
60. E
61. C
62. C
63. C
64. Você
65. Vossa Senhoria
66. Vossa Excelência
67. Vossa Excelência Reverendíssima
68. Vossa Magnificência
69. Sua Senhoria
70. Sua Reverendíssima
71. Sua Magnificência
72. Sua Excelência Reverendíssima
73. Sua Excelência
74. Vossa Senhoria **entende**...
75. Vossa Excelência **tem** todos os **seus** argumentos...
76. Este
77. Esse
78. Esse
79. Aquele
80. Aqueles
81. Esse
82. Este
83. isto, este, esta, estes, estas
84. isso, esse, essa, esses, essas
85. céu, montanhas
86. (1 aquelas; 2 essa; 3 este)
87. Desta vez serei eu que decidirei meu futuro.
88. O crítico elogiou o filme de que (do qual) Paulo Autran participou.
89. O autor cuja obra foi condenada vive na clandestinidade.

90. Passaram as férias na praia onde (em que/na qual) se conheceram.
91. As tribos, que tiveram contato com a civilização, foram dizimadas por doenças.
92. que (eu) vi
93. de quem (eu) falei
94. por quem (eu) procurava
95. em quem (eu) pensava
96. cujo filho (eu) conheço
97. Chegou a mãe do rapaz a qual encontramos no cinema.
98. Chegou a mãe do rapaz o qual encontramos no cinema.
99. Este é o quarto da casa com o qual Julieta sonha.
100. Este é o quarto da casa com a qual Julieta sonha.
101. A filha de Paulo, a qual fugiu ontem, está sem paradeiro definido.
102. A filha de Paulo, o qual fugiu ontem, está sem paradeiro definido.
103. Qual o seu nome?
104. Quem os apoiaria?
105. Quantos virão para o jantar?
106. O que procuras aqui?
107. a
108. c
109. d
110. b
111. Rasgaram-me a roupa.
112. Confiscaram-lhe(s) os bens.
113. Isso nos roubou a vontade.
114. b
115. c
116. a
117. e
118. d
119. Quem, tudo, tudo
120. Alguns, várias
121. Muitas, pouco
122. Certas
123. Cada, quanto
124. Cada qual
125. Quem quer que, cada um
126. seja quem for
127. A gente, todo mundo, a gente
128. b
129. a
130. a
131. d
132. a
133. A resposta que o examinador esperava era a letra c. Entretanto, a letra b também pode ser respondida, desde que se considere o período como optativo (Tomara que Sua Excelência se sinta à vontade...)
134. b
135. a
136. c
137. b
138. d
139. a/d (até 21/12/2012)
140. e
141. c
142. c
143. b
144. c
145. e
146. a
147. c
148. b
149. d
150. isso
151. isto
152. este
153. Estes
154. essas
155. este
156. aqueles, estes
157. esse
158. Aquele, este
159. Esta, aquelas
160. Aquele, este, esse
161. Este, aquela
162. E
163. E
164. C
165. E
166. C
167. E
168. C
169. C
170. essa, nesta

8 NUMERAL

1. C
2. C
3. E
4. C
5. C
6. C

	Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
7.	um	primeiro, primário, primo	———	———
8.	dois	segundo, secundário	dobro, duplo, dúplice	meio, metade
9.	três	terceiro, terciário	triplo, tríplice, trino	terço
10.	quatro	quarto, quarternário	quádruplo	quarto
11.	cinco	quinto	quíntuplo	quinto
12.	seis	sexto	sêxtuplo	sexto
13.	sete	sétimo, setenário	sétuplo	sétimo
14.	oito	oitavo	óctuplo	oitavo
15.	nove	nono	nônuplo	nono
16.	dez	décimo	décuplo	décimo
17.	onze	undécimo, décimo primeiro	undécuplo	onze avos
18.	doze	duodécimo, décimo segundo	duodécuplo	doze avos
19.	treze	décimo terceiro	———	treze avos
20.	catorze	décimo quarto	———	catorze avos
21.	quinze	décimo quinto	———	quinze avos
22.	dezesseis	décimo sexto	———	dezesseis avos
23.	dezessete	décimo sétimo	———	dezessete avos
24.	dezoito	décimo oitavo	———	dezoito avos
25.	dezenove	décimo nono	———	dezenove avos
26.	vinte	vigésimo	———	vigésimo / vinte e ... avos
27.	trinta	trigésimo	———	trigésimo / trinta e... avos
28.	quarenta	quadragésimo	———	quadragésimo / quarenta e...avos
29.	cinquenta	quinquagésimo	———	quinquagésimo / cinquenta e...avos
30.	sessenta	sexagésimo	———	sexagésimo / sessenta e...avos
31.	setenta	se(p)tuagésimo	———	se(p)tuagésimo / setenta e...avos
32.	oitenta	octogésimo	———	octogésimo / oitenta e... avos
33.	noventa	nonagésimo	———	nonagésimo / noventa e ...avos
34.	cem	centésimo	cêntuplo	centésimo / cento e... avos
35.	duzentos	ducentésimo	———	ducentésimo / duzentos e... avos
36.	trezentos	tricentésimo, trecentésimo	———	tricentésimo, trecentésimo / trezentos e... avos
37.	quatrocentos	quadringentésimo	———	quadringentésimo / quatrocentos e... avos
38.	quinhentos	quingentésimo	———	quingentésimo / quinhentos e... avos
39.	seiscentos	seiscentésimo, sexcentésimo	———	seiscentésimo/sexcentésimo / seiscentos e... avos
40.	setecentos	se(p)tingentésimo	———	se(p)tingentésimo / setecentos e... avos
41.	oitocentos	octingentésimo	———	octingentésimo / oitocentos e... avos
42.	novecentos	nongentésimo, noningentésimo	———	nongentésimo, noningentésimo / novecentos e... avos
43.	mil	milésimo	———	milésimo
44.	milhão	milionésimo	———	milionésimo
45.	bilhão	bilionésimo	———	bilionésimo
46.	trilhão	trilionésimo	———	trilionésimo

47. E
48. C – noningentésimo(a) é forma variável de nongentésimo(a).
49. C
50. E
51. E
52. C
53. C
54. C
55. E (Variam em número: duas década(s) mi-lhar(es))
56. C
57. C
58. C
59. C
60. vinte e quatro milhões, cento e trinta e dois mil, quatrocentos e trinta e seis
61. vinte e dois bilhões, trezentos e trinta e três milhões, quatrocentos e trinta e dois mil, cento e vinte e três
62. C
63. C
64. nove mil e cinquenta e seis
65. nove mil e seis
66. nove mil, cento e cinquenta e seis
67. nove mil, trezentos e vinte
68. nove mil e trezentos
69. um terço
70. dois terços
71. cinco oitavos
72. um oitavo
73. três onze avos
74. um vigésimo
75. sete trigésimos
76. quatro trinta e três avos
77. onze ducentésimos
78. treze duzentos e vinte avos
79. E
80. C
81. E
82. C
83. C
84. C
85. C
86. C
87. E
88. C
89. C
90. onze
91. segundo
92. sexto
93. vinte
94. décimo
95. décimo
96. onze
97. décimo
98. onze
99. primeiro
100. nono
101. dez
102. vinte e cinco
103. primeiro
104. dois
105. vinte e cinco
106. trinta e um
107. um
108. um
109. um
110. um
111. um
112. dois
113. nove
114. vinte e dois
115. dez
116. milésimo se(p)tingentésimo quinquagésimo sétimo
117. quadringentésimo octogésimo sexto
118. oito bilhões, setecentos e vinte e três milhões, oitocentos e quarenta e seis mil, cento e vinte e três reais e trinta e cinco centavos
119. cinco ducentésimos
120. dezoito por cento
121. E (trezentas)
122. E (5 de outubro)
123. C
124. C
125. E (um décimo)
126. E (décimo)
127. E (décimo oitavo)
128. E (quadragésima segunda)
129. C (forma cartorial)
130. Sim, a expressão "nem um" é mais enfática, tem mais energia que "nenhum".

9 VERBO

1. C
2. E
3. E
4. C
5. C
6. C

7. E
8. E
9. C
10. C
11. C
12. C
13. C
14. C
15. C
16. E
17. C
18. C
19. C
20. C
21. C
22. C
23. C
24. E
25. C
26. C
27. C
28. C
29. C
30. E
31. C
32. C
33. C
34. C
35. a, c, b
36. b, a, a
37. C
38. C
39. C
40. C
41. C
42. C
43. C
44. C
45. C
46. C
47. C
48. E
49. C
50. C
51. C
52. C
53. C
54. C
55. C
56. E (compramos)
57. E (compram)
58. C
59. E (puderem)
60. E (compram)
61. C
62. E (chegaram)
63. C
64. C
65. E (chegue)
66. E (tivesse)
67. C
68. C
69. C
70. E (terias chegado)
71. C
72. E (saísse)
73. C
74. C
75. E (chovesse ou fizesse)
76. E (estivessem)
77. E (estiverem)
78. C
79. C
80. C
81. E
82. E
83. C
84. C
85. E
86. C
87. E
88. C
89. E
90. C
91. C
92. C
93. C
94. 1 e 3
95. 2
96. 2
97. 1 e 3
98. Pode entender-se que cada um se molha, ou que um molha o outro e por ele é também molhado, isto é, pode haver só ação reflexiva ou só ação recíproca.
99. Quando se quer expressar reciprocidade, usa-se um advérbio esclarecedor: Eles se molham **mutuamente** (ou **reciprocamente**, ou **um ao outro**...).
100. E
101. C
102. C
103. C
104. C
105. C
106. C
107. C
108. C
109. C
110. E
111. C
112. C
113. C
114. C
115. C
116. C
117. Um presente é trazido por ela.
118. Soluções serão trazidas por ela.
119. Perfume era trazido por ela.
120. Perfumes seriam trazidos por ela.
121. Uns presentes estiveram sendo trazidos por ela.

122. Um presente estará sendo trazido por ela.
123. Uns presentes estariam sendo trazidos por ela.
124. Um presente deverá estar sendo trazido por ela.
125. Procurava-se solução.
126. Pedir-se-ia um favor.
127. Fabricar-se-ão barco aqui.
128. Procuravam-se soluções.
129. Pedir-se-iam uns favores.
130. Fabricar-se-ão barcos aqui.
131. C
132. C
133. E
134. C
135. E
136. C
137. C
138. C
139. Voz ativa
140. Voz passiva. Procuram-se líderes
141. Voz ativa
142. Voz passiva. Não se falavam verdades
143. Voz ativa
144. Voz passiva. Sacou-se a caneta
145. Voz passiva. Focaram-se dois tatus
146. Voz ativa
147. C
148. C
149. C
150. C
151. C
152. C
153. C
154. C
155. C
156. C
157. E
158. C
159. E
160. C
161. C
162. C
163. C
164. C
165. C
166. C
167. C
168. C
169. C
170. C
171. C
172. C
173. C
174. C
175. C
176. C
177. E
178. C
179. C
180. C
181. C
182. C
183. C
184. C
185. E
186. C
187. C
188. C
189. E
190. C
191. C
192. C
193. C
194. C
195. C
196. C
197. E
198. C
199. C
200. C
201. C
202. C
203. C
204. C
205. C
206. C
207. C
208. E
209. C
210. C
211. C
212. C
213. C
214. C
215. E
216. E
217. C
218. C
219. C
220. C
221. C
222. C
223. C
224. C
225. C
226. C
227. C
228. C
229. C
230. C
231. C
232. C
233. E
234. C
235. C
236. C
237. C
238. C
239. C
240. C
241. C
242. C
243. C
244. C

245. C
246. E
247. C
248. C
249. ame, leia, fuja
250. ames, leias, fujas
251. ame, leia, fuja
252. amemos, leiamos, fujamos
253. ameis, leiais, fujais
254. amem, leiam, fujam
255. C
256. E
257. C
258. C
259. C
260. C
261. E
262. C
263. C
264. C
265. corre – corras
266. corra – corra
267. corramos – corramos
268. correi – corrais
269. corram – corram
270. Namore, vibre, corra, pule, divirta-se à vontade.
271. Não namores, não vibres, não corras, não pules, não te divirtas à vontade.
272. Diverti-vos, mas não vos esgoteis.
273. pudera – quando puder – se eu pudesse
274. puderas – puderes – pudesses
275. pudera – puder – pudesse
276. pudéramos – pudermos – pudéssemos
277. pudéreis – puderdes – pudésseis
278. puderam – puderem – pudessem
279. quisera – quiser – quisesse
280. vira – vir – visse
281. viera – vier – viesse
282. houvera – houver – houvesse
283. coubera – couber – coubesse
284. C
285. C
286. C
287. C
288. C
289. E
290. C
291. C
292. E
293. C
294. C
295. C
296. ajo – agi – agiria – R
297. caibo – coube – caberia – I
298. creio – cri – creria – I
299. enxáguo – enxaguei – enxaguaria – R
300. vou – fui – iria – I
301. faço – fiz – faria – I
302. mobílio – mobiliei – mobiliaria – R
Obs.: também existem:
Mobilar: mobilo, mobilei, mobilaria – R
Mobilhar: mobilho, mobilhei, mobilharia – R
303. pulo – poli – poliria – I
304. pulo – pulei – pularia – R
305. possuo – possuí – possuiria – R
306. posso – pude – poderia – I
307. quero – quis – quereria – I
308. requeiro – requeri – requereria – I
309. sou – fui – seria – I
310. sumo – sumi – sumiria – R
311. C
312. C
313. E
314. C
315. C
316. C
317. E
318. E
319. E
320. C
321. C
322. C
323. C
324. C
325. C
326. C
327. C
328. C
329. C
330. C
331. C
332. C
333. C
334. C
335. C
336. C
337. C
338. C
339. E
340. C
341. C
342. C
343. C
344. C
345. E
346. C
347. C
348. C
349. C
350. E – O verbo "estar" não forma voz passiva.
351. C

352. C
353. E
354. E
355. C
356. C
357. E
358. C
359. C
360. C
361. C
362. C
363. C
364. C
365. C
366. C
367. C
368. C
369. E
370. C
371. C
372. C
373. C
374. E
375. C
376. E
377. C
378. C
379. C
380. C
381. E
382. C
383. E
384. C
385. C
386. C
387. C
388. C
389. C
390. C
391. E
392. C
393. E
394. C
395. E
396. C
397. C
398. C
399. C
400. C
401. E
402. C
403. C
404. C
405. C
406. C
407. C
408. E
409. C
410. C
411. C
412. C
413. C
414. E
415. C
416. C
417. C
418. i, i, i, a, a, i
419. C
420. C
421. E
422. C
423. C
424. C
425. E
426. C
427. C
428. C
429. E
430. C
431. C
432. C
433. C
434. C
435. C
436. C
437. C
438. C
439. C
440. E
441. C
442. C
443. C
444. E
445. C
446. C
447. C
448. E
449. C
450. C
451. E
452. C
453. C
454. C
455. C
456. C
457. E
458. C
459. C
460. C
461. C
462. C
463. C
464. C
465. C
466. C
467. C
468. C
469. C
470. C
471. C
472. C
473. E
474. C
475. C
476. C
477. C
478. E
479. C
480. C
481. C
482. C
483. C
484. C
485. C
486. C

487. C
488. C
489. C
490. C
491. C
492. C
493. C
494. C
495. proveste, proveu, provera, proveras, provesse, provesses, provido.
496. C
497. C
498. C
499. C
500. C
501. C
502. C
503. C
504. C
505. C
506. C
507. C
508. C
509. C
510. C
511. E
512. C
513. C
514. C
515. C
516. C
517. C
518. C
519. C
520. C
521. C
522. C
523. C
524. C
525. C
526. C
527. C
528. C
529. C
530. E
531. C
532. C
533. C
534. C
535. C
536. C
537. C
538. C
539. C
540. C
541. C
542. C
543. C
544. E
545. C
546. C
547. C
548. E
549. E
550. C
551. C
552. C
553. C
554. C
555. C
556. C
557. C
558. C
559. C
560. E
561. C
562. E
563. C
564. C
565. C
566. C
567. E
568. C
569. C
570. C
571. C
572. C
573. C
574. C
575. C
576. C
577. C
578. C
579. C
580. E
581. C
582. C
583. C
584. C
585. C
586. C
587. C
588. C
589. C
590. C
591. C
592. C
593. C
594. C
595. C
596. C
597. C
598. C
599. C
600. Vai com Deus, sê feliz e, quando saíres, fecha a porta.
Ide com Deus, sede felizes e, quando sairdes, fechai a porta.
601. recupero – reouve
602. reouvemos – recupera
603. expressado/expresso – exprimido/expresso
604. extinguido/extinto – suspendido/suspenso
605. frigido/frito – aberto
606. abrir
607. vir/direi
608. interveio/quis/propusera
609. averigúe/mobílio
Obs.: existe também: mobilar e mobilhar regulares

610. vier/puder
611. frase correta
612. vier
613. vir/vier (verbo ver e vir)
614. vimos
615. vieres
616. vir
617. vires/vier
618. vimos/viemos
619. vier
620. vir
621. vieres
622. vierdes
623. virem
624. vierem
625. c
626. b
627. e
628. e
629. f
630. a
631. a
632. a
633. b
634. d
635. b
636. pret. imperf. indicativo
637. imperativo afirmativo
638. infinitivo
639. pret. imperf. do subjuntivo
640. pret. imperf. do indicativo
641. gerúndio
642. pret. perf. do indicativo
643. pret. perf. do indicativo
644. futuro do subjuntivo
645. pres. do subjuntivo
646. futuro do presente
647. pret. perfeito do indicativo
648. E
649. C
650. E
651. C
652. C
653. C
654. C
655. C
656. C
657. mantive-me
658. contivesse
659. reouve
660. C
661. C
662. (tu / você)
663. C
664. C
665. C
666. valha/valer
667. possa/puder
668. queira/quiser
669. requeira/requerer
670. ponha/puser
671. veja/vir
672. caiba/couber
673. tenha/tiver
674. trague/tragar
675. traga/trouxer
676. saiba/souber
677. remedeie/remediar
678. formos/opuseram
679. virdes/dobreis
680. vieres/trouxeste
681. propuser/intervenha
682. revirem/mantiverem
683. interveio/compuseram
684. será
685. desavieram
686. d
687. b
688. a) A grosseria de Deus me feriu e insultou-me.
b) A grosseria de Deus me ferira e insultara-me.
689. vires / vires / vires
690. b
691. a
692. a
693. e
694. d
695. e
696. e
697. c
698. d
699. b
700. a
701. c
702. e
703. d
704. c
705. d
706. a) Se compraste a máquina, jura-o.
b) Se compuseste um poema, dize-o (ou di-lo).
707. b
708. e
709. e
710. Não saias daqui! Não fujas! Não abandones o que é teu e não me esqueças.
711. a) reouver;
b) compuser
712. c
713. b
714. c
715. d
716. b
717. b
718. a
719. c
720. d
721. b
722. b
723. d
724. c
725. d
726. e
727. b
728. e
729. E (somam > apresentam; somaram > apresentaram)

10 ADVÉRBIO

1. A menina alta cantava alto.
2. As meninas altas cantavam alto.
3. Eram muitos problemas.
4. Eram problemas muito fáceis.
5. muito pouca – muito pouco admirada
6. E
7. C
8. C
9. E
10. C
11. C
12. E
13. E
14. C
15. C
16. C
17. C
18. E
19. C
20. b
21. e
22. a
23. g
24. f
25. f
26. c
27. d
28. b
29. c
30. d
31. a
32. c
33. d
34. b
35. E
36. E
37. C
38. C
39. E
40. C
41. C
42. C
43. C
44. C
45. C
46. C
47. C
48. E
49. C
50. C
51. C
52. C
53. C
54. C
55. E
56. C
57. C
58. C
59. C
60. C
61. C
62. E
63. C
64. C
65. C
66. C
67. C
68. C
69. C
70. C
71. E

	Adv.	Classif.	Loc.Adv.	Classif.
72.	nunca tão	tempo e negação intensidade		
73.	lá	lugar		
74.	tão cedo	intensidade tempo	Por que	causa
75.	Não onde como	negação lugar modo		
76.	Talvez não quando	dúvida negação tempo		
77.			da Espanha	lugar
78.	muito pouco	intensidade intensidade		
79.	bastante	intensidade		
80.	Meio	intensidade		

11 PREPOSIÇÃO

1. d
2. a
3. e
4. c
5. b
6. i
7. h
8. d
9. c
10. b
11. a
12. g
13. f
14. e
15. j
16. k
17. a
18. b
19. a
20. b
21. b (está subentendido o verbo: *"menos eu (vou)."*
22. c
23. ao/pelo
24. à/pela – com
25. no
26. dessa
27. àquelas
28. para
29. sem
30. por
31. c (ler, falar **sobre** um assunto)
32. d (a ideia é de causa: tiritavam por causa do frio)

12 CONJUNÇÃO

1. C
2. C
3. C
4. C
5. E
6. C
7. C
8. C
9. C
10. C
11. C
12. E
13. C
14. C
15. C
16. C
17. C
18. C
19. c
20. b
21. e
22. e
23. a
24. b
25. c
26. d
27. 3 – 10
28. 5
29. 1 – 8
30. 2 – 8
31. 4 – 5
32. 6 – 10
33. 7 – 5
34. 9
35. C
36. E
37. C
38. C
39. C
40. E
41. C
42. i – n
43. l – m
44. o – c – o
45. o – b – o
46. k
47. h – a – i
48. g – f
49. e – j
50. d – l

13 INTERJEIÇÃO

1. b
2. d
3. e
4. c
5. g
6. f
7. a
8. h
9. j
10. i
11. E
12. C
13. C
14. C
15. E
16. C
17. C
18. C
19. C
20. E "Oh! não me chames assim."

14 SEMÂNTICA

1. d
2. c
3. c
4. d
5. c
6. d
7. a
8. b
9. c
10. d
11. a
12. d
13. c
14. b
15. e
16. e
17. a
18. b
19. d
20. c
21. f
22. e
23. eminente – iminente
24. despercebido
25. discrição
26. prescreveu
27. proscreveu
28. tráfego
29. 1
30. 6, 2
31. 6
32. 6, 1
33. 2
34. 5
35. 5
36. 6
37. 2
38. 1
39. 1
40. 1
41. 2
42. 1
43. 2
44. 2, 1
45. 1, 2
46. 3, 2
47. 2
48. 2, 1
49. 2, 1
50. 2, 1
51. 2, 1
52. 1, 2
53. 2, 1
54. 3
55. 1
56. 2
57. 2, 1
58. 3, 2, 1
59. b
60. c
61. e
62. b
63. a
64. a
65. d
66. b
67. a
68. a
69. e
70. e
71. b
72. a
73. b
74. d
75. d
76. C
77. E
78. C
79. C
80. Amazônia

15 CONCORDÂNCIA NOMINAL

1. C
2. C
3. C
4. C
5. E
6. C
7. E
8. C
9. E
10. os / o
11. os / a
12. as / a
13. os / os
14. os / os
15. os / o
16. o
17. a
18. as
19. os
20. os
21. os
22. os
23. os
24. os
25. os
26. as
27. o

28. Estes
29. Elas
30. as
31. es
32. as
33. as
34. os
35. os
36. sós/só
37. as
38. as
39. as
40. as
41. as
42. os
43. quaisquer
44. os
45. C
46. E
47. C
48. C
49. C
50. E
51. C
52. s – os – os
53. s – as – as
54. s – os
55. o – o
56. o – o
57. o – o
58. ∅
59. a – a – ∅
60. ∅ – s
61. a – a – ∅ – as
62. l – l
63. l – is
64. l – is
65. is – is
66. is – l
67. os
68. os
69. o – o
70. o
71. a – a
72. el
73. eis
74. el
75. el
76. eis
77. el
78. eis
79. eis
80. C
81. C
82. C
83. C
84. E
85. C
86. vistos/visto
87. vistos/vista
88. vistos/vistos
89. vistos/vistas
90. azuis
91. cinza
92. azul-claros
93. azul-marinho
94. verde-mar
95. verde-garrafa
96. cor de safira
97. azul-celeste
98. novos/as
99. brasileiros/a
100. táticos/o
101. honestos
102. bovina
103. belos
104. bom
105. proibido
106. permitida
107. claros
108. autores
109. necessário
110. ovalado
111. meia (hora)
112. meias
113. meio
114. anexos
115. merecedora
116. mesmas
117. mesmo
118. mesmo
119. sós
120. só
121. quite – quites
122. leso – lesa
123. tais qual
124. juntos – junto
125. anexas
126. alerta
127. menos
128. menos
129. salvo
130. salvos
131. pseudo – pseudo
132. baratas – barato
133. caras – caro
134. possíveis
135. claros possível
136. funcionário competentes
137. maravilhosa
138. maravilhoso
139. vistos/o
140. longes – longe
141. cauteloso
142. cautelosos
143. necessária
144. meia – meio
145. bastante – bastantes
146. alerta
147. tal quais
148. Santo

16 CONCORDÂNCIA VERBAL

1. amos – am
2. as – o
3. ais – a
4. am
5. am
6. emos
7. emos
8. eis (ou ão)
9. ão
10. am/a
11. am/a
12. am
13. á
14. á
15. a/am
16. a/am
17. a/am
18. a/am
19. fazem
20. impressionaram
21. aproximem-se
22. Procure
23. casará
24. é
25. amedrontaram
26. amedrontou
27. fizeram
28. viemos
29. fez
30. vim
31. acertaram/ou
32. atingem/e
33. noticiou
34. pediram
35. sorria/m
36. calou/aram
37. entendeu/eram
38. casará
39. reclamou/aram
40. venceram
41. vencemos
42. vencestes
43. chamou/ei
44. chamou/aste
45. chamou/amos
46. chamou/astes
47. convidou/aram
48. cantou/aram
49. sairão/eis
50. compreendem/emos
51. fará
52. fará
53. quebrou/aram
54. surgiu/iram
55. pode
56. duvida
57. duvidam
58. passaram
59. estudou
60. atuaram/ou
61. Entraram
62. passaram
63. surpreende
64. enfeitiçam
65. enfeitiça
66. atravessa
67. haja/m
68. haja
69. haja
70. consertam
71. cobrem
72. Afia
73. Fala
74. Procurava
75. Discute
76. Era – sabia
77. chegou
78. entenderam
79. virá
80. soou
81. batia
82. deu
83. C
84. C
85. E
86. E
87. C
88. C
89. E
90. C
91. e
92. b
93. c
94. d
95. a
96. C
97. C
98. E
99. C
100. E
101. C
102. C
103. Basta
104. Faz
105. haverá
106. Há
107. Hão
108. Vai
109. Vai
110. Havia
111. Existiam
112. Devem
113. Deve
114. Chovia
115. Choviam
116. é
117. são
118. são
119. era/m
120. é/são
121. eras
122. sereis
123. é
124. será
125. é
126. era

127. É
128. Serão
129. Eram
130. São
131. é/são
132. era/m
133. foi
134. era
135. é que – foi – que
136. é que – será – que
137. é que – serão – que
138. c
139. b (quinhentas)
140. sobraram
141. ganha/mos
142. Faltaram – houvesse
143. Voltamos/aram
144. resolveram
145. convenceu
146. concordou/aram
147. será
148. serão
149. sereis/ão
150. almoçaremos
151. concordaram
152. concorda
153. concordam/ais
154. embolaram
155. Havia
156. Haviam
157. existiam
158. nasciam
159. deporá/ão
160. foi/foram
161. Passou/aram
162. tivestes/tiveram
163. poderá
164. acreditou
165. comovem/e
166. fica/m impotente/s
167. prejudica/m
168. fez/fizeram
169. podem
170. pode
171. demoveu/ram
172. prepararam
173. preparou
174. chegou/aram
175. saiu/ram
176. cantava/m
177. convence/m
178. está/ão
179. cumprimentam
180. entende/m
181. sumiram
182. venceremos
183. venceriam
184. é que
185. é que
186. venceria/m
187. venceu/emos
188. concordou/aram
189. chegarão/emos
190. chegarão/eis
191. falou
192. levantou/aram
193. estão
194. estão/está
195. estão
196. gritavam
197. apresentaram
198. continua
199. continuam
200. haja/m
201. haja
202. Procurava
203. Procuravam
204. pensava
205. fazem
206. bateu
207. ajuda
208. pareciam
209. parecia
210. é primeiro
211. serão – foi
212. e
213. d
214. d
215. a
216. a
217. a
218. a
219. d
220. d
221. a
222. b
223. d
224. c
225. b (mesma Petrópolis)
226. d
227. e
228. b
229. c
230. d
231. a
232. E
233. C
234. C
235. E
236. C
237. E
238. C
239. E
240. C
241. C
242. C
243. E
244. E
245. C
246. C
247. C
248. C
249. C
250. C
251. E
252. E
253. E
254. E
255. E
256. C
257. E
258. e
259. b
260. e

17 REGÊNCIA

1. C
2. C
3. C
4. E
5. C
6. C
7. C

Regência Verbal

8. C
9. C
10. C
11. aos
12. à
13. a
14. a ele
15. por
16. -no
17. ao
18. o
19. à
20. a ele
21. nela
22. ao
23. a
24. aos/os
25. a ela
26. os
27. aqueles/àqueles
28. as/às
29. por
30. E
31. C
32. C
33. C
34. ∅
35. às
36. aos
37. da
38. ∅
39. ao
40. o – do
41. de – ∅
42. ∅
43. em
44. ∅
45. Esta medida não implica aumento de custo.
46. ... implicava comigo.
47. ... implicou a mudança...
48. C
49. C
50. C
51. C
52. C
53. C
54. E
55. C
56. a
57. de
58. a
59. o – do
60. a/da
61. E
62. E
63. C
64. ∅*
65. ∅*
66. ∅*
67. aos
68. a
69. a
70. às
71. o
72. ao
73. a que
74. os
75. a
76. aos
77. ∅ – a
78. ∅ – a
79. ∅ – a
80. E
81. C
82. C
83. o
84. aos
85. que
86. que
87. ao
88. a que
89. ∅
90. ∅
91. ao – ∅ (a primeira é mais aceita)
92. tu – ti
93. eu – mim
94. eu – tu

As construções consideradas melhores são 95 e 98.

99. E
100. C
101. C Ele pedia (permissão) a José para sair.
102. C
103. Não perguntou o de que falávamos.
104. Não sei o em que pensar.
105. C
106. E
107. C
108. C
109. C
110. Havemos ou hemos pensado, havíamos dito.

* Normalmente a resposta é sem preposição, a não ser que o texto dê a entender que o sujeito namore uma pessoa, ao lado ou em companhia de outra.

111. Como vocês houveram tanto dinheiro?
112. Como eu me houve na festa?
113. Tu vais haver-te com ela. Tu te vais haver com ela.
114. Hemos ou havemos admiração por você.
115. Vós havíeis por correta aquela fala.
116. Vós houvestes por bem concordar.
117. as
118. lhe
119. lhe
120. a
121. lhe
122. a ele
123. a ela, a
124. Aceito seu protesto, mas não concordo com ele.
125. Amo meus filhos e lutarei por eles.
126. Oração correta.
127. Conheço as leis e obedeço a elas.

Regência Nominal

128. C
129. C
130. C
131. E
132. C
133. C
134. C
135. C
136. Ele é contrário a metiras e impaciente com elas.
137. aos
138. por
139. por
140. de
141. de
142. C
143. E
144. C
145. C
146. E
147. C
148. E
149. C
150. E
151. C
152. E
153. C
154. E
155. C
156. C
157. C
158. C
159. C
160. E
161. C
162. C
163. E
164. E
165. C
166. E
167. C
168. E
169. C
170. E
171. C
172. E
173. C
174. a
175. a (~~lhe~~, a ele)
176. d
177. e
178. b
179. c
180. a
181. a
182. d
183. b

18 COLOCAÇÃO OU TOPOLOGIA PRONOMINAL

1. a
2. a
3. b
4. a
5. b
6. a
7. a
8. b
9. a
10. a
11. a
12. a
13. a
14. a
15. a
16. a
17. a
18. a
19. a
20. a
21. a
22. a, c
23. a
24. a
25. a
26. a
27. a
28. a
29. a
30. a
31. a
32. a
33. a

34. a
35. a
36. a
37. a
38. E
39. E
40. C
41. E
42. E
43. C
44. C
45. C
46. b
47. b
48. b
49. b
50. b
51. b
52. b
53. b
54. C
55. C
56. C
57. C
58. E
59. C
60. E
61. C
62. C
63. C
64. Resposta pessoal
65. A forma 1
66. C
67. E (pronome reto)
68. E (pronome reto)
69. C
70. C
71. C
72. E (pronome reto)
73. E (pronome reto)
74. E (pronome reto)
75. C
76. C
77. E
78. E
79. C
80. E
81. C
82. C
83. E
84. C
85. E
86. 67, 72, 78, 83, 84
87. e
88. a
89. d
90. b
91. b
92. c
93. 2
94. 2
95. 2
96. 2
97. 1
98. 2
99. 1
100. 1
101. 1
102. 1
103. 1, 4
104. 1
105. 1
106. 1, 3
107. 2
108. 2, 4/5
109. 1/2
110. 1
111. 1/2
112. 1
113. 1
114. 1
115. 1
116. 1
117. 2
118. 1
119. 1
120. 2
121. 1
122. 1
123. 2
124. Ser-me-á bastante fácil.
125. Beijá-la-ei mais.
126. Perdoar-te-ei.
127. Trar-me-ás resposta.
128. Fá-lo-á bem.
129. Por-nos-emos a seu dispor.
130. e
131. d
132. a

19 CRASE

1. E
2. C
3. E
4. C
5. C
6. C
7. do
8. ao
9. daquele
10. C
11. C
12. E
13. C
14. C
15. E

16. C
17. C
18. E (**aquele** e **aquilo** não são femininos e podem ter crase)
19. C
20. C
21. a
22. à
23. a
24. às
25. E
26. C
27. C
28. ...à procura de ... À medida que ... à proporção que ...
Àquela hora ... à farta ... às claras ... às escondidas ... às pressas ... à larga.
29. ... à padaria, à manicura, à modista ... à repartição ... à estação a tempo ... a levaria a Recife ... a Portugal ... à (ou a) Espanha, à (ou a) França, à (ou a) Inglaterra, à (ou a) Holanda e a Israel ... a primeira vez, a Europa ... à (ou a) África.
30. à
31. a
32. às
33. As
34. a
35. às
36. àquele ... à que
37. a cuja
38. àquilo
39. aquela ... a que
40. a belas casas = casas vagas, indefinidas, generalizadas.
às belas casas = casas definidas na cabeça do emissor e do receptor.

41 e 42. As segundas frases, pela presença do artigo definido, dão ideia de maior concretude, maior proximidade real, maior intimidade com o que se nomeia (a casa).

43. até, até ao
44. até, até à
45. até, até àquele
46. C
47. C
48. C
49. E
50. C
51. C
52. C
53. E
54. C
55. C
56. C
57. E
58. Quando se usa o artigo definido, o campo semântico do substantivo fica definido, especificado, bem conhecido de emissor e receptor. É o caso das segundas frases: **à** Ester, **à** Marlene, **ao** Ernesto. Nas primeiras frases, Ester, Marlene e Ernesto, por **não** terem artigo definido, têm um sentido vago, mais distante, menos íntimo.
59. b, c
60. C
61. C
62. à
63. à
64. A crase é da **preposição a** com o **artigo feminino a**. Antes de masculino, não se usa artigo feminino.
65. Antes de verbo não se usa artigo feminino.
66. Antes de pronomes pessoais não se usa artigo.
67. Antes de pronomes de tratamento não se usa artigo, exceto Madame, Senhora, Senhorita e Dona.
68. E
69. C
70. E
71. C
72. E
73. C
74. C
75. C
76. obrigatória: à (compare com o exercício 69)
77. obrigatória: à (compare com o exercício 69)
78. obrigatória: à (compare com os exercícios 71 e 73)
79. facultativa: a/à (compare com os exercícios 74 e 75)
80. Porque não pode haver artigo definido antes de artigos ou pronomes indefinidos.
81. a
82. a
83. a
84. a
85. Porque não pode haver artigo definido antes de pronome demonstrativo.

86. Porque não há artigo. Se antes de plural houvesse artigo, teria o artigo que estar no plural: Refiro-me **às** pessoas.
87. à
88. a
89. a
90. A, a
91. à, à
92. a, à, a
93. a/à, a, a, às/a
94. a, a
95. a, a (Se for **ao** Júpiter, será, por paralelismo, **à** Minerva. Mas pode-se quebrar o paralelismo. *Vide* página 371).
96. a
97. à porta
98. a casa, à/a sua mãe
99. à, à
100. a este, àquele
101. à/a, à, à
102. à casa dos pais
103. a
104. à, à, à, à
105. a, a, a
106. à/a, à
107. a, a
108. a, à
109. à, à, a
110. Às, à
111. a, à, a
112. À medida que ... à/a Dona ... à Senhorita ... à Madame.
113. a enorme depressão ... a Brasília ... a pessoas ... às irmãs de seu pai.
114. à, à, à
115. às
116. à
117. às
118. a
119. a
120. a
121. a
122. c
123. c
124. c
125. b
126. a
127. b
128. e
129. a
130. a
131. d
132. a

20 PONTUAÇÃO

1. C
2. C
3. C
4. E
5. C
6. C
7. C
8. C
9. E
10. C
11. É necessário lealdade, honestidade, coragem, desprendimento.
12. Nós o encontramos alegre, bem disposto e descansado.
13. Toda criança precisa de carinho, de atenção, de educação.
14. Consciente de sua responsabilidade, o advogado pediu tempo para estudar.
15. A empresa, premida pelas dificuldades, quase fechou as portas.
16. O ministro, ainda doente, voltou a despachar em seu gabinete.
17. No Primeiro Mundo, boicotes costumam dar resultados.
18. A televisão, na noite de sexta-feira, revelou as causas do acidente.
19. Os técnicos tentaram, apesar dos empecilhos, explicar o raro fenômeno.
20. Um caso assim, é preciso estudá-lo cuidadosamente.
21. Aos turistas, não lhes importa como chegarão até lá.
22. O contrato, convém assiná-lo o quanto antes.
23. O mesmo estudo, porém, mostra que a situação pode melhorar.
24. Essa não é, contudo, a prática na companhia.
25. Já vai longe o tempo da censura; direi o que quiser, pois.
26. Rafael, médico-gerente de laboratório, criou um manual para emergências.

27. Esse empresário era casado com Heloísa, uma ex-bailarina.
28. Na dúvida, senhores jurados, o réu deve ser favorecido.
29. Jaime estava feliz; Zeca, tranquilo.
30. Vera compreendeu tudo; Cláudio, quase tudo.
31. Sandra estava radiante; Rosa, eufórica.
32. Esses países, inclusive o Sudão, são governados por fundamentalistas.
33. Exceto você, todos já sabiam das mudanças.
34. Em compensação, o país tem batido recordes de crescimento econômico.
35. Os lábios tentaram abrir-se num sorriso, mas desistiram e fecharam-se.
36. Acordava, tomava café, lia o jornal e ia para o aeroporto.
37. Ele era metódico, portanto não deixaria de telefonar.
38. O leite, que contém cálcio, é excelente alimento para as crianças que são desnutridas.
39. Meu pai, que falava quatro línguas, julgava-se superior às pessoas que só sabiam a língua materna.
40. Os empresários que vieram querem erguer grandes hotéis, que atrairão turistas.
41. Para usufruir de todas as vantagens, os turistas se dispõem a pagar mais.
42. Examinando-se a disputa atual nas capitais, a proposta parece vir a calhar.
43. Confirmadas as informações divulgadas pelos jornalistas, o jogador teve de desdizer-se.
44. O projeto, apesar de merecer alguns reparos, parece melhorar a vida do contribuinte.
45. Qualquer pessoa, conforme se divulgou na imprensa, terá acesso às informações sobre andamento de processos.
46. Nós, para garantir nossos direitos, contamos com a Justiça.
47. d
48. c
49. b
50. a
51. a/c
52. a/c
53. b
54. e
55. b
56. a
57. d/b
58. d
59. c
60. C
61. E
62. C
63. C
64. C
65. E
66. C
67. C
68. C
69. C
70. C
71. E
72. C
73. a
74. d
75. a
76. c
77. d
78. e
79. b
80. b
81. d
82. d
83. e
84. c
85. a
86. b
87. b
88. a
89. c
90. b
91. a
92. e
93. a
94. a
95. d
96. b
97. b (orações de sujeitos diferentes ligadas por **e**)
98. (a) e (e) C, sujeitos diferentes
(b) E, oração adversativa
(c) C, ênfase
(d) C, polissíndeto
99. C
100. c

Bibliografia

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa**. São Paulo: Global, 2009.

ALMEIDA, N. M. de. **Gramática Metódica de Língua Portuguesa**. 40. ed. São Paulo: Saraiva, 1995.

BECHARA, E. **A Nova Ortografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. rev. e ampl. 14. reimpressão. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BRASIL, Presidência da República. **Manual de Redação da Presidência da República**. Gilmar Ferreira Mendes [*et al.*]. Brasília: Presidência da República, 1991.

CAMARA JR., J. M. **Manual de Expressão Oral e Escrita**. Petrópolis: Vozes, 1986.

———. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

CEGALLA, D. P. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. 41. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1998.

CRUZ, J. M. da. **Português Prático: Gramática**. 29. ed. São Paulo: Melhoramentos, s/d.

CUNHA, C. F. da. **Gramática da Língua Portuguesa**. 11. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1985.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DORNELLES, J. A. F. **A Gramática do Concursando**. 2. ed. Brasília: Vestcon, 1996.

FERNANDES, F. **Dicionário de Regimes de Substantivos e Adjetivos**. 23. ed. São Paulo: Globo. 1995.

———. **Dicionário de Verbos e Regimes**. 40. ed. São Paulo: Globo, 1995.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.

FERREIRA, A. B. de H.; PEREIRA, M. da C. **Novo Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1961.

GARCIA, O. M. **Comunicação em Prosa Moderna**. 12. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1985.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KURY, A. da G. **Ortografia, Pontuação, Crase**. 2. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1986.

LIMA, R. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 15. ed. refundida. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1972.

LUFT, C. P. **Dicionário Prático de Regência Nominal**. São Paulo: Ática, 1992.

———. **Dicionário Prático de Regência Verbal**. São Paulo: Ática, 1993.

———. **Gramática Resumida**. 8. ed. Porto Alegre: Globo, 1978.

———. **Grande Manual de Ortografia Globo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1989.

———. **Novo Guia Ortográfico**. 18. ed. Porto Alegre – Rio de Janeiro: Globo, 1986.

MELO, G. C. de. **Gramática Fundamental da Língua Portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.

MESQUITA, R. M.; MARTOS, C. R. **Gramática Pedagógica**. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1980.

OITICICA, J. **Manual de Análise**. 2. ed. 1923.

REIS, O. **Breviário da Conjugação de Verbos**. 38. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1978.

RIBEIRO, M. P. **Gramática Aplicada da Língua Portuguesa**. 20. ed. Rio de Janeiro: Metáfora, 2011.

Formato
17,5 x 21,5cm

Mancha
13 x 17,5cm

Papel
Pólen soft

Gramatura
80 g/m^2

Número de páginas
442

Impressão e acabamento

Vestcon

SEPN 509 Ed. Contag 3º andar CEP 70750-502 Brasília/DF
SAC: (61) 3034 9588 Tel.: (61) 3034 9576 Fax: (61) 3347 4399
www.vestcon.com.br

Ernani Pimentel

Objetivo Conquistado
Simplifica o ensino da Língua Portuguesa, fazendo o estudioso entender, com profundidade e clareza, suas construções e significados.

Finalidade
Preparação para a vida toda e para qualquer tipo de concurso de nível médio e superior, vestibular, PAS, OAB, ENEM...

Método
A prática é o caminho para o bom uso e entendimento das estruturas linguísticas. O estudante é levado constantemente a interagir com o autor e assume, de maneira ímpar, uma postura claramente ativa no processo ensino-aprendizagem que se baseia em mais de 3.400 exercícios resolvidos de concursos e outras provas de âmbito nacional, estadual, distrital e municipal, realizadas até o ano em curso.

Recursos
O leitor é constantemente desafiado a considerar certas ou erradas as afirmações agrupadas. Com isso, constrói seu raciocínio, organizado e claro, sobre Fonologia, Morfologia, Concordância, Regência, Colocação, Crase, Pontuação e Princípios Estruturais das Frases, tudo o de que precisa para expressar-se bem, sem a necessidade de conhecer com profundidade Análise Sintática.

Recurso Extra
Videoaulas com o autor na internet.
Visite o *site* www.vestcon.com.br e assista às aulas ministradas pelo próprio autor, com direito a desconto pela aquisição deste livro.

Por tudo isso, você não precisa descascar a laranja, tirar-lhe a pele, separar os caroços. Nós lhe oferecemos o suco pronto. Saboreie-o.

LLP14

ISBN 978-85-381-0671-5

9 788538 106715

www.Vestcon.com.br

NAPOLEÃO MENDES DE ALMEID

GRAMÁTICA METÓDICA DA LÍNGUA PORTUGUESA

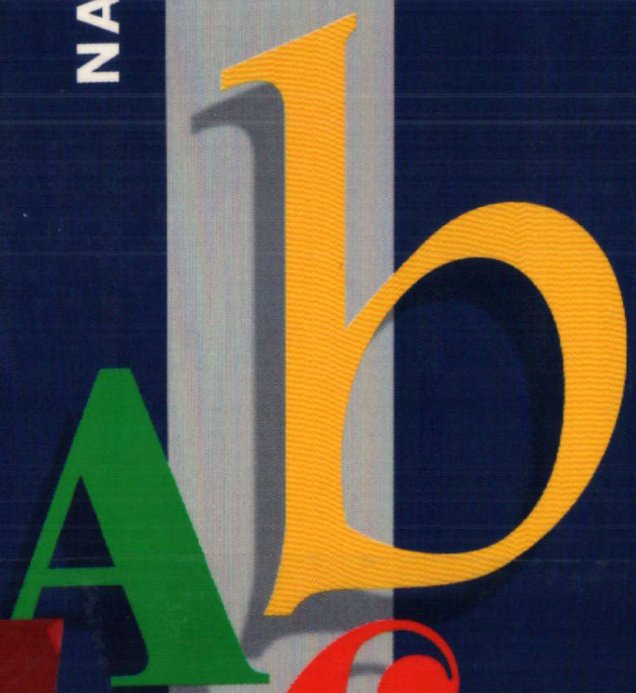

ATUALIZADA CONFORME O ACORDO ORTOGRÁFI

Autor: Almeida, Napoleã TEF
Titulo: Gramática metódica da língua po
34198265
112932

Editora Saraiva

GRAMÁTICA METÓDICA DA LÍNGUA PORTUGUESA

Esta é a gramática de mais longa vida em toda a história da literatura didática, tanto brasileira como portuguesa. Com mais de quinhentos mil exemplares, a METÓDICA demonstra contínuo empenho em ver o estudo da gramática sempre atualizado e melhorado Em capítulos diversos, esta edição demonstra o zelo pelo aprimoramento do ensino do vernáculo.

Esse esmero de magistério é que confere à METÓDICA o apreço que lhe é dado, como demonstra esta referência de William H. Russel, professor de línguas da Boston University: "Tenho o prazer de contar entre meus livros mais queridos um exemplar da sua Gramática Metódica da Língua Portuguesa Este livro já me tem ajudado inúmeras vezes; até agora nunca deixou de me fornecer respostas e explicações claras e satisfatórias".

GRAMÁTICA METÓDICA DA LÍNGUA PORTUGUESA

ISBN: 978-85-02-05430-1

Gramática Metódica da Língua Portuguesa
© Napoleão Mendes de Almeida, 2009
Direitos desta edição:
SARAIVA S. A. – Livreiros Editores, São Paulo, 2009
Todos os direitos reservados

Gerente editorial Marcelo Arantes
Editor Maria Tavares de Lima Batista (Dalva)
Editor assistente Sílvia Cunha
Coordenador de revisão Camila Christi Gazzani
Revisores Lucia Scoss Nicolai (enc.), Fernando Cardoso Guimarães, Regiani Marcondes, Renata Palermo, Ricardo Miyake, Thirza Bueno
Assistente de produção editorial Rachel Lopes Corradini
Gerente de arte Nair de Medeiros Barbosa
Coordenador de arte Vagner Castro dos Santos
Assistente de produção Grace Alves
Projeto gráfico e capa Hamilton Olivieri
Diagramação Edsel Moreira Guimarães
Impressão e acabamento EGB - Editora Gráfica Bernardi - Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Almeida, Napoleão Mendes de, 1911-1998.
Gramática metódica da língua portuguesa / Napoleão Mendes de Almeida. — 46. ed. — São Paulo : Saraiva, 2009.

De acordo com a nomenclatura gramatical brasileira e atualizada conforme o Acordo Ortográfico de 1990.
Bibliografia.
ISBN 978-85-02-05430-1

1. Português — Gramática I. Título.

09-07626 CDD-469.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Gramática : Português : Linguística 469.5

Sistema de Bibliotecas / UNEB
Controle de Aquisição
Data 25/07/2011
Fornecedor
N. F.
Doação:
Preço:

469.5
A447g
ex.01

Impresso no Brasil

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Editora Saraiva

2009

Rua Henrique Schaumann, 270 – CEP 05413-010 – Pinheiros – São Paulo-SP
Tel.: PABX (0**11) 3613-3000 – Fax: (0**11) 3611-3308
Televendas: (0**11) 3616-3666 – Fax Vendas: (0**11) 3611-3268
Atendimento ao Professor: (0**11) 3613-3030 Grande São Paulo 0800-0117875 demais localidades
Endereço Internet: www.editorasaraiva.com.br – E-mail: atendprof.didatico@editorasaraiva.com.br

NAPOLEÃO MENDES DE ALMEIDA

GRAMÁTICA METÓDICA DA LÍNGUA PORTUGUESA

De acordo com a nomenclatura gramatical brasileira e atualizada conforme o Acordo Ortográfico de 1990

por PAULO HERNANDES

- Professor de Linguística e Língua Portuguesa em cursos de graduação em Letras
- Professor de Semântica e Lexicologia em cursos de pós-graduação

46ª edição revista — 2009

PLATAFORMA Freire
plano nacional de formação de professores
34198265

Editora Saraiva

TRABALHOS DO PROF. NAPOLEÃO MENDES DE ALMEIDA

GRAMÁTICA METÓDICA DA LÍNGUA PORTUGUESA — Curso único e completo

GRAMÁTICA LATINA — Curso único e completo

GRAMÁTICA ELEMENTAR DA LÍNGUA PORTUGUESA

DICIONÁRIO DE QUESTÕES VERNÁCULAS — Mais de 5 000 dificuldades publicadas n'*O Estado de S. Paulo*.

A ÚNICA

És, Napoleão, o mestre da Didática,
da Língua Pátria és uma fortaleza.
Sabes com segurança majestática
casar a utilidade com a beleza.

Sabedoria, inteligência e prática
colocas com fartura em nossa mesa.
É um compêndio sem par tua Gramática
Metódica da Língua Portuguesa.

Se ela no preço é moderada, é módica,
é rica, é singular no conteúdo.
As outras são a pinga, a tua, a vodca.

Gramáticas há muitas – não me iludo.
Mas é unicamente na Metódica
que acho sempre a resposta para tudo.

José Nogueira da Costa
Pouso Alegre, MG

TUDO

Gramática da Língua Portuguesa,
que a Flor do Lácio acaricia e embala,
revela-nos com método e clareza,
a maneira escorreita de empregá-la.

Resume no seu âmago a inteireza,
dividida em capítulos, nos fala
de erudição, com rara singeleza;
feliz é o estudioso ao compulsá-la!

Do mestre Napoleão, perene e invicto,
jamais será igualada em seu mister
de inextinguível fôlego inaudito,

é tudo o que o pesquisador requer:
para solver problemas de linguagem,
ou para usar melhor sua roupagem.

Norma de Lourdes R. G. Ribeiro
Campinas, SP

TROCADILHANDO

Na GRAMÁTICA nossa ou na LATINA,
Máxime em genial DICIONÁRIO,
Encontramos lições e comentário:
Num estilo tão fácil que fascina.

Dissertando a matéria que domina,
Ensina, do mais alto ao mais primário
Seriado, com exemplo e com sumário,
As regras dessa bela disciplina.

Longe do circunlóquio trivial,
Mostra ser BOM NA PARTE em seu manual.
Enobrece o magistério com clareza.

Inseriu, no verbete REDAÇÃO,
Dedicando ao Ceará, sem restrição,
Altíssimos encômios com beleza.

João Mendes da Cunha
Campina Grande, PB

Prefácio

Antes de mais nada, importa dizer que ensinar Gramática não é ensinar História Geral. Entre o fato histórico e o fato linguístico muita diferença há de objeto, de método de exposição e, principalmente, de maneira de aprender. O fato histórico é por si completo; o fato linguístico necessita explicação, necessita justificação, necessita exemplos, necessita arguição. O fato histórico impõe-se; a regra gramatical expõe-se. O fato histórico é ouvido, ao passo que no terreno da Gramática os fatos são arguidos, são exemplificados. O fato histórico carece de objeções, quando o gramatical se acompanha de corolários, de notas, de exceções. O fato histórico passa-se, o gramatical explica-se.

Unidade de estudo: A seriação de textos de ensino admite-se em certas disciplinas, mas somos inteiramente contrário a ela no estudo da gramática portuguesa. Gramática não é Geografia, que se estuda sob aspetos diversos, econômico, político, geral, físico, regional, humano. A gramática, ou seja, o texto, o livro de ensino gramatical deve ser estudado integralmente. Resultado da fragmentação do ensino da Gramática em opúsculos ou em partes que tudo encerram menos método é não encontrarmos aluno do segundo ciclo que saiba flexionar um substantivo composto, que saiba positivamente em que consiste um superlativo, um pronome relativo, um verbo defectivo, uma conjunção subordinativa, um período, que saiba distinguir e definir o objeto direto, indicar a diferença entre os pronomes *o* e *lhe*, interpretar um *mo* na frase, conjugar um verbo com segurança, é não encontrarmos estudante que saiba consultar gramática de língua nenhuma, nem da sua própria.

Estudar Gramática não é fazer "paciência de baralho", em que as cartas vêm fora de ordem, e ensiná-la não é propor "quebra-cabeça", em que se dão, misturadas, peças de um jogo que ao fim do curso o aluno vá recompor sozinho, de acordo com um desenho, com um modelo que ele mesmo não entende.

Do próprio movimento das livrarias se consegue comprovação da leviandade do ensino da língua: trinta mil exemplares vendem de uma gramática "elementar" e, do mesmo autor, dez mil da gramática de "curso superior". Sinal de que isso? – Um terço, tão somente um terço de nossos escolares estuda com rigor nosso idioma – supondo-se que a compra de um livro equivalha ao seu estudo.

A Gramática ou se estuda ou não se estuda. O "age quod agis" tem no caso aplicação completa; o estudo da Gramática ou se faz ou não se faz. Se o aluno está estudando o "substantivo", deverá estudar tudo, mas tudo quanto diz respeito a essa classe de palavras, no que se refere à fonética, à morfologia e, quanto possível, à própria sintaxe.

O texto de gramática portuguesa deve ser único e completo, de tal forma que, entregue no primeiro ano ao aluno, este o leve não só até o fim do estudo da disciplina mas até o fim da vida. Isto de "curso elementar" e de "curso superior" em gramática de

nosso idioma é aberração de ensino da língua. É uma extravagância didática, é um contrassenso cultural admitir a existência de um português primário, de outro português secundário, de um português comercial, de outro português normal, de um português para este e de outro português para aquele outro tipo de estudante. De nenhuma forma é necessário aplicar essa vergonhosa exploração comercial no ensino da língua portuguesa para um aluno que é um, o brasileiro, para uma finalidade que é uma, aprender nosso idioma. Em se tratando da língua nossa, não há distinção entre essencial e secundário, entre elementar e superior. Cabe ao professor, de acordo com as necessidades e possibilidades do aluno, saber o que ensinar, como ensinar e quando ensinar, mas tudo é preciso ensinar.

Incrível, mas verdade: De uma feita, na véspera de ler seu discurso num "almoço intelectual", movido não sei por que liberdade liga-nos o telefone um indivíduo que, dizendo-se admirador nosso e não sei mais o quê, sai-se com umas perguntinhas, dentre as quais esta: "O verbo 'reaver' como devo conjugar no subjuntivo presente?" – No dia seguinte estava no jornal o discurso do "almoço intelectual" e aí encontramos, uma a uma, as passagens do telefonema de véspera; só então identificamos o anônimo admirador: valente membro de várias academias e de outras tantas instituições intelectuais, orador, polemista, conferencista de centros espíritas e católicos, uma "sumidade" enfim, umas das maiores "honras" de "nossa literatura".

Vem-nos à mente aquela passagem de Anatole France: A diferença entre o ignorante e o sábio está em andar este tateando, mui medrosa e cautelosamente, as paredes de um quarto escuro, e em andar aquele despreocupadamente, feliz e sem medo, pelo meio da escuridão. Talvez visando a essa felicidade é que não cuidam do sério aprendizado de nosso idioma, para que, despreocupados das regras de gramática, livres das tradições dos bons escritores, possam dizer e escrever, a torto e a direito, o que pensam.

A análise não constitui estudo independente: A análise é fruto do estudo da gramática e não fator de conhecimentos gramaticais. A análise é meio de averiguação da correção de um texto, e como tal é sinônimo de discernimento, de verificação, de comprovação de aplicação do que seguramente se conhece. Corrigirá um texto não quem "estudou análise" – empregando-se aqui a expressão na acepção costumeira, quase materializada – mas quem souber gramática. Quem sabe gramática sabe analisar, quem só estuda análise jamais saberá a contento gramática.

É por não saber analisar que um indivíduo coloca mal um oblíquo, flexiona mal um verbo, pratica um barbarismo? Nada disso: é tão somente por desconhecer as leis do idioma.

Da análise por diagrama que dizer? – Mecanização improfícua e nefasta do raciocínio. Seríamos o primeiro a defender e a propalar a análise por diagrama se trouxesse conhecimentos ao aluno, se evitasse barbarismos crassos de concordância, de regência, de colocação.

Quando se diz que alguém não sabe analisar os termos essenciais da oração, deve-se entender que ele não sabe nada, absolutamente nada, de gramática, e não entender que não fez um estudo especial, particular, de uma parte inexistente da gramática.

Quem sabe gramática sabe analisar, e é o livro de leitura que vai prestar-se para isso comprovar, não deixando de lado o professor nenhuma passagem do autor que tenha relação com o já ensinado ou que sugira a mínima questão já aprendida num compêndio completo e uno.

Num compêndio completo e uno e não... É mais fácil encontrar sólidos conhecimentos de gramática num estrangeiro de nível universitário do que num brasileiro de igual nível; aquele sabe que a gramática é o caminho mais curto e eficiente, este foi ensinado por editoras e pelos seus agentes; aquele tem formação completa, este em prestações de livros seriados e postilas rendilhadas que mal acompanham o estudante até o fim do ano letivo.

O que é necessário é evitar o exagero, o supérfluo, o inútil. A análise sintática de palavra por palavra das que concorrem numa oração ou num período só deve ser feita ou exigida quando realmente necessária a um objetivo didático geral; estar a ensinar em aulas ou a exigir em concursos ou em provas escolares a função sintática de todos os elementos de uma expressão surrada por todos e encontradiça em qualquer bom escritor constitui exagero e inutilidade. Quando necessária ou para o ensino de casos gerais ou para confirmar uma discutida construção ou para esclarecer um erro e evitar a reincidência, é que a análise se impõe. Procedamos como o médico, que só examina o doente quando em curá-lo cuida.

Leituras anotadas: Outro despautério pedagógico no ensino da gramática portuguesa está nos livros de leitura anotados. Justifica-se esse sistema em estudos especializados, mas nunca em estudos por si inteiros. Seria muito engraçado aprender inglês lendo notas, comentários, críticas de trechos de autores ingleses, aprender História Natural lendo o "Eu Sei Tudo", aprender História Geral lendo telegramas de jornais. Como ler não se aprende em gramáticas, tampouco se aprende gramática em livros de leitura. A leitura é suplemento do ensino de gramática, é meio de comprovação e só o professor sabe o que deve ser observado para esta ou aquela classe. Da leitura deve o professor valer-se como meio de recordação das regras ensinadas; "repetita juvant", e no ensino da Gramática as repetições se impõem.

O compêndio: Todas as nossas gramáticas, na ordem em que atualmente vêm expondo as classes de palavras, encerram grave erro de método. Observe-se que todas trazem o pronome antes do verbo, expondo e explicando completamente a primeira classe para depois passar à segunda. Como irá o aluno compreender a função dos pronomes oblíquos se não sabe classificar o verbo quanto à predicação? Como perceberá a diferença entre os pronomes *o* e *lhe*, se desconhece a diferença entre verbo transitivo direto e verbo transitivo indireto? Como compreenderá a função do reflexivo *se*, se ainda não estudou o verbo quanto à voz?

Outra coisa de que nos queixamos é trazerem nossas gramáticas na sintaxe muita coisa que pode ser explanada na própria morfologia. Para que exigir hoje do aluno a definição e a classificação desta ou daquela classe de palavras, para, somente depois de muitas páginas e, conseguintemente, depois de meses ou anos, ensinar-lhe a função e o emprego?

Nomenclatura gramatical brasileira: A gramática do nosso idioma, por força de simples portaria (publicada no Diário Oficial de 11 de maio de 1959), sofreu modificações já na terminologia, já na divisão, já na própria conceituação de fenômenos linguísticos. Tal qual acontecera com a ortografia – que após ter vivido vinte anos ao capricho de portarias e de acordos só por um passe de mágica, dado por interesse comercial muito antes que educacional, veio a tornar-se oficial – a nomenclatura gramatical entrou em cena em nossa terra, num palco em que se viam os mesmos ratos de ministério de outras reformas anteriores. Se assim não foi, considerem-se por ora estes dois fatos:

dois meses antes de publicada no Diário Oficial essa portaria, já se encontravam a venda livros de acordo com ela; da autoria de um dos elementos da comissão elaboradora da reforma, um livro trazia o mesmo título de tradicional gramática, despudoradamente antecedido do adjetivo "moderna".

De tal monta foram esses e outros fatos, que chegamos à triste conclusão de que era uma falsidade o que estava na portaria que designava uns tantos professores para estudo e proposição do projeto: "um dos empecilhos maiores, se não o maior, à eficiência do ensino da língua portuguesa tem residido na complexidade e falta de padronização da nomenclatura gramatical em uso nas escolas e na literatura didática".

Qual o consciente professor de português que ignora repousar, até hoje, no ridículo número de aulas de gramática a verdadeira e fundamental causa da deficiência do seu ensino? Nenhum país culto existe em que o vernáculo não seja ensinado diariamente; na Itália e na Alemanha Ocidental há oito horas semanais de idioma pátrio.

O ter passado o verbo *pôr*, de acordo com a portaria, a considerar-se mera irregularidade da segunda conjugação facilitou ao aluno decorá-lo? Por ter passado a *crase* a ser considerada mera parte de "apêndice" de gramática veio a ser mais compreendida e mais facilmente praticada? Será que por ter passado o condicional a chamar-se *futuro do pretérito* o seu estudo e emprego ficaram facilitados? Por se terem constituído *artigo* e *numeral* classes autônomas ficaram mais bem conhecidos? Por haver passado a gramática a ter apêndice tornou-se mais difundido seu ensino?

Esses e outros fatos levam-nos a concluir que esta foi a finalidade da portaria 36: Malogrados na adoção de seus livros, uns tantos professores engendraram uma rasteira nos autores que os humilhavam.

Louvável é, sem dúvida, tenha um idioma uniformidade de terminologia para todas as partes léxicas e para todas as funções sintáticas, mas é em igual proporção desprezível que isso se faça com desrespeito à tradição e ao bom senso, quando não à própria disciplina. Um fato por nós presenciado corrobora essa opinião.

Num exame oral de latim um rapaz, que demonstrava conhecer muito bem a matéria, viu-se perturbado quando lhe foi pedido o adjetivo verbal de certo verbo que ele já havia mostrado conhecer suficientemente bem; o próprio examinador do exame vestibular estranhou o silêncio, e perguntou-lhe se não conhecia o particípio futuro da voz passiva; após novo silêncio, o examinador pediu o gerundivo, e o rapaz recitou prontamente a forma desejada. Perguntamos: Por não ter nome fixo é que o aluno desconhecia essa forma verbal? Absolutamente não; o erro está em não ensinarem todos os nomes possíveis a qualquer fato gramatical, pois a abundância de denominações só proveito traz à compreensão do fato; saber qual é o gerundivo de certo verbo latino e não saber que essa forma verbal se pode chamar particípio futuro da voz passiva ou adjetivo verbal é não conhecer todas as suas funções.

Afinal, ensino é arte e, pois, depende muito das qualidades do artista.

A despeito disso tudo, enquadramos a "Metódica" na nova terminologia, e ela continuou a merecer a aceitação que a havia colocado em primeiro lugar entre as gramáticas portuguesas impressas assim no Brasil como em Portugal.

Questionários, exercícios, testes e índice analítico: Dissemos no início, no distinguir o fato histórico do linguístico, que o ensino deste necessita arguição. O professor precisa interrogar, pesquisar no aluno o conhecimento e as deficiências. Nem de outra forma poderia ser; se as normas de gramática se acompanham de corolários,

de notas, de observações, de exceções, como inteirar-se o professor do completo estudo e aproveitamento da lição senão arguindo, perguntando, objetando? Daí a necessidade de trazerem as gramáticas questionários e exercícios, auxílio para o professor, incentivo para o aluno. Gramática portuguesa não se ensina fazendo-se discursos, despejando-se egoísmos e despeitos. Todos os alunos devem ter o texto adotado; um lerá uma regra, outro a repetirá com palavras próprias, um terceiro verá o exemplo, aqueloutro o justificará. Não é despejando retórica, não é movimentando cabeça nem membros que o professor deve ensinar gramática. Isto de dizer um professor de português: "Eu ensino, o aluno que estude no livro que quiser" – é a maior confissão de falta de método, de falta de escrúpulo, de falta de seriedade na docência de nosso idioma.

Chamamos aqui a atenção para os títulos que encabeçam todas as páginas de nossa gramática; a simples leitura de qualquer desses títulos, em qualquer das páginas, indicará, racional e minuciosamente, em que ponto da gramática se encontra o estudante. O bom aluno deve saber, quando uma dúvida o assalta, em que parte da gramática procurar-lhe a devida solução, sem perda de tempo no folhear e revirar páginas. A primeira palavra dos títulos que encabeçam as páginas indica uma das grandes partes da gramática; a segunda denota as divisões da primeira; a terceira, as divisões da segunda, e assim por diante.

Reconhecendo, outrossim, de grande utilidade para um livro didático, elaboramos um índice alfabético e analítico. Não é preciso dizer do trabalho que isso nos deu; tudo fizemos para que nossa gramática viesse a animar, o mais possível, a herança que nossos avós nos legaram, estimular o escrupuloso estudo do idioma de nossa terra e estreitar o elo de nacionalidade que a todos nos cinge.

Conclusão: A não ser as observações feitas sob o título "O Compêndio", o que importa não é reformar, mas ensinar, aprender, estudar. Má é a gramática cujas páginas constituem outras tantas prateleiras de vitrina, que expõem mercadorias de toda a procedência, dando ao espectador o trabalho de escolha do melhor artigo. Boa é a gramática que, numa mistura de simplicidade e erudição, expõe com raciocínios simples e termos chãos o que de melhor existe no terreno de nosso idioma; que o apresenta ao aluno como diamante despojado dos cascalhos e impurezas, já lapidado, pronto já para ser usado; que se abstém, quanto possível, de informações históricas, hipóteses e configurações: a tais dados deve recorrer o suficiente para que o aluno perceba a razão de ser do estado atual de nosso idioma.

O professor deve ser guia seguro, muito senhor da língua; se outra for a orientação de ensino, vamos cair na "língua brasileira", refúgio nefasto e confissão nojenta de ignorância do idioma pátrio, recurso vergonhoso de homens de cultura falsa e de falso patriotismo. Conhecer a língua portuguesa não é privilégio de gramáticos, senão dever do brasileiro que preza sua nacionalidade. É erro de consequências imprevisíveis acreditar que só os escritores profissionais têm a obrigação de saber escrever. Saber escrever a própria língua faz parte dos deveres cívicos. A língua é a mais viva expressão da nacionalidade. Como havemos de querer que respeitem a nossa nacionalidade se somos os primeiros a descuidar daquilo que a exprime e representa, o idioma pátrio?

NAPOLEÃO MENDES DE ALMEIDA

Prefácio à 46ª edição (revista e atualizada)

Foi com muita satisfação que aceitei o honroso convite para fazer a atualização da *Gramática metódica da língua portuguesa* à luz do Novo Acordo Ortográfico de 1990, em vigor desde 1º de janeiro de 2009.

Há décadas tenho na *Metódica* a principal referência normativa do nosso idioma e desde há muito considero o inesquecível e brilhante mestre Napoleão Mendes de Almeida como meu "guru" nesses assuntos. Além do mais, admiro-a por ser obra que considero completa, detentora de invejável conteúdo e extenso e utilíssimo índice remissivo. Não é por acaso que, há vários anos, venho-a apontando a todos os que pedem indicação de boa gramática; isso se vem dando, em especial, através das respostas a consultas enviadas à seção "Esclarecimento de dúvidas" da minha página na internet.

Sei da enorme responsabilidade que é escrever algo a ser inserido nesta importante obra, mas creio não decepcionar os editores nem os estudantes que se valem da *Metódica* para embasar-se e aprimorar os conhecimentos da norma gramatical culta do nosso idioma.

O mestre, no último parágrafo do prefácio à edição anterior, faz judiciosas afirmações a respeito da língua, as quais vale a pena retomar. Diz ele ali que "A língua é a mais viva expressão da nacionalidade. Como havemos de querer que respeitem a nossa nacionalidade se somos os primeiros a descuidar daquilo que a exprime e representa, o idioma pátrio?". Está coberto de razão.

A língua portuguesa é o mais legítimo veículo de expressão da cultura brasileira. Trazida para estas terras nos albores da colonização, já no início foi algo diversa, uma vez que os colonos provinham de diferentes partes de Portugal. Aqui encontrou o substrato indígena, mais particularmente tupi-guarani, e, menos de um século depois, recebeu o influxo das línguas africanas, em especial as do grupo banto. Por conta de sua sofisticada teogonia, a influência iorubá, da Nigéria, também se fez presente no nosso léxico.

Por todos esses fatores, a variedade brasileira do português não poderia deixar de diferenciar-se da lusitana. Acresce ainda que a periferia linguística, com relação ao centro irradiador, tende a ser mais conservadora e isso se observa perfeitamente aqui. É fácil exemplificar certos aspectos arcaicos do português brasileiro com relação ao de Portugal, especialmente o de Lisboa, como o emprego do gerúndio, entre outros.

O português, tal qual é utilizado no Brasil, expressa então, como nenhum outro código verbal, nossa visão cósmica e o modo peculiar de recortar o universo. As diferenças mais marcantes entre nossa língua e a de Portugal – fonéticas e lexicais – são superficiais se considerarmos a sintaxe e, em menor grau, a morfologia como o âmago do idioma. Neste particular, são muito pequenas as diferenças.

Desse modo, consideramos equivocadas as posições de certos estudiosos, mormente no campo da Linguística, que garantem por aqui já falarmos o "brasileiro". Antes da última reforma ortográfica, com relação à linguagem, só um ou outro vocábulo denunciavam a procedência lusa de algum texto escrito. Agora, então, fica ainda mais difícil de diferenciar as páginas de um livro brasileiro das de um português. Língua brasileira?! Talvez em futuro distante, quem sabe?

Assim, esta tradicional gramática continua a prestar relevante serviço ao ensino da língua portuguesa, tanto nas escolas como nas leituras individuais. Esta edição está conforme os dispositivos do Acordo Ortográfico de 1990 e os leitores podem ficar tranquilos (sem trema) de que estudam em material atualizado.

Estão de parabéns, pois, o corpo editorial da Saraiva e os usuários da *Gramática metódica da língua portuguesa* por mais uma edição. Ela vem enriquecer o universo bibliográfico brasileiro e o das outras partes do mundo lusófono que têm o privilégio, como os nacionais, de usufruir de seu rico e bem elaborado conteúdo.

PAULO HERNANDES

Gramáticos, dicionaristas e professores consultados:

Adolfo Coelho
Álvaro Guerra
Aulete
Botelho de Amaral
Pe. Caetano Oricchio S. J.
Cândido de Figueiredo
Carlos Góis
Carlos Pereira
Carneiro Ribeiro
Domingos Vieira
Côn. F. M. Bueno de Sequeira
Fernando V. Peixoto da Fonseca
Francisco Fernandes
Frederico Diez
Gonçalves Viana
Hênio Tavares
J. J. Nunes
João Ribeiro
José Labriola
D. José Rodrigues de Sousa
Júlio Ribeiro
Leite de Vasconcelos
Pe. Luís Garcia de Oliveira, Salesiano
M. Daltro Santos
M. Rodrigues Lapa
Mário Barreto
Mário Casasanta
Marques da Cruz
Max Müller
Otelo Reis
Otoniel Mota
Pe. Pedro Adrião
Rui Barbosa
Said Ali
Sandoval de Figueiredo
Scarpin Angelo Zini
Soares Barbosa
Fr. Telésforo do Menino Jesus O.C.D.

Abreviaturas que se verão nestas páginas:

§ – parágrafo
+ – mais (indica reunião)
= – igual a, o mesmo que
ac. – acusativo
adj. – adjetivo
adv. – advérbio
ár. – árabe
cf. – confira, confronte
D. QVs – *Dicionário de Questões Vernáculas*
dir. – direto
ex. – exemplo
exs. – exemplos
exc. – exceção
excs. – exceções
fr. – francês
fut. – futuro
gr. – grego
imp. – imperfeito
ind. – indicativo – indireto
lat. – latim *ou* latino
L. – lição
m.q. – mesmo que
mod. – modifica
n. – nota
NGB – Nomenclatura Gramatical Brasileira
obj. – objeto
obs. – observação
obss. – observações
p. – pessoa
p. ex. – por exemplo
p, p. – pret. perf.; part. passado
part. – particípio
pass. – passado
perf. – perfeito
pl. – plural
port. – português
pr. – pronominal
pref. – prefixo
prep. – preposição
pres. – presente
pret. – pretérito
q. – que
qto. – quanto
QVs – Questões Vernáculas
rar. – raramente
sing. – singular
ss. – seguintes
suf. – sufixo
V. – Veja (*)
v. – verbo
v. intr. – verbo intransitivo
v. pron. – verbo pronominal
v. tr. – verbo transitivo

Além dessas, outras abreviaturas se encontrarão facilmente compreensíveis.

ACENTOS

Com toda a paciência, e principalmente com todo o empenho de esclarecer o assunto, pusemo-nos a enfeixar todas as regras vigentes sobre a acentuação dos nossos vocábulos para expô-las de maneira diferente da apresentada em formulários oficiais e em decretos; em vez de, como fazem esses documentos, enumerar os possíveis grupos de palavras para depois dizer que acento lhes cabe, procedemos de forma contrária: damos os acentos de um em um para depois dizer a que grupos vocabulares se aplicam e fazemo-los seguir, entre parênteses, da regra do Formulário Ortográfico ou de algum decreto posterior. Quando a norma apontada incluir-se nas modificações introduzidas pelo Acordo Ortográfico de 1990, vigentes a partir de 1º. de janeiro de 2009, será assinalada por asterisco. É mais didática essa exposição; pelo menos, foi o que confessaram alunos dos nossos cursos por correspondência.

Agudo

A – Usa-se o acento agudo:

1 – no **a**, **e**, **o** abertos, seguidos ou não de **s**, dos monossílabos tônicos e dos oxítonos (43, 1ª): *pá, pás, há, hás, ás* (carta de jogar; aviador notável), *cajá, cajás, pé, pés, café, cafés, chaminé, chaminés, só, sós, avó, avós*;

2 – nos oxítonos terminados em qualquer vogal, seguida ou não de **s**, sempre que antes dela venha outra vogal da qual se distinga na pronúncia, ou seja, com a qual não forme sílaba: *juá, juás, tié, tiés, Macaé, aí, caí, caís, Tatuí, moí, Cambuí, cambuís, contribuí, jaó, jaós, baú, baús, contraí-la, distribuí-lo, Piauí* (43, 4ª);

3 – nos oxítonos terminados em **em** ou **ens**: *alguém, também, convém, convéns, parabéns, detém, detém-lo, detém-no* (43, 7ª);

4 – nas vogais **a**, **e** quando, abertas e tônicas em formas verbais, vêm seguidas de hífen: *dá-lo, dá-lo-ia, trá-lo-á, qué-lo* (43, 1ª, obs.);

5 – em paroxítonos terminados em:

a) **l**, **n**, **r**, **x**: *amável, hífen, açúcar, tórax* (43, 8ª);

b) ditongo oral: *fósseis, faríeis, púnheis, pusésseis, úteis, jóquei* (43, 9ª);

c) **i**, **u**, **is**, **us**: *júri, táxi, íris, lápis, miosótis, táxis, lótus* (43, 3ª – O Formulário Ortográfico não dá exemplo de paroxítono terminado em **u**);

d) **um**, **uns** que tenham por tônica **a**, **e**, **o** abertos ou **i**, **u**: *álbum, álbuns, fórum, fóruns* (43, 3ª, obs. 1);

e) **ã**, **ão**, **ãs**, **ãos**: *órfã, acórdão, gólfão, orégão, órfão, órgão, órfãs, acórdãos, órgãos* (11ª, obs.);

6 – no **i** e no **u** tônicos que formem hiato com a vogal anterior: *baía, cafeína, caí, caída, caís, construíram, contraí-la, distribuí-lo, faísca, heroína, juízo, moído, país, ruído, ruíram, saía, balaústre, conteúdo, reúne, saúde, saúva, viúvo* (43, 4ª);

7 – no **a** e **i** tônicos de algumas formas do presente do indicativo, do presente do subjuntivo e do imperativo dos verbos terminados em **guar**, **quar** e **quir**: *enxágua, águe, apazígua, oblíque, delínque*;

Nota: Se, por outro lado, o **u** é que for tônico, não haverá acento gráfico: aguo, apaziguo, enxaguo, obliquo, delinquo etc. Isso se deve à variação de pronúncia de tais verbos (* base X, parágrafo 7º);

8 – nos proparoxítonos, ainda que terminem em ditongo crescente (43, 2ª obs.), que tenham por tônica as vogais abertas **a**, **e**, **o** ou **i**, **u**: *árabe, área, cálculo, mágoa, vácuo, aéreo, crédito, fizéssemos, límpido, lírio, louvaríamos, oblíquo, imundície, inócuo, Gólgota, gótico, público, último* (43, 2ª);

9 – nos ditongos abertos **éi**, **éu**, **ói** dos monossílabos tônicos e oxítonos: *réis, anéis, bacharéis, céu, chapéu, troféu, troféus, mói, sóis, anzóis, herói, heróis* (43, 6ª);

10 – se na abreviatura aparece a sílaba acentuada da palavra, o acento permanece: *pág. (página).*

B – Não se usa o acento agudo:

1 – nos monossílabos nem nos oxítonos terminados nas vogais **i**, **u**, quando puras, ou seja, quando orais e desacompanhadas de outra vogal, seguidas ou não de **s**: *mi, quis, caqui, consegui, Mandaqui, Parati, parti-lo, rami, mu, mus, tu, Botucatu, Caramuru, hindu, hindus, pu-lo, tatu* (o **u** do *aqui, caqui, quis, consegui* etc. faz parte do **g** ou do **q** que o antecede, ou seja, constitui dígrafo; dito de outro modo, o **i** forma com o **gu** ou **qu** dessas palavras uma única sílaba; esta regra negativa está implícita na 43, 1ª);

2 – quando à palavra em que ele ocorre é acrescentado o sufixo adverbial **mente** ou sufixo que seja precedido da consoante **z**: *amigavelmente, somente, voluvelmente, avozinha, opusculozinho, pazinha, pezinho, sozinho* (Lei nº 5765, de 18-12-1971);

3 – no **i** e no **u** quando, precedidos de vogal que com eles não forma ditongo, são seguidos de **l, m, n, r** ou **z** que não iniciam sílabas e, ainda, de **nh**: *adail, paul, ruim, contribuinte, demiurgo, retribuirdes, juiz, tainha, ventoinha* (43, 4ª, obs. 1);

4 – no **i** e no **u** tônicos dos ditongos decrescentes **iu, ui** quando precedidos de vogal: *atraiu, contribuiu, pauis* (43, 4ª, obs. 2). Entretanto, o mesmo ocorre se o ditongo é antecedido de consoante: *feriu, geriu, fui, Rui*;

5 – no **u** tônico de algumas formas do presente do indicativo, do presente do subjuntivo e do imperativo dos verbos terminados em **guar, quar** e **quir**: *aguo, apaziguа, enxagua, averigue, obliquo, delinquo etc.* (* base X, parágrafo 7º, conforme já vimos na nota do item A-7);

Nota: Também não se usa o acento agudo no **u** tônico das formas (tu) *arguis*, (ele) *argui*, (eles) *arguem*, do presente do indicativo do verbo **arguir**, e de (tu) *redarguis*, (ele) *redargui*, (eles) *redarguem*, flexões correspondentes do verbo **redarguir**. O mesmo vale para (tu) *argui* e (tu) *redargui*, do imperativo (* base X, parágrafo 7);

6 – no **i** e **u** tônicos seguidos de vogal em hiato: *pia, pie, riem, rio, pua, recues, sua, sue*;

7 – na terminação **amos** do pretérito perfeito do indicativo dos verbos da primeira conjugação: *amamos, cantamos* (15ª, obs.; a pronúncia aberta dessa terminação verbal é injustificável no Brasil; V. § 433, n. 1; V. *amamos* no D. QVs.). É bom lembrar, porém, que o Acordo Ortográfico de 1990 (base IX, parágrafo 4º) admite, facultativamente, a acentuação em formas como *amámos* e *cantámos* para, em certas variantes do português, distingui-las das correspondentes formas do presen-

te do indicativo (*amamos*, *cantamos*), já que o timbre da vogal tônica é aberto naqueles casos;

8 – nos prefixos paroxítonos terminados em **r**: *inter-helênico*, *super-homem* (43, 8ª., obs.);

9 – nos prefixos paroxítonos terminados em **i**: *arqui-inimigo*, *arquissecular* (43, 3ª., obs. 2ª.);

10 – nos paroxítonos terminados em **ens**: *hifens*, *imagens*, *itens*, *jovens*, *nuvens* (43, 7ª., obs. 1); (V. *Líquen* no D. QVs);

11 – nos paroxítonos terminados em **em**: *contem* (do v. *contar*), *imagem*, *jovem*, *nuvem*, *provem* (do verbo *provar*), *somem* (dos verbos *sumir* e *somar*) – (por exclusão da 43, 7ª.);

12 – nos monossílabos em **em**: *tem*, *quem*, *trem* (por exclusão da 43, 7ª.);

13 – nos monossílabos e nos oxítonos terminados em **l**, **r**, **x**: *mel*, *mor*, *sax*, *revel*, *esmoler*, *antrax*;

14 – nos paroxítonos em que as vogais tônicas **a**, **e**, **o** formam ou não ditongo com a vogal anterior: *quase*, *seriguela*, *aquoso*, *feijoada*, *moeda*, *empreendo*, *Mooca*, *coorte*;

15 – nas formas verbais oxítonas terminadas em **i**, **u** precedidos de consoante, quer seguidas quer não de hífen: *transmiti*, *transmiti-lo*, *repu-lo*;

16 – na vogal tônica dos ditongos abertos **ei** e **oi** dos paroxítonos: *assembleia*, *estreia*, *ideia*, *apoio* (flexão do verbo *apoiar*), *heroico*, *joia* (* base IX, parágrafo 3º.);

17 – no **i** e no **u** tônicos precedidos de ditongo nos paroxítonos: *cauila*, *cauira*, *baiuca*, *bocaiuva*, *feiura* (* base X, parágrafo 4º.);

18 – nas seguintes palavras, anteriormente acentuadas para distingui-las de homônimas homógrafas: *para* (flexão do verbo *parar*), *pelo* (flexão do verbo *pelar*), *pela(s)* (substantivo e verbo *pelar*), *polo(s)* (subst., ex.: *polo* norte, *polo* sul) (* base IX, parágrafo 9º.).

C – Artimanhas:

Para estar de acordo com o Formulário Ortográfico, somos obrigados a

1 – escrever *juiz* sem acento (cf. B-3, retro) e *juízo* com acento (A-6);

2 – acentuar *hífen* no singular (cf. A-5, a) e a não pôr acento no plural, *hifens* (B-10).

Circunflexo

A – Usa-se o acento circunflexo:

1 – nos monossílabos tônicos e oxítonos terminados em **e** ou **o** fechados, seguidos ou não de **s** (Formulário Ortográfico de 1943, 43, regra 1ª): *crê, crês, dê, dês, lê, lês, vê, vês, pôs, marquês, português, você, avô*;

2 – em formas verbais que perdem as letras finais **r, s, z** e são seguidas do pronome **lo** (43, 1ª, obs.): *movê-los, revê-los, pô-la, fê-lo*;

3 – em formas verbais com pronomes enclíticos ou mesoclíticos (43, 1ª, obs.): *descrevê-lo, dê-se-lhe, repô-lo-eis*;

4 – nos proparoxítonos em cuja sílaba tônica figura vogal fechada ou seguida de **m** ou **n** (43, 2ª): *devêssemos, fôlego, pêssego, binômio, lâmina, quilômetro, espontâneo, mônadas, tênue*;

5 – nos paroxítonos terminados em **i** ou **u**, seguidos ou não de **s**, em que figura vogal tônica fechada ou seguida de **m** ou **n** (43, 3ª): *dândi, tênis, bônus, Vênus*;

6 – nos paroxítonos terminados em **l, n, r** ou **x** em que figura vogal tônica fechada ou seguida de **m** ou **n** (43, 8ª): *pênsil, têxtil, cânon, sêmen, aljôfar, âmbar, fênix, ônix*;

7 – na vogal tônica fechada dos paroxítonos acabados em ditongo oral (43, 9ª): *escrevêsseis, fôsseis*;

8 – no **e** da terceira pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos **ter**, **vir** e seus compostos (43, 7ª, obs. 2): eles *têm*, eles *contêm*, eles *vêm*, eles *convêm*;

9 – nos paroxítonos que tenham til na última sílaba e a vogal tônica fechada (43, 11ª, obs.): *bênção, zângão*;

10 – em algumas palavras tônicas, de uma ou mais sílabas, para distingui-las de palavras átonas de igual grafia (43, 14ª, obs.): **quê** (substantivo, interjeição ou pronome no fim de frase), para distinguir de *que* (pronome quando não vem no fim da frase, advérbio, conjunção ou partícula expletiva); **porquê** (substantivo ou no fim de frase), para distinguir de *porque* (conjunção); **pôr** (verbo) para distinguir de *por* (preposição);

11 – em **pôde**, terceira pessoa do sing. do pret. perfeito de *poder* (Lei nº 5765, de 18-12-1971), que assim se distingue da correspondente forma do presente do indicativo (*pode*);

12 – se na abreviatura aparece a sílaba acentuada da palavra: *côn.* (*cônego*);

13 – na palavra **fôrma** para distingui-la de **forma** (substantivo e flexão do verbo *formar*). Ressalve-se que este uso do acento é facultativo: emprega-se quando necessário, em benefício da clareza (* base IX, parágrafo 6º, b).

B – Não se usa o acento circunflexo:

1 – nas letras **e** e **o** quando representam as vogais tônicas fechadas de homógrafos: *aquele*, *colher*, *colheres*, *ele*, *Rebelo*, *almoço*, *lobo*, *toda* (Lei nº 5765, de 18-12-1971);

2 – quando à palavra em que ele ocorre for acrescentado o sufixo adverbial **mente** ou sufixo precedido da consoante **z**: *comodamente*, *cortesmente*, *pessegozinho*, *vovozinho* (Lei nº 5765, de 18-12-1971);

3 – nos prefixos e elementos prefixados paroxítonos acabados em **i**: *onipresente*, *semi-histórico* (43, 3ª, 2ª obs.);

4 – nos oxítonos terminados em consoante, exceto **s**: *arroz*, *desfez*, *gravidez*, *lazer*;

5 – no **o** tônico fechado dos paroxítonos seguido de vogal: *voa*, *roam*, *coe*.

Nota: Isso inclui o primeiro **o** do hiato **oo**, seguido ou não de **s**: *abençoo*, *enjoo*, *enjoos*, *perdoo*, *voo*, *voos* (* base IX, parágrafo 8º);

6 – no hiato **ee** de formas verbais no plural: *creem*, *deem*, *leem*, *veem* (verbo *ver*) (* base IX, parágrafo 7º);

7 – em substantivos anteriormente acentuados para distingui-los de outras palavras: *pelo(s)*, *pera*, *polo(s)* (* base IX, parágrafo 9º);

8 – no primeiro **o** fechado e tônico do grupo **oio**: *apoio* (subst.), *arroio*, *tamoio*;

9 – nos paroxítonos que sejam plurais de oxítonos em **ês**: *marqueses* (pl. de *marquês*), *meses* (pl. de *mês*); *portugueses* (pl. de *português*), *reses* (pl. de *rês*).

Grave

A – Usa-se o acento grave:

1 – para assinalar a contração da preposição **a** com o artigo ou pronome **a(as)** e com os pronomes **aquele**, **aquela**, **aqueloutro**, **aqueloutra** (e seus plurais), **aquilo**, que se escreverão assim: *à*, *às*, *àquele*, *àquela*, *àqueles*, *àquelas*, *àqueloutro*, *àqueloutra*, *àqueloutros*, *àqueloutras*, *àquilo* (43, 16ª);

2 – em certas locuções no singular – para evitar ambiguidade – e no plural: *recebeu à bala*, *estudar à distância*, *às claras*, *às mil maravilhas*. (Ver também o § 535.)

B – Não se usa o acento grave:

para marcar a sílaba pretônica dos advérbios em **mente** e dos derivados em que figuram sufixos precedidos do infixo **z**: *indelevelmente, somente, terrivelmente, voluvelmente, avozinha, cafezeiro, cafezinho, faiscazinha, opusculozinho, sozinho, voluntariozinho* (Lei nº 5765, de 18-12-1971).

Til

A – Usa-se o til:

1 – como acento indicativo de tonicidade toda a vez que a vogal tônica for nasal: *afã, capitães, cidadão, cidadãos, pão, pães, rã, talismã, corações, põe, põem* (43, 11ª);

2 – para indicar som nasal nas sílabas átonas; neste caso, a tônica trará o sinal diacrítico correspondente ao som: *acórdão, órfã, órfão, bênção* (43, 11ª, obs.);

3 – na primeira vogal nasal de advérbios em **mente** e em derivados em que figuram sufixos precedidos do infixo **z**: *chãmente, cristãmente, irmãzinha, leõezinhos, mãozada, romãzeira* (43, 13ª).

B – Omissão:

O Formulário Ortográfico de 1943 – da mesma forma que o Acordo Ortográfico de 1990 – omite outro caso, não previsto no item 3 retro, em que também é subtônica a sílaba em que ocorre a nasalização, ou seja, em que a sílaba tônica vem igualmente depois de outra de som nasal. Como escrever o adjetivo pátrio de quem nasce em Ibiporã? *Ibiporãense* é a única grafia possível, mas não é prevista nem na 11ª regra, nem na sua observação, nem na 13ª.

Reformas ortográficas

INFANDUM, REGINA, JUBES RENOVARE DOLOREM (*Virgílio, Eneida, livro II, v. 3*): *Ó rainha, tu mandas que eu renove indizível dor.* Palavras da narração que Eneias começa a fazer a Dido, rainha de Cartago, das suas desgraças e da destruição de Troia. Conta Larousse que o padre jesuíta Arnoud, estando a pregar a Paixão na Notre-Dame, viu entrar a rainha Maria de Medici e, obrigado pelo uso a recomeçar o sermão, dirigiu-lhe o célebre verso de Virgílio. Segundo diz Fumagalli, o mesmo fez o padre Faure, capuchinho (que depois foi bispo de Amiens), que, pregando a Paixão em St. Germain-l'Auxerrois, inclinou-se ao entrar a rainha, recitou o verso de Virgílio e recomeçou o sermão.

Provocam-nos essa lamúria as reiteradas reformas ortográficas que vimos sofrendo, partidas de brasileiros que agem ora *motu proprio*, ora em conluio com agentes de Portugal. São reformas de curta duração, que transformaram a ortografia da língua portuguesa no Brasil em verdadeiro artigo de comércio. Desse verso de Virgílio lembramo-nos sempre que um retardatário ministro de estado surge a perturbar o ensino do idioma com medidas que obrigam alunos, professores e pais a recomeçar o embaraçoso e complicado trabalho de enfeitar nossas palavras ora tirando velhos, ora acrescentando novos adornos.

Trecho de carta enviada em 12 de janeiro de 1973 por D. Josefina Iná de Oliveira Siqueira, de Jataí, Goiás, que terminou o curso de Português por correspondência em fins de 1967:

> *"Até hoje tenho pelo senhor, por tudo o que recebi através do seu curso, eterna gratidão; prestei concurso de ingresso no magistério e passei; estou lecionando português desde a 3ª série ginasial até o 3º ano normal, trabalhando sem temor, pois adquiri segurança na matéria fazendo o seu curso, que me tem protegido constantemente em minhas aulas. Muitos me têm perguntado onde e com quem estudei português, e orgulhosamente respondo que foi com o Prof. Napoleão Mendes de Almeida, não deixando, é claro, de dizer que seu curso é eficientíssimo e sua gramática uma das melhores do Brasil.*
>
> *Não vacilo em afirmar que o senhor tem prestado uma contribuição enorme ao Brasil, conferindo, a quantos queiram, conhecimento melhor do nosso idioma. Pena é que muita gente deixa escapar tão rara oportunidade de aperfeiçoar seus conhecimentos linguísticos; de minha parte sinto-me feliz, embora saiba que devo continuar estudando se quiser conservar o que aprendi e adquirir novos conhecimentos".*

CAPÍTULO 1

LINGUAGEM

1 – Como todos os outros animais, nós agimos; mas, a diferença deles, manifestamos e externamos nossa ação, mediante o dom que nos é próprio, a **linguagem**, que outra coisa não é senão a propriedade que temos de, por meio de *palavras*, comunicar-nos entre nós, exteriorizando o nosso pensamento, relatando fatos e coisas internas ou externas, acontecidas ou ainda por acontecer.

2 – Esse meio de comunicação poderá ser feito com simples sons orais, com sinais, com arranjos convencionais, gestos, disposição dos objetos que nos cercam; teremos, então, além da linguagem por meio de sons orais, que se denomina *linguagem* **falada** ou *glótica*, a *linguagem* **mímica**, feita por gestos, e a *linguagem* **escrita** ou *gráfica*, feita por sinais, marcas, gravações, arranjos etc.

3 – **Palavra** é, pois, a parte de que se compõe a linguagem, e pode ser constituída por um simples som ou pela combinação de sons, ou, ainda, pela representação desses mesmos sons. A linguagem indica o pensamento; as palavras, como partes que são da linguagem, indicam as partes do pensamento, ou seja, as ideias.

4 – Conquanto constitua a linguagem dom comum de todos os homens, nem todos eles se comunicam pelas mesmas palavras. O conjunto de palavras, ou melhor, a linguagem própria de um povo chama-se **língua** ou **idioma**.

Nota: *Vernáculo*, como substantivo, designa "idioma próprio de um país"; como adjetivo, o que se relaciona com esse idioma. Se, falando em latim, dizemos "vocabula vernacula", referimo-nos aos vocábulos latinos; falando agora em português "vocábulos vernáculos", especificamos os vocábulos do nosso idioma.

5 – Pode a língua ser *viva*, *morta* e *extinta*.

6 – **Língua viva** é a atualmente falada por um povo ou tribo. Assim, são *línguas vivas* o *português*, o *francês*, o *italiano* etc.

7 – Chama-se **língua morta** a que já não é usada por nenhum povo ou tribo, mas sobrevive em documentos. São exemplos de línguas mortas o *latim* (língua primitivamente falada pelos latinos, habitantes do *Lácio*, que tinha por capital Roma), o *sânscrito* (língua clássica da Índia).

8 – **Língua extinta** diz-se a que não é falada nem deixou provas de sua existência. Tal se chama a língua dos etruscos, a dos celtas e a dos primitivos habitantes da terra. Sabemos que tais línguas existiram porque alguma língua devem ter falado esses povos.

Nota: **Língua artificial** é chamada a de nascimento forçado, calculado, como o *esperanto*, a *interlíngua* (muito empregada em revistas médicas internacionais), a *ocidental*, o *volapuque*, o *ido*, o *arulo*, o *ro* e outras, criadas com a pretensão de se tornarem internacionais. Língua não é artigo de fabricação, senão, quer culta, quer bárbara, o reflexo da formação, da história de um povo.

9 – A palavra, como representação material, isto é, como som ou aparência gráfica, chama-se **vocábulo**. Como índice da ideia que ela encerra, chama-se **termo**. Por isso é que se diz: "Falar em bom *termo*" e não: "Falar em bom *vocábulo*", da mesma maneira que não se diz: "Pronunciar bem um *termo*", mas: "Pronunciar bem um *vocábulo*" (ou *palavra*).

A palavra, pois, apresenta dois aspectos: um externo (número de sílabas, acentuação, forma gráfica etc.), outro interno, isto é, o conteúdo, a ideia, o sentido.

10 – A reunião de vocábulos forma o **vocabulário**; quando dispostos os vocábulos em ordem alfabética e acompanhados de suas significações, tal reunião é denominada **dicionário** ou **léxico**.

11 – Se a reunião de vocábulos forma o **vocabulário**, a reunião de termos, isto é, de palavras enquanto expressam uma ideia, forma a **frase** ou *locução*, que virá a ser a expressão do pensamento. A frase constitui, pois, o elemento fundamental da linguagem.

O livro de Pedro – Os grandes olhos de Maria – são *frases*, porquanto constituem reunião de termos ou ideias, sem nada afirmar nem negar.

12 – Se a frase encerrar uma declaração, isto é, se afirmar ou negar alguma coisa, ela passará a chamar-se **oração**. Exs.: *O livro de Pedro é grande – Os grandes olhos de Maria fecharam-se*.

Gramática

13 – Denomina-se **gramática** a reunião ou exposição metódica dos fatos de uma língua.

Da mesma maneira que a música possui sua *artinha*, ou seja, o conjunto de princípios, normas, ensinamentos e regras concernentes a essa arte, também as línguas possuem cada uma a sua *gramática*, isto é, o conjunto de todas as normas para o seu perfeito uso.

14 – Quando tal estudo abrange, simultaneamente, diversas línguas congêneres, isto é, filiadas à mesma origem e, portanto, semelhantes, ele constitui o que se denomina **gramática geral** (ou **comparativa**). Desta espécie é a *Gramática das Línguas Românicas* de Frederico Diez (pronuncie *Dits*).

15 – Se a gramática visar apenas aos fatos de uma língua particular, ela será **gramática particular**, que passará a chamar-se *portuguesa*, *francesa*, *inglesa* etc., conforme a língua particular que estudar.

16 – A gramática particular tem um fundo de generalidade no que concerne à lógica, mas se preocupa essencialmente dos fatos peculiares de determinada língua, estudando-lhe os fatos particulares, o método e as regras apropriadas para o seu perfeito uso.

17 – A gramática particular pode ocupar-se exclusivamente da origem de uma língua e dos processos de sua formação e se chamará **gramática histórica**.

18 – Se, porém, visar aos fatos atuais de uma língua, mostrando e ensinando as regras vigentes para o seu perfeito manuseio, sem cogitar da sua formação, ela será **gramática expositiva**.

19 – Esta última, isto é, a *gramática expositiva*, que também se chama *normativa*, *descritiva* ou *prática*, é a que vamos estudar com relação à nossa língua, não deixando de ver, na *Etimologia* (§ 610 e ss.), os principais fatos operados na passagem do latim para o português.

Divisão da Gramática

20 – Três são as grandes partes da gramática:

Fonética
Morfologia
Sintaxe

21 – Fonética (do gr. *phoné* = *som*) é a parte da gramática que estuda os vários sons ou fonemas linguísticos.

22 – Morfologia (gr. *morphê* = figura + *logia* = estudo) é a parte que estuda a palavra em si, quer no *elemento material*, isto é, quanto à forma, quer no *elemento imaterial*, ou seja, quanto à ideia que ela encerra.

23 – Sintaxe (do gr. *syntáxis* = arranjo) é a parte que estuda a palavra não em si, mas com relação às outras que com ela se unem para exprimir o pensamento.

Se a *fonética* e a *morfologia* estudam a *palavra*, a *sintaxe* estuda a *frase*, quer completa quer incompleta.

24 – Daí a diferença entre *análise fonética*, *análise morfológica* e *análise sintática*.

Análise fonética é a que considera a palavra quanto ao som.

Análise morfológica é a que considera a palavra em si (classe de palavras, flexão, elementos mórficos, terminação, grafia etc.).

Análise sintática é a que considera a palavra com relação às outras que se acham na mesma oração.

Nota: Em certos programas de ensino ou de concursos pede-se erradamente *análise gramatical* para contrastar com *análise sintática*. *Análise gramatical*, com tal sentido, é expressão técnica da língua francesa.

Questionário

1. Que é *linguagem*?
2. Quantas e quais as suas *espécies*?
3. Que é *palavra*?
4. Qual a diferença entre *linguagem* e *língua*?
5. Que é *língua viva*?
6. Que é *língua morta*?
7. Que é *língua extinta*?
8. Qual a diferença entre *vocábulo* e *termo*?
9. Qual a diferença entre *vocabulário* e *dicionário*?
10. Qual a diferença entre *frase* e *oração*? Exemplos.
11. Que é *gramática*?
12. Quantas *espécies* existem de gramáticas? – Definir cada espécie.
13. Quais as partes em que se divide a gramática? – Definir cada uma delas.
14. Que é *análise fonética*?
15. Que é *análise morfológica*?
16. Que é *análise sintática*?

CAPÍTULO 2

FONÉTICA

25 – A *fonética* (definição: § 21) pode ser *descritiva*, *histórica* e *sintática*.

26 – A fonética é **descritiva** quando estuda os sons d a voz humana no seu *processo* de formação. Exemplo: **ver** constitui-se de uma consoante constritiva, fricativa, sonora, oral, labiodental, de uma vogal fechada, oral (§§ 43, 44) e de uma consoante constritiva, vibrante, sonora, oral, alveolar (§ 59).

27 – A fonética passa a chamar-se **histórica** quando estuda os sons da voz humana na sua *transformação* através dos tempos. Exemplo: **ver** provém do latim **videre** (§ 66).

28 – A fonética é **sintática** quando estuda os fenômenos fonéticos operados nos encontros vocabulares. Exemplo: **vê-lo** provém do encontro **ver+o** (§ 825).

Fonemas

29 – Os sons elementares, isto é, os sons fundamentais da voz humana denominam-se **fonemas**, que se classificam em:

vogais
consoantes
semivogais

30 – Quando representados por escrito, os fonemas denominam-se **letras**.

31 – *Vinte e seis* são as letras usadas em português; o seu conjunto sistematizado denomina-se *alfabeto*[1].

32 – As letras classificam-se, quanto à *forma*, em *maiúsculas* e *minúsculas*; quanto à *natureza*, em *vogais* e *consoantes*.

Maiúsculas	*Minúsculas*	*Nomes*
A	a	á
B	b	bê
C	c	cê
D	d	dê
E	e	é
F	f	éfe
G	g	gê
H	h	agá
I	i	i
J	j	jóta
K	k	cá
L	l	éle
M	m	ême
N	n	êne
O	o	ó
P	p	pê
Q	q	quê
R	r	érre
S	s	ésse
T	t	tê
U	u	u
V	v	vê
W	w	dáblio
X	x	xis
Y	y	ípsilon
Z	z	zê

33 – **Vogais** são as letras que se pronunciam sem auxílio de outra letra: *a*, *e*, *i*, *o*, *u*.

Nota: As vogais *e* e *o*, quando isoladamente citadas, devem ser pronunciadas com som aberto. Não se diz: "Esse *ô* é acentuado", "Esta palavra escreve-se com *ô*", – mas sim: "Esse *ó* é acentuado", "Esta palavra escreve-se com *ó*". O mesmo procedimento devemos ter com a vogal *e*.

34 – **Consoantes** (*com* = junto; *soante* = que soa) são as letras que só podem soar com auxílio de uma vogal.

---

(1) A palavra *alfabeto* provém da reunião dos elementos gregos *alfa* e *beta*, nomes das duas primeiras letras desse idioma. *Abecedário* é tirado das três primeiras letras latinas – *a*, *b*, *c* – e significa *alfabeto*.

Foram oficialmente reintroduzidas no alfabeto português (* base I, parágrafos 1º e 2º) as letras *k* (*cá* ou *capa*), *w* (*dábliu*, *dabliú* ou *dáblio*) e *y* (*ípsilon*, *ipsílon*, *hipsilo* ou *hipsilão*), que são usadas somente em casos especiais, como em antropônimos (nomes de pessoas), topônimos (nomes de lugares), siglas, símbolos e abreviaturas. A pronúncia corrente no Brasil dessa última letra é "ípsilon", com o primeiro "i" tônico.

Nota: O nome das letras nem sempre corresponde ao fonema, isto é, ao som que elas representam; o *m* chama-se *ême*, mas soa *me* (médico); unicamente nas vogais (*a, e, i, o, u*) é que o nome corresponde ao som.

35 – Semivogais chamavam-se o "i" e o "u" por partilharem da natureza a um tempo das vogais e das consoantes. De acordo com a posição que ocupavam, conservavam-se imutáveis ou se transformavam, passando o "i" a "j", o "u" a "v", o que não quer dizer que todo o "j" correspondesse a "i", que todo o "v" correspondesse a "u". Os escritos antigos exigem cuidado de leitura, pois o "i" representa também o som de "j" e o "u" representa também o de "v"; *iá* (já), *ioya* (joia), *Ioana* (Joana), *Iano* (Jano), *auia* (havia), *ouuer* (houver), *ouui* (ouvi), *palauras* (palavras), *lembraua* (lembrava), *desauentura* (desaventura).

Para o português de hoje, *semivogal* é designação de sentido fonético-histórico, sem utilidade prática, designação do que ainda se opera em outras línguas, como na inglesa, onde o "w" e o "y" participam da natureza de vogal e de consoante. Diante dessa concepção podemos dizer que o nosso "m" é semivogal, pois ora assim mesmo se grafa – *reprovam* – ora se grafa "o": *Cristóvão*; o mesmo som com dupla representação gráfica, lá por consoante, aqui por vogal. A intrometida Nomenclatura Gramatical Brasileira embaralhou o assunto. V. *Nomenclatura Gram. Brasileira* no D. QVs.

36 – V. no D. QVs o verbete *Zelotes do vernáculo.*

37 – O nosso alfabeto recebemos do latim, com duas modificações:

1 – O *u* e o *v* em latim (e no português antigo) se escreviam da mesma maneira em forma de *v*; por isso se veem em fachadas de prédios ou em escritos de importância inscrições como – *TEATRO MVNICIPAL, CVRIA METROPOLITANA.*

2 – Igualmente, o *i* e o *j* confundiam-se graficamente na única forma I (*i*); por isso se veem encabeçando as imagens do crucifixo as iniciais INRI, cujos *ii* correspondem a *jj*: I(J)esus Nazarenus Rex I(J)udaeorum.

No próprio latim já os gramáticos distinguiam, na pronúncia, o *v* vogal (= u) do *v* consoante, mas a distinção gráfica o português só começou a fazer do século XVI em diante, e até o século XVIII e grande parte do XIX ainda se escrevia d*v*vida (= dúvida).

38 – O latim recebeu o alfabeto do grego, com as seguintes modificações:

1 – Exclusão de três letras, que representavam aspiração, coisa inexistente em latim:

Grego		Latim
Θ (ϑ) – théta = *th*: Θεολογία	(8 letras)	= *Th*eologia (9 letras)
Φ (φ) – phi = *ph*: Φιλοσοφία	(9 letras)	= *Ph*ilosop*h*ia (11 letras)
Χ (χ) – chi (kí) = *ch*: Χριστός	(7 letras)	= *Ch*ristus (8 letras)

2 – Consequente invenção do *h* para representar graficamente a aspiração grega; esta aspiração havia em grego nas letras da página anterior e no começo de certas palavras, o que se representava com o sinal (‘), o *espírito áspero*: ὑποχρῑτής = *h*ipócrita.

3 – Supressão do grupo composto *ψ* (psi), igual a *ps*: ψυχή, que em latim deu *psyche* (psíque).

4 – Supressão do *η* (éta) e do *ω* (ômega), correspondentes, respectivamente, a *e longo* e *o longo*.

5 – Criação do *c*, variante do *kappa* grego: κέντρον (kéntron), *centrum* (em português *centro*).

6 – Introdução do *q* (que sempre se fazia acompanhar de u), correspondente ao *koppa* do alfabeto dórico, que, por sua vez, tirou-o do fenício *koph*.

7 – Introdução do *F* (digama), trazido do eólico.

Em resumo: O latim extirpou 6 letras do alfabeto grego (ϑ, φ, κ, ψ, η, ω), criou 4 (*h*, *c*, *u*, *j*; as duas últimas já na decadência e na passagem para o português) e importou 2 (*f* e *q*).

39 – Não foram os gregos os inventores do alfabeto; receberam-no dos fenícios, tendo o trabalho de eliminar certas aspirações. De sua parte, foram os fenícios buscá-lo dos egípcios, precursores do alfabeto.

40 – Quando ainda não existia o alfabeto, a ideia se representava por *símbolos*. Os egípcios representavam primitivamente as ideias por meio dos *jeróglifos*, os babilônios pelo método denominado *cuneiforme*, e ainda hoje os chineses não possuem letras (expressam-se por ideogramas).

Questionário

1. Que é *fonética*?
2. Como pode ser a *fonética*?
3. Quando a fonética é *descritiva*, quando *histórica* e quando *sintática*?
4. Que são *fonemas*?
5. Que são *letras*?
6. Que é *alfabeto*?
7. Como se classificam as letras? (§ 32)
8. Que são *vogais*?
9. Que são *consoantes*?
10. Corrija: *receioso*, *alheiar*, *afeiar*, *meieiro*, *areião*, *areiar*, *arreiar*, *desenfreiado*.

CAPÍTULO 3

VOGAIS

41 – Classificam-se as *vogais*:

a) quanto à *zona de articulação*, em:
anteriores
médias
posteriores

b) quanto ao *timbre*, em:
abertas
fechadas
reduzidas

c) quanto ao *papel da boca e do nariz*, em:
orais
nasais

d) quanto à *intensidade*, em:
átonas
tônicas

42 – Quanto à **zona de articulação** – São **médias** as várias espécies da vogal *a*, que se considera *vogal fundamental* por ser a que primeiro se ouve quando vibram as cordas vocais e quando não se contrai nenhuma das partes móveis da boca (é a que primeiro emite a criança). À medida que formos diminuindo a cavidade bucal mediante movimento de partes que a integram, passaremos para a vogal *e*; a continuar nesse movimento, o *e*, a princípio aberto, passa para *e* fechado, até que se obtém o som *i* (**anteriores** ou *palatais*).

Se, nos movimentos da página anterior, contrairmos os lábios, do *a* passaremos para o *o aberto*, deste para o *o fechado*, e, finalmente, para o *u* (**posteriores** ou *labiais*).

Graficamente, poderemos assim representar as vogais orais, quanto à zona de articulação:

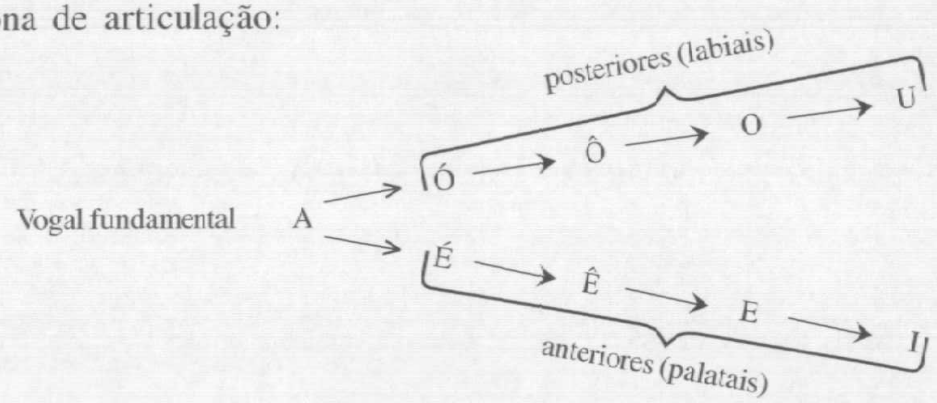

43 – Quanto ao **timbre** – Além de **abertas** (á, é, ó) e **fechadas** (ê, ô), as vogais podem ser **reduzidas**, o que se dá quando são leve, abafada e imprecisamente articuladas as vogais de sílabas não acentuadas, quer venham no fim, quer no meio, quer no princípio do vocábulo. Por vezes, *e*, *o*, *u* reduzidos finais confundem-se, respectivamente, com *i*, *u*, *o*: saudad*e*s (saudad*i*s), Pedr*o* (Pedr*u*), *e* (*i*), Paul*o* (Paul*u*). Entretanto, temos por aqui o *a* "abafado" em vogais tônicas seguidas de consoante nasal: *câmara*, *ramo*, *banana*, *Ana*, *ganho*, *manha* etc.

Observações:

1ª – É estranho ao português falado no Brasil o *a fechado* (*â*). Não condizendo com o nosso sistema de vocalização, é injustificável exigir que no Brasil se pronuncie *mâs* (conjunção), *pâra* (preposição), *câda*.

2ª – A Nomenclatura Gramatical Brasileira omitiu o timbre *agudo*, que é o de *i* e de *u* quando acentuados.

44 – Quanto ao **papel da boca e do nariz** – É **oral** (ou *pura*) a vogal cujo som, proveniente da vibração das cordas vocais, ressoa todo na boca.

Se, na emissão desses sons, desviarmos para as fossas nasais parte do ar expelido pelos pulmões, o que se consegue mediante abaixamento do véu do paladar, obteremos as *vozes* **nasais**: *an* (*ã*), *en*, *in*, *on* e *un*. Vogal nasal é, portanto, aquela em cuja emissão parte do ar é desviada para as fossas nasais.

45 – Quanto à **intensidade** – Quer venha no fim, quer no meio, quer no princípio da palavra, é **tônica** a vogal de sílaba acentuada: *pernambuCAno*; são **átonas** as outras.

46 – Do acima exposto, poderemos enfeixar as vogais no seguinte quadro:

A	aberto	– já, caro
	fechado	– (*não existe no Brasil*)
	reduzido	– valeu, tola
	nasal	– irmã, ando
E	aberto	– pé, careca
	fechado	– lê, preto
	reduzido	– saudades
	nasal	– entre
I	agudo	– lí, fio
	fechado	– (*não existe*)
	reduzido	– pálido, pisada
	nasal	– fim, tinta
O	aberto	– avó, agora
	fechado	– avô, bolsa
	reduzido	– preto, dado
	nasal	– som, conta
U	agudo	– angu, pulo
	fechado	– (*não existe*)
	reduzido	– fábula, puxar
	nasal	– um, fundo

47 – Conclui-se, do quadro acima, serem 17 as *vozes* (ou *fonemas vogais*) da língua portuguesa falada no Brasil.

Grupos Vocálicos

48 – As vogais podem na palavra encontrar-se reunidas em grupos de duas ou mais. Quando se dá isso, as vogais formam *grupos vocálicos*. **Grupo vocálico**, portanto, é a reunião, é a sequência de duas ou mais vogais. Conforme o número de vogais que encerram e conforme a pronúncia a que obedecem, os grupos vocálicos denominam-se **ditongos**, **tritongos** e **hiatos**.

49 – **Ditongo** denomina-se o grupo de duas vogais; classifica-se em *crescente* e *decrescente*, *oral* e *nasal*.

O ditongo é **crescente** quando a voz discrimina as duas vogais.

São os seguintes os nossos **ditongos crescentes**:

1 – *ea* – côd*ea*, ígn*ea*, plúmb*ea*
2 – *eo* – nív*eo*, áur*eo*, marmór*eo*
3 – *ia* – glór*ia*, histór*ia*
4 – *ie* – sér*ie*, superfíc*ie*
5 – *io* – ilusór*io*, Már*io*, f*io*, p*io*, pav*io*
6 – *oa* – pásc*oa*, mág*oa*
7 – *oe* – perd*oe*, mag*oe*, s*oe* (do v. *soar*)
8 – *ua* – ág*ua*, contíg*ua*, contín*ua*

9 – *ue* – tên*ue*, contin*ue*, acent*ue*, rec*ue*
10 – *ui* – r*ui*m, t*ui*m (na pronúncia, acentua-se o *i*), contrib*uí*, constit*uí*
11 – *uo* – árd*uo*, exíg*uo*

50 – O ditongo é **decrescente** quando a voz se apoia mais na primeira vogal, e pode ser *oral*, quando emitido só pela boca, ou *nasal*, quando parte do ar é expelida pelo nariz.

São os seguintes os nossos **ditongos decrescentes**:

ORAIS	1 – *ai*	– m*ai*s, c*ai*bo, s*ai*, c*ai*
	2 – *au*	– *au*tor, p*au*, bacalh*au*
	3 – *éi* (aberto)	– quart*éi*s, r*éi*s
	ei (fechado)	– f*ei*ra, l*ei*te, r*ei*s
	4 – *éu* (aberto)	– v*éu*, c*éu*, chap*éu*, tabar*éu*
	eu (fechado)	– m*eu*, s*eu*, morr*eu*, sand*eu*
	5 – *iu*	– r*iu*, v*iu*
	6 – ói (aberto)	– m*ói*, d*ói*, s*ói*s, anz*ói*s, God*ói*
	oi (fechado)	– b*oi*, aç*oi*te, f*oi*ce, c*oi*tado
	7 – *ou*	– v*ou*, d*ou*, tes*ou*ro, p*ou*co
	8 – *ui*	– f*ui*, circ*ui*to, int*ui*to, R*ui*, az*ui*s, infl*ui*, contrib*ui*, constit*ui*
NASAIS	1 – *ãe*	– p*ãe*s, c*ãe*s, m*ãe*s
	2 – *ão*, *am*	– c*ão*, ir*ão*, m*ão*, órg*ão*, bênç*ão*, disser*am*, for*am* (= dissérão, fôrão)
	3 – *em* (éi)	– b*em*, t*em*, ref*em*, ca*em*, mo*em* (= bẽim, tẽim, refẽim, cáĩm, móĩm)
	4 – *õe*	– p*õe*, coraç*õe*s, liç*õe*s
	5 – *ui*	– m*ui*to (= múĩto)

Notas: 1ª – O ditongo *ui* pode ser ora decrescente, ora crescente.

a) Quando *decrescente*, esse grupo deverá pronunciar-se de um só impulso de voz, e, se o acento tônico recair nele, receberá o acento a primeira das vogais do grupo, a *vogal prepositiva*. Assim, as palavras *gratuito*, *fortuito*, *circuito*, *fluido* (subst.) e *intuito* têm o acento no *u* e não no i, por ser decrescente o ditongo *ui* dessas palavras.

b) Quando *crescente*, as vogais se pronunciam com leve separação de voz: *ruim*, *pituíta*, *ruído* (com acento tônico no *i*), *drúida* (pronuncie *drú-ida*).

2ª – Praticamente, considera-se uma única sílaba o ditongo decrescente, e duas o crescente: *chapéu*, *troféu* são palavras de duas sílabas, e *níveo*, *áureo*, de três. Na poesia, porém, terá o poeta liberdade de desdobrar em duas sílabas o decrescente (fenômeno denominado *diérese*, que significa *divisão*), e, vice-versa, fazer do crescente uma só sílaba (*sinérese* = contração), mas nunca poderá alterar o acento correspondente ao grupo vocálico; *circuito*, quer o poeta considere palavra de 3 quer de 4 sílabas, sempre terá o acento no *u*, e *ruim*, quer de 2, quer de 1, sempre no *i*.

3ª – Se o ditongo decrescente se considera uma única sílaba, o crescente constitui duas sílabas; portanto, quando o crescente, que finaliza a palavra, não é acentuado, com toda a certeza o acento recai na sílaba que o antecede, ou seja, na antepenúltima, tendo a palavra acentuação proparoxítona; logo, pela ortografia oficial, que manda se acentuem as palavras proparoxítonas, a sílaba que antecede o ditongo crescente átono *deve* ser acentuada: *cô*dea, *í*gnea, pl*ú*mbea, n*í*veo, gl*ó*ria, ci*ê*ncia.

4ª – Não confunda partição silábica (§ 140) com hifenização (§ 139) nem com métrica (§ 1003).

51 – **Tritongo** é o grupo constituído de uma vogal, acentuada, ladeada de duas outras: fi*éi*s, esp*ião*, esp*iões*, espec*iai*s, rit*uai*s, q*uai*s.

Será *oral* ou *nasal* o tritongo conforme se processar sua pronúncia (§ 50).

52 – **Hiato** denomina-se a afluência seguida de vozes igualmente acentuadas: c*oo*rte, m*oo*ca, álc*oo*l, c*aa*tinga, b*aú*, *aí*, s*aí*da.

53 – O que acima ficou dito se baseia na nomenclatura brasileira. A verdade é que, enquanto em latim, em espanhol e em italiano só se pensa na distinção dos grupos vocálicos após a divisão das vogais em *ásperas* (esp. *fuertes*, it. *dure*) e *brandas* (esp. *débiles*, it. *molli*), em nossa nomenclatura esta divisão quanto à natureza não aparece; daí a razão de fastidiosas listas de grupos vocálicos, terreno incerto, falso. É artificial e forçada em nosso idioma a aceitação de *ditongo*. Na realidade – como acontece em latim, em grego, em alemão e em outros idiomas, e como indica a etimologia da palavra – o *ditongo* se constitui de duas vogais que se pronunciam como uma só. Desse artificialismo decorre a dificuldade e quase inutilidade de divisões de grupos vocálicos.

Questionário

1. Quando podem as vogais ser reduzidas?
2. Que diz das pronúncias *pâra*, *más*?
3. Como se pronunciam as três vogais grifadas da frase: "PedrO E PaulO"?(*)
4. Que é *grupo vocálico*?
5. Quantas espécies há de grupos vocálicos? Quais são?
6. Que é *ditongo*?
7. Que diferença existe entre ditongo crescente e ditongo decrescente?
8. Que é *diérese*?
9. Que é *sinérese*?
10. Quantas sílabas há na palavra *pituíta*?
11. Responda o mesmo quanto ao vocábulo *circuito* e explique as razões do acento.
12. Quantas silabas há em *pio*, *fio* e quantas em *viu*, *riu*? Por quê? Pode dar-se o contrário? Onde?
13. Que é *tritongo*?
14. Que é *hiato*? Exemplos.

(*) Uma letra, sílaba ou palavra é grifada quando escrita com tipos diferentes ou sublinhada.

CAPÍTULO 4

CONSOANTES

A) – Classificação

55[1] – Se, de um lado, as vogais se produzem mediante *modificações* da boca, as consoantes, por outro, são o produto da *interrupção* da correnteza de ar expelida pelos pulmões.

Enquanto as vogais são produzidas *livremente*, as consoantes são produzidas ou *apertadamente* ou *explosivamente*, isto é, encontram sempre um obstáculo, maior ou menor, à passagem do ar expelido dos pulmões.

No ato de desobstruir a passagem do ar, ouve-se o ruído proveniente da separação das partes que estavam impedindo a saída do ar, e, logo a seguir, quase concomitantemente, o som de uma vogal, resultante dessa desobstrução. Daí o nome de *consoante* (com + soante), isto é, som acompanhado de vogal.

56 – As articulações de que resultam os fonemas consoantes podem ser ilimitadas. A mínima modificação da boca irá alterar a natureza dos fonemas, e o número de tais modificações se multiplicará se os considerarmos produzidos por diversos indivíduos, principalmente se de raças e línguas diferentes. Graficamente, costumam ser reduzidas tais consonâncias aos caracteres gráficos denominados *consoantes*.

(1) Os claros na numeração dos parágrafos (Notou que falta o § 54?) têm por fim possibilitar a inclusão de algum provável acréscimo que se torne futuramente necessário.

57 – Podemos, em português, contar 19 consonâncias:

Consonâncias	Representação gráfica	Exemplos
1. BE	*b*	*b*ater, *b*erro, *b*o*b*o
2. CE	*c* (antes de *e*, *i*) *ç* (antes de *a*, *o*, *u*) *s* (inicial ou acompanhado de consoante) *x* (em casos especiais)	*c*edo, pare*c*ido pa*ç*o, cabe*ç*a, a*ç*úcar *s*apo, pa*ss*o, fal*s*o apro*x*imar
3. DE	*d*	*d*a*d*o, a*d*esão
4. FE	*f*	*f*oi, *f*armácia
5. JE	*j*, *g* (antes de *e*, *i*)	*j*á, *g*ente
6. GUE	*g* (antes de *a*, *o*, *u*) *gu* (antes de *e*, *i*)	*g*osto, *g*ato *gu*erra
7. QUE	*c* (antes de *a*, *o*, *u*) *c* (antes de consoante) *qu* (antes de *e*, *i*)	*c*ão *c*ristão *qu*ero, or*qu*estra
8. LE	*l*	*l*uz, *l*atim
9. ME	*m*	*M*aria
10. NE	*n*	*n*osso, i*n*uma*n*o
11. PE	*p*	*p*or, *p*ara
12. RRE (forte)	*r* (inicial ou acompanhado de consoante)	*r*ato, ca*r*ne, ca*rr*o, hon*r*a
13. RE (brando)	*r* (entre vogais)	ca*r*o, mo*r*ada
14. TE	*t*	*t*odo, *t*eatro
15. VE	*v*	*v*oto, *v*ista
16. XE	*x*, *ch*	*x*arope, *ch*arque
17. ZE	*z* *s* (entre vogais) *x* (em casos especiais)	*z*ero ro*s*a e*x*emplo
18. LHE	*lh*	mo*lh*ado, o*lh*o
19. NHE	*nh*	se*nh*or, so*nh*o

58 – Fácil será, do quadro acima, deduzir os defeitos do nosso alfabeto (V. § 36): 1) Letras há que representam consonâncias diversas –*r*: *r*oda (*rr*oda); ca*r*o (ca*r*o); *s*: *s*ol (*ç*ol), ca*s*a (ca*z*a); *x*: ei*x*o (ei*ch*o), se*x*o (se*ks*o), pró*x*imo (pró*ss*imo). 2) Outra existe que nenhuma consonância representa, o *h*. 3) Existência de mais de uma letra para representar uma só consonância: *lh* (fi*lh*o), *nh* (cu*nh*ado).

59 – As nossas consoantes classificam-se:

a) quanto ao **modo de articulação**, em:

oclusivas (duras, explosivas) – quando exigem um prévio fechamento total da correnteza de ar: *p*, *b*, *t*, *d*, *c* (duro), *q*, *g* (duro), *m*, *n*, *nh*;

constritivas (contínuas) – quando o fechamento não é total. Subdividem-se em:

fricativas, se o ar é expelido mediante atrito, fricção: *f*, *v*, *s*, *c* (brando), *ç*, *z*, *x*, *ch*, *j*, *g* (brando);

laterais, se o ar flui entre a língua e as bochechas: *l*, *lh*;

vibrantes, se concorre vibração da ponta da língua: *r* (brando), *r* (forte);

b) quanto à **zona de articulação**, em:

bilabiais – quando o fechamento do ar é feito pelos lábios: *p*, *b*, *m*;

labiodentais – quando feito pelos dentes superiores e lábio inferior: *f*, *v*;

linguodentais – quando feito pela ponta da língua, presa acima dos incisivos superiores: *t*, *d*;

alveolares – quando feito pela ponta da língua ligeiramente encostada no alvéolo dos dentes superiores: *n*, *c*, *z*;

palatais – quando feito pela parte anterior da língua ligeiramente encostada no céu da boca: *x*, *ch*, *g*, *j*, *nh*, *lh*;

velares (guturais) – quando feito pela parte posterior da língua duramente encostada no véu do paladar: *c* (duro), *q*, g (duro);

c) quanto ao **papel das cordas vocais**, em:

surdas (fortes, ásperas) – quando as cordas vocais não vibram: *p*, *t*, *c* (duro), *q*, *s*, *c*, *x*, *ch*, *r*;

sonoras (brandas, doces) – quando as cordas vocais vibram: *b*, *d*, g, *m*, *n*, *nh*, v, *z*, *i*, *l*, *lh*;

d) quanto ao **papel da boca e do nariz**, em:

orais – quando o ar é expelido todo pela boca: *p*, *t*, *k*;

nasais – quando parte do ar é expelida pelo nariz: *m*, *n*, *nh*.

60 – Em quadro, assim podemos apresentar as consoantes.

CLASSIFICAÇÃO DAS CONSOANTES PORTUGUESAS

Quanto ao modo de articulação		OCLUSIVAS			CONSTRITIVAS					
					Fricativas		Laterais		Vibrantes	
Quanto ao papel das cordas vocais		surdas	sonoras		surdas	sonoras	surdas	sonoras	surdas	sonoras
Quanto ao papel das cavidades bucais e nasais		orais	orais	nasais	orais	orais	orais	orais	orais	orais
Quanto à zona de articulação	Bilabiais	p	b	m	–	–	–	–	–	–
	Labiodentais	–	–	–	f	v	–	–	–	–
	Linguodentais	t	d	–	–	–	–	–	–	–
	Alveolares	–	–	n	s, c, ç	z, s (brando)	–	l	r (forte), rr	r (brando)
	Palatais	–	–	nh	x, ch	j, g (brando)	–	lh	–	–
	Velares	c (duro), q	g (duro)	–	–	–	–	–	–	–

Nota: Outros nomes, que aqui são apresentados em ordem alfabética, poderão ser encontrados para indicar as consoantes, mormente em gramáticas de outros idiomas:

apicais, assim chamados o *t*, o *d*, o *s* e o *z*;

ásperas, que equivalem às surdas;

brandas, que equivalem às sonoras;

chiantes, assim chamados o *j*, o *g* brando, o *ch* (de palavras como *chapéu*) e o *x* (de palavras como *xadrez*);

contínuas, que equivalem às constritivas;

dentais, que equivalem às linguodentais;

doces, que equivalem às sonoras;

duras, que correspondem às oclusivas;

explosivas, que equivalem às oclusivas;

fortes, que equivalem às surdas;

geminadas, ou *dobradas*, quando repetidas e seguidas: *aSSim*, *caRRo*, *faCÇão*;

guturais, que equivalem às velares;

heterorgânicas, quando não produzidas pelas mesmas partes da boca: o *p* e o *t*;

homorgânicas, quando produzidas no mesmo lugar da boca: o *p* e o *b*;

intervocálicas, quando entre vogais: r*é-G-i*o, l*ú-C-i-D-o*, p*e-G-a-D-a* (a pronúncia desta palavra é *pegáda*, com acento tônico na sílaba *ga*);

labiais, que equivalem às *bilabiais*;

líquidas, assim chamados o *r* e o *l*;

molhadas, assim chamados o *lh* e o *nh*;

sibilantes, assim chamados o *s*, o *z* e o *c* brando.

B) – Origem e Pronúncia

B

62 – O **b** frequentemente substitui outra bilabial ou uma labiodental, ou por uma delas se permuta em português: *suPerbum*, so*b*erbo; *buBare*, bu*f*ar; *aFricum*, á*b*rego; *raPHanum*, rá*b*ano; *duBitare*, du*v*idar; *morBum*, mor*m*o.

Quando intervocálico, o **b** latino frequentes vezes desaparece na formação popular do português: *preBendam* > *preenda* > *prenda*.[1]

O **b** é *levemente* pronunciado:

a) no meio dos vocábulos, quando em grupo com outras consoantes: *substância*, *obcecar*, *objeto*, *abdicar*, *abstenção*;

b) no fim de palavras estrangeiras: *Adib*, *Horeb*, *Joab*;

c) na preposição *sob*.

C

63 – O **c** pode proceder:

1) de outro **c**: *c*aro de *Carum*;

2) de **qu**: *c*inco de *QUinQUe*, nunca de *numQUam*, *c*aderno de *QUaternum*, *c*atorze de *QUatuordecim*, *c*artola de *QUartolam*;

3) de **t** seguido de **i** ou **e** e mais uma vogal: viço de *viTIum*, poço de *puTEum*, intenção de *intenTIonem* (não confunda *intenção* = propósito, com *intensão* = intensidade), Helvécia de *HelveTIam*;

4) do grupo **st**: moço de *muSTeum*.

64 – Procura-se hoje corrigir a grafia de várias palavras em que o **c** não se justifica. Caso interessante opera-se com o verbo *tecer*; o latim *texĕre* deveria em português ter dado *texer* ou *tesser*. A grafia errônea consagrou-se por causa do grande número de verbos terminados em ecer (obed*ecer*, per*ecer*, par*ecer*, pad*ecer*, mer*ecer* etc.).

Era o **c** em latim sempre pronunciado como **k**: *Cícero*, *Kíkero*; *díscere*, *dískere*. Na decadência do latim, e, conseguintemente, na formação das línguas neolatinas, o som de gutural explosiva forte continuou antes de **a**, **o**, **u**: **caro**, **corpo**, **culpa**, mas abrandou-se antes das vogais **e** e **i**, como também antes de **a**, **o**, e **u** quando acrescido da *cedilha* (*Cedilha* é a forma diminutiva vernácula do espanhol *ceda*, a qual é hoje representada por um pequeno **c** virado para trás que se sotopõe ao **c**, que então se denomina **cê cedilhado** – e não "cê cedilha"): *pareço*, *pareça*. Jamais se emprega **c cedilhado** antes de **e** nem de **i**.

65 – Só aparecem dois **cc** ou o grupo **cç**, quando o primeiro **c** é pronunciado: *seCCionar*, *infeCÇão*; o mesmo se diga do grupo *ct*: *duCto*, *infeCto*. É este um ponto que origina frequentes e sérias discrepâncias em português; uma infinidade de palavras há em que o **c**, em tais casos, é pronunciado em Portugal e o não é no Brasil. O contrário também, não poucas vezes, se verifica. Em Portugal pronuncia-se o **c** de *faCto*, de *faCtura*, o que não se dá entre nós.

Quando final de palavras estrangeiras, o **c** soa levemente: *Isaac*, *Habacuc*. Tais nomes já se encontram grafados mais portuguesmente: *Isa(a)que*, *Habacuque*.

---

(1) O sinal > indica derivação etimológica; o vértice do sinal aponta para o derivado: *prenda* < *preenda* < *prebendam*.

D

66 – Nem sempre o nosso **d** corresponde ao **d** latino; é, não raro, resultado do abrandamento do **t**: *laTum*, lado; *amaTum*, amado. Algumas vezes tem origem num **l**: *Laxare*, deixar; *amyLum*, amido.

É frequente, na derivação popular, a queda do **d** latino entre vogais: *caDere*, *cair*; *viDere*, *ver*; *raDium*, *raio*.

Quando final de palavras estrangeiras, o **d** ora é pronunciado, como em *Gad*, *Nenrod*, *Cid*, ora não, como em *David*, *Madrid*, *Bagdad*. Uma vez que, nestas últimas palavras, o **d** não é pronunciado, tampouco deve ser escrito: *Davi*, *Madri*, *Bagdá*.

F

67 – Comumente originário do **f** latino, corresponde, outras vezes, ao **ph**: *PHasianum*, *f*aisão; e ao **b**: *buBalum*, búfalo.

Sempre que possível, impõe-se o aportuguesamento de palavras estrangeiras terminadas em *f*: *turfe*.

G

68 – Quase sempre proveniente de um **g** etimológico, outras vezes o **g** é consequência do abrandamento do **c duro** ou do **q** latinos: *Catum*, *g*ato; *ciConiam*, cegonha; *haC hora*, agora; *neC otium*, negócio. Outras vezes provém de um **v**: *Vastare*, *g*astar: de um **w**: *Werra* (palavra alemã, que quer dizer *contenda*), guerra; *Wilhelm*, *G*uilherme; de um **z**: *Zingiber*, *g*engibre; de um **t**, seguido da terminação breve *icum*: *viaTicum*, viagem; *silvaTicum*, selvagem.

O **g** é velar antes de **a**, **o**, **u**; é palatal antes de **i**, **e**; antes destas duas vogais o **g** pode também ser velar; para tanto intercala-se um **u**, que ora se pronuncia, ora não; é uma questão que apresenta sérias divergências de pronúncia em grande número de vocábulos nossos. Unicamente o uso é juiz neste ponto.

Era desconhecido dos latinos o som chiante: *ge*, *je*, *xis*, *chá*. O **g** para os latinos sempre tinha som duro, ainda que seguido de **e** ou de **i**; *angelus*, por exemplo, era por eles pronunciado *ânghelus* (= anjo).

O **g** soa brandamente no final de vocábulos estrangeiros: *Azag* (azágh').

O **g** intervocálico também cai na derivação popular: *liGamen*, *liame*; *leGalem*, *leal*; *ruGam*, *rua*; *reGem*, *rei*. Interessante é o caso da queda do **g** inicial de *germanum* que em português deu *irmão*.

J

69 – O **j** é resultante da degeneração do **i** latino, mas nem sempre corresponde a essa letra; podem produzi-lo:

1) o **h**, na combinação **hi** (ou *hy*); *HIerosolyman*, *J*erusalém; *HYacinthum*, *J*acinto; *HIeronimum*, *J*erônimo;

2) o **g**: *Gesiminum*, *j*asmim;

3) o **l**: *Lolium*, *j*oio;

4) as combinações *di*, *si*, *se*, *ve*, seguidas de vogal: *hoDIe*, hoje; *DIurnalem*, *j*ornal; *eccleSIam*, igre*j*a; *baSIum*, bei*j*o; *caSEum*, quei*j*o; *faSEolum*, fei*j*ão; *foVEum*, fo*j*o;

5) a vogal grega *ι* (ióta), diretamente ou através do latim, quando inicial seguida de outra vogal ou quando intervocálica sem formar ditongo; essa é a origem do *j* das palavras *Jônia*, *Déjoces*, *jaspe*, *jota*, *jerarquia* (ao lado da forma erudita *hierarquia*).

O som do **j** é sempre brando e invariável: *José*, *adjetivo*.

K

70 – O **k** é empregado em:

1) antropônimos provenientes de outras línguas e seus derivados portugueses: *Barak, Bismarck, Franklin, Kant, Kardec, Kepler, Kim, Shakespeare; kantismo, kantista, kardecismo, kardecista, kepleriano, shakespeariano;*

2) topônimos brasileiros e estrangeiros e seus derivados portugueses: *Brodowski, Kiangsi, Kiel, Kiev, Kuwait, Oakland, Oklahoma, Phuket, Presidente Kennedy, Topeka; kennediense, kuwaitiano;*

3) nomes oriundos de outros idiomas mantidos na forma original: *Kadosh, kiriê, Kíries, kümmel;*

4) siglas de empresas e organizações estrangeiras: *NHK, KGB, KLM;*

5) símbolos de elementos e substâncias químicas: Bk *(berquélio),* K *(potássio, do latim* kalium*),* IK *(iodeto de potássio),* Kr *(criptônio);*

6) abreviaturas: kg *(quilograma, quilo),* kl *(quilolitro),* km *(quilômetro),* K. O. *(do inglês* knock-out, *"fora de combate", termo do boxe).*

L

71 – Além do **l** originário, outras letras deram **l** em português:

1) o **n**: *aNimam*, *a*lma;

2) o **r**: *aRbitrium*, *a*lvitre;

3) o **d**: *juDicare*, ju*l*gar;

4) o **m**: *Memorare*, *l*embrar.

O **l** intervocálico geralmente cai na passagem do latim para o português, quando popularmente derivada a palavra: *coeLum*, *céu*; *saLire*, *sair*; *veLum*, *véu*.

Diferente é o som do **l** conforme venha colocado antes ou depois da vogal por ele modificada: *lago*, *algo*. Por isso é que a palavra *malestar* (resultante da junção do advérbio *mal* ao verbo *estar*) se pronuncia e se separa silabicamente *mal-es-tar* e não *ma-les-tar*, uma vez que o **l** modifica a vogal **a** a ele anteposta.

M

72 – O **m** só algumas vezes deixa de corresponder ao **m** originário. Isso acontece no final de certas palavras: *soNum*, so*m*; *boNum*, bo*m*; *siC*, si*m*; *neC*, ne*m*.

Quando posposto à vogal que ele modifica, o **m** transforma-se em mero sinal de nasalização: *embora* (= *ẽbora*), *com* (= *cõ*), *tempo* (= *tẽpo*). Em *emoldurar*, o **m** conserva seu valor literal, por estar modificando a vogal que se lhe segue e não a anteposta: *e-mol-du-rar*; mas em *bem-aventurado* o **m** constitui simples sinal de nasalização, por estar modificando a vogal que o antecede, o e, e não a que se lhe segue, o **a**; corretamente, assim se pronuncia essa palavra: *bẽ-aventurado*.

N

73 – Raríssimos são os casos em que o **n** deixa de corresponder a um **n** etimológico: *Libellum*, *n*ível; *Mespilum*, *n*êspera.

Acontece com o **n** o mesmo que com o **m** quando modifica a vogal que o antecede: *antes* (= *ã*-tes), *entre* (= *ẽ*-tre), *onze* (= *õ*-ze). Em *enumerar*, por estar modificando a vogal a ele posposta e não a anteposta, o **n** conserva seu valor alfabético: *e-numerar*. No final de certas palavras eruditas o som do **n** aproxima-se do som alfabético: *cóloN*, *hífeN*. Quando tais palavras passam a ser de uso generalizado, geralmente perdem o **n** final: *cacófato* em vez de *cacófatoN*, *léxico* em vez de *léxicoN*, *germe* em vez de *gérmeN*, *espécime* em vez de *espécimeN*, *certame* em vez de *certâmeN*, *regime* em vez de *regímeN*, *exame* e não *exâmeN*.

P

74 – O **p** tem origem noutro **p**, com exceção de poucos casos, como em so*p*rar, do *latim* su*FF*lare.

Quando não pronunciado, o *p* inicial não se escreve: *salmo*, *tisana* (e não *psalmo*, *ptisana*); note-se que em *tisana* o **p** inicial não era escrito nem na ortografia mista.

O mesmo se diga do **p** medial: *exceção*, *setembro*, *assunção* (e não *excepção*, *septembro*, *assumpção*).

Escrever-se-á sempre que for sonoro: *oPção*, *concePção*, *Pneumonia*.

Q

75 – É o **q** proveniente ou de um **q** (*q*ual de *q*ualem) ou de um **c duro** (*q*uente de *c*alentem, *q*ueda de *c*aída).

O **q** sempre se liga às vogais por intermédio de um **u**; este passa a fazer parte integrante do **q** e não entra na contagem das sílabas. Grande é a

confusão que o grupo literal **qu** traz para a pronúncia de nossas palavras, pois o **u** ora é pronunciado, ora não, sem nenhuma regra nem critério, tornando-se solução única para cada caso averiguar como a generalidade do povo pronuncia o vocábulo.

R

76 – Quatro podem ser as origens do **r** português:

1) um **r** originário: ma*r* de ma*r*e; *r*ei de *r*egem;

2) um **l**: *r*ouxinol de *l*usciniolam (de *luscus* e *canere*, que canta no crepúsculo); b*r*ando de b*l*andum;

3) um **d**: cig*rr*a de cica*d*am;

4) um **s**: Ma*r*selha (cidade da França) de Ma*s*siliam.

77 – **L** e **r** frequentemente se permutam. Em certas palavras essa troca já se arraigou: a*r*mazém provém de a*l*mazém (derivado árabe); alugue*l* (pl. *aluguéis*) emprega-se hoje em vez de alugue*r* (mais certo e praticamente a única forma usada em Portugal; pl. *alugueres*); b*r*ando tem origem em b*l*andum.

Noutras palavras vemos ora o **r** ora o **l**: f*l*auta (esta é a melhor forma) e f*r*auta; f*l*echa (forma mais usada) e f*r*echa. Em outras, essa troca constitui erro: def*r*uxo por def*l*uxo, e assim endef*r*uxado, quando o certo é endef*l*uxado (pronuncie "deflusso", "endeflussado"); desfa*r*car em vez de desfa*l*car; muitos exemplos poderia oferecer de palavras que são erradamente pronunciadas pelas crianças, como esta: qué*l*o em vez de que*r*o.

Rotacismo (**rô** é o nome do **r** grego) é o erro que consiste em empregar **r** em vez de **l**; o erro contrário, empregar **l** em lugar de **r**, chama-se **lambdacismo** (**lambda** é o nome do **l** grego).

S

78 – O mais das vezes, o **s** de nossas palavras corresponde a um **s** de origem: va*s*o (latim va*s*um), pe*s*o (latim pen*s*um).

Sempre que o étimo de uma palavra nossa acusar **s**, esta consoante deverá ser conservada em português; por isso é que não se justificam certas grafias, como *portugue*z, *ingle*z, *pêzames*, *apeza*r etc.; dado o étimo, com **s** devem ser essas palavras escritas. Temos muitas outras: a*s*a e não a*z*a (do latim an*s*am); mê*s* e não me*z* (do latim men*s*em); paí*s* e não pai*z* (do fr. pay*s*); trê*s* e não tre*z* (do latim tre*s*); gá*s* (fluido) e não ga*z* (do flamengo gee*s*); atrá*s*, atra*s*ar e não atra*z*, atra*z*ar (do latim tran*s*); qui*s* e não qui*z* (do lat. quae*s*ivi); pu*s*, pu*s*este, pô*s*, pu*s*emos, pu*s*estes, pu*s*eram e não pu*z*, pu*z*este etc. (do lat. po*s*ui, po*s*uisti, po*s*uit etc.); através (de a + transver*s*e); revé*s* (lat. rever*s*e) e não reve*z*; ao invé*s* (lat. inver*s*us) e não ao inve*z* (*vez* escreve-se com **z**, mas nada de comum tem com estas três últimas palavras).

Algumas vezes o **s** provém de **x**: en*s*aio (do latim e*x*agium), ân*s*ia (de an*x*iam); outras vezes é resultado da assimilação da primeira letra de um grupo consonantal: ge*ss*o de gy*p*sum; i*ss*o de i*p*sum (V. § 119); pode ainda resultar da alteração do **d** latino: pre*s*a de prae*d*am.

79 – Dois sons tem o **s**: *sibilante forte* e *sibilante brando*.

A) Tem som **sibilante forte**, que é o seu som literal, ou seja, correspondente ao que tem no alfabeto:

1) quando inicia palavra: *s*al, *s*apato, *s*alto;

2) nas palavras compostas, quando a parte começada com *s* é usada isoladamente, e então a palavra se escreve com dois **ss**: *reSSoar* (re + *s*oar), *reSSecar* (re + *s*ecar);

3) quando, no meio de palavras, vem precedido ou seguido de consoante: con*s*olação, den*s*o, fra*s*co, ha*s*te, rap*s*ódia.

B) Tem som **sibilante brando**, conseguintemente som acidental, correspondente ao do **z**:

1) quando se acha entre vogais: bondo*s*o, a*s*a, me*s*a, ca*s*a, pre*s*umir, re*s*umir etc.;

2) nas palavras cujo primeiro elemento é *trans*, visto constituir o *n* deste prefixo mero sinal de nasalização: tran*s*oceânico (= trã*s*oceânico), tran*s*igência (= trã*s*igência).

80 – Afora esses casos, outros há em que seu som varia; em *obSéquio* tem som acidental de **z**, mas em *subSídio*, *subSistência* tem som forte de **c**. O uso é o que nos deve, em tais casos, guiar; assim é que o **s** da palavra *casino*, não obstante vir entre vogais, tem o som sibilante forte. Quando explicações não houvesse dessa exceção (a pronúncia ca*ss*ino explica-se pela pronúncia do espanhol, que nos serviu de intermediário dessa palavra, tendo-a recebido do italiano), seria motivo bastante para justificá-la o seu uso generalizado; *cassino*, assim mesmo, com dois **ss**, devem grafar os que seguem o sistema ortográfico oficial.

Nota: Tratando-se de prefixo terminado em **s**, este terá o som de **z** quando se lhe seguir vogal, mas valerá dois **ss**, isto é, terá som forte, quando o elemento posposto ao prefixo tiver um **s** inicial etimológico. Em *tranSação* soa **z** porque o segundo elemento começa por vogal; em *tranSubstanciação* soa de maneira forte porque dois **ss** existem etimologicamente, ou seja, porque o segundo elemento tem um **s** etimológico, **s** este que desapareceu diante do já existente no prefixo (trans-*s*ubstanciação).

Outros exemplos do primeiro caso: tran*s*igir, tran*s*atlântico; do segundo; tran*s*udar, tran*s*umir.

T

81 – O **t** origina-se de outro **t**: *t*an*t*o de *t*an*t*um, *t*erra de *t*erram.

Conserva-se em certas palavras e locuções latinas usadas em português: defici*t*, superavi*t*, habita*t*, occipu*t*. – *Etc*., abreviação da locução latina *et cetera*, que quer dizer "e outras coisas", pronuncia-se *êd cétera*.

Nota: Se antes da conjunção *e* só se emprega vírgula quando o *e* não está a ligar os dois termos imediatamente contíguos ("Ele disse isso, e outras coisas poderia ter dito"), antes de *etc*. não

cabe o emprego de vírgula nem de *e*. Não há sentido em "... peras, maçãs e etc." nem em "... peras, maçãs, etc.".

Além de "e outras coisas", pode *etc.* significar "e outros da mesma espécie", "e o resto", "e assim por diante", ou seja, pode indicar que outras coisas (extensiva e abusivamente outras pessoas) que podiam ser mencionadas devem ser subentendidas: "Você poderá encontrar cobras, lagartos, aranhas etc.". V. *Et al.* no D. QVs.

V

82 – O **v** pode originar-se:

1) de um **v** etimológico: *v*idro de *v*itrum, *v*ida de *v*itam, se*v*ero de se*v*erum;

2) de um **f** (ou **ph**): tre*v*o de tri*f*olium (= três folhas), Cristóvão de Christo*ph*orum (= que transporta Cristo);

3) de um **b**: governo de gu*b*ernum, li*v*ro de li*b*rum;

4) de um **p**: esco*v*a de sco*p*am (em latim significa *vassoura*).

Há casos em que o **v** latino, quando intervocálico, desaparece: bo*v*em deu *boi*.

W

83 – Emprega-se o **w** em:

1) antropônimos provenientes de outros idiomas e seus derivados portugueses: *Darwin, Kawaguti, Wagner, Weiss, Werner, Wilson; darwinismo, wagneriano, wagnerismo;*

2) topônimos brasileiros e estrangeiros e seus derivados portugueses: *Alfredo Wagner, Frederico Westphalen, Milwaukee, Ottawa, Porto Walter, Wall Street, Wanderlândia, Wanderley, Waterloo, Washington, Westminster, Wisconsin; portowaltense, wanderlandiense, wanderleiense, westphalense;*

3) nomes oriundos de outros idiomas, mantidos ou não na forma original: *show, watt, wolfrâmio, wolframita;*

4) siglas de empresas, organizações e eventos estrangeiros: *CQ WW, TWA, WTCC;*

5) símbolos de elementos e substâncias químicas: *W* (tungstênio);

6) abreviaturas: *w* (watt), *kw* (quilowatt), *W. O.* (do inglês *walk-over*, termo da linguagem do esporte).

X

84 – O **x** representa cinco sons:

1) som alfabético, chiante: *x*adrez, *x*eque, *x*en*x*ém, pra*x*e, bai*x*o, gra*x*o, ve*x*ar, som este que era desconhecido dos romanos.

Nota: Não se confunda a palavra *xeque* (derivado árabe), que indica um lance do jogo de xadrez, com *cheque* (derivado inglês), que especifica título bancário, ordem de pagamento.

2) som de sibilante forte (**ss**): sinta*x*e, trou*x*e, a*x*ioma;

3) som de sibilante branda (**z**): e*x*ame, e*x*istir, e*x*ecrar, ê*x*ul (êzul), e*x*angue (ezângue);

4) som de **cs**: se*x*o, ne*x*o, complexo, into*x*icar, sílex, tóra*x*, índe*x* (V. nota do § 223);

5) som de **s**: te*x*to (têsto), flu*x* (flus), e*x*ceção (esseção), fêni*x* (fênis).

Observação:

Conservou-se o **x** em *todos* os cinco casos acima vistos; ninguém, pois, vá tirar o **x** de "exceção".

O **x** português pode provir:

a) dum **x** ou **xs**: en*x*ugar de e*x*ucare ou e*x*sucare (= tirar o suco);

b) da combinação **sc**: me*x*er de mi*sc*ere (= misturar), fai*x*a de fa*sc*iam;

c) de um **s**: be*x*iga de ve*s*icam, en*x*ertar de in*s*ertare, pu*x*ar de pulsare, en*x*abido de in*s*apidum, en*x*ofre de *s*ulphur;

d) de dois **ss**: gra*x*o de cra*ss*um (= espesso, grosso), ro*x*o de ru*ss*eum (= vermelho carregado);

e) do dígrafo inglês **sh**: *x*ampu, *X*angai, *x*erardizar, *x*erife, *x*ou.

Y

85 – O **y** é escrito em:

1) antropônimos provenientes de outros idiomas e em seus derivados portugueses: *Byron, Cary, Perry, Taylor, Yasmin, Yehudi, Yoshihiro, Yuri; byroniano, taylorista;*

2) topônimos brasileiros e estrangeiros e seus derivados portugueses: *Bayeux, City* (Londres), *Godoy Moreira, Oyo, Yokohama, Wyoming, York* (mas *Nova Iorque*), *Marigny, Paraty, Paty do Alferes, Ruy Barbosa, Savigny; bayeuxense* ou *bayeense;*

3) nomes oriundos de outros idiomas, mantidos ou não na forma original: *yang, yin, Yom Kippur, yorkshire-terrier, yuan, yuppie;*

4) siglas de empresas, organizações e eventos estrangeiros: *NYSE, NYT, YMCA, YYZ* (sigla para Toronto na aviação);

5) símbolos de elementos e substâncias químicas e de termos da Física e da Matemática: *Dy* (disprósio), *y* (segunda incógnita), *Y* (hipercarga, ítrio), *Yb* (itérbio);

6) abreviaturas: *yd* (jarda, jardas).

Z

86 – É grande a confusão existente entre o **z** e o **s**. Se o **s** quase sempre corresponde a um **s** originário, o **z**, além de equivaler a um **z** etimológico (*z*elador de *z*elatorem, *z*odíaco de *z*odiacum), pode ter mais quatro origens:

1) um **c** intervocálico: vo*z* de vo*c*em, pa*z* de pa*c*em, de*z* de de*c*em, di*z*er de di*c*ere, vi*z*inho de vi*c*inum, juí*z*o de judi*c*ium, ve*z* de vi*c*em, va*z*io de va*c*ivum;

2) a combinação **qu**: co*z*er de co*qu*ere, co*z*inha de co*qu*inam;

3) o grupo **ti**, seguido de vogal: pre*z*ar (de onde vem pre*z*ado) de pre*ti*are, ra*z*ão de ra*ti*onem;

4) o grupo **ph**: gon*z*o de gom*ph*um (= cavilha, prego).

Notas: 1ª – O sufixo **ez**, que denota qualidade ou estado, sempre se escreve com **z**, porque tem origem na terminação latina **itia**, onde encontramos o grupo **ti** seguido de vogal: pequeno+*ez* = pequen*ez*; surdo+*ez* = surd*ez*.

Duas observações se impõem: *a*) esse sufixo tende a confundir-se, se não a ser de todo substituído pelo sufixo **eza**: duro + *eza* = dur*eza*; belo + *eza* = bel*eza*; malvado+*eza* = malvad*eza*; *b*) não devemos confundir esse sufixo com a terminação **ês** ou com a terminação **esa**, provenientes de outras origens: *português*, *presa*, *defesa*, *despesa*, *empresa*, *represa* (§ 630.1, "esa").

2ª – É necessário distinguir "em vez de" de "ao invés de". *Em vez de* significa "em lugar de": "*Em vez de* estudar física, estude química", *Ao invés de* significa "ao contrário de": "*Ao invés de* ficar quieto, começou a responder-lhe".

A primeira locução – *em vez de* – pode ser usada nos dois exemplos dados, mas a segunda – *ao invés de* – denota sempre contraste, oposição; não pode ser empregada como simples sinônima da primeira. Não tem sentido dizer: "Paguei vinte cruzeiros ao invés de quinze", como sentido não tem dizer "Ao invés de sentar-se na cadeira sentou-se no banco".

Encontros Consonantais e Dígrafos

87 – Duas ou mais consoantes podem vir juntas na mesma palavra, mas com certa distinção. Quando, num grupo de duas consoantes, a segunda é **l** ou **r** (chamadas em outros idiomas consoantes líquidas), o encontro é mais forte, isto é, o grupo é mais uno: céreBRo, têneBRa, CLave. Em latim, a vogal que antecede tais grupos consonantais é breve na prosa, mas breve ou longa, à vontade do poeta, no verso.

Já noutros grupos tal união não se verifica; há mais separação entre as consoantes, e na pronúncia errada ou na derivação popular pode aparecer uma vogal: aD(e)Vogado, dificuL(i)Dade, fenômeno chamado *anaptixe* (ou *suarabácti*).

Outras vezes, duas consoantes ocorrem juntas como representantes de um único som; é o que se dá com o *ch*, com o *lh*, com o *nh*, e com as geminadas *rr* e *ss*, que por isso se chamam **dígrafos** (gr. *di* = dois, *grafo* = grafar). Em última análise, o dígrafo corresponde a uma deficiência do alfabeto, ou seja, à inexistência de uma só letra para indicar o som, o que pode acontecer também com o *qu* e com o *gu* (§ 38,6; § 63,2).

CH

88 – Este grupo tem som idêntico ao som alfabético do **x**, som inexistente em latim (o latim não possuía o som chiado).

Diversas podem ser suas origens:

1) o **pl**: *ch*ão de *pl*anum, *ch*eio de *pl*enum, *ch*uva de *pl*uviam, *ch*orar de *pl*orare, en*ch*er de im*pl*ere, *ch*antar de *pl*antar;

2) o **cl** e **scl**: *ch*ave de *cl*avem, ma*ch*o de ma*scl*um (ma*scl*um);

3) o **fl**: *ch*ama de *fl*ammam;

4) Mais uma fonte existe do **ch** chiante: o **ch** francês, que, por sua vez, provém de um **c** duro latino. Assim, o latim *c*apellum através do francês nos deu *ch*apéu; *c*arrucam deu em francês *ch*arrue e daí o português *ch*arrua.

LH

89 – A combinação literal ou *dígrafo* **lh** corresponde, quanto ao som, ao duplo **l** ou **l molhado** do espanhol: *llorar*, *llano*, *molla*, *manilla*, palavras que em espanhol se pronunciam *lh*orar, *lh*ano, mo*lh*a, mani*lh*a.

O grupo **lh** não existe em latim. No mais das vezes, corresponde ao **l** latino que tenha por função evitar hiatos: mu*lh*er de mu*l*ierem, fo*lh*a de fo*l*ia, mi*lh*o de mi*l*ium.

Nossos caboclos abrandam o hiato de maneira diferente: mu-*ié* por mu*lh*er, mí-*io* por mi*lh*o, fô-*ia* por fo*lh*a, à semelhança do **ill** francês: bata*ill*e (batá-*ie*), bata*lh*a; b*ill*et (bi-*ié*), bi*lh*ete, que nossos caboclos dizem bi-*i*ête; me*ill*eur (me-*i*êr), me*lh*or, que nossos caipiras dizem mi-*ió*.

O dígrafo **lh** tem às vezes origem num duplo **l** latino ou num duplo **l** espanhol: cente*lh*a de scint*ill*am, verme*lh*o de vermi*ll*um, embru*lh*ar do espanhol embro*ll*ar.

Outras vezes resulta das combinações:

1) **bl**: tri*lh*o de *triBuLum*, mediante queda do **u** postônico (**u** que vem depois da sílaba acentuada);

2) **cl**: abe*lh*a de *apiCuLam*; governa*lh*o de *gubernaCuLum*; arte*lh*o de *artiCuLum*; gra*lh*a de *graCuLum*; joe*lh*o (antigamente *geolho*) de *genunCuLum*; nega*lh*o (por *ligalho*) de *ligaCuLum*;

3) **dl**: ra*lh*ar de *raDuLare* (= raspar);

4) **gl**: te*lh*a de *teGuLam*;

5) **pl**: esco*lh*o de *scoPuLum*;

6) **tl**: ro*lh*a de *roTuLam* (= rodilha).

90 – Não havendo em português letra especial que representasse o som contínuo lingual molhado, criou-se o grupo **lh**. Eliminou-se, porém, o **h** que nesse grupo não formasse dígrafo; se antigamente se escrevia *filharmônico* (o **l** é letra final do primeiro elemento e o **h** letra inicial do segundo), hoje, sem perigo de erro de pronúncia, escrevemos tais compostos ou sem **h** ou com os elementos separados por hífen: *filarmônico*, *gentil-homem*.

NH

91 – É outro dígrafo inexistente em latim; se o **lh** corresponde ao **l** que tenha por função evitar hiato, o **nh** corresponde ao **n** de idêntica finalidade. Assim é que de se*n*iorem tivemos se*nh*or, de te*n*eo, te*nh*o, de ve*n*io, ve*nh*o.

O *nh* pode ainda ter origem:

1) num duplo **n**: gru*nh*ir de gru*nn*ire;

2) num **d**: ni*nh*o de ni*d*um;

3) na combinação **gn**: cu*nh*ado de co*gn*atum (= da mesma origem), le*nh*o de li*gn*um.

92 – Tal qual ocorreu com o **lh**, deixou-se de grafar o **h** do dígrafo **nh** sempre que o **n** constituísse letra final do primeiro elemento de um composto e o **h** letra inicial do segundo: *inábil*, *anelo*, *anelar*, *inalar*, *inóspito*, *inumano*.

Conclusões

93 – 1) Do estudo da origem e da pronúncia de nossas consoantes vemos a tendência que tem o nosso idioma de abrandar as consonâncias, preferindo a uma consoante forte latina a respectiva homorgânica branda em português. O francês e o espanhol, conquanto diferentemente, seguem esse processo; de exemplo sirvam-nos duas palavras latinas: *catum* em português deu, mediante abrandamento do **c** duro inicial, *gato*; o francês tam-

bém abrandou, mas em **ch** chiado: *ch*at; *plorare* em português se abrandou em *ch*orar e em espanhol em *ll*orar (lhorar). As terminações fortes latinas abrandam-se em português: felici*t*a*t*em, felici*d*a*d*e, ae*t*a*t*em, i*d*a*d*e; o **p** latino frequentemente se abranda em **b**: sa*p*ĕre, sa*b*er; ainda mais se abrandando, o **b** latino dá frequentemente **v**: ama*b*am, ama*v*a, passando a consoante de oclusiva para constritiva.

2) Vimos, no estudo do **f**, que *f*aisão é simplificação de *ph*asianum; acrescentamos agora que em *tisana* já ninguém escreve o **p** mudo inicial existente no latim *ptisanam*.

3) A eliminação do **h** inicial era fato já averiguado no próprio latim: *Annĭbal* é grafia corrente ao lado de *Hannĭbal*; *humĕrus* (ombro) frequentemente se grafava *umĕrus*. *Hariŏlus* aparecia frequentemente *Ariŏlus*.

4) V. no D. QVs. o verbete *Fonemas e letras*.

Questionário

1. Qual a diferença ou diferenças entre *vogal* e *consoante*? (§ 55).
2. Que significa a palavra *consoante*? (§ 55).
3. Que dizer do nosso alfabeto com relação às consonâncias que ele representa? (V. § 58).
4. Quando as consoantes são *oclusivas*?
5. Quando as consoantes são *constritivas*?
6. Quando as consoantes são *fricativas*?
7. Quando as consoantes são *laterais*?
8. Quando as consoantes são *vibrantes*?
9. Quando as consoantes são *bilabiais*?
10. Quando as consoantes são *labiodentais*?
11. Quando as consoantes são *linguodentais*?
12. Quando as consoantes são *alveolares*?
13. Quando as consoantes são *palatais*?
14. Quando as consoantes são *velares*?
15. Quando as consoantes são *surdas*?
16. Quando as consoantes são *sonoras*?
17. Quando as consoantes são *orais*?
18. Quando as consoantes são *nasais*?
19. A uma *consoante dobrada* que outro nome podemos dar? (§ 60, n.).
20. Dois exemplos de palavras em que entre *consoante intervocálica* (§ 60, n.).
21. Donde proveio o **c** inicial das palavras *c*aderno, *c*artola e *c*atorze?
22. Como se deve escrever: *Helvétia* ou *Helvécia*? Por quê?
23. Quando o **c** se diz cedilhado? (Resposta: "O **c** se diz cedilhado quando traz debaixo de si...).
24. Como pronunciar e escrever em português o nome da capital da Espanha?
25. Qual o étimo (= vocábulo etimológico, palavra originária) e quais os significados da palavra *jornal*? (§ 69, 4).
26. Separe silabicamente a palavra *malestar* (§ 71).
27. Está correta esta divisão silábica: *be-ma-ven-tu-ra-do*? Por quê?

28. Que diz desta grafia e acentuação: *específmen*?

29. Corrija, mediante auxílio do dicionário, as palavras grifadas dos seguintes textos:
O procedimento do menino foi muito *exprobado*. Afinal, aquilo era um *opróbio* para a família toda. – Que terrível castigo lhe foi *infringido*! – O pai do avô chama-se bisavô; o pai do bisavô, trisavô; o pai do trisavô, *tataravô*.

30. Que é *rotacismo*? Exemplos.

31. Que é *lambdacismo* ? Exemplos.

32. Escreva o pretérito perfeito de *pôr* e de *querer*. (Não se esqueça do que ficou dito no § 78.)

33. Por que a palavra *cassino* deve de preferência ser escrita com dois **ss**?

34. *Et cetera* como se abrevia e que significa? Explique a pronúncia dessa locução latina e indique os cuidados que se devem tomar no seu emprego.

35. Quantas e quais as consonâncias que o **x** representa? Exemplos.

36. *Xeque* e *cheque* são palavras diferentes? Que significam?

37. *Coser*, com a significação de costurar, escreve-se com **s** por vir do latim *conSuere*. Cozer, com a significação de "submeter à ação do fogo", por que se grafa com **z**?

38. *Presado* (= estimado) está corretamente escrito? Por quê?

39. Por que "ao invés" se escreve com **s** e "vez" com **z**? (§ 78; § 84, 1.)

40. Que é *dígrafo*? (V. o final do § 85.) – Alguns exemplos. (§ 87 e 89.)

41. Corrija a grafia destes verbos (estão na 3ª p. do sing.): *roba*, *cavoca*, *afroxa*, *estora*, *aleja*, *penera*.

*

Claros na numeração dos parágrafos têm por fim possibilitar em futuras edições algum acréscimo que se torne necessário.

CAPÍTULO 5

TONICIDADE ORTOEPIA PROSÓDIA

A) – Sílaba

95 – É a **prosódia** a parte da **FONÉTICA** que estuda os acentos.

As palavras requerem, para a sua exata pronunciação, conhecimento de todos os sons que, um a um, concorrem para sua formação. Este estudo insulado dos sons, quer vogais, quer consonantais, foi o que acabamos de fazer; da reunião desses sons obtêm-se, primeiramente, as *sílabas*, que se pronunciam de uma só emissão de voz; **sílaba** é, pois, o som ou a reunião de sons que se pronunciam de uma só emissão de voz. Da reunião das sílabas obtêm-se os *vocábulos*: *au-tor*, *ca-iu*, *in-tui-to*, *ní-ve-o*, *tê-nu-e*. O estudo da tonicidade dos sons assim reunidos, ou seja, da correta pronúncia das palavras constitui o objeto da **prosódia**; o estudo da correta pronúncia dos sons isolados (boa emissão das vogais, boa articulação das consoantes) chama-se **ortoepia**.

96 – O vocábulo, de acordo com o número de sílabas, diz-se:

a) **monossílabo**, quando de uma única sílaba (gr. *mônos* = só, único): *pó*, *só*, *já*, *os*, *as*, *me*;

b) **dissílabo**, quando de duas sílabas (gr. *dis* = dobro): *mor-to*, *vi-vo*, *ti-o*;

c) **trissílabo**, quando de três sílabas (gr. *tris* = triplo): *má-go-a*, *pa-li-to*, *por-tu-guês*;

d) **polissílabo**, quando de mais de três sílabas (gr. *polýs* = numeroso): *qua-drú-pe-de*, *cons-ti-tu-i-ção*.

B) – Acento

97 – Dividiam, ainda, os gregos e os latinos as sílabas em **breves** e **longas**, ou seja, quanto à *quantidade*. **Breves** chamavam-se as que ocupavam um só tempo na prolação, e **longas** as que ocupavam dois. É este um ponto muito importante em grego e em latim para a versificação. Se entre nós os versos se fazem pelo *número* de sílabas (§ 1003 e ss.), naquelas línguas o verso se baseia na *quantidade* silábica. Pela *natureza* da vogal ou pela *posição* que ela ocupa no vocábulo, sabe-se se ela é *breve* ou *longa*.

Praticamente pode-se isso saber de um bom dicionário latino; a vogal que em cima traz uma meia lua (◡) é *breve*; a que vem encimada de um traço horizontal (—) é *longa*.

Quantidade é, pois, em latim, o tempo que uma sílaba leva para ser pronunciada.

98 – Em português não se leva em consideração a *quantidade* das sílabas; quando entre nós se diz que uma sílaba é *breve*, pretende-se com isso significar que ela não é acentuada, da mesma maneira que uma vez acentuada diz-se *longa*, coisa que não condiz com o que realmente se deveria entender por *quantidade silábica*. No grego e no latim o *acento tônico* de um vocábulo depende da *quantidade* das suas sílabas, ao passo que em português se dá o inverso: a *quantidade* das sílabas de um vocábulo depende do seu *acento tônico*.

99 – Se, em geral, todas as sílabas devem ser pronunciadas para que se obtenha boa pronúncia do vocábulo, uma sílaba existe em todos os vocábulos, cujo conhecimento é indispensável: a **sílaba tônica**. Assim se denomina, dentre as sílabas que formam o vocábulo, aquela sobre a qual recai o *acento tônico* da palavra, isto é, aquela cujo *tom* (lat. *tonus*, donde *tônico*) predomina; as outras, então, dizem-se **átonas**.

Uma sílaba átona será **pretônica** ou **postônica** se vier antes ou depois da sílaba tônica:

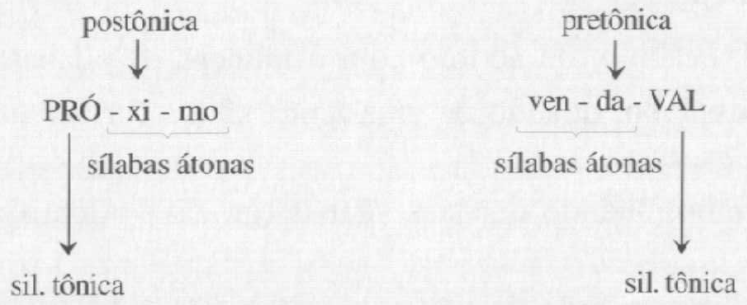

100 – Do latim **ad**, preposição que significa *com*, *junto de*, mais *cantum*, do verbo *cano* (= cantar), a palavra *acento* significa *harmonia*,

acompanhamento, mas hoje se adota para especificar o *icto*, ou seja, o *golpe* que se dá à voz no pronunciar-se determinada sílaba de uma palavra.

Não se confunda **acento tônico** (também denominado *acento prosódico* ou *icto*) com **acento diacrítico** (gr. *diacriticós* = apto a distinguir), ou seja, com os sinais gráficos com que se indicam os valores das vogais: *acento agudo* (´), *acento grave* (`), *acento circunflexo* (^) e *til* (~), que iremos estudar no § 132 e ss.

101 – O acento tônico pode, em português, ocupar três posições, recaindo ou na *última* ou na *penúltima* ou na *antepenúltima* sílaba. Segundo esses três casos, classificam-se os vocábulos em:

1º) **Oxítonos**, quando o acento tônico está na *última* sílaba: *u-ru-BU*, *na-RIZ*, *fei-JÃO*.

2º) **Paroxítonos**, quando o acento tônico cai na *penúltima* sílaba: *MA-to*, *re-NHI-do*, *sa-cer-DO-te*.

3º) **Proparoxítonos**, quando recai o acento tônico na *antepenúltima* sílaba: *Ó-ti-mo*, *CÂN-di-do*, *ca-PÍ-tu-lo* (V. § 50, n. 3).

102 – **Vocábulos átonos** – **Vocábulos tônicos**: São **átonos** os vocábulos sem acentuação própria, isto é, os que não têm autonomia fonética, apresentando-se como sílabas átonas do vocábulo seguinte ou do vocábulo anterior: *me*, *te*, *se*, *em*, *de* e outros, sobre os quais a voz passa sem se apoiar.

São **tônicos** os vocábulos com acentuação própria, isto é, os que têm autonomia fonética: *só*, *Deus*, *casa*, *estudo*.

Pode ocorrer que, conforme mantenha, ou não, sua autonomia fonética, o mesmo vocábulo seja átono numa frase, porém tônico em outra: "Quero *que* saia" (átono) – "Quer o *quê*?" (tônico).

Tal pode acontecer, também, com vocábulos de mais de uma sílaba: serem átonos numa frase ("Não fiz *porque* não pude"), mas tônicos em outra: "Quero saber o *porquê* disso".

103 – Quando se apoia no acento do vocábulo posposto, o vocábulo átono diz-se **proclítico** (*pro* = para frente, *clísis* = inclinação):

Ele *me dis*se. Já *lhe* con*tei*.

Quando se apoia no vocábulo anteposto, o vocábulo átono chama-se **enclítico**: man*da*ram-me, *fiz-lhe*.

Palavras enclíticas são, pois, as que para efeito de acentuação se apoiam na palavra anteposta; proclíticas são as que se apoiam no acento da palavra posposta.

104 – Dentro de nossa língua, é impossível enfeixar as nossas palavras em regras especiais que determinem o seu acento. Em regra geral, este é dado aos nossos vocábulos de conformidade com o acento que têm na língua de origem e não de acordo com a terminação ou qualquer característico no próprio português. Assim, se dizemos que *Gibraltar* é *oxítono* e *Amílcar paroxítono* (palavras de idêntica terminação) é por ser esse o acento etimológico.

Desde que a quase totalidade de nossas palavras provêm do latim, é de muita importância conhecer as regras de prosódia dessa língua. Este ponto é tão importante e ao mesmo tempo tão simples que aqui vamos expor as regras, ou melhor, a regra de prosódia latina, recomendando ao aluno que veja antes o que ficou no § 97. Em latim, quando a penúltima sílaba de um vocábulo é breve, o acento recua para a antepenúltima; quando a penúltima for longa, o acento cairá sobre ela. Suponhamos querer o aluno tirar a limpo o verdadeiro acento da palavra *prototipo*; bastar-lhe-á abrir um bom dicionário latino, que aí verá a sigla breve (◡) sobre a penúltima sílaba – *tŷ* – sinal de que o acento deverá recuar para a sílaba *to*: *proTÓtipo*. Fosse o acento de *ibero* que quisesse averiguar, veria que o acento certo em português é *ibéro*, por ser longa a penúltima sílaba, o que se indica por meio de um tracinho: *bē*. Há, no entanto, certas palavras em que o acento errado se consagrou:

orgia (port.) – orgia (latim)
ídolo (port.) – idolo (latim)
acônito (port.) – aconito (latim)

105 – Para evitar possíveis silabadas, aqui estão umas tantas palavras, agrupadas de acordo com o acento que mais lhes convém e, para maior clareza, com o respectivo sinal diacrítico.

Oxítonas

Belvedér (nome próprio de lugar; não confundir com *belvedere*, paroxítono e de *e* fechado)

Chancelér (xan-sse-lér)

Gibraltár

Hangár

Harêm

Refêm

Sutil (= tênue)

Paroxítonas

Acórdão
Ámen (acento latino, ao lado do popular *amêm*)
Apoteóse
Batávo
Bênção
Bolívar
Bômbix (bôn-biks)
Bórax (bó-raks)
Cânon (ou *cânone*)
Choromândel (pronuncie *xo*)
Cível (*civil* é oxítono)
Decâno
Díspar
Fêmur
Fênix (fênis)
Filantrôpo
Fléxil (fléksil)
Frângão
Getúlo
Gólfão
Grácil
Ibéro
Libído
Líquen (líken)
Lódão
Misantrôpo
Orégão
Órfão
Órfã
Pegáda
Períto
Projétil
Pudíco
Púgil
Réptil
Rubríca
Sóror
Sótão
Súlfur
Sútil (subst. = cabana; adj. = cosido, costurado)
Tórax (tóracs)
Uréter
Vítor

Proparoxítonas

Ádito
Aeródromo
Ágape
Álacre
Alcáçova
Antífrase
Antístrofe
Arquétipo
Areópago
Aríete
Atlântida
Azáfama
Bátega
Brâmane
Cômputo (substantivo)
Crisântemo
Drúida
Édito
Energúmeno
Ênfase
Epíteto
Ésquilo (nome próprio)
Êxodo (êzodo)
Gárrulo
Gênese
Górgona
Grandíloquo
Hipódromo
Horóscopo
Híades
Ignívomo
Íngreme
Ínterim
Ládoga
Lúcifer
Madrépora
Módena
Niágara
Notívago
Óbice
Oceânia
Ômega
Orquídea
Partênope
Pérfuro
Pérgamo
Perífrase
Pródromos
Prófugo
Prônubo
Protótipo
Quasímodo
Sátrapa
Sêneca
Síndrome
Végeto
Velódromo
Zéfiro

Nota: Outras exigem cuidado; *edito*, p. ex., será paroxítono ou proparoxítono conforme a significação. V. *Dicionário de Questões Vernáculas*.

106 – Acento principal – Acento secundário: Acontece haver em certos vocábulos, além do acento tônico que predomina na palavra, acento que então se diz acento **principal**, um segundo acento, *secundário*. Tal se dá em compostos cujo primeiro elemento conserva o acento que lhe é próprio.

Assim, no advérbio *subitamente*, além do acento tônico na sílaba *men*, existe um segundo acento na sílaba inicial, motivado pela acentuação própria do adjetivo "s*ú*bito". Este segundo acento chama-se *secundário* e a sílaba sobre que ele recai chama-se **sílaba subtônica**. A perfeita pronúncia desta palavra requer obediência aos dois acentos: s*ú*bita*mên*te; seria mal pronunciada se deslocássemos o acento secundário para a segunda sílaba: su-*bí*-ta-*men*-te.

Outros exemplos: *sotéropolitano* e não *sóteropolitano* (o nascido em Salvador, capital da Bahia); *hemócitológico* e não *hêmocitológico* nem *hemocítológico*; *antrôpologia* e não *ântropologia*; *áerovia* e não *aérovia* (o *e* se separa do *a* inicial: *á-e-ro* e não *áiro*); *áeroplano* (á-e-ro) e não *aéroplano*.

Note-se que os sinais diacríticos indicativos da subtônica foram abolidos pelo Decreto nº 5.765, de 18 de dezembro de 1911. (V. nas primeiras páginas, na parte dos ACENTOS, o que está em CIRCUNFLEXO, B, 1 e em GRAVE, B.).

107 – Acento rizotônico – Acento arrizotônico: O acento tônico é **rizotônico** quando cai no radical da palavra, que então se diz **rizotônica**: *fútil*, *louvo*. É **arrizotônico** quando cai depois do radical, e a palavra então se diz **arrizotônica**: *fútil-idade*, *louv-emos*.

Questionário

1. Que é *sílaba*?
2. Separe as sílabas dos seguintes vocábulos: *chapéu*, *pavio*, *sentiu*, *influi*, *tênue*. (Não acertará a resposta o aluno que não tiver estudado os quadros dos parágrafos 49 e 50.) Não confunda número de sílabas com hifenização.
3. Que vem a ser *dissílabo*? Exemplos.
4. Quando um vocábulo é *polissílabo*?
5. Que se entende, no estudo das sílabas, por *quantidade*? Por outras palavras: Que vêm a ser *sílaba longa* e *sílaba breve*?
6. Que é *sílaba tônica*?
7. Que são *sílabas átonas*? Exemplo.
8. Dê a definição de *acento*.
9. Que são *acentos diacríticos*?
10. Com relação ao acento tônico, como podem ser as palavras em português? Definições e exemplos.
11. Que são palavras *enclíticas*?
12. Palavras de igual terminação podem ter acento diferente? Por quê? (V. começo do § 104.)
13. Qual a regra latina de acentuação?
14. Tem dúvida sobre a acentuação de alguma palavra?
15. Que é *acento secundário* e como se chama a sílaba sobre que ele recai?
16. Dois exemplos de palavras em que, além da tônica, haja uma *sílaba subtônica*.
17. Quando o acento é *rizotônico*, e quando é *arrizotônico*?

CAPÍTULO 6

METAPLASMOS

110 – Existe uma parte da gramática histórica, que precisamos aqui estudar; é a relativa às *transformações* ou *alterações* que os vocábulos sofrem *sem que seu sentido se altere*. Diversas espécies há dessas transformações, mas um nome existe que a todas elas se aplica: **Metaplasmo** (gr. *metaplasmós* = transformação). *Metaplasmo* é, pois, o nome que se dá às várias espécies de transformações ou alterações que os vocábulos sofrem sem que se altere o seu sentido.

Essas transformações, também denominadas *figuras de dicção*, não se fazem a revelia, por esta ou aquela pessoa, mas, sim, pelo uso generalizado. Os metaplasmos, além de limitados pelo uso, são restritos a certas palavras, conforme passaremos a ver.

111 – Os diversos casos de alterações prosódicas efetuam-se de uma destas maneiras: ou por *adição*, ou por *subtração*, ou por *substituição*, ou por *transposição* de sons.

Adição

112 – O **acréscimo** de sons aos vocábulos pode efetuar-se no *princípio*, no *meio* e no *fim* do vocábulo. Em cada um desses casos, o *metaplasmo* tem denominação especial:

A) **Prótese** (gr. *próthesis* = colocação anterior) – É o metaplasmo que consiste no acréscimo de uma letra ou sílaba no começo do vocábulo:

*a*figurar (figurar)	*a*lembrar (lembrar)	*a*rrenegar (renegar)	*a*voar (voar)
*a*lâmpada (lâmpada)	*a*levantar (levantar)	*a*rrodear (rodear)	
*a*lanterna (lanterna)	*a*limpar (limpar)	*a*ssoalho (soalho)	

Observações:

1ª – Lembramos aqui e em todos os metaplasmos o que dissemos no início do § 110: "Estas alterações se produzem *sem que se altere o sentido do vocábulo*". Assentado isso, de forma alguma se pode considerar caso de prótese a palavra *acatólico*, porque o *a* inicial está modificando o sentido da palavra *católico*; é partícula que, nesse vocábulo, traz-lhe ideia de negação (*a* = não) – V. § 630.0, n. 1.

2ª – Palavras que em línguas estrangeiras começam por "s" **impuro** (Assim se denomina o **s** que, vindo no início da palavra, é seguido de consoante e não de vogal: sport, Stokholm) devem receber em português um **e** inicial, que nesse caso se chama "e" **protético** (ou *eustômico*); exemplos: *e*stoque (ingl. *stock*), *e*sporte (ingl. *sport*), *E*stocolmo (*Stockholm*, capital da Suécia), *e*spontâneo (lat. *spontaneum*).

Esse é o motivo por que não podemos escrever *expontâneo*, *explêndido*, uma vez provenientes de palavras latinas começadas por **s** impuro.

B) **Epêntese** (gr. *epénthesis* = inserção) – Consiste no acréscimo de um som ou letra no *meio* da palavra:

Ma*v*orte (*Marte*, deus da guerra) — fra*l*da (*falda*)
est*r*alar (*estalar*) — lis*t*ra (*lista*)

C) **Paragoge** (gr. *paragogé* = colocação posterior) – Consiste no acréscimo de uma letra ou sílaba no *fim* do vocábulo:

mártir*e* (*mártir*) — felic*e* (*feliz*)

Observação:

Mavorte, *mártire*, *felice* e outros acréscimos não constituem, rigorosamente, *figuras de dicção*; são formas usadas no português antigo, que hoje só se empregam como *licenças poéticas*, isto é, como liberdades de que só em poesia se pode lançar mão.

Subtração

113 – A subtração de sons, da mesma maneira que a *adição*, pode operar-se no *princípio*, no *meio* e no *fim* do vocábulo, donde mais três espécies de *metaplasmos*:

A) **Aférese** (gr. *aphaíresis* = espoliação) – Consiste na supressão de uma letra ou sílaba no *início* da palavra:

té (*a*té) — *Zé* (*J*osé) — *inda* (*a*inda)

Observação:

Não se vá citar um mesmo exemplo tanto para *prótese* quanto para *aférese*. *Zé* é aférese de *José*, mas *José* não é prótese de *Zé*, porque *José* não é metaplasmo. Os exemplos de todos os metaplasmos representam fenômenos operados dentro do português.

B) **Síncope** (gr. *syncopé* = corte) – Consiste na supressão de uma letra ou sílaba no *meio* da palavra:

imígo (*i*nimigo) — *mór* (m*a*ior) — *soidão* (so*l*idão) — *per'la* (pér*o*la)

Nota: Lembramos aqui, e para a *aférese*, a observação deixada na letra ***C*** do parágrafo antecedente.

C) **Apócope** (gr. *apocopé* = amputação) – Consiste na supressão de uma letra ou sílaba no *fim* do vocábulo:

grã, *grão* (grand*e*) *val* (val*e*)
bel (*belo*) *dês* que (des*de* que) *mui* (mui*to*)

Notas: 1ª – Em português regra nenhuma existe para o emprego de *mui* em lugar de *muito*, mas poderemos, segundo a eufonia, empregar *mui* somente como advérbio: *mui* pouco, *mui* sorrateiramente.

2ª – A forma apocopada "são" emprega-se antes de nomes começados por consoante: *São Francisco*, *São José*.

"Santo" precede nome começado por vogal ou *h*: *Santo Antônio*, *Santo Henrique*.

São exceções, talvez por influência do espanhol, *Santo Tomás*, *Santo Tirso*, *Santo Cristo*. *Santo* é ainda a forma que se usa quando antes de outro título (*Santo* Frei Gil) ou referente a patriarcas do Velho Testamento: *Santo* Jeremias, *Santo* Jó.

Com os nomes próprios femininos usa-se somente a forma *santa*: *Santa Cecília*, *Santa Inês*.

114 – Há dois casos especiais de *apócope*, que são estudados separadamente:

A) **Sinalefa** (gr. *synaloiphé* = fusão) – Consiste na *fusão* de duas palavras, mediante supressão da última vogal da primeira palavra:

do (d*e* + o) *lho* (lh*e* + o) *estoutro* (est*e* + outro)
minh'alma (minh*a* + alma) *nestúltima* (nest*a* + última)

Observação:

Era largamente usado o *apóstrofo* (') para indicar a *sinalefa*; hoje a tendência é eliminá-lo, principalmente nos casos em que a fusão se opera entre preposições e artigos ou entre pronomes. Há até casos em que o seu emprego não se justifica: Em *n'o*, *n'um*, combinações da preposição *em* com os artigos *o* e *um*, o que realmente desapareceu foi o *e* inicial; pelo que, coerentemente assim se deveriam escrever: *'no*, *'num*. Para não incorrer nessa esdruxulez, a ortografia oficial eliminou o apóstrofo das combinações das preposições *de* e *em* com artigos, pronomes pessoais, demonstrativos, indefinidos e com alguns advérbios: *do*, *dum*, *no*, *num*, *dalgum*, *nalgum*, *dele*, *nela*, *dalgures* etc.

B) **Ectlipse** (gr. *ecthlípsis* = ato de esmagar; pronuncie *ect-lípse*) – Consiste na supressão do *m* final da preposição *com* diante de vocábulos começados por vogal: *co'o* ou *c'o* (*com* + o), *co'um* (*com* + um) – V. § 137.

Nota: A *ectlipse* só é usada na conversação comum e na poesia.

Substituição

115 – A **substituição** (ou *permuta*) consiste na troca de um som (ou letra) por outro, e pode efetuar-se de duas maneiras: por *crase* e por *assimilação*.

116 – **CRASE** (gr. *crásis* = mistura) é a fusão escrita e oral de duas vogais idênticas.

Nesse sentido, a palavra *crase* pode ser aplicada às grafias *têm* (em vez de t*ee*m, 3ª pess. pl. do ind. pres. do v. *ter*), *vêm* (em lugar de v*ee*m, 3ª pess. pl. do ind. pres. do v. *vir*), mas essa denominação visa a especificar principalmente a contração ou fusão da preposição *a* com:

1º) o artigo definido ou pronome substantivo feminino átono *a*, *as*;

2º) os demonstrativos *aquele*, *aquela*, *aqueles*, *aquelas* e *aquilo*.

Essa contração expressa-se, na grafia, mediante o acento grave: *à*, *às*, *à*quele, *à*quela, *à*queles, *à*quelas e *à*quilo.

à = *a* + *a*

preposição artigo ou pronome

Dessa explanação depreendem-se as regras para o perfeito uso da crase:

1ª regra – É **condição essencial**, "sine qua non", que a crase venha **ANTES DE PALAVRA FEMININA**.

Dessa maneira, **de nenhum modo** poderemos usar crase antes de nomes masculinos. Erros gravíssimos constituem formas como estas: Ele foi *à* pé – Isto pertence *à* seu irmão – Compras *à* prazo – porquanto *pé*, *irmão* e *prazo* são palavras de gênero masculino. Sendo a crase a contração da *preposição a* com o *artigo feminino a*, como crasear o *a* antes de nomes masculinos, se o artigo destes nomes é *o*? Nessas locuções o *a* é simplesmente preposição.

Pela mesma razão, não se pode crasear o *a* antes dos *verbos*, porque são considerados do gênero masculino: Ele está *a* morrer – Ele se pôs *a* gemer – e nunca: Ele está *à* morrer – Ele se pôs *à* gemer.

2ª regra – É necessário que a palavra **DEPENDA DE OUTRA QUE EXIJA A PREPOSIÇÃO "A"**. Erro seria na frase "*A rosa murchou*" crasear o *a*, porquanto *rosa* é sujeito e o *a* que o antecede é simples artigo.

3ª regra – É necessário que a palavra **ADMITA O ARTIGO FEMININO "A"**. Na frase: "Ele foi *a* Roma" – não podemos crasear o *a* que antecede *Roma* porque ela não admite antes de si o artigo feminino *a*. Diz-se: "Roma é cidade linda", e não: "*A* Roma...". Prova isto que o *a* da oração "Ele foi *a* Roma" é simples preposição, e não pode, conseguintemente, ser craseado.

Nota: Todavia, quando queremos particularizar, empregamos a crase. Exs.: Refiro-me *à Roma de César* – Reporto-me *à Lisboa de Camões* – porque se diz: "*A* Roma de César foi opulenta" – "*A* Lisboa de Camões criou fama".

No tempo de Camões não havia o sinal gráfico indicativo da combinação de dois *aa*: "Que fez fazer aas outras companhia" (III, 68) – "Notauel aa condessa fez de Frandes" (VI, 68).

117 – Regras práticas para o emprego da crase:

1ª regra prática – Existe uma regra prática que é, na maioria das vezes, ótima norma para o emprego da crase: *Emprega-se a crase sempre que, substituindo-se o vocábulo feminino por um masculino, aparece a combinação "ao" antes do nome masculino*. Suponhamos haver dúvida em crasear o *a* na oração: "Eu vou *a* cidade". Uma vez que se diz: "Eu vou *ao* teatro" – na oração "Eu vou *a* cidade" *deve* ser craseado o *a*.

Para que se possa aplicar essa regra prática, é necessário o cumprimento de todas as regras anteriores; assim, em: "Eu vou *a* Roma", de nada valerá aplicar a regra prática, uma vez que *Roma* não admite antes de si o artigo feminino.

Da mesma maneira, não se emprega a crase quando, substituindo-se na locução o nome feminino por outro masculino, não aparece a forma *ao*; por isso é que não se craseia o *a* da expressão: "Ele foi ferido *a* bala", porque não se diz: "Foi ferido *ao* cacete", mas sim "ferido *a* cacete", o que vem demonstrar que o *a* nessa frase é apenas preposição. Assim, não se pode grafar: "Escrever uma carta *à* máquina, *à* mão, *à* tinta", porque não se diz: "Escrever uma carta *ao* lápis". Não se grafa "pagamento *à* vista" mas "pagamento *a* vista" (não se diz pagamento *ao* prazo; não há determinação); grafa-se, porém, "O resultado está *à* vista de todos", porque se diz "O resultado está *ao* alcance de todos" (= *na* vista de todos; há determinação).

2ª regra prática – Craseia-se o *a* de uma frase quando pode ser substituído por *para a*, *na*, *pela*, *com a*, ou, de conformidade com o caso, por qualquer preposição acompanhada do artigo *a*; assim, craseia-se o *a* em: "Dei isso *à* Casa de Misericórdia", porque se pode dizer: "Dei isso *para a* Casa de Misericórdia". "Estou *às* portas da morte", com crase no *as*, porque se poderia dizer: "Estou *nas* portas da morte". "*Às* três horas", porque se pode dizer: "*Pelas* (per + as) três horas" (a pequena mudança de sentido nessas substituições não impede a aplicação da regra).

Nota: A 1ª condição essencial, vista no parágrafo anterior ("De nenhum modo poderemos usar crase antes de nomes masculinos"), diz respeito à contração da preposição *a* com o artigo ou pronome *a*, *os*. Tratando-se de *aquele*, *aquela*, *aqueles*, *aquelas*, *aquilo*, basta que haja a preposição *a* antes dessas palavras para que ocorra a crase. Se na expressão "para aquele menino" substituirmos o *para* por *a*, teremos dois *aa* seguidos, que deverão contrair-se: *a aquele* = *àquele*. Não importa, nos casos em que aparece esse demonstrativo, o gênero gramatical. Exemplos: "Dei um lápis *àquela* menina" – "Recorri *àquele* homem" – "Refiro-me *àquilo*".

Os verbos desses exemplos exigem a preposição *a*, a qual, vindo encontrar-se com o *a* que inicia o demonstrativo, com ele se funde.

118 – Conclusões do estudo da crase:

1ª – Será livre o emprego da crase quando livre for o emprego do artigo feminino. Em: "Dei isto *a* minha irmã" fica à vontade do autor o emprego da crase, porque tanto, nesse caso, empregamos o artigo feminino ("A minha irmã não está"), como o deixamos de fazer ("Minha irmã não está"). Se o possessivo estivesse no plural, como na oração: "Dei isto *às* minhas irmãs" – deveríamos sem dúvida crasear o *as*, o que evidentemente demonstra a 1ª regra prática: "Dei isto *aos* meus irmãos". O *s* indica a presença de artigo.

2ª – Unicamente quando ficar comprometida a clareza da frase é que poderemos fugir das regras acima; é dificil atinar com o significado da sentença: "Fique a vontade em seu lugar", onde não sabemos se *a vontade* é sujeito ou locução adverbial. Se queremos dizer: "Fique *você* a vontade", isto é, *a gosto*, podemos crasear o *a*, embora de encontro a todas as regras acima expostas: "Fique *à* vontade em seu lugar".

3ª – Em expressões como "Vestir-se *à* Luís XV" – "Móveis *à* Luís XIV" o *a* aparece craseado, por modificar a palavra feminina *moda*, oculta nessas frases: Vestir-se *à* (moda de, pela moda de) Luís XV – Agiram *à* palhaços de circo.

Esse fenômeno se dá todas as vezes em que nomes próprios masculinos constituem denominações de coisa do gênero feminino: "Dirigi-me *à* Gustavo Barroso" (= *à fragata* Gustavo Barroso) – "Vou *à* Melhoramentos" (= *à Companhia* Melhoramentos).

Nos exemplos desta 3ª conclusão estão realmente subentendidos os nomes femininos citados (*fragata*, *companhia*), porque eles realmente existem nessas denominações; trata-se de elipse real e não de elipse forçada. Esclarecemos isto porque há quem ponha crase em "Vou *a* Santos", alegando estar subentendida a palavra *cidade* – o que é totalmente falso.

4ª – O *a*, quando seguido de nome plural, é mera preposição; não pode, por isso, levar crase: "Quanto *a* referências..." – "Chegou *a* vias de fato" – "Daremos *a* pessoas dignas...".

5ª – Possuímos duas palavras femininas que, ordinariamente, não admitem o artigo: **casa**, na acepção de morada, residência: "Vim *de* casa" – "Estive *em* casa" – "Ó *de* casa" – são expressões que mostram claramente a não existência do artigo antes do vocábulo *casa*, pois do contrário as expressões seriam "Vim *da* casa" – "Estive *na* casa" – "Ó *da* casa". Daqui facilmente concluiremos ser erro crasear o *a* antes dessa palavra, **quando empregada com o sentido de lar, residência, domicílio**: "Eu vou *a* casa", e não: "Eu vou *à* casa".

Se, porém, o vocábulo *casa* vier seguido de uma especificação qualquer, como "A Casa X", "A casa de Pedro", é admissível e necessária a crase (quando, naturalmente, essa palavra estiver em relação complementar). "Fui *à* Casa Anglo-Brasileira" – "Dirigi-me *à* casa de Pedro" – "Irei *à* Casa da Moeda" – pois, aplicando-se a segunda regra prática, diremos: "Estive *na* Casa da Moeda" – "Vim *da* casa de Pedro".

6ª – Outro caso de supressão do artigo se dá com a palavra **terra** na acepção de *chão firme*, empregada para contrastar com o elemento movediço do mar: "Estive *em* terra" – "Iremos *por* terra". Portanto, dadas as mesmas razões que aduzimos no caso anterior, devemos escrever: "Levamo-lo *a* terra" (e não *à*) – "Chegamos ainda hoje *a* terra" (e não *à*).

7ª – O emprego da crase antes de **nomes próprios femininos** obedece à possibilidade ou não do artigo: se antes de nomes próprios femininos de pessoas íntimas por relações de parentesco, amizade ou política empregamos o artigo (*a* Maria, *a* Laura, *a* Noemi, *a* Chiquinha), é claro que esses nomes, quando em relação complementar, devem vir precedidos de *a* craseado: "Vou levar isto *à* Maria" – "Darei o dinheiro *à* Laura" – "Direi isso *à* Noemi" – "Entregue o documento *à* Chiquinha". Se, porém, costumamos referir-nos a essas pessoas conhecidas sem empregar artigo (Laura está doente – Maria não veio), é também claro que esses nomes, quando em relação complementar, não devem vir precedidos de *a* craseado: "Escrevi *a* Laura" (e não *à* Laura).

Tratando-se de pessoas célebres ou a nós não íntimas, não empregamos o artigo: Maria Cristina, Maria Stuart, Ana Bolena, Joana d'Arc (e não: *a* Maria Cristina, *a* Maria Stuart, *a* Ana Bolena, *a* Joana d'Arc). Quando tais nomes estiverem em relação complementar, não poderão vir precedidos de crase: "Impuseram condições *a* Maria Stuart" (e não *à*).

8ª – Três nomes existem – **Europa**, **Ásia** e **África** – que outrora não levavam artigo; daí o dizer "Meter lanças *em* África". Esses nomes, e mais os de alguns países, como *Espanha*, *França*, *Inglaterra*, *Holanda*, não exigem obrigatoriamente o artigo, quando regidos de preposição: vir *de* França, Leão *de* França, estar *em* Holanda. Pois bem, o emprego da crase antes de tais nomes é livre, tal qual acontece com a crase antes de possessivos.

9ª – Uma vez que os pronomes de tratamento começados por possessivos (*sua* senhoria, *vossa* majestade, *sua* santidade) não admitem o artigo antes de si, *jamais* poderão vir precedidos de *a* craseado: "Dei isso *a* vossa senhoria" (e não: *à* vossa senhoria).

10ª – Chamamos aqui a atenção para o seguinte: As expressões "devido a", "relativo a", "referente a", "com respeito a", "quanto a", "obediência

a" e outras devem ter o *a* craseado quando vêm antes de nomes femininos determinados pelo artigo:

devido *à* morte do pai	referente *à* prisão
devido *às* dificuldades	com respeito *à* situação
obediência *às* leis	quanto *à* natureza

A aplicação da 1ª regra prática obriga-nos evidentemente a essa crase: se o certo é "devido *ao* falecimento", é claro que, se em vez de *falecimento* pusermos uma palavra feminina, o *a* deverá ser craseado.

Está claro que se disséssemos "devido *a* dificuldades imprevistas", "obediência *a* leis injustas" não estaríamos empregando o artigo e, como atrás ficou observado (nº 4 deste §), o *a* é somente preposição, pelo que não pode ser craseado.

Ainda que no singular, uma palavra pode estar empregada em sentido geral, sem determinação; não há então artigo e, pois, não há crase: "Devido *a* morte ocorrida em nosso grupo, desistimos do empreendimento" (= devido *a* desastre...).

11ª – Suponhamos estas duas orações: "... nação *a* que você se refere" e: "... nação *à* qual você se refere". Por que razão o *a* não deve ser craseado na primeira sentença e deve ser craseado na segunda? A aplicação da 1ª regra prática prova-nos que o primeiro *a* é somente preposição e que o segundo é contração da preposição *a* com o artigo feminino *a*: "O país *a* que você se refere" e "O país *ao* qual você se refere".

12ª – Com essas considerações, finalizamos o estudo da crase; muitos exemplos e muitos outros casos poderíamos ventilar, mas seria isso desnecessário ao aluno, ao qual bastam as regras práticas para resolver qualquer dificuldade. Que necessidade haverá de ensinar, com regras especiais, que antes de *uma*, de *essa*, de *esta* etc. não se usa crase? Essa e outras questões estão englobadas na regra prática da substituição; é impossível dizer "*ao* um", "*ao* esse", logo não é possível crasear o *a* nas expressões: "Dei *a* uma velhinha..." – "Mandei *a* essa cidade...".

Quanto ao *uma*, há o caso da expressão de tempo "*à* uma hora", na qual entra o numeral e não o indefinido, e o numeral admite determinação; se as horas são passíveis de determinação, a primeira hora, ou seja, a uma hora está no mesmo caso: "Isso aconteceu *às* duas da tarde" – "Estudo d*a* uma *às* cinco" – "Faltavam vinte minutos para *a* uma hora da tarde" – "Morreu *à* uma da madrugada".

Observação:

Não se deve fazer ouvir os dois *aa* da crase.

119 – Assimilação: Consiste este *metaplasmo* na influência que, no vocábulo, uma consoante exerce sobre uma segunda, a ponto de fazer com que esta seja substituída por outra que àquela se assemelhe.

Se à palavra *regular* for acrescentado o prefixo *in* (= não), para que se obtenha a ideia de "não regular", o *n* do prefixo se assimilará ao *r* inicial de *regular*: i*n* + *r*egular = i*rr*egular.

Assimilação é, pois, o metaplasmo que consiste na substituição de uma consoante por outra que se assemelhe (*simĭlis*, em latim, quer dizer *semelhante*; de *simĭlis* é que veio a palavra *assimilação*) à consoante mais próxima.

120 – A assimilação pode ser *progressiva*, quando a modificação se opera na consoante que vem *depois*; *regressiva*, quando a que vem *antes* é que se acomoda à segunda, sendo este o tipo mais frequente de *assimilação*.

Assimilação Regressiva

su*b* + por = su*pp*or
i*n* + romper = i*rr*omper
a*d* + provar = a*pp*rovar
i*n* + lustre = i*ll*ustre
a*d* + tender = a*tt*ender
a*d* + quisição = a*cq*uisição

Assimilação Progressiva

nos*tr*o = nos*s*o
en + *lo* = en*n*o (§ 121, 3)
vos*tr*o = vos*s*o

Observações:

1ª – Como acontece com a maioria dos fenômenos metaplásticos, a *assimilação* visa a facilitar a pronúncia. É a *assimilação* um fenômeno que se opera *paulatinamente*, de acordo com a evolução da língua. Assim, no exemplo dado no início desta lição (*in* + *regular* = *irregular*), a assimilação do *n* em *r* não se fez ato contínuo à criação do composto; a palavra viveu anos, no latim, na forma *iNRegular*. É fácil concluir desse exemplo a quase não existência, em rigor, de assimilações operadas dentro do português; na quase totalidade, são consequência de fatos operados no latim ou ainda no grego.

2ª – Duas conclusões tiraremos da observação anterior:

a) Em palavras como *sublocar*, *sublunar*, as letras que concorrem para a formação do grupo consonantal *bl* devem ser pronunciadas separadamente: *sub'locar*, *sub'lunar*, conservando cada qual seu valor literal. Isso porque essas palavras se formaram dentro do português, sem que, até hoje, nenhuma assimilação nelas se tenha efetuado.

Outras, como *abrenunciar*, *ablegar*, *sublevação*, pronunciam-se *a-BRE-nunciar*, *a-BLE-gar*, *su-BLE-vação*, por terem vindo já formadas do latim.

b) Ainda que se usasse a ortografia mista, não haveria razões para se duplicarem consoantes em palavras como *acordo*, *acordar*, *acerto*, *acertar* (que muitos escreviam com dois *cc*), porquanto tais palavras foram formadas em português. Em *approximar*, *apparecer* dobravam-se os *pp*, porque esses vocábulos foram criados no latim (*ad* + *p*roximare, *ad* + *p*arere) e nos vieram já na forma assimilada, ao passo que as outras foram criadas dentro de nossa língua (*a* + *cordar*, *a* + *certo*), nelas entrando apenas o prefixo *a* e não *ad*, que em português não existe.

3ª – A assimilação diz-se **total** (*perfeita*, *completa*) quando dela resultam duas consoantes idênticas (i*ll*ustre, i*ll*ícito); obtém-se então uma *consoante geminada*, que praticamente nenhum valor prosódico tinha em português, uma vez que era pronunciada como se fosse consoante simples. Tal não se dava no latim, como ainda hoje não se dá com o italiano, língua em que a geminada é articulada distintamente da simples, mediante demora na articulação: *tutto* = *tut*...'*to*, *quello* = *quêl*...'*lo*, tal qual fazemos com as geminadas *rr* e *ss*: *carro* = *car*...'*ro*, *passo* = *pas*...'*so*.

Consequência disso foi terem sido suprimidas as geminadas sem valor prosódico.

121 – Dentro do português, poucos são os casos de assimilação. Deixando de lado considerações que, não raro, nem ao próprio latim interessam, vejamos alguns que se nos afiguram importantes dada a elucidação que trazem para pontos sobre que muito frequentemente aparecem dúvidas.

1 – O pronome oblíquo *nos*, quando junto dos pronomes oblíquos *o*, *a*, *os*, *as* (*nos* + *o*, *nos* + *a*, *nos* + *os*, *nos* + *as*), provoca o emprego das formas *lo*, *la*, *los*, *las*: *nos* + *lo*, *nos* + *la*, *nos* + *los*, *nos* + *las*(*). Da junção *nos* + *lo*, *nos* + *la* etc. consequência natural foi a assimilação do *s* em *l*: no*l*-lo, passando-se então para a forma *no-lo* (§§ 321 e 322).

O mesmo se diga das combinações *vos* + *o*, *vos* + *a* etc., que resultaram em *vo-lo*, *vo-la*, *vo-los*, *vo-las* (vos + lo = vo*l*-lo = *vo-lo*).

2 – Substituindo o objeto direto pelo correspondente pronome oblíquo na oração "Devemos amar o próximo", obtemos: "Devemos *amar-o*". Como no caso anterior, também aqui aparece a forma arcaica *lo*: *amar* + *lo*; desta junção, a consequente assimilação *amal-lo*, e desta, a forma *amá-lo*.

Este mesmo fenômeno se observa em *fi-lo* (*fiz* + *o*), *di-lo* (*diz* + *o*), *amemo-la* (*amemos* + *a*), *ei-lo* (*eis* + *o*) – V. § 825.

Observe-se que a forma *amá-lo*, quando resultante da junção *amar* + *o*, deve trazer acento: am*á*-lo.

Existe ao lado da forma *amá-lo*, resultante do infinitivo *amar* mais *lo*, outra forma semelhante, *ama-lo*, proveniente de *amas*, 2ª pessoa do sing. do indicativo presente (tu *amas*), mais *lo*, havendo supressão do *s*: *ama*(*s*)-*lo*. Esta segunda forma não deve ser confundida com a anterior e se distin-

(*) Dessa maneira arcaica de grafar o artigo temos prova nas expressões *a la fé*, *a la mira*, *a la arma* (que deu *alarma*).

gue na acentuação: Aquela se pronuncia *amá-lo*, com acento no segundo *a*, ao passo que a segunda se pronuncia *âma-lo*, com acento no primeiro *a*. A ortografia oficial obriga-nos a colocar acento na forma proveniente do infinitivo (*amá-lo*) e não obriga nenhum acento na forma resultante de *amas + lo*, mas a pronúncia neste segundo caso deve ser sempre com o acento no primeiro *a*.

O mesmo se deve observar quanto aos verbos da segunda conjugação:

vendê-lo (*vender* mais *lo*): acentua-se o 2º *e* e coloca-se acento circunflexo sobre ele;

vende-lo (*vendes* mais *lo*): o acento cai no 1º *e*, mas não há necessidade de colocar acento sobre ele.

EXEMPLOS: "Nunca o sentiste, *e julga-lo* tirânico?" – "Quanto à fala, *pode-la* adelgaçar quanto quiseres".

3 – A combinação *no* (de *em + o* – V. § 114, obs.) é resultante das seguintes passagens, cujas razões já devem ser compreendidas pelo aluno:

Em-o → *en-lo* (*en* é forma arcaica de *em*) → *enno* (assimilação progressiva) → *eno* → *no*.

Todas essas passagens se encontram registradas em documentos da língua, ou seja, nos escritos que nos legaram os escritores dos diversos períodos de evolução do nosso idioma.

122 – Existe uma espécie de assimilação que merece ser tratada separadamente: a assimilação do *n* em *m*. Essas duas letras eram primitivamente pronunciadas de maneira diferente, ainda quando ferissem a vogal antecedente. Desse fato nascia a assimilação do *n* em *m* "sempre" que encontrasse as bilabiais oclusivas *b* e *p* ou um *m*:

i*n* + buir = i*m*buir	i*n* + par = í*m*par	i*n* + mergir = i*m*mergir
i*n* + berbe = i*m*berbe	i*n* + plicar = i*m*plicar	i*n* + movel = i*m*movel

Observações:

1ª A ortografia oficial manda que se escreva *imergir*, *imóvel*, com um só *m*, mas convém saber o aluno que na formação dessas palavras entrou a partícula latina *in*.

2ª – Uma recíproca podemos seguramente tirar: Se o *n* sempre se assimila em *m* antes de *b* e *p*, não se deverá usar *m* quando a consoante imediata não for uma dessas bilabiais. *Com*, quando isolado, escreve-se com *m*, mas deverá ser escrito com *n* quando agregado a palavras que não se iniciem por *b* nem por *p*: *coNtigo*, *coNsigo*, da mesma maneira que se grafa *coNtíguo*, *coNtingente*, *coNseguir*, *coNselho*. O mesmo se diga das palavras *coNquanto*, *circuNflexo*, *eNfim* etc.

Transposição

123 – Transposição – Consiste este metaplasmo na deslocação de sons em certos vocábulos.

A **transposição** pode efetuar-se por *hipértese* e por *metátese*.

a) A transposição denomina-se **hipértese** (gr. *hypérthesis* = translação) quando a deslocação de sons se opera de uma sílaba para outra. *DesvaIrar* é hipértese de *desvarIar*, *ressaIbo* de *ressábIo*, *paLavRa* de *paRaboLam*.

b) A transposição denomina-se **metátese** (gr. *metáthesis* = troca) quando a deslocação de sons se opera na mesma sílaba: *sobRE* é metátese de *supER*, *entRE* de *intER*.

Os casos de hipértese e de metátese só são aceitos quando operados no período de formação do português; qualquer transformação feita hoje é considerada vício de pronúncia, como *fRoL* em vez de *fLoR*, *pROque* em vez de *pORque*, *tROcer* em vez de *tORcer*, *pERciso* em vez de *pREciso*, *fiDaGal* em vez de *fiGaDal* ("ódio *figadal*" e não "ódio *fidagal*").

Nota: Em geral, usa-se a denominação "metátese" para indicar qualquer caso de transposição de sons.

124 – Existe um caso metaplástico, denominado **intercalação eufônica**, que consiste na introdução de um *n* quando às formas verbais terminadas em som nasal (*fazem*, *amavam*, *tem*, *têm*, *puseram*, *poriam*, *dão*, *põe*, *põem*, *trouxessem* etc.) segue-se o pronome oblíquo *o* (*a*, *os*, *as*): *fazem-o* = *fazem-No*; *amavam-a* = *amavam-Na*; *puseram-os* = *puseram-Nos*; *trouxeram-as* = *trouxeram-Nas*; *dão-o* = *dão-No*; *põe-o* = *põe-No*.

Os escritores antigos (em Portugal é usual até hoje) recorriam a essa *intercalação eufônica* em casos como estes: "Tanto é mor a dor quanto é mor quem *na* deu" – "Quando ele era menino não *no* arrancou o povo dos braços de seu pai?" – "Não *no* disse" – "Quem *no* diria?"

Questionário

1. Dê uma definição clara e precisa de *metaplasmo*.
2. Que outro nome podemos dar aos metaplasmos?
3. De quantas maneiras se processam os metaplasmos?
4. Divisão, definição e exemplos de metaplasmos de *adição*.
5. Que diz da grafia *Scandinávia*?
6. Explique, com termos e exemplos seus, a *observação* feita no estudo da aférese (V. § 113, A, obs.).
7. Que diz do apóstrofo?
8. Que nome se dá ao metaplasmo que consiste na supressão do *m* no fim de *com*, quando antecede vogal?
9. As seguintes orações estão certas ou erradas? (Explicar – note o *a* grifado – as razões do erro ou do acerto de cada oração.)

a) Dei isto *à* ela. – § 117, 1ª regra prática.
b) Recorri *a*quela senhora. – § 117, 2ª regra prát., nota.
c) Ele se pôs *à* chorar. – § 116, 1ª regra.

d) Seu título *a* vista tem desconto de 3%. – Lembre-se da expressão "a prazo": § 117, 1ª regra prática.
e) Eu partirei *as* três horas. – § 117, 2ª regra prática.
f) Eu irei *a* Lisboa. – § 116, 3ª.
g) Quanto *a* natureza, as letras se dividem em vogais e consoantes. – § 118, 10ª.
h) *A* este menino dei uma maçã, *a*quele dei uma pera. (Também o 1º *a* é grifado: V. o nº 12 do § 118.)
i) Refiro-me *à* filha de Maria e não *a* de Lúcia. – Em ambos os casos: § 117, 1ª.
j) Este livro pertence *a* sua mãe. – § 118, 1ª.
k) Vá *a* vontade (V. § 118, 2ª conclusão. Não se esqueça de fazer a distinção).
l) Veio *a* noite (Não se esqueça de fazer a distinção: § 118, 2ª conclusão.)
m) No alto de um outeiro, *a* igual distância de Recife e de Olinda, mora um amigo meu. – § 117, 1ª.
n) *À* que horas você costuma chegar *a* casa? (Note que também o 1º *a* é grifado: V. o nº 11 do § 118).
o) Irei *a* casa de Maria. – § 118, 5ª (parte final).
p) Por este navio, não chegaremos hoje *a* terra. – § 118, 6ª.
q) Você não deve contar isso *a* Dulce (Veja bem o que ficou dito no nº 7 do § 118).
r) Crimes e heroísmos foram atribuídos *à* Joana d'Arc. – § 118, 7ª (parte final).
s) Hoje mesmo comunicarão *a* Vossa Majestade o fato. – § 118, 9ª.
t) Você em minha casa *à* esta hora?! – § 118, 12ª.
u) Os carros chocaram-se devido *a* neblina. – § 118, 10ª.
v) O trem parte *à* uma hora. – § 118, 12ª (parte final).
w) Você já foi *à* Brasília? – § 116, 3ª.

10. Que é *assimilação*?
11. Como pode ser a assimilação? Explicação e exemplos.
12. Entre a *progressiva* e a *regressiva*, qual a assimilação mais frequente?
13. Faça, expondo as razões, a separação silábica das palavras *sublevação* e *sublenhoso* (Cuidado com a separação da primeira).
14. Quais as geminadas conservadas em português? Exemplos.
15. Qual a etimologia de *alarma*?
16. Explique as palavras grifadas do período: "*Ama-lo*; deves *fazê-lo* porquanto é ele o teu melhor amigo". (Cuidado com a primeira.)
17. Que entende pela palavra *documento*, quando se fala em *documentos da língua*?
18. Que diz das grafias *consigo*, *contigo*, *contanto*, *conquanto* e *enfim*?
19. Qual a diferença entre *hipértese* e *metátese*?
20. Que diz da palavra *desvairado*?
21. *Percisa* não constitui caso de metátese? Por que então se diz errada essa transposição de sons?
22. Que diz destas formas: Quem *na* deu – Não *no* disse?

Os claros porventura encontrados na numeração dos parágrafos têm por fim possibilitar a inclusão de algum assunto sem que se altere a numeração dos parágrafos restantes.

CAPÍTULO 7

ORTOGRAFIA

127 – Denomina-se **ortografia** (gr. *orthós* = correto, *graphia* = escrita) a parte da gramática que estuda a exata figuração dos sons, ou seja, a correta escrita dos vocábulos.

Nela se estudam:

A) os *sistemas ortográficos*
B) as *notações léxicas*
C) a *partição dos vocábulos*
D) o *emprego das maiúsculas*
E) as *abreviaturas*

A) – Sistemas Ortográficos

128 – Três são os sistemas de que pode valer-se um idioma neolatino para a escrita dos seus vocábulos; o **fonético**, o **etimológico** e o **misto**.

129 – O **sistema fonético** (ou *sônico*) consiste na exata e fiel figuração dos sons, escrevendo as palavras tal qual se pronunciam, excluindo da representação gráfica qualquer letra que não tenha valor prosódico e acrescentando outras para que se represente a exata pronúncia: *escrito*, *Cristo*, *pronto*, *omem*, *oje*, *ressonar*, *pressentir*, *filarmônico*, *inalar*.

É o sistema seguido pelo espanhol, onde em geral a cada letra corresponde uma consonância.

130 – O **sistema etimológico** representa as palavras de acordo com a grafia de origem, reproduzindo todas as letras do étimo, embora não sejam

pronunciadas: *phthisica*, *sancto*, *mactar*, *auctor*, *poncto*, *catechismo*, *exgotto*, *practicar* (V. lista do § 131).

É preciso notar que este sistema não foi o primeiro que se usou em português. Os primitivos documentos da língua trazem as palavras grafadas pelo sistema fonético. No século XV é que se operou a modificação gráfica mediante esforços dos latinistas. Foi esse um empreendimento que nunca logrou seu intento, e aí começou a embaralhada gráfica do português.

131 – O **sistema misto** é o sistema resultante do choque dos dois primeiros; por este sistema, a maioria das palavras se grafam etimologicamente, e pequeno número foneticamente. Não foi criado por gramáticos, mas gerado no seio do povo.

Apresentamos aqui algumas palavras que no sistema misto são usadas de acordo com a fonética, e pomos ao lado, entre parênteses, a respectiva grafia etimológica não seguida:

anedota (anecdota)
agora (haghora)
asma (asthma)
autor (auctor)
carater (character)
caridade (charidade)
caro (charo)
carta (charta)
catecismo (catechismo)
cedula (schedula)
centelha (scentelha)
cirro (scirro)
corda (chorda)
dito (dicto)
ditongo (diphthongo)
encetar (inceptar)
escola (eschola)
escultura (esculptura)
esgoto (exgotto)
espatula (espathula)
fleuma (phleugma)
idade (edade)
igual (egual)
igreja (egreja)
isento (exempto)
kilometro (chilometro)
lugar (logar)
matar (mactar)
monotongo (monophthongo)
ponto (poncto)
pranto (prancto)
pratica (practica)
santo (sancto)
scisma (schisma)
sete (septe)
tamanho (tammanho)
tratar (tractar)

Nota: A ortografia de 1943, oficial (alterada pela Lei nº 5.765, de 18-12-1971), não corresponde a rigor a nenhum dos três sistemas.

B) – Notações Léxicas

132 – Denominam-se **notações léxicas** (também chamadas *ortográficas*, *fônicas* ou *prosódicas*) os diferentes sinais que se podem apensar aos nossos vocábulos. É diversa a função desses sinais, o que facilmente se depreende do seu estudo. São eles os seguintes:

133 – O **acento agudo** (´), que se coloca sobre as vogais para indicar o *som aberto* ou *agudo*: *já*, *pé*, *avó*.

134 – O **acento grave** (`), empregado para indicar a crase (*à*, *às*, *àquele*, *àquela*, *àqueles*, *àquelas*, *àquilo*).

135 – O **acento circunflexo** (^), que indica o *som fechado*: *lê*, *avô*.

136 – O **til** (~), que marca o som nasal da vogal ou do ditongo; no ditongo, a primeira das vogais é que deve trazer o til: *irmã*, *não*, *põe*.

Das vogais, quando isoladas no vocábulo, isto é, sem constituírem ditongo, unicamente o *a* pode vir com *til*: *romã*, *pagã*. Nos ditongos, também o *o* pode trazer esse sinal, mas apenas quando nele recai o acento tônico: *limões*, *corações*.

O sinal de nasalização das demais vogais, incluindo-se a vogal *o*, quando isoladas, é representado pelo *m* ou pelo *n* (*tem*, *fim*, *bom*, *um*); o próprio *a nasal*, quando não acentuado, deve, *pelo sistema ortográfico misto*, seguir esta norma: *orpham* (masculino), *orphan* (feminino), *iman*, *orgam*; a ortografia oficial, porém, manda que assim se escrevam essas palavras: *órfão*, *órfã*, bem como *bênção*, *zângão*, *sótão*, *gólfão*, *ímã*, *eletroímã*, *pedra-ímã*, *dólmã*, *hétmã* etc.

137 – O **apóstrofo** ('), que se emprega nos casos de *ectlipse* (§ 114, B): *co'o*, *co'este*; para indicar a *sinalefa* (**114**, A, obs.): *minh'alma*, *d'água* – e em certos casos de *síncope*: *per'la* (pérola), *esp'rança* (esperança).

138 – A **cedilha**, que se coloca sob o *c* (§ 64), unicamente antes das vogais *a*, *o* e *u*: *castiçal*, *castiço*, *açúcar*.

139 – O **hífen** (-), que se presta para:

1) ligar os elementos de grande número de palavras compostas: *couve-flor*, *guarda-chuva*, *carta-bilhete*;

2) ligar os pronomes oblíquos aos verbos quando a eles vêm pospostos ou neles se intercalam: *disse-me*, *contaram-lhe*, *dir-lhe-ei*, *far-nos-ia*;

3) indicar a partição dos vocábulos no fim da linha:

..... di-
go ..... vos-
so

4) indicar, no começo da linha, que a anterior terminou também com hífen na partição de palavra composta cujos elementos são ligados pelo sinal ou na divisão de combinação de palavras igualmente já possuidora dele:

Os pais já podem efetuar a *pré-matrícula*.

Em certas viagens, *gasta-se* muito dinheiro com pedágio.

Nota: **Trema** – Esse sinal foi abolido na grafia de vocábulos portugueses pelo Acordo Ortográfico de 1990, em vigor desde 1º de janeiro de 2009. Entretanto, ainda é empregado em nomes estrangeiros e seus derivados portugueses: *Müller*, pensamento *mülleriano*; Bühler, ideias *bühlerianas*.

C) – Partição dos Vocábulos

140 – Por **partição dos vocábulos** compreende-se o processo que devemos seguir no cortar um vocábulo quando não cabe todo em uma linha.

Dificilmente encontramos quem já não tenha tido dúvidas neste ponto. É preciso saber que existem dois processos de divisão silábica: o *etimológico* e o *fonético*.

141 – Pelo **sistema etimológico** as sílabas se separam de acordo com a origem da palavra. É complicadíssimo esse processo e possível apenas a pessoas muito versadas em assuntos etimológicos. Palavras como *outrora* e *agora* deveriam, por esse sistema, ser silabicamente separadas *outr-ora* (outra + hora) e *ag-ora* (hac + hora). É fácil ver o quase absurdo desse processo, segundo o qual as seguintes palavras complicadamente assim se separam:

apo-strofar	ev-angelho	post-ergar
con-stelação	met-encéfalo	pros-ódia
eu-stomia	par-óquia	sin-ônimo

142 – Pelo **sistema fonético** a partição já se torna mais fácil por mais acessível, visto efetuar-se de acordo com a pronúncia das sílabas. Por este sistema, com maior facilidade se separam os exemplos que ficaram no parágrafo anterior:

apos-trofar	e-vangelho	pos-tergar
cons-telação	me-tencéfalo	pro-sódia
eus-tomia	pa-róquia	si-nônimo

143 – Há ocasiões em que a aplicação deste processo oferece dificuldades. Expomos, por isso, as seguintes normas, baseadas no sistema ortográfico vigente:

a – NORMAS GERAIS:

1) A divisão de qualquer vocábulo, assinalada pelo hífen, em regra se faz pela soletração, e não pelos seus elementos constitutivos segundo a etimologia: *subs-cre-ver, de-sar-mar, bi-sa-vô, e-xér-ci-to, ex-ce-der.*

2) Não se separa do *u* precedido de *g* ou *q* a vogal que o segue, acompanhada, ou não, de consoante: *am-bí-guo, e-qui-va-ler, guer-ra, u-bí-quo.*

3) É preferível, quando se escreve a mão, passar para a linha seguinte a vogal inicial a deixá-la isolada: *emancipado, atrofia* e não *e*-mancipado, *a*-trofia.

b – CONSOANTE INICIAL:

A consoante inicial não seguida de vogal permanece na sílaba que a segue: *cni-dose, dze-ta, gno-ma, mne-mônico, pneu-mático.*

c – GRUPOS VOCÁLICOS:

1) Não se separam as vogais dos ditongos decrescentes nem dos grupos em que existe *u* pertencente aos dígrafos *gu, qu*: *nEU-tro, nAI-pe, rEI-na-do, i-gUAL, i-gUAIs, cir-cUI-to* (não se esqueça de que a vogal tônica desta palavra é *u*), *cOI-ta-do, gUI-zo* – e nunca *nE-Utro, nA-Ipe, rE-Ina-do, i-gU-Al, i-gU-Ais, cir-cU-Ito* etc.

2) Não se devem separar as vogais dos ditongos crescentes finais átonos: *his-tó-riA* (e não *his-tó-rI-A*), *ar-má-rIO* (e não *ar-má-rI-O*), *es-pé-cIE* (e não *es-pé-cI-E*).

3) As vogais que se pronunciam distintamente podem ser separadas: *vO-Ar, pO-EI-ra, prO-Ê-mio, mI-Ú-do, ci-Ú-me, trI-Un-fo, ins-trU-O.*

4) As vogais idênticas separam-se, ficando uma na sílaba que as precede, outra na sílaba seguinte: *cA-A-tin-ga, cO-Or-de-nar, dU-Ún-vi-ro, frI-Ís-si-mo, gE-Ena, cO-Or-te* (não confunda esta palavra, que significa tropa armada e se pronuncia *coórte*, com o substantivo *corte* (*ô*) = palácio real, nem com *corte*, que significa incisão e se pronuncia *córte*).

d – LETRAS INTERVOCÁLICAS:

A consoante simples vai para outra linha quando é pronunciada com a vogal que se lhe segue: *que-Ri-do, ca-Ro, si-Nô-ni-mo, i-No-pe-ran-te, de-Sen-ga-nar, de-Sa-gra-do, de-Sen-vol-ver, de-Si-lu-são, e-Xór-dio, e-Xas-pe-rar.*

Nota: A consoante simples não passa para a outra linha quando é pronunciada com a vogal antecedente: *beM-aventurado, recéM-assado, maL-estar.*

e – GRUPO DE DUAS CONSOANTES:

1) As geminadas *cc, cç, rr* e *ss* separam-se, ficando uma na sílaba que as precede, outra na sílaba seguinte: *oC-Cipital, suC-Ção, proR-Rogar, reS-Surgir.*

2) No interior do vocábulo, sempre se conserva na sílaba que a precede a consoante não seguida de vogal: *aB-Dicar, aC-Ne, beT-Samita, daF-Ne, draC-Ma, éT-Nico, oB-Firmar, oP-Ção, siG-Matismo, suB-Por, suB-Jugar, piG-Meu, eliP-Se, aD-Jetivo, traN-Sandino.*

Nota: 1ª – Não se separarão duas consoantes quando forem conjuntamente pronunciadas, nem as dos dígrafos *ch, lh* e *nh*: *a-BLu-ção, a-BRa-sar, a-CHe-gar, fi-LHo, ma-NHã, de-PRe-ciar, re-TRó-GRa-do, ne-VRál-gi-co.*

2ª – As consoantes dos grupos *bl*, *br* e *dl* separar-se-ão quando forem separadamente pronunciadas: *suB-Lingual*, *suB-Rogar*, *aD-Legação*. Não se separarão, de acordo com a nota anterior, quando forem conjuntamente pronunciadas: *su-BLevação*, *co-BRança*, *DLim* (palavra onomatopaica, que exprime toque de campainha).

3ª – O *sc* no interior do vocábulo biparte-se, ficando o *s* numa sílaba e o *c* na sílaba imediata: *adoleS-Cente*, *convaleS-Cer*, *deS-Cer*, *inS-Ciente*, *preS-Cindir*, *reS-Cisão*.

f – GRUPOS DE TRÊS OU MAIS CONSOANTES:

Os grupos de três ou mais consoantes separam-se foneticamente, pertencendo sempre à sílaba antecedente o *s*: *oBS-TRuir*, *demoNS-TRar*, *reS-PLendor*, *supeRS-Tição*, *circuNS-Tância*, *iNS-TRuir*, *coNS-Tituição*, *peRS-Picácia*, *inteRS-Tício*, *suBS-Tabelecer*.

D) – Emprego das Iniciais Maiúsculas

144 – Emprega-se letra inicial *maiúscula*:

1 – No começo do período, notando-se que indicam fim de período, além do *ponto final* (.), o *ponto de interrogação* (?) e o *ponto de exclamação* (!), quando equivalem a ponto final:

*N*ão estavam onde julgávamos.

*I*sso costuma acontecer todos os dias? *S*erá por causa do excessivo calor?

*Q*ue tragédia foi aquela! *T*odos pereceram.

Nota: O ponto de interrogação e o de exclamação não equivalem a ponto final quando não indicam fim de período:

Oh! que belo!
↑↓
não indica fim de período — letra minúscula

Você fez isso? perguntei.
↑↓
não indica fim de período — minúscula
(O período vai até a palavra *perguntei*)

2 – No começo das *citações*:

O presidente começou dizendo: "*N*ão admito objeções".

Nota: Quando os *dois-pontos* abrem *enumeração*, esta se inicia com *minúscula*: "Queremos o seguinte: *u*m lápis, uma pena e uma borracha" – V. § 966.

3 – No começo dos *versos*:

*F*oi-se-me pouco a pouco amortecendo
A luz que nesta vida me guiava,
*O*lhos fitos na qual até contava
*I*r os degraus do túmulo descendo.

Nota: Alguns poetas tentaram introduzir o emprego das minúsculas no início dos versos, sempre que a prosa o permitisse.

4 – Nos *nomes próprios*: *P*edro, *A*lfredo, *B*rasil, *P*aris.

Notas: 1ª – Nos nomes próprios constituídos de locução como *Rio de Janeiro*, *América do Norte*, a partícula *de* (ou outras) escreve-se com *minúscula*.

2ª – Nessas locuções, o primeiro nome também se escreve com *minúscula* quando é suscetível de várias especificações e vem depois de iniciado o período: O *rio* Amazonas. O *rio* Negro. A *rua* da Glória. O *mar* Vermelho.

3ª – Os nomes dos meses, por não serem próprios, devem ser escritos com letra minúscula: "S. Paulo, 8 de janeiro de 1911".

É claro que nos nomes de vias e lugares públicos, que são nomes próprios, os nomes dos meses devem ser escritos com maiúscula: "Rua 15 de *N*ovembro".

4ª – Os nomes de povos escrevem-se com inicial minúscula, não só quando designam habitantes ou naturais de um estado, província, cidade, vila ou distrito, mas ainda quando representam coletivamente uma nação: romanos, atenienses, gregos, romenos, estremenhos, brasileiros, campineiros, mocoquenses, santa-ritenses.

5 – Nos títulos de produções artísticas, artigos, trabalhos escritos, livros, jornais e outras publicações:

*T*ransfiguração (de Rafael) — *L*usíadas (de Camões)
*M*inha *T*erra — *A F*olha da *M*anhã
*G*uia *P*rático do *M*arceneiro — *N*otas e *I*nformações

6 – Nas designações de sociedades, corporações etc.:

*S*ociedade dos *C*omerciários
*C*olégio *U*niversitário

7 – Nos nomes comuns, tomados individualmente, com sentido especial:

a *C*apital (referindo-se a determinada capital);
a *I*greja (a entidade católica, e não o lugar, o templo);
o *E*stado (a organização política).

Nota: Esses nomes escrevem-se com inicial minúscula quando empregados em sentido geral e indeterminado: " A capital do meu *estado* tem uma *igreja* de quatro torres".

8 – Nos nomes abstratos, tomados personificadamente:

a *I*ra, o *Ó*dio, a Inveja.

9 – Nos epítetos e alcunhas, quer usados com os respectivos nomes próprios, quer empregados em lugar deles:

Pedro, o *G*rande – D. Manuel, o *V*enturoso.
o *L*idador, o *T*emerário.

10 – Os nomes dos pontos cardeais, quando designativos de regiões do globo, e não quando especificativos de limites geográficos:

Os habitantes do *S*ul.
O *O*riente contra o *O*cidente.

11 – Em *Deus* e palavras sinônimas do monoteísmo e nas que designam atributos a ele referentes: o *C*riador, o *O*nipotente, o *F*ilho.

Os tupis-guaranis têm em *T*upã o seu deus.

145 – Não podemos prescindir de aqui acrescentar certas ponderações que criteriosamente costumam pôr em prática os que prezam nossa língua e seus característicos:

De idioma para idioma varia o critério seguido no emprego das maiúsculas. Línguas há, como o alemão, que com inicial maiúscula escrevem todos os substantivos, quer próprios, quer comuns. Entre nossas línguas irmãs, varia a orientação seguida neste ponto.

O latim escrevia com maiúscula não somente os nomes próprios, mas certos adjetivos deles derivados. Todos os adjetivos que especificassem *nacionalidade* (africano, cartaginês, gaulês), *línguas* (grego, latim), *festas pagãs* (bacanais, saturnais) eram escritos *em latim* com maiúscula.

Os *nomes dos meses*, derivados uns de nomes próprios, consagrados outros a personalidades ou a divindades pagãs, filiavam-se à mesma orientação, sendo todos *em latim* escritos com maiúscula.

Aconteceu tal norma não ser seguida pelo português, que reservou as maiúsculas para os nomes verdadeiramente próprios, *geográficos* e *pessoais*, passando a grafar com minúscula os adjetivos deles derivados, estando neste caso incluídos os *nomes dos meses*. Não há estar com raciocínios nem com ficções infundadas sobre a justificativa ou não da maiúscula nesta ou naquela espécie de nomes comuns; a tradição é que justifica esse uso.

Conclusão: Da mesma maneira que os nomes das *nacionalidades*, *línguas*, *festas pagãs*, *dias da semana* e *estações do ano*, também os *nomes dos meses* são *em português* tradicionalmente escritos com *minúscula*.

Notas: 1ª – O sistema ortográfico vigente impõe que se empregue inicial maiúscula: *a*) nos tratamentos de reverência (Vossa Majestade, Vossa Senhoria); *b*) nos nomes de artes ou de ciências (Gramática, Pintura, Música); c) para, no estilo epistolar, realçar ou indicar deferência (Marido, Esposa, Pai, Mãe, Padre, Capitão).

2ª – Humilhante mais do que enervante é o trabalho de quem, diante de uma dificuldade de emprego de maiúscula, tente resolvê-la consultando o formulário ortográfico oficial. Fugindo de apontar já discrepâncias com o de 45 e com o português de 40, já incongruências dentro do próprio formulário de 43, limitamo-nos aqui a mostrar duas lacunas neste último, oficial em nossa terra. Acresce ainda que no Acordo Ortográfico de 1990 o problema permanece.

Como proceder com o segundo elemento de nome composto com hífen quando o primeiro, por qualquer motivo, é escrito com letra inicial maiúscula? Também com maiúscula deve ele ser escrito?

Diante do silêncio de todos os formulários consultados, encontramos, após paciente pesquisa, que o de 43 traz escrito *Vigário-Geral*, no exemplificar a sétima regra do capítulo XVI, *Luso-Brasileiro* em exemplo da décima, e *Decreto-lei* ao dar nomes compostos na observação da regra 12 do mesmo capítulo sobre o emprego das iniciais maiúsculas.

Não podemos falar de contradição porque nenhuma norma existe sobre o assunto, mas a incongruência de procedimento é evidente: nos dois primeiros compostos, maiúscula em ambos os

elementos; no terceiro, minúscula no segundo. A incoerência não é notada porquem não tem interesse direto no caso, mas não pode passar despercebida por relator, diretor, secretário, ou coisa equivalente, de comissão signatária de formulário ortográfico.

Como o formulário fala jocosa e extravasantemente em "deferência, consideração e respeito" ao impor inicial maiúscula na regra 15 do citado capítulo, temos liberdade de perguntar se, grafando *Vice--presidente, Ex-rei, Tenente-coronel,* não incorremos em falta de respeito, de consideração e de deferência ao presidente, ao rei, ao coronel, ao mesmo tempo que importância estamos dando somente ao *vice*, ao *ex*, ao *tenente*. Dando corda na cachola, chegamos à pergunta: Devemos basear-nos em "deferência, consideração e respeito" para grafar *cirurgião-dentista* ou *couve-flor* no início de período?

Para contribuir para a solução do problema, podemos estabelecer que nas palavras compostas cujos elementos são separados por hífen seja o seguinte o emprego das letras maiúsculas:

1 – Se o nome é próprio, é escrito com inicial maiúscula por força de outras disposições da regra ortográfica ou faz parte de título em que os componentes estão grafados com esse tipo de letra, todos os elementos do composto recebem iniciais maiúsculas, exceto artigos colocados internamente e partículas gramaticais de ligação: *Grã-Bretanha, Montemor-o-Novo, Passa-Quatro, Escola Pós--Graduada de Ciências Sociais, Simpósio sobre Táticas de Contra-Ataque.*

Isso ocorre porque, nos compostos, os elementos lexicais posicionados depois do hífen possuem autonomia fonética, mórfica e gráfica. Por isso, devem ser mantidas as respectivas maiúsculas.

2 – Nos demais casos, só se utiliza a maiúscula como inicial do primeiro elemento e mesmo assim quando o composto iniciar frase ou título: *Homens-rãs iniciam treinamento* e *Fichas-resumos – Arquivo geral.*

3ª – Dentro de parêntese, inicial maiúscula ou minúscula? Diante desta segunda lacuna do nosso formulário oficial, novo e paciente trabalho de pesquisa levou-nos à página 47, onde encontramos, sem nada falar sobre maiúsculas senão sobre pontuação, estes exemplos:

a) "Não, filhos meus (deixai-me experimentar, uma vez que seja, convosco, este suavíssimo nome); não; o coração não é tão frívolo, tão exterior, tão carnal, quanto se cuida."

b) "A imprensa (quem o contesta?) é o mais poderoso meio que se tem inventado para a divulgação do pensamento." – "(Carta inserta nos Anais da Biblioteca Nacional, vol. I.)"

Nos dois primeiros exemplos temos parêntese iniciado com minúscula; no segundo da letra *b*, outro iniciado com maiúscula. Qual foi o critério desse procedimento?

Se no caso antes cuidado dos nomes compostos havia omissão e incongruência, neste há apenas omissão. A norma poderá agora ser assim exposta:

O parêntese inicia-se com maiúscula somente quando constitui oração à parte, completa, com uma consideração ou pensamento independente, caso em que vem de ordinário precedido de ponto final; a oração que está entre parênteses tem o ponto final dentro, antes de fechar o parêntese, e não, fora. Exemplo:

Na portaria da fábrica, o ambiente era de absoluta calma. (A indústria não trabalha aos sábados.)

O assunto tem o seu quê de subjetivo, como de subjetivo tem o problema da pontuação, mas requer coerência de procedimento. Não estamos pedindo patente de invenção para essa norma, mas é apoiada (nem poderia deixar de ser) em fatos e (salvo melhor juízo) em raciocínio; seja como for, é provocação e (quem sabe?) uma achega para os estudiosos do idioma. (Quem desejar um dia formular regras de emprego de maiúscula, não deixe de consultar o Webster, onde encontrará, sob o verbete "capital", vinte e tantas regras, com especificações que não existem em nossos formulários.) Observe-se que o texto do Acordo de 1990 igualmente se omite sobre o assunto.

E) – Abreviaturas

146 – É tradicional na língua o emprego de diversas abreviaturas, que ora consistem na inicial seguida de ponto (*v.* = você, *D.* = dom), ora nas primeiras letras e o ponto (*Rev.* = reverendo), ora em algumas letras e o ponto (*Exa.* = excelência, *Exmo.* = excelentíssimo), ora numa letra seguida de barra: *m/* = meu(s), minha(s). No penúltimo caso, o lugar mais conveniente para o *ponto abreviativo* seria no meio da abreviatura, e não no fim, quando fosse necessário escrever todas as letras no mesmo alinhamento, mormente quando se consideram certas abreviaturas como *cro.*, *engro.*, *profa.* (criado, engenheiro, professora) que formam palavras irreconhecíveis.

No abreviar palavras em que após o ponto abreviativo não venham outras letras, devemos ter o tradicional cuidado de fazer terminar a abreviatura numa consoante e não numa vogal. *Filosofia*, por exemplo, tem por abreviatura *fil.* ou *filos.*, mas não *filo.*, com *o* no fim. Se a palavra for cortada num grupo de consoantes, deverão as consoantes aparecer na abreviatura: *geogr.*, e não *geog.*

Se na abreviatura aparece a sílaba acentuada da palavra, o acento permanece: *pág.* (página).

Seguem-se, na ordem alfabética, algumas das abreviaturas mais usadas:

A.C.	ante Christum (antes de Cristo)	Cia.	companhia	Exmo	excelentíssimo
A/C	ao cuidado	Cr.^{o}	criado	Fr.	frei[3]
A.D.	anno Domini (no ano do Senhor)	D.	dom[1], dona	g	grama[4]
a.m.	ante meridiem (antes do meio-dia)	D.C.	depois de Cristo	Ib.	ibidem (no mesmo lugar)
Am.^{o}	amigo	D D.	digníssimo[2]	Id.	idem (o mesmo)
At.^{o}	atento	Dr.	doutor	Il.^{mo}	ilustríssimo
B.^{el}	bacharel	E.C.	era cristã	kg	quilograma[4]
C.^{el}	coronel	E.M.	em mãos	km	quilômetro[4]
		Em.^{a}	eminência	l	litro[4]
		etc.	et cetera		
		Ex.ª	excelência		

(1) Pronuncie como se escreve (e não *dão*). Proveniente do lat. "dominum", significa etimologicamente "senhor"; de acordo com o étimo, "dona" é seu legítimo feminino: D. Inês de Castro.

Quanto ao seu emprego observe-se o seguinte:

a) É título honorífico de monarcas e nobres portugueses e brasileiros: D. João VI, D. Pedro I, D. João de Castro.

b) Precede nomes de prelados do clero católico: D. Duarte, D. Mourão (enquanto *Duarte* é prenome, *Mourão* é sobrenome; tradicionalmente, porém, *Dom* precede o prenome).

c) Precede o nome de membros da ordem beneditina: Dom Maurício.

d) É errôneo seu emprego em traduções do italiano, língua em que "D." designa o simples padre: Padre Ricaldone. Desse erro vem o hábito, já internacional, de dizer *Dom Bosco* em vez de *Padre Bosco*.

e) A palavra em italiano usada para designar prelados do clero é "monsignore", que erradamente constumam traduzir por "monsenhor", quando agora é que deve ser traduzida por "Dom": D. Masella.

(2) Emprega-se um só ponto quando a duplicação indica plural ou superlativo: *VV.* = vocês; *DD.* = digníssimo.

(3) *Frei* só se emprega quando seguido de nome: *Frei Roberto* é um *frade* eloquente.

(4) Sem ponto abreviativo; serve para o singular e para o plural.

M.ᵉ	madre	P.O.M.	por obsequiosas mãos	Sr.ª	senhora
m.ᵗᵒ	muito			S.S.	sua santidade
muit.ᵐᵒ	muitíssimo	P.S.	post-scriptum	S.S.ª	sua senhoria
N.B.	Nota bene	q.	que	S.S.ᵃˢ	suas senhorias
O.D.C.	Oferece, dedica, consagra	q.ᵈᵒ	quando	V.	você (ou "Vide" = Veja)
		q.ᵗᵒ	quanto		
Obr.ᵒ	obrigado	Rev.ᵐᵒ	reverendíssimo	V.A.	vossa alteza
P.ᵉ	padre	S.E.O.	salvo erro ou omissão	V. Ex.ª	vossa excelência
P.D.	pede deferimento			V.M.	vossa majestade
P.E.F.	por especial favor	S.M.J.	salvo melhor juízo	V.Rev.ᵐᵃ	vossa reverendíssima
p.m.	post meridiem (depois do meio-dia)				
		Sr.	senhor	V.S.ª	vossa senhoria
		Srs.	senhores	V.S.ᵃˢ	vossas senhorias

Notas: 1ª – Conforme acabamos de ver no item (2) da página anterior, duas letras maiúsculas seguidas de ponto podem indicar ou plural ou superlativo:

AA.	autores	SS. PP.	santos padres
DD.	digníssimo	SS. MM.	suas majestades
SS.	santíssimo	VV. AA.	vossas altezas

2ª – O formulário ortográfico oficial de 1943 normatiza o emprego das maiúsculas nas formas, expressões e pronomes de tratamento. A regra 14 do cap. XVI determina inicial maiúscula em "nomes, adjetivos, pronomes e expressões de tratamento ou reverência" e exemplifica com *D.* (*Dom* ou *Dona*), *Sr.* (*Senhor*), *Sra.* (*Senhora*), *DD* ou *Digmo.* (*Digníssimo*), *MM.* ou *Mmo.* (*Meritíssimo*) etc. Note-se, porém, que uma coisa é dizer: "Peço à Senhora o favor de...", outra é relatar: "Pedi à senhora Marina o favor de...". Na segunda oração, *senhora* é substantivo em função adjetiva: "Pedi a uma senhora de nome Marina", como se diz "pedi ao rei Gustavo", e não, "pedi ao Rei Gustavo". Se quando nos referimos ao imperador D. Pedro II não escrevemos *imperador* com inicial maiúscula, não há razão para maiúscula em "a *senhora* Marina", "*sua majestade* o rei da Dinamarca". Se abreviada vier a expressão, o caso poderá tornar-se diferente, mas aí a regra seria outra – regra que não existe – referente a abreviaturas. Entretanto, como explicar o *v.* com letra minúscula para abreviar *você*, que se encontra no Registro de Abreviaturas da parte final do Vocabulário, e com minúscula *card.* (cardeal), *côn.* (cônego) ao lado de *P.* (ou *Pe.*) e *Paro.*, com maiúscula, para abreviar *padre*, *pároco*?

Assim, em: "O doutor Joaquim morreu", "doutor" não vem ligado a expressão nenhuma de tratamento; Joaquim é nome próprio; portanto, já que está no meio da frase, não cabe empregar inicial maiúscula, quer venha *doutor* escrito por extenso quer abreviadamente: o doutor Joaquim, o sr. Alceu, o alm. Barroso, o côn. Serafim, o pe. João, o prof. Albino, o card. Arns.

Tudo isso que acabamos de dizer é confirmado pelo Acordo de 1990, em vigor a partir de 1º de janeiro de 2009, em sua base XIX, parágrafo 1º, alínea "f": "A letra minúscula inicial é usada nos axiônimos [*formas corteses de tratamento ou reverência*]: senhor doutor Joaquim da Silva, bacharel Mário Abrantes, o cardeal Bembo". Contudo, nessa mesma alínea, o acordo admite opcionalmente inicial maiúscula diante de hagiônimos ou hierônimos (nomes sagrados, como de divindades, santos e outros): *santa Filomena* ou *Santa Filomena*.

Recordemos que a regra 14 do texto do Acordo de 1943, ainda em vigor, traz esta observação: "As formas que se acham ligadas a essas expressões de tratamento devem ser também escritas com iniciais maiúsculas". Desse modo: *Exmo. Sr. Almirante, Excelentíssimo Senhor Presidente da República, Exmo. e Revmo. Sr. Arcebispo Primaz, Ilma. Sra. Diretora, Ilmo. Sr. Capitão, MM. Juiz de Direito, Magnífico Reitor* etc.

3ª – O plural de letras iniciais de uma designação empregadas como sua abreviatura é muito claramente indicado em inglês por um *s* minúsculo posposto ao conjunto de letras maiúsculas que abreviam a designação. Não há britânico que titubeie ao ler no seu jornal o que fizeram na véspera os *MPs*, que assim muito naturalmente se abrevia em inglês *Membros do Parlamento*.

Não parece haver inconveniência em que de igual maneira proceda um brasileiro ao redigir: "Os *CICs* referentes aos exercícios de 1970 e 1971" – "A mesma rua pode ter *CEPs* diferentes" – "Os *QGs* estão de prontidão" – "As *SAs* têm nova lei" – "As *QVs* iniciaram-se n'O ESTADO DE S.PAULO em 1936" – "Os *INPSs* identificam-se pelas filas" – "...subordinada à Coordenadoria das Administrações Regionais... mas o coordenador das *ARs*" – "O antagonismo das estratégias dos *PCs*". Têm essas abreviaturas inteira clareza de significação quando antes delas já por extenso ficou expressa a designação, como está no penúltimo exemplo.

Não é esse o caso de *AA.* (autores), o de *SS. AA.* (Suas Altezas), *SS. AA. II.* (Suas Altezas Imperiais), nem de *E.U.A.*, que por este ou por aquele motivo se distinguem do primeiro e já se encontram oficialmente determinados.

Questionário

1. Que é *ortografia*?
2. Que se estuda nesta parte da gramática?
3. Quantos e quais são os *sistemas ortográficos*?
4. Quais os *característicos* e que diz do *sistema ortográfico fonético*?
5. Responda o mesmo, exemplificadamente, quanto ao *etimológico*.
6. Em que consiste o *sistema ortográfico misto*?
7. Que são *notações ortográficas*?
8. Discorra sobre o *acento grave*.
9. Quanto ao efeito de nasalização, compare o *til* com o *m* ou *n*.
10. Que é *hífen* e quais os seus fins?
11. Que diz da *partição dos vocábulos*?
12. Faça a *partição* (como se cada sílaba tivesse de ser escrita em outra linha) dos seguintes vocábulos:

abaixar	desanimar	lígneo	adjetivo
anunciar	elipse	proscênio	dicção
ginasial	malévolo	abstinência	perscrutar
inabdicável	executar	saúde	consignar

13. Declarar se está certo o emprego da maiúscula na letra grifada do período: "Quem fez isso? *P*erguntou ele".
14. E nesta oração: "Ele costuma ir à *I*greja"?
15. Declare o mesmo em: Pedro comprou muitas frutas: *B*ananas, peras, maçãs, jabuticabas etc.
16. Ainda o mesmo em: Nunca vi o *R*io Amazonas.
17. Escreva, por extenso, a data de hoje (também o dia e o ano por extenso).
18. Abrevie as palavras *amigo*, *doutor*, *senhor* e *ilustríssimo*.
19. Reproduza, corrigidas, as seguintes orações:
a) Ante o imprevisto do desastre fiquei tão esbaforido (= com pavor) que todos ficaram pasmos.
b) Não queira ir; fazer-lhe-ão perguntas humilhantes.
c) O brasileiro gosta de sua terra; raramente imigra.
d) O torpedo fez o navio emergir imediatamente.
e) Por que você não usa o dentifrício que te dei?

CAPÍTULO 8

MORFOLOGIA

150 – Concluído o estudo da *fonética*, nas suas três partes, *descritiva*, *histórica* e *sintática*, passaremos agora para a segunda parte da Gramática, denominada **morfologia** (gr. *morphê* = figura + *logia* = estudo), que trata das palavras:

a) quanto a sua *estrutura* e *formação*;

b) quanto a suas *flexões*;

c) quanto a sua *classificação*.

151 – Se observarmos todas as palavras que formam o nosso idioma, notaremos, quanto à ideia que encerram, que elas se distribuem em dez grandes grupos, denominados *classes*. **Classes** são, pois, os diversos grupos em que estão distribuídas as palavras do idioma segundo a **ideia** que indicam. Vejamos quais são as dez classes a que pode pertencer uma palavra portuguesa.

152 – **SUBSTANTIVO**: Existem palavras que sempre designam *coisa*, *ser*, *substância*. Toda palavra que encerra essa ideia denomina-se **substantivo**. *Substantivo* é, pois, como o próprio nome está a indicar, toda palavra que especifica *substância*, ou seja, coisa que possua existência, ou *animada* (*homem*, *cachorro*, *laranjeira*) ou *inanimada* (*casa*, *lápis*, *pedra*), quer *real* (*sol*, *automóvel*), quer *imaginária* (*Júpiter*, *sereia*), quer *concreta* (*casa*), quer *abstrata* (*pureza*).

153 – **ARTIGO**: *Artigo* é a palavra que tem por fim individualizar a coisa: *o*, *a*, *um*, *uma*.

154 – ADJETIVO: Uma terceira classe de palavras existe, a dos **adjetivos** (lat. *ad* = junto + *jectum* = posto, colocado), à qual pertencem todas as palavras que se referem a substantivo para indicar-lhe um atributo: homem *inteligente*, cachorro *bom*, laranjeira *alta*.

155 – NUMERAL: A esta classe pertencem as palavras que encerram ideia de número: *um*, *dois*, *primeiro*, *décuplo*.

156 – PRONOME: A quinta classe compreende os **pronomes** (lat. *pro* = em lugar de), ou seja, palavras que ou substituem ou podem substituir um nome, um substantivo: *ele*, *que*, *quem*.

157 – VERBO: As palavras pertencentes à sexta classe denominam-se **verbos**; tais são as palavras que encerram ideia de *ação* (*escrever*, *cortar*, *andar*, *ferir*) ou *estado* (Pedro *é* bom).

158 – ADVÉRBIO: A sétima classe é constituída dos **advérbios**. *Advérbio* (lat. *ad* = junto + *verbum* = palavra) é toda palavra que pode modificar o verbo, o adjetivo e, até, o próprio advérbio.

Exs.: "O orador falou *admiravelmente*" (neste exemplo, *admiravelmente* é advérbio por estar indicando a maneira pela qual foi praticada a ação de *falar*).

"Rosas *muito* brancas" (o adjetivo *brancas* tem o sentido modificado, reforçado pelo advérbio *muito*).

"Ele veio *bastante cedo*" (neste último exemplo, *cedo* já é advérbio, por estar modificando o verbo *veio*, mas, por sua vez, está sendo reforçado, na sua significação, pela palavra *bastante*, que, portanto, é também *advérbio*).

159 – PREPOSIÇÃO: A esta classe pertencem todas as palavras que servem para ligar duas outras. **Exs.**: Livro *de* Pedro – Fui *a* Paris – Passei *por* Lisboa.

160 – CONJUNÇÃO: É toda a palavra que serve para ligar, não palavras, como a preposição, mas *orações*. **Exs.**: Fomos cedo *e* voltamos tarde. Desejo *que* venhas.

161 – INTERJEIÇÃO: Constitui esta a última das classes das nossas palavras; nela estão incluídas todas as que exprimem manifestações súbitas, repentinas, momentâneas do nosso íntimo. **Exs.**: *Ai*! *Oh*!

Notas: 1ª – Quando se pergunta a um aluno a que classe pertence determinada palavra, pretende-se saber em qual desses dez grupos ela se enquadra, isto é, se a palavra é substantivo, se é adjetivo, se é verbo etc.

2ª – O estudo das palavras em classes chamava-se **taxeonomia** (gr. *táxis* = distribuição, classificação + *nomia* = legislação) e então se pedia ao aluno: "Analise taxeonomicamente a palavra...".

162 – FLEXÃO é a propriedade que têm certas classes de palavras de sofrer alteração na parte final.

Quanto à *flexão*, as dez classes de palavras dividem-se em *dois* grupos:

1 – Variáveis (ou *flexíveis*): *substantivo*, *artigo*, *adjetivo*, *numeral*, *pronome* e *verbo*.

2 – Invariáveis (ou *inflexíveis*): *advérbio*, *preposição*, *conjunção* e *interjeição*.

163 – Por *invariável* ou *inflexível* entende-se que a palavra não se flexiona, isto é, não sofre nenhuma alteração na última sílaba.

Nas palavras variáveis dá-se o nome **desinência** à parte final flexível; à parte que resta da palavra, tirando-se a desinência, dá-se o nome **tema** ou **radical**. Assim, na palavra *estudioso* a desinência é o *o* final, porque pode ser mudado para *a*: *estudios-a*; o restante – *estudios* – vem a ser o *tema*.

Outros exemplos: Em *ferrenho* temos o tema *ferrenh* e a desinência *o*; em *louvar* o tema é *louv*, sendo *ar* a desinência, porque esta terminação pode ser mudada para *o*, *as*, *a* etc.: *louv-o*, *louv-as*, *louv-a*. A flexão de uma palavra sempre acarreta modificação na ideia que ela encerra; essa modificação pode operar-se quanto ao *gênero* (menin-*o*, menin-*a*), quanto ao *número* (menin-*o*, menin-*os*), quanto à *pessoa* (louv-*o*, louv-*as*), quanto ao *tempo* (louv-*o*, louv-*ei*) etc.

Nota: Não se confunda *tema* (ou *radical*) com *raiz*. *Raiz* é a expressão mais simples a que pode ser reduzida uma palavra. Assim, a palavra *historicamente*, destrinçada por Max Müller, reduz-se, depois de despida de todos os elementos acessórios, ao elemento irredutível *his*, que vem a ser a *raiz*.

Pode, entretanto, coincidir que o mesmo elemento venha a ser *raiz* e *tema*, a um só tempo, como em *lav*-ar (*lav*, raiz latina = limpar), *cap*-a (raiz latina *cap* = ponta, parte superior, cabeça).

Tal estudo, porém, que pertence ao domínio da filologia e da gramática histórica, escapa ao objetivo destas lições, que têm por fim exclusivo ensinar a falar e, principalmente, a escrever corretamente a língua portuguesa.

Questionário

1. De que trata a *morfologia*?
2. Qual a diferença entre *morfologia* e *fonética*?
3. Que são *classes de palavras*? *Quantas* e *quais* são?
4. Que se toma por base para a classificação das palavras? (§ 151.)
5. Que é *substantivo*?
6. Que é *artigo*?
7. Que é *adjetivo*?

8. Que é *numeral*?
9. Que é *pronome*?
10. Que é *verbo*?
11. Que é *advérbio*?
12. Que é *preposição*?
13. Que é *conjunção*?
14. Que é *interjeição*?
15. Quando o professor pergunta ao aluno a que classe pertence uma palavra (*lápis*, por exemplo), que pretende ele saber?
16. Que é *flexão*?
17. Que é *desinência*?
18. Que é *radical* ou *tema*?

CAPÍTULO 9

SUBSTANTIVO

Classificação

164 – Classificam-se os substantivos em:

comuns e *próprios*
concretos e *abstratos*
primitivos e *derivados*
simples e *compostos*

Nota: Entre os comuns mencionam-se, especialmente, os *coletivos*.

165 – COMUM: É o substantivo que serve para indicar diversos seres da mesma classe. *Árvore* é substantivo *comum* porque se presta para indicar tanto o jequitibá, o eucalipto, o pinheiro, como a laranjeira, o mamoeiro etc. *Lápis* é outro substantivo comum, pois tanto indica o lápis de Pedro quanto o de Paulo. *Livro*, *homem* constituem, como muitos outros, exemplos de substantivos comuns.

166 – PRÓPRIO: É o substantivo que expressa, em determinadas classes, um único ser dessa espécie: *Caramuru*, *Jorge VI*, *Pio XII* são *substantivos* (ou *nomes*) *próprios*, por individualizarem seres da classe das pessoas.

167 – São **próprios** os substantivos que designam:

1 – *pessoas*: *Alberto*, *José*, *Fernando*;

2 – *coisas personificadas*: a *Fortuna*, a *Inveja*;

3 – *nações*, *estados*, *cidades*, *localidades*, *acidentes geográficos*: *Brasil*, *Recife*, *Itatiaia*, *Tocantins*.

4 – *entidades, organizações, corporações* juridicamente constituídas: *Associação dos Comerciários, A Casa do Professor, O Diário do Povo.*

Os exemplos do quarto grupo constituem *locuções substantivas*, isto é, são substantivos formados por mais de uma palavra.

Observação:

Repisamos aqui o que ficou esclarecido no § 145: Os nomes dos meses não são próprios. Como vemos, não podem ser incluídos nessas quatro classes; acrescente-se, ainda, que os nomes dos meses indicam tão somente *frações do tempo*, tal qual acontece com os nomes dos dias da semana e com os das estações do ano.

168 – Nos substantivos próprios de pessoas devemos distinguir duas partes: o *nome*, verdadeiro indicativo da pessoa (correspondente ao "petit nom" dos franceses) e o *sobrenome*, designativo da família.

$$\underbrace{\text{Antônio}}_{\text{nome}}\ \text{de}\ \underbrace{\text{Oliveira}}_{\text{sobrenome}}$$

O nome e o sobrenome podem ser *simples*, como no exemplo dado, ou *compostos*:

$$\underbrace{\text{Antônio Luís}}_{\text{nome composto}}\ \text{de}\ \underbrace{\text{Oliveira Santos}}_{\text{sobrenome composto}}$$

Notas: 1ª – Da mesma maneira que no quarto caso do parágrafo antecedente, o conjunto das partes dos nomes próprios de pessoas constitui *locução substantiva*.

2ª – O nome civil completo foi sempre desultoriamente formado; num mesmo povo, os princípios jurídicos referentes ao caso variam de época a época, numa confusão que atinge a própria terminologia dos elementos constitutivos do "nome completo", confusão que impossibilita qualquer critério fixo para o caso. A terminologia acima dada baseia-se no uso, afastando-se em parte da empregada na nova legislação, terminologia nova que só confusões viria trazer ao aluno, com especificações e sutilezas inúteis quando não contraditórias.

169 – Diversos sobrenomes terminados em *es* designavam, antigamente, filiação: *Rodrigues* (filho de *Rodrigo*), *Lopes* (filho de *Lopo* ou *Lobo*), *Nunes* (filho de *Nuno*), *Álvares* (filho de *Álvaro*), *Mendes* (filho de *Mem* ou *Mendo*), *Sanches* (filho de *Sancho*) etc. Tais substantivos se denominam **patronímicos.**

Observação:

Outros idiomas há que também possuem sufixo para indicar filiação; haja vista o russo, com as terminações *vitch*, para indicar *filho*, e *vna* para designar *filha*: *Ivanovitch* (filho de Ivã), *Ivanovna* (filha de Ivã).

170 – CONCRETO: É assim chamado o substantivo que designa coisa que tem subsistência própria, isto é, coisa que existe de per si: *livro, lápis, homem, luz.*

171 – Entram nessa classe os *concretos fictícios*, assim chamados os substantivos que designam coisas ou pessoas imaginárias, ou seja, seres hipoteticamente existentes: *saci-pererê*, *sereia*, *Júpiter* (divindade pagã) *et alii*.

172 – ABSTRATO: É o substantivo que designa coisa que não tem subsistência própria, ou seja, que designa coisa que só existe em nossa mente, o que se dá, principalmente, com os derivados em que entram os sufixos *ez* e *eza*: *pequenez*, *delicadeza* (§ 84, n. 1), *bondade*, *afeição*, *energia*, *amizade*, *entendimento*.

Nota: A classificação dos substantivos em *concretos e abstratos* pertence mais à filosofia que à gramática; encerra ou gera sutilezas ou discrepâncias de nenhum proveito para o idioma.

173 – PRIMITIVO: É o substantivo de que derivam outros vocábulos. *Ferro* é substantivo primitivo porque dele derivam outras palavras: *ferreiro*, *ferraria*, *ferradura*, *ferrugem*, *férreo* etc.

174 – DERIVADO: É o que procede de outra palavra. *Guerreiro* é derivado por provir de *guerra* (*guerra* + eiro).

175 – SIMPLES: É o substantivo constituído de uma só palavra: *casa*, *chapéu*.

176 – COMPOSTO: É o substantivo formado da reunião de duas ou mais palavras: *boca-de-leão*, *couve-flor*, *malmequer*.

177 – COLETIVO: É assim chamado o substantivo comum que, embora na forma singular, exprime, quanto à ideia, diversos seres: *multidão*, *rebanho*.

Somente a quem ler um dicionário inteiro e muito bom será facultado respigar um belo rol de coletivos, que a qualquer curiosidade satisfaça; até que alguém assim proceda, esta listinha, que não pode ser completa, oferece um aspeto diferente das que até agora se viram. Ao contrário de apresentar já o coletivo, para depois discriminar os indivíduos, oferece primeiro o indivíduo – coisa, animal, pessoa – porque aqui é que está a necessidade do consulente; a quem não souber o significado do coletivo *corso*, qualquer dicionário o mostrará de pronto, mas a quem necessitar saber o coletivo de *sardinha*, quando em cardume no mar, dificilmente será dado descobrir que é *corso*.

Antes, porém, alguns esclarecimentos:

1 – Não se encontram nesta lista coletivos homogêneos, isto é, formados do próprio radical da palavra acrescido de sufixo designativo de coleção; assim, não se declara aqui que o coletivo de *taquara* é *taquaral*, nem que o de *sapo* é *saparia*, ou que o de *árvore* é *arvoredo*, e que o de *corda* é *cordame*, o de *casa* é *casario*; ainda que não conhecedor dos sufixos que

indicam coleção, o aluno inteligente saberá procurar no dicionário, próximo do nome, o coletivo correspondente.

2 – Não obstante ser incompleta esta lista, não vá o aluno acreditar na existência de nome coletivo para todo e qualquer substantivo.

3 – Com exceção de alguns, os substantivos, de que se pretende saber o coletivo, aparecem no singular, para facilidade de consulta.

4 – Na busca de coletivos que indiquem o número certo dos elementos da coleção, isto é, o conjunto de dois, de três etc., devem ser procurados na lista esses números.

5 – A presente lista não dispensa o dicionário, cuja consulta se impõe principalmente quando um mesmo indivíduo tem o seu ajuntamento designado por vários coletivos. Ademais, muitos se empregam em sentido figurado que por vezes nem o dicionário traz.

6 – Muitas vezes, no usar um coletivo – *miríade*, por exemplo – não basta redigir *miríade*; é necessário acrescentar o especificativo "de estrelas"; "um cardume de peixes", "um enxame de abelhas", e não simplesmente "um cardume", "um enxame", a menos que o contexto já esclareça o coletivo.

7 – Chamamos a atenção para os verbetes *coisas* e *pessoas*, onde muitos coletivos se encontram.

abelha – enxame, cortiço, colmeia.
alho – quando presos pelas hastes entrelaçadas: réstia, enfiada, cambada.
alimento – V. *mantimento*.
amigo – quando em assembleia: tertúlia.
anedota – anedotário, repertório.
animal – em geral: piara, pandilha (brasileirismo do Sul).
– todos, de uma região: fauna.
– de carga, de cavalgadura: récua, récova.
– de raça, para reprodução: plantel.
– ferozes ou selvagens: alcateia (de lobos, de panteras, de hienas...).
– criados geralmente no campo, para serviços de lavoura ou para consumo doméstico ou para fins industriais ou comerciais: gado (gado bovino, ovino... de cria, de engorda).
– V. também *pessoas* ou *animais*.
anjo – teoria.
apetrecho – apeiragem.
aplaudidor – quando pagos: claque.
argumento – carrada.
arma – quando tomadas ao inimigo: troféu.
artista – de teatro, de cinema..., quando trabalham em conjunto: companhia, elenco.
árvore – em geral e quando em linha: alameda, carreira, fileira, renque, rua, souto – V. *vegetal*.
– quando constituem maciço: floresta, mata, mato, arvoredo, bosque.
– quando altas, de troncos retos, a aparentar parque artificial: malhada.

asneira – chorrilho, acervo.

assassino – choldra, choldraboldra.

– V. *pessoas más*.

assistente – assistência.

astro – reunidos a outros do mesmo grupo: constelação.

ator – elenco.

autógrafo – quando em lista especial de coleção: álbum.

ave – em geral, quando em grande quantidade: bando, nuvem.

bandeira – quando tomadas ao inimigo: troféu.

barco – V. *navio*.

bêbedo – corja, súcia, farândula – V. *pessoas más*.

besta – V. *burro*.

bispo – reunidos para decidir pontos de doutrina: concílio. O concílio diz-se "ecumênico" quando composto dos bispos de toda a cristandade e presidido pelo papa.

boca-de-fogo – (peça de artilharia): bateria.

boi – armentio, armento, manada, maromba (quando em manadas), ponta (de gado), junta ou cingel (quando são dois no mesmo jugo).

borboleta – panapaná.

botão – abotoadura.

– quando em fileira: carreira.

bugio – V. *macaco*.

burro – tropa, manada, récua.

– quando carregados: comboio.

busto – (estátua, quando em coleção): galeria.

cabelo – cacho, trança, madeixa.

cabra – fato.

cachorro – V. *cão*.

cadeira – (quando dispostas em linha): linha, carreira, fila, fileira, renque.

cálice – baixela.

camelo – quando em récua, a conduzir mercadoria: cáfila, caravana; quando em grupo: camelaria.

canção – quando reunidas em livro: cancioneiro.

– quando populares, de uma época ou região: folclore.

canhão – bateria.

cão – matilha, canzoada, chusma.

capim – feixe, paveia, braçada, braçado.

cardeal – reunidos para a eleição do papa: conclave.

– reunidos sob a direção do papa: consistório.

carro – unidos para o mesmo destino: comboio, composição.

– em desfile recreativo: corso.

carta – correspondência.

– carta geográfica: atlas.

carvalho – quando já crescidos, mas ainda não adultos: malhada.

casa – reunidas quase sempre em forma de quadrado: quarteirão, quadra.

cavaleiro – (pessoa a cavalo): cavalgada, tropel, piquete (de cavalaria).

cavalgadura – piara, récua.

cavalo – manada.

cebola – quando presas pelas hastes entrelaçadas: réstia, enfiada, cambada.

cédula – bolada, bolaço.

cem anos – século.

cereais – (em geral): V. *grão*.

chave – quando num mesmo cordel ou argola: molho, penca.

cigano – bando, cabilda.

cinco anos – quinquênio, lustro.

cinco vozes ou *instrumentos* – quinteto.

clérigo – V. *padre*.

cliente – clientela, freguesia.

cobra – quando instaladas em lugar especial: serpentário.

coisas – em geral: acervo, acumulação, barda (de pratos, de erros), batelada (de arroz, de madeira...), bloco, chusma, data (de sal, de pancadas...), disparate, fartadela, fartão, fartura, grupo, meda, monte, montão, multidão, mundo, pinha, reunião, união.

– antigas e em coleção ordenada: museu.

– bem unidas e em quantidade: bastida (de paus, de taquaras, de ripas...).

– comerciáveis: sortimento (de fazendas, de louças...).

– desconexas: apontoado.

– em fila: carreira (de botões, de lâmpadas, de cadeiras...), linha, renque.

– em lista metódica: catálogo (de livros, de plantas...).

– em lista de anotação: rol, relação.

– em quantidade com que se enche o regaço (= porção): arregaçada (de flores, de saudades...).

– em quantidade que se pode abranger com os braços: braçada.

– em quantidade que pode carregar um carro (= grande porção): carrada (de tijolos, de terra, de razões, de argumentos...).

– em série: sequência, série, sequela, coleção.

– em sucessão ininterrompida e rápida: chorrilho (de sortes, de disparates).

– enfiadas em linha, em sequência: enfiada (de pérolas, de mentiras, de asneiras...), fieira, renque, ramal (de contas, de pérolas...).

– heterogêneas: congérie, mixórdia, choldra, salgalhada, choldraboldra.

– mal ordenadas: farragem.

– para a execução de qualquer obra ou para determinado fim: aparelho.

– reunidas e sobrepostas: monte, montão, cúmulo, pilha (de livros, de sacos...), resma (de papéis), rima.

– reunidas e colecionadas pela natureza, uso etc.: coleção, classe.

– quando caem do ar, em porção: saraiva, granizo (de pelouros, de flechas, de balas), chuva (de rosas...), chuveiro (de luz, de raios).

– quando, em coleção ou série, formam um todo: jogo (de pratos, de instrumentos...).

– quando, pesadas, caem repentinamente: avalancha, alude.

coisas ou *animais* – quando enfiados ou dependurados no mesmo gancho, cordel: cambada (de cebolas, de peixes...), enfiada, réstia (de cebolas...), molho (de chaves).

coisas, *animais* ou *pessoas* – (em geral): ajuntamento, chusma, coleção, concentração, concurso, conglobação, conglomeração, cópia, enfiada, legião, manga, mó, mole, monte, montão, multidão, pinha, quantia, quantidade, reunião, roda, soma, tropel, união.

coluna – colunata, renque.
comerciante – quando em reunião para tratar de interesses da corporação: câmara.
concorrente – assembleia, concorrência.
condensador elétrico – bateria.
cônego – cabido.
contrabandista – partida.
copo – baixela.
corda – em geral: cordoalha.
– quando no mesmo liame: maço.
– de navio: enxárcia, cordame, cordoalha, cordagem, massame.
correia de carro – apeiragem.
credor – junta.
criança – V. *pessoas em geral*.
cura – (eclesiásticos de uma diocese): sínodo (assembleia religiosa).
deputado – quando oficialmente reunidos: câmara.
dez – (grupo ou total composto de dez unidades): dezena.
– anos: década.
dinheiro – bolada, bolaço.
disco – discoteca.
disparate – apontoado.
dois – animais ou pessoas de sexo diferente: casal.
– animais ou pessoas do mesmo ou de sexo diferente, ou duas coisas: par.
– animais (principalmente muares): parelha, junta (de bois).
– anos: biênio.
– meses: bimestre (quando adjetivo, significa que dura dois meses).
– vozes: dueto.
doze – (coisas, animais): dúzia.
eclesiástico – (em assembleia religiosa): sínodo – V. *padre*.
égua – piara.
elefante – manada.
embarcação – frota – V. *navio*.
erro – barda.
escola – (de ordem mais elevada, cujo ensino abrange todos os ramos da instrução superior): universidade.
escravo – na mesma morada: senzala.
– quando a caminho para um mesmo destino: comboio.
– quando aglomerados: tropa, bando.
escrito – em prosa e em verso, em homenagem a homem ilustre: polianteia.
espectador – assistência.
espiga – amarrilho, arregaçada, atado, atilho, braçada, feixe, gavela, lio, molho, paveia.
– de milho: atilho (quando presas pela própria palha).
estaca – fincadas umas ao lado das outras em forma de cerca: paliçada.
estado – quando unidos em nação: federação, confederação, república.
estampa – em coleção: iconoteca.
– explicativas: atlas.

estátua – quando em coleção: galeria.

estrela – quando cientificamente agrupadas: constelação.

– quando em quantidade: acervo.

– quando em grande quantidade: miríade.

estudante – quando, em grupo, cantam ou tocam: estudantina.

– quando vagueiam, dando concertos: tuna.

família – quando, sob a autoridade de um chefe, vivem na mesma região e provêm de um tronco comum: tribo.

– de selvagens: tribo, cabilda.

feiticeiro – conciliábulo.

feno – braçada, braçado.

filhote – ninhada.

filme – filmoteca, cinemateca.

fio metálico – quando reunidos em feixe: cabo.

flor – antologia, arregaçada, braçada, fascículo, feixe, festão, capela, grinalda, ramalhete, buquê (aportuguesamento do fr. *bouquet*).

– quando ligadas ao mesmo pedúnculo: cacho.

foguete – quando agrupados em roda ou num travessão: girândola.

folha – (de papel): V. *papel*.

fotografia – quando em livro de coleção: álbum.

frade – quanto ao local em que moram: convento.

– quanto ao fundador ou quanto às regras a que estão sujeitos: ordem (dos franciscanos, dos beneditinos...).

frase – quando, mal ordenadas, formam um discurso chocho ou disparatado: apontoado.

freguês – freguesia, clientela.

fruta (em geral) – quando ligadas ao mesmo pedúnculo: cacho, penca.

– a totalidade das colhidas num ano: colheita, safra.

garoto – cambada, bando, chusma – V. *pessoas*.

gato – cambada.

gente – V. *pessoas*.

grão – manípulo (= o que a mão pode abranger), manelo, manhuço, manojo, manolho, maunça, mão, punhado.

gravura – quando colecionadas: iconoteca.

habitante – povo, população.

herói – falange.

hiena – alcateia – V. *animal*.

ilha – arquipélago.

índio – quando formam bando: maloca.

– quando em nação: tribo.

inseto – quando se deslocam em sucessão: correição.

– quando em grande quantidade: miríade, nuvem.

– quando nocivos e em quantidade: praga.

instrumento – cirúrgico: aparelho.

– de artes e ofícios: ferramenta.

jornal, revista – hemeroteca.

jurado – jure, conselho de sentença, corpo.
ladrão – bando, cáfila, malta, quadrilha, tropa, pandilha (brasileirismo do Sul).
lâmpada – quando em fileira: carreira.
lei – quando reunidas cientificamente: código, consolidação, corpo.
– quando colhidas aqui e ali: compilação.
lenha – molho, feixe, talha (= 50 molhos), carrada (= 4 talhas).
letra – (em ordem sistematizada): alfabeto, abecedário, abc.
lição – (sobre um assunto): curso.
livro – biblioteca.
lobo – alcateia, caterva – V. *animal*. V. *atalaia* no D. QVs.
macaco – capela.
malfeitor – bando, choldra, hoste, jolda, malta, manalha, metilha, matula, pandilha, quadrilha (quando organizados), sequela, súcia, tropa – V. *pessoas más*.
mandamento – (de Deus): decálogo.
mantimento – (em geral): sortimento, provisão.
– quando em saco, em alforje: matula, farnel.
– quando em cômodo especial: despensa.
mapa – atlas (quando ordenados, num volume), mapoteca (coleção).
máquina – maquinaria.
marinheiro – maruja, marinhagem, companha, equipagem, tripulação.
– quando em grupo desordenado: chusma.
mastro – (de navio): mastreação.
– considerados juntamente com as vergas, remos etc.: palamenta.
médico – quando em conferência, e um é o assistente do enfermo: junta.
membro – (de uma sociedade) – V. *pessoas*.
menino – V. *garoto* e *pessoas*.
mercadoria – (em geral): sortimento, provisão.
metal – (não precioso, que entra na construção de uma obra ou artefato): ferragem.
mil anos – milênio.
ministro – quando de um mesmo governo: ministério.
– quando reunidos para tratar de um assunto: conselho.
montanha – cordilheira, serrania, serra.
monte – cordilheira, serrania, serra.
móvel – mobília, aparelho, trem.
música – repertório (quanto a quem conhece); coleção.
músico – (com o instrumento): banda, charanga, filarmônica, orquestra.
nação – quando unidas para o mesmo fim: coligação, liga, aliança, confederação.
navio – frota, flotilha (pequena frota).
– de guerra: esquadra, armada, marinha.
– quando reunidos para o mesmo destino: comboio.
nota – (dinheiro): bolada, bolaço.
– (crítica de produção artística ou científica): comentário.
nove dias – novena.
oito dias – oitava (espaço em que a Igreja celebra alguma festa solene).
órgão – quando concorrem para uma mesma função: aparelho, sistema.

ouvinte – auditório.

ovelha – rebanho, grei, chafardel, malhada, oviário.

– que dão leite: alavão.

– que ainda não deram cria nem estão prenhes: alfeire.

ovo – postos pela galinha durante certo número de dias: postura.

– quando no ninho: ninhada.

padre – em geral: clero, clerezia.

– quando subordinados à jerarquia da Igreja: clero secular.

– quando subordinados a regras especiais de uma ordem, congregação, companhia: clero regular.

palavra – vocabulário.

– quando em ordem alfabéticae seguidas da significação: dicionário, léxico.

– quando proferidas sem ordem, sem nexo: palavrório.

pantera – alcateia – V. *animal*.

papel – caderno (em sentido estrito, técnico: cinco folhas; em sentido lato: folhas ligadas), mão (cinco cadernos), resma (vinte mãos), bala (dez resmas).

– quando no mesmo liame e como que batidas as folhas a maço: maço.

parente – quando em reunião: tertúlia; em geral: família.

partidário – facção, partido, torcida.

partido político – quando unidos para o mesmo fim: coligação, aliança, coalizão, liga.

pássaro – em geral e em grande quantidade: nuvem.

pau – quando fincados e unidos em trincheiras: bastida, paliçada – V. *vara*.

peça – destinadas a aparecer juntas na mesa: baixela, serviço.

– de artigo comerciável, quando em volume para transporte: fardo (de fazendas, de fumo, de alfafa...), magote: "As peças de seda vinham aos magotes de cem e de quinhentas".

– de artilharia: bateria.

– de roupa (quando enroladas): trouxa. Quando pequenas e atadas ou cosidas umas às outras para se não extraviarem na lavagem: apontoado.

– literária: antologia, florilégio, seleta, silva, crestomatia, coletânea, miscelânea.

peixe – em geral e quando na água: cardume.

– miúdo: boana.

– em depósito de água, para conservar ou criar: aquário.

– em fieira: cambada, espicha, enfiada.

– à tona: banco, manta.

pena – na ave: plumagem.

peregrino – caravana, romaria, romagem, rancho.

pessoa ou *animal* – chusma, cópia, facção, fila, fileira, magote, malta, partida, partido, quadrilha, rancho, tropa.

pessoa – (em geral): aglomeração, assembleia, banda, bando, cenáculo, chusma, colmeia, concentração, coorte, gente, golpe (antiquado), grupo, legião, leva, magote, maremagnum, massa, mó, mole, multidão, pessoal, piara, pinha, populaça, putissi, reunião, roda, rolo, troça, troço, tropel, turba, turma, zé-povinho.

– V. também *pessoa* ou *animal*.

– quando cantam juntas: coro.

– quando em acompanhamento solene: comitiva, cortejo, procissão, préstito, teoria, séquito.

– quando em desordem: choldraboldra, pandemônio, rolo, turbamulta.
– quando em grupos ou divisões de uma série ou conjunto, ou quando se distinguem das outras pelas ocupações, natureza: classe (de alunos, de profissionais, de homens...).
– quando empenhadas em agradar outrem: corte.
– quando equipam, governam ou dirigem um barco, um aeroplano: tripulação.
– quando incumbidas de um mesmo serviço material: turma (de pedreiros, de calceteiros...).
– quando o serviço é de outra natureza: corpo (de jurados, de professores... legislativo, sanitário...).
– quando moram em promiscuidade: cortiço.
– quando pagas para aplaudir: claque.
– quando reunidas em assembleia política popular: comício, "meeting".
– quando reunidas em romaria: romagem, peregrinação.
– quando reunidas para diversão: farrancho, rancho.
– quando reunidas para julgar: jure, corpo de jurados, conselho.
– quando reunidas para modificar, estabelecer situações políticas: convenção, liga, dieta.
– quando reunidas para tratar de um mesmo assunto: comissão (de técnicos, de professores, de representantes...), conselho, congresso, conclave, convênio, corporação.
– quando se revezam: turno.
– quando sujeitas ao mesmo estatuto: agremiação, associação, centro, clube, grêmio, liga, sindicato, sociedade.
– quando unidas por votos religiosos ou ligadas pelo mesmo interesse ou condições de vida, de costumes: cenáculo, classe, comunidade, confraria, congregação, irmandade, ordem, sinédrio.
– quando viajam ou passeiam juntas: caravana.
– em sentido depreciativo: corja, caterva, choldra, farândula, récua, súcia – V. *pessoa má*.
– em sucessão ininterrompida e rápida: chorrilho.
– curiosas: pinha.
– ilustres por qualquer título: plêiade, pugilo, punhado.

pessoa má – (malfeitores em geral): alcateia, cáfila, canzoada, corja, matula, súcia.
– quando em grande porção: bando, horda (de vândalos, de salteadores...), réstia.
– quando em bando organizado: quadrilha.
– quando em reunião clandestina: conluio, conventículo, conciliábulo, cabala.

pilha elétrica – bateria.

planta – de uma região – flora.
– secas para classificação: herbário.

poesia lírica lusitana ou *espanhola* – cancioneiro.

ponto – apontoado.

porco – manada, piara, vara, vezeira.

povo (nação) – aliança, coligação, confederação, liga.

prato – baixela, barda.

princípio – (filosófico, político, moral): sistema, escola.

prisioneiro – quando em conjunto: leva.
– quando a caminho para o mesmo destino: comboio.

professor – de estabelecimento secundário ou primário: corpo docente.
– de faculdade superior: congregação.

quadro – de pintura: pinacoteca, galeria.

quarenta – (dias, meses, anos etc.): quarentena.

quatro anos – quadriênio.

– versos: quarteto, quadra.

– vozes: quarteto.

razão – carrada.

recorte – retraçário, cortezário.

recruta – leva.

religioso – quanto ao lugar de vida em comum: convento – V. *pessoas, quando unidas por votos religiosos.*

remos, *mastros* e *vergas* – palamenta.

retrato – quando em coleção e representam personagens ou assuntos históricos, comuns ou da vida real: galeria.

revista (jornal) – hemeroteca.

ripa – quando em conjunto e bem unidas: bastida.

roupa – de homem: terno (paletó, calça e colete), aparelho (calça e paletó).

– de noiva, de colegial, de criança recém-nascida: enxoval.

– em geral, de vestir exteriormente: vestuário, fato.

– em geral, de vestir internamente: roupa branca.

sardinha – quando em cardume no mar: corso.

saudade – arregaçada.

sectário – facção.

seis meses – semestre.

– vozes ou instrumentos – sexteto, sêxtuor.

selo – quando em livro de coleção: álbum.

selvagem – cabilda, tribo.

senador – quando em reunião oficial: senado.

serpente – *V. cobra.*

sete dias – semana.

– vozes ou instrumentos – septeto, setimino, séptuor.

sócio – associação.

– em reunião: assembleia.

soldado – pelotão, companhia, batalhão, regimento, brigada, divisão, exército.

– em ordem de marcha: hoste, partida.

– quando guarnecem um lugar: guarnição.

– outros coletivos: coluna, destacamento, patrulha, piquete, esquadrão, grupo, troço, falange, tropa.

som – orquestra.

talher – baixela.

taquara – quando em conjunto e bem unidas: bastida.

tolice – acervo.

trabalhador jornaleiro dos campos – maltesia, rancho.

tradições e crenças populares orais ou escritas – folclore.

trecho literário – analecto, antologia, catalecto, compilação, florilégio, seleta, silva.

três – conjunto de peças (garfo, colher e faca) de que cada pessoa se serve quando come: talher.

– dias: tríduo.

– meses: trimestre, quartel (do ano).

– anos: triênio.

– versos: terceto.

– vozes: terceto, trio.

trigo – meda (= feixe).

tripulante – (de navio): tripulação, equipagem, marinhagem, maruja.

– de avião: tripulação.

turista – caravana.

utensílio – em geral, quando destinados ao mesmo fim: trem (de cozinha, de lavoura...).

– de cozinha: bateria.

– de lavoura, de oficina: apeiragem.

– de mesa (pratos, copos, talheres, cálices...): baixela.

vaca – armentio, armento.

vadio – cambada, manada, malta, súcia – V. *pessoas más*.

vagão – comboio.

vara – braçada, braçado, molho, feixe – V. *pau*.

vegetal (em geral): mão, mancheia, mão-cheia, massa, maciço ("À esquerda do vale está um maciço de verdura do mais belo viço"), molho, paveia – V. *árvore*.

velhaco – V. *malfeitor*.

vereador – quando oficialmente reunidos: câmara.

vergas, *mastros* e *remos* – palamenta.

verso – estrofe, estância.

viajante – V. *pessoas quando viajam*.

vinte – (grupo ou total composto de vinte elementos): vintena.

vinte e cinco anos: quartel de século – "No último quartel do século XX" – A palavra *quartel* indica também a quarta parte do ano (trimestre).

Questionário

1. Como se classificam os substantivos?

2. Que são substantivos *concretos fictícios*? Exemplos.

3. Os substantivos *eletricidade* e *Júpiter* são concretos ou abstratos?

4. Por que é que *Pedro* é substantivo próprio?

5. Os nomes dos meses são próprios? Por quê? (Veja bem a observação do § 167.)

6. Cite um exemplo de nome próprio pessoal, especificando as partes que o constituem.

7. Que são substantivos *patronímicos*? Exemplos.

8. Cite 5 exemplos de substantivos *comuns*.

9. Cite 2 exemplos de substantivos primitivos, com seus respectivos derivados.

10. Que é substantivo *coletivo*? Exemplos.

11. Explique o significado dos seguintes coletivos: *matilha*, *vara*, *alcateia*, *cáfila*.

12. Aplique o que aprendeu nesta lição aos substantivos: *lição*, *agradecimento*, *lusco-fusco*. (Modelo: *mesa* – comum, concreto, primitivo, simples.)

CAPÍTULO 10

FLEXÃO DO SUBSTANTIVO

180 – Como há pouco acabamos de ver (§ 162 e 163), os substantivos são flexíveis. Pois bem, as palavras que pertencem a esta classe podem flexionar-se de três maneiras diferentes:

a) quanto ao **gênero**
b) quanto ao **número**
c) quanto ao **grau**

Daí, os três tipos de flexão dos substantivos: flexão *genérica*, flexão *numérica* e flexão *gradual*.

Nota: Havia no latim mais um tipo de flexão, a flexão *casual*. De acordo com a função sintática (sujeito, objeto direto, objeto indireto etc.) que a palavra exercia na oração, tinha ela uma terminação, uma desinência, um *caso* especial; assim, se *Pedro* era o sujeito de uma oração, este nome terminava em *us* – caso *nominativo*: *Petrus* est bonus (*Pedro* é bom); se era adjunto adnominal restritivo, terminava em *i* – caso *genitivo*: liber *Petri* (livro *de Pedro*); se objeto indireto, em *o* – caso *dativo*: Librum dedi *Petro* (Dei o livro *a Pedro*); se objeto direto, em *um* – caso *acusativo*: Vidi *Petrum* (Vi *Pedro*); se empregado em orações imperativas, exclamativas ou de apelo, em *e* – caso *vocativo*: Hoc vide, *Petre* (Veja isto, *Pedro*); se adjunto adverbial, também em *o* – caso *ablativo*: Cum *Petro* ambulavĭmus (Passeamos *com Pedro*) (*).

Tal tipo de flexão desapareceu em nossa língua, onde, qualquer que seja a função sintática que na oração exerça o substantivo, este conserva sempre a mesma terminação.

(*) O aluno que desejar conhecer bem a função desses casos, com grande proveito para si no que diz respeito à análise dos termos da oração em português, estude as 8 (oito) primeiras lições de nossa *Gramática Latina*.

Na própria língua portuguesa, quando se diz que determinada palavra exerce *função de acusativo*, entende-se que ela exerce *função de objeto direto*; de igual maneira, por *função dativa* entende-se *função de objeto indireto*.

Para substituir os casos, as línguas neolatinas usam as *preposições* e o *artigo*, além de outros recursos que mais tarde veremos; essa é a razão por que se diz que o latim é língua *sintética*, e as neolatinas, *analíticas*: *Liber Petri* (2 palavras) – O *livro de Pedro* (4 palavras).

O alemão, o grego, o russo são também línguas sintéticas, porquanto a função sintática dos nomes da frase é indicada nesses idiomas por *casos*.

De todos os casos latinos vistos, o mais importante para nós é o *caso acusativo*, porquanto dele vieram, com raras exceções, todos os nossos vocábulos, motivo por que o *acusativo* é para nós considerado o *caso lexicogênico*, isto é, o caso que deu origem aos nossos vocábulos; assim, *corpo* veio do latim *corpus*, acusativo neutro da terceira declinação; *árvore* de *arborem*, acusativo feminino da mesma declinação etc. (§ 613).

Flexão Genérica

181 – Quanto ao gênero, um substantivo pode ser:

masculino
feminino
epiceno
comum de dois gêneros
sobrecomum

182 – MASCULINO, FEMININO: Quando dizemos que um animal é *macho*, queremos indicar o *sexo real*, físico, do animal ou de qualquer outro ente animado; se dizemos que a *égua* é a *fêmea* do cavalo, especificamos o sexo desse animal, com relação ao sexo do cavalo.

Passando do terreno físico para o terreno da gramática, não se irá dizer que *égua é palavra fêmea*, mas, sim, que *égua é palavra do gênero feminino*. Do mesmo modo, o cavalo, como animal, é macho, mas a palavra *cavalo* é do *gênero masculino*.

Dessa rudimentar explicação, compreende-se que o *gênero gramatical* de um substantivo corresponde ao sexo real do ser que esse substantivo designa.

Gênero gramatical é a indicação do sexo real ou suposto dos seres.

Está claro que, por haver dois sexos, dois devem ser os *gêneros gramaticais*: o *gênero masculino* e o *gênero feminino*.

183 – Tratando-se de seres animados, de seres vivos, fácil é especificar o sexo e, conseguintemente, dizer se a palavra que designa o ser vivo é de gênero *masculino* ou *feminino*. Mas *lápis*, *livro*, *porta*, *janela* de que gênero serão se essas palavras não especificam seres vivos? Qual o critério que iremos adotar no atribuir a essas palavras este ou aquele gênero gramatical?

O latim, da mesma maneira que o grego, costumava atribuir aos nomes das coisas o *gênero neutro* (*ne* = não + *uter* = um e outro) que, como a própria palavra está a indicar, não especifica *nem um nem outro* gênero gramatical, pela mesma razão por que as coisas não têm nenhum dos dois sexos. Assim, *flumen* (rio), *bellum* (guerra), *caput* (cabeça), *mare* (mar), *cornu* (chifre) etc. são em latim palavras *neutras*, com terminações especiais, diferentes das terminações do masculino e do feminino, porque os objetos designados por esses nomes não possuem sexo.

Mas a nem todas as palavras se estendeu essa orientação, e os nomes das coisas inanimadas passaram, a semelhança das que designam seres vivos, a ter uns o gênero masculino, outros o feminino (§ 614).

Para tanto, *supunha-se*, ou por meio da *terminação* da palavra, ou pela *analogia* com outras, o gênero masculino ou feminino. A orientação no atribuir o gênero gramatical aos nomes de seres inanimados varia de língua para língua; se *mulher*, ente animado, é substantivo feminino em todas as línguas, *lua*, que designa ser inanimado, pode ser feminino numa língua, como no português, e masculino noutra, como o é no alemão.

Não podendo aplicar o latim o gênero neutro a todos os nomes de coisas, consequência natural foi o desaparecimento do neutro nas línguas neolatinas, não obstante haver ainda resquícios desse gênero: *aquele* (masc.), *aquela* (fem.), e **aquilo** (neutro); *este*, *esta*, **isto**; *esse*, *essa*, **isso**; *todo*, *toda*, **tudo**; **algo** (alguma coisa); **nada** (nenhuma coisa); **al** (outra coisa) são reminiscências do gênero neutro.

184 – Tratando-se, pois, de nomes de coisas, o gênero gramatical que se lhes atribui é *fictício*, baseado ora na *terminação* do vocábulo, ora na *significação*.

Terminação

185 – São **masculinos** os substantivos terminados em:

1 – *o*, *i*, *u*: *litro*, *batismo*, *álibi*, *jaborandi*, *pó*, *nó*, *dó*, *biju*, *caju*, *maracatu*.

Excetuam-se: *tribo*, *avó*, *mó*, *enxó*, *juriti*, *lei*, *grei*.

2 – *é*: *café*, *rapé*, *uarubé*, *cabriolé*.

Excetuam-se: *galé*, *libré*, *maré*, *sé*, *chaminé*, *fé*, *ré* (retaguarda), *guiné*.

Observação:

Dos terminados em *e* átono são uns masculinos (*pente*, *pote*, *leque*, *aparte*, *estandarte*, *debate*) e femininos outros: *bronquite*, *ode*, *fome*, *lide*, *sede*, *bólide*.

3 – *em, im, om, um*: *armazém, brim, dom, bodum.*

Exceções: – *ordem, adem* e todos os terminados em *gem*: *aragem, linguagem, personagem* (*o* personagem é francesismo), *origem, penugem* etc.

4 – *en*: *âmen, líquen.*

5 – *au, éu, eu, ói*: *cacau, chapéu, liceu, caubói.*

Excetua-se *nau.*

6 – *l*: *graal, tonel, anil, anzol, paul.*

Exceções: – *cal, catedral, bacanal, moral* (= moralidade) e outros que, primitivamente adjetivos, passaram a ser substantivos, conservando o gênero do substantivo que costumavam acompanhar, como *a vogal* (a *letra* vogal), *a diagonal* (a *linha* diagonal) etc.

7 – *r*: *alamar, escaler, nadir, furor, calembur.*

Exceções: – *beira-mar, colher* (*ér*), *cor, dor, flor.*

8 – *s*: *caos* (pronuncia-se *cáos*), *lápis, cais, áloes.*

Excetua-se *cútis.*

Observação:

Os terminados em *z* distribuem-se pelos dois gêneros – masculinos: *albornoz, alcatraz*; – femininos: *paz, foz, noz.*

9 – *x*: *tórax, índex.*

Excetua-se *fênix* (fênis).

186 – São **femininos** os substantivos terminados em:

1 – *a*: *cama, barca, orelha.*

As palavras terminadas em *a* originam-se quase todas da primeira declinação latina.

Exceções: *anacoreta, cometa, dia, planeta, trema* e muitos outros de origem grega, como *celeuma, coma, dilema, eczema, eurema, poema, teorema, epigrama, grama, miligrama, telefonema, zeugma* etc. (V. D. QVs, *celeuma.*)

Excetua-se, igualmente, a maioria dos terminados em *a* agudo, quase todos derivados de línguas americanas ou de línguas orientais: *fubá, gambá, jacá, maná, xará* (bailado), *indaiá, jatobá, maracujá* etc.

2 – *ã*: *avelã, manhã.*

Exceções: *afã, talismã, imã.*

3 – *ção*, quando abstratos: *viração, rotação, afeição.*

4 – *gem* (V. § 185, 3): *linguagem, homenagem, aragem.*

5 – *dade* e *ice*: *cidade, verdade, tolice, velhice.*

Significação

187 – Por este processo, atribui-se o gênero aos substantivos que designam seres inanimados, mediante analogias, comparações e pela classificação do objeto designado pelo substantivo.

Dessa maneira, consideram-se:

A) **masculinos**: Os nomes dos *montes* (Vesúvio, Etna), *mares* (Mediterrâneo, Atlântico), *rios* (Amazonas, Nilo), *meses* (janeiro, dezembro) e *ventos* (aquilão, tufão).

B) **femininos**: 1 – As partes do mundo: *Europa*, *Ásia*, *África*, *América*, *Oceânia*. 2 – As ciências e as artes liberais: *magistratura*, *medicina*, *engenharia*, *advocacia*, *pintura*, *escultura*. 3 – Os nomes próprios de *regiões*, *cidades*, *vilas*, *ilhas*: *Amazônia*, *Londres* (a populosa Londres), *Paris* (a bela Paris), *Marajó* (Marajó é linda), *São Paulo* (cidade) é dinâmica.

Excetuam-se *Cairo*, *Porto* e *Rio de Janeiro*, nomes estes que exigem o artigo masculino: *Estive no Cairo*, *vim do Porto*, *voei sobre o Rio de Janeiro*.

188 – Escapam deste processo as *letras do alfabeto* e as *notas musicais*, não obstante pertencerem às classes das *letras* e das *notas*, nomes estes femininos: o *a*, dois *ss*, o *ré*, o *si*.

Os nomes das *frutas* e das *flores* igualmente não obedecem a essa norma, sendo uns masculinos e outros femininos: o *figo*, a *pera*, o *coco*, a *maçã*, a *rosa*, o *cravo*, a *violeta*, o *jasmim*.

189 – Como vemos, tais processos são fracos substitutivos do gênero neutro latino. Um bom dicionário, o mais das vezes, é o mais seguro meio para a discriminação do gênero das palavras que designam seres inanimados.

Note-se que os dicionários costumam trazer as abreviaturas *s. m.* (ou simplesmente *m.*) para indicar substantivo masculino; *s. f.* (ou apenas *f.*) para indicar substantivo feminino.

Particularidades

200 – A questão do *gênero dos substantivos* não para nas normas vistas nos parágrafos anteriores; outros fatos há, particulares, que necessitam ser estudados isoladamente. O uso, fator soberano da consolidação de uma língua e das leis que a regem, consagra certas formas que, embora esquisitas, tornam-se comuns e de emprego cotidiano na boca do povo.

É o que se passa, em português, com o gênero de certos substantivos. São fatos que, adstritos a pequeno número de palavras, denominam-se *particularidades genéricas*.

201 – EPICENO: Considerados quanto à flexão genérica, certos substantivos se denominam **epicenos**. Nesta classe estão incluídos os substantivos para os quais o uso consagrou uma *única forma, com um único gênero gramatical*, para designar os dois sexos. Assim, *baleia, cobra, tubarão, jacaré* são substantivos que designam tanto o macho como a fêmea desses animais; mas, note-se bem isto, estes nomes têm gênero gramatical *determinado* e *fixo*: *baleia* e *cobra* são substantivos do gênero gramatical feminino; *tubarão* e *jacaré*, masculino; aqueles *sempre* se usam com o artigo *a*, estes *sempre* com o artigo *o*.

Como discriminar, então, na linguagem, o sexo real desses animais? Isso é feito mediante o acréscimo dos adjetivos *macho* e *fêmeo*: *a baleia macha, a baleia fêmea*; *o tubarão macho, o tubarão fêmeo*.

Não nos admiremos da forma *fêmeo*; esta palavra, no caso presente, é adjetivo e, como tal, deverá flexionar-se de acordo com o gênero do substantivo a que se refere; o mesmo se observe com o adjetivo *macho*, que, referindo-se a nomes femininos, deverá flexionar-se em *macha*. *A pulga macha, flores machas, palmeira macha*. Pode-se, ainda, indiferentemente, dizer: *o macho da pulga, a fêmea do jacaré*.

Geralmente, os nomes de *répteis* (a cobra, o jacaré), *batráquios* (o sapo, a rã), *peixes* (o salmão, a sardinha), *insetos* (o pernilongo, a pulga) e outros animais inferiores são **epicenos**; dos quadrúpedes e das aves, uns há que também são **epicenos** (a zebra, o rinoceronte), mas outros possuem duas formas, uma para cada gênero: *o cachorro, a cachorra*; *o cavalo, a égua*.

202 – COMUM DE DOIS GÊNEROS: Outro grupo de palavras constituem os substantivos **comuns de dois**, assim denominados os substantivos que, de uma só forma, têm o artigo que os acompanha flexionado de acordo com o sexo que se quer indicar; são diferentes, portanto, dos **epicenos**, pois estes possuem gênero gramatical próprio e o artigo que os acompanha não se flexiona.

Artista, pianista, jovem, selvagem, consorte, cliente, lente e outros são, rigorosamente, substantivos sem gênero, que se considerarão masculinos ou femininos, conforme a homem ou a mulher se referirem, obedecendo o artigo ao sexo que se queira designar:

o (homem) *consorte*	*a* (mulher) *consorte*
o " *jovem*	*a* " *jovem*
o " *lente* (professor)	*a* " *lente* (professora)
o " *pianista*	*a* " *pianista*
o " *selvagem*	*a* " *selvagem*
o (menino) *soprano*	*a* (mulher) *soprano*

203 – SOBRECOMUM: Outros substantivos existem, como *vítima*, *criança*, *algoz*, *testemunha*, que, de gênero fixo, aplicam-se indiferentemente a homem ou a mulher: *João é uma criança – Maria é um algoz de seu pai – A vítima Pedro Mariano foi internada – Morreu a cantora Geraldina, um dos ídolos da ópera – Presa de grande dor, o homem morreu – Alvo de grande perseguição, a mulher fugiu* (V. § 768, 3).

Alguns sobrecomuns:

algoz *m.*	criança *f.*	presa *f.*
alvo *m.*	ídolo *m.*	testemunha *f.*
animal *m.*	membro *m.*	tipo *m.*
cônjuge *m.*	pessoa *f.*	vítima *f.*

204 – Muitos substantivos têm gênero próprio quando designam coisas, objetos, mas tornam-se *comuns de dois* quando passam a especificar *ofícios*:

a bandeira (estandarte)	*o bandeira, a bandeira* (porta-bandeira)
a cabeça (parte do corpo)	*o cabeça, a cabeça* (chefe, líder)
a caixa (local de pagamento)	*o caixa, a caixa* (funcionário, funcionária da caixa)
a espia (cabo, corda)	*o espia, a espia* (espião, ã)
a guarda (serviço de vigilância, proteção)	*o guarda, a guarda* (a pessoa encarregada de vigiar ou guardar)
a guia (documento que acompanha uma encomenda)	*o guia, a guia* (condutor, a)
a lente (vidro de aumento)	*o lente, a lente* (professor, a)
a língua (idioma)	*o língua, a língua* (intérprete)
a trombeta (instrumento musical)	*o trombeta, a trombeta* (a pessoa que toca esse instrumento)

205 – Outros substantivos existem que sempre designam coisas, mas têm gênero diverso, conforme a significação com que são empregados:

o capital (fundo monetário)	*a capital* (cidade principal)
o cisma (cisão da Igreja)	*a cisma* (dúvida)
o crisma (o óleo usado nesse ato)	*a crisma* (ato religioso)
o cura (padre)	*a cura* (ato de curar)
o grito (brado)	*a grita* (gritaria)
o poço (cavidade funda)	*a poça* (cova rasa com água; pron. *póça*).

206 – Quanto ao processo de **FORMAÇÃO DO FEMININO** dos substantivos, podemos dividir o caso em quatro partes:

1ª – A maioria dos substantivos passa para o feminino mediante simples mudança da terminação para *a* ou mediante o acréscimo de *a*:

masculino	*feminino*
bacharel	bachareL*a*
cachorr*o*	cachorr*a* (vários significados)
chef*e*	chef*a*
deputad*o*	deputad*a*
elefant*e*	elefant*a* (antigamente, *elefoa*)
general	general*a*
gigant*e*	gigant*a*
hósped*e*	hósped*a*
juiz	juí*za*
marquês	marques*a*
menin*o*	menin*a*
mong*e*	monj*a*
parent*e*	parent*a*
patif*e*	patif*a*
reitor	reitor*a*
soberan*o*	soberan*a*
zagal	zagal*a*

2ª – Outros sofrem alteração no radical antes da desinência feminina, ou, ainda, vão para o feminino com desinência especial:

masculino	*feminino*
abade	abadessa
avô	avó
conde	condessa
duque	duquesa
felá	felaína
frade	freira
herói	heroína
ladrão	ladra
marajá	marani
papa	papisa
pardal	pardoca, pardaloca, pardaleja
perdigão	perdiz
poeta	poetisa
príncipe	princesa
profeta	profetisa
rei	rainha
réu	ré
sacerdote	sacerdotisa
varão	varoa [1]

(1) V. *Dicionário de Questões Vernáculas, varão.*

3ª – Certos substantivos têm o feminino inteiramente diverso do masculino:

masculino	*feminino*	*masculino*	*feminino*
bode	cabra	genro	nora
cão	cadela	homem	mulher
carneiro	ovelha	javali	gironda (javalina)
cavalheiro	dama	padrasto	madrasta
cavalo	égua	pai	mãe
compadre	comadre	zângão	abelha
cupim	arará (fêmea alada)		

4ª – Dos substantivos terminados em **ão** o procedimento varia para a formação do feminino:

ão	*ã*	*ão*	*oa*	*outras flexões*	
aldeão	aldeã	hortelão	horteloa	Adrião	Adriana
anão	anã	leão	leoa	barão	baronesa
campeão	campeã	leitão	leitoa	anfitrião	anfitriã e anfitrioa
capitão	capitã	patrão	patroa		
charlatão	charlatã	tabelião	tabelioa	ermitão	ermitã e ermitoa
cortesão	cortesã				
deão	deã			João	Joana
decurião	decuriã			ladrão	ladra
espião	espiã				
folgazão	folgazã			perdigão	perdiz
irmão	irmã				
órfão	órfã				

207 – Observe-se a existência de substantivos com duas formas, uma masculina e outra feminina, que guardam certa analogia de sentido, nuns muito próxima (alguns são até sinônimos: *chinelo*, *chinela*) e noutros mais afastada:

masculino	*feminino*	*masculino*	*feminino*
banheiro	banheira	fosso	fossa
barco	barca	jarro	jarra
caldo	calda	modo	moda
cano	cana	porto	porta
casco	casca	ramo	rama
cerco	cerca	saco	saca
cinto	cinta	trilho	trilha

208 – Noutros substantivos há apenas aparência de flexão de gênero; são palavras de etimologia e significação diferentes:

mico (espécie de macaco) – *mica* (lâmina de brilho metálico).

cão (animal; lat. *canem*) – *cã* (cabelo branco; lat. *canus, a, um*). Este substantivo usa-se quase sempre no plural: respeitáveis *cãs*.

Outros exemplos: *caso*, *casa*; *prato*, *prata* etc.

209 – Tratando-se de substantivos compostos, o gênero é dado de acordo com a ideia que se quer fazer ressaltar; *carta-bilhete* é do gênero feminino, porque a ideia principal é dada pelo elemento *carta*, sendo *bilhete* apenas um especificativo: *a carta* em forma de *bilhete*. Nesses casos o elemento principal costuma vir em primeiro lugar, tornando-se fácil, conseguintemente, a determinação do gênero do composto: *o papel-moeda, a moeda-papel*.

Questionário

1. De quantas maneiras pode flexionar-se o substantivo? Quais são elas?
2. Que diz da *flexão de caso*?
3. Que se entende em português quando se diz que determinada palavra exerce função de *acusativo*?
4. Que vem a ser caso *lexicogênico*?
5. Quanto ao gênero, como pode ser o substantivo?
6. Por que a língua latina se chama *sintética* e as neolatinas *analíticas*?
7. Discorra sobre o *gênero neutro*. Há resquícios desse gênero em português?
8. Qual o critério seguido pelo português e pelas línguas neolatinas para determinar o gênero das palavras que designam seres inanimados?
9. *Dó* é palavra *masculina* ou *feminina*? Por quê? Tenho *muito* dó – ou – tenho *muita* dó de fulano?
10. Qual o gênero de *cal*? Cal *misturada* com areia – ou – cal *misturado* com areia?
11. *Um* ilustre personagem – ou – *uma* ilustre personagem? Por quê?
12. *Dois gramas* ou *duas gramas*? *Um telefonema* ou *uma telefonema*? Por quê?
13. *S. Paulo* (capital) é *populoso* ou *populosa*? Por quê?
14. Que entende por *particularidades genéricas*?
15. Que são substantivos *epicenos*?
16. Como discriminar o gênero desses substantivos?
17. Que espécie de substantivos compreendem os *epicenos*?
18. Qual a diferença entre substantivos *epicenos* e *comuns de dois*? (Estude bem o § 202).
19. O substantivo *soprano* é epiceno ou comum de dois?
20. Três exemplos, que não constem na lição, de substantivos *comuns de dois*.
21. Que é substantivo *sobrecomum*?
22. Com relação ao gênero, que diz do substantivo *lente*?
23. De quantas maneiras se pode obter o feminino dos substantivos? Discorrer, com exemplos, sobre cada caso.
24. Qual o feminino de *juiz*, *parente*, *elefante* e *deputado*?
25. Qual o feminino de *ladrão*, *varão*, *réu* e *perdigão*?
26. Que diz dos substantivos *saco* e *saca*?
27. Que diz dos substantivos *cão* e *cã*? É capaz de citar outros exemplos?
28. Qual o gênero de *rosa-cravo*? Por quê?

CAPÍTULO 11

FLEXÃO NUMÉRICA

212 – Os substantivos, tal qual se encontram nos dicionários, indicam um só elemento, uma única unidade, ou seja, encontram-se sempre na forma *singular*. Se tivermos necessidade de indicar mais de um ser, *flexionaremos numericamente* o substantivo, e diremos então que o substantivo passou para o plural.

Isto de poder o substantivo indicar um ou mais objetos é o que em gramática se chama *número*. **Número gramatical** é, pois, a propriedade que têm os substantivos de indicar um ou mais objetos.

213 – Conclui-se, da explicação supra, haver em português dois números, o **singular** e o **plural**. Exemplos: *casa* (singular), *casas* (plural); *homem* (singular), *homens* (plural).

Nota: Há no grego mais um número, o *dual*, com desinência especial, assim denominado por indicar apenas duas unidades. Esse número nenhum resquício deixou nem no latim, nem no português:

ἡ βίβλος = o livro	αἱ βίβλοι = os livros	τὼ βίβλω = os *dois* livros
singular	plural	dual

214 – Dos dois exemplos dados (*casa*, *casas*; *homem*, *homens*), vemos ter constituído o caraterístico do plural o *s* final, observando-se que em *casa* bastou seu simples acréscimo, ao passo que em *homem* houve alteração antes de ser acrescentado o *s*. Estudemos, pois, as regras, condições e alterações necessárias para a indicação do plural dos substantivos.

215 – Os substantivos terminados em *vogal*, quer oral quer nasal, vão para o plural mediante simples acréscimo de um *s*:

singular	*plural*	*singular*	*plural*
caderno	cadernoS	nó	nóS
romã	romãS	pá	páS

Nota: O *s* como letra característica do plural português é reminiscência do acusativo plural latino, caso que (*lexicogênico*, como sabemos) termina, no plural, em *s* em todas as declinações latinas(*).

216 – Os substantivos terminados em *ão* não passam para o plural de maneira idêntica:

1 – Uns se flexionam mediante simples acréscimo do *s*, de acordo com a primeira regra:

singular	*plural*	*singular*	*plural*
irmão	irmãos	grão	grãos
cidadão	cidadãos	desvão	desvãos
mão	mãos	corrimão	corrimãos

2 – Outros vão para o plural mudando o *ão* em *ães*:

singular	*plural*	*singular*	*plural*
cão	cães	tabelião	tabeliães
capelão	capelães	pão	pães

3 – Um terceiro grupo passa para o plural mudando o *ão* em *ões*:

singular	*plural*	*singular*	*plural*
canhão	canhões	limão	limões
fração	frações	rincão	rincões

Nota: Diversos substantivos terminados em *ão* possuem dois plurais (*plural duplo*).

singular	*plural*
alazão (cor de canela)	alazães, alazões
alcorão	alcorães, alcorões
bastião	bastiães, bastiões
fuão (= fulano)	fuãos, fuões
guardião	guardiães, guardiões
sacristão	sacristãos, sacristães
vilão	vilãos, vilões

Outros há que possuem os três plurais (*plural triplo*): *ãos*, *ães* e *ões*:

singular		*plural*	
alão (cão de fila)	alãos	alães	alões
aldeão	aldeãos	aldeães	aldeões
anão	anãos	anães	anões
ancião	anciãos	anciães	anciões
peão	peãos	peães	peões
pião	piãos	piães	piões (1)
vulcão	vulcãos	vulcães	vulcões

(*) V. nossa *Gramática Latina*, § 121.

(1) V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, *pião*.

Observações:

1ª – A quem possui rudimentos de latim torna-se fácil saber o plural dos nomes terminados em *ão*. Basta confrontar o acusativo plural latino da palavra: o *n* passa a sua *nasalização* para a vogal anterior por meio do til (~), conservando-se inalterada a vogal que vem depois do *n*. Assim, o plural de *pão* é *pães*, por ser *panes* (com *e* depois do *n*) o acusativo plural latino; de *lição* é plural *lições*, por ser *lectiones* (com a terminação *ones*) o plural em latim; de *grão* é *grãos*, por corresponder ao latim *granos* (com *o* depois do *n*):

p*ã*(n)*es*	liç*õ-es*	gr*ã*(n)*os*
	lecti*o*(n)*es*	

Essa norma se aplica também aos substantivos de plural duplo ou triplo, no caso de querer a pessoa dar preferência a um dos plurais, pois bastará averiguar qual das diversas formas corresponde ao acusativo plural latino. *Vulcão*, por exemplo, tem três plurais, mas o plural *vulcãos* é o que corresponde ao plural latino vulcAnOs.

2ª – Palavras há, no entanto, terminadas em *ão*, que não possuem formas correspondentes em latim: a tendência, em tais casos, é flexioná-las, no plural, em *ões*: *botão*, *botões*; *vagão*, *vagões*.

3ª – Existem algumas palavras em *ão* que passam para o plural sem obedecer ao plural latino; assim, o plural de *escrivão* é *escrivÃEs*, ao passo que em latim é *scribAnOs*; *capitão*, *capitÃEs* (lat. *capitAnOs*), por influência do espanhol *capitAnEs*; *tabelião*, *tabeliÃEs* (lat. *tabelliOnEs*).

4.ª – Os nomes terminados em *ão átono* (V. § 136) seguem a regra geral: *acórdão*, *acórdãos*; *gólfão*, *golfãos*; *lódão*, *lódãos*; *nábão*, *nábãos*; *orégão*, *orégãos*; *órgão*, *órgãos*; *sótão*, *sótãos*.

217 – Os terminados nas nasais *em*, *im*, *om* e *um* põem-se no plural mediante mudança do *m* em *ns*:

singular	***plural***	***singular***	***plural***
armazém	armazéns	som	sons
espadim	espadins	debrum	debruns

218 – Os substantivos terminados na nasal *n* fazem o plural, no Brasil, de acordo com a primeira regra:

singular	***plural***	***singular***	***plural***
líquen	liquens	abdômen	abdomens
pólen	polens	cólon	colons

Cânone, *germe*, *espécime*, *cerume* devem ser usados de preferência a *cânon*, *gérmen*, *espécimen*, *cerúmen*, seguindo, para o plural, a regra geral: *cânones*, *germes*, *espécimes*, *cerumes*.

Nota: *Líquen* é palavra paroxítona; seu plural, bem como o de *abdômen*, é, em Portugal, em *es*: *líquenes*, *abdômenes*. V. *Acento agudo*, B,9 no D. QVs.

219 – Os terminados em *al*, *ol* e *ul* vão para o plural mediante troca do *l* por *is*:

singular	***plural***	***singular***	***plural***
pombal	pombais	paiol	paióis
paul	pauis	taful	tafuis

Excetuam-se: 1 – *cal*. Na acepção de substância empregada pelos pedreiros, essa palavra não tem plural; na acepção de *calha*, isto é, de rego ou cano por onde escorre água, o plural é *cales*. Note-se, ainda, que o gênero dessa palavra é, sempre, feminino: "*A* cal não está boa".

2 – *mal*, que no plural é *males*.

3 – *cônsul* e seus compostos fazem no plural *cônsules*.

4 – *real* – quando designativo de moeda do antigo sistema monetário português e do antigo brasileiro tem por plural *réis*; quando adjetivo o plural é *reais*.

220 – Os terminados em *el*, acentuado ou não, fazem o plural mediante troca do *l* por *is*:

singular	***plural***	***singular***	***plural***
hotel	hotéis	batel	batéis
cível	cíveis	nível	níveis

O substantivo *mel* tem, além de *méis*, o plural irregular *meles*, forma usual em Portugal.

221 – O plural dos substantivos terminados em *il* depende do acento da palavra:

a) Os terminados em *il tônico* fazem o plural em *is*, também tônico:

singular	***plural***	***singular***	***plural***
funil	funis	barril	barris
cantil	cantis	carril	carris

b) Os substantivos e os adjetivos terminados em *il átono* fazem o plural em *eis*, também átono:

singular	***plural***	***singular***	***plural***
projétil	projéteis	réptil	répteis
téxtil (adj.)	téxteis	verossímil	verossímeis
fácil	fáceis	ignóbil	ignóbeis

Jamais pronuncie *projetíl*, *reptíl*, *textíl*; o acento dessas palavras, no singular e no plural, deve cair sempre no *e*. Quanto a *téxtil*, a pronúncia geral no Brasil é com *e* aberto, consignada nas edições portuguesas do Caldas Aulete. (V. *Téxtil* no D. QVs.)

222 – Os substantivos terminados em **as tônico** (**ás**), **es tônico** (**ês**, **és**), **os tônico** (**ós**), **us tônico**, **r** ou **z** passam para o plural mediante acréscimo de *es*:

singular	*plural*	*singular*	*plural*
açúcar	açúcares	mês	meses
altar	altares	nariz	narizes
arnês	arneses	noz	nozes
bilhar	bilhares	obus	obuses
faquir	faquires	retrós	retroses
freguês	fregueses	revés	reveses
gás	gases		

223 – Os substantivos que no singular terminam em *s* e os substantivos *tórax* (tóracs), *box* (bócs) e *ônix* (ônics) não se alteram no plural:

singular	*plural*	*singular*	*plural*
um alferes	dois alferes	um lápis	dois lápis
um cais	dois cais	um pires	dois pires
um tórax	dois tórax	um pâncreas	dois pâncreas

Excetua-se *deus*, cujo plural é *deuses*, bem como todos os nomes que, erroneamente grafados com *z*, devem terminar, dada a etimologia, em *s*: *mês*, *meses*; *cós*, *coses*; *luís*, *luíses*; *retrós*, *retroses*; *rês*, *reses*.

Nota: As palavras terminadas em *x*, com som de *s* (*V.* § 83, 5) vão para o plural mediante troca do *x* por *ces*: *cálix*, *cálices*; *apêndix*, *apêndices*.

Tais nomes, mesmo no singular, já se grafam, de preferência, com *ce* final: *índice*, *cálice*, *apêndice*, *sílice*, *bômbice*.

Índex, na acepção de "relação de livros proibidos pela Igreja" (e nas figuradas), pronuncia-se à latina *índecs* e tem o plural *índices*. Nas demais acepções deve ser preferida a forma *índice*.

224 – É regra geral que as palavras, no se flexionarem numericamente, conservam o acento do singular. Algumas, porém, terminadas em *r*, cujo plural se faz mediante acréscimo de *es* (terminação proveniente do acusativo plural da terceira declinação latina), oferecem certa dificuldade. Mas é preciso notar: Assim como a flexão plural *es* é latina, da mesma forma o acento do plural obedece às regras de prosódia do latim mais que às regras da prosódia portuguesa. Essa é a razão por que, ao lado de *cadáveres*, *éteres*, existem outros plurais que merecem ser estudados isoladamente, sempre com vistas para o latim (os acentos que aparecem em algumas de tais palavras visam a evidenciar com clareza a sílaba tônica):

Caráter – plural: *caractéres*.

Uréter – cada um dos dois canais que conduzem a urina dos rins para a bexiga; plural: *uretéres*.

Catéter – sonda que se aplica à bexiga na extração de cálculos; plural: *catetéres*.

Estáter – moeda judaica de prata; plural: *estatéres*.

Masséter – músculo da face; plural: *massetéres*.

Esfíncter – nome de diversos músculos, sujeitos à vontade, ductos, canais ou aberturas naturais do corpo; plural: *esfinctéres*.

O acento dos plurais citados condiz inteiramente com o acento latino dessas palavras.

Sóror – plural: *soróres*: acentuação seguramente fundada no latim.

Lúcifer – *lucíferes*: mudança forçada da sílaba tônica, já por não haver em português palavras com acento na quartúltima sílaba, já por ser etimologicamente breve a penúltima.

As duas palavras seguintes seguem a regra geral:

Táler – moeda alemã; plural: *táleres*.

Nenúfar – gênero de plantas aquáticas; plural: *nenúfares*.

Dois plurais merecem menção especial:

Víveres – mantimentos; proparoxítono, pelo francês *vivres*.

Quaisquer, plural de *qualquer*. Fenômeno semelhante se opera com *gentil-homem* que, além da flexão terminal, sofre flexão no primeiro elemento: *gentis-homens* (gentís-ómens).

Plural dos Substantivos Compostos

225 – Parece, a princípio, para quem lê uma gramática, serem muitas e difíceis as regras a que obedece o plural dos *substantivos compostos* (§ 176). Mas, após reflexão, notaremos serem elas muito fáceis, porque se baseiam na flexibilidade dos componentes desses substantivos, de tal maneira que, resumidamente, poderemos dizer:

1º) Só o segundo elemento do composto varia, quando apenas ele for variável.

2º) Variam os dois elementos, quando ambos forem variáveis.

3º) Não varia nenhum deles, quando nenhum deles for variável.

É isso coisa facílima e ao alcance de todos. Limitar-nos-emos a explanar o que acima ficou dito formulando exemplos e dando explicações do plural de certos compostos.

226 – **PRIMEIRA REGRA**: Apenas o último elemento vai para o plural sempre que o primeiro for ou *invariável* ou *apocopado* ou *justaposto*.

1º caso: **Plural de compostos em que o primeiro elemento é INVARIÁVEL.**

Vimos no § 162 quais as classes de palavras invariáveis. Note-se bem que, para o presente caso, entram também nessa classe os *verbos*, *sempre*

que constituam o primeiro elemento do substantivo composto. A razão disso é clara, visto só se flexionarem os verbos quando funcionam como tais na oração; na formação dos substantivos compostos os verbos perdem, para efeito flexional, o caráter verbal quando constituírem o primeiro elemento do composto. O mesmo se diga, neste particular, dos pronomes.

Quer isso dizer que somente o segundo elemento é que é substantivo, seguindo este as regras já estudadas de flexão numérica.

EXEMPLOS:

singular	*plural*	*singular*	*plural*
guarda-chuva	guarda-chuvas	ave-maria	ave-marias
guardanapo	guardanapos	bem-te-vi	bem-te-vis
porta-bandeira	porta-bandeiras	vice-rei	vice-reis
mata-borrão	mata-borrões	vaga-lume	vaga-lumes

Notas: 1ª – O primeiro elemento do composto *ave-maria* é também, etimologicamente, verbo (lat. *avere* = saudar, dar os bons dias, *ave* = salve); essa é a razão do plural *ave-marias*.

2ª – Alguns compostos que têm o último elemento constituído por verbo flexionam-se a exemplo de *bem-te-vi*, *bem-te-vis*, como se fossem vocábulos simples:

singular	*plural*
malmequer	malmequeres
quebra-quebra	quebra-quebras
vaivém	vaivéns

Excetuam-se *ganha-perde* e *leva-traz*, que no plural não se flexionam: *os ganha-perde*, *os leva-traz*.

3ª – À semelhança dos exemplos da nota precedente, também alguns substantivos compostos de palavras repetidas só recebem flexão no último elemento:

singular	**plural**
lufa-lufa	lufa-lufas
zum-zum	zum-zuns
lenga-lenga	lenga-lengas
tique-tique	tique-tiques

Observações:

1ª – Como podemos facilmente observar, em alguns dos substantivos compostos o uso separa os elementos mediante o *hífen* (§ 139) e deixa de colocá-lo em outros. Cumpre acrescentar que o emprego de tal sinal constitui atualmente verdadeiro abuso na formação dos compostos, mormente em palavras novas e de cunho erudito. De acordo com a tradição da língua, é esse sinal, em grande parte dos casos, inteiramente inútil, *tornando-se-nos mais acertado eliminá-lo*.

Pelo Acordo Ortográfico de 1990, "emprega-se o hífen nas palavras compostas por justaposição que não contêm formas de ligação e cujos elementos, de natureza

nominal, adjetival, numeral ou verbal, constituem uma unidade sintagmática e semântica e mantêm acento próprio: *arco-íris, decreto-lei, médico-cirurgião, tenente-coronel, tio-avô, turma-piloto,* etc.". Acontece, porém, que logo a seguir o dispositivo ortográfico traz a seguinte observação: "Certos compostos, em relação aos quais se perdeu, em certa medida, a noção de composição, grafam-se aglutinadamente: *girassol, madressilva, mandachuva, pontapé, paraquedas, paraquedista,* etc." (* base XV, parágrafo 1º).

Vê-se que o emprego do hífen nos compostos continua incerto, porquanto a "observação" desfaz o imperativo da regra ao basear-se no uso, que neste ponto é muitas vezes contraditório.

Outro fator de insegurança para quem escreve está no que dispõe o parágrafo 6º da base XV do Acordo de 1990, o qual estabelece que "nas locuções de qualquer tipo, sejam elas substantivas, adjetivas, pronominais, adverbiais, prepositivas ou conjuncionais, não se emprega em geral o hífen, salvo algumas exceções já consagradas pelo uso". E o texto exemplifica com *arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito* etc. Fica-se, portanto, sem saber, em alguma eventualidade, se a locução é ou não "consagrada pelo uso": *à-toa* (locução adjetiva) está ou não nessa situação?

O que podemos assegurar é que o hífen não deveria aparecer quando o vocábulo fosse composto por prefixação, isto é, quando a uma palavra já existente se antepusesse preposição ou partícula para formar outra palavra de que necessitássemos, como, aliás, ocorre com *repor* (re + pôr) e *prever* (pré + ver).

2ª – Aqui enxertamos uma passagem de Cândido de Figueiredo, autor português que doutrinava com dados práticos e pessoais, tornando-se autoritário mas interessante em certos ensinamentos. Escreveu-lhe certa pessoa, estranhando o plural *guarda-portões*; dizia ela:

– "*Guarda*, pessoa que guarda, tem plural (o *guarda, os guardas*); por que o não há de ter nesse composto?"

– Principalmente, responde C. de F., porque ali não entra o substantivo *guarda*, mas sim o verbo *guardar*, como em *porta-machado, porta-voz* não entra o substantivo *porta*, mas o verbo *portar*.

– "Mas se forem *vários guardas* de um só portão?"

– Sempre *guarda-portões* (homens que *guardam* portão ou portões).

– "E se forem guardas de vários portões?"

– Idem: sempre *guarda-portões*, como *os guarda-fatos, os guarda-fios, os guarda-joias, os porta-machados, os pinta-monos, os troca-tintas*.

3ª – O plural de *guarda-marinha* tem originado dúvidas e divergências entre gramáticos. Nesse composto, o elemento *marinha* não é adjetivo, mas substantivo, e *guarda* é do verbo *guardar*; conseguintemente, o plural obedece à mesma regra a que está sujeito *guarda-portão*, ou seja, deve ser *guarda-marinhas*.

Há gramáticos que preferem o plural *guardas-marinha*, dizendo que houve supressão da preposição *de*: *guardas de marinha*; esse raciocínio é, porém, falho, porquanto viria justificar plurais como *guardas-portão* (guardas *de* portão), o que evidentemente constitui erro; seja como for, se o *de* caiu, "é mais lógico atribuir-lhe plural de acordo com a estrutura de hoje: *os guarda-marinhas*".

O vocabulário da Academia, de 1943, oferece o plural *guardas-marinhas*, que não podemos aceitar: *guarda* é aí verbo e não substantivo (compare-se com o composto *guarda-barreira*, cujo plural é *guarda-barreiras*). Por outro lado, o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP), 5ª edição (2009), registra as três formas de plural.

4ª – O emprego, hoje consagrado, em certos compostos, do elemento *para* (*para-raios*, *para-choque*, *para-brisa*, *paraquedas* etc.) deve-se ao francês, pois o elemento vernáculo seria *guarda*: *guarda-pó*, *guarda-chuva*, *guarda-sol* etc.

5ª – Certos compostos cujo primeiro elemento é a palavra *guarda* vão para o plural com a flexão de ambos os elementos. Tal se dá quando a palavra *guarda* é *substantivo* e o segundo elemento é *ADJETIVO*: *guardas-campestres*, *guardas-civis*, *guardas-fiscais*, *guardas-florestais*, *guardas-maiores* (senhoras que guardavam as damas do paço), *guardas-menores* (empregados inferiores dos tribunais da Relação), *guardas-mores*, *guardas-municipais*, *guardas-nacionais*, *guardas-nobres*, *guardas-noturnos*, *guardas-reais*, *guardas-republicanos*.

6ª – Há certos compostos de *guarda* que, ainda no singular, trazem o segundo elemento pluralizado; tanto no singular como no plural, as formas dos seguintes nomes são: *guarda-calhas*, *guarda-chaves* (o que abre e fecha as portas da cadeia, carcereiro), *guarda-costas*, *guarda-damas* (escudeiro que acompanhava damas), *guarda-fechos* (peça de espingarda), *guarda-fios* (que no singular também se diz *guarda-fio*), *guarda-joias*, *guarda-livros* (e não *guarda-livro*), *guarda-móveis*, *guarda-selos* (chanceler-mor), *guarda-vassouras*, *guarda-vestidos*.

2º caso: **Plural de compostos em que o primeiro elemento é APOCOPADO.**

Quando, num composto, o primeiro elemento é apocopado (§ 113, C), este não se flexiona; vai para o plural apenas o segundo componente:

singular	*plural*
agu(a)ardente	aguardentes
grand(e)-almirante	grand-almirantes
grand(e)-oficial	grand-oficiais
grão-mestre	grão-mestres
pern(a)alta	pernaltas
plan(o)alto	planaltos
sant(o)elmo	santelmos

3º caso: **Plural de compostos em que o primeiro elemento é JUSTAPOSTO sem hífen.**

Note-se que *justaposição* vem a ser a união de duas palavras para expressar um só objeto ou ideia, conservando ambos os elementos a sua integridade gráfica e prosódica; p. ex.: *pontapé*, *claraboia*, *varapau*.

De acordo com a definição que demos de *justaposição*, a palavra *couve-flor* é também composta por justaposição; é, de fato, mas só nos interessam no momento os justapostos que se escrevem *sem hífen*, isto é, os compostos perfeitos. Pois bem, nos justapostos que se escrevem sem hífen só o último elemento vai para o plural:

singular	*plural*
montepio	montepios
terrapleno	terraplenos
cantochão	cantochãos

227 – SEGUNDA REGRA: Vão os dois elementos para o plural quando ambos são variáveis e separados por hífen:

singular	*plural*
capitão-mor	capitães-mores
mestre-sala	mestres-salas
mico-preto	micos-pretos
obra-prima	obras-primas
padre-santo	padres-santos
pé-vermelho	pés-vermelhos
pleno-relevo	plenos-relevos
pronto-socorro	prontos-socorros
quinta-feira	quintas-feiras
tenente-coronel	tenentes-coronéis

Notas: 1ª – É falso afirmar que o segundo elemento de substantivo composto não varia quando encerra ideia de *finalidade*. Isso é argumento inseguro. Por que o plural de *mestre-sala* é *mestres-salas* e o de *navio-escola*, *navios-escola*? Muito bem chama Vasco Botelho de Amaral tais compostos de "espúrios".

A extravagância vai mais longe quando, para justificar o erro, recorrem ao argumento da semelhança: porque o peixe nos lembra o boi iremos dizer *peixes-boi*? Vamos então dizer *couves-flor*? É o que faz o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa. Segundo ele registra, os dois elementos dos substantivos compostos ligados por hífen podem ir para o plural ou somente o primeiro: *banhos-maria, couves-flor, porcos-espinho*. Nossa língua não se impõe com tais artifícios!

Portanto, em nosso ver, o plural deve trazer os dois elementos flexionados: *banhos-marias, cafés-concertos, canetas-tinteiros, carros-correios, cartas-bilhetes, cidades-satélites, couves-flores, escolas-modelos, frascos-ampolas, navios-escolas, pombos-correios, porcos-espinhos, vagões-leitos*. É o lógico e coerente.

O plural de *chá-dançante* é *chá-dançantes*; vai para o plural o primeiro elemento por ser variável, e o segundo por ser adjetivo. O mesmo se dá com *fator-ambiente*, cujo plural é *fatores-ambientes*. V. D.QVs, Carro-correio, Plural de substantivos compostos.

2ª – Só varia o segundo elemento de certos compostos de cunho estrangeiro:

singular	*plural*
glória-patri	glória-patris
padre-nosso	padre-nossos
salvo-conduto	salvo-condutos

Pai-nosso, forma atualizada de "padre-nosso", segue idêntico critério para o plural *pai-nossos*. Todavia, o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa registra também *pais-nossos*, *padres-nossos* e *salvos-condutos*.

Note-se que o plural de *mapa-múndi* é *mapas-múndi*.

228 – TERCEIRA REGRA: Não se flexionará nenhum dos elementos quando forem ambos invariáveis ou quando o último já estiver no plural:

singular	*plural*
um quebra-nozes	dois quebra-nozes
um bota-fora	dois bota-fora

229 – QUARTA REGRA: Só o primeiro elemento irá para o plural quando estiver unido ao segundo pela preposição *de*:

singular	*plural*
pão de ló	pães de ló
olho-de-cabra	olhos-de-cabra
coração-de-boi	corações-de-boi
pé-de-prata	pés-de-prata

Nota: De tais compostos, alguns há em que o segundo elemento já é plural: um *mestre-d'armas*, dois *mestres-d'armas*.

Particularidades

230 – O que se passa com o **gênero**, passa-se, igualmente, com o *número* dos substantivos. Certos substantivos sofrem, no passar para o plural, modificações ora gráficas, ora prosódicas, ora de significação; estas e outras particularidades iremos agora estudar.

231 – SUBSTANTIVOS QUE SÓ SE EMPREGAM NO SINGULAR

I – Os substantivos que, em vez de designarem indivíduos, designam *massa*:

o ouro, a prata, o ferro, o oxigênio.

Palavras como essas somente são suscetíveis do número plural quando empregadas em *sentido figurado*, ou quando designam *partes*, *divisões*, *espécies* da massa:

Não tenho *níqueis* nem *pratas* (moedas). Acabaram-se os *fósforos* (palitos de fósforo). O navio levantou *ferros* (âncoras).

2 – Os substantivos designativos de *produtos vegetais* e *animais*:

o feijão, o arroz, a cana, o açúcar, o mel, o leite.

Quando se trata não do todo, da substância do produto, mas das suas *qualidades* ou *espécies*, ou quando são esses substantivos empregados em *sentido figurado*, admite-se, então, o plural: "Os *vinhos* portugueses são afamados" – "Há em S. Paulo muitos *cafés*" (= estabelecimentos) – "Produzamos *cafés* finos" (= tipos de café) – "Quero dois *cafés*" (= xícaras de café).

Nota: Observe-se a diferença entre *comi laranjas, bebi vinhos, derramei tintas* e *comi laranja, bebi vinho, derramei tinta*. No primeiro caso designamos as espécies (comi laranjas de várias espécies) e no segundo, o gênero.

3 – Os substantivos que exprimem *noções abstratas, virtudes* e *vícios*:

a preguiça, a sensatez, a caridade, a ociosidade.

Quando essas palavras deixam o seu significado próprio para indicar a *prática*, os *atos* da virtude ou vício, são então flexíveis: Devemos fazer *caridades* e evitar *malvadezas*.

É interessante notar, neste particular, a diferença de sentido que implica o plural, o qual traz até, não poucas vezes, sentido pejorativo à expressão:

franqueza	franquezas	(atrevimento)
confiança	confianças	(liberdades)
graça	graças	(chistes de mau gosto)
leviandade	leviandades	(atos de leviandade)
vaidade	vaidades	(atos de vaidade)
caridade	caridades	(atos de caridade)
fraqueza	fraquezas	(misérias, baixezas)
liberdade	liberdades	(atrevimento)

Ainda sem designar virtudes nem vícios, palavras há que no plural assumem outra significação.

o bem (o que é bom)	os bens (propriedades)
a honra (estima)	as honras (cargos, dignidades)
o zelo (esmero)	os zelos (ciúmes)

4 – Os substantivos designativos de *artes, ciências, sistemas religiosos, filosóficos* ou *políticos*:

a lógica, a teodiceia, a filosofia, o budismo, o comunismo, o fascismo (pronuncie *fa-ssis-mo*), *o materialismo.*

Em orações como: "Tenho muitas *físicas* e diversas *filosofias*", as palavras *física* e *filosofia*, tal qual nas observações dos casos anteriores, estão empregadas em sentido figurado: podem, pois, flexionar-se em número. Esses plurais significam *tratados*, *obras* de diversos autores, sobre física, sobre filosofia.

5 – Quando substantivada, uma palavra pertencente a qualquer classe flexiona-se normalmente: "Sem *senões* nem *talvezes*" – "Ouvimos os *prós* e os *contras*" – "*Sins* e *nãos* foram ouvidos a um só tempo" – "Os *setes* e os *noves* do baralho estão marcados" – "*Ais* lancinantes se ouviam".

Dois, *três*, *seis* e *dez*, quando substantivados, não admitem flexão para o plural: "Os *dez* do baralho".

232 – SUBSTANTIVOS QUE SÓ SE EMPREGAM NO PLURAL

1 – Os nomes de *famílias* ou *classes* de *animais* e de *plantas*:

as compostas, *as saxifragáceas*, *os marsupiais*.

Nota: Dizendo-se "O girassol é uma *composta*", tem-se por fim designar um indivíduo da família.

2 – Outros substantivos:

os Alpes
as alpondras
as alvíssaras
os anais
os Andes
as arras
os arredores
os avós (antepassados)
as belas-artes
as bragas
as calendas
as completas (hora canônica)
as endoenças
os manes
as matinas (hora canônica)
as nonas (hora canônica)
as núpcias
os pampas
os parafernais
as épulas
os escombros
os esponsais
as exéquias
os fastos (anais)
as fauces
as férias
as fezes
as finanças
as humanidades (estudos generalizados)
os idos
as letras (as belas-letras)
os penates
os pósteros
os Pireneus
as primícias
os sirtes
os víveres

Observação:

Parabéns e *pêsames*, conquanto antigamente fossem empregados no singular ("Vossa senhoria me dá o *pêsame* dos achaques com que vivo, e juntamente o *parabém* da enfermidade com que hei de morrer" – VIEIRA), hoje só se empregam no plural. V. D.QVs, *Saudade*.

Notas: 1ª – Outros substantivos há que, não obstante virem na forma plural, conservam o valor singular: *Amazonas*, *Atenas*, *Buenos Aires*, *Burgos*.

O substantivo *Estados Unidos* tem forma e valor plural: "Os Estados Unidos *formam*, *constituem*, *são*..." e não: "Os Estados Unidos *forma*, *constitui*, *é*..."

2ª – Certos substantivos existem que se usam no plural, por implicarem ideia de mais de uma parte: *alforjes*, *luvas*, *algemas*, *ventas*, *óculos*, *andas*, *bofes*.

Em Portugal o mesmo fenômeno se opera com *as ceroulas*, *as calças* e *as tesouras*.

Esses substantivos nos fazem lembrar o *dual* grego (§ 213, nota); exigem a concordância: *Meus óculos são bons*.

233 – PLURAL DOS NOMES PRÓPRIOS

Em regra, isto é, pelos característicos que os acompanham, os nomes próprios não deveriam flexionar-se; entretanto, aplicados como simples nomes comuns, para designar ora homens de qualidades semelhantes, ora pessoas da mesma família, perdem o caráter de nomes próprios, e podem, então, flexionar-se:

os Cíceros, os Aristóteles, os Andradas, os Prados.

Nota: Neste caso, a não flexão dos nomes próprios constitui *galicismo*, ou melhor, *galicismo arcaico*, porque o próprio francês já vai introduzindo o plural dos nomes próprios. Se houver a preposição *de*, comporta-se como no § 229: *os Vieiras de Carvalho*; sem *de*, pode considerar-se uma só palavra: *os Almeida Prados*.

Vezes há, no entanto, em português, em que o plural se torna impossível, ou pela difícil flexão, ou pela deformação da palavra, ou por ser o nome de cunho nitidamente estrangeiro: *os Val*, *os Wilson*, *os Clemenceau*, *os Goncourt*.

234 – OUTRAS PARTICULARIDADES

1 – Em geral, as vogais têm no plural o mesmo som que no singular:

cachôrro	cachôrros	encôsto	encôstos
gôsto	gôstos	desgôsto	desgôstos
colôsso	colôssos		

Nota: Aqui, como em outros lugares, aparece o sinal diacrítico somente para indicar a pronúncia; na escrita corrente essas palavras não são acentuadas.

Todavia, certas palavras existem em que o *o* da sílaba tônica, fechado no singular, passa a soar aberto no plural:

abrolho	despojo	globo	poço	tijolo
cachopo	destroço	goso (cão)(*)	porco	tojo
caroço	escolho	imposto	porto	torno
choco	esforço	jogo	posto	tremoço
corno	fogo	miolo	povo	
coro	forno	olho	renovo	
corpo	foro	osso	rogo	
corvo	fosso	ovo	socorro	

Note-se que em Portugal os substantivos *almoço* e *pescoço* fazem no plural *almóços* e *pescóços*.

Observações:

1ª – Quando tais nomes têm o feminino aberto (o pôrco, a pórca), o plural do masculino pronuncia-se também com *o* aberto:

pôrco	pórca	pórcos	chôço	chóça	chóços
fôsso	fóssa	fóssos	pôço	póça	póços

Todavia, *sogro* e *toldo* fazem no plural *sôgros* e *tôldos*, não obstante ser o feminino com *o* aberto (a sógra, a tólda).

2ª – Com segurança podemos formular esta regra: Os substantivos *femininos* conservam no plural o mesmo som, *aberto* ou *fechado*, do singular:

arrôba – arrôbas	peróba – peróbas
bôlha – bôlhas	rôlha – rôlhas
cebôla – cebôlas	róda – ródas
cóta – cótas	senhóra – senhóras (§ 258, n. 1)
escôda – escôdas	sôpa – sôpas
espôsa – espôsas	sóva – sóvas
fôlha – fôlhas	tóda (ave) – tódas
móda – módas	

Essa é a razão por que o plural de *bôda* (celebração de casamento, noivado) é, indiscutivelmente, *bôdas* (no plural, a palavra significa festa de aniversário de casamento, de ordenação sacerdotal etc.).

2 – O plural dos diminutivos em *zinho* e *zito* opera-se acrescentando-se *zinhos* e *zitos* ao plural do substantivo primitivo, tirando-se o *s* do plural do normal:

(*) V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "gozo, goso".

singular	*plural*
pãozinho	pãe(s)zinhos
carretelzito	carretei(s)zitos
coraçãozinho	coraçõe(s)zinhos
florzinha	flore(s)zinhas

Essa devia ser a regra. O uso, porém, mostra que, enquanto se diz *coraçõezinhos* (e não "coraçãozinhos"), diz-se *rapazinhos*, *mulherzinhas*, *colherzinhas* (em vez de "rapazezinhos", "mulherezinhas", "colherezinhas") etc.

3 – As palavras estrangeiras, usadas em nossa língua, devem adaptar-se, o quanto possível e o permitir o uso, à forma gráfica portuguesa; uma vez consolidado o aportuguesamento gráfico do estrangeirismo, fácil será flexionar-se numericamente:

singular	*plural*
bife (inglês *beef*)	bifes
bonde (ingl. *bond*)	bondes
cicerone	cicerones (it. *ciceroni*)
clube (ingl. *club*)	clubes
diletante	diletantes (it. *dilettanti*)
espíquer (ingl. *speaker*)	espíqueres
lanche (ingl. *lunch*)	lanches
líder (ingl. *leader*)	líderes
repórter	repórteres (ingl. *reporters*)
revólver	revólveres (ingl. *revolvers*)
trâmuei (ingl. *tramway*)	trâmueis
vagão (ingl. *wagon*)	vagões

4 – Alguns substantivos há que provieram do latim sem alteração gráfica; entre outros, temos *álbum*, *ultimatum*, *post-scriptum*, *desideratum*, *te-déum* etc. Embora escritos na forma latina, qualquer criança sabe o que é *álbum*, e qualquer caboclo nosso, o significado de *memorandum*; assentado isso, um único plural resta a essas palavras, de acordo com as nossas regras (§ 217): *álbuns*, *ultimatuns*, *post-scriptuns*, *veredictuns*, *desideratuns*, *te-déuns*.

Note-se a tendência de vernaculizar a grafia de semelhantes palavras: *memorando*, *ultimato*, *veredito*, *tedéu*.

5 – Temos, em último lugar, o plural de palavras graficamente inadaptáveis ao português, como *shilling*, *penny*, *lady*, *deficit* etc. Algumas destas palavras vão para o plural mediante simples acréscimo de *s*; flexionam-se outras no plural de acordo com as leis da língua a que pertencem:

singular	*plural*	*singular*	*plural*
deficit	*deficits*	*meeting*	*meetings*
habitat	*habitats*	*penny*	*pence (pennies)*
lady	*ladies*	*shilling*	*shillings*
lied	*lieder*	*superavit*	*superavits*

Notas: 1ª – Um vocábulo de origem árabe existe em nossa língua, *álcool*, cuja pronúncia deveria ser, de acordo com o étimo, *alcóol*, paroxítono. Entretanto, não é geralmente assim pronunciado, senão *álco*. O plural, conquanto seja irregular a deslocação do acento, é *alcoóis*, com acento no segundo *o*, à semelhança de *anzóis, caracóis, lençóis*.

A palavra é, portanto, assim grafada: no singular, *álcool*, e, no plural, *alcoóis*.

2ª – Uma curiosidade nos apresentam as expressões *pater familias, filho familias, mater familias, filha familias*, em que o elemento *familias* corresponde ao antigo genitivo singular da primeira declinação latina. Tais expressões significam: *pai de família, filho de família, mãe de família, filha de família*. Elas são geralmente empregadas no singular; caso se necessite pô-las no plural, deve-se aportuguesar o primeiro elemento: *pais familias, mães familias*.

3ª – *Gol* (gôl), do inglês *goal*, tem o plural à inglesa: *gols*.

Questionário

1. Que é *número gramatical*?
2. Quantos e quais são os *números gramaticais*? Exemplos.
3. Existe em português *número dual*?
4. Que carateriza o plural português? Por quê?
5. Os nomes terminados em *ão* passam para o plural de igual maneira? – Resposta completa e com exemplos.
6. Por que o plural de *grão* termina em *ãos*, o de *pão* em *ães* e o de *lição* em *ões*?
7. Qual o plural de *cidadão, vilão, corrimão, tabelião* e *limão*?
8. Os substantivos terminados em *n* como vão para o plural? (V. todo o § 218.)
9. Qual o significado de *cânon*? No plural, como se escreve e como se acentua essa palavra?
10. Qual o plural de *cal*? De que gênero é essa palavra? (Saiba distinguir.)
11. Qual o plural de *real*?
12. Qual o plural de *réptil*? Por quê?
13. Qual o plural de *caráter, sóror* e *lúcifer*? (Lembre-se de que *caráter* no plural tem *c* antes do *t*.)
14. Corrija esta oração: "Diga umas coisas qualquer àqueles gentilhomens".
15. Dê e justifique o plural dos seguintes substantivos: *papa-vento, guarda-portão, vice-rei, bem-te-vi, ave-maria* e *salve-rainha*.
16. *Vaivém* e *ruge-ruge* como se flexionam no plural? Por quê?
17. Qual é o plural de "o ganha-perde"?
18. *Lenga-lenga* e *zum-zum* como se flexionam numericamente?
19. Que diz da grafia *sub-delegado*?
20. Qual o plural de *guarda-marinha* e qual o singular de *guarda-livros*?
21. Qual o plural de *aguardente* e *grand-oficial*? Por quê?
22. Por que *grão* pluraliza-se em *grãos*, mas fica invariável em *grão-mestres*?
23. Qual o plural de *couve-flor, banho-maria* e *segunda-feira*? Por quê?

24. Ponha no plural os substantivos *café-concerto*, *chá-dançante*, *padre-nosso*, *salvo-conduto* e *mapa-múndi*.
25. *Saca-rolhas* a que gênero pertence? Dê e explique o plural.
26. Qual o plural dos substantivos *boca-de-leão* e *perna-de-pau*?
27. Estão corretos estes plurais: "*20 convites-circulares*" – "*2 cartões-convites*"?
28. Que entende por *particularidades numéricas*?
29. Qual o plural de *ouro*? Por quê? Outros exemplos.
30. *Ferro* tem plural? Quando? Outros exemplos.
31. Qual o plural de *café*? Por quê?
32. *Caridade* tem plural? Justifique sua resposta, dando e explicando outros exemplos.
33. *Honras* tem significação idêntica à do singular *honra*?
34. O plural *lógicas* que diferença apresenta de significado, comparado com o singular?
35. Que diz do plural de *sete*?
36. Que significam os vocábulos *efemérides*, *fastos* e *penates*?
37. Faça uma oração da qual constitua sujeito o substantivo *Estados Unidos*. (Empregue um verbo que não seja *ser*.)
38. Que diz do plural dos nomes próprios?
39. Corrija: "Perdi *o meu óculos*" – "Comprei *um óculos* muito *bom*".
40. Qual a pronúncia do plural de *desgosto* e *caroço*?
41. Qual o plural de *irmãozinho* e *limãozinho*?
42. Qual o significado e o plural dos substantivos *cicerone* e *diletante*?
43. *Post-scriptum*, *lady*, *deficit* como se flexionam numericamente?
44. Faça uma oração empregando a locução *pater familias*.

CAPÍTULO 12

FLEXÃO GRADUAL

235 – Com este capítulo concluiremos o estudo da primeira classe de palavras. Não quer isso dizer que jamais venhamos a falar em **substantivo**; trataremos ainda dele, mas na sua função sintática, isto é, quanto ao papel que lhe cabe representar na oração; este estudo constitui objeto da sintaxe; quando, porém, necessárias e oportunas, serão feitas considerações sintáticas na própria morfologia, para conhecimento mais completo, mais uno e mais prático da questão.

236 – Sabemos ser função do substantivo designar as coisas, as substâncias; ora, o que substancialmente existe pode ter tamanhos diversos; pode ter tamanho normal, comum, como pode ser grande ou pequeno.

Pois bem, possuímos em nosso idioma diversas desinências que, acrescentadas ao radical dos substantivos, podem especificar o tamanho da coisa que eles designam. A esta propriedade do substantivo de indicar as dimensões do ser por ele nomeado dá-se o nome *flexão gradual* ou, simplesmente, *grau dos substantivos*.

237 – Flexionado quanto ao grau, o substantivo pode ser:

aumentativo, quando indica a coisa aumentada em seu tamanho normal: *livrão*;

diminutivo, quando indica a coisa diminuida de seu tamanho natural: *livrinho*.

Outros exemplos:

substantivos	*graus*	
	aumentativo	**diminutivo**
macaco	macacão	macaquinho
homem	homenzarrão	homenzinho
nariz	narigão	narizinho
muro	muralha	murinho
velho	velhão	velhote

238 – Dos poucos exemplos acima, vemos serem diversas as desinências, terminações ou sufixos graduais, quer aumentativos, quer diminutivos; na verdade, eles são abundantíssimos, tanto para o grau aumentativo quanto para o diminutivo; aqui oferecemos a lista deles, com exemplos que deverão ser lidos, estudados e quanto possível decorados:

1 – Sufixos Aumentativos

aça	barbaça, barcaça, bocaça, pernaça
aço	animalaço, balaço, ricaço
alha	fornalha, muralha
alhão	vagalhão, porcalhão
alho	lençalho, chocalho
ancra	bicancra
anha	barriganha
anzil	corpanzil
ão	febrão, buracão
arão	casarão
arra	bocarra, bandarra
arrão	santarrão, coparrão
asco	penhasco
astro	medicastro, poetastro
az	vilanaz, tolaz, tracalhaz, lobaz
ázio	balázio, gatázio, copázio
eira	bigodeira, canseira, fogueira
eirão	vozeirão
eiro	cruzeiro
ório	finório
orra	patorra, cabeçorra
zão	papelzão, mamãozão, pezão
zarrão	homenzarrão, canzarrão

2 – Sufixos Diminutivos

acho	populacho, riacho
apo	fiapo
cula	partícula
culo	homúnculo, corpúsculo
ebre	casebre
eca	soneca
echo	folecho
eco	livreco
ejo	lugarejo, animalejo, papelejo
el	cordel, fardel, carretel
ela	caixela, lamela, rodela
elo	colunelo
elha	cravelha
elho	folhelho, artiguelho
epo	folepo
eta	naveta, caixeta
ete	bailete, cunhete
eto	coreto, folheto
ica	pelica, pelotica
icho	governicho, coelhicho
ico	burrico, namorico
il	covil, cabanil
ilha	presilha, espadilha, pontilha, flotilha
ilho	folilho, fundilho, quartilho
ilo	codicilo
im	espadim, bolsim, hastim
inha	mesinha, cartinha
inho	livrinho, caderninho
ino	Antonino, maestrino
ipo	folipo
isco	pedrisco, lambisco
ita	Pedrita, cabrita
ito	palito, mosquito
oila	moçoila
ola	sacola, casola, rapazola
olo	bolinholo
oque	cavalicoque
ota	bolota, aldeota, Maricota
ote	caixote, fidalgote, serrote
oto	leiroto, perdigoto
ucho	papelucho
ula	célula, fórmula
ulo	glóbulo, módulo, nódulo
zinha	mãezinha, mãozinha
zinho	irmãozinho, tatuzinho

Nota: Deve o aluno estudioso aproveitar-se de todas as ocasiões que possam enriquecer-lhe o vocabulário, procurando no dicionário o significado de palavras desconhecidas.

239 – Os sufixos graduais mais comuns em português são *ão*, para o aumentativo, e *inho*, para o diminutivo, correspondentes às formas latinas *onem* e *inum*. A esses sufixos acrescentou-se, depois, a consoante de ligação *z*. Eruditamente, ouve-se dizer *papelão* e *papelinho*, sendo popularmente mais difundidas as formas *papelzão* e *papelzinho*. Note-se que, com os oxítonos terminados em vogal, oral ou nasal, sempre se emprega a forma *zinho*, e o mesmo se dá com o maior número dos proparoxítonos:

pá – pazinha
limão – limãozinho
filó – filozinho
lâmpada – lampadazinha

Observação:

É interessante notar a preferência que dão no norte ao sufixo *zinho*; as próprias palavras paroxítonas, às quais, no sul, acrescentam o sufixo *inho* (cidadinha, caderninho, cachorrinho), no norte as fazem terminar, no diminutivo, em *zinho*: "Icó é uma *cidadezinha pequeninazinha* mas *interessantezinha*".

240 – É fácil ver a abundância de sufixos graduais existentes em nossa língua; empregamo-los também com os adjetivos, notando-se que, neste

caso, a forma aumentativa traz, muitas vezes, sentido pejorativo, isto é, de desprezo, de ironia:

bobo	bobão, bobalhão	bobinho
bonito	bonitão	bonitinho, bonitote
santo	santarrão	santinho

O próprio diminutivo é passível de nova flexão diminutiva:

pequenino – pequeninote – pequenininho
pequerrucho – pequerruchinho
pequetito – pequetitinho

Observações:

1ª – Nem sempre o diminutivo implica diminuição no tamanho do ser; muito frequentemente o seu emprego denota carinho: *paizinho*, *mãezinha*, *amiguinha*.

2ª – Na linguagem familiar, o diminutivo se aplica até aos verbos e aos advérbios: *dormindinho*, *cedinho* (muito cedo), *longinha* (bastante longe), *pertinho* (bem perto), *agorinha* (neste momento).

Tais formas devem ser evitadas, havendo algumas, como *elinho* e *vocezinho* (diminutivos de *ele* e *você*), que são até ridículas, pois os pronomes jamais podem sofrer flexão gradual.

3ª – No trato doméstico, os nomes próprios têm desinências ou formas especiais diminutivas; recebem o nome de *hipocorísticos* esses vocábulos familiares ou infantis, sobretudo quando neles há duplicação de sílaba (*papá*, *Lili*):

Alexandre – Xandu.
Ana – Aninha, Anazinha, Naninha, Anita, Anicota, Nicota, Anica, Anoca, Aniquita, Nanoca, Nanazinha, Naná, Ná.
Antônio – Tó, Totó, Toinho, Tozinho, Tonico, Totonho, Nhonhô.
Aparecida – Cida, Cidinha.
Carlos – Carlito, Calu, Calão, Calila.
Carlota – Carlotinha, Lota, Lotinha, Loló, Lolota.
Domingos – Dominguinhos, Minguinho, Mingu.
Evangelina – Vanju.
Fernando – Nandu.
Gertrudes – Tuda, Tudinha, Gertres, Gertrinha.
Isabel – Isabelinha, Zabelinha, Belinha, Beloca, Bilu, Biluca.
João – Janjão, Jango, Joca, Jangote, Janguta.
Joaquim – Joaquinzinho, Quim, Quinzinho, Quinzuca, Quinquim, Quincas, Quinu.
José – Zé, Zezinho, Zezito, Zezé, Zezeca, Zeca, Zequinha, Zequita, Juca, Zuza, Zuzu, Cazuza, Deca.
Luís – Luisito, Luisinho, Lulu, Lula.
Manuel – Mandu, Manduca, Maneco, Manequinho.
Maria – Mariazinha, Marieta, Mariquinha, Mariquita, Marica, Maricas, Maricota, Maroca, Cota, Cotinha.
Pedro – Pedrinho, Pedrito, Pedroca, Pedrota.

4ª – A flexão gradual, em vez de indicar variação de tamanho, pode significar desprezo, ironia, emprestando à expressão sentido pejorativo: *poetaço, poetastro, tenentaço, mulheraça, mestraço, santarrão, fradalhão, populacho, vulgacho, papelucho.*

5ª – Nenhuma dificuldade há na flexão genérica das terminações graduais; note-se apenas que o feminino dos aumentativos em *ão* termina em *ona* (*valentão, valentona*), flexão esta que por analogia ocorre em certos nomes como *chorão* (*chorona*), *poltrão* (*poltrona*).

6ª – Dá-se com o aumentativo de certos substantivos femininos fenômeno muito curioso; mudança de gênero. *Porta* é substantivo feminino, mas *portão* é masculino; houve certa mudança de sentido, é verdade, mas a mudança de gênero pode ser averiguada em outros casos:

normal	***aumentativo***	***normal***	***aumentativo***
a cabeça	o cabeção	a casa	o casarão
uma figura	um figurão	a máquina	o maquinão
a caixa	o caixão	a caldeira	o caldeirão

7ª – Observe-se que o feminino de diversas palavras nossas foi tirado do diminutivo, guardando porém a significação normal:

masculino	***feminino***	***masculino***	***feminino***
galo	galinha	cão	cadela

8ª – Há formas normais em português provindas de diminutivos de outros idiomas:

abelha (de *apiculam*, dimin. de *apis*)
ovelha (de *oviculam*, dimin. de *ovis*)
orelha (de *auriculam*, dimin. de *auris*)
janela (de *januellam*, dimin. de *janua* = porta)
cravelha (de *claviculam*, dimin. de *clavus* = cravo, prego)
válvula (de *valvulam*, dimin. de *valva* = porta de duas metades)
folecho (do espanhol *folecho*, dimin. de *fole* = bolha na pele; tufo; prega no vestido)
presilha (do espanhol *presilla*, dimin. derivado de *presa*)

9ª – Alguns substantivos flexionados em *ão* perderam o valor aumentativo; assumindo significação especial: *florão* (ornato de arquitetura), *portão* (entrada), *caixão* (ataúde), *cascão* (sujidade).

Igualmente, outros há com flexões diminutivas, com significado normal: *tabernáculo* era, entre os hebreus, a *pequena taberna* que guardava as coisas sagradas; e, assim, *fascículo, opúsculo.*

10ª – Por que o diminutivo de *ave* se escreve com *z* (*avezinha*) e o diminutivo de *aviso* se escreve com *s* (*avisinho*)?

Sempre que o sufixo for *zinho*, o diminutivo se grafará com *z*:

ave + zinha – aveZinha pastel + zinho – pastelZinho
flor + zinha – florZinha colônia + zinha – coloniaZinha

Se o sufixo for simplesmente *inho*, dependerá da forma normal a grafia; *avisinho* escreve-se com *s*, porque *aviso* se escreve com essa letra; *narizinho* escreve-se com *z*, porque é com *z* que se escreve *nariZ*. Outros exemplos:

aSinha – aS(a) + inha braSinha – braS(a) + inha
caSinha – caS(a) + inha raiZinha – raiZ + inha
raSinho – raS(o) + inho

11ª – Formas aumentativas existem que mais constituem palavras novas, com terminações próprias, do que palavras com sufixos que a elas se acrescentem: *espadagão*, *narigão*, *pedinchão*, *puxavão*, *sabichão*.

Questionário

1. Que é *grau dos substantivos*? (V. a parte final do § 236.)
2. Quantos e quais são os graus dos substantivos? Exemplos.
3. Qual o diminutivo de *pé*, *irmã* e *vintém*?
4. Que diz dos diminutivos *mãezinha* e *amiguinha*?
5. Que diz desta oração: "Ele saiu *agorinha mesmo*"?
6. Critique também estoutra: "Coitado *delinho*!"
7. *Cazuza*, *Cotinha*, *Beloca*, *Quincas* e *Mingu* são diminutivos de que nomes?
8. Que diz das formas aumentativas *poetastro* e *santarrão*?
9. Qual o feminino de *poltrão*? Por quê?
10. *Galinha* de que grau é? (Não se deixe enganar pela terminação: V. bem a obs. 7ª do § 240.)
11. Que diz, quanto ao étimo, dos substantivos *abelha* e *janela*?
12. Que diz, quanto à flexão gradual, dos substantivos *caixão* e *florão*?
13. Por que *casinha* se escreve com *s* e *avezinha* com *z*?

Os claros na numeração dos parágrafos têm por fim possibilitar a inclusão de algum provável acréscimo que se torne futuramente necessário.

CAPÍTULO 13

ARTIGO

243 – **Artigo** é a palavra variável que tem por fim *individualizar*, isto é, *indicar* a coisa; essa *individualização* ou *indicação* pode ser feita de duas maneiras: ou de maneira precisa, *definida*, ou de maneira imprecisa, *indefinida*. *Daí* as duas espécies de artigos e respectivas flexões de gênero e de número:

A) Artigos **definidos**:

o – masculino singular – *o* homem
a – feminino " – *a* mulher
os – masculino plural – *os* homens
as – feminino " – *as* mulheres

B) Artigos **indefinidos**:

um – masculino singular – *um* homem
uma – feminino " – *uma* mulher
uns – masculino plural – *uns* homens
umas – feminino " – *umas* mulheres

Observações:

1ª – Que o artigo *individualiza*, isto é, *indica*, *aponta* um objeto, é coisa fora de dúvida; consideremos a expressão *meu filho*. A omissão do artigo, nesse caso, deixa-nos entrever a existência de outros filhos; se, acrescentando à expressão o artigo *o*, dissermos *o meu filho*, já outro sentido ela adquire, pois o artigo virá *indicar*, *individualizar* a coisa expressa, denotando a existência de um único filho ou de um filho todo especial, mais querido que os outros; daqui a diferença entre as expressões: "Mário é amigo de Paulo" e "Mário é *o* amigo de Paulo".

Tão citado quanto expressivo, sirva-nos este exemplo de Vieira: "Os outros também eram seus filhos, não o negara Jacó; mas *o* seu filho era José. Vai muito de ser filho a ser *o* seu filho".

O artigo indefinido não tem a mesma precisão de individualização que o definido; dizendo *um amigo meu*, não declaramos a existência ou não de outros amigos, como, ainda, no caso de existência de outros, não o fazemos sobressair.

2ª – *El*, *lo*, *la* são formas arcaicas do artigo definido, usadas no período em que o português se estava formando. *El* é hoje apenas empregado em *el*-rei (= o rei) e *El*dorado (região fantástica situada entre o rio Amazonas e o rio Orenoco).

O *lo*, com suas variantes numéricas e genéricas, é ainda muito empregado junto aos verbos – *louvá-lo* (louvar-lo), *dizê-lo* (dizer-lo), *louva-lo* (louvas-lo), *ama-lo* (amas-lo), *di-lo* (diz-lo), *deu-no-lo* (deu-nos-lo) – e em certos casos como *a la fé* (*A la fé* que não fui eu = Juro que não fui eu), *a la mira* (Estava *a la mira* = Estava espreitando), *a la arma* (donde *alarma*: dar o *alarma*), *a la moda* (Ele anda *a la moda* = Ele anda de acordo com a moda), *a l'obra* (*A l'obra*, gritou o feitor = Ao trabalho, gritou o feitor) – Vide todo o § 121.

3ª – O *artigo definido* português bem como o francês (*le*, *la*, *les*), o italiano (*il*, *lo*, *la*, *i*, *gli*, *le*) e o espanhol (*el*, *lo*, *la*, *los*, *las*) proveio do demonstrativo latino *ille*, *illa*, *illud*. De *illum*, acusativo de *ille*, tivemos *illo*, *ello* (el) *lo*, e de *illam* obtivemos o correspondente feminino *a*.

De que a forma *lo* foi a primitiva não há dúvida: "A forma *tôdollos*, que se encontra nos clássicos remotos, não é mais do que *todos los*, em que o *s* de *todos* se assimilou ao *l* do artigo. Que a forma pronominal primitiva também foi *lo*, provam-no fatos incontestáveis. Se antigamente se escrevia *amallo* (hoje *amá-lo*), foi porque o *r* do infinitivo se assimilou ao *l* do pronome. Donde se vê claramente que o elemento absorvente foi o *l* do pronome, não o *r* do infinitivo. Por isso é mais de acordo com os fatos históricos e com a lógica escrever *amá-lo*, e não *amal-o*.

Resta explicar a razão por que a forma *lo* deixou cair o *l* e se reduziu ainda a *o* no artigo. Esse fenômeno começou com as formas pronominais. Como, em vez de *manda-o*, por exemplo, dizia-se *mânda-lo*, no presente do indicativo, sucedeu que o *l*, sendo intervocálico, caiu (§ 71). A analogia completou a tarefa, estendendo depois ao artigo a forma reduzida do pronome" – Otoniel Mota.

4ª – Possuímos duas palavras que ordinariamente não admitem o artigo: *casa*, na acepção de morada, residência, e *palácio*, na significação de gabinete de trabalho de chefe de governo: vim *de* casa, estive *em* casa, vou *a* palácio, não estive *em* palácio.

Outro caso de supressão do artigo se dá com a palavra *terra* na acepção de *chão firme*, empregada para contrastar com o elemento movediço do mar: "Estive *em* terra", "Iremos *por* terra".

Quanto ao artigo em expressões como "Palácio da Justiça", importa dizer que nelas não há nenhuma especificação ou determinação de significado que o exija. Entre "Palácio *da* Justiça" e "Palácio *de* Justiça" não há nenhuma diferença de sentido. Por que então o artigo? Por abuso, por intromissão, muito frequente em tais casos no nosso idioma e inexistente em outros, como no inglês, que constrói "House of Charity", "Palace of Justice" (nunca "House of the Charity", "Palace of the Justice").

Dizemos "Palácio *da* Justiça", sem com isso particularizar a significação do substantivo *justiça*, que conserva, na frase, a significação ampla e genérica, a despeito do abusivo artigo.

Ainda que amanhã o uso implacável venha a dizer "Santa Casa *da* Misericórdia", "Instituto *da* Educação", não perderão tais substantivos (misericórdia, educação) a sua significação ampla e genérica; serão novos abusos do artigo, isto sim, como no caso de "Palácio *da* Justiça".

"Palácio *da* Justiça" é mero e típico abuso do artigo em português. Com regimes concretos outro seria o assunto (*Casa do Povo, Abrigo do Velho Desamparado*), mas com aqueles outros, abstratos, não conseguimos justificar o artigo.

5ª – Constitui erro em português o abusivo emprego dos indefinidos *um, uma*, como faz o francês; eis alguns casos e exemplos oferecidos por Mário Barreto:

Soava na igreja rumor alegre (e não: *um* rumor alegre) – Falou em tom peremptório (e não: em *um* tom peremptório) – Respondeu com voz lenta e solene (e não: com *uma* voz...).

Entre outros casos em que sobeja em português o artigo indefinido, podemos citar os seguintes:

a) sempre antes do pronome adjetivo indefinido *outro* e do advérbio *tão*: Dobramos outra fila de montanhas (e não: *uma* outra fila) – Estava em tão mau estado (e não: em *um* tão mau estado);

b) ordinariamente antes de *certo, semelhante, tal*: Disseram-me *certa* coisa (e não: *uma certa* coisa) – Com *certa* serenidade (e não: com *uma certa* serenidade) – É digno de capitanear *tal* batalhão (e não: *um tal* batalhão) – *Semelhante* trabalho é longo (e não: *um semelhante* trabalho);

c) com elegância, antes do predicativo do verbo *ser*, se tal supressão convém à harmonia: João *é* homem de mérito (e não: João *é um* homem de mérito) – Tu *és* mulher de duas caras (e não: Tu *és uma* mulher de duas caras).

6ª – É elegante a interposição da conjunção *como* entre o indefinido e o substantivo por ele modificado: "Sinto passar em volta de nós *uma como* aura fugitiva". Pode até, às vezes, dar-se a inversão: "Sentiu *como um* estalo na cabeça".

7ª – O indefinido indica aproximação e equivale a "pouco mais ou menos", quando junto a cardinal: "Ele tem *uns* quarenta anos" – "*Uns* duzentos ao todo".

8ª – A presença do indefinido traz reforço em certas frases exclamativas, reforço que então se revela na própria entonação de voz ("Estava com *uma* fome!") ou em certos períodos em que o nome por ele modificado vem seguido de subordinada adjetiva que lhe empresta sentido: "E minha mãe beijava-me com *uma* ternura *que não sei escrever*".

9ª – Nas enumerações, os elementos citados podem vir com ou sem artigo, conforme a necessidade ou não de especificação: "São línguas vivas: português, italiano, inglês, espanhol etc."

Quando, porém, o primeiro elemento vem antecedido de artigo, este deve aparecer também antes dos demais: "São línguas vivas *o* português, *o* italiano, *o* inglês, *o* espanhol etc."

244 – Quanto ao emprego do **artigo definido**, note-se que

A) *É ele* **USADO:**

1 – Antes de nomes próprios de pessoas íntimas por relações de parentesco ou políticas: *o João, a Maria, o Arnaldo*.

Nota: Diz-se, porém, *Rui Barbosa, Carlos Pereira, Roosevelt, Maria Cristina*, ou por não nos serem íntimas tais pessoas ou por serem elas célebres.

O emprego da crase antes de nomes próprios femininos obedecerá à possibilidade ou não do artigo *a* (§ 118, 7).

2 – Salvo exceções, que não são poucas, com os nomes próprios geográficos: *a Argentina, os Estados Unidos.*

Notas: 1ª – *Europa, Ásia* e *África* não levavam outrora artigo; daí o dizer "Meter lanças *em* África". Esses nomes, bem como os de alguns países, como *Espanha, França, Inglaterra, Holanda*, não exigem obrigatoriamente o artigo, *quando regidos de preposição*: vir *de* França, Leão *de* França, estar *em* Holanda.

Usualmente, cidades são designadas sem artigo; algumas exceções existem, fundamentadas no histórico, na formação dessas cidades. *o Cairo, o Rio de Janeiro, o Porto, o Lobito, o Havre, a Beira* (cidade da África Oriental). V. *Dicionário de Questões Vernáculas, Recife.*

2ª – O emprego da crase antes de tais nomes, quando femininos, baseia-se no que ficou dito no § 118, 8.

3 – Antes de nomes que designam criações literárias, artísticas: *o Guarani, a Vênus de Milo, os Serões Gramaticais.*

4 – Quando se designam embarcações; neste caso, o gênero será dado de acordo com o tipo de embarcação; se se tratar de navio, será usado o artigo masculino, se de fragata, o feminino: *o Princesa Mafalda* (navio), *a Almirante Barroso* (fragata).

5 – Antes dos epítetos, agnomes ou alcunhas: José Bonifácio, *o* Moço; Maria, *a* Louca; Filipe, *o* Belo.

6 – Em função pronominal, para substituir nome anteriormente citado, sempre que se tornar necessário: "Entre a esquadra alemã e *a* inglesa". A omissão do *a* grifado traria outro sentido à expressão, dando-nos a entender uma só esquadra, de navios alemães e ingleses.

7 – Para substantivar palavras e frases: *o sim, o de, o para, o começar, o dá cá toma lá.*

B) *É ele* OMITIDO:

1 – Em provérbios, máximas e orações sentenciosas: "*Amor* com amor se paga" (e não: "O amor...") – "*Cortesia* obriga a cortesia" (e não: "*A* cortesia...") – "*Mocidade* vaidosa não chegará jamais à virilidade útil" (e não: "*A* mocidade...") – "*Motorneiro* atento não conversa em serviço" (e não: "*O* motorneiro...").

2 – Quando se define a coisa: "*Botânica* é a parte da história natural que..." – "*Gramática* é a ciência que..." (e não: "*A* botânica é..." – "*A* gramática é...").

Note-se que nas definições entra o verbo *ser* (razão por que é em filosofia chamado *verbo substantivo*, verbo que define as coisas); não havendo este verbo, não há definição e, portanto, o artigo deve aparecer: "*A* gramática *divide-se* em três partes..." – "*A* botânica *trata* de...".

3 – Nos vocativos: "Que quer, *homem*?"

Se colocássemos o artigo, o sentido da oração ficaria alterado: "Que quer *o* homem?"

4 – Antes dos pronomes de tratamento começados por possessivos: *sua senhoria*, *vossa majestade* etc.

É isso sinal de que tais expressões não podem vir precedidas de *a* craseado: "Dei isso *a* vossa senhoria" (e não: *à* vossa senhoria).

Nota: Não se tratando de expressões de tratamento nem de individualização especial (obs. 1ª do § 243), é indiferente o emprego do artigo antes dos possessivos: *meu caderno*, *o meu caderno*, *teu lápis*, *o teu lápis*, *a casa do meu tio* (ou *de meu tio*), *em frente da minha casa* (ou *de minha casa*), *o meu filho Pedro* (ou *meu filho Pedro*), *confirmação do nosso pedido* (ou *de nosso pedido*).

O ouvido ou o sentido, de acordo com o que ficou dito na 1ª observação do § 243, é o que regula esse emprego.

5 – Antes de datas: "Isto se deu *em* 3 de maio" (e não *no* 3 de maio, como fazem os italianos). Quando, porém, queremos especificar a festa, empregamos o artigo: "*O* 7 de setembro foi solenemente comemorado".

6 – Sempre que desnecessário, antes de aposto: "Livro do abade Moreaux, notável polígrafo" (e não, como faz o francês: "Livro do abade Moreaux, *o* notável polígrafo"). Quando colocado antes do fundamental, o aposto não se acompanha do indefinido: "Paulista de Araçatuba, ele nunca completou o curso primário" (e não: "Um paulista de...").

7 – Antes de substantivos abstratos, em expressões em que não há nenhuma determinação: "Você tem razão" – "Ele disse mentira" – "Fale verdade" – "Faça com confiança" – "Não tenho culpa" – "Com razão e verdade se chama a esse ornato mundo" – "Não quero sofrer castigo por falta que não cometi".

Nota: Uma vez existente uma determinação, o artigo aparece: "Vou contar a verdade" – "Ele está com a razão" – "Vou relatar a mentira" – "Você está com a culpa" – "Você sofrerá o castigo".

8 – Com poucas exceções, antes de nome de cidade. V. o final da nota 1 do nº 2 da letra A deste mesmo parágrafo.

Questionário

1. Que é *artigo* e como se divide?
2. Que é *artigo definido*?
3. Que é *artigo indefinido*?
4. A presença do *artigo definido* ou a do *indefinido* ou a ausência de ambos podem trazer à expressão diferença de sentido? Explique, com exemplos, esta questão.
5. Que diz das formas *el* e *lo*?
6. Por que *amá-lo* é mais correto que *amal-o*?
7. Por que a crase em "vou *à* casa de tarde" constitui erro? Quanto ao emprego da crase, há mais palavras femininas nas mesmas condições de *casa*?
8. Que diz das expressões: *Uma outra coisa há – Tenho um certo receio – Nunca vi um semelhante homem – Isto é um caso de polícia*?
9. E desta outra: "*Estava com uma fome!*"? (Observe que a oração é exclamativa.)
10. Quando podem os nomes próprios personativos femininos vir precedidos de crase? Por quê?
11. Que diz, quanto ao uso do artigo, sobre os substantivos *Europa*, *Ásia* e *África*?
12. É certo, tratando-se de uma embarcação – uma fragata, por exemplo – empregar a crase na expressão: *Dirigiu-se à Almirante Barroso*?
13. Nas definições, coloca-se artigo antes do termo que se define? Qual o verbo que entra nas definições?
14. Por que é erro empregar a crase na expressão: *Falo à vossa majestade*?
15. Entre as expressões "meu lápis" e "o meu lápis" há diferença de pureza gramatical? (Não se trata da diferença de sentido: V. bem a *nota* do n.º 4 da letra B do § 244.)
16. Que diz do emprego do artigo antes das datas?
17. Que diz do emprego do artigo antes do aposto?

CAPÍTULO 14

ADJETIVO

247 – A esta classe pertencem todas as palavras que se referem ao substantivo para indicar-lhe uma qualidade, ou seja, **adjetivo é toda a palavra que modifica a compreensão do substantivo**, afetando, quanto à ideia, a substância da coisa: homem *inteligente*, laranjeira *alta*, rapaz *estudioso*, homem *magnânimo*.

248 – Antes de entrar no estudo da classe dos adjetivos, façamos as seguintes

---

Observações:

1ª – Do fato de vir o adjetivo qualificando o substantivo, resulta muitas vezes que, tirando-se o substantivo, continua sendo este facilmente subentendido, sem prejuízo para o sentido; assim é que se diz "o *cego*" – "um *avarento*" – "aquele *perverso*" etc. Tais adjetivos assumem então o caráter do substantivo, e é disso confirmação o fato de poderem vir acompanhados de um artigo. Sempre que tal acontece, tais adjetivos se dizem adjetivos substantivados. **Adjetivo substantivado** é, pois, o adjetivo que exerce função de substantivo.

2ª – Vice-versa, o substantivo pode passar para a classe dos adjetivos. Tal sucede sempre que o substantivo se relaciona com outro substantivo, passando, pois, a ser modificador, e, por conseguinte, a funcionar como adjetivo: menino *prodígio*, filho *homem*, laranja *lima*, comício *monstro*, homem *máquina*.

Prodígio, *homem*, *lima* e *máquina* são substantivos, mas, por virem modificando substantivos, tornam-se adjetivos. Diz-se, nesses casos, que o **substantivo** está **adjetivado**. **Substantivo adjetivado** é, portanto, o substantivo que exerce função de adjetivo.

3ª – É tão frequente esse fenômeno de intercâmbio taxeonômico (passagem de uma classe para outra), que certos adjetivos perderam inteiramente o seu caráter próprio; haja vista, dentre muitas, a palavra *moço*. *Musteus* é registrado nos dicionários latinos como *adjetivo* e, no entanto, nos dicionários portugueses, *moço* é, em primeiro lugar, classificado, definido e estudado como **substantivo**.

Essa é a razão por que o latim, que imprime na gramática o mais forte cunho lógico possível, designa, conjuntamente, as duas primeiras classes de palavras, o substantivo e o adjetivo, sob a denominação genérica *nome*: *nomen substantivum*, *nomen adjectivum*.

4ª – Acontece, às vezes, que o adjetivo indica uma qualidade já intrínseca, própria, inerentemente existente no substantivo; neste caso, diz-se que o adjetivo é **explicativo**: pedra *dura*, água *mole*, neve *branca*, brasa *quente*.

Quando, porém, menciona qualidade que pode existir ou deixar de existir no substantivo, o adjetivo chama-se **restritivo**: homem *branco*, homem *preto*, homem *bom*, homem *mau*.

249 – ADJETIVOS PÁTRIOS – Na classe dos adjetivos estão incluídos os nomes que indicam a *nacionalidade*, a pátria, o lugar, a procedência de uma coisa. Esses adjetivos derivam do próprio nome da nação ou do lugar, e daí a razão de se chamarem **pátrios**. Tais adjetivos podem também denominar-se **gentílicos** (ou *étnicos*) quando designativos da raça ou região de origem: *africano*, *asiático*, *saxão* (pronuncie *sakção*).

Alguns adjetivos pátrios:

Arábia	árabe	arábico
Áustria	austríaco	
Bahia	baiano	
Bélgica	belga	
Brasil	brasileiro	brasilense, brasílio, brasílico
Checoslováquia	checoslovaco	
China	chinês	chim, chino
Egito	egípcio	egipcíaco, egipciano, egiptano
Escócia	escocês	
Espanha	espanhol	
Inglaterra	inglês	ânglico, anglicano (= que segue o anglicanismo)
Java	javanês, jau (jáu)	
Judeia	judeu	judaico, judengo, judio
Minas	mineiro	
Noruega	norueguês	
Pérsia	persa	pérsico, persiano
Polônia	polonês	polônio (*polaco* é forma pejorativa)
Porto	portuense	

Portugal	português, lusitano, luso
São Paulo	paulista, paulistano
Sergipe	sergipano, sergipense
Suécia	sueco (é)
Suíça	suíço

Notas: 1ª – Os adjetivos pátrios que vêm na primeira coluna prestam-se tanto para *pessoas* quanto para *coisas*, e podem ser empregados substantivamente: *o inglês*, *o francês*, *o judeu*. Os da segunda coluna prestam-se para *coisas*: goma *arábica*, golfo *pérsico*, plagas *brasílicas*.

2ª – Entre *paulista* e *paulistano* costuma ser feita a seguinte diferença: *Paulista* é o natural do Estado de São Paulo; *paulistano*, o nascido na cidade de São Paulo.

Diferença semelhante se faz entre os nascidos no Estado do Rio, que se denominam *fluminenses* (lat. *flumen* = rio), e os nascidos na cidade do Rio, chamados *cariocas* (tupi-guarani *cariboca* = descendente de branco).

3ª – *Brasileiro* era o que comerciava com pau-brasil, como se chamava *mineiro* o que trabalhava nas minas, *campineiro* o que vivia nas campinas. Com a fixação dos nomes *Brasil*, *Minas* e *Campinas*, passaram aqueles substantivos à classe de adjetivos pátrios.

4ª – *Brasilense* é o relativo ao Brasil, enquanto *brasiliense* se relaciona com a cidade de Brasília.

5ª – V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "gentílicos", "luso-brasileiro", "adjetivo pátrio composto".

Outros adjetivos pátrios:

Afeganistão	afegão, afegane, afegânico
Algarve	algarvio, algarviense
Andaluzia	andaluz
Anju (*fr.* Anjou)	angevino
Aragão	aragonês
Arécio (Arezzo)	aretino
Argel	argelino
Artésia (*fr.* Artois)	artesiano
Batávia	batavo
Baviera	bávaro
Beira	beirão (*f.* beiroa), beirense
Belém (da Jordânia)	belemita, betlemita
Belém (do Pará)	belenense
Beócia	beócio
Borgonha	borgonhão, borgonhês
Braga	bracarense
Bragança	braganção, bragançano, brigantino, bragantino
Buenos Aires	portenho, bonaerense, buenairense
Cádis	gaditano
Cairo	cairota
Canárias	canário
Cândia	candiota
Caracas	caraquenho
Catalunha	catalão
Ceilão	cingalês, ceilanês
Chaves	flaviense
Chile	chileno
Chipre	chipriota, cipriota
Coimbra	coimbrão, coimbrês, conimbricense
Congo	conguês, congo, congolês
Constantinopla	constantinopolitano
Córdova	cordovês
Córsega	corso
Dalmácia	dálmata
Damão	damanense
Damasco	damasceno, damasquino
Dio	dioense
Douro	duriense
(entre) Douro e Minho	interamnense
Entre Rios	entrerriano

Equador	equatoriano
Estados Unidos da Am. do Norte	norte-americano, estadunidense (D. QVs *América*)
Estremadura	estremenho
Etiópia	etíope, etiópico, etiópio (*f.* etiopisa)
Évora	eborense
Finlândia	finlandês, finês, fino
Flandres	flamengo
Gales	galês
Gália	galo, gaulês
Galileia	galileu
Galiza	galego
Gasconha	gascão
Goa	goano, goês
Granada	granadino
Guatemala	guatemalense, guatemalteco
Guimarães	vimaranense
Guiné	guinéu
Hungria	húngaro, magiar
Índia	indiano, índio
Índia Portuguesa	indo-português; canará, canarês, canari, canarim, canarino Conforme o distrito: goano, goês; damanense; dioense
Jerusalém	hierosolimitano
Juiz de Fora	juizforense
Lima	limenho
Lisboa	lisboeta, lisbonense, lisbonino, lisbonês, lisboês, lisboano, olisiponense, ulissiponense, alfacinha
Lombardia	lombardo
Londres	londrino
Macau	macaísta, macaense
Madagáscar	malgaxe, malgaxo
Madri	madrileno, madrilense, madrilês, matritense
Maiorca	maiorquino
Malaca	malaqueiro, malaquista, malaquês
Málaga	malaguenho, malaguês
Mancha	manchego
Manchúria	manchu
Marajó	marajoara
Marrocos	marroquino
Milão	milanês
Minho	minhoto
Mônaco	monegasco
Mongólia	mongol
Montenegro	montenegrino
Nápoles	napolitano, partenopeu (de *Partênope*, antigo nome de Nápoles)
Nazaré	nazareno (nazáreo)
Ovar	ovarino
Palermo	palermitano, panormitano
Parma	parmesão
Patagônia	patagão
Porto Rico	portorriquenho
Ribeirão Preto	riberopretano
Rodes	ródio
Romênia	romeno (ê)
Salamanca	salamantino, salamanquino
Salvador (Bahia)	salvadorense, soteropolitano
Samaria	samaritano
Santarém	santareno
São Salvador (América Central)	salvatoriano, salvadorenho
Sardenha	sardo, sardenho
Sertãozinho	sertanezino
Sião	siamês
Sintra	sintrão (*f.* sintrã)
Tânger	tangerino, tingitano
Terra do Fogo	fueguino
Torres	torrense
Trento	trentino, tridentino
Três Corações	tricordiano
Tui	tudense, tudino
Tunes	tunesino
Tunísia	tunisiano
Urais	uraliano, urálio, urálico
Veneza	veneziano
Viana	vianense, vianês

250 – LOCUÇÃO ADJETIVA: Assim como os substantivos do quarto grupo do § 167 e os do § 168 constituem **locuções substantivas**, isto é, substantivos analiticamente expressos por mais de uma palavra, também os adjetivos podem ser expressos por **locuções**, ou seja, por mais de uma palavra.

Se, quando dizemos "altar *marmóreo*", indicamos uma qualidade por meio do adjetivo *marmóreo*, igual qualidade indicamos quando dizemos "altar *de mármore*", empregando, para qualificar o substantivo *altar*, mais de uma palavra: *de mármore*.

É verdade que existe certa diferença de sentido nessas expressões, pois um "altar *marmóreo*" pode não ser *de mármore* e, sim, imitação; mas idêntica é a função do adjetivo *marmóreo* e a da locução *de mármore*: qualificar o substantivo *altar*.

Outros exemplos de **locuções adjetivas**:

coisa *sem pé nem cabeça*	trem *de carreira*
torneira *de água quente*	piano *com três pedais*

251 – Quanto à **formação**, o adjetivo pode ser:

primitivo e *derivado*
simples e *composto*

1. **PRIMITIVO** é o que dá origem a outro: *formal*, *pardo*, *leve*.

2. **DERIVADO** é o proveniente de outro: *formalístico*, *pardacento*, *leviano*.

3. **SIMPLES** é o constituído de uma só palavra: *luso*, *cirúrgico*.

4. **COMPOSTO** é o formado de duas palavras: *luso-brasileiro*, *médico-cirúrgico*.

Questionário

1. Que é *adjetivo*?
2. Que é *adjetivo substantivado*? Construa uma oração com adjetivo nessas condições.
3. Que é *substantivo adjetivado*? Construa uma oração com substantivo nessas condições.
4. "Um guerreiro moço" – "Um moço guerreiro": Nessas frases, qual o substantivo e qual o adjetivo?
5. Entre adjetivo *explicativo* e *restritivo* qual a diferença?
6. Que são *adjetivos pátrios*? Exemplos.

7. Quais são os adjetivos pátrios de *Brasil*, *China*, *Judeia* e *Polônia*?
8. Explique, com exemplos seus, o que ficou escrito na *nota 1* do § 249.
9. Que é *locução adjetiva*? Exemplos.
10. Quanto à formação, como pode ser o adjetivo? Exemplos.

Claros na numeração dos parágrafos têm por fim possibilitar em futuras edições algum acréscimo que se torne necessário.

CAPÍTULO 15

FLEXÃO DO ADJETIVO*

255 – Os adjetivos, assim como os substantivos, flexionam-se de três maneiras:

a) quanto ao *gênero*
b) quanto ao *número*
c) quanto ao *grau*

Se em certas línguas, como, por exemplo, no inglês, o adjetivo tem uma única forma, invariável, quer o substantivo seja masculino ou feminino, quer singular ou plural, em português o adjetivo se flexiona de acordo com o gênero e com o número do substantivo a que se refere.

Sobre as regras desses dois tipos de flexão do adjetivo pouco há que dizer, visto serem **quase idênticas às regras dos substantivos**. Veremos, apenas, certas normas, ponderações e cuidados que esses dois tipos de flexão requerem.

Flexão genérica

256 – Os adjetivos terminados em *eu* fazem o feminino em *eia*:

masculino	*feminino*	*masculino*	*feminino*
ateu	ateia	europeu	europeia
cananeu	cananeia	galileu	galileia
eritreu	eritreia	hebreu	hebreia

(*) Para facilidade de exposição, incluem-se aqui vários tipos de pronomes que outra vez serão vistos sob seus aspectos particulares.

Exceções:

masculino	*feminino*	*masculino*	*feminino*
judeu	judia	sandeu	sandia
meu	minha	seu	sua
teu	tua		

Nota: Há quatro adjetivos terminados em *éu* – *griséu*, *ilhéu*, *increu* e *tabaréu* – que no feminino se flexionam: *griseia*, *ilhoa*, *increia* e *tabaroa*.

257 – Os adjetivos terminados em *oso* passam a ter o primeiro *o* aberto no feminino e no plural de ambos os gêneros (o acento é só para indicar a pronúncia):

bond*ô*so	bond*ó*sa	bond*ó*sos	bond*ó*sas
mim*ô*so	mim*ó*sa	mim*ó*sos	mim*ó*sas

258 – Os adjetivos terminados em *ês*, *ol*, *or* e *u* vão para o feminino mediante simples acréscimo da desinência *a*:

português – portuguesa	espanhol – espanhola	nu – nua
camponês – camponesa	defensor – defensora	cru – crua

Excetua-se *mau* que faz *má*.

Notas: 1ª – Antigamente, os adjetivos terminados em *es* (que se grafava *ez*), *ol* e *or* eram, quanto ao gênero, uniformes, isto é, de uma única forma, invariáveis: ela é *autor*, temos uma *defensor*, uma *pastor*, minha *senhor*, mulher *pecador*, manceba *morador*...; dentre os terminados em *or*, esse fenômeno ainda se observa nos comparativos *inferior*, *melhor*, *menor*, *pior* etc.; neste particular é interessante observar o que se passa com *superior*, que, permanecendo genericamente invariável quando adjetivo (É ela *superior* a mim), varia quando empregado substantivamente: A *superiora* do convento.

Quanto ao feminino de *senhor*, cumpre observar a vocalização da sílaba tônica, fechada em Portugal – *senhôra* – e aberta no Brasil: *senhóra*.

Por mais teimosos pretendamos ser, jamais poderemos seguir os portugueses na verdadeira pronúncia desse feminino; Mário Barreto chegou a chamar *pedantesca* a pronúncia fechada desse nome no Brasil. Na verdade, é ridículo doutrinar para o Brasil essa pronúncia, para deixar como exceção o nome "Nossa Senhora".

"Mulher *espanhol*" é como antigamente se dizia, como, ainda hoje, dizemos "ameixa *reinol*" (certa espécie de ameixa preta, conhecida por esse nome por ser do *reino*, isto é, de Portugal).

"Mulher *português*", "proveniência *inglês*" são construções antigas; os italianos adotam até hoje essa invariabilidade para os adjetivos em *ês*: "una donna *portoghese*" – "la letteratura *inglese*".

Conservam-se invariáveis: *cortês*, *montês*, *pedrês*, *soez*.

Dos terminados em *u*, constitui exceção o adjetivo *hindu*, que permanece invariável. Quanto a este adjetivo, note-se o erro em que incide a imprensa, empregando-o para designar o nascido na Índia. Quem nasce na Índia é indiano, e o indiano pode ser e pode não ser hindu. *Hindus* são chamados os indianos que professam o hinduísmo.

2ª – Dos adjetivos terminados em *or*, uns há que vão para o feminino mediante a desinência *triz*: *imperador*, *imperatriz*; *diretor*, *diretriz* (diretora); *gerador*, *geratriz*; *ator*, *atriz*.

Contrastando com a terminação *triz*, de cunho erudito, existe a desinência *eira*, acentuadamente popular, empregada em palavras que designam *ocupações modestas* ou *frívolas* (*arrumadeira*, *lavadeira*, *costureira*, *bailadeira*, *engomadeira*, *rachadeira*, *aguadeira*, *bisbilhoteira*, *namoradeira*) ou *máquinas*, *instrumentos* (*assadeira*, *braçadeira*, *criadeira*, *cuspideira*, *escumadeira*).

3ª – Quanto aos terminados em *ente*, V. D. QVs, *presidente*.

259 – Dos adjetivos terminados em *ão*, há uns que fazem o feminino em *ã* (são, *sã*; vão, *vã*), outros em *ona* (valentão, *valentona*) – V. § 240, obs. 5ª.

260 – São **uniformes**, isto é, têm uma única forma para os dois gêneros, os adjetivos terminados em:

1 – *al*, *el*, *il*, *ul*: geral, fatal, fiel, cruel, fácil, gentil, azul, curul.

2 – *ar*, *er*: regular, particular, esmoler (palavra oxítona).

3 – *az*, *iz*, *oz*, *uz*: eficaz, capaz, feliz, atroz, feroz, lapuz.

Exceção: *andaluz*, *andaluza*.

4 – *m*, *s*: jovem, ruim (pronuncia-se com acento no *i*), simples, menos.

Exceções: bom, *boa*; um, *uma*; algum, *alguma*; nenhum, *nenhuma*; dois, *duas*, os nomes das centenas: duzentos, *duzentas*; trezentos, *trezentas* etc.

5 – *e*: forte, leve, breve, gigante (flexiona-se em *giganta* quando substantivo).

Nota: É ainda invariável, quanto ao gênero, o adjetivo *só*: Ele está *só* – Ela está *só*.

Só, quando adjetivo, equivale ao adjetivo *sozinho* e flexiona-se quanto ao número. Eles estão *sós* (= sozinhos) – Elas estão *sós* (= sozinhas) – V. § 527, n. 10.

Flexão numérica

261 – A flexão numérica dos adjetivos obedece às mesmas regras que regulam o número dos substantivos. Devemos, no entanto, observar o seguinte:

A – Nos **adjetivos compostos**, só o último elemento se pluraliza:

singular	*plural*
luso-brasileiro	luso-brasileiros
poético-musical	poético-musicais
anglo-normando	anglo-normandos
médico-cirúrgico	médico-cirúrgicos
nu-proprietário	nu-proprietários
postal-telegráfico	postal-telegráficos

Exceção: Um menino *surdo-mudo*, dois meninos *surdos-mudos* (no fem. *surda-muda*, *surdas-mudas*).

Notas: 1ª – Quanto ao feminino, os adjetivos compostos obedecem a igual critério: só varia o segundo elemento: sociedade luso-brasileira, guerra teuto-russa.

2ª – **Adjetivos compostos designativos de cores**: *a*) só varia o 2º elemento, quando realmente constituídos de adjetivos: blusa amarelo-clara, fita verde-amarela, roupa amarelo-escura, tonalidade amarelo-clara, vestidos verde-amarelos, chapéus azul-claros, gravatas vermelho-roxas, blusa azul-marinha, vestidos azul-marinhos, gravatas azul-marinhas;

b) nenhum elemento varia quando um deles for substantivo: blusa rosa-claro, fitas violeta-escuro, papéis verde-montanha, blusas verde-pavão, coxins azul-ferrete, pedras azul-turquesa, fazendas branco-marfim, cor rosa-escuro, tonalidade rosa-claro, olhos verde-garrafa; ainda que venha só o nome de coisa ou de animal, este permanece invariável: chapéus *rosa*, papéis *marfim*;

c) não há variação nenhuma quando ocorre a preposição *de* ou as locuções *cor de*, *da cor de*, *de cor*: olhos de verde-mar, olhos cor de safira, olhos da cor do prado, fitas de cor azul, ramagens da cor verde de esperança, tecidos de cor azul-escuro. (Cuidado com os galicismos apontados no § 872, 2.)

d) Deve-se dizer *raios ultravioleta*, e não *raios ultravioletas*. Diz-se *raios infravermelhos*, mas *vermelho* é legítimo adjetivo, ao passo que no outro caso a cor é designada por nome de planta e não por adjetivo. V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, *ultravioleta*.

3ª – Em adjetivos compostos como *greco-turco*, *hispano-suíço* etc., o primeiro elemento obedece à forma de origem erudita, e não à usual, popular: *greco-turco* e não *grego-turco*, *hispano-suíço* e não *espanhol-suíço*; e assim: fino-russo, franco-brasileiro, ítalo-francês, sino-japonês, nipo-sino-russo.

B – É preciso fixar que os adjetivos são modificados por advérbios, classe de palavras que não varia; conseguintemente, quando a palavra *meio* modifica adjetivo, não pode variar nem em gênero nem em número: "Ela está *meio* doente" – " As portas estão *meio* abertas" – "Maria ficou *meio* tonta".

Notas: 1ª – Quando *meio* significa *metade de um*, é numeral, e, então, deverá concordar com o substantivo a que se refere: "25 mei*as* garrafas", "mei*a* vida minha", "obra mei*a* acabada". Se porém dissermos "obra mei*o* acabada ", a palavra *meio* deixará de significar *metade de um* e de ser numeral, para passar a funcionar como advérbio, por estar modificando o adjetivo *acabado*, e significar então "mais ou menos", "um pouco".

janela *meio* aberta – (advérbio = *um pouco*)

janela *meia* aberta
ou: *meia* janela aberta } – (numeral = *metade*)

2ª – É verdade que se diz comumente "meio dia e *meio*", mas não se pode negar que a forma correta é "meio dia e *meia*", pois a palavra a que este numeral fracionário se refere é *hora*: "meio dia e *meia* (hora)".

Flexão gradual

262 – Antes de tudo uma observação: Não se confunda *grau do substantivo* com *grau do adjetivo*. Se os substantivos têm por função indicar coisas, o *grau do substantivo* faz referência ao *tamanho* dessas coisas, tamanho que pode ser aumentado ou diminuído; tratando-se, porém, de *grau do adjetivo*, visa-se a *qualidade* por ele expressa, qualidade que pode ser elevada a um grau maior e, ainda, a um grau sumo, supremo.

263 – Duas são as flexões de grau do adjetivo: a **comparativa** e a **superlativa**:

Dizendo: "Pedro é *estudioso*" – atribuímos ao indivíduo Pedro uma qualidade, expressa normalmente. Dizendo: "Pedro é *mais estudioso*", reforçamos a qualidade, elevando-a a um grau maior; o adjetivo passa para o grau *comparativo*. Dizendo, por último: "Pedro é *estudiosíssimo*", reforçamos ainda mais a qualidade de Pedro, elevando-a ao último grau, ao grau máximo, e o adjetivo, então, está no grau *superlativo*.

Nota: Conclusão clara deste parágrafo: Só os adjetivos são suscetíveis de grau superlativo, pois só eles encerram ideia de qualidade, que pode ser elevada em sua significação. Daí a razão por que são incompreensíveis superlativos como *muitíssimo*, *tantíssimo*. O pronome adjetivo não comporta variação gradual. Pelo mesmo motivo, condenada é a expressão "*coisíssima* nenhuma", tolerada apenas em linguagem caseira, porquanto, se nem o pronome adjetivo é suscetível de grau, muito menos se poderão empregar no superlativo os substantivos.

Estas podem ser as **flexões de grau** do adjetivo português:

- comparativo
  - de igualdade
  - de superioridade
    - analítico
    - sintético
  - de inferioridade
- superlativo
  - relativo
    - de superioridade
    - de inferioridade
  - absoluto
    - sintético
    - analítico

264 – GRAU COMPARATIVO: O adjetivo está no *grau comparativo* quando exprime a qualidade em relação a outras coisas que também a tenham em porção **igual** (Pedro é *tão estudioso* como Paulo), em porção **maior** (Pedro é *mais estudioso* do que Paulo) ou em porção **menor** (Pedro é *menos estudioso* do que Paulo).

Daí, três espécies de comparativos: de **igualdade**, de **superioridade** e de **inferioridade**.

1ª – Comparativo de **igualdade** é o que põe em paridade de condições duas coisas ou duas qualidades: "Ele é tão enérgico como (ou *quanto*) o irmão"(comparando seres) – "Ele é tão enérgico como (ou *quanto*) ponderado" (comparando qualidades).

2ª – Comparativo de **superioridade** é o que, no comparar dois indivíduos, atribui a qualidade mais a um do que a outro – "O filho era *mais inteligente* que o pai" (comparando dois seres, dois indivíduos) – ou salienta a existência de uma qualidade em maior porção que outra: "Ele é *mais rico* que *feliz*" (comparando qualidades).

3ª – Comparativo de **inferioridade** é o que põe em posição inferior um dentre os dois elementos comparados: "O pai era *menos ajuizado* que o filho", ou o que, ao atribuir duas qualidades a um mesmo indivíduo, denota a existência de uma das qualidades em menor grau que a outra: "O pai era *menos usurário* que *perverso*" (comparando qualidades).

265 – Pelos exemplos que acima ficaram, é fácil deduzir o processo de formação dos comparativos:

a) No comparativo de igualdade, o adjetivo vem antecedido do advérbio *tão*; o segundo termo de comparação, quer constituído de substantivo, quer de outro adjetivo, vem antecedido de *como*, ou de *quanto*, ou de *quão*: "Ele é *tão* bom *quanto* sábio, *tão* rico *quão* magnânimo e *tão* bonito *como* o irmão".

b) No comparativo de superioridade, o adjetivo vem antecedido do advérbio *mais* (do latim *magis*; o italiano e o francês tiraram este advérbio comparativo do latim *plus*) e o segundo termo da comparação vem antecedido de *que* ou *do que*: "Ele é *mais* rico *que* o irmão" – "Ele é *mais* probo *que* rico".

c) No comparativo de inferioridade, o adjetivo vem precedido do advérbio *menos* e seguido de *que* ou *do que*: "Ele é *menos* prudente *que* o filho".

Notas: 1ª – É infundado dizer que o emprego da partícula *que*, em vez de *do que*, nos comparativos de superioridade e de inferioridade, constitui galicismo; é maneira mais aproximada do latim e tão certa quanto a segunda.

2ª – *Mais* e *menos* admitem ainda encarecimento, por meio dos advérbios *muito* e *bem*. "*muito mais* importante", "*muito menos* cuidadoso", "*bem mais* prudente".

Não se deve estranhar a expressão *muito pouco*; o *muito* reforça aí intensivamente e não quantitativamente. *Muito pouco*, *muito menos*, *bem mal* são construções legítimas: "*Muito pouco* sei de português" – "Eu sei *muito menos* do que ele" E assim: "O médico achou-o *bem mal*".

3ª – O adjetivo *tamanho* significa, dada a etimologia latina (*tam magnum*), *tão grande*: "*Tamanha* algazarra houve que os vizinhos ficaram alarmados" (§ 586).

4ª – Em certas expressões comparativas, entra como *termo de ligação* a preposição *de*: "Há mais *de* vinte anos" – "Fica a menos *de* duas léguas" – "Ele é maior *de* vinte e um anos".

266 – Os adjetivos *bom*, *mau*, *grande* e *pequeno* possuem formas sintéticas (= de uma só palavra) para os comparativos de superioridade, formas provenientes do latim:

bom – *melhor*	grande – *maior*
mau – *pior*	pequeno – *menor*

Os comparativos analíticos (= de mais de uma palavra) *mais bom*, *mais mau*, *mais grande* e *mais pequeno*, que eram as formas antigamente usadas, foram substituídos pelas formas sintéticas; *mais pequeno*, no entanto, perdurou até nossos dias, podendo com acerto empregar-se.

Observações:

1ª – No caso de comparação de duas qualidades, empregam-se os comparativos analíticos e não os sintéticos: "Ele é *mais bom* do que mau" – "Ela é *mais grande* do que pequena".

2ª – Não estranhe o aluno quando se diz que *menor* é comparativo de *superioridade*, ou quando se diz que *pior* é comparativo de *superioridade*. Não há nisso nenhuma contradição, pois o que é "menor" encerra "*maior* pequenez" que uma coisa simplesmente pequena; da mesma forma, o que é "pior" encerra "*maior* maldade" do que uma coisa simplesmente má.

Nota: Há vários adjetivos terminados em *or*, provindos de comparativos latinos, que em português perderam tal força, sendo hoje empregados com sentido positivo e, muitos deles, como substantivos:

interior (mais para dentro)
exterior (mais para fora)
anterior (mais para cá, próximo)
ulterior (mais para lá, afastado)
inferior (mais para baixo)
superior (mais para cima)
prior (lat. *prior* = mais importante)
major (lat. *major* = maior)
júnior (lat. *junior* = mais jovem)
senhor (lat. *senior* = mais velho)

Interior emprega-se substantivamente para contrastar com *capital* (José mora no *interior* e seu irmão em *São Paulo*), para contrastar com *litoral* (Percorremos o *litoral* e o *interior* do Brasil) e ainda com *exterior* (a parte externa, a aparência, as nações estrangeiras, os negócios estrangeiros): *interior modesto*, *cartas para o interior*, *ministro do interior*.

267 – *Bom humor*, *mau humor*, *bom gosto*, *mau gosto*, *boa vontade*, *má vontade*, *boa fé*, *má fé* são em português expressões que se consideram substan-

tivos compostos (*bom-humor, bom-gosto, má-vontade*); quer isso dizer que, em frases comparativas, o *mais* não poderá fundir-se com os adjetivos *bom, boa, mau, má*, que antecedem esses nomes; diz-se, então: *mais mau humor, mais má vontade, mais boa fé, melhor boa fé, pior má vontade, melhor bom gosto*. Erro cometeremos se dissermos: "Tenho *melhor vontade*" – "Tem ele *melhor gosto* que eu" – "Ele tem *melhor fé*" – porque o que se pretende considerar é a *boa vontade*, o *bom gosto*, a *má fé*, e não, simplesmente, a *vontade*, o *gosto*, a *fé*.

268 – As formas sintéticas *melhor, pior* são também formas comparativas dos advérbios *bem, mal* (Hoje dormi *melhor* – Ela cantou *pior* do que se esperava), mas as formas analíticas (**mais bem, mais mal**) é que se devem usar:

a) quando se comparam maneiras de praticar ações de um mesmo sujeito: "Meu irmão canta *mais bem* que mal" (Quando a ação é praticada por sujeitos diferentes a forma é a sintética: "Meu irmão canta *melhor* que eu, mas joga *pior*");

b) antes de particípio: "A lição foi *mais bem compreendida* hoje" – "Ele é o *mais mal vestido* da classe";

c) quando *bem, mal* fazem parte de adjetivo composto: *mais bem-aventurado, mais mal-humorado*.

Nota: 1ª – Não confundamos *melhor* (mais bom) com *melhor* (mais bem); no primeiro caso é adjetivo, pode variar (os *melhores* alunos); no segundo é advérbio, não varia: Eles estão dormindo *melhor*.

2ª – Os adjetivos compostos em que entram os advérbios *bem* e *mal* constituem unidade semântica e são escritos com hífen se o segundo elemento começa por vogal ou *h*, como em *bem-aventurado, bem-humorado, mal-afortunado, mal-humorado*. Se *mal* é seguido de elemento que principia por consoante, não há hífen: *malcriado, malsoante, malvisto*. Se o primeiro elemento é *bem*, pode haver hífen (*bem-ditoso, bem-falante, bem-nascido*) ou não (*bendizente, benfazejo, benquisto*). (Cf. * base XV, parágrafo 4.º.) Como podemos ver, no caso de *bem*, não há critério claro e definido: só a prática ensinará a reconhecer a grafia correta.

269 – GRAU SUPERLATIVO: O adjetivo está no grau superlativo quando exprime a qualidade em seu grau máximo:

aluno *estudiosíssimo*	pico *altíssimo*
lição *facílima*	lugar *salubérrimo*
caligrafia *péssima*	preço *mínimo*

270 – Duas espécies há de superlativos: o **absoluto** e o **relativo**.

271 – Superlativo absoluto: Quando o superlativo modifica a coisa expressa pelo substantivo, sem fazer nenhuma referência a outra coisa congênere, o superlativo chama-se **absoluto**; assim, constituem exemplos de **superlativos absolutos** os que ficaram acima, porque modificam os indivíduos *aluno, lição, caligrafia* etc., sem referência a outros indivíduos da mesma classe.

Observações:

1ª – O superlativo absoluto, além de poder constituir-se de uma só palavra – **superlativo sintético** –, pode também ser expresso por mais de uma palavra – **superlativo analítico** – fazendo-se preceder o adjetivo de um advérbio que dê à expressão força superlativa ou de *o mais*: *muito sábio*, *bastante sábio*, *extremamente sábio*, *muito ruim*, *excessivamente ruim*, *o mais difícil*, *o mais sábio*.

2ª – Tenha o aluno sempre em mente isto: Quando os advérbios *mais* e *menos* precedem adjetivo e vêm antecedidos de *o*, dão eles ao adjetivo força de superlativo. Saiba, portanto, distinguir "*mais estudioso*" (grau comparativo) de "*o mais estudioso*" (grau superlativo).

272 – O superlativo sintético forma-se mediante acréscimo, ao radical do adjetivo, das terminações *íssimo*, *limo* ou *rimo*, terminações provindas da forma latina *timo*, que ainda se conserva em *íntimo* (lat. *intimus* = extremamente profundo). *Íssimo* proveio de *timo* mediante abrandamento do *t* em *s*, aparecendo antes a terminação *is*, incremento latino que finaliza a forma positiva: *legalis* + *simo*, *familiaris* + *simo*. *Limo* e *rimo* provieram de *simo*, mediante assimilação progressiva do *s* em *l* (faci*l*simo-fací*ll*imo) e em *r*: salube*r*simo-salubé*rr*imo.

Nota: "Os superlativos absolutos em *íssimo* (lat. *issimus*) são de origem erudita e moderna. Antes do século XVI, em espanhol como em português, dizia-se *mui muito*, em vez de *muitíssimo*. As formas em *íssimo* nasceram na Itália pelos tempos do Renascimento e se irradiaram para a França, Espanha e Portugal. Na França elas não vingaram, ficando limitado o seu uso apenas aos títulos, como *illustrissime* etc. (No Livro de Esopo já se lê entretanto: "Ó gema preciosa e *nobilíssima*".) O nosso caboclo desconhece tais formas, e exprime o encarecimento de uma qualidade por meio de perífrases: diz 'um horrô de feio', em vez de *feíssimo*" (Otoniel Mota).

273 – As regras para a formação do superlativo absoluto homogêneo (formado do mesmo radical) são as seguintes:

1ª – Os adjetivos terminados em *l*, *r* e *u* passam para o superlativo sem nenhuma modificação:

atual-íssimo	hostil-íssimo	popular-íssimo
central-íssimo	servil-íssimo	cru-íssimo

Exceções: *a*) Para os adjetivos terminados em *vel* átono adota-se o radical latino, terminado em *bil*:

amável – amabil-íssimo
delével – delebil-íssimo
horrível – horribil-íssimo
móvel – mobil-íssimo
solúvel – solubil-íssimo
louvável – laudabil-íssimo (e não *louvabilíssimo*)

b) Ainda com o radical latino forma-se o superlativo dos adjetivos:

cruel – crudel-íssimo
fiel – fidel-íssimo
geral – general-íssimo
infiel – infidel-íssimo

c) Diversos adjetivos terminados em *il* passam para o superlativo com o acréscimo da terminação *limo*:

fácil – facil-limo (facílimo)
difícil – dificil-limo (dificílimo)
símil (= semelhante) – simil-limo (simílimo)
dissímil – dissimil-limo (dissimílimo)
grácil (= frágil) – gracil-limo (gracílimo)
húmil (= humilde) – humil-limo (humílimo)
verossímil – verossimil-limo (verossimílimo)

2ª – Os adjetivos terminados em *m* mudam o *m* em *n*:

comum – comun-íssimo

3ª – Para os terminados em *ão* e para os terminados em *z* adota-se o radical latino (que termina em *n* para os primeiros e em *c* para os segundos), acrescido de *íssimo*:

vão	– van-íssimo	são	– san-íssimo
cristão	– cristian-íssimo	chão	– chan-íssimo
feroz	– feroc-íssimo	rapaz	– rapac-íssimo

4ª – Os terminados em *e*, *o* deixam cair essas vogais; os terminados em *eio* deixam cair a terminação *io*:

leve	– lev-íssimo	sério	– seríssimo
lindo	– lind-íssimo	suave	– suav-íssimo
macio	– maciíssimo	tolo	– tol-íssimo
pio	– piíssimo	cheio	– che-íssimo
próprio	– propriíssimo	feio	– fe-íssimo

Precário faz *precaríssimo*

Notas: 1ª – Os adjetivos terminados em *oso* (*bondoso*, *formoso*, *cuidadoso*) conservam, no superlativo, a divergência de vocalização operada entre o positivo masculino e o feminino: *bondôso*, *bondósa*; *formôso*, *formósa*; diverge assim o superlativo masculino do superlativo feminino: bond*ô*síssimo, bond*ó*síssima; pen*ô*síssimo, pen*ó*síssima.

2ª – Os adjetivos terminados em *co* mudam o *c* em *qu*, e os terminados em *go* mudam o *g* em *gu* para conservar o valor gutural do positivo:

cadu*co*	– cadu*qu*íssimo	ri*co*	– ri*qu*íssimo
malu*co*	– malu*qu*íssimo	se*co*	– se*qu*íssimo
ga*go*	– ga*gu*íssimo	ce*go*	– ce*gu*íssimo

Módico, *parco*, *público*, *pudico*, *simpático* seguem a regra geral: *modicíssimo*, *parcíssimo*, *publicíssimo*, *pudicíssimo*, *simpaticíssimo*.

Antigo e *amigo* fazem, alatinadamente, *antiquíssimo* e *amicíssimo*.

3ª – Os adjetivos terminados em *ro* e *re*, como *áspero* e *livre*, passam para o superlativo mediante acréscimo da terminação *rimo* ao nominativo latino dessas palavras.

áspero	– aspér-rimo	célebre	– celebér-rimo
íntegro	– integér-rimo	célere	– celér-rimo
mísero	– misér-rimo	livre	– libér-rimo
negro	– nigér-rimo	pobre	– paupér-rimo
próspero	– prospér-rimo	salubre	– salubér-rimo
pulcro	– pulquér-rimo	tetro	– tetér-rimo
acre	– acér-rimo	úbere	– ubér-rimo

Excetua-se *nobre*, que faz *nobilíssimo*.

4ª – Adjetivos vernáculos como *benéfico*, *magnífico*, *malédico*, *benévolo*, *maléfico*, *malévolo*, *pacífico*, *terrífico*, que correspondem a latinos terminados em *ficus*, *dicus* e *volus*, tomam o radical latino terminado em *ficent*, *dicent*, *volent*:

benéfico	– beneficentíssimo	maléfico	– maleficentíssimo
magnífico	– magnificentíssimo	benévolo	– benevolentíssimo
malédico	– maledicentíssimo		

274 – Para muitos adjetivos o superlativo é tirado do superlativo latino: alguns há que, além da forma latina, possuem outra de acordo com as regras acima expostas:

bom	ótimo	boníssimo
mau	péssimo	malíssimo[1]
grande	máximo	grandíssimo
pequeno	mínimo	pequeníssimo
ágil	agílimo	agilíssimo
alto	supremo, sumo, supérrimo	altíssimo
amargo	amaríssimo	amarguíssimo
baixo	ínfimo	baixíssimo
célere	celérrimo	celeríssimo
doce	dulcíssimo	docíssimo
dúctil	ductílimo	ductilíssimo
frágil	fragílimo	fragilíssimo
frio	frigidíssimo	friíssimo
humilde	humílimo	humildíssimo
imbecil	imbecílimo	imbecilíssimo
magro	macérrimo	magríssimo
manso	mansuetíssimo	mansíssimo
miúdo	minutíssimo	miudíssimo
pio	pientíssimo	piíssimo
pobre	paupérrimo	pobríssimo
sábio	sapientíssimo	
sagrado	sacratíssimo	
semelhante	simílimo	semelhantíssimo
simples	simplicíssimo	simplíssimo
soberbo	superbíssimo	soberbíssimo

(1) Do arcaico *malo*.

Nota: *Ótimo, péssimo, máximo, mínimo, supremo, sumo* e *ínfimo* são superlativos *heterogêneos*, isto é, correspondem a positivos de que são morfologicamente diversíssimos.

275 – Superlativo relativo: Quando o superlativo, além de atribuir a certa coisa uma qualidade no grau sumo, põe em relação essa coisa com outras congêneres, toma o nome de *superlativo relativo*: "João é *o mais estudioso dos colegas*".

Se o superlativo *absoluto* pode ser formado analítica ou sinteticamente, o superlativo relativo quase sempre se processa analiticamente, mediante anteposição do artigo definido ao comparativo do adjetivo (*o* mais doente, *o* mais sábio), e fazendo-se seguir o adjetivo da preposição *de*: "Cícero foi *o* mais eloquente *dos* oradores".

Nota: Veem-se, construídos à latina, superlativos como estes. "Foi Cícero o *eloquentíssimo dos* oradores" – "É a rosa a *pulquérrima dentre* as flores".

276 – Observações finais sobre a flexão gradual:

1ª – A significação, já em si absoluta, de certos adjetivos qualificativos impede modificações ou flexões de grau: *eterno, infinito, imenso, onipotente, quadrado, redondo, mortal, imortal, infalível, primeiro* etc.

Notas: *a*) Se em escritores se encontram os adjetivos *certíssimo, imensíssimo, perfeitíssimo, diviníssimo, mortalíssimo, portuguesíssimo, latiníssimo*, as desinências superlativas são em tais casos puramente pleonásticas, nada acrescentando à ideia expressa pelo adjetivo positivo.

b) Vemos o adjetivo *morto* flexionado gradualmente na trilha da expressão: "*Mais morto* do que vivo".

2ª – *Ótimo, péssimo, salubérrimo* etc., por serem já superlativos, não são passíveis de grau; *mais salubérrimo, muito ótimo* constituem erros deploráveis.

3ª – Os substantivos, uma vez empregados como adjetivos, são passíveis de grau: "Sou *mais irmão* do presidente que você" – "Pedro é *mais escultor* do que poeta".

4ª – O mesmo valor dos advérbios que, no latim, se antepunham aos adjetivos para formar os superlativos analíticos, tinham nessa língua as preposições *per* e *prae* em composição: *perdifficilis, praeclarus, perlucidus* (que nos deu *perlúcido*), *permagnus, praegelidus, perlongus* etc. Por essa razão é que o verbo *PREferir* já encerra ideia de "querer *mais*", pelo que não se deve dizer: "*Prefiro mais...*"; o certo é "Preferir uma coisa a outra coisa". "Prefiro o estudo ao brinquedo" – "Prefiro ler a ouvir".

5ª – É interessante observar que, na linguagem familiar, o diminutivo traz, para alguns adjetivos e advérbios (V. § 240, obs. 2), sentido intensivo: *juntinho* dele (muito junto), *agarradinhos* ao salário (muito agarrados), *sossegadinhos* (muito sossegados), *cedinho* (muito cedo).

277 – Não podemos deixar de confessar nossa contrariedade em assim ter explanado a flexão gradual dos adjetivos; tal questão, da maneira por que tradicionalmente costuma ser explicada pelos nossos gramáticos, não condiz com o estado atual da língua: facilmente se poderá observar que, no grau comparativo, nenhuma flexão sofreu o adjetivo; a ideia de qualidade foi reforçada mediante acréscimo de advérbio e não por meio de desinência especial; não há, conseguintemente, flexão. Quer se diga: "Pedro é *valente*" quer: "Pedro é mais *valente*" quer, ainda: "Pedro é o mais *valente*" – o adjetivo sempre permanece inflexível. Dizendo: "Pedro é bastante bom", reforçamos a qualidade do indivíduo Pedro, mas não podemos, com rigor, dizer que colocamos o adjetivo *bom* no grau superlativo. Não considerando as formas latinas do comparativo de superioridade de *bom*, *mau*, *grande* e *pequeno*, flexão, verdadeiramente, há apenas no superlativo absoluto sintético, mediante as desinências *íssimo*, *limo* ou *rimo*.

O caso foi esclarecido visando a proveito teórico para o aluno, pondo-o a par do assunto, para, no caso de vir a estudar línguas como o inglês, o alemão, o latim ou o grego, não estar alheio ao fato; nessas línguas o adjetivo sofre realmente alteração na desinência de acordo com o grau que expressa.

Questionário

1. Como se flexionam os adjetivos?
2. Que diz da flexão genérica dos adjetivos terminados em *eu*? Exemplos e exceções.
3. Que ocorre com o feminino dos adjetivos terminados em *oso*? Exemplos.
4. Como passam para o feminino os adjetivos terminados em *or*. Há exceções?
5. Que diz da pronúncia do feminino de *senhor*?
6. Que diz da palavra *hindu*, empregada por *indiano*?
7. *Curul* é adjetivo? Que significa e como se flexiona no feminino?
8. Redija uma oração em que entre um adjetivo pluralizado, composto de dois adjetivos, a semelhança dos que estão na letra A do § 261.
9. Redija duas frases em que *meio* funcione como numeral e duas em que funcione como advérbio.
10. Qual a diferença entre *grau do substantivo* e *grau do adjetivo*?
11. Quantos e quais os graus dos adjetivos? Exemplos.
12. Onde está o erro desta oração: "Esse é um caso como tantíssimos outros"? Por quê?
13. O *comparativo* como se divide? Exemplos.
14. Explique a formação do comparativo de igualdade. Exemplos.
15. Entre: "Ele é mais rico *do que* o irmão" e "Ele é mais rico *que* o irmão" há diferença de pureza gramatical?
16. *Tamanho* que significa? Construa uma oração com esse adjetivo, no feminino.
17. Que diz da preposição *de* como termo de ligação dos comparativos? Exemplos.
18. Que entende por *forma sintética*, e que tem isso que ver com o comparativo? (§ 266).
19. "Mais pequeno" é forma errada? E "mais grande"? Por quê? Esta última quando pode ser empregada? Exemplos.

20. Etimologicamente, em que grau está e que significa o vernáculo *senhor*? Cite outras palavras nas mesmas condições.

21. Construa uma oração comparativa de superioridade com o substantivo *bom humor*, e outra com *má fé*. Justifique a construção.

22. Quantas espécies há de superlativos? Explicação e exemplos.

23. Como se forma o superlativo absoluto sintético?

24. Qual o superlativo sintético de *amável*? Por quê?

25. Dê os adjetivos que vão para o superlativo mediante acréscimo de *limo*. (Dê os sinônimos de *grácil*.)

26. *Chão*, como adjetivo, que significa? E *rapaz*? Qual o superlativo sintético desses dois adjetivos? Por quê?

27. Em que sílaba cai o acento tônico de *pudico*, qual o significado e qual o superlativo sintético?

28. Qual o superlativo sintético de *negro*? Por quê?

29. Qual o superlativo de *imortal*? Por quê?

30. "Muito ótimo" é expressão errada? Por quê?

31. Possuímos, realmente, em português *flexão gradual*? Explique a resposta.

CAPÍTULO 16

NUMERAL

280 – **Numeral** é a palavra que encerra ideia de número.

281 – **CLASSIFICAÇÃO DO NUMERAL**: O numeral pode ser:

cardinal
ordinal
multiplicativo
fracionário

Cardinal é o numeral que indica *quantidade*: *um*, *dois*, *cem*, *mil*.

Ordinal é o numeral que indica *sequência*, *posição*: *primeiro*, *décimo*.

Multiplicativo é o numeral que determina o *número de vezes*: salto *triplo* = salto efetuado em três vezes; *sêxtupla* aliança = aliança entre seis países de uma só vez.

Fracionário é o numeral que indica *partes*, *divisões da unidade*: *meia* laranja, um *oitavo* de polegada, dois *onze avos* de uma melancia.

Com essa divisão, podemos expor os **numerais** da seguinte maneira:

um	primeiro primário primo	simples singelo	(impossível)
dois	segundo secundário	duplo, dúplice binário, dobre	meio
três	terceiro terciário tercionário terçã	triplo, tríplice ternário trino	terço

quatro	quarto quaternário quartã	quádruplo quaternário	quarto
cinco	quinto	quíntuplo	quinto
seis	sexto	sêxtuplo	sexto
sete	sétimo setenário	sétuplo setêmplice	sétimo
oito	oitavo	óctuplo	oitavo
nove	nono noveno	nônuplo	nono
dez	décimo decimal dezeno	décuplo	décimo
onze	undécimo décimo primeiro	undécuplo	onze avos
doze	duodécimo décimo segundo	duodécuplo	doze avos
treze	décimo terceiro	(não há)	treze avos
catorze	décimo quarto	" "	catorze avos
quinze	décimo quinto	" "	quinze avos
dezesseis	décimo sexto	" "	dezesseis avos
dezessete	décimo sétimo	" "	dezessete avos
dezoito	décimo oitavo	" "	dezoito avos
dezenove	décimo nono	" "	dezenove avos
vinte	vigésimo	" "	vinte avos
trinta	trigésimo	" "	trinta avos
quarenta	quadragésimo	" "	quarenta avos
cinquenta	quinquagésimo	" "	cinquenta avos
sessenta	sexagésimo	" "	sessenta avos
setenta	setuagésimo	" "	setenta avos
oitenta	octogésimo	" "	oitenta avos
noventa	nonagésimo	" "	noventa avos
cem	centésimo	cêntuplo	centésimo
cento e um	centésimo primeiro	(não há)	cento e um avos
duzentos	ducentésimo	" "	duzentos avos
trezentos	tricentésimo	" "	trezentos avos
quatrocentos	quadringentésimo	" "	quatrocentos avos
quinhentos	quingentésimo	" "	quinhentos avos
seiscentos	sexcentésimo	" "	seiscentos avos
setecentos	setingentésimo	" "	setecentos avos
oitocentos	octingentésimo	" "	oitocentos avos
novecentos	nongentésimo	" "	novecentos avos

cardinais	*ordinais*	*multiplicativos*	*fracionários*
mil	milésimo	" "	(igual ao ordinal)
milhão	milionésimo	" "	" " "
bilhão	bilionésimo	" "	" " "
trilhão	trilionésimo	" "	" " "

Observações:

1ª – A leitura do cardinal composto faz-se da seguinte maneira:

Se o número se compõe de:

a) *dois algarismos* – põe-se a conjunção *e* entre os algarismos:

86 = oitenta *e* seis;

b) *três algarismos* – põe-se a conjunção *e* entre cada um dos três algarismos:

654 = seiscentos *e* cinquenta *e* quatro;

Nota: A forma *cento* é que entra para contar de 101 (cento e um) até 199 (cento e noventa e nove).

c) *quatro algarismos* – omite-se a conjunção *e* entre o primeiro algarismo e os restantes:

4455 = quatro mil, quatrocentos e cinquenta e cinco.

Nota: Se o primeiro algarismo da centena final for *zero*, aparecerá então o *e*: 3048 = três mil *e* quarenta e oito. Aparecerá ainda o *e* quando os dois últimos ou os dois primeiros forem representados por *zeros*: 1400 = mil *e* quatrocentos; 1001 = mil *e* um; 4005,28 = quatro mil *e* cinco unidades e vinte e oito centésimos. V. L. 26.

d) *vários grupos de três algarismos*: omite-se o *e* entre cada um dos grupos:

3.444.225.528.367 = três trilhões, quatrocentos e quarenta e quatro bilhões, duzentos e vinte e cinco milhões, quinhentos e vinte e oito mil, trezentos e sessenta e sete.

Nota: Quanto ao último grupo de algarismos, deve-se também aqui observar o que ficou notado na letra *c*.

2ª – Para a leitura dos fracionários observe-se:

a) dir-se-á, no plural, *meios*, *terços*, *quartos*, *quintos*, *sextos*, *sétimos*, *oitavos*, *nonos*;

b) quando se tratar de 10 ou de potência de 10, o plural será *décimos*, *centésimos*, *milésimos*, *décimos milésimos*, *centésimos milésimos*, *milionésimos* etc.;

c) juntar-se-á a palavra *avos* em qualquer outro caso: seis quatrocentos avos (6/400), um dois mil avos (1/2000), dois três mil e cinco avos (2/3005).

282 – FLEXÃO DO NUMERAL:

Quanto ao gênero: Dos *cardinais* só variam *um* (*uma*: vinte e uma mil laranjas), *dois* (*duas*: quarenta e duas mil toneladas) e as centenas de *duzentos* em diante (*duzentas*, *trezentas*... *novecentas*).

Milhão, bilhão, trilhão etc. funcionam como substantivos masculinos, com a significação de *milheiro*, quando logo seguidos do nome que se enumera, e fazem-se acompanhar da preposição *de*: *um milhão de* laranjas. Se seguidos de outro cardinal, continuam masculinos, sem a preposição *de*: *dois milhões* e seiscentas mil laranjas.

Os *ordinais* variam normalmente, como os adjetivos (*terçã, quartã* só variam em número).

Dos *multiplicativos*, são invariáveis *simples* e as formas terminadas em *ice*.

Dos *fracionários*, variam normalmente os de *dois* até *dez* (*meia, terça... décima*) e todas as formas iguais às dos ordinais.

Quanto ao número: Dos *cardinais*, admitem plural as formas terminadas em *lhão*: *milhões, trilhões* etc. V. nº 5 do § 231.

Os *ordinais* flexionam-se normalmente, bem como os *multiplicativos* (com exceção de *simples*), e os *fracionários* de *dois* até *dez* ou iguais aos *ordinais*.

283 – *a*) Não se deve confundir o numeral cardinal *um* com o indefinido *um*; *um*, quando cardinal, indica realmente número e tem por plural *dois*; na prática, descobre-se que *um* é cardinal quando admitir o acréscimo de *só, único*: "*Um* (só) homem é bastante para erguer isso". Quando indefinido, *um* tem por plural *uns* e admite, por contraposição, o adjetivo *outro*: "Fiquei conhecendo hoje *um* homem, de que há muito ouvi falar".

"Um
Um
Outro

b) *Um* pode ainda ser adjetivo, quando significa *igual, mesmo* (A verdade é sempre *uma*), *indivisível, uno* (Deus é *um*).

c) Como indefinido, o *um*, repetido, presta-se para contraposição: "*Um* te deixa agosto, *um* te acha setembro". Outras vezes é indefinido neutro, equivalente a *uma coisa*: "Prometer é *um*, dar é outro".

d) Ainda como indefinido, o *um* pode assumir a significação de *alguém, uma pessoa*: "Por mais que *um* queira, não consegue simpatizar com ele".

284 – Os cardinais *dezesseis, dezessete, dezoito* e *dezenove* eram no latim erudito expressos pelas formas sintéticas *sexdecim, septemdecim, octodecim* e *novemdecim*, as quais, no latim popular, foram substituídas pelas analíticas *decem et sex, decem et septem, decem et octo* e *decem et novem*; destas provieram os vernáculos dez*e*sseis, dez*e*ssete, dez(e)oito, dez*e*nove. Não se justificam, pois, as formas dez*a*sseis, dez*a*ssete, dez*a*oito e dez*a*nove.

285 – *Primário* e *secundário*, embora conservem a significação de ordinais, podem, ao mesmo tempo, assumir diversos significados: curso *primário* (curso elementar, fundamental, básico); curso *secundário* (segundo curso), caso *secundário* (de menor importância).

Terciário, *quaternário*, *setenário* sempre conservam relação com os cardinais primitivos, mas indicam épocas, sequência de dias, meses ou anos: período *terciário*, era *quaternária*; *setenário* das Dores.

Ainda derivados de numerais, outros adjetivos existem que designam *idade* ou *data*: *quinquagenário* (50 anos), *sexagenário* (60 anos), *setuagenário* (70), *octogenário* (80), *nonagenário* (90), *centenário* (100), *milenário* (1000).

286 – Os multiplicativos *duplo*, *triplo*, *quádruplo*, *quíntuplo*, *sêxtuplo*, *sétuplo*, *óctuplo*, *nônuplo*, *décuplo*, *undécuplo*, *duodécuplo* e *cêntuplo* derivam de formas latinas terminadas em *plus*, que significa *mais*. Vários desses multiplicativos têm as variantes terminadas em *plice* (dúplice, tríplice), do verbo latino *plicare*, que significa *dobrar*; *simples* etimologicamente significa *sem dobra* (sine plica), isto é, *aberto*, *patente*, *claro*.

Observações:

1ª – O multiplicativo *dobre* (pronuncie *dóbre*) usa-se como adjetivo na acepção de *duplo* ("*Dobre* morte ao cavalo e ao cavaleiro") e de *fingido*, *que ilude as duas partes* (ânimo *dobre*, espia *dobre*); como substantivo, indica o dobrar dos sinos por finados: "Cuidou escutar o *dobre* fúnebre dos sinos de Santa Cruz".

A forma *dobro* é sempre empregada como substantivo: O *dobro* do trabalho.

2ª – *Singelo é* multiplicativo quando significa não dobrado, não composto, simples: *escrituração por partidas singelas* (= aquela em que para cada artigo se indica apenas um credor ou um devedor) – a diferença de *escrituração por partidas dobradas*, aquela em que para cada artigo se reconhece ao mesmo tempo um credor e um devedor.

É adjetivo na acepção de puro, natural, inocente, ingênuo, inofensivo, lhano: "Em tempos de nossos singelos avós", "singelos corações".

Entra ainda a palavra nas locuções adverbiais *ao singelo* (= de modo simples, sem pompas) e *às singelas* (= a sós, sem companhia).

287 – Na prática, os fracionários, com exceção de *meio*, são empregados como substantivos:

meio alqueire de terra → substantivo → numeral

um *terço* de laranja → numeral substantivado → numeral cardinal

288 – *Avos* é substantivo fictício, tirado da terminação de *oitavo*.

289 – Por brevidade, empregam-se os *cardinais* em lugar dos *ordinais* na enumeração de séries de *objetos*, *capítulos*, *artigos*, *parágrafos*, *dias* e *trabalhos*: Moro na casa *trezentos e oito* (em vez de *tricentésima oitava*, como deveria ser, visto tratar-se de *ordem*), no dia *trinta e um* (em vez de *trigésimo primeiro*), capítulo *dois* (em vez de capítulo *segundo*).

Note-se que nesse caso os cardinais *um* e *dois* não variam de gênero: Casa vinte e *um*, página vinte e *dois*, lição *um*, lição *dois*, observando-se ainda que, se colocarmos o numeral antes do substantivo, usaremos o ordinal: na *vigésima oitava* casa, no *trigésimo* dia, *segundo* capítulo, *primeira* lição.

Notas: 1ª – O primeiro dia do mês é sempre indicado pelo ordinal; não se deve dizer: "No dia *um* de maio", mas: "No dia *primeiro* de maio" – "*Primeiro* de abril".

2ª – Na linguagem forense se diz: "Aos 24 dias do mês de abril" – "A folhas trinta e duas".

3ª – V. nº 5 do § 231.

4ª – Se o ordinal de 1000 é *milésimo*, o ordinal de 2000 é *segundo milésimo*, o de 3000 *terceiro milésimo*, e assim por diante. Igualmente, se o de milhão é *milionésimo*, o de 2 milhões é *segundo milionésimo* etc.: "Falo pela milésima vez e falarei pela segunda milésima se for preciso" – "No terceiro milésimo tricentésimo trigésimo terceiro dia" (No 3333º dia).

290 – Na sucessão de *reis*, *papas* e *séculos* usa-se o *ordinal* até *dez* (Leão *primeiro*, Luís *segundo*, Henrique *oitavo*, Carlos *nono*, Pio *décimo*, século *oitavo*) e o *cardinal* de *onze* em diante: Luís *onze*, Leão *treze*, Luís *quinze*, século *treze*, século *vinte*.

291 – *Ambos* é forma *dual* e significa *um* e *outro*, *os dois*: Marido e mulher, *ambos* faleceram. *Ambas* as casas ruíram.

Observe-se que as construções *ambos os dois*, *ambos de dois*, *ambos e dois* são expressões que, conquanto tivessem sido usadas pelos antigos, não passam hoje de expressões vulgares que devem ser evitadas.

Seguido de substantivo, *ambos* exige artigo: ambos *os* alunos.

292 – Na antiga expressão "um *conto* de réis" a palavra *conto* está empregada em vez de *milhão* (um *milhão* de réis).

293 – Têm ainda relação com os numerais certas palavras como *dezena*, *década*, *centena*, *cento*, *milhar*, *dúzia*, *par* e *casal*.

Nota: *Casal* aplica-se ao ajuntamento do macho e da fêmea (*casal* de canários, *casal* de baleias); *par* refere-se a dois objetos que costumam andar juntos (*par* de luvas, *par* de óculos).

294 – Na escrita ordinária não se deve começar período com algarismos; o numeral deve vir por extenso: "*Vinte e cinco* dias se passaram..." (e não: "25 dias se passaram...").

295 – *Sesqui*, elemento latino (síncope de *semisque* = *et semis* = e metade), tem, entre outros, o significado de "e metade": *sesquipedal* = que tem pé e meio de comprimento; *sesquicentenário* = centenário e meio.

Questionário

1. Que é *numeral*?
2. Os numerais como se classificam? Definir cada uma das classes.
3. Escreva por extenso: 2045510 soldados e 44800327200 cartas.
4. Redija duas orações, na primeira das quais entre o *um* como cardinal e, na segunda, como indefinido.
5. O *um* tem ainda outros empregos? Quais? Exemplos.
6. Que diz das formas *dezasseis*, *dezanove*?
7. Como se chama o indivíduo que tem 50 anos?
8. Etimologia e significado da palavra *simples*.
9. Expresse por extenso, mediante ordinais, os números grifados das frases: "No *1938º* ano depois de Cristo" – "Doze horas correspondem à *730ª* parte do ano".
10. "Moro na casa vinte e uma" é expressão certa? Por quê? (Estude bem o § 289 e não se esqueça de justificar a construção "lição *um*".)
11. Que dia vem depois de 31 de julho?
12. Corrija: *a* – Ambos os dois devem sair. *b* – Ambos alunos tiraram o primeiro lugar.

CAPÍTULO 17

VERBO

Quanto à Predicação

297 – Necessário se torna, neste ponto da gramática, abrir um parêntese para certas questões, cujo conhecimento muito importa para a perfeita compreensão da classe de palavras que devemos proximamente estudar, o **pronome**.

Assim como há séculos anteriores a Cristo e séculos posteriores a Cristo, da mesma forma há questões anteriores ao estudo do verbo quanto à predicação e lições posteriores a esse estudo. Esta lição esclarece coisas já estudadas e, principalmente, é base indispensável para a compreensão de muito importantes assuntos que iremos daqui em diante estudar.

Se a gramática não expuser, no momento conveniente, a questão dos verbos quanto à predicação, o aluno não poderá compreender a função dos pronomes oblíquos; como perceberá a diferença entre os pronomes **o** e **lhe** se desconhecer a diferença entre objeto direto e objeto indireto?

Razão de método, pois, é que obriga esta alteração na ordem em que costumeiramente as gramáticas expõem as classes de palavras. O aluno deve aplicar ao presente estudo toda a atenção.

298 – Sabemos ser **verbo** toda a palavra que indica ação ou resultado de ação (estado). Quem *escreve*, quem *desenha*, quem *pinta*, quem *anda*,

quem *quebra*, quem *olha*, quem *abre*, quem *fecha* pratica ações diversas: ação de *escrever*, ação de *desenhar*, ação de *pintar* etc., ações expressas por palavras que se denominam *verbos*.

Ora, sabemos que não existe ação sem causa; se um pires, por exemplo, aparece quebrado, alguém deverá ter praticado a ação de *quebrar*. Ou uma pessoa, ou um animal, ou uma coisa qualquer, como o vento, quebrou o pires. Pois bem, essa *pessoa* ou *coisa* que praticou a ação de *quebrar* é em gramática chamada **sujeito** ou **agente da ação verbal**.

299 – PREDICAÇÃO: Assim como toda a ação requer uma causa, assim também toda a ação produz um efeito.

Se, quando dizemos: "*Pedro escreveu uma carta*" – atribuímos a causa a Pedro, da mesma maneira a ação de escrever produziu um efeito; qual o resultado da ação que Pedro praticou, ou seja, que é que Pedro escreveu? – *Uma carta*.

Observando, entretanto, outros verbos, notaremos que a ação por eles expressa não produz, como no exemplo dado, nenhum efeito. Assim, quando dizemos: "*O pássaro voou*" – não perguntamos "*Que é que ele voou?*" Quer isso dizer que a ação fica toda no sujeito do verbo, sem produzir resultado algum.

Qual a razão da desigualdade entre esses dois verbos? É a seguinte: O verbo do primeiro caso é de *predicação incompleta*, ao passo que o verbo do segundo caso é de *predicação completa*. Expliquemos: – O verbo é chamado também **predicado**, porque atribui, *predica* uma ação a alguma pessoa ou coisa; pois bem, quando essa ação fica toda no sujeito, diz-se que o verbo é de *predicação completa*; quando não, ou seja, quando a ação, que o verbo exprime, exige uma pessoa ou coisa sobre que recair, diz-se que o verbo é de *predicação incompleta*.

A pessoa ou coisa que se acrescenta ao verbo para lhe *completar* a significação, ou seja, o **complemento**, o **recipiente da ação verbal** chama-se **OBJETO**.

300 – INTRANSITIVOS e TRANSITIVOS: Os verbos dividem-se, pois, em dois importantes grupos: verbos de **predicação completa** e verbos de **predicação incompleta**; verbo de predicação completa é o que não exige nenhum complemento, ou seja, é o que tem sentido completo; assim, são de predicação completa verbos como *voar*, *correr*, *fugir*, *morrer*, *andar*, porque nenhuma palavra exigem depois de si; têm todos eles sentido completo; a águia *voa*, a lebre *corre*, o ladrão *fugiu*, Pedro *morreu*, a criança

anda – são orações constituídas de apenas dois termos, sujeito e verbo, sem nenhuma necessidade, para o sentido, de um terceiro termo. Tais verbos chamam-se **INTRANSITIVOS**.

Outra classe de verbos, bastante diferente dessa, é a dos verbos de **predicação incompleta**, isto é, verbos que exigem depois de si um complemento, ou seja, um termo que lhes complete o sentido: eu *escrevi*, ele *perdeu*, nós *seguramos*, Maria *ganhou* – não são orações de sentido inteirado, pois não sabemos que foi que eu escrevi, que foi que ele perdeu, que seguramos nós, que ganhou Maria; os verbos que nessas orações entram exigem um termo que lhes complete o sentido, e a oração toda passará a ter três termos: sujeito, verbo e complemento; eu escrevi *uma carta*, ele perdeu *a carteira*, nós seguramos *o ladrão*, Maria ganhou *um colar*. Tais verbos se chamam **TRANSITIVOS** (do lat. *transire* = *passar*).

301 – VERBOS TRANSITIVOS: Existem duas espécies de verbos transitivos:

a) **Transitivos DIRETOS**: São os verbos cuja ação passa *diretamente* para a pessoa ou coisa sobre que recai. Quando dizemos: "*Pedro estudou a lição*" – não colocamos nenhuma preposição entre *estudou* e *a lição*.

Toda a vez que a um verbo transitivo se seguir diretamente a pessoa ou coisa sobre que recai a ação, esse verbo será **transitivo direto**. Tal pessoa ou coisa sobre que recai, *diretamente*, a ação verbal chama-se **objeto direto**.

Exemplos de verbos transitivos diretos: *ver*, *beber*, *derrubar*, *pegar*, *segurar*, *deixar*, *abrir* etc.

b) **Transitivos INDIRETOS**: Não podemos dizer: "Pedro *depende* o pai" – unindo diretamente ao verbo *depender* o objeto *o pai*. Empregando a preposição *de*, dizemos sempre: "Pedro *depende d-o* pai". – O verbo *depender* é também de predicação incompleta (De que depende Pedro?), mas não é perfeitamente igual ao verbo *estudar*, porque se liga *indiretamente* (por meio de preposição) ao objeto.

Tais verbos são chamados **transitivos indiretos**, e o seu complemento se denomina **objeto indireto**.

Exemplos de verbos transitivos indiretos: *gostar* (*de* alguma coisa), *obedecer* (*a* alguma coisa), *corresponder* (*a* alguma coisa), *recorrer* (*a* alguma coisa) etc.

Notas: 1ª – Sendo transitivo, não importa que o verbo tenha dois objetos, um direto, outro indireto:

Dei um presente *a meu pai.*

obj. direto obj. indireto

2ª – Por necessidade didática chamaremos "transitivo direto-indireto" o verbo que traz um objeto direto e outro indireto. Não tem fundamento nos fatos do idioma obrigar a pôr os dois objetos de tais verbos.

3ª – Quando a preposição exigida pelo verbo transitivo indireto é *a* e o objeto é nome feminino determinado, esse *a* deve ser craseado: "Refiro-me *à* morte do amigo". – "Recorri *à*quela mulher" (§ 116).

302 – VERBOS DE LIGAÇÃO: Quando dizemos *Pedro é bom*, não atribuímos a Pedro nenhuma ação, e, sim, uma *qualidade*, a qualidade de *ser bom*. Tais verbos são também de predicação incompleta (Que é Pedro?) e, conseguintemente, requerem um complemento, com a diferença de ser este constituído de qualidade e não de pessoa ou coisa.

Mesmo quando se diz – *Pedro é pedra* – embora o complemento seja constituído por *coisa* (pedra), este complemento não é efeito de nenhuma ação praticada por Pedro, senão que indica um estado, uma qualidade de Pedro, a qualidade de ser como pedra.

Tais verbos são chamados **verbos de ligação**, e seu complemento se chama **predicativo** (jamais *objeto*).

Exemplos de verbos de ligação: *ser*, *estar*, *andar*, *ficar*, *permanecer* etc.

303 – Os verbos **transitivos** podem ser empregados intransitivamente, isto é, como verbos de predicação completa; assim, o verbo *estudar* é transitivo, porque "quem estuda estuda alguma coisa"; mas podemos, com sentido, dizer: "Pedro *estuda*" – sem nenhum objeto, empregando o verbo *estudar* em sua acepção geral, sem especificar a coisa ou coisas que Pedro estuda.

Vice-versa, um verbo de predicação completa pode ser empregado como verbo de predicação incompleta: "Ele *viveu* dias horríveis" é oração em que se dá ao verbo *viver* (intransitivo por natureza) o objeto direto *dias horríveis*. Outros exemplos: "*Andei* duas léguas", "*Calei* razões", "*Adormeci* a dor" (= fiz adormecer), "O general *cessou* o ataque" (= fez cessar). Tais verbos chamam-se **factitivos** ou **causativos**.

304 – REGÊNCIA VERBAL: Quando indagamos se tal verbo exige objeto direto ou indireto, ou quando, exigindo objeto indireto, procuramos saber se a preposição que o liga ao objeto deve ser *de* ou *por* ou *com* ou *a* ou *para* ou *em* etc., estamos procurando saber a *regência* do verbo.

Vemos daí que regência verbal só diz respeito a verbos de predicação incompleta, pois que os intransitivos, sendo completos, não regem palavra alguma.

Os bons dicionários mostram, com exemplos, a verdadeira regência de um verbo. O aluno inteligente deverá ver os exemplos que o dicionarista apresenta após cada significado do verbo, e do exemplo deduzirá a regência, sem preocupar-se com o nome que o autor porventura empregue para designar o verbo.

305 – Muitos verbos possuem duas ou mais regências, conservando, em qualquer delas, o mesmo sentido e correção: Puxar *a* espada, *da* espada ou *pela* espada. Outros, conforme a regência, têm significado especial; está neste caso o verbo *assistir*; com objeto direto significa *prestar socorro*, *cuidar*, *tratar*: "O médico *assiste* o enfermo". Com a preposição *a*, significa *estar presente*: "*Assisti ao* desfecho da questão", "*Assistir a* uma missa".

Outros exemplos do presente caso: *querer* uma coisa significa *desejar* uma coisa; *querer a* uma coisa, *a* uma pessoa significa *estimar* essa coisa, amá-la; *puxar* o pai (tirar), *puxar ao* pai (herdar caraterísticos).

Nota: É tão importante esta questão de "regência verbal" que sobre ela existem dicionários especializados, que só trazem os verbos de nosso idioma e a respectiva regência, com exemplos elucidativos. Voltaremos ao assunto na sintaxe – parágrafo 773 e ss. – onde explanaremos certas curiosidades e particularidades regenciais; por ora basta-nos isso. V. no D. QVs. o último parágrafo do verbete *Firmar*.

Quadro Sinótico do Presente Capítulo

VERBO (Quanto à Predicação)

- predicação completa – intransitivo (sem objeto)
- predicação incompleta
  - transitivo direto (objeto direto) (não há preposição entre o verbo e o complemento)
  - trans. indireto (objeto indireto) (há preposição entre o verbo e o complemento)
  - de ligação (predicativo)
- predicação duplamente incompleta
  - transitivo direto-indireto (dois objetos: um direto e outro indireto)

Questionário

1. Que é *sujeito* ou *agente da ação verbal*? Dê exemplos.
2. Que é *complemento* ou *recipiente da ação verbal*? Dê exemplos.
3. Que é verbo de predicação completa? Que outro nome tem? Exemplos.
4. Que é verbo de predicação incompleta? Exemplos.
5. Quantas espécies existem de verbos de predicação incompleta? *Definir* cada espécie e *exemplificar* com orações.
6. Como se denomina o complemento do verbo transitivo direto?
7. Como se denomina o complemento do verbo transitivo indireto?
8. Como se denomina o complemento do verbo de ligação?
9. Um verbo de predicação incompleta pode ser empregado sem nenhum complemento? Quando? Exemplo.
10. Como indagar de um dicionário a regência de um verbo?
11. Os verbos conservam sempre a mesma regência? Neste particular, que diz do sentido do verbo?
12. Faça o quadro sinótico do estudo do verbo quanto à predicação.

*

O ignorante não duvida, porque desconhece que ignora.

CAPÍTULO 18

PRONOME

308 – Pronome é a palavra que ou substitui ou pode substituir um substantivo: *Ele* (Pedro) não está – *Alguém* (que não sabemos quem seja) está em casa.

309 – CLASSIFICAÇÃO: O pronome pode ser:

pessoal	*indefinido*
possessivo	*interrogativo*
demonstrativo	*relativo*

Nota:

locuções pronominais *cada qual cada um o qual*

310 – Pronome pessoal é o que, ao mesmo tempo que substitui o nome de um ser, põe esse nome em relação com a *pessoa gramatical*.

311 – PESSOA GRAMATICAL: É a relação entre a linguagem e os seres.

Quando fazemos uso do dom que nos é próprio, a linguagem, colocamos tudo quanto nos cerca em três posições, em três relações; umas coisas nós relacionamos com a pessoa que fala, outras colocamos em referência à pessoa com que falamos, e outras fazemos relacionar com a pessoa de que falamos.

Está claro que a pessoa que fala é, realmente, *pessoa* (a não ser quando, metaforicamente, atribuímos o dom da linguagem aos irracionais, aos vegetais, como nas fábulas), e podemos dirigir-nos e referir-nos, indiferentemente, a pessoas e a coisas, mas estas coisas a que nos dirigimos ou às

quais nos referimos são, em gramática, consideradas *pessoas*, e, daí, o nome **pessoa gramatical**, que outra coisa não é senão a **relação existente entre a linguagem e os seres**.

Pois bem, as pessoas gramaticais são representadas, taxeonomicamente, por pronomes, denominados pronomes *pessoais*; o pronome que representa a pessoa que fala, ou seja, a **primeira pessoa** gramatical, é *eu*; a pessoa com que falamos é representada por *tu*, que se denomina pronome da **segunda pessoa** gramatical; finalmente temos o pronome *ele* (ou *ela*), que representa a **terceira pessoa** gramatical, ou seja, a pessoa de que falamos.

Todas essas pessoas têm os seus plurais: *nós* é o plural de *eu* e representa as pessoas que falam; *vós* é o plural de *tu* e representa as pessoas com que falamos; *eles* (ou *elas*) é o plural de *ele* (ou *ela*) e representa as pessoas de que falamos.

312 – O pronome pessoal pode ser:

reto

oblíquo { reflexivo / não reflexivo }

de tratamento

313 – Os pronomes pessoais dividem-se em **retos** e **oblíquos**, de acordo com o *caso*, isto é, de acordo com a função sintática que exercem na oração.

Pronomes retos são os que têm por função representar o *sujeito* do verbo da oração; são retos os pronomes *eu*, *tu*, *ele* (ou *ela*), *nós*, *vós*, *eles* (ou *elas*). *Eu* devo estudar, *tu* podes ir, *ele* deve vir, *nós* não concordamos etc.

Pronomes oblíquos são os que na frase exercem função complementar, isto é, são os que têm por função representar o complemento do verbo: "Mandaram-*me* embora" (o *me* exerce função de objeto direto) – "Disseram-*nos* diversas coisas" (o *nos* exerce função de objeto indireto) – "Mário vai sair *comigo*" (o *comigo* exerce função de adjunto adverbial de companhia).

Essa é a razão por que não se deve dizer: "Estas laranjas são para *mim* chupar" – porquanto o *mim* está aí exercendo *função subjetiva* (função *subjetiva* quer dizer "função de *sujeito*"). Correta, assim deve ficar a construção: "Estas laranjas são para *eu* chupar". – Se dissermos simplesmente: "Estas laranjas são para mim", a construção estará certa, mas se a essa expressão acrescentarmos um verbo qualquer no infinitivo, o *mim* deverá ser substituído por *eu*, porque exercerá a função de sujeito desse infinitivo; o infinitivo

é que, em tal caso, é regido pela preposição, e não o pronome (Estas laranjas são *para* quê? Para chupar. – Quem vai chupar? *Eu*).

Eu e *tu* flexionam-se em *mim* e *ti* quando regimes de preposição: *de mim, de ti, por mim, por ti*. Se a preposição for *com*, a forma será *comigo, contigo*.

Ele, nós e *vós* funcionam também como regimes de preposição: *dele, por ele, de nós, por vós, entre eles, entre nós, em vós*. Se a preposição for *com*, a construção será *com ele, conosco, convosco*; *si* e *consigo* empregam-se quando referentes ao sujeito: João dá de *si* o que pode – Eles levaram tudo *consigo* (§ 408).

As formas oblíquas *o, nos, vos* empregam-se também como sujeitos acusativos (§ 652).

Observação:

No Brasil, até mesmo entre doutos, comete-se na conversação o comezinho erro de dar para objeto direto o pronome do caso reto (caso nominativo, caso do sujeito), ouvindo-se a cada passo solecismos como estes: "Só vejo *ele* de tarde" – "Pegue *eu*" – "Olhe *ele* ali".

314 – Em quadro, assim podemos distribuir os pronomes pessoais.

PRONOMES PESSOAIS			
Pessoa gramatical		**Retos**	**Oblíquos**
Singular	1ª	eu	me, mim, migo
	2ª	tu	te, ti, tigo
	3ª	ele, ela	o, a, lhe, se, si, sigo
Plural	1ª	nós	nos, nosco
	2ª	vós	vos, vosco
	3ª	eles, elas	os, as, lhes, se, si, sigo

Nota: Dizem-se **reflexivos** os oblíquos que podem referir-se ao sujeito de uma oração: Eu *me* feri, ele *se* feriu (§ 394; § 408), e **não reflexivos** os que não podem referir-se ao sujeito de uma oração: Viu-*o*, entregou-*lhe* o livro.

315 – **Pronomes de tratamento**: Chamam-se *pronomes de tratamento* as palavras e expressões que substituem a terceira pessoa gramatical: *fulano, beltrano, sicrano, a gente, você, vossa mercê, vossa excelência, vossa senhoria, sua senhoria, sua majestade*.

Algumas **fórmulas de tratamento**, seguidas da maneira de sobrescritar o envelope

Cargo	Fórmula	Invocação
Abade, prior, superior, visitador de ordem religiosa	Paternidade	Revmo. Dom (Padre)
Abadessa	Caridade	Revma. Madre
Almirante	Excelência	Exmo. Sr. Almirante
Arcebispo	Excelência Reverendíssima	Exmo. e Revmo. Dom
Arquiduque	Alteza	A Sua Alteza Arquiduque
Bispo	Excelência Reverendíssima	Exmo. e Revmo. Dom
Brigadeiro	Excelência	Exmo. Sr. Brigadeiro
Cardeal	Eminência Reverendíssima (Eminência)	Emmo. e Revmo. Cardeal Dom
Cônego	Reverendíssima	Revmo. Sr. Côn.
Cônsul	Senhoria	Ilmo. Sr. Cônsul
Coronel	Senhoria	Ilmo. Sr. Cel.
Deputado	Excelência	Exmo. Sr. Deputado
Desembargador	Excelência	Exmo. Sr. Desembargador
Duque	Alteza (Sereníssimo Senhor)	A Sua Alteza Duque
Embaixador	Excelência	Exmo. Sr.
Frade	Reverendíssima	Revmo. Sr. Fr.
Freira	Reverendíssima	Revma. Ir.
General	Excelência	Exmo. Sr. General
Governador de estado	Excelência	Exmo. Sr. Governador
Imperador	Majestade (Senhor)	A Sua Majestade Imperador
Irmã (Madre, Sóror)	Reverendíssima	Revma. Ir. (Madre, Sóror)
Juiz	Excelência (Meritíssimo Juiz)	Exmo. Sr. Dr.
Major	Senhoria	Ilmo. Sr. Major
Marechal	Excelência	Exmo. Sr. Marechal
Ministro	Excelência	Exmo. Sr. Ministro
Monsenhor	Reverendíssima	Revmo. Sr. Mons.
Padre	Reverendíssima	Revmo. Sr. Padre
Papa	Santidade (Santíssimo Padre). Beatitude	A Sua Santidade Papa (Ao Beatíssimo Padre)
Patriarca	Excelência Reverendíssima. Beatitude	Exmo. e Revmo. Dom (Ao Beatíssimo Padre)
Prefeito	Excelência	Exmo. Sr. Prefeito
Presidente de estado	Excelência	Exmo. Sr. Presidente
Príncipe, princesa	Alteza (Sereníssimo Senhor, Sereníssima Senhora)	A Sua Alteza Príncipe (Princesa)
Rei, rainha	Majestade (Senhor, Senhora)	A Sua Majestade Rei (Rainha)
Reitor (de universidade)	Magnificência (Magnífico Reitor)	Exmo. Sr. Reitor
Reitor (de seminário)	Reverendíssimo	Revmo. Sr. Pe.
Secretário de estado	Excelência	Exmo. Sr. Secretário
Senador	Excelência	Exmo. Sr. Senador
Tenente-Coronel	Senhoria	Ilmo. Sr. Ten.-Cel.
Vereador	Excelência	Exmo. Sr. Vereador
Demais autoridades, oficiais e particulares	Senhoria	Ilmo Sr.

Notas: 1ª – As fórmulas de tratamento são pronomes de tratamento quando antecedidas de *sua* ou *vossa*:

Sua emprega-se quando nos referimos à pessoa: "Vi *sua* santidade o Papa Paulo VI quando estive em Roma";

Vossa emprega-se quando nos dirigimos à pessoa: "Acabo de receber o diploma que *Vossa* Santidade se dignou enviar-me".

Em ambos os casos, a fórmula é sempre da terceira pessoa; verbos e pronomes a ela referentes devem na terceira pessoa ser flexionados.

2ª – Não confundamos *invocação* com *tratamento*. Se no cabeçalho de uma carta a um professor pusermos *Ilustríssimo Senhor Professor*, podemos no corpo da carta tratá-lo por *vós*; o que não se pode é no corpo de uma carta redigir *vossa senhoria* e tratar o destinatário por *vós*. Nenhuma necessidade existe nem de ponto nem de vírgula nem de dois-pontos após a invocação.

3ª – Tratando-se de cargos transitórios e de algumas dignidades hierárquicas pode-se no envelope, debaixo do nome do ocupante do cargo, pôr *DD.*, abreviatura de *digníssimo*: *DD. Reitor da Universidade – DD. Embaixador Brasileiro – DD. Juiz de Direito.*

4ª – No envelope, a última parte da invocação pode vir na segunda linha, antes do nome do destinatário. Por conveniência de alfabetação de vários envelopes ou por necessidade mecânica, essa última parte (*Dr.*, *Pe.*, *Ir.* ...) pode vir terminando a primeira linha ou, na segunda linha, após o nome.

5ª – Os pronomes de tratamento são suscetíveis de plural: *vossas majestades*, *vossas senhorias*, *vocês* etc. Observe que o plural de *você* (este pronome não tem o mesmo uso em Portugal) costumam pronunciar *vocêis*, antepondo um *i* ao *s*, pronúncia que devemos evitar e condenar.

6ª – Como pronome, deve-se escrever *a gente* com os elementos separados: "*A gente* não faz isso por gosto". Com os elementos ligados, o sentido torna-se outro – *operante*, *comissário*, *emissário*: *agente* químico, *agente* policial, *agente* diplomático.

7ª – É infundada a doutrina dos que obrigam a que sempre se diga "de V. Rev.ma", "a V.Rev.ma", repetindo-se enfadonhamente o "V. Rev.ma". Este tratamento, como todos os demais de cortesia, pode muito bem aparecer na forma oblíqua. Em português muito bom e menos monótono podemos, sem temor de erro, dizer: "Formulamos-*lhe*", "pedimos-*lhe*", "vemos na *sua* pessoa", em vez de: "formulamos a V. Rev.ma", "pedimos a V. Rev.ma", "na pessoa de V. Rev.ma".

8ª – Na correspondência pública, costuma-se usar *V. S.ª* para pessoa de categoria igual ou inferior, e *V. Ex.ª* para pessoa de categoria superior.

Na correspondência comum, porém, *V. S.ª* emprega-se para pessoa de relações não íntimas, mormente se meramente comerciais, e *V. Ex.ª* para pessoa de posição política elevada, tratamento este regimentalmente usado no Brasil, também na linguagem falada, entre pares de uma câmara.

316 – É de regra, num discurso, em cartas ou em escritos de qualquer natureza, a **uniformidade de tratamento**, isto é, do pronome escolhido para a pessoa a que nos dirigimos. Se tratamos o interlocutor por *vós*, os pronomes oblíquos devem ser os que correspondem a essa pessoa, e o mesmo se deve dizer dos pronomes possessivos. Se o tratarmos por *tu*, usaremos os oblíquos *te*, *ti*, *contigo* e os possessivos *teu*, *tua*, *teus*, *tuas* (jamais *seu*, *sua*). Se o tratarmos por *vossa senhoria*, *senhor*, *você*, diremos *o*, *lhe*, *seu*, *sua* etc. (V. § 328).

Nota: Como fórmula de tratamento, *senhor* é da 3ª pessoa: O senhor é bondoso – A senhora está cansada. Como vocativo, pode ser usado com outras pessoas: Se queres, Senhor, podes curar-me – Apiedai-vos, Senhor, de nossa fraqueza – Não posso, caros senhores, dizer-vos... – Em cartas, a saudação inicial ("*Prezado Senhor*", "*Prezados Senhores*") não implica tratamento.

317 – Os pronomes pessoais retos não devem ser empregados desnecessariamente; o francês, o inglês e outras línguas enunciam sempre o sujeito da oração, mas em português o pronome reto geralmente só se emprega:

a) quando necessário para a *clareza*: "*Ele* passa bem, mas *ela* está adoentada";

b) quando há *contraste*: "*Eu* rio, *tu* choras";

c) quando, *sujeito*, vem modificado por subordinada adjetiva (§ 900): "*Eu*, que nunca deixei de dizer verdade, não mentiria agora pela primeira vez";

d) quando o *sujeito* é *composto*: "*Eu* e Pedro iremos";

e) para dar *ênfase* (= *força de expressão*): "*Tu* me atraiçoaste, *tu* violaste a fé jurada, *tu* te mostraste indigno de minha confiança".

318 – As formas *mim*, *ti* e *si* sempre se usam antecedidas de preposição: *de mim*, *a ti*, *de si* para *si*.

319 – As formas *migo*, *tigo*, *sigo*, *nosco* e *vosco* provêm do latim *mecum*, *tecum*, *secum*, *nobiscum* e *vobiscum*, palavras compostas da preposição *cum* e das flexões pronominais latinas (cum+me, cum+te, cum+se etc.) colocadas em ordem inversa. Em português, tais formas vêm outra vez acompanhadas da preposição *com* (nas formas *go* e *co*), como se já não bastasse o *cum* que as acompanha: *com+mi+go* (= cum+me+cum), *com+ti+go* (= cum+te+cum), *com+vos+co* (= cum+vobis+cum) (V. § 122, 2ª obs.).

Esse fato demonstra quanto se transformou o latim, perdendo certos vocábulos latinos a forma e o próprio significado etimológico[1].

Nota: Manda, entretanto, a eufonia que se diga *com nós mesmos* (ou *mesmas*) e *com nós próprios* (ou *próprias*) em vez de *conosco mesmos* e *conosco próprios*. A mesma regra se deve observar quanto às formas *com vós mesmos* (ou *mesmas*) e *com vós próprios* (ou *próprias*). *Conosco* e *convosco* usam-se desacompanhados de completivos: Com nós alunos isso não se dá – Com vós professores desejo falar (e não: *conosco alunos*, *convosco professores* – porque o pronome está acompanhado de um completivo, isto é, de um termo que completa o pronome). Diz-se *com si próprio* ou *consigo próprio*: Estavam preocupados com si próprios (ou *consigo próprios*).

(1) V. *Gramática Latina*, §182, n. 8.

320 – As formas oblíquas *me, te, nos* e *vos* servem, indiferentemente, tanto para objetos diretos, como para objetos indiretos.

EXEMPLOS: "Eu *te* louvo " (objeto direto – verbo transitivo direto) – "Eu *te* obedeço" (objeto indireto - verbo transitivo indireto) – "Nós *vos* louvamos" (objeto direto - verbo transitivo direto) – "Nós *vos* perdoamos" (objeto indireto – verbo transitivo indireto).

As formas pronominais oblíquas **o** e **lhe** da terceira pessoa não podem ser usadas indiferentemente; a forma oblíqua *o* jamais poderá funcionar como objeto indireto, e a forma *lhe* jamais como direto. Comete erro gravíssimo quem diz: "Eu *lhe vi*", porque o verbo *ver* é transitivo direto, e, portanto, o oblíquo deve ser *o*. Da mesma forma erra quem diz: "Eu *o obedeço*", porque o verbo *obedecer* é transitivo indireto, e, portanto, o oblíquo deve ser *lhe*.

O seguinte quadro elucida a questão:

OBJETOS	
Direto *(compl. de verbo trans. direto)*	**Indireto** *(compl. de verbo trans. indireto)*
Singular { me, te, se, *o*	Singular { me, te, se, *lhe*
Plural { nós, vós, se, *os*	Plural { nos, vos, se, *lhes*

Nota: Vimos no § 302 que os verbos de ligação se completam com o predicativo. Acrescentamos agora: Pode aparecer com tais verbos, além do predicativo, que é exigido pelo verbo para que tenha sentido completo, uma palavra que determine ou complete o predicativo, ou seja, uma palavra que manifeste relação de prejuízo ou benefício (interesse), proximidade, semelhança etc.: "Pedro é bom *para o pai*" – "Ele é favorável *a mim*" – "Isso não parece bom *para o povo*". Substituindo esse complemento pelo correspondente pronome oblíquo, temos: "Pedro *lhe* é bom" – "Ele *me* é favorável" – "Isso não *lhe* parece bom". V. §685.

321 – Combinações pronominais: Quando um verbo transitivo vem com dois objetos, um direto e outro indireto, iremos, para substituir esses dois objetos pelos respectivos pronomes, empregar duas formas pronominais oblíquas: uma que irá representar o objeto direto e outra, o indireto.

Suponhamos a oração: "Dei a Pedro o livro"; substituamos o objeto indireto *a Pedro* pelo correspondente pronome oblíquo, conforme vimos no parágrafo anterior: "*Dei-lhe* o livro".

Substituamos, também, o objeto direto pelo seu pronome correspondente: "Dei-lh*o*".

Dei – *lhe* + *o*

↓ a Pedro (obj. indireto)

↓ o livro (obj. direto)

Outros exemplos de combinações pronominais:

"Por que não *mo* contaram?"

me (a mim) + *o* (isso, essa coisa)

"Não *vo-lo* direi" (V. § 121, 1)

vos (a vós) + *o* (isso, essa coisa)

Uma vez que na oração venha expresso ou o objeto direto ou o objeto indireto, já não será possível a combinação pronominal. "Não sei quando lh*o* darei *o livro*" é construção errada, visto vir já expresso o objeto direto de *darei* (o livro); nessa oração só é possível o pronome *lhe*: "Não sei quando *lhe* darei o livro". Se não viesse expresso o objeto direto, então, sim, poderíamos combinar os pronomes:

"Não sei quando *lho* darei"

lhe (a ele, a você) + *o* (o livro)

322 – Eis o quadro das combinações pronominais:

me + o = **mo** (ma, mos, mas)	nos + o = **no-lo** (no-la, no-los, no-las)
te + o = **to** (ta, tos, tas)	vos + o = **vo-lo** (vo-la, vo-los, vo-las)
lhe + o = **lho** (lha, lhos, lhas)	lhes + o = **lho** (lha, lhos, lhas)

Notas: 1ª – V. letra A do §114.

2ª – Os pronomes *se* e *o* jamais podem vir juntos na mesma oração; nunca devemos dizer: não *se o* sabe, faz-*se-o*, vê-*se-o* (V. § 406).

3ª – Da leitura dos clássicos pode-se concluir não serem usadas construções como: "Teus pais *te nos* confiaram", "Nosso chefe *nos te* enviou". A construção usada é: "Teus pais *te* confiaram *a nós*" – "Nosso chefe *nos* enviou *a ti*".

Encontram-se e são usadas construções com *se nos*, *se me*, *se lhe* etc., com o *se*, ora reflexivo, ora apassivador ("Foram-se-*me* as esperanças" – "Lançou-*se-me* ao pescoço" – "Vota-*se-lhe* ali uma espécie de culto" – "Afiguram-*se-nos* monstros" – "Quando uma figura *se nos* mostra no ar" – "Possível *se me* faz todo o impossível" – "Tudo *se te* deve" – "Que *se me* dá a mim de mim, sem vós?"), mas não se usam as construções *me te*, *me vos*, *me lhes*, *te me*, *te lhe*, *te nos*, *nos te*, *nos lhe*, *nos vos*, *vos me*, *vos nos*, *vos lhe* com o primeiro oblíquo em verdadeira função objetiva direta, isto é, como recipiente de ação praticada por outra pessoa gramatical; não se diz "lançou-*nos te*", "mostraram-*nos lhe*", mas "lançou-nos *a ti*", "mostraram-*nos a ele*".

323 – Os pronomes pessoais são sempre **substantivos**, porque sempre fazem as vezes de substantivo. Os demais pronomes ora são pronomes substantivos, ora pronomes **adjetivos**, o que se dá quando acompanham substantivo.

Questionário

1. Que é *pronome*?
2. Dê a *classificação* dos pronomes.
3. Que é *pronome pessoal*?
4. Que é *pessoa gramatical*?
5. Que são pronomes pessoais *retos*?
6. Que são pronomes pessoais *oblíquos*?
7. "Isto é para mim ficar bom": Corrija e explique a correção.
8. Quando um oblíquo se diz *reflexivo*?
9. Quando um oblíquo se diz *não reflexivo*?
10. Que são *pronomes de tratamento*?
11. *Uniformidade de tratamento*: Explique o que é isso.
12. Explique a etimologia de *comigo* e *convosco*.
13. Qual o certo: *conosco mesmos* ou *com nós mesmos*?
14. Faça duas orações com o pronome oblíquo "o" (o aluno já sabe que o verbo deve ser transitivo direto), e faça outras duas com o oblíquo "lhe" (já sabe o aluno que o *lhe* exerce função de objeto indireto).
15. Faça três orações em que entre, numa, a combinação pronominal *ma*; noutra, *lho*; na última, *no-lo* (justifique as construções).

CAPÍTULO 19

POSSESSIVO

327 – **Possessivo**: Assim se denomina a palavra que traz ideia de posse, indicando a pessoa a que pertence uma coisa.

São os seguintes os nossos **possessivos**:

masculino		feminino	
singular	*plural*	*singular*	*plural*
meu	meus	minha	minhas
teu	teus	tua	tuas
seu	seus	sua	suas
nosso	nossos	nossa	nossas
vosso	vossos	vossa	vossas
seu	seus	sua	suas

328 – Da definição de **possessivo** facilmente se deduz que tais palavras têm, na frase, duplo papel: um de indicar a *coisa possuída*, outro de indicar a *pessoa gramatical possuidora*.

pessoas gramaticais	*pronomes pessoais*	*possessivos*
primeira do singular	eu	meu, minha, meus, minhas
segunda do singular	tu	teu, tua, teus, tuas
terceira do singular	ele (ela)	seu, sua, seus, suas
primeira do plural	nós	nosso, nossa, nossos, nossas
segunda do plural	vós	vosso, vossa, vossos, vossas
terceira do plural	eles (elas)	seu, sua, seus, suas

Quer isso dizer que os possessivos devem ser empregados de acordo com a pessoa gramatical; se tratarmos a pessoa com que falamos por *vós*, deveremos empregar, para indicar seres pertencentes a essa pessoa, os pos-

sessivos *vosso*, *vossa*, *vossos*, *vossas*; se a tratarmos por *tu*, deveremos empregar os possessivos *teu*, *tua*, *teus*, *tuas*.

Observe-se, porém, que no Brasil (com exceção do Amazonas, Pará e Rio Grande do Sul; neste último estado flexionam, popularmente, o verbo na 3ª do sing.: "Tu quer", e consideram ríspido o *você*) quase nunca tratamos por *tu* a pessoa com que falamos; sempre tratamos o interlocutor por um pronome de tratamento: *você*, *senhor*, *vossa senhoria* (V. S.ª), *vossa excelência* (V. Exa.). Ora, todos estes tratamentos são considerados da terceira pessoa gramatical; quer isso dizer que, quando assim tratarmos a pessoa a que nos dirigimos, deveremos empregar os possessivos correspondentes à terceira pessoa gramatical (*seu*, *sua*, *seus*, *suas*), não nos deixando iludir pelo *vosso* que aparece em "*vossa senhoria*", "*vossa excelência*". Estes tratamentos, como ainda *vossa majestade* (V. M.) e *vossa alteza* (V. A.), são todos da terceira pessoa gramatical.

Conseguintemente, se tratarmos uma pessoa por *vossa excelência*, cometeremos erro crasso se dissermos: "V. Exa., com *vosso* espírito elevado...".

Exemplos do correto emprego dos possessivos:

"Não deves (tu) fazer com *teu* irmão o que fazes com *teu* filho" – "Podeis (vós) voltar a *vossa* pátria" – "V. Exa., com a morte de José, perde o *seu* maior amigo" – "Vossa majestade deve providenciar o bem-estar de *seu* povo".

Notas: 1ª – Se, tratando uma pessoa por *vós*, escrevemos: "Deveis socorrer o menino e *seu* pai", nenhum erro cometeremos, pois o *seu* se refere a *menino* e não à pessoa a que nos dirigimos, e a expressão equivale a estoutra: "Deveis socorrer o menino e o pai *dele*". – Há quem, em casos como esse, empregue, juntamente com o possessivo *seu*, *sua*, *seus*, *suas*, as variações pronominais *dele*, *dela*, *deles*, *delas*, dizendo: *seu pai dele*, *seus pais deles*, *sua mãe dele*, *suas mães deles*. Tais modos de dizer, ainda que aforados em textos portugueses de bom cunho, devem evitar-se, dando-se outra feição ao fraseado.

2ª – *Seu*, na forma singular, pode referir-se a vários indivíduos: "...homens, mas *sua* doutrina..." (= a doutrina deles). Dirigindo-nos a várias pessoas, portanto, devemos dizer "seu aproveitamento" (= o aproveitamento de vocês), e não "seus aproveitamento", porque *seu*, embora se refira a mais de uma pessoa, deverá concordar com *aproveitamento*, que está no singular. Quando o substantivo estiver no plural é que o possessivo se flexionará: "Meninos, *seus* pais devem...". Se os meninos forem irmãos, já deveremos dizer: "Meninos, *seu* pai deve...". Em conclusão: Os possessivos concordam em português com a coisa possuída e não com o possuidor.

329 – O emprego dos possessivos *seu*, *sua*, *seus*, *suas* pode trazer ambiguidade à expressão, quando há na oração mais de uma terceira pessoa; não sabemos, por exemplo, na expressão: "Pedro foi com o amigo à casa de *seu* mestre" – a quem se refere o possessivo *seu*; não se percebe se se trata do mestre de Pedro ou do mestre do amigo.

Em tais casos, impõe-se, para a clareza, ou que se coloque a coisa possuída perto do possuidor: "Pedro foi à casa de seu mestre com o amigo"

– ou que se modifique a expressão, mediante acréscimo de termos ou locuções elucidativas: "Pedro foi, com o amigo, à casa do mestre deste".

Nota: Leiamos este conselho de Botelho de Amaral: "Não devemos repetir em demasia, e muito menos proximamente, os possessivos *seu*, *sua*, *seus*, *suas* etc. Um grande escritor redigiu: "A igreja... com o *seu* largo portão vermelho aberto para o *seu* adro...". Melhor, parece-nos, ficaria: "A igreja... com o largo portão vermelho aberto para o *seu* adro..." ou: "A igreja... com o *seu* largo portão vermelho aberto para o adro...".

330 – Antes de nomes que indicam *partes do corpo* ou *faculdades do espírito*, omite-se comumente o possessivo, quando se trata de partes do corpo ou faculdades do espírito referentes ao próprio sujeito da oração: "Quebrei a perna" – e não "Quebrei a *minha* perna"; "Pedro machucou o pé" – e não "Pedro machucou o *seu* pé"; "Ele perdeu o juízo" – e não: "Ele perdeu o *seu* juízo".

Nota: Igual cuidado devemos ter com a palavra *casa* na acepção de *moradia*, *lar*, *residência*: "Vim de casa" – e não: "Vim de *minha* casa"; "Ele já saiu de casa" – e não: "Ele já saiu de *sua* casa". O possessivo só é aí empregado para dar ênfase à expressão: "Estou em *minha* casa", oração que na leitura exige entonação especial para o possessivo, que podemos grifar na escrita.

331 – É interessante notar que, com certos substantivos abstratos, os possessivos trazem significação diferente à expressão, conforme vierem colocados antes ou depois. A sentença: "Queremos *notícias tuas*" indica o mesmo que "Queremos *notícias sobre ti*"; se disséssemos: "Queremos *tuas notícias*", expressaríamos vontade de que a pessoa a que nos dirigimos nos envie notícias sobre quaisquer coisas. Outros exemplos: Tenho *piedade sua* (piedade de você) e A *sua piedade* deve ser recompensada (piedade que você tem...). *Ódio vosso* (ódio que nutrem a vossa pessoa) e *vosso ódio* (ódio que essa pessoa nutre a outrem).

332 – Não se deve julgar que o possessivo *meu* tem o mesmo significado que a locução *de mim*, nem, igualmente, que *teu*, *seu*, *nosso*, *vosso* equivalham a *de ti*, *de si*, *de nós*, *de vós*; é incorreto dar a tais locuções o valor possessivo; não se deve dizer *casa de mim*, *fazenda de vós*, mas *minha casa*, *vossa fazenda*. Apenas a terceira pessoa é que admite a forma *dele* como possessivo: *livro dele*, *automóvel do senhor*, *filho de vossa senhoria* etc.

333 – O possessivo indica *aproximação de cálculo* em expressões como esta: "Tinha *meus* trinta anos...".

Nota: Vejamos alguns significados e empregos especiais de *seu*: *a*) no plural, com a significação de parentes, família, amigos ou partidários: Como vão os *seus*? Quem sai aos *seus* não degenera; *b*) bens ou coisas próprias de cada um: Não tem dez réis de *seu*. Dar o *seu* a seu dono. Um pobre frade que de *seu* não tinha mais que o breviário; *c*) próprio, particular, pessoal: Mais sabe o tolo no *seu* do que o sábio no alheio; d) *não ter um momento de seu* = não dispor de tempo; *e*) *ter o seu*

tanto de... = ter alguma qualidade, mas não pronunciada: Este homem tem o seu tanto de tolo; *f) uma das suas* = ato ou dito próprio da pessoa: Fazer das suas. Diga uma das suas; *g) dizer na sua* = pretender, dar a entender nas suas palavras: Diz então na sua que tem de toda a casta? *h) ficar na sua* = persistir, permanecer na sua opinião ou teima: Preferiu ele ficar na sua?

334 – Em certos casos, é possível e elegante a substituição do possessivo pelo correspondente pronome oblíquo: Machucaram-*lhe* a cabeça (machucaram a cabeça *dele*) – Levaram-*lhe* o filho (levaram o *seu* filho) – Captei-*lhe* a confiança (captei a *sua* confiança).

Vejamos estas ponderações de Carlos Góis (Dicionário de Galicismos): "Ressumbra francesia, e nada tem de idiomático, o emprego irritante, impertinente do *possessivo*, sempre que: *a*) o possuidor estiver patente, manifesto, logicamente suprido: "Tenho *minha* perna inchada" (J'ai *ma* jambe enflée), em vez do correto: "Tenho *a* perna inchada"; *b*) for possível substituir o possessivo (*meu*, *teu*, *seu*, *nosso*, *vosso*) pelas variações pronominais oblíquas com força possessiva (*me*, *te*, *lhe*, *nos*, *vos*), emprego esse que constitui um dos mais lindos ornamentos e torneios plásticos do português, em que a nossa língua supre, com rara habilidade, a carência de pronome equipolente do *en* francês ou do *ne* italiano (= dele, dela): "As lágrimas que corriam de *seus* olhos" (Les larmes qui coulaient de *ses* yeux), em vez do correto: "As lágrimas que *lhe* corriam dos olhos" – "Pedro abusou de *minha* confiança" (Pierre a abusé de *ma* confiance), em vez do correto: "Pedro abusou-*me* da confiança" etc.; *c*) for possível substituir o possessivo pelo demonstrativo *próprio* (outro recurso de que se serve o português): "Recebeu-me no *próprio* quarto" e não: "Recebeu-me em *seu* quarto".

Carlos Góis exagera nas letras *b* e *c*; uma coisa é estilo, que pode ser popular ou elevado, outra é gramática. Não é possível dizer que erra quem diz "Você abusou da minha confiança". V. § 694.

335 – **Pronomes substantivos – Pronomes adjetivos**: Os possessivos, como todos os pronomes, são pronomes adjetivos quando acompanham substantivo; são pronomes substantivos quando fazem as vezes de substantivo:

"De que cor é *teu* chapéu? – O *meu* é branco"
↓ pronome adjetivo ↓ pronome substantivo

Isso é importante distinguir, porque em certos idiomas, como o inglês, essa diferença de função acarreta diferença de forma:

"O *meu* livro" – "Este livro é *meu*"
↓ my (pron. adj.) ↓ mine (pron. substantivo)

336 – Também os artigos podem exercer função pronominal substantiva:

"*O* homem que você prendeu não é *o* que procuramos"
↓ artigo (mod. o subst. *homem*) ↓ pron. substantivo (substitui *homem*)

"*As* laranjas deste ano são melhores que *as* do ano passado"

↓ artigo (mod. *laranjas*) ↓ substantivo (substitui *laranjas*)

Nota: Vê-se que a forma pronominal articular evita a fastidiosa repetição do nome. Há até vezes em que nem mesmo se usa o pronome:

"Chorando ele *males* de ódio, eu (*os*) da fortuna".

337 – Os numerais também se tornam pronomes quando desacompanhados de substantivo: "Eu tenho dez anos, você tem *quinze*" – "Eu ganhei o primeiro prêmio; você, o *segundo*" – "Dei um salto triplo, você deu um *sêxtuplo*" – "José bebeu um litro de vinho, seu irmão bebeu *meio*".

Questionário

1. Que é *possessivo*?
2. Corrija a construção: "Vossa alteza podeis solucionar o caso deste vosso súdito".*
3. Que diz da construção: "O menino quebrou o seu brinquedo dele"?
4. Que diferença de sentido indicam as orações: "Meninos, seus pais devem..." e "Meninos, seu pai deve..."?
5. Que diz desta oração: "Pretendo, caro amigo, passar as férias com Pedro em sua fazenda"?
6. "Machuquei o meu nariz" – "Pedro contundiu os seus olhos": são orações corretas? Por quê?
7. Há diferença entre as expressões *saudades suas* e *suas saudades*? Por quê?
8. Que diz da expressão: "O pai de Mário tem seus trinta anos"?
9. Explique a construção desta oração: "Roubaram-me o chapéu".
10. Quando um pronome se diz *substantivo* e quando se diz *adjetivo*? Um exemplo de cada caso.
11. Também os artigos podem exercer função pronominal substantiva? Exemplo.

* Releia com atenção o § 328; leia depois, com igual atenção, o verbete *vossa excelência* do D. QVs.

CAPÍTULO 20

DEMONSTRATIVO

340 – Demonstrativo: Assim se denomina a palavra que *localiza* o substantivo (*este* homem, *esse* homem, *aquele* homem) ou o *identifica* (o *mesmo* homem, o *próprio* homem, o *tal* homem).

A) Os que *localizam*, isto é, os que determinam o lugar, são os seguintes:

masculino	***feminino***	***neutro***
este	esta	isto
esse	essa	isso
aquele	aquela	aquilo

Notas: 1ª – *Isto* (esta coisa), *isso* (essa coisa), *aquilo* (aquela coisa) são formas neutras de *este*, *esse*, *aquele*, e só funcionam como *pronomes substantivos*.

2ª – *Este*, *esse*, *aquele* e respectivos femininos podem vir combinados com a palavra *outro*: *este outro*, *estoutro*; *esta outra*, *estoutra* etc. Todos os que localizam, quando antecedidos das preposições *de* e *em*, podem com elas combinar-se, sem apóstrofo: *deste*, *desta*, *disto*; *neste*, *nesta*, *nisto* etc.

B) Os que *identificam* a coisa que se nomeia são:

masculino	***feminino***
mesmo	mesma
próprio	própria
tal	tal

341 – ESTE, ESSE, AQUELE: Que tais demonstrativos *localizam* é fácil ver; quando dizemos "Eu vi *este* homem", mostramos claramente que nos referimos a um homem que está perto de nós; dizendo "Eu vi *esse* homem", determinamos um homem que está afastado de nós, mas perto da

pessoa com que falamos; por último, dizendo "Eu vi *aquele* homem", referimo-nos a um homem afastado de nós e, ao mesmo tempo, afastado da pessoa a que nos dirigimos.

Notas: 1ª – Os demonstrativos *este* e *aquele* localizam não somente com relação às pessoas, mas ainda com relação aos termos de um período; *este*, numa oração, refere-se ao termo mais próximo, ou seja, ao enunciado em segundo lugar, e *aquele* refere-se ao mais afastado, ao enunciado em primeiro lugar: "Duas nações existem que dominavam o mundo: a Inglaterra e a França; *esta* (a *França*, termo que está mais próximo) pela ciência, *aquela* (a *Inglaterra*, termo mais afastado) pelo denodo".

2ª – Os demonstrativos **este** e **esse** têm também a seguinte propriedade de indicação: *este* apresenta coisa que se pretende mostrar, coisa desconhecida ou coisa que se tem na frente de quem fala ou mais perto do que outras já citadas ou tratadas; *esse* indica coisa já apresentada, conhecida: "Prestem atenção *nisto*" (que vou dizer) – "Não foi *isso* que mandei comprar" – "E o sol da Liberdade, em raios fúlgidos, brilhou no céu da Pátria *nesse* instante".

3ª – Outras vezes, em lugar de *esse* emprega-se *este*, para referir-se, em confronto com outras, a coisa mais presente, mais do momento, mais à mão, embora já apresentada, já conhecida: "Não foi este o livro que mandei comprar" – "Isto é outra coisa" – "Este assunto não me agradou".

4ª – É elegante a interposição da conjunção *como* entre os demonstrativos *este*, *esse*, *aquele* e o substantivo por eles modificado: "Este *como* brado de revolta repercutiu em todos os peitos" – "Esse *como* sol" – "Aquela *como* deusa" – em vez de: "Esta coisa que parece brado..." – "Essa coisa que parece sol..." – "Aquela coisa que parece deusa".

Note-se que, em tais casos, o demonstrativo toma o gênero e o número do termo de comparação: *Estes* (masc. pl.) como *brutos* (masc. pl.) – *Estas* (fem. pl.) como *ninfas* (fem. pl.).

342 – MESMO: 1 – Quando *mesmo* modifica, na oração, os pronomes *eu*, *tu*, *nós* e *vós*, deve flexionar-se de acordo com o gênero e com o número da pessoa representada por esses pronomes: *eu mesmo* (homem) – *eu mesma* (mulher) – *tu mesmo* (homem) – *tu mesma* (mulher) – *nós mesmo*, *nós mesma* (quando o *nós* está empregado em lugar de *eu*: *Nós mesmo* investigamos o caso) – *nós mesmos*, *nós mesmas* (quando o *nós* representa, de fato, mais de uma pessoa) – *vós mesmo*, *vós mesma* (quando o *vós* vem empregado em lugar de *tu*: *Vós mesma*, minha aluna, deveis redigir as respostas) – *vós mesmos*, *vós mesmas* (quando o *vós* se refere, realmente, a mais de uma pessoa).

Nota: Passa-se com o demonstrativo *próprio* fenômeno idêntico ao que se dá com o demonstrativo *mesmo*: *eu próprio*, *eu própria*, *nós próprio*, *nós própria*, *nós próprios*, *nós próprias* etc. (V. o § 769, 1).

2 – *Mesmo* funciona como pronome neutro em frases como: "É o *mesmo*" (= É a *mesma coisa*) – "O *mesmo* ouvi eu" – "Redunda no *mesmo*" – "Vem a ser o *mesmo*".

Notas: 1ª – Ouve-se – mas isto é permitido apenas em linguagem familiar – o superlativo *mesmíssimo* em frases como: "É a *mesmíssima* coisa".

2ª – Idêntica função neutra tem *mesmo* quando flexionado no feminino em expressões em que se subentende a palavra *coisa*: "Fiquei na mesma" – "Deu na mesma".

3 – *Mesmo* funciona também como advérbio: "Ele não quer *mesmo*" – "Hoje *mesmo*" – "Estive *mesmo*" – "Ela quer *mesmo* sair".

4 – Há um emprego condenável do demonstrativo *mesmo*, em virtude de terem criado, a custa de ensinamentos de origem duvidosa, incompreensível aversão às formas *a ela*, *dela*, *para ela* etc.

Talvez por temor de, no emprego do pronome *ela*, formar palavras grotescas, como "bo*ca dela*", ou para evitar a repetição desse pronome, costumam certos autores, *infalivelmente*, substituí-lo por *a mesma*, *da mesma*, *para a mesma*, *com a mesma*, substituição verdadeiramente ridícula, que só logra atestar fraqueza de estilo, falta de colorido e de recursos sintáticos. Assim é que frequentemente vemos passagens como estas: "Vou à casa de minha mãe; falarei com *a mesma* sobre o assunto" – "Realizou-se ontem a esperada festa; *à mesma* compareceram..."

É caso de perguntar se o interlocutor tem outra mãe ou se o cronista assistiu a outra festa.

Outros exemplos desse erro: "...nova ortografia, visto que os trabalhos serão corrigidos pela mesma" – "Devemos estudar português e as matérias que têm relação com o mesmo". Esse disparate se evidencia em trechos de confirmante pobreza sintática como este: "A Sociedade Tal é constituída dos senhores F. e F., e os mesmos dedicam à mesma todas as energias" – "Recebi seu pedido; fiz chegar o mesmo às mãos do diretor".

Reproduzamos, corrigidos, os exemplos dados: "Vou à casa de minha mãe, com quem falarei sobre o assunto" (*ou*: e com ela falarei sobre o assunto) – "Realizou-se ontem a esperada festa, à qual compareceram..." – "...nova ortografia, visto por esta deverem os trabalhos ser corrigidos" – "Devemos estudar português e as matérias com ele relacionadas" (e as matérias correlatas com esse estudo – e as matérias que mantêm com essa disciplina relação) – " A Sociedade Tal é constituída dos senhores F. e F., que a ela dedicam todas as energias" (*ou*: que lhe dedicam...) – "Recebi seu pedido; fi-lo chegar às mãos do diretor".

Imagine-se Camões a escrever:

> Mas não servia ao pai, servia *à mesma*
> Que *à mesma* só por prêmio pretendia

5 – Outros empregos de *mesmo*:

a) com o significado de *em pessoa*, *próprio*, *idêntico*: "...eu sou a mesma pontualidade" – "Mas quem há de amar as moscas, sendo a mesma imundícia?" – "Cristo era a mesma Inocência" – "...como o declarou o

mesmo Cristo" – "...fundada em sua semelhança mesma" – "...de uma terra mesma nasceram duas tão contrárias";

b) para indicar com mais ênfase e distinção a pessoa ou coisa determinada pelos demonstrativos *este*, *esse*, *aquele*: "Este mesmo livro";

c) para identificar, comparativamente, uma pessoa ou coisa: "Respondeu-lhe com a mesma serenidade" – "...os mesmos e ainda maiores estragos" – "Esta roupa é a mesma de ontem" – "Exerce a mesma função de antes".

6 – Evitavam os clássicos o emprego de "até mesmo", de "ainda mesmo" e de "nem mesmo", combinações que eles substituíam por construção mais vigorosa: Até o mesmo Deus (em vez de *até mesmo Deus*), ainda a mesma natureza (em vez de *ainda mesmo a natureza*), e até as mesmas ilhas se fazem continente (em vez de *e até mesmo as ilhas...*), nem os mesmos advogados (em vez de *nem mesmo os advogados*), até a mesma inocência vos não abranda (em vez de *até mesmo a inocência...*).

7 – Três significados pode apresentar a expressão "assim mesmo":

a) *igualmente*: "Assim mesmo tratarei com el-rei" – "Pondere assim mesmo como nas Sagradas Letras";

b) *apesar disso*, *contudo*, *ainda assim*: "A prova máxima não era assim mesmo concludente" – "Quis assim mesmo o governo aliciar no círculo algum proprietário" – "Assim mesmo o autor é bonito";

c) *desse mesmo modo*, *como estais dizendo*: "Falei assim mesmo" – "Pois aconteceu assim mesmo".

8 – Os mestres de nossas letras não tinham a tola preocupação de evitar cacófatos no empregar *mesmo*: *da mesma maneira*, *na mesma miséria*, *da mesma mão*.

9 – Com a significação de *próprio*, cabe às vezes a elegante posposição do *mesmo* ao substantivo: "Em virtude da natureza mesma" – "Com admiração da gente mesma".

343 – TAL: Exemplos do emprego do demonstrativo *tal*: "Ditosa pátria que *tal* filho tem" – "E em nome *tal* és tu quem fala?" – "*Tal* era em resumo o estado político e moral da Espanha".

Notas: 1ª – o demonstrativo *tal* pode funcionar como adjetivo quando posposto a substantivo ou pronome: "Homens *tais* devem ser punidos severamente" – "Minha terra tem primores, que *tais* não encontro eu cá" (= semelhantes, desse modo).

2ª – Idêntica função exerce *tal*, quando, na frase, entra em correlação com *qual* ("Era *tal* o brilho da lua *qual* o do sol poente"), *como* ("*Tal* era o doente *como* um cadáver"), *que* ("*Tal* era a confusão, *que* dali nos afastamos") ou com outro *tal* ("*Tal* vida *tal* fim").

3ª – *Tal* funciona como pronome substantivo em frases como: "Não há *tal*" – que equivale a dizer: "Não há *tal coisa*"; "Não creio *tal*" – que é o mesmo que dizer: "Não creio *isso*"; "Quando *tal* ouviu..." (= quando ouviu *tal coisa*...).

4ª – Quanto ao emprego de *um* antes de *tal*, V. § 243, obs. 5, b.

344 – Outras expressões em que se emprega *tal*:

a) "Antônio de *tal*" (o *tal* representa o sobrenome, que não se conhece, da pessoa).

b) "*Tal ou tal*" – locução equivalente a *este ou aquele*, *um ou outro*: "O que se passou sem testemunho em *tal ou tal* coração, em *tal ou tal* espírito".

c) "*Tal qual*" (ou *tal e qual*), expressão que significa *igual*, *sem diferença nenhuma*: "*Tal qual* sem tirar nem pôr" – "Dessas brenhas contêm nossas matas *tais e quais*, mas com folhas" – V. § 583, n. 1.

d) "*Tal ou qual*", locução que significa "mais ou menos", "uma espécie de": "E era tão baixo aquele *tal ou qual* abrigo".

e) "*Outro tal*" (ou: "*outro que tal*"), que significa "semelhante a outro de que já se falou": "Na outra parte da ponte fez *outro tal* reparo" – "E talvez não fosse La Fontaine, mas foi *outro que tal*, que vale o mesmo".

f) "*Que tal*?" – locução que exprime surpresa e admiração ou equivale à interrogação "Que lhe parece?".

Funciona também como locução adjetiva, com a significação de *idêntico*, *igual*: "Em casos *que tais*, devemos agir rapidamente" – "Mas foi outro *que tal*".

g) Na expressão "*um tal de* Pedro", *um tal de* significa *certo*, e o *de* é aí expletivo como em "o pobre *do* ancião".

345 – Os demonstrativos são pronomes substantivos quando fazem as vezes do substantivo:

"Não é *este* o homem que me agrediu"
↓
pronome substantivo
(substitui *homem*)

"Este homem é perverso, mas *aquele* é pior"
↓
pronome substantivo
(substitui *homem*)

"*Aquilo* podia tê-lo matado"
↓
pronome substantivo
(= *aquela coisa*)

"Não disse *tal*"
↓
pronome substantivo
(= *isso*)

"*Este* homem é bom,
↓
pronome adjetivo
(acompanha o subst. *homem*)

aquele é mau"
↓
pronome substantivo
(substitui *homem*)

Notas: 1ª – O artigo *o* funciona também como demonstrativo neutro e, em tal caso, pode substituir tanto um nome quanto um verbo, tanto um adjetivo quanto, ainda, uma oração inteira.

"Não sei *o* (*aquilo*, a coisa) que queres".

"Não *o* fiz por gosto (não fiz *isso*)".

"Vou estudar minha lição e vou fazê-*lo* (= estudar a lição) com acuro".

"Deves ser estudioso e deves sê-*lo* sempre" (deves ser *isso*, isto é, *estudioso*).

"Quem contou esse caso? – Não importa sabê-*lo*" (não importa saber *isso*, isto é, *quem contou esse caso*).

"Sois espiã? – Não *o* sou" (não sou *isso*, isto é, *espiã*).

2ª – O demonstrativo *o* substitui as formas neutras *isto*, *isso* e *aquilo*, quando seguidas de *que*: "Oiça *o* que (= *isto* que) lhe digo" – "Não tenho *o* que (= *isso*, *essa coisa* que) me pede" – "Não compreendi *o* que (= *aquilo* que) disse o mestre".

3ª – A forma "*o* que" pode ainda equivaler a "*aquele* que", da mesma maneira que as formas "*a* que", "*os* que" e "*as* que" equivalem a "*aquela* que", "*aqueles* que" e "*aquelas* que". Embora "o que" equivalha a "aquele que", constitui italianismo o emprego invariável e contínuo de "aquele que" em vez do castiço "o que". Somente quando exigida pela clareza ou pela eufonia é que é empregada a forma "aquele que": "Esse homem é *aquele* a *que* já me referi" (e não "o a que").

Na forma *o que* (e, igualmente, nas demais) entram dois pronomes; um demonstrativo – *o* – e outro relativo – *que* – cujo antecedente é o mesmo demonstrativo *o*.

Essa será a análise de *o que*, quando encaixado num período. No período: "Não sei *o que* dizes" – o demonstrativo *o* pertence ao verbo *sei*, do qual constitui objeto direto, e o relativo *que* pertence ao verbo *dizes*, do qual constitui também objeto direto:

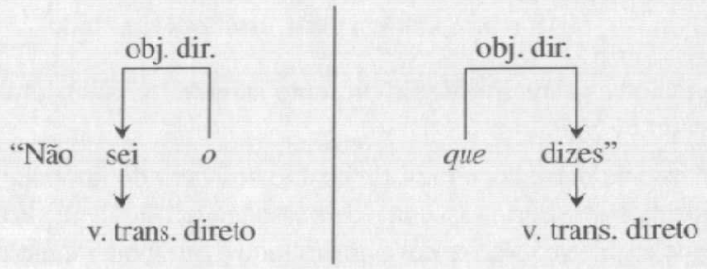

Claro está que, se o segundo verbo do período, ou seja, o verbo de que depende o "que", for transitivo indireto, o "que" deverá, como todos os complementos de verbos transitivos indiretos, vir antecedido da preposição exigida pelo verbo:

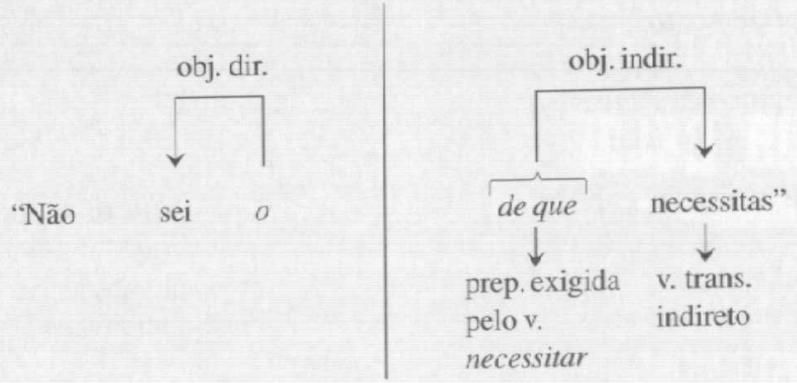

OUTROS EXEMPLOS:

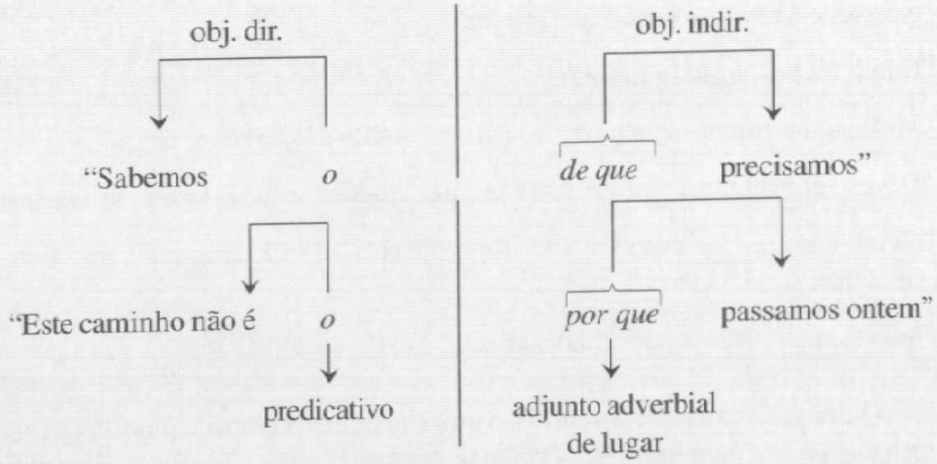

Tais construções continuarão certas se deslocarmos a preposição que rege o relativo *que* para antes do demonstrativo: "Não sei *do que* se trata" – em vez de: "Não sei *o* || *de que* se trata".

4ª – Manda a eufonia que se empreguem os demonstrativos *aquele*, *aquela* em vez de *o*, *a* em construções como: "Consoantes chiantes são *aquelas cujo* som produz chiado" e não: "...*as cujo som*..." – "Esse homem é *aquele a que* já me referi" – e não: "... é *o a que*...". (Releia a primeira parte da nota 3 deste mesmo parágrafo.)

5ª – As combinações dos demonstrativos (§ 340, n. 2) podem igualmente funcionar como pronomes:

"Não foi este homem, foi *aqueloutro*"

6ª – O demonstrativo *esse* é por vezes empregado com o seu significado etimológico (lat. *ipse* = mesmo):

"O que acreditar em mim, *esse* será escolhido"

7ª – Para maior esclarecimento do presente assunto, reproduzimos aqui um artigo nosso, publicado n'O Estado de S. Paulo:

A incúria, que de um lado vemos, do estudo dos fatos do idioma é de outro agravada pela leviandade de doutrina sobre certos assuntos de nossa gramática. Já não nos lembra o livro em que vimos taxativamente expresso: Não se deve dizer "tudo o que", mas "tudo que", por ser impossível o emprego conjunto de dois pronomes.

Além de nada explanar, essa regra é gratuita e, para o caso, inteiramente destituída de aplicação. Ao contrário de fazer graçolas em matéria gramatical, deveriam esses chocarreiros estudar um pouco mais de gramática, em suprimento do acanhado poder de raciocínio.

Julgando-nos dispensado de aqui definir classes de palavras e supondo não ser procedimento regular fazer um autor propaganda de seus livros em artigos de colaboração, trataremos do caso sem mais delongas. *Todo* possui a forma neutra *tudo*, a qual funciona ou como pronome substantivo (Quero *tudo* – Vi *tudo*), ou como pronome adjetivo, quando acompanha outra forma neutra – *tudo isso*, *tudo aquilo*: Quero *tudo isso* – Vi *tudo aquilo* – Farei *tudo isto*.

Assentemos então, desde logo, que nas orações "Quero tudo isso", "Vi tudo aquilo", "Farei tudo isto" – a palavra *tudo* é pronome adjetivo e não substantivo. O erro parte de não saberem esses truões – no plural digo porque mais de um existe – nem ao menos taxeonomicamente analisar os termos de uma oração.

Acrescentando a essas orações uma subordinada adjetiva, teremos, para dar um só exemplo: Vi tudo aquilo que você fez.

Sabemos, no entanto, que a forma articular "o" funciona também como demonstrativo neutro; exemplos: Não sei "o" que queres (= Não sei "aquilo" que queres). Não "o" fiz por gosto (= Não fiz "isso" por gosto). Troquemos, no exemplo mais acima dado, "aquilo" por "o", e teremos destruída a afirmação de invencioneiros de regras: "Vi tudo o que você fez". Neste período, "o" é pronome substantivo demonstrativo neutro, objeto direto de "vi"; "tudo" é pronome adjetivo indefinido neutro, que acompanha o "o"; "que" é pronome relativo, objeto direto de "fez", e tem por antecedente o "o" da oração anterior.

Questionário

1. Que é *demonstrativo*?
2. Quais são os *demonstrativos* da língua portuguesa?
3. Os demonstrativos que localizam podem combinar-se? Exemplos.
4. Construa um período, no qual entrem os demonstrativos *este* e *aquele*, referindo-se a dois termos antecedentemente expressos, conforme explicação feita na 1ª nota do § 341.
5. Explique a locução: "Aquelas *como* estrelas..."
6. Corrija: "Vós *mesmo*, dona Maria, deveis ir". (Justifique a correção.)
7. Numa conversa, uma senhora diz, referindo-se à própria pessoa: "Nós próprio iremos estudar o caso" – Há nessa oração erro? Por quê?
8. Que diz da expressão: "É o mesmíssimo caso"?
9. Que diz do emprego de "o mesmo", "a mesma", como substitutivos dos pronomes *ele* e *ela*?
10. Redija quatro orações, em que *tal* esteja em correlação com *qual*, *como*, *que* e *tal*.
11. Dois exemplos em que *tal* equivalha a *tal coisa*.
12. Dê exemplos seus a todos os itens do § 344, explicando o significado das expressões.
13. Construa orações semelhantes às citadas na nota 1 do § 345.
14. Analise sintaticamente as palavras grifadas da oração: "Eu fiz *o que* pediste". (§ 345: V. o primeiro exemplo da nota 3.)
15. Corrija: "Trouxe tudo que você pediu".

CAPÍTULO 21

INDEFINIDO

349 – Indefinido: Assim se chama a palavra que determina o substantivo de modo vago, de maneira imprecisa: *outro* homem, *muita* chuva, *certa* vez.

São os seguintes os nossos indefinidos:

algum	mais	qualquer
bastante	menos	quanto
cada	muito	quem quer
certo	nenhum	tanto
diferentes	outro	todo
diversos	pouco	um
		vários

Nota: *Todo é* também chamado **coletivo universal**; *cada* é chamado **distributivo**; os demais, **partitivos**.

350 – TODO: Era norma entre os escritores antigos suprimir o artigo depois do indefinido *todo*, quer viesse no singular, quer no plural: *Todo* homem, *todos* homens, *toda* parte da terra, *todas* partes, *todas* Espanhas.

Entre escritores e professores de hoje, há quem ensine que *todo* tem a significação de *cada* ou, ainda, de *todos*, quando, no singular, vem desacompanhado do artigo e que, acompanhado do artigo, esse indefinido passa a significar *inteiro*, e, assim, fazem distinção entre "*todo* homem" (= *cada* homem, *todos* os homens) e *todo o* homem (= homem *inteiro*). Cabe-nos dizer que essa distinção é gratuita e infundada; *todo* tem, de fato, a significação especial de *inteiro*, mas quando vem depois do substantivo

(e, neste caso, é adjetivo): "Eu trabalho *todo* o dia (= *cada* dia, *todos* os dias) e o dia *todo*" (= o dia *inteiro*). Vindo antes do substantivo, *todo* pode ou não significar *inteiro*, mas deve vir sempre seguido do artigo; se o plural *todos* hoje sempre vem acompanhado do artigo (*todos os* homens, *todas as* partes), nada mais simples que proceder igualmente com o singular, sem necessidade de inventar diferenciações de sentido. Se é arcaica a omissão do artigo depois do plural *todos*, pode-se dizer também arcaica essa omissão depois do singular. V. *Todo o* no D. QVs.

351 – Todo pode ainda funcionar como advérbio, quando modifica adjetivo ou verbo: "Ele está *todo* molhado" (= *totalmente* molhado) – "Ela molhou-se *toda*" (= *totalmente*).

Essa é a razão por que, em vez de "Ele molhou-se *totalmente*", podemos dizer e dizemos com igual acerto: "Ele molhou-se *todo*", como, ainda, tratando-se de nome feminino: "Ela molhou-se *toda*".

Totalmente, como verdadeiro advérbio que é, não poderá variar. *Todo*, ao invés, ao mesmo tempo que exerce função de advérbio, conserva a propriedade de adjetivo de flexionar-se, fenômeno a que se dá o nome **flexão eufônica** ou **flexão por atração**.

Nota: Idêntica função adverbial exerce *todo* em orações como estas: Ele é *todo* carinhos – Ela é *toda* meiguice – Um aspeto *todo* suspiros e um coração *todo* divindade.

352 – *Todo* possui a forma neutra **tudo**, a qual funciona ou como **pronome substantivo** (Quero *tudo* – Vi *tudo*), ou como **pronome adjetivo**, quando acompanha outra forma neutra: **tudo** isso, **tudo** aquilo.

Notas: 1ª – Quando seguido de *que*, *tudo* reclama o pronome **demonstrativo** *o*: *Tudo o* que vi, *tudo o* que diz (= tudo *aquilo* que vi; tudo *aquilo* que diz) – V. **nota 7** do § 345.

2ª – *Todos os dois* não é expressão portuguesa; devemos evitá-la, empregando em seu lugar *ambos* ou *os dois* (§ 291).

353 – ALGUM: O indefinido *algum* tem, além de seu sentido usual de *um*, *qualquer* ("*Alguma* coisa deve ter acontecido"), outras significações:

1ª – Pode significar *nenhum*, quando, empregado em orações de sentido negativo, vem posposto ao substantivo: "Não houve coisa *alguma*" – "De modo *algum* pude convencê-lo".

2ª – Significa *certo*, *um pouco de*: "Ele tem *algum* jeito para desenho".

3ª – Entra na locução adverbial *algum tanto*, com a significação de *mais ou menos*: "Ele está *algum tanto* embaraçado".

354 – *Algum* possui, além da forma feminina *alguma*, as formas *cognatas*[1] *alguém* e *algo*, formas que funcionam como pronomes, sendo *alguém* pronome de pessoa ("*Alguém* – alguma pessoa – esteve aqui") e *algo* (forma neutra: § 183) pronome de coisa: "*Algo* (alguma coisa) lhe aconteceu".

Notas: 1ª – *Algo* pode funcionar como advérbio em frases como estas: Ele está *algo* doente (= algum tanto doente) – Foi esse um gesto *algo* desairoso (= um pouco desairoso).

2ª – A palavra *fidalgo* deriva de *filho d'algo*, isto é, "filho de alguma coisa", em oposição aos filhos de nada, aos filhos das ervas, o povo: "Todas as donzelas *filhas d'algo* se levavam à corte da rainha".

3ª – *Algures* é outro cognato de *algum*: significa "em algum lugar", "em alguma parte": "Você o encontrará *algures*". *Algures* contrapõe-se a *nenhures*, que significa "em nenhum lugar", havendo ainda outro advérbio de terminação semelhante, *alhures* (que se prende ao francês *ailleurs*, do latim *aliorsum*), que significa "em outro lugar": "*Alhures* você terá saúde e conforto". V. *em*, *9*, no D.QVs.

355 – NENHUM: A diferença existente entre *nenhum* e *algum* consiste apenas em ser *nenhum* forma negativa de *algum*, como igual é a diferença entre as formas *alguém* e *ninguém*, entre *algo* e *nada*.

Nada, de valor negativo (= nenhuma coisa), é forma neutra (§ 183) frequentemente usada: "*Nada* impedirá seu triunfo" – "Ele não sabe *nada*" – "Ele *nada* disse" – o que não se dá com o positivo *algo*, empregado apenas por eruditos. *Nada*, à semelhança de *algo*, pode funcionar como advérbio, quando modifica adjetivo: "Ele não ficou *nada* perturbado".

Nota: *Nenhum* provém da junção de *nem* + *um*, havendo entre aquela forma sintética e esta analítica diferença de energia de expressão; a forma analítica é mais forte: "*Nem um* homem é capaz, muito menos uma criança" (= *nem mesmo um* homem, *nem sequer um* homem...). Também é usado no plural: *nenhuns* vestígios.

356 – OUTRO: Possui este indefinido, além do feminino *outra*, as variantes *outrem* e *al*, sendo a primeira pronome de pessoa e a segunda pronome de coisa.

---

(1) Não se confundam os termos *cognato* e *derivado* (§ 174); uma palavra é *derivada* de outra quando tem *tema* comum:

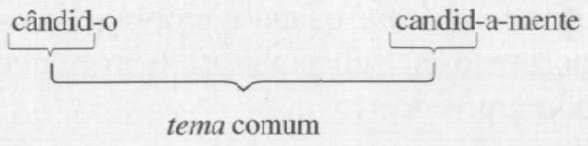

Para que duas ou mais palavras sejam *cognatas*, basta possuírem *raiz* comum:

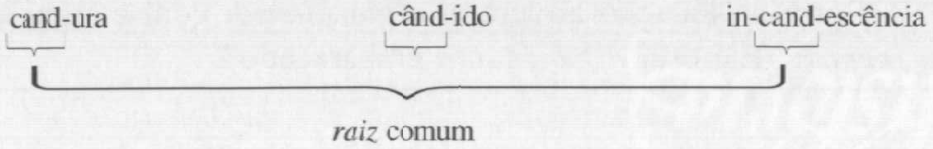

As formas pronominais adjetivas admitem antes de si artigo ou outro pronome adjetivo: *Os outros* homens, *algumas outras* coisas, *nenhum outro* meio, *estes outros* livros.

Outrem, que significa *outra pessoa* ou *outras pessoas* ("O bem que *outrem* merece"), era antigamente acentuado oxitonamente, como *alguém*, *ninguém*.

Al arcaizou-se; em provérbios antigos é que se encontra essa forma neutra (§ 183), que significa *outra coisa, o mais, tudo o mais*: "Como vires o faval, assim espera pelo *al*" – "As mãos no pandeiro e em *al* o pensamento".

Na linguagem de direito ainda aparece em fórmulas consagradas: "e *al* não disse" (= e *outra coisa* não disse), "se por *al* não estiver preso".

Notas: 1ª – V. § 243, B, 5.ª obs., letra *a*.

2ª – *Outro* pode significar: *diferente* (Tens tu outra vontade – Ficou outro do que era), *superior* (Aquilo é outra fazenda – Leva ele hoje outra vida), *igual, semelhante* (O Cairo é outra Constantinopla – Não há outro eu – Quem vê um vê o outro), *qualquer pessoa* (Outro fará melhor), *segundo, terceiro*... (Tens um filho em Londres, outro em Paris e outro no Rio), *seguinte, imediato* (De um ano para outro).

3ª – Expressões diversas: *Outro dia* (= qualquer dia: Fá-lo-emos outro dia). *Outro tempo* (= outrora: Eu que outro tempo contava pelos dias meus triunfos). *Temos outra*! (locução em que se exprime existência de mais uma coisa que nos causa espanto) *Como diz o outro* (= como se diz vulgarmente). *Por outra* (= isto é, por outras palavras: Jesus Cristo, por outra, o redentor da humanidade).

4ª – Junta-se aos pronomes pessoais *nós* e *vós* e aos demonstrativos *este, esse, aquele* (§ 340, n. 2): E vós outros que os nomes usurpais... – Nós outros sem a vista alevantarmos...

357 – MUITO, POUCO, MAIS, MENOS, TANTO, QUANTO: Estes indefinidos podem, na frase, ter diversas funções:

1 – São pronomes adjetivos indefinidos quando modificam substantivo expresso: "*Muita* parra e *pouca* uva" – "*Mais* amor e *menos* confiança" – "*Quantas* cabeças, *tantas* sentenças" – "Há *mais* (maior) tempo".

Nota: *Mais* e *menos*, quer funcionem como pronomes adjetivos, quer como advérbios, são sempre invariáveis; erro gravíssimo constitui a flexão de *menos*: "Mais amor e men*as* confiança".

2 – São pronomes substantivos indefinidos quando não se referem a nome expresso na frase: "*Muitos* padecem pelo erro de *poucos*" – "*Quanto* queres?" – "Não quero que me pague *tanto*" – "Ele perdeu *mais* do que eu" – "Há *muito* que fazer".

3 – São advérbios de intensidade quando modificam adjetivo, verbo ou outro advérbio: "Pedro é *mais* douto do que Paulo" – "Ele bebe *muito*" (= em grande quantidade) – "Em circunstâncias *menos* apertadas...".

Nota: *Pouco a pouco, pouco e pouco, a pouco e pouco* são locuções adverbiais. A forma *a pouco a pouco* é errada.

São também locuções adverbiais: *mais ou menos, mais e mais* – "Seguiam-se muitos aposentos *mais ou menos* escuros" (com maior ou menor intensidade) – "As divergências tinham distanciado *mais e mais* os partidos" (cada vez mais).

4 – São pronomes substantivos quando precedidos de artigo, de pronome adjetivo ou de numeral: "Quem tem *o mais* tem *o menos*" – "Quem é fiel n*o menos*, também é fiel n*o mais* e o que é injusto n*o pouco*, também é injusto n*o muito*" – "Espero ganhar *outro tanto*" – "Minha bagagem tem *dois tantos* da sua".

Notas: 1ª – Na expressão "o mais das vezes", *mais* significa *o maior número, a maior porção*; outros exemplos: "Viviam o mais do tempo juntas" – "Passei o mais da tarde repousando".

2ª – Não é possível a construção: "As leis sociais tornaram-se *as* mais avançadas *possíveis*". Que concordância é essa? Que tem que ver a locução adverbial – invariável como todo o advérbio – com o gênero e com o número do substantivo *leis*? A locução é invariável porque é adverbial; é adverbial porque modifica o adjetivo *avançadas*, e não o substantivo *leis*. O certo será: *As leis sociais tornaram-se o mais avançadas possível* – ou, noutra ordem: *As leis sociais tornaram-se avançadas o mais possível* – ou ainda: *...o mais possível avançadas*.

Não devemos redigir: "Estes são os alunos mais atrasados possíveis" nem: "Estes alunos são os mais atrasados possível".

Notemos que em qualquer dessas orações entra a locução adverbial *o mais possível*, locução que não poderá variar, seja qual for a ordem de seus termos, isto é, o *o* deverá ficar sempre no singular, como deverá ficar o *possível*: "Estes alunos são o mais atrasados possível" – "Estes são os alunos o mais atrasados possível" – "Pintam quadros o mais belos possível", podendo ainda variar a expressão: "Estes alunos são quanto possível atrasados" – "Pintou quadros quanto possível belos".

358 – BASTANTE: *Bastante* varia em número quando adjetivo, isto é, quando acompanha substantivo: Procuração *bastante* (= que confere poderes judicialmente necessários para determinados fins), procurações *bastantes* – Fiador *bastante* (= que tem bens suficientes para suprir a falta de pagamento pelo devedor), fiadores *bastantes*.

É pronome substantivo em orações como: "Possuo de tudo *bastante*".

Permanece invariável quando advérbio, isto é, quando modifica adjetivo, verbo ou advérbio: "Estamos *bastante* contentes" (e nunca: "Estamos *bastantes* contentes").

Nota: Não devemos empregar adjetivamente *bastante* com a significação de "em grande quantidade"; frases como "Encontrei bastantes conhecidos na cidade" não são corretas.

359 – CERTO: É indefinido quando antecede substantivo: *Certa* pessoa, *certo* dia, em *certos* tempos.

Quando posposto a substantivo, *certo* é adjetivo e indica que é *verda-*

deiro, infalível: "Cálculo *certo*" – "Sinal *certo* de chuva". Com esta acepção, pode substantivar-se: "Deixar o *certo* pelo duvidoso" – "O *certo* é que assim aconteceu".

Funciona como advérbio, com a significação de *certamente, com certeza*: "Não podia *certo* haver suspeita" – "São duras de ouvir, *certo*".

Certo entra nas seguintes locuções adverbiais: 1) *Ao certo* (com certeza, com exatidão): "Não sei *ao certo* se virá a São Paulo" – "Era um alqueire de trigo *ao certo*". 2) *De certo* (certamente): "Era o paraíso *de certo*". 3) *Por certo* (certamente, seguramente): "Alegria mui grande foi *por certo* acharmos já pessoas que saibam navegar".

Não é português o emprego da locução "na certa" pelo advérbio *certo, certamente*. Corrijamos "Seria um desastre na certa" para "Seria um desastre *certo*". Lembremo-nos de Camões: "Coisa *certo* de alto espanto" – "*Certo* me tem maravilhado".

Notas: 1ª – Na linguagem familiar, as locuções *de certo, com certeza* são empregadas com sentido dubitativo: "*De certo* ele vai" (= *talvez* ele vá).

2ª – Como indefinido, *certo* não admite o indefinido *um*: V. § 243, B, 5ª obs., letra b.

360 – DIFERENTES, DIVERSOS, VÁRIOS: Estas palavras são indefinidos quando antepostas a substantivos: "Encontrei-me com *diferentes* pessoas" – "*Diversas* vezes o avisei" – "*Vários* casos se deram de paralisia".

Pospostas, são adjetivos e dão à expressão sentido diferente, como facilmente se pode deduzir destes exemplos:

indefinidos	**adjetivos**
diferentes homens	homens *diferentes*
várias bebidas	bebidas *várias*
diversos casos	casos *diversos*

361 – QUALQUER: É sempre indefinido e serve para indicar indivíduo, lugar, objeto indeterminado e equivale a *um, outro, este, aquele*; tem por plural *quaisquer* (§ 224): "O indolente muda *quaisquer* propósitos tomados" – "*Qualquer* que assim pense, pensa errado".

Notas: 1ª – Não é português o emprego de *qualquer* em orações negativas com a significação de *nenhum*: "Não vejo *qualquer* pessoa capaz disso" – "Não há *qualquer* indício" – Deve-se dizer: "Não vejo *nenhuma* pessoa..." – "Não há *nenhum* indício".

O correto emprego de *qualquer* em orações negativas se dá em exemplos como este: "*Não* tome *qualquer* remédio", onde de forma alguma *qualquer* tem a significação de *nenhum*. Quem assim impera não está proibindo que se tome remédio; ao contrário, impera que se tome algum, mas não um qualquer.

Ajudar-nos-á a evitar o emprego de *qualquer* pensar que *qualquer* significa "qual você queira": "Nomearei qualquer pessoa" (oração positiva) – "Não nomearei qualquer pessoa" (é a mesma oração

anterior, agora negativa; a primeira não diz que nomearei uma pessoa, senão uma qualquer; a segunda diz que nomearei uma pessoa, não porém uma qualquer); *qualquer* aí nunca significou nem pode significar *nenhum*. V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "Não dei nenhuma informação".

2ª – Não se deve dizer "*Qualquer um* faz isso", construção francesa; em português se diz *qualquer pessoa, uma pessoa qualquer, uma qualquer pessoa*. Falando de "histórias", Castilho redige: "Pedi-lhe *uma qualquer*".

362 – CADA: Este indefinido, denominado *distributivo*, é invariável e significa *todo*, *qualquer* dentre certo número de pessoas ou de coisas: "*Cada* homem tem direitos e deveres" – "*Cada* coisa no seu lugar".

Cada une-se a *qual* – *cada qual* – e a *um* – *cada um* – formas que, atualmente, não vêm acompanhadas de substantivo: "*Cada um* come do que gosta" – "*Cada qual* fará o que melhor lhe parecer".

Cada não pode anteceder substantivo no plural (*cada férias*), a não ser que o substantivo venha antecedido de numeral: *cada duas férias*.

Nota: Aos ouvidos de quem no Brasil nasceu, conquanto iletrado ou analfabeto, estranham frases, por estrangeiros proferidas, como estas: "Vou *cada* dia à casa dele" – "Estudo português *cada* dia".

É construção corrente em eruditos imigrantes de certos países e de correção difícil para muitos. Vendo no dicionário *todo* e *cada* como sinônimos e ouvindo em construções comuns a expressão *cada dia*, julgam-na apropriada para toda e qualquer frase, desconhecedores da diferença fundamental entre esses dois indefinidos.

Cada é certamente sinônimo de *todo*, mas é distributivo, e nisto reside a diferença de emprego. Quando se diz "Cada dia faço uma coisa", distribuem-se as coisas pelos dias, e a construção é portuguesa. Quando, porém, diz um alienígena: "Vou à casa dele cada dia", "Faço a barba cada dia", nenhuma distribuição faz, e a construção, errada como está, corrigida deve ser para: "Vou à casa dele todo o dia", "Faço a barba todo o dia".

Todo é coletivo: universaliza, iguala, engloba. *Cada* é distributivo: particulariza, diferencia, especifica. Dissesse o estrangeiro "Faço a barba cada dia com uma lâmina", "Vou cada dia à casa de um parente", estaria distribuindo, diferenciando e, portanto, acertando.

Diferente é o significado entre "Vou todo o dia à casa de um parente" e "Vou cada dia à casa de um parente". Na primeira oração, o parente visitado é um só, ao passo que na segunda, como ficou dito, há a distribuição: hoje visito um, amanhã outro parente.

Não cabendo, pois, a significação distributiva, deve-se empregar *todo*. Citemos mais exemplos, para maior evidência da significação distributiva do indefinido *cada*: "Cada macaco no seu galho" (um, num galho; outro, noutro) – "Cada coisa em seu lugar" (isto, aqui; aquilo, ali) – "O pão nosso de cada dia" (hoje, um; amanhã, outro) – construções todas certas, dada a distribuição nelas contida.

363 – UM: V. § 283, *a*, c, *d*.

Questionário

1. Que é *indefinido*?
2. Que diz do sentido de *todo* e do emprego do artigo depois desse coletivo? Dê três exemplos, um com *todo*, outro com *todas* e o terceiro com *tudo*.
3. Que vem a ser flexão eufônica? Explique essa questão com relação a *todo*.
4. "Farei tudo que puder": Onde o erro dessa construção? (**nota 7** do § 345).
5. Que diz das expressões *todos os dois* e *ambos os dois*?
6. Quais os significados de *algum*? Exemplos.
7. Quando duas palavras são cognatas? Exemplos.
8. Exemplos do emprego dos neutros *algo*, *nada* e *al*.
9. Entre *nenhum* e *nem um* qual a diferença? Exemplos.
10. É certo dizer: "Ela tem menas paciência"?
11. É correta a oração "Vi *bastantes* coisas"? (Responder somente *sim* ou *não*; V. a nota do § 358.)
12. "Devemos agir com uma certa prudência": Onde o erro dessa oração?
13. Qual a precaução que devemos ter no emprego de *qualquer*?
14. Corrija: a) Não recebi qualquer ajuda para formar-me em engenharia. b) Não tenho qualquer meio para socorrê-lo. c) Estou sem qualquer recurso para viajar. d) Nunca encontrará você qualquer pessoa melhor para o cargo. e) Por que castigá-lo se ele não fez qualquer coisa de grave?

CAPÍTULO 22

INTERROGATIVO

365 – Interrogativos: São assim chamados *que*, *quem*, *qual* e *quanto*, quando participantes de orações interrogativas: "*Que* horas são?" – "*Que* hora é?" – "*Quem* disse?" – "*Qual* homem isso conseguirá?" – "*Quantos* soldados devemos mandar?" – "*Quanto* queres?"

366 – É importante observar que uma palavra que se presta para interrogações pode prestar-se igualmente para admirações: "*Quantos* soldados tem você?" – "*Quantos* soldados tem você!"

Outros exemplos: "*Que* homem?" "*Que* homem!" – "*Quanto* gastaram?" "*Quanto* gastaram!" – "*Quem* me dera!"

De igual maneira, a expressão *que de* (= *quanto*, *quanta*, *quantos*, *quantas*), seguida de substantivo no singular ou no plural, pode figurar em orações exclamativas ou interrogativas: "*Que de* vantagens há nisso!" – "*Que de* vantagens há nisso?"

Nota: Na expressão interrogativa "Que é de?" subentende-se a palavra "feito": "Que é do sorriso?" (= Que é feito do sorriso?), "Que é dele?" (= Que é feito dele?). Nunca deveremos dizer *quéde* ou *quedê* ou, o que é ainda pior, *cadê*.

367 – Não constitui construção sintaticamente legítima o emprego da forma "o que" como pronome interrogativo, embora comum no linguajar do povo e, mais ainda, encontrado em bons escritores: *O que* sois? (Gonç. Dias) – *O que* será, padre? (Garrett) – *O que* te fez, meu filho? (Odorico Mendes) – *O que* será feito de frei Timóteo? (Alex. Herculano) – *O que* fariam eles? (Latino Coelho) – *O que* era isto? (Camilo) – *O que* são sílabas? (Aulete).

Também o espanhol luta com o popular interrogativo "el que". Não é construção legítima, porque o "o" (ou o "el" espanhol) nenhuma função sintática fica exercendo na oração; emprega-se somente quando estritamente necessário para a eufonia, o que se dá quando o "que" vem depois do verbo: "Fez ele *o quê*?" – "Mandarás *o quê*?"

Iniciando a oração, o "que", mais castiçamente, deverá vir desacompanhado do "o", porque neste caso é sintática e eufonicamente inútil: "*Que* queres?" – "*Que* há?" – "*Quê*?!"

Questionário

1. Quais os *interrogativos* portugueses?
2. Por que essas palavras se chamam interrogativos?
3. Entre "Que há?" e "O que há?", que construção devemos preferir? Por quê?
4. Declare a função de "o" na oração "Você viu o quê?"

CAPÍTULO 23

RELATIVO

371 – **Relativo** é a palavra que, vindo numa oração, se refere a termo de outra. São estes os relativos da língua portuguesa:

o qual	*quem*
que	*cujo*

372 – **O QUAL**: Esta locução pronominal tem como função pôr em relação termos iguais, isto é, unir um termo *antecedente* a outro termo *consequente* idêntico (*antecedente* = que vem antes; *consequente* = que vem depois), notando-se que o consequente quase sempre se omite: "O homem, *o qual* (homem) eu vi" – "Os negócios *dos quais* (negócios) queríamos tirar provento":

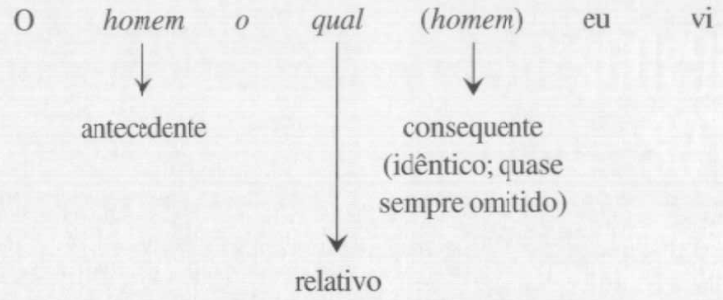

O consequente só se repete quando exigido pela clareza ou para dar ênfase à expressão: "...aparece um pronome oblíquo, da mesma pessoa que o sujeito, sem o qual *pronome* o verbo não poderá indicar reflexibilidade".

373 – *Qual* é elegantemente usado como *partitivo*, ou seja, para indicar *parte de um todo*: "Todos esperavam, *qual* muito *qual* pouco" (uns deles esperavam muito, outros esperavam pouco) – "*Qual* mais, *qual* menos, toda a lã é pelo" – "Deve o médico saber *quais* doenças são incuráveis

e *quais* têm dificultosa cura" – "Deputa-os desde logo aos vários ofícios, *quais* para geração, *quais* para as sacras aras, *quais* para a lavra rija" –

"*Qual* do cavalo voa, que não desce;
Qual co'o cavalo em terra dando, geme;
Qual vermelhas as armas faz de brancas;
Qual co'os penachos do elmo açoita as ancas"

374 – *Qual* é ainda empregado, precedido da preposição *a*, com a significação de *cada qual*: "As horas desse dia foram contadas minuto a minuto, *a qual* mais pesado e lento de volver, quanto mais se aproximava o derradeiro" – "Um sistema de regras, *a qual* mais oposta".

375 – Outros empregos de **qual**:

1 – Denota, às vezes, *negação*: "*Qual* médico ou *qual* doutor! não passo de um rachador!"

2 – Emprega-se, isoladamente, para exprimir dúvida ou negação: "*Qual!* tudo isso é frioleira".

Observações:

Qual entra em outras expressões também de dúvida ou negação: "*Qual* lá!" – "*Qual* história!" – "*Qual* nada!"

376 – **QUE**: Poucas vezes se usa a locução pronominal relativa *o qual*; na maioria das vezes é substituída por *que*, palavra esta que irá então exercer a função de pronome substantivo, pois *representará*, *substituirá* o antecedente:

"O homem *que* eu vi"
↓
pronome substantivo
(substitui *homem*)

A forma *o qual* é empregada quando necessária à clareza do período: "Uma herança honrada de avós, *a qual* era preciso salvar". Se nessa oração o autor tivesse empregado *que*, o sentido teria ficado prejudicado, pois não saberíamos se o pronome *que* estaria substituindo o antecedente *herança* ou *avós*; o emprego de *o qual* esclarece o antecedente.

Eis, pois, um cuidado que devemos ter: não empregar o pronome *que* quando houver mais de um antecedente a que possa referir-se; assim, o período: "Estivemos na escola da cidade *que* foi fundada em 1856" – não tem sentido claro, pois não sabemos se a *escola* ou a *cidade* foi fundada em 1856; impõe-se um torneio à construção, de acordo com o sentido que se quer dar: "Naquela *cidade*, estivemos na *escola* que foi fundada em 1856".

Observação:

Note-se a diferença de sentido entre as expressões: "O chapéu de palha que comprei" e "O chapéu da palha que comprei"; na primeira, o *que* refere-se a *chapéu*, sendo, pois, *chapéu* a coisa comprada; na segunda, o *que* refere-se a *palha*, sendo esta a coisa que se comprou. O que motiva a diversidade de sentido é a ausência do artigo no primeiro exemplo e sua presença no segundo. Quando, porém, os dois elementos que antecederem o pronome *que* estiverem determinados pelo artigo, o sentido da expressão poderá tornar-se ambíguo conforme há pouco vimos; outro exemplo dessa ambiguidade temos nesta construção: "A glória da virtude que é constante...", onde não sabemos qual a coisa que é constante, se a *glória* ou se a *virtude*.

377 – O pronome relativo *que* sempre abre uma oração, e funciona ou como *sujeito* ou como *complemento* do verbo dessa oração:

"O homem	*que* (o qual ↓ homem) → obj. dir. de *vi*	*eu vi* → suj. de *vi*	morreu"
"O homem	*que* (o qual ↓ homem) → suj. de *convidou*	*nos* convidou → obj. dir. de *convidou*	saiu"
"A carta	*de que* → obj. ind. de *depende*	depende	*meu destino* → suj. de *depende*	chegou"

Notas: 1ª – Fique, pois, claro: Se o relativo *que* abre uma oração, ele pertence ao verbo que vem depois. No primeiro exemplo dado, o *que* pertence a *vi*. Conseguintemente, a função sintática do *que* deve ser examinada em relação com esse verbo. Outro exemplo: "Não conheço o livro a que você se refere"; o *que* pertence ao verbo *referir-se*, razão pela qual é preciso colocar a preposição *a* antes, pois quem se refere, refere-se "a" alguma coisa.

2ª – A palavra *que* pertence a várias classes de palavras, o que se pode comprovar pelo *Índice Analítico*. É, no entanto, fácil saber se é pronome relativo, pois será sempre conversível em "o qual" (a qual, os quais, as quais). Esta possibilidade de substituição não quer dizer que o devamos sempre substituir por *o qual*; ao contrário, tal substituição só se deve fazer quando exigida pela clareza ou pela eufonia (V. § 376).

378 – **QUEM**: O relativo *quem* equivale a dois pronomes: *o que* (ou *aquele que*). Suponhamos a construção: "Eu estimo *quem* me estima"; é imprescindível, para efeito de análise, a separação do *quem* nos seus dois pronomes equivalentes:

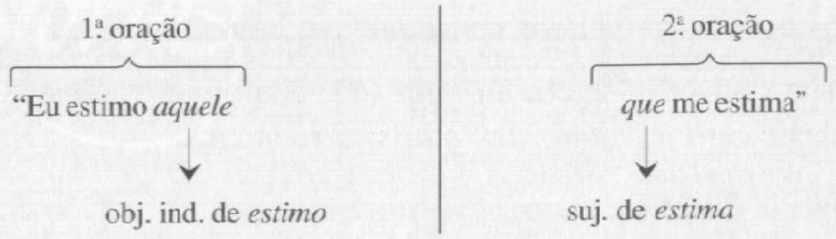

Vê-se daí a dupla função do *quem*; em virtude do antecedente que em si encerra, ele é objeto direto de *estimo* e, ao mesmo tempo, em virtude do relativo *que*, funciona como sujeito de *estima*.

379 – Quando o verbo que antecede o *quem* e o verbo que se lhe segue são diferentes com relação à regência, é preciso desdobrar o *quem* nos seus dois elementos, a fim de que cada elemento funcione de acordo com a regência do respectivo verbo:

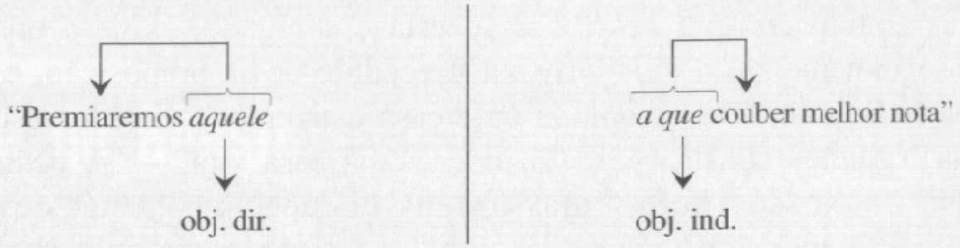

e não: "Premiaremos *quem* couber melhor nota".

Notas: 1ª – *Quem* pode ser objeto indireto do verbo antecedente e, ao mesmo tempo, sujeito do consequente ("Escrevo a quem me escreve"); o que não pode ser é objeto direto e indireto ao mesmo tempo, nem objeto indireto de dois verbos que exigem preposições diferentes.

2ª – O "que" pode, indiferentemente, referir-se a *pessoa* ou *coisa*, ao passo que o "quem" só pode referir-se a *pessoa*.

3ª – Funciona como partitivo e equivale a *um... outro*; *este... aquele*: "*Quem* se afoga nas águas encurvadas, *quem* bebe o mar e o deita juntamente".

380 – CUJO: Este relativo jamais pode ligar dois termos idênticos; é erro, e dos grandes, dizer "O homem *cujo* (homem) eu vi".

Cujo sempre indica posse, e pode ser desdobrado em um complemento que também indique posse. Exemplos: "Devemos socorrer João, *cuja* casa se incendiou" (*a casa do qual*) – "A mala, *cuja* chave se perdeu, não será usada" (*a chave da qual*) – "A parede, *cuja* pintura se estragou, deve ser enfeitada" (*a pintura da qual*).

Vê-se claramente que o termo *antecedente*, isto é, o termo que vem antes do *cujo*, é sempre o *possuidor*, sendo o termo que vem depois do *cujo*, ou seja, o termo *consequente*, a coisa possuída; daí a conclusão clara: O relativo *cujo* sempre une termos diferentes.

381 – Abreviadamente, assim poderemos formular as condições que o *cujo* exige para o seu perfeito uso:

1ª – Possuir *antecedente* e *consequente diferentes*.

2ª – Poder converter-se em *do qual* (ou, conforme o número e o gênero do antecedente, em *da qual, dos quais, das quais*).

3ª – Indicar *posse*.

Nota: Os clássicos empregavam o *cujo* sem o antecedente expresso: "*Cuja* é esta casa?" – "Não sei *cujo* é este livro" – "Tu mandas o seu a *cujo* é" (= Tu mandas a cada um o que lhe pertence). Esse emprego é perfeitamente de acordo com o latim, mas hoje desusado; por outras palavras: o *cujo*, no português hodierno, funciona como pronome adjetivo e não como pronome substantivo.

382 – *Cujo* admite – e *exige* – antes de si preposição, quando o verbo que se lhe seguir a exigir; assim, constitui erro redigir: "O homem cuja casa estivemos", porque "quem está, está *em* casa"; é isso sinal de que o verbo *estar*, no sentido em que nessa oração está empregado, exige a preposição *em*; conseguintemente, o *cujo* deve vir precedido dessa preposição, e a construção correta será: "O homem *em* cuja casa estivemos". Erradas estão, portanto, as seguintes construções: "A moça, cuja casa vim" – "A pessoa, cuja casa fui" – "Nosso chefe, cujas ordens obedecemos", que devem ser corrigidas: "A moça, *de* cuja casa vim" – "A pessoa, *a* cuja casa fui" – "Nosso chefe, *a* cujas ordens obedecemos".

Somente quando o verbo posposto ao *cujo* não exigir preposição é que o relativo *cujo* deixará de vir antecedido de preposição. Exemplos: "O homem, cujo filho conheço..." – "O papel, cujos bordos dobrei...".

Nota: Jamais devemos colocar artigo depois do relativo *cujo*. "A casa cuja *a* porta..." – "O homem cujo *o* braço..." – são frases inteiramente erradas.

Questionário

1. Que é *relativo*?
2. Quais são os relativos portugueses?
3. Quais os outros empregos de *qual*? Dê um exemplo de cada significação.
4. Por que palavra pode ser substituída a locução pronominal "*o qual*", e que função exerce a palavra que a substitui? Exemplos (§ 376).
5. Está claro o sentido deste período: "Vi o filho do amigo que está doente"? Por quê? (A troca do *que* por *o qual* não elimina a ambiguidade.)
6. Analise o *quem* do período: "Eu estimo quem me estima".
7. Qual a diferença de função conjuntiva entre os relativos "que" e "cujo"?
8. Quais as condições para o perfeito emprego do relativo *cujo*? Exemplos.
9. Construa três orações em que o *cujo* venha antecedido de preposição. (Cada oração com preposição diferente.)
10. Corrija: "O navio cujo o casco se partiu soçobrou".

11. Reproduza, corrigidos, os seguintes períodos(*) – (Além de estudar a nota 1 do § 377, o aluno deve recordar muito bem a nota 3 do § 345):

a) Trar-lhe-ei um presente que você irá gostar muito.

b) Este é um trabalho que me dediquei de corpo e alma.

c) É admirável a lealdade que João tem procedido e que tem dado tantas provas.

d) Dê-me o troco do dinheiro que você pagou a entrada.

e) É um caso que todos estão interessados.

f) Manga é a fruta que eu mais gosto.

g) Metaplasmos por adição são os que se acrescentam sons ou letras aos vocábulos. (V. nota 4 do § 345.).

12. Corrija os três períodos seguintes; neles deve aparecer "cujo" em lugar de "que seu" (a correção obriga a mudança de ordem de certos termos):

a) O xadrez é um jogo *que* nunca pude aprender *suas* regras.

b) Palavras enclíticas são aquelas *que* se apoia *seu* acento na palavra anteposta.

c) Língua extinta é aquela *que* não possuímos prova de *sua* existência.

13. Reproduza, corrigida, esta passagem: "...coisas ou pessoas que alguns acreditam na existência".

*

É falha a cultura sem o conhecimento do idioma pátrio.

(*) No responder aos itens da pergunta 11, só troque o "que" por "o qual" na letra "g". Deve o aluno saber que essa troca só é feita quando exigida pela clareza ou pela eufonia (§ 376).

CAPÍTULO 24

VERBO

Quanto à Voz

386 – Para a conclusão do estudo do pronome, teríamos de ver ainda duas questões: a *colocação dos pronomes oblíquos* e as diversas *funções do pronome "se"*. A primeira delas não pode ser tratada na morfologia, porque exige conhecimentos da própria sintaxe. A segunda questão – muito importante – irá exigir uma alteração na ordem da gramática, o que já uma vez foi feito, com grandes vantagens para o aluno, com a parte referente ao verbo quanto à predicação.

387 – Outra parte importante da morfologia é a que estuda o verbo com relação à *voz*. Considerado sob tal relação, o verbo pode ser: *ativo*, *passivo*, *reflexivo* e *neutro*.

388 – **Voz ativa**: O verbo de uma oração está na *voz ativa* quando a ação é evidentemente *praticada* pelo sujeito; este, em tal caso, é o *agente da ação verbal*. Exemplos: "O caçador *matou* o tigre" – "Ele *passou* de ano" – "Pedro *voltará* amanhã".

Nessas orações, os verbos *matou*, *passou* e *voltará* indicam ações praticadas pelos respectivos sujeitos: *caçador*, *ele* e *Pedro*.

389 – **Voz passiva**: Acontece muitas vezes que a pessoa ou coisa, a que se atribui a ação verbal, recebe a ação em vez de praticá-la. Na primeira das orações acima ("O caçador *matou* o tigre") *o caçador* é o sujeito de *matou*; nestoutra oração: "O caçador *foi morto* pelo tigre", o sujeito conti-

nua sendo o mesmo (Quem foi morto? – *O caçador*), pois é a ele que se atribui o fato de *ser morto*, mas, agora, o sujeito não pratica, e, sim, recebe a ação verbal.

Mas então o *caçador* deixou de ser sujeito? – Não. Mas como não, se não foi ele quem praticou a ação de *matar*? – Realmente, mas a ação agora expressa não é a de *matar*, mas a de *ser morto*.

Por que essa diferença? – Porque no primeiro caso o verbo está na *voz ativa* e, no segundo, na *voz passiva*.

Voz passiva é, pois, a que expressa uma ação *sofrida*, *recebida* pelo sujeito; o sujeito, nesse caso, é *paciente* ou *recipiente* da ação verbal.

Notas: 1ª – A palavra *passivo* prende-se à mesma raiz latina de *paixão* (lat. *passio, passionis*); ambas têm relação com *sofrer*, *padecer* (*Paixão* de Cristo = *sofrimento* de Cristo); daí a significação de voz "passiva": voz que expressa ação *sofrida* pelo sujeito.

2ª – É indiferente dizer "verbo passivo" ou "verbo da voz passiva"; ambas as expressões significam a mesma coisa. Igualmente, pode-se dizer "verbo ativo" ou "verbo da voz ativa". Quando se diz que tal verbo "está na voz passiva", indica-se que o sujeito recebe a ação.

390 – Nas orações passivas, a pessoa ou coisa que pratica a ação aparece sob a forma de complemento, o qual se chama **agente da passiva**:

O caçador	*foi morto*	*pelo tigre*
↓	↓	↓
sujeito (paciente)	verbo *matar* (voz passiva)	agente de passiva

Notas: 1ª – Essa mesma oração, na voz ativa, será:

O	*tigre*	*matou*	*o*	*caçador*
	sujeito	verbo ativo		obj. direto

O sentido desta oração é perfeitamente idêntico ao da oração anterior. Vê-se, daí, que uma oração da voz ativa pode, *sem alteração de sentido*, ser convertida em outra oração da voz passiva. Para isso: 1º – coloca-se o objeto da ativa (recipiente da ação verbal) como sujeito da passiva (para continuar como recipiente da ação verbal); 2º – o sujeito da ativa (praticante da ação verbal) coloca-se como agente da voz passiva (para continuar como praticante da ação verbal); 3º – coloca-se o verbo na voz passiva, obedecendo-se ao mesmo tempo (presente, passado ou futuro). Outros exemplos:

VOZ ATIVA	VOZ PASSIVA
"Eu fiz isso"	"Isso foi feito por mim"
Eu (praticante)	Isso (recipiente)
fiz (verbo ativo)	foi feito (v. passivo)
isso (recipiente)	por mim (praticante)
"Pedro soltará o pássaro"	"O pássaro será solto por Pedro"
"Você estuda as lições"	"As lições são estudadas por você"

2ª - O agente da passiva costuma aparecer acompanhado da preposição *per* ou *por* (*per + o = pelo*; *per + a = pela*); em alguns casos, em vez de *per* aparece a preposição *de*, principalmente com os verbos que exprimem sentimento: "ser querido *das* crianças" – "ser temido *dos* néscios" – "ser amado *de* todos". Outros exemplos: Enjeitado *da* fortuna – Rosa tocada *do* cruel granizo – Rodeado *de* vários ministros – Desajudado *da* metrópole – Acompanhado *do* chefe.

3ª - Os verbos *intransitivos* não podem passar para a passiva; não é possível apassivar verbos que não têm recipiente.

391 – A voz passiva é em português indicada de duas maneiras:

1ª – Mediante os verbos auxiliares *ser* e *estar* e o *particípio* de certos verbos ativos: *ser visto* (*sou visto, és visto, é visto...*); *estar preso* (*estou preso, estás preso, está preso...*).

Notas: *a*) Também o verbo *ficar* se presta, às vezes, para indicar a voz passiva; na oração: "Ele *foi preso*" – podemos, sem sacrifício do sentido passivo da oração, substituir o *foi* por *ficou*: "Ele *ficou preso*".

b) O português não possui flexões verbais sintéticas para a voz passiva; em latim e em grego, a passiva pode expressar-se por uma única palavra, ao passo que o português necessita de duas. Quer isso dizer que, propriamente, não possuímos *verbos passivos*, mas *voz passiva*.

2ª – Mediante o pronome *se*, que então se diz *pronome apassivador*; este caso se dá sempre que o sujeito é ente inanimado, conseguintemente incapaz de praticar a ação verbal, ou quando o sentido da oração mostra que o sujeito é apenas paciente.

Na oração: "Alugam-se casas" – *casas* não pratica a ação de *alugar*, e, sim, recebe, sofre tal ação, o que equivale a dizer que *casas* não é o agente mas o paciente da ação verbal. O verbo é passivo, e essa passividade é indicada pelo pronome *se*. A oração "Alugam-se casas" é idêntica à oração "Casas são alugadas"; em ambas o sujeito é *casas*, que, pelo fato de estar no plural, deverá levar também para o plural o verbo; dizer "Aluga-se casas" é erro igual a dizer "Casas é alugada".

Constituem, conseguintemente, erros inomináveis, construções como: "Vende-se livros usados" – "Conserta-se relógios" – "Reforma-se chapéus".

Notas: *a*) Têm força passiva os verbos ativos, quando, estando no infinitivo, funcionam como complementos de certos adjetivos. Assim: "Osso duro *de roer*" é o mesmo que "Osso duro de *ser roído*" – "Estrada difícil *de passar*" equivale a "Estrada difícil de *ser passada*" (nessas frases, *de roer* funciona como complemento nominal do adjetivo *duro*, e *de passar* é complemento nominal do adjetivo *difícil*).

Igual força passiva têm quando, em certas locuções verbais, vêm antecedidos de *para*, *por*, *a*: "Esse caso é *para imitar*" – "Não é *para estranhar* que ele assim proceda" – "A composição está ainda *por corrigir*" – "...um livro há muito começado *a ler*".

b) À semelhança do que vimos na nota do § 320, em orações passivas pode aparecer um objeto indireto: "Que a pena se *me* comute na graça de..." (= Que a pena seja comutada *para mim* na graça de...).

392 – **Voz reflexiva**: Há casos em que o sujeito pratica e, ao mesmo tempo, recebe a ação verbal: "Pedro machucou-se" – Quem praticou a ação de machucar? – Foi Pedro. Mas a quem machucou? – A si próprio.

Neste caso, o verbo se diz *reflexivo*, e o sujeito vem a ser, ao mesmo tempo, *agente* e *recipiente* da ação verbal. Exs.: Eu me arrependi, ele se queixa, nós nos dignamos, eles se feriram.

393 – Examinemos a oração: "Pedro e Paulo *feriram-se*". Três diferentes sentidos pode ela ter. Em primeiro lugar, o verbo poderá ser passivo, equivalendo a oração a: "Pedro e Paulo foram feridos". Em segundo, o verbo poderá ser reflexivo, e a oração significará que "Pedro e Paulo se feriram a si próprios". Em terceiro, poderemos interpretar o pronome como índice de reciprocidade de ação, significando a sentença que Pedro feriu a Paulo e Paulo feriu a Pedro, isto é: "Pedro e Paulo feriram-se reciprocamente".

Vemos daí a falta de compreensão a que se pode expor quem desconhece as funções do pronome *se*. Em tais casos, costuma-se, para evitar ambiguidade, empregar expressões como *reciprocamente*, *um ao outro*, ou *uns aos outros* nas orações em que o *se* indica reciprocidade empregar *a si próprios* nos casos de reflexibilidade de ação, e deixar a oração sem nenhum especificativo quando de sentido passivo claro.

394 – Facilmente podemos observar que nos verbos reflexivos aparece sempre um *pronome oblíquo*, da mesma pessoa que o sujeito, sem o qual o verbo não poderá indicar reflexibilidade:

eu *me*	nós *nos* . . . . .
tu *te*	vós *vos* . . . . .
ele *se*	eles *se* . . . . .

Por esse motivo, os verbos reflexivos chamam-se também **pronominais**, dividindo-se em dois grupos: *pronominais essenciais* e *pronominais acidentais*.

395 – O verbo pronominal é *essencial* quando vem "sempre" acompanhado de pronome oblíquo: *arrepender-se*, *queixar-se*, *indignar-se*, *abster-se*, *apoderar-se*, *comportar-se* et al.; é impossível – e conseguintemente será erro – construir uma oração com esses verbos sem que venham acompanhados de pronome oblíquo, que em tais verbos não exerce função sintática nenhuma.

396 – Verbos pronominais **acidentais** são os transitivos diretos que, para indicar reflexibilidade da ação, vêm acompanhados do pronome oblíquo; na oração: "Ele ama o filho" – o verbo *amar* está empregado transitivamente, mas esse verbo passa a ser usado reflexivamente, e, portanto, pronominalmente, na oração: "Ele se ama". O verbo *amar* é, pois, *pronominal acidental*, porque nem sempre vem acompanhado de pronome.

Outros exemplos: *ajuntar-se*, *avizinhar-se*, *destinar-se*, *defender-se*, *deixar-se* etc.

Notas: 1ª – Observe o aluno que a reflexibilidade dos verbos pronominais acidentais é muito mais pronunciada, muito mais forte do que a dos pronominais essenciais. Em – Eu *me* arrependo, ele *se* queixa – os pronomes *me* e *se* não indicam precisamente revolução da ação verbal sobre o sujeito, ao passo que em: "Eu *me* feri" – a reflexibilidade da ação verbal é patente.

2ª – Devemos saber distinguir o sentido e a regência de certos verbos como *casar*, *retirar*, *recolher*, *batizar* etc.:

"Eu *recolhi* o pássaro" (transitivo direto) – "Eu *me* recolhi às nove horas" (reflexivo) – "Eu *batizei* uma criança" (transitivo direto) – "Eu *me* batizei" (passivo) – "A criada *sumiu* o dinheiro" (= fez desaparecer; transitivo direto) – "A criada sumiu-*se*" (= desapareceu, reflexivo) "Eu *casei* dez pombos" (= juntei; transitivo direto) – "Casei-*me* há seis anos" (reflexivo).

3ª – Certos verbos *intransitivos* podem ser empregados pronominalmente conservando a mesma significação: "...*entristeciam* ao terminar o turno das aulas" (= ficavam tristes; intransitivo) – "O conde entristecia-*se* com estas pinturas" (tem o mesmo significado e é pronominal) – "*Ria* e esteja contente" ou "Ria-*se* e esteja contente" – "A velha *sorria*..." – "Morreu sorrindo-*se* para o mundo..." – "...*corando* a cada linha" – "...corando-*se* por sua vez".

397 – **Verbo neutro**: Em último lugar, há casos em que o sujeito não pratica nem recebe a ação expressa pelo verbo, por não indicar este ação alguma. Assim, quando dizemos: "O cozinheiro é bom" – o sujeito *cozinheiro* não pratica nem recebe nenhuma ação. Indicamos, assim falando, um *estado* (ou consequência de uma ação), e o sujeito, com tais verbos, não é nem *agente* nem *paciente*.

Outros verbos neutros: *estar*, *ficar*, *permanecer*.

Nota: Os verbos neutros são os mesmos verbos de ligação; chamam-se *de ligação* enquanto considerados quanto à predicação, chamam-se *neutros* enquanto considerados quanto à voz.

Quadro sinótico do presente capítulo

- VERBO (*Quanto à Voz*)
  - ativo
  - passivo
    - 1 – com os verbos *ser* e *estar*
    - 2 – com o pronome apassivador *se*
  - reflexivo (pronominal)
    - essencial
    - acidental
  - neutro

Questionário

1. Quando o sujeito se diz *agente da ação verbal*? O verbo, nesse caso, em que voz se encontra? (O aluno deve iniciar a resposta com estas palavras: "O sujeito diz-se agente da ação verbal quando...")

2. Quando se diz que o sujeito é *recipiente da ação verbal*? O verbo, nesse caso, em que voz se encontra? ("Diz-se que o sujeito é recipiente da ação verbal quando...")

3. Que vem a ser *agente da passiva*? Quando aparece? Exemplos.

4. De quantas maneiras o português indica a passividade dos verbos? Quais são? (§ 391)

5. Corrija os seguintes períodos (V. bem o n.º 2 do § 391):

a) Aos casos citados junte-se mais estes, que não se pode deixar de lado.

b) Quando se julgava os réus, via-se diversos jurados dormindo.

6. Passe para a passiva as seguintes orações ativas (Estude muito bem o § 390; lembre-se de que o sentido deve permanecer o mesmo):

a) Eu amo meu pai.

b) Você não fará isso.

7. Quando um verbo está na voz *reflexiva*?

8. Como se dividem os verbos reflexivos?

9. Quantos sentidos pode ter a oração: "Os homens se castigaram"? (V. § 393)

10. Faça duas orações em que entrem verbos pronominais acidentais.

11. Que é *verbo neutro*?

12. Faça o *quadro sinótico* do estudo do verbo quanto à voz.

CAPÍTULO 25

PRONOME "SE"

400 – Se ponto existe escabroso em português, em que tombam com muita frequência os descurados do nosso idioma, é este do pronome *se*. Pode esse pronome exercer diversas funções na oração:

1ª FUNÇÃO – Reflexibilidade pronunciada

401 – A) É primeira função do *se* indicar *reflexibilidade* de ação, fazendo com que o sujeito se torne, ao mesmo tempo, *agente* e *recipiente* da ação verbal. Essa função tem o *se* dos latinos (donde veio o nosso *se*), *função acusativa* (V. **nota** do § 180), isto é, de *objeto direto*. Com tal função, o *se* é empregado com os verbos *transitivos diretos*, e tanto o verbo quanto o *se* se dizem *reflexivos*. A reflexibilidade é com tais verbos chamada *pronunciada*, porque a ação tem necessariamente de atingir um objeto, que no caso é o próprio sujeito, conforme vimos no § 392, e no § 394 vimos que os pronomes *me*, *te*, *nos* e *vos* exercem também função reflexiva, com tal que sejam da mesma pessoa do sujeito: "*Eu me* firo" – "*Tu te* feres" – "*Nós nos* ferimos" – "*Vós vos* feris".

B) VARIANTE: O *se* tem valor *reflexivo* também em construções como esta: "Ele *se* arroga o direito" – função sintática diferente da do caso anterior: o objeto direto é "o direito" e o *se* exerce agora *função dativa*, isto é, de *objeto indireto*; a oração equivale a:

Ele	*arroga*	*o*	*direito*	*a si*	(= *para si*)
	↓		↓	↓	
	v. transitivo		obj. direto	obj. indir.	

A ação verbal tem caráter reflexo apreciável, mas um cuidado se impõe: Não podemos dizer: "Ele *se* comprou uma casa" – "Ele *se* abriu uma conta no banco" – "Eu *me* construí um prédio" – "Nós *nos* arranjamos um lugar" – "Vós deveis reservar-*vos* uma cadeira no teatro" – "Tu *te* traçaste boas normas de vida". Não são portuguesas tais construções.

A possibilidade de emprego do "se" dativo (bem como de *me*, *te*, *nos*, *vos*, com igual função), acompanhado de outro nome como objeto direto, fica limitada a certos verbos e, ainda assim, a certos casos já usuais e consagrados: *reservar-se o direito*, *dar-se pressa*, *dar-se importância*, *dar-se ares de importante*, *atribuir-se importância*, *propor-se fazer*, *propor-se esclarecer*, *impor-se o dever*. Fora esses poucos casos ou outros semelhantes, são rebarbativas construções como: "Ele reservou-se uma cadeira no teatro" – "Ele traçou-se normas de vida" – "Ele se abriu uma conta no banco" – "Por que você se fritou só um ovo?" – As construções usuais são: "Ele traçou *para si* normas de vida" – "Ele reservou *para si* uma cadeira" – "Ele abriu *para si* uma conta" – "Nós arranjamos um lugar *para nós*" – "Deveis reservar *para vós* o melhor lugar" – "Tu traçaste boas normas de vida *para ti*".

2ª FUNÇÃO – Reflexibilidade atenuada

402 – A) Observamos na nota do § 396 que a reflexibilidade dos verbos pronominais acidentais é muito mais pronunciada, muito mais forte do que a dos pronominais essenciais. Quer isso dizer que, com os pronominais essenciais, que são poucos em português (*queixar-se*, *arrepender-se*, *orgulhar-se*...), o *se* perde o seu real valor de objeto direto; esta função passa a ser por ele exercida *aparentemente*, *ficticiamente*.

Na oração: "Ele *se* arrependeu" – o *se* não indica propriamente revolução da ação verbal sobre o sujeito, mas uma ação que obrigatoriamente tem de ficar no sujeito, sem poder passar para um objeto (tal qual se dá com os verbos intransitivos). O *se*, em tal caso, indica reflexão em virtude do próprio verbo e não em virtude do sujeito; o *se* pertence ao verbo, e tanto assim é que acertadamente dicionários há que no verbete já dão o *se* junto do verbo; não tem ele função sintática nenhuma.

B) Variante: Os verbos pronominais essenciais muito se aproximam dos verbos intransitivos, uma vez que exprimem ação que não pode passar para um objeto; daí a razão de poderem *certos* verbos intransitivos vir acompanhados do reflexivo *se*, que virá então indicar (tal qual se dá com os pronominais essenciais) *reflexibilidade atenuada de ação*, mostrando, de certo modo, *espontaneidade de ação* por parte do sujeito.

Na verdade, há diferença entre: "Ele morre de tristeza" e "Ele *se* mor-

re de tristeza". Na segunda oração o *se* vem indicar que o sujeito morre de tristeza espontaneamente, isto é, por causa própria, ao passo que o primeiro exemplo indica contrariedade por parte do sujeito.

Outros exemplos: "Ele *se* foi" – "Ele *se* estava descansando".

Notas: 1ª – Idêntica função podem exercer os pronomes *me*, *te*, *nos* e *vos*: "Fomo-*nos* antes que nos mandassem sair".

2ª – A presente variante era comumente empregada pelos nossos antigos escritores; podiam e isso faziam dado o conhecimento que tinham da língua; hoje, só escritores muito bons sabem e podem lançar mão dessa variante. Veja-se o sabor de vernaculidade que à pergunta "Como vai isso?" dá a resposta "Isto já não vai, *vai-se*".

3ª FUNÇÃO – Reciprocidade

403 – O sentido de uma oração de sujeito composto, como: "Áspide e víbora *se* emprestam a peçonha" – "Eles trocaram-*se* cumprimentos" – denota que o *se* indica *reciprocidade de ação* (§ 393); nesse caso, o verbo e o pronome se dizem *recíprocos*, e o *se* é objeto direto ou indireto conforme o verbo, ou regime de preposição.

4ª FUNÇÃO – Passividade

404 – Temos já conhecimento desta função, pelo que ficou explicado no § 391, 2ª. Não se cometam, portanto, erros como este: "*Prevê-se* muitas coisas" em vez de:

"*Preveem-se* *muitas coisas*"
verbo plural sujeito plural

Nas orações em que, além do verbo principal, há mais infinitivo, essa função apassivante do *se* e consequente concordância verbal requerem cuidado. Suponhamos as orações: "*Devem-se* transformar as leis" e "*Deve-se* transformar as leis".

Há quem diga estarem ambas as orações certas, afirmando que na primeira o sujeito é *leis* (= *As leis devem* ser transformadas) e que na segunda o sujeito é o infinitivo, como se esta fosse a sentença: "*Transformar* as leis *é* necessário".

A primeira construção parece evidenciar clareza maior que a outra e maior segurança gramatical, pois a segunda pode levar-nos a interpretar o *se* como sujeito, tal qual se passa com o *on* francês.

Há casos, porém, em que se nota, evidentemente, que o infinitivo é que é o sujeito:

Procura-se *anular* as nomeações
↓ ↓
(verbo passivo) sujeito

Note-se, porém, esta diferença e, ao mesmo tempo, **norma prática** para a devida análise e concordância dessas construções. No caso anterior ("*Devem-se* transformar *as leis*"), podemos, com toda a clareza, resolver a construção em: "*As leis devem* ser transformadas", O segundo exemplo já não pode ser assim desdobrado, porquanto não se pode admitir que "*nomeações procurem* ser anuladas", uma vez que as *nomeações* não podem praticar a ação de *procurar*.

Com os verbos que indicam intenção, declaração de vontade, geralmente o sujeito é o infinitivo: "Intenta-se *fazer* grandes coisas" – "Pretende-se *reerguer* as colunas" – "Proíbe-se *afixar* cartazes" – "Quer-se *demolir* esses muros" – "Não se conseguiu *obter* informações".

Com os verbos *ver* e *ouvir*, ou estes ou o infinitivo concordam com o sujeito: "*Viram-se* relampaguear as armas" ou "Viu-se *relampaguearem* as armas". Outros exemplos: "*Ouvem-se* os sinos tocar a rebate" – "Via-se ao longe *resplandecerem* as cumeadas das montanhas".

Notas: 1ª – Em construções como: "Sabe-se que ele é falso", o *se* continua a exercer função apassivante, como se o período estivesse redigido desta maneira:

"*Que ele é falso* *é sabido*"
sujeito oracional verbo passivo

2ª – Quando o sujeito é constituído de ente capaz de ação, como em: "Essas pessoas *se* vendem caro" – perde a construção o valor passivo, assumindo o pronome força reflexiva, tal qual se passa no primeiro caso (§ 401), Quanto à ambiguidade que estas construções podem trazer, fizemos menção no § 393.

3ª – As formas oblíquas *me*, *te*, *nos* e *vos*, embora raramente, exercem também função apassivante: "Eu *me* batizei" (= *fui batizado*) – "Tu *te* chamas Antônio" (= Tu *és chamado* Antônio) – "Nós *nos* batizamos" – "Vós *vos* chamais Antônio".

5ª FUNÇÃO – Impessoalidade

405 – A) Empregava o latim a voz passiva com os verbos intransitivos e com os verbos transitivos indiretos para indicar *impessoalidade*, isto é, para indeterminar o sujeito do verbo, *ficando o verbo sempre no singular*.

É passagem muito conhecida esta de Virgílio: "Sic *itur* ad astra" – que forçosamente se traduz por: "Assim *se vai* aos céus", com o auxílio do pro-

nome *se*, indeterminante do sujeito; é construção *passiva impessoal*; nela há um verbo passivo sem sujeito determinado.

Outros exemplos em que entram verbos *intransitivos* e verbos *transitivos indiretos*, empregados com o *se*, para indicar indeterminação do sujeito:

Verbos *intransitivos*: "No Rio de Janeiro *passeia-se* muito" – "Quanto mais *se sobe*, mais *se desce*".

Verbos *transitivos indiretos*: "*Precisa-se* de costureiras" – "*Trata-se* de caso incurável" – "Entretanto, *procedeu-se* ao inventário dos objetos".

Nota: Dizer: "Precisa*m*-se de costureiras" – "Trata*m*-se de casos omissos" – é dizer tolice em português, pois *costureiras* e *casos omissos* não constituem sujeitos dos verbos; o sujeito, como vimos, é indeterminado, devendo o verbo ficar no *singular*.

Existem, todavia, certos verbos transitivos indiretos que também se constroem com objeto direto; o verbo *precisar* é um deles; tanto é certo dizer: "...sem precisar *de* doutor nem *de* feiticeira", quanto é certo construir como fez Castilho: "...sem precisar doutor nem feiticeira". Uma vez transitivo direto, pode perfeitamente apassivar-se o verbo *precisar*: "Precisam-se operários" – "Precisa-se um datilógrafo". Estranhável e errada é a construção: "Precisam-se de operários". Ou se diz: "Precisam-se operários", apassivando-se pessoalmente o verbo, ou: "Precisa-se de operários", impessoalizando-se a construção.

B) Variante: O *se* pode indicar impessoalidade de ação com os próprios verbos transitivos diretos, em frases como estas: "*Louva-se* aos juízes" – "*Previne-se* às pessoas presentes".

Nessas construções, *juízes* e *pessoas presentes* são objetos indiretos; se essas palavras viessem sem a preposição (ligação dos objetos indiretos), elas forçosamente passariam a funcionar como sujeitos, tornando-se imperiosa a concordância do verbo: "Louvam-se os juízes" – "Previnem-se as pessoas presentes" – mas o sentido dessas expressões ficaria mudado, passando a ter força ou reflexiva ou passiva.

A impessoalidade com os verbos transitivos diretos requer as seguintes condições:

1 – Que a expressão tenha sentido próprio, diferente da construção passiva.

2 – Que o objeto indireto seja constituído de pessoa.

A razão da primeira condição justifica-se por si mesma. A segunda condição justifica-se porque, tratando-se de coisas, não há perigo de ambiguidade e a construção pessoal então se impõe. Orações como: É muito justo que se respeite aos dotes" – *devem* ser construídas *pessoalmente*: "É muito justo que $\underbrace{\textit{se respeitem}}_{\text{v. passivo}}$ $\underbrace{\textit{os dotes}}_{\text{sujeito}}$".

E, assim: "Já *se imaginaram* os resultados de tal reforma?"

Nota: Substituindo-se na oração "Louva-se aos juízes" o objeto pelo correspondente pronome oblíquo, fica "louva-se-*lhes*" e nunca "louva-se-*os*".

C) Os próprios verbos *ser* e *estar* aparecem em bons escritores impessoalizados com o *se*: "Muito se lucra quando *se é* honrado" (Camilo) – "Só há tesoiro público onde *se* não *é* obrigado a arrecadar para ele sangue, lágrimas e maldições" (Castilho) – "Para as confundir é necessário *ser-se* mais que medianamente estúpido" (M. Barreto) – "Assim *se estava* muitos séculos antes" (Bernardes) – "Aqui, senhor Pancrácio, *está-se* otimamente" (Castilho).

Nota: De maneira engraçada, há quem ensine que as orações em que ocorre *se* a indicar impessoalidade e outras impessoais são orações de "sujeito inexistente".

Função Francesa

406 – Vimos na segunda nota do parágrafo 322 que o pronome *se* jamais pode combinar-se com o pronome oblíquo *o*. Ainda há pouco, na variante da 5ª função, usamos desta expressão: "...tornando-se imperiosa a concordância do verbo".

Qual a razão disso? – Porque o *se*, em português, não exerce função de sujeito (função subjetiva); a combinação *se o* e a não concordância verbal nas construções passivas pessoais dariam ao *se* função de sujeito, como se em lugar do *se* estivesse escrito *alguém*, *a gente*, *certa pessoa*, tornando-se forçada esta análise:

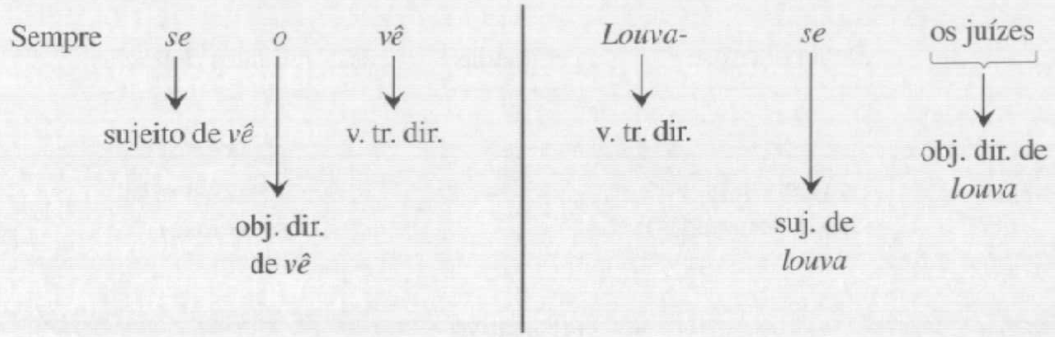

Essas construções (e, conseguintemente, essas análises) vão, antes de tudo, de encontro à tradição da língua, e, em segundo lugar, o próprio étimo (lat. *se*) do nosso *se* não as justifica, por não haver em latim a forma reta (caso nominativo, índice da função subjetiva) desse pronome.

Essas construções constituem puros francesismos; nelas o *se* está exercendo a função do *on* francês (palavra que nessa língua exerce função de sujeito: *Toujours on le voit – On aime les fleurs*), em desobediência à tradição do português e ao étimo do nosso *se*.

Jamais, portanto, poderemos construir: "Os livros sairão a contento imprimindo-se-*os* em formato pequeno" (O certo é: "...imprimindo-se em formato pequeno" – sem o *os*; *imprimindo-se* equivale a *sendo impressos*: o *se* indica passividade).

As combinações *se o*, *se a*, *se os*, *se as* são estranhas e injustificáveis no nosso idioma; nenhum clássico delas se serviu, e o fato de as encontrarmos aqui e ali, em um ou outro articulista, só se explica pela influência do francês, onde tal uso é comum e de acordo com os seus princípios gramaticais. Se aí se justifica, em português não o podemos fazer, pois muito outra é a função do *on* francês da do nosso *se*.

Sobre esse ponto julgamos interessante acrescentar: Em vez de *diz-se-o*, *faz-se-o*, *vê-se-o*, *não se o sabe*, dir-se-á, segundo os casos: *diz-me*, *dizem-no*, *vê-se*, *ninguém o sabe*. Frases francesas como: *On la porte sur son lit*, *on le réconduisit chez lui*, *on l'apella pour diner*, *on la traitait avec bonté*, *on ne le trouva pas*, *on ne les voit pas comme ils sont*, traduzem-se assim: *levam-na para a cama*, *levaram-no para casa*, *chamaram-na para jantar*, *tratavam-na com bondade*, *não o encontraram*, *não se veem como eles são*.

Muitos traduzem *on le* por *se o*; mas esta locução está longe de merecer aprovação.

Nota: Em "Alberto deixou-*se* ficar" o *se* é sujeito, mas sujeito acusativo, ou seja, sujeito de um infinitivo, função etimologicamente certa e inconfundível com a função francesa (§ 652).

407 – Não será difícil corrigir frases como esta: "Denomina-se de geminadas às consoantes dobradas" – em vez de:

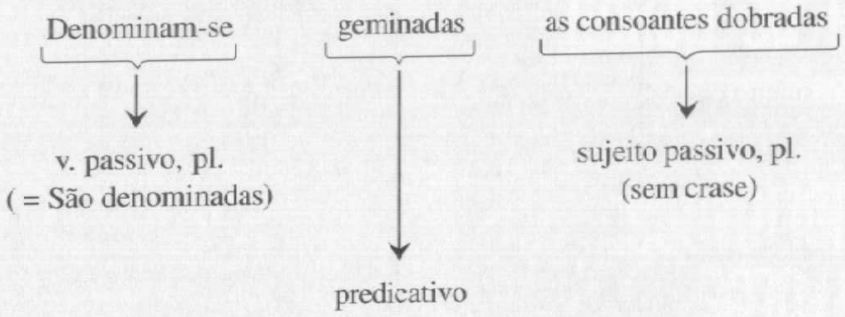

Nessa oração, *as consoantes dobradas* é o sujeito; se é sujeito, não pode ser craseado o *as*. Além disso, é sujeito plural, pelo que o verbo deve ir para o plural.

Outro exemplo de construção errada: "Alfabeto diz-se do conjunto sistematizado de letras" (o certo é: "Alfabeto diz-se o conjunto..."). suj. passivo

Notas: 1ª – Facilmente poderá o aluno ver a inutilidade do *se* em construções como estas: "Convém notar-*se* que ele errou" – "É impossível descrever-*se* a alegria" – "É erro colocar-*se* acento"

– "Não era lícito esperar-*se* outra coisa" – "Era de ver-*se* a anarquia" – "Não convém avançar-*se* muito" – "Não é bom passar-*se* o dia sem ler" – "É difícil ver-*se* a floresta".

Será o temor de errar que leva o escritor a empregar tanto *se*? Confusão, descuido ou falta de estudo é causa desse erro?

Digamos logo: Em todos os exemplos acima citados, os infinitivos são ou sujeitos ou complementos: "Que é que convém?" – "Notar" – O sujeito de *convém* é, pois, *notar*. Agora pergunto: "Notar o quê?" – "...que ele errou". Que função está então exercendo o *se* da construção do redator ou do escritor descuidado? Nenhuma. Digamos, pois, simplesmente e com acerto: "Convém notar que ele errou" – sem esse intruso *se*.

Vejamos outro exemplo, tal qual foi encontrado num artigo de jornal: "É impossível descrever-*se* a alegria". Que é impossível? – *Descrever*. Descrever o quê? – *A alegria*. – E o *se*? Jogue-se fora ou deixe-se no tinteiro.

Vejamos agora este exemplo: "Deve-*se* repartir a herança". O *se* aí está certo? Sim, porque exerce função apassivadora: "Que se deve repartir" ou: "Que deve ser repartido?" – *A herança*: "A herança deve ser repartida" = "Deve-se repartir a herança".

2ª – Com o intuito de repisar o assunto da nota anterior, aqui transcrevemos a resposta a um aluno:

Não devemos empregar o pronome *se* quando não lhe conhecemos a função; é capítulo da gramática que merece estudo demorado. Construa: "É proveitoso ler esse livro" (e não: "É proveitoso ler-*se* esse livro").

Redatores apressados e escritores descuidosos continuam a demonstrar desconhecimento das funções dessa palavra, redigindo a miúdo frases como esta: "É muito engraçado ouvir-*se* falar em política".

Ora! Que pretende com isso dizer o redator? O *se* está sobejando, sem nenhuma função portuguesa; nem apassiva nem impessoaliza o sujeito. O sujeito é *ouvir falar em política*, sem o intrometido *se*.

Quem assim redige, com igual extravagância deve dizer: Tomar-*se* remédio nem sempre é bom – Saber-*se* discorrer sobre filosofia é edificante – Poder-*se* falar sobre o caso é necessário.

Confirmando ignorar as funções do *se*, comete o mesmo redator, com a maior naturalidade, este solecismo: "Houve dificuldade em *se* obter entradas". Ainda que se admitisse função apassivadora para o *se* dessa oração, o certo seria "...em se obterem", porque no plural está o substantivo *entradas*; nada disso, porém, se dá; *obter entradas* é complemento nominal de *dificuldade*: "obter entradas" foi a coisa em que houve dificuldade. "Há dificuldade em caminhar" – "Houve dificuldade no atravessar a rua" – "Não haverá dificuldade para fugir, para passar de ano, para viver, em permanecer no ar, para escrever cartas" (e não: em caminhar-*se*, no atravessar-*se* a rua, para fugir-*se*, para passar-*se* de ano, para viver-*se*, em permanecer-*se* no ar, para escrever-*se* cartas) – "Não foi possível calcular os danos" (e não "calcular-se" nem "calcularem-se") – "Outro vezo é atribuir ao paciente o papel de..." (e não: "atribuir-se").

3ª – Outro caso de inteira inutilidade do *se* está no empregá-lo com certos infinitivos antecedidos de *de*, *para*, *por*, *a*, principalmente quando completam a significação de adjetivos; é erro dizer "osso duro de roer-se"; o *se* aí está sobejando, pois a expressão é já passiva pelo que estudamos no final do § 391, onde se encontra a explicação destas expressões: *osso duro de roer*, *estrada difícil de passar*, *há muitas coisas para vender*, *esse exemplo não é para imitar*, *obra começada a imprimir*, *há outros problemas por resolver*.

408 – SI, CONSIGO: Para terminar a presente questão, estudemos as variantes reflexivas *si* e *consigo* do pronome *se*. Note-se o que ficou dito: "Variantes reflexivas"; dessa maneira, essas duas formas oblíquas só podem referir-se ao *sujeito* do verbo:

Pedro *fala* *consigo*

↓ ↓

suj. de *fala* pronome reflexivo (refere-se ao sujeito)

Pedro e *Paulo* discutiram o caso entre *si*

↓ ↓

suj. de *discutiram* pronome reflexivo (refere-se ao sujeito)

São, portanto, redondamente erradas construções como estas duas, frequentemente encontradas em pessoas de falsa cultura e preparo gramatical: "Vejo em *si* uma ótima pessoa" – "Onde poderei encontrar-me *consigo*?"

As formas *si* e *consigo*, nessas duas orações, estão-se referindo à pessoa com que se fala e não ao sujeito, coisa que não condiz com a natureza desses reflexivos, que *sempre devem referir-se ao sujeito* do verbo. Em casos como esses, diz-se: "Vejo *no senhor*" (ou *em você*, *em V. Ex.ª* etc.) – "...encontrar-me *com o senhor*" (*com V. Ex.ª*, *com você* etc.).

Nota: Sirva de complemento ao estudo do *se* este nosso artigo, publicado n'*O Estado de S. Paulo*:

Erro pernicioso e cada vez mais encontradiço em nossa literatura é o emprego da partícula *se* sem função ou, o que não é menos mau, com função errada. Diariamente, quando não várias vezes por dia, num mesmo jornal, num mesmo artigo, lemos construções como estas: 1 – É preciso pensar-se nisso. 2 – O saber-se se o empregado quis a despedida... 3 – O sonhar-se de dia... 4 – Não é preciso cogitar-se desse caso. 5 – Era de ver-se a algazarra. 6 – Analisar logicamente uma palavra é considerar-se a palavra quanto à função... 7 – No momento de estourar-se a bomba... 8 – No juntar-se as folhas, notou o escrivão a falta de uma. 9 – Não é possível duvidar-se da autenticidade da carta. 10 – Era uma delícia ver-se o menino falar.

Constitui o estudo do chamado *pronome se* um dos mais interessantes da gramática portuguesa. Vemos-lhe exigido o conhecimento em exames de admissão a escolas oficiais diversas e em concursos a cargos públicos. Não é, pois, assunto esquecido dos organizadores de programas, mas, esta é a verdade, os exemplos aí estão, diários e em abundância, de emprego errado do *se*.

A expor aqui as muitas funções dessa monossilábica palavra – funções que qualquer gramática explana – (Não se esqueça o aluno de que isto é artigo de jornal; *todas* as funções já foram estudadas) preferiremos, como complemento desse estudo, examinar os exemplos citados, ao acaso colhidos aqui e ali. Em todos os exemplos, o *se* está de mais, ora por lhe não caber função, ora por desempenhar papel errado ou desnecessário.

1º EXEMPLO: Nem a título de indeterminação do sujeito deve aparecer o *se*. O infinitivo *pensar* constitui, com o complemento de argumento *nisso*, sujeito de "é preciso".

2º – A presença do artigo devia de per si mostrar a substantivação do infinitivo *saber*. O *se* está de mais; nem impessoaliza o verbo nem o apassiva, pois de nada disso há necessidade nem possibilidade.

3º – Diferencia-se do anterior, por termos agora um verbo intransitivo; o *se* continua de mais, completamente sem função. – As funções do *se* não foram inventadas (a gramática nada inventa) para justificar-lhe o emprego em toda e qualquer construção; são funções marcadas, vivas; não verificada nenhuma delas, o *se* estará errado.

4º – Mutatis mutandis, é reprodução do segundo.

5º – A presença do *se* destrói uma das muitas particularidades de nossa sintaxe. A expressão já é passiva; que faz aí o intrometido *se*?

6º – Tire-se o *se*. Substituindo "palavra" pelo oblíquo correspondente, teríamos: "Analisar... é considerá-la..." – Onde caberia o *se*?

7º – *Bomba* é sujeito de *estourar*; ao *se* nenhuma função está cabendo.

8º – O sujeito de *juntar* é *escrivão*; *folhas* é objeto direto; e o *se*? Tire-se. – Ainda que *folhas* fosse *sujeito* passivo, a construção seria "no juntarem-se", com o verbo no plural, equivalente a "no serem juntadas as folhas", dada a pluralidade do sujeito passivo.

9º – "Duvidar da autenticidade não é possível" – e não: "Ser duvidado da autenticidade não é possível". Que faz aí o *se*? Pobre gramática! Com tantas reformas, teu fim será o esquecimento.

10º – Compare-se com o 6º exemplo: "Era uma delícia vê-lo falar". Onde intrometer o *se*?

E dizer que há quem afirme que é suficiente ler para aprender português! Ler quem? Os que isso declaram?

Quadro sinótico das funções do pronome SE

(Funções)

- 1 – Reflexibilidade pronunciada
  - Ele *se* feriu
  - Ele *se* arroga o direito
- 2 – Reflexibilidade atenuada
  - Ele *se* arrependeu
  - Ele *se* foi embora
- 3 – Reciprocidade – Ele e ela amam-*se* ardorosamente
- 4 – Passividade – Alugam-*se* casas
- 5 – Impessoalidade
  - Assim *se* vai aos céus
  - Louva-*se* aos juízes
  - É-*se* inclinado a acreditar – Está-*se* bem aqui

Questionário

1. Corrigir:

a) "Ele se reservou uma cadeira no teatro".

b) "Exagera-se muito as riquezas do país".

2. As seguintes orações estão certas? (Justificar a resposta)

a) "Deve-se transformar essas zonas".

b) "Essas construções não se podem tachar de erradas".

c) "Quer-se inventar novidades".

d) "Não se permitem colocar cartazes".

No responder à pergunta 2, não se esqueça de: 1º – *procurar com atenção o sujeito, tendo à frente o § 404 (Raciocine, portanto, com formas passivas em que entre o verbo* ser; *p. ex.*: "*Colocar cartazes não é permitido*"); 2º – *justificar a resposta, quer julgue certa, quer errada a oração.*

3. Corrija as seguintes construções, *justificando* as correções:

a) "Vocábulo diz-se da palavra quanto à forma" (§ 407, 2.º exemplo).

b) "Chama-se sílaba à reunião de letras ou letra pronunciada de uma só vez" (§ 407).

c) "Chamam-se guerras púnicas às três guerras entre os romanos e os cartagineses" (§ 407).

d) "O serviço ficará pronto pagando-se-o adiantadamente" (V. a parte final do § 406).

e) "Está a sua espera uma senhora que quer falar consigo".

No corrigir as construções das letras a, b *e* c, *estude com atenção o § 407*; *transforme o* diz-se, *o* chama-se *e o* chamam-se *em* é dita, é chamada, são chamadas, *que notará com maior facilidade o erro, mas, no reproduzir a forma correta, conserve o* diz-se, *o* chama-se *e o* chamam-se *e não mude de lugar os termos.*

No justificar a correção, diga qual é o sujeito do verbo passivo.

4. Faça, com exemplos, o quadro sinótico das diversas funções do pronome *se*.

"Sendo a língua o veículo das ideias, quando não for bebida na veia mais límpida, mais cristalina, mais estreme, não verterá estreme, cristalino, límpido o pensamento de quem a utiliza" – RUI BARBOSA.

CAPÍTULO 26

VERBO

Quanto à Flexão

412 – Estudamos já o verbo em relação à *predicação* (§ 297 e ss.) e em relação à flexão de *voz* (§ 386 e ss.); estudá-lo-emos agora em relação à *flexão* em geral.

Ao conjunto de flexões *ou formas verbais* dá-se o nome **conjugação**; *conjugar um verbo* é, pois, recitá-lo em todas as suas possíveis formas, que podem ser:

modais	*numerais*
nominais	*pessoais*
temporais	*de voz*

Observação:

Só se pode falar em flexão genérica dos verbos quando se considera o particípio na voz passiva: Ele é louvad*o* – Ela é louvad*a*.

413 – MODO: Como a própria palavra está dizendo, *modo* na conjugação de um verbo vem a ser a maneira por que se realiza a ação expressa por esse verbo. De três maneiras podemos enunciar uma ação; daí, os *três modos verbais*.

1 – **Modo indicativo**: Indica este modo que a ação expressa pelo verbo é exercida de maneira real, categórica, definida, quer o juízo seja afirmativo, quer negativo, quer interrogativo: *faço*, *vejo*, *fiz*, *vi*, *fizera*, *não irás?*, *não irei*.

2 – **Modo subjuntivo**: Abstraindo o imperativo negativo, indica este modo que o verbo não tem sentido caso não venha *subordinado* a outro verbo, do qual dependerá para ser perfeitamente compreendido. Ninguém nos entenderá se dissermos "venhas"; mas se dissermos "Quero que venhas" seremos facilmente compreendidos; o sentido de *venhas* depende de *quero*; daí o nome *modo subjuntivo*, isto é, modo que se subordina a outro.

Outros exemplos: "Desejo que *estude*" – "Faria se *pudesse*" – "Farei quando *puder*".

O modo subjuntivo indica dependência também quando o fato é duvidoso ou indeterminado, sendo por isso chamado "modo da possibilidade". Facilmente notará o aluno a diferença entre as orações:

Subjuntivo: dúvida, indeterminação		*Indicativo: certeza, determinação*
Pode ser que *seja* assim	e	Digo que *é* assim
Julgo que *passe* nos exames	e	Afianço que *passa*...
Desconheço quem *faça* isto	e	Desconheço quem *faz*...
Premiarei quem *acerte*	e	Premiarei quem *acerta*
Preciso de homem que me *guie*	e	Preciso do homem que me *guia*

O subjuntivo presente tem também a propriedade de indicar *desejo*; com tal função, substitui a 1ª e a 3ª pessoa do imperativo: *Possa* eu ser nomeado – *Viva* o rei! – *Cumpramos* as ordens – *Voltem* logo – *Vivam* os cônjuges!

O *imperfeito do subjuntivo* é, em certos casos, elegantemente substituído pelo *mais-que-perfeito* do indicativo: "*Estivera* (= estivesse) eu presente, que tal coisa não teria acontecido" – "...se nelas não *padecera* a justiça as mesmas afrontas" – "Se *houvera* de andar a pedinchar, preferia ele perder o amigo" – "Não *fora* eu, ele teria morrido" (§ 585.5, n. 2).

Repugna à índole da língua a substituição desse tempo pelo imperfeito do indicativo em orações condicionais em que a hipótese é possível ou irreal (§ 585.4; 585.5): "Se eu *estava* (em vez de *estivesse*) no balcão, você não teria vendido tanto" – "Se eu *ia* (em vez de *fosse*) lá, ele não teria escapado". – Na hipótese real é que aparece o indicativo: "Se eu (= já que, uma vez que) *estava* no balcão, você devia ter falado comigo" – "Se *lia* muito, era porque tinha tempo" – "Se eu *sabia*, também você podia saber".

Emprega-se o presente do subjuntivo na subordinada em correlação com o presente ou com o futuro da principal:

Peço que vá
Pedirei que vá

Emprega-se o imperfeito do subjuntivo na subordinada em correlação com um tempo passado da principal:

Pedi que fosse
Pedia que fosse
Pedira que fosse
Pediria[1] *que fosse*

O estudo completo do emprego do subjuntivo será feito na sintaxe, § 945.1 e ss.

---

[1] Esta forma verbal, chamada condicional em vários idiomas, é atualmente chamada *futuro do PRETÉRITO* no Brasil.

3 – **Modo imperativo**: Indica este modo que a ação verbal se faz com império: "*Vai-te* embora" – "*Vinde* até aqui".

a) O modo imperativo pode também indicar *exortação* ("*Ouve* este conselho" – "*Segui* o caminho da honra") e *súplica*: "*Dá*-me uma esmola" – "*Fazei*-me esse favor".

b) A negativa repele o imperativo; o imperativo negativo é feito com o subjuntivo. Não se deve, portanto, dizer: "*Não fazei* caso" – "*Não deixai* sair o menino" – e sim: "*Não façais* caso" – "*Não deixeis* sair o menino" – "*Jamais digais* isso" – "*Nunca faças* a outrem...".

Quer dizer que o imperativo, quando **negativo**, tira-se, para *todas* as pessoas, do subjuntivo presente: não louve, não louves, não louve, não louvemos, não louveis, não louvem. Quando **positivo**, o imperativo continua a ser tirado do subjuntivo, com exceção da 2ª pessoa do singular e da 2ª do plural, formas estas derivadas das correspondentes pessoas do indicativo presente, mediante supressão do *s* final: louve, *louva*, louve, louvemos, *louvai*, louvem (§ 459).

c) As gramáticas costumam oferecer, no imperativo, só as segundas pessoas do positivo, porque somente estas são especiais, diferentes; é grave engano deduzir daí que só existem essas duas pessoas no imperativo.

d) *Formas supletivas do imperativo* – Outras formas verbais têm, às vezes, força de imperativo mais suave:

– o *presente do indicativo*: "*Levas* estas cartas e *trazes* estampilhas" (= leva, traze: § 416.2, n. 3);

– o *infinitivo impessoal*, tanto para a forma positiva quanto para a negativa: "Anda lá, Pablo, na garupa, e *deixá-los* rir" (= deixa-os), "*Passar* bem" (= passe bem), "Não *matar*" (= não mateis), "À direita *volver*" (= volvei).

– o *futuro do presente do indicativo*: "Não *matarás*" (= não mates).

Quanto ao tratamento, V. D.QVs, *Imperativo* e *Concordância de tratamento*.

414 – FORMAS NOMINAIS: Assim se denominam o *infinitivo*, o *gerúndio* e o *particípio*, por poderem exercer função de *nomes*, isto é, ou de substantivo ou de adjetivo, como depois veremos na sintaxe.

Infinitivo: É a forma que, quando impessoal, apenas apresenta o verbo sem nenhuma discriminação nem de modo, nem de tempo, nem de número, nem de pessoa. É nesta forma que os dicionários portugueses trazem os verbos.

O *infinitivo* em português pode ser *impessoal* (e então não se flexiona) e *pessoal* (e então poderá flexionar-se de acordo com o sujeito, segundo normas que veremos na sintaxe).

Gerúndio é a forma nominal terminada em *ndo*: *louvando*, *vendendo*, *partindo*.

Particípio é a forma nominal regularmente terminada em *do* (*ado*, para a 1ª conjugação, e *ido* para a 2ª e 3ª). Nos verbos irregulares, outra e variável é a terminação, o que iremos ver oportunamente.

415 – TEMPO: Sabemos que o verbo indica ação ou resultado de ação (estado), mas o ato por ele expresso pode ser praticado em épocas

diferentes, e daí nasce a *flexão temporal*, que visa a indicar a época, o *tempo* em que se realiza a ação verbal.

O tempo pode ser encarado no *presente*, no *passado* e no *futuro*; tais modalidades de tempo são indicadas nos verbos por flexões especiais, as quais recebem os nomes *presente*, *pretérito* e *futuro*.

416.0 – Presente – Para a perfeita discriminação dos tempos verbais, duas coisas devemos ter em mente: uma é a *ação expressa pelo verbo*, outra é o *ato da palavra*, isto é, o momento em que se fala.

O *tempo presente* indica que a ação é praticada no mesmo momento em que se fala. Quem diz: "Estudo português" – demonstra praticar a ação de *estudar* no momento em que fala, no tempo atual, ou seja, no *tempo presente*.

Outros exemplos: *vejo*, *faço*, *penso*, *julgo*, *escrevo*, *minto*, *leio*, *digo*.

Nota: Por presente entende-se também um período de tempo fluente (século, ano, mês etc.): "Vivemos uma época constantemente perturbada".

416.1 – O presente é também empregado para:

a) Indicar uma ação habitual, constante, um fato real, uma verdade: "Deito-me às 9 e levanto-me às 5" – "Dois e dois são quatro" – "Ele cumpre a lei" – "Cortesia traz cortesia".

b) Indicar ação praticada até o momento da declaração: "Moro no centro da cidade".

Nota: Para indicar ação continuada, que se realiza aos poucos, usa-se o presente continuativo, em forma de locução, formada, geralmente, do presente do verbo *estar* e do gerúndio do verbo cuja ideia se pretende declarar: "Ele está almoçando" – "O sol está queimando as plantas".

Outro sentido têm as orações "Ele almoça", "O sol queima" (= ele costuma almoçar, ele sempre almoça, o sol sempre queima) – V. § 517; § 427, obs. 2.

416.2 – O presente é usado em lugar do perfeito em narrações (presente histórico): "Napoleão *chega* a Waterloo, *dispõe* as tropas, *trava* combate e *é* vencido".

Notas: 1.ª – O presente do indicativo pode ser usado em lugar do futuro para anunciar um acontecimento próximo: "*Sigo* amanhã" – "Não *posso* ir com você".

2.ª – O presente do indicativo é também usado em lugar do futuro do subjuntivo para efeito enfático de condicionais com *se* (§ 585.4, n. 2): "Se os olhos *vêem* com amor, o corpo é branco".

3.ª – presente do indicativo pode ainda ser usado em lugar do imperativo: "Para tomar este remédio, o senhor *fica* em jejum até a hora do almoço, *engole* duas colheradas e *espera* mais uma hora para almoçar".

417 – Pretérito – O pretérito indica que a ação do verbo foi praticada antes do ato de falar: *vi*, *escrevi*, *estudei*, *fiz*, *corri*, *menti*, *julguei*, *pensei*, *cheguei*, *saí*.

Precisamos, porém, distinguir três espécies de *pretéritos*: o *imperfeito*, o *perfeito* e o *mais-que-perfeito*.

1 – Quando uma pessoa nos diz: "Ele *saíra* quando eu entrei" – emprega, para o verbo *sair*, o **pretérito mais-que-perfeito**, o que significa o seguinte: A ação expressa pelo verbo *sair* é passada em referência ao ato da palavra (estou falando agora, mas a ação de *sair* já se passou) e, além disso, é ainda passada com relação ao tempo indicado no período (no nosso caso *entrei*), o que equivale a dizer: "Quando eu *entrei*, ele já *tinha saído*".

2 – Quando uma pessoa diz: "Ele *saía* quando eu entrei" – continua empregando o verbo *sair* no pretérito, uma vez que a ação expressa por esse verbo é anterior ao ato da palavra (como antes, o interlocutor está falando neste momento, mas o que ele nos está dizendo já se passou), mas a ação de *sair* foi praticada no mesmo tempo em que se deu o fato passado de eu *entrar*.

Vê-se a diferença entre este e o caso anterior; aqui a ação é ao mesmo tempo *passada* (com relação ao ato da palavra) e *presente* (com relação ao ato de *entrar*). Por essa razão é que se diz que *saía* está no **pretérito imperfeito**.

3 – Dizendo-nos, porém, uma pessoa: "Ele *saiu*" – denota que a ação de *sair* foi completamente realizada, sem necessidade de referência a nenhuma outra ação, nem anterior nem contemporânea. *Saiu* é o **pretérito perfeito**.

Como complemento deste parágrafo, sirva-nos este resumo:

a) **Pretérito "mais-que-perfeito"**: "Ele *saíra* quando eu entrei" – O ato de *sair* é *anterior* ao de ter entrado.

Outros exemplos: *fizera, quisera, julgara, escrevera, mentira, estudara, viera.*

b) **Pretérito "imperfeito"**: "Ele *saía* quando eu entrei" – O ato de *sair* e o de *entrar* são contemporâneos.

Outros exemplos: *fazia, queria, partia, mentia, julgava, amava, estudava, vinha.*

c) **Pretérito "perfeito"**: "Ele *saiu*" – O ato de *sair* já se realizou completa, pura e simplesmente.

Outros exemplos: *fiz, quis, parti, menti, julguei, amei, estudei, vim, vi, venci.*

418 – O *perfeito* e o *mais-que-perfeito* podem apresentar-se na forma *simples* e na *composta*.

Perfeito simples é o expresso por uma só palavra e denota, como vimos, ação completamente realizada.

Perfeito composto é o expresso com a ajuda do presente de um verbo, que então se chama auxiliar, e o particípio do verbo que se pretende conjugar, e denota que a ação continua a ser praticada, continua a repetir-se: *tenho saído* (ou, indiferentemente, *hei saído*).

Mais-que-perfeito simples é o expresso por uma só palavra: *saíra*.

Mais-que-perfeito composto é o expresso mediante a ajuda do imperfeito de um verbo auxiliar e o particípio do verbo que se pretende conjugar, notando-se que, agora, nenhuma diferença de significado existe entre a forma simples e a composta: *tinha* (ou, indiferentemente, *havia*) *saído*.

419 – Futuro – Indica este tempo que a ação expressa pelo verbo será praticada depois do ato da palavra: *verei, terei visto, haverei visto*, ou depois de realizada outra ação: *veria, teria visto, haveria visto*.

O futuro divide-se em *futuro do presente* e *futuro do pretérito*, e ambos possuem a *forma simples* e a *composta*.

1. **Futuro do presente simples**: É o que, expresso por uma só palavra, indica, simplesmente, ação que irá realizar-se, sem estabelecer relação com outra ação: *sairei*. É também chamado *futuro imperfeito*.

2. **Futuro do presente composto**: É o expresso com a ajuda do futuro de um verbo auxiliar e o particípio do verbo que se pretende conjugar, e indica que a ação é posterior ao ato da palavra, mas, ao mesmo tempo, anterior com relação a outro futuro: "*Terei estudado* (ou *haverei estudado*) quando ele estudar".

Ele ainda irá estudar (é futuro, portanto), e também eu ainda irei estudar, mas quando ele estudar eu já *terei estudado*. *Terei estudado* é, portanto, um futuro que irá realizar-se *antes* de outro futuro; por essa razão é chamado também "futuro **anterior**"; chamam-no ainda, por esse mesmo motivo, "futuro **primeiro**"; chamam-no ainda outros "futuro **relativo**", visto ter sempre relação com outro futuro. O que é importante observar é que este tipo de futuro é sempre composto, formando-se do particípio do verbo que se quer conjugar e do futuro do verbo *ter* ou do verbo *haver*.

Outros exemplos: *terei visto, terei escrito, terei feito, terei vindo* (ou *haverei visto, haverei escrito...*).

Notas: 1ª – No italiano este futuro é chamado "futuro primeiro" visto realizar-se a ação antes do futuro do presente simples, que é nesse idioma chamado "futuro segundo".

2ª – O futuro do indicativo pode ser empregado em lugar do presente para dar ênfase a uma exclamação e para indicar ideia aproximada: "Quantos não *estarão* com fome, quantos não *terão morrido* em defesa da liberdade!" – "*Haverá* um mês que foi chamado".

3ª – Vezes há em que o futuro é empregado com referência a ação já passada, como *futuro histórico*: "Os bandeirantes, depois de conquistarem a região das Minas Gerais, *irão* conquistar o Mato Grosso". V. D. QVs, *vou amanhã*.

3. **Futuro do pretérito** – Enquanto existe um futuro com relação ao presente (digo que *farei*, digo que *irei*), tem o português uma forma para indicar o futuro com relação ao passado: disse que *faria*, disse que *iria*.

O **futuro do pretérito** aparece:

a) no período hipotético, quando a hipótese é possível (§ 585.4): "Se eu quisesse, eu *faria*";

b) no período hipotético, quando a hipótese é irreal (§ 585.5): "Se Júpiter existisse. Roma *teria vencido*";

c) na subordinada a verbo que esteja no passado e implique declaração (*verba declarandi*: dizer, negar, responder, afirmar, declarar, jurar, confessar etc.): "Disse que *viria*" – "Respondeu que *iria*";

d) para indicar aproximação, imprecisão: "*Seriam* dez homens, quando muito, os que recuaram" – "Eu *teria* a sua idade quando comecei a lecionar";

e) para evidenciar uma suposição: "Eu *teria agido* da mesma forma" – "Eu não *faria* o que você está fazendo" – "Eu *seguiria* este caminho" – "Jamais você *estudaria* como eu" – "*Estariam* todos dispostos?" – "Quem *imaginaria*?" – "*Seria* possível?!"

f) para suavizar a manifestação de um desejo: "*Gostaria* que você viesse mais cedo amanhã" – "Você me *daria* muito prazer em estar aqui amanhã";

g) para suavizar uma pergunta, um pedido de informação: "*Poderia* dar-me o seu endereço?" – "*Seria* possível dizer-me onde fica a rua X?"

O emprego do futuro do pretérito em tal caso não deve ser exagerado; há um momento em que ele se torna impraticável, sem sentido, como nesta pergunta: "Qual seria o seu nome?" – "Qual seria" indica dúvida, mas esta pergunta implica um assunto certo, que exige o indicativo presente: "Qual *é* o seu nome, por favor?"

Pode, da mesma forma que o futuro do presente, ser **simples** (*faria*) e **composto**: *teria* (ou, indiferentemente, *haveria*) *feito*.

Não existente, discriminadamente, no latim, onde o subjuntivo é que possuía essa força, o futuro do pretérito foi criado pelas línguas românicas mediante aglutinação do imperfeito do indicativo do verbo *haver* (*havia*) com o infinitivo dos outros verbos: *louvar* + *havia* = louvaria.

É importante observar o seguinte: Pelo fato de ter nascido do imperfeito, o futuro do pretérito é com frequência substituído por outras formas do pretérito: "Não *ousara* (= *ousaria*) entrar, se não fosses bom" – "Quem vos *havia* (= *haveria*) de enganar?" – "*Tivera* (= *teria*) isso eu feito, se ele merecesse" – "Escrevi esperando que você *aceitasse*" (= *aceitaria*) – "Eu bem que *desejava* (= *desejaria*) que ele estivesse aqui" – "Se houvera de andar semelhante correição pelos ostentadores de engenho, muitos tribunos *eram* (= *seriam*) necessários".

4. **Futuro do subjuntivo**: Inexistente até no latim (§ 459, n. 1, ao pé da pág.), o futuro do subjuntivo em português é tempo derivado da 3.ª pess. do pl. do pret. perfeito, mediante supressão do *am* final (se eu *disser*, quando eu *fizer*) e se usa em certas subordinadas que **IMPLICAREM IDEIA DE FUTURIDADE.** Enquanto em outros idiomas se diz "se eu direi", "quan-

do eu farei", em português a forma é "se eu disser", "quando eu fizer". *Exemplos*:

Condicionais com *se*, quando a hipótese é possível (§ 945.9) – Irei se *puder* – Farei salvo se você não *quiser*.

Temporais com *quando*, *enquanto*, *logo que*, *depois que*, *assim que*, *sempre que* (§ 945.10) – Irei quando nada *houver* que fazer – Enquanto me *quiserem* aqui, aqui ficarei – Sairei assim que me *virem* – Sempre que eu *disser* sim, digam não.

Relativas (§ 945.7) – Haja o que *houver*, irei – Diga o que *quiser*, estará mentindo – Quem *for* inocente atire a primeira pedra.

Proporcionais (§ 946.4) – Quanto mais *quiserem*, tanto mais terão.

Comparativas (§ 583; 946.5) – Farei tal qual *mandarem* – Dirão tanto quanto *puderem*.

Conformativas (§ 590; 946.5) – Agirei conforme ele *disser* – Farei da mesma maneira que ele *fizer*.

420 – NÚMERO: Os verbos flexionam-se também em *número*, isto é, podem ficar no *singular* ou ir para o *plural*, de acordo com o número do sujeito: se este estiver no singular, no singular ficará o verbo; se no plural estiver o sujeito, para o plural irá o verbo:

421 – PESSOA: Os verbos variam ainda em *pessoa*, isto é, flexionam-se de acordo com a pessoa gramatical (§ 311) do sujeito: eu *amo*, tu *amas*, ele *ama*, nós *amamos*, vós *amais*, eles *amam*.

422 – VOZ: Este tipo de flexão verbal já ficou explicado, por necessidade de método, nos parágrafos 386 e ss. Resumindo o que aí ficou amplamente explicado, a voz dos verbos pode ser:

ativa

passiva { com *auxiliar* / com *pronome apassivador* }

reflexiva

423 – CONJUGAÇÕES: Três são as conjugações:

a **1ª**, com o tema terminado em *a*;

a 2ª, com o tema terminado em *e*;

a 3ª, com o tema terminado em *i*.

Cada um desses três grupos é conjugado de maneira diferente, isto é, não têm terminações flexionais idênticas. Há, conseguintemente, três tipos de conjugações. Saber-se-á se determinado verbo pertence a esta ou àquela conjugação segundo a terminação do infinitivo:

Conjugação	Verbos terminados em:	Exemplos
1ª	ar	amar, louvar, andar
2ª	er	vender, dever, correr
3ª	ir	partir, abrir, possuir

Nota: À segunda conjugação pertence também o verbo irregular *pôr*, que tem vários compostos: *antepor*, *compor*, *contrapor*, *opor*, *pospor*, *repor*, *supor* e outros (V. § 78 e 463, 15).

O verbo *pôr* possuía no velho português a forma *poer*, pertencendo, portanto, à segunda conjugação; disso restam ainda hoje provas: *poente* (à semelhança de *corrente*, *absolvente*, *enchente*, da segunda conjugação) e *poedeira* (galinha *poedeira*); nestas duas palavras, as terminações *ente* e *edeira* denotam a primitiva conjugação do verbo *pôr*. Outro resquício de *poer* temos em *depoimento*, do arcaico *poimento* (ação de *poer* = pôr).

Na própria conjugação do verbo encontramos o *e* que carateriza a 2ª conjugação: *põEs*, *põE*.

424 – Quanto ao processo de conjugação, um verbo pode ser:

auxiliar
regular
irregular
anômalo
defectivo
abundante

Questionário

1. Que nome se dá ao conjunto das flexões verbais?
2. Quais as possíveis formas flexionais em que um verbo se conjuga?
3. Que se entende, na conjugação dos verbos, por *flexão de modo*? Quantos e quais os *modos* dos verbos?
4. Por que o subjuntivo é o "modo da possibilidade"?
5. As formas do *imperativo negativo* são tiradas de que modo verbal?
6. Que formas verbais se denominam *formas nominais*?
7. Que indica o *presente*?

8. Que indica o *pretérito*?
9. Quantas espécies existem de pretéritos?
10. Que indica o *futuro*?
11. Que indica o *futuro do presente composto*?
12. Que é *futuro do pretérito*?
13. Dê exemplos em que o futuro do pretérito apareça substituído por outras formas do pretérito. (§ 419, 3, g.)
14. Os verbos se flexionam também em *número*? Como?
15. Os verbos variam ainda em *pessoa*? Como?
16. Como pode ser a *voz* dos verbos?
17. Quantas conjugações há em português?
18. Quanto ao processo de conjugação, como pode ser o verbo?

CAPÍTULO 27

VERBOS AUXILIARES

425 – Já tivemos oportunidade de ver que há formas verbais que exigem o *auxílio* de outro verbo, o que se dá ou porque o tempo é por natureza composto (*tenho louvado, hei louvado, teria louvado, haveria louvado, tivera louvado, houvera louvado*) ou porque o verbo está na voz passiva: *sou louvado, fui louvado*. Tais verbos, que são quatro, são chamados **auxiliares**, e a sua conjugação assim se processa:

		TER	HAVER	SER	ESTAR
		INDICATIVO			
		Presente			
SING.	Eu	tenho	hei	sou	estou
	Tu	tens	hás	és	estás
	Ele	tem	há	é	está
PLUR.	Nós	temos	havemos	somos	estamos
	Vós	tendes	haveis	sois	estais
	Eles	têm[1]	hão	são	estão

(1) A forma *têm*, com circunflexo, corresponde à terceira pessoa do plural do presente do indicativo, ao passo que *tem* constitui a terceira pessoa do singular. Quanto aos compostos, observe-se o acento agudo na 3ª do singular: ele *mantém*, eles *mantêm*, ele *obtém*, eles *obtêm*, ele *retém*, eles *retêm* etc.

Pretérito imperfeito

SING.	Eu	tinha	havia	era	estava
	Tu	tinhas	havias	eras	estavas
	Ele	tinha	havia	era	estava
PLUR.	Nós	tínhamos	havíamos	éramos	estávamos
	Vós	tínheis	havíeis	éreis	estáveis
	Eles	tinham	haviam	eram	estavam

Pretérito perfeito

SING.	Eu	tive	houve	fui[3]	estive
	Tu	tiveste	houveste	foste	estiveste
	Ele	teve	houve	foi	esteve
PLUR.	Nós	tivemos	houvemos	fomos	estivemos
	Vós	tivestes[2]	houvestes	fostes	estivestes
	Eles	tiveram	houveram	foram	estiveram

Pretérito mais-que-perfeito

SING.	Eu	tivera	houvera	fora	estivera
	Tu	tiveras	houveras	foras	estiveras
	Ele	tivera	houvera	fora	estivera
PLUR.	Nós	tivéramos	houvéramos	fôramos	estivéramos
	Vós	tivéreis	houvéreis	fôreis	estivéreis
	Eles	tiveram	houveram	foram	estiveram

Futuro do presente simples[4]

SING.	Eu	terei	haverei	serei	estarei
	Tu	terás	haverás	serás	estarás
	Ele	terá	haverá	será	estará
PLUR.	Nós	teremos	haveremos	seremos	estaremos
	Vós	tereis	havereis	sereis	estareis
	Eles	terão	haverão	serão	estarão

(2) Note-se a diferença entre a segunda pessoa do singular e a segunda do plural do pretérito perfeito; é lamentável a confusão que pessoas, às vezes gradas, fazem com essas duas pessoas desse tempo. Um meio mnemônico existe que facilita essa discriminação: Em vó*s* existe *s*, o que não se dá com a segunda pessoa do singular: vó*s* tivestes – tu tiveste.

(3) O pretérito perfeito do verbo *ser* é idêntico ao pretérito perfeito do verbo *ir*. O mesmo se diga dos derivados: *fora*, *for*, *fosse*.

Futuro do pretérito simples[4]

SING.	Eu	teria	haveria	seria	estaria
	Tu	terias	haverias	serias	estarias
	Ele	teria	haveria	seria	estaria
PLUR.	Nós	teríamos	haveríamos	seríamos	estaríamos
	Vós	teríeis	haveríeis	seríeis	estaríeis
	Eles	teriam	haveriam	seriam	estariam

SUBJUNTIVO

Presente

SING.	Que eu	tenha[5]	haja	seja	esteja
	Que tu	tenhas	hajas	sejas	estejas
	Que ele	tenha	haja	seja	esteja
PLUR.	Que nós	tenhamos	hajamos	sejamos	estejamos
	Que vós	tenhais	hajais	sejais	estejais
	Que eles	tenham	hajam	sejam	estejam

Pretérito imperfeito

SING.	Se eu	tivesse	houvesse	fosse	estivesse
	Se tu	tivesses	houvesses	fosses	estivesses
	Se ele	tivesse	houvesse	fosse	estivesse
PLUR.	Se nós	tivéssemos	houvéssemos	fôssemos	estivéssemos
	Se vós	tivésseis	houvésseis	fôsseis	estivésseis
	Se eles	tivessem	houvessem	fossem	estivessem

Futuro do presente simples

SING.	Quando eu	tiver	houver	for	estiver
	Quando tu	tiveres	houveres	fores	estiveres
	Quando ele	tiver	houver	for	estiver
PLUR.	Quando nós	tivermos	houvermos	formos	estivermos
	Quando vós	tiverdes	houverdes	fordes	estiverdes
	Quando eles	tiverem	houverem	forem	estiverem

(4) Justamente por serem auxiliares, estes verbos não possuem *futuro do presente composto nem futuro do pretérito composto*. Em "Os grandes gramáticos raramente *terão sido* grandes escritores", o verbo *ser* é de ligação e não auxiliar. Em "Eu *teria tido* muito dinheiro se tivesse trabalhado com afinco", *ter* é verbo concreto e não abstrato.

(5) Para facilitar a discriminação dos tempos do subjuntivo, colocamos as conjunções *que* para o *presente*, *se* para o *pretérito imperfeito*, e *quando* para o *futuro*. Cuidado com o subj. pres. dos verbos *ser* e *estar*; não cometa o gravíssimo erro de dizer: que eu sej*e*, que você estej*e*.

IMPERATIVO

Positivo

SING.	tem tu[6]	há tu	sê tu	está tu
PLUR.	tende vós	havei vós	sede vós	estai vós

Negativo

SING.	não tenhas tu	não hajas tu	não sejas tu	não estejas tu
PLUR.	não tenhais vós	não hajais vós	não sejais vós	não estejais vós

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo impessoal[7]

TER	**HAVER**	**SER**	**ESTAR**

Infinitivo pessoal

SING.	Por ter eu[8]	haver	ser	estar
	Por teres tu	haveres	seres	estares
	Por ter ele	haver	ser	estar
PLUR.	Por termos nós	havermos	sermos	estarmos
	Por terdes vós	haverdes	serdes	estardes
	Por terem eles	haverem	serem	estarem

Gerúndio

tendo	havendo	sendo	estando

Particípio

tido	havido	sido	estado

Considerações sintáticas sobre os Verbos Auxiliares

426 – SER: 1 – O verbo *ser* é eruditamente empregado com significação de *existir*: "Deus *é*" (Deus *existe*) – "...as artilharias que ainda então

(6) No *imperativo*, os pronomes sujeitos vêm depois do verbo (isto, naturalmente, quando se quer deles fazer uso, porquanto não é obrigatório o seu aparecimento nas formas imperativas) – V. § 413, 3, a, b, c.

(7) A distinção entre infinitivo *impessoal* e infinitivo *pessoal* será estudada no § 915 e ss.

(8) A preposição *por* facilita a discriminação entre o infinitivo pessoal e o impessoal.

não *eram*" (= não *existiam*) – "Aqui *foi* Troia" (= *existiu*) – "*Eram* uma vez dois valentes" (= *existiam*) – "As esmeraldas *eram* em montões".

2 – O verbo *ser* é ainda empregado *impessoalmente*, isto é, sem sujeito, em expressões de tempo como estas: "*Era* numa tarde de abril" – "*Era* ao cair do dia", – Ainda que não apareça preposição nenhuma, continuará impessoal o verbo: "*Era* uma tarde de abril" – "*Era* a hora do repouso".

3 – Quando empregado como verbo de ligação (§ 302), o verbo *ser* é como que vazio de sentido; é disso prova o fato de algumas línguas quase o não usarem com essa função meramente *copulativa*, isto é, de unir um adjetivo a um substantivo, dizendo apenas "Pedro bom", em vez de "Pedro é bom".

4 – *Ser*, seguido da preposição *por*, significa *seguir a doutrina* ("Sou pelo cristianismo"), *defender* ("Sou por você"), *julgar acertado*: "Pois, meu menino, sou por dizer-lhe que você não estudou".

5 – Quanto à expressão "*Que é de?*" veja o § 366, n.

6 – Quando seguido da preposição *de*, pode o v. *ser* ter muitas acepções, mas o complemento funciona, virtualmente, como predicativo:

a) *participar*: "Oxalá seja o leitor do meu voto" – "Ser do coração";

b) *estar conforme*: "Isto é de justiça";

c) *pertencer a*: "O livro é de João";

d) *estar na dependência*, *privar com*: "Ele é todo do ministro";

e) *proceder*, *descender*: "Ele é de Minas";

f) *ser próprio*: "Entender o contrário será de filho de Adão e não de filho de Santo Inácio";

g) *medir*: "Esta coluna é de 15 pés de altura";

h) *servir de*: "...para lhes ser de amparo".

i) *merecer*, *dever*: "Era de crer que..." – "Não é caso de considerar".

427 – ESTAR: O verbo *estar* é também empregado como verbo de ligação, mas com a seguinte diferença: *Estar* (lat. *stare* = estar de pé) sempre implica ideia de *transitoriedade*, de *existência momentânea*, de *estado acidental*, ao passo que *ser* (lat. *sedēre* = estar sentado) traz ideia de *permanência*, de *existência continuada*, de *estado permanente* ou *inerente*. Como verbo de ligação, o verbo *ser* é quase vazio de sentido, sendo por isso chamado *verbo abstrato*; é como se não existisse na oração; dizer: "O céu é azul" e "O céu azul" é quase dizer a mesma coisa.

Estes exemplos evidenciam a diferença de significação entre *ser* e *estar*:

PERMANÊNCIA		TRANSITORIEDADE
Este homem *é* doente	–	Este homem *está* doente
Os dias *são* claros	–	Os dias *estão* claros
Ser pálido	–	*Estar* pálido
Ser úmida uma casa	–	*Estar* úmida uma casa

Estrangeiros, ainda os mais cultos, escorregam neste ponto, quando o não estudam convenientemente; dizem eles com a maior facilidade: "Eu *estou* jornalista". Aqui é o caso do verbo *ser*, visto especificar uma profissão, e, conseguintemente, um estado *permanente*.

Observações:

1ª – Se empregar o verbo *estar* em vez de *ser* é erro, empregar o verbo *ser* em vez de *estar* era frequente entre os quinhentistas, não faltando, dentre escritores mais próximos à nossa época, quem assim proceda. Essa substituição se fazia já quando *estar* funcionasse como verbo de ligação (v. abstrato), já quando fosse verbo de significação concreta: "D. Afonso vos congregou para declarar se *sois* (= estais) contentes com ser ele Rei nosso" – "Minha dona muitas vezes me contava quando *era* (= estava) no lavor" – "Chamei-me Adamastor, e *fui* (= estive) na guerra contra o que vibra os raios de Vulcano".

2ª – O verbo *estar*, seguido da preposição *para* e um verbo no infinitivo, indica proximidade de ação: "*O* trem *está para* partir". Seguido da preposição *a* e um infinitivo, o verbo *estar* indica às vezes começo de ação: "O trem *está a* partir"; em tal caso, o infinitivo e a preposição podem ser substituídos pelo gerúndio: "O trem está *partindo*". Note-se que esta maneira – *está partindo, está fazendo* etc. – é a mais comum no Brasil, sendo a primeira – *está a partir, está a fazer, está a cantar* etc. – a que se usa em Portugal.

3ª – No período "Caso não deva ali ser guardado, *estou* que haveria em sua casa algum recanto..." – o verbo *estar* tem a significação de entender, ser de opinião, julgar, crer. Tal significado assume o verbo *estar*, quando seguido da conjunção integrante *que*: "*Estou que* a crise há de continuar" – subentendendo-se o adjetivo "persuadido" ou outro qualquer.

4ª – Outras construções e acepções:

a) com **a**, para indicar *posição, situação*: estar a cavalo, estar ao deus-dará;

b) com **de**, para indicar: *posição*: estar de pé, de cócoras, de lado, de cama;

– *ter por vestuário, acessório*: estar de casaca, de espada à cinta, de preto;

– *desempenhar função, obrigação*: estar de sentinela, de quarto;

– *ter em mente, encontrar-se na iminência de um ato*: estou de partida;

c) com **em**, para indicar: *maneira de ser, de apresentar-se*: estar em dúvida, em tratamento, em erro, em camisa;

– *achar-se num lugar, morar*: estar na cidade, estar na fazenda, estar numa cidade;

– *atingir certo grau, preço, situação, chegar a determinado momento*: estar em fusão, estar numa fortuna, estar em guerra, estar em idade;

– *consistir, depender*: "Tudo está em saber pedir";

d) com **com** ou **sem**, para indicar *condições que se apresentam ou não*: estar com dinheiro, com preguiça, com ânimo, com febre;

– *não desamparar* ou *desamparar, ser a favor* ou *contra*: "Estou com ou sem vocês?"

– *conversar ou não, visitar ou não, fazer ou não companhia*: "Não estava com ele quando isso se deu";

e) com **para**, para indicar: *ter disposição*: "Não estou para amolações";

– *aguardar*: "Estou para ver em que vai dar isso";

– *lugar* ou *tempo*: "Ele está para a fazenda" – "A laranja está para o mês que vem";

f) *impessoalmente*: "Está frio" – "Ontem esteve quente" – "Estará ventando quando sairmos?"

428 – TER e **HAVER**: Estes dois verbos, da mesma maneira que os verbos *ser* e *estar*, podem ser concretos e abstratos, isto é, podem ter significação própria, especial, e podem ser vazios de sentido.

1 – Os verbos *ter* e *haver* têm a significação própria de *possuir*: "Pedro *tem* uma chácara" – "Mas refleti que *haveis* cabedal de inteligência para muito". Significam, também, *obter, alcançar*, e um pelo outro usavam-nos os clássicos: "Neste dia *houvemos* vista de terra". Significam, ainda, *julgar, ter na conta de*: "...*havendo-o* por milagre" – "Os alunos *houveram-se* por aprovados".

2 – O verbo *haver* é ainda empregado com a significação de *existir*; com tal significação, *haver* é *impessoal* e usado apenas na terceira pessoa do singular. (Os *verbos impessoais* serão estudados no § 480 e ss.)

3 – *Haver* é usado pronominalmente (*haver-se*), na acepção de *portar-se, proceder*: "*Houve-se* muito bem no exercício de seu cargo" – "Eles *se houveram* dignamente nessa empresa".

Seguido de infinitivo sem preposição, tem o sentido de *ser possível*: "Não *há* contê-lo, então, no ímpeto" – "Não *há* fartar um mouro, se come em mesa alheia".

Seguido da palavra *mister*, significa *necessitar, precisar*: "Muitos dos enfermos bem *haviam mister* um hospital". Essa expressão transitiva tem as

variantes *haver mister de* e *haver de mister*: "Seu amor da ciência não *havia mister de* outros incentivos" – "*Hei de mister* o seu conselho".

4 – Como verbos abstratos, isto é, como *auxiliares*, eles se esvaziam de sentido; têm por função, nesse caso, indicar o tempo, o modo, a pessoa e o número do verdadeiro verbo, que aparece na frase na forma de particípio: *tinha* visto (ou *havia* visto) – *tivessem* feito (ou *houvessem* feito), V. D.QVs, *haja vista*.

Nota: O esvaziamento de sentido dos verbos *ter* e *haver* é fenômeno operado em português, porquanto o latim não possuía tempos compostos e, consequentemente, esses verbos nessa língua sempre possuíam significação própria, concreta.

429 – Pelo fato de não poderem passar para a voz passiva, os verbos intransitivos só costumam vir acompanhados dos auxiliares *ter* e *haver*; todavia, com alguns de tais verbos, o verbo *ser* substitui elegantemente esses auxiliares, na formação dos tempos compostos: *ser chegado*, *ser nascido* (ou *nado*), *ser vindo* – em vez de *ter* (ou *haver*) *chegado*, *nascido*, *vindo* etc.: "Porém já cinco sóis *eram passados*" (= haviam passado) – "Aqui *foi nado* (= nasceu) e criado".

430 – Nos tempos compostos, ou seja, com os auxiliares *ter* e *haver*, o particípio fica invariável: Eu tenho *feito* – Nós temos *feito* – Ela tem *feito*.

Com os auxiliares *ser* e *estar*, o particípio varia de acordo com o gênero e com o número da palavra a que se refere: Ele é *louvado* – Ela é *louvada* – Nós (homens) somos *louvados* – Nós (mulheres) somos *louvadas*.

Observe-se agora o seguinte: Quando, numa oração, o particípio vem desacompanhado de auxiliar, deve variar, como se viesse acompanhado do auxiliar *ser* ou *estar*. É conseguintemente errado dizer: "*Passado* três dias, partimos" – porque o particípio se tornou adjetivo e, como tal, deve concordar com a palavra a que se refere, que nessa oração é *dias*. Devemos flexionar o particípio, muito embora possamos subentender o auxiliar *ter* (*tendo* passado três dias...). Correta, a frase deve ser: "*Passados* três dias, partimos".

Outros exemplos: "*Chegadas* ao Rio, elas não se puderam conter" – "*Vindos* a minha casa, considerem-se donos dela" – "As primeiras escolas *havidas* no Brasil..." – "*Dado* o mau tempo e *dada* a necessidade de irmos...".

431 – Dos quatro verbos auxiliares, somente *ter* não pode ser impessoal; constitui erro grave, e todo o possível devemos fazer para evitá-lo, empregar o verbo *ter* com a significação de *existir*. Não devemos permitir frases como estas: "Não *tem* nada na mala" (em vez de: "Não *há* nada...") – "Não *tem* de quê" (em vez de: "Não *há* de quê") – "Não *tem* lugar" (em vez de: "Não *há* lugar").

Observação:

Preste o aluno atenção no conjugar compostos de *ter*; *ater-se*, *deter*, *conter*, *manter*, *obter* etc. devem seguir a conjugação do simples: de*tive* (e nunca *deti*), de*tinha*, de*tivera* (jamais *detia*, *detera*), man*tivesse* (jamais *mantesse*), *ateve-se* à parede.

432 – Finalizamos o presente estudo com a seguinte consideração: Os auxiliares *ter* e *haver*, quando seguidos da preposição *de* e um infinitivo, formam locuções verbais que importa distinguir.

a) Com o auxiliar *ter*, a locução verbal implica ideia de **obrigatoriedade**: *tenho de estudar*, *tinha de sair*, *terei de viajar*.

b) Com o auxiliar *haver*, a locução verbal deixa de indicar obrigatoriedade para expressar promessa, **intenção**: *hei de estudar*, *havia de sair*, *haverei de viajar*.

Nota: Há diferença de sentido entre *ter de* e *ter que*. *Ter de* denota necessidade, obrigatoriedade: *Tenho de* conquistar o poder – como quem diz: Custe o que custar, conquistarei o poder.

São erradas construções como esta: "Ele vai ter *que* estudar o caso". O *que* não está aí a exercer função nenhuma. Assim devemos redigir: Tenho *de* conseguir esse emprego – Todos temos *de* lutar – Teremos *de* respeitar o sossego alheio em qualquer hora da noite e do dia – O serviço parou porque os operários tiveram *de* votar – Ele vai ter *de* estudar o caso.

Ter que entra em passagens como esta: "Ele *tem* um caso *que* estudar". Agora o *que* tem função: é pronome relativo (refere-se a *caso*), com função de objeto direto de *estudar*. Em: Tudo tenho *que* fazer – Muito tenho *que* fazer – *tudo* e *muito* são os antecedentes do relativo *que*, o qual em ambas as orações é objeto direto de *fazer*.

Conclusão: Quando não corresponde a nenhum antecedente, o *que* é errado, erro que não existia até Bernardes. Assim devemos dizer: Tenho *de* fazer, tenho *de* correr, temos todos *de* morrer – expressões em que existe a ideia de necessidade, de obrigatoriedade. O *de* é preposição; rege o substantivo verbal que se lhe segue. Quando este verbo for intransitivo, ou transitivo empregado em sentido geral, sem objeto, ou, ainda, quando não houver nenhum antecedente, nem expresso nem oculto, o *de* é que deve aparecer, porquanto a ideia é de necessidade, de obrigatoriedade. Observemos a correção de Vieira: "...para se conhecerem os amigos, haviam os homens *de* morrer primeiro e daí a algum tempo ressuscitar". *Haviam* está aí empregado por *tinham*, mas, como o segundo verbo é intransitivo (*morrer*), emprega Vieira, com a meticulosidade de quem muito conhece o idioma, a preposição *de* em vez do pronome *que*, ao qual nenhuma função caberia na frase. V. D. QVs, *ter de*, onde *ter de* e *ter que* estão traduzidos em outros idiomas.

Questionário

1. Já sabe de cor a conjugação dos verbos auxiliares?
2. Por que os verbos *ter* e *haver*, *ser* e *estar* se chamam auxiliares?
3. Quando auxiliares, os verbos *ser* e *estar*, *ter* e *haver* são *verbos abstratos*. Que significa isso?
4. Quais os diversos empregos do verbo *ser*? Exemplifique a resposta.

5. Que diferença existe entre os verbos *ser* e *estar* quando empregados como verbos de ligação?

6. Que diz da construção de Camões: "Chamei-me Adamastor, e *fui* na guerra contra o que vibra os raios de Vulcano"?

7. Que diferença existe entre *estar a estudar* e *estar para estudar*?

8. Quais as significações e empregos dos verbos *ter* e *haver*?

9. "Eu deti, ele deteu, eu reti, ele ateu-se, eu obti" – estão certas essas formas? Por quê?

10. Que diz destoutra construção camoniana: "Porém já cinco sóis *eram* passados"?

11. Por que é errada a construção: "Chegado ao fim do caminho, eles caíram mortos"?

12. Corrija a construção destes períodos:

a) Tenho que fazer isso sem falta.

b) Tínhamos todos que levantar-nos cedo.

c) Se você tem que ir, eu não.

d) Teremos que aceitar sua proposta?

CAPÍTULO 28

VERBOS REGULARES

433 – Uma vez estudados os verbos *auxiliares*, passemos ao estudo dos verbos *regulares*. É *regular* o verbo cujo radical permanece invariável em todo o decurso da conjugação e cujas desinências se flexionam de acordo com o *paradigma*, isto é, com o modelo ou tipo geral da conjugação. Como paradigmas ou modelos das três conjugações apresentamos os verbos *louvar*, *vender* e *partir*, cujos radicais são *louv*, *vend* e *part*.

No quadro da conjugação dos paradigmas regulares, o radical aparecerá separado da desinência por meio de um hífen; para averiguar a regularidade de um verbo, bastará ver se o radical permanece invariável *até o fim* da conjugação e se as desinências são as mesmas que as apresentadas no quadro que ora iremos estudar.

		1ª conj.	2ª conj.	3ª conj.
		LOUV-AR	**VEND-ER**	**PART-IR**

INDICATIVO

Presente

SING.	Eu	louv-o	vend-o	part-o
	Tu	louv-as	vend-es	part-es
	Ele	louv-a	vend-e	part-e
PLUR.	Nós	louv-amos	vend-emos	part-imos
	Vós	louv-ais	vend-eis	part-is
	Eles	louv-am	vend-em	part-em

Pretérito imperfeito

SING.	Eu	louv-ava	vend-ia	part-ia
	Tu	louv-avas	vend-ias	part-ias
	Ele	louv-ava	vend-ia	part-ia
PLUR.	Nós	louv-ávamos	vend-íamos	part-íamos
	Vós	louv-áveis	vend-íeis	part-íeis
	Eles	louv-avam	vend-iam	part-iam

Pretérito perfeito

SING.	Eu	louv-ei	vend-i	part-i
	Tu	louv-aste	vend-este	part-iste
	Ele	louv-ou	vend-eu	part-iu
PLUR.	Nós	louv-amos[1]	vend-emos	part-imos
	Vós	louv-astes	vend-estes	part-istes
	Eles	louv-aram	vend-eram	part-iram

Pretérito perfeito composto

SING.	Eu tenho	(hei)	louv-ado	vend-ido	part-ido
	Tu tens	(hás)	"	"	"
	Ele tem	(há)	"	"	"
PLUR.	Nós temos	(havemos)	"	"	"
	Vós tendes	(haveis)	"	"	"
	Eles têm	(hão)	"	"	"

Pretérito mais-que-perfeito

SING.	Eu	louv-ara	vend-era	part-ira
	Tu	louv-aras	vend-eras	part-iras
	Ele	louv-ara	vend-era	part-ira
PLUR.	Nós	louv-áramos	vend-êramos	part-íramos
	Vós	louv-áreis	vend-êreis	part-íreis
	Eles	louv-aram	vend-eram	part-iram

(1) Não se segue no Brasil a diferenciação prosódica – existente em outras partes do mundo lusófono – entre a primeira pessoa do plural do indicativo presente e igual pessoa do pretérito perfeito. Dizer que no primeiro caso devemos pronunciar "amâmos" e no segundo, "amámos", com o *a* tônico aberto, é estabelecer regra infundada e desnecessária. As regras devem ser coerentes e gerais, o que de maneira nenhuma se dá nesse caso. Tal diretriz deveria então se estender igualmente aos verbos da segunda conjugação: "vendêmos" (indicativo presente) e "vendémos" (pretérito perfeito). E como se arranjarão os defensores desse estranho uso para a distinção das citadas formas verbais na terceira conjugação, onde o acento cai no *i*: *partimos* (indicativo presente) e *partimos* (pretérito perfeito)? De qualquer modo, o Acordo Ortográfico de 1990 reconhece essa distinção prosódica "em certas variantes do português" (* base IX, parágrafo 4.º). Por isso, admite, em caráter facultativo, o acento agudo, diferencial, nas formas do pretérito perfeito do indicativo (*amámos*, *louvámos*).

Mais-que-perfeito composto

SING.	Eu tinha	(havia)	louv-ado	vend-ido	part-ido
	Tu tinhas	(havias)	"	"	"
	Ele tinha	(havia)	"	"	"
PLUR.	Nós tínhamos	(havíamos)	"	"	"
	Vós tínheis	(havíeis)	"	"	"
	Eles tinham	(haviam)	"	"	"

Futuro do presente

SING.	Eu	louv-arei	vend-erei	part-irei
	Tu	louv-arás	vend-erás	part-irás
	Ele	louv-ará	vend-erá	part-irá
PLUR.	Nós	louv-aremos	vend-eremos	part-iremos
	Vós	louv-areis	vend-ereis	part-ireis
	Eles	louv-arão	vend-erão	part-irão

Futuro do presente composto

SING.	Eu terei	(haverei)	louv-ado	vend-ido	part-ido
	Tu terás	(haverás)	"	"	"
	Ele terá	(haverá)	"	"	"
PLUR.	Nós teremos	(haveremos)	"	"	"
	Vós tereis	(havereis)	"	"	"
	Eles terão	(haverão)	"	"	"

Futuro do pretérito

SING.	Eu	louv-aria	vend-eria	part-iria
	Tu	louv-arias	vend-erias	part-irias
	Ele	louv-aria	vend-eria	part-iria
PLUR.	Nós	louv-aríamos[2]	vend-eríamos	part-iríamos
	Vós	louv-aríeis	vend-eríeis	part-iríeis
	Eles	louv-ariam	vend-eriam	part-iriam

(2) Erro que não poucas vezes vemos é o de grafar "faria-mos", "louvaria-mos", "partisse--mos", "trouxesse-mos", vendesse-mos" etc.; quem assim escreve julga ser o *mos* algum pronome ("julga" por falta de conhecimento ou de atenção) ou combinação pronominal; nesses tempos, tal terminação pertence ao próprio verbo, sem que dele possa separar-se.

Futuro do pretérito composto

SING.	Eu teria	(haveria)	louv-ado	vend-ido	part-ido
	Tu terias	(haverias)	"	"	"
	Ele teria	(haveria)	"	"	"
PLUR.	Nós teríamos	(haveríamos)	"	"	"
	Vós teríeis	(haveríeis)	"	"	"
	Eles teriam	(haveriam)	"	"	"

SUBJUNTIVO

Presente

SING.	Que eu	louv-e	vend-a	part-a
	Que tu	louv-es	vend-as	part-as
	Que ele	louv-e	vend-a	part-a
PLUR.	Que nós	louv-emos	vend-amos	part-amos
	Que vós	louv-eis	vend-ais	part-ais
	Que eles	louv-em	vend-am	part-am

Pretérito imperfeito

SING.	Se eu	louv-asse	vend-esse	part-isse
	Se tu	louv-asses	vend-esses	part-isses
	Se ele	louv-asse	vend-esse	part-isse
PLUR.	Se nós	louv-ássemos	vend-êssemos	part-íssemos
	Se vós	louv-ásseis	vend-êsseis	part-ísseis
	Se eles	louv-assem	vend-essem	part-issem

Pretérito perfeito (composto)

SING.	Que eu tenha	(haja)	louv-ado	vend-ido	part-ido
	Que tu tenhas	(hajas)	"	"	"
	Que ele tenha	(haja)	"	"	"
PLUR.	Que nós tenhamos	(hajamos)	"	"	"
	Que vós tenhais	(hajais)	"	"	"
	Que eles tenham	(hajam)	"	"	"

Pretérito mais-que-perfeito (composto)

SING.	Se eu tivesse	(houvesse)	louv-ado	vend-ido	part-ido
	Se tu tivesses	(houvesses)	"	"	"
	Se ele tivesse	(houvesse)	"	"	"
PLUR.	Se nós tivéssemos	(houvéssemos)	"	"	"
	Se vós tivésseis	(houvésseis)	"	"	"
	Se eles tivessem	(houvessem)	"	"	"

Futuro[3]

SING.	Quando eu	louv-ar	vend-er	part-ir
	Quando tu	louv-ares	vend-eres	part-ires
	Quando ele	louv-ar	vend-er	part-ir
PLUR.	Quando nós	louv-armos	vend-ermos	part-irmos
	Quando vós	louv-ardes	vend-erdes	part-irdes
	Quando eles	louv-arem	vend-erem	part-irem

Futuro composto

SING.	Quando eu tiver	(houver)	louv-ado	vend-ido	part-ido
	Quando tu tiveres	(houveres)	”	”	”
	Quando ele tiver	(houver)	”	”	”
PLUR.	Quando nós tivermos	(houvermos)	”	”	”
	Quando vós tiverdes	(houverdes)	”	”	”
	Quando eles tiverem	(houverem)	”	”	”

IMPERATIVO

Presente

SING.	louv-a tu	vend-e tu	part-e tu
PLUR.	louv-ai vós	vend-ei vós	part-i vós

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo impessoal

LOUV-AR **VEND-ER** **PART-IR**

Infinitivo impessoal composto

ter (haver) louv-ado vend-ido part-ido

Infinitivo pessoal

SING.	Por louv-ar eu	vend-er	part-ir
	Por louv-ares tu	vend-eres	part-ires
	Por louv-ar ele	vend-er	part-ir

(3) As flexões do futuro do subjuntivo confundem-se nos verbos regulares com as do infinitivo pessoal, embora de formação e etimologia muito diferentes. Em muitos verbos irregulares não se dá essa confusão. O infinitivo pessoal, o particípio e o gerúndio serão estudados no § 915 e ss. (V. § 459, n. 1 – ao pé da página).

PLUR.	Por louv-armos nós	vend-ermos	part-irmos
	Por louv-ardes vós	vend-erdes	part-irdes
	Por louv-arem eles	vend-erem	part-irem

Infinitivo pessoal composto

SING.	Por ter	(haver)	eu	louv-ado	vend-ido	part-ido
	Por teres	(haveres)	tu	"	"	"
	Por ter	(haver)	ele	"	"	"
PLUR.	Por termos	(havermos)	nós	"	"	"
	Por terdes	(haverdes)	vós	"	"	"
	Por terem	(haverem)	eles	"	"	"

Gerúndio

louv-ando vend-endo part-indo

Particípio

louv-ado vend-ido part-ido

Particípio composto

tendo (havendo) louv-ado vend-ido part-ido

Questionário

1. Que é verbo *regular*?

2. Que é *paradigma de conjugação*?

3. Dizer quais dos seguintes verbos são *regulares* e quais *irregulares*: dar, estar, optar, saudar, ver, ser, ler, trazer, saber, atender, sentir, prevenir, sumir, sair, decidir, evadir. (Veja bem o § 433: "...para averiguar...".)

4. Que diz da diferenciação prosódica entre *amâmos* (indicativo presente) e *amámos* (pret. perf.)?

5. Corrija: *a*) "Não fazei mal aos passarinhos" – *b*) "Sejais obedientes aos vossos mestres, e amais os que vos repreendem" – *c*) "Lembrei-vos de que já fosteis pequeninos. Não esquecei-vos do trabalho que desteis aos vossos pais" – *d*) "Se fosse-mos fazer a obrigação, nada haveria acontecido".

6. Que diz da construção: "Desconheço quem *faça* isso"?

7. Errada ou certa a construção: "Viva as férias"? Por quê?

8. Errada ou certa a construção: "Se ele não parava o carro, era desastre certo"? Por quê?

CAPÍTULO 29

PROSÓDIA E GRAFIA DE CERTOS VERBOS

1ª conjugação

438 – Antes do estudo dos verbos irregulares, veremos certas variações que não alteram profundamente a forma, nem prosódica nem gráfica, do verbo.

Variações Fonéticas

439 – Observe-se preliminarmente que um verbo pode, no decurso da conjugação, ter o acento ou na desinência (am-*a*mos, am-*a*is, vend-*ê*reis, part-ir*i*a) ou no radical (*a*m-o, v*e*nd-a, des*e*j-o); estas segundas formas verbais dizem-se *rizotônicas*, por cair o acento tônico no radical do verbo, e são as seguintes: 1ª, 2ª e 3ª pessoa do singular do indicativo e do subjuntivo presentes, 3ª pessoa do plural desses mesmos tempos e 2ª pessoa do singular do imperativo presente.

Pois bem, quando a forma verbal é rizotônica, não pode ser proparoxítona. Expliquemos: Verbos como *medicar*, *clinicar*, *maquinar*, *silabar*, *paroquiar*, *datilografar*, *telegrafar*, *oscular* e outros devem ser conjugados: eu med*í*co, eu clin*í*co, ele maqu*í*na, ele sil*á*ba, ele paroqu*í*a, eu datilogr*á*fo, eu telegr*á*fo, eu osc*ú*lo.

Aqui apresentamos pequena lista de tais verbos:

Verbos	Substantivos (ou adjetivos)	Verbos	Substantivos (ou adjetivos)
cliníco	clínico	interpréte	intérprete
medíco	médico	anuncío	anúncio
adultéro	adúltero	concilío	concílio
reverbéro	revérbero	auxilío	auxílio
apostrófo	apóstrofo	obvío	óbvio

Por essa razão é que se aconselha a pronúncia: eu mobil*í*o, tu mobil*í*as, ele mobil*í*a... eles mobil*í*am; que eu mobil*í*e, mobil*í*es etc.

Há ainda um verbo que requer atenção especial: *computar*; embora não muito usadas, as três primeiras pessoas do indicativo presente devem ser paroxítonas: comp*ú*to, comp*ú*tas, comp*ú*ta; igual acento devem ter as outras formas rizotônicas: eles comp*ú*tam, que eu comp*ú*te, comp*ú*tes, comp*ú*te... comp*ú*tem. O substantivo é que é proparoxítono: o cômputo dos salários.

440 –Terminação UAR: Os verbos terminados em **uar** são regulares; neles o radical não sofre alteração. Acrescente-se, ainda, a seguinte importante observação: Nas formas rizotônicas o acento tônico (que não se escreve) é geralmente no *u*:

suar – s*ú*-o, s*ú*-as, s*ú*-a... s*ú*-e, s*ú*-es, s*ú*-e...

encruar – encr*ú*-o, encr*ú*-as, encr*ú*-a... encr*ú*-e, encr*ú*-es...

atuar – at*ú*-o, at*ú*-as, at*ú*-a... at*ú*-am; at*ú*-e, at*ú*-es...

Notas: 1ª – A gente inculta diz: "A batata encr*ô*a" – "Eu s*ô*o" – "Eu ag*ô*o".

2ª – Não devemos confundir *suar* (transpirar) com *soar* (produzir som).

3ª – Há quatro verbos terminados em *quar*, cuja conjugação merece ser observada:

a) *adequar-se*, que somente se usa nas formas *arrizotônicas* (*a* = não: formas em que o acento tônico cai na desinência e *não* no radical): nós nos adequamos, vós vos adequais; eu me adequava, tu te adequavas etc.; eu me adequei, tu te adequaste e assim por diante. Por outras palavras: Este verbo não se usa nas formas em que a vogal tônica *u*; só se conjugam as formas em que o acento tônico cai na desinência;

b) *antiquar-se* – Segue este verbo a mesma orientação de *adequar-se*;

c) *apropinquar-se* e *obliquar* – Sobre estes verbos, hoje pouco usados, temos a dizer o seguinte: o Acordo Ortográfico de 1990 (base X, parágrafo 7.º) normatizou a prosódia e a grafia de verbos terminados em *guar* e *quar*, sem, entretanto, ser taxativo. Em vez de referir-se a eles dessa forma – "verbos terminados em *guar* e *quar*" –, diz "verbos do tipo de aguar (...) e afins". Assim, podemos considerar que os verbos com essas terminações geralmente apresentam dois paradigmas, ou seja, dois modelos alternativos de pronúncia. Há os que têm as formas rizotônicas

I. com a vogal tônica no *u*, mas sem acento gráfico, como em *enxag<u>u</u>o, enxag<u>u</u>as, enxag<u>u</u>a, enxag<u>u</u>am, enxag<u>u</u>e, enxag<u>u</u>es, enxag<u>u</u>e, enxag<u>u</u>em* etc.; *obliq<u>u</u>o, obliq<u>u</u>as, obliq<u>u</u>a, obliq<u>u</u>am, oblique, obliques, oblique, obliquem* etc.;

II. acentuadas fônica e graficamente nas vogais *a* ou *i* do radical: *enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam, enxágue, enxágues, enxágue, enxáguem* etc.; *oblíquo, oblíquas, oblíqua, oblíquam, oblíque, oblíques, oblíque, oblíquem* etc.

Portanto, os verbos *apropinquar-se* e *obliquar* conjugam-se facultativamente dessa maneira.

441 – Terminação OAR: Os verbos terminados em **oar** são inteiramente regulares: *vo-o, vo-as, vo-a* etc.; *asso-o, asso-as, asso-a...*; *mago-o, mago-as, mago-a...* Portanto, verbos como *assoar, abalroar* e outros devem ter sempre *o* no radical e nunca *u*; ass*u*-a, abalr*u*-ou, com *u* no radical, são formas erradas.

442 – Terminações **gnar, bstar, ptar, psar** e **tmar**: Em verbos assim terminados, nenhuma vogal se irá acrescentar entre o *g* e o *n* dos verbos em *gnar* (*dignar-se, indignar-se*), entre o *b* e o *s* dos terminados em *bstar* (*obsta*, e não ób*e*sta), entre o *p* e o *t* dos em *ptar* (*opto*, e não ópito), entre o *p* e o *s* dos em *psar* (eclipsa, elipsa), entre o *t* e o *m* dos em *tmar* (eu *ritmo*, e não eu rit*i*mo).

É, pois, erro, e muito erro, dizer "Ele se indigu*í*na" – "Isso indigu*í*na a gente". Não existe entre o *g* e o *n* nenhuma vogal, e o acento nas formas rizotônicas só pode cair no *i* que antecede o *g*: "Eu me ind*í*gno" – "Isso ind*í*gna a gente".

443 – Os verbos que possuem na última sílaba do radical os ditongos crescentes ou hiatos **au** (saudar, abaular), **ai** (arraigar, enraizar, judaizar, embainhar), **ui** (arruinar) e **iu** (enviuvar), devem ser conjugados de maneira tal que, nas formas rizotônicas, o acento caia na segunda dessas vogais, porquanto tais grupos constituem ditongos crescentes ou hiatos e não ditongos decrescentes (V. nota 1 do § 50): a-ba-*ú*-lo, ar-ra-*í*-go, ar-ru-*í*-no, en-vi-*ú*-vo.

Observe-se, com toda a atenção, o seguinte: Nos verbos em que há o grupo *au* ou *ai*, é necessário ver a procedência; em *pautar, pausar, saraivar* e outros, o acento cai no *a*, visto provirem esses verbos de nomes em que há ditongo decrescente (pa*u*ta, pa*u*sa, sara*i*va); quando provindos de nomes em que há ditongo crescente ou hiato (ba-*ú*, sa-*ú*-de, ra-*i*z, ju-*i*z, vi-*ú*-vo) é que os verbos se conjugam como ficou indicado.

444 – Uma classe de verbos há que dificilmente aparecem conjugados corretamente; são os que possuem o ditongo **ei** na penúltima sílaba. *Aleijar, peneirar, abeirar-se, inteirar, enfeixar* são verbos que deturpadamente ouvimos pronunciados e pessimamente escritos: al*é*jo, pen*é*ro, ele se ab*é*ra, eu int*é*ro, ele enf*é*xa, quando a verdadeira pronúncia e grafia devem ser: al*ê*ijo, pen*ê*iro, ele se ab*ê*ira, eu int*ê*iro, ele enf*ê*ixa.

Não nos devemos deixar contaminar pela pronúncia vulgar e viciosa.

Notas: 1ª – Tratando-se de verbos com **oi** na penúltima sílaba, precisaremos distinguir:

a) se seguido de vogal, o *oi* é aberto e não acentuado graficamente: *boio, apoias, comboiam*;

b) se seguido de consoante, o grupo vocálico permanece fechado (*ôi*) e sem acento gráfico: *pernoito*, *amoitas*, *noiva*, *acoimam*.

2ª – Verbos com *eu* na penúltima sílaba conservam fechado o ditongo: *endêuso*.

445 – Exigem também cuidado na conjugação os verbos que possuem o grupo **ou** na penúltima sílaba; verbos como *afrouxar*, *estourar*, *dourar*, *poupar*, *cavoucar*, *roubar* e outros conservam fechado o *o* do grupo *ou*: eu afrôuxo, eu estôuro, eu dôuro, eu pôupo, eu cavôuco, eu rôubo (e não, desvirtuando-se a prosódia e a grafia: afróxo, dóro, pópo, cavóco, róbo, formas estas que não existem no português culto).

446 – Verbos como *levar*, *errar*, *pescar*, *herdar*, *zelar*, *rezar*, *interessar*, *encrespar* etc., que têm o **e** fechado na penúltima sílaba, e outros como *rogar*, *almoçar*, *torrar*, *empolgar*, *apostar*, *forçar*, que têm o **o** da penúltima sílaba também fechado, passam a ter tais vogais temáticas abertas nas formas rizotônicas: lévo, lévas, léva... lévam; léva tu; léve, léves, léve... lévem. Fórço, fórças, fórça... fórçam; fórça tu; fórce, fórces, fórce... fórcem.

Constituem **exceções** do presente caso:

a) os verbos *chegar*, *amancebar* e aqueles cujos radicais terminam em *m*, *n* ou *nh*, como *remar*, *penar*, *empenhar*, *assomar*, *engomar*, *abandonar*, *sonhar* etc., e ainda o verbo *afofar* (tornar fofo);

b) os verbos terminados em *ejar* (menos *invejar*), *echar* ou *exar*, *elhar*. V. *moureja* no D.QVs.

Portanto, assim devemos eruditamente conjugar: trovêja, vicêja (e não vicéja), cacarêja, aconsêlho, eu me ajoêlho, espêlho ("E o teu futuro espêlha essa grandeza", e não espélha), fêcho, fêchas, fêcha ("Fêche essa janela", e não féche), desfêcho, bochêcho, vêxo, vêxas, vêxa ("Não vêxe fulano", e não véxe), assemêlha-se, que a ele se assemêlhe.

Nota: Não obstante a ortografia oficial prescrever que se pronuncie o verbo *pesar*, na acepção de causar mágoa ou tristeza, com o *e* fechado na 3ª do singular do indicativo presente e em igual pessoa do subjuntivo, o uso, ao que parece, dá preferência para a pronúncia aberta, sem nenhuma consideração ao sentido metafórico.

– No expor a conjugação de certos verbos, empregamos acentos para clareza de exposição e não por serem exigidos.

Variações Gráficas

447 – Em alguns verbos efetuam-se certas alterações gráficas que visam a conservar a uniformidade de pronúncia que tem o verbo no infinitivo; tais alterações geralmente se operam na última consoante temática. São elas:

1 – Nos verbos terminados em **CAR**, troca-se o *c* por *qu* antes de *e*:

Ficar: fi*qu*ei, fi*qu*es, fi*qu*e...

Abdicar: abdi*qu*ei, abdi*qu*e, abdi*qu*emos...

Pecar: pe*qu*ei, pe*qu*e, pe*qu*es...

2 – Nos verbos terminados em **ÇAR**, suprime-se a cedilha quando ao *c cedilhado* segue-se *e*:

Roçar: ro*c*ei, ro*c*e, ro*c*es, ro*c*e...

Içar: i*c*ei, i*c*e, i*c*es, i*c*e...

Destrinçar (destrin*ch*ar é forma errada): destrin*c*ei, destrin*c*e, destrin*c*es, destrin*c*e...(V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "destrinçar").

3 – Nos verbos terminados em **GAR**, muda-se o *g* em *gu* antes de *e*:

Negar: ne*gu*ei, ne*gu*e, ne*gu*es, ne*gu*e...

Pagar: pa*gu*ei, pa*gu*e, pa*gu*es, pa*gu*e...

4 – Nos verbos terminados em **JAR**, conserva-se o *j* em todas as formas da conjugação:

Viajar: via*j*ei, via*j*aste, via*j*ou... via*j*e, via*j*es...

Pensando no substantivo *viagem*, escrevem muitos a terceira pessoa do plural do presente do subjuntivo também com *g*, quando é isso erro; *viajem* é a forma verbal citada de *viajar*, e *viagem* é o substantivo.

448 – Observe-se a diferença gráfica entre os verbos *avisar*, *precisar*, *eletrolisar*, *analisar*, *endeusar* e outros como *realizar*, *idealizar*, *fiscalizar*, *colonizar* etc.; os primeiros escrevem-se com *s* porque assim se escrevem os respectivos radicais, ao passo que os segundos se escrevem com *z*, porque neles entra o sufixo **izar**, que etimologicamente se escreve com *z*.

Noutras palavras assim podemos expressar-nos: Nos verbos cujo sufixo é *ar*, a terminação se escreve com *s* ou com *z*, de conformidade com o substantivo de que deriva o verbo; os verbos cujo sufixo é *izar* escrevem-se sempre com *z*:

aviS(o)	+	ar	eletroliS(e)	+	ar	real	+	iZar	colon(ia)	+	iZar
preciS(o)	+	ar	ajuiZ	+	ar	martir	+	iZar	entron(o)	+	iZar
analiS(e)	+	ar	enraiZ	+	ar	ideal	+	iZar	monopol(io)	+	iZar
endeuS	+	ar	cicatriZ	+	ar	fiscal	+	iZar	american(o)	+	iZar

E assim: *catalisar*, *dialisar*, *paralisar*, *pesquisar*. (V. D. QVs, *economizar*.)

2ª conjugação

Variações Fonéticas

449 – Os verbos da segunda conjugação que têm *e* fechado na penúltima sílaba passam a ter o **e** aberto nas formas rizotônicas, com exceção da 1ª pessoa do singular do indicativo presente e das do subjuntivo, visto dessa pessoa derivar-se o subjuntivo presente:

Ind. pres.	*subj. pres.*	*imperat. pres.*
merêço	que eu merêça	– meréce tu
– meréces	que tu merêças	
– meréce	que ele merêça	
(merecemos)	(q. nós mereçamos)	
(mereceis)	(q. vós mereçais)	
– merécem	que eles merêçam	

E assim se conjugam *erguer* (êrgo, érgues, érgue... érguem; êrga, êrgas etc.), *beber* (bêbo, bébes... bêba, bêbas...), *ceder*, *parecer* e muitos outros.

450 – Fenômeno semelhante opera-se com os verbos que têm **o** na penúltima sílaba: môvo, móves, móve... móvem; móve tu; que eu môva, môvas... – côrro, córres, córre... córrem etc.

Variações Gráficas

451 – O *c* dos verbos terminados em **CER** recebe cedilha antes das vogais *a* e *o*:

Descer: desço... desça, desças, desça...

Nascer: nasço... nasça, nasças, nasça...

452 – O *g* dos verbos terminados em **GER** muda-se em *j* antes de *a* e *o*:

Eleger: elêjo... elêja, elêjas, elêja...

Proteger: protêjo... protêja, protejas, protêja...

Notas: 1ª – Assim se conjugam *constranger*, *ranger*, *reger*, *tanger* etc. Quanto ao v. *viger*, V. § 488, g.

2ª – Igual fenômeno opera-se nos verbos em **GIR** da terceira conjugação: *Fugir*: fujo... fuja, fujas... – *Restringir*: restrinjo... restrinja, restrinjas...

3ª – Devemos preferir *cerzir* a *cergir* (quanto à conjugação: § 466, obs. do v. *aderir*).

4ª – O verbo *infligir* (*infligir* castigo = *aplicar* castigo) não deve ser confundido com *infringir* (*infringir* a lei = *violar*, *transgredir* a lei).

5ª – Dos verbos em *gir* existe o verbo *tugir* (= falar em voz baixa), muito usado em contraposição a *mugir*, e rimando com este verbo: "Não *tuge* nem *muge*" – "Não *tugiu* nem *mugiu*" – "Ficou sem *tugir* nem *mugir*".

453 – Os verbos terminados em **GUER** perdem o *u* antes de *o* e *a*:

Erguer: *êrgo*, érgues, érgue... *êrga*, *êrgas*, *êrga*...

Notas: 1ª – Assim se conjugam *reerguer*, *soerguer*.

2ª – Fenômeno idêntico se passa com os verbos da terceira conjugação, terminados em **GUIR**, quando o *u* não é pronunciado: *Distinguir*: *distingo*... *distinga*, *distingas*...

3ª – O verbo *languir* (pronuncia-se *langhir* e significa *elanguescer*, *perder as forças*) só é usado nas formas em que o *gu* vem seguido de *e* ou de *i*: langu*es*, langu*e*, langu*imos*... (o *u* deste verbo é sempre insonoro).

3ª conjugação

454 – Além das que na presente lição ficaram explanadas, outras alterações há na 3ª conjugação, mas, por serem mais profundas, serão estudadas na parte dos verbos irregulares.

Questionário

1. Quando é *rizotônica* uma forma verbal? Exemplos.

2. Qual o acento de *reverbero* e *adultero*? (Saiba distinguir, especificando quando verbos e quando substantivos.)

3. Escreva todas as formas rizotônicas dos verbos *mobiliar* e *computar*. (Coloque o acento e só escreva as formas rizotônicas, que são apenas 9: V. § 439.)

4. Escreva o presente do indicativo e do subjuntivo do verbo *aguar*. (Coloque acento nas formas rizotônicas e separe sempre a desinência do radical: *agú-o* etc.; não se distraia pondo acento na 1ª e na 2ª do plural.)

5. Escreva o indicativo presente de *averiguar*. (Coloque acento.)

6. Escreva o pretérito perfeito do indicativo do verbo *abalroar* (§ 441).

7. Escreva o indicativo presente dos verbos *ritmar* e *indignar-se*. (Coloque o acento e separe todas as sílabas: *rít-mo* etc.)

8. Escreva só a primeira pessoa do singular do indicativo e do subjuntivo presentes dos verbos *abaular*, *arraigar* e *embainhar*. (Separe todas as sílabas e coloque acento: *a-ba-ú-lo... ar-ra-í-go... em-ba-í-nho*.)

9. Escreva – colocando os sinais diacríticos – o indicativo presente de *aleijar* e *peneirar* (§ 444).

10. Escreva somente as formas rizotônicas (são apenas 9) dos verbos *roubar* e *cavoucar*.

11. Escreva o subjuntivo presente dos verbos *fechar* e *espelhar*. (Coloque acento.)

12. É certo dizer "destrinchar um frango"? (V. o n. 2 do § 447.)

13. Escreva a 3ª pessoa do plural do subjuntivo presente dos verbos *viajar* e *enferrujar*.

14. Escreva o indicativo e o subjuntivo presentes do verbo *roer* (§ 450, n. 1.)

15. Escreva o subjuntivo presente do verbo *nascer* (§ 451).

16. Qual a diferença de grafia e de sentido entre *infligir* e *infringir*? (§ 452, n. 2.)

17. Conjugue no indicativo e no subjuntivo presentes o verbo *languir*. (Veja bem a *nota* do § 453.)

18. Reproduza, devidamente corrigidos, os seguintes períodos:

a) Você nunca entre sem mim te mandar; ouviu, Belmira? (Recorde o § 313 desde "Essa é a razão por que...", e o § 316.)

b) Ele me pediu para mim deixar de trabalhar. (V. § 581, n. 1, no pé da pág.)

c) Mande elas entrar porque está serenando.

d) Não compreendi o ponto que o professor discorreu na aula de ontem. (Recorde a nota 3 do § 345, quando diz "Claro está que...".)

e) Na Espanha não se pede favores (§ 391, n. 2); manda-se, e pobre do que não obedece as ordens. (§ 301, b.)

f) Quando nós lhe vimos, ele fez-nos sinal que aproximasse-mos.

g) Este dinheiro é para pagar o médico pelas visitas que fez. (*Quem paga, paga uma coisa a alguém*; a pessoa é obj. ind.; a coisa é obj. direto.)

h) No tempo que V. Exª morava no vosso palacete da rua Conde de Bonfim, nós éramos vossos vizinhos. (§ 315 e 316; § 84, 1.)

i) Mas eu, o que é que tenho com isso? (§ 367.)

j) Ora! Eu não estava falando consigo. (§ 408.)

19. No seguinte trecho, há várias palavras grifadas; *deve* o aluno reproduzi-lo *inteiramente*, determinando, ao lado ou embaixo de cada palavra grifada, a função sintática que exerce na frase, isto é, deve dizer se é *sujeito*, se é *objeto direto* ou *indireto* ou se é *predicativo*; para tanto, recorde e consulte os §§ indicados ao pé da página:

O *grego*(1) e o *latim*(1) são necessários *elementos*(2) desta educação nobre. Deixar falar modernos e modernices, petimetres e neologistas de toda a espécie; o homem *que*(3) se destina, ou que *o*(4) destinou seu *nascimento*(5), *a uma vocação pública*(6), não pode sem vergonha ignorar as belas *letras*(4) e os clássicos. Saiba *ele*(5) mais *matemática*(4) do que Laplace, mais *química*(4) do que Lavoisier, mais botânica do que Jussieu, mais zoologia do que Linneu e Buffon, mais economia política do que Smith e Say, mais filosofia de legislação do que Montesquieu e Bentham, se ele não for *o que*(7) *os ingleses* chamam "a good scholar", triste *figura*(4) há de fazer falando ou seja na barra, na tribuna, no púlpito, tristíssima escrevendo, seja qual for a *matéria*(1), porque não há assunto em que as *graças*(1) do estilo e a correção da frase e beleza da dicção não sejam *necessárias*(2) e indispensáveis.

(1) § 397.
(2) § 302.
(3) § 377, 392.
(4) § 301, a.
(5) § 388.
(6) § 301, b.
(7) V. bem a nota 3 do § 345. É preciso analisar o "o" (§ 302), o "que" (§ 301, a) e "os ingleses" (§ 388).

CAPÍTULO 30

VERBOS IRREGULARES

458 – Do estudo do § 433 podemos mais ou menos depreender o que venha a ser *verbo irregular*. Com mais propriedade, assim podemos defini-lo: *Verbo irregular* é o verbo cujo radical sofre modificação no decurso da conjugação, ou cujas desinências se afastam das desinências do paradigma, ou ainda, o que sofre modificações tanto no radical quanto nas desinências.

Deduzimos, daqui, haver três espécies de verbos irregulares:

1 – verbos cuja irregularidade se dá no radical (ou tema) – (irregularidade **temática**) – *Perd*-er: *perc*-o (o radical *perd* transformou-se em *perc); fer*-ir, *fir*-o;

2 – verbos cuja irregularidade se dá na desinência (irregularidade **flexional**) – d-*ou* (a desinência regular da 1ª pess. do sing. do ind. pres. da 1ª conj. é *o*); t-*er:* t-*enho*;

3 – verbos cuja irregularidade se dá, ao mesmo tempo, no tema e na desinência (irregularidade **temático-flexional**) – *Cab-er*: *coub-e* (houve alteração no radical, que de *cab* passou para *coub,* e, ao mesmo tempo, na desinência, que no paradigma é *i*); *quer-er*: *quis*; *faz-er*: *fiz.*

Nota: Veremos, no presente estudo, que precisamente os verbos mais usados é que são os mais irregulares. Esse fenômeno opera-se em todas as línguas, sendo interessante notar que em nenhum idioma o verbo *ser* é regular.

Quanto mais se usa, mais uma coisa se estraga; podemos, pois, dizer que os verbos irregulares são *verbos estragados.*

459 – Nos verbos há os tempos chamados **primitivos** e os tempos chamados **derivados**. Quase sempre (note-se bem: "Quase sempre"), a irregularidade surgida no tempo primitivo passa para os respectivos tempos derivados. Disso tivemos ligeira notícia no § 449, e aqui está agora o quadro da derivação dos tempos verbais, quadro cujo conhecimento muito interessa aos patrícios e, principalmente, aos estrangeiros, no estudo dos verbos quer irregulares quer regulares. Para melhor compreensão e utilidade, os exemplos oferecidos neste quadro não são sempre os mesmos.

TEMPOS PRIMITIVOS	TEMPOS DERIVADOS
1 – 1ª pessoa do singular do indicativo presente:	Todas as pessoas do subjuntivo presente (mediante mudança das desinências de acordo com o paradigma da conjugação):
am-o	am e / dig a
	" es / " as
dig-o	" e / " a
	" emos / " amos
	" eis / " ais
	" em / " am
2 – 2ª pessoa do singular do indicativo presente:	2ª pessoa do singular do imperativo positivo (mediante supressão do *s* final; V. § 413, b):
amas	ama
vens	vem
vês	vê
3 – 2ª pessoa do plural do indicativo presente:	2ª pessoa do plural do imperativo positivo (mediante supressão do *s* final):
dais	dai
ouvis	ouvi
trazeis	trazei
vedes	vede

4 – 3ª pessoa do plural do pretérito perfeito:

fizeram

viram

vieram

a) mais-que-perfeito do indicativo (mediante supressão do *m* final):

fizera, fizeras, fizera, fizéramos...

vira, viras, vira, víramos, víreis...

viera, vieras, viera, viéramos...

b) futuro do subjuntivo (mediante supressão do *am*):

quando eu fizer, fizeres, fizer...

quando eu vir, vires, vir, virmos, virdes, virem[1]

quando eu vier, vieres, vier...

c) imperfeito do subjuntivo (mediante troca do *ram* por *sse*):

se eu fizesse, fizesses...

se eu visse, visses, visse...

se eu viesse, viesses, viesse...

---

(1) Sempre que dúvidas tivermos sobre a conjugação do futuro do subjuntivo, bastar-nos-á verificar a 3ª pess. do pl. do pret. perfeito. Se formos confrontar o fut. do subj. com o infinitivo pessoal, notaremos haver igualdade de forma para muitos verbos, não se dando o mesmo para uns tantos outros. *Fazer*, por exemplo, conjuga-se no infinitivo pessoal: *fazer*, *fazeres*, *fazer*, *fazermos*, *fazerdes*, *fazerem*; mas no futuro do subjuntivo veremos as formas: quando eu *fizer*, *fizeres*, *fizer*, *fizermos*, *fizerdes*, *fizerem*, porquanto este tempo se origina, da maneira acima exposta, de *fizeram*.

O futuro do subjuntivo do verbo *ver*, a diferença do infinitivo pessoal (ver, veres, ver, vermos, verdes, verem), é: quando eu *vir*, quando tu *vires*, quando ele *vir*, quando nós *virmos*, quando vós *virdes*, quando eles *virem*.

Na classe medianamente culta jamais nos é dado ouvir corretamente conjugado esse verbo no tempo aludido. Por outro lado, frequentemente ouvimos, ainda de portadores de pergaminho, sentenças como estas: "Quando você me *ver* de bengala..." – "Sempre que eu *ver* você fumando..."

Erro, e erro dos graúdos esse. Quando você me *vir*... – Se papai o *vir* na rua... – Você verá se mamãe a *vir*... – é como, unicamente, se deve dizer.

Não há motivo para confundir o verbo *ver*, assim conjugado, com o verbo *vir* (chegar); este, no infinitivo, será, também: *vir*, *vires*, *vir* etc., mas no futuro do subjuntivo se conjugará: Quando eu vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem (V. § 433, n. 3)

Observe-se a inexistência do futuro do subjuntivo em outros idiomas, incluído o latim (§ 419, 4; § 585, 4).

Tempo Primitivo	Tempos Derivados
5 – Infinitivo presente impessoal: ver vir	*a*) imperfeito do indicativo (com exceção de alguns poucos – *ser*, *ter*, *pôr*, *vir* – mediante troca de *ar* por *ava*, de *er*, *ir* por *ia*): dava, davas... dizia, dizias... pedia, pedias... *b*) futuro do presente (mediante acréscimo de *ei*): verei, verás, verá... virei, virás, virá... *c*) futuro do pretérito (mediante acréscimo de *ia*): veria, verias, veria... viria, virias, viria...(2) *d*) infinitivo pessoal: ver, veres, ver, vermos... vir, vires, vir, virmos...

1ª Conjugação

Verbos em EAR

460 – Os verbos terminados em *ear*, como *passear*, *recear* etc., sofrem o acréscimo de um *i* no radical das formas rizotônicas, isto é, nesses verbos se intercala um *i* entre o radical e a desinência quando o acento cai no *e*, o que se dá nas três primeiras pessoas do singular e na 3ª do pl. do presente do indic. e do subj., e na 2ª pessoa do sing. do imperativo:

passe*i*o	passe*i*e	
passe*i*as	passe*i*es	passe*i*a tu
passe*i*a	passe*i*e	
passeamos	passeemos	
passeais	passeeis	
passe*i*am	passe*i*em	

(2) Tanto para o futuro do presente como para o futuro do pretérito, os verbos *dizer*, *fazer* e *trazer* não seguem essa regra: *direi*, *farei*, *trarei*; *diria*, *faria*, *traria*.

1 – Se os verbos terminados em *ear* devem receber um *i* eufônico sempre que o acento tônico recai na vogal temática, esse *i* perderá sua razão de existência quando o acento recair na desinência. Essa é a razão por que verbos como *alhear*, *recear*, *afear*, *arrear*, *idear*, não obstante provirem de alheio, receio, feio, arreio, ideia, não devem com *i* ser grafados no infinitivo, nem em nenhuma das formas em que o acento cai na desinência; não existe no português atual verbo terminado em *eiar*: ou termina em *ear* ou em *iar*.

2 – É essa ainda a razão pela qual não devemos admitir a distinção entre *crear* e *criar*. A forma *crear* vem criar uma irregularidade na conjugação dos verbos em *ear*, obrigando a que se pronuncie *crêo*, *crêas* (em vez de creio, creias etc.), contra as regras de prosódia e grafia de tais verbos. O verbo *criar* é conjugado regularmente, e o mesmo se diga dos seus compostos *procriar* e *recriar*. (Não se confunda o verbo *recriar*, que significa criar de novo, com o verbo *recrear*, dar recreio, proporcionar divertimento.)

3 – O verbo *gear* é pelo povo contraditoriamente conjugado *gia* e *gie*; o certo é: "Esta noite *geia*" – "Se hoje geou, não importa que amanhã também *geie*". O verbo, cognato de g*e*ada (e não de g*i*ada), termina em *ear*, e deve, para a conjugação, seguir a regra dos verbos assim terminados.

4 – Quando provindo de nome terminado em *eia* aberto (*estreia*, *ideia*), também o verbo tem aberto o ditongo *ei* nas formas *rizotônicas*: *ideio*, *ideias*...

5 – *ee*: Quando no paradigma a desinência de uma forma arrizotônica começa por *e*, num verbo em *ear* a forma verbal tem dois *ee*, pois o primeiro é do próprio verbo: *folheei* (não confundir *folhear* com *folhar*), *folheemos*, *folheeis*.

Verbos em IAR

461 – É lastimável a confusão que se faz entre os verbos terminados em *ear* e os que terminam em *iar*: Deviam ser regulares todos os verbos terminados em *iar*.

Quer isso dizer que os verbos terminados em *iar* nenhuma alteração deviam sofrer no radical. Conseguintemente, a sua conjugação se efetuaria como no paradigma, acrescentando-se ao radical (que se consegue tirando-se a terminação *ar*) as desinências regulares.

Se em *louv-ar* o radical *louv* permanece invariável, os verbos em *iar*, como *premi*-ar, *negoci*-ar, *ansi*-ar, *incendi*-ar, e muitos outros, deviam igualmente conservar imutável seu radical:

louv-o	premí-o	negocí-o	ansí-o
louv-as	premí-as	negocí-as	ansí-as
louv-a	premí-a	negocí-a	ansí-a
louv-amos	premi-amos	negoci-amos	ansi-amos
louv-ais	premi-ais	negoci-ais	ansi-ais
louv-am	premí-am	negocí-am	ansí-am

E, assim, *comercí-o* (e não *comercei-o*), *obsequí-o* etc. O próprio verbo *odiar* muitos há que conjugam regularmente: *odí-o*, *odí-as*, *odí-a*... *odí-am*; *odí-e*, *odí-es*, *odí-e*... *odí-em*; *odí-a* tu.

Se os verbos em *ear* sofrem acréscimo de *i* quando o acento tônico recai no *e* temático, os verbos em *iar* não deviam com eles ser confundidos. Se essa confusão era ainda maior em outros tempos (note-se este provérbio antigo: "O ignorante e a candeia a si queima e a outros *alumeia*"), hoje parece restringir-se aos verbos *ansiar*, *mediar*, *odiar* e *premiar*.

Nota: Não vá o aluno fazer confusão entre *afear* e *afiar*, *cear* e *ciar*, *estrear* e *estriar*, *mear* e *miar* etc. V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "verbos terminados em *EAR* e em *IAR*".

Outros Verbos Irregulares

462 – Três verbos existem, na 1ª conjugação, que são irregulares nas formas rizotônicas, isto é, nas formas em que o acento tônico recai sobre a vogal temática, o que se dá na 1ª, 2ª e 3ª pessoa do singular do indicativo e do subjuntivo presentes, na 3ª pessoa do plural desses mesmos tempos e na 2ª pessoa do singular do imperativo presente.

São os seguintes:

APIEDAR-SE

1 – Deriva este verbo de *piedade*, palavra que os nossos caboclos erroneamente pronunciam pi*a*dade. Se esse *a* constitui erro no substantivo, deve aparecer no verbo *apiedar-se* todas as vezes em que o acento recai no tema do verbo, ou seja, nas formas rizotônicas:

Eu me *apiado*, tu te *apiadas*, ele se *apiada*, eles se *apiadam*; que eu me *apiade*, que tu te *apiades*, que ele se *apiade*, que eles se *apiadem*; *apiada*-te tu.

Nas demais formas, o verbo deverá trazer *e*, visto cair o acento na desinência: nós nos *apiedamos*, vós vos *apiedais*; que nós nos *apiedemos*, que vós vos *apiedeis*; eu me *apiedei* etc.; eu me *apiedarei* etc.

Nota: o verbo *apiedar-se*, que significa *ter piedade*, pode construir-se de três maneiras:

a) com a preposição *a*: "Apiedou-se *à* fraqueza do pobre".

b) com a preposição *com*: "Só a criada se apiedava *com* o estado do pobrezinho".

c) com a preposição *de*: "Senhor, apiedai-vos *de* minha cegueira".

MOSCAR-SE

2 – O *o* de *moscar-se* (= sumir-se, desaparecer da presença de alguém) transforma-se em *u* nas formas rizotônicas:

Eu me *musco*, tu te *muscas*, ele se *musca*, eles se *muscam*; que eu me *musque*, *musques*, *musque*, *musquem*; *musca*-te tu.

RESFOLEGAR

3 – Provém o verbo *resfolegar*, que significa tomar *fôlego*, do substantivo *fôlego*. Se o substantivo é proparoxítono, o verbo não pode ter esse acento nas formas rizotônicas (§ 439); daí a irregularidade desse verbo, o qual perde o *e* da sílaba *le* nas formas rizotônicas:

Resfolgo, *resfolgas*, *resfolga*, resfolegamos, resfolegais, *resfolgam*; que eu *resfolgue*, *resfolgues*, *resfolgue*, resfoleguemos, resfolegueis, *resfolguem*; *resfolga* tu.

DAR

4 – Temos, finalmente, o verbo *dar*, que assim se conjuga:

Dou, *dás*, dá, damos, *dais*, dão; dava, davas, dava, dávamos, dáveis, davam; dei, deste, deu, demos, destes, *deram*; dera, deras, dera, déramos, déreis, deram; darei, darás, dará, daremos, dareis, darão; daria, darias, daria, daríamos, daríeis, dariam; dá, dai; dê, dês, dê, demos, deis, deem; desse, desses, desse, déssemos, désseis, dessem; der, deres, der, dermos, derdes, derem; *dar*; dar, dares, dar, darmos, dardes, darem; dando, dado.

Notas: 1ª – Observe-se no verbo *dar* a diferença de pronúncia entre a 1ª pessoa do plural do pretérito perfeito (*démos*) e igual pessoa do subjuntivo presente (*dêmos*).

Além de *dar*, os seguintes verbos irregulares têm *e* aberto na 2ª pess. do sing. e nas três pessoas do plural do pret. perfeito e, conseguintemente, nos tempos derivados da 3ª do plural: *caber*, *dizer*, *fazer*, *poder*, *querer*, *saber*, *trazer*, *pôr*, *vir*: dei, *déste*, deu, *démos*, *déstes*, *déram*; *déra*, *déras*...; *désse*, *désses*...; *dér*, *déres*...

2ª – De acordo com o verbo *dar*, conjugam-se os compostos *desdar* (retomar o que se deu) e *redar* (tornar a dar: "A infernal deusa no monstro cortes dava e lhe *redava*").

3ª – O verbo *circundar*, conquanto composto de *dar*, é inteiramente regular: *circundo*, *circundas*, *circunda* etc.

4ª – V. a obs. 4 do verbo *ver* (§ 463, 14).

2ª Conjugação

463 – Vários são os verbos irregulares da 2ª conjugação, que aqui vêm expostos em ordem alfabética e acrescidos das observações necessárias (o verbo *pôr* encontra-se no fim deste parágrafo). Julgando-nos dispensado, no dar a conjugação, de indicar os tempos, visto dever já o aluno saber discriminá-los pelas diferentes flexões, pedimos não se esqueça ele da importância do quadro da derivação dos tempos verbais (§ 459); com esse fim é que sempre grifaremos os tempos primitivos de cada verbo.

CABER

1 – *Caibo*, *cabes*, cabe, cabemos, *cabeis*, cabem; cabia, cabias, cabia, cabíamos, cabíeis, cabiam; coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, *couberam*; coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam; caberei, caberás, caberá, caberemos, cabereis, caberão; caberia, caberias, caberia, caberíamos, caberíeis, caberiam; caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam; coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem; couber, couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem; *caber*; caber, caberes, caber, cabermos, caberdes, caberem; cabendo, cabido.

Observações:

1ª – Dada a significação, o verbo *caber* não tem imperativo.

2ª – O composto *descaber* conjuga-se de igual maneira que o simples, mas, na verdade, só é usado no particípio: *descabido*.

3ª – Observe o aluno a diferença, nesse verbo, entre o futuro do subjuntivo e o infinitivo pessoal; deve-se dizer "quando *couber*", "se *couber*", "caso *couber*", e jamais "quando *caber*", "se *caber*" etc.; tenha sempre em mente o aluno o que ficou dito na nota 1 do § 459 sobre o futuro do subj. dos verbos irregulares.

CRER

2 – *Creio*, *crês*, crê, cremos, *credes*, crêem; cria, crias, cria, críamos, críeis, criam; cri, creste, creu, cremos, crestes, *creram*; crera, creras, crera, crêramos, crêreis, creram; crerei, crerás, crerá, creremos, crereis (pron. *crerêis*), crerão; creria, crerias, creria, creríamos, creríeis, creriam; crê, crede;

creia, creias, creia, creiamos, creiais, creiam; cresse, cresses, cresse, crêssemos, crêsseis, cressem; crer, creres, crer, crermos, crerdes, crerem; *crer*; crer, creres, crer, crermos, crerdes, crerem; crendo, crido.

Observações:

1ª – Como *crer*, conjuga-se o composto *descrer*.

2ª – O verbo *crer* serve de modelo para a conjugação do verbo *ler*, bem como dos compostos *reler* e *tresler*.

DIZER

3 – *Digo*, *dizes*, diz, dizemos, *dizeis*, dizem; dizia, dizias, dizia, dizíamos, dizíeis, diziam; disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, *disseram*; dissera, disseras, dissera, disséramos, disséreis, disseram; direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão; diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam; dize, dizei; diga, digas, diga, digamos, digais, digam; dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem; disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem; *dizer*; dizer, dizeres, dizer, dizermos, dizerdes, dizerem; dizendo, dito.

Observações:

1ª – De igual maneira se conjugam os compostos *bendizer*, *condizer*, *contradizer*, *desdizer*, *entredizer*, *interdizer*, *maldizer*, *predizer*, *redizer* e *tresdizer*.

2ª – Note-se bem que o futuro do subj. é "quando eu *disser*, quando tu *disseres*..." – com dois *ss*, sendo aberto o *e* tônico: *di-cér* ao passo que o infinitivo pessoal é "por *dizer* eu, por *dizeres* tu, por *dizer* ele..." – com *z* e *e* tônico fechado: *di-zêr*.

3ª – V. no verbo seguinte (*fazer*) a obs. 2.

FAZER

4 – *Faço*, *fazes*, faz, fazemos, *fazeis*, fazem; fazia, fazias, fazia, fazíamos, fazíeis, faziam; fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, *fizeram*; fizera, fizeras, fizera, fizéramos, fizéreis, fizeram; farei, farás, fará, faremos, fareis, farão; faria, farias, faria, faríamos, faríeis, fariam; faze, fazei; faça, faças, faça, façamos, façais, façam; fizesse, fizesses, fizesse, fizéssemos, fizésseis, fizessem; fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem; *fazer*; fazer, fazeres, fazer, fazermos, fazerdes, fazerem; fazendo, feito.

Observações:

1ª – De maneira igual se conjugam os compostos *afazer*, *contrafazer*, *desfazer*, *liqüefazer*, *perfazer*, *rarefazer*, *refazer*, *satisfazer*.

Benfazer e *malfazer* só se usam no infinitivo presente.

2ª – A segunda pess. do sing. do imperativo presente é *faze*. Há todavia a forma *faz*, cuja irregularidade é justificada pelo latim *fac*, sem *e* final. Igual dualidade de formas há para o verbo *dizer* (*dize* ou *diz*) e para o verbo *conduzir* (*conduze* ou *conduz*): "*Faz* (ou *faze*) ao próximo o que desejas que te façam" – "*Diz* (ou *dize*) de forma que todos te ouçam" – "*Conduz* (ou *conduze*) o teu povo para a glória".

Dessa duplicidade de formas para a 2ª pessoa do singular do imperativo positivo decorre este procedimento: Se pospusermos o oblíquo *o* às primeiras formas, teremos: *dize-o*, *faze-o*, *conduze-o*; se o pospusermos às segundas formas, teremos: *di-lo*, *fá-lo*, *condu-lo*. O mesmo se dará com os compostos.

3ª – Emprega-se o verbo *fazer* para substituir verbos de frases ligadas, quando haja conveniência em não os repetir: "Os ídolos antigos *adorava*, como inda agora *faz* (= adora) a gente inica" – "Quis o marquês de Pombal *nobilitá*-lo, como *fizera* (= nobilitara) a outros comerciantes".

O verbo *fazer* é por essa razão chamado verbo *vicário* (= que faz as vezes de outro) ou *sinônimo*. Mais raramente, também o verbo *ser* substitui verbo anteriormente empregado no período: "A solenidade realizou-se, mas não *foi* (= não se realizou) como se esperava".

4ª – Quando se coloca um oblíquo no meio do futuro do presente ou do pretérito dos verbos *dizer*, *fazer* e *trazer*, deve-se ter o cuidado de não cometer erros gravíssimos como estes: *dizer-lhe-ei*, *fazer-nos-ia*, *trazê-lo-á*. Se a forma é *direi*, o certo será *dir-lhe-ei* (*dir-ei*, com *lhe* no meio). E assim: *far-nos-ia*, *trá-lo-á*, *dir-me-ia*, *far-vos-ei* etc., sem jamais pôr "zer" antes do oblíquo.

PERDER

5 – *Perco*, *perdes*, perde, perdemos, *perdeis*, perdem; perdia, perdias, perdia, perdíamos, perdíeis, perdiam; perdi, perdeste, perdeu, perdemos, perdestes, *perderam*; perdera, perderas, perdera, perdêramos, perdêreis, perderam; perderei, perderás, perderá, perderemos, perdereis, perderão; perderia, perderias, perderia, perderíamos, perderíeis, perderiam; perca, percas, perca, percamos, percais, percam; perdesse, perdesses, perdesse, perdêssemos, perdêsseis, perdessem; perder, perderes, perder, perdermos, perderdes, perderem; *perder*; perder, perderes, perder, perdermos, perderdes, perderem; perdendo, perdido.

Observações:

1ª – Dada a significação desse verbo, torna-se impraticável o imperativo.

2ª – No Brasil, a 1ª pess. do sing. do ind. pres. e as formas rizotônicas do subj. pres. pronunciam-se, geralmente, com *e* fechado: pêrco; que eu pêrca, pêrcas, pêrca, pêrcam.

PODER

6 – *Posso*, *podes*, pode, podemos, *podeis*, podem; podia, podias, podia, podíamos, podíeis, podiam; pude, pudeste, pôde, pudemos, pudestes, *puderam*; pudera, puderas, pudera, pudéramos, pudéreis, puderam; poderei, poderás, poderá, poderemos, podereis, poderão; poderia, poderias, poderia, poderíamos, poderíeis, poderiam; possa, possas, possa, possamos, possais, possam; pudesse, pudesses, pudesse, pudéssemos, pudésseis, pudessem; puder, puderes, puder, pudermos, puderdes, puderem; *poder*; poder, poderes, poder, podermos, poderdes, poderem; podendo, podido.

Observações:

1ª – O imperativo deste verbo é quase inaplicável; Vieira, no entanto, usou-o na seguinte frase: "Se quereis ser onipotente, *podei* somente o justo e o lícito".

2ª – Jamais escreva eu *poude*, ele *poude*; estude, com muita atenção, a conjugação de todos os verbos irregulares que estamos vendo.

PRAZER

7 – O verbo *prazer* só é usado na terceira pessoa do singular e no gerúndio:

Praz, prazia, prouve, prouvera, prazerá, prazeria, praza, prouvesse, prouver, prazer, prazendo.

Observações:

1ª – Os compostos *aprazer* (= agradar) e *desprazer* (ou *desaprazer*) têm conjugação completa: *aprazo*, *aprazes*, apraz, aprazemos, *aprazeis*, aprazem; aprazia, aprazias, aprazia, aprazíamos, aprazíeis, apraziam; aprouve, aprouveste, aprouve, aprouvemos, aprouvestes, *aprouveram*; aprouvera, aprouveras, aprouvera, aprouvéramos, aprouvéreis, aprouveram; aprazerei, aprazerás, aprazerá, aprazeremos, aprazereis, aprazerão; aprazeria, aprazerias, aprazeria, aprazeríamos, aprazeríeis, aprazeriam; apraza, aprazas, apraza, aprazamos, aprazais, aprazam; aprouvesse, aprouvesses, aprouvesse, aprouvéssemos, aprouvésseis, aprouvessem; aprouver, aprouveres, aprouver, aprouvermos, aprouverdes, aprouverem; *aprazer*; aprazer, aprazeres, aprazer, aprazermos, aprazerdes, aprazerem; aprazendo, aprazido.

2ª – É interessante observar que o composto *comprazer* não segue o simples *prazer*. A conjugação de *comprazer* é idêntica à de *jazer*.

3ª – O v. *prazer* é transitivo indireto e significa *agradar*, *aprazer*: "Praz-lhe zombar de nós" – "Praza a Deus que o sermão não seja lá mal ouvido" – "Despedi-o, se vos praz" – "Se a Deus prouver..." – "Praza aos céus que meu filho não sofra".

JAZER

8 – *Jazo*, *jazes*, jaz, jazemos, *jazeis*, jazem; jazia, jazias, jazia, jazíamos, jazíeis, jaziam; jazi, jazeste, jazeu, jazemos, jazestes, *jazeram*; jazera, jazeras,

jazera, jazêramos, jazêreis, jazeram; jazerei, jazerás, jazerá, jazeremos, jazereis, jazerão; jazeria, jazerias, jazeria, jazeríamos, jazeríeis, jazeriam; jaze, jazei; jaza, jazas, jaza, jazamos, jazais, jazam; jazesse, jazesses, jazesse, jazêssemos, jazêsseis, jazessem; jazer, jazeres, jazer, jazermos, jazerdes, jazerem; *jazer*; jazer, jazeres, jazer, jazermos, jazerdes, jazerem; jazendo, jazido.

Observação:

Além de *comprazer* (e *comprazer-se*) segue a conjugação de *jazer* o composto *adjazer*. – Cuidado deveremos ter com a concordância do v. *jazer*: "Aqui jazem os ossos..." (jamais: "Aqui jaz os ossos").

QUERER

9 – *Quero*, *queres*, quer, queremos, *quereis*, querem; queria, querias, queria, queríamos, queríeis, queriam; quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, *quiseram*; quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram; quererei, quererás, quererá, quereremos, querereis, quererão; quereria, quererias, quereria, quereríamos, quereríeis, quereriam; queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram; quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem; quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem; *querer*; querer, quereres, querer, querermos, quererdes, quererem; querendo, querido.

Observações:

1ª – Como *querer*, conjugam-se os compostos *benquerer*, *desquerer* e *malquerer* (*benquerer* e *malquerer* têm o particípio: *benquisto*, *malquisto*).

2ª – *Querer* não é usado na 2ª pessoa do singular nem na 2ª do plural do imperativo, por ser quase impraticável. Há do seu emprego este exemplo de Vieira: "*Querei* só o que podeis, e sereis onipotente".

3ª – A 3ª pessoa do singular do indicativo presente é, no Brasil, *quer*, e, em Portugal, *quere*; mesmo em Portugal, no entanto, a forma *quere* perde terreno.

O *e* final só deverá aparecer quando a essa pessoa se seguir o pronome "o": *quere-o*, *quere-a*.

4ª – É regra geral – e isto vimos observando em diversos verbos – que os verbos compostos seguem a conjugação do respectivo verbo simples; *requerer* afasta-se dessa regra, sendo quase regular:

REQUERER

10 – *Requeiro*, *requeres*, requer, requeremos, *requereis*, requerem; requeria, requerias, requeria, requeríamos, requeríeis, requeriam; requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, *requereram*; requerera, re-

quereras, requerera, requerêramos, requerêreis, requereram; requererei, requererás, requererá, requereremos, requereres, requererão; requereria, requererias, requereria, requereríamos, requereríeis, requereriam; requere, requerei; requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram; requeresse, requeresses, requeresse, requerêssemos, requerêsseis, requeressem; requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem; *requerer*; requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem; requerendo, requerido.

SABER

11 – *Sei*, *sabes*, sabe, sabemos, *sabeis*, sabem; sabia, sabias, sabia, sabíamos, sabíeis, sabiam; soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, *souberam*; soubera, souberas, soubera, soubéramos, soubéreis, souberam; saberei, saberás, saberá, saberemos, sabereis, saberão; saberia, saberias, saberia, saberíamos, saberíeis, saberiam; sabe, sabei; saiba, saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam; soubesse, soubesses, soubesse, soubéssemos, soubésseis, soubessem; souber, souberes, souber, soubermos, souberdes, souberem; *saber*; saber, saberes, saber, sabermos, saberdes, saberem; sabendo, sabido.

TRAZER

12 – *Trago*, *trazes*, traz, trazemos, *trazeis*, trazem; trazia, trazias, trazia, trazíamos, trazíeis, traziam; trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, *trouxeram*; trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram; trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão; traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam; traze, trazei; traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam; trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem; trouxer, trouxeres, trouxer, trouxermos, trouxerdes, trouxerem; *trazer*; trazer, trazeres, trazer, trazermos, trazerdes, trazerem; trazendo, trazido.

VALER

13 – Só é irregular na 1ª pess. do sing. do indicativo presente – *valho* – e no subjuntivo presente, porque deriva dessa pessoa: *valha*, *valhas*, *valha*, *valhamos*, *valhais*, *valham*.

O mesmo se diga dos compostos *desvaler* e *equivaler*.

VER

14 – *Vejo*, *vês*, vê, vemos, *vedes*, veem; via, vias, via, víamos, víeis, viam; vi, viste, viu, vimos, vistes, *viram*; vira, viras, vira, víramos, víreis,

viram; verei, verás, verá, veremos, vereis, verão; veria, verias, veria, veríamos, veríeis, veriam; vê, vede; veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam; visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem; vir, vires, vir, virmos, virdes, virem (V. § 459, nota 1); *ver*; ver, veres, ver, vermos, verdes, verem; vendo, visto.

Observações:

1ª – *Antever*, *entrever*, *prever* e *rever* seguem a conjugação do verbo simples. *Prover*, no entanto, afasta-se do modelo no pretérito (*provi*, *proveste*, *proveu*), nos tempos dele derivados e no particípio, nas quais formas segue o paradigma regular; nas outras segue a conjugação de *ver*.

2ª – Saibamos desde já que *precaver* não é composto de *ver*. Iremos conjugar esse verbo no estudo dos verbos defectivos (§ 488, d).

3ª – *Rever* pode significar *ver outra vez* e *verter*, *transudar*; neste segundo sentido, comumente se ouve "O barril réve", e parece realmente ser justificável atribuir ao verbo outro étimo, e não considerá-lo composto de *ver*. Deve-se somente notar que, com a significação de verter, o verbo *rever* só é conjugado nas terceiras pessoas: *réve*, *révem*; *reveu*, *reveram*; *rêva*, *rêvam*; *revesse*, *revessem* etc., formas regulares como as de *dever*.

4ª – Quatro verbos existem que na 3ª pessoa do plural têm dois *ee*: *veem* (do v. *ver*), *leem* (do v. *ler*), *creem* (do v. *crer*) (ind. pres.) e *deem* (subj. pres. e imp. de *dar*):

SINGULAR		PLURAL
vê	– ind. pres.	veem
lê		leem
crê		creem
dê	– subj. pres. e imp.	deem

PÔR

15 – *Ponho*, *pões*, põe, pomos, *pondes*, põem; punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham; pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, *puseram*; pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram; porei, porás, porá, poremos, poreis, porão; poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poriam; põe, ponde; ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham; pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, pusésseis, pusessem; puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem; *pôr*; pôr, pores, pôr, pormos, pordes, porem; pondo, posto.

Observação:

Seguem *pôr* todos os compostos

antepor	desimpor	justapor	recompor
apor	dispor	opor	repor
compor	expor	pospor	sobrepor
contrapor	impor	predispor	sotopor
depor	indispor	prepor	supor
descompor	interpor	propor	transpor

3ª Conjugação

464 – Veremos, em primeiro lugar, certos verbos, e, depois, *certas classes* de verbos irregulares da 3ª conjugação. Antes de tudo, estudaremos três verbos monossilábicos: *ir*, *rir* e *vir*.

IR

1 – *Vou*, *vais*, vai, vamos (rar. *imos*), *ides* (rar. *is*), vão; ia, ias, ia, íamos, íeis, iam; fui, foste, foi, fomos, fostes, *foram*; fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram; irei, irás, irá, iremos, ireis, irão; iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam; vai, ide (rar. *i*); vá, vás, vá, vamos, vades, vão; fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem; for, fores, for, formos, fordes, forem; *ir*; ir, ires, ir, irmos, irdes, irem; indo, ido.

Observação:

Não obstante ser composto de *ir*, o verbo *preterir* não segue a conjugação do simples (V. *obs*. do verbo *aderir*, no § 466).

RIR

2 – *Rio*, *ris*, ri, rimos, *rides*, riem; ria, rias, ria, ríamos, ríeis, riam; ri, riste, riu, rimos, ristes, *riram*; rira, riras, rira, ríramos, ríreis, riram; rirei, rirás, rirá, riremos, rireis, rirão; riria, ririas, riria, riríamos, riríeis, ririam; ri, ride; ria, rias, ria, riamos, riais, riam; risse, risses, risse, ríssemos, ríisseis, rissem; rir, rires, rir, rirmos, rirdes, rirem; *rir*; rir, rires, rir, rirmos, rirdes, rirem; rindo, rido.

Observação:

De igual maneira se conjuga o composto *sorrir*. Observe-se, ainda, que o verbo *sorrir* (rir sem fazer ruído, executando apenas leve contração muscular da boca e dos olhos) pode ser *intransitivo* ("Ele *sorriu*" – "De tão lisonjeiro acerto consigo mesmo *sorria*") e, com igual significação, *pronominal*: "O confidente do rei católico *sorria-*

-se com desprezo". Pode, também, esse verbo ser *transitivo indireto* (ligando-se ao objeto indireto com a prepos. *a*), com a significação de encantar, agradar, ser favorável: "A fortuna sorri *ao meu vizinho*" – "Sorriam-*lhe* as terras mais remotas, mais virgens, contanto que a natureza aí fosse opulenta, original". Pode ainda ser *transitivo direto-indireto* "... a fortuna que já *lhe* sorria *glórias* imortais" (= proporcionava agradavelmente).

VIR

3 – *Venho*, *vens*, vem, vimos, *vindes*, vêm; vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham; vim, vieste, veio, viemos, viestes, *vieram*; viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram; virei, virás, virá, viremos, vireis, virão; viria, virias, viria, viríamos, viríeis, viriam; vem, vinde; venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham; viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem; vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem; *vir*; vir, vires, vir, virmos, virdes, virem; vindo, vindo.

Observações:

1ª – Dificilmente, ainda de pessoas de certa cultura, ouvimos este verbo corretamente conjugado na primeira pessoa do plural do indicativo presente: se perguntarmos: "Como costumam vocês vir?" – encontramos quem erroneamente nos responda: "Nós sempre *viemos* de ônibus" – em vez de: "Nós sempre *vimos* de ônibus".

2ª – Seguem a conjugação de *vir* todos os seus compostos: *advir*, *avir-se*, *contravir*, *convir*, *desavir-se*, *desconvir*, *intervir*, *malavir*, *provir*, *reconvir*, *sobrevir*.

Constituem grosseiros erros flexões como: "Eles se *desouveram*" em vez de: "Eles se *desavieram*" – O verbo é des-a-*vir*, que se conjuga como o simples: des-a-*vieram*.

3ª – O particípio e o gerúndio têm forma idêntica: *vindo*; quando particípio, pode flexionar-se de acordo com a explicação do § 430: "Dirigiu-se às pessoas *vindas* do exterior".

465 – Em segundo lugar temos, na 3ª conjugação, os verbos que são irregulares apenas numa das formas primitivas. São eles:

1º – Os verbos *pedir*, *medir*, *ouvir* e respectivos compostos, que terminam em *ço* na 1ª pessoa do singular do indicativo presente; conseguintemente, em todo o subjuntivo presente deverá aparecer o *ç*.

2º – O verbo *parir*, que na 1ª pessoa do singular do indicativo presente tem a vogal da 1ª sílaba alterada para *ai*, do que resulta idêntica alteração no subjuntivo presente.

3º – O verbo *abrir*, que só é irregular no particípio: *aberto*.

PEDIR

1 – *Peço*, *pedes*, pede, pedimos, *pedis*, pedem; pedia, pedias, pedia, pedíamos, pedíeis, pediam; pedi, pediste, pediu, pedimos, pedistes, *pediram*; pedira, pediras, pedira, pedíramos, pedíreis, pediram; pedirei, pedirás...; pediria, pedirias...; pede, pedi; peça, peças, peça, peçamos, peçais, peçam; pedisse, pedisses...; *pedir*; pedindo, pedido. O fut. do subj. e o infinitivo pessoal são idênticos: pedir, pedires etc.

Observações:

1ª – Conjugação idêntica têm os verbos *impedir*, *desimpedir*, *despedir* e *expedir*, muito embora não sejam compostos de *pedir*. Esses verbos seguiam no português antigo a conjugação do verbo *aderir* (que logo adiante veremos): impido, impedes... que eu impida, impidas...

2ª – Segue também a conjugação de *pedir* o v. *medir*, cujos compostos são: *comedir-se*, *desmedir-se*, *descomedir-se*, que só se empregam nas formas verbais em cuja desinência existe *i* (§ 489, 10).

3ª – Regência de *pedir*: § 581, n. 1.

OUVIR

2 – *Ouço* (ou *oiço*), *ouves*, ouve, ouvimos, *ouvis*, ouvem; ouvia, ouvias, ouvia...; ouvi, ouviste, ouviu...; ouvira, ouviras, ouvira...; ouvirei, ouvirás...; ouviria, ouvirias...; ouve, ouvi; ouça (ou *oiça*), ouças (ou *oiças*), ouça (ou *oiça*), ouçamos (ou *oiçamos*), ouçais (ou *oiçais*), ouçam (ou *oiçam*); ouvisse, ouvisses, ouvisse...; *ouvir*; ouvindo, ouvido. O fut. do subj. e o infinitivo pessoal são idênticos: ouvir, ouvires etc.

PARIR

3 – A irregularidade deste verbo está apenas na 1ª pessoa do singular do ind. presente, que é *pairo*, e no subj. presente: *paira*, *pairas*, *paira*, *pairamos*, *pairais*, *pairam*. No mais, é regular, notando-se que, usualmente, esse verbo só aparece conjugado nas formas em que ao *r* se segue *i*.

ABRIR

4 – O verbo *abrir* só é irregular no particípio: *aberto*; idêntica orientação seguem os compostos *entreabrir* e *reabrir*. Possui ainda esse verbo o composto *desabrir*, do qual só nos resta o particípio regular *desabrido*, empregado como adjetivo.

Verbos que têm "E" na penúltima sílaba

466 – Os verbos da 3ª conjugação que têm *e* na penúltima sílaba podem ser divididos em *três grupos*, pertencendo ao *primeiro* os verbos *pedir* e *medir*, já estudados. Ao *segundo* pertencem os verbos em que o *e* se transforma em *i* na 1ª pessoa do singular do indicativo presente e em todas as pessoas do subjuntivo presente. O *terceiro* compreende os verbos em que o *e* se transforma em *i* nas formas rizotônicas e respectivas formas derivadas.

2º grupo

Verbos em que o *e* se transforma em *i* na 1ª pessoa do singular do indicativo presente e em todas as do subjuntivo presente.

ADERIR

Ad*i*ro, aderes, adere, aderimos, aderis, aderem; aderia, aderias, aderia...; aderi, aderiste, aderiu...; aderira, aderiras, aderira...; aderirei, aderirás, aderirá...; aderiria, aderirias, aderiria...; adere, aderi; ad*i*ra, ad*i*ras, ad*i*ra, ad*i*ramos, ad*i*rais, ad*i*ram; aderisse, aderisses...; aderir; aderindo, aderido. O fut. do subj. e o inf. pessoal são idênticos: aderir, aderires etc.

Observação:

Como aderir conjugam-se os seguintes verbos: *advertir*, *aspergir* (aspirjo, asperges), *cerzir* (cirzo, cerzes), *compelir* (compilo, compeles), *competir* (compito, competes), *concernir* (só é usado nas 3as pessoas), *convergir* (convirjo, converges), *despir*, *digerir* (digiro, digeres), *divergir* (divirjo, diverges), *divertir*, *expelir* (expilo, expeles), *ferir* (e compostos *aferir*, *auferir*, *conferir*, *deferir*, *desferir*, *diferir*, *indeferir*, *inferir* etc.), *gerir* (giro, geres), *impelir* (impilo, impeles), *inerir* (iniro, ineres), *ingerir* (ingiro, ingeres), *inserir* (insiro, inseres), *mentir* (minto, mentes), *preterir* (pretiro, preteres), *propelir* (propilo, propeles), *refletir*, *repelir* (repilo, repeles), *repetir*, *seguir* (e compostos), *sentir* (e compostos *assentir*, *consentir*, *dissentir* etc.), *servir*, *sugerir* (sugiro, sugeres), *vestir* (e compostos *desvestir*, *investir*, *revestir* e *transvestir*).

3º grupo

Verbos em que o *e* da penúltima sílaba se transforma em *i* nas formas rizotônicas e nas formas derivadas.

PREVENIR

Prev*i*no, prev*i*nes, prev*i*ne, prevenimos, prevenis, prev*i*nem; prevenia, prevenias...; preveni, preveniste...; prevenira, preveniras, prevenira...; prevenirei, prevenirás...; preveniria, prevenirias, preveniria...; prev*i*ne, preveni; prev*i*na, prev*i*nas, prev*i*na, prev*i*namos, prev*i*nais, prev*i*nam; preve-

nisse, prevenisses...; prevenir; prevenindo, prevenido. O fut. do subj. e o inf. pessoal são idênticos: prevenir, prevenires etc.

Nota: Seguem a conjugação de *prevenir* os seguintes verbos: *agredir*, *denegrir* (denigro, denigres...), *digredir*, *progredir*, *revenir*, *transgredir*.

Se adotarmos a grafia *denigrir*, que se encontra justificada no *Dicionário de Questões Vernáculas*, este verbo deixará de apresentar irregularidade: *denigro*, *denigres*, *denigre*, *denigrimos* etc.

Verbos que têm "O" na penúltima sílaba

467 – A semelhança do que se passa com os verbos que têm *e* na penúltima sílaba, muitos verbos da 3ª conjugação com *o* nessa sílaba têm-no alterado em certas formas da conjugação, havendo de tais verbos dois grupos; um em que o *o* se transforma em *u* na 1ª pessoa do singular do indicativo presente e em todas as do subjuntivo presente; outro em que o *o* se transforma em *u* nas formas rizotônicas.

1º grupo

Verbos em que o *o* se transforma em *u* na 1ª pessoa do singular do indicativo presente e em todas as do subjuntivo presente.

TOSSIR

T*u*sso, tosses, tosse, tossimos, tossis, tossem; tossia, tossias, tossia...; tossi, tossiste, tossiu, tossimos...; tossira, tossiras...; tossirei, tossirás...; tossiria, tossirias...; tosse, tossi; t*u*ssa, t*u*ssas, t*u*ssa, t*u*ssamos, t*u*ssais, t*u*ssam; tossisse, tossisses...; tossir; tossindo, tossido. O futuro do subj. e o infinitivo pessoal são idênticos: tossir, tossires etc.

Seguem a conjugação de *tossir* os verbos *cobrir* (e compostos *descobrir*, *encobrir*, *recobrir*), *dormir* e *engolir*.

2º grupo

Verbos em que o *o* da penúltima sílaba se transforma em *u* nas formas rizotônicas e correspondentes derivadas.

SORTIR

S*u*rto, s*u*rtes, s*u*rte, sortimos, sortis, s*u*rtem; sortia, sortias...; sorti, sortiste...; sortira, sortiras...; sortirei, sortirás...; sortiria, sortirias...; s*u*rte, sorti; s*u*rta, s*u*rtas, s*u*rta, s*u*rtamos, s*u*rtais, s*u*rtam; sortisse, sortisses...; sortir; sortindo, sortido.

Verbos que têm "U" na penúltima sílaba

468 – Muitos verbos há da 3ª conjugação com *u* na penúltima sílaba que passam a ter essa vogal alterada para *o* aberto na 2ª e na 3ª pessoa do singular e na 3ª do plural do presente do indicativo e na 2ª do singular do imperativo presente.

BULIR

Bulo, b*o*les, b*o*le, bulimos, bulis, b*o*lem; b*o*le, buli.

Notas: 1ª – No mais, é esse verbo normal. Seguem a conjugação de *bulir* os seguintes verbos: *acudir*, *cuspir*, *escapulir*, *fugir*, *sacudir*, *subir*, *sumir* e *consumir* (*assumir*, *reassumir*, *resumir* e *presumir* são regulares).

Entupir, por falsa analogia, segue o verbo *bulir*; era esse verbo inteiramente regular, como regulares eram os verbos *construir* e *destruir* (como ainda hoje são regulares *instruir* e *obstruir*), mas o uso é no caso tão forte que só nos resta segui-lo.

Construir e *destruir* têm conjugação própria no pres. do indicativo e no imperativo da 2ª pess. sing.: *construo*, *constróis*, *constrói*, *construímos*, *construís*, *constroem*. Imperativo: *constrói*, *construí*.

2ª – Com exceção de *construir* e *destruir*, os verbos em **UIR**, como *possuir*, *instruir*, *obstruir*, *constituir*, *estruir*, são regulares, merecedores de cuidados apenas na grafia: *possuo*, *possuis*, *possui*, *possuímos*, *possuís*, *possuem*. Perfeito: *possuí*, *possuíste*, *possuiu*, *possuímos*, *possuístes*, *possuíram*. Particípio: *possuído*.

Saiba portanto distinguir *constitui* (presente) de *constituí* (perfeito, com acento no *i* final); *substitui* de *substituí*.

Em decorrência do Acordo Ortográfico de 1990 (base X, parágrafo 7º), os verbos *arguir* e *redarguir*, além de perderem o trema em muitas flexões, não recebem mais o acento agudo na vogal tônica *u* nas formas rizotônicas *arguis*, *argui* e *arguem*; *redarguis*, *redargui* e *redarguem*. Assim, flexionamo-los: *arguo, arguis, argui, arguimos, arguis, arguem, argui, arguia, arguira, arguirei, arguiria, argua, arguisse; redarguo, redarguis, redargui, redarguimos* etc.

Quando o *u* não é pronunciado: § 453, n. 2.

3ª – Saiba ainda distinguir verbos em *uir* de verbos em *uar*: ele *constitui*, que ele *continue* (§ 440).

Verbos em AIR

469 – Consiste a irregularidade dos verbos assim terminados na intercalação de um *i* na 1ª pessoa do singular do indicativo presente e em todas as pessoas do subjuntivo presente.

SAIR

Sa*i*o, sais, sai, saímos, saís, saem; sa*í*a, sa*í*as, sa*í*a, sa*í*amos, sa*í*eis, sa*í*am; saí, saíste, saiu, saímos, saístes, saíram; saíra, saíras...; sairei, sairás...; sairia, sairias...; sai, saí; sa*i*a, sa*i*as, sa*i*a, sa*i*amos, sa*i*ais, sa*i*am; saísse, saísses...; sair; saindo, saído.

No mais, esse verbo não apresenta nenhuma modificação.

Idêntica orientação seguem os verbos *atrair*, *abstrair*, *cair*, *contrair*, *decair*, *descair*, *detrair*, *distrair*, *esvair-se*, *extrair*, *recair*, *retrair*, *retrotrair*, *sobressair*, *subtrair*, *trair*.

Verbos em UZIR

470 – Os verbos assim terminados não têm a desinência *e* da terceira pessoa do singular do indicativo presente; *conduzir*, *luzir*, *reluzir*, *reduzir*, *seduzir* e outros fazem nessa pessoa *conduz*, *luz*, *reluz*, *reduz*, *seduz*; quanto ao imperativo, 2ª pessoa do singular, veja o verbo *fazer*, obs. 2 do § 463, 4; no mais seguem o paradigma.

Questionário

1. Que é verbo irregular e quantas espécies existem de irregularidades? Exemplos.

2. Quantos tempos primitivos existem em nosso idioma?

3. Faça o quadro da derivação dos verbos, adotando como exemplo o verbo *pôr*.

4. Que entende, no estudo dos verbos em *ear*, por *i eufônico*? Quando aparece?

5. Há algum erro na seguinte oração: "Devemos partir nos meiados do mês de setembro"? – Justifique a resposta.

6. Que diz da conjugação dos verbos em *iar*?

7. Recite nas formas rizotônicas os verbos *premiar*, *negociar*, *incendiar* e *odiar*.

8. Diga todo o presente do subjuntivo do verbo *moscar-se*.

9. Diga todo o indicativo e o subjuntivo presentes do verbo *apiedar-se*.

10. Recite nas formas rizotônicas o verbo *resfolegar*.

11. Conjugue o verbo *dar* no pretérito imperfeito do subjuntivo.

12. Escreva o pretérito perfeito do indicativo do verbo *caber*.

13. Escreva o futuro do subjuntivo do verbo *caber*.

14. Escreva o futuro do subjuntivo de *dizer*. Qual a diferença ou diferenças entre esse tempo e o infinitivo pessoal?

15. Escreva o futuro do subjuntivo do verbo *fazer*.

16. Escreva o futuro do subjuntivo, o imperfeito do subjuntivo e o infinitivo pessoal de *poder*.

17. Escreva o pretérito perfeito dos verbos *aprazer* e *comprazer-se*. Faça duas orações em que entrem esses verbos.

18. Escreva o verbo *prazer* em todos os tempos.

19. Escreva a 3ª pessoa do plural do pretérito perfeito de *prover* e os correspondentes tempos derivados.

20. Escreva o futuro do subjuntivo e o infinitivo pessoal de *querer*.

21. Que diz da conjugação do verbo *requerer*?

22. Escreva o pretérito perfeito do indicativo e o futuro do subjuntivo de *saber*.

23. Escreva o futuro do subjuntivo de *trazer* (indique a pronúncia da 1ª pessoa).

24. Escreva o futuro do subjuntivo do verbo *ver*.

25. Quais os significados de *rever*? Que diz da conjugação desse verbo na acepção de *verter*?

26. Escreva a 3ª pessoa do singular do pretérito mais que perfeito de *apor*, *contrapor*, *descompor*, *impor*, *pospor*, *supor*.

27. Se o professor lhe pedir para conjugar qualquer verbo da 3ª conjugação, você saberá fazê-lo? Se ao professor compete ensinar, compete a você estudar.

28. Faça um trabalho escrito sobre "O Idioma Pátrio" empregando o mínimo de uma página e meia e o máximo de duas.

Para alguma inspiração, leia no D. QVs um destes verbetes: *Ensino do vernáculo – Língua brasileira? – Língua nacional – Linguagem dos jovens? – Professor de português – Redação – Vernáculo – Zelotes do vernáculo.*

CAPÍTULO 31

VERBOS ANÔMALOS

475 – São assim chamados os verbos *ser* e *ir*, cuja conjugação se processa de maneira ainda diferente da dos irregulares; enquanto estes sofrem alterações num mesmo radical, o verbo *ser* e o verbo *ir* mudam de radical.

a) **Ser**: Provém de dois verbos latinos: *esse* (ser) e *sedēre* (ficar, permanecer, estar, estar sentado). Enquanto *sedēre* fornece uma forma primitiva, *esse* fornece duas: *es*, *fu*.

b) **Ir**: Provém de três verbos latinos: *ire* (ir), *vadĕre* (caminhar, andar), *fugere* (retirar-se, fugir).

Nota: Cabe à Gramática Histórica, à luz da qual todos os verbos são regulares, o trabalho de explicar a origem e o desenvolvimento das várias formas verbais hoje existentes.

Questionário

1. Qual a diferença entre verbo irregular e verbo anômalo?

2. Quais são os verbos anômalos?

3. Acrescente a letra final faltante no verbo destas orações: *a*) ... antes que se consum_ o crime. *b*) ... antes que se consum_ o arroz.

CAPÍTULO 32

VERBOS DEFECTIVOS

479 – Defectivos são os verbos que têm deficiência na conjugação, isto é, são os que não possuem todas as formas verbais.

Assim, é defectivo o verbo *languir* (§ 453), pois não tem conjugação completa.

pres. do indic.	*pres. do subj.*
eu	. . . . .
tu langues	. . . . .
ele langue	. . . . .
nós languimos	. . . . .
vós languis	. . . . .
eles languem	. . . . .

Para o completo estudo dos defectivos, porém, importa-nos saber o que são verbos impessoais.

480 – **Verbos IMPESSOAIS**: Sabemos o que vem a ser sujeito; pois bem, um verbo se diz **impessoal** quando a ação não faz referência a nenhum sujeito especificado, a nenhuma causa determinada.

Se, por um lado, há verbos como *escrever*, *ler*, *abrir*, *quebrar*, que sempre apresentam a ação em relação com uma causa produtora, com uma *pessoa* gramatical – chamando-se, por isso, **verbos pessoais** – por outro lado há certos verbos como *chover*, *trovejar* e outros, cuja ação não é atribuída a nenhum sujeito, constituindo estes verbos a classe dos **verbos impessoais**.

481 – Dos verbos impessoais, há os que são *essencialmente* impessoais e os que são *acidentalmente* impessoais.

482 – Impessoais ESSENCIAIS: Um verbo se diz **impessoal essencial** quando, *no seu sentido verdadeiro e usual*, não atribui a ação a nenhuma causa verdadeira, isto é, a nenhum sujeito.

À classe dos impessoais essenciais pertencem verbos que indicam fenômenos de natureza inorgânica ou fenômenos meteorológicos, ou seja, os que indicam fenômenos da atmosfera. "*Chove* hoje" – "*Anoitecia* quando ele chegou" – "Ontem *trovejou*" – são orações em que os verbos (chove, anoitecia, trovejou) são *impessoais essenciais*, pois nesse sentido são comumente usados sem atribuir a ação de *chover*, de *anoitecer*, de *trovejar* a nenhum sujeito.

Todos esses verbos só se conjugam na 3ª pessoa do singular.

Nota: Tais verbos deixam de ser impessoais uma vez que se lhes dê um sujeito que se apresente ao espírito como causa da ação por eles expressa; se dissermos: "Os céus *chovem*" – "As nuvens *trovejam*" – "O dia *amanheceu* nublado" – passamos a empregar esses verbos *pessoalmente*, pois estamos a eles atribuindo um sujeito.

Ainda um segundo processo existe de tornar pessoal um verbo impessoal: empregá-lo em sentido figurado, comparado; exs.: "Os canhões *trovejam*" – "A vida já nos *anoitece*" – "As baionetas *relampagueavam*" – " *Amanhecemos* alegres" (Estávamos alegres quando amanheceu) – Os verbos dessas orações estão empregados comparativamente, isto é, em sentido que não lhes é próprio, em sentido figurado, comparado.

483 – Impessoais ACIDENTAIS: Ao lado dos verbos impessoais essenciais há os **impessoais acidentais**; assim se denominam os verbos que, em sua significação natural, isto é, como comumente são usados, têm sempre o respectivo sujeito, mas que, em determinados casos, ou seja, *acidentalmente*, tornam-se impessoais.

Se no parágrafo anterior o verbo era de natureza impessoal e só eventualmente se tornava pessoal, agora temos o caso contrário.

Há dos verbos impessoais acidentais dois grupos: impessoais acidentais *ativos* e impessoais acidentais *passivos*.

484 – Impessoais acidentais ATIVOS: 1 – Sabemos que verbo ativo é o que indica ação praticada pelo sujeito, o qual ou vem declarado na oração ou facilmente se subentende. Pois bem, se tivermos numa oração um verbo ativo cujo sujeito, além de não vir expresso, não é subentendido nem necessita ser conhecido, esse verbo será *impessoal acidental ativo*.

Suponhamos o verbo *dizer* empregado pessoalmente nesta oração: "Pedro e Paulo *dizem* a verdade" – Temos o verbo ativo *dizer* com os sujeitos *Pedro* e *Paulo*.

Nesta outra oração, porém: "*Dizem* que o Banco X faliu" – além de não estar expresso o sujeito do verbo, não cogitamos em saber qual seja. O verbo *dizer* nesse caso é chamado **impessoal acidental ativo**.

Outros exemplos: "*Falam* mil coisas a respeito da nossa situação" – "*Contam* por aí que a situação é precária".

Nessas orações, *mil coisas*, *que a situação é precária* são objetos diretos dos verbos *falam* e *contam*, cujos sujeitos não nos interessa conhecer.

Observação:

Orações assim impessoalizadas podem ser convertidas em orações pessoais, levando-se o verbo para a voz passiva, e dando-se-lhe como sujeito o objeto da *oração impessoal*:

CONSTRUÇÃO IMPESSOAL	CONSTRUÇÃO PESSOAL
Dizem (v. impess.) que ele é bom (obj. dir. de *dizem*)	Diz-se (v. passivo) que ele é bom (suj. de *diz-se*)
	(= *Que ele é bom é dito*) sujeito / verbo
Contam (v. impess.) que ele vai morrer (obj. dir. de *contam*)	Conta-se (v. passivo) que ele vai morrer (suj. de *conta-se*)
	(= *Que ele vai morrer é contado*) sujeito / verbo

2 – Sabemos que o verbo *haver* tem as significações de *possuir* e *ter*. Em vez de "Pedro *tem* muitos livros" – poderemos dizer, embora tal forma não seja usada: "Pedro *há* muitos livros". Dizendo agora: "*Há* homens na sala" – não nos interessa saber quem é o sujeito do verbo *haver*; o verbo está aqui empregado impessoalmente e *homens* vem a ser objeto direto, tal qual se passa com *livros* na oração anterior.

Raciocínios e exemplos semelhantes poderemos fazer com os verbos *ser*, *fazer* e outros: "*Faz* calor" – "*Está* tarde" etc.

Notemos que verbos como *falar*, *contar*, *dizer* etc. impessoalizam-se na terceira pessoa do plural, ao passo que *haver*, *ser*, *estar* e outros, na terceira pessoa do singular. Assim como não se pode dizer impessoalmente "*Fala* mil coisas a nosso respeito" – no singular – da mesma forma não se pode dizer: "Amanhã *haverão* aulas" – "*São* cedo" – no plural.

Nota: Empregado impessoalmente, o v. *haver* significa *existir*, mas, se o substituirmos por este verbo, a concordância se imporá, dada a mudança de função dos termos da oração:

Há	*homens*	*Existem*	*homens*
v. impessoal (sem sujeito)	obj. direto	v. pessoal vai para o plural, porque é o sujeito	suj. plural

Se na primeira construção substituirmos *homens* por pronome, este deverá ser *os*, porque é o caso correspondente ao objeto direto: *há-os*. Exemplo: "De homens bons precisamos, mas não *os* havendo..." – "Meios existem para sanar o mal; não *os* há, porém, senão a peso de muito sacrifício" – "Se então havia tanto rigor para quem ofendia a imagem, por que *o* não há também agora?"

485 – Impessoais acidentais PASSIVOS: Temos já do caso noção, em vista do que ficou no § 405: Muitos verbos intransitivos, transitivos indiretos e até alguns transitivos diretos (V. *Variante* do citado §) empregam-se impessoalmente, isto é, sem sujeito determinado, mediante o pronome apassivador *se*: "*Vai-se* todos os dias à fonte" – "*Precisa-se* de um datilógrafo" – "*Premiava-se* aos vencedores" – Nesses exemplos, os verbos (intransitivo no 1º, transitivo indireto no 2º e transitivo direto no 3º) estão empregados impessoalmente na voz passiva, ficando sempre no singular.

486 – Dentre as línguas que nos são mais conhecidas, o francês e o inglês sempre atribuem a ação dos verbos para nós impessoais a um sujeito aparente, empregando o primeiro desses idiomas o pronome *il* e o segundo, *it*. E, assim, dizem os franceses: "*Il* tonnera" (Trovejará) e os ingleses: "*It* rains" (Chove).

O português arcaico deixou-nos exemplos dessa construção: "*Ele* é muito cedo" – "*Ele* há bons e mais na criação" – "*Ele* chove hoje".

487 – É de importância saber que qualquer verbo que na oração venha acompanhando verbo impessoal, para a formação quer de tempo composto, quer de locução verbal, deve também impessoalizar-se. Não podemos dizer: "*Devem* haver homens na sala" – Se *haver* é impessoal, o verbo *dever*, que no caso concorre para a formação de uma locução verbal, também se impessoaliza: "*Deve* haver homens na sala". E assim: "Sem embargo de exceções que *possa* ter havido" – "Deixou de haver reclamações".

Igualmente: "*Vai* fazer cinco anos que ele morreu" e não: "*Vão* fazer..." – pois o verbo *fazer* é, nesse sentido, impessoal ("*Faz* cinco anos...").

Observações:

O verbo *dar* em expressões como: "*Deram* dez horas" é pessoal, sendo seu sujeito *dez horas*. Não podemos, portanto, dizer impessoalmente: "*Deu* dez horas".

O mesmo se observe quanto a *bater*, *soar*: "*Bateram* oito horas" – "*Soaram* as dez horas".

488 – Em resumo, assim se dividem os defectivos:

VERBOS DEFECTIVOS
- **impessoais** (sem sujeito determinado)
  - essenciais: *chover, anoitecer*
  - acidentais
    - ativos: *dizem, há* aula, *faz* duas horas
    - passivos: *precisa-se de*
- **pessoais** (com sujeito determinado)
  - os que exprimem fenômenos de natureza viva, orgânica: *latir, brotar*
  - alguns outros: *prazer* (§ 463, 7), *doer, soer, precaver-se, reaver, rever.*

Nota: Quando os defectivos só se conjugam na 3ª pessoa do singular ou do plural, chamam-se também *unipessoais.*

a) – DOER

Dói, doem; doía, doíam; doeu, doeram; doera, doeram; doerá, doerão; doeria, doeriam; doa, doam; doesse, doessem; doer, doerem (fut. do subj. e infin. pess. iguais); doendo, doído.

Observação:

A forma pronominal *doer-se* e o composto *condoer-se* conjugam-se em todas as pessoas: eu me doo, tu te dóis, ele se dói, nós nos doemos, vós vos doeis, eles se doem – etc. Eu me condoo, tu te condóis, ele se condói, nós nos condoemos, vós vos condoeis, eles se condoem – etc.

Por serem verbos regulares, nenhuma dificuldade devem apresentar para a conjugação.

b) – SOER

Este verbo só possui as seguintes formas:

Ind. pres. – sóis, sói, soemos, soeis, soem.

Imperf. – soía, soías, soía, soíamos, soíeis, soíam.

Part. – soído.

Observações:

1ª – A pronúncia do imperfeito é *so-í-a, so-í-as, so-í-a* etc.; no particípio é *so-í-do.*

2ª – *Soer* significa *costumar, ter por hábito* e geralmente vem seguido de um infinitivo: "Pedro *sói levantar-se* às 6 horas" – "Eles *soem desobedecer* a prescrições novas" – "Assim como *soemos fazer* aos cavalos".

c) – FEDER

Este verbo só é conjugado nas formas em que ao *d* se segue *e* ou *i*. Nas outras formas é ele substituído por *estar fedendo*, notando-se, porém, que em linguagem polida o próprio verbo *feder* não é usado, sendo substituído por *cheirar mal*.

Ind. pres. – fedes, fede, fedemos, fedeis, fedem. *Imperf.* – fedia, fedias etc. *Perf.* – fedi, fedeste etc. *M.-q.-perf.* – federa, federas etc. *Fut.* – federei, federás etc. *Fut. do pret.* – federia, federias etc. *Imperat.*: Impossível, dada a significação. *Subj. pres.*: Não há. *Imperf.* – fedesse, fedesses etc. *Fut. do subj.* e *infin. pess.* iguais: feder, federes etc. *Inf.* – feder. *Ger.* – fedendo. *Part.* – fedido.

d) – PRECAVER-SE

Este verbo nada tem de comum nem com o verbo *ver* nem com o verbo *vir*; dizer eu me *precavejo* ou eu me *precavenho*, que ele se *precavenha*, eles se *precaviram* ou eles se *precavieram* é incorrer em gravíssimo erro de conjugação. O que há é o seguinte: O verbo é defectivo, sendo usado somente nas formas arrizotônicas, nas quais é inteiramente regular.

Por outras palavras: O verbo *precaver-se* não se conjuga na 1ª, 2ª e 3ª pessoa do singular nem na 3ª do plural do indicativo presente (faltando, por conseguinte, todo o presente do subj. e a 2ª pess. sing. do imperativo), sendo, nas demais pessoas, *totalmente regular*, notando-se que o verbo sempre vem acompanhado do pronome oblíquo.

Ind. pres. – precavemos, precaveis. *Imperf.* – precavia, precavias etc. *Perf.* – precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram. *M.-q.-perf.* – precavera, precaveras etc. *Fut.* – precaverei, precaverás etc. *Fut. do pret.* – precaveria, precaverias etc. *Imperat.* – precavei. *Subj. pres.*: Não há. *Imperf. do subj.* – precavesse, precavesses etc. *Fut. do subj.* e *inf. pess.* iguais: precaver, precaveres etc. Precaver – precavendo – precavido.

Observação:

Para substituir as formas inexistentes, emprega-se um verbo sinônimo, como *acautelar-se*, *prevenir-se*, *precatar-se*.

e) – REAVER

É regra geral: Os verbos compostos conjugam-se de acordo com os verbos simples. Se *reter* é composto de *ter*, como este deverá ser ele conju-

gado: *re + tenho*, *re + tens*, *re + tem... re + tive*, *re + tiveste*, *re + teve*, *re + tivemos*, *re + tivestes*, *re + tiveram* etc. Seguindo tal norma, o verbo *reaver* deveria flexionar-se em *re + hei*, *re + hás*, *re + há* etc., mas tal não se dá, podendo ser conjugado apenas nas formas em que o primitivo *haver* tem *v*:

haver	*reaver*
hei	. . . .
hás	. . . .
há	. . . .
haVemos	reaVemos
haVeis	reaVeis
hão	. . . .

Não há, conseguintemente, as formas do subjuntivo presente nem a do imperativo singular, conjugando-se em todos os demais tempos, pois neles sempre existe *v*: *reavia*, *reaverei*, *reaveria*, *reouve*, *reouvera*, *reouvesse*, *reouver*.

f) – REVER

O verbo *rever* (V. § 463, obs. 3 do v. *ver*), no sentido de *transudar*, *verter*, *ressumar*, só é usado nas 3.as pessoas.

g) – VIGER

É verbo regular (= estar em vigor, ter vigor, vigorar), mas não se emprega na 1.ª pessoa do sing. do indic. presente nem, portanto, nas do presente do subjuntivo: "Essa lei já não *vige*" – "Ao tempo em que *vigia* a ditadura".

489 – Além dos verbos contidos nos grupos acima, outros existem que são perfeitamente normais e se conjugam em todas as pessoas, mas, em certas construções, tornam-se eventualmente defectivos. São eles:

1 – **Constar**: Defectivo no sentido de *ser notório*: *Constam* irregularidades (sujeito) na repartição. *Consta* que ele vai sair (sujeito).

No sentido de *consistir* ou de *estar presente*, é ele conjugado em todas as pessoas: *Constamos* de corpo e alma. Eu não *consto* na lista dos promovidos.

2 – **Grassar**, que significa *desenvolver-se*, *espalhar-se*, só é usado nas 3.as pessoas: *Grassavam* doenças de toda a espécie. Muito antes do dia marcado, *grassava* a notícia da rebelião.

3 – **Pesar**: É o verbo *pesar* conjugado normalmente na acepção de *verificar o peso, ter o peso de*. Com a significação de *causar mágoa, arrepender-se*, é ele defectivo pessoal: "*Pesa-me* tê-lo ofendido" – "*Pesam-lhe* hoje os atos da juventude".

sujeito (tê-lo ofendido); sujeito (os atos)

Nota: Quanto à pronúncia, veja-se a nota do § 446.

4 – **Relevar**: Conjuga-se em todas as pessoas, quando empregado com a significação de *perdoar* ("*Relevai-me* esta tardança"), *fazer sobressair*: "A feição que *releva* e carateriza o seu vulto".

Com a significação de *convir, ser necessário*, é defectivo pessoal: "*Releva*, porém, considerar qual seja desta guerra o motivo".

5 – **Importar**: Conjuga-se normalmente na acepção de *trazer para dentro do país*: "*Importamos* petróleo". É defectivo pessoal no sentido de *ser conveniente* ("A Deus *importa* que não haja distinção entre irmãos no pátrio abrigo"), *perfazer a quantia de*: " *Importam* os gastos em trinta mil cruzeiros".

sujeito (que não haja distinção); sujeito (os gastos)

6 – **Acontecer**, que significa *suceder, realizar-se*: "*Acontece* que ele não quer ir" – "Isso *aconteceu* ontem".

sujeito (que ele não quer ir); suj. (Isso)

7 – **Correr**: É defectivo pessoal na acepção de *constar, ser notório*: "*Corre* que vais ser exilado" – "*Correm* notícias as mais desencontradas".

sujeito (que vais ser exilado); sujeito (notícias)

8 – **Ocorrer**: É defectivo pessoal na acepção de *acontecer* ("*Ocorreu* triste fato" – "*Ocorreram* lastimáveis desavenças") e na de *lembrar, vir à memória*: "*Ocorreu-me* o seguinte" – "*Ocorrem-me* os traços do assaltante".

9 – **Suceder**: É defectivo pessoal quando significa *acontecer*: "*Sucede* que ele não quer aceitar" – "Casos como esse *sucedem* frequentemente".

sujeito (que ele não quer aceitar); sujeito (Casos)

Com a significação de *substituir*, é conjugado em todas as pessoas e se constrói hoje com objeto indireto (prep. *a*): "Sucederei *a* meu irmão na gerência da fábrica" – "Os reis que *lhe* sucederam".

10 – Certos verbos da 3ª conjugação, como *polir*, *colorir* e outros, que só se conjugam nas formas em cuja desinência existe *i*. Nas formas em que o paradigma *partir* não tiver *i* (o que se dá nas três pessoas do singular e na 3ª do plural do pres. do ind., no singular do imperativo e no pres. do subj.), tais verbos não poderão ser conjugados:

part-o	. . . .
part-es	. . . .
part-e	. . . .
part-*i*mos	polimos
part-*i*s	polis
part-em	. . . .

Lista desses verbos defectivos:

abolir	carpir	discernir	falir	polir
adir (acrescentar)	cernir	embair	fletir	puir
adir (receber, tomar	colorir	emergir	florir	remir
posse)	combalir	emolir	fornir	renhir
aguerrir	comedir-se	empedernir	fremir	ressequir
banir	compelir	esbaforir	ganir	retorquir
bramir	condir	espavorir	haurir	revelir
brandir	delir	exaurir	imergir	ruir
brunhir	demolir	exinanir	infletir	submergir
brunir	descomedir-se	explodir	latir	urgir
buir	desmedir-se	extorquir	munir	vagir

Desses verbos, alguns há que toleram as flexões *e* e *em*: *bane*, *brande*, *carpe*, *compele*, *discerne*, *explode*, *freme*, *gane*, *haure*, *inflete*, *late* e *mune*.

Quando necessário, recorre-se, para preencher as falhas da conjugação, ou a um verbo sinônimo ou ao auxílio de outro verbo que, sem prejuízo para a significação, proporcione a flexão em *i*: estou *polindo*, eu sei *colorir*, não vou *extorquir*, tu não podes *abolir*, ele se põe a *vagir*.

– Outros verbos, como *ecoar*, *estrondar*, *bruxulear*, *faiscar*, *marulhar*, *soar*, *ressoar*, *ribombar* etc., são defectivos porque indicam a produção de fatos atribuíveis a sujeitos determinados, especiais.

Apenas quando usados em linguagem figurada é que esses verbos se podem conjugar nas outras pessoas.

Questionário

1. Que é verbo *defectivo*? Exemplos.
2. Quando um verbo se diz *impessoal*?
3. Por quantos e por quais processos podemos pessoalizar um verbo impessoal essencial? Exemplos.
4. Qual a função sintática de *aula* na oração: "Hoje não há *aula*"?
5. Faça o quadro da divisão dos defectivos, não se esquecendo dos exemplos.
6. Faça duas orações com o verbo *soer*. (V. a 2ª observação que acompanha esse verbo .)
7. Qual o presente e o pretérito perfeito do indicativo do v. *precaver-se*?
8. Qual o pretérito perfeito do v. *reter*?
9. Qual o pres. do ind. e do subj. do v. *reaver*?
10. Corrija:

a) Tamerlão deteu a marcha dos turcos contra Constantinopla.
b) Não lhe estou culpando por isso. Sempre lhe tive como um bom amigo.
c) Isso era um exercício que nos entretia muito.
d) O magistrado diferiu o requerimento que você está falando.
e) Fazem seis meses que chegamos em São Paulo.
f) Devem haver grandes festas quando voltar nosso chefe.
g) Está eminente um grande temporal: precavejamo-nos.
h) Chegaram a haver suspeitas que você estivesse metido nessa falcatrua, mas eu sempre te defendi.
i) Você já experimentou tomar um chá de marcela?
j) Quando Pedro saiu para a caça, ele se proviu de um enorme facão.
k) Concordo que esta é uma situação angustiosa, de que o desenlace ninguém pode prever.
l) Durante duas semanas nos mantêramos (este verbo deve estar no mais-q.-perf.) só de conservas.
m) O cimento que se tem feito estes passeios não é igual ao que se fez os do outro lado da rua (corrija sem tirar palavras).
n) Nisso eu nunca intervi. Você compreende que, se eu tivesse intervisto teria te reservado um lugar melhor.

CAPÍTULO 33

VERBOS ABUNDANTES

494 – São assim chamados os que possuem alguma forma dupla, como o verbo *ir*. Agrupam-se entre os abundantes especialmente os muitos verbos de nosso idioma com dois particípios (**verbos de particípios duplos**): um *regular*, sempre terminado em *do* (*a*do para a 1ª conjugação, e *i*do para a 2ª e 3ª), outro *irregular*, sempre mais curto que o regular, e de terminação variável.

Assim é que, por exemplo, há para o verbo *suspender* dois particípios: *suspendido*, formado regularmente, e *suspenso*, de forma mais curta que o regular.

495 – Vejamos as normas para o perfeito uso dessas duas formas participiais.

Em regra geral, usa-se o particípio regular com os verbos *ter* e *haver*, ou seja, na voz ativa; o particípio irregular é usado com os verbos *ser* e *estar*, isto é, na voz passiva:

"O *diretor* *tem* (ou *há*) *suspendido* muitos alunos"
suj. ativo — part. regul.

"*Muitos alunos* *foram* *suspensos* pelo diretor"
suj. passivo — part. irreg.

"*Os alunos* *estão* *suspensos*"
suj. passivo

Nota: Vimos já que os particípios variam em gênero e em número com os verbos *ser* e *estar*, permanecendo invariáveis com os verbos *ter* e *haver* (V. § 430).

Isso no português atual, porquanto, no velho português, como ainda hoje em francês e em italiano, o particípio junto aos auxiliares *ter* e *haver* era variável; um quinhentista podia dizer: "Cart*a* que eu tenho escrit*a*" – como hoje diz um francês: "La lettre que j'ai écrite" – e um italiano: "Ho scritte molte lettere".
fem. fem. fem. fem. plur.

Atualmente, muita diferença existe entre: "Tenho corrigidas muitas lições" – que equivale a dizer: "Tenho já prontas, já corrigidas" – e "Tenho corrigido muitas lições" – ou seja: "Há tempo venho corrigindo lições".

496 – A regra acima, como todas as regras, possui exceções; em vez de dá-las agrupadamente, vamos expô-las na própria lista dos verbos de duplo particípio. Numa segunda lista exporemos as formas participiais irregulares usadas apenas como adjetivos, como substantivos ou, até, como preposições:

1ª CONJUGAÇÃO

Infinitivo	Part. reg.	Part. irreg.
afetar	afetado	afeto[1]
aceitar	aceitado[2]	aceito[3]
dispersar	dispersado	disperso
entregar	entregado	entregue[4]
enxugar	enxugado	enxuto
expressar	expressado	expresso
expulsar	expulsado	expulso
fartar	fartado	farto[5]
findar	findado	findo
fixar	fixado[5]	fixo
fritar	fritado	frito

(1) Os compêndios dão em geral *afeto* como part. de *afeiçoar*, mas neste sentido não se emprega. Alega-se não ser lídima a forma *afetar*, mas é corrente e parece imprescindível no sentido em que a impugnam: "*Afetamos* este caso ao tribunal" – "A questão foi *afeta* ao ministro".

(2) Forma empregada também na passiva.

(3) As formas participiais *aceite*, *fixe*, *encarregue* e *assente*, usadas principalmente em Portugal, devem ser postas de lado, porquanto são criações plebeias de todo inúteis, havendo já *aceito* e *aceitado*, *fixo* (adj.) e *fixado* (particípio), *encarregado* e *assentado*.

(4) "O particípio *entregue*, proveniente do adjetivo latino *integre* (com metátese), é a única forma participial em *e* cujo emprego remonta à fase mais antiga da língua portuguesa. Por analogia criou-se modernamente, a par de *assentado*, o supérfluo *assente*, termo de que se serviu Filinto Elísio, mas que foi refugado por outros escritores coetâneos e posteriores" (Said Ali).

Quite e *livre* são também formas participiais em *e* por todos aceitas.

(5) Não se confunda *farto* com *falto*: *farto* de comida (cheio de comida) e *falto* de comida (desprovido de comida).

(6) Forma também usada com os verbos *ser* e *estar*.

Infinitivo	Part. reg.	Part. irreg.
ganhar	ganhado (7)	ganho
gastar	gastado (7)	gasto
juntar	juntado	junto
limpar	limpado	limpo
matar	matado	morto
misturar	misturado	misto(8)
murchar	murchado	murcho
ocultar	ocultado(9)	oculto
pagar	pagado(10)	pago
pegar	pegado	pego(11)
salvar	salvado	salvo (V. D. QVs)
secar	secado	seco
segurar	segurado	seguro
soltar	soltado	solto
sujeitar	sujeitado	sujeito
vagar	vagado	vago

2ª CONJUGAÇÃO

Infinitivo	Part. reg.	Part. irreg.
acender(12)	acendido	aceso
benquerer	benquerido	benquisto
benzer	benzido	bento
defender	defendido	defeso(13)
eleger	elegido	eleito(14)
encher	enchido(15)	cheio
envolver	envolvido(16)	envolto

(7) Formas hoje desusadas; o uso prefere *ganho* e *gasto* para ambas as vozes: *Tenho ganho, está ganho; tenho gasto, está gasto.*

(8) Visando à coerência é que devemos escrever *misto* com *s*; se *mistura* e *misturar* sempre se escrevem com *s*, nada mais natural e justo que escrever também com *s* a forma irregular do particípio.

(9) Forma também empregada na passiva.

(10) Não existe, na linguagem hodierna, esta forma regular; hoje tanto se diz: "*Está pago*" – quanto: "*Tenho pago*".

(11) Pronuncia-se *pêgo*. Hodiernamente, este particípio tende a sair da regra, sendo indiferentemente usado na passiva e na ativa: *está pego, tenho pego, é pego, havia pego.*

(12) Não se confunda *acender* (= atear fogo), com *ascender* (= subir).

(13) A forma irregular só é usada no sentido de *proibir*: "A pesca por meio de explosivos foi *defesa*". No sentido de *proteger*, usa-se o part. regular: "Temos *defendido* as boas causas" – "A fortaleza foi *defendida* por um punhado de bravos".

(14) Forma usada também com os verbos *ter* e *haver*.

(15) *Enchido* é também muito usado com o verbo *ser*: "As garrafas foram *enchidas* por mim".

(16) O part. regular é também usado na passiva: "Ele *está envolvido* num escândalo" – "A criança *foi envolvida* em trapos".

Infinitivo	Part. reg.	Part. irreg.
escrever	escrevido (17)	escrito
fazer	fazido (17)	feito
incorrer	incorrido	incurso
malquerer	malquerido	malquisto
morrer	morrido	morto[18]
prender	prendido	preso
suspender	suspendido	suspenso

3ª CONJUGAÇÃO

Infinitivo	Part. reg.	Part. irreg.
abrir	abrido[19]	aberto
aspergir	aspergido	asperso
cobrir	cobrido[20]	coberto
emergir	emergido	emerso
erigir	erigido	ereto
espargir	espargido	esparso
exaurir	exaurido	exausto
expelir	expelido	expulso[21]
exprimir	exprimido[22]	expresso
extinguir[23]	extinguido	extinto
frigir	frigido	frito[24]
imergir	imergido	imerso
imprimir	imprimido	impresso
inserir	inserido	inserto
submergir	submergido	submerso
surgir	surgido	surto
tingir	tingido	tinto

(17) Formas inteiramente desusadas; tanto na ativa como na passiva empregam-se os particípios *escrito* e *feito*.

(18) *Morto* é particípio irregular de dois verbos, *morrer* e *matar*, verbos estes que têm o particípio regular diferente, *morrido* e *matado*.

Com os verbos de ligação, pois, aparece MORTO para ambos os verbos, mas com os verbos *ter* e *haver* aparece MORRIDO para *morrer* e MATADO para *matar*:

MORRER { Ele está MORTO – O ladrão ficou MORTO
Ele tinha MORRIDO

MATAR { Ele está MORTO – O ladrão foi MORTO
Ele tinha MATADO (nunca: *Ele tinha morto*)

(19) Forma desusada; emprega-se o particípio *aberto* na voz ativa e na passiva.

(20) Forma desusada; emprega-se *coberto* em ambas as vozes.

(21) É também part. irreg. de *expulsar*.

(22) Não se confunda *exprimido*, do v. *exprimir*, com *espremido*, do v. *espremer*; este segundo verbo não possui particípio irregular.

(23) O *u* é insonoro: extingh*i*r, extingh*i*do etc.

(24) Particípio irregular de *frigir* e de *fritar*.

497 – Particípios irregulares usados ou como adjetivos ou como substantivos ou como preposições. ESTES VERBOS ESCAPAM DA REGRA DOS PARTICÍPIOS DUPLOS; diz-se: *será anexado*, *está arrebatado*, *ficou agradecido* etc., como se diz: *estou descalço*, a rua *está descalçada*. Somente o uso ou o manuseio de um bom dicionário pode indicar a maneira de usar os particípios destes verbos.

1ª CONJUGAÇÃO

Infinitivo	Part. reg.	Part. irreg.
anexar	anexado	anexo
aprontar	aprontado	pronto
assentar	assentado	assento (subst.) [1]
benquistar	benquistado	benquisto
botar (= perder o gume)	botado	boto[2]
cativar	cativado	cativo (subst. e adj.)
cegar	cegado	cego (subst. e adj.)
circuncidar	circuncidado	circunciso (subst.)
completar	completado	completo
confessar	confessado	confesso (subst. e adj.)
concretar	concretado	concreto (subst. e adj.)
contraditar	contraditado	contradito
crucificar	crucificado	crucifixo (subst.)
cultivar	cultivado	culto (subst. e adj.)[3]
curvar	curvado	curvo
descalçar	descalçado	descalço
despertar	despertado	desperto
entortar	entortado	torto
escusar	escusado	escuso
estreitar	estreitado	estreito (subst. e adj.)
estremar	estremado	estremo (subst. e adj.) estreme (adj.)
excetuar	excetuado	exceto (prepos.)[4]
exentar	exentado	exento[5]
falhar	falhado	falho
faltar	faltado	falto
infeccionar	infeccionado	infecto
infetar	infetado	
inficionar	inficionado	

(1) V. notas 3 e 4 do § anterior.

(2) Pronuncia-se *bôto*: A espada está *bôta*.

(3) Não se vá confundir *culto* (ilustrado, civilizado) com *curto* (minguado, pequeno): Inteligência *culta* – Inteligência *curta*.

(4) O particípio *exceto* só é usado como preposição: "*Exceto* o filho menor, todos os outros são indolentes" (escreva *excetuar*, *excecional* etc., sem *p*).

(5) Presta-se também para part. irreg. de *eximir*. Existem as formas divergentes *isentar*, *isentado* e *isento*.

Infinitivo	Part. reg.	Part. irreg.
infestar	infestado	infesto
inquietar	inquietado	inquieto
interditar	interditado	interdito (subst. e adj.)
libertar	libertado	liberto (subst. e adj.)
livrar	livrado	livre
malquistar	malquistado	malquisto
manifestar	manifestado	manifesto (subst. e adj.)
molestar	molestado	molesto
murchar	murchado	murcho
professar	professado	professo (subst. e adj.)
quedar	quedado	quedo
quitar	quitado	quite[6]
raptar	raptado	rapto (subst.)
rejeitar	rejeitado	rejeito (subst. antiq.)
sepultar	sepultado	sepulto
situar	situado	sito
suspeitar	suspeitado	suspeito
suxar[7]	suxado	suxo

2ª CONJUGAÇÃO

Infinitivo	Part. reg.	Part. irreg.
absolver	absolvido	absolto absoluto (subst. e adj.)
absorver[8]	absorvido	absorto
agradecer	agradecido	grato
atender	atendido	atento
convencer	convencido	convicto
converter	convertido	converso
corromper	corrompido	corrupto
cozer	cozido	cozeito coito [9]
desenvolver	desenvolvido	desenvolto
devolver	devolvido	devoluto
dissolver	dissolvido	dissoluto

(6) *Quite* é forma que se emprega no singular: "Estou *quite*". *Quites*, com *s*, só se emprega no plural: "Estamos *quites*".

(7) Este verbo é antiquado; o *x* tem som chiante, como em *xarope*; significa *afrouxar*, *desapertar*; "*Suxando* a corda que estava atada".

(8) Não se vá confundir este verbo, em que entra *r* – absorver – com o de cima, absolver.

(9) *Cozeito* é hoje inteiramente desusado, como também já não se usam as formas *recoito* (do verbo *recozer*), *colheito* (do verbo *colher*), *escolheito* (do verbo *escolher*) e *tolheito* (do verbo *tolher*).

Coito aparece em *biscoito* (cozido duas vezes).

Infinitivo	Part. reg.	Part. irreg.
esconder	escondido	escuso esconso[10]
estender	estendido	extenso
interromper	interrompido	interrupto
nascer	nascido	nato nado
pender	pendido	penso
perverter	pervertido	perverso
propender	propendido	propenso
querer	querido	quisto[11]
refranger	refrangido	refrato
remover	removido	remoto
repreender	repreendido	repreenso
resolver	resolvido	resoluto
retorcer	retorcido	retorto
revolver	revolvido	revolto
romper	rompido	roto
solver	solvido	soluto
submeter	submetido	submisso
subtender[12]	subtendido	subtenso
surpreender	surpreendido	surpreso
tanger	tangido	tato (subst.)
tender	tendido[13]	tenso
torcer	torcido	torto

3ª CONJUGAÇÃO

Infinitivo	Part. reg.	Part. irreg.
abstrair	abstraído	abstrato
adstringir	adstringido (não usado)	adstrito
afligir	afligido	aflito (subst. e adj.)
assumir	assumido	assunto (subst. e adj.)
cingir	cingido	cinto (subst.)
coagir	coagido	coacto
coligir	coligido	coleto
compelir	compelido	compulso
comprimir	comprimido	compresso

(10) *Esconso* é usado como subst. e significa compartimento aproveitado nos desvãos inclinados do teto do telhado. Como adjetivo (na significação de *escondido*, *oculto*) é hoje desusado, mas aparece na locução adverbial *a esconsa*, que significa *ocultamente*.

(11) Usado só nos compostos *benquisto* e *malquisto*.

(12) Não se confunda *subtender* (= estender por baixo de) com *subentender* (= admitir, supor mentalmente).

(13) Bandeiras *tendidas* = desfraldadas; ver a olhos *tendidos* = esforçar a vista, à maneira dos míopes, para ver objetos longínquos.

Infinitivo	Part. reg.	Part. irreg.
concluir	concluído	concluso[14]
confundir	confundido	confuso
constringir	constringido	constrito
contrair	contraído	contrato (subst. e adj.)
contundir	contundido	contuso[15]
convelir	convelido	convulso
corrigir	corrigido	correto[16]
difundir	difundido	difuso
dirigir	dirigido	direto
distinguir	distinguido[17]	distinto
dividir	dividido	diviso[18]
excluir	excluído	excluso
eximir	eximido	exento[19]
extrair	extraído	extrato (subst.)
fingir	fingido	ficto
haurir	haurido	hausto (subst.)
iludir	iludido	iluso
incluir	incluído	incluso
infundir	infundido	infuso
insurgir	insurgido	insurreto
obtundir	obtundido	obtuso
omitir	omitido	omisso
oprimir	oprimido	opresso
possuir	possuído	possesso (subst. e adj.)
recluir	recluído	recluso
remitir	remitido	remisso
repelir	repelido	repulso
restringir	restringido	restrito
ressurgir	ressurgido	ressurrecto
suprimir	suprimido	supresso

498 – NOTAS FINAIS: 1ª – *Escorreito*: Apesar de João Ribeiro e outros gramáticos darem *escorreito* como forma participial irregular de *escorrer*, julgamos de mais acerto considerá-lo filiado ao baixo latim *excorrectum*, part. pass. de *excorrigere*, que significa *corrigir*, sendo o *ex* prefixo aumentativo, reforçativo.

---

(14) Forma usada somente em linguagem forense: Processo *concluso* = que subiu à presença do magistrado para despachar ou sentenciar.

(15) Ferida *contusa* = acompanhada de contusão.

(16) *Correto* não conservou a significação de *corrigir*: *correto* significa *sem defeitos*. Uma lição pode estar *correta* e não ter sido ainda *corrigida*. Vice-versa, pode estar *corrigida* e não estar *correta*.

(17) Neste verbo, como nos derivados, o *u* é insonoro: disting*h*ido, disting*h*ir, disting*h*ível etc.

(18) *Diviso*, que significa *que se dividiu*, é forma pouco usada.

(19) V. nota 5 deste mesmo §.

Compreende-se mais, assim, a razão de frases como: "Rapaz *escorreito*" (bem apessoado) – "Linguagem *escorreita*" (apurada, correta).

2ª – O verbo *ter* e seus compostos *conter*, *deter*, *manter* e *reter* possuíam antigamente as formas participiais em *udo*: *teúdo* (pronuncia-se *te-ú-do*), *conteúdo* (hoje usado como substantivo), *deteúdo*, *manteúdo* e *reteúdo*.

3ª – V. *imprimido*, *impresso* no D.QVs.

Questionário

1. Que são *verbos abundantes*?
2. Que são verbos de *particípios duplos*? Quais as diferenças entre o particípio irregular e o regular? Responda com exemplos.
3. Faça 6 sentenças com particípios regulares de quaisquer verbos (empregando dois de cada conjugação) e outras 6 com particípios irregulares dos mesmos verbos. (V. nota ao pé da página.)
4. Os verbos de particípios duplos aparecem divididos em dois grupos. Explique a razão disso. (A resposta é somente o que se encontra em letras maiúsculas nas primeiras linhas do § 497.)
5. Como se pronunciam os verbos *extinguir* e *distinguir*?
6. *Expresso* é particípio irregular de dois verbos; quais são?
7. *Boto* é particípio de que verbo? Que significa?
8. *Emergir* e *imergir* significam a mesma coisa? Explique a resposta.
9. "Lição *corrigida*" e "Lição *correta*" significam a mesma coisa? Explique a resposta.
10. Acrescente a letra final no verbo destas orações:
a) antes que se consum..... o crime.
b) antes que se consum..... o arroz.

No dar os 6 pares de sentenças pedidos na pergunta 3, use *ter* (ou *haver*) com o particípio regular, e *ser* (ou *estar* ou outro verbo de ligação) com o irregular de verbos que constem das listas do § 496, como nestes dois exemplos:

1. O diretor tinha *expulsado* dois alunos.
   Dois alunos foram *expulsos* pelo diretor.
2. Haviam já *prendido* o ladrão.
   O ladrão estava (tinha sido, ficou) *preso*.

CAPÍTULO 34

VERBO QUANTO À SIGNIFICAÇÃO

502 – A divisão do verbo quanto à significação constitui estudo de pouca importância, comparada com as divisões, já estudadas, quanto à predicação, quanto à voz e quanto à conjugação.

503 – Certos verbos, ao mesmo tempo que exprimem a ação, encerram ideias acessórias da ação, ideias que podem indicar *aumento*, *diminuição*, *frequência*, *princípio* e *imitação* do ato expresso pelo verbo.

Obtêm-se, dessa forma, cinco espécies de verbos:

a) verbos *aumentativos*

b) verbos *diminutivos*

c) verbos *frequentativos* (ou *iterativos*)

d) verbos *incoativos*

e) verbos *imitativos* (ou *onomatopaicos*)

504 – Verbos AUMENTATIVOS: São aumentativos os verbos que têm significação encarecida ou exagerada para mais; esse encarecimento é indicado ora pela terminação ou sufixo, ora por meio dos prefixos *re*, *tres* e *des*[1]:

(1) O estudo dos prefixos e dos sufixos será brevemente feito na *Etimologia*

Significação positiva	*Significação aumentativa*	*Significação positiva*	*Significação aumentativa*
atenazar	atenazear	ganir	esganiçar-se
berrar	berregar	inquietar	desinquietar
bombardear	esbombardear	jurar	tresjurar
bramar	rebramar	mexer	mexelhar / remexer
bravejar	esbravejar		
cantar	descantar	perder	esperdiçar
contar	recontar	picar	espicaçar
cuidar	recuidar	pousar	repousar
crescer	recrescer	queimar	requeimar
esmurrar	esmurraçar	soar	ressoar
espalhar	espalhagar	suar	tressuar
estrondar	estrondear	talhar	retalhar
fugir	refugir	torcer	retorcer

505 – Verbos DIMINUTIVOS: São diminutivos os verbos que têm a significação encarecida ou exagerada para menos, como os que se veem abaixo:

Significação positiva	*Significação diminutiva*	*Significação positiva*	*Significação diminutiva*
adoçar	adocicar	ferver	fervilhar
beber	bebericar / beberricar	lamber	lambiscar
		namorar	namoricar / namoriscar
chupar	chupitar		
cuspir	cuspinhar	piar	pipitar / pipilar
depenar	depenicar		
dormir	dormitar	saltar	saltitar / saltarinhar / saltarrilhar
escorrer	escorropichar[1]		
esparramar	esparrinhar		
escrever	escrevinhar	tremer	tremelicar

506 – Verbos FREQUENTATIVOS: Denominam-se frequentativos ou iterativos os verbos que indicam ação frequente ou reiterada. Além das locuções verbais com *andar*, *estar*, *ficar*, *permanecer*, *viver*, *continuar* e o *gerúndio* (§ 517), existem formas sintéticas de verbos frequentativos simples, derivados de nomes e de verbos, com as terminações *ejar*, *ear*, *itar*, *inhar*, *icar*:

(1) *Escarrapachar* (abrir muito as pernas), *escarrapichar-se* (proferir as palavras com meticulosidade) e *escorropichar* (beber até a última gota) são formas que não devem ser confundidas.

Nomes ou verbos	*Verbos frequentativos*
badalar	badalejar
balançar	balancear
boca	bocejar boquejar boquea
bordo	bordejar
bravo	bravejar
cabeça	cabecear
coice	escoicear escoicinhar
chorar	choramingar
cravar	cravejar
doido	doidejar
espanar	espanejar
estalar	estalejar
exercer	exercitar
gemer	gemicar gemelhicar
mancar	manquejar
palma	palmejar palmear
passar	passear
pé (pisar)	espezinhar
pestana	pestanejar
rumor	rumorejar
saltar	saltear
tornar	tornear
voltar	voltejar voltear

Nota: A ideia frequentativa é, não raro, reforçada pela forma perifrástica; exs.: "O navio *anda bordejando*" – "Ele *andava espezinhando* e *escoicinhando* a vida alheia". São essas expressões duplamente frequentativas.

507 – Verbos INCOATIVOS: Incoativos denominam-se os verbos que indicam começo de ação (lat. *inchoare* = começar). Além das formas perifrásticas com *ir*, *vir* e o *gerúndio* (§ 518), existem formas sintéticas terminadas em *ecer* ou *escer*, derivadas de substantivos ou de adjetivos. Muitos destes verbos têm a forma frequentativa:

Nomes	*Forma frequentativa*	*Forma incoativa*
alvo	alvejar	alvorecer
amarelo	amarelar	amarelecer
bravo	esbravejar	embravecer
claro	clarear	esclarecer
doido	doidejar	endoidecer
flor	florear	florescer
maduro	madurar	amadurecer
murcho	murchar	emurchecer
raiva	(raivar)	enraivecer
velho	avelhentar	envelhecer

Nota: Tal qual se passa com o verbo frequentativo, o verbo incoativo pode também ser reforçado pela forma perifrástica: Os campos *vão florescendo* – O mar *vai embravecendo*.

508 – Verbos IMITATIVOS: Imitativos ou onomatopaicos são os verbos que expressam a ação própria dos substantivos de que derivam:

Substantivo	*Verbo imitativo*	*Substantivo*	*Verbo imitativo*
balança	balançar balancear	mouro	mourejar
bigode	bigodear	pai	patrissar
cabra	cabrejar	papagaio	papaguear papagaiar
caçapo (= coelho)	acaçapar	parra	esparralhar
cão	encaniçar-se	pato	patinhar
caranguejo	caranguejar	pátria	patrizar
corvo	corvejar	pavão	pavonear
gato	engatinhar	pértiga	empritigar empertigar-se
gralha	gralhar	serpente	serpentear
grego	grecizar	Tântalo	tantalizar
grilo	engrilar	vespa (bespa)	abespinhar-se
judeu	judiar, judaizar		
latim	latinizar		

Nota: É excessivamente rica a língua portuguesa em verbos imitativos ou onomatopaicos, e nessa classe entram os que imitam os sons das coisas e as vozes dos animais: *estrondar*, *sibilar*, *roncar*, *gaguejar*, *chiar*, *mugir*, *latir*, *miar*. Por **vozes de animais** compreende-se tanto o som articulado quanto o barulho que o animal faz no voar, no andar, no comer etc. São vozes, enfim, onomatopaicas que, por reproduzirem sons nem sempre iguais, motivam muitas vezes uma infinidade de formas, parecidas ou não, conforme ou o animal ou o ouvido de quem escuta; o *cão*, por exemplo, ora *cuinca*, ora *late*, ora *acua*; outras vezes *rosna*, *uiva*, *ronca*, quando não *ulula*, *gane*, *esganiça* etc.

Abelha – azoinar, sussurrar, zinir, ziziar, zoar, zonzonear, zuir, zum-zum, zumbar, zumbir, zumbrar, zunir, zunzar, zunzilular, zunzunar.

Andorinha – chilido, chilidar, gazear, grinfar, trinfar, trissar, zinzilular.

Anhuma – cantar, gritar.

Anta – assobiar.

Araponga – golpe, golpear, gritar, martelar, retinir, serrar, tinir.

Arara – palrar, grasnar.

Arouque – berrar.

Bacurau – gemer, piar.

Beija-flor – trissar.

Bisão – berrar.

Bode – berrar, bodejar, gaguejar.

Boi – arruar, berrar, bramar, mugir.

Búfalo – bramar, berrar.

Burro – azurrar, ornear, ornejar, rebusnar, zornar, zunar, zurrar.

Caboré – piar, rir.

Cabra – badalar, balido, berrar, berregar.

Calhandra – o m. q. *andorinha*.

Camelo – blaterar.

Cão – acuar, aulido, balsar, cainhar, cuincar, esganiçar, ganir, ganizar, ladrar, ladrido, latir, maticar, roncar, ronronar, rosnar, uivar, ulular.

Capivara – assobiar.

Caracará – grasnir.
Carneiro – berrar.
Cavalo – bufar, bufido, nitrido, nitrir, relinchar, rifar, rinchar.
Cegonha – gloterar.
Chacal – regougar.
Cigarra – cantar, canto, chiar, chichiar, chio, estridular, fretenir, rechiar, rechinar, retinir, zinir, ziziar, zunir.
Cisne – arensar.
Cobra – assobiar, chocalhar, sibilar, silvar.
Coelho – assobiar, guinchar, chiar.
Condor – crocitar.
Cordeiro – berregar.
Coruja – chirrear, corujar, crocitar, crujar, piar, rir.
Corvo – corvejar, crás-crás, crocitar, grasnar, chem-chem, crasnar.
Cotia – gargalhar, bufar.
Crocodilo – bramir.
Cuco – cucular, cuar.
Curiango – gemer, lastimar.
Dromedário – blaterar.
Elefante – barrir.
Ema – suspirar.
Estorninho – pissitar.
Gafanhoto – zic-zic.
Gaio – gralhar, grasnar.
Gaivota – pipilar, grasnar.
Galinha – cacarecar, cacarejar, cacarejo, carcarear, carcarejar.
Galinha de Angola – fraquejar, estou-fraco.
Galo – cantar, clarinar, cocoriar, cocoricar, cucuricar, cucuritar, galicanto, galicínio.
Ganso – gritar, grasnar.
Garça – gazear.
Gato – bufar, miar, resmunear, resmungar, roncar, ronrom, ronronar, rosnear, rosnar.
Gaturamo – gemer, tritinar.
Gavião – guinchar.
Gralha – crocitar, gralhar, gralhear, grasnar.
Grilo – chirrear, cricilar, cri-cri, cricrilar, estridular, guizalhar, trilar.
Grou – guir, groir, gruir.
Hiena – gargalhar, gargalhear, gargalhadear.
Iaque – berrar.
Insetos – chiar, chirrear, estridular, sibilar, silvar, zinir, ziziar, zoar, zumbir, zunir, zunitar.
Jacaré – roçagar.
Javali – arruar, cuinchar, cuinhar, grunhir, roncar, rosnar.
Jia – coaxar.
Jumento – o m. q. *burro*.
Juriti – soluçar.
Leão – bramar, bramir, fremir, rugir, urrar.
Lebre – assobiar, guinchar.
Leitão – bacorejar, coinchar, cuinchar.
Lobo – ladrar, uivar, ulular.
Macaco – assobiar, guinchar, roncar.
Macuco – piar, chororocar.
Milheira – tinir.

Mocho – o m. q. *coruja*.
Morcego – trissar.
Mosca – o m. q. *abelha*.
Onça – esturro, esturrar, miar, rugir, urrar.
Ovelha – badalar, balar, balir, berrar, berregar, balido.
Paca – assobiar, rosnar, roncar.
Papagaio – chalrar, falar, granizar, palrar, palrear, taramelar, tartarear.
Passarinhos – apitar, assobiar, cantar, canto, chalrear, chiar, chichiar, chilro, chilrar, chilrear, chirrear, dobrar, estribilhar, galrar, galrear, galrejar, garrir, garrular, gazear, gazeio, gazilar, gorjear, gorjeio, granizar, grazinhar, gritar, modulação, modular, papiar, palrar, piar, pipiar, pipitar, pitar, ralhar, redobrar, regorjear, requebrar, soar, suspirar, taralhar, tintinir, tintinar, tintlar, tintilar, trilar, trilo, trinar, trino, trinolejar, tritrilar, tritrinar, ulular, vozear.
Pato – grasnar, gracitar.
Pavão – pupilar.
Pega – palrar.
Perdiz – piar.
Peixe – roncar.
Pica-pau – restridular.
Peru – bufar, glu-glu, glugluejar, gorgolejar, grugrulejar, grugrulhar, grulhar.
Pinto – piar, pipiar.
Pombo – arrolar, arrular, arrulhar, gemer, suspirar, turturejar, turturinar, volar.
Porco – o m. q. *javali*, mais *gritar*.
Rã – coaxar, engrolar, gasnir, grasnar, malhar, rouquejar.
Raposa – regougar, roncar.
Rato – chiar, chichiar, guinchar.
Rinoceronte – bramir, grunhir.
Rola – o m. q. *pombo*.
Rouxinol – cantar, tinar.
Sapo – o m. q. *rã*.
Saracura – apitar.
Seriema – cacarejar, aflautar.
Serpente – o m. q. *cobra*.
Sucuri – roncar.
Tamanduá – bufar, roncar.
Tapir – V. *anta*.
Taralhão – pistar.
Tatu – choramingar.
Tico-tico – tinir.
Tigre – o m. q. *leão*.
Tordo – trucilar.
Touro – berrar, bramir, bufar, gaitear, mugir, soluçar, urrar.
Tucano – chalrar.
Urso – o m. q. *leão*.
Uru – arpejar.
Urubu – o m. q. *corvo*.
Urutau – gargalhar, gemer, lastimar, regougar.
Veado – bramar, berrar, gemer, rebramar.

509 – Dada a exuberância derivativa de nossa língua, nem sempre se podem traçar limites rigorosos entre os verbos *aumentativos*, *diminutivos*, *frequentativos*, *incoativos* e *imitativos*.

Os principais **sufixos verbais** portugueses, que podem trazer significação especial, são:

açar exprime aumento, intensidade, frequência: esmurraçar (de *murro*), espicaçar (de *picar*), esvoaçar (de *voar*), adelgaçar, envidraçar.

ejar indica continuação, frequência, permanência: alvejar, apedrejar, arejar, boquejar, bordejar, bosquejar, bravejar, cortejar, farejar, velejar, versejar, vicejar.

Nota: Em *invejar* o *j* se deve a um *di* etimológico (inviDIa = inveja: § 69, 4).

entar exprime ação continuada, frequente, morosa: apoquentar, avelhentar, envelhentar, emagrentar, ensanguentar.

icar indica diminuição, pouca intensidade de ação: adocicar, beberricar, bebericar, depenicar.

Nota: Às vezes o sufixo verbal é apenas *ar*, por provir o verbo de diminutivo já terminado em *ico*: *tremelicar*, *ananicar*.

ilhar indica diminuição: dedilhar, fervilhar, saltarilhar.

inhar indica diminuição: cuspinhar, escrevinhar.

itar 1. significa tornar: facilitar (tornar fácil), possibilitar (tornar possível), capacitar (tornar capaz), debilitar, habilitar, infelicitar.

2. indica fraqueza, pouca intensidade de ação, depreciação: chupitar, dormitar, pipitar, saltitar.

izar V. § 448.

ecer traz ideia de começo, de continuidade, de tornar, de fazer com que fique: amadurecer, amortecer, amanhecer, embravecer, entardecer, envelhecer, esclarecer, ensurdecer, emagrecer.

Notas: 1ª – Quase sempre ocorre em tais verbos o prefixo *a* ou *em*.

2ª – Alguns desses verbos têm forma paralela em *ejar*: enverdecer, enverdejar; manquecer, manquejar; amarelecer, amarelejar.

escer indica começo de ação, passagem de um estado para outro, e se prende a verbos latinos terminados em *sco*: florescer, intumescer, recrudescer, rubescer.

Questionário

1. Que compreende por "estudo do verbo quanto à significação"?
2. Estudados quanto à significação, como se dividem os verbos?
3. Há diferença entre *inquieto* e *desinquieto*? Explique a resposta.
4. Há diferença entre *lamber* e *lambiscar*? Explique a resposta e dê outros exemplos.
5. Quanto à significação, que diz do verbo *bordejar*? Cite outros exemplos.
6. Que diz de verbos como *alvorecer*, *florescer*, *envelhecer*? Cite outros exemplos.
7. Que são *verbos onomatopaicos*?
8. Que entende por *vozes de animais*?
9. ESCREVA UMA CARTA, contando notícias várias (tratamento: *você* – tamanho: uma página).

CAPÍTULO 35

LOCUÇÃO VERBAL

513 – Já várias vezes falamos em *locução verbal* ou em *conjugação perifrástica*. Vejamos o que vem a ser isso.

Se um ente pode ser expresso por mais de um nome ("Casa do Estudante" – "Estrada de Ferro Sorocabana" – "João de Almeida e Silva"), constituindo assim uma locução substantiva, se também um adjetivo pode constituir-se de mais de uma palavra, obtendo-se dessa forma uma locução adjetiva, pode igualmente uma ação ser expressa por mais de um verbo, daí resultando a *locução verbal*, ou, por outras palavras, expressa-se a ação por meio de uma frase, por meio de uma *locução*, por meio de dois ou mais verbos.

Sempre que tal acontece, o último dos verbos é que expressa a verdadeira ação, a ação que se quer manifestar, e o outro (ou os outros, quando a locução é constituída de mais de dois verbos) indica o modo, o tempo, a pessoa ou, numa palavra, a *ideia acessória* da ação.

Na sentença: "Podemos escrever" – a ação é expressa por uma locução, isto é, por dois verbos, dos quais o segundo – *escrever* – indica a verdadeira ação que se quer expressar, e o primeiro – *podemos* – indica uma ideia acessória, a ideia de *poder*, ao mesmo tempo que denota o modo e o tempo da ação verbal e a pessoa e o número do sujeito.

Se dissermos: "Deverão ter passado" – "Podíamos ter sido reprovados" – empregaremos locuções verbais com mais de dois verbos, mas a ideia principal será sempre expressa pelo último, indicando os outros a ideia ou ideias acessórias.

Tais circunlóquios dão motivo a uma **locução verbal**: *estou estudando, estás estudando, está estudando* etc.; *devia ter sido reprovado, devias ter sido reprovado* etc.

514 – Além das locuções verbais constituídas pelas formas compostas de certos tempos, quatro tipos principais de locuções verbais podemos obter:

1 – Locuções verbais que indicam **passividade**.

2 – Locuções verbais que indicam **linguagem projetada**.

3 – Locuções verbais que indicam **continuidade**, *frequência* ou *reiteração* de ação.

4 – Locuções verbais que indicam **começo** ou *desenvolvimento gradual* de ação.

Passividade

515 – A voz passiva dos verbos, quando feita pelo primeiro processo (§ 391), é sempre expressa por meio de uma locução verbal:

INDICATIVO

Presente

SING.	Eu sou	(estou)	pago	PLUR.	Nós somos	(estamos)	pagos
	Tu és	(estás)	pago		Vós sois	(estais)	pagos
	Ele é	(está)	pago		Eles são	(estão)	pagos

Pretérito imperfeito

SING.	Eu era	(estava)	pago	PLUR.	Nós éramos	(estávamos)	pagos
	Tu eras	(estavas)	pago		Vós éreis	(estáveis)	pagos
	Ele era	(estava)	pago		Eles eram	(estavam)	pagos

Pretérito perfeito

SING.	Eu fui	(estive)	pago	PLUR.	Nós fomos	(estivemos)	pagos
	Tu foste	(estiveste)	pago		Vós fostes	(estivestes)	pagos
	Ele foi	(esteve)	pago		Eles foram	(estiveram)	pagos

Pretérito perfeito composto

SING.	Eu	tenho	(hei)	sido	(estado)	pago
	Tu	tens	(hás)	sido	(estado)	pago
	Ele	tem	(há)	sido	(estado)	pago
PLUR.	Nós	temos	(havemos)	sido	(estado)	pagos
	Vós	tendes	(haveis)	sido	(estado)	pagos
	Eles	têm	(hão)	sido	(estado)	pagos

Pretérito mais-que-perfeito

SING.	Eu fora	(estivera)	pago	PLUR.	Nós fôramos	(estivéramos)	pagos
	Tu foras	(estiveras)	pago		Vós fôreis	(estivéreis)	pagos
	Ele fora	(estivera)	pago		Eles foram	(estiveram)	pagos

Mais-que-perfeito composto

SING.	Eu	tinha	(havia)	sido	(estado)	pago
	Tu	tinhas	(havias)	sido	(estado)	pago
	Ele	tinha	(havia)	sido	(estado)	pago
PLUR.	Nós	tínhamos	(havíamos)	sido	(estado)	pagos
	Vós	tínheis	(havíeis)	sido	(estado)	pagos
	Eles	tinham	(haviam)	sido	(estado)	pagos

Futuro do presente

SING.	Eu serei	(estarei)	pago	PLUR.	Nós seremos	(estaremos)	pagos
	Tu serás	(estarás)	pago		Vós sereis	(estareis)	pagos
	Ele será	(estará)	pago		Eles serão	(estarão)	pagos

Futuro do presente composto

SING.	Eu	terei	(haverei)	sido	(estado)	pago
	Tu	terás	(haverás)	sido	(estado)	pago
	Ele	terá	(haverá)	sido	(estado)	pago
PLUR.	Nós	teremos	(haveremos)	sido	(estado)	pagos
	Vós	tereis	(havereis)	sido	(estado)	pagos
	Eles	terão	(haverão)	sido	(estado)	pagos

Futuro do pretérito

SING.	Eu seria	(estaria)	pago	PLUR.	Nós seríamos	(estaríamos)	pagos
	Tu serias	(estarias)	pago		Vós seríeis	(estaríeis)	pagos
	Ele seria	(estaria)	pago		Eles seriam	(estariam)	pagos

Futuro do pretérito composto

SING.	Eu teria	(haveria)	sido	(estado)	pago
	Tu terias	(haverias)	sido	(estado)	pago
	Ele teria	(haveria)	sido	(estado)	pago
PLUR.	Nós teríamos	(haveríamos)	sido	(estado)	pagos
	Vós teríeis	(haveríeis)	sido	(estado)	pagos
	Eles teriam	(haveriam)	sido	(estado)	pagos

SUBJUNTIVO

Presente

SING.	Que eu seja	(esteja)	pago	PLUR.	Que nós sejamos	(estejamos)	pagos
	Que tu sejas	(estejas)	pago		Que vós sejais	(estejais)	pagos
	Que ele seja	(esteja)	pago		Que eles sejam	(estejam)	pagos

Pretérito imperfeito

SING.	Se eu fosse	(estivesse)	pago	PLUR.	Se nós fôssemos	(estivéssemos)	pagos
	Se tu fosses	(estivesses)	pago		Se vós fôsseis	(estivésseis)	pagos
	Se ele fosse	(estivesse)	pago		Se eles fossem	(estivessem)	pagos

Pretérito perfeito (composto)

SING.	Que eu tenha	(haja)	sido	(estado)	pago
	Que tu tenhas	(hajas)	sido	(estado)	pago
	Que ele tenha	(haja)	sido	(estado)	pago
PLUR.	Que nós tenhamos	(hajamos)	sido	(estado)	pagos
	Que vós tenhais	(hajais)	sido	(estado)	pagos
	Que eles tenham	(hajam)	sido	(estado)	pagos

Mais-que-perfeito (composto)

SING.	Se eu tivesse	(houvesse)	sido	(estado)	pago
	Se tu tivesses	(houvesses)	sido	(estado)	pago
	Se ele tivesse	(houvesse)	sido	(estado)	pago
PLUR.	Se nós tivéssemos	(houvéssemos)	sido	(estado)	pagos
	Se vós tivésseis	(houvésseis)	sido	(estado)	pagos
	Se eles tivessem	(houvessem)	sido	(estado)	pagos

Futuro

SING.	Quando eu for	(estiver)	pago	PLUR.	Quando nós formos	(estivermos)	pagos
	Quando tu fores	(estiveres)	pago		Quando vós fordes	(estiverdes)	pagos
	Quando ele for	(estiver)	pago		Quando eles forem	(estiverem)	pagos

Futuro composto

SING.	Quando eu tiver	(houver)	sido	(estado)	pago
	Quando tu tiveres	(houveres)	sido	(estado)	pago
	Quando ele tiver	(houver)	sido	(estado)	pago

PLUR.	Quando nós	tivermos	(houvermos)	sido	(estado)	pagos
	Quando vós	tiverdes	(houverdes)	sido	(estado)	pagos
	Quando eles	tiverem	(houverem)	sido	(estado)	pagos

IMPERATIVO

SING. Sê pago
PLUR. Sede pagos

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo impessoal

Ser (estar) pago

Infinitivo pessoal

SING.	Por ser	(estar)	eu pago	PLUR.	Por sermos	(estarmos)	nós pagos
	Por seres	(estares)	tu pago		Por serdes	(estardes)	vós pagos
	Por ser	(estar)	ele pago		Por serem	(estarem)	eles pagos

Infinitivo pretérito impessoal

Ter (haver) sido (estado) pago

Infinitivo pretérito pessoal

SING.	Por ter	(haver)	eu	sido	(estado)	pago
	Por teres	(haveres)	tu	sido	(estado)	pago
	Por ter	(haver)	ele	sido	(estado)	pago
PLUR.	Por termos	(havermos)	nós	sido	(estado)	pagos
	Por terdes	(haverdes)	vós	sido	(estado)	pagos
	Por terem	(haverem)	eles	sido	(estado)	pagos

Gerúndio

Sendo pago

Gerúndio composto

Tendo (havendo) sido (estado) pago

Particípio

Pago

Nota: V. § 430

Linguagem Projetada

516 – Consiste a *linguagem projetada* numa locução verbal formada pelos auxiliares *ter* e *haver* e o infinitivo impessoal de outro verbo, antece-

dido da preposição *de*. Temos já disso completo conhecimento pelo que ficou dito no § 432.

Tais expressões verbais se conjugam em todos os tempos, modos e pessoas da voz ativa e da passiva, notando-se que a passiva é formada mediante junção, aos auxiliares, do infinitivo do verbo *ser* mais o particípio do verbo que se quer conjugar:

Tenho (hei) de ser pago, tens (hás) de ser pago, tem (há) de ser pago, temos (havemos) de ser pagos etc.

Nota: Incluem-se ainda neste tipo locuções verbais como *vou louvar*, *estou para louvar*, *devo louvar* etc.

Deverá o aluno reler, neste ponto, o que ficou dito na nota do § 432, na qual está explicada a diferença entre *ter de* e *ter que*.

Continuidade de Ação

517 – Há um tipo de locução verbal, constituído dos verbos *estar*, *andar*, *ficar*, *permanecer*, *viver*, *continuar*, mais outro verbo qualquer no *gerúndio*, ou no infinitivo impessoal precedido da preposição *a*, que dá à expressão ideia de ação frequentativa, continuada, reiterada:

Os pintos *estão a picar* a casca – O trem *está a partir* – As crianças *andam dizendo* nomes feios – Ele *está estudando* – *Vivem estudando* – *Continuam a faltar*.

Em todas essas sentenças empregaram-se locuções verbais que denotam continuidade da ação de *picar*, de *partir*, de *dizer*, de *estudar*, de *faltar*.

Nota: Recorde-se o que se disse na nota do § 416.1 e no § 427, obs. 2, e V. o § 506.

Desenvolvimento Gradual de Ação

518 – O último tipo das locuções verbais ou verbos perifrásticos ou, ainda, locuções perifrásticas é constituído de locuções em que entra o verbo *ir* ou o verbo *vir* junto a gerúndio de qualquer verbo, para exprimir começo ou desenvolvimento gradual de ação: O trem *vai saindo*, eu *venho observando* o progresso de todos os meus alunos, ele *vem vindo*, eu *vou indo*.

O verbo *vir* seguido de *a* e um infinitivo forma locuções verbais e assume o sentido de *acontecer*, *suceder*: *Vieram a* saber – Terras que *venha* ele *a* encontrar – O que *vem a* ser o mesmo – O Faraó *veio* também *a* morrer afogado.

Outras Locuções Verbais

519 – São esses os principais tipos de locuções verbais. Outros ainda há, como, principalmente, aquele em que entram verbos que denotam inclinação, tendência ou obrigação para a prática de uma ação (por alguns chamados *verbos servis*: verbos transitivos, quando trazem por objeto outro verbo), como *dever*, *poder*, *costumar*, *querer*, *desejar*, *conseguir*: *devo ir*, *posso fazer*, *costumava falar*, *queria sair*, *conseguimos escapar*.

Questionário

1. Que é *locução verbal*?

2. Quantos tipos há de locuções verbais? Discrimine, explique e exemplifique cada um deles.

3. Releu a nota do § 432? Diga quando se deve obrigatoriamente empregar *ter de*.

4. Copie estas passagens; ponha após cada uma um *c* para as certas, um *e* para as erradas, um *d* para duas delas cuja correição depende do sentido:

a) Isso nada tem que ver com o caso.
b) Você tem de ver o quanto ele progrediu.
c) Tive sempre de abrir o meu caminho.
d) Tudo o que eu tinha de dizer disse.
e) Outros fatos tínhamos que relatar.
f) Tenho que fazer isso sem falta.
g) Tínhamos todos que levantar-nos cedo.
h) Se você tem que ir, eu não.
i) Teremos que aceitar sua proposta?

*

"Uma raça cujo espírito não defende o seu solo e o seu idioma entrega a alma ao estrangeiro, antes de ser por ele absorvida" – Rui Barbosa.

CAPÍTULO 36

ADVÉRBIO

522 – **Advérbio** é toda a palavra que pode modificar o verbo, o adjetivo e, até, o próprio advérbio.

523 – Sob três aspectos podemos considerar o advérbio:

a) quanto à *circunstância*

b) quanto à *função*

c) quanto à *forma*

524 – Quanto à **circunstância**: Considerar um advérbio quanto à circunstância é considerá-lo quanto à ideia que encerra: se um advérbio indica *lugar* (*aqui*, *ali*, *lá*), outro indica *tempo* (*hoje*, *amanhã*, *sempre*), havendo outros que encerram outras ideias, outras circunstâncias.

Assim considerados, os advérbios classificam-se em advérbios de:

lugar	*negação*	*intensidade*	*modo*
tempo	*dúvida*	*afirmação*	

525 – **LUGAR**:

abaixo, acima[1] adiante, atrás[2]

---

(1) Com elegância, esses advérbios vêm às vezes pospostos a substantivos: *rio abaixo rua acima*

Atrás *s*

adentro, afora
além, aquém[3]
algures, alhures, nenhures[4]
aqui, aí, ali[5]
arriba, avante
cá, lá, acolá[6]
defronte, detrás
dentro, fora
junto
longe, perto[7]
onde, aonde[8]
exteriormente, interiormente, lateralmente (e outros terminados em *mente)* – V. § 527, obs.

---

(3) *Além* significa *da parte de lá*; *aquém* significa *da parte de cá*: Ir *além*; ficar muito *aquém*. *Aquém de* e *além de* são locuções prepositivas.

O prefixo *cis* equivale a *aquém*: Gália *cis*alpina (de aquém dos Alpes) e o prefixo *trans* equivale a *além*: Gália *trans*alpina (de além dos Alpes). Com elegância pospõe-se às vezes os advérbios *aquém* e *além* a substantivos: Mar *além*, rio *aquém*.

(4) Sobre esses advérbios, veja o § 354, nota 3.

(5) *Aqui*, *aí* e *ali* são advérbios demonstrativos de lugar, relacionando-se *aqui* com a 1ª pessoa (neste lugar), *aí* com a 2ª (nesse lugar) e *ali* com a 3ª (naquele lugar).

Não devemos esquecer-nos de que *aqui* corresponde ao demonstrativo *este*, *aí* a *esse*, *ali* e *lá* a *aquele*. Não se deve dizer: "Estive em Paris e vi *lá* muitas coisas"; o certo é "...vi *aí*", porquanto o advérbio não se relaciona com a distância geográfica da cidade visitada, mas com uma palavra já citada, tal qual foi estudado na nota 2 do § 341: vi *aí* = vi *nesse* lugar (e não: vi *naquele* lugar).

(6) *Cá* corresponde também à 1ª pessoa: "Vem *cá*" (= aqui). É às vezes usado enfaticamente: "Eu *cá* me entendo".

Lá e *acolá* correspondem ainda à 3ª pessoa e indicam maior afastamento do que *ali*: "Digo a um: Vai *acolá*, e ele vai; e a outro: Vem *cá*, e ele vem".

Lá empresta às vezes valor negativo à expressão: "Ali ficava eu muito tempo a cismar. Em quê? Eu sei *lá*".

(7) *Longe*, além da função adverbial de lugar, para indicar "a grande distância no espaço ou no tempo" – e é neste caso invariável (Eles foram *longe* – O negócio deita para *longe*) – tem a de adjetivo, com significação de distante, afastado, e é então geralmente usado no plural (Andou por *longes* cidades – Lembrou-se dos *longes* tempos da infância), e ainda a de substantivo, para indicar a parte que forma o fundo de uma pintura, paisagem (Os *longes* do quadro), a parte distante de uma região (nos *longes* do Brasil) e, figuradamente, vislumbres (Deu-me uns *longes* dos seus negócios), pressentimentos, semelhança: Tem uns *longes* disso.

Perto como advérbio não varia: Eles estão *perto* – Eles moram *perto* – Cheguem *perto* – Eles não estavam nem *perto* nem longe.

Pode funcionar adjetivamente (significa "próximo", "que está a pequena distância"), mas, ainda assim, a seguir Morais e Domingos Vieira (os demais dicionaristas nada dizem a respeito), não varia: Eles ficaram *perto* um do outro – Elas ficaram *perto* uma da outra.

Entra na locução prepositiva *perto de* e em locuções adverbiais (*ao perto*, junto, vizinho; *de perto*, a pouca distância, intimamente), sem flexionar-se: Gastamos *perto de* quinhentos cruzeiros – Todos eles, quando não vistos *ao perto*, eram moinhos – Saber alguma coisa *de perto*.

Funciona ainda como substantivo, no plural, por oposição a *longes*: os *pertos* da pintura (os objetos que se reapresentam como mais próximos a quem os vê).

(8) *Onde* pode ser advérbio relativo, com antecedente expresso ou latente; na frase: "A cidade *onde* nasci" – *cidade* é o antecedente expresso do advérbio relativo *onde*. Dizer: "Eu nasci *onde* tu nasceste" – equivale a dizer: "Eu nasci no *lugar onde* (= em *que* = pronome relativo) tu nasceste" – sendo *lugar* o antecedente implícito ou latente do advérbio *onde*.

em cima, em baixo[9]

526 – TEMPO:

agora, ora[1]
ainda (inda)[2]
antes, depois[3]
cedo, tarde, logo

O advérbio *onde* indica estada, permanência "em" um lugar: "Não sei *onde* (*em* que lugar) você o encontrou". O advérbio *aonde* indica movimento "para" um lugar: "Eu sei *aonde* (*para* que lugar) queres ir".

Não se pode empregar *aonde* nem *onde* em períodos cujos verbos se constroem diferentemente; é erro dizer: "Vou aonde você está" – porquanto o verbo *estar* não admite a preposição *a*. O certo é: "Vou *ao lugar em que* você está" – ficando cada verbo com sua devida construção. Compare-se este caso com o estudado com relação ao *quem*: § 379.

Dada a significação relativa que encerram, os advérbios *onde* (lugar em que), *quando* (tempo em que), *como* (maneira por que) e *por que* (motivo por que) podem ligar orações:

Todos procuram saber onde ele está
adv. conjuntivo (V. § 900, n. 4)

(9) Quanto à grafia, V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "em baixo".

526 – (1) *Agora* é forma derivada da locução latina *hac hora* (= nesta hora), e *ora* da palavra latina *hora*. Note-se que *hora*, com *h*, indica o período de tempo de 60 minutos, ao passo que *ora*, sem *h* (não obstante ter procedência igual à de *hora*), é advérbio, que não raro funciona como conjunção.

Também o advérbio *agora* funciona como conjunção, quando repetido:

Agora lhe pergunta pelas gentes
De toda a Hispéria última, onde mora;
Agora pelos povos seus vizinhos;
Agora pelos úmidos caminhos.

(2) Como advérbio de tempo, *ainda* (que por aférese se pode escrever *inda)* significa *até agora, até então*: "*Ainda* vive".

Ainda funciona também como advérbio de modo: "*Ainda* assim não aceito".

(3) *Antes* e *depois* pospõem-se às vezes, com elegância, a substantivos: *dias antes*, *dias depois*. Podem ainda indicar outras circunstâncias, como lugar, modo: "Os bancos *antes*, as cadeiras *depois*" – "Na paisagem de quase todos os atuais pintores portugueses, há *antes* uma tendência para pintar vistas".

Não se confundam os advérbios *antes* e *depois* com as locuções prepositivas *antes de* e *depois de*, as quais regem substantivo ou palavra substantivada:

Cheguei (verb.) *antes,* (adv.) *sairei* (verb.) *depois* (adv.) – *Cheguei* *antes d(e)o* (loc. prepos.) *chá* (subst.)

palavras ligadas pela loc. prepos.

Vou *antes de* você
locução prepositiva

então[4]
entrementes, já[5]
quando[6]
ontem, hoje, amanhã
outrora
nunca, jamais[7]
sempre
primeiro, primeiramente, secundariamente (e ainda outros em *mente*: atualmente, presentemente, diariamente...)

527 – MODO

acinte[1]
ademais
adrede[2]
ainda[3]
alerta[4]

---

(4) *Então* (= nesse tempo, nessa ocasião) pode denotar tempo passado ("Vivia *então* a gente moderada") e tempo futuro ("Virão *então* os prantos que não consolam"). *Então* funciona também como interjeição, indicando ora espanto, admiração ("*Então*, é possível?"), ora animação: "*Então*? Seja homem!"

A locução interjetiva "com que então" significa *pelo que vejo*, *quer dizer que*: "*Com que então*, você quer mesmo ir-se embora?"

(5) Significa "entretanto", "durante esse tempo", "enquanto isso sucede ou sucedia": "Conversavam todos na sala; *entrementes* (= enquanto isso se dava), Joãozinho peralteava no quintal" – "Voltavam os caçadores; um cão, *entrementes* (= nesse meio tempo), dá com o rasto do animal".

Condenado é o emprego de *mais* em orações temporais, quando substituível por *já*: "O doente *já* não respirava quando o médico chegou" (e não: "...não respirava *mais*") – "*Já* não há lei que os refreie" (e não: "Não há *mais* lei que os refreie"). Em "Não mais verei minha pátria", o *não* equivale a *nunca*, e o *mais* significa *um dia*; confronte-se, neste exemplo de Camões, o correto emprego do *já* e o não menos correto emprego do *mais*: "Se *já* não pões a tanta insânia freio, não esperes de mim daqui em diante que possa *mais* amar-te, mas temer-te".

(6) V. o final da nota 8 do § 525:

Não sei quando virá
adv. conjuntivo

(7) Advérbios de tempo de valor negativo (= em tempo nenhum).

527 – (1) Significa *de propósito*, *deliberadamente*: "Atirou ele *acinte* com uma pedra a um galo". *Acinte* é também substantivo e indica propósito de fazer alguma coisa, procedimento consciente para oprimir uma pessoa: "O chefe assim procedeu somente por *acinte*".

(2) Origina-se do lat. *directe* e significa *de caso pensado*, *de propósito*, *para esse fim*: "Em caminho, rezou o padre sua missa numas pedras *adrede* preparadas".

Note-se que o advérbio *adrede* (pronuncie "adrêde") costuma anteceder o verbo, que geralmente está no particípio: "Enviou tropas *adrede* exercitadas" – "Esperando estão todos a rainha, que na câmara *adrede* (= de caso pensado) se detinha".

(3) Veja a lista dos advérbios de tempo.

(4) *Alerta*, como advérbio, significa *atentamente*. Emprega-se também como adjetivo (= vigilante, atento): "Eles estavam *alertas*" – "Os editores, sempre *alertas* diante de séries duvidosas...".

Alerta existe ainda como interjeição e como substantivo.

apenas[5]	depressa
assim[6]	devagar
bem, mal[7]	rente
cerce[8]	só[10]
como[9]	também

---

(5) Formado da preposição *a* mais *penas*, plural de *pena* (= padecimento, tristeza), significa etimologicamente *penosamente*, *com dificuldade*: "Ele *apenas* consegue articular os dedos".

Tem também a significação de *somente* "*Apenas* levava na algibeira o dinheiro necessário para a jornada".

(6) É advérbio que entra em várias expressões: *Assim e assim* (nem muito nem pouco, nem bem nem mal), *como assim*? (locução adverbial interrogativa que denota espanto, admiração), *assim como assim* (= de qualquer modo, seja como for: "Eu, *assim como assim*, não nasci para sábio").

(7) **Mal** escreve-se com *l*, quando:

a) advérbio: dormi *mal*, *mal* feito;

b) equivaler a *apenas*: *mal* cheguei, ele saiu (= apenas cheguei, ele saiu) – § 588, n. 2;

c) substantivo: devemos evitar o *mal* (o plural é então *males*).

Mau escreve-se com *u*, quando adjetivo masculino: *mau* aluno, bicho *mau* (tem então plural, *maus*, e feminino: *má*, *más*).

Melhor e *pior* servem de comparativos dos adjetivos *bom* e *mau* e dos advérbios *bem* e *mal*. Não se deve construir "*melhor* informado", "*melhor* acabado" etc.; o mais seguro, antes de particípio, é redigir "*mais bem* informado", "*mais bem* acabado", "*mais mal* feito", "*mais mal* escrito". O caso se agrava quando se flexiona a forma adverbial, "*melhores* informados", o que é erro inominável. V. § 266. V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "mais bem" e "vão melhor".

(8) Significa *rente*, *pela raiz*: "Cortar *cerce*".

(9) Além de advérbio propriamente dito (*Como* vai você?), pode exercer função conjuntiva:

orações ligadas por *como*

Não sei *como* *ele passou*

Note-se, ainda, que *como* pode vir precedido de preposição exigida pela regência de nome ou verbo que o preceda: "Informo-vos *de como* se realizou a parada" – "Relatório *sobre como* se deu o desastre" – "Isto depende *de como* será interpretado" – "Pense *em como* ele irá reagir" – "E logo tomarás *a como* te vi" – "Sinal lhe mostra o Demo verdadeiro *de como* a nova gente lhe seria jugo perpétuo".

(10) *Só* pode ser *advérbio* e *adjetivo*: Como advérbio, significa *somente*, *unicamente*: "Eu *só* (somente) fiz o que você pediu". Como adjetivo, significa *sozinho*: "Eu, *só* (= sozinho), fiz o que você pediu".

A vírgula, no segundo exemplo, vem dar a *só* o valor de adjetivo.

Quando adjetivo, *só* flexiona-se em número: "Estamos *sós*" – "Nós, absolutamente *sós*, partimos para a Europa" (§ 260, n.).

Observação:

É o sufixo *mente* o único sufixo adverbial que possuímos em português; acrescenta-se, para formação de advérbios, aos adjetivos flexionados na forma feminina: *bondos(a)mente*, *caprichos(a)mente*, *precipitad(a)mente* etc. No entanto diz-se *portuguesmente* e não *portuguesamente*, porque a palavra *português*, como todas as que terminam em *es*, *or* e *ol*, era no velho português invariável em gênero: um homem *português*, uma mulher *português* (V. § 258, n. 1).

É erro, portanto, dizer *apenasmente*; o sufixo só se acrescenta a adjetivos; *apenas* já é advérbio. Dizer *apenasmente* é o mesmo que dizer *derrepentemente*, ou seja, é dizer tudo, menos português.

A terminação *mente* dos advérbios de modo significa *maneira*, *modo*, *forma*, e era antigamente considerada substantivo do gênero feminino, o que ainda hoje se vê na locução "de *boa mente*". Essa é a razão por que a terminação *mente* só se agrega à flexão feminina dos adjetivos, a razão por que é aberto o *o* de bon-*dó*-samente, capri-*chó*-samente, a razão ainda por que se pode suprimir a terminação *mente* quando existe uma série de advérbios em *mente*, para colocá-la no último: Ele estuda *calma*, *atenta* e *frequenteMENTE* (de *maneira* calma, atenta e frequente). Só se repete a terminação no caso de ênfase: Assassinou-a cruelmente, barbaramente, friamente. Repetir, sistematicamente, o sufixo *mente*, em enumerações de advérbios assim terminados, não é português.

Os advérbios em *mente* tanto podem indicar modo como lugar ou outra circunstância; a ideia depende do adjetivo a que o sufixo é acrescentado; *exteriormente* (lugar), *primeiramente* (tempo), *certamente* (afirmação), *cortesmente* (modo). O acento circunflexo do adjetivo desaparece: Decreto nº 5.765, de 18-12-1971.

528 – NEGAÇÃO:

não[1]

---

528 – (1) Em certas frases, o advérbio *não* perde seu valor negativo: "Quanto empenho *não* fiz eu para tirá-lo do vício!" – "Que bela coisa *não* é o escrever e o ler!" – "Calcule o prejuízo que ele *não* teve com a geada!"

A expressão *pois não* tem força positiva, equivalente a *pois sim*, conforme o tom em que é proferida: "Queres ir comigo? – Quero, *pois não*". – Não somente em português se dá isso; os alemães carateristicamente começam frases com *não*, quando desejam dar ênfase à afirmação: "*Não*, como é belo o dia" – "*Não*, como é barato".

Emprego errôneo vem-se notando, desde certo tempo, do advérbio *absolutamente*. Indicativo ora de intensidade, ora de modo, tem ainda força confirmativa; como tal, significa *completamente*, *inteiramente*, mas – e aqui está o importante – pode confirmar tanto uma expressão negativa, quanto uma positiva. O erro consiste, precisamente, no atribuírem a esse advérbio valor exclusivamente negativo. A perguntas como esta "É ele seu amigo?" comumente se dá a resposta "Absolutamente", para indicar "de forma nenhuma". Assim não deve ser; sozinho, esse advérbio virá confirmar uma negação ou confirmar uma afirmação positiva, nunca porém indicar, por si só, uma negação. Jamais esse advérbio devemos empregar, isoladamente, para indicar, categoricamente, "não". Quando seu emprego insulado não trouxer claro o sentido confirmativo, deveremos acrescentar qualquer palavra que, de acordo com a pergunta ou com o assunto, esclareça tratar-se de confirmação de coisa positiva ou de coisa negativa: "absolutamente sim", "absolutamente o sou" – ou: "absolutamente não", "absolutamente não o sou", "absolutamente não quero", "tal coisa absolutamente não disse".

nada[2] tampouco[3]

529 – DÚVIDA:

porventura quiçá[1] talvez[2] acaso

530 – INTENSIDADE:

algo[1] muito, pouco[3]
assaz[2] mais, menos[4]
bastante[3] meio metade[5]
demais que[6]

---

(2) *Nada* funciona como advérbio em orações negativas quando modifica adjetivo: Ele não está *nada* bom.

(3) *Tampouco = também não*: "Ele não saiu e eu *tampouco*" – "Não concordei com o projeto; *tampouco* aceitei as novas sugestões". Note-se bem que o *tampouco* já tem, por si, valor negativo; não se vá, pois, acrescentar um *não* à segunda oração: *tampouco não...*

529 – (1) Significa *talvez, quem sabe, porventura*: "...vencida a primeira estacada que os bárbaros largaram com fácil resistência, *quiçá* fiados no segundo engano".

(2) O advérbio *talvez* exige o subjuntivo quando precede o verbo: "Talvez *haja* conveniência" – "Se tivéssemos mais aulas de gramática, talvez *cuidássemos* mais de falar certo". Deixa o verbo no indicativo quando vem posposto: "*Há* talvez conveniência" – "Se tivéssemos mais aulas de gramática *cuidaríamos* talvez de falar certo" (§ 945, 14).

530 – (1) V. § 354, nota 1.

(2) Significa *bastante, suficientemente*: "Ele é *assaz* instruído" – "*Assaz* tem quem se contenta com o que tem" – "*Assaz* é pobre e delgado quem conta seu gado". Pode-se empregar substantivamente, seguido de *de*, para significar "o quanto é preciso", "o suficiente": "...o que ela muito de ordinário fazia, e com *assaz de* liberalidade".

(3) *Bastante* e *muito* são pronomes adjetivos quando modificam substantivos; em tal caso, variam de acordo com o substantivo a que se referem: "Vi *muitas* ovelhas" – "Comprei *muitos* bois" – "Procurações *bastantes*" (= Procurações em que se conferem poderes juridicamente necessários para determinado fim) – "Argumento *bastante*" (= suficiente) – "Somos *bastantes* para levar a cabo a empresa" (= temos recursos suficientes para...).

Quando advérbios, ou seja, quando modificam adjetivo, verbo ou outro advérbio, permanecem invariáveis: "Estamos *muito* atarefados" – "Estamos *bastante* satisfeitos" (§ 358).

(4) *Mais* e *menos* não variam nem quando advérbios, nem quando pronomes adjetivos: "*Mais* amor e *menos* confiança". Dizer "men*as* confiança" é cometer erro inominável.

(5) *Meio* e *metade* são substantivos que funcionam às vezes como advérbios: "Porta *meio* aberta" – "Porta *metade* aberta" (= porta um tanto aberta – § 261, B). A palavra *meio* pode também funcionar como numeral fracionário: *meia* garrafa – *meia* porta. A expressão "Porta mei*a* aberta" significa "Porta aberta pela metade" (no caso de ser a porta dividida em partes, como acontece com as janelas: "Todas as janelas estavam *meias* abertas").

(6) É advérbio quando modifica adjetivo:

"*Que tolo* você é!" (= quão tolo)

quase[7]
sobremaneira, sobremodo, mesmo[8]
tão, quão[9]
todo[10]
tanto, quanto[11]
sequer[12]

531 – AFIRMAÇÃO:

sim[1]
deveras[2]
pois não / pois sim [3]
certo
certamente

---

(7) *Quase* *bom* – *Quase quebrou* o braço.
adv. adj. adv. verbo

Quase é advérbio que significa *por um triz* (Quase caí), *a pequena distância, com pouca diferença* (Quase bom), *aproximadamente* (Tem quase setenta anos).

Quase que é o mesmo *quase*, com idêntico significado: "*Quase que* caí" – "...cujos mastros *quase que* se elevavam à altura dos edifícios".

O uso de *que* depois de certos advérbios e locuções (*felizmente, certamente, quase, talvez, sem dúvida*) encontra-se em bons escritores: "*Quase que* já chegaram" – "*Quase que* é o mesmo" – "*Talvez que* o último dia..." – "*Verdadeiramente que* não tenho a nossa língua por grosseira" – "*Felizmente que* não estava só" – "*Em suma que* nada justifica a implantação desse neologismo". O abuso desse *que* expletivo pode levar-nos a construir como as crianças: "*Onde que* você esteve?" – "*Quando que* iremos?" "*Quem que* disse?" – *Por que que* não responde?".

(8) "Ele estremecia *sobremodo* a terra natal". V. § 342, 3.

(9) Formas apocopadas de *tanto* e *quanto*:

Tão estudioso, quão carinhoso
adv. adj. adv. adj.

(10) V. §§ 350 e 351.

(11) *Tanto* e *quanto* podem equivaler a *muito* quando formam locução adverbial com *mais* ou com *menos*: "Se ele pode, *tanto mais* você" – "Ele pode, *quanto mais* você!" – "Se ele não pode, *tanto menos* você" – "Ele não pode, *quanto mais* você!".

(12) *Sequer* entra em orações negativas: "Os exércitos *não* estavam *sequer* prestes para o combate."

531 – (1) Uma palavra pode de uma classe passar para outra, conforme a função sintática que exerce na frase:

"*Sim* é *advérbio*"

↓ advérbio substantivado, uma vez que nessa frase está funcionando como sujeito de *é*

↓ substantivo adjetivado, visto funcionar como predicativo

(2) Significa *sinceramente*, *realmente*, *verdadeiramente*: "Que lhe fizesse comédias, que haviam de ser portuguesas *deveras*" (pronuncie *devéras*).

(3) *Pois sim* é locução adverbial que denota assentimento: "*Pois sim*, concedo-te a licença". Pode exprimir, familiarmente, dúvida ou reserva acerca do que outros afirmam: *Pois sim*!

Pois não é locução adverbial que, ao contrário de desaprovação, exprime, de forma cortês, ideia de consentimento: "Farei o que o senhor diz, *pois não*" – "*Pois não*, com muito gosto irei".

532 – Advérbios interrogativos – Vimos que, de acordo com a função, certos advérbios podem ser conjuntivos; chamam-se então *interrogativos*, pelo fato de em geral virem em orações interrogativas, tanto diretas quanto indiretas; podem indicar quatro circunstâncias:

advérbios interrogativos { de lugar / de tempo / de modo / de causa

EXEMPLOS:

lugar: "*Onde* está você?" – "Pergunto *onde* você está."

tempo: "*Quando* se deu isso?" – "Não sei *quando* se deu isso."

modo: "*Como* poderá você estudar?" – "Diga-me *como* poderá você estudar." – "*Quanto* você estima a sua casa?"

causa: "*Por que* não me pediu licença?" – "Gostaria de saber *por que* não me pediu licença."

Notas: 1ª – Ortograficamente, o advérbio interrogativo de causa traz os elementos separados, tanto nas interrogativas diretas ("*Por que* você não vai?") quanto nas indiretas ("Quero saber *por que* você não vai"). Quando no fim do período ou insulado, traz o acento circunflexo: "Você não vai, *por quê*?"

2ª – Não se confunda o advérbio interrogativo "por que" com o "por que" de frases como "A razão *por que* assim procedi" – "O caminho *por que* devo passar" – "O avião *por que* fui ao Rio". Agora o *que* é relativo, perfeitamente substituível por *o qual*, *a qual*, *os quais*, *as quais*: "A razão *pela qual* assim procedi" – "O caminho *pelo qual* devo passar".

Outros exemplos: "*Por que* enormes pecados hás chegado a esse estado de infâmia e miséria?" – "*Por que* razão ele assim procedeu eu não sei" – "*Por que* meios pretende você consegui-los?" – "*Por que* palavra se traduz?".

Com a função de relativo, o *que* sempre se separa do *por*, que é preposição. O que é estranho é que a ortografia oficial brasileira exija que se separe o *que* do *por* também quando interrogativo: O "cur", e principalmente o "quare" do latim, palavra esta composta mas sempre escrita como se fosse uma só, o "why" do inglês (o Webster discrimina as três diferentes funções desse advérbio, entre as quais a de interrogativo), o "perché" do italiano, o "pourquoi" do francês, o "warum" do alemão são em dicionários e gramáticas consignados como advérbios, sem mais dificuldades de análise nem de ortografia.

533 – Quanto à *forma*(*), os advérbios dividem-se em *advérbios propriamente ditos* e em *locuções adverbiais*.

(*) Entende-se por FORMA, para efeito de classificação de uma palavra, a maneira, o aspeto, o modo com que ela se apresenta à vista ou ao ouvido, isto é, se a palavra que se considera se apresenta verdadeiramente numa só ou em duas (*locução*). Assim, *hoje* é advérbio propriamente dito, visto constituir-se de uma só palavra, ao passo que *depois de amanhã* é locução adverbial, porquanto se constitui de mais de uma palavra.

Os advérbios **propriamente ditos** apresentam-se numa só palavra, quer seja ela simples (*hoje*, *não*, *sim*, *já* etc.), quer composta: *talvez* (tal + vez), *também* (tão + bem).

534 – Locuções adverbiais são advérbios expressos por frases (e às vezes por orações) compostas de duas ou mais palavras e exprimem uma das circunstâncias indicadas no parágrafo 524. Aqui se encontram algumas locuções adverbiais portuguesas; esta lista deve pelo aluno ser estudada e recordada, pois seu conhecimento e aplicação muito influem na boa linguagem.

1 – LOCUÇÕES ADVERBIAIS PORTUGUESAS:

A bandeiras despregadas = com toda a expansão: Rir a bandeiras despregadas.

A capucha = escondidamente, sem alarde: Casamento a capucha.

A carga cerrada = de um jato, sem exame nem distinção, por atacado: A câmara votou ontem a carga cerrada todos os projetos que o governo quis fazer passar.

A cavaleiro, às cavaleiras, a cavalinhas = Locuções que significam "em lugar superior": Ele fala a cavaleiro – Os conjurados reuniam-se em uma casa humilde, assentada entre colinas, a cavaleiro de uma várzea.

A chucha caladinha, a chucha calada = Locuções que significam "dissimuladamente", "sem ninguém perceber": Os mais que folguem a seu sabor; nós outros desfrutamos a chucha caladinha a nossa conta.

A colação = a propósito: Isso vem a colação.

A compita = a porfia, em rivalidade com outro: Ambos os periódicos a compita lhe deram estes regalados e maviosos nomes.

A desoras (Não se vá escrever *a dezoras*, com *z*) = fora de hora: E a tais desoras voltas para casa?

A Deus e a ventura = ao Deus dará, ao léu: Despediu-se e saiu a Deus e a ventura.

A Deus misericórdia = graças à misericórdia de Deus.

A duras penas = com grande dificuldade: Conseguiu formar-se a duras penas.

A eito = a fio, sem interrupção: O cavalo saltou quatro valados a eito.

A escala vista = diz-se da escalada a uma praça e entrada nela apesar da defesa.

A escuta = atentamente: Estacaram os ouvidos a escuta.

A esmo = ao acaso, irrefletidamente: Atirava murros a esmo – Processos despachados a esmo.

A espora fita[1] = a desfilada.

A falsa fé = deslealmente, a traição: Atacou-o a falsa fé.

A farta = com abundância: Tudo ali lhe era servido a farta.

A fito = atentamente: A morgada olhava para ele a fito.

A flux (pronuncie *flus*) = em abundância: Estar a flux = ter todos os votos por si – Levar tudo a flux = não deixar escapar nada.

A furtapasso = cautelosamente: andar a furtapasso; sair a furtapasso.

A furto = às ocultas, sem ninguém o saber: Posso a furto ir só.

---

(1) *Fito* = pregado, cravado.

A granel = em monte, às soltas, sem ser ensacado nem encaixotado, em desordem, abundantemente, sem conta nem peso: O navio traz fava a granel.

A lanço = de propósito: Caiu-lhe ao colo a lanço.

A lufa-lufa = a pressa, rapidamente: A metamorfose operou-se a lufa-lufa.

A mancheias = liberalmente: Fazer a mancheias caridade.

A mão tenente = de muito perto, à queima-roupa: Feriu-o a mão tenente.

A mata cavalos = a toda a brida: Pôs-se a mata cavalos a investigar o caso.

A monte = a granel, a molhos (pronuncie *mólhos*): Solecismos e barbarismos a monte.

A ouro e fio = em perfeito equilíbrio: As palavras foram pesadas a ouro e fio.

A pé quedo = firme, sem se mover: Respondeu a pé quedo.

A pelo = a propósito: A pelo me acode.

A pleno = completamente: Tu que a pleno gozaste.

A pressa = depressa, apressadamente: O hábito a pressa enfiei.

A própria = propriamente, com propriedade: Compre um bruxo, ou, mais a própria, um bode velho.

A recado = acauteladamente: Andar a recado, trazer a recado.

A regalada = regaladamente: Eram comes e bebes a regalada.

A reio = ininterruptamente: Dois dias a reio se bateram.

A revelia = sem conhecimento ou sem audiência da parte revel (pronuncie *revél*): Sentenciar a revelia – Deixar correr um negócio a revelia = descurá-lo, não se importar com ele.

A revezes = cada um por sua vez: Vinham a revezes cantando.

A rodo = a granel: Escrever artigos a rodo.

A sabendas = de propósito, com conhecimento e notícia: O que a sabendas joga com quem sabe que não tem com que pagar, perde e não pode ganhar.

A sabor = a bel-prazer, a vontade: Tomo com ela intimidade e a meu sabor a domo.

A seu talante, a meu talante = a sua vontade, a minha vontade: Construiu um barco a seu talante.

A socapa = disfarçadamente: Riu-se a socapa.

A solapa = o mesmo que *a socapa*.

A soldada = recebendo dinheiro pelos seus serviços; a soldo: João está a soldada com o irmão.

A sorrelfa = dissimuladamente, com ânimo de enganar: Proceder a sorrelfa.

A súbitas = subitamente: Os apertos deram a súbitas em larguezas liberalíssimas.

A surdina = sem barulho: A surdina dali escapuliu.

A toa = sem reflexão, a esmo, ao acaso: Andar a toa.

A todo o pano = com toda a força, a todo o transe: Atirou-se à luta a todo o pano.

A todo o pulso = com toda a força: Mandou forçar a voga a todo o pulso.

A trecheio = em grande cópia: Bebi a trecheio.

A trecho = a trechos, a passos, a lanços, de quando em quando: Murmurava a trecho certas palavras.

À tripa forra = A larga, muito, sem despender nada: Comer à tripa forra.

A trouxe-mouxe = sem ordem, de qualquer maneira: Executar um trabalho a trouxe-mouxe (pronuncie *trouche-mouche*).

A unhas (unha) de cavalo = com a maior rapidez: Foi necessário escapar a unhas de cavalo.

A vau = sem precisar nadar: Passa-se esse rio a vau.

A ventura = a toa, ao acaso: Os grandes foram ocupando seus lugares a ventura.

A voga arrancada = rapidamente, a toda a força de remos: De princípio a fim competiram a voga arrancada (voga = ação de remar, movimento de remos).

A vozes = em altos gritos: Bradou a vozes que iria.

Ao atar das feridas = com precipitação, à última hora.

Ao desbarato = desbaratadamente, por vil preço, com grande prejuízo.

Ao Deus dará = irrefletidamente: Agir ao Deus dará.

Ao invés = pelo contrário ("Ao invés de" é locução prepositiva: V. § 84, 4, n. 2).

Ao revés = às avessas: Fez tudo ao revés.

Ao viés = obliquamente: A linha equinoxial corta a ilha ao viés.

Às apalpadelas = tateando, apalpando: Como cegos que buscam coisas às apalpadelas.

Às caladas = encobertamente.

Às cegas = cegamente, sem conhecimento.

Às claras = sem rebuço, à vista de todos: Admiração que alimentou longamente e às claras.

Às escuras = sem luz: A igreja ficou totalmente às escuras.

Às fincas = com empenho, com afinco: Sempre se dedicou às fincas à profissão.

Às furtadas = às furtadelas; às escondidas: Este homem andou pela minha quinta às furtadas.

As mais das vezes, as mais vezes ou **o mais das vezes** = quase sempre.

Às mãos ambas = com as duas mãos, com ímpeto: Não queiras às mãos ambas ferindo o peito crédulo exclamar delirante.

Às mãos lavadas = gratuitamente, sem trabalho: Isso eu consegui às mãos lavadas.

Às rebatinhas = a porfia, em disputa: Vinham a mim às rebatinhas.

Às tontas = desgovernadamente: Os cavalos corriam às tontas.

Às vezes – Por vezes – A vezes = de quando em quando.

Assim como assim = de qualquer modo, seja como for: Eu, assim como assim, não nasci para ser sábio.

De afogadilho = precipitadamente: Agir de afogadilho.

De assento = com sossego, pausadamente: As deliberações foram tomadas de assento.

De beijado (de mão beijada) = gratuitamente, por favor: Recebeu tudo de mão beijada.

De cabo a rabo = de princípio a fim: Li o livro de cabo a rabo.

De caso pensado = propositadamente: Agiu de caso pensado.

De chapa = em cheio: O sol dava-lhe de chapa.

De chofre = de repente: Fez-me a pergunta de chofre.

De cotio = de uso cotidiano: Trazer o fato de cotio (do advérbio latino "quotidie").

De espaço = espaçadamente, devagar: Conversemos de espaço.

De estudo = de propósito, de intento: De estudo evito remover aqui memórias desagradáveis.

De fio a pavio = de princípio a fim.

De golpe = repentinamente: Assumiu de golpe a responsabilidade.

De improviso = sem arranjo prévio, de súbito: Discursou de improviso – Morreu de improviso.

De indústria = de caso pensado: Ela de indústria caiu – Florilégio que mui de indústria expurgamos de esperdícios de argúcia.

De largo = a distância: Passar de largo.

De longe em longe ou **de longe a longe** = a espaços, raramente: Só nos vemos de longe em longe.

De molde = a propósito, na ocasião: De molde lhe vai a esta altiveza natural o gênio sobranceiro.

De momento a momento = sucessivamente, sem intervalos.

De oitiva = de ouvido: Falar de oitiva = falar pelo que ouviu dizer e sem averiguar a verdade.

De onde em onde = aqui e ali, de espaço a espaço: Acariciava-o de onde em onde.

De ouvida = por ter ouvido dizer: Saber de ouvida.

De palanque = sem perigo: Assistir a uma briga de palanque.

De ponto em branco = com todo o apuro: Vestido de ponto em branco.

De presente = atualmente, no tempo presente: De presente domina toda a cidade.

De presto = brevemente, de pronto: Os olhos que tinha vendado de presto se descerraram.

De primeiro = antes de tudo ou de todos: De primeiro, ele proibiu perguntas.

De raiz = solidamente: Saber uma coisa de raiz.

De relance = rapidamente: Lançou de relance os olhos para o guarda.

De repelão = a pressa, velozmente, com violência: Entrou de repelão.

De resto = quanto ao mais, além disso, aliás: De resto, tudo muito bem – De resto, podiam falar com quem lhes cumpria.

De revés = obliquamente, de lado: Olhar de revés.

De rojo = de rastos, tocando o chão: Caiu de rojo.

De roldão = de golpe, de sobressalto: A gente entrou de roldão.

De rota batida = sem parar: Ir de rota batida.

De salto = de repente: Chegou de salto à chefia da fábrica.

De sobreaviso = de atalaia, de prevenção, alerta: Ficou de sobreaviso.

De sobrerrolda (ó) = a espreita, de sentinela: Andava sempre de sobrerrolda avivando os obreiros.

De sobressalto = repentinamente, de surpresa: Alcançou de sobressalto o ladrão.

De soslaio = de esguelha: O sol atirava de soslaio seus últimos raios.

De súbito = repentinamente: De súbito se levantaram e saíram.

De través (em través) = obliquamente, de lado: O carro parou de través.

De tropel = confusamente, tumultuariamente: Todos recuaram de tropel.

De um tiro = de vez, de jato: De um tiro ele resolveu o intricado problema.

De vereda = logo, sem parar: Passou por aqui de vereda.

De vez em quando, de quando em quando = De vez em quando vou à praia.

Em barda = em grande quantidade: Peixe em barda.

Em revés = inclinado, meio deitado: A má disposição da carga fazia-o navegar em revés.

Em som de guerra = hostilmente: Entrou em som de guerra pela província da Beira.

Em verdade = verdadeiramente: Em verdade lhe digo que não posso.

Entre a cruz e a caldeirinha (caldeirinha = vaso de água benta) = Estar entre a cruz e a caldeirinha: em artigo de morte.

Entre lusco e fusco = sem instruções, sem normas precisas: Caminhar entre lusco e fusco.

Fora parte (parte fora, de fora parte; pronuncie *fóra)* = exclusive, excetuadamente: Todos, de fora parte as crianças.

Mercê de Deus = graças a Deus.

Muitas vezes, loc. adverbial que aparece também na forma singular *muita vez* = frequentemente.

Nesse comenos = nessa ocasião: Nesse comenos chegou o rapaz que levara o recado (pronuncie *comênos)*.

Nesse meio tempo, nesse entremeio = nesse ínterim, nesse intervalo.

O mais das vezes = A redação normal é "o mais das vezes", onde *mais* está empregado de maneira neutra, substantivamente, como se fosse "o máximo", "o maior número", "a maior porção"; outros exemplos de *mais* com essa função: "Viviam o mais do tempo juntas" – "Passei o mais da tarde repousando".

P-a-pá Santa Justa (pronuncie *pê-á-pá)* = minuciosamente, tim-tim por tim-tim: Contei-lhe tudo p-a-pá Santa Justa.

Para todo o sempre.

Pela rama = superficialmente.

Por artes de berliques e berloques = milagrosamente, por arte mágica: Escapou da morte por artes de berliques e berloques.

Por dá cá aquela palha = por qualquer palha podre, por uma ninharia, por motivo fútil.

Por um és não és = por um triz, quase: Esteve por um és não és a cair na vala.

Pouco e pouco, a pouco e pouco, pouco a pouco (Não se deve dizer *a pouco a pouco*).

Sem bulha nem matinada = silenciosamente, sem alarde.

Sem chus nem bus (ou *sem tus nem bus*) = absolutamente nada: Sentou-se num tamborete sem dizer chus nem bus – Saiu sem fazer tus nem bus (sem fazer bulha, sem dizer palavra).

Sem cruz nem cunho = diz-se de uma pessoa disparatada, que em casos idênticos procede ora de um, ora de outro modo.

Sem rei nem roque = sem governo, desorientadamente.

Sem sobressalto = fleumaticamente, a sangue frio: Respondeu sem sobressalto.

Sem tir-te nem guar-te (contração de *sem tira-te nem guarda-te)* = sem aviso, repentinamente: ...para assim deitares essa obra por terra sem tir-te nem guar-te?

Senão quando, eis senão quando = improvisadamente, de repente.

2 – LOCUÇÕES ADVERBIAIS E ADVÉRBIOS LATINOS – Usam-se em português diversas locuções e advérbios latinos:

A posteriori = pelo que segue: Raciocinar a posteriori = argumentar com as consequências de uma hipótese.

A priori = segundo um princípio anterior, admitido como evidente: Concluir a priori.

Ab æterno = desde toda a eternidade.

Ab imo corde = do fundo do coração.

Ab initio = desde o princípio.

Ab ovo = desde o princípio, a partir do ovo.

Ad amussim = à risca, com exatidão: Ler uma obra *ad amussim.*

Ad hoc = para o caso, eventualmente.

Ad libitum = a vontade.

Ad nutum = segundo a vontade, ao arbítrio.

Ad referendum = pendente de aprovação.

Bis = duas vezes: Ele cantou bis.

Coram popolo = em público, em alto e bom som.

Currente calamo (pronuncie *cálamo*) = ao correr da pena: Fazer versos *currente calamo.*

Data venia = com sua licença.

Et similia = e coisas semelhantes: Redigir cartas, descrições, composições *et similia.*

Ex abrupto = repentinamente, inopinadamente, arrebatadamente: Não devemos proceder *ex abrupto* – Levaram-no *ex abrupto*.

Ex cathedra = de cátedra, em função do próprio cargo: O papa falou *ex cathedra* = falou realmente como sumo pontífice.

Ex corde = do coração: Amigo *ex corde*.

Ex expositis = do que ficou exposto.

Ex officio (pronuncie *êz ofício*) = por lei, oficialmente, em virtude do próprio cargo: O advogado do réu foi nomeado *ex officio* (por lei) pelo juiz – Ser eleitor *ex officio* (em virtude do cargo que ocupa).

Ex positis (pronuncie *pósitis*) = do que ficou assentado.

Ex professo = como professor, magistralmente, com toda a perfeição: Discorreu sobre o assunto *ex professo*.

Exclusive = exclusivamente (Para o emprego, segue a mesma orientação de *inclusive*).

Exempli gratia (pronuncie *grácia*) = por exemplo (abrevia-se *e. g.*).

Gratis = de graça: Entraremos *gratis*. V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "grátis".

Grosso modo = por alto, resumidamente.

Ibidem = aí mesmo, no mesmo lugar.

Idem = o mesmo.

In fine = no fim.

In limine = no limiar, no princípio. As razões foram rejeitadas *in limine*.

In perpetuum = para sempre, para perpetuar.

In totum = em geral, no todo, totalmente.

Inclusive = inclusivamente: Estudem a lição até o parágrafo 500 inclusive (por ser advérbio, jamais se flexiona).

Infra = abaixo, no lugar inferior: Os inframencionados.

Inter pocula (pronuncie *pócula*) = no ato de beber, no festim: Discursar *inter pocula* – Agir *inter pocula* = agir como bêbedo.

Ipsis verbis = com as mesmas palavras, sem tirar nem pôr.

Ipso facto = em virtude desse mesmo fato: Ele não pagou; *ipso facto* não concorreu ao sorteio.

Lato sensu = em sentido geral (o contrário de *stricto sensu* = em sentido restrito).

Maxime = principalmente, mormente: A todos obedeçamos, *maxime* aos pais.

Mutatis mutandis = fazendo-se as mudanças devidas: Tem o pai vários deveres para com o filho; *mutatis mutandis*, tem o filho iguais deveres para com o pai.

Pari passu = a passo igual, junto: Acompanhar alguém *pari passu* = acompanhá-lo por toda a parte.

Per fas et per nefas (pronuncie *néfas*) = a torto e a direito, quer queira quer não, por qualquer meio: Conseguirei *per fas et per nefas* o meu intento.

Primo = em primeiro lugar.

Pro forma = por mera formalidade.

Quantum satis ou **quantum sufficit** = o suficiente, o estritamente necessário.

Retro = atrás: Reporto-me ao que *retro* ficou dito nesta folha. V. *retro* = Veja atrás, veja o verso.

Secundo = em segundo lugar: Por duas razões assim procedi: *primo* porque a consciência o mandava, *secundo* porque as circunstâncias o exigiam.

Sic = assim, deste modo, com as mesmas palavras.

Sine die = indeterminadamente, sem fixar dia.

Statu quo = no estado em que; expressão usada substantivamente no ablativo para indicar o estado anterior a uma situação: Os vencedores mantiveram o *statu quo* na parte monetária.

Stricto sensu = em sentido restrito (o contrário de *lato sensu* = em sentido geral).

Sui generis = de gênero próprio, de gênero especial; peculiar, esquisito.

Supra = acima, no lugar superior: Os supracitados.

Una voce = a uma voz, unanimemente.

Verbi gratia = por exemplo (abrevia-se *v. g.*).

Vice-versa = às avessas, em sentido inverso.

Nota: Muitas dessas locuções adverbiais e advérbios latinos, por muito usados em português, não costumam vir nem grifados nem entre aspas.

Outras locuções, advérbios e provérbios latinos encontram-se no *Dicionário de Questões Vernáculas*.

535 – Muitos dos alunos, nas respostas do questionário da crase, falam em obrigatoriedade de crase "porque é locução adverbial". Não há tal regra, e aqui afirmamos ser errada. As locuções adverbiais levam crase ou para evitar ambiguidade ou quando se enquadram nas regras práticas do emprego da crase: "Peguei à mão" (com crase, tão somente para evitar ambiguidade; pela regra não havia necessidade da crase, uma vez que se diz "pegar *a* laço" e não "pegar *ao* laço"). "Peguei-o a mão" (aqui já não é necessário crase, pois deixa de existir perigo de ambiguidade).

Tratando-se de locuções pluralizadas, como *às vezes*, é claro que a crase deve aparecer: o *s* está denotando que além da preposição existe o artigo no plural.

536 – Uma vez que o advérbio modifica advérbio, pode igualmente modificar locucão adverbial:

"Entrou *muito* *de mansinho*"

adv. loc. adverbial

Nota: Podem alguns advérbios estar modificando toda a oração: "Sinceramente, não disse isso".

537 – Se o advérbio vem na frase modificando adjetivo, verbo ou advérbio, vezes há em que aparece modificando substantivo.

Isso acontece:

a) Quando o substantivo funciona como predicativo (§ 665):

"És *quase* *homem*" "É *muito* *verdade*"

adv. predicativo adv. predicativo

b) Em mais alguns casos:

"*Somente* *Cabral* descobriu o Brasil" – "A *não* *observância*"

adv. subst. adv. subst.

Notas: 1ª – A verdade é que certas palavras, por não se poderem claramente enquadrar na restrita conceituação e classificação do advérbio, nem em nenhuma outra classe, terão de classificar-se meramente como "palavras que denotam" exclusão (*só*, *somente*, *unicamente*), inclusão (*outrossim*), situação (*quase*, *casualmente*), designação (*eis*[1]), retificação (*aliás*), realce (*nada*), afetividade etc.

2ª – Frequentemente se empregam adjetivos na forma masculina, ou antes, neutra como advérbios: Eles falam *forte* (fortemente) – Falem *baixo* – Leia *alto* – Fomos *direto* ao assunto – Responda *calmo*[2].

538 – Se o próprio adjetivo (§ 277) não tem, em rigor, flexão de grau, somente em sentido muito especial se pode dizer que existe flexão de grau para os advérbios. Com tal ressalva, que o aluno já compreende, limitar-nos-emos a alguns exemplos:

comparativo
- de *igualdade*: tão bem, tão harmoniosamente
- de *superioridade*: melhor, pior (§ 527, n. 7), mais bem, mais mal (§ 268), mais harmoniosamente
- de *inferioridade*: menos bem, menos harmoniosamente

superlativo absoluto (§ 272, nota)
- *sintético*: harmoniosissimamente
- *analítico*: muito harmoniosamente

diminutivo: cedinho, longinho, agorinha (§ 240, obs. 2; § 276, n. 5)

Questionário

1. O que é *advérbio*?
2. Faça três frases ou orações, na 1ª das quais haja um advérbio modificando um adjetivo, na 2ª o mesmo advérbio modificando um verbo, e na 3ª ainda o mesmo advérbio modificando outro advérbio (V. § 158).
3. Quanto à circunstância, como se classificam os advérbios? Exemplos.
4. Redija duas orações com o advérbio *onde* e outras duas com *aonde*.
5. Construa dois períodos com o adv. *entrementes*. (Observe a colocação e o significado desse advérbio.
6. Discorra sobre o sufixo *mente*.

---

(1) *Eis* tem força de verbo e rege acusativo:

"Eis *o homem*"
obj. direto

Por essa razão é que se diz *ei-lo*, *eis-nos*, com pronome oblíquo. V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "*eis*".

(2) V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "passeei demasiado".

7. Construa dois períodos com o advérbio *adrede*. (Veja o "note-se" acrescentado a esse advérbio.)

8. *Alerta*, quando adjetivo, pode vir no plural? Exemplo.

9. Que diz das expressões: Lição *mais bem estudada*, trabalho *mais mal acabado*?

10. O *não* é sempre negativo? Exemplifique a resposta.

11. Empregar "absolutamente" com a significação de "não, de forma nenhuma", é certo? Como fugir do erro?

12. Corrija a oração: "Estamos bastantes satisfeitos". Com poucas palavras e com muita clareza, justifique a correção.

13. É correto dizer: "Colhi bastantes frutas"? (Responder somente *sim* ou *não*: V. a *nota* do § 358).

14. Posso dizer "porta meia aberta"? – E se disser "porta meio aberta"? Explique a resposta.

15. Por que certos advérbios se chamam interrogativos? Quais são? Exemplo.

16. Que entende por *forma* quando se classifica uma palavra?

17. Quanto à *forma*, como se dividem os advérbios?

18. Cite dez locuções adverbiais que até agora não conhecia.

19. Que significam as locuções latinas *a priori*, *a posteriori*, *per fas et per nefas*, *mutatis mutandis*, *ex professo* e *ex abrupto*?

20. Há casos em que o advérbio modifica substantivo? Explique e exemplifique.

21. Há palavras que não se enquadram na classe dos advérbios nem em nenhuma outra? Como terão então de classificar-se?

22. A palavra *alto*, da frase "falemos mais *alto*", a que classe de palavras pertence? Explique a resposta (§ 537, n. 2).

23. Diga a que classe de palavras pertence o "só" das duas seguintes orações:

a) Cabral, só, descobriu o Brasil.

b) Cabral só descobriu o Brasil.

24. Corrija:

a) Belmira deixou a roupa no quarador.

b) Em dado momento, ficamos só na sala (§ 527, n. 10, ao pé da página).

c) Prefiro muito mais este dentrifício do que a pasta que você usa (§ 276, n. 4).

*

"A inteireza do espírito começa por se caraterizar no escrúpulo da linguagem" – RUI BARBOSA.

CAPÍTULO 37

PREPOSIÇÃO

541 – Tanto a preposição[1] quanto a conjunção são *conectivos*, isto é, são classes que desempenham função de ligação; ambas essas classes ligam, mas entre elas há esta diferença: A preposição liga *palavras* (substantivo a substantivo, substantivo a adjetivo, substantivo a verbo, adjetivo a verbo etc.), ao passo que a conjunção liga *orações*.

Na expressão "livro *de* Pedro", *de* é preposição porque liga a palavra *Pedro* à palavra *livro*, ao passo que nestoutra expressão "Pedro foi *mas* não voltou" – o *mas* é conjunção porque está ligando a oração "Pedro foi" à oração "não voltou".

542 – **Preposição** é, pois, uma palavra invariável que tem por função ligar o complemento à palavra completada. Tais palavras se denominam *preposições* (do lat. *prae* = diante de, mais *positionem* = posição) pelo fato de porem na frente de uma palavra outra que a completa.

Os termos ligados pela preposição denominam-se *antecedente* (o que vem antes da preposição) e *consequente* (o que vem depois). O *antecedente* vem a ser o termo *regente* (que rege, que tem outro debaixo de sua dependência, subordinante), e o *consequente* vem a ser o *regime*, isto é, o termo regido, subordinado; a preposição, juntamente com o consequente, constituem o complemento do termo regente:

---

(1) Não confunda *prEposição* com *prOposição* (= sentença, oração).

complemento do antecedente

antecedente	*preposição*	*consequente*
casa	de	Pedro
fui	até	Paris
estamos	em	festas
morto	por	desconhecidos

543 – Na ordem em que costumam aparecer em português os termos de uma oração, a preposição vem colocada entre os dois termos por ela ligados. Algumas vezes, no entanto, o *consequente* deixa de vir logo depois da preposição: "Fiz isso pensando *em*, dado o que ele disse, *aliviar* a situação de angústia em que se encontrava". O termo *aliviar* não veio logo depois da preposição *em*, da qual é consequente.

Com maior frequência, o antecedente deixa de preceder a preposição: "*Sobre* isso não quero falar" – A preposição *sobre*, por causa da colocação dos termos, deixou de vir entre *falar* (antecedente) e *isso* (consequente); noutra ordem, a oração seria:

"Não quero *falar* *sobre* *isso*"
↓ antec. ↓ prep. ↓ cons.
Complemento de *falar*

544 – **CLASSIFICAÇÃO**: Classificam-se as preposições em *essenciais* e *acidentais*.

545 – **Preposições essenciais** são as que só desempenham essa função:

a[1]	de[3]	perante
ante	desde	por[6]
após	em[4]	sem
até[2]	entre[5]	sob
com	para[1]	sobre[7]
contra	per[6]	trás

546 – **Preposições acidentais** consideram-se as palavras de outras classes, eventualmente empregadas como preposições:

conforme, consoante [8]	fora, afora	salvo
	mediante	segundo[8]
durante, exceto [9]	menos	
	salvante[9]	tirante[9]

Observação:

As preposições não têm significação intrínseca, própria, mas relativa, dependente do verbo com que são empregadas, e, como nos adverte Carlos Pereira, "só o trato constante dos bons autores nos pode habituar ao manejo correto, elegante e vívido dessas importantes partículas".

Na verdade, o número de preposições existentes em nosso idioma é pequeno (Soares Barbosa chega a contar apenas 16 propriamente ditas); daí resulta ora o emprego de preposições diferentes com idêntico sentido, ora o de uma preposição com significados diferentes. Não deve, portanto, o aluno estranhar que a preposição *a* na frase "uma *a* uma" signifique *por*, e que a mesma preposição na frase "vender *a* fulano" signifique *para*. Conforme dissemos no início desta observação, as preposições não têm significação intrínseca, própria, mas relativa, dependente do verbo com que são empregadas ou da expressão em que aparecem.

Deverá o aluno, no estudar as *notas sobre as preposições*, ter sempre em mente o que acaba de ser observado.

NOTAS SOBRE AS PREPOSIÇÕES: (1) *a*) Acentua-se cada vez mais em nossa língua a tendência para colocar a preposição *a* em grande número de expressões. Assim é que se diz: "Está *a* (consoante) meu gosto" – "*A* (segundo) meu modo de ver" – "*A* (em) 8 de janeiro" – "Ele segue *a* (por) mandado do chefe".

Quem a torto e a direito emprega a preposição *a*, incorre em perigo de praticar galicismos; constituem francesismos os seguintes empregos de *a*: "Sopa *a* tomate" – em vez de "sopa *de* tomate". "Falar *ao* telefone" – em vez de "falar *no* telefone". "Tocar *ao* piano" – em vez de "tocar *no* piano". "Equação *a* duas incógnitas" – em vez de "equação *de* duas incógnitas".

b) São igualmente gaulesas expressões como: "Nada tenho *a* fazer" – "Há muitos pontos *a* esclarecer" – em vez de: "Nada tenho *por* fazer", "Há muitos pontos *para* esclarecer":

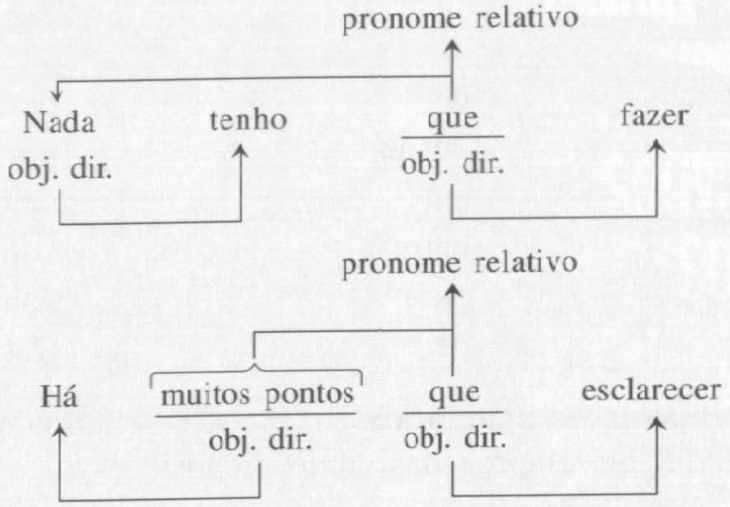

c) A preposição *a* tanto pode indicar *quietação*, *estada* num lugar, como *movimento* para um lugar.

Estávamos *à* (= na) janela (quietação, estada, lugar onde) – Dirigimo-nos à (para a) janela (movimento, lugar para onde).

d) Tem a preposição *para* emprego muitas vezes idêntico ao da preposição *a*: Disse *a* (para) você – Dei *ao* (para o) irmão. – Com os verbos *ir* e *vir*, a preposição *a* denota *transitoriedade* de movimento, ao passo que *para* indica *permanência* ou *destino*: Vamos à Argentina (ir a passeio, ir para voltar) – Veio *ao* Brasil (veio para visitar, veio transitoriamente) – Carlos foi *para* os Estados Unidos (foi fixar residência) – Eu vou *para* o Norte, você *para* o Sul (destino).

(2) *Até* é advérbio quando empregado no sentido de *mesmo*, *ainda*:

"*Podíamos* *até* vender a casa".
verbo adv.

Quando liga dois termos, *até* é preposição: "Foi *até* o cemitério".

Modernamente, a preposição *até* é também usada em forma de locução – *até a*: *até ao* Rio, *até ao* momento – ao lado de "*até* o Rio", "*até o* momento". Note-se que não há diferença de sentido entre essas expressões.

(3) Como acima vimos, uma mesma preposição pode indicar relações diferentes e, por outro lado, duas ou mais preposições podem indicar relação ou relações semelhantes; é o que se passa com as preposições *de* e *por* no agente da passiva (§ 390): "Somos conhecidos *do* prefeito" – "Somos conhecidos *pelo* prefeito".

(4) *a*) Não devemos usar a preposição *em* com verbos de movimento, porquanto *em* indica *lugar onde*: "ir *ao* colégio" – e não "ir *no* colégio" – "chegar *a* um lugar", e não "chegar *em*": chegamos *ao* Rio, cheguei *à* casa dele, cheguei tarde *a* casa, o avião chegou *ao* campo. O mesmo se diga do substantivo *chegada*: por ocasião de sua chegada *a* Recife (e não: chegada *em* Recife). Constituem exceção desta regra alguns verbos, como *ingressar*: "ingressar *no* seminário".

b) Certos escritores têm o tolo escrúpulo de *sempre* escrever "em o novo", "em o nosso", "em a nave". Pode-se perfeitamente dizer "no novo", "no nosso", "na nave", sem cogitar em falta de eufonia na repetição *no-no*, *na-na*. O *em* só não se combina com o *o*, quando este *o* é objeto ou sujeito do verbo: "Fez bem *em os* noticiar".

c) Não se deve empregar a preposição *em* nas expressões "éramos *em* três" – "íamos *em* quatro", porquanto essas construções constituem italianismos; "éramos três", "íamos quatro" é como se deve dizer em português. (D. QVs, Em 5.)

d) Ensinamento de todo falso, inconscientemente propalado de microfones, de salas de aula e de livros, é este: Deve-se construir "Moro à rua Tal" e não "Moro na rua Tal" porque – dizem os falhos doutrinadores – "morar na rua Tal" é morar "no meio" dessa rua.

Quem afirmou que as preposições têm sentido fixo em português? Quem, ciente do que faz, um dia se aventurou a dar os significados das preposições vernáculas, sem o cuidado de exemplificar o emprego? Jamais dirá o professor consciencioso que "de" indica posse, "sobre" significa "em cima de", "com" denota companhia. As preposições nossas não têm significação intrínseca, própria, senão relativa, dependente do verbo com que são empregadas, variável de expressão para expressão. Se "de" indica posse, como analisará o aluno o complemento da frase "vir de Pernambuco"? Se "sobre" significa "em cima de", por que não se poderá construir "Vou falar em cima do ensino"? Se "a" traz a ideia de movimento, que significará a expressão "estar a gosto"?

Como de nosso organismo as veias só com sangue têm função, as preposições de nosso idioma só com outras palavras têm significado.

Se "morar na rua Tal" significa "morar no meio da rua", não poderá ninguém, por coerência com essa pândega doutrina, construir: "Tenho escritório no largo da Concórdia", "Tal livraria fica na praça da Sé", "Fulano mora na avenida Paulista". Imaginem-se estas criações parisienses: Tenho escritório "ao" largo da Concórdia, moro "à" avenida Copacabana, tal livraria fica "à" praça da Sé, não existe farmácia "a" esta rua...

Se o conhecer um idioma não faculta forjar leis de sua gramática, não será o conhecer filosofia que irá trazer o poder de ilação a quem dele foi sempre destituído.

(5) Deve-se dizer "entre mim e ti", "entre ti e mim", "entre ele e mim" e não: "entre mim e tu", "entre ti e eu", "entre ele e eu" ; e assim: "entre Pedro e mim", "entre vocês e mim", "entre mim e você".

(6) *a*) Conquanto primitivamente se fizesse diferença entre *por* e *per* (*por* indicava *a favor de*: "Fiz isso *por* ela" – e *per* indicava *agente*, *meio*: "Fiz *per* ela", isto é, *por meio* dela), hoje só se emprega *per* quando se lhe segue o artigo, com o qual se combina: *pelo*, *pela*, *pelos*, *pelas* – e nas expressões *per si*, *de per si*, *de permeio*. V. D. QVs, *polo*.

b) Deve-se dizer: "Vou *pelo* trem das dez" – "Voltamos *pelo* avião das oito" – "Chegou *pelo* rápido" e não, como fazem os italianos: "Voltamos *com* o avião, chegou *com* o rápido, vou *com* o trem".

c) Emprega-se em expressões de tempo: "uma vez por dia", "três noites por mês", "duas horas por semana".

(7) *a*) Em português, como em outros idiomas, uma preposição ou locução prepositiva e o respectivo regime ("atrás do carro") podem vir regidos de outra preposição: "saiu DE atrás do carro". Outros exemplos: "...pendem, mergulham e desaparecem, numa imensa curva borbulhante, POR *sobre* o largo telheiro abandonado" – "POR *entre* a ganga" – "terreno que lhes foge DE *sob os cascos*", "passou POR *detrás do* teatro", "arrastaram-no PARA *ao pé do* catre", "ela não sai DE *ao pé de* mim", "janela que se abre DESDE *pela* manhã".

b) *Sobre* significa "além de" em expressões como estas: "*Sobre* escassos e honrosos, os desastres não tiveram consequência aviltante" – "*Sobre* honesto, é ele caridoso" – "E *sobre* ser Deus tão amável...".

(8) *Conforme*, *consoante* e *segundo* são preposições derivadas de adjetivos: *conforme* o modelo, *consoante* sua vontade, *segundo* a lei. Como acontece com *até*, as preposições *conforme* e *consoante* vêm às vezes seguidas de *a*: *conforme ao* original, *consoante ao* pedido.

Quando ligam orações, essas palavras passam para a categoria das conjunções: "Procedeu o aluno *conforme* foi aconselhado pelo mestre".

(9) *Durante*, *exceto*, *salvante* e *tirante* são formas nominais de verbos, as quais se imobilizaram entre as preposições. Flexionar hoje essas preposições (tirantes as mulheres, excetas as donzelas, salvantes os juízes) é incorrer em arcaísmo.

547 – LOCUÇÃO PREPOSITIVA: Há preposições que se apresentam sob a forma de **locuções**: *além de*, *antes de*, *aquém de*, *até a* (= até), *dentro em* (e não "dentre em"), *dentro de* (e não "dentre de"), *depois de*, *fora de*, *ao modo de*, *à maneira de*, *na conformidade de*, *junto de*, *junto a*,

devido a, *ao través de*, *a par de* etc.: "Chegarei *depois de* você" – "Irei *dentro de* duas semanas".

"Não há por que se confundam as *locuções prepositivas* com as *adverbiais*; traços diferenciais caraterísticos as separam e distinguem, quais os seguintes:

As **locuções prepositivas** têm de ordinário por último elemento componente uma preposição; não assim as *locuções adverbiais*, cujo vocábulo final nunca é representado por uma preposição. Ao demais, do fato de lhes ser em geral posta de remate uma preposição, resulta manifesto que as *locuções prepositivas* entretêm relações estreitíssimas com os vocábulos em cujo meio se elas enquadram e engranzam intimamente.

As **locuções adverbiais**, bem ao revés, são mais independentes, não se prendem tão diretamente, não se subordinam tanto às expressões onde se entremeiam; podem, pelo comum, meter-se entre vírgulas, e não raro cercear-se da contextura do discurso, sem se mutilar nem se desfigurar essencialmente o pensamento" (Carneiro Ribeiro).

548 – COMBINAÇÃO: Já vimos algumas combinações de preposições; essas, e outras que serão consideradas no momento oportuno, aqui estão resumidas:

A + artigo: *ao*, *aos*.

Nota: Na *crase* opera-se *contração*.

DE + artigo: *do*, *da*, *dos*, *das*;
+ demonstrativo: *deste(s)*, *desta(s)*, *disto*;
desse(s), *dessa(s)*, *disso*;
daquele(s), *daquela(s)*, *daquilo*;
+ pessoal *ele*: *dele(s)*, *dela(s)*;
+ advérbios: *daqui*, *daí*, *dali*, *donde*.

EM + artigo: *no(s)*, *na(s)*; *num*, *numa*, *nuns*, *numas*;
+ demonstrativo: *neste(s)*, *nesta(s)*, *nisto*;
nesse(s), *nessa(s)*, *nisso*;
naquele(s), *naquela(s)*, *naquilo*;
+ pessoal *ele*: *nele(s)*, *nela(s)*:
+ indefinido: *outro*: *noutro(s)*, *noutra(s)*; *nalgum*.

PER + artigo: *pelo(s)*, *pela(s)*.

549 – CONTRAÇÃO: É o fenômeno operado na *crase*: *à(s)*, *àquele(s)*, *àquela(s)*, *àquilo*.

550 – REPETIÇÃO DAS PREPOSIÇÕES: Sendo nosso idioma analítico, ao contrário do materno, sintético, o estudo das preposições toma a importância que nas ciências assumem os elementos distintivos,

caracterizadores. No "Gênio da Língua Portuguesa", importante obra de Evaristo Leoni, publicada em 1858, encontram-se estas palavras sobre a preposição: "As propriedades que lhe são inerentes e que, produzindo pasmosa variedade nas relações dos nomes e maravilhoso cambiante na acepção dos verbos, assinalam principalmente o gênio da língua, constituem, por certo, o grande caraterístico que a distingue, e de que, com acurado estudo, nos devemos ocupar".

Continuando, assevera com acerto Leoni: "Não duvidamos de que a muitos de nossos leitores pareça enfadonho e, talvez, pouco importante este objeto. Foi, todavia, uma das partes da presente obra que mais escrupulosamente elaboramos e de cuja utilidade mais estamos convencidos". E o mais importante de sua asserção está no final deste período: "Além de devermos às preposições todas as frases e elegâncias da língua, é, aliás, do ignorar o conveniente emprego delas que procede o vermos frequentemente errar a genuína linguagem, que, por tal causa, de dia em dia se vai deteriorando".

A esse introito seguem-se quase cento e setenta páginas sobre as preposições, mas... completo é o silêncio no que respeita à repetição das preposições. É, em verdade, ingrato esse assunto particularizado, que aqui nos arrojamos a ventilar.

Distinguiremos os diversos casos por letras, constituindo o primeiro um esclarecimento preliminar e básico:

a) Vários nomes, mas um só regime: Suponhamos uma luta entre um indivíduo, João, e dois outros, Pedro e Paulo. Diremos: "João lutou contra Pedro e Paulo" ou: "João lutou contra Pedro e contra Paulo"?

A segunda construção tem significado diferente da primeira, pois denota duas lutas separadas; João lutou primeiro contra um, depois contra outro. Se a luta foi uma só, a preposição não se repete: "João lutou contra Pedro e Paulo".

Perigo de ambiguidade como esse poderá existir em outras frases semelhantes: "Aos poetas e pintores" (= a pessoas a um tempo poetas e pintores), "Aos poetas e aos pintores" (= aos que são poetas e aos que são pintores).

Não cabe, em tais casos, verificar se as palavras, regidas pela preposição, são ou não antônimas; importa, isto sim, observar se elas constituem um só regime, conjunto, contemporâneo, ou, ao contrário, regimes diferentes, isolados. Quando se diz "Viaja por terra e por mar", diz-se bem, e não seria possível de outra forma dizer. Os elementos não podem constituir complemento conjunto de "viajar" ; a repetição da preposição impõe-se. Quando – considerando-se o caso contrário – diz alguém: "Destruir a ferro e fogo", procede corretamente em não repetindo a preposição, uma vez que as palavras "ferro" e "fogo" indicam elementos contemporâneos de destruição.

"A fita do Gordo e o Magro" – "Um grupo de cinco rapazes e duas moças" – constituem outros exemplos de regime comum, uno, da preposição. Outros exemplos em que a preposição rege vários nomes que constituem um só regime: "Durante o mês passado e parte do presente" – "Homem de cabelos brancos e bigode grisalho" – "Analogia de forma e significação" – "Campo juncado de mortos e feridos" – "Ante a violência do choque e a desordem das vanguardas" – "Casa de pau e barro" – "Comida com sal e pimenta" – "Secretaria de Educação e Saúde Pública" – "Instituto de Aposentadoria e Pensões" – "Tecido de algodão e lã" – "Flexão verbal de modo, tempo, pessoa e

número" – "Viver a pão e água" – "As letras dividem-se, quanto à natureza, em vogais e consoantes". Não se trata de regimes isolados; o regime é um só; mais estes exemplos: "Os metaplasmos podem processar-se por adição, subtração e substituição" – "Dividem-se em interjeições propriamente ditas e locuções interjetivas".

Se as palavras que vêm após a preposição não constituem regime uno, contemporâneo, a repetição se impõe: "Nomes derivados de substantivos e de verbos" – "Vive na cidade e no campo" – "Ostenta seu poder no céu, no ar, no mar, na terra" – "Orgulho da ciência e da indústria" – "Honra para mim e para todos" – "Flexão subordinada às regras de Soares Barbosa e à de Frederico Diez".

b) Se os complementos são *palavras que têm mais ou menos o mesmo sentido*, não se deve repetir a preposição: "Viver na moleza e ociosidade" – "Encantou-nos com sua bondade e doçura" – "Deve a vida à clemência e magnanimidade do vencedor".

Razão ainda maior há para não se repetir a preposição quando o segundo elemento é explicativo ou equivalente do primeiro: "Corresponde ao duplo **l** ou **l** molhado" – "Compostos de duas ou mais palavras" – "Seguido de e ou i" – "Indica um conjunto de seres ou objetos" – "Conhecem-se pelo sufixo ou terminação". Em construções como essas, não há verdadeiramente dois regimes, senão um só.

c) *Regimes das preposições "a" e "por", seguidas de artigo definido*: Deve-se repetir a preposição, quando repetido vem o artigo: "Opor-se aos projetos e aos desígnios de alguém" (jamais: "aos projetos e os desígnios") – "Carateriza-se pelo talento e pelos relevantes méritos" (jamais: "pelo talento e os relevantes méritos") – "Flagelado pela peste e pelos estragos" – "Sócrates distinguiu-se pela modéstia e pela sabedoria" – "Choravam pelo pai e pela mãe" – "Marasmado pelo álcool e pela nicotina" – "Morrer pela lei, pelo rei, pela pátria" – "Escarnecido pelo monarca e pelos ministros".

Se não se repetir o artigo, poder-se-á não repetir a preposição, tendo-se sempre em mente as normas *a*) e *b*): "Opor-se aos projetos e desígnios de alguém" – "Flagelado pela peste e estragos". O mesmo poderá ser dito com relação a outras preposições: "Nas formas rizotônicas e derivadas" – "Observações sobre a pronúncia e grafia de certos verbos" (ou: "sobre a pronúncia e sobre a grafia" – não: "sobre a pronúncia e a grafia").

É galicismo ou castelhanismo pôr antes do segundo nome o artigo sem a preposição: "Une patrie dévastée par la faim, la guerre ou la maladie", "Una patria devastada por el hambre, la guerra o la peste" ; em português: "Uma pátria assolada pela fome, pela guerra ou pela doença".

Não devemos imitar exemplos como estes: "O Dante é imortal, mas o seu poema é inspirado pelo misticismo e a vingança" – "Estas palavras quase severas do mancebo foram seguidas de um longo silêncio, apenas interrompido pelo tinir dos pratos e o rumor dos dentes" – "Mas as argolas do caixão foram seguras pelos cinco familiares e o Benjamim".

d) *Regimes antecedidos de possessivo*: Mutatis mutandis, é este caso igual ao anterior, ou seja, repete-se a preposição quando repetido vem o possessivo: "Disponha de minha casa e de minha bolsa" – "Com meu pai e com minha mãe" – "Dê o resto ao meu empregado e ao meu guia" – "Com saudades do seu vinho e dos seus charutos".

Poder-se-á não repetir o possessivo – e então nem a preposição virá repetida – quando aplicáveis as letras *a*) e *b*): "Segundo suas lucubrações e queixumes".

e) *Regime seguido de aposto*: Quando a repetição não se fizer necessária, nem para ênfase nem para clareza, não haverá necessidade de repetir a preposição antes do aposto: "Nascido numa bela cidade, Campinas" – "Proveniente da mais bela das capitais, Rio de Janeiro".

f) Regimes dispostos em grupos de dois ou mais elementos: Pode-se repetir a preposição antes de cada grupo: "Acompanhado de professores e advogados, de físicos e químicos, de médicos e dentistas" – "As letras classificam-se em maiúsculas e minúsculas, em vogais e consoantes".

g) Regime seguido de palavra ou locução explanatória: Repete-se a preposição: "No mês de janeiro, ou melhor, de fevereiro" – "A propriedade do advérbio, digo, do adjetivo" – "Refiro-me à filha, digo, à sobrinha do mordomo" – "Foi com o mestre, quero dizer, com o diretor".

551 – REPETIÇÃO DAS LOCUÇÕES PREPOSITIVAS:

a) Regimes ligados por "e": Na maioria das vezes, encontramos repetida somente a preposição que finaliza a locução: "Através do Dicionário e da Gramática" (M. Barreto) – "À vista das crônicas coevas e dos documentos" (Herc.) – "Em troca da proteção e do afeto" (M. de Assis) – "Acerca da solidão noturna e do sono e das coisas" (M. de Assis) – "À frente dos soldados vasconços e de algumas tiufadias" (Herc.) – "Por meio da fé e do batismo" (Vieira) – "À vista desta distinção tão verdadeira, e deste desengano tão certo" (Vieira) – "Abaixo de Deus e do estudo" (Castilho) – "Apesar da prima, do baronato, dos meninos, do dinheiro e da saúde" (Camilo)[1] – "À frente dos exércitos e das povoações entusiásticas" (Castilho) – "A instâncias dos seus editores e de outras pessoas" (J. J. Nunes) – "Em direção à Europa e ao sul do continente" (Carneiro Ribeiro) – "Por intermédio das folhas diárias e das subscrições públicas" (Silva Ramos).

Exemplos todavia não faltam de não repetição de nenhum dos elementos da locução: "A custa das concessões e promessas humilhantes" (Herc.) – "Por honra dos santos e dias de festa" (Bernardes) – "A par das crenças e civilização da mãe comum" (J. J. Nunes). Tais exemplos de não repetição são mais frequentes quando os regimes não vêm antecedidos de nenhum determinativo: "Atrair por meio de sedução e recompensa" (Rebelo da Silva) – "Da parte de néscios e ruins" (Castilho).

b) Regimes ligados assindeticamente: Quando, em vez de "e", há vírgula entre os regimes, jamais se deixa de repetir o elemento final da locução ou, se for para efeito enfático, conforme iremos ver na letra *e*), a locução inteira: "Através da virtude, da verdade" (Jorge Ferreira) – "A par desses foros imortais, desta bem-aventurança interminável" (Mont'Alverne) – "Apesar da prima, do baronato, dos meninos, do dinheiro..." (Camilo).

c) Regimes falsamente duplos: Citemos um exemplo: "Andam sempre através do uso e costume" (Jorge Ferreira). "Uso e costume" é expressão jurídica que, na prática, denota uma só e mesma coisa, e, no Direito, esses dois substantivos vêm sempre juntos.

Por analogia, no mesmo caso se enquadra este exemplo de Vieira: "E se ele se deixasse ver dentro da casa ou sepultura" (Se Vieira tivesse repetido o elemento final da locução, iria especificar coisas diferentes, dando sentido falso ao leitor; "casa" e "sepultura" são palavras que estão aí a indicar uma só coisa).

Caso o "ou" não trouxesse a indicação de uma coisa única, a preposição viria repetida: "Diante dos meus olhos ou dos meus ouvidos" (Silva Ramos).

d) Regimes distanciados: Quando de tal forma distanciado do primeiro, que esqueça ao leitor a locução de que ele depende, nada mais natural que vir o segundo regime com a locução repetida: "Não é quanto a ele, que vos lembro reformação, mas só quanto ao modo de..." (Castilho).

---

(1) Não nos parece acertada a doutrina encontrada em certo autor, de que a locução "apesar de" deveria ser usada somente para significar sentimento de pesar; aí fica um exemplo de Camilo – "apesar da saúde" – a confirmar nosso parecer.

e) *Repetição enfática*: Por menos atento esteja, notará o leitor o efeito enfático que ao período traz a repetição da locução inteira antes de cada regime, sempre que a repetição seja ditada por essa conveniência: "Ele continua a culminar ali acima das letras, acima da política, acima da magistratura" (Rui).

f) *Exemplos que não devem ser seguidos*: Constitui galicismo ou castelhanismo – ficou dito na letra *c*) do número anterior – pôr antes do segundo regime o artigo sem a preposição: "Acerca da Companhia de Jesus e a colonização brasileira" (deve ser: Acerca da Companhia de Jesus e da colonização brasileira) – "Acerca do extinto convento da Conceição desaproveitado e as ruínas da contígua igreja" (deve ser: Acerca do extinto convento... e das ruínas...).

552 – PREPOSIÇÃO e INFINITIVO: "Não saia sem *mim*", "Não vá sem *mim*" – são construções certas. Não podemos dizer: "Não saia sem *eu*", "Não vá sem *eu*" – porque a preposição exige após si a forma pronominal oblíqua. Acaso dizemos: "Isso não depende de *eu*"? – A mesma razão que nos obriga a construir "Isso não depende de *mim*", obriga-nos a dizer: "Não saia sem *mim*", "Não vá sem *mim*".

Se, porém, nessas orações, vier um infinitivo depois do pronome, já não será permitido o emprego do oblíquo, impondo-se, então, a forma reta: "Não saia sem *eu* ver", "Não vá sem *eu* mandar", "Isso não depende de *eu* estar presente". É que agora a preposição está regendo o infinitivo e não o pronome pessoal; este exerce, nestas frases, função de sujeito do infinitivo e não, como nas orações anteriores, de regime da preposição.

Observe o aluno esta construção: "Para *mim* estudar é uma delícia"; o "mim" está correto, uma vez que não é sujeito de "estudar"; há, nessa oração, simples inversão de termos: "Estudar é para mim uma delícia".

Questionário

1. Por que a preposição e a conjunção se dizem *conectivos*?

2. Que é *preposição*?

3. Como se chamam os termos ligados pelas preposições?

4. Como se classificam as preposições? Exemplos.

5. Que diz, *em geral*, do significado das preposições? Exemplos.

6. É correta a construção: "Nada tenho a fazer"? Por quê?

7. "Éramos em três" – "Íamos em cinco" – "Fui com o trem das oito" – são construções portuguesas?

8. Quando se usa a preposição *per*?

9. Que diz da expressão: "Tirantes as mulheres, todos se levantaram"? Explique a resposta.

10. Há perigo de confusão entre *locução prepositiva* e *locução adverbial*? Por quê?

11. Cite alguns casos de combinações de preposição.

12. Quando ocorre a contração de preposição?

13. Que diz da repetição das preposições? (Discorra somente sobre o ponto que tenha achado mais interessante.)

14. Corrija os períodos:

a) Vou na cidade fazer umas compras, e se ver que não chove talvez vá em Niterói em casa de minha irmã.

b) Recomendo-vos que dispensais toda a atenção a este caso.

c) Entre eu e tu pouca diferença existe.

d) Moro aonde já morou você, à rua dos Farrapos, 13.

CAPÍTULO 38

CONJUNÇÃO

556 – Conjunção é o *conectivo* oracional, isto é, é a palavra que liga orações: "O rústico, *porque* é ignorante, vê *que* o céu é azul; *mas* o filósofo, *porque* é sábio *e* distingue o verdadeiro do aparente, vê *que* aquilo *que* parece céu azul, *nem* é azul, *nem* é céu".

Nesse período, os vocábulos *porque*, *mas*, *e*, *que*, *nem* são *conjunções*, porque são os conectivos das orações.

"As conjunções fazem do discurso um todo harmônico e um símbolo dessa unidade que existe no espírito entre nossas ideias e nossos pensamentos, uns relativamente aos outros; elas ligam as orações umas às outras, constituindo os períodos; estes encadeiam-se uns com os outros, tecendo o discurso, o qual, sem esses elementos conectivos, que lhe servem de liga e cimento, perderia seu verdadeiro caráter" (C. Ribeiro).

Classificação

557 – As conjunções ligam as orações de duas maneiras: **coordenando** e **subordinando**[1]. *Coordenam*, quando ligam orações da mesma espécie, da mesma *ordem*, e chamam-se, então, conjunções *coordenativas*; *subordinam*, quando ligam orações diferentes de espécie, e então se chamam conjunções *subordinativas*.

(1) Toda a atenção pedimos ao aluno; iremos ser até prolixos na exposição da matéria, mas há disso necessidade, dada a importância do assunto para muitos casos de sintaxe.

558 – Para compreensão do assunto, veremos, antes de tudo, o que vem a ser, em gramática, *período*: **período** é uma ou mais *orações* que formam sentido completo. O fim do período é geralmente indicado pelo *ponto final*, tendo igual função o *ponto de exclamação* e o *ponto de interrogação*, quando equivalem a ponto final (V. nota do nº 1 do § 144). Dessa forma, obtemos a seguinte sequência:

as letras formam sílabas

as sílabas formam palavras

as palavras formam frases

as frases formam orações

as orações formam períodos

os períodos formam o discurso (ou *oração*, no sentido de *peça oratória*)

559 – As orações podem ser *absolutas*, podem ser *independentes*, podem ser *principais*, podem ser *coordenadas*, podem ser *subordinadas*.

Uma oração é *absoluta* quando tem *sentido completo* e vem isolada. Assim: "Pedro partiu" é oração *absoluta* porque tem sentido completo e vem isolada.

Quando o período se constitui de uma única oração absoluta, chama-se **período simples**.

Nota: As orações absolutas costumam ter o verbo no *indicativo* ou no *imperativo*, pois só esses modos podem enunciar fatos positivos ou independentes. Quando o *subjuntivo* ou o *infinitivo* aparecem numa oração absoluta, ou equivalem ao *imperativo* ou expressam opção (§ 644): "Não *sejais* cobiçosos" – "À direita *volver*" (= *volvei*) – "*Dê-me* Deus vida e saúde".

560 – Agora, se dissermos: "Pedro partiu e João ficou" – teremos um **período composto por coordenação**, ou seja, formado por duas orações de sentido completo, as quais então se chamam *independentes*. O período composto por coordenação pode constituir-se de mais de duas orações independentes:

"Os pedreiros chegaram cedo, (1) trabalharam muito, (2) mas não terminaram o serviço". (3)

O sujeito das orações 2 e 3 está subentendido (é o mesmo da oração 1), mas isso não impede que elas sejam independentes, isto é, de sentido completo.

561 – Com os verbos *dizer*, *responder*, *exclamar*, *prosseguir* e outros semelhantes, formam-se orações chamadas *interferentes*, por virem, de ordinário, entre os membros de outra oração: "A flor, *disse ele*, é uma maravilha" – "Os cachorrinhos, *respondeu a mulher*, comem as migalhas da mesa de seus senhores".

Observações:

1ª – Tais orações interferentes colocam-se entre vírgulas quando intercaladas.

2ª – As orações interferentes não influem gramaticalmente nas outras orações, isto é, não há subordinação gramatical entre a interferente e a outra oração.

Quando se constrói: *Eu venho, disse ele* (ou: *Disse ele: Eu venho*) usa-se o **estilo direto**, assim chamado aquele em que a oração é relatada tal qual o autor dela a proferiu. Quando, porém, se constrói: *Ele disse que vem*, emprega-se o **estilo indireto**, assim chamado aquele em que a oração é da autoria do escritor, e neste caso o período passa a ser composto por subordinação (V. § 419, n. 3, c).

562 – A locução *o que* dá origem a orações independentes: "Ele portou-se mal, *o que* muito me contrariou". De fato, *o que*, neste caso, equivale a *isto*, sendo a oração, pelo sentido, *coordenada*.

Outros exemplos: "O artista caiu, *o que* não estava no programa", "Meu filho tirou muito boas notas, *o que* a todos nós foi uma surpresa".

563 – Suponhamos, agora, que alguém a nós se chegue e nos diga, de chofre: "Que você vá". Nada entendemos com essa declaração; a oração não tem sentido completo, não obstante ser uma oração, pois nela existem os termos essenciais da oração: *sujeito* e *predicado*. A oração "que você vá" está necessitando de outra oração, para que tenha sentido completo. Se a pessoa nos tivesse dito: "Não quero que você vá" – tê-la-íamos compreendido.

Pois bem; a oração "que você vá", por necessitar de outra para que tenha sentido completo, chama-se *oração subordinada*, porquanto se subordina a outra, depende de outra, para que tenha sentido completo. A oração da qual a subordinada depende chama-se *oração principal*.

O período que se constitui de uma oração principal e de uma ou mais subordinadas chama-se *período composto por subordinação*:

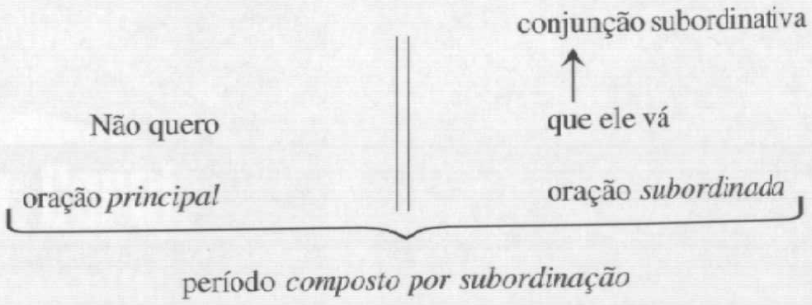

564 – O estudo que acima fizemos fornece-nos a seguinte sinopse:

A *ORAÇÃO*, quanto à *função* que exerce no período, pode ser:

Absoluta – Independente – Coordenada – Principal – Subordinada

O *PERÍODO*, quanto à *forma*, isto é, quanto à constituição, pode ser:

Simples – Composto por coordenação – Composto por subordinação

565 – Passemos, agora, para as conjunções: As conjunções que ligam uma oração independente a outra independente, ou uma subordinada a outra subordinada, ou, generalizando, as conjunções que ligam orações da mesma função, da **mesma ordem**, chamam-se **coordenativas**.

As conjunções que ligam a subordinada à principal chamam-se conjunções **subordinativas**.

Nota: Locução conjuntiva: Certas conjunções aparecem sob a forma de locuções, ou seja, são expressas por mais de uma palavra. Exemplos: *por conseguinte*, *ainda que*, *salvo se*, *com tal que*, *da mesma maneira que*.

Questionário

1. Que é *conjunção*?
2. Que é *período*?
3. Dê um exemplo em que o ponto de interrogação ou de exclamação não equivalha a ponto final (V. anota do nº 1 do § 144).
4. Como pode ser a oração? Definição e exemplos claros.
5. Quando um período é *composto por coordenação*? (Clareza na explicação e nos exemplos.)
6. Que é *oração interferente*? Exemplo.
7. Quando o estilo se diz *direto*? Exemplo.
8. Quando o estilo se diz *indireto*? Exemplo.
9. Redija um período em que apareça uma coordenada começada por "o que" (= isto).
10. Quando um período é *composto por subordinação*?
11. Quando uma conjunção é *coordenativa*?
12. Quando uma conjunção é *subordinativa*?
13. Que é *locução conjuntiva*?

CAPÍTULO 39

COORDENATIVAS

570 – Há **cinco** espécies de conjunções coordenativas:

571 – **ADITIVAS** são as que ligam duas orações, aproximando-as meramente: e[1] nem[2] também[3]

---

(1) *a*) A conjunção *e* é o tipo das conjunções aditivas e indica mera relação de nexo; por isso é comumente suprimida, sem prejuízo para o sentido, em uma série coordenada e só é expressa entre o penúltimo e o último termo: "Sócrates, Platão *e* Aristóteles são filósofos de nomeada". – Quando, porém, queremos pintar, com viveza, certa aglomeração de coisas, é de belo efeito torná-la expressa entre os membros da série: "De gente de guerra *e* hostes *e* de arrancada *e* de cavalaria *e* de besteiros (pronuncie *bés-têi-ros*) *e* de flecheiros *e* de ases *e* de trons *e* engenhos, disso sei eu mais a dormir do que vós acordado, mestre João das Regras" (Herculano).

b) As traduções vernáculas da Bíblia conservam a superabundância dessa partícula existente no original, donde o chamarem alguns autores *estilo bíblico* a exuberância da conjunção *e*. A repetição de uma conjunção em frases consecutivas chama-se *polissíndeto*.

c) Ao vocábulo *mais* dá-se às vezes o mesmo valor que à conjunção *e*, sobretudo em linguagem matemática ou familiar: "Dois *mais* dois são quatro" – "Pedro *mais* o irmão chegaram".

d) Entra em frases, unindo dois nomes, para indicar grande quantidade: "Levei horas *e* horas" – "Apareceram homens *e* homens".

(2) *a*) *Nem*, quando aditivo, supõe, antes, uma oração negativa e equivale analiticamente a "e não": "*Não* foi *nem* (= e não) deixou que outros fossem". Como a conjunção *nem* já equivale a "e não", é hoje condenada a anteposição do *e* ao *nem*: "Não foi *e nem* deixou..." – Só é possível dizer "e nem" quando o *nem* não exerce função coordenativa, como nestes exemplos: "Não foi e, nem que tivesse ido, não..." – "Ele não foi e nem por isso faltou à obrigação" – "Corriam alegres para a escola e nem sequer dos brinquedos de casa se lembravam" – "E nem da própria vida estou seguro".(*)

b) Quando repetido, o *nem* implica separação de ideias; diz-se então conjunção *alternativa*: "*Nem* um, *nem* outro" – "*Nem* para trás, *nem* para diante".

(*) V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "e nem".

que[4]

não só... mas também
tanto... como
assim... como
assim... quanto
assim... que

(5)

não só... como
não só... porém sim
não só... que também
não só... senão que
não só... senão também
não só... também

572 – ADVERSATIVAS são as que ligam orações de sentido adverso ou contrário:

mas[1] porém[2] todavia[3] contudo

---

c) *Nem* desempenha às vezes função adverbial: "*Nem* por sombra" – "*Nem* por isso" – "*Nem* tudo é bom" – "*Nem* sempre".

d) A locução conjuntiva *que nem*, de significação igual a *como*, só é usada hoje por pessoas incultas: "Ele caiu *que nem* uma pedra".

(3) *Também* é conjunção quando liga duas orações:

"Ele soube, *também* seria reprovado se não soubesse".

Funciona frequentemente como advérbio: "*Também* (adv.) *ali*" (adv.)

Não devemos confundir a conjunção *também* com a expressão *tão bem*:

"Isto está *tão* (adv.) *bem* (adv.) feito que merece ser publicado".

(4) *Que* é conjunção coordenativa aditiva quando equivale a "e": "Dize-me com quem andas, *que* (= *e*) eu te direi quem és" – "A mim *que* (= *e*) não a ele compete fazer isso" – "Mexe *que* (= *e*) mexe".

(5) São locuções conjuntivas, mas, observe-se, nem sempre se pode enquadrar uma locução de maneira rígida dentro de determinado tipo de conjunção, nem coordenativa nem subordinativa.

Exemplos: ...*não só* para mim *mas também* para você – *Tanto* ele *como* você podem... – "...O peso do açúcar, *assim* branco *como* mascavado – ...métodos, *assim* fáceis *quanto* seguros – ...escritores, *assim* antigos *que* modernos – *Não só* cortejavam *como* louvavam – ...impedido *não só* dos anos *porém sim* dos importantes negócios – ...sendo esse *não só* o dever dela *que também* a sua mais ardente vontade – *Não só* não trabalho comendo *senão que* mal as deixo comer – *Não só* os corpos *senão também* as almas padecem – *Não só* nos é preciso constância para sofrer, *também* necessitamos paciência para gozar.

572 – (1) *Mas* é o tipo das conjunções adversativas; indica, nitidamente, adversidade de ideia. À ideia de *ir* opõe-se a ideia de *voltar*; dizendo: "Ele foi, *mas* não voltou" – indicamos o contraste de ideias. Outros exemplos: "Davi escolheu o tempo da noite e assim chorava de noite, *mas* de dia não chorava" – "Entrou, *mas* não pôde sair".

(2) *Porém* é também adversativo, mas não tem a mesma força adversativa que *mas*, e do *mas* ainda se diferencia no seguinte: *Mas* sempre vem no rosto da oração (jamais se dirá: "Ele foi, não voltou *mas*"), ao passo que, atualmente, *porém* vem geralmente depois de iniciada a oração: "Pode ir; não se deixe, *porém*, levar pelas más companhias".

É arcaico e plebeu o emprego conjunto de *mas porém*: "*Mas porém* eu não vou". – *E porém*, *mas contudo*, *e contudo*, *e mas* são também combinações que os bons escritores evitam.

Quanto à vírgula, V. a nota do § 956.

(3) *Todavia* tem a mesma significação de *contudo*, *entretanto*, *no entanto*, *ainda assim*: "E ainda que com estes auxílios o inimigo não levante o cerco, *todavia* se lhe entorpecem as forças e encurtam as licenças".

senão[4] aliás[5] no entanto[6] entretanto ainda assim

573 – ALTERNATIVAS são as que ligam orações que indicam ideias incompatíveis ou alternadas. Enquanto as adversativas indicam oposição definida ("Foi, *mas* não voltou" – "Vai-te, *senão* morrerás"), as alternativas indicam separação vaga ou alternação: "*Ou* vai *ou* trabalha" – "*Quer* João, *quer* Pedro...". São alternativas as seguintes conjunções:

ou[1] ou... ou[2] já... já[3]

---

(4) *a*) *Senão* tem os seguintes significados: 1º – *de outro modo, de outra forma, do contrário*: "Confessa, *senão* morres" – "Não insistas, *senão* apanhas", 2º – *mas sim*: "Se tal disse, não foi com intuito de ofendê-lo, *senão* para adverti-lo". 3º – *a não ser, mais do que*: "Ele não se corrigirá *senão* apanhando" – "Não havia *senão* mulheres na sala".

Quando esses não forem os sentidos, *se* e *não* deverão ser escritos separadamente. Neste caso o *não* conserva todo o seu valor de advérbio de negação, e o *se*, unicamente o *se*, exerce a função de conjunção, que poderá ser substituída por outra conjunção sinônima: "*Se não* queres, não irei", o que equivale a dizer: "*Caso não* queiras, não irei", ou ainda: "Não querendo, não irei" – substituições estas impossíveis nos três casos de cima. Outros exemplos: "Homens iguais, *se não* superiores, temos hoje" (= se não forem; o *se* é conjunção condicional) – "Ganhando, *se não* a cor, o aspeto geral do resto da gente" – "Também um pouco, *se não* muito, amou os clássicos".

b) Quando de duas orações que se ligam e se combinam contiver a primeira a locução negativa *não só* ou *não somente*, a segunda oração será ligada à primeira pelas locuções adversativas *senão também, senão que, mas ainda, mas também, mas até*, ou simplesmente por *senão* ou *mas*: "O sol *não só* excede na luz a cada uma das estrelas e a cada um dos planetas, *senão* a todas e todos incomparavelmente" – "*Não só* é indigno da mercê, *senão também* da graça" – "Em tratando de mouros, ou infiéis, *não só* usa por sua conta, *senão que* atribui ao Apóstolo expressões violentas contra esses mesquinhos" – "*Não somente* a sua convicção, *mas* o seu amor próprio".

c) *Senão quando* é expressão que equivale a "mas, quando menos se esperava": "Caminhávamos, *senão quando* se apresenta um cavaleiro".

(5) *Aliás*, como advérbio, significa *de mais a mais, por outro lado, ou por outra*: "Pedido a que, *aliás*, não pude deixar de atender" – "Em fevereiro, *aliás*, em janeiro, fui ao Rio". Funcionando como conjunção, significa *de outro modo*: "Estuda, *aliás* não passarás nos exames".

(6) Hoje ou se diz *no entanto* ou *entretanto*; cai em desuso a forma *no entretanto*.

573 – (1) *Ou* é o tipo das conjunções alternativas. Há entre *e* e *ou* a seguinte diferença: A primeira estabelece ao mesmo tempo a junção de ideias e a junção material de palavras; a conjunção *ou*, muito pelo contrário, só é um elemento conectivo porque estabelece materialmente a junção de uma oração com outra; materialmente une, mas formalmente desune.

Ou deixa às vezes de indicar alternativa, para indicar distinção, equivalendo a *isto é, por outra forma* (V. a 5ª espécie, *explicativas*): "Um tostão *ou* cem réis", "Aristóteles *ou* o filósofo de Estagira" – ou para indicar possível substituição de uma coisa por outra: "Pode-se admitir a teoria física das emissões *ou* a das ondulações, porque ambas explicam os fenômenos caloríficos".

(2) Quando conjunção alternativa, o *ou* pode vir repetido: "*Ou* o pai *ou* o filho morrerá".

(3) *Já, ora, quer, quando, agora, seja* são conjunções alternativas que vêm repetidamente: "A criança *já* chora, *já* ri" – "*Quer* você queira, *quer* não queira..." – "*Ora* diz sim, *ora* diz não" – "*Quando* age deste modo, *quando* age daquele" (= umas vezes... outras vezes). Note-se a vírgula a separar essas orações alternativas.

seja... seja	quer... quer	quando... quando
ora... ora	agora... agora[4]	

574 – CONCLUSIVAS, ou **ilativas**, são as que ligam orações, exprimindo a segunda conclusão ou ilação da primeira:

logo[1]	portanto	enfim	conseguintemente
pois[2]	assim	por fim	consequentemente
então[3]	por isso[4]	por conseguinte	donde, por onde

575 – EXPLICATIVAS são as que ligam duas orações, explanando ou continuando a segunda o sentido da primeira:

ou isto é por exemplo a saber ou seja[1]

Aproveitamo-nos do ensejo para observar, embora a questão não se relacione propriamente ao caso, que não se deve em legítimo português dizer: "*Metade* da população vive a expensas do governo *e a outra metade* a pagar impostos" – pela mesma razão por que não se diz: "*Parte* dos alunos queria férias *e a outra parte* não queria" . O certo é "*Parte* queria férias, *parte* não queria" – "*Metade* vive do governo, *metade* para o governo". Lembremo-nos aqui do adágio: *A metade* do ano com arte e engano, e *a outra parte* com engano e arte (Domingos Vieira, *Tesouro da Língua Portuguesa*).

(4) V. § 526, n. 1.

574 – (1) Exemplo: "Ele bebeu, *logo* não pode conduzir o carro".

(2) Quando conclusivo, *pois* é pospositivo, isto é, vem depois de iniciada a oração: "Perdemos há poucos dias nosso pai; não podemos, *pois*, participar da festa". Quando causal, vem no rosto da oração subordinada: "Nenhum castigo mereço, *pois* nada fiz". No primeiro caso vem entre vírgulas, o que não se dá no segundo (§ 582, n. 3). *Pois* entra nas locuções adverbiais "*pois* sim" e "*pois* não" (§ 531, n. 3, ao pé da pág.). Outras vezes, entra em locuções interjetivas: "*Pois quê*!" – "*Ora pois*!" (V. § 582, n. 3.)

(3) Exemplo: "Ele nos avisou; devemos *então* esperá-lo".

(4) A ortografia oficial adotou a forma analítica para essa conjunção conclusiva: "Vou sair, *por isso* (= portanto) tenha juízo".

575 – (1) *Ou seja*, quando locução conjuntiva, equivale a "isto é" e é invariável; não se dirá: "Dois alqueires, *ou sejam*, 48 mil metros quadrados" – senão: "Dois alqueires, *ou seja*, 48 mil metros quadrados". (Compare-se com a conjunção italiana *ossia*.)

Note-se que "isto é", "a saber", "ou seja" vêm entre vírgulas na oração: "Aprendamos nosso idioma, *isto é*, fortaleçamos o mais sagrado laço de nossa nacionalidade" – "Morreu, *ou seja*, deixou de incomodar-nos".

verbi gratia[2]	depois[5]	demais
pois bem[3]	além disso	ademais
ora[4]	com efeito	ao demais
na verdade	outrossim[6]	de mais a mais
		demais disso

} [7]

Quanto às conjunções *que*, *porque* etc., V. nota 2 do § 582.

---

(2) Pronuncie *verbi grácia*; significa o mesmo que *exempli gratia*, *por exemplo*, *a título de exemplo*.

(3) Com força conclusiva equivale a "está bem", "seja assim".

(4) Exemplo: "O que é bom é amável; *ora*, ele é bom, logo é amável".

(5) Exemplo: "Não o empurrei; *depois*, não estava perto dele no momento da queda".

(6) *Outrossim* significa *ademais*, *igualmente*, *também*, *além disso*, *ao mesmo tempo*: "Nada lhe farei; não quero, *outrossim*, magoar sua família" – "Disse-lhe que o não fizesse; fi-lo *outrossim* ver a não razão de seu intento".

(7) Têm a mesma significação de *além disso*: "Não lhe obedeço; *demais*, esta ordem é ilícita".

Questionário

1. Quantas espécies de *conjunções coordenativas* existem? Definição e exemplos de cada espécie.
2. Que cuidado devemos ter no emprego da conjunção *nem*?
3. Que diz da locução conjuntiva *que nem*?
4. Faça uma oração ou período, no qual o *que* equivalha a *e*.
5. Quando podemos escrever *senão*, e quando devemos escrever *se não*, separadamente?
6. Construa duas orações, na primeira das quais *aliás* funcione como advérbio e, na segunda, como conjunção. Dê o sentido do *aliás* nas duas sentenças.
7. Qual o significado e o emprego de "outrossim", de "demais", de "por isso"?

CAPÍTULO 40

SUBORDINATIVAS

580 – As conjunções subordinativas distribuem-se em **dez** grupos, de conformidade com a ideia que trazem à subordinada; com exceção das *integrantes*, umas subordinativas podem indicar *tempo*, outras podem indicar *modo*, outras indicam *causa*, outras indicam *fim* etc., como passaremos a ver.

581 – INTEGRANTES: Assim se denominam as subordinativas *que* e *se*, quando iniciam subordinadas substantivas (§ 892 e ss.):

oração principal: QUERO (v. transitivo direto)
subordinada objetiva direta: QUE ESTUDES (QUE → conjunção integrante; ESTUDES: obj. dir. de *quero*)

oração principal: ISTO DEPENDE (v. transitivo indireto)
subordinada objetiva indireta: DE QUE SEJAS DILIGENTE (DE → (1); QUE SEJAS DILIGENTE: obj. ind. de *depende*)

oração principal: CONVÉM (v. intrans.)
subordinada subjetiva (sujeito): QUE ESTUDES (QUE → conjunção integrante; ESTUDES: sujeito de *convém*)

---

(1) Comprende-se perfeitamente a necessidade deste *de* antes da conjunção integrante; o verbo *depender* é transitivo indireto, e se constrói com a preposição *de*, a qual deverá interpor-se entre o verbo e o objeto. Fenômeno semelhante vimos com o pronome relativo *que* (§ 345, nota 3).

oração principal — subordinada objetiva direta

NÃO SEI — SE ELE SERVIRÁ

v. trans. dir. — obj. dir. de *sei*

conjunção integrante

Nota: O *que*, quando conjunção integrante, não raro vem elidido, principalmente em certas expressões como: "Forçoso lhe foi saísse" (= *que* saísse) – "É mister se entreguem" (= *que* se entreguem) – "Pediram-me fosse ver o menino" (= *que* fosse ver o menino). V. § 782, C, n. 1.

Quando o verbo da principal for transitivo direto, não poderemos colocar entre ele e a subordinada objetiva nenhuma preposição. Por isso é que é errado dizer: "Pedimos *para* que venha". *Pedir* é verbo transitivo direto (quem pede, pede *uma coisa*); portanto só poderemos dizer:

oração principal — subordinada objetiva direta

PEDIMOS — QUE VENHA

v. trans. dir. — obj. dir. de *pedimos*

conjunção integrante

O v. *pedir* só admite a preposição *para* quando o sentido for o de pedir licença, pedir consentimento, permissão, vênia: "O aluno pediu para sair".

O mesmo se diga de outros verbos volitivos (= que expressam vontade), entre os quais o v. *dizer*, quando usado com essa significação: "Diga a ele *que venha*" (e não: *para* que venha). V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "pedir que".

582 – CAUSAIS são as subordinativas que ligam duas orações, das quais uma depende da outra, como o efeito depende da causa; a que indica o efeito é a principal, e a que representa a causa é a subordinada:

porque(1) que(2) pois que(3)

---

(1) Exemplo: "Dei-lho *porque* me pediu". O *porque* era pelos clássicos empregado também como conjunção final (= para que), levando o verbo para o subjuntivo, conforme podemos ver neste exemplo de Camões:

Logo se emboscaram
Porque...
Nos *pudessem* mandar ao reino escuro.

Atualmente, na imprensa, a conjunção final *porque* vai sendo substituída por *para que*: "Faço votos *para que* seja feliz" – em vez de: "Faço votos *porque* seja feliz". – Não faltam, porém, autores contemporâneos, conhecedores do idioma, que empreguem o *porque* final, como nos prova este período, castiçamente redigido: "É a honra que nos compele a zelar *porque* o Brasil sobreviva" (V. § 587).

(2) Exemplos: "Não pôde reter as lágrimas o bom velho, não pôde, *que* elas vinham de um coração" – "Não mais, Musa, *que* a lira tenho destemperada" – "Cansado *que* fiquei, procurei apoio" (V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "que" – pág. 256).

A "Nomenclatura Gramatical Brasileira" traz: "As conjunções *que*, *porque* e equivalentes ora têm valor coordenativo, ora subordinativo; no primeiro caso, chamam-se *explicativas*; no segundo, *causais*".

Há nisso grave engano. Porque as causais explicam a causa, deixam de ser causais para ser explicativas? Quando se redige: "Não suba, que você cai", a subordinada constitui uma explicação, sem porém deixar de implicar motivo. Tanto aí como em "Não mais, Musa, que a lira tenho destemperada e a voz enrouquecida" o *que* (ou *porque* ou *porquanto* ou *pois* etc.) abre orações legitimamente causais. A admitir as causais como explicativas, forçoso se torna admitir como explicativas as finais, as temporais e ainda outras.

porquanto[4]	uma vez que	como[5]
já que	sendo que[6]	visto que[9]
por isso que[7]	dado que	
	desde que[8]	

583 – COMPARATIVAS: São o *que* (ou a locução *do que*) e outras palavras, quando ligam à principal uma subordinada que encerre comparação:

que (*do que*): "Dão-se os conselhos com mais boa vontade, *do que* geralmente se aceitam" (§ 265, c, n. 1) – "Sempre nos deleitamos mais em falar, *do que* os outros em nos ouvir" – "A atividade sem juízo é mais ruinosa *que* a preguiça".

Parece que o que houve foi terem dado à palavra "explicativa" o sentido lato de "declarativa", ou terem confundido conjunção com oração, ou gramática com filosofia. Se algo existe é cambiante de significação, não porém mudança de natureza de orações.

Veja-se ademais o pior: Se "que", quando tem valor subordinativo, é causal, vamos chamar "causal" o *que* do período "Gostaria *que* eles estudassem"? Se "que", quando tem valor coordenativo, é "explicativo", vamos chamar "explicativo" o *que* de "Mexe *que* mexe"?

(3) Exemplo: "O senhor rei não comungue, *pois que* não é justiceiro". – O *que* é às vezes suprimido: "Nenhum castigo mereço, *pois* nada fiz". *Pois que* funciona também como locução interjetiva, que denota espanto: *Pois quê!*

(4) *Porquanto* tem o mesmo significado de *visto que*: "Sair-me-ei bem, *porquanto a* sorte me tem sorrido" – "Isso não se faz, *porquanto* o proíbe o bom senso".

Não confundir com o "por quanto" de orações como: "...importância de quinhentos mil cruzeiros, *por quanto* adquiri a fazenda" (= total pelo qual).

(5) Exemplos: "*Como* ele faltou à palavra, julgo-me livre para agir" – "*Como* ontem choveu, não lhe posso entregar hoje o trabalho".

(6) *Sendo que* é locução conjuntiva causal, equivalente a "uma vez que", "dado que", "visto que", "porquanto" etc.: "*Sendo que* você não está bom, desisto da viagem".

Sem essa indicação de causa, a expressão não passa de mais um caso de abuso do gerúndio (§ 944, nota 2): "As frutas estão geralmente caras, *sendo que* as estrangeiras nem se podem comprar". O remédio é simples; por não encerrar ideia circunstancial nenhuma – nem de causa, nem de concessão, nem de nada – substitua-se o insosso "sendo que" por "e" ou por ponto e vírgula: "As frutas estão geralmente caras *e* as estrangeiras nem se podem comprar".

(7) Usam hoje com frequência esta locução conjuntiva, e vemo-la em Gonçalves Viana, em Carlos Góis. No latim, parece-nos, há expressão muito semelhante se não igual: "propter hanc causam quod" (V. Saraiva) é frase que literalmente se traduz *por essa razão que*. Ora, substituindo o *essa razão* por *isso*, temos com toda a segurança *por isso que*. Esta última expressão, vemo-la igualmente no latim "eo quod", frequente em César. Sua tradução literal é *por isso que*.

Devemos convir na legitimidade dessa locução conjuntiva, sem esquecer-nos de que significa *porquanto*, *porque*.

(8) Além de causal ("*Desde que* você não quer, deixaremos todos de ir"), pode ser temporal ("*Desde que* o mundo é mundo, o homem destrói a natureza") e condicional ("Irei *desde que* não chova").

(9) V. D. QVs, *Visto que*.

(tal) *qual*: Ficou tal *qual* dantes era.	(não só) *como*[1]
(tanto) *quanto*: Fez tanto *quanto* pôde.	(tanto) *como* } [2]
(tão) *quão*: Era tão inteligente, *quão* estudioso.	(tão) *como* } [2]

Notas: 1ª – "Tal qual" exige este cuidado: às vezes é locução conjuntiva, ou melhor equivale a uma só palavra, e isso se dá quando substituível por "tal-qualmente", forma esta consignada no "Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa" da Academia das Ciências de Lisboa: "Eles fizeram *tal qual* mandei"; às vezes cada um dos elementos conserva sua própria função adjetiva: "Praticou ações *tais quais* nunca foram praticadas" – "Os filhos são *tais qual* o pai" – "*Qual* pergunta farás, *tal* resposta terás" – "*Qual* é Maria, *tal* filha cria".

2ª – Não poucas vezes, *tal* deixa de vir expresso em tais orações: "Soldados briosos, *quais* são os portugueses, não usam coisas de faiança" – "Fui dos filhos aspérrimos da terra, *qual* Encélado..." (em vez de: Soldados briosos *tais quais* são os portugueses – Dos filhos aspérrimos da terra fui *tal* (filho), *qual* (filho foi) Encélado...).

3ª – Em construções como "*Antes* querem ao mar aventurar-se *que* nas mãos inimigas entregar-se" – "*Antes* sejamos breve *que* prolixo" – "Quero *antes* isto *que* aquilo", o *antes que*, que agora pode ser *antes do que*, não deve ser confundido com o "antes que" das orações temporais (§ 588).

584 – CONCESSIVAS são as que ligam indicando *concessão*. Suponhamos que alguém nos diga: "*Embora* vá de avião, você não alcançará o vapor". – A pessoa que assim nos diz *concede*-nos a possibilidade de tomar um avião, para dizer que, mesmo com essa concessão, não conseguiríamos alcançar o vapor. As conjunções que trazem ideia de concessão chamam-se *concessivas*:

embora	ainda que	posto que
quando	dado que	conquanto
quando mesmo	em que[1]	que[2]
mesmo que	por mais que	seja que... seja que
quer... quer	por menos que	com } + infinitivo[3]
	por muito que	sem } + infinitivo[3]
	por pouco que	
	se bem que	

583 – (1) É indiferente escrever: "*Não só* na grande imprensa *como* em vários escritores" e: "*Não só* na grande imprensa, *mas* em vários escritores". – Nenhuma diferença existe nem quanto à significação, nem quanto à pureza gramatical. Unicamente a análise das orações é que irá variar: *mas* inicia uma coordenada; *como* inicia uma subordinada comparativa: "*Não só* o operário deve ser protegido pelo governo, *mas* o patrão". – O "não só... mas" equivale a "como": "*Como* o operário, deve o patrão ser protegido pelo governo"; há nesse período duas orações, que assim podem ser desdobradas: "O patrão deve ser protegido pelo governo, *como* o operário é protegido pelo governo".

(2) Igual pureza gramatical existe em construções como: "*Tanto* Pedro *quanto* Paulo sabem a lição" e: "*Tanto* Pedro *como* Paulo sabem a lição".

584 – (1) Significa *conquanto*, *embora*: "*Em que* eu seja lavradora, bem vos hei de responder" – "*Em que* pese a meu pai, não serei médico".

EXEMPLOS: *Conquanto* estudasse, não conseguiu aprender – *Quando mesmo* te laves em água de nitro, não te limparás – *Seja que* ele obedeça, *seja que* ele desobedeça, castigá-lo-ei – *Por menos que* puxes, arrebentarás a corda – *Quando* esta resolução não tivera anos de propósito, bastava que tivesse dias de discurso.

585.0 – CONDICIONAIS são as que ligam duas orações, pondo a subordinada em relação de condição, de hipótese, de suposição para com a principal:

se	contanto que	a não ser que
salvo se	com tal que	a menos que
exceto se	caso	sem que
		suposto que

EXEMPLOS: *Se* ele quiser, irei – Voltarei domingo, *salvo se* aparecerem outros negócios – *A não ser que* proíbam, haverá sábado um comício monstro – Irei, *contanto que* me paguem a viagem – Pedro não se curará, *a menos que* eu esteja enganado (= *a não ser que* eu esteja enganado) – Irei, *caso* não chova.

Notas: 1ª – Não devemos confundir *se* conjunção com *se* pronome:

"Se *se* *pretender* *isso..."*
↓ ↓
conjunção
pronome apassivador (§ 391,2)

2ª – *Sem que* pode ser concessivo (Foi condenado *sem que* pudesse defender-se = embora não, conquanto não) e condicional: *Sem que* respeitemos o próximo não poderemos considerar-nos civilizados (= a menos que, a não ser que, se não) – V. n. 3 (ao pé da pág.) do § 584 e a nota 8 do § 585.5.

3ª – *Suposto que* tem também função concessiva, mormente entre clássicos: "Suposto que a culpa merecia mais compaixão, resolveram aterrá-lo com ameaças".

585.1 – O conjunto da condicional com a principal chama-se PERÍODO HIPOTÉTICO.

A subordinada condicional chama-se **prótase** (do verbo grego *proteíno* = propor, pôr em questão); é a que *propõe* a condição para que se realize a ação principal.

---

(2) A conjunção *que* é concessiva em frases como a seguinte: "Pedro não tem dinheiro, e *que* tivesse, não se meteria em empresa arrojada" – onde a conjunção *que* tem o mesmo sentido que *ainda que*, *concedido que*. – Outros exemplos: "Escrever para os outros não sei, nem *que* o soubera o faria" – "O lugar não tinha nenhuns meios de defesa, e *que* os tivesse, são os Paravás gente branda".

(3) As preposições *com* (na afirmativa) e *sem* (na negativa) têm elegantemente o valor de *concessivas* quando seguidas de verbo no infinitivo: "*Com ser* escravo (= *embora* fosse escravo), tinha pensamento de homem livre" – "...e, *com serem* aqueles algozes tão descorteses e cruéis, nenhum se atreveu a tocar-lhe nem a perder-lhe o respeito" (= *conquanto* fossem) – "*Com ser* sábio, não deixa de errar" – "*Sem ser* escravo, obedecia" (= *embora não* fosse escravo...). O *sem* pode vir com *que* e subjuntivo: *sem que fosse escravo.*

A principal chama-se **apódose** (do verbo grego *apodídomi* = definir); é a que *define*, *determina* a ação.

PERÍODO HIPOTÉTICO

Se queres a paz, — subord. condicional, PRÓTASE (propõe)

prepara a guerra — principal, APÓDOSE (determina)

585.2 – Três diferentes hipóteses existem: **real**, **possível**, **irreal**.

585.3 – **Real**, quando existente o fato: Se és homem..., Se Deus existe..., Se queres a paz...(a condição existe, é real ou tida como real: tu és homem, Deus existe, tu queres a paz). O "se" equivale, então, a "já que", "uma vez que", ou seja, a condicional corresponde a uma causal, e o verbo fica no **indicativo** (menos no futuro, que é substituído por uma locução verbal que encerre futuridade: "Se todos nós *vamos morrer*, você não será exceção" – e não "Se todos nós morreremos..."), e também no indicativo ou no imperativo fica o verbo da principal:

Se você não *quer*, não *insisto* – Se você *tinha* pressa, eu também *tinha* – Se *fiz*, foi porque *quis* – Se *lia* muito, *era* porque tinha tempo – Se eu *sabia*, também você *podia* saber – Se *vou* ao teatro, *é* porque gosto – Se você assim *quer*, *cuide* de sair logo – Se eu *posso*, você *poderá* – Se eu *pude*, você *poderá*.

Nota: Construções como "Se vou ao teatro, *é porque* gosto", "Se cheguei tarde, *foi porque* o trem se atrasou", "Se lia muito, *era porque* tinha tempo" constituem períodos formados de uma condicional de hipótese real e uma principal em que o verbo *ser* tem o significado de *suceder*, *acontecer*: Se vou ao teatro, (isso) é (sucede) porque gosto – Se cheguei tarde, (isso) foi (sucedeu) porque o trem se atrasou – Se lia muito, (isso) era (acontecia) porque tinha tempo.

O verbo *ser* tem realmente, entre muitos outros, o sentido de *suceder*, *acontecer*: "E se isto sucedeu no paraíso, cá fora que *será* senão o mesmo?" (Vieira) – A análise só poderá ser feita diante dessa equivalência.

585.4 – **Possível**, quando provável, admissível o fato. O verbo da condicional ou vai para o **subjuntivo imperfeito** (Se eu *quisesse*, se eu *fosse*, se ele *dissesse*) e o da principal para o futuro do pretérito (antes chamado "condicional" em nosso idioma e ainda hoje em outros), ou vai para o **subjuntivo futuro** (se eu *quiser*, se eu *for*, se ele *disser*) quando a hipótese encerrar ideia de possibilidade futura, e então o verbo da principal vai para o futuro – simples ou composto – do indicativo ou fica no presente, usado pelo futuro, ou no imperativo:

Se eu *quisesse*, eu *iria* – Se eu *tivesse querido*, eu *teria ido* – Se eu *fosse*, *teria* de deixar outras coisas – Eu *faria*, contanto que me *deixassem*.

Se eu *quiser* ir, não *irei* precisar de nada – Se eu *for*, *avisarei* – Se ele *disser* sim, *pode* comprar – Se ele não *quiser*, não *insista* – Se *fizermos* o contrário, *teremos conseguido* o nosso triunfo – Se ele *disser* não, eu *volto* atrás – Se ele *insistir*, *comunique-se* comigo.

Notas: 1ª – Não se usa o futuro do subjuntivo a não ser com "se" ou locução que o contenha: Se não *puder*, exceto se não *puder*, salvo se não *puder*. Com "caso" e outras palavras ou locuções condicionais usa-se o presente: Caso *chova*, não irei (ou "não vou", presente pelo futuro) – Vou preparar-me para a nossa viagem, a menos que você *desista* – Vou contanto que ele também *vá* – A não ser que *chova*, irei estar aí às 10.

Já ficou observada a inexistência do futuro do subjuntivo em outros idiomas e no próprio latim (§ 419, n. 4).

2ª – Com efeito enfático, pode o presente do indicativo vir em lugar do fut. do subj.: "Se *avanças*, morres".

585.5 – Irreal, quando verdadeiramente inexistente o fato: Se eu tivesse morrido, se eu fosse anjo. O verbo da condicional vai para o subjuntivo imperfeito ou mais-que-perfeito, e o da principal para o futuro do pretérito simples ou composto: Se eu *pudesse* falar, não *estaria* escrevendo – Se eu *tivesse podido* falar, não *teria escrito* nem *estaria* outra vez escrevendo.

Notas: 1ª – Na hipótese possível e na irreal, podemos elegantemente omitir a conjunção condicional quando a condicional expressa uma eventualidade no passado de consequência certa expressa na principal: Tivesse eu estudado, teria passado.

Essa justaposição de orações exige a posposição do sujeito ou a sua eliminação: Fosse comigo, a coisa teria sido outra – Pudesse falar, não estaria escrevendo (V. § 795, d).

2ª – Ainda na hipótese possível e na irreal, era comum na linguagem antiga o mais-que-perfeito do indicativo na prótase e na apódose: Se eu *pudera* não *ficara* – Mais eu *pudera*, mais *fizera* – Se tu *houveras* estado aqui não *morrera* meu irmão.

Na linguagem clássica a liberdade era ainda maior, aparecendo o imperfeito na principal: Se este documento fosse universal, *estava* achado o meio – ...e nem que pinto fora, assim *piava* – Se ele vivesse, não *existias* tu agora.

A substituição pelo mais-que-perfeito se consagrou em certas expressões hipotéticas e optativas: *Prouvera* a Deus! – Quem me *dera*! – *Pudera*! – *Tomaram* eles poder vê-la na forca! – *Tomara* que caia.

3ª – Também de uso clássico, conservado até hoje em qualquer dos três tipos de hipóteses, é a construção da oração condicional com um infinitivo antecedido de *a*: *A* não *ser* assim (Se não fosse assim), eu estaria perdido – *A ser-me* isto vedado (hipótese real: Se isto me é vedado), contento-me com o prazer bebido nas ficções de Virgílio – *A* não se *tratar* de um miserável, só duas forças seriam capazes de...

4ª – Ainda mais: Pode a oração condicional ser substituída por verbo no subjuntivo antecedido de *que* (por vezes elidido): *Que se levante* a mais ligeira brisa (Se se levantar...), basta o seu macio bafejo para encrespar a superfície espelhada do mar – *Haja*, porém, um excesso de ácido, a albumina não se separará.

5ª – Orações reduzidas participiais e gerundiais podem indicar condição: Devidamente *preparado*, você poderá enfrentar a situação – *Estudando* de forma inteligente, o assunto se tornará fácil.

6ª – Procedeu como se fosse dono – Quebraram tudo como se fossem bárbaros: Em períodos assim formados (o v. pode estar no mais-q.-perfeito do indicativo), o "como" abre uma oração conformativa (em que se subentende o mesmo verbo da principal no fut. do pretérito) e o "se" é que abre a condicional:

Procedeu como (procederia) se fosse (fora) dono.

↓ ↓

advérbio conjuntivo (= do mesmo modo que, da mesma forma que) — conj. condicional

↑ ↑

Quebraram tudo como (quebrariam) se fossem (foram) bárbaros.

7ª – Em "se é que" o "é que" é meramente expletivo (§ 784, n. 5): Você pode sair já, se é que você quer! – O verbo no indicativo, aceitando-se a hipótese como real.

8ª – Conjunções que normalmente encerram outras ideias (tempo, concessão etc.) podem aparecer com força condicional: Você irá ao cinema *desde que* esteja (se estiver) com o serviço em dia – *Sem que* eu recorde tudo (se eu não recordar tudo), não irei tranquilo para o exame.

586 – CONSECUTIVA – Denomina-se conjunção consecutiva o *que*, quando exigido por *advérbio* ("Isto está *tão* bem feito *que* merece ser publicado" – "*Nunca* pensei naquele caso, *que* não me lembrasse de você"), por *adjetivo* ("*Tamanha* era sua sorte, *que* todos os dias ganhava") ou por *locução* de sentido correlativo: "Guarde isto *de jeito que* não se quebre" – "*De tal modo* avançou, *que* se entregou à morte".

O *que*, nesses casos, denota sempre consequência, razão por que se denomina conjunção *consecutiva*. Note-se, todavia, que a palavra ou locução de sentido correlativo pode vir apenas implícita: "Correu *que* parecia vento".

Nota: Nenhum aluno, no estudar nossas conjunções ou no manusear lídimos escritores nossos, terá visto, pluralizadas, locuções conjuntivas como estas: *de maneira que*, *de forma que*, *de sorte que*, *de molde que*, *de jeito que*. Assim foi sempre, e não, como algumas vezes desavisadamente procedem os que falam português, *de maneiras que*, *de formas que*. O substantivo que em semelhantes locuções conjuntivas entra deve ficar no singular.

Acontece, porém, que tais locuções aparecem barbaramente transformadas em *de maneira a*, *de forma a*, *de modo a*, torcendo a construção portuguesa para um modo de dizer que não é nosso. Disfarçando a construção francesa, misturam-na outros com a portuguesa, e então nos oferecem este hibridismo sintático: *de modo a que*, *de forma a que*, *de maneira a que*. Tirando da frase o disfarce da francesia, ou seja, o "a", teremos vernácula a construção.

Elucidemos o assunto com exemplos da construção afrancesada, acompanhados da correspondente portuguesa: Voltou o rosto de modo a não ser visto de frente – Voltou o rosto *de modo que não fosse* visto de frente. Procede ele de forma a não saber eu se... – Procede ele *de forma que não sei se*... (Há, na frase, evidente elipse de *tal*, sendo o *que* conjunção consecutiva: *de tal forma que*.) O trabalho deve ser de maneira a conseguir... – O trabalho deve ser *de maneira que consiga*...

Fujamos, pois, com real proveito para o vernáculo e, muitas vezes, para maior compreensão e beleza do pensamento, das locuções *de forma a*, *de jeito a*, *de modo a*, *de molde a*, *de maneira a*, *de natureza a*, *de sorte a*, *de arte a*. Construamos como Camilo: "Tem ela os olhos *de jeito e molde que*...".

587 – FINAIS são as que ligam exprimindo circunstância de fim:

para que a fim de que[5] porque[5]
que (= para que)

EXEMPLOS: Tudo fizemos *para que* ele sarasse – Tu que as gentes da terra toda enfreias, *que* (= para que) não passem o termo limitado – Ao rei presentes manda, *porque* (= a fim de que) a boa vontade tenha firme – *Porque* sofra menos é que iremos dar este remédio (§ 582, n. 1).

588 – TEMPORAIS são as que ligam duas orações, trazendo ideia de tempo para a subordinada:

quando	enquanto[4]	que[1]	
apenas	logo que	depois que	senão quando[3]
mal [2]	até que (§ 904)	assim que	ao tempo que
desde que (§ 113, C)	antes que	sempre que	ao passo que[4]

EXEMPLOS: Eu sairei *quando* ele entrar – *Enquanto* a vara sobe e desce, as costas folgam – Não o vi *desde que* se empregou – Trabalhe *até que* eu mande parar – Recolha a roupa *antes que* chova – Afastei-me *assim que* o vi – *Ao passo que* você ia, eu vinha – Trabalharão *enquanto* eu quiser – Assim se compunha a devota matrona com a sua consciência *ao passo que* aliciava o chocarreiro para a ajudar.

589 – PROPORCIONAIS são as que ligam dando à subordinada, geralmente colocada em primeiro lugar, paridade, aumento ou diminuição de ideia, comparada com a expressa na principal:

---

(1) Temos visto as diversas funções do *que*. Encontramo-lo agora como conjunção subordinativa temporal, função que exerce quando a frase encerra ideia de tempo: "Já cinco sóis eram passados, *que* dali nos partíramos" – "Foi então *que* nós dissemos isso" – "Há mais de sessenta anos *que* nasci" – "Hoje, *que* a primeira febre e os ódios injustos da insurreição estão passados, pode-se já...".

(2) *Apenas* e *mal* são advérbios que passam a ser conjunções quando atam duas orações: "Ele saiu, *apenas* eu cheguei" – "*Mal* desembarcou, começou a estudar".

Quando não ligam orações, *apenas* e *mal* são advérbios: "Vou *mal*" – "*Apenas* gemeu".

(3) Veja a nota 4 do § 572.

(4) Tem muitas vezes sentido adversativo: "João é estudioso, *enquanto* ou *ao passo que* Antônio não é".

Diz-se "ao passo que", mas não se diz "enquanto que"; o certo é: "Você se saiu bem, *enquanto* eu me saí muito mal" (ou: "Enquanto você se saiu bem, eu me sai muito mal").

(5) V. *a fim de*, *por que* no D.QVs.

subordinada		*principal*	
quanto	mais	tanto	mais
	menos		menos
	maior		maior
	menor		menor
	melhor		melhor
	pior		pior

à medida que

à proporção que

EXEMPLOS: *Quanto mais* ganhavam, *tanto mais* pediam – *Quanto mais* eu viajava, *tanto menos* pensava em voltar – *Quanto mais* madrugares, *tanto mais* saúde terás – Ele melhorava *à medida que* o frio diminuía.

Nota: O primeiro elemento *tanto* pode ser omitido: *Quanto mais* vão medrando as enormidades, *mais* se impõe a exigência de agravá-las – *Quanto mais* difícil for a subida, *mais* rejubilará minh'alma.

590 – CONFORMATIVAS são as que ligam indicando semelhança, paralelismo, conformidade de ideia:

como conforme consoante segundo da mesma maneira que

EXEMPLOS: Ele agiu *como* pedi – Faça *conforme* o seu pai disse – Todos se vestem *consoante* veem no cinema – Faça *segundo* eu digo, não *segundo* eu faço.

Questionário

1. Quantas espécies de conjunções subordinativas existem? (Clareza nas definições; citação completa das conjunções nas suas diferentes espécies; explicação completa e clara das *integrantes*.)

2. Construa um período em que entre a subordinativa causal *porquanto*.

3. Construa três períodos, empregando em cada um deles as concessivas *conquanto*, *em que*, *que*.

4. *Com* pode ter força de conjunção? Quando? Exemplo.

5. Construa um período em que entre a subordinativa condicional "a menos que".

6. Preencha os claros destes períodos hipotéticos com os verbos indicados entre parênteses:

a) (reter) Ele poderia falar contanto que o choro.

b) (ver) Ficarei contristado se você fumando novamente.

c) (convir) Faria o negócio com tal que à firma.

7. Construa um período em que entre a subordinativa final *que*.

8. Construa quatro períodos, em dois dos quais o *como* funcione como conjunção *conformativa*, e noutros dois como conjunção *causal*.

9. Há diferença de pureza gramatical entre "tanto... quanto" e "tanto... como" ?

10. Quais as três hipóteses que a prótase pode encerrar? (Dê um exemplo de cada uma.)

11. Qual a diferença de significação entre "Se ele quer estudar medicina, deverá (deve)..." e "Se ele quiser estudar medicina, deverá (deve)..."?

12. Com relação à hipótese, que significa "Se ele quisesse estudar medicina, deveria..."?

13. Que hipótese encerra o período "Tivesse eu morrido, meu filho teria continuado meu trabalho"?

14. Que está elidido no período da pergunta anterior?

15. Que diz do período "Mais fizera se mais tivera ajuda"? (§ 585, n. 2.)

Quando conhecer todas as nossas conjunções, distinguindo o significado e o emprego de cada uma, você escreverá com beleza e correção que poucos escritores têm atualmente. Estas lições devem ser recordadas durante grande parte de sua vida.

CAPÍTULO 41

INTERJEIÇÃO

595 – **Interjeição** é a palavra ou a simples voz, ou, muitas vezes, um grito, que exprime de modo enérgico e conciso não já uma ideia, mas um pensamento, um afeto súbito da alma; a interjeição vem a ser a expressão sintética do pensamento, podendo desdobrar-se numa oração; assim, o grito de *Socorro!* equivale à oração "Acudam-me". *Cáspite!* equivale a "Eu admiro". *Ai!* equivale a "Tenho dor".

Muito pouca importância tem esta classe de palavras; além da divisão e de algumas notinhas, nada mais há que sobre ela dizer.

596 – Quanto à *significação*, as interjeições dividem-se de acordo com o sentimento que exprimem:

1 – *dor*	– ai! ui!
2 – *alegria*	– ah! eh! oh![1]
3 – *desejo*	– oxalá! tomara!
4 – *admiração*	– puxa! cáspite! safa! quê!
5 – *animação*	– eia! sus! coragem!
6 – *aplauso*	– bravo! apoiado!
7 – *aversão*	– ih! chi! irra! apre!
8 – *apelo*	– ó[2], olá! psit! pitsiu! alô! socorro!

(1) "De todas as exclamações nenhuma se apresenta com uso tão frequente e sentido tão variado como a interjeição *oh!*. Basta modificar o tom de voz para cada caso particular e ela denotará alegria, tristeza, pavor, nojo, espanto, admiração, dor, piedade etc." (Said Ali).

(2) Esta interjeição, que entra facultativamente no vocativo, não admite depois de si o ponto de exclamação: "*Ó* menino, não faças isso" – O *ó* de apelo não deve ser confundido com o *oh!* de admiração; este, sim, admite e sempre requer o ponto de exclamação: "*Oh!* que maravilha!".

9 – *silêncio* – psit! psiu! caluda!
10 – *interrogação, espanto* – hem!

Notas: 1ª – A conjunção *que* aparece como partícula expletiva, conseguintemente sem nenhuma função sintática, depois de várias interjeições: "Oxalá *que* ele venha" (= Oxalá ele venha) – "Oh! *que* não sei como tive mão em mim".

2ª – Há interjeições que são *onomatopaicas*, isto é, indicam na pronúncia o que significam: *zás-trás*, *chape*, *tchim-bum*, *piá*.

3ª – Com exceção do *ó* de apelo, as interjeições requerem o ponto de exclamação, mas *oxalá*, *tomara* e *olá* só o exigem quando isolados ou em fim de oração ou de frase.

597 – LOCUÇÃO INTERJETIVA: Certas interjeições aparecem sob a forma de *locuções*: *aqui d'el-rei!* (= acudam aqui os oficiais do rei), *pobre de mim!*

Questionário

1. Que é *interjeição*?
2. Como se dividem as interjeições?
3. Entre *ó* e *oh!* que diferença existe?
4. Analise o *que* da expressão "Oh! *que* maravilha!"
5. Que são interjeições onomatopaicas?

CAPÍTULO 42

ANALOGIA VOCABULAR

600 – Em conclusão ao estudo das classes das palavras, veremos certas relações entre os vocábulos de nosso idioma.

Analogia de função

601 – Em primeiro lugar notamos certa relação analógica, isto é, de semelhança, entre as classes de palavras; se as considerarmos quanto à *função*, obteremos três grupos: um de palavras *nominativas*, outro de palavras *modificativas* e um terceiro de palavras *conectivas*.

1º – Palavras *nominativas* são as que têm por função nomear os seres; tais são o *substantivo* e o *pronome*.

2º – Palavras *modificativas* são as que têm por função *modificar* outras palavras; tais são o *adjetivo*, o *verbo* e o *advérbio*.

3º – Palavras *conectivas* são as que têm por função ligar ou relacionar outras palavras entre si; tais são a *preposição*, a *conjunção*, o *verbo de ligação*, o *pronome relativo* e o *advérbio relativo*.

Analogia de forma e significação

602 – Há entre as palavras relação entre a *forma* (= *aspeto*, *modo* com que a palavra se apresenta à vista ou ao ouvido) e a *significação* (= *sentido*, *ideia* que a palavra encerra). Consideradas sob tal aspeto, as palavras podem ser *homônimas*, *parônimas*, *sinônimas* e *antônimas*.

603 – HOMÔNIMAS[1] são palavras iguais na forma e diferentes na significação. Como, porém, a forma pode relacionar-se já ao ouvido, já à vista, temos duas espécies de palavras homônimas: homônimas *homófonas* e homônimas *homógrafas*:

a) **Homônimas HOMÓFONAS** (gr. *phonê* = som) são as que têm som igual e significação diferente[2]:

acender (atear fogo) – ascender (subir)
acento (icto da voz) – assento (banco)
acerto (ato de acertar) – asserto (afirmação)
acessório (q. não é fundamental) – assessório (auxiliar)
apressar (dar pressa a) – apreçar (dar preço de)
área (superfície) – ária (cantiga)
bucho (estômago) – buxo (planta)
caça (do v. *caçar*) – cassa (tecido; do v. *cassar*)
caçar (apanhar) – cassar (anular)
cartucho (invólucro) – cartuxo (frade da Cartuxa)
cédula (bilhete) – sédula (cuidadosa)
cegar (privar da vista) – segar (ceifar)
cela (cubículo) – sela (arreio)
cerrar (fechar) – serrar (cortar)
cessão (ato de ceder) – seção (divisão) – sessão (reunião)
cesta (caixa de vime) – sexta (6ª)
cheque (ordem de pagamento) – xeque (lance de xadrez)
concelho (município, distrito) – conselho (opinião, aviso; corpo de pessoas)
concerto (harmonia, simetria) – conserto (remendo)
coser (costurar) – cozer (cozinhar)
hera (planta) – era (do v. *ser*; época)
incipiente (principiante) – insipiente (ignorante)
laço (laçada) – lasso (frouxo)
paço (palácio) – passo (ato de andar)
remição (resgate) – remissão (indulgência, perdão)
russo (da Rússia) – ruço (pardacento)
sede (assento) – cede (do v. *ceder*)
senáculo (lugar de sessões) – cenáculo (lugar de ceia)
silha (assento) – cilha (cinta)
sisa (imposto de transmissão) – cisa (corte)
tenção (propósito) – tensão (expansão)
testo (tampa de barro) – texto (tratado)
vês (do v. *ver*) – vez (ocasião)

---

(1) *Homônimo* é palavra composta dos elementos gregos *homós*, que quer dizer *igual* (*homo*métrico = de medida igual) e *ónymon*, que significa *nome*.

Assim se diz: *ascender* é homônimo de *acender*; *acento* é homônimo de *assento*; erraremos se dissermos: *ascender* é homônim*a* de *acender*.

(2) Explicações pormenorizadas dos homônimos e dos parônimos encontram-se no *Dicionário de Questões Vernáculas*.

b) **Homônimas HOMÓGRAFAS** (do gr. *grápho* = escrever) são palavras que têm escrita (forma gráfica) igual e significação diferente, notando-se que as vogais podem ter som diferente, bem como pode ser diferente o acento da palavra; o que importa é que se escrevam com as mesmas letras e tenham significação diferente:

leste (do v. *ler*) – leste (oriente)
sede (vontade de beber água) – sede (residência)
cara (rosto) – cará (planta)
pego (macho da pega) – pego (do v. *pegar*; abismo)
lobo (animal) – lobo (saliência; pronuncie *lóbo*)
sábia (fem. de *sábio*) – sabia (do v. *saber*) – sabiá (pássaro)

Nota: Duas ou mais palavras podem ao mesmo tempo ser homônimas homógrafas e homônimas homófonas:

mole (colosso) – mole (brando)
amo (patrão) – amo (do v. *amar*)
trago (sorvo) – trago (de *tragar*) – trago (de *trazer*)
vimos (do v. *ver*) – vimos (do v. *vir*)
fui (perf. de *ir*) – fui (do v. *ser*)
canto (do v. *cantar*) – canto (ângulo)
mato (do v. *matar*) – mato (bosque)
livre (do v. *livrar*) – livre (solto)
atestar (= provar) – atestar (= abarrotar)

604 – PARÔNIMAS: Assim se denominam as palavras de significação diferente, mas de forma parecida, semelhante:

adaga (arma branca) – adarga (escudo)
apreciar (dar apreço) – apreçar (ajustar preço)
comprimento (extensão) – cumprimento (execução; saudação)
deferimento (concessão) – diferimento (adiamento)
despercebido (desatento) – desapercebido (desprevenido)
descrição (ato de descrever) – discrição (reserva, modéstia)
descriminar (absolver) – discriminar (distinguir)
despensa (cômodo para mantimentos) – dispensa (desobrigação)
devisar (planejar) – divisar (avistar)
dessecar (tornar seco) – dissecar (cortar)
emergir (vir à tona) – imergir (mergulhar)
emigrar (sair do país) – imigrar (entrar no país)
eminente (alto, excelente) – iminente (ameaçante)
entender (compreender) – intender (superintender)
invicto (sempre vitorioso) – invito (involuntário)
flagrante (evidente) – fragrante (aromático)
moleta (instrumento) – muleta (bordão)
sucessão (sequência, transmissão) – secessão (separação)

torvo (que infunde terror) – turvo (escuro, toldado)
tráfego (condução) – tráfico (comércio ilícito)
treplicar (refutar com tréplica) – triplicar (tornar três vezes maior)
vultoso (de grande vulto) – vultuoso (atacado de uma doença chamada vultuosidade)

605 – SINÔNIMAS são palavras diferentes na forma, mas iguais ou semelhantes na significação; se a significação é igual, os sinônimos dizem-se *perfeitos* (o que é raro); se semelhante, *imperfeitos*.

a) *Sinônimos perfeitos*: léxico, vocabulário; avaro, avarento; falecer, morrer; escarradeira, cuspideira; língua, idioma; alfabeto, abecedário.

b) *Sinônimos imperfeitos*: córrego, riacho; sábio, erudito; belo, formoso; bondoso, caridoso.

Nota: Ao emprego exagerado de sinônimos – vício frequente em vanilóquios – dá-se o nome *datismo*.

606 – ANTÔNIMAS são palavras diferentes na forma e opostas na significação: vida, morte; bem, mal; levantar, abaixar; levar, trazer; sim, não; nascer, morrer.

607 – As palavras podem ser empregadas em sentido *próprio*, natural, e em sentido *translato*, figurado. Assim, *céu* no sentido próprio designa espaço indefinido em que se movem todos os astros; quando, no entanto, dizemos "*céu* da boca", empregamos a palavra *céu* em sentido figurado, em sentido translato (entra em função a analogia sematológica: § 621). Outros exemplos:

sentido próprio	**sentido figurado**
clamar (soltar altas vozes)	o crime *clama* castigo
coração (órgão do corpo)	o *coração* da cidade
escória (o que sobra do metal quando se purifica)	a *escória* da sociedade
maçã (fruta)	*maçã* do rosto
raio (de luz)	*raio* da roda

V. *Analogia* no índice analítico.

Questionário

1. Faça um quadro sinótico do estudo da *analogia vocabular* – Dê a definição e alguns exemplos das várias divisões.

2. Corrija os seguintes textos:

a) Minha boa e inolvidável amiga! Não tenho palavras para agradecer-te os momentos de imenso prazer que me alegrastes a tarde do domingo. Creias que nunca, nunca, senti-me tão feliz. Recebas o coração da tua companheira. (Tratamento: *tu*.)

b) Habituei-me as preciosas lições de meu pai, onde sempre deparei com exemplos morais admiráveis.

c) A leitura que mais prefiro? Os artigos do Dr. X, um membro da academia.

d) Aqui tem coisa! ia ele dizendo de si para si.

e) A questão que me propusestes é dificilíssima. Você pensa que eu sei muito, mas eu nunca te disse isso.

f) Ernestina, fizestes dois erros. Como uma coisa tão simples te passou desapercebida?

g) Não comprai sedas antes de verem os nossos preços. (Tratamento: *vós.*)

CAPÍTULO 43

ETIMOLOGIA

610 – Etimologia (gr. *étymos* = verdadeiro + *logia* = estudo) vem a ser o estudo dos *étimos*, isto é, das fontes de nossos vocábulos.

Nosso idioma, na quase totalidade, originou-se lenta, progressiva e ininterruptamente do latim; na ordem de semelhança com o latim, são estas as línguas *neolatinas* ou *românicas* (de *Roma*), assim denominadas por provirem do latim, que se diz *língua mãe* ou *língua matriz*; dada a oportunidade, estão também citadas as línguas *indo-europeias*.

Tronco indo-europeu (*ariano*)
- 1) Sânscrito
- 2) Armênio
- 3) Teutônico
- 4) Baltoeslávico
- 5) Celta
- 6) Grego
- 7) **Latim**
  - 1) Romeno ou Valáquio (da Romênia)
  - 2) Dálmata (da Dalmácia)
  - 3) Provençal (da Provença)
  - 4) Francês
  - 5) Sardo (da Sardenha)
  - 6) Italiano
  - 7) Espanhol (ou Castelhano)
  - 8) Galego (da Galiza)
  - 9) **Português**

611 – "Esse idioma latino, fonte donde promana a nossa língua, a princípio simples dialeto falado, sem escrita nem literatura, como o eram o *úmbrico*, o *osco*, o *samnita*, o *volsco* e o *sabino*, foi assim chamado do nome *Latium*, humilde, obscuro e pequeno território da *Itália Meridional*,

berço da nação romana, que, por seu poder, por sua grandeza sempre crescente, por seus brilhantes destinos, por sua política sagaz, perseverante, ambiciosa e absorvente, lançou a rede de suas conquistas sobre o mundo civilizado ocidental e fez do humilde e vulgar dizer do *Lácio* a língua que se desenvolveu e cresceu, à medida do desenvolvimento do povo romano, *populum late regem*, de que era instrumento, tornando-se no decurso do tempo a bela, a rica, a pomposa língua latina, esplendidamente vestida e ornada como uma rainha.

Assim é que essa língua estendeu o seu domínio por toda a Itália, pela Córsega, pela Sicília, pela Sardenha, pela Espanha, fazendo desaparecer a língua indígena dos iberos, cujos destroços ainda porventura se rastreiam no *vasconço* ou *êuscaro*, falado em alguns distritos montanhosos do sudoeste da França; percorreu a Gália, a Suíça ocidental e meridional e certas circunscrições da Suíça oriental, as bacias do Mediterrâneo e do Danúbio.

O latim, origem dos idiomas românicos, pertence à grande família das línguas *indo-europeias* ou *arianas*, oriundas do antigo *aríaco*, língua hoje perdida, que era falada pelos arianos, raça inteligente, poderosa e fecunda de pastores e lavradores a um tempo, cujo berço se supõe ter sido a elevada planura central da Ásia *Bactriana* e *Sogdiana*, como chamavam os antigos, donde, como raios divergentes, partiram várias tribos em direção à Europa e ao sul do continente, levando consigo e transmitindo sua língua, seus costumes, suas crenças, sua civilização e constituindo, conforme as diversas regiões que iam conquistando e onde se fixavam, outros tantos núcleos de povoações novas, que, em despeito de receberem o legado comum de linguagem, crenças religiosas e costumes, se foram, todavia, a pouco e pouco especificando e extremando, mercê das condições físicas, fisiológicas e mesológicas, que imprimiram em cada um dos dialetos dos povos conquistados certo cunho de individualidade.

Mas, ao lado do *latim oficial*, do latim dos atos administrativos, do latim literário e clássico (*sermo urbanus*), da língua dos livros e dos grandes escritores, que com tanto garbo e luzimento se imortalizaram sob os nomes de César, Cícero, Tito Lívio e Tácito, Lucrécio e Virgílio, Horácio e Ovídio, é incontestável a existência em Roma, ainda no tempo de César, do **latim vulgar** ou *popular* e *campesino* (*sermo plebeius*), da língua falada.

Esta foi a que levaram aos países submetidos a seu poder, à Espanha, à Gália, a toda a parte, enfim, em que estenderam o seu domínio as legiões romanas, compostas de soldados romanos, ilíricos, espanhóis e africanos, desvirtuando-se mais e mais o *latim*, já profundamente modificado na lin-

guagem do povo, por essa mescla de elementos heterogêneos e estranhos, que lhe deviam de força alterar a pureza e pronunciação.

Desse *latim popular*, falado e não escrito, no que se distingue do *baixo latim*, que era a língua escrita nessa época, mistura bárbara, extravagante e indigesta do *latim literário* e da língua popular falada, é que se originou a nossa língua, como todos os idiomas neolatinos.

Avantajados em civilização aos iberos, os romanos, pelas relações que com estes estabeleceram durante a dominação de tantos séculos, com o engodo do direito de cidade, que lhes abriu de par em par as portas a todas as aspirações e interesses, pela difusão do cristianismo, pregado aos vencidos por seus apóstolos, que, mirando ao mesmo intuito, para serem mais facilmente compreendidos, desciam à linguagem vulgar, preferindo no tecido do discurso os processos analíticos ao engenhoso e sábio mecanismo da síntese, tão ao gosto da formosa língua de Cícero, adaptando o dizer à ignorância e rudeza dos povos conquistados, empregando construções e modismos até contrários à contextura do *latim literário* e clássico; os romanos, dizemos, por sua política sábia, previdente, firme, ambiciosa e tenaz, a qual rompia por todos os estorvos e a que tudo se curvava e cedia, com seu inelutável jugo político, lhes impuseram sua língua, eficaz e poderoso instrumento de conquista, que os fazia sempre vencedores, ainda quando vencidos, verificando-se aquela conhecida lei da história, que, quando entram em competência dois povos, que falam línguas diferentes, o que mais civilizado é, seja vencedor ou vencido, esse é que impõe sua língua ao outro.

No século 5º os *visigodos*, povos bárbaros, que em suas conquistas foram precedidos pelos *vândalos*, *suevos* e *alanos*, substituíram os romanos em seu domínio na Espanha; mas, embora vencedores, menos adiantados que os vencidos na ciência e civilização, adotaram a língua destes.

A consequência da invasão desses bárbaros foi a corrupção, decadência e ruína das letras e da cultura romana; suprimiram-se as escolas, desapareceu a maior parte dos estabelecimentos de instrução. Estancados assim os mananciais donde vertiam os tesouros preciosos com que se enriqueciam as ciências, as artes e as letras, a língua, tão sólida e custosamente implantada na Península, foi-se ainda mais abastardando e corrompendo.

Aos *visigodos* ou *godos do Ocidente* sucederam, no século 8º, os *árabes*, que não mudaram a língua nem a religião dos vencidos.

Mas, se a conquista muçulmana não determinou o desaparecimento dos dialetos peninsulares, o *árabe* em contato com eles ministrou-lhes maior ou menor soma de vocábulos, conforme a maior ou menor facilidade com que se infiltrou em seu vocabulário.

Com o declinar do império romano no século 5º, declinou à proporção a língua latina literária, que, sob a influência genial de Ênio, se havia tornado a chave de ouro que abriu a seus sucessores o cofre precioso das ricas alfaias da literatura clássica latina, ainda hoje tão admiradas por seus finos quilates.

A língua vulgar, agora livre e independente, entregue só às suas tendências ingênitas, sem as peias da língua clássica e oficial, que desde então se condenou à esterilidade, foi-se mais e mais desenvolvendo, à feição de sua índole nativa, dando afinal nascimento a vários dialetos, que, no decurso do tempo, acentuando mais singularmente sua individualidade e preponderância, suplantando os dialetos congêneres, que se foram obscurecendo e reduzindo a dizeres populares, a línguas meramente faladas, produziram, pelas condições históricas, que os elevaram, favoreceram e diferenciaram, as línguas *neolatinas* ou *românicas*, as quais outra coisa não são que o *latim vulgar*, disfarçado em *português*, em *espanhol*, em *italiano*, em *francês*, em *provençal* e em *valáquio* ou *romeno*, tendo todos esses idiomas os traços gerais e os ares de família, que os aproximam, e a fisionomia peculiar e individual que os separa e distingue, fazendo-os todos *diversos aspetos de uma só e mesma língua*, diversas florescências de uma mesma plantação em terrenos diferentes" (Carneiro Ribeiro).

Literariamente a *língua portuguesa* começou a constituir-se no lapso do século 12, com a fundação da monarquia em 1139.

612 – As três declinações do latim vulgar: As cinco declinações do latim clássico ficaram com o tempo reduzidas a três, devendo-se notar que no próprio latim clássico já havia o *heteroclismo*[1], isto é, certas palavras seguiam já uma já outra declinação, como *domus*[2], *materies*, *barbaries* etc.[3]

Os nomes da 4ª declinação passaram para a 2ª, e os da 5ª distribuíram-se pela 1ª e pela 3ª.

613 – Sobrevivência do acusativo: No fim do latim popular não existiam senão dois casos: o *nominativo*, que se prestava também para o vocativo, e o *acusativo*, que substituía os casos restantes, da seguinte forma:

(1) V. Gramática Latina – § 124.
(2) V. Gramática Latina – § 117.
(3) V. Gramática Latina – § 120, obs. 3.

o *genitivo*, mediante anteposição da preposição *de*;

o *dativo*, mediante anteposição da preposição *ad*;

o *ablativo*, mediante anteposição da preposição *cum*, ou de outras, conforme a função.

Do acusativo é que provieram as palavras portuguesas, e disso constituem prova vários fatos:

a) o *m* final do acusativo singular já caíra no próprio latim;

b) o *s*, como elemento caraterístico do plural português, outra coisa não é senão o *s* do acusativo plural das declinações latinas[4];

c) o provençal e o francês antigo tinham forma especial para o objeto direto;

d) as inscrições em latim popular, onde aparecem seguidas de acusativo preposições que no latim clássico regem ablativo.

Algumas palavras, no entanto, possui o português que provieram de outros casos, o que acontece com certos nomes próprios, como *Deus*, *Jesus*, *Cícero*, *Júpiter*, que se originaram do nominativo, com os pronomes *mim*, *ti*, *si*, *lhe*, que se originaram do dativo (*mihi*, *tibi*, *sibi*, *illi*), com os advérbios *agora*, *logo*, *hoje*, com o sufixo adverbial *mente*, com a forma oblíqua *migo*, originários do ablativo (*hac hora*, *loco*, *hoc die*, *mente*, *mecum*), com alguns comuns: *oblívio*, *ônix*.

614 – O desaparecimento do neutro: Consoante vimos no § 183, possuía o latim clássico três gêneros: *masculino*, *feminino* e *neutro*. No próprio latim clássico começou a operar-se a heterogeneidade vocabular, passando certos nomes neutros para o masculino e alguns para o feminino[5]. No latim vulgar acentuou-se essa mudança de gênero, acabando o neutro por desaparecer, já por falta de significação especial, como vimos no § 183, já por motivos de ordem fonética:

a) confusão de declinação, na 2ª, 3ª e 4ª, de formas neutras com masculinas (*coelus* por *coelum*, *vinus* por *vinum*, *lactem* por *lac* etc.);

b) existência de terminações iguais com gêneros diferentes: *arma* (neutro pl. da 2ª), *arma* (fem. sing. da 1ª), e assim *folia*, *pira*, *vestimenta*, *ferramenta* etc.

---

(4) V. Gramática Latina – § 121.

(5) V. Gramática Latina – § 124 e 125.

Em português, somente um ou outro resquício há do neutro latino (V. § 183).

615 – As três conjugações do latim vulgar na Península Ibérica: Se no próprio latim clássico, onde havia 4 conjugações, apareciam verbos com dupla conjugação (*fervĕre* por *fervēre*, *tergĕre* por *tergēre*), no latim popular essa confusão de tal forma aumentou que a 3ª conjugação desapareceu. Enquanto os da 1ª e os da 4ª quase nada sofreram, vários da 2ª passaram para a 4ª (*lucēre* ficou *lucire*, *ridēre*, *ridire* etc.) e todos os da 3ª passaram ou para a 2ª (*facēre*, fazer, *dicēre*, dizer, *capēre*, caber, em vez de *facĕre*, *dicĕre*, *capĕre* etc.) ou para a 4ª, através da 2ª: *fallĕre*, *fallēre*, *fallire*; *fugĕre*, *fugēre*, *fugire*.

616 – A ação da analogia: Fenômeno de grande importância e influência na formação das línguas é o da *analogia*, que consiste na tendência niveladora que uma palavra exerce sobre outra, aparentada pelo sentido, pela forma ou pela função gramatical.

A ação analógica exerce-se *foneticamente*, *lexicamente*, *morfologicamente*, *sintaticamente* e *sematologicamente* (§ 607, § 621).

a) *Analogia* **fonética** é a que se opera, por exemplo, com as formas verbais *éramos*, *éreis*; pelo latim, o acento deveria ser *erâmos*, *erêis*, mas por analogia, isto é, por semelhança com as outras pessoas, cujo acento cai sempre no *e* inicial, sofreram essas formas deslocação de acento. *Amávamos*, *amáveis*, *amáramos*, *amáreis* são acentuações por analogia fonética.

b) A *analogia* **léxica** encontra abundantes exemplos na linguagem das crianças, que dizem *fazi*, *cabi*, *fazeu*, *cabeu*, *trazeu*, por semelhança às formas equivalentes dos verbos regulares (*vendi*, *escrevi* etc.). Tal se deu com *jazi*, *jazeste* etc., em vez de *jouve*, *jouveste*, *jouvera*, *jouvesse*, *jouver*; com *entupo*, *entopes* etc., por analogia com *tusso*, *tosses*, em vez de *entupo*, *entupes* etc.

c) *Analogia* **morfológica** é a que faz com que um vocábulo passe de uma forma especial para outra forma próxima, mais comum e generalizada. É o fenômeno analógico de maior influência no aparecimento de uma língua e na criação de formas vocabulares novas, distintas das formas etimológicas. Foi por influência da analogia vocabular que as cinco declinações do latim clássico ficaram reduzidas a três. Por analogia morfológica é que hoje se flexionam genericamente os adjetivos em *ês*, *ol* e *or* (V. *nota* 1 do § 258).

d) *Analogia* **sintática**: Certas construções ou locuções passam a ser empregadas como certas, por semelhança a outras de função semelhante ou de construção parecida. Tal se dá com a locução conjuntiva *enquanto que*, a semelhança de *contanto que*, quando está muito certo dizer simplesmente *enquanto*. Outro exemplo desta analogia temos em expressões como "É hora *do* almoço estar pronto", a semelhança da construção "É hora do almoço" (V. § 653).

e) *Analogia* **sematológica**: V. § 621.

617 – Criações românicas: Assim se denominam as inovações surgidas no latim vulgar e conservadas nas línguas românicas, operadas quase sempre para substituir a flexão de caso do latim clássico. Tais são as criações:

a) da preposição *de*, para substituir o genitivo: liber *Petri* – livro *de* Pedro; miserere *nostri* – compadece-te *de* nós; avidus *gloriae* – ávido *de* glória;

b) da preposição *a*, para substituir o dativo: Dedi *Petro* – dei *a* Pedro; oboedientia *legibus* – obediência *às* leis;

c) de outras preposições, para substituir o ablativo, segundo a circunstância indicada: amor a *Deo* – sou amado *por* Deus; ferire *gladio* – ferir *com* a espada; *anno* superiori – *no* ano passado.

Outras criações românicas há com relação aos tempos e modos dos verbos:

d) o futuro do presente do ind., com o infinitivo mais *habeo*;

e) o futuro do pretérito, com o infinitivo mais *habebam*;

f) o futuro do subjuntivo, fundindo-se o futuro anterior latino com o perf. do subj. latino;

g) o imperf. do subj., tirado do mais-q.-perf. do subj. latino;

h) os tempos compostos, mediante o particípio mais o verbo *ter* ou *haver*;

i) o particípio ativo, tirado do part. passado passivo latino;

j) o infinitivo pessoal (§ 915);

l) a voz passiva que, sintética no latim clássico, passou a analítica em português (V. § 391, 1, n. b).

618 – Domínio da língua portuguesa: A língua portuguesa assim se distribuiu:

PORTUGUÊS
- Europa –
  - Portugal
  - Açores
  - Madeira
- América do Sul – Brasil
- África –
  - Cabo Verde
  - Guiné-Bissau
  - São Tomé
  - Príncipe
  - Moçambique
  - Angola
- Ásia –
  - Goa
  - Damão
  - Dio
  - Timor
  - Ceilão
  - Macau

619 – A língua portuguesa enriqueceu, prodigiosamente, o modesto vocabulário recebido do latim popular, por três vias:

a) por via **popular**

b) por via **erudita**

c) por **importação** de outros idiomas.

620 – Pela **via popular** as palavras latinas eram, muito lenta, muito paulatinamente, deturpadas, cortadas ou abrandadas. A corrente ou influxo popular é a tendência genial da transformação da língua, a causa natural das alterações dos fonemas. Essa corrente dominou incontrastada desde a origem da língua até o século 14. Obedecendo muito embora a leis glóticas, ela variava, não raro, em diferentes épocas, o tipo de suas alterações fonéticas, bifurcando-se em **formas divergentes**, que vieram a coexistir na língua. De um mesmo vocábulo latino procedem às vezes formas *duplas*, *triplas*, *quádruplas* e até *quíntuplas*, como de *maculam* procederam cinco vocábulos – *malha*, *mágoa*, *mancha*, *mangra*, *mácula*.

Tais formas, geralmente chamadas *duplas*, em francês *doublets*, pois na maioria dos casos são duas, denominam-se formas *divergentes* ou *alotrópicas*, porque, partindo de um único tipo latino, separam-se na estrutura morfológica, e, em regra, no valor *sematológico* (= quanto à significação).

Na formação do português operou-se ainda o fenômeno da **convergência vocabular**, ou seja, a redução de duas ou mais formas latinas a uma única portuguesa (formas *convergentes* ou *homotrópicas*). Assim é que *sunt* (do v. *sum*), *sanctus* (santo) e *sanus* (*são*, adj.) convergiram em uma só forma em português: *são*. A conjunção latina *quomodo* e o verbo *comedo* redundaram em *como*:

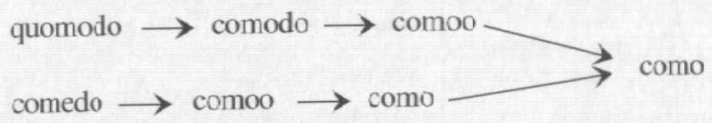

Outros exemplos:

Forma convergente é a redução de duas ou mais formas etimológicas a uma única portuguesa; formas divergentes são variantes de um mesmo vocábulo originário.

Estriba-se ainda o processo popular de formação de uma língua em múltiplos fatos ideológicos e afetivos. Prendem-se os primeiros à própria coisa e, portanto, aos vocábulos e locuções; os segundos, ao elemento subjetivo. Como as coisas aparecem, vivem, transformam-se, dividem-se, desaparecem, também as palavras nascem, modificam-se no sentido, divergem na forma, morrem. A vida das palavras outra coisa não é senão a vida das coisas; mortas estas, morrem também aquelas. De igual forma, não são as palavras que tendem a modificar-se, a tomar sentido pejorativo, a indicar afeto ou repulsa, mas o ambiente em que elas estão; os indivíduos que as empregam é que as transformam.

621 – Semântica: Se as palavras numa só língua sofrem tais transformações, mais ainda se modificam no sentido as tomadas de empréstimo de outros idiomas. O estudo do significado dos vocábulos, quer no momento atual, quer através do tempo e também do espaço, constitui o objeto da **semântica** ou *sematologia* (gr. *sema*, *atos* = significado) ou, ainda, *semasiologia*; dá isto assunto não para um capítulo de gramática, mas para um livro e... esse livro seria incompleto. Apenas a título de ilustração, vejamos este ligeiro resumo (da "Introdução ao estudo da semântica", do prof. Fernando V. Peixoto da Fonseca):

A semântica pode dividir-se em *estática* e *histórica*; a primeira diz respeito a determinada fase de uma língua (os dicionários são trabalhos de

semântica estática, pois dão o significado das palavras de uma língua num dado momento); a segunda – e esta é a que constitui propriamente a semântica – procura ver a evolução do significado das palavras, as suas transformações de sentido. Assim, há palavras que hoje se empregam quase sempre em acepção benéfica, como *fortuna*, que a rigor significa, meramente, *acaso*, *sorte* e pode por isso receber epítetos opostos: *fortuna próspera*, *fortuna adversa*. Também a passagem de adjetivos, como *forte*, *velho*, *rico*, *moço* etc., à classe de substantivos é uma transformação semântica: deixaram de exprimir uma qualidade inerente a um ser, para exprimir o próprio ser.

A semântica pode ainda ser *etiológica*, quando estuda as causas dos fenômenos semânticos, como pode ainda ser *geral* ou *particular*, conforme abranja várias línguas, geralmente aparentadas, ou uma só.

Há vários casos em que o domínio das palavras se restringe e alarga alternadamente; o termo *demoiselle*, que em francês designava a mulher nobre, passou depois a referir-se a todas as condições, mas só para as solteiras; o termo, primitivamente indiferente, desenvolveu-se num só sentido. A *ênfase* é um dos fenômenos gerais que levam à restrição do sentido, e, por outro lado, a extensão de sentido se dá em virtude das **figuras de pensamento** (*de retórica*) chamadas *sinédoque*, *metonímia*, *metáfora*, *eufemismo*, *hipérbole*, *prosopopeia*, *perífrase*.

a) A **sinédoque** (gr. *synedochê* = compreensão) consiste no emprego de uma palavra em lugar de outra na qual está compreendida, com a qual tem íntima conexão: *pão*, por alimento; *vela*, por navio; *ferro*, por espada ou âncora; *lar* (ou *fogão*), por casa.

b) A **metonímia** é simples variante da sinédoque; são denominações essas de distinção tão sutil que autores há que dão como exemplo de metonímia aquilo mesmo que outros subordinam à sinédoque, e tratadistas há que mal mencionam essas denominações de **tropos** semânticos (*tropo* – pronuncie *trôpo* – é o emprego de uma palavra em sentido figurado; lat. *tropum* = volta, e este do gr. *tropêo* = girar). Se na sinédoque se emprega o nome de uma coisa em lugar de nome de outra nela compreendida, na metonímia a palavra é empregada em lugar de outra que a sugere, ou seja, em vez de uma palavra emprega-se outra com a qual tenha qualquer relação por dependência de ideia: *damasco* = tecido de seda com flores ou espécie de abrunho, ambos provenientes de Damasco (o nome de um lugar acaba por designar os seus produtos industriais ou naturais); *louro*, por glória, prêmio; *cãs*, por velhice; fulano é um bom *garfo*; *perna*, que era só a de porco, é hoje de todos os mamíferos e até de aves e insetos; *rostro*, que

primitivamente indicava bico de ave, passou a designar o remate da proa e, posteriormente, sob a forma *rosto*, a face humana; *insultar* perdeu o sentido material de *saltar sobre*; *desprezar* significava em latim clássico olhar de cima para baixo. V. D. QVs, *progenitor*.

c) **Metáfora** é o fenômeno pelo qual uma palavra é empregada por semelhança real ou imaginária: os *dentes* do pente; *pé* de mesa; o *fumo* da glória; *chegar* (do lat. *plicare* = *dobrar*), porque no fim da jornada dobravam as velas do barco; *serra*, que no latim clássico era só a ferramenta do carpinteiro, passou no latim vulgar, no português, no espanhol e no catalão a indicar *cadeia de montanhas*, dada a semelhança das cristas com os dentes da ferramenta.

Os tropos metafóricos têm largo uso literário, e muitas expressões metafóricas dão origem a mal-entendidos e por isso provocam o riso.

Se na *metáfora* o sentido real da palavra é modificado por comparação e a palavra nova contém analogia com a primitiva, na **catacrese** – outro fenômeno linguístico (*catá* = contra; *chrestái* = usar) – o sentido real da palavra é modificado por esquecimento, e a palavra nova contém ideia absurda se comparada com o sentido etimológico da primitiva: *quarentena* de dois dias (*quarentena* = quarenta) – três *gêmeos* (*gêmeo* = duplo) – socorrer *mutuamente* (*mútuo* = tomado ou dado de empréstimo) – *caligrafia* ruim (*calós* = belo) – *cavalgar* um boi – *chumbar* um taco na parede.

A metáfora pode ser criada no momento pelo escritor, a catacrese é formada com os anos dentro do idioma: *pé* de mesa, *asa* de xícara.

d) **Eufemismo** é a adocicação de termos; em vez do termo próprio, que podia repugnar por qualquer razão, emprega-se outro mais brando: *passamento* em vez de *morte*. *Falsos eufemismos* são os provenientes mais de uma afetação, que tem prazer em achar indecência em toda a parte sob a máscara do pudor, do que de um cuidado de correção de linguagem; dizem respeito especialmente a algumas partes do corpo, a determinadas peças de vestuário, a certos animais e a pretendidas sílabas sujas.

e) **Hipérbole** – Consiste no emprego de palavra ou frase com sentido exagerado para dar maior força, maior impressão, para mais ou para menos: Ele se lançou com a velocidade de uma flecha – Correu um *rio* de lágrimas.

f) **Prosopopeia** – É a figura que dá vida, ação, movimento e voz a coisas inanimadas ou a pessoas mortas ou ausentes: Os altos promontórios o *choraram* – Esta porta *ronca*.

g) **Perífrase** – Consiste no emprego de várias palavras para expressar uma ideia, para representar uma coisa: Se lá no *assento etéreo* onde subiste (= céu) *de quantos bebem a água do Parnaso* (= dos poetas).

Constitui ainda fenômeno semântico a **etimologia popular**, ou seja, tendência geral para admitir uma ligação etimológica entre expressões que se parecem; é o caso, por exemplo, de *Sant'Iago*, que deu *São Tiago* por se julgar que o *t* pertencia ao nome, visto empregar-se quase sempre *são* antes de consoante (§ 113, C, n. 2). São as conformidades fonéticas que dão causa a tais *assimilações semânticas* da etimologia popular.

Outros exemplos curiosos de evolução semântica: *caderno* (do lat. *quaternum*) perdeu a noção originária de folha de papel dobrada em *quatro*; *volume*, que originariamente é o que envolve (do lat. *volvĕre*), passou a indicar a pele em que se escrevia e, depois, a própria obra, porque as peles eram guardadas enroladas (envolvidas) nas bibliotecas; *cálculos*, que indicava as pedrinhas com que se faziam contas, passou a significar a própria conta e, ainda, as pedrinhas que se criam nos rins; *pergaminho*, de Pérgamo, na Ásia Menor, onde se preparavam peles para escrever; *pêssego*, de *persicum* (*malum persicum* = maçã da Pérsia), dada a origem da fruta; *torre do tombo*, porque primitivamente os *tomos* ou *tombos* (documentos, registros, inventários etc.) eram guardados numa torre (daí ainda a expressão hodierna *Tombo do Estado*, para significar *Arquivo do Estado*); *secretário*, etimologicamente confidente, depositário de segredo; *pânico*, em virtude do susto (*panicus timor*) que causava o deus Pã quando aparecia entre os mortais; *pedagogo*, a princípio o escravo que conduzia as crianças à escola; *perfeito*, que significa bom, correto, vem do latim *perfectum*, que significa apenas "completamente terminado", "inteiramente feito" (v. no § 629 o verbete *per*, letra *b*).

Nota: **Semantema** é o elemento linguístico enquanto exprime uma ideia definida; é a raiz, é o radical da palavra. **Morfema** é o elemento linguístico que mostra as relações entre as ideias; é o prefixo, o sufixo, a desinência, a preposição, a conjunção, o verbo auxiliar, a entonação, a acentuação, a ordem dos termos etc.

622 – Linguagem afetiva: É o subjetivo outro elemento formador de uma língua, ou melhor, outro processo popular de manifestação da linguagem. As palavras deixam de ser empregadas com significação real, natural, e passam a ser empregadas sob a intervenção do sentimento.

Dessa modificação de sentido pela sensibilidade temos exemplos em muitos diminutivos: enquanto *livreco* é, lexicamente, forma diminutiva de *livro*, a palavra quase sempre se acompanha de conceito depreciativo, e, pois, de um matiz de sensibilidade.

É nos sufixos que a descarga das paixões se dá com maior energia; neles é que se refletem perfeitamente os sentimentos que vulgarmente agitam a nossa alma, sentimentos que se resumem, afinal, no amor e na aver-

são que manifestamos de ordinário às coisas e às pessoas. *Paizinho*, *mãezinha* não querem dizer "pai pequeno", "mãe pequena", mas pai e mãe muito queridos, e cambiantes igualmente afetivos trazem às palavras os sufixos *acho*, *aço*, *alha*, *alhão*, *az*, *ejo*, *elho* e outros.

Desse emprego de palavras com sentido intensivo temos mais exemplos com adjetivos. Quando dizemos "história universal", expressamos uma "história que abrange acontecimentos fundamentais de todas as nações". O nosso sentimento não intervém no caso; a representação é puramente intelectual. Se, porém, dissermos "remédio de fama universal", introduziremos na ideia marcada pelo adjetivo um pouco de sentimento.

Outro exemplo: "O frade observou sempre o jejum religioso". Aqui o adjetivo tem caráter puramente intelectual; "jejum religioso" significa apenas o jejum preceituado pela religião, o qualificativo é de natureza técnica. Se, porém, dissermos "silêncio religioso", o adjetivo poderá estar impregnado de sentimento, e o termo adquirirá sentido figurado e superlativo.

O dativo de interesse em orações como "Não *me* tire o vaso da mesa" é explicado pela linguagem afetiva, frequente no diálogo, na conversação comum.

Sempre existe, pois, figuração, trasladação de sentido na linguagem afetiva. Enfim, "se é verdade que o homem dispõe de uma linguagem intelectual, que lhe expressa os pensamentos, os raciocínios e a reflexão, nem por isso esta linguagem se apresenta sempre rigorosamente intelectual", com palavras no seu real significado.

623 – Ao lado da corrente popular, aparece, no século 14 e 15, a **corrente erudita**, também denominada latinista ou literária. Nesses séculos desenvolvem-se a cultura do latim e as traduções de obras eclesiásticas. Começa a reação erudita contra a corrente popular, reação que recebeu forte impulso com o movimento literário da Renascença, no século 16.

A intervenção desta corrente, que buscava aproximar artificialmente o português de sua fonte latina, importou do latim formas novas, ou antes, transportou integralmente, apenas com leve modificação na desinência, palavras latinas, que vieram figurar ao lado de outras que delas se derivaram por via popular, tal como *mácula* ao lado de *mágoa*, *malha* e *mancha*; *palácio* (lat. *palatium*) ao lado de *paço*; *frígido* (lat. *frigidum*) ao lado de *frio*.

As formas eruditas caraterizam-se por maior aproximação do tipo latino, ao passo que as populares por maior afastamento. Além das eruditas,

existem formas *semieruditas*, onde as duas correntes se revelam, tolhendo a influência erudita à plena expansão do influxo popular; tais as palavras – *botica* (lat. *apothecam*), *semana* (lat. *septimanam*), *Madalena* (lat. *Magdalene*), onde a permanência de consoantes fortes intervocálicas e do *n* na mesma condição acusa a influência erudita, ao lado do abrandamento do *p* em *b*, das síncopes do grupo *pt*, e da consoante *g*, que nos sugerem o influxo popular.

624 – Corrente estrangeira: Do séc. XIII em diante, com a invasão do lirismo provençalesco em Portugal, com o movimento europeu das cruzadas, e com as correntes literárias oriundas do influxo da Renascença, o português pôs-se em contato mais íntimo com as outras línguas românicas, e por elas recebeu novas formas de palavras latinas já evolvidas em seu próprio seio; assim deu-nos o francês *chefe* de *caput*, que nos havia dado *cabo*, e o espanhol *lhano* e o italiano *piano*, de *planum*, que nos havia dado *chão*.

Dois exemplos somente damos sobre o caso, que constitui objeto da gramática histórica:

Maculam	mágoa	formas populares
	malha	
	mancha	
	mangra	
	mácula	– forma erudita
Planum	chão	– forma popular
	plano	– forma erudita
	lhano	– forma estr. espanh.
	piano	– forma estr. ital.

625 – Na evolução fonética coexistem muitas vezes, em um momento da língua, formas paralelas de uma mesma palavra, resultado da incerteza ou vacilação na fixação da forma definitiva. Essas variações morfológicas de uma mesma palavra chamam-se **formas sincréticas**[1] como

(1) Variada era a população da ilha de *Creta* na antiguidade, e Plutarco exprimiu essa variedade na unidade insular do povo pelo termo *sinCRETismo*; daí o aproveitar-se o termo em filologia para exprimir a variedade da forma na unidade de sentido.

bulbo e *bolbo*, *camarlengo* e *camerlengo*, *dois* e *dous*, *albergue* e *alvergue*, *esplendor* e *esplandor*.

O que distingue as formas *sincréticas* das formas *divergentes* é o paralelismo do sentido: a diferença de significação das formas divergentes faz delas palavras distintas, se bem que *cognatas*, ao passo que a identidade de sentido das formas sincréticas mostra que são apenas variação mórfica de uma mesma palavra. O que caracteriza a palavra é o sentido próprio, e sinonímia perfeita só se pode dar em palavras não cognatas, pois nestas a equivalência de sentido produz o *sincretismo*.

Outro fenômeno operado na formação de uma língua é o **parassintetismo**, pelo qual se criam palavras novas pelo duplo processo de prefixação e sufixação. Há vocábulos parassintéticos verbais e há-os nominais, isto é, há verbos e nomes (substantivos e adjetivos) criados por esse processo. De *verniz* formou-se o verbo *envernizar* (em + verniz + ar); de *noite*, *pernoitar* (per + noite + ar) etc. De *oceano* formou-se *transoceânico* (trans + oceano + ico); de *terra*, *subterrâneo* (sub + terra + âneo) etc.

626 – Costumam certos autores de gramáticas expositivas discorrer longamente sobre a questão etimológica. Não queremos desprezar esse estudo; antes, afirmamos ser, sobre útil e interessante, muito lindo; nem todas essas belezas históricas, porém, interessarão a aluno que pretende falar, construir, criar, conhecer a contextura da linguagem sem preocupar-se com indagações de formação, de derivação, de importação de vocábulos.

Limitar-nos-emos a ver o que respeita à **prefixação** (que vem a ser o processo de composição de vocábulos mediante anteposição, a uma palavra, de **afixos**, isto é, de partícula ou sílaba que modifique o sentido da palavra), à **sufixação** (que consiste no processo de formação de palavras mediante posposição de afixos ao radical) e a dizer alguma coisa sobre derivação e composição. V. *neo* no D.QVs.

Prefixos

627 – Considerados quanto à origem, os prefixos podem ser **vernáculos** (que são os prefixos latinos modificados ou aportuguesados), **latinos** (que se conservam na forma primitiva) e **gregos**, que se antepõem a palavras gregas.

A apresentar os prefixos em famílias ideológicas, ou seja, de acordo com a ideia que trazem ao vocábulo, preferimos dá-los em ordem alfabética, acompanhados de sua significação e de alguns exemplos.

628 – Prefixos vernáculos:(*)

a (lat. *ad*) = aproximação: alinhar, avizinhar, abordar. O *a* é às vezes letra meramente protética (V. § 112). V. *fixar*, *afixar* no D.QVs.

além (lat. *ad* + *illic* + *inde*) = posterioridade local: além-mar, além-túmulo.

ante = posição anterior: antediluviano, antessala, anteontem.

aquém = anterioridade local: aquém-túmulo, aquém-mar.

bem (lat. *bene*) = bom êxito: bem-aventurado (pronuncie *bẽ-aventurado*), benquerer.

des (lat. *de* + *es*) – *a*) = separação, afastamento: descontar, desviar.

b) = privação, negação: desleal, desagradável, desculpa, desordem, a desoras, desbaforido. V. *impronunciar*, *despronunciar* no D.QVs.

c) = aumento, intensidade: desbaratar, descrever, desnudar, desfear, desinquieto, despavorido, despedaçar, desperdiçar, despertar (§ 504).

en, **em** (lat. *in*) – *a*) = movimento para dentro, colocação em, revestimento de: engarrafar, embainhar, encaixar, enforcar, empoeirar.

b) = procedimento à maneira de: emburrar, empepinar, encachoeirar.

c) = Constitui mero metaplasmo: *erradicar*, *embaralhar*, *endoutrinar*. V. *encruar* e *enradicado* no D.QVs.

entre (lat. *inter*) = posição intermédia: entreato, entrelinhar.

mal (lat. *male*) = mau êxito: maltratar, maldição, mal-avindo (pronuncie *mal'avindo*).

meio = mediação: meio-busto, meio-corpo.

menos (lat. *minus*) = privação, negação; menosprezar, menoscabar.

sem (lat. *sine*) = privação: sem-cerimônia.

sob, **so** (lat. *sub*) = posição inferior: sobpor, sopé (sob + pé), sobosque, sopesar.

sobre (lat. *super*) = posição superior: sobre-humano, sobrestar (sobre + estar).

soto – ou *sota* (lat. *subtus*) = posição inferior: sotopor, sotopiloto, sotavento.

(*) Para ilustração do aluno, são dados às vezes exemplos de assimilação nos quais aparecem letras geminadas.

629 – Prefixos latinos:

a = separação: aversão.

ab = separação, procedência: abjurar.

abs = separação, procedência: abster.

ad = aproximação: adjetivo, adição, admirar[1].

ambi = movimento circular: ambiente, ambiguidade.

ante = posição anterior: antecedente, antepenúltimo.

bene = bom êxito: beneplácito, benevolente.

bis (*bi*) = duas vezes: biscoito, bisavô, bígamo, bimensal.

circum = movimento circular: circunferência, circuito (circum + ito).

cis = anterioridade local: cisalpino, cisplatino, cisgangético.

contra = oposição, posição fronteira: contradizer, contrapor, contrabaixo.

com (= *cum*) = reunião: combater, compadre, conferência, confrade[2].

de – *a*) = de cima para baixo: dejeção, defluxo, decair.

b) = procedência: derivar, decorrer.

c) = separação, privação, falta: demente, demitir, depenar, depilar, delapidar, deportar, deminuir[3].

dis = separação, distribuição: dispersar, disseminar. Não confundir com *dis*, *dys*, prefixos gregos.

e = separação: emancipar (= sair da prisão das mãos).

es = separação: escorrer, estirar.

ex – *a*) = separação, procedência: extrair, expatriar[4].

b) = aumento, intensidade: exornar, exacerbar, exclamar, exabundante.

extra = movimento para fora: extrajudicial, extravagante.

in – *a*) = movimento para dentro: imigrar (in + migrar), ingressar, incamerar, inscrever, inserir.

b) = negação, privação: injusto, independência, inimigo (in + amigo). V. *impronunciar* no D. QVs.

---

(1) Dá-se com o *d* assimilação total antes de *c* (accesso), *f* (affirmar), *g* (aggravar), *l* (alludir), *s* (assentar) e *t* (attender). Igual fenômeno metaplástico opera-se em *aquisição* (adquisição).

(2) O *m* assimila-se antes de *l* (collaborar), *r* (corresponder) e *n* (connexo). Antes de vogal ou de *h*, o *m* é apocopado: coordenar (com + ordenar), coonestar (com + honestar).

(3) *Deminuir* e derivados, com *e*, seria grafia melhor. V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "delapidar".

(4) Antes de *f* opera-se, às vezes, a assimilação total regressiva: exfeito = *effeito*. Quando anteposto a substantivo para designar cargo, profissão ou estado que uma pessoa já não tem, liga-se por hífen: ex-presidente, ex-pátria. Nos demais casos liga-se sem hífen.

c) = superposição, aplicação em cima, colocação em: impor, instruir, inundar, incorrer, indigitar, inflamar, imprensar, infração, insolar.

d) = repouso, permanência: insídia, insigne, ínsito.

e) = direção, propensão, tendência: inferir, indício.

f) = reforço, aumento, intensidade: implorar, irradiar, irromper[5].

inter = posição intermédia: interpor, interromper.

intra / **intro** = movimento para dentro: intramuros, introduzir.

juxta = aproximação: justapor.

male = mau êxito: malévolo, malefício.

ob = oposição, posição fronteira: objetar, obstar, obstáculo[6].

pene = aproximação: península (quase ilha), penumbra (quase sombra).

per – *a*) = movimento através: pernoitar, percorrer, pervigília.

b) = intensidade: perfazer, perseguir (§ 276, 4ª).

c) = ideia pejorativa: perverso, perjurar, perverter.

post (ou *pos*) = posição posterior: postedênico, postoperatório, postergar, pospor, pospuerperal, posromano, posvídico.

pre = posição anterior: preâmbulo, predominar, predizer (§ 276, 4ª).

preter = posterioridade local, superioridade, excesso: preterir, preternatural.

pro – *a*) = movimento para diante: propender, progredir.

b) = substituição: pronome, procônsul (= vice-cônsul).

Não se confunda este prefixo com o *pro* grego.

re – *a*) = repetição: reler, refazer, reformar.

b) = reforço: rebramar, recolher, reluzir, rebuscar (§ 504).

c) = retrogradação: repelir, reagir, reverter, refluxo.

retro (*reta*) = retrogradação: retroceder, retrogradar, retaguarda.

semi = mediação: semicírculo, semilunar, semideus[7].

se = apartamento, separação: seduzir (= conduzir fora, extraviar).

sub = posição inferior: supor (suppor, de sub + por), subjugar.

subter = posição inferior: subterfúgio, subterfluente.

super = posição superior: superlativo, supérfluo, superintendente.

---

(5) O *n* assimila-se antes de *b* (imberbe), *p* (impróprio), *m* (immemorial), *l* (illegítimo) e *r* (irregular).

(6) O *b* assimila-se antes de *c* (occorrer), *f* (officio) e *p* (oppor).

(7) Em compostos, este prefixo latino, cujo *i* final é breve, tem o acento secundário da palavra na primeira sílaba e não na segunda: *sêmibárbaro* (e não *semí...*), como em *sêmibreve*, *sêmivivo*, *sêmitom* (§ 106).

supra = posição superior: supramundano, supranumerário.

sus (*sussum* ou *sursum*) = movimento para cima: suspender, sustentar.

trans (*tras, tra, tres*) – *a*) = posterioridade local: transcrever, trasladar, traduzir, tresmalhar, trespasse, tresnoite.

b) = travessia: transatlântico, transamazônia.

tris (*tri, tres, tre*) = triplicação ou reforço: trisavô, trifólio, tresloucar, trecentésimo (§ 504).

ultra = posterioridade local ou excesso: ultramar, ultrarromântico.

630.0 – Prefixos gregos:

a (*an*, antes de vogal) = negação, privação: ateu; analfabeto, acatólico[1], átono, acéfalo; anemia (estado sem sangue), anidro (sem água).

amphi (de ambos os lados) = movimento circular: anfiteatro, anfíbio.

aná – *a*) = movimento circular: aneurisma (ato de estender-se dos lados), anasarca (*sarx* = carne; entre carne, inchação).

b) = repetição: anabatista (que batiza de novo).

c) = contrariedade: anacrônico (que é contrário à cronologia).

antí = oposição: antídoto, antípoda, antagonista, antártica, anticatólico[1].

apó = afastamento: apogeu (longe da terra), afélio (apo + helio = distanciado do Sol).

catá = sob: catatonia, cataglóssio.

diá = movimento através: diâmetro, diagnóstico, diafragma.

dis (di) = dualidade: dístico, ditongo, dilema.

dys = mau êxito: dispepsia, dislalia, dispneia.

e (*ex*, antes de vogal) = movimento para fora: eclipse (ato de ficar omitido), êxodo (caminho a fora, saída).

en = movimento para dentro: energia, embrião.

epí = posição superior: epígrafe, epigástrico, epitáfio.

eu (*ev*) = bom êxito: eufonia (bom som), eucaristia (boa graça), eupepsia (boa digestão), evangelho (boa nova).

hemí = mediação: hemisfério, hemistíquio.

hypér = posição superior: hipérbole, hipertrofia.

hypó = posição inferior: hipogeu, hipotenusa[2].

---

(1) *Anticatólico* significa "*contrário* ao catolicismo", ao passo que *acatólico* significa "*não* católico" – V. § 112, A, obs. 1.

(2) Não se confunda este prefixo com o elemento grego *hippo*, que significa *cavalo*: hipódromo = pista para cavalo.

metá = posição posterior: metamorfose, metafísico, metonímia.

pará – *a*) = de lado: paráfrase (interpretação, comentário), parágrafo, paraninfo, paraestatal, parapsicologia, parasito, parequema[3].

b) = defeito, vício: parabiose, paracárpio, paracéfalo.

c) = contra: paradoxo, paranomia.

d) = além de: paracronismo, parafernais, paratopia.

perí = movimento circular: periélio, perífrase.

pro = posição anterior: prólogo, programa, prolegômenos, profeta (que fala antes dos fatos).

pros = movimento para diante: prosélito (o que se aproxima), prosódia (canto que guia as palavras).

syn (na composição pode transformar-se em *sim*, *sil* – formas assimiladas – e *si* – forma apocopada) = reunião: síntese, sinfonia, símbolo; sílaba (syllaba), sistema.

tris (*tri*) = triplicação: trissílabo, tritongo, trigonometria.

Sufixos

630.1 – Além dos sufixos aumentativos e dos diminutivos (§ 238) e de outros já estudados no devido lugar, importa ver mais alguns, dos mais importantes, aqui apresentados na ordem alfabética para maior aproveitamento de estudo e maior facilidade de consulta. Os sufixos podem ser **nominais**, quando formadores de substantivos e de adjetivos, **verbais**, quando formadores de verbos (já vistos no § 509), havendo ainda o **adverbial**, já estudado na *observação* do § 527.

áceo forma adjetivos que designam as qualidades gerais de um grupo de indivíduos a que o radical serve de tipo. É muito usado em termos de botânica: mirtáceo, orquidáceo. A forma feminina substantiva o adjetivo: O melão é da família das *cucurbitáceas*.

aco átono, forma adjetivos; indica relação, procedência: cardíaco, austríaco, demoníaco, egipcíaco.

ada 1 – forma substantivos; indica conjunto: bugrada, canalhada, criançada, porcada, vacada (V. *Marmelada* no D. QVs.)

2 – acrescido a tema verbal, forma substantivo que indica a prática da ação verbal: bicada, caçada, chegada, laçada, olhada, pincelada.

3 – acrescido a tema nominal, forma substantivo que indica ação relacionada com o tema: facada, jornada, noitada, paulada.

(3) *Parequema* (subst. masc.) = colocação de palavras de maneira que uma sílaba fica ao lado de outra do mesmo som: tenra rama.

ado, ato acrescido a tema nominal, indica cargo, função, dignidade (*ato* é a forma erudita, para temas latinos): apostolado, condado, ducado, marquesado, professorado, sacerdotado; baronato, cardinalato, clericato, diaconato, triunvirato, vicariato.

agem 1 – acrescido a substantivo, indica conjunto: criadagem, folhagem, plumagem, ramagem.

2 – acrescido a tema nominal ou verbal, indica a prática da ação sugerida pelo tema: aprendizagem, jardinagem, lavagem, moagem, passagem, selvagem, viagem.

aico acrescido a tema nominal, forma adjetivos; indica relação, procedência: espondaico, hebraico, farisaico, prosaico.

al 1 – acrescido a substantivo, indica lugar de plantação: abacaxizal, algodoal, arrozal, bambual, cafezal, juncal, trigal.

2 – (**el, il**) forma adjetivos; indica tendência, relação: braçal, filial, legal, penal; fiel, novel; febril, juvenil, senil – V. sufixo *ar*.

alha (**alhada**, muitas vezes depreciativo) acrescido a tema nominal, forma substantivos; indica ajuntamento: cainçalha (canalha), cordoalha, parentelha; comadralhada, pretalhada.

ama (**ame**) acrescido a substantivo, indica conjunto: dinheirama, mourama; cordoame, correame, velame.

ança, ância, ença (ensa), ência acrescido a tema verbal, forma substantivos abstratos; indica ação, resultado de ação, estado, situação: aliança, andança, confiança, mudança; arrogância, concordância, exorbitância; benquerença, crença, diferença; absorvência, advertência, beneficência[1], carência, conferência, assistência, ausência, adstringência, convivência, clemência, demência, prudência, regência, virulência, violência.

É sufixo proveniente da vogal que carateriza a conjugação latina, seguida da junção do sufixo *nt* – do particípio presente e de um grupo de adjetivos – com *ia* ou simplesmente *a*; *ância*, *ência* com *i* quando, geralmente, têm relação com formas latinas que nos deram *ante*, *ente*, *ento*: (abundante) abundância, (arrogante) arrogância, (distante) distância, (vigilante) vigilância, (suficiente) suficiência, (indolente) indolência, (prudente) prudência, (penitente) penitência, (violento) violência.

As formas contratas *ança*, *ença* aparecem geralmente quando não é nítida a proveniência de tema latino de verbo ou de adjetivo em *nt*: bonança, esperança, cobrança, parecença, licença, doença, sabença.

---

(1) V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "beneficência".

Isso em linhas gerais; vezes há no entanto em que ocorrem formas discrepantes de tal norma; se temos *diferente*, o substantivo é *diferença*, ao passo que o verbo é *diferenciar* (diferenciação, diferencial). V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "diferenciar".

Nota: O supino latino em *sum* é que motiva a variação gráfica com *s*: despensa, expensa, ofensa.

ano, ão forma adjetivos; indica procedência, relação: africano, franciscano, goiano, salesiano, veneziano; alemão, beirão, cristão, parmesão.

ar é o mesmo sufixo *al*, cujo *l* pode passar a *r* (fenômeno chamado *dissimilação*) quando acrescido a palavra que já tenha *l*: angular, capilar, circular, elementar, jugular, lunar, militar, vulgar[2].

aréu acrescido a substantivos, indica ajuntamento, aumento: cacaréu, fogaréu, fumaréu, povaréu, lumaréu, mastaréu.

aria acrescido a substantivos, indica conjunto: bicharia, cavalaria, confraria, drogaria, livraria, mercearia, pedraria.

ário 1 – acrescido a tema nominal, indica ajuntamento, lugar continente: devocionário, erário, hostiário, relicário, vocabulário.

2 – acrescido a tema nominal, forma adjetivos; indica estado, qualidade, relação: agrário, arbitrário, biliário, contrário, diário, feudatário, imaginário, primário, solitário, voluntário.

3 – acrescido a tema nominal, indica agente: bibliotecário, cartorário, incendiário, notário, sectário.

ático acrescido a tema nominal, forma adjetivos; indica relação, procedência: aquático, asiático, lunático, socrático.

ato – V. *ado*.

ável (ével, ível, óvel, úvel) – terminação própria de adjetivos formados em português ou provindos de correspondentes formas latinas; indica aptidão, possibilidade de praticar ou de receber uma ação, estado: amável, louvável, cobrável, estável, indelével, flexível, sofrível, sensível, visível, móvel, solúvel, volúvel.

Nota: À correspondente forma latina *bil*, que aparece em certos adjetivos de forma erudita (*flébil, ignóbil*), é que se deve o superlativo de adjetivos terminados em *vel*: § 273, 1ª, b.

az forma adjetivos; significa "que encerra", "capacidade para": eficaz, mordaz, pertinaz, capaz, voraz, loquaz.

(2) V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "regimental", "familiar".

bundo, cundo formam adjetivos eruditos; acrescem-se a temas latinos; indicam tendência, situação: furibundo, gemebundo, tremebundo; fecundo, iracundo, jucundo, rubicundo.

cundo – V. *bundo*.

ção (são) acresce-se a tema verbal; indica ação ou resultado de ação: armação, bendição, coroação, flutuação, injeção, laminação, punição, reparação, turvação.

Nota: A variante *são* é motivada pela proveniência de supinos latinos em *sum*: compreensão, confissão, difusão, dispersão, distensão, repressão.

dade (idade) acresce-se a adjetivo (tema português ou latino), para formar substantivo indicativo de estado, situação, quantidade: beldade, bondade, fatuidade, frugalidade, igualdade, irmandade, lealdade, loquacidade, maldade, ruindade, solubilidade, unidade, uniformidade, variedade, pluralidade, privatividade. V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "pluralismo".

ecer – V. § 509.

edo indica conjunto, agrupamento: arvoredo, lajedo, passaredo, penedo, vinhedo.

eiro (eira) 1 – sufixo que significa agente, ofício, profissão: boiadeiro doceiro, padeiro, rendeira, toureiro, vendeiro, banqueiro, barbeiro, ferreiro, leiteiro, carpinteiro, arqueiro.

Nota: A passagem da ideia de agente para a de fonte produtora é natural: abacateiro, amoreira, formigueiro, pedreira, pesqueiro, pinheiro.

Correlata significação tem ainda o sufixo *eiro* quando forma substantivos que indicam lugar continente: braseiro, chaveiro, atoleiro, lameiro, fruteira, frasqueira, licoreiro, sopeira, tinteiro, terreiro. V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "motorneiro".

2 – forma adjetivos; indica atributo: agoureiro, altaneiro, caseiro, costeiro, fragueiro, guerreiro, mineiro, dianteiro, lisonjeiro.

ença (ensa), ência – V. *ança*.

engo forma adjetivos; indica relação: abadengo, avoengo, flamengo molengo, mostrengo, realengo, solarengo, verdoengo.

enho forma adjetivos; indica: 1 – parecença: rouquenho, ferrenho, roufenho.

2 – natural de (por influência do espanhol): extremenho, portenho.

ense, ês formam adjetivos; indicam naturalidade: ateniense, cearense, fluminense, cretense, interamnense, riograndense; chinês, francês, genovês, inglês, milanês, português, siamês (V. § 84, n. 1; § 258, n. 1).

ento forma adjetivos; indica tendência, estado: barulhento, bexiguento, ferrugento, friorento, lamacento, rabugento, sonolento.

eo átono, forma adjetivos; significa relação, propriedade, procedência: argênteo, cesáreo, cortíceo, férreo, gigânteo, ígneo, níveo, pétreo, plúmbeo.

ês – V. *ense*.

esa terminação, provinda de forma verbal latina (supino em *sum*), de substantivos que indicam ação: defesa, despesa, empresa, represa (V. § 84, n. 1, b; V. nota do suf. *ança*).

escer – V. § 509.

esco 1 – forma adjetivos; indica relação: carnavalesco, cavalheiresco, dantesco, principesco, quixotesco.

2 – forma substantivos; indica relação: arabesco, compadresco, parentesco.

estre forma adjetivos; denota morada, relação: campestre, silvestre.

eto – V. § 869, *m*.

évil – V. *ável*.

eza (ez) acrescido a adjetivos, para formar substantivos abstratos indicativos de estado, situação (V. § 84, n. 1): altivez (altiveza), beleza, dureza, limpeza, sensatez, singeleza, viuvez, viveza.

Nota: Se *estupidez* faz no plural *estupidezes*, por que razão o plural de *malvadez* é *malvadezas* e não *malvadezes*?

Diz-nos a regra que o plural das palavras terminadas em *z* se faz mediante acréscimo de *es*: *nariz, narizes*; *noz, nozes*; *vez, vezes*; *capataz, capatazes*. Nisso baseado, o plural de *estupidez* é, sem dúvida, *estupidezes*. Acontece, porém, que muitos substantivos abstratos terminados em *ez* ou vigoram ao lado das formas em *eza*, ou dessas formas são corruptelas. O plural então se faz em *ezas*, por influência da outra ou da antiga forma; é o que acontece com *agudez, nudez, hediondez, redondez* e com *malvadez*, que no plural fazem *agudezas, nudezas, hediondezas, redondezas* e *malvadezas*.

Muitos dos substantivos assim terminados não aceitam o plural; tal se dá com *lucidez, languidez, pacatez, placidez, viuvez, solidez* e outros.

íase forma substantivos; indica: 1 – processo ou ação em andamento: odontíase, pogoníase.

2 – condição mórbida: hipocondríase, midríase, triquíase. V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "lazaríase".

ica forma substantivos que originariamente em grego, em latim, em línguas neolatinas eram adjetivos: aritmética, música, retórica, política, pianística, linguística, infortunística, casuística.

ice forma substantivos abstratos, indicativos de estado, situação; enquanto nuns tem sentido depreciativo (beatice, bernardice, louquice, gramatiquice), noutros não o tem: criancice, doidice, garridice, meiguice, meninice, tolice, velhice.

icio forma adjetivos; significa "que diz respeito a", "que encerra propriedade de": acomodatício, adventício, alimentício, cardinalício, esponsalício, fictício, natalício, patrício, vitalício.

ico (átono) forma adjetivos; indica "que encerra as qualidades de", "que é relativo a", "próprio de": acadêmico, anêmico, apostólico, angélico, alfabético, bucólico, bélico, cênico, diabético, dietético, domínico, epidêmico, filatélico, melancólico, poético, político, profético, simbólico.

iço forma adjetivos; indica propensão, estado: abafadiço, achadiço, alagadiço, assombradiço, castiço, compradiço, chegadiço, encontradiço, espantadiço, roliço.

idade – V. *dade*.

idão (da terminação latina *itúdinem*) forma substantivos para denotar estado: servidão, escuridão, escravidão, gratidão, retidão, sobejidão.

ídio elemento substantivante: bacterídio, conídio, ofídio, sacarídio. V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "ídio".

il forma adjetivos; *il* e *al* são sinônimos quando indicam "qualidade de", "natureza de": brutal, feudal, outonal; gentil, varonil, senil. V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "primaveril".

io sufixo tônico; acrescido a substantivos, indica conjunto, agrupamento: casario, rapazio, mulherio – V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "estádio".

ismo doutrina, posição partidária ou profissional, estado: cristianismo, florianismo, gongorismo, pluralismo, jornalismo, reumatismo. V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "pluralismo, pluralidade".

ista forma substantivos; dá ideia de atividade, de dedicação, de agente, de partidário, de teórico: artista, avalista, copista, dicionarista, espiritista, jurista, linguista, maquinista, monarquista, pianista, tabagista, filologista (ao lado de filólogo, que é o simples versado ou perito), pedagogista, zoologista.

ite acrescido a nomes, indica inflamação: apendicite, colite, laringite, meningite, nefrite. **Ite** tem a variante **ita** quando designa tipos de minérios: barita, linhita, bauxita, margarita, agafita (agafite), alabastrite, lazulite (lazulita), malaquite (malaquita), pirita (pirite). V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "meteorita".

ível – V. *ável*.

ivo forma adjetivos; denota aptidão, estado: afirmativo, caritativo, convulsivo, digestivo, festivo, fugitivo, imitativo, intuitivo, lucrativo, objetivo, purgativo.

Nota: O *t* que quase sempre precede este sufixo deve-se a formas provindas ou imitativas do supino latino.

mento acrescido a temas verbais, indica ação ou resultado de ação, meio ou instrumento: agradecimento, atrevimento, banimento, casamento, ferimento, sofrimento; complemento, implemento, ornamento.

nte acrescido a temas verbais, denota agente: agente, apelante, feirante, laxante, lente, ouvinte, pedinte, regente, servente.

oiro – V. *ouro*.

onho forma adjetivos; indica "que encerra", "que causa": enfadonho, medonho, risonho, tristonho.

or (dor, tor, sor) indica agente; acresce-se a temas verbais vernáculos ou latinos: agressor, assador, britador, cantor, condutor, defensor, fautor, impressor, leitor, mentor.

ório 1 – acrescido a temas verbais latinos e vernáculos, forma substantivos indicativos de lugar em que se pratica a ação: consultório, dormitório, genuflexório, locutório, purgatório, repositório, velório.

2 – forma adjetivos que encerram a ideia de capacidade de ação: assertório, convidatório, divisório, expiatório, imperatório, migratório, mitigatório, precatório, satisfatório, suasório.

ose acrescenta-se a nomes de substâncias para indicar: 1 – carboidrato: celulose, frutose, levulose;

2 – alteração primária ou hidrólise, produto de uma proteína: proteose, elastose, albumose;

3 – condição, estado, processo: hipnose, psicose, osmose;

4 – em patologia, condição anormal ou de doença; melanose, estenose, varicose;

5 – em patologia vegetal, doença de que é agente um fungo: micose, quitridiose;

6 – aumento ou formação fisiológica: quilose, leucocitose. V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "lazaríase".

oso acrescido a substantivos, forma adjetivos que significam "cheio de": amoroso, brioso, cheiroso, chuvoso, famoso, garboso, guloso, leitoso, lustroso, medroso, pejoso. Às vezes apõe-se a outro adjetivo: amargoso, sonoroso.

ouro (douro) 1 – forma substantivos que denotam lugar em que se pratica ação: ancoradouro, bebedouro, fervedouro, logradouro, matadouro, minadouro, sorvedouro. V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "acostadouro, acostamento".

2 – forma adjetivos que implicam ideia de futuridade: casadouro, imorredouro, vindouro.

Nota: Em Portugal a forma preferida é *oiro*: babadoiro, vindoiro.

óvel – V. *avel*.

são – V. *ção*.

tério sufixo grego; indica lugar: batistério, cemitério, necrotério, presbitério.

udo acrescido a substantivo, indica "cheio de", "com excesso de": beiçudo, bicudo, bojudo, cabeçudo, carnudo, dentudo, forçudo, narigudo, orelhudo, ossudo, pançudo, peludo, polpudo.

ugem forma nomes femininos; tem os mesmos significados de *agem*: 1 – acrescido a tema nominal, indica conjunto: babugem, salsugem, penugem, lanugem, ferrugem.

2 – acrescido a tema nominal ou verbal, indica a prática sugerida pelo tema: lambugem, amarugem, rabugem. v. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "lambugem".

ume acrescido a adjetivo, indica propriedade, qualidade: agrume, azedume, negrume.

ura 1 – acrescido a tema verbal latino ou vernáculo, indica ação ou resultado de ação: captura, censura, costura, formatura, fervura, fratura, fritura, leitura, pintura, ruptura, tremura, veladura, vestidura.

2 – acrescido a adjetivo, forma substantivo abstrato indicativo de estado, situação: alvura, brancura, bravura, cultura, fartura, finura, grossura, loucura, negrura, quadratura, tontura, travessura.

3 – acrescido a substantivo, indica exercício de cargo: advocatura, chefatura, judicatura, magistratura, nunciatura, prelatura.

V. D. QVs, *fornitura*.

úvel – V. *ável*.

Elementos Gregos

631 – Para finalizar esta parte – que é a última da morfologia – apresento uma lista de elementos gregos que entram na composição de várias palavras usadas nas ciências e nas artes:

adámas = indomável: diamante (houve hipértese do *a* inicial; especificava antigamente o aço mais duro), adamantino.

ácron = ponta, topo: acrópole, acrotério, acróstico.

ánemos = vento: anemômetro, anemoscópio.

ánthropos = homem: antropologia, antropófago, misantropo (paroxítono).

arché = governo: anarquia, jerarquia, monarquia, oligarquia.

autós = próprio, mesmo: autônomo, autocrata, autógrafo.

báros = peso: barômetro, barologia, baroscópio.

bíblion = livro: biblioteca, bibliografia.

bíos = vida: biografia, biologia, biotaxia (kcía).

cacós = mau: cacófato, cacofonia, cacografia.

calós = belo: caligrafia, calipedia, calidoscópio.

cephalé = cabeça: cefalalgia, cefaloide, acéfalo.

cheír = mão: quiromancia, quiromante, quirografia, cirurgia (chiro + urgia).

christós = ungido, sagrado: Cristo, cristandade.

chrôma, chrômatos = cor: isocromia, cromatismo, cromático, cromômetro.

chrónos = tempo: cronômetro, cronologia, cronograma.

chrysós = ouro: crisófilo, crisogênio, crisogastro, Crisóstomo.

cólon = parte do intestino: cólon, cólica (dor localizada no intestino).

cósmos = universo: cosmografia, cosmopolita.

cryptós = oculto: criptógamo, criptópodo.

cyanós = azul: cianídrico, cianogênio, cianose.

cýclos = círculo: ciclone, ciclótomo, enciclopédia[1].

cýon, cynós = cão: cínico (originariamente *canino, próprio de cão*), cinegética, cinocéfalo, cinoglossa.

cýstis = bexiga: cistalgia, cistotomia, cistorragia.

dáctylos = dedo: datilografia, datílico.

daímon = divindade. Nas religiões que precederam ao cristianismo, *demônio* significava *gênio bom* ou *gênio mau*. O cristianismo é que restringiu o significado para *espírito maligno*.

dêmos = povo: democracia, demagogia.

dérma = pele: derme, epiderme, paquiderme.

diábolos = caluniador: diabólico. Contrai-se em *diabo*; permuta o *l* em *r* em diab-r-ura, diab-r-ete. Reduz-se a *di* em di-acho e di-anho.

dýnamis = força: dínamo, dinamite, dinâmico.

dynástes = soberano, poderoso: dinasta, dinastia.

eicôn = imagem: iconoclasta, iconografia.

eídolon = imagem: idólatra, idolatria.

êlectron = âmbar, eletricidade: eletroscópio, eletrólise, eletrodinâmico.

eleemosýne = piedade, compaixão: esmola, esmoler.

éntomos = inseto: entomologia, entomozoário, entomostráceos.

éros, érotos = amor: erótico, erotomania, erotopégnio.

---

(1) Pelo étimo, a verdadeira acentuação seria *enciclopedía*. V. D. QVs, *Antioquia*.

éthnos = raça, povo: etnografia, etnologia, etnogenia, étnica, etnarca.

êthos = costume, hábito, moral: ética, etopeia, etocracia, etologia.

gála, gálactos = leite: galactose, galacturia, galactorreia, galactômetro, galactóforo.

gastér = ventre: gástrico, gastrônomo, gastralgia.

gê = terra: geografia, geologia, geodésia, geofagia, georama.

glaucós = cor pálida entre o verde e o azul: glauco (cor do mar).

glôssa = língua: glossário, glossologia. Reveste a forma *glos* em *glosa*, *glosar*; há ainda a forma grega com *tt*: glotal (glottal). – V. *glôtta*.

glôtta = língua: glote, glótico, glotologia – V. *glôssa*.

gloutós = nádega: glúteo (relativo às nádegas).

gnósis = conhecimento: diagnóstico, prognóstico.

gonía = ângulo: trigonometria, pentágono.

grámma = letra: anagrama, programa, monograma; gramática (originariamente *estudo das letras*); significa também peso ínfimo: grama (unidade de peso).

grápho = escrever: ortografia, cacografia, calígrafo, geógrafo, polígrafo.

gymnás = nu: ginásio (originariamente, escola de educação física exercitada com o corpo seminu), ginástica.

gyné, gynaicós = mulher: ginandria, ginecocracia, gineceu, ginecônomo, ginecologia.

hélios = sol: helioscópio, heliografia, heliometria.

haíma, haímatos = sangue: hemorragia, hemoptise, hemagogo, hematose.

hépar, hépatos = fígado: hepático, hepatocele, hepatorreia, hepatoscopia.

héteros = outro: heterogêneo, heterodoxo, heteróptero.

hierós = sagrado: hierofante, hieroglifo, hieródulo; a aspiração grega abranda-se em *jer* em *jer*arquia, *Jer*ônimo (por *Hierônimo* = nome sagrado, donde *hieronimitas*, professos da congregação de São Jerônimo).

híppos = cavalo: hipódromo, hipopótamo, hipófago[2].

homós = semelhante: homogêneo, homófono, homógrafo, homopatia.

horízon = o que limita: horizonte.

hýbris = injúria, violência, ultraje: híbrido.

hýdor = água: hidrogênio, hidrostática, hidromel, hídrico.

---

(2) Não se confunda este elemento com o prefixo grego *hypó*, que indica posição inferior: *hipogástrico*.

hygiés = são: higiene, higiologia.

hýalos = vidro: hialino, hialite, hialotecnia.

hygrós = úmido: higrômetro, higroscópio.

hýmen = membrana: hímen.

hýpnos = sono: hipnotismo, hipnotizar, hipnal, hipnose.

hystéra = útero: histerismo, histérico, histerômetro.

ichthýs = peixe: ictiófago, ictiologia.

idéa = ideia: ideograma, ideografia, ideologia.

ídios = próprio: idiossincrasia, idiomorfo, idioma (língua própria de um povo).

lampás, lampádos = facho, archote: lâmpada, lampascópio, relâmpago, pirilampo, lampião, lamparina.

leucós = branco: leucite, leucócito, leucina.

líthos = pedra: litoclastia, litografia, lítico, lítio, aerólito.

lógos = razão: lógica, si*log*ismo, catá*log*o, éc*log*a. Significa também *discurso*, *tratado*: antologia, biologia, teologia. Reveste as formas:

a) *lex* em léxico;

b) *let* (lect) em eclético, dialeto, dialética.

maniás = louco: manicômio, mania, melomania, melômano.

macrós = grande: macróbio, macrocéfalo.

mégas, megálou = grande: megatério, megalítico, megalomania, megalossauro, ômega (= *o* grande).

mésos = meio: mesóclise, mesotórax.

méter = mãe: metrópole.

métron = metro, medida: metrônomo, quilômetro.

micrós = pequeno: micróbio, microscópio, microcosmo, microcéfalo, ômicro (= *o* pequeno).

mísos = ódio: misantropo, misofobia, misoneísmo.

mónos = único: monismo, mônades, monarca, monografia, monandria, monanto.

morphê = forma: morfologia, morfozoário, amorfo.

mýron = perfume: mirônico, mirospermina, miroxilina.

mýthos = fábula: mitologia (história da fábula), mitografia, mítico.

nárce = torpor, sono: narcose, narcótico, narceína, narcolepsia.

necrós = cadáver: necrologia, necrológio, necrópole, necromancia.

neós = novo: neoplasma, neologismo, neolatino, neófito.

nephrós = rim: nefrite, nefrina, nefrologia.

neûron = nervo: neurastenia, neurofagia, neurólito, neurônio.

nómos = lei: autônomo, gastrônomo.

nósos = moléstia, doença: nosologia, nosogenia, nosografia, nosocômio, nosocrático.

odós = caminho: ânodo, cátodo, elétrodo, método, pêntodo, período.

odoús, odóntos = dente: odontologia, odontalgia, odontorranfo.

olígos = pouco: oligarquia, oligomania, oligospermo.

ón, óntos = ente: ontologia (tratado do ente), ontogênese.

ónoma, onómatos = nome: onomatopeia, onomástica (arte de aplicar nomes), onomástico.

ónymos = nome: sinônimo, pseudônimo, anônimo.

óphis = cobra: ofídio, ofilogia, ofiúros.

ophtalmós = olho: oftalmia, oftalmoscópio.

órnis, órnithos = pássaro, ave: ornitologia, ornitomancia, ornitóbio, ornitófilo, ornitomizo.

orthós = reto: ortografia, ortopedia, ortopneia, ortodoma, ortodoxo (que está com a opinião certa, direita), ortofonia. *Orthós* serve de étimo à raiz *ord*, donde *ordem*, *ordinário*, *ordenança*.

ostéon = osso: osteíte, osteologia, osteomielite, osteína.

oûs, otós = ouvido: otite, otocéfalo, otodinia.

palaiós = antigo: paleologia, paleontologia, paleozoologia, paleolífero, paleolítico.

pân = tudo: panteísmo, panorama, panclastita, pancrácio (= combate em que o atleta põe em jogo todas (*pan*) as suas forças (*crátos*) e que se compõe da luta e do pugilato), pâncreas (todo carnoso), panóplia, pantógrafo.

páthos = moléstia, sofrimento: patologia, patogenia, patogênese, patologista.

pépsis = digestão: pepsia, dispepsia, peptona, peptoxina.

phageín = comer: fagócito, antropófago, geofagia.

phílos = amigo: filósofo, filantropo, filologia.

phléps, phlebós = veia: fleborragia, flebite, flebotomia, flebosclerose, flebopalia.

phonê = voz: fonologia, fonógrafo, fonética, eufonia.

phôs, photós = luz: fotografia, fósforo (= que leva luz), holofote (= luz completa).

phthóngos = som: ditongo, tritongo.

phýsis = natureza: fisionomia, fisiologia, física, metafísica, apófise.

pléos = mais: pleonasmo, pleorama, pleonasto.

pólis = cidade: necrópole, acrópole, Nápoles, Teresópolis, Constantinopla.

polýs = muito: politécnica, polissílabo, polimorfo.

potamós = rio: potamologia, hipopótamo.

poús, podós = pé: podômetro, podoftalmo, podologia, ápode, cefalópode[1].

pseúdes = falso: pseudônimo, pseudópodo, pseudospermo. (Na composição, não varia o primeiro elemento; jamais vá alguém dizer pseudaciência, pseudanormalista.)

psyché = alma: psicologia, psicose, psicopata.

pterón = asa: pterólito, pterópodo, pterodátilo.

pýr = fogo: pirômetro, pirotécnico, piróforo, pirídico.

rhis, rhinós = nariz: rinite, rinoceronte, rinalgia, rinorreia, rinoscópio.

stereós = sólido: estereotipia, estereótipo, estereoscópio.

stratós = exército: estratégia, estratagema (manobra do exército), estratocracia.

taphé = sepultura: epitáfio.

téle = longe: telégrafo, telepatia, telefone, telêmetro.

thánatos = morte: tanatologia, Atanásio (= imortal), eutanásia.

theós = Deus: teologia, ateu, Teófilo, Filoteia, teodiceia, teosofia.

thérme = calor: termas, térmico, termômetro, termódota (distribuidor de água quente nos banhos).

tópos = lugar: topologia, topografia, toponimia.

týpos = modelo, molde: tipografia, tipógrafo, protótipo.

zôon = animal: zoologia, zoófito, zoogeografia, zoolattia, zoólito.

632 – Hibridismo: Quando os elementos de um composto provêm de idiomas diferentes, a palavra se diz *híbrida*: *automóvel* (gr. *autós*, lat. *mobile*). O **hibridismo** deve ser evitado sempre que possível; p. ex.: É erro formar *canídromo* (lat. e grego) em vez de *cinódromo* (pista para cães; ambos os elementos gregos).

Só é aceitável uma palavra híbrida:

a) quando os elementos já existirem, isoladamente, e forem de largo uso no vernáculo: *alcoômetro* (árabe e grego); *mineralogia* (lat. e grego); *automóvel* (grego e latim); *polivalente* (gr. e lat.);

b) quando um dos elementos, por ser muito usado em outros compostos, tiver perdido o caráter estrangeiro: *sociologia* (lat. e grego), *colorímetro* (lat. e gr.), *pluviômetro* (lat. e gr.), *televisão* (gr. e port.), *heliogravura* (gr. e

(1) V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "ápode".

lat.)[2], *estercoremia* (lat. e gr.), *endereçógrafo* (port. e gr.), *ambiopia* (lat. e gr.), *megavate* (gr. e ingl.), *motogodile* (lat. e fr.);

c) quando um dos elementos não puder de forma nenhuma ser trocado por ter sentido especial: *galvanotipia* (o 1º componente é tirado do nome de célebre físico italiano); *burocracia* (já nos veio formado do francês: *bureau*, fr. escritório, *cracia*, gr. governo);

d) quando de todo consagrada, já com direitos de cidade em nossa língua: *monóculo* (gr. e lat.), *sociologia* (lat. e gr.), *centímetro* (lat. e gr.).

633 – COMPOSIÇÃO e DERIVAÇÃO – Na **composição**, o sentido da palavra fundamental é modificado mediante palavras, preposições ou partículas que a ela se antepõem; processa-se ou por *justaposição* (quando duas ou mais palavras se juntam sem que se alterem: *porta-aviões*) ou por *aglutinação* (quando elas se fundem mediante alguma alteração: *pernalta*, de *perna* + *alta*) ou por *prefixação* (§ 626).

Em resumo, a *composição* de uma palavra pode ser:

a) por prefixação: § 626

b) por justaposição { sem hífen / com hífen } § 226, 3º caso

c) por aglutinação: § 633

d) parassintética: § 625.

Na **derivação**, o sentido da palavra fundamental é modificado mediante troca ou acréscimo de sílaba ou sílabas finais (*derivação própria*, feita por *sufixação*: *mel* + *oso* = *meloso*) ou por um dos processos semânticos (*derivação imprópria*, § 621).

Entre o tema e o sufixo pode aparecer, para efeito eufônico, uma *consoante de ligação*: frio(r)ento, sono(l)ento, lama(ç)al, casa(r)io, cafe(t)eira, cha(l)eira.

Nota: Na composição pode aparecer uma *vogal de ligação*: lan(í)gero, carn(í)voro, glot(o)logia, gram(o)fone, hem(o)rragia – predominando *i* nos compostos latinos e *o* nos gregos.

Questionário

1. Faça uma dissertação sobre o histórico da língua portuguesa.

2. Por que vias se enriqueceu, na língua portuguesa, o modesto vocabulário recebido do latim? – Dissertação *completa* e exemplificada.

3. Que são formas *divergentes*? Exemplo.

(2) V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "heliografia".

4. Explique o que é *convergência vocabular*. Exemplo.
5. Qual o objeto da *semântica*?
6. Que é *metáfora*? Exemplo.
7. Que é *eufemismo*?
8. Dê algum exemplo curioso de evolução semântica.
9. Que elemento carateriza a *linguagem afetiva*? (V. as primeiras palavras do § 622.)
10. Nas *formas sincréticas* existe divergência de significação? Que existe então?
11. Que são palavras *parassintéticas*?
12. Que é *prefixação*?
13. Considerados quanto à origem, como podem ser os prefixos?
14. *Coordenar* é palavra composta? Justifique a resposta.
15. Etimologicamente, que significa *penumbra*?
16. Quais as significações do prefixo *re*? Exemplos de cada significado.
17. Explique a etimologia de *tresmalhar*.
18. Tendo em mente que o prefixo grego *a* significa *privação*, *negação*, substituir por palavras gregas as locuções grifadas dos seguintes trechos (as palavras que estão entre parênteses não devem aparecer nas respostas):
a) Os *sem pés* (animais) movimentam-se de maneira curiosa.
b) Nada podemos fazer nesta situação *sem cabeça*.
19. Substituir as palavras grifadas pelas correspondentes derivadas do grego (os parênteses têm por fim facilitar a compreensão; não devem aparecer nas respostas):
a) Os (macacos de cabeça semelhante a) *cabeça de cão* são raros.
b) João é rapaz *de atividade* (de força).
c) O *medidor de calor* indica a febre do doente.
d) O (aparelho de) *som longe* é muito útil.
20. Os riscos das seguintes orações devem ser substituídos pela palavra adequada (derivada do grego):
a) _____ é o aparelho que serve para medir o vento.
b) _____ é o contrário de caligrafia.
c) _____ significa, etimologicamente, cavalo do rio.

*

As palavras são o suor da atividade humana; quanto mais operoso um povo, tanto maior o vocabulário; quanto mais fecundo um aglomerado, já de cientistas, já de guerreiros, já de comerciantes, já do que quer que seja, tanto mais premente a necessidade de enriquecimento de expressões e de palavras adequadas aos inventos, às táticas bélicas, às modalidades de comércio.

*

De um para outro capítulo poderá haver claros na numeração dos parágrafos; isso tem por fim possibilitar em futuras edições algum acréscimo que se torne necessário.

CAPÍTULO 44

SINTAXE

ESTUDO DAS PALAVRAS COMBINADAS

Noções Gerais

636 – Em geral, uma palavra exerce, na oração, duas funções: uma *taxeonômica* (§ 161, n. 2), outra *sintática*. Função *taxeonômica* é a que a palavra exerce quanto à classe a que pertence (substantivo, adjetivo, pronome etc.); a segunda função vem a ser a que a palavra exerce em relação a outros termos da oração (sujeito, complemento etc.).

637 – Muitos dos ensinamentos que as gramáticas costumam apresentar na sintaxe foram já expostos, para maior proveito do aluno, na própria morfologia; resta-nos agora estudar:

1º – As diversas relações que as palavras mantêm entre si na oração; por outras palavras, iremos estudar a *oração* e *seus termos*. É desnecessário dizer que é de muita importância esse estudo.

2º – Em segundo lugar, passaremos a estudar os *processos sintáticos*, ou seja, os requisitos a que deve obedecer um termo no referir-se a outro termo da oração; é, então, que estudaremos a *concordância*, a *regência* e a *colocação* dos termos que concorrem para formar a oração.

Faz parte desse ponto o estudo dos *vícios de linguagem*.

3º – Passaremos a estudar o *período* gramatical, analisando a concatenação que mantêm as orações para formar o período. É esta a parte mais importante da sintaxe, para cuja compreensão muito importa o perfeito conhecimento das conjunções, quer coordenativas quer subordinativas.

4º – Completará o estudo da sintaxe o conhecimento de certas *particularidades sintáticas* e o da *pontuação*.

638 – Esse é o programa que passaremos a desenvolver; abrange matéria bastante menor que a já estudada, mas é a que constitui o verdadeiro *desideratum* de quem pretende conhecer nosso idioma, de quem deseja redigir com segurança. Finalizará nosso estudo um *apêndice literário*, ao qual se seguirão *exercícios* e *testes* sobre todas as partes da gramática do nosso idioma e um *índice analítico* de todos os assuntos, de três mil e trezentos verbetes.

Generalidades da Oração

639 – **Oração** é a reunião de palavras ou a palavra com que manifestamos aos nossos semelhantes, de maneira completa, um pensamento.

Tanto manifesta um pensamento o indivíduo que diz: "Vivo" – muito embora esteja a proferir uma só palavra – como o que diz: "Eu estou com saúde".

640 – Quanto ao *sentido*, as orações podem ser:

1 – declarativas
2 – interrogativas } diretas / indiretas
3 – exclamativas
4 – optativas
5 – imperativas

641 – **Declarativa**, *expositiva* ou *enunciativa* é a que encerra mera informação, mera declaração. Exemplos:

Estudei a lição
Não quero a sua vinda

a) Quando a oração declarativa encerra juízo positivo, chama-se **positiva**: "Pedro é estudioso" – "Todos nós trabalhamos".

b) A oração declarativa será **negativa** quando encerrar negação: "Paulo *não* é estudioso" – "Nós *não* temos férias" – "*Nunca* ofendi o próximo" – "*Ninguém* viu o canário".

Isto de ser *positiva* ou *negativa* aplica-se a qualquer espécie de oração.

642 – É **interrogativa** a oração que encerra pergunta: "Quem quebrou o copo?"

A oração interrogativa pode ser *direta* e *indireta*.

a) É **interrogativa direta** quando a pergunta é expressa numa só oração, absoluta: "Quem quer o brinquedo?" – "Que faremos com o dinheiro?" – "Por que você não vai?"

b) É **interrogativa indireta** quando a oração de sentido interrogativo depende de um verbo principal que indique desconhecimento ou desejo de informação: "Não sei *quem entrou*" – "Quero conhecer *quem fez isto*" – "Diga-me se *ele já chegou*" – "*Quais eram esses sinais* quis saber o almirante" – "Gostaria de saber *por que você não vai*".

Notas: 1ª – Antigamente, as orações interrogativas *indiretas* que dependiam dos verbos *perguntar*, *dizer*, *responder* e *replicar* podiam vir acompanhadas do *que* e logo a seguir da oração interrogativa direta: "Perguntou-lhe *que como trazia armas?*" – "Dizendo-lhe *que por que não mandava escarlate?*" – "Replicaram-lhe *que por que não queria o jazigo onde estava o duque com seu marido?*" – "O Senhor respondeu a isto *que para que lhe perguntava isto?*"

2ª – Como interrogativas indiretas podem ser analisadas subordinadas como estas:

Não sei *quando volta*.
Sei *como passa*.
Não sei *por que saiu*.
É sabido *onde está*.
Sabe-se *quanto custa*.
Sei *quais meios empregar*.
Não sei *quem enviar*.

Essas interrogativas indiretas prendem-se ao verbo da oração principal (*saber* ou outro qualquer que implique ideia de declaração ou sentimento), sem que nenhum interesse traga ao nosso ou a qualquer idioma interpretar a palavra que inicia tais subordinadas (*quando*, *como*, *por que*, *onde*, *quanto*, *quais*, *quem* etc.) como conjunção integrante.

643 – Exclamativa é a oração que exprime sentimento de admiração ou de surpresa: "Quanta coisa certa ele disse!" – "Como é triste a morte do indigente!" – "Que miséria vai trazer esta guerra!"

Observação:

Não é contudo a oração completa, exarada com todos os seus termos, a forma de que sempre se revestem os dizeres exclamativos. Sendo rápidas as explosões de sentimento, nada mais natural do que o procurar externá-las em poucas palavras e em tempo rápido. Daqui procede a predileção às frases breves e orações abreviadas ou reduzidas aos conceitos essenciais:

"Terra! terra!" – "Mísera sorte!" – "Mentira!" – "Os árabes!" – "Prestes!" – "Venha!"

Certas frases de linguagem familiar, enunciadas a princípio por extenso, ficaram reduzidas pelo uso continuado a fórmulas cristalizadas, aparentemente inanalisáveis, que em determinadas ocasiões todos repetem sempre da mesma maneira sem que alguém cogite em reconstruir as frases com seus elementos primitivos. Tais são os dizeres *Boas! Ora essa! Pois não! Pois sim!* que podem significar muita coisa; e no

Viva! com que damos expansão ao entusiasmo, sentido por alguma pessoa, já não nos acode ser este o verbo ou predicado restante de uma oração optativa. Nem se nos dá disso, pois não hesitamos em dar também vivas aos irremediavelmente mortos. Por outra parte, *Oxalá!* – acomodamento do árabe *en shâ allah* (= "Se Deus quiser" – "Assim Deus queira") à pronúncia portuguesa, continua a usar-se como expressão de desejo, embora se tenha apagado a consciência da origem islamítica dessa exclamação.

644 – Optativa (do lat. *optare* = desejar) é a oração que encerra desejo: "Seja feliz" – "Bons olhos o vejam".

Nota: A forma verbal que por excelência expressa desejo é o subjuntivo presente; com força optativa, é ele usado em todas as pessoas: "Possa eu ser nomeado" – "Sejas feliz" – "Vá com Deus" – "Saibamos vencer" – "Sejais felizes" – "Passem com boas notas" – v. § 945.5.

645 – Imperativa é a oração que, tendo o verbo no modo imperativo, geralmente encerra ordem: "Suma-se daqui".

A oração imperativa pode também indicar ou súplica ou pedido: "Dê-me (o senhor) uma esmola" – "Dá-me (tu) um copo d'água" – "Livrai-me, Senhor, de todo o mal" – "Estude, meu filho".

O estudo do modo imperativo foi feito no nº 3 do § 413.

Questionário

1. Quantas funções exerce uma palavra na oração? Explicações e exemplos.

2. Diga, resumidamente, o que iremos estudar na sintaxe.

3. Que é *oração*?

4. Quanto ao *sentido*, como podem ser as orações? (Responda no plural, como está no § 640, com explicação e exemplos – Não se esqueça da subdivisão das declarativas e das interrogativas.)

5. Corrija os seguintes textos:

a) Vá na casa Pinto ver uma secretária pequena, que está em exposição: se convir para você, compra ela e manda trazer, e manda levar a conta no meu escritório, para mim pagar. (§ 546, n. 4; § 464, n. 3; § 313, obs.; evite a repetição de palavras; § 546, n. 4; § 313.)

b) Lembra de Santa Rita? Bebemos aí, na estação, um delicioso café, que nunca me hei de esquecê-lo. (Lembrar-se ou esquecer-se *de* algo; § 345, n. 3: Claro está que...)

c) O temporal deteu o trem à dois quilômetros de Cambuquira.

d) O juiz apreendeu a menor Silvina, de quem nada se sabe dos pais. (Recorde o § 382 e a pergunta 12 antes do § 386.)

e) Houve um cataclisma pavoroso no Japão. (V. o dicionário.)

f) Estes colarinhos não têm intertela. (Idem.)

CAPÍTULO 45

ANÁLISE SINTÁTICA

Termos da Oração

648 – Os **termos da oração** classificam-se em:

essenciais
integrantes
acessórios

649 – **Termos essenciais** da oração são os elementos que ordinariamente concorrem para a formação da oração. São dois:

sujeito
predicado

Sujeito

650 – Se sujeito de um verbo é a *pessoa* ou *coisa* sobre a qual se faz alguma declaração, é evidente que o sujeito deve ser constituído de *substantivo*, pois a esta classe de palavras cabe nomear as *pessoas* e as *coisas*.

Pode, no entanto, o sujeito deixar de ser constituído de substantivo *essencial*, isto é, de substantivo propriamente dito, para ser constituído de substantivo *virtual*, isto é, de palavra, frase ou oração, que tenha igual força de substantivo. Podem ainda, portanto, funcionar como sujeito:

a) um *pronome*: "*Ele* é estudioso"

b) qualquer *palavra substantivada*: "*Assaz* é advérbio" – "O *amanhecer* do trabalho há de antecipar-se ao amanhecer do dia"

c) uma *frase de sentido incompleto*: "*Trabalho e honra* deve ser lema de todos nós"

d) uma *oração*:

"É	bom	*que ele vá ao Rio*"
verbo	predicativo	sujeito

Nota: Quando é representado por frase, o sujeito chama-se *fraseológico*, como acontece no exemplo da letra *c*. Quando constituído de oração, chama-se *oracional*, como se vê na letra *d*.

651 – Como descobrir o sujeito: Suponha-se a oração "Pedro quebrou o disco". – Para que se descubra o sujeito da oração, é bastante saber quem praticou a ação de quebrar, isto é, quem quebrou o disco, o que se consegue mediante uma pergunta em que se coloque *que* ou *quem* antes do verbo:

Quem quebrou o disco?

Resposta: **Pedro**.

A resposta indica o sujeito da oração. Portanto o sujeito da oração é *Pedro*.

Outros exemplos: Descobrir o sujeito das seguintes orações:

Sócrates discorreu sobre a alma.

Pergunta: Quem discorreu sobre a alma?

Resposta: *Sócrates*.

Sujeito = **Sócrates**.

Os romanos honravam seus deuses.

Pergunta: Quem honrava seus deuses?

Resposta: *Os romanos*.

Sujeito = **Os romanos**.

Pedro foi ferido na guerra.

Pergunta: Quem foi ferido na guerra?

Resposta: *Pedro*.

Sujeito = **Pedro.**

Ao professor e ao pai do menino chegam reclamações dos colegas.

Pergunta: Que é que chega ao professor e ao pai?

Resposta: *Reclamações*.

Sujeito = **Reclamações**.

652 – Sujeito acusativo: Embora, por regra, somente o pronome reto possa funcionar como sujeito, há contudo casos em que o pronome oblíquo desempenha essa função. Tal se dá em orações em que entram os verbos *deixar*, *fazer*, *mandar*, *ouvir*, *sentir* e *ver* quando esses verbos têm, como objetos, outros verbos no infinitivo:

O	médico	fê-	LA	andar
	suj. de *fez*	v. principal	↓	obj. de *fez*
			suj. de *andar*	

Mandei-	O	entrar	Deixaram-	ME	sentar
v. principal	↓	obj. de *mandei*	v. principal	↓	obj. de *deixaram*
	suj. de *entrar*			suj. de *sentar*	

Outro exemplo: "Vi um homem morrer". – Não é intenção de quem assim se expressa declarar que "viu um *homem*" mas, sim e unicamente, que "viu *morrer*"; *morrer* é que é o objeto de *viu*.

"Mandei o menino *assobiar*, *cantar* e, finalmente, *sair*" – é oração em que se atribuem ao verbo *mandar* diversos objetos, constituídos pelos infinitivos *assobiar*, *cantar* e *sair*, dando-se-lhes um mesmo sujeito: *menino*.

Substituindo-se, em qualquer construção semelhante à dos exemplos acima, o sujeito do infinitivo pelo correspondente pronome pessoal, este irá aparecer na forma oblíqua correspondente ao acusativo latino: mandei-*o* sair, fê-*la* andar, vi-*o* correr, nunca *o* havia antes ouvido falar tão bem.

Outro exemplo de sujeito acusativo temos em orações como "Maria deixou-*se* ficar". Aqui o *se* é realmente sujeito, mas sujeito acusativo, ou seja, sujeito de um infinitivo; tem função etimologicamente certa, que não pode ser confundida com a profligada no § 406.

Pelo fato de nessas orações aparecer na forma oblíqua o pronome, não nos devemos deixar enganar na sua análise, atribuindo-lhe função objetiva. Trata-se, exclusivamente, de um *latinismo sintático*, onde as subordinadas substantivas levam o verbo para o infinitivo, com o respectivo sujeito no caso *acusativo*; pelo que, diremos constituírem essas sentenças exemplos de **orações infinitivo-latinas**.

Nota: São portanto erradas as construções: "Fiz *ele* entrar" – "Vi *elas* sair" – "Deixei *ele* passear" – "Viu *eu* entrar" – "Deixe *eu* ver" – em vez de: "Fi-*lo* entrar" – "Vi-*as* sair" – "Deixei-*o* passear" – "Viu-*me* entrar" – "Deixe-*me* ver".

653 – É norma de gramática, e a lógica exige que assim seja: **O sujeito não pode depender de nenhum termo da oração**.

É evidente a justiça de tal princípio: Pelo próprio fato de ser sujeito, e, por conseguinte, constituir aquilo de que se declara alguma coisa, o sujeito

poderá ter complemento, mas não ser complemento. A construção: "É hora *do* almoço estar pronto" – violaria esse princípio, pois subordinaria o sujeito do verbo *estar* ao substantivo *hora*, como se dissesse: "É hora do almoço" – quando o que se pretende dizer não é isso e sim: "É hora *de estar pronto* o almoço".

Nessas razões se baseiam os bons escritores, quando evitam combinar a preposição com o sujeito do infinitivo.

Assim, não se dirá: "É tempo *do* menino estudar" – senão, separando-se a preposição *de* do sujeito: "É tempo *de* o menino estudar".

A preposição, em exemplos como esse, rege, na realidade, o infinitivo e não o sujeito desse infinitivo: *É tempo de quê? – De estudar*. Daí um conselho muito justo, cuja prática evitará erros nessas construções: Colocar o sujeito de tais orações depois do infinitivo: "É tempo de estudar o menino a lição".

Exemplos típicos, que evidenciam bem essa questão, obtêm-se dando-se ao infinitivo um sujeito composto; em tais casos a preposição só aparece uma vez: "Baseamo-nos no fato *de* este rapaz e o seu irmão *não estarem* inscritos".

Outros exemplos: "O fato *de possuírem* os homens esmerada educação" (ou: "O fato *de* os homens *possuírem*...") – "Dada a impossibilidade *de* o rim *eliminar* fosfatos" – "Sem que houvesse tempo *de* o condutor *brecar* o carro" – "Não há necessidade *de* se *irem* eles embora" (ou: "...*de* eles se *irem* embora") – "Apesar *de estarem* cortadas as relações" (ou: "Apesar *de as* relações estarem cortadas") – "Não há vantagem *em ganharem* eles a causa" (ou: "...*em eles* ganharem a causa" – nunca: "*neles* ganharem a causa") – "O mal está *em* não *querer* isso o homem" (ou: "...*em o* homem não querer isso") – "*Por* a vírgula *estar* separando termos essenciais é que a cortei" (e não: "*Pela* vírgula...") – "Não vejo mal *em* a senhora *proceder* dessa forma" (e não: "...*na* senhora...") – "Uma prova foi anulada *por* ter *o* candidato..." (e não: "...*pelo* candidato ter...").

Nota: Esse mesmo é o motivo que impede a construção "Depois *da* porta arrombada...", que se deve corrigir para "Depois *de a* porta arrombada" ou, em ordem mais comum, "Depois *de* arrombada *a* porta" (= depois de ter sido arrombada a porta). E assim: "Depois *de* morta *a* onça" (ou: "Depois *de a* onça estar morta"), e não: "Depois *da* onça morta".

654 – Classificação do sujeito – O sujeito pode ser:

simples

composto

indeterminado

655 – O sujeito é **simples** quando representado por um só ente, ou por entes da mesma espécie, isto é, quando representado por um só nome no singular ou no plural.

"O *livro* é bom" – "Os *livros* são bons"

656 – O sujeito é **composto** quando representado por entes diversos, ou seja, por mais de um substantivo, ou por mais de uma palavra ou expressão substantivada: "O *livro* e o *lápis* são bons" – "*Ser* e *não ser* são coisas opostas".

657 – O sujeito é **indeterminado** quando de impossível identificação. Tal acontece em orações com verbos:

a) ativos, acidentalmente impessoalizados na 3ª do plural (§ 484, 1): "Dizem que ele vem".

b) acidentalmente impessoalizados na passiva (§ 485): "Precisa-se de um datilógrafo" – "Assim se vai aos céus".

Notas: 1ª – Sempre se entendeu por "sujeito gramatical" o verdadeiro sujeito, isto é, o sujeito despojado de todo e qualquer modificativo complementar que porventura tivesse ("A *casa* de Pedro ruiu"), e por "sujeito lógico", ou "sujeito total", o sujeito acompanhado de todos os modificativos complementares que lhe pertencessem: "*A casa de Pedro* ruiu".

Em substituição ao nome "sujeito gramatical", "objeto gramatical" procuraram introduzir o de "núcleo do sujeito", "núcleo do objeto", dando-se a entender por "núcleo" a palavra que realmente exerça a função sintática, seja ela qual for, que se considere, donde a definição de sujeito simples: "sujeito de um só núcleo", e a de sujeito composto: "sujeito constituído de dois ou mais núcleos". É nome inventado à revelia da nomenclatura oficializada no Brasil.

2ª – Se o aluno ouvir falar em sujeito *agente*, sujeito *paciente*, sujeito *oculto*, saiba entender o que isso significa:

O sujeito é **agente** quando pratica a ação verbal, o que se dá na voz ativa: "O *Sol* ilumina a Terra".

O sujeito é **paciente** quando sofre, recebe, padece a ação verbal, o que se dá na voz passiva: "*A Terra* é iluminada pelo Sol".

O sujeito é, ao mesmo tempo, **agente** e **paciente**, quando pratica e recebe a ação verbal, o que se dá na voz reflexiva: "*Pedro* livrou-se do embaraço".

Sujeito **oculto** é o facilmente subentendido: "(*Nós*) Precisamos estudar".

658 – Oração sem sujeito: Não se trata agora de classificar, nem de procurar, nem de determinar o sujeito; o sujeito *não existe* em orações:

1. em que o verbo é impessoal essencial: "Choveu ontem" (V. § 481);
2. em que entra o verbo *haver* acidentalmente empregado como impessoal: "Há homens na sala" (V. § 484, 2);

3. em que entra o verbo *fazer*, também acidentalmente empregado como impessoal: "Faz dois dias que..." (V. § 907, nota 1);

4. em que entra o verbo *ser*, acidentalmente empregado como impessoal: "Era a hora do repouso" (V. § 426, 2);

5. em que entra o verbo *estar*, acidentalmente empregado como impessoal: "Está tarde" (V. § 484, 2).

V. a nota da letra C do § 405.

659 – Se em regra geral o sujeito não vem regido de preposição, há todavia estas exceções:

1. Quando o sujeito é um infinitivo, aparece muitas vezes, nos clássicos, regido de *de*: Parecia desnecessário *de* mandar-lhe por ora maiores declarações – Desaire real seria *de* a deixar sem prêmio – Estes democratas, se acontece *de* caírem nas presas da justiça...
2. O sujeito infinitivo aparecia ainda com *a* quando o verbo da oração era *convir* ou *custar*: convém *a* saber... custa *a* crer que... custara-lhe *a* conformar-se.
3. O sujeito pode vir com *de* quando constituído de partitivo: Ainda existem *destes* homens – Até nos melhores escritores se encontram *destes* pecadilhos – ...mas não entraram *de* outros sorrisos naquela cara – Nesta casa vende-se *de* tudo.

Questionário

1. Como se classificam os *termos da oração*?

2. Quais os termos que ordinariamente concorrem para a formação da oração?

3. Que é *sujeito*?

4. Que classe de palavras desempenha função subjetiva?

5. Pode o sujeito vir representado por *substantivo virtual*? Explicação e exemplos. (Não se esqueça da nota do § 650.)

6. Como se consegue saber qual o sujeito de uma oração?

7. Procure o sujeito das seguintes orações (o aluno deve classificar o sujeito de acordo com o § 654 e ss.):

a) Os pirilampos ziguezagueiam no espaço.

b) Os chorões melancólicos inclinam-se sobre a água cristalina do regato.

c) O vendaval sinistro lembrava aos homens a existência de um criador.

d) Viam-se de longe os telhados vermelhos das casas.

8. Explique, com exemplos, o que é *sujeito acusativo* e, ao mesmo tempo, o que é *oração infinitivo-latina*.

9. Corrija estas orações:

a) É preciso fazer ela estudar.

b) Papai não deixa eu sair sozinha.

c) Vi muito bem ele entrar na sala e vi ela correr-lhe ao encontro.

10. É certo construir: "O mal está nela não estudar gramática"? De que outra ou outras maneiras podemos redigir esse período?

11. Cite alguns casos de *oração sem sujeito*.

CAPÍTULO 46

PREDICADO

661 – Entende-se por **predicado**, em análise sintática, o que se declara do sujeito, e essa é a função precípua do *verbo*: "A águia VOOU".

Quando o verbo trouxer um complemento, este ficará sintaticamente fazendo parte dele, ou seja, o predicado passará a ser constituído de todo o conjunto verbo-complemento. Da existência ou não deste complemento decorrem as espécies de predicado.

662 – O predicado pode ser:

verbal
nominal
verbo-nominal

663 – **Predicado verbal** – É o constituído:

a) ou só do verbo, por não exigir complemento (verbo intransitivo):

O menino CAIU

b) ou do verbo, que não seja de ligação, e do seu complemento, quer seja este integrante ou não:

Nós VIMOS O BALÃO
Isso DEPENDE DA LEI
Ele CAIU NO RIO
Meu pai ESCREVEU UMA CARTA PARA O DIRETOR DO COLÉGIO

664 – Predicado nominal – É o constituído de um verbo de ligação e do seu complemento, complemento este chamado **predicativo**:

João É ESTUDIOSO
(É ESTUDIOSO: predicado nominal; ESTUDIOSO: predicativo)

O pássaro ESTÁ DOENTE
(ESTÁ DOENTE: predicado nominal; DOENTE: predicativo)

OUTROS EXEMPLOS: Ele *anda preguiçoso* – Ele *permanece louco*.

665 – PREDICATIVO: Precisamos, para compreensão do *predicado verbo-nominal*, estudar melhor o que é *predicativo*.

Vimos no parágrafo anterior que o complemento do verbo de ligação se chama **predicativo**. Não só de adjetivo pode ser constituído o predicativo, como não só de uma única palavra; a função sintática é que determina se a palavra, ou expressão, ou mesmo oração, ou, ainda mais, um nome seguido de subordinada adjetiva, constitui predicativo. **Predicativo** é tudo o que se declara do sujeito mediante um verbo de ligação:

O sol é BRILHANTE
O sol é ASTRO
Eu sou UM
Eu não sou VOCÊ
Viver é LUTAR
Isso é TUDO
Isso é ASSIM
És tu A MÃE DESSA CRIANÇA?
Sou-A
És tu MÃE?
Sou-O
Aquilo é UMA DAS SURPRESAS
Ele está COM SAÚDE
O exército estava SEM MUNIÇÃO
Ele está DE LUTO
Nós estávamos DE PÉ
Roberto ficou SEM O LIVRO
Maria parece BOA ALUNA
Pedro não anda BEM DE ESTUDOS

Mário permanece O MESMO
Esse chapéu fica BEM PARA VOCÊ
Era DE VER a alegria da criançada
Essa vila fica PERTO
Essa estrada é DIFÍCIL DE PASSAR
Pedro é BOM E DIGNO DE LOUVOR
Isto é O QUE EU QUERO

666 – Quando o verbo da oração é de ligação, o complemento se chama, simplesmente, *predicativo*, e sempre se refere ao sujeito, mas o predicativo pode aparecer de duas outras maneiras e recebe então nomes especiais: *predicativo do sujeito*, *predicativo do objeto*.

667 – PREDICATIVO DO SUJEITO: É o predicativo que, referindo-se ao sujeito (ou sujeitos), aparece em orações cujo verbo não é de ligação:

João nasceu RICO
Pedro morreu POBRE
Eu via PREOCUPADO a aflição dos meus alunos
Ele saiu DE CABEÇA ERGUIDA
As palavras saíam INCONEXAS
As frases rompem MÚRMURAS
Ele foi apelidado SÁBIO
Ele será eleito DEPUTADO
Eles foram recolhidos PRESOS
Ele foi chamado ANTÔNIO
Vós fostes nomeado GENERAL
Chama-se SÍLABA a reunião de...

Observação:

Nas orações "Ele foi eleito deputado", "Eles foram recolhidos presos" e em outras semelhantes, o predicativo pode vir antecedido de certas preposições ou de *como*: "Ele foi eleito *como* deputado", "Eles foram recolhidos *como* presos", "Ele é tido *por* homem de bem" (ou: *como* homem de bem), "O verbo de predicação completa é também chamado *de* verbo intransitivo", "Era apelidado *de* gordinho".

Tais construções são permitidas quando não comprometem a clareza da oração; na oração "Eles foram reconhecidos *por* homens de bem", não sabemos se o "por homens de bem" é predicativo do sujeito ou se é agente da passiva.

668 – PREDICATIVO DO OBJETO: É o predicativo que se refere ao objeto; constitui-se de adjetivo ou substantivo que acrescenta ao objeto uma ideia que lhe não é essencial. Uma coisa é dizer "Achei os doentes" (a

doença é essencial; procurava pessoas conhecidamente doentes), outra é dizer "Achei-os doentes" (= encontrei-os estando doentes). Pode aparecer, portanto, em orações de verbo transitivo acompanhado do objeto ou objetos:

Vi-o TRISTE
Nomearam João SECRETÁRIO
Achei a criança DOENTE
Achei-a DOENTE
Fiz as armas brancas VERMELHAS
Fi-las VERMELHAS
O vício faz o homem MISERÁVEL
Elegeram o candidato DEPUTADO
Elegeram-no DEPUTADO
Tornei PÚBLICAS as suas injustiças

669 – Não devemos, pois, confundir **predicativo do sujeito** com **predicativo do objeto**. O predicativo do sujeito refere-se ao sujeito verbo, ao passo que o predicativo do objeto é o complemento que modifica, que completa o objeto e não o sujeito. Se eu disser: "Paulo chegou *doente*", "doente" é predicativo do sujeito, pois se refere ao sujeito, mas se eu disser: "Encontrei Paulo *doente*", "doente" passará a completar o objeto da oração, que é *Paulo*, denominando-se então **predicativo do objeto**.

Outros exemplos de **predicativo do objeto**: Reconheceram-no *homem de bem* (modifica o objeto *o*) – Chamei-o *sábio* – Julgo Paulo *apto* – Aceitamos Augusto *por chefe* – O governo nomeou-o *general* (ou *como general*) – Ele tornou-me *bom* – Ele tornou-se *triste* (nesta frase, o sujeito e o objeto são logicamente idênticos, mas, gramaticalmente, são diferentes, e a rigor "triste" está modificando o *se* e não o *ele*) – Reconheço *por maior* a indulgência que de novo peço – Ele se tem *por chefe* – Eu o diria *um atrapalhão* – Formou-se *advogado*.

Nota: O predicativo do objeto pode, como o predicativo do sujeito, vir precedido de *por*, *de*, *como*: tenho-o *por* honesto, tenho-o *como* honesto, a prefeitura denominou *de* Tiradentes a nova rua.

670 – Predicado verbo-nominal – É o constituído:

a) ou de verbo intransitivo e de um predicativo do sujeito:

Ele $\underbrace{\text{MORREU} \quad \overbrace{\text{POBRE}}^{\text{predicativo do sujeito}}}_{\text{predicado verbo-nominal}}$

b) ou de verbo transitivo e respectivo objeto, mais o predicativo deste objeto:

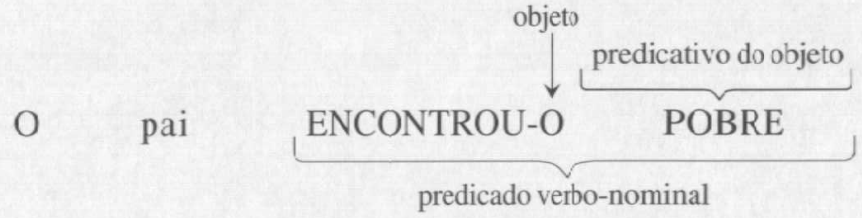

Questionário

1. Que se entende em análise sintática por *predicado*?
2. Que classe de palavras exerce precipuamente a função de *predicado*?
3. Como pode ser o predicado?
4. De que se constitui o *predicado verbal*?
5. De que se constitui o *predicado nominal*?
6. Que é *predicativo*? (V. a definição no § 665, antes dos exemplos.)
7. Constitui-se o predicativo de alguma classe de palavras especial? Exemplos. (Grife o predicativo.)
8. Que é *predicativo do sujeito*? Exemplos.
9. Que é *predicativo do objeto*? Exemplos.
10. Dois exemplos de predicativo (de sujeito ou de objeto) antecedido de preposição e um antecedido de *como*.
11. De que se constitui o *predicado verbo-nominal*? Dois exemplos de cada caso.
12. Declarar o *sujeito*, o *predicado nominal* e o *predicativo* das seguintes orações:
a) A fé, a esperança e a caridade são três virtudes teologais.
b) Fiquei fraco e desanimado.
c) As colheitas parecem boas.

CAPÍTULO 47

TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO

674 – Consideram-se **termos integrantes** da oração:

o *complemento nominal*
o *complemento verbal*
o *agente da passiva*

porque aparecem na oração completando necessariamente o sentido de algum outro termo.

675 – COMPLEMENTO NOMINAL – O complemento **nominal** é **exigido**, é essencial para que se complete a significação de um substantivo, de um adjetivo ou de um advérbio. Existem não somente verbos que precisam ser completados em sua significação; dos substantivos, dos adjetivos e dos advérbios há também os que não têm significação absoluta; **necessitam**, para que sua significação se complete, de um complemento que lhes inteire a significação.

Se, por um lado, há substantivos, adjetivos e advérbios que têm significação absoluta, como *parede*, *dedo*, *vivo*, *hoje*, há, por outro lado, os que **necessitam** de um termo que lhes integre o sentido: *gosto* (a alguma coisa), *obediência* (a alguma coisa), *desejo* (de alguma coisa), *contrariamente* (a alguma coisa). O complemento de palavras como estas vem a ser o *complemento nominal*. Exemplos: – "Amor *à pátria*" – "Obediência *ao mestre*" – "Desejoso *de aprender*" – "Apaixonado *pela ciência*" – "Desfavoravelmente *a nós*"–"Relativamente *à sociedade*" – "Chegada

ao país"[1] – "Vinda *do exterior*" – "Digno *de louvor*" – "Contrariamente *aos interesses*" – "Relativamente *a todos*" – "Gosto *à música*"[2].

676 – Emprega-se, frequentemente, a preposição *de* nos complementos nominais de substantivos em vez da preposição *a*: "Amor *da virtude*" por "amor *à virtude*". Dessa equivalência das duas preposições origina-se por vezes ambiguidade, que importa evitar; exemplo: "O amor *de minha mãe* me fortalece". "De minha mãe" pode ser adjunto adnominal e pode ser *complemento nominal*; no primeiro caso, *mãe* é *o sujeito* de *amor*, isto é, é o amor dela para comigo; no segundo, é o *objeto*, ou seja, é o meu amor para com ela. Sendo, pois, *complemento nominal*, dir-se-á, para maior clareza: "O amor *a* minha mãe me fortalece".

Tal substituição se fará somente quando necessária à clareza. Quando não houver perigo de ambiguidade, o *de* deverá permanecer.

677 – Mais compreendido ficará o assunto com o seguinte esclarecimento. Quando o complemento nominal de um substantivo se inicia pela preposição *de* (quase sempre tal complemento corresponde ao caso genitivo latino), poderá ele ser:

1) **Genitivo objetivo**, ou seja, complemento que indica o objeto, o recipiente da ação. Quando dizemos "adoração do bezerro de ouro", *bezerro* recebe a ação de adorar. Não há aí perigo nenhum de ambiguidade, e, por isso, a preposição *de* deverá permanecer; inconscientemente procederia quem a substituísse por *a*.

2) **Genitivo subjetivo**; é idêntico ao complemento anterior no aspeto material, mas diferente quanto ao sentido: "obediência do aluno". É claro que, nesta frase, *aluno* pratica a ação de obedecer.

678 – Algumas conclusões e outros esclarecimentos:

1) Devemos dizer: "Na infração *da* lei" (e não: "Na infração *à* lei"), "Quitação *do* serviço militar" (e não: "Quitação *para com* o serviço militar"), porque é clara a função do genitivo objetivo.

2) "Quer um convite da festa de amanhã?" é construção correta; não é necessário dizer "para a festa", porque "da festa" é aí, claramente, genitivo

(1) Como não se deve dizer "chegar *em* um lugar", tampouco devemos dizer "chegada *em* um lugar". – "Chegada *ao* cais", "chegada *à* velhice", "chegada *a* São Paulo", com a preposição *a*, é como devemos construir.

(2) V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "amor a".

objetivo. Se, porém, dissermos: "Fizeram-me um convite", o complemento será "para a festa", porque estará completando a expressão "fazer convite", e não somente "convite" (*fazer convite para alguma coisa*).

3) "Verba para a defesa do país" – "Agi em defesa da lei": os complementos "do país", "da lei" estão corretos. Vejamos esta frase: "Na defesa desse deputado aos princípios democráticos"; "desse deputado" é adjunto adnominal, e "aos princípios democráticos" é que é o complemento nominal de "defesa". Outros exemplos de complemento nominal de "defesa": "Mas, senhores, na minha defesa *aos* espoliados de 1892..." – "A defesa *contra* Espártaco..." – "Mas no uso dessa faculdade natural de defesa *contra* a usurpação...".

4) Não vá o aluno confundir *complemento nominal* com *objeto indireto*. O objeto indireto completa a significação de *verbos*, ao passo que o complemento nominal completa a significação de substantivos, de adjetivos, de advérbios. Não confundir com objeto indireto, nem com adjunto adnominal, nem com adjunto adverbial.

Não vá tampouco pensar que todo o adjunto adnominal iniciado por *de* deva necessariamente expressar genitivo objetivo ou subjetivo: relógio *de ouro* (adjunto adnominal de matéria), relógio *de sol* (adjunto adnom. de processo), relógio *de João* (adjunto adnom. restritivo de posse), relógio *de Genebra* (adjunto adnominal de proveniência).

Conclusão: Nada de substituir a preposição "de" por outra, sem real compreensão da função do complemento; por que "sala para festas" em vez de "sala de festas"? Por que a tola construção "Ginásio do Estado em Campinas" em vez de "Ginásio do Estado de Campinas"; "Fundação para o Livro Didático" em vez de "Fundação do Livro Didático"; "Campanha para as Liberdades Individuais" em vez de "Campanha das Liberdades Individuais"? Abra o aluno o dicionário de Aulete e leia quantas funções pode ter essa preposição!

Complemento Verbal

679 – *Complemento verbal*, ou simplesmente *objeto*, é o complemento exigido pelo verbo *transitivo*, para que o verbo tenha sentido completo.

Quando completa a significação de um substantivo, de um adjetivo ou de um advérbio, o complemento chama-se *complemento nominal*; quando completa a significação de um verbo transitivo, chama-se *objeto*.

Tal qual acontece com o sujeito, terá também o objeto de ser representado por substantivo, real ou virtual. Exemplos: "Quero *frutas*" – "Quero *estudar*" – "Aprecio *o dá cá toma lá*".

680 – Como há duas espécies de verbos transitivos, há também duas espécies de objetos, o *direto* e o *indireto*, denominações já de nós conhecidas (§ 301).

Como se descobre o objeto de uma oração? Fazendo-se uma pergunta com *que* ou *quem* **depois** do verbo. O objeto da oração "João viu o irmão" é *irmão* porque é a resposta da pergunta: "Viu *quem*?"

Objeto Direto

681 – Corresponde o objeto direto ao caso oblíquo latino chamado **acusativo**. Temos já conhecimento desse complemento, e pouco nos resta para conhecê-lo completamente.

682 – O **objeto direto**, como o sujeito, é *simples*, quando constituído de um só elemento ("O hábito não faz o *monge*"– "Ele bradou *independência ou morte*" – "Vi a *casa* de João" – "Comprei uma linda *chácara*") e *composto*, quando dois ou mais forem os elementos: "Quero *estudar* e *viajar*" – "Comprei um *livro* de escrituração comercial e um *caderno* de duzentas páginas".

683 – **OBJETO DIRETO PREPOSICIONADO**: O nome *objeto direto* provém do fato de o objeto prender-se *diretamente* ao verbo transitivo, isto é, sem preposição. Admite-se, todavia, a colocação, antes do objeto direto, da preposição *a* nos seguintes casos:

1 – Quando o objeto direto é constituído de nomes de *pessoas* ou de *animais* (entes animados), para que se evite o perigo de ambiguidade, isto é, de confusão entre o sujeito e o objeto direto. Construções como: "Matou o leão o caçador" –"Bruto César assassinou" – não nos indicam qual o praticante da ação verbal e qual o recipiente. A preposição *a* é aí de rigor, para que se evidenciem o sujeito e o objeto direto do verbo: "Matou o leão *ao caçador*" – "Matou *ao leão* o caçador" –"Bruto *a* César assassinou".

Observações:

a) Esta regra, quase de rigor na língua espanhola, não o era tanto em português; Camões escreveu: "Quando Augusto o capitão venceu" – "Gente que segue o torpe Mafamede" – Somente saberá distinguir, nessas orações, o objeto direto quem conhecer o fato histórico.

b) Ainda quando não exista na frase o sujeito podem os nomes próprios (ou personificados) vir acompanhados da preposição *a*: "Amo *a Deus*" – "Mandou *a*

Paulo" – "Vendeu *a Pedro*" – Caso apareça na frase outro complemento regido de *a*, o objeto não poderá então ser preposicionado:

"Vendeu Pedro a Matias"
obj. dir.

2 – Quando o objeto direto, mesmo constituído de ente inanimado, vier anteposto ao verbo, deverá, para clareza da expressão, ser preposicionado:

"Somente ao tronco que devassa os ares o raio ofende"
obj. dir. v. trans. dir.

Continuará a ser preposicionado o objeto direto constituído de nome de coisa, sempre que assim exigir a clareza: "Venceu o dia *à noite*" (= O dia venceu a noite) – "Venceu *ao dia* a noite" (= A noite venceu o dia).

3 – Quando o objeto direto for constituído das formas pronominais *mim*, *ti*, *si*, *ele*, *ela*, *nós*, *vós*, *eles*, *elas*: "Viu *a mim*" – "Levei *a ele*" – "Escolheu *a nós*".

Observações:

a) Não devemos pensar que é errado dizer "levei *a ele*", "escolheu *a nós*" em vez de "levei-o", "*escolheu-nos*". O que é errado, erradíssimo, é dizer "levei ele", "escolheu nós". – O que não devemos é abusar dessa construção.

b) As formas "a mim", "a ti", "a si", "a nós", "a vós" podem vir reforçando as formas *me*, *te*, *se*, *nos* e *vos*: "Eu *me* considero *a mim*" – "Feriu-se *a si*" – Em tais casos, as formas "a mim", "a ti" etc. são repetições pleonásticas, são reforços dos objetos diretos.

4 – Alguns verbos, conquanto transitivos diretos, vêm com preposição, quando o objeto é um infinitivo:

a) com a preposição *a*, com os verbos *começar*, *principiar*, *aprender*, *ensinar*, *forçar*, *obrigar*, *convidar* e outros: "começou *a dizer*", "principiou *a ler*", "ensinou *a escrever*", obrigar *a lutar*, forçar *a estudar*. V. *autorizar* no D.QVs.

b) com a preposição *de*, com os verbos *acabar*, *cessar* e alguns outros: "acabou *de ler*", "cessou *de falar*".

Observação:

Verbos que podem ligar-se a infinitivos sem preposição:

adorar	ousar
ameaçar	ouvir
ansiar	parecer
apreciar	pensar
aspirar	permitir
buscar	planejar
caber	poder
confiar	possibilitar
conseguir	precisar
contar	preferir
costumar	pretender
cumprir	pretextar
decidir	procurar
deixar (= permitir)	projetar
deliberar	propor
desejar	querer
dever	saber
esperar	soer
fingir	sonhar
intentar	supor
ir	temer
julgar	tencionar
lograr	tentar
mandar	ver
mostrar	vir

5 – Certos pronomes admitem a preposição *a* quando objetos diretos: "Ele matava *a todos* quantos alcançava" – "Amava *a outro* que não a ti" – "Para livrar de erros *a quem* não sabe latim" – "...prêmio, *ao qual* pretendeu José" – "*Aos outros* peixes do alto, mata-os o anzol ou a fisga" – "Gosto de todos, mas aprecio mais *a este*".

6 – Existe outro caso que se prende ao que estamos vendo: Quando o objeto direto é constituído de pronome oblíquo e vem seguido de aposto, este aposto é preposicionado: "Ferem-nos, *aos credores*, as imprecações" – "Aconselhei-os *a todos*" – "O parentesco que as unia *a todas*".

7 – Vejamos esta oração: "Venho convidá-lo e *à* Exma. Família". O segundo objeto direto (a Exma. Família) vem preposicionado para dar clareza à expressão. Bastará, para abonar essa construção, o exemplo de Her-

culano (Monge de Cister): "...de que o reitor o esperava e *aos* seus respeitáveis hóspedes". – Muito certas, portanto, são as seguintes construções: "Amando-o e *aos* seus irmãos..." – "Saúdo-o e *aos* seus parentes" – "Detesto-o e *aos* demais que o acompanham" – "Inscrevo-o e *aos* sócios componentes do clube" – "Degredou-o e *aos* filhos" – "Viu-a e *a* suas corrigendas". V. § 846, 3ª forma.

684 – Querem muitos autores que os verbos de **dupla regência** (V. § 305) que podem indiferentemente vir com objeto direto ou com indireto sejam sempre transitivos diretos e o objeto sempre direto; segundo essa opinião, tanto é objeto direto "puxar *a espada*", como "puxar *da espada*". Querem outros que a desigualdade de regência só passe a existir quando trouxer desigualdade de sentido; para estes, verbo *esperar*, na frase "esperar *alguém*" é transitivo direto, passando a ser transitivo indireto na frase "esperar *em alguém*", visto haver diversidade de sentido.

Não devemos concordar com essa manobra sintática; o verbo só continuará transitivo direto quando se enquadrar nos casos do parágrafo anterior; mesmo assim, a única preposição que poderá aparecer é a preposição *a*; não se dando isso, o verbo, quer conserve quer não o mesmo sentido, deixará de ser transitivo direto para ser transitivo indireto.

Objeto Indireto

685 – É assim chamado o complemento do verbo transitivo indireto, pelo fato de vir unido ao verbo *indiretamente*, isto é, mediante preposição. Exemplos: "Não obedeço *a ninguém*" – "Depende *do câmbio*" – "Acredito *nele*".

Nada resta que dizer sobre este ponto; baste-nos lembrar a justificativa (§ 334) das construções "roubaram-*me* o chapéu", "levaram-*me* o guarda-chuva", "conhecia-*lhe* os pais". Nessas construções, os pronomes oblíquos *me* (no 1º e 2º exemplo) e *lhe* (no 3º), empregados pelos possessivos, são objetos indiretos. Em tais casos, o número do pronome oblíquo depende do número da pessoa gramatical; referindo-nos a uma só pessoa, diremos: "Desconheço-*lhe* as intenções"; se a duas: "Desconheço-*lhes* as intenções".

Outras vezes o oblíquo, em vez de corresponder a possessivo, corresponde ao dativo (*dativo de interesse*): "Não *me* levem esse livro, porque não é meu" (§ 694).

Agente da Passiva

686 – É o agente da passiva o último dos termos integrantes da oração, já inteiramente estudado na explicação da voz passiva: § 390.

Questionário

1. Quais os *termos integrantes* da oração?
2. Por que esses termos se chamam integrantes?
3. Quando um termo integrante se chama *complemento nominal*?
4. Como se inicia o complemento nominal?
5. Três frases em que apareça complemento nominal.
6. Que é *genitivo objetivo*? Exemplo.
7. Que é *genitivo subjetivo*? Exemplo.
8. "Na infração da lei" – "Na infração à lei": Qual o mais certo? Por quê?
9. Que é *complemento verbal*?
10. Como se descobre o objeto de uma oração?
11. O objeto direto como pode ser? Resposta exemplificada (§ 682).
12. O objeto direto pode ser preposicionado? Quando? Um exemplo de cada um dos 7 casos.
13. Que é *objeto indireto* e por que assim se denomina? Exemplos.
14. "Desconheço-lhe as intenções": Qual a função e qual o significado do pronome *lhe*?
15. Qual o último dos termos integrantes da oração? Dê um exemplo.

CAPÍTULO 48

TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO

690 – Enquanto os termos integrantes, há pouco estudados, são exigidos na oração para que esta tenha sentido completo, os termos acessórios são acréscimos acidentais que nela aparecem com efeito meramente informativo. São estes os termos acessórios da oração:

adjunto adnominal
adjunto adverbial
aposto

Observação:

Adjunto é particípio irregular de *adjungir* = jungir a.

Adjunto Adnominal

691 – Chama-se **adjunto adnominal** toda a palavra ou expressão que, junto de um substantivo, modifica-lhe a significação.

Enquanto *predicativo* é o nome que se dá em análise sintática ao complemento que modifica a significação de um substantivo por intermédio de um verbo de ligação, *adjunto adnominal* é o complemento do substantivo a ele preso, a ele adjunto, sem verbo nenhum de permeio:

Este moço ganhou *brilhante* vitória

↓ adjunto adnominal de *moço*

↓ adjunto adnominal de *vitória*

sujeito: Os meninos comportados

Os meninos ↓ adjunto adnominal de *meninos*

comportados ↓ adjunto adnominal de *meninos*

predicado nominal: são estudiosos

são ↓ verbo de ligação

estudiosos ↓ predicativo

692 – Quando o adjunto adnominal se constitui de uma expressão, esta muitas vezes se inicia com a preposição *de*, mas a significação do adjunto pode variar; se sintaticamente não há diferença entre os complementos "casa *de João*" e "casa *de tijolos*" (ambos são adjuntos adnominais), há todavia diferença de sentido: se em "casa *de João*" temos um adjunto adnominal que indica **posse**, em "casa *de tijolos*" o adjunto adnominal indica **qualidade**, é uma perfeita locução adjetiva.

Outras ideias pode ainda o adjunto adnominal indicar, como, por exemplo, **finalidade** (casa *de armazenagem*, agulha *de marear*), **medida** (casa *de 10 metros de frente*), **disposição** (casa *com muitos quartos*), **preço** (casa *de vários milhões*), **processo** (relógio *de sol*), **argumento** (livro *de filosofia*).

O adjunto adnominal às vezes vem antes da palavra, como, ainda, uma palavra pode trazer vários adjuntos adnominais:

muitas compras *a prestações*

duas torneiras *de água quente*

todos os grandes homens *de antigamente*

693 – Se não devemos confundir *adjunto adnominal* com *predicativo*, tampouco devemos confundir com *complemento nominal*: o complemento nominal é integrante, é essencial, pertence intrinsecamente ao nome; o adjunto adnominal é acessório, não é exigido para que se complete o significado do nome. Em "obediência dos cidadãos às leis" temos um exemplo de ambos os complementos:

obediência dos cidadãos às leis

dos cidadãos: adjunto adnominal (termo acessório)

às leis: compl. nominal (termo integrante)

694 – O objeto indireto constituído de pronome oblíquo e correspondente ao dativo de interesse latino pode às vezes equivaler a possessivo ("Não me aperte o braço"), mas isso não significa que exerça função de

adjunto adnominal. Em "Não *me* deixe de cumprimentar sua professora", "Não *me* entre com os pés sujos", o *me* não modifica nada; o melhor é analisar como *dativo de interesse*, terminologia baseada no latim.

Adjunto Adverbial

695 – Se à oração "Pedro morreu" (de sentido perfeitamente completo, pois o verbo é intransitivo e, como tal, nenhum complemento pede) acrescentarmos uma ideia acessória, dizendo, por exemplo, "Pedro morreu no rio", *no rio* constituirá um *adjunto adverbial*.

O adjunto adverbial, portanto, não é exigido pelo verbo; é um complemento acidental, e, não, essencial; é, enfim, **um termo acessório da oração, que modifica o verbo, o adjetivo ou o próprio advérbio**. Numa palavra, adjunto adverbial é, em análise sintática, o que é o advérbio ou locução adverbial na morfologia.

"É muito útil falar claro e bem"

adjunto adv. de *útil* — adjunto adv. de *falar*

Observação importante – Quando vem modificando um verbo, e a ele se prende por preposição, o adjunto adverbial não deve ser confundido com objeto indireto. O objeto indireto vem com preposição, mas é *exigido* pelo *verbo*, ao passo que o adjunto adverbial não é exigido. O verbo *ir*, por exemplo, não é verbo transitivo; portanto, na frase "Fui *a Belo Horizonte*", o complemento "a Belo Horizonte" não é objeto indireto, mas adjunto adverbial. Outro exemplo: "Viver *de esmolas*"; nesta oração, "de esmolas" é objeto indireto? – Não, porque "viver" não é verbo transitivo indireto.

É desanimador o que se está passando em alguns colégios e até em faculdades; desastrosamente, para o português e principalmente para o latim, andam ensinando que o verbo *ir* e outros são transitivos indiretos porque, dizem, vêm com complemento antecedido de preposição. Não! Isso é um atentado à sintaxe. Ensinar isso é não saber o que é regência verbal nem em latim nem em português; teria graça ensinar que há dois objetos indiretos na oração "Foi do Rio para Recife"; e se estivesse "Foi do Rio para Recife por Belo Horizonte"? Não temos aí objetos mas adjuntos adverbiais de lugar: de lugar donde, de lugar para onde e de lugar por onde.

696 – Na oração '"Ele estudou *bem* a lição", "bem" é adjunto adverbial; na oração "Ele estudou *muito bem* a lição", "muito bem" é adjunto adverbial do verbo, e "muito", analisado sozinho, é adjunto adverbial de "bem".

Observação:

Suponhamos a oração: "*Fiz de ouro* o relógio de Pedro" – *De ouro* está modificando o verbo *fazer*; é adjunto adverbial. Se dissermos: "Comprei um relógio *de ouro*" – não teremos um adjunto adverbial, mas um *adjunto adnominal*, porque *de ouro* não está modificando um verbo, mas o substantivo *relógio*.

697 – Os adjuntos adverbiais podem indicar várias ideias; vejamos algumas delas:

a) **lugar** – *onde*: Estou *na sala. Em casa de enforcado* não falar em corda. Andava *à beira da estrada*.

donde: O avião vai sair *do Campo de Marte*.

por onde: Vim *pelo melhor caminho*. Voou *por cima da igreja*.

para onde: Vou *à cidade*. Dirigimo-nos *para a vitória*.

aproximação: Combatemos o inimigo *perto do rio*.

distância: Estamos *a cinco quilômetros do inimigo*.

Nota: Um complemento pode indicar, virtualmente, lugar: Saí *do aperto*. Passamos *por dificuldades*. Caminhamos *para a vitória*.

b) **tempo** – *quando*: *No verão* os corpos se distendem – Vamos jantar *às cinco horas* – *Todos os dias* temos aborrecimentos – *De pequenino* se torce o pepino.

em quanto tempo: Seremos vencedores *em menos de cinco dias*.

há quanto tempo: Somos assim *desde crianças*.

por quanto tempo: Choveu *o dia inteiro*.

de quanto em quanto tempo: As olimpíadas se realizam *de quatro em quatro anos*.

para quando: Deixemos isso *para domingo*.

quantas vezes: Alimentamo-nos *quatro vezes por dia*.

Nota: As construções: "Todos os dias temos aborrecimentos" – "Segunda-feira não há aula" – "Dia 24 sairemos" – são expressões corretas. Procedem erroneamente os que sempre exigem a preposição *em* em tais expressões.

c) **modo** – "Estudem *da melhor maneira possível* a lição" – "Não peça *com tanta insistência*" – "Ele come *a granel*" – "Faremos isso *sem medo*".

d) **companhia** – "Farei fortuna *com meu irmão*".

e) **causa** – "O filho partiu *por conselho do pai*" – "Não saímos *por causa da chuva*" – "*Dado o mau tempo* não sairemos".

f) **matéria** – "Fiz *de ouro* o relógio de Pedro".

g) **instrumento** ou **meio** – "Comemos tudo *com faca*" – "Passou *com proteção*".

h) **preço** – "Avaliei todos os objetos *em dez mil cruzeiros*" – "Vendeu tudo *por pouco dinheiro*".

i) **fim** – "Fiz os exames *para efeito de legislação*" – "Trabalho *para teu bem-estar*".

j) **oposição** – "Agiu *contra o próprio pai*".

k) **intensidade** – "Subiu *muito*" – "O aluno ficou *muito* prejudicado".

l) **afirmação** – "*Sem dúvida nenhuma* irei".

m) **dúvida** – "*Talvez* vá".

n) **negação** – "*Não* irei".

o) **argumento** – "Não lhe disse nada *dela*" (= sobre ela, a respeito dela) – "Chega *disso*" – "Basta *de pedras*" – "Chega *de dizer tolices*"(*).

Nota: Há ainda outras espécies de *adjuntos adverbiais*, mas o nome dessas espécies é coisa fácil de encontrar, porque depende da ideia, da circunstância que o adjunto indica. O essencial é saber o aluno que o adjunto adverbial sempre modifica ou um adjetivo ou um verbo ou um advérbio ou uma locução ou uma oração inteira. Com esse cuidado, é fácil ver se o adjunto adverbial, no modificar, indica *lugar, tempo... medida, valor, inclusão, exclusão* etc.

698 – Há um tipo de adjunto adverbial que merece esclarecimentos. No período: "*Acabada a festa*, os músicos partiram" – a oração participial "acabada a festa" constitui adjunto adverbial, porque indica uma circunstância, circunstância de tempo. Esse adjunto adverbial é "absoluto", isto é, não tem relação especificada com nenhum termo da oração "os músicos partiram".

Tal adjunto adverbial absoluto (chamado em latim **ablativo absoluto**) constitui-se de um substantivo acompanhado de um particípio ou de um gerúndio, mas é preciso observar rigorosamente o seguinte: *A forma nominal do verbo deve vir antes do substantivo*. Incorreremos em galicismo se invertermos essa ordem. Construções como estas: "*O discurso acabado*, ressoou uma salva de palmas", "*A festa acabada*, os músicos partiram", "*Exceção feita* dos diretores, todos votaram" – são construções francesas, e não portuguesas.

(*) V. *Gramática Latina*, § 537.

Nota: Tratando-se de verbos enquadrados na regra dos particípios duplos, o particípio irregular é que deve aparecer: "*Suspensas* as aulas, os professores cuidaram de descansar" – "*Insertas* essas notas, o trabalho pode ser publicado". (Observe-se a vírgula a separar a oração participial.)

Aposto

699 – Um tipo de adjunto adnominal existe que é estudado a parte; é o constituído de uma palavra ou grupo de palavras em aposição, palavra ou grupo de palavras que então se chama **aposto**. Exemplo: "Sócrates, *filósofo grego*, foi condenado à morte".

Podemos definir o **aposto**: Palavra ou frase que explica um ou vários termos expressos na oração: "Rio de Janeiro e S. Paulo, *cidades de caraterísticos muito diversos*, são grandes centros de atração".

O *aposto*, quando vem depois do *fundamental*, isto é, depois da palavra modificada, coloca-se entre vírgulas:

"João, meu aluno, ficou doente"
fundamental ↑ aposto ↑

O aposto pode ser constituído de *títulos profissionais* ou *jerárquicos*: "O *professor* Carlos de Almeida" – "O *tenente* José Joaquim" – "O *conde* Ramiro". – Quando vêm depois do fundamental, esses apostos exigem vírgulas: "Carlos de Almeida, professor..." – "José Joaquim, tenente..."

É interessante observar que o aposto pode às vezes vir ligado ao fundamental pela preposição *de*: "Rua *da* Consolação", "Duque *de* Caxias", "Praça *dos* Gusmões". Note-se que tanto é certo dizer "rua da Consolação" como "rua Consolação".

O aposto pode ter como fundamental uma oração:

"O general não tem um braço, índice de esforço bélico"
fundamental aposto

Não se repete a preposição no aposto: "Nascido *n*uma bela cidade, Campinas" (e não "*em* Campinas").

Nota: Palavras podem referir-se a um termo da oração, com aparência de aposto: "*Tez morena, olhos encovados, semblante acabrunhado*, apresentou-se a mim um rapaz". As palavras grifadas são complementos chamados *acusativos de relação*, como se fossem objetos de "tendo", subentendido.

Questionário

1. Qual a diferença, em análise sintática, entre "termos integrantes" e "termos acessórios"?
2. Quais são os *termos acessórios* da oração?

3. Que é *adjunto adnominal*?

4. Qual a diferença entre "predicativo" e "adjunto adnominal"? Exemplo.

5. Qual a diferença entre "adjunto adnominal" e "complemento nominal"?

6. Analise o complemento das seguintes frases:

casa *sem telhado*
bolo *de ameixa*
homem *sem alma*
olhar *de malandro*
homem *com ares de importância*
aparelho *de abrir lata*

7. Que é *adjunto adverbial*?

8. Existe diferença entre "objeto indireto" e "adjunto adverbial"? Explicação exemplificada.

9. Nos períodos seguintes, indicar a natureza dos complementos que aparecem grifados:

a) Estávamos todos *muito calmamente* conversando *na sala* || *de visitas*, quando vimos, *pelo buraco* || *da fechadura* || *do quarto fronteiriço*, um ladrão que, vindo talvez *da prisão*, dirigia-se *para a porta* || *com intuito de observar o que fazíamos*.

b) Deixemos *para outros* || *o desânimo* porque *dentro de cinco dias* seremos *vitoriosos*, a não ser que *de um momento para outro* sejamos *atraiçoados*.

c) Orfeu arrastou *com o seu canto* || *as florestas*.

d) José viveu fartamente *durante dois anos*.

10. Corrija:

a) O rei morto, dividiu-se o país em cinco estados independentes.

b) O sol escondendo-se, os pássaros não cantam.

11. Que é *aposto*? Exemplo.

CAPÍTULO 49

VOCATIVO

701 – Outro elemento que pode aparecer na oração é o **vocativo**. A função do vocativo é indicar *apelo, chamado.* Quando vemos um amigo e dizemos: "*Pedro,* venha cá" – a palavra *Pedro* está indicando *apelo, chamado*; a palavra *Pedro*, portanto, é *vocativo.*

Quando chamamos a atenção de alguma pessoa ou de alguma coisa, recorremos ao vocativo. Consideremos a oração: "*Meninos,* estudem o ponto". – Com essa oração, nós chamamos a atenção dos meninos; a palavra *meninos* é, pois, *vocativo* (do latim *vocare* = chamar).

702 – O vocativo pode vir no começo, no meio ou no fim da oração:

no começo: "*Meninos,* estudem a lição".

no meio: "Estudem, *meninos,* a lição".

no fim: "Estudem a lição, *meninos*".

Observe-se que o vocativo vem sempre acompanhado de vírgulas; quando o vocativo inicia a oração, há uma vírgula depois; quando vem no meio, o vocativo se põe entre vírgulas; quando no fim da oração, põe-se uma vírgula antes.

Essa pontuação é sempre observada; dessa forma, a própria pontuação indica ao aluno o *vocativo.*

703 – O vocativo, em português, ora vem constituído somente da palavra, ora vem acompanhado da interjeição *ó*:

1 – *Menino,* você não tem experiência da vida.

2 – *Ó menino,* você não tem experiência da vida.

O aluno não deve confundir o *ó* que aparece nos vocativos com o *oh*! que aparece nas orações exclamativas; o *oh*! das orações que indicam admiração vem com *h* e ponto de admiração, ao passo que o *ó* qual às vezes acompanha o vocativo não deve vir com *h* (§ 596, n. 2 ao pé da pág.).

704 – Pode o vocativo vir acompanhado de um adjunto: "*Homem de pouca fé*, por que deixou seus filhos sem a luz da ciência?"

705 – Esta é a sinopse, de acordo com a nomenclatura gramatical brasileira, dos *termos da oração*:

TERMOS DA ORAÇÃO			
ESSENCIAIS		INTEGRANTES	ACESSÓRIOS
SUJEITO	simples composto indeterminado	complemento nominal	adjunto adnominal
PREDICADO	nominal verbal verbo-nominal	complemento verbal: obj. direto, obj. indireto	adjunto adverbial
PREDICATIVO	do sujeito do objeto		aposto
PREDICAÇÃO VERBAL	v. transitivo: direto, indireto v. intransitivo	agente da passiva	vocativo

Questionário

1. Qual a função do vocativo?
2. Como se constitui o vocativo?
3. A simples pontuação pode indicar o vocativo? Por quê?
4. Um exemplo de vocativo modificado por adjunto.
5. Construa três orações diferentes em que haja vocativo. Na 1ª coloque o vocativo no começo; na 2ª no meio; na 3ª no fim.
6. Corrija os seguintes textos:
a) Fiz três exames, falto fazer outros três.
b) Precisam-se de duas caixeiras novas.
c) Chamam-se meridianos aos círculos máximos que passam pelos polos.
d) As famílias ítalas-brasileiras são particularmente numerosas em São Paulo.
e) Choveu tanto que não pudemos sair, nem para ir na esquina.

f) Dona Vitória pediu para mim ficar hoje aqui, porque tem muita lama nos caminhos; fazem sete dias que está chovendo.

g) Como você vai fazer exame, se não pegou nos livros e se todo o tempo que você dispunha foi pouco para divertimentos?

h) Prefiro muito mais desistir do que me sujeitar a isto (§ 276, 4ª).

i) Tem paciência; você vai ficar aqui.

j) Eu disse para jogarem fora todos os cacaréus (§ 581, n. 1).

CAPÍTULO 50

PROCESSOS SINTÁTICOS

Sintaxe Regular de Concordância

706 – Tendo já estudado os termos da oração e as relações existentes entre eles, iremos agora estudar o procedimento, o comportamento de um termo para com outro.

Sob três aspetos podemos considerar o procedimento entre os termos da oração, aspetos que se denominam *processos sintáticos*:

1 – quanto à *concordância* [*nominal* / *verbal*]

2 – quanto à *regência* [*nominal* / *verbal*]

3 – quanto à *colocação*

707 – Cada um desses aspetos pode ser encarado normal ou *regularmente* e anormal ou *irregularmente*; daí a subdivisão de cada um de tais aspetos em *processo regular* (ou *sintaxe regular*) e *processo irregular* ou *figurado* (*sintaxe irregular* ou *figurada*).

Observação:

"*Figura*, em gramática, são as alterações da *forma* que não influem no *sentido*, autorizadas pelo uso de pessoas cultas. Assim, as *figuras de palavras* ou *metaplasmos* são alterações que fazemos nos vocábulos, *aumentando*, *diminuindo* ou *transpondo* sons; semelhantemente, as figuras de sintaxe são alterações que fazemos na oração, *aumentando*, *diminuindo* ou *transpondo* palavras, como a seu tempo veremos".

708 – *Concordância* é o processo sintático pelo qual uma palavra se acomoda, na sua flexão, com a flexão de outra palavra de que depende.

Essa acomodação flexional pode efetuar-se quanto ao *gênero*, quanto ao *número* e quanto à *pessoa*.

Os termos que na oração devem *concordar*, *acomodar-se* são:

1 – O *verbo*, que se acomoda ao sujeito.

2 – O *adjetivo*, que concorda com o substantivo.

3 – O *predicativo*, que concorda com o sujeito.

4 – O *pronome*, que concorda com o nome a que se refere

No primeiro caso temos a **concordância verbal**, nos demais a **concordância nominal**.

Concordância Verbal

Sujeito Simples

709 – **REGRA GERAL**: – O verbo concorda com o sujeito em *número* e *pessoa*.

Quer isso dizer que o verbo deverá ir para o mesmo número e pessoa do sujeito.

Está claro que é o verbo que deve concordar com o sujeito e não o sujeito com o verbo, porque o verbo é que depende do sujeito e não o contrário. Exemplos:

Eu	quero	Tu	não	sabes	isso
1ª pess. sing.	1ª pess. sing.	2ª pess. sing.		2ª pess. sing.	

Os meninos	fugiram	Vendem-se[1]	casas
3ª pess. pl.	3ª pess. pl.	3ª pess. pl.	3ª pess. pl.

(1) De tal concordância temos já conhecimento (V. § 391, 2). Acrescentemos agora: Em orações como "Ouvem-se de vozes", o *de* traz ideia de partitivo, mas não impede a concordância do verbo com o sujeito.

OUTROS EXEMPLOS: Que *horas são*?[2] – *É uma* hora – *São duas* horas – *Quantos são* hoje[3] – Hoje *são vinte* – Hoje *são três* – *Eram treze* de maio – *Eram* perto das *seis horas*[4].

Regras Especiais

710 – Coletivo geral – O verbo fica no singular, embora o sujeito venha seguido de um complemento no plural: "O *exército* dos aliados *ficou* inteiramente derrotado" – "O *exército* dos persas *invadiu* a Grécia".

Notas: 1ª – Encontram-se nos clássicos exemplos de concordância não com o coletivo sujeito (concordância gramatical), mas com a ideia de plural que ele encerra (concordância siléptica ou lógica). Tal sintaxe não é, porém, para ser hoje imitada: "Ditosa condição, ditosa gente, que não *são* de ciúmes ofendidos" (Camões, 7º, 41).

2ª – Nos períodos em que há duas orações cujos verbos se referem ao mesmo coletivo, o primeiro verbo segue a concordância gramatical; o segundo pode seguir a mesma concordância ou a lógica, indo para o plural. Note-se nestes exemplos o afastamento do segundo verbo do período; esquece-se a *forma* singular do sujeito, conservando-se a *ideia* do plural: "Vadeado o rio, a cavalgada *encaminhou-se* por uma senda tortuosa que ia dar à entrada do mosteiro, aonde *desejavam* chegar" (Alexandre Herc., Eur., 129) – "Logo ao outro dia *se abalou* o exército, ao som de muitos instrumentos bélicos, e, chegando aos muros, *começaram* a arvorar escadas" (J. Freire).

Isto de afastamento é ponto que não deve ficar esquecido em casos de sujeitos coletivos. Não há quem nos obrigue a aceitar hoje, por certas, construções como estas – *o exército batalharam, o povo aplaudiram* – por repugnantes ao ouvido e ao gosto de todos; igualmente, não poderemos tachar de errada estoutra – "Logo ao outro dia ao romper da alva se abalou o *exército*, ao som de muitos instrumentos bélicos, com as bandeiras desenroladas, que se viam tremular dos

---

(2) Com igual acerto podemos perguntar – *Que hora é*? – deixando no singular o sujeito e, conseguintemente, também o verbo. Está claro que, pelo fato de ser assim construída a pergunta, não se irá responder "*É* duas *horas*" – mas, sim: "*São duas horas*"; dizer "*É* duas *horas*" – é incorrer em gravíssimo erro de concordância.

(3) Como no caso anterior, tanto poderemos perguntar: "*Quantos são* hoje?" – como: "*Quanto é* hoje?" – É mais comum dizer: "*Quanto é* hoje? – Hoje *é vinte*" – expressão esta perfeitamente analisável, desde que tomemos o cardinal pelo ordinal: "Hoje é o dia *vinte*" ou "*Vigésimo* dia do mês". Seria mais consentâneo com os antecedentes da língua formular a pergunta e a resposta no plural: "*Quantos são* hoje?" – Hoje *são dez* (= dez dias andados do mês).

(4) Quando se intercala entre o verbo e o sujeito qualquer das locuções *perto de*, *cerca de* ou a palavra *senão*, o verbo pode ir para o plural ou ficar no singular; exemplos: *Eram* perto das seis horas da tarde do dia seis de maio de 1889 – *Passaram-se* perto de duas horas – *Eram* perto de oito horas – Quando abri os olhos *era* perto de nove horas da manhã – ...não *restavam* sobre a terra senão os nomes – Por eles ainda não *vieram* senão tributos ao povo – Na bula não se *continha* senão os mesmos poderes que o papa usualmente conferia a qualquer dos seus núncios ordinários – Nas cidades e praças de guerra não se *ouviram* senão as aclamações.

nossos, e, chegando aos muros, *começaram* em torno da fortaleza a arvorar escadas" – por longe estar o verbo do sujeito coletivo, e, diremos melhor, por obliterarem autor e leitor a forma singular do sujeito e suporem a ação praticada, separadamente, pelos indivíduos de que o coletivo se compõe. Do mesmo modo, não há erro nestoutra – "que dos citas *grande número vivem*" – por nela haver o partitivo *dos citas*.

711 – Coletivo partitivo – A) Quando a ação do verbo pode ser atribuída separadamente aos indivíduos que o coletivo representa, pode ir o verbo para o plural, concordando com a totalidade desses indivíduos (concordância siléptica ou lógica) ou ficar no singular, concordando com o coletivo (concordância gramatical): "A maior parte dos homens não *quer* salvar-se" – "A maior parte dos moradores *acredita* nos feitiços e bruxarias" – "A maior parte dos seus companheiros *haviam* trazido os pais decrépitos" – "A maior parte dos homens *são* analfabetos" – "A maior parte dos homens *é* analfabeta" – "A maioria dos condenados *acabou* nas plagas africanas" – "*Vivificavam-te* o seio um sem-número de bem nascidos espíritos" – "Um terço dos brasileiros *são* economicamente ativos" – "Um grupo de homens e mulheres *assaltou* ontem a Casa de Saúde; *feriram* o diretor e *levaram* dinheiro" – "Metade das crianças *morreu* (ou *morreram*) de fome" – "Metade deles *foram* (ou *foi*) a Manaus" – "Parte deles já *tinham sido absolvidos*" (ou *tinha sido absolvida*). (V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "metade" e "grande número".)

B) O verbo ficará de preferência no singular quando a ação do verbo só puder referir-se ao nome coletivo e não a cada indivíduo, ou coisa, separadamente: "Um troço de soldados *enchia* o pavimento do edifício" – "Um grande número de chefes *prejudica* a disciplina" – "Uma companhia de granadeiros *estava* aquartelada no paço" – "...apenas a quarta parte das quantias depositadas *pertence* aos operários".

712 – Palavra tomada materialmente – Quando uma palavra, ainda que venha no plural, é considerada materialmente, ela tem a ideia de singular; disso resulta ficar o verbo, também, no singular: "Lágrimas *é* coisa que ele não tinha" – "Nós *é* um pronome" – "*Dançou-se* os Lanceiros" (*Lanceiros* é nome de uma peça, de uma dança; a ideia é singular) – "Vozes *está* no plural".

713 – Preço, quantidade, porção – Quando o predicativo é *muito*, *pouco*, o verbo fica geralmente no singular: "Cinco mil libras *é* muito" – "Dois capítulos *é* pouco" – "Seis anos *era* muito" – "Dez dólares *pode* parecer pouco, mas não é". Outros exemplos, em que a ideia é de preço: "Duas folhas por 5,00 *é* barato" – "Quatro pedaços por 5,00 *é* muito caro". Com ideia de quantidade: "Quanto *é* dois terços de um meio?" –

"Dois terços de um meio *é* dois sextos" – "Quanto *é* 20% de 80?" – "1% de 1.000 *é* 10" – "5% de 20 *é* 1". E assim: "Quanto *é* 20 multiplicado por 80?" – "20 multiplicado por 80 quanto *dá*?" – orações de que o sujeito não é constituído de "vinte unidades" senão de "vinte" tomado como "um" todo; tanto não é "vinte unidades" que "multiplicado" se emprega no singular.

714 – **Nome próprio plural** – Quando o sujeito é constituído de nome próprio de forma plural e sempre vem acompanhado de artigo, o verbo concorda com o número do artigo que o antecede: "Os Andes *lançam* seus píncaros" – "O Amazonas *corre*" – "Os Estados Unidos *são*..." – "Os Lusíadas *são*..." – "Os Três Mosqueteiros *fazem parte*...".

715 – **Quais** (interrogativo), **aqueles, quantos, alguns, nenhuns, muitos, poucos**, seguidos de **pronome** como complemento – Quando dessa forma for constituído o sujeito, o verbo concordará com o pronome que serve de complemento: "Quantos de vós *olhareis* com desprezo" (e não: "Quantos de vós *olharão*..."; o verbo concorda com *vós* e não com *quantos*) – "Quais dentre vós *sois* neste mundo sós?" – "Alguns de nós *atiramo-nos* ao trabalho".

Notas: 1ª – Todavia, Castilho escreveu: "Deus sabe se alguns de vós não *estarão* predestinados" e Bilac tem, também, esta construção: "Aqueles de nós que *iam* passar as férias nas fazendas...".

2ª – Se nesses casos o sujeito estiver no singular, o verbo ficará também no singular: "*Qual* de vós me *arguirá* de pecador?" – "*Qual* de vós, cavalheiros, *duvidará* um momento...?" – "...*nenhum* de nós ambos se *lembrava* de pensar no futuro" – "*Nenhum* dos processos *veio*" (= Dos processos, *nenhum veio*).

– Contudo, Garret escreveu: "Não a *podemos* tirar *nenhum* de nós".

716 – **Cada um** – Quando o sujeito é *cada um*, o verbo fica na terceira pessoa do singular: "Cada um deles *trazia* seu barco..." – "Cada um de nós *está* no lugar que lhe ensina a sua educação..." – "Cada um dos engenheiros *era* servido por cem homens" – "Cada um dos dois escritores *busca* atribuir aos seus a glória".

Nota: Exemplos contrários a esta regra se nos deparam em alguns antigos puristas da linguagem; não são, porém, para ser imitados.

717 – **Mais de um** – Quando o sujeito é *mais de um*, o verbo:

A) Fica no singular, se não houver reciprocidade de ação: "Mais de um coração *teria* de bater apressado..." – "Mais de um fato confuso *será*

esclarecido" – "Sobre esta fronte mais de uma verdade me *transluziu*" – "Mais de um réu *obteve* a liberdade..." – "...que mais de uma espada *saísse* da bainha...".

Nota: Otoniel Mota e Carlos Pereira dizem poder ficar o verbo no singular ou ir para o plural. Tal opinião encontra apoio somente em raríssimos documentos da língua.

B) Vai para o plural, se indicar reciprocidade: "Mais de um político *deram-se* as mãos" – "Mais de um se *esbofetearam*" – "Mais de um velho se *logram* reciprocamente".

Nota: MAIS DE, seguido: *a*) de nome no plural ou de nome coletivo acompanhado de complemento plural leva o verbo para o plural: "Mais de sete séculos *são* passados..." – "Mais de um milhão de cruzados *foram* desviados..." – "Mais de metade de suas obras *acusam* nomes de autores..." – "Mais de um de nós outros *poderíamos* dizer...".

b) de complemento no singular, deixa o verbo no singular: "Mais de um lhe *roía* na consciência" – "Mais de um coração *teria* de bater apressado" – como nos exemplos da letra **A** deste parágrafo.

718 – Quem – Sabemos já que é imprescindível, para efeito de análise, a separação do *quem* (quando pronome relativo – V. § 379) nos seus dois pronomes equivalentes "o que" ou "aquele que". Essa divisão já por si indica que o verbo deve ficar no singular, qualquer que seja a pessoa e o número do sujeito da oração principal: "Somos nós quem *paga*" (= Somos nós aquele que *paga*) – "Sou eu quem *vai*" – "Quem *vai* sou eu" (= Sou aquele que *vai* – Aquele que *vai* sou eu) – "...fui eu quem *abriu* esta polêmica" – "Eu e V. Exa. somos quem *vende*..." – "...fui eu quem o *deu*" – "...és tu quem *favorece* a minha resolução" – "Fôssemos nós quem *fizesse* isso!".

Notas: 1ª – Todavia, antecedendo expresso na frase a *quem* um pronome pessoal, pode (note bem o aluno: *pode*; é isto justificativa para certos exemplos de escritores de nomeada) o verbo deixar influenciar-se pelo número, pessoa e gênero desse pronome: "Sou eu quem primeiro *pude* tirar a limpo" (devia ser *pôde*) – "És tu quem *lucras*" (devia ser *lucra*) – "Fui eu quem os *apresentei*" (devia ser *apresentou*) – "Não fui eu quem *obrei* diversas maldades" (devia ser *obrou*).

2ª – Quando o *quem* equivale a "que pessoas", o verbo vai para o plural: "Quem *serão* os pais destes meninos?" – "Eis aqui quem *são* os aduladores" – "Mas quem *eram* estes dois homens?".

719 – Que (pronome relativo) e **quanto** – Quando tais palavras constituírem o sujeito da oração, levarão o verbo para o número, pessoa e gênero do seu antecedente ou antecedentes:

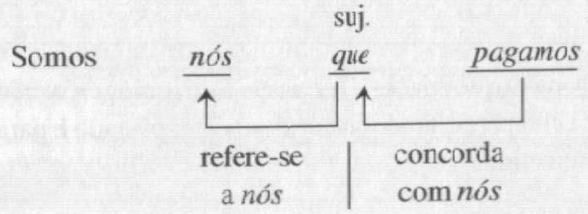

OUTROS EXEMPLOS: "Sou eu que *pago*" – "Todos (nós) quantos aqui *estamos*" – "O homem, a mulher e o menino que *foi preso*..." (o verbo *foi preso* está no sing. porque o relativo *que* só se refere a *menino*).

Notas: 1ª – Se o *que* possui dois ou mais antecedentes de pessoas gramaticais diferentes, o verbo vai para o plural da pessoa que tem prioridade, de acordo com uma regra que breve veremos (§ 732): "Era eu e minha irmã que *chorávamos*" – "Não hei de ser eu nem tu que a *havemos* de reformar".

2ª – Quando o *que* faz parte de um vocativo, o verbo vai para a segunda pessoa: "Alma minha gentil que te *partiste*" – "Ó alma que *viveis* na torre do luar da graça e da ilusão" – "Maria, que *desces* do seio dos anjos...".

3ª – Quando o verbo tem por sujeito um infinitivo, ele fica na 3ª pessoa do singular: "Arbitrando as quantias *que* lhe *pareça* necessário *fazê-lo*" – "O pior é que não tenho uns *que* me *era* necessário *ter*" – "Os inimigos *que era* fácil *derrotar*...".

– Observe-se que, se o infinitivo não vem expresso, o verbo passa a concordar com o antecedente do *que*: "Arbitrando as quantias que lhe *pareçam* necessárias".

4ª – Resulta do estudo dos parágrafos 718 e 719 a conclusão: Tanto é certo: "Sou eu *quem paga*" – quanto: "Sou eu *que pago*", devendo-se evitar a construção "Sou eu *quem pago*".

720 – O que, aquele que – Pode o "que" perder a autonomia pessoal (de 3ª pessoa gramatical) e ser absorvido pela pessoa do sujeito da oração principal. Quer isso dizer que tanto podemos dizer: "Eu sou o que *fala*", como, de acordo com o que acabamos de explicar: "Eu sou o que *falo*". Aqui explano melhor o segundo caso:

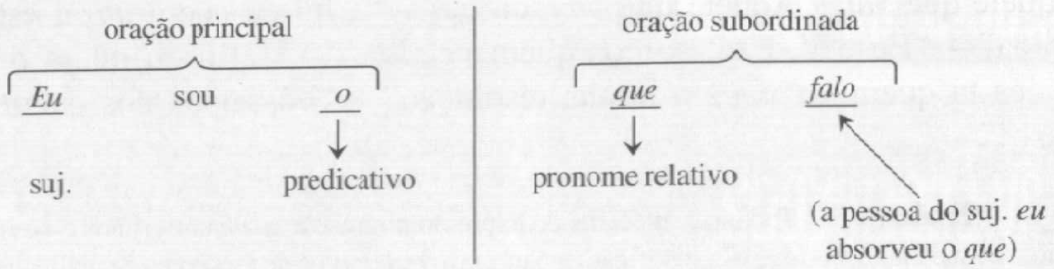

(Recorde-se o § 345)[1]

OUTROS EXEMPLOS: "Eu sou o ilustre Ganges, que na terra celeste *tenho* o berço verdadeiro" – "Não sou eu aquele que *vomitei* palavras cheias de blasfêmia?" – "Fui eu o primeiro que *clamei*" – "Mas como eu sou o que *hei* de falar..." – "Não sou eu o que lhes *intimo* este perigo" – "Não sereis vós os que *haveis* de expiar as minhas culpas" – "Os corruptos somos nós, os que *cuidamos* saber e ignoramos tudo".

(1) É dever do aluno, sempre que encontra remissão a um parágrafo, ver o que nele ficou dito. Tal é necessário para a perfeita compreensão do que está sendo explicado e para explanação ainda maior do ponto a que o aluno é remetido.

Notas: 1ª – Às vezes o antecedente do relativo está omitido: "Não seremos nós (os) que *iremos* assentar-nos" – "(Nós) Os que *defendemos* a escola temos esse egoísmo".

2ª – Se há dois ou mais antecedentes de diferentes pessoas gramaticais, o verbo vai para o plural e para a pessoa que tem prioridade: "Não sou eu nem os que me detestam, que *havemos* de julgá-lo".

721 – Um dos que – O verbo vai para o plural ou fica no singular conforme a ação verbal se refere a todos os indivíduos ou a um só:

"Osório foi um dos generais brasileiros que mais se *distinguiram* na guerra do Paraguai" – isto é, Osório foi um general dentre os generais brasileiros que mais se distinguiram. – "Napoleão foi um dos guerreiros de fama universal que *morreu* na ilha de Santa Helena" – "O Sena é um dos rios europeus que *atravessa* a cidade de Paris" – "O Tietê é um dos rios brasileiros que *passa* pela cidade de São Paulo" – "Era este Catual um dos que *estavam* corruptos pela maometana gente" – "Quem sabe se o meu nome não é um dos que *envergonham* moralmente esta terra?" – "Sou um dos que maior abalo *sofreram* com a notícia de tua angústia" – "Foi uma das tuas tragédias que se *representou* ontem..." – "Foi um dos meus filhos que *jantou* em vossa casa" – "Foi uma das peças de Plauto que *tiveram* maior êxito".

Observação:

Vê-se, dos exemplos, a existência de casos em que o verbo fica obrigatoriamente no singular, porque o verbo só se refere a um indivíduo ("O rio Tietê é um dos rios da capital paulista que *desagua* no Paraná" = dos rios da capital paulista o Tietê é o único que desagua no Paraná), e a existência de outros casos em que o verbo vai obrigatoriamente para o plural, porque o verbo se refere a todos os indivíduos: "Ele foi um dos que *falaram*".

Esse é o motivo por que o verbo vai obrigatoriamente para o plural quando ocorre qualquer das palavras *estes*, *esses*, *aqueles* antes de nome plural, porque é nítida a participação de todos os indivíduos na ação verbal: "Courtin é um desses homens que não *dormem*". – "Pedro é um daqueles indivíduos que não *receiam* jamais o perigo".

722 – Um que – Quando num período aparece a frase "um que", o verbo vai para o número e pessoa do sujeito da oração principal, ou exclusivamente para a 3ª pessoa, que é a concordância mais seguida pelos bons manejadores da língua: "Sou um homem que ainda não *renegou* nem da cruz..." – "Eu sou uma voz que *anda* bradando neste deserto" – "Eu sou uma voz que *clama* no deserto" – "Quem é o senhor? – Um homem que *procura* os infames quando..." – "Eu sou uma desgraçada que *vim* do Algarve" – "Sou um homem que *anda* a lutar há anos...".

723 – Isto de – Quando o sujeito é *isto de* e vem seguido de regime no plural, o verbo vai para o plural ou fica no singular: "Isto dos livros não *são* senão uns retratos mortos" – "Isto de unhas *são* como enxertos de mato bravo" – "Isto de balanças *deve* estar muito vigiado" – "Isto de leis *anda* sempre a mudar" – "Isto de campos depressa me *enfastia*".

Questionário

Faça um trabalho (carta, descrição ou composição), aplicando *todas* as regras expostas do § 710 ao 723. (Coloque, em cada caso, entre parênteses, o número do parágrafo, nota ou observação a que se refere o exemplo; é desnecessário dizer que esse trabalho, conquanto apresente certa dificuldade, é muito útil; procure, o quanto possível, ser conexo.)

CAPÍTULO 51

SUJEITO COMPOSTO

726 – O **sujeito composto** leva o verbo para o plural, pelo fato de concorrer na ação verbal mais de um praticante:

"Pedro e Paulo souberam" – "Tanto *Pedro como Paulo souberam* a lição".

suj. composto v. plural

Nota: No segundo exemplo, os sujeitos estão ligados por *tanto... como*; caso viessem ligados unicamente pelo *como*, o verbo ficaria no singular, concordando com o primeiro sujeito; "como Paulo" funcionaria como se viesse entre parênteses: "*Pedro* (como Paulo) *soube* a lição".

Caso *Pedro* e *Paulo*, sujeitos do verbo, viessem ligados por *bem como*, *assim como*, ou *do mesmo modo que*, o verbo continuaria no singular: "*Pedro* bem como Paulo *soube*" – "O *sol* assim como a caridade *procura*..." – Se, neste exemplo, a ordem fosse esta: "*Assim* o sol *como* a caridade" – o verbo iria para o plural: "Assim o sol como a caridade *procuram* com o ativo dos seus influxos unir e congregar todas as coisas".

Outro exemplo em que a ordem altera o comportamento do verbo: "A administração pública, tanto a federal como a estadual, *acha-se*..." (ao lado de: "Tanto a administração pública federal como a estadual *acham-se*...").

727 – Se o sujeito composto vier depois do verbo, poderá o verbo ficar no singular: "*Passará* o céu e a terra" – "...se a tanto me *ajudar* engenho e arte" – "*Foge*-me a cor e a voz" – "...lugar onde *caiba* ele, eu e meu ódio".

Notas: 1ª – Preste atenção o aluno aos dizeres da regra: "...*poderá* o verbo..." – Não há obrigação de ficar no singular o verbo; preferem muitos pô-lo no plural, talvez por temor de críticas de ignorantes em assuntos gramaticais. Segundo Cândido de Figueiredo, o verbo anteposto aos sujeitos deve ficar sempre no singular, mesmo nos casos em que os últimos elementos do sujeito estejam no plural ("*Morreu* Pedro e todos os que lá estavam"), porque assim exige a índole da língua e a prática dos melhores mestres.

2ª – Sendo o sujeito composto de nomes próprios, melhor se fará a concordância no plural, e se dirá com o próprio Antônio Vieira: "*Passaram* Heitor e Aquiles, *passaram* Aníbal e Cipião: *passaram* Pompeu e Júlio César". – Esta concordância no plural é de rigor quando, sendo *ser* o verbo da oração, a ele seguir substantivo no plural: "*Foram inventores* deste jogo Hércules, Pito, Teseu e outros heróis".

3ª – Irá o verbo para o plural se indicar reflexibilidade ou reciprocidade de ação: "De parte a parte *faltavam* a confiança e o amor" – "Deste modo *lutaram* o confessor e o enfermo".

4ª – Note-se que em orações em que o sujeito composto tem antes de si locuções como "é necessário", "é preciso", variação não se opera: "*É necessário* esforço e vigilância". V. D. QVs: *é preciso calma.*

728 – O sujeito composto deixa de levar o verbo para o plural, desde que haja **gradação**, quer ascendente, quer descendente:

"Uma *palavra*, um *gesto*, um *olhar bastava*"

Há gradação de intensidade de força nestas 3 coisas.

Outros exemplos: "Qual de vós, cavaleiros, duvidará um momento de que, se um mensageiro chegasse e lhe dissesse: "Vossa *esposa*, vossa *filha*, vossa *irmã caiu* em poder dos infiéis", hesitava em ajudá-lo...?" – "O próprio *interesse*, a *gratidão*, o mais restrito *dever fica* impotente...".

Nota: Os sujeitos estão, em tal caso, geralmente no singular e não ligados por *e*. Se, porém, os vários sujeitos não têm o caráter de gradação, o verbo segue a regra geral de concordância, isto é, vai para o plural: "O luxo, o jogo, as devassidões, a miséria *são* as mais das vezes os conselheiros destes deploráveis negócios" – "...a inércia, o desânimo, a indiferença *hão* de dar força de resistência quase invencível...".

729 – Quando o sujeito composto é constituído de palavras **sinônimas** ou tomadas como um *todo*, o verbo fica no singular, pois o sujeito é aparentemente composto:

"A *vida e o tempo* nunca *para*" – "Este *clima e este mar* nos *apresenta*" –
sinônimos — considera-se um todo

"O escuro da noite, o estrondo das ondas, o sopro do vento, o ranger da matéria, as vozes dos que mandavam, a grita de todos não *representava* menos que a confusão do inferno" – "Os nossos vícios, as nossas virtudes e a nossa mesma vida *passa* como fábula" – "Estes receios, este proceder meticuloso *pode* matar-nos".

Observação:

A concordância do verbo com o sujeito, observa o Sr. Vasconcelos, em sua Gramática Histórica, obedece atualmente a leis muito variadas e complexas, tendo sido o resultado do trabalho evolutivo da língua. No antigo português passava-se tudo muito mais simplesmente. Sendo o sujeito composto ou múltiplo, o verbo concorda-

va geralmente com o mais próximo; sendo um coletivo, empregava-se o verbo ordinanariamente no plural, concordando com a ideia que era plural e não com o vocábulo que era singular: "Os céus e o mar e a terra *apregoa* a glória de Deus" – "Compadecei-vos de toda esta gente que *morrem* de fome".

Nos velhos adágios de nossa língua encontramos frequentes confirmações desse fato atestado pelo ilustre gramático português: "Amor e senhoria não *quer* companhia" – "O amor e a fé nas obras se *vê*" – "Amor, dinheiro e cuidado não *está dissimulado*" – "O ignorante e a candeia a *si queima* e a outros *alumeia*".

730 – Continuará ainda no singular o verbo, quando o sujeito composto terminar por **tudo**, **nada**, **nenhum**, **ninguém**, **cada um**, **cada qual** ou equivalente expressão do singular: "Jogos, conversação, espetáculos, *nada o tirava* de seu intento" – "Cícero assegurava que espírito e corpo, *tudo se acabava* no sepulcro" – "A noz, o burro, o sino e o preguiçoso, sem pancadas *nenhum faz* o seu ofício" – "Vizinhos, amigos, parentes, *cada qual prefere* o seu interesse ao de qualquer outro" – "Os astrólogos tratam do porvir, de que eles nem *ninguém sabe* pouco nem muito".

731 – Quando o sujeito é *composto oracional*, isto é, constituído de orações, o verbo fica no singular:

"*Serem os homens uma coisa* e *parecerem outra* é fácil".

Nota: Se, porém, houver contraste entre os sujeitos fraseológicos ou oracionais, ou se forem individuados por pronome adjetivo ou artigo, irá o verbo para o plural: "Amar, agravar e empecer não se *compadecem*" – "O comer, o andar e o dormir *são* proveitosos à saúde" – "Dormir e aprender *são* coisas diversas" – "Outro pensar e outro sentir *trouxeram* novas artes".

732 – Se o sujeito composto for constituído de pessoas gramaticais diferentes (1ª e 2ª, 1ª e 3ª, 2ª e 3ª), o verbo, de acordo com a primeira regra (§ 726), irá para o plural, mas para o plural da pessoa que vem em primeiro lugar na ordem da gramática:

"Eu	e	tu	seremos"	"Tu	e	ele	sereis"	"Eu,	tu	e	ele	seremos"
1ª		2ª	pl. da 1ª	2ª		3ª	pl. da 2ª	1ª	2ª		3ª	pl. da 1ª

OUTROS EXEMPLOS: "Receio que eu e o meu enviado não *possamos* estar muito tempo juntos" – "Eu e tu *temos* de cumprir o nosso juramento" – "Se eu, se vós *chegássemos* neste momento".

Notas: 1ª – O verbo irá para o plural da pessoa que vem em primeiro lugar na ordem da gramática e não para o plural da pessoa que vem em primeiro lugar na oração. Quer se diga "ele e tu", quer "tu e ele", *tu* é sempre a pessoa que, em gramática, tem prioridade, isto é, vem em primeiro lugar: "As tuas cartas hão de ser lidas quando *tu* e *eu estivermos* em cinza".

2ª – Quando o verbo está anteposto, segue a mesma sintaxe acima ou concorda com o sujeito mais próximo: "Só *faltamos* eu e os meus amigos" – "*Acuso*-vos disto eu e todo o povo de Santarém" – "Em que nos *diferençamos* meu pastor e eu?" – "*Era* eu e minha companheira que chorávamos" – "Rogo-te que *entres* a barra tu com toda a armada" – "*Poderás* tu e o Soliz transportar-me nos braços até ao coche?".

733 – Quando o sujeito composto é constituído de **um e outro, nem um nem outro**, o verbo fica, *indiferentemente*, no singular ou vai para o plural: "Um e outro *é* bom" – "Um e outro *são* bons" – "Nem um nem outro *apareceu*" – "Nem um nem outro *são* meus irmãos" – "Nem uma nem outra coisa *sucedeu*".

Nota: Se depois de "um e outro" vier um substantivo, este ficará no singular: "Um e outro *homem* são bons", mas se o substantivo vier seguido de adjetivo, este irá para o plural: uma e outra coisa *juntas* – um e outro caso *paralelos*.

734 – **Ou** – Quando o sujeito composto é ligado por *ou*, o verbo:

a) ficará no singular se houver exclusão, isto é, se não for possível a ação conjunta dos dois sujeitos: "O pai ou o filho *será* eleito presidente" = "Ou o pai ou o filho será eleito presidente" (caso seja eleito um, o outro não será) – "Ou um ou outro *sairá* certo";

b) irá para o plural se a ação couber a todos os sujeitos: "O bacharel formado ou o pároco pensionista *podem* ser oficiais do Registro Civil" – "É claro que a ventura ou a desdita *residem* nos objetos com os quais nos pomos em contato" – "A charneca ou paul não se *convertem* em vinha" – "...cuja prorrogação ou cancelamento *deveriam* ter sido solicitados".

Notas: 1ª – Se, nesse caso, o sujeito for constituído de diferentes pessoas gramaticais, observa-se a regra do § 732, se bem que alguns prefiram a concordância com o pronome mais próximo: "O aluno ou eu *devemos* recordar as lições".

2ª – Se o verbo vem anteposto, concorda com o primeiro sujeito: "Ou *pagas* tu ou eu" – "Mas aqui *entra* a dúvida ou admiração...".

3ª – Se houver diferença de número entre os sujeitos, o verbo irá para o plural: "O outro, ou os outros, *servem* somente para...".

735 – **Nem** – Quando os sujeitos são ligados por *nem* (que o mais das vezes aparece repetido), o verbo:

1 – ficará no *singular*: *a*) se houver exclusão: "Nem Paulo nem João *será* porteiro da secretaria" – "Nem o pai nem o filho *será* eleito presidente";

b) quando se pretender que a ação se refira a cada sujeito em separado: "Nem a confissão nem o efeito dela *está* na sua mão" – "Nem a pesca nem a caça o *diverte*". – Neste caso, pode ir também para o plural, fazendo-se o verbo referir-se aos sujeitos em conjunto: "Nem a pesca nem a caça o *divertem*";

2 – irá para o plural quando não houver exclusão, ou seja, quando a ação se referir a todos os sujeitos: "Nem a guerra nem a fome *preocuparam* ainda a cidade" – "...nem a rainha nem o infante *conheciam* bem o caráter de D. Sebastião" – "A Jugurta nem o dia nem a noite *eram* tranquilos".

Notas: 1ª – Se os sujeitos forem de diferentes pessoas gramaticais e o verbo só se referir a um dos sujeitos, concordará com o mais próximo: "Nem tu nem Antônio *será*..." – ou "Nem Antônio nem tu *serás*...".

2ª – Se o verbo vier anteposto, concordará com o mais próximo: "Não quero que me *perdoes* nem tu nem ninguém" – "...não *conheces* nem tu nem os da ralé...".

3ª – Como se vê, as normas de concordância do verbo em casos em que os sujeitos são ligados pelas alternativas *ou* e *nem* baseiam-se praticamente nos mesmos princípios: exclusão ou não de um dos sujeitos, diferença de pessoas gramaticais, anteposição do verbo, diferença de número entre os sujeitos.

Esses mesmos princípios devem nortear-nos quando os sujeitos são ligados por outras alternativas:

"Já a saúde, já o conhecimento *influem* na produção" – "Já Antônio, já João *ocupava* a presidência por quatro anos" – "Já Antônio, já João *podiam* ser presidentes" – "Já Antônio, já eu *ocupávamos* a presidência" – "Já eles dois, já eu sozinho *ocupava* (ou *ocupávamos*) a presidência" – "Ora um, ora outro *ocupava* a presidência" – "Quer a caça, quer a pesca me *distraem*" – "Quer a caça, quer a pesca me *distrai*" (letra *b* deste §).

736 – Com – O sujeito no singular, que tem um complemento regido da preposição *com*, pode levar o verbo ao plural, quando a intenção é indicar cooperação, na ação verbal, de ambos os elementos: "Dª Rosa Guilhermina com a sua amiga *ocuparam* a casa do Laranjal". – Na construção "Napoleão com seus soldados *venceu*", quer-se evidenciar a ação de Napoleão, ficando por isso o verbo no singular.

Outros exemplos: "O tigre com o leão *ganhavam* dinheiro nas feiras" – "Tu com todos os teus *eras* digna de morte" – "...onde a tristeza c'o silêncio *mora*" – "El-rei com os seus cavalheiros *assistia* àquele préstito lúgubre de famílias sem pátria".

Nota: Se o verbo vier anteposto, ficará no singular, salvo se indicar reciprocidade: "*Padecia* o general com todos os seus soldados grande fome" – "*Apareceu* o filho mais novo com o mais velho" – "Rogo-te que *entres* a barra tu com toda a armada" – "*Dão-se* as mãos a ferocidade com a covardia".

737 – Isto e... – Quando o sujeito é assim constituído, fica o verbo no singular: "Isto e o que veio depois *trouxe* esperanças aos náufragos" – "Isto e a impaciência do auditório *fez*-me lembrar a história...".

Nota: Se o segundo elemento estiver no plural, para o plural irá o verbo: "Isto e outras contrariedades *tornaram*-me..." – "Isto e as dificuldades do caminho *impediram*-me...".

Particularidades

738 – Há certos casos curiosos em que o verbo deixa de concordar com o sujeito para concordar com o predicativo. Constitui esse um fenômeno de "concordância por atração"[1] e se opera sempre que na oração entra o verbo *ser* ou *parecer* e um sujeito constituído de *o*, *aquilo*, *isso*, *isto*, *tudo*:

"Isto	são	histórias"
suj.	v.	predicativo

OUTROS EXEMPLOS: "*O* que lhe desejo *são* felicidades" – "*Tudo são* vestígios do agradecimento" – "Não *são isto* conceitos nem encarecimentos" – "*O* que eu fiz aqui melhor *foram* os meus desenhos" – "*O* que trago *são* fatos e teses".

Nesses exemplos, o verbo, ao invés de concordar com o sujeito (*o*, *isto*, *tudo*), concorda com o predicativo.

Notas: 1ª – Caso o predicativo e o sujeito venham invertidos de lugares, a concordância então se efetua com o sujeito, isto é, fica o verbo no singular: "Histórias *é isto*" – "Sangue e vidas *é o* que peço".

2ª – Havendo mais de um predicativo do singular ou de números diversos, o verbo concorda com o mais próximo: "O que lhe desejo *é saúde* e felicidades" ou: "O que lhe desejo *são felicidades* e saúde".

3ª – Exemplos no entanto não faltam que contrariem a regra acima transcrita, de autores que muito souberam manejar nosso idioma, contando-se entre eles Júlio Ribeiro, Camilo e Herculano: "Ao chegarem junto da caneleira, ainda *tudo era* trevas" – "*O* que me falta *é* exemplos de bons costumes" – "*O* que eu precisava *era* limonadas e orchatas" – "*O* que não queremos *é* questões" – "Depois disto, *o* que eu poderia desejar-te *era* doze contos de renda" – "O que não somos obrigados a aceitar *é* os erros e abusos dos ministros".

Repete-se a preposição em construções como estas: O *de* que muitos começam a duvidar é *das* suas possibilidades – O *de* que eu não quero que te esqueças é do sinal da cruz – O *de* que precisamos é de calma – O *por* que luto é pela justiça – O *de* que nos queixávamos era *dos* erros de revisão.

4ª – Se, em tais casos, o sujeito for nome de *pessoa*, a concordância se efetuará regularmente: "Maria *é* as delícias da mãe" – "O homem *é* cinzas".

5ª – Se também o predicativo for pessoa, a concordância se efetuará livremente: "Porventura Herodes *é* muitos reis?" – "Esses que riram *é* a vilanagem".

6ª – Se o sujeito for nome de coisa, o verbo poderá concordar com ele ou com o predicativo: "O estudo *era* as suas delícias" – "O mantimento *eram* só ervas" – "Esses monumentos *são* a voz do passado" – "Obras *é* a minha paixão".

---

(1) CONCORDÂNCIA POR ATRAÇÃO, fenômeno que se opera em muitas línguas, vem a ser a modificação que sofre o gênero, o número, o tempo ou a pessoa de uma palavra, em consequência da vizinhança de outra com que se faz a concordância contra as regras ordinárias.

739 – Com os verbos **dar**, **soar**, **bater** (referindo-se a horas), a concordância se opera regularmente: "*Deram* duas horas" – "*Soavam* onze horas...".

740 – Os verbos que significam **carência**, **falta**, **abastança**, **suficiência**, segundo Júlio Ribeiro e Carlos Pereira, cingindo-se a exemplos isolados, ficam no singular, estando o sujeito no plural. Da prática, porém, da maioria dos pontífices da língua colhe-se que a concordância no plural é a que deve ser observada: "*Falta*-lhes pincel, *faltam*-lhes cores" (Camões) – "Amanhã em Lisboa não *faltarão* negócios" (Garrett) – "Para falar ao vento *bastam* palavras" (Vieira) – "Não *bastam* alívios do mundo" (Camilo) – "...*sobravam* ainda seis dinheiros" (Bernardes) – "*Restavam* apenas quinze mil homens" (Herculano) – "Não *faltaram* sacerdotes" – "*Faltavam* vinte minutos".

741 – **Fazer**, em construções como: "*Faz* anos que estou aqui" – é impessoal, isto é, não tem sujeito e mantém-se, por isso, na 3ª pessoa do singular: "Hoje *faz* quinze dias que me enviaste tua poesia" – "Vinte e sete dias *faz*" – "*Faz* dois meses que nos vimos" (§ 907, n. 1).

Observação:

Dizemos: "*Vai* por (em, para) dois meses que morreu meu irmão". "Já *tinha* passado de dois meses...". Levando, porém, o verbo ao plural, dizemos: "Já lá *vão* doze anos que ele desapareceu" – "Lá *vão* quatro meses que o vi" – "Já *tinham* passado dois meses...".

Outros exemplos: "...*vai* em trinta anos que pouco ou nada obteve para se melhorar" – "Eis aqui o que eu, *vai* já em oito anos, solicitava a bem da mocidade" – "Já lá *vão* os dias em que a ignorância era para a nobreza um foro essencial" – "Já lá *vão* vinte anos".

Havendo preposição depois do verbo, este fica no singular; não havendo, concorda com o sujeito plural.

742 – Nas **orações optativas**, os sujeitos são os pronomes ou nomes que se seguem aos verbos e com eles deve o verbo concordar: "*Tomaram* eles poder vê-la na forca" – "*Vivam* os Ataídes, *vivam* os Vilhenas, *vivam* os portugueses leais" – "*Tomáramos* nós que todos os vigários de nosso tempo...".

Questionário

Faça, procurando ser conexo, um trabalho (carta, descrição ou composição), em que se apliquem *todas* as regras expostas do § 726 ao 742. Coloque, em cada caso, entre parênteses, o número do parágrafo, nota ou observação a que se refere o exemplo.

CAPÍTULO 52

CONCORDÂNCIA NOMINAL E PRONOMINAL

Concordância do Adjetivo(*) com o Substantivo

745 – REGRA GERAL: O adjetivo, quer adjunto adnominal quer predicativo, quer anteposto quer posposto, concorda em *gênero* e *número* com o substantivo a que se refere:

artigo	*subst.*		
O	menino	A	menina
masc. sing.	masc. sing.	fem. sing.	fem. sing.

OUTROS EXEMPLOS: Homem *santo*, mulher *santa*, homens *santos*, mulheres *santas* – "Via *recolhidas* no santuário as tábuas de bronze" – "Hei de fazer *públicos* os seus desaforos".

Regras Especiais

746 – Se o adjetivo se refere a **vários substantivos do singular** e **do mesmo gênero**, e vem:

1) **Posposto** – vai, indiferentemente, para o plural e para o gênero dos substantivos ou fica no singular: "Nessa leitura e escrita tão *arrepiadas* de dificuldades" – "Rugido, grito, gemido *conglobados* num só hiato" – "...a

(*) Para facilidade de exposição, o *artigo* e o *numeral*, não obstante constituírem classes autônomas, estão incluídos entre os adjetivos nas regras de concordância nominal.

consciência e a dignidade *humanas*" – "Coragem e disciplina *digna* de granadeiros" – "...rudeza e pusilanimidade *alheia*".

Nota: Será de obrigação o singular, quando o adjetivo só se referir ao último substantivo: "O casaco e o chapéu *redondo* eram o meu alvará".

2) **Anteposto** – concorda com o substantivo mais próximo: "...*cujo* trajo e gesto indicavam..." – "...notando o *estrangeiro* modo e uso" – "*Chegada* a hora e a ocasião".

Notas: 1ª – Os exemplos de construção no plural não devem ser imitados.

2ª – Somente quando predicativo do objeto é que o adjetivo pode ir para o plural: "Eu julgava *satisfeitos* o pai e o filho" – "...entretinham *vivas* a ideia e a saudade".

3ª – Se aos substantivos precederem títulos ou pronomes de tratamento, a concordância se efetuará no plural: "Os *apóstolos* Barnabé e Paulo" – "Os *irmãos* Joaquim e José" – "Os *Srs*. Silva e Cia.".

747 – Se o adjetivo se refere a **vários substantivos do singular** e **de gênero diferente**, e vem:

1) **Posposto** – vai para o plural masculino: "Nariz, face e boca *monstruosos*" – "...comércio e navegação *costeiros*" – "Uma posse e um domínio *incompletos*".

Notas: 1ª – Pode também concordar com o substantivo mais próximo se o sentido o exige, ou o queremos: "Manda-me livro e fruta *madura*" – "Talento e habilidade *rara*" (ou *raros*) – "Ali dei a tradução em língua e estilo *moderno*" – "...o retrato de Maria com túnica e escapulário *branco*".

2ª – Se os substantivos forem sinônimos, o adjetivo concordará com o mais próximo: "As maldições se cumpriam no povo e gente *hebreia*".

2) **Anteposto** – concorda com o mais próximo ou, indiferentemente, vai para o plural masculino: "*Pasmado* Diogo e a multidão" – "...*atentos* o juízo e generosidade" – "Demais disso, *sua* mãe e irmão eram ricos" – "*Perdida* a cor e o alento" – "...tinha tornado *inúteis* a inteligência e o braço" – "...declarou *criminosa* a ré e o réu" – "Verão os homens *ensanguentados* o sol e a lua".

748 – O adjetivo que se refere a **substantivos do plural** e **de gêneros diversos** vai, geralmente, para o plural e para o gênero do substantivo mais próximo: "As armas e os barões *assinalados*" ou: Os barões e as armas *assinaladas* – "...carícias e bens *paternos*" – "...mordomos e confrarias *festeiras*" – "...casas e corações *abertos*" – "...atos e fórmulas *religiosas*".

Nota: Há em bons escritores nossos o emprego exclusivo do plural masculino: "Os recursos e as tropas *desproporcionados*" – "Pais e mães *carregados* de família" – "...enviando os breves e cartas *destinados* a protegê-los" – "*Pagos* as rendas, foros e impostos".

749 – Se o adjetivo se refere a **substantivo do mesmo gênero e de números diferentes**, e vem:

1) **Anteposto** – concorda com o substantivo mais próximo: "Os *seus* filhos e marido são meus hóspedes" – "*Sua* astúcia e tiranias" – "*Sua* mulher e filhas".

2) **Posposto** – vai para o plural de igual gênero dos substantivos: "...com as colônias e com a civilização *romanas*" – "Se os recursos e o tempo *absorvidos*..." – "Vês aqui as mãos e língua *delinquentes*".

750 – Se os substantivos forem **sinônimos** ou formarem **gradação** nas ideias enunciadas, a concordância do adjetivo se efetuará com o mais próximo, quer venha antes quer depois: "...depreender-se de uma ideia e pensamento *falso*" – "...ingratidão na fraqueza e temor *natural*" – "...para servirem ao interesse e gosto *alheio*" – "...a fé e a amizade *declarada*".

751 – Mais de um adjetivo qualifica ou determina o mesmo substantivo – Podem ser dadas à frase várias formas: O primeiro *batalhão* e o segundo; o primeiro e o segundo *batalhão*; o primeiro e segundo *batalhão*.

Gramáticos há que permitem a construção: "O primeiro e o segundo *batalhões*" – levando-se para o plural o substantivo ao qual se referem vários adjetivos no singular. Aceitam essa concordância Constâncio, Pacheco Júnior, Soares Barbosa, Rui Barbosa e Mário Barreto, aos quais apoiam exemplos dos melhores manejadores do idioma. Conceitua Epifânio Dias que se pode dizer: "Os dois poderes, temporal e espiritual", "Os dois poderes, o temporal e o espiritual" (observe-se a vírgula no primeiro exemplo e a repetição do artigo no segundo).

Reconhecemos casos em que o plural do substantivo se impõe pelo uso ("Nos *dias* 24 e 29 de junho"), mas o mais seguro é evitar, sempre que possível, a flexão do substantivo, porque, seja como for, o adjetivo é que concorda com o substantivo, e não este com aquele.

Exemplos diversos: "As expressões que se empregam na *lei* prussiana e na francesa" – "...na terrível peleja do bom e do mau *princípio*" – "As personagens são as do velho e do novo *testamento*" – "A primeira e a segunda *ameia*". D.QVs: *Concordância às avessas*.

752 – Se o substantivo vem antecedido de **um e outro**, **nem um nem outro**, fica ele no singular, mas o adjetivo vai para o plural (V. *nota* do § 733): "Uma e outra coisa *juntas*" – "Em um ou outro caso *paralelos*" – "Um e outro fato foram maliciosamente *impugnados*" – "Um e outro advogado são *hábeis*".

753 – Se o adjetivo vem antecedido de **alguma coisa**, **qualquer coisa**, vai para o feminino se não intervém a preposição *de* ("Alguma coisa *consoladora*") e para o masculino com a presença dessa partícula ("Alguma coisa de *consolador*").

754 – Em expressões como "pobre do homem", "desgraçado de ti", a interposição da preposição *de* não impede a concordância do adjetivo: "*Desgraçadas* das mulheres" – "*Coitados* dos que foram para a guerra".

755 – O adjetivo antecedido de *nada de*, *algo de*, *muito de*, *um quê de*, *um quid de*, *o que quer que seja de*, *um não sei quê de* concorda ou com o substantivo, quando estiver em relação com ele, ou com o nome de significação geral e indefinida que aquelas palavras e expressões encerram: "Estes escritores têm o que quer que seja de *ímpios* e *ateus*" – "Têm muito de *garridas* e *romeiras* essas raparigas" – "Mostram eles na linguagem muito de *duro* e *áspero*" (ou de *duros* e *ásperos*) – "Possuem elas um não sei quê de *esquisito*".

756 – O substantivo *aposto* concorda com seu fundamental em gênero e número sempre que possível: "O ódio, *filho* do orgulho" – "A esperança, *filha* da fé" – "Estes instrumentos, *produtos* de nossa fabricação" (§ 699).

Concordância do Predicativo com o Sujeito

757 – **REGRA GERAL**: O *predicativo*, quando constituído de **adjetivo** ou de **pronome**, concorda com o sujeito em gênero e número: "Pedro é *generoso*" – "Maria parece *bondosa*" – "É você o procurador da casa? – Sou-*o*" (o pronome está concordando com *procurador*).

Regras Especiais

758 – Quando o predicativo é constituído de **substantivo abstrato** ou de substantivo de **uma só forma genérica**, deixa de concordar com o sujeito, ficando invariável: "As propriedades não são *natureza*" – "As lágrimas do aflito não são *crime*" – "As cores que no camaleão são *gala*, no polvo são *malícia*" – "Ele é a *esperança* da família".

759 – Há casos curiosos de discordâncias do predicativo com o sujeito quando este, sem nenhuma determinação, é expresso em sua generalidade abstrata: "*Cerveja* não é *bom* para a saúde" – "*Pimenta* é *bom* para estimular" – "É *necessário paciência*" – "É *proibido entrada*" – "Não é *necessário mulheres* na fábrica".

Os predicativos *bom*, *necessário*, *proibido* assumem a forma aparentemente masculina, mas realmente *neutra*, visto que os substantivos a que se referem, tomados em sua generalidade abstrata, assumem sentido vago, no qual como que se oblitera o conceito genérico.

Outros exemplos: "É *bom* toda a cautela" – "É *necessário* prudência nos negócios" – "É *preciso* mais areia" – "Não é *preciso* margem" – "É *feio* blusa em criança" – "Uma caixa de sapato seria *bom* para guardar os brinquedos".

É este um dos vestígios interessantes do gênero neutro em português. Logo, porém, que esses sujeitos recebam uma determinação positiva, despojam-se do caráter *neutro*, e o predicativo assume a flexão genérica correspondente: "*Esta* cerveja não é *boa* para a saúde" – "*Aquelas* pimentas são *boas* para estimular" – "É *necessária a* paciência" – "É *proibida a* entrada".

760 – Quanto à concordância do *predicativo*, devemos observar o seguinte:

1) Referindo-se a nome tomado em sentido determinado (antecedido de artigo), varia em gênero e número: "Sois *a mãe* desta criança? Sou-*a*" – "Sois *a professora* desta escola? Sou-*a*" (este *a* é nos dois exemplos pronome articular, e não pronome pessoal).

2) Referindo-se a nome tomado em sentido vago, indeterminado (não antecedido de artigo, e equivalente, então, a *isto*, *isso*, *aquilo*) ou referindo-se a adjetivo, fica invariável na sua forma masculina, ou antes, *neutra*: "Sois *mãe*? Sou-*o*" (= Sou *isso*) – "Sua mãe era vã como *o* são todas" – "Se Henrique fora ambicioso não *o* era menos sua mulher" – "Se jamais houve condição para inveja, aquela *o* foi sem nenhuma falta".

Concordância do Pronome

761 – **REGRA GERAL**: Quando flexível, o pronome concorda em gênero e número com o nome a que se refere: "Para isso é preciso mais esforço que para defrontar a morte, mas tu *o* terás; inspirar-t*o*-ão o meu exemplo e a santa memória de nossos pais" – "Quero tê-*lo*, Vasco, porque tu *o* desejas".

Regras especiais

762 – Os pronomes oblíquos *o*, *a*, *os*, *as*, referindo-se a substantivos de gêneros diversos, tomam no *plural* a flexão *masculina*:

> Porque essas *honras* vãs, esse *ouro* puro
> Verdadeiro valor não dão à gente:
> Melhor é merecê-*los* sem *os* ter
> Que possuí-*los* sem *os* merecer.

763 – Referindo-se a um substantivo modificado por outro regido da preposição de companhia *com*, pode o pronome ir para o plural, como acontece com o verbo (§ 736): "Passava um dia de inverno o arcebispo com sua comitiva a serra de Gerez... salteou-os uma chuva fria e importuna".

Questionário

1. Que diz da concordância do adjetivo, quando se refere a substantivos do plural e de gêneros diversos?

2. Que diz da construção: "A primeira e a segunda *séries*"?

3. Corrija, JUSTIFICANDO AS CORREÇÕES, os seguintes textos:

a) Ele ameaçou tornar público os seus dizeres.

b) O livro cujos autor e editor foram presos acaba de ser apreendido pela polícia.

c) O presidente Roosevelt e Lebrun tudo fizeram para a manutenção da paz.

d) Qualquer coisa assustador vai acontecer.

e) É proibido a entrada – É proibida entrada.

f) As estrelas, como são os príncipes da noite, desaparecem ante o fulgor da rainha, a lua.

g) Sois mãe? Sou-a.

h) Atualmente só estudam as lições você e eu.

i) O réu não foi condenado no grau máximo da pena devido os seus bons procedentes.

j) Quero que você me copie esta poesia até as palavras "mas não vens" inclusives.

k) As duas senhoras que você me viu conversando ontem na rua era minha irmã e minha prima.

CAPÍTULO 53

CONCORDÂNCIA IRREGULAR OU FIGURADA

Silepse

766 – *Concordância irregular*, também chamada *concordância figurada* (V. § 707), é a que se opera não com o termo *expresso*, mas com outro termo *latente*, isto é, oculto, mentalmente subentendido.

Outros nomes tem ainda semelhante concordância: *semiótica*, *lógica*, *latente*, *anormal*, *mental*, nomes que denotam operar-se a concordância não com a *letra*, mas com o *espírito*, com a *ideia* da frase.

Tal tipo de concordância se denomina **silepse**. Etimologicamente (do grego *syn* = *com*, mais *lépsis*, do verbo *lambánô* = *tomar*, *prender*), *silepse* é sinônimo de *compreensão*.

767 – A *silepse* pode ser de *gênero*, de *número* e de *pessoa*.

768 – A **silepse** de **GÊNERO** opera-se:

1 – Com os nomes próprios de *rios* e de *cidades*, concordando o adjetivo não com o substantivo próprio em si, expresso na frase, mas com o apelativo dessas classes (*rio*, *cidade*): "Cartag*O* foi *destruídA*" (*cidade*).

masc. fem. fem. fem.

"O Paraíb*A* é *tortuosO*" (*rio*)

masc. masc.

Nota: Sabemos já (§ 187, B, 3) que constituem exceções alguns nomes de cidades: "O *Porto* está chei*O* de visitantes" – "O *Rio de Janeiro* é festiv*O*".

2 – Nas expressões de tratamento (*vossa senhoria*, *vossa mercê*, *vossa alteza*, *sua excelência*, *sua majestade* etc.), em que a concordância se opera não com o gênero dessas expressões, mas com o sexo ou com a natureza do cargo da pessoa a que essas expressões são dirigidas: "Vossa *majestade* é poderos*O*" (rei) – "Vossa *alteza* é bondos*O*" (príncipe) – "Vossa *senhoria* foi indicad*O*" (homem) – "Você está enganad*A*" (mulher) – "Ficam *V.Sas.* autorizad*Os* a...".

3 – Com os artigos *o* e *um*, quando, em certas frases já consagradas, constituem atributivos de nomes femininos que se referem a pessoa de sexo masculino:

"*Pedro* é *um* *criança*" – "O *besta* do *Antônio*"
masc. fem. — fem. masc.

"*Antônio* é *um* *banana*"
masc. fem.

4 – Em outros casos em que o pronome concorda não com o gênero da palavra expressa, mas com o sexo da pessoa a que a palavra se refere: "Conheci uma *criança*... mimos e castigos pouco podiam com *ele*; mas em lhe falando na mãe e no que custara para lhe dar a vida, o infeliz, que nunca a vira, enternecia-se" – "Só nove *crianças* de 6 até 8 anos e tais que é lástima vê-*los*".

5 – Como preencher, numa ficha em que se discriminam os dados identificadores de uma pessoa, o que pede a nacionalidade? Se homem, como escrever na frente da palavra *nacionalidade*: *brasileiro* ou *brasileira*? Se de homem se tratar, *brasileiro* é que se deverá consignar. *Brasileira*, tão só quando de mulher forem os dados.

Não haja nisso admiração. À pergunta "Qual o estado civil?" ninguém se aventuraria a declarar "casado", quando de mulher se tratasse. "Estado" está na ficha, mas "casada" se põe, porque não o estado mas a mulher é que se qualifica.

769 – A **silepse** de **NÚMERO** opera-se:

1 – Com o adjetivo no singular em função predicativa aos sujeitos *nós* (empregado em lugar de *eu*), *vós* (quando empregado em lugar de *tu*): "Antes sejamos *breve* que *prolixo*" – "Vós estais *enganado*" – "Amigo *atento* e *obrigado* somos" – "Estamos *persuadido* disso".

Notas: *a*) Ao emprego de *nós* com valor de *eu*, e de *vós* com valor de *tu* já tivemos ocasião de referir-nos no § 342, 1. *Nós* é empregado em lugar de *eu* pelos reis, pelos papas e prelados (plural majestático). O verbo irá para o plural, mas o adjetivo, como dissemos, concordará silepticamente.

b) Emprega-o ainda o escritor ou o orador, para efeito retórico, mas não poderá empregar ora *eu*, ora *nós*; ou sempre uma, ou sempre outra forma, notando-se ainda que as formas pronominais oblíquas e os possessivos devem ser uniformes com a escolha: *Nós* julgamos... foi-*nos* relatado... *nossa* opinião.

c) *Vós* emprega-se em lugar de *tu* quando se trata o interlocutor com deferência especial. Curioso é notar a não existência de tal emprego em latim; o interlocutor, fosse quem fosse – superior jerárquico, rei ou o próprio Deus – era sempre tratado por *tu*. *Vós*, nesse idioma, só se empregava quando realmente plural.

2 – Quando, sendo o sujeito coletivo de forma singular, vai entretanto o verbo para o plural, conformando-se com a pluralidade lógica do coletivo: "*Estavam pegados* com ele uma *infinidade* de homens" – "A máxima *parte* dos homens *morrem* antes dos cinquenta" – "Abalou o *colégio* quase todo em procissão pelas ruas de Coimbra, *capitaneados* pelo seu reitor".

Note-se, nesses casos, uma destas particularidades: 1 – a pluralidade lógica contida no coletivo; 2 – a distância geralmente existente entre o sujeito e o verbo; 3 – a presença de um genitivo plural.

Nota: 90% dos homens viajaram – No plural ou no singular o verbo?

Discriminemos estes casos:

a) Quando o predicado é constituído de verbo de ligação ou de locução verbal passiva, o verbo e o predicativo (ou o particípio nas locuções passivas) deixam-se influenciar pelo número e pelo gênero do partitivo: "90% das MULHERES SÃO analfabetAS" – "30% da nossa PRODUÇÃO É exportadA" – "20% da POPULAÇÃO ESTAVA acamadA" – "50% das PROFESSORAS DEVEM ser nomeadAS por merecimento".

b) Quando o número porcentual vem antecedido ou seguido de adjunto no plural, é melhor o plural: "BONS 30% DÃO conta das obrigações" – "ESSES 5% da boiada MORRERAM" – "90% DOS HOMENS VIAJARAM".

c) Afora esses casos o singular é empregado: "90% da imprensa DEFENDE" – "80% do eleitorado COMPARECEU" – "90% da borracha latino-americana ainda PROVÉM de árvores nativas" – exatamente como diz o inglês, cioso do *s* final da terceira pessoa do singular do indicativo presente: "Ninety percent of Latin American rubber still COMES from wild jungle trees".

d) Quanto a "parte de", "metade de", "um terço de", "a maior parte de", "a maioria de", veja o § 711.

e) Quanto à ideia de quantidade, veja o § 713.

770 – A **silepse** de **PESSOA** consiste em operar-se a concordância do verbo não com a pessoa do *aposto claro*, mas com a pessoa do *fundamental oculto*: "Dizem que os cariocas *somos* pouco dados a jardins públicos" – isto é: "...que **nós**, os cariocas, somos..." (o verbo concorda com o fundamental oculto *nós*, e não com o aposto claro "os cariocas").

OUTROS EXEMPLOS: "Ali *ficamos* alguns amigos" – "Os dois *íamos* ali por visita" – "Os portugueses *fazemos* este nome particular" – "Amigos e criados *saímos* todos pelo caminho de Refojos" – "Os outros *saltamos* para testemunhar a catástrofe" – "Todos os filhos de Adão *padecemos* nossas mutilações e fealdades" – "Uns esperando *andais* noturnas horas, outros *subis* telhados e paredes" – "Os quatro que *escapamos*, nos *lançamos* ao mar".

Questionário

1. Que é *silepse*? (Resposta completa.)
2. Como pode ser a silepse? – Especifique todos os casos de cada espécie, com exemplos diversos e explicação clara e completa.
3. Indicar nas orações seguintes as palavras que concordam por silepse e discriminar a espécie de silepse:

   Diógenes viu que uma grande tropa de varas e ministros da justiça levaram a enforcar uns ladrões. Os palanques estavam cobertos de infinita gente, todos a ver. Vós sois infinitamente bom. Nós somos obrigado a isso. São estas crianças na primeira infância lindíssimas, porque em muitos a cor é branca. Vossa majestade está indisposto. Todos os filhos de Adão padecemos nossas mutilações e fealdades.

CAPÍTULO 54

REGÊNCIA

773 – **Regência** vem a ser a relação de subordinação, ou seja, de dependência dos termos, uns dos outros, ou ainda, é a propriedade de ter uma palavra, sob sua dependência, outra ou outras que lhe completem o sentido. *Regência* é, pois, em gramática, sinônimo de *dependência*, *subordinação*.

A palavra que está servindo de complemento chama-se palavra *regida* ou *subordinada* ou, simplesmente, *regime*; a palavra que é completada, inteirada na sua significação chama-se palavra *regente* ou *subordinante*. Assim é que se diz que as preposições *regem* (= subordinam, põem debaixo de sua dependência) palavras, e as conjunções subordinativas *regem* orações subordinadas.

774 – As relações de regência são na frase indicadas:

a) pela *posição*
b) pela *preposição*
c) pela *conjunção subordinativa*

775 – **POSIÇÃO**: Muitas vezes, a função sintática de certos termos da oração só é revelada pela posição em que esses termos se encontram na frase. O sujeito e o objeto são termos que frequentemente se distinguem tão só pela posição, vindo o sujeito *antes* e o objeto *depois* do verbo:

sujeito (antes)	verbo	objeto (depois)
O soldado	feriu	o ladrão
O ladrão	feriu	o soldado

O advérbio é outra classe que em muitos casos se manifesta pela posição; conforme o lugar em que vem na frase, sabe-se qual o termo por ele modificado; são diferentes as orações "Minha residência aqui é conhecida" (= Todos sabem que moro neste lugar) e "Minha residência é conhecida aqui" (= Aqui sabem onde moro). Uma é dizer "Relatou, ainda, que não encontrou o filho" – onde o *ainda* modifica *relatar* (= também, além disso) – outra é dizer "Relatou que não encontrou ainda o filho", onde o *ainda* modifica o v. *encontrar* (= até agora). O mesmo se diga dos adjuntos, quer adnominais quer adverbiais; uma coisa é dizer "Colombo descobriu *só* a América" e outra: "*Só* Colombo descobriu a América" – "Meias para senhoras pretas" e "Meias pretas para senhoras".

"E assim, em geral, os complementos na frase revelam a sua regência pela posição *junto* aos termos completados ou regentes. A colocação dos termos foi um dos recursos neolatinos para suprir a perda dos casos latinos".

Em latim tanto podemos dizer "Paulus Petrum amat" quanto "Petrum Paulus amat", "Paulus amat Petrum", "Petrum amat Paulus", "Amat Paulus Petrum", "Amat Petrum Paulus" – que o sentido será sempre o mesmo, dado o *caso* em que estão os nomes, ao passo que em português (a não ser que preposicionemos o objeto – § 683, 1) tão somente desta maneira podemos dizer: "Paulo ama Pedro".

Nota: Já é do nosso conhecimento a força regencial da *preposição* e das *conjunções subordinativas* pelo que ficou dito na morfologia (§§ 542 e 556).

776 – CASOS DIVERSOS: 1 – O sujeito, como elemento soberano da frase, pois é o causador da ação verbal, não pode ligar-se a preposições (recorde-se o § 653).

Nota: Quando a preposição rege um infinitivo ela não se combina nem com o sujeito, nem com o objeto anteposto ("Invoca o tempo *de os* pagar co'as sombras"), nem com os advérbios *aí*, *aqui*, *ali* ou outro começado por vogal: "É tempo *de aí* ter chegado" – Nesses exemplos, a preposição está regendo os infinitivos *pagar* e *ter chegado*, razão por que não se combina com as palavras postas entre a preposição e o seu verdadeiro regime. Outro exemplo: "Não poderá fazer grandes progressos, *por o* não ajudar a memória".

Quando não estiver regendo infinitivo, é claro que a preposição poderá combinar-se: "*Daqui* partiam as bandeiras" (V. § 653).

2 – Outros casos concernentes à regência já conhecemos do estudo feito nos parágrafos 303, 304 e 305.

3 – Duas ou mais palavras podem ter um mesmo complemento, com tal que essas palavras tenham a mesma regência: "A obediência e o amor *à pátria*" ("obediência" e "amor" têm a mesma regência; podem, pois, ter por

complemento a mesma palavra). Não seria correto dizer: "O conhecimento e o amor à pátria" – porque "conhecimento" e "amor" exigem preposições diferentes (conhecimento *de* alguma coisa, amor *a* alguma coisa); o correto é: "O conhecimento *da* pátria e o amor *a* ela". Outros exemplos: "Conheço *este* livro e gosto *dele*" (e não: "Conheço e gosto deste livro") – "No espaço de meia hora comprei *um* livro e *dele* me desfiz" (e não: "...comprei e me desfiz de um livro").

Sabe já o aluno que não se deve dizer: "Conheço este livro e gosto *do mesmo*" – § 342, 4.

Nota: Quando complemento comum, o pronome oblíquo pode vir anteposto ao primeiro verbo, principalmente se algo o atrai: "Eu *o* vi e saudei", "Não *o* quero nem desejo" ou posposto ao segundo: "Apanharam a cobra, dizendo que iriam engordar e comê-la" – Virá posposto ao primeiro verbo quando este iniciar o período: "*Perdoo-lhe* e obedeço".

Não há necessidade de repetir o pronome: "Ele *se* rasgava e desfazia em elogios" – "...por entenderem que as almas dos defuntos *se* propiciavam e consolavam com sangue humano" – "A medicina tanto *se* aprofundou e expandiu..." – "...projetos que *se* movimentam e acomodam".

777 – Aqui oferecemos a regência ou as regências de alguns verbos, mas de antemão avisamos que são dadas as usadas *atualmente*, e sempre apresentadas com a significação ou significações do verbo, pois é do nosso conhecimento o que ficou dito no § 305:

ACONSELHAR – (= dar conselho): *a*) Aconselhar alguém a alguma coisa: Aconselhou-o a que fosse para casa. *b*) Aconselhar a alguém alguma coisa: Lourenço lhe aconselhou o claustro. *c*) Aconselhar alguém sobre alguma coisa: Aconselharam-me sobre o modo de viver.

– (= entrar em acordo): *a*) Depois nos aconselharemos no que mais nos convier. *b*) aconselharam-se para me tirarem a vida.

– (= tomar conselho): Aconselhei-me com ele.

AGRADAR – (= parecer bem, ser visto ou considerado com satisfação, gosto ou complacência): Este chapéu não lhe agradará – Agrada à vista.

– (= contentar, satisfazer): Procurei agradá-lo.

Nota: Com objeto direto é hoje usado com o significado de *contentar*, *satisfazer*, e de *mimar*, *acariciar*, *afagar*: agradar uma criança, agradar o gato.

AGRADECER – (agradecer a alguém alguma coisa): Agradeci-lhe o presente (objeto direto da coisa agradecida e indireto da pessoa a que se agradece). Dizer "agradecer alguém por uma coisa" é incorrer em italianismo intolerável.

Nota importante: Quando, em se tratando de verbo transitivo direto-indireto, for omitido um dos objetos, o outro continuará obedecendo à regência que lhe cabe. Assim, se quisermos *agradecer* somente a *coisa*, ela continuará constituindo objeto *direto*: "Agradeci *o* presente" – Se, agora, mencionarmos somente a pessoa, esta constituirá o objeto *indireto*: "Agradeço-*lhe*". O verbo *pagar*, para citar outro exemplo, constrói-se: "Pagar *a* alguém *alguma coisa*"; se mencionarmos somente a pessoa, diremos: "Paguei ao padeiro", "Paguei-*lhe*"; se somente a coisa, diremos: "Paguei *o* meu débito", "Paguei-*o*".

E assim: "Inconformados exortavam *à* subversão".

AJUDAR – (ajudar alguém em alguma coisa): Ajudei-o no serviço (se a coisa for um infinitivo a preposição será *a*: Ajudou-o a carregar com a cruz).

– (= servir de acompanhante): Ajudar à missa (neste caso não se diz *ajudei-lhe*, mas *ajudei a ela*).

– (= valer-se, aproveitar-se): Ajudou-se dos pés e das mãos para subir.

ANELAR – (= almejar, ansiar, aspirar): Várias regências: Alguns anelam o dinheiro – ...não anela eleger um esposo – ...aqueles que anelam pela segurança de uma relação íntima – Anelar ao legado.

APOIAR-SE – *a*) Apoiar-se ao muro, à mesa.

b) Apoiar-se no povo, em documentos.

c) Apoiar-se sobre a direita.

ASPIRAR – (= respirar, sorver, absorver): Aspirei o pó – Devemos aspirar o h.

– (= pretender, desejar): Aspiro a um cargo – Aspirava à coroa (não admite neste caso a forma *lhe*, a qual deve ser substituída por *a ela*).

– (= no sentido poético de favonear, favorecer): Imploramos favor que nos guiasse, e que nossos começos aspirasse.

ASSISTIR – (= prestar assistência, ajudar): O médico assiste o doente.

– (= estar presente): Assistir a um espetáculo.

– (= residir, permanecer): ...muitos portugueses que assistiam na corte – Por causa da muita continuação, com que assistia na oração.

– (= intervir, tomar parte): Nesse processo eu não assisti.

Nota: Na acepção de "estar presente", o verbo *assistir* exigirá as formas "a ele", "a ela", se o objeto for pronome da 3ª pessoa: Quando eu assistia a eles (aos jogos) – e não: Quando eu lhes assistia.

Igual impossibilidade existe com os verbos *ajudar*, *aspirar*, *presidir*, *recorrer* e com os de movimento: *ir*, *comparecer* etc.

ATENDER – Constrói-se, indiferentemente, com acusativo ou com dativo: Não o atenderam os criados – ...até vos merecerem, um dia, a bênção de lhes atenderdes.

ATIRAR – (= disparar arma de fogo): O alvo a que atiram os ambiciosos – ...deu ordem de lhe atirar – Atirei a esse pássaro[1].

– (= arrojar, arremessar, lançar): Atirar pedras ao telhado do vizinho – ...atirar aos juízes lama entrelinhada.

Não se deve confundir objeto indireto com adjunto adverbial. Quando se diz "atirar pedras ao telhado do vizinho", *telhado* é verdadeiro recipiente da ação verbal (contra ele se atirou); quando porém se diz "atirar a carta no lamaçal", *lamaçal* indica o lugar em que se atirou (adjunto adverbial de lugar onde), e não o recipiente da ação de atirar, que agora é *carta*.

A comparação presta-se para outros adjuntos adverbiais em que aparecem outras preposições.

---

(1) No Brasil, mais comumente se constrói com *em*: "Não atire *nesse* passarinho".

AVISAR – Constrói-se das seguintes maneiras: *a*) Avisá-lo-ei da sua chegada. *b*) Avisar-lhe-ei a sua chegada. *c*) Avisá-lo para receber. *d*) No sentido de *acautelar-se* é pronominal e se constrói: Tratou de avisar-se das importunações. V. D.QVs, *Avisar*.

BATER – Tem as seguintes regências: *a*) bater à porta; *b*) na porta; *c*) pelas portas; *d*) bater nele; *e*) bater-lhe; *f*) batê-lo; *g*) bater sobre alguma coisa.

CARREGAR – Além da regência transitiva direta, este verbo pode ser construído com a preposição *com*: Carregou com o cadáver – Carreguei com ele – Carregar com o pesado jugo dos respeitos humanos.

CHAMAR – Na acepção de *apelidar*, este verbo deve de preferência construir-se "chamei-*o* sábio" e não "chamei-*lhe* sábio" nem "chamei-*lhe de* sábio".

– No sentido de *invocar, pedir que venha*, constrói-se com objeto direto: Chama o Rei os senhores a conselho – ou com a prep. *por*: ...a filha chamava por ela.

COMUNGAR – Constrói-se de diferentes formas: *a*) com acusativo: Outros homens de têmpera enérgica comungavam (= tinham entre si) as mesmas ideias – O padre que os confessou e comungou (= dar a comunhão a).

b) com *com*: Uma confissão filosófica com que não comungamos (= não concordamos) – Há quase glória em comungar com tais homens.

c) com *de*: Reputo-me habilitado para comungar dos foros do ceticismo – Quis romper a clausura e vir cá fora comungar das liberdades públicas.

d) com *em*: E ficaram os dois absortos, soluçantes, comungantes na mesma dor – Onde todas as opiniões comungavam no mesmo sentimento.

CONTENTAR – (= agradar, satisfazer): ...que não saibam contentá-los.

No sentido de *ficar contente* é pronominal e se constrói com *com, de* ou *em*: Contento-me com isso – Contentar-se de salvar a bandeira – Contentou-se em levantar os ombros.

CUSTAR – Na acepção de "ser difícil, demorado, penoso", este verbo só se emprega na 3ª pessoa: *custa, custa-me*: "Custou-me muito contê-los" – e não: "*Custei* muito *para* contê-los" – "Custar-lhe-á muito fazer isso" e não: "Ele *custará* muito *para* fazer isso" – "À criada *custou* atender" e não "A criada *custou para* atender".

– Quando ao verbo *custar* se pospõe um infinitivo, este aparece às vezes em bons escritores antecedido de *a*: Mas tanto custava-me a crê-lo – Há de custar a dar o primeiro passo.

DEPARAR – (= fazer aparecer de repente, apresentar inesperadamente): Qual é no mundo o santo que depara as coisas perdidas? – Pedia ao padre Santo Antônio que deparasse a cabra perdida.

– (= achar por acaso, encontrar de repente): Deparei com um pobre homem.

– (= vir, chegar, aparecer inesperadamente): Deparou-se-lhe excelente ensejo.

DESCULPAR, ESCUSAR – Ambos os verbos significam perdoar, tolerar, admitir desculpas ou escusas, dispensar. Também quando pronominalmente empregados, esses verbos são sinônimos, apresentando a forma pronominal *escusar-se* outros significados (eximir-se, desobrigar-se), significados esses que continua apresentando a mais quando empregado como trans. ind.: A questão escusa de mais provas – Quem manda escusa de pedir.

Regências de *desculpar*: – (= perdoar): Não o desculpei – O brio e a mocidade desculparam a temeridade do general – Queira desculpar-me ter trocado as chaves – Desculpei-lhe os excessos – Tu é que me não desculparias a inútil crueza de te dar um espetáculo de angústias – Desculpe-me a demora – Desculpei-lhe a demora.

– (= pedir escusa): Desculpou-se da demora – Desculpou-se de só chegar àquela hora.

– (= justificar): Não soube o pai desculpar a falta do filho – Todo o ingrato é ladino para se desculpar.

– (= dispensar): Pediu-me que o desculpasse de ir à aula por encontrar-se doente.

ENCONTRAR – Pode construir-se: *a*) Encontrei o livro. *b*) Encontrei com um pobre. *c*) Encontrou-se com muita gente.

ENSINAR – *a*) Ensino ao aluno a gramática. *b*) Ensino o aluno a escrever – Ensinaram-no a assim proceder – Esse professor ensina a falar e a escrever em pouco tempo.

ENTRAR – Na acepção de *penetrar*, era antigamente construído: *a*) com obj. direto: O vapor entrou a barra – ...mães que entravam o templo. – Com essa regência temos este exemplo de Bilac: O exército entrou as portas de Cartago. – *b*) com a preposição a: Venceslau entrou ao pátio do palacete – Entrar aos nossos lares.

Hoje, nessa acepção, constrói-se com *em*: Entrou na sala; com *para*: ...entrando para a nova igreja.

Entre as muitas acepções e construções deste verbo note-se esta: *entrar de guarda*, *entrar de serviço*, *entrar de cantor* no coro do teatro.

ESQUECER – Hoje empregamos reflexivamente, quando, antigamente, eram os verbos *lembrar*, *esquecer*, *admirar* e *recordar* usados com significação ativa. Se hoje comumente dizemos: Lembro-me de um fato – Esqueci-me de uma coisa – Admirei-me de ter visto – Recordo-me daquilo – primitivamente se dizia: Lembra-me um fato – Esqueceu-me uma coisa – Recorda-me ter visto – Admira-me sua paciência. – São construções estas portuguesas, não merecedoras do esquecimento em que se encontram, não obstante aparecerem num ou noutro bom escritor moderno.

Esses verbos admitem, pois, três construções:

a) Lembro ter ouvido.

b) Lembro-me de ter ouvido.

c) Lembra-me ter ouvido (a pessoa é obj. ind.; a coisa lembrada é sujeito).

Lembrar e *recordar* têm ainda uma quarta construção: obj. ind. da pessoa e obj. direto da coisa: Lembrei-lhe que o Crucificado ensinara o perdão das injúrias – Recordei-lhe os benefícios recebidos.

FELICITAR – *a*) Felicitar *alguém de* alguma coisa: ...felicitando Guilherme a rapidez da sua cura.

b) Felicitar *alguém por* alguma coisa: ...felicitando o primo pela ventura de ter...

FUGIR – *a*) ...e todos o fugiam – E sem o conhecer fugiste o mundo.

b) Mas Simão teme-o e foge-lhe – É preciso, pois, fugir-lhe – Vão fugindo ao doce laço.

c) (= abandonar, retirar-se): ...não fugirei dela.

HONRAR-SE – Constrói-se: *a*) com *em*: Honra-me em estar presente.

b) com *de*:...a sintaxe do ingranzéu em que se honra de exprimir.

c) com *com*: Muito se honrava com lhe ficar ao lado.

IMPORTAR – (= trazer, acarretar, ter como consequência): A guerra importa grande calamidade – As ideias liberais importam a felicidade do povo.

– (= atingir o total de): As despesas importam em tanto.

– (= representar): Não apostilei erros ortográficos, senão quando importavam em erros gramaticais – Uma larga incisão na traqueia, importando na supressão dessa veia.

– (= dizer respeito, interessar): ...ensinamentos que importam à pureza e correção da língua – ...missão que importava às classes privilegiadas.

– O verbo *importar* constrói-se ainda: *a*) com *com*: Não me importo com isso.

b) com *de*: Qual dos leitores se importa dessas pequenas coisas?

c) dando-se-lhe como sujeito a coisa, ficando a pessoa como obj. indireto: Isso não me importa – Importa-vos advertir que... – Pouco me importa já muito sofrer – Não me importa que ele venha.

INDAGAR – No mesmo dia saiu a indagar a residência de Caetano – Voltemos atrás para indagar um pouco das manhas e feitos do leigo.

– (= indagar de alguém alguma coisa): Indagaram de mim os acontecimentos – ...curiosidade em indagar da própria dama os motivos da sua reclusão.

INFORMAR – Perguntado sobre se se deve dizer "informá-*lo*" ou "informar-*lhe*", demos esta resposta: "Quando dúvidas nos assaltarem no atribuir a determinado verbo a regência direta ou a indireta, de um processo poderemos lançar mão: É sabido que os verbos transitivos diretos podem ser empregados na voz passiva. Se é possível dizer, passivamente, "ele foi roubado", é sinal de que "roubei-o", ativamente, é segura construção. Para o caso transportado esse processo, em dois segundos se desfará a dúvida. Não dizemos, na passiva, "Ele foi informado de que...? Essa construção é mais que bastante, já não dizemos para justificar, mas para mostrar a mais aconselhada regência do verbo *informar*. Se "ele foi informado *de que*..." dizemos, é porque "eu informei-*o de* que" é sã construção. Exemplos não faltam que essa regência confirmem: ...informando-o de que a frota dos cristãos se compunha... – Quem poderia informá-lo do destino de Albertina? – ...para o informar daquele tal objeto.

Em vez de *de*, encontra-se ainda a preposição *sobre*: Monçaíde informou o prudente Gama sobre as armadas que todos os anos vinham – ...informar o leitor sobre o que o mundo tem de vir a saber a respeito do tendeiro.

Não podemos, no entanto, deixar de aceitar a regência "informar a alguém uma coisa", da qual não faltam exemplos de bons autores: Apenas lhe informaram que os bens de Domingos Leite haviam sido confiscados – ...posso informar ao Mendes que...

Com o significado, pois, de *avisar*, *participar*, é o verbo *informar* sempre transitivo direto-indireto; se a pessoa for objeto direto, a coisa será indireto; vice-versa, se a pessoa for objeto indireto, será direto a coisa: "informei-o de que" ou "informei-lhe que" – "informei-o disso, sobre isso" ou "informei-lhe isso".

INTERESSAR – (= dar interesse material, prender a atenção, a curiosidade): Interessei-o nesta empresa – Procure o mestre interessar os meninos em repararem na cor dos cavalos.

– (= ser proveitoso, dizer respeito): Isto interessa a todos – ...falar de objeto que interessa à felicidade de ambos – Meus dotes não lhe interessam.

– (= tomar interesse) *pr.*: Como de passagem nos interessamos por uma flor.

LEMBRAR – V. *esquecer*.

NECESSITAR – "Necessitar uma coisa" ou "de uma coisa".

OBEDECER – Este verbo é hoje usado exclusivamente com regência indireta: Obedecer *ao* pai, *às* leis, obedecer-*lhe*.

– Conquanto seja *transitivo indireto* admite o verbo *obedecer* a construção passiva: A lei foi obedecida.

PAGAR – Põe-se no *dativo* a *pessoa* a que se paga, e no *acusativo* a *coisa* paga: Paguei o pão, paguei ao padeiro – Já lhe pagamos a conta. (V. *nota importante* no verbo *agradecer*.)

PERDOAR – Dativo de pessoa e acusativo de coisa: Perdoei-lhe a falta – Não lhe posso perdoar – Eu nunca lhe perdoarei – Perdoei o mal passado em atenção ao bem atual. (V. a "nota importante" do v. *agradecer*.)

PERSUADIR – Persuadir *uma pessoa de alguma coisa* (= levar a crer, induzir a aceitar): É preciso persuadi-lo destas verdades.

– Persuadir *alguém a alguma coisa* (= instigar): Com este pretexto, persuadiu-a à fuga – Quero persuadi-lo a ir amanhã – Persuadiu-o a que desistisse – Mas o povo à morte crua o persuade – Persuadi-os a deixar a cidade.

– Persuadir *a alguém alguma coisa* (= dispor a praticar, determinar): Os príncipes persuadiam à turba que pedissem – ...argumentos que ou nos persuadem o erro, ou nos confirmam o acerto.

PRESIDIR – Constrói-se indiferentemente com dativo ou com acusativo: Presidir *o* congresso, *os* tribunais, *o* país – ou: Presidir *ao* congresso, *aos* tribunais, *ao* país.

Tal que se passa com o verbo *assistir*, repele o verbo *presidir* a forma pronominal *lhe*, admitindo somente *a ele*, *a ela*: Presidi *a ele*, *a ela* (e não "presidi-*lhe*").

PROVIDENCIAR – A regência mais usada para o verbo *providenciar* é a transitiva: providenciar a remessa. – Não deixam, entretanto, de ter abono estas outras regências:

a) *sobre*: Sobre ela deliberam e providenciam.

b) *para*: ...gravemente se providencia para a alteração do calendário.

c) *em*: Para providenciar na publicação das obras de meu pai.

QUERER – (= desejar): Não o queremos conosco.

– (= ter afeto, amar): Hei de querer-lhe como se fosse também meu filho.

RESIGNAR – (= renunciar, demitir-se voluntariamente): Resignou o bispado – Poderá ser que resigneis situações como eu as tenho resignado.

– (= conformar-se) *pr.* e se constrói: *a*) com *a*: Só por amor me resigno aos labores de tão espinhosa missão.

b) com *com*: Ele se resigna com a divina vontade.

RESPONDER – O que se profere como resposta é que é obj. dir., não a coisa nem a pessoa a que se dá resposta; nas orações: "Ele respondeu *sim*", "Ele não respondeu *nada*" – *sim* e *nada* são objetos diretos, como ainda é objeto direto a subordinada do período: "Ele respondeu *que estava bem*". É também intransitivo: assumir responsabilidade.

Uma vez que se pretenda declarar a coisa ou a pessoa a que se dá resposta, esta deve vir preposicionada, isto é, esta é sempre objeto indireto, quer venha ou não expresso na oração o que se profere por resposta: "Respondo-*lhe*", "Devemos responder *às cartas*".

SATISFAZER – *a*) No sentido de *contentar*, *agradar*, tanto se diz: "Satisfazer *o* desejo" – quanto: "Satisfazer *ao* desejo".

b) No sentido de *convencer*, *persuadir*, tem também as duas regências: Este chora porque não acha bem que o satisfaça – ...e quando lhes satisfazia com divinas respostas.

c) (= contentar-se): Satisfez-se com a exposição.

d) (= indenizar-se, vingar-se, fartar-se): Satisfazer-se da perda (= indenizar-se) – Se o difamador não se satisfaz das injúrias a quem o injuriou (= vingar-se) – ...de como se satisfazia delas (= fartar-se).

SOCORRER – É verbo que hoje leva para o acusativo a pessoa: "Socorrer *os* pobres" – "Vamos socorrê-*lo*".

– Pronominalmente é empregado para significar "valer-se da proteção de alguém", "tirar proveito de alguma coisa": Socorreu-se das joias para pagar as suas dívidas – Tive de me socorrer da competência e obsequiosidade de muitos dos nossos mais notáveis homens da ciência.

Questionário

1. Que é *regência*? – Explicação completa e exemplificada.
2. Como é indicada, na frase, a regência?
3. Qual a diferença de sentido entre "Minha residência *aqui* é conhecida" e "Minha residência é conhecida *aqui*"?
4. Discorra sobre o defeito desta oração, reproduzindo-a com os termos na verdadeira posição: Asno come bugalhos com fome.
5. Posso combinar a preposição *de* com o advérbio *aqui* na frase "*De aqui* não sairei"? Por quê?
6. Que se entende pelas frases: "Este verbo rege acusativo" – "Aqueloutro rege dativo"? (V. **nota** do § 180.)
7. Com os verbos *assistir* (na acepção de presenciar), *recorrer*, *presidir* e *aspirar* (na acepção de desejar, ambicionar) pode-se empregar *lhe* em lugar de "a ele"? V. a nota do verbo *assistir*.
8. Corrigir:
a) Ainda não paguei o padeiro este mês.
b) A criada custou muito para arrumar o meu quarto.
c) Precisamos assistir a fita que está passando no Rosário.
d) Se não o perdoo é porque não merece.
9. Dizer o que entende pelas orações:
a) Devemos avisar-nos dos ladrões.
b) Eu e tu não comungamos muito bem.

c) Não lhe quero – Não a quero.

d) Nem por tudo posso responder.

e) Tive de socorrer-me dele para esse negócio.

10. Corrija os seguintes textos:

a) O bom velhinho compreendeu então que o rei o tinha perdoado. (Lembre-se: Perdoar *a alguém*.)

b) Só aspiro hoje uma vida calma, em um sitiozinho qualquer, onde espere a grande paz da morte, que não deverá demorar. (Aspirar *o* perfume, aspirar *ao* cargo.)

c) Onde está o vasculho que nós nos servimos? (§ 345, n. 3: Claro está que...)

d) Venho avisá-lo, meu bom amigo, que estou na fazenda, onde lhe espero por todo este mês. Dou-te ainda esplêndida notícia: está aqui o Pedrinho, que estivemos no ano passado em casa dele, em Resende. (Avisar alguém de algo ou avisar a alguém algo. V. também o § 382 e a pergunta 12 após o § 382.)

e) O pai deste menino perdeu todas as duas pernas em um lamentável incidente de estrada de ferro. (§ 352, n. 2.)

f) O caso que você se refere não se passou propriamente assim. (§ 345, n. 3: Claro está que...)

CAPÍTULO 55

REGÊNCIA IRREGULAR

780 – Quatro espécies há de *figuras* ou de *casos irregulares* de regência dos termos; essas *figuras* só se permitem quando usadas *criteriosamente*, segundo as normas que vamos estudar.

Essas quatro figuras denominam-se:

Elipse
Pleonasmo
Anacoluto
Idiotismo

781 – **ELIPSE**: assim se denomina o caso em que um dos termos da frase não vem expresso, sendo, ao mesmo tempo, facilmente subentendido.

Nota: Não se confunda *elipse*, da sintaxe irregular de *regência*, com *silepse*, da sintaxe irregular de *concordância*.

782 – Há os seguintes casos de **elipse**:

A – Elipse do **sujeito**: Não posso sair (= *Eu* não posso sair) – Quer vir comigo? (= Quer *você* vir comigo?).

Nota: A elipse dos pronomes-sujeitos nas diversas pessoas dos tempos verbais não se dá quando se quer dar ênfase à expressão e contrastar os diversos sujeitos: "*Eu* pasmo! *eu* tremo! *eu* gelo! *eu* me arrepio!" – "O que quereis que os homens façam, fazeis *vós* a eles" – "Esses turcos e janízaros, que deste lugar estamos vendo, vêm restaurar conosco a honra que no primeiro cerco perdemos: porém nem *eles* valem mais que os que então foram vencidos, nem *nós* valemos menos que os vencedores" (V. § 317).

B – Elipse do **verbo**:

No mar (*há*) tanta tormenta e (*há*) tanto dano!

Tantas vezes a morte (*é*) apercebida!

Na terra (*há*) tanta guerra, (*há*) tanto engano!

Tanta necessidade aborrecida (*há*)!

"Isso merece publicado" (= merece *ser* publicado) – "Sobre miserável (= sobre *ser* miserável), ele é ignorante" – "Por inúteis (= por *serem* inúteis), não foram recebidas".

C – Elipse da **ligação**: "Alumia minh'alma, não se cegue no perigo em que está" (= *para que* não se cegue...) – "Peço-lhe me deixe ir" (= peço-lhe *que* me deixe...) – "Mandou se fizesse quanto antes" (= mandou *que*...) – "Navegamos vento à popa" (= navegamos *com* vento à popa) – "Espertar já sol nascente" (= *com* o sol já a nascer).

Notas: 1ª – É frequente e elegante a elipse da conjunção *que* depois dos verbos *mandar*, *requerer*, *pedir*, *pensar*, *parecer* e sinônimos. Tem essa elipse por vezes a vantagem de desembaraçar a frase da demasiada repetição do conectivo *que*.

2ª – Há, ainda, elipse em muitos provérbios e rifões em que somente aparecem as ideias principais:

Casa de ferreiro, espeto de pau.
Tal amo, tal criado.
Olho por olho, dente por dente.
De tal árvore, tal fruto.
Cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso.

3ª – Há, finalmente, em português, elipse, entre outras, das seguintes palavras:

coisa: "Essa (–) é boa!" – "Uma (–) assim eu não esperava!" – "Fizeram-lhe uma!" – "Deu na mesma" – "Fiquei na mesma" (V. § 342, 2, n. 2).

tempo: "Há muito (–) que isto devia acontecer" – "Vi-o há pouco (–)" – "Em breve (–) nos veremos".

possa ou *deva*: "Não sei para onde (–) ir" – "Já sei como (*poder*) ganhar a vida".

783 – ZEUGMA – (do gr. *zeugma*= união) vem a ser o caso de elipse em que se subentende um termo ou termos já anteriormente enunciados na frase:

"A Pedro *dei* uma pera, e a João (*dei*) uma maçã".

verbo já citado

Notas: 1ª – A vírgula, *quando não traz perigo de confusão*, é usualmente empregada para indicar o *zeugma* do verbo: "Tu foste meu soldado, e eu, teu capitão" –

↓
(*fui*)

"Os valorosos levam as feridas, e os venturosos, os prêmios"

↓
(*levam*)

Quando outras vírgulas já houver em partes de um período que encerrem zeugma, coloca-se ponto e vírgula entre essas partes, para maior clareza: "Seu rosto era sem rugas; a cútis, alva e delicada; as faces, roseadas; os olhos, castanho-escuros, vivos, expressivos de placidez e bondade; a fronte, alta e vasta; a fisionomia, aberta, desanuviada, serena, reveladora de respeitosa afabilidade".

Quando, ao contrário, curtas e já separadas por vírgula forem as partes de um período nas quais há zeugma, desnecessário se tornará esse ponto e vírgula e também desnecessária a vírgula indicativa do zeugma: "Seus movimentos eram rápidos, o olhar perscrutador, o ouvido atilado".

2ª – Muitas vezes o nome, anteriormente citado, é subentendido com modificações em seus acidentes de *gênero*, de *pessoa* ou de *número*:

"*Foi* vencido o inimigo, e (*foram*) soltos os prisioneiros"
sing. plur.

"Tu *queres* passear, e eu (*quero*) ficar"
2ª pess. 1ª pess.

"A um é *dada* a palavra de sabedoria, a outro (é *dado*) o dom de curar moléstias"
fem. masc.

– "Nem ele nos *entende*, nem nós (*entendemos*) a ele".

3ª – No período – "Desanimados, desesperados, *recorrem* esses homens ao muito conhecido expediente, *qual náufrago* à tábua de salvação" – nenhuma necessidade há de no plural ser colocado o substantivo *náufrago*, por tratar-se aqui de construção contrata, elítica, na qual se subentende o verbo da subordinada: "qual náufrago *recorre*".

Outro exemplo: "...para se conseguirem tantos títulos quantos for possível" – está igualmente certo; nele se subentende o infinitivo *conseguir* (...quantos for possível *conseguir*), que figurará como sujeito da locução *for possível*, exercendo o *quantos* função acusativa desse infinitivo.

4ª – O *zeugma* pode abranger uma palavra ou um conjunto de palavras: "Nem as lágrimas me são estranhas, nem (*me é estranho*) o longo e aflito orar".

5ª – O *zeugma* é às vezes *antecipado*, isto é, a omissão da palavra ou palavras é feita na primeira frase, para ser expressa essa palavra em frase que se vai proferir logo em seguida: "Não fosse esta (*coisa*), muitas outras *coisas* teria feito".

784 – PLEONASMO: Indica a palavra *pleonasmo* (gr. *pleonasmos* = superabundância) a figura de regência que consiste na *redundância* de expressão, ou seja, na repetição de uma mesma ideia, mediante palavras diferentes:

"*Vi* com os meus próprios olhos"

Notas: 1ª – Quando a repetição de ideia não traz nenhuma energia à expressão, o *pleonasmo*, antes de ser *figura*, passa a ser vício, que se denomina *perissologia* (= excesso de palavras), *tautologia* (= repetição de palavras) ou *batologia* (= repetição, gaguez): *comer com a boca*, *subir para cima*, *descer para baixo*, *ver com os olhos*.

2ª – Deixa de ser vicioso o pleonasmo quando, no repetir a ideia já expressa, acrescenta um especificativo qualquer, que dê graça e força à expressão, ou quando indica contraste: "Fiz a caminhada com meus *próprios* pés" – "Esse ouro e prata, posto que naturalmente *desce para baixo*, havia de *subir para cima*" – "Ele sabe *pescar peixe*, mas não sabe *pescar homens*" – "*Ver com os olhos* não é o mesmo que *ver com os dedos*".

3ª – Deixa, outrossim, de ser viciosamente pleonástica uma expressão, quando os termos que a compõem já não conservam sua significação de origem; não há, praticamente, repetição de ideia: "*Sé catedral*" – etimologicamente *cadeira da cadeira*. "*Meu monsenhor*" – etimologicamente *meu meu senhor*. "*Meu menino*" – etimologicamente *meu meu niño* (do espanhol).

4ª – Opera-se também o pleonasmo quando se repetem membros da oração (**oração pleonástica**); neste caso é preciso cautela e parcimônia para que surta efeito: "*Os sinos* já não há quem *os* toque" – "Ao qual recado *ele Hidalcão* não respondera" – "*Sabedor* nunca *o* fui" – "*A mim me* parece" – "*A podenga negra*, *essa* corria pelo aposento" – "Parece-me *a mim*" – "maltratando-*se a si próprio*" – "*Os bens* deste mundo, como são corruptíveis, ainda que não haja quem *os* furte, eles mesmos se nos roubam".

A repetição pleonástica do objeto na forma oblíqua ou do sujeito se dá geralmente quando esses termos vêm no rosto da oração ou antes do verbo: "Semelhantes *cortejos*, de contínuo *os* oferece a cidade" – "O *estímulo* da honra, tê-*lo*-ia o jovem pernambucano".

Observe-se, em alguns dos exemplos em que se repete o objeto direto, a vírgula antes da repetição pleonástica, pontuação essa às vezes exigida pela clareza.

5ª – Constitui também *pleonasmo* o emprego de certas partículas que não fazem parte da oração e dela podem ser suprimidas sem comprometer a clareza nem a construção: "Não *me* desças a escada pela grade" – "Sei *lá* o que quer ele!" – "Que santa *que* é esta mulher!" – "Eu *é que* a isso não me atrevo!" – "Quase *que* caí".

Tais partículas ou locuções se dizem *expletivas*.

6ª – Próprio da língua portuguesa é repetir a negação. No falar hodierno emprega-se essa linguagem pleonástica quando a palavra *não* vem mencionada *antes* das outras negativas: "*Não* digas *nada*" – "*Não* tinham coisa *nenhuma* para comer" – "*Não* apareceu *ninguém*" – "O vulto *não* respondeu *nada*" – "*Não* deixara entrar *ninguém*".

Podem-se também empregar em lugar da segunda negação as expressões *coisa alguma*, *pessoa alguma*: "*Não* vi *coisa alguma*" – "*Não* quero aqui *pessoa alguma*".

O que é erro é agir de maneira inversa, isto é, colocar um *nem*, um *ninguém*, um *nada* ou outra negativa em primeiro lugar e, depois, acrescentar o *não*. Deve-se redigir "Nem eu pude ver" (e não: Nem eu não pude ver), "Ninguém de nós falou" (e não: Ninguém de nós não falou), "Nada que o contrariasse podíamos fazer" (e não: Nada que o contrariasse não podíamos fazer). V. § 683, 3, obs. b. V. D.QVs: *Pleonasmo*.

785 – ANACOLUTO (do gr. *an* = não, mais *acólouthon* = acompanhado, significa não consequente, não coerente) especifica a figura de regência em que um termo da oração vem *solto*, *sozinho*, sem nenhuma relação sintática com os outros termos; vem a ser, por outras palavras, a *interrupção* ou *mudança* de construção já começada, por outra de nexo diferente. Em geral essa interrupção, não raras vezes elegantíssima, traduz mais fielmente o pensamento do que a coordenação lógica, por si mesma despida de sentimento.

> *Eu* que cair não pude neste engano
> (Que é grande dos amantes a cegueira)
> Encheram-me com grandes abondanças
> O peito de desejos e esperanças (Camões).

OUTROS EXEMPLOS: "*A terra* em que tu morreres, nessa morrerei" – "*Os três reis orientais*, que vieram adorar o Filho de Deus recém-nascido em Belém, é tradição da Igreja que um era preto" – "*Eu* me parece que..." – "*Eu* por bem farão de mim tudo, e por mal, nada" – "*Lá a mãezinha, essa, coitada*, é que lhe custou muito eu vir-me embora" – "*Eu* que falo aos olhos dos presentes, não me é necessário deter-me em tão sabido assunto".

São igualmente exemplos de anacoluto muitos provérbios em que as orações não mantêm entre si relação gramatical:

> "Quem se bem estreia, bom ano lhe venha"
> "Quem te não roga, não lhe vás à voda"
> "Bezerrinho que sói mamar, prui-lhe o paladar".

786 – IDIOTISMO (gr. *ídios* = próprio) ou *expressão idiomática* é o termo ou dicção existente numa língua, sem correspondente em outros idiomas. Por *idiotismo* se compreendem também as frases e modismos que se afastam dos princípios gerais da sintaxe, sendo, porém, consagrados pelo uso de pessoas cultas e geralmente adotados na boa linguagem.

São *idiotismos* nossos: *a*) O *infinitivo pessoal flexionado*, pois segundo os princípios gerais da gramática nenhuma das formas infinitivas deveria tomar desinência pessoal com a finalidade existente em português. (V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "infinitivo pessoal".)

b) O emprego da locução *é que*, usada expletivamente (§ 784, n. 5) em "Eu *é que* fiz isso" (= eu fiz isso), "Nós *é que* quisemos assim", "*É* lá *que* o rio se derrama".

Nota: Em casos como este: "Só depois da chegada *foi que* o assunto mereceu atenções" – o "foi que" não constitui oração; é a mesma locução expletiva "é que", e poderia por esta ser substituída nesse exemplo. É no entanto obrigatória a flexão do verbo, quando há inversão e, ao mesmo tempo, deslocamento do "que". Ou se diz: "Ele *é que* fez isso" ou "*Foi* ele *que* fez isso". Tanto

o "é que" do primeiro exemplo, quanto o "foi que" do segundo constituem a mesma locução expletiva. Ou se dirá: "*Foram* eles *que* fizeram isso" ou "Eles *é que* fizeram isso".

c) O emprego da preposição *de* nas expressões "pobre *do* homem", "coitado *de* meu tio", "o bom *do* velhinho".

d) A anteposição do artigo aos possessivos: *o* meu livro, *os* teus caprichos, *as* nossas relações (§ 244, B, 4, n.).

Questionário

1. Como se denominam as *figuras de regência*?
2. Quantos casos há de *elipse* e quais são? (Resposta completa e exemplificada.)
3. Faça uma oração com cada um dos verbos *mandar*, *requerer*, *pedir*, *pensar*, *parecer*, em que haja elipse da conjunção integrante *que*.
4. Dizer o que há na oração: "Uma assim eu não esperava!"
5. Que é *zeugma*?
6. Quando e como vem o *zeugma* indicado na frase?
7. Que é *zeugma antecipado*? Exemplos.
8. Diga o que aprendeu sobre *pleonasmo*.
9. A oração "Eu por bem farão de mim tudo" encerra anacoluto, isto é, nela existe um termo solto, sem função sintática; qual é esse termo?
10. Que vem a ser *idiotismo*? Explique e exemplifique.

CAPÍTULO 56

COLOCAÇÃO

790 – **Colocação** ou **ordem** é a maneira de dispor, na oração, os termos que a constituem ou, num grupo de palavras, os vocábulos que o formam.

Colocação dos Termos da Oração

791 – Construímos de ordinário a oração começando pelo sujeito, declarando a seguir algo sobre o sujeito, ou seja, o verbo, e ajuntando em terceiro lugar termo ou termos que completem a predicação.

A tal colocação de sujeito, verbo e complemento dá-se o nome **ordem direta** (ou *analítica*, por ser própria de línguas analíticas – § 180, nota):

$$\underbrace{\text{sujeito} \qquad \text{verbo} \qquad \text{complemento}}_{\text{ordem direta}}$$

Alterando-se essa disposição dos termos, diz-se que a oração está na **ordem indireta** (ou *inversa*, ou *sintética*, por ser própria de línguas sintéticas).

792 – No geral, a ordem direta não é observada em alguns casos, como os seguintes:

793 – A necessidade de externar desde logo o sentimento ou a ideia que nos preocupa pode levar-nos a iniciar a oração com o objeto ou com o predicativo:

Desta água não beberei.
Pão para os filhos pedem estas mulheres.
Livros não tenho melhores que os teus.
Teatro tão grande como este nunca vi em minha vida.
Cansado estou das tuas queixas.
Tolo serias se o procurasses.
Aos cachorros é que deveria você dar isso.

Nota: A deslocação do sujeito para o fim, ou do objeto para o princípio, não é possível com o pronome relativo, cujo lugar é sempre no princípio, qualquer que seja sua função (V. o § 796).

794 – Quando se quer chamar atenção especial para o sujeito da frase, é ele deslocado para depois do verbo:

Se nenhum de vós quiser ir, irei *eu*.
Aqui quem perde és *tu*.
Por essa fico *eu*.
Atrás do rei vinham *os fidalgos* da corte.

Nota: Nem sempre há necessidade de fazer a inversão. Em muitos casos basta recorrer à expressão *é que*, a qual, pelo contraste da acentuação fraca, faz sobressair o vocábulo anterior: "Tu *é que* podias explicar o caso" – "Nós *é que* não podemos ficar aqui" – "Eu *é que* não espero".

795 – Verbo em primeiro lugar, tratando-se de linguagem expositiva, é construção típica para os casos seguintes:

a) Quando se combina o verbo com o pronome *se* para denotar que fica indeterminada a pessoa que pratica a ação:

Luta-se pela existência.
Ganha-se com dificuldade.

b) Quando a oração tem sentido existencial, quer se empreguem os verbos *ser* ou *existir*, quer o verbo *haver*:

Era uma vez um rei.
Existem naquela terra povos de costumes diferentes.
Há muitos prédios elegantes na cidade.

Notas: 1ª – *Existir* e *haver* ocorrem também pospostos, podendo-se dizer *povos existem*, *homens há* etc., mas esta construção é justamente a inversa. Sucede o mesmo com algumas frases de agente indeterminado.

2ª – É de uso mencionar o verbo em primeiro lugar nas proposições que têm por fim assinalar uma época em que se enquadram outros acontecimentos. A começarmos pelo sujeito, perderia o enunciado sua força de expressão: "Quando fui eleito deputado, era presidente da república um amigo".

c) Em certas frases em que se determina *tempo*, *distância*, *peso*, *medida* ou *número*:

São duas horas e meia.
Faltam três laranjas para completar a dúzia.
Era dia claro quando me levantei.
São três léguas a cavalo.

d) Nas *orações condicionais* empregadas sem conjunção:

"*Visse*-a Juno, talvez se abrandaria" – "*Fosse* filho meu que tão cruelmente te houvesse ofendido..." (V. § 585, 5, n. 1).

e) Quando o predicado é expresso por uma das *formas nominais* do verbo:

É tempo de *falarem* os fatos.
Acabado o discurso... (V. § 698).
Tendo o orador acabado de falar...

796 – O pronome relativo coloca-se no princípio da oração, quer sirva de sujeito, quer de complemento:

Examinei a joia *que* ele comprou (obj. dir.).
Aqui está a casa *em que* morei (adj. adverbial).
O homem *que* nos recebeu era surdo (suj.).

797 – É infundado dizer que nas orações interrogativas o sujeito deve pospor-se ao verbo. O que existe é o seguinte: Interrogações em que se faz uso de alguma das palavras interrogativas *quem*, *que*, *quanto*, *como*, *por que*, *onde*, *quando* constroem-se de ordinário começando-se pela expressão interrogativa e enunciando-se depois o verbo seguido do sujeito, quando este não é pronome interrogativo.

Que quer *você*?
A quem procura *ele* enganar?
Com quem vives *tu*?
Quanto custa o *metro* desta fazenda?
Por que não deixas *tu* isso para mais tarde?
Como soube *ele* de tal coisa?

Nota: Pode-se, contudo, fazer às vezes a transposição, quer pondo-se o sujeito no começo da pergunta, quer colocando-se a expressão interrogativa no fim:

E tu *que* dizes a isto?
Teu primo *por que* não apareceu?
Receias *o quê?* (V. § 367.)

798 – Nas orações exclamativas os termos se colocam como nas interrogativas e admitem análoga transposição:

Quantas lágrimas amargas não verteu ela!
Como é triste a vida neste ermo!
Aqueles areais *como* são saudosos e contemplativos!

799 – Certas expressões optativas (e também simplesmente exclamativas) têm construção fixa, empregando-se o verbo sempre no começo: outras se constroem indiferentemente com o verbo em primeiro ou em segundo lugar:

Viva o soldado cumpridor do seu dever!
Morram os traidores!
Benza-vos Deus!
Deus vos *ajude*!

Nota: Na linguagem optativa também precedem aos demais dizeres as expressões *prouvera a Deus*, *tomara* (V. § 742), *quem me dera* e outras semelhantes.

800 – Os períodos compostos que têm subordinada substantiva ou adverbial podem ou não iniciar-se pela principal ("Avise-me quando teminar" ou "Quando terminar avise-me") – exceto se forem empregadas certas expressões como *é necessário*, *é preciso*, *importa*, *cumpre* etc., as quais se dizem em primeiro lugar.

801 – Há elegante deslocação idiomática dos termos da oração nas seguintes frases: "*Fácil* é isso de dizer e difícil de fazer" – por: "Isso é fácil de dizer e difícil de fazer". "*Velozes* corriam os dias" – por: "Os dias corriam velozes". "*Chegados* que foram" – por: "Logo que foram chegados". "Eles *que* fujam" – por: "Que eles fujam".

802 – Embora, quando há dois objetos, um direto e outro indireto, não haja colocação fixa para eles (o § 793 deve ser aqui lembrado), costuma-se, na oração declarativa comum, colocar o direto em primeiro lugar quando nenhum deles é constituído de pronome:

Pretendo distribuir *brinquedos* às crianças.
Esqueci-me de levar *doces* para os presos.

Nota: Quando constituídos de pronomes: § 321.

803 – Quando o verbo vem modificado ou acompanhado de vários complementos, estes devem ser distribuídos de maneira que fiquem uns antes do predicado e outros depois, procurando-se com isso dar não somente equilíbrio mas força de expressão ao período; o não cumprimento dessa norma torna o período coxo ou inexpressivo:

Por amor ao filho *lançou-se* o pai ao rio.

Em tais casos, coloca-se em primeiro lugar o complemento mais importante, isto é, aquele cuja ideia se pretende evidenciar: "*Por causa de um macaco* a mulher perdeu a vida".

804 – Levadas em conta as construções fundamentais de que a linguagem natural e espontânea não costuma afastar-se, é certo que para a estrutura oracional temos em português bastante liberdade. Esta, porém, é maior no verso, em que ocorrem certas transposições completamente estranhas não só ao falar comum, mas ainda ao discurso limado. Alguns escritores abusaram da liberdade poética, a ponto de tornarem a linguagem obscura e quase ininteligível:

"Ama a vivenda dos contrários ao fogo undosos rios a do rei potente mimosa filha" (= A filha mimosa do rei potente ama a vivenda dos rios undosos, contrários ao fogo).

"Dos sem conto que há passado maléficos portentos" (= Dos portentos maléficos sem conto que há passado).

Nota: Quanto à colocação do advérbio recorde-se o § 775.

Colocação do Adjetivo

807 – No geral, o adjetivo vem depois do substantivo, mormente quando restritivo. Quando explicativo, costuma também vir depois em orações que encerrem comparação ou contraste:

Comprei uma gravata *vermelha*.
Vi um prédio *alto*.
Os meninos *estudiosos* têm mais brio.
Tomei um café *amargo*.
Ela tem cabelos *compridos*.
Experimentei um açúcar *doce* como nenhum outro.
Água *mole* em pedra *dura*.

Notas: 1ª – Quando é explicativo e expresso na generalidade, sem nenhum interesse de informação nova nem para formar comparações ou contrastes, o adjetivo costuma vir antes.

As *tímidas* ovelhinhas pastavam calmamente.

2ª – Certos explicativos, mormente quando indicativos de cor, têm posição geralmente fixa, ora antes ora depois, conforme o substantivo qualificado. Assim, enquanto se diz "a safira azul", "o céu azul", "otopázio amarelo", costuma-se dizer "a verde esmeralda", "a branca neve".

3ª – Em frases de efeito enfático, o restritivo vem geralmente antes:

Vão passar um *bom* filme.
Trata-se de um *belo* coração.
Tenho *brilhantes* alunos na minha classe.
É sem dúvida uma *grande* cidade.
Seus *compridos* cabelos.
Deu o *último* suspiro.

808 – Em muitos casos a anteposição ou posposição do adjetivo acarreta mudança de sentido (§ 360):

bom homem (homem ingênuo)	homem bom (de boas qualidades)
rico homem (homem nobre)	homem rico (endinheirado)
grande homem (eminente)	homem grande (alto)
pobre homem (infeliz)	homem pobre (sem dinheiro)
simples homem (mero homem)	homem simples (homem singelo)
santo homem (homem bom)	homem santo (homem sem mancha)
verdadeiro homem (homem real)	homem verdadeiro (homem veraz)
vários homens (diversos homens)	homens vários (homens diferentes)
gigantes há ladrões	ladrões há gigantes
verdadeira unha	unha verdadeira

Nota: *Rico homem*, na linguagem medieval, significava *homem nobre*, *fidalgo*. Não tem aplicação no falar moderno.

Rico, anteposto a substantivo, usa-se hoje como equivalente de *valioso*, *precioso*, e também (em Portugal) com a acepção de *querido*, *estimado*: *Rica* pedraria, *ricas* joias, meu *rico* amigo.

Colocação de outras Classes de Palavras

811 – O **artigo**, o numeral **cardinal** e o **ordinal**, as **preposições** e, em geral, os **pronomes adjetivos** vêm antes do substantivo:

Este homem perdeu *a* vista *em um* combate.
Nosso vizinho possui *muitos* prédios.
Cada criança trazia *duas* cestinhas *com* flores.

Notas: 1ª – Há casos, porém, em que a posposição do pronome adjetivo traz graça à expressão: "Homem *este* que não conheço" – "Venturas *mil*".

Há até um caso em que a posposição dá sentido inverso à expressão: "Homem *algum* nos viu". Confrontem-se:

Em *caso nenhum*
Em *caso algum* } deixarei meu posto
Em *nenhum caso*

V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "Não dei nenhuma informação".

2ª – Quando para eles se quer chamar a atenção, os *possessivos* vêm depois:

Filho *meu* não seguirá tal carreira.
Não farão revolta com dinheiro *nosso*.

3ª – Os *numerais* vêm depois quando designam datas, páginas, monarcas, papas:

Página *25* (vinte e cinco)
Dia *quinze*
Luís *XIV* (catorze)
Carlos *I* (primeiro)
Pio *XII* (doze)

812 – Os *advérbios de intensidade* vêm antes do adjetivo:

Terreno { muito, pouco, mais, menos, tão, bem, assaz } extenso

Carne { bem, mal } assada

Nota: Quanto a *bastante*, veja a nota 3 do § 530 e o § 358.

813 – *Não* e *nem* vêm sempre antes da palavra modificada:

Não fui *nem* irei.
Não vi Pedro *nem* João.
Isso *não poderá* ser feito (não deverá ser feito).
Isso poderá *não ser* feito (talvez não seja feito).

814 – Nas locuções verbais o verbo auxiliar vem normalmente antes da forma nominal:

Tenho visto muita miséria.
O soldado *ficou ferido*.
Deves dizer a verdade.

Nota: Quanto à colocação do particípio e do gerúndio nas orações correspondentes ao ablativo absoluto latino, veja o § 698.

Quanto a outros casos, consulte o *Índice Analítico* sob o verbete "colocação".

Questionário

1. Que é *colocação*?
2. Ordinariamente, qual a ordem dos termos da oração portuguesa e que nome recebe?
3. Cite e exemplifique os principais casos em que a ordem direta não é observada.
4. Por que razão a oração "O pai lançou-se ao rio por amor ao filho" não é tão expressiva e harmoniosa quanto esta: "Por amor ao filho lançou-se o pai ao rio"?
5. Quando há dois objetos, um direto e outro indireto, qual deles costuma vir antes?
6. Que diz da ordem dos termos usada na poesia?
7. Corrija:
a) A festa acabada, todos se retiraram.
b) O trabalho ficando pronto, podem ir brincar.
8. Ordinariamente, o adjetivo vem antes ou depois do substantivo? Especifique e exemplifique.

9. Dê exemplos de mudança de sentido decorrente de mudança de posição do adjetivo.

10. Quando *algum* tem significação negativa? Exemplo.

11. Corrija (o erro, nestas orações, não está na colocação):

a) Sabia-se que, não obstante a indignação de ambos, iriam entender-se entre eles (V. o 2º exemplo no início do § 408).

b) Devemos procurar uma produção vultuosa.

c) Não encontrei qualquer meio para salvá-lo.

CAPÍTULO 57

COLOCAÇÃO DOS PRONOMES OBLÍQUOS ÁTONOS

818 – Conforme vimos no § 102, há em português alguns vocábulos sem acentuação própria, sem autonomia prosódica, que se apresentam como sílabas átonas do vocábulo seguinte ou do vocábulo anterior. Entre tais palavras átonas estão compreendidos os pronomes oblíquos *me*, *te*, *se*, *o*, *lhe*, *nos*, *vos*[1], *os*, *lhes*.

Uma vez átonos e, ao mesmo tempo, com função de complemento verbal, os pronomes oblíquos *terão de apoiar-se*, para efeito de acentuação, nos próprios verbos de que são complementos. Ora, com relação ao verbo, eles podem, na frase, ocupar três posições, podendo vir *antes*, *depois* ou no *meio* do verbo. Vindo antes, o pronome oblíquo se diz *proclítico* (e a posição se chama *próclise*); vindo depois, *enclítico* (e a posição se chama *ênclise*); vindo no meio, *mesoclítico* (e a posição, *mesóclise*).

Exemplos de *próclise*:

"Não foi isso que *vos* disse" – "Nada *lhe* fiz" – "Nem tudo *se* perdeu".

(1) Não se confundam as formas sem acento *nos* e *vos*, casos oblíquos, com *nós* e *vós*, casos retos, acentuados.

Exemplos de *ênclise*:

"*Foram-se* as esperanças" – "Não quis dizê-*lo* para não magoá-*lo*".

Exemplos de *mesóclise*:

"Dir-*te*-ei (dir(te)ei) depois o que aconteceu" – "Se fosse escrita, aprender-*se*-ia melhor a lição".

819 – A palavra **regra**, quando se fala em "regras para a colocação dos pronomes oblíquos", deve ser bem compreendida. A causa, o móvel, o eixo, o princípio fundamental, que explica a diversidade de posição, na frase, do pronome oblíquo, é tão só, única e exclusivamente um: a *eufonia* (gr. *eu* = bom + *phoné* = som), isto é, a harmonia, a agradabilidade do som, ou, ainda, a facilidade, a suavidade na pronunciação. (Isto se denomina, com mais propriedade, *eustomia* – do gr. *eu* = bom + *stóma* = boca.) Mas que é realmente, em gramática, *eufonia*? Não tem aí a palavra sentido absoluto, conceituação própria, independente, senão relativa: é eufônico, numa língua, o que é habitual, o que é costumeiro, o que é geral, e neste sentido é que o aluno deve compreender afirmações como "a posposição não é agradável ao ouvido", "repugna ao ouvido...". O uso, repetimos, tanto relativo a um grupo quanto a um indivíduo, é que torna eufônica, ou não, determinada incidência tônica: a agradabilidade do som e a suavidade da pronúncia são decorrência natural do hábito. Nesse sentido, pois, é que se deve compreender, no presente estudo, que "regra não passa de exigência da eufonia ou da eustomia" e, ainda, quando se diz que para os portugueses não existe o problema da colocação dos pronomes oblíquos; é que eles, *habitualmente*, observam as regras. Esse estudo iniciou-se e só se faz no Brasil, cuja extensão territorial exige muito mais escolas e muito mais vias de comunicação para que se preserve sua unidade política e linguística.

Regras de Colocação

820 – Vimos no início do § 818 que certos pronomes oblíquos, por serem átonos, apoiam-se, para efeito de acentuação, nos verbos de que são complementos. É isso sinal de que, **em regra geral**, os pronomes oblíquos devem vir depois dos verbos, isto é, devem ser *enclíticos*. Acontece, porém, que em diversos casos essa colocação posverbal não é seguida. Tal acontece ou em virtude do próprio verbo, cuja forma repele depois de si o pronome, ou em virtude de certas palavras colocadas antes dos verbos, as quais atraem o pronome oblíquo para antes do verbo. (Vindo depois do verbo, essas palavras nada terão que ver com a colocação do pronome oblíquo.) Quer isso dizer que, rigorosamente falando, as formas oblíquas tornam-se enclíticas dessas palavras; no entanto, na prática, toma-se por base o verbo, e daí as três posições já nossas conhecidas, cujas regras passaremos a ver, começando, como é natural, pelo estudo da *ênclise*.

Ênclise

821 – Se é de natureza dos oblíquos funcionar como complementos dos verbos, nada mais justo dizer que, em regra geral, os oblíquos devem vir pospostos aos verbos. Como é a eufonia que regula esta questão da posição dos oblíquos, podemos formular a seguinte regra:

Quando não há nada que eufonicamente atraia o oblíquo, deve-se dar preferência à posposição: "Os homens *dizem-se* sábios quando..." (melhor do que: Os homens *se dizem* sábios...). "O homem *mantinha-se* de pé" (melhor do que: O homem *se mantinha* de pé). "A menina *machucou-se* toda" (melhor do que: A menina *se machucou* toda).

Essa colocação dá mais ênfase à frase.

822 – Uma vez que, para efeito de prosódia, o pronome oblíquo deve apoiar-se no acento do verbo, *não se pode iniciar um período com pronome oblíquo*: "Disseram-*me* isso ontem" e não: "*Me* disseram isso ontem".

823 – Exige a eufonia a posposição dos oblíquos aos *gerúndios*: "Não queira conquistá-lo confiando-*lhe* segredos" e não: "Não queira conquistá-lo *lhe* confiando segredos" – "Devo estar vendo-*o*".

Notas: 1ª – Existe, para este caso, uma exceção: O pronome oblíquo passa a vir antes do gerúndio quando este estiver precedido da preposição *em* e, ainda mais, quando fizer parte de locuções verbais (V. § 517 e 518): "Em *o* nomeando, fez o governo justiça", e não: "Em nomeando-*o*..." – "Ele

está-*se* levantando". Pode a eufonia permitir que, em certos casos de locução verbal, o oblíquo se posponha ao gerúndio.

2ª – Se a uma forma verbal simples em *ndo* preceder palavra de valor atrativo (§ 827 e ss.), o oblíquo virá antes: "Não *se* revestindo..." – Quando nada houver que atraia, o oblíquo virá depois: "...e, detendo-*nos* para beber água, vimos...".

824 – Além de mais eufônica, é da tradição da língua a posposição dos oblíquos nas orações imperativas: "Ó menino, vai-*te* daqui".

825 – Quanto **à posposição do oblíquo "o"** ao verbo, devemos obedecer às seguintes normas:

1 – nenhuma modificação acarreta ao verbo em formas terminadas em vogal (*amo-o*, *diga-o*);

2 – transforma-se em *lo* quando posposto a formas terminadas em *r*, *s* ou *z*, consoantes estas que desaparecem (*amá-lo, amaste-lo*, *di-lo*, *fi-lo*, *ei-lo*);

3 – adquire a forma *no* quando posposto a formas terminadas em *m* (*amam-no*, *tinham-no* – V. § 124), notando-se que formas como "cercavam-*nos*" exigem cuidado para clareza: o *nos* poderá enquadrar-se no caso presente (= os cercavam) e pode ser forma oblíqua de *nós*;

4 – não se pospõe às formas do futuro nem do particípio (jamais *amarei-o*, *terei-o*, *amaria-o*, se eu *fizé-lo*, *amado-o*).

Exemplos:

amo	+ o = amo-o	tenho	+ o = tenho-o
amas	+ o = ama-lo	tens	+ o = tem-lo
ama	+ o = ama-o	tem	+ o = tem-no
amamos	+ o = amamo-lo	temos	+ o = temo-lo
amais	+ o = amai-lo	tendes	+ o = tende-lo
amam	+ o = amam-no	têm	+ o = têm-no

Notas: 1ª – O aluno atento saberá, mediante as regrinhas e os exemplos acima dados, encontrar todas as formas verbais que podem vir com o "*o*" posposto (V. § 121 e 124. V. § 243, B, obs. 2).

2ª – A desinência pessoal *mos* perde o *s* antes de formas pronominais enclíticas: *preparamo-nos*, *demo-los*.

Pode-se operar a supressão do *s* tanto com a primeira quanto com a segunda pessoa do plural e tanto com *nos* e *vos* como com qualquer outro pronome oblíquo.

Louvamo(s)-nos, louvamo(s)-vos, louvamos-lhe ou *louvamo(s)-lhe o arrojo, louvamo(s)-los, louvemo(s)-te, ó Deus. Vós recriminaste(s)-nos, recriminaste(s)-lo, recriminaste(s)-lhe vós a imprudência.*

Gramaticalmente não se pode dizer errada a forma *queixamos-nos*. Se outro, no entanto, é o uso geral, explica-o a facilidade, ou melhor, o hábito da pronúncia, o qual regula a omissão ou não do *s* final nos diferentes casos.

Enquanto a maioria dos autores falam em supressão do *s* de *mos* antes dos oblíquos *o*, *a*, *os*, *as*, Laudelino Freire ensina que só há supressão desse *s* antes de *nos*, Vasco Botelho de Amaral e Eduardo Carlos Pereira generalizam; este diz: "Na 1ª e na 2ª pessoa do plural seguida de pronome oblíquo, elimina-se, por eufonia, o *s* final".

3ª – Quando enclíticas, as formas pronominais oblíquas acusativas e dativas podem causar a ocorrência de uma acentuação que não temos num mesmo vocábulo; comum em outras línguas, não existe em português acento tônico na preantepenúltima sílaba de nenhuma palavra, e daí a estranheza de formas como *remeta-se-lhe*, *digam-se-lhe*, *havíamo-nos*, *tínhamo-los*, *lancem-se-lhe*, *afigura-se-nos*, estranheza que não deve impedir-nos seu uso, desde que não temos nesses casos uma só palavra senão duas ou mais.

826 – V. § 776, 3, nota, *complemento comum*.

Próclise

827 – Há casos em que o verbo perde sua força enclítica, o que é motivado pela anteposição, aos verbos, de partículas que, para efeito de eufonia, atraem o pronome oblíquo; tal se dá nos seguintes casos:

828 – Nas orações negativas, uma vez que a negativa, quer constituída de advérbio, quer de pronome, quer de conjunção, atrai o pronome oblíquo para antes do verbo: "Nada *lhe* fiz" e não: "Nada fiz-*lhe*"

– "Ninguém *o* conhece" e não: "Ninguém conhece-*o*" – "Ele não foi nem *se* deixou levar" e não: "...nem deixou-*se* levar".

OUTROS EXEMPLOS: "Não *me* é lícito" – "Não *me* seria possível"

Nota: Entre escritores, clássicos e modernos, é muito comum a elegante deslocação do pronome oblíquo para antes do *não*: "Eu *o não* vi" – "Contanto que *se não* atreva a passar" – "...que *me não* pode dar" – "Se *lhe não* houvesse dito...". Procedimento semelhante é o da anteposição do oblíquo ao reto em outros casos de próclise: "...quando *lhes eu* dou a ler alguns destes oitenta discursos".

829 – Com certas conjunções coordenativas aditivas (*nem*, *não só... mas também*, *que*): "Não foi nem *se* lembrou de levar" – "Não só *me* disse que ia, mas também *me* pagou a viagem" – "Diz-me com quem andas, que eu *te* direi quem és".

830 – Com as alternativas *ou... ou*, *já....já*, *quer... quer*, *ora... ora*, *agora... agora*, *quando... quando*: "*Quer o* diga, *quer o* não diga" – "Ora *se* arrepende, ora *se* revolta".

831 – Com os adjetivos e pronomes relativos (*que*, *qual*, *quem*, *cujo*): "O livro que *me* deu é bom" – "Aí está o livro cujas páginas *se* estragaram".

832 – Com as conjunções subordinativas:

Integrantes – "Disse que *se* ia embora".

Causais – "Dei-lho porque *mo* pediu".

Comparativas – "Isso é mais bonito do que *lhe* parece".

Concessivas – "Embora ele *se* arrependa..."

Condicionais – "Perdoai-me se *vos* ofendi".

Consecutivas – "Portou-se tão bem que *o* elogiaram".

Finais – "Dou-lhe este livro para que *se* lembre sempre de mim".

Temporais – "Quando eu *te* vi pela primeira vez..."

Proporcionais – "À medida que *se* preparava o trabalho..."

Conformativas – "Conforme *se* vê..."

Notas: 1ª – Não se esqueça o aluno disto: A *eufonia* é o primeiro fator que regula a posição do oblíquo. Nesta frase: "...porquanto atirá-*la*-ia...", o oblíquo está eufonicamente bem colocado, não obstante o "porquanto" que antecede o verbo. A posição: "...porquanto *a* atiraria..." é desagradável ao ouvido.

2ª – Caso curioso opera-se com o *que* integrante: atrai o oblíquo ainda quando oculto pela figura elipse (§ 781): "Requeiro *se* digne a Presidência informar..." – "Peço-lhe *me* deixe ir".

833 – Nas orações optativas (§ 644): "Bons olhos *o* vejam" (e não: "Bons olhos vejam-*no*") – "Bons ventos *o* levem" (e não: "Bons ventos levem-*no*").

834 – Com os indefinidos (*algum*, *alguém*, *diversos*, *muito*, *tudo*, *vários* etc.), quando vêm antes do verbo: Tudo *lhe* dei, saúde e dinheiro" (e não: "Tudo dei-*lhe*...") – "Pouco *se* faz em prol do idioma pátrio" (e não: "Pouco faz-*se*...").

835 – Com os advérbios, quando precedem ao verbo: "Sempre *lhe* disse" (e não: "Sempre disse-*lhe*") – "O que aqui *me* fizeram" (e não: "O que aqui fizeram-*me*").

836 – Em português, repugna ao ouvido a colocação dos pronomes oblíquos depois do *particípio*. Jamais se dirá: "Os pais têm descuidado-*se* da formação moral dos filhos" – Ou se diz: "Os pais têm-*se* descuidado da formação moral dos filhos" ou: "Os pais *se* têm descuidado da formação moral dos filhos".

Em tais casos, o pronome oblíquo deverá apoiar-se no verbo que antecede ao particípio. Mesmo que entre o verbo e o particípio haja uma locução, o pronome oblíquo deverá vir junto do verbo. Ou se diz: "Os pais *têm-se*, embora inconscientemente, *descuidado* da formação moral dos filhos" – ou: "Os pais *se têm*, embora inconscientemente, *descuidado*..." ou: "Os pais *se têm* descuidado embora inconscientemente..." – mas nunca: "Os pais *têm*, embora inconscientemente, *se descuidado*..." – deixando-se o *se* solto e desamparado do seu apoio, que é o *têm*.

Seja qual for a forma que se dê a essas orações, o pronome oblíquo deverá prender-se ao auxiliar e não ao particípio.

Pausa – Distância – Liberdade Poética

837 – Mais uma vez lembramos ao aluno: A causa, o móvel, o eixo, o princípio fundamental, que explica as várias posições do pronome oblíquo, é tão só, única e exclusivamente um: a **eufonia**. As regras para a colocação dos pronomes oblíquos são efeito – decorrente da eufonia – e não causa. Pois bem, a mesma eufonia que determina o cumprimento das regras da próclise pode determinar as exceções; para isto, três fatores podem concorrer: a *pausa*, a *distância* e a *liberdade poética*.

838 – PAUSA: Vimos há pouco que os advérbios atraem os oblíquos; suponhamos, no entanto, uma oração como esta: "*Antigamente* passava-se o caso de outro modo". O não cumprimento, à primeira vista, da regra (*antigamente* deveria atrair o oblíquo: § 835) evidencia uma *pausa* depois do advérbio; por causa dessa pausa, perde ele sua força atrativa, obrigando-nos ao cumprimento da segunda regra da ênclise: "Uma vez que, para efeito de prosódia, o pronome oblíquo deve apoiar-se no acento do verbo, não se pode iniciar um período com pronome oblíquo".

A anteposição ou a posposição do oblíquo denuncia-nos como deve ser feita a leitura e, conseguintemente, a intenção do autor no assim redigir a oração. Construções como: "*Aqui* canta-*se*, *ali* dança-se" – denunciam-nos,

evidentemente, uma pausa depois dos advérbios *aqui* e *ali*, como se aí existisse vírgula; a leitura seguida, sem pausa, não é eufônica nem expressiva.

Não devemos, pois, estranhar colocações como estas de Antônio Vieira: "Porque *hoje* pregam-*se* palavras e pensamentos, e *antigamente* pregavam-*se* palavras e obras". A posposição pronominal força o leitor a parar depois dos advérbios *hoje* e *antigamente*. Isso requerem a eufonia e a energia de expressão.

Concluindo: Havendo pausa, perde a partícula o valor atrativo: "Aluguei uma casa *que*, diga-se de passagem, não vale uma pataca".

839 – DISTÂNCIA: Se entre a palavra de valor atrativo (advérbio, indefinido, relativo, conjunção subordinativa, partícula negativa) e o verbo houver uma locução, um parêntese, uma oração interferente, se, enfim, houver *distância*, perderá essa palavra o valor atrativo, desobrigando a anteposição do oblíquo: "*Nada*, apesar de toda a boa vontade, torna-*o* digno do lugar" (em vez de: "*Nada*, apesar de toda a boa vontade, *o* torna digno do lugar") – "É que nós conhecemos a vida pública dos visigodos, e não a sua vida íntima, *enquanto* os séculos da Espanha restaurada revelam-*nos* a segunda" (em vez de: "...*enquanto*... *nos* revelam...") – "...flor *que*, disse ele, chama-*se* dália".

840 – LIBERDADE POÉTICA: Não há erro no seguinte verso da "Sagres" de Bilac: "Em *que* soidão o sol sepulta-*se*". Ao poeta tudo é permitido (Arte Poética, 9, 10); de tantas liberdades goza ele, que é mais fácil, quanto à pureza gramatical, a redação de uma poesia que a de um trecho em prosa.

Importa acrescentar que no caso presente não ficaria eustômica a sequência de três *ss*: "Em que soidão o *s*ol *se s*epulta".

Mesóclise

841 – Repugna ao ouvido, nas formas do **futuro do presente** e nas do **futuro do pretérito**, a posposição dos oblíquos. A não ser que tenha os ouvidos inteiramente estragados, ninguém irá dizer *farei-te*, *fará-nos*, *fará-vos*, *faremos-lhe*, *faríamos-lhe* etc. Se tais formas iniciarem o período, torna-se forçada a colocação dos pronomes no meio do verbo: *dir-te-ei*, *dar-me-ás*, *far-vos-á*, *encontrar-nos-emos*, *queixar-vos-eis*, *castigar-nos-ão*, *vender-te-ia*, *dar-lhe-íamos* etc.

Ainda que essas formas não iniciem período, pode-se empregar a mesóclise, bastando para isso que não exista nenhuma palavra de valor atrativo que obrigue a próclise: "O tempo *dir-lhe-á* quem está com a verdade".

Nessas formas podemos encontrar até dois oblíquos mesoclíticos: "Devolver-*no-la*-ão vocês?".

Nota: Erros gravíssimos são mesóclises como estas: *dizer-te-ei*, *fazer-lhe-ia*, *trazer--lhe-á*. Excluídos os oblíquos, teríamos: *dizerei*, *fazeria*, *trazerá*, inomináveis erros de conjugação. O certo é: *dir-te-ei*, *far-lhe-ia*, *trar-lhe-á* (V. § 463, 4, obs. 4).

Os Oblíquos e o Infinitivo

842 – Com um pouco de ouvido, fácil se torna a correta colocação dos oblíquos, quando o verbo da oração não está no infinitivo. Quando o verbo da oração é empregado nesta forma nominal (§ 414), surgem então as dificuldades; à eufonia da expressão vêm agora juntar-se o estilo do autor e a função do oblíquo.

Sem prometer eliminar todas as dúvidas nem entrar em todas as minúcias, faremos o possível para, com clareza e método, expor o assunto.

843 – O artigo, por ser palavra de valor tônico nulo, não tem força atrativa sobre o oblíquo: "*O* queixar-se o paciente não influi no tratamento".

Nota: Ainda que o artigo venha combinado com a preposição, continua sem valor atrativo sobre o pronome: "A vantagem está *no* criarem-se os filhos".

844 – As formas pronominais retas, as preposições e as locuções prepositivas (quando desacompanhadas de artigo) dão liberdade à anteposição ou posposição do oblíquo: "O fato de eu *o* ver..." ou "O fato de eu vê-*lo*..." – "*Sem os* perder de vista" ou "*Sem* perdê-*los* de vista" – "*Depois de se* esvair o sangue" ou "*Depois de* esvair-*se* o sangue" – "*Até se* descobrir o assassino" ou "*Até* descobrir-*se* o assassino" – "*Para o* castigar" ou "*Para* castigá-*lo*" – "Começou *a lhe* responder" ou "Começou *a* responder-*lhe*".

Exceções: *a*) A preposição *por* repele muitas vezes depois de si os oblíquos *o*, *a*, *os*, *as*: "*Por* traí-*lo*, foi castigado" (e não: "*por o* trair...") – "*Por* quererem-*nos* presentes, mandaram entrar" (e não: "*por os* quererem...").

Os antigos redigiam: "Eu me esforcei *pelo* conseguir", combinando o *por* ou sua variante *per* com o oblíquo; não só a combinação mas a própria anteposição do oblíquo caiu em desuso.

Tratando-se de outros oblíquos, é indiferente a colocação: "*Por nos* impedir a lei" ou "*Por* impedir-*nos* a lei".

b) A preposição *a* não permite depois de si os oblíquos *o*, *a*, *os* e *as*: "*A deixá-lo* ficar prefiro morrer" – e não: "*A o* deixar ficar...".

Visa esta norma a evitar o hiato: "Passei *a o* castigar". – Uma vez que, com os outros oblíquos, não se dá o hiato, torna-se livre a colocação: "*A* aceitar-*te*" ou "*A te* aceitar".

845 – Quando uma preposição rege mais de um infinitivo, a regra, bem como as exceções, continua a mesma para o primeiro infinitivo, mas os outros infinitivos deverão trazer os oblíquos depois de si: "*Para* castigá-*-lo*, corrigi-*lo* e educá-*lo*" ou "*Para o* castigar, corrigi-*lo* e educá-*lo*" (mas não: "*Para o* castigar, *o* corrigir e *o* educar" nem: "*Para* castigá-*lo*, *o* corrigir e *o* educar").

846 – Se a preposição rege um infinitivo que possui outro complemento além do pronome oblíquo, este deverá vir posposto ao verbo. Quando o infinitivo está nessas condições, ou se repete o primeiro pronome (precedido de *a*), ou se repete o infinitivo, ou se preposiciona o segundo complemento:

1ª forma: "Para convidá-*lo* *a você* e *seu irmão*"

↓ primeiro objeto de *convidar*

↓ repetição do *lo*, sob a forma reta, precedido de *a*

↓ segundo objeto de *convidar*

2ª forma: "Para convidá-lo e *convidar* seu irmão"

↓ repetição do inf.

3ª forma: (§ 683, 7): "Para convidá-lo e *a* seu irmão"

↓ 2º obj. dir. preposicionado para clareza

Outros exemplos: "Com salvar-me *a mim* e *a ela*" ou "Com salvar-*me* e *salvá-la*" – "Não é para humilhar-te *a ti* nem *teus companheiros*" ou "Não é para humilhar-*te* nem *humilhar* teus companheiros" – "Não pude socorrê-*-lo* nem *aos seus*".

847 – Havendo, num período, dois infinitivos que indiquem contraste, cada qual com sua preposição e respectivo pronome oblíquo, este deverá vir posposto ao infinitivo: "Não será *para* prendê-*lo* mas *para* resguardá-*lo*".

848 – IMPORTANTE: Tratando-se de infinitivo impessoal, as partículas negativas, os advérbios, os pronomes relativos e as conjunções subordinativas não têm força atrativa sobre os oblíquos; estes podem continuar a ficar depois dos infinitivos e, note-se, esta era a posição preferida pelos clássicos: "Sem *nunca* alcançá-*lo*" – "Por *não* amá-*lo* é que tal fez".

O que não devemos é confundir infinitivo pessoal com futuro do subjuntivo (V. a nota 1 do § 459, ao pé da pág.), ou seja, não cometamos o erro de redigir "...renda de quem *recolhê-la* na fonte" em vez de "...renda de quem *a recolher* na fonte", porque *recolher* aí é futuro do subjuntivo, e o futuro não permite a posposição do oblíquo; é erro igual a dizer "...de quem *fizé-las*".

849 – As partículas negativas somente obrigam a anteposição do oblíquo ao infinitivo quando este é pessoal e flexionado: "Para *não vos divertirdes*" – "Julgamos oportuno *não nos afastarmos*".

850 – Mais de acordo com a análise, os clássicos preferiam a posposição dos oblíquos ao infinitivo quando este dependesse dos verbos *dever*, *poder*, *querer*, *mandar*, *ir* e outros: "Ele deve pagar-*me*" – de preferência a: "Ele deve *me* pagar". – "Pode mandar-*nos* a mercadoria" – de preferência a: "Pode *nos* mandar a mercadoria". – "Ele deve queixar-*se*" – de preferência a: "Ele deve *se* queixar".

Observações:

1ª – Quando, em casos como esses, há uma partícula de valor atrativo antes dos dois verbos, o oblíquo será colocado ou antes do primeiro ou depois do segundo e nunca entre os dois verbos: "Não *o* quero melindrar" – ou "Não quero melindrá-*lo*" (e nunca: "Não quero-*o* melindrar") – "...homens que *lhe* devem dar" ou "...homens que devem dar-*lhe*" (e nunca: "...homens que devem-*lhe* dar") – "Ele que *se* vá queixar" ou "Ele que vá queixar-*se*" (e não: "Ele que vá *se* queixar").

2ª – Quando também o verbo de que depende o infinitivo está no infinitivo, o pronome pode vir antes do infinitivo de que é complemento: "Mandei o empregado embora por não podê-*lo* suportar" ou "...por não poder suportá-*lo*".

3ª – Note-se a diferença entre as construções "O diretor mandou-*me* inscrever" e "O diretor mandou inscrever-*me*". No primeiro caso, *me* é o agente (sujeito acusativo) de *inscrever*, sendo, no segundo exemplo, o recipiente (objeto direto) de *inscrever*. O primeiro exemplo corresponde a: "Mandou que eu me inscrevesse"; o segundo: "Mandou que inscrevessem a mim". V. § 652.

4ª – Quando o pronome *se* indica passividade, ele pode ficar entre o infinitivo e o verbo de que o infinitivo depende: "Deve-*se* repartir a herança" – "Promete-*se* acabar com as injustiças" – "Pode-*se* ver o que fez ele" – "Peixes podem-*se* pescar...".

5ª – "Virei buscá-lo", "Virei te buscar": Por que essa disparidade de topologia pronominal? Não é válido alegar eufonia. Eufonia é consequência, e não causa de procedimento; o ouvido, quando generalizado o erro, repele o acerto. A coerência de procedimento de colocação dos oblíquos exige o que se impõe para colocar vértebras e espinha no lugar: ginástica, repetição, assiduidade de exercício corretivo. Em locuções verbais terminadas em infinitivo a posposição do oblíquo não cria o problema do hífen.

Questionário

1. Onde se apoia o acento dos oblíquos átonos?

2. Qual o fator que mais influi na colocação dos pronomes oblíquos? (§ 819.)

3. Que sentido tem, em gramática, a palavra "eufonia"?

4. Quantas posições pode o pronome oblíquo ocupar na frase? Como se denominam essas posições e como, em cada caso, passa a chamar-se o pronome? Dois exemplos de cada caso (§ 818).

5. Quais os fatores que podem alterar a colocação dos oblíquos? – Resposta completa e exemplificada (V. § 837 e ss.).

6. Que diz da colocação dos oblíquos junto a infinitivos impessoais, quando existem partículas atrativas antes desses infinitivos? (§ 848.)

7. Dizer o que acha da colocação pronominal das seguintes orações:

a) Vamos nos apresentar em um espetáculo.

b) Vieram me dizer que...

c) Para o castigar, o corrigir e o educar...

d) Deve repartir-se a herança entre todos.

8. Que outras formas podemos dar à construção: "Não é para humilhar-te nem humilhar teus companheiros"?

9. Corrija a colocação do oblíquo nas seguintes orações:

a) O ministro tinha, desde o ano passado, se desinteressado do assunto.

b) O candidato havia, dentro do prazo legal, se desincompatibilizado para a eleição.

c) Da decisão proferida a exequente interpôs embargos declaratórios, tendo o tribunal os rejeitado.

d) Naquele dia em que estava se fazendo...

e) Nuvens que vêm se adensando.

f) Requeiro que a Presidência digne-se informar...

g) Eis que chegar-se-ia à conclusão.

h) Quando ia me retirar...

i) Em elegendo-o, o povo praticou ação justa.

j) Tudo fiz-lhe para curá-lo.

CAPÍTULO 58

COLOCAÇÃO IRREGULAR

853 – Uma das belezas que o português, mais do que as línguas suas irmãs, conservou do latim é a liberdade no dispor os termos da oração. Essas liberdades, ou melhor, essas inversões se reduzem a quatro *figuras*:

Hipérbato

Anástrofe

Tmese

Sínquise

854 – **HIPÉRBATO**, ou **transposição**, é nome que designa os casos de inversão em que se interrompem dois termos, que entre si se relacionam, para dar lugar à interposição de outro termo:

"Em pesada *caiu* melancolia"

↓

palavra que interrompe a sequência de dois termos que se relacionam: *pesada* e

OUTROS EXEMPLOS: "O das águas *gigante* caudaloso" (= O *gigante* caudaloso das águas) – "*Suporta* dos homens *tormentos*" (= *Suporta tormentos* dos homens) – "...*é* d'alma *um arroubo* em ânsias d'amor" (= ...*é um arroubo* d'alma...) – "...estão *ladeando* do Eterno Padre *o luminoso sólio*" (= ...estão *ladeando o luminoso sólio* do Eterno Padre).

855 – ANÁSTROFE (gr. *anastrophé* = inversão) é nome que designa a simples inversão dos termos da oração, isto é, a deslocação do sujeito, do verbo ou dos complementos:

"...que *escuta* dos angélicos coros *a harmonia*"

em vez de: "...que *escuta a harmonia* dos angélicos coros".

OUTROS EXEMPLOS: "Um mundo de vapores no ar flutua" (...flutua no ar) – "Mas aos pombais as pombas voltam, e eles aos corações não voltam mais" (Mas as pombas voltam aos pombais, e eles não voltam mais aos corações) – "Mas à nossa residência traz de dezembro a inclemência delícias a plenas mãos" (Mas a inclemência de dezembro traz delícias à nossa residência, a mãos plenas) – "Nos vergéis suaves, cantam as aves, sem cessar, amores" (As aves cantam amores nos vergéis suaves, sem cessar).

856 – TMESE (gr. *tmêsis* = corte) é como se denomina a intercalação dos oblíquos no futuro do presente e no futuro do pretérito: dir-*lhe*-ei, dir-*lhe*-ia (V. § 841).

857– SÍNQUISE (gr. *synchysis* = confusão) é o nome da figura de colocação que consiste na transposição violenta de termos, produzindo certa confusão artística das palavras: "Enquanto manda as ninfas amorosas, *grinaldas* nas cabeças pôr *de rosas*" (= ...pôr grinaldas de rosas nas cabeças) – "*A grita* se levanta ao céu, *da gente*" (= A grita da gente se levanta ao céu).

Nota: Observe o aluno, nesses dois exemplos de sínquise, a importância e necessidade da vírgula (depois de *amorosas*, no primeiro exemplo, e depois de *céu*, no segundo), sem a qual impossível se tornaria distinguir o sentido das orações.

858 – As figuras acima vistas são mui frequentes na poesia; delas, no entanto, não deve abusar o poeta a ponto de tornar obscuro ou ambíguo o período como se vê nesta passagem:

Entre *todos* com o dedo eras notado,
Lindos moços de Arzila, *em galhardia*. – (§ 804).

Tipos Sintáticos Divergentes

859 – Quer quanto à *concordância*, quer quanto à *regência*, quer quanto à *colocação* pode uma oração ser construída variadamente, sem que o sentido se altere. Essas variações se denominam **tipos sintáticos divergentes** (ou *tipos sintáticos equivalentes* ou ainda *formas equipolentes*).

860 – Exemplos de tipos sintáticos divergentes de **concordância**:

Era tudo flores	*Eram* tudo flores
Passará o céu e a terra	*Passarão* o céu e a terra
Chamam-te fama e glória *soberana*	Chamam-te fama e glória *soberanas*
Mas contigo se *acabe* o nome e a glória	Mas contigo se *acabem* o nome e a glória
Os primeiros lugares *leve*-os João e Diogo	Os primeiros lugares *levem*-nos João e Diogo
A língua e a poesia *portuguesa*	A língua e a poesia *portuguesas*
Palavras de gênero *masculino*	Palavras de gênero *masculinas*

861 – Exemplos de tipos sintáticos divergentes de **regência**:

Usar de roupa branca	Usar roupa branca
Ele deve de fazer	Ele deve fazer
Tirou a espada	Tirou da espada
Cercado de soldados	Cercado por soldados
Anda falando	Anda a falar
Perecer à fome	Perecer de fome
Tenho-o por honesto	Tenho-o como honesto
Creio ser ele bom	Creio que ele é bom
Entrar a barra	Entrar na barra
Esta água não beberei	Desta água não beberei
As povoações parece terem sido habitadas	As povoações parecem ter sido habitadas

862 – Exemplos de tipos sintáticos divergentes de **colocação**:

Ao campo damasceno o perguntara	Perguntara-o ao campo damasceno
Gália ali se verá	Ver-se-á Gália ali
Esta é a ditosa pátria minha amada	Esta é a minha ditosa pátria amada
Nomes com que se o povo néscio engana	Nomes com que o povo néscio se engana
Novos mundos ao mundo irão mostrando	Irão mostrando ao mundo novos mundos
Sabemos o de que precisamos	Sabemos do que precisamos

863 – O tipo sintático pode ser duplo, triplo, quádruplo etc.: "Amor *às* letras, *para as* letras" – "Bruto matou César, a César matou Bruto, Bruto a César matou, Bruto matou a César, matou a César Bruto, matou Bruto a César".

Observação:

Alguns alunos, no responder à pergunta 2 do Questionário, apresentam orações com termos diferentes, o que não é acertado. Tratando-se de divergência de regência, é claro que haverá certa mudança no complemento, mas o termo, isto é, o núcleo, o complemento empregado deverá ser o mesmo. Tratando-se de divergência de concordância ou de colocação, os termos devem ser absolutamente idênticos, só variando, só divergindo a concordância ou colocação. Havendo mudança de termo ou de significado, deixará de existir divergência sintática.

Além disso, deve o aluno dar as duas formas divergentes, como neste exemplo: cumprir o dever – cumprir com o dever.

Questionário

1. Quantas e quais as *figuras de colocação*? (Resposta completa, pormenorizada e exemplificada; de sínquise não é necessário dar exemplo.)
2. Que são *tipos sintáticos divergentes*? – Um exemplo de cada caso, que não conste na lição.
3. Corrija, *justificando* as correções, os seguintes textos:
   a) Me parece que já lhe encontrei hoje nalgum lugar.
   b) Os jornais ocultaram do público parte dos fatos, iludindo-lhe quanto à extensão do desastre.
   c) Se tivéssemos intervido mais cedo, o resultado teria sido favorável à nós. (§ 464, 3, obs. 2.)
   d) Se eu ver que não chego à tempo, lhe telegrafo, que é para mim ser substituído. Mas lhe peço um grande obséquio: me espere para a última discussão, a qual estarei presente. (§ 463, 14 – Cuidado com a colocação dos oblíquos.)
   e) Mandei o empregado na farmácia, que levou também uma carta para pôr na caixa do correio. (§ 376)
   f) Ela tinha me pedido para levar você comigo, mas se você não quer ir, não insisto consigo. (§ 581, n. 1 – § 408.)
   g) Sua tia, nesta carta, reitera os conselhos que dera-lhe.
   h) Quando Carlos soube que o delegado nos detera, veio logo e assistiu todo o interrogatório. (§ 431, obs. – § 777.)
   i) A missa foi assistida por muitas pessoas gradas, que mostravam-se muito compungidas.

Questionário

1. Quantas e quais as *figuras de colocação*? (Resposta completa, pormenorizada e exemplificada; de sínquise não é necessário dar exemplo.)

2. Que são *tipos sintáticos divergentes*? – Um exemplo de cada caso, que não conste na lição.

3. Corrija, *justificando* as correções, os seguintes textos:

a) Me parece que já lhe encontrei hoje nalgum lugar.

b) Os jornais ocultaram do público parte dos fatos, iludindo-lhe quanto à extensão do desastre.

c) Se tivéssemos intervido mais cedo, o resultado teria sido favorável à nós. (§ 464, 3, obs. 2.)

d) Se eu ver que não chego à tempo, lhe telegrafo, que é para mim ser substituído. Mas lhe peço um grande obséquio: me espere para a última discussão, a qual estarei presente. (§ 463, 14 – Cuidado com a colocação dos oblíquos.)

e) Mandei o empregado na farmácia, que levou também uma carta para pôr na caixa do correio. (§ 376)

f) Ela tinha me pedido para levar você comigo, mas se você não quer ir, não insisto consigo. (§ 581, n. 1 – § 408.)

g) Sua tia, nesta carta, reitera os conselhos que dera-lhe.

h) Quando Carlos soube que o delegado nos detera, veio logo e assistiu todo o interrogatório. (§ 431, obs. – § 777.)

i) A missa foi assistida por muitas pessoas gradas, que mostravam-se muito compungidas.

CAPÍTULO 59

VÍCIOS DE LINGUAGEM

866 – *Vícios de linguagem* são palavras ou construções que deturpam, desvirtuam ou dificultam a manifestação do pensamento.

867 – São os seguintes os *vícios de linguagem*:

1 – Barbarismo	6 – Hiato
2 – Solecismo	7 – Eco
3 – Anfibologia	8 – Colisão
4 – Obscuridade	9 – Preciosismo
5 – Cacofonia	10 – Provincianismo

868 – **BARBARISMO** ou **peregrinismo** ou **estrangeirismo** (para os latinos *bárbaro* era todo o estrangeiro) é o emprego, na língua, de palavras estranhas na *forma* ou na *ideia*, ou inteiramente desnecessárias ou contrárias à sua índole. (Note-se bem: quando *necessário*, deixa de constituir barbarismo.)

O barbarismo pode estar já no vocábulo, já na frase, donde a divisão em barbarismos vocabulares ou *léxicos* e barbarismos *fraseológicos*. Assim, quem emprega a palavra *habitué* (de origem francesa), em vez de *freguês*, *frequentador*, pratica um barbarismo *léxico*, por estar empregando uma palavra estrangeira, desnecessária; quem, agora, diz "boa manhã" em vez de *madrugada* pratica um barbarismo *fraseológico*, porque já não são os vocábulos, em si, que são estrangeiros, mas o fraseado, a locução (também aqui de origem francesa).

Tais *estrangeirismos* se discriminam pela língua de que procedem: *galicismo* (da *Gália*, antigo nome da França), *anglicismo* (do inglês), *castelhanismo* (do espanhol) etc.

Nota: O que determina a fixação de uma palavra no vocabulário de uma língua é, sem dúvida, o procedimento caprichoso da escolha, muitas vezes ingrato a ponto de rejeitar o que é prata de lei para substituir por desprezível escória:

> Multa renascentur quae jam cecidēre, cadentque
> Quae nunc sunt in honore vocabula, si volet usus,
> Quem penes arbitrium est et jus et norma loquendi.
>
> (Horácio, *Arte poética*, 70).

(Muitas palavras que já caíram renascerão, e as que agora estão em voga e estimação também hão de cair se assim o quiser o uso, o qual é o juiz, o árbitro e a regra da linguagem.)

Não disse Horácio que tanto mais caprichoso é o uso quanto menos escolas tem o povo.

869 – Galicismo – Muito concorreu o francês para abastardar ou barbarizar a nossa língua. As causas dessa influência achamo-las não só nas primitivas relações históricas de Portugal com a França, que lhe forneceu a dinastia fundadora de sua nacionalidade no século XII, como também na disseminação entre nós da literatura francesa. Por esta razão bradam constantemente nossos puristas contra o *galicismo* ou *francesismo*, não só *léxico* ou no *termo*, mas *sintático* ou na *frase*.

Há galicismos e galicismos, isto é, há os que se admitem, ou chegam até a justificar-se, e há os inadmissíveis, injustificáveis, meramente escusados e graciosos. A permuta de vocábulos é, até certo ponto, admissível entre as diversas línguas como consectário do comércio ou intercâmbio internacional. São aceitáveis os que servem para nomear objetos, artefatos, usanças, ritos, privativos ou originários de nação estranha, bem como produtos da flora, da fauna ou da geologia local, quando, em vez de designados por nome técnico científico ou nome universitário com equipolentes nos outros idiomas, o são por **antonomásia**[1] filiada a tradições ou acidentes meramente indígenas. Neste caso, porém, indispensável se torna que o vocábulo exótico, ao entrar no português, se expunja desde logo de todos os estigmas, que lhe assinalam a ascendência, isto é, da marca exótica, do cunho alienígena, e sofra a naturalização, transplantação ou aclimação, vestindo-se dos caraterísticos idiomáticos, adaptando-se à mesma forma daqueles com que vem concorrer, assumindo na república de palavras, que é o vocabulário ou léxico, a cor ambiente, a feição mesológica, o tipo ou a fácies consentânea com a fisionomia da língua do país.

---

(1) Figura de retórica que consiste no emprego de um nome comum ou de uma perífrase em vez de um nome próprio ou, pelo contrário, de um próprio em lugar de um comum ou de uma perífrase: "Como diz o *Apóstolo*" (= São Paulo) – "Os atuais *Borbagatos*" (= bandeirantes) – "É uma *babilônia* (= confusão; de *Babilônia*, cidade da Caldeia). *Antonomásia* é sinônimo de *epíteto*, *apelido*.

Em regra, a transplantação do francês para o português obedece às seguintes normas de alteração:

a) Os sons fechados convertem-se em abertos; assim, domin*o*, paleto*t*, bonne*t*, file*t*, cabriole*t*, triole*t*, livr*ée*, baudri*er*, fricass*ée*, chapit*eau* etc. passaram para o português: domin*ó*, paleto, bon*é*, fil*é*, cabriol*é*, triol*é*, libr*é*, boldri*é*, fricass*é*, chapit*éu*.

Às vezes a prosódia permanece a mesma em português. Raramente ocorre a conversão de voz "nasal fechada" em "oral aberta"; registra-se capil*é*, de capill*aine*, ou a de "som aberto" para "fechado": registre-se br*ai* (bré), que passou a br*eu* (brêu).(2)

b) A voz nasal *on* ditongaliza-se em *ão*, ditongo esse que é o maior, o mais belo idiotismo prosódico de nossa língua, e tão nosso, tão local, tão arraigadamente étnico, que lábios estrangeiros dificilmente logram emiti-lo em sua pura e clara eustomia, só o conseguindo ao cabo de muitos anos de aclimação. Assim, ode*on*, plastr*on*, pante*on*, parten*on* devem ceder a ode*ão*, plastr*ão*, pante*ão*, parten*ão*. Confrontem-se os vocábulos aleri*ão* (de aleri*on*), arm*ão* (de arm*on*), Avinh*ão* (de Avign*on*), barbilh*ão* (de barbill*on*), bet*ão* (de bet*on*), camin*hão* (de camio*n*; *caminhão* é a forma consagrada, mas errada, pois nada tem a palavra que ver com *caminho*), cant*ão* (de cant*on*), caramp*ão* (de gramp*on*), carrilh*ão* (de carrill*on*), Rubic*ão* (de Rubic*on*), val*ão* (de wall*on*, dialeto francês, falado na Bélgica) etc.

Excetuam-se as palavras francesas *bonbon* (que deu em português *bombom*, por influência analógica do adjetivo *bom*, com o qual nada tem de afim morfologicamente), *bothrion* (que deu *bótrio*, por influência do grego *bóthros*) e a interjeição *chitom*! (de *chut donc*), que existe também na forma *chitão*!

Coupon deve dar em português *cupão*, cujo plural é *cupões*.

c) A desinência feminina *e* passa para *a*: bobin*a* (de bobin*e*), ágat*a* (de agat*e*), alei*a* (de all*ée*), babuch*a* (de babuch*e*), bader*na* (de bader*ne*), marmit*a* (de marmit*e*), granj*a* (de grang*e*), opal*a* (de opal*e*), barbotin*a* (de barbotin*e*), vals*a* (de vals*e*), avalanch*a* (de avalanch*e*), Baion*a* (de Bayonn*e*) etc. Coqueluch*e* é forma errônea, já consagrada, que deveria ter dado coqueluch*a*. Dresd*a* (capital da Saxônia) é forma preferível a Dresd*e*.

d) A desinência masculina *e* passa a *o*, ou alonga-se em *io* ou *eo*: azot*o* (azot*e*), carbon*o* (carbon*e*), control*o* (control*e*), creosot*o* (creosot*e*), estér*eo* (ester*e*). Cyclon*e*, cern*e*, telephon*e* são formas que deveriam ter dado ciclon*o*, cern*o*, teléfon*o* (como no italiano) ou telefôn*io*.

e) O sufixo *age* passa a *agem*: cliv*agem*, embal*agem*, esclav*agem*, colmat*agem*, de cliv*age*, emball*age*, esclav*age*, colmat*age*.

f) O ditongo *ou* passa a *u*: b*u*gre, calemb*u*r (de b*ou*gre, calemb*ou*r). Excetua-se carr*o*ssel (de carr*ou*sel), por influência dos cognatos carr*o*ça e carr*o*.

g) O ditongo *eau* passa a *o*: bur*o*cracia por bur*eau*cracia (de bur*eau*cratie).

h) O *c* final passa a *que*: opodeldo*que* (de opodeldo*c*), cavanha*que* (de cavaigna*c*). *Cognac* deve naturalizar-se em *conhaque*.

i) O sufixo diminutivo *ette* (aberto) passa a *êta* (fechado): bacin*eta* (de bassin*ette*), barb*eta* (de barb*ette*). Essa a razão por que se deve dizer *coquêta*, *raquêta*, *grisêta*, *lorêta*, *plaquêta*, *marquêta*, *camionêta*.

Biciclêta deveria ser a forma portuguesa, mas *bicicleta* é forma arraigada e generalizada.

---

(2) V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "godê, godé".

j) O grupo consonantal *gn* grafa-se *nh*: champ*anh*a (de Champa*gne*), cava*nh*aque (de Cavai*gn*ac). Excetua-se *Colônia* (de *Cologne*). *Cognac* deve ceder a *conhaque*.

k) Em certos casos há deslocação do acento tônico: *cêntimo* (por influência do espanhol), em vez de *centímo*; *pátina* (por infl. do lat.), em vez de *patína*; *Madagáscar* (por infl. do malaio), em vez de *Madagascár*; *métope* (por infl. do grego), em vez de *metópe*. *Nenúfar*, e não *nenufár* (plural *nenúfares*).

l) O sufixo *ureto* (da desinência francesa *ure*) passa a *eto* em português; assim, *bromureto*, *carbureto*, *cianureto*, *clorureto*, *iodureto* devem corrigir-se para *brometo*, *carboneto*, *cianeto*, *cloreto*, *iodeto*. *Sulfureto* pode-se tolerar por preexistir o radical *sulfur*, se bem que não se diga *sulfurato* mas *sulfato*, *sulfurídrico* mas *sulfídrico*.

m) O ditongo grego *ei*, que em francês se mantém com a forma originária, em português passa a *i*: qu*i*rópteros e não qu*ei*rópteros; cl*i*dorrexia e não cl*ei*dorrexia; cal*i*doscópio e não cal*ei*doscópio; cal*i*dofônio e não cal*ei*dofônio.

n) O sufixo *ien* passa a *io* e *ítico*: acríd*io* e não acrid*iano* (fr. acrid*ien*); patríc*io* e não patric*iano* (fr. patric*ien*); sincrân*io* e não sincran*iano* (fr. syncran*ien*); proboscíd*ios* e não proboscid*ianos* (fr. proboscid*iens*); sinf*ítico* e não sinf*isiano* (fr. symphys*ien*).

o) Os radicais franceses devem substituir-se pelos equipolentes portugueses: *alumin*ação (lat. alumen, *aluminis*) e não *alun*ação (do fr. *alun*); *alumin*fero e não *alún*ico (do fr. *alun*); *âmnico* (do gr. *ámnion*) e não *amniótico* (do fr. *amniotique*); *antipleurítico* (do port. *pleurite*) e não *antipleurético* (do fr. *antipleuretique*); *glicínio* (por infl. do gr.) e não *glucínio* (por infl. do francês); *mamilão* (de *mamilo*) e não *mamelão* (do fr. *mamelon*); *siringa* (gr. *syrigx*) e não *seringa* (fr. *seringue*); *plumbagina* e não *plombagina*.

870 – Galicismos LÉXICOS:

Abordar – Poucos e fracos são os autores que empregaram este verbo na acepção francesa de aproximar-se de uma pessoa, de surpreendê-la, de a ela dirigir-se de surpresa, e na de discorrer sobre um tema. Deve-se dizer "*surpreender* alguém na rua", "*tratar* de um assunto", "*ventilar*, *explanar* uma questão", e não "*abordar* alguém", "*abordar* um assunto, uma questão". Na acepção de "*assaltar* uma embarcação" não é francesismo.

Algéria – em vez de *Argélia* (donde *argelino*, e nunca *algerino* nem *algeriano*).

Afixe – em lugar de *edital*.

Anvers (cidade da Bélgica) – em lugar de *Antuérpia*; o adjetivo pátrio é *antuerpiense*.

Bale (cidade suíça) – em lugar de *Basileia*.

Berne (capital da Suíça) – em vez de *Berna*.

Bordeaux (cidade francesa) – em vez de *Bordeus*.

Boudoir – em lugar de *toucador*.

Bouquet – em vez de *ramilhete*, *tope*, *capela*.

Chance – em vez de *oportunidade*.

Chauvinismo – em vez de *xenofobia* (gr. *xênos* = estrangeiro, e *phóbos* = medo, horror); o que nutre sentimentos ridículos de patriotismo é *xenófobo* (o *x* tem som alfabético).

Chefe de obra – em vez de *obra-prima*.

Comitê – em vez *dejunta*, *comissão*, *grupo*, *reunião*, *delegação*, *conselho*.

Costume – galicismo na acepção de *fato*, *vestido*, *traje*, *roupa*.

Debacle – em vez de *derrocada*, *derrota*.

Détraquê – em vez de *telhudo*, *lunático*, *adoidado*, *atoleimado*.

Eclodir – em vez de *estalar* ("Foi nesse dia que estalou a revolta"), *rebentar* ou *arrebentar* ("...comprou-se a guarda mourisca do alcáçar e a revolução rebentou"), *nascer*, *estourar*. – Como termo de botânica, traduza-se por *desabrochar*, *desabrolhar*, *surdir*, *nascer*. – Em outros casos troque-se por *surgir*, *irromper*, *romper*.

Eclosão – galicismo vogante e enervante. O ato de sair à luz expressa-se em português, conforme o caso, por *desabrochar*, *desabrolhar*, *desabrocho*, *desabrolho*, *aparecimento*, *desenvolvimento*, *nascimento*, *nascença*, *floração*, *origem*. – O termo científico é **antese** (do gr. *anthos*, flor).

Eletrôdo – galicismo prosódico; o acento português é *elétrodo*, como *período*, *método*.

Esquimau – a forma vernaculizada é *esquimó*.

Faringe – é palavra feminina: *a faringe*.

Feérico – em vez de *fantástico*, *mágico*, *maravilhoso*, *edênico*.

Fetiche, *fetichismo*, *fetichista* – em vez de *feitiço*, *feitiçaria*, *feiticeiro*. É curioso notar que o vocábulo francês *fétiche* foi tirado do português *feitiço*.

Flanar – em vez de *banzar*, *vadiar*, *cabular*.

Frapante – em vez de *notável*.

Gafe – em vez de *rata*, termo muito mais expressivo.

Grenoble – em vez de *Granobra* (cidade da França).

Grimaça – em vez de *careta*, *trejeitos*, *caramunha*, *momo*, *momice*.

Gris – em vez de *cinzento*. O verdadeiro aportuguesamento obriga a pronúncia do *s*.

Habitué – em vez de *freguês*, *frequentador*, *viciado*.

Insurmontável – em vez de *insuperável*, *invencível*.

Marcante – em vez de *notável*, *distinto*, *conhecido*, *ilustre*, *eminente* etc.

Mayença – em vez de *Mogúncia* (cidade alemã).

Montra – em vez de *mostruário, vitrina, exposição, mostra.*

Negligé – palavra empregada na moda feminina para indicar roupa larga usada dentro do quarto ou de casa; diga-se "vestida ao desalinho, à vontade", e não "vestida de *negligé*".

Numismática – em vez de *nomismática.*

Orquidéa – galicismo prosódico; em português o acento é no *i*: *orquídea.*

Polipo – a pronúncia verdadeira é *pólipo*, que aliás é corrente de Portugal no seio do próprio povo.

Propriedade – galicismo na acepção de *alinho, apuro, limpeza, asseio*: Ele se veste com "propriedade". Em outras acepções (*qualidade, bens de raiz, emprego apropriado*) é lídimo português.

Remarcável – em vez de *assinalado, notável.*

René – em vez de *Renato.*

Renomado – em vez de *afamado, famigerado, célebre.*

Revanche – em vez de *desforra, vingança, vindita, despique.*

Reveria – em vez de *arroubo, enlevo, devaneio, extasiamento.* Como gênero de música traduza-se por *fantasia.*

Robe de chambre – em vez de *roupão, bata.*

Soirée – em vez de *sarau* (reunião dançante) ou *serão* (reunião para palestra).

Solvável – em vez de *solvível*; o substantivo é *solvibilidade* (ou *solubilidade*).

Soi-disant – em vez de *suposto, inculcado, pseudo, falso, gabolas.*

Surmontar – em vez de *superar, avantajar-se, sobrepujar, vencer.*

Troupe – em vez de *elenco, grupo, companhia.*

Vitraux – em vez de *vitral. Vitraux* é, em francês, plural; dizer, pois, em português "um vitraux" é, além de galicismo, solecismo.

871 – Galicismos FRASEOLÓGICOS ou sintáticos:

A que serve tanto luxo? – em vez de: De que serve tanto luxo?

Abstração feita – em vez de: fazendo-se abstração (§ 698).

Através isso – *Através* requer sempre depois de si a preposição *de*: através *d*isso, através *d*a sombra.

Conheci *os* homens *os* mais sábios – Não se deve repetir o artigo em expressões superlativas; ou se diz: "Conheci homens os mais sábios" ou "Conheci os homens mais sábios" ou "Conheci os mais sábios homens".

Copiado *sobre* uma antiga fotografia, feito *sobre* modelo – em vez de: Copiado de acordo com uma antiga fotografia, conforme uma antiga fotografia, feito conforme o modelo.

Estar ao fato de tudo – em vez de: Estar a par de tudo, estar ciente, estar inteirado, estar ao cabo.

Fazer as delícias – em vez de: Ser, constituir as delícias.

Fazer erro, fazer falta – Não é português o emprego de *fazer* com o sentido de *cometer, praticar*; em nosso idioma diz-se "cometer erro", como se diz "cometer falta", "cometer engano", "cometer distração".

Grande mundo – em vez de: alta sociedade. O mundo dos médicos, o mundo dos engenheiros – em vez de: a classe médica, a classe dos engenheiros.

Guardar o leito – em vez de: Estar de cama, estar acamado, ou, como diziam os nossos clássicos, estar em cama.

Isso vem mal a propósito – em vez de: Isso não vem a propósito.

Jogos de espírito – em vez de: chistes.

Mais eu penso, mais me convenço – em vez de: Quanto mais penso, mais me convenço.

Modelar o seu procedimento *sobre* o de seu amigo – em vez de: Modelar o seu procedimento *pelo* de seu amigo.

Não há nada a ver – em vez de: Não há nada que ver *ou* para ver (§ 546, n. 1, b).

Não se o compreende, não se o entende – em vez de: Ninguém o compreende, ninguém o entende (V. § 406).

Obras, artefatos, lavores *em* prata, *em* ouro, *em* platina – em vez de: obras, artefatos, lavores *de* prata, *de* ouro, *de* platina. Estátua *em* bronze, *em* ouro, em vez de: estátua *de* bronze, *de* ouro. – Mesa, colunas, escadas, balaustrada *em* mármore, em vez de: mesa, colunas, escadas, balaustrada *de* mármore. – Vestido *em* seda – em vez de: vestido *de* seda. Deve-se dizer "A casa é toda *de* material de primeira".

Ou bem – em vez de "ou então", em frases alternativas, como a seguinte: Ou obedecereis à lei *ou bem* sereis punido severamente – em vez de: ...*ou então* sereis etc.

Ponto de vista – Não obstante já vulgarizado, não nos esqueçamos de outras vernáculas maneiras de dizer: *a qualquer luz* (Tudo isso é deplorável a qualquer luz que se considere), *a que luz* (Examinai a

que luz vos aprouver o mundo romano), *à luz que* (Examinai à luz que vos aprouver o mundo romano), *por qualquer face* (Por qualquer face em que encaremos o assunto), *aspeto* (Qualquer que seja o aspeto por que encaremos a questão), *modo de ver* (São modos de ver de cada um).

Proceder *de modo a, de maneira a* satisfazer a todos – em vez de: *...de modo que, de maneira que* a todos satisfaz.

Redator em chefe, general em chefe – em vez de: redator-chefe, general-chefe.

Regular-se sobre alguém – em vez de: Regular-se por alguém.

Seus haveres consistem *de* prédios e muitas apólices federais – em vez de: Seus haveres consistem *em* prédios etc.

Ter a fazer – V. § 546, n. 1, b.

Ter lugar – em vez de: efetuar-se, realizar-se: "Realizar-se-á amanhã a festa..." e não: "Terá lugar amanhã a festa".

Todos os dois, todas as duas – em vez de: ambos, ambas.

Tomar a palavra, tomar armas, tomar luto, tomar alguém pela mão, tomar o hábito, tomar véu – em vez de: usar da palavra, ter a palavra, pegar em armas, estar, ficar de luto, segurar alguém pela mão, fazer-se frade, fazer-se freira. (Diga-se "vestidura" em vez de "tomada de hábito".)

Vir – Galicismo na acepção de *acabar de*: "Vem de aparecer o último livro do escritor..." em vez de: "Acaba de aparecer..." – "Vem de estrear a Companhia Nacional" em vez de: "Acaba de estrear a Companhia Nacional".

O verbo é lídimo vernáculo na acepção de *vir* (movimento), *chegar*, *voltar*: "Donde *vens*, ó mulher minha? – *Venho* de ouvir missa nova" – "Ei-lo aí *vem* de dizer missa" – "Saiu um magote de damas e homens que *vinham* de passar um delicioso sarau" – "Frades *virão* vinte e sete que *vêm* de partir melões" – "Quando chegou àquele porto Luís Falcão que *vinha* de governar Ormuz".

872 – 1) O *que* pode ocasionar o seguinte galicismo: Quando, na sequência de duas subordinadas, começa a primeira pelas conjunções *quand*, *comme*, *si*, *puisque*, é muito comum no francês o uso da conjunção *que* antes da seguinte subordinada, que se liga assim à primeira. Vertendo à letra tais subordinadas em português, é de todo alheio da índole de nossa língua fazer conta do *que* da segunda subordinada da construção francesa, copiando-a servilmente.

Tais são os seguintes passos, em cuja tradução para o português se deve elidir esse *que*: "Neptune, *quand* il élève son trident, et *qu'*il menace les flots soulevés, n'apaise point plus soudainement les flots" (Quando Netuno levanta seu tridente e ameaça as vagas revoltas, não as amaina mais repentinamente) – "*Comme* l'ambition n'a pas de frein, et *que* la soif des richesses nous consume tous, il en résulte que le bonheur fuit à mesure que nous le cherchons" (Como a ambição não tem freio e a sede das riquezas nos consome a todos, resulta que a felicidade foge à medida que a procuramos) – "*Si* Voltaire eût également soigné toutes les parties de son style, et *qu'*il eût plus tendu à la perfection qu'à la fécondité, il serait incontestablement le premier de nos poètes" (Se Voltaire tivesse igualmente ligado todas as partes de seu estilo e aspirado mais à perfeição que à fecundidade, seria incontestavelmente o primeiro de nossos poetas) – "*Puisqu'*on plaide et *qu'*on meurt, et *qu'*on devient malade, il faut des médecins, il faut des avocats" (Já que o homem pleiteia, adoece e morre, é mister que haja médicos e advogados).

Corre outro tanto quando a primeira subordinada principia no francês pelas conjunções ou locuções conjuntivas *quoique*, *lorsque*, *tandis que*, *après que*, *jusqu'à ce que* e outras, e a segunda pela conjunção francesa *que*: na tradução para o português nunca se enuncia o *que* da segunda subordinada sem cair em censurável galicismo.

Considera-se ainda galicismo o *que* empregado por *senão* em passagens como esta: "Isto não presta *que* como remédio" – "Ele não procura *que* a verdade".

2) Os substantivos franceses adjetivados designativos de cores, tais como *paille*, *marron*, *lilas*, *crème*, *orange*, *citron*, *saumon*, *grenat*, sempre invariáveis em tais casos, transladados à letra em nossa língua, produzem expressões alheias do bom falar português. Assim, em vez de sedas lilás, vestidos marron, vestidos creme, noisette; fitas, tafetás limão, laranja, cereja, carmin; luvas gris-perle, blusas grenat, como descuradamente é correntio no falar vulgar, em que tão mal se disfarça e confeita a estranha vestidura, devemos dizer: vestidos cor de palha, cor de castanha, sedas cor de lilás (ou *sedas lilases*: V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "lilás"), cor de salmão, cor de cereja, de avelã, de limão, de laranja, de creme, de carmim; luvas cor de pérola, blusas cor de granada, cor de romã, e analogamente, comparando a cor do objeto com a de objetos comumente conhecidos: cor de telha, cor de cinza, cor de barro, cor de rosa, cor de tijolo, cor de lírio, cor de carne, cor de flor de algodão, cor de chumbo, cor de abóbora, cor de rapé, cor de ouro, de azeviche, de canela, de azeitona, de casca de carvalho, de melão, de rubim, de púrpura, de vinho, de café, de ferrugem, de chocolate, de enxofre, de gema de ovo, de sangue.

873 – SOLECISMO é todo o erro léxico ou sintático. Exemplos: *Haviam* muitas pessoas no baile, em vez de *havia* muitas pessoas no baile; *fazem* três semanas, em vez de *faz* três semanas; hão de me *obedecerem*, em vez de hão de me *obedecer*; *custei muito* a encontrá-lo, em vez de *custou-me* muito encontrá-lo; não lhe passou *desapercebido* esse fato, em vez de não lhe passou *despercebido* esse fato; preferir *antes* fazer uma coisa *do que* outra, em vez de preferir fazer uma coisa *a* fazer outra; não saia sem *eu*, em vez de não saia sem *mim*; entre eu e ele, entre vós e eu, entre Pedro e eu, em vez de entre mim e ele, entre mim e vós, entre mim e Pedro; não crede, não suponde, em vez de não creiais, não suponhais; pediu-me de os visitar, em vez de pediu-me que os visitasse; aspirar altas posições, em vez de aspirar a altas posições; senhor de braço e cutelo, em vez de senhor de baraço e cutelo; guerreiro *intemerato*, em vez de guerreiro intrépido, denodado, destemido, *intimorato* (*intemerato* quer dizer inviolável, sem mancha, puro, incorrupto: virgem intemerata; verdade e fé intemeratas).

Os *solecismos* podem ainda ser *prosódicos* e *ortográficos*. Exemplos:

Errado	**Certo**
ab*i*solutamente	a*bso*lutamente
ad*e*jetivo	a*dje*tivo
ad*e*vogado	a*dvo*gado
*á*lcools	alcoóis
alv*é*ja	alv*ê*ja
Borde*aux*	Bordéus
c*a*dorna	c*o*dorna
décano	decâno
descaril*h*ar	descarrilar
des*ouveram*	desavieram[1]
entreti	entretive[2]
esgarranchar	escarranchar
fizéste*is*	fizestes[3]
foste*is*	fostes[3]
hipodrômo	hipódromo
pégada	pegáda
pr*e*vilégio	pr*i*vilégio
proposital	propositado
propositalmente	propositadamente
prototípo	protótipo
púdico	pudíco
saloba	salobra

(1) O verbo é *desavir* (des + a + *vir*: *vieram*; V. § 464, 3, obs. 2).

(2) De *entreter* (entre + *ter*: eu *tive*).

(3) 2ª pess. do plural do pretérito perfeito.

Nota: *Cacografia* (gr. *cacós* = mau) é o nome que se dá aos erros ortográfico como:

Errado		Certo
aza	em vez de	asa
ascenção	em vez de	ascensão
	em vez de	defesa
	em vez de	despesa
	em vez de	empresa (4)
repreza	em vez de	represa
explendor	em vez de	esplendor(5)
paiz	em vez de	país
pacivo	em vez de	passivo
sugeito	em vez de	sujeito

874 - ANFIBOLOGIA ou **ambiguidade** é o vício pelo qual se dá tal construção à frase, que esta apresenta *dois sentidos* diversos.

"Bato, que em dura pedra converteu
Mercúrio, pelos furtos que revela".

Dada a construção, não se percebe quem foi convertido em pedra, se Bato ou Mercúrio.

"Ama o povo o bom rei e dele amado" – onde o objeto do verbo *ama* se confunde com o sujeito do mesmo verbo.

"O amor de minha mãe me fortalece" – onde não se sabe se *mãe* é o recipiente ou o agente do *amor*.

"Ele prendeu o ladrão em sua casa" – onde fica duvidoso se na casa do sujeito ou na do ladrão.

875 - OBSCURIDADE é a *falta de clareza* pela disposição enleada da frase: "...que em terreno não cabe o altivo peito tão pequeno" (= em terreno tão pequeno).

O *preciosismo* (§ 880), o *neologismo* (§ 882), as *elipses* e os *hipérbatos* viciosos (§ 854), as *inversões* afetadas, a *ambiguidade*, os *parênteses* extensos, o emprego exagerado dos *homônimos*, a acumulação das orações *interferentes*, a *perissologia*, as *circunlocuções*, os períodos demasiado longos e a má pontuação são circunstâncias que, pela maior parte, trazem *obscuridade* ao discurso.

876 - CACOFONIA ou **cacófato** é a união de duas palavras de forma tal que a última ou últimas sílabas da primeira, mais a primeira ou primeiras da segunda formem uma terceira palavra de sentido *torpe*, *obsceno* ou *ridículo*: E*la trina* muito bem – U*ma minha* prima – Dê-*me já* isso.

(4) O étimo dessas palavras acusa *s* (V. § 84, n. 1, b).

(5) Do latim *splendorem*.

Nota: Só haverá cacofonia quando a palavra produzida for *torpe, obscena, realmente ridícula*. É infundado o exagerado escrúpulo de quem diz haver cacófato em *por cada, ela tinha, só linha* etc. Cito a propósito os dizeres de Rui Barbosa: "Se a ideia de *porta*, suscitada em *por tal*, irrita a *cacofatomania* desses críticos... outras locuções vernáculas têm de ser, com essa, refugadas". V. Cacofatomania no D. QVs.

877 – HIATO é a afluência, seguida, de vozes acentuadas:

"*Vá* *à* *au*la" – "*Lá* *há* *al*mas"
↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓
acentos seguidos acentos seguidos

878 – ECO é a repetição, desagradável, de fonemas iguais: "Clem*ente* s*ente* constantem*ente* dores de d*ente*" – "O instru*mento* do consenti*mento* do casa*mento*".

879 – COLISÃO é a desagradável repetição de consonâncias iguais ou semelhantes: "A enfa*dada* vi*da dos deu*ses" – "*Para papai pôr o pó*" – "*Só se sal*va o *san*to" – "O *sol se se*pulta".

Nota: Na poesia, há vezes em que a colisão passa, de vício, a recurso onomatopaico, ou seja, o som da expressão interpreta o seu significado: Zunindo *as asas azuis*".

880 – PRECIOSISMO é o uso de *palavras, expressões* e *construções* ou antigas (mais propriamente o vício se denomina, então, **arcaísmo**) ou inusitadas, esquisitas, rebuscadas, de forma que o pensamento se torne de difícil compreensão. Exemplos:

Substantivos e **adjetivos**: *hostes*, inimigos; *heréu*, herdeiro; *incréu*, incrédulo; *comunal*, comum; *ucha*, arca; *infançon*, moço, fidalgo; *avença*, concórdia; *fazenda*, negócio ou sentimento; *manceba*, mulher jovem; *cuidança*, cuidado; *naviamento*, navegação; *primente*, primeiramente; *vizindade*, vizinhança; *defensão*, defesa; *livridõe*, liberdade; *similidõe*, similitude; *segre*, século; *malo*, mau.

Desses citados alguns são ainda usados com discrição. Entre os arcaísmos, convém notar os particípios em *udo*: *recebudo*, *estabeleçudo*, da 2ª conjugação. De tais particípios há três vestígios ainda usados: *teúdo*, *manteúdo* e *conteúdo* (tido, mantido, contido). Notem-se os arcaísmos resultantes da incerteza de sufixos na derivação: *sofrença* e *sofrimento*; *livridõe* e *liberdade*; ainda possuímos *nascença* e *nascimento*, que não se arcaizaram.

O arcaísmo *avença* (concórdia) deixou vestígio em *desavença*. O arcaísmo *heréu* (herdeiro) ocorre na expressão *terra d'heréu*. *Ucha* (arca) sobrevive em *uchaia* (despensa). *Malo* sobrevive na expressão "Pedro das *malas* artes".

Verbos: *jeitar*, lançar; *endurentar*, endurecer, sofrer; *conquerer*, conquistar; *emprir*, encher; *chantar*, plantar, fincar; *catar*, olhar; *trebelhar*, brincar etc. Note-se que alguns verbos deixaram vestígios: *jeitar* sobrevive nos compostos *rejeitar*, *sujeitar*. – *Catar* observa-se em *catacego*, *cata-vento*. – *Coitar* (magoar) nota-se em *coitado*. – *Chantar* ainda se encontra de quando em quando: "...cruz chantada em terra" - "Chantando esteios" – "O demônio se chantou naquele miserável corpo".

Nota: Quando os escritores dos séculos XV e XVI, por influxo da cultura clássica, tiraram do latim novas expressões, nem todas as antigas desapareceram, porque com o tempo já tinham adquirido sentidos novos; perderam-se as que não sofreram modificação de significado.

881 – PROVINCIANISMOS ou **provincialismos** são modos de falar particulares a um país ou a uma circunscrição maior ou menor de um país.

São conhecidas as corruptelas que introduzem na língua portuguesa os diversos modos de falar, peculiares às diversas divisões territoriais do mesmo país. Tais corrupções não respeitam somente a modificações prosódicas dos vocábulos, senão muitas e muitas vezes à significação mesma dos termos, que nem sempre se tomam exatamente no mesmo sentido em Portugal e no Brasil.

1) Lusitanismos: No Minho é notável a tendência para transformar o *o* fechado, longo, e o *u* longo em *õ*, *ũ*, nasalados, sendo muito comum entre os habitantes dessa província ouvir dizer: *bôa*, *ũa*, *lũa* em vez de *boa*, *uma*, *lua*.

Fazem ainda os minhotos as permutas do *b* e *v*, dizendo *binho* por *vinho*; *fevre* por *febre*; *berde* por *verde*; *lovo*, *vraço*, *São Vento* por *lobo*, *braço*, *São Bento*; *bisconde* por *visconde*; *barão* por *varão*.

No Algarve os vocábulos *pedir*, *pedaço*, *cegueira* são pronunciados como se figurassem *pidir*, *pidaço*, *cigueira*; outras vezes trocam o *i* pelo *e*: em vez de *fizer*, *fizera*, *dizer*, dizem *fezer*, *fezera*, *dezer*.

Nos coimbreses nota-se-lhes o defeito da intercalação de um *i* para evitar o *hiato*. Assim dizem: *a-i-alma* em vez de *a alma*; *a-i-aula* em vez de *a aula*; *a-i-água* em vez de *a água*.

Na Beira observa-se o vício de transformar o *ou* em *oi*, dizendo os beirões: *coive*, *oivir* em vez de *couve*, *ouvir*.

Os habitantes da própria capital portuguesa não se isentam de provincianismo, pronunciando *mensa*, *manjor*, em vez de *mesa*, *major*; *todó dia*, *todó tempo*, em vez de *todo o dia*, *todo o tempo*.

2) Brasileirismos: Dentre os *brasileirismos* notam-se certos vocábulos tomados às línguas e aos dialetos americanos e africanos. Tais os seguintes, que a língua timbra com a chancela nacional: *tapera*, *caipora*, *cacique*, *quilombo*, *quiabo*, *maniva*, *tocaia*, *tujupar*, *taquara*, *acaçá*, *taquari*, *umbu*, *açu*, *mirim*, *peva*, *pindoba*, *pucumari*, *patativa*, *piaçava*, *jiló*, *mucujé*, *sucuriúba*, *sapiranga*, *sicupira*, *lundu*, *oiti*, *taba*, *cuia*, *taboca*, *muriçoca*, *sururu*, *guaiamu*, *cutucar*, *imbira*, *cupim*, *coivara*, *coco*, *cuité*, *catapora*, *carimã*, *cará*, *patuá*, *sagu*, *samba*, *samburá*, *traíra*, *uru*, *urupema*, *tanga*, *xará*, *tipoia*, *arapuca*, *moquém*, *moqueca*, *mucuim*, *mondé*, *mingau*, *mutirão* (muxirão), e os vocábulos de tratamento *nhonhô*, *nhanhã*, *nenê*, *iaiá*, *ioiô*, *seu* (= senhor).

Os vocábulos *paixão*, *baixo*, *caixa*, *caixeiro*, *deixar* e outros análogos são no Brasil pronunciados, em geral, como se se escrevessem com *a* ou *e* simples e não com os ditongos *ai* ou *ei*, cujas vozes componentes se fazem bem ouvir em Portugal.

Na Bahia, além de muitos americanismos, limitados a essa circunscrição do país e que se estendem às vezes ao estado de Sergipe, referentes pela maior parte a produções animais ou vegetais, peculiares aos dois estados, a utensílios e termos da arte culinária, notam-se alguns outros provincialismos. Assim é que se não ouve bem distintamente o *l* molhado na pronúncia das palavras *mulher*, *bilhete*, *alheio*, *colher*, *talher*, dando-se a estes vocábulos a prolação do *l* simples. Também é comuníssimo ouvir da boca de muitos as expressões *me parece*, *me perdoe*, *me deixe*, *me dá*, em lugar de *parece-me*, *perdoe-me*, *deixe-me*, *dê-me*, a locução admirativa *ó gente!* pronunciada como se escrita *ó chente!* e terminações verbais como *deixá*, *falá*, *vendê*. Abusa-se ainda habitualmente do advérbio *mesmo*, pospondo-o ao adjetivo ou substantivo, e dando-se-lhe significação superlativa; são comuns e trilhadas as frases: Pedro é soberbo *mesmo*, é sabido *mesmo*, é inteligente *mesmo*, tem dinheiro *mesmo*.

No Pará é habitual o trocar o som do *ô* e do *ou* por *u* e vice-versa, dizendo-se: *canúa* por *canôa*; *cuco* por *côco*; *pupa* por *pôpa*, *prua* por *prôa*; *Jouca* por *Juca*; *môro* por *muro*; *bui* por *boi*.

Em Pernambuco e nos estados vizinhos o *E* e o *O* átonos são carateristicamente pronunciados com som aberto: *Récife*, *Jésuis*, *Pérnambuco*, *prófessor*, *pórtuguês*, *ménino*, *manéquim*, *sóciólogia*.

No Rio de Janeiro é para notar o uso do advérbio *sim* interrogativo imediatamente depois de uma oração, para consultar a aquiescência ou consentimento de alguém com respeito à realização do ato ou ação contida na proposição anteriormente enunciada: "Vens jantar conosco, *sim*?" – "Ele te ama com muito afeto, *sim*?" – "Tu gostaste muito do Rio, *sim*?"

Esse *sim*, que se pode considerar como um provincianismo, difere do *sim* interrogativo empregado só e absolutamente, e que exprime a admiração e estranheza a respeito de um fato ou ação que se nos diz ou relata. Assim, dizendo-se-nos que tal ou tal homem foi chamado para fazer parte de uma comissão importante, acudimos logo com um *sim* interrogativo: *Sim*?

O primeiro *sim*, que é um *provincianismo*, equivale à expressão francesa *n'est-ce pas?* ou à nossa frase *não é assim?*. O segundo, porém, que não é um *provincianismo*, corresponde às locuções portuguesas *de veras?*, *é certo o que dizes?*, *não estarás porventura iludido?*, *não será gracejo teu?* ou a outras de sentido análogo.

Na conversação é frequente entre os fluminenses o uso desapropositado do verbo *saber* na terceira pessoa do singular do presente do indicativo, sem relação alguma gramatical com os elementos da frase, em que se ele intercala, como parêntese, constituindo uma espécie de vezo ou sestro no falar. Com os residentes na cidade do Rio de Janeiro difícil é entreter uma conversação, por breve que seja, que nos não venha, amiúde, ferir o ouvido esse repisado *sabe*, empregado sem propósito, estrangulado, na frase (*sá? num sá?*).

882 - NEOLOGISMO – Só é vício de linguagem quando desnecessário. Constitui *neologismo* a palavra nova, introduzida pela ciência ou por necessidade de melhor especificação, criada dentro do idioma ou adaptada de outros de acordo com o gênio do nosso (*astronauta*, *míssil*, *telex*, *xérox*) ou a palavra antiga tomada em sentido novo (*computador*, *satélite*).

Questionário

1. Que são *vícios de linguagem*?

2. Quais são os vícios de linguagem?

3. Que é *barbarismo* e que outro nome tem?

4. Dos barbarismos, qual o mais funesto ao nosso idioma?

5. Na transplantação do francês para o português, a que normas obedecem as palavras? Resposta completa e exemplificada.

6. Corrija os seguintes textos:

a) Não posso abordar essa questão.

b) Através os matizes os mais lindos o sol apareceu.

c) Você não será feliz com essa troupe.

d) Meu pai está guardando o leito.

e) Mais estudo, mais me convenço que nada sei.

7. Cite 4 dos mais usados galicismos fraseológicos, dando a respectiva forma portuguesa.

8. Que é *solecismo*? Exemplos.

9. Reproduza, corrigidos, os seguintes cacógrafos: *expontâneo*, *despeza*, *sugeito*.

10. Explique, com exemplos, a diferença entre *intemerato* e *intimorato*.

11. Corrija os seguintes textos:

a) Não bebe dessa água, que é saloba (§ 413, 3, b).

b) Não foi propositalmente que eu lhe maxuquei.

c) Não pensa que você tem o previlégio de esgarranchar-se na carteira (§ 413, 3, b).

12. Que é *anfibologia*? Exemplos.

13. Em que consiste a *obscuridade*?

14. Diga, com exemplos, o que vem a ser *cacófato*.

15. Que é *hiato*? Exemplos.

16. Que é *eco*? Exemplos.

17. Um exemplo de *colisão*.

18. Que é *preciosismo*?

19. Que é *provincianismo*?

20. Corrija os seguintes textos:

a) Eu fui sempre um dos que mais se esforçou.

b) Temos grande variedade em sedas e em lãs.

c) Chamam-se serviços públicos aos serviços cuja manutenção todos nós concorremos por meio de impostos e taxas.

d) Estes livros são muito raros; não se os obtém senão por muito dinheiro.

CAPÍTULO 60

PERÍODO

885 – Como vimos no § 558, **período é uma ou mais orações que formam sentido completo**.

Tipos de Período

886 – Temos já conhecimento inteirado do período, dado o que vimos no necessário estudo introdutório das conjunções, onde vimos também que o período pode ser **simples** e **composto** e, quando composto, que o pode ser *por coordenação* e *por subordinação* (§ 558 e ss.).

Vejamos agora como podem classificar-se as orações que constituem um período.

Classificação das Orações

887 – As orações classificam-se em *absolutas*, *independentes*, *coordenadas*, *principais* e *subordinadas*.

Absolutas: *Oração absoluta* é a que, de sentido completo, constitui a única do período: "*O sono da morte exclui os sonhos da vida*".

Independentes: *Oração independente* é a que, de sentido completo, vem acompanhando outra, que poderá ter também sentido completo ou não:

"*Os vícios antecipam a velhice* e *as virtudes a retardam*".

1ª oração independente — 2ª oração independente

"*João irá ao Rio hoje* e *Antônio irá quando puder*".

oraç. independente — oraç. princ. — oraç. subordinada

Nota: É erro analisar como "principal" a primeira oração independente de um período composto por coordenação (§ 560).

888 – Principais: *Oração principal* é a que tem o sentido principal no período, e que, embora não dependa de outra oração, tem seu sentido inteirado por outra ou outras a ela subordinadas: "*Convém* que ele vá" – "*Desejo* que ele fique" – "*Isso depende* de que ele venha" – "*A ignorância não duvida*, porque desconhece que ignora".

889 – Coordenadas: *Oração coordenada* é a que vem ligada a outra de igual função, ou seja, as coordenadas entre si podem estar quer independentes, quer subordinadas, quer principais.

1ª oração independ. — conj. coordenativa — 2ª oração independ.

"MEU MANO PARTIU — MAS — NÃO VOLTOU"

principal — 1ª or. subord. — conj. coordenativa — 2ª oração subordinada

"QUERO — QUE VÁS — E — QUE VOLTES"

conj. subordinativa — conj. subordinativa

subordinada à principal — coordenada à subord. anterior e subord. à principal

conj. coordenativa

"QUERO — QUE VÁS — E — PEÇO — QUE VOLTES"

1ª oração principal — 2ª oração principal, coordenada à 1ª

Notas: 1ª – Há vezes em que duas orações independentes, em vez de virem ligadas por conjunção coordenativa, vêm separadas por vírgula:

"Faça boa viagem, volte logo".

Em tal caso as orações se dizem coordenadas *assindéticas* (= sem união, sem ligação); quando ligadas por conjunção, elas se dizem coordenadas *sindéticas* (= com união, ligadas): "Faça boa viagem *e* volte logo".

2ª – As **sindéticas**, ou seja, as ligadas por conjunção coordenativa, podem ser:

aditivas *conclusivas*
adversativas *explicativas*
alternativas

segundo a espécie da conjunção coordenativa (§ 571 e ss.).

890 – Subordinadas: *Oração subordinada* é a que completa o sentido de outra de que depende, chamada *principal*, à qual se prende por conjunções subordinativas ou pelas formas nominais do verbo: "Não dês o dedo ao vilão, *porque te tomará a mão*" – "Fiz *entrar primeiro os homens*".

Notas: 1ª – A subordinada caracteriza-se, pois, pelo *sentido dependente*, pelas *conjunções subordinativas* ou pelas *formas nominais do verbo com sujeito próprio* (V. § 905).

2ª – Uma subordinada pode depender de uma principal ("Quero *que venha*") e pode depender de outra que já é subordinada:

Quero	que venha	quando fizer bom tempo
principal	subordinada à principal	subordinada à subordinada anterior

Orações Subordinadas

891 – As **orações subordinadas** dividem-se em:

substantivas
adjetivas
adverbiais

conforme a função sintática que exercem no período.

892 – SUBORDINADA SUBSTANTIVA é a que em relação à oração principal equivale a um *substantivo*; assim, dizer:

"Desejo $\underbrace{\text{que sejas feliz}}_{\text{subordinada substantiva}}$"

é o mesmo que dizer: "Desejo a tua $\underbrace{\textit{felicidade}}_{\text{substantivo}}$".

Nota: Nem sempre é possível tal substituição; no período: "Vi *que não podiam com ele*" não podemos recorrer à substituição da subordinada substantiva pelo equivalente substantivo, mas o aluno tem capacidade bastante para ver que essa subordinada funciona como *objeto* de *vi*; ora, como os *objetos* são constituídos de *substantivos*, é claro que a oração que funciona como *objeto* é também *substantiva*.

893 – Não somente *objetiva* pode ser a subordinada substantiva; uma vez que o substantivo pode exercer funções diversas, diversas são também as **espécies de subordinadas substantivas**:

subjetivas
objetivas { diretas / indiretas }
completivas nominais
predicativas
apositivas

894 – **Subordinada substantiva subjetiva** é a que exerce função de sujeito com relação ao predicado da principal (em todos estes exemplos, as orações grifadas são *sujeitos* da oração principal, o que facilmente se pode averiguar, fazendo-se uma pergunta com o predicado da principal: Que é dura coisa? – Que é bom? – Que é então? – Que convém? – Que importa? – conforme os verbos dos exemplos que se seguem):

"Dura coisa é para ti *recalcitrares contra o aguilhão*".
"É bom *que estudes*".
"É então *que o catolicismo lhe oferece as pompas das suas solenidades*".
"Convém *que te apliques às artes*".
"Importa *viver honestamente*".
"É admirável *o como a instrução modifica as nações*".
"É sabido *quando ele vem*".
"Não é certo *que ele morreu ontem*".
"Obra é de vilão *atirar a pedra e esconder a mão*".
"Nota-se *que ele é inteligente*".
"*Se ele passa de ano* não se sabe".

895 – **Subordinada substantiva objetiva** é a que exerce função de objeto com relação ao predicado da principal, e será **direta** ou **indireta** se a ela vier ligada sem ou com preposição.

1) **Diretas**:

"O Brasil espera *que cada um cumpra o seu dever*".
"Dize-me *se sabes a lição*".
"Creio *estarem elas preparadas*".
"Ele esperava *vir*".
"Faça *o carro parar*" (§ 652).
"Mandei-o *comprar um livro*" (§ 652).

"Tenho medo (= temo) *que ele sucumba*".

"Estou com esperança (= espero) *que ele seja aprovado*".

"Ele é de opinião (= opina) *que fiques*".

Nota: Estes três últimos casos são curiosos; neles se vê que a locução é que tem força transitiva direta equivalente a verbo transitivo direto. Quase sempre aparece nessas construções a preposição *de* antes da conjunção *que*, transformando as substantivas objetivas diretas em substantivas completivas nominais: Tenho medo *de que ele sucumba* – Estou com esperança *de que ele seja aprovado.*

2) **Indiretas**:

"Isso depende *de que ele esteja em casa*".

"O desastre obstou *a que prosseguíssemos*".

896 – Subordinada substantiva completiva nominal é a que se prende complementarmente a substantivo ou adjetivo:

"Estou de acordo *com que você vá*".

"Ele está inclinado *a que estudes medicina*".

"O fato *de que falas várias línguas* é de si vantajoso".

"Estou receoso *de que não cheguemos a tempo*".

"A ideia *de que você vai arrepender-se* é ridícula".

897 – Subordinada substantiva predicativa é a que funciona como predicativo:

"O certo é *que ele não vem*".

"A verdade é *que nem todos entendem*".

"Sou eu *quem fala*".

898 – Subordinada substantiva apositiva é a que funciona como aposto:

"Só tenho uma ideia: *que você vai arrepender-se*".

"Uma coisa vos confessarei eu, Senhor Leonardo, *que os portugueses são homens de ruim língua*".

Nota: Certas completivas nominais que vêm ligadas com a preposição *de* podem, elidida a preposição, transformar-se em apositivas:

"A ideia *que você vai arrepender-se* é ridícula".

899 – SUBORDINADA ADJETIVA é a que em relação à principal equivale a um *adjetivo*; assim, dizer:

"A aluna que $\underbrace{\text{era de muita instrução}}$ faleceu"

subordinada adjetiva
(modifica o substantivo *aluna*)

é o mesmo que dizer: "*A* *aluna* muito *instruída* faleceu".

subst. modifica o subst. *aluna*

EXEMPLOS:

"Guarda-te d'homem | *que não fala*, | e de cão | *que não ladra*."

"Aquele | *que ama a vida*, | guarde sua língua do mal."

"A pessoa | *com que trato* | é honesta."

"O | *que é a baleia entre os peixes*, | era o Gigante Golias entre os homens."

"Pedro não é o | *que parece*."

"Viste jamais alguém | *que seja verdadeiramente feliz*?"

"Ele, | *que é incapaz de mentir*, | foi acusado de hipocrisia."

"A cidade | *onde* (= em que) *nasceste*, | prima pela beleza de seus arredores."

Nota: Tal qual acontece com as subordinativas (V. *nota* do § 892), nem sempre é possível a substituição; bastará, no entanto, que esteja modificando um substantivo, para que a subordinada seja *adjetiva*.

900 – As **subordinadas adjetivas** dividem-se em *explicativas* e *restritivas*.

Explicativas são as que indicam qualidade inerente ao substantivo a que se referem, e podem ser eliminadas sem prejuízo do sentido da oração principal: "O homem, | *que é mortal*, | passa rápido sobre a terra".

Restritivas são as que exprimem sentido acidental, e não podem ser eliminadas sem prejuízo do sentido da oração principal: "O homem | *que é justo* | deixa na terra memória abençoada".

Observe-se que há diferença de entoação e de pontuação entre as explicativas e as restritivas: Enquanto as explicativas vêm entre vírgulas e se proferem com certa acentuação enfática, as restritivas não se põem entre vírgulas e se proferem sem nenhum acento enfático.

Quer no meio, quer no fim do período, as adjetivas não vêm separadas por vírgula quando são restritivas: "O homem que esteve aqui ontem virá outra vez amanhã".

Quando simplesmente explicativa, como se em lugar do pronome estivesse redigido "saiba-se que ele", "todos sabem que ele", a vírgula se torna necessária: "Meu pai, que esteve aqui ontem, virá outra vez amanhã". A explicativa (os ingleses chamam-na *descritiva*) dá certa informação que não é essencial ao sentido do que está sendo declarado na principal; é como se fosse um parêntese, cuja ausência não viria sacrificar a compreensão do que se afirma na principal.

Para maior compreensão da diferença entre adjetiva explicativa e adjetiva restritiva e a correspondente pontuação, vejamos este período: "O quarto agrupamento é constituído de cavalarianos que têm 1,80 de altura". Com essa redação, compreende-se que há outros agrupamentos de cavalarianos sem essa altura; a relativa é restritiva; não podemos excluí-la do período; vem sem vírgula. Se, porém, pusermos vírgula antes do *que*, a compreensão do período será outra: Há só um agrupamento de cavalarianos, e estes são de 1,80 de altura, especificação, descrição, explicação esta que podemos agora tirar do período sem que deixemos de afirmar que "há vários agrupamentos, mas só um de cavalarianos".

Notas: 1ª - As subordinadas adjetivas vêm ligadas à principal por **pronome relativo**: "O homem | *que* vi | morreu" – "A mulher | *cujos* olhos a mim se voltaram | era piedosa"

ou por **advérbio relativo**: "A casa | *onde* moro | é pequena" – "É formoso o país *onde* (= em

adv. rel. (§ 525, n. 8)

que, no qual) nasceste".

2ª – Não raro acontece que vem elidido o antecedente do pronome relativo que prende a subordinada adjetiva: "Ignoro (o lugar) *donde vens*" – "Não sei (a coisa) de *que* se trata". V. § 345, 3, *in fine*.

3ª – Outras vezes, a repetição do antecedente dá ênfase à subordinada adjetiva: "Comprei este livro, *livro* que há muito desejava adquirir".

4ª – Para separar e analisar orações em que entram relativos, é necessário desdobrá-los: "Vi quem chegou" = "Vi *aquele* || *que* chegou".

↓ obj. dir. de *vi* — ↓ suj. de *chegou*

"Não vejo *onde* você está = Não vejo o lugar || em que você está".

Desse modo, poderão resolver-se em subordinadas *adjetivas* as subordinadas ligadas por esses relativos.

Assim como no período "Estimo quem me estima" não se analisa "quem me estima" como subordinada substantiva (§ 378), também não se deve dar essa análise, forçada e inútil, para orações iniciadas por outros relativos (§ 525, n. 8).

5ª – Casos há notáveis em que o pronome relativo (*que*), servindo de ligação a uma *subordinada adjetiva*, é ao mesmo tempo termo de uma subordinada subsequente: "São estas as leis *que* ele ordenou que fossem promulgadas". O relativo *que* é a ligação da adjetiva (*que ele ordenou*) e ao mesmo tempo é o *sujeito* da substantiva *que fossem promulgadas*.

Coisa semelhante se observa com outros pronomes: "Ele deu-me os livros, *os quais* eu julgava ter perdido" – "Tu não sabes *quantas* lições afirma ele que estuda por dia". Os pronomes *os quais* e *quantas* ligam as orações imediatas, e são *objetos* dos verbos das orações subsequentes. Outro exemplo: "Que queres que eu te diga? – onde o primeiro *que* é obj. direto de *diga*, e não de *queres* (= *Queres* que eu te diga *o quê*?).

Exemplos de redação um tanto confusa: "Apresento as provas do concurso *que* me *destes* a honra de organizar" – "Apresento as provas do concurso *que fui* por vós designado a fiscalizar". Em ambos o "que" não tem relação sintática com o verbo que vem logo após ("destes" no primeiro, "fui"

no segundo), mas com os infinitivos que se seguem; mais claro será: "Apresento as provas do concurso de cuja organização me destes a honra" (ou "...com cuja organização me honrastes") – "Apresento as provas do concurso de cuja fiscalização fui por vós designado" (ou "...para cuja fiscalização me designastes").

6ª – A subordinada adjetiva pode às vezes converter-se em uma coordenada com a principal: "Comprei uma casa *de que já estou de posse*" = "Comprei uma casa *e já estou de posse dela*".

↓ coorden. à oraç. anterior

conjunç. coordenativa

901 – SUBORDINADA ADVERBIAL é a que, em relação à oração principal, equivale a um *advérbio*:

"Morreu | quando menos esperava"

(modifica o verbo *morreu*)
subordinada adverbial

902 – As **subordinadas adverbiais** vêm ligadas às orações principais ou por **conjunção subordinativa** (Maria encanta *porque* é estudiosa), ou por **advérbios** (§ 525, n. 8: Não jogues *quando* estiveres cansado), ou por **formas nominais** dos verbos (*Chegando* a primavera, as aves se tornam mais belas).

Notas: 1ª – A **subordinada adverbial** pode, não raras vezes, converter-se em adjunto adverbial: Ele chegou *quando eu entrei* – Ele chegou *na minha entrada*.

2ª – A **subordinada adverbial** é ainda conversível, às vezes, em uma *coordenada* com a principal: Ele chegou *quando eu entrei* = Ele chegou *e* eu entrei.

903 – A *subordinada adverbial* pode ser:

causal
comparativa
consecutiva
concessiva
condicional
conformativa
final
proporcional
temporal

EXEMPLOS:

1 – **Causal:** "Eu sairei *porque ele entrou*" – "*Como ele entrou*, eu sairei" – "Deus existe, *visto que eu existo*" – "Vou ao teatro, *porque gosto das representações dramáticas*".

2 – **Comparativa**: "Dão-se os conselhos com mais boa vontade, *do que geralmente se aceitam*" – "Sempre nos deleitamos mais em falar, *do que os outros em nos ouvir*" – "A atividade sem juízo é mais ruinosa *que a preguiça*" – "Ninguém se agasta tanto do desprezo, *como* (*se agastam*) *aqueles* que mais o merecem" – "À Índia mais vão *do que tornam*".

3 – **Consecutiva**: "Perdeu ele o crédito, de sorte *que ninguém se fia dele*" – "De tal maneira nos amou *que se deu por nós*" – "Tal foi a sua audácia *que ninguém lhe ousou resistir*" – "Voou tão alto *que o perdi de vista*" – "Nunca fui a sua casa, *que o não achasse estudando*" – "Não correu muito tempo, *que a vingança o não alcançasse*".

As duas últimas têm na realidade sentido exclusivo; nelas o *que* equivale a "sem que" correspondente ao *quin* latino.[1]

4 – **Concessiva**: "Eu sairei, *embora ele entre*" – "*Ainda que enterrem a verdade*, a virtude não se sepulta" – "*Ainda que vistas a mona de seda*, mona se queda".

5 – **Condicional**: "Eu sairei *se ele entrar*" – "Feliz seria o gênero humano, *se os homens fossem tais* como geralmente se inculcam" – "*Se queres saber* quem é o vilão, mete-lhe a vara na mão" – "As palavras boas são *se assim fosse o coração*".

6 – **Conformativa**: "Eu sairei *como ele entrou*" – "Há economias ruinosas, *como há prodigalidades proveitosas*" – "Ele fez *segundo foi mandado*" – "*Como me tangerem*, assim bailarei" – "*Como* (*é*) *dente quebrado e pé desengonçado*, é a confiança no desleal em tempo de angústia".

7 – **Final**: "Eu sairei *para que ele entre*" – "Retira o teu pé da casa de teu próximo *para que não suceda* que ele de enfastiado te venha a aborrecer" – "...as gentes da terra todas enfreias, *que não passem o termo limitado*".

8 – **Proporcional**: "*À medida que o menino compreendia*, ele se tornava mais alegre" – "*À proporção que o inverno entrava*, os pássaros desapareciam" – "*Quanto mais se sobe*, (tanto) maior queda se dá" – "*Qual é Maria*, tal é sua cria" – "Portou-se tal *qual não convinha*" – "*Onde está teu tesouro*, aí está o teu coração".

9 – **Temporal**: "Eu sairei *quando ele entrar*" – "*Quando nos lembramos do passado*, receamo-nos do futuro" – "*Enquanto temos tempo*, façamos bem a todos".

---

(1) V. *Gramática Latina*, § 374, n. 3; § 429 (*in fine*).

904 – SUBORDINADAS REDUZIDAS: As subordinadas podem apresentar-se, também, de forma equipolente, com os verbos numa de suas *formas nominais*; chamam-se, neste caso, **reduzidas**.

Podem ser:

reduzidas *de infinitivo*
reduzidas *de gerúndio*
reduzidas *de particípio*

de infinitivo:

É bom *estudares* = É bom *que estudes*.

Julgo *deveres ir* = Julgo *que deves ir*.

O que me vinga de sua ignorância é *acreditarem eles a sua opinião* = O que me vinga de sua ignorância é *que eles acreditam a sua opinião*.

Isto depende *de seres feliz* = Isto depende *de que sejas feliz*.

Mandei *os convidados entrar* = Mandei *que os convidados entrassem*.

Fique *até eu mandar sair* = Fique *até que eu mande sair*.

de gerúndio:

Estudando as lições, o menino aprende = O *menino que estudar as lições* aprende.

Reinando Tarquínio, veio Pitágoras para a Itália = *Quando reinava Tarquínio...*

Proferindo o orador estas palavras, a assembleia rompeu em aplausos = *Quando o orador proferiu...*

de particípio:

Acabada a festa, os músicos partiram = Quando a festa acabou...

Posto o sol, os pássaros deixam de cantar = Depois que o sol se põe... (Recorde-se o § 698.)

Notas: 1ª – A oração que tem o verbo numa das formas nominais denomina-se **reduzida**; denomina-se **desenvolvida** a oração cujo verbo se encontra num dos modos verbais.

2ª – As subordinadas **reduzidas** classificam-se como as subordinadas **desenvolvidas**, isto é, podem ser *substantivas* (subjetivas, objetivas etc.), *adjetivas*, *adverbiais* (causais etc.) – § 891 e ss.

905 – Quantas orações há num período, ou por outra, como descobrir o número de orações existentes num período?

Há num período tantas orações quantos são os verbos em formas modais, quer em conjugação simples, quer em conjugação composta, quer em locução verbal. Por exemplo, no período "*Quero* que você *vá*" há duas orações, porque há duas formas modais de verbo, uma no indicativo (*quero*),

outra no subjuntivo (*vá*). No período "Eu *haveria conseguido* que você *ficasse* bom" há também duas, porque duas formas modais existem: *haveria conseguido* (forma composta) e *ficasse*. No período "Eu *tenho de ir* porque ele *está passando* mal" há ainda duas orações, porque há somente duas formas modais: *tenho de ir* (locução verbal) e *está passando* (outra locução verbal: § 513 e ss.).

Também as formas nominais constituem oração quando têm sujeito próprio (isto é, diverso do sujeito do verbo da oração subordinante) ou quando conversíveis em formas modais. Por exemplo: No período "Mandei Paulo sair" há duas orações e não somente uma, porque o infinitivo *sair* tem sujeito próprio (*Paulo*), diverso do sujeito de *mandei*, que é *eu*. – No período "Mandei-os sair" há também duas orações, porque o infinitivo é conversível em forma modal: "Mandei que eles *saíssem*". (Recordem-se os exemplos do § anterior.)

Nota: Períodos como "*Pedro* e *Paulo* partiram" melhor parece que se considerem "períodos simples, de sujeito composto", do que "períodos compostos de duas orações coordenadas" (Pedro partiu e Paulo partiu). O mesmo se diga quando o "e" liga objetos (Comprei um *lápis* e uma *pena*) ou outros termos que exerçam a mesma função: Ele é *inteligente* e *rápido*.

906 – Como fazer para dividir as orações, ou por outra, onde começa a nova oração?

As formas conjuntivas (conjunções, pronomes relativos, advérbios relativos) indicam o início de nova oração. Por exemplo: no período "Não veio o aluno que é bom" o *que* inicia nova oração, porque é pronome relativo:

"Não veio o aluno || que é bom"

Quando os pronomes relativos vêm antecedidos de preposição, esta preposição fica pertencendo à nova oração:

"Não veio o aluno || *a* que você deu boa nota"

A inversão dos termos não deve perturbar-nos na separação:

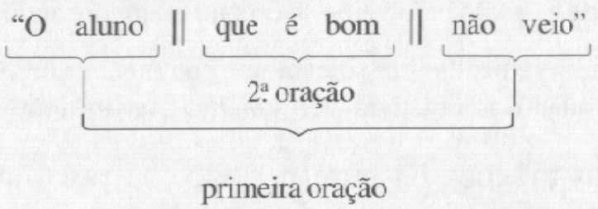

Quando o verbo da oração está numa forma nominal, pertencem a essa oração os termos que têm relação com a forma nominal:

Posto o sol || os pássaros deixam de cantar" (§ 698).

Mandei- || o sair" (§ 652).

907 – As orações do verbo *haver*, quando indicam noção de tempo – *há muito* (tempo), *havia anos* – aparecem na frase com feições diversas:

1 – Há muito tempo que moro nesta casa.

2 – Há muito moro nesta casa.

3 – Moro há muito nesta casa.

4 – Moro nesta casa muito há.

5 – De há muito moro nesta casa.

6 – Há mais tempo deveria estar morando nesta casa.

O primeiro tipo é manifestamente de um período composto por subordinação, em que *há muito* é a oração principal e *moro nesta casa* é subordinada adverbial temporal (*que = desde que*). A esta análise subordinam-se os seguintes exemplos: "Havia poucos dias que era chegado" – "Talvez não haja uma hora que passou pelo retiro".

No 2º, no 3º e no 4º tipo a oração do verbo *haver* tem caráter de *interferente*. A mesma análise de interferente tem a oração "há um ano" no seguinte exemplo: "E andam a prometer há um ano que se hão de levar lá" (o conectivo *que* pertence ao verbo *prometer*).

O 5º tipo assume a feição de mero adjunto adverbial de tempo. Sobre ela escreve A. Coelho: "Influência semelhante se nota na expressão frequente, mais viciosa, *de há muito* por *há muito*. *Há muito* fixa-se como a indicação de tempo passado; *há* não é percebido como verbo, mas antes como preposição (*a*); daí o antepor-se-lhe *de* por analogia com expressões como *de então*, *de ontem*, *de muito*". A esta análise se reduz, por exemplo: "Uma lei de há três séculos".

Quando encravada em subordinadas, como "Creio que *há muito* está doente", tal expressão existencial assume igualmente o caráter de adjunto adverbial de tempo. Tal análise poder-se-ia estender mesmo ao 2º, ao 3º e ao 4º tipo (*há muito = desde muito*). A ela com certeza devemos subordinar o seguinte passo de Camões, considerando expletivo o segundo *que*: "E navegar meus mares ousas, que eu *tanto tempo há já que tenho*".

O 6º tipo parece-se com o 5º enquanto indica tempo passado e *há* é percebido como preposição. Trata-se, porém, do verbo *haver*, equivalente a *fazer*: "Já há mais tempo podíamos ter-nos mudado" (= Já há mais tempo que...).

Notas: 1ª – Nos quatro primeiros tipos pode o verbo *haver* ser substituído por *fazer*. Tanto o verbo *haver* quanto o v. *fazer* são impessoais em orações como essas e devem ficar no singular: "*Faz* dois dias que chove" – e não: "*Fazem* dois dias..." (§ 741).

2ª – Não confundamos o *há* de tais expressões com a preposição *a* de outras: "Daqui *a* dois anos" (e não: "Daqui *há* dois anos"). "Os bombeiros chegaram *a* tempo" (= Os bombeiros chegaram

em tempo, *com* tempo) é oração que não se deve confundir com "Os bombeiros chegaram *há* tempo" (= "...faz tempo").

3ª – Subordina-se o verbo *haver*, quando impessoalmente empregado em expressões de tempo (= passar-se, ter decorrido, ser decorrido) às regras de correlação ou correspondência temporal; será simples verificar o acerto ou o erro do tempo do verbo, se substituirmos *haver* por *fazer*: "Em consequência de uma seca que já durava *havia* meses" (= que já durava *fazia* meses – e não: que já durava *faz* meses). O imperfeito aí se impõe, não se podendo dizer: "...que já durava há meses". Outro exemplo: "*Havia* poucos dias que era chegado".

"Modernamente, contra a índole da língua dos melhores escritores, com frequência se perde de vista o paralelismo das formas verbais, e redige-se: *Há* dias que se *trabalhava*. Evite-se esta construção" (Vasco Botelho de Amaral). D.QVs.; *sabiam havia tempos.*

908 – Sinopse da análise sintática da ORAÇÃO

(Elementos possíveis numa oração)

- sujeito
  - simples
  - composto
  - indeterminado
- predicado
  - nominal
  - verbal
  - verbo-nominal
- predicativo
  - do sujeito
  - do objeto
- complemento nominal
- (complemento verbal) objeto
  - direto
  - indireto
- agente da passiva
- adjunto adnominal
- adjunto adverbial
- aposto
- vocativo

909 – Sinopse da análise sintática do PERÍODO:

- PERÍODO
  - simples: uma oração absoluta
  - composto
    - por coordenação (duas ou mais orações independentes)
      - coordenada assindética
      - coordenada sindética
        - aditiva
        - adversativa
        - alternativa
        - conclusiva
        - explicativa
    - por subordinação
      - principal
      - subordinada (desenvolvida ou reduzida)
        - substantiva
          - subjetiva
          - objetiva
            - direta
            - indireta
          - completiva nominal
          - predicativa
          - apositiva
        - adjetiva
          - restritiva
          - explicativa
        - adverbial
          - causal
          - comparativa
          - consecutiva
          - concessiva
          - condicional
          - conformativa
          - final
          - proporcional
          - temporal

910 – Modelos de análise sintática:

1. *O menino correu para o campo.*

   Período simples (oração absoluta)

   O – adjunto adnominal.
   menino – sujeito simples.
   correu para o campo – predicado verbal.
   para o campo – adjunto adverbial de lugar para onde.
   o – adjunto adnominal.

2. *Tenha sempre, meu filho, cuidado com os livros, seus verdadeiros amigos.*

   Período simples (oração absoluta)

   (*você*) – sujeito oculto.

Tenha sempre cuidado com os livros – predicado verbal.
sempre – adjunto adverbial de tempo.
meu filho – vocativo
cuidado – objeto direto.
com os livros – complemento nominal.
os – adjunto adnominal.
seus verdadeiros amigos – aposto.
seus, verdadeiros – adjuntos adnominais.

3. *A menina passou nos exames || e o menino foi reprovado pela professora.*

Período composto por coordenação.

1ª oração: *A menina passou nos exames* – oração independente.

A – adjunto adnominal.
menina – sujeito simples.
passou nos exames – predicado verbal.
nos exames – adjunto adverbial de lugar onde.

2ª oração: *e o menino foi reprovado pela professora* – oração independente, coordenada sindética aditiva.

e – conectivo (conjunção coordenativa aditiva).
o – adjunto adnominal.
menino – sujeito simples.
foi reprovado pela professora – predicado verbal.
pela professora – agente da passiva.

4. *O aluno || que examinei || é inteligente.*

Período composto por subordinação.

1ª oração: *O aluno é inteligente* – principal.

O – adjunto adnominal.
aluno – sujeito simples.
é inteligente – predicado nominal.
inteligente – predicativo.

2ª oração: *que examinei* – subordinada adjetiva restritiva.

que examinei – predicado verbal.
que – objeto direto.

5. *Quero || que você vá ao Rio || e volte || quando mamãe ficar boa.*

Período composto por coordenação e subordinação.

1ª oração: *Quero* – principal.

quero – predicado.

2ª oração: *que você vá ao Rio* – subordinada substantiva objetiva direta.

que – conectivo (conjunção integrante).

você – sujeito simples.

vá ao Rio – predicado verbal.

ao Rio – adjunto adverbial de lugar para onde.

3ª oração: *e volte* – subordinada à principal e coordenada (sindética aditiva) à subordinada anterior.

e – conectivo (conjunção coordenativa aditiva).

volte – predicado.

4ª oração: *quando mamãe ficar boa* – subordinada adverbial temporal.

quando – conectivo (conjunção subordinativa temporal).

mamãe – sujeito simples.

ficar boa – predicado nominal.

boa – predicativo.

Observação:

Sempre nos aborrece ter de expor e explicar fenômenos e nomes que fogem da verdadeira substância sintática. Reformam os programas de ensino e organizam pontos para concursos professores que parecem querer complicar antes que pedir o que é essencial e suficiente, proceder que tem sua causa no abandono do latim, que, enquanto mais severo, é muito menos complicado na análise; na fuga do latim vemos explicação da falta de harmonia entre os nossos gramáticos em coisas que, em si, nada têm de misteriosas: Gramática não é Metafísica.

911 – A clareza e a elegância do período dependem da boa colocação das orações que o formam. O espírito disciplinado e o traquejo literário na leitura dos bons autores dispensam as regras, aliás pouco seguras, que se possam dar sobre o assunto.

Crendo oportuna a ocasião, aqui oferecemos ao aluno uma lista de autores recomendáveis pela harmonia e concatenação das orações bem como pelo conhecimento de vasto e erudito vocabulário, mencionando ao mesmo tempo algumas de suas obras.

Autores e Obras

BERNARDIM RIBEIRO, clássico quinhentista (1482-1562): "Menina e Moça", poema lírico em prosa, em que o autor, em linguagem castiça e harmoniosa, mostra toda a suavidade e carinho no contar melancólico de seus amores infelizes.

Luís Vaz de CAMÕES, clássico quinhentista (1524-1580), a maior expressão do Gênio português: "Lusíadas", uma das grandes epopeias da literatura universal.

Padre Antônio VIEIRA, clássico seiscentista (1608-1697), de estilo vivíssimo, descrições cheias de colorido, de propriedade, de riqueza e adjetivação muito segura: "Sermões".

Padre Manuel BERNARDES, clássico seiscentista (1644-1710), autor de linguagem pura, harmoniosa, majestosa e opulenta, de períodos maravilhosamente elegantes, bem feitos e melodiosos: "Nova Floresta", "Luz e Calor".

J. B. da Silva Leitão de Almeida GARRETT, romancista (1799-1854), de estilo colorido e ao mesmo tempo espontâneo: "Frei Luís de Sousa", "Viagens na Minha Terra", "Folhas Caídas", "Flores sem Fruto".

ALEXANDRE HERCULANO de Carvalho e **Araújo**, romancista (1810-1877), modelo dos que se dedicam a descrições, de estilo sóbrio e a um tempo vigoroso e de linguagem pura: "Lendas e Narrativas", "Eurico", "O Monge de Cister", "O Bobo", "A Harpa do Crente".

Antônio Feliciano de CASTILHO (1800-1875), de linguagem pura, variada, elegante e abundante: "Poesias" e várias traduções (Ovídio, Anacreonte, Virgílio, Molière, Shakespeare, Goethe).

CAMILO Castelo Branco, romancista (1826-1890), de propriedade e variedade assombrosas, de estilo admiravelmente seguro e enérgico: "Amor de Perdição", "Amor de Salvação", "A Corja", "Eusébio Macário".

José Maria EÇA DE QUEIRÓS, romancista naturalista (1845-1900), de estilo nem sempre puro, mas flexível e irônico: "O Crime do Padre Amaro", "O Primo Basílio", "O Mandarim", "Os Maias", "A Relíquia".

Abílio Manuel de GUERRA JUNQUEIRO, poeta satírico e mordaz (1850-1923): "Os Simples", "Orações".

Antônio GONÇALVES DIAS, poeta indianista (1823-1864), o maior poeta lírico brasileiro: "Primeiros Cantos", "Novos Cantos", "Últimos Cantos".

JOSÉ DE ALENCAR, romancista indianista (1829-1877), de lirismo imaginoso e de forma brilhante: "O Guarani", "As Minas de Prata", "Iracema", "O Tronco do Ipê", "O Sertanejo", "Mãe".

Joaquim Maria MACHADO DE ASSIS, naturalista (1839-1908), clássico na linguagem e moderado na expressão: "Crisálidas", "Falenas", "Histórias da Meia Noite", "Iaiá Garcia", "Memórias Póstumas de Brás Cubas", "Quincas Borba", "D. Casmurro", "A Mão e a Luva".

RAIMUNDO da Mota Azevedo CORREIA, poeta parnasiano (1860-1911), de espírito pessimista, mas claro e discreto, o maior ourives dos ourives parnasianos: "Primeiros Sonhos", "Sinfonias", "Poesias".

Antônio Mariano ALBERTO DE OLIVEIRA, grande poeta – foi poeta a vida inteira (1859-1937) – desde os 14 anos revelou sentimento e entusiasmo, vigor e opulência, melancolia e paixão, malícia e ironia: "Canções Românticas", "Meridionais", "Sonetos e Poemas", "Versos e Rimas", "Céu, Terra e Mar" e muitas outras obras.

OLAVO Brás Martins dos Guimarães BILAC, poeta parnasiano (1865-1918), de versos impecáveis e espontâneos, de imagens e expressões brilhantemente coloridas: "Via Láctea", "Sarça de Fogo", "O Caçador de Esmeraldas", "Alma Inquieta".

EUCLIDES DA CUNHA, historiador, sociólogo, polígrafo (1866-1909), um dos maiores literatos brasileiros, de espírito observador levado ao grau sumo: "Os Sertões", "Contrastes e Confrontos", "Martim Garcia", "À Margem da História", "Peru versus Bolívia".

Questionário

1. Como encontrar o número de orações existentes num período, ou melhor, quantas orações há num período"? (§ 905.)

2. Quando as formas nominais constituem oração? (§ 905.)

3. Como dividir as orações que constituem o período? (§ 906.)

4. Separe as orações que constituem o período "Quem se esforça vence" – NÃO SE ESQUEÇA DO QUE FICOU DITO NA NOTA 4 DO § 900 – VEJA TAMBÉM O 3º EXEMPLO DADO NO § 906: "O aluno que é bom não veio".

5. Separe as orações que constituem o período: "Irei quando você quiser" – e analise-as (§ 887 e ss.). Faça o mesmo com o período: "Se não estudares, não passarás".

6. No seguinte período há uma oração principal, uma adjetiva e uma adverbial: "Quando o sol lançou o último olhar sobre a terra, todos dirigiram ao Criador uma oração que agitava imperceptivelmente os lábios". Diga qual é a principal, qual a adverbial e qual a adjetiva, e dê a análise sintática dos termos que as constituem; proceda de acordo com os modelos do § 910.

7. Quando uma subordinada adjetiva não deve trazer vírgula? Exemplifique a resposta. (§ 900: "Observe-se que há diferença...")

CAPÍTULO 61

PARTICULARIDADES SINTÁTICAS

Infinitivo

913 – É a forma verbal que relata a ação de modo geral.

Como forma nominal (§ 414), o infinitivo exerce funções próprias do substantivo:

sujeito: *Estudar* é bom.

predicativo: O maior mandamento é *respeitar* o próximo.

objeto direto: Ouvi o *troar* dos canhões.

objeto indireto: Gosto de *ler*.

adjunto adnominal: Instrumento de *furar*; agulha de *marear*; tábua de *bater* roupa.

complemento nominal: Digno de *constar* nos anais.

914 – Com valor verbal, o infinitivo pode:

1. antecedido da preposição *a*, substituir o presente histórico (§ 416, 2) ou um tempo passado (infinitivo *histórico* ou *de narração*): "Eis que estala por todo o monte o incêndio, e as feras *a tremer* na baixa veiga" – "Chegaram à herdade, e os meninos *a escalar* mirantes, *a fazer* correrias".

Nota: Entre outras línguas, o latim e o francês têm igualmente o infinitivo de narração: Grenouilles aussitôt *de sauter* dans les ondes, grenouilles *de rentrer* dans leurs grottes profondes (Rãs logo a saltar nas ondas, rãs a entrar outra vez nas grutas profundas) – Interea Catilina Romae multa simul *moliri*, Ciceroni consuli insidias *tendere*, incendia *parare* (Entretanto Catilina em Roma a tramar ao mesmo tempo muitas coisas, a armar ciladas ao cônsul Cícero, a preparar incêndios).

2. antecedido da preposição *a*, substituir o gerúndio ou forma equivalente ao particípio presente latino (§ 927, 1): "Andavam *a entrar*-lhe por casa" (= andavam *entrando*) – "Flores *a recender* cheiros" (= flores *recendentes*) – "*A aceitar* essa opinião, será obrigado a desistir do empreendimento" (= *aceitando, com aceitar, por aceitar*).

3. substituir o imperativo (§ 413, 3, d): *Deixar* falar modernos e modernices – *Passar* bem – Anda lá, Pablo, na garupa, e *deixá-los* rir – *Trabalhar*, meus irmãos, que o trabalho é riqueza – À direita *volver*! – *Apresentar* armas! – Não *matar* – Não *fumar*.

4. quando antecedido de *é*, empregar-se com certa significação imperativa ou optativa: "Agora *é tratar* de estudar, *é cuidar* de trabalhar".

5. ter outras funções e empregos, indicados no Índice Analítico, verbete INFINITIVO.

Flexão do Infinitivo Pessoal

915 – É verdadeiramente desconcertante para o professor de português o problema da flexão do infinitivo pessoal; tropeços enormes encontram-se para a própria exposição e explanação do assunto, e maiores ainda para a fixação, não dizemos de regras, mas de normas que possam guiar o aluno. Tal a barafunda, que certos gramáticos chegam a conclusões desesperadoras e, muitas vezes, falsas e nocivas como esta: "Observadas tão-somente as exigências da clareza e da eufonia, o emprego do infinitivo é *facultativo*".

Por mais escabrosa, no entanto, iremos explicar esta árida e árdua questão, procurando ser o mais possível claro e sintético.

Quando substantivado, pluraliza-se normalmente desde que a ideia lhe admita o plural: Livro dos *Cantares* (o Cântico dos Cânticos de Salomão).

916 – Há duas espécies de infinitivos: o *impessoal* e o *pessoal*. O impessoal é o infinitivo puro, é a forma nominal essencialmente substantiva do verbo; é inflexível. O PESSOAL é o infinitivo empregado com referência a um sujeito e – aqui nasce a dificuldade – em português ora é flexionado de acordo com a pessoa do sujeito, ora não é flexionado e se confunde com o impessoal. Quando flexionado, assim se conjuga:

por *ter* eu	por *termos* nós
por *teres* tu	por *terdes* vós
por *ter* ele	por *terem* eles

Observação:

Fizemos anteceder as diferentes flexões do infinitivo da preposição *por* para evitar confusão com o futuro do subjuntivo, confusão de que às vezes não sabem

furtar-se alguns alunos: quando *tiver*, quando *tiveres*, quando *tiver*, quando *tivermos*, quando *tiverdes*, quando *tiverem*.

É coisa já sabida que somente nos verbos regulares as flexões do infinitivo pessoal são idênticas às do futuro do subjuntivo (§ 459, n. 1; ao pé da página).

917 – A flexão do infinitivo é notada nos mais antigos documentos da literatura lusa. Gil Vicente cometeu o erro de escrever em espanhol: "Teneis gran razon de *llorardes* vuestro mal" (Obras, II, 71). Alguns poetas do Cancioneiro Geral caíram no mesmo engano. Camões, que muito escreveu em espanhol, foi sempre correto.

Conforme podemos deduzir do § 904 (subordinadas reduzidas do infinitivo), três vantagens temos nessa flexão:

a) *clareza* na expressão do pensamento, pois a flexão sempre evidencia o sujeito;

b) *beleza*, uma vez que a pessoalização do infinitivo oferece ao escritor mais largo ensejo para *variar* e *colorir* o estilo, dando mais ensanchas à linguagem;

c) *concisão*.

918 – Foi Soares Barbosa o primeiro gramático que tentou regular o problema da flexão do infinitivo, formulando os dois seguintes princípios (Gramática Filosófica – 1803):

1 – Flexiona-se o infinitivo quando tem ele *sujeito próprio*, diverso do sujeito do verbo regente; não se flexiona quando os *sujeitos* são idênticos.

Em resumo:

Sujeito *próprio* = flexiona-se

Sujeito *idêntico* = não se flexiona

EXEMPLOS:

Declaramos (nós) ESTAREM (eles) prontos.

Ouvi (eu) CHAMAREM-me os amigos.

Julgo (eu) PODERES (tu) com isso.

Assinei (eu) o "Estado" para *proporcionar* (eu) a meus filhos oportunidade de LEREM (eles) as "Questões Vernáculas".

Solicitamos (nós) não DEIXAREM V. S.as de *comprar* (V. S.as)...

Envio-lhes esta carta, que peço (eu) ASSINAREM E DEVOLVEREM (eles).

OUTROS EXEMPLOS:

Solicitamos a V. S.as o obséquio de *enviarem*...
Peço aos meus amigos o obséquio de não *entrarem*...
É louvável o desejo de *aprenderem*.
Anima-nos a esperança de *triunfarmos*.
Referi-me à intenção de *partirem*.
Só me cabe aplaudir a resolução de *ampararde*s os pobres.

Em todos esses exemplos da primeira parte da regra de Soares Barbosa, os sujeitos dos infinitivos são diferentes dos sujeitos dos verbos de que dependem esses infinitivos.

Vejamos agora exemplos da segunda parte da regra, em que os infinitivos não são flexionados por terem sujeito *idêntico* ao do verbo de que esses infinitivos dependem:

Declaramos (nós) ESTAR (nós) prontos.
Declararam (eles) ESTAR (eles) prontos.
Julgas (tu) PODER (tu) com isso.
Julgo (eu) PODER (eu) com isso.
Temos (nós) o prazer de lhe PARTICIPAR...
Tivemos (nós) a honra de INFORMAR...
Eles tinham a certeza de TRIUNFAR.
Tinham necessidade de tudo DECLARAR.
Ficam com liberdade de MOVIMENTAR-se.

2 – Continua Soares Barbosa:

Flexiona-se ainda o infinitivo quando empregado como *sujeito*, *predicado*, ou *complemento de alguma preposição*, em sentido não já abstrato, vago, mas concreto, determinado – isto é, quando o infinitivo é empregado não em significação geral, universal, mas em referência a determinado, a especificado sujeito.

Exemplos em que o infinitivo é **sujeito**:

O *louvares*-me tu me causa novidade.
Lutarmos é o nosso dever.
Não é necessário *pedires*-me tu isso.
Santificares-te e *fazeres* o bem deve ser teu lema.
O *falares* dessa maneira prejudicará o negócio.
Sirva-nos de lenitivo à derrota o *termos* resistido com coragem.
Era de crer que o *seguirmos*, os membros do segundo, a lição...
Bem custoso seria *resistirem* os inimigos a Tarik.
Não é possível *assaltarem* esses perversos o arraial.
Cumpre *avisares* Ruderico.

É pouco provável *resistirem* os jovens à prova.

Nem é menos de ver no meio do ar *saírem* as águas e o fogo juntamente das nuvens.

É certo *terem* partido os navios.

Não é de prudência *dizerem-se* tais coisas publicamente.

Não compete a vocês *queixarem-se* de nós.

Como nos havia de ser defeso *recorrermos* para a mesma serventia...

Viu-se ao longe, para a banda das serranias... *resplandecerem* as cumeadas das montanhas.

Exemplos em que o infinitivo faz parte do **predicado**:

Nada mais surpreendente do que *verem*-na desaparecer.

Os trabalhadores que acontecia *passarem* por ali.

Exemplos em que o infinitivo é **complemento de alguma preposição** ou **locução prepositiva**:

Os maus, com se *louvarem*, não deixam de o ser.

Em virtude de *estarem* entrando os despachos de setembro...

A maneira de os alunos *estudarem* as lições...

Eles, os homens, para se *desculparem*...

As flores, além de *constituírem* matéria-prima...

É tempo de *partires*.

Pede-se aos senhores passageiros a fineza de, ao *entrarem* ou *saírem*, *fecharem* as portas do elevador.

Observações:

1ª – Vê o aluno nos exemplos da 2ª regra de Soares Barbosa que os infinitivos pessoalizados *determinam*, *concretizam* o verbo com relação ao sujeito, o que não aconteceria se viessem não flexionados: Fácil é *vencer* – *Lutar* é o nosso dever.

2ª – Corolário evidente desta 2ª regra é o princípio: Não se flexiona o infinitivo quando, empregado como sujeito ou predicado ou complemento de alguma preposição, é tomado em sentido *vago*:

Imaginavam que *seguir* metáforas é *descabeçar* adágios – Pede-se aos senhores passageiros a fineza de, ao *entrar* ou *sair*, *fechar* as portas do elevador.

3ª – Pode-se seguramente afirmar: Também quando *objeto* o infinitivo se flexiona, quando empregado em sentido determinado e quando necessária a flexão para determinação do sujeito:

Perdoe-te o céu o *haveres*-me enganado.

919 – Ótimas seriam as duas regras de Soares Barbosa, se esses somente fossem os casos de emprego do infinitivo; tanto não são elas comple-

tas que Camões, como todos os clássicos e modernos representantes de nossas letras, apresentam exemplos que a elas não se adaptam.

Camões escreveu: "Folgarás de *veres*" – construção que contraria a 1ª regra de Soares Barbosa, pois os sujeitos são idênticos (Folgarás – tu – de *veres* – tu). Bernardes escreveu: "Que traça dariam para todavia *comerem* até fartar-se?" – Onde, não obstante serem idênticos os sujeitos, o infinitivo está flexionado. Castilho redigiu: "Assaz mostraste *seres* cabal..." – flexionando o infinitivo, quando o sujeito é o mesmo do verbo *mostraste*: *tu*.

920 – Aparece então outra regra, 33 anos depois da de Soares Barbosa, formulada por Frederico Diez (pronuncie *ditz*), em sua "Grammatik der Romanischen Sprachen" (Gramática das Línguas Românicas – 1836-1844), procurando justificar exemplos e mais exemplos:

"Só se flexiona o infinitivo quando é possível ser substituído por uma forma modal, sendo indiferente que esse infinitivo tenha sujeito próprio ou não".

EXEMPLOS:

Alegram-se por *terem* visto o pai = Alegram-se *porque viram*...

Acreditando tu não me *teres* ofendido = ...*que* não me *ofendeste*[1].

Afirmo *terem* chegado os navios = ...*que chegaram* os navios.

Que mal te fiz eu, ó meu Deus, para não me *deixares* = para *que* não me *deixes*...

Deviam persegui-lo sem descanso nem tréguas até o *cativarem* = até *que* o *cativassem*.

Ficaram feridos até *conseguirem* reaver... = até *que conseguissem* reaver...

Que traça dariam para todavia *comerem* até fartar-se? = ...para *que comessem*.

Que também esses se ergam para *pelejarem* batalhas tremendas = para *que pelejem*...

Guarda-o para o *empregares* melhor = para *que* o *empregues*.

Trabalha, meu filho, para *agradarem* tuas obras a Deus = para *que agradem*.

---

(1) "Acreditando tu não me *teres* ofendido." (= ...que não me ofendeste) – A redação "Acreditando tu não me *ter* ofendido" traria sentido reflexivo ao verbo *ofender*, fazendo supor seu sujeito a 1ª pessoa: "...não me ter (*eu*) ofendido" – quando não é esse o sentido que o autor quer dar à frase. A flexão aí se impõe, já por ser conversível a forma nominal em forma modal, já por exigi-la a clareza.

Veja-se estoutro exemplo de Herculano: "Os dois dias que me pediste para *chorares* o teu cativeiro" (= para que chorasses) – A não flexão do infinitivo não evidenciaria com precisão o sujeito.

Leis que se fazem para se não *cumprirem* = para *que não se cumpram.*

A cidade de Goa não queria largar seus ossos para se *trasladarem* à de Lisboa = para *que se trasladassem.*

Grandes razões para nos *convencerem* têm V. S.as = para *que nos convençam...*

Sem que tal circunstância obrigue os amigos a *efetuarem* = a *que efetuem.*

O governo obrigou as fábricas a *produzirem* = a *que produzissem.*

Temíamos por *sermos* homens = *porque éramos* homens.

Já tivemos oportunidade de nos *referirmos* = de *que nos referíssemos.*

Observação:

Saiba o aluno compreender a significação do "só" que inicia a regra de Frederico Diez; a regra é justificativa da flexão, e não imperativo que nos obrigue a flexionar o infinitivo sempre que seja conversível numa forma modal. Achando um autor que o infinitivo, embora conversível numa forma modal, nenhuma necessidade sofre de flexionar-se, pode deixá-lo não flexionado: "Curvam-se para *beijar* a fímbria da sua estringe" – "Preparavam-se para *morrer*" – "Precisávamos cavar o chão para *obter* água" – "Cometeram tais atrocidades para *agradar* aos chefes" – "Grandes razões para *convencer*-nos têm V. S.as" – "Já tivemos oportunidade de *referir*-nos" – "Obrigai-nos a *confessar* que sois amigos dos brasileiros" – "Obrigando-os por via de tormento a *restituir* aquilo que tinha ocupado" – "Convidam os homens a *perseverar* na continuação do pecado" – "Forçou os inimigos a *fugir*".

921 – Confrontando as regras de Soares Barbosa com a de Diez, pode o aluno fazer estas considerações:

1 – É interessante notar que Diez encarou o problema por face inteiramente diferente.

2 – A nova regra vem justificar grande número de legítimos exemplos que não se amoldavam às regras de Soares Barbosa: "Folgarás de *veres*" (de que vejas) – "Mostraste *seres* cabal" (que és cabal) – "Que traça dariam para todavia *comerem*...?" (para que comessem).

Quer isso dizer que, ao mesmo tempo que esclarece o assunto, vem chocar-se com a regra de Soares Barbosa, pois justifica a possibilidade da flexão do infinitivo em casos em que os sujeitos são idênticos.

3 – Mesmo chocando-se numa parte, esclarece, por outra, o problema, servindo ambas de "fio condutor no labirinto do uso clássico do infinitivo flexionado".

922 – Ficam ainda essas duas normas *aquém dos fatos*, os quais, em grande variedade e incerteza, não se subordinam à disciplina gramatical.

Contra a teoria de Soares Barbosa insurgem a cada passo *fatos* de incontestável vernaculidade clássica, muitos dos quais vão igualmente fazer rosto ao eminente gramático alemão. Por exemplo:

"Não nos deixeis *cair* em tentação"
"Deixai *vir* a mim os pequeninos"
"Fazei-os *sentar*"

são construções em que os infinitivos *cair*, *vir*, *sentar* têm *sujeito próprio* (vão, pois, contra a regra de Soares Barbosa), e podem ser substituídos por formas modais (contrariando, dessa forma, ao mesmo tempo, a regra de Diez).

Notemos, ainda, exemplos como estes: "Alguns mancebos mais destros fingiam **acometer-se**, *pelejarem*, *vencerem*, *serem* vencidos" (Herculano) – "Assaz mostraste *seres* cabal para **dizer** verdades" (Castilho). Os infinitivos *acometer* e *dizer* tinham os mesmos motivos que os outros (peleja*rem*, vencer*em*, ser*em* – para o 1º exemplo – e ser*es*, para o 2º) para se flexionarem. De semelhante liberdade encontramos *frequentes* exemplos nos clássicos.

923 – Vê, pois, o aluno a insuficiência das duas regras tradicionais sobre o assunto; daí a necessidade de outras normas que expliquem e convenientemente justifiquem exemplos que contrariam os dois citados mestres. Tais normas iremos estudar, subordinando-as, quanto possível, às regras de Soares Barbosa e à de Frederico Diez.

Locução Verbal

924 – *a*) Deve o aluno compreender que as regras dos eminentes mestres são, antes de regras, *justificativas* da pessoalização do infinitivo. Isto queremos frisar: No caso de serem idênticos os sujeitos, devemos dar preferência à forma flexionada somente quando o exigir a *clareza*.

Sempre, portanto, que se chocarem as regras de Soares Barbosa com a de Frederico Diez, servir-nos-á de árbitro a *clareza*. Inútil e, conseguintemente, errada será a flexão, toda a vez que o infinitivo formar com o verbo subordinante uma *locução verbal* (§ 513 e ss.), isto é, quando o infinitivo vier intimamente subordinado ao verbo de que depende, não obstante a regra de Frederico Diez.

Construções como:

"Desejamos *comprarmos* livros"
"Desejando V. S.as *comprarem* livros"

"Lamentamos não *podermos*..."

"Estão merecendo *serem*..."

"Acham-se em mau estado, devendo *serem* substituídas"

"Esperando *sermos* atendidos..."

são construções inteiramente obtusas; nelas os infinitivos tornam-se como partes essenciais do verbo de que dependem, como, *mutatis mutandis*, os termos que concorrem para a formação de uma locução adverbial: É tudo um só verbo e, por conseguinte, só o primeiro se flexiona. Os infinitivos *comprar* (para os dois primeiros exemplos), *poder* (para o 3º) e *ser* (para os três últimos) dependem, intrinsecamente, das formas verbais *desejamos*, *desejando*, *lamentamos*, *estão merecendo*, *devendo*, *esperando*.

b) Entram no rol das locuções verbais exemplos como estes: "Tinham muito com que se *alegrar*" – "Tiveram bastante com que *se ocupar*". – Há nesses exemplos elipse do verbo *poder*, que forma com o infinitivo da oração a locução verbal: "Tinham muito com que se (*pudessem*) *alegrar*" – "Tiveram bastante com que se (*pudessem*) *ocupar*".

Oração Infinitivo-Latina

925 – Sabe já o aluno o que vem a ser "oração *infinitivo-latina*". (Recorde todo o § 652.) Pois bem, quando o infinitivo, juntamente com o seu sujeito (quer realmente expresso, quer substituído pelo correspondente pronome oblíquo) constituem oração infinitivo-latina, o infinitivo é empregado na forma não flexionada, não obstante as regras dos dois mestres:

"Mandei os homens procurar"
suj. de *procurar* ↓
obj. de *mandei*[1]

Vê o aluno que essa construção não se enquadra nas normas de Soares Barbosa (por serem diferentes os sujeitos o infinitivo deveria flexionar-se)

(1) Não confunda o aluno essa construção com estoutra: "Mandei procurar os homens", onde *os homens* passa a ser objeto de *procurar*. A primeira se converte em:

"Mandei-*os* procurar"
↓
sujeito acusativo de *procurar*
e a segunda em: "Mandei procurá-*los*"
↓
objeto dir. de *procurar*

nem na de F. Diez (o infinitivo é conversível numa forma modal: *que procurassem*); não obstante, é tal construção *legítima* e *usual*.

Outros exemplos: Fazei-os *parar* – Os raios matutinos faziam *alvejar* os turbantes – Viram *desaparecer* os godos – Vendo (ele) *voltear* ante si as imagens risonhas do opróbrio – Mandou-os o Senhor *pregar* pelo mundo – Que nem no fundo os deixa *estar* seguros – Não nos deixeis *cair* em tentação – Deixai *vir* a mim os pequeninos – Napoleão viu seus batalhões *cair* – Vi os navios que partiam *desaparecer* no horizonte – Vejamos do ar *cair* as nuvens e as neves.

O mesmo cuidado devemos ter de não flexionar o infinitivo quando ele estiver como objeto direto de certos verbos transitivos diretos que exigem preposição quando o objeto é um infinitivo (§ 683, 4): Forçam os jovens a *pensar* – Obrigou-os a *lutar* – Impediu-nos de *dizer* a verdade.

Observação:

Rara e excepcionalmente aparece a forma flexionada:

"E *verão* mais...
Os dois amantes míseros *ficarem*
Na férvida e implacábil espessura".

"Que eu vos prometo, filha, que *vejais*
Esquecerem-se gregos e romanos
Pelos ilustres feitos..."

– Lembre-se o que ficou dito no § 840 quanto à liberdade dos poetas.

Ele não nos deixará enganar

926 – Quando, nas orações infinitivo-latinas em que o sujeito é expresso por um oblíquo, o infinitivo for constituído de *verbo pronominal*, manda a eufonia que não se empregue o oblíquo do pronominal. Assim é que não dizemos: "Fazendo-*nos* sentar-*nos* junto de si" nem: "Fazendo-*nos* sentar*mo-nos*" (construção arrepiante), mas, simplesmente: "Fazendo-*nos sentar*".

Ouçamos, para o caso, o professor Álvaro Guerra: "De boa sintaxe, pois, são os seguintes torneios de elocução: "Faz-*me recordar* do passado" – "Fez-*te arrepender* dos teus crimes" – "Fazia-*nos curvar* ante a sua majestade" – em vez de: "Faz-*me* recordar-*me* do passado" – "Fez-*te* arrepender-*te*" etc. A duplicação do pronome átono, em tais expressões, evita-se, simplesmente, por eufonia. A mesma sintaxe, aliás, se nos oferece com os verbos *mandar*, *deixar*, *ver*, *ouvir* etc., quando, conjugados ou não, regem

um infinitivo em idênticas condições: "Mandou-*nos* sentar" – "Deixou-*nos* levantar" – "Viu-*nos* deitar" – "Ouviu-*nos* queixar da sorte" – "Ele não *nos* deixará enganar" (§ 776, 3, n.).

Preposição + Infinitivo

927 – 1) Quando o infinitivo, juntamente com a preposição *a*, equivale ou a um *particípio presente* latino (flores *a recender* cheiros = flores *recendentes*) ou a um *gerúndio* (Andavam *a entrar*-lhe por casa = andavam *entrando*), devemos usar a forma não flexionada:

"Seculares *a desfrutar* cinco ou seis abadias".

"...flores *a recender* cheiros vários".

"E tu *a reprovar*" – "E vós *a reprovar*".

"Os santos *a pregar* pobreza... *a persuadir*-lhe humildade".

2) Mesmo que o infinitivo regido da preposição *a* constitua *complemento* de *substantivo* ou de *adjetivo*, emprega-se a forma não flexionada:

"Destinados *a conseguir* grandes coisas" – "...fadados *a passar*" – "...tendentes *a submeter*" – "Condenados *a pagar* pesada multa..."

Observações:

1ª – A mesma preferência tem o infinitivo *não flexionado* quando constitui complemento de substantivo ou de adjetivo, *qualquer que seja a preposição*:

"Estâncias de propósito *fabricadas para hospedar* os peregrinos" – "*Penas para escrever* cartas" – "*Instrumentos para lavrar* a terra" – "*Desejosos de alcançar* vitória" – "Olhos *cansados de a chorar*" – "O *direito* que nos cabe *de ser* ciosos de nosso idioma".

2ª – Se o infinitivo, quando complemento de substantivo ou de adjetivo, tem sentido passivo, permanece inflexível: Ossos *duros de roer* – *Cartas por escrever*.

Não se deve em tais casos colocar o pronome apassivador *se* (V. § 407, nota 3).

3ª – Também não se flexiona quando complemento de verbo que exige a preposição *a* quando o objeto é um infinitivo (§ 683, 4): "...o que levou os ingleses *a deixar* os seus lares".

Posição – Distância

928 – Quando um *infinitivo preposicionado* precede ao verbo regente ou quando, quer preposicionado quer não, vem distanciado do verbo regente, a *clareza* permite a flexão mesmo no caso de serem idênticos os sujeitos.

EXEMPLOS:

Infinitivo preposicionado antes do verbo regente: "Para se *consolarem*, os infelizes dormiam tranquilos" – "Na expectativa de *sermos* atendidos, muito lhe agradecemos".

Infinitivo distanciado:

"*Possas* tu, descendente maldito
De uma tribo de nobres guerreiros,
Implorando cruéis forasteiros
Seres presa de vis Aimorés".

"*Deviam*-no TRAZER todos vocês nas palmas, DAR mil graças aos céus, e ACABAREM de crer" – "*Foram* dois amigos à casa de outro a fim de PASSAREM as horas da sesta" – "*Viam*-se LAMPEJAR as armas nos visos dos dois últimos outeiros que por aquela parte rodeavam o campo, e AGITAREM-SE ondas de vultos humanos e SUMIREM-SE, onda após onda..."[1] – "As aves aquáticas redemoinhavam nos ares ou pousavam sobre as águas, e *pareciam*, nos voos incertos, ora vagarosos, ora rápidos, FOLGAREM com os primeiros dias da estação...".

Vê o aluno que a intercalação de palavras ou frases entre o verbo subordinante e o infinitivo pode causar a flexão: "Quando, na redação da frase, grande número de palavras mediam entre a primeira e a segunda forma infinitiva, nem sempre fere o ouvido o supérfluo e inconveniente da flexão a esta desnecessariamente impressa" (Rui). – Ao mesmo tempo que permite, acha Rui desnecessária a flexão; o ouvido se esquece da subordinação, e daí provém a flexão do infinitivo.

Vejamos mais este exemplo em que, como em outros dados logo acima, o primeiro infinitivo, por vir próximo do verbo subordinante, encontra-se na forma não flexionada, e estão flexionados os outros infinitivos por se distanciarem do verbo subordinante: "Praza a Deus que Bolívar, San Martin, Nabuco e tantos outros *continuem* a IMITAR os servos deste Novo Mundo, a PROSSEGUIREM na sua marcha e a MANTEREM vivo o fogo...". Releia o aluno o exemplo sem flexionar os dois últimos infinitivos e verá que é realmente supérflua e inconveniente a flexão.

Verbo **Parecer**

929 – Dá-se com o verbo *parecer* o seguinte: Tanto podemos dizer: "Eles *parecem estar* doentes" – como: "Eles *parece estarem* doentes".

(1) V. § 404, antes da nota 1: Com os verbos *ver* e *ouvir*...

No primeiro caso ("Eles *parecem* estar doentes") o verbo *parecer* está empregado como verbo de ligação, sendo seu predicativo "estar doentes":

Eles	parecem	estar doentes
sujeito	v. de ligação	predicativo

No segundo caso ("Eles *parece* estarem doentes") o verbo *parecer* está empregado intransitivamente, isto é, com sentido completo, e é seu sujeito "estarem doentes" – equivalendo a oração a

"Parece *estarem eles doentes*" (sujeito de *parece*) ou "Parece *que eles estão doentes*". (sujeito de *parece*)

O verbo *parecer*, pois, quando o sujeito da oração está no plural, faculta estas duas construções:

1 – Eles parecem (plur.) estar (sing.) doentes.

2 – Eles parece (sing.) estarem (plur.) doentes.

Nada, portanto, deverá estranhar-nos a flexão do infinitivo quando o verbo *parecer* estiver no singular, nem a não flexão do infinitivo quando o verbo *parecer* vier no plural:

"Escudos que os compridos saios de malha *pareciam tornar* inúteis" – "Que *pareciam desprezar* as tribos bereberes" – "Que *parece entoarem*-lhes já o hino da morte" – "Lanças que *parecia encaminharem-se*" – "Os quais lhes *pareceu dirigirem*-se para os lados do célebre mosteiro" – "Tais condições me *parecia reunirem*-se...".

Exclamações e Interrogações

930 – Nas exclamações e nas interrogações o uso do infinitivo flexionado mostra que se quer referir a ação em especial a certo sujeito: "Tu, Hermengarda, *recordares*-te?!" – "*Assassinares* uma fraca mulher!".

Observação:

Críticas ao abuso da flexão do infinitivo são feitas no verbete *Infinitivo Pessoal*, e em outros seguintes, do *Dicionário de Questões Vernáculas*.

Questionário

1. *Justifique* ou *corrija*, explicando a razão da justificativa ou da correção, as seguintes construções:

a) Desejam comprarem livros.

b) Eles continuam a hostilizar-nos.

c) Juro terem eles partido.

d) Logrei ser eles nomeados.

e) Acabam de publicar-se os dois últimos volumes. (V. no § 404: "Note-se, porém, esta diferença...".)

f) Os cavaleiros e besteiros deviam auxiliarem-se uns aos outros.

g) Tinham agora, na sua estropiada condição, de se defrontarem com eles. (§ 924.)

h) Não será difícil chegarmos a entender-nos.

i) A primeira questão de que deveríamos termo-nos ocupado...

j) Em poucas páginas vemos afluírem todas estas locuções. (§ 925.)

k) Convido V. Ex.ª e Ex.ma Família para assistirem... (V. obs. do § 920.)

l) Pedro convida parentes e amigos a assistir à missa. (Ibidem.)

m) Devemos evitar mantermos relações com essas pessoas que chegaram agora.

n) De uma coisa podeis estar certos: obrigar-vos-ei a vos comportardes bem. (§ 926 e obs. do § 920.)

o) Se não souberdes vos aplicardes, sereis prejudicados em vossa carreira.

p) Estes homens ficam por aqui e devem, nas ocasiões de acidentes, mergulharem, nadarem e irem buscar as vítimas. (§ 918: sujeitos idênticos.)

q) Esta cena faz-me vir à memória aquela outra a que assistimos faz três meses: aqueles homens a rirem, a saltarem. (§ 927, 1.)

r) O serviço telefônico deve ser feito com muita presteza, devendo para tal as mesas de recepção ficarem sempre aparelhadas com o material necessário. (Não leve em conta a distância, por ser pequena.)

2. Justifique a igualdade de pureza gramatical entre as orações: "Os homens *parecem ter* perdido a felicidade" e "Os homens *parece terem* perdido a felicidade".

CAPÍTULO 62

PARTICÍPIO

933 – Se o *indicativo*, o *subjuntivo* e o *imperativo* constituem as formas *modais* do verbo, o *infinitivo*, juntamente com o *particípio* e o *gerúndio*, constituem as formas *nominais*, denominação devida ao fato de o infinitivo, o particípio e o gerúndio poderem exercer função de *nomes*, isto é, de substantivo e de adjetivo (§ 248, 3ª).

Exemplos em que o infinitivo aparece com função nominal: "*Estudar* é bom" (sujeito), "É hora de *estudar*" (adjunto adnominal), "Ouvimos o *troar* dos canhões" (obj. direto), "Cansado de *estudar*" (complemento nominal) – V. § 913.

934 – Três eram os *particípios* em latim(*):

1 – *presente* – amantem

2 – *passado* – amatum

3 – *futuro* – { *ativo*: amaturum / *passivo*: amandum }

935 – O particípio **presente** latino, que nos deu as formas em **ante** (*amante*) para a 1ª conjugação, **ente** (*movente*) para a 2ª e **inte** (*constituinte*) para a 3ª, perdeu em português o valor participial; é hoje considerado mero adjetivo (homem *amolante*, voz *suplicante*, rapaz *impertinente*), e em muitos casos passou para a classe dos substantivos: os *assistentes*, o *crente*, o *lente*, os *viajantes*, os *ouvintes*.

(*) V. *Gramática Latina* – § 248.

Encontram-se no velho português essas formas com seu etimológico valor, isto é, com força verbal: "Per'las ricas e *imitantes* a cor da aurora" (C.) – "Aníbal *passante* os montes Alpes" (Soares Barbosa) – "Mandou recado a certos mouros *estantes* em Cananor" (João de Barros). Em algumas frases feitas, como "*temente* a Deus", "não *obstante* isso", "*salvante* o caso", "bem *falante*", "*dependente* de", "*constante* em" (nomes *constantes* na lista), conservam ainda tais formas o valor do particípio presente latino.

936 – O particípio **futuro ativo** deixou vestígios em português, como: *vindouro* (lat. *venturum* = que há de vir), *morredouro* (lat. *moriturum* = que há de morrer, que vai morrer), mas são hoje usados como meros adjetivos.

937 – O mesmo se diga do particípio **futuro passivo**, em latim denominado **gerundivo**, cujos resquícios funcionam como adjetivos uns, como substantivos outros; ninguém, ao ouvir "*venerando* mestre", pensa no sentido etimológico: "mestre *que deve ser venerado*"; o mesmo se aplique a *reverendo*, *colendo*, *execrando*, *examinando*, *doutorando*, *memorandum*, *legenda*, *vivenda*, *oferenda* etc., palavras que perderam a ideia de "obrigatoriedade", de "dever ser", de "futuro passivo", ideia implícita no gerundivo latino (*legendus* = que deve ser lido; *vivendus* = que deve ser vivido; *oferendus* = que vai ser oferecido)(*).

Nota: Outra forma nominal existia ainda no latim, o *supino*, que indicava finalidade e nenhum vestígio deixou em português.

938 – O próprio particípio **passado** latino somente era usado com sentido passivo, na conjugação da voz passiva, concordando sempre com o sujeito a que se referia. Em português, no entanto, onde se designa pelo simples nome de *particípio*, é usado também na voz ativa (tenho *amado*, havia *merecido*), notando-se que, no velho português, flexionava-se de acordo com a palavra a que se referia: "*Cartas* que ele tinha *escritas*" – "...*mercês* que este reino tem *recebidas*" – "...depois de ter *pisada* a *arcia* ardente". Depois que, fenômeno operado do século XVI em diante, os verbos *ter* e *haver* se esvaziaram de sentido (§ 428), os particípios adquiriram sentido *ativo*, imobilizando-se na forma indeclinável, por muitos erroneamente chamada *supino*. Distintas são hoje as significações das frases "Eu tenho *escrito* cartas" e "Eu tenho cartas *escritas*".

939 – É interessante notar que, não obstante empregados na voz **passiva**, certos particípios têm significação **ativa**; por outras palavras: a pessoa, a que esses particípios se referem, em vez de receber, *pratica* a ação expressa por esses particípios. Assim é que "homem *lido*" não indica o autor cujas

(*) V. *Gramática Latina* – § 248, 2.

obras são muito lidas (sentido passivo), mas o homem que muito lê (sentido ativo), isto é, que pratica a ação de ler. Tais particípios se denominam particípios **depoentes**, à semelhança do que se passa em latim, onde certos verbos têm significação ativa, embora só possam vir conjugados na forma passiva.

Outros particípios em idênticas condições:

FORMA PASSIVA		SIGNIFICAÇÃO ATIVA
ele é *acreditado*	=	ele tem crédito
eu serei *agradecido*	=	agradecerei
não seja *atrevido*	=	não se atreva
fiquei *calado*	=	calei-me
seremos *comedidos*	=	teremos comedimento
rapaz *confiado*	=	rapaz que confia
menino *crescido*	=	menino que cresceu
rapaz *despachado*	=	rapaz que despacha
homem *fingido*	=	homem que finge
ele é *lido*	=	ele leu muito
sejamos *moderados*	=	tenhamos moderação
ele está *ocupado*	=	ele se ocupa
lei *ousada*	=	lei que tem ousadia
ele é *pausado*	=	ele trabalha com pausa
homem *sabido*	=	homem que sabe muito
estou *sentido*	=	senti muito
rapaz *viajado*	=	rapaz que viajou muito

Observações:

1ª – O mesmo fenômeno de *depoência* do particípio se dá quando, por elegância, empregamos o verbo *ser* pelos auxiliares *ter* e *haver*: "São *chegados* os visitantes da cidade" – "Já cinco sóis eram *passados*" (§ 429).

2ª – Recorde o aluno o que ficou explicado no § 430 sobre a construção "Chegados ao Rio".

Questionário

1. Quais são as *formas nominais* do verbo e por que assim se denominam?

2. Discorra sobre as várias espécies de particípios latinos, explicando a relação existente entre eles e o português atual.

3. Que diz dos particípios *lido*, *viajado*, *sabido*, *confiado*? Como se chamam tais particípios?

CAPÍTULO 63

GERÚNDIO

942 – Uma vez ter-se o particípio presente latino transformado em adjetivos terminados em *ante*, *ente*, *inte*, passou o gerúndio a exercer suas funções:

"Ouvi a Isaías *falando* com a mesma república de Jerusalém" – "Vi-o *voando*" – "Fazemos o milagre de Anfião *arrastando* as pedras" – "Com os olhos *vagando* por este quadro imenso...".

Em todos esses exemplos, as formas gerundiais portuguesas correspondem ao *particípio presente* latino, ou seja, são adjetivos, porque vêm modificando substantivo ou palavra substantivada.

Nota: Sempre que o autor queira ou a eufonia exija, tais formas gerundiais podem ser substituídas pelo infinitivo precedido de *a*: Ouvi-o *a falar* – Vi-o *a voar* – Fazemos o milagre de Anfião *a arrastar* as pedras – Com os olhos *a vagar* por este quadro imenso (V. § 927, 1).

943 – OUTROS EMPREGOS DO GERÚNDIO:

1. Como **modificativo de um verbo**, para ajuntar-lhe uma circunstância: "Eles fortaleceram a conjuração nascente não *crendo*" – O gerúndio *crendo* apresenta-se como **adjunto adverbial de modo** do verbo *fortaleceram*: Fortaleceram de que maneira? – Não *crendo*.

OUTROS EXEMPLOS:

causa: *Sendo* ainda novo, não quis ir só.
concessão: Não quis, *sendo* sábio, resolver as dúvidas por si mesmo.
condição: Triunfarás, *querendo*.
meio: O carneiro defendia-se *dizendo* que...

modo: Ele fala *cantando* – Ele dorme *roncando*.

tempo: *Proferindo* o orador estas palavras, a assembleia deu vivas (= Quando proferiu... – V. o nº 5 deste mesmo §).

2. Para a formação de locuções verbais **frequentativas** (§ 517) e **incoativas** (§ 518): andar *estudando*, estar *trabalhando*, ir *aprendendo*, vir *vindo* – ou quando por semelhante modo se prende a outros verbos: viver *penando*, morrer *vencendo*, acabar *brigando*, ficar *chorando*.

Nota: Nas locuções verbais que indicam continuidade de ação o gerúndio pode ser substituído pelo infinitivo preposicionado: andar *a estudar*, estar *a trabalhar*, viver *a pensar*, ficar *a chorar* etc. Escapam, porém, a esta substituição locuções verbais que indicam desenvolvimento gradual de ação, formadas com os verbos *ir* e *vir*: ir *aprendendo*, ir *indo*, vir *vindo* – V. § 518.

3. Como **predicativo** e, mais raramente, como **sujeito**: Ele está *lutando* (predicativo) – Seria satisfazer a vossos desejos *calando*-me (sujeito).

Observação:

Uma vez que o gerúndio latino não possui nominativo (a forma subjetiva é o próprio infinitivo), é naturalmente estranho, em português, o seu emprego com função subjetiva ou predicativa, mas exemplos não faltam desse emprego: "E o modo com que ele toma este tempo é não lho *dando*" (Vieira) – "...seria não corresponder a vossa reconhecida bondade, *omitindo*-vos a interessante nova..." (Camilo).

4. Como **aposto** do sujeito. Dá-se neste caso franca invasão do gerúndio português na esfera do particípio presente latino: "Tudo, *vendo*-me chegar, me perguntava por ela". *Vendo*, que em latim seria o particípio presente (*videns*), com a função de aposto do sujeito (*tudo*), guarda seu valor, em português, de substantivo-gerúndio, como se vê pela preposição *em* que o pode reger: "Tudo, *em* me *vendo* chegar, me perguntava por ela" (Castilho).

Exemplos: "Dessem-me uma capa de tal condão, que, em me *emboscando* nela, me visse por encanto em longes terras" (Castilho) – "Depois, *tirando* o chapeirão, cortejou a turba-multa por um e outro lado" (H.) – "A febre, *havendo* entrado com grande vigor, não quer despedir de todo" (Vieira) – "*Comendo* alegremente, perguntavam" (C.) – "O sol logo em *nascendo* vê primeiro" (C.) – "Pedro, em *tomando* do Reino a governança, a tomou dos fugidos homicidas" (C.).

5. Em *orações reduzidas de gerúndio* correspondentes ao **ablativo absoluto** latino (§ 698): "Tudo quanto há na capital do Pará, *tirando* as terras, não vale dez mil cruzados" (Vieira) – "*Reinando* Tarquínio, veio Pitágoras para a Itália" (lat, *regnante* Tarquinio...). – Como no caso antecedente, usurpou neste o gerúndio a função do particípio presente latino, mas conservou seu valor substantivo, revelado pela anteposição da preposição *em*: *Em* reinando Tarquínio, veio Pitágoras para a Itália.

Observações:

Nesse emprego, como no antecedente, a preposição *em* é facultativa; limita-se o seu uso à língua culta. Exemplos: "Frolalta, como ficava Antíoco, *em* te tu *vindo*?" (C.) – "*Em despontando* a aurora, adeus Bootes" (Castilho).

Note-se a vírgula a separar as reduzidas.

2ª – Em orações reduzidas de gerúndio é de rigor a posposição do sujeito ao gerúndio. Até o século XVI, porém, tal posposição era facultativa: "E eles assi *jazendo*, apareceu-lhe o dito cavalheiro em ávito de palmeiro" (em hábito de peregrino) (Crest. Arc., 110). Em Camões se lê: – "Prosperamente os ventos *assoprando*, os portugueses..." – em Manuel Bernardes (séc. XVII), encontra-se ainda a mesma colocação, que Antônio de Castilho, criticando, tacha de galicismo: "Frei Domingos *vindo* de Tortosa para Valença..." Havia de dizer: "*Vindo Frei Domingos*" etc. Tal construção, acrescenta o insigne mestre, "mais soa a francês que a português genuíno, e se deve evitar com grande escrúpulo". Entretanto, diz agora Carlos Pereira, mais parece soar a *arcaísmo*, como dos exemplos citados se vê.

6. Em orações em que é admissível a noção de tempo, isto é, quando a forma em *ndo* for conversível em subordinada adverbial de tempo, iniciada ou pelo advérbio *quando* ou pelo infinitivo regido da preposição *a:* "Fazemos o papel de Anfião *arrastando* as pedras" – isto é, *quando arrastava* ou *a arrastar.* "A seguinte comédia foi feita ao muito poderoso rei D. João III, *sendo* príncipe..." – isto é, *quando era* príncipe ou *ao ser* príncipe.

944 – É **incorreto** o emprego do gerúndio quando não se verificar uma dessas seis situações; deve, então, ser substituído por uma destas construções, conforme a ideia ou a possibilidade:

a) por subordinada adjetiva: "Foi comprada a casa *que tinha* o nº 40" (e não *tendo*) – "Precisamos de um auxiliar *que saiba* escrever a máquina" (e não *sabendo*) – "Língua extinta é a que não deixou documentos *que provem* a sua existência" (e não *provando*);

b) pela preposição *de* ou pela preposição *com*: "Foi comprada a casa *de* nº 40" (e não *tendo*) – "caixa *de* penas" (e não "caixa *encerrando* penas") – "livro *com* imagens" (e não "livro *contendo* imagens") – "carta *com* vale" (e não "carta *incluindo, contendo* ou *encerrando* vale");

c) quando possível, pela forma correspondente ao particípio presente latino (terminada em *nte*): "fronte *porejante* de suor" (e não "fronte *porejando* suor") – "bolsa *transbordante* de dinheiro" (e não "bolsa *transbordando* dinheiro") – "cor *tirante* a negro" (e não "cor *tirando* a negro") – "papelão *imitante* a couro" (e não "papelão *imitando* couro").

"Água *fervendo*" é expressão que contraria esse princípio; o certo seria "água *fervente*".

Notas: 1ª – É de toda a prudência seguir essas normas para que se evitem grosseiros galicismos. Em frases semelhantes à seguinte, a presença da forma em *ndo* seria de todo inadmissível: "Le chrétien croit à un Dieu *possédant* toutes les perfections" = "Crê o cristão em um Deus *que possui* (e nunca: *possuindo*) todas as perfeições".

2ª – Hoje repetem-se de modo enfadonho os gerúndios: "Os nacionalistas estiveram *cercando* a cidade, *conseguindo* por fim tomá-la, *sendo* muito aclamados" – Correção: "Os nacionalistas cercaram a cidade e conseguiram tomá-la finalmente, pelo que foram muito aclamados". Evitemos o gerundismo.

3ª – V. *Dicionário de Questões Vernáculas*, "gerúndio, particípio".

945.0 – Quem estudou com atenção o § 924 deve ter notado que o gerúndio não pode vir seguido de infinitivo pluralizado uma vez constituírem ambos locução verbal:

errado	*certo*
permitindo serem movidos	permitindo ser movidos
devendo terem feito	devendo ter feito
desejando comprarem livros	desejando comprar livros

Questionário

1. Quando a forma gerundial portuguesa corresponde ao particípio presente latino? Um exemplo.

2. Redija 6 orações em que apareça um gerúndio:
a) como *adjunto adverbial*;
b) em *locução verbal*;
c) como *predicativo*;
d) como *aposto do sujeito*;
e) que forme uma *subordinada reduzida*;
f) que traga *ideia de tempo*.

3. Dê exemplos de gerúndios antecedidos de *em*.

4. Por que construções deve o gerúndio ser substituído quando incorreto?

5. Corrija, explicando a correção, este período: "Língua extinta é a que não deixou documentos provando a sua existência".

6. Modifique a redação (V. a nota 2 do § 944) dos seguintes períodos:
a) O baile decorreu animadíssimo, dançando-se até alta madrugada, ficando todos com gratas recordações.
b) O ilustre escritor escreveu muitas obras, sendo eleito membro da Academia, conseguindo lá muitos êxitos.

7. Corrija:
a) Devendo os colarinhos serem trocados, deixe estas camisas de lado.
b) Não podendo os alunos daquele colégio responderem às perguntas, foram todos reprovados.

CAPÍTULO 64

SUBJUNTIVO

945.1 – Enquanto em certos idiomas não existe o problema do subjuntivo (temo-lo até no futuro, o que não se dá nem em latim[*]), em português esse modo verbal tem seus caprichos: Por que dizemos "Sei que ele VAI" e "Quero que ele VÁ"? Por que não podemos trocar os modos dessas duas subordinadas? É o que iremos estudar, observando que o tempo da subordinada é também passado quando no passado estiver o verbo da principal: *Permitiu* que eu *fizesse*.

Emprega-se o Subjuntivo:

945.2 – Nas orações que se subordinam a verbos volitivos (verbos que indicam **desejo, vontade**: *verba voluntatis*)[1]:

Presente ou futuro	**Qualquer passado**
Ele ACONSELHA que eu VÁ	ACONSELHAVA que eu FOSSE
Ele ADMITE que eu VÁ	ADMITIU que eu TIVESSE IDO
Ele COAGE a que FAÇAMOS	COAGIU-nos a que FIZÉSSEMOS
Ele CONCEDE que eu VÁ	TERIA CONCEDIDO que eu TIVESSE IDO
CONSINTO que PADEÇAM	CONSENTIA que PADECESSEM
CONVENHO que ele SEJA bom	CONVIERAM que ele FOSSE bom
Ele DEIXA que eu VENDA	DEIXAVA que eu VENDESSE
Ele DESEJA que eu FIQUE	DESEJARIA que eu FICASSE
Ele DETERMINA que PARTAMOS	DETERMINARA que PARTÍSSEMOS
Ele ESTABELECE que eu VOLTE	ESTABELECEU que eu VOLTASSE

(*) V. *Gramática Latina*, § 253, 2.
(1) V. *Gramática Latina*, § 282, n. 7.

Ele ESTATUI que eu RECORRA	ESTATUÍA que RECORRÊSSEMOS
Ele EXIGE que eu PROSSIGA	EXIGIRIA que PROSSEGUISSE
Ele FAZ (com) que HAJA paz	FEZ (com) que HOUVESSE paz
Ele IMPEDIRÁ que eu VOLTE	IMPEDIU que eu VOLTASSE
Ele IMPLORA que eu RETORNE	IMPLOROU que eu RETORNASSE
Ele MANDA que eu PEÇA	MANDARIA que eu PEDISSE
Ele OBRIGA que eu VOLTE	OBRIGAVA que eu VOLTASSE
Ele OBSTA que eu VEJA	OBSTOU que eu VISSE
Ele OPTA que CONTINUEMOS	OPTAVA que CONTINUÁSSEMOS
Ele ORDENARÁ que eu ACEITE	ORDENARIA que ACEITASSE
PEÇO que FALEM claramente	PEDIRIA que FALASSEM
Ele PERMITE que eu DIGA	PERMITIU que DISSESSE
PRAZA aos céus que eu VÁ	PROUVE a Deus que eu FOSSE
PREFIRO que você FIQUE	PREFERIRIA que FICASSE
Ele proíbe que eu JOGUE	TERIA PROIBIDO que eu TIVESSE JOGADO
Você QUER que eu VÁ?	Você QUERIA que eu FOSSE?
Ele RECOMENDA que eu FIQUE	RECOMENDARIA que FICASSE
ROGANDO (agora) que eu VÁ	ROGANDO (naquela época) que eu FOSSE
SUPLICO que você FIQUE	SUPLICAVA que FICASSE
VETO que DISCUTAM o assunto	VETEI que DISCUTISSEM

945.3 – Nas subordinadas a verbos que indicam **sentimento** (*verba sentiendi*)[1] ou a expressões que dão essa ideia, isto é, que supõem um "sentir" por parte de quem escreve ou do sujeito:

ADMIRAR QUE: Admiro que TENHA essa idade

ADMIRAR-SE QUE: Admira-me que TENHA, admirou-me que TIVESSE

ALEGRAR a alguém QUE: Alegra-me que você TENHA

BASTAR QUE: Bastaria que TIVÉSSEMOS

CONVIR QUE: Convém que VÁ, convinha que FOSSE

CUMPRIR QUE: Cumpria que ESTIVÉSSEIS prontos

ESPANTAR alguém QUE: Espanta-os que eu VÁ

ESPERAR QUE: Espero que POSSAMOS

ESTIMAR QUE: Estimarei que você PASSE

FOLGAR QUE: Folgarei que você DIGA

GOSTAR QUE: Gostaria que você CHEGASSE

IMPORTAR QUE: Importa que SAIBAMOS

LAMENTAR QUE: Lamento que TENHAM

LASTIMAR QUE: Lastimo que você PENSE o contrário

PESAR a alguém QUE: Pesa-nos que você HAJA

RECEAR QUE: Eu receava que ele OUVISSE

REPUGNAR a alguém QUE: Repugnou-me que ele TIVESSE

(1) V. *Gramática Latina*, § 367, 2.

SURPREENDER a alguém QUE: Surpreendeu-me que ele SOUBESSE
TEMER QUE: Temi que VISSEM
TOMARA QUE: Tomara que PUDÉSSEMOS – Tomáramos nós que todos SOUBESSEM

EXPRESSÕES EQUIVALENTES:

é bom que	é possível que
é feio que	é preciso que
é importante que	é provável que
é impossível que	é triste que
é incrível que	é proveitoso que
é lamentável que	é repugnante que
é lastimável que	é útil que
é inevitável que	é de admirar que
é mau que	é de pasmar que
é necessário que	é de recear que
é notável que	tenho receio de que
é pena que	estou receoso de que

945.4 – Nas subordinadas a verbos e expressões que indicam **dúvida** (*verba dubitandi*)[1]:

DESCONFIO QUE
DUVIDO QUE
É DE DUVIDAR QUE
É DE DESCONFIAR QUE
SUSPEITO QUE
TENHO DESCONFIANÇA DE QUE
TENHO MEDO DE QUE

Notas: 1ª – Tanto com verba *voluntatis* como com verba *sentiendi* e *dubitandi*, o *que* pode ser elegantemente suprimido:

Aconselhou-nos partíssemos logo.
Folgo tenha você tirado o primeiro lugar.
Pena é não exarasse o mestre a frase inteira.

2ª – Nas orações que se subordinam a verbos que indicam **declaração** (*verba declarandi*)[2], de forma que a subordinada expresse um fato real, o modo é o INDICATIVO:

Ele DECLARA que eu VOU, que eu IREI — DECLAROU que eu IA, que eu TINHA IDO, que eu IRIA

(1) V. *Gramática Latina*, § 427.
(2) V. *Gramática Latina*, § 366; § 367, 1

Ele AFIRMA que eu SOU, TENHO SIDO, SEREI
DIGO que ele SABE...
JURO que VEJO, que VI, VEREI...
CONFESSO que VI
SEI que ele estuda, estudou, estudava

AFIRMAVA que eu ERA, que FORA, TINHA, HOUVERA SIDO, SERIA
DIZIA que SABIA
JUROU que FAZ, que FEZ, FARÁ
CONFESSOU que VIU
SABIA que ESTUDARA, IRIA ESTUDAR

945.5 – Nas expressões **optativas** ou **imprecativas**:

VIVAM os bons!
Deus me PERDOE!
Oxalá todos RESPEITASSEM o próximo!
POSSAS tu, após tantas desilusões, voltar ao convívio dos teus!
TIVESSE eu a sua saúde! (§ 585.5, notas 1 e 2).
SEJAS feliz! (§ 644, n.).

Nota: Tal se dá ainda que tais expressões se iniciem com a conjunção *que* mas sejam proferidas como orações independentes, isto é, sem se subordinarem a outros dizeres:

Que todos SAIBAM o que vou dizer.
Que se RETIRE quem quiser (= Quem quiser que se retire).

945.6 – Nas subordinadas que expressam ação ou **ações aleatórias**, contingência, eventualidade:

Quer QUEIRA quer não QUEIRA, ele irá.
Quer FOSSE quer não FOSSE, nada teria conseguido.
Ou DIGA sim ou DIGA não, cairá em contradição.

Nota: Com alternativas aparecia, entre quinhentistas, também o indicativo: Ou que ele a *ouvisse* ou que alguém lhe FOI dizer.

945.7 – Nas *relativas* que denotarem incerteza, mera probabilidade, conjuntura:

Quero um livro que CONTENHA ilustrações.
Gostaria de premiar o aluno que SOUBESSE esta lição.
Não há prazer que sempre DURE.
Faltam-nos provas em que POSSAMOS apoiar-nos.
Procuro encontrar quem SAIBA.
Vou para onde me MANDEM.
Castigava-o por qualquer coisa que FIZESSE.
Quem quer que você VEJA prenda.
Quero um auxiliar com que POSSA viajar.
Levou os instrumentos todos com que PUDESSE trabalhar.
Digam o que QUISEREM, não irei.

Haja o que HOUVER, irei.
Dissesse o que DISSESSE, seria punido.
Cure quem QUISER.
Faça quem PUDER.

Nota: Se a ideia é de certeza, de fato real, o modo é o *indicativo*:

Quero o livro que *contém* ilustrações. Quero premiar os que *sabem* esta lição. Quis premiar os que *souberam*. Gostaria de conhecer os que *passaram*. Quero conhecer quem *faz* estes brinquedos. Vou para onde me *mandam*.

945.8 – Nas **finais** iniciadas com *para que*, *porque*, *a fim de que*:

Faço tudo para que ele APRENDA.
Escrevi o que pude a fim de que FICASSEM satisfeitos.
Faço votos porque SEJAS feliz.
Ao rei presentes manda, porque a boa vontade que mostrava TENHA firme.

945.9 – Nas **condicionais**, quando a hipótese é (o estudo completo ficou feito no § 585 e ss.):

possível (hipótese admissível): Se eu ESTUDASSE, eu passaria (teria passado) – Se eu TIVESSE ESTUDADO, eu teria passado – Se eu ESTUDAR, eu passarei – Se até lá eu TIVER MORRIDO, você perderá tudo – A não ser que MUDE de ideia, ele está perdido – Caso você VÁ, eu também irei – Meu prazer será imenso caso eu POSSA ir – Meu prazer seria imenso caso eu PUDESSE ir – Procedeu como se FOSSE dono – Sem que RESPEITEMOS o próximo, não poderemos considerar-nos civilizados – Suposto que seu sócio CONCORDE, eu vou.

irreal (hipótese de fato inexistente): Se eu PUDESSE falar, não estaria escrevendo.

Notas: 1ª – Enquanto, na hipótese real, o verbo em português está no indicativo ("Se você *tinha* pressa, por que não disse?"), na possível e na irreal esse modo verbal constitui erro: Se eu soubesse disso, não teria ido (e não: "Se eu sabia...").

2ª – A locução *como se* (entre os clássicos também *como que*) abre duas orações, uma conformativa hipotética, outra condicional: Ele agiu como (agiria) se *fosse* criança. O modo do verbo regula-se pelo das condicionais. Outros exemplos: Para me magoar busco ainda desaventuras alheias, como que as minhas não *bastassem* – Com os braços cruzados sobre o peito, como que me *media* com os olhos.

3ª – *Caso*, quando equivalente ao *se* condicional, repele o futuro: "Caso eu possa" (e não "caso eu puder").

945.10 – Nas **temporais**, quando a ideia é de suposição, de eventualidade, de futuridade:

Irei quando ele FOR.
Avise-me assim que ele SAIA.
Vou depois que TERMINE o serviço.
Compre antes que ACABE o dinheiro.
Plante logo que CAIA a primeira chuva.
Irei tão logo você SAIA.
Ficarei em casa enquanto ESTIVER de luto.

Nota: Quando a ideia é de fato real, o modo é o indicativo: Vou depois que *termino* o serviço – Saio assim que ele *sai* – O rio se enche logo que *cai* a primeira chuva – Fui tão logo você *saiu*.

945.11 – Nas **concessivas**:

Embora você QUEIRA, nada acontecerá.
Ainda que ESTEJA chovendo, irei.
Conquanto me TIVESSE demorado, consegui alcançá-lo.
Por mais que eu GRITASSE, não pude ser ouvido.
E, posto que a luta FOSSE longa e encarniçada, venceram.
Prefere ser julgado homem de bem sem que o SEJA a sê-lo sem que por tal SEJA CONSIDERADO.
Ele viaja sem que TENHA dinheiro.
Sem que FOSSE escravo, obedecia.
Você quer que eu me atire nágua sem que SAIBA nadar?

Nota: Era muito frequente entre os clássicos o indicativo, e ainda hoje é ele empregado quando se quer insistir no fato real: Ainda que a noite *era* de junho, não fazia apetecível a temperatura – Vinha do ocidente um grosso barulho, se bem que o vento *soprava* de estivo – Camboldão levantou-se o melhor que pôde, posto que a ferida o *estorvava* não o poder fazer à sua vontade.

945.12 – Nas **consecutivas**, quando se trata de fato que se pretende, que se objetiva conseguir:

Minha intenção é fazer tal barulho que o OBRIGUE a sair.
Pretendia fazer tal algazarra que IMPEDISSE o discurso.
Falou tanto que FIZESSE os outros desistir.

Nota: Quando se trata de fato certo, o modo é o indicativo: Dormiu tanto que *perdeu* o trem – Falarei de tal forma que ele *irá concordar* – Leio com tamanha vontade de aprender que *assimilo* tudo.

945.13 – Nas **imperativas negativas**, em todas as pessoas: não *faça*, não *faças*, não *faça*, não *façamos*, não *façais*, não *façam*.

Quando *positivas*, na 1ª e na 3ª pessoa: *viva* (eu), *viva* (ele), *vivamos*, *vivam*.

Nota: Com força de imperativo passado, emprega-se no passado do subjuntivo o verbo de principais que tenham por subordinada uma condicional de hipótese real (§ 585, n. 3): Se você queria aprender, *estudasse*.

945.14 – Nas orações que trazem o advérbio *talvez* antes do verbo:

Talvez VÁ amanhã.

Afirmou que talvez FOSSE com toda a família.

Nota: Deixa-se no indicativo o verbo quando vem antes de *talvez*: *Irei* talvez hoje mesmo (§ 529, n. 2).

945.15 – Nas **intercaladas**, começadas por *que*, tomado substantivamente, quando limitam uma possibilidade:

Ninguém, que eu SAIBA, entrou aqui (pelo que eu sei, segundo o que eu sei) – Que me LEMBRE, ele não disse isso (pelo que me lembro) – Que me CONSTE, ele não quer ir(*).

Outros Casos

946.1 – Nas **causais**, quando se iniciam por **porque** e antecedem a principal (o sentido do *porque* é então "pelo fato de", locução esta que vem com o indicativo), pode-se pôr o verbo no subjuntivo:

Porque o ladrão QUISESSE fugir, o guarda atirou.

Porque ele QUEIRA ser lavrador, você vai tirá-lo do colégio!

Nota: Nas **causais** com **como**: *a*) para atos presentes, costuma-se hoje empregar o indicativo: Como vocês *são* bons, vou permitir.

b) para atos passados, emprega-se o indicativo e, às vezes, conservando a construção clássica, o subjuntivo: Como não *tinha* podido passar, mudou de rumo – Como não *quisesse* ficar para trás, avançou contra o fogo.

946.2 – Quando a principal já por si indica suposição, incerteza, o pensar de alguém, o verbo da subordinada irá para o **subjuntivo** se persistir a ideia de suposição, de incerteza; ficará no **indicativo** se a ideia propender para a realização:

suposição, incerteza	**realização**
Acredito que ele VENHA	que ele VEM
Entendo que SEJA assim porque...	que É assim porque...
Suponho que ele SAIBA mais do que eu	que ele SABE mais do que eu
Não conheço quem FAÇA (uma coisa projetada)	quem FAZ (uma coisa realmente feita, mas de autor desconhecido)
Pensei que você ESTIVESSE enganado	Pensei então que você ESTAVA...

(*) V. *Gramática Latina*, § 414,7, n. *a*.

Farei como você QUEIRA	Farei como você QUER
Creio que SEJA tarde	Sei que É tarde
Cuido que SEJAM seus	Cuido que SÃO os verdadeiros
Transmitirei a quantos CONHEÇA	Transmitirei a quantos CONHEÇO
Presumo que SEJA como você diz	Acho que É como você diz
Quem nega que eu SEJA o culpado?	Quem nega que eu SOU o culpado?
Quem diria que ele FOSSE assim ruim?	Quem diria que ele ERA assim ruim?

946.3 – Quando a *eventualidade* é caracterizada, o modo é o **subjuntivo**; é o que se dá:

1. Com subordinadas que expressam fatos que não se realizaram no passado com relação ao expresso na principal (**suposição que implica o contrário**):

Imaginava que FOSSEM eles (mas não eram).

Achei que você POSSUÍSSE recursos para isso (mas não possuía).

Não era crível que FIZESSE tanto mal (mas fez).

Nota: Em tal caso de suposição que implica o contrário (os verbos estão no passado), em lugar do subjuntivo pode aparecer na subordinada o futuro do pretérito: Cuidava que *passariam* de ano.

2. Com orações que, sempre a encerrar eventualidade, se subordinam a uma principal **negativa**:

Não acredito que você VÁ.

Não espero que ele VENHA.

Não digo que você SEJA o que dizem.

Nota: Quando a subordinada implica a ideia de existência real do fato, pode ela ter o verbo no indicativo:

Eu não disse que você se *chamava* João – Eu não me lembrava de que vocês *eram* (fossem) pequenos naquele tempo – Por que você não jurou que *era* meu irmão?

3. Com subordinadas a um verbo que implique a ideia de existência e venha seguido de **quem**:

Existe quem DIGA o contrário.

Não falta quem PENSE assim.

Há quem QUEIRA ir.

Há alguém que NEGUE o fato?

Achei quem DESSE mais.

Vou encontrar quem COMPRE.

Havendo quem CONCORDASSE, tive de ficar.

Havendo quem CONCORDE, ficarei.

946.4 – Nas **proporcionais**, quando implicarem ideia de futuridade, emprega-se o futuro do subjuntivo:

À medida que ele FIZER progresso, mais recompensa terá.

Quanto mais DISSER, mais errará.

946.5 – Nas subordinadas **comparativas** e nas **conformativas** também se emprega o subjuntivo futuro quando existe ideia de futuridade:

Farei tanto quanto PUDER.

Serei tal qual você QUISER.

Faça como ele FIZER.

Questionário

1. Corrija, justificando a correção (§ 945.2):

a) Você quer que eu pago?

b) Ele mandou que eu pagava o aluguel.

c) Ele me obriga que eu digo.

d) Eu preferia que ele ia antes de mim.

2. Preencha os claros com os verbos indicados entre parênteses (§ 945.3):

a) (ir) Eu gostaria que você... ainda hoje.

b) (agir) É pena que você... precipitadamente.

c) (refletir) É bom que você... melhor.

d) (manter-se) Seria necessário que ele se... firme.

e) (conter-se) Foi bom que ele se...

f) (ter) É pena que... de mudar-nos.

g) (obter) Meu pai gostaria que eu... o primeiro lugar.

h) (precaver-se) Convém que você... (§ 488, d).

3. Ponha em qualquer passado o verbo da principal e complete os seguintes períodos (A pessoa deve ficar a mesma na principal e na subordinada):

a) Espero que possamos educar nosso povo (§ 945.3).

b) Ele sempre lamenta que você tenha falhado nos estudos (§ 945.3).

c) Quero um auxiliar com que possa viajar (§ 945.7).

d) Faço votos porque ele se mantenha estudioso (§ 945.8).

e) Porque ele diga isso você não vai expulsá-lo (§ 946.1).

f) Sempre encontro quem concorde (§ 946.3).

4. Complete, com o verbo indicado entre parênteses, os seguintes períodos:

a) (permanecer) Conquanto... sem febre, o doente exige cuidados.

b) (dispensar) Rogo-vos que... vossa preciosa atenção ao meu caso.

c) (ver) Veja o que... , ele não acreditará.

d) (precaver-se) Nada acontecerá se você... como deve.

e) (cerzir) Ainda que ele... , a roupa não durará.

f) (intervir) Sempre encontrei quem...

g) (antever) Quanto mais depressa ele... a alta dos preços, tanto maior lucro terá.

CAPÍTULO 65

PONTUAÇÃO

947 – Segundo a ótima definição de Júlio Ribeiro, *pontuação* é a "arte de dividir, por meio de sinais gráficos, as partes do discurso que não têm entre si ligação íntima, e de mostrar do modo mais claro as relações que existem entre essas partes".

Observações:

1ª – Note bem o aluno, na definição, os dizeres: "...dividir... partes do discurso que *não têm* entre si *ligação íntima*"; ora, têm ligação íntima entre si os termos da oração: o *sujeito* com o *verbo*, o *verbo* com o seu *complemento*; entre o *sujeito* e o *verbo*, como entre este e o *complemento*, não pode, pois, haver vírgula.

2ª – O processo de pontuação do português atual diverge do seguido pelos clássicos, dos quais pouco seguras seriam as regras de pontuação que pudéssemos induzir.

948 – São as seguintes as notações de pontuação usadas em português, que se dividem em três classes: *objetivas*, *subjetivas* e *distintivas*:

objetivas
- 1 – *vírgula* (antigamente *coma*) ,
- 2 – *ponto e vírgula* (antig. *semicólon*) ;
- 3 – *dois-pontos* (antig. *cólon*) :
- 4 – *ponto final* .

subjetivas
- 5 – *ponto de interrogação* ?
- 6 – *ponto de exclamação* !
- 7 – *reticências* ...
- 8 – *parênteses* ( )

distintivas
- 9 – *aspas* " "
- 10 – *travessão* —
- 11 – *parágrafo* §
- 12 – *chave* {
- 13 – *colchetes* [ ]
- 14 – *asterisco* *

Vírgula

949 – É comum vermos esta doutrina: "A vírgula indica pequena pausa". – De fato, essa indicação tem a vírgula, mas não devemos aceitar como certa a recíproca: "Havendo pausa, há vírgula". Essa recíproca induz a erros e erros; pausas existem que na leitura se fazem meramente por ênfase; vezes há – e isso facilmente poderá comprovar o aluno – em que separamos, na leitura ou em um discurso, o sujeito do verbo; outras, em que separamos o verbo do seu complemento, mas erro cometeremos se graficamente representarmos tais pausas por vírgula, porque **não se pode pôr vírgula entre o sujeito e o verbo nem entre o verbo e o seu complemento**, ou seja, não se concebe que se separem termos que mantêm entre si íntima relação sintática. O que podemos seguramente afirmar é: ONDE NÃO HÁ PAUSA NÃO HÁ VÍRGULA.

Em grande número de casos, as vírgulas exercem papel de parênteses; aberto o parêntese, claro é que o devemos depois fechar:

"Pedro (de acordo com as ordens recebidas) partiu". – Se por vírgulas

↑ ↑

substituirmos os parênteses que entram nesse período, teremos:

"Pedro, de acordo com as ordens recebidas, partiu".

↑ ↑

A supressão de uma das vírgulas constituirá erro, pois virá quebrar a concatenação da oração, por separar o sujeito *Pedro* do verbo *partiu*: *OU AMBAS AS VÍRGULAS SE COLOCAM, OU AS DUAS SE TIRAM.*

Essa simples norma engloba várias regrinhas comumente oferecidas em gramáticas.

Sem que a pessoa saiba o que venha a ser *oração interferente*, *subordinada adjetiva explicativa*, *aposto*, *vocativo*, saberá colocar com precisão as vírgulas. Exemplos aqui são dados em que, para mostrar a sequência do período, os parênteses aparecem em lugar das vírgulas: "*Damão* (condenado à morte) *impetrou* ir primeiro à sua casa" – "*Vem* (tu que duvidas da honra) *observar* o proceder deste pobre" – "*Francisco* (com o dinheiro ganho no negócio) *comprou* uma linda chácara" – "*Diógenes* (filósofo cínico) *morava* dentro de uma cuba" – "*Os reinos e as terras* (segundo a sentença do Eclesiástico) *passam* de umas a outras gentes" – "Nem mesmo *agora* (disse deles o chefe) *devemos* retroceder" – "O *homem* (que é mortal) *é* apenas forasteiro na terra".

Uma vez, em todos esses exemplos, excluída a locução que ficou entre parênteses, aparecerão ligados os termos essenciais da oração ou os que tenham entre si íntima relação sintática:

"Damão impetrou ir..." – "Francisco comprou..."

"Vem observar..." – "Diógenes morava..." etc.

Empregos da Vírgula

950 – Emprega-se a vírgula entre palavras, membros e orações de idêntica função; por outras palavras, emprega-se a vírgula *entre vários sujeitos* (Pedro, João, Antônio saíram – A riqueza, a saúde, o prazer são coisas transitórias), *entre vários objetos*, quer constituídos de substantivos, quer de orações (Francisco disse-me que eu fosse, que batesse, que entrasse, que tirasse os livros), *entre orações independentes assindéticas* (Antônio vive, Pedro vegeta) etc.

Notas: 1ª – Entre o penúltimo e o último termo ou membro coordenado, pode vir, em lugar da vírgula, uma conjunção aditiva ou, conforme o caso, alternativa: A água, o ar, o fogo *e* a terra... – Pedro, Antônio *ou* Carlos...

2ª – Pode, todavia, acontecer que, antes da conjunção *e* ou da conjunção *ou* apareça ainda uma vírgula, o que se dá quando *há* ênfase na citação da série coordenada:

"Ou ele vá, *ou* pare, *ou* retroceda..."

"Ele fez o céu, *e* a terra, *e* o mar, *e* tudo quanto há neles"

3ª – Quando se usa entre dois termos a partícula *ou* para indicar equivalência, ou se prescinde da pontuação ou se usa uma vírgula antes do *ou* e outra depois da palavra que indica equivalência:

O substantivo ou o adjetivo deve vir...
O substantivo, ou o adjetivo, deve vir...

4ª – Pela comparação feita no parágrafo anterior, é justificável a vírgula antes do *e* em períodos como estes: "Pedro deu, e o caso exigia, violenta tunda no irmão" – A conjunção *e* não está ligando o verbo *deu* ao substantivo *caso*; abre ela uma locução que, excluída do período, nenhum prejuízo trará à sua integridade.

"Disse ele muitas coisas, *e* mais coisas teria dito não fosse a carência de tempo"

– constitui outro exemplo da vírgula antes do *e*, vírgula necessária para separar complementos de verbos diferentes.

"...maduram laranjas, *e* esbeltos coqueiros balouçam as suas graciosas umbelas" – é outro exemplo de possibilidade e de necessidade de vírgula antes de *e*, pois esta conjunção não está aí ligando *laranjas* a *coqueiros*; cada palavra pertence a verbos de orações diferentes.

OUTROS EXEMPLOS: "...sentença de morte para Tiradentes, *e* para os outros a pena de desterro" – "A infância sabe só que vive, *e* ri" – V. DQVs: *Vírgula*, 21, 27.

5ª – O que se disse da vírgula antes do *e*, diga-se da vírgula antes do *etc.*, conforme há muito ficou dito na nota do § 81; em enumerações, não se irá escrever: "Comprei selos, papel, lápis, tinta, *e* outras coisas" – colocando-se vírgula antes da conjunção; nada mais justo que condenar tal pontuação antes das letras que abreviam dita locução latina.

6ª – Objeção comum entre alunos é esta: "Por que, no redigir-se um endereço, não se coloca vírgula antes do número que discrimina a caixa postal, quando é essa pontuação empregada antes do número que especifica a casa de uma rua?" – Nada mais simples: No primeiro caso, o adjetivo numeral está modificando o substantivo "caixa postal"; é um atributo que, como tal, não pode vir separado por vírgula do substantivo por ele modificado; é o mesmo que dizer: "Caixa postal quadragésima quarta". No segundo caso, o numeral não modifica o nome da rua, mas o subtantivo *casa*, que aparece claro quando também a rua é discriminada por número: "Rua 23, casa 4".

951 – Para marcar a pausa no fim da subordinada adjetiva restritiva, quando esta é constituída por dizeres muito longos: "As famílias que se estabeleceram naquelas encostas meridionais das longas serranias chamadas pelos antigos Montes Marianos, conservaram por mais tempo os hábitos...".

Nota: A existência ou não de vírgula a separar uma adjetiva que seja curta depende de ser esta explicativa ou restritiva: § 900.

952 – Para evitar ambiguidade na *sínquise* ou deslocação violenta dos complementos (V. nota do § 857):

"*A grita* se levanta ao céu, *da gente*".

OUTRO EXEMPLO:

"Pagou-se com o dinheiro do amigo, de tanto sacrifício e de tantas importunações que sofreu" – Sem a vírgula, *de tanto sacrifício* pareceria complemento de *amigo*, quando o é de *pagou-se*.

A mesma função explanatória da vírgula aparece no seguinte trecho de Frei Luís de Sousa: "E ficou murada, a uso daqueles tempos, de boa cantaria" – e neste de Coelho Neto: "...movimento que intima aos que a escutam, o entusiasmo e a persuasão".

953 – Para separar nas datas o nome da localidade:

Itaí, 8 de janeiro de 1911

↑

954 – Para indicar o *zeugma* do verbo, conforme ficou visto na nota 1 do § 783: "Os valorosos levam as feridas, e os venturosos, os prêmios".

↑

955 – Para separar os *elementos paralelos* de uma expressão proverbial:

"Cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso".

↑

"A pai muito ganhador, filho muito gastador".

↑

956 – Para separar certas conjunções *pospositivas*, tais como *porém*, *contudo*, *pois*, *todavia*: "Vens, pois, anunciar-me uma desventura?"

↑ ↑

– "Naquele dia, porém, as lanças...".

↑ ↑

Nota: *Porém*, *contudo* e outras que tais conjunções podem dispensar as vírgulas: "...ideias porém sólidas" – "Desempenham todavia funções...".

957 – Para dar *ênfase* a certas *conjunções*, *advérbios* e *locuções adverbiais*: "...cuja tez suaviza, ainda mais, o brando raio do luar" – "Mas,

↑ ↑ ↑

apesar disso, não deixarei..." – "Alguém, talvez, queira".

↑ ↑ ↑

Nota: Não vá o aluno pensar que é obrigatória a vírgula depois de *mas*, *todavia*, *logo* etc., quando tais conjunções iniciam uma coordenada. É ela colocada somente quando exigida para dar ênfase a alguma expressão que se segue a essas conjunções; em tal caso aparecem duas vírgulas: uma antes da expressão, outra depois. No período "Acho isso impossível, pois, estive ontem com ele" não só não é obrigatória, mas errada, por não ter nenhuma função, a vírgula que está após o *pois*.

É também erro colocar sistematicamente entre vírgulas advérbios e locuções adverbiais; só devem elas aparecer quando indicam ênfase, obrigando o leitor a notar a força do advérbio ou da locução.

958 – Depois de *sim* ou *não*, colocados no princípio da sentença: "Sim, quero" – "Não, porque já foi".

↑ ↑

959 – Depois de *assim*, *então*, *demais* e de outros advérbios e locuções adverbiais, empregados em princípios de sentenças, com sentido de

conjunção: "Então, iremos hoje?" – "Assim, espero por você".

960 – Para separar certas *locuções explanatórias*, tais como *isto é*, *por exemplo*, *verbi gratia*, *por assim dizer*, *a meu ver*, *por outra*, *além disso*, *a saber*, *ou seja* etc.: "Porei todavia aqui mais um exemplo, isto é, acrescentarei mais uma prova".

961 – O vocativo vem sempre acompanhado de vírgula; quando inicia a oração, há uma vírgula depois; quando vem no meio, o vocativo se põe entre vírgulas; quando no fim da oração, põe-se uma vírgula antes: "*Alunos*, recordem as correções" – "Recordem, *alunos*, as correções" – "Recordem as correções, *alunos*".

962 – Pode a vírgula ser empregada, enfaticamente, em lugar do verbo *ser* em orações de fácil compreensão: "Estes, os maiores perigos" – "Eles, os homens que indico".

Nota: V. a parte final da nota 4 do § 784.

963 – Introduzindo-se num período um parêntese em lugar onde já haja vírgula, esta se coloca depois de fechado o parêntese, uma vez que este sempre esclarece o que ficou antes da vírgula, e não o que vem depois dela: "Estava Mário em sua casa (nenhum prazer sentia fora dela), quando ouviu baterem...".

Ponto e Vírgula

965 – Tem o **ponto e vírgula** mais força que a vírgula e menos que o ponto final. A vírgula separa conceitos, ideias, frases; o ponto e vírgula separa juízos, orações, e o ponto final indica o término do raciocínio, do período.

Usa-se o ponto e vírgula:

1) Para separar orações independentes que têm certa extensão, sobretudo se tais orações possuem partes já divididas por vírgula:

"Das graças que há no mundo, as mais sedutoras são as da beleza; as mais picantes, as do espírito; as mais comoventes, as do coração" – "O mundo moderno descende do Calvário; a sua origem foi na raiz da cruz;

mais tarde ou mais cedo os povos, que o formaram, vieram ali fundir-se e regenerar-se" – "O bem é um; o mal se divide e não tem número; uma saúde, muitas as doenças; uma harmonia, muitas as dissonâncias".

Nota: Quando as orações independentes são de pouca extensão, basta a vírgula para separá-las: "Os povos dividiram-se, as raças combateram-se, os colossos dissolveram e a unidade moral não se obteve senão pela aliança da Igreja".

2) Para separar as partes principais de uma frase cujas partes subalternas têm de ser separadas por vírgulas: "Santos, Campinas, Recife são cidades do Brasil; Madri, Sevilha, Barcelona, da Espanha; Lisboa, Porto, Coimbra, de Portugal".

3) Para separar os *considerandos* (com exceção do último) que constituem o preâmbulo de um decreto, portaria, sentença, acórdão ou documento análogo:

Considerando que o recorrente, valando o seu olival, usou do direito de tapagem que lhe conferia o artigo 234, § 6 do código civil; ←

Considerando, porém, que no uso deste direito deixou de observar o artigo 84 do código de posturas; ←

Considerando que, por essa falta, o vaiado foi arrasado, conforme depuseram as testemunhas no auto; ←

Considerando que no processo não há um único documento que justifique a servidão pública no terreno do recorrente; ←

Considerando...:

Hei por bem revogar o acórdão recorrido e remeter as partes para as justiças ordinárias.

(Decr. publicado em Port., 1876, apud S. Valente).

Dois-Pontos

966 – Servem os **dois-pontos**:

1) Para anunciar uma *citação*: "Aristóteles dizia a seus discípulos: Meus amigos, não há amigos".

2) Para indicar ou uma *enunciação* ou uma *enumeração*, quer venham os objetos enumerados ou a coisa enunciada depois do verbo da

oração: "Os meios legítimos de adquirir fortuna são três: trabalho, ordem e economia" – quer venham antes do verbo ou palavra que apresenta os objetos: "Trabalho, ordem e economia: eis os meios legítimos de adquirir fortuna".

Nota: Às vezes não há verbo nenhum, nem antes nem depois da apresentação: "Primeira regra de estilo, uma das principais e porventura a mais esquecida de todas: naturalidade por oposição a afetações ridículas".

3) Antes de uma *reflexão* ou de uma *explanação*: "Nada faças encolerizado: levantarias ferro em ocasião de tempestade?" – "Não podias crer, por certo, que eu me houvesse esquecido de ti: larga experiência te ensinou que as minhas afeições são duradouras e profundas" – "Lá dizia Sócrates que as raízes da virtude são amargosas, e os frutos dela, suaves: símbolo natural desta virtude é a erva loto, amargosa nas raízes e doce nos frutos" – "Não o moleste: é um pobre coitado".

Nota: Nos casos 2 e 3, após os dois pontos vem letra minúscula.

4) Para separar O *preâmbulo* e o *último* de uma série de considerandos das leis, decretos, portarias, alvarás, sentenças, acórdãos e diplomas sociais (V. exemplo do nº 3 do § anterior). – "Tomando em consideração o relatório do Ministro e Secretário dos Negócios da Fazenda: Hei por bem decretar...".

Ponto Final

967 – Indica o **ponto final** a conclusão do período gramatical. São desnecessários, para o caso, exemplos, mas uma observação é necessária: tome o aluno um trabalho literário de clássicos nossos, e veja o período: longo, recheado de múltiplas circunstâncias. Modernamente, o período se resolve, multiplica-se em períodos mais curtos, de acordo com as circunstâncias, tornando-se mais rápido e incisivo. Regra, porém, não há, nem pode haver, para a divisão dos períodos gramaticais. É assunto que depende em grande parte do autor, pertencendo-lhe ao estilo: "Do critério e traquejo literário do escritor depende a boa divisão dos períodos no desenvolvimento de qualquer assunto".

Não devemos levar ao exagero a multiplicação dos períodos. Se os longos períodos dos clássicos produzem cansaço, os períodos demasiadamente curtos de certos modernistas causam fastio. Se coisa bela existe em literatura é saber o escritor concatenar subordinadas e coordenadas, dando ao período um todo harmonioso, fluente, natural.

968 – Quando, terminado um período, podemos começar o outro na mesma linha, e quando começá-lo na linha seguinte? A sequência do pensamento é que deve servir de critério. Havendo separação, havendo corte no pensamento, começa-se o período seguinte na outra linha; se o pensamento continua, constituindo o período seguinte consequência ou continuação do período anterior, o novo período se inicia na mesma linha (V. § 975).

Ponto de Interrogação

969 – **Ponto de interrogação** é o sinal que se coloca no fim de uma oração para indicar uma pergunta direta:

Quem quer ir? ←

Observação:

Nem sempre o ponto de interrogação indica fim de período; no período: "Quem quer ir? perguntou o chefe" – o ponto de interrogação indica, além da função que lhe é própria, a pausa de uma simples vírgula, pois o período continua; em tais casos, a letra que vem depois dele deve ser minúscula.

Ponto de Exclamação

970 – O **ponto de exclamação** emprega-se depois das interjeições (oh! arre! chi!) ou depois de orações que designam espanto, admiração, surpresa: "Quanto peixe!" – "Por essa é que eu não esperava!"

Observações:

1ª – Empregam-se, às vezes, os dois sinais, o interrogativo e o exclamativo, para denotar, ao mesmo tempo, dois sentimentos, o da pergunta e o da admiração:

A paz? ! – Já? ! – Eu entregar-me? ! – Quê? !

2ª – A observação feita sobre o ponto de interrogação deve aplicar-se igualmente ao de exclamação:

"Meu filho! exclama a pobre mulher".

↑

3ª – Lembro aqui o que ficou dito no § 596: O *ó* que às vezes acompanha o vocativo (*ó* menino, *ó* fulano) não deve ser confundido com o *oh!* de admiração; somente este admite e sempre requer depois de si o ponto de admiração.

4ª – Nas frases interrogativas e nas exclamativas, costumam os espanhóis colocar no começo, de cabeça para baixo, o ponto de interrogação ou o de exclamação, para advertência do leitor. Inutilmente tentou Castilho introduzir tal uso em português:

¿Ter trabalhado toda a minha vida com o maior afã para colher o quê?

↑

Reticências

971 – As **reticências** indicam interrupção ou suspensão do pensamento ou, ainda, hesitação ou desnecessidade de exprimi-lo:

"Nestes paços eu ficarei segura... Depois... Se tu soubesses... oh! nada... absolutamente nada... Sou eu que não sei o que digo..."

– "Quem conta um conto..." – "Se ele é bom, ela..." – "Mas... vamos deixar o problema para amanhã?"

Observações:

1ª – *Reticências*, no plural, ou *pontos de reticência* são designações sinônimas para o sinal desta pontuação. No singular, a palavra *reticência* não indica o sinal de pontuação mas a supressão, a omissão voluntária de uma coisa que se deveria dizer, o ato de suprimir ou a própria coisa suprimida, donde o verbo *reticenciar*, que significa exprimir incompletamente, e os adjetivos *reticencioso*, *reticente* (que significam "que faz ou em que há reticência"): "Suas declarações, além de *reticentes*, estavam em contradição com os depoimentos".

2ª – Os pontos de reticência podem formar uma linha inteira de pontos para indicar a supressão de palavras ou de linhas omitidas na cópia ou tradução de uma obra. Neste caso, os pontos de reticência podem também chamar-se *pontinhos*: "Onde a crônica se cala e a tradução não fala, antes quero uma página inteira de *pontinhos* do que uma só linha de invenção do croniqueiro".

Parênteses

972 – Servem os **parênteses** para separar palavras ou frases explanatórias, intercaladas no período: "Estava Mário em sua casa (nenhum prazer sentia fora dela), quando ouviu baterem...". ↑

↑

Observações:

1ª – Na leitura, a frase que vem entre parênteses deve ser proferida em tom mais baixo. Na escrita, ela se inicia com maiúscula somente quando constitui oração a parte, completa, com uma consideração ou pensamento independente, caso em que o parêntese vem de ordinário precedido de ponto final.

2ª – Quando a frase intercalada é curta, os parênteses são geralmente substituídos por vírgulas. Já sabemos que os parênteses muito longos são viciosos, pois prejudicam a clareza do período.

3ª – Servem ainda os parênteses para incluir um número (24), uma data (22 de agosto de 1939), uma letra (a), um asterisco (*). Se a letra inicia o período, para indicar os vários itens de um texto, basta o segundo semicírculo: a) – b) – c) – O asterisco entre parênteses chama a atenção do leitor para alguma observação ou nota feita no final do artigo ou da página.

4ª – *Parênteses,* no plural, indica os dois semicírculos; *parêntese,* no singular, indica todo o conjunto, isto é, os dois semicírculos com o que dentro deles se encontra: *Entre parênteses, abrir um parêntese, fechar o parêntese.*

5ª – Quanto à pontuação. V. § 145, n. 3.

Aspas

973 – As **aspas**, também chamadas *vírgulas dobradas* ou *comas,* usam-se:

1) No princípio e no fim das *citações,* para distingui-las da parte restante do discurso: Um sábio disse: "Agir na paixão é embarcar durante a tempestade".

2) Para distinguir palavras e expressões estranhas ao nosso vocabulário: Pedro vive num verdadeiro "dolce far niente".

3) Para chamar a atenção do leitor a certas palavras que pretendemos fazer sobressair: A palavra "mandar" nem sempre significa o mesmo que "enviar".

Observação:

Grifo: Frequentemente sublinhamos, na escrita, as citações e os dizeres para os quais queremos chamar à atenção: neste caso dispensamos as aspas. As palavras sublinhadas, ou grifadas, correspondem, nas obras impressas, ao tipo diferente, ao *negrito* ou *normando* (letras de corpo mais cheio), ao *itálico* (letras inclinadas), ao *cícero* (letras de corpo maior e grosso), ao *versal* (todas as letras maiúsculas), ao *versalete* (todas maiúsculas, mas a inicial maior).

973.1 – Quando dentro de trecho já entre aspas houver necessidade de novas aspas, estas são simples: O mestre avisou: "O aluno que responder 'Não estudei' deverá justificar a resposta". Em casos tais, as aspas encerram qualquer outro sinal de pontuação de uma passagem citada dentro delas: "Devo responder 'Não estudei'?"

No fim de uma citação o sinal de pontuação ficará dentro das aspas se pertencer à citação; se for do autor, depois: Ele perguntou: "Você vai?" – Por que você não disse "Eu vou"? – "Os alunos exclamaram: 'Muito bem!'"

Em certos idiomas as aspas são ordinariamente simples; passam a ser dobradas só quando dentro há outras. Encontram-se aspas em forma de cunhas: «Hoje?»

Travessão

974 – **Travessão** é um traço de certa extensão, maior do que o hífen, que indica a mudança de interlocutor:

– Quem é?
– Sou eu.
– Tu prisioneiro, tu?
– Vós o dissestes.
– Dos índios?
– Sim.
– De que nação?
– Timbiras.

Observação:

O travessão substitui comumente os *parênteses* (A la fé – disse Mem Moniz – que a festa de vossos anos, senhor Gonçalo Mendes, será...), as *vírgulas* (Não fora eu – que há muito a acompanhava – e ela teria perecido) e os *dois-pontos*: Prestem atenção – Ninguém deve sair. Serve, ainda, para evitar repetição de um termo já mencionado, emprego este comum nos dicionários.

Parágrafo

975 – Num ditado, quando queremos dizer ao escrevente que o período seguinte deve começar em outra linha, dizemos **parágrafo** ou *alínea*.

"O parágrafo pode conter um ou mais períodos, e encerra um pensamento ou grupo de pensamentos que, em geral, têm com o parágrafo antecedente relação menos íntima do que a que liga os períodos de um mesmo parágrafo. Ele denota, pois, pausa mais forte do que o simples ponto final. Todavia, para formar parágrafo, como para formar período, não se podem dar regras seguras; fica isso, até certo ponto, ao arbítrio, gosto ou critério do escritor, a não ser nos decretos, leis etc., em que os parágrafos são determinados pelo próprio assunto".

Notas: 1ª – O símbolo do parágrafo é §, constituído de dois *ss* entrelaçados, iniciais das palavras latinas *s*ignum *s*ectionis = sinal de secção, de corte.

2ª – A palavra *alínea* (do lat. *a* + *linea*) significa "distanciado da linha", isto é, fora da margem em que começam as linhas do texto.

3ª – Salvo nos artigos de lei, onde serve para discriminar casos particulares, muito raro é o emprego do símbolo do parágrafo.

Tratando-se de leis, estas se dividem em *partes* (geral, especial), *livros, títulos, capítulos, seções* (estas quatro se discriminam por algarismos romanos), *artigos* (discriminam-se por números arábicos), *parágrafos* (acréscimos aos artigos; fazem-se anteceder do símbolo §, seguido de número arábico, erroneamente lido como ordinal), *alíneas* (indicadas por letras ou por algarismos romanos) e *incisos*, indicados por letras minúsculas ou por números: inciso 2 do § 3 do art. 58.

4ª – Quando, corrigindo uma composição tipográfica, queremos fazer ver ao tipógrafo que o período que se inicia deve começar na outra linha, usamos sinais chamados *alíneas*:] [.

EXEMPLO: "Tudo se perdeu.] [Quanta agrura naqueles corações".

Outros Sinais

976 — De uso mais raro há ainda outros sinais:

1) A **chave** { que serve para enfeixar as partes ou divisões de um assunto:

Objeto { direto / indireto

2) Os **colchetes** [ ] que indicam um parêntese que tem outro dentro de si.

3) O **asterisco** * que serve umas vezes para chamar a atenção do leitor para alguma nota e, outras, para simbolizar qualquer juízo previamente indicado.

4) A **adaga** † , a **dupla adaga** ‡, a **mãozinha** ☞, as **paralelas** || – sinais de significação convencionada pelo autor no início da obra.

5) A **barra**, nome do traço oblíquo usado nas abreviações das datas: (2/6/942) e em certas abreviaturas: *m/* = meu(s), minha(s).

Questionário

1. Que é *pontuação*?

2. Um exemplo de cada um dos seguintes casos nos quais as vírgulas venham separando, na frase, um:

a) aposto (V. § 699).
b) vocativo (V. § 701 e ss.).
c) oração interferente (V. § 561).
d) locução explanatória (V. § 960).
e) ablativo absoluto (V.§ 698; 943,5).

3. Corrija a falta ou a presença da vírgula nos seguintes textos:

a) ... uma vez que entre as nações que mutuamente se hostilizam, muitas há que...
b) A guerra pode ser às vezes, consequente de incompreensão.
c) ... os quais, depois de alguns segundos levaram tudo o que aí havia.
d) Lente, quando designa objeto é nome feminino.
e) Os poetas podem na poesia, fazer de um ditongo duas sílabas.
f) O *qu* representa, portanto uma só consoante.

4. *Pontuar o trecho seguinte*: Vamos bom cavaleiro disse el-rei pondo-se de pé não haja entre nós doestos O arquiteto do mosteiro de Santa Maria vale bem o seu fundador Houve um dia em que nós ambos fomos pelejadores eu tornei célebre o meu nome a consciência mo diz entre os príncipes do mundo porque segui avante por campos de batalha ela vos dirá também que a vossa fama será perpétua havendo trocado a espada pela pena com que traçastes o desenho do grande monumento da independência e da glória desta terra Rei dos homens do aceso imaginar não desprezeis o rei dos melhores cavaleiros os cavaleiros portugueses Também vós fostes um deles e negar-vos-eis a prosseguir na edificação desta memória desta tradição de mármore que há de recordar aos vindouros a história de nossos feitos

5. Há aqui dois períodos, ambos corretos:

O tio meu que estava doente chegou na hora.
O tio meu, que estava doente, chegou na hora.

Responda (não saberá responder quem não tiver estudado o § 900):

a) Por que "que estava doente" não está entre vírgulas no primeiro e está no segundo?
b) Qual a diferença de sentido entre eles?

6. Copie estes períodos e ponha vírgula onde possível (não saberá responder quem não tiver estudado o § 900):

a) Existem substantivos que no singular indicam uma coisa e no plural outra.
b) Estas pessoas que aqui estão desde as 8 horas não sabem o risco que estão correndo.
c) Estas pessoas que estão neste lado devem ser vacinadas já.

CAPÍTULO 66

APÊNDICE LITERÁRIO

980 – ESTILO: O estudo da gramática não passa de munição para um combate; quanto maior for o nosso conhecimento de gramática, tanto mais munidos nos encontraremos para a luta. Não basta estar apercebido de abundantes e valiosos petrechos, conhecer cabalmente o funcionamento das armas: é preciso servir-se delas. Se a *gramática* estuda as palavras e a sua combinação para a expressão correta do pensamento, a *estilística* mira a *beleza*. Se a gramática tende a fixar-se em moldes uniformes de expressão, a estilística, isto é, o *estudo do estilo* não tolhe a liberdade ao gênio nas combinações estéticas da palavra. Se aquela é geral, esta é individual. **Estilo** é, pois, a maneira peculiar, individual, de expressar cada escritor os seus pensamentos.

981 – LITERATURA: Em sentido lato, a palavra *literatura* pode indicar:

a) A enumeração de escritores e de obras de um ou mais países, classificando-os de acordo com a época em que viveram, de acordo com as tendências gerais da sua produção. Constitui esse um estudo histórico e não propriamente linguístico; não é com estudar literatura portuguesa ou brasileira ou angolense que um indivíduo aprende a língua portuguesa; não é com saber onde, como, com quem viveram os escritores de um país e que obras escreveram que se aprende a gramática do idioma desse país.

b) O conceito, as definições, a divisão, a classificação das composições literárias, a crítica e a análise dos gêneros literários, as figuras, a malícia, a técnica da redação.

c) A bibliografia, ou seja, o conjunto de livros, a coleção de obras sobre um assunto qualquer; tal é o sentido da palavra *literatura* nas expressões "literatura policial", "literatura bélica", "literatura botânica", "literatura pitórica", "literatura médica", "literatura jurídica" etc.

Em sentido estrito, *literatura* é sinônimo de *arte literária*; se à maneira de expressar um indivíduo os seus pensamentos se dá o nome *estilo*, à arte de expressar o Belo mediante a palavra, falada ou escrita, dá-se o nome *literatura*.

982 – BELO: Belo é o que, uma vez conhecido, agrada já pelo esplendor de sua *grandeza*, já pelo de sua *ordem*. Ora, para que algo assim agrade, é necessário:

a) *Integridade*, visto ser disforme e não belo aquilo a que falta alguma de suas partes ou de suas perfeições.

b) *Harmonia*, isto é, proporção das partes entre si e delas com o todo, visto não haver agrado no que é desproporcional. Não é belo o rosto cujo nariz, muito embora perfeito em si, é desproporcional com as outras partes do rosto.

c) *Claridade*, visto não poder parecer-nos belo o objeto desacompanhado de cores harmonicamente distribuídas numa luz suficiente.

Observação:

Quando se fala em *Belo* como expressão artística não se tem em mente o antônimo de *feio*, senão a clara, harmônica e íntegra objetivação do que se pretende manifestar, pois também o feio, o feíssimo pode ser objeto de manifestação. Na literatura concorrem para o cumprimento desses fatores do Belo as *frases curtas*, o emprego de *palavras apropriadas*, a *simplicidade*, ou seja, *fuga* ao preciosismo; o emprego de *palavras elevadas*, ou melhor, fuga à trivialidade, pois há vocábulos e expressões que, embora tolerados na conversa, destoam num trabalho escrito; por fim, evitar o emprego repetido dos mesmos termos, dos mesmos torneios, procurando, ao invés, fazer *uso variado das figuras sintáticas*. A leitura exclusiva de *bons* escritores deve servir-nos de alimento para o nosso trabalho literário.

Afinal, que é escrever bem, que é *redigir*? Redigir é, em primeiro lugar, conhecer o idioma em que se escreve; em segundo, sentir, conhecer, dominar o assunto sobre que se escreve.

Esses são os dois pilares em que se assenta qualquer obra literária, seja qual for o gênero. Para a consecução do primeiro, a *gramática* e o *vocabulário* do idioma escolhido; para a consecução do segundo, a *educação*, ou seja, a *formação*, a *experiência* são os elementos necessários. Somente firmada nessas duas colunas é que existe redação.

983 – GÊNERO LITERÁRIO: Constitui *gênero literário* o conjunto de obras de igual natureza, de tendências essencialmente idênticas. Diversas

podem ser as espécies de gêneros literários, segundo o aspeto por que são tomados, mas, em geral, a mais importante e generalizada das divisões dos gêneros literários é a que se baseia na *finalidade* a que se propõe o literato; daí os dois grandes gêneros literários:

1º – A **poesia** (gênero poético), que tem por fim essencial o Belo, ao qual se subordinam todos os demais fins que possa ter o autor.

2º – A **prosa** (gênero prosaico), que tem por fim essencial a moção da vontade humana para a realização de determinados atos.

Poesia

984 – Quatro são as subdivisões do gênero poético:

gênero *épico* – EPOPEIA
gênero *lírico* – LÍRICA
gênero *dramático* – DRAMÁTICA
gênero *didático* – DIDÁTICA

985 – O *gênero épico* ou EPOPEIA consiste na *narração* poética de *grandes* feitos de heróis e de deuses (da mitologia).

Principais epopeias: *Ramaiana*, dos indianos; *Ilíada* e *Odisseia*, dos gregos; *Niebelungen*, dos germânicos; *Eneida*, dos romanos; *Divina Comédia*, dos italianos; *Paraíso Perdido*, dos ingleses; *Lusíadas*, dos portugueses.

986 – O *gênero lírico* ou LÍRICA consiste na *expressão* poética dos *pensamentos* e *sentimentos pessoais* do autor, traduzidos em ritmos análogos à sua emoção: *Ode*. A *ode* (composição poética, dividida em estrofes semelhantes entre si tanto pelo número como pela medida dos versos) pode ser:

1) *Sacra*, que, segundo as circunstâncias, pode chamar-se *salmo*, *hino*, *cântico*.

2) *Anacreôntica* (de Anacreonte, poeta lírico grego), em que se canta decente e graciosamente o amor, os prazeres e o vinho.

3) *Heroica* ou *pindárica* (de Píndaro, príncipe dos poetas líricos gregos), de assunto e estilo nobres e elevados, em honra e louvor dos heróis, para festejar os seus feitos.

4) *Epódica*, que se ocupa de matéria filosófico-moral.

5) *Sáfica*, que tem por objeto a regularidade nas estâncias, que são de quatro versos cada uma; assim chamada por ter sido muito cultivada por Safo, poetisa grega.

Ao gênero lírico reduzem-se também: a *canção*, a *elegia* (poema pequeno, consagrado ao luto e à tristeza), a *écloga* (poesia pastoril), o *soneto* (poesia de 14 versos, composta de 2 quartetos e 2 tercetos).

987 – O gênero *dramático* ou DRAMÁTICA consiste na *representação* poética dum fato por meio da palavra e da ação.

O gênero dramático subdivide-se em:

1) *Trágico*, que compreende a *tragédia* propriamente dita (ação heroica e infeliz): a *tragédia popular* ou *drama* (ação infeliz na vida comum); o *melodrama* (cantos e danças) e a *tragédia lírica* ou *ópera* (ação heroica, infeliz e às vezes fantasiosa).

2) *Cômico*, que compreende a *comédia* propriamente dita (de caráter, de costumes, de intriga: o ridículo risível), a *comédia popular* (caricatura da comédia: *farsa*, *paródia*) e a *ópera cômica*.

988 – O *gênero didático* ou DIDÁTICA consiste no ensino de alguma verdade, ajudado pelos encantos da imaginação e do verso. Temos no gênero didático:

1) O *poema didático* propriamente dito (estudo dum assunto grave).

2) A *epístola*, quando toma a forma de carta.

3) A *sátira*, quando procura corrigir os vícios.

4) O *apólogo* (*fábula*), quando velado pela ficção.

Prosa

989 – Possui também a prosa quatro gêneros:

gênero *histórico*
gênero *oratório*
gênero *romântico*
gênero *didático*

990 – O *gênero histórico* consiste na *narração conscienciosa* e *autêntica* dos acontecimentos sociais ou individuais. Grandes historiadores: Tucídides, Xenofonte, Tácito, Tito Lívio, Varnhagen, Capistrano de Abreu.

Reduzem-se ao gênero histórico: a *biografia*, o *diário*, as *crônicas*, as *memórias*, as *monografias* e a *imprensa periódica*.

991 – O *gênero oratório* consiste na *expressão artística* de uma sequência lógica de opiniões ou juízos, próprios ou alheios.

Subdivide-se o *gênero oratório* ou *eloquência* em:

1) *sagrada* ou *sacra* (sermão, prática, homília etc.)

2) *profana* (militar, judicial, política, acadêmica etc.).

992 – O *gênero romântico* ou *romance* consiste na *narração desenvolvida* de uma ação *total* ou *parcialmente fictícia*.

O *romance* pode ser: *a*) *didático* (de viagens, científico, histórico); *b*) de *aventuras*; *c*) de *análise* (de caracteres, de costumes). Reduzem-se ao romance o *conto* (narração fictícia, destinada a salientar uma verdade; são suas variantes a *parábola*, que, de tendência moral, difere do conto apenas em ter menor extensão, e a *fábula* ou *apólogo*, narração fictícia, geralmente folgazã e dialogada, que tem por fim salientar uma verdade moral) e a *novela* (narração, menor que a do romance, maior que a do conto, de fatos fabulosos, ideados para recrear ou para ministrar saudável ensinamento).

993 – O *gênero didático* consiste na *exposição* artística e metódica de *teorias* científicas, artísticas, sociais ou morais.

994 – Os diversos gêneros literários filiam-se a *épocas* e *escolas*, mas o estudo dos seus característicos foge já, muito, da finalidade da Gramática.

SINOPSE DOS GÊNEROS LITERÁRIOS

- GÊNEROS LITERÁRIOS
  - poético
    - épico
    - lírico
      - ode
        - sacra
          - salmo
          - hino
          - cântico
        - anacreôntica
        - heroica (pindárica)
        - epódica
        - sáfica
      - canção
      - elegia
      - écloga
      - soneto
    - dramático
      - trágico
        - tragédia
        - drama
        - melodrama
        - ópera (trágica)
      - cômico
        - comédia
        - farsa
        - paródia
        - ópera (cômica)
    - didático
      - poema didático
      - epístola
      - sátira
      - apólogo
  - prosaico
    - histórico
      - biografia
      - diário
      - crônica
      - memórias
      - monografia
      - imprensa periódica
    - oratório
      - sacro
        - sermão
        - prática
        - homília
        - etc.
      - profano
        - militar
        - judicial
        - político
        - acadêmico
        - etc.
    - romântico
      - didático
        - viagens
        - história
        - ciência
      - de aventuras
      - de análise
        - de caracteres
        - de costumes
      - conto
      - novela

SINOPSE DOS GÊNEROS LITERÁRIOS

- GÊNEROS LITERÁRIOS
  - poético
    - épico
    - lírico
      - ode
        - sacra
          - salmo
          - hino
          - cântico
        - anacreôntica
        - heroica (pindárica)
        - epódica
        - sáfica
      - canção
      - elegia
      - écloga
      - soneto
    - dramático
      - trágico
        - tragédia
        - drama
        - melodrama
        - ópera (trágica)
      - cômico
        - comédia
        - farsa
        - paródia
        - ópera (cômica)
    - didático
      - poema didático
      - epístola
      - sátira
      - apólogo
  - prosaico
    - histórico
      - biografia
      - diário
      - crônica
      - memórias
      - monografia
      - imprensa periódica
    - oratório
      - sacro
        - sermão
        - prática
        - homília
        - etc.
      - profano
        - militar
        - judicial
        - político
        - acadêmico
        - etc.
    - romântico
      - didático
        - viagens
        - história
        - ciência
      - de aventuras
      - de análise
        - de caracteres
        - de costumes
      - conto
      - novela
    - didático

Questionário

1. Que é *estilo*?

2. Que é *literatura*?

3. Que é *Belo*?

4. Quais os *requisitos* do *Belo*?

5. Quais os dois grandes *gêneros literários* e qual a sua *finalidade*?

6. A poesia de quantos gêneros consta e em que consistem eles?

7. Quais as principais *epopeias*?

8. Quais as subdivisões do gênero *lírico*?

9. Quais as subdivisões do gênero *dramático*?

10. Quais as subdivisões do gênero *didático*?

11. Quais as divisões do *gênero prosaico* e em que consistem?

12. Corrija os seguintes textos:

a) Não me importo que ele venha (§ 777).

b) Encontrei-me ontem com João que a tanto tempo não via (§ 907); daqui há quanto tempo irei vê-lo outra vez? (V. a nota 2 do § 907).

c) ...de modos que não é preciso vocês se incomodarem (§ 586, n.).

d) Felizmente agora as coisas vão bem melhores (§ 527, n. 7).

e) Não se alugam bicicletas fiadas (§ 537, n. 2).

CAPÍTULO 67

VERSIFICAÇÃO

1000 – POESIA é o gênero literário que manifesta o Belo por meio palavra rítmica, ou seja, por meio do *verso*.

1001 – VERSO ou **metro** é um ajuntamento de palavras e até, em algumas vezes, uma só palavra, de determinado número de sílabas, intervaladamente acentuadas, do que resulta uma cadência aprazível.

1002 – RITMO vem a ser o resultado dos três seguintes fatores:

a) *métrica*

b) *cadência*

c) *rima*

Métrica

1003 – MÉTRICA é a *medida* do verso, isto é, a contagem de sílabas que entram num verso. Acontece, porém, que o poeta não conta as sílabas como o impera a gramática; esta manda considerar duas sílabas ditongo crescente, e uma o ditongo decrescente, ao passo que o poeta não se prende a isso; todo o agrupamento de vogais, cuja pronúncia possa efetuar-se de um só impulso de voz, o poeta *pode* considerar uma única sílaba, coisa que em gramática não se dá; essa é a razão por que se diz que a sílaba gramatical difere da sílaba poética.

Exemplifiquemos; na frase:

"*Florir num descampado ou no úmido recanto*"

há, gramaticalmente, 15 sílabas:

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15
Flo-	rir	num	des-	cam-	pa-	do	ou	no	ú-	mi-	do	re-	can-	to

Se constituir um *verso*, essa frase terá 12 sílabas:

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
Flo-	rir	num	des-	cam-	pa-	do⌒ou	no⌒ú-	mi-	do	re-	can-	to

Notas: 1ª – Deve compreender o aluno a razão por que está grifada a palavra *pode*; o poeta não é obrigado a contrair numa só sílaba duas ou mais vogais átonas; fica isso a seu critério, competindo ao leitor saber se tais vogais devem ou não unir-se na leitura, coisa fácil para quem conhece versificação (§ 50, n. 2).

Para a contagem das sílabas muito importa o conhecimento dos parágrafos 49, 50 e suas notas. Deve-se, contudo, acrescentar que só pela leitura constante das composições poéticas se poderá apreciar o modo de contar as sílabas das palavras no verso.

2ª – O *h* inicial não impede a fusão das vogais átonas; veja, na frente, o 1º verso de 8 sílabas.

1004 – Contagem das sílabas: Para a contagem das sílabas de um verso, devem ser observadas as seguintes normas:

1 – Não se contam as sílabas que vêm depois da *última* sílaba tônica do verso:

1	2	3	4	5	6	7	
Ou-	tros	loi-	ros	co-	mo	nês-	pe-ras = 7 sílabas

↓ última sílaba tônica do verso

↓ sílabas átonas (não se contam)

2 – Duas ou mais vogais átonas, juntas, fundem-se (segundo vontade do poeta) em uma só sílaba:

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
A	ci-	gar-	ra a	can-	tar	pas-	sa-	ra o es-	ti-o = 10 sílabas

fusão de 2 vogais átonas

fusão de 3 vogais átonas

3 – A vogal tônica final (simples ou ditongal) não se funde com a vogal que inicia a palavra seguinte:

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
Meu	a	mor	teu	a-	mor	nos-	so⌒a-	mor	nos-	sa	vi-da = 12 sílabas

↓ não se

↓ não se

Cadência

1005 – **Cadência** é o agradável efeito eufônico resultante da disposição das sílabas tônicas no verso. Em todos os tipos de versos, há acentos que obrigatoriamente devem cair em determinadas sílabas, como passaremos a ver.

1006 – Nenhuma dificuldade há para a *cadência*, isto é, para a disposição das sílabas acentuadas, nos versos de uma, duas, três, quatro, cinco, seis e sete sílabas, pois nesses versos só existe *um* acento obrigatório: nos versos de uma sílaba o acento obrigatório é na primeira; nos de duas, na segunda; nos de três, na terceira, e assim por diante, até os de sete. Exemplos (não se esqueça de que as sílabas átonas finais do verso não se contam):

Versos de 1 sílaba:

1	
A-	mo
1	
Ge-	mo
1	
Cla-	mo
1	
Tre-	mo

Versos de 2 sílabas:

1	2
A-	*mi*-go
1	2
Pas-	*sei*-a
1	2
Co-	*mi*-go

Versos de 3 sílabas:

1	2	3
Lin-	do	*so*-nho
1	2	3
Vem	a	*mim*
1	2	3
Vem	ri-	*so*-nho
1	2	3
Que-	ru-	*bim*

Versos de 4 sílabas:

1	2	3	4
An-	da-	va⌒um	*di*-a
Em	pe-	que-	*ni*-no

Versos de 5 sílabas: *(redondilha menor)*

1	2	3	4	5
Não	cho-	res	meu	*fi*-lho
Vi-	ver	é	lu-	*tar*

Versos de 6 sílabas:

1	2	3	4	5	6
Ao	ho-	mem	que	ce-	*ga*-ra
De	no-	vo	ver	fi-	*zes*-te

Versos de 7 sílabas: *(redondilha maior)*

1	2	3	4	5	6	7
Os	o-	lhos	des-	sas	me-	*ni*-nas
São	me	ni-	nas	dos	meus	*o*-lhos

1007 – Nos versos de oito sílabas em diante até os de onze, começa a haver dois acentos obrigatórios: um da mesma maneira que nos versos anteriores (na oitava para os de 8, na nona para os de 9 etc.), outro numa sílaba mais ou menos medial do verso. Assim, no verso de oito sílabas, além do acento na oitava, há outro na quarta sílaba, nada importando a posição dos acentos restantes; pode, porém, este segundo acento ser deslocado, mas, em tal caso, dois outros acentos deverão aparecer para substituí-lo: um na 2ª, outro na 5ª. Quer isso dizer que o verso de oito sílabas pode ter o acento na 4ª e na 8ª sílaba, ou na 2ª, 5ª e 8ª. Recaindo os acentos, no verso de 8 sílabas, na 4ª e na 8ª, ou na 2ª, 5ª e 8ª, nada importa a posição dos outros acentos; cadencialmente, o verso está perfeito. Exemplos:

Versos de 8 sílabas:

	1	2	3	4	5	6	7	8
a)	No⌒hor-	ren-	do	*pân*-	ta-	no	pro-	*fun*-do.

↓ ↓

sílabas acentuadas

	1	2	3	4	5	6	7	
b)	Bem	*co*-	mo	ser-	*pen*-	tes	que⌒o	*fri*-o.

↓ ↓ ↓

sílabas acentuadas

Versos de 9 sílabas: Têm o acento obrigatório na 4ª e na 9ª, ou na 3ª, 6ª e 9ª:

	1	2	3	4	5	6	7	8	9
a)	Noi-	te	de	*ro-*	sas	noi-	te	de	*pal*-mas.

↓ ↓
s í l a b a s a c e n t u a d a s

	1	2	3	4	5	6	7	8	9
b)	Ó	guer-	*rei-*	ros	da	*ta-*	ba	sa-	*gra*-da.

↓ ↓ ↓
s í l a b a s a c e n t u a d a s

Versos de 10 sílabas: Têm o acento obrigatório na 6ª e na 10ª, ou na 4ª, 8ª e 10ª:

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
a)	As	ar-	mas	e⌒os	ba-	*rões*	as-	si-	na-	*la*-dos.
b)	Vai	al-	ta⌒a	*lu-*	a	na	man-	*são*	da	*mor*-te.

Versos de 11 sílabas: Têm o acento obrigatório na 5ª e na 11ª:

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
Sou	ín-	dia	sou	*vir-*	gem	sou	lin-	da	sou	*dé*-bil.

1008 – Os *versos de* 12 *sílabas*, chamados **alexandrinos**, devem ser considerados como 2 versos de 6 sílabas, versos estes que então se denominam *hemistíquios*, e chama-se *cesura* o ponto em que eles se dividem. Têm o acento obrigatório na 6ª e na 12ª sílaba:

cesura

1º hemistíquio ← | → 2º hemistíquio

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
Ma-	nhã	de	ju-	nho⌒ar-	*den*-te	u-	ma⌒en-	cos-	ta⌒es-	cal-	*va*-da

↓
não se conta
esta sílaba

Certa vez objetaram a Castilho: "Se o verso alexandrino se compõe de 2 versos de 6 sílabas, então não é preciso fazer alexandrinos; basta compor versos de 6 sílabas". – Castilho respondeu: "É verdade, mas alexandrino tem mais imponência, mais brilho. Assim, quando temos muita sede, preferimos beber um só copo grande de água a beber dois pequenos".

Nota: Tratando, ainda que resumidamente, de métrica, julgamos necessário apresentar estas três regras do alexandrino *clássico*: 1 – Quando o primeiro hemistíquio termina por palavra paroxítona, a palavra que inicia o segundo hemistíquio deve começar por vogal ou *h*. Esta regra é essencial; o não cumprimento dela faz com que o alexandrino deixe de ser clássico. 2 – Quando a última palavra do primeiro hemistíquio é oxítona, a primeira do segundo pode indiferentemente começar por vogal ou por consoante. 3 – A última palavra do primeiro hemistíquio nunca pode ser proparoxítona.

Variante – Poetas portugueses e brasileiros adotaram, para os versos de 12 sílabas, uma variante, acentuando a 4.ª, a 8.ª e a 12.ª sílaba inutilizando a cesura:

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
De-	pois	do⌒in	*cên-*	dio⌒a	ca-	te-	*dral*	fi-	cou	em	*ruí*-nas

1009 – O agrupamento de versos denomina-se *estrofe* ou *estância* que passará a chamar-se *terceto*, *quarteto*, *quintilha*, *sextilha*, *septena*, *oitava*, *nona* e *décima*, segundo for composta de 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 ou 10 versos juntos.

Rima

1010 – **Rima** é o resultado da conformidade de sons das sílabas finais de dois ou mais versos.

As rimas podem ser consideradas quanto à *qualidade* e quanto à *disposição*.

1011 – Quanto à *qualidade*, as rimas podem ser:

a) *Más*, quando não combinam perfeitamente: *estrela* com *bela*, *nus* com *azuis*.

b) *Vulgares*, quando são muito comuns: *ado*, *ade*, *ão*, *eza*, *ar* etc.

c) *Boas*, quando não são nem más nem vulgares: *feras* com *crateras*.

d) *Ricas*, quando são raras (*lágrima* com con*sagre-ma*).

e) *Assonantes*, quando as sílabas átonas finais apenas se assemelham: *al*tos com *al*vos.

1012 – Quanto à *disposição*, as rimas podem ser:

a) *Alternadas*:

Porém já cinco sóis eram passados a
Que dali nos partíramos, cortando b
Os mares nunca doutrem navegados, a
Prosperamente os ventos assoprando; b
Quando uma noite, estando descuidados a
Na cortadora proa vigiando b

b) *Opostas*:

– Minha mãe, quem é aquele a
Pregado naquela cruz? b
– Aquele, filho, é Jesus, b
É a santa imagem dele. a

c) *Paralelas*:

Dava-lhe a custo a sombra escassa e pequenina a
De um galho sem vida um pé de casuarina; a
Batia-lhe de chapa o sol no dorso forte, b
Vergastava-a de rijo o vendaval do Norte. b

d) *Deslocadas*:

De novo ante o rei se inclina →
A cabeça do ancião,
Depois elevando a fronte →
Altiva, estendendo a mão,
Busca achar da ignota cifra →
A divina inspiração.

} não rimam

Notas: 1ª – **Versos brancos** ou *soltos* dizem-se os que não têm rima.

2ª – Há uma estância chamada *triolé*, existente em vários idiomas, que se caracteriza por três versos iguais, ou seja, repetidos (1º, 4º e 7º) e mais outros dois também iguais (2º e 8º); note-se que os dois primeiros versos finalizam a estrofe; o esquema das rimas é: abaaabab. A composição pode constituir-se de uma ou mais oitavas de versos de sete ou de oito sílabas:

Na tela frágil dos Cromos	a
Quantas mimosas quimeras!	b
Meu Deus! que doirados pomos	a
Na tela frágil dos Cromos.	a
Os sábios, em muitos tomos,	a
Não sobem tanto às esferas.	b
Na tela frágil dos Cromos	a
Quantas mimosas quimeras!	b

Questionário

1. Que é *poesia*?
2. Que é *verso*?
3. Que é *ritmo*?
4. Que é *métrica*?
5. Qual a diferença entre *sílaba gramatical* e *sílaba poética*?
6. Quais as normas para a *contagem das sílabas* do verso?
7. Que é *cadência*?
8. Nos versos de 8, 9, 10 e 11 sílabas, onde caem os acentos?
9. Explique a cadência dos versos de 12 *sílabas*; tais versos como se chamam? Qual a sua variante?
10. Que é *rima*?
11. Escandir (segundo a maneira adotada nos exemplos), grifando as sílabas acentuadas, os seguintes versos:
a) Quando uma noite estando descuidados.
b) Minha mãe, quem é aquele?
c) "Pobreza, eu te agradeço", o honrado velho diz.
d) Sabei, brava gente, que sei com destreza.
e) Entre os gratos perfumes da flor.
f) No desconforto do meu quarto de estudante.

EXERCÍCIOS E TESTES

Os números indicam parágrafos

A – Ortografia (62 e ss.)

1. Assinale a letra que contém só um erro:

a. É ele um sujeito expontâneo e abalisado.
b. É ele um sujeito espontâneo e abalizado.
c. É ele um sujeito expontâneo e abalizado.
d. É ele um sugeito expontâneo e abalizado.
e. É ele um sugeito espontâneo e abalisado.

2. Assinale a letra certa:

a. *Presado* escreve-se com *s*, *cosinha* com *s*.
b. *Presado* escreve-se com *s*, *cozinha* com *z*.
c. *Prezado* escreve-se com *z*, *cozinha* com *z*.
d. *Prezado* escreve-se com *z*, *cosinha* com *s*.

3. Assinale a letra certa:

a. Exeto o de desenho, todos os testos foram atualisados.
b. Exeto o de desenho, todos os textos foram atualisados.
c. Exceto o de desenho, todos os textos foram atualisados.
d. Exceto o de desenho, todos os textos foram atualizados.
e. Exseto o de desenho, todos os textos foram atualizados.
f. Exeto o de desenho, todos os textos foram atualizados.

4. Assinale a única letra em que todas as palavras devem ser completadas com *s*:

a. le-ar; atra-ar; despe-a; parali-ar; bu-ina
b. defe-a; quero-ene; qui-er; va-inho; fu-il
c. Brá-; Vene-a; Queiró-; Sou-a; Eli-a
d. ga-eificar; ga-olina; empre-a; bi-ar; anali-ar

5. Assinale a única letra em que todas as palavras estão corretamente escritas:

a. dançar, descançar, passear
b. consciência, misto, ansioso
c. exceção, associado, macisso
d. acessor, ascensor, assençorista
e. assíduo, geito, encher

6. Assinale a letra que traz as palavras corretamente escritas:

a. misto – casemira – tigela – maizena – chuchu
b. mixto – casimira – tijela – maisena – xuxu
c. misto – casimira – tigela – maisena – chuchu
d. mixto – casemira – tijela – maizena – xuxu
e. misto – casemira – tigela – maizena – xuxu

B – Fonética

1. Assinale a letra em que não ocorre nenhum fonema consonantal oclusivo (59):

a. braço, apressado, esquerdo
b. assim, enxame, vinha
c. passo, escorregando, costas
d. fumaça, roncou, branco
e. sugeriu, chuva, xixarro

2. Assinale a afirmativa errada:

a. As vogais distinguem-se das consoantes. 33, 34.
b. M, N, NH são consoantes nasais. 60.
c. I, U são vogais fechadas. 46.
d. P, B, M são consoantes bilabiais. 60.
e. V, Z, J são consoantes fricativas. 60.

3. Assinale a letra em que todas as palavras devem ser acentuadas:

a. vermifugo – Niagara – latex – prototipo
b. juriti – raizes – gas – escrupulo
c. urubu – jovens – folego – pessoa
d. pinceis – gratuito – silencio – oxitono
e. saude – gratis – lapis – granizo

4. Assinale a letra em que há silabada:

a. crisântemo
b. ômega
c. gratuíto
d. rubrica
e. decano

C – Crase – 116 e ss.

Indique os números em que a crase está errada:

1. Tudo foi feito à contento. 116, 1.
2. Ele obedece às normas. 117, 1.
3. Ele obedece à todas as normas. 118, 4.
4. Ele obedece à sua majestade o rei do. . . 118, 9.
5. Ele obedece à Lisboa. 116, 3.
6. Ele voltou à escola. 117, 1.
7. Ele voltou à casa. 118, 5.
8. Ele voltou à Roma. 116, 3.
9. Ele voltou à Guanabara. 117, 2.
10. Respondi à colega que me escreveu. 117, 1.
11. Respondi à esta colega. 118, 12.
12. Respondi às colegas. 117, 1.
13. Respondi à todas as colegas. 118, 12.
14. Respondi à colegas de clube e não à colegas de colégio. 118, 4.
15. Irei à casa do companheiro. 118, 5.
16. Irei à essa festa. 118, 12.
17. Irei à uma hora. 118, 12.
18. Irei à procura dele. 117, 1.
19. Irei à vias de fato. 118, 4.
20. Refiro-me à Joana d'Arc e não à Santa Teresa. 118, 7.
21. Refiro-me à filha de Mário e não à de João. 117, 1.
22. Assisti àquele desastre. 117, 2, nota.
23. Assisti àquela cerimônia. 117, 2, nota.
24. Isto diz respeito àquilo. 117, 2, nota.
25. Escrevi à lápis. 116, 1.
26. Escrevi à tinta. 117, 1.
27. Escrevi à máquina. 117, 1.
28. Quanto à situação do aluno. 118, 10.
29. Quanto à situações imprevistas. 118, 4.
30. Quanto à essa situação. 118, 12.
31. Um pontilhão ligava o navio à terra. 118, 6.
32. Devido à dificuldade presente. 118, 10.
33. Devido à dificuldades inesperadas. 118, 4.
34. Devido às dificuldades do momento. 117, 1.
35. É de uma resistência à toda a prova. 117, 1.
36. A enfermeira assistiu à paciente a noite toda. 777.
37. Voltei à casa já tarde. 118, 5.
38. Dei à ela o caderno. 116, 3; 117, 1.
39. Deve-se o erro à nossa falta de atenção. 118, 1.
40. Colocar o sinal indicativo de crase, se necessário:
    a. Apresentou-se a festa vestido a moda antiga.
    b. Os lutadores chegavam pouco a pouco a arena.
    c. Irei a Paraíba antes de ir a Lisboa.

41. Indique a letra certa:

a. Fiquei a tarde toda a hesitar; só à noite decidi minha ida a Brasília.
b. Fiquei à tarde toda a hesitar; só à noite decidi minha ida à Brasília.
c. Fiquei a tarde toda à hesitar; só à noite decidi minha ida a Brasília.
d. Fiquei a tarde toda a hesitar; só à noite decidi minha ida à Brasília.
e. Fiquei a tarde toda à hesitar; só à noite decidi minha ida à Brasília.

42. Indique a letra correta:

a. Saímos de casa e fomos a uma festa a uma hora da tarde. Voltamos a casa as dezoito horas.
b. Saímos de casa e fomos à uma festa à uma hora da tarde. Voltamos à casa às dezoito horas.
c. Saímos de casa e fomos a uma festa à uma hora da tarde. Voltamos a casa às dezoito horas.
d. Saímos de casa e fomos à uma festa à uma hora da tarde. Voltamos a casa às dezoito horas.
e. Saímos de casa e fomos a uma festa a uma hora da tarde. Voltamos à casa às dezoito horas.

D – Flexão Nominal

1. Dar o superlativo sintético erudito de (274):

a. magro
b. amargo
c. doce

2. Dar o feminino plural de (261, n. 3):

a. russo-americano
b. greco-turco

3. Assinale a letra em que ambos os substantivos são femininos:

a. champanha, algoz (203)
b. telefonema, berinjela (186, 1, exc.)
c. cal, alface (185, 6, exc.)
d. dó, avelã (185, 1)

4. Destes femininos indicar o único errado (256 e ss.; 261, A, n. 1):

1. vão, vã
2. luso-brasileiro, lusa-brasileira
3. pigmeu, pigméia
4. ateu, atéia
5. sandeu, sandia

5. Destes plurais indicar o único errado (212 e ss.):

   1. projétil, projétis
   2. paul, pauis
   3. cível, cíveis
   4. açúcar, açúcares
   5. réptil, répteis

6. Destes plurais indicar o único errado (216):

   1. tabelião, tabeliães
   2. cidadão, cidadães
   3. capelão, capelães
   4. escrivão, escrivães
   5. capitão, capitães

E – SE – Análise Léxica e Sintática

1. Sublinhe a letra que corresponde à análise léxica do "se" desta oração:
   Quanto mais populoso um país, tanto mais estradas se constroem.

   a. pronome reflexivo – 401, 402
   b. pronome recíproco – 403
   c. pronome apassivador – 404
   d. pronome impessoalizador – 405

2. Sublinhe a letra que corresponde à análise léxica do "se" desta oração:
   Ele se reserva o direito de deixar a casa quando quiser.

   a. pronome reflexivo – 401, 402
   b. pronome recíproco – 403
   c. pronome apassivador – 404
   d. pronome impessoalizador – 405

3. Das seguintes funções:

   a. reflexibilidade pronunciada – 401
   b. reflexibilidade atenuada (expletivo, sem nenhuma função sintática) – 402
   c. reciprocidade – 403
   d. passividade – 404
   e. impessoalidade – 405

   determine a que indica o "se" destas orações:

   A. Ele se morre de amores pelo seu clube.
   B. Quem não se orgulha do que faz?
   C. Diante da evidência da culpa, eles se propuseram a indenizar o prejuízo.
   D. Você já notou como eles se cumprimentam?
   E. Nem tudo se perdeu na inundação.

F. Não se espante com o que vou declarar.
G. Todos se indignam sempre que ele fala.
H. A verdade não se dobra diante da falsidade.
I. De todos os casos de que se tratou, o de hoje foi o mais importante.

4. Determinar, dentre estes itens:

a. objeto direto – 401, A
b. objeto indireto – 401, B
c. mero reflexivo, sem função sintática nenhuma – 402
d. impessoalizante do sujeito – 405
e. apassivador – 404

qual o que se ajusta ao "se" destas orações:

A. De que maneira se diz "bom dia "em inglês?
B. De que maneira se sobe até o topo do Corcovado?
C. De que maneira eles se queixaram?
D. De que maneira ele se propõe abrir a estrada?
E. De que maneira o gato se machucou?

5. Destes itens:

a. conjunção condicional – 585.0
b. conjunção integrante – 581
c. pronome apassivador – 404
d. expletivo (reflexibilidade atenuada) – 402, B

indique o que se ajusta ao "se" destas orações:

A. Pergunte se ele quer ir.
B. Pergunte-se quem deseja ir.
C. Nada pergunte se ele não quiser ir.
D. Se ele foi, nada mais há que fazer.
E. Indague dos colegas se ele foi.
F. Ele foi-se.

6. Dentre estas possibilidades:

a. pronome apassivante – conjunção integrante
b. conjunção condicional – conjunção integrante
c. pronome apassivante – pronome impessoalizante
d. pronome apassivante – conjunção condicional
e. conjunção condicional – pronome apassivante
f. pronome reflexivo – conjunção condicional
g. conjunção integrante – pronome apassivante

indique a que se ajusta aos "ses" destes períodos:

A. Indagou-se se havia ou não chegado.
B. Se se fizer o que mandei, tudo sairá bem.
C. Não se enraiveça se ele disser não.

7. Assinale o período em que a palavra SE é parte integrante do verbo (395):

a. Ele arrependeu-se muito do que fez.
b. Alugam-se ótimas residências.
c. Esquece-se com facilidade o que se aprende mal.
d. O réu ajoelhou-se na frente de todos.
e. Na reunião aludiu-se a fatos diversos.

F – Conjugação

Indique a letra certa para os claros dos seguintes períodos:

1. Ele. . . para que. . . nas férias. 461 – 460.

a. negoceia, passeemos
b. negocia, passeemos
c. negocia, passeiemos

2. Se. . . nos. . . de março, não me encontrarão. 464, 3 – 460.

a. virem, meados
b. vierem, meiados
c. vierem, meados
d. virem, meiados

3. . . . ao que quiseres de contribuição, mas não. . . além de um dia de trabalho. 462, 4 – 413, 3, b.

a. Dê, dê
b. Dá, dê
c. Dê, dá
d. Dá, dês

4. . . . na sala o que não. . . no seu quarto. 463, 15 – 463, 1 – 316.

a. Ponha, couber
b. Põe, couber
c. Ponha, caber
d. Põe, caber

5. Se você. . . de noite e. . . que não há luz em casa,. . . no vizinho. 464, 3 – 463, 14 – 413, 3, b.

a. vir, ver, procura-me
b. vier, ver, procura-me

c. vier, vir, procure-me
d. vir, vir, procure-me
e. vier, ver, procure-me
f. vier, vir, procura-me

6. O temporal. . . o trem e a venda de passagens precisou ser. . . 431, obs. – 495.

a. deteu, suspendida
b. deteve, suspendida
c. deteu, suspensa
d. deteve, suspensa

7. . . .logo e. . . ainda antes da vossa primeira aula. 464, 1 – 464, 3 – 413, 3, b.

a. Vá, venha
b. Vão, venham
c. Vai, vinde
d. Ide, venhais
e. Ide, vinde
f. Vão, vinde

8. Não havia. . . o primeiro tempo quando o jogo foi. . . 495 – 496.

a. findado, suspenso
b. findo, suspenso
c. findo, suspendido
d. findado, suspendido

9. Preencha os claros com o imperativo (413, 3) dos verbos pedidos entre parênteses (cuidado com o tratamento, o qual está indicado em cada oração ou por outro verbo ou por um possessivo ou por um oblíquo):

a. (pedir). . . e receberá.
b. (pedir). . . e recebereis.
c. (ficar). . . em casa porque teu pai não está passando bem.
d. (reconhecer). . . nestes vossos alunos outros tantos amigos.
e. (incutir) Ó Senhor,. . . em nós, vossos servos, a consideração ao próximo.
f. (esquecer) Não vos. . . de nós.
g. (amar). . . a terra que respeita a tua liberdade e cuida da tua instrução.

10. Corrija as formas verbais grifadas:

a. Não *fazei* mal aos passarinhos. 463, 4.
b. *Sejais* obedientes aos vossos mestres, e *amais* os que vos repreendem. 425.
c. *Lembrei-vos* de que já *fosteis* pequeninos. 413, 3 – 425, n. 2 ao pé da pág.
d. Quanto trabalho *desteis* aos vossos pais! 425, n. 2 ao pé da pág.

11. Passe para o singular da mesma pessoa estas orações:

a. Nós nos refizemos da canseira. 463, 4.
b. Dizei-nos com quem andais que nós vos diremos quem sois. 463, 4, obs. 2.
c. Descobristes o erro porque refizestes o trabalho. 425, n. 2 ao pé da pág.

12. Reescreva no pretérito imperfeito do indicativo estas orações:

a. Não conheço a pessoa que se antepõe a nós na fila.
b. Refaço o trabalho só quando posso.

13. Reescreva no mais-que-perfeito do indicativo estas orações:

a. Nunca posponho o estudo ao esporte a não ser após as refeições. 463, 15, obs.
b. Nós compúnhamos nossas próprias músicas. 463, 15, obs.
c. Nada digo nem faço. 463, 3 – 463, 4.

14. Se na escola nos perguntarem "Como vêm vocês à escola?", devemos responder "Nós vimos a pé" ou "Nós viemos a pé"? (Note bem que a pergunta é feita no presente). 464, 3, obs. 1.

15. Diga em que tempo estão as formas verbais destas orações:

a. Se eu vir a sua tarefa, poderei dizer onde está o erro.
b. Eu viria de ônibus se ele passasse mais cedo por casa.
c. Só saiam quando vier ordem.
d. Oiça esta: a vaca voou.
e. Se tivéssemos intervindo na causa ele a teria ganho.

16. Escreva a 1ª pess. do pl. do pret. mais-q.-perfeito do indicativo (forma sintética) destes verbos:

ver	haver
vir	vendar
ir	dar
sair	poder
ouvir	dizer

17. Passe estes imperativos e o mais que for necessário para a 2ª pess. do plural (413, 3):

a. Não seja teimoso.
b. Faça o que eu mando, não faça o que eu faço.
c. Dize-me com quem andas que eu te direi quem és.
d. Ponha toda a atenção possível.
e. Não ponha o que não está na receita.

18. Passe imperativos e pronomes para a 3ª do singular:

a. Não desmereças teu trabalho.
b. Não venhais de borzeguins ao leito.
c. Ide-vos embora.
d. Pede a outrem só o que não puderes fazer.
e. Ouve o que te digo.
f. Saí antes que vos vejam.
g. Não te aflijas diante dos que te torturam.

19. Preencha os claros com o imperativo dos verbos pedidos entre parênteses (o tratamento será o indicado por alguma forma verbal ou pronominal da oração):

a. (dizer)..... o que você pediu.
b. (dizer) ..... o que quiseres.
c. (dizer) ..... o que pretendeis.
d. (dizer) Não..... o que viste.
e. (dizer) A ninguém..... o que vistes.
f. (fazer) ..... de mim o que for de vosso agrado.
g. (fazer) Não te ..... de rogado.
h. (fazer) Não se ..... de inocentes.

20. Escreva a 3ª pess. do pl. do ind. pres. dos verbos *ver, crer, ler* (463, 14, obs. 4).

21. Preencha os claros com o futuro do subjuntivo (419, 4 – 459, 4, n. 1 ao pé da pág.) dos verbos pedidos entre parênteses:

a. (ser) Quando eu ..... chamado, responderei com firmeza.
b. (estar) Quando ..... prontos, avisaremos.
c. (ter) Se ..... pressa, podeis ir.
d. (haver) Se ..... possibilidade, atenderei seu pedido.
e. (dizer) Jamais te envergonhes quando ..... a verdade.
f. (fazer) Se ..... bom tempo, iremos todos.
g. (caber) Iremos todos juntos, se ..... todos no carro.
h. (caber) Farei com todo o prazer a tarefa que me .....
i. (poder) Fazei o bem sempre que .....
j. (poder) Se ..... iremos hoje mesmo.
k. (querer) Quando ..... vir, não faça cerimônia.
l. (querer) Se ..... que eu conte a história, façam silêncio.
m. (saber) Só responda ao questionário quando ..... bem a lição.
n. (saber) Quando ..... o dia certo, avisaremos.
o. (trazer) Se você ..... o trabalho amanhã, tanto melhor.
p. (trazer) Eu vos agradecerei se ..... as informações que pedi.
q. (pôr) Serão reprovados se não ..... o livro sobre a carteira.
r. (pôr) Quando ..... tudo em dia, partiremos.
s. (caber) Vá pondo enquanto .....

22. Preencha os claros com o futuro do subjuntivo (419,4 – 459,4, n. 1 ao pé da pág.) dos verbos pedidos entre parênteses (a pessoa gramatical é a sugerida pelo restante de cada caso):

a. (ir) Quando eu ..... ao Rio, visitá-lo-ei.
b. (vir) Se ele ..... cedo, será melhor para ti.
c. (ir) Não se esqueça de mim quando ..... a Belo Horizonte.
d. (vir) Se ..... nas férias, avise com antecedência.
e. (ir) Se ..... cedo, seremos bem-sucedidos na caçada.
f. (vir) Quando ....., dispõe da nossa casa.
g. (ir) Serei recompensado se eu ..... ainda hoje.
h. (vir) Se ..... no fim do ano, passareis comigo as festas.
i. (ir) Se ..... de automóvel, chegaremos logo.

23. Preencha os claros com o subjuntivo presente dos verbos pedidos entre parênteses:

a. (nascer) É necessário cultivar a religião para que um país ..... direito. 451.
b. (eleger) São necessários muitos votos para que você se ..... 452.
c. (ficar) Peço-lhe que ..... tranquilo. 447, 1.
d. (roçar) Faça com que a vara não ..... os fios. 447, 2.
e. (infringir) As autoridades não devem permitir que os guardas ..... a Lei do Silêncio, a Lei das Contravenções, o Código Penal e o próprio Código Civil. 452, n. 2.

24. Leia em voz alta estas orações, preenchendo os claros com o presente do subjuntivo ou do indicativo dos verbos indicados entre parênteses. [Respondendo por escrito, ponha na sílaba tônica um sinal diacrítico (acento agudo ou circunflexo) que indique se o som é aberto ou fechado – 442 e ss.]:

a. (indignar-se) Seu procedimento faz com que todos ..... contra ele.
b. (indignar-se) Para que o céu não ..... contra a terra.
c. (obstar) A fim de que o muro ..... o avanço das ondas.
d. (obstar) Um remédio que ..... qualquer infecção.
e. (optar) Permito-lhes que ..... por uma das duas soluções.
f. (eclipsar) Que é necessário para que a terra ..... a lua?
g. (ritmar) Para que vocês ..... os passos pela música.
h. (peneirar) É necessário que você ..... a areia.
i. (abeirar-se) Ponha um aviso para que ninguém ..... da represa.
j. (enfileirar-se) Peço que vocês .....
k. (cavoucar) É necessário que vocês ..... mais fundo.
l. (afrouxar) O aviso pede que os passageiros ..... os cintos.
m. (poupar) Aconselho-o a que ..... energias.
n. (vicejar) Ponha mais adubo para que essas plantas .....
o. (alvejar) Quero uma pasta que ..... os dentes.
p. (espelhar) E o teu futuro ..... essa grandeza.
q. (desfechar) Isso faz com que eu ..... novo ataque.
r. (emparelhar) Quero dois animais que se .....
s. (vexar) Esse cuidado é para que você não ..... seu amigo.
t. (inteirar-se) Quero que você ..... melhor do assunto.
u. (arraigar-se) A verdade se esvai, o erro .....
v. (enraizar-se) Regue todas as tardes até que a grama ..... bem.
w. (arruinar-se) Procure salvá-lo antes que ..... de todo.
x. (estourar) Desligue o motor antes que .....

25. Reproduza estas orações limpando-as de um gravíssimo erro (433, 2, ao pé da pág.):

a. Essas medidas são para manter-mos mais ordem e produção.
b. Outro teria sido o resultado se tivésse-mos tido mais cuidado.

26. Complete com o futuro do subjuntivo dos verbos pedidos entre parênteses:

a. (caber) Enquanto ..... vá pondo gasolina no tanque. 463, 1.
b. (fazer) Sempre que nós ..... sinal, vocês parem. 463, 4.
c. (saber) Somente quando vocês ..... de cor é que devem dar-se por satisfeitos. 463, 11.
d. (trazer) Chamarei à lição somente os que ..... o exercício feito. 463, 12.

e. (repor) Não ficarei satisfeito enquanto nós não ..... as coisas nos seus lugares. 463, 15.

f. (opor) Parem se eles ..... resistência. 463, 15.

27. Reescreva esta oração "Quero que eles ....." substituindo as reticências pelo subjuntivo presente dos verbos *calçar*, *calcar*, *galgar*, *erguer*, *proteger*, *descer*, *extinguir*, *crescer*, *corrigir*, *distinguir*, *viajar*. 447; 451 e ss.

28. Copie estas orações com os verbos no pretérito perfeito, conservando a pessoa gramatical (462 e ss.):

a. Desfaço mas não reponho.
b. Ele quer mas não pode.
c. Digo isso para seu bem.
d. Ele faz o que pode.
e. Ponho os cadernos no armário.
f. Ele traz a mala a tiracolo.

29. A primeira oração encerra um imperativo positivo; a segunda deve trazer um imperativo negativo do mesmo verbo e da mesma pessoa gramatical (413,3, b):

a. Deixa ficar onde está – Não ..... que se afastem.
b. Deixai a criança andar – Não nos ..... caiem em tentação.
c. Põe o que faltar – Não ..... mais água.
d. Ponde mais cuidado – Não ..... a mão em seara alheia.
e. Faze tudo bem feito – Não ..... mal aos animais.
f. Tende compaixão de nós – Não ..... medo de perguntar.
g. Dize sempre a verdade – Não ..... que não convém.
h. Sede benignos e misericordiosos – Não ..... preguiçosos.
i. Vai buscar o livro – Não ..... se não mandarem.
j. Venha comigo, meu filho – Não ..... agora, minha mãe.

30. Copie estas orações com os verbos no pretérito perfeito, conservando a pessoa gramatical:

a. A menina obtém sempre boas notas. 431, obs.
b. Não contenho as lágrimas ao pensar nisso.
c. Vós mantendes a palavra dada?
d. O relato não condiz com a realidade. 463, 3, obs. 1.
e. Nós desdizemos tudo o que ele afirma.
f. Perfarás o caminho em 10 horas? 463, 4, obs. 1.
g. Desfarei todas as dúvidas.
h. O artista compunha belas canções. 463, 15.
i. Ele imporá a todos severos castigos.
j. Não intervenho nessa contenda. 464, obs. 2.
k. Donde provêm esses abusos?

31. Os verbos compostos destas orações estão errados; corrija-os, colocando entre os parênteses a forma certa:

a. Se eu tivesse intervido ( ) não se teria dado o desastre. 464, obs. 3.
b. Nada acontecerá se você repor ( ) os mesmos fios. 463, 15.

c. Pedi que retessem ( ) o caminhão no armazém. 431, obs.

d. O método mantia ( ) disciplina e interesse. 431, obs.

e. Seria necessário que eu prevesse ( ) melhor o que está por acontecer. 463, 14, obs. 1.

32. Supra os claros com o particípio dos verbos pedidos entre parênteses (494 e ss.):

a. (acender)Eu já havia ..... o fogo quando ele chegou.

b. (acender)O fogo permaneceu ..... o dia todo.

c. (expulsar) O inimigo havia sido ..... da fortaleza.

d. (expulsar) Doutra forma não teria ele ..... os cálculos dos rins.

e. (morrer) O coitado já havia ..... quando a ambulância chegou.

f. (matar) Este ano tenho ..... mais codornas que o ano passado.

g. (submergir) Não sei se o submarino estava espontaneamente ..... ou se o haviam .....

33. Complete com o imperativo do verbo *manter* (431, obs.):

a. Revele coragem e ..... toda a confiança.

b. Revela coragem e ..... toda a confiança.

c. Revelai coragem e ..... toda a confiança.

d. Revelemos coragem e ..... toda a confiança.

34. Indique a letra que se adapta aos claros do período

Quando vós ..... nosso próximo necessitado, não ..... de o socorrer.

a. virdes, deixeis

b. virdes, deixais

c. verdes, deixeis

35. Indique a letra que se adapta aos claros do período

Se você não ..... os documentos, ... a polícia.

a. reaver, procure

b. reouver, procures

c. reouver, procure

36. Indique a letra que se adapta aos claros do período

Quando ..... que os homens vos traem não .....; ..... vossa confiança em Deus.

a. vires, desesperes, põe

b. verdes, desesperais, ponde

c. virdes, desespereis, ponde

37. Indique a letra que se adapta aos claros do período

Assim como ouro ..... da terra, o filho mais velho ..... ao sustento da família.

a. provém, provê

b. provê, provém

c. provém, provém

38. Indique a letra que se adapta aos claros do período
O sacristão não tinha ..... as velas, e elas deviam ser ..... ao anoitecer.

a. acendido, acendidas
b. acendido, acesas
c. aceso, acendidas

39. Indique a letra certa:

a. Se ver Pedro, avise-me.
b. Se vires Pedro, avise-me.
c. Se vir Pedro, avise-me.
d. Se veres Pedro, avisa-me.
e. Se ver Pedro, avisa-me.

40. Indique a letra certa (488, d; 316, 328):

a. Precavenham-se contra os assaltantes, mas evitai o uso de armas.
b. Precavede-vos contra os assaltantes, mas evitai o uso de armas.
c. Precavinde-vos contra os assaltantes, mas evitai o uso de armas.
d. Precavei-vos contra os assaltantes, mas evitai o uso de armas.
e. Precavenham-se contra os assaltantes, mas evitem o uso de armas.

41. Indique a letra que deve preencher o claro da oração (452, n. 3):
A costureira respondeu: Esta roupa eu não .....

a. serzo
b. cerzo
c. sirzo
d. cirzo

42. Indique a letra que deve preencher os claros do período (488, e; 425, n. 1 ao pé da pág.)
Se todos ..... o que já perderam, talvez não cuidassem do que .....

a. reavessem, têm
b. reouvessem, têm
c. reouvessem, teem
d. rehavessem, tem
e. rehouvessem, teem

43. "Encontrei-o ontem, mas se o ..... de novo dir-lhe-ei tudo."
O período ficaria completo com (459, n. 1 ao pé da pág.):

a. vêr
b. ver
c. vir
d. vier

44. "Julieta ..... de família ilustre."
A oração ficaria completa com (464, 3, obs. 2):

a. provem
b. prove

c. provêm
d. provê
e. provém

45. "Se eu fizesse o que ele pediu eu seria prejudicado."
A subordinada condicional (585.4) desse período traz o verbo no:

a. futuro do subjuntivo
b. mais-que-perfeito do subjuntivo
c. imperfeito do indicativo
d. imperfeito do subjuntivo
e. mais-que-perfeito do indicativo

46. A 2ª pess. do pl. do imperativo positivo de *ter + o* é (825):

a. tenhai-lo
b. tenhai-o
c. tende-o
d. tende-lo

47. Assinale a letra que preenche o claro do período (658, 3):

. . . . . dez anos que ela morreu.

a. Fazem
b. Farão
c. Fizeram
d. Faz

G – Pronomes

1. Preencher os claros com os pronomes pessoais pedidos entre parênteses:

a. Entre (1ª do sing.) e (2ª do sing.) não há segredos.

b. Apresentaram um documento para (1ª sing.) assinar. 313.

c. Queriam falar com (1ª pl.) mesmos. 319, n.

2. *Mais* amor e *menos* confiança.
As palavras grifadas são:

a. pronomes indefinidos adjetivos (530, n. 4, ao pé da pág.; 357, 1, n.)
b. pronomes interrogativos
c. pronomes demonstrativos (340 e ss.)
d. advérbios de intensidade (530)
e. classes diferentes das anteriores.

3. Assinalar a letra que corresponde ao "o" grifado do período (345):
O que podia ser feito foi feito.

a. artigo
b. pronome demonstrativo
c. pronome pessoal oblíquo

H – QUE – Análise léxica:

Nestes períodos, sublinhe a letra que analisa lexicamente (morfologicamente) o "que":

1. É costume que haja concurso.

a. pronome relativo – 376
b. advérbio – 530, n. 6
c. conjunção integrante – 581; 894 e ss.
d. conjunção final – 587

2. Acontece que ele não quer.

a. conjunção conclusiva – 574
b. conjunção aditiva – 571
c. conjunção final – 587
d. conjunção integrante – 581; 894 e ss.
e. pronome relativo – 376

3. É lei que todos devem respeitar-se reciprocamente.

a. conjunção consecutiva – 586
b. conjunção integrante – 581; 894 e ss.
c. conjunção concessiva – 584

4. Segue-se que ele não tem razão.

a. conjunção final – 587
b. conjunção causal – 582
c. conjunção concessiva – 584
d. conjunção integrante – 581; 894 e ss.
e. pronome relativo – 376

5. O outro motivo é que ele não tem idade para o cargo.

a. explicativo – 575
b. expletivo – 784, n. 5
c. integrante – 581; 894 e ss.
d. final – 587
e. relativo – 376

6. Ainda que tivesse sido gerado dos deuses.
Nesta subordinada existe locução conjuntiva ou conjunção? Sublinhe as letras correspondentes.

A. locução conjuntiva – 565, n.

B. conjunção – 556
   a. consecutiva – 586
   b. concessiva – 584
   c. integrante – 581; 894 e ss.
   d. final – 587
   e. expletiva – 784, n. 5

7. Analise lexicamente o "que": Rogo-te que voltes logo. 581 – 895.

8. Assinale a letra que indica a função dos quês do período

Dos títulos que me dais só me cabe o de honrado, que esse, mercê de Deus, é meu.

a. final – expletivo
b. integrante – concessivo
c. relativo – causal
d. relativo – expletivo
e. concessivo – consecutivo

9. Assinale a letra que indica a função dos quês do período

Cale-se de Alexandre e de Trajano a fama das vitórias que tiveram, que eu canto o peito ilustre lusitano.

a. final – explicativo
b. integrante – concessivo
c. relativo – causal
d. relativo – expletivo
e. concessivo – consecutivo

I – Predicado

Seguem-se umas tantas orações; dizer a que letra corresponde o predicado nelas existente:

a. verbal – 663
b. nominal – 664
c. verbo-nominal – 670

1. Ele passou de ano.
2. Ele passa bem.
3. Ele passou a ponte.
4. João não está.
5. João não está em casa.
6. João não está bem.
7. João não está bom.
8. Ele ficou atordoado.
9. Viver é trabalhar.
10. O pai encontrou o filho.

11. O pai encontrou o filho esfarrapado.
12. Julgaram-me apto para o lugar.
13. Ele parece criança.
14. O soldado voltou ferido.
15. Os pais consideram-no aluno disciplinado.

J – Complementos e Adjuntos

1. Dizer, especificando a respectiva letra, o que aparece nestas orações:

a. adjunto adverbial – 695 e ss.
b. objeto direto preposicionado – 683
c. objeto indireto – 301, a; 681
d. complemento nominal – 675
e. agente da passiva – 390
f. objeto direto – 301, a; 681

1. Passei por duas ruas.
2. Será reverenciado de toda a forma.
3. Será reverenciado de todos os patrícios.
4. Ganhei a partida.
5. Chegada ao Rio.
6. Chegamos ao Rio.
7. Todos amam a Deus.
8. Fique aqui.
9. Comprei anéis de ouro.
10. Ele morreu de frio.

2. Dizer, nas orações que se seguem, mencionando a letra correspondente, se o complemento do verbo é (Cap. XVII, § 298 e ss.):

a. predicativo – 665
b. predicativo do sujeito – 666, 667, 669
c. predicativo do objeto – 666, 668, 669
d. objeto direto – 681
e. objeto indireto – 685
f. um direto, outro indireto.
g. um direto, outro predicativo do objeto.

1. Julgo-o apto.
2. Morreu desiludido.
3. Ele é leviano.
4. Acho-o leviano.
5. Nada lhe respondi.
6. Que quer você?
7. Não lhe perdoarei.
8. Viajamos preocupados.
9. O animal fugiu apavorado.

10. Declararam-se inocentes.
11. Quantas respostas você encontrou erradas?
12. Fique quieto.

3. Dizer, fazendo-as seguir da letra correspondente, se nestas orações existe:

a. objeto direto – 301, a; 681; 484, 2, n.
b. objeto indireto – 301, b; 685
c. agente da passiva – 390
d. adjunto adnominal – 691
e. complemento nominal – 675 e ss.
f. vocativo – 701 e ss.

1. Bom dia, rapazes!
2. Não mais vi João.
3. Obedeçam-nos.
4. Vamos comprá-los.
5. Ele é estimado de todos.
6. Ele é digno de todos.
7. Muitos alunos passaram.
8. Preciso de recursos.
9. Tenha paciência.
10. Haverá recursos.

K – Sujeito

Seguem-se umas tantas orações; antes de cada uma delas escreva a letra correspondente a uma destas especificações de sujeito:

a. agente (ou ativo) simples – 388; 655; 657, n. 2
b. paciente (ou passivo) simples – 389
c. agente (ou ativo) composto – 656
d. paciente (ou passivo) composto
e. inexistente – 658
f. indeterminado (ou impessoalizado) – 405; 485; 657
g. oculto – 657, n. 2

1. O professor ensinou toda a matéria.
2. Desapareceram o livro e o lápis.
3. Precisa-se de um marceneiro.
4. Precisamos estudar.
5. Choveu muito.
6. No momento não há indícios de melhora.
7. Quem foi reprovado?
8. Ele e a irmãzinha já estão alimentados.
9. Ele e a irmãzinha já estão dormindo.
10. Já estão dormindo.
11. Não se dorme com esses latidos.

12. É hora de dormir.
13. Vendeu-se tudo.
14. Ele se vendeu ao inimigo.
15. Havia muitos alunos na sala.
16. Alugaram-se todos os apartamentos.

L – Coordenadas e Subordinadas – 557 e ss.; 889 e ss.

Assinale a oração grifada com *c* se coordenada, com *s* se subordinada:

1. Não há mal *que sempre dure*.
2. Não há bem *que se não acabe*.
3. Ele sabe, *também seria reprovado* se não soubesse.
4. Ele sabe *que será reprovado*.
5. Será reprovado *se não souber*.
6. Vou verificar *se ele sabe*.
7. Verifiquei que ele não só sabe, *como sabe muito bem*.
8. Não é piada *senão coisa muito séria*.
9. Não faça o *que ele fez*.
10. Não faça *que você se arrepende*.
11. Tanto fez *que se arrependeu*.
12. Vou estudar; *conseguirei enfim passar*.
13. Ele agiu bem; *demais, eu havia ajudado*.
14. Agora lhe pergunta pelas gentes, *agora pelos povos seus vizinhos*, agora pelos úmidos caminhos.
15. Ele agiu *como sugeri*.

M – Subordinadas Substantivas, Adjetivas, Adverbiais

1. Dizer, fazendo-os anteceder da letra correspondente, se estes períodos têm uma subordinada

a. substantiva – 892 e ss.; 581
b. adjetiva – 899, 900
c. adverbial – 901 e ss.

1. Não valeu o gol que marcaram no primeiro tempo.
2. Faça o que mandei.
3. Faça-o de forma que você não se arrependa.
4. Faça-o de tal forma que ninguém perceba.
5. Ele faz que não ouve.
6. Ele mais ouve do que fala.
7. Só estudam quando voltam das férias.
8. Não faz mal que ele não estude.
9. Estude, que o exame não é de brinquedo.
10. Só quero uma coisa: que você recorde toda a matéria destas lições.

11. Não conheço a aluna cuja lição acabo de corrigir.
12. Farei como você mandar.
13. Já que assim é, que posso fazer?
14. Irei com tal que ele prometa pagar a viagem.
15. Vamos logo que a chuva está aí.
16. Tenho a impressão de que você está melhor.
17. Essa é a impressão que tenho.
18. Não é coisa sabida que ele é incompetente?
19. Como você não vai eu também não vou.
20. Por mais atrasado que você chegue não se esqueça do meu recado.

2. Separe e analise as orações que formam este período:

Mande quem indiquei. 900, n. 4; 379.

3. Não se sabe o QUE LHE PASSOU PELA CABEÇA.

Assinale a letra certa quanto à oração grifada:

a. subordinada substantiva subjetiva – 894
b. subordinada substantiva objetiva direta – 895, 1
c. subordinada adverbial – 901 e ss.
d. subordinada adjetiva – 899 e ss.
e. subordinada condicional - 903, 5

4. Mal você chegou, as discussões começaram.

A primeira oração é:

a. coordenada sindética – 889, n.
b. principal – 563, 888
c. subordinada adverbial temporal – 901 e ss.; 588, n. 2
d. subordinada adverbial proporcional – 901 e ss.
e. subordinada adverbial causal – 901 e ss.

5. Assinale o período em que há uma oração subordinada substantiva objetiva direta (895, 1):

a. Fiz tudo como me disseram.
b. Ignoro o motivo por que não veio.
c. Tenho receio de que o percas.
d. Não sei o que fazer.
e. Não sei se ele servirá.

6. Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heroico o brado retumbante.

Temos aí:

a. sujeito composto – 656
b. sujeito passivo – 389
c. sujeito indeterminado – 657

d. sujeito singular
e. o sujeito é "as margens plácidas", plural, feminino, ativo – 388

N – Subordinadas Substantivas

Assinale com a letra correspondente as subordinadas substantivas dos períodos seguintes:

a. subjetiva – 894
b. objetiva direta – 895, 1
c. objetiva indireta – 895, 2
d. completiva nominal – 896
e. predicativa – 897
f. apositiva – 898

1. Estou receoso de que não cheguemos a tempo.
2. Esperava que você viesse.
3. Tenho um receio: que nos testes você não raciocine também por exclusão.
4. Isto eu não posso deixar de dizer, que você deve recordar as lições anteriores todos os dias.
5. Você crê que o professor está sendo rigoroso?
6. Nunca é pernicioso que se exija o máximo dentro da capacidade do aluno.
7. Não aceito a desculpa de que você não compreende a explicação.
8. A verdade é que o estudo exige raciocínio.
9. Concordo em que a memorização não seja o único elemento para um bom exame.
10. Impediram-me que eu o atendesse.
11. É duvidoso que ele seja tolerante.
12. Devemos afastar a ideia de que tudo será fácil.
13. Conviria que você falasse com ele.
14. Isso não depende simplesmente de que ele queira.
15. Ele é merecedor de que o promovam.
16. Não tenho absoluta certeza de que ele é engenheiro.
17. Todos achavam que as coisas andavam bem.
18. Era falsa a impressão de que as coisas andassem bem.
19. Não era possível que as coisas andassem bem.
20. Estou na dependência de que as coisas andem rigorosamente bem.

O – Reduzidas – 904

1. Dizer, assinalando com a letra devida, se nos seguintes períodos:

a. há uma reduzida de infinitivo
b. há uma reduzida de gerúndio
c. há uma reduzida de particípio
d. não há reduzida

1. Já se havia posto o sol e o macuco continuava a piar.
2. Posto o sol, os pássaros deixam de cantar.
3. Temos de ir de avião.
4. Não é por irmos de avião que o caso vai resolver-se ainda hoje.
5. Fiquei pensando o dia todo e não cheguei a nenhuma conclusão.
6. Acabando as férias, cuide o mais possível dos estudos.
7. Já se haviam levantado quando irrompeu o incêndio.
8. Fiz sair todos.

2. Dizer, assinalando com a letra devida, se estas reduzidas de infinitivo são (904, n. 2):

a. subjetivas
b. objetivas
c. completivas nominais

1. Isso prova não termos pensado bem.
2. Não vejo culpa por terem agido dessa forma.
3. Isso significa estarem eles pedindo o dobro do valor.
4. Estarem eles pedindo o dobro não é estranho.
5. Será muito difícil conseguirmos triunfo.
6. Isso não depende de querermos.

P – Adjuntos Adnominais – Complementos Nominais

Com um traço subposto, indique os adjuntos adnominais (691 e ss.); com dois, os complementos nominais (675 e ss.; 927, 2; 693):

a. Julgaram-no indigno do prêmio.
b. Estes são inaptos para o serviço militar.
c. Os candidatos inidôneos para o cargo serão fatalmente reprovados.
d. Desejoso de aprender, ele estudava o dia todo.

Q – Aposto – Vocativo – Predicativo – Adjunto Adnominal

Dizer a qual destas letras correspondem as palavras ou frases grifadas dos textos que se seguem:

a. aposto – 699, 756.
b. vocativo – 701 e ss.
c. predicativo – 302, 664, 665.
d. adjunto adnominal – 691 e ss.

1. Esse rapazelho, *descurado como é dos pais*, encontrará muitos dissabores.
2. Esse rapazelho é *descurado* no vestir-se.

3. Nunca sabem nada os alunos *descurados* nas tarefas.
4. *Rapaz descurado*, você jamais será gente amanhã.

R – Composição

1. Dizer, discriminando a letra, se a formação destas palavras é:

a. por prefixação – 626.
b. por justaposição – 226, 3º caso.
c. por aglutinação – 633.
d. parassintética – 625.

1. planalto
2. santelmo
3. terrapleno
4. couve-flor
5. cantochão
6. anteontem
7. antártico
8. entronizar
9. sobrecincha
10. transatlântico
11. transcontinental
12. anônimo

2. Indicar dentre estas palavras a que é híbrida (632):

a. decâmetro
b. automóvel
c. novilatina
d. xenofobia

3. Nas palavras METRÓPOLE, ANARQUIA, DIAGONAL, ACÉFALO, ICONOCLASTA temos elementos gregos que significam respectivamente:

a. cidade, luta, ângulo, cabeça, ídolo
b. estado, caos, corte, pensamento, destruição
c. capital, revolução, linha reta, pescoço, ídolo
d. cidade, governo, ângulo, cabeça, ídolo
e. muito, confusão, lado, cabeça, destruição

4. Assinale a afirmativa errada:

a. FIDALGO é composto por aglutinação (633)
b. BUROCRACIA é hibridismo (632)
c. o prefixo de PREDIZER é latino e significa *antes* (629)
d. a letra *b* está errada

5. Assinale o grupo formado por prefixos latinos e gregos (629, 630):

a. hemisfério, hipertrofia, hipótese, eucaristia
b. companhia, embarcar, maldizer, procônsul
c. justapor, semimorto, superlotado, ambiguidade
d. anticristo, dípode, epígrafe, apogeu
e. sintaxe, biscoito, anacrônico, península

6. Assinale o grupo de palavras em que apenas duas têm o primeiro elemento grego (630, 631):

a. monarca, filantropo, teologia
b. metrópole, catálogo, anfíbio
c. maldizer, disfagia, endocarpo
d. micróbio, neologismo, pseudônimo
e. tipografia, zoológico, metamorfose

7. Assinale o grupo em que o prefixo latino significa *quase* (629):

a. perfazer, perpétuo, pervagar.
b. reaver, regredir, recomeçar.
c. península, penumbra, penúltimo.
d. indelével, irreal, ilegal.
e. ambiente, ambivalente, ambiguidade.

8. Assinale a afirmativa errada:

a. Os dígrafos SS e RR podem ser separados. 143, e, 1.
b. *Translúcido* e *diáfano* são sinônimos; o primeiro é de origem latina, o segundo de origem grega. 629; 630.0.
c. *Semi*, prefixo latino, e *hemi*, prefixo grego, são sinônimos. 629; 630.0.
d. Estão corretas: *excesso*, *exceção*, *obcecado*, *obsessão*.
e. Na palavra *pneumático* temos um dígrafo e um ditongo. 85.

9. Dentro dos parênteses coloque a letra correspondente ao significado (631):

a. demos ( ) úmido
b. hélios ( ) semelhante
c. homós ( ) letra
d. gramma ( ) sol
e. hygrós ( ) povo

10. Assinale a letra em que haja elemento grego com o significado de "único" (631):

a. metrópole
b. autônomo
c. anônimo
d. monarca
e. idólatra

S – Análises Diversificadas

Uma ou mais das orações destes grupos podem estar com as palavras grifadas corretamente analisadas; dentre estas letras, indicar a que se ajusta a cada grupo:

A. Se apenas as orações 1 e 3 estiverem corretamente analisadas.
B. Se apenas as orações 2 e 4 estiverem corretamente analisadas.
C. Se apenas as orações 1, 2, 3 estiverem corretamente analisadas.

D. Se todas estiverem corretamente analisadas.
E. Se nenhuma das letras anteriores.

Grupo 1:

1. Floresceu a árvore *que* plantei – objeto indireto
2. *Quem* convidaremos? – sujeito
3. Visitei os *meus* – adjunto adnominal
4. Tu bem *o* sabes – objeto direto

Grupo 2:

1. Seu sonho era *morar no Rio* – reduzida substantiva subjetiva
2. Havia receio *de voltares* – reduzida substantiva completiva nominal
3. Disseram-me *serem baleias* – reduzida substantiva objetiva direta
4. Diz-se *ter Cristo nascido em Belém* – reduzida substant. objet. direta

Grupo 3:

1. É bom *que você venha* – subordinada objetiva direta
2. Meu maior desejo é *que me deixem em paz* – subordinada predicativa
3. Não suba *que a escada cai* – coordenada sindética explicativa
4. Chamei-o *que me ouvisse* – subordinada adverbial final

Grupo 4:

1. *Chegados que fomos*, procuramos o diretor – adverbial temporal
2. Os louvores, *pequenos que sejam*, são ouvidos com agrado – adverbial concessiva
3. Tenho tanto medo *que me pelo* – adverbial consecutiva
4. Só lhe peço isto: *honre nosso nome* – substantiva apositiva

Grupo 5:

1. Sabe-se *que haverá trégua* – subordinada substantiva objetiva direta
2. Não te esqueças *de que és falível* – subordinada apositiva
3. É justo *que amparemos as crianças* – subordinada predicativa
4. A preguiça gasta a vida, *como a ferrugem consome o ferro* – subord. conformativa

T – Termos da Oração (de 648 a 705)

Estas questões trazem grifado um termo de oração; indique a letra correspondente à sua função:

1 – Quando desta Corte olhávamos para a serrania dos Órgãos, víamos *rutilante* a estrela que nos guiava.

a. objeto direto – 679 e ss.
b. adjunto adnominal – 691 e ss.
c. predicativo do objeto – 668, 669
d. predicativo do sujeito – 667, 669
e. aposto – 699

2 – Não sejamos *os últimos* a trilhar a senda dos progressos econômicos e políticos.

a. objeto direto – 679 e ss.
b. adjunto adnominal – 691 e ss.
c. complemento nominal – 675 e ss.
d. predicativo – 302, 664, 665
e. agente da passiva – 390

3 – Mandei-*o* sair.

a. objeto direto – 679 e ss.
b. objeto indireto – 685
c. sujeito acusativo – 652
d. predicativo do objeto – 668, 669
e. aposto – 699

4 – Ele era estimado *de todos*.

a. adjunto adnominal – 691 e ss.
b. complemento nominal – 675 e ss.
c. agente da passiva – 390
d. objeto indireto – 685
e. adjunto adverbial – 695 e ss.

5 – Saúdo-o e *aos seus parentes*.

a. objeto indireto – 685
b. predicativo – 302, 664, 665
c. complemento nominal – 675 e ss.
d. objeto direto preposicionado – 683; 846
e. adjunto adverbial – 695 e ss.

6 – Estudem, *rapazes*, todos os pontos.

a. predicativo do sujeito – 667, 669
b. sujeito – 650 e ss.
c. aposto – 699
d. vocativo – 701 e ss.
e. complemento nominal – 675 e ss.

7 – Devemos obediência *às leis*.

a. objeto indireto – 685
b. predicativo do objeto – 668, 669
c. complemento nominal – 675 e ss.
d. adjunto adnominal – 691 e ss.
e. adjunto adverbial – 695 e ss.

8 – Caminharam *trôpegos* até o altar.

a. objeto direto – 679 e ss.
b. adjunto adnominal – 691 e ss.
c. adjunto adverbial – 695 e ss.

d. aposto – 699
e. predicativo do sujeito – 667, 669

U – Regência, Concordância e outros assuntos

1. Assinale a oração errada (732):

a. Eu e tu estudaremos a mesma matéria.
b. Tu e ele desejais as mesmas coisas.
c. Comprará tu e ele esta casa?
d. Tu, ele e eu pensamos do mesmo modo.
e. Você e ele esperar-me-ão aqui.

2. Assinale a letra que preenche corretamente os claros da oração (261, n. 2):

A saia ..... e o chapéu ..... não combinavam.

a. azul-marinho – cinza-claro
b. azul-marinha – cinza-clara
c. azul-marinha – cinza-claro
d. azul-marinho – cinza-clara

3. Os seguintes períodos têm quatro partes grifadas indicadas pelas letras A, B, C, D. Indique qual a letra errada de cada período; se todas estiverem certas sua resposta deve ser E:

a. *Devido a* péssima alimentação que recebem na *primeira infância*, muitas
A B
crianças não atingem *todo o* seu *potencial* de desenvolvimento. *Sem erro*. (118, 10).
C D E

b. Não sei o motivo *porque* ela *se* tornou, *de repente*, tão *desleixada*. *Sem erro*. (532, n. 2).
A B C D E

c. Não *a via há* muito tempo, *de formas* que se tornara *incapaz* de reconhecê-la.
A B C D
Sem erro. (586, n.).
E

4. Destas regências indicar a única certa (777):

1. É homem muito importante; já lhe conhecia há muito.
2. Sempre o obedeci.
3. Sempre lhe vejo, caro professor, na cidade.
4. Quantas vezes quer você que lhe pague?
5. Todos nós admiramos aos gênios.

5. Destas concordâncias indicar a única certa (487; 405, n.):

1. Se houvessem mais recursos tudo seria conseguido.
2. Devem haver outros meios.
3. Fazem dois dias que partiu.
4. Pode fazer dois anos, quando muito, que se empregou.
5. Precisam-se de carpinteiros.

6. Destas orações indicar a que tem sujeito composto (656; 726 e ss.):

1. O burro e a vaca todos queriam comprar.
2. Assustados e empurrados foram conduzidos para o abrigo.
3. Contadores e gerentes são considerados responsáveis.
4. Todas as segundas-feiras e sábados tiveram aula.
5. Os livros e as estantes convém vocês limpar.

7. Assinale o período correto:

a. Fazem três anos que estivemos lá. 907, n. 1.
b. Minha irmã namora com um dos meus colegas.
c. Custei a acreditar no que via. 777.
d. Ele entreteu os colegas e não previu o que ia acontecer. 431, obs.
e. Os dois cidadãos escreveram livros para a segunda e para a terceira série. 751.

8. Assinale a letra certa (484, 2; 527, n. 7) que substitui os claros do período:

Nesse campo ..... muitas teorias, algumas ..... do que outras.

a. existe – melhor
b. existem – mais bem
c. existem – melhores
d. existe – mais bem
e. existe – melhores

V – Infinitivo Pessoal

1. Assinale a pessoalização errada:

a. Anima-nos a esperança de triunfarmos. 918, 1.
b. Temos o prazer de lhe participarmos. 918, 1.
c. É pouco provável resistirem os jovens à prova. 918, 2.
d. Os maus, com se louvarem, não deixam de o ser. 918, 2.
e. Leis que se fazem para se não cumprirem. 920.

2. Assinale a pessoalização certa:

a. Deixe os meninos brincarem no campo. 925.
b. Mandei todos os que chegaram atrasados voltarem para casa. 925.
c. Vi os navios desaparecerem no horizonte. 925.
d. Não compete a vocês queixarem-se de nós. 918. 2.
e. Tinham bastante com que se ocuparem. 924.

3. Assinale a construção certa (918, 2):

a. Viam-se com frequência sucederem-se desastres.
b. Via-se com frequência suceder-se desastres.
c. Via-se com frequência sucederem-se desastres.
d. Viam-se com frequência suceder-se desastres.

W – Figuras

Assinale a letra que indica a figura existente nos seguintes períodos:

1. Eu, também me parece que as leio.

a. anacoluto – 785
b. hipérbole – 621, e
c. silepse – 766 e ss.

2. Para mim o Tietê sempre chora.

a. prosopopeia – 621, f
b. metonímia – 621, b
c. perífrase – 621, g

3. Árvores de Natal, há-as aí tantas que farão uma densa e vasta floresta.

a. pleonasmo – 784
b. prosopopeia – 621, f
c. eufemismo – 621, d

4. Uma ilusão gemia em cada canto, chorava em cada canto uma saudade.

a. sínquise – 857
b. onomatopeia – 879, n.
c. prosopopeia – 621, f

5. Gabriela e Carolina têm má língua.

a. sinédoque – 621, a
b. metonímia – 621, b
c. antonomásia – 869, nota ao pé da pág.

6. Sobre a triste Ouro Preto o ouro dos astros chove.

a. uma catacrese e um eufemismo – 621, c; 621, d
b. uma sinédoque e uma linguagem afetiva – 621, a; 622
c. um zeugma e um hibridismo – 783; 632
d. uma silepse e uma hipérbole – 766 e ss.; 621, e
e. uma silepse de gênero e uma metáfora – 766; 621, c

7. E este homem às vezes lhe fazia o vinho dano, de que el-rei tinha desprazer.

a. zeugma – 783
b. idiotismo – 786
c. anacoluto – 785
d. eufemismo – 621, d
e. semântica – 621

X – Gerúndio – 942 e ss.

1. Temos aqui seis construções em que há gerúndio. Indique dentro dos parênteses que as antecedem a letra correspondente à ideia que o gerúndio empresta à construção:

( )	1. Ele fala cantando.	a – modo
( )	2. Não quis, sendo sábio, resolver as dúvidas por si mesmo.	b – causa
( )	3. O carneiro defendia-se dizendo que...	c – concessão
( )	4. Sendo ainda novo não quis ir só.	d – condição
( )	5. Proferindo o orador estas palavras, a assembleia deu vivas.	e – tempo
( )	6. Triunfarás, querendo.	f – meio

2. Corrija:
   a. Estamos necessitados de um auxiliar sabendo escrever a máquina muito bem.
   b. Compre-me uma camisa tendo dois ou pelo menos um bolso.
   c. Venderam a casa contendo quatro quartos.
   d. Estas malas são fabricadas de plástico imitando couro.

Y – Regência e outros assuntos

1. Indique a forma correta (546, n. 4, c):
   a. Em quantos vocês são? – Somos em dez.
   b. Quantos vocês são? – Somos em dez.
   c. Quantos vocês são? – Somos dez.
   d. Em quantos vocês são? – Somos dez.
   e. Quantos vocês são? – Nós somos em dez.

2. Indique a forma correta (777; 832):
   a. O pai disse ao filho que o perdoava todas as faltas.
   b. O pai disse ao filho que lhe perdoava a todas as faltas.
   c. O pai disse ao filho que perdoava a ele de todas as faltas.
   d. O pai disse ao filho que lhe perdoava todas as faltas.
   e. O pai disse ao filho que perdoava-lhe todas as faltas.

3. Indique a forma correta (777):
   a. Venho informá-lo que nossa firma abriu falência.
   b. Venho informar-lhe que nossa firma abriu falência.
   c. Venho informar-lhe de que nossa firma abriu falência.
   d. Venho informar você que nossa firma abriu falência.
   e. Venho informar a você de que nossa firma abriu falência.

4. Indique a forma correta:
   a. Oiça, digo-te sinceramente: nunca simpatizei com ele.
   b. Oiça, digo-te sinceramente: nunca me simpatizei com ele.

c. Ouve, digo-te sinceramente: nunca simpatizei com ele.
d. Ouve, digo-lhe sinceramente: nunca me simpatizei com ele.
e. Oiça, digo-lhe sinceramente: nunca me simpatizei com ele.

5. Indique a forma correta (487):

a. Entre nós não costuma haver discussões.
b. Entre nós não costumam haver discussões.

6. Indique a forma correta (777):

a. Ajudei-lhe a ser alguém na vida, mas não lhe convido mais para nada.
b. Ajudei-o ser alguém na vida, mas não o convido mais para nada.
c. Ajudei-lhe ser alguém na vida, mas não lhe convido para nada mais.
d. Ajudei-lhe à ser alguém na vida, mas não o convido para nada mais.
e. Ajudei-o a ser alguém na vida, mas não o convido para nada mais.

7. Indique a forma correta (714):

a. Os Lusíadas consagrou Camões.
b. Os Lusíadas consagraram Camões.
c. Os Lusíadas é uma obra importante de Camões.
d. Os Lusíadas são obras importantes de Camões.
e. O Lusíadas é uma obra importante de Camões.

8. Indique a forma correta (391, 2; 405, n.):

a. Viam-se faixas com os dizeres: precisa-se de colaboradores.
b. Viam-se faixas com os dizeres: precisam-se de colaboradores.
c. Viam-se faixas com os dizeres: precisa-se colaboradores.
d. Via-se faixas com os dizeres: precisa-se colaboradores.
e. Via-se faixas com os dizeres: precisa-se de colaboradores.

9. Indique a forma correta (907, n. 2; 118, 4):

a. A conferência será daqui à dezoito dias, mas à portas fechadas.
b. A conferência será daqui a dezoito dias, mas à portas fechadas.
c. A conferência será daqui há dezoito dias, mas a portas fechadas.
d. A conferência será daqui há dezoito dias, mas à portas fechadas.
e. A conferência será daqui a dezoito dias, mas a portas fechadas.

10. Indique a forma correta (836):

a. Tinham-se revoltado os presos.
b. Tinham se revoltado os presos.
c. Tinham revoltado-se os presos.

11. Indique a forma correta (841; 116, 1; 836):

a. Teriam lhe falado a respeito desses problemas?
b. Lhe teriam falado a respeito desses problemas?
c. Ter-lhe-iam falado a respeito desses problemas?

d. Teriam falado-lhe a respeito desses problemas?
e. Teriam falado-lhe à respeito desses problemas?

12. Indique a forma correta (527, n. 7):

a. Você está mau informado sobre teu processo.
b. Você está malinformado sobre seu processo.
c. Você está mal-informado sobre seu processo.
d. Você está mal informado sobre seu processo.
e. Você está mau informado sobre seu processo.

13. Indique a forma correta:

a. Prossigai, minhas colegas, não vos detende, porque haveis de vencer.
b. Prossegui, minhas colegas, não vos detenhais, porque haveis de vencer.
c. Prossigam, minhas colegas, não se detenham, porque haveis de vencer.
d. Prossigam, minhas colegas, não se detenham, porque heis de vencer.
e. Prosseguide, minhas colegas, não vos detenhais, porque haveis de vencer.

14. Indique a letra que deve preencher os claros do período:
Não se sentava. . . mesa, nem vinha. . . sala de refeições,. . . não ser. . . segundas-feiras.

a. à, na, à, as
b. na, a, a, as
c. na, na, à, às
d. à, à, a, às
e. na, na, a, nas

15. Indique a letra que preenche o claro do período (382):
É um professor . . . . . aulas não se deve faltar.

a. cujas
b. a cujas
c. à cujas
d. às quais
e. as quais

16. Assinale a oração errada (777):

a. Aspirava a uma posição muito brilhante.
b. Chamou por um escravo.
c. O médico assiste o doente.
d. Esqueci-me o nome dele.
e. Esqueceu-se o nome dele.

17. Assinale a letra certa:

a. Não sei se o vi porque não o conheço.
b. Não sei se lhe vi porque não o conheço.
c. Não sei se lhe vi porque não lhe conheço.
d. Não sei se o vi porque não lhe conheço.

18. Assinale a letra certa (276, 4):

a. Prefiro mais ler do que ouvir.
b. Prefiro ler mais do que ouvir.
c. Prefiro ler antes que ouvir.
d. Antes prefiro ler do que ouvir.
e. Prefiro ler a ouvir.

19. Se houver, assinale o período ou os períodos corretamente redigidos (345, 3; 377, n. 1; 382):

a. Não compreendi o que ele se refere na carta.
b. Este é o aluno que o professor deu nota baixa.
c. Aqui está o livro que me referi ontem.
d. Preciso de um chefe cujas ordens todos obedeçam.
e. Recife foi a primeira cidade que o navio atracou.

20. Assinale a letra que deve preencher os claros do período (712, n. 2; 276.4):

Quem ..... seus inimigos? Uns ..... que preferiam fugir ..... enfrentar a luta.

a.	eram	pobres diabos	o que
b.	eram	pobre-diabos	do que
c.	era	pobres diabos	que
d.	eram	pobres diabos	que
e.	eram	pobres diabos	a

21. "Quando lhe retiraram os sapatos. . ."

O verbo é:

a. transitivo direto
b. transitivo indireto
c. transitivo direto-indireto
d. intransitivo
e. de ligação

22. Não sei *onde* estás.

A palavra grifada é:

a. advérbio de lugar
b. pronome demonstrativo
c. advérbio interrogativo
d. pronome indefinido
e. conjunção coordenativa

Z – Colocação

1. Assinale a letra que deve preencher os claros do período:

Quanto ..... se ..... no pouco que ..... !

a.	alegrar-nos-íamos	atendêsseis-nos	solicitamos-vos
b.	alegraríamo-nos	atendêsseis-nos	solicitamos-vos
c.	alegrar-nos-íamos	nos atendêsseis	solicitamos-vos
d.	nos alegraríamos	atendêsseis-nos	vos solicitamos
e.	nos alegraríamos	nos atendêsseis	vos solicitamos

2. Assinale o período que traz a mais perfeita ordem direta (791):

a. Um senhor piedoso despiu o seu próprio paletó para sustentar a cabeça do menino.
b. Para lhe sustentar a cabeça, um senhor piedoso despiu o paletó de Dario.
c. Para sustentar a cabeça do menino, um senhor piedoso despiu o seu próprio paletó.
d. O seu próprio paletó um senhor piedoso despiu para sustentar a cabeça do menino.
e. Para sustentar a cabeça do menino, despiu o seu próprio paletó um senhor piedoso.
f. Um senhor piedoso, para sustentar a cabeça do menino, despiu o seu próprio paletó.

3. Assinale a letra que preenche o claro da oração (841):

. . . . . proveito esse procedimento?

a. Trazer-lhe-á
b. lhe trará
c. Trar-lhe-á
d. Trará-lhe

4. Assinale a letra que completa a interrogação (841; 121, 1; 321, 322):

a. Devolver-nos-la-ão?
b. No-la devolverão?
c. Devolver-no-la-ão?
d. Devolverão-nos-la?
e. devolverão-no-la?

A BALADA DA NEVE, de Augusto Gil

1. Batem leve, levemente
2. Como quem chama por mim...
3. Será chuva? Será gente?
4. Gente não é certamente
5. E a chuva não bate assim.
6. É talvez a ventania;
7. Mas há pouco, há poucochinho,
8. Nem uma agulha bulia
9. Na quieta melancolia
10. Dos pinheiros do caminho...
11. Quem bate assim levemente,
12. Com tão estranha leveza,
13. Que mal se ouve, mal se sente?...
14. Não é chuva, nem é gente,
15. Nem é vento com certeza
16. Fui ver. A neve caía
17. Do azul cinzento do céu
18. Branca e leve, branca e fria...
19. Há quanto tempo eu a não via!
20. E que saudade, Deus
21. Olho-a através da vidraça,
22. Pôs tudo da cor do linho.
23. Passa gente e, quando passa,
24. Os passos imprime e traça
25. Na brancura do caminho...
26. Fico olhando esses sinais
27. Da pobre gente que avança,
28. E noto, por entre os mais,

29. Os traços miniaturais
30. Duns pezitos de criança...
31. E descalcinhos, doridos...
32. A neve deixa inda vê-los,
33. Primeiro bem definidos,
34. Depois em sulcos compridos,
35. Porque não podia erguê-los!
36. Que quem já é pecador
37. Sofra tormentos, enfim!
38. Mas se crianças, Senhor,
39. Por que lhes dais tanta dor?
40. Por que padecem assim?
41. E uma infinita tristeza,
42. Uma funda turbação
43. Entra em mim, fica em mim presa.
44. Cai neve na natureza...
45. E cai no meu coração!

Luar de janeiro, pp. 25/27
Lisboa, 1909

1. Dar a classe das palavras:

a. leve (verso 1) – 351; 537, n. 2
b. que (v. 13) – 586
c. mal (v. 13) – 527, n. 7

2. Dar o sujeito de "batem leve, levemente" (v. 1) – 657, a

3. Dar a função sintática de:

a. os passos (v. 24)
b. miniaturais (v. 29)
c. tormentos (v. 37)

4. Dar a classificação destas subordinadas:

a. que mal se ouve (v. 13) – 586
b. que sofra tormentos, enfim (vv. 36, 37) – 584, n. 2 ao pé da pág.

5. Dar um adjetivo erudito, cognato de (623 – 354):

a. neve
b. frio
c. dor
d. coração

6. a. Com relação ao número de sílabas, como se chamam os versos dessa poesia? – 1004
b. Em que sílaba cai obrigatoriamente o acento? – 1006
c. Com relação ao número de versos, como se chamam as estrofes? – 1009

7. Com relação à rima, que dizer de:

a. mim (v. 2), assim (v. 5) – 1011, c
b. céu (v. 17), meu (v. 20) – 1011, a

8. Mudando a consoante inicial destas palavras por uma oclusiva bilabial surda e por uma constritiva lateral sonora alveolar, respectivamente, teremos:

a. linho – . . . . . – 60
b. será – . . . . . – 60

9. Pôr no futuro do presente os versos:

a. Olho-a através da vidraça (v. 21) – 825, 4 – 841

b. Por que lhes dais tanta dor (v. 39) - 463, 4

10. Passe para a passiva "Eu a não via" (v.19) – 390

11. Dar o imperativo positivo destes verbos, nas pessoas pedidas entre parênteses:

a. ouvir (1ª do pl.) – 465, 2

b. ver (2ª do pl.) – 463, 14

c. erguê-los (2ª do sing.) – 449; 825, 1

12. Dizer como se chama o recurso de expressão existente nos versos 23 e 24 (879, n.):

*Pa*ssa gente e, quando *pa*ssa,
os *pa*ssos imprime e traça.

13. Especificar o fenômeno operado na formação destas palavras:

a. descalcinhos – 625

b. vidraça – 626

c. inquieta – 626

d. passatempo – 633; 226, 3º caso

14. Assinale a afirmativa errada (1003 e ss.):

a. A rima só pode existir na poesia.

b. Os versos alexandrinos têm doze sílabas.

c. Escandir é separar as sílabas de um verso.

d. O soneto tem catorze versos, distribuídos em dois quartetos e dois tercetos.

e. A letra *c* está errada.

SINOPSE DA GRAMÁTICA METÓDICA

(números indicam parágrafos)

- GRAMÁTICA (Noções Gerais – 1)
  - Fonética – 25
    - alfabeto – em geral – 29
    - vogais – 41
    - consoantes – 55
    - prosódia
      - acentuação – 95
      - metaplasmos – 110
    - ortografia – 127
  - Morfologia – 150
    - substantivo
      - classificação – 164
      - flexão genérica – 180
      - flexão numérica – 212
      - flexão gradual – 235
    - artigo – 243
    - adjetivo
      - noções gerais – 247
      - flexão
        - genérica
        - numérica
        - – 255
        - gradual – 262
    - numeral – 280
    - pronome
      - pessoal – 308
      - possessivo – 327
      - demonstrativo – 340
      - indefinido – 349
      - interrogativo – 365
      - relativo – 371
      - "se" – 400
    - verbo
      - quanto à predicação – 297
      - quanto à voz – 386
      - quanto à flexão – 412
        - auxiliares – 425
        - regulares – 433
        - irregulares – 458
        - anômalos – 475
        - defectivos – 479
        - impessoais – 480
        - abundantes – 494
      - quanto à significação – 502
      - locução verbal – 513
    - advérbio – 522
    - preposição – 541
    - conjunção (noções gerais) – 556
      - coordenativas – 570
      - subordinativas – 580
    - interjeição – 595
  - Etimologia – 610
  - Sintaxe – 636
    - oração (análise sintática)
      - sujeito – 648
      - predicado – 661
      - complemento – 674
      - adjunto – 690
      - aposto – 699
      - vocativo – 701
    - processos sintáticos
      - concordância
        - verbal – 706
        - nominal – 745
        - figurada – 766
      - regência
        - regular – 773
        - figurada – 780
      - colocação
        - regular
          - em geral – 790
          - dos oblíquos – 818
        - figurada – 853
    - vícios de linguagem – 866
    - período gramatical (análise) – 885
    - particularidades sintáticas
      - infinitivo pessoal – 915
      - particípio e gerúndio – 933
    - pontuação – 947
  - APÊNDICE LITERÁRIO
    - prosa – 980
    - verso – 1000

500 EXERCÍCIOS SUPLEMENTARES

3 300 VERBETES DE ÍNDICE ANALÍTICO

REFERÊNCIAS

ACRE

RIO BRANCO – Esse livro maravilhoso me entusiasmou e me incentivou a continuar lecionando a língua de minha pátria (Olzaíra da Paz Barros).

ALAGOAS

MACEIÓ – No ensejo desta carta mister se faz, grande Mestre, salientar-lhe a minha admiração pela sua cultura e extraordinária capacidade de trabalho, fotografadas, bem ao vivo, nas notas de suas Antologias Remissivas, que vão encontrar explicações precisas nesse magnífico trabalho que é a sua GRAMÁTICA METÓDICA DA LÍNGUA PORTUGUESA. Perlustro-as de contínuo e nelas tenho aprendido muita coisa boa. Se lhe fora dizer, em torno das suas obras, tudo o que desejara, então seria preciso escrever-lhe muitas tiras de papel. Fico contente em lhe dizendo por agora: o senhor está prestando uma magnífica e real colaboração ao professorado nacional; e ainda: é grande a minha admiração pela sua bela cultura e irrequieta capacidade de trabalho (Graça Leite).

MACEIÓ – ...ao incomparável, ao magnífico gramático e mestre que é essa figura conhecidíssima e admirada pelo talento e desejo de servir a juventude brasileira, o preclaro Napoleão Mendes de Almeida (Antônio Nonô).

MACEIÓ – O professor Napoleão Mendes de Almeida revela o maior devotamento à cultura da língua vernácula; a excelência do seu plano didático é manifestada através da distribuição racional dos assuntos (José Cajueiro).

MACEIÓ – A sua gramática é a mais aceita pelos estudantes alagoanos (Alvandir Oliveira Dantas).

ARAPIRACA – Diante dos princípios de latim como base da Metódica, consideramos o professor Napoleão Mendes de Almeida a maior autoridade gramatical do país (José Ventura Filho).

PILAR – V. Sa., caro Mestre, pode orgulhar-se de ser autor das melhores obras didáticas que conheço. Sabe, como nenhum outro filólogo, e de maneira brilhante, aliar a simplicidade e a clareza à profundidade (Enoch Cavalcanti de Barros).

AMAZONAS

MANAUS – Sua GRAMÁTICA METÓDICA é um repositório de ensinamentos conscientes e proveitosos dos meandros de nossa língua, que deve ter como preciosos guias as mui bem organizadas Antologias Remissivas que apresentam o problema linguístico, remetem o estudante para uma consulta segura e consolidadora de conhecimentos ao farto e prefalado repositório. Os próprios "ratos de ministério" o revelaram involuntariamente um famosíssimo e mais do que poderoso "angorá", que os desbaratou e venceu com a sua nova edição de sua METÓDICA, que representa uma grande vitória no campo da didática renovadora (João Chrysostomo de Oliveira).

MANAUS – Suas obras estão sendo adotadas por diversos professores, e eu sou um deles. Os alunos muito têm aproveitado com as suas lições, que são realmente metódicas (Herbert Palhano).

BAHIA

SALVADOR – Adotei sua gramática no Seminário Central (Mons. Ápio Silva).

SALVADOR – Resolvemos telegrafar à Editora para que nos remeta 250 gramáticas (Irmão Cirilo).

SALVADOR – Sou prefeito dos internos e professor de latim do Colégio Vieira. Vim da Itália há catorze meses. Mal chegado, precipitei-me no estudo da língua portuguesa mas, mergulhando cada dia mais no mar gramatical, desconfiei e enfim acreditei que nada aproveitaria. Um dia, porém, falando com um padre do colégio, descobri a GRAMÁTICA METÓDICA. O padre ma ofereceu. Mergulhei de novo no mar gramatical, mas com satisfação, com verdadeiro gosto, e fiquei encantado com tanta erudição e simplicidade e especialmente com tanta clareza de exposição, como só podia ter quem estudou e se dedicou ao ensino com a paixão de um apóstolo (Pe. João Dell'Anna).

SALVADOR – Aqui há um padre, que leciona no Colégio Antonio Vieira, que mostra sempre um júbilo cordial quando afirma que a sua gramática portuguesa superou e derrubou a fama privilegiada de Carlos Pereira como o melhor gramático brasileiro (Pe. Carlos Bresciani).

SALVADOR – Há muito desejava encontrar uma gramática como a sua (Fr. Basílio de Alagoinhas).

SALVADOR – Sua GRAMÁTICA METÓDICA sempre teve de minha parte a melhor acolhida; desconheço outra que ensine melhor o nosso idioma. O mesmo digo de sua GRAMÁTICA LATINA. A METÓDICA é o primeiro livro que indico aos meus alunos, quer de primeiro grau, quer de segundo, quer do Curso de Oficiais da Polícia Militar (Aristides Fraga Lima).

SALVADOR – Já comuniquei a todos os colégios em que leciono que os livros adotados são os do Prof. Napoleão (Benjamim Câmara da Silva).

SALVADOR – A METÓDICA do Prof. Napoleão deve ser adquirida, lida, relida, anotada, aprendida (Fernando Ramos, *Jornal da Cidade*).

ALAGOINHAS – Li, encantado e atentamente, os seus magistrais livros, sem nenhum favor os melhores e mais completos até agora publicados (Antonio José Pimentel).

JEQUIÉ – Confesso que com o estudo de algumas lições da GRAMÁTICA METÓDICA consegui aprovação no concurso do Banco da Bahia; logrei nessa disciplina o primeiro lugar. Trata-se de trabalho consciencioso, que dá ao aluno segurança, dada a facilidade com que os assuntos são explanados, sempre em linguagem clara e precisa (Álvaro Ricardo de Melo Gouveia Veiga).

JUAZEIRO – ...pelo primor que é a sua METÓDICA, que vivo a folhear e a que não poupo elogios por considerá-la a mais atualizada de quantas conheço (Benedito F. de Araújo).

CEARÁ

FORTALEZA – As novas edições confirmam a excelência de sua gramática, que tem sobrevivido impávida às vicissitudes do tempo e aos desmandos do nosso sistema de ensino (Pe. Alípio R. Santiago de Oliveira).

FORTALEZA – Há escritores de ótima linhagem que merecem a admiração e o reconhecimento da coletividade, pelos benefícios inestimáveis que lhe prestam, através de trabalhos valiosos, úteis, indestrutíveis. É o que ocorre com o Prof. Napoleão Mendes de Almeida, notável filólogo patrício, um dos melhores mestres e dos maiores gramáticos nacionais. O seu prestígio, entre o professorado, em terras brasílicas é imenso; está cimentado, consolidado, plenamente, de todos os lados.

Quero, neste ensejo, render ao consagrado Mestre as sinceras homenagens da minha amizade e consideração pelo que já fez, vem fazendo e continuará a fazer em obséquio dos que se interessam pelo aprendizado correto, firme, duradouro da língua portuguesa.

Tenho a satisfação de cumprir este dever precípuo, qual o de aconselhar aos colegas de magistério, aos amigos, aos meus alunos o estudo atento, continuado da GRAMÁTICA METÓDICA DA LÍNGUA PORTUGUESA. Todos os livros que lhe saem do cérebro luminoso e da pena amestrada são de uma clareza solar impressionante. A METÓDICA já devia ter sido premiada como obra didática insuperável; a ANTOLOGIA REMISSIVA é indispensável na boa e segura orientação dos ginasianos (Antonio Soares, *Unitário*).

FORTALEZA – O Prof. Napoleão Mendes de Almeida, longe de ser repetidor do que já foi dito por aí a fora de todos os modos, é expositor claro e seguro, explana a matéria com clarividência e simplicidade, pondo-a ao alcance de qualquer espírito, por mais destituído que seja de inteligência (Carlyle Martins).

FORTALEZA – Apraz-me comunicar-lhe que a sua insubstituível GRAMÁTICA METÓDICA foi adotada em nossa Escola Apostólica. Tanta propaganda fiz, com justeza e verdade, que ora me sinto satisfeito e plenamente confortado, sabendo que os nossos alunos vão ter um manual que os vai levar, de manso e com segurança absoluta, ao conhecimento e prática da nossa língua (Pe. Rinaldo Guimarães da Silva).

FORTALEZA – Não há palavra para definir toda uma vida dedicada ao ensino, à elaboração de duas gramáticas, uma de português outra de latim, ambas modelares, e à direção de um curso de redação por correspondência (Paulo Peroba).

BATURITÉ – Parabéns pela edição enriquecida da excelente e nunca assaz louvada METÓDICA, já na casa dos 500 mil exemplares. É a preferência do público, ansioso por algo que satisfaça. Sempre o considerei um herói autêntico e agora mais ainda, diante do êxito inaudito de seus livros didáticos. O amigo é um Hércules, na sua faina de limpar as estrebarias do rei Augias (Aires de Montalbo).

IPU – Há quase um ano conheci e li, pela primeira vez, sua excelente GRAMÁTICA METÓDICA; tornei-me logo tão entusiasta dela que a adotei na Escola Rural desta cidade e nos cursos particulares que mantenho (Moacir Timbó).

VIÇOSA DO CEARÁ – Não só para mim, mas para todos os mestres a METÓDICA foi uma revelação (Ir. Antoinette Bissa).

DISTRITO FEDERAL

BRASÍLIA – Sou aluno da Faculdade de Letras da Universidade de Brasília, e aqui venho para confessar-lhe meu profundo agradecimento ao que me tem feito com a sua GRAMÁTICA METÓDICA; quem quiser aprender nosso idioma tem nela um *vade mecum* seguro; só lamento não ter tido conhecimento dela há mais tempo (João Passos Bacelar).

BRASÍLIA – Desde que comecei a estudar pela GRAMÁTICA METÓDICA tenho sentido uma vontade enorme de levar avante o meu aprendizado. Os outros autores se preocupam apenas em escrever livros, dizendo sempre a mesma coisa; o senhor é diferente (Ciléia Barreto da Silva).

BRASÍLIA – De há muito venho adotando a METÓDICA em meus cursos e recomendando a quantos me pedem uma indicação (Jorge Manuel Azevedo).

ESPÍRITO SANTO

VITÓRIA – Um padre, meu colega, disse-me que na universidade daqui, que ele frequenta, foi indicada a sua gramática como a melhor do Brasil; eu me permito acrescentar que tal juízo pode abranger também Portugal (Pe. Caetano Oricchio, S.J.).

VITÓRIA – Causa-me admiração encontrar estudantes que não tenham conhecimento da sua gramática, que eu considero "solução" no aprendizado da língua pátria (José Bonifácio Parmagnani).

VITÓRIA – Professores e alunos encontram, nesse magnífico trabalho, solução para todos os problemas da língua (Mesquita Neto, *A Gazeta*).

IBIRASSU – Adotei a sua METÓDICA e a ANTOLOGIA REMISSIVA; estamos, superiores e alunos, supersatisfeitos (Pe. Carlos Furbetta).

SÃO MATEUS – Manuseei várias gramáticas. Nenhuma me agradou. Estou convencido de que somente a METÓDICA dará aos nossos seminaristas um curso profundo e completo de português (Pe. Pedro Fossi).

GOIÁS

GOIÂNIA – Adotamos a sua magnífica e inigualável METÓDICA em todas as nossas classes secundárias (Múcio de Melo Álvares).

GOIÂNIA – A sua gramática é tão usada como o meu Breviário; nela encontro coerência e segurança, sem nenhum pedantismo (Pe. Geraldo Pompeu de Campos).

GOIÂNIA – Na realidade, será difícil encontrar trabalho mais pedagógico (Pe. José Balestieri).

BURITI ALEGRE – Tanto mais aprecio sua gramática quanto mais dela vou tomando conhecimento; acho original e completo seu modo de ensinar (Pe. João Botelho).

MARANHÃO

SÃO LUÍS – Nenhum valor teriam as palavras deste humilde estudante não fosse a sinceridade com que as escrevo e o desejo incontido de expressar-lhe o meu reconhecimento e admiração ao seu método (José de Ribamar Muniz Pinto).

SÃO LUÍS – ...gramáticas como, por exemplo, as de Napoleão Mendes de Almeida, o mais competente, o mais erudito, o mais completo professor de português entre quantos até hoje conheci (Amaral Raposo, *Jornal do Dia*).

MATO GROSSO

CORUMBÁ – É uma grande gramática, superior a todas as que têm passado por minhas mãos. Sobre ela tenho tecido, em minhas aulas, os mais sinceros elogios. A primeira gramática que recebi este ano foi a do Prof. Almeida Torres, trabalho de afogadilho, sem nenhum objetivo didático, uma autêntica prova de interesse comercial, e nada mais. Com o recebimento de sua METÓDICA estou habilitado a fazer uma judiciosa indicação, pelos mesmos motivos que recomendaram as edições precedentes (Alexandrino dos Santos Mauro).

CORUMBÁ – Seus ótimos livros de português irão auxiliar-nos muitíssimo na árdua missão de ensinar. Pediremos ao Supremo Doador de todas as graças faça cair sobre o boníssimo professor Napoleão as suas escolhidas bênçãos e lhe outorgue muitos anos de existência para que possa, por meio da pena, continuar a espalhar suas luzes pelo nosso amado Brasil (Ir. Bartira Constança Gardès e Ir. Maria de Lourdes Maganhato).

CORUMBÁ – Melhor gramática seria impossível colocar nas mãos de nossas futuras mestras, obra realmente metódica, completa, clara, despida de inúteis citações de clássicos, tão abundantes em autores que mais parecem querer mostrar erudição do que ensinar (Ir. Clara Magalhães de Siqueira).

CAMPO GRANDE – Suas obras estão acima de qualquer comentário; se aventuro uma frase de apreciação é apenas para recomendá-las aos ilustres colegas e alunos de todo o Brasil (Adair José de Aguiar).

CAMPO GRANDE – ...o seu compêndio aparece tal qual um céu estrelado depois de uma tempestade (José Everaldo da Silva).

PONTA PORÃ – Tendo por companheira inseparável sua GRAMÁTICA METÓDICA desde os tempos de ginásio, tenho-a hoje, na qualidade de professor de português do ginásio estadual desta cidade, como base para as minhas aulas (Sílvio Félix de Oliveira).

MINAS GERAIS

CARAÇA – Ótima a sua gramática. Nela se encontram, a par da doutrina geral, aliás muito clara e distribuída com muito método, notas explicativas e matéria de que outros gramáticos não cogitam (Pe. Antônio da Cruz).

B. HORIZONTE – De tal sorte nos caiu em graça que, havendo de adquirir algumas dezenas de gramáticas como prêmio e fecho de um curso de aperfeiçoamento, a fim de assegurar aos aperfeiçoandos estímulo e meio para continuarem o estudo da língua, optamos por ela, com aplauso dos interessados (Mário Casasanta).

B. HORIZONTE – Sou um dos atuais diretores do Curso Champagnat, onde leciono português. Adotamos seus dois livros, a insuperável METÓDICA e a utilíssima GRAMÁTICA LATINA (Delson Gonçalves Ferreira).

B. HORIZONTE – Na minha opinião de velho professor de português e de latim e de ex-aluno do Caraça não há, no Brasil nem em Portugal, trabalho congênere que se possa equiparar à METÓDICA (Antônio Augusto da Costa Leite).

B. HORIZONTE – Confesso desconhecer outra gramática que à sua se compare no que diz respeito à clareza, ao método, que é original, e, sobretudo, à eficiência (J. G. de Almeida).

B. HORIZONTE – Sou seminarista da congregação do Verbo Divino e nós estudamos português há quatro anos na sua GRAMÁTICA METÓDICA e na ANTOLOGIA REMISSIVA. Desde que conheci suas obras sinto-me orgulhoso de ser patrício de um professor como o senhor (Gilberto Antonio Martins Veloso).

B. HORIZONTE – Há muitos anos venho adotando com o mais completo êxito a sua admirável e nunca assaz louvada METÓDICA. Meu maior prazer é quando antigos alunos, que conseguiram com brilho vencer em algum concurso, vêm procurar-me para dar conta de como se houveram; e todos, unânimes, atribuem à sua gramática o êxito. Fiz-me paladino, aqui em Belo Horizonte, da METÓDICA. Outro dia, um colega de magistério, distinto engenheiro que rege a cadeira de física em nosso ginásio, pediu-me que lhe indicasse uma boa gramática. Disse-lhe que boas havia muitas, mas que a melhor era a METÓDICA; dois dias depois o professor veio dizer-me do seu espanto e admiração. "Se quando concluí o ginásio e o científico tivesse em mãos tal gramática, não estaria hoje, como realmente estou, em tão deplorável situação quanto ao idioma pátrio" (Tássilo Orpheu Spalding).

ANTÔNIO CARLOS – O senhor professor nem pode imaginar o entusiasmo e o interesse dos alunos pela METÓDICA. Tanto que, no dia em que a adotamos, os alunos amontoaram os exemplares todos da Moderna Gramática Expositiva, antes adotada, e lhes atearam fogo. O ato talvez não conviesse a seminaristas, mas estudante é estudante (Pe. Santo Conterato).

BARROSO – No colégio em que estudo aboliram as demais, pondo em uso absoluto e exclusivo a sua, por ser dentre todas a mais completa não só para o estudante como também para todos os mestres (José Geraldo de Sousa).

CARATINGA – Não me abstenho de confessar-lhe que seu trabalho é joia de quilate inestimável, ouro de lei, porque representa a erudição do filólogo no ourives do mestre (Francisco dos Reis Alves).

CONGONHAS – ...pela elaboração realmente metódica dessa gramática, que tanto facilita o aprendizado de nossa querida língua portuguesa. Conhecida que se tornou essa gramática, propus, com outros colegas, a sua adoção em nosso seminário como compêndio de português (Pe. Mário Ferreira Gonçalves).

CONSELHEIRO LAFAIETE – Continuamos a adotá-la, pois continua sendo sempre a mais apreciada (Ir. Maria Henriqueta Marques).

ELÓI MENDES – Estou convencido de que a GRAMÁTICA METÓDICA é a melhor gramática do idioma português (João Alves Pereira Penha).

GOVERNADOR VALADARES — ...é grande a minha estima ao senhor dado o que tenho aprendido por meio de sua gramática (Gentil Martins Peres).

JUIZ DE FORA – Onde quer que se me depare ocasião, não deixo de recomendar a sua gramática, pois é a melhor e a mais atualizada (Pe. José Wisniewski Filho).

JUIZ DE FORA – Como tenho aprendido! Desnecessário dizer-lhe que vou adotá-la no Colégio São José (Leo Caldas Renault).

LUZ – A todos quantos apresento a METÓDICA tem sido impossível reprimir a admiração e, até, o espanto diante de tanta clareza, método e didática (Cl. José Augusto).

MADRE DE DEUS DE MINAS – Lecionando no ginásio estadual, procurei uma gramática que pudesse atender minha vontade de ensinar; após consultas e mais consultas, caiu-me às mãos a sua, o melhor trabalho que fiquei conhecendo sobre a nossa língua (Glacy Camargo Secco).

MANHUMIRIM – ...sua GRAMÁTICA METÓDICA, insuperável pela didática e clareza (Frater José Herval).

OURO FINO – Já o conheço através de sua extraordinária GRAMÁTICA METÓDICA, adotada em nosso seminário (Fr. Leopoldo Maria).

PASSA QUATRO – ...sua METÓDICA, que desde 1955 estamos adotando em nosso Seminário S. José, em Conceição do Rio Verde (Pe. Carlos).

PASSOS – Se as edições anteriores a haviam consagrado como a mais útil e didática, a presente só poderá confirmar esse conceito (Francisco Soares de Melo).

PIRAPORA – Tenho adotado sempre nos estabelecimentos em que leciono a sua excelente GRAMÁTICA METÓDICA (Carlos Nunes Lopes).

POÇOS DE CALDAS – Comparando as edições, noto que sempre muitas coisas são carreadas para as edições novas. Sempre fui incondicional seguidor de seu método, com reais benefícios para os alunos, desde que comecei a lecionar; de outro não me valho, tanto pela clareza quanto pela simplicidade tão cara aos mestres e aos discípulos. Qual o proveito de apontar erros sem dar o certo, de abrir sulcos na terra sem nada plantar? Os fãs da linguística são incapazes de apresentar uma gramática como a sua, à maneira de Brunot, Saussure, Delacroix e tantos outros! (Edmundo Cardillo).

POÇOS DE CALDAS – A grande preferência atesta-lhe o valor inigualável do método pedagógico, insuperável quanto à simplicidade e à clareza na exposição integral dos fatos gramaticais (Jesus Bernardino da Costa, *Diário de Poços de Caldas*).

POÇOS DE CALDAS – ...pude capacitar-me do valor do seu trabalho. É a METÓDICA um desses livros que aparecem raramente. Creia-me de agora em diante uma propagandista de seus livros (Ir. Maria Antonieta).

PONTE NOVA – ...para encaminhar à Editora o nosso pedido de 150 exemplares da METÓDICA, que adotamos no seminário (Leonel Mariano, Salesiano).

RIO POMBA – Adotei a sua gramática, certa de que minhas alunas nela encontrarão ensino sempre seguro (Madre Michelina Cremonei).

RIO POMBA – Resolvi adotar os seus livros de português e de latim, os quais possuem todas as características, eficientes e indispensáveis, para um bom aproveitamento (Wilson José de Melo).

SABARÁ – ...um admirador de tudo quanto o ilustre e estimado Mestre tem publicado em prol do ensino. Bendigo o extraordinário acolhimento que vem obtendo nas escolas a METÓDICA, a REMISSIVA e a sua valiosíssima GRAMÁTICA LATINA (Padre Pedro Alcântara).

SANTOS DUMONT – Incontestavelmente a sua gramática é a mais apropriada para os seminários, onde se deve aprender "non scholae sed vitae". O senhor é um dos maiores benfeitores dos alunos e professores de nossa pátria. Só Deus sabe quanto bem já trouxe e ainda há de trazer esse seu precioso e simpático livro (Pe. Frei Inácio Dresch).

SÃO GOTARDO – As alunas gostam de estudar pela METÓDICA os assuntos ventilados e explicados durante as aulas. Lamento ter conhecido esse tesouro tão tarde em minha vida (Ir. Maria Branca).

SÃO JOÃO DEL REI – ...sua GRAMÁTICA METÓDICA. Excelente! Ótima! Parabéns, efusivos e sinceros parabéns! (José Américo da Costa).

SÃO SEBASTIÃO DO PARAÍSO – Cada vez que leio algo de sua autoria sinto-me mais amigo e admirador seu (Pe. Antonio Glugoski).

TRÊS CORAÇÕES – Quero afiançar-lhe que sua gramática continua a merecer minha preferência. Adotei-a sempre: no Seminário Diocesano de Campanha, no Colégio Três Corações e atualmente na Escola de Sargentos das Armas. A meu ver, é a justiça ao mérito! (Pe. José Maria Ferreira Maciel).

UBERABA – ...pela publicação de sua nova edição, uma vez que a sua gramática, tão rica em regras simples e claras, tão abundante em exemplos, não encontrou outra que a substituísse (Ir. Maria Celestia).

PARAÍBA

JOÃO PESSOA – Sou uma das grandes admiradoras de sua GRAMÁTICA METÓDICA pela completa e clara exposição da matéria (Madre M. Elisabeth).

LAGOA SECA, Noviciado Marista – A METÓDICA é um professor que esclarece prontamente qualquer dúvida. Das muitas gramáticas que conheço, é a sua, sem favor nenhum, a *prima inter pares*. (Ir. Osvaldo Lúcio).

PARANÁ

CURITIBA – Após dois anos de aulas com a METÓDICA meus alunos se tornaram irreconhecíveis; no vestibular três deles alcançaram os três primeiros lugares sem que tivessem frequentado cursinho algum. A um deles, com quem havia feito minuciosa revisão da METÓDICA, o reitor concedeu bolsa de estudo, tal o seu excepcional desempenho (Virgílio Josué Balestro).

CURITIBA – O Prof. Napoleão Mendes de Almeida é guia e mestre que lançou alicerces à grande obra histórica, crítica, literária e didática da gramática portuguesa; afirmou-se como expositor pedagógico de fatos e de ideias simples e intuitivo, um libertador vernaculista espiritual das graves regras conservadoras. A GRAMÁTICA METÓDICA interessa essencialmente todos aqueles que se ocupam com tornar resolvidas antigas querelas como o infinitivo pessoal, a colocação dos pronomes oblíquos e outras questões escabrosas, certeiramente caraterizadas e julgadas com sinceridade. O autor tem, por suas lúcidas exposições, o método que falta às congêneres gramáticas. Nenhum livro, mais nítida e lucidamente, como a GRAMÁTICA METÓDICA pode transmitir-nos essa verdade sem elipses nem contornos ornamentais (Jaime Balão Júnior).

CURITIBA – Tenho como livros de cabeceira as obras do ilustre e original mestre paulista: GRAMÁTICA METÓDICA DA LÍNGUA PORTUGUESA e GRAMÁTICA LATINA. Sou propagandista tão entusiasmado que quase orça pelo fanatismo (Elemer Hasse).

CURITIBA – Sou professora de português do Ginásio Estadual Presidente Lamenha Lins. Sua GRAMÁTICA METÓDICA é uma beleza! De agora em diante o senhor será o meu guia e o dos meus alunos (Maria Ferrer da Rosa Cunha).

ENGENHEIRO GUTIERREZ – As novas edições são uma confirmação de ser a sua gramática a melhor obra no gênero; colegas, alunos e eu já de anos a temos por insubstituível aqui (Pe. Frei Rufino Sousa).

PALMAS – Tenho várias gramáticas... até que um dia um colega meu me cedeu a sua METÓDICA. Foi então que percebi que os problemas que eram antes incompreensíveis se tornavam fáceis, graças às suas excelentes explicações; o senhor está realmente empenhado em fazer com que todos os brasileiros saibam verdadeiramente falar com correção o nosso idioma (Décio Franzener).

PIRAQUARA – Em todos os lugares deixo o meu exemplar; o último que comprei vou deixar agora com as reverendíssimas irmãs; faço assim propaganda da mais completa e mais didática gramática portuguesa (Fr. Câncio Berri).

PONTA GROSSA – Deseja V. Sa. saber a opinião do meu esposo, professor Meiras, relativa a sua gramática? Tanto a sua obra, como a do Prof. S. Bueno e a de C. Jucá ele as leu vagarosamente: adotou a sua. – Não é preciso dizer mais nada (Eleonora Amaral de Angelis).

PONTA GROSSA – Adoto sua GRAMÁTICA METÓDICA há vários anos; quer por sua logicidade, quer por sua clareza, sou-lhe sua devotada (Glacy Camargo Secco).

PERNAMBUCO

RECIFE, Seminário Cristo Rei – Quero na presente carta significar-lhe a minha admiração, os mais calorosos encômios pela feliz realização dessa obra pedagógica de alto valor. Não é intenção ferir-lhe a modéstia ao dirigir-lhe os elogios dos quais sua ilustre pessoa é merecedora. Em minhas palavras, aqui escritas, domina um só pensamento: prestar honra ao mérito. Em toda a sua obra, fruto de largos conhecimentos linguísticos, produto de um mestre aprimorado, reflexo de uma inteligência lúcida, pude observar a tão perfeita coordenação das lições, a clareza meridiana ao expor os enigmas da língua; ouso afirmar ser o senhor mestre sem igual, incomparável pedagogo, profundo psicólogo (Pe. João Batista Lippo Netto).

RECIFE – ...autor da GRAMÁTICA METÓDICA, que o brilhante filólogo Prof. Olímpio Magalhães considera, com razão, a melhor gramática expositiva da língua portuguesa, pela quantidade de questões nela tratadas. Possuímos a METÓDICA e recomendamo-la, iterativamente, aos nossos alunos. O notável mestre paulista escreveu obra imorredoura que só mui dificilmente poderá ser superada, pois é a gramática mais completa que conhecemos, não só quanto à profundidade, senão também quanto à extensão e variedade dos assuntos tratados (Adauto Pontes).

RECIFE – Não há dúvida que o seu trabalho preenche, com singular sabedoria, uma lacuna depois do advento da nomenclatura gramatical brasileira, quando certos gramáticos pretendem, vãmente, impingir certos tipos de gramática que constituem autênticas mutilações da língua vernácula (Charles Mendonça).

RECIFE – Sem querer praticar a famulagem, e mirando antes de tudo a justiça, afirmo com o douto professor Adauto Pontes, de Recife: "O notável mestre paulista escreveu obra imorredoura que só mui dificilmente poderá ser superada" (Benedito F. de Araújo).

RECIFE – Adotei sua gramática em todas as séries do segundo grau, assim como a REMISSIVA. Fi-lo com a convicção de servir aos meus alunos da melhor maneira possível (Hulmo Passos).

RECIFE – Sou estudante e, movida não sei por que liberdade, venho dizer-lhe que encontro na sua gramática o que não se vê em livros similares: riqueza de conhecimentos e domínio didático (Lucena Lima).

CARUARU – Sua gramática é tão completa e tão clara que ela se tornou minha companheira indispensável. Só um apóstolo do idioma podia tê-la redigido (Lídia Soares Rolim).

PESQUEIRA – É realmente uma obra-prima, uma obra d'arte. Considero-a a mais completa no gênero e sinto prazer em confessar que não adoto outro livro; onde ensino, adoto-a (Fr. Hermínio Teófilo).

VITÓRIA DE SANTO ANTÃO – Considero a METÓDICA a melhor obra entre as demais gramáticas (Delecarlinda da Silveira Lins).

PIAUÍ

TERESINA – Na METÓDICA e na sua GRAMÁTICA LATINA aprendi muita coisa que nunca tive oportunidade de conhecer e saborear durante todo o tempo que passei na sementeira sagrada do Seminário (Severino Gomes de Oliveira).

RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO – Quando escrevo, tenho sempre perto de mim a METÓDICA, a que recorro, em plena confiança, para resolver as dúvidas que com frequência me assaltam neste meu canhestro lidar com o idioma. Aprendi assim de longa data, por essa prática constante, a apreciar as muitas e preciosas qualidades do seu livro: método, clareza de exposição, segurança dos conceitos, precisão dos exemplos, tudo se conjuga para torná-lo instrumento de máxima utilidade para os que ambicionem sólido conhecimento do vernáculo (Vivaldo Coaracy – "V. Cy").

COMISSÃO NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO (Processo 1.100-46) – Examinei o livro, que é um dos mais instrutivos (Pe. Leonel Franca S.J.).

RIO DE JANEIRO – Devo dizer-lhe que não vejo possibilidade de escrever livro mais claro, completo e rigoroso quanto o seu. Nele encontra-se tudo quanto um jovem precisa aprender para se

servir com firmeza de nossa língua. O seu trabalho revela que é de um autor dotado de excecionais dotes de inteligência e extraordinárias qualidades pedagógicas. Os muitos conhecimentos são expostos com arte invulgar (Tomaz D'Almeida Correia).

RIO DE JANEIRO – Enche-me de prazer o seu método didático. Eu mesmo, como modesto professor, tenho aprendido grandes coisas que não são encontradas em outros autores de nota (Cônego Lauro de Sousa Fraga).

RIO DE JANEIRO – No próprio estudo do alemão sua GRAMÁTICA METÓDICA me tem sido de grande valia (Benjamim Maierovitch).

RIO DE JANEIRO – Ao lado das pilhas de documentos que examino e das notas que redijo está a sua excelente GRAMÁTICA METÓDICA. Sempre responde às minhas consultas com precisão e clareza admiráveis (Joaquim Didier Filho).

RIO DE JANEIRO – Achamos apoucado este elogio de Vasco Botelho de Amaral: "Nas escolas secundárias do Brasil adota-se um trabalho notabilíssimo intitulado GRAMÁTICA METÓDICA DA LÍNGUA PORTUGUESA, pelo Prof. Mendes de Almeida" (Glossário Crítico do Idioma Português, p. 227). A nossa mensagem aos estudantes será: "Adotem a GRAMÁTICA METÓDICA de Napoleão Mendes de Almeida: é realmente a melhor!" (Délcio Muniz, *Jornal do Comércio*).

RIO DE JANEIRO – Perfilho os dizeres do linguista português Vasco Botelho de Amaral a respeito da GRAMÁTICA METÓDICA DA LÍNGUA PORTUGUESA: "É na verdade, em mistura de simplicidade e erudição, um resumo sistemático do que melhor existe no terreno de nosso idioma". – A gramática do Prof. Napoleão Mendes de Almeida sempre me lembra um curso intensivo de português que reuniu na cidade de Goiânia freiras, padres, clérigos e leigos; era de ver o zelo com que os reverendos salesianos defendiam a D. Bosco através da METÓDICA, de autoria de um ex-aluno de faculdade salesiana. Tem a GRAMÁTICA METÓDICA, sem favor algum, o grande mérito do método (José Braga Martins, Jotabê, *Correio da Manhã*).

RIO DE JANEIRO – Estudante do terceiro ano do Instituto de Letras da Universidade do Estado, jamais senti, como agora, a certeza de estar realmente compreendendo a gramática do nosso idioma. E esta certeza devo-a integralmente ao que de bom tem feito por a sua inestimável METÓDICA. Como é maravilhoso aprender, com clareza e simplicidade, de alguém, que não se importa em demonstrar erudição, preocupando-se apenas em ensinar! (Gilberto Marques Gama).

NITERÓI, Seminário de S. José – A sua GRAMÁTICA METÓDICA vem sendo adotada, há vários anos, com real aproveitamento dos alunos (Pe. Francisco Paulo Veiga).

NITERÓI, Seminário de S. José – Adotei seus livros de português e de latim em todos os cursos. É-me grande alegria ver os alunos progredir seguindo-lhe a orientação (Pe. Afonso Martins de Carvalho).

NITERÓI – O cônego Lino Vitor Foureaux expressou toda a satisfação que os mestres experimentamos quando achamos certo o resultado de um problema difícil que procurávamos resolver: "Até que enfim encontrei uma gramática!" Não vejo outras palavras que traduzam melhor minha debilíssima opinião sobre tão excelente compêndio (Eduardo Antônio Viana).

MARECHAL HERMES – Sendo profundo admirador de seus dois trabalhos, um a GRAMÁTICA METÓDICA, outro a GRAMÁTICA LATINA, recorro-me à presente com a finalidade de tecer os mais elevados aplausos aos seus dois citados livros, que são simplesmente notáveis, dotados de um alto nível didático que, suponho, nunca encontrarão outros que os superem (Mauro da Silva De Felice).

PETRÓPOLIS – Desde que fiquei conhecendo sua GRAMÁTICA METÓDICA sirvo-me dela para as minhas aulas e nas minhas dúvidas, que logo se elucidam (Sóror Maria Manuelina de Sion).

RIO GRANDE DO NORTE

NATAL – Talvez o senhor venha a estranhar o conceito que faço de sua METÓDICA, classificando-a como a primeira, após a oficialização da nova nomenclatura. É que os outros compêndios são simples comentários acéfalos que deixam a entender quão mercenários são os seus autores, especialmente Almeida Torres, Rocha Lima e C. Góis-H. Palhano. Sua GRAMÁTICA, professor Napoleão, fez com que eu lançasse ao lixo todos esses livros, adquiridos por alto preço (Ivanaldo Lopes).

NATAL – São, por assim dizer, livros puramente didáticos, feitos de maneira superior, pelo método e pelo conhecimento, sob a inspiração excelsa dos manes de Pestalozzi, de Comenius, de Gregório Girard e de D. Bosco! São, enfim, livros despidos daquele intolerável vezo da mercantização limpa e seca! A pedagogia do Prof. Mendes de Almeida é, como diz Afrânio Peixoto da de Hebart, ciente e consciente! (F. Rodrigues Alves).

NATAL – Sem nenhuma sombra de bajulação, sua GRAMÁTICA METÓDICA é a maior gramática da língua portuguesa das já editadas, quer em Portugal, quer no Brasil (Cícero Mendonça).

NATAL – Jamais me cansarei de preconizar que os seus livros de português, pela maneira farta, desenvolta e simples com que V. S.ª trata dos assuntos, arvoram-se em verdadeiro "Abra-te Sésamo" para todos aqueles que se debatem por um aprendizado mais acentuado da língua pátria (Arnaldo Azevedo).

NATAL – ...os parabéns por tão maravilhosa obra: ela é digna de louvor, ela é motivo de orgulho para a nossa pátria (Gláucia César da Silva).

NATAL – São meus conhecidos os seus excelentes livros de português e os tenho adotado com indiscutível proveito nas classes em que leciono (Antônio Fagundes).

CAICÓ, GINÁSIO DIOCESANO SERIDOENSE — ... e confesso desconhecer outra que a ela se compare no que diz respeito à clareza, ao método, à eficiência. Posso seguramente afirmar que é a melhor gramática do idioma português (João Maria Filho).

CAICÓ – Quero agradecer-lhe os muitos e grandes serviços que a sua gramática me vem prestando (Padre Bernardo Devries).

CEÁRA MIRIM – Após demorado exame, cheguei à conclusão de que a METÓDICA, agora de conformidade com a nova nomenclatura gramatical, é verdadeiro monumento de saber linguístico, redigido com admirável clareza, simplicidade e erudição. Todos os meus colegas de magistério são unânimes em manifestar seu entusiasmo pela excelente obra (Floriano Ferreira da Silva).

MOSSORÓ, SEMINÁRIO – Tive a grande satisfação de receber sua carta circular intitulada "Nomenclatura Gramatical Brasileira". Li-a com satisfação e saboreei, com gosto, as verdades que V. S.ª revela sem subterfúgios... Falando a verdade, sem nenhum interesse, a sua GRAMÁTICA METÓDICA é a melhor, a mais clara e a mais completa que conheço (Cônego Francisco de Sales Cavalcanti).

MOSSORÓ, SEMINÁRIO – Cheguei hoje à última página de sua GRAMÁTICA METÓDICA. Gostei muito. Encontrei nela todas as qualidades de que as "Referências", no fim, falam. Pretendo adotá-la em nosso curso ginasial (6 anos). O que mais me agradou foi o fato de o senhor

recorrer sempre à análise da palavra ou da frase para marcar o sentido ou a função. Ótimo, porque dá ao aluno a satisfação de saber como é e por que é assim. Essa sua boa qualidade de aprofundar e examinar as coisas me agrada muito na sua gramática.

Apareceu assim uma obra de cunho particular, pessoal, cujo autor está com os alunos diante de si, a explicar-lhes a matéria, e não com a lembrança dos professores, para lhes mostrar o que sabe (Padre F. Jansen).

MOSSORÓ – Li e comentei os seus trabalhos com alguns professores, inclusive com o prof. Dr. Mozar Menescal, juiz de direito aqui no Estado, recebendo de todos palavras de louvores, as quais se associam às minhas.

Pelo moderníssimo, pelas compreensíveis exposições de sua gramática, ligadas às completas páginas dos dois volumes de sua ANTOLOGIA REMISSIVA, formando um conjunto magnífico e homogêneo, considero-os de inestimável valor aos estudantes do Brasil (Ivanaldo Lopes).

RIO GRANDE DO SUL

PORTO ALEGRE, Colégio Anchieta – A qualificação que deram de suas obras foi irrestrita de "excelentes" e de "o melhor que temos no campo de língua portuguesa". Um até me declarou: Nos Livros do Prof. Napoleão encontro resposta pronta e segura para todas as minhas dúvidas (Padre Luís Gonzaga Jaeger S.J.).

PORTO ALEGRE – Confesso que ultrapassou minha expectativa, tanto mais que se tem a segurança duma obra sempre atualizada (Irmã Maria Estefanina Menossi).

PORTO ALEGRE, Instituto Champagnat – O que mais me atrai na sua obra é a clareza e o método como expõe e apresenta as lições mais embrenhadas de nossa língua. Os alunos que por ela estudarem serão profundos conhecedores da língua além de adquirirem gosto e método para o seu estudo (Irmão Elvo Clemente).

PORTO ALEGRE – Posso garantir que não conheço obra mais completa, mais prática, em suma mais "metódica" para adotar nas minhas classes (Arnaldo Mário Hillebrand).

PORTO ALEGRE – Há muitos anos conheço e adoto sua admirável e nunca assaz louvada GRAMÁTICA METÓDICA (João Batista Camilotto).

PORTO ALEGRE – Devo confessar que estou maravilhado com a sua GRAMÁTICA METÓDICA. É realmente notável! (Irineu Celso Petry Koller).

PORTO ALEGRE – ...de sua GRAMÁTICA METÓDICA que, digo-o sem receio de contestação, é um grande livro, notável contribuição de V. Sa. (Godofredo O. Gomes).

PORTO ALEGRE – Tenho adotado seus livros em minhas aulas. O método empregado por V. Sa. é claro, seguro e profundo (Maximiliano Bottari).

BAGÉ – Sempre adotei a METÓDICA e acho-a excelente sob qualquer aspecto. Luto e lutarei sempre por sua magnífica gramática, que tantas satisfações me traz no ensino da última flor do Lácio (Pe. Zeno Antonio Schweitzar).

BAGÉ – Sou simples estudante do primeiro grau; peço que não estranhe que o chame "querido amigo", pois o senhor é amigo querido de todos os que desejam realmente aprender a língua portuguesa (Ivan Barcelos).

CACHOEIRA DO SUL – As questões de nosso idioma são tratadas nesse livro com tanta ordem, método, simplicidade, precisão, clareza, com tal coordenação e lógica, com tão positivo e forte encadeamento de raciocínio na demonstração e explanação dos assuntos, que o estudante se vê forçado a aprender o idioma sem recorrer a explicadores. Esse modo especial, engenhoso de explicar

os fatos da linguagem, com segurança, firmeza e persuasão, dá a impressão ao leitor que está ouvindo o próprio autor da gramática a falar-lhe (Cel. Carlos Abreu, "Comércio").

CARAZINHO – Sua GRAMÁTICA METÓDICA é realmente notável (Irmão João Dionísio).

CAXIAS DO SUL, Irmãos Lassalistas – Ao receber a sua METÓDICA, a minha indecisão quanto à escolha e adoção de uma boa gramática desde logo desapareceu (Alfonso Hillebrand).

CAXIAS DO SUL, Seminário N. Sra. Aparecida – A nenhum de nós seminaristas falta a METÓDICA, que nos vem trazendo esclarecimentos cada vez maiores, acompanhada da ANTOLOGIA REMISSIVA (Euclides Smiderle).

CERRO LARGO, Esc. Normal La Salle – Queremos dar a V. Sa. os parabéns por essa obra, orgulho da língua portuguesa, orgulho do professorado, guia indispensável do professor e do aluno (Irmão Atanásio).

ESTRELA – ...quando dei com a sua gramática fiquei admirado com o conteúdo. O Brasil pode orgulhar-se de possuir um filho tão capacitado para ensinar a sua língua. A METÓDICA é para mim, que curso a segunda série do segundo grau, de valor incalculável. Por todos os meus patrícios agradeço o muito que tem feito através de suas obras (Ema Maria Scheid).

GRAVATAÍ – Bendirei sempre o dia em que surgiu sua gramática, e todos os alunos concordam comigo (Agostinho Ruschel).

PASSO FUNDO – Estou cursando o segundo grau; com essa gramática não há quem não aprenda a escrever corretamente o português (Ovídio Lovison).

PASSO FUNDO – Se lhe disser que durante vários anos já lecionei com sua GRAMÁTICA METÓDICA nas mãos, o senhor já não terá dúvidas sobre o prazer que sinto em escrever-lhe (Pe. Afonso Mattye CSSR).

PELOTAS, Seminário Diocesano – Sua gramática continua a ser adotada em nosso Seminário (Pe. Zomar Garcia).

PELOTAS – ...da sua gramática, guia ideal para professores, fonte inesgotável para alunos (Wilma Casaretto).

RIO GRANDE, Irmãos Maristas – Trata-se de trabalho atual, completo e profundamente didático (Pedro Tormen).

RIO PARDO – Sou sua fã número um. Sua GRAMÁTICA METÓDICA é simplesmente formidável. Parabéns, professor, pela elaboração de tão excelentes livros (Vera Beulke).

SANTA ROSA – Eu andava com quatro dúvidas insolúveis; assim que recebi sua gramática tudo ficou resolvido, e satisfatoriamente. Tenho feito ampla divulgação de suas obras didáticas (Pe. Sílvio Sattler).

SANTO ÂNGELO - É um humilde professor marista que tem a ousadia de escrever-lhe. Tive conhecimento de sua pessoa por referência de amigos e admiradores de seus livros; considero-o hoje meu particular amigo, o verdadeiro amigo; há vários anos faço da METÓDICA o meu livro de cabeceira (Irmão Acelino).

SÃO GABRIEL – Verifiquei que as recomendações elogiosas que recebera de sua gramática são mais que verdadeiras; é concisa, prática e agradável. Como costumamos dizer em aula, o "Napoleão" responde a qualquer dúvida, e sempre com clareza (Ir. Maria Gema).

SÃO LEOPOLDO, Seminário Central – Adotou-se depois a sua GRAMÁTICA METÓDICA porque o valor deste seu trabalho é incontestável e superior a qualquer outro valor linguístico (Severino De Toni).

SÃO LEOPOLDO – Sua gramática há muito tempo me é familiar devido ao seu grande valor (Pe. Artur Bohen S.J.).

TORRES – Meus primeiros passos no campo da gramática portuguesa foram dados com a ajuda da sua GRAMÁTICA METÓDICA desde o 1º ano ginasial até o último do colegial clássico. Desde lá sou seu admirador inconteste (Constante Alfeu de Luca).

VERANÓPOLIS, Seminário Seráfico – Já vai para mais de um triênio que adotamos em nosso seminário sua excelente gramática. Admira o entusiasmo e o interesse com que nossos duzentos seminaristas se aplicam em estudá-la, assimilando-a do melhor modo possível (Pe. Frei Romeu de Garibaldi).

RONDÔNIA

PORTO VELHO – Quanto ao método, posso garantir que de todas as gramáticas é a melhor, porque qualquer pessoa que a leia compreenderá perfeitamente os problemas de nossa língua como se fossem expostos em uma história em quadrinhos (Raimundo Nonato dos Reis Eirado).

PORTO VELHO – Não me é possível trabalhar sem ela, tão completa é (Lourival Chagas da Silva).

PORTO VELHO – Sempre que abro a sua gramática ou recordo algum exercício do seu curso por correspondência acode-me a ideia de que suas lições elevaram-me na vida, colocando-me numa posição que me honra e enobrece (Manuel Cordeiro da Silva).

SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS – ...vim encontrar aqui na Capital ex-alunos, hoje professores universitários e advogados, que me falam com saudade das nossas velhas batalhas de português, vitoriosas para mim todas elas, pois eu dizia, dedo em riste: "É assim que ensina o Napoleão!" (Frei Elzeário Schmidt, O.F.M.).

FLORIANÓPOLIS – Professor de português do Colégio Catarinense, nesta cidade, tenho adotado em minhas aulas sua excelente GRAMÁTICA METÓDICA (Alfredo Zimmer).

ASCURRA, Seminário Salesiano – Adotei a sua METÓDICA, por todos elogiada e apreciada (Pe. Pedro Prade).

CORUPÁ, Seminário Sagrado Coração – Muitos elogios mereceu de meu mestre sua GRAMÁTICA METÓDICA. Aconselhado pelo referido professor, venho por meio desta testemunhar as felicitações mais calorosas pelo êxito de seu trabalho (Augusto César Pereira).

IBICARÉ – Meus colegas e eu ficamos fascinados quando conhecemos a sua gramática, dada a clareza e perfeição de exposição da matéria. É tal a facilidade de compreensão dos assuntos, que resolvemos substituir as "gramáticas-antologias" dos diversos anos pela sua METÓDICA (José Atanilo Junkes).

ITAJAÍ – O nome "Napoleão" pontifica em nossas aulas (Pe. Zeno A. Schweitzer).

LAGES – Apresentamos-lhe, senhor professor, nossos entusiásticos parabéns por tão perfeito trabalho, e agradecemos-lhe o benefício que aos professores de português do Brasil nos prestou (Frei Elzeário Schmidt, O. F. M.).

RIO DO OESTE, INST. MISSÕES CONSOLATA – Com a sua gramática, prescindo das demais, porque nela tudo encontro (Pe. Jordão Maria Pessatti).

RIO DO SUL – Sabíamos que o senhor se dedicava ao estudo da língua portuguesa e pudemos averiguar esse fato agora, manuseando em aulas de português a GRAMÁTICA METÓDICA, de sua autoria. Gostamos imensamente desse trabalho, pela abundância de matéria, pela clareza

de exposição e pela novidade de particularidades tão instrutivas. Por esse motivo é que ministramos todas as aulas com material exclusivamente haurido de sua obra (Padre Albano Slamp e Padre Chiarot).

RODEIO, SEMINÁRIO SERÁFICO – ...a sua é ainda sempre a melhor (Frei Cândio Berri).

TUBARÃO, ESC. NORMAL S. JOSÉ – ..a melhor gramática que vive no Brasil (Irmã Tarcila).

SÃO PAULO, Capital

SÃO PAULO – Sua Gramática Metódica da Língua Portuguesa constitui realização ímpar na história da literatura didática, brasileira e portuguesa. O fato se explica, pois, ao contrário do que ocorre com outras, a gramática de sua autoria é claríssima e de leitura amena e até agradável. É aliás o que tenho comprovado no meu lar; todos nós e também os netos nela estudamos, e com prazer. Sua obra verdadeiramente apostolar no ensino da língua mereceria maior reconhecimento, mas constitui verdadeiro milagre a sua repercussão e influência em meio tão adverso (Desembargador João Del Nero).

SÃO PAULO – ...quero contar-lhe o que encontrei escrito na primeira página do exemplar da sua gramática; copiei as palavras, às escondidas, para mandar-lhe. São estas: "Orgulho-me de possuir esta gramática, fonte de saber e visão; que Deus me ajude a trazê-la também na mente".

Esse rapazola escreveu aquilo provavelmente numa conversa com Deus, sem jamais imaginar que o autor da gramática viria a saber. Assim sendo, acredito que aquelas palavras são um bom testemunho de que o seu amor ao nosso idioma encontra o mais fervoroso eco no coração dos seus patrícios. E é bom que o exemplo tenha vindo de um jovem: isso faz pensar que as esperanças no tão falado "futuro melhor" se justifiquem (Judith Martins).

SEMINÁRIO METROPOLITANO – Até que enfim encontrei *UMA GRAMÁTICA*! (o grifo é do missivista, Cônego Lino Vítor Foureaux, O. Praem).

SEMINÁRIO S. CAMILO – Sei do alto alcance, dos profícuos métodos empregados por V. Sa. para tornar mais prático, mais atraente aos alunos o árduo estudo da língua vernácula (Padre Pedro Mayer).

SEMINÁRIO DO ESPÍRITO SANTO – Agora, com a METÓDICA adaptada à nova nomenclatura, sei que gramática adotar (Frater Angelo Bim).

INST. SALESIANO PIO XI – O povo brasileiro, unânime, lhe deve ser agradecido pelo labor insano que levou V. Sa. a brindá-lo com trabalho tão precioso, agora atualizado e cada vez mais metódico. Já são bem 18 anos que manuseio diariamente sua gramática e cada vez mais a aprecio, e, edição por edição, sempre encontro novas riquezas (Padre Albano Slomp).

IRMÃOS MARISTAS – Poucas vezes ou nenhuma terei encontrado, na minha já não pequena existência (60 anos), maior consciência profissional aliada a tanta competência. O prof. Napoleão Mendes de Almeida é para mim a personificação, a idealização do que dizem os ingleses: The right man in the right place. Não sei se estou enganado, mas creio que são raros, raríssimos os professores que tanto respeitam e honram o magistério como o Sr. Napoleão Mendes de Almeida (Irmão Epifânio Maria, Vice-Reitor).

COL. ADVENTISTA BRASILEIRO – Quando sou consultado sobre a melhor gramática que temos sempre indico a sua (Pedro Apolinário).

ESCOLA DE JORNALISMO CASPER LÍBERO – A nova edição da METÓDICA vem confirmar a admiração que tenho à sua competência de mestre insuperável (Mons. João Batista Carvalho).

SÃO PAULO – O que torna a METÓDICA recomendável sobre as demais gramáticas é o sentirmos nela a presença constante do professor, do mestre que nos fala e nos ensina (Souza Diniz).

SÃO PAULO – Venho adotando há muitos anos, com maravilhoso proveito para minhas alunas, a sua admirável GRAMÁTICA METÓDICA. Pode o senhor estar certo de que, em qualquer parte em que me encontre, serei sempre uma propagandista de seus livros didáticos, principalmente de sua METÓDICA, a mais completa, a mais clara, a mais eficiente de todas as congêneres editadas em nosso país (Ir. Julieta Clara Mendes).

SÃO PAULO – Tendo estudado a língua e a literatura portuguesa nas universidades de Amesterdão e de Coimbra, adquiri um exemplar da sua GRAMÁTICA METÓDICA logo após a minha chegada ao Brasil. Li-a duas vezes de capa a capa e consultei-a muitas vezes (F. G. Wildeboer).

SÃO PAULO – ...folheia daqui, folheia dacolá, quando dou por mim estou a ler quase de cabo a rabo o excelente livro (Léo Vaz).

SÃO PAULO – ...A propósito, permitimo-nos recomendar aos estudiosos do idioma pátrio a monumental GRAMÁTICA METÓDICA. Mestre que é, tendo observado o estudo e a aplicação da gramática, no convívio com os estudantes, escreveu a obra supra citada, numa disposição adequada e estilo suave para fácil aprendizagem (Dorival Soares Ramos).

SÃO PAULO – É proveitosa e indispensável não só aos estudantes dos vários anos, mas a todos os que desejam manejar corretamente nosso idioma. Em linguagem escorreita, todos os fatos concernentes à nossa língua são tratados de modo simples e intuitivo. As inovações introduzidas, na disposição da matéria, são de raro alcance pedagógico (Manuel Pereira do Vale).

SÃO PAULO – Aprendi mais em quinze dias de estudo em sua preciosa gramática do que aprendera em quase quinze anos de bancos escolares (Neusa L. D. Monteiro).

SÃO PAULO – Lendo-a e relendo-a, pude aquilatar-lhe o valor didático e a soma de conhecimentos que encerra. Os sinceros parabéns de um simples colega que, vivendo entre livros, teve o prazer de encontrar no seu o que em muitos procurou: a clareza serena e grandiosa das águas-mães (Inácio Novelli).

SÃO PAULO – De mim sei dizer que, vacilando neste ou naquele ponto, sempre encontrei na sua METÓDICA a doutrina certa, o exemplo elucidativo, a regra clara e precisa, apoiada sempre nos bons escritores (Antônio D'Ávila).

SÃO PAULO – Entre os que estão à frente do ensino da língua portuguesa no Brasil impõe-se Napoleão Mendes de Almeida, que edição a edição sempre melhora seus livros didáticos e vem, com eficiência e escrúpulo, mantendo um curso de português por correspondência (Walter Fontenelle Ribeiro).

SÃO PAULO – Sem ter o prazer e a honra de conhecê-lo pessoalmente, há muitos anos que o conheço e admiro através de sua GRAMÁTICA METÓDICA, sem sombra de dúvida – "and by far" – a melhor de nosso idioma.

Estudioso de português desde minha pré-histórica mocidade (fui aluno de Eduardo Carlos Pereira, no velho Ginásio do Estado), sinto que minha ignorância no assunto se vem agravando ultimamente. Para isso devem ter contribuído dois fatores: 35 anos de residência no Exterior (serviço diplomático, EUA, França e Inglaterra) e anarquização de nossa língua por duas academias, uma de Ciências, outra de Letras.

Sou também um bibliófilo e em minha "biblioteca" ("excusez du peu... ") tenho uma razoável coleção de gramáticas, desde a "Philosophica" do velho Soares Barbosa, até a sua. Esta, sempre a tenho a meu alcance e nunca me "deixou na mão" quando a ela precisei recorrer, mercê do excelente índice, que me leva imediatamente à elucidação de minhas dúvidas.

Lembra-me que o ilustre mestre, no prefácio da METÓDICA, alude ao enorme trabalho que esse índice lhe deu, e que bem avalio.

Por isso, não pude resistir à tentação ("the best way to get rid of a temptation is to yield to it" dizia Oscar Wilde) de transmitir-lhe a seguinte frase que há dias, acidentalmente, encontrei no excelente "Reader's Digest Great Encyclopedic Dictionary", página 2.083, em um artigo de Charles W. Ferguson:

"Any fool can write, but it takes a genius to make an index".

So it is, indeed ! E é por isso que me permito felicitar o autor da melhor gramática da língua e do excelente índice, que a torna ainda mais preciosa (Eurico Penteado).

SÃO PAULO – O autor desafia qualquer professor a não saber explicar ou qualquer estudante a não entender seus pontos. Livros assim, sim. Autores assim, que sentem e vivem com os alunos, dão gosto. Livros assim valem por muitos pedagogos que acumulam os alunos com tantos livros novos no princípio do ano e sem as partes estudadas nos anos anteriores. Livros completos assim formam uma biblioteca completa (José Pedro Miranda).

SÃO PAULO – Foi como sol de estio por sobre os meus dantes pálidos laivos gramaticais. Sem hipocrisia ou intuito de louvaminhá-lo, assevero-lhe que nunca houvera visto gramática tão elucidativa e de tão fácil e suave tirocínio. O caso da regência em geral, mormente a dos verbos; a doutrina sobre a partícula "se"; a riqueza de advérbios e locuções; a colocação dos pronomes oblíquos etc., nenhum outro mestre explana tão precisa e expressivamente. Um abundante oásis de saboroso aprendizado, em que o caminhante se dessedenta gostosamente – eis ao que comparo, abalizado professor, a sua riquíssima GRAMÁTICA METÓDICA (Penitenciária, Sentenciado 12.929).

SÃO PAULO, Interior

APARECIDA, Seminário Santo Afonso – Vibro e sinto com a METÓDICA; alegram-me, sinceramente, os seus triunfos (D. José Rodrigues de Sousa).

BOTUCATU, Inst. Santa Marcelina – A sua gramática dispensa o manuseio de qualquer outra; é livro realmente completo (Ir. Alzira Vieira).

CAMPINAS – Trata-se – digo-lhe sem o menor favor – do melhor livro que, no gênero, possuímos (Hildebrando Siqueira).

CAMPINAS – Autor capacitadamente enfronhado nos torneio e obstáculos do idioma, anula com arte a deprimente sensação, incutindo no estudioso o prazer de compulsá-la miudamente (Francisco Nunes).

CAMPINAS – Devo acrescentar que o Prof. Luís Gonzaga Diniz fez este ano em toda a sua Inspetoria de Ensino ótima campanha de seus livros didáticos e conseguiu adoção por parte de muitos mestres (Clóvis Pansani).

ITAPORANGA, Mosteiro Cisterciense – Se, em vez de se amontoarem tantos didatas com seus programinhas, postilas e ditadinhos de gramática, se obrigasse adotar a METÓDICA e se exigisse que ela fosse estudada com seriedade e afinco, o resultado dos concursos seria bem diferente do de nossos dias (Pe. Bernardo Pani).

JAÚ – Deixei de lado todas as demais obras para o ensino da língua e passei a adotar esse valioso trabalho do prezado mestre (Osvaldo Brandão Tófano).

JAÚ – Nos meus cursos adotei a sua inigualável gramática (Adonis M. Pirágine).

LAVRINHAS, Seminário Salesiano – Um menino disse assim: "A gramática do Napoleão a gente basta ler e logo entende; as outras não" – Ele falava assim com o senhor Padre Diretor, de quem ouvi o "abalizado" juízo: *Ex ore in fantium*...! (Pe. Hilário Passero).

LINS, Seminário N. Sra. do Rosário – Sua gramática será o vade-mécum meu e dos meus alunos, que se acham entusiasmadíssimos com ela (Cônego João Santucci).

LINS, Esc. Normal N. Sra. Auxiliadora – Acho que todos os colégios deveriam adotar a METÓDICA: que querem de melhor os professores? (Ir. Josefina L. Di Sano).

MOGI DAS CRUZES – Foi a que mais me impressionou, pela clareza e pelo método; considero-a a melhor. A sintaxe está tão bem exposta que, a quem ler, não sobrará justificativa para ignorar análise sintática. Felicito-vos, exultante, pela publicação dessa magnífica obra linguística e altamente patriótica (Coronel Carlos Abreu).

MOGI-GUAÇU – Sempre adotei a METÓDICA em todos os colégios por onde passei, pois acho que não há gramática que possa substituir a sua (Clóvis Pansani).

NOVA GRANADA – Minha admiração pela sua pessoa não tem limites. O senhor é uma dessas raras pessoas que nasceram para fazer algo de extraordinário. Acho seus livros de português e de latim notáveis. Aprende-se e toma-se gosto pelo estudo (Dirceu Penteado).

OURINHOS – Nada se poderia desejar de melhor e passo a adiantar-lhe que será a escolhida e adotada em todos os meus cursos (Aparecido G. Lemos).

PINDAMONHANGABA, Seminário Salesiano – Bem sabes o quanto a METÓDICA é apreciada entre nós (Pe. Luís Garcia de Oliveira).

PIRACICABA, Seminário Seráfico S. Fidelis – Aqui no Seminário temos sempre seguido a sua gramática com o máximo proveito dos alunos. Nossos sinceros parabéns pela nova edição, fruto de tanto trabalho e amor a nosso idioma pátrio (Fr. Luís Maria de Limeira).

PIRACICABA, Seminário Seráfico S. Fidelis – Queira receber os mais sinceros parabéns por trabalho de tão subido valor. Que Deus, Senhor nosso, continue a abençoar seus trabalhos, a fim de que sua diamantina pena possa espargir sempre o bem entre os homens (Fr. Estêvão Maria de Piracicaba).

PIRACICABA – Sua gramática é um livro precioso, como preciosa é a advertência com que o mestre inicia o seu prefácio, que encerra um trecho que todo o professor precisa conhecer, especialmente os mestres do vernáculo de todas as categorias, daquém e dalém mar (Sílvio de Aguiar Sousa).

PIRAÇUNUNGA – Preciso contar-lhe este episódio. Num curso que precisei fazer numa capital de estado, logo no início um professor deu a lista de livros para consulta e nela não figurava seu nome. Levantei-me e, delicadamente mas com firmeza, mostrei-lhe a estranheza do seu procedimento; após mais uns apartes da turma, o tal catedrático "tolerou" a METÓDICA em sua lista. Ora, durante aquele curso intensivo não foram poucas as vezes que, apoiado na METÓDICA, dirimimos questões e confundimos o mestre e partidários. Com o correr das aulas, sempre que havia qualquer dúvida a turma toda se voltava para trás e perguntava num misto de brincadeira e curiosidade: "Pe. Humberto, que diz o Napoleão?" Sempre aceitava o desafio e tudo se resolvia, até que um dia, quando a METÓDICA veio aclarar uma questão do pronome "se", eu disse alto e bom som: "Eis aqui o Napoleão das gramáticas, que nunca viu Waterloo" – e assim o curso foi chegando a seu termo e, resultado: todos os colegas já tinham adquirido a METÓDICA e a consultavam com entusiasmo. Modéstia a parte, fiz um curso brilhante, que me valeu o segundo lugar entre examinandos de turma bastante numerosa, e tudo acabou muito bem (Pe. Humberto Capobianco M.S.C.).

RIBEIRÃO PRETO – Ao passo que o felicito pela valiosa colaboração prestada aos estudiosos e aos estudantes através de seus livros, tesouros de simplicidade e erudição, comunico-lhe que os adotei em todos os cursos que venho ministrando (Pe. César Luzio Junior).

RIBEIRÃO PRETO – Professora de português, tenho o apelido de "Napoleônica", tal a admiração que nutro aos seus ensinamentos e à clareza com que os apresenta (Esmeralda Maria de Assis Moura).

RIBEIRÃO PRETO – A METÓDICA tem a vantagem de ensinar com segurança, sem que o estudante perceba o esforço. O estudo na METÓDICA concorre para a satisfação e alegria de quem estuda (José Pedro Miranda).

RIO CLARO – Trabalho verdadeiramente metódico e erudito. Repito aqui o que mais de uma vez disse aos meus alunos: "Com esta gramática aprende-se a falar e a escrever escorreitamente o vernáculo". Socorro-me dela inúmeras vezes em minhas próprias aulas de latim. Outro tanto faz o professor da mesma disciplina (Padre Luciano Orlando Giovanni).

SANTOS – Particular admirador da GRAMÁTICA METÓDICA do Prof. Napoleão Mendes de Almeida, tenho feito dela sinceras e por isso mesmo as melhores recomendações a alunos e colegas, adotando-a invariavelmente como compêndio dos alunos das classes onde leciono (Rubens Nunes).

SANTOS – De há muito vínhamos acompanhando os trabalhos do professor Napoleão Mendes de Almeida. Já o admirávamos pela sua cultura, pelo seu espírito conquistador e estudioso. Nosso respeito cresceu com a sua GRAMÁTICA METÓDICA, em que apresenta aos estudiosos e aos que verdadeiramente gostam de nossa língua ensinamentos úteis e explicações claras, simples e fáceis de serem compreendidas (Prof. Anuar Frayha).

SÃO CARLOS, SEMINÁRIO DIOCESANO – Ainda há pouco recebi um exemplar da sua GRAMÁTICA METÓDICA, que realmente imenso me agradou. Pena que os alunos de meu seminário já haviam adquirido outra. No entanto, como demais apreciei a clareza das suas explicações, bem como o método genuinamente psicológico, desejo vê-la na mão dos meus seminaristas (Padre Armando Antônio Salgado).

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS – Adotei na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras a sua gramática, sem favor nenhum o melhor compêndio para aulas, pois não só desenvolve a teoria como esparge, a mancheias, milhares de exemplos e de opiniões próprias, abalizadas, que deixam o aluno confiante e entusiasmado (Xenofonte S. Castro)

SÃO JOSÉ DO RIO PARDO – A GRAMÁTICA METÓDICA é, sem favor algum, excelente método de língua portuguesa – seguro na doutrina, claro na exposição, simples nos pontos controvertidos, é prático na correção dos erros mais comuns em nosso idioma (Hersílio Angelo).

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS, SEMINÁRIO DOS SERVOS DE MARIA – É tanta a simplicidade, erudição e clareza com que V. Exa. se exprime, que prende o aluno até a última página com o mesmo sabor de quando começou (Frei João Mezzari).

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS, SEMINÁRIO DAS MISSÕES – ...tal é a sua gramática, a que eu chamaria "Suma", pois não há outra no gênero (Fr. Laerte Carmelo).

SÃO VICENTE – A GRAMÁTICA METÓDICA é de uma doçura agradável, ensina, corrige e educa (José de Marília).

SÃO VICENTE – É com imenso prazer que lhe escrevo para agradecer em meu nome e no de tantos que hoje vivem livres do pesadelo "gramática" o grande benefício prestado ao público estudantil. Apenas quero dizer-lhe que o Português se me tornou mais suave, mais lógico e mais compreensível por meio de sua METÓDICA (Reginaldo Amaral Miranda).

SOROCABA – No terreno da gramática não conheço nada mais perfeito, mais limado, mais metódico, mais claro, mais preciso e mais conciso. Problemas tão debatidos, como o do infinitivo flexionado, da colocação dos pronomes átonos e da bizantina sintaxe do pronome "se", trata-os sempre com cunho original, com método didático surpreendente e até com certo sainete... e o faz sem a falta de método de Carneiro Ribeiro, sem o estilo pesado de Said Ali e sem o excesso analítico de Carlos Góis. Sua gramática, sobre científica, é simples, estética e simpática (Marius Teixeira Neto).

TAQUARITINGA – Examinei página a página, questão a questão, comparando-a com os velhos mestres e só achei superior a sua gramática (Paulo Gusman).

TATUÍ – Li-a toda e fiquei encantado; não há exageração no termo: fiquei realmente encantado (Sílvio Azevedo).

TATUÍ, INSTITUTO DE EDUCAÇÃO – É com incontido entusiasmo que digo. Ninguém mais inspirado do que o Napoleão na organização de um trabalho tão completo e precioso como a sua METÓDICA (José Tomás Borges).

TATUÍ – Há anos lecionamos por meio da sua prodigiosa gramática, a mais completa da língua portuguesa (Leila Salum M. da Silva).

TAUBATÉ, SEMINÁRIO DIOCESANO – ...pelo seu trabalho notável GRAMÁTICA METÓDICA DA LÍNGUA PORTUGUESA, magnífica contribuição para o estudo tão necessário do nosso sublime idioma. Coincidiu minha nomeação, para o cargo de reitor do Seminário Diocesano desta cidade, com o aparecimento da sua tão bem elaborada gramática. Veio-me então o desejo de adotá-la em todos os cursos deste Seminário, o que, aliás, foi sugerido pelo meu amigo, Prof. Leôncio Amaral, Diretor do Ginásio de S. José dos Campos (Padre Teodomiro Lobo).

VALPARAÍSO, IRMÃS FRANCISCANAS – Bem pode o abalizado mestre avaliar a proporção do nosso agradecimento na medida do prazer que nos causa a sua preciosa gramática (Irmã Maria Rosália França).

SERGIPE

ARACAJU, FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA – Há dois anos venho adotando nesta faculdade, com real proveito para os alunos, a sua METÓDICA (Paulo Almeida Machado).

ARACAJU – ...sua preciosa GRAMÁTICA METÓDICA, onde observei o interesse do mestre em tornar a gramática mais acessível à simpatia dos alunos, obedecendo a um método todo singular, o que lhe dá um aspecto de novidade (José Bezerra dos Santos).

ALEMANHA

BERLIM LANKWITZ – Venho participar a V. Exa. que pedimos à Livraria Saraiva a sua GRAMÁTICA METÓDICA DA LÍNGUA PORTUGUESA, a fim de ser enviada para a Seção Brasileira desta biblioteca onde é procurada por muitos interessados (Hermann B. Hagen, Ibero-Amerikanische Bibliothek).

GARMISCH – PARTENKIRCHEN – Possuo um grande número de gramáticas, tanto de autores portugueses quanto de brasileiros; a obra de V. Sa. absorve a minha atenção pelas muitas vantagens sobre as congêneres (Helmut Ascherfeld).

ARMÊNIA

YÉRÉVAN – Conheço e leciono vários idiomas; estudei muitas gramáticas, mas a sua é extraordinariamente metódica e clara. Alunos e professores brasileiros lhe devem ser agradecidos, porque o trabalho deles é facilitado (Kegham Chahinian).

CHECOSLOVÁQUIA

PRAGA – Há dois anos comprei a última edição de sua GRAMÁTICA METÓDICA, com a qual fiquei realmente encantado. Não preciso dizer ao senhor que a sua obra me tem satisfeito em todos os sentidos, por poder encontrar nela, facilmente, tudo o que preciso aclarar. O seu método é o

mais apropriado também para nós estrangeiros que queremos aperfeiçoar as noções da língua portuguesa, pois a sua gramática oferece um aspecto completo da estrutura do português.

Em especial e com muito interesse li o capítulo que trata dos particípios duplos, parte que, na verdade, é uma das coisas mais difíceis, pelo menos com respeito a nós estrangeiros. Adotei a sua gramática nos meus cursos de português, considerando o guia que nunca falha: a qualquer momento que a consulto, sempre encontro solução para os problemas que surgem (Jaroslav Holbik).

PRAGA – Leciono português (língua e literatura) na universidade e sou autor de muitos manuais didáticos; na bibliografia de meus trabalhos cito a sua gramática como a mais importante obra do gênero (Zdenek Hampl-Hampejs).

CHINA

PEQUIM, Instituto de Línguas Estrangeiras – A fama das suas obras ilustres chegou até aqui (Nio Cheng-lu).

BEIJING – Sou professor de português do Instituto de Línguas Estrangeiras de Beijing. Tenho "gramáticas" de vários autores... , mas a sua é a de que eu gosto, por ser mais prática, mais concreta, mais aproveitável para o verdadeiro ensino gramatical (Zhou Han-jun).

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

NOVA YORK – Como atividade paralela, dedico-me a lecionar português para americanos, e a sua gramática, profissional e pessoalmente, é a mais conceituada e realmente a melhor (Regina Emygdio Pereira de Melo Barreto).

BOSTON – Tenho o prazer de contar entre os meus mais queridos livros a sua Gramática Metódica, que até agora nunca deixou de fornecer-me respostas e explicações claras e satisfatórias. Sou americano e professor de inglês. Estou terminando meu mestrado: aprimorando-me no conhecimento do português (William H. Russell Jr.).

HOLANDA

HAIA – Hoje não fiz outra coisa senão examinar a sua METÓDICA, e já sei dizer que o livro será de grande utilidade para os meus alunos mais adiantados (W. D. Meijer).

ITÁLIA

ROMA – É com grande prazer e avidez que estou estudando sua preciosa GRAMÁTICA METÓDICA, verdadeira joia para mestres e alunos (Padre Anselmo Goulart).

POLÔNIA

RACIBÓRZ – Leio os seus livros diariamente; são livros que recomendo a todos os que intentam aprender o português, pois figuram entre os melhores que se publicaram (Paulo Kaleta, filólogo).

PORTUGAL

LISBOA – É, na verdade, em mistura de simplicidade e erudição, um resumo sistemático do que de melhor existe no terreno de nosso idioma (Vasco Botelho de Amaral).

LISBOA – Em vez de defender meu modo de ver com palavras minhas, prefiro transcrever aqui o que ensina o distinto professor Napoleão Mendes de Almeida... (Fernando V. Peixoto da Fonseca).

LISBOA – Se quer ainda uma boa gramática, se não a melhor, recomendamos a do professor brasileiro Napoleão Mendes de Almeida, GRAMÁTICA METÓDICA DA LINGUA PORTUGUESA (F. V. P. da Fonseca, Boletim Mensal da Sociedade de Língua Portuguesa).

LISBOA – Está aqui uma GRAMÁTICA METÓDICA DA LÍNGUA PORTUGUESA, feita pelo eminente filólogo brasileiro, Prof. Napoleão Mendes de Almeida. Percorrendo as páginas, encontro o que não se vê em livros similares portugueses, e é isto – ensina a escrever bem, com domínio expressional, com riqueza de conhecimentos práticos em vez de teorias bafientas, com exposição de fatos da língua e não com regrinhas fastidiosas. Trata-se de regência? Apresentam-se os verbos com as regências. Expõe-se o assunto da pureza da língua? Fazem-se listas com erros e suas emendas ("Palestras" de Língua Portuguesa, nº 34. pág. 299).

LISBOA – Consegui obter no "Centro do Livro Brasileiro" as tão recomendadas gramáticas de vossa autoria, a portuguesa e a latina. Apesar de a nomenclatura brasileira diferir um pouco da nossa, não tive dificuldade em compreender os incomparáveis ensinamentos que elas encerram (Octávio da Silva Neves).

LEIRIA – Fiquei entusiasmado com o critério didático de vossa excelente GRAMÁTICA METÓDICA (Delfim Luís Pires).

PRAIA CABO VERDE, Portugal Ultramarino – Quero deixar registrado que a GRAMÁTICA METÓDICA vem-me servindo de guia na orientação dos estudos liceais de meus filhos, e os resultados são francamente animadores (Arcádio Monteiro).

RÚSSIA

LENINGRADO – Tem o prazer de escrever-lhe um estudante da universidade de Leningrado. Estudo na faculdade de filologia, seção de línguas românicas. Com grandes dificuldades recebi de São Paulo a sua famosa GRAMÁTICA METÓDICA DA LÍNGUA PORTUGUESA. Eu a considero a melhor obra sobre a língua portuguesa (Anatólio Gach).

ÍNDICE ANALÍTICO

Os **números** *indicam* **parágrafos**

A

A (artigo) 243
A (prefixo) 112, obs. 1
grego 630
latino 629
vernáculo 628
A (preposição) 301, n. 2; 546, n. 1
+ A = **À** – V. *crase*
antes de "qual" 374
com verbos de movimento 546, n. 4, a
combinado com artigo 548
contração 549
e o infinitivo 546, 1, b; 914; 927
= gerúndio 942, n.
e o oblíquo **o** 844, exc. b
na linguagem forense 289, n. 2
na loc. verbal 517
não confundir com **HÁ** 907; n. 2
no complemento nominal 675, 676
no complemento de tempo e de lugar 289, n.2
no obj. direto 683; 777
no obj. indireto 684; 777
= **PARA** 546; n. 1, d
repetição 550, c
A (vogal)
aberta 43
fechada 43, obs.
fundamental 42
média 42
terminação de subst. 186, 1
A MENOS QUE 585
A – V. *crase*
AB 629
A ELE – V. *lhe*
= **O** 683, 3
ABAULAR 443
ABDÔMEN 218, n.
ABECEDÁRIO 32, n. 1 (ao pé da pág.)
ABELHA 89; 240, obs. 8
ABLATIVO 180, n.; 613
absoluto 698; 943, 5
ABOLIR 489, 10
ÁBREGO 62
ABREVIATURAS 70, 6; 146
ABRIR 465, 3; 465, 4
particípio 496, 19
ABS 629
ABSOLUTA (oração) – V. *oração*
ABSOLUTAMENTE 528, n. 1
ABSORVER 497, n. 8
ABSOLUTO 497
ABSTRATO – V. *substantivo*
AÇÃO VERBAL 298; 299
ACEITE 496, 3
ACENDER 496, 12 (ao pé da pág.); 603, a (ao pé da pág.)
ACENTO 97 e ss. (V. páginas após o *Prefácio*)
agudo 100; 133
arrizotônico 107; 440, n. 3, a
circunflexo 100; 135
de nomes terminados em "il" 221, 6
diacrítico 100; 234, 1, n.
grave 100; 134
na desinência do v. 439
na flexão de subst. 224; 234, 1, obs. 1, 2
na preantep. síl. 825, 4, n. 3
na poesia 1006
na termin. de subst. 215
no radical do v. 439
principal 106
rizotônico 107; 439
secundário 106
tônico 98; 100; 101; regra latina 104

ACENTUAÇÃO – V. *acento*
do ditongo 50, notas
latina 104
oxítona 101 e ss.
paroxítona 101 e ss.
proparoxítona 101 e ss.
ACINTE 527, n. 1
ACÔNITO 104
ACONSELHAR 777
ACONTECER 489, 6
ACORDO 120, obs. 2, b
ACUDIR 468, n. 1
ACUSATIVO 180, n. 1
de relação 699, n.
sobrevivência 613
sujeito acusativo 652
AD 629
ADAGA 976, 4
dupla adaga 976, 4
ADEMAIS 527
ADEQUAR-SE 440, n. 3, a
ADERIR 466. 2º grupo
ADIÇÃO DE SONS 112; 629
ADJETIVA (oração) – V. *oração*
ADJETIVAÇÃO DO SUBSTANTIVO 248, obs. 2
ADJETIVO 247 e ss.
colocação 360; 807
composto 261, A
concordância 745 e ss.
definição 154; 247
empregado adverbialmente 351; 537, n. 2
etimologia 629
étnico 249
explicativo 248, obs. 4; 900
flexão – V. *flexão*; V. *sintaxe*
gentílico 249
grau – V. *flexão gradual*
numeral – V. *numeral*
pátrio 249
que designa cor 261; 872, 2
restritivo 248, obs. 4; 900
sintaxe – V. *concordância*; V. *colocação*; V. *regência*; V. *adjunto*; V. *complemento* etc.
substantivado 231, 5; 248, obs. 1; 935; 937
uniforme 258, n. 1; 260
ADJUNTO 690, obs.
adnominal 691 e ss.; 927
adverbial 695 e ss.
colocação 775
constituído de gerúndio 943, 1
conversível em subordinada adverbial 902, n. 1
correspondente ao abl. absoluto latino 698; 943, 5
de modo e o predicativo do sujeito 537, n. 2
de tempo, sem preposição 697, b., n.
não confundir com objeto indireto 695, obs. imp.; 777 (atirar)
atributivo – V. *adjunto adnominal*
predicativo – V. *predicativo*
ADREDE 527, n. 2
ADVÉRBIO 522 e ss.
classificação:
quanto à circunstância 524
quanto à função 532
quanto à forma 533
colocação 775; 525, n. 1; 812
combinação com preposição 548
conjuntivo 525, n. 8; 526, n. 6; 900, n. 1; 906, 959
conversível em oração 901
definição 158; 522
e o oblíquo (colocação) 835
flexão 538
modificando subst. 537
não se combina com prep. 776, n.
sentido intensivo 240, obs. 2; 276, n. 5
substituído por adjetivo 537, n. 2
AFAZER – V. *fazer* (compostos)
AFEAR, AFIAR 461, n.
AFÉRESE 113, A
AFETO 496, n. 1
AFIGURAR 112, A
AFIXO 626
AFLIGIDO 497
ÁFRICA 244, A, 2, n. 1; 618
AFROUXAR 445
AGENTE
da ação verbal 298, 388
e paciente 657, n. 2
da passiva 390; 546, n. 3, 686
AGLUTINAÇÃO 633
de nome composto 633
do pron. átono – V. *combinação* (pronominal)
AGNOME 244, A, 5
AGORA 526, n. 1

agora ... agora 573, n. 4
origem 613, d
AGRADAR (reg.) 777
AGRADECER (reg.) 777
AGREDIR (conj.) 466, 3ª gr., n.
AGUAR 440
AGUDA (palavra) – V. *oxítono*
AÍ 525, 5
não se combina com prep. 776, n.
AINDA (adv.) 526, n. 2; 775
AINDA MESMO 342, 6
AINDA QUE 584
AJUDAR (reg.) 777
AL 183; 356
terminação 219; 260, 1; 630, 1
ALAGOA 112, A
ÁLBUM 234, 4
ÁLCOOL 234, 5, n.
ALCUNHA 144, 9; 244, A, 5
ALEIJAR 444
ALÉM 525, n. 3; 628
ALÉM DISSO 575
ALERTA 527, 4
ALEVANTAR 112, A
ALEXANDRINO (verso) 1008
ALFABETO 31
defeito 58
dórico 38, 6
eólico 38, 7
fenício 38, 6
grego 38
origem 37 e ss.
ALGO 183
advérbio 354, n. 1; 530, n. 1
indefinido 354
ALGUÉM 354
ALGUM 353
= **NENHUM** 784, n. 6; 811, n. 1
ALGUM TANTO 353, n. 3
formas cognatas 354; 354, n. 3
alguma coisa de (antecedendo adjetivo) 753
ALGURES 354, n. 3; 525, n. 4
ALHURES 354, n. 3; 525, n. 4
ALI 525, n. 5
não se combina com prep. 776, n.
ALIÁS 572, n. 5
ALÍNEA 975, n. 2
ALMA 64
ALOTRÓPICAS – V. *formas divergentes*
ALTERAÇÃO
do vocábulo – V. *metaplasmo*
fonética – V. cada letra no seu respectivo verbete
ALTO 274
ALUGUEL 76
ÁLVARES 169
ALVITRE 71
AMAZONAS 232, 2, n. 1
AMBIGUIDADE – V. *anfibologia*
na poesia 804; 858
no emprego de "que" 376
no emprego de "se" 393
no emprego de "seu" 329
pela ausência do artigo 376, obs.
AMBOS 291; 352, n. 2
ÂMEN 105
AMIDO (étimo) 66
ANACOLUTO 785
ANÁLISE
da oração – V. *oração*
do período – V. *período*
espécies 24
fonética 24
gramatical 24, n.
léxica – V. *análise morfológica*
modelo se sintática 910
morfológica 24
sintática 24
da oração – V. *oração*
do período – V. *período*
ANALÍTICA (forma 271, obs.)
ANALOGIA
ação 616
de sentido 207
no artigo 243, obs. 3
entre "um" e os indefinidos 349, n. 2
na formação do português 616
fonética 616, a
morfológica 616, c
sintática 616, d
léxica 616, b
vocabular 600 e ss.
ANAPTIXE 87
ANÁSTROFE 855
ANDAR + gerúndio 506; 517
ANELAR 92
regência 777
ANELO 92
ANFIBOLOGIA 867; 874

V. *ambiguidade*
ANÔMALO (verbo) – V. *verbo* (anômalo)
ANTE (preposição) 546
prefixo vernáculo 628
ANTECEDENTE
da preposição 542
de "cujo" 380
do relativo 372
elidido 900, n. 2
repetido 900, n. 3
expresso de "quem" 900, n. 4
não exigido 900, n. 4
ANTERIOR 266, n.
ANTES 526, n. 3
"antes de" 526, n. 3
"antes que" 588; = "antes do que" 583, n. 3
ANTÍ (prefixo grego) 630.0
ANTIQUAR-SE 440, n. 3, b
ANTÔNIMAS (palavras) 606
ANTONOMÁSIA 869, nota ao pé da pág.
ÃO ÁTONO 136; 216, obs. 4; V. *terminação*
AO CERTO 359
AO DEMAIS 575, n. 7
AO INVÉS 78
AO INVÉS DE 86, n. 2
AONDE 525, n. 8
APASSIVAÇÃO – V. *voz*
APELATIVO – V. *nome*
APENAS 527, n. 5; 588, n. 2
APESAR (grafia) 78
APESAR DE 551, a
APICAL (consoante) 60, n.
APIEDAR-SE 462, 1
APÓCOPE 113, C; 226, 2º caso
APÓDOSE 581.1
APOIAR-SE 777
APÓLOGO 988
APOSIÇÃO – V. *aposto*
APOSTO (definição) 699
com prep. DE 699
concordância com o fundamental 756
constituído de gerúndio 943, 4
e o artigo 244, B, 6
APÓSTROFO 114, A, obs.; 137
APRAZER 463, 7
APROPINQUAR-SE 440, n. 3, c
AQUELE – V. *pronome demonstrativo* 340 e ss.
combinação com **DE** 548
e **OUTRO** 340, n. 2; 356, n. 4
= **QUEM** 378
sujeito seguido de pron. como compl. 715
AQUELE QUE = O QUE 345, n. 3
AQUELOUTRO 340, n. 2; 356, n. 4
AQUÉM 628
AQUÉM DE 525, n. 3
AQUI 525, n. 5
não se combina com prep. 776, n.
AQUILO 183; 340 e ss.
ARCAÍSMO 880; 943, 4, obs. 2
ARGUIR 468, n. 2
ARGUMENTO (adjunto adverbial) 697, p
ARMAZÉM 76
ARRAIGAR 443
ARRENEGAR 112, A
ARRIZOTÔNICO 107; 440, n. 3
ARTELHO 89
ARTIGO 243 e ss.
antes de **CASA** 118, 5; 243, obs. 4
antes de **CERTO** 359, n. 2
antes de nome de cidade 244, A, 2, n.
antes de **PALÁCIO** 243, obs. 4
antes de **TERRA** 118, 6
colocação 811
com função pronominal 336; 345, n. 1
combinação com prep. 548
contração 549
definido 243, A
e a substantivação 248, obs. 1
e o oblíquo 843
e o possessivo 244, B, 4, n.; 786, d
e o relativo **QUE** 376, obs.
e o superl. relat. 275
emprego 244, A; facultativo 244, B, 4, n.
indefinido 243, B; 283
na silepse de gênero 768, 3
"o" = demonstrativo neutro 345, n. 1
omissão 244, B
quando se emprega após **TODO** 350
repetição 243, obs. 9
substituto dos casos latinos 180, n.
UM e os indefinidos 349, n. 2
ASA 78
ASCENDER e **ACENDER** 496, n. 12 (ao pé da pág.); 603, a (ao pé da pág.)
ÁSIA 244, A, 2, n. 1; 618
ASPAS 973
ASPIRAÇÃO GREGA 37, 2

ASPIRAR 777
ASSAZ 530, n. 2
ASSENTAR, ASSENTO 497, n. 1 (ao pé da pág.)
ASSENTE 496, n. 3 (ao pé da pág.)
ASSIM, ASSIM E ASSIM, ASSIM COMO
ASSIM, COMO ASSIM 527, n. 6
ASSIM COMO 571, n. 5
ASSIM MESMO 342, 7
CONJUNÇÃO 574
ASSIMILAÇÃO 119 e ss.
DE **SIMO** 272
do artigo 243, obs. 3
semântica 621, d
outros casos de assimil. 629
ASSINDÉTICA (oração) – V. *oração*
ASSISTIR 305; 777
ASSUNTO 497
ASTERISCO 972, obs. 3; 976, 3
ATÉ, ATÉ A 546, n. 2
ATÉ HÁ POUCO 907, 5º tipo
ATÉ MESMO 342, 6
ATÉ QUE 588
ATENDER 777
ATER-SE 431, ob.
ATIRAR 777
ATIVA (voz) – V. *voz*
ativo (verbo) – V. *verbo*
ÁTONO (vocábulo e sílaba) 99; 102
pronome 818
ATRÁS, ATRASAR 78; 525, n. 2
ATRAVÉS 78
ATRIBUTO – V. *adjunto adnominal*
AUMENTATIVO – V. *flexão* (gradual do subst.)
verbo 504
AUTORES DE OBRAS 911
AVIR-SE 464, 3, obs. 2
AVISAR 777
AVOS (terminação) 288
AZAG 68
AZUL-MARINHO 261, n.

B

B (origem e pronúncia) 62; 91
assimilação 629, n. 5
BARAÇO 873
BARBARISMO 868 e ss.
BARRA 976, 5
BASTANTE
adjetivo 530, n. 3
advérbio 530, n. 3
emprego incorreto 358, n.
flexão 358
pronome indefinido 358
BATER 777
BATOLOGIA 784, n. 1
BEL 112, C
BELO 982
BELTRANO
BEM 527
prefixo 628
BEM MAL 265, c, n. 2; 268
BEM-AVENTURADO 72; 268, c; 628
BENFAZER 463, obs. 1
particípio 496
BEXIGA 84, obs., c
BIBLIOGRAFIA 981, b
BISCOITO 497, n. 9 (ao pé da pág.)
BOA VONTADE, BOM GOSTO, BOM HUMOR 267
BODA (plural) 234, 1, obs. 1
BOI 82
BOM 266; 274
BONDE 234, 3
BOTO 497, n. 2
BRASILEIRISMO 881, 2
BRASILEIRO, BRASÍLICO 249; 249, n. 3
BÚFALO 67
BUFAR 67
BULIR 468

C

C 36; 38, 5
cedilhado 64; 138
intervocálico 86, 1
origem e pronúncia 63
CÁ 525, n. 6
CABER 463, 1
DESCABER 463, obs. 2
CACÓFATO – V. *cacofonia*
CACOFONIA 342, 8; 876
CACOGRAFIA 873, n.
CADA 43 obs.
emprego 362
diferença entre **TODO** 362, n.

CADA QUAL 309, n. ; 362
CADA UM, CADA QUAL 716; 730
CADÊNCIA 1005
CADERNO 63, 2; 621, d
CAIR (étimo) 66
conjug. 469
CAIXÃO 240, obs. 9
CAL 219, n.
CÁLCULO 621, d
CALENDAS 70
CÁLICE 223, n.
CALIDOSCÓPIO 70
CALIGRAFIA 621, c
CAMPAINHA 42
CANÇÃO 986
CARÁTER 224
CARDINAL – V. *numeral*
CARGO 315
CARIOCA 249, n. 2
CARREGAR 777
CARTOLA 63, 2
CASA: e o artigo 118, 5ª; 243, obs. 4;
e a crase 118, 5ª
e o possessivo 330, n.; 332
CASAL 293, n.
CASAR 396, n. 2
CASO: latino 180, n.
lexicogênico 180, n.; 613
oblíquo 312, 313
reto 312, 313
supressão 180, n.; 775
= *se* 945.9, obs. 3
CÁSPITE 595
CASSINO 80
CASTELHANISMO 550, c; 551, f
CATACRESE 621, c
CATEGORIA GRAMATICAL – V. *classe de palavra*
CATÉTER 224
CATIVO 497
CATORZE 63, n.
CAVIDADE (bucal nasal) 41
CC (cç) 65; 143, e, 1
CEAR, CIAR 461, n.
CEDILHA 64; 138
CEGO 497
CEGONHA 68
CELEUMA 186, 1, excs.
CENTO 281, n.
CERCA DE (influência na concord.) 709, n. 4
CERCE 527, n. 8
CERTAME 73
CERTO 359
e o artigo 243, obs. 5; 359, n. 2
locuções 359
CERZIR 452, n. 3; 466, obs. do v. *aderir*
CESURA 1008
CÉU 71
CH (origem e pronúncia) 88
CHAMA 88, 3
CHAMAR 777
CHÃO 88, 1; 624
CHAPÉU 88, 4
CHARRUA 88, 4
CHAVE 88, 2
sinal distintivo 976, 1
CHEGAR 446, a
CHEIO 88, 1
CHEQUE 83, 1, n.
"CHI" (χ) 37, 1
CHORAR 88, 1; 91
CHUVA 88, 1
CÍCERO 973, obs.
CID 66
CIGARRA 76, 3
CINCO 63, 2
CINTO (de **CINGIR**) 497
CIRCUITO 50, n. 1; 629
CIRCUNDAR 462, n. 3
CIRCUNFLEXO (acento) 100; 135
CIRCUNLOCUÇÕES 875
CIRCUNLÓQUIO 513
CIS 525, n. 3; 629
CITAÇÕES 144, 2
CÍVEL 220
CLASSE DE PALAVRAS 155 e ss.; 161, n. 2
intercâmbio entre as classes 231, 5; 248, obs. 1, 2, 3; 249, n. 3; 276, 1, n. 3
CLÁUSULA – V. *oração subordinada*
C'O 114, B
COBRIDO 496, n. 20
COBRIR 467, 1º gr.; 496, n. 20
CO'ESTE 137
COGNATO 354; 625
COISA (elipse) 782, C, n. 3
COISÍSSIMA 263, n.
COITO 497, n. 9
COLCHETES 976, 2

COLETIVO – V. *substantivo* (coletivo)
COLISÃO 879
COLOCAÇÃO 775; 790 e ss.
como indicativo de regência 774, 775
da oração principal no período 800
da preposição 543; 811
de bastante 358; 530, n. 3
de certas expressões exclamativas 799
de certas expressões optativas 799
de **MAS**, de **PORÉM** 572, n. 2
de **MESMO** = **PRÓPRIO** 342, 9
de **NÃO** 813
de **NEM** 813
de **POIS** 574, n. 2
deslocação idiomática dos termos da oração 801
do adjetivo 360, 807 e ss.
do adjunto adnominal 775, 791
do adjunto adverbial 775, 791
do artigo 811
do complemento 543
do numeral 811; 811, n. 3
do particípio e gerúndio na oração = ablativo absoluto 698
do possessivo 331
do pronome adjetivo 811; 811, n. 1
do pronome no imperativo 425, 6
do pronome possessivo 811, n. 2
do pronome oblíquo 776, 3, n.; 818 e ss.
do pronome relativo 793, n.; 796
do sujeito – V. *sujeito* (colocação)
do verbo auxiliar em locuções verbais 814
do verbo modificado por vários complementos 803
do vocativo 702
dos termos da oração 775; 791; 793; 794; 795; 797; 802; 803 e ss.
da oração exclamativa 798
da oração interrogativa 797
equipolência 859; 862
irregular dos termos da oração 853 e ss.
na poesia 804
predicativo no início da oração 793
sintaxe de coloc. 790 e ss.
sujeito posposto ao verbo 794
sujeito seguido de **É QUE** 794, n.
tipos sintáticos divergentes 859; 862
verbo em primeiro lugar 795, 799
CÓLON 73
COLORIR 489, 10
COM: conjunção 584, n. 3 ao pé da pág. na ligaç. de suj. comp. 736
prefixo 629
preposição 545
COM CERTEZA 359
COM QUE ENTÃO 526, n. 4
COM TAL QUE 585
ESTAR COM 427, obs. 4, d
+ infinitivo 584, n. 3 ao pé da pág.
seguido de NÓS 319, n.
seguido de SI 319, n.
COMA 186, 1, excs.
COMBINAÇÃO:
das prep. **A**, **DE**, **EM**, **PER** 548
dos oblíquos 321, 322
impossível da prep. 653; 776, 1, n.
COMÉDIA 987, 2
COMER 450, n. 2
COMIGO 319
COMO: advérbio 527, n. 9
adv. conjuntivo 527, n. 9
antec. de prep. 527, n. 9
conj. causal 582, n. 5; 946.1, n.
conj. conformativa 590; 525, n. 8
em correl. com **TAL** 343, n. 2
entre subst. e demonstr. 341, n. 4
entre subst. e indefin. 243, obs. 6; 265, a
forma convergente 620
na exclamação 798
na interrogação 797; 642, n. 2
na introdução de oraç. subst. 894
COMO QUE 945.9, n. 2
COMO SE 585.5 n. 6; 945.9, n. 2
COMPARATIVA – V. *conjunção*, V. *oração*
COMPARATIVO – V. *flexão* (gradual do adj.)
COMPLEMENTO:
agente – V. *agente* (da passiva)
circunstancial – V. *adjunto* (adverbial)
comum 378; 776, 3
constituído de prep. e consequente 542
de especificação – V. *adjunto* (adnominal)
nominal 675 e ss.; 927, 2
não confundir com outro compl. 693
de certos adjet. 391, 2, n. a
objetivo – V. *predicativo* (do objeto)
omissão do obj. dir. ou do ind. 777 n.
do v. *agradecer*

predicativo – V. *predicativo*
repetição 776, 3, n.; 926
restrito – V. *adjunto adnominal*
verbal 299; 300; 679 e ss.
COMPLETIVA NOMINAL – V. *oração*
COMPLETIVO OBJETIVO – V. *predicativo* (do objeto)
COMPLETIVO PREDICATIVO – V. *predicativo*
COMPLETIVO SUBJETIVO – V. *predicativo* (do sujeito)
COMPOSIÇÃO (de palavras) 610 e ss.; 633
compostos gregos 631; 633, n.
compostos espúrios 227. n. 2
por aglutinação 633
por justaposição 633
COMPRAZER 463, 7, obs. 2
COMPREENSÃO (do subst.) 247
COMPUTAR 439
CÔMPUTO, COMPUTO 439
COMUM – V. *substantivo*
COMUM DE DOIS 202
COMUNGAR 777
CONCESSIVA – V. *conjunção,* V. *oração*
CONCLUSIVA – V. *conjunção,* V. *oração*
CONCLUSO 497, n. 14
CONCORDÂNCIA
anormal – V. *conc. siléptica*
de **MESMO** 342
de tratamento 316; 328
do adjetivo com o substantivo 255; 262, n. 1; 745 e ss.
do aposto 756
do numeral 289
do particípio 430
do possessivo com a coisa possuída 328, n. 2
do predicativo 757 e ss.
quando é **MUITO POUCO** 713
do pronome 761; 762
oblíquo 685
do verbo 709 e ss.
que indica intenção, vontade 404
dos nomes de cores 261, A, notas
irregular ou figurada – V. *conc. siléptica*
latente – V. *conc. siléptica*
lógica – V. *conc. siléptica*
mental – V. *conc. siléptica*
nominal 745 e ss.
90% dos homens – 769, 2, n.; 713
por atração 738
semiótica – V. *conc. siléptica*
siléptica 710, n. 1; 711; A; 766 e ss.
tipos sintáticos divergentes 859; 860
verbal – V. *concord. do verbo*
CONCRETO (subst.) 170
fictício 171
verbo 428
CONCRETO 497
CONDICIONAL
conjunção – V. (no verbete *se) conjunção*
modo – V. *futuro do pretérito* (no verbete *tempo)*
oração – V. *oração*
CONDUZIR 470
CONECTIVO 541; 556; 601
oracional 556; 900, n. 4
CONFESSO 497
CONFORMATIVA – V. *conjunção,* V. *oração*
CONFORME, CONFORME A 546, n. 8; 590
CONJUGAÇÃO – V. *verbo*
CONJUNÇÃO
definição 160; 541; 556
classificação 557
comparativa 583
concessiva 584
conclusiva 574
coordenativa 565; 557; 571 e ss.
e a colocação do obl. 829 e ss.
integrante 581; análise forçada 642, n. 2
pospositiva 956
subordinativa 556, 557; 564, 565; 580 e ss.; 776
elipse 782, C
nas subord. adverb. 902
CONJUNTIVO – V. *pronome* (relativo)
CONQUANTO 584
CONSEQUENTE 372; 380; 542
CONSIGO 319; variante de **SE** 408
CONSOANTE: defin. 34; 55
classific. 59
de ligação 239
geminada 120, obs. 3; 143
inicial 143, b
intervocálica 143, d
temática de verbos 447
CONSOANTE, CONSOANTE A 546, n. 8; 590
CONSONÂNCIA 57; 93

CONSONANTISMO – V. cada consoante no seu respectivo verbete
CONSTANTE 935
CONSTAR 489, 1
CONSTRITIVA (cons.) 59
CONSTRUÇÃO PESSOAL E IMPESSOAL 484
CONSTRUIR 468, n. 1
CONTAGEM DAS SÍLABAS 50, n. 3; na poesia 1003; 1004
CONTANTO QUE 585
CONTENTAR 777
CONTIGO 319
CONTÍNUA (cons.) 60, n.
CONTINUIDADE DE AÇÃO – V. *locução verbal*
CONTO 292; 992
CONTRA: prep. 545
pref. latino 629
CONTRAÇÃO – V. *combinação*, V. *crase*
CONTRAPOSIÇÃO 283, c
CONTRIBUIÇÃO BRASILEIRA PARA O LÉXICO DA LÍNGUA – V. *brasileirismo*
CONTUSO 497, n. 15
CONVERGENTE (forma) 620
CONVERSÃO DAS ORAÇÕES:
da adjetiva em coordenada 900, n. 6
da adverbial em adjunto adv. 901; 902, n.1
da adverbial em coordenada 902, n. 2
da ativa em passiva 390, n. 1
da gerundial em subord. adv. temporal 943, 6
da infinitiva em modal 920
do adjunto adnominal em subord. adjet. 899
do complem. ou suj. em subord. subst. 892; 894
CO'O 114, B; 137
COORDENADA – V. *oração* (coordenada)
COORDENATIVA – V. *conjunção*
COÓRTE, CÔRTE, CÓRTE 143, c, 4
CORES 261, A, n. 2; 872, 2
CORRELAÇÃO E EMPREGO DOS TEMPOS E MODOS DOS VERBOS 413 e ss.; 529 (talvez); 907, n. 3 (haver); 945.1 e ss.
CORRELATIVA (conj.) – V. *conjunção* (comparativa)
CORRER 489, 7
CORRETO 497, n. 16
COZER, COZINHA 86, 2
COZIDO 497, n. 9
CRASE 116 e ss.; 549
antes do obj. ind. 301, n. 2
antes de verbo 116, 1ª
e o pronome de trat. 244, B, 4
na locução adverbial 535
CREAR, CRIAR 460, 2
CRER 463, 2
CRIAÇÕES ROMÂNICAS 617; 419, 3
CRÔNICA 990
CT 65
CUJO 380 e ss.
CULTO 497, n. 3
CUNEIFORME 40
CUSTAR 777

D

D (origem e pronúncia) 66
assimilação 629, n. 1 (ao pé da pág.)
D'ÁGUA 137
DAR (e compostos) 462
concordância 739
DAR-SE 401, B
DATA:
abreviada 976, 5
do 1º dia do mês, obs. 1
e a pontuação 953
e o artigo 244, B, 5
DATISMO 605, n.
DATIVO 180, n.; 613
de interesse 320, n.; 334; 685; 694
DD. 315, n. 3
DE:
antes de **QUE** 895, 1, n.
após adjetivo 754
com ideia de partitivo 709, n. 1 ao pé da pág.
combinação 548; (impossível) 776, 1, n.
criação românica 617, a
e o superl. relat. 275
em adjunt. adv. de arg. 697, p
em expressões comparat. 265, c, n. 4
em idiotismos 786, c
em partitivos 709, n. 1 ao pé da pág.
na oração completiva nominal 898, n.

no adjunto adnominal 692
no agente da passiva 390, n. 2
no aposto 699
no complem. de v. trans. ind. 301, b
no complem. nominal 675, 676
nos nomes próprios 144, 4, n. 1
prefixo 629
preposição 545, n. 3
DE CERTO 359
DE FORMA, DE MANEIRA, DE MODO QUE 586, n.
DE HÁ 907, 5º tipo
DECASSÍLABO (verso) 1005
DÉCIMA 180, n.
DECLINAÇÃO 180, n.
redução 612
DEFECTIVO (verbo) 479 e ss.
DEFESO 496, n. 13
DEFICIT 81; 234, 5
DEFINIÇÃO (e o artigo) 244, B, 2
DEFLUXO 76
DEIXAR (étimo) 66
DEMAIS 575, n. 7
DEMONSTRATIVO – v. *pronome*
DENIGRIR 466, 3º gr. n.
DENTAL (consoante) 60, n.
DEPARAR 777
DEPOIS (conj.) 575, n. 5
DEPOIS DE 526, n. 3
DEPOIS QUE 588
DEPUTADO, DEPUTADA 206
DERIVAÇÃO 354, n. 1 (ao pé da pág.)
das palavras 633
do adjetivo 251
do subst. 174
dos tempos 459
DERIVADO – V. *derivação*
DES (perf.) 504; 628
DES QUE 113, C
DESAGUAR 440
DESAPARECIMENTO DE TEMPOS – V. *histórico da língua*
DESAPERCEBIDO 873
DESAVIR 464, 3, obs. 2
DESCABER 463, obs. 2
DESCENDER 426, 6, e
DESCER 451
DESDE 545
DESDE QUE 582; 588
DESENVOLVIDA (oração) 904, n. 1
DESENVOLVIMENTO GRADUAL DE AÇÃO – V. *locução verbal*
DESIDERATUM 234, 4
DESINÊNCIA: definição 163
anomalia na verbal 458, 2
gradual 237; 238; 276
DESPERCEBIDO 873
DESTRUIR 468, n. 1
DESVAIRAR 123, a
DEUS 144, 11
plural 223
DEVER (elipse) 782, C, n. 3
com v. impessoal 487
DEVERAS 531, n. 2
DEZESSEIS, DEZESSETE, DEZOITO, DEZENOVE 284
DICIONÁRIO 10; 621
DIDÁTICA 988
DIÉRESE 50, n. 2
DIFERENTES 360
DIGAMA 38, 7
DIGNAR-SE 442
DÍGRAFO 87
DIGRAMA – V. *dígrafo*
DIMINUTIVO – V. *flexão* (gradual do substantivo)
verbo 505
DISCURSO (direto, indireto) – V. *estilo*
DISSÍLABO 96
DISSIMILAÇÃO 630.1 (sufixo *ar)*
DISTÂNCIA (e o oblíquo) 839
e o infinitivo 928
DISTINGUIR 453, n. 2; 497, n. 17
DISTRIBUTIVO 349, n.; 362
DITONGO (defin. e classif.) 49, 50
crescente 49
decrescente 50
na partição de palavras 143, c
no radical dos verbos 443, 444
DIVERGENTE (forma) 620
DIVERSOS 360
DIVISO 497, n. 18
DIZER (e compostos) 463, 3
regência 581, n. 1
DO (de + o) 114, A
DO QUE 265, b, c, n. 1; 583
= **O DE** 345, n. 3 (in fine)
DOBRADA (consoante) 60, n.
DOBRE, DOBRO 286, obs. 1
DOCUMENTO (da língua) 7
DOCE (consoante) 60, n.

DOER 488
DOIS-PONTOS 144, 2, n.; 966
DOM 146, n. 1 (ao pé da pág.)
DRAMA 987,1
DRUIDA 50, n. 1
DUAL 213, n.; 232, n. 2; 291
DURA (consoante) 60, n.
DURANTE 546, n. 9
DUVIDAR 62
DÚZIA 177; 293

E

E: aberto 42; em certas formas verbais 462, 4, n. 1
conjunção 571, n. 1
e a vírgula 950, n. 4
fechado 42
longo 38, 4
omissão nos numerais 281, obs. c, d
prefixo latino 629
prefixo grego 630
pronúncia 33, n.
protético 112, A, obs. 2
= **MAIS** 571, n. 1, c
E NEM 571, n. 2
E. GR. (= exempli gratia) 534, 2
É PORQUE 585.3, n.
É PRECISO, É NECESSÁRIO 759
É QUE 784, n. 5; 794, n.
flexão obrigatória 786, b, n.
idiotismo 786, b
ÉCLOGA 986
ECO 878
ECTLIPSE 114, B; 137
EE (em verbos em **ear**) 460, 5
EIS 121, 2; 537, n. 1
EL 243, obs. 2
EL-REI 243, obs. 2
ELDORADO 243, obs. 2
ELE – V. pronome pessoal
ELEGIA 986
ELEITO 496, 14
ELEMENTAR 32, n. 1 (ao pé da pág.)
ELINHO 240, obs. 2
ELIPSE 780 e ss.
do conectivo 581, obs.; 782, C
do verbo 782, B; 783
de **COISA, DEVA, POSSA, TEMPO** 782, C, n. 3
em condicionais 585.3, n.
nos provérbios 782, C, n. 2
EM 546, n. 4
com verbo de movimento 546, n. 4, a
constituindo galicismo 871
constituindo italianismo 546, n. 4, c
em adjunto adv. de tempo 697, b, n.
em oração gerundial 943, 4; 943, 5, obs. 1
EM O, EM A 546, n. 4, b
EM QUE (conj.) 584, n. 1
EM VEZ DE 86, n. 2
EMBORA (conj.) 584; 945-11
EMPREGO – V. os verbetes dos assuntos pedidos
EN (pref. vem.) 628; pref. gr. 630
ENCARREGUE 946, 3
ENCHIDO 496, 15
ÊNCLISE 818, 821
enclítica (palavra) 103
ENCONTRAR 777
ENTREGUE 496, 4
ENCONTROS CONSONANTAIS 87
ENCRUAR 440
ENDEFLUXADO 77
ÊNFASE 342, 5, b; 551, e; 621; 807, n. 3; 821; 900, n. 3
ENFIM 574
ENQUANTO 588; com o subj. 945, 10
ENSINAR 777
ENTÃO 526, n. 4; 574, n. 3
ENTRAR 777
ENTRE 546, n. 5
ENTRE MIM E TI 546, n. 5
pref. vernáculo 628
ENTREGUE 496, 4
ENTREMENTES 526, n. 5
ENTRETANTO 572
ENTUPIR 468, n. 1; 616, b
ENUMERAÇÃO 144, 2, n.; 289, 966, 2
ENVELOPE 315
ENVOLVIDO 496, n. 16
EPÊNTESE 112, B
EPICENO (substantivo) 201
EPÍSTOLA 988
EPÍTETO 144, 9; 244, A, 5
EPOPEIA 985
EQUIPOLÊNCIA 859; 904

EQUIVALÊNCIA – V. *equipolência*
ERUDITA (palavra) 623
ES, ESA – V. *terminação*
ESCARRAPACHAR, ESCARRAPICHAR 506, n. 1
ESCONSO 497, n. 10
ESCORREITO 498
ESCREVIDO 496, n. 17
ESDRÚXULO (acento) – V. *proparoxítono*
ESFÍNCTER 224
ESPÉCIME 73
ESPERANTO 8, n.
ESPÍRITO ÁSPERO 38, 2
ESPLÊNDIDO 112, A, obs. 2
ESPONTÂNEO 112, A, obs. 2
ESPORTE 112, A, obs. 2
ESP'RANÇA 137
ESQUECER 777
ESSE – V. *pronome demonstrativo* 340 e ss.
combinação com **DE** 548
combinação com **EM** 548
e **OUTRO** 356, n. 4
e **COMO** 341, n. 4
ênfase 342, 5, b
ESTADOS UNIDOS (os) 232, 2, n. 1
244, A, n. 1
ESTÂNCIA 1009
ESTAR
+ gerúndio 506; 517
= **JULGAR** 427, obs. 3
conjugação 425
e o particípio 430; 495, n.
e o particípio duplo 495
impessoal 405, C; 484, 2
acidental 658, 5
na indicação da passiva 391, 1
regências, construções e expressões 427, obss. 1, 2, 3, 4
verbo de ligação 427
ESTÁTER 224
ESTÁTICA (semântica) 621
ESTE 340 e ss.; 260, 5, exc.
combinação com **DE** 548
combinação com **EM** 548
e **OUTRO** 356, n. 4
e **COMO** 341, n. 4
ênfase 342, 5, b
ESTILO 980
bíblico 571, n. 1, b
direto, indireto 561; V. *tempo* (correlação e correspondência)
ESTOUTRO 114, A; 340, A, n. 2
ESTRALAR 112, B
ESTRANGEIRISMOS 234, 3, 4, 5; 868
ESTREAR, ESTRIAR 461, n.
ESTROFE 1009
"ÉTA" (η) 38,4
ETC. 81, n.
ÉTIMO, ETIMOLOGIA 610 e ss.; 621, d
ÉTNICO (adjet.) – V. *adjetivo*
EU – V. pronome pessoal
EUFEMISMO 621, d
EUFONIA 124; 319, n.; 345, n. 3, 4; 351; 365; 821; 942, n.
conceito 819
EUROPA 244, A, 2, n. 1; 618
EUSTOMIA 819
EXCEÇÃO (grafia) 74
EXCETO (prepos.) 497, n. 4; 546, n. 9
EXCETO SE 585
EXCLAMAÇÃO – V. oração (exclamativa)
EXEMPLI GRATIA 534, 2
EXENTO 497, n. 19 ao pé da pág.
EXISTIR = SER 426, 1
colocação 795, b; 795, n. 1
e **TER** 431
= HAVER 484, 2
EXORTAR 777, n. do v. *agradecer*
EXPANSÃO DO LATIM 611
EXPLETIVO 530, n. 7; 596, n. 1; 784, n. 5
EXPLICATIVA (conjunção) 575
oração 889, n. 2; 900
EXPLICATIVO (adjetivo) 248, obs. 4
EXPLOSIVA (consoante) 60, n.
EXPRESSÃO: de tempo 741; 907
de tratamento – V. *pronome* (de tratamento)
idiomática 786
imprecativa 945.5
optativa 799; 945.5
EXPRIMIDO 496, n. 22
EXPULSO 496, n. 21
EXTERIOR 266, n.
EXTERIORMENTE 527, n. 9
EXTINGUIR 496, n. 23
EZ, EZA – V. *terminação* (ez, eza)

F

F (origem e pronúncia) 67
FÁBULA 988; 992
FAISÃO 67
FAIXA 84, obs. b
FALTAR (concordância) 740
FALTO, FARTO 496, n. 5
FARSA 987, 2
FAZER:
conjugação 463, 4
composto 463, 4, obs. 1
emprego 463, 4, obs. 3
particípio duplo 496, n. 17
impessoal 484, 2; 487; 658, 3; 741; 907, n. 3
vicário 463, 4, obs. 3
= **HAVER** 658, 3; 741, 907, n. 1, 3
e o oblíquo 463, 4, obs. 2, 4
concordância 741
FAZIDO 496, n. 17
FEDER 488, c
FELICE 112, C
FELICITAR 777
FÊMEO (adjetivo) 201
FEMININO – V. *flexão genérica*
FICAR (na indicação da passiva) 391, 1, n. a
FIDALGO 345, n. 2
FIGURA GRAMATICAL 707
de colocação 853 e ss.
de concordância 766 e ss.
de dicção – V. *metaplasmos*
de pensamento, de retórica 621
de regência 780 e ss.
FIGURADO (sentido) 607
FILARMÔNICO 90
FLAUTA 77
FLECHA 77
FLEXÃO
casual 180, n.
diminutivo aparente 240, obs. 8
do adjetivo 255 e ss.
adverbializado 351
do advérbio 538
do artigo 243
do infinitivo pessoal 915 e ss.
do numeral 282
do pronome 313 e ss.
do substantivo 180 e ss.
do verbo 386 e ss.; 412 e ss.
quanto à voz – V. *voz* (do verbo)
dos nomes em ÃO 216
dos nomes estrangeiros 234, 3, 4, 5
dos nomes próprios 233
eufônica 351
genérica:
das terminações graduais 240, obs. 5, 6
do adjetivo 255 e ss.
composto 261, A, n. 1
do numeral (card. pelo ord.) 289
do subst. 180 e ss.
feminino tirado do diminutivo 240, obs. 7
neutro 183; 340, A, n.; 342, 2; 357,4; 614
pela classif. do obj. 187, 188
gradual:
do adjet. 240; 262 e ss.; sua existência ou não 277
do advérbio 538
do subst. 235 e ss.
indicativa de desprezo, ironia 240, obs. 4
numérica: 212 e ss.
do adjetivo 261 e ss.
composto 261, A
do nome estrangeiro 234, 3, 4, 5
do pronome 311; 314, 315
do substantivo 212 e ss.
composto 225 e ss.
próprio 233
só empregado no sing. (singularia tantum) 231
só empregado no plural (pluralia tantum) 232
do verbo 412; 420
dos diminutivos 234, 2
e a acentuação 224
e a significação 230
eufônica 351
plural duplo, triplo 216, n. obs.
plural majestático 769, 1, n. a
por atração 351
FLORÃO 240, obs. 9
FLUIDO 50, n. 1, a
FLUMINENSE 249, n. 2
FOI PORQUE 585.3, n.
FOLGAZÃO 259

FONEMA 21
definição e espécies 29
alteração do fon. 620
nome dos fonemas 34, n.
vogal 47
FONÉTICA: definição 21
descritiva 26
divisão 25
histórica 27
sintática 28
FORMA (para fim de classif.) 533, nota ao pé da pág.
alotrópica – V. *forma divergente*
analítica 271, obs.
analogia de forma 602 e ss.
arrizotônica 440, n. 3; 488, d
cognata 354; 625
convergente 620
de delicadeza 419, 3, g
divergente 620
equipolente 859, 904
erudita 623
híbrida 631, n.
homotrópica 620
modal 933
nominal do verbo 414; 933 e ss. – V. cada forma no seu respectivo verbete
oblíqua – V. *pronome*
paralela 625
parassintética 625
perifrástica – V. *locução verbal*
popular 620
pronominal – V. *pronome pessoal*
rizotônica 439 e ss.; 443 e ss.; de verbos 460, 461, 462
semierudita 623
sincrética 625
sintética
do comparat. 266; 268
verbal 412
dupla 494
supletiva do imperat. 413, 3, d
V. *palavra*
FORMAÇÃO DO VOCABULÁRIO 619 e ss.
FÓRMULA DE TRATAMENTO 315
FORTE (consoante) 60, n.
FORTUITO 50, n. 1
FRACIONÁRIO – V. *numeral*
FRALDA 112, B
FRANCÊS, FRANCESISMO, DERIVADO DO FRANCÊS – V. *galicismo*
FRASE = locução 11
= oração 12
completa 23
incompleta 23
FRAUTA 77
FRECHA 77
FREI 146, n. 3
FREQUENTATIVA (ação) 506; 514, 3; 517
FREQUENTATIVO (verbo) 506
FRICATIVA (consoante) 59
FRITO 496, n. 24
FUGIR 777
FULANO 315
FUNÇÃO 636; 775
acusativa 180, n.; 392; 401
adverbial – V. *adjunto adverbial*
analogia 601
atributiva – V. *adjunto adnominal*
complementar – V. *complemento*
conectiva 541; 544; 556
da palavra – V. as várias classes de palavras nos seus verbetes
dativa 180, n.
do adjetivo 248
do artigo 243
do **QUE** – V. *que*
do **SE** – v. *se*
do subjuntivo – V. *subjuntivo*
do substantivo 650; 679
modificativa 601, 2
nominativa 601, 1
predicativa 649; 661 e ss.
sintática 636
subjetiva 313; 649; 650 e ss.
taxeonômica 636
FUNDAMENTAL (do aposto) 699
FUTURO – V. *tempo*

G

G (origem e pronúncia) 68
GALEGO 610
GALICISMO 868; 361, n. 2; 406; 546, n. 1; 550, c; 551, f; 698
aceitável 869

adaptação fonética e ortográfica do voc. francês 869
arcaico 233, n.
fraseológico ou sintático 871
léxico 870
GALINHA 240, obs. 7, 8
GANHO 496, n. 7
GÁS 78
GASTAR 68
GEAR 460, 3
GEMINADA (consoante) 60, n.; 143, e
GÊNERO 188 – V. *flexão genérica*
literário 983
GENGIBRE 68
GENITIVO 180, n.; 613
objetivo 677, 1
subjetivo 677, 2
GENTE 315; 315, n. 6
GENTIL-HOMEM 90
GENTÍLICO (adjetivo) – V. *adjetivo*
GERME 73
GERÚNDIO 414
= adjetivo 942
colocação 698
em oração = ablat. absoluto 943, 5
correspondente ao part. pres. latino 942
e o oblíquo 823
emprego 942 e ss.
emprego incorreto 944
função 942
na oração reduzida 904; 943, 5
precedido de **EM** 943, 4, 5; 823, n. 1
repetição enfadonha 944, n. 2
substituível pelo infinit. precedido de **a** 942, n.; 943, 2, n.
GERUNDIVO 937
GESSO 78
GIGANTE, GIGANTA: subst. 206; adj. 260, 5
GOAL 234, 5, n. 3
GONZO 86, 4
GOVERNALHO 89, 2
GRÁFICO REPRESENTATIVO DAS VOGAIS 42
GRALHA 89, 2
GRAMA 186, 1
GRAMÁTICA (definição) 13
comparativa 14
descritiva 19
divisão 20
expositiva 18
geral 14
histórica 17
normativa 19
particular 15, 16
prática 19
GRÃ, GRÃO 113, C
GRANDE 266; 274
colocação 808
GRASSAR 489, 2
GRATUITO 50, n. 1, *a*
GRAU – V. *flexão* (gradual)
GRAVE (palavra) – V. *paroxítono*
GRAXO 84, 1
GRIFO 973, obs.
GRUPO VOCÁLICO 48
consonantal 143, e, f
GU 68; 273, 4ª, n. 2
GUARDA (e compostos) 226, obs. 2 e ss.
G(U)E, G(U)I 61
GUERRA 68
GUILHERME 68
GUTURAL (consoante) 60, n.

H

H (origem, pronúncia, grafia) 36; 37, 2; 58; 90; 92; 93, 3
HÁ e **A** (nas expressões de tempo) 907, n. 2
HÁ MAIS TEMPO 907, 6º tipo
HÁ MUITO (análise) 907
= **FAZ** 658, 3; 741; 907, n. 1, 3
= **DESDE MUITO** 907, 5º
HABITAT 81; 234, 5
HAUSTO 497, 3ª conjug.
HAVER:
= **FAZER** 907, n. 3
= **TER** 431
+ infinitivo 428, 3
auxiliar 418
colocação 795, b; 795, n. 1
conjugação 425
considerações sintáticas 428
e o particípio 430; 495
emprego 428 e ss.
impessoal 428, 2; 484, 2; 487; 658, 2; 907
na locução verbal 516; 487

nas expressões de tempo 907
correspondência temporal 907, n. 3
pronominal (= portar-se) 428, 3
significações 428 e ss.
sintaxe 428; 484, 2
HAVER DE 432, b
HELVÉCIA 63, 3
HEMISTÍQUIO 1008
HETEROCLISMO 612
HETEROGÊNEO (superlativo) 274, n.
HETERORGÂNICA (consoante) 60, n.
HI = **J** 69
HIATO 52; 89; 877
HIBRIDISMO 632
HIEROGLIFO 40
HÍFEN 139; 226, obs. 1; 227
HÍFEN 73
HINDU 258, n. 1
HIPÉRBATO 854
HIPÉRBOLE 621, e
HIPÉRTESE 123
HIPOCORÍSTICO – V. *nome* (hipocorístico)
HIPOTÉTICO (período) 585, 1 e ss.
HISTÓRICO DA LÍNGUA 610 e ss.
HOJE 69,4
HOMÓFONO 603, a
HOMÓGRAFO 603, b
HOMÔNIMO 603
HOMORGÂNICA (consoante) 60, n
HOMOTRÓPICA (forma) 620
HONRAR-SE 777
HÓSPEDE, HÓSPEDA 206

I

I 37, 2; 42
semivogal 35
terminação 185
vogal eufônica 460; 460, 1
IBERO 104
ICTO 100
IDIOMA (língua) 4
IDIOTISMO 786
ÍDOLO 104
IGREJA 69, 4; 144, 7, n.
ILATIVA (conj.) 574
ILHÉU 256, n.
IMIGO 113, B
IMITATIVO (verbo) 508
IMPERATIVO – V. *modo*
IMPERFEITO – V. *tempo*
IMPESSOAL – V. *verbo*
IMPESSOALIDADE:
do **SE** – V. *se*
do verbo – V. *verbo*
IMPORTAR 489, 5; 777
IN (prefixo) 119; 629
INCISO 975, n. 3
INCOATIVO (verbo) 507
INCRÉU 256, n.
INDA 113, A; 526, n. 2
INDAGAR 777
INDEFINIDO – V. *um, uma*. V. *pronome*, V. *artigo*
ÍNDEX 223, n.
INDICATIVO – V. *modo*
ÍNDICE 223, n.
INDIGNAR-SE 442
INDO-EUROPEU 610, 611
INFERIOR 266, n.
INFINITIVO: 913
= forma nominal 414
= gerúndio 927; 942, n.
= imperativo 413, 3, d
= particípio presente 927
antecedido de **A** quando objeto dir. 683, 4, a; em construções francesas 546, n. 1, b; quando equivalente a gerúndio ou part. pres. 914, 2; 942, n.; 943, 2, n.
antecedido de **COM**, **SEM** 584, n. 3
antecedido de pron. pessoal 313
antecedido de preposição 552; 653; 776, 1, n.; 777 (ajudar); 918, 2
com função nominal 913; 933
com sentido passivo 391, 2ª, n. a; 927, obs. 2
inutilidade de **SE** 404, n. 4
com sujeito acusativo 652
de narração 914.1
dependente de **DEVER, PODER, QUERER, MANDAR, IR** e o oblíquo 850
e o artigo 913
e o oblíquo (colocação) 842 e ss.; 850, obs. 3
dois infinitivos formando locução e o oblíquo 850, obs. 2
dois inf. preposicionados e o obl. 847
impessoal e o obl. 848

perigo de ambiguidade 925, n. ao pé da página
vários infinit. e o obl. 845
flexão 915 e ss.
histórico 914, 1
impessoal e o oblíquo 848
na locução verbal 924 e ss.; 516, 517
na oração absoluta 559, n. 1
na oração reduzida 904
não confundir com o fut. do subj. 459, n. 1 ao pé da pág.
pessoal:
criação românica 617, j
e o fut. do subj. 433, n. 3
e o oblíquo 925
em locuc. verbal 924; 945.0
flexão 915 e ss.
flexionado e o obl. 849
idiotismo 786, a
seguido de 2 objetos 683, 7; 846
INFIXO – V. *consoante de ligação*
INFLETIR 489, 10
INFLIGIR 452, n. 4
INFORMAR 777
INFRINGIR 452, n. 4
INRI 37, 2
INSERTO 698, n.
INTEGRANTE (conj.) – V. *conjunção*
INTEIRAR 444
INTEMERATO, INTIMORATO 873
INTENÇÃO, INTENSÃO 63, 3
INTENSIDADE DAS VOGAIS 41; 45
INTERCALAÇÃO EUFÔNICA 124
INTERCÂMBIO TAXEONÔMICO 248, obs. 3
INTERESSAR 777
INTERFERENTE – V. *oração*
INTERIOR 266, n.
INTERJEIÇÃO (definição) 161; 595
classificação 596
locução interjetiva 582, n. 3; 597
onomatopaica 596, n. 2
INTERLÍNGUA 8, n.
INTERROGATIVA – V. *oração*
INTERROGATIVO – V. *pronome*
INTERVIR 464, 3, obs. 2
INTERVOCÁLICA (consoante) 60, n.
ÍNTIMO 272
INTRANSITIVO – V. *verbo*
INTUITO 50, n. 1
INVARIÁVEL – V. *palavra*
INVEJAR 446, b
INVERSÃO – V. *colocação* (irregular)
INVÉS 78
INVOCAÇÃO 315
IOTA 69, 5
IR (conjugação) 464, 1
concordância em expressões de tempo 741, obs.
em locução verbal 518
pretérito perf. 425, 3
verbo anômalo 475
IRMÃO 68
ISENTO 497, n. 5
ISSO 183; 340, A
combinado 548
substituído por "o" 345, n. 2
ISTO 183; 340, A
combinado 548
substituído por "o" 345, n. 2
sujeito 723; 738
ISTO É 575, n. 1
ITALIANISMOS 345, n. 3; 413, 2; 527, obs., 546, n. 4, c; 777 (agradecer)
ITÁLICO 973, obs.
ITERATIVO (verbo) 506

J

J 37, 2;
origem e pronúncia 69
= **HI** 69, 1, 5
JÁ 526, n. 5
JÁ . . . JÁ 573, n. 3; concordância 735, n. 3
JÁ QUE 582; = *se* 585, 3
= **MAIS** 526, n. 5
JACINTO 69, 1
JAMAIS 526, n. 7
JANELA 240, obs. 8
JAZER (e compostos) 463, 8; 616, b
JERUSALÉM 69, 1
JNRJ 37
JOELHO 89, 2
JOIO 69, 3
JORNAL 69, 4
JULGAR 71, 3
JÚNIOR 266, n.

JUSTIFICAÇÃO HISTÓRICA DE ALGUMAS REGRAS DE ORTOGRAFIA – V. cada letra do alfabeto no seu respectivo verbete
JUSTAPOSIÇÃO 266, 3º caso; 633

K

K (origem e pronúncia) 70
KAPPA 38, 5
KOPH 38, 6
KOPPA 38, 6

L

L (origem e pronúncia) 71
molhado 89
permuta com **R** 77
LÁ 525, n. 6
com valor negat. 525, n. 6
LABIAL (consoante) 60, n.
LABIODENTAL (consoante) 59
LADY 234, 5
LAMBDACISMO 77
LANCHE 234, 3
LANGUIR 453, n. 3; 479
LATERAL (consoante) 59
LATIM (como origem do port.) 610 e ss.
importância para a análise 910, obs.
LATINISMO 234, 4, 5, n. 2;
sintático 652
LEI 975, n. 3
LEMBRAR 71; 777
LENGA-LENGA 226, 1º, n. 3
LER 463, 2, obs. 2; 463, 14, obs. 4
LETRA 30 e ss.
cuneiforme 40
grega 38
maiúscula 32; 144, 145
no parêntese 972, obs. 1
em compostos 145, n. 2
nas abrev. 146, n. 2
minúscula 32; 144, 2, n.; 145; 966, 3, n.
no parêntese 145, n. 3; 972, obs. 1
LÉXICO 10; V. *vocabulário*
LEXICOGÊNICO (caso) 180, n.
LH (origem e pronúncia) 89, 90
LHANO 624
LHE = A ELE 777 (AJUDAR, ASPIRAR, ASSISTIR, PRESIDIR, RECORRER; V. n. do v. *assistir)* V. *pronome oblíquo*
LHO 321
LIBERDADE POÉTICA: no contar as sílabas 50, n. 2; 1003; 112, C, obs.; 113, B, n.; 114, B, n.
e o infinitivo 924, obs.
e o oblíquo 840
LIBERTO 497
LIGAÇÃO (verbo de) 302
LÍNGUA (idioma) 4
analítica 180, n.; 791
artificial 8, n.
espécies 5
extinta 8
histórico 610 e ss.
mãe, matriz 610
morta 7
neolatina 610, 611
românica 610
sintética 180, n.; 791
vernácula 4, n.
viva 6
LINGUAGEM:
afetiva 622
definição 1
espécies 2
familiar 240, obs. 2
projetada – V. *locução verbal*
LINGUODENTAL (consoante) 59
LÍQUEN 218, n.
LÍQUIDA (consoante) 60, n.
LÍRICA 986
LITERATURA 981 e ss.
LIVRE 496, n. 4
LO, LA 121, 1; 243, obs. 2, 3; 321
posposto a verbos 825, 2
LOCUÇÃO (= frase) 11; 533, n. ao pé da pág.
adjetiva 250; 513
adverbial 286, obs. 2; 357, 3, n.; 359; 533; e a crase 535; 536; 547
conjuntiva 565, n.; 571, n. 2; 586 n.
elucidativa 329
explanatória 550, g
e a pontuação 960
expletiva 784, n. 5
interjetiva 582, n. 3
latina 534, 2

perifrástica – V. *loc. verbal*
prepositiva 525, n. 3; 526, n. 3; explicação 547
repetição 551
pronominal 309, n.
substantiva 167; 168; 513
verbal 432; 487; 513 e ss.
e o infin. flexionado 924 e ss.
e o gerúndio 943, 2
e o oblíquo 850
e o verbo auxiliar (coloc.) 814
com v. impessoal 487
com força transitiva 895, 1, n.
que indica continuidade de ação 506; 517
que indica linguagem projetada 516
que indica passividade 515
que indica desenvolvimento gradual de ação 507; 518
LOGO:
conj. 574, n. 1
étimo 613, d
LOGO QUE 588
LONGE 525, n. 7; 240, obs. 2
LOPES 169
LÚCIFER 224
LUFA-LUFA 226, 12, n. 3
LUSITANISMO 881, 1

M

M (origem e pronúncia) 72
assimilação 136; 629, n. 2
apócope 629, n. 2
final do acusat. 613, a
MACHO (origem) 88, 2
flexão 201
MÁCULA 620 e ss.
MÁGOA 620 e ss.
MÃEZINHA 240, obs. 1; 622
MAIS:
advérbio 530, n. 4
em oração temporal 526, n. 5
indefinido 357
no comparativo 264, 2
MAIS BEM 268; 527, n. 7
MAIS BOM 266, 267
MAIS DE UM (concord.) 717
MAIS E MAIS 357, 3, n.
MAIS GRANDE 266. obs. 1
MAIS MAL 268; 527. n. 7
O MAIS 271. obs. 1, 2
O MAIS DE 357, 4, n. 1
O MAIS POSSÍVEL 357, 4, n. 2
OU MENOS 357, 3, n.
PEQUENO 266
= **E** 571, 1, n. 1, c
= **JÁ** 526, n. 5
MAIS-QUE-PERFEITO – V. *tempo* (pretérito)
MAIÚSCULA – V. *letra*
MAJOR 266, n.
MAL (adv.) 527, n. 7
conj. 588. n. 2
não confundir com **MAU** 527, n. 7
pref. vernác. 628
MAL-ESTAR 71
MALO 274 (1); 880
MANTER 431, obs.
MÃOZINHA 976, 4
MAPA-MÚNDI 227. exc. b
MARIA (diminutivos) 240, obs. 3
MARSELHA 76
MÁRTIRE 112, C
MAS : colocação 572, 2
conjunção 572, n. 1
pronúncia 43, obs. 1
MASCULINO – V. *flexão genérica*
MASSÉTER 224
MAU 266; 274; 527, n. 7
MAVORTE 112, B
MEAR, MIAR 461, n.
MEDIANTE (prep.) 546
MEDIR 426, 6, g; 465, 1
MEETING 234, 5
MEIO 261, B, n. 1
adjet. 530, n. 5
advérbio 530, n. 5
numeral 281; 287
pref. vern. 628
MEIO-DIA E MEIA 261, B, n. 2
MEL 220
MELHOR (adv.) 527, n. 7
comparat. de **BEM** 527, n. 7; 268, n.
comparat. de **BOM** 266; 268, n.
MENDES 169
MENOS:
advérbio 265; 530, n. 4
indefinido 357

preposição 546
pref. vern. 628
não se flexiona 357, n.
MÊS (grafia) 78
nome dos meses 144, 4, n. 3; 145; 167, obs.
primeiro dia do mês 289, n. 1
MESMO (concordância) 319, n.
adv. de intensidade 530, n. 8
emprego e significados 342
MESMO QUE 584
MESÓCLISE 818; 841
METADE 530, n. 5
concord. 711; 769, 2, n.
METADE... METADE 573, n. 3
METAFONIA 234
METÁFORA 621, c
METAPLASMOS 110 e ss.; 707, obs.
METÁTESE 123
METONÍMIA 621, b
MÉTRICA 1003
METRO 1001
MEU – V. *pronome possessivo*
MEXER 84, 5, obs. b
MIAR 461, n.
MIM – V. *pronome oblíquo*
MÍMICA 2
MINH'ALMA 114, A; 137
MINÚSCULAS – V *letra*
MISTER (haver mister) 428, 3
MISTO 496, n. 8
MO 321
MOBILIAR 439
MOÇO 63; 248, obs. 3
MÓDICO 273, 4, n. 2
MODO (do verbo): defin. 413
indicativo 413, 1
comparado com subj. 413, 2; 945.1 e ss.
na oração absoluta 559, n.
da possibilidade 413, 2
imperativo 413, 3
de **DIZER, FAZER, CONDUZIR** e o oblíquo 463, 4, obs. 2
e a coloc. do pron. sujeito 425, n. 6
formas supletivas 413, 3, d
inaplicável ou impossível (V. *caber, poder, querer*)
na oração absoluta 559, n.
negativo 413, 3, b
oração imperativa 645
passado 945.13, n.
substituído pelo subjunt. 413, 2
todas as pessoas 413, 3, c
subjuntivo:
explicação e emprego 413, 2; 945.1 e ss.
exigido por **TALVEZ** 529, n. 2
futuro 459, n. 1 ao pé da pág.; 617, f
imperfeito 617, g
substituído pelo mais-que-perf. do ind. 413, 2
emprego 413, 2
na oração absoluta 559, n.; 644, n.
na oração optativa 644, n.
MOLHADA (consoante) 60, n.
MONOGRAFIA 990
MONOSSÍLABO 96
MOR 113, B
MORAR (regência) 545, n. 4, d
MORFEMA 621, n.
MORFOLOGIA 22; 150 e ss.
MORMO 62
MORTO 496, n. 18
MOS (não confundir com combinação pronominal) 433, n. 2 ao pé da pág.
quando perde o *S* 825, n. 2
MOSCAR-SE 462, 2
MUDANÇA (de som) 234
MUGIR, TUGIR 452, n. 5
MUI (= MUITO) 113, C, n. 1
MUITO 265, c, n. 2
advérbio 357, 3; 530, n. 3
adjetivo 530, n. 3
e o superlativo 271, obs.
e o oblíquo 831
pronome indefinido 357, 2
pronome substantivado 357, 4
flexão 358
e a concord. verbal 713; 715
+ **DE** e adjetivo 755
HÁ MUITO 907
MULTIPLICATIVO (numeral) 281

N

N (origem e pronúncia) 73
assimilação 122; 629, n. 4
na terminação de subst. 218
representado pelo til 136
NA VERDADE (conj.) 575
NADA 183; 355; 528, n. 2

e a concord. verbal 730
+ **DE** e adjetivo 755
repetição da negação 784, n. 6
NÃO (adv.) 528, n. 1
e o oblíquo 828, n.
e a pontuação 958
sem valor negativo 528, n. 1
repetição da negação 784, n. 6
NÃO SÓ, COMO 571, n. 5; 583, n. 1
NÃO SÓ, MAS 572, n. 4, b
NARRAÇÃO 990
NASAL (consoante) 59
NASALIZAÇÃO 72; 73; 136
NASCER 451
NATUREZA DA VOGAL 97
NECESSÁRIO 759
NECESSITAR 777
NEGAÇÃO (adj. adverb.) 697
repetição 784, n. 6
NEGRITO 973, obs.
NEM (conj.) 571, n. 2
= **E NÃO** 571, n. 2, a
outras funções 571, n. 2, b, c
QUE NEM 571, n. 2, d
ligando suj. composto 735
NEM UM NEM OUTRO (concord.) 752
repetição da negação 784, n. 6
NEM UM, NENHUM 355, n.
NENHUM 355; 361, n. 1; 811, n. 1
e a concord. verbal 715; 730
repet. da neg. 784, n. 6
NENHURES 354, n. 3; 525, n. 4
NENÚFAR 224
NEOLATINA – V. *língua*
NEOLOGISMO 882
NÊSPERA 73
NESTE 340, A, n. 2
NESTÚLTIMO 114, A
NEUTRO (verbo) 397
desaparecimento 614
V. *flexão genérica*
NH (origem e pronúncia) 91, 92
NINGUÉM 355
rep. da neg. 784, n. 6
NÍVEL 73
NO 114, A, obs.; 120, 121, 3
posposto a verbo 825, 3
NO-LO 121, 1; 321, 322
NO ENTANTO 572, n. 6
NOME:
dos meses 144, 4, n. 3; 145; 167, obs.
hipocorístico 240, obs. 3
predicativo – V. *predicativo*
próprio: femin. e a crase 118, 7ª; 166 e ss.
de cid. (gên.) 187, B
e o artigo 244, A, 1
geográfico e o artigo 244, A, 2
partes 168
plural 233
patronímico 169
V. *substantivo*, V. *palavra*
NOMEN SUBSTANTIVUM, ADJECTIVUM 248, obs. 3
NOMINATIVO (caso) 180, n.; 313, obs.; 613
NONA 1009
NORMANDO 973, obs.
NOS = **OS** 825, 3
NÓS – V. *pronome pessoal*
NOSSO – V. *pronome possessivo*
NOTAÇÕES LÉXICAS (ortográficas, fônicas, prosódicas) 133 e ss.
NOVELA 992
NOVENTA POR CENTO 769, 2, n.
NÚCLEO 657, n. 1
NUM 114, A, obs.
NUMERAL (definição) 355
classificação 281
cardinal 281; em lugar de ordinal 289
fracionário 281
multiplicativo 281
ordinal 281
emprego 290
colocação 811; 811, n. 3
diferença entre **UM** (num.) e **UM** (art.) 283
flexão 231, 5; 282 e ss.
= pronome 337
NÚMERO – V. *flexão numérica*
NUNCA 63, 2; 526, n. 7
NUNES 169

O

O (artigo) 243
= **ISTO, ISSO, AQUILO** 345, n. 2
e **LHE** 320
aberto 42; 46; n. plural 234
elemento eufônico 367

em combinações pronominais 322; 406
longo 38, 4; 42
fechado 42; 450; 450, n. 2
obj. de *haver* 484, 2, n.
pronome 314; 320; 336; 344, n. 1, 2, 3
posposto a verbo 825
pronúncia 33, n.
terminação masc. 185
vogal de ligação de compostos gregos 633, n.
Ó (vocativo) 703
não confundir com **OH!** 596, n. 2 ao pé da pág.
O DE = DO 345, n. 3 infine
O MAIS 271, obs. 1, 2
O MAIS DE 357, 4, n. 1
O MAIS POSSÍVEL 357, 4, n. 2
O QUE 345, n. 2, 3
= **ISTO** 562
= **QUEM** 378
e a oração independ. 562
interrogativo 367
sujeito (concord. do v.) 720
O QUE QUER QUE SEJA (+ DE) 755
OBEDECER 320; 777
OBJETIVA (oração) – V. *oração*
OBJETO: definição 301; 679
colocação 775; 791; 793; 802
de v. trans. direto-indireto com um dos objetos 777 *(agradecer)*
dois ou mais ligados por E 905, n.; 846
direto 679 e ss.; 683, 7
= acusativo 180, n.; 401, A
com **HAVER** 484, 2
constituído de oração 583
constituído de pessoa 405, B
constituído de pronome 320; 321; 345, 3; 683, 3
duplo, constituído o primeiro de oblíquo 846
preposicionado 683; 683, 4ª; 846
repetido 784, n. 4; 846
indireto 180, n.; 401, B
= dativo 180, n.; 401, B
= dativo de interesse 320, n.; 334; 685; 694
com os verbos **SER, ESTAR** 320. 3.; 391, 2, n. *b*
não confundir com adj. adverbial 695, obs. imp.; 777 *(atirar)*
oracional 892; 895
pleonástico 784, n. 4; 846
OBLÍQUO – V. *pronome oblíquo*
OBLIQUAR-SE 440, n. 3, c
OBSCURIDADE 804; 875
OBSÉQUIO 80
OBSTAR 442
OBSTRUIR 468, n. 1
OCCIPUT 81
OCLUSIVA (consoante) 59
OCORRER 489, 8
ÓCULO 232, 2, n. 2
ODE 986
ODIAR 461
OH! (não confundir com **Ó**) 596, nota 2 ao pé da pág.
OITAVA 1009
OMBRO 93, 3
ÔMEGA (ω) 38, 4
ON francês = **SE** 404; 406
ONDE (adv. relativo) 525, n. 8
com o anteced. elidido 900, n. 2
na interr. 797; 642, n. 2
na introduç. de sub. adj. 900, n. 1
não confundir com **AONDE** 525, n. 8
ONOMATOPAICO (verbo) 508
onomatopeia 879, n.
OPOSIÇÃO (adj. adv.) 697, j
ORA 575, n. 4
ORA . . . ORA 573, n. 3; concordância 735, n. 3
ORAÇÃO (comparada com **FRASE**) 12
absoluta 559; 887
e o modo verbal 559, n.
adjetiva 899
explicativa 900
restritiva 900
adverbial temporal constituída de gerúndio 943, 6
alternativa 945.6, n.
análise sintática da oração (sinopse) 908
assindética 889, n. 1, 2
ativa 388
apassivação 390, 391; 484, 1, obs. V. *voz*
causal 903, 1; quando antecede a principal: 946.1
classificação 640; 887 e ss.
comparativa 583; 946.5

concessiva 945.1
condicional 585; sem conjunção 795, d
e o modo verbal 585, n. 3; 945.9, n. 1
e o oblíquo 850, obs. 3; 925
elítica 585.3, n.
conformativa 590; 946.5
consecutiva 903, 3; e o modo: 945.12
conversão – V. *conversão das orações*
coordenada 556 e ss.; 889
assindética 889, n.
justaposta 562; 889, n. 1
de sentido existencial 795, b
de suj. acus. 652; 925; 926
declarativa 641
definição 639
desenvolvida 904, n. 1
divisão do período em orações 906
e o **PERÍODO** 558 e ss.; 906
exclamativa 366; 643; 798
e a flexão do infinitivo 930
final 945.8
imperativa 413.3; 645
e os oblíquos 824
independente 560; 562; 565; 887
ligada por vírgula 889, n. 1
e a pontuação 965, 1
infinitivo-latina 652, 925; 926
intercalada – V. *oração interferente*
interferente 561; 907
interrogativa 365; 532
colocação dos termos 797
direta 642, a
e a flexão do infinitivo 930
indireta 642, b
negativa 641, b; 784, n. 6
e o modo da subord. 946.3, 2
e o oblíquo 828
objetiva – V. *subordinada substantiva*
optativa 644
e o oblíquo 833
colocação do v. 799; 799, n.
concord. do v. 742
participial (colocação) 698; 795, e
passiva 390, 391; 404 – V. *voz*
pleonástica 784, n. 4
positiva 641
predicativa 897
principal 559; 563; 800; 888
proporcional 589; 903, 8; 946.4
quantas há no período 905
quanto ao sentido 640
quanto à função 564; 886
reduzida 904
relativa 945.7
sem sujeito 658
sentenciosa 244, B, 1
sindética 889, n. 1, 2
subjetiva – V. *subordinada substantiva*
subordinada 559; 563 e ss; 580 e ss.; 890 e ss.
adjetiva 899; 900
a outra subordinada 890, n. 2
adverbial 901 e ss.
condicional 585
e coordenada a outra sub. 889
equipolente 904
espécies 891 e ss.
reduzida 904
substantiva 581; 892 e ss.
completiva nominal 896
espécies 893 e ss.
objetiva 893; 895
predicativa 897
subjetiva 894
temporal 903, 9; 945.10
termos da oração 563; 639; 648; 947, obs. 1; 949
acessórios 690 e ss.
colocação 791 e ss; 801; 804
essenciais 649 e ss.
integrantes 674 e ss.
ordem direta, indireta 791
tipos de orações 640 e ss.
ORAL (consoante) 59
ORDEM DOS TERMOS DA ORAÇÃO – V. *oração* (termos da oração)
ORDINAL – V. *numeral*
ORELHA 240, obs. 8
ORTOEPIA 95
ORTOGRAFIA 127 e ss.; erros 873
OS QUE (V. na 1ª do pl.) 770
OU 573, n. 1
na ligação de suj. composto 734
OU . . . OU 573, n. 2
OU SEJA 575, n. 1; 960
OU UM OU OUTRO 734
OUTREM 356
OUTRO 283; 356
e a prepos. **EM** 548
e o art. 243, obs. 5, a
quando objeto direto 683, 5

significados 356, n. 1
OUTRO QUE TAL 344, e
OUTRO TAL 344, e
UM AO OUTRO 393
OUTROSSIM 575, n. 6
OUVIR (conjug.) 465, 2
conc. 404
OVELHA 240, obs. 8
OXALÁ 643, obs.
OXÍTONO 101

P

P (origem e pronúncia) 74
PACIENTE – V. *sujeito*
PAGAR 777 (V. *agradecer*)
PAGO 496, n. 10
PAI-NOSSO 227, b
PAÍS 78
PAIXÃO 389, n. 1
PALÁCIO (e o artigo) 243, obs. 4
PALATAL (consoante) 59
PALAVRA 1; 3; 9; 22
aglutinada 633
antônima 606
arrizotônica 107
átona 102; 818
classificação 151 e ss.
cognata 354; 625
com sentido próprio 607
com sentido translato 607
composta 139, 1; 209; 225; 226; 261; 633; 610 e ss.
conectiva 601, 3
convergente 620
derivada 633
do grego 631
enclítica 103; 818; 821
erudita 623
estrangeira 234, 3, 4, 5
formação 610 e ss.
grave – V. *palavra paroxítona*
grifada 973, 3, obs.
hipocorística 240, obs. 3
homônima 603
inclassificável 537, n. 1
invariável 162, 163; 282 – V. *flexão*
modificativa 601, 2
nominativa 601, n. 1
oxítona 101
parassintética 625
parônima 604
paroxítona 101, 2
popular 620
proclítica 103; 818; 827 e ss.
proparoxítona 101
quanto à forma 533, nota ao pé da pág.
regente, regida 773
rizotônica 107
rítmica 1000
sinônima 605
subordinante, subordinada 773
substantivada 231, 5
= termo 9
tomada materialmente 712
tônica 102
transformação 110
variável, invariável 162, 163; 282 – V. *flexão*
V. *nome*
PAPELUCHO 240, obs. 4
PAR 293, n.
PARA (preposição) 546, n. 1
= **A** 546, n. 1
pronúncia 43, obs.
seguido de infinitivo 313
PARABÉNS 232, 2, obs.
PARÁBOLA 992
PARADIGMA 433
PARAGOGE 112, C
PARÁGRAFO 975; 968
PARALELAS 976, 4
PARASSINTETISMO 625
PARECER 929
PARÊNTESES 972
comparação com vírgula 949
e pontuação 145, n. 3
PAREQUEMA 630.0, n. 3
PARIR 465, 3
PARÓDIA 987, 2
PARÔNIMOS 604
PAROXÍTONA – V. *palavra paroxítona*
PARTIÇÃO SILÁBICA 139, 3; 140 e ss.
PARTICÍPIO 933 e ss.
colocação 698
concordância 430; 495
depoente 939
duplo 494 e ss.; 698, n.
e o comparativo 268, b

e o objeto 825, 4; 836
empregado como adjetivo, substantivo, preposição 497
flexão 430; 495, n.
forma nominal 414
irregular 494
na oração reduzida 904
na passiva 391, 1
no adjunto adverbial 698
nos tempos compostos 430; 495, n.
quando constitui oração 904; 905
regular 494
PARTÍCULA APASSIVADORA – V. *se* (pronome apassivador)
PARTÍCULA EXPLETIVA – V. *expletivo*
PARTICULARIDADES SINTÁTICAS 915 e ss.
PARTIR 433
PARTITIVO 373
PASSADO (tempo) – V. *pretérito*
PASSIVO – V. *voz*
PATER FAMILIAS 234, 5, n. 2
PÁTRIO (adjetivo) 249
PATRONÍMICO (subst.) – V. *substantivo*
PAULISTA, PAULISTANO 249, n. 2
PAUSA (e a pontuação) 949
e o oblíquo 837, 838
PEÃO 216, 3, n.
PEDAGOGO 621, d
PEDIR (e compostos) 465, 1
regência 581, n. 1
PEGO, PEGADO 496, n. 11
PEJORATIVO 240; 240, obs. 4
PELO (per + o) 390, n. 2; 844, exc. a
PEQUENO 266; 274
PER: no agente da passiva 390, n. 2;
isolado ou com artigo 546, n. 6
+ artigo 546, n. 6, a
prefixo latino 629
PERDER 463, 5
PERDOAR 777
PEREGRINISMO 868
PERFEITO (pretérito) – V. *tempo*
PERÍFRASE – V. *locução verbal*
figura de retórica 621, g
PERÍODO 558 e ss.; 885 e ss.
análise sintática 558 e ss.; 885 e ss.
colocação das orações 800
composto 560; 563; 886
e a pontuação 144, 1; 967, 969, obs.
hipotético 585.1 e ss.
iniciado com *que* 945.5, n.
moderno 967
não se inicia com oblíquo 822
quanto à forma 564
quanto ao número de orações 905; 906
simples 559; 886
de suj. composto 905, n.
PERISSOLOGIA 784, n. 1
PER'LA 137
PERMANECER 397
PERSUADIR 777
PERTO (adv.) 525, n. 7; 240, obs. 2
PERTO DE (concord.) 709, n. 4 ao pé da pág.
PÊSAMES 232, 2, obs.
PESAR 489, 3; 446, n.
PESSOA GRAMATICAL 311; 314 e ss.
concordância de tratamento 316; 328
e a flexão verbal 421
PH 67
PHI (φ) 38,1
PIÃO 216, 3, n.
PIOR 527, n. 7, c
PITUÍTA 50, n. 1, b
PLEONASMO (definição e tipos) 784
repetição do obj. 683, 3, obs. b
PLURAL – V. *flexão numérica*
majestático 769, 1, n. a
POÇO 63, 3
PODER 463, 6
com v. impessoal 487
em locução verbal 513; 924, b
elipse de **POSSA** 782, C, n. 3
POEDEIRA 423, n.
POENTE 423, n.
POESIA 983, 1; 984
licença poética 112, C, obs.; 113, B, n.; 114, B, n.
POETASTRO 240, obs. 4
POIS: 574, n. 2
causal 582, n. 3
conclusivo 574, n. 2
POIS BEM 575, n. 3
POIS NÃO 528, n. 1; 531, n. 3
POIS QUE 582, n. 3
POIS SIM 531, n. 3
POLIR 489, 10

POLISSÍLABO 96
POLISSÍNDETO 571, n. 1, b
POLTRÃO, POLTRONA 240, obs. 5
PONTO:
abreviativo 146
de exclamação 144, 1; 558; 596, n. 3; 970
de interrogação 144, 1; 558; 969
e vírgula 965
final 144, 1; 558; 967
PONTOS CARDEAIS 144, 10
PONTUAÇÃO (definição e casos) 947 e ss.
e parêntese 145, n. 3
na sínquise 857
na subordinada adjetiva 900
no aposto 699
no fim do período 144, 1; 558
no vocativo 702
sinais de pontuação 948
POPULACHO 140, obs. 4
POPULAR (palavra) 620
POR 546, n. 6
com mais de um regime 550, c
e o oblíquo **O** 844, exc. **A**
em orações temporais 546, 6, c
no agente da passiva 390, n. 2
seguido de infinitivo 546, n. 1, b
POR CENTO (concord.) 769, 2, n.
POR CERTO 359
POR CONSEGUINTE 574
POR EXEMPLO 575
POR FIM 574
POR MAIS QUE, POR MENOS QUE, POR POUCO QUE 584
PÔR (conjugação e compostos) 463, 15
irregular da 2ª 423, n.
grafia 78
POR ISSO QUE 582, n. 7
POR QUE (adv. interr.) 532; 797; 642, n. 2
insulado 532, n. 1
no fim do período 532, n. 1
quanto à grafia e acento 532, n. 1; 582, n. 1
substituível por "o qual" 532, n. 2
V. *porque*
PORÉM 572, n. 2; e a vírg. 956, n.
PORISSO, POR ISSO 574, n. 4
PORQUANTO 582, n. 4
PORQUE:
conj. causal 582; 903, 1; 946.1
conj. final 582, n. 1
na interrogação 532, n. 1; 797
"foi porque" 585, 3, n.
V. *por que*
PORTÃO 240, obs. 9
PORTENHO 249
PORTUGUÊS 610
domínio e vocabulário 618 e ss.
PORTUGUESMENTE 527, obs.
PORVENTURA 529
POSIÇÃO (da vogal) 97
do vocábulo como índice de regência 774, 775
e a flexão do infinitivo 928
V. *colocação*
POSSESSIVO – V. *pronome*
POSSUIR 468, n. 2
POST-SCRIPTUM 234, 4
POSTO QUE 584
POSTÔNICA (sílaba) 99
POUCO (pron. indefinido) 357
advérbio 530, n. 3
seguido de pron. (concord.) 715
em locuções 357, 3, n.
PRAZER (e compostos) 463, 7
PREBENDA 62
PRECAVER-SE 463, 14, obs. 2
conjugação 488, d
PRECIOSISMO 880
PRECISAR 405, n.
PREDICAÇÃO – V. *verbo* (quanto à predicação)
PREDICADO – verbo 299; classificação 662
termo essencial 649; 661 e ss.
nominal 664
verbal 663
verbo-nominal 670
PREDICATIVO (defin. e exemplos) 302; 664; 665 e ss.
colocação 791; 793
concordância 713; 738; 757; 758; 760
constituído: de gerúndio 943, 3
de subst. 302
diferente de adjunto adnominal 691
discordância 759
do objeto 668, 669; 746, 2, n. 2
do sujeito 667, 669; 537, n. 2
e o adjunto adv. de modo 537, n. 2
e o artigo 243, obs. 5, c

espécies 666
outros exemplos (**SER DE**) 426, 6
pleonástico 784, n. 4
PREENDA 62
PREFERIR 276, 4
PREFIXAÇÃO 626, 633
no parassintetismo 625
prefixos 627
gregos 630.0
latinos 629
vernáculos 628
PRENDA 62
PREPOSIÇÃO (definição e relação) 159; 541 e ss.
acidentais 546; 497
antecedência de outra 546, n. 7
classificação 544
colocação 543; 811
com v. de movimento 546, n. 4, a
combinação 548
impossível 776, 1, n.
contração 549
duas diferentes com um só regime 546, n. 7
e o aposto 699
e o infinitivo 846; 927; 552; 653; 683, 4; 776, 1, n.
e o objeto 683, 4; 685; 906
e o oblíquo 318; 844
e o predicativo do suj. 667, obs. 1
e o regime 313; 773; 776, 3
e o sujeito 653; 776, 1, n.
e os adv. **AÍ, AQUI, ALI** 776, 1, n.
essenciais 545
função conectiva 541; 542
não se combina com o artigo 653; 776, n.
omissão 697, b, n.
repetição 550
significado 546, obs.; 546, n. 4, d
substituta dos casos latinos 180, n.
PRESENTE (tempo) – V. *tempo*
PRESIDIR 777
PRESUMIR 468, n. 1
PRETERIR 464, 1, obs.
PRETÉRITO – V. *tempo*
PRETÔNICA (sílaba) 99
PREVENIR 466, 3º grupo
PREZADO, PREZAR 86, 3
PRIMÁRIO, SECUNDÁRIO 285
PRIMEIRO (dia do mês) 289, n. 1
PRIMITIVO (substantivo) 173
adjetivo 251
tempo 459
PRINCIPAL (oração) – V. *oração*
PRIOR 266, n.
PROCESSOS SINTÁTICOS 706 e ss.
PRÓ E CONTRA 231, 5
PRÓCLISE 818; 827 e ss.
PROCLÍTICA (palavra) 103; 818; 827 e ss.
PROFESSO 497
PROGREDIR 466, 3º gr.
PROJÉTIL (plural) 221, b
PROMÍSCUO (substantivo) – V. *epiceno*
PRONOME (definição) 156; 308
acusativo com função nominativa 652; 925; 926
adjetivo 323; 335; 811
apassivador – V. *se* (pronome apassivador)
articular 244, A, 6; 336
átono 820
classificação 309
colocação no imperativo 425, 6
combinações pronominais 121; 321; 322; 548
concordância 685; 761 e ss.
conjuntivo – V. *relativo*
de tratamento 315, 3; 328; 768; 769
e o artigo 118, 9ª; 244, B, 4
uniformidade 316; 328
demonstrativo 340 e ss.
diminutivo 240, obs. 2
indefinido 349
e o oblíquo 834
interrogativo 365; 715; 797
numeral 337
oblíquo 312; 313; 318 e ss.; 613
acusativo com função nominativa 652; 925; 926
colocação 776, 3, n.; 818 e ss.
errada ou ambígua 850, obs. 3; 925
com valor possessivo 334; 685
com verbo reflexivo 394
com verbo transitivo 396
combinação 321, 322
impossível 322, notas 2, 3
complemento comum 776, 3; 845
e certas locuções verbais 850
e o futuro 825, 4

e o imperativo de **DIZER, FAZER, CONDUZIR** 463, 4, obs. 2
e o infinitivo 842 e ss.
e o infinitivo impessoal 848
e o particípio 825, 4
e vários infinitivos 845
emprego pleonástico 784, 4
indicativo de reciprocidade 403
lhe – V. *lhe*
lho – V. *lho*
ligado por hífen 139
no futuro e no condicional 856
repetição errada 776, 3, n.; 926
seguido de aposto 683, 6
seguido de **O** 121
sujeito 652; 925; 926
pessoal 310 e ss.
emprego 317
regido de preposição 313; 332; 683, 3, 5
plural majestático 769, 1, n. a
possessivo 327 e ss.
substituído pelo oblíquo 334; 786, d
recíproco 403
reflexivo 312; 314, n.
relativo 345; 371 e ss.; 793, n.; 796; 900;
sem relação com v. q. vem imediatamente depois 900, n. 5
e a preposição 345, n. 3; 377, n. 1; 382
e o oblíquo 832, n. 1
repetição 776, 3, n.
reto 312; 313; 317
e o oblíquo 828, n.; 844
emprego desnecessário 317
se – V. *se*
substantivado 357, 4
substantivo 323; 335
PRONOMINAL (verbo) – V. *verbo*
PROPAROXÍTONO 101
PROPORCIONAL (conjunç.) 589
oração 903, 8
PROPOR (com *se* dativo) 401, B
PROPOSIÇÃO – V. *oração*
PRÓPRIO:
= seu 334
concordância 342, 1, n.
superlativo 273, 4ª
A SI PRÓPRIO 393
PRÓPRIO (subst.) 166 e ss.
no pl. (concord. verbal) 714
PROSA 989 e ss.
PROSÓDIA 95
latina 104
modificações 230
de certos verbos 438 e ss.
erros prosódicos 873
PROSOPOPEIA 621, f
PRÓTASE 581.1
PRÓTESE 112, A
PROTÓTIPO 104; 873
PROVENÇAL 610
PROVER 463,14, obs. 1
PROVÉRBIO 244, B, 1
e a elipse 782, C, n. 2
e a pontuação 955
PROVIDENCIAR 777
PROVINCIALISMO – V. *provincianismo*
PROVINCIANISMO 881
PSALMO 74
PSI (ψ) 38, 3
PTOLOMEU 74
PUS 78
PUXAR 83, c

Q

Q (origem e pronúncia) 75
Q(U) 38, 6; 63, 2; 86, 2; 87; 273, 4ª, n. 2
QUADRO
da derivação dos tempos verbais 459
das combinações pronominais 322
das consoantes 60
das consonâncias 57
das funções do **QUE** – V. o próprio *Índice*, no verbete *que*
das funções do **SE** 408
das vogais 46
de análise sintática 908, 909
do verbo quanto à predicação 305
do verbo quanto à voz 397, n.
dos pronomes pessoais 314
dos verbos defectivos 488
QUAL:
pronome interrogativo 365, 366
pronome relativo 372 e ss.
partitivo 373
precedido de **A** 374
em correlação com **TAL** 343, n. 2
quando obj. direto 683, 5

QUALIFICATIVO – V. *adjetivo*
QUALQUER:
em orações negativas 361, n. 1
pronome indefinido 361
plural 224
QUALQUER COISA DE 753
QUALQUER PESSOA 361, n. 2
QUANDO:
advérbio 526, n. 6
conjugação 588
na interrogação 642, n. 2; 797
QUANDO MESMO 584
QUANDO. . . QUANDO 573, n. 3
QUANTIDADE SILÁBICA 97; 98; 104
QUANTO:
colocação 797, 798
e a concord. verbal 715; 719
pronome interrogat. 365, 366
QUANTO MAIS 530, n. 11 ao pé da pág.
QUANTO. . . TANTO. . . 357, 1; 583
QUÃO (adv.) 530, n. 9
= quanto 265, a
QUARTETO 1009
QUASE 530, n. 7
QUASE QUE 530, n. 7
QUE:
= **O QUAL** 377, n. 2
advérbio 530, n. 6
conjunção:
aditiva 571, n. 4
aproximativa – V. *aditiva*
causal (estudioso que sou) 582, n. 2
comparativa 265, b, c; 583
concessiva 584, n. 2
consecutiva 586
final 587
integrante 581, n.
e o oblíquo 832, n. 2
temporal 588, n. 1
conjuntivo – V. *relativo*
elipse 581, n.; 782, C, n.; 945.4, n. 1
expletivo 530, n. 7; 596, n. 1; 784, n. 5; 786, b; 794, n.; 907
funções do **QUE** 377, n. 2
galicismo 872
interjeição 596; 970, obs. 1
interrogativo 367; 797
no início de expressões optativas ou imprecativas 945, 5, n.
no início de orações intercaladas 945.15
quando deve ser convertido em **QUAL** 376; 377, n. 2
quando inicia oração não subordinada 945.5, n.
quando traz ambiguidade 376
relativo 345, n. 3; 376; 377; 432, n.; 900
e a concord. verbal 719
e o artigo 376, obs.
precedido de prep. 345, n. 3; 377, n. 1; 581, n. 1 (ao pé da pág.)
sem relação com o v. q. vem depois 900, n. 5
termo de duas orações ao mesmo tempo 900, 5
QUE DE 366
QUE É DE 366, n.
QUE NEM 571, n. 2, d
QUE TAL 344, f
QUEDA 75
QUEDO 497
QUEIJO 69, 4
QUEM:
= **AQUELE QUE, O QUE** 378
colocação 797
desdobramento necessário 379; 900, n. 4
pronome interrog. 365, 366
pronome relat. 378; 900, n. 4
sujeito (concord.) 718
QUEM ME DERA 799, n
QUER. . . QUER 573, n. 3; 584; concordância 735, n. 3
QUERER (conjugação e grafia) 78; 463, 9
compostos 463, 9, obs. 1
particípio 497, n. 11
regência 305; 777
QUEROSENE 70
QUIÇÁ 529, n. 1
QUILO 70
QUILÔMETRO 70
QUINTILHA 1009
QUIOSQUE 70
QUIS 78
QUISTO 497, n. 11
QUITE, QUITES 497, n. 6

R

R (origem e pronúncia) 76
permuta com **L** 77

terminação de subst. 185,7; 223
RÁBANO 62
RADICAL (defin.) 163
mudança 206, 2
dos verbos 433; 458
de palavras derivadas 354, n. 1
RAIO 66
RAIZ 163, n.; 354, n. 1, ao pé da pág.
RALHAR 89, 3
RAPSÓDIA 79, A, 3
RAPTO 497
RAZÃO 86, 3
RE (prefixo) 504; 629
REAL 219, 4
REAVER 488, e
RECIPIENTE DA AÇÃO VERBAL 299; 389
RECIPROCIDADE DE AÇÃO:
indicado pelo **SE** 403; 393
e o verbo 717, B; 727, n. 3
REDAÇÃO 982, obs.
REDONDILHA (*menor* = de 5 sílabas; *maior* = de 7 sílabas): 1006
REDUÇÃO: das orações 904
das conjugações 615
das declinações 612
REDUZIDA – V. *oração* (reduzida)
REFLEXIBILIDADE:
do **SE** 401, 402
dos pronomes 312; 314, n.
do verbo 392, 393; 396, n. 1; 422
REGÊNCIA 773 e ss.
tipos sintáticos divergentes 859; 861
das preposições 542; 550 e ss.; 653
dos verbos 297 e ss., 304; 382; 396, n. 2; 773 e ss.; 777, volitivos 581, n. 1; dupla 305; 684
indicada pela posição 774, 775
duas ou mais palavras com a mesma reg. 776, 3
irregular 780
em orações relativas 382; 345, n. 3; 377
REGENTE (palavra) 773; 776, 3
REGIME 542; 550; 773
o mesmo para 2 ou mais palavras 776, 3
dois ligados com ou sem **E** 551, a, b
V. *regência*
REI 68
REINOL 258, n. 1
REITERATIVA (ação) – V. *verbo* (frequentativo)
RELATIVO – V. *pronome*, V. *verbo transitivo indireto*
RELEVAR 489, 4
RENUNCIAR 777
REPETIÇÃO:
da preposição 550
de ideia – V. *pleonasmo*
do artigo 243, obs. 9
do complemento 776, 3; 926
do pronome 315, n. 7; 776, 3; 926
não se repete o oblíquo 926
REQUERER 463, 10; 782, C, n.
RESERVAR-SE 401, B
RESFOLEGAR 462, 3
RESIGNAR 777
RESPONDER (reg.) 777
e a oração interferente 561
RESSAIBO 123, a
RESSOAR 78
RESTRITIVA – V. *oração* (adjetiva)
RESTRITIVO (adjet.) 248, obs. 4 (compl. – V. *adjunto adnominal*)
RESUMIR 78
RETICÊNCIAS 971
RETÓRICA, figuras 621
REVENIR 466 (*prevenir*)
REVER 463, 14, obs. 3; 488, f
REVÉRBERO, REVERBERO 439
REVÉS 78
RICO (colocação) 808, n.
RIMA 1010 e ss.
RIR 464, 2
RITMAR 442
RITMO 1002
RIZOTÔNICA – V. *forma* (rizotônica) acento rizotônico 107
RODRIGUES 169
ROLHA 89, 6
ROMENO 610
ROMÂNICA (língua) 610, 611, 617
ROSTO 621, b
ROTACISMO 77
ROUXINOL 76, 2
ROXO 84, obs., d
RUA 68
RUÍDO 50, n. 1, b
RUIM 50, n. 2

S

S (origem e pronúncia) 36; 78
assimilação 121; 825, n. 2
característica de plural 214, 215, n.; 613, b
impuro 112, A, obs. 2
nos diminutivos 240, obs. 10
supressão 825, 4, n. 2; 121, 1; 321, 322
terminação de subst. 185, 8; 223
SS 143, e, 1
SABER 463, 11
SAIR 71; 469
SALMO 74
SALVANTE (prep.) 546, n. 9
SALVO (prep.) 546
SALVO SE 585
SALVO-CONDUTO 227, b
SANCHES 169
SÂNSCRITO 610
SANTARRÃO 240, obs. 4
SANTO emprego 113, C, n. 2; coloca
SANTO emprego 113, C, n. 2; colocação 808
SÃO (= santo) 113, C, n. 2; 620
SARDO 610
SÁTIRA 988
SATISFAZER 777
SE acusativo 401; 652
ambiguidade 393
conjunção: condicional 585; 903, 5
omissão 585, 5, n. 1; 795, d
integrante 581; 894; 895, 1
dativo 401, B
emprego condenável 404, notas 1, 2, 3; 927, obs. 2
funções 400 e ss.; 395
não se repete 776, 3, n.
no período hipotético 585, 1 e ss.
ora reflexivo, ora passivo 322, n. 3
outras funções 393; 401 e ss.; 485
prefixo 629
pronome 393; 400
apassivador 391, 2; 404; 405, A
colocação 850, obs. 4
não se emprega 407, notas; 927, obs. 2
impessoalizador 405, A; 485
quadro sinótico das funções 408
sujeito 406; acusat. 652
variantes reflexivas 408
SE BEM QUE 584
SE NÃO, SENÃO 572, n. 4
SE O 322, n. 2; 406
SE SE 585.0
SECUNDÁRIO (acento) 106
SECUNDÁRIO, PRIMÁRIO 285
SEGUNDO: conjunção 590
preposição 546, n. 8
SEJA. . . SEJA 573
SEJA QUE. . . SEJA QUE 584
SELVAGEM 68
SEM: prefixo 628
preposição 545
+ infinitivo 584, n. 3
SEM QUE concessivo 584, n. 3 ao pé da pág.; condicional 585; 945.9
ESTAR SEM 427, obs. 4, d
SEMANTEMA 621, n.
SEMÂNTICA 621
SEMASIOLOGIA 621
SEMATOLOGIA 621
SEMELHANTE (um) 243, obs. 5, b
SEMIDITONGO – V. *ditongo crescente*
SEMIÓTICA (concordância) 766 e ss.
SEMIVOGAL 35
SEMPRE QUE 588
SENÃO:
conjunção 572, n. 4
influência na concordância 709, n. 4 ao pé da pág.
SENÃO, SE NÃO 572, n. 4
SENÃO QUANDO 572, n. 4, c
SENDO QUE 582
SENHOR 266, n. 258, n. 1; 266, n.; como fórmula de trat. e como vocat. 316, n. V. *pronome pessoal*
SENHORA 258, n. 1
SENTENÇA – V. *oração*
SENTIDO – V. *significação*
SEPTENA 1009
SEQUER 530
SER (verbo):
colocação 795, b
com verbo intrans. 429
conjugação 425; 475; 616, a
considerações sintáticas 426
e o particípio 430; 495
impessoal 405, C; 426, 2; 658, 4

influência na concord. 738
italianismo 546, n. 4, c
nas definições 244, B, 2
na passiva 391, 1
significados 426, 427, obs. 1
substituído por vírgula 962
vicário 463, 4, obs. 3
= **TER** 429; 939, obs. 1
SÉRIO 273, 4ª
SESQUI 295
SEU (pron. possess.) 327
empregos especiais 333, n.
SEU DELE 328, n. 1
V. *pronome* (possessivo)
SEXTILHA 1009
SHILLING 234, 5
SI (variante de **SE**) 318, 319, n., 408
SIBILANTE (consoante) 60, n.
SICRANO 315
SIGNIFICAÇÃO
analógica 207; 600 e ss.; 621
da preposição 546, obs.; 546, n. 4, d
de acordo com a colocação 331; 360; 808
de acordo com o gênero 205
dos vocábulos 110; 621
etimológica 784, n. 3
figurada 607
mudança de sign. 230, 231, 3; 240, obs. 6, 9; 331
passiva de verbos ativos 391, 2, n. a
própria 607
superlativa de adjetivos 276; 240, obs. 2
translata 607
SÍLABA (definição) 95
átona 99
breve 97
contagem – V. *contagem*
duplicação 240, obs. 3
longa 97
partição – V. *partição*
poética 1003
postônica 99
pretônica 99
tônica 99
SILEPSE 710, n. 1; 711, **A**
definição e espécies 766 e ss.
SIM: étimo – 72
e a pontuação 958
SIM, NÃO 231, 5
SÍMBOLOS 40
SIMPLES: significação 808
colocação 808
multiplicação 281; 286
SINAIS DIACRÍTICOS 100; 132 e ss.
de pontuação 948
SINALEFA 114, A; 137
SINCLITISMO – V. *colocação* (do pronome oblíquo)
SÍNCOPE 113, B; 137
SINCRETISMO 625
SINDÉTICA – V. *oração*
SINÉDOQUE 621, a
SINÉRESE 50, n. 2
SINGELO 286, obs. 2
SINGULAR – V. *flexão* (numérica)
SINÔNIMO 605
datismo 605, n.
perfeito, imperfeito 605
verbo sinônimo – V. *verbo* (vicário)
SINOPSE – V. *quadro*
SÍNQUISE 857
e a pontuação 952
SINTAXE: definição 23
em geral 636 e ss.
de colocação – V. *colocação*
de concordância – V. *concordância*
de regência – V. *regência*
do adjetivo – V. *adjetivo*
do artigo – V. *artigo*
do advérbio – V. *advérbio*
da conjunção – V. *conjunção*
da interjeição – V. *interjeição*
do numeral – V. *numeral*
da preposição – V. *preposição*
do pronome – V. *pronome*
do substantivo – V. *substantivo*
do verbo – V. *verbo*
figurada 707
ideológica e afetiva 622
irregular: 707
de colocação 853 e ss.
de concordância 766 e ss.
de regência 780 e ss.
pronúncia da palavra 84, 2
regular 707
SISTEMAS ORTOGRÁFICOS 127, A
SÓ:
adjetivo 260, 5, n.
adv. e adjet. 527, n. 10

SOAR 440, n. 2
SOB (grafia) 62, b
prefixo 628
preposição 545
SOBERBO 62
SOBRE (étimo) 123, b
prefixo 628
preposição 545, n. 7
SOBRECOMUM (subst.) 203
SOBREMANEIRA 530, n. 8
SOBREMODO 530, n. 8
SOBRENOME 168
SOBRESCRITO 315
SOBREVIVÊNCIA DO ACUSATIVO 613
SOCORRER 777
SOER (conjug.) 488, b
SOIDÃO 113, B
SOLECISMO 313, obs.; 873
SOM 21
= fonema, letra 34, n.
oral 2
molhado 89, 90, 92
adição 112
subtração 113
substituição 115
SOMENTE 527, n. 10
SONETO 986
SONORA (consoante) 59, e
SOPRAR 74
SÓROR 224
SORRIR 464, 2, obs.
SORTIR 467, 2º gr.
SOZINHO 260, n.
ST 63
SUA (nos pronomes de tratamento) 315, n. 1
SUAR 440
SUARABÁCTI 87
SUBIR 468
SUBJETIVA (oração) – V. *oração*, V. *função*
SUBJUNTIVO – V. *modo*
SUBORDINAÇÃO – V. *regência*
subordinada – V. *oração*
subordinante – V. *palavra*
subordinativa – V. *conjunção*
SUBPREFEITO 226, 1º caso, n. 3. obs.
SUBSISTÊNCIA 80
SUBSTANTIVA – V. *oração*
SUBSTANTIVAÇÃO 231, 5
do adjet. 248, obs. 1
do particípio 497
do pronome indef. 357, 4
SUBSTANTIVO (definição) 152; 236
adjetivado 248, obs. 2; 276, 3, 302
classificação 164 e ss.
coletivo 177
concordância 710; 710, n. 2; 711, A
universal 349, n. 1
comum de dois 202
composição do subst. – V. *composição*
e o hífen 226, obs. 1
composto (plural) – V. *flexão* (numérica)
epiceno 201
flexão – V. *flexão*
função 650; 679
gênero: dos compostos 209
V. *flexão* (genérica)
grau – V. *flexão* (gradual)
particularidades numéricas 230 e ss.
patronímico 169
personificado 144, 8; 167, 2
plural – V. *flexão* (numérica)
próprio – V. *nome*
que exprime vício, virtude 231, 3
só empregado no sing. ou no pl. – V. *flexão* (numérica)
sobrecomum 203
subentendido 248, obs. 2
virtual 650
V. *nome*, V. *palavra*
SUBSTITUIÇÃO:
de orações – V. *conversão das orações*
de pessoa gramatical 315
de sons 115
do possessivo pelo pronome oblíquo 334
do possessivo por locução elucidativa 329
do imperativo pelo subjunt. 413, 2
SUBTENDER 497, n. 12
SUBTÔNICA (sílaba) 106
SUBTRAÇÃO DE SONS 113
SUCEDER 489, 9
SUFIXAÇÃO – 626; 630.1; 633; sufixo
adverbial 527, obs.; aumentativo 238;
diminutivo 238; nominal 630.1; verbal 509
– V. *terminação*

SUJEITO (definição) 298, 299; 563; 653
acusativo 652
agente 657, n. 2
e paciente 657, n. 2
classificação 654 e ss.
coletivo 710; 711; 729, obs.; 769, 2
colocação 775; 791; 793, n.; na oração interrog. 797; 943, 5, obs. 1
com *de* partitivo 709, n. 1 ao pé da pág.
como descobrir 404, 651
composto 656; concord. do v. 726 e ss.; e o período 905, n.
constituído de: gerúndio 943, 3
infinitivo 653; 719, n. 3
oração ou frase 650; 894
substantivo real ou virtual 650
e a voz: ativa 388
neutra 397
passiva 389; 404; 391, 2
reflexiva 392
e o verbo (concord.) – V. *concordância* (do verbo)
elipse 782, A
englobado 730
espécies 654 e ss.
indeterminado (impessoalizado) 405; 485; 657
inexistente 405; C, n.; 658
não se combina com prep. 653; 776
oculto 657, n. 2
paciente – V. *sujeito recipiente*
pleonástico 784, n. 4
recipiente 299; 657, n. 2
regido de prep. 653; 659
simples 655; 657, n. 1
SUPERAVIT 234, 5
SUPERIOR 258, n. 1; 266, n.
SUPERLATIVO – V. *flexão* (gradual do adjetivo)
heterogêneo 274, n.
SUPINO 937, n.
SURDA (consoante) 59
SURDO-MUDO 261, A
SUXAR 497, n. 7

T

T (origem e pronúncia) 81
seguido de **I**, **E**, mais vogal 63, 3
TABARÉU 256, n.
TABERNÁCULO 240, obs. 9
TAL
e o artigo 243, obs. 5; 343, n. 4
emprego 343, 344
QUE TAL 344, f
TAL COMO 343, n. 2
TAL QUAL 343, 344; 583
outras expressões 343; 344
TÁLER 224
TALVEZ 231, 5; 529, n. 2; 945.14
TAMANHO 265, b, n. 3
TAMBÉM 571, n. 3
TAMPOUCO 528, n. 3
TANTÍSSIMO 263, n.
TANTO 357
TANTO COMO 571, n. 5; 583, n. 2; 726
TANTO QUANTO 583
TÃO:
advérbio 530
e o artigo 243, obs. 5, a
e o comparativo 265, a
TÃO COMO 583, n. 2
TÃO QUÃO 583
TATO 497
TAUTOLOGIA 784, n. 1
TAXEONOMIA 161, n. 2
intercâmbio taxeonômico 231, 5; 248, obs. 3; 249, n. 3; 276, 1, n. 3
função taxeonômica 636
TE (grupo) seguido de vogal 63, 3
TE 113, A
TECER (étimo) 64
TE-DÉUM 234, 4
TEM, TÊM 425, n. 1 ao pé da pág.
TEMA – V. *radical*
TEMPO (dos verbos) 415
composto 419, 1, 2, 3; 425; 617, h
correlação e correspondência 413, 2; 419, 3; 945.1 e ss.
derivado 459
elipse 782, C, n. 3
futuro 419
do presente 419
usado pelo imperat. 413, 3, d
simples e composto 419, 1, 2
formação 617, d
do pretérito: formação 617, e
emprego 419, 3; 946.3, 1, n.
simples e composto 419, 3

também chamado condicional 413, n. 1 (ao pé da pág.)
do subjuntivo e o inf. pessoal 459, n. 1 ao pé da pág.; 916, obs.; na ênclise 848;
criação românica 617, f
e o oblíquo 463, 4, obs. 4; 825, 4; 841
histórico 419, n. 3
passado – V. *pretérito*
presente 416
do ind. pelo imperat. 413, 3, d
histórico 416.2
pretérito:
imperfeito do ind. 417; 417, 2
empregado pelo fut. do pret. 419, 3, f
do subj. substituído pelo m.-q.-p. do ind. 413, 2
criação românica 617, g
mais-que-perfeito 417, 418
empregado pelo imperf. subj. 413, 2
perfeito 417, 418
(ÂMOS-ÁMOS) 433, n. 1 ao pé da pág.
diferença entre 2ª sing. e 2ª pl. 425, n. 2 ao pé da pág.
do v. **SER** e **IR** 425, n. 3 ao pé da pág.
primitivo 459
quadro da derivação 459
simples 419, 1, 2, 3
TENDER 497, n. 13
TENENTAÇO 240, obs. 4
TER (conjugação) 425
conjug. dos compostos 431, obs.
considerações sintáticas 428
e os tempos compostos 418; 429, 430; 495, n.
não significa **EXISTIR** 431
particípio antigo 498
verbo abstrato 425, n. 4 ao pé da pág.; 428, 4
auxiliar 428, 4
concreto 428
"TER A" 546, n. 1, b
TER DE 432, n.; 516
TER POR 546, n. 1, b
TER QUE 432, n.; 516; 546, n. 1, b
TERCETO 1009
TERMINAÇÃO:
A 186, 1
Ã 186, 2; 259
ÁCEO 630.1
ACHO 622
ACO 630.1
AÇO 622
ADA 630.1
ADO 630.1
AGEM 68; 630.1; 869, e
AICO 630.1
AL 219; 260, 1; 630.1
ALHA, ALHÃO 622; 630.1
AM 136
AMA 630.1
ÂMOS-ÁMOS 433, n. 1
ANÇA 630.1
ÂNCIA 630.1
ANO 630.1
ANTE, ENTE, INTE 935
ÃO 216; 240, obs. 5; 273, 3; 869, b
no feminino 259
tonicidade 136; 216, obs. 4
AR 260, 2; 448; 630.1
ARIA 630.1
ARIO 630.1
ÁTICO 630.1
ATO 630.1
ÁVEL 630.1
AVO 288
AZ 260, 3; 622; 630.1
BUNDO 630.1
ÇÃO 630.1
CER 451
CO 273, 4ª, n. 4
CUNDO 630.1
DADE 186, 5; 630.1
DE AUMENTATIVO 238
DE DIMINUTIVO 238
DICUS 273, 4, n. 4
E 260, 5; 273, 4ª
EAR 460; 506
ECER 64; 507
EDEIRA 423, n.
EDO 630.1
EIA 256
EIRA 258, n. 2; 630.1
EIRO 249, n. 3; 630.1
EITO 497, n. 9; 498
EJAR 446, b; 506
EJO 622

ELHO 622
EL 220; 260, 1
EN 73; 185, 4
ENÇA 630.1
ÊNCIA 630.1
ENGO 630.1
ENSE 630.1
ENTE 423, n; D. QVs, *presidente*
ENTO 630.1
EO 630.1
ER (tonicidade e plural) 224; 260, 2
ES 169; 224
ÊS 86, n. 1, b; 258; 616, c; 630.1
ESA 86, n. 1, b; 630.1
ESCER 507
ESCO 630.1
EU, ÉU 185, 5
ESTRE 630.1
ÉVIL 630.1
EZ, EZA 86, n. 1: 172: 630.1
FICUS 273.4, n. 4
GEM 68; 186, 4
GNAR 442
GO 273, 4ª, n. 2
ICAR 506
ICE 282; 630.1
ÍCIO 630.1
ICO 630.1
IÇO 630.1
IDADE 630.1
IDÃO 630.1
IL 220; 221, b; 260, 1; 273, 1, exc. c
INHAR 506
INHO 240, obs. 10
IO 273, 4ª; 630.1
ISMO 630.1
ÍSSIMO 272, 273; 277
ISTA 630.1
ITAR 506
ITE 630.1
ÍVEL 630.1
IVO 630.1
IZ 260, 3
IZAR 448
L 185, 6; 273, 1
LHÃO 282
LHO 89, 2
LIMO 272, 273, 1, exc. c; 277
M 260, 4; 273, 1
MENTE 527, obs.
MENTO 630.1
N 218
NDO 414; 937
NTE 630.1
O 273, 4ª
OA 259
OIRO 630.1
OL 219; 258; 616, c
ON 73
ONA 259
ONHA 630.1
OR 224; 258; 258, n. 2; 266, n.; 616, c; 630.1
ÓRIO 630.1
OSO 257; 273, 4ª, n. 1; 630.1
OURO 630.1; 936
ÓVEL 630.1
OZ 260, 3
PLICE 286
PLO 286
R 185, 7; 222; 224; 273, 1
RE 273, 4ª, n. 3
RIMO 272; 273, 4, n. 3; 277
RO 273, 4ª, n. 3
S 185, 8; 223; 260, 4
TÉRIO 630.1
TICO 68
TRIZ 258, n. 2
U 258; 258, n.; 273, 1
UDO 630.1
UI 468; n. 2, 3
UL 219; 260, 1
UME 630.1
URA 630.1
ÚVEL 630.1
UZ 260, 3
VEL 273, 1, exc. a
VOLUS 273, 4, n. 4
X 185, 9; 223, n.
Z 273, 3
ZINHO, ZITO 234, 2; 239, obs.; 240, obs. 10
TERMO 9 – V. *palavra*
da oração – V. *oração* (termo da oração)
antecedente – V. *antecedente*
consequente – V. *consequente*
TERRA (e o artigo) 118, 6
TETA (θ) 38,1
TEU – V. *pronome* (possessivo)
TEUTÔNICO 610

TÉXTIL 221, b
TI 63,3
seguido de vogal 86, 3
TIL 100; 136
TIMBRE DAS VOGAIS 41; 43
TIPOS SINTÁTICOS DIVERGENTES 859
TIRANTE 546, n. 9
TISANA 74; 91, 2
TMESE 856
TO (te + o) 321, 322
TODAVIA 572, n. 3
TODO
advérbio 349 e ss.; 530, n. 10
diferença entre **TODO** e **NADA** 362, **n.**
e o artigo 350
flexão eufônica 351
forma neutra – V. *tudo*
quando objeto 683, 5
TODOS OS DOIS 352, n. 2
TOLOMEU 74
TOMARA 742; 945.3
TÔNICA, TÔNICO – V. *tonicidade*
TONICIDADE 95 e ss.
palavra tônica – V. *palavra* (tônica)
sílaba tônica – V. *sílaba* (tônica)
TOPOLOGIA – V. *colocação*
TOSSIR 467, 1º gr.
TRAÇO DE UNIÃO – V. *hífen*
TRAGÉDIA 987, 1
TRÂMUEI 234, 3
TRANS 80, n.; 525, n. 2 e 3; 629
TRANSFORMAÇÃO DOS VOCÁBULOS – V. *palavra* (transformação)
TRANSGREDIR 466, 3º gr., n.
TRANSITIVO – V. *verbo* (transitivo)
TRANSPOSIÇÃO 123
TRANSLATO – V. *significação* (translata)
TRÁS (prep.) 545
TRATAMENTO (pronome); 315; uniformidade 316; 328; 768, 769
TRAVESSÃO 974
TRAZER 463, 12
TREMA 139, n.
TRES (prefixo) 504; 629
TREVO 82, 2
TRILHO 89, 1
TRIOLÉ 1012, n. 2
TRISSÍLABO 96
TRITONGO 51
TROPOS SEMÂNTICOS 621, b
TU – V. *pronome* (pessoal)
TUDO 183
e a concord. verbal 730
forma neutra 352; 352, n. 1
seguido de oblíquo 831
TUDO O QUE 345, n. 7
TUGIR, MUGIR 452, n. 5
TURFE 67

U

U (grafia) 37, 1
semivogal 35
terminação de subst. 185
vogal labial 42
vogal posterior 42
UI (ditongo cresc., decresc.) 50, n. 1
ULTERIOR 266, n.
ULTIMATUM 234, 4
ULTRAVIOLETA 261, A, n. 2, d
UM, UMA:
artigo – V. *artigo* (indefinido)
e a crase 118, 12ª
e os indefinidos 349, n. 2
emprego abusivo 243, obs. 5
numeral 280; 281; 283; 289
terminação de subst. 185, 3
UMA QUALQUER PESSOA 361, n. 2
UMA VEZ QUE (conj.) 582
UM AO OUTRO 393
UM COMO 243, obs. 6
UM DOS QUE (concord. verbal) 721
UM E OUTRO, NEM UM NEM OUTRO (antes de subst.) 733; 752
UM NÃO SEI QUE DE (e a concord.) 755
UM QUE (e a concord.) 722; 755
UM TAL 343, n. 4; 243, obs. 5, b
UM TAL DE 344, g
UNIFORME (adjetivo) 260
UNIFORMIDADE: de tratamento 316; 328
UNIPESSOAL (verbo) – V. *verbo* (unipessoal)
URÉTER 224
USO (norma linguística) 200; 868, n.
ÚVULA 42

V

V (grafia) 37, 1
consoante e vogal 37, 2
origem e pronúncia 82
V. GR. (= **VERBI GRATIA**) 534, 2
VAL 113, C
VALER (e compostos) 463, 13
VÁLVULA 240, obs. 8
VARIAÇÃO FONÉTICA E GRÁFICA DOS VERBOS – V. *verbo* (variação)
VARIÁVEL (palavra) – V. *palavra* (variável)
VÁRIOS 360
colocação 808
seguido de oblíquo 831
VELAR (consoante) 59
VÊM, VEEM obs. do § 463, 14
VER (étimo) 66
concord. 404
conjugação 463, 14
futuro do subj. 459, 1, ao pé da pág.
regência 320
VERBA:
declarandi 945.4, n. 2
dubitandi 945.4
sentiendi 945.3
voluntatis 945.2
VERBI GRATIA 534, 2; 575, n. 2
VERBO 157; 298
abstrato 425, 4; 427, 428; 428, 4
abundante 494 e ss.
anômalo 475 e ss.
ativo – V. *voz*
aumentativo 504
auxiliar 391, 1; 425 e ss.
SER em vez de **TER** – V. *ser*
colocação – V. *colocação* (do verbo)
com **AU** ou **AI** no tema 443
com duas regências 305
com **E** no tema 466
E fechado na penúlt. sílaba 449
com **EI** no tema 444
com **EU** no tema 444, n. 2
com **IU** no tema 443
com **O** no tema 467
O fechado na penúlt. sílaba 450
com **OI** no tema 444, n.
com **OU** no tema 445
com radical em **M, N, NH** 446, a
com timbre fechado na penúlt. sílaba 446
com **U** no tema 468
complem. de outro 683, 4; 777 *(ajudar)*
concordância – V. *concordância* (do verbo)
concreto 428
conjugação 412 e ss.
dos auxiliares 425
dos compostos 463, 9, obs. 4
dos irregulares 458 e ss.
dos paradigmas 433
perifrástica – V. *locução verbal*
de ligação 302; 426, 3; 664; 665
de movimento 546, n. 4, a
de particípio duplo 496
defectivo 479 e ss.
depoente 939
diminutivo 240, obs. 2; 505
elipse – V. *elipse* (do verbo)
em **AIR** 469
em **CAR, ÇAR** 447, 1, 2
em **CER** 451
em **EAR** 460; 506
em **EJAR, ECHAR, EXAR, ELHAR** 446, b; 506
em **ECER** 64
em **GAR** 447, 3
em **GER**, 452
em **GIR** 452, notas; 466, obs. de *aderir*
em **GNAR, BSTAR, PTAR, PSAR, TMAR** 442
em **GUAR** 440, n. 3, 4
em **GUER** 453
em **GUIR** 453, n. 2
em **IAR** 461; 506
em **IR** 489, 10
em **IZAR** 448
em **JAR** 447, 4
em **OAR** 441
em **OER** 450, n. 1
em **QUAR** 440, n. 3, 4
em **UAR** 440
em **UIR** 468, n. 2, 3 do v. *bulir*
em **UZIR** 470
existencial 907, 5; e o modo da subord. 946.3, 3
forma arrizotônica, rizotônica – V. *forma*
frequentativo 506; 514, 3; 157
imitativo 508

impessoal 426, 2; 480 e ss.; 654, 2; 657, 658; 907, n. 1
em locuç. verbal 487
incoativo 507
intransitivo 300; 390, n. 2
empregado transitivamente 303
empregado pronominalmente 396, n. 3
irregular 458 e ss.
da 1ª 460 e ss.
da 2ª 463
da 3ª 464
iterativo – V. *verbo* (frequentativo)
nas orações infinitivo-latinas 926
neutro 397
onomatopaico 508
passivo – V. *voz*
pessoal 480; 482, n.
perifrástico – V. *locução* (verbal)
pronominal 394 e ss.; 402, A; 926
e o oblíquo 926
prosódia de certos verbos – v. *prosódia*
quanto à conjugação – V. *verbo* (conjugação)
quanto à predicação 297 e ss.; 777
quanto à regência – V. *regência dos verbos*
quanto à significação 502 e ss.
quanto à voz – V. *voz*
quanto ao complemento – V. *verbo quanto à predicação*
quanto ao sujeito – V. *verbo quanto à voz*
que não admite **LHE** 777 (**ASSISTIR, RECORRER, PRESIDIR, ASPIRAR**)
que pode ligar-se a outro no infin. sem prepos. 683, 4, obs.
que significa *vontade* 404
recíproco 403
reflexivo – V. *voz*
regência – V. *regência* (dos verbos)
regular 433
relativo – V. *verbo transitivo indireto*
servil 519
substantivo 244, 2
transitivo 301
direto 301, a
com prepos. 683, 4
empregado passivamente 777 *(importar)*
empregado impessoalmente 485
empregado intransitivamente 303
direto-indireto 301, b, n. 2; 777 *(agradecer)*
com um dos complem. não expresso 777 *(agradecer)*
e a conjunção integr. *QUE* 581, n. 1
e o oblíquo 396
indireto 301, b
transitivo-relativo – V. *verbo transitivo direto-indireto*
unipessoal 488, n.
variação:
fonética da 1ª 439 e ss.
da 2ª 449, 450
gráfica da 1ª 447, 448
da 2ª 451 e ss.
vicário 463, 4, obs. 3
volitivo 581, n. 1 ao pé da pág.; 945.2
voz – V. *voz*
VERDADEIRO (coloc.) 808
VERNÁCULO 4, n.
VERSAL, VERSALETE 973, obs.
VERSIFICAÇÃO 97; 1000 e ss.; verso 1001; 1006 e ss.; verso branco 1012, n. 1
VESTIDURA 630.1
VÉU 71
VEZ 78; 86, 1
VIAGEM 68
VIAGEM e **VIAJEM** 447, 4
VIBRANTE (consoante) 59
VICÁRIO (verbo) – V. *verbo* (vicário)
VÍCIOS DE LINGUAGEM 866 e ss.
VIÇO 63, 3
VIGER 488, 9
VIR (e compostos) 464, 3
em loc. verbal 518
fut. do subj. 459, n. 1, ao pé da pág.
VIR DE 871
VÍRGULA 949
e a conjunção 957, n.
e a palavra **SÓ** 527. n. 10
e a data 953
e a sínquise 857; 952
e a subordinada adjetiva 900; 951
e as orações alternativas 573, n. 3
e as orações independentes 889, n.
e as orações interferentes 561, obs.
e as orações pleonásticas 784 n. 4
e as orações reduzidas 698, n., 943 5. obs. 1
e o aposto 699
e o "e" 950, n. 4
e o endereço 950, n. 6
e o "etc." 950, n.
e o numeral 950, n. 6

e o parêntese 963
e o vocativo 702; 961
e o zeugma 783, n. 1; 954
em lugar de *ser* 962
nos demais casos 949 e ss.
VISTO QUE (conj.) 582
VÍVERES 224; 232, 2
VIZINHO 86, 1
VOCABULÁRIO 10
formação e enriquecimento 619 e ss.
VOCÁBULO – *V. palavra*
VOCALISMO – V. cada vogal no seu respectivo verbete
vocalização 273, 4, n. 1
VOCATIVO 180, n.; 244, B, 3
função 701 e ss.
pontuação 702; 961
VOCÊ 315, n. 5; 328
VOCEZINHO 240, obs. 2
VOGAL:
definição 33
classificação 41 e ss.
mudança de som 234
prepositiva 50, n. 1, a
VO-LO 121, 1; 321, 322
VÓS – V. *pronome* (pessoal)
VOSSA (antes de pronome de tratamento) 315, n. 1; 316
silepse de gênero 768, 2
V. *pronome de tratamento*
VOSSO – V. *pronome* (possessivo)
VOSSA EXCELÊNCIA 315, n. 8
VOSSA SENHORIA 315, n. 8
VOSSO – V. *pronome* (possessivo)
VOZ 47
do verbo 387 e ss.; 422
ativa 388
de sentido passivo 391, n. a
passar para a passiva 390, 391; 484.1, obs.
passiva 389 e ss.; 404; 422; 425; 484, obs. 1; 515
de v. intrans. 429
e signif. ativa 939
impessoal 405; 485; 657, b
reflexiva 392 e ss.; 401, 402
e o oblíquo 394
dos animais 508
nasal 44
= fonema vogal 47
onomatopaica 596, n. 2; 879, n.
VOZ 86

W

W 83

X

X (origem e pronúncia) 84
terminação 223, n.
XEQUE 84, 1, n.

Y

Y 31, n. ao pé da p., 85

Z

Z (origem e pronúncia) 86
consoante de ligação 239
nos diminutivos 240, obs. 10
intervocálico 86, 1
na terminação **EZA** 86 n. 1
na terminação **IZAR** 448
ZÉ 113, A
ZEUGMA (definição) 783
casos diversos 783
e a pontuação 783, n. 1; 954
ZINHO 234, 2; 240. obs. 10
ZUM-ZUM 226, 1º, n. 3

Referências a trabalhos do

Prof. Napoleão Mendes de Almeida

Gramática Metódica da Língua Portuguesa: "Um padre, meu colega, disse-me que na universidade daqui, que ele frequenta, foi indicada a sua gramática como a melhor do Brasil; eu me permito acrescentar que tal juízo pode abranger também Portugal" (Caetano Oricchio, S. J.).

Gramática Latina: "... do seu notável trabalho, que acabo de adotar no curso de Línguas Neolatinas e no de Línguas Anglo-Germânicas da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro" (José Florentino de Marques Leite).

— "Sou professor em dois ginásios, já o fui em seminários, e nunca encontrei — este "nunca" é absolutamente exato — uma clareza tão grande de exposição nem uma tão singela apresentação do que é essencial na aprendizagem. Com inteira verdade, repito-lhe que estou aprendendo latim pelo seu livro, pelo qual tenho verdadeira paixão de ensinar, notando, reciprocamente, que os meus alunos têm gosto em aprender" (Padre Manuel Albuquerque).

Curso de Português por Correspondência (De um ex-aluno de Mário Barreto; começou o curso como major em Bagé, e o terminou como tenente-coronel em Campo Grande): "O que mais recomenda o Curso de Português por Correspondência é precisamente a honestidade de seu diretor, que coloca acima das vantagens materiais o dever profissional" (General Benjamim Cabelo Bidart).

Curso de Latim por Correspondência: "Não há dinheiro que pague o serviço que o senhor está prestando com suas lições de latim. Sou advogado, conheço vários idiomas, mas, principalmente, sou seu aluno gratíssimo" (Rui Otávio Domingues).

ISBN 978-85-02-05430-1

GRAMÁTICA LATINA

Lamente-se a quase extinção do ensino do latim entre nós, mas louve-se quem sempre lutou pela difusão e pelo aprendizado da nossa língua-mãe, esteio do vernáculo e da cultura jurídica.

Depois de lançar os alicerces desse ensino, configurados na explicação simples e muito clara dos diversos casos latinos e de sua correspondência em português, vai o emérito Professor conduzindo o aluno pelos meandros da língua de Cícero, tornando o estudo sempre suave e propiciando ao estudante o completo domínio do latim e a um tempo compreensão aprimorada da sintaxe portuguesa.

"Vejo na GRAMÁTICA LATINA do Napoleão" – são palavras do seu venerando professor Pe. Luís Garcia de Oliveira – "ainda maior mérito do que na sua Gramática Metódica."

É do emérito professor Mário Casasanta, de Belo Horizonte, esta apreciação, publicada na *Folha de Minas*: "Mais do que pelo seu saber linguístico, impõe-se-nos o Prof. Napoleão Mendes de Almeida pela honestidade de seu magistério e, sobretudo, pelo singular senso pedagógico que revela. Não conhecemos livro mais didático do que sua Gramática Latina".

CONSTRUINDO A ESCRITA

GRAMÁTICA ORTOGRAFIA

3

Manual do Professor

Carmen Silvia C. Torres de Carvalho

Déborah Panachão
Sarina Bacellar Kutnikas
Silvia Maria de Almeida Salmaso

editora ática

Índice

Distribuição das atividades do *Livro do Aluno* em módulos 6
Carta ao Professor 8
Apresentação da coleção 9
Dinâmica do trabalho 10

ORTOGRAFIA

Módulo I — Investigando a letra X **10**

Considerações sobre a postura diante da pesquisa ortográfica 11
Pesquisa sobre a letra X 11
Objetivos..... 11
Estratégia 12
Primeiro momento..... 12
Palavras iniciadas pela letra X 12
Palavras terminadas pela letra X 13
Segundo momento — A letra X no meio da palavra 13
Palavras com **consoante + X** 13
Terceiro momento 15
Palavras com **vogal + X + consoante** 15
Quarto momento 16
Palavras com **vogal + X + vogal** 16
E + X + vogal no início da palavra 16
Vogal + X + vogal no meio da palavra 17
Atividades de sistematização 17

Módulo II — Investigando a letra Z 22

Pesquisa sobre a letra Z ... 22
Estratégia ... 22
Descobertas gerais sobre o Z ... 22
Primeiro momento ... 23
Palavras iniciadas por Z ... 23
Palavras terminadas por Z ... 23
Segundo momento — Z no meio da palavra ... 24
Palavras com **consoante + Z** ... 24
Palavras com **vogal + Z** ... 24
Terceiro momento ... 25
Palavras com **vogal + Z + consoante** ... 25
Palavras com **vogal + Z + vogal** ... 25
Atividades de sistematização ... 26

Módulo III — Investigando a letra S 28

Preparando o material ... 28
A investigação ... 28
Primeiro momento ... 28
Palavras iniciadas por S ... 28
Palavras terminadas por S ... 29
Segundo momento — S no meio da palavra ... 29
Palavras com **consoante + S** ... 29
Palavras com **consoante + S + consoante** ... 29
Palavras com **consoante + S + vogal** ... 30
Terceiro momento — **Vogal + S** ... 30
Palavras com **vogal + S + consoante** ... 30
Palavras com **vogal + S + vogal** ... 30
SS entre vogais ... 31
S entre vogais ... 31
Atividades de sistematização ... 32

Módulo IV — Investigando as sílabas iniciais CE/SE e CI/SI 34

Primeira etapa — Pesquisa sobre CE/SE ... 34
Segunda etapa — Pesquisa sobre CI/SI ... 37
Atividades de sistematização ... 38

GRAMÁTICA

Módulo V — Acentuação 40

Trabalhando com a tonicidade e a acentuação ... 40
Atividades de sistematização ... 41

Módulo VI — Pontuação e paragrafação 44

Pontuação ... 44
Como decidir qual das pontuações usar? ... 44
As marcas de oralidade ... 45
O discurso direto ... 46
Organizando o discurso direto ... 47
O parágrafo ... 48

Módulo VII — Como introduzir as classes gramaticais 49

Algumas considerações ... 49
Palavras variáveis e invariáveis — Uma introdução ao trabalho com classes gramaticais ... 50
Atividades de sistematização ... 52

Módulo VIII — Substantivo e adjetivo 55

Introdução ... 55
Como introduzir o conceito de substantivo ... 55
Relacionando substantivos e adjetivos ... 57
Compreendendo a função textual dos adjetivos — Estratégias ... 59
Classificando os substantivos ... 61
Substantivos próprios e comuns ... 61
Substantivos coletivos ... 63
Substantivos simples e compostos ... 63

Módulo IX — Artigo 64

Como introduzir o conceito de artigo ... 65
Como introduzir a classificação dos artigos em definidos e indefinidos ... 66

Módulo X — Pronome 67

Considerações ... 67
Função textual dos pronomes ... 67
Ampliando o conceito de pronome ... 69
Atividades de sistematização ... 70

Módulo XI — Verbo 71

Considerações ... 71
Retomando o conceito de verbo ... 72
Como introduzir o conceito de verbo ... 72
Atividades para sistematizar a idéia de presente, passado e futuro ... 73
Introduzindo a idéia de pessoa e número nos verbos ... 74
Atividades para sistematizar a idéia de pessoa e número ... 74
Introduzindo os infinitivos ... 75
Sistematização da formação do infinitivo ... 75
Atividades de sistematização de questões ortográficas relativas à grafia de verbos ... 77

Módulo XII — Numeral 79

Considerações 79
Introduzindo o conceito de numeral 79
Classificando os numerais 81
Atividades de sistematização 81

Módulo XIII — Interjeição 85

Introdução do conceito de interjeição 85
Confronto interjeição x onomatopéia 86

Módulo XIV — Preposição 86

Como introduzir o conceito de preposição 86
Atividades de sistematização..... 87

Apêndice 89

Usando o dicionário 89
    Como introduzir novas informações contidas no dicionário 89
Sugestões de jogos ortográficos para sistematização 90
    Jogos de *Stop* 90
    Bingo ortográfico 93
    Jogo das dicas 94
    Palavras cruzadas 94
    Soletrando 94
    Jogo dos animais 95
Bibliografia 96

Distribuição das atividades do *Livro do Aluno* em módulos

Livro do Aluno		*Módulos*
ORTOGRAFIA		
Stop ou "Xtop"?	6	**Módulo I** Investigando a letra **X**
Xeque-mate	7	
Cruzadex	10	
Mexe e remexe	12	
Grand prix	13	
Não tenha chiliques!!!	14	
O cair das letras	17	
Jogo-da-velha	18	
Stop múltiplo	20	
Mico micho	21	
Tômbola	22	**Módulo II** Investigando a letra **Z**
Reduzindo…	24	
Dúvida cruel	26	
Cadê o resto?	28	
Bata já!	30	
Rosa cheirosa	33	**Módulo III** Investigando a letra **S**
Confusão no porto!!!	35	
Trio calafrio…	37	
Tabela do ziguezague	38	
Encruzilhada	40	
Cercando com cerca	42	
Colores Colorez	43	
Resta uma!	44	
Charada	47	
Exkizitu?!!!	48	
Caracoleza Caracolosa	49	
Tabela de investigação — CE/SE	52	**Módulo IV** CE/SE e CI/SI
Coquetel de letras	54	
Congela!!!	55	
Tabela de investigação — CI/SI	56	
Torto	58	
Passo a passo	60	
Quanto mais, melhor!	61	
Desembaraçando	62	
Pintando as sete	64	
Exkizitu — O retorno	65	
GRAMÁTICA		
Tabelógica	66	**Módulo V** Acentuação
Tome assento e acentue	69	
Xeretando	70	
Formando, reformando e transformando	72	
Jogo da forca	74	
Stop de lacunas	75	
Prrriiirr!!!	76	**Módulo VI** Pontuação e paragrafação
Reescrevendo	77	
Cada um na sua	79	
Filmando a piada	80	
Bocão	82	
A vitória-régia	83	

Circo Vira-vira 86
Dentro da lei 89
Casal Simpatia 90
Peneirando... palavras!? 93
A vara de São Marmelo — 1ª parte 94
A vara de São Marmelo — 2ª parte 96
A vara de São Marmelo — 3ª parte 97
Labirinto 98

Módulo VII
Palavras variáveis e invariáveis

Complete com esperteza, espertamente 100
As duas faces de Danival 102
Eu duvido! 104
Um qualquer... o próprio 105
O Grande Circo Internacional 106
Juntos somos mais 108
Somos ainda mais... 110
Simplesmente compostos 111
Decompondo 113
Esse Pedrinho!... 114
Completando a tabela 115

Módulo VIII
Substantivo e adjetivo

João e Maria 116
Ah! Que pena! 118

Módulo IX
Artigo

Clarissa Dallas — O início 119
A volta de Clarissa 121
O fim de Clarissa Dallas 122
Irmã é fogo! 123
Isso não é problema! 124
A tinta de escrever 126
Caminhando e montando 127
Bicicletando — 1ª parte 128
Bicicletando — 2ª parte 129

Módulo X
Pronome

Momento na delegacia 130
Aqui e agora! 132
Haza Rádu e Péfriu Danado — 1ª parte 134
Haza Rádu e Péfriu Danado — 2ª parte 136
Haza Rádu e Péfriu Danado — 3ª parte 137
Correspondência 139
Problemas 140
O maravilhoso mundo ártico 142
Resolveu? 144
Aukê 145
Parece e é! 146

Módulo XI
Verbo

Idéias ou 149
Tetra 151
Emplacando informações 152
Numerais em quatro cores 154
Notícias numéricas 156
Que coragem!!! 157
Numerando 158

Módulo XII
Numeral

Hein?... Hã?... Como?... 160
Oba! Achei mais uma!!! 162
Durma com esse barulho!!! 163
Quem ri por último... Ih! Esqueci!!! 165

Módulo XIII
Interjeição

Ligando os fatos 166
Mímica 168
Quem com quem? 170
Para criar, de criação, com criatividade 171
Encaixe perfeito 172
Use e abuse 173

Módulo XIV
Preposição

Referências bibliográficas 174

Carta ao Professor

Este material é o produto de catorze anos de trabalho experimental. Nestes anos todos, tenho buscado compreender de que forma uma pessoa se apropria de um objeto de conhecimento para, através desse saber, pensar um meio de ajudar professores e alunos a realizarem uma apropriação da língua que seja efetiva e gratificante.

Algumas idéias nortearam o trabalho. Em primeiro lugar, a consciência de que todo conteúdo, qualquer que seja ele, nunca é um fim em si mesmo. Ele é, sim, apenas um pretexto para se aprender a pensar o próprio conhecimento, para se compreender que aprender não é reproduzir verdades alheias, mas sim aprender a olhar para o mundo colhendo dados, transformando-os e tirando conclusões. Enfim, conhecer é ***produzir****, e não* ***reproduzir*** *conhecimento. Essa descoberta da própria capacidade de produção de conhecimento tem sido fonte de energia interna para as pessoas olharem o mundo através de seus próprios olhos (e não através dos olhos de outrem...), acreditando no valor daquilo que vêem e pensam. Só desta forma acredito que possamos formar gente crítica e forte o bastante para saber-se capaz de ser agente transformador de sua própria vida e da realidade que a cerca.*

Para que esse objetivo pudesse ser atingido, era necessário que a língua fosse vista como um objeto a ser descoberto, analisado nas suas múltiplas possibilidades de recortes, organizações e relações. Não mais como um conjunto de modelos e regras a serem introjetados, mas um sistema articulado a ser desvendado. Como uma teia onde o aluno pudesse ir se apropriando de cada fio e gradativamente tecendo a trama das relações e significações. Para tal seria necessário agir sobre a língua e não se submeter a ela. Seria preciso reinventá-la a todo instante para descobri-la.

Essa postura de investigar o conhecimento em geral e a língua em particular só seria possível de acontecer se houvesse uma forma diferenciada de transformar em ação todos esses ideais dentro da sala de aula. E transformar idéias em realidade não é uma tarefa nada simples. (Vocês, professores, bem o sabem!!!)

Para empreendê-la, ao longo destes anos pude contar com uma equipe enorme de trabalho a quem agradeço muito. Teoricamente, fundamentando-me, ensinando-me a pensar e olhar pela perspectiva da teoria de Jean Piaget, pude ter o orgulho e o prazer de ter sido formada por meu grande mestre, Prof. Lino de Macedo, que mais do que uma perspectiva teórica ensinou-me um modo de olhar para a vida. Na prática, fui auxiliada por um número grande de professores de várias escolas onde trabalhei ou trabalho como assessora e que foram pesquisadores ao meu lado, experimentando estratégias, ajudando-me a conhecer a realidade das crianças, a analisar sucessos e fracassos para que o trabalho pudesse ser aperfeiçoado. Contei também com centenas de crianças que, investigadoras inatas do mundo, ajudaram-me a enxergar coisas que não via e que, através de seu entusiasmo, iam me apontando a direção a seguir.

Hoje, finalmente, um antigo sonho — o de partilhar com um número maior de pessoas toda minha reflexão — está se tornando realidade. Sonhos são coisas muito sérias e por isso vê-los acontecer é sempre muito emocionante. O primeiro impulso para escrever deu-me minha amiga Guila, cuja fé na possibilidade do meu trabalho vir a se tornar um livro foi decisiva. Meus agradecimentos também à Déborah, à Sarina e à Silvia, minhas co-autoras, que partilharam comigo este sonho e ajudaram-me a fazer dele realidade.

Espero que esta coleção possa ajudá-los a manter o prazer de aprender sempre vivo dentro da sala de aula.

Carmen

APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO

Esta coleção de 1ª a 4ª série é formada de 8 volumes. Apresenta para cada série:
a) 1 livro com a proposta de leitura e análise de textos de livros publicados; e
b) 1 livro com as atividades de sistematização da Gramática e da Ortografia.

Em relação ao livro de Gramática e Ortografia, o Livro do Professor corresponde perfeitamente ao Livro do Aluno, que virá acompanhado deste **Manual do Professor**, com as orientações, reflexões e sugestões de estratégias para a melhor utilização do Livro do Aluno. É de extrema importância que o professor acompanhe, paralelamente a seu trabalho em sala de aula, a leitura das orientações do Manual do Professor, a fim de compreender os objetivos e a postura de trabalho propostos.

Esta coleção tem como pressuposto teórico uma perspectiva construtivista de aprendizagem. Portanto, o conhecimento não é visto como algo posto para dentro do aprendiz em doses controladas, mas sim como algo a ser produzido, construído por ele enquanto sujeito e não enquanto objeto da aprendizagem. Assim sendo, as atividades propostas são vistas como desencadeadoras de reflexões sobre a forma como a língua escrita se organiza e se articula para produzir diferentes significados e emoções.

A idéia central do trabalho é a compreensão de que a língua escrita é um outro sistema de representação em relação à língua falada. Falar e escrever são objetos de conhecimento diferentes, que exigem que o sujeito se aproxime de cada um de forma diferenciada. Assim sendo, aprender a escrever é compreender as leis de composição do sistema de representação da escrita.

A Gramática e a Ortografia são, assim, vistas como sistemas a serem desvendados e compreendidos como **um conjunto de leis e articulações possíveis, impossíveis, prováveis** ou **pouco prováveis**. Aprendê-las não é memorizar regras arbitrárias às quais o sujeito deve se submeter, mas é agir sobre a língua, pensar suas propriedades, recortá-la em suas múltiplas facetas para ir gradativamente construindo sua teia de relações.

Por termos neste trabalho buscado um olhar diferenciado sobre a língua, o Manual do Professor traz toda uma discussão teórica de como a compreendemos, e estratégias para desenvolver em sala de aula que possam propiciar essa reflexão e suas descobertas.

Em relação à Ortografia, nossa postura se mantém a mesma que em relação à Gramática. A Ortografia tem sido analisada e trabalhada pela maior parte dos educadores como uma questão de imitação, memorização ou introjeção de um modelo. O erro ortográfico tem sido visto dentro desta linha, como mera falta de memória e de atenção por parte da criança e, em conseqüência, o trabalho baseia-se apenas na repetição exaustiva de um modelo ortográfico.

Mas, se a questão da Ortografia fosse apenas uma questão de memória, não deveria haver erro, uma vez que a criança se depara a primeira vez e inúmeras vezes depois com essa mesma palavra, escrita corretamente. No entanto, ela erra. Erra porque reflete, busca regularidades, trabalha sobre hipóteses de como se constituiria esse sistema ortográfico.

Na coleção **Construindo a escrita**, o trabalho com Ortografia se propõe a discutir com os alunos como se organiza esse sistema, levando-os a operar sobre a grafia das palavras, observar identidades, classificar e relacionar as informações da língua em busca de maior compreensão do sistema.

A estrutura do trabalho compõe-se de atividades de descoberta e de sistematização através de jogos lógicos. As atividades de descoberta estão descritas no Manual do Professor e devem ser realizadas antes das atividades de sistematização, que são apresentadas no Livro do Aluno.

Nossa escolha por uma sistematização através de jogos lógicos fundamenta-se no trabalho desenvolvido no LaPp (Laboratório de Psicopedagogia do Instituto de Psicologia da USP) coordenado pelo Prof. Lino de Macedo, que pesquisa a influência da utilização de jogos lógicos (em sala de aula e em clínica) como elementos de desenvolvimento da inteligência e estruturação do pensamento, além de propiciarem um trabalho de relacionamento humano. A utilização de jogos lógicos lingüísticos tem possibilitado aos alunos uma relação mais ativa com o sistema da língua, além da ampliação do universo vocabular e uma relação afetiva com um conteúdo geralmente tão árido.

Além dos jogos e atividades já contidos no Livro do Aluno, no Manual do Professor há a descrição de mais jogos, de sistema aberto, ou seja, jogos cuja estrutura o professor pode adaptar ao universo vocabular e ao assunto que estiver desenvolvendo. Podem ser auxiliares no trabalho de sistematização das descobertas dos alunos. Vivendo a Ortografia e a Gramática sob este outro enfoque, esperamos que você e seus alunos possam redescobrir o prazer de aprendê-la.

Dinâmica do trabalho

Para que o material possa proporcionar um trabalho mais rico e eficiente é importante que algumas posturas sejam garantidas. Desta maneira, observe:

1 – **As atividades estão agrupadas pelo assunto da Gramática ou da Ortografia a ser trabalhado e não por ordem de uso.** Portanto, não devem ser utilizadas na seqüência em que aparecem. É acompanhando o ritmo e o interesse da classe que o professor vai construindo a prática proposta nesta coleção.

2 – Nosso objetivo não foi esgotar os assuntos com as atividades propostas. Cabe ao professor, a partir das características e necessidades de sua classe, criar outras atividades que preencham essas lacunas propositadamente deixadas por nós. Este material pretende ser uma espinha dorsal que norteia o trabalho, devendo o professor, através da observação das necessidades específicas da classe, ampliá-lo, completá-lo, adequá-lo. Apresentamos, no final deste livro, um apêndice com sugestões de jogos que podem ser adaptados ao assunto a ser trabalhado.

3 – **As atividades foram pensadas como desencadeadoras de discussão sobre propriedades do sistema da língua e devem ser tratadas como tal, ou seja, nosso grande objetivo é a discussão em si mesma, a reflexão que emerge dela, a possibilidade de se fazer generalizações,** e não simplesmente a obtenção de uma resposta correta. Para que isto aconteça efetivamente, é necessário que o professor mantenha uma postura coerente com esta proposta:

a) **postura de investigação através de perguntas abertas**. Através destas perguntas o professor dirige o olhar do aluno para aspectos relevantes do objeto de investigação, mas não dá as respostas. Estas, o aluno deve buscar dentro de si, na troca com a língua.

b) **diante de uma hipótese levantada por uma criança, pedir confirmação do grupo ou da própria língua.** Colocações do tipo: "O que você observou para chegar a esta conclusão?" ou "Como você pensou para concluir isso?" ou "Alguém mais também observa isto em suas palavras?" são procedimentos que levam as crianças a desenvolverem uma postura de investigação de conhecimento, que logo é ampliada em extensão a outros conteúdos, escolares e de vida.

4 – **As descobertas feitas devem ser registradas para que não se percam.** Por esta razão, sugerimos que as crianças tenham um caderno de registro das descobertas, onde possam organizar o conhecimento e utilizar como fonte de pesquisa na hora de estudar. As descobertas devem ser redigidas pelo grupo-classe juntamente com o professor.

5 – **A maior parte das atividades deve ser desenvolvida em duplas ou em pequenos grupos.** A troca resultante do trabalho em equipe permite a ampliação de perspectiva e o desenvolvimento da capacidade de argumentação do aluno, além de dinamizar o processo de aprendizagem.

6 – **O trabalho de investigação pode ser organizado parte em sala de aula e parte em casa**. Essa dinâmica agiliza o trabalho e vem descrita em seus passos ao longo do Manual do Professor.

7 – **As perguntas feitas pelas crianças devem ser objeto de reflexão do professor.** Ouça-as com atenção, pois é através delas que em geral o aluno revela seu pensamento. Ao "saber ouvi-las", o professor descobre qual o caminho de interferência que pode ser tomado.

Gostaríamos que o professor tivesse também, dentro de si, a clareza de que a construção de um conhecimento é um processo e, enquanto tal, que há um caminho de aquisição onde o objeto, parcialmente construído, ainda não se mostra em sua totalidade. Isto não significa que não tenha havido aprendizagem ou evolução. Não temos a intenção de que, através deste trabalho, o aluno termine o ano sem errar. Nosso objetivo é que, ao tratar a Gramática e a Ortografia desta forma, eles aprendam a pensar o conhecimento específico e a própria vida como conjunto de possíveis, e que saibam que é através da reflexão e da ação sobre o mundo que ele é apropriado e transformado.

MÓDULO I — Investigando a letra X

O uso da letra X costuma suscitar uma série de dúvidas. Quem já não ficou inúmeras vezes pensando se tal palavra é escrita com X ou CH, com X ou Z, com X ou S? Normalmente o trabalho desenvolvido com as crianças leva-as a constatar a existência de vários sons para a letra X, sendo o recurso da memória o único utilizado para resolver esse impasse. Neste livro, procuraremos enfocar a questão por outros ângulos.

Nossa proposta inicial será estendida ao longo do ano, recortada em diversos níveis. Iniciaremos por uma pesquisa da letra X e, gradativamente, iremos ampliando as descobertas em confronto com as letras que costumam gerar dúvidas. Assim sendo, confrontaremos X com Z, com CH e com S. A pesquisa sobre a letra S se estenderá para CE, CI no início de palavras. Essas difi-

culdades ortográficas constituirão a base do trabalho ortográfico a ser desenvolvido neste volume. As pesquisas sobre Ç, SC, CE, CI no meio de palavras farão parte do conteúdo do próximo volume.

Considerações sobre a postura diante da pesquisa ortográfica

Antes de iniciar as pesquisas ortográficas, gostaríamos de fazer algumas observações relativas à nossa postura em relação a esse trabalho:

1 – As conclusões apresentadas foram tiradas a partir da análise da amostra de nossas palavras e posterior confirmação em dicionário, quando possível. Muitas vezes a amostra nos indicava uma conclusão geral, útil para uma decisão ortográfica, porém, no dicionário, encontrávamos uma ou algumas palavras que não se encaixavam. Essas palavras, em geral, faziam parte de um vocabulário de área específica (por exemplo, biologia, física, medicina e outras) e tinham sentido e uso pouco comuns. Por essa razão, não destacamos esses casos. **Nossa intenção nesse momento é levá-los a compreender o sistema**. Por isso, não vemos utilidade em invalidar as conclusões com exceções que não farão parte do cotidiano da criança. Acreditamos que elas surgirão naturalmente, quando eles forem mais velhos e estiverem lidando com os conceitos trabalhados por essas palavras de vocabulário específico de cada área.

2 – Como essas palavras poderão surgir em algum grupo-classe, as conclusões apresentadas foram relativizadas, para dar conta dessas exceções, mas consideramos inútil e desnecessário levar as crianças a observá-las, caso a observação não seja feita espontaneamente. Acreditamos que, se assim procedêssemos, as crianças ficariam com uma quantidade enorme de dados que não saberiam como organizar por relevância, perdendo-se em conclusões inúteis.

3 – Como há uma grande variação de grafias em **nomes próprios**, aconselhamos o professor a não utilizá-los na amostra da pesquisa. Essas variações muitas vezes correspondem mais a "criações ortográficas" do que a possibilidades do sistema, além de muitas serem nomes estrangeiros. A utilização desses nomes confundiria desnecessariamente a observação das crianças.

4 – Procuramos colocar neste Manual as conclusões que consideramos mais prováveis de serem tiradas naturalmente na classe. Não citamos todas as conclusões possíveis e, por isso, o professor deverá estar sempre atento às colocações dos alunos e verificar se aquilo que eles estão dizendo é procedente ou não, mesmo que não conste em nosso Manual.

5 – Para facilitar a **seleção de conclusões**, destacamos em negrito as mais relevantes para uma decisão ortográfica. Essas conclusões devem ser necessariamente observadas pelas crianças. Caso não observem espontaneamente, o professor deverá fazer perguntas como as sugeridas ao longo das pesquisas, para que as crianças dirijam seu olhar para esses aspectos destacados.

6 – Se as conclusões que não estiverem em negrito forem levantadas espontaneamente, ótimo. O professor registra com as crianças, pois são elementos constitutivos do sistema. Mas, se as crianças não observarem, não há razão para o professor insistir. O melhor é dar prosseguimento ao trabalho.

7 – Ao final de cada momento da pesquisa, diante de todas as conclusões tiradas pelos grupos, é importante que o professor converse com a classe e pergunte: *Bem, diante de tudo isso que nós descobrimos, o que poderia ser interessante para nos ajudar a decidir quando usar uma letra ou outra na hora de escrever a palavra?* A partir dessas observações, professor e classe vão sublinhando as conclusões mais importantes de serem gravadas.

8 – **Aconselhamos o professor a realizar as pesquisas antes de pedir aos alunos que o façam**. Isso vai ajudá-lo a compreender o trabalho, a tirar conclusões próprias, a observar o que aparece com maior clareza no sistema, a perceber as dificuldades que poderão ser encontradas pelas crianças e a conferir as descobertas colocadas por nós. Afinal, a ortografia é um sistema a ser desvendado, inclusive por nós, professores.

Pesquisa sobre a letra X

Objetivos

Nosso objetivo é colocar os alunos em contato direto com o sistema ortográfico, numa relação de investigação, de tal forma que possam compreender as relações, as propriedades e as leis de composição internas desse sistema.

Ao proceder dessa forma, acreditamos estar desenvolvendo nas crianças uma relação ativa diante do conhecimento, ensinando-lhes que aprender é produzir e não reproduzir conhecimento. Além disso, estaremos lhes proporcionando a possibilidade de descobrir regras que possam ajudá-las a tomar uma decisão ortográfica no momento de escrever.

Estratégia

Comunique às crianças que vocês vão iniciar uma pesquisa sobre a letra X, para ajudá-las a saber quando usar essa letra ao escrever uma palavra. Peça-lhes, como lição de casa, que pesquisem em jornais, revistas e livros palavras com X (não importa a posição que o X ocupe na palavra). Cada criança deverá encontrar no mínimo quinze palavras e escrevê-las no caderno.

Importante:

Não ofereça um texto único nem listas de palavras para as crianças retirarem as palavras solicitadas. É fundamental que a pesquisa seja feita em material amplo, para que se obtenha um universo vasto de palavras evitando-se, assim, as falsas generalizações.

No outro dia, reúna-as em pequenos grupos e proceda da seguinte maneira:

1 – Distribua folhas de papel sulfite e canetinhas de três cores diferentes.

2 – Peça-lhes que copiem na folha, com uma letra que não seja pequena, todas as palavras encontradas pelo grupo, dando espaço entre uma palavra e outra. As palavras repetidas devem ser desprezadas.

3 – As crianças devem pintar cada palavra da seguinte forma:

– com uma das cores, a letra X;

– com outra cor, a vogal anterior ou posterior ao X (apenas as vizinhas);

– e com a terceira cor, a consoante anterior ou posterior ao X (apenas as vizinhas). Dessa forma, a letra X e suas vizinhas ficarão destacadas na palavra.

4 – Peça-lhes em seguida que cortem a folha de tal forma que cada palavra fique escrita em um retângulo separado. Estamos agora com o material preparado para começar a investigação.

Feito isso, peça que arrumem todas as palavras, uma ao lado da outra, sobre as carteiras e pergunte-lhes se, ao prepararem o material, observaram alguma coisa interessante. Ouça-as, e a cada colocação feita, peça que todas verifiquem em sua amostra de palavras se a colocação é válida. Uma vez que a análise necessária do X é muito complexa, **proponha-lhes um caminho que deve ser percorrido lentamente, jamais feito em um único dia**. Nós daremos a seqüência de como realizar a investigação toda de uma só vez, mas ela não deverá ser realizada assim. Organize-a em partes, de acordo com as possibilidades de sua classe e a distribuição das aulas.

A metodologia proposta por nós envolve uma organização sempre binária: observamos as palavras e as organizamos em dois grupos, de acordo com alguma característica. Em seguida, escolhemos o grupo menos numeroso e analisamos suas propriedades, pegando depois o grupo mais numeroso e fazendo nova classificação, se necessário. Por último, selecionamos as descobertas mais importantes enquanto instrumentos de decisão numa dúvida ortográfica, e passamos à sistematização.

Primeiro momento

O professor deve pedir às crianças que observem a posição da letra X nas palavras e que as organizem em dois grupos: um de palavras iniciadas pela letra X, e outro, de palavras com X no meio ou no final.

Depois de organizados os dois grupos, o professor pedirá que observem qual grupo é menos numeroso. As crianças concluirão que é o grupo das palavras iniciadas por X. O professor sugere, então, que observem primeiro as palavras iniciadas pela letra X.

Palavras iniciadas pela letra X

Ao analisar a amostra de palavras, as crianças poderão fazer as seguintes observações:

1 – Há poucas palavras iniciadas por X.

2 – Depois do X sempre vem uma vogal.

3 – Todas as vogais são possíveis.

4 – O som do X nessa posição é igual ao som do CH.

5 – É difícil saber quando a palavra é escrita com X ou com CH, nessa situação.

A tomada de decisão entre X e CH inicial não é possível a partir de nenhuma dessas descobertas, pois constatar que os dois têm som parecido não ajuda a saber quando usar um ou outro. Só posteriormente é que as coisas ficarão mais claras, quando fizerem a atividade **Não tenha chiliques!!!** e confrontarem X com CH no início de palavras. Mas, como a atividade apresenta outras questões simultâneas, aconselhamos que seja realizada depois de concluída a pesquisa.

Depois que tiverem acabado a análise do X como primeira letra da palavra, o professor deverá dirigir o olhar das crianças para o outro grupo de palavras.

O professor pedirá novamente aos alunos que organizem as palavras de sua amostra em dois grupos: palavras terminadas em X e palavras com X no meio. Separados os dois grupos, dará prosseguimento à análise, trabalhando agora com as palavras terminadas por X.

Palavras terminadas pela letra X

Ao analisar esse grupo de palavras, as crianças poderão fazer as seguintes descobertas:

1 – Há poucas palavras que terminam em X.

2 – Antes do X sempre vem uma vogal, jamais uma consoante (*pirex*, *inox*, *durex*, *durepox*, *xerox*, *fax*, etc.)

3 – O som do X nessa posição é [CS].

4 – Nessa posição o X só pode ser confundido com "quis " ("tóraquis", "duréquis", etc.), mas esse tipo de erro já não é comum nesse nível de escolaridade.

5 – As palavras sem acento, terminadas em X, são oxítonas.

Para o X nessa posição não preparamos nenhuma atividade especial. A análise, contudo, é válida porque as crianças não sabem de antemão se haverá ou não descobertas que envolvam uma decisão ortográfica e, de qualquer forma, é possível compreender o sistema no qual a letra aparece.

Segundo momento — A letra X no meio da palavra

Este é o grupo ao qual pertence o maior número de palavras com a letra X. Os alunos logo constatarão isso. Depois dessa constatação, o professor deverá proceder da seguinte forma:

1 – Peça-lhes que observem se antes do X aparece vogal ou consoante. Observarão que podem aparecer tanto vogais quanto consoantes. Proponha, então, que separem as palavras em dois grupos: um de **consoante + X** e outro de **vogal + X**.

2 – Peça que observem os dois grupos e vejam que conclusões podem tirar. Dentre as conclusões possíveis, a mais importante para a seqüência da pesquisa é a de que **há muito mais palavras com vogal + X**. Peça, então, que observem a seguir o grupo menos numeroso, de **consoante + X**, e vejam tudo o que podem descobrir.

*Palavras com **consoante + X***

Deixe que os alunos digam espontaneamente o que estão observando. Caso ainda não tenham prática nesse tipo de análise, faça perguntas que possam levá-los a observar alguns aspectos importantes. Perguntas que costumam ser interessantes:

- *Qualquer consoante pode aparecer antes do X?*
- *O X aparece em que posição dentro da palavra: na primeira, na segunda, na terceira sílaba ou em todas as sílabas, indiferentemente?*
- *O X é a primeira, a segunda ou a terceira letra da sílaba?*
- *Qual é o som do X nessa posição?*
- *Depois do X pode aparecer tanto vogal quanto consoante, ou apenas uma delas?*
- *Todas as vogais aparecem indiferentemente ou só algumas?*

A cada pergunta do professor, as crianças deverão observar as palavras, analisar e tirar suas conclusões. Quando um grupo de alunos chega a alguma conclusão, o professor pergunta: *Isso que Fulano está falando também acontece com as palavras de vocês?* Se eles responderem afirmativamente, e, portanto, a conclusão for uma regra, o professor deverá registrá-la na lousa, para que depois os alunos copiem no Caderno de Descobertas.

Essa postura é essencial para que as crianças aprendam a trabalhar com a verificação da hipótese e para que ocorra um mínimo de falsas generalizações.

Se o professor achar conveniente, para ganhar tempo em sala de aula, poderá depois registrar as conclusões em papel *craft* e fixá-lo na parede. Assim, as crianças poderão copiar em outro momento e não ocuparão o tempo de aula com esse trabalho. Se o professor achar interessante, sugerimos também que copie as conclusões em uma folha, tire cópias e distribua entre os alunos.

Algumas descobertas possíveis:

1 – Há poucas palavras com consoante antes do X.

2 – **A única consoante que aparece é o N e ele está sempre antecedido de E (ou seja, temos** EN + X**).**

3 – **Em nossa amostra, o EN era sempre a primeira sílaba da palavra e o X a primeira letra da segunda sílaba.**

4 – **O som do X nessa série de letras é [CH]**.

5 – Depois do X vem sempre uma vogal.

6 – As vogais A, E, O, U podem aparecer depois do X. A vogal I nunca aparece.

Para confirmar essa última observação, peça às crianças que abram o dicionário na série **EN + X** e verifiquem as vogais que aparecem.

As descobertas em negrito são as mais interessantes para a tomada de decisões ortográficas. Por isso, são as mais importantes de serem destacadas para as crianças.

Outras descobertas importantes:

Ajude-as a perceber que antes de X vem EN. Será que existe também **EN + CH**? Como será que poderão verificar? Ouça-as e, caso ninguém sugira nada, diga-lhes para procurar no dicionário.

1 – Verificarão que existem poucas palavras. São os derivados de: ***cheio*** (*encher*, *enchente*, *enchedeira*, *encheção*, *enchimento*, *enchido*); ***chacota*** (*enchacotar*); ***chafurdar*** (*enchafurdar*); ***chapéu*** (*enchapelado*); ***charco*** (*encharcar*); ***chiqueiro*** (*enchiqueirar, enchiqueirador*); e alguns outros vocábulos. Assim sendo, todas as outras palavras são escritas com **EN + X**.

O professor poderá perguntar em seguida: *Será que as palavras que **começam** com AN, IN, ON, UN serão sempre seguidas de CH?*

Divida a classe em quatro grupos de pesquisa e peça que cada grupo procure palavras no dicionário com uma daquelas séries: **AN + X**; **AN + CH**; **IN + X**; **IN + CH** e assim por diante.

2 – **Concluirão que só existe EN + X**; **AN + CH**; **IN + CH e que ON e UN não existem nem com X nem com CH**.

3 – Outra conclusão possível é que, **como não apareceu EN + X no meio da palavra** (esta série apareceu sempre no início), **dentro da palavra teremos sempre A, E, I, O, U + N + CH** (como em *gancho, aconchego*, etc.). Só encontramos *guanxuma* com **N + X** dentro da palavra. Mas isso não invalida a conclusão tirada.

Como essas descobertas são importantes, à medida que oferecem uma decisão ortográfica, sugerimos a estratégia **Bingo ortográfico** para sistematizá-las.

Bingo ortográfico

Este Bingo é para ser jogado individualmente. O professor pedirá que cada aluno pegue uma folha de papel e faça uma tabela com 25 (5 x 5) quadrados grandes. Em seguida, explicará as regras do Bingo, caso as crianças ainda não as conheçam.

Regras:

1 – Serão ditadas 25 palavras com X ou CH e cada aluno deverá escrever cada palavra ditada em um dos quadrados da tabela.

2 – É importante que cada aluno escreva na tabela sem se preocupar com a ordem em que os quadrados aparecem. Assim, as crianças ficarão com tabelas diferentes ao final do ditado.

3 – Depois de completar a tabela, o professor irá sortear as palavras e "cantá-las", uma a uma.

4 – A cada palavra que o professor disser, os alunos marcarão na tabela a palavra “cantada”. Pode ser sublinhando, circulando ou de outra forma qualquer.

5 – Quando alguém completar uma linha, uma coluna ou a diagonal de palavras sorteadas, fala "Bingo!" e mostra a cartela para o professor.

6 – O professor olha a cartela e verifica se as palavras foram mesmo sorteadas e se todas estão grafadas corretamente.

7 – Se estiverem corretas, o aluno será o vencedor e o jogo poderá continuar até surgir o segundo, o terceiro ou o quarto colocado (o professor decidirá até que ponto o jogo prosseguirá).

8 – Se houver alguma palavra errada na linha, na coluna ou na diagonal da tabela que o aluno está mostrando para a conferência, o professor dirá que tem erro mas não apontará em qual palavra. O aluno voltará para o seu lugar, não podendo mais concorrer com aquela linha, coluna ou diagonal. Mas poderá continuar concorrendo com as outras palavras para bingar em outra linha, coluna ou diagonal. Aconselhamos o professor a marcar a seqüência errada para facilitar o seu controle.

9 – O aluno que já ganhou uma vez pode continuar na brincadeira, mas não poderá ganhar novamente com outra linha, coluna ou diagonal.

Sugestão de palavras para o Bingo:

lancheira	enchimento	ponche	guincho	caruncho
enxotar	rancho	enxoval	concha	inchaço
enxuguei	enxeridos	enxurrada	enxofre	preencha
enganchar	aconchego	encheção	enxergarmos	enxame
prancheta	enxadada	enxaqueca	desmancha	enxuto

Além do Bingo ortográfico, sugerimos que os alunos joguem **Soletrando,** para continuar sistematizando as conclusões.

Soletrando

Organize a classe em grupos de quatro alunos e explique cuidadosamente as regras do jogo:

1 – Peça aos alunos que pesquisem em casa palavras com **A, E, I, O, U + N + X** ou **A, E, I, O, U + N + CH**. As palavras pesquisadas deverão ser diferentes das que foram usadas no Bingo ortográfico. Cada aluno deverá trazer quatro palavras.

2 – No dia seguinte, o professor divide a classe em equipes de três ou quatro elementos, que serão, daqui por diante, chamados de aluno número 1, 2, 3, 4 de cada equipe.

3 – O jogador número 1 escolhe uma de suas palavras e pede ao jogador número 2 que a soletre. Este deverá **"escrever" a palavra na cabeça e soletrá-la, dizendo letra por letra na seqüência certa**. Enquanto isso, o jogador número 1 (o que ditou) vai escrevendo cada letra que está sendo ditada pelo número 2.

4 – Quando o jogador número 2 terminar de soletrar, o número 1 dirá se ele acertou ou errou. Se o jogador 2 acertou, ganhará um ponto e ditará uma palavra para o 3. Se o 2 errou, o número 1 dirá que está errado e pedirá que o jogador 3 soletre a palavra. Caso este acerte, o ponto será dele.

5 – Mesmo que tenha errado, o jogador 2 ditará uma de suas palavras para o 3, que tentará novamente. Depois o 3 ditará para o 4, que ditará para o 1, fechando assim o círculo.

6 – Se a palavra tiver acento e o aluno que a estiver soletrando não falar dele, a palavra é considerada errada.

7 – O jogo termina quando todas as palavras selecionadas tiverem sido ditadas ou depois de um tempo determinado pelo professor ou combinado com a classe.

8 – Vence quem obtiver o maior número de pontos.

Terceiro momento

Depois de sistematizadas as descobertas poderemos prosseguir com a pesquisa.

Peça-lhes que observem as palavras com **vogal + X** (são as únicas palavras que restam agora). Depois de **vogal + X** poderá aparecer tanto vogal quanto consoante ou só uma delas? Verificarão que aparecem tanto vogais quanto consoantes.

Peça, então, que dividam as palavras em dois novos grupos: **vogal + X + vogal** e **vogal + X + consoante**. Observarão que o grupo com consoante depois do X é menor. Proponha que comecem a investigação por esse grupo.

*Palavras com **vogal + X + consoante***

A partir da investigação feita, as crianças poderão fazer as seguintes descobertas:

1 – **Depois do X aparecem P, T, C. Existem poucas palavras com** X + F **(por exemplo: *exfoliação*) e** X + S **(*exsurgir, exsudar*). Como essas palavras não são comuns, não costumam aparecer na amostra das crianças. Continuaremos nossas conclusões sem considerar essas palavras, usando apenas as da amostra da pesquisa.**

2 – A maior parte das palavras é com P ou T. As palavras com C são poucas.

3 – **Praticamente todas as palavras começam com E e o X é a segunda letra (**EX + consoante**). Não apareceu nenhuma outra vogal antes do X.**

4 – Nessa série o X é sempre a última letra da sílaba.

5 – **O som do X é [S] (*exclamação, exportar, extremo*), menos quando temos** EX + CE ou CI ***(exceção, excitante).***

6 – **Quando o som for [ES], seguido de qualquer outra consoante, a palavra será sempre escrita com S e não com X (*esfaquear, esgotado,* etc.)**

7 – Também existem palavras com **ES + P, T, C.** Nesses casos é necessário saber cada palavra.

8 – O X não é a segunda letra em palavras como *texto*, *sexta* e seus derivados (*contexto*, *pretexto*, *bissexto*, etc.). Nesses casos é necessário conhecer cada palavra. Sugerimos que o professor mostre a diferença de significado entre *texto* e *testo*.

No Livro do Aluno encontramos o jogo ***Stop* ou "Xtop"?** para sistematizar parte dessas descobertas.

***Stop* ou "Xtop"?**

As regras do jogo não foram escritas no Livro do Aluno para evitar que as crianças completassem antes. O melhor é resolver o jogo individualmente, mas o trabalho também poderá ser realizado em equipe.

Regras do jogo:

1 – A um sinal do professor todos deverão completar os espaços, formando uma palavra. Apenas os espaços possíveis serão completados.

2 – Não é permitido usar o dicionário.

3 – Poderá ficar combinado que o jogo terminará depois de um tempo determinado pelo professor, quando ele gritará *Stop*!

4 – Quando o jogo acabar, o professor fará a correção na lousa. **Nessa hora, os alunos deverão trocar suas listas, dois a dois.**

5 – Um aluno fala uma palavra que está na lista. Todos os que também escreveram aquela palavra ganham cinco pontos. Outro aluno fala outra palavra formada naquele mesmo espaço, diferente da primeira, e é feita nova verificação. O mesmo procedimento continua até que todas as palavras sejam conferidas. Quem escrever uma palavra que ninguém colocou ganha 10 pontos.

6 – Vence o aluno que fizer o maior número de pontos.

Terminado o jogo, há uma questão pedindo dicas que as crianças dariam a um amigo. Na verdade, elas escreverão as descobertas que fizeram: EX só pode ser seguido de P, T, C. Se tiverem descoberto as palavras com EX seguido de F e S, essas duas consoantes também serão mencionadas. Não existem palavras com EX seguido das demais consoantes. Portanto, não adianta tentar encontrar palavras para preencher as lacunas.

Algumas lacunas na primeira coluna (**ES + consoante**) não serão preenchidas. Pergunte para as crianças se não existem palavras escritas daquele jeito ou se elas é que não se lembram. Peça que procurem no dicionário aquelas séries em especial. Assim, poderão descobrir que não existem palavras com **ES + H**, **J**, **R**, **X**, **Z**.

Quarto momento

*Palavras com **vogal + X + vogal***

Nesse grupo os alunos poderão fazer algumas descobertas importantes, que os ajudarão a tomar decisões ortográficas:

1 – Há um grande número de palavras com essa série (**vogal + X + vogal**).

2 – A vogal que aparece com maior freqüência antes do X é a E.

3 – **Na maior parte das palavras o E é a primeira letra, e o X é a segunda**.

Nesse momento do trabalho, o professor deverá pedir às crianças que façam nova subdivisão da amostra de palavras: de um lado, **E + X + vogal**, sendo E a primeira letra da palavra; do outro lado, **vogal + X + vogal** no meio de palavras.

***E + X + vogal** no início de palavra*

1 – **Nesse caso o som do X é sempre [Z].**

2 – Depois do X podem aparecer quaisquer vogais.

3 – Quando o X tem som [Z], ele é sempre a primeira letra da sílaba.

4 – **O X nunca tem som [Z] em qualquer outra posição na palavra. Em palavras como *reexaminar*, a primitiva é *examinar*, portanto, a regra continua.**

Peça que verifiquem se existem palavras com EZ. Ao procurar no dicionário, verificarão que não existem (a única palavra que consta no Aurélio é ezequielense, termo pouco comum e derivado de Ezequiel). Assim, poderão concluir que:

5 – **Não existem palavras iniciadas por EZ, à exceção de ezequielense.**

Observação: Existem palavras com **E + S + vogal**. São menos numerosas que as palavras com **E + X + vogal**, e na maior parte a vogal é a letra O. (Por exemplo: *esôfago*, *esotérico*, etc. Apresentando as outras vogais depois, encontramos apenas *eserina*, *esipra*, *ésura* e *esurino*, todas palavras estranhas ao vocabulário comum.) Essa descoberta será feita apenas mais adiante, quando estivermos estudando a letra S. Nesse momento eles concluem apenas que não existem palavras com EZ inicial.

Atividades de sistematização

Xeque-mate

É uma proposta já conhecida de organização de letras dadas para formar palavras. Há um número grande de combinações possíveis, já que para cada situação eles poderão descobrir mais de uma palavra. Por exemplo, em EXA__ __, *exame*, *exato*, *exala.* Por isso, é interessante que o professor faça a correção na lousa, para que os alunos tenham a oportunidade de entrar em contato com todas as palavras possíveis. Caso eles peçam, deixe que consultem o dicionário.

A última questão dessa atividade retoma a descoberta de que não existem palavras iniciadas por EZ + vogal.

É uma proposta que pode ser realizada como lição de casa.

Vogal + X + vogal *no meio da palavra*

1 – Depois do X podem aparecer quaisquer vogais.

2 – O som do X pode ser [CS], [CH] e [S] (*táxi*, *peixe*, *explicar*).

3 – Há outras possibilidades de se representar esses sons, o que torna difícil decidir quando usar X nesse contexto.

4 – Depois de ME sempre vem X. Às vezes a amostra traz tão poucas palavras com ME que as crianças não conseguem enxergar essa regra. Por isso, propusemos adiante a atividade **Mexe e remexe**, na qual poderão fazer a generalização.

5 – Depois de ditongo sempre vem X, mas a amostra dificilmente apresenta palavras em número suficiente para se fazer essa generalização. No volume 4, ao estudarmos encontros vocálicos, os alunos terão a oportunidade de retomar esse item.

Cruzadex

Nesta atividade pretendemos que os alunos façam uma revisão de conceitos gramaticais já estudados em séries anteriores, ao mesmo tempo que aplicam as descobertas feitas na pesquisa.

Do ponto de vista cognitivo, as crianças têm que trabalhar com intersecção de classes, aplicada diretamente à leitura das instruções.

Nas três questões propostas no final, procuramos trazer à tona palavras que são escritas com CÇ ou CC para confrontá-las com as palavras escritas com X. Acreditamos que esse confronto possa ajudar o aluno a tomar consciência da maior freqüência do uso do X e de quais são as palavras mais freqüentes com as outras grafias.

Optamos por um jogo dos sete acertos para expor as várias soluções de grafia que as crianças costumam apresentar espontaneamente em seus textos. Ao ver as três grafias diferentes e ter que escolher quais são as corretas, verificarão que nenhuma das palavras é com **quici**. O professor deve abrir a discussão com elas, perguntando se existem palavras com **quici** e caso afirmem que sim, pedir que digam quais são elas. Encaminhar, então, a discussão comentando o que as crianças trouxerem para a classe.

As questões 3 a) e b) buscam a tomada de consciência das diferentes grafias desse som [CS].

Questão 4

Além da grafia, a divisão silábica dessas palavras costuma oferecer inúmeras dúvidas para as crianças. Poder discuti-las é o objetivo dessa questão: CC e CÇ ficam em sílabas separadas, o X forma sílaba com a vogal que o segue. Esperamos que a partir dessa discussão esse aspecto possa ficar mais claro para eles.

Mexe e remexe

Este é um tipo de jogo de senha (o nome clássico é **palavra oculta**), interessantíssimo para o desenvolvimento do pensar. Propomos que as crianças resolvam esse jogo em duplas ou trios, para que umas ajudem às outras. Se necessário, o professor poderá ajudá-las a pensar, solucionando o jogo com a classe toda.

Como se trata de um jogo pouco conhecido e difícil, descreveremos aqui uma forma de dedução possível. É importante que o professor tente resolvê-lo sozinho, antes mesmo de ler o que escrevemos, pois é possível pensar por muitos caminhos e o que consta aqui é apenas um deles.

M	A	R	I	A	2
P	E	D	R	O	2
L	A	U	R	A	3
L	Í	D	I	A	0

Observe as palavras escritas em cada fileira e o número escrito à direita de cada palavra. Os números indicam quantas letras são iguais e ocupam a mesma posição na palavra oculta.

Vamos agora descrever os passos de um caminho de pensamento:

1 – É sempre interessante pensar pela negação: todas as letras de Lídia não são possíveis. Isto significa que todas as letras iguais e que estão na mesma posição nas outras palavras também estão erradas.

2 – Assim sendo, na primeira posição só pode ser M ou P.

3 – Na última coluna o A é impossível, portanto a última letra só pode ser O.

4 – Observando a quarta coluna, concluímos que só há possibilidade de ser o R, pois o I de Lídia já foi cancelado.

5 – Em Pedro só há duas letras em comum com a palavra oculta, que são o R e o O. Portanto, P, E e D são canceladas.

6 – Na primeira coluna, se não é possível ser L nem P, só pode ser M.

7 – No nome Laura há três letras da palavra oculta. Se o L e o último A foram eliminados, sobram A, U, R. Descobrimos, portanto, que a palavra oculta é *Mauro*!

Como você pode verificar, este é um jogo que propicia muita reflexão e que usamos como um meio de destacar a seqüência MEX e depois pedir aos alunos que tragam um vocabulário maior de palavras com MEX, para que possam concluir a regra ortográfica. Com MECH só há *mecha* e derivados e *mechoacão*. **Todas as outras palavras são com MEX.**

É interessante que em um primeiro momento os alunos tentem lembrar-se, de memória, de algumas palavras e só depois procurem no dicionário.

Até agora as atividades estiveram relacionadas com descobertas específicas. A partir daqui apresentamos atividades que trabalham com várias descobertas simultâneas.

Grand prix

Esta atividade, que pode ser realizada como lição de casa, se propõe a destacar uma das conclusões gerais: a de que **o X pode ter vários sons**.

A proposta é simples: pintar da mesma cor as palavras que têm o X com o mesmo som e escrever mais duas palavras que possam se encaixar em cada grupo. O momento da correção é o mais rico. É quando o professor pode perceber o que ainda não está claro para as crianças, ajudando-as a organizar seu pensamento.

Não tenha chiliques!!!

É uma cruzadinha formada de palavras com X e CH, no início, depois de EN e depois de duas vogais. O objetivo é que apliquem as descobertas feitas ao longo da pesquisa, para decidir entre as duas letras, e depois trabalhem por classificação da série em que aparecem o X e o CH para reescrever as regras principais.

Esse momento de retomar as regras principais é fundamental. Ao longo da pesquisa os alunos fazem muitas observações que são corretas, pois constituem o sistema, mas não são importantes enquanto possibilidade de uma decisão ortográfica. Assim sendo, ao fazerem a atividade e serem convidados a escrever o que concluíram, eles retomam apenas as regras principais.

Ao compararem a amostra de palavras iniciadas por X e por CH, poderão concluir que há mais palavras iniciadas por CH. **O professor, nesse momento, pedirá que procurem no dicionário a confirmação dessa observação**. E eles constatarão que ela é verdadeira.

Comparando as palavras que apresentam duas vogais antes do X ou do CH, poderão verificar que na amostra não há nenhuma palavra com CH. Vale a pena lembrar que existem palavras como **gaúcho**, que têm um hiato antes do CH e que isso pode ser confundido com a regra que levantamos. Para esclarecer essa confusão teríamos de ter trabalhado com os conceitos de vogal e semivogal, ditongo e hiato. O fato de não termos discutido esses conceitos impossibilita-nos de fazer uma análise mais eficiente. Nessa situação, separando as sílabas da palavra, é possível levá-los a perceber que nas palavras escritas com X as duas vogais que precedem essa consoante ficam juntas na mesma sílaba (bai-xo) e nas palavras com CH, as vogais ficam em sílabas separadas (ga-ú-cho) , além de a segunda vogal levar acento. Acreditamos que, mesmo assim, como o universo de palavras com hiato antes de CH não é tão vasto, isso não apareça. Quando o professor estiver trabalhando com os devidos conceitos, ele ampliará e retomará a generalização parcial.

Ao confrontar as palavras do grupo iniciado por EN, as crianças retomarão a regra já descoberta ao longo da análise, fechando um ciclo da investigação.

Jogo-da-velha

Este é o tradicional jogo-da-velha, mas dessa vez para ser completado com palavras e não com símbolos. O fato de não poder repetir palavras de uma partida para a outra obriga os jogadores a utilizarem todo o universo de palavras e não apenas as que já sabem escrever.

Para decidir com certeza qual palavra deverá utilizar, a criança terá de aplicar as regras descobertas até então. Aí o desafio é duplo: vence quem é melhor em ortografia e em jogo-da-velha.

Stop múltiplo

Os jogos de *Stop*, velhos conhecidos do professor e das crianças, são sempre interessantes por trabalharem com um universo aberto de palavras, garantindo um amplo vocabulário, significativo para o grupo, e acionado em uma situação sempre emocionante.

Se o professor realizar essa atividade no início do ano, sugerimos que nomeie as colunas com os títulos: **dissílabas**, **trissílabas** e **polissílabas**. Se realizá-la mais para o final do ano, depois de ter trabalhado vários tópicos gramaticais, sugerimos que use os títulos: **substantivos**, **adjetivos** e **verbos**.

Vale a pena observar que quem souber as descobertas saberá em que espaços concentrar sua energia. Quem não souber, ficará desperdiçando memória em coisas impossíveis.

Caso surjam palavras como *gaúcho* e *miúcha*, que têm duas vogais seguidas de CH, destaque com eles que a segunda vogal leva acento, o que não acontece com as palavras que têm duas vogais seguidas de X. Destaque também que a separação silábica é diferente.

O cair das letras

Este é um jogo clássico, que solicita uma preciosa elaboração de pensamento a ser desenvolvida pelas crianças e um conhecimento da língua que será o facilitador da solução.

As regras são simples, mas muitas vezes difíceis de serem compreendidas pelo jogador novato. Na parte de cima há letras que devem ser utilizadas na parte inferior, apenas na coluna à qual pertencem. Quando tiver colocado as letras em seus lugares corretos, o jogador obterá uma frase que é um ditado popular.

Assim como no **Mexe e remexe**, há muitos caminhos de pensamento. Mostraremos algumas idéias de como pensar, apenas a título de exemplo:

V	D	L	H
J	E	G	O
A	O	A	

1 – Na primeira coluna da esquerda para a direita, já é possível descobrir que V e J não podem "cair" e preencher a quarta linha da parte inferior do quadro, pois são letras que não podem ficar no final de uma palavra. Resta, assim, apenas a letra A como possível para a quarta linha.

2 – A segunda linha da parte inferior do quadro tem uma palavra com duas letras. Olhando simultaneamente para a segunda e a terceira colunas da parte superior, vemos que só é possível ser DA, pois as outras combinações são impossíveis.

3 – Observando a quarta coluna da parte inferior, percebemos que a letra H só pode ficar na terceira linha, pois não há palavra terminada por H.

4 – Deduzimos, então, que na terceira coluna, antes do H, só pode vir a letra L, pois não há palavra com GH.

5 – A letra que resta para completar a primeira linha da quarta coluna é O.

6 – A letra a ser escrita na primeira linha da terceira coluna só pode ser G.

A partir daí, a descoberta é feita pela seqüência possível de formar uma palavra com significado: jogo-da-velha.

Mico micho

Este é um jogo de Mico que montamos com o objetivo de trabalhar palavras que, por terem algum tipo de semelhança (na grafia ou no som), costumam ser escritas com erro pelas crianças. A lista dos pares foi tirada da análise de erros freqüentes em crianças com esse nível de escolaridade.

Nosso objetivo é, portanto, que associem a grafia ao significado, sendo esse o critério de formação dos pares do Mico. Sugerimos que o professor confeccione o baralho com as crianças. Para tanto damos as instruções na página 22.

FIXA	FICHA	CHEQUE	XEQUE	ROCHA	ROXA
CHALÉ	XALE	TACHA	TAXA	MEXA	MECHA
XÁ	CHÁ	CAUDA	CALDA	COANDO	QUANDO
DEVAGAR	DIVAGAR	ACENTO	ASSENTO	SEXTA	CESTA

Que é imóvel.	É usada para fazer ligações no telefone público.	É usado como dinheiro; vem em forma de talão.	A jogada mais importante no jogo de xadrez.	Pedra muito dura.	A mesma cor da violeta.
Casa de campo.	Usado pelas mulheres para cobrir os ombros e agasalhar.	Pequeno prego de cabeça chata.	Imposto ou tarifa.	Mova, misture.	Pequena quantidade de cabelos que se sobressai pela tonalidade.
Título do soberano da Pérsia.	Bebida que se prepara fervendo ervas.	Rabo de animais.	Água e açúcar fervidos juntos; usada para molhar alimentos.	Ato de coar.	Em que época?
Lento.	Sonhar; devanear.	Sinal usado para marcar a sílaba tônica da palavra.	Local em que nos sentamos.	Dia da semana que precede o sábado.	Serve para carregar coisas.

Instruções para a confecção do baralho do Mico:

1 – Compre folhas de cartolina branca ou colorida.

2 – Tire cópias xerox do baralho que damos como modelo neste manual ou faça as cartas você mesmo, como achar mais conveniente.

3 – Cole as cópias xerox na cartolina e recorte as cartas.

4 – Ofereça um baralho (48 cartas) para cada grupo de 4 crianças jogar.

5 – As regras já estão escritas no Livro do Aluno. Bom jogo!

É mais funcional que o professor monte o baralho para que as crianças só recortem e colem. Nesse caso, rever as instruções.

Acreditamos que depois desse jogo, ninguém erre mais ao escrever as palavras trabalhadas.

Podemos continuar o trabalho investigando a letra Z e explorando outras situações com X, apenas como manutenção.

MÓDULO II — Investigando a letra Z

O emprego da letra Z costuma constituir mais uma das dificuldades ortográficas das crianças (e dos adultos também!). O Z costuma ser confundido com o X e com o S entre vogais. Escolher uma dessas letras na hora de escrever é, em geral, uma decisão difícil. Na investigação da letra X, a confusão entre X e Z pôde ser resolvida: **o X só tem o som [Z] em palavras iniciadas por EX + vogal, e nesses casos nunca se escreve EZ.** Mas a dificuldade ainda permanece entre o Z e o S, portanto, proporemos uma investigação da letra Z para que, descobrindo suas propriedades, as crianças possam encontrar meios de decisão na hora de escrever.

Pesquisa sobre a letra Z

Estratégia

O procedimento ao longo da pesquisa é o mesmo proposto para a letra X:

1 – Peça-lhes, como lição de casa, que procurem em livros, jornais e revistas palavras que tenham a letra Z (não importa em que posição). Cada um deve encontrar no mínimo quinze palavras e escrevê-las em uma folha de sulfite.

2 – No dia seguinte reúna-os em pequenos grupos e peça que pintem a letra Z e as vogais e consoantes anteriores ou posteriores a ela, como fizeram com a letra X. O professor poderá pedir que tragam as letras pintadas de casa para ganhar tempo em sala de aula.

3 – Peça que organizem as palavras do grupo sobre a mesa, colocando uma ao lado da outra, e que observem tudo o que for comum entre elas.

Ao longo da investigação, que deve ser realizada em vários dias e nunca em um único dia, o professor deverá ir fazendo perguntas que dirijam o olhar das crianças para aspectos importantes e que talvez não sejam observados espontaneamente por elas. Sugerimos perguntas do tipo:

- *Qual a letra que aparece antes do Z?*
- *Qualquer consoante vem antes do Z ou apenas algumas?*
- *Há algo a verificar em relação à tonicidade?*
- *Qual a classe gramatical dessas palavras?*, etc.

A cada pergunta feita pelo professor, os alunos verificam nas palavras de sua amostra como o sistema se comporta e chegam a alguma forma de generalização. Essas conclusões das crianças é que vão se constituir em conhecimento.

Descobertas gerais sobre o Z

1 – O Z pode ser a primeira letra da palavra, a última, ou pode aparecer no meio dela.

2 – No maior número de palavras de nossa amostra, o Z aparece no meio da palavra.

Peça-lhes que organizem suas palavras em três grupos:

a) palavras iniciadas por Z,
b) palavras terminadas em Z,
c) Z no meio da palavra.

Depois que os grupos estiverem divididos, poderão verificar que o conjunto com Z no meio da palavra é o mais numeroso. Escolha o grupo de palavras iniciadas por Z e peça que guardem as restantes em envelopes para analisá-las posteriormente.

Primeiro momento

Palavras iniciadas por Z

Deixe primeiramente que descubram sozinhos o que puderem. Caso fique faltando alguma descoberta importante, faça perguntas que possam dirigir o olhar dos alunos naquela direção, para que enxerguem a regularidade. Neste Manual, as descobertas mais importantes estão em negrito, para facilitar sua localização pelo professor. Se as crianças deixarem de observar as descobertas que não estão em negrito, não perca tempo em fazê-las descobrir, mas se falarem espontaneamente, registre no Caderno de Descobertas, pois são observações sobre a estrutura do sistema ortográfico.

Os alunos poderão verificar que:

1 – É pequeno o número de palavras iniciadas por Z.

2 – Todas as vogais podem aparecer depois do Z.

3 – **Nessa posição o Z não é confundido com nenhuma outra letra, pois não há nem X nem S com som de Z no início de palavras.**

Como não há nenhuma descoberta significativa, não preparamos atividades especiais.

Palavras terminadas por Z

Os alunos poderão verificar que:

1 – Antes do Z virá sempre uma vogal.

2 – Todas as vogais podem aparecer antes de Z, mas as mais freqüentes são A, E e I.

3 – O som do Z nessa posição é igual ao do S.

4 – **As palavras estão no singular.**

5 – O plural das palavras terminadas por Z se faz acrescentando ES.

6 – **São todas oxítonas quando não acentuadas.**

7 – **Há muitos monossílabos terminados em Z (*fez*, *giz*, *dez*, *paz*, etc.) e nesses casos as crianças confundem com S.**

Para trabalhar a diferenciação entre monossílabos terminados em S ou Z, propusemos as atividades **Cata-vento** e **Recortando**, no volume 2 dessa coleção. Caso seus alunos ainda não tenham feito essas atividades, é interessante retomá-las.

8 – Quando se acrescenta algum sufixo depois do Z, ele permanece. Exemplos: *feroz–ferozmente*; *luz – luzona*, *luzinha*; *cruz – cruzar*, etc.

9 – **O Z nunca é a última letra da sílaba, a não ser nas situações citadas no item 8.**

Para sistematizar essa descoberta sugerimos, na página 28 deste livro, a **Gincana do S e do Z**.

Segundo momento – Z no meio da palavra

Este é o grupo mais numeroso. Peça-lhes que observem se antes do Z aparecem vogais e consoantes. Constatarão que aparecem as duas. O próximo passo será organizar as palavras em dois grupos: **vogal + Z** e **consoante + Z**.

*Palavras com **consoante + Z***

Ao analisar as palavras desse grupo, os alunos poderão verificar que:

1 – Nesta posição o Z é sempre a primeira letra da sílaba.

2 – Antes do Z só aparecem as consoantes N, R e C. O N e o R são freqüentes e o C é pouco comum. Podemos citar como exemplos: *enzima*, *onze*, *franzido*, *quatorze, czarina*.

Existem as palavras *dzeta* e *wurtzita*, que, por serem desconhecidas das crianças, não levaremos em consideração nesse momento.

3 – Quando o C aparece antes do Z, ele é mudo. Ex.: *czar*, *eczema*. Ao dividirmos as sílabas dessas palavras, o C e o Z ficam em sílabas separadas, menos em *czar*, que é monossílabo.

4 – Dessas consoantes, a que aparece com maior freqüência é o N.

5 – **Depois de consoantes o Z não se confunde com o S, pois o S precedido de consoante não tem som de Z.**

Como não há problemas de grafia ligados ao Z nessa posição, não preparamos nenhuma atividade especial.

*Palavras com **vogal + Z***

1 – Nesta posição encontramos depois do Z tanto vogais quanto consoantes.

2 – O Z pode ser tanto a primeira quanto a última letra da sílaba.

3 – O Z nessa posição é confundido com S pelas crianças.

Peça-lhes que dividam as palavras em dois novos grupos para facilitar a análise: **vogal + Z + vogal** e **vogal + Z + consoante.**

Terceiro momento

Palavras com ***vogal + Z + consoante***

Ao analisar esse grupo de palavras, os alunos poderão verificar que:

1 – Há poucas palavras neste grupo.

2 – O Z é sempre a última letra da sílaba.

3 – Todas as palavras que apareceram em nossa amostra tinham o Z seguido do sufixo **-mente**. Exemplos: *infelizmente*, *vorazmente*, *capazmente*, etc.

4 – Todas as palavras são advérbios formados a partir de adjetivos (as crianças a essa altura ainda não sabem disso, mas se a atividade for realizada com crianças mais velhas, esta pode ser mais uma descoberta).

5 – **Nessa posição o Z se confunde com o S, pois o som das duas letras é semelhante.**

A análise que pretendemos fazer para ajudá-los nessa situação é uma generalização que só será possível após a análise das palavras com **vogal + Z + vogal.** Assim, a sistematização dessas descobertas ficará para depois.

Palavras com ***vogal + Z + vogal***

Os alunos poderão descobrir que:

1 – O Z é sempre a primeira letra da sílaba.

2 – **Nessa posição o Z se confunde com o S entre vogais, pois o som é o mesmo.**

3 – Antes e depois do Z podem aparecer todas as vogais.

4 – **Todas as palavras que encontramos iniciadas por vogal e seguidas de Z (Z como segunda letra da palavra) começavam com A. Exemplos: *azedume, azeite,* etc.**

Peça às crianças que verifiquem no dicionário se existem ou não palavras iniciadas por EZ, IZ, OZ, UZ. Verificarão que:

5 – **Não há palavra iniciada por EZ. Todas começam com EX (à exceção de *Ezequiel* e derivados).**

6 – **Há poucas palavras iniciadas por OZ, UZ, e são pouco conhecidas.**

7 – **Não há nenhuma palavra iniciada por IZ.**

8 – **Há muitas palavras terminadas pelo sufixo** -eza. **Exemplo: *riqueza.***

Como também existem palavras terminadas em ESA, peça que façam a atividade **Tômbola** para que possam descobrir quando usar S ou Z nessa terminação.

9 – **Há muitas palavras terminadas pelo sufixo formador de diminutivo** -zinho.

As palavras terminadas em **S + inho** são as que tinham S na grafia da palavra primitiva, à qual se acrescentou o sufixo **-inho**. Exemplo: *princesinha.* O professor deverá pedir que façam a atividade **Reduzindo**..., no Livro do Aluno, para que verifiquem essa possibilidade de decisão.

10 – **Os numerais de 10 a 19 são todos escritos com Z.**

A sistematização dessa descoberta está incluída no módulo de **Numerais**. Como também existe **des**, propor que façam a atividade **Cadê o resto?** para descobrirem uma forma de decisão entre **des-** e **dez.**

Sugestões

Como há um número muito grande de descobertas possíveis, sugerimos os seguintes procedimentos:

1 – Depois da investigação geral dos grupos e subgrupos de palavras com Z, o professor verifica com as crianças quais são as descobertas mais importantes para que possam decidir que letra usar em caso de dúvida ortográfica. Essas descobertas devem ser sublinhadas, e as atividades de sistematização que as focalizam poderão ser aplicadas.

2 – Como o caminho de utilização do material varia de um grupo para outro, há várias relações possíveis de serem estabelecidas, dependendo dos conteúdos que já tiverem sido desenvolvidos pela classe. Sugerimos que o professor focalize o olhar das crianças para essas descobertas no momento em que achar que elas são possíveis para eles.

3 – Para a sistematização das palavras terminadas em Z, sugerimos que os monossílabos sejam trabalhados por significação (*pás, paz*), e que as demais palavras sejam trabalhadas pela tonicidade, como foi sugerido no volume 2, além das atividades já propostas por nós.

Atividades de sistematização

Descreveremos a seguir os objetivos e procedimentos das atividades de sistematização das descobertas desse módulo. Acreditamos que após esse trabalho o número de dúvidas ortográficas relativas à letra Z seja bastante reduzido.

Tômbola

Nosso objetivo ao escolher essa estrutura do jogo **Tômbola** é oferecer uma grande amostra de palavras terminadas em **-esa** ou **-eza**, o que permitirá às crianças aprender a decidir entre as duas letras (S ou Z) nesse tipo de situação ortográfica.

As regras do jogo são as tradicionais:

1 – O professor dita quarenta palavras e cada aluno escolhe dezessete para escrever nos espaços de sua tabela, na ordem que quiser. Essas palavras ditadas devem estar escritas em papeizinhos, para serem sorteadas a seguir.

2 – Quando todos tiverem completado a cartela, o professor começa o sorteio e os alunos vão marcando na tabela as palavras sorteadas.

3 – Quando algum aluno preencher a tabela toda, avisa e mostra para o professor, que verificará se todas as palavras já foram efetivamente sorteadas e se estão grafadas corretamente. Se aquele aluno não cometeu nenhum erro, será o vencedor.

4 – Se houver erro de grafia na tabela apresentada pelo aluno, o professor diz: *Tem erro,* mas não avisa em que palavra. O aluno volta para sua carteira e tem uma chance de corrigir o erro e reapresentar a tabela. Se agora ela estiver totalmente correta, ele vence. Se ainda apresentar algum erro, ele é desclassificado, e o jogo continua até que surja um vencedor.

A correção deve ser coletiva. O professor vai escrever as palavras na lousa organizando-as em duas colunas: a da letra S e a da letra Z. Em seguida o professor e os alunos vão investigar juntos para descobrir o maior número de regularidades entre as palavras de cada coluna.

As descobertas possíveis dependem de alguns conteúdos gramaticais que os alunos já tenham visto ou não, por isso é importante que o professor verifique o que é o **possível** para a sua classe. Eis algumas conclusões possíveis:

Palavras com **-eza**:

1 – Todas as palavras terminadas em **-esa** são substantivos.

Peça aos alunos que observem como se formaram as palavras e verão que é sempre de um **adjetivo + -eza** (belo + eza, claro + eza, etc.).

2 – Esses substantivos são formados por um **adjetivo + eza**.

3 – Todos são femininos.

Palavras com **-esa**:

1 – Todas as palavras da lista terminadas em **-esa** são adjetivos.

2 – Todos indicam o lugar de origem de alguém (são os chamados adjetivos pátrios).

3 – Algumas palavras indicam títulos de nobreza.

4 – São todos femininos.

É possível destacar mais regularidades, por exemplo, que são paroxítonas, mas, como não são descobertas que possam ajudar em uma decisão ortográfica, nos abstivemos de enumerá-las. Se surgirem espontaneamente na classe, o professor deve registrá-las e depois marcar junto com os alunos as descobertas mais importantes.

Sugestão de palavras para a **Tômbola**:

irlandesa	inglesa	beleza	fortaleza
escocesa	portuguesa	clareza	natureza
japonesa	baronesa	dureza	realeza
francesa	consulesa	pobreza	franqueza
dinamarquesa	duquesa	certeza	frieza
polonesa	princesa	delicadeza	fraqueza
norueguesa	camponesa	nobreza	destreza
tailandesa	chinesa	riqueza	firmeza
holandesa	montanhesa	estranheza	alteza
libanesa	burguesa	tristeza	moleza
javanesa	finlandesa	malvadeza	gentileza

Questão 3

Uma vez que cada criança escreveu em sua tabela apenas 17 das 40 palavras ditadas, o professor escreverá as 40 palavras do jogo na lousa para a correção, e os alunos utilizarão esse uni-

verso vocabular para descobrir a palavra escolhida por nós. É uma atividade de " Resta um", que trabalha basicamente por negação, uma forma de raciocínio importante de ser desenvolvida nas crianças.

Os alunos deverão observar a primeira pista: **Não é polissílaba**, e escrever no livro apenas as palavras que restam (ou seja, as di ou trissílabas). A cada nova dica deverão riscar na lista as palavras excluídas, de tal forma que após a última ordem restará apenas a palavra *frieza*.

Sugerimos que o professor peça às crianças que não falem em voz alta a palavra descoberta para que todos possam, a seu tempo, descobri-la.

Reduzindo...

O objetivo dessa atividade é fazer com que os alunos percebam quando a palavra no diminutivo é escrita com S ou com Z. Os alunos poderão fazê-la como lição de casa.

Poderão descobrir que quando a palavra primitiva já tinha S, como *mesa*, o S se mantém. Caso contrário, o diminutivo será formado com Z, como em *nó*.

Para completar o diagrama com as palavras no diminutivo do exercício 1, as crianças terão que pensar no número de letras de cada palavra e no cruzamento das letras das palavras que se cruzam. É muito mais um exercício de raciocínio do que de ortografia. E por isso vale a pena!

Dúvida cruel

Novamente nosso objetivo é que os alunos tenham um instrumento de decisão quando estiverem escrevendo palavras que terminem em **isa**r ou **izar**.

Questão 1:

O pedido para que escrevam as palavras tem dupla intenção: por um lado, despertar a angústia, para que o desejo de encontrar uma forma de resolvê-la mobilize a busca; por outro lado, trazer uma amostra de palavras que permita a observação e generalização em forma de regra, solucionando a angústia gerada.

Questão 2:

Pedimos a organização em colunas para facilitar a visualização e generalização que será pedida na questão 3.

Questão 3:

Atingimos aqui o objetivo da atividade: ao observar as palavras das duas colunas, as crianças poderão concluir que havendo S na palavra primitiva, o S se mantém; não havendo, acrescenta-se **-izar**, com Z.

Questão 4:

Ao observarem as palavras das duas colunas, faça-os perceber, por meio de perguntas, que todas são verbos.

Depois que os alunos tiverem chegado a essa conclusão, o professor pode pedir que observem que essa questão do S na palavra primitiva já apareceu antes. Onde? Será que esta é uma regra? Sempre que a palavra primitiva tiver S a palavra derivada manterá o S, e quando não tiver S, a palavra derivada será com Z? Poderão lembrar-se de que já viram o mesmo com o sufixo **-inho** e **-mente**.

Cadê o resto?

Nosso objetivo é ajudá-los a tomar uma decisão de quando escrever **des** ou **dez** no início de palavras. Pretendemos que cheguem à conclusão de que as palavras com **dez** são poucas e todas são derivadas de *dez* (10). Mesmo *dezembro*, que as crianças não reconhecem nessa regra, faz parte, pois dezembro era o décimo mês do ano, só passando a décimo segundo por uma alteração posterior do calendário. Se houver interesse das crianças, sugerimos que seja feita uma pesquisa sobre a história do calendário e dos meses.

Outra observação interessante de se fazer é pela negação: se apenas palavras derivadas de *dez* são escritas com Z, todas as outras serão com S.

Poderão também observar que o **des** pode pertencer ao radical da palavra ou ser um prefixo. Se for prefixo, traz um sentido de desmanchar, desfazer e existe uma palavra primitiva sem ele. Aos poucos as crianças vão construindo a teia da língua, onde gramática, ortografia e significado formam um todo, e nesse todo cada componente dá sustentação para o outro.

Bata já!

É um jogo de percurso que exige das crianças rapidez para tomar uma decisão entre **isa**r ou **izar**. As regras já estão no Livro do Aluno, e o professor deve ir acompanhando os jogadores apenas para contornar problemas que possam surgir. Como já realizaram atividades que ajudam a saber quando escrever um ou outro, acreditamos que será tranqüilo formar as palavras.

Adiante, haverá outras atividades que retomarão a letra Z, estabelecendo novas relações ou jogos gerais dos quais o Z é mais um componente. Vá observando se sua interferência tem produzido uma diminuição quantitativa de erros com essa letra e vá dosando as atividades. Sempre que necessário, o professor deverá criar novas atividades, aproveitando o interesse e o universo vocabular de seu grupo.

MÓDULO III — Investigando a letra S

Iniciaremos agora nossa terceira pesquisa do ano: a investigação sobre a letra S. O S já apareceu em confronto com o X quando estudamos situações em que ambos têm a mesma produção sonora e, portanto, são freqüentemente confundidos. A pesquisa aqui será feita nos mesmos moldes das anteriores. **Lembramos o professor de que ela é muito extensa e minuciosa, devendo ser realizada paulatinamente, em dias diferentes.**

Preparando o material

1 – Peça que cada aluno procure em casa, em jornais, livros e revistas, cerca de vinte palavras que tenham a letra S. Mais uma vez ressaltamos a importância de se pesquisar em material diversificado. Assim, além de garantir uma amostragem grande de palavras, evitamos falsas generalizações.

2 – As palavras encontradas devem ser escritas em uma folha de sulfite, com letra não muito pequena e espaço razoável entre elas, porque serão recortadas posteriormente.

3 – Peça que pintem a letra S de uma cor, as vogais anterior e/ou posterior de outra cor, e as consoantes anterior e/ou posterior de uma cor diferente das anteriores. Lembramos que, à semelhança do que foi realizado com o X, deverão ser pintadas apenas as letras vizinhas ao S.

4 – É comum uma palavra ter a letra S em mais de uma posição, como ocorre em *sossego*. Nesse caso, a palavra deve ser escrita duas vezes e, em cada uma, um dos esses e seus vizinhos são pintados.

Todo esse trabalho pode ser realizado em casa, pois as crianças já são grandes, e já fizeram essa tarefa outras vezes, tendo, portanto, condições de executá-la com independência. No dia seguinte, em sala de aula, inicia-se a pesquisa.

A investigação

1 – Reúna os alunos em grupos de quatro ou cinco participantes.

2 – Peça que juntem todas as palavras que encontraram, que eliminem as repetidas e espalhem pela carteira as que sobraram.

3 – Depois de observar as palavras, as crianças começam a tirar conclusões.

Poderão concluir que o S aparece no início, no meio ou no final das palavras. Peça-lhes, então, que organizem as palavras em três grupos:

- palavras iniciadas por S;
- palavras terminadas por S;
- e palavras com S no meio.

Depois que os três grupos estiverem separados, peça que observem as palavras iniciadas por S e tirem conclusões.

Primeiro momento

Palavras iniciadas por S

Depois de observar as palavras deste grupo, as crianças poderão tirar as seguintes conclusões:

1 – Depois do S sempre virá uma vogal.

2 – Todas as vogais podem aparecer.

3 – Quando depois do S aparecem as vogais A, O, U, ele não se confunde com nenhuma outra letra.

4 – Antes das vogais E, I, o som [S] também pode ser representado pelas sílabas CE/CI.

Como a decisão entre SE/CE e SI/CI é difícil, e as crianças cometem uma série de erros de grafia, propomos uma investigação específica sobre estas sílabas. Por ser uma investigação extensa, será tratada num módulo à parte.

Aconselhamos o professor a tratar essa questão somente depois de ter concluído a análise do S, para que a visão do todo não se perca.

Concluída a análise das palavras iniciadas pela letra S, peça que passem para o grupo de palavras terminadas em S.

Palavras terminadas por S

Se houver poucas palavras desse grupo na amostra das crianças, peça-lhes que procurem mais palavras. Um universo maior possibilitará que elas observem algumas particularidades:

1 – Na maior parte das palavras o S como última letra é uma marca de plural (*cadeiras*, *grandes*, *nossos*, *vamos*, *rápidos*, etc.).

2 – Algumas palavras em que o S não é marca de plural não variam em número (*mas*, *mais*, *Vênus*, *atlas*, etc.).

3 – Outras palavras que terminam em S no singular variam em número (*português – portugueses*; *camponês – camponeses*).

4 – Antes da letra S nessa posição, podem aparecer tanto vogais (*aliás*) quanto consoantes (*fórceps*).

5 – O S nessa posição pode ser confundido com a letra Z (erro freqüente entre as crianças). Essa questão já foi abordada no **Módulo XII — As letras S e Z em final de palavra,** do volume 2.

Sugerimos o jogo **Gincana do S e do Z** para sistematizar essas descobertas. Se houver necessidade de mais atividades de sistematização, sugerimos que o professor crie situações específicas para a classe.

Gincana do S e do Z

Esta gincana deve ser realizada em um espaço amplo, como o pátio. Se for realizada na sala de aula, as carteiras devem ser arrumadas nos cantos deixando uma área livre no centro.

Como montar o jogo:

1 – O professor divide a classe em três equipes.

2 – Escreve na lousa ou em um cartaz quatro grupos diferentes de palavras:

Grupo 1	**Grupo 2**	**Grupo 3**	**Grupo 4**
tesouras	veloz	simples	pôs
anos	avestruz	férias	país
luzes	capaz	atrás	cortês

3 – O professor dá uns 5 minutos para que as equipes descubram que lei organizou a escolha das palavras de cada grupo. As leis levantadas pelas equipes devem ficar em segredo. Portanto, uma equipe não deve contar para a outra.

As leis são:

- grupo 1 → palavras no plural;
- grupo 2 → palavras terminadas em Z (singular);
- grupo 3 → o S faz parte da palavra, não é indicador de plural e as palavras são invariáveis em número; ou simplesmente palavras que não variam em número;
- grupo 4 → palavras terminadas em S, no singular, e que variam em número.

4 – Terminada a discussão, cada equipe se organiza em fila, e o professor oferece uma caixinha com novas palavras para o primeiro elemento da fila de cada equipe. As palavras devem estar escritas em papeizinhos para serem sorteados.

5 – Todos a postos, vai começar a gincana! O aluno que está no primeiro lugar da fila lê a palavra que sorteou, escreve ou cola no grupo a que a palavra pertence, bate na mão do colega de equipe que está atrás dele e vai para o último lugar da fila.

6 – O aluno que agora é o primeiro vai até a caixinha, sorteia uma nova palavra, lê e classifica; bate na mão do próximo colega e vai para o último lugar da fila, e assim por diante até que todos da equipe tenham organizado uma das palavras.

7 – Vence a equipe que terminar primeiro.

8 – Caso alguma equipe não tenha elaborado uma boa lei, vai fazer classificações indevidas. Ao longo de todo o jogo, o professor observará se cada palavra colocada está correta ou não, e vai marcando os pontos para cada equipe.

9 – Caso ache mais fácil, monte três caixinhas com palavras em papéis de cores diferentes (todas as caixinhas devem ter as mesmas palavras). Assim é possível observar, só pelas cores, se a classificação foi correta ou não, pois a cor vai permitir determinar a qual equipe a palavra pertence. Acreditamos que essa forma de controle seja mais fácil e eficiente.

10 – O número de vezes que o jogo será realizado e a quantidade de palavras ficam a critério do professor. Quanto mais palavras e mais vezes eles jogarem, melhor!

Sugestão de palavras para a **Gincana do S e do Z**:

Grupo 1	**Grupo 2**	**Grupo 3**	**Grupo 4**
perigos	voz	ônibus	escocês
pavês	atriz	pires	freguês
sons	capuz	lápis	montanhês
narizes	cuscuz	jamais	camponês
canetas	estupidez	vírus	gás
capas	feroz	pois	português
bezerros	arroz	invés	convés
mortais	cicatriz	detrás	burguês
perdizes	chafariz	após	norueguês
poderosos	assaz	aliás	marquês

Segundo momento — S no meio da palavra

Concluída a investigação do S no início e no final de palavras, passemos para o S no meio da palavra. É o grupo mais numeroso e que exige uma análise mais pormenorizada. Peça, como sempre, que observem se antes do S podem aparecer tanto vogais quanto consoantes, ou apenas uma delas. Verificarão que ambas podem aparecer. Peça-lhes, então, que organizem as palavras nos dois grupos para análise. Escolheremos primeiro o grupo de palavras com **consoante + S** por ser o menos numeroso.

*Palavras com **consoante + S***

Com relação a esse grupo, poderão observar que:

1 – Há poucas palavras com consoante + S.

2 – Antes do S aparecem apenas as consoantes N, R, L, B, P, D (*consagrado*, *constrangido*, *corsa*, *Celso*, *observar*, *obstáculo*, *psicologia*, *adstringente*).

3 – As consoantes que aparecem com maior freqüência são N e R. Com L, B, P e D, encontramos poucas palavras.

4 – Depois do S pode vir tanto vogal quanto consoante.

Feitas essas observações, peça que organizem as palavras nestes dois subgrupos: **consoante + S + consoante** e **consoante + S + vogal.**

*Palavras com **consoante + S + consoante***

O trabalho com esse subgrupo leva às seguintes observações:

1 – Há poucas palavras nesse conjunto.

2 – Antes do S só aparecem as consoantes N (*inspiração*), R (*perspectiva*), B (*substantivo*).

3 – **A consoante mais freqüente é o N, que forma sílabas como** trans**,** cons**,** ins **(transformar, conspiração, inspiração).**

4 – Depois do S podem aparecer as consoantes B, C, F, G, I, M, P, T, V (*transbordar*, *inscrever*, *transfigurar*, *transgredir*, *translação*, *transmutação*, *inspiração*, *transpirar*, *conspirar*, *transtorno*, *transvasar).*

5 – Só encontramos R antes do S na sílaba **pers** (*perspectiva*).

6 – Quando antes do S vier B, o B é mudo e depois do S a consoante é T ou C (s*ubstância*, *abstrair*, *abstenção*, *obstrução*, *abscesso*, *obscuro* e outras).

7 – **Quando o S é seguido de outra consoante, ele é sempre a última letra da sílaba: obs-tru-ção.**

8 – **O S nessa posição não se confunde com nenhum outro som.**

Como as crianças não costumam errar ao trabalhar com o S nessa posição, não preparamos nenhuma atividade específica de sistematização. No entanto, com freqüência acrescentam vogais às consoantes mudas, regularizando a sílaba. Exemplo: **obscuro** escrevem **obiscuro**. Caso observe esse tipo de erro, chame a atenção deles para essa estrutura de sílaba.

Palavras com ***consoante + S + vogal***

Algumas descobertas possíveis:

1 – **Antes do S podem vir apenas as consoantes N (ensino), R (curso), L (pulso), P (psicologia). Talvez as crianças queiram classificar o SS neste grupo, mas nós o analisamos no grupo vogal + S + vogal.**

2 – **Nesta série o S se confunde com Ç, CE e CI. (Confrontamos o S com CE, CI no meio da palavra e não descobrimos nada que pudesse ser decisivo para saber quando usar uma ou outra letra.)**

O Ç será pesquisado no volume 4, quando estaremos trabalhando com erros no meio de palavras.

3 – Depois do S podem vir todas as vogais (*ensacar*, *ensejo*, *ensino*, *imenso*, *insubordinado*).

4 – **O S é a primeira letra da sílaba** (den-so), menos quando antes dele vier a consoante P. Nesse caso ele será a letra do meio (psi-co-lo-gia).

Concluída a análise do S precedido de consoante, peça aos alunos que observem as palavras com vogal antes do S.

Terceiro momento — **Vogal + S**

Poderão chegar às seguintes observações:

1 – Há um número grande de palavras com **vogal + S.**

2 – Antes do S aparecem todas as vogais.

3 – Depois do S pode aparecer tanto vogal (*asa*) quanto consoante (*história*).

Peça-lhes que dividam as palavras em dois subgrupos: **vogal + S + vogal** e **vogal + S + consoante.**

Palavras com ***vogal + S + consoante***

Algumas descobertas possíveis:

1 – Há um número grande de palavras com **vogal + S + consoante.**

2 – Todas as vogais aparecem em abundância antes do S.

3 – **Depois do S podem aparecer as consoantes B, C, D, F, G, L, M, N, P, Q, R, T, V.** Exemplos: *esbarrar*, *escorregar*, *descer*, *desde*, *desfazer*, *desgrudar*, *desligar*, *esmagar*, *esnobar*, *disputar*, *disque*, *Israel*, *distância*, *desviar.*

4 – As consoantes H, J, X, Z não aparecem depois do S.

No caso de ES + consoante, há uma atividade de sistematização no módulo de investigação da letra X, que confronta o uso das duas letras: S e X. Optamos por incluí-la naquele módulo porque as crianças costumam colocar S no lugar do X (por exemplo, escrevem "esperiência", mas não escrevem "exfaquear"). É a atividade ***Stop*** ou "**Xtop**", que, se até esse momento ainda não tiver sido realizada, seria adequado realizá-la agora.

As demais situações estão inseridas em atividades gerais que descreveremos no final dessa investigação.

A representação do som [S] nessa posição não traz confusão com as outras letras (X e Z), porém no caso de SC e SÇ (*cresça, descer)* o aluno confunde com SS, CE, CI ou com Ç. Eles escrevem "cresse" ou "crece", "deci" ou "deça".

Para esclarecer essa confusão, é necessário realizar uma análise confrontando todas essas possibilidades, o que será objeto de estudos posteriores.

Palavras com ***vogal + S + vogal***

É a esse grupo que pertence o maior número de palavras com S e é também nesse universo de palavras que aparecem as maiores dificuldades na grafia com essa letra. Por essa razão, deixamos a análise desse grupo para o final e preparamos um maior número de situações de sistematização.

Quando o S está entre duas vogais, ele aparece como S ou como SS. Por isso, pedimos que façam essa primeira classificação e selecionem as palavras com SS para serem analisadas em primeiro lugar.

SS entre vogais

A partir da análise das palavras com SS entre vogais, poderão fazer as seguintes descobertas:

1 – **A maior parte das palavras que encontramos com SS pertence a três classes de palavras: verbos, pronomes ou numerais.** Mas há, também, muitos substantivos e adjetivos.

2 – **Os pronomes são escritos sempre com SS e nunca com C.** Veja: *essa*, *esse*, *isso*, *nossa*, *desse*, etc. (Exceção feita a *você*.)

3 – **Os verbos no presente são escritos com C (aparece) e no subjuntivo com SS (aparecesse).**

4 – **Os numerais são escritos com SS e não com C.** Veja: *dezessete*, *dezesseis*, *sessenta*, etc.

5 – **Quando a palavra tem SS, ao dividir as sílabas fica um S em cada sílaba.**

Vale a pena deixar claro que os conceitos das classes gramaticais são nosso assunto de Gramática neste volume. Portanto, as descobertas relacionadas com as diferentes classes gramaticais poderão acontecer durante o trabalho de pesquisa do S. Caso eles ainda não tenham trabalhado com alguma das classes gramaticais citadas nas descobertas, não se preocupe. Pode ser que eles digam a descoberta sem usar a terminologia adequada, mas explicando de outra forma. (Em vez de numerais, podem dizer, por exemplo, palavras que são os números, ou algo semelhante.) Se não conseguirem observar, o professor poderá retomar a grafia e ajudá-los a descobrir, quando estiver trabalhando a classe gramatical. Além disso, no Livro do Aluno, há exercícios e jogos específicos para a retomada e a sistematização das descobertas mais importantes, e neste momento poderão rever e fixar essas regras.

Para que eles possam descobrir as propriedades que levantamos, é necessário que o professor lhes peça que aumentem a amostra de palavras com SS, e depois que as classifiquem pelas classes gramaticais ou por semelhança de tipo de informação. Propusemos atividades específicas para sistematizá-las: **Caminhando e montando**, no módulo de Pronomes, **Numerando**, no módulo de Numeral, e **Parece e é** no módulo de Verbos.

S entre vogais

Em relação ao grupo de palavras com **vogal + S + vogal**, é possível fazer as seguintes descobertas:

1 – Todas as vogais aparecem em abundância antes e depois do S.

2 – Nesta posição a letra S tem som de Z e é bastante confundida com ele.

3 – **Muitas palavras terminam em -oso, sufixo que forma adjetivos e traz uma idéia de intensidade.**

Provavelmente o número de palavras terminadas em **-oso** na mostra das crianças será pequeno demais para que façam essa generalização. E esta é uma generalização importante, pois as crianças erram muito a grafia dessas palavras. Por isso, criamos uma atividade intitulada **Rosa cheirosa**, que tem por objetivo ajudá-las a fazer essa descoberta. Sugerimos que as crianças façam-na logo depois de tirar suas conclusões.

4 – **A terminação -isar aparece em muitas palavras e costuma gerar dúvidas se é escrita com S ou Z.**

No Livro do Aluno propusemos duas atividades — **Dúvida cruel** e **Bata já!** — que estão no módulo de investigação da letra Z e que, se ainda não foram feitas, deverão ser realizadas agora.

5 – **Outra terminação que aparece com freqüência é -são.**

Como essa terminação é confundida com **-zão**, preparamos a atividade **Confusão no porto!!!** para sistematizá-la.

6 – Há muitas palavras começadas por **vogal + S**.

Como na nossa amostra a maior parte das palavras iniciadas pela vogal E vinha seguida da letra X, e a grande maioria das palavras com Z era precedida da letra A, resolvemos analisar como se comportariam cada uma das vogais + S.

Sugerimos que o professor levante para os alunos esse questionamento. Eles deverão juntar as palavras iniciadas por vogal + S pesquisadas pela classe toda e trazer novas palavras para aumentar a amostragem. Feito isso, o professor pedirá que observem a amostra de palavras, que levantem hipóteses e confirmem em dicionário. Acreditamos que na amostra das crianças não apareça nenhuma palavra com OS + vogal. O professor perguntará para a classe se há poucas palavras escritas dessa maneira ou se não existe nenhuma, e pedirá que verifiquem no dicionário. Poderão descobrir que existem duas, mas são palavras desconhecidas. Dessa forma chegarão às seguintes conclusões:

7 – Há poucas palavras com AS + vogal (*Ásia*, *asilo*, *asa)*, as outras são escritas com Z (*azeitona*, *azar*, *azedo*, etc.).

8 – Com ES + vogal há apenas *esotérico* e *esôfago*. Todas as outras palavras são escritas com EX + vogal.

9 – Com IS + vogal há muitas palavras (*isolar*, *isopor*, etc.).

10 – Não há palavras com OS + vogal, exceção de *osoriense* (quem nasce na cidade de Osório) e *osana* (substância química).

11 – Com US + vogal há várias palavras (*usar*, *usina*, *uso*, *usuário*, *usurpar*, etc.).

Para sistematizar essas descobertas das vogais + S em início de palavras, temos as atividades **Tabela do ziguezague** e **Trio calafrio**... que descreveremos depois de **Confusão no porto!!!**

Atividades de sistematização

Rosa cheirosa

Nosso objetivo é que possam descobrir e sistematizar a grafia do sufixo **-oso**, sempre com S e não com Z, como escrevem com freqüência.

Pedroso é um homem apaixonado e romântico. (E brega!) Ao reduzirem o número de palavras, todas terão a terminação **oso**. As perguntas propostas os levarão a perceber que todas são adjetivos. Aproveite a ocasião para retomar o conceito com eles, se necessário.

Além da classe gramatical, nas questões 3 e 4 compreenderão que o sufixo **-oso** traz a idéia de "cheio de", "com muita".

Na questão 5 são levados a observar que não existem adjetivos terminados em **ozo**. Aliás, nem palavras de outras classes gramaticais (apenas *gozo* e *Bozo* são escritas com Z). A partir dessa constatação poderão tirar uma conclusão útil e importante num momento de dúvida ortográfica: todas as palavras terminadas em **-oso** são com **S** e não com **Z**.

Na questão 7 Rosa Cheirosa responde à carta de Pedroso. Aconselhamos o professor a conversar com as crianças sobre ela. Como é a Rosa? Como será que reagirá à carta? Será que ela fala tudo "em três palavras"? Ou é mais lacônica e prefere o sufixo -oso? Ou é muito delicadinha e fala tudo no diminutivo? Ou é muito brava e escolhe palavras pesadas? Antes de mais nada, aproveite a ocasião para ajudá-los a pensar o quanto da personalidade do personagem é revelado na escolha das palavras que ele diz.

Depois, vale a pena as crianças lerem suas respostas em voz alta. Além de dar sentido para a escrita, acreditamos que todos se divertirão muito.

Confusão no porto!!!

Nosso objetivo é fornecer uma amostra de palavras e um caminho de classificação para que possam perceber quando usar S ou Z em palavras terminadas em ÃO. A atividade é simples e pode ser realizada como tarefa de casa, desde que o professor, no dia seguinte, faça a correção em classe e registre no Caderno de Descobertas a conclusão a que chegaram.

Como as questões são objetivas, nós nos abstivemos de comentar uma a uma. Destacamos apenas na questão 2 a importância de o professor perguntar o que as palavras que formaram o aumentativo com S têm em comum. Poderão verificar que todas terminavam em S no grau normal (*português*, *francês*, *chinês*, *adeus*). *E as palavras que fizeram o aumentativo com Z, o que têm em comum*? Nenhuma delas tem o S no grau normal. Dessa forma as crianças terão um critério de decisão para escolher S ou Z quando formarem aumentativos.

Trio calafrio...

Nessa atividade aplicamos as descobertas das vogais iniciais em relação ao X, Z e S. Damos dicas que possibilitam trabalhar com sinônimos e antônimos. Quem tiver compreendido bem sairá dessa, sem dúvida!

Tabela do ziguezague

É uma situação que pode ser trabalhada em casa, pois pede apenas que se confrontem descobertas já feitas ao longo do ano. Ao pedirmos que completem a tabela com palavras que cumpram as exigências, acionaremos todas as descobertas simultâneas.

Provavelmente terão dificuldade em preencher alguns espaços e não conseguirão fazê-lo, pois não existem palavras que caibam nesses espaços, como por exemplo palavras com EZ. Quem estiver atento às descobertas, resolverá com facilidade.

Chamamos a atenção do professor para a importância de serem quatro palavras escritas. Caso não haja quatro, deixar o espaço em branco.

Encruzilhada

Para realizar essa atividade as crianças precisarão:

1 – descobrir pelo número de letras quais palavras podem ser colocadas em cada espaço.

2 – quando couber mais de uma palavra no mesmo espaço, precisarão decidir a partir da letra que é comum às duas palavras que se cruzam.

3 – como o número de palavras é grande, a atividade pede que organizem uma estratégia de execução, fundamental para o cumprimento da atividade e de outras tarefas longas pedidas pela escola ou pela vida.

Enfim, acima de tudo, essa "encruzilhada" é um desafio ao raciocínio das crianças.

Cercando com cerca

Pensar por família de palavras é uma boa estratégia para decidir a ortografia de algumas palavras. É, no mínimo, uma atitude econômica.

Nossa intenção é que percebam que se *casa*, *casado*, etc. são escritas com S, *casebre* e *casamento* também o serão. Queremos que percebam, por exemplo, que de *sócio* (com S e depois C) formamos *sociedade*, *social*, *sociável*, *associado*, etc.

Aproveite o pensamento e amplie, pedindo que encontrem outras famílias de palavras.

Colores colorez

Assim como uma mesma letra pode representar diferentes sons, um mesmo som pode ser representado por mais de uma letra. (Evitamos utilizar o termo fonema por não estarmos trabalhando com o conceito nesse nível de escolaridade.) É isso o que mostra a atividade proposta: pintando as palavras com o som [S] de uma cor e o som [Z] de outra, poderão observar todas as possibilidades de grafia desses fonemas, ao responderem às questões 1 e 2. Na questão 3, observarão como as letras S, X e Z aparecem na representação dos dois sons. A questão 4 procura retomar o contexto de cada uma.

Resta uma!

É o já conhecido jogo **Resta um**, só que agora envolvendo palavras. O pensamento é de exclusão, e o recurso de decisão é o conhecimento ortográfico. Parece fácil, mas não é!

Ao combinarmos a pontuação dando 1 ponto pela escolha e 2 pontos pela justificativa, levamos as crianças a tomarem consciência das regras do sistema ortográfico e a buscarem um modo de verbalizá-las.

Em várias palavras é possível fazerem a justificativa de mais de uma forma, e o grupo deve aceitar qualquer delas, desde que esteja correta.

Na cartela 1, por exemplo, a palavra "dezintoxicação" está errada porque o sufixo **-des** é com S e não com Z; ou porque **dez** é usado em palavras que venham do numeral dez, o que não é o caso dessa palavra. Ao longo das cartelas os alunos farão uma revisão geral de todas as regras ortográficas estudadas ao longo das três séries. Mas atenção! Não jogar todas as cartelas de uma só vez.

Charada

Esta é uma charada que, além de quebrar a cabeça de qualquer jogador, exige que ele aplique seu conhecimento ortográfico. Para resolvê-la terão de trabalhar por correspondência e dedução pelo contexto.

O professor deverá pedir que resolvam a charada em casa. Por ser uma atividade muito desafiadora, os alunos demoram para resolvê-la.

Exkizitu?!!!

A ortografia é um sistema formado por leis de composição interna que o estruturam. É este sistema que temos tentado desnudar para as crianças. Ao elaborarmos atividades como esta, de uma língua inexistente, queremos ressaltar o quanto o sistema tem sustentação própria, nem sempre dependente do significado. É o caso por exemplo da regra que diz que antes da letra D marca-se a nasalização com N. Esta regra é válida independentemente do significado da palavra na qual ela é utilizada.

Ao procedermos assim, rompemos com uma idéia arraigada nas crianças e adultos de que a ortografia é algo inconsistente, sem organização interna e sobre a qual não é possível refletir nada, apenas decorar regras ou memorizar palavras.

Caracoleza Caracolosa

Para fechar o módulo de investigação da letra S com chave de ouro, nada melhor do que um jogo. **Caracoleza Caracolosa** é um jogo de formação de palavras a partir de sufixos, prefixos e radicais que são confundidos pelas crianças. As regras estão no Livro do Aluno, e o objetivo é conseguir alcançar o maior número de pontos.

Pretendemos que as crianças usem o conhecimento adquirido ao longo do trabalho, além de desenvolver estratégias de jogo, o que propicia uma mobilidade de pensamento operatório. O professor deve ir circulando pela classe para interferir na dinâmica das relações, quando necessário, garantindo a compreensão das regras por todos.

Se achar necessário, o professor deverá criar mais estratégias de sistematização dessas dificuldades. Poderá aproveitar a estrutura das atividades como ponto de partida para elaborar outras.

MÓDULO IV — Investigando as sílabas iniciais CE/SE e CI/SI

Nós, autoras, fizemos uma exaustiva investigação sobre possíveis regularidades na utilização das sílabas CE/SE e CI/SI em início de palavra. Pretendíamos descobrir algo que pudesse ajudar os alunos a tomarem uma decisão nos inúmeros momentos de dúvida que essas sílabas suscitam quando vamos escrevê-las. O resultado foi inesperado: há uma série de regularidades de grande valor e gostaríamos que as crianças pudessem conhecê-las.

Como se trata de uma investigação longa, iremos dividi-la em duas etapas, que deverão ser cumpridas em dias diferentes. A primeira etapa terá a dupla CE/SE como objeto de análise, e a segunda etapa terá o CI/SI. As descobertas devem ser acompanhadas pelas atividades de sistematização, propostas no Livro do Aluno. A postura ao longo da investigação é a mesma já descrita nas investigações anteriores, mas o procedimento neste módulo envolverá pesquisa em dicionário.

Primeira etapa – Pesquisa sobre CE/SE

Nosso objetivo nesse primeiro momento é despertar nas crianças a curiosidade sobre essas sílabas no início da palavra, para que se lancem à investigação com uma pergunta interna a ser resolvida. Para tanto propusemos o **Jogo do *Stop***, que deverá ser realizado conforme instruções a seguir.

Jogo do *Stop*

O professor organiza a classe em grupos, pede que peguem uma folha de papel e façam uma tabela igual à apresentada a seguir. (Neste momento a tabela do Livro do Aluno **não deve** ser usada.)

Tabela do *Stop*

CE + ...	SE + ...	CONSOANTES
		B
		C
		D
		F
		G
		H
		J
		L
		M
		N
		P
		Q
		R
		S
		T
		V
		X
		Z

Se os alunos ainda não souberem as regras do jogo, o professor deverá explicá-las:

1 – Cada equipe deve preencher cada espaço com uma palavra que cumpra o que se pede (por exemplo, que comece com CEB ou SEB). Só é permitido escrever uma única palavra por espaço.

2 – O professor determinará um tempo para o preenchimento da tabela. É importante que nessa situação o tempo seja dado pelo professor e não que seja medido de acordo com o tempo gasto pelo primeiro grupo a concluir o trabalho, pois não é possível preencher todos os espaços da tabela. Ao final do tempo estabelecido, ninguém mais pode acrescentar nenhuma palavra.

3 – Não é permitido usar o dicionário durante o preenchimento da tabela.

4 – Um dos elementos de cada equipe mudará de grupo para fiscalizar a correção, evitando que os alunos acrescentem novas palavras depois de esgotado o prazo.

5 – O professor vai perguntando a cada equipe que palavra foi colocada em cada espaço, e vai escrevendo em uma folha de papel *craft* fixada na lousa. Após a correção o professor deverá guardar essa lista de palavras para usá-la posteriormente na continuação da análise.

6 – Vencerá a equipe que obtiver o maior número de pontos.

Como fazer a contagem dos pontos:

- 10 pontos, se apenas uma equipe colocou aquela palavra;
- 5 pontos, se mais de uma equipe colocou a mesma palavra;
- 0 ponto, se houver espaço em branco ou erro de grafia;
- 15 pontos, se uma equipe preencher corretamente o espaço e todas as outras deixarem em branco.

Terminado o jogo, a classe obterá uma tabela com alguns espaços em branco, outros preenchidos com a mesma palavra e outros preenchidos com palavras diferentes. O professor fará, então, algumas perguntas para que reflitam e pesquisem em seguida. Sugerimos que o professor pergunte:

1 – *Em relação aos espaços que ficaram em branco, será que não existem mesmo palavras iniciadas com essa série de letras, ou vocês é que não se lembraram de nenhuma?* (Esta pergunta poderá ser feita, por exemplo, em relação ao CEC ou CEJ.)

2 – *Será que não existe nenhuma palavra ou apenas algumas pouco conhecidas?*

3 – **Nesse espaço** (relativo ao CEB, por exemplo) **todo mundo pôs *cebola.* Terá sido coincidência ou só existe *cebola* mesmo?**

Ao formular essas questões, o professor estará dirigindo o olhar das crianças para algumas palavras da tabela do ***Stop***, que poderão se tornar alvo de investigação. Pedirá, então, como lição de casa, que cada aluno procure no dicionário outras palavras iniciadas pelas séries de letras propostas em uma linha da tabela (um procura CEB/SEB; outro, CEC/SEC, e assim por diante). Feito isso, cada aluno deverá anotar no caderno, no mínimo, cinco palavras da série que lhe coube para, no dia seguinte, trocar suas descobertas com os colegas de classe. Acreditamos que, organizando dessa forma a pesquisa, ganharemos tempo e tornaremos a investigação mais leve.

No dia seguinte, todos terão alguma observação a respeito das letras pesquisadas, e o professor pedirá que cada um diga o que encontrou.

A correção deverá ser feita em uma tabela grande de papel *craft* ou outro similar, fixado na lousa. Essa tabela deve ter as colunas do CE + .../SE + ... e do CI + .../SI + ..., porém nessa primeira etapa o professor só usará as duas primeiras colunas (CE + .../SE + ...).

Tabela completa:

CE + ...	SE + ...	CI + ...	SI + ...	CONSOANTES
				B
				C
				D
				F
				...

Enquanto o professor completa a tabela fixada na lousa, os alunos vão preencher a **Tabela de investigação** no Livro do Aluno. Vale a pena a classe combinar um código para o preenchimento da tabela. Isso tornará o trabalho mais produtivo. Sugerimos o seguinte código:

- XXX no espaço onde não existir nenhuma palavra.
- ??? onde houver apenas palavras desconhecidas e estranhas.
- Se houver poucas palavras primitivas e suas derivadas, escreva apenas as primitivas e coloque + derivadas (por exemplo: *selva; sela* + derivadas).
- Se houver muitas palavras primitivas conhecidas, escreva cinco primitivas, coloque + derivadas + ETC., para que fique evidente que o universo de palavras é maior.

Observação:

Como nosso objetivo não é trabalhar com formação de palavras e as crianças dessa faixa de escolaridade nem sempre conseguem distinguir entre primitivas e derivadas, não estamos usando aqui os termos *primitiva* e *derivada* com rigor gramatical. Por exemplo, a palavra *secundário* é derivada de segundo (com G), mas nem sempre as crianças estabelecem a relação entre elas, achando que *secundário* não é derivada. Caso ocorram situações assim, não se preocupe. Aceite sem questionar pois as crianças terão oportunidade de aprofundar e rever o conceito em séries posteriores.

É importante que as crianças completem suas tabelas individuais do livro juntamente com o professor. Ao final das descobertas a tabela ficará assim:

CE + ...	SE + ...	CONSOANTES
cebola + derivadas	sebo + derivadas	B
???	seco, secreto, século, secundário + derivadas	C
cedo, cedro, cédula, cedilha, ceder + derivadas	sede, sedentário, seda, sedução + derivadas + ETC.	D
???	???	F
cego, cegonha + derivadas	segredo, segunda, seguro, seguinte + derivadas + ETC.	G
XXX	XXX	H
XXX	seja	J
célula, celebrar, cela, celeste, celofane + derivadas + ETC.	selva, sela + derivadas	L
cem, cemitério + derivadas	sempre, semblante, semáforo, semana + derivadas + ETC.	M
cena, censura, centro, centavo + derivadas + ETC.	sentença, senhor, sentir, sentar, sensação + derivadas + ETC.	N
???	separar, sepultar + derivadas	P
???	seqüestro, sequilho, seqüência + derivadas	Q
cera, cereal, cereja, cerâmica, cérebro + derivadas + ETC.	ser, serenata, sereia, série, sertão + derivadas + ETC.	R
cesta, cessar, cesariana + derivadas	sessão, sessenta + derivadas	S
???	sete, seta + derivadas	T
cevada	severo + derivadas	V
XXX	sexta, sexagésimo, sexo + derivadas	X
XXX	???	Z

Nesse momento o professor deve pedir que os alunos observem a tabela preenchida e retirem todas as regras que puderem para ajudá-los a decidir quando usar CE/SE no início de palavras. Este é o momento mais importante, pois a simples coleta de dados não implica necessariamente aprendizagem alguma. Como se trata de uma análise muito extensa, colocaremos apenas **as conclusões que podem auxiliar numa decisão.** Existem outras conclusões que não foram incluídas neste Manual, porque **não transformam a compreensão.**

Algumas conclusões possíveis:

1 – Há mais palavras iniciadas por SE do que por CE.

2 – Existem poucas palavras iniciadas por CEB/SEB; a maioria, desconhecidas. As mais conhecidas são *cebola* e suas derivadas.

3 – Quando depois da sílaba inicial vierem as consoantes C, J, P, Q, T, X, Z, escolha S, pois não há palavras com CE + essas letras, ou há apenas palavras desconhecidas.

4 – Com CE + D há as palavras *cedo, cedro, cedilha, ceder, cédula* e derivadas. Portanto, as outras são com SE.

5 – Com CE + G, há *cego, cegonha* + derivadas. Portanto, as outras são com SE.

6 – Com L há *selva, sela* e derivadas. Portanto, as outras são com CE.

7 – Com M há *cem, cemitério* e derivadas. Portanto, as outras são com SE.

8 – Com V há poucas palavras: *cevada* e *severo*.

Depois que as crianças tiverem terminado de levantar as conclusões, devem registrá-las no Caderno de Descobertas e fazer os jogos **Coquetel de letras** e **Congela!!!** para sistematizá-las.

Sugerimos que, além do jogo **Congela!!!**, o professor, juntamente com as crianças, confeccione um baralho de Jogo da Memória com as palavras citadas nas conclusões 4, 5, 6, 7 e 8. O objetivo do jogo é ajudar na memorização dessas palavras.

Para confeccionar o baralho, sugerimos que seja utilizada cartolina cortada em retângulos de 4 x 6 cm e que as palavras sejam escritas em pares de cartas. As regras são as tradicionais: cada jogador vira duas cartas a cada jogada, em busca do par de correspondência. Se conseguir, fica com o par e joga novamente. Se não conseguir, esconde as cartas outra vez e passa a jogada.

Coquetel de letras

Nosso objetivo nessa atividade é a sistematização de algumas descobertas feitas na pesquisa do CE/SE. É como o jogo **O cair das letras**, com palavras. Sua solução demanda a utilização de conhecimentos ortográficos, além de muito raciocínio.

Nele procuramos enfocar as consoantes Q, G, L e P que apresentam uma regularidade importante de ser observada pelas crianças.

Como não é a primeira vez que jogam, acreditamos que a estrutura do jogo não oferecerá problema.

Congela!!!

Esse jogo sistematiza as descobertas feitas na investigação do CE/SE no início de palavras. Para jogá-lo os alunos deverão usar somente os registros do Caderno de Descobertas e não a tabela coletiva da investigação, pois nesse momento é importante que apliquem o que descobriram.

O professor deverá organizar a classe em equipes de quatro elementos e sortear cartões que indicarão a letra com a qual cada grupo deverá preencher as 21 palavras da lista. Para que o jogo fique equilibrado, metade dos cartões deve ser com a letra S e a outra metade com a letra C.

O objetivo do jogo é que a equipe encontre na lista as 21 palavras que devem ser completadas com a letra sorteada (S ou C), no menor tempo possível.

Procedimento durante o jogo:

1 – Cada grupo completa com a letra sorteada 21 palavras das 42 da lista.

2 – O grupo que encontrar e completar primeiro as 21 palavras grita: *Congela!* Imediatamente todos os grupos congelam (ninguém pode escrever mais nada), enquanto o professor confere se as palavras foram completadas corretamente.

3 – Se as palavras estiverem grafadas corretamente, este grupo é o vencedor, e o jogo pode prosseguir até que surjam o 2º e o 3º colocados.

4 – Se houver alguma palavra errada na lista, o professor avisa que há erro, mas não diz onde. O grupo tem uma nova chance e a classe toda descongela, retomando a partida.

5 – Cada grupo tem no máximo duas chances de gritar *Congela!* Na terceira vez, se houver erro, o grupo será desclassificado.

6 – Terminado o jogo, a correção é feita coletivamente e todos completam corretamente suas listas. Nesse momento todos completam a lista inteira, tanto das palavras com S quanto das com C.

O professor poderá utilizar essa estratégia com diferentes palavras e diferentes dificuldades ortográficas.

Segunda etapa – Pesquisa sobre CI/SI

Uma vez concluída a investigação das sílabas CE/SE, daremos início à pesquisa sobre as sílabas CI/SI. Proponha para as crianças um jogo de *Stop,* com as sílabas CI/SI em início de palavras + as consoantes. A tabela, as regras e a contagem de pontos são as mesmas já descritas no início do módulo com o ***Stop* do CE/SE.**

Terminado o jogo, a correção coletiva e a contagem de pontos, o professor determina uma ou mais de uma consoante para cada aluno pesquisar no dicionário, como foi realizado na primeira etapa com o CE/SE. Essa pesquisa pode ser feita em casa para otimizar o tempo de sala de aula.

No dia seguinte o professor pede que cada um exponha suas observações e complete a tabela no papel *craft*, enquanto os alunos completam a sua no Livro do Aluno, na **Tabela de Investigação – CI/SI**.

Após a pesquisa obterão uma tabela assim:

Tabela do CI/SI

CI + ...	SI + ...	CONSOANTES
???	Sibéria + derivadas	B
ciclo, cicatriz, ciclone + derivadas	???	C
cidra, cidade + derivadas	siderurgia, sideral + derivadas	D
cifra	sifão	F
cigarro, cigano, cigarra + derivadas	sigilo, signo, sigla + derivadas	G
XXX	XXX	H
XXX	XXX	J
cilada, cilindro, cílio + derivadas	sílaba, silhueta, silêncio, silvestre + derivadas + ETC.	L
cimento, cima + derivadas	símbolo, simulador, simples, simpático + derivadas + ETC.	M
cinema, cinto, cinco, cinta, cinza + derivadas + ETC.	sino, sinal, sinagoga, sincero, singular + derivadas + ETC.	N
cipó, cipreste + derivadas	???	P
XXX	???	Q
circo, cirurgia, círculo, ciranda, + derivadas + ETC.	sirene, siri, sírio + derivadas	R
cisco, cisne, cisma + derivadas	sistema, sisudo + derivadas	S
cita, cítrico + derivadas	sítio, situar + derivadas	T
civil + derivadas	???	V
XXX	???	X
XXX	???	Z

Preenchida a tabela, os alunos fazem a síntese e levantam as regras que poderão ajudá-los a tomar uma decisão ortográfica. Não se esqueça de registrá-las no Caderno de Descobertas.

Algumas regras possíveis:

1 – É mais ou menos equivalente o número de palavras iniciadas por CI/SI.

2 – Com B só há Sibéria + derivadas.

3 – Há poucas palavras primitivas iniciadas por CI/SI seguidas das letras D, F, G, S, T.

4 – Com C, escolha CIC.

5 – Com H, J, Q, X e Z não há palavras ou são desconhecidas.

6 – Com as letras L e M há *cilada, cilindro, cílio, cimento, cima*. As outras palavras são com SI.

7 – Com P, escolha CIP.

8 – Com a letra R há *sirene, siri, sírio*. As outras palavras são com CI.

9 – Com V há *civil*. As palavras com SI + V são desconhecidas.

Apresentamos, a seguir, algumas atividades de sistematização que procuram integrar todas as descobertas de CE/SE e CI/SI e constam do Livro do Aluno.

Atividades de sistematização

Torto

A resolução desse jogo exige a utilização de pensamento operatório e um excelente nível de conhecimento da estrutura ortográfica da língua, além de trabalhar com a percepção e a organização espacial. É uma atividade que leva a criança a buscar sempre novas estratégias de solução diante de uma dificuldade, o que é um procedimento fundamental em relação às situações da vida. Nessa medida, mais ainda do que pelo universo de palavras que ele levanta, é um jogo rico pelo conjunto de aspectos que desenvolve.

Encontrado o universo de palavras iniciadas com CE/SE e CI/SI, pedimos na questão 2 que escrevam somente as palavras que tenham estas sílabas iniciais seguidas de G, para que possam observar novamente a regularidade: SEG/CIG .

Se o professor desejar, poderá pedir, como lição de casa, que as crianças encontrem mais palavras para essa tabela. No dia seguinte, reunirá os alunos em grupos para que socializem as palavras e façam as descobertas solicitadas nas perguntas. Com esse procedimento, o professor ganhará tempo em sala de aula, sem perder os objetivos propostos.

Nas questões 3 e 4 o objetivo é que eles percebam que há muito mais palavras iniciadas por SEG do que por CEG.

Passo a passo

Essa proposta foi elaborada a partir de uma simplificação de um jogo antigo chamado Eleusis. Para solucionar o jogo os alunos devem se reunir em equipes. Quando alguma descobrir qual o segredo da seqüência, chama o professor e fala baixinho para que os outros também possam pensar e encontrá-la.

Enquanto os grupos estiverem discutindo o professor vai circulando pela classe, mas não deve dar dicas que facilitem, a não ser que ninguém descubra e ele observe que os alunos estão angustiados com a dificuldade de encontrar a resposta.

Como jogar:

1 – No Passo a passo um dos jogadores pensa uma seqüência e coloca duas cartas.

2 – O jogador seguinte levanta uma hipótese de qual seria a seqüência e coloca uma carta.

3 – Se a carta estiver correta, põe mais uma. Se estiver errada, é anulada. O jogador deve reformular sua hipótese e tentar uma nova carta.

4 – O jogo prossegue assim até que o jogador adivinhe o segredo da seqüência.

É, sem dúvida, um excelente exercício de raciocínio e um delicioso divertimento!

Quanto mais, melhor!

Nosso objetivo aqui é que a criança crie em vez de responder. Para montar o caça-palavras, são necessárias algumas condições:

1 – Para fazer a escolha entre CEL e SEL, terão que aplicar a descoberta feita na pesquisa: há mais palavras com CEL, portanto, esta é a melhor seqüência a ser escolhida. Caso escolham a seqüência SEL, perceberão, na correção coletiva, que esse universo de palavras é muito menor.

2 – Para selecionar as palavras da cruzada os alunos precisarão fazer um levantamento das palavras de seu vocabulário que satisfaçam as exigências dadas: que comecem por CEL ou SEL.

3 – Para distribuir as palavras no diagrama terão que organizá-las em posições possíveis dentro do espaço do diagrama.

4 – Pensar em possíveis interseções de letras nas palavras que se cruzam.

5 – Criar uma estratégia de montagem, caso contrário o caça-palavras ficará inviável.

6 – Criar regras e escrevê-las: Valem apenas palavras na horizontal? Vale na horizontal e na vertical? Vale da esquerda para a direita ou apenas da direita para a esquerda? E de baixo para cima, vale?

Antes que as crianças comecem a fazer a atividade, o professor deverá conversar com elas sobre todas as formas possíveis de se organizar as palavras em um caça-palavras. Assim, poderão escolher as formas que utilizarão. Depois, o grande exercício será escrever as regras, um para o outro, com precisão.

Essa primeira parte da atividade pode ser discutida na classe, e a montagem do caça-palavras poderá ser feita como lição de casa. No dia seguinte as crianças trocarão os caça-palavras e terão, como lição de casa, de resolver o jogo do colega. No outro dia, em classe, um comentará com o outro o que achou do caça-palavras elaborado pelo colega, e o professor resolverá com a classe a última pergunta, que busca a generalização da regra já aplicada individualmente.

A montagem desse caça-palavras integra atividades desenvolvidas em sala de aula e em casa, uma complementando a outra.

Desembaraçando

O objetivo desse jogo é preencher as lacunas (os "cabelos" das perucas dos palhaços) com o maior número possível de palavras que satisfaçam as condições exigidas.

Nosso objetivo pedagógico é que as crianças sistematizem as regras descobertas na pesquisa.

Regras do jogo:

1 – Todas as palavras devem começar por CE/SE e CI/SI seguidas de M.

2 – Vale repetir a mesma sílaba inicial em quantas palavras quiser.

3 – Quem acabar primeiro grita *Stop*! e todos param imediatamente de escrever.

Regras para a correção e a contagem dos pontos:

1 – Terminado o jogo, cada equipe envia um elemento para outro grupo, para fiscalizar a correção.

2 – A correção deve ser feita na lousa, sob coordenação do professor, para que todos saibam contar seus pontos.

3 – A contagem dos pontos deve obedecer ao seguinte critério:

- Cada palavra inédita vale 2 pontos.
- Palavra repetida por mais de um grupo vale 1 ponto.
- Palavra com erro de grafia vale 0 ponto.

Terminada a contagem, acrescenta-se um bônus ao total de pontos obtidos, da seguinte forma:

- 4 pontos a mais, se o grupo tiver usado as quatro sílabas iniciais (CE, CI, SE, SI);
- 3 pontos a mais, se o grupo tiver usado três das quatro sílabas iniciais;
- 2 pontos a mais, se o grupo tiver usado duas das quatro sílabas iniciais;
- nenhum ponto a mais, se o grupo tiver usado apenas uma das quatro sílabas iniciais.

É importante que as regras da contagem dos pontos sejam explicadas para os alunos antes do início do jogo, pois elas vão determinar as estratégias de preenchimento. É importante, também, que o professor escreva as regras na lousa para que não haja dúvidas.

O objetivo das questões é levá-los a perceber a diferença quantitativa entre as palavras iniciadas por CEM/SEM e CIM/SIM.

Pintando as sete

Quando temos possibilidades equivalentes de uma palavra ser iniciada por C ou S, uma estratégia de pensamento bastante econômica é pensar por família de palavras. Levá-los a usar essa possibilidade de solução é nosso objetivo nessa atividade, que pode ser realizada como lição de casa.

É interessante que o professor crie outras situações para que eles verifiquem a eficiência desse recurso de pensamento em outras palavras. Sugerimos, por exemplo, que o professor peça, como lição de casa, que descubram mais duas palavras que tenham mais três derivadas; ou que descubram a palavra com o maior número possível de derivadas.

Exkizitu — O retorno

Esta é uma brincadeira muito louca. O aluno tem que trabalhar por exclusão até encontrar a palavra dessa língua estranha que obedeça a todas as regras ortográficas da nossa língua. É impossível solucionar o **Exkizitu** sem o auxílio da tabela das descobertas sobre as sílabas CE/SE e CI/SI.

O pensamento das crianças deve seguir um caminho mais ou menos semelhante a este:

Primeiro grupo de palavras:

- sequanom – é possível;
- sehmanuvo – não é possível porque o H no meio da palavra só é antecedido por C, N ou L;
- ciquorante – não é possível porque não existe nenhuma palavra com CIQ;
- cenpo – não é possível porque antes de P tem que vir M;
- sijreco – não é possível porque não existe nenhuma palavra com SIJ ou porque não existe a série JR.

E assim por diante.

Professor, se achar necessário, crie e proponha novas situações de sistematização para sua classe. A dosagem, você decide!!!

MÓDULO V — Acentuação

Trabalhando com a tonicidade e a acentuação

No volume 2 as crianças puderam fazer uma investigação sobre o sistema de tonicidade da língua e descobri-lo como um sistema coerente e simples. Iniciaram esse processo de investigação por um desequilíbrio provocado pela música **Meu caro barão**, de Chico Buarque de Holanda, que apresentava palavras proparoxítonas pronunciadas como paroxítonas.

Ao constatarem isso, começam a investigar como se comporta essa "coisa" das palavras terem sílabas mais fortes. São todas? Algumas? Quais? Investigam e descobrem que todas as palavras têm uma sílaba mais forte, chamada tônica. (Não estamos discutindo nesse momento os monossílabos átonos.) Aprendem também que só pode haver uma tônica por palavra e que ela cai sempre nas três últimas sílabas da palavra, nunca antes. E mais: quando a tônica se encontra na última sílaba a palavra é chamada de oxítona; quando cai na penúltima é chamada de paroxítona e quando cai na antepenúltima é chamada de proparoxítona. Descobrem também que a sílaba fraca é chamada de átona e que pode haver uma ou mais de uma sílaba átona por palavra.

Compreendidas essas questões gerais, começam a aprofundar a análise e verificam que:

1 – Quando a palavra tem acento, a tônica está na sílaba acentuada.

2 – A maior parte das palavras é paroxítona.

3 – Todas as palavras proparoxítonas são acentuadas.

4 – As palavras sem acento terminadas por A(s), E(s), O(s), EM(ens), AM são paroxítonas.

5 – As palavras sem acento terminadas por R, L, Z, X, I(s), U(s), Ã(s), ÃO (ãos, ões, ães), IM(ins), OM(ons), UM(uns) são oxítonas.

6 – A maior parte das palavras não tem acento, portanto o natural é não ter acento na palavra.

7 – Se eu precisar indicar graficamente que uma palavra é pronunciada fora da regularidade do sistema tônico, preciso avisar o leitor que ela é irregular através do acento. Assim sendo, **o acento é uma marca de irregularidade no sistema de tonicidade.** Por exemplo: *ímpar* é acentuada porque as palavras terminadas por R são naturalmente oxítonas. Se *ímpar* está fora da regularidade, é preciso avisar o leitor através do acento.

Depois de toda a investigação, foram feitos exercícios para a sistematização das descobertas, especialmente as de tonicidade, e passaram a utilizar esse conhecimento para tomar **decisões ortográficas**.

Ao fazerem essas aplicações puderam compreender que ortografia e tonicidade formam sistemas inter-relacionados, podendo, assim, o conhecimento de um ajudar o outro. Dessa forma descobriram que podem tomar as seguintes **decisões:**

1 – Em final de palavras sem acento, usar E quando a palavra é paroxítona e I quando é oxítona. Exemplo: **bal**de/gu**ri.**

2 – Em final de palavras sem acento:

a) usamos Z quando for **oxítona**, qualquer que seja a vogal anterior. Exemplos: ca**paz**, xa**drez**, fe**liz**, fe**roz**, ca**puz**.

b) usamos S nas palavras no plural.

c) existem algumas palavras que, mesmo no singular, apresentam S. Quando a letra anterior ao S for A, E, O, a palavra é paroxítona; quando for I, U, é oxítona. Exemplos: a**pe**nas, **a**tlas, **pi**res, **me**nos, **cos**mos, **der**mos (verbo); a**nis**, de**pois**, a**deus**.

3 – Em final de palavras sem acento, usar O quando for paroxítona e U quando for oxítona. Exemplo: **pa**no/ta**tu**.

O trabalho proposto no volume 2, apesar de ter aberto espaço para a investigação da acentuação e de ter feito o levantamento das regras das oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas, não se dedicou muito a sistematizar. Neste volume 3 iremos trabalhar basicamente com essa sistematização.

É importante ressaltarmos aqui que as outras regras, como as dos ditongos e dos hiatos, serão deixadas para o volume 4, quando entraremos com esse assunto. Gostaríamos de antecipar que, uma vez que a NGB abre a possibilidade de considerarmos os ditongos orais crescentes de final de palavra como hiatos, optamos por essa possibilidade – considerá-los como hiatos – mesmo cientes de que essa não é a posição mais usual. As razões de nossa escolha estão explicitadas no volume 4 desta coleção.

Caso sua classe não tenha realizado esse trabalho de tonicidade na série anterior, é importante que você o retome conforme está descrito no Manual do Professor do volume 2.

Atividades de sistematização

Eis aqui algumas sugestões de atividades de sistematização que estão no Livro do Aluno:

Tabelógica

Nosso objetivo é que retomem todas as descobertas de tonicidade e acentuação. Essa atividade deve ser realizada em sala de aula e em grupo. Depois que as crianças tiverem acentuado as palavras da tabela, o professor deve fazer uma correção coletiva. Nessa correção poderão refazer as descobertas de tonicidade propostas no volume 2, e até retomar as regras. Não se esqueça de registrá-las no Caderno de Descobertas.

Feito o registro, o professor deve pedir às crianças que pintem com lápis colorido os quadrados com as **palavras não acentuadas**. Poderão tirar algumas conclusões ao observá-lo:

1 – Quando a coluna da oxítona não tiver acento, a da paroxítona terá e vice-versa: quando a paroxítona não tiver acento, a da oxítona terá.

2 – Todas as palavras proparoxítonas são acentuadas.

Obs.: Encontramos apenas proparoxítonas terminadas por A, E, O, US, IM e L. Como não verificamos exaustivamente se as outras terminações não existem ou se são raras, fica apenas co-

mo uma observação. Caso a pergunta surja na classe, proponha como pesquisa. No mínimo eles aprenderão muito!

3 – Pelo quadro, poderão levantar todas as terminações de oxítonas e paroxítonas não acentuadas, resgatando o princípio do sistema de tonicidade, que será retomado detalhadamente depois, nas perguntas da atividade.

Nas questões 1 e 2 as crianças podem resgatar o sistema de tonicidade.

Questão 1:

As paroxítonas sem acento terminam em A(s), E(s), O(s), AM, EM (ens).

Logo as crianças descobrem que basta saber quais são as terminações das paroxítonas não acentuadas para poder concluir que as outras palavras sem acento são oxítonas. É importante que eles cheguem a esta generalização porque ela é muito econômica.

Questão 2:

As oxítonas sem acento terminam em I(s), U(s), Ã(s), ÃO(s, ões, ães), IM (ins), OM (ons), UM (uns), R, L, X, Z, E, U(s).

Questão 3:

Nesse pedido retomamos a regra das proparoxítonas: todas têm no mínimo três sílabas, todas têm acento e em todas a tônica é na antepenúltima sílaba da palavra.

Questão 4:

Retiramos as regras das oxítonas e paroxítonas. Boa situação para recordar. Neste momento, várias conclusões são possíveis:

1 – Eles poderão observar que, comparando as colunas das oxítonas e paroxítonas, quando não tem acento em uma coluna, tem acento na outra.

2 – A partir dessa constatação, poderão concluir que o acento é usado para marcar a irregularidade.

3 – Outra conclusão a que poderão chegar é a da própria regra: acentuam-se as oxítonas terminadas em A(s), E(s), O(s), EM (ens) e as paroxítonas terminadas em I(s), U(s), Ã(s), ÃO(s, ões, ães), R, L, X, N.

Charada: Essa é só para brincar. Você já adivinhou?

É possível que as crianças levantem palavras como *chapéu*, que são terminadas por U, ou por duas vogais, são oxítonas e portanto não deveriam ter acento, mas têm. Na verdade esse acento é diferente dos que estão sendo trabalhados porque ele não muda a posição da tônica, só o timbre. Se isso acontecer, confronte com *meu*, *aconteceu*, etc. O natural é o som ser fechado, portanto é preciso avisar o leitor que naquela palavra o som é aberto. Se as crianças não levantarem a questão espontaneamente, não toque no assunto pois será discutido na quarta série.

Tome assento e acentue

Novamente nosso objetivo é a sistematização da acentuação.

Questão 1:

Para retirar a palavra que não faz parte do grupo é preciso observar que as 5 primeiras palavras são paroxítonas acentuadas, enquanto a última é proparoxítona.

Questão 2:

É uma situação que visa ampliarmos o vocabulário de palavras paroxítonas acentuadas. Pode ser que alguma criança pergunte se para pertencer ao conjunto basta ser paroxítona acentuada ou se tem também que terminar pelas mesmas letras das palavras do conjunto dado. Caso essa dúvida surja, responda que basta ser paroxítona acentuada. Ao fazer a correção coletiva estarão trabalhando com um número enorme delas.

Questão 3:

Aplicação da regra de acentuação das oxítonas terminadas por A. Aproveite para saborear a poesia de Mário Quintana, ela é belíssima.

Xeretando

Depois da revisão de tonicidade e acentuação que as crianças fizeram com a atividade **Tabelógica,** pretendemos que usem as redescobertas nessa proposta de classificação de palavras por esses dois critérios.

Realizar a tarefa implica construir uma forma de organização a ser mantida ao longo de toda a atividade.

Quem estiver com o sistema de tonicidade claro na cabeça arrumará a coleção do Aurélio com facilidade!

Formando, reformando e transformando

Nosso objetivo é que retomem a regra das oxítonas e aprendam a ler enunciados com atenção.

Questão 1:

Propositadamente colocamos no caça-palavras palavras oxítonas e outras que não são. Dessa forma eles terão que estar atentos ao enunciado, pois as outras que estão lá não interessam nessa situação.

Questão 2:

Depois que selecionarem, de todas as palavras possíveis de serem encontradas no caça-palavras, apenas as que são oxítonas, devem agora classificá-las novamente em dois grupos: **acentuadas** e **não acentuadas,** para que possam observar a regularidade, que será pedida na questão 3.

Questão 3:

Justifique, ou pela regularidade (as que não têm acento), ou pela irregularidade (as acentuadas). As crianças poderão justificar de mais de uma forma. Por exemplo:

— Não acentuadas: não se acentuam as oxítonas terminadas por I(s), U(s), IM(ins), OM(ons), UM(uns), Ã(ãs, ões, ães), R, L, X, N, porque são naturalmente oxítonas, ou oxítonas regulares.

— Acentuadas: acentuam-se as oxítonas terminadas por A(s), E(s), O(s), EM (ens); ou justificar que são acentuadas porque são paroxítonas irregulares.

Jogo da forca

Esse jogo pode ser realizado com dois ou três alunos, que poderão jogar um pensando a palavra e o outro adivinhando; ou poderão jogar um pensando a palavra e a dupla adivinhando.

De lição de casa, peça que cada aluno descubra uma palavra que caiba em cada uma das propostas de forca. Depois, coloque-os para jogar. Não é necessário que todos joguem ao mesmo tempo; você pode deixar como proposta para irem fazendo aos poucos, no tempo que sobra quando terminam uma atividade em sala de aula e precisam ficar esperando que os outros acabem, ou outros momentos assim.

As regras do jogo são as tradicionais:

1 – Um jogador pensa uma palavra que caiba nos espaços dados por nós e que tenha a tônica acentuada na posição marcada pelo quadradinho nas quatro primeiras palavras ou sem acento nas quatro últimas.

2 – O outro jogador ou a dupla devem ir arriscando letras que possam formar uma palavra com todas as características determinadas pelo jogo.

3 – A cada acerto o jogador que sabe a palavra preenche todos os espaços onde aquela letra aparece.

4 – Se não houver na palavra a letra cantada pelo jogador que adivinha, uma parte do corpo do boneco vai sendo desenhada até que, com o corpo completo, ele é enforcado. Combine antecipadamente com eles quantas e quais serão as partes do corpo do boneco que entrarão no jogo.

5 – Vence o jogador ou dupla que conseguir descobrir mais palavras.

Stop de lacunas

Este jogo é um velho conhecido das crianças. Já foi usado nos volumes 1 e 2, mas é sempre novo, sempre cria surpresas e muita aprendizagem. Por sua estrutura aberta possibilita o trabalho com um número grande de palavras, garantidamente do universo vocabular do grupo e significativas para a faixa. Enfim, mãos à obra.

Aqui estão as regras:

1 – Pode ser jogado em grupo ou individualmente.

2 – O tempo de duração é determinado pelo professor.

3 – Cada aluno ou equipe preenche os espaços com alguma palavra que caiba nele.

4 – O número de letras ou sílabas não importa, desde que se tenha, por exemplo, na segunda lacuna uma palavra terminada por L e acentuada.

5 – A contagem de pontos é a tradicional do *Stop*.

Terminado o jogo o professor corrige na lousa como já foi explicado anteriormente e os alunos copiam todas ou algumas das palavras que surgiram (depende do número de palavras que surgir). Pode-se aproveitá-las para outras atividades depois.

Crie outras situações de jogos e sistematização para acentuação. Sugerimos:

1 – Jogos dos sete erros são interessantes com palavras com acento faltando, com acento na sílaba errada ou com acento a mais.

2 – Soletrando (descrito no final deste Manual) também é interessante.

3 – *Stop* no texto: peça em um texto qualquer que as crianças encontrem todas as palavras acentuadas de determinada página. Vence quem conseguir sublinhar todas primeiro e gritar *STOP*! Depois, peça que copiem no caderno apenas as oxítonas, ou apenas as paroxítonas, etc.

4 – Pregue um papel *craft* na parede da classe para todos irem escrevendo palavras acentuadas que descubram nos textos, nos *out-doors*, em revistas, etc.

Dê asas à imaginação e crie com eles!!!

MÓDULO VI — Pontuação e paragrafação

Pontuação

O trabalho de pontuação teve início na primeira série quando, através da história do príncipe Harum, procuramos torná-la algo observável para a criança. Naquele momento, nosso principal objetivo era fazer as crianças descobrirem que ela pode ser um dos recursos para se traduzir a emoção por escrito.

Ainda na primeira série, elas conheceram o nome dos sinais de pontuação e começaram a refletir sobre quando é que se coloca uma pontuação interna em um parágrafo.

Na segunda série, a pontuação com função expressiva se estabiliza, usam-na com fluência e correção, e a pontuação interna, que denominaremos lógica porque é a organizadora das idéias do texto, passa a ser o centro de nosso enfoque. Vírgulas, pontos e travessões são assunto cotidiano de nossa sala de aula de segunda série.

O trabalho da segunda série teve por objetivo principal que os alunos descobrissem **onde** colocar uma pontuação: entre duas informações. Mas para se saber como pensar para decidir **qual** das pontuações colocar, é preciso percorrer outros caminhos. Dificilmente as crianças, naquele momento, conseguem pensar de forma integrada sobre **onde** e **qual** pontuação colocar.

Considerando-se tudo isso é que o centro de nosso recorte no volume 3 será para que saibam decidir **qual** das pontuações usar.

A dificuldade para tomar essa decisão fica claramente espelhada no fato de, em geral, privilegiarem uma das pontuações, que passam a usar sempre. Há crianças que só usam pontos e outras que só usam vírgulas, ou ainda às vezes alternam as duas, mas de forma inadequada.

Esses procedimentos são naturais nessa faixa etária. Para decidir **onde** ponho a pontuação tenho que pensar no que ela **isola**, **separa**, **diferencia**; para decidir **qual** pontuação usar tenho que pensar no que ela **liga**, **relaciona**, **aproxima**. Ora, não é nada simples compreender que um sinal arbitrário cumpra duas funções aparentemente opostas!

Assim sendo, propomos que o trabalho tenha início pela estratégia que apresentamos a seguir.

Como decidir qual das pontuações usar?

Esse trabalho é minucioso e vai exigir muita sensibilidade por parte do professor. Para realizá-lo propomos que as crianças façam a atividade **Prrriiirrr!!!** do Livro do Aluno.

Prrriiirrr!!!

Apresentamos um texto sem pontuação. Em primeiro lugar pedimos que coloquem uma barrinha separando cada informação. Na escrita, as informações são separadas por pontuações ou por conjunções. Ao fazerem as barrinhas, estarão trabalhando com um critério para decidir **onde** se colocará uma pontuação. Quanto às conjunções, eles logo percebem que há palavras que costumam aparecer no lugar onde as barrinhas são colocadas.

Essa etapa costuma gerar conflitos nas crianças, por isso é importante que o professor vá circulando pela classe e orientando os grupos em relação às dúvidas que vão surgindo. Com freqüência eles colocam barrinhas separando cada palavra, ou ainda trechos que não chegam a formar um significado. O professor, nesses casos, deve pedir que a criança explique o que pensou para achar que era daquela forma e, a partir da explicação que ela der, oferecer alguma forma de reflexão que possa orientá-la em outra direção.

Depois que os grupos tiverem terminado, é importante que se faça uma correção coletiva na lousa, e que a postura do professor seja a de analisar formas possíveis e não de dar respostas certas ou erradas.

Concluída a etapa das barrinhas, vem a discussão principal: **qual pontuação colocar?** Deixe que tentem colocar sozinhos, mas na hora da correção, realize-a com a classe toda e vá discutindo com eles como decidir **qual** pontuação colocar.

O que gostaríamos que descobrissem é que: a) quando a informação da segunda oração (ou da que vem depois da barrinha) completa a informação da primeira (ou da que vem antes da barrinha), **usa-se vírgula**; b) quando a segunda oração muda de enfoque, fala de outra informação, **usa-se ponto.**

É importante não esquecermos que, em inúmeras situações, mais de uma pontuação é possível. Ao discutir as respostas, devemos considerar as duas possibilidades nesses casos e analisar pelo sentido do texto se haveria uma melhor, ou quais os jogos discursivos que produzimos com cada escolha.

Vamos colocar uma discussão hipotética sobre o início do texto para exemplificar o que estamos dizendo. Imagine que foram colocadas as barrinhas e o texto ficou assim:

> Os meninos tinham um campinho de futebol ao lado da estação de ferro / tanto treinaram / e tanto jogaram / que acabaram organizando um time direitinho / com camiseta / chuteiras / traves / e juiz...

Decidido onde colocar as barrinhas, discutir se *tanto treinaram* complementa a informação de ter um campinho de futebol ou é uma outra informação, nova. Se complementa, deve-se colocar vírgula, se não, deve-se colocar ponto. Nesse caso, a nosso ver, é ponto, pois a informação de *treinar* não é um complemento da informação de *ter*. Já entre as informações de treinar, jogar e organizar um time temos uma seqüência de fatos encadeados, portanto, que seriam separados por vírgula para mostrar essa relação interna. É claro que toda essa discussão deve acontecer de forma simples, através do olhar deles, com as palavras deles. No início eles ficam um pouco confusos, mas logo depois compreendem o princípio de pensamento e, a partir daí, a decisão sobre a pontuação torna-se mais fácil.

Depois dessa atividade, sempre que for utilizar um texto, aproveite para analisar as opções de pontuação do autor. Discuta com eles, em vários momentos, por que eles acham que o autor colocou ponto ou colocou vírgula. Tentando adivinhar o pensamento dos autores podemos organizar o nosso.

Crie outras situações semelhantes a essa. Escolha um texto ou um trecho de texto do interesse de sua turma, retire a pontuação, escreva tudo em seguida, sem letras maiúsculas, e peça que façam barrinhas separando as informações, e, depois, que coloquem as pontuações necessárias. É importante que o professor observe se a pontuação do trecho que está escolhendo segue um padrão mais convencional, pois há autores que pontuam muito "fora do padrão", o que complicaria muito a discussão nesse momento.

Outra consideração importante é em relação à postura de análise durante as atividades. O professor não deve trabalhar com **certo** ou **errado**, mas com as **pontuações possíveis** ou **impossíveis** dentro do **sistema.**

Além dessas atividades mais técnicas, nas quais eles aprendem a pensar como pontuar, nos textos apresentados no livro ***Construindo a escrita – Leitura e Interpretação de Textos***, volume 3, estaremos discutindo jogos de pontuação interna.

As marcas de oralidade

As marcas de oralidade são os famosos E, DAÍ, AÍ e ENTÃO que as crianças costumam usar quando começam a escrever, e que têm a função de ir "colando uma informação na outra" para estabelecer a progressão textual.

Há um primeiro momento em que essas marcas são um sinal de progresso. É quando o texto do aluno deixa de ser uma simples cena para começar a articular-se ao redor da ação. Nesse momento em que muitas coisas começam a acontecer dentro da história, a marca de oralidade surge de forma intensa, e o professor deve ficar feliz ao observá-la: ela é uma marca de evolução.

Conforme eles vão crescendo, vão aprendendo que a escrita se utiliza de outras marcas específicas para estabelecer essa progressão: são as pontuações, os parágrafos, os adjuntos adverbiais e algumas conjunções. Nossa postura é de — nesse momento em que o texto aumenta, encorpa — oferecer-lhes esse novo conhecimento. Por essa razão, pontuação e paragrafação são assuntos constantes de nossas salas de aula.

Conforme as crianças vão conquistando a pontuação e o parágrafo, vão abandonando as marcas de oralidade. Mas há um momento em que elas coexistem com esses dois novos ele-

mentos da escrita que estão começando a fazer parte intrínseca do texto. Por isso é interessante, nesse momento, que ajudemos as crianças a superar o uso das marcas de oralidade com atividades específicas.

Para tal, tem se mostrado muito eficiente a utilização da estratégia de reescrita de textos com marcas de oralidade. Optamos por adaptar um texto de autor já publicado para garantirmos textos qualitativamente bons, o que nos permite focar nossa atenção nesse único elemento. Se trabalhássemos com um texto de criança, outros aspectos textuais emergeriam e a atenção seria dispersada.

Nossa proposta é que **seja executada** a reescrita da fábula de Esopo da atividade **Reescrevendo** em três momentos: o primeiro, coletivo, gera novos conhecimentos; o segundo, em grupo, para que um aluno ensine o outro; e o terceiro, individual, para que o professor possa observar, depois do trabalho realizado, o que cada um conseguiu apreender.

Reescrevendo

A lebre e a tartaruga – 1ª parte

Como dinâmica da atividade, sugerimos que o professor reúna as crianças em grupos e peça que reescrevam o trecho apresentado retirando as marcas de oralidade. Para fazer isso, é necessário alterar frases, mudar tempos verbais, acrescentar novas palavras, às vezes. Avise-os de que isso é permitido, aliás, que **devem** fazê-lo!

Depois que todos tiverem encontrado uma solução, faça a reescrita coletiva na lousa. Esse momento é o mais importante, pois é nele que o professor poderá conhecer o pensamento dos alunos e ajudá-los a encontrar uma solução mais adequada ao sistema da escrita. Colocamos um trecho curto, mas com muitos problemas e várias possibilidades de solução, para que a discussão pudesse ser bastante rica.

Na parte das respostas deste módulo encontra-se o texto original. Ele deve ser considerado como **uma** das soluções possíveis e não como a **única.**

As crianças, com certeza, darão outras soluções diferentes da do autor, mas que devem ser analisadas como outras possibilidades. A discussão deve ser encaminhada para uma solução melhor ou mais clara, e **não** simplesmente para um **modelo certo.**

A questão que colocamos depois da reescrita é um convite a registrarem o que aprenderam sobre como evitar as marcas de oralidade ao escrever. O professor, nesse momento, estará ajudando os alunos a fazer a generalização sobre a própria ação.

A lebre e a tartaruga – 2ª e 3ª partes

Na 2ª parte, as crianças farão em grupo a reescrita, mas a correção será na folha avulsa ou no caderno entregue, apenas pelo professor. Seria interessante se cada grupo escrevesse sua solução em uma folha e, depois, fosse feito um confronto enfocando os momentos de semelhança e de diferença entre as formas de reescrever de cada grupo. O quadro mural é um espaço interessante para se fixarem os trabalhos.

Na 3ª parte, cada aluno resolve o texto individualmente e depois entrega para o professor. O professor deve usar a situação como um diagnóstico para perceber o que já foi ou não conquistado pelas crianças e, a partir daí, montar novas atividades específicas. Se necessário, ofereça novos trechos, à semelhança do que apresentamos aqui.

Sugestão: No final da atividade, ler para a classe o texto original, que se encontra no Livro do Professor, junto com as respostas, para comparar a solução dada por eles e pelo autor.

O discurso direto

O discurso direto também foi objeto de estudo por parte das crianças desde a primeira série. Logo na primeira série elas descobrem que nos textos há narrador e personagem, e adoram reproduzir as falas de personagens ao escrever. Mas escrever um discurso direto estruturado adequadamente é conquista de muito trabalho.

As crianças passam por vários momentos ao longo desse percurso:

1 – Primeiramente escrevem sem nenhuma diferenciação entre narrador e personagem. Passam de um para o outro sem qualquer tipo de marca distintiva.

2 – Começam a diferenciá-los através da pontuação. Algumas colocam dois-pontos, outras colocam travessão, outras ainda usam dois-pontos e travessão, mas tudo na mesma linha, sem organização em parágrafos.

3 – Nesse terceiro momento, o parágrafo surge, mas ainda instável. Há crianças que deixam parágrafo, um travessão, e nele colocam todas as falas dos personagens, sem isolar cada uma;

outras crianças usam o travessão, colocam na outra linha com ou sem parágrafo, mas depois da fala do personagem o narrador continua sem qualquer distinção.

4 – No quarto momento, elas organizam o discurso direto com adequação à esquerda, ou seja, colocam parágrafo, travessão, fala do personagem, mas nem sempre conseguem decidir adequadamente quando o narrador permanece na mesma linha da fala do personagem e quando deve fazer parágrafo.

5 – Em geral, simultaneamente a este quarto momento, costumam acreditar que é sempre necessário colocar *E ele disse:* e *Ele respondeu*: para que o leitor saiba quem está falando.

6 – O momento seguinte, em termos de evolução, vai marcar a libertação do *Ele disse*. Os alunos descobrem que existem outras formas de indicar para o leitor quem está falando, e passam a usá-las.

Eles costumam terminar a segunda série no nível três ou quatro, e é considerando esse conhecimento prévio que iniciaremos nosso trabalho.

Organizando o discurso direto

Para começarmos a desencadear a discussão do discurso direto sugerimos que as crianças façam a atividade **Cada um na sua...**

Cada um na sua...

Reúna os alunos em grupos e peça que reescrevam o trecho dado, organizando-o. Não é necessário que cada um faça uma cópia, basta uma para o grupo todo.

Escolhemos esse texto porque apresenta um diálogo puro, sem qualquer interferência de narrador. Se o diálogo não estiver organizado em parágrafos e travessões, torna-se quase impossível compreendê-lo. Acreditamos que as crianças vão discutir muito para reescrevê-lo, e terão que rever idéias falsas que têm a respeito desse assunto.

Quando terminarem a discussão, na hora da correção, o professor lê para eles o final do texto (apresentado no Livro do Professor, com as respostas das atividades), e depois pergunta-lhes como é que nós, leitores, sabemos quem é que fala, se em nenhum momento alguém avisa isso. Discuta com eles e veja o que observam. Leia uma das falas e discuta com eles: Quem fala aqui, o pai ou o filho? Como sabemos, o que nos indica isso?

Nessa análise poderão fazer um levantamento dos elementos que nos dão essas indicações: a simples alternância (se o pai perguntou, só pode ser agora o filho respondendo); o conteúdo do texto (se alguém pergunta *Posso ficar vendo televisão?* só pode ser o filho, pois o pai jamais pediria essa permissão); se na fala aparece *Filho, vá dormir* só pode ser o pai, pois o filho não diria isso; e assim por diante.

Esses elementos, que parecem óbvios para o adulto, são invisíveis para os jovens escritores. Eles conseguem compreendê-los quando lêem, mas não têm consciência de onde retiraram a informação. Por isso mesmo, essas descobertas costumam deixá-los perplexos, mas depois usam-nas com tranqüilidade.

Depois da discussão aproveitamos para trabalhar com a interjeição.

Questão 2:

Nosso objetivo é que percebam que a presença ou ausência do H muda todo o sentido da expressão. Se já tiverem trabalhado com interjeição, faça com que observem que *Ora essa* é uma interjeição; se não tiverem trabalhado explore o sentimento expresso pela interjeição. Deixe que as crianças encontrem uma forma própria de se expressar, mesmo que não seja a mais correta gramaticalmente.

Questões 3 e 4:

Além de explorar o sentimento do pai e o que o filho entendeu e pensou sobre isso, discuta com as crianças o jogo de humor que se estabelece através da confusão. Um fala com um sentido, o outro entende com outro sentido, e está armada a confusão...

Filmando a piada

Essa atividade foi elaborada com o objetivo de criar uma situação para que os alunos possam discutir como pensar para decidir como escrever a fala do narrador: na mesma linha da do personagem ou como um novo parágrafo?

Como as crianças estão habituadas desde a primeira série a ler imaginando o que lêem, a expressão "fazer um filme na cabeça e mudar a câmera de foco" são familiares para eles. Depois de lerem e compreenderem a piada (geralmente eles entendem de forma bem diferente da nossa!!) proponha-lhes que respondam às questões.

Questão 1:

Ao destacar com cores as falas, fazemos com que deixem clara a diferenciação entre narrador e personagem. Os trechos foram propositadamente escolhidos para trazerem as três possibilidades: narrador na outra linha, narrador intercalado e narrador depois da fala do personagem. Com a diferenciação de cor, essas três organizações ficarão evidenciadas.

Questão 2:

Ao pedirmos que verbalizem o que observaram, levamos os alunos a tomar consciência de elementos que em geral eles usam como um todo, mas que não distinguem em suas partes. Ao não fazerem essa distinção, na hora de escrever deixam de registrá-las.

Questão 3:

Nas situações **b** e **c** o conteúdo do que o narrador fala é uma explicação sobre a própria fala do personagem (como se sentia ao falar, com que tom de voz disse, o que pensava...). Apenas na situação **a** o narrador inicia nova cena, com outras ações inclusive: o personagem se desloca, sai, etc.

Questão 4:

É justamente porque a câmera muda de foco que a fala do narrador tem que estar na outra linha. Temos outra cena, portanto: parágrafo!

Questão 5:

Queremos aqui a síntese de toda a análise. Aconselhamos o professor a fazer esse registro em uma situação de escrita coletiva e depois que se passe para o Caderno de Descobertas. Quanto mais completo e claro for o registro, melhor como fonte de pesquisa para as crianças.

Esperamos que digam algo mais ou menos assim: "Quando o narrador fala de outra coisa, e a câmera muda de foco, muda-se também de parágrafo; quando o narrador fala da própria fala, e a câmera não muda de foco, a fala do narrador fica na mesma linha."

A situação de se dar um trecho de texto para que as crianças mudem a posição do narrador, antepondo-o, intercalando-o ou pospondo-o, é extremamente rica e deve acontecer várias vezes para que fique bem estabilizado para as crianças. Aconselhamos que sejam situações de lição de casa, e que os trechos sejam escolhidos de textos que as crianças estejam lendo em sala de aula ou outros, à escolha do professor.

Bocão

Nessa atividade pretendemos que as crianças utilizem as conclusões tiradas nas anteriores. Temos novamente um texto para ser reescrito e organizado em parágrafos.

Procuramos escolher um que tivesse situações de discurso direto com a fala do narrador em todas as posições.

É interessante que esta atividade seja realizada individualmente e em classe, para que o professor possa tomar consciência de quais os conhecimentos que estão incorporados e quais ainda precisam ser mais sistematizados com a classe. A partir desse diagnóstico, o professor poderá criar situações para uma interferência precisa no processo de aquisição do grupo.

Na parte de respostas encontra-se o texto original do autor. A organização do discurso direto não permite outra solução que não seja a do autor, mas a pontuação, que também foi retirada, deve ser discutida como possibilidade de solução, da forma como aconselhamos nas atividades anteriores. Essa postura é fundamental para que a atividade seja efetivamente um pretexto para a **reflexão** e não um simples **modelo**.

Não ofereceremos novas situações de sistematização no Livro do Aluno por acreditarmos que, a partir deste ponto, a interferência deve ser precisa naquilo que é necessário; e isso, só você, professor, é que pode avaliar e criar uma situação para trabalhar a dúvida específica de seus alunos.

O parágrafo

O trabalho com o parágrafo teve início no volume 1 e já passou por várias etapas. Conversaremos um pouco sobre elas para que você, professor, ao saber o que aconteceu antes, possa entrar de maneira harmônica no processo das crianças.

Na primeira série, as crianças escreviam sem nenhum parágrafo e, por isso, nosso trabalho esteve centrado em fazê-las observar que ele existia, levando-os a levantar hipóteses de qual ou quais seriam suas funções. Foi um trabalho mais solto, que procurava acima de tudo problematizar o parágrafo.

Na segunda série, acreditávamos que os alunos estivessem com um texto de maior fôlego, e começamos a discutir de forma sistemática o parágrafo. O conceito sobre o qual nos ativemos foi o de que o parágrafo tem a função de marcar passagens de cena, mudanças de recorte no

texto, à semelhança de um movimento de câmera de filmar ao produzir as imagens. O trabalho desenvolvido foi fortemente marcado pelo confronto entre a linguagem imagética e a verbal.

Nossa experiência mostra que as crianças costumam terminar o volume 2 utilizando parágrafos simples (uma ou duas frases por parágrafo), ou já usando parágrafos complexos, que sintetizam um número maior de informações. O trabalho neste volume é, assim, dar acabamento, adequar esse parágrafo que ainda não está formalmente estabilizado.

É interessante que o professor da terceira série leia o Manual do Professor do livro ***Construindo a escrita – Gramática/Ortografia***, volume 2, no módulo de paragrafação, para que faça um trabalho coerente e que se aproprie da linguagem proposta nele.

Não entraremos em novas discussões sobre o parágrafo. Gostaríamos que o professor aproveitasse o texto **Circuito Fechado** do livro ***Construindo a escrita – Leitura e Interpretação de Textos***, volume 3, para mostrar aos alunos a ausência do parágrafo enquanto produtor de efeitos textuais.

A atividade proposta por nós, no Livro do Aluno, é:

A vitória-régia

A lenda da vitória-régia foi toda desmontada por nós. As partes foram misturadas e a proposta é que, levando em consideração o significado e os conhecimentos de parágrafo, pontuação e letras maiúsculas, os alunos possam reconstruir o texto corretamente.

Para fazer a remontagem, eles terão que observar nas tirinhas se elas começam por maiúscula ou minúscula, se estão paragrafadas ou não, qual a pontuação do trecho anterior, além da lógica do significado.

Depois que tiverem remontado o texto, sugerimos ao professor as seguintes questões:

1. Peça aos alunos que copiem os dois primeiros parágrafos do texto no caderno. Nossa intenção ao fazer esse pedido é obrigá-los a observar os espaços da escrita, pois terão de refletir sobre situações tais como: ao encontrarem um trecho que termina no meio da linha, como reescrevê-lo? Eles deverão decidir se o trecho seguinte é ou não um novo parágrafo.

2. Terminada a cópia, converse com eles sobre o que pensaram para ordenar os parágrafos, pois no momento em que explicam, são obrigados a organizar e tomar consciência do próprio pensamento. Não se preocupe se a explicação é certa ou errada. Nosso principal objetivo é convidá-los a olhar para dentro de si, para que se habituem a buscar as razões pelas quais agem.

3. Peça finalmente que marquem no texto as palavras ou os elementos que cada um observou para descobrir a ordem dos parágrafos. Os elementos observados são textuais: pontuação, letra maiúscula, parágrafo, determinadas palavras, o conteúdo.

A partir dessa discussão, a classe pode fortalecer a idéia de como pensar para saber onde colocar o parágrafo.

Ao fazer a correção, o professor deve levar em consideração outras possibilidades de organização, diferentes da do autor, mas que sejam coerentes.

É importante, para o desenvolvimento do parágrafo nesse estágio de conhecimento das crianças, que o professor esteja atento para, a cada situação que surgir nos textos que estiver trabalhando com as crianças, discutir com eles: "O que será que o autor pensou para paragrafar desse jeito? Como está a câmera aqui? E agora, que mudou de parágrafo, como ela ficou?" É nessas discussões que a compreensão do uso do parágrafo se estabilizará.

MÓDULO VII — Como introduzir as classes gramaticais

O trabalho com as classes gramaticais que será proposto nesse livro parte de algumas premissas pouco usuais, sendo importante, portanto, que o professor leia atentamente nossos apontamentos e reveja seus conceitos a respeito desses conteúdos.

Algumas considerações

Para uma palavra pertencer a uma determinada classe gramatical é necessário que ela tenha um **conjunto de propriedades** que a definam. Dizer que "Substantivo é a palavra que dá nome aos seres", "Adjetivo é a palavra que dá uma qualidade ao substantivo", "Verbo é a palavra que exprime uma idéia de ação", etc. é definir essas classes por apenas uma de suas propriedades, e

não por seu conjunto de atributos. Esse procedimento traz para as crianças uma série de confusões que serão analisadas em cada módulo específico. Em busca de uma visão mais ampla desses conceitos procuraremos analisá-los a partir de diversos aspectos, que possam traduzir o conjunto de suas propriedades.

Os aspectos que serão verificados, para cada classe gramatical, são:

a) as palavras são variáveis ou invariáveis?

b) qual é o **tipo de variabilidade:** gênero, grau, número, tempo, pessoa?

c) as palavras dessa classe formam um **conjunto finito** como os artigos, ou um **conjunto infinito** como os substantivos?

d) que **tipo de informação** as palavras dessa classe oferecem para o falante?

e) qual é a **função textual** que exercem?

No final do volume 2 foi proposto um trabalho de análise das palavras variáveis e invariáveis. Por ser essa idéia fundamental para o início do trabalho com classes gramaticais, sugerimos que seja realizado de novo, juntamente com as atividades de sistematização.

Palavras variáveis e invariáveis – Uma introdução ao trabalho com classes gramaticais

Para que o aluno possa vir a trabalhar com as classes gramaticais é preciso que comece a refletir sobre a possibilidade de **flexão das palavras**, pois esta é uma das propriedades relevantes das diversas classes.

Pensar em variabilidade implica fazermo-nos algumas perguntas: o que varia? de que forma varia? de onde para onde? por que varia? Ao buscar as respostas para estas questões, aspectos essenciais das palavras têm que ser desvendados, e são considerações relevantes para utilização posterior.

Retome com eles o que seria uma coisa que varia e uma coisa que não varia. Que coisas no mundo são variáveis e que coisas são invariáveis? Procure você a resposta em pensamento... Provavelmente você achará mais fácil pensar coisas que variam. A primeira sensação é a de que só há elementos variáveis no mundo. Mas, pense bem. Todos os dias são diferentes entre si, e portanto variáveis; mas o dia ser o momento da luz, ser depois da noite, isto é invariável; todos os olhos são diferentes entre si e portanto variáveis; mas serem órgãos dos sentidos, servirem para ver, filtrarem luz, etc., isto é invariável. Ou seja, tudo no mundo é variável na forma, no conteúdo, e invariável na estrutura.

E as palavras, são variáveis ou invariáveis? Ouça as respostas das crianças. Costumam surgir opiniões variadas. Aproveite o que disserem e depois peça que façam a atividade **Circo Vira-vira** no Livro do Aluno.

Circo Vira-vira

O objetivo da atividade é que os alunos percebam que há palavras variáveis em número, gênero e tempo, e palavras invariáveis.

É uma atividade para ser realizada em pequenos grupos, sempre em sala de aula.

Primeira reescrita:

O objetivo é que as crianças façam uma transformação em relação ao gênero das palavras. Deixe que realizem a tarefa com o conhecimento de falantes da língua. Em caso de divergência, peça que decidam pela forma que for mais provável pelo sentido da frase. No momento da correção aproveite para ouvir as diversas opiniões e compreender como estão pensando.

Pode ser que surjam discussões em relação à palavra *cachorro.* Aceite tanto *cachorra* quanto *cadela*.

Segunda reescrita:

O objetivo é que façam uma transformação em relação ao número. Proceda da mesma forma que na primeira reescrita.

Não se esqueça de que o significado é que determina se a palavra vai ou não para o plural, havendo situações com mais de uma possibilidade de resposta. Nesse trecho, acreditamos que possa surgir discussão em momentos como "uns homens com uma(s) barba(s) enorme(s)… "Leve-os a refletir sobre os sentidos e aceite mais de uma interpretação, se houver coerência.

Terceira reescrita:

Pedimos uma transformação em relação ao tempo para que percebam outra possibilidade de *flexão*. Neste momento não é interessante introduzir o termo flexão, pois pretendemos que estejam concentrados em compreender o conceito.

Questão 1:

A resposta de que tiveram que alterar as palavras é um tanto óbvia, mas queremos que afirmem para que possamos garantir que observaram.

Questão 2:

Não, em cada uma das vezes apenas algumas palavras variaram. É uma verificação importante, pois a partir dela é que encaminharemos a análise nas questões seguintes.

Questão 3:

Ao fazerem as diversas passagens, a maior parte das palavras variáveis terão sofrido algum tipo de transformação, e assim podemos destacar concretamente a existência das palavras variáveis e invariáveis.

Questão 4:

Esperamos que digam que variaram de sexo, ou do masculino para o feminino. Depois que responderem, diga-lhes como a Gramática chama esse tipo de variação: gênero. É muito importante que nesse momento o professor esclareça para os alunos que **gênero não é a mesma coisa que sexo**. *Mesa* é uma palavra do gênero feminino, mas não do sexo feminino. Essa confusão é freqüente entre as crianças. Para poder ampliar essa discussão, escreva outras palavras na lousa. Escolha palavras que não têm gênero, e palavras variáveis e invariáveis em gênero, como por exemplo *que, quando, médico, vendedor, caderno, parede, rua, compramos,* etc. Em seguida, verifique com eles dois aspectos: *Todas essas palavras têm gênero? Se tiverem, são masculinas ou femininas?* Como as palavras da lousa não serão todas substantivos, eles chegarão à conclusão de que **há palavras que não têm gênero, e outras palavras que têm gênero**. Peça que verifiquem se todas que têm gênero **variam** de gênero. Ao tentarem, verificarão que há palavras que têm gênero, mas não variam de gênero. Discuta com eles a diferença entre gênero e sexo. Peça que observem a diferença entre as que variam e as que não variam. **Poderão descobrir que o sexo é do ser e o gênero é da palavra**.

Em seguida, registre no Caderno de Descobertas todas as conclusões tiradas.

Como lição de casa, é interessante pedir que sublinhem em algum trecho, previamente escolhido por você, as palavras que têm gênero de uma cor, e as que não têm, de outra. Depois, que escolham uma terceira cor para sublinharem, das que **têm** gênero, as que **variam** em gênero. Preste atenção à ordem dada por você, pois nem todas as palavras que **têm gênero variam em gênero**, por isso é importante que desde já os alunos trabalhem fazendo essa distinção.

Questão 5:

Nosso objetivo é que observem que o texto mudou de singular para plural, ou seja, mudou o número. Peça que observem se todas as palavras mudaram ou não. Verificarão que nem todas mudaram, e poderão concluir que há palavras que variam em número e outras que não variam. Registre no Caderno de Descobertas.

Questão 6:

Na última reescrita, alteramos o tempo: de presente passamos a passado. É importante que possam verificar que também dessa forma as palavras variam, pois é a partir da idéia de tempo que trabalharemos o conceito de verbos mais adiante. Ao fazerem esse exercício, peça-lhes que verifiquem se há muitas palavras que variam no tempo, se descobrem outras coisas em comum entre elas. Anote tudo o que forem descobrindo e registre no Caderno de Descobertas.

Se perguntarem o que há em comum entre elas, pode ser que respondam que não têm gênero, mas que têm número. Se isso surgir, fantástico! Peça daí que observem que quando variam em gênero, não variam em tempo; quando variam em tempo, não variam em gênero.

Questão 7:

Neste desafio, pretendemos verificar se descobrem a transformação de grau. Nesse momento, mais do que a descoberta da solução do desafio, vá desenvolvendo neles o espírito de investigação. A cada sugestão de solução das crianças, peça que verifiquem se ela é verdadeira ou não. Caso ninguém descubra, diga-lhes que mais para a frente descobrirão. Deixe a questão no ar e passe para a atividade seguinte, intitulada **Casal Simpatia**, para descobrirem mais coisas.

Questão 8:

Nosso objetivo é destacar essas palavras para poder levá-los a refletir sobre suas propriedades.

Questão 9:

Ao pedirmos para copiá-las, queremos organizá-las para que possam fazer a questão 10, que é nosso verdadeiro objetivo.

Questão 10:

De todas as palavras que sobraram sem nenhuma transformação nesse trecho, algumas são verdadeiramente invariáveis, outras não variaram apenas nesse trecho, por uma questão de significado. Ao pedirmos que façam essa verificação, gostaríamos que o professor os ajudasse a concluir que, quando alteramos o tempo, o número ou o gênero de algum trecho, são alteradas apenas as palavras que o sentido pede, o que não significa que as outras não sejam variáveis. Exemplo: *bicicleta*, que é variável em número, mas que no trecho não se alterou.

Questão 11:

Sobraram, então, as invariáveis. O que todas têm em comum? Eles podem responder de várias maneiras: "são pequenas", "não querem dizer nada que existe no mundo", "fazem falta quando são retiradas", e talvez até digam que "ligam a palavra que vem antes e a que vem depois".

Atividades de sistematização

Dentro da lei

Nosso objetivo nesse jogo é sistematizar a diferença entre **ter gênero** e **variar em gênero**, já discutida na atividade **Circo Vira-vira.**

Para que as crianças descubram a regra, é necessário que consigam analisar quais são as propriedades comuns a todas as palavras de cada um dos conjuntos.

Não escrevemos a dica no Livro do Aluno para evitar que alguém descubra a solução antes e fique em vantagem em relação aos demais.

A dica é: Para escolher as palavras nós pensamos em **gênero.**

Casal Simpatia

O objetivo dessa atividade é que descubram mais uma forma de flexão: o grau. É um texto descritivo e começamos o trabalho por levá-los a imaginar como seriam os personagens da história. Desenhá-los faz com que tenham a necessidade de observar os detalhes de cada um. Uma vez com a imagem construída, vamos mexer com ela...

Nesse momento seguinte, ao pedirmos que completem as lacunas com as palavras que deram origem às palavras destacadas no texto, pedimos indiretamente que coloquem no grau normal para que possam descobrir mais essa possibilidade de flexão de algumas palavras.

Questão 1:

Aqui eles podem traduzir sua descoberta de várias formas. O mais provável é que digam que alterou o tamanho. Não é essa exatamente a idéia de grau, mas por enquanto aceite, pois ela será ampliada nas questões seguintes.

Questão 2:

Ao fazer essa alteração do texto, a imagem do casal se transforma, e a sensação traduzida também. O aumentativo traduz um certo humor que se perde quando se passa para o grau normal, e o diminutivo traduz um carinho que também se perde no grau normal. Se necessário, leia os dois textos em voz alta e peça que observem as sensações produzidas.

Questão 3:

Discuta com atenção essa questão, pois o grau pode traduzir uma mudança no tamanho do ser, mas nem sempre é o que acontece. Acima de tudo, o grau traduz emoções: afeto, ironia, humor...

Questão 4:

Nosso objetivo é que ampliem a verificação anterior. Ao dizer "amorzinho", não há mudança de tamanho, há a expressão de afeto. A partir dessa constatação, pode-se fazer o **Jogo das emoções**, que será descrito mais adiante.

Questão 5:

Ouça as sugestões. Freqüentemente surgem nomes interessantíssimos, e que têm toda a relação lógica com o conteúdo. Em seguida, caso ninguém sugira, informe-lhes que a Gramática chama essa flexão de **grau**. Faça-os pensar em grau de óculos, em grau de escolaridade (1º, 2º, 3º graus), em grau de termômetro e peça que expliquem por que é justamente esse o nome dessa forma de variação das palavras.

Questão 6:

Neste momento, queremos que verifiquem se as palavras que variam em grau também variam em número, gênero e tempo. Poderão descobrir que elas variam em grau e número; têm gênero, algumas variam em gênero, outras, não; mas não têm nem variam em tempo. Essas observações são importantes para preparar o trabalho com as classes gramaticais.

Questão 7:

Nosso objetivo é que utilizem as descobertas feitas e apliquem à outra situação. Aproveite para analisar os erros e perceber quais aspectos do conceito ainda estão confusos, para retomá-los.

Questão 8:

Idem à questão 7.

Jogo das emoções

Para trabalhar com os alunos o significado da flexão de grau, sugerimos a seguinte estratégia:

O professor escreve em pedaços de papel algumas emoções tais como carinho, ironia, humor, e sorteia uma palavra para cada grupo. Em seguida, diz um substantivo para cada grupo (pode ser a mesma palavra para todos os grupos). Exemplo: *moça*, *casa*, *cachorro*, *livro*, etc.

Cada equipe, de posse de seu substantivo e da emoção que deve traduzir, tem que criar e escrever um pequeno texto onde aquela palavra apareça no aumentativo ou diminutivo traduzindo aquela emoção. Por exemplo, um grupo escreve um texto em que a palavra *casinha* aparece como ironia; outro grupo, como expressão de carinho, etc.

Concluídos os textos, cada grupo lê ou dramatiza seu texto para os outros, e todos devem descobrir qual era o sentimento que deveria ter sido traduzido.

Essa atividade é extremamente rica para se trabalhar a pontuação expressiva. Ao escrever, essas emoções estarão traduzidas basicamente pelos aumentativos e diminutivos em um contexto, e marcadas pelas pontuações. Dessa forma, integramos **texto** e **gramática** numa dimensão única.

Peneirando... palavras!?

Nessa atividade pretendemos que utilizem o conhecimento adquirido para sistematizá-lo.

Como as crianças, a essa altura, não estão ainda trabalhando com variação de tempo, sugerimos que o professor peça-lhes que digam se essa história está contada no passado, no presente ou no futuro. Acreditamos que não terão problema em reconhecer que está no passado. Peça que contem a história no presente ou no futuro, e que marquem as palavras que mudaram quando alteraram o tempo. Estarão automaticamente retirando os verbos, mesmo que não saibam dizê-lo.

Caso surja a palavra *sempre* na peneira do tempo, leve-os a perceber que ela traz uma idéia de tempo, mas não varia no tempo, não traduz uma idéia de passado, presente ou futuro.

Após a primeira peneira, sem os verbos, o sentido começa a ser comprometido. A partir dela as palavras devem ser analisadas por si mesmas, sem se levar em conta o contexto. No restante, como sempre, aproveite os erros das crianças para verificar como estão pensando. Lembre-se sempre de perguntar como chegaram àquela conclusão, pois ao darem a explicação, o raciocínio utilizado por eles se desnuda.

Ao passarem pela peneira do gênero, é possível que queiram segurar palavras como *colo* ou *cargo*, alegando que existe *cola* e *carga*. Caso isso aconteça, faça-os perceber, através de perguntas, que as palavras existem, mas não são o masculino e o feminino uma da outra.

Observamos que um erro de grafia freqüente entre as crianças é a omissão da última letra, especialmente o S de plural, o R de final de verbos e o M ou U de final de verbos. Ora, são justamente letras que marcam as flexões, e por essa razão incluímos esse aspecto ortográfico interrelacionado nesse assunto.

Recomendamos que façam a atividade **A vara de São Marmelo**, 1ª, 2ª e 3ª partes, que se encontra no Livro do Aluno.

A vara de São Marmelo – 1ª parte

O objetivo dessa atividade é que observem que a ausência das letras finais de uma palavra produz modificações de vários níveis: parece a fala de uma pessoa de pouca cultura, muda a sílaba tônica de várias palavras (levanta – paroxítona; levantar – oxítona); deixa de haver concordância (as vaca).

Gostaríamos de fazer uma ressalva: não acentuamos as palavras do texto ao retirar os R finais para manter a regra de tonicidade, porque nosso objetivo **não é a reprodução da fala dos personagens, mas a reprodução da escrita das crianças** (e as crianças escrevem assim: omitindo a última letra e sem acento).

Questão 1:

As letras são o R e o S.

Questão 2:

Escrever as duas formas das palavras leva-os a tomar consciência da presença da letra que costumam omitir.

Questão 3:

Deixar de escrevê-las muda o som, reproduz uma linguagem mais popular, da oralidade. Ao tratar desses aspectos é importante que não se trabalhe com critério de linguagem **certa** ou **errada**, mas de formas diferentes apenas. Discutir com eles o quanto a escrita **não** é uma forma de reprodução da fala e, portanto, mesmo que se fale de uma determinada forma, a maneira de representá-la por escrito é outra.

Questão 4:

Ao deixar de escrever o S no final das palavras do texto deixa-se de marcar o plural e, além disso, de se fazer a concordância nominal. Observe que alterações seus alunos vêem. Se não virem nenhuma alteração é porque, para eles, parece que foi só deixar de escrever uma letra, e não deixar de dar uma informação.

Questão 5:

Deixando de colocar o R no final das palavras do texto deixa-se de informar que o verbo está no infinitivo. Como eles ainda não estudaram verbos, provavelmente não conseguirão perceber essa diferença, mas podem perceber que se escreverem *levantar*, a palavra é *oxítona*, se escreverem *levanta* ela é paroxítona, além de outros aspectos que não estão previstos aqui.

A vara de São Marmelo – 2ª parte

Questão 1:

Dessa vez deixamos de escrever a letra U, outra freqüentemente omitida pelas crianças.

Questão 2:

São várias as alterações possíveis de serem observadas, mas acreditamos que as crianças não consigam percebê-las todas:

a) passa-se a reproduzir a linguagem oral na escrita;

b) sem o U a palavra que deveria ser oxítona (acordou) passa a ser paroxítona (acordo);

c) sem o U muda-se de "ele acordou" para "eu acordo" (há uma alteração na pessoa que fala);

d) sem o U altera-se o tempo. Com U é passado, sem U é presente. Exemplo: "Ensino/ensinou línguas de forma atrasada" e outras observações que as crianças fizerem. Nosso objetivo é, acima de tudo, que estejam atentas ao fato de que esquecer de escrever uma letra não é simplesmente deixar de escrever uma letra, mas **deixar de dar uma informação para o leitor.**

Depois de concluída a atividade, o professor conversa com as crianças e pede-lhes que tentem imaginar como vai terminar a história. Ouve as opiniões deles (é um exercício de raciocínio, de antecipação). Em seguida pede que imaginem como termina a história e, depois, que leiam a 3ª parte no Livro do Aluno para conferir se acertaram.

A vara de São Marmelo – 3ª parte

Ao trazermos a irmã da Filomena para a história, passamos a trabalhar com os verbos no plural exatamente na terceira pessoa. Isso nos abre a possibilidade de discutir mais uma vez que no plural costuma-se escrever AM quando é passado ou presente, e não ÃO como costumam fazer.

Labirinto

Para conseguir encaixar as palavras nos seus lugares, é necessário poder agrupá-las pelo critério de ser ou não variável, e da forma como varia (em gênero? em número? em grau? em tempo?). Na prática terão que aplicar todo o conhecimento adquirido até então. Pode ser realizado em grupo, individualmente ou como lição de casa.

Para poder completar o labirinto, terão, na primeira etapa, que selecionar as palavras que variam em gênero, número e grau.

Na segunda etapa, sobram vinte palavras para serem selecionadas em dois grupos. Um será das palavras invariáveis e outro, das que variam apenas em número e grau. É importante que seja esse o critério utilizado, pois ele foi determinado pelas instruções, não havendo possibilidade de outro.

Na terceira questão, pedimos que tragam à consciência a lei que utilizaram para organizar as palavras. É importante o professor ter claro que as crianças podem argumentar sobre sua organização pela afirmação (por exemplo: palavras invariáveis), ou pela negação (por exemplo: palavras que não têm gênero). Poder desdobrar com eles todas as possibilidades de classificação é um excelente exercício de pensamento.

O conceito de palavras variáveis e invariáveis e o tipo de variação serão retomados a cada classe gramatical que eles forem estudando, pois será um dos aspectos para delimitá-las.

MÓDULO VIII — Substantivo e adjetivo

Introdução

Ao longo da terceira série, trabalharemos com o conceito das diferentes classes gramaticais, sempre investigando-as nos mesmos aspectos para que se mantenham os critérios de classificação. Serão eles:

1 – É um conjunto de palavras variáveis ou invariáveis?

2 – Se forem variáveis, variam em quê: gênero, número, grau, tempo, pessoa? (A variação de pessoa será introduzida no módulo dos pronomes.)

3 – É formada por um conjunto finito ou infinito de palavras?

4 – Que tipo de informação as palavras dessa classe trazem?

5 – Qual é a função textual que exercem?

Dessa forma, utilizando os mesmos princípios, procuraremos verificar as propriedades de cada classe e construir os conceitos de substantivo, adjetivo, artigo, pronome, numeral, verbo, interjeição e preposição. Algumas dessas classes serão organizadas por suas subclasses. A classe dos substantivos, por exemplo, será organizada em substantivos próprios, comuns, coletivos, etc. Mas as flexões, quaisquer delas, só serão trabalhadas no volume 4. As funções textuais são investigadas no ***Livro de Leitura e Interpretação de Textos,*** volume 3, desta coleção.

Os advérbios e conjunções não serão objeto de análise nesse momento por apresentarem uma complexidade conceitual e de abordagem que seria excessiva para a faixa etária.

Iniciaremos nosso percurso pelos substantivos e adjetivos.

Como introduzir o conceito de substantivo

Peça aos alunos que, em uma folha de papel, desenhem **mesa**.

Cada aluno desenhará a mesa que lhe vier à cabeça. Peça, então, que desenhem outra, diferente da primeira e depois, mais uma, diferente das duas anteriores. Concluídos os desenhos, convide-os a pendurá-los pelas paredes da classe e todos analisam as diferentes mesas. Desafie-os a desenharem alguma outra mesa, diferente de todas as que surgiram na classe. Quanto maior a variedade de mesas representadas, melhor.

Terminada a etapa dos desenhos, peça que olhem bem a variedade de mesas possíveis que cabia dentro da palavra *mesa*. Ajude-os a observar as diferentes características das mesas: podem ser escuras, velhas, bonitas, pesadas, leves, grandes, pequenas, etc. O que eles diriam que é, então, uma **mesa**?

Com certeza todas as crianças sabem de sobra o que é mesa, mas nem por isso defini-la é fácil. Conforme eles forem tentando defini-la, vá problematizando de forma que descubram o que é essencial dentro da idéia de mesa. Por exemplo, se disserem: "Mesa é uma tábua com quatro pés", pergunte-lhes: "Se for de vidro ou ferro, então não é mesa? E se tiver um, dois, três, cinco ou sei lá quantos pés, então não é mesa? Se disserem que é "uma superfície com um ou mais pés", você pode perguntar o que diferencia uma mesa de um banco?" e assim por diante.

Com certeza eles ficarão confusos e você poderá ajudá-los dizendo algo assim: *Vejam, quando digo* mesa*, é fácil para todos nós pensarmos mesa, desenharmos mesa, mas não é fácil, apesar de sabermos o que é mesa, explicar o que é uma mesa. Isso é assim, porque existe uma idéia de mesa dentro da gente, que é uma idéia pura, a essência, a substância. É por isso que a gente só consegue desenhar mesa com suas características. A idéia de mesa não pode ser desenhada, nem falada sem os seus atributos. É por isso que, para as pessoas poderem falar essas idéias das coisas umas para as outras, elas tiveram que dar um nome para cada idéia. Existem, assim,* ***palavras que nos informam o nome dessa idéia do que é algo*** *(substantivo) e* ***palavras que informam de que jeito esse algo é*** *(adjetivo).* Até então não falamos a palavra *substantivo* ou *adjetivo.*

Vale a pena, em seguida, começar a colecionar alguns substantivos. Vá perguntando-lhes qual o nome que se dá àquele animal que late, ao sentimento que experimentamos quando alguém nos dá um tapa na cara, ao que comemos ao meio-dia, etc. Vá fazendo uma lista de palavras retiradas dessa atividade oral e depois peça que, em grupos, busquem em textos quais as palavras que informam o nome de idéias das coisas.

Não imagine que as crianças realizarão essa atividade com tranqüilidade. Vários problemas deverão surgir. Vamos relatar uma situação que, a nosso ver, traduz a complexidade do conceito

que temos em mãos. Uma professora contou-nos, certa vez, que trabalhava com classes gramaticais e, em um determinado momento, um dos alunos disse que *ontem* era substantivo. Essa professora perguntou-lhe por que achava que *ontem* era substantivo e ele respondeu: *Você não disse que substantivo é a palavra que dá nome às coisas, pessoas, sentimentos? Qual é o nome que você dá ao dia que aconteceu antes do dia de hoje? Ontem. Então* ***ontem*** *é substantivo!* As crianças costumam fazer esse tipo de confusão e é por essa razão que ainda não dissemos o nome *substantivo.*

Quando uma criança faz uma colocação dessas, a melhor postura a ser adotada é a da ampliação do conceito. O que ela está nos dizendo ao "errar" é que o conceito que está sendo trabalhado não é suficiente para resolver esse impasse. Nesse momento, sugerimos que se faça o que está proposto para todas as crianças no parágrafo seguinte:

Quando os alunos estiverem com um número razoável de palavras, organize-os em grupos e peça que reúnam as palavras que colecionaram e analisem tudo o que elas têm em comum. Primeiramente, deixe que percebam espontaneamente as características das palavras e, depois, vá fazendo perguntas que dirijam o olhar das crianças para atributos relevantes. Pergunte-lhes, por exemplo:

— *Essas palavras são variáveis ou invariáveis?* (**Verificarão que são variáveis**.)

— *Variam em quê? Podem variar em gênero?* (Deixar que verifiquem.)

— *Podem variar em número?*

— *Podem variar em grau?*

— *Podem variar em tempo?*

É muito importante que você os ajude a verificar cada possibilidade, por isso vá perguntando, uma a uma, as formas de flexão possíveis.

Depois, verifique se o conjunto é **finito** ou **infinito**. A variedade de substantivos deve remetê-los à idéia de que este é um conjunto infinito de palavras. Mais importante do que acertar a resposta ou ter certeza de que sua resposta é certa, é que os alunos comecem a refletir sobre essa possibilidade, que busquem razões para uma ou outra resposta. Caso não cheguem sozinhos à idéia de infinito, pergunte-lhes se antes de inventarem o foguete já existia a palavra *foguete*, se antes de inventarem o computador já existia a palavra *computador*, e se eles inventarem uma coisa nova, como ela se chamaria? Ou seja, sempre se pode inventar algo novo e por isso, sempre pode surgir mais um substantivo...

Quando trabalharam com palavras variáveis e invariáveis, observaram o que é **gênero** de uma palavra. Entretanto, mesmo assim, costumam fazer algumas confusões. Por isso, por último, pergunte-lhes como fazem para saber se *dente*, por exemplo, é masculino ou feminino. A resposta que costumam dar de forma intuitiva é: "Você diz *O dente* e não *A dente*. Peça que verifiquem se todas as palavras da amostra que conseguiram juntar são masculinas ou femininas. Nesse momento pode surgir uma confusão, pois as crianças, com freqüência, confundem **gênero** com **sexo**, e quando você pergunta se *mesa* é masculino ou feminino, acham que ela é unissex! Por isso, **é importante que você ressalte que o gênero é da palavra e não do ser**. Ache o gênero de algumas palavras com eles, e peça que verifiquem se todos os substantivos têm gênero. Espere que verifiquem e concluirão que sim. Creio que agora temos condições de começar a lidar com o conceito. Diga-lhes, então, que as palavras que têm essas propriedades que eles verificaram são chamadas de **substantivos**. Redija com eles a definição, e vá escrevendo na lousa conforme forem ditando. Acreditamos que ficará algo mais ou menos assim:

Substantivo é uma palavra que:

a) tem gênero, varia em número e grau;

b) pertence a um conjunto infinito de palavras;

c) informa para as pessoas o nome das idéias das coisas.

Em um primeiro momento é importante que apliquem esse conceito descobrindo substantivos em trechos de textos. Apresentamos a seguir algumas sugestões para essa sistematização.

Quem acha primeiro?

Organize a classe em pequenos grupos e escolha um dos parágrafos de um dos textos do livro ***Construindo a escrita – Leitura e Interpretação de Textos,*** volume 3. Diga-lhes que nesse parágrafo há tantos (um número x) substantivos. Ganha um ponto o grupo que encontrar todos os substantivos daquele parágrafo, em primeiro lugar. Repita a proposta em vários parágrafos diferentes, para que se torne de fato um jogo.

Você pode ir variando a ordem e o desafio ao dizer: *Descubram todos os substantivos de tal parágrafo.*

Nessa atividade, quando as crianças errarem, é importante que o professor descubra **como** pensaram: por que colocaram palavras de outra classe? ou por que deixaram de encontrar algum substantivo? É nessas situações que o professor pode ir, gradativamente, fazendo interferências que ajudem as crianças a perceberem o que de seu pensamento está gerando a confusão.

Relacionando substantivos e adjetivos

Depois que as crianças tiverem trabalhado um pouco com o reconhecimento de substantivos, vale a pena organizá-las em grupos ou duplas para propor-lhes o jogo **Quem dá mais?**

Quem dá mais?

O objetivo do jogo é que percebam a riqueza de atributos que um substantivo pode ter. Para tal, sugerimos que:

1 – Peça-lhes que descubram e anotem no caderno o maior número possível de características que alguma coisa pode ter, *todos os jeitos possíveis de uma criança ser, por exemplo.*

2 – Cada característica vale um ponto e ganha o grupo que obtiver o maior número de pontos.

3 – Caso queira sofisticar, dê dois pontos para características inéditas, que nenhum outro grupo colocou, e um ponto para as outras características.

Corrija o jogo na lousa e vá marcando os pontos.

4 – Se achar necessário, repita o jogo com outras palavras, como *sonho*, *amor* e outras à sua escolha ou do grupo.

Depois, escreva na lousa uma coleção de adjetivos encontrados por eles. Peça que verifiquem tudo o que aquelas palavras têm em comum. Se todas as propriedades surgirem espontaneamente, melhor. Caso não surjam, vá fazendo perguntas como foi feito com os substantivos, e eles vão analisando as palavras e dando as respostas.

Conte-lhes que a Gramática chamou as palavras com essas propriedades de **adjetivos**. Convide-os a redigir com você o que são, então, adjetivos. Depois todos copiam o conceito no Caderno de Descobertas. Acreditamos que ficará algo mais ou menos assim:

Adjetivo é uma palavra que:

a) varia em gênero, número e grau;

b) pertence a um conjunto infinito de palavras;

c) informa de que jeito a idéia do substantivo é; ou informa de que jeito as coisas são. Ele aparece sempre se referindo a um substantivo.

Quando se trabalha de forma mais aberta, a locução adjetiva aparece inevitavelmente. Ao pedirmos todas as formas de ser de uma criança, casa ou mesa, aparecerão características como *quadrada* ou *de madeira*. Ao surgirem as locuções, faça-os observar que essa função de "dar forma à idéia", de dizer como as coisas são, pode ser cumprida por uma ou mais de uma palavra. No caso de ser cumprida por mais de uma palavra, essa expressão chama-se **locução adjetiva**. Complete a definição de adjetivo, acrescentando:

A função de dar forma ao substantivo, de dizer como o ser é, pode ser realizada por uma expressão formada por mais de uma palavra. Essa expressão chama-se **locução adjetiva.**

Importante:

Não se esqueça de que todos esses conceitos devem ser registrados com as palavras das crianças e não exatamente da forma como temos escrito aqui neste Manual.

Para a sistematização do conceito de locução adjetiva sugerimos a atividade apresentada no Livro do Aluno **Complete com esperteza, espertamente...**

Complete com esperteza, espertamente...

O objetivo do jogo é que as crianças descubram o maior número possível de atributos para um mesmo substantivo. Ao fazer como jogo, através da contagem de pontos, levamos as crianças a buscar adjetivos mais interessantes, menos comuns do que *bonito*, *grande*, etc.

Pretendemos, também, sistematizar os conceitos de adjetivo e locução adjetiva introduzidos nas aulas anteriores.

Como jogar:

Reúna a classe em pequenos grupos e explique todas as regras antes do início do jogo.

1 – Os alunos devem preencher a segunda coluna com adjetivos e a terceira coluna com locuções adjetivas que caracterizem os substantivos da primeira coluna.

2 – O tempo de duração do preenchimento da tabela deve ser previamente avisado: 10, 15 ou 20 minutos para preencher a tabela. Ao sinal do professor devem parar de escrever.

3 – Para iniciar a correção, um aluno de cada equipe vai para a equipe seguinte, para funcionar como fiscal. (Evita-se, dessa forma, muito atrito entre eles.)

4 – A contagem de pontos é a do *Stop*:

— só uma equipe colocou a palavra: ganha 2 pontos;

— mais de uma equipe escreveu a mesma palavra, 1 ponto;

— tem erro de qualquer natureza (inclusive ortográfico): 0 ponto;

— só uma das equipes preencheu, as outras deixaram em branco: 3 pontos.

Depois que completarem a tabela e for feita a correção na lousa, peça-lhes que respondam as perguntas para que possam retomar os conceitos utilizados.

Questão 1:

Adjetivos e locuções adjetivas têm a mesma função: caracterizar os substantivos e, portanto, são semelhantes. No entanto, adjetivos são formados por uma única palavra, enquanto locuções adjetivas são formadas por mais de uma palavra. Quais são as classes das palavras que a constituem é uma questão que neste momento não será abordada.

Questão 2:

Todas as palavras da primeira coluna são substantivos. Esperamos que digam três de seus atributos:

1 – têm gênero;

2 – variam em número;

3 – em grau;

4 – formam um conjunto infinito;

5 – nomeiam a idéia dos seres.

Eles podem ainda partir essa última idéia, dizendo:

6 – dão nome às pessoas;

7 – dão nome às coisas;

8 – dão nome aos sentimentos;

9 – dão nome aos animais; ou ainda

10 – dão nome a tudo o que existe.

Cada um desses aspectos é um atributo diferente dos substantivos.

Questões 3 e 4:

Insistimos mais uma vez na diferença entre **ter gênero** e **variar em gênero**. A essa altura do trabalho, acreditamos que as crianças não encontrarão dificuldades em respondê-las.

Questão 5:

É importante que os alunos saibam que uma mesma palavra pode pertencer a mais de uma classe. Decidir se uma palavra é ou não adjetivo é algo que depende do contexto. As palavras não **são**, elas **funcionam** em um determinado contexto como determinada classe. Esse é o objetivo da questão. Caso queira ampliar essa idéia, o que seria bastante interessante, peça — de lição de casa — para cada aluno descobrir mais uma palavra que possa funcionar como substantivo e como adjetivo e que escreva duas frases, uma em que ela apareça como substantivo e outra, como adjetivo.

Atribuir adjetivos e locuções adjetivas fora do contexto do texto é mais simples do que dentro dele, por isso começamos por uma situação isolada. Queríamos introduzir os conceitos e dar a nomenclatura. Nosso objetivo não é que as crianças saibam toda essa nomenclatura, mas acabarão por decorá-la de tanto encontrá-la e utilizá-la, como **conseqüência** e não como **fim**. Uma vez que tenham se apropriado do conceito de adjetivo e de locução adjetiva, é importante que trabalhem com o reconhecimento a fim de podermos limpar um pouco as arestas que sempre ficam no início. Para tanto, sugerimos que, da mesma forma que foi feito com os substantivos, os alunos encontrem, em parágrafos à sua escolha, substantivos e adjetivos. Sugerimos que se peça sempre que façam uma flecha ligando substantivos e adjetivos. Para a sistematização, sugerimos a atividade **Eu duvido!,** apresentada no Livro do Aluno.

Eu duvido!

Nosso objetivo é que possam aplicar os conceitos de substantivo, adjetivo e locução adjetiva trabalhados no texto da piada.

Questão 1:

Temos insistido no procedimento de marcar primeiramente os substantivos para que sempre vejam o adjetivo em relação a ele.

Pode ser que algum aluno sublinhe *manhã*, no trecho "café da manhã", como substantivo, e outros que deixem de sublinhar para marcar como locução adjetiva, e outros que marquem du-

plamente. Caso isso aconteça, considere as três possibilidades como corretas, e discuta com eles por que seriam possíveis.

Questão 2:

Insistimos na importância de que façam flechas ligando substantivos e adjetivos para que a função fique sempre evidenciada. Esse procedimento também evita que façam confusões desnecessárias, como por exemplo entre adjetivos e advérbios, que por funcionarem como se fossem "adjetivos de verbos" costumam ser confundidos.

O trabalho com o reconhecimento de substantivos e adjetivos em parágrafos de textos, e não com frases soltas, é fundamental, a fim de evitar vários problemas posteriores. Um deles é que, nas frases soltas, costuma-se colocar sempre o substantivo e imediatamente após o adjetivo. As crianças acham, a partir dessa realidade, que o adjetivo tem que estar necessariamente nessa posição, o que não é verdadeiro. Outro problema é que algumas vezes há vários adjetivos para um mesmo substantivo, alguns deles distanciados, e as crianças, então, não conseguem reco-nhecê-los.

Peça-lhes que encontrem substantivos e adjetivos em outros parágrafos, à sua escolha. Procure variar de material: peça que procurem em reportagens, em textos de livros de literatura, em textos de outras áreas dos livros utilizados por eles, em *out-doors*, etc. Analise depois, com eles, se há ou não adjetivos, que imagem do substantivo eles sugerem para o leitor, e qual a relação entre os adjetivos encontrados e o tipo de texto que está sendo usado para a pesquisa. **Dessa forma, encontrar substantivos e adjetivos passa a ser um meio de se refletir para conhecer melhor as propriedades dos diversos textos.**

Depois de trabalharem um pouco com o reconhecimento, o próximo passo é perceberem que a escolha de um adjetivo ultrapassa a mera colocação de uma palavra. Para isso sugerimos, a seguir, uma série de estratégias.

Compreendendo a função textual dos adjetivos – Estratégias

A escolha de um adjetivo implica dar forma a uma idéia geral, abstrata do substantivo, e nessa medida, lançar o leitor em um imaginário com os contornos que o autor deseja. Por não compreenderem a importância dessa escolha, as crianças colocam qualquer atributo, e, ao ler um texto, deixam de observar a riqueza e a propriedade das escolhas dos autores na colocação dos adjetivos. Queremos formar autores e leitores diferenciados, que enxerguem dimensões da linguagem nem sempre vistas por todos. Sugerimos, assim, que o professor faça a atividade **Imaginando** ou **Complete com esperteza, espertamente**, com o objetivo de sensibilizá-los para a importância da escolha dos adjetivos.

Imaginando

Peça aos alunos que deitem a cabeça na carteira, com os olhos fechados. Escolha um dos substantivos que eles tenham utilizado para fazer o jogo do **Quem dá mais?** para o qual, portanto, foram levantados muitos adjetivos. Vamos dar um exemplo com o substantivo *noite*. Escolha duas noites bem diferentes, como noite de tempestade e noite de festa, e inicie a sensibilização. Todos de olhos fechados, vá dirigindo a imaginação dos alunos.

Imaginem-se em uma noite de tempestade. Onde vocês se vêem? Estão sozinhos ou acompanhados?... Ouçam os ruídos... quais os ruídos que uma noite de tempestade sugere dentro de vocês?... e o cheiro? Sintam o cheiro dessa noite... e a temperatura. Imaginem-se nesse lugar, como em um filme. É uma noite clara ou escura? Sintam seu cheiro e sua temperatura, ouçam seus ruídos, ouçam seu coração... Quais os sentimentos que uma noite de tempestade desperta em vocês?...

Vá falando com eles baixinho, mansamente, de forma que possam ir construindo a imagem dentro de si. Depois, convide-os a acordar e contar, uns para os outros, como imaginaram a noite.

Repita todo o processo com a noite de festa. *Onde se vêem?... Com quem?... Quais os ruídos, cheiros e temperatura?... Que sentimentos essa noite desperta em você?...*

Concluída a fase de imaginar, as crianças trocam suas sensações, e o professor conversa com elas, ajuda-as a compreender que, quando escolhemos um adjetivo, não é uma simples palavra que está sendo acrescentada, mas um imaginário completo, todo um mar de emoções, sensações... Após a sensibilização, peça-lhes que escolham uma das duas noites e escrevam o que imaginaram.

Como é o meu nariz?

Em outro dia, peça-lhes, de lição de casa, que observem e desenhem vários narizes que vêem pelo mundo. No dia seguinte, todos penduram seus desenhos pela sala, e as crianças vão observando os narizes e dizendo adjetivos ou locuções adjetivas que possam caracterizá-los. Em segui-

da, o professor pede que cada aluno escolha algum deles e imagine um personagem que tenha aquele nariz, dando-lhe um rosto, um corpo, uma personalidade. *Como você imagina alguém com um nariz de batata? e um nariz pontudo? e um nariz de tucano? Dê asas à sua imaginação. Coloque esse personagem em uma situação difícil, amorosa, ou de terror. Bom texto!!!*

Adivinhe, se puder!

Podemos propor-lhes, também, que se organizem em equipes e tragam algum objeto dentro de um saco grosso. Um elemento de outra equipe vem, coloca a mão dentro do saco e vai falando como é o objeto para seus colegas de equipe, até adivinharem o que seja. Em seguida, invertem-se as posições: a equipe que adivinhava oferece seu saco para algum elemento da equipe anterior descobrir que objeto trouxeram. As crianças costumam curtir muito essa atividade!

Descrevendo e desenhando

Outra situação muito rica para ser criada em sala de aula é a do professor propor que cada aluno traga de casa uma gravura e uma descrição dela. Na aula o professor pede que todos entreguem suas gravuras e descrições, mistura todas as gravuras e guarda. Depois distribui as descrições, todas misturadas também. Cada aluno deve ler a descrição feita pelo colega e desenhar a imagem que ela descreve. Em seguida, o professor pendura as gravuras pelas paredes da sala e cada aluno deve reconhecer qual é a gravura descrita no texto que leu. Compara, então, a gravura com o desenho feito pelo aluno.

Na primeira vez que as crianças fazem essa atividade costumam ser muito imprecisas em suas descrições, e o leitor nem sempre consegue fazer correspondência texto/gravura. Como costumam descobrir essa falha, na segunda vez que a brincadeira acontece, já se observa uma grande diferença de desempenho, um cuidado ao escolher as palavras e caracterizar adequadamente a imagem. É fundamental desenvolver essa precisão, pois é justamente a falta dela que os professores das outras áreas costumam reclamar!

Nesse terceiro volume não trabalharemos com a flexão das classes gramaticais e por isso, fechado o conceito de adjetivo e sua importância textual, ampliaremos o trabalho em duas direções: por um lado analisaremos os jogos de escolhas de adjetivos nos textos — este aspecto está incluído no ***Livro de Interpretação de Textos*** — volume 3; por outro lado, analisaremos algumas questões ortográficas relacionadas a essa classe gramatical, em atividades do ***Livro de Gramática/Ortografia*** — volume 3. São elas: **Caracoleza caracolosa** (no Módulo I — Investigando a letra S), **Tômbola** (no Módulo II — Investigando a letra Z) e **Resolveu?** (no Módulo XI — Verbo).

No Livro do Aluno, no Módulo VIII — Substantivos e adjetivos, encontramos também a atividade **As duas faces de Danival**.

As duas faces de Danival

Nessa atividade temos dois objetivos: que observem adjetivos e que percebam a formação de palavras através dos prefixos I, IN, IM.

Questão 1:

Relacionar todos os adjetivos que se referem a um único substantivo. O adjetivo não precisa estar ao lado, apenas se referir a ele.

Questão 2:

As crianças já verificaram, em outras situações, que os prefixos trazem mudanças de sentido às palavras, por isso não terão dificuldade em observar que esse prefixo traz uma idéia de negação.

Questão 3:

Chamamos a atenção das crianças para as palavras que dão origem às palavras com I, IN, IM, pois a escolha do prefixo depende da letra inicial da palavra. Com esse procedimento, preparamos as questões seguintes, ajudando-as a perceber que, para I, IN, IM serem prefixo, sempre existe uma palavra anterior à qual se acrescenta o prefixo.

Questão 4:

Se o sentido do prefixo é o mesmo, por que há tantas formas? Esse é o objetivo dessa questão: dependendo da letra inicial da palavra de origem, é escolhida uma forma ou outra. Teremos, assim, uma síntese de quando usar cada forma:

a) **I** + R, L, M ou N;

b) **IM** + P ou B;

c) **IN** + todas as outras consoantes.

Boa ocasião para lembrá-los novamente de que antes de P e B usa-se M!

É possível que a classe destaque a presença do R duplo, como em IRREAL, onde tínhamos a palavra *real* e acrescentamos I (não IR). Esse segundo R é colocado apenas para não ficar "ireal" (R fraco), o que alteraria a própria palavra. Se isso acontecer, discuta com eles.

Esta questão também propicia um alerta para as crianças em relação a certos erros que cometem: falam e escrevem "inritado", "inreal" e outras. A partir dessa atividade poderão compreender por que não escrever assim.

Questão 5:

As crianças costumam fazer grandes generalizações. Quando descobrem, por exemplo, que os prefixos I, IN, IM, trazem idéia de negação, acham que toda palavra que começa dessa forma tem o prefixo, mas isso não é verdade. Nessa questão deixamos isso claro. Aproveite o espaço aberto por nossa colocação e peça de lição de casa que descubram outras palavras que comecem por essas letras. No dia seguinte, faça a lista das palavras que encontraram e organize com eles as palavras em duas colunas: uma em que o I, IN , IM é prefixo e outra em que ele não é. Aproveite a amostra de palavras e investigue: Quando a palavra primitiva começa por vogal, o que colocamos: I, IN, ou IM?

Questão 6:

Vamos brincar de transformar o Danival em um outro homem? Para isso, terão que alterar suas qualidades, mudando os adjetivos. Bom trabalho!!!

Depois que os alunos tiverem saboreado um pouco os adjetivos, podemos voltar aos substantivos para aprofundar o trabalho iniciado.

Classificando os substantivos

Classificar os substantivos em **próprio** e **comum** é, do ponto de vista prático, algo simples: os próprios aparecem com letra maiúscula e os comuns, com minúscula, portanto, é só olhar e reconhecê-los. Mas, do ponto de vista conceitual, essa questão não é tão simples assim.

Os professores costumam dizer para as crianças que o substantivo próprio dá nome a um ser único e o comum, a um ser qualquer. Elas entram em conflito porque não compreendem que único é o ser evocado, única é a essência, a substância do ser e não o nome. Eles acham que o nome é único, e fazem comentários do tipo: *Você diz que Ana é substantivo próprio porque é único, mas só aqui na classe tem três Anas!* Quando fazem esse tipo de comentário, revelam que estão confundindo o **nome** com o **ser**. Quando digo *criança*, evoco delas o que há de comum, igual a todas e que faz com que, desprezando todas as diferenças possíveis entre todas as crianças do mundo, eu possa reconhecer alguém como criança. Quando digo *Ana*, podem existir centenas de Anas, o que eu evoco dentro de mim é o que torna aquela Ana especial, diferente e única no mundo. O nome pode ser o mesmo, a substância evocada é que é única. Por essa razão, vale a pena trabalhar essa classificação com uma situação bem concreta em sala de aula.

Substantivos próprios e comuns

Diga para a classe que a sala está cheia de crianças. *Quando vocês dizem isso, o que significa?* Deixe que tentem se explicar como quiserem e puderem. Caso não consigam, vá fazendo perguntas desencadeadoras, que dirijam o olhar deles para determinados aspectos. *É ser vivo? É pessoa, animal ou planta? Que mais há em comum a todas elas? Ou seja, quando digo "criança", todos pensam no que faz todos vocês serem iguais, entre si e com todas as crianças do mundo.*

Escolha dois alunos que tenham o mesmo nome (caso isso não ocorra, escolha um de sua classe e outro de outra classe que seja conhecido por todos, ou ainda um artista). Olhe para um deles e pergunte: *Quando você diz "João", que características você dá para ele?* Deixe que falem e tome cuidado com as brincadeiras de mau gosto que possam surgir. Peça depois que digam as características do outro aluno João. Quando você diz esse nome, cada um pensa naquilo que faz o João ser único, diferente. Mesmo que o nome seja igual, a idéia evocada é diferente. Por isso os gramáticos dividiram os substantivos em próprios e comuns.

Não se esqueça de que a definição deve ser redigida com as palavras dos alunos, e não exatamente como está neste Manual.

Redija com eles a definição e peça que copiem no Caderno de Descobertas. Acreditamos que fique mais ou menos assim:

Substantivo próprio é aquele que nos faz pensar em algo ou alguém especial, que só existe um no mundo. Ele é sempre iniciado com letra maiúscula.

Substantivo comum é aquele que nos faz pensar em algo ou alguém qualquer, que pode ser qualquer um daquele tipo. Quando escrevemos, ele é iniciado por letra minúscula, a não ser que seja a primeira palavra do parágrafo ou que venha depois de algumas pontuações.

Para sistematizar essa idéia, sugerimos que façam a atividade do Livro do Aluno **Um qualquer...o próprio.**

Um qualquer... o próprio

Nosso objetivo é sistematizar os conceitos de substantivo próprio e comum.

Ao completarem a lista com substantivos próprios, estamos preparando a reflexão que virá a seguir. Essa parte da atividade deve ser realizada individualmente.

Questão 1:

Pedimos que confrontem os substantivos próprios escolhidos para preparar as questões seguintes.

Questão 2:

Imaginamos que possa haver coincidência de alguns nomes da lista. Essa igualdade pode ser de duas formas: ou os dois pensaram na mesma coisa, como por exemplo os dois colocam a cidade onde moram; ou os dois colocam o mesmo nome para o pai porque os dois pais têm o mesmo nome, mas são pessoas diferentes. Acreditamos que nessa troca entre eles essas idéias emergirão.

Questão 3:

Nela pedimos que organizem as idéias que discutiram. Imaginamos que respondam mais ou menos assim: a resposta foi a mesma porque pensamos na mesma pessoa ou na mesma coisa; o nome era igual, mas a pessoa era diferente porque pensamos em pessoas diferentes.

Questão 4:

Voltamos à comparação de diferenças: um é um ser especial, outro um ser qualquer, um é escrito com maiúscula, outro com minúscula.

Peça que as crianças tragam diferentes textos para a sala de aula. Peça que tragam certidão de nascimento, anúncios de revistas, livros, regras de jogos, carteiras de identidade, folhetos de depósito de banco, revistas especializadas, jornais, etc. Quanto maior a variedade de material que você obtiver, melhor. No dia combinado todos trazem seus textos e as crianças, reunidas em grupos, vão analisando neles se há substantivos próprios e comuns. Depois, converse com eles em que tipo de textos os substantivos próprios costumam aparecer com maior freqüência, e por quê. Certidões de nascimento, formulários de banco, registros de cartório, etc. são muito ricos em substantivos próprios. E não é à toa: são documentos que garantem a identidade ou posse de algo para alguém. Deixe que observem que nos anúncios o substantivo próprio, por exemplo *Helmann's*, vem em destaque maior do que o do produto, *maionese*, por exemplo. Por que será? Deixe que pensem...

No Livro do Aluno há a proposta **O Grande Circo Internacional** para sistematizar essa idéia.

O Grande Circo Internacional

Nossos objetivos são a utilização dos conceitos trabalhados e a observação dos detalhes na leitura das ordens. Quantos são os erros que as crianças cometem porque não lêem adequadamente as ordens dos exercícios!

Leia o texto com eles, converse sobre circos e depois peça que resolvam a atividade. Esteja atento aos pedidos de cada questão:

Questão 1:

Pedimos **só** os substantivos próprios **do texto todo**.

Questão 2:

Pedimos **todos** os substantivos (não importa se próprios ou comuns) **de alguns parágrafos** apenas.

Questões 3, 4 e 5:

Pedimos apenas os substantivos comuns e seus adjetivos **de um único parágrafo,** unindo-os com setas.

O professor não deve ler as ordens nem explicar para os alunos o que fazer. Se fizer isso, estará impedindo-os de aprender a ler e de crescer enquanto leitores. Se fizerem sozinhos e errarem, poderão descobrir onde é que estão interpretando mal.

Depois de localizarem tantos substantivos, vamos brincar um pouco com eles. Deixe que descubram os cinco substantivos que são variáveis em gênero, e completem o diagrama. Bom trabalho!

Uma vez realizada a atividade, centre seu olhar no texto literário escrito por eles. Caso observe que ainda escrevem nomes próprios com minúscula, ou que colocam a maiúscula apenas no nome do personagem principal, ou que colocam maiúscula apenas na primeira vez que ele aparece, escolha um texto que tenha vários substantivos próprios e peça que marquem todos eles. Depois, peça que marquem com outra cor todas as letras maiúsculas. Discuta com eles em que situações a maiúscula aparece, que diferença faz colocá-la ou não. Aproveite para retomar a questão da pontuação e do parágrafo, que surgirão inevitavelmente!

Substantivos coletivos

Para trabalhar com os substantivos coletivos sugerimos a atividade **Juntos somos mais,** do Livro do Aluno.

Juntos somos mais

O objetivo dessa atividade é introduzir o conceito de substantivo coletivo.

Iniciamos a atividade pedindo que desenhem. Pretendemos, assim, que visualizem a diferença das idéias representadas, para poderem refletir sobre elas depois.

Escolhemos coletivos do cotidiano das crianças para que enfrentem apenas a dificuldade conceitual, pois os coletivos eruditos têm significado desconhecido para eles, o que criaria mais uma dificuldade para compreenderem o conceito.

Como é muito sutil a diferença conceitual entre o substantivo comum e o coletivo, optamos por trabalhar de uma forma mais diretiva, através de perguntas.

Questão 1:

Observarão que todas são substantivos.

Questão 2:

São todos comuns.

Questão 3:

Estão todas no singular. Até aqui observamos as **semelhanças na palavra**.

Questão 4:

Começamos a **comparar a idéia dos dois desenhos**.

a) Esperamos que observem que aparece a mesma coisa nos dois desenhos; por exemplo, nas duas colunas aparece "jogador".

b) Na coluna da esquerda aparece um só, na da direita aparecem vários.

Questão 5:

Esperamos que depois de compararem os dois desenhos — na palavra e na idéia — definam substantivo coletivo mais ou menos assim: ***Substantivo coletivo*** *é um tipo de substantivo comum que, mesmo no singular, representa uma idéia de vários seres ao mesmo tempo, ou uma idéia no plural.*

Não se esqueça de que essa definição deve ser elaborada pelo professor **juntamente com as crianças**, e não dada pelo professor com suas palavras.

Somos ainda mais...

Nosso objetivo ao elaborar essa atividade foi ampliar o universo de coletivos interessantes para as crianças conhecerem. Dentre os eruditos, esses são os mais facilmente encontrados em textos ou na linguagem cotidiana.

Optamos por uma lista em que, às vezes, o coletivo está omitido, às vezes o substantivo comum, às vezes os dois estão presentes e o trabalho é relacioná-los. Ao proceder dessa forma, damos pistas suficientes para que trabalhem por dedução, fazendo inferências e, ao proceder assim, ampliem o universo de coletivos.

Caso o professor deseje ampliar ainda mais a lista de coletivos de sua turma ou sistematizar mais a lista fornecida por nós nas atividades, sugerimos que faça um Jogo da Memória com os coletivos e substantivos comuns correspondentes. No mais, para o momento não vemos necessidade de outras extensões conceituais.

Substantivos simples e compostos

No Livro do Aluno encontramos a atividade **Simplesmente compostos** que tem por objetivo introduzir os conceitos de substantivo simples e substantivo composto. Depois de realizada a atividade, discutir com eles as propriedades de cada um e registrar no Caderno de Descobertas. Este assunto poderá ser mais aprofundado quando discutirem a formação de palavras.

Simplesmente compostos

Questão 1:

Ao escreverem o nome dos objetos abaixo dos desenhos, acreditamos que surgirão dúvidas do tipo " é junto ou separado?". Essas perguntas já são um pretexto para você começar a discutir com eles por que essas palavras têm hífen. Traga frases onde essas palavras podem ser vizinhas sem por isso serem substantivos compostos, como por exemplo *Para quedas de cabelo, use Araldite!* **Sem** hífen, senão...

Questão 2:

Ao observarem o que as palavras têm em comum, estarão levantando o conceito de substantivos compostos. Esperamos que digam: são substantivos, são formados por duas palavras, estão no singular, têm hífen. Em atividade posterior vamos relativizar a presença do hífen, pois nem todos os compostos são hifenizados. Como primeiro contato achamos que os hifenizados deixavam mais evidente a composição e a identidade de cada uma das palavras.

Questão 3:

Por confronto o que será que imaginam que seja um substantivo simples? Esperamos que digam que é um substantivo formado por uma só palavra.

Questão 4:

Vamos juntar palavras para formar novas? Encontramos 18 palavras possíveis de serem formadas com esses radicais. E as crianças, quantas encontrarão?

Decompondo

Além dos substantivos compostos com hífen, há os que não são hifenizados. São eles nosso objetivo nessa atividade.

Questão 1:

Damos algum elemento da tabela e pedimos o terceiro ou os outros dois, de tal forma que, em cada linha, formem a palavra composta sem hífen, as palavras que a formaram e seu significado a partir de sua formação. Procedendo dessa forma, rompemos a generalização indevida do início da formação do conceito de substantivos compostos, ampliando-o.

Questão 2:

A diferença entre os substantivos da tabela e da lista é a presença ou ausência de hífen. No restante, são iguais, e o professor deve aproveitar a ocasião para destacar essas semelhanças também.

Esse Pedrinho!...

É uma brincadeira matemática com pontuação e hífen. Como Pedrinho copiou o problema sem vírgulas e hifens, Eulália acaba comprando um número diferente de coisas. E aí, que confusão! Trabalhamos assim a importância desses dois elementos na escrita.

Pretendemos que, através do problema e da situação do sofá, as crianças percebam a importância da presença dos hifens e vírgulas como integrantes da significação. Se não puser, dá problema!

Completando a tabela

Normalmente as crianças têm dificuldade em integrar todas as possibilidades de classificação dos substantivos e acham que, se ele é comum, não pode ser mais nada, por exemplo. Nessa atividade pretendemos confrontar todas as possibilidades de classificação dos substantivos simultaneamente.

Além desse objetivo gramatical, usamos as palavras da tabela para trabalhar com leitura de ordens. Quem não ler com bastante atenção os pedidos para preenchimento das lacunas não descobre a adivinha e dança!!!

O assunto de substantivos compostos às vezes remete ao de prefixos. Caso alguém traga essa confusão, mostre-lhes que os prefixos não existem sozinhos como palavras, e nas compostas as duas existem como palavras independentes. Caso a confusão não surja, deixe barato, e não toque no assunto...

Simultaneamente ao trabalho gramatical proposto nessa unidade, ao longo do ***Livro de Leitura e Interpretação de Textos*** — volume 3, há situações de análise de jogos discursivos com substantivos e adjetivos. Ao discuti-los, fechamos a rede da linguagem. Aqui, nosso objetivo era compreender suas características e propriedades, para que lá, substantivos e adjetivos pudessem estar inseridos no texto e produzindo jogos de linguagem. Ao viverem essa passagem do que era fim tornar-se meio, as crianças puderam reanalisar todo o conteúdo já estudado, mas com um novo olhar, descobrindo, "ressignificando", fazendo a **sua** releitura...

MÓDULO IX — Artigo

Os artigos emergem do trabalho de substantivos de forma natural. Seu conceito não é de difícil apreensão pelas crianças, portanto, vamos direto ao trabalho.

Como introduzir o conceito de artigo

Todas as vezes que trabalhamos com uma nova classe de palavras, temos proposto uma estratégia em que os alunos descobrem um universo de palavras daquela determinada classe e, depois, retiram o que as palavras têm em comum para descobrir a idéia, o conceito. Em relação aos artigos, propomos o contrário: Reunimos os alunos em grupos e damos o conceito todo. Depois eles devem descobrir quais as palavras que podem fazer parte desse conjunto. Mãos à obra?! O professor pode iniciar escrevendo na lousa:

Essa classe gramatical apresenta as seguintes características:

a) é um conjunto finito de palavras;

b) as palavras dessa classe são todas variáveis em gênero e número;

c) essas palavras informam se o substantivo é masculino ou feminino, singular ou plural.

Em seguida, o professor pode incentivar os alunos, dizendo: *Vamos ver se vocês descobrem todas as palavras que podem fazer parte desse grupo. São apenas oito palavras que existem.*

Deixe que procurem. Provavelmente farão confusão com outras classes gramaticais como numerais ou pronomes (dizem *um lápis, dois lápis*, etc. ou dizem *seu lápis* e não "sua lápis", etc.). É interessante discutir com os alunos esses erros, que podem ser utilizados para sintetizar o conceito. Você pode dizer para eles: *Mas quando digo "três lápis"eu fico sabendo se "lápis" é masculino ou feminino? Veja, essa palavra informa uma* ***quantidade****, mas não informa o* ***gênero****, então não serve.* Gradativamente vá limpando as arestas com a classe. Quando um aluno sugerir uma determinada palavra, coloque-a em discussão com o grupo todo. Ao procedermos dessa forma, acima de tudo estaremos instigando as crianças a pensar, a levantar hipóteses, a argumentar em busca de suas razões. Terminada a discussão, os artigos devem ter surgido. Caso não surjam, escolha um trecho de texto, sublinhe os substantivos e vá analisando palavra a palavra com eles, observando qual ou quais cumpririam as propriedades dadas na definição.

Além dessa estratégia, o professor pode também proceder da seguinte maneira:

Coloque alguns substantivos na lousa, tomando cuidado para que apareçam entre eles os que não são femininos ou masculinos terminados em A/O (como *pele*, *tatu*, *ator*, *herói*, *gigante*, etc.), ou que tenham o singular em S (como *pires*, *lápis*, *Vênus*, etc.). Pergunte às crianças a que classe gramatical aquelas palavras pertencem, e eles dirão que são substantivos. Diga-lhes, então: *Nós vimos que todos os substantivos têm gênero e número, são palavras masculinas ou femininas, no singular ou plural, não é? Pois então vamos verificar qual é o gênero e o número desses substantivos.*

As crianças realizam essa atividade com facilidade. Ao responderem, pergunte-lhes o que observaram para saber qual era o gênero e o número. Costumam dizer coisas mais ou menos assim: *Oras, você diz "a" pele e não "o" pele, diz o "lápis" ou os "lápis",* etc. A partir daí você retira com eles a lista dos artigos, diz o nome que a gramática dá a esse conjunto de palavras e redige com eles a definição, que já foi dada no início da atividade, mas que vale a pena ser agora redigida com as palavras das crianças.

Caso tragam como forma de solução outras classes de palavras como numerais ou pronomes, sugerimos que o professor vá fazendo perguntas que possam desequilibrar essas sugestões, como citamos alguns parágrafos acima.

Após a descoberta dos artigos, é importante trabalharem um pouco com localização de artigos para estabilizarem o conceito. Escolha trechos de textos e peça que encontrem os artigos. Não faça essa sistematização com frases isoladas. Geralmente, nas frases prontas, os **os** e **as** são sempre artigos, o que não acontece na realidade da língua. Ao trabalharem com trechos de textos, serão obrigados a pensar pela definição. No Livro do Aluno encontramos a atividade **Ah! Que pena!**, que desenvolve essa idéia.

Ah! Que pena!

Nosso objetivo é que aprendam a reconhecer os artigos utilizando um pensamento por negação.

Questão 1:

Nosso objetivo é que pensem assim: para ser artigo tem que estar informando se o substantivo é masculino, feminino, singular ou plural. Se não estiver dando esse tipo de informação não é artigo.

Para fazer a classificação pedida poderão verificar que no trecho "sem saber **o** que fazer" não há substantivo, portanto, não pode ser artigo; em "recolher as coisas", *coisas* é substantivo e o **as** está dizendo que é feminino e plural, portanto é artigo.

Acreditamos que muitas confusões possam surgir. Por exemplo, em "com os dois braços" é possível e até provável que muitas crianças digam que **os** é artigo e *dois* o substantivo, pois é a palavra que está imediatamente após **os**. Esse tipo de situação gera discussões interessantíssimas nos grupos, e permite que os conceitos sejam "limpados", sistematizados na discussão com a classe toda. Por essa razão consideramos o momento da correção de uma riqueza incalculável: não dê simplesmente a resposta certa, mas alimente a reflexão através da discussão das dúvidas e erros das crianças.

Deixe que se reúnam em grupos de três ou quatro elementos para fazer a classificação, a fim de que possam discutir bem. Na hora da correção, vá pedindo que argumentem: *Quem acha que é artigo, diga por que acha isso. Quem acha que não é artigo, diga por que acha que não é.* Ao proceder assim, você estará ajudando-os a pensar por exclusão.

Questões 2 e 3:

Ao pedir para explicarem o que observaram, nosso objetivo é que tomem consciência dos elementos que observaram, pois muitas vezes pensam, mas não têm consciência do que pensaram.

Repita outras vezes essa atividade de encontrar os artigos em algum trecho, à sua escolha, para que o conceito fique bem estabilizado.

No Módulo VIII — Substantivos e Adjetivos, há as atividades **O Grande Circo Internacional** e **Eu duvido!**. Nas duas, as crianças destacaram os substantivos do texto ou de alguns trechos. Sugerimos que voltem a elas e destaquem agora os artigos, ligando-os ao substantivo a que se referem. A análise das palavras do texto vai ficando, assim, cada vez mais completa.

Depois disso, podemos ampliar mais o conceito de artigo ao classificá-lo em artigos definidos e indefinidos.

Gostaríamos de ressaltar que não destacaremos os artigos que estão em contração com as preposições. Quando virem preposição é que eles serão destacados e terão sua identidade garantida.

Como introduzir a classificação dos artigos em definidos e indefinidos

Os artigos podem informar se o substantivo é masculino ou feminino, singular ou plural, definindo ou indefinindo o substantivo. Esses dois conceitos podem ser introduzidos através da estratégia que apresentamos a seguir.

O professor pode retomar com as crianças a estratégia sugerida para introduzir o conceito de substantivo. **Escreve** na lousa pedindo-lhes que desenhem **um cachorro**. Surgirão cachorros diferentes. Pendura todos os desenhos e conversa sobre a diversidade de cachorros que surgiram.

Em seguida, escolhe um dos desenhos que tiver se destacado por alguma razão e **escreve na lousa** pedindo que todos desenhem **o cachorro** de fulano (o dono do desenho escolhido). Surgirão desenhos semelhantes. Pendura-os e pede que observem as semelhanças dos desenhos. Depois conversa com eles sobre qual foi a diferença na formulação do pedido que originou desenhos iguais ou diferentes entre eles. Acreditamos que observem o artigo.

Ao responderem à pergunta já estarão definindo os conceitos de definido e indefinido. O professor coloca agora outras situações para eles:

Se eu disser: "Vi uma menina passando" ou "Vi a menina passando" há diferença de sentido para quem ouve? Qual? E assim por diante. No mais, agora, além de localizar os artigos, é parar para classificá-los. Não insistiremos nessa localização porque a grande importância do trabalho estará em analisar os jogos de sentido possíveis de serem produzidos através deles dentro de um texto. A mera localização de artigos, como um fim em si mesma, é uma atividade vazia.

Sugerimos que o professor faça a atividade **João e Maria** para sistematizar essas descobertas.

João e Maria

Questão 1:

Acentuar as palavras que estão sem acento tem por objetivo manter acesa a preocupação das crianças em relação à acentuação. Se não a mantivermos viva eles se esquecem sistematicamente de acentuar as palavras.

Questão 2:

Para localizar os artigos, terão que aplicar todo o conhecimento adquirido até então. Acreditamos que haja uma tendência a marcar todos os **as** que encontram sem maiores reflexões.

Se isso ocorrer, provavelmente marcarão o **a** de "a perguntar" como artigo. Pergunte-lhes de qual substantivo ele determina o gênero e o número. Uma vez que esse **a** não se refere a nenhum substantivo, não pode ser artigo. A mesma reflexão é válida para o **o** de "o que" do último verso.

Questão 3:

Substantivos, adjetivos e artigos formam uma unidade de significação: princesa pode ser qualquer uma, mas você era **a princesa que eu fiz coroar**, e isso te fazia toda especial. Além disso era *linda*. Não nos era possível formular perguntas para explorar todos esses aspectos, o que tornaria o trabalho longo demais, mas você, professor, aproveite a situação e discuta com eles oralmente. É nesse trabalho informal, ouvindo o que trazem de compreensão espontânea, que o crescimento dos alunos enquanto leitores se efetiva.

Questão 4:

Nas questões 4 e 5 tentamos levá-los a perceber a mudança de significado e de relação entre as pessoas que pode estar marcada na escolha de um artigo definido ou indefinido. É uma ousadia de nossa parte levantar esse tipo de reflexão e, por isso, queremos deixar bem marcado que deve ser realizada em grupo e discutida em grupão, sem preocupação de certo ou errado, apenas como pretexto para a reflexão.

Questão 5:

Não afirmamos que haja mudança de significado, pois essa conclusão não pode ser nossa, deve ser deles. Caso achem que não há mudança, isso deve ser respeitado. Mas, se conseguirem perceber, qual é ela? Com o artigo definido, o herói é especial, e os dois personagens do texto sabem qual é esse herói, como se aquela brincadeira fosse freqüente entre eles. Ao reescrever com o artigo indefinido, passa a ser um herói qualquer, que o outro não sabe qual é. O que será que os alunos conseguirão perceber? Ouça-os com atenção e conheça um pouco mais do mundo deles.

MÓDULO X — Pronome

Considerações

O capítulo dos pronomes é vasto e de grande importância textual. Os pronomes são um dos recursos usados para evitar a repetição de palavras em um texto, possibilitando maior leveza e prazer na leitura. O domínio dos pronomes pressupõe um conjunto complexo de conhecimentos. É preciso saber seu conceito, sua classificação, sua função textual, os jogos discursivos e, além disso, é preciso ter muito conhecimento sintático para saber escolher um pronome e colocá-lo na frase. Assim sendo, não pretendemos que as crianças terminem o volume 3 dominando o assunto. Neste volume desenvolveremos o conceito, a função textual, a escrita e a leitura adequada dos pronomes. No volume 4 iniciaremos a classificação dos primeiros pronomes.

Função textual dos pronomes

Nossa proposta é que as crianças iniciem o trabalho pela função textual dos pronomes. Para tal, sugerimos que seja feita em sala de aula a atividade do Livro do Aluno **Clarissa Dallas — O início.**

Clarissa Dallas — O início

Este é o trecho de um texto que reescrevemos repetindo propositadamente o substantivo **Clarissa.** O texto ficou estranho, houve inegavelmente perda da literariedade, mas quisemos reproduzir a forma como as crianças escrevem. Por que será que elas escrevem assim? Acreditamos que seria interessante refletir sobre isso, para compreendê-las e, assim, ajudá-las de uma maneira mais eficiente.

Para escrever um texto, é necessário que algum elemento se mantenha, de forma a garantir o fio textual e, ao mesmo tempo, que coisas novas aconteçam para que o texto se constitua. Dos elementos que costumam manter o fio textual, o personagem é o mais freqüente: sempre acontecem coisas novas, mas o personagem permanece ao longo da narrativa, mantendo a unidade. Portanto, mantê-lo significa a descoberta de conhecimentos importantes da estrutura da narrativa!

Por outro lado, repetir o nome do personagem ou o pronome **ele**, como as crianças fazem, torna o texto cansativo. Por que, então, elas procedem assim?

Para evitar a repetição, é necessário que as crianças vejam que **Clarissa**, **ela**, **a**, **lhe**, **sua**, **dela**, **a professora**, **a velha**, ou até mesmo não ter nada escrito no lugar do nome do personagem (elipse),

representam o mesmo elemento dentro do texto, apesar de serem palavras e sons tão diferentes. Ou seja, precisam conseguir enxergar o que se mantém em um contexto de transformação. Mas perceber a identidade de um objeto tão simbólico não é algo simples, nem algo dado de antemão. Por isso, nosso papel é ajudá-las a descobrir, a desvendar essas possibilidades que a língua oferece, e não cobrar delas essa solução como se fosse óbvia ou natural.

Sugerimos para isso que o professor reúna a classe em pequenos grupos e peça que reescrevam o texto, evitando sempre que possível a repetição do nome **Clarissa**. É importante que o professor vá circulando pelos grupos, ouvindo-os e fazendo perguntas que possam ajudá-los a verificar coisas significativas. Por exemplo, é comum as crianças substituírem o nome **Clarissa** por **ela** e passarem a repetir **ela** exaustivamente. Nesse caso o professor poderá perguntar de que outras formas, além dessa, podemos evitar a repetição do nome **Clarissa**, obrigando-as a buscar outras soluções possíveis. **Depois, abra a discussão para a classe toda e ouça as respostas dos diversos grupos, fazendo uma reescrita coletiva que reúna as soluções da classe.**

Esse momento é muito importante. Deixe que os grupos falem e discutam suas soluções. Não se preocupe se é a solução "certa" ou a melhor do ponto de vista lingüístico. Nesse momento nosso objetivo é problematizar, levá-los a refletir e, como sempre, vamos trabalhar com soluções possíveis, sem um julgamento de valor.

Depois que a classe tiver produzido suas soluções, confronte com a da autora (apresentada junto com as respostas das atividades desse módulo), novamente não com o julgamento de certo ou errado, mas como duas possibilidades de escrita. Como as crianças estão habituadas a analisar jogos discursivos, durante o confronto enfoque os jogos produzidos. Por exemplo, suponha que as crianças resolvam o início do segundo parágrafo dessa forma:

... para eriçar seus cabelos cor-de-rato, quando levou para dentro a garrafa,

ou que resolvam assim:

... para eriçar seus cabelos cor-de-rato, ela (ou aí) levou para dentro a garrafa.

Ao confrontar a solução das crianças com a da autora:

Ainda estava de roupão e de rolinhos para eriçar seus cabelos cor-de-rato, a velha professora levou para dentro a garrafa...

procure destacar quais as sensações que cada forma de escrever produz no leitor. Não se contente em dizer simplesmente certo ou errado. Poderão, nessa hora, perceber que o **quando** destaca a simultaneidade das ações; que **ela** ou **daí** tornam a linguagem infantil ou menos culta, e, ainda, que na solução da autora a linguagem é menos coloquial e as características de antipatia de Clarissa ficam mais evidenciadas.

Ao agir dessa forma, o professor não só estará ampliando a visão das crianças, como também estará garantindo que aquilo que não observaram sozinhas torne-se visível para elas. Em seguida, estarão preparadas para fazer o fechamento da atividade.

Questão 2:

Para concluir a atividade, peça que analisem as diversas soluções, agrupem as que são comuns e descubram, assim, de que forma é possível evitar a repetição de palavras. Poderão chegar às seguintes conclusões:

- Podemos não pôr nada (elipse).
- Podemos utilizar uma expressão equivalente (**a professora**).
- Podemos usar pronomes (como eles não sabem o termo, deixe que se expressem como puderem).
- Podemos mudar a estrutura da frase.

Alguns dias depois reúna-os em grupos novamente e peça que façam a atividade **A volta de Clarissa**. Esse é um trabalho importante para que possam trocar idéias e utilizar os conhecimentos adquiridos. É nesse momento que novas dificuldades aparecem e o que ainda não estava muito claro se organiza dentro deles.

Veja a seguir a atividade do Livro do Aluno **A volta de Clarissa**.

A volta de Clarissa

Iniciamos o trabalho desse trecho pedindo que confiram se acertaram ou não quem era Clarissa.

Um bom leitor, atento, terá sabido reconhecer em “a velha professora”, da primeira parte, a resposta. Outro, só agora verá com nitidez quem era ela. Será que a imagem sugerida na primeira parte é a mesma neste trecho? O professor pode aproveitar para discutir a importância da caracterização para formar a imagem que o leitor vai construir do personagem, do lugar, etc. Voltamos aqui à importância do detalhe e da transformação operada através do leitor.

É importante que nesse momento os alunos possam realizar **em grupo** a tarefa de retirar as repetições do texto. A primeira atividade teve o objetivo de gerar novos conhecimentos, de ampliar a visão das crianças com diferentes possibilidades de solução. Nessa segunda atividade nosso objetivo é possibilitar a troca — entre os alunos — do que cada um compreendeu e que pode auxiliar o outro. Muitas vezes, nesse momento, muitos aspectos que foram discutidos com a classe e passaram desapercebidos podem ser realmente observados e compreendidos por algumas crianças.

Essa atividade deve ser discutida nos pequenos grupos e todos os alunos devem reescrever a continuação da história na folha avulsa onde foi reescrita a primeira parte do texto.

Atenção: **todos** devem reescrever a história e não apenas um representante do grupo. Os textos reescritos serão entregues para o professor corrigir e analisar. (A correção não deve ser coletiva.)

É interessante que o professor grampeie juntos todos os textos da equipe, pois esse procedimento poderá:

- facilitar a correção;
- ajudá-lo a observar problemas específicos como, por exemplo, um elemento do grupo que reescreve com erros de grafia ou que não coloca a mesma pontuação que os outros.

Vale a pena, também, deixar claro que, não havendo consenso entre os elementos do grupo sobre qual a melhor solução, eles poderão apresentar reestruturas com trechos diferentes. Sugerimos que nesse caso o professor peça aos alunos que marquem o que está diferente. Isso facilitará a correção.

O fim de Clarissa Dallas

Esse trecho apresenta poucas situações para uso de pronomes, mas como queríamos que as crianças conhecessem a história para manter o sentido, utilizamos o final para uma atividade de reescrita do tipo *jogo de erros*, a fim de estimular no aluno o papel do revisor.

Ampliando o conceito de pronome

Concluídas as reestruturas, o professor pede que as crianças façam uma lista das palavras usadas — que não eram sinônimos — para evitar a repetição.

Ao voltarem ao texto selecionarão: **seu, ela, dela, sua(s)**.

Peça-lhes em seguida que, reunidas em grupos, procurem em livros, jornais e revistas outras palavras que, segundo elas, poderiam fazer parte desse conjunto.

Vá circulando e observando o que os alunos pensam ser os pronomes. Esta é uma boa oportunidade para o professor conhecer o pensamento deles. Quando selecionarem alguma palavra, pergunte-lhes *O que vocês observaram para achar que essa palavra também faz parte desse grupo?* Quando os alunos explicam o que pensaram o professor pode conhecer o pensamento deles.

Quando achar que o conjunto de pronomes já está razoável, o professor escreverá na lousa todos os pronomes encontrados e pedirá que, juntos, descubram todas as propriedades daquelas palavras. Poderão chegar às seguintes conclusões:

- É um **conjunto finito de palavras**. (Concluirão isso a partir do fato de que os pronomes sempre se repetem.)
- São palavras **variáveis em gênero**. (Logo encontrarão *ele/ela*, etc.).
- São palavras **variáveis em número**.
- São palavras **variáveis em pessoa**. (Essa conclusão é mais sutil, mas o professor poderá ajudá-los pedindo que observem transformações em frases. Mais adiante daremos sugestões de como o professor poderá proceder para ajudá-los a descobrir a variação de pessoa.)
- **Estão no lugar de outra palavra ou no lugar de um substantivo.** (Peça que verifiquem no texto **Clarissa Dallas** que tipo de palavra os pronomes substituem e verificarão que são substantivos.)
- **Têm a função de evitar a repetição de palavras.**

Escreva o conceito com eles e peça que registrem no Caderno de Descobertas.

Para ajudá-los a descobrir a variação de pessoa, sugerimos que o professor faça transformações em trechos do texto **Clarissa Dallas**. Por exemplo: *Se você fosse a professora, como ficaria o 1º parágrafo da 3ª parte? E se fossem vários professores, como ficaria?*

Coloque para eles uma situação: *Imaginem que sumiram objetos da classe. Quem teria sido responsável por isso?* As crianças irão sugerindo: fulano, tais pessoas, o professor, a faxineira, etc. Vá escrevendo na lousa e peça para fazerem a correspondência: o fulano → **ele**, o professor → **você**, os alunos → **nós,** etc. Aos poucos as seis pessoas do discurso estarão apresentadas.

A partir daí, falar em pessoas e pronomes será mais fácil.

Neste volume não temos a intenção de ampliar mais o conceito de pronome nem de trabalhar com sua classificação. A partir desse momento, nosso encaminhamento será mais prático: uso textual, escrita e leitura de pronomes.

Escolhemos esse enfoque porque, ao analisarmos erros de interpretação de textos e de leitura em outras áreas, verificamos que a dificuldade de interpretação do pronome deve-se à dificuldade de entender que ele varia dependendo do ponto de vista de onde o leitor se coloca.

Para ilustrar essa dificuldade, trazemos uma situação ocorrida em sala de aula. Determinada aluna respondia às perguntas de interpretação de texto oferecidas pela professora. O texto era de Monteiro Lobato e a primeira pergunta era:

"1 – Você observou quem é o personagem principal da história? Escreva seu nome no círculo maior e o nome dos personagens secundários nos círculos menores."

A aluna não teve dúvida. Escreveu *Taciana* (seu nome) no círculo maior, e não *Narizinho* como seria o correto. Respondeu dessa forma não porque não soubesse o que era personagem principal ou porque não conseguisse reconhecê-lo, mas porque não leu o pronome adequadamente. São justamente esses erros que pretendemos "atacar" diretamente. Para isso, criamos as atividades a seguir.

Atividades de sistematização

Irmã é fogo!

Nosso objetivo é fazer com que os alunos percebam qual nome o pronome substitui. Ao pedirmos isso, desenvolvemos a acuidade de leitura dos pronomes. Essa atividade pode ser realizada como lição de casa.

Questão 1:

É uma atividade simples, onde o elemento substituído é imediato. Pedimos que façam a substituição no próprio texto por não haver necessidade de transformações na estrutura das frases.

Questão 2:

Nessa questão, esperamos que percebam que, ao substituírem os pronomes pelos substantivos, o texto fica repetitivo.

Questão 3:

Aqui pedimos o inverso: os substantivos estão presentes o tempo todo, e os alunos devem substituí-los por pronomes ou simplesmente eliminá-los.

Isso não é problema!

Apresentamos problemas de Matemática, cujo enunciado contém vários pronomes. Quem não conseguir observar a quem eles se referem, dança!

Em alguns problemas a substituição dos pronomes é feita de forma mais direta. Em outros, como o problema 4, que tem vários referentes, é preciso um cuidado maior para fazer a substituição. A partir dessa atividade é interessante que o professor traga para a sala de aula outras questões, problemas de Matemática e situações do cotidiano que envolvam pronomes. Discutir a leitura dos textos e os erros no estabelecimento da relação entre o pronome e o ser substituído pode ser riquíssimo para a classe.

A tinta de escrever

Questão 1:

Nosso objetivo ao pedir que reescrevam substituindo **a gente** por **nós** é levá-los a observar a concordância entre pessoa verbal e pessoa pronominal, pois é muito freqüente eles deixarem de fazer a concordância e escreverem, por exemplo: "Eu se arrependi de ter dito aquilo".

Questão 2:

Queremos levá-los a observar que a escolha de **a gente** ou **nós** implica uma mudança de linguagem. A escolha entre uma e outra depende do que desejamos produzir no nosso leitor. Pretendemos ultrapassar, dessa forma, a visão de certo e errado, passando para uma análise da língua enquanto **formas possíveis que vão ser escolhidas**, dependendo da **intenção** do autor. Quando Millôr escolheu escrever dessa forma, não escreveu "errado".

Questão 3:

Ao pedir que observem o que mais foi preciso alterar no texto, evidenciamos a necessidade de concordância entre pessoa verbal e pronominal.

Questão 4:

Nosso objetivo é manter atento o olhar das crianças para os adjetivos e locuções adjetivas. Aproveite para discutir a importância desses elementos dentro de um texto.

Caminhando e montando

As crianças freqüentemente erram a grafia dos pronomes, usando C onde deveria ser SS. Essa atividade pretende ajudá-las a descobrir que, à exceção de *você*, todos os outros pronomes são escritos com SS.

Escolhemos o **Jogo de Torto** para essa descoberta, pois, além de conhecimentos lingüísticos, esse tipo de jogo exige alto nível de utilização da inteligência. As regras estão no Livro do Aluno.

Colocamos apenas nove linhas, apesar de o **Torto** oferecer possibilidade de formarmos mais do que nove palavras, para não ficar difícil demais para eles. Entretanto, fica o desafio de acharem as dezoito palavras que estão escondidas.

Observando as palavras, eles poderão descobrir que todas são pronomes, são escritas com SS, são paroxítonas e terminam em vogal.

Bicicletando — 1ª parte

As palavras O, OS, AS podem ser artigo ou pronome e a palavra A pode ser artigo, pronome ou preposição. Nosso objetivo nessa atividade é começar a trabalhar com essas possibilidades. Para isso, escrevemos um texto de piada e o dividimos em duas partes. Na primeira, retiramos os A, O, AS e pedimos que completem as lacunas com as palavras retiradas.

Questão 1:

Para completar as lacunas, os alunos trabalharão com o conhecimento de falantes da língua. Acreditamos que essa questão não oferecerá maiores problemas.

Questão 2:

As palavras marcadas com um círculo são artigos. Para descobri-las, eles terão de observar que se referem a substantivos, informando seu gênero e número. São situações claras, que acreditamos não ofereçam dificuldade para serem solucionadas.

Questão 3:

As palavras marcadas por triângulo são pronomes. Esperamos que utilizem o recurso da substituição para fazer essa descoberta.

Há uma terceira classe, marcada por quadradinhos, que os alunos ainda não conhecem. São as preposições. Nós colocamos as preposições para que saibam que elas existem e comecem a pensar nelas por negação. Na segunda parte da atividade elas serão utilizadas.

Bicicletando — 2ª parte

Coitado do Joãozinho!

Agora são os alunos que marcam a classe gramatical: círculos para artigos, triângulos para pronomes e quadrados para não artigos/não pronomes. Aproveite a ocasião para ouvi-los e esclarecer as dúvidas que ainda restarem.

Módulo XI — Verbo

Considerações

O trabalho com a classe dos verbos é de extrema importância dentro da língua. A idéia traduzida por eles é fundamental em um processo de comunicação e sua utilização correta implica uma qualidade textual diferenciada. Os verbos constituem um capítulo bastante extenso da Gramática, cujo estudo iniciaremos neste volume e continuaremos nos volumes posteriores, sempre com objetivos diferentes.

Neste volume pretendemos:

- introduzir o conceito de verbo;
- fazê-los observar a concordância entre verbo e pronome;
- ajudá-los a descobrir que existe um infinitivo;
- levá-los a concluir que a partir desse infinitivo podemos agrupar os verbos em 1ª, 2ª e 3ª conjugação;
- trabalhar um pouco com as idéias de passado, presente e futuro, para prepará-los para a conjugação de verbos mais adiante;
- refletir sobre alguns problemas de grafia de verbos, como a omissão da última letra do infinitivo e do passado; os SS do subjuntivo, AM/ÃO; a confusão no uso de L/U em final de verbos, substantivos e adjetivos.

Para trabalhar o conceito de verbo, é preciso que antes retomemos algumas idéias ligadas a ele.

Retomando o conceito de verbo

Normalmente os professores trabalham o conceito de verbo como **a palavra que exprime uma idéia de ação**. É isso que costuma estar escrito nos livros didáticos, foi dessa forma que nos ensinaram na escola e é assim, portanto, que costumamos ensinar nossos alunos. Acontece que conceituar verbo dessa maneira traz uma série de problemas bastante difíceis para as crianças (e para os professores também). Se você perguntar para as crianças o que é ação, elas responderão com certeza que ação é **aquilo que a gente faz,** ação é **movimento.** Se verbo é a palavra que exprime uma idéia de ação e ação é o que a gente faz, verbo é aquilo que a gente faz. É um pensamento lógico, não é?! Muito bem, quando alguém diz: *Pedro fazia palhaçadas*, qual é o verbo? Seguindo o mesmo raciocínio, diríamos que o verbo é *palhaçadas*, pois não é palhaçada o que ele fazia? E qual é o verbo quando dizemos que alguém morreu, dormiu, pensou? Diríamos que não há verbo, pois a pessoa não faz nada, está imóvel, não há movimento! Esses erros que as crianças cometem são produto da forma como nós ensinamos e é por isso que os conceitos precisam ser bem construídos, analisados, com um conjunto amplo de atributos, para que possam ter significado para o sujeito. Assim sendo, sugerimos ao professor como introduzir o conceito de verbo.

Como introduzir o conceito de verbo

Escreva para as crianças algumas frases, de preferência longas. Por exemplo: *Hoje uma velha amiga da minha mãe preparou um doce de banana delicioso para mim!* Peça que falem se isso está dito no passado, no presente ou no futuro. Dirão que está no passado. Peça para alguém escrever na lousa como diria essa mesma idéia no presente e depois no futuro. As crianças costumam utilizar os tempos compostos para fazer essas passagens. Provavelmente apresentarão as seguintes soluções:

— *Hoje uma velha amiga da minha mãe está preparando um doce de banana delicioso para mim!* e

— *Hoje uma velha amiga da minha mãe vai preparar um doce de banana delicioso para mim!*

Não se preocupe com a escolha do tempo composto. Na oralidade pouco usamos os tempos simples do futuro, e o presente para eles é o aqui-agora, representado pelo gerúndio. Esta solução apresentada é, portanto, qualitativamente boa. Esteja atento ao fato de não ser necessário mudar o advérbio **hoje** para **ontem** ou **amanhã.** Há uma idéia do senso comum de que se deve dizer *ontem eu fui, hoje eu vou* e *amanhã eu irei.*

Depois que as crianças fizeram as duas transformações, peça que observem o que mudaram para alterar a idéia de tempo. Verificarão que a única palavra alterada na frase foi *preparou.* O professor poderá, então, começar a desenvolver com eles o conceito de verbo dizendo-lhes que **há palavras que nos informam a idéia de tempo transformando-se**.

Vamos, então, escolher um texto, alterar a idéia de tempo desse texto e achar outras palavras com essa mesma função para analisar esse conjunto. Reúna-os em duplas, peça que cada dupla escolha um texto diferente e altere a idéia de tempo. Feito isso, deverão grifar as palavras que alteraram. Concluído o exercício, todos dizem as palavras que encontraram e o professor vai escrevendo na lousa.

Com a lousa repleta de palavras, diga-lhes que os gramáticos chamaram esse conjunto de palavras de **verbos**. Como eles poderiam definir o que são verbos? Começam, assim, a analisar as propriedades exatamente como fizeram com as outras classes gramaticais.

Acreditamos que a essa altura do trabalho, eles procurem espontaneamente as propriedades dos verbos. Caso isso não aconteça, faça perguntas que possam dirigir-lhes o olhar para aspectos relevantes, como por exemplo:

• *Nós vimos que há classes de palavras finitas, como os artigos, e infinitas, como os substantivos e adjetivos. E o conjunto dos verbos, vocês acham que deve ser finito ou infinito? Por quê?*

• *Nós vimos que podemos agrupar as palavras em variáveis e invariáveis. E os verbos, são variáveis ou invariáveis? Eles têm gênero? Variam em número? Em grau? Em tempo? Em pessoa?*

Analisando o conjunto de palavras a partir das perguntas, poderão concluir (a partir da variedade encontrada) que a classe gramatical **verbo é uma palavra variável em tempo, número e pessoa.** Há um número infinito de verbos.

Antes de continuar o trabalho, é importante que façam atividades para sistematizarem um

pouco mais as idéias de passado, presente e futuro, que são muito simples para nós, adultos, mas costumam ser complicadas para as crianças. Para tal sugerimos a estratégia a seguir.

Quando foi?

O objetivo dessa atividade é a sistematização das idéias de passado, presente e futuro.

1 – Ofereça para cada aluno um papelzinho com uma palavra escrita. As palavras devem ser sempre um verbo no modo indicativo, nas diversas pessoas e tempos.

2 – Cada aluno deve escrever uma frase que informe algo interessante, utilizando aquela palavra que recebeu. Depois, entrega sua frase para o professor.

3 – O professor escreve a frase de todos os alunos em uma folha e reproduz em mimeógrafo ou xerox para todos. Caso haja erro na frase de alguma criança, o professor deve observar o que a levou a errar para trabalhar o erro depois, mas deve escrever corretamente a frase para eles.

4 – De posse das frases, em grupo ou individualmente, os alunos devem sublinhar os verbos e dizer se estão no passado, no presente ou no futuro.

Caso o professor deseje transformar a atividade em jogo, é só estabelecer os pontos no momento da correção. Cada frase certa vale um ponto, e ganha a equipe que obtiver o maior número de pontos.

Sugestão de verbos que poderão ser utilizados para a atividade:

falava	encontrarei	cantaria	aprendo
comi	subo	sorri	sumia
conseguia	encontra	pintará	vende
bebeu	compreenderei	parti	fingiu
coloriram	agredirá	molhamos	soprávamos
atolaremos	nadaremos	crescemos	torcíamos
saímos	tossimos	garantimos	brincam
tocam	pensavam	esquecem	temiam
telefonarão	leram	fugiam	garantirão
caíram			

São apenas sugestões. O professor poderá escolher outros. (Ao escolher os verbos, esteja atento em variar as pessoas, os tempos e as conjugações.)

Atividades para sistematizar a idéia de presente, passado e futuro

Veja, a seguir, os comentários sobre as atividades do Livro do Aluno que sistematizam as descobertas conquistadas até agora.

Momento na delegacia

Nosso objetivo nessa atividade é a utilização de verbos no passado e sua transformação no tempo. Queremos que observem que essa transformação produz uma mudança no final da palavra ou na palavra como um todo.

Esta é uma atividade para ser realizada na classe e em grupos.

Questão 1:

A escolha do pretérito imperfeito é natural nesse contexto. Acreditamos que consigam completar as lacunas como falantes da língua. As lacunas com os verbos *ser*, *ter* e *estar* podem oferecer maiores dificuldades para eles. Sugerimos que o professor oriente os alunos a resolverem o que faria sentido pelo contexto do texto, ou, em último caso, que dê a solução do primeiro *ter* e *ser*. Os restantes eles mesmos saberão responder.

No momento da correção, as dúvidas que ainda restarem podem ser resolvidas pelo grupo ou pelo professor.

Questão 2:

Pedimos a alteração do tempo no trecho inicial para que possam observar como acontece essa transformação.

O professor deve pedir que os alunos comparem os verbos no passado e no presente e observem o que se transformou. Nesse momento ficarão em destaque as transformações das desinências (final do verbo) ou da palavra toda em alguns casos.

Questão 3:

Pedimos que continuem a escrever a notícia com o objetivo de levá-los a refletir sobre os dados apresentados no texto. Para escrevê-la terão que criar uma explicação e, ao mesmo tempo, utilizar o tempo presente por uma necessidade de concordância com o início do texto.

Aqui e agora!

Nessa atividade procuramos ultrapassar o mero reconhecimento de passado, presente e futuro. A escolha de um determinado tempo tem relação com o tipo de texto ou de portador no qual ele aparece. Nessa medida, reconhecer o verbo é um meio de obter dados para atingir outro fim, que é percebê-lo em seu meio textual.

Questão 1:

Ao pedirmos que encontrem verbos em manchetes de jornais, buscamos um portador de texto vivo no mundo e que tem propriedades específicas.

Questão 2:

As manchetes costumam estar no presente ou no futuro, por isso acreditamos que serão esses os tempos encontrados.

Questão 3:

Pedimos aqui a relação entre o portador de texto e o tempo verbal. O jornal é um veículo diário, atualizado, portanto sua manchete conta o que está acontecendo agora, ou o que irá acontecer provavelmente em um futuro próximo. A escolha desses tempos verbais garante a atualidade e, portanto, a eficiência da informação.

Questão 4:

Ao reescreverem as manchetes no passado operarão transformações no tempo. Elas serão a base necessária para a reflexão que será pedida na questão 5.

Questão 5:

A alteração para o passado evidencia a desatualização da notícia e leva-os a perceber a incoerência entre o objetivo da manchete (chamar a atenção, ser atual) e um fato ultrapassado, revelado pelo uso do passado.

Introduzindo a idéia de pessoa e número nos verbos

Caso a idéia de pessoa e número não surja espontaneamente, escreva na lousa o seguinte: *Ontem fui ao cinema*. Pergunte em seguida para eles quem é que foi ao cinema e eles dirão: *Eu*. O professor pergunta: *Como vocês sabem se não está escrito?* A primeira reação das crianças costuma ser de perplexidade. Elas sabem que sabem, mas não sabem de onde tiraram essa informação. Costumam responder à pergunta dizendo: *Fui eu porque, se fosse a gente, diríamos: "Ontem fomos ao cinema", ou se fosse você, diria: "Ontem você foi ao cinema"*. Ou seja, eles demonstram pela transformação prática. Vá, então, ajudando-os a corresponder cada uma das pessoas dos pronomes com os verbos. Para isso você pode perguntar: *Quando digo compramos, quem comprou? E quando digo comprei, quem comprou?* E assim por diante, até que todas as pessoas pronominais sejam levantadas com as crianças. Nesse momento o professor já pode ampliar o conceito:

Além de informar uma idéia de tempo, o verbo também indica a pessoa e o número: se sou eu, você, ele, nós, vocês, eles.

Retome o conceito e amplie-o. Agora, vale a pena pedir, como lição de casa, que transformem a pessoa de alguns parágrafos de forma que possam usar e verificar o conceito construído, além de trabalhar com concordância verbal e pronominal nesse tipo de atividade. No Livro do Aluno apresentamos algumas sugestões de trabalho.

Atividades para sistematizar a idéia de pessoa e número

Haza Rádu e Péfriu Danado — 1ª parte

Ao fazer todas as transformações no diário de Haza Rádu, as crianças poderão observar que, quando mudamos o número de pessoas, mudamos também o verbo e o pronome.

Apresentamos essas mudanças dentro de uma história para que houvesse um contexto que desse sentido às transformações.

Questão 1:

Primeira transformação: Ao mudar o número de homens mal-encarados, automaticamente o pronome transforma-se em **os** e o verbo em **saíram**.

Segunda transformação: Mas, se forem duas pessoas observando a cena, novas transformações são necessárias: **segui** vira **seguimos**; **eu** passa a **nós; vi** vira **vimos**.

Questão 2:

Pedimos que circulem as palavras alteradas para que, ficando mais evidentes, eles possam refletir sobre elas.

Questão 3:

Como nosso objetivo é a análise da relação entre verbos e pronomes, pedimos que observem que sempre elas se alteram. Apenas *mal-encarado* (adjetivo) se alterou na primeira reescrita, além das que queríamos.

Haza Rádu e Péfriu Danado — 2ª e 3ª partes

E a história continua. Haza Rádu ficou tão nervoso com a perseguição, que cometeu erros de concordância entre o verbo e o pronome. É essa relação que pretendemos que estabeleçam. A correção dessas atividades é fundamental. É através dela que o professor vai ter oportunidade de acompanhar como as crianças pensaram, ajudando-as a descobrir um caminho de pensamento mais amplo.

Aproveite a ocasião para trazer novas situações de erros de concordância entre verbo e pronome. Eles costumam falar "eu se olho no espelho" e outras expressões semelhantes. Retire trechos dos textos deles com esse tipo de erro e crie uma atividade com esse universo de expressões.

Na parte 3 dessa atividade, novamente pronomes e pessoas verbais devem concordar. Haza Rádu pede para o leitor organizá-los. Como fechamento da atividade, pedimos que as crianças explicitem em uma regra a descoberta que, esperamos, tenham feito ao longo da atividade!

Questão 1:

Ao pedirmos para as crianças escreverem o que acham que os dois detetives aprenderam, imaginamos que escrevam coisas relacionadas aos fatos acontecidos, como, por exemplo, que eles não devem confiar em bandidos; ou que um deles deve sempre ficar vigiando, ou outras coisas mais que, com certeza, surgirão. Ler essas respostas em voz alta e saboreá-las vai preparar a surpresa que terão ao decifrar a charada na questão 2, ao compreenderem que eram descobertas bem diferentes que os aguardavam!

Introduzindo os infinitivos

Os verbos costumam aparecer conjugados nos textos. Aproveite uma dessas situações, depois que tiverem assimilado o conceito de verbo, e peça que encontrem no dicionário algum verbo. Não fale o infinitivo para eles, deixe que procurem como está no texto. Provavelmente protestarão dizendo: *Não tem no meu dicionário.* Pergunte-lhes se não há mesmo e sugira que procurem outros verbos do mesmo texto. Como não encontrarão, pergunte-lhes se o dicionário não registra verbos. Geralmente algum aluno descobre que os verbos aparecem de outra forma. Quando a solução surge, peça que o aluno explique como encontrou. Caso ninguém ache a solução, diga-lhes que os verbos aparecem de outra forma no dicionário e desafie-os a encontrá-los.

Depois que descobrirem o infinitivo, explique-lhes que a Gramática chama essa forma verbal de **infinitivo** e que *infinitivo* vem de *infinito*, pois é o verbo em si, sem estar no passado, no presente ou no futuro. O infinitivo é uma forma atemporal.

Sistematização da formação do infinitivo

Faça algumas atividades de sistematização dos infinitivos. Sugerimos jogos como este que explicaremos a seguir:

Diga logo!

Faça previamente uma lista de verbos conjugados em diferentes tempos e pessoas. Leve-a por escrito, pois é muito difícil inventar os verbos na hora e coordenar o jogo ao mesmo tempo. Ser rápido é fundamental para o jogo ser gostoso.

Não se esqueça de colocar em sua lista verbos irregulares, para que possam ser bem explorados. As crianças costumam ter dificuldade em reconhecer o infinitivo desses verbos. Imaginar que **coubéssemos** é forma conjugada do verbo **caber**; **éramos** é forma conjugada de **ser**; **estivemos** é de **estar** é difícil para eles. Gaste energia nesse trabalho, peça que procurem verbos nos mais variados portadores de textos e procurem o infinitivo em outras situações, para sistematizarem essa idéia.

Como jogar:

1 – Faça uma lista de verbos conjugados, nos mais variados tempos e pessoas.

2 – Organize a classe em equipes e diga um verbo de sua lista, em voz alta para todos ouvirem.

3 – Cada equipe escreve rapidamente o infinitivo daquele verbo em um pedaço de papel e levanta para todos verem.

4 – A equipe que levantar o infinitivo correto em primeiro lugar ganha aquele ponto, e o professor fala um novo verbo para a classe.

5 – O jogo prossegue até que o professor determine seu término, ou por terem acabado as palavras ou por ter sido esgotado o tempo estipulado para o jogo.

6 – Vence a equipe que obtiver o maior número de pontos.

Depois, proponha-lhes que retomem os verbos que usaram no jogo e escreva-os na lousa. Em seguida, peça que observem o que eles têm em comum. Poderão observar que todos terminam em R. E antes do R, que letras aparecem? Verão que sempre aparecem A, E, O. Por que será que os verbos estão organizados dessa forma? Seria por acaso? Deixe que levantem hipóteses. Depois faça a demonstração, conjugando com eles algum verbo regular no presente ou no pretérito, e peça que observem como se comportam os outros verbos com a mesma terminação. Dessa forma poderão verificar que os verbos estão organizados em conjugações e que isso facilita para o falante. Já pensou se não houvesse um sistema que organizasse a língua e nós tivéssemos que saber individualmente cada verbo?!

Para sistematizar essas descobertas sugerimos a atividade do Livro do Aluno comentada a seguir:

Problemas

E quanta gente não leva a vida assim...

Questão 1:

Nosso objetivo é que apliquem a idéia de tempo para encontrar os verbos. Como já trabalharam com infinitivo, acreditamos que encontrarão inclusive **sair**, **tirar** e **chover.**

Questão 2:

Depois de todo o trabalho realizado na lousa, acreditamos que será uma tarefa simples passá-los para o infinitivo.

Questão 3:

Esperamos que reconheçam as conjugações, classificando os verbos encontrados.

Questão 4:

a) É uma proposta bastante difícil de concordância. Para que possam concluir que fica: *Quase os atropela para deter-se ao sinal que lhe fizeram*, terão que pensar muito!

b) Esperamos que a essa altura do trabalho não tenham dificuldade em concluir que a palavra destacada é um pronome. Sugerimos que levantem as possibilidades. A palavra **os** pode ser o quê? Artigo ou pronome. Como saber qual dos dois? O que é necessário para ser artigo? O **os** desse trecho está indicando se algum substantivo é masculino plural? E assim por diante, até que, pelo conceito, consigam concluir pelo pronome.

c) Nosso objetivo é que possam reconhecer os outros pronomes do trecho: *se* e *lhe*.

Como não pretendemos trabalhar com conjugação verbal, vamos apenas mostrar a existência e a beleza de um sistema, não nos aprofundando mais no assunto.

A escolha de tempos verbais é decisiva para a criação de inúmeros jogos discursivos em textos. Esses jogos serão explorados no ***Livro de Leitura e Interpretação de Textos***, volumes 3 e 4. No ***Livro de Gramática/Ortografia***, incluímos apenas uma atividade, mas gostaríamos que o professor tivesse sempre em mente a importância e a possibilidade de se analisar esse aspecto nos textos, aproveitando as situações informais que surgirem na sala de aula e enriquecendo o trabalho diário.

Atividades de sistematização de questões ortográficas relativas à grafia de verbos

Como há uma série de erros de grafia relativos à escrita de verbos, preparamos uma série de atividades que têm o objetivo de levar os alunos a descobrir propriedades do sistema da língua que possam ajudá-los a tomar uma decisão ortográfica no momento da escrita.

Selecionamos VEL/VEU, AM/ÃO, ESSE/ECE e aglutinação do pronome ao verbo por serem erros muito freqüentes entre as crianças dessa faixa etária.

Correspondência

Esta é mais uma deliciosa criação de Millôr Fernandes.

Questão 1:

Todas as palavras são verbos. Discuta com as crianças que esses verbos não existem, foram inventados pelo autor. Elas costumam perceber isso de imediato.

Questão 2:

Como criar palavras? Transformando substantivos em verbos, teremos a ação centrada no objeto. Esta idéia é incrível! É importante que nessa questão o professor não aceite respostas vagas como *inventou outra língua*, por exemplo. Pergunte-lhes, no caso: *Inventou como?* Nosso objetivo é o **processo**, o **recurso** dessa invenção.

Questão 3:

Queremos que concluam que, ao criar essas palavras, o autor produziu humor.

Questão 4:

Vamos aprender a bilhetar com o Millôr? O que será que cada um vai responder? Pendure os bilhetes no mural da classe. Acreditamos que muitas gargalhadas estarão garantidas.

A partir daqui encaminharemos o trabalho para a grafia de verbos pois ainda verificamos muitos erros ligados à escrita dessa classe gramatical. No Livro do Aluno encontramos atividades específicas para trabalhar a grafia de VEL/VEU; AM/ÃO; aglutinação do pronome no verbo; ESSE/ECE. Trataremos dessas atividades a seguir.

O maravilhoso mundo ártico

Nosso objetivo é que percebam que os verbos no futuro são escritos com ÃO e os verbos no passado e no presente são escritos com AM.

Questão 1:

É preciso que reconheçam o tempo verbal para fazer a associação entre o tempo e a grafia. Depois de tantos trabalhos realizados, acreditamos que não terão dificuldade em reconhecer que os verbos estão no futuro.

Questão 2:

Como a terminação ÃO é própria do plural, pedimos que façam a divisão para que as terminações fiquem mais nítidas e, portanto, mais fáceis de serem observadas.

Caso algum aluno estranhe o verbo *elevar-se-ão*, retome com ele colocando o pronome antes: "*se elevarão"*, para que o verbo fique na construção regular. Explique que em algumas situações o pronome é colocado "no meio" do verbo. Não aprofunde mais a discussão, pois colocação pronominal é um assunto que será abordado com profundidade apenas em séries posteriores.

Questão 3:

São duas terminações interessantes: no singular todos os verbos têm acento, no plural terminam em ÃO.

Questão 4:

Ao pedirmos a mudança para o passado, obrigamos as crianças a fazerem a passagem do ÃO para AM.

Questão 5:

Focalizamos o olhar dos alunos na terminação das conjugações de futuro e passado para deixar bem claro como elas são. Não basta apenas saber fazer, é preciso ter consciência do que se transforma. Quem sabe agora errem menos essa terminação verbal!

Questão 6:

A partir do que fez, o aluno pode aprender a verbalizar essa aprendizagem. Além de ser obrigado a organizá-la, ele instaura-a enquanto conhecimento. Ele pode levar em conta o tempo e concluir: "Se for futuro, uso ÃO; se for presente ou passado, uso AM; pode considerar também a tonicidade: "Se for futuro é **oxítona**; se for passado ou presente é **paroxítona**".

Resolveu?

As crianças costumam confundir e escrever finais de verbos com L e finais de adjetivos com U. Refletir sobre essa questão é o objetivo dessa atividade.

Retomamos um contexto para introduzir o trabalho. Você se lembra do Danival? Agora criamos o Genival. Nessa atividade dirigimos o olhar das crianças para o aspecto que nos interessa: as palavras que terminam em VEL.

Questão 1:

Optamos por trabalhar com adjetivos que não são iniciados pelo prefixo I, IN, com medo de que isso dificultasse às crianças perceberem o sentido do VEL. Ao explicar o que cada palavra quer dizer, esse sentido emergirá: **controlável** é aquilo que pode ser controlado; **previsível** é aquilo que pode ser previsto; e assim por diante. Explore com eles esse significado. As crianças já trabalharam com essa idéia quando discutiram que uma palavra podia ser variável. Palavra variável é aquela que pode variar. Discuta com eles o que **pode** variar em oposição ao que **tem** que variar. O que pode não significa que tem necessariamente. São diferenças sutis, mas fundamentais em termos de leitura de texto e de vida.

Questão 2:

Nessa questão começamos a opor as duas terminações: VEL e VEU. Ao observarem o primeiro quadro, poderão enxergar com nitidez as diferenças entre elas. O som é o mesmo, mas:

a) as palavras da primeira coluna terminam em VEL, são adjetivos, são paroxítonas e acentuadas;

b) as palavras da segunda coluna terminam em VEU, são verbos, são oxítonas e não são acentuadas.

Que tal? Agora já dá para saber quando é com U ou com L?

Bingo VEL/VEU

Se o professor achar necessário fixar mais essa dificuldade ortográfica com sua classe, sugerimos que faça um jogo de bingo. As regras são as mesmas de sempre:

1 – O professor pede que os alunos peguem uma folha de papel e montem uma tabela com 25 quadrados (5 linhas e 5 colunas); escolhe 25 palavras terminadas em VEL ou VEU e vai ditando-as; cada aluno escreve as palavras ditadas em algum lugar de sua cartela.

2 – Depois que a cartela fica completa, o professor vai sorteando as palavras e os alunos vão assinalando em suas cartelas.

3 – Quem completar a linha, a coluna ou a diagonal fala *Bingo!* e mostra a cartela para o professor. Se todas as palavras da linha sorteada estiverem certas, esse aluno será o vencedor.

4 – Se houver erro, o professor diz que tem erro, marca a linha, a coluna ou a diagonal para anulá-las, mas não aponta o que está errado, e o aluno continua concorrendo com outra linha ou coluna. (As palavras da linha riscada continuam valendo, só que em outra seqüência.)

5 – Pode-se jogar até o quinto, décimo... colocado. O importante é que todos se divirtam!

Sugestão de palavras para o bingo:

irresistível	intolerável	injetável	suportável
intragável	impossível	demonstrável	instável
saciável	solúvel	inacreditável	imprestável
demoveu	compreendeu	dissolveu	absorveu
viveu	amoleceu	desenvolveu	resolveu
comeu	elegeu	correspondeu	pareceu

Aukê

Nosso objetivo é que as crianças observem que às vezes o pronome aparece antecedido de hífen, às vezes não. E como devem pensar para decidir se devem usar hífen ou não?

Questão 1:

Para pensar sobre pronomes, é preciso primeiramente reconhecê-los. O uso dos oblíquos é difícil e complicado, por isso demos uma atenção especial para eles.

a) É preciso que eles vejam que são palavras diferentes, inclusive de classes gramaticais diferentes.

b) Aqui eles deverão aplicar o que descobriram. É nesse momento que o professor pode observar se eles compreenderam ou não e como estão pensando quando erram. Essas observações ajudarão o professor a descobrir uma maneira de interferir para ajudá-los.

Questão 2:

Reproduzimos aqui o erro das crianças. Muitos, quando descobrem os pronomes, escrevem-nos aglutinados aos verbos. Quando perguntamos se seria possível escrevê-los assim, preparamos a segunda parte da questão, a qual esperamos que justifiquem assim: São duas palavras diferentes. Quando escrevemos junto duas palavras diferentes, elas viram uma só e perdem a identidade. As crianças já viram muito o significado do espaço entre as palavras como elemento que dá identidade a elas. Por essa razão, não seria possível escrever "pegálo".

Parece e é!

Reciclamos o poema de Sylvia Orthof para que ficasse repleto de subjuntivos. Nosso objetivo não é nem o reconhecimento do tempo nem do conceito de modo verbal. Queremos apenas oferecer um instrumento de decisão para as crianças quando tiverem que escrever essas palavras, pois é comum encontrarmos "falace" (em vez de *falasse)*, "comece" (no lugar de *comesse*), etc. em textos escritos por elas.

Questão 1:

Utilizando-nos da charada, isolamos os verbos no subjuntivo. No enunciado destacamos as propriedades relevantes para uma decisão ortográfica e esse é o nosso objetivo na questão.

Questão 2:

Isolamos os subjuntivos de verbos da segunda conjugação, pois são os mais confundidos, por terem finais em **ece** e **esse**. É a existência das duas formas que evidenciamos nas duas colunas.

Questão 3:

Todas as questões dessa atividade têm o objetivo de fornecer elementos de decisão para as crianças em um momento de dúvida ortográfica. O que aprenderam? Esperamos que concluam:

• As palavras terminadas em **esse** são escritas com **ece** antes do **esse.**

• As palavras terminadas em **ece** estão no presente.

• As palavras terminadas em **ece** afirmam algo. Acreditamos que essa conclusão tenha que ser desencadeada pelo professor, através de perguntas como: *Nós vimos na questão 1 que as palavras terminadas em **esse** indicam algo que pode ser que aconteça ou não. E as palavras terminadas em **ece**, o que indicam?*

Questão 4:

Muitas charadas (infames...) para as crianças resolverem. Além de desenvolver o raciocínio dedutivo, essa questão pede que as crianças apliquem as descobertas de como pensar para decidir quando usar **ece** ou **esse**.

MÓDULO XII — Numeral

Considerações

Os numerais são formas de representação de quantidades precisas ou da ordem das coisas. Nos textos, acompanham ou substituem substantivos. Se comparados aos pronomes, com os quais as crianças os confundem tantas vezes, poderíamos observar que é possível representá-los por meio de algarismos, mas não é possível representar por algarismos as palavras *alguns*, *todos*, *muitos*, que também trazem uma idéia de quantidade, mas indefinida.

Para introduzir o conceito de numerais preparamos uma atividade específica, proposta no Livro do Aluno, intitulada **Idéias ou** . Fazendo essas atividades, as crianças poderão verificar algumas propriedades dos numerais.

Introduzindo o conceito de numeral

Idéias ou

O objetivo dessa atividade é fornecer dados que permitam às crianças começar a construir o conceito de **numeral.**

Questão 1:

Primeiramente elas devem completar cada coluna com a forma de representação que a caracteriza. Como são formas bem diferentes e os numerais são assunto cotidiano nas aulas de Matemática, acreditamos que completarão com facilidade.

Questão 2:

Se a criança olhar para as três colunas de uma mesma linha, poderá perceber que, apesar das formas diferentes de representação, é sempre a mesma quantidade que está sendo representada. Essa é uma das propriedades do numeral.

Questão 3:

Que lei darão para cada coluna? A imaginação das crianças é fantástica. Nosso objetivo é que observem o que há de comum em cada uma das formas de representação.

Questão 4:

Ao pedirmos que completem as três últimas linhas respeitando as características de cada coluna, levamos as crianças a observar as propriedades de cada uma delas. Isso vai prepará-las para o conceito que será pedido a seguir. Como cada criança escolherá um numeral diferente, no momento da correção o professor terá a oportunidade de ampliar o universo de numerais da classe e de observar o que as crianças estão compreendendo através da análise dos seus erros.

Questão 5:

Aqui usamos a nomenclatura da Gramática: **numerais**. Nessa questão o professor abre a discussão para a classe toda. Acreditamos que sua interferência por meio de perguntas seja fundamental. O professor poderá perguntar, por exemplo:

- *É um conjunto finito ou infinito?*
- *Todas essas formas que aparecem na tabela são numerais?*
- *O que eles representam?*
- *Representam quantidades de quê?*
- *Agora vamos observar apenas a 3ª coluna, quando são representados por palavras. Formam um conjunto de palavras variáveis ou invariáveis?*
- *Se variarem, variam em quê?*
- *A palavra **muitos** pode fazer parte desse conjunto? Por quê?*

Após a discussão, terão condições de formular um conceito semelhante a esse:

Numerais são formas de representar uma quantidade. São infinitos. Quando representados por palavras, algumas são variáveis em gênero (primeiro, primeira), em número (primeiras), **informam uma quantidade precisa de qualquer coisa** ou a ordem de algo numa série de coisas.

Questão 6:

Na brincadeira do **Não confunda**, destacamos a importância de se estar atento ao conceito e ao contexto das palavras, para não confundi-las.

a) *Um quarto de hora* são 15 minutos.

b) *No quarto na hora* significa que é para se recolher no horário combinado.

c) *Quarto* em **a** é numeral, em **b** é substantivo.

Se as crianças conseguirem resolver a questão 6, estarão demonstrando saber pensar, e muito conhecimento.

No volume 3 de ***Construindo a escrita – Leitura e Interpretação de Textos***, encontra-se o texto **Abridor de latas**, de Millôr Fernandes, em que se retoma o conceito de numeral, mostrando para as crianças uma possibilidade de uso de numerais para a produção de jogos discursivos. É importante que o professor faça a relação entre o que é estudado no livro de Gramática e as funções textuais analisadas no livro de Leitura e Interpretação.

Em seguida, para que possam ampliar a idéia de numeral, sugerimos a atividade **Emplacando informações**, proposta no Livro do Aluno.

Emplacando informações

Nas situações informais, a representação das quantidades por algarismos é muito mais utilizada do que a representação por extenso. Nessa atividade pretendemos que compreendam o porquê disso.

Questão 1:

Destacamos que os numerais estão representados por algarismos e não por extenso, para que possam responder às questões seguintes.

Questão 2:

a) Os numerais por extenso ocupam muito mais espaço do que os algarismos. Observando isso, as crianças poderão compreender uma das razões da escolha de algarismos, e não de numerais por extenso, nesse tipo de texto.

b) Cremos que a primeira coisa que se evidencia é o espaço maior que o numeral por extenso ocupa.

Questão 3:

Por que essa preferência por algarismos no mundo dos anúncios? Vemos três razões:

1 – Ocupam menos espaço.

2 – Os algarismos destacam-se das letras, chamando mais atenção.

3 – É uma forma mais ágil, mais rápida de se garantir a comunicação.

Pesquisando

Em seguida, os alunos poderão procurar numerais em diferentes portadores de textos. Divida a classe em grupos e peça que cada grupo investigue um tipo de texto, procurando verificar se há numerais e qual sua forma de representação (algarismos ou por extenso?), se aparecem muitos ou poucos e se há alguma relação entre a presença ou a ausência deles naquele tipo de texto.

Sugerimos que investiguem um texto literário, uma receita de comida ou de tricô, atlas, manual de instruções de jogo, um relatório de experimento e outros textos à escolha do professor e do grupo. Para essa análise, podem ser utilizados inclusive os textos do volume 3 de Interpretação de Textos desta coleção.

Após essa análise as crianças terão uma listagem grande de numerais. Podem agora fazer a classificação.

Classificando os numerais

Peça que escrevam em papeizinhos os numerais encontrados nas pesquisas. Depois, em grupos, eles deverão organizar esses numerais, deixando juntos aqueles que são semelhantes. Acreditamos que o conhecimento de Matemática poderá auxiliá-los. A essa altura todos conhecem:

• os cardinais, pois trabalham com eles desde a 1ª série;

• os multiplicativos, pois já viram multiplicação e esses numerais são bastante utilizados em problemas;

• os ordinais, pois fazem parte do cotidiano;

• os fracionários, pois a maior parte das escolas já trabalha com eles na 3ª série.

Feita a classificação com eles, peça-lhes que observem as propriedades de cada grupo e dê um nome para eles. São interessantíssimas as sugestões! Depois, conte como os gramáticos os nomearam e estabeleça as relações entre a idéia e o nome.

Para sistematizar, sugerimos as atividades **Tetra** e **Numerais em quatro cores**, propostas no Livro do Aluno.

Atividades de sistematização

Tetra

É uma atividade de sistematização, para que possam exercitar a classificação dos numerais.

Questão 1:

Organizar os numerais pelo tipo. Escolhemos alguns que costumam apresentar dificuldade na grafia, para que possam também exercitá-la.

Questão 2:

Damos os numerais em algarismos e pedimos a representação por extenso. Nosso objetivo aqui também é trabalhar a grafia de numerais.

Questão 3:

As palavras **cesto** e **sexto** existem, mas com sentidos diferentes. Os desenhos devem mostrar essa diferença!

Numerais em quatro cores

Aproveitamos aqui a estrutura de um jogo fantástico chamado **Quatro cores**, para desenvolver o raciocínio das crianças enquanto treinam um pouco os numerais. As regras estão no Livro do Aluno e é importante que ele seja jogado várias vezes, para que possam descobrir as estratégias mais eficientes do jogo.

Apresentaremos mais algumas sugestões de mapas para o jogo e sugerimos que o professor e as crianças criem outros. É importante que saibam que os mapas devem ser grandes. Partes muito pequenas não são interessantes. Bom divertimento!!!

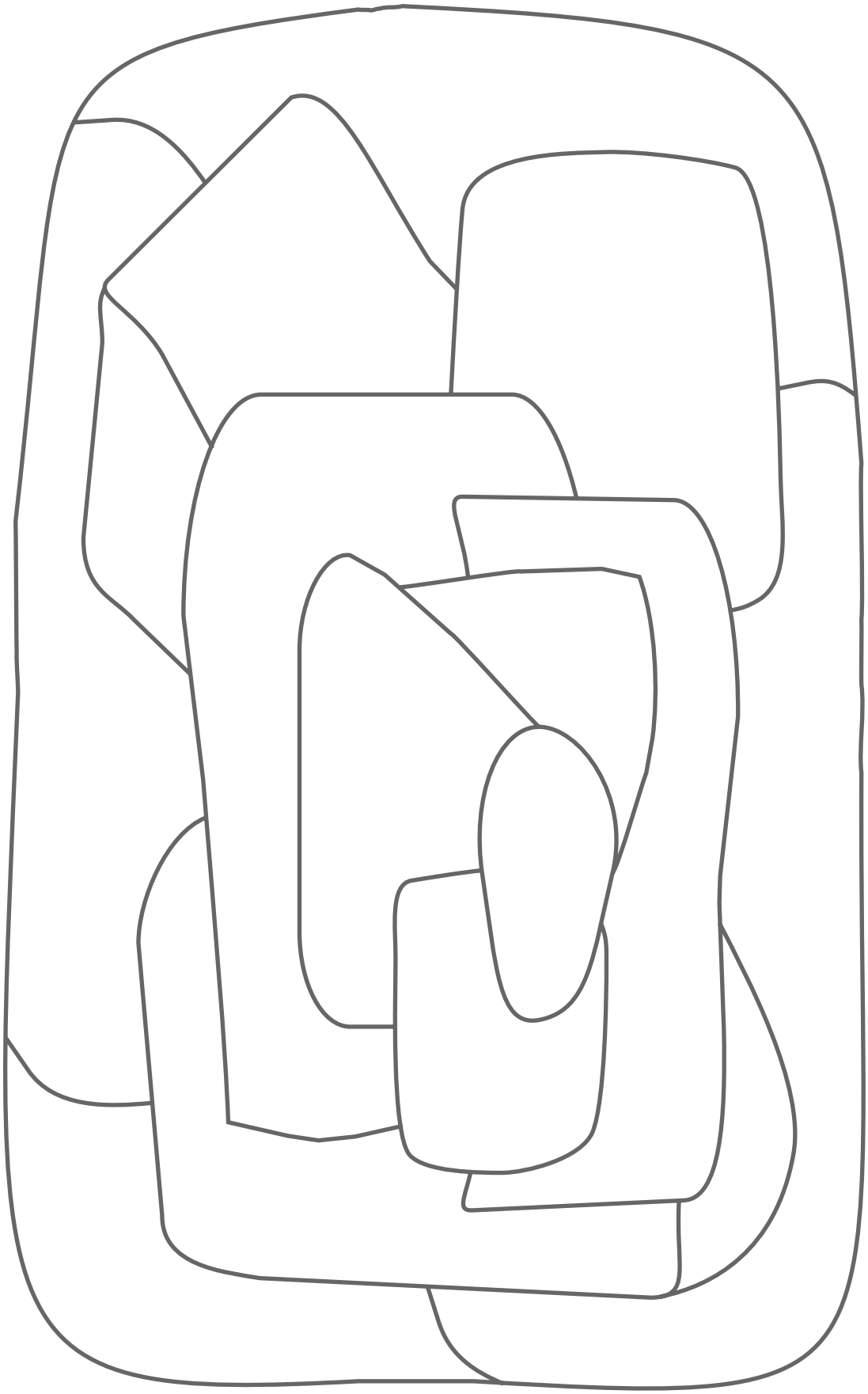

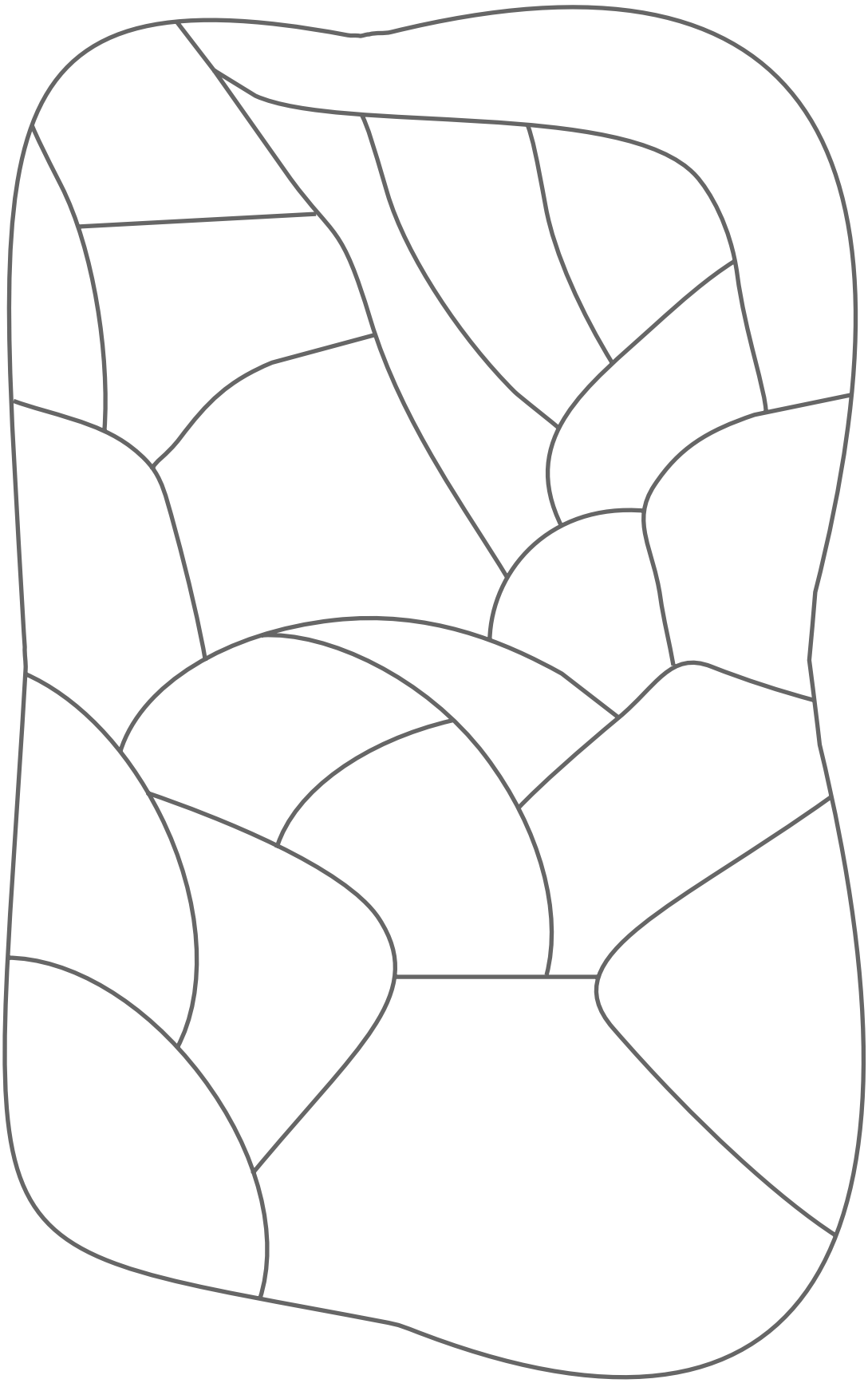

Notícias numéricas

Nosso objetivo nessa atividade é a sistematização do conceito de numeral e sua classificação.

Questão 1:

a) Ao pedirmos que pintem cada tipo de numeral de uma cor, além de localizá-los terão de classificá-los.

b) Saber nomeá-los também é importante. Aparecem cardinais e ordinais.

Questão 2:

Já observamos que em anúncios há muitos numerais representados principalmente por algarismos. E pedimos que analisassem por que era daquela forma. Queremos agora que analisem a relação entre a presença de tantos numerais e essa notícia. Nada mais natural do que aparecer tantos numerais numa notícia de esportes, anunciando datas de provas e colocações.

Questão 3:

O espaço mais ocupado por numerais é o da Matemática. Que tal bolarem problemas? O professor deve avisá-los de que não é permitido copiar problemas que já existem. É preciso criar problemas novos. Depois, os alunos trocam os problemas entre si. Assim, um resolverá o problema elaborado pelo outro.

Que coragem!!!

Nosso objetivo nessa atividade é que percebam que os numerais se referem sempre a quantidades precisas e nunca a uma quantidade imprecisa. É fundamental que isso fique claro, para que não confundam numerais com pronomes indefinidos ou advérbios de quantidade, erros que costumam cometer.

Leia o texto com as crianças. A história, apesar de incrível, é verdadeira! Vá ser macho em outra parte!!!

Questão 1:

Grifamos todas as palavras que se referiam de alguma forma a quantidades. Esta questão pretende apenas isolá-las.

Questão 2:

Ao destacarmos a semelhança entre pronomes indefinidos e numerais — ambos traduzem idéia de quantidade — ajudamos as crianças a enxergar o que as faz confundir essas classes gramaticais.

Questão 3:

Por comparação poderão deduzir que as palavras da coluna da direita do quadro não são numerais porque não representam quantidades precisas.

Numerando

A grafia dos numerais costuma ser um problema para muitas crianças. Que recursos de pensamento podemos ter para facilitar uma decisão ortográfica? Um deles é compreender como a palavra se formou, e esse é o objetivo dessa atividade.

Questão 1:

Ao observarem a formação dos numerais, poderão verificar que os cardinais de **onze** a **dezenove** são escritos com Z.

Questão 2:

São as letras E e Z.

Questão 3:

Pedimos que escrevam os ordinais de dez em dez até o centésimo. Provavelmente os alunos terão dificuldade em saber alguns deles. Ouça as sugestões que derem e depois mostre o correto. Nosso objetivo é a descoberta que poderão fazer a respeito da grafia, que está sugerida na questão 4.

Questão 4:

Eles poderão descobrir que todos terminam em **ésimo**, com S e não com Z, como escrevem sempre!!

Questão 5:

O som é o mesmo nos dois casos, mas a letra que o representa é diferente. Esperamos que agora tenham um instrumento de decisão: os **cardinais** de onze a dezenove são escritos com Z; os **ordinais** de 10 em 10 até 100 são escritos com S.

O trabalho com numerais deve estender-se, agora, para seu uso em textos, produzindo jogos discursivos, e para outras questões ortográficas que o professor achar necessário para seu grupo. Aproveite todas as situações, especialmente as de Matemática, para retomar o estudo dos numerais.

MÓDULO XIII – Interjeição

Introdução do conceito de interjeição

As interjeições são palavras muito presentes no texto das crianças. Desde muito cedo elas descobrem a possibilidade de tradução das emoções que as interjeições encerram, e passam a utilizá-las fluentemente. Acontece que as crianças usam as interjeições, mas não sabem como grafá-las. É por essa razão que, uma vez identificado o conceito, nosso olhar será dirigido para a grafia das interjeições e o trabalho será completado com a análise dos jogos discursivos que elas permitem dentro dos textos. Por que certos tipos de textos não trazem interjeições e outros as utilizam em quantidade? Quais as emoções que podemos produzir através delas? O fechamento do trabalho fica, dessa forma, a cargo da análise de textos no livro ***Construindo a escrita – Leitura e Interpretação de Textos*** — volume 3.

Para que comecem a construir o conceito de interjeição sugerimos a atividade **Hein?... Hã?... Como?...** do Livro do Aluno.

Hein?... Hã?... Como?...

Nosso objetivo é gerar o conceito de interjeição através dessa atividade.

Questão 1:

Pedimos que o aluno circule as interjeições no texto, para serem facilmente resgatadas na pergunta dois.

Questão 2:

Como as interjeições são tradutoras de emoções, de sentimentos, nosso primeiro recorte é para esse aspecto. A emoção que traduzem depende do contexto em que se encontram, por isso a importância de serem retiradas do texto, e não aparecerem isoladas.

Questão 3:

Observando as propriedades, esperamos que consigam definir minimamente a interjeição. Acreditamos que por terem procurado sempre vários aspectos em todas as classes gramaticais também busquem os vários aspectos pertinentes nesse caso. Chegarão a uma definição mais ou menos assim:

Interjeições são palavras invariáveis, infinitas, que exprimem emoção. São elementos afetivos da linguagem e vêm sempre acompanhadas de pontuação.

Questão 4:

As interjeições são sempre acompanhadas de pontuações expressivas. Esse é o objetivo dessa questão. Se você quiser aprofundar a discussão, faça-os observar que são pontos de exclamação, de interrogação, reticências... pois como são tradutoras de emoção, só pontuações expressivas costumam acompanhá-las!

Questão 5:

As interjeições são velhas conhecidas dos alunos. Eles desde cedo adoram usá-las em seus textos, mas costumam grafá-las errado. É essa a razão dessa questão.

Ajude-os a analisar as frases dadas. Acreditamos que não terão dificuldade em tirar as conclusões. O *Ah!* interjeição é o que estão vendo nesse instante; o *A* artigo já é velho conhecido deles; o *Há* verbo é o mais difícil para eles. Ajude-os a compreender que *Há* é verbo pela transformação de tempo.

Oba! Achei mais uma!!!

Como as histórias em quadrinhos são ricas em interjeições, nessa atividade o professor pede, como lição de casa, que procurem interjeições nos gibis, recortem os quadrinhos onde elas aparecem ou desenhem as cenas no livro. Depois, o professor pede que pintem com lápis ou caneta colorida as interjeições que encontraram nos quadrinhos recortados e digam qual a emoção traduzida por elas.

Essa atividade serve como pretexto para se começar um álbum de interjeições da classe. Cabe ao professor decidir quando e como isso poderá acontecer. Temos certeza de que a idéia, quando sugerida, irá pegar fogo!!!

É interessante abrirmos aqui um parêntese. Nas histórias em quadrinhos aparecem muitas onomatopéias. Onomatopéia é o processo de formação das palavras que reproduzem os ruídos, como *splash*, que reproduz o ruído de algo caindo na água; ou *buáááá,* que reproduz o som do

choro, etc. Quando essa confusão surgir, peça que observem que a interjeição traduz uma emoção e não um barulho.

Por essa razão acreditamos que será inevitável falar em onomatopéias nesse momento. A atividade **Durma com esse barulho!!!** procura cumprir esse objetivo.

Confronto interjeição x onomatopéia

Durma com esse barulho!!!

Questão 1:

Completar os balões com onomatopéias será muito divertido. Ao corrigir, verifique as diferentes soluções dadas e as formas possíveis de se grafar uma onomatopéia.

Faça-os observar, depois, nas histórias em quadrinhos a associação entre as onomatopéias e o tamanho ou a forma das letras (traços grossos, tremidos, etc.), para indicar a intensidade do que se quer representar. Brinque bastante com eles... e depois veja o que acontecerá nos textos das crianças...

Aproveite também a ocasião para mostrar que esse tipo de palavra não segue as leis ortográficas do sistema. Ao escrevê-las, todas as combinações são possíveis.

Questão 2:

Procure levá-los a observar a diferença entre interjeição e onomatopéia: uma traduz emoções, a outra, barulhos.

Questão 3:

Por serem as histórias em quadrinhos o reino das onomatopéias e interjeições, propomos uma situação na qual terão que usá-las fazendo a correspondência entre imagem e palavra. É uma atividade simples, que pode ser pedida como lição de casa, e que sintetiza os dois conceitos trabalhados.

Quem ri por último... Ih! Esqueci!!!

Fantástica essa bruxa Zelda, não?! Os exercícios são de sistematização e para perceberem a diferença entre *ha* e *há.*

Questão 1:

Ver a aplicação dos conceitos de interjeição e onomatopéia.

Questão 2:

Ao explicarem que uma tem acento e a outra não, verificarão também que uma é interjeição, e a outra, verbo. Aproveite a situação para comparar com o *A* artigo ou pronome e a interjeição Ah! Caso tenham dificuldade em localizar que *há* é verbo, peça-lhes que substituam por *tem*.

Questão 3:

Puxa! É a única palavra acentuada do texto! (além de *há)*

Questão 4:

A Zelda (e creio que todas nós!) gostaria de ser jovem, bela, rica... mas não malvada!

Agora, use sua imaginação, mantenha o fogo do álbum de figurinhas de interjeições e onomatopéias aceso, destaque as emoções traduzidas por elas nos textos e... chega!!!

MÓDULO XIV — Preposição

O trabalho com a preposição terá início neste volume objetivando levar os alunos a:

a) descobrirem o conceito;

b) observarem a importância da relação estabelecida pela preposição.

No volume 4 será proposta uma expansão do conhecimento sobre a preposição, com a investigação de algumas relações possíveis de serem estabelecidas pelas principais preposições e a análise das palavras que elas ligam.

Como introduzir o conceito de preposição

Para introduzir o conceito de preposição sugerimos que as crianças se reúnam em grupos e façam a atividade do Livro do Aluno intitulada **Ligando os fatos**.

Ligando os fatos

O objetivo dessa atividade é possibilitar às crianças que descubram o conceito de preposição. Foram retiradas do texto algumas preposições, não todas, pois queríamos garantir que aparecessem apenas as que não estavam em contração com o artigo, para que não imaginassem que

era uma classe variável em gênero e número por causa deles. Assim sendo, fizemos uma pequena adaptação no texto com fins didáticos.

Reúna a classe em pequenos grupos e peça aos alunos que completem o texto. É importante o confronto entre as crianças para uma troca rica de opiniões. Eles costumam sentir dificuldade no início, pois imaginam que devem preencher as lacunas com "uma palavra grande". Depois de completarem as primeiras lacunas, o restante do texto é completado naturalmente.

É importante que o professor esteja ciente de que não temos a expectativa de que acertem tudo. Os possíveis e prováveis erros cometidos serão resgatados no momento da correção coletiva.

Depois de corrigido, poderão iniciar a discussão das questões.

Questão 1:

É uma listagem das preposições encontradas no texto. Ao fazê-la, isolamos as preposições para que possam ser observadas pelos alunos.

Questão 2:

Nosso objetivo é a construção do conceito de preposição. Deixe que digam espontaneamente o que observam em comum entre as palavras utilizadas. Após tanto trabalho anterior, acreditamos que muitas propriedades sejam analisadas espontaneamente. Caso algum aspecto ainda permaneça desapercebido por eles, vá fazendo perguntas desencadeadoras como as que fez para a descoberta das outras classes gramaticais. As crianças costumam fazer observações mais ou menos assim:

"Todas as palavras que nós usamos são pequenas."

"Todas são invariáveis."

"Elas se repetem sempre, são as mesmas que aparecem toda hora." Nessa observação você pode perguntar-lhes se acham, então, que deve ser um conjunto finito ou infinito de palavras.

"Não querem dizer nada que existe no mundo."

"Servem para ligar a palavra grande que vem antes com a que vem depois" ou "servem para completar a idéia".

Ouça-os. Ao levantarem essas características estarão definindo preposição. Organize com eles as idéias e redija a definição na lousa. Acreditamos que ficará aproximadamente assim:

Preposição é uma palavra pequena, invariável; não quer dizer nada que existe no mundo, mas mostra como a palavra grande que vem antes e a palavra grande que vem depois estão ligadas.

Peça depois que copiem no Caderno de Descobertas.

Nosso próximo objetivo é que percebam a importância da presença e da escolha da preposição, pois colocá-la ou não, ou escolher uma ou outra muda toda a significação da frase. Para atingir esse fim propomos o jogo de **Mímica**, apresentado no Livro do Aluno.

Atividades de sistematização

Mímica

Nosso objetivo é que os alunos percebam a importância da preposição: se você mantiver as palavras grandes que vêm antes e depois, mas mudar a preposição, você altera toda a significação!

Regras

1 – Reúna a classe em grupos.

2 – Peça que os alunos abram o livro de Gramática/Ortografia na página do jogo de Mímica.

3 – Escreva em papeizinhos as 8 preposições que completam as lacunas do jogo: *com*, *na*, *após*, *sobre*, *sob*, *contra*, *para*, *até*, e um papel com um X, indicando que não há preposição.

4 – Sorteie os papeizinhos entre os grupos. Cada grupo poderá ficar com uma ou mais preposições e completar a(s) lacuna(s) do exercício.

5 – Cada grupo deve descobrir uma forma de explicar o significado de sua expressão para a classe, dramatizando através de mímica. Vá circulando pelos grupos e verificando se eles compreenderam o sentido da expressão que deverão dramatizar. Caso não saibam, explique para eles.

6 – Os grupos terão um tempo determinado pelo professor para ensaiar ou combinar a dramatização.

7 – O professor vai chamando cada grupo para se apresentar. Enquanto isso, os outros grupos devem ver a dramatização e completar a primeira lacuna vazia do exercício com a preposição que acham adequada para dizer aquele significado representado pelo grupo que está fazendo a mímica.

8 – Depois de cada expressão completada, o professor ouve os grupos, corrige, escreve-a na lousa e todos os grupos que acertaram ganham dois pontos.

9 – Vence o grupo que obtiver o maior número de pontos.

Nosso próximo passo é fazer as crianças observarem que as preposições freqüentemente vêm com artigos "grudados". Para essa descoberta sugerimos a atividade **Quem com quem?**

Quem com quem?

É uma proposta simples. Leia a poesia de Márcia Batista com os alunos e converse sobre ela com eles. Depois, peça que respondam às questões.

Questão 1:

Na questão 1 eles retiram as palavras grifadas para, na questão 2, observar como foram formadas.

Questão 2:

Ao descobrirem o **de + o**, **de + a**, desafie-os a descobrirem o *no*. Como há uma modificação completa na palavra, eles dificilmente concluirão sozinhos. Instigue-os a pensar pelo significado (é uma idéia de lugar), a buscar a lista das preposições que apareceram na atividade **Ligando os fatos,** verificando qual ou quais trariam também idéia de lugar. Como último recurso, demonstre você a relação.

Questão 3:

Ao observarem que as três palavras foram formadas por uma preposição mais um artigo, desafie-os. Pergunte se alguém descobre mais alguma contração de preposição mais artigo, diferente das que já viram. Dificilmente conseguem descobrir. Se o fizerem, melhor, se não conseguirem, apresente-lhes *pelo/pela*, *num/numa.* A partir dessa discussão, já não precisaremos nos preocupar em desfazer as contrações para que achem preposições.

Sugerimos que o professor, nesse momento, peça aos alunos que voltem ao texto *A Girafa Branca* e que procurem as preposições em contração com artigos que houver no primeiro parágrafo.

Para aprofundar o trabalho, o professor pode, se quiser, em situações informais, mostrar para as crianças que elas já tinham visto as preposições nas locuções adjetivas. Além disso, sempre que estiver trabalhando com textos, destacar as preposições e, se possível, analisar jogos de palavras (especialmente de humor), produzidos através delas. Uma ampliação maior do conceito, só no volume 4.

Para finalizar o trabalho deste volume com preposição propomos um jogo, descrito a seguir, e que consta do Livro do Aluno:

Para criar, de criação, com criatividade

Nosso objetivo é que, através desse jogo, possam usar diferentes preposições em um mesmo contexto, deixando evidentes as diferentes relações que elas estabelecem entre os termos.

Como jogar:

1 – Reúna a classe em grupos.

2 – Marque um tempo e peça que completem as frases propostas nos blocos 1 e 2 com todas as preposições possíveis de serem usadas, conferindo diferentes sentidos. Cada grupo deverá colocar **todas** as soluções possíveis que houver em cada frase.

3 – Terminado o tempo, um aluno de cada equipe muda para outra a fim de funcionar como fiscal, evitando problemas de alteração de resposta.

4 – O professor sorteia um número de um a quinze e a equipe da vez deve responder, dando as soluções da frase sorteada.

5 – Todos os grupos que tiverem acertado ganham 2 pontos para cada preposição correta.

6 – Caso haja mais alguma resposta que outra equipe tiver encontrado, deve dizê-la, e as demais que tiverem completado dessa forma também ganham 2 pontos.

7 – A equipe que tiver completado com a preposição errada perde 2 pontos. (Essa regra tem o objetivo de evitar que eles completem sem pensar, arriscando simplesmente, em busca de pontos.)

8 – Ganha a equipe que obtiver o maior número de pontos.

Ao fazer a correção, o professor deve procurar ajudá-los a refletir sobre a idéia traduzida pelas diferentes preposições. É essa reflexão que possibilitará que venham a ter condições de fazer uma boa escolha da preposição, quando estiverem escrevendo.

Encaixe perfeito

Nosso objetivo nessa atividade é que os alunos reflitam sobre as relações estabelecidas pelas diferentes preposições. São sete frases e sete preposições. Há lacunas que podem ser preenchidas por mais de uma preposição, mas para cada frase o aluno deve escolher apenas uma das possibilidades. Para isso terá que saber fazer as escolhas.

Pode ser realizada em grupo, na classe, ou como lição de casa. Voltamos a chamar a atenção do professor para a importância de sua postura ao longo das atividades: não temos a expectativa de que as crianças saibam responder tudo corretamente. Nosso objetivo é que comecem a pensar no assunto, que busquem soluções, que transformem as preposições em algo sobre o qual é preciso parar para pensar. Para que esse objetivo seja atingido, não se pode trabalhar centrado em certo ou errado. O mais importante é pensar sobre o assunto e não simplesmente acertar ou errar.

Terminamos o exercício pedindo que façam frases. Após tantas situações, acreditamos que não serão grandes as dúvidas. No momento da correção, como sempre, procure ouvi-los e compreender seu pensamento para ajudá-los da forma mais eficiente.

Use e abuse

É uma atividade tradicional, de completar as lacunas. Pode ser feita como lição de casa, e a correção feita individualmente. O objetivo é que as crianças sistematizem o conteúdo, e que o professor possa diagnosticar o que as crianças têm compreendido.

Depois de vivenciarem em tantas situações a importância da relação estabelecida pela preposição, nossos olhos voltam-se para o significado delas. Para ligarem as colunas da direita e da esquerda na questão 2, terão que pensar um contexto de frase com aquela preposição e depois tomar a decisão para definir qual é seu significado.

Não nos aprofundaremos mais nesse aspecto por ser objeto de estudo do próximo volume. Voltamos a chamar a atenção do professor para a importância de usar o momento da correção como um espaço para levá-los à reflexão e um momento para conhecer o que pensam, e não simplesmente dizer certo ou errado, como soluções prontas.

APÊNDICE

Usando o dicionário

O trabalho com dicionário teve início no volume 1 com a descoberta de seu uso como um recurso de decisão ortográfica. As atividades propostas naquele volume estiveram centradas nos seguintes objetivos:

• descobrir a organização do dicionário por ordem alfabética, considerando a primeira, a segunda, a terceira letra de uma palavra, sucessivamente;

• descobrir a estrutura de organização;

• desenvolver recursos de busca rápida de palavras no dicionário. (Se não houver certa agilidade na consulta, o dicionário torna-se mais um problema do que uma solução.)

No volume 2 ampliamos o uso do dicionário como recurso de descoberta de significado. As crianças trabalharam simultaneamente com dedução de sentido pelo contexto e com polissemia. Viram que o dicionário trazia todos os sentidos possíveis de cada palavra e que elas deveriam analisar qual sentido era viável em um determinado contexto. Verificaram também como encontrar palavras que estavam no texto de uma forma e no dicionário de outra, como no caso de femininos, aumentativos e diminutivos.

No volume 3 pretendemos ampliar o uso do dicionário nas seguintes direções:

• Descobrir que o dicionário informa a classe gramatical das palavras, assunto que será desenvolvido neste volume.

• Verificar que ele informa a maneira como a palavra se formou e sua origem.

• Utilizar o dicionário como fonte de pesquisa ortográfica, para verificar se descobertas feitas nas pesquisas são válidas, confrontando-as com hipóteses.

• Descobrir os símbolos e as informações gerais que o dicionário traz.

Esses objetivos devem estar presentes na cabeça do professor, pois, acima de tudo, é no uso informal e cotidiano do dicionário que eles serão atingidos. Vamos sugerir algumas atividades de investigação específica e esperamos que o professor sistematize as descobertas no dia-a-dia.

Como introduzir novas informações contidas no dicionário

Retome com eles tudo o que já sabem sobre o dicionário: para que serve, estratégias de busca e tudo o que souberem de interessante. Depois, peça que se reúnam em duplas, peguem o dicionário e comecem a folheá-lo, página por página, analisando o que aparece, os símbolos que ele contém, levantando hipóteses de significado desses símbolos. Vá discutindo o que é e o que significa cada um deles. O dicionário que utilizamos para análise foi o **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, Editora Nova Fronteira, 2ª edição, revista e

aumentada. Caso as crianças estejam pesquisando em outro dicionário, é necessário o professor adaptar nossos comentários às informações e símbolos presentes no exemplar que elas têm.

Durante o trabalho poderão surgir perguntas do tipo:

• O Aurélio escreveu tudo sozinho ou outras pessoas o ajudaram?

• Ele conhece todas as palavras da língua?

• O que é prefácio? (Vale a pena ler o do Aurélio. É muito interessante.)

• O que são essas letras que aparecem depois das palavras? (São abreviaturas das classes gramaticais ou indicações de origem das palavras.)

• O que são esses numerozinhos que aparecem elevados ao lado de algumas palavras, como *a*$^{-2}$ *+ compadre + –ar*^{2}*?*

• Por que às vezes aparece (ô) depois da palavra?

E muitos outros símbolos que aparecem nos verbetes de um dicionário podem ser questionados.

O professor deve sempre procurar levar os alunos a tentar descobrir pelo contexto o que significam os símbolos que encontram e, caso ninguém descubra, dar a informação.

Uma vez descobertos os símbolos, as crianças poderão descobrir que o dicionário, além de informar a ortografia das palavras, informa o sentido, a origem, a classe gramatical, a maneira como se formou, o gênero, o número, o grau, as expressões regionais ou de áreas específicas do conhecimento. Com todas essas descobertas as crianças poderão ter o dicionário como um recurso de pesquisa muito mais amplo e significativo do que normalmente é utilizado.

Além de todos esses usos, o dicionário será importante recurso de pesquisas ortográficas, como está minuciosamente explicado nos módulos de ortografia.

Sugestões de jogos ortográficos para sistematização

Jogos de *Stop*

Os jogos de ***Stop*** são altamente lúdicos, costumam mobilizar muito as crianças e caracterizam-se por pedir uma tarefa que deverá ser cumprida em um prazo curto de tempo. Cada um dos tipos de ***Stop*** propicia uma forma própria de atuação e tem um objetivo específico. Assim sendo, o professor poderá escolher o jogo, adequando-o aos conteúdos a serem trabalhados.

***Stop* ortográfico**

Objetivos pedagógicos

1) Sistematizar dificuldades ortográficas que o professor considere relevantes.

2) Trabalhar com a imagem mental das palavras.

3) Acionar o vocabulário ativo e passivo dos alunos.

4) Revisar conteúdos gramaticais (tonicidade, classes gramaticais e outros).

5) Utilizar as descobertas e regras que os alunos **tenham** feito sobre Ortografia e/ou Gramática.

Descrição do jogo

Cada aluno ou equipe deve ter uma folha com um quadriculado grande, que pode variar de tamanho dependendo da faixa etária das crianças que estiverem jogando. Por exemplo, num jogo com 25 palavras, pedir que os alunos façam uma tabela com 36 quadros (6 x 6 → horizontal x vertical), que deve ser preenchida da seguinte forma:

1) Na 1ª linha superior colocam-se as dificuldades que serão trabalhadas. É importante notar que o objetivo do jogo é encontrar palavras que **tenham** essa(s) letra(s) ou dificuldades, e não palavras que **comecem** com elas.

2) Na 1ª coluna da esquerda, completar os espaços indicando o campo semântico a que as palavras devem pertencer, e que podem variar segundo os interesses das crianças. Os alunos gostam de universos vocabulares como CEP (cidade ou estado ou país), marcas de carros, cigarros, frutas, animais, partes do corpo humano, objetos de uma casa ou de um escritório, ou ainda palavras oxítonas, paroxítonas, proparoxítonas, substantivos, verbos, adjetivos, etc.

3) A um sinal do professor, as equipes devem preencher o jogo com uma palavra que atenda aos pedidos da linha e da coluna onde o quadro se encontra.

4) Não vale escrever mais de uma palavra por quadrinho, nem procurar no dicionário.

5) A primeira equipe que terminar de preencher a tabela deve dizer *Stop*! e todas as outras param imediatamente de escrever.

Exemplo:

	X	CH	Ç	SS	S
CIDADES					
ESTADOS					
PAÍSES					
ANIMAIS					
CARROS					

Correção e contagem dos pontos

Para a correção, os alunos devem permanecer organizados em equipes. Um aluno de cada equipe se levanta e vai para a equipe ao lado, de tal forma que o jogo seja corrigido sob o controle do fiscal da outra equipe. Isto evita mal-entendidos. O professor vai, então, pedindo que cada equipe diga sua palavra daquele quadrinho. Por exemplo: a 1ª equipe diz sua palavra de CIDADE com X, depois a segunda diz a dela, e assim sucessivamente; em seguida, cada equipe vai falando um nome de animal com X, etc., e o professor vai escrevendo cada palavra na lousa.

Quando a palavra oferecer alguma dificuldade maior ou for um "tipo" que os alunos costumam errar na grafia, o professor pede que a equipe soletre para ele escrever, ou um aluno levanta-se e vai escrever na lousa. Isso garante o cuidado com a grafia, uma vez que a correção é uma necessidade inerente ao jogo.

Conforme os alunos vão falando suas palavras, o professor vai anotando os pontos de cada grupo. Vence o grupo que obtiver o maior número de pontos na tabela.

Para a contagem dos pontos, devem ser observados os seguintes critérios:

1) Se dois ou mais grupos escreveram a mesma palavra, **5** pontos para cada grupo.

2) Se um único grupo escreveu aquela palavra, **10** pontos para esse grupo.

3) Se um único grupo conseguiu preencher aquele quadrinho e todos os outros deixaram em branco, este grupo recebe **15** pontos.

4) Se o quadrinho ficou em branco ou a palavra escrita apresentava algum erro na grafia, **0** ponto.

Stop **no texto**

Objetivo pedagógico

O objetivo desse jogo é desenvolver uma leitura de **revisor** nos alunos, para que possam exercê-la na revisão de seus próprios textos. Para desenvolvê-la, é preciso aprender a olhar o texto pela forma e não pelo conteúdo.

É um jogo que pode ser realizado nos minutos finais da aula, de improviso. É importante que seja repetido com certa freqüência para que atinja os objetivos pedagógicos estabelecidos.

O jogo

O professor pode aproveitar o texto que está sendo lido na classe para interpretação, por exemplo, e pedir que encontrem nesse texto um número x de palavras com uma determinada letra. Por exemplo, uma palavra com **H** em qualquer posição. Todas as palavras devem ser sublinhadas no texto.

Vence o aluno que conseguir encontrá-las primeiro. Caso você tenha alguns alunos que sejam rápidos demais e nunca deixam os outros chegarem próximo do fim, prossiga até encontrar o 5º ou o 6º colocados.

É um jogo rápido, que anima muito a classe, além de desenvolver o papel do revisor nas crianças. As palavras obtidas podem servir de universo para outras atividades.

Stop **em colunas**

Objetivos pedagógicos

Essa modalidade de ***Stop*** é mais uma forma de sistematização interessante de ser desenvolvida depois de atividades de descoberta sobre o sistema ortográfico. Ela jamais deve ser jogada como ponto de partida ou sem que tenha sido feita a análise do sistema anteriormente.

O ***Stop*** em colunas propicia uma nova situação para a criança utilizar a série de palavras em que a letra se encontra, aguçando seu olhar para esse tipo de propriedade do sistema ortográfico. É muito bom para desenvolver o papel do revisor na criança.

O jogo

Esse jogo consta de uma folha de sulfite com uma lista de palavras que devem ser organizadas em colunas, de acordo com as dificuldades indicadas. O procedimento é simples.

1) Uma vez distribuídas as folhas, o professor fala *Já!* e todos arrumam as palavras nas colunas. O professor pode, também, determinar um tempo. Por exemplo: *Vocês têm 2 minutos (ou 5 minutos) para preencher a tabela.* Especialmente com crianças menores esta forma tem se mostrado mais eficiente.

2) Quem terminar primeiro e corretamente vence. É importante que o professor verifique se o aluno preencheu criteriosamente, pois há crianças que, no desespero de ganhar, fazem qualquer coisa, só para terminar primeiro, impedindo que todos possam pensar e aprender.

3) O professor deve utilizar o momento da correção para observar e trabalhar com os "erros" dos alunos, e não simplesmente dizer *Certo* ou *Errado*.

4) A correção é feita na lousa, e não há contagem de pontos.

Exemplo de uma tabela de ***Stop*** em colunas com a letra R:

rapaz	acordei	ricaço	ruína
perto	selar	Araraquara	arrastou
drama	enviar	arranha	artigo
empurrado	agressivo	ordem	certeza
topar	parado	aranha	

R + vogal (início de palavra)	vogal + R + consoante	consoante + R + vogal
rapaz...		
...		

R entre vogais	RR entre vogais	

***Stop* de descoberta**

Essa variação de ***Stop*** é uma atividade muito rica, que permite trabalhar com uma variedade muito grande de palavras. O número de palavras propostas deve variar de acordo com a série do aluno, podendo ser realizado de 1ª a 8ª série com sucesso.

Objetivos pedagógicos

1) Trabalhar com a imagem mental da palavra.
2) Acionar o vocabulário passivo do aluno.
3) Desenvolver estratégias de pensamento.
4) Desenvolver estratégias de decisão sobre a ortografia da palavra.
5) Sistematizar um determinado aspecto ortográfico.

Objetivos do jogo

1) Completar a tabela com a maior rapidez possível.

2) Obter o maior número de pontos ao completá-la. Vence o aluno que obtiver o maior número de pontos na tabela e não o que terminou primeiro.

O jogo

1) Os alunos podem jogar individualmente ou em grupo (nunca mais de quatro elementos).

2) Cada aluno ou grupo deve encontrar uma palavra que satisfaça as características dadas pela tabela.

3) Pode-se completar o espaço com apenas uma letra ou com uma ou mais sílabas, desde que se forme uma palavra que existe.

4) Quando algum aluno ou grupo termina, grita *Stop!* e todos devem parar de escrever. Procede-se, então, à correção na lousa, com a análise dos pontos obtidos.

5) Pode-se também jogar com um tempo marcado pelo professor, e o jogo termina quando ele diz *Stop!*

6) Após a contagem, indicar o(s) vencedor(es).

Contagem dos pontos

1) Se mais de um aluno completou com a mesma palavra, **5** pontos para cada um.

2) Se apenas um aluno (ou grupo) escreveu aquela palavra, **10** pontos para ele.

3) Se apenas um aluno (ou grupo) preencheu o espaço e mais ninguém descobriu uma palavra para aquela lacuna, **15** pontos para ele.

4) Palavra com erro de ortografia, **0** ponto.

Não permitir o uso do dicionário ao longo do jogo, para levar os alunos a utilizarem as regras de ortografia que tiverem construído.

Exemplo de tabela do ***Stop*** de descoberta:

r _____	pr _____	_____tr_____r
tor _____	_____ r	r _____gr_____
_____rr _____	_____ rr _____r	dr _____
r _____r	br _____	___ por _____
_____ r _____	_____ fer _____	ar _____

Caso a tabela seja semelhante a esta, não esquecer de avisar os alunos de que quando o **r** aparece em séries como **tor**, ele deve ser a última letra da sílaba. Por exemplo: não vale palavra como **tora**, vale **torneira**.

Explicar também que o espaço marcado na tabela não tem nada a ver com o número de letras ou sílabas que a palavra deve ter. Valem, por exemplo, **torneira**, **torpedo**, **torpedinho**, **torta**.

Bingo ortográfico

Objetivos pedagógicos

1) Sistematizar a grafia de determinadas palavras.

2) Construir regras ortográficas a partir da observação de elementos lingüísticos.

O jogo

Durante o sorteio das palavras pelo professor, o objetivo é ser o primeiro a completar uma linha ou coluna de palavras sorteadas e grafadas corretamente.

1) Distribuir uma folha com uma tabela ou pedir aos alunos que façam uma com 16 ou 25 quadrados (4 x 4 ou 5 x 5).

2) O professor seleciona as 16 ou 25 palavras (depende da tabela que estiver utilizando), dita uma a uma e vai escrevendo cada uma em um pedaço de papel cortado. Fecha cada palavra e joga os papéis dentro de um saco plástico, para o sorteio.

3) Cada aluno irá escrever a palavra ditada em algum lugar da tabela, de tal forma que, ao final, cada um terá uma tabela organizada de forma diferente.

4) Quando as tabelas estiverem preenchidas, o professor começa a sortear as palavras e os alunos vão assinalando em suas tabelas. Quando alguém preencher uma linha, coluna ou diagonal, passando pelo centro, levanta a mão e mostra para o professor. Se todas as palavras da linha completada estiverem corretas, o aluno vence. Se alguma apresentar grafia incorreta, o professor avisa que há erro mas não indica onde, e o aluno continua participando com outra linha ou coluna.

5) Como a intenção é aprender e jogar, vencer se torna menos relevante. Portanto, o professor continua o sorteio de palavras até quando achar conveniente para sua classe, não importando quantos vencedores houver.

A correção

A correção deve ser feita na lousa e utilizada como um espaço para a discussão e reflexão sobre algum aspecto ortográfico. Por exemplo, se o objetivo do Bingo fosse a descoberta de diferenças entre AM e ÃO, o professor ditaria no Bingo apenas palavras com essas duas terminações e que não tivessem acento, e no momento da correção perguntaria aos alunos: *O que há em comum entre as palavras que foram ditadas?* Os alunos costumam responder que todas terminam em AM ou ÃO. O professor faz uma divisão na lousa e vai corrigindo de forma que cada terminação fique em uma coluna. Ao terminar de colocar as palavras na lousa, pergunta para os alunos: *O que todas essas palavras têm em comum além do fato de terminarem em AM?* (A mesma pergunta é feita para a outra coluna.) Os alunos poderão constatar que as palavras terminadas em AM são paroxítonas e as terminadas em ÃO são oxítonas, se não tiverem acento.

A descoberta é registrada no Caderno de Descobertas, e as palavras do Bingo, copiadas no caderno.

Jogo das dicas

Objetivos pedagógicos

1) Revisar conteúdos já trabalhados, aplicados a uma situação ortográfica.

2) Aprender a ouvir ordens, estando atento aos detalhes do enunciado.

O jogo

O objetivo do jogo é descobrir a palavra que está sendo ditada, a partir de dicas dadas pelo professor.

1) É para ser jogado individualmente, com a classe toda.

2) O professor seleciona um número x de palavras com a dificuldade que pretende trabalhar e propõe à classe que, em vez de falar a palavra, dará dicas e cada aluno deverá escrever em seu caderno a palavra que imaginou.

3) O professor deverá utilizar critérios variados para dar as dicas e poderá aproveitar para trabalhar conceitos de todas as áreas. Exemplos de dicas:

a) A palavra na qual estou pensando tem (número) letras e (número) sílabas e é sinônimo de...

b) É o nome que se dá ao processo de nascimento e crescimento de uma semente.

c) É um substantivo trissílabo que dá nome a um sentimento que temos quando…

d) É um adjetivo que é antônimo de ..., etc.

Esse jogo é muito bom para se trabalhar com palavras homófonas (que são pronunciadas da mesma forma, mas grafadas de forma diferente), como **chá** e **xá**, **auto** e **alto**, **acender** e **ascender**, etc. Ao utilizá-lo dessa forma, estaremos reforçando nas crianças a concepção de que ortografia e significado estão relacionados.

Contagem de pontos

1) Palavra certa no sentido e na ortografia — **2** pontos.

2) Palavra certa no sentido e errada na ortografia — **1** ponto.

3) Palavra errada no sentido e na ortografia — **0** ponto.

Palavras cruzadas

Objetivos pedagógicos

1) Descobrir regras ortográficas.

2) Utilizar conceitos já trabalhados.

O jogo

O jogo de palavras cruzadas já é conhecido de todos. Podemos utilizá-lo para trabalhar Ortografia e os conceitos que quisermos. Basta selecionar as palavras mais interessantes para o assunto a ser trabalhado.

Para tal, é importante que o professor tenha em mente que o objetivo do jogo não é simplesmente ser divertido, mas que, através dele, conteúdos lingüísticos e psicológicos estão sendo trabalhados.

O professor poderá pedir, como lição de casa, que o aluno monte palavras cruzadas com determinada dificuldade ortográfica para que os colegas respondam. No dia seguinte todos trocam os jogos e um responde o do outro.

A montagem dos jogos exige raciocínio e capacidade de definição, dois elementos importantes de serem trabalhados. É interessante que na primeira vez esta atividade seja realizada em sala de aula, para que o professor possa auxiliá-los nessa descoberta.

Soletrando

Objetivos pedagógicos

1) Trabalhar com a imagem mental da palavra.

2) Distinguir as noções de letra e nome da letra.

O jogo

O objetivo do jogo é conseguir soletrar a palavra corretamente.

1) O professor pede que os alunos pesquisem, em casa, palavras com uma determinada dificuldade ortográfica e tragam o jogo para a classe. Por exemplo, palavras que tenham **R**, ou que tenham **X** ou **CH**.

2) No dia seguinte, a classe deve ser dividida em equipes de três ou quatro elementos, que serão, daqui em diante, chamados de aluno número 1, 2, 3, 4, em cada equipe.

3) O jogador número 1 escolhe uma de suas palavras e pede que o jogador número 2 a soletre, isto é, *ele deve escrever a palavra na cabeça e soletrá-la letra por letra, na seqüência certa*. Enquanto isso, o jogador número 1 (o que ditou a palavra) vai escrevendo cada letra ditada.

4) Quando o jogador número 2 termina de soletrar, o número 1 diz se ele acertou ou errou. Se o 2 acertou, ganha um ponto e dita uma palavra para o 3. Se o 2 errou, o número 1 avisa que está errado e pede que o jogador 3 soletre a palavra. Caso acerte, o ponto será dele (do número 3).

5) O jogador número 3 diz, então, sua palavra para o jogador número 4.

6) O jogo termina após terem sido ditadas todas as palavras selecionadas, ou após um tempo determinado pelo professor ou combinado com a classe.

Jogo dos animais

Objetivos pedagógicos

a) Utilizar os conhecimentos gerados nas atividades de reflexão sobre uma determinada letra.

b) Trabalhar com a imagem mental das palavras.

c) Utilizar os processos mentais de classificação e seriação em uma situação ortográfica.

O jogo

O objetivo do jogo é que o aluno descubra como deve organizar letras móveis para formar as palavras que foram sugeridas através das dicas dadas na tabela.

O professor divide a classe em grupos de quatro elementos e entrega para cada grupo uma tabela como a que será mostrada adiante, junto com um montinho de letras coloridas já selecionadas para formar as palavras. Esse jogo pode ser feito com cartolina e canetinha hidrocor.

Organizada a classe, o professor dá as dicas do jogo. Exemplo: *Com essas letras dá para vocês montarem nove palavras. Todas elas são nomes de animais. Todos os nomes têm a letra **H**.*

Dadas as dicas, o professor pede aos alunos que descubram e organizem as palavras na tabela abaixo, encontrando o lugar certo de cada uma.

Vence(m) o(s) grupo(s) que conseguir(em) organizar a tabela corretamente.

Veja um exemplo: jogo para treino da letra **H**.

Nomes dos animais: cachorro, abelha, ovelha, minhoca, aranha.

V	C	V	C	C	V		
C	V	C	C	V	C	V	
C	V	C	C	V	C	C	V
V	C	V	C	C	V		
V	C	V	C	C	V		

V = vogal

C = consoante

Deixar sempre uma linha de espaços em branco, onde o aluno vai escrever as letras, e outra linha com a indicação **vogal** ou **consoante** como dica para o aluno saber que letra colocar neste espaço.

Os alunos receberiam, no caso da tabela acima, um saquinho com as letras: A (8), B (1), C (3), E (2), H (5), I (1), L (2), M (2), N (2), O (4), R (3), V (1), que seriam utilizadas para o preenchimento da tabela.

Quando este jogo for realizado com alunos de 1ª série, é bom que o nome de cada animal esteja escrito com uma cor diferente, para que o desafio não esteja acima do limite deles. Se o jogo for feito com alunos de outras séries, pode-se manter a mesma cor para todas as palavras.

Bibliografia para pesquisa teórica

FERREIRO, Emilia. *Alfabetização em processo*. São Paulo, Cortez, 1986.

_____ & TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1985.

GALVES, Charlotte; Orlandi, Eni Pulcinelli; Otoni, Paulo, orgs. *O texto: escrita e leitura.* Campinas, Pontes, 1988.

GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1973.

KOCH, Ingedore Villaça. *A coesão textual*. São Paulo, Contexto, 1991.

MACEDO, Lino de. *Ensaios construtivistas*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1994.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas, Pontes, 1987.

_____. *Discurso e leitura*. São Paulo, Cortez, 1988.

PIAGET, Jean. *A tomada de consciência*. Tradução de Edson Braga de Souza. São Paulo, Melhoramentos/Edusp, 1977.

_____. *Fazer e compreender*. Tradução de Cristina Larroudé de Paula Leite. São Paulo, Melhoramentos/Edusp, 1978.

_____ & INHELDER, Barbel. *A psicologia da criança*. Tradução de Otávio Mendes Campos. São Paulo, Difel, 1980.

ESTUDOS LINGÜÍSTICOS 7

DEISE P. DUTRA
HELIANA MELLO

ORGANIZADOR

A GRAMÁTICA E O VOCABULÁRIO NO ENSINO DE INGLÊS: NOVAS PERSPECTIVAS

FA IN-UFMG

N.Cham. 420.7 G745 2004
Título: A gramática e o vocabulário no ensino de inglês : novas perspectivas .
61380505
370075

DEISE P. DUTRA
HELIANA MELLO
ORGANIZADORAS

A GRAMÁTICA E O VOCABULÁRIO NO ENSINO DE INGLÊS: NOVAS PERSPECTIVAS

U.F.M.G. - BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA
61380505
NÃO DANIFIQUE ESTA ETIQUETA

FALE-UFMG
BELO HORIZONTE
2004

06 07 2005

Ficha catalográfica elaborada pelas Bibliotecárias da Biblioteca FALE/UFMG

G745 Gramática e o vocabulário no ensino de inglês : novas perspectivas / Deise P. Dutra, Heliana Mello (organizadoras). - Belo Horizonte : Faculdade de Letras da UFMG, POSLIN, 2004.
168 p. : il. - (Estudos lingüísticos ; 7).

ISBN: 85-87470-56-6

1. Língua inglesa – Gramática – Estudo e ensino. 2. Língua inglesa – Vocabulário – Estudo e ensino. 3. Competência comunicativa. I. Dutra, Deise Prina. II. Mello, Heliana Ribeiro de. III. Série.

CDD : 425

SUMÁRIO

Parte I: Ensino/aprendizagem de gramática

Os caminhos do ensino de gramática em línguas estrangeira 9
Deise P. Dutra e Heliana Mello
A metalinguagem e o sistema pedagógico do professor 17
Deise P. Dutra
Foco-na-forma e foco-na-comunicação: dois focos complementares 41
Glória Gil
O ensino de gramática de línguas estrangeiras: uma perspectiva da Lingüística Cognitiva 55
Heliana Mello

Parte II: Ensino/aprendizagem de vocabulário

Ensino de vocabulário 71
Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva
A abordagem foco na forma na aquisição de vocabulário 103
Elizabeth Assunção Gontijo
A influência da tarefa proposta e a retenção de itens lexicais na utilização da estratégia uso do dicionário 131
Mariney Pereira Conceição

Parte III: Tarefas comunicativas e a aprendizagem de gramática e vocabulário

Tarefas comunicativas: um contexto favorável à aprendizagem de gramática e vocabulário na sala de aula de L2? 145
Ana Antônia de Assis-Peterson e Ana Larissa A. M. Oliveira

PREFÁCIO

Com base em diversas pesquisas de professores e beneficiando-se de sua vivência na área de Lingüística Aplicada, particularmente no ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras, foi possível à Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais editar mais um volume da série Estudos Lingüísticos: *A gramática e o vocabulário no ensino de inglês:* novas perspectivas.

Neste volume, apresentamos trabalhos que refletem as atuais preocupações de estudiosos na área de lingüística aplicada em relação ao ensino e aprendizagem de gramática e vocabulário em inglês como língua estrangeira e segunda língua. O livro está dividido em três partes: ensino/aprendizagem de gramática; ensino/aprendizagem de vocabulário e tarefas comunicativas e a aprendizagem de gramática e vocabulário.

A parte I inicia com um breve apanhado sobre o papel do ensino de gramática em várias abordagens e métodos, escrito por Deise P. Dutra e Heliana Mello, que ressaltam a ligação entre o conceito de língua e o de ensino. No segundo capítulo, Deise P. Dutra discute, do ponto de vista do professor, o uso de metalinguagem em dois contextos distintos de ensino de inglês. Glória Gil, também olhando o discurso de uma professora, apresenta uma visão complementar do foco-na-forma e do foco-na-comunicação. O último capítulo desta parte, escrito por Heliana Mello, discute a aplicação da gramática cognitiva ao ensino de línguas.

A parte II começa com uma ampla apresentação de Vera L. M. O. e Paiva sobre o ensino de vocabulário através dos tempos. O segundo capítulo dessa seção é de Elizabeth A. Gontijo, que discorre sobre a abordagem foco na forma aplicada ao ensino de verbos frasais. À Mariney P. Conceição coube um estudo sobre a estratégia do uso do dicionário, discutindo fatores como a influência da tarefa proposta e a retenção de itens lexicais. A última parte traz o capítulo de Ana Antônia de Assis-Peterson e Ana Larissa A. M. Oliveira, que discutem como tarefas comunicativas podem gerar contextos favoráveis à aprendizagem de gramática e vocabulário.

Deise P. Dutra
Heliana Mello

Parte I - Ensino/aprendizagem de gramática

OS CAMINHOS DO ENSINO DE GRAMÁTICA EM LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

Deise P. Dutra
Heliana Mello

Embora estejamos no início do século XXI, ainda é comum nos depararmos, em conversas do cotidiano sobre aprendizagem de uma segunda língua (L2)[1], com alguns comentários como: "aprender uma língua é saber sua estrutura, é saber como organizar sentenças"; "saber uma língua é saber se comunicar" e "saber bem uma língua é ter a pronúncia correta". Essas noções refletem conceitos sobre o que é língua e o que é aprender uma língua, como, por exemplo, que língua é sinônimo de estrutura sintática; que a comunicação é a função

[1] Usaremos o termo segunda língua (L2) e língua estrangeira (LE) de maneira intercambiável. Ressaltamos, porém, que há, em certos momentos, preferência pelo termo L2, visto que o uso do termo LE poder acentuar as diferenças lingüísticas e um distanciamento social entre falantes nativos e não-nativos. Gohn (2001) sugere o uso do termo L2 em situações em que o falante consegue colocar a própria voz ao usar a L2. A distinção entre falante nativo e não-nativo tem sido questionada (RAMPTON, 1990 e MEDGYES, 1992), já que ela não valoriza conceitos que podem ser relativisados e que estão ligados à proficiência em uma língua, como conhecimento (*expertise*), afiliação a um grupo (*affiliation*) e herança (*inheritance*) (RAMPTON, 1990).

primordial da língua e a que a inteligibilidade em uma L2 passa pela aquisição da língua ou pronúncia-padrão (variante lingüística usada por falantes-nativos).

Muitas dessas noções estão arraigadas não somente na mente de pessoas não ligadas ao ensino de línguas profissionalmente, mas também de pessoas da área. Se pensarmos historicamente nos métodos[2] usados para o ensino de línguas, poderemos entender melhor a origem de tais noções. Neste capítulo, discutiremos essencialmente o valor atribuído à gramática através dos tempos e veremos que certos métodos ou abordagens favorecem o foco ora no uso, ora na análise da língua.

A variação dos princípios norteadores das abordagens e dos métodos e seu efeito no ensino de gramática são apontados por Celce-Murcia (1991) como algo que vem ocorrendo há muito tempo. Por exemplo, o foco no uso da língua (compreensão e produção oral) foi comum nos períodos do Grego Clássico e Latim Medieval, enquanto na Renascença o foco era na análise das línguas, ou seja, na aprendizagem das regras gramaticais. A mesma autora ressalta que as várias abordagens usadas no século XX oscilavam, também, em diversos aspectos. No audiolingualismo, por exemplo, as estruturas gramaticais são apresentadas de forma seqüencial, e as regras de como usar essas estruturas são ensinadas indutivamente. Já na abordagem cognitiva, a gramática pode ser ensinada de maneira dedutiva ou indutiva.

A seguir, discutiremos os conceitos de língua que subjazem aos métodos mais populares no século XX e como a gramática e seu ensino são vistos por eles. Dessa maneira, poderemos analisar como esses tratamentos dados ao ensino da gramática influenciaram as práticas pedagógicas atuais.

Primeiramente, apresentamos os métodos Gramática-Tradução, Direto, Audiolingual e Comunicativo (QUADRO 1).

---

[2] Richards e Rodgers (1986) apresentam a distinção entre abordagem, método e técnica feita por Anthony (1963). A **abordagem** determina os princípios do ensino de línguas, uma vez que envolve as teorias sobre a natureza e a aprendizagem de línguas. O "**método** é um plano geral para a apresentação organizada do material lingüístico...." (ANTHONY, 1963 *apud* RICHARDS e RODGERS, 1986:15). Já a **técnica** seria como colocar em prática o método por meio de certas estratégias de ensino.

Richards e Rodgers (1986) afirmam que não há uma teoria que sustente o método Gramática-Tradução, seja ela lingüística, seja psicológica, seja educacional. O que podemos perceber nesse método é que o conceito de língua está embasado na valorização da linguagem escrita, uma vez que "o objetivo do estudo de uma LE é aprender uma língua para ler sua literatura ou para se beneficiar da disciplina mental e desenvolvimento intelectual que resulta do estudo da língua estrangeira" (RICHARDS e RODGERS, 1986:3)[3]. Os alunos fazem traduções de trechos de textos literários ou até mesmo de textos preparados especialmente pelo professor, com certas estruturas lingüísticas e vocabulário específico (LARSEN-FREEMAN, 1986). Esse preparo de textos reflete, pragmaticamente, a noção de que "a sentença é a unidade básica de ensino e prática da língua" (RICHARDS e RODGERS, 1986:4)[4]. Podemos dizer, então, que tal método valoriza a análise da língua e não o seu uso. A gramática é ensinada sistemática e dedutivamente e a memorização de regras gramaticais é enfatizada.

O método Direto tem seu foco na língua falada e no desenvolvimento de habilidades orais para a comunicação. Os livros didáticos, porém, não refletem a linguagem cotidiana (ver capítulo de PAIVA neste volume). Na aula reproduzida em Larsen-Freeman (1986), baseada no método Direto, o professor exige dos alunos a produção de sentenças completas e não há engajamento em atividades comunicativas. Apesar de a gramática ser ensinada de maneira indutiva, os textos (diálogos, peças ou textos criados) são controlados quanto ao tipo de estrutura lingüística e vocabulário apresentados.

O método Áudio-Lingual está embasado na lingüística estrutural, ou seja, há regras que governam o comportamento dos elementos de uma língua, sejam eles fonéticos, sejam morfológicos, sejam sintáticos. Cada língua é vista como um sistema único formado por vários sistemas (por exemplo, sistema morfológico) (RICHARDS

---

[3] *The goal of foreign language study is to learn a language in order to read its literature or in order to benefit from the mental discipline and intellectual development that result from foreign-language study* (RICHARDS e RODGERS, 1986: 3). As traduções das citações são de responsabilidade das autoras.

[4] *The sentence is the basic unit of teaching and language practice.* (RICHARDS e RODGERS, 1986: 3)

e RODGERS, 1986). A gramática é trabalhada indutivamente com base nos exemplos, mas há a prática repetitiva de padrões estruturais, sintáticos, levando o aluno a aprender o sistema da nova língua. Essa prática repetitiva tem suas origens no behaviorismo, teoria de aprendizagem subjacente ao método Áudio-Lingual. Os alunos são guiados a produzirem *drills* e, mediante estímulo, resposta e reforço – elementos cruciais da aprendizagem, segundo o behaviorismo – aprendem como se comportar lingüisticamente na L2. A visão de língua é determinante nas ações pedagógicas de um professor que segue o método Áudio-Lingual, já que a língua ensinada é manipulada sem haver uma preocupação com o significado, resumindo-se à estrutura em si. Podemos dizer que no método Áudio-Lingual o foco não é a análise da língua, tampouco o seu uso. Há, sim, a supervalorização dos procedimentos de aprendizagem, ou seja, a criação do hábito que levaria à aprendizagem lingüística.

O ensino de língua comunicativo, ou Abordagem Comunicativa, tem em seu cerne a noção de que a língua é usada para comunicação. O foco das aulas é mais voltado para o significado do que para a forma e há o reconhecimento de que uma forma lingüística pode exercer várias funções ou que uma função pode ser expressada por diferentes formas. O ensino da gramática interpretado como ensino das estruturas e formas lingüísticas é relativisado, porque o importante é o desenvolvimento da competência comunicativa do aluno. Aí se incluem as competências lingüística, discursiva, sociolingüística e estratégica (CANALE, 1983; CANALE e SWAIN, 1980). Dessa maneira, a gramática é um dos componentes da língua, mas agora a forma não é desvinculada do contexto de uso, isto é, de sua função comunicativa.

O uso das estruturas está diretamente ligado aos interlocutores que as usam e em que momento isso é feito. Na versão forte da Abordagem Comunicativa, a gramática é somente vista de maneira indutiva. Na versão fraca, porém, várias técnicas e atividades que enfatizam tanto a forma quanto sua função comunicativa podem ser usadas (ver GONTIJO neste volume sobre atividades com Foco na Forma – FonF[5]).

---

[5] Long e Robinson (1998) contrastam as abordagens de foco no significado (*focus on meaning*), foco nas formaS (*focus on formS*) e foco na forma (*focus on form - FonF*). Para uma discussão sobre o foco na forma do ponto de vista do processamento cognitivo, ver Doughty (2001).

QUADRO 1

Métodos – conceito de língua e ensino de gramática

Método/Abordagem	Conceito de língua	Ensino de gramática
Gramática-Tradução	Língua literária é superior à língua falada	Estudo dedutivo Memorização de regras e paradigmas gramaticais. Tradução de trechos literários e sentenças
Direto	Língua falada precede a língua escrita	Gramática é aprendida indutivamente por meio dos exemplos e da prática Textos são controlados lingüisticamente para ensinar certas estruturas
Áudio-Lingual	Língua é um sistema compartimentalizado em níveis, por exemplo, fonológico, morfológico e sintático	Regras gramaticais não são apresentadas e sim aprendidas indutivamente, com exemplos e *drills*
Comunicativo	Língua é usada para comunicação Forma e função são indissociáveis	Gramática é vista, geralmente, de maneira indutiva após o uso de funções em contextos situacionais e levando-se em consideração os interlocutores

Fonte: Baseada em Larsen-Freeman (1986)

Dentre os métodos destacados acima, somente o Gramática-Tradução se utiliza do estudo dedutivo das estruturas lingüísticas. Há, todavia, uma tendência de organização estrutural e de valorização da forma *per se* por todos os métodos, exceto pela Abordagem Comunicativa. Mesmo assim, Long e Robinson (1998) classificam programas nocionais-funcionais (base de muitos cursos de abordagem comunicativa) como sintéticos ou com o **foco nas formaS**. Ao colocarem currículos estruturais e nocionais-funcionais e as abordagens e métodos Gramática-Tradução, *Silent Way* e TPR[6] no mesmo grupo, os autores afirmam que "os materiais pedagógicos e os procedimentos de sala de aula que os acompanham são preparados

[6] TPR (*Total Physical Response*) (ASHER, 1977 *apud* BLAIR, 1991) é uma abordagem que valoriza a compreensão contextualizada que leva o aprendiz a agir, fisicamente, em resposta ao *input* recebido. A produção oral não é exigida, uma vez que se acredita que o aprendiz de L2, assim como a criança que aprende sua L1, precisa de tempo para adquirir a língua. Já o *Silent Way* (GATTEGNO 1963, 1976 *apud* BLAIR, 1991) baseia-se na idéia de que o aprendiz deva ser levado a produzir a L2 desde o início de sua aprendizagem, testando hipóteses e reformulando-as.

para apresentar e praticar uma série de itens ou formas lingüísticas" (LONG e ROBINSON, 1998: 16)[7]. Se pensarmos somente em quais itens ou formas lingüísticas são escolhidos pelos métodos mencionados, temos de concordar com Long e Robinson (1998). Todavia, parece-nos que a visão de língua que cada um carrega faz uma grande diferença quando pensamos nas ações pedagógicas ligadas a cada método. Devemos enfatizar que um curso de línguas que segue os princípios da Abordagem Comunicativa não inclui no seu conteúdo somente as estruturas lingüísticas, mas também as noções semânticas e as funções sociais (CELCE-MURCIA, 1991). Dessa forma, soma-se à idéia da língua como comunicação a idéia da gramática como regras de uso da língua. As regras podem ser de ordem pragmática (com quem e quando posso usar certa estrutura lingüística), sintática (ordem das palavras, por exemplo) ou fonológica. Como a versão forte da Abordagem Comunicativa não prevê uma função para o foco explícito na forma e considera que a aprendizagem ocorra incidental e implicitamente, há a valorização do tipo de *input* que o aprendiz recebe[8].

O que vemos em grande parte dos programas de L2 no Brasil que se dizem comunicativos é a influência clara de métodos como o Áudio-Lingual. Há, ainda, outros que seguem os princípios da Abordagem Comunicativa, na sua versão fraca. Assim sendo, muitos programas incluem atividades que promovem o ensino de gramática. Em certos casos, esse foco ainda é dissociado da ênfase na função comunicativa da estrutura, mas em outros já há uma preocupação com essa questão. Nos próximos capítulos, serão discutidas ações que privilegiam a aquisição de gramática e vocabulário de maneira comunicativa e significativa para o aprendiz de L2. Além disso, será discutido como o ensino de gramática é visto pelo professor.

---

[7] *Pedagogical materials and accompanying classroom procedures are designed to present and practice a series of linguistic items, or forms.* (LONG e ROBINSON, 1998:16)

[8] O *input* compreensível é visto como suficiente para a aquisição de L2 (KRASHEN e TERRELL, 1988). Nessa teoria, o que é aprendido conscientemente (*learning*) não se torna conhecimento adquirido (*acquisition*) e o papel da instrução formal é somente para "monitorar" a produção da L2 (KRASHEN e TERRELL, 1988; KRASHEN, 1993).

Referências Bibliográficas

BLAIR, R. W. Innovative approaches. In: CELCE-MURCIA, M. (Ed.). *Teaching English as a second or foreign language*. Boston: Heinle & Heinle, 1991. p. 23-45.

CANALE, M. From communicative competence to communicative language pedagogy. In: RICHARDS, J.; SCHMIDT, R. *Language and communication*. London: Logman, 1983.

CANALE, M.; SWAIN, M. Theoretical bases of communicative approaches to second language testing and teaching. *Applied Linguistics*, v. 1. n. 1, p. 1-47, 1980.

CELCE-MURCIA, M. Language teaching approaches: an overview. In: CELCE-MURCIA, M. (Ed.). *Teaching English as a second or foreign language*. Boston: Heinle & Heinle, 1991. p. 3-11.

DOUGHTY, C. Cognitive underpinnings of focus on form. In: ROBINSON, P. (Ed.). *Cognition and second language instruction*. Cambridge: Cambridge, 2001. p. 206-257.

GOHN, C. A. A tarefa de desestrangeirizar a língua inglesa e o processo de chegar a ter sua própria voz em uma segunda língua. In: VI CONGRESSO BRASILEIRO DE LINGÜÍSTICA APLICADA, 2001, Belo Horizonte. *Anais*... Belo Horizonte, 2002. CD-ROM.

KRASHEN, S.; TERRELL, T. *The natural approach*: language acquisition in the classroom. London: Prentice Hall, 1988.

KRASHEN, S. The effect of formal grammar teaching: still peripheral. *TESOL Quarterly*, v. 27, n. 4, p. 722-726, 1993.

LARSEN-FREEMAN, D. *Techniques and principles in language teaching*. Oxford: Oxford, 1986.

LONG, M.; ROBINSON, P. Focus on form: theory, research and practice. In: DOUGHTY, C.; WILLIAMS, J. (Ed.). *Focus on form in classroom second language acquisition*. Cambridge: Cambridge, 1998. p. 15-41.

RAMPTON, M. H. Displacing the 'native speaker': expertise, affiliation and inheritance. *ELT Journal*, v. 44, n. 2, p. 97-101, 1990.

MEDGYES, P. Native or non-native: Who's worth more? *ELT Journal*, v. 46, n. 4, p. 340-349, 1992.

RICHARDS, J. C.; RODGERS, T. S. *Approaches and methods in language teaching*. Cambridge: Cambridge, 1986.

UFMG - Faculdade de Letras
Biblioteca

A METALINGUAGEM NO SISTEMA PEDAGÓGICO DO PROFESSOR[1]

Deise Prina Dutra

I. Introdução

Várias pesquisas na área de formação continuada ou pré-serviço constataram a influência das crenças na prática dos professores (PAJARES, 1992; MUNBY, 1982; NESPOR, 1987; JOHNSON, 1994; VIEIRA-ABRAHÃO, 1996 e 1999; ALMEIDA-FILHO, 1999). Crenças são muitas vezes analisadas como um construto que se opõe ao conhecimento, sendo que uma crença é mais alicerçada em fatores afetivos e avaliadores que conhecimento (NESPOR, 1987). "A crença é embasada na avaliação e julgamento; conhecimento é embasado

1 Agradeço à Heliana Mello e Míriam Jorge pela co-orientação do grupo APPA (Ações e Percepções de Professores e Alunos na Sala de Aula de Língua Inglesa), responsável pela coleta dos dados e inúmeras discussões aqui desenvolvidas. A pesquisa ora apresentada não poderia ter sido desenvolvida sem a colaboração da Pró-Reitoria de Graduação da UFMG, do CNPq e da FAPEMIG por meio de bolsas concedidas aos alunos de graduação e pós-graduação.

em fato[2]" (PAJARES, 1992:313). Harvey (1986 *apud* PAJARES, 1992: 313) define "crença como uma representação individual da realidade que tem validade o bastante, verdade ou credibilidade para guiar o pensamento e o comportamento"[3]. Em virtude da constatação de que as crenças guiam ações, são responsáveis por grande parte das decisões tomadas em sala de aula (RICHARDS, 1998) e influenciam a interpretação das ações, torna-se imprescindível o aprofundamento sobre como essas crenças afetam o que os professores aprendem e as escolhas pedagógicas que eles fazem. Nesse sentido, Johnson e Freeman (2001: 65,66) propõem uma perspectiva socialmente situada para a educação de professores de :

> Professores chegam a programas de educação de professores com conhecimento prévio e experiências que moldam o que eles aprendem. Para entender esses processos, os programas de educação de professores devem reconhecer as escolas em que eles trabalham e as experiências de escolarização que eles tiveram ...[4]

Em consonância com a proposta de Johnson e Freeman (2001), as crenças não devem ser somente interpretadas como opiniões, idéias pré-concebidas e de maneira descontextualizada, como na abordagem normativa (BARCELOS, 2001), ou somente interpretadas como conhecimento, mediante a análise do que os participantes da pesquisa dizem fazer e influenciá-los – o que Barcelos (2001) denomina de abordagem metocognitiva. Para uma compreensão contextualizada, "as crenças são [devem ser] investigadas através de observações de sala de aula e análise do contexto específico" (BARCELOS, 2001: 81)[5]. Nesse sentido, para melhor compreender o que ocorre em sala de aula, seria mais apropriado pesquisar o sistema pedagógico do

---

2 "Belief is based on evaluation and judgement; knowledge is based on objective fact" (PAJARES, 1992:313).

3 "... belief as an individual's representation of reality that has enough validity, truth, or credibility to guide thought and behavior." (PAJARES, 1992: 313)

4 " Teachers come to teachers education programs with prior knowledge and experiences that shapes what they learn. To understand these learning processes, teacher education programs must recognize the schools in which teachers work and the schooling experiences they have had ..." (JOHNSON e FREEMAN, 2001: 65–66).

5 Barcelos (2001) denomina essa abordagem de contextual.

professor – "crenças, teorias de conhecimento, suposições e atitudes que os professores têm sobre todos os aspectos de seu trabalho" (BORG, 1998: 9)[6].

Ao envolver qualquer professor em um trabalho sobre seu sistema pedagógico, ele terá a chance de desenvolver, caso ainda não o faça, uma prática reflexiva (SCHÖN, 1983; WALLACE, 1991; RICHARDS, 1998). As atitudes tomadas em sala de aula e por vezes divergentes do próprio discurso do professor podem ser melhor entendidas se ele se engajar em atividades que o levem a repensar a sua prática pedagógica. Alguns resultados de nossa experiência com a prática reflexiva podem ser acessados em Dutra e Mello (no prelo), Dutra et al. (2002), Dutra (2001), Dutra e Mello (2001) e Dutra e Magalhães (2000). Este trabalho é parte de um projeto que nasceu do nosso interesse em investigar as implicações da oportunidade de se criar situações para o reconhecimento da prática pedagógica e o desenvolvimento do professor de línguas estrangeiras como um verdadeiro profissional. Nesse sentido, concordamos com Cavalcanti e Moita Lopes (1991:142) que valorizam o "professor como investigador de sua prática", ou seja, aquele que não é somente objeto de estudo de pesquisadores.

Muitos professores atualmente dizem seguir a abordagem comunicativa, discurso predominante em diversos países[7]. Analisar no que isso se traduz é crucial para a melhoria do ensino de línguas estrangeiras. Há, por exemplo, um discurso que coloca em segundo plano o ensino da gramática[8]. Mas como isso acontece no plano das atitudes/ações? Apesar de haver um discurso que valoriza o desenvolvimento da competência comunicativa em geral e não somente da competência lingüística, muitos professores enfatizam o domínio de estruturas lingüísticas[9]. Enfatizando a comunicação como cerne do

6 "the beliefs, knowledge theories, assumptions, and attitudes that teachers hold about all aspects of their work". (BORG, 1998:9)

7 Almeida Filho (2001) situa o ensino comunicativo no Brasil desde 1978.

8 Ver introdução deste volume sobre o papel do ensino gramatical nas principais abordagens do século XX.

9 Celce-Murcia, Dornyei e Thurrell (1997) afirmam que professores de línguas em contexto de língua estrangeira sempre mantiveram o ensino direto de gramática. Neves (1996), também, constatou o mesmo fato no Brasil.

uso da língua, Long (1991) propõe a abordagem foco na forma (FonF) "para lidar com problemas de aprendizagem que são intrusivos, sistemáticos, remediáveis ou persistentes" (DOUGHTY, 2001:206)[10]. Doughty e Williams (1998) agregam vários trabalhos que discutem essa abordagem e os efeitos de certos procedimentos na aprendizagem[11].

Todavia, sabe-se hoje que o conhecimento de procedimentos instrucionais não levam, necessariamente, a uma prática eficiente ou consciente. Sendo assim, há um crescente interesse em estudar por que e como muitos professores recorrem ao ensino de aspectos estruturais da língua (BORG, 1998, 1999 a,b e 2001). O levantamento das experiências de aprendizagem do professor, de como e por que o professor optou por essa profissão, de como faz escolhas pedagógicas na sala de aula e de como o contexto educacional influencia o seu sistema pedagógico pessoal (BORG, 1998), é uma maneira de compreender o ensino de gramática em aulas de L2/LE. A necessidade de aprofundamento nessa área foi apontada por Ellis (1998), ao salientar o restrito número de pesquisas que exploram como os professores chegam a certas conclusões sobre quais tópicos gramaticais abordar, quando e como ensiná-los.

O objetivo da pesquisa aqui apresentada é investigar como se situa o uso da metalinguagem no sistema pedagógico do professor, ou seja, qual o papel que o professor dá à metalinguagem como instrumento no ensino da L2. A metalinguagem é o uso da língua para descrever ou analisar um fenômeno lingüístico e pode ser feita com terminologia explícita ou sem ela ou também de maneira implícita (CICUREL, 1984, 1985). No caso deste trabalho, são analisadas instâncias de metalinguagem quanto ao uso de terminologia gramatical e à apresentação de regras, seja essa feita com o uso da terminologia gramatical ou sem ele.

---

10 Ver Gontijo neste volume. "for addressing pervasive, systematic, remediable or persistent L2 learning problems". (DOUGHTY, 2001: 206)

11 Ver, por exemplo, Doughty e Varella (1998) sobre o efeito do *feedback* do professor na aprendizagem.

II. Metodologia de pesquisa

Esta pesquisa é qualitativa e interpretativista, podendo ser enquadrada dentro da abordagem contextual, visando ao aprofundamento no sistema pedagógico pessoal dos participantes da pesquisa.

> Na abordagem contextual, as crenças são caracterizadas como dependentes do contexto. A metodologia utilizada envolve o uso de entrevistas e principalmente observações de sala de aula.[...] Assim, a relação entre crenças e ação não é somente sugerida, mas é investigada dentro do contexto específico dos alunos. (BARCELOS 2001: 82)

Ressalto que Barcelos (2001) refere-se às crenças de alunos e ao modo como a investigação dessas crenças ligadas às ações pode levar a maior compreensão do processo de aprendizagem. Na pesquisa ora relatada, o foco é no professor e nas relações entre crenças, teorias, suposições e atitudes. Sendo assim, a abordagem contextual é apropriada, uma vez que a coleta de dados traz elementos para que essas relações sejam investigadas.

As participantes da pesquisa são duas alunas de graduação que já atuavam como professoras e cuja formação é a licenciatura em inglês: Deborah e Flávia[12]. A primeira professora[13] atuava na rede pública na época da gravação das aulas e aquele era seu primeiro semestre a ministrar aulas. A outra professora já lecionava há um ano em um centro de extensão de uma universidade pública da região sudeste do país. Os dois contextos educacionais são bem distintos quanto às abordagens de ensino adotadas. Um deles segue uma abordagem baseada na visão de língua como estrutura, ou seja, o programa de curso é organizado de acordo com itens gramaticais. A aula é, basicamente, centrada no professor (apesar de haver tentativas de trabalho em grupo) e o foco é no desenvolvimento da competência

12 Os nomes são fictícios e foram escolhidos pelas participantes para preservar sua identidade.
13 Apesar de as participantes da pesquisa serem professoras em formação, passo a me referir a elas como professoras.

lingüística por meio, principalmente, da análise da língua. O outro curso segue a abordagem comunicativa. O programa de curso é baseado em noções e funções da língua. A aula é ora centrada no professor, ora centrada no aluno, havendo uma ênfase nos trabalhos em grupo e em pares. O foco é no desenvolvimento das quatro habilidades (compreensão e produção oral e escrita). Há, todavia, maior ênfase nas habilidades de compreensão e produção oral e leitura.

A coleta de dados foi feita em três momentos. Primeiramente, três aulas foram filmadas de cada professora e elas assistiram às fitas sozinhas, com o intuito de iniciar um processo de reflexão sobre suas práticas. Elas escolheram algumas partes de suas aulas para mostrarem à pesquisadora em sessões de visionamento[14] separadamente. Essas sessões constituíram o segundo momento da coleta de dados e ocorreram após algumas semanas das gravações. Nessas sessões, que foram feitas separadamente, vários assuntos de interesse das professoras surgiram e foram abordados de maneira a incentivar a descoberta de suas escolhas pedagógicas. Os dados das sessões de visionamento foram gravados em áudio, transcritos e categorizados de acordo com temas que emergiram da análise das sessões. Dentre os temas mais abordados, sobressaíram o uso de termologia gramatical e a apresentação de regras gramaticais.

A pesquisadora prosseguiu a análise, transcrevendo os trechos das aulas anteriormente escolhidos pelas participantes e fazendo uma comparação entre as aulas e as discussões desenvolvidas nas sessões de visionamento. Um ano após as filmagens, as professoras (ainda alunas da graduação) leram a análise feita pela pesquisadora e todas se reuniram para refletir sobre o uso da metalinguagem (uso de terminologia gramatical e apresentação de regras gramaticais) nos episódios escolhidos e analisados. Nesse último momento da coleta, foi feita uma comparação entre as aulas filmadas e as interpretações da pesquisadora do que ocorreu em sala de aula. Os dados dessa reunião foram gravados e transcritos, subsidiando o aprofundamento das discussões sobre o uso da metalinguagem na sala de aula de língua inglesa pelas participantes da pesquisa.

---

14 Sessões de visionamento, abordadas por Gass e Mackey (2000), são discussões estimuladas pela análise de aulas filmadas.

III. Análise dos dados

Os dados apresentados concentram-se em dois aspectos das aulas filmadas e discutidas, como mencionado anteriormente: o uso da terminologia gramatical e a apresentação de regras gramaticais. Para melhor compreensão dos dados, eles serão apresentados de acordo com os três momentos de coleta. Proponho que cada um desses momentos corresponda a um aspecto do sistema pedagógico pessoal das professoras a ser analisado: momento 1 – as ações (atitudes); momento 2 – as suposições (interpretações) e momento 3 – as crenças e as teorias.

1. As ações

a. Deborah

O exemplo 1, abaixo, mostra que a professora começa sua explicação elicitando a regra gramatical dos alunos, que terão de sublinhar os verbos que estão no presente simples. O uso da terminologia gramatical é feito sem a observação do conhecimento prévio dessa terminologia por parte dos alunos. Por exemplo, os alunos podem não saber o que é o *present continuous*, não havendo comparação com as regras elicitadas anteriormente sobre a formação do *simple present*.

> [1] (Os alunos deveriam sublinhar todos os verbos que estão no presente simples no texto)
> D[15]: Se ele tivesse com – *ing* eu iria marcar?
> Ss[16]: não
> D: Por quê?
> (++)[17]
> D: é outra forma verbal. É o *present continuous*.

No trecho, abaixo, a professora primeiramente apresenta uma das regras gramaticais e, em seguida, pede a colaboração dos alunos para que eles forneçam a outra regra. Há uma resposta em coro dos alunos, que é aprovada pela professora.

---

15 D = Deborah
16 S = *Student* (aluno)
17 Os símbolos adotados para a transcrição são: + = pausa, [= sobreposição de fala.

[2]
D: Quando tiver a primeira pessoa do singular, vou acrescentar o *–s*, não é isso? Quando é que eu vou acrescentar o *–es*?
Ss: (inc)
D: (concorda com os alunos balançando a cabeça)

Essas ações da professora Deborah demonstram o uso da terminologia gramatical e da explicitação de regras (metalinguagem explícita com terminologia) como instrumentos comuns nas aulas observadas.

b. Flávia

Após uma atividade de compreensão oral que forneceu aos alunos *input* compreensível, já que eles ouviram diálogos pequenos e fizeram um exercício de completar lacunas, a professora apresentou um novo termo, *echo questions*, no intuito de chamar a atenção dos alunos para o uso dessas construções.

[3]
F[18]: We use *echo questions* (+) uhn
S: to show (inc)
F: Yes (+++) Just for example (+) when you make a commentary and you want to keep the conversation alive (+) you have to say something to show interest or surprise (+++) when you say uhn "I saw a nice movie yesterday"
Ss: (inc)
F: Really (inc) a way to keep the conversation alive uhn you could use an echo question in this situation (+++) So (+) she
[
Did you?
F: (balança a cabeça). I have a sentence (+) OK? Look at this (+) please (++) I have a sentence in the simple past, ok? So (+) I just use an *auxiliary* in the *past* and I ask "Did you" Ok, right? So
.....

18 F = Flávia

F: Do you understand *echo question*'? (a professora repete a palavra como se houvesse um eco)
S: É como *tag-question*?
F: No. *Tag-question* is used to confirm.

É interessante notar que o uso da terminologia gramatical é feito pela professora e pelo aluno (*tag-question*). Ao se deparar com um termo lingüístico desconhecido e pela maneira como a professora coloca o exemplo no quadro, o aluno é levado a pensar que *echo question* é uma construção semelhante a uma *tag question*. A sua intervenção se dá de maneira "natural", como se o uso da terminologia gramatical feita pela professora tivesse incentivado ou permitido o mesmo recurso por parte do aluno. Na última sentença do trecho [3], para tornar a sua explicação mais clara, a professora enfatiza o uso da construção lingüística *tag question* em oposição à construção *echo question*, que é o foco de sua análise.

Ainda nesse trecho, observa-se que o foco é no uso da língua, e não na análise da estrutura lingüística. Parece haver, porém, uma necessidade, por parte da professora, de explicitar a regra de como formar a *echo question*. Ela o faz mesmo após um aluno ter sido capaz de responder a sua pergunta.

Tanto Deborah quanto Flávia usam a metalinguagem (explicitação de regras e terminologia gramatical) em suas aulas. Fica constatado, porém, que Deborah está mais preocupada com a análise da língua e que Flávia, a princípio, concentra-se na análise do uso da língua, mas não deixa de reforçar a formação da estrutura lingüística em foco.

2. As suposições e interpretações

As sessões de visionamento foram guiadas por trechos das aulas filmadas que as próprias professoras escolheram para discutir. Esse é um fator importante, uma vez que demonstra que as preocupações referentes ao uso da metalinguagem são fruto da reflexão das professoras sobre suas aulas, e não de uma preocupação da pesquisadora.

a. Deborah

No trecho, abaixo, a professora nota a diferença entre a análise lingüística e o uso da língua e define seu objetivo de ensino a partir dessa constatação. O foco na análise da língua veio de sua própria necessidade como aluna de graduação, e não de seus alunos. Naquele momento em seu curso, ela sentia a necessidade de aprofundar na análise lingüística[19].

> [4]
> D: É nessa primeira parte (+) eu pedi que eles marcassem os verbos no *Simple Present* (++) primeiro (+) eu expliquei como era (++) Outra coisa que eu tenho sentindo falta é a questão da gramática né (++) eu estava explicando a gramática (+) assim (+) como aula expositiva (++) porque eu venho sentindo esta falta aqui na graduação (+++) Mas é (+) eu percebi que não deu muito certo (++) esta questão da aula expositiva (+) eles não compreendem bem (++) eu também acho que não me saí muito bem (++) Eu fui pouco clara (+) e então (+) assim (+) depois que eu vi a palestra suas (+) que veio aquela questão da abordagem comunicativa, que eu nunca tinha visto isso porque nunca fiz Fundamentos Pedagógicos[20] (+) né (++) então, eu aí percebi aquilo que eu já estava sentindo né, dessa necessidade que eles usassem a estrutura sem que eu desse uma aula expositiva (++) aí (+) isso ficou mais claro para mim (++) E é o que eu vou tentar a partir de agora.

19 Rocha (2002) advoga que o estudo da gramática do português só é necessário para graduandos em Letras, e não para alunos de ensino fundamental e médio. Seus vários argumentos referem-se ao ensino do português padrão, mas poderiam ser discutidos em disciplinas de Lingüística Aplicada ao ensino/aprendizagem de L2, fazendo as conexões apropriadas do ensino de gramática neste contexto.

20 Disciplina oferecida para cursos de graduação sobre Lingüística Aplicada, que discute o ensino das quatro habilidades em L2.

b. Flávia

O trecho seguinte mostra que o objetivo da professora era o de apresentar a formação estrutural de uma *echo question*, que depende do verbo usado pelo interlocutor. O que ela faz, então, é tornar a regra explícita. Ao ver suas aulas filmadas, ela nota que ela própria pareceu ignorar a participação do aluno, para poder fornecer a regra. Essa escolha veio da própria necessidade da professora de tornar a regra explícita, e não foi uma resposta à participação ou pergunta de um aluno.

> [5]
> F: Eu tinha colocado a vírgula, desmanchei e coloquei um ponto final, mas ainda assim, eu acho que tinha que estar na linha de baixo para ele perceber que era uma outra pessoa falando. Mas como eu sublinhei o verbo no passado, eu queria dar ênfase mesmo nessa parte para mostrar para eles que não é tudo *did you*, depende do tempo verbal, do comentário lá.

Flávia apresenta diferentes explicações para sua atuação em sala de aula. No início da sessão de visionamento, ela nota um aspecto de seu ensino que a preocupa (trecho abaixo). Flávia percebe que ela era muito mais centrada nela mesma do que ela pensava. Foi difícil para ela escolher trechos das aulas que não a agradassem (havia muito momentos de trabalho em grupo e pares) até que ela encontrou o trecho sobre *echo questions*. Ela percebeu que havia certo foco na sua pessoa. Todavia, não percebeu que suas escolhas pedagógicas talvez derivassem de suas necessidades e não das necessidades de seus alunos. Sua preocupação era com o conteúdo do livro a ser explorado.

> [6]
> F: Eu vou falar da experiência, né, de ter a aula filmada, que eu achei que foi muito rica porque (+++) como a Juliana tava falando aqui, quantas coisas a gente não consegue perceber quando tá lá na frente e (+++) na televisão é diferente. Então, por exemplo, é, a gente sempre

pensa, né, não, tá ótimo, a aula tá jóia, mas (risos) acontece uma coisa que eu percebi é que a minha aula é muito *teacher-centered* (+) eu imaginei, eu fiquei pensando assim "como é difícil, como é difícil isso" (+) não deveria ser assim, porque se um aluno tá numa aula de línguas, querendo aprender a falar uma língua, eu acho que ele deve falar mais do que eu (risos).

T: Você percebeu, você achou que você falava mais do que eles?
F: Eu achei que eu falava mais do que eles. Talvez, eu não sei se uma forma de justificar ou eu deveria pensar numa outra forma de mudar isso (+) é (+) por exemplo, eu tenho que passar o conteúdo do livro (+++) então, eu acho que parece uma apresentação mesmo (+++) e

Ao analisarem suas aulas, as professoras trazem à tona suas preocupações sobre o ensino de gramática e qual o papel da metalinguagem em sua prática. Deborah já aponta explicitamente a fonte de suas crenças, enquanto Flávia consegue enumerar fatores, mas não detectar a origem de suas crenças.

3. As crenças e as teorias

As discussões feitas após um ano das filmagens e subsidiadas por elas, pelas transcrições da sessão de visionamento e pela primeira interpretação dos dados realizada pela pesquisadora trouxeram mais instrumentos para a análise dos eventos da sala de aula e aguçaram o processo de reflexão das professoras.

a. Deborah

No terceiro momento da coleta de dados, quando as professoras revisitaram o que havia acontecido em suas aulas, tendo acesso não só às aulas gravadas, mas também às transcrições das sessões de visionamento, parece que há uma interpretação ainda mais amadurecida dos eventos da sala de aula. Deborah (ver trecho da sessão de discussão

abaixo) analisa que a atividade foi proposta por ela mesma, sem a sugestão do livro, e discute, claramente, como a atividade poderia ter tido um objetivo comunicativo e não puramente de análise da língua. Ela, até mesmo, aponta como conseguiu, em outro momento nesse mesmo contexto educacional, propor uma atividade comunicativa que teve sucesso.

[7]
D: Quer dizer. É, no texto. Era uma coisa, assim que não tinha no livro, foi uma coisa inventada por mim.
T[21]: ah, não, o livro não trazia
D: não
T: essa essa
D: atividade, não
[
T: nomenclatura. Ah a atividade
T: Mas trazia essa nomenclatura.
D: nem a nomenclatura.
T: ah, não?
D: Não.
....
D: ... E poderia ter sido trabalhado de uma forma diferente
T: ah ah!
D: E, não simplesmente, identificar *simple present* (+) que eu acho que foi uma coisa, assim, complicada pra eles, né? E que não tinha utilidade, assim.
T: hum, hum!
D: Né, hoje, eu percebo que isso não tinha utilidade
T: utilidade prática.
D: É, de comunicação. Tanto que quando, em uma outra atividade que eu fiz, eh, eu criei a oportunidade pra eles de comunicação, por exemplo, criar uma receita.
T: hum, hum!
D: e aí sim, essa atividade teve sucesso.
....

21 T = Telma (pesquisadora)

D: É, mas assim, é, eles conseguiram fazer a atividade, tinha uma aplicação, um objetivo. Então foi mais tranqüilo. E hoje, eu percebo que, é, eu falo na sessão de visionamento, eu marquei aqui.

O amadurecimento de Deborah a faz não somente ver que algo não estava muito apropriado para seus alunos (sessão de visionamento), mas também identificar como sair de situações parecidas, colocando em prática a noção de que, por meio do ensino da língua voltado para a comunicação, os alunos irão também desenvolver a competência lingüística. Ela é capaz de colocar em prática as teorias a que foi exposta em sua trajetória na graduação. Segundo Almeida Filho (1999), Deborah estaria sendo capaz de transformar a sua subcompetência teórica em competência aplicada.

b. Flávia

Após rever a sua aula e a sessão de visionamento e ter acesso à primeira análise da pesquisadora, a professora vê duas influências para suas ações relacionadas ao uso da metalinguagem em sala de aula. Primeiramente, ela aponta que os livros didáticos que são denominados comunicativos trazem a terminologia gramatical. De fato, a abordagem comunicativa dos livros didáticos, ao apresentar a metalinguagem com terminologia explícita, não está de acordo com a teoria que embasa a versão forte[22] dessa abordagem. No trecho, abaixo, a professora ressalta a influência de teorias no seu entendimento da prática pedagógica.

[8]
T: Hum, hum!
F: Porque (+) por exemplo, a gente propõe não um trabalho na abordagem comunicativa, mas, é uma dúvida minha, o livro também não usa metalinguagem?
T: Hum, hum

22 Ver o capítulo "Os caminhos do ensino de gramática em línguas estrangeiras" para uma discussão deste termo.

F: Eu acho que então, eh, eu acho que ele de uma certa forma induz ao uso, a usar

[

T: também a gente. Eh, mas, assim, eu também aí faço essa pergunta pra vocês. Será que em certos momentos, o uso da metalinguagem não pode, eh , é sempre negativo?

F: Ah, pois é, exatamente, eu não vejo o uso da metalinguagem como uma coisa negativa.

T: Hum, hum

Em segundo lugar, ela vê uma clara influência de sua experiência como aluna em cursos de idiomas tradicionais. A crença alimenta a sua ação que, por sua vez, realimenta a sua crença, corroborando a interpretação de Barcelos (2001:85) sobre a relação entre crenças e ações.

[9]

F: Nunca vi (risos). Eu acho até, a medida que eu fui lendo o trabalho aqui, eu fui sentindo que (+) é claro que tem tudo a ver com a questão dos *beliefs* né, com a influência que eu sempre tive porque foi a forma que eu aprendi. Eu acho que de um jeito meio tradicional mesmo.

T: Hum, hum

F: A gente tinha muito, muita gramática, quando eu aprendi

T: gramática explícita?

F: É, é. ....

Continuando a discussão, Flávia defende o uso da metalinguagem, mas é capaz de relativizar a sua relevância, dependendo do tipo de aluno e seu objetivo de aprendizagem. Mais uma vez, a sua crença de que o uso da metalinguagem não prejudica a aprendizagem de uma L2 aparece em seu discurso.

[10]
F: [Ou seja (risos). Então, de uma certa forma, eu defendo o uso da gramática explícita, assim (+) *peraí*, eu defendo o uso, eu não vejo problema nenhum em dizer o nome, ou seja
T: das coisas.
F: É, a metalinguagem.
T: Hum, hum
F: Eu não vejo problema nenhum com isso.
T: Mas, será, assim, com todos alunos? Porque aqui, a Deborah colocou antes é que ela achou que pros alunos dela, isso
F: Ah bom!
T: Foi, um pouco difícil, né?
F: É, eu acho que dependendo da idade, por exemplo /
T: Que turma que era mesmo?
D: Oitava série.
F: Não, eu acho que principalmente os adolescentes ou pré-adolescentes, não vejo, não vêem graça nenhuma nisso (risos) em saber o nome.

A professora Flávia justifica a explicitação das regras gramaticais não só como uma necessidade do professor, mas também do aluno. Flávia faz duas interpretações. Primeiro, essa preferência por discutir as regras é um reflexo das suas crenças (que já foi mencionada no trecho [10] acima) e até mesmo das crenças dos alunos. Segundo, sua atitude foi influenciada pelo tipo de aluno que ela tinha na época, como mostra o trecho de entrevista abaixo:

[11]
F: E aí, quando chega, eu chego nessa questão de (+) tem uma parte que fala assim, que seria a necessidade do professor de explicitar a gramática. Mas (+) de repente me parece que essa é uma necessidade dos alunos também.
T: em certo, em certo sentido.
F: Mas, por, talvez, pela forma, né (+) a forma que eles aprenderam também.

T: Hum, hum!
F: Ou seja, tem tudo a ver com as crenças, as minhas podem ser parecidas com [as deles.

A aula analisada era a de uma turma de alunos de nível superior e com interesse em aprofundar os conhecimentos da língua estudada, como se pode ver a seguir:

[12]
T: Era nível, nível intermediário, né?
F: Era, era!
T: Tinha uma boa, uma boa resposta.
F: Eu acho que, inclusive, eles gostavam dessa parte, de quando eu acho que ficava mais claro, de uma certa forma, pra eles, os porquês de algumas coisas. Por que em determinado momento era assim e em outros momentos era daquele jeito.
T: Tinha um momento pra sistematizar, né?
F: Eh!
T: A maior parte dos seus alunos são alunos da universidade? Você lembra?
F: Hum, hum! A maior parte.
T: É, eu acho também que a gente tem que ver muito bem quem é o público, né?
F: Claro!

Na próxima parte deste capítulo, os três momentos serão interligados, trazendo à tona a interpretação das participantes da pesquisa e da pesquisadora sobre os sistemas pedagógicos analisados.

IV. Discussão

Ao compararmos as ações das professoras com suas interpretações em dois momentos distintos, constatamos que as escolhas tomadas em sala de aulas sofrem influências de experiências anteriores e atuais, de elementos pedagógicos e de fatores contextuais, corroborando os resultados de Borg (1998). Partindo de suas ações, as pro-

fessoras fazem suposições durante as sessões de visionamento que revelam o início de um processo reflexivo. A reanálise das aulas filmadas e a da sessão de visionamento lhes dá a oportunidade de melhor compreender as suas ações, para buscar mudanças ou reafirmá-las.

As suposições de Deborah levam-na a sua experiência de aluna de graduação no período da gravação das aulas. Essa somada a outras experiências escolares traduzem-se em uma crença sobre a importância do uso da terminologia gramatical e da explicitação de regras para a aprendizagem de uma L2. Apesar desse viés pedagógico de sua crença, que está embasada em sua experiência, a professora é capaz de transformar seu conhecimento teórico (competência teórica) em competência aplicada. O contexto em que ela trabalha, escola regular pública que adota um livro estrutural, não a limita e ela propõe atividades com objetivos comunicativos, conseguindo resultados mais positivos do que havia alcançado em aulas que tinham como base a pura análise da língua. Essa mudança só é possível por causa do processo de reflexão pelo qual Deborah passou, ou seja, a conscientização de suas crenças, experiências e suposições levaram-na a vislumbrar atitudes diferentes. As ações são interpretadas pela professora, que mais tarde explicita suas crenças e teorias (QUADRO 1). As influências em suas ações partem de suas experiências e das teorias com as quais se identifica (QUADRO. 2). As teorias alimentam as crenças que alimentam as ações, nesse caso gerando mudanças em sua prática.

Quadro 1 - Os três momentos de coleta de dados e os sistemas pedagógicos das professoras

	Deborah	Flávia
Ações	-uso da terminologia gramatical: alunos podem não ter conhecimento prévio -regra gramatical apresentada; alunos fornecerem a outra regra	-input compreensível; foco no significado da estrutura; explicitação de regras; uso da terminologia gramatical
Suposições	-análise lingüística: necessidade como aluna de graduação	-explicitação da regra: necessidade da professora – aula centrada na professora; livro
Crenças e teorias	- crença: uso da terminologia e regras gramaticais são importantes para a aprendizagem - teoria (abordagem comunicativa) a faz mudar as ações pedagógicas	-crenças: uso da terminologia e regras gramaticais favorecem a aprendizagem (aluna em cursos de idiomas); nível e idade dos alunos; necessidade, interesse e experiência dos alunos -teoria (abordagem comunicativa) a leva a questionar o uso da terminologia gramatical nos livros didáticos

Quadro 2 - Influências nas ações e interpretações em diferentes momentos

	Influências nas ações
Deborah	Experiência → crença com base pedagógica Teoria → nova experiência
Flávia	Experiência não explicitada → crença – experiência explicitada Razões pedagógicas → crenças com base pedagógica e contextual Teoria → crença com base pedagógica

Após observar as gravações das aulas e se deparar com um evento que se organizou da seguinte maneira – input compreensível, foco no significado da estrutura, explicitação de regras e uso da terminologia gramatical –, Flávia buscou razões de base pedagógica para suas ações (livro utilizado) e também de suas experiências. Todavia, não houve a explicitação de como a sua experiência teria tornado sua aula centrada nela mesma, e a explicitação de regras tão importantes no seu processo de ensino.

Em certos momentos, como exposto no trecho 3, a professora não é capaz de valorizar a resposta do aluno, em virtude da necessidade de explicitar as regras gramaticais. Ao rever as aulas filmadas e a sessão de visionamento, Flávia se depara com suas crenças de base pedagógica (uso de terminologia e regras gramaticais favorecem a aprendizagem de uma L2 e a necessidade, o interesse e a experiência dos alunos reforçam o uso da metalinguagem) e de base contextual (nível e idade dos alunos) (QUADROS 1 e 2). Flávia também entra em contato com teorias de ensino-aprendizagem e passa a questionar o uso da terminologia gramatical nos livros didáticos. Também começa a explicitar essa nova crença com base pedagógica, mais como uma justificativa para suas ações do que como um questionamento sobre a teoria na qual se embasa a abordagem comunicativa. O processo reflexivo de Flávia a leva a buscar razões para suas ações e crenças e, ao fazer isso, de certa maneira ela legitima suas atitudes em sala de aula. Nesse sentido, observa-se que nem todo processo reflexivo leva a mudanças.

V. Conclusão

Ambas as professoras usam a metalinguagem através do uso da terminologia gramatical e explicitação das regras gramaticais em suas aulas. Isso foi percebido por elas durante as sessões de visionamento. Houve um aprofundamento da compreensão desses eventos após uma análise mais profunda e distanciada no tempo, demostrando um amadurecimento das professoras quanto a sua maneira de ensinar e encarar o ensino de línguas. A auto-análise da prática pedagógica e também a discussão com outras pessoas, no caso dessa pesquisa com a pesquisadora, traz para as professoras a possibilidade de desenvolvimento profissional:

> O desenvolvimento profissional emerge de um processo de remodelagem do conhecimento, crenças e práticas dos professores ao invés de simplesmente impor novas teorias, métodos ou materiais a eles[23] (JOHNSON e GOLOMBEK, 2002:2).

O engajamento em uma prática mais reflexiva pode significar momentos diferentes em cada carreira profissional. A análise das ações em sala de aula sobre o uso da metalinguagem na sala de L2 levou ambas as professoras a recuperarem suas crenças e a analisarem teorias discutidas no curso de graduação. Todavia, essa análise pode levar a novas ações ou à manutenção das antigas.

Concluindo, advogo por mais pesquisas sobre os sistemas pedagógicos de professores em formação e em serviço que sejam relevantes para esses profissionais. A abordagem contextual parece ser a mais apropriada para também oferecermos aos professores envolvidos nas pesquisas uma chance de desenvolvimento profissional reflexivo. É, ainda, imprescindível que se mantenha uma visão socialmente situada dos contextos escolares, o que não significa *a priori* que um professor de escola regular ou de idiomas tenha condições maiores ou menores de desenvolvimento profissional. As condições de trabalho devem sim ser levadas em conta, mas, como os fatores pedagógicos e experienciais influenciam as crenças, eles são tão ou mais importantes para se atingir um ensino de línguas mais adequado às necessidades dos alunos.

---

23 *Professional development emerges from a process of reshaping teachers' existing knowledge, beliefs and practices rather than simply imposing new theories, methods, or materials on teachers.* (JOHNSON e GOLOMBEK, 2002:2)

Referências Bibliográficas

ALMEIDA FILHO, J. C. P. O ensino de línguas desde 1978. E agora? *Revista Brasileira de Lingüística Aplicada*. v.1, n.1, p.15 - 29, 2001.

ALMEIDA FILHO, J. C. P. (Org.). *O Professor de Língua Estrangeira em Formação*. São Paulo: Pontes, 1999.

BARCELOS A. M. F. Metodologia de pesquisa das crenças sobre aprendizagem de línguas: estado da arte. *Revista Brasileira de Lingüística Aplicada*, v.1, n. 1, p. 71-92, 2001.

BORG, S. Teacher's pedagogical systems and grammar teaching: a qualitative study. *TESOL Quarterly*, v. 32, n. 1, p. 9-38, 1998.

BORG, S. The use of grammatical terminology in the second language classroom: a qualitative study of teachers' practices and cognitions. *Applied Linguistics*, v. 20, n. 1, p. 95-125, 1999(a).

BORG, S. Studying teacher cognition in second language grammar teaching. *System*, v. 27, n. 1, p. 19-31, 1999(b).

BORG, S. Second language grammar teaching: practices and rationales. *Ilha do Desterro*, 2001.

CAVALCANTI, M.; MOITA LOPES, L. P. Implementação de pesquisa na sala de aula de línguas no contexto brasileiro. *Trabalhos de Lingüística Aplicada*, n. 17, p. 133-144, 1991.

CELCE-MURCIA, M.; DORNYEI, Z., THURRELL S. Direct approaches in LE instruction: a turning point in communicative language teaching? *TESOL Quarterly*, v.31, n.1, p. 141-152, 1997.

CICUREL, F. La conquête du sens. *Français dans le monde*. p. 40-46, 1984.

CICUREL, F. *Parole sur parole*. Paris: Clé International. 1985.

DOUGHTY C. VARELLA, E. Focus on form. In: DOUGHTY, C.; WILLIAMS, J. (Ed.). *Focus on form in classroom second language acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. p. 114-138.

DOUGHTY, C.; WILLIAMS, J. (Ed.). *Focus on form in classroom second language acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

DOUGHTY, C. Cognitive underpinnings of focus on form. In: ROBINSON, P. (Ed.). *Cognition and second language instruction*. Cambridge: Cambridge, 2001, p. 206-257.

DUTRA, D. P.; MELLO, H. A construção conceptual do processo de interação na sala de aula de língua estrangeira. (no prelo)

DUTRA, D. P.; MELLO, H. Refletindo sobre o processo de formação de professores de inglês: uma interpretação de abordagens, métodos e técnicas. In: MENDES, E. A. M.; OLIVEIRA, P. M.; BENN-IBLER, V. (Org.). *O novo milênio:* interfaces lingüísticas e literárias. Belo Horizonte: UFMG/FALE, 2001, p. 47-56.

DUTRA, D. P. Professores em formação e a prática reflexiva. In: *Anais* do III CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUA INGLESA DO ESTADO DE MINAS GERAIS & 3O ENCONTRO DE PROFESSORES DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS do CEFET-MG, Belo Horizonte APLIEMGE, p. 35-42, 2001.

DUTRA, D. P.; MELLO, H. R.; NERI, P. A.; SALES, P. E. O papel da instrução no contexto da sala de aula de língua inglesa. In: VI CBLA – CONGRESSO BRASILEIRO DE LINGÜÍSTICA APLICADA - A LINGUAGEM COMO PRÁTICA SOCIAL, 2001, Belo Horizonte VI CBLA – Programa e Resumos, Belo Horizonte FALE/UFMG, 2001, p. 100-100 e Publicação do trabalho completo em CD em 2002.

DUTRA, D. P.; MAGALHÃES, C. M. Aprendendo a ensinar a autonomia do professor aprendiz no projeto de extensão da Faculdade de Letras da UFMG. *Linguagem e ensino*, v. 3, n. 2, p. 61-73, 2000.

ELLIS, R. Teaching and research: options in grammar teaching. *TESOL Quarterly*, v. 32, n. 1, p. 39-60, 1998.

GASS, S. e MACKEY, A. *Stimulated recall methodology in second language research*. Mahwah: Lawrence Erlbaum. 2000.

JOHNSON, K. The emerging beliefs and instructional practices of preservice English as a second language teachers. *Teaching and teacher education*, v. 10, n. 4, pp. 439-452, 1994.

JOHNSON, K.; GOLOMBEK, P. Inquiry into experience: Teachers' personal and professional growth. In: JOHNSON, K.; GOLOMBEK, P. (Ed.). *Teachers' narrative inquiry as professional development*. Cambridge: Cambridge, 2002, p. 1-14.

JOHNSON, K.; FREEMAN, D. Teacher learning in second language teacher education: a socially-situated perspective. *Revista Brasileira de Lingüística Aplicada*, v.1, n. 1, p. 53-69, 2001.

LONG, M. Focus on form: a design feature in language teaching methodology. In: de BOT, K.; GINSBERG, R.; KRAMSCH, C. (Ed.). *Foreign language research in cross-cultural perspectives*. Amsterdam: John Benjamins, 1991. p. 39-52.

LONG, M.; ROBINSON, P. Focus on form: theory, research, and practice. In: DOUGHTY, C.; WILLIAMS, J. (Ed.). *Focus on form in classroom second language acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. p. 15-41.

MUNBY, H. The place of teachers' beliefs in research on teacher thinking and decision making, and an alternative methodology. *Instructional Science*, v. 11, p. 201-225, 1982.

NESPOR, J. The role of beliefs in the practice of teaching. *Journal of Curriculum Studies*, v. 19, n. 4, p. 317-328, 1987.

NEVES, M. S. Os mitos de abordagens tradicionais e estruturais ainda interferem na prática em sala de aula. In: PAIVA, V. L. M. O. (Org.). *Ensino de língua inglesa*: reflexões e experiências. Campinas: Pontes; Belo Horizonte: Departamento de Letras Anglo-Germânicas – UFMG, 1996. p. 69-80.

PAJARES, F. M. Teachers' beliefs and educational research: cleaning up a messy construct. *Review of Educational Research*, v. 62, n. 3, p. 307-332. 1992.

RICHARDS, J. *Beyond training*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

ROCHA, L. C. A. *Gramática: nunca mais - o ensino da língua padrão sem o estudo da gramática*. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2002.

SCHÖN, D. A. *The reflective practitioner:* How professionals think in action. New York: Basic Books. 1983.

VIEIRA-ABRAHÃO, M. H. Conflitos e incertezas do professor de língua estrangeira na renovação de sua prática de sala de aula. Tese de doutorado, Campinas: IEL, Unicamp, 1996.

VIEIRA-ABRAHÃO, M. H. Teoria e prática na formação pré-serviço do professor de língua estrangeira. In: GIMENEZ, T. (Org.) *Trajetórias na formação de professores de línguas*. Londrina: Ed. UEL, 2002. p.59-76.

WALLACE, M. J. *Training foreign language teachers*: a reflective approach. Cambridge: Cambridge. 1991.

FOCO-NA-FORMA E FOCO-NA-COMUNICAÇÃO: DOIS FOCOS COMPLEMENTARES

Glória Gil

Poucos estudos de discurso de sala de aula de língua estrangeira têm pesquisado o que acontece nos episódios gramaticais da sala de aula, isto é, nos episódios iniciados ou pelo professor ou pelos alunos que lidam com os aspectos formais da língua-alvo. O objetivo deste trabalho é reportar as descobertas de um estudo de episódios gramaticais numa sala de aula de Inglês como língua estrangeira, onde existe um tipo especial de interação (SEEDHOUSE, 1996; CULLEN, 1998) com dois focos complementares: o **foco-na-forma**[1] e o **foco-na-comunicação.** A razão para se ter adotado essa perspectiva é que ela parece ser mais adequada para criar uma ponte entre a teoria e a prática pedagógica real, do que a oposição entre os dois focos, comum em muitos estudos sobre a interação na sala de língua estrangeira (e.g., DINSMORE, 1987; NUNAN, 1987; WILLIS, 1987).

1 O termo **foco-na-forma** é usado aqui se baseando em uma perspectiva discursiva da sala de aula de língua estrangeira (DONATO, 1994; DONATO e ADAIR-HAUCK, 1992), e não se baseando na perspectiva proposta por Long (1991) usada em outros artigos neste livro.

I. Introdução

Muitos estudos que tentam descrever a natureza e a estrutura da interação na sala de língua estrangeira têm sido feitos. Eles vão desde esquemas detalhados que descrevem as instâncias comunicativas da aula (ALLEN, FROHLICH & SPADA, 1984) até instrumentos que analisam e medem, por exemplo, o número e os tipos de pergunta feitas pelos professores (BROCK, 1986). Alguns desses estudos, embora extremadamente úteis na descrição da interação na sala de aula, têm criado, na Lingüística Aplicada, uma lacuna entre a teoria e a prática pedagógica. Essa lacuna tem sua origem no fato de os professores ficarem desapontados ao lerem os resultados desses estudos, que afirmam que muitas práticas pedagógicas da sala de aula não são **autênticas** (e.g., NUNAN, 1987; WILLIS, 1987).

Tais estudos, que visam identificar o grau de autenticidade da sala de aula de língua estrangeira, têm como premissa principal que a conversa natural deve ser o parâmetro por meio do qual qualquer juízo ou comparação do discurso da sala de língua estrangeira pode ser feito. Autenticidade, portanto, pode ser entendida como sinônimo de conversa natural/espontânea. Seedhouse (1996) reflete sobre essa questão, e sugere que estudos desse tipo:

> têm resultado num grande número de professores sentindo-se culpados da natureza da comunicação das suas próprias aulas, e receosos dos pesquisadores querendo pesquisar as mesmas. Seria razoável concluir que os professores de inglês como língua estrangeira que geram interações **típicas** não têm, de fato, nada de que se sentirem culpados. (p.23)[2] [Tradução da autora]

2 "... has resulted in a large number of teachers feeling guilty about the nature of communication in their own classrooms, and suspicious of researchers wanting to record their lessons. It would be reasonable to conclude that ELT teachers who produce 'typical' ELT classroom interaction do not, in fact, have anything to feel guilty about" (p.23).

Cullen (1998) mostra que, segundo esses estudos, algumas características poderiam ser identificadas como **autênticas**, como, por exemplo:

1. uso de perguntas referenciais (*referential questions*, LONG & SATO, 1983), isto é, perguntas para as quais o falante não conhece a resposta;
2. correção dos erros dos alunos só quando esses prejudicam a compreensão;
3. uso de modificações na fala, tais como hesitações e paráfrases para facilitar a compreensão (chamadas de 'estratégias de negociação de significado').

Contrariamente, outras características seriam consideradas como **foco-na-forma** e, portanto, **não-autênticas**, no sentido de que elas não são tão comuns na linguagem usada **fora da sala de aula:**

1. uso exclusivo ou excessivo de perguntas de exibição, (*display questions*, LONG & SATO, 1983), isto é, perguntas para as quais o falante conhece a resposta;
2. uso da correção com foco-na-forma, isto é., *feedback* dirigido para a (re)formulação gramatical correta da contribuição do aluno;
3. repetição das respostas dos alunos feita pelo professor para que possa ser escutada pelos outros alunos.

O problema principal desses estudos é que, ao contrastar e opor a fala com **foco-na-comunicação** à fala com foco-na-forma (veja, por exemplo, NUNAN, 1987; WILLIS, 1987), tem-se negligenciado a dinâmica própria do discurso pedagógico da sala de aula de língua estrangeira, principalmente porque todo tipo de instância discursiva com **foco-na-forma** é automaticamente considerado inadequado. Assim, não podemos ver a relação complexa que se produz quando o discurso se constroe coletivamente entre o professor e os alunos, e cujo objetivo principal é fornecer aos aprendizes meios por meio dos quais eles possam criar mecanismos cognitivos que favoreçam o desenvolvimento da língua-alvo. Em outras palavras, esse discurso é

processado na mente de cada aluno não só como insumo para aquisição, ou seja, internalização inconsciente da língua-alvo, como também para aprendizagem, isto é, internalização consciente da língua-alvo. Para compreender a complexidade da interação da sala de língua estrangeira, é importante levar em consideração que nesse ambiente a **língua-alvo** é, ao mesmo tempo, o **objeto** – um conjunto de estruturas, regras, funções e itens lexicais a serem estudados e aprendidos – e o **meio** da instrução mediante o qual o professor e os alunos interagem (EDMONDSON, 1985).

II. Premissas ou pressupostos principais deste trabalho

Basicamente, para solucionar o problema sugerido acima, e compreender a complexidade da interação da sala de LE, e, portanto, os episódios gramaticais, os termos **fala com foco-na comunicação** e **fala com foco-na-forma** teriam de ser entendidos como complementares e não como antagônicos, como geralmente encontrados na literatura sobre o discurso da sala de língua estrangeira (NUNAN, 1987; WILLIS, 1987; JOHNSON, 1995).

Essa perspectiva conciliatória baseia-se nos pressupostos seguintes sobre o discurso da sala de LE:

1. O objetivo principal do discurso da sala de aula é promover situações favoráveis para que o ensino/aprendizagem se concretize, o que permite a fusão dos dois focos discursivos: o **foco-na-comunicação** e o **foco-na-forma.**
2. O discurso da sala de LE é altamente complexo (BREEN, 1985; EDMONDSON, 1985) e tem uma natureza metalingüística devido ao fato de a língua-alvo ser ao mesmo tempo o objeto e o meio da comunicação (CICUREL, 1984; GIL, 1999).

Como já dito, a dicotomia **foco-na-comunicação vs. foco-na-forma** não é capaz de dar conta da complexidade discursiva da

sala de LE, já que a interação na sala de aula, muitas vezes, é avaliada por meio dos mesmos critérios de **comunicatividade** que os eventos que ocorrem fora da sala de aula (CULLEN, 1998). Para avaliar, então, o grau de comunicatividade real da sala de LE, considera-se fundamental compreender o que é comunicativo dentro da sala de aula. Portanto, já que poucos autores têm abordado o discurso de sala de aula de LE dessa forma (cf. CICUREL, 1984), isto é, como um tipo de fala diferente da conversação natural, e tentado encontrar as suas características particulares, essas questões precisam ser pesquisadas. Em outras palavras, não precisamos investigar como o discurso da sala de aula deveria ser, mas sim como ele realmente é.

III. Contexto da pesquisa

A pesquisa na qual foram coletados os dados aqui apresentados foi realizada com uma turma do Curso de Licenciatura em Letras/Inglês da Universidade Federal de Santa Catarina, cuja professora tem mais de 20 anos de docência. Essa turma era formada por 22 alunos que pertenciam à quarta fase do curso, sendo dois homens e vinte mulheres. O objetivo da disciplina observada, Inglês IV, é consolidar o conhecimento gramatical e de pronúncia dos alunos, adquirido nas três fases anteriores. Portanto, as aulas são baseadas no ensino de pontos gramaticais, tais como: voz passiva/*passive voice*, frases condicionais possíveis/*possible conditional sentences* ou expressões de propósito/*expressions of purpose*.

A metodologia de pesquisa qualitativa utilizada consistiu-se basicamente em coletar dados por meio de notas de campo, gravações em áudio e gravações em vídeo, nos quais foram identificados diferentes tipos de **episódio gramatical**. Quinze desses episódios foram transcritos e analisados discursivamente com base em Erickson (1982); Lemke (1985) e Tsui (1995).

IV. Dois focos complementares nos episódios gramaticais: foco-na-forma e foco-na-comunicação

Olhemos, então, alguns exemplos reais de interação tirados dos episódios gramaticais identificados nos dados coletados na sala de LE, composta pelos dois focos: o **foco-na-forma** e o **foco-na-comunicação**. O foco-na-forma refere-se à fala na língua-alvo com um objetivo pedagógico formal (como, por exemplo, praticar oralmente um tipo de estrutura ou função predeterminadas), e o foco-na-comunicação refere-se à fala na língua-alvo **sem** um objetivo pedagógico formal (como, por exemplo, comentários espontâneos dos participantes). O objetivo principal da análise aqui apresentada é mostrar que esses dois focos não ocorrem em compartimentos estanques, como geralmente sugerido, e podem existir fusões e justaposições entre ambos, permitindo, dessa forma, a existência de diferentes tipos de fala específicos na sala de LE.

1. Interação professora/alunos

Uma das formas por meio das quais pontes ou áreas de interseção são criadas entre os dois focos é, por exemplo, *asides* (apartes) imersos em episódios com foco-na-forma. Tais *asides* são instâncias claras de como os alunos têm começado a manipular a língua-alvo; em outras palavras, a usar construções focalizadas específicas para expressar seus próprios significados. Ilustrarei essa questão com três exemplos transcritos de dados reais de sala de aula.

Exemplo 1: Mostra uma situação em que, após escutar os alunos que trabalham em pares a contar o que eles gostariam ou não de fazer durante o fim de semana usando estruturas determinadas (*would rather do/not do during the weekend*), a professora comenta espontaneamente, na linha 1, sobre o que ela escutou. Seu comentário encoraja um aluno a fazer também um comentário espontâneo na linha 2. O comentário do aluno, sinalizado por um tipo especial de entonação, ainda retém o foco-na-forma da atividade em pares. Nesse exemplo, ao fazer um comentário pessoal, a professora abre um

espaço para que os alunos também façam seus próprios comentários, e o comentário pessoal feito pelo aluno na linha 2, com foco-na-forma. Ele usa a estrutura que estava sendo praticada na atividade prévia, mostrando, então, como é capaz de manipular tanto o significado quanto a forma. Ao mesmo tempo, existe uma justaposição dos dois focos discursivos, já que a entonação da frase revela que o comentário é (ou pretende ser) verdadeiro.

Exemplo 1

Falante	Discurso	FOCO
1. Professora:	I didn't know that so many students liked going to the cinema.	COMUNICAÇÃO
2. Aluno:	I'd rather be alone than be with a boring person	COMUNICAÇÃO/ FORMA

Exemplo 2: A professora e os alunos estão trabalhando com as expressões idiomáticas *do* e *make* e há também a ocorrência dos focos na forma e na comunicação.

Exemplo 2

Falante	Discurso	FOCO
1. Professora:	give an example please	FORMA
2. Aluno 1:	I did my homework	FORMA/ COMUNICAÇÃO
3. Alunos:	Ohhhh	COMUNICAÇÃO

Após um aluno (A1) fornecer um exemplo (linha 2) pedido pela professora na linha 1, os outros alunos tomam o comentário como verdadeiro ao gritar em conjunto *ohhh* (linha 3), usando uma entonação irônica, e implicando que o aluno fez o comentário para

agradar a professora. Neste exemplo, a frase enunciada pelo A1 é re-significada pelos outros alunos por meio do *ohhh* na linha 3. Essa re-significação implica uma mudança do foco-na-forma para o foco-na-comunicação, e mostra como aqui também os alunos são capazes de manipular os dois focos.

Exemplo 3: Mostra o final de um episódio em que a professora avalia a forma e o conteúdo de uma atividade feita pelos alunos, na qual eles deviam relacionar ações que (hipoteticamente) haviam sido realizadas para eles.

Exemplo 3

Falante	Discurso	FOCO
1. A1:	I have the clothes washed.	FORMA
2. P:	(mexe a cabeça para baixo)	FORMA
3. A2:	have the grass cut	FORMA
4. P:	ok	FORMA
5. A3:	I had my clothes ironed	FORMA
6. P:	that's a nice one ((faz um gesto de aprovação com a mão)) now look at page 64	FORMA / COMUNICAÇÃO

Nas linhas 2 e 4, a professora avalia as respostas dos alunos, isto é, se elas fazem sentido e se são formas do causativo estruturadas corretamente, mas, na linha 6, ela se envolve na resposta e mostra como ela se sente em relação ao fato de ter as roupas passadas, sinalizando seu envolvimento mediante a entonação e os gestos. Portanto, nesse exemplo, o discurso muda do foco-na-forma para foco-na-comunicação, quando a professora faz um comentário pessoal dentro de uma atividade focalizada na forma.

Como pode ser apreciado nos exemplos acima, o discurso pedagógico é coletivamente construído. Esse jogo **contingente e constante entre professora e alunos** é uma das características mais significativas

da interação da sala de aula de LE e a flexibilidade de mudança de foco é aqui considerada uma característica essencial desse tipo de discurso. Os exemplos apresentados são amostras claras de que o foco do discurso construído coletivamente **pode mudar a cada instante**, mudança que pode ser iniciada tanto pelo professor (Exemplo 3) como pelos alunos (Exemplos 1 e 2), e pode ir do foco-na-forma ao foco-na-comunicação (Exemplos 2 e 3) e vice-versa (Exemplo 1).

Em virtude de a sala de aula ser um evento de fala institucional, o professor é a pessoa investida com a maioria dos direitos de fala (como, por exemplo, iniciar uma conversa e distribuir turnos interacionais), o que já foi mostrado por muitos estudos (veja, por exemplo, CAZDEN, 1988). Entretanto, apesar desse desequilíbrio, o discurso da sala de aula é, como já mencionado, um domínio coletivamente construído em que diferentes tipos de fala emergem momento a momento. Idealmente, para que relações mais simétricas se estabeleçam entre os participantes, os alunos devem ter os seus direitos de fala também garantidos. Aulas que oferecem essa possibilidade são, sem dúvida, o melhor ambiente de aprendizagem, já que a distância entre professor e alunos fica reduzida. O papel do professor deveria ser o de guiar os alunos para que eles pudessem aprender as regras da sala de aula desse jogo discursivo complexo, por meio do qual as habilidades de comunicação e aprendizagem podem ser aprendidas. Na sala de aula, as estratégias de comunicação são, ao mesmo tempo, estratégias de aprendizagem, já que, ao aprender a fazer as atividades na sala, os alunos aprendem as estratégias de comunicação (GIL, 1999).

Na sala de aula de língua estrangeira, o professor é, concomitantemente, um ator e um diretor de cena, que observa os alunos e os ajuda a seguir um roteiro e a lidar com as situações novas que aparecem, e, desse modo, a tomar as decisões certas para que a aula supra as suas reais necessidades. Por causa da complexidade da interação da sala de LE, alguns professores optam por construir episódios discursivos ora com foco-na-comunicação ora com foco-na-forma, não permitindo a fusão dos focos, limitando, portanto, as possibilidades de aprendizagem dos alunos.

2. Interação entre alunos

Nos exemplos anteriores, as interações ocorrem **entre a professora e os alunos.** Veremos agora o que pode acontecer na **interação**

entre alunos. No seguinte excerto (Exemplo 4), três alunas tentam criar hipóteses para explicar uma situação misteriosa que foi fornecida pela professora: "uma garota foi encontrada morta na praia". Antes dessa atividade, porém, os alunos do curso haviam sido expostos a uma série de atividades gramaticais que salientavam o uso dos verbos modais no passado (*past modals*).

Exemplo 4

Falante	Discurso	FOCO
1. A1:	so the question is,	COMUNICAÇÃO
	what could have happened to this girl?	COMUNICAÇÃO/FORMA
2. A2:	She died	COMUNICAÇÃO
3. A1:	she might ... she might or she could... she may	FORMA
4. A3:	she could have	FORMA
5. A1:	[she could have	FORMA
6. A3	[killed	COMUNICAÇÃO
7. A2:	[by sea	COMUNICAÇÃO
8. A1:	she could have had ...	COMUNICAÇÃO/FORMA
9. A2:	by sea?	COMUNICAÇÃO
10. A3	by a man	COMUNICAÇÃO
11. A2:	afogada	COMUNICAÇÃO
12. A1:	she's drown, afogada? she could ... she may	COMUNICAÇÃO/FORMA
13. A2:	(inaudível)	---------
14. A3:	drown	COMUNICAÇÃO
15. A1:	she may might ... she could	FORMA
16. A2:	(inaudível)	--------
17. A3	(inaudível)	———
18. A1:	she might have ... she could have been killed	FORMA/COMUNICAÇÃO
19. A3:	(assente com a cabeça) she could have been	COMUNICAÇÃO

No excerto acima, existe uma clara negociação de **forma** e **comunicação** entre as alunas. Uma delas, A1, assume o papel de líder e consegue ajudar, na forma de andaime[3] (CAZDEN, 1988) as colegas a construírem as respostas. Da forma que ele guia a tarefa, fica evidente que o ponto formal em questão, o uso de verbos modais no passado, estava claro para ela (veja, por exemplo, nos turnos 1 e 18 em que os emprega eficientemente), mas ele não parecia estar claro para as outras duas alunas (veja, por exemplo nos turnos 2 e 6, em que A2 e A3 não conseguem construir as frases corretamente). Ao longo da conversa, A1 ajuda as colegas a construir a tarefa, que é finalizada no turno 18, em que uma hipótese do que poderia ter acontecido com a garota é enunciada pela A1, e logo ratificada pela A3. Novamente, esse episódio mostra a possível complementaridade de **foco-na-forma** e **foco-na-comunicação** no discurso da sala de língua estrangeira.

V. Conclusão

Este trabalho propõe uma nova perspectiva que permita integrar os dois focos discursivos da sala de LE – o **foco-na-comunicação** e o **foco-na-forma** – o que possibilita melhor compreensão da dinâmica discursiva de **episódios gramaticais.** A relação dialética potencial entre esses dois focos é considerada essencial para que o desenvolvimento da língua estrangeira ocorra na sala de aula com base na premissa de que a variedade de atividades discursivas ajudam as alunos a se tornarem aprendizes mais eficientes da língua estrangeira (EDMONDSON, 1985).

Conseqüentemente, a oposição entre forma e comunicação desaparece, ao olharmos para o que realmente acontece na sala de aula, onde os dois focos podem ser complementares, se os professores forem conscientes da importância dessa complementaridade. Para finalizar, o tipo de análise da interação da sala de aula de LE aqui

3 Andaime refere-se à forma em que uma pessoa cognitivamente mais experiente (como o professor ou um aluno mais avançado) ajuda a outra menos experiente, fornecendo pistas para que essa consiga completar a tarefa.

proposto demostra que é fundamental que os professores compreendam esta complementaridade entre o foco-na-comunicação e o foco-na-forma, tentando, então, oferecer uma ponte entre o estudo da interação e a prática pedagógica.

Referências Bibliográficas

ALLEN, P.; FROHLICH, M.; & SPADA, N. The communicative orientation of language teaching: an observation scheme. In: J. HANDSCOMBR; R. O. & TAYLOR, B. (Ed.). *On TESOL'83*. Wahington D.C.: TESOL, 1984.

BREEN, M. The social context for language learning – a neglected situation? *Studies in Second Language Acquisition*, v.7, p. 135-158, 1985.

BROCK, C. The effects of referential questions on ESL classroom discourse. *TESOL Quarterly*, v. 20, n.1, p.47-59, 1986.

CAZDEN, C. *Classroom discourse:* the language of teaching and learning. Portsmouth: Heinemann, 1988.

CICUREL, F. La conquête du sens. *Français dans le monde, 183:*. p.40-46, 1984.

CULLEN, R. Teacher talk and the classroom context. *ELT Journal*, v.52, n.3, p. 179-187, 1998.

DINSMORE, D. Waiting for Godot in the EFL classroom. *ELT Journal*, v. 39, n.40, p. 225-234, 1987.

DONATO, R. Collective scaffolding. In: LANTOLF, J. & APPEL, G (Ed.). *Vygotskian approaches to second language research*. Norwood: Ablex 1994, p.31-56.

DONATO, R. & ADAIR-HAUCK, B. Discourse perspectives on formal instruction. *Language Awareness*, v. 1, n.2 p. 73-89, 1992.

EDMONDSON, W. Discourse worlds in the classroom and in foreign language learning. *Studies in Second Language Acquisition*, v. 7, p. 159-168, 1985.

ERICKSON, F. Classroom discourse as improvisation: relationships between academic task structure and social participation structure

in lessons. In: WILKINSON, L. (Ed.). *Communicating in the classroom*. New York: Academic Press, 1982.

GIL, G. *The metalinguistic dimensions of the foreign language classroom:* discourse perspectives on focus-on-form episodes in the foreign language classroom. Unpublished PhD Thesis, Universidade Federal de Santa Catarina, 1999.

HALL, J. K. Aw, man, where you goin'?: classroom interaction and the development of L2 interactional competence. *Issues in Applied Linguistics*, v. 6, n. 2, p. 37-62, 1995.

JOHNSON, K. *Understanding communication in second language classrooms*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

LEMKE, J. L. *Using language in the classroom*. Oxford: Oxford University Press, 1985.

LONG, M. Focus on form: a design feature in language teaching methodology. In: de BOT, K.; GINSBERG, R.; KRAMSCH, C. (Ed.). *Foreign language research in cross-cultural perspectives*. Amsterdam: John Benjamins, 1991. p.39-52.

LONG, M. & SATO, C. Classroom foreigner talk discourse: forms and functions of teachers' questions. In: SELIGER, H & M. LONG, M. (Ed.). *Classroom-oriented research in second language acquisition*. Rowley, Mass.: Newbury House, 1983.

NUNAN, D. Communicative language teaching: making it work. *ELT Journal*, v. 41, n. 2, p. 136-145, 1987.

SEEDHOUSE, P. Classroom interaction: possibilities and impossibilities. *ELT Journal*, v. 50, n. 1, p. 16-24, 1996.

TSUI. A. B. *Introducing language interaction*. London: Penguin, 1995.

VAN LIER, L. *The classroom and the language learner:* ethnography and second language classroom research. London: Longman, 1988.

WILLIS, J. Inner and outer spoken discourse in the language classroom. In: COULTHARD, M. (Ed.). *Discussing Discourse*. Birmingham: ELR, 1987.

O ENSINO DE GRAMÁTICA DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS: UMA PERSPECTIVA DA LINGÜÍSTICA COGNITIVA

Heliana Mello

I. Introdução

Nos últimos trinta anos, a Ciência Lingüística muito evoluiu em termos de abordagens e, até mesmo, de perguntas de pesquisa e epifenômenos analisados. Pode-se dizer que a grande virada da teoria lingüística não ocorreu de fato, como afirmado por muitos, ao final da década de 50, com o advento da Teoria Gerativa. As mudanças cruciais, a meu ver, têm-se desenvolvido com a busca de interfaces entre os estudos da linguagem, da cognição e da cultura. Tal visão tem sido adotada por várias áreas de investigação, tais como a Psicologia do Desenvolvimento, a Psicologia Cultural, a Antropologia Lingüística, dentre outras.

Nos estudos lingüísticos, vimos a emergência da Lingüística Aplicada, cuja descrição sucinta seria: uma área de estudos que busca a integração da linguagem, seu aprendizado, processos sociocognitivos e um foco no sujeito/agente dos processos lingüísticos.

Perguntamo-nos, então: o que tem a teoria lingüística a contribuir para tantas áreas de investigação? A resposta invariavelmente altera-se de pesquisador para pesquisador, o que certamente revela alinhamentos teóricos diferenciados.

Neste artigo não faço uma apologia contrária a nenhuma teoria lingüística, nem mesmo defendo que apenas um modelo teórico pode oferecer subsídios para a fascinante interlocução transdisciplinar que temos vivido no ambiente acadêmico. Entretanto, baseando-me no aporte teórico da Lingüística Cognitiva (LC), relatarei parcialmente uma experiência didática que demonstra, creio, que subsídios oferecidos pela LC são factíveis e relevantes para o ensino de línguas estrangeiras. Tal opção teórica baseia-se na minha própria experiência como lingüista profissional, que, ao longo de uma formação e atuação acadêmica, bebeu de fontes diversas.

A Lingüística Cognitiva pode ser caracterizada como uma plêiade de abordagens de estudos da linguagem, que compartilham entre si o princípio fundamental de que linguagem é um comportamento sociocognitivo e só pode ser estudado dentro do uso real que seus utilizadores dele fazem. Ou seja, a LC não cria idealizações representacionais nem da linguagem, nem dos falantes, que são de fato agentes cognitivos envolvidos em procedimentos interacionais numa rede comunicativa. Os primórdios da LC ocorreram já na década de 70, com a grande ruptura entre semanticistas gerativistas e interpretativistas. Ademais, teóricos insatisfeitos com as idealizações da ortodoxia lingüística vigente buscaram, em precursores dos estudos da linguagem, releituras esclarecedoras dos grandes mitos (bem e malconceituados) que eram a palavra de ordem dos Departamentos de Lingüística. Nesse contexto, já na década de 80, Ronald Langacker cria um modelo denominado *Space Grammar*, que por seu nome polêmico logo foi posto de lado. Em seu lugar, adotou-se o nome *Cognitive Grammar*, bastante mais alinhado com o jargão acadêmico. Ao mesmo tempo, George Lakoff e Mark Johnson desenvolviam seu trabalho seminal sobre o papel das metáforas na organização de conceitos, transferindo o *locus* de análise da linguagem na qualidade de produto para a sua relação com o pensamento e a organização e desenvolvimento de estruturas conceituais.

Em outras frentes de trabalho, pesquisadores como Charles Fillmore, Gilles Fauconnier, Leonard Talmy e outros grandes nomes da Lingüística desenvolviam modelos de análise compatíveis aos de Langacker e Lakoff. Hoje, a LC é uma abordagem teórica respeitada, com praticantes em todo o mundo

Neste artigo, traço um histórico do ensino de gramática no contexto de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras e localizo aquelas frentes de trabalho que vêm sendo desenvolvidas com o aporte da LC.

II. O ensino de gramática no contexto de ensino-aprendizagem de LE

No contexto de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras no Brasil, encontramos o que se configura geralmente como Ensino de Língua Estrangeira (LE), uma vez que não dispomos de um ambiente em que a interação comunicativa social mais ampla se estabelece via língua inglesa. Portanto, referir-me-ei especificamente a esse contexto, sabendo que as pesquisas de fundamentação aqui citadas aplicam-se tanto ao ensino de LE quanto ao de segunda língua (L2).

Pode-se dizer que hoje há um consenso quanto aos movimentos de inserção ou exclusão do ensino ora implícito ora explícito de gramática na sala de aula de LE. Larsen-Freeman (2000) é um excelente referencial bibliográfico por apresentar a evolução de abordagens e métodos de ensino de LE. Em seu livro, ela situa uma evolução do ensino estruturalista de LE, no qual havia uma preocupação de ensinar gramática explicitamente via exploração de regras gramaticais (ex. *Grammar-Translation*) até um ensino mais velado de estruturas gramaticais (*Audio-Lingualism*). Com o advento da abordagem comunicativa, houve, pelo menos dentro de um modelo mais radical, uma repulsão pelo ensino de gramática. O foco de ensino passou a ser o significado (*meaning*) e a gramática foi demonizada como o grande impedimento ao desenvolvimento de fluência por parte dos aprendizes (cf. DUTRA e MELLO, neste volume, para uma revisão mais completa das abordagens aqui mencionadas).

Em contrapartida, mais recentemente o ensino de gramática foi reabilitado com o advento da linha teórica conhecida como *Focus on Form* (em contraposição ao que se convencionalizou como *Focus on FormS* – o ensino de gramática baseado em uma perspectiva estruturalista e sintética da linguagem – cf. Burgess e Etherington (2002)). *Focus on Form* (FonF) mostra variações em sua apresentação, mas há uma concordância razoável de que essa abordagem "consiste em uma mudança ocasional do foco de atenção [do significado] para aspectos do código lingüístico, efetuada pelo professor ou pelos aprendizes"(LONG e ROBINSON, 1998, p. 23, minha tradução)[1]. Esses autores prosseguem dizendo que FonF apresenta vantagens sobre outras abordagens para os aprendizes, uma vez que oferece-lhes um foco não apenas no significado e no processo comunicativo. O suporte da estruturação do código lingüístico sob demanda vem, assim, complementar o uso comunicativo da linguagem.

Faz-se necessário, aqui, esclarecer o que vem a ser o Foco no Significado. Essa abordagem difundida por Krashen e Terrell (1983) apregoava o procedimento não-intervencionista de estruturas gramaticais na sala de aula de LE. A atenção do professor e dos aprendizes deveria se concentrar apenas no processo comunicativo. Entretanto, essa visão do ensino de LE não tem sido muito favorecida nos últimos anos. FonF, por outro lado, como já mencionado, não elimina o foco no significado da sala de aula. Ao contrário, FonF adiciona a esse o componente gramatical dentro de contextos específicos, o que, no meu entender, é uma vantagem sobre abordagens exclusivistas e polarizadoras. Isso emana de uma visão mais ampla do que seja a linguagem, isto é, a sintaxe, a semântica, a pragmática e a fonologia de dada língua acontecem simultaneamente no processo interacional-comunicativo. Não há módulos isolados a serem ensinados na sala de aula de L2; o que naturalmente leva à conclusão de que forma e significado são faces de um caleidoscópio lingüístico e não podem ser ensinados isoladamente.

1 " (...) consists of an occasional shift of attention to linguistic code features – by the teacher or one or more students." (LONG e ROBINSON, 1998, p. 23)

Essa visão integrativa da linguagem nos remete diretamente à LC, a ser explicitada abaixo. Resta-nos desenvolver procedimentos de ensino-aprendizagem que efetivamente reflitam esse postulado teórico.

III. A Lingüística Cognitiva e o ensino de línguas estrangeiras

A pesquisa em LC tem, majoritariamente, enfocado o estudo de línguas maternas. Entretanto, na última década, esse cenário tem-se enriquecido com estudos voltados para o ensino-aprendizagem de LE e L2. Tal iniciativa deriva do interesse de lingüistas, professores de línguas estrangeiras, em explorar o arcabouço teórico da LC e testá-lo efetivamente em contextos outros que línguas maternas.

Como indicado na introdução deste artigo, a LC vem-se firmando como referência teórica nos estudos lingüísticos. Talvez a melhor caracterização para a LC paute-se em vê-la como um paradigma e não apenas como uma teoria. Isso se dá pelo fato de a LC, na verdade, aglutinar visões complementares de vários epifenômenos, havendo esforços de diferentes teóricos em explorar facetas diversas de um mesmo fenômeno. Assim, há visões distintas, mas não incongruentes, sobre o estudo da linguagem dentro desse arcabouço teórico. Alguns exemplos desses estudos são sucintamente listados a seguir.

A Gramática de Construções, por exemplo, enfoca as construções lingüísticas como unidades de sentido (GOLDBERG, 1995). A Teoria de Espaços Mentais (FAUCONNIER, 1985), e sua versão mais recente – a Teoria da Integração Conceptual ou Teoria de Mesclagem Conceptual (FAUCONNIER e TURNER, 1994), primordialmente exploram as relações existentes entre elementos de vários espaços mentais e sua integração conceptual, havendo um enfoque especial em fenômenos semânticos como ambigüidade de escopo, negação, contrafactualidade e efeitos de opacidade. Outros autores têm pesquisado a relação entre conceptualização e linguagem, via exploração do estudo de metáforas (LAKOFF e JOHNSON, 1980).

Talmy (1988) tem estudado a relação entre faculdades cognitivas gerais e linguagem. Já Chafe (1994), em sua Teoria do Fluxo Informacional, pesquisa a relação entre unidades discursivas e unidades de informação no processamento mental. Entretanto, o quadro teórico mais geral dentro da LC foi proposto por Langacker (1987, 1991), o qual se denomina Gramática Cognitiva (GC). O modelo de Langacker é pautado pelo uso da linguagem; assim sendo, as únicas estruturas presentes na gramática de certa língua são estruturas fonológicas, semânticas e simbólicas que têm ocorrência de fato. O modelo langackeriano postula um emparelhamento entre estrutura fonológica e estrutura semântica, do qual emergem símbolos. Estes são organizados por meio de esquemas e são conectados por relações de categorização. A possibilidade de se explorar fenômenos sintáticos mediante um viés semântico ocorre com a postulação de uma operação denominada *construal*, ou conceptualização. Essa noção associa-se ao fato de um falante mentalmente moldar e estruturar as possibilidades semânticas de determinada expressão.

Como visto, a LC possui diversas frentes de trabalho; entretanto, todas elas adotam os seguintes pressupostos: o sentido é caracterizado como conceptualização; a semântica é enciclopédica e não dicionarizada (HAIMAN, 1980); as categorias são organizadas por meio de protótipos, princípios de semelhança e familiaridade e, ainda, de relações subjetivas entre membros de dada categoria; os julgamentos de gramaticalidade são radiais e não lineares; há relação próxima entre a linguagem e outras faculdades mentais; e, principalmente, há natureza não-autônoma da sintaxe.

Dada a explicitação do paradigma teórico sob enfoque, passemos agora aos estudos da LC voltados para o ensino LE e L2. Como já referido, o interesse em se explorar o ensino-aprendizagem de LE e L2 sob a perspectiva da LC é bastante recente, mas está em progresso. Alguns eventos acadêmicos já foram efetuados com esse propósito específico (cf. LAUD Symposium – ten years after, 2000, Landau, Alemanha). Alguns livros já foram publicados ou estão sendo escritos (cf. EVANS e TYLER, em preparação), além de haver artigos esparsos em periódicos e coletâneas (ACHARD e VELÁZQUEZ-CASTILLO, 1996; DUTRA, 2001; MELLO e DUTRA, 2000; MELLO, 2001; TAYLOR, 1993).

Em Mello e Dutra (2000), Dutra (2001), e Mello (2001) é defendida a hipótese de que a LC pode oferecer novas ferramentas epistemológicas para o ensino de gramática de LE. Nos três trabalhos mencionados, o enfoque foi no processo de aquisição do *Present Perfect* por aprendizes brasileiros, universitários, de nível de proficiência intermediário. Em Mello (2001) foi sugerido que o ensino de gramática de LE é melhor servido com o uso da aliança entre o aporte teórico construtivista e a Gramática Cognitiva. Tal aliança é justificada pela congruência de pressupostos epistemológicos de ambas as teorias, que coadunam dois princípios gerais:

(1) a centralidade do conceito de andaimento (*scaffolding*) ou ancoragem na construção do conhecimento;

(2) a inserção situada da linguagem em um contexto sociocultural.

Melhor explicitando a visão construtivista proposta por Bruner (1973), segue-se uma lista de asserções que pretendem resumi-la:

- a aprendizagem é um processo ativo, no qual os seus atores constroem idéias e conceitos baseando-se em seu conhecimento prévio. O aprendiz seleciona e transforma informação, constrói hipóteses, toma decisões, apoiando-se numa estrutura cognitiva para fazê-lo;
- a estrutura cognitiva (esquemas, modelos mentais) oferece sentido e organização a experiências e permite ao indivíduo ir além da informação bruta que lhe é oferecida;
- instrução: o instrutor deve encorajar os aprendizes a descobrirem princípios por si mesmos;
- o instrutor e o aprendiz devem se envolver em um diálogo ativo;
- o instrutor deve "traduzir" a informação a ser oferecida ao aprendiz para um formato condizente com o estágio de aquisição desse aprendiz;
- o currículo/programa deve ser estruturado em uma forma espiral, para que os aprendizes construam continuamente sobre o conhecimento já adquirido;

- o ambiente de ensino-aprendizagem deve oferecer múltiplas representações da realidade; a complexidade do mundo real deve ser abordada;
- deve haver construção de conhecimento e não reprodução de conhecimento;
- deve-se incentivar o uso de material autêntico, em contextos relevantes;
- deve haver reflexão crítica da experiência;
- deve haver construção de conhecimento baseado no contexto e no conteúdo;
- é necessário ênfase na construção colaborativa do conhecimento, mediante negociação socialmente fundamentada no grupo de aprendizes.

A Gramática Cognitiva, por sua vez, postula os seguintes princípios:

- um modelo gramatical deve ser um modelo do uso da linguagem;
- o aprendizado de uma língua (L1, L2) é visto como um processo monumental, que demanda uma construção de conhecimento e não, meramente, a ativação de princípios inatos;
- o aprendizado de uma língua deve ser relacionado à comunicação simbólica;
- o aprendiz, conseqüentemente, deve aprender a manipular símbolos lingüísticos, que se organizam por meio de esquemas;
- esquematização simbólica envolve a rotinização de sentidos (*entrenchment*), que se constroem socioculturalmente;
- a negociação de sentidos só se dá em ambientes interativos.

Partindo dos pressupostos teóricos oferecidos pela GC, pode-se postular que o aprendizado da gramática de uma LE relaciona-se diretamente à construção de outros mapeamentos entre formas e sentidos, diferentes daqueles já estabelecidos e rotinizados na L1. Dado que todas as expressões lingüísticas, sejam elas lexicais, sejam gramaticais, estão associadas a um pólo semântico e a outro fonológico, o aprendizado de determinada forma gramatical depende *intrinsicamente* da expo-

sição a essa forma, a seu processamento semântico contextualizado, à sua internalização e, finalmente, ao seu uso. Tal seqüência pode ser representada pela proposta de VanPatten (1996:164) acerca dos processos envolvidos na aquisição de L2, como ilustrado abaixo:

Input → *Intake* → *Developing system* → *Output*

As etapas denominadas por VanPatten de *intake* e *developing system* são aquelas em que o modelo proposto pela GC se mostra mais relevante na construção de mapeamentos entre forma e sentido, uma vez que é justamente nessas fases que o aprendiz se confronta com a elaboração de novos esquemas mentais (ACHARD, 2001).

No caso específico do *Present Perfect*, Mello e Dutra (2000) propuseram dois esquemas representativos dos diferentes mapeamentos que se obtêm em português e em inglês, como ilustrado abaixo:

ESQUEMA 1 – Rede prototípica do perfectivo em inglês
SÉRIE → {[ESTADOS (ESTADOS TEMPORÁRIOS, ESTADOS PERMANENTES, ESTADOS CONCLUÍDOS)] [ADVÉRBIOS]}

ESQUEMA 2 – Rede prototípica do perfectivo em português
EVENTO → {(SÉRIES) (ESTADOS TEMPORÁRIOS) (MUDANÇA) (EVENTO + MUDANÇA) (MUDANÇA + EVENTO)}

Como pode ser visto, os mapeamentos semânticos do aspecto perfectivo em português e inglês diferem radicalmente. A implicação disso é que o aprendiz falante de português, no seu processo de aquisição, terá de construir outros mapeamentos, baseando-se em insumos que se lhe tornem compreensíveis dentro de contextos de uso específicos.

Seguindo os princípios propostos por Achard (2001:13), pode-se afirmar que o ensino de gramática baseado no modelo da GC deve ser pautado por um propósito comunicativo, que se orienta por:

- construção pragmática do uso de formas específicas, mediante explicações metalingüísticas, ilustradas e motivadas por usos específicos;

- ensino indutivo de formas gramaticais, que facilite a extração de esquemas. Esse processo é congruente com a natureza emergente de regras gramaticais e levará o aprendiz a organizar seus esquemas construcionais, valendo-se do uso real da língua-meta;
- o ensino de formas gramaticais deverá ser realizado utilizando-se a língua-meta, a fim de que os esquemas relevantes possam ser facilitados por meio do uso contextualizado e direcionado dessa língua-meta.

A título de exemplificação, abaixo é oferecida uma seqüência extraída dos dados coletados por Mello e Dutra (2000), em que se pode observar o processo de construção do esquema organizador do *Present Perfect* em língua inglesa por um aprendiz brasileiro.

S1a: I am an English student since childhood.
S1b: I don't remember exactly when I have started studying English.
S1c: I just remember that since the beginning it has been really good.

Em (a), pode-se observar o uso da forma do presente simples com a implicação semântica de uma seqüência e continuidade ao longo do tempo, ou seja, o aprendiz se utiliza claramente de um esquema de uso pertencente ao sistema da língua portuguesa para se expressar em língua inglesa. Já em (b), o aprendiz, consciente da forma do *Present Perfect*, utiliza-a como uma generalização para expressar uma ação pontual ou evento, ocorrido em um passado especificado temporalmente. Ou seja, nesse momento o aprendiz começa a demonstrar a construção do esquema do *Present Perfect* sem, no entanto, ter adquirido os seus contextos específicos de uso. Em (c), o aprendiz demonstra o controle de forma e de função do *Present Perfect*, uma vez que é capaz de adequadamente expressar uma possibilidade esquemática dessa forma gramatical em contexto pertinente.

IV. Conclusão

Metodologias de ensino de línguas estrangeiras não podem ignorar a complexidade do sistema simbólico/lingüístico; sua variabilidade e permeabilidade a mapeamentos entre domínios distintos (i.e., incongruências entre L1 e LE). Adicionalmente, ao aprendiz devem ser oferecidas oportunidades para a construção do seu conhecimento lingüístico em LE, partindo dos seus esquemas simbólicos previamente estabelecidos em sua L1, que, ao serem revisitados à luz do novo sistema em processo de aquisição, serão ampliados funcionalmente, formalmente e pragmaticamente, se forem contextualmente orientados e construídos.

Assim sendo, a LC parece ser um paradigma que, potencialmente, muito nos tem a oferecer em termos de suporte analítico para geração de metodologias de ensino de LE. Cabe a nós, professores de LE, manter o diálogo transdisciplinar entre a Lingüística Aplicada e áreas afins, para que possamos, de fato, avançar nos nossos esforços para oferecer aos aprendizes de LE metodologias eficientes dentro do seu contexto de aprendizagem.

Referências Bibliográficas

ACHARD, M. & VELÁZQUEZ-CASTILLO, M. Functional linguistics and communicative grammar instruction. *Studi Italiani di Linguistica Teorica Applicata*. Ano XXV, n. 2, p. 313-335, 1996.

ACHARD, M. Grammatical instruction in the Natural Approach: a Cognitive Grammar view. Manuscrito: Rice University, 2001.

BRUNER, J. *Going beyond the information given*. Nova York: Norton, 1973

BURGESS, J. & ETHERINGTON, S. Focus on grammatical form: explicit or implicit. *System*, v. 30, n. 4, p. 433-458, 2002.

CHAFE, W. *Discourse, consciousness and time*. Chicago: Chicago University Press, 1994.

DUTRA, D. A Gramática Cognitiva e sua compatibilidade com o conceito de foco na forma. (Comunicação). VI CONGRESSO BRASILEIRO DE LINGÜÍSTICA APLICADA. Belo Horizonte, UFMG, 2001.

EVANS, V. & TYLER, A. *Applying Cognitive Linguistics:* A new paradigm for language teachers. Em preparação.

FAUCONNIER, G. *Mental spaces*. Cambridge, MA: MIT Press, 1985.

FAUCONNIER, G & TURNER, M. Conceptual projections and middle spaces. UCSD Cognitive Science Technical Repot 9401. San Diego, UCSD, 1994.

GOLDBERG, A. *Constructions*. Chicago: Chicago University Press, 1995.

HAIMAN, J. Dictionaries and encyclopedias. Lingua. v. 50. p. 329-357, 1980.

KRASHEN, S. & TERRELL, T. *The natural approach: language acquisition in the classroom.* Pergamon: Oxford, 1983.

LAKOFF, G & JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: Chicago University Press, 1980.

LANGACKER, R. *Foundations of Cognitive Grammar*. (Vol. 1). Theoretical prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LANGACKER, R. *Foundations of Cognitive Grammar*. (Vol. 2). Descriptive application. Stanford: Stanford University Press, 1991.

LARSEN-FREEMAN. D. *Techniques and principles in language teaching*. Hong-Kong: Oxford University Press, 2000.

LONG, M. H. & ROBINSON, P. Focus on form: theory, research and practice. In: DOUGHTY, C. & WILLIAMS, J. (Ed.). *Focus on form in classroom second language acquisition.* Cambridge: Cambridge University Press, 1998. p. 15-41.

MELLO, H. Construtivismo, Gramática Cognitiva e o ensino de gramática de língua estrangeira. In: VI CONGRESSO BRASILEIRO DE LINGÜÍSTICA APLICADA. *Anais.* Belo Horizonte, UFMG, 2001.

MELLO, H & DUTRA, D. The teaching of English aspectual categories to Brazilian Portuguese speakers: a Cognitive Grammar-

based approach. *Applied and interdisciplinary papers*. Paper 300. Universität Gesamthochschule, Essen. 2000.

TALMY, L. Force dynamics in language and cognition. *Cognitive Science*, v. 12, n. 1, p. 49-100, 1988.

TAYLOR, J. Some pedagogical implications of cognitive linguistics. In: GEIGER, R. & RUDZKA-OSTYN, B. (Orgs.). *Conceptualization and mental processing of language*. Berlim: Mouton de Gruyter, 1993. p. 201-223.

VAN PATTEN, Bill. *Input processing and grammar instruction in Second Language Acquisition*. Norwood, NJ: Ablex, 1996.

Parte II - Ensino/aprendizagem de vocabulário

ENSINO DE VOCABULÁRIO

Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva

What do you read, my lord?
(Lord Polonious)

Words, words, words.
(Hamlet)

I. Histórico

O ensino de vocabulário sempre ocupou um lugar relevante na história do ensino de línguas. No **Método Clássico**, o estudo do vocabulário tinha como foco a etimologia, um método seguro para explicar significados e ortografia. Segundo Kelly (1976:31), foi essa abordagem que dominou o ensino de Latim e Grego. No **Método Gramática e Tradução**, o vocabulário era apresentado em listas de palavras, com as respectivas traduções que o aluno deveria memorizar. Sempre que o aluno perguntava ao professor o significado de uma palavra, o problema era resolvido com a tradução imediata do

vocábulo. Larsen-Freman (1986:14) lembra também que os alunos eram ensinados a reconhecer os falsos cognatos. A fixação do vocabulário era feita por meio de exercícios de tradução do inglês para o português e vice-versa. Veja abaixo um exemplo de como o vocabulário era apresentado no material didático da época.

LIÇÃO VIII

gardner	*jardineiro*	wise	*sábio*
flower	*flor*	young	*jovem, moço*
genius	*gênio*	poor	*pobre*
artist	*artista*	rich	*magro, fino*
clothes	*roupa*	thin	*rico*
languages	*língua*	cheap	*barato*
money	*dinheiro*	dear	*caro*
lazy	*preguiçoso*	happy	*feliz*
high	*alto* (cousa)	attentive	*atento*
tall	*alto* (pessoa)	agreeable	*agradável*
loud	*alto* (som)	honest	*honesto*
great	*grande*	wholesome	*saudável*

Valuable	*precioso*
Expensive	*caro, dispendioso*
To-day	*hoje*
Others	*outros, outras*
Both	*ambos*
Often	*muitas vezes*
All	*todos, tôdas*

Observação: - A palavra **grande** traduz-se por:

Large referindo-se à extensão.
big referindo-se ao volume.
great referindo-se à grandeza.

Fitzgerald, Frederic. *Gramática da Língua Inglesa de (1880-1940)*
Reprodução de extrato da lição 8, p.32.

Apesar de o **Método Direto** prescrever que "todo professor deveria criar maneiras para que a língua fosse usada como na vida real"[1] (GURREY, 1960:51), podemos comprovar, como mostrado na FIG. 1, que os enunciados, freqüentemente, não guardavam qualquer relação com a linguagem coloquial e serviam apenas para introduzir vocabulário novo e estruturas sintáticas. Assim, as frases "*Is this an apple?*" - ao lado de uma ilustração de parte de um rosto - e a resposta "*It is an eye*" - tinham como objetivo a aprendizagem dos demonstrativos, do verbo *to be* e das palavras *apple* e *eye*. Contudo, essas frases dificilmente ocorreriam em uma interação espontânea.

As ilustrações e os objetos eram os recursos utilizados pelos professores para a apresentação das estruturas e do vocabulário, geralmente por meio de demonstrações. A execução do **Método Direto** foi assim explicada por Morris (1964:52):

> The direct Method attempts to link the foreign word directly with the concept (the 'thing-meant'). The teacher, for instance, holds up a pen and says, 'This is a pen', or points to the door and says 'This is a door'.
> The choice of method is not a simple issue, in view of many factors involved. Strong objection obtains to the employment of translation generally, on the ground that it seriously hinders the inculcation of correct speech and reading habits, which are best acquired in a single medium. There is further objection that words in one language do not truly correspond to words in another although both may be applied to a particular concept.

Além das demonstrações, o professor também utilizava sinônimos, antônimos, definições, explicações, e inferências pelo contexto.

Quanto às estratégias de aprendizagem, a memorização mecânica não era aconselhada pelos teóricos do **Método Direto**. Morris (1964:54) assim se manifestava a respeito da memorização:

---

1 *Every teacher of languages should devise ways and methods of getting the new language used as it is in real life, that is, language that performs some useful purpose: to ask for something, to enquire about somebody, to tell somebody something.* As traduções das citações são de responsabilidade da autora.

> It should be clear that the rote learning of words is an unprofitable pursuit, since a knowledge of words as isolated units of meaning is not conductive to proficiency in the language skills. On the other hand, as the language activities involve the use of words, concentration on the reception or production of language can ensure a knowledge of the vocabulary.

Para assegurar que os aprendizes pudessem reconhecer as palavras encontradas nas atividades de leitura, Morris (1964:55) recomendava quatro condições: o contexto deve ajudar a ilustrar o conceito; os aprendizes devem ter sua atenção dirigida aos novos termos; os vocábulos novos devem ser recorrentes, e os professores devem evitar pedir aos alunos definições dos termos, porque, segundo ele, a habilidade lexicográfica pode estar além da capacidade do aprendiz. Ele sugeria aos alunos que fizessem exercícios de múltipla escolha, recontassem histórias, ou respondessem a perguntas para testar o conhecimento das palavras.

No **Método Áudio-Lingual**, enfatizava-se, como no **Método Direto**, a necessidade de se aprenderem as palavras em contexto e não de forma isolada. O número de palavras por unidade era limitado, já que se acreditava que a aquisição de vocabulário deveria ser retardada até que uma parte substancial do sistema gramatical fosse aprendido. O principal objetivo do **Método Áudio-Lingual** era a aquisição das estruturas lingüísticas (WILKINS, 1978:110; LARSEN-FREEMAN, 1986: 41). O material didático era organizado em uma seqüência de estruturas gramaticais selecionadas em um nível progressivo de dificuldades; as estruturas eram repetidas várias vezes para que os aprendizes as automatizassem. As FIG. 2 e 3 mostram extratos do livro First Things First (ALEXANDER, 1970), um dos manuais didáticos mais utilizados em todo o mundo no ensino de língua inglesa, na década de 1970.

FIGURA 2 -
Fonte: Alexander, L.G. First Things First. Extrato da lição 1, p. 1

vocábulo. Larsen-Freman (1986:14) lembra também que os alunos eram ensinados a reconhecer os falsos cognatos. A fixação do vocabulário era feita por meio de exercícios de tradução do inglês para o português e vice-versa. Veja abaixo um exemplo de como o vocabulário era apresentado no material didático da época.

LIÇÃO VIII

gardner	*jardineiro*	wise	*sábio*
flower	*flor*	young	*jovem, moço*
genius	*gênio*	poor	*pobre*
artist	*artista*	rich	*magro, fino*
clothes	*roupa*	thin	*rico*
languages	*língua*	cheap	*barato*
money	*dinheiro*	dear	*caro*
lazy	*preguiçoso*	happy	*feliz*
high	*alto* (cousa)	attentive	*atento*
tall	*alto* (pessoa)	agreeable	*agradável*
loud	*alto* (som)	honest	*honesto*
great	*grande*	wholesome	*saudável*

Valuable	*precioso*
Expensive	*caro, dispendioso*
To-day	*hoje*
Others	*outros, outras*
Both	*ambos*
Often	*muitas vezes*
All	*todos, tôdas*

Observação: - A palavra **grande** traduz-se por:

Large referindo-se à extensão.
big referindo-se ao volume.
great referindo-se à grandeza.

Fitzgerald, Frederic. *Gramática da Língua Inglesa de (1880-1940)*
Reprodução de extrato da lição 8, p.32.

As listas de palavras descontextualizadas sempre foram alvo de críticas dos especialistas em ensino de línguas. Com o movimento reformista e o surgimento do **Método Direto**, as listas foram aposentadas em prol de um ensino situacional que priorizava o ensino do vocabulário em vez do da gramática. A idéia de que o significado das palavras dependia da situação, no entanto não era algo novo e já encontrava respaldo em Santo Agostinho e Pestalozzi (KELLY,1976).

Segundo Richards & Rodgers (1993:7), novos significados eram ensinados mediante o estabelecimento de associações na língua-alvo e não mais na língua materna. Essa opção tinha como base a observação de que as crianças aprendem a língua materna fazendo associações diretas entre os objetos e as palavras, sendo essa a forma mais natural de se aprender uma língua. A tradução era evitada para se estabelecer uma conexão direta entre o conceito e a palavra na língua-alvo, sem a interferência da língua nativa.

As palavras novas deixaram de ser ensinadas de forma isolada e passaram a ser ensinadas de maneira mais contextualizada, inseridas em frases. Como o **Método Direto** enfatizava a comunicação oral, a prioridade passou a ser o vocabulário do dia-a-dia que era ensinado por meio de mímicas e demonstrações, uso de objetos (realia), de gravuras e desenhos. Com base no **Método Direto**, intensifica-se o uso de ilustrações para o ensino de vocabulário. Na FIG. 1, vemos como o vocabulário e as estruturas sintáticas eram apresentados.

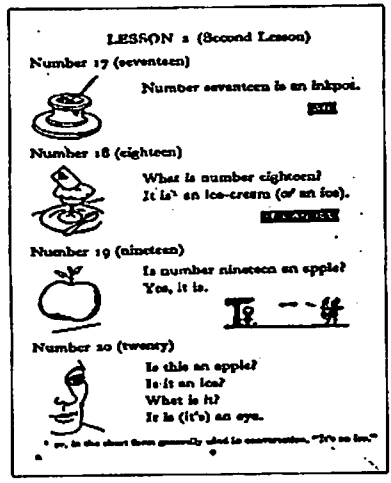
LESSON 2 (Second Lesson)

Number 17 (seventeen)

Number seventeen is an inkpot.

Number 18 (eighteen)

What is number eighteen?
It is* an ice-cream (or an ice).

Number 19 (nineteen)

Is number nineteen an apple?
Yes, it is.

Number 20 (twenty)

Is this an apple?
Is it an ice?
What is it?
It is (it's) an eye.

FIGURA 1 – Lesson 2
Fonte: Eckersley, C. E. *Essential English*. Extrato da lição 1, p. 9

Apesar de o **Método Direto** prescrever que "todo professor deveria criar maneiras para que a língua fosse usada como na vida real"[1] (GURREY, 1960:51), podemos comprovar, como mostrado na FIG. 1, que os enunciados, freqüentemente, não guardavam qualquer relação com a linguagem coloquial e serviam apenas para introduzir vocabulário novo e estruturas sintáticas. Assim, as frases "*Is this an apple?*" - ao lado de uma ilustração de parte de um rosto - e a resposta "*It is an eye*" - tinham como objetivo a aprendizagem dos demonstrativos, do verbo *to be* e das palavras *apple* e *eye*. Contudo, essas frases dificilmente ocorreriam em uma interação espontânea.

As ilustrações e os objetos eram os recursos utilizados pelos professores para a apresentação das estruturas e do vocabulário, geralmente por meio de demonstrações. A execução do **Método Direto** foi assim explicada por Morris (1964:52):

> The direct Method attempts to link the foreign word directly with the concept (the 'thing-meant'). The teacher, for instance, holds up a pen and says, 'This is a pen', or points to the door and says 'This is a door'.
> The choice of method is not a simple issue, in view of many factors involved. Strong objection obtains to the employment of translation generally, on the ground that it seriously hinders the inculcation of correct speech and reading habits, which are best acquired in a single medium. There is further objection that words in one language do not truly correspond to words in another although both may be applied to a particular concept.

Além das demonstrações, o professor também utilizava sinônimos, antônimos, definições, explicações, e inferências pelo contexto.

Quanto às estratégias de aprendizagem, a memorização mecânica não era aconselhada pelos teóricos do **Método Direto**. Morris (1964:54) assim se manifestava a respeito da memorização:

---

1 *Every teacher of languages should devise ways and methods of getting the new language used as it is in real life, that is, language that performs some useful purpose: to ask for something, to enquire about somebody, to tell somebody something.* As traduções das citações são de responsabilidade da autora.

> It should be clear that the rote learning of words is an unprofitable pursuit, since a knowledge of words as isolated units of meaning is not conductive to proficiency in the language skills. On the other hand, as the language activities involve the use of words, concentration on the reception or production of language can ensure a knowledge of the vocabulary.

Para assegurar que os aprendizes pudessem reconhecer as palavras encontradas nas atividades de leitura, Morris (1964:55) recomendava quatro condições: o contexto deve ajudar a ilustrar o conceito; os aprendizes devem ter sua atenção dirigida aos novos termos; os vocábulos novos devem ser recorrentes, e os professores devem evitar pedir aos alunos definições dos termos, porque, segundo ele, a habilidade lexicográfica pode estar além da capacidade do aprendiz. Ele sugeria aos alunos que fizessem exercícios de múltipla escolha, recontassem histórias, ou respondessem a perguntas para testar o conhecimento das palavras.

No **Método Áudio-Lingual**, enfatizava-se, como no **Método Direto**, a necessidade de se aprenderem as palavras em contexto e não de forma isolada. O número de palavras por unidade era limitado, já que se acreditava que a aquisição de vocabulário deveria ser retardada até que uma parte substancial do sistema gramatical fosse aprendido. O principal objetivo do **Método Áudio-Lingual** era a aquisição das estruturas lingüísticas (WILKINS, 1978:110; LARSEN-FREEMAN, 1986: 41). O material didático era organizado em uma seqüência de estruturas gramaticais selecionadas em um nível progressivo de dificuldades; as estruturas eram repetidas várias vezes para que os aprendizes as automatizassem. As FIG. 2 e 3 mostram extratos do livro First Things First (ALEXANDER, 1970), um dos manuais didáticos mais utilizados em todo o mundo no ensino de língua inglesa, na década de 1970.

FIGURA 2 -
Fonte: Alexander, L.G. First Things First. Extrato da lição 1, p. 1

Como se vê, a estrutura a ser treinada na lição 1 é '*Is this your* + um substantivo'. A aprendizagem se dava mediante a repetição da mesma estrutura e de mais dez substantivos que se revezavam na mesma posição da palavra *handbag*. Veja a lista das palavras a serem fixadas pelos alunos na FIG. 3.

Lesson 1	Teaching Unit 1

Content and Basic Aims

PATTERNS AND STRUCTURAL WORDS	VOCABULARY	
Is this your (handbag)? Yes, it is. My name is . . .	*Nouns* book, car, coat, dress, handbag, house, pen, pencil, shirt, skirt, watch	*Numbers* 1–10 *Expressions* Excuse me. Pardon? Thank you very much.

FIGURA 3 -
Fonte: Alexander, L.G. First Things First. Extrato da lição 1 do livro do Professor, p. 1

Nas abordagens estruturais, como pudemos perceber, o vocabulário está subordinado à gramática, já que a aquisição da linguagem é entendida como domínio de estruturas sintáticas. Wilkins (1972) denuncia a negligência no ensino de vocabulário e recusa a idéia de que o vocabulário seja menos importante do que a gramática. Diz ele:

> The fact that while without grammar very little can be conveyed, without vocabulary **nothing** can be conveyed. What we normally think of as 'vocabulary items' – nouns, verbs and adjectives – do indeed contain more information than is carried by grammatical elements. Telegrams often consist of no more than a sequence of lexical items with no grammatical information other than order of words, and yet we have no difficulty in understanding them, any more than we do ungrammatical headlines and

> advertisements. Communicating in a foreign language is not so very different. Provided one knows the appropriate vocabulary, then some form of interchange of language is possible. Without the vocabulary it is impossible. (WILKINS, 1972:111)

Para Wilkins (1972:133), um dos precursores da **Abordagem Comunicativa**, "aprender vocabulário é aprender como as palavras se relacionam com a realidade externa e como elas se relacionam umas com as outras[2]". Na abordagem comunicativa, o lema é apresentar e usar linguagem autêntica, e a língua-alvo passa a ser não apenas o objeto de estudo, mas também o meio de comunicação. Segundo Larsen-Freeman (1986:130), a gramática e o vocabulário que os alunos aprendem derivam da função, do contexto situacional e dos papéis dos interlocutores. Brown (1994: 365) diz que

> The best internalization of vocabulary comes from encounters (comprehension or production) with words within the context of surrounding discourse. Rather than isolating words and/or focusing on dictionary definitions, attend to vocabulary within a communicative framework in which items appear. Students will associate new words with a meaningful context to which they apply.

Harmer (1991:153) assim se posiciona em relação ao ensino de vocabulário para ressaltar a importância de seu ensino: "If language structures make up the skeleton of language, then it is vocabulary that provides the vital organs and the flesh". A afirmação de Harmer coloca sintaxe e léxico em posição complementar. Lewis (1993 e 1997), baseando-se em princípios fundamentais da abordagem comunicativa, recusa a visão tradicional de que a língua se divide em estrutura e vocabulário e propõe uma abordagem lexical, vendo a gramática como subordinada ao léxico. Diz ele:

---

2 *Learning vocabulary is learning how words relate to external reality and how they relate to one another.*

> The standard view divides language into grammar (structure) and vocabulary (words); the Lexical Approach challenges this fundamental view of language. Instead the Lexical Approach argues that language consists of chunks which, when combined, produce continuous coherent text. The chunks are of different kinds and four different basic types are identified. One of these consists of single words while other are multi-word items. (LEWIS, 1997:7)

Os quatro tipos de *chunks* a que Lewis se refere são: palavras; colocações (palavras que ocorrem junto a outras); expressões fixas (cumprimentos, frases polidas, e outras expressões formulaicas); e expressões semifixas que permitem uma variação mínima (ex. *Could you pass.....please?).*

Na contracapa do primeiro livro[3], *Implementing the lexical approach*, encontramos a síntese dos princípios que norteiam o trabalho de Lewis:

- The grammar/vocabulary dichotomy is invalid;
- Collocation is used as an organic principle;
- Successful language is a wider concept than accurate language;
- The Observe-Hypothesize-Experiment cycle replaces the Present-Practice-Produce paradigm;
- Most importantly, language consists of grammaticalized lexis – not lexicalized grammar.

II. Que vocabulário devemos ensinar?

Parece haver um consenso que, apesar de os dicionários registrarem cerca de 50.000 verbetes, o vocabulário necessário para se ter domínio do Inglês deve ficar em torno de 3.000 palavras. No entanto, como adverte Laufer (1997:25), quanto maior o nível de compreensão esperada, maior deve ser o vocabulário.

---

3 A teoria de Lewis é posta em prática no livro didático *Implementing the lexical approach*, de 1997.

Ao examinar a introdução de alguns dicionários, encontrei informações relevantes para nosso tópico. O *Collins COBUILD*[4] *English Language Dictionary* (1989) foi produzido com base em corpora de cerca de 20 milhões de palavras retiradas de livros, revistas, jornais, panfletos, folhetos, conversas, programas de rádio e televisão (p.xv). O editor, John Sinclair, chama a atenção para o fato de um número relativamente pequeno de palavras ser suficiente para uma grande percentagem do que é escrito e falado diariamente.

O trabalho do COBUILD, que reúne cerca de 40.000 palavras, centrou esforços nas palavras mais freqüentes que eles calculam estar entre 2.000 a 3.000. As entradas para essas palavras são acompanhadas de descrições de seus usos. O editor adverte que não serão encontrados termos muito técnicos, termos obsoletos ou dialetais, uma vez que o objetivo do dicionário é a linguagem do dia-a-dia (p.xviii).

O *Cambridge International Dictionary of English* (1995) tem por base uma coleção de mais de 100 milhões de palavras, incluindo variedades faladas e escritas de vários tipos e fontes. Um aspecto interessante da obra é a inclusão entre as fontes de textos orais e escritos produzidos por aprendizes de inglês. Segundo os autores, esses textos foram usados para atender às necessidades dos aprendizes de língua inglesa (p.xii).

As obras acima resgatam o interesse pela freqüência de palavras cuja origem remonta ao final do século 19, quando Sweet postulava que o vocabulário deveria ser firmemente controlado por um método racional. Ele afirmava que 3.000 palavras seriam suficientes para o ensino de língua inglesa, excetuando, é claro, o vocabulário especializado (HOWATT,1984:187). Na década de 1920, iniciaram-se os estudos lexicográficos que resultaram na criação de listas de palavras mais usadas, já que se acreditava que o vocabulário deveria ser firmemente controlado. Em 1930, Ogden publicou um livro didático chamado *Basic English,* que utilizava apenas 850 palavras: 150 representavam qualidades, 600 representavam coisas, 100 representavam operações (HOWAT:1984:251). Para Palmer, 85% do Inglês

4 COBUILD é um acrônimo para Collins Birmingham University International Language Database.

normal consistia em apenas 1.000 palavras (FRISBY,1966:103). Em 1933, ele apresentou, em um congresso, sua primeira versão de uma lista de 3.000 palavras para a escola secundária (HOWAT:1984:234). Em 1937, foi a vez de Palmer e Hornby apresentarem sua seleção de vocabulário que continha 1.000 palavras no livro *Thousand-word English*. Em 1943, Eckersley publicou a série didática *Essential* English, que incluía 500 palavras novas em cada um de seus quatro estágios. Em 1953, West publicou sua lista de cerca de 2.000 palavras (excluindo-se as derivadas), denominada *General Service List*[5]. Segundo Morris (1964:31), West baseou-se nos seguintes critérios para selecionar as palavras:

(a) Word frequency;
(b) Structural value;
(c) Universality in respect of geographic area;
(d) Subject range;
(e) Value of purposes of definition;
(f) Values for word-building;
(g) Stylistic functions of a word.

Na década de 1970, as listas perderam seu prestígio e Wilkins (1972:117-8) assim se pronunciava:

> The original frequency data seem in danger of getting lost among these other considerations. No doubt those items that would appear on a list of the 2.000 most common words in a language are indeed useful words for a foreigner to acquire. But, as we have seen, learning could

5 Até o início da década de 1990, a UFMG ainda usava a lista de West para selecionar os textos que seriam incluídos nas provas de vestibular. A menção à *General Service* List no edital do vestibular gerava dois problemas. Como o livro estava esgotado, os candidatos, e até mesmo os professores, ficavam inseguros sobre o tipo de vocabulário que deveriam estudar. O segundo problema envolvia a concepção de leitura e compreensão de texto, uma vez que ao legislar que todas as palavras dos textos utilizados na prova do vestibular deveriam estar relacionadas na lista de West, ignorava-se a capacidade dos candidatos de inferir significado pelo contexto e os professores se viam obrigados a adulterar alguns textos para substituir palavras que não estavam na lista de West.

> not be confined to these items. The teacher himself does not normally choose what vocabulary items his pupils will learn. [...] The more language teaching is oriented towards meeting the needs of the learners the more likely it is that the situations used for teaching will produce 'useful' language without it having been necessary to draw up an inventory of lexical items beforehand. A reasonable behavioral prediction may do the work that a vocabulary frequency counts sets out to do.

As previsões de Wilkins não se efetivaram e com a reunião de corpora computadorizados, o interesse em freqüência de palavras também reapareceu. Jane e Dave Willis produziram uma série didática - Collins COBUILD English Course -, baseando-se no corpora do projeto COBUILD. A série dividida em três volumes incluía textos reais perfazendo um total de 2.500 palavras. Ao final de cada unidade, as palavras novas eram listadas e seu total adicionado aos anteriores. Veja, abaixo, reprodução das listagens das unidades 1 e 23 do livro 3, em que a última apresenta um total de 950 palavras.

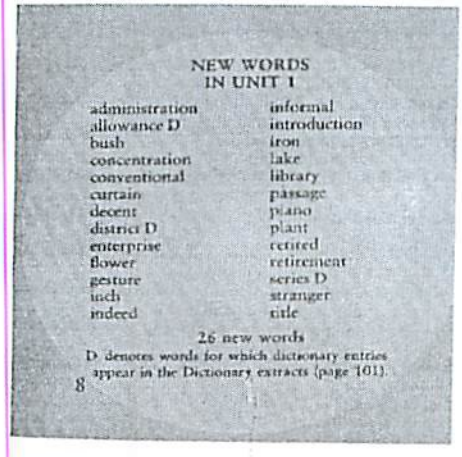

NEW WORDS
IN UNIT 1

administration	informal
allowance D	introduction
bush	iron
concentration	lake
conventional	library
curtain	passage
decent	piano
district D	plant
enterprise	retired
flower	retirement
gesture	series D
inch	stranger
indeed	title

26 new words

D denotes words for which dictionary entries appear in the Dictionary extracts (page 101).

8

FIGURA 4 -

NEW WORDS
IN UNIT 23

ankle	illness
beforehand	immense
brave	insecurity
broaden	kindness
coat	long-term
deaf	lounge
demonstrate	optimism
demonstration	optimistic
determination	pace
determined	resemble
dive	retreat
diversify	secure
divorce	sensible
faithful	separation
feature	shiver
generosity	slope
generous	sufficient
hips	tone
	trace

37 new words
TOTAL SO FAR 950

96

FIGURA 5 -

Fonte: WILLIS, D. & WILLIS; J. *Collins* COBUILD *English Course (v.3)*. Extratos das unidades 1 e 23, p. 8 e 96.

McEnery & Wilson (1997:104) assim se posicionam em relação ao uso de *corpus*:

> Corpus examples are important in language learning as they expose students at an early stage in the learning process to the kinds of sentences and vocabulary which they will encounter in reading genuine texts in the language or in using the language in real communicative situations.

As listas de freqüência são importantes auxiliares na seleção do vocabulário a ser ensinado, mas devemos ter em mente que a freqüência não deve ser o único fator na seleção do vocabulário, visto que outros devem também influenciar nossa escolha como, por exemplo, tipo de curso e interesses dos alunos.

A existência de listas de freqüência nos remete aos conceitos de vocabulário ativo e passivo, ou produtivo e receptivo. Frisby (1966:103) elabora esses conceitos da seguinte forma:

> There is the vocabulary that we use and the vocabulary that we understand; or to put it in another way, the active and the passive vocabularies, the productive and the receptive. In the passive sense we listen to words, follow the vocabulary used by others, and recognize what others produce in writing and speech. In the active sense we have to find our own words, we have to be masters of our own words, we have to be masters of our own vocabulary. In reading or listening we go from words to thoughts and in speaking and writing we go from thoughts to words. The passive vocabulary is our foundation, and we tend to transfer words from this vocabulary to our active vocabulary as our language experience develops.

Sintetizando, o vocabulário ativo ou produtivo é aquele que é adquirido e usado pelo aprendiz, e o passivo ou receptivo é aquele que ele reconhece, apesar de não usá-lo. Podemos presumir que reconhecer uma palavra é um processo muito mais simples do que produ-

zi-la, porque o uso envolve uma série de informações, tais como: o comportamento sintático do vocábulo, a colocação, as formas derivadas, e os traços semânticos.

Gairns e Redman (1986:65) pontuam que, freqüentemente, a transição de um item do vocabulário receptivo de um aprendiz para seu vocabulário produtivo é um processo gradual que ocorre mediante a leitura ou a compreensão oral por certo período de tempo. Para eles, o ideal seria não polarizar a distinção entre essas duas categorias, apesar de ela ser útil para a seleção de vocabulário, de acordo com as necessidades do aprendiz e de seu ambiente de aprendizagem. Quanto ao número de palavras a ser ensinado em um curso, Gairns e Redman (1986:66) sugerem que, em uma aula de 60 minutos, o *input* ideal seria de 8 a 12 palavras produtivas.

III. O que significa aprender uma palavra?

Para muitos alunos e professores, aprender vocabulário significa memorizar listas de palavras e seus correspondentes significados na língua materna; no entanto, aprender vocabulário vai além disso. Harmer (1991:158) esquematiza o que significa "aprender uma palavra" da seguinte forma

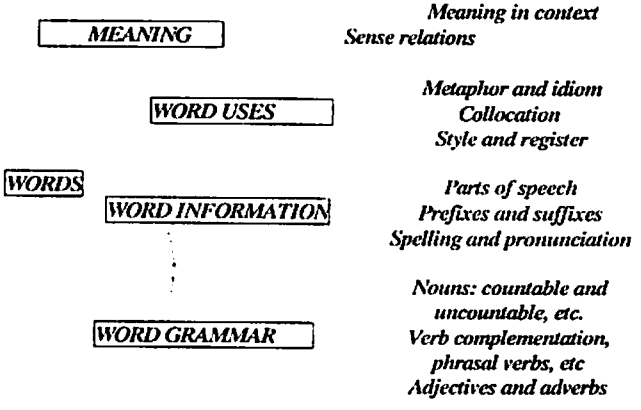

Gairns e Redman (1986:69-71) sugerem a apresentação do vocabulário em agrupamentos de tipos diferentes - semântico, fonológico e gramatical - e, defendendo que o vocabulário consiste em uma série de sistemas inter-relacionados, apresentam as seguintes indicações de agrupamentos:

1. Items related by form;
2. Items grouped as an activity or process (also topic-related);
3. Items which are similar in meaning;
4. Items which form 'pairs';
5. Items along a scale or cline, which illustrate differences of degree;
6. Items within 'word families' i.e. derivatives;
7. Items grouped by (a) grammatical similarity and (b) notional similarity;
8. Items which connect discourse;
9. Item forming a set of idioms or multi-word verbs;
10. Items grouped by spelling difficulty or phonological difficulty;
11. Items grouped by style;
12. An item explored in terms of its different meanings;
13. Items causing particular difficulty within one nationality group.

Sardinha (2000), um dos pioneiros da lingüística de corpora no Brasil, defende que o vocabulário não é um fenômeno que deve ser visto de forma isolada da sintaxe. Ele descreve padrões léxico-gramaticais que são igualmente importantes para o ensino de vocabulário. São eles:

1. Colocação (associação entre itens lexicais);
2. Coligação (associação entre itens lexicais e gramaticais). Ex. 'start' é mais comum com sintagmas nominais e orações *ing*, enquanto 'begin' é mais comum com um complemento 'to';
3. Prosódia semântica: associação entre itens lexicais e conotação (negativa, positiva ou neutra) de campos semânticos. Ele

dá como exemplo a palavra 'cause' que se associa a palavras desfavoráveis (*problems, damage, death*) e 'provide' que se associa a palavras positivas ou neutras (*assistance, care, job*). (p. 48)

IV. Estratégias de ensino e aprendizagem de vocabulário

O ensino de vocabulário é um tema recorrente em listas de discussão de professores de inglês como segunda língua na internet. No mês de março de 2001, a pergunta "*How to help students retain vocabulary*" gerou várias respostas. Reproduzo, em seguida, quatro[6] das mais relevantes.

> Make flash cards. A number of them will be required. Put the word in the target language on one side and a picture, definition, English word or symbol on the other. Quiz yourself with them every day for at least 10 minutes. Or, tape the words, preferably on furniture, and listen to the cassette. Sing or sign the words. Make up a rap to help you remember rules or vocabulary. Make up mnemonic devices such as calendars or a drawing. Use the new words with your family and friends. Practice them with classmates whenever possible. Act out verbs; point out nouns. Make lists and make practice quizzes for them. Get a study buddy or peer tutor. (Make sure it is someone who is doing well and with whom, you can work seriously). If spelling is difficult for you in English, it will be at least as difficult in the foreign language. Practice writing each word three times or draw pictures in the letters to help you remember how they go together (particularly useful with young learners). Also, study for

6 As mensagens foram reproduzidas com anuência de seus autores.

quizzes and tests ahead of time. Review vocabulary words at least two nights before the quiz or test and again the night before. When taking the quiz or text, use the following techniques:
Visualize the answer
Picture yourself looking for the answer in the book.
See the teacher standing in front of the class giving the answer.
Close your eyes and write the answer of the class to mind.
While relaxing, take three deep breaths and write or circle the answer you feel is right. (JOANNA GROLLMUS, 22/3/2001)

As regards the teaching vocabulary, have you ever tried suggesting students to stick little pieces of paper on the fridge door, on their cars, on the toilet mirror or wherever they want to remember new words more easily? I can tell you it's real fun.
By the way, having them design their own exercises was a nice idea, too! (MARIANA MUSSETTA, 22/3/2001)

Another way is to write new words individually, on small cards, with a simple definition on the back of the card. Learners can store the cards in small labeled boxes (matchboxes perhaps) They can label the boxes in various ways but one system is to have boxes labeled "new", "fairly new" and "familiar". Words move from box to box as the learner reviews them each evening. Once the words are so familiar that they can be considered part of the learner's active vocabulary, they can drop out of the system to make room for later arrivals. I'm not sure where this idea came from but I have a feeling that it might been Mario Rinvolucri. (DICK TIBBETTS, 23/3/2001)

I know I got this idea from someone but can't remember where: I made a basic calendar grid and every month pass out a new one. The students (high beginner adults) fill in

> the days of the week and the dates. Then we put in any birthdays, special days, possibly school vacation days. After that the students note down a few new words every day. A couple of times a week we "collect" them and put them on the board. That gives us a chance to review them and to recall where they occurred (in the story about a girl who swallowed a coin, for example). That encourages students to think of vocabulary items in a context as well as to think of vocabulary learning as a cumulative process. At the end of the month we choose the most important words and put them up on the board. (ABBIE TOM, 23/3/2001)

É interessante observar que, em todos os depoimentos, prevalece a idéia de aprendizagem de vocabulário como memorização de itens isolados por meio de técnicas de associação.

Harmer (1991:161-173) apresenta uma série de atividades para o ensino e a prática de vocabulário dividida em três seções: apresentação, técnicas de descoberta e prática. Para a apresentação, ele recomenda as seguintes técnicas: o uso de objetos (realia); gravuras; mímica, ações e gestos; contraste (antônimos); enumeração, ou seja, listagem de itens de uma mesma categoria; explicação; e tradução. À lista de Harmer (ibid), eu acrescentaria mais algumas sugestões propostas por Ur (1996:63) - pequenas definições; descrições detalhadas; exemplos (hiponímia), contexto (história ou frase em que o item ocorre); sinônimos, e colocação.

Quanto às técnicas de descoberta, Harmer sugere: combinação de palavras com gravuras; elaboração de mapas semânticos; inferência de significado pelo contexto; uso de sufixos e prefixos, e produção de textos orais e escritos com vocabulário específico.

Quanto à prática, ele sugere ações e gestos; exercícios de uso de vocábulos freqüentemente confundidos; exercícios para colocar em ordem (de preferência, de importância etc).

Rodrigues (2001:317), em sua pesquisa de mestrado, tendo como informantes alunos brasileiros de seis escolas em contextos de ensino médio, universitário e escola de idiomas, chegou à conclusão que há

uma certa incoerência entre o que os alunos acreditam ser necessário fazer para serem melhores falantes de inglês e o que realmente fazem para atingir tal objetivo, uma vez que, embora acreditem que o vocabulário seja um dos fatores que lhes traz mais problemas durante suas interações, a maioria não se dedica ao estudo regular de vocabulário.

Em sua comunicação no *II Congresso Internacional da ABRALIN*, Rodrigues afirmou que seus informantes desconhecem outras estratégias de aprendizagem de vocabulário além do uso de dicionário e listas de palavras. A descoberta de Rodrigues reforça a proposta de que é necessário incentivar os aprendizes a desenvolverem estratégias de aprendizagem de vocabulário mais produtivas.

Após exame das várias classificações propostas para estratégias de aprendizagem (ELLIS & SINCLAIR, 1989; OXFORD, 1990; O'MALLEY & CHAMOT, 1990) e observações pessoais, consegui identificar as seguintes estratégias específicas para a aprendizagem de vocabulário que agrupei em metacognitivas, cognitivas, sociais e de comunicação.

1. Estratégias Metacognitivas: são as estratégias que o aprendiz utiliza para organizar e avaliar sua aprendizagem. São elas:

1. Análise das necessidades individuais de aprendizagem de vocabulário.
2. Seleção do vocabulário a ser aprendido.
3. Planejamento da aprendizagem, selecionando estratégias e material.
4. Potencialização dos recursos de aprendizagem: procurar fontes diversas para a aprendizagem fora e dentro da sala de aula.
5. Organização do vocabulário em registros diversos: organizar cadernos de vocabulário, listagens etc.
6. Auto-avaliação periódica da aprendizagem de vocabulário.

A respeito de cadernos de vocabulário, Lewis (1997:75-76) comenta que, provavelmente, todo aprendiz tem um caderno de vo-

cabulário, do mais simples ou desorganizado ao mais complexo e sofisticado. Ele aconselha alguns princípios que devem ser seguidos na organização desses cadernos: registrar apenas os itens relevantes e que possam ser recuperados quando necessários, e organizar o caderno de forma a inserir diferentes itens lexicais.

Quanto ao conteúdo, Lewis (1997:76) lista os seguintes itens que deveriam constar de um caderno de vocabulário:

- *Words, strong collocations and fully Fixed Expressions with L1 equivalents.*
- *Collocation patterns with, for example, a noun plus a group of collocating verbs and adjectives.*
- *Semi-fixed Expressions with several similar examples listed together to emphasize a pattern.*
- *Prototypical grammar examples [...] often in the form of high frequency expressions.*
- *Miscellaneous language, chosen by individual learners, in a separate section, away from the more organized language.*

Smith & Smith (1997) propõem o seguinte quadro para organização de vocabulário:

QUADRO 1
Título

WORD/EXPRESSION PRONUNCIATION	PART OF SPEECH	PICTURE, MEANING OR TRANSLATION	EXAMPLE SENTENCE	NOTES

2. Estratégias Cognitivas: são estratégias que implicam utilização de processos mentais para a aprendizagem.

1. Contextualização: colocar palavras em contextos significativos (frases e histórias).

2. Comparação: comparar itens diferentes nos dois idiomas.
3. Cópia: copiar palavras para praticar a ortografia.
4. Resposta física: associar conceitos a ações físicas.
5. Agrupamentos: agrupar palavras por meio de características que as identifiquem (classe gramatical, campo semântico, sinônimos, antônimos, relações entre as partes e o todo, ortografia, som etc.).
6. Uso de imagens: relacionar novos conceitos a imagens mentais, desenhos, diagramas, fotografias etc.
7. Inferência: usar informação de contexto verbal ou não para adivinhar o significado de uma palavra.
8. Memorização: usar técnicas diversas para memorizar novas palavras.
9. Registros: fazer registros quando encontrar palavras novas.
10. Anotações sobre o uso de novas palavras e expressões.
11. Marcação da sílaba forte das palavras novas.
12. Escrita da pronúncia das palavras.
13. Repetição: imitar modelos para ajudar na retenção ou na produção de palavras novas.
14. Construção de palavras: usar conhecimento lingüístico para formar novas palavras ou para tentar inferir o significado de uma palavra nova.
15. Revisão: revisar o novo vocabulário registrado em cadernos de vocabulário ou outras formas de organização.
16. Consulta ao dicionário.
17. Análise de partes das palavras.
18. Tradução.

3. Estratégias Sociais: estratégias relacionadas ao aprender com o outro.

1. Atenção no vocabulário de interlocutores mais proficientes.
2. Auxílio de outra pessoa: pedir ajuda a outrem para entender uma palavra nova ou expressar um conceito que não sabe nomear.

4. Estratégias de Comunicação: também chamadas de estratégias de compensação, estão relacionadas com táticas empregadas pelo

aprendiz para superar ausência de conhecimento para permitir a comunicação.

1. Aproximação: usar palavra de sentido aproximado para compensar o desconhecimento do vocabulário adequado.
2. Estrangeirização: usar empréstimos de outra língua.
3. Paráfrase: descrever um objeto ou conceito para o qual falta a palavra ou dizer para que serve.
4. Usar uma palavra de sentido aproximado.
5. Cunhagem de palavras: inventar novas palavras com base em regras da língua-alvo.
6. Mecanismos de textualização: usar referentes cujos significados possam ser preenchidos pelo interlocutor (ex. *thing, object, that* etc.).

V. Sugestões práticas

A seguir, apresento algumas ilustrações de estratégias e atividades para aprendizagem de vocabulário.

1. Listas de vocabulário

Uma das estratégias mais antigas é o uso de listas de vocabulário. As listas de palavras a serem aprendidas podem aparecer acompanhadas de sinônimos, antônimos, de tradução ou de definições.

Word	Synonym

Word	Translation

Raquel Maia (comunicação pessoal, por *e-mail*, em abril de 2001) sugere a seguinte atividade para o trabalho com listas de palavras:

Você faz uma lista de palavras em inglês e, na frente de cada uma, escreve o significado em português. Dobra a folha verticalmente de forma que você só veja as palavras em português e, a seguir, as escreve em inglês. Depois, dobra a folha de novo de forma que você só veja a lista em inglês e torna a escrever o significado de cada uma em português e daí por diante é o mesmo até o fim. Depois de cada ciclo, isto é, inglês-português, acho que vale uma conferida para ver aquelas que estão sendo mais difíceis de memorizar, pois é uma forma de revê-las."

2. Mapas conceituais

Os mapas conceituais, ou mapas semânticos, são também formas interessantes de organizar a aprendizagem de novas palavras. Veja abaixo um exemplo de mapa semântico, reunindo produtos com nomes em inglês consumidos no Brasil.

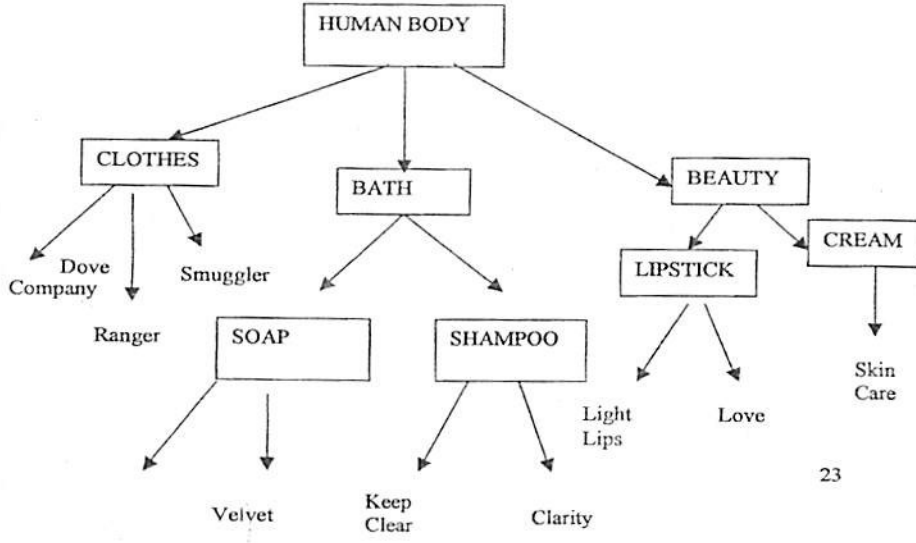

FIGURA 6

3. Gradações

Abaixo há um bom exemplo de exercício de vocabulário, feito individualmente ou em pares, em que o uso de diagrama auxilia o aprendiz a trabalhar com gradações de sentido e também a perceber a ordem de adjetivos. No caso em pauta, são descrições de cabelo (tamanho+tipo+cor, ex. *short, dark, wavy hair*). O auxílio de um dicionário é fundamental para o sucesso desta atividade.

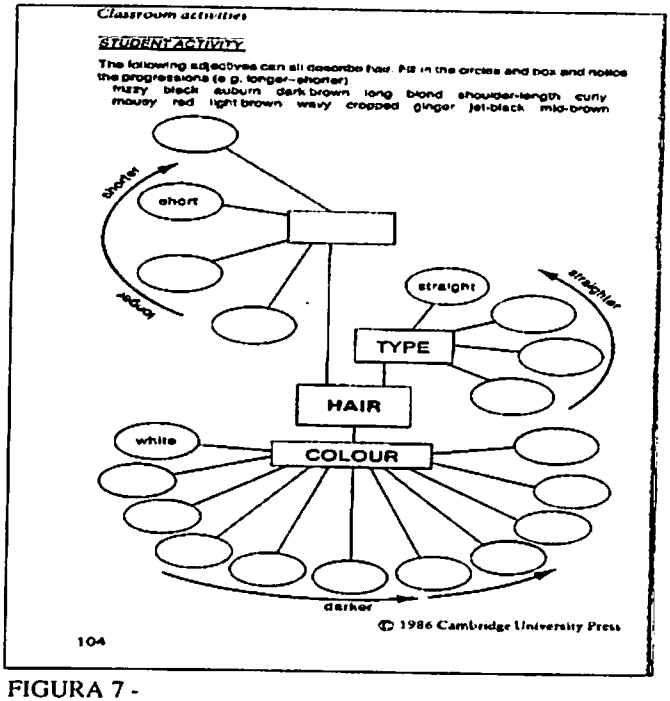

FIGURA 7 -
Fonte: GAIRNS, R. & STUART, R. *Working with words*. p. 104

4. Prefixos e sufixos

Uma forma de desenvolvimento de vocabulário é o trabalho com formação de palavras mediante a adição de sufixos. Veja o exemplo abaixo:

Os sufixos *-ion*, *-ment*, *-ation*, *-ity* e *-ness* formam substantivos e *-ist*, *-er* e *-or/ress* substantivos que designam pessoas; os sufixos *-ify*, *-ate* e *-em* formam verbos e os sufixos *-ful*, *-able*, *-en* e *-ive* formam adjetivos. Vamos trabalhar com **word builders** como no exemplo abaixo

QUADRO 2

Título

VERB	NOUN	PERSON	ADJECTIVE	ADVERB
act activate	act/action activity	actor/actress activist/activator	active	actively
shave	shaver		shaven	
comfort	comfort	comforter (also an object)	comfortable	comfortably
nest	nest/nestle nestling			

5. Associação de imagem com itens lexicais

As gravuras são importantes auxiliares para a aprendizagem de vocabulário[7]. O recurso visual constitui uma boa estratégia de memória, já que associa um conceito a uma forma icônica. Na tarefa abaixo, temos uma rede de associações do todo e suas partes. O aprendiz, usando a técnica da descoberta, deve associar os itens lexicais com o respectivo desenho.

Label the parts of the tree

1. **leaf (leaves)**
2. **trunk**
3. **root**
4. **banch**

7 O recurso de associação de imagem com itens lexicais foi um dos recursos usados na pesquisa de Gontijo (ver capítulo "A abordagem foco na forma de aquisição de vocabulário" neste livro).

6. Recursos mnemônicos

São vários os recursos mnemônicos. Os mais conhecidos são o *Peg Method*, o *Keyword Method* e o *Loci Method.*

O *Peg Method*, segundo Thompson (1987:44), *allows unrelated items, such as words in a Word list, to be recalled by linking these items with a set of memorized 'pegs' or 'hooks' which can vary from rhyming words to digits.* Como exemplo, ela usa a rima – *one is a bun, two is a shoe, three is a tree, four is a door, five is a hive, six are sticks, seven is heaven, eight is gate, nine is line, ten is hen.*

O *Keyword Method*, diz Thompson (1987:44), *calls for establishment of an acoustic and imaginal link between an L2 word to be learned and a word in L1 which sounds similar.* Um exemplo em português seria a associação do quantificador '*too much*' com o substantivo 'tomate'.

O terceiro recurso, o *Loci Method*, é assim descrito por Thompson (1987:44-45:

> one imagines a familiar location, such as a room, a house or a street. Then one mentally places the first item to be remembered in the first location, the second item in the second location, and so forth. To recall the items, one takes an imaginary walk along the landmarks, mentally examines each one and retrieves the item one has "put" there.

7. Combinação de palavras com definições

Um exercício muito utilizado é a apresentação de um texto em que palavras são sublinhadas ou destacadas. Uma lista de definições é apresentada e o aprendiz deve localizar no texto as palavras descritas pelas respectivas definições.

Uma variedade do mesmo exercício consiste em combinar colunas, sendo uma de itens lexicais ou expressões e a outra de definições.

8. Colocação

Segundo Nation e Newton (1997:250), uma atividade típica de colocação é fazer com que os alunos combinem itens que ocorrem normalmente juntos. Joanna Channel (in LEWIS, 1997: 32-33) descobriu que, no exercício reproduzido abaixo, os aprendizes erraram apenas três colocações, mas deixaram de reconhecer 14 outras possibilidades. Para exercícios desse tipo, recursos valiosos são os mecanismos de busca da internet e os vários corpora disponíveis na *web*, como o COBUILD, que pode ser acessado no endereço http://titania.cobuild.collins.co.uk/form.html. Outros corpora podem ser encontrados no *site* http://info.ox.ac.uk/bnc/corpora.html.

Mark all the possible collocations

	a bill	somebody's papers	a school	the headlines	what someone said	the meaning of a word	a patient	the records
check								
examine								
inspect								
scrutinize								
scan								

9. Ações e gestos

Por meio de gestos e mímicas, os aprendizes podem fazer associações para memorizar vocabulário ou para demonstrar a compreensão de conceitos, como no exercício a seguir.

What actions or gestures do you use to do the following?

INTERVIEWEE NUMBER	1	2	3	4
say hello				
say goodbye				
express anger				
express surprise				
express indifference				
express agreement				
express disagreement				

Do people from different cultures do any of these things differently?

Figura 8 - Fonte: Harmer, J. *The Pratice of English Language Teaching*. p. 170

10. Atividades lúdicas

Finalmente, há uma série de atividades lúdicas que podem ser utilizadas para a aprendizagem de vocabulário: '*match-makers*', palavras-cruzadas, anagramas, jogo da memória, caça-palavras, bingo, quebra-cabeça, forca, cartas enigmáticas. A internet é uma fonte riquíssima de atividades lúdicas. Veja alguns endereços:

Match makers
http://www.m-w.com/game/
Veja na ilustração um exemplo de '*match maker*'.

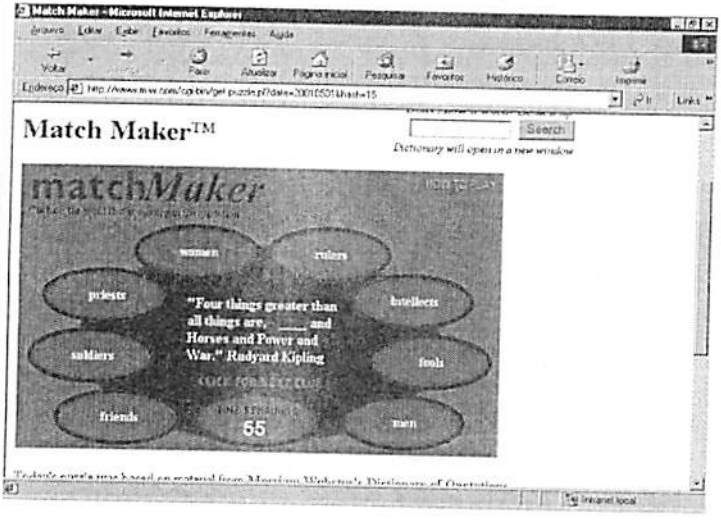

Palavras-cruzadas (crosswords and jumble)
http://www.vocabulary.com/
http://ull.chemistry.uakron.edu/jumble.html
http://www.edgamesandart.com/npuz.htm

Anagramas (rearranjo de letras de uma palavra ou frase para formar outra palavra ou frase)
http://www.anagramgenius.com/

Jogo de Memória
http://www.funbrain.com/match/

Bingo
http://www.edgamesandart.com/ltwdboardgame.html

Caça-palavras
http://www.boardgame.co.uk/scirmish/trial/trial01.htm

Forca (*hangman*)
http://www.allmixedup.com/hangman/
http://www.billsgames.com/hangman/
http://www.edgamesandart.com/twohng/hngmnB1.htm

(Business English)

VI. Conclusão

O vocabulário é elemento central na aprendizagem de um idioma. De acordo com Leffa (2000:17),

> Se alguém, ao estudar uma língua estrangeira, fosse obrigada a optar entre o léxico e a sintaxe, certamente escolheria o léxico: compreenderia mais um texto identificando seu vocabulário do que conhecendo sua sintaxe. Da mesma maneira, se alguém tiver de escolher entre um dicionário e uma gramática para ler um texto numa língua estrangeira, certamente escolherá o dicionário. Língua não é só léxico, mas o léxico é o elemento que melhor a caracteriza e a destinge das outras.

A aquisição de vocabulário é, pois, fundamental para os aprendizes de línguas estrangeiras. Este estudo não deve ser entendido apenas como retenção de itens lexicais isolados, mas também como colocações, expressões formulaicas, mecanismos de formação de palavras, e questões de uso.

O tempo em sala de aula é sempre limitado e insuficiente para uma aprendizagem eficaz. Para a expansão do vocabulário, são necessárias, além das atividades em sala de aula, dedicação individual e utilização de estratégias de aprendizagem eficientes. Cabe a nós professores informar aos alunos sobre as inúmeras possibilidades de estratégias individuais de aprendizagem de vocabulário, sem, no entanto, impor-lhes nossas estratégias prediletas, uma vez que as pessoas são diferentes e, conseqüentemente, os estilos de aprendizagem são também diferentes.

Referências Bibliográficas

ALEXANDER, L. G. *First things first*. London: Longmans, 1967. Student's Book.

ALEXANDER, L. G. *First things first*. London: Longmans, 1967. Teacher's Book.

BROWN, D. H. *Teaching by principles*. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1994.

ECKERSLEY, C.E. *Essential English for foreign students*. London: Longmans, 1960.

ELLIS, B. & SINCLAIR, B. *Learning to learn English: a course in learner training*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989. Student's book

_____. *Learning to learn English: a course in learner training*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989. Teacher's book.

FRISBY, A. W. *Teaching English;* notes and comments on teaching English overseas. Hong Kong, 1966.

FITZGERALD, F. *Gramática da língua inglesa*. Porto Alegre: Selbach, 1940. 34ª ed. revista e ampliada pelo Prof. Edgar Tweedie.

GAIRNS, R. & REDMAN, S. *Working with words*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

GURREY, P. *Teaching English as a foreign language*. London: Longmans, 1960.

HARMER, J. *The practice of English language teaching*. London & New York: Longman, 1991.

HOWATT, A. P R. *A history of English language teaching*. Oxford: Oxford University Press, 1984.

KELLY, L. G. *25 centuries of language teaching*. Rowley: Newbury House, 1976.

LAUFER, B. The lexical plight in second language reading. In: COADY, J. & HUCKIN, T. (Ed.) *Second language vocabulary acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. p.20-34.

LARSEN-FREEMAN, D. *Techniques and principles in language teaching*. New York: Oxford University Press, 1986.

LEFFA, V. Aspectos externos e internos da aquisição lexical. In: Leffa. V. J. (Org.). *As palavras e sua companhia*. Pelotas: ALAB e Editora da Universidade Católica de Pelotas, 2000. p. 15-44.

LEWIS, M. *The lexical approach*. London: LTP, 1993.

_____. *Implementing the lexical approach*. London: LTP, 1997.

McENERY, T. & WILSON, A. *Corpus linguistics*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1997.

MORRIS, I. The art of teaching English as a living language. New York: Macmillan, 1964.

NATION, P. & NEWTON, J. *Teaching vocabulary*. In: COADY, J. & HUCKIN, T. (Ed.) *Second language vocabulary acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. p.238-254.

O'MALLEY, J.M & CHAMOT, A. U. *Learning strategies in second language acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

OXFORD, R. *Language learning strategies*. New York: Newbury, 1990.

RICHARDS, J.C. & RODGERS, T.S. *Approaches and methods in language teaching*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

RODRIGUES, D. Percepção de alunos e professores de inglês sobre o processo de ensino/aprendizagem de vocabulário. In: II CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN. *Resumos*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará/Associação Brasileira de Lingüística Aplicada, 2001. p.316-317.

SARDINHA, T. B. Computador, corpus e concordância no ensino da léxico-gramática de língua estrangeira. In: Leffa. V. J. (Org.) *As palavras e sua companhia*. Pelotas: ALAB e Editora da Universidade Católica de Pelotas, 2000. p. 45-72.

SMITH, S. & SMITH, J. *Wordflo*. London: Longman, 1997.

THOMPSON, I. Memory in language learning. In: WENDEN, A. & RUBIN, J. *Learner strategies in language learning*. New York: Prentice Hall, 1987.

UR, P. *A course in language teaching*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

WILKINS, D. A. *Linguistics in language teaching*. London: Edward Arnold, 1972.

WILLIS, D; WILLIS, J. *Collins COBUILD English Course*. London: Collins, 1989. v. 3.

ZIMMERMAN, C. B. Historical trends in second language vocabulary instruction. In: COADY, J. & HUCKIN, T. (Ed.). *Second language vocabulary acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. p.5-19.

A ABORDAGEM FOCO NA FORMA NA AQUISIÇÃO DE VOCABULÁRIO

Elizabeth A. Gontijo

Mesmo após anos de ensino de língua inglesa, os verbos frasais apresentam algumas dificuldades para alunos cuja língua materna não é de origem germânica. Acreditando que o ensino de verbos frasais deva ser mais enfatizado nos níveis básicos, inicio a discussão sobre esta questão apontando as dificuldades de aprendizagem dos verbos frasais e mostrando como os livros didáticos têm ensinado esses verbos. Apresento depois uma proposta de ensino de verbos frasais, usando algumas atividades baseadas em técnicas sugeridas pela abordagem denominada por Long (1988, 1991) de Foco na Forma, juntamente com os resultados de minha pesquisa de mestrado em aquisição de verbos frasais por alunos iniciantes de inglês como língua estrangeira.

I. Introdução

O verbo frasal é uma estrutura peculiar das línguas de origem germânica, composta de um verbo e uma preposição ou um advérbio.

Na língua inglesa, os verbos frasais são usados com muita freqüência no registro informal, como parte do vocabulário diário; razão que torna a sua aprendizagem imprescindível tanto para a compreensão da linguagem oral quanto da linguagem escrita dos falantes de inglês.

Apesar do emprego cotidiano dos verbos frasais na língua inglesa, os aprendizes de inglês como língua estrangeira e como segunda língua (daqui em diante, L2) têm dificuldade para aprendê-los. Entre as causas dessas dificuldades de aprendizagem estariam a polissemia, o grande número de combinações, o sentido idiomático e a possibilidade da partícula ser ou não separada do verbo. Essas dificuldades influenciam a atitude do aprendiz em relação ao uso dos verbos frasais: eles podem usar um verbo relativamente equivalente no lugar do verbo frasal ou simplesmente evitar o seu uso.

Não obstante, o livro didático não tem ajudado o aprendiz a superar essas dificuldades e, de certa maneira, tem até desmotivado a aprendizagem dos verbos frasais. Primeiro, porque ele não enfatiza o ensino de verbos frasais nos níveis iniciais e, quando o faz, ele se limita a uma unidade do livro sem recorrência nas outras unidades. Segundo, porque usam verbos equivalentes e de origem latina ou grega para dar o significado dos verbos frasais. Por exemplo, usam *extinguish* para explicar o significado de *put out*. A grande desvantagem de os aprendizes iniciantes receberem esse tipo de insumo e serem pouco expostos aos verbos frasais é que eles se habituam a usar verbos equivalentes de origem latina no lugar dos verbos frasais. O aprendiz, no caso do nosso contexto de ensino, acha naturalmente mais fácil memorizar o verbo equivalente do que o verbo frasal e provavelmente usará *extinguish* em vez de *put out*.

No entanto, ao usar um verbo equivalente, surge outro problema, visto que esse verbo nem sempre traz a extensão semântica do verbo frasal (CORNELL, 1985), como, por exemplo, ***lie in***, que não significa simplesmente *to stay in bed,* mas ficar na cama além do tempo normal de se levantar. A comunicação pode ser prejudicada também quando se usa o verbo equivalente de origem latina ou grega em situações em que os verbos frasais seriam mais apropriados (MCARTHUR E ATKINS, 1985; SIDE, 1990; CELCE-MURCIA e LARSEN-FREEMAN, 1999). Assim,

por exemplo, ao nativo pode parecer estranho ou muito formal, quando o não-nativo diz *I encountered an old photograph* em vez de *I came across an old photograph*.

Em virtude da falta de material apropriado para alunos iniciantes e acreditando que é preciso uma nova abordagem dos verbos frasais, eu proponho o ensino desses verbos por meio da instrução Foco na Forma (daqui em diante, FonF). Long (1988, 1991) denomina FonF como sendo uma abordagem que chama a atenção dos aprendizes para um problema de compreensão e/ou produção que surge durante a execução de uma atividade comunicativa. Doughty e Williams (1998) ampliam a aplicação pedagógica de FonF, sugerindo que o professor pode decidir usar o procedimento *proactive*, em que, sabendo de antemão de um problema específico de aprendizagem em certo grupo de aprendizes, ele seleciona o aspecto lingüístico para ser trabalhado de forma a atender a dificuldade desse grupo.

Para que esse procedimento não se torne um simples foco na estrutura, a solução é incorporar esse foco a tarefas comunicativas em sala de aula, em que o ponto gramatical não é o objetivo, mas apenas faz parte dessas tarefas. Por exemplo, durante uma atividade em que os alunos trabalham para escolher um candidato a um emprego, eles podem usar a forma comparativa de adjetivos. O importante nas tarefas usadas é que elas integrem atenção à forma e ao significado.

Doughty e Williams (1998) acreditam que não só a gramática é passível de ser ensinada, mas também o aprendizado de outros aspectos lingüísticos, como o léxico, pode-se beneficiar com a instrução. Como parte desse léxico, estariam os verbos frasais (SCHMITT e MCCARTHY, 1997), que consistem de uma seqüência de duas ou mais palavras.

II. Aquisição de vocabulário

Considerando o verbo frasal um item lexical, é pertinente mencionar as técnicas utilizadas para aquisição de vocabulário. Pa-

rece haver um consenso entre diversos autores de que técnicas ou estratégias visuais ajudam na memorização (NATTINGER, 1996; GAIRNS E REDMAN, 1998) e na aquisição de vocabulário (HATCH e BROWN, 1995). Entre as técnicas sugeridas por Nattinger (1996), para ajudar a memorização de palavras, está o uso de "mapas cognitivos", que seriam seqüências familiares de imagens visuais que podem ser lembradas facilmente, e, para ligar uma palavra ao seu significado, está o uso de cenário relacionado com situações, e de grupos de palavras que são associadas por causa do assunto do texto.

O uso de estratégia visual também está presente no resultado do estudo de Brown e Payne (1994) *apud* Hatch e Brown (1995), em que os aprendizes deveriam dizer como certas estratégias eram eficazes para eles na aquisição de vocabulário. A análise das respostas revelou cinco passos para aquisição de vocabulário: 1. ter fonte para encontrar novas palavras; 2. ter uma imagem, visual e/ou auditiva, da forma da palavra; 3. aprender o significado da palavra; 4. fazer uma conexão forte entre forma e significado e 5. fazer uso da palavra.

O uso de técnicas visuais para ajudar na compreensão e memorização dos itens lexicais também tem o objetivo de chamar a atenção do aprendiz para esses itens. Para Schmidt (1995), a atenção é necessária para todo tipo de aprendizagem. Ela é chamada de atenção seletiva por Paribakht e Wesche (1997) e é apontada por eles como a primeira das cinco categorias [1] de atividades de processamento mental na aquisição de vocabulário. As outras categorias são: reconhecimento, manipulação, interpretação e produção.

Assim como Paribakht e Wesche (1997), Altman (1997) acredita que a necessidade do uso de um item lingüístico (categoria produção de PARIBAKHT e WESCHE, 1997) não só é uma das principais formas de chamar a atenção, como também é melhor do que somente o insumo. Allen (1983) e Hatch e Brown (1995) sugerem que nós aprendemos palavras mais rapidamente e de uma forma melhor quando sentimos necessidade delas de alguma forma. Outro papel da produ-

[1] Paribakht e Wesche (1997) coletaram de livros didáticos de ensino de vocabulário de L2 diversos tipos de exercício e os agruparam em cinco categorias que representam uma suposta hierarquia de atividades de processamento mental. As categorias atenção seletiva, reconhecimento e produção foram usadas neste estudo.

ção, segundo Swain (1995, *apud* SWAIN, 1998) é que ela também pode promover a percepção. Enquanto tenta produzir a língua-alvo, o aprendiz pode notar que ele não sabe dizer ou escrever de forma precisa o que ele pretendia. Ao notar essa diferença entre a língua-alvo e a sua interlíngua, é possível que o processo cognitivo do aprendiz seja ativado; isso pode gerar conhecimento lingüístico novo ou consolidar o conhecimento já existente.

Em suma, para que a aprendizagem seja bem-sucedida, é preciso chamar a atenção para o item a ser aprendido e usar tarefas em que se crie a necessidade de uso desse item. As atividades baseadas na abordagem FonF podem ser planejadas para cobrir esses aspectos e seguir a sugestão de Long (1991), Williams e Evans (1998), Doughty e Varella (1998) e Doughty e Williams (1998), de que o tipo mais eficaz de atenção ocorre em contexto comunicativo baseado no significado.

Dentro da perspectiva da abordagem FonF, esses aspectos podem ser observados nas tarefas usadas na investigação que passo agora a descrever.

III. O estudo

1. Objetivos e contexto

A pesquisa teve como objetivo geral verificar se era possível a aprendizagem de verbos frasais por alunos iniciantes. Para isso foram elaboradas algumas atividades com técnicas baseadas na abordagem do FonF com o objetivo específico de analisar se o uso de FonF contribuiria para o uso correto do significado dos verbos frasais em produções escritas e orais controladas[2].

A pesquisa foi de natureza quantitativa e o método usado foi o pré-experimental. A investigação foi realizada no curso de línguas do Centro de Extensão da Faculdade de Letras (CENEX/FALE) da UFMG, durante o 1° semestre de 2000, e teve a duração de dois meses. Inicialmente havia 50 participantes; destes, 26 não participaram

[2] A produção foi controlada porque o propósito das atividades era criar a necessidade para os aprendizes usarem os verbos frasais e as perguntas induziam a isso.

de todos os tratamentos e foram eliminados. O total final de partici pantes foi de 24, que já haviam recebido uma média de 120 horas aula de inglês. Os dois professores desses alunos também participa-ram da pesquisa.

Para a escolha dos verbos frasais foram observados alguns critérios:

- eles eram verbos frasais de acordo com dois dicionários, Dictionary of Phrasal Verbs and their Idioms (1985) e Longman Dictionary of Contemporary English (1995);
- eles deveriam ser idiomáticos, visto que desta forma os alunos não conseguiriam imaginar o significado dos verbos, o que invalidaria a pesquisa;
- o significado deveria ser passível de ser expresso por meio de desenhos, uma vez que a técnica visual seria utilizada tanto nos tratamentos quanto nos testes orais;
- os verbos deveriam ser de uso freqüente na língua-alvo. Para comprovar isso, usou-se o conhecimento de três falantes nativas do inglês americano;
- os verbos deveriam ser desconhecidos para os aprendi-zes, o que foi comprovado pelo resultado dos pré-testes aplicados no plano-piloto e pela análise do material didático usado pelos partici-pantes nos semestres anteriores.

Observando esses critérios, os cinco verbos escolhidos para a investigação foram: ***break into, take over, get away with, look up to*** e ***pick up.***

2. Instrumentos de medida e de tratamento

Foram aplicados dois pré-testes – um oral e um escrito.O tes-te oral constava de desenhos que representavam os verbos frasais e as perguntas. A pesquisadora introduzia o contexto e, em seguida, pedia ao participante para responder a uma pergunta que criava opor-tunidade para o uso do verbo frasal. O teste escrito constava de sete pequenos diálogos com lacunas, que deveriam ser preenchidas com um verbo apropriado ao contexto. Dos sete verbos, cinco poderiam

ser verbos frasais. Após sete dias, foi realizado o primeiro tratamento (ANEXO A). Uma semana após esse tratamento, foram aplicados os pós-testes 1 – um oral e um escrito. Três tratamentos foram realizados sete dias após os pós-testes 1 e com um intervalo de uma semana entre eles. Após uma semana do último tratamento, foram aplicados os pós-testes 2 – também um oral e um escrito.

Para promover a aquisição do significado dos verbos frasais, foram feitos quatro tratamentos que usaram técnicas implícitas, produção do aprendiz e correção. A fim de justificar as técnicas usadas nos tratamentos, foi feita uma relação entre as categorias de tipos de exercício de Paribakht e Wesche (1997), os cinco passos de Brown e Payne (1994) para aquisição de vocabulário e as técnicas implícitas de FonF.

Entre as técnicas que Doughty e Williams (1998) chamam de implícitas, foram empregadas o *input enhancement* e o *input flood*. *Input enhancement*, termo criado por Sharwood Smith em 1993, tem o objetivo de direcionar a atenção do aprendiz para um aspecto lingüístico, usando recursos tipográficos como negrito, itálico, grifo ou cores diferentes da usada no texto. Já *Input flood* significa dar muito insumo e se baseia na hipótese de que, ao se dar mais oportunidades para o aprendiz perceber a forma, ele provavelmente a usará. Essas duas técnicas podem ajudar o aprendiz a focar a sua atenção, a fazer reconhecimento de uma estrutura e interpretá-la (PARIBAKHT e WESCHE, 1997) ou, ainda, facilitar o uso de estratégias para aquisição de vocabulário, tais como: encontrar novo vocabulário, ter uma imagem visual e/ou auditiva da forma da nova palavra, aprender o significado, fazer uma conexão forte entre significado e forma, usar a palavra (BROWN e PAYNE, 1994, *apud* HATCH e BROWN, 1995).

As terminologias de Brown e Payne (1994) e de Paribakht e Wesche (1997) usadas na pesquisa estão explicadas na Introdução deste trabalho, bem como sua origem. Entretanto, o insumo por meio do *input enhancement* e do *input flood*, que são técnicas muito implícitas, talvez não seja suficiente para o aprendiz perceber suas deficiências, fazer uma comparação cognitiva entre a interlíngua e a língua-alvo e reestruturar sua produção. É provável que, para que isso ocorra, o aprendiz precise de técnicas mais explícitas, e, segundo

Swain (1998), uma das formas de promover a reestruturação da língua-alvo é a produção seguida da correção. A instrução explícita ocorreu quando o(a) professor(a) fez as correções.

As correções foram feitas em todos os tratamentos, mas com ênfase diferente: ora para o significado apenas, ora para o significado e a forma. A correção do significado se fez nos 2°, 3° e 4° tratamentos, quando o participante não usava o verbo frasal ou usava-o inadequadamente ao contexto. Nessa circunstância, a pesquisadora empregava o verbo frasal adequado e explicava com outros exemplos o verbo frasal que deveria ter sido usado. No 1° e 4° tratamentos, a correção se deu tanto em relação à forma quanto ao significando, uma vez que o objetivo desses dois tratamentos era o de integrar a atenção para a forma e para o significado, como sugerem Doughty e Williams (1998).

Todos os tratamentos usaram desenhos, ou seja, a imagem visual que é o 2° passo de Brown e Payne (1994) e a estratégia visual de Nattinger (1996), mas com objetivos diferentes. Os desenhos foram usados como recurso para aprender o significado dos verbos (1° tratamento), como meio para fazer uma conexão entre significado e forma, 4° passo de Brown e Payne (1994), (1° e 4° tratamentos) e como veículo de *input flood* em todos os tratamentos.

O 1° e o 2° tratamentos estão descritos aqui para ilustrar como foram usadas as técnicas implícitas, a produção do aprendiz e a correção, que tinham como objetivos **chamar a atenção para os verbos frasais** e **criar a necessidade de seu uso.**

• O primeiro tratamento

Esse tratamento constava de duas partes e foi aplicado pelo(a) professor(a) da turma em sala de aula, e durante 50 minutos. O objetivo era chamar a atenção para a forma, utilizando-se de negrito no texto – atenção seletiva de Paribakht e Wesche (1997) ou *input enhancement* – bem como usar os desenhos e a história para contextualizar e fazer uma associação com os verbos frasais. Dessa maneira, a tarefa procurou chamar a atenção para a forma e para o

significado, de maneira integrada. Esse tratamento constava de duas partes, cujas etapas estão descritas abaixo.

Etapas da primeira parte:

1. Os alunos receberam seis desenhos (ANEXO A) numerados e ordenados que ilustravam seis verbos frasais – ***break into, look for, get away with, pick up, look up to e take over;***

2. O(a) professor(a) explicou que os desenhos contavam uma história, chamada "A famous person" e que seria lida para eles em seguida (ANEXO B);

3. À medida que o(a) professor(a) lia a história, ele/ela fazia perguntas aos participantes relacionadas com cada desenho. Essas perguntas tinham como objetivo **criar a necessidade** de usar o verbo frasal adequado ao desenho. Como nenhum aluno respondia usando o verbo frasal, o(a) professor(a) introduzia o verbo e continuava com a história. Desse modo, os aprendizes recebiam o insumo com o verbo frasal. Procedeu-se com cada desenho da seguinte forma:

a) ao final da história, os alunos a receberam por escrito (ANEXO A);

b) o(a) professor(a) leu a história e os alunos a acompanharam com o texto escrito.

Etapas da segunda parte:

1. Os alunos, individualmente, relacionaram as gravuras com os verbos frasais que elas representavam, escrevendo no desenho a sentença do texto que continha o verbo – categoria "reconhecimento" de Paribakht e Wesche (1997). Os verbos estavam em negrito para chamar a atenção do aluno para o verbo frasal – atenção seletiva de Paribakht e Wesche (1997) ou *input enhancement*;

2. Após cinco minutos, a professora escolheu aleatoriamente alguns alunos para fazerem a correção: cada um dizia a sentença que havia escolhido para cada desenho. Caso a resposta fosse incorreta, o(a) professor(a) falava a sentença correta e explicava explorando mais o desenho. Se, ainda assim, houvesse dúvida em relação ao significado, ela usava situações para contextualizar; porém, em momento algum foi usado um verbo de origem latina de significado aproximado. Isso foi feito de maneira consciente para tentar evitar que os aprendizes usassem esse tipo de verbo no momento da produção em vez do verbo frasal.

Todos os três tratamentos que se seguiram tinham visavam expor os alunos a outros contextos que criavam oportunidades para o uso dos verbos frasais. Para ilustrar essa proposta, descrevo o tratamento seguinte.

• O segundo tratamento

Esse tratamento, feito em dupla com a pesquisadora, durou em média 15 minutos e foi gravado em fita cassete. A tarefa foi planejada para aumentar a percepção dos participantes do verbo frasal usando contexto comunicativo, uma vez que os alunos estavam engajados numa interação focada no significado. Nesse tipo de tarefa, o foco na forma é implícito, já que o aprendiz deve usar a estrutura evidenciada para completar a tarefa, que, no caso, era uma história. O objetivo da história era criar oportunidade para o aprendiz usar o verbo frasal dentro de uma tarefa de interação. Por exemplo, na resposta para a pergunta "what happened to the burglar?" o aluno poderia dizer "he got away with it and travelled". A produção oral do aprendiz, seguida da intervenção da pesquisadora quando o aprendiz não conseguia usar o verbo frasal, foi usada para ativar e consolidar o conhecimento do verbo frasal.

Foram usadas quatro histórias ilustradas (ANEXO C). Para a primeira, os verbos frasais ***break into e get away with*** podiam ser usados. Os outros verbos ***pick up, look up to*** e ***take over*** podiam ser empregados na segunda, terceira e quarta história, respectivamente.

3. Resultados e discussão

Não houve uso de verbos frasais nos pré-testes escrito e oral, o que demonstrou o desconhecimento desses verbos por parte dos aprendizes.

Teste oral

A FIG. 1 mostra a produção dos verbos frasais nos testes orais.

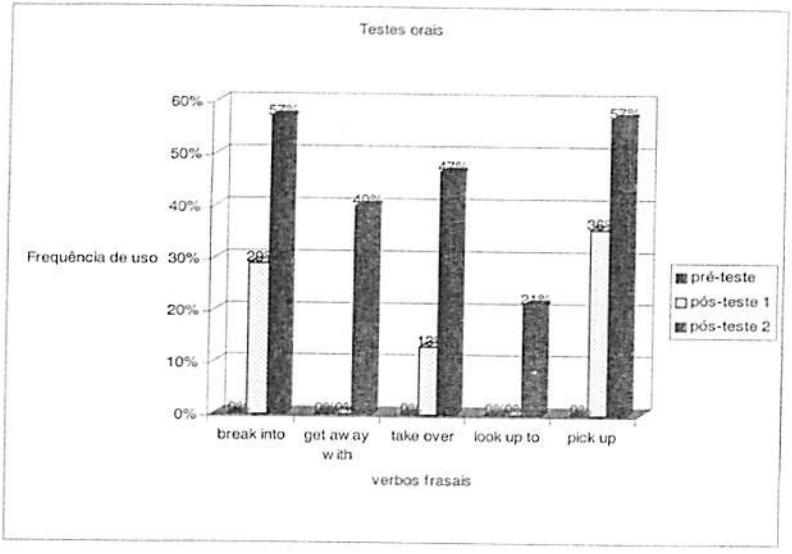

No pós-teste 2, todos os verbos foram usados, diferentemente do que ocorreu no pós-teste 1, em que os verbos ***look up to*** e ***get away with*** não foram empregados. ***Look up to*** foi o menos usado com uma freqüência de 21%, seguido de ***get away with*** com 40%, ***take over*** com 47% , ***break into*** e ***pick up*** com a mesma freqüência de 57%. Houve um aumento considerável do uso desses verbos em relação ao primeiro pós-teste. ***Tave over*** aumentou 34%, ***break into*** 28% e ***pick up*** aumentou 21%.

Teste escrito

A TAB. 1 mostra as freqüências de uso dos verbos em cada um dos testes escritos.

TABELA 1
Análise estatística dos verbos frasais nos testes escritos

VERBOS FRASAIS	TESTES								
	PRÉ-TESTE			PÓS-TESTE 1			PÓS-TESTE 2		
	%	χ^2	p	%	χ^2	p	%	χ^2	p
BREAK INTO	Z	-	-	21	3,2	0,073	58	5,818	0,015*
GET AWAY WITH	Z	-	-	Z	-	n.s	17	2,21	0,133
TAKE OVER	Z	-	-	25	4,166	0,041*	50	4,166	0,041*
LOOK UP TO	Z	-	-	4	Z	1	8	Z	1
PICK UP	Z	-	-	29	5,142	0,023*	58	4	0,045*

NOTA: N=24 em todos os testes.
* p< 0,05

Houve melhora significativa (p<0,05) no uso dos verbos: ***take over*** e ***pick up*** entre o pré-teste e o pós-teste 1 (21 a 29% de acertos no pós-teste 1, contrastando com 0% de acerto no pré-teste). A melhora do verbo ***break into*** esteve próxima de ser significativa (0,073). O progresso foi significativo (p<0,05) com ***break into, take over*** e ***pick up*** entre o pós-teste 1 e o pós-teste 2 (50 a 58% de acertos no pós-teste 2).

Em relação aos outros dois verbos, ***get away with*** e ***look up to***, não houve melhora significativa entre quaisquer dos testes e com cada um dos verbos (p> 0,05).

Os resultados estatísticos dos testes demonstraram que houve aquisição de pelo menos três dos cinco verbos frasais, ***break into, pick up*** e ***take over.*** Até mesmo os resultados dos testes orais (não tratados estatisticamente) apontam para uma considerável melhora dos verbos ***break into, pick up, take over*** e ***get away with*** (de 40% a 57%). Os resultados quanto ao uso dos verbos, ***get away with*** e ***look up to***, embora não demonstrem melhora estatisticamente significativa, foram positivos nos testes orais (40% e 21%, respectivamente) e nos testes escritos (17% e 8%), mostrando uma tendência na aquisição desses dois verbos.

A melhora no uso dos verbos frasais sugere que as técnicas implícitas (*input enhancement* e *input flood*), as explícitas (correção) e as tarefas que criavam a necessidade de uso dos verbos frasais na produção dos alunos, todas elas baseadas na abordagem FonF, podem contribuir para a aquisição do significado de verbos frasais. Os resultados são relevantes também porque demonstram que é possível a aquisição de verbos frasais por alunos iniciantes.

4. Comparação entre os dois tipos de teste

Analisando o uso correto dos verbos frasais pelos participantes nos pós-testes 2, oral e escrito, é bastante relevante observar que, contrariando às expectativas, a produção oral dos participantes foi melhor do que a produção escrita em relação aos verbos frasais ***look up to*** e ***get away with*** e se assemelhou à produção escrita nos verbos ***take over, pick up*** e ***break into.*** A princípio, acreditou-se que a vantagem de se ter tempo para pensar no teste escrito poderia contribuir para uma produção melhor nesse tipo de teste, o que não foi demonstrado. Como durante os tratamentos e no teste oral foram utilizados desenhos, incentivou-se esse aspecto de associação, o que certamente contribuiu para esse resultado.

Para Oxford (1990), imagens como gravuras e desenhos são estratégias de memória e que ajudam na aquisição de vocabulário (também em HATCH e BROWN, 1995). Os testes escritos, porém, não eram ilustrados, não incentivando a associação que ocorreu nos testes orais. É possível que os desenhos tenham proporcionado melhor contextualização dos verbos do que as sentenças do teste escrito; assim, ao fazer o teste oral que continha desenhos, ficou mais fácil para os alunos ativarem a memória. Vale ressaltar também que os tratamentos trabalharam mais com a produção oral do que com a produção escrita. Isso sugere uma relação entre tipo de atividade desenvolvida com a produção do aluno.

5. Comparação entre os verbos

Os verbos frasais ***break into, pick up*** e ***take over*** foram os mais usados nos pós-testes nos dois tipos de teste – escrito e oral. Também foram os que apresentaram melhora significativa no pós-teste escrito 2 (TAB. 1). Os outros dois verbos, ***get away with*** e ***look up to***, não apresentaram melhora significativa nos pós-testes. É provável que verbos frasais com duas partículas demandem mais tempo para serem apreendidos. A adição de mais uma partícula, a qual não ajuda o aprendiz a perceber o sentido do verbo, parece que só traz mais dificuldade, afetando a aquisição desses dois verbos.

6. Posição do objeto

Embora o ensino da posição do objeto no verbo frasal não tenha sido parte deste estudo, e por isso não fossem consideradas erro ocorrências como *"pick up him" e *"pick he up", achamos que seria conveniente registrar essa dificuldade de uso dos verbos frasais. Aliás, a possibilidade ou não da partícula poder ser separada do verbo foi apontada por Side (1990) como uma das dificuldades de aprendizagem dos verbos frasais. White (1987) e Gass e Selinker (1994) sugerem que só evidência positiva não é suficiente para suprir informação sobre alguns tipos de propriedade da L2 e que, possivelmente, os aprendizes necessitam receber evidências negativas e explícitas sobre elas. Esse pode ser o caso dos verbos frasais, que permitem a inserção do objeto entre a partícula e o verbo.

7. Uso de verbos correspondentes latinos

Entre os cinco verbos frasais deste estudo, um deles, ***look up to***, tem um verbo equivalente, *admire*, que poderia ser usado pelos participantes. No entanto, foi pequeno o seu uso. O que pode explicar, em parte, esse resultado é que os aprendizes não foram expostos a verbos de origem latina. Na verdade, foi feito um esforço consciente da pesquisadora e dos professores em não usar verbos equivalentes, para que os alunos não fizessem a associação direta com o correspondente de origem latina, já que a extensão semântica dos verbos não é a mesma.

Parece que a língua materna, porém, influencia na escolha entre um verbo desconhecido e um verbo equivalente e conhecido pelo aluno. No estudo de Dagut e Laufer (1985), com hebreus aprendizes de inglês para investigar as causas da evitação de verbos frasais, os autores constataram que os hebreus os evitavam, preferindo um verbo equivalente, e que a causa disso poderia ser explicada pelo papel dominante da L1 sobre a L2 no processo de aprendizagem.

Além da língua materna, pode-se também levar em consideração o tipo de insumo que os alunos recebem. No caso desta pesquisa, os alunos podem ter conhecido o verbo *admire* em outras situa-

ções ou outras aulas de língua antes de conhecerem ***look up to***. É claro que os próprios alunos podem acessar a L1 e fazer a ligação entre L1 e L2, e isso não há como se evitar. Entretanto, o insumo pode ajudar essa ligação. O que ocorreu nos tratamentos foi não incentivar essa associação, o que parece ter surtido efeito, uma vez que o uso de *admire* foi insignificante. É possível que não só a língua materna seja responsável pelas escolhas, mas também o tipo de insumo recebido.

O tipo de insumo que os participantes do estudo de Dagut e Laufer (1985) receberam é desconhecido. No caso deste estudo, pode-se afirmar que o insumo priorizou o uso dos verbos frasais e, em nenhum momento, o verbo equivalente foi mencionado pelos professores e pela pesquisadora.

8. Implicações didáticas

Os resultados positivos da pesquisa são importantes também porque trazem implicações didáticas para o ensino de verbos frasais e, por extensão, para a aquisição de vocabulário. A primeira sugestão que se pode fazer é a de incluir o ensino de verbos frasais nos níveis iniciais de aprendizagem de inglês, e, ao mesmo tempo, evitar o insumo de verbos não-frasais com significados equivalentes. A vantagem disso é que, ao receberem insumo de verbos frasais desde o início da aprendizagem, mas sem apresentar seus verbos relativamente equivalentes, o aluno tem mais chances de perceber esses verbos e de incorporá-los ao seu vocabulário.

Como lembra Doughty e Williams (1998), quanto mais exposição o aprendiz tem a um item lingüístico, maiores são as chances de ele perceber esse item e de usá-lo. Assim, é provável que a produção de verbos frasais do aprendiz supere a dos verbos equivalentes e também que ele deixe de evitá-los, como acontece quando o insumo é dado de forma mais concentrada nos níveis avançados. Essa hipótese baseia-se na observação do uso quase insignificante de verbos equivalentes nos testes deste estudo, resultado que foi interpretado como sendo devido ao insumo restrito aos verbos frasais e a uma completa ausência de insumo de verbos equivalentes durante os tratamentos.

Uma conseqüência da decisão de ensinar os verbos frasais é saber como implementar esse estudo. De acordo com os resultados da pesquisa, seria adequada a implementação de tarefas que observassem os princípios da abordagem FonF, isto é, tarefas que integrassem foco na forma e no significado e nas quais o item lingüístico não é o objetivo, apenas faz parte delas. Essas tarefas procuram chamar a atenção do aprendiz para um aspecto lingüístico, porque acredito que a aprendizagem de língua estrangeira não se faz de forma acidental, sem atenção e somente por meio da exposição à língua-alvo. O uso de efeitos tipográficos como o negrito seria uma maneira para chamar a atenção para a forma; já as estratégias visuais, como desenhos, parecem uma boa opção para o aprendiz entender o significado dos verbos frasais, além de ajudá-lo na memorização (NATTINGER, 1996; GAIRNS e REDMAN, 1998) e na aquisição de vocabulário (HATCH e BROWN, 1995).

Uma observação importante é que a exposição ao item lingüístico deve ser feita de forma contextualizada. Assim como Schmidt (1995), acredito que atenção é crucial para o sucesso na aprendizagem; entretanto, concordo com Allen (1983), Hatch e Brown (1995) e Altman (1997), quando dizem que aprendemos palavras mais rapidamente se nós sentimos necessidade de usá-las. Para isso, o professor pode criar tarefas em que o uso do verbo frasal se faça essencial para a sua complementação, visto que assim ele assegura que a aprendizagem aconteça dentro de um contexto comunicativo/significativo para o aprendiz.

Como muitos autores sugerem (JUDD 1978; GAIRNS e REDMAN, 1998), o ideal é que o aprendiz tenha mais oportunidades de contato com o item lingüístico. Segundo Fotos (1998), encontros repetidos ajudam o aprendiz a comparar a forma correta com a que ele produziu e isso ativa os processos cognitivos que envolvem a reestruturação do sistema lingüístico, facilitando a aquisição. O emprego freqüente de termos aprendidos é apontado por Gairns e Redman (1998) como fator que facilita que o insumo passe para a memória de longo prazo. Levando-se em conta que a freqüência de uso é importante para a aquisição e que os livros didáticos usualmente restringem o insumo de verbos frasais em certas unidades sem recorrência deles em outras unidades, sugiro que se distribuam as tarefas entre as

unidades do livro didático, para se assegurar de que o aprendiz terá mais chances de receber insumo de verbos frasais e mais oportunidades de produzi-los.

9. Limitações da pesquisa

Esta pesquisa apresenta limitações com relação à metodologia de coleta de dados. A primeira delas se refere ao número reduzido de participantes. O plano-piloto havia chamado a atenção para a necessidade de muitos participantes para superar as perdas que inevitavelmente ocorreriam. Preparei-me para esse problema quando decidi usar três turmas com uma média de 20 alunos cada uma, calculando que se ficasse com a metade deles para a coleta de dados, ou seja, 30 alunos; assim, teria um número suficiente para generalizar os resultados. Entretanto, as perdas superaram minhas expectativas e restaram apenas 24 alunos para a coleta de dados.

A segunda falha do estudo foi a de não ter submetido, no teste oral, cada um dos participantes ao uso de todos os verbos frasais. A decisão de usar três dos cinco verbos para cada participante e não os cinco verbos foi tomada porque se temia prejudicar os participantes, quanto ao conteúdo que estariam deixando de receber, enquanto permanecessem fora da sala de aula para fazer os testes. Infelizmente, isso prejudicou a análise dos dados, uma vez que não foi possível fazer uma análise estatística dos testes orais, o que, conseqüentemente, inviabilizou uma comparação estatística entre os dois tipos de teste.

IV. Considerações finais

Acredito que este estudo possa contribuir com a noção de que é possível e recomendável começar o ensino de verbos frasais nos níveis iniciais de aprendizagem de inglês por pelo menos duas razões. Primeiro, para evitar o estudo de muitos verbos frasais concentrados nos níveis avançados desse idioma, o que parece não ser uma boa conduta. Segundo, para evitar o uso de verbos equivalentes e incentivar o uso dos verbos frasais para melhorar a compreensão e a produção desses verbos por parte do aprendiz.

Outro aspecto importante que este estudo pode reforçar é o de que a intervenção no processo de aquisição de vocabulário pode ser benéfica, como lembra Coady (1997) em sua revisão de estudos sobre aquisição de vocabulário. Dessa forma, espero ter mostrado que desviar a atenção do aluno para um aspecto lingüístico não implica uma volta ao método estrutural.

Espera-se também que este estudo chame a atenção do professor para o fato de que ele não deve estar preso ao livro didático, que ele pode interferir no processo de aprendizagem, quando achar necessário dentro do seu contexto de sala de aula, criando tarefas que sejam significativas para o aluno e que visem ao desenvolvimento da sua competência comunicativa. Em outras palavras, que os princípios de FonF sejam levados em consideração, visto que a comunicação deve ser o cerne do ensino, mas observando as necessidades dos alunos e focalizando na forma/vocabulário, e ainda usando a posição *reactive* ou *proactive*[3] de acordo com a realidade do grupo de aprendizes.

[3] Na posição *proactive*, o professor já sabe de antemão de uma dificuldade e assim planeja antecipadamente como e o que focar; já na posição *reactive*, a intervenção é feita no momento que ocorre a dificuldade com o item lingüístico.

Referências Bibliográficas

ALLEN, V. F. *Techniques in teaching vocabulary*. Oxford: Oxford University Press, 1983.

ALTMAN, R. Oral production of vocabulary: a case study. In: COADY, J.; HUCKIN, T. *Second language vocabulary acquisition*. Cambridge University Press: Cambridge, 1997. p. 69-97.

BROWN, C.; PAYNE *apud* HATCH, E.; BROWN, C. General vocabulary learning and learner strategies. In: HATCH, E.; BROWN, C. (Ed). *Vocabulary, semantics and language education*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995. p. 369-400.

CELCE-MURCIA; M., LARSEN-FREEMAN, D. *The grammar book:* An ESL/EFL teacher's course. 2nd. ed. Boston: Heinle & Heinle Publishers, 1999.

COADY, J.; HUCKIN, T. *Second language vocabulary acquisition*. Cambridge University Press: Cambridge, 1997.

CORNELL, A. Realistic goals in teaching and learning phrasal verbs. *International review of applied linguistics in language teaching*, n. 23, p. 269-280, 1985.

DAGUT, M.; LAUFER, B. Avoidance of phrasal verbs: a case for contrastive analysis. *Studies in second language acquisition*, v. 7, p. 73-79, 1985.

DOUGHTY, C.; WILLIAMS, J. (Ed.). *Focus on form in classroom second language acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

DOUGHTY, C.; VARELA, E. Focus on form. In: DOUGHTY, C.; WILLIAMS, J. (Ed.). *Focus on form in classroom second language acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. p. 114-138.

DOUGHTY, C.; WILLIAMS, J. Pedagogical choices in focus on form. In: DOUGHTY, C.; WILLIAMS, J. (Ed.). *Focus on form in classroom second language acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. p. 197-261.

FOTOS, S. Shifting the focus from forms to form in the EFL classroom. *ELT Journal*. Oxford University Press, v. 42, n. 4, p. 301-307, 1998.

GAIRNS, R.; REDMAN, S. *Working with words:* a guide to teaching and learning vocabulary. 12th. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

GASS, S. M.; SELINKER, L. *Second language acquisition;* an introductory course. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Inc, 1994.

HATCH, E.; BROWN, C. *Vocabulary, semantics and language education.* Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

JUDD, E.L. Vocabulary teaching and TESOL: a need for reevaluation of existing assumptions. *TESOL Quarterly,* v. 12, n. 1, p. 71-75, 1978.

LONG, M. H. Focus on form: a design feature in language teaching methodology. In: de BOT, K.; GINSBERG, R. & VIBERG, A. (Ed.). *Foreign language research in cross cultural perspective.* Amsterdam: John Benjamins, 1991. p. 39-52.

LONG, M. H.; ROBINSON, P. Focus on form. In: DOUGHTY, C.; WILLIAMS, J. (Ed.) *Focus on form in classroom second language acquisition.* Cambridge: Cambridge University Press, 1998, p. 15-41.

LONGMAN Group Ltd. *Longman dictionary of contemporary English.* England. 3rd ed. 1995.

McARTHUR, T.; ATKINS, B. *Dictionary of English phrasal verbs and their idioms.* 19th ed. London: Collins, 1985.

NATTINGER, J. Some current trends in vocabulary teaching. In: CARTER, R.; McCARTHY, M. *Vocabulary and language teaching.* 6th ed. Essex: Longman Group Limited, 1996, p. 62-82.

OXFORD, R. L. *Language learning strategies.* New York: Newbury, 1990.

PARIBAKHT, T. S.; WESCHE, M. Vocabulary enhancement activities and reading for meaning in second language vocabulary acquisition. In: COADY, J.; HUCKIN, T. (Ed.) *Second language vocabulary acquisition.* Cambridge: Cambridge University Press, 1997. p. 174-200.

SCHMIDT, R. (Ed.). *Attention & Awareness in foreign language learning*. Honolulu: University of Hawai'i, 1995.

SCHMITT, N.; McCARTHY, M. (Ed.). *Vocabulary:* description, acquisition and pedagogy. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

SHOVEL, M. *Making sense of phrasal verbs*. Prentice Hall, 1992.

SIDE, R. Phrasal verbs: sorting them out. *ELT Journal*, London, v. 44, p. 145-152, 1990.

SWAIN, M. *Three functions of output in second language learning*. In: G. COOK & B. SEIDLHOFER (Ed.). *Principle and practice in applied linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 1995, p. 125-144 *apud* SWAIN, M. Focus on form through conscious reflection. In: DOUGHTY, C.; WILLIAMS, J. (Ed.). *Focus on form in classroom second language acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. p. 64-81.

SWAIN, M. Focus on form through conscious reflection. In: DOUGHTY, C.; WILLIAMS, J. (Ed.). *Focus on form in classroom second language acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. p. 64-81.

WHITE, L. Against comprehensible input: the Input Hypothesis and the development of second-language competence. *Applied Linguistics*, v. 8, n. 2, p. 95-110, 1987.

WILLIAMS, J.; EVANS, J. What kind of focus and on which forms? In: DOUGHTY, C.; WILLIAMS, J. (Ed.). *Focus on form in classroom second language acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. p. 139-155.

ANEXO A

1º TRATAMENTO: DESENHOS

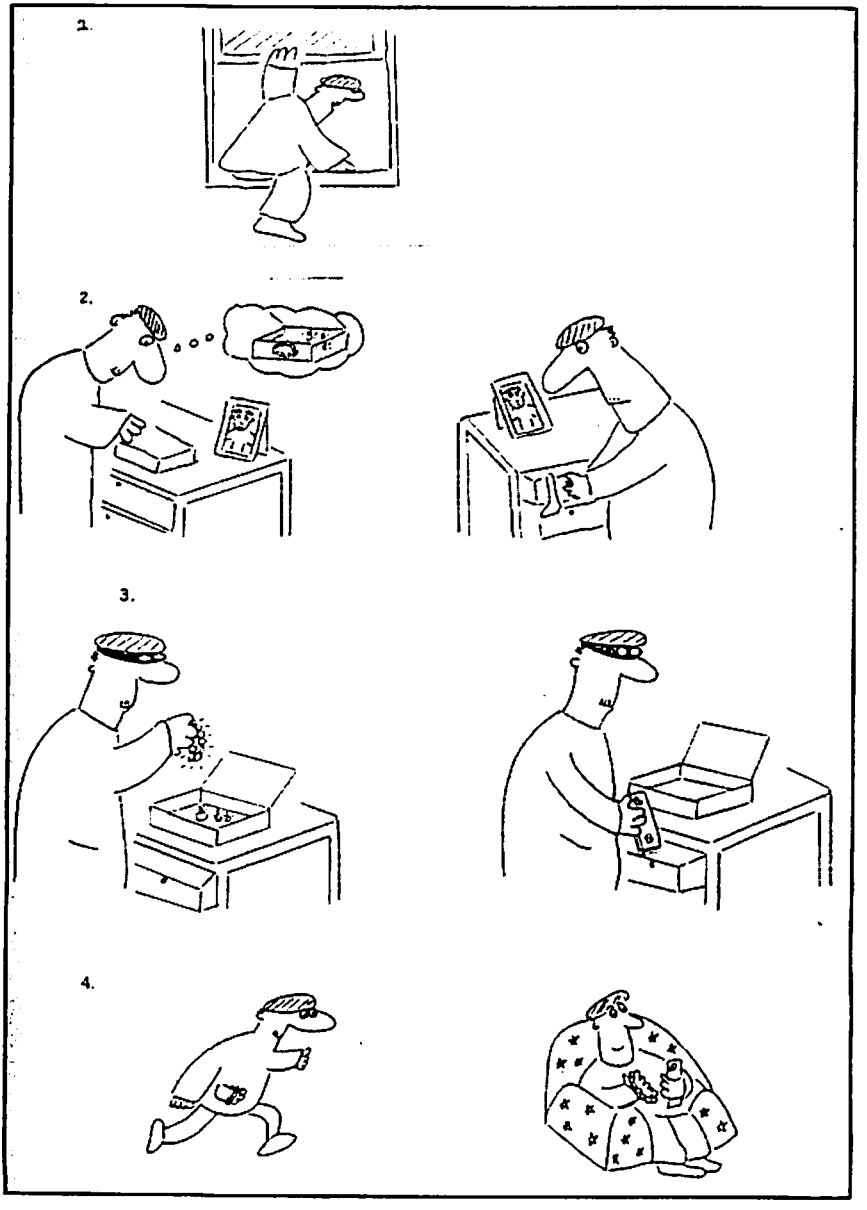

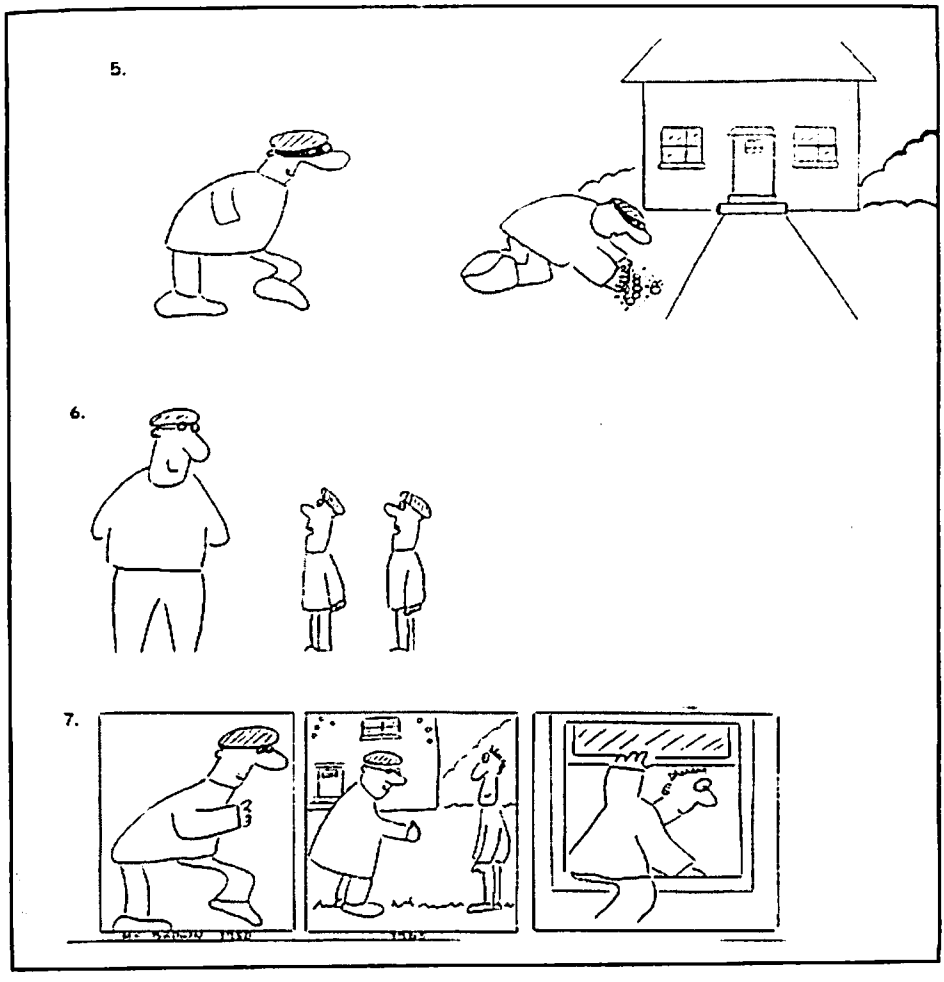

ANEXO B

1º TRATAMENTO: TEXTOS

TEXTO 1: PARTE DO PROFESSOR

The pictures tell a story of a famous person. You try to guess the story while I tell my version of the story. Pay attention to the pictures and to the questions I'm going to ask you. They will help you to tell the story.

A famous person

He's a famous person because he's been on the news quite often. He's neither an artist, nor a star, nor a millionaire and not even a top man in the government.

Look at picture 1. What do you think his profession is? He's a burglar! He loves his profession and he has quite an exciting life.

Look at picture 1 again. As a burglar, what does he do? He **breaks into** houses. He says it is an easy job. Before breaking into the houses, he checks the houses that don't have burglar alarms and the times the houses are empty. He usually **breaks into** the houses by forcing the back door or the kitchen window.

Look at picture 2. What does he do when he is inside? He **looks for** jewellery and money.

Look at picture 3. What does he do when he finds them? He **picks** them **up** and puts them in his pocket.

Look at picture 4. He is running because he doesn't want the police to catch him. Did the police catch him? What happened? He **got away with** the jewellery. He says that the police have never caught him. But once, something unusual happened. When he was leaving a house he heard sirens form a police car. So, he threw the jewellery in the garden and walked away. The police car didn't stop. He waited some minutes and went back to the house.

Look at picture 5. Why did he go back to the house? **To pick up** the jewellery.

Look at picture 6. How do the young burglars feel about the man? He says they **look up to** him. They say he's smart and quick and they want to be like him.

Look at picture 7. As he's getting old, he's teaching his son some tricks of his profession. Why is he doing this? He wants his son **to take over** his place when he retires. He wants him to be the burglar of the family.

TEXTO 2: PARTE DO ALUNO

A famous person

I'm a famous person because I've been on the news quite often. I'm neither an artist, nor a star, nor a millionaire and not even a top man in the government. I'm just a burglar!

I love my profession and I have quite an exciting life. I **break into** houses. It is an easy job. First, I check the houses that don't have burglar alarms and the times the houses are empty. I usually **break into** the houses by forcing the back door or the kitchen window. Then I **look for** jewellery and money. When I find them I **pick** them **up**, put them in my pocket and **get away with** them. The police have never caught me. Once, something unusual happened. When I was leaving the house I heard sirens. I threw the jewellery in the garden and walked away. The police car didn't stop. I waited some minutes and went back to the house **to pick up** the jewellery.

Lots of young burglars **look up to** me. They say I'm smart and quick and they want to be like me. As I'm getting old, I'm teaching my son some tricks of this profession. I want him **to take over** my place when I retire. I want him to be the burglar of the family.

2º TRATAMENTO

1st STORY STUDENT A STARTS

YOU'RE STUDENT A

The man did something wrong.

1. Ask your partner what the man did.

2. Ask your partner what the policemen are doing.

3. Ask your partner what happened to the burglar.

1st STORY

STUDENT A STARTS

YOU'RE STUDENT B

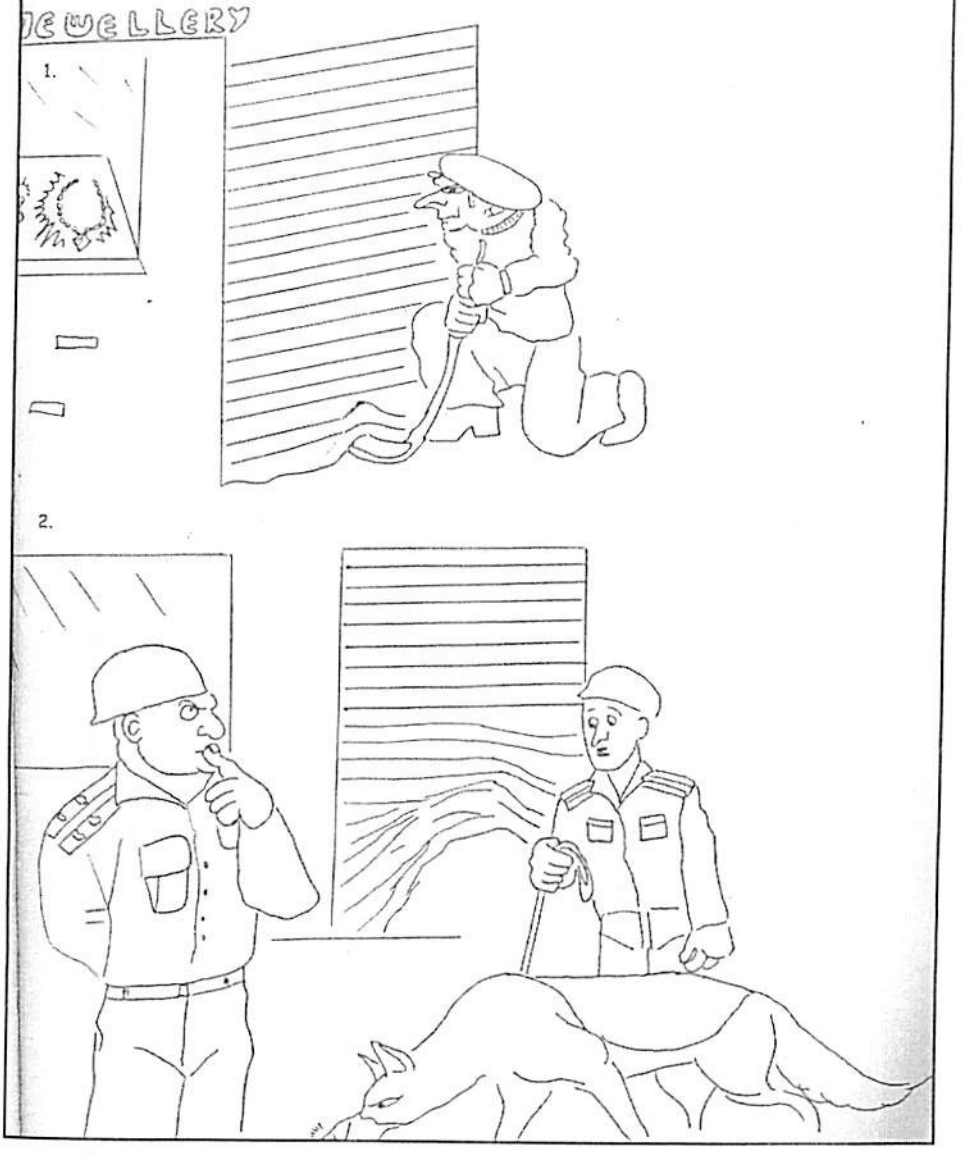

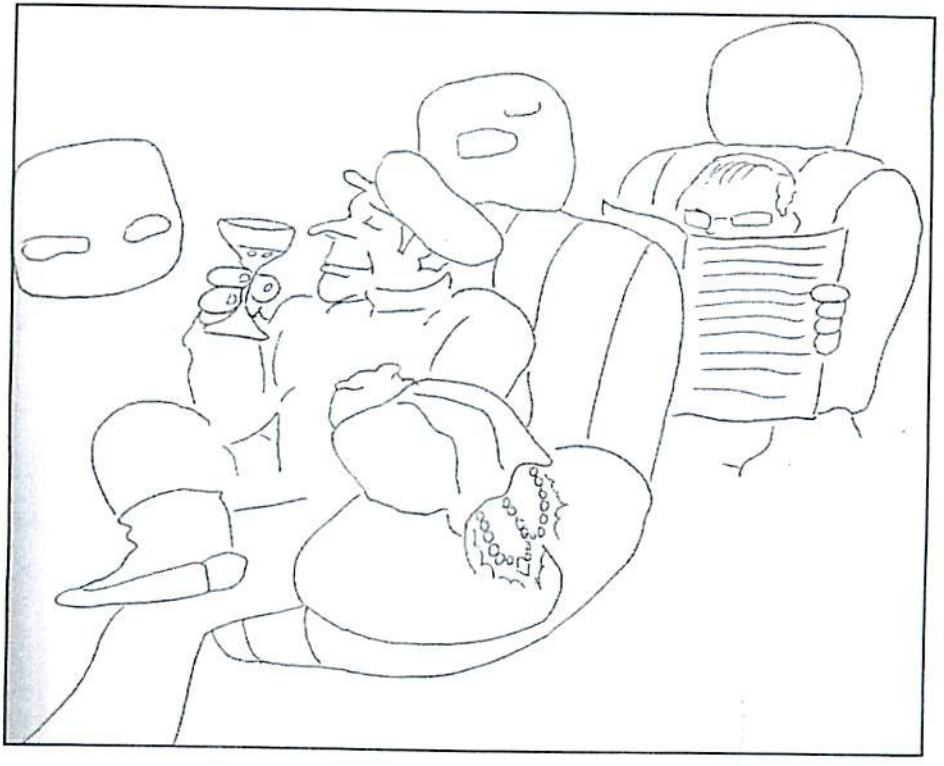

A INFLUÊNCIA DA TAREFA PROPOSTA E A RETENÇÃO DE ITENS LEXICAIS NA UTILIZAÇÃO DA ESTRATÉGIA USO DO DICIONÁRIO

Mariney Pereira Conceição

I. Introdução

O desenvolvimento da informática e a incorporação de recursos tecnológicos à aprendizagem, de uma maneira geral, têm contribuído para uma ênfase cada vez maior no ensino de vocabulário na aprendizagem de línguas estrangeiras. Nos dias atuais, o aluno, gerenciador do seu processo de aprender, é quem controla o *input* ao qual deseja se expor, o que reforça a necessidade de que o aprendiz esteja preparado para a autonomia, desenvolvendo estratégias que o auxiliem na retenção do vocabulário.

Desde há muito, a velha crença de que o professor seria o grande promotor da aprendizagem tem dado lugar à consciência da importância da autonomia e responsabilidade do aluno ante a sua aprendizagem. As pesquisas na área de ensino-aprendizagem de lín-

guas estrangeiras têm hoje apontado o aprendiz como sujeito ativo no processo de aprender, tornando imperativa a investigação dos processos cognitivos, psicológicos, afetivos e sociais que envolvem o processo de aprendizagem de uma língua estrangeira.

Os resultados das investigações têm reforçado, cada vez mais, as evidências de que um bom aprendiz de línguas estrangeiras faz uso de estratégias que garantem, direta ou indiretamente, sua aprendizagem. Segundo O'Malley e Chamot (1990:01), as estratégias de aprendizagem seriam processos cognitivos complexos ou "maneiras especiais de processar a informação que otimizam a compreensão, aprendizagem ou retenção da informação."[1] Oxford (1990) ressalta a importância das estratégias de aprendizagem, uma vez que essas possibilitam ao aprendiz maior autonomia e independência. Para a autora, o uso de estratégias pode levar o aluno a maior autoconfiança e envolvimento com as tarefas propostas.

As estratégias utilizadas pelos alunos na compreensão e retenção do vocabulário em LE têm-se tornado um vasto campo de investigação. Hulstijn (1993) destaca que a pesquisa em leitura deve enfatizar não apenas o produto, mas também o processo; ressalta, ainda, a necessidade de que o professor compreenda os recursos utilizados por seus alunos.

Alguns estudos foram realizados na tentativa de identificar e classificar as estratégias de leitura utilizadas por alunos de LE (BLOCK, 1986; COHEN, 1987). Tais estudos originaram diferentes classificações, baseadas em diferentes sistemas, gerando, muitas vezes, um problema de terminologia. Apesar das diferenças na taxonomia, várias estratégias de leitura têm sido evidenciadas, como consultar o dicionário, anotar o significado das palavras consultadas, usar palavras cognatas, usar o conhecimento anterior, fazer *skimming* e *scanning*, inferir o significado da palavra por meio do contexto e usar informação não-verbal, entre outras. Dentre as mencionadas, o uso do dicionário tem sido particularmente apontado como uma importante ferramenta na retenção de itens lexicais, contribuindo, até mesmo, para que o aluno continue aprendendo, mesmo fora do ambiente escolar.

---

[1] Do original: " ...special ways of processing information that enhance comprehension, learning, or retention of the information" (O' MALLEY e CHAMOT, 1990, p. 1).

Coura Sobrinho (1998) estuda o uso do dicionário na aprendizagem de vocabulário, apontando o impacto positivo do uso dessa estratégia, destacando que leitores que utilizam o dicionário não só aprendem mais palavras, como também alcançam maior desempenho na compreensão da leitura. Para Hulstijn (1993), o uso do dicionário é um recurso de leitura amplamente utilizado pelos alunos, não apenas para resolver problemas com itens lexicais não conhecidos, mas também para verificar o significado das palavras que os alunos procuram inferir durante a leitura de um texto.

Hulstijn (op.cit.) investiga a estratégia uso do dicionário, verificando a influência da tarefa proposta na freqüência com que os alunos o consultam, aplicando, em seu estudo, duas diferentes tarefas a dois grupos de alunos (resumo de um texto e perguntas de compreensão). Os resultados da pesquisa não apontam diferenças significativas na freqüência de uso do dicionário nas duas tarefas aplicadas. Contudo, em uma das questões propostas, os alunos que responderam às perguntas o consultaram mais do que aqueles que fizeram o resumo do texto, o que pode apontar para a possibilidade de a natureza da tarefa proposta na leitura de um texto constituir uma variável importante no uso da estratégia uso do dicionário.

Hulstijn (1997) destaca ainda que o uso do dicionário pode facilitar a retenção de itens de vocabulário na memória. Nas palavras do autor, "há evidências empíricas na literatura de que inferir o significado de uma palavra através do contexto, checando a inferência através da consulta a um dicionário e anotando o significado da palavra em um caderno [...] contribui para um processamento elaborado da palavra, facilitando, portanto, sua retenção na memória."[2] (HULSTIJN, 1997:203)

[2] Do original em inglês: "There is empirical evidence in the literature that inferring a word's meaning from the context, checking one's inference by consulting a dictionary, and writing the word down in a notebook [...] fosters an elaborate processing of the word and therefore facilitates its retention in memory" (HULSTIJN, 1997, p. 203).

Propomos, neste trabalho, uma investigação da estratégia de usar o dicionário sob dois pontos de vista distintos, buscando uma compreensão mais clara de seu uso. Num primeiro momento da investigação, como no estudo realizado por Hulstijn (1993), investigaremos a influência da tarefa proposta na utilização do dicionário. Num segundo momento, verificaremos a eficiência do uso da estratégia na retenção de itens de vocabulário na memória.

O objetivo deste trabalho é investigar o uso do dicionário por parte dos alunos de um curso de leitura em língua inglesa, procurando determinar a influência da tarefa proposta aos alunos na utilização dessa estratégia e, ainda, verificar a eficiência dessa estratégia de consultar palavras no dicionário na retenção dessas na memória.

II. Metodologia da pesquisa

Em virtude da natureza do fenômeno a ser investigado, neste trabalho, as abordagens qualitativa e quantitativa foram tomadas, não como conceitos dicotômicos, mas sim complementares, interpretando-se os instrumentos da coleta de dados, conforme a pesquisa interpretativista analítico-descritiva, nos moldes de Erickson (1986) e Van Lier (1988).

1. Sujeitos da pesquisa

Os sujeitos da pesquisa foram 14 alunos do primeiro período de um curso de leitura em língua inglesa para o Curso de Engenharia Elétrica da Universidade Federal de Minas Gerais, os quais, submetidos a uma avaliação para dispensa de disciplina, obtiveram média inferior a 60 (sessenta) por cento. Os alunos que obtiveram média superior a essa foram dispensados do curso. Foi traçado um quadro do perfil dos alunos, procurando identificá-los mediante informações básicas referentes a cada um deles, como idade, experiência anterior com a língua-alvo, visitas ao exterior e participação em programas de treinamento em estratégias, colhidas por meio da aplicação de um

questionário socioeconômico. O grupo pode ser considerado homogêneo, em se tratando da experiência anterior com a língua-alvo. Todos os alunos estudaram inglês apenas no colégio e não fizeram nenhuma viagem a países de língua inglesa, não tendo participado também de nenhum treinamento em estratégias de leitura.

2. A coleta de dados

A coleta de dados foi realizada pela própria pesquisadora, também encarregada didaticamente do curso de leitura em língua inglesa que serviu de cenário para a coleta de dados. Antes do início da realização da tarefa que serviria de base para a coleta dos dados, tivemos o cuidado de esclarecer aos participantes que essa não seria avaliada para fins de aprovação no curso. Os alunos estavam cientes de que estavam participando de uma pesquisa sobre leitura em segunda língua, mas não foram informados de que se tratava de uma investigação sobre o uso do dicionário e suas implicações na retenção de vocabulário. A coleta foi realizada no início do semestre e, apesar de o cenário de pesquisa tratar-se de um curso de leitura em língua inglesa, durante os momentos que antecederam a coleta não foram feitas quaisquer observações a respeito das estratégias de inferência, uso do dicionário ou outras estratégias, buscando-se evitar influenciar o comportamento dos alunos.

3. Instrumentos

Os 14 participantes responderam a um questionário elaborado pela pesquisadora (questionário socioeconômico), com o objetivo de traçar um perfil dos alunos-sujeitos da pesquisa.

Para a realização da primeira parte da investigação, os alunos foram divididos em dois grupos, aos quais foram aplicadas duas diferentes tarefas (resumo do texto e perguntas de compreensão). Não foi estabelecido nenhum critério para a divisão dos grupos, uma vez que a turma podia ser considerada de certa forma homogênea, como demonstraram os resultados do questionário socioeconômico e do teste de leitura e compreensão de textos aplicado no início do semestre.

A coleta de dados foi realizada durante o horário normal das aulas, sendo as tarefas aplicadas aos dois grupos simultaneamente. Antes da leitura do texto, cada grupo foi instruído com relação ao tipo de atividade que deveria desenvolver. Foi pedido ao primeiro grupo (sete alunos) que redigisse um resumo de aproximadamente dez linhas. Ao segundo grupo foram aplicadas cinco perguntas de compreensão, entregues aos alunos também antes da leitura do texto. Foi solicitado aos alunos dos dois grupos que explicitassem, por escrito, as palavras cujos significados fossem consultados no dicionário.

Após o término da realização da tarefa, foi solicitado aos alunos um relato verbal (escrito), no qual deveriam registrar o uso da estratégia de consulta ao dicionário durante a realização da tarefa proposta, destacando se acreditavam que o fato de haverem consultado uma palavra os auxiliara na sua retenção.

Recolhidas as tarefas, a professora-pesquisadora realizou um levantamento das palavras consultadas pelos alunos no dicionário, explicitando aquelas mais consultadas e selecionando dez palavras cujos significados foram consultados por todos os alunos para a elaboração de um teste, cujo objetivo seria verificar a retenção daqueles dez itens de vocabulário na memória. O teste foi aplicado 20 dias após a realização da tarefa. Todos os alunos fizeram o mesmo teste, uma vez que as dez palavras a serem testadas haviam sido consultadas por todos os alunos.

III. Discussão

A primeira hipótese levantada neste trabalho foi a de que a tarefa proposta aos alunos poderia influenciar a utilização da estratégia uso do dicionário. Para a verificação dessa questão, os textos foram recolhidos, bem como foi realizado para cada aluno de cada grupo (resumo ou questões), em separado, um levantamento do número de palavras consultadas.

Esse número foi de 197 palavras, o que representa uma média de 28,14 consultas por aluno. O total de palavras consultadas pelo grupo, cuja tarefa seria a de escrever um resumo do texto, foi de 121 palavras, uma média de 17,29 consultas por aluno. Esses resultados

demonstram uma diferença considerável que sugere a confirmação da hipótese levantada neste trabalho de que a natureza da tarefa proposta poderia influenciar a aplicação da estratégia uso do dicionário.

Outra hipótese levantada foi a de que consultar uma palavra no dicionário poderia auxiliar os alunos na retenção de itens de vocabulário na memória. Para a verificação dessa hipótese, foi realizado um levantamento não só das palavras verificadas por cada um dos alunos, mas também das palavras mais consultadas por todos eles, como mencionado anteriormente. Após esse levantamento, foram selecionadas dez palavras entre as mais consultadas, cujos significados foram checados por todos os participantes da pesquisa. Elaborou-se, então, um teste com o objetivo de verificar a retenção desses dez itens.

Na elaboração do teste, as palavras foram utilizadas dentro do contexto e significado do texto usado na pesquisa. Baseando-nos em Read (2000), segundo o qual conhecer uma palavra significa conhecer o seu valor semântico, e, como o objetivo do teste seria o de verificar a retenção dos itens de vocabulário no mesmo contexto em que esses apareceram no texto, optamos por solicitar aos alunos que apontassem um sinônimo ou uma palavra na língua materna que explicitasse o significado dos itens de vocabulário destacados em pequenos parágrafos. O objetivo da opção por esse tipo de teste foi o de evitar que os alunos pudessem, no caso da opção por um teste de múltipla escolha, simplesmente apontar as respostas corretas, inferindo ou descartando itens nas opções apresentadas pelo teste.

A média total de acertos dos dois grupos no teste foi de 2,4, média esta considerada significativamente baixa, o que sugere que entre esse grupo de alunos consultar uma palavra no dicionário parece não contribuir eficazmente para a retenção de itens de vocabulário na memória.

Durante a análise dos dados, pudemos perceber que a maioria dos alunos não só consultava o dicionário, como também anotava os significados das palavras consultadas. Assim, decidimos fazer um levantamento do número de alunos que utilizavam a combinação das duas estratégias (consultar o dicionário e anotar o significado das palavras). Pudemos observar que os alunos faziam suas anotações no próprio texto, juntamente à palavra consultada, sendo que seis de

cada grupo (83% dos alunos) anotaram os significados, enquanto apenas um de cada grupo (17% dos alunos) não anotou os significados das palavras consultadas.

Essas observações nos levam a avançar ainda em nossa análise, sugerindo que, entre o grupo de participantes da pesquisa, apenas consultar o dicionário parece não contribuir para a retenção, mas também, por sua vez, a combinação das duas estratégias (consultar e anotar) parece não surtir resultados positivos, em se tratando da retenção de itens de vocabulário na memória.

Os relatos verbais realizados pelos alunos logo após a realização das tarefas, nos quais deveriam explicitar se acreditavam que consultar uma palavra no dicionário poderia auxiliá-los na retenção do vocabulário, demonstraram que apenas 28% deles deram um depoimento positivo, enquanto 72% o fizerem negativamente. Na maior parte dos relatos, os alunos revelaram que não acreditavam na eficácia dessa estratégia e destacaram que poucas são as palavras retidas na memória, e que, mesmo assim, essas ficam guardadas apenas por certo tempo e que, muitas vezes, é necessário consultar a mesma palavra mais de uma vez. Alguns alunos destacaram também a necessidade de maior contato com as palavras por meio da leitura de outros textos, o que pode apontar para a indispensabilidade de que haja uma recorrência do item lexical para que a retenção ocorra. Transcrevemos, a seguir, alguns trechos extraídos dos relatos dos alunos.

(1) "A consulta ao dicionário só fez a leitura ficar mais complicada e demorada. Não gravei nenhuma palavra que olhei no dicionário."

(2) "Não acho que olhar no dicionário ajuda a reter o significado das palavras na memória, tanto que tive que olhar algumas palavras mais de uma vez".

(3) "Se eu não continuar a ler textos em inglês, dificilmente vou conseguir memorizar essas palavras".

(4) "Usando o dicionário, até que posso gravar algumas palavras (poucas), mas depois as esqueço".

IV. Conclusões e considerações finais

Duas hipóteses relacionadas ao uso da estratégia uso do dicionário foram levantadas neste trabalho. A primeira, de que a tarefa proposta aos alunos na leitura do texto poderia influenciar o uso do dicionário, foi confirmada; os alunos aos quais foi aplicada a tarefa de responder às questões de compreensão fizeram mais consultas do que aqueles que receberam a tarefa de fazer um resumo do texto. Tais resultados possivelmente se relacionam ao fato de que, como afirma Hulstijn (1993), para a realização do resumo, os alunos necessitariam apenas de uma compreensão global, enquanto que, para responder às perguntas, se tornaria necessária a compreensão de detalhes envolvidos no texto.

Apesar de não detectar diferenças significativas com relação à influência da tarefa na utilização da estratégia de uso do dicionário em seu estudo, Hulstijn (op cit) sugere que a tarefa possa constituir uma variável importante, já que, em sua pesquisa, algumas das questões de compreensão que envolviam detalhes do texto requereram que os alunos consultassem o dicionário um número maior de vezes. Nesse sentido, os resultados de nossa pesquisa reforçam a necessidade de uma investigação sistemática da variável tarefa na utilização da estratégia uso do dicionário.

A segunda hipótese levantada foi a de que consultar o dicionário poderia contribuir para a retenção de itens de vocabulário na memória. Quanto a essa questão, observamos que os alunos não só utilizavam o dicionário para consultar o significado das palavras, mas também anotavam o seu significado. Os resultados do teste, no entanto, demonstraram que, mesmo combinando essas duas estratégias, os alunos-sujeitos da pesquisa não obtiveram êxito na retenção dos itens lexicais.

Durante a realização da coleta, um fato particular nos chamou a atenção como pesquisadora e também como observadora do processo. Constatamos que, após entregue o texto, durante a primeira leitura dele, a maioria dos alunos marcava todas as palavras desconhecidas, para, então, logo após o término dessa primeira leitura rápida, verificar o significado de tais palavras no dicionário.

Apesar da questão da inferência não fazer parte do escopo desta pesquisa, esse comportamento dos alunos nos levou a questionamentos os quais consideramos relevantes para a compreensão da utilização da estratégia uso do dicionário. Indagamo-nos, por exemplo, quanto à influência do ensino tradicional nesse comportamento dos alunos de marcarem as palavras desconhecidas já durante uma primeira leitura rápida do texto. Questionamos a eficácia dessa conduta, porque acreditamos que, ao agirem dessa maneira, os alunos não estariam tentando inferir o significado dessas palavras dentro do contexto, antes de recorrerem ao dicionário.

O fato de os alunos não estarem buscando inferir o significado das palavras antes de consultarem o dicionário pode constituir um fator importante nos resultados obtidos, uma vez que, como destaca Hulstjin (1997), inferir o significado da palavra, consultar o dicionário para checar essa inferência e anotar o significado, facilitaria a retenção. Possivelmente, a combinação das três estratégias, inferir, consultar o dicionário e anotar o significado poderia constituir uma estratégia eficaz na retenção de palavras na memória, em vez de apenas consultar o dicionário e anotar o significado dos itens lexicais, como parecem ter feito os participantes do estudo.

Esse fato nos leva a refletir sobre o quanto o sistema educacional e o ensino tradicional podem ser responsáveis por esse tipo de comportamento, e a considerar a necessidade de maior instrução aos alunos com relação a uma concepção mais estratégica de leitura, que envolva a reflexão e a inferência de palavras no contexto dado, em vez da mera utilização do dicionário para consultar o que os alunos parecem classificar de "palavras desconhecidas" como já antecipavam práticas mais tradicionais de ensino de leitura.

Os resultados obtidos neste estudo não diminuem, de nenhuma maneira, a importância da estratégia uso do dicionário. Várias pesquisas a têm apontado como extensivamente utilizada por aprendizes, não só na retenção dos itens consultados, mas também de itens próximos ou relacionados às palavras consultadas. É importante lembrar, no entanto, que a combinação de estratégias pode, muitas vezes, mostrar-se mais eficaz do que o uso isolado.

Além disso, é preciso considerar que vários fatores podem influenciar a retenção de um item, como motivação, interesse e dife-

renças individuais, entre outros. Sob essa perspectiva, não só a combinação das estratégias mencionadas, mas também o uso de outras poderia reforçar a retenção do item lexical, garantindo que forma e significado não se percam facilmente na memória. No lugar de apenas consultar o dicionário ou mesmo anotar o significado das palavras, o aluno poderia utilizar outras formas, o que melhor contribuiria para a retenção de tais palavras. Nesse sentido, o papel do professor seria muito importante, orientando os aprendizes a selecionarem e adaptarem o uso de diferentes estratégias, de acordo com suas necessidades e seus interesses.

Outro fator a se considerar em se tratando de uma melhor retenção seria o número de vezes a que o aprendiz é exposto aos itens. Alguns estudos sugerem que os aprendizes devem ser expostos a uma mesma palavra várias vezes para que haja retenção (HATCH & BROWN, 1995; NAGY & HERMAN, 1987). Seria também importante que o aprendiz tivesse a oportunidade de usar o vocabulário consultado em contextos comunicativos, visto que, como destacam ainda Hatch & Brown (1995), o uso pode-se tornar uma ferramenta eficaz em garantir que itens lexicais não se percam com o tempo.

Esperamos que a realização desta pesquisa possa contribuir para maior compreensão do uso da estratégia consultar o dicionário, e, numa perspectiva mais ampla, auxiliar-nos, conquanto educadores, na tarefa de conduzir os aprendizes a aplicarem esse recurso, para uma maior autonomia e independência no processo de leitura e compreensão de textos na língua inglesa.

Referências Bibliográficas

BLOCK, E. The comprehension strategies of second language readers. *TESOL Quartely,* v. 20, n. 3, 463–494, 1986.

COHEN, A D. Recent uses of mentalistic data in reading strategies research. *D.E.L.T.A.*, v. 3, n. 1, 57–84, 1987.

COURA SOBRINHO, J. *O dicionário como um instrumento auxiliar na leitura em língua estrangeira.* 1998. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.

ERICKSON, F. Qualitative methods in research on teaching. In: WITTROCK (Ed.). *Handbook of research on teaching*. New York: Macmillan, 1986. p. 119–161

HATCH, E. & BROWN, C. *Vocabulary, semantics and language education*. Cambridge: Cambridge, 1995.

HULSTIJN, J. When do foreign language readers look up the meaning of unfamiliar words? The influence of task and learner variables. *The Modern Language Journal*, v.77, n. 1, 1993.

HULSTIJN, J. Mnemonic methods in foreign language vocabulary learning. In: COADY, J.; HUCKIN, T. *Second language vocabulary acquisition*. Cambridge: Cambridge, 1997. p. 225-237.

NAGY, W. & HERMAN,P. Breadth and depth of vocabulary knowledge: implications for acquisition and instruction. In: MCKEOWN, M & CURTIS, M. (Ed.). *The nature of vocabulary acquisition*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum, 1987. p. 19-35.

O'MALLEY M. J. & CHAMOT, A. U. *Learning strategies in second language acquisition*. Cambridge: Cambridge, 1990.

OXFORD, R. *Language learning strategies*. Boston, Heinle & Heinle Publishers, 1990.

READ, J. *Assessing vocabulary*. Cambridge: Cambridge, 2000.

VAN LIER, L. *The classroom and the language learner*. New York: Longman, 1988.

Parte III - Tarefas comunicativas e a aprendizagem de gramática e vocabulário

TAREFAS COMUNICATIVAS: UM CONTEXTO FAVORÁVEL À APRENDIZAGEM DE GRAMÁTICA E VOCABULÁRIO NA SALA DE AULA DE L2?

Ana Antônia de Assis-Peterson
Ana Larissa A. M. Oliveira

I. Introdução

Professores de Língua Estrangeira (L2)[1] encontram-se freqüentemente envolvidos em situações de dupla-pressão: implementar atividades visando ao desenvolvimento da competência comunicativa, em que alunos e professores possam interagir socialmente e produzir sentidos na L2, ou promover atividades voltadas para a metalinguagem que enfoquem a estrutura da língua a ser aprendida. Pode-se dizer que professores estão sempre se perguntando: qual a melhor maneira de ensinar gramática? Qual a melhor maneira de engajar os alunos em interações conversacionais?

[1] Aqui a abreviação L2 (lê-se Língua 2) refere-se a outra língua adquirida/aprendida, dentro ou fora da sala de aula, após a língua materna, seja em contexto de segunda língua, seja de língua estrangeira (ELLIS, 1997:3).

A dicotomia entre "forma e sentido" encontra-se tão profundamente enraizada na tradição do ensino de línguas que, através dos anos, nós, professores, tentamos resolver esse dilema primeiramente apresentando e explicando o ponto gramatical ou a estrutura lingüística principal a ser ensinada/aprendida, para depois solicitarmos dos alunos a sua prática via produção oral ou escrita.

Aproximadamente, a partir do final dos anos de 1970, com o advento do ensino comunicativo, mudanças metodológicas ocorreram na sala de aula e muitos professores começaram a implementar o trabalho em par ou em grupo com o intuito de oferecer ao aluno oportunidades de participar em interações comunicativas significativas, atendendo a necessidades individualizadas. Todavia, o enfoque no sentido e a descentralização de atividades direcionadas pelo professor causaram/causam certo desconforto na sala de aula. Conforme dizem os professores, alunos reclamam que não estão aprendendo, que as aulas parecem soltas e clamam pela "suposta segurança" do ensino tradicional, ou seja, o enfoque no sentido parece excluir o enfoque na forma e vice-versa. Mas seria viável tentar engajar alunos em atividades que integrem a ambos? Estaria o aluno aprendendo o funcionamento da língua (vocabulário, morfologia e estruturas sintáticas) ao se engajar em tarefas comunicativas na sala de aula? Oferecer ao aluno oportunidades para *usar* a língua intensifica a relação entre forma e sentido? Essas são perguntas que intrigam professores e pesquisadores.

Neste artigo, pretendemos mostrar que determinados tipos de tarefa comunicativa, via trabalho em par, constituem um contexto favorável ao desenvolvimento da L2. Mediante a realização de tais tarefas, como *jigsaw* (quebra-cabeça) e *information-gap* (lacuna de informação), alunos podem vivenciar quatro condições identificadas como vitais (porém não suficientes) para o sucesso na aprendizagem da L2: (i) necessidade de os aprendizes receberem insumo compreensível e significativo; (ii) necessidade de os aprendizes prestarem atenção na forma e no sentido do insumo; (iii) necessidade de produzirem linguagem e (iv) necessidade de receberem *feedback*, a fim de modificar a sua própria produção em direção à maior compreensibilidade, precisão gramatical e grau de adequação na L2 (PICA, 1998).

Todavia, argumentamos que, como os resultados aqui apresentados são decorrentes de pesquisas de natureza quase-experimental, cabe aos professores escolher e implementar tarefas comunicativas em suas aulas, prestando atenção no modo como os alunos interpretam as tarefas e as realizam, com o intuito de observar se resultados de pesquisas teoricamente embasadas funcionam na prática. Acreditamos ser essa uma das alternativas para criar a tão desejada ponte entre teoria e prática.

O artigo começa com um breve resumo que delineia o que a teoria e as pesquisas de aquisição de segunda língua (ASL) de base interacionista propõem acerca da relação entre tarefas comunicativas, negociação de sentido e aprendizagem de L2. Em seguida, por meio da apresentação de alguns exemplos de seqüências interativas extraídas de nossas pesquisas com alunos brasileiros que aprendem inglês no Brasil, tentamos mostrar que tarefas comunicativas do tipo *jigsaw* (JS) e *information-gap* (IG) são eficazes em proporcionar aos aprendizes oportunidades para negociar o sentido e, conseqüentemente, focalizar a atenção no sentido e na forma, visando desenvolver a gramática e o vocabulário da L2.

1. Tarefas comunicativas, negociação de sentido e aprendizagem de L2: a relevância teórica e empírica

Para Long (1980 *et passim*) e Swain (1985), entre outros, o tipo de interação mais importante para o processo de aquisição é aquele que compele aprendizes a ampliar suas habilidades expressivas e receptivas para além do seu nível corrente de proficiência. Esses pesquisadores acreditam que, indiretamente, o que produz a aquisição são as oportunidades que aprendizes têm para *negociar* com o seu interlocutor o sentido de palavras e expressões não compreendidas até a mútua compreensão. Nesse processo da busca de compreensão, o aprendiz obtém insumo compreensível (KRASHEN, 1981) e produz linguagem compreensível, na medida em que manipula e modifica as formas lingüísticas de sua interlíngua em direção às formas-padrão da L2 (SWAIN, 1985). No campo de pesquisa de ASL, no qual este artigo se insere, o termo *negociação de sentido* ou sim-

plesmente *negociação* compreende, portanto, o intercâmbio de enunciados lingüísticos com base em uma quebra na comunicação.

De acordo com Long (1980, 1981,1983), para que a amostra da L2 dirigida ao aprendiz seja compreendida, é preciso que determinadas modificações interacionais ocorram mediante a colaboração entre interlocutores. Os interlocutores trabalham conjuntamente para o re-estabelecimento da compreensão mútua por meio de recursos comunicativos, nomeados por Long de "pedidos de confirmação" (*confirmation checks*), "pedidos de esclarecimento" (*clarification requests*), "pedidos de verificação de compreensão" (*comprehension checks*). Pedidos de confirmação ocorrem quando o ouvinte repete o enunciado não compreendido/não aceito com entonação crescente, tentando obter confirmação (Exemplo: A: *I got good grades*. B: *Good grades?*); pedidos de esclarecimento ocorrem quando o ouvinte faz uma pergunta aberta sinalizando ao interlocutor que não entendeu o que foi dito anteriormente (Exemplo: A: *I got good grades*. B: *What?*); já pedidos de verificação de compreensão ocorrem quando o falante tenta saber se o ouvinte o está entendendo por meio de expressões que ele utiliza (Exemplo: A: *Did you understand? Are you following me?*).

Como se vê, por intermédio da interação negociada, o aprendiz tem a oportunidade de processar insumo compreensível (KRASHEN, 1981,1982), de receber e oferecer *feedback* ao interlocutor acerca daquilo que não pode ser compreendido na L2 (SCHATCHTER, 1986) e de produzir *output* compreensível (SWAIN, 1985). Segundo Swain, ao produzir *output* modificado, o aprendiz tem oportunidade de utilizar seu repertório lingüístico de maneira significativa e, ao mesmo tempo, ele poderá atingir a competência gramatical. Assim, verifica-se que a interação verbal pode contribuir para a produção de enunciados sintaticamente mais próximos do padrão da L2; para isso, entretanto, é preciso que o aprendiz seja forçado, ou melhor, compelido a fazê-lo.

A evidência empírica da significância dessas microteorias tem sido demonstrada mediante pesquisas realizadas entre falantes nativos e não-nativos e entre aprendizes no desenvolvimento de tarefas comunicativas em par ou em grupo (PICA & DOUGHTY, 1985; PICA

1987; VARONIS & GASS, 1985; GASS & VARONIS 1985; LONG & PORTER, 1985; PORTER 1986; PICA, HOLLIDAY, LEWIS and MORGANTHALER, 1989; FUTABA, 1994; ASSIS, 1995; OLIVEIRA 1997; COELHO, 1997). Esses estudos mostram que, ao negociar o sentido, os participantes reestruturam sua linguagem voltando sua atenção para o sentido e para a forma na comunicação do significado por meio de paráfrases, substituições lexicais e elaborações semânticas e sintáticas.

Todavia, nem toda tarefa comunicativa permite aos aprendizes criar um ambiente de aprendizagem para eles mesmos. As pesquisas ressaltam que as tarefas comunicativas mais úteis ao desenvolvimento da L2 obedecem a três critérios básicos: (i) a imprescindibilidade da interação verbal; (ii) a necessidade da troca de informação entre os participantes e (iii) o compartilhamento entre os participantes de um único objetivo final para a resolução da tarefa. De acordo com o modelo apresentado por Pica, Kanagy & Falodun (1993) para tarefas comunicativas, as tarefas *jigsaw* e *information-gap* apresentam-se como as mais eficazes em criar oportunidades para a negociação de sentido, uma vez que cada participante possui parte da informação necessária para o cumprimento da tarefa que deve ser compartilhada para alcançar seu objetivo final. Tarefas como *problem-solving, decison-making* e *opinion-exchange* são menos propícias à produção de negociação de sentido porque um dos participantes pode dominar os turnos comunicativos, enquanto outros se tornam desinteressados e apressados para terminar a tarefa, o que gera menos quantidade de insumo e menos negociação durante a interação.

Mais recentemente, todavia, pesquisadores ressaltaram que os ajustes e as modificações da mensagem por meio de tarefas comunicativas, apesar de criarem um contexto propício para a compreensão e produção da L2 e incentivarem a interface forma e sentido, não são sistematicamente encontrados, nem são necessariamente dirigidos para formas específicas, ou para o conteúdo lingüístico em foco na tarefa. Em outras palavras, acredita-se que as tarefas comunicativas por si sós não asseguram aos participantes "perceber o descompasso" ("*notice the gap*"- SCHMIDT & FROTA, 1986) entre a forma-padrão e a sua própria produção. Esses autores propõem que devemos elaborar "tarefas comunicativas gramaticalmente orienta-

das" (*communicative-grammar tasks*) com o objetivo deliberado de chamar a atenção do aluno sobre a maneira como os sentidos são expressos na L2, ou seja, por meio do enfoque em áreas gramaticais específicas (LOSCHKY & BLEY-VROMAN, 1993; NOBUYOSHI & ELLIS, 1993; FOTOS & ELLIS, 1993).

Os pesquisadores Lyster & Ranta (1994) cunharam o termo *negociação de forma*, definido como uma *tentativa deliberada* por parte do professor em direcionar a atenção do aluno não apenas para a compreensibilidade, como ocorre na *negociação de sentido*, mas também para a precisão lingüística em direção à forma-padrão da L2. Dessa maneira, a negociação de forma compreende mais elementos pedagógicos do que propriamente elementos conversacionais em sua estrutura. O trabalho de Nobuyoshi & Ellis (1993) sugere que o critério metodológico de aplicação de uma tarefa comunicativa, gramaticalmente orientada por parte do professor, bem como as condições de produção, pode determinar a ocorrência e a freqüência do item gramatical em destaque na produção do aluno e de sua percepção no insumo a ele dirigido. Assim, segundo os autores, por meio de pedidos de esclarecimento (*Sorry? Pardon? Ah?*), o professor fornece insumo corretivo ao aluno, na tentativa de fazer com que ele perceba possíveis lacunas entre sua produção e a forma padrão da L2 e possa, então, reestruturar seus enunciados. Essa posição advogada por pesquisadores de ASL encontra respaldo na teoria de Vygotsky (1978), segundo a qual é por meio da mediação do outro que o processo de conscientização é instaurado e desenvolvido.

II. Os estudos, os aprendizes e as tarefas

Os dados apresentados e discutidos aqui são parte integrante de duas pesquisas – uma de doutorado (ASSIS, 1995) e outra de mestrado (OLIVEIRA, 1997) – laboradas para compreender a relação entre tarefa comunicativa, negociação e aprendizagem de línguas. O principal objetivo de ambos os estudos foi investigar o impacto de diferentes atividades comunicativas na interação aluno-aluno e aluno-professor. O discurso daí resultante foi analisado com base

em determinadas características da interação negociada, tidas como promotoras de oportunidades para o aprendiz modificar semântica e sintaticamente a sua fala. Os pares de interlocutores foram formados ao acaso e solicitados a interagir por meio das tarefas comunicativas escolhidas pelas pesquisadoras. As interações foram gravadas, transcritas e codificadas de acordo com o modelo interacionista proposto e utilizado por Pica (ver PICA, HOLLIDAY, LEWIS, & MORGENTHALER, 1989), cuja seqüência completa de negociação compreende quatro categorias de enunciados: o enunciado não entendido ou não aceito, chamado de Desencadeador de Negociação (*Trigger*), gera um Sinal de Não-Compreensão (*Signal Response*) da parte do ouvinte. O seu interlocutor, ao considerar o Sinal de Não-Compreensão, produzirá uma Resposta Imediata (*Follow-up Response*), reestruturando ou não a sua fala, a qual poderá seguir um Sinal de Compreensão/Continuação (*Continuation Move*) por parte do ouvinte, indicando que a interação pode prosseguir.

Os alunos participantes de ambos os estudos eram oriundos de institutos particulares de idiomas e estavam no nível intermediário (estudo de ASSIS, 1995) ou pré-intermediário (estudo de OLIVEIRA, 1997). O estudo de Assis contou com trinta pares de alunos e o de Oliveira com a participação de 15 alunos e de uma professora (a própria pesquisadora), que se engajaram na realização de tarefas comunicativas em contexto quase-experimental.

Os dados aqui apresentados referem-se apenas às interações resultantes do desenvolvimento de dois tipos de tarefa: *jigsaw* (JS) e *information-gap* (IG). Na JS, os alunos tiveram de reproduzir uma seqüência de 10 figuras de casas. Para completar a seqüência, cada aluno possuía cinco casas, ou seja, 50% da informação necessária para concluir a tarefa. Cada aluno teve de alternadamente descrever as figuras para o seu interlocutor. A tarefa finaliza-se quando ambos posicionam suas casinhas soltas nos lugares adequados. Na IG do estudo de Assis, um aluno desenhou uma figura para informar ao seu colega que ele deveria reproduzi-la apenas com base na descrição. Na JS do estudo de Oliveira, os alunos receberam um pequeno texto acerca de quatro personagens sobre suas férias, com informações incompletas. Eles tinham de interagir para obter os dados que faltavam sobre os personagens.

III. Exemplos de interação negociada e o desenvolvimento da L2

Em ambos os estudos, realizados, no Brasil, em contexto de língua estrangeira, verificou-se que a freqüência de negociação entre os pares é menor do que aquela registrada em contexto de segunda língua (DOUGHTY & PICA, 1986; FUTABA, 1994). Todavia, a análise das transcrições revelou que, nos momentos em que a negociação ocorreu, ela parece ter propiciado o desenvolvimento da L2, em virtude do alto número de respostas modificadas, registrado em busca do padrão da L2.

As modificações foram lexicais (sinônimos, paráfrases), morfológicas e sintáticas (segmentação com relocação de enunciados ou sem ela, topicalização ou incorporação). Verificou-se também que os alunos interagiam quase que exclusivamente na L2, expressando-se por meio de um nível de competência que, embora não fosse semelhante ao de nativos, possibilitava-lhes uma base prática para a expressão de sentidos e a construção de conhecimento próprio. Seguem alguns exemplos em que os alunos reestruturam seus enunciados em termos lexicais.

Exemplo 1 (JS) (ASSIS, 1995)

Aluno A	**Aluno B**
It has a black a **black ceiling? Ceiling?**	
	Ceiling?
A black **roof** ceiling black okay?	
	Yes.

No exemplo 1, o aluno B, mediante um pedido de confirmação (*Ceiling?*), sinaliza ao seu interlocutor a não-compreensão de um item lexical. O aluno A responde e modifica o seu enunciado, oferecendo outro vocábulo (*roof*), em substituição, para tornar a sua fala mais compreensível. O aluno B retoma o fluxo comunicativo por

meio de um sinal de compreensão (Yes). Verificou-se que, em seqüências posteriores, o par reutilizou o vocábulo *roof* de maneira adequada, ao descrever outras casas.

Exemplo 2 (JS) (ASSIS, 1995)

Aluno A	**Aluno B**
There is some **arbusts**?	
	Arbusts?
Some **plants?**	
	No/**They don't have any plants.**

No exemplo 2, o aluno A usou a palavra *arbusts* para designar o termo *bush*, cunhando um vocabulário novo com base na semelhança sonora com o termo em Inglês e a carga semântica da palavra *arbusto* em português. O aluno B, talvez por ser do mesmo *background* lingüístico, reconhece o processo de transferência da língua materna e emite um sinal de confirmação de sentido, segmentando do enunciado anterior o item não entendido ou aceito. O aluno A ajusta a sua fala em direção ao padrão da L2, utilizando o termo *plants* e retomando o fluxo interacional.

Curiosamente, dois termos necessários (*steps* e *chimney*) para descrever os tipos de casa (no estudo de ASSIS, as casas a serem descritas eram tipicamente de estilo americano) foram objeto de dificuldade, quase que para todos os pares de alunos. Eles buscaram compensar a limitação lingüística por meio de paráfrases, substituições e, em pouquíssimos casos, recorreram à língua materna.

Exemplo 3 (JS) (ASSIS, 1995)

Aluno A	**Aluno B**
Now when you come to **this upstairs** you use	
	=ladder
A ***ladder***	
	=stairs
Stairs and **it is a big ladder** but in	

This house **we use a ladder to go**
To the house in front of this door

Okay

Como se vê, o aluno B parece perceber certa dificuldade encontrada pelo aluno A para completar seu enunciado. Ele, então, toma o turno por meio de uma *completion* (complementação da fala do outro), utilizando, na ausência do vocabulário apropriado (*steps*), outras palavras do mesmo campo semântico (*ladder* e *stairs*), embora suas realizações sejam diferentes nas duas línguas. No exemplo, o aluno A, ainda confuso quanto aos sentidos de *ladder* e *stairs*, tenta explicar que o tipo de *ladder* a que se referia eram aqueles degraus em frente à porta da casa .

O exemplo acima e os que se seguirão confirmam a confusão de sentido que os três termos *ladder, stairs e steps* em inglês causam na sua relação com os termos *escada* e *degrau* em português, uma vez que não há uma correspondência biunívoca entre os significantes nas duas línguas.

No exemplo 4, abaixo, os interlocutores pedem ajuda um ao outro, recorrendo ao uso da LM (*escada how can I say?*). Neste exemplo, há ainda a atribuição de um sentido outro para a palavra *degree* (grau em inglês), utilizada para designar *degrau* (*steps* em inglês) em virtude da semelhança fonológica.

Exemplo 4 (JS) (Assis, 1995)

Aluno A	**Aluno B**
It's a little house é you see	
The front of the house you see one	
"*escada*" **how can I say?**	
	Stairs
Stairs	
	Stairs
Two degrees degrees	

Ironicamente, no exemplo 5, a seguir, o aluno A usa o termo corretamente; porém, o aluno B busca confirmar o sentido utilizando

um vocábulo (*Stairs?*), talvez mais conhecido para ele. A resposta de confirmação do aluno B (*yes, yes*) indica que a compreensão desejada foi atingida.

Exemplo 5 (JS) (ASSIS, 1995)

Aluno A	**Aluno B**
Three **steps**	
	Stairs?
Yes, yes	

Em relação ao termo *chimney*, os alunos demonstraram desconhecer completamente a palavra, apesar de ser semelhante ao português (certamente não é comum nos livros didáticos). Em seu lugar, usaram aquelas mais conhecidas como *stove* e *fireplace* ou elaboraram paráfrases como "*a place where Santa Claus go into the house*".

No exemplo 6, adiante, vê-se que apesar de o aluno A ter inserido a palavra "chaminé" em português, o aluno B oferece a palavra *fireplace* em inglês, que é usada no turno seguinte pelo aluno A, que preferiu continuar usando o inglês ao português.

Exemplo 6 (JS) (ASSIS, 1995)

Aluno A	**Aluno B**
Yes there are two together side by side so there is a **chaminé** and beside	
	Okay I know what it is I know XX **Fireplace fireplace** **Fireplace** yes and there is another one okay?
Do you know it?	

No exemplo 7, o aluno B, ao não compreender a palavra *stove*, sinaliza, por meio de um pedido de clarificação, a sua dificuldade na comunicação. O aluno B segmenta o enunciado anterior e repete a pala-

vra *stove*. O aluno A emite outro sinal de aparente não-compreensão, incorporando a palavra *stove* na estrutura *what is stove*? O aluno A mostra dificuldade para responder, levando o aluno B a tentar interpretar o que o aluno A estava querendo dizer com o enunciado *stove*. Ele procura interpretá-lo por intermédio de uma paráfrase *a part that is bigger than the house where Santa Claus*. O aluno A concorda com ele (*yes*). O próximo enunciado do aluno B sinaliza a sua compreensão (*okay okay*) e o enunciado *and it's white* indica o seu desejo de dar prosseguimento ao fluxo do discurso. Na verdade, a palavra que ambos procuravam era *chimney*; no entanto, apesar de não a terem mencionado, parece ser evidente o esforço empreendido por eles, levando-os a modificar as formas da sua interlíngua, seja nos sinais, seja nas respostas.

Exemplo 7 (JS) (ASSIS, 1995)

Aluno A	**Aluno B**
It has it have a **stove?**	
	What?
Stove	
	Yes/**What?What is stove?** It's the
Er . . .	
	A part that is bigger than the house where Santa Claus
Yes	
	A okay okay/and it's white

No exemplo 8, abaixo, na tentativa de descrever o seu desenho para o colega, o aluno A não sabia a expressão apropriada em inglês (*"a bunch of grapes"* – "cacho de uva" em português). O aluno B ofereceu a palavra *grape* "re-fraseada" pelo aluno A como *grapes*. A marca do plural fez com que o aluno B buscasse confirmação, se eram uma ou mais uvas ou um ou mais cachos de uva, por meio do enunciado segmentado e repetido *grapes?*. O aluno A introduziu uma frase em português "a gente fala cacho"; porém, o aluno B manteve o inglês, confirmando "some grapes?". Após alguns

enunciados, novamente o aluno A mostrou dificuldade em se lembrar da palavra *grapes* (*the grap grape the grap the grape is it grape?*), cuja forma e sentido foram fornecidas novamente pelo aluno B (*grapes*) e retomadas pelo aluno A.

Exemplo 8 (IG) (ASSIS, 1995)

Aluno A	**Aluno B**
Into the basket there is a a . . .?	
	Grape?
Yes **there is some grapes**	
	Grapes?
"A gente fala cacho"	
	Some grapes?
Yes some **grapes**	
	Okay
Some grapes with two leaves two leaves leaves the leaves of the grape/	
	Two leaves?
Yes **two leaves** one to the right and one to the left	
	Okay
One on the right side and one the left side of the	
	Okay go on
And beside the the	**= the grapes**
The grap the grape the grape is it grape?	
	Grapes/
Grapes beside the grapes there's a pineapple	

O movimento conjunto em busca da resolução do sentido faz com que os alunos trabalhem a forma. Os exemplos mostram que eles são capazes de se auxiliarem mutuamente na compreensão e produção de linguagem. As expressões "chimney" (exemplos 6 e 7) e "a bunch of grapes" (exemplo 8) não foram introduzidas nas seqüências interativas;

no entanto, a expressão "grapes" emergiu de uma série de enunciados de negociação, assim como a paráfrase *a part that is bigger than the house where Santa Claus*.

Os exemplos citados, a seguir, foram extraídos do estudo de Oliveira (1997) de uma tarefa comunicativa do tipo JS, que enfoca a estrutura do *simple past*. Ela foi usada na interação em par aluno-aluno (JS1) e aluno-professora (JS2). O objetivo da professora era intervir deliberadamente quando o item gramatical em destaque na tarefa (*simple past*) fosse usado inadequadamente pelo aluno.

No exemplo 9, abaixo (JS1), o vocábulo *pottery* é desconhecido por um dos alunos, o que desencadeia uma seqüência de negociação na qual o aluno B, mesmo dispondo de poucos recursos lingüísticos, tenta explicar o termo por meio de uma paráfrase (*that material you we can have you can make food or make of*). O aluno A, por sua vez, demonstra haver compreendido o termo *pottery*, reportando-se aos dados relativos ao desenvolvimento da tarefa (*I think it's more probable in Greece have pottery, don't you?*).

Exemplo 9 (JS1) (OLIVEIRA, 1997)

Aluno A	**Aluno B**
	Because you have good jewelery/**pottey**
Pottery/what is it?	
	That material you we have we can make food of make of
I think it's more probable in Greece/ Don't you?	

É importante observar que os alunos negociam o sentido. Eles chamam a atenção para determinadas formas lexicais da L2 (*pottery?*), gerando *feedback* suficiente para, mediante paráfrases, promover reformulações nos enunciados de seus interlocutores.

Abaixo seguem dois exemplos da JS2 em que a tentativa deliberada por parte da professora, utilizando *feedback* corretivo para chamar a atenção do aluno para o item gramatical em foco na tarefa, parece ajudá-lo a perceber a lacuna entre a sua produção e a forma padrão da L2. No exemplo 10, a correção indireta foi feita por intermédio de um pedido de esclarecimento (*Sorry*?), promovendo a reestruturação do enunciado em direção à forma-padrão (*What did Charlotte buy?*).

Exemplo 10 (JS2) (OLIVEIRA, 1997)

Professora	**Aluno**
	What Charlotte **buy? Did buy there?**
Sorry?	
	What Charlotte **What did Charlotte buy?**

No exemplo 11, abaixo, o aluno também modificou o seu enunciado em direção à forma correta (*He went to America*), logo após a interferência da professora, mediante um sinal de não-compreensão ou pedido de esclarecimento (*Pardon?*).

Exemplo 11 (JS2) (OLIVEIRA, 1997)

Professora	**Aluno**
What about David?	
Where did he go?	
	David/He go to America
Pardon?	
	He went to America
Well/what did he bring?	

Como se vê, em todos os exemplos, nas atividades comunicativas em que determinada forma lingüística é enfatizada, seja pela metodologia de sua aplicação, seja por seu desenho, os alunos parecem ser levados a refletir sobre o uso da forma padrão da L2 para comunicar sentidos. Essas evidências podem conduzir os professo-

res a refletirem sobre a importância do ensino contextualizado de gramática e a investirem em uma prática pedagógica renovadora que incorpore forma e sentido em atividades voltadas para a comunicação.

IV. Discussão e implicações pedagógicas

Neste artigo, procuramos contribuir com a discussão sobre o uso de tarefas comunicativas via trabalho em par na sala de aula. Por meio dos exemplos demonstrados, procuramos enfatizar que determinadas tarefas comunicativas permitem a aprendizes engajar-se em negociação, condição considerada teoricamente necessária, porém não suficiente, para receber insumo compreensível, obter *feedback* e produzir *output* modificado e, indiretamente, adquirir a língua. Tentamos mostrar que há outra justificativa para além da questão afetiva e social (o desejo de diminuir a ansiedade e promover um novo papel para o professor e os alunos, na busca de uma relação mais simétrica na sala de aula), que reside na consciência do professor acerca da importância da interação negociada para que o aprendiz possa adquirir novas formas lexicais e sintáticas e expressar sentidos. A negociação permite ao aluno trabalhar a língua, formular hipóteses e testá-las, integrando forma e sentido.

Os exemplos aqui apresentados foram extraídos dos dois tipos de tarefa consideradas como mais produtivas (JS e IG) em propiciar oportunidades para negociação. Por questão de espaço, não discutimos os resultados de outras tarefas analisadas como *opinion-exchange, role-play* and *cued-dialogue* (ver ASSIS, 1995), nas quais a troca de informação não é necessária para sua realização, uma vez que não é preciso alcançar um resultado único.

Tendo em vista que a realização dessas tarefas não depende da participação espontânea dos alunos, os mais proficientes ou extrovertidos acabam por monopolizar a interação, havendo pouca alternância de turnos, sem que um interrompa o outro para perguntar detalhes, o que, conseqüentemente, reduz drasticamente o número de perguntas e negociação.

É importante ainda ressaltar que os alunos de ambos os estudos interagiram quase que exclusivamente em inglês. Nas raras vezes em que utilizaram o português, apenas inseriram uma palavra sem, no entanto, configurar alternância de código. Pode-se argumentar que a baixa freqüência de interações na língua materna deveu-se ao nível de proficiência dos alunos (intermediário) e ao contexto quase-experimental da pesquisa.

Essas observações são pertinentes e devem encorajar professores a pesquisar sua própria sala de aula, registrando e refletindo sobre o uso de tarefas comunicativas, sejam elas gramaticalmente orientadas ou não. Que tarefas comunicativas produzem maior oportunidade para negociação? Que tarefas permitem aos alunos o desenvolvimento de gramática e vocabulário? Que item gramatical deve ser enfocado no desenho de uma tarefa comunicativa? De que maneira alunos re-significam tarefas propostas por professores? Que decisões pedagógicas devem ser tomadas com base nos dois pólos, forma e sentido, para integrá-los?

Acima de tudo, acreditamos ser importante que nós, professores, reconheçamos que o aluno é capaz de sinalizar ao seu interlocutor a não-compreensão de seu enunciado e modificar a sua resposta significativamente. É capaz de buscar sentidos e formas que deseja expressar, mesmo dispondo de repertório lingüístico limitado e sem o controle direto e constante do professor. Cientes disso, cabe a nós, professores, experimentar, desacomodar, refletir e implementar ações pedagógicas consistentes do ponto de vista teórico, e viáveis do ponto de vista prático. Aliás, o desafio de integrar forma e sentido é tão vasto, necessário e complexo quanto o de relacionar teoria e prática.

Referências Bibliográficas

ASSIS, Ana Antônia de. A. *Peers as a resource for language learning in the foreign language context:* insights from an interaction-based study. Unpublished Ph.D. Dissertation. University of Pennsylvania, Philadelphia, USA, 1995.

COELHO, Rosa A. Bessa. *Interactional behaviour in the communicative classroom*: the effects of tasks and participation patterns on the negotiation of meaning. Dissertação inédita de mestrado. UFF, Niterói, 1997.

PICA, Teresa; DOUGHTY, Catherine. The role of group work in classroom second language acquisition. *Studies in Second Language Acquisition*, v. 7, p. 233-248, 1985.

DOUGHTY, Catherine; PICA, Teresa. Information gap tasks: an aid to second language acquisition? *TESOL Quarterly*, v. 20, p. 305-325, 1986.

FOTOS, Sandra; ELLIS, Rod. Communicating about grammar: a task-based approach. *TESOL Quarterly*, v. 25, p. 605-628, 1993.

FUTABA, Terufumi. Second language acquisition through negotiation: a case of non-native speakers who share the first language. Unpublished Ph.D. Dissertation, University of Pennsylvania, Philadelphia, USA, 1994.

GASS, Susan; VARONIS, Evangeline. Task variation and non-native/non-native negotiation of meaning. In: GASS, Susan; MADDEN, Carolyn (Ed.). *Input in Second Language Acquisition*. Rowley, Massachusetts: Newbury House Publishers, Inc., 1985. p. 149-161.

KRASHEN, Stephen. *Second language acquisition and second language learning*. Oxford: Pergamon Press, 1981.

KRASHEN, Stephen. *Principles and practice in second language acquisition*. Oxford: Pergamon Press, 1982.

LONG, Michael. *Input, interaction, and second language acquisition*. Unpublished Ph.D. Dissertation, University of California, Los Angeles, USA, 1980.

LONG, Michael Input, interaction, and second language acquisition. In: WINITZ, Harris, (Ed.). *Annals of the New York Academy of Sciences Conference on Native and Foreign Language Acquisition*. New York: New York Academy of Sciences, 1981. p. 159-278.

LONG, Michael. Linguistic and conversational adjustments to non-native speakers. *Studies in Second Language Acquisition*, v. 5, n.2, p. 177-193, 1983.

LONG, Michael; PORTER, Patricia. Group work, interlanguage talk, and second language acquisition, *TESOL Quarterly,* v.19, n. 2, p. 207-228, 1985.

LOSCHKY, Lester; BLEY-VROMAN, Robert. Grammar and task-based methodology. In: GASS, Susan; CROOKES, Graham, (Ed.). *Tasks and language learning*: integrating theory and practice. London: Multilingual Matters, 1993, 123-67.

LYSTER, Roy; RANTA, Leila. Corrective feedback and learner uptake: negotiation of form in communicative classrooms. *Studies in Second Language Acquisition,* v. 19, p. 37-66, 1997.

NOBUYOSHI, J.; ELLIS, Rod. Focused communication tasks and second language acquisiton. *English Language Teaching Journal*, Oxford: Oxford University Press, v. 47, n.3, p. 203-10, 1993.

OLIVEIRA, Ana Larissa A. M. de. *A interação através do uso de tarefas comunicativas e a sua significância para o ensino de língua estrangeira*. Dissertação de mestrado inédita. Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 1997.

PICA, Teresa. Interlanguage adjustments as an outcome of NS-NNS negotiated interaction. *Language Learning,* v. 37, p. 563-593,1987.

PICA, Teresa. Second language learning through interaction: Multiple perspectives. In: REGAN, Vera, (Ed.). *Contemporary approaches to second language acquisition.* Dublin: University College Dublin Press, 1998. p.11-32.

PICA, Teresa; DOUGHTY, Catherine. The role of group work in classroom second language acquisition. *Studies in Second Language Acquisition,* v. 7, n. 2, p. 233-248, 1985.

PICA, Teresa; HOLLIDAY, Lloyd; LEWIS, Nora; MORGENTHALER; Lynelle. Comprehensible output as an outcome of linguistic demands on the learner. *Studies in Second Language Acquisition*, v. 11, n.1, p. 63-90, 1989.

PICA, Teresa; KANAGY, Ruth; FALODUN, Joseph Sola. Choosing and using communication tasks for second language research and teaching. In: GASS, Susan and CROOKES, Graham. (Ed.). *Tasks and language learning:* integrating theory and practice. London: Multilingual Matters, 1993. p. 9-34.

PORTER, Patricia. How learners talk to each other: input and interaction in task-centered discussions. In: DAY, Richard, (Ed.).

Talking to learn: conversation in second language acquisition. Rowley, Massachusetts: Newbury House Publishers, Inc., 1986. p. 200-224.

SCHMIDT, Richard; FROTA, Sylvia. Developing basic conversation ability in a second language: a case study of an adult learner of Portuguese. In: DAY, Richard (Ed.). *Talking to learn:* conversation in second language acquisition. Rowley, Massachusetts: Newbury House Publishers, Inc., 1986. p. 237-326.

SWAIN, Merril. Comunicative competence: some roles of comprehensible input and comprehensible output in its development. In: GASS, Susan and MADDEN, Carolyn, (Ed.). *Input in Second Language Acquisition*. Rowley, Massachusetts: Newbury House Publishers, Inc., 1985. p. 235-256.

VARONIS, Evangeline; GASS, Susan. Non-native/non-native conversations: a model for negotiation of meaning. *Applied Linguistics*, v. 6, n.1, p. 1-90, 1985.

VYGOTSKY, Leon S. *Mind in society:* the development of higher psychological processes. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1978.

WAGNER-GOUGH, J.; HATCH, Evelyn. The importance of input data in second language studies. *Language Learning,* v. 25, n.2, p. 297-307, 1975.

Colaboradoras

Ana Antônia de Assis, Ph.D. pela University of Pennsylvania (EUA), é professora de Lingüística Aplicada no Programa de Mestrado em Estudos Lingüísticos da Universidade Federal de Mato Grosso. Publicou, entre outros, artigos nos periódicos *Communication and Cognition* e *Tesol Quarterly* e organizou o livro *Cenas de Sala de Aula* (com Maria Inês Pagliarini Cox, 2001). Interessa-se por questões relativas ao ensino e aprendizagem de língua estrangeira. Atualmente, seu ensino e pesquisa focalizam metodologias interpretativas e críticas voltadas ao estudo do fenômeno das fricções lingüístico-culturais em relação ao uso da língua inglesa dentro e fora da escola.

Ana Larissa Adorno Marciotto Oliveira é mestre em Educação e Linguagens pela UFMT e aluna de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da FALE/UFMG. No momento, leciona Língua Inglesa e Leitura e Produção de Textos em Língua Materna. Tem-se interessado pela relação teoria-prática em programas de formação de professores de línguas e por atividades de pesquisa-ação colaborativa.

Deise Prina Dutra é mestre em Lingüística pela University of Illinois at Chicago e Ph.D. em Lingüística pela University of Florida. É professora-adjunta da Faculdade de Letras da UFMG, atuando nas áreas de inglês, lingüística aplicada ao ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras e análise do discurso. Foi vice-presidente da Associação de Lingüística Aplicada do Brasil (ALAB) e é uma das editoras da Revista Brasileira de Lingüística Aplicada. Atualmente, sua pesquisa está voltada para a formação de professores e o ensino de gramática.

Elizabeth Assunção Gontijo é mestre em Lingüística Aplicada pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da UFMG. É professora da UNI-BH e de cursos livres de idiomas.

Gloria Gil é Professora do Depto. de Línguas Estrangeiras, no Centro de Comunicação e Expressão na Universidade Federal de

Santa Catarina - UFSC. Publicou vários artigos relacionados ao ensino de línguas estrangeiras, nos seguintes periódicos: English Language Teacher Journal, TEIAS, Ilha do Desterro, Intercâmbio e Lenguas Modernas.

Heliana Mello é Ph.D. em Lingüística pela The City University of New York. Desde 1999 é Professora-Adjunto da Faculdade de Letras da UFMG, atuando nas áreas de língua inglesa e lingüística. Foi secretária da ALAB e é presidente da Associação Brasileira de Estudos Crioulos e Similares. É uma das editoras da Revista Brasileira de Lingüística Aplicada. Suas pesquisas concentram-se nas áreas de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras e lingüística cognitiva.

Mariney Pereira Conceição – Mestre em Lingüística pela Universidade Federal de Uberlândia e doutora em Lingüística Aplicada pela Universidade Federal de Minas Gerais. É professora do Centro de Línguas do Departamento de Línguas Estrangeiras Modernas da Universidade Federal de Uberlândia.

Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva é Professora Titular da Faculdade de Letras da UFMG, atuando na Graduação e na Pós-Graduação. Tem mestrado em Língua Inglesa pela UFMG e doutorado em Lingüística e Filologia pela UFRJ. Desenvolve trabalhos de ensino, pesquisa e extensão, atuando nas linhas de pesquisa (1) "Ensino/ Aprendizagem de Língua Estrangeira" com ênfase em aprendizagem mediada por computador e (2) "Análise do Discurso" com foco em gêneros e interações em contextos mediados por computador. Foi presidente da APLIEMGE e da ALAB e da Comissão de Especialistas de Ensino de Letras da SESu/MEC. É uma das editoras da Revista Brasileira de Lingüística Aplicada.

DOAÇÃO
Do: UFMG - FALE
Sistema
Em: 01 / 04 / 2004
R$ 23,00

Estudos Lingüísticos é uma série que tem por objetivo divulgar trabalhos de pesquisa científica na área dos estudos da linguagem. Editada pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, esta série publica trabalhos sobre a linguagem humana e suas inúmeras interfaces, tanto sob uma perspectiva teórica quanto aplicada.

ISBN 85-87470-56-6

9 788587 470560

FALE

PosLin

Denilso de Lima

Mesmo autor de *Inglês na ponta da língua*

GRAMÁTICA DE USO DA LÍNGUA INGLESA

A gramática do inglês na ponta da língua

- Como usar o Present Perfect
- Como aprender as preposições do inglês
- O que a gramática tradicional não explica
- Como usar o *to* e o *for* em inglês

MATERIAL DE ÁUDIO NO SITE

Denilso de Lima

GRAMÁTICA DE USO DA LÍNGUA INGLESA

A gramática do inglês na ponta da língua

ELSEVIER
CAMPUS

Cadastre-se em www.elsevier.com.br para conhecer nosso catálogo completo, ter acesso a serviços exclusivos no site e receber informações sobre nossos lançamentos e promoções.

@ 2011, Elsevier Editora Ltda.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográfi cos, gravação ou quaisquer outros.

Copidesque: Carla Hauer
Revisão: Elaine Mayworm e Adriana Kramer
Editoração Eletrônica: Ilustrarte Design e Produção Editorial
Conversão para eBook: Freitas Bastos

Elsevier Editora Ltda.
Conhecimento sem Fronteiras
Rua Sete de Setembro, 111 - 16º andar
20050-006 - Centro - Rio de Janeiro - RJ - Brasil

Rua Quintana, 753 - 8º andar
04569-011 - Brooklin - São Paulo - SP

Serviço de Atendimento ao Cliente
0800-0265340
sac@elsevier.com.br

ISBN 978-85-352-4157-0

Nota: Muito zelo e técnica foram empregados na edição desta obra. No entanto, podem ocorrer erros de digitação, impressão ou dúvida conceitual. Em qualquer das hipóteses, solicitamos a comunicação ao nosso Serviço de Atendimento ao Cliente, para que possamos esclarecer ou encaminhar a questão.
Nem a editora nem o autor assumem qualquer responsabilidade por eventuais danos ou perdas a pessoas ou bens, originados do uso desta publicação.

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

L697g Lima, Denilso de
Gramática de uso da língua inglesa : a gramática do inglês na ponta da língua / Denilso de Lima. - Rio de Janeiro : Elsevier, 2010.
Inclui bibliografia ISBN 978-85-352-4157-0

1. Língua inglesa - Gramática - Estudo e ensino. I. Título.
10-4289. CDD: 425 CDU: 811.111’36’243

À minha paciente e amada esposa

Adriane

"O principal mal-entendido no ensino de língua inglesa
é acreditar que a gramática (normativa) é a base da
língua e que o domínio do sistema gramatical (regras)
é pré-requisito para uma comunicação efetiva."

Michael Lewis

SUMÁRIO

Capa
Folha de Rosto
Cadastro
Copyright
Dedicatória
Epígrafe
Agradecimentos
Apresentação
Parte I | Falando um pouco sobre gramática
Capítulo 1 | Por que a gramática é tão chata ?
Capítulo 2 | Que gramática você aprenderá aqui?
Gramática de uso — Colocando em Prática
Capítulo 3 | Coisas que a gramática não explica
Capítulo 4 | Quando a gramática é necessária?
Capítulo 5 | O uso do português no ensino de inglês
Parte II | A Gramática na prática
Capítulo 6 | A diferença entre a, an e one (indefinite article)
A, an e one — Colocando em Prática
Capítulo 7 | Quando usar the corretamente em inglês? (Definite article)
The — Colocando em Prática
Capítulo 8 | Much e many: qual a diferença?
Much e many — Colocando em Prática
Capítulo 9 | Some e any: quando usar?
Some e any — Colocando em Prática
Capítulo 10 | Por que o verbo to be é tão chato?
Verbo be — Colocando em Prática
Capítulo 11 | Por que colocar S depois de verbos? (Present simple)
S depois de verbo — Colocando em Prática
Capítulo 12 | Past simple: o passado em inglês
Past simple — Colocando em Prática

Capítulo 13 | O que é um verbo irregular?
Verbos irregulares — Colocando em Prática
Capítulo 14 | Como usar o Present perfect I
Present perfect I — Colocando em Prática
Capítulo 15 | Como usar o Present perfect II
Present perfect II — Colocando em Prática
Capítulo 16 | Past simple X Present perfect
Past simple X Present perfect — Colocando em Prática
Capítulo 17 | Modal verbs: can e could
Can e could — Colocando em Prática
Capítulo 18 | Modal verbs: may e might
May e might — Colocando em Prática
Capítulo 19 | Modal verbs: shall e should
Shall e should — Colocando em Pratica
Capítulo 20 | Modal verbs: will e would
Will e would — Colocando em Prática
Capítulo 21 | Modal verbs: must
Must — Colocando em Prática
Capítulo 22 | Como expressar ideias no futuro em inglês?
Futuro em inglês — Colocando em Prática
Capítulo 23 | Como aprender as preposições em inglês?
Preposições — Colocando em Prática
Capítulo 24 | To e for: qual a diferença?
To e for — Colocando em Prática
Capítulo 25 | Quando usar in, on, at (lugares)
In, on, at (lugares) — Colocando em Prática
Capítulo 26 | Quando usar in, on, at? (tempo)
In, on, at (tempo) — Colocando em Prática
Respostas das atividades
Referências bibliográficas

AGRADECIMENTOS

A parte de agradecimentos em um livro é, de certa forma, a mais complicada de se escrever. Isso porque, ao longo do processo de elaboração, troca de ideias, diagramação, avaliação, correção etc., são tantas as pessoas envolvidas que se torna praticamente impossível citar o nome de todas. No entanto, há sempre aqueles que devemos mencionar. Afinal, são pessoas, em particular, que aturam o autor a maior parte do tempo.

Assim, o primeiro grande obrigado vai à minha amada e (zm)paciente esposa, Adriane de Lima. Dediquei inúmeras horas de nosso tempo a este livro; portanto, mais do que ninguém, ela queria vê-lo chegar ao fim o mais rápido possível. Dessa forma, eu voltaria a dar mais atenção a ela. Para deixá-la sempre por dentro, fiz questão de que ela fosse sempre a primeira pessoa a ouvir as ideias e a comentar tudo o que está aqui. Portanto, agradeço e conto sempre com sua paciência, seu carinho, sua atenção, seus cuidados, mimos, caprichos e, acima de tudo, seu amor.

Chega a vez de agradecer às pessoas escolhidas por meio do site para comentar, criticar, avaliar, corrigir, sugerir alterações e muito mais ao longo da elaboração deste livro: Graça Congro, Ana Barwick, Selma Hirose, Iramaia Lima, Rayssa Rabelo, Natalia Moreira, Lúcia Pereira, José Ribeiro, Marcel Ferreira, Daniella Moretti, Alexandre Piovani, Raphael Dourado, Franckland Reis, Victor Paulo, Sandra Nakamura, Sandra Montenegro, Edmar Souza, Luciana Lopes e Vivian Bispo. Um agradecimento todo especial para a Vivian, que conseguiu ler todo o material enviado e dar sugestões importantes para o livro ficar ainda melhor.

I also have to thank the *gringos* who contributed to the English used in this book: Linda Clark (New York, USA), William Young (Boston, USA), Cristopher Parker (Brisbane, Australia), Michelle Hill (Seattle, USA), Nancy Cooper (Ohio, USA), David Smith (London, England), Susan Walker (Oxford, England) and Mark Phillips (London, England). For sure, you are all part of this stuff! Thank you so much for your precious help and time!

Encerro agradecendo a todos os membros da **inFlux English School** por procurarem cada vez mais e mais darem uma cara nova ao ensino de inglês no Brasil. Em especial, agradeço aos *brothers* Ricardo e Eduardo Leal por terem sido Amigos presentes nos últimos três anos. Além da família inFlux, não posso deixar de mencionar as instituições nas quais tive a oportunidade de expor minhas ideias e experiências: Cultura Inglesa, CCAA, Yázigi, CNA, Fisk, Skill, Wizard, UNIR (Universidade Federal de Rondônia), Centro Universitário São Camilo (Cachoeiro de Itapemi-rim), Associação de Professores de Língua Inglesa do Estado de São Paulo (APLIESP), Associação de

Professores de Língua Inglesa do Estado do Paraná (APLIEPAR), Associação de Professores de Inglês do Rio Grande do Sul (APIRS), Associação de Professores de Inglês do Espírito Santo (APIRS), Brazilian Teachers of English for Speakers of Other Languages (Braz-TESOL) e seus *regional chapters*.

APRESENTAÇÃO

Gramática de uso da língua inglesa é um livro diferente de todos que você já viu sobre gramática. Aqui, os tópicos gramaticais tidos como os mais complicados do inglês são apresentados de forma simples, didática e fácil. Sem complicações! O modo como a gramática do inglês é abordada levou algumas pessoas a dizerem que o modo como você aprende *(ou ensina*) inglês nunca mais será o mesmo após a leitura deste livro..

Por meio de uma linguagem simples e sem tecnicismos as dicas de gramática dadas aqui são apresentadas de modo claro e descomplicado. As dúvidas gramaticais mais frequentes que os alunos iniciantes e intermediários de inglês costumam ter são tratadas do ponto de vista de uso da língua e não da análise gramatical.

❖ Que dúvidas o livro responderá a você?

Seguem algumas das perguntas mais frequentes que estudantes de inglês fazem e cujas respostas você encontra nas páginas deste livro:

- Quando usar **many** ou **much**?
- Como usar corretamente o **present perfect**?
- Qual a diferença entre o **present perfect** e o **past simple**?
- Como aprender as preposições em inglês?
- Quando usar **in**, **on** ou **at**?
- Quando usar **to** ou **for**?
- O que são os verbos irregulares?
- O que são os **modal verbs**?

❖ O livro tem atividades?

Sim! O livro conta com uma vasta gama de atividades para você pôr em prática tudo que estiver aprendendo. Assim, poderá ter certeza de que está compreendendo o que está sendo ensinado.

❖ Os exemplos dados no livro são reais ou inventados pelo autor?

Cada dica deste livro está recheada de inúmeros exemplos. Todos são exemplos reais. Ou seja, o autor teve a preocupação de buscar sentenças usadas em situações reais pelos falantes nativos da língua inglesa. Portanto, todos os exemplos demonstram a língua inglesa como é usada no dia a

dia. Isso garante que você aprenderá coisas reais, e não coisas que servem apenas para satisfazer uma explicação ou outra.

❖ **Este livro é indicado a quem?**

O livro é indicado a quem estuda inglês sozinho, em uma escola regular ou em um centro de idiomas. Como as dicas e as atividades são claras e simples, mesmo quem não sabe nada de inglês aprenderá muito com sua leitura. Alunos inciantes e intermediários encontrarão respostas para algumas dúvidas que insistem em continuar atrapalhando seu aprendizado. Já os alunos avançados poderão tirar proveito desta obra revendo alguns aspectos da gramática da língua inglesa que talvez ainda não estejam tão claros. Em resumo, este livro é indicado a todos que querem aprender inglês de forma natural e sem complicações.

❖ **Professores de inglês podem usar este livro em suas aulas?**

Sem dúvida! Aliás, todos os professores são convidados a colocar as dicas dadas aqui em prática. Este livro também é um convite para que professores comecem a rever certos conceitos de ensino da língua inglesa. A ideia é trocar o engessado e complicado modo tradicional de ensino por um mais moderno, dinâmico e prático aos alunos. Enfim, quanto mais pessoas compreenderem que é preciso mudar o modo como a língua inglesa é ensinada no Brasil, melhor! Os alunos agradecem!

❖ **Há algo mais além do livro? Conteúdo na internet?**

Sim! Além das páginas impressas, há muito mais! O material de áudio assim como algumas dicas extras e inéditas estão disponíveis para download gratuito na internet. Para baixá-los, basta acessar o website do autor www.denilsodelima.com e aproveitar. Ao longo do livro, o autor indica ainda onde você poderá encontrar informações adicionais sobre as dicas dadas aqui. Como a internet é dinâmica e o livro está integrado a ela, podemos dizer que este livro continua vivo e em constante atualização por meio do website do autor. Dessa maneira, sempre haverá algo mais para você. O autor também garante que, caso uma dica ou outra desta obra não fique tão clara, o que é quase impossível, você poderá deixar sua dúvida ou comentário no site e ele responderá a você. Enfim, há, com certeza, muito mais para você além deste livro.

Como dissemos logo no início, este livro oferece tudo para que *o jeito de aprender (ou ensinar) inglês nunca mais seja o mesmo.* Ele mexerá com tudo aquilo que você acredita ser verdadeiro e imutável em inglês. Ou seja, se você quer mesmo aprender inglês de um modo rápido e inteligente, este é o livro certo para você.

Tenho certeza de que muitas de suas dúvidas de inglês serão resolvidas a partir de agora. Desejo a você uma excelente leitura e um aprendizado muito além do convencional!

Denilso de Lima

www.denilsodelima.com

PARTE I

FALANDO UM POUCO SOBRE GRAMÁTICA

CAPÍTULO 1

POR QUE A GRAMÁTICA É TÃO CHATA?

Em meu blog, meus livros, wokshops, cursos e palestras, sempre deixo bem claro às pessoas que não sou muito fã de gramática. Na verdade, tenho até aversão a essa palavra! Por conta disso, evito explicar as coisas por meio de regras gramaticais e tecnicismos linguísticos, que mais complicam do que ajudam quem quer aprender a falar inglês. Essa minha atitude faz com que estudantes e professores de inglês me questionem sobre a razão pela qual considero a gramática chata e desnecessária.

Na verdade, as pessoas confundem o que eu digo. Ou melhor, esquecem *(ou não sabem)* que, ao lidarmos com o aprendizado *(ensino)* de uma língua (*seja qual for*), temos dois tipos de gramática a serem levados em conta: gramática normativa (*ou gramática estrutural*) e gramática de uso (*ou gramática natural, gramática funcional*).

A gramática que eu considero chata e desnecessária é a gramática normativa, que é aquela das regras e dos termos técnicos usados para descrever a língua. Em outras palavras, a gramática do certo e do errado, aquela do não escreva ou fale assim, pois está errado. É a gramática que, em minha opinião e na de muitos outros estudiosos, mais atrapalha do que ajuda quem quer aprender a se comunicar fluentemente em inglês.

Quando você dedica horas e horas decorando regras gramaticais e termos técnicos utilizados para descrever a língua, aprender inglês acaba se tornando cansativo, demorado e chato demais. Para mim, aprender inglês pode (*e deve*) ser divertido. É por isso que considero a gramática (normativa) extremamente chata e desnecessária.

Ao dar muita ênfase ao aprendizado das regras gramaticais e tecnicismos da língua (gramática normativa), você certamente levará muito tempo para aprender inglês. Além disso, ao pensar demais nas regras, você pode acabar *travando* ao tentar se comunicar naturalmente com um falante nativo da língua inglesa. A explicação para essa dificuldade reside no fato de você estar usando sua capacidade de memorização mecânica na tentativa de se comunicar com a outra pessoa.

Dessa forma, a conversa *(ou a língua como um todo*) se torna penosa, complicada, cansativa, chata, difícil etc. É por isso que a língua inglesa acaba se tornando difícil, complicada e cansativa para muita gente. Aprender assim torna-se mais um teste de memória do que um aprendizado verdadeiro e prazeroso. Resultado: desistência em aprender e ódio pela língua.

Mas saiba: na vida real, as coisas são bem diferentes, e a gramática normativa não faz parte do uso natural da língua. Os falantes nativos de uma língua raramente se preocupam com as regras gramaticais ao se comunicarem uns com os outros no dia a dia. Para entender isso, convido você a pensar em suas conversas diárias com amigos, parentes, colegas de trabalho etc.

Durante o dia de hoje, você deve ter conversado com várias pessoas. Nessas conversas, você certamente usou a língua portuguesa para se comunicar, certo? Levando em conta essas conversas, responda às perguntas a seguir:

- Em algum momento, você parou para pensar se o verbo que usaria deveria estar no pretérito perfeito, pretérito mais-que-perfeito ou pretérito imperfeito?
- Ou deixou de dizer algo por ter dúvida se a conjunção a ser usada era coordenativa, subordinativa integrante, subordinativa adverbial etc.?
- Você parou para refletir se o verbo de uma sentença a ser dita era regular, anômalo, defectivo, abundante ou algo assim?
- Ou se questionou sobre as preposições que usaria na conversa?

Pare por alguns instantes e reflita sobre essas perguntas! Todas elas têm a ver com gramática normativa *(regras e tecnicismos*). O que você acha? Percebe como não precisamos de gramática normativa para nos comunicar com as pessoas no dia a dia?!

Em outras palavras, não precisamos decorar regras e termos técnicos para dizermos às pessoas o que queremos, pensamos ou desejamos. Nós nos comunicamos naturalmente sem pensar nessas coisas. De forma consciente, não pensamos em regras e termos técnicos enquanto falamos.

Luiz Carlos Travaglia, linguista brasileiro, escreveu algo interessante e que, de certa forma, resume o que estou dizendo:

> Para a grande maioria dos falantes nativos de uma língua, o que importa é ser comunicativamente competente em sua língua. Ter conhecimento sobre a língua e/ou ser analista da mesma importa a pouca gente (linguistas, gramáticos, teóricos da língua em geral, professores de língua materna e estrangeira e em menor grau a alguns profissionais que se valem diretamente da linguagem, tais como jornalistas, publicitários, revisores etc.). (*Gramática: ensino plural,* Editora Cortez)

A gramática normativa (as regras e os termos técnicos) importa a poucas pessoas mesmo! Quem quer se comunicar com naturalidade em sua própria língua ou outra língua deve ocupar-se de falar espontaneamente. Portanto, se você deseja aprender um segundo idioma para se comunicar, não precisa dedicar horas e mais horas ao aprendizado da teoria gramatical (gramática normativa).

Abaixo você encontra algumas razões pelas quais eu e outros especialistas consideram a

gramática (normativa) chata e denecessária:

1. As pessoas têm de decorar essas regras e tecnicismos de forma mecânica e sem naturalidade;
2. Ao tentar decorar todas as regras e tecnicismos, o aprendizado da língua se torna aborrecido, demorado, cansativo e quase impossível;
3. Mesmo que a pessoa consiga decorar todas as regras e tecnicismos, ela falará a outra língua como se fosse um robô, sem naturalidade e sem ritmo.

Uma das dificuldades de quem se dedica muito ao estudo da gramática (normativa) é que acaba aprendendo um monte de regras e na hora de falar inglês para valer simplesmente não consegue. É bem provável que você já tenha estudado sobre o Present Perfect em inglês. Ou talvez, sobre o Simple Present. Você lembra vagamente de regras e mudanças nos verbos. No entanto, na hora de falar inglês simplesmente esquece disso tudo ou para para pensar na regra. Esse problema é conhecido pelos estudiosos como *problema do conhecimento inerte* (Alfred N. Whitehead, 1929). Ou seja, você se lembra das regras gramaticais (você as aprendeu na aula, fez atividade e tudo mais), porém na hora de usá-las espontaneamente (na comunicação real) você não consegue. Isso é frustante, não é verdade?

Lembre-se que para vencer esse tal de problema do conhecimento inerte é necessário que você mude a sua atitude em relação à língua inglesa, mantenha-se motivado e mude o modo de encarar o aprendizado da língua inglesa. Para isso é preciso mudar o jeito que você encara a gramática da língua inglesa. Acredite! Ao deixar as regras e termos técnicos de lado poderá ajudar você a realizar o seu sonho de falar inglês mais rápido do que você imagina.

Mas não se confunda! O fato de a gramática normativa ser chata não significa que você não aprenderá gramática. Pelo contrário! Você pode aprender a gramática da língua inglesa, sim! E isso sem ter de aprender a gramática normativa. É sobre isso que vamos falar nas páginas a seguir.

CAPÍTULO 2

QUE GRAMÁTICA VOCÊ APRENDERÁ AQUI?

Já que gramática normativa atrapalha, então que tipo de gramática você deve aprender? E mais importante que isso: como aprender?

Falei antes que, além da gramática normativa, há ainda outro tipo conhecido como gramática de uso, ou ainda gramática natural ou gramática funcional. Prefiro chamá-la de gramática de uso, pois é assim que a maioria dos gramáticos e demais estudiosos referem-se a ela. Portanto, neste livro esse é o tipo de gramática que você encontrará.

A diferença entre a gramática de uso e a gramática normativa é que a primeira se ocupa da língua como ela é falada pelos nativos. Significa que por meio dela você aprenderá a usar a língua e não a analisá-la mecanicamente.

Quando analisamos a língua (lembrando de regras e tecnicismos), estamos lidando com a gramática normativa. Por outro lado, quando nos preocupamos em simplesmente aprender como as coisas são usadas e o que significam, estamos lidando com a gramática de uso.

Na prática, funciona da seguinte maneira: imagine que você quer aprender como perguntar a outra pessoa se ela já esteve em algum local. Ou seja, você quer aprender a perguntar *Você já foi a...?* ou *Você já esteve em...?* Você deseja aprender essas duas sentenças em inglês. Logo, descobre que eles dizem *Haveyou been to...?*

Ao aprender o modo como eles fazem essa pergunta, você então poderá criar sentenças como as que seguem:

EXEMPLO	
Have you been to (Você já esteve em)	**Milan?** **London?** **Paris?** **New York?** **Curitiba?** **Natal?** **Maceio?** **Porto Velho?** **that new restaurant downtown?** **Mariana's house?**

Ao fazer isso, você aprende a sentença que comunica exatamente aquilo que você quer dizer em inglês. Observe que você não perde tempo tentando aprender as regras do Present Perfect, muito menos com a ordem na qual a sentença se encontra. Isso significa que você deixa de lado a gramática normativa e aprende a língua como ela é usada, aprende a gramática de uso. Você aprende a dizer o que quer do jeito certo e sem complicações. Não hesita *(gagueja)* por ter de pensar nas regras e termos técnicos da língua.

Uma vez, ao explicar isso a um grupo de alunos, um deles disse: *Aprendendo desse jeito, a gente aprende a se comunicar naturalmente, sem ter de ^ficar fa.zendo a autópsia das sentenças.* O que ele quis dizer com isso é que você aprende uma sentença que expressa exatamente o que você quer dizer.

Para ficar ainda mais claro, vou dar outro exemplo. Imagine que você queira dizer *Eu fui à festa sexta passada.* Eu ensino a você que, em inglês, é *I went to the party last Friday.* Você pode, então, dividir a sentença em três partes e praticar a pronúncia das partes separadamente e depois tudo junto:

I went (Eu fui)	**to the party** (à festa)	**last Friday** (sexta passada)

Digamos, então, que, em determinado momento, você queira dizer *Eu fui ao shopping sexta passada.* O que fazer? Note que a sentença é muito parecida com a anterior. A única diferença é o local: *shopping.* Aí você aprende que *shopping* em inglês pode ser mall, *shopping mall* ou *shopping center.* Então, basta trocar a palavra *party (festa)* por *mall* e dizer:

I went	**to the mall**	**last Friday.**

Levando isso em conta, você poderá dizer muitas outras coisas usando a mesma sequência. Caso queira mudar o dia da semana, é só fazer assim:

I went	**to the mall**	**last Saturday.** **last Sunday.** **last Monday.** **last Tuesday.** **last Wednesday.** **last Thursday.**

Mas você pode ainda continuar mudando o local ao qual foi. E, então, ter as seguintes possibilidades:

I went	**to the mall** **to the beach** **to the club**	**last Saturday.** **last Sunday.** **last Monday.**

	to the restaurant	**last Tuesday.**
	to the dentist	**last Wednesday.**
	to the movies	**last Thursday.**

Posso então perguntar a você: *Como é que se diz "eu fui" em inglês?* Se você entendeu a ideia da gramática de uso, saberá que a resposta será *I went.* Portanto, todas as vezes que tiver de dizer *Eu fui a tal lugar,* basta dizer *I went to...*

Observe que em nenhum momento você teve de aprender que, para dizer algo no passado, em inglês, deverá usar o *Simple Past,* também conhecido como *Past Simple.* Tampouco foi preciso aprender que *go* (ir) é verbo irregular e, portanto, não teve de decorar a lista de verbos irregulares que todo livro de inglês ou curso de inglês costuma insistir que você decore a todo custo.

Você simplesmente aprendeu a dizer *eufui,* em inglês, de modo natural e sem os tecnicismos da gramática normativa. Sua memória gravou com mais facilidade a expressão. Isso porque não teve de aprender sobre verbos irregulares, *Simple Past,* usos do *Simple Past* e coisas assim.

É dessa maneira que você aprenderá os conceitos mais básicos da gramática inglesa neste livro. No começo dos seus estudos de inglês, você deve aprender a gramática como ela é usada pelos falantes nativos da língua. A gramática do dia a dia não pode ser analisada como se fosse uma *coisa* (*um objeto).* Na verdade, ela deve ser aprendida como um processo que você vai adquirindo aos poucos e do modo mais natural possível.

Agora que você entendeu que tipo de gramática aprenderá neste livro, deve ter percebido melhor a razão pela qual o título é *Gramática de uso da língua inglesa: a gramática do inglês na ponta da língua.* O objetivo aqui é ensinar a gramática da língua inglesa como ela é realmente usada no cotidiano: é o inglês na ponta da língua, e não apoiado em regras e termos técnicos.

GRAMÁTICA DE USO: colocando em Prática

1. Traduza para o inglês as sentenças a seguir.

a. Você já esteve em São Paulo?

.....

b. Você já esteve em Los Angeles?

.....

c. Eu fui à festa na quinta-feira passada.

.....

d. Eu fui ao dentista na segunda-feira passada.

.....

2. Para dizer "ele estuda..." **em inglês, devemos dizer** "he studies..."; **e, para dizer** "na faculdade", **uma das formas é** "at college". **Assim, usando as palavras da caixa a seguir, traduza as sentenças para o inglês.**

Geography English Law Math Music Spanish

a. Ele estuda Matemática na faculdade.

.....

b. Ele estuda Inglês na faculdade.

.....

c. Ele estuda Geografia na faculdade.

.....

d. Ele estuda Música na faculdade.

.....

e. Ele estuda Direito na faculdade.

.....

f. Ele estuda Espanhol na faculdade.

.....

3. "It s not as... as you think" **é usada frequentemente em inglês com o sentido de** "Não é tão... (o) quanto você pensa" **ou** "Não é tão... como você pensa". **Assim, traduza as sentenças a seguir para o português**.

a. It's not as difficult **as you think**. .....

b. It's not as interesting **as you think**. .....

c. It's not as bad **as you think**. .....

d. It's not as easy **as you think**. .....

e. It's not as scary **as you think**. .....

f. It's not as far **as you think**. .....

4. Usando a construção "it's not as ... as you think", **escreva sentenças parecidas usando as palavras a seguir. Depois procure criar mais sentenças parecidas em inglês utilizando outras palavras (adjetivos)**.

a. complicated .....

b. dangerous .....

c. expensive .....

d. serious .....

e. boring .....

f. weird .....

g. good .....

h. big .....

CAPÍTULO 3

COISAS QUE A GRAMÁTICA NÃO EXPLICA

Você sabia que nem tudo em uma língua tem explicação na gramática normativa? Por mais estranho que isso possa parecer saiba que se trata da mais pura verdade.

Muitas *coisas (palavras, sentenças, expressões, frases)* são tão usadas que ninguém nem ao menos percebe que estão erradas de acordo com as regras da gramática normativa. Só percebe quem é muito fissurado em regras gramaticais!

Diante de palavras, sentenças, frases, expressões e locuções comumen-te usadas, percebemos como a língua falada se diferencia da língua dos livros de gramática normativa. Há, no uso da língua, vários exemplos; a seguir, você vê alguns:

EXEMPLOS
So far, so good! (Até agora, tudo bem!)
Long time no see! (Faz tempo que não nos vemos!)
Guess what? (Adivinha só?)
How come? (Como assim?)
Of course! (Claro!)
So to speak... (Por assim dizer...)
What took you so long? (Por que você demorou tanto?)
So what? (E daí?)

Os exemplos citados são todos muito usados no dia a dia da língua inglesa. Se tentarmos analisá-los a partir dos conceitos da gramática normativa, ficaremos desanimados. Essas expressões (sentenças) são assim sempre! Não há uma explicação gramatical que nos dê a razão pela qual sejam ditas daquele modo. Tudo o que temos de fazer é aprendê-las assim e pronto.

Há ainda outros exemplos muito curiosos, como o famoso *ain't.* De acordo com a gramática normativa, não devemos jamais (nem mesmo em sonho) usar essa contração.

Durante muito tempo, aqui no Brasil (e no restante do mundo) diziam que o *ain't* era usado principalmente pelos negros americanos e, por isso, não podia ser usado por pessoas *educadas.* Rolava, assim, um preconceito em relação ao *ain't.* Se você o usasse, seu inglês seria rotulado como péssimo. Até hoje, é possível encontrar livros recomendando que não usemos *ain't* em hipótese alguma.

O interessante é que *ain't,* na história da língua inglesa, sempre foi usado por pessoas de todos os níveis sociais e classes, inclusive reis e rainhas. Isso é tão verdadeiro que algumas expressões (sentenças, ditos etc.) em inglês soam muito mais naturais quando ditas com *ain't.* Portanto, quem quer aprender a falar inglês da forma como os falantes nativos realmente falam (usam) deverá aprender essas expressões do cotidiano, nas quais o uso do *ain't* é praticamente obrigatório:

EXEMPLOS
You ain't seen nothing yet. (Você ainda não viu nada.)
You ain't heard nothing yet. (Você ainda não ouviu nada.)
Say it ain't so. (Me diz que não é isso. | Me diz que não é verdade.)
Ain't that the truth! (Não é verdade!)
It ain't funny. (Isso não tem nada de engraçado.)
That just ain't so. (Isso não é bem assim.)
Two out of three ain't bad. (Dois de três não está nada mal.)
If it ain't broke, don't fix it. (Em time que está ganhando, não se mexe.)

Claro que essas expressões são todas coloquiais, mais usadas na linguagem informal. Portanto, se você participar de uma reunião de negócios, der uma palestra em um evento, defender uma tese em uma faculdade ou coisas assim, nada de dizer *a,in't.* Nesses momentos, você deverá fazer uso da linguagem culta apropriada à ocasião.

Todas as expressões que você viu fazem parte do dia a dia da língua. A gramática normativa (regras gramaticais) simplesmente não consegue dominá-las (explicá-las). É por isso que, muitas vezes (e eu digo que é na maioria das vezes), a gramática normativa não faz muita diferença para quem quer aprender a se comunicar naturalmente. Observar a língua como ela é realmente usada por falantes nativos é muito mais vantajoso, proveitoso, didático e válido.

Por fim, observe a tabela a seguir:

EXEMPLOS
If I was you… (Se eu fosse você)
Anyways (mesmo assim, assim mesmo, de qualquer jeito)
I says... (eu digo, eu disse)
more easier (mais fácil)
Me and... (Eu e...)
What took you so long? (Por que você demorou tanto?)
You ok? (Você está bem?)
You think so? (Você acha isso?)
Wanna…? (Você quer?)
It's more... than what you... (É mais… do que você...)

Todas essas construções também estão na boca do povo. Ou seja, as pessoas as usam naturalmente em suas conversas do dia a dia. E, entre essas muitas pessoas, encontram-se até mesmo aquelas com elevado nível de estudo. Só para você ter uma ideia, veja alguns exemplos reais:

- **Tim couldn't come, but we went *anyways*.** *(Tim não podia ir, mas a gente foi mesmo assim.)*
- **Hey, *I says* no! Come on, haven't you heard that?** *(Ei, eu disse não! Qualé, você não ouviu?)*
- **I think it'll be *more easier* if you do it like this.** *(Eu acho que vai ser mais fácil se você fizer deste jeito.)*
- ***Me and* your sister are gonna get married.** *(Eu e sua irmã vamos nos casar.)*
- ***It's more* difficult *than what* you think.** *(É mais difícil do que você pensa.)*

Ao contrário das outras expressões que você viu anteriormente, é possível analisar gramaticalmente essas que foram apresentadas agora. Ou seja, se dermos uma olhadinha nas tais "regras" gramaticais, chegaremos à conclusão de que elas estão "erradas". Portanto, não fazem parte do inglês considerado "culto".

Todavia, não fique surpreso se você encontrar um inglês ou americano falando desse jeito. Afinal, essas construções fazem parte daquelas que as pessoas sabem que estão erradas, mas simplesmente ignoram. Um sinal de que eles também, assim como nós no dia a dia, costumam ignorar muitas das regras gramaticais (da gramática normativa).

Devo dizer aqui que não aprovo o uso dessas construções por estudantes de inglês. Nesse ponto, admito que tudo tem limite. Não tenho por objetivo incentivar o "erro normativo". Porém, acredito que você, estudante de inglês, deve aprender o jeito certo - e usá-lo sempre. Isso porque você não é falante nativo da língua, logo deve fazer seu melhor possível para aprender a dizer as coisas do modo correto. Assim, veja a seguir como você deverá dizer as sentenças anteriores:

- **Tim couldn't come, but we went *anyway*.** *(Tim não podia ir, mas a gente foi mesmo assim.)*
- **Hey, *I said* no! Come on, haven't you heard that?** *(Ei, eu disse não! Qualé, você não ouviu?)*
- **I think it'll be *easier* if you do it like this.** *(Eu acho que vai ser mais fácil se você fizer deste jeito.)*
- ***I and* your sister are gonna get married.** *(Eu e sua irmã vamos nos casar.)*
- ***It's more* difficult *than* you think.** *(É mais difícil do que você pensa.)*

Caso não tenha percebido as diferenças, veja a tabela:

COLOQUIAL	GRAMATICALMENTE CORRETO
If I was you...	If I were you...
Anyways	Anyway
I says...	I say...
more easier	easier
It's more... than what you	It's more... than you

Tenha sempre em mente que muitas expressões do dia a dia são adquiridas naturalmente e por completo. O que significa que você não aprenderá a se comunicar de modo fluente em inglês por meio do estudo constante e incessante da gramática normativa ou da análise gramatical.

Se você é daqueles estudantes que acham que tudo precisa ter uma explicação gramatical, é melhor rever seus conceitos. Você certamente ficará desapontado no meio do caminho. Inúmeras expressões não têm regras gramaticais e, portanto, você deverá simplesmente aprendê-las do jeito que são. Além disso, a gramática do inglês falado é bem diferente da gramática normativa. Portanto, comece a romper seus paradigmas no que diz respeito a querer aprender gramática normativa a todo custo.

Para encerrar, veja outras expressões (sentenças, frases) comumente usadas no inglês falado. O segredo é aprendê-las (adquiri-las) sem ficar se perguntando o porquê de serem assim ou qual a regra gramatical por trás delas. Simplesmente aprenda a sentença, sua equivalência em português, seu uso e ponto final.

PORTUGUÊS	INGLÊS
e coisas deste tipo	...and stuff like that
Adivinha quem eu acabei de ver!	Guess who I've just met!
Agora você disse tudo!	Now you're talking!
Até onde eu sei, pelo que eu sei	As far as I know
Cê tá doido?	Are you outta your mind?
Cê tá me entendendo?	You see what I mean?
Como eu estava dizendo, (...)	As I was saying, (...)
Como se eu não soubesse disso.	As I couldn't tell that!
Como é que é?; Dá para repetir?	Come again?
Do que é que você está falando?	What are you talking about?
E aí? Como vai?	What's up?
É disso que eu to falando!	That's what I'm talking about!
Eu bem que te disse!	I told you!
E eu com isso?	Why should I care?
Eu não sei o que fazer.	I don't know what to do.
Eu nunca vi isso antes.	I've never seen that before.
Eu te entendo!	I see what you mean!
Isso não vem ao caso!	That's beside the point!
Isso nunca passou pela minha cabeça!	It's never crossed my mind!
Já passei por isso!	Been there!
Já tô indo!	I'm coming!
Mas isso não vem ao caso, certo?	But that's not the point, is it?
Me dá um tempo!	Give me a break!
Me deu um branco quando...	I drew a blank when...
Não tem o menor cabimento!	It doesn't make any sense!
Nem me diga!	Tell me about it!
Nem que eu morra.	If it kills me.

O que a gente vai fazer?	What are we gonna do?
O que deu em você?	What's come over you?
O que é que eu ganho com isso?	What's in it for me?
O que foi que eu fiz pra merecer isso?	What've I done to deserve this?
O que tem de errado com você?	What's the matter with you?
O que você quer dizer com isso?	What's your point?
O que você quer que eu faça?	What do you want me to do?
Aonde cê vai?	Where you going?
Para o que der e vier	For better or (for) worse
Para piorar ainda mais, (...)	To top it (all) off, (...)
Porque eu mandei!	Because I said so!
Posso dar uma olhadinha nisso?	Can I take a look at it?
Pra comer aqui ou pra levar?	For here or to go?
Pra que serve isto?	What is this for?
Qualquer novidade, me avise.	Anything new, let me know.
Que qui cê anda fazendo?	What you been up to?
Quer saber?	You know what?
Saúde!	Bless you! (usado após alguém espirrar)
Sei lá!	I don't know!; Dunno!
Vem dar uma olhadinha nisto!	Come and take a look at this!
você não sabe o que tá perdendo!	You don't know what you're missing!
você quer um pouquinho?	Would you like some?

CAPÍTULO 4

QUANDO A GRAMÁTICA É NECESSÁRIA?

Depois de tudo que foi dito até aqui, acredito que muita gente está perguntando; "Quando a gramática normativa é necessária?" Minha resposta é; depende dos seus objetivos em relação ao aprendizado da língua inglesa.

Se você estiver aprendendo inglês com o objetivo de falar a língua, bater papo com as pessoas, viajar, fazer novos amigos, fazer um tour e coisas assim, é bem provável que conhecimentos de gramática normativa (regras e termos técnicos) jamais sejam necessários.

Mesmo que você queira aprender inglês para fins formais, a gramática normativa pode, no início, ficar de fora dos seus estudos. Em vez de dedicar tempo e esforço para aprender as regras gramaticais e os termos técnicos, passe a dedicá-los para aprender a linguagem usada nas reuniões, nas palestras, nas defesas de tese e coisas desse tipo.

Seja qual for seu objetivo, você pode aprender a língua como ela é usada no dia a dia e, depois de algum tempo, passar para o estudo da análise gramatical. Ou seja, você pode aprender inglês como ele é falado (usado) naturalmente pelos falantes nativos (em ambientes informais ou formais) e, assim, quando tiver competência de uso da língua, poderá dedicar-se ao aprendizado da gramática normativa.

De certo modo, a lógica a ser seguida é a mesma no tocante à língua portuguesa. Afinal, primeiro, aprendemos a falar nossa língua de modo natural. No começo, conversávamos naturalmente e sem problemas com nossos amigos e familiares. Depois, aos seis ou sete anos, fomos para a escola e lá começamos a ter contato com termos como substantivos, adjetivos, verbos, conjugações, desinências, oração, sujeito, predicado, preposições, conjunções, análise sintática, regência etc. Em outras palavras, primeiro aprendemos a usar a língua e depois fomos inseridos no mundo das regras normativas da língua. Em inglês, o processo (o caminho) pode ser o mesmo!

Por outro lado, se seu objetivo consiste em ser profissional da área de ensino de idiomas, jornalista, linguista, escritor etc., é certo que precisará da gramática normativa. Esses profissionais precisam entender um pouco (ou muito) dos tecnicismos da língua. Porém, mesmo esses profissionais costumam recorrer a um livro de gramática ou a um dicionário quando surgem dúvidas. Afinal, como diria o linguista Mário Perini, "gramática (normativa) é matéria que ninguém aprende".

A gramática normativa é necessária em certos momentos. Mas ser capaz de se comunicar

naturalmente é muito mais necessário.

CAPÍTULO 5

O USO DO PORTUGUÊS NO ENSINO DE INGLÊS

Antes da publicação deste livro, algumas páginas passaram pela avaliação de várias pessoas. Muitas eram (e ainda são) professores de inglês. A maioria, assim como muitos por aí, acredita que não podemos nunca (nem mesmo em sonho) usar a língua portuguesa para ensinarmos inglês.

Um desses professores, ao ler as explicações e dicas que dou neste livro, disse; "O livro é muito bom, contém muitas dicas interessantes para professores e alunos. A única coisa chata é que você incentiva a tradução para que o aluno aprenda. Acredito que seja bom rever isso!" Foi por conta desse comentário que decidi incluir este capítulo no livro.

Muitas pessoas (professores, coordenadores etc.) não fazem ideia de que, atualmente, vários autores consagrados e renomados no mundo de ensino da língua inglesa são favoráveis e incentivam o uso da língua materna dos alunos no ensino de outro idioma. Em nosso caso, é o português no ensino de língua inglesa.

Em 2009, o portal de notícias Gl fez uma excelente entrevista com David Graddol, linguista que realiza trabalhos educacionais em parceria com o British Council. Logo no início, Graddol disse; "Os melhores professores de inglês não são nem britânicos nem americanos". A repórter do Gl, Fernanda Calgaro, introduziu a matéria resumindo a conversa com Graddol da seguinte maneira;

> Ao contrário do senso comum, o melhor professor de idiomas não é o nativo, mas aquele que fala também a mesma língua do aluno. A vantagem desse profissional está na capacidade de interpretar significados no idioma do próprio estudante. (Leia a entrevista em http://bit.ly/9w5U4v)

É estranho e, ao mesmo tempo, interessante vermos um linguista britânico falando isso. Afinal, vai contra tudo aquilo que muitos acreditam ser uma lei inviolável, sagrada e imutável do ensino de inglês; é proibido traduzir e usar o português.

Outros linguistas e especialistas em ensino de línguas dizem exatamente a mesma coisa que David Graddol. O propagador da Lexical Approach (Abordagem Lexical), Michael Lewis, diz em seu livro *Implementing the Lexical Approach* que "a tradução é inevitável". Isso significa que se o professor não traduzir, o aluno certamente traduzirá a seu modo. Consequentemente, aprenderá e internalizará erros que poderão ser evitados por meio do uso rápido e eficiente da língua materna por parte do professor.

Mario Rinvolucri e Sheelah Deller, dois outros especialistas no ensino de língua inglesa, afirmam que os estudantes se sentem mais seguros e aptos ao aprendizado da língua inglesa quando o uso da língua materna se faz presente de modo moderado e correto. De acordo com esses dois especialistas;

- Os estudantes de nível básico percebem que estão progredindo mais rapidamente no aprendizado quando comparam as línguas;
- A gramática (de uso) da língua inglesa pode ser mais bem compreendida quando os alunos comparam as equivalências em ambas as línguas;
- A inteligência linguística dos alunos avançados é estimulada quando o uso da língua materna é feito de modo ponderado;
- O aprendizado de certos itens lexicais (vocabulário) se torna mais eficiente quando os alunos sabem o exato equivalente em sua língua materna.

Para todos esses especialistas no assunto, o uso da língua materna se faz necessário no momento de comparar as línguas. Ou seja, em vez de a professora tentar explicar em inglês o uso do temido Present Perfect, pode simplesmente comparar determinado uso do Present Perfect com o que temos em português.

Dito isso tudo, devo ressaltar aqui que não defendemos a tradução mecânica, feita de qualquer jeito. Também não estamos afirmando que professores de inglês devam usar a língua portuguesa o tempo todo em sala de aula com os alunos. Não é isso!

O professor é, sem sombra de dúvida, a melhor fonte de conhecimento para seus alunos. Assim, o professor deve falar inglês sempre com seus aprendizes. No entanto, deve falar inglês de modo qualitativo, para que os alunos se acostumem cada vez mais com a língua. Quando necessário for, o português poderá ser usado para esclarecer mais rapidamente pontos que causam dificuldades e problemas aos alunos.

Isso significa que, em uma aula, a professora poderá dizer o seguinte aos alunos; *Haveyou ever been to...?* é uma expressão usada em inglês para perguntarmos se alguém, alguma vez na vida, foi a determinado local. Em português, dizemos *Você alguma vez na vida esteve em...?* Levará menos de um minuto para dizer isso e, quando terminar, poderá voltar a falar inglês e escrever alguns exemplos no quadro;

EXEMPLO	
Have you been to	Zurich? Australia? New Zealand? Bora Bora? Belém?

(Você alguma vez na vida esteve em)	Macapá? Manaus? Boa Vista? Sandrinha's house? Jorge's house?

A professora pode, então, pedir aos alunos que repitam as sentenças e façam perguntas uns aos outros mudando os nomes dos locais. Aos poucos, a professora retira a tradução do quadro. Os alunos continuam fazendo suas perguntas. O temido *Have you ever been to...?* com seu Present Perfect vai deixando de ser um monstro pouco a pouco. Os alunos têm, assim, a chance de comparar rapidamente uma estrutura do Present Perfect com outra equivalente em português.

Na mesma aula, a professora poderá ainda mencionar que *Have you ever... ?* é a expressão que usamos para perguntar se alguém já fez determinada coisa na vida. Em português, equivale ao nosso *Você alguma vez na vida...?* Mais uma vez, ela levará menos de um minuto para dizer isso. Em sequência, ela poderá pedir aos alunos que repitam a sentença *Have you ever... ?* e, então, escrever mais exemplos no quadro;

EXEMPLO	
Have you ever *(Você alguma vez na vida)*	**ridden a horse?** *(andou a cavalo?)* **driven a car?** *(dirigiu um carro?)* **ridden a motorcycle?** *(andou de moto?)* **met a famous person?** *(encontrou uma pessoa famosa?)* **sent a letter to a magazine?** *(enviou uma carta para uma revista?)* **been abroad?** *(foi para fora do país?)*

Observe que você leva menos tempo usando a língua portuguesa de modo eficiente do que usando explicações complicadas e sem fundamentos em inglês, língua que os alunos ainda estão aprendendo.

É por conta dessa revolução (não tão nova assim) no ensino de língua inglesa que incentivo a tradução (equivalência ou comparação). O aprendizado se torna mais prazeroso, menos complicado, mais emocionante, mais divertido, mais dinâmico, mais rápido, mais fácil, mais tudo.

Antes de encerrar, vou repetir que não defendo o uso exagerado da língua portuguesa durante as aulas de inglês. Defendo, sim, o uso moderado e eficiente da língua portuguesa quando necessário for. Isso certamente facilitará o aprendizado, efetivará o tempo de ensino, evitará mal-entendidos e desânimo entre os alunos e será um grande avanço para todos.

Encerro este capítulo com as sábias palavras do Sr. David Graddol ao Gl: "O Brasil parece estar muitas décadas atrás do restante do mundo em termos de (ensino de) inglês. O que está sendo feito aqui não é suficiente para produzir pessoas realmente fluentes em inglês. As escolas estão falhando ao ensinar inglês."

PARTE II

A GRAMÁTICA NA PRÁTICA

CAPÍTULO 6

A DIFERENÇA ENTRE *AN* E *ONE* (INDEFINITE ARTICLE)

Muitos acreditam que as palavras *a, an* e *one* significam apenas *um.* Essa confusão faz com que surjam em salas de aula perguntas do tipo: "Professor, quando devo usar *a, an* ou *one?"*

Se você tem essa dúvida, anote aí que cada uma delas tem um uso diferenciado. Para facilitar, é bom saber que *a* e *an* são os artigos indefinidos *um* ou *uma* em inglês. Já *one* é o número *um.* Caso não esteja claro, explico melhor.

A e *an* são usados quando estamos nos referindo a algo sem especificarmos exatamente qual ou o quê. Ou seja, como não defino sobre o que estou falando, uso *a* ou an. Por exemplo:

1. **a** house - **uma** casa
2. **a** boy - **um** menino
3. **a** table - **uma** mesa
4. **a** book - **um** livro
5. **an** eagle - **uma** águia
6. **an** elephant - **um** elefante
7. **an** egg - **um** ovo
8. **an** arm - **um** braço

Outra dúvida que muita gente costuma ter é achar que *a* significa *um* e *an* significa uma. Lembre-se: isso não tem nada a ver! As duas palavras *a* e *an* significam *um* ou *uma*, o que vai fazer a diferença é a palavra seguinte. Veja os exemplos acima e note que, para dizer "uma casa", dizemos "a house" e, para dizer "uma águia", dizemos "an eagle". Não tem nada a ver com uma ser usada para o masculino e outra para o feminino.

Dessa forma, se a palavra começar com consoante, devemos usar a; porém, se a palavra começar com vogal ou consoante muda, devemos usar *an*.

INICIADAS COM CONSOANTES	INICIADAS COM VOGAIS
a book	**an e**agle
a computer	**an i**ndian
a dog	**an a**rm
a flower	**an i**sland
a girl	**an o**yster
a jar	**an e**vening
a key	**an e**lephant

a leg	**an a**pple

Na maior parte das vezes, essa dica até que funciona muito bem! No entanto, o melhor é saber como cada palavra é pronunciada. Somente assim ficará mais claro para você saber se deverá usar *a* ou *an*.

O problema é que, para muitas pessoas, a pronúncia da língua inglesa não é assim tão fácil. Então, nesses casos, a dica que dou é a seguinte: ao aprender uma palavra nova em inglês, procure saber se com ela usamos *a* ou *an*. Por exemplo, digamos que você acabou de aprender a palavra "university" (universidade, faculdade). O ideal é aprender que, se tiver de dizer "uma faculdade", diga "a university".

Percebeu que a palavra "university" começa com vogal (u), mas usamos o *a* antes dela? Isso se deve à pronúncia do "u" no início da palavra, que é parecida com o som de *y* em *yellow*. Portanto, como disse anteriormente, o que realmente importa na hora de usarmos *a* ou *an* é a pronúncia da palavra e não sua escrita.

Não é preciso entrar em desespero para compreender isso. O melhor a fazer é aprender que em inglês será sempre *a university*. Deixe os tecnicismos de lado! Evite pensar em regras! Muitas vezes elas podem deixar você confuso. Logo, repito: ao aprender uma palavra, aprenda também se com ela você deverá usar *a* ou *an*. Veja mais exemplos:

EXCEÇÕES
a university *(uma universidade, uma faculdade)*
a European car *(um carro europeu)*
an honest person *(uma pessoa honesta)*
an hour ago *(uma hora atrás)*
a one-dollar bill *(uma nota de um dólar)*

Conforme você for avançando nos estudos de inglês, certamente encontrará mais curiosidades como essas. O importante é apenas aprender que em inglês é (*e será sempre*) dessa forma. Trata-se da língua em uso!

Até aqui falei apenas do uso de *a* e *an*. O que dizer sobre *one*? Muito bem! *One* nada mais é do que o número um. Isso significa que quando estivermos nos referindo a algo em termos de quantidade usaremos *one* e não *a* ou *an*. Veja as seguintes sentenças:

1. He has **a** car. - Ele tem **um** carro.
2. He has **one** car. - Ele tem **um** carro.

As duas sentenças aparentemente significam a mesma coisa, certo? Elas apenas parecem; pois, em se tratando de uso da língua, o que elas expressam é diferente. Na sentença (l), estamos dizendo que a pessoa tem um carro qualquer, não damos muita ênfase ao tipo de carro, que carro é etc. Não

definimos o carro.

Já na sentença (2), estamos ressaltando o fato de que a pessoa tem apenas um carro. Ou seja, nessa sentença, estou me referindo à quantidade de carros. A pessoa não tem dois carros ou mais; ela tem apenas um carro. Assim, lembre-se que usaremos *one* quando estivermos sempre nos referindo à quantidade.

Essa é a diferença básica entre *a*, *an* e *one*. Como você viu, *a* e *an* referem-se ao nosso artigo indefinido (um, uma). São usados de acordo com o som da palavra que os segue; logo, não adianta ficar de olho no modo como as palavras são escritas, mas sim em como são pronunciadas. O melhor mesmo é sempre aprender qual delas - *a* ou *an* - usamos com as palavras que encontramos ao longo do nosso aprendizado.

One, por sua vez, refere-se geralmente ao número *um* (1) propriamente dito. Ao darmos ênfase à quantidade, certamente esse será o termo utilizado. Vale dizer aqui que *one* tem ainda outros usos em inglês que ficarão de fora por enquanto. O ponto principal nessa dica é mostrar apenas a diferença entre *one, a* e *an.*

Essas são as dúvidas mais frequentes que estudantes de inglês têm com relação ao uso de *a*, *an* e *one*. Eu poderia ainda escrever páginas e mais páginas sobre as regras gramaticais do artigo indefinido. Porém, esse não é o meu foco. Quero que você aprenda pela observação, pelo uso da língua. Isso significa aprender como um falante nativo realmente aprende: aprender com a prática.

Assim, tenho certeza de que, com o tempo, você aprenderá a notar coisas interessantes sobre o uso do artigo indefinido (a, *an)* em inglês.

A, *AN* E *ONE* - colocando em Prática

1. Escreva *a* ou *an* para as palavras a seguir. Preste atenção aos exemplos dados nas páginas anteriores.

a.	cell phone	**g.**	engineer
b.	new car	**h.**	dictionary
c.	university	**i.**	red pen
d.	big house	**j.**	hour ago
e.	one-eyed cat	**k.**	sheet of paper
f.	European girl	**l.**	island

2. Em inglês, quando falamos sobre a profissão de alguém, é comum usarmos as palavras *a* ou *an*. Ou seja, dizemos *Eu sou professor,* mas eles dizem *I'm a teacher.* Note o uso de *a* antes de *teacher*. Essa é uma das principais diferenças entre o uso do artigo indefinido em português e inglês. Com essa dica em mente, escolha uma das profissões na lista a seguir que melhor complete cada sentença. Lembre-se de usar *a* ou *an* antes de cada profissão.

teacher	dentist	taxi-driver	nurse	waiter
cook	mechanic	engineer	electrician	lawyer

a. He studied Law at university. So, he's .....

b. You work in a restaurant. Are you ..... or ..... ?

c. Michael has his own taxi. So, he's .....

d. Your sister works in a school! Is she .....

e. I fix cars, buses and trucks. So, I'm .....

f. Marcelo is studying Dentistry. So, he's going to be .....

g. Paula works in a hospital. But she's not a doctor, she's .....

h. She designs buildings. So, she's .....

i. He deals with the electrical wiring of a building. So, he's .....

Há ainda, em inglês, outras diferenças entre o uso do artigo indefinido quando comparado com a língua portuguesa. Porém, o mais importante e ideal a fazer é observar essas diferenças e aprendê-las como expressões ou combinações de palavras. Evite procurar entendê-las como se fossem regras ou algo do tipo! Somente assim você será capaz de aprender inglês de modo natural e descomplicado!

CAPÍTULO 7

QUANDO USAR *THE* CORRETAMENTE EM INGLÊS? (DEFINITE ARTICLE)

Na lista das palavras mais usadas em inglês, *the* é a que ocupa o topo. Isso significa que *the* é, sem dúvida, a palavra mais usada na língua inglesa. Portanto, é importante saber usá-la corretamente.

The equivale a quatro palavras na língua portuguesa, são elas: o, *a, os, as*. Em termos gramaticais, trata-se do famoso artigo definido *(definite article)*. Veja os exemplos:

EXEMPLOS
the car (o *carro)*
the house (a *casa)*
the boys (os *garotos, os meninos)*
the girls *(as garotas, as meninas)*

Em termos de significado, acredito não haver muitas complicações. A coisa, porém, muda de figura na hora de usar essa palavrinha. Afinal, muitas vezes usamos o, a, *os* e *as* em situações nas quais, em inglês, não usaremos o equivalente *the*. Um exemplo clássico disso é com relação a nomes próprios.

Em português, dizemos:

EXEMPLOS
O João foi pro shopping.
Ele falou com **a Maria**.
Nós encontramos **a Carol** e **a Patrícia**.
A Pamela estuda inglês.

Note que, antes dos nomes próprios João, Maria, Carol, Patrícia e Pamela, usamos *o* ou *a*. Isso é comum em português. Porém, em inglês nunca usamos *the* antes de nomes próprios. Portanto, as sentenças nos exemplos dados em inglês ficarão assim:

EXEMPLOS

João went to the mall.
He talked to **Maria**.
We met **Carol** and **Patrícia**.
Pamela studies English.

Veja que agora, antes dos nomes próprios, não se usou a palavra *the*. Muitos estudantes de inglês confundem isso e acabam escrevendo (ou mesmo dizendo) *The João went to the mall;* ou seja, acabam traduzindo ao pé da letra a sentença inteira para o inglês e cometem um dos erros mais comuns de estudantes brasileiros. Portanto, lembre-se: em inglês, nada de usar a palavra *the* antes do nome das pessoas.

Essa mesma observação vale para as palavras *my (meu, minha, meus, minhas), your (seu,, sua, seus, suas), his (dele), her (dela), our (nosso, nossos), their* (*deles, delas*). Compare as sentenças em português e inglês na tabela a seguir:

INGLÊS	PORTUGUÊS
I'm selling **my** car.	*Estou vendendo **o meu** carro.*
His house is very big.	***A** casa **dele** e bem grande.*
Your father is here.	***O seu** pai está aqui.*
He knows our names.	*Ele sabe **os nossos** nomes.*
Their computer is very old.	***O** computador **deles** é bem velho.*

Veja que nos exemplos em inglês não utilizamos a palavra *the* antes das palavras em negrito. Quando comparamos com português, notamos a diferença de uso nesse caso. Esse é outro exemplo que causa muita confusão na cabeça de estudantes de inglês. Portanto, espero que você não seja mais um desses a partir de agora!

Além dessas palavras, também não se deve usar *the* antes do nome de cidades, países, continentes, ilhas e estados. Em português, dizemos "o Brasil", "o Canadá", "a Europa", "a Itália", "o Rio de Janeiro", "o Pará" etc. Logo, em inglês, dizemos apenas "Brazil", "Canada", "Europe", "Italy", "Rio de Janeiro", "Pará" etc. sem o the.

Na verdade, isso não é bem uma "regra". Trata-se apenas do uso da língua. E como tal, você deve aprender por meio do uso. Ou seja, ninguém ensinou para você que não se deve dizer "o São Paulo", "a Rondônia", "a Brasília", "a Curitiba", "o Salvador". Que regra é essa que diz que com o nome de alguns estados e cidades não devemos usar *o* ou *a?* Onde você leu isso? Não há uma regra! Trata-se apenas do uso da língua. E isso só se aprende usando.

Portanto, o uso ou não da palavra *the* antes do nome de cidades, países, continentes, ilhas e estados é aprendido por meio da observação da língua em uso. Ou seja, ao encontrar o nome de um país, por exemplo, em uma sentença ou texto que estiver lendo, veja se foi usado o *the* ou não. Se ele

foi usado, então aprenda que, com aquele nome, deverá usar a palavra the; caso não tenha sido usado, então aprenda que, com aquele nome, não se usa a palavra. Enfim, não existe um porquê; existe apenas o uso da língua.

Veja as sentenças a seguir e aprenda com elas:

1. ***The United Stated*** *is one of the richest countries in the world.*
2. *He went to* ***Goiânia*** *last week.*
3. *Learn about the history, geography and culture of* ***the Netherlands****.*
4. *I'd love to go to* ***Hawaii*** *some day.*
5. ***Porto Velho*** *is the capital of* ***Rondônia****.*
6. *What are the colors of* ***the United Kingdom****?*

Outro caso curioso do uso da palavra *the* é com as palavras "church" *(igreja),* "school" *(escola),* "prison" *(prisão*). Com essas palavras, podemos usar, ou não usar, *the.* Vai depender do que estamos querendo dizer. Ou seja, se eu digo "go to school" *(sem the),* estou dizendo "ir para a escola" *(na condição de aluno, professor* etc). Mas, se digo "go to the school" *(com the),* o significado será o de "passar na escola" *(não como aluno, professor etc).* Veja o exemplo:

1. I have to ***go to school*** every day. (*Eu tenho de* ***ir para a escola*** *todos os dias.*)
2. I have to ***go to the school*** and talk to my kid's teacher. (*Tenho de* ***passar na escola*** *e conversar com a professora dos meus filhos.*)

Veja como a equivalência *(tradução)* nos ajuda a entender isso. Não é preciso se preocupar em decorar uma "regra". Comparando o uso do português com o inglês, fica mais fácil entender. Veja as sentenças:

1. His family **goes to church** every Sunday. (*A família dele* ***vai para a igreja*** *todos os domingos.*)
2. His family always **goes to the church** to pick him up. (*A família dele sempre* ***passa na igreja*** *para pegá-lo.*)
3. He **went to prison** because he killed a man. (*Ele* ***foi para a prisão*** *por ter matado um homem.*)
4. His children **went to the prison** to visit him. (*Os filhos dele* ***passaram na prisão*** *para visitá-lo.*)

Outras palavras simplesmente não recebem o tal *the* em momento algum. As mais conhecidas são "work" *(trabalho),* "heaven" *(céu, paraíso)* e "hell" *(inferno).* Portanto, sempre diga "go to work" *(irpara o trabalho),* "go to heaven" (*ir para o céu*) e "go to hell" (*ir para o inferno*):

1. What time do you usually **go to work**? (*A que horas você costuma* ***ir para o trabalho****?*)
2. Everybody hopes to **go to heaven** when they die. *(Todo mundo tem esperanças de* ***ir para o céu*** *quando morrer.*)
3. **Go to hell**! (***Vá para o inferno****!*)

Veja agora as sentenças a seguir:

1. **The president** is sick.
2. **President Lula** is sick.
3. **The doctor** comes here once a month.
4. **Doctor Teresa** comes here once a month.
5. She told us **the captain** wouldn't come.

6. She told us **captain Alfredo** wouldn't come.

Nos exemplos citados, você percebe que, ao usarmos os títulos *(president*, *doctor e captain)* sozinhos, temos de fazer uso de the. No entanto, quando esses títulos são seguidos por um nome próprio, *the* não é usado. Essa observação vale para palavras como "king" *(rei),* "queen" (rainha), "pope" (papa), "bishop" *(bispo),* "pastor" (pastor), "governor" *(governador),* "mayor" (*prefeito*) e demais títulos.

Outra diferença entre inglês e português é quando falamos de instrumentos musicais. Em português, dizemos *ela toca piano,* certo? Em inglês, eles dizem *she plays the pia.no.* Ou seja, com instrumentos musicais, é comum usarmos the. Portanto, sempre diga:

- They are learning **the guitar**. (*Eles estão aprendendo **violão**.*)
- My mom likes **the drums**. (*Minha mãe gosta de **bateria**.*)
- She can play **the flute**. (*Ela sabe tocar **flauta**.*)
- I hate **the saxophone**. (*Eu odeio **saxofone**.*)

Essa mesma dica vale para tipos de dança:

- Can you dance **the samba**? (*Você sabe dançar **samba**?*)
- Where did you learn to dance **the tango**? (*Onde você aprendeu a dançar **tango**?*)

Até aqui, você já percebeu várias diferenças no uso do artigo definido *the* em comparação com a língua portuguesa. Embora pareça algo extremamente complicado, saiba que não é. Tudo é uma questão de costume, de prática. Quanto mais você for usando a língua, mais se acostumará com essas diferenças e com o modo correto de usar *the* em inglês.

O segredo é sempre ficar de olho em sentenças e textos que encontrar. Sempre que notar algo que é diferente, anote, verifique, procure mais exemplos, crie os próprios exemplos e comece a usar. Fazendo assim, você aos poucos vai se acostumando com o uso da língua.

Para encerrar o assunto, veja as sentenças a seguir:

- **Brazilians** are crazy about soccer. (***Os brasileiros** são loucos por futebol.*)
- **Kids** love computers. (***As crianças** adoram computadores.*)
- **Money** is the root of all evil. (***O dinheiro** é raiz de todos os males.*)

Quando falamos de algo em sentido genérico, em português, costumamos usar o, a, *os* ou as. Isso, no entanto, não acontece em inglês. Na verdade, só usaremos o *the* se estivermos nos referindo a um grupo específico:

- **The Brazilians** who went to Europe last year... (***Os brasileiros** que foram para a Europa no ano passado...*)
- **The kids** you told me about were adopted. (***As crianças** de que você me falou a respeito foram adotadas.*)
- **The money** you found on the street. (***O dinheiro** que você encontrou na rua...*)

Ao longo dos seus estudos, você terá muitas oportunidades de encontrar o *the.* Com o tempo, perceberá outras diferenças e usos. A dica, portanto, é: não fique tentando encontrar uma regra;

preocupe-se apenas em aprender como *the* é usado com determinadas palavras e em determinados contextos. Somente assim você aprenderá a usá-lo naturalmente e sem preocupações.

THE - Colocando em Prática

1. Com a ajuda de um dicionário, traduza as palavras a seguir para o inglês.

a.	a bicicleta	.....	**g.**	as latas	.....
b.	o livro	.....	**h.**	o lápis	.....
c.	as bolsas	.....	**i.**	a caneta	.....
d.	as revistas	.....	**j.**	a borracha	.....
e.	os computadores	.....	**k.**	as réguas	.....
f.	os aviões	.....	**l.**	os garotos	.....

2. As sentenças a seguir estão erradas. Circule o que está errado e reescreva cada uma delas de modo correto. Você sabe dizer por que elas estão erradas?

a. He sent the letter to the Paulo. *(Ele mandou a carta para o Paulo.)*

.....

b. My brother can play piano very well. (*Meu irmão sabe tocar piano muito bem.)*

.....

c. The Rio de Janeiro is a wonderful city. (O *Rio de Janeiro é uma cidade encantadora.*)

.....

d. She didn't remember the my name. (*Ela não se lembrou do meu nome.)*

.....

e. My kids go to the school in the morning. *(Meus filhos vão para a escola de manhã.)*

.....

f. His dream is to go to the England some day. (O *sonho dele é ir para a Inglaterra um dia.)*

.....

g. How do you usually go to the work? *(Como você costuma ir para o trabalho?)*

.....

h. Queen said she doesn't agree with that. (A *rainha disse que ela não concorda com isso.)*

.....

i. The queen Joana said she doesn't agree with that. (A *rainha Joana disse que ela não concorda com isso.)*

.....

3. Em inglês, antes de palavras que indicam esportes, matérias escolares, dias da semana,

meses, estações do ano, cores, refeições e ciências não se usa a palavra *the.* **Portanto, em inglês, dizemos apenas** *soccer,* **e não** *the soccer*, **ou** *blue*, **e não** *the blue.* **Desse modo, complete as sentenças a seguir com** *the* **quando for necessário**:

a. We study ..... Mathematics in a very good university.
b. Do you read ..... newspaper on ..... Sundays?
c. I guess it's time we go to ..... work.
d. He told me..... president was dead.
e. ..... Governor Silva is not at ..... office now.
f. My sister is very good at playing ..... drums.
g. My favorite color is ..... red.
h. ..... Bears like honey.
i. ..... Bears in the zoo don't like honey.

Lembre-se: você pode aprender muito mais sobre o uso da palavra *the* se observar o modo como ela é usada em textos, diálogos, sentenças etc. Ou seja, aprenderá muito mais se apenas observar como os falantes nativos da língua inglesa a usam. Quando se deparar com um uso diferente da língua portuguesa, evite perguntar por que é daquele jeito e qual regra gramatical explica a diferença. Simplesmente note a diferença e acostume-se com ela.

CAPÍTULO 8

MUCH E *MANY*: QUAL A DIFERENÇA?

Todo estudante de inglês - logo no nível básico - se vê diante do aprendizado de *much* e *many*. As explicações dadas nos livros e pelos professores se baseiam no conhecimento dos substantivos contáveis (*countable nouns)* e substantivos incontáveis *(uncountable nouns)*.

Logo, surgem listas de vários tipos de substantivos para que o aluno decore. Esse tipo de *decoreba* é o que assusta e atrapalha muita gente.

Na Abordagem Lexical, o modo de compreendermos essas duas palavras se resume apenas a entender o que significam em nossa língua. Ou seja, se você sabe o que cada uma significa, logo compreende como usá-las na prática.

Veja bem! *Much* em português equivale a *muito*. Já a palavra *many* equivale a *muitos*. Agora note que, em português, usamos as palavras *muito* e *muitos* de modos distintos. Você, por um acaso, fala *muitos dinheiros* ou *muito dinheiro*? Claro que o correto em português é *muito dinheiro,* não é? Não falamos *muitos dinheiros!*

Com essa lógica na cabeça, percebemos que em inglês é do mesmo jeito. Ou melhor, o que você tem de fazer é saber que *muito* em inglês é *much*. Assim, saberá que *muito* dinheiro será *much money*.

Digamos que agora a palavra seja *arroz*. Em português, você diz *muitos arrozes* ou *muito arroz?* Se você fala português, sabe que por aqui dizemos *muito* arroz. O tal do *muitos arrozes* não existe. Logo, em inglês a lógica é a mesma. Ou seja, por lá eles dizem *much rice,* e não *many rices*. Afinal, *muito* em inglês é *much*!

Agora vamos usar a palavra *caneta* como exemplo. Você diz *muita caneta* ou *muitas canetas?* Claro que a resposta correta é *muitas canetas*! Portanto, *muitas* ou *muitos* em inglês é *many*. Assim, *muitas canetas* será *many pens*.

Você percebe como o significado de cada palavra em português ajuda a entender e usar cada uma delas. *Many* será usado quando o sentido for de *muitos* ou *muitas*. Por sua vez, *much* será usado quando o sentido for de *muito* ou *muita*. Veja mais alguns exemplos:

MANY	MUCH
many people (**muitas** pessoas)	**much** energy (**muita** energia)
many books (**muitos** livros)	**much** coffee (**muito** café)

many friends (**muitos** amigos)	**much** milk (**muito** leite)
many houses (**muitas** casas)	**much** rice (**muito** arroz)
many notebooks (**muitos** cadernos)	**much** sugar (**muito** açúcar)
many cars (**muitos** carros)	**much** beer (**muita** cerveja)
many watches (**muitos** relógios)	**much** air (**muito** ar)
many eggs (**muitos** ovos)	**much** meat (**muita** carne)

Espero que você tenha compreendido que o que manda é o significado de cada palavra. Ficar decorando listas e mais listas de *uncountable nouns* ou *countable nouns* apenas dificulta o entendimento de algo muito simples.

Agora que você aprendeu isso, devo ser sincero e dizer que há exceções! Algumas palavras em português aceitam o uso de *muitos;* já em inglês não. Nesse caso, o melhor a fazer é compreender que se trata de algo diferente. Nada de procurar entender o porquê. Simplesmente aprenda que é uma exceção e pronto!

A palavra que mais se enquadra nesse caso é *pães.* Em português, dizemos *muitos pães*; porém, em inglês, eles dizem *much bread.* É uma exceção, como falei anteriormente. Veja que não é o fim do mundo. Trata-se apenas das diferenças existentes em toda e qualquer língua. Outras palavras que se encaixam nessa exceção são:

EXCEÇÕES
much advice (**muitos** conselhos)
much information (**muitas** informações)
much furniture (**muitos** móveis, **muita** mobília)
much news (**muitas** notícias)
much slang (**muitas** gírias)
much music (**muitas** músicas)
much medicine (**muitos** remédios)
much clothes (**muitas** roupas)
much fruit (**muitas** frutas)
much equipment (**muitos** equipamentos)

Somente por meio da prática é que você se acostumará com as exceções. Não adianta entrar em desespero e achar que isso é o fim do mundo. Com o tempo, você descobrirá novidades. Eu lido com ensino e aprendizado da língua inglesa há mais de 15 anos e, até hoje, descubro coisas novas. E, da mesma forma, vai acontecer com você, pois esse processo é contínuo. Ele nunca cessa!

Agora veja como tudo o que dissemos pode ser usado em sentenças reais:

EXEMPLOS
He doesn't have **many** friends.

(Ele não tem **muitos** amigos.)

I don't have **much** money.

(Eu não tenho **muito** dinheiro.)

Some animals don't need **much** air to live.

(Alguns animais não precisam de **muito** ar para viver.)

They built **many** houses here in the past.

(Eles construíam **muitas** casas aqui no passado.)

There aren't **many** books in that library.

(Não há **muitos** livros naquela biblioteca.)

many cars in Brazil can run on gasoline, alcohol, or any mixture of the two.

(**muitos** carros no Brasil rodam com gasolina, álcool ou uma mistura dos dois.)

They sold **many** watches to China last year.

(Eles venderam **muitos** relógios para a China ano passado.)

I can't eat **much** red meat.

(Não posso comer **muita** carne vermelha.)

MUCH* E *MANY - Colocando em Prática

1. Traduza para o inglês as combinações a seguir. Lembre-se das exceções já vistas.

a. muito trabalho	.....	**g.** muitos remédios	.....
b. muitos desejos	.....	**h.** muitos amigos	.....
c. muito lixo	.....	**i.** muitas informações	.....
d. muitas contas	.....	**j.** muitos cadernos	.....
e. muita paciência	.....	**k.** muitos conselhos	.....
f. muitas roupas	.....	**l.** muitos brinquedos	.....

2. Use *many* (*muitos*, *muitas*) ou *much* *(muito, muita)* com as palavras a seguir. Caso você não saiba o significado de algumas dessas palavras, pesquise em um dicionário. Não se preocupe com as que se enquadram nas exceções.

a.	books	**i.**	houses	**q.**	notebooks
b.	patience	**j.**	dogs	**r.**	money
c.	bicycles	**k.**	rice	**s.**	confusion
d.	pencils	**l.**	languages	**t.**	phones
e.	energy	**m.**	comfort	**u.**	gold
f.	food	**n.**	influence	**v.**	people
g.	magazines	**o.**	cultures	**w.**	toys
h.	friends	**p.**	colors	**x.**	wine

3. Complete as sentenças a seguir com *many* *(muitos, muitas)* ou *much* *(muito, muita)*. Dessa vez, fique de olho nas exceções!

a. Eating ..... **salt** is not good for your health.
(Comer muito sal não é bom para a saúde.)
b. We have to do something, but there isn't .....**time**.
(A *gente tem de fazer alguma coisa, mas não há muito tempo.)*
c. Did you go to ..... **concerts** last year?
(Você foi a muitos shows ano passado?)
d. She usually gets ..... **advice** from her parents.
(Ela geralmente recebe muitos conselhos dos pais dela.)

e. Was there ..... **traffic**?
(Havia muito trânsito?)
f. Were there ..... **cars** on the road?
(Tinha muitos carros na estrada?)
g. We don't have ..... **money** to buy a new house.
(A gente não tem muito dinheiro para comprar uma casa nova.)
h. He never gives ..... **information** about his plans.
(Ele nunca dá muitas informações sobre os seus planos.)
i. There aren't ..... **hotels** in this town.
(Não há muitos hotéis nessa cidade.)
j. Did .....**students** fail the exam?
(Muitos alunos levaram bomba na prova?)

4. Complete as sentenças usando *many* ***(muitos, muitas)*** **ou** *much* ***(muito, muita)*** **com uma das palavras a seguir**.

countries	flowers	ideas	pictures	sugar
money	slang	time	luck	tea

a. This is the kind of help that's needed today in .....
b. Of course, there are also ..... to be seen in there.
c. They gave us ..... on how to solve the problem.
d. So, did you take ..... on your last vacation?
e. Mike always puts ..... on his coffee.
f. Unfortunately, we didn't have ..... to spare.
g. They don't teach us .....
h. Hurry up! We don't have.....
i. Laura and Samantha are not having ..... at the moment.
j. They didn't prepare ..... for all of the guests.

5. Algumas sentenças a seguir estão incorretas. Corrija-as se estiverem erradas; ou escreva Ok caso estejam corretas.

a. I usually don't drink many **coffee**. .....
b. He bought much **cars** during his lifetime. .....

c. We received many **information** about that. .....

d. They've already played at many **concerts**. .....

e. Do you usually get much **visitors**? .....

f. She doesn't have many **clothes**. .....

g. You won't save much **energy** doing that. .....

h. We don't have many good **news** to give. .....

CAPÍTULO 9

SOME E *ANY*: QUANDO USAR?

Enquanto eu escrevia este livro, perguntei-me várias vezes se deveria incluir as palavras *some* e *any* aqui ou se as deixaria para o livro de vocabulário. Afinal, nunca vi essas duas palavrinhas como gramática; apenas como duas palavras com significados e usos distintos.

No entanto, após trocar ideias com algumas pessoas, eu me senti na obrigação de incluí-las. Isso porque a maioria das pessoas as encara como gramática e espera encontrá-las em um livro de gramática. Portanto, vamos falar delas.

E começo falando que, em minha opinião, um dos erros clássicos no ensino de língua inglesa está relacionado justamente ao ensino de *some* e *any*. Para a maioria das pessoas, o uso dessas palavras tem a ver com sentenças afirmativas, setenças negativas e sentenças interrogativas. Ou seja, use *some* para sentenças afirmativas e *any* para sentenças negativas e interrogativas.

Durante muitos anos, acreditei piamente nessa lógica. Ensinei essa lógica. Eu defendia essa "explicação" a todo custo. Era tão simples! Tão claro! Até que um dia me deparei com as seguintes sentenças:

1. *I like **some** kinds of music.*
2. *I like **any** kind of music.*
3. *I don**'t** like **any** kind of music.*
4. *I don**'t** like **some** kinds of music.*

Note que, nessas sentenças, aquela lógica (regra) que parece imutável não faz o menor sentido. Nas sentenças 1 e 3, a "regra" se aplica; mas, em 2 e 4, não. Por quê?

Antes de responder, vou contar um fato engraçado que ocorreu quando pedi para uma amiga americana, nova-iorquina, dar uma olhadinha nos exemplos em inglês deste livro. Justamente neste capítulo sobre *some* e *any,* eu havia colocado mais de 20 exemplos do estranho uso de *some* em sentenças negativas. Minha amiga achou que eram muitos e escreveu o seguinte em um *e-mail:*

> *Hey Denilso, I really loved these examples. They're so natural and show the way we really speak the language, you know. There's just one thing: if I were you, **I wouldn't put some of these examples**. There are too many! So, how about leaving some of them out? What you say?*

Notou que minha amiga, que fala inglês desde criança, usou *some* em uma sentença negativa? Por quê?

A resposta é muito simples. *Some* e *any* não têm absolutamente nada a ver com regras gramaticais.

Ambas são palavras e, como tais, têm significados diferentes quando usadas. Portanto, você deve aprendê-las como se fossem palavras, e não regras gramaticais. Aliás, reafirmo aqui que elas nunca foram regras gramaticais. São apenas palavras com significados diferentes e que você deve, portanto, aprender a usar corretamente.

As sentenças que usei como primeiros exemplos dessa dica ajudarão você a entender o significado de cada uma delas. Veja:

INGLÊS	PORTUGUÊS
I like **some** kinds of music.	*Eu gosto de **alguns** tipos de música.*
I like **any** kind of music.	*Eu gosto de **qualquer** tipo de música.*
I do**n't** like **any** kind of music.	*Eu **não** gosto de **nenhum** tipo de música.*
I **don't** like **some** kinds of music.	*Eu **não** gosto de **alguns** tipos de música.*

Compare as sentenças em inglês e em português. Observe seus significados. Note como elas são perfeitamente possíveis. Ou seja, o significado delas na sentença é que manda no uso de uma palavra ou outra. Não é uma regra!

A dica pode ser resumida da seguinte maneira: *some* significa *alguns,* enquanto *any* significa *qualquer* (um) ou *nenhum.* Veja mais exemplos:

EXEMPLOS
I trust **some** of my friends. *(Eu confio em **alguns** dos meus amigos.)*
I trust **any** of my friends. *(Eu confio em **qualquer um** dos meus amigos.)*
I do**n't** trust **some** of my friends. *(Eu **não** confio em **alguns** dos meus amigos.)*
I do**n't** trust **any** of my friends. *(Eu **não** confio em **nenhum** dos meus amigos.)*
We do**n't** know **some** of the guests. *(A gente **não** conhece **alguns** dos convidados.)*
We do**n't** know **any** of the guests. *(A gente **não** conhece **nenhum** dos convidados.)*
We know **some** of the guests. *(A gente conhece **alguns** dos convidados.)*
She does**n't** want **any** of these. *(Ela **não** quer **nenhum** desses.)*
She wants **some** of these. *(Ela quer **alguns** desses.)*
She does**n't** want **some** of these. *(Ela **não** quer **alguns** desses.)*
She wants **any** of these. *(Ela quer **qualquer um** desses.)*

E aí?! Será que essa dica serviu para convencer você, de uma vez por todas, de que aprender inglês por meio de regras pode ser uma grande perda de tempo? Compreende agora a razão pela qual o grande segredo para aprender inglês está no uso da língua?

Para ficar ainda mais interessante esse assunto, aproveito para dizer que *some* em alguns contextos pode ser traduzido de outras formas:

INGLÊS

I have **some** money here. *(Eu tenho **um pouco de** dinheiro aqui.)*
Would you like **some** coffee? *(Você quer **um pouco de** café?)*
He has **some** really crazy friends. *(Ele tem **uns** amigos bem loucos.)*
She bought **some** beautiful shoes. *(Ela comprou **uns** sapatos bonitos.)*
I just need **some** information. *(Eu só preciso de **umas** informações.)*
There's always **some** traffic at this time. *(Tem sempre **um pouco de** tráfego nesta hora.)*
We bought **some** new furniture for the bedroom. *(Compramos **uns** móveis novos para o quarto.)*

É por causa desses outros significados de *some* que, em algumas perguntas, ele é usado. Ou seja, *some* é também usado sem problemas em sentenças interrogativas. Principalmente ao oferecermos algo a alguém ou fazermos um pedido:

inglês
Would you like **some** help? *(Você quer **uma** ajuda?)*
Do you want **some** tea? *(Você quer **um pouco de** chá?)*
Could you give me **some** help here? *(Você poderia me dar **uma** ajudinha aqui?)*
Why don't you buy her **some** flowers? *(Por que você não compra **umas** flores para ela?)*
Can I have **some** sugar? *(Eu posso pegar **um pouco de** açúcar?)*
Would you like **some** more? *(Você quer mais **um pouco**?)*
How about **some** beer? *(Que tal uma cervejinha?)*

Para ficar mais interessante ainda, aprenda também que muitas vezes podemos traduzir ou não a palavra *any* em algumas sentenças. Embora seja natural o uso de *any* em algumas sentenças em inglês, é bom saber que, em português, se traduzirmos a sentença, não fará muito sentido. Veja, por exemplo, as sentenças a seguir:

INGLÊS
Is there **any** milk on the fridge? *(Tem leite na geladeira?)*
Do you have **any** money on you? *(Você tem dinheiro aí com você?)*
Does she have **any** brothers or sisters? *(Ela tem irmãos?)*
Is there **any** sugar in here? *(Tem açúcar aqui?)*
You never give me **any** help. *(Você nunca me dá **uma** ajuda.)*
Would you like **some** more? *(Você quer mais **um pouco**?)*
She does**n't** have **any** friends. She's always alone! *(Ela não tem **nenhum** amigo. Ela vive sozinha!)*

Para encerrar esse assunto, anote aí que as observações (dicas) do uso de *some* e *any* valem também para palavras como: *somebody, someone, anybody, anyone, something, anything* e todas as demais.

Antes de dar alguns exemplos, tenho de dizer a você que *somebody* e *someone* significam a mesma coisa. A diferença entre uma e outra está no fato de que *somebody* é usado com mais

frequência no inglês informal. *Someone,* por sua vez, é comum no inglês mais formal (principalmente, no escrito). O mesmo vale para *anybody* (informal) e *anyone* (formal). Tendo explicado isso, observe os exemplos a seguir para perceber que tudo que foi dito se aplica também às demais palavras:

INGLÊS
Are you waiting for **somebody**? *(Você está esperando alguém?)*
Would you like **somebody** help you with that? *(Você quer que **alguém** te ajude com isso?)*
Do you want **something** to drink? *(Você quer **algo** para beber?)*
I'm very hungry. I have to eat **something**. *(Eu "tô" com muita fome. Tenho de comer **alguma coisa**.)*

Acho que é isso! Dei meu recado! Espero que você tenha entendido a razão pela qual eu não queria incluir a dica de *some* e *any* em um livro de gramática. Afinal, o que manda no uso dessas duas palavrinhas é o significado de cada uma na sentença ou contexto específico. Portanto, preste sempre atenção ao contexto no qual são usadas e também ao seu significado.

SOME* E *ANY - Colocando em Prática

1. Use *some* para oferecer as coisas a seguir a um amigo ou amiga. As três expressões mais usadas em inglês para oferecer algo a alguém são *Do you want...? How about...?* ou *Would you like...?* **A última, contudo, é um pouco mais formal que as duas primeiras.**

a. *(bread)* .....?
b. (*coffee*) .....?
c. *(tea)* .....?
d. *(cheese)* .....?
e. *(chocolate)* .....?
f. *(cake)* .....?
g. *(of this)* .....?
h. *(beer)* .....?
i. *(wine)* .....?
j. *(milk)* .....?

2. Traduza as sentenças a seguir para o inglês.

a. Eu não gosto de alguns dos livros dele.

.....

b. Eu não gosto de nenhum dos livros dele.

.....

c. Eu gosto de alguns dos livros dele.

.....

d. Eu gosto de qualquer um dos livros dele.

.....

e. Nós compramos umas laranjas.

.....

f. Ela não gosta de nenhum tipo de suco.

.....

g. Eles gostam de alguns tipos de filme.

.....

h. Eles não gostam de alguns tipos de filme.

.....

As sentenças a seguir são exemplos reais tirados de um *corpus* (banco de dados) da língua inglesa. Em todas elas, a palavra *some* está sendo usada em uma sentença negativa. Para fixar esse uso de *some* e seu significado, sua tarefa é traduzi-las para o português.

a. I don't like some of my boyfriend's friends.

.....

b. What if I don't like some of the things you say? *(what if significa e se)*

.....

c. I didn't like some of these pictures.

.....

d. She said she didn't watch some of Mel Gibson's movies.

.....

e. We just don't like some of the things you do. *(we just significa a gente só)*

.....

f. I really can't understand some people.

.....

g. I don't like some of your habits.

.....

h. I don't know some of the guests.

.....

i. I don't want some pretty faces to tell me some pretty lies.

.....

j. He doesn't agree on some issues on the proposal.

.....

k. I don't like some of these bands you mentioned.

.....

CAPÍTULO 10

POR QUE O VERBO *TO BE* É TÃO CHATO?

Você já se perguntou por que o verbo *to be* é tão famoso? Aliás, você sabia que o verbo é apenas be? Nós costumamos falar *to be* por puro modismo. Portanto, para facilitar o que vamos aprender aqui, acostume-se com *be*; deixe o *to* de lado, ok?

Anotado isso, lembre-se que a palavra *(verbo) be,* de modo geral, tem dois significados principais: ser e estar. Lembre-se bem disso! Em português, temos duas palavras, mas em inglês temos apenas uma. Assim: be at work significa **estar no trabalho** e be married significa **ser casado**. O que vai definir o significado do *be* é o contexto *(as palavras próximas a ela)* e não a palavra sozinha. Veja mais exemplos:

INGLÊS	PORTUGUÊS
be in love	estar apaixonado
be angry	estar com raiva
be at home	estar em casa
be studying	estar estudando
be working	estar trabalhando
be reading	estar lendo
be tall	ser alto
be exciting	ser empolgante
be interesting	ser interessante
be blonde	ser loira
be Brazilian/Italian/etc.	ser brasileiro/italiano/etc.

Ao ler um texto fique atento a isso! Não se desespere! Não é tão complicado quanto imagina. Acostume-se a ver o contexto e não a palavra sozinha. Assim que você começar a pegar o jeito, perceberá também que *be* pode ter outros significados quando estiver junto a outras palavras ou em expressões:

INGLÊS	PORTUGUÊS
be careful!	**tome** cuidado!
be [*twenty*] years old	**ter** *[vinte]* anos de idade
be quiet!	**fica** quieto!
be good!	juízo!

She'll be very sad...	Ela vai **ficar** muito triste...

Nem ao menos pense que inglês é impossível de ser aprendido por causa do significado de uma palavra como essa. Lembre-se que você não aprenderá isso da noite para o dia. É questão de prática e tempo! Se servir de consolo, saiba que em português uma única palavrinha também pode causar confusão para um estrangeiro.

Logo, nada de desespero! Os diferentes significados do verbo *be* você dominará com o tempo e automaticamente. Quando menos esperar, saberá usá-los de maneira tão natural que nem se lembrará do quanto parecia complicado no começo.

Mas o problema do verbo *be* não é só esse. A maioria dos estudantes de inglês tem dificuldade em usá-lo corretamente. Para mim, a culpa não é dos alunos ou dos professores. A culpa é do sistema tradicional que insiste em ensinar inglês mecanicamente. Quando eu estava na escola, meus professores de inglês viviam escrevendo tabelas no quadro com as várias formas do tal verbo *be*.

Nós, alunos e alunas, tínhamos de decorar aquela lista horrorosa. Eu achava uma tremenda falta do que fazer. Quando me tornei professor confesso que também ensinava do mesmo jeito. Até que um dia percebi que estava perpetuando o erro dos professores e que deveria encontrar uma forma mais simples de ensinar esse verbinho.

Foi então que percebi o seguinte: o segredo não está no verbo em si. O segredo para aprender está no uso da língua. Algo que venho falando *(e continuarei falando*) ao longo deste livro. Se você prestar atenção aos significados das palavras, logo perceberá que o tal verbo *be* é um dos temas mais fáceis de ser aprendido em inglês.

Antes é importante você aprender as palavras *(os pronomes pessoais)* abaixo:

INGLÊS	PORTUGUÊS
I	*eu*
you	*você, vocês*
he	*ele*
she	*ela*
we	*nós*
they	*eles*

Se já sabe essas palavrinhas, então aprenda estas:

INGLÊS	PORTUGUÊS
am	*sou, estou*
is	*é, está*
are	*é, está; somos, estamos; são, estão*
was	*estava*
were	*estávamos, estavam*

Claro que você não tem de decorar isso tudo! Nem quero que você decore! Nem ao menos pense em fazer isso! Não perca tempo. Até porque, dependendo do contexto, o significado das palavras dessa tabela pode mudar.

O segredo aqui é: você tem de aprender apenas que um daqueles pronomes combina naturalmente como uma das palavras da tabela anterior. Ou seja, você precisa aprender o seguinte:

INGLÊS	PORTUGUÊS
I am	*eu sou, estou*
He|She is	*elefela é, está*
You|We|They are	*você é, você está; nós somos, nós estamos; vocêsfeles são, vocêsfeles estão*
I|He|She was	*eufelefela era, estava*
You|We|They were	*você era, você estava; nós éramos, nós estávamos; eles eram, eles estavam*

Visto dessa forma parece confuso, não é? Também acho! Porém, se você começar a comparar os significados de cada palavra e criar alguns exemplos, logo perceberá que não é nada complicado. Veja:

PORTUGUÊS	INGLÊS
Eu estou apaixonado.	**I am** in love.
Eles estão apaixonados.	**They are** in love.
Você é alto.	**You are** tall.
vocês são altos.	**You are** tall.
Ela é alta.	**She is** tall.
Nós somos brasileiros.	**We are** Brazilian.
Eles são italianos.	**They are** Italian.
Ele era inteligente.	**He was** intelligent.
Nós estávamos cansados.	**We were** tired.
Elas eram japonesas.	**They were** Japanese.
Eu estava cansado.	**I was** tired.

Minha proposta não é que você tente decorar a tabela de conjugações do verbo *be*. A proposta é outra: você aprender o que significa cada combinação de palavras.

Isso significa que é muito melhor aprender que *I am*, por exemplo, tem significados diferentes dependendo do contexto: *eu sou* ou *eu estou.* A partir daí você pode criar quantas sentenças quiser e ir se acostumando com o *I am.* Depois, pode aprender que *I was* pode significar *eu era* ou *eu estava*. Você então cria suas sentenças e aprende naturalmente essas diferenças e também como usar cada combinação no momento certo e do jeito correto.

Tudo é uma questão de prática e paciência. Não é com *decoreba* mecânica, e sem sentido, de regras ou lista de conjugações que você aprenderá a usar o verbo *be*.

Claro que há mais coisas a serem ditas sobre o tão famoso *be*. Mas o que você aprendeu aqui é suficiente para ajudá-lo a se virar bem durante uma conversa básica em inglês.

VERBO *BE* - Colocando em Prática

1. Escreva as sentenças abaixo em inglês.

a. Eu estou trabalhando.

.....

b. Ele está trabalhando.

.....

c. Eles estão trabalhando.

.....

d. Eu estava trabalhando.

.....

e. Eles estavam trabalhando.

.....

f. Nós estávamos em casa.

.....

g. Ela estava em casa.

.....

h. Ela está com raiva.

.....

i. Ela estava com raiva.

.....

j. Eles estavam cansados.

.....

k. Eu era casado.

.....

l. Eles eram casados.

.....

m. Ela era casada.

.....

n. Nós somos amigos.

.....

o. Nós éramos amigos.

.....

2. Para formar perguntas em inglês usando o verbo *be* tudo o que você precisa fazer é inverter a combinação de palavras. Ou seja, para afirmar algo dizemos *she is*, mas, para perguntarmos algo, usando *is she*. Veja os modelos abaixo e crie perguntas usando as palavras dadas.

a. Ela é solteira?

Is she single?

.....

b. Você está cansado?

Are you tired?

.....

c. Eles estão em casa?

.....

d. Ele é casado?

.....

e. Ela está estudando?

.....

f. Eles estavam estudando?

.....

g. *Você está com raiva?*

.....

h. Vocês estão apaixonados?

.....

i. Ela está em casa?

.....

j. Ela estava em casa?

.....

k. Você é solteiro?

.....

l. Eles estão no trabalho? [*no trabalho = at work*]

.....

m. Eles estão na escola? *[na escola = at school]*

.....

n. Você é bom em matemática? [*bom em matemática = good at math]*

.....

o. Ela é boa em inglês? [*boa em inglês = good at English]*

.....

3. Para elaborar uma sentença negativa, você precisa acrescentar a palavra *not* após as combinações que viu neste capítulo. Por exemplo, *I am* é o que usamos para afirmar algo; para colocarmos essa afirmação na negativa só precisamos fazer assim: *I am not.* Agora, transforme as sentenças abaixo em negativas.

a. I am single.

.....

b. We are married.

.....

c. She is studying Spanish right now.

.....

d. They are at work at this moment.

.....

e. We were at school yesterday.

.....

f. She was working last weekend.

.....

g. He was talking with his father.

.....

h. They were traveling.

.....

i. I am angry with you.

.....

j. She is 30 years old.

.....

Caso queira aprender sobre as abreviações (*contrações*) do verbo be, visite:

www.denilsodelima.com

CAPÍTULO 11

POR QUE COLOCAR *S* DEPOIS DE VERBOS? (PRESENT SIMPLE)

Antes de falar sobre essa história de *s* depois de um verbo, tenho de comentar um pouquinho sobre a conjugação dos verbos em inglês e em português. Não se preocupe! Vou explicar do modo mais simples possível!

De modo geral, não há segredos para conjugar um verbo em inglês. Bem diferente do que acontece em português. Para exemplificar isso, vamos dar uma olhada na conjugação do verbo "trabalhar" no Presente do Modo Indicativo:

PRONOME | PESSOAS	CONJUGAÇÃO NO PRESENTE
eu	trabalh**o** todos os dias.
você	trabalh**a** todos os dias.
ele | ela	trabalh**a** todos os dias.
nós	trabalh**amos** todos os dias.
vocês	trabalh**am** todos os dias.
eles | elas	trabalh**am** todos os dias.
o Paulo	trabalh**a** todos os dias.
a Camila e a Patrícia	trabalh**am** todos os dias.

Note que, de acordo com os pronomes (as pessoas de quem falamos), o verbo sofre uma ligeira mudança no final (essa alteração recebe o nome de desinência). Um estrangeiro estudando português sofre para aprender isso corretamente. Aliás, talvez sirva de consolo saber que muitos deles não conseguem dominar isso muito bem!

A situação piora ainda mais em português, pois essa alteração no final do verbo será diferente caso o verbo no infinitivo termine com *-ar (cantar, falar, andar), -er (comer, correr, escrever), -ir (mentir, sair, falir)* ou *-or (compor, expor).* Ou seja, se o verbo for de primeira, segunda ou terceira conjugação, a desinência (a parte que muda no final) será diferente.

Calma! O tema deste livro é a gramática natural da língua inglesa. Então, não se preocupe nem se assuste com isso. Felizmente, no inglês, esse negócio de desinência praticamente não existe.

Dessa forma, tudo que você precisa saber é o verbo que quer usar e o pronome pessoal que estará junto a ele. Os principais pronomes nesse caso são: I (eu), you *(você, vocês),* he *(ele),* she *(ela),* we *(nós),* they *(eles).* Sabendo esses pronomes e o verbo a ser usado, você simplesmente tira de letra a

conjugação de verbos em inglês no Simple Present.

Na tabela a seguir, usaremos como exemplo o verbo *work (trabalhar)* conjugado no Simple Present, que equivale ao nosso Presente do Modo Indicativo.

PRONOME | PESSOAS	CONJUGAÇÃO NO SIMPLE PRESENT
I	**work** from Monday to Friday.
you	**work** from Monday to Friday.
he | she	**works** from Monday to Friday.
we	**work** from Monday to Friday.
they	**work** from Monday to Friday.
Paulo	**works** from Monday to Friday.
Camila and Patrícia	**work** from Monday to Friday.

Se você for bom de observação, perceberá que o verbo (*work*) é escrito do mesmo jeito para todos os pronomes, mudando apenas nos pronomes "he" e "she" ou quando falamos de outra pessoa (Paulo, na tabela). Com isso em mente, podemos reorganizar a tabela da seguinte maneira:

PRONOME | PESSOAS	CONJUGAÇÃO NO SIMPLE PRESENT
I **you** **we** **they** **Camila and Patrícia**	**work** from Monday to Friday.
he | she **Paulo**	**works** from Monday to Friday.

Compare essa tabela com aquela da conjugação do verbo em português. Como foi dito, em português temos de alterar o final do verbo de acordo com o pronome que está sendo usado. Já em inglês isso não acontece. É por isso que eu digo que conjugar verbos em inglês é muito fácil!

O único momento no qual temos de fazer algo diferente é com os pronomes he (*ele*), she (*ela*) ou quando mencionamos o nome de outra pessoa na conversa *(uma pessoa só!)*.

É com esses dois pronomes que você deve se preocupar mais ao conjugar um verbo no Simple Present, pois nesses casos temos de fazer uma pequena modificação, ou seja, acrescentar o *s*. Veja mais exemplos:

PRONOME | PESSOAS	CONJUGAÇÃO NO SIMPLE PRESENT
He	work**s** in a bank.
She	love**s** her husband.
He	read**s** the paper every day.
She	write**s** very well.
Márcia	live**s** in São Paulo.

Geziel	needs more time.

Observe que todos os verbos receberam um *s*. Note também que isso só acontece com os pronomes *he* e *she* ou quando falamos de uma pessoa apenas. Lembre-se de que isso só acontece no Simple Present.

Espero que você tenha compreendido bem; afinal, isso faz parte do início de qualquer curso de inglês. Não tem como escapar! Além do que foi dito, você precisa aprender ainda que, de acordo com o final do verbo, acrescentar apenas o s não resolve a situação. Ou seja, é preciso haver algo mais. Não se apavore! É tudo muito simples! Veja só!

Se o verbo que você for usar terminar com as letras o, ch, *sh, x, s* ou z, deverá acrescentar um *-es* ao final do verbo. Para facilitar, note o final (em destaque) dos seguintes verbos: *go, do, catch, teach, watch,pass, wash, smash, fix, mix, buzz.* Observe que eles terminam com as letras citadas no início do parágrafo. Logo, ao usarmos esses verbos com *he* ou *she,* devemos acrescentar *-es* ao final deles. Veja:

PRONOME | PESSOAS	CONJUGAÇÃO NO SIMPLE PRESENT
He	watch**es** TV every morning.
She	go**es** to church on Sundays.
She	wash**es** her hair every week.
Pamela	do**es** her homework in the evening.
Carlos	fish**es** every weekend.

Outra mudança é quando o verbo termina com uma consoante seguida por um y. Os verbos "stu**dy**", "t**ry**", "c**ry**", "f**ly**", "ti**dy**" são bons exemplos disso. Veja a parte em destaque! Quando for assim, você deverá tirar o *y* e, no lugar dele, escrever *-ies:*

PRONOME | PESSOAS	CONJUGAQAO NO SIMPLE PRESENT
He	studi**es** English every day.
She	tri**es** on every shoes she can.
He	cri**es** when he hears her name.
She	fli**es** big airplanes.

Essa história só vale para verbos terminados com uma consoante seguida por *y*. Se o verbo terminar com vogal seguida de *y {play, say, lay, toy),* basta colocar *s* e estará tudo resolvido. E então?! Tudo bem até aqui?! Está tudo claro? Espero que sim! Devo dizer ainda que tudo que falamos sobre colocar *s, es* ou *ies* em um verbo aplica-se apenas aos verbos quando conjugados no Simple Present. Caso o verbo tenha de ser usado no passado ou futuro, o que foi dito não se aplica.

Embora eu não tenha falado aqui sobre o pronome *it,* é bom saber que as mudanças que citei também se aplicam a ele. Portanto, muita atenção nisso!

Não se preocupe se no começo do seu aprendizado de inglês você não conseguir fazer o uso disso corretamente. Errar faz parte do aprender! Leva mesmo algum tempo para se acostumar. Portanto, o melhor a fazer é praticar muito! Uma hora qualquer, você nem perceberá e estará falando certo!

***S* DEPOIS DE VERBO** - Colocando em Prática

1. Reescreva os verbos a seguir levando em conta as dicas que você leu sobre como acrescentar *s, es* ou *ies*. Veja o modelo!

a.	try	*tries*	**g.**	write	.....
b.	go	.....	**h.**	study	.....
c.	want	.....	**i.**	do	.....
d.	read	.....	**j.**	make	.....
e.	sit	.....	**k.**	mix	.....
f.	toy	.....	**l.**	fly	.....

2. Levando em conta tudo o que foi dito, reescreva as sentenças a seguir utilizando o pronome *(ou pessoa)* em parênteses. Observe o modelo.

a. I study English at inFlux. *(Eu estudo inglês na inFlux.)*
(He) *He studies English at inFlux*
.....

b. You like to study English.
(She) .....

c. They teach Portuguese at the college.
(My bother) .....

d. I wake up early every morning.
(Amanda) .....

e. We play soccer at the club every weekend.
(Miguel) .....

f. You read books about the environment.
(He) .....

g. I love this song.
(She) .....

h. They go to the movies every other weekend.
(My sister) .....

i. We try to study more than others.
(Léo) .....

j. I tidy my room every day.

(João) .....

3. As sentenças a seguir estão todas erradas. Encontre o erro e explique por que estão erradas. Então, reescreva-as corretamente.

a. He studys Mathematics at college.

.....

b. You reads the newspaper only on Sundays.

.....

c. Rafael work in a bank next to his home.

.....

d. carol go to work by bus.

.....

e. He toies with these crazy ideas.

.....

f. We lives very far from here.

.....

g. Laura go to church every day. She love it!

.....

Tudo que você aprendeu sobre acrescentar *s* a um verbo refere-se apenas ao tempo verbal conhecido como Simple Present **e aplica-se apenas aos pronomes *he, she* e *it* ou quando falamos de apenas outra pessoa na conversa. Com o tempo e mais prática, você acabará dominando esse assunto.**

PAST SIMPLE: O PASSADO EM INGLÊS

Falar sobre o Past Simple não é tão complicado assim. Eu só o estou colocando aqui porque, mais à frente, vou ter de falar sobre a diferença entre esse tempo verbal e o famoso Present Perfect. Portanto, não há como fugir dele antes.

A primeira coisa que você tem de entender sobre o Past Simple é que a maioria dos verbos em inglês sempre recebe um *-ed* ao final para indicar que estão no passado. Portanto, é muito importante que você aprenda a colocar (acrescentar) esse tal *-ed* aos verbos. De modo bem rápido e sem complicação, a coisa se resume a:

DICA	EXEMPLOS
Praticamente todos os verbos recebem o tal *-ed*. Essa é a tal regra geral.	walk**ed**, talk**ed**, fix**ed**, wash**ed**, open**ed**, clos**ed**, work**ed**, clean**ed**, ne**ed**ed, start**ed**, liv**ed**, chang**ed**, paint**ed**, treat**ed**, play**ed**, rain**ed**, etc.
Verbos que terminam em uma sequência de consoante e *y* perdem o *y* e ganham *-ied*.	stu**dy** >stud**ied**, t**ry** >tr**ied**, fr**y** >fr**ied**, c**ry** >cr**ied**
Verbos com uma sequência de consoante, vogal, consoante devem ter a última consoante dobrada para então ganhar o *-ed*.	s**top** >stop**ped, rob** >rob**bed**, p**lan** >plan**ned, rub** >rub**bed**

Particularmente, odeio essas "regras". Só as incluí aqui porque várias pessoas que analisaram o livro antes da publicação me aconselharam a colocá-las. Você deve estar se perguntando a razão pela qual eu não gosto dessas "regras". Respondo no próximo parágrafo!

A razão é a seguinte: você, cedo ou tarde, vai se deparar com algo que não combina com a "regra" {as exceções) e poderá ficar decepcionado com isso. Aliás, já citei uma exceção no quadro. A última "regra" diz que temos de dobrar a última consoante caso o verbo termine em consoante, vogal, consoante, certo? Então, por que o vebo *fix* é *fixed,* e não *fixxed?* Por que ele não segue a tal "regra"?

Em inglês, o que manda na verdade não é a forma de escrever, e sim a forma de pronunciar. É por essa razão que *fix* não segue a tal *regra.* Ou seja, a pronúncia de *fix* é *fiks*; logo, ao observar como ela é pronunciada, tenho duas consoantes {dois sons consonantais) no final dela. Dessa forma, o passado é feito sem dobrar a consoante.

Isso é complicado demais para quem está começando a estudar inglês. Minha dica é a seguinte: aprenda isso tudo como se fossem palavras novas. Assim, quando você estiver lendo um texto e

encontrar a palavra *stopped,* aprenda a palavra e seu{s) significado{s). Não deixe de ler o texto para pensar sobre as "regras" furadas do passado em inglês. Simplesmente, leia o texto e interprete a palavra por meio do contexto, seu uso e significado. Aprenda isso! Anote o exemplo {a sentença)! Crie as próprias sentenças e siga feliz aprendendo inglês de verdade.

Mudar sua atitude em relação ao passado em inglês certamente facilitará sua aquisição de fluência nessa língua. Afinal, quando você for falar inglês com alguém, saberá exatamente o que dizer, porque tem a palavra certa na ponta da língua, e não as "regras" gramaticais para atrapalhá-lo.

Outra coisa que você deve aprender sobre o passado em inglês é que ele é geralmente usado com expressões que indicam que aquilo que está sendo dito aconteceu no passado. Portanto, é bom ter na ponta da língua expressões como as seguintes:

INGLÊS
yesterday (ontem)
yesterday morning (ontem de manhã)
yesterday afternoon (ontem à tarde)
yesterday evening (ontem à noitinha | tardinha)
last night (ontem à noite)
the day before yesterday (antes de ontem)
last year (ano passado)
last month (mês passado)
last week (semana passada)
last weekend (último final de semana)
two years ago (dois anos atrás)
three months ago (três meses atrás)
a week ago (uma semana atrás)
two day ago (dois dias atrás)
hours ago (horas atrás)

As combinações são várias. As listadas acima são apenas para ajudá-lo a compreender isso. Muitas vezes, no entanto, o contexto (o rumo da conversa) deixará claro que as pessoas estão falando sobre algo no passado. Dessa forma, nem sempre é preciso ficar repetindo as expressões de tempo que indicam o passado:

INGLÊS
What did you do yesterday morning? *(O que você fez ontem de manhã?)* I stayed home and did the cleaning. *(Eu fiquei em casa e fiz uma faxina.)*
We watched a great movie last Sunday. And you? What did you do?

(A gente assistiu a um filmão domingo passado. E você? O que foi que fez?) I studied for an English exam. *(Eu estudei pra uma prova de inglês.)*

Outro erro comum que estudantes de inglês cometem ao aprender o passado em inglês é achar que esse negócio de *-ed* vale para tudo quanto é sentença. Isso não é verdade. Veja as seguintes sentenças:

EXEMPLOS
He painte**d** the house yesterday. **Did** he **paint** the house yesterday? He **didn't paint** the house yesterday.
She liv**ed** in Rondônia in 1995. **Did** she **live** in Rondônia in 1995? She **didn't live** in Rondônia in 1995.
They stop**ped** smoking. **Did** they **stop** smoking? They **didn't stop** smoking

Veja que aquele negócio de colocar *-ed* no final do verbo só vale quando estamos afirmando algo. Se você faz uma pergunta ou diz que alguém não fez algo, por exemplo, o verbo continua inalterado. Ao perguntar, você usa o *did* e, ao negar, usa *didnt {did not)*. Lembre-se de que o *did* ou *didnt,* nesses casos, não significa absolutamente nada. Eles servem apenas para ajudar as pessoas a entender que a sentença está no passado.

Fora tudo o que foi dito, não há muito mais o que falar sobre o Past Simple. Nos capítulos a seguir, você aprenderá sobre os tais verbos irregulares e a diferença entre esse tempo verbal e o Present Perfect. Então, faça as atividades a seguir para fixar melhor o Past Simple.

PAST SIMPLE - Colocando em Prática

1. Reescreva os verbos levando em conta as dicas que você leu sobre como acrescentar -*ed* ou *ied*. Veja o modelo!

a.	try	*tried*	**g.**	call	.....
b.	want	.....	**h.**	agree	.....
c.	kiss	.....	**i.**	rob	.....
d.	mix	.....	**j.**	add	.....
e.	pull	.....	**k.**	burn	.....
f.	need	.....	**l.**	cry	.....

2. Complete as sentenças a seguir usando um dos verbos na caixa.

clean rain start want bake open like die stay kiss

a. Carla ..... me and then left.
b. The weather was terrible yesterday. It ..... all day long.
c. They said they ..... home but I guess they went out.
d. He ..... the letter and began to read it out loud.
e. 24 people ..... in a bomb attack in Israel yesterday.
f. We never ..... her anyway.
g. I ..... my room yesterday. So, mom can't complain now.
h. Believe it or not, the car ..... on the first try.
i. Grandma ..... a delicious pie yesterday.
j. He gave the public what they .....

3. Identifique o erro e corrija as sentenças a seguir.

a. Did he accepted the offer?

.....

b. They didn't helped us. can you believe that?

.....

c. She didn't identified the person.

.....

d. We didn't believed we could win the match.

.....

e. Did you talked to your boss about that?

.....

f. I didn't danced with her.

.....

g. Believe it or not, she didn't cried when I told her what happened.

.....

CAPÍTULO 13

O QUE É UM VERBO IRREGULAR?

Quando você começa a aprender a expressar ideias no passado em inglês, logo se vê diante dos tais verbos irregulares. Geralmente, os professores {e livros) dão uma lista de verbos aos alunos que deve ser decorada a todo custo. Há até provas com isso! Em minha opinião, isso é uma total falta de criatividade e perda de tempo {tanto para os alunos quanto para professores).

Afinal, o que é um verbo irregular? Continue lendo para desvendar esse mistério, que não é tão complicado assim. Complicada é apenas a forma como "ensinam".

A primeira coisa a pôr na cabeça é que, em português, nós também temos verbos irregulares. Aliás, em português temos ainda verbos anômalos, verbos defectivos e verbos abundantes. Você sabe diferenciar um do outro? Você seria capaz de citar dez exemplos de cada um sem consultar uma gramática? Mesmo não sabendo disso, como você consegue se comunicar com as pessoas em português todos os dias?

Veja bem! Como você conjuga um verbo no passado em português? Por exemplo, como as sentenças a seguir podem ser completadas:

1. Eu.....(correr) 15 quilômetros hoje de manhã.
2. Eu.....(comer) muito hoje no almoço.
3. Eu.....(vender) meu carro tem umas três semanas.
4. Eu.....(estender) a roupa toda na varanda.
5. Eu.....(fazer) um bolo delicioso na semana passada.

Observe que, nas quatro primeiras sentenças, os verbos seguem um padrão: *corr**i**, com**i**, vend**i**, estend**i***. Mas na última sentença o verbo não segue o padrão que temos nos demais. Ou seja, não dizemos *fazi*. O certo, nesse caso, é *fiz*.

Como o verbo *fazer* não segue o padrão, dizemos que ele é um verbo irregular. Simples demais isso, não é mesmo? A ideia de verbo irregular em inglês é praticamente a mesma.

A essa altura, você já deve ter aprendido que, em inglês, os verbos geralmente ganham um *-ed* quando são ditos ou escritos no passado. Por exemplo, os verbos *walk (caminhar), study (estudar), fix (consertar), wash (lavar), open (abrir)* e *work (trabalhar)* são verbos que no passado (e no particípio passado) recebem *-ed*. Veja:

FORMA NORMAL	PAST SIMPLE PAST PARTICIPLE
walk	walk**ed**
study	stud**ied**

fix	fix**ed**
wash	wash**ed**
open	open**ed**
work	work**ed**

Note que todos elem recebem *-ed* no final para indicar que estão ou no Past Simple (Passado Simples) ou no Past Participle (Particípio Passado). Quando o verbo recebe esse -ed, dizemos que é regular. Na língua inglesa, a maioria dos verbos é regular. Tudo o que você precisa aprender é colocar o *-ed* de modo correto no final deles.

No entanto, há um grupo de verbos conhecidos como irregulares. Eles recebem essa classificação, pois, ao serem usados no Past Simple (Passado Simples) ou no Past Participle (Particípio Passado), não recebem o *-ed.* Esses verbos têm forma própria. É o mesmo que acontece com o verbo *fazer* em português.

Alguns desses verbos são *write (escrever), run (correr), see (ver, enxergar), tell (dizer, contar), know (saber, conhecer)* e *go (ir).* Esses seis verbos têm uma forma especial de serem escritos no Past Simple ou Past Participle. Veja:

FORMA NORMAL	PAST SIMPLE	PAST PARTICIPLE
write	**wrote**	**written**
run	**ran**	**run**
see	**saw**	**seen**
tell	**told**	**told**
know	**knew**	**known**
go	**went**	**gone**

Se você escrever *writed* (acrescentar *-ed* ao verbo), saiba que estará cometendo um erro. Como você pode notar na tabela, o verbo *write* no passado (Past Simple) é *wrote* e no particípio passado (Past Participle) é *written.* O mesmo vale para *go,* que no Past Simple é *went* e no Past Participle é *gone*.

Você deve estar se perguntando: "Como aprender os verbos irregulares em inglês?" Minha resposta é com outra pergunta: "Como você fez para aprender os verbos irregulares, anômalos, defectivos e abundantes em português? Você, por um acaso, andava com uma lista de verbos debaixo do braço quando começou a aprender a falar português?"

Minha opinião é que você aprenda os verbos irregulares em inglês da mesma forma como aprendeu em português: naturalmente. Sou totalmente contra as famosas listas de verbos irregulares que mais atormentam a vida de alunos do que os ajudam a aprender a língua inglesa.

Entretanto, professores e autores de livros também devem apresentar esses verbos naturalmente. Com isso, quero dizer que esses verbos irregulares devem ser ensinados como se fossem palavras

novas. Enfim, como coisas que você vai aprendendo em inglês ao longo do tempo. Deixe-me dar aqui algumas dicas para não ficar só no blá-blá-blá.

A primeira coisa a aprender é que os *experts* em analisar o uso da língua inglesa (linguistas) perceberam que, dos 25 verbos mais usados no dia a dia da língua inglesa, 17 são irregulares. Dessa forma, saiba que você não precisa entrar em desespero tentando decorar 300 e tantos verbos irregulares.

A partir de agora, comece a prestar mais atenção a esse grupo. Aprenda como usá-los, aprenda o significado deles, copie e crie exemplos baseados neles. Enfim, acostume-se com eles. Mas não precisa tentar decorar a lista toda. Vá com calma! Aprenda um de cada vez! Vou continuar dando mais dicas a seguir; mas, agora, quero apresentar os tais famosos verbos irregulares mais usados da língua inglesa:

FORMA NORMAL	PAST SIMPLE	PAST PARTICIPLE
be	was/were	been
have	had	had
do	did	done
say	said	said
get	got	got (britânico) / gotten (americano)
make	made	made
know	knew	known
take	took	taken
see	saw	seen
come	came	come
think	thought	thought
give	gave	given
find	found	found
tell	told	told
feel	felt	felt
leave	left	left

Tenha em mente que decorar essa listinha é perda de tempo. Isso porque decorar listas não é sinal de que você falará inglês fluentemente. Caso você decore a lista acima, a única coisa que vamos comprovar é que você tem uma excelente memória. Assim, se estivéssemos lidando com testes de memorização, você certamente se sairia muito bem.

Uma forma de amenizar sua decepção em relação a esse assunto é fazendo o seguinte: anote a palavra *gave* (a forma de *give* - dar - no passado em inglês) em um caderno. Do lado, escreva que *gave (gueiv)* geralmente significa *"dei', "deu', "demos'* e *"deram* . Veja só que moleza! *Gave* vale por quatro palavras nossas. Assim, se você tiver de falar as seguintes sentenças em inglês:

- **Dei** um presente ao João.
- Você **deu** um presente ao João.
- Ela **deu** um presente ao João.
- Nós **demos** um presente ao João.
- Vocês **deram** um presente ao João.

Tudo que você precisará fazer, em inglês, é simplesmente dizer:

- I **gave** a present to João.
- You **gave** a present to João.
- She **gave** a present to João.
- We **gave** a present to João.
- You **gave** a present to João.

Percebeu?! O verbo no passado em português muda de forma de acordo com pronome pessoal: *dei, deu, demos, deram.* Já em inglês, o verbo continua

o mesmo, independente do pronome: *gave.* Agora me diga, seja sincero, em inglês é ou não é mais fácil? Veja lá! Tudo o que você tem de fazer é aprender que *gave* significa *dei*, *deu*, *demos*, *deram*.

A mesma lógica vale para *saw* (verbo *see* - *ver* - no passado). Ou seja, *saw* significa *vi*, *viu*, *vimos*, *viram*. Veja os exemplos a seguir e compare:

- **Vi** o João na festa. (I **saw** João at the party.)
- Você **viu** o João na festa. (You **saw** João at the party.)
- Ele **viu** o João na festa. (He **saw** João at the party.)
- Nós **vimos** o João na festa. (We **saw** João at the party.)
- Vocês **viram** o João na festa. (You **saw** João at the party.)
- Eles **viram** o João na festa. (They **saw** João at the party.)

Estou dizendo isso tudo para chegar à observação mais simples de todas: se você souber o que o verbo significa e souber também sua forma no Past Simple ou no Past Participle, saberá exatamente o que dizer. Não terá de ficar lembrando se o verbo é irregular ou não. Você simplesmente saberá dizer a coisa certa, do jeito certo, no momento certo.

Minha última dica aqui é a seguinte: pare de uma vez por todas com esse negócio de tentar decorar a lista completa de verbos irregulares em inglês. Dedique tempo e esforço para aprender os mais usados. Aprenda também o que cada um significa e como aplicá-los corretamente em uma sentença. Essa é a forma mais apropriada de você ganhar tempo e perceber os resultados do seu aprendizado de inglês. Para professores, tenho de dizer que, ao fazerem assim, a motivação da turma e o rendimento serão muito melhores!

VERBOS IRREGULARES — Colocando em Prática

1. Relacione os verbos com seus significados no passado.

a. said ( ) sabia, sabíamos, sabiam
b. had ( ) me senti, se sentiu, se sentiram
c. found ( ) fiz, fez, fizemos, fizeram
d. thought ( ) disse, dissemos, disseram
e. gave ( ) encontrei, encontrou, encontramos, encontraram
f. knew ( ) saí, saiu, saímos, saíram
g. felt ( ) dei, deu, demos, deram
h. left ( ) tirei, tirou, tiramos, tiraram
i. did ( ) pensei, pensou, pensamos, pensaram
j. took ( ) tinha, tínhamos, tinham*

* Na Gramática Normativa da Língua Portuguesa o correto é: tive, teve, tivemos, tiveram

2. Traduza as sentenças da caixa para o inglês e use-as para completar as sentenças que seguem.

eu saí	ele tinha	nós pensamos	eles deram	ela encontrou
ela se sentiu	eu sabia	eles tiraram	eu fiz	ele disse

a. ..... home when I was 18 years old.
b. I guess ..... a picture of her while she was sleeping.
c. ..... you wouldn't come to the party.
d. I didn't hear what.....
e. We were walking down the street and ..... dizzy.
f. When he was 20, ... a very old car.
g. ..... he wouldn't help me.
h. ..... her purse. It was at the office.
i. Last night,..... a colossal mistake. You won't believe it.
j. The first time..... her an injection and sent her home.

3. Veja algumas atividades rotineiras. Reescreva-as no Past Simple.

a. get up *(levantar-se)* .....

b. go to school *(ir para a escola)* .....
c. do the dishes *(lavar a louça)* .....
d. make the bed *(arrumar a cama)* .....
e. have classes *(ter aulas)* .....
f. go to work *(ir para o trabalho)* .....
g. have a meeting *(ter uma reunião)* .....
h. leave home *(sair de casa)* .....
i. get home *(chegar em casa)* .....
j. do the cleaning *(limpar a casa)* .....
k. write emails *(escrever e-mails)* .....

4. Nas linhas a seguir escreva pelo menos cinco coisas que você ou alguém que você conhece fez ontem. Veja os exemplos.

a. Yesterday I **wrote** lots of **emails** to my friends.
b. My wife **went to work** at 10 o'clock yesterday.
.....

5. As formas do verbo be **no Past Simple são** *was* **e** *were*. **Para saber quando usar um ou outro, você deverá aprender os pronomes em inglês bem como o significado de cada palavra quando estiver sendo usada. Traduza as sentenças para o português.**

a. I was in bed. .....
b. Were you here yesterday? .....
c. We were very tired last night. .....
d. She wasn't home. .....
e. Was it expensive? .....
f. The weather was good last week. .....
g. Was the exam very difficult? .....
h. Paper was first used in China. .....

Quer saber o que
é o Past Participle?
Então visite
o site:

www.denilsodelima.com

CAPÍTULO 14

COMO USAR O PRESENT PERFECT I

Não sei qual o seu nível de inglês, mas acredito que você já deve ter ouvido falar no Present Perfect, um dos tempos verbais mais chatinhos da língua inglesa. Ele é chato porque os modos como é usado na prática são bem diferentes dos modos como usamos alguns tempos verbais em português. Ou seja, não temos como comparar o Present Perfect com apenas um tempo verbal em português. Por conta disso, o melhor a fazer é aprendê-lo pela observação e com muita paciência.

A partir de agora você encontrará informações sobre o famoso **Present Perfect** e seus usos mais comuns. Como são vários e para não ficar muito longo e cansativo, decidi dividir esse assunto em duas partes. Há ainda uma terceira contendo dicas específicas para você compreender as diferenças entre o **Present Perfect** e o **Past Simple**.

Para início de conversa, é bom você saber que para formar o Present Perfect é preciso usar *have* como verbo auxiliar. Ou seja, o verbo *have* ajuda (auxilia) na formação do Present Perfect. Não tem jeito! Simplesmente não existe Present Perfect sem *have*. Portanto, é bom saber como escrever esse verbo corretamente. Veja a tabela abaixo para entender melhor o assunto:

QUEM?	HAVE OU HAS?
I You We They Ricardo and I Paulo and Michele Márcia and Pâmela	have haven't

QUEM?	HAVE OU HAS?
He She Carlos Rafaela Marcelo Aline	has hasn't

Além de saber a forma correta do verbo *have* com cada pronome pessoal, você também terá de

saber a forma correta dos verbos no Past Participle *(Particípio Passado)*. Você poderá aprender mais sobre o Past Participle lendo a dica "O que é Past Participle e quando usá-lo?" em *http://bit.ly/l0YeqM*. De modo geral, não há dificuldades nesse assunto. Seguindo as dicas, você tirará de letra a formação do Present Perfect. Veja, a seguir, alguns exemplos de sentenças nas quais esse tempo verbal é usado:

EXEMPLOS
I've been there before. [Já estive lá antes.]
She's studied English for tive years. [Ela estuda inglês há cinco anos.]
We've never seen them before. [A gente nunca tinha visto eles antes.]
Have you ever been on TV? [Você já apareceu na TV alguma vez?]
Our taxi has just arrived. [Nosso táxi acabou de chegar.]
Have you already met? [Vocês já se conheciam?]
At last! I've finished. [Até que enfim! Acabei!]
He's broken his leg. [Ele quebrou a perna. | Ele *tá* com a perna quebrada!]
They haven't talked with me yet. [Eles ainda não falaram comigo.]

Nos exemplos anteriores você nota que na maioria das vezes dizemos '*ve* ou '*s* em vez da forma completa *have* ou *has*. Essas formas - '*ve* ou 's -são a contração de *have* e *has* e são muito usadas no inglês do dia a dia. É bom manter isso sempre em mente para não causar confusões. Portanto, fique atento a elas. Caso você queira saber mais sobre a conjugação do verbo *have,* leia a dica em *http://bit.ly/9loGTQ*.

Ao longo da minha experiência como professor, notei que a maior dificuldade dos estudantes de inglês com o Present Perfect não está em como ele é formado. Para a maioria dos estudantes o grande mistério está em saber **quando ele deve ser usado**, isto é, em que momento ele deve ser colocado em prática e como usá-lo corretamente?

Infelizmente você não o aprenderá de uma hora para outra. É preciso tempo para poder dominá-lo bem. Às vezes, você ficará na dúvida. Nesse momento, a solução será recorrer a exemplos reais e não às regras gramaticais. Ou seja, o jeito é procurar por sentenças que expressam o que você quer dizer e aí arriscar. A seguir, darei a você algumas dicas de usos frequentes desse tempo verbal.

No entanto, tenho de dizer antes que os mistérios do Present Perfect só começarão a ser solucionados quando você mudar sua atitude em relação a ele. Em vez de tentar decorar regras e mais regras relacionadas, que tal aprender expressões de uso comum que sejam frequentemente ditas e escritas com o Present Perfect? É observando seu uso que você começará a aprendê-lo sem traumas e complicações!

Uma dica que sempre dou e funciona bem com quase todo mundo é a seguinte:

1. Ao encontrar uma sentença com Present Perfect, grife o tempo verbal.

2. Aprenda a sentença inteira na qual ele apareceu.
3. Encontre a equivalência *(tradução)* em português.
4. Se possível, procure por mais exemplos na internet *(use o Google).*
5. Observe os exemplos que encontrou *(veja o padrão).*
6. Crie mais exemplos baseando-se na sentença que aprendeu.

Na prática, essa dica funciona assim:

Você lê ou ouve a sentença *I've already been there.* Você então grifa a parte com o Present Perfect: *I've already beenthere.* Observe o padrão da sentença e procure sua equivalência (*tradução*) em português. Nesse caso será *eu já estive lá* ou *eu já fui lá.* Feito isso, comece a procurar por mais exemplos com essa sentença *faça a pesquisa no Google com a expressão toda entre aspas).* Você certamente encontrará resultados semelhantes a estes:

EXEMPLOS	
Thanks for the tip but **(Obrigado pela dica mas)**	**I've already been there.** (Eu já estive lá.)
I've already been there. **(Eu já estive lá.)**	*So, I'm not too eager to go with you.* (Portanto, não estou muito a fim de ir com vocês.)
It's a very good restaurant. **(É um restaurante muito bom.)**	**I've already been there.** (Eu já estive lá.)
Oh! Wait! **(Opa! Espera aí!)**	**I've already been there.** (Eu já estive lá.)
I've already been there. **(Eu já estive lá.)**	*But I can't remember how to get there.* (Mas não me lembro como fazer pra chegar lá.)

Todas as sentenças da tabela são exemplos reais da língua inglesa. Isso significa que foram escritas ou ditas por algum falante nativo da língua. Portanto, mostram o modo como a sentença é usada por pessoas reais, no dia a dia.

Acredito que você deva estar com uma vontade louca de querer saber qual a regra gramatical por trás desse uso do Present Perfect na sentença *I've already been there,* não é mesmo? Por favor! Não se preocupe com isso. Simplesmente aprenda que em inglês você dirá *I've already been there* quando quiser transmitir a ideia de que já esteve em certo local antes. Evite o desejo de analisar a sentença gramaticalmente. Fazer isso servirá apenas para desmotivá-lo no aprendizado de inglês.

Essa dica da observação costuma funcionar muito bem com a maioria das pessoas. Quando você tem uma atitude mais descontraída e do tipo *é assim que elesfalam epronto,* não terá que entrar em desespero achando que esse tempo verbal é algo de outro mundo e impossível de ser adquirido *(aprendido).*

Se você compreender essa dica e começar a colocá-la em prática, logo começará a encontrar algumas coisas curiosas em relação ao Present Perfect. Algumas delas serão descritas a seguir para facilitar seu trabalho.

A primeira curiosidade em relação ao tal Present Perfect está no fato de que ele costuma ser muito usado com algumas palavras ou expressões de tempo *(advérbios de tempo)*. Dentre essas posso citar as seguintes: **never** *(nunca),* **once** *(uma vez),* **twice** *(duas vezes),* **three times** *(três vezes),* **many times** *(muitas vezes),* **several times** *(várias vezes),* **a few times** *(algumas vezes),* **before** *(antes),* **recently** *(recentemente, ultimamente),* **lately** *(recentemente, ultimamente),* **in the last few days** *(nos últimos dias),* **in the last few weeks** *(nas últimas semanas),* **so far** *(até agora)* e outras similares.

Sabendo disso, você poderá encontrar exemplos de uso e, a partir deles, criar suas sentenças. Imagine a seguinte situação: digamos que você queira dizer que nunca fez determinada coisa em sua vida. Pode ser qualquer coisa. *Eu nunca viajei parafora do Brasil,* por exemplo. Nesse caso você deve aprender que em inglês terá de dizer *I've never traveled outside Brazil.* Note que temos aí a palavra *never (nunca)* e o **Present Perfect**. Para simplificar, veja mais alguns exemplos:

EXEMPLOS	
Eu nunca falei com um americano.	I**'ve never talked** to an American.
A gente nunca foi àquele *shopping*.	We**'ve never been** to that mall.
Eu nunca vi uma coisa dessas.	I**'ve never seen** such a thing.
Ele nunca se encontrou com ela.	He**'s never met** her.
Eles nunca tiveram filhos.	They**'ve never had** children.
Ela nunca comeu vatapá.	She**'s never eaten** *vatapá*.
Minha irmã nunca viu o mar.	My sister **has never seen** the sea.
A gente nunca saiu juntos.	We**'ve never gone** out together.

Note que em todas as sentenças anteriores fica expressa a ideia de que a pessoa nunca fez aquilo na vida; no entanto, como ela ainda não morreu, há uma chance de que ela o faça em algum momento. Isso significa que ao dizermos *a gente nunca foi àquele shopping* subentende-se que mais cedo ou mais tarde a gente poderá ir ao tal *shopping*. O mesmo vale para todas as sentenças acima.

A seguir você encontrará mais exemplos com as palavras *(advérbios de tempo*) citadas anteriormente:

EXEMPLOS
We've been there once. [A gente já esteve lá uma vez. | Nós já estivemos lá uma vez.]
They've asked me about that twice. [Eles me perguntaram sobre isso duas vezes.]
Miguel and I have gone bowling together a few times. [Miguel e eu saímos para jogar boliche algumas vezes.]
His attitude has been very good so far. [A atitude dele está sendo muito boa até agora.]

I haven't gone to the movies lately. [Eu não tenho ido ao cinema ultimamente.]
We haven't seen Jeane in the last few weeks. [Não vimos a Jeane nas últimas semanas.]
My brother has already visited Manaus several times. [Meu irmão já visitou Manaus várias vezes.]
I've warned you about that many times. [Eu te avisei sobre isso muitas vezes.]
We haven't had any problems so far. [A gente não teve nenhum problema até agora.]
Have you heard from Vivian lately? [Você tem tido notícias da Vivian ultimamente?]
They've started talking to me recently. [Elas começaram a conversar comigo recentemente.]
I've seen it before. [Eu já vi isso antes.] - *pode ser algo como um filme, por exemplo.*

Com relação a essas palavrinhas, o ideal é começar a criar suas próprias sentenças. Ou seja, escreva no seu caderno de vocabulário algumas sentenças que têm a ver com você, com seu dia a dia, seus familiares, seus amigos etc. Fazendo isso você vai se acostumando com coisas que certamente diria. Assim, não terá de se preocupar com regras e mais regras de gramática. Sua preocupação será apenas falar o que tem de ser falado. E o melhor é que você dirá do jeito correto.

Para facilitar um pouco as coisas para você *[e a ideia aqui é a de facilitar]* seguem abaixo algumas sentenças comumente usadas no dia a dia de quem fala inglês que podem ser úteis para você. Veja como elas são ditas e tente criar sentenças que sejam verdadeiras para você. A parte da sentença que pode ser alterada é a que está entre parênteses.

EXEMPLOS
We've know each other for *(almost ten years).* [A gente se conhece há (uns dez anos).]
We've been together for *(twenty years).* [A gente está junto há (vinte anos).]
I've been married for *(eight years).* [Eu sou casado há (oito anos.) | Faz oito anos que eu estou casado.]
We've been married for *(six years).* [A gente está casado há (seis anos). | Faz (seis anos) que a gente é casado.]
I haven't seen (Carla lately). [Eu não tenho visto (a Carla ultimamente).]

Vamos fazer uma pausa para pôr em prática o que você aprendeu até aqui. Nas atividades a seguir você aprenderá coisas novas envolvendo o **Present Perfect**. Lembre-se de que por enquanto o ideal é saber que em inglês eles falam do jeito que está nas atividades e ponto final. Nada de explicações

gramaticais!

PRESENT PERFECT I — colocando em Prática

1. No inglês americano, os 10 verbos mais comumente usados após a expressão *I've never...* **[*eu nunca...]* são os que se encontram na caixa abaixo. Note que eles estão numerados de acordo com a ordem dos mais utilizados. Ou seja,** *been* **é o mais comum e** *watched* **é o menos comum. Sua atividade é completar as sentenças com o verbo que está faltando.**

1.been	3. had	5. tried	7.gone	9. used
2. heard	4. seen	6.done	8. read	10. watched

a. I've never.....an episode of Lost. So, I don't know much about it.
(Eu nunca assisti a um episódio de Lost. Então, eu não sei muito a respeito.)
b. I really don't know what to do. I've never.....a problem like that.
(Não tenho nem ideia do que fazer. Eu nunca tive um problema como esse.)
c. I've never.....that girl before. I don't even know who she is.
(Eu nunca vi aquele garota antes. Não sei nem quem ela é.)
d. Honestly, parachuting is one of the things I've never.....before.
(Para dizer a verdade, saltar de paraquedas é uma das coisas que eu nunca fiz antes.)
e. I've never.....out with them and I don't even care.
(Eu nunca saí com eles e nem faço questão!)
f. I've never.....to England. I really would love to go there someday.
(Eu nunca estive na Inglaterra. Eu gostaria muito de ir lá um dia.)
g. I've never ..... of him. So, what's his name and what does he do?
(Eu nunca ouvi falar dele. Qual o nome dele e o que é que ele faz?)
h. I know nothing about it. I've never ..... to lose weight before.
(Não sei nada sobre isso. Nunca tentei perder peso antes.)
i. How does a computer work? I've never ..... one in my whole life!
(Como é que um computador funciona? Eu nunca usei um em toda minha vida!)
j. To tell you the truth, I've never ..... a Harry Potter book.
(Para dizer a verdade, eu nunca li um livro do Harry Potter.)

2. Agora pense em um esporte que você nunca praticou, uma comida que nunca experimentou, uma bebida que nunca tomou, um tipo de música que nunca ouviu, um programa de TV ao qual nunca assistiu, etc. Escreva sentenças em inglês semelhantes à do exemplo.

a. I've never	*danced the tango.*	Eu nunca dancei tango.
b. I've never	.....	.....
c. I've never	.....	.....
d. I've never	.....	.....
e. I've never	.....	.....
f. I've never	.....	.....
g. I've never	.....	.....

3. Quando você tiver que dizer que esqueceu um objeto em algum lugar é comum dizer, em português, *eu esqueci....* **Já em inglês eles sempre dirão** I've left.... **Por exemplo, digamos que você esqueceu seu celular no carro e não está com ele agora. Em inglês, você dirá** *I've left my cell phone in the car* ***(esqueci/deixei meu celular no carro).*** **Isso será sempre dito dessa maneira em inglês! Sabendo disso, diga que você esqueceu os objetos abaixo em casa (**at *home)***, no escritório do trabalho *(in the office)* ou no carro *(in the car)*.**

a. Oh no! **I've left** .....*(meu celular em casa)*.
b. I can't believe it! **I've left** .....*(minha carteira no escritório)*.
c. I know you won't believe me. But **I've left** ..... *(minha tarefa|lição em casa)*. Sorry about that!
d. I guess **I've left** .....*(minha câmera no escritório)*. I can't find it.
e. Oh no! **I've left** ..... *(a chave do carro no escritório)*. I'll have to go back there and get it.
f. I've left ..... *(meu estojo de maquiagem em casa)*. So, I'll have to get a new one.
g. Just a second. **I've left**..... *(seu livro no carro)*. So, I'll get it for you right away.
h. Can you lend me 10 *Reais?* **I've left** ..... *(meu dinheiro em casa)*.

4. Observe esta sentença *I've always liked English* ***(eu sempre gostei de inglês).*** **Quando queremos dizer que sempre fizemos ou gostamos de algo, temos de usar** *I've always...* **Sabendo disso, complete as sentenças abaixo usando a expressão** *I've always* **e também uma das palavras na caixa a seguir. Depois, relacione-as com a equivalência em português.**

loved had been had talked

wanted been been liked hated

a. ..... white chocolate.
b. ..... to do that.
c. ..... good at English.
d. ..... that guy.
e. ..... problems with money.
f. ..... about that.
g. ..... you.
h. ..... a terrible memory.
i. ..... crazy about her.
j. ..... afraid of dogs.

( ) ***Eu sempre tive*** uma péssima memória.
( ) ***Eu sempre falei*** sobre isso.
( ) ***Eu sempre tive*** medo de cachorro.
( ) ***Eu sempre quis*** fazer isso.
( ) ***Eu sempre fui*** bom em inglês.
( ) ***Eu sempre fui*** louco por ela.
( ) ***Eu sempre gostei*** de chocolate branco.
( ) ***Eu sempre tive*** problemas com dinheiro.
( ) ***Eu sempre odiei*** aquele sujeito.
( ) ***Eu sempre amei*** você.

5. Nas linhas abaixo crie sentenças falando apenas sobre coisas que você fez usando as palavras entre parênteses. Lembre-se: apenas coisas que você fez! Somente sentenças afirmativas.

a. ..... (once)
b. ..... (many times)
c. ..... (in the last two months)
d. ..... (a few times)
e. ..... (so far)
f. ..... (several times)
g. ..... (lately)

6. Caso você tenha de dizer em inglês que acabou de fazer algo, por exemplo, *eu acabei de falar com o João,* terá de dizer *I've just talked to* *João.* Note que para dizer *eu acabei de* o equivalente em inglês será sempre *I've just.* Sabendo disso escreva as sentenças abaixo em inglês usando a expressão *I've just* e outra da caixa.

gotten here
seen somebody outside
learned about his illness
started my computer

met Carol
had lunch
sent you an email
read this book

a. Eu acabei de te enviar um e-mail. .....

b. Eu acabei de ligar meu computador. .....

c. Eu acabei de saber sobre a doença dele. .....

d. Eu acabei de encontrar a Carol. .....

e. Eu acabei de ler esse livro. .....

f. Eu acabei de almoçar. .....

g. Eu acabei de ver alguém lá fora. .....

h. Eu acabei de chegar aqui. .....

CAPÍTULO 15

COMO USAR O PRESENT PERFECT II

Espero que tenha começado a perceber que o **Present Perfect** não é tão complicado quanto parece. Tudo o que você precisa fazer é se acostumar com as sentenças nas quais ele é usado, seguir o padrão, criar as suas sentenças e arriscar. Espero que tenha compreendido também que decorar regras gramaticais não ajudará muito. A prática é sem dúvida a melhor maneira de aprender.

Agora que está começando a perceber isso, vale a pena entender outro momento que costuma ser complicado para quem estuda o tal Present Perfect: o uso de *since (desde)* e *for (há)*. Veja os exemplos:

INGLÊS	PORTUGUÊS
since 1999	desde 1999
since I was a child	desde que eu era criança
since we got married	desde quando a gente se casou
since last month	desde o mês passado
since last year	desde o ano passado
for ten years	há dez anos
for six hours	há seis horas
for years	há anos
for a long time	há muito tempo

Você deve estar dizendo que isso é muito fácil. Afinal, por meio dos exemplos da tabela, chegamos à conclusão de que não há problemas nas palavras *since* e *for*. Elas são fáceis de compreender, não é? *Since* significa *desde* e *for,* nesse contexto, significa há.

Mas muita gente se confunde na hora de usar essas duas palavrinhas com o Present Perfect. É incrível! Se você normalmente se atrapalha com elas, veja as sentenças a seguir:

INGLÊS	PORTUGUÊS
I've been your friend since 1999.	Sou seu amigo desde 1999.
We've known each other since 1999.	A gente se conhece desde 1999.
She's lived there for a long time.	Ela mora lá há muito tempo.
I haven't heard from her for years.	Eu não tenho notícias dela há anos.
They've been here since yesterday.	Eles estão aqui desde ontem.

Percebe como não é tão complicado quanto parece? Compare as sentenças em português com as

em inglês! Tudo o que você precisa fazer é se acostumar com o modo em que as palavras *since* e *for* são usadas com o Present Perfect. O segredo é comparar com o português, encontrar o padrão, criar suas próprias sentenças (*exemplos*) e usar quando tiver oportunidade.

Note que se você quiser dizer que é amigo de alguém há tanto tempo poderá dizer: *I've been Rafael's friendfor a long time (sou amigo do Rafael há muito tempo).* Você poderá especificar desde quando vocês são amigos dizendo assim: *I've been Rafael's friend since we were kids (sou amigo do Rafael desde que éramos crianças).*

Na verdade, o que você está fazendo é juntar duas peças e, assim, formar uma sentença. Essas duas peças podem gerar outras sentenças:

EXEMPLO	
I've been Rafael's friend (sou amigo do Rafael) **We've been friends** (Nós somos amigos) **We've known each other** (A gente se conhece)	**since we were kids** (desde que éramos crianças) **since school** (desde a escola) **since university** (desde a faculdade) **for a long time** (há muito tempo) **for years** (há anos) **for more than twenty years** (há mais de vinte anos)

O uso do Present Perfect nessas sentenças é obrigatório. Portanto, não há o que questionar. O jeito é aprender que em inglês é assim e não se fala mais nisso. O segredo é observar o padrão, modificá-lo com seus próprios exemplos e usá-los sempre que possível. Sei que já falei isso, mas a repetição ajuda você a manter isso na mente e a deixar as análises gramaticais de lado.

Outra palavrinha que costuma ser muito usada com o Present Perfect é *yet*. Acredite se quiser, mas muita gente também tem pesadelos com ela. Eu não sei o porquê! Afinal, é muito fácil entendê-la. Veja:

INGLÊS	PORTUGUÊS
I haven't talked to mom yet.	Eu **ainda** não falei com a mamãe.
We haven't met yet.	A gente **ainda** não se conhece.
She hasn't decided yet.	Ela **ainda** não decidiu.
They haven't arrived yet.	Eles **ainda** não chegaram.
He hasn't called me yet.	Ele **ainda** não ligou pra mim.

Note que, nesse contexto, *yet* significa *ainda.* Observe também que tanto em inglês quanto em

português as sentenças estão na negativa *(tem um não na sentença)*. Também estamos falando de algo que ainda não aconteceu, mas poderá acontecer a qualquer momento. É praticamente o mesmo que foi dito na Parte I sobre o Present Perfect. A ideia é: ainda estamos vivos; portanto, há uma chance de o fato acontecer. Por exemplo, você pode dizer *Ihaverit visited Denilso's blog yet (Eu ainda não visitei o blog do Denilso);* porém, há uma chance de você visitar o blog a qualquer momento. É por isso que usamos essa sentença com o Present Perfect.

Esse mesmo *yet* pode ainda ser usado em perguntas. Quando isso acontecer o significado será *já:*

INGLÊS	PORTUGUÊS
Have you met my girlfriend yet?	Você **já** conheceu a minha namorada?
Have they arrived yet?	Eles **já** chegaram?
Has she given birth yet?	Ela **já** teve o filho dela?
Has he said anything yet?	Ele **já** disse alguma coisa?
Have you eaten yet?	Você **já** comeu?

O problema de entender o uso de *yet* em perguntas está quando as pessoas aprendem o *already*. Observe:

INGLÊS	PORTUGUÊS
Have you already met my girlfriend?	Você **já** conheceu a minha namorada?
Have they already arrived?	Eles **já** chegaram?
Has she already given birth?	Ela **já** teve o filho dela?
Has he already said anything?	Ele **já** disse alguma coisa?
Have you already eaten?	Você **já** comeu?

Qual a diferença? Quando usar *yet* ou *already?* Simples! Depende da cabeça de quem pergunta. Isto é, depende do que a pessoa que pergunta dá a entender. Veja bem: quando *yet* é usado, a pessoa dá a entender que não sabe se o fato já aconteceu ou não; no entanto, ao fazer a pergunta com already, a pessoa dá a entender que ela acha que o fato já aconteceu.

Para exemplificar, veja as sentenças:

1. Have you met my wife *yet*?
2. Have you *already* met my wife?

Na primeira sentença, dou a entender que não faço a menor ideia se você já encontrou a minha esposa. Quem faz a pergunta pressupõe que não; portanto, faz a pegunta com *yet*. Já na segunda, deixo transparecer a ideia de que acho que vocês provavelmente já se conhecem; eu não tenho certeza disso. Portanto, para amenizar meu "achismo", uso *already*.

A língua inglesa tem mesmo dessas coisas. O importante é saber que somente com o tempo você perceberá essas sutis diferenças de significado. Se você é estudante do idioma, não se desespere;

afinal, muitas pessoas com anos de estudos - e até mesmo em salas de aula - têm dúvidas em relação a *yet* e *already*, como nas duas frases anteriores.

Outra palavrinha usada com frequência no Present Perfect é *ever*. Sempre em perguntas também. Quando ela surge, a ideia transmitida na pergunta é se alguma vez na vida a pessoa fez o que está sendo perguntado. Observe:

INGLÊS	PORTUGUÊS
Have you ever ridden a horse?	Você **já** andou a cavalo **alguma vez na vida**?
Have you ever been to Japan?	Você **já** foi ao Japão **alguma vez na vida**?
Has she ever gotten married?	Ela **já** se casou **alguma vez na vida**?
Have they ever done that?	Eles **já** fizeram isso **alguma vez na vida**?
Have you ever heard about that?	Vocês **já** ouviram falar sobre isso **alguma vez na vida**?

O uso de *ever* é muito simples. Basta você entender que essa palavra é utilizada quando queremos saber se a pessoa fez algo alguma vez na vida. Não há segredos nisso! Acredito que o uso e o significado falam por si sós.

Com as dicas oferecidas até aqui você começará a tirar de letra o Present Perfect. Claro que podemos falar muito mais sobre ele e sua utilização. Mas o que você aprendeu até o momento é o bastante para encarar esse tempo verbal de outra maneira. Sempre que o encontrar em uma sentença veja como está é usado, compare com o que seria dito em português *(equivalência, tradução),* cries seus exemplos com base na frase que encontrou e sempre que possível faça uso do que aprendeu.

PRESENT PERFECT II — colocando em Prática

1. Complete as sentenças abaixo com *since* ***[desde]*** **ou** *for* **[há]. O segredo está no significado e não em regras. Portanto, interprete cada sentença e escolha a palavra certa.**

a. He's lived in New York ..... 2003.
b. He's lived in New York ..... seven years.
c. I haven't been to a party ..... my birthday.
d. I haven't been to a party ..... ages.
e. It hasn't rained ..... last month.
f. It hasn't rained ..... months.
g. Laurene has kept a diary ..... she was ten years old.
h. Laurene has kept a diary ..... more than fifteen years.
i. They've been married ..... 1995.
j. They've been married ..... fifteen years.
k. I've read three books ..... last month.
l. We haven't seen Lívia ..... the party.
m. She has been in hospital ..... Monday.
n. Dinosaurs have been extinct ..... over 60 million years.
o. My English has improved ..... I started this course.

2. Use as expressões da caixa abaixo para fazer perguntas com ***have you ever...? (você alguma vez na vida...?)***

been to London?	run a marathon	driven a Ferrari
met a famous person	been abroad	ridden a horse
ridden a mortocycle	read Harry Potter	written for a newspaper

a. *(andou a cavalo)* .....
b. *(encontrou uma pessoa famosa)*
c. *(esteve no exterior)* .....
d. (*correu em uma maratona)* .....
e. *(dirigiu uma Ferrari)* .....
f. *(leu Harry Potter)* .....
g. (escreveu pra um jornal) .....

h. *(andou de moto)* .....

i. *(foi pra Londres)* .....

3. Quando queremos perguntar às pessoas há quanto tempo elas estão fazendo algo é comum dizermos algo como *how long have you...?* ***(há quanto você...?),*** *how long has he...?* ***(há quanto tempo ele...?).*** **Complete as respostas abaixo utilizando** *since* ***(desde)*** **ou** *for* ***(há).***

a. How long have you been here? (Há quanto tempo você está aqui?) ..... Saturday.

b. How long have you studied English? (Há quanto tempo você estuda inglês?) ..... about two years.

c. How long have you lived in Curitiba? (Há quanto tempo você mora em Curitiba?) ..... 2008.

d. How long have you worked here? (Há quanto tempo você trabalha aqui?) ..... last year.

e. How long have you been on Twitter? (Há quanto tempo você está no Twitter?) ..... two years now.

f. How long have you had a driver's license? (Há quanto tempo você tem sua carteira de motorista?) ..... more than ten years, I guess.

g. How long have you known each other? (Há quanto tempo vocês se conhecem?) ..... we were at school.

h. How long have you been married? (Há quanto tempo você é casado?) ..... May 1991.

i. How long have you had this phone? (Há quanto tempo você tem esse telefone?) ..... about five years. I really need a new one!

PAST SIMPLE X PRESENT PERFECT

Chegamos a um ponto crucial no aprendizado de inglês: a diferença de uso entre o **Past Simple** e o **Present Perfect**. Todo estudante de inglês se depara com esse tema em algum momento. Com você não será diferente! Afinal, você já aprendeu várias formas de usar esses tempos verbais. Portanto, chegou a hora de aprender a compará-los e de entender quando usar um ou outro.

Acredite, não é difícil. Repito pela enésima vez que o segredo é observar os usos (padrões), comparar com a língua portuguesa, criar exemplos e usar o padrão quando tiver oportunidade. Dito isso, vamos colocar essa ideia em prática mais uma vez.

A primeira coisa a ser dita aqui é que ao usarmos palavras *(ou expressões)* que se referem a algo que já aconteceu sempre utilizaremos o **Past Simple**. Ou seja, ao usarmos palavras *(ou expressões)* como *yesterday (ontem), yesterday morning (ontem de manha), last night (ontem à noite, noite passada) last week (semana passada), last month (mêspassado), lastyear (ano passado), then (na época, naquela época), five months ago (cinco meses atrás), twoyears ago (dois anos atrás), in 1976 (em 1976)* etc., temos de usar o Past Simple. Veja:

INGLÊS	PORTUGUÊS
I **met** Andressa **last night**.	**Encontrei** a Andressa **ontem à noite**.
Fabiano **went** to movies **yesterday**.	O Fabiano **foi** ao cinema **ontem**.
Neto **studied** English **two years ago**.	O Neto **estudou** inglês dois **anos atrás**.
Eduardo **went** on vacation **last month**.	O Eduardo **saiu** de férias **mês passado**.
Paulo **traveled** to Europe **in May**.	O Paulo **viajou** para a Europa **em maio**.
Ricardo **visited** his mother **yesterday morning**.	O Ricardo **visitou** a mãe dele **ontem de manhã**.
Josiane **cried** a lot **last Sunday**.	A Josiane **chorou** bastante no **domingo passado**.
Fê **went** to New Zealand **last January**.	A Fê **foi** para a Nova Zelândia **janeiro passado**.
André **danced** a lot **last weekend**.	O André dançou pra caramba no fim de semana.

Todas as sentenças da tabela estão no Past Simple. Note que em todas utilizamos uma expressão de tempo *(advérbio de tempo)* para deixar bem claro quando o fato aconteceu. Nesses momentos devemos usar o Past Simple.

No entanto, quando queremos dizer que algo aconteceu e ainda sentimos seus efeitos, é comum usarmos o Present Perfect sem dizer quando o fato aconteceu, isto é, não dizemos o momento em que

aconteceu. Para facilitar, vamos comparar duas sentenças:

1. *Léo **twisted** his ankle **last week**. (O Léo torceu o tornozelo **semana passada**.)*
2. *Léo **has twisted** his ankle; he can't play tennis. (O Léo **torceu** o tornozelo; ele não >consegue andar.)*

Note que na sentença 1 estamos dizendo quando o fato aconteceu *(semana passada)*. Na sentença 2, não especificamos quando aconteceu. Além disso, estamos dizendo também a consequência desse fato agora: *o Léo não consegue andar*. Vamos comparar mais estas sentenças:

3. Célia **cleaned** the room **yesterday afternooon.** *(A célia **limpou** a sala **ontem à tarde**.)*
4. Célia **has cleaned** the room; so, don't mess it up. *(a célia limpou a sala, então não vá bagunçá-la.)*

Novamente nota-se que na sentença 3 é dito quando o fato ocorreu *(yesterday afternoon);* já em 4 apenas informamos o fato sem dizer quando ele ocorreu.

Essa é a diferença crucial entre **Past Simple** e **Present Perfect**. Essa diferença não é uma regra gramatical, mas, sim, uma questão de uso das palavras em inglês. Ou seja, se você usar uma expressão de tempo que indica quando o fato ocorreu, então há uma probabilidade muito alta de o Past Simple ser usado. No entanto, se quiser apenas enfatizar o fato ocorrido, usará o Present Perfect. Veja mais alguns exemplos:

INGLÊS	PORTUGUÊS
I've lost my wallet.	Perdi minha carteira.
I lost my wallet last night.	Perdi minha carteira ontem à noite.
He's gone away, but He'll be back next week.	Ele viajou, mas voltará na semana que vem.
I've repaired the TV. It's working ok now!	Eu consertei a TV. Está funcionando bem agora.
I repaired the TV last month.	Eu consertei a TV no mês passado.
My car has broken down. So, I won't be there in time.	Meu carro pifou. Então, não vou chegar aí a tempo.
My car broke down when I was going to work.	Meu carrou pifou quando eu estava indo para o trabalho.

Compare as frases anteriores e veja a relação entre elas. Por exemplo, ao dizer *I've lost my wallet* deixo claro que perdi a carteira e ainda não a encontrei e, portanto, continuo procurando por ela. Afinal, tenho esperanças de encontrá-la. Porém, ao dizer *I lost my wallet last night* dou a entender que perdi minha carteira ontem à noite, mas já a encontrei. Ou eu posso tê-la perdido e como não tenho mais chances de encontrá-la, parei de procurar por ela.

Toda essa diferença é, na verdade, uma questão de contexto. Quando você começar a perceber essa nuance de significado, conseguirá distinguir entre o uso do **Present Perfect** e do **Past Simple** sem dificuldades.

Para encerrarmos, observe as sentenças:

1. We **haven't seen** Amanda this morning. (A *gente não viu a Amanda agora de manhã.)*
2. We **didn't see** Amanda this morning. (A *gente não viu a Amanda hoje de manhã.)*

Qual será a diferença entre elas? Por que usamos o **Present Perfect** em uma e o **Past Simple** em

outra? Como compreender isso?

Veja bem! Em 1 a ideia é que o período do dia conhecido como manhã ainda não acabou. Logo, ainda tenho chances de ver a Amanda agora de manhã. Por outro lado, em 2 o período do dia conhecido como manhã já passou. É provável que eu esteja falando essa sentença à tarde ou à noite. Estou, portanto, dizendo que hoje de manhã eu não vi a Amanda.

Veja outras sentenças:

3. I **haven't talked** to Pâmela today. *(Eu não falei com a Pâmela hoje.)*
4. I **didn't talk** to Pâmela yesterday. *(Eu não falei com a Pâmela ontem.)*
5. Kelly **hasn't eaten** anything today. *(Kelly não comeu nada hoje.)*
6. Kelly **didn't eat** anything today. *(Kelly não comeu nada hoje.)*

Nas sentenças 3 e 5 estamos dizendo que ainda há chances de que o fato aconteça no dia de hoje. Ou seja, é provável que eu ainda fale com a Pâmela hoje assim como também é provável que a Kelly ainda coma algo. Já nas sentenças 4 e 6 a probabilidade de que essas ações ocorram ainda hoje é zero. No meu modo de ver as coisas elas não ocorrerão!

Em outras palavras, em 4 dou a entender que já estou em casa e não mais no meu local de trabalho. Por conta disso, a chance de eu falar com a Pâmela é zero. Não há qualquer probabilidade de eu falar com ela hoje. Na sentença 6 a ideia é a mesma. A Kelly não comeu nada o dia todo e ficou com preguiça de preparar algo quando chegou em casa. Portanto, ela foi dormir sem se alimentar. Então, também não há probabilidade de que ela coma algo hoje.

Essas diferenças você certamente entenderá com o tempo. É preciso paciência para compreender isso! Eu mesmo demorei para captar a ideia. Quando consegui perceber isso, me senti um bobo. Afinal, parecia tão claro ver isso! Depois de perceber a diferença, não fiquei parado. Comecei a criar exemplos reais do meu dia a dia e sempre que tinha chance usava minhas sentenças. Essa é a dica que deixo mais uma vez para você. Somente assim perceberá essas diferenças e muito mais!

PAST SIMPLE X PRESENT PERFECT - Colocando em Prática

1. Marque a opção que melhor completa cada sentença. Observe o uso de palavras que costumam pedir o Past Simple ou o Present Perfect.

a. We studied German .....

( ) in 2003 ( ) since 2003

b. We've studied German .....

( ) in 2003 ( ) since 2003

c. I've done lots of things .....

( ) lately ( ) yesterday

d. I did lots of things .....

( ) lately ( ) yesterday

e. Adriane has already visited Pantanal .....

( ) several times ( ) several times

f. Adriane visited Pantanal .....

( ) several times ( ) several times

g. Júnior has worked here .....

( ) six months ago ( ) for six months now

h. Júnior worked here .....

( ) six months ago ( ) for six months now

i. I think I've read that book .....

( ) before ( ) last year

j. I'm sure I read that book .....

( ) before ( ) last year

2. Observe as duas sentenças e depois diga quais expressões de tempo combinam com elas. Marque *a* ou *b*.

a. I've known Pedro [for two years and a half now]

b. I met Pedro (in 2008)

( ) for a long time ( ) when I was in Italy

( ) five years ago ( ) for over ten years

( ) last summer ( ) since last Summer

( ) all my life

( ) since we were at school

( ) this morning

( ) for ages

( ) last week

( ) for about six months now

CAPÍTULO 17

MODAL VERBS: *CAN* E *COULD*

Modal Verbs, Verbos Modais. Quem nunca ficou sem entender o que são que atire a primeira pedra! Um dos problemas em entendê-los está no nome dado a eles. Afinal, é um nome que não diz muita coisa.

A melhor maneira de entender os *modal verbs* é aprender quais são e como são usados na prática. Definir seu conceito ou o de *modality* é coisa para o pessoal que estuda linguística, escreve gramáticas normativas e coisas assim.

Quando alguém me pergunta o que são *modal verbs,* logo percebo que a pessoa quer saber mesmo quais são e como são usados. Portanto, é isso que vou fazer neste capítulo do livro.

Sendo assim, vamos à resposta da primeira pergunta: quais são os *modal verbs* da língua inglesa? Na lista a seguir, você encontra todos eles.

MODAL VERBS
can
could
may
might
must
shall
should
will
would

Agora que você sabe quais são os *modal verbs* da língua inglesa, é preciso saber usar cada um deles. Tenha em mente, porém, que você só aprenderá a usá-los correta e fluentemente com o tempo. Não é decorando regras e mais regras que você ficará craque no assunto.

Tenho de acrescentar aqui que, para aprender os *modal verbs,* é preciso prestar atenção em como são usados. Ou seja, em que situações (contextos) eles costumam aparecer. O segredo é não ver cada um deles como gramática, mas sim como palavras com usos diferenciados e que expressam determinadas ideias em certos contextos.

Em minha opinião, o grande erro das pessoas ao aprender inglês é achar que uma palavra sempre terá um único significado ou uso (ou mesmo uma regra imutável). E isso serve para os *modal verbs* listados. Isso significa que vale muito mais a pena você observar como são usados na prática e

compará-los com a língua portuguesa para ir se acostumando com quando e como usá-los.

Mas lembre-se: você não aprenderá tudo sobre eles em um passe de mágica. À medida que for avançando nos estudos de inglês, certamente descobrirá outros usos. Quando pintar uma dúvida, o segredo é analisar a situação e entender a ideia que você quer passar naquele momento. Só assim você escolherá a palavra certa para o contexto certo.

Um exemplo do que acabei de escrever é o verbo *can.* A maioria dos cursos e livros costuma ensinar essa palavra (verbo) com o significado de "poder". Os exemplos dados são geralmente traduzidos (ou seja, quando podem ser traduzidos) por "poder". Parece faltar um pouco de criatividade, ou conhecimento das línguas, para mostrar que o famoso *can* tem outras equivalências (traduções) em português. Veja as sentenças a seguir e compare-as em inglês e português:

INGLÊS	PORTUGUÊS
Can you open the door?	***Dá pra*** *você abrir a porta?*
Can you help us?	***Dá pra*** *você ajudar a gente?*
Can I go with you?	***Dá pra*** *eu ir com vocês?*
Can you drive?	*Você* ***sabe*** *dirigir?*
I **can** drive very well.	*Eu* ***sei*** *dirigir muito bem.*
Can he speak English?	*Ele* ***sabe*** *falar inglês?*
He **can't** speak English.	*Ele* ***não sabe*** *falar inglês.*

INGLÊS	PORTUGUÊS
I **can** run 20 kilometers.	*Eu* ***consigo*** *correr 20 quilômetros.*
Can you lift 100 kilos?	*Você* ***consegue*** *levantar 100 quilos?*
I guess we **can** do that.	*Acho que a gente* ***consegue*** *fazer isso.*
Grammar **can** be fun.	*Gramática* ***pode*** *ser divertida.*
This **can** be dangerous.	*Isso* ***pode*** *ser perigoso.*
Curitiba **can** be very cold in winter.	*Curitiba* ***pode*** *ser bem fria no inverno.*

Veja como as equivalências (traduções) dadas às sentenças ficam mais coloquiais. Você acaba aprendendo inglês de forma mais natural, levando em conta a palavra (ou expressão) usada para cada situação.

Se você tiver de dizer em inglês algo como *você sabe pilotar um avião?,* soa mais natural dizer *can you fly a plane?* do que dizer *do you know how to fly a plane?* Claro que essa forma está correta também; porém, aquela é muito mais natural. *Can you fly a plane?* é a forma que reflete melhor o modo como as pessoas se comunicam naturalmente em inglês.

Você percebe como dessa maneira o *can* deixa de ser um monstro e começa a fazer muito mais sentido? Você aprende de modo menos complicado os diferentes usos *(significados)* de *can.* Veja a tabela a seguir:

MODAL VERB	SIGNIFICADOS EM PORTUGUÊS
CAN	***dá pra**...? (fazendo um pedido informalmente)*
	***saber** (habilidade para fazer algo)*
	***conseguir** (ser capaz de fazer algo)*
	***poder** (possibilidade)*

Em alguns usos, é importante você aprender um conjunto maior. Geralmente, cito como exemplo a combinação *can I,* que pode ser usada quando você se oferecer a fazer algo para alguém. Assim, se você oferece sua ajuda a outra pessoa, poderá dizer *can I helpyou with that?* Em português, é o mesmo que dizer *você quer que eu te ajude com isso?* Tem ainda: *can I do something for you? (posso fazer algo por você?); what can I do to help? (o que eu posso fazer para ajudar?); so, what can I do for you? (e ai, o que eu posso fazer por você?).*

Claro que há ainda usos mais avançados de can. Porém, os usos que você viu são o suficiente para começar a compreender cada vez mais sobre ele. Ou seja, com o tempo, você descobrirá mais e mais coisas interessantes sobre o uso do *can*.

Você deve estar se perguntando: "O que você tem a dizer sobre o *could.*? Ele é o passado de *can* mesmo?"

Mais uma vez, temos de recorrer à língua portuguesa para entender melhor o uso do *could.* Portanto, veja os seguintes exemplos:

INGLÊS	PORTUGUÊS
Could you open the door?	*Você **poderia** abrir a porta?*
Could you help us?	*Você **poderia** nos ajudar?*
I **could** drive when I was 15.	*Eu **já sabia** dirigir quando tinha 15 anos.*
Could you drive when you were 15?	*Você **já sabia** dirigir quando tinha 15 anos?*
In those days everybody **could** do find a job.	*Naquele tempo todo mundo **conseguia** arrumar emprego.*
My last car **could** do 200kph.	*Meu último carro **conseguia** fazer 200 quilômetros por hora.*
We **could** go fishing tomorrow.	*A gente **podia** ir pescar amanhã.*
You **could** stay here with us.	*Você **podia** ficar aqui com a gente.*

Veja como os significados deixam bem claro para nós quando devemos usar o *could* em inglês. Nos dois primeiros exemplos - *could you* - estamos sendo mais educados no jeito de pedir algo a alguém. Compare com o uso do *can* nos exemplos citados anteriormente.

Também usamos o *could* para dizer que já éramos capazes (ou já sabíamos) fazer algo antes. Assim, caso eu queira dizer que, quando eu tinha quatro anos, já era capaz de andar de bicicleta, direi: *I could ride a bike when I wasfouryears old* (Eu já sabia andar de bicicleta quando tinha quatro anos). Esse uso se aplica também às sentenças que traduzimos como "conseguia".

Por fim, temos o uso de *could* para expressar sugestões. Isso acontece nos dois últimos exemplos dados anteriormente. Há outras formas de você sugerir algo às pessoas; *could* é apenas uma delas.

Em resumo, temos o seguinte:

MODAL VERB	SIGNIFICADOS EM PORTUGUÊS
COULD	***poderia*** *(fazendo um pedido formalmente)*
	sabia, sabiam, conseguia, conseguiam *(habilidade ou capacidade para fazer algo)*
	podia, podiam *(sugerir algo)*

Você viu um breve resumo sobre os *modal verbs* e teve a chance de compreender o uso de *can* e *could*. As dicas servem de pontapé para que você continue aprendendo mais sobre eles cada vez mais. Infelizmente, não dá para falar tudo aqui. Mas tenho certeza de que o pouco que foi dito certamente o ajudará a se comunicar mais claramente com quem quer que seja.

Veremos ainda o uso de outros *modal verbs*. Antes disso, é bom pararmos um pouco para pôr em prática tudo que você acabou de ler.

CAN E COULD - Colocando em Prática

1. Relacione as sentenças da esquerda com suas equivalências na direita.

a. Dá pra você esperar um pouco?
b. Você sabe andar de moto?
c. A gente consegue ver o mar daqui.
d. O que você sabe fazer?
e. Ele consegue correr 5 quilômetros.
f. Você sabe falar alemão?
g. Não vou poder te ver na sexta.
h. Eles não sabem dirigir.
i. Dá pra você trocar 50 reais?
j. Você sabe fazer comida japonesa?

( ) Can you speak German?
( ) I can't see you on Friday.
( ) Can you change 50 reais?
( ) They can't drive.
( ) Can you ride a motorcycle?
( ) What can you do?
( ) Can you make Japanese food?
( ) He can run 5 kilometers.
( ) Can you wait a moment?
( ) We can the sea from here.

2. Você aprendeu que, quando queremos fazer um pedido *(favor)* a alguém, podemos usar can you...? **(informalmente). Portanto, desembara-lhe as sentença a seguir e faça perguntas usando** can you...?**.**

a. take airport me to *(Dá pra você me deixar no aeroporto?)*

.....

b. favor little me do a *(Dá pra você me fazer um favorzinho?)*

.....

c. some lend money me *(Dá pra você me emprestar uma graninha?)*

.....

d. here minute a for come *(Dá pra você vir aqui por um instante?)*

.....

e. down radio turn the *(Dá pra você baixar o volume do rádio?)*

.....

f. book there over me give that *(Dá pra você me dar aquele livro ali?)*

.....

g. me happened what tell *(Dá pra você me contar o que aconteceu?)*

.....

h. friendly more a be bit *(Dá pra você ser um pouco mais amigável?)*

.....

i. a water me bring of glass *(Dá pra você me trazer um copo com água?)*

.....

3. De modo um pouco mais formal (*educado*) é preferível usar could you...? (você poderia). Portanto, é bom saber que could you...? costuma ter as palavras excuse me ou I'm sorry sendo usadas antes dela e please no final da sentença: *Excuse me, could you help us, please?(Com licença, você poderia nos ajudar, por favor?).* Sabendo disso, reescreva as sentenças da atividade anterior utilizando o padrão descrito aqui. Veja o modelo.

a. *Excuse me, could you take me to the airport, please?*

.....

b. .....

c. .....

d. .....

e. .....

f. .....

g. .....

h. .....

i. .....

4. Veja as atividades na caixa a seguir e diga quais você consegue ou sabe fazer e quais não consegue ou não sabe fazer. Use: I can **ou** I can't**.**

drive	cook very well	ride a bike	run very fast
speak Spanish	read without glasses	lift 150 kilos	play an instrument
fly a plane	use a computer	dance the tango	swim very well

Things you can't do	**Things you can do**
.....	.....
.....	.....
.....	.....
.....	.....
.....	.....
.....	.....
.....	.....

MODAL VERBS: *MAY* E *MIGHT*

May e *might* são dois *modal verbs* que costumam causar dor de cabeça também aos estudantes de inglês. O problema está no fato de que, aparentemente, eles significam o mesmo que *can* e *could.* Isso pode até ser verdadeiro; no entanto, em matéria de usos, são diferentes.

Além dos usos, há também a questão do grau de formalidade. Veja as sentenças a seguir e observe como esse grau de formalidade diminui:

SENTENÇA COM MODAL VERB	GRAU DE FORMALIDADE
Might I use your cell phone? (Eu poderia usar o seu celular?)	*O uso de **might I...?** demonstra que a pessoa está sendo extremamente delicada e formal no pedido.*
May I use your cell phone? (Eu poderia usar o seu celular?)	*O uso de **may I...?** demonstra que a pessoa está sendo delicada e formal no pedido, mas não ao extremo.*
Could I use your cell phone? (Eu poderia usar o seu celular?)	*O uso de **could I...?** demonstra que a pessoa está diminuindo gradualmente o grau de formalidade.*
Can I use your cell phone? (Eu posso usar o seu celular?)	*O uso de **can I...?** demonstra que a pessoa está fazendo o pedido de modo bem mais informal.*

Veja que as diferenças demonstradas dependem apenas do grau de formalidade que você quer dar ao tom do pedido. Embora seja possível usar *might I...?* teoricamente, vale dizer aqui que na prática raramente é usado.

Minha dica para você é a seguinte: use *Can I...?* à vontade para fazer solicitações (pedidos) aos seus amigos e conhecidos, use *Could I...?* quando o pedido for um pouco mais impessoal e, finalmente, use *May I...?* quando a situação exigir um pouco mais de formalidade. Isso não é uma regra; é o uso da língua apenas.

Outro uso comum de *may* e *might* é para expressar possibilidades. Veja estas sentenças:

INGLÊS	PORTUGUÊS
It **may** rain tomorrow. It **might** rain tomorrow	*Pode ser que chova amanhã.*
Carol **may** not come to the party. Carol **might** not come to the party.	*É bem provável que a Carol não venha à festa.*
Tim **may** help us. Tim **might** help us.	*Talvez o Tim possa ajudar a gente.*
They **may** give us more options. They **might** give us more option.	*É bem provável que eles nos deem mais opções.*

O uso de *may* ou *might* nos exemplos citados dão a entender que algo pode acontecer ou não. Isso significa que, ao usarmos esses dois *modal verbs,* estamos apenas especulando sobre a possibilidade de algo acontecer. Ou seja, não temos certeza e, portanto, usamos *may* ou *might*. Lembre-se apenas de que *might* indica menos certeza ainda a respeito do fato.

Para encerrar essa dica, tenho de acrescentar aqui que podemos dizer *you may...* quando queremos dar permissão a alguém. Veja os exemplos:

EXEMPLOS
You may go to the party. *(Você pode ir à festa.)*
You might go out tonight. *(Você pode sair hoje à noite.)*
You may turn the TV on now. *(Você pode ligar a televisão agora.)*
You may tell her what happened. *(Você pode contar a ela o que aconteceu.)*

O uso de*you may...* nesse caso é considerado formal. Portanto, caso você não queira soar tão formal assim, poderá usar *you can...* sem problemas.

MAY E MIGHT — Colocando em Prática

1. Reescreva as sentenças usando *might* ou *might not.* Veja o modelo.

a. It's possible that I'll go to the movies tonight.
I might go to the movies tonight.
.....

b. It's possible that she'll come to work tomorrow.

.....

c. It's possible that it'll rain later.

.....

d. It's possible that he'll not come to the party.

.....

e. It's possible that I won't have time to talk to you later.

.....

f. It's possible that they won't be at the office right now.

.....

g. It's possible that they want to stay alone.

.....

2. Um amigo seu começa a fazer perguntas sobre seus planos futuros. Você ainda não tem muita certeza sobre eles e, portanto, não dá respostas muito seguras. Você apenas especula. Veja as perguntas feitas, escolha uma das opções na caixa e dê respostas usando I may**.**

invest the money stay home talk to him on Monday

go to Europe go to a restaurant

a. Where are you going for your next vacation?
I don't know yet. .....

b. You won the lottery! What are you going to do with the money?
I'm not sure. .....

c. What are you doing tonight?
I haven't decided yet. .....

d. When will you talk to the boss about that?
I'm don't know. .....

e. Are you going to have lunch at home today?

I'm not sure. .....

MODAL VERBS: *SHALL* E *SHOULD*

Ao contrário do que muitos possam pensar, *shall* e *should* têm muito pouco em comum. Eu me arriscaria a dizer que eles não têm praticamente nada a ver um com o outro. Portanto, se você aprendeu que *should* é o passado de *shall,* é melhor você esquecer isso.

Shall geralmente costuma ser ensinado como se fosse um indicador de futuro em inglês. Nesse caso, um parente próximo de *will.* Alguns até dizem assim: use *shall* com os pronomes *I* e *we* para indicar o futuro.

A verdade é que esse uso de *shall* é considerado ultrapassado. Ou seja, você raramente (ou *nunca)* encontrará alguém dizendo *I shall travel tomorrow (eu viajarei a.manha).* O usual mesmo é dizer *I will travel tomorrow. Shall* para o futuro já foi deixado de lado muito tempo atrás.

Entretanto, *shall* é usado em dois momentos. Logo, vale a pena aprendê-los, pois fazem parte da comunicação do dia a dia da língua. Esse primeiro uso é mostrado por meio das sentenças da tabela abaixo:

INGLÊS	PORTUGUÊS
Shall I stay here with you?	***Você quer que eu*** *fique aqui com você?*
Shall I open the window?	***Você quer que eu*** *abra a janela?*
Shall I talk to her?	***Você quer que eu*** *fale com ela?*
Shall I carry your bag?	***Você quer que eu*** *carregue sua mala?*

Veja que, em cada uma delas, usamos *shall I...?* com o sentido de *você quer que eu...?* Nessas situações, a pessoa está apenas se oferecendo para fazer algo. Trata-se de um modo educado de se oferecer para fazer algo.

Claro que há outros modos de expressar isso em inglês; porém, *shall I...?* é muito comum e, portanto, você não "pagará nenhum mico" se usá-lo. Agora veja as sentenças a seguir:

INGLÊS	PORTUGUÊS
Shall we go out for dinner?	***Vamos*** *sair para jantar?*
Shall we go inside?	***Vamos*** *entrar?*
What **shall we** do now?	*O que* ***vamos*** *fazer agora?*
Shall we talk to them?	***Vamos*** *conversar com elas?*

Nessas situações, estamos apenas fazendo sugestões ou pedindo a opinião de outra pessoa. Logo, *shall we...?* é usado para expressar essa ideia. Outra vez, vale dizer que há em inglês outras formas

de fazer sugestões ou pedir opiniões; *shall we... ?* é apenas mais uma dessas maneiras e uma das mais formais.

O *should,* por sua vez, é usado em contextos diferentes. A ideia que ele transmite depende da intenção de quem fala ou escreve. Entender o contexto e a ideia o ajuda a compreender melhor o uso desse *modal verb.*

O primeiro uso refere-se a dar uma sugestão, opinião ou conselho. Ou seja, quando você tiver de sugerir algo a alguém, dar uma opinião sobre algo ou aconselhar alguém por achar que deve ser algo recomendável a se fazer, use *should.* Veja:

INGLÊS	PORTUGUÊS
It's a great film. You should go and see it.	*É um filme excelente. Você **deveria** ir vê-lo.*
You **shouldn't** wath TV so much.	*Você não **deveria** assistir a tanta televisão assim.*
He **should** study a bit harder.	*Ele **deveria** estudar um pouco mais.*
We **should** go home now.	*A gente **deveria** ir pra casa agora.*
They **should** stop smoking.	*Eles **deveriam** parar de fumar.*

Veja que, em todos os exemplos, a intenção é dar um conselho, uma sugestão ou uma opinião sobre algo. Esse, sem dúvida, é o uso mais frequente de *should* em inglês. Logo, é bom se acostumar com ele logo cedo.

Acostume-se também com o fato de que, em inglês, é aconselhável amenizar o modo como dá o conselho, sugestão ou opinião. Para tanto, é bom dizer assim:

INGLÊS
I think... should... *(Eu acho que... deveria...)*
I don't think... should... *(Eu acho que... não deveria...)*
Maybe... should (just)... *(Talvez... devesse [apenas])*
... should (problably) *(... deveria [pelo menos j ao menos])*

Usando essas expressões (estruturas), o modo como você dá sua sugestão a alguém não parecerá tão abusado ou intrometido. Assim, alguns dos exemplos podem ser ditos da seguinte forma:

INGLÊS
I think you should study a bit harder. *(Eu acho que você deveria estudar um pouco mais.)*
Maybe we should go home now. *(Talvez a gente devesse ir pra casa agora.)*
They should stop smoking.

(Eles deveriam parar de fumar.)
I don't think she should work so much. *(Eu acho que ela não deveria trabalhar tanto.)*
Maybe she shouldn't do that. *(Talvez ela não devesse fazer isso.)*

No inglês britânico, há duas expressões com *should* que são típicas da língua falada e que você deve tê-las na ponta da língua caso seu objetivo seja falar inglês britânico. Para entendê-las bem, veja os minidiálogos a seguir:

MINIDIÁLOGO
He said he was sorry. *(Ele disse que estava arrependido.)* **I should think so, too.** *(Bom, pelo menos isso.)*
She apologized. *(Ela pediu desculpas.)* **I should think so, too.** *(Bom, pelo menos isso.)*
We bought her some flowers to say thank you. (A *gente comprou umas flores para ela em sinal de gratidão.)* **I should think so, too.** *(Bom, pelo menos isso.)*
I don't like to drink too much when I'm the driver. *(Não gosto de beber muito quando sou o motorista.)* **I should think not.** *(Nem deve!)*
He won't talk to her about that. *(Ele não vai falar com ela sobre isso.)* **I should think not.** *(Nem deve!)*

Se você tentar entender ou aprender as expressões *I should think so, too* e *I should think not* por meio da gramática do *should,* não terá êxito. Logo, o melhor nesse caso é entender o uso, o contexto no qual cada expressão é empregada. E os exemplos falam mais do que muitas explicações, não é mesmo?

Outra expressão comum que tenho de colocar aqui antes de finalizar este capítulo é *Oh, you shouldnt havei,* que, em português, equivale a dizer *Nossa! Não precisavai.* O contexto é o seguinte: alguém dá um presente a alguém e o diálogo pode acontecer mais ou menos assim:

MINIDIÁLOGO
Here's a little something for you. *(Tenho aqui um presentinho para você.)* **Oh, you shouldn't have.** *(Nossa! Não precisava.)*
I brought you a gift. Here it is! *(Eu trouxe um presentinho para você. Aqui está!)* **Oh, you shouldn't have.** *(Nossa! Não precisava.)*

Esses são, sem dúvida, o uso e os contextos mais comuns nos quais você encontrará o *should* no início de seus estudos de inglês. Claro que, com o tempo, você aprenderá mais coisas sobre ele. Porém, de início, tudo que foi dito aqui já servirá e muito para resolver suas dúvidas. Caso você queira saber sobre o uso de *should* e *ought to,* leia mais em http://bit.ly/9V3BRi

SHALL E SHOULD — Colocando em Pratica

1. Uma das situações nas quais costumamos usar *should* **é quando alguém diz que está com algum pequeno problema de saúde. Por exemplo, se alguém diz que está com dor de cabeça, você poderá dizer** *I think you should take an aspirin* ***(eu acho que você devia tomar uma aspirina).*** **Assim, use as expressões da caixa e escreva algumas sugestões que podem ser dadas às pessoas que se queixam de um problema ou outro.**

take some rest	go home	take some medicine
drink lots of liquids	put ice on it	take some vitamin C
get a checkup	see a doctor	have your eyes checked

a. .....
b. .....
c. .....
d. .....
e. .....
f. .....
g. .....
h. .....
i. .....

2. Para cada uma das situações a seguir, escreva uma sentença com should **ou** shouldn't**. Use a expressão entre parênteses para formar a sentença.**

a. Um amigo seu vai ao médico e descobre que esta com problemas respiratórios. Você aconselha seu amigo a parar de fumar.
(stop smoking) .....
b. Uma amiga sua tem andado muito cansada e sonolenta ao longo dia. Você sabe que ela sempre vai dormir muito tarde e acha que isso não é uma boa ideia.
(go to bed so late) .....
c. Um amigo reclama do emprego e do salário que é muito baixo. Você sugere a ele que procure outro emprego.
(look for another job) .....
d. Você e um amigo estão em um local com uma vista linda. Você sugere ao amigo que tire uma foto.

(take a picture) .....

e. Você tem um amigo que é um verdadeiro sedentário. Você o aconselha a fazer exercícios regularmente.

(do exercises more often) .....

3. Quando você quiser recomendar (sugerir) que alguém vá a um local, poderá dizer you should go to... ***(você deveria ir a...).*** **Complete as sentenças utilizando essa expressão acompanhada com o nome de uma cidade, local em sua cidade ou um país que você conhece.**

a. .....

There are so many incredible stores in there.

b. .....

There are so many wonderful restaurants in there.

c. .....

The place is so beautiful. It's so peaceful.

d. .....

You'll see lots of lovely, sandy beaches.

e. .....

The nightlife in there is so busy. You can meet lots of people.

4. Reescreva as sentenças de modo que soem menos diretas. Use as expressões que você aprendeu para amenizar as sugestões.

a. You should take a lot of sunscreen.

.....

b. You should take warm clothes.

.....

c. You should get a job as soon as possible.

.....

d. You should apologize to her.

.....

e. You should send her some flowers.

.....

f. You should study a bit harder if you want to learn.

.....

g. You should haggle over the price a bit.

.....

CAPÍTULO 20

MODAL VERBS: WILL E *WOULD*

Começo esta dica falando sobre o famoso *will*. Vamos deixar o *would* para o final. Isso porque quem estuda inglês acredita que *will* serve apenas para indicar o futuro. A verdade é que esse tal *will* nem futuro é em inglês. No capítulo em que falamos sobre o futuro em inglês, você entenderá isso melhor.

Se você é um daqueles que acreditam que *will* serve só para indicar futuro poderá se surpreender com o que vai ler aqui. Afinal, essa palavrinha aí pode ser usada em outras situações do dia a dia. Veja, por exemplo, os minidiálogos a seguir. Preste atenção ao contexto:

EXEMPLOS
– The phone's ringing. (O telefone está tocando.) – I'**ll** get it. *(Eu atendo.)*
– Can somebody help daddy? (Dá pra alguém ajudar o papai?) – I **will**, daddy. **(Eu ajudo.)**
– There's somebody at the door. (Tem alguém na porta.) – I'**ll** answer it. **(Eu vejo quem é.)**
– You can have this T-shirt for R$10,00. (Você pode levar esta camiseta por R$10,00.) – Ok, I'**ll** take it. **(Tá bom! Eu levo.)**

Note que nas interações dos minidiálogos a segunda pessoa usou *will* ao falar algo. Você acha que essa pessoa tomou a decisão naquele momento ou horas atrás? Ou seja, a segunda pessoa, ao responder à primeira, teve muito tempo para pensar no que faria ou decidiu no momento da fala?

Esse é um uso muito comum do *will*. Quando alguém diz algo e nós anunciamos nossa decisão naquele momento, teremos de usar *will* sem medo de errar. Para ajudá-lo a compreender melhor isso, imagine a seguinte situação: você está na sala da sua casa assistindo a um programa de televisão, seus pais e irmãos estão ocupados fazendo alguma coisa; de repente, alguém toca a campainha. Alguém diz *a campainha tá toca.ndo*. Você então toma a decisão de ver quem é e anuncia essa decisão: *I'll a.nswer it* (eu vejo quem é).

Percebe o uso do *will* nessa situação? Você decide fazer algo naquele momento (não pensou antes) ou, em outras situações, concorda em fazer algo no momento da fala. Esse caso é exemplificado no último minidiálogo. O vendedor faz a oferta de preço na camiseta, você acha que está com um preço bom e concorda em levar a peça naquele momento.

Outra situação na qual também usamos o *will* sem medo é ao fazermos promessas ou ameaças.

Nos exemplos a seguir, você poderá observar como isso funciona. Veja as duas colunas e perceba como as situações realmente envolvem promessas e ameaças:

PROMESSAS	AMEAÇAS
I'**ll** call you. Don't worry! *(Eu te ligo. Não se preocupe!)*	I'**ll** call mommy if you do that again. *(Eu chamo a mamãe se você fizer isso de novo.)*
I promise I **won't** do that again. *(Prometo não fazer mais isso.)*	If you don't respect my authority, **I'll** take you under arrest. *(Se você não respeitar a minha autoridade, eu te prendo.)*
I'**ll** tell her what happen, ok! *(Eu vou contar pra ela o que aconteceu, tá bom!)*	If you don't tell her, I **will**, ok? *(Se você não contar pra ela, eu conto, viu?)*
I'**ll** pay you back next week, ok? *(Eu vou te pagar na semana que vem, tá bom?)*	I'**ll** kill her for this. *(Vou matar ela por causa disso.)*
Don't worry. I **won't** tell anyone what you did. *(Não esquenta. Não vou contar pra ninguém o que você fez.)*	I'**ll** teach her a lesson, if she keeps messing around with me. *(Vou dar um corretivo nela, se ela continuar me avacalhando.)*

Você percebe que nesses exemplos o pronome pessoal mais usado foi o *I (eu)?* Isso acontece porque promessas e ameaças são geralmente decisões minhas. Ou seja, promessas e ameaças são coisas que eu faço por mim mesmo e não pelos outros. Claro que, em alguns momentos, poderemos usar os outros pronomes; porém, *I* é o pronome mais usado.

Para encerrar a participação do *will* neste capítulo, veja as sentenças a seguir:

EXEMPLOS
Whatever you say, I **won't** do it. *(Não importa o que você diz, eu não vou fazer.)*
The car **won't** start. *(O carro não quer pegar.)*
We've tried to give her some advice, but she **won't** listen. *(A gente tentou dar uns conselhos a ela, mas ela se recusa a nos ouvir.)*
I've tried opening it, but the top **won't** come off. *(Eu tentei abrir, mas a tampa não sai.)*

Aqui é o seguinte: *won't* (o mesmo que *will not)* costuma ser usado quando alguém se recusa a fazer algo. Você simplesmente decide não fazer e se mantém firme na decisão.

O estranho aqui é que objetos (carro, tampas, chaves etc.) também podem se recusar a fazer o que esperamos que façam com frequência. Eu sei que esse uso é esquisito para nós; porém, em inglês não. É por isso que, em inglês, quando o carro não quer funcionar, dizemos *the car won't start.* Afinal, esperamos que funcionasse, mas, como ele se recusa, usamos *won't.*

Será que esses usos do *will* ficaram claros para você? Espero que sim! Será que você começou a perceber que *will* nem sempre é o futuro em inglês? Também espero que sim! Agora vamos falar um pouco do *would,* que não é tão complicado quanto parece.

O primeiro uso de *would* com o qual você tem de se acostumar é na estrutura *would you like...?* Essa construção aí é muito usada quando queremos oferecer algo a alguém. Veja as sentenças:

ESTRUTURA	COMPLEMENTO
Would you like *(Você quer)*	**some help?** *(uma ajudinha?)*
	something to drink? *(algo para beber?)*
	an aspirin? *(uma aspirina?)*
	some beer? *(uma cervejinha?)*
	a cup of coffee? *(uma xícara de café?)*
	a chocolate? *(um chocolate?)*
	to go clubbing tonight? *(ir pra balada hoje à noite?)*
	to have dinner with me? *(jantar comigo?)*
	to see a movie? *(assistir a um filme?)*

Não há segredos nisso! Se você quer ser educado ao oferecer ou sugerir algo a alguém, use *would you like..?* e não terá erro. Devo acrescentar aqui ainda que, se você quiser ser educado ao dizer que quer algo, o melhor a fazer é dizer "I'd like...". Assim, para dizer que você quer uma xícara de café, tudo que tem a dizer é *I'd like a cup of coffee.*

Esse *would* também é usado quando imaginamos uma situação ou ação. Veja as sentenças a seguir e você perceberá isso:

EXEMPLOS
It would be really nice to have a car, but we don't have the money for it. *(**Seria** legal ter um carro, mas a gente não tem dinheiro para isso.)*
She'd love to live in New York. *(**Ela adoraria** morar em Nova York.)*
We'd do that, if we had the time. *(**A gente faria** isso, se tivesse tempo.)*
I'd never do a thing like that. *(**Eu jamais faria** algo assim. | **Eu jamais faria** uma coisa dessas.)*
Would you leave home, if you could afford to? *(**Você sairia** de casa se pudesse se manter?)*

Geralmente, ao usar *would* em sentenças como essas, as pessoas estão apenas imaginando algo. Isso significa que a situação não é real, é imaginária, uma suposição, uma hipótese.

Para encerrar, vale acrescentar que *will* e *would* também podem ser usados para solicitar algo às pessoas:

EXEMPLOS
Will you do me a favor? *(Você me faz um favor?)*

Would you do me a favor? *(Você me faria um favor?)*
Will you stop doing that? *(Você pode parar de fazer isso?)*
Would you stop doing that? *(Você poderia parar de fazer isso?)*

Embora essas sentenças estejam corretas e sejam possíveis, é bom saber que o mais comum, nesse caso, é usarmos *can* ou *could*. Portanto, não se preocupe muito com esse uso de *will* e *would*.

Mais uma vez, repito o que sempre digo neste livro: assim como os demais *modal verbs, will* e *would* têm ainda outros usos, que ficaram de fora por uma questão de espaço. Porém, você pode aprender muito mais em meu website. Para isso, basta acessar *www.denilsodelima.com* e aproveitar todas as dicas que estão por lá.

WILL E WOULD — Colocando em Prática

1. Use as palavras entre parênteses para fazer perguntas com would you like...?**. Depois traduza para o português.**

a. (an apple) .....

.....

b. (some help) .....

.....

c. (some coffee) .....

.....

d. (a piece of cake) .....

.....

e. (a sandwich) .....

.....

f. (some juice) .....

.....

g. (some ice cream) .....

.....

h. (an orange) .....

.....

i. (something to eat) .....

.....

2. Escreva sentenças que sejam verdadeiras para você. Imagine coisas que você gostaria (would like | 'd like**) ou não gostaria (**would not like | wouldn't like**).**

a. Lugar *(bairro, cidade, estado ou país*) no qual você gostaria de morar

.....

b. Emprego que você não gostaria de ter

.....

c. Cidade que você gostaria de visitar

.....

d. Língua que você gostaria de falar muito bem

.....

e. Uma coisa que você gostaria muito de fazer

.....

3. Outra expressão muito comum em inglês com *would* **é** would you mind if I...?**, que significa** você se importaria se eu...? **ou você se incomodaria se eu...?. Pelo significado, você já sabe muito bem quando e como usá-la. O curioso é que sempre dizemos** *would you mind if I stayed here?* **Ou seja, o verbo após a expressão está sempre no passado. Assim, crie sentenças usando** *would you mind if I... ?* **e a sugestão de verbo no passado.**

a. (borrow this book) .....

.....

b. (open the door) .....

.....

c. (get some more) .....

.....

d. (leave now) .....

.....

e. (use your pen) .....

.....

4. Você aprendeu que *will* **é usado também quando tomamos uma decisão no momento em que falamos. Ou seja, não tivemos tempo para pensar a respeito do fato e, portanto, usamos** *will.* **Essa ideia também se aplica quando nos oferecemos para ajudar alguém assim que vemos algo acontecendo. Assim, complete as sentenças usando** I'll **e o verbo sugerido.**

a. This box is very heavy.

(carry)..... it for you.

b. I don't want this sandwich.

(eat) Well, I'm very hungry. So, ... it.

c. Did you call Fábio?

(do) Oh no! I totally forgot. ..... it now.

d. How do you use this cell phone?

(show) Give it to me and ..... you.

e. Are you coming with us?

(stay) No. I'm sorry. ..... here.

CAPÍTULO 21

MODAL VERBS: *MUST*

Nosso último *modal verb* não é menos importante que os demais. Ele está por último apenas por uma questão organizacional. Você aprenderá aqui que ele também deverá ser aprendido como uma palavra que tem vários usos e significados. Ou seja, não se trata de regras gramaticais, mas sim do uso natural da língua inglesa.

Must costuma ser ensinado com o significado de "dever", verbo que expressa obrigatoriedade. Porém, vale dizer que no inglês americano ele não costuma ser usado com essa ideia frequentemente. Os falantes do inglês americano preferem usar *have to (ter de | ter que)* no lugar de *must.* Vale dizer ainda que, devido à influência de filmes e seriados americanos no mundo, é muito mais comum o uso do *have to* em praticamente em todas as variantes da língua inglesa.

Muitas pessoas chegam ao meu site - www.denilsodelima.com - procurando informações sobre quando usar *must* ou *have to.* Recebo também e-mails com essa dúvida. Minha resposta sempre foi a seguinte: "Se for para expressar uma obrigação, use *have to* à vontade. Não tenha medo! Afinal, hoje em dia *have to* é muito mais comum que *must* nesse sentido."

EXEMPLOS
In my job I **have to** work from nine to six. *(No meu emprego, eu **tenho de** trabalhar das nove às cinco.)*
I **have to** stop smoking. *(Eu **tenho que** parar de fumar.)*
Do I really **have to** do that? *(Eu **tenho** mesmo **de** fazer isso?)*
We **have to** talk to the bank manager about the loan. *(**Temos de** conversar com o gerente do banco sobre o empréstimo.)*
She **has to** be more careful. *(Ela **tem de** tomar mais cuidado.)*
We don't have much time. So, we **have to** hurry. *(A gente não tem muito tempo. Então, **temos de** nos apressar.)*

Alguns livros, no entanto, dirão a você que o *must* deverá ser usado quando você quer demonstrar certa ênfase na obrigação. Há, sim, certa verdade nisso. No entanto, em se tratando da língua falada, o modo (a entonação) como você diz algo já demonstra a ênfase. Logo, não é o uso de *must* ou *have to* que fará a diferença. Ou seja, se quiser falar inglês como a maioria das pessoas, use *have to* sem medo.

Mas em quais outras situações (contextos) o *must* é usado? Será que tem algo interessante em relação ao seu uso? O que será que você tem a aprender sobre ele?

Atualmente, tem-se observado que o *must* tem sido usado com muito mais frequência para expressar deduções ou conclusões sobre algum fato. Nos exemplos que seguem você perceberá isso:

EXEMPLOS
Fátima **must** have a problem. She's always crying. *(Ela **deve** estar com algum problema. Ela vive chorando.)*
Phone is ringing. It **must** be Adriane. *(O telefone está tocando. **Deve** ser a Adriane.)*
I'm 25; so, she **must** be 27. *(Eu tenho 25 anos; então, ela **deve** ter 27.)*
This car **must** cost around R$50,000.00. *(Esse carro deve custar uns R$50.000,00.)*
I heard you got a job. You **must** be very happy. *(Ouvi dizer que você conseguiu um emprego. Você **deve** estar muito feliz.)*
You've been doing that all day long. You **must** be very tired. *(Você está fazendo isso o dia todo. Você deve estar muito cansado.)*

Em todas as sentenças, a pessoa que fala está apenas deduzindo algo. Porém, ela se baseia em evidências importantes e quase concretas para fazer sua dedução. Na primeira sentença, deduzo que a Fátima deve estar com algum problema porque sempre a vejo chorando. Isso não é normal! Então, deve haver algo de errado. Na segunda sentença, conversei com a Adriane antes e ela me disse que ligaria por volta das sete da noite. Agora são sete e meia, o telefone está tocando; logo, eu deduzo que seja ela ligando.

Não vou analisar sentença por sentença. Afinal, isso está bastante claro em cada uma delas. Quando não temos certeza de quem seja, o uso de *may* ou *might* é comum.

Acredito que, para muitos estudantes de inglês, o problema do *must* está ao ter de dizer *mustnt*. Se esse é seu caso, anote aí que geralmente usamos essa palavrinha na negativa para expressar uma proibição. Ou seja, algo que não deve ser feito em hipótese alguma:

EXEMPLOS
Stay here, ok? You **mustn't** leave this room. *(Fiquem aqui, tá bom? Vocês **não devem|podem** sair deste quarto.)*
This is a secret. So, you **mustn't** tell anyone about it. *(Isto é um segredo. Portanto, você **não deve|pode** contar para ninguém.)*
That place is very dangerous. So, you **mustn't** go there. *(Aquela área é muito perigosa. Então, você **não deve|pode** ir lá.)*

Você deve estar se perguntando se *can't* pode ser usado nessa situação, não é mesmo? Não há

problemas em usar *can't* ou *musnt* nesse contexto! Mas lembre-se de que *mustnt* transmite uma ideia mais forte à proibição.

Já que estamos falando do *can't,* é bom você saber que, em se tratando de deduções *(especulações)* negativas, é ele que deverá ser usado. Ou seja, use *must* para fazer deduções afirmativas, como você viu anteriormente. Mas, para deduções na negativa, use sempre o *can't.* Compare os seguintes usos:

CAN'T	MUST
That restaurant **can't** be good. It's always empty. *(Aquele restaurante **não deve** ser bom. Vive vazio.)*	That restaurant **must** be good. It's always full. *(Aquele restaurante **deve** ser bom. Vive cheio.)*
She **can't** be more than 15. *(Ela **não deve** ter mais de 15 anos.)*	She **must** be more than 15. *(Ela **deve** ter mais de 15 anos.)*
You **can't** be hungry. You've just had two sandwiches. *(Você **não deve** estar com fome. Acabou de comer dois sanduíches.)*	You **must** be hungry. You haven't had anything so far. *(Você **deve** estar com fome. Não comeu nada até agora.)*
This car **can't** cost much. It's very old. *(Este carro **não deve** custar muito. É bem velhinho.)*	This car **must** cost a fortune. It's so fancy. *(Este carro **deve** custar uma fortuna. Ele é chique demais.)*

Será que isso ficou claro para você? Em minha opinião, não há muito que dizer sobre o uso do *must* nos níveis básico e intermediário. O grande segredo para aprender a usar *must* ou qualquer outro *modal verb* está na sua capacidade de observação. Ou seja, sempre que se deparar com um *modal verb* em um texto, trate-o como uma palavra normal (é o que eles são), veja como são usados, preste atenção ao contexto e à intenção de quem o usou.

Caso você queira saber mais sobre essa questão de aprender inglês observando, recomendo que leia o livro *Inglês na ponta da língua: método inovador para melhorar seu vocabulário,* no qual você encontrará inúmeras dicas de como aprender a observar as palavras em uso na língua inglesa.

MUST — Colocando em Prática

1. Reescreva as sentenças a seguir usando *have to* **ou** *has to.* **Não sabe qual usar? Então leia** ***Como conjugar o verbo*** *have* **em http://bit.ly/91oGTQ**

a. I must study English .....
b. You must talk to your dad. .....
c. They must help us. .....
d. She must go home. .....
e. He must do that now. .....
f. We must learn this. .....
g. He must work hard on this.....
h. I must call her later. .....
i. She must meet me later. .....

2. Leia as sentenças a seguir e diga se elas expressam uma obrigação ou uma dedução. Marque a opção que considerar correta.

a. She must talk to her parents before she decides what to do.
( ) obrigação ( ) dedução
b. You haven't eaten all day. You must be very hungry.
( ) obrigação ( ) dedução
c. She's not answering the phone. She can't be at home.
( ) obrigação ( ) dedução
d. She musn't talk to me like that. I'm her father.
( ) obrigação ( ) dedução
e. You definitely must stop smoking and drinking.
( ) obrigação ( ) dedução
f. You must be here at eight o'clock tomorrow.
( ) obrigação ( ) dedução
g. She must be sick. Last time I saw her she wasn't feeling very well.
( ) obrigação ( ) dedução
h. It can't be Cláudio at the door. He said he'd be at 7.
( ) obrigação ( ) dedução
i. Don't worry about that noise. It must be the dog.

( ) obrigação ( ) dedução

j. You mustn't open this until Christmas Day, ok?

( ) obrigação ( ) dedução

COMO EXPRESSAR IDEIAS NO FUTURO EM INGLÊS?

Você sabia que não há regras gramaticais na língua inglesa que expliquem quando e como usar o futuro? Aliás, você sabia que, de acordo com os linguistas a língua inglesa não tem o tempo verbal futuro?

Por mais estranhas que essas perguntas (afirmações) sejam, são a mais pura verdade. Em inglês, não há regras gramaticais que "regulamentem" o uso do futuro e os linguistas são categóricos em afirmar que não há tempo verbal futuro em inglês. Aliás, os autores de gramáticas mais modernas têm tomado coragem e escrito isso nelas. A vantagem é descomplicar um assunto que não tem a menor razão de ser complicado. Mas como fica o futuro em inglês?

Uma das gramáticas que tenho como referência *(Longman Grammar of Spoken and Written English)* diz que "o modo de marcarmos o futuro em inglês costuma envolver uma escolha pessoal". Veja que interessante a afirmação dessa gramática, que é uma das mais completas e atuais do mundo. Os autores dizem que é a pessoa que fala quem decide (escolhe) o modo como expressará a ideia de futuro ao dizer algo em inglês.

Isso significa que não há regras para usar *will, be going to* e sabe-se lá o que mais. Por falar em *will* e *be going to,* é bom você anotar aí que há outras formas bastante comuns de expressar ideias no futuro em inglês. Claro que você pode usar as duas formas mais comuns - *will* e *be going to* — porém, poderá usar ainda *modal verbs*, vistos anteriormente. Um exemplo disso são as palavras *may* e *might*. Fora esses, o tempo verbal*present continuous* também é usado normalmente para expressar o futuro.

Lembre-se, no entanto, de que a decisão entre usar quaisquer dessas formas depende única e exclusivamente de sua decisão, do que você quer realmente dizer.

Outra gramática que utilizo *(Cambridge Grammar of English)* diz que "as referências ao futuro podem depender da quantidade de evidências que há para expressar a ideia que quero". Essa mesma gramática afirma: "Consequentemente, às vezes, a escolha para usar uma forma ou outra depende do grau de certeza ou clareza que o falante quer expressar." Em outras palavras, o que a *Cambridge Grammar of English* está dizendo é que cabe a mim (pessoa que fala) escolher qual forma usarei dependendo do grau de certeza ou clareza que quero transmitir às demais pessoas.

Para facilitar (e eu tenho de facilitar), podemos fazer o seguinte: imagine uma escala que vai de

0% a 100%. Agora, digamos que essa é a escala de certeza de que algo acontecerá ou não. Assim, diremos que 10% significa que o evento pode (talvez, quem sabe, provavelmente) acontecer, mas é totalmente incerto que aconteça. Afinal, há apenas 10% de chances para que aconteça. Por outro lado, se o evento receber uma nota de 95% de certeza, quer dizer que tem toda a chance de acontecer.

Diante dessa escala, podemos dizer que, quanto mais certeza há de que um evento acontecerá, mais usaremos o *present continuous* ou o *be going to*. No entanto, quanto menor for nosso grau de certeza, mais usaremos *will, may* ou *might*.

Levando em conta o que foi dito no parágrafo anterior, podemos criar uma tabela como a que segue:

SE TIVERMOS	USAREMOS
100% de certeza	present continuous
90% de certeza	be going to
50% de certeza	will
30% de certeza	may
10% de certeza	might

Tenha em mente que essa tabela serve apenas para satisfazer sua curiosidade. Somente a prática é que fará você perceber isso claramente. Estou apenas dando uma dica para que compreenda a "confusão" e sinta-se satisfeito com ela. O uso e o envolvimento com ela são fatores cruciais para que você assimile essa ideia enquanto estuda inglês. Dito tudo isso, vejamos alguns exemplos:

EXEMPLO	COMENTÁRIO
I'm traveling to Vitória next month. (present continuous)	Tenho certeza absoluta desse fato. As passagens estão compradas; o hotel está reservado; os roteiros planejados. Enfim, está tudo certo!
I'm going to travel to Vitória next month. *(be going to)*	Estou me organizando para isso. Quero muito ir. Já estou, inclusive, pesquisando passagens, hotéis etc. Minhas intenções são de ir lá. E até agora tudo caminha para isso.
I think I **will** travel to Vitória next month. *(will)*	Acho que vou a Vitória mês que vem. Não tenho muita certeza ainda. Passaram umas ideias aqui pela cabeça, mas ainda não é nada muito concreto e certo.
I **may** travel to Vitória next month. *(may)*	Provavelmente eu viaje a Vitória mês que vem. A probabilidade é meio que remota. Não tem nada garantido. É uma incógnita ainda.
I **might** travel to Vitória next month. *(might)*	Há uma probabilidade muito mais remota de eu viajar para Vitória no mês que vem. O mais provável é que eu não viaje. Depende de muitas coisas ainda. As chances são mínimas.

É mais ou menos assim que a coisa funciona! Claro que você poderá encontrar exceções ou usos diferenciados. Essas exceções e usos fazem parte da língua. Contudo, essas dicas ajudarão você a

compreender melhor o futuro em inglês. Basta praticar o máximo que puder e sempre que puder!

Há uma coisa interessante em relação ao *will* quando usado para indicar o futuro. Os observadores da língua perceberam que expressões ou palavras como *probably* (é bem provável que...), *I think* (eu acho), *I don't think* (eu não acho), *maybe* (talvez) são geralmente usadas com *will*. Veja os exemplos a seguir para perceber como isso funciona.

EXEMPLOS
I'll probably go shopping tomorrow. *(É bem provável que eu saia para comprar algo amanhã.)*
I think I'll study Chinese next year. *(Acho que vou estudar chinês ano que vem.)*
I don't think I'll travel this year. *(Acho que não vou viajar este ano.)*
I'm not sure, but I think I'll go to the movies. *(Não tenho muita certeza, mas acho que vou ao cinema.)*

Essas expressões, como você pode perceber, indicam incerteza da parte de quem fala. Ou seja, a pessoa não dá muita certeza daquilo que fala. Há, portanto, certa probabilidade de que ela faça aquilo que está dizendo.

Isso só serve para provar ainda mais que o *will* serve para mostrar que aquilo que dizemos não é nada certo ainda. Com as mesmas expressões apontadas, é possível ainda usarmos o *may* ou o *might*. Lembre-se: é tudo uma questão de dizer o que você pensa do jeito que imagina. Não há regras para isso.

A única certeza é que faremos o uso do Present Continuous ou do *be going to* para descrevermos que algo é garantido que aconteça no futuro.

Por falar em Present Continuous, é bom anotar aí que ele é usado sempre que estivermos falando de algo que combinamos com alguém. Portanto, se você marcou um compromisso com alguém - consulta médica, reunião, encontro, almoço, jantar etc. -, você certamente terá de usar o Present Continuous. Veja:

EXEMPLOS
I'm flying to Paris on Sunday. *(Eu viajo para Paris no domingo.)*
We're taking a week-long vacation next month. *(A gente vai tirar férias de uma semana no mês que vem.)*
I'm not working this Friday. **I'm taking** a day off. *(Não venho trabalhar na sexta. Vou tirar o dia de folga.)*
They're having a meeting next week. *(Eles farão uma reunião na semana que vem.)*
I'm meeting an old friend of mine tonight.

(Vou me encontrar com uma velha amiga hoje à noite.)

Além de tudo o que foi dito, há ainda outro fato curioso sobre o uso de *be going to.* Digamos que você percebe algumas rachaduras no muro da sua casa. Essas rachaduras são feias e parecem aumentar a cada dia. Você tem indícios de que o muro vai cair a qualquer hora. Diante desse indício, você diz: *Look at those cracks in the wall; it's going to fall anytime (Dá só uma olhada naquelas rachaduras no muro; ele vai cair a qualquer momento*).

Veja que eu tenho fatos que comprovam que algo acontecerá. Esses fatos são observáveis, pois eu os vejo, eu os percebo. Por isso, nesses

casos, é comum e muito mais natural usarmos *be going to.* Veja mais alguns exemplos:

EXEMPLOS
Look at those black clouds. **It's going to rain.** *(Dá só uma olhada naquelas nuvens escuras. Vai chover.)*
I'm not feeling very well. **I'm going to get sick.** *(Não estou me sentindo muito bem. Eu acho que vou ficar doente.)*
He's driving recklessly. **He's going to have an accident.** *(Ele está dirigindo de modo imprudente. Ele vai sofrer um acidente.)*

Esse uso do *be going to* leva em conta as evidências que me permitem dizer que algo vai acontecer. Apresentadores da previsão do tempo na televisão costumam usar o *be going to* para dizer como será o tempo amanhã ou no final de semana. Como eles têm as evidências fornecidas pelos centros de meteorologia do país, usam essa construção.

Outra turma que utiliza muito o *be going to* são as cartomantes e demais pessoas que dizem prever o futuro. Eles dizem basear-se em evidências *(cartas, palma das mãos, pedms, borra de café etc)* para prever o futuro. Portanto, é comum usarem *be going to* também.

Citei esses grupos apenas para você saber que deverá usar o *be going to* quando tiver evidências que comprovem a ocorrência de algo no futuro. Devo alertá-lo para o fato de que, algumas vezes, em situações como essas, você poderá ouvir alguém dizendo *I'm feeling bad; I think I'm going to get sick (estou me sentindo mal,; a,cho que vou ficar doente)* ou *look at those couds;*

I think it's going to rain (dá só uma olhada naquelas nuvens; eu a,cho que vai chover). Note que a pessoa usa o *I think* junto com *be going to,* provando, assim, que o uso da língua é realmente dinâmico e não se explica por meio de regras.

Essas dicas certamente o ajudarão a se desenrolar com o futuro. Claro que há ainda outras formas de expressarmos ideias no futuro em inglês. No entanto, as que você viu aqui resolvem muito mais da metade de seus problemas. Para aprender mais e ficar por dentro do uso da língua inglesa nos dias de hoje, fique de olho em meu website (www.denilsodelima.com) para aprender muito mais.

FUTURO EM INGLÊS — Colocando em Prática

1. Complete as sentenças a seguir com I'm going to **ou** I'll**.**

a. I'm not sure, but I think ..... have to buy a new one. What do you say?
b. ..... meet my girlfriend and go to a fancy restaurant. We really need that!
c. Well, next Sunday, ... fish with my father and my brother.
d. I'm not really sure yet. I think ..... probably send her an email.
e. I've always wanted to go to Rome. So, now ..... spend a week in there. It's going to be really awesome!
f. Well, it all depends on the weather. If it's sunny, I think ..... go to the beach.
g. The talk is really great, but I ..... study for my English exam tomorrow evening. Good night, girls!
h. I don't feel like going out tonight. So, ... Stay home and read a nice book.
i. It depends on my parents. If they let me go, I think .....probably go to the party with you guys.
j. To be honest with you, it depends how I feel. If I feel OK, I think ..... probably go clubbing with some friends.

2. A diferença entre *be going to* **e o** Present Continuous **para expressar o futuro muitas vezes é quase nenhuma. Portanto, não tenha medo de usar uma forma ou outra. Tudo é uma questão de se comunicar e dizer o que você deseja. Assim, a partir das palavras dadas a seguir, faça perguntas.**

a. you | go out | tonight

.....

b. you | go on vacation | this year

.....

c. you | do | tonight

.....

d. what time | your parents | arrive

.....

e. when | you | go to the dentist's

.....

3. As pessoas a seguir marcaram alguns compromissos que são importantes para elas. Quando estiver se referindo a compromissos agendados, lembre-se de que será muito mais natural o uso do Present Continuous**. Assim, escreva sentenças usando as palavras dadas.**

a. Renata | see a doctor | on Monday Morning

.....

b. Andréa | meet a friend of hers | on Friday evening

.....

c. Pedro | go out with his wife | next Saturday

.....

d. Danuta | have lunch with Bruno | at twelve tomorrow

.....

e. Júlio | have a meeting with his new partners | tomorrow morning

.....

4. Responda às perguntas a seguir levando em conta o que você fará. Seja o mais criativo possível em suas respostas.

a. What are you going to do tonight?

.....

b. What are you going to do next weekend?

.....

c. What are you going to do tomorrow night?

.....

d. What are you going to do next Tuesday afternoon?

.....

e. Are you going to do anything special for your birthday?

.....

COMO APRENDER AS PREPOSIÇÕES EM INGLÊS?

Em se tratando de inglês, tenho quase certeza de que o tema *preposições* é um dos mais procurados na internet. É simplesmente grande o número de pessoas que chegam ao meu blog em busca de informações sobre "como aprender as preposições em inglês". Também recebo vários e-mails de pessoas desesperadas querendo uma superdica que resolva a dúvida e acabe de uma vez por toda com esse grande mistério.

Se você é um desses, tenho uma má notícia: infelizmente, não existe uma dica milagrosa que resolverá tudo de uma só vez. No entanto, é possível aprender a usar as preposições corretamente em inglês. Tenha sempre em mente e acostume-se com o fato de que elas não são um monstro, como todo mundo pensa. É sobre isso que vou falar a seguir, mas antes vamos pensar um pouco sobre a nossa querida língua portuguesa.

Você fala português diariamente, não é verdade? Você está lendo um livro em português, certo? Você também costuma assistir a seriados, filmes, novelas, telejornais, programas de entrevista, tudo em português? Enfim, a língua portuguesa faz parte do seu dia a dia! Você a utiliza para falar ao telefone, falar com os amigos, ouvir o que as pessoas dizem e tudo o mais. Você concorda com isso, não concorda?!

Agora, responda-me: em algum momento do dia você interrompe um bate-papo, pega uma gramática ou um dicionário para ler sobre as preposições em português? Você tem dúvidas sobre as regras de uso das preposições *em*, *de*, *com*, *para*, *sob* ou *sobre*? Ou melhor, você já leu em alguma gramática da língua portuguesa as regras que explicam o uso de nossas preposições? Quantas vezes você parou de ler o livro que tem agora em mãos aqui para pesquisar sobre uma preposição ou outra que usei?

Não acabei ainda! Tenho mais perguntas: Como foi que você aprendeu as preposições da língua portuguesa? Quando foi para a escola, aos seis anos, você já se comunicava em português, certo? Você já usava preposições também, não usava? Como foi que as aprendeu? Por um acaso, antes de começar a falar português, você leu alguma gramática ou dicionário da língua portuguesa para só então fazer uso das preposições corretamente?

Pense bem nas respostas a essas perguntas. Tenha sempre em mente e acostume-se com o fato de que em inglês, a lógica é a mesma. Lembro-me de que, quando eu estava começando a aprender

inglês, perguntei a um americano como ele fizera para aprender as preposições. Na maior naturalidade do mundo, ele me disse: "Denilso, eu não faço a menor ideia. Eu simplesmente aprendi a usá-las naturalmente.” Ao ouvir isso, fiquei perplexo. Como podia um americano não ter uma resposta para me dar? Porém, após algum tempo, finalmente entendi o que ele quis dizer com aquilo.

Assim como nós em português, os falantes nativos da língua inglesa também não aprendem a usar as preposições da língua inglesa por meio de regras e livros. Isso significa que, em se tratando de língua inglesa, devemos aprender as preposições de modo natural e sem desespero. Esse conhecimento não é, e nem será, alcançado em um piscar de olhos. Para aprender as preposições em inglês, o segredo é envolver-se cada vez mais com a língua. Simplesmente, não há regras que nos digam como e quando usar *in*, *to*, *about*, *with*, *on*, *at* com certas palavras ou expressões. E, mesmo quando acreditamos ter encontrado uma regra salvadora, mais cedo ou mais tarde ela não funcionará.

Uma dica que sempre dou - e que defendo a todo custo - é aquela na qual você tem de aprender tudo em conjunto. Um exemplo, em português, é "sonhar com” e "sonhar em”. Complete as sentenças a seguir:

1. *Eu sonho.....ter muito dinheiro um dia.*
2. *Eu sonhei .....muito dinheiro dias atrás.*
3. *Eu sonho .....você todas as noites.*
4. *Eu sonho .....ver você novamente algum dia.*

Veja que, em duas sentenças, você usou a preposição "com” e em outras duas a preposição "em”. Agora me diga: você alguma vez parou para pensar sobre a diferença entre dizermos "sonhar com” e "sonhar em”? Caso um estrangeiro que esteja aprendendo português faça essa pergunta a você, qual seria sua resposta?

Você percebe que, em português, é comum usarmos "sonhar com” no sentido de estarmos dormindo e termos um sonho com alguém ou algo? Percebe também que "sonhar em” implica algo que desejamos que aconteça?

Qual a regra da língua portuguesa que explica isso? Como você fez para aprender isso? Leu em algum livro? Aliás, você alguma vez na vida já havia parado para pensar nisso?

Simplesmente sabemos. Não há regras. Não há lógica. Não há curso que explique isso. Nós aprendemos as preposições naturalmente por meio do uso da língua. É pela prática, pelo envolvimento com a língua.

Em inglês, é praticamente a mesma coisa. Eles aprendem desde cedo que podem dizer *dream about* ou *dream of*. Qual a diferença? Quando é que você deverá usar *dream about* ou *dream of?* A resposta é muito simples: na maioria das vezes, você terá de usar *dream about* para dizer "sonhar com” e *drea.m of* para dizer "sonhar em”. As sentenças que você completou anteriormente ficariam assim em inglês:

EXEMPLOS
I **dream of** having a lot of money some day.
I **dreamed about** a lot of money some days ago.
I **dream about** you every night.
I **dream of** seeing you again someday.

Devo ser honesto com você e dizer que essa diferença está se tornando cada vez menos comum em inglês. Os dicionários mais atuais já estão ressaltando o fato de que *dream about* e *dream of* estão sendo usados de modo igual em todos os casos. Esse tipo de mudança faz parte de toda e qualquer língua. Veja a seguir mais alguns exemplos de uso dessas duas expressões e as respectivas equivalências em português:

EXEMPLOS
He has the kind of money that we can only **dream about**. (Ele tem aquele tipo de dinheiro com o qual a gente só consegue **sonhar**.)
I often **dream of** going abroad. | I often **dream about** going abroad. (Eu geralmente sonho em ir para o exterior.)
She **dreamed of** becoming a chef and she got it. (Ela **sonhou em** ser um *chef* e conseguiu.)
He **dreamed of** owning a Ferrari. (Ele **sonhou** *(em)* ter uma Ferrari.)
I **dreamed about** you last night but I can't remember what. (**Sonhei com** você está noite, mas não lembro o quê.)

Agora, veja que não traduzimos "sonhar com" e "sonhar em", literalmente. Ou seja, não dizemos *dream with* e *dream in.* O correto em inglês é *dream about* e *drea.m of* Muita gente quando vê isso pergunta: "Por quê? Qual é a regra? Como que eu aprendo isso?"

A resposta para essas dúvidas é: "Você aprende que em inglês é *drea.m about* e *drea.m of* e pronto. Não tem regras! É o uso da língua. É assim que eles dizem em inglês e ponto final."

Com relação às preposições em inglês, é assim que você aprende. Ao encontrar uma expressão, uma palavra ou um verbo no qual tem uma preposição, o jeito é aprender o conjunto e não ficar se perguntando por que é uma preposição, e não outra.

Uma pergunta que me fazem com frequência: "Denilso, qual é o certo: *in the corner, at the corner* ou *on the corner?"* Minha resposta: "Depende do que você quer dizer." Ou seja, use *in the corner* para dizer que algo está "no canto" de um cômodo (sala, quarto, escritório, cozinha, banheiro etc.) ou "no canto" da tela da TV, do computador etc. Enfim, para dizer "no canto", diga *in the corner*. Mas, caso você queira dizer "na esquina" (de uma rua), você pode usar *on the corner* ou *at the corner,* as duas são corretas nesse caso.

EXEMPLOS
I live **on the corner** of Rua A and Rua B. (Eu moro **na esquina** da Rua A com Rua B.)
I live **at the corner** of Rua A and Rua B. (Eu moro **na esquina** da Rua A com Rua B.)
There is a lamp **in the corner** of the room. (Tem um abajur **no canto** da sala.)
This symbol will appear **in the corner of** the screen. (Este símbolo aparecerá **no canto** da tela.)

Outros casos bem curiosos e estranhos para nós são *married with* e *married to.* Aprenda que, em inglês, você usará *married with* para dizer que a pessoa é casada e tem filhos. Já *married to* é usado para dizer que a pessoa é casada com alguém. Veja nos exemplos a seguir como usar as duas expressões em inglês.

EXEMPLOS
My brother is **married with *two kids***. (Meu irmão é **casado e tem dois filhos**.)
She **got married to** an American guy last year. (Ela casou com um americano ano passado.)
I'm **married with children**. (Sou **casado e tenho filhos**.)
I'm **married to** a wonderful woman. (Estou **casado com** uma mulher maravilhosa.)

Vira e mexe, aparece alguém querendo entende o porquê (a *lógica)* disso. Eu sinceramente não faço a menor ideia. A única coisa que sei é que em inglês foi, é e, pelo visto, será sempre assim. Aos estudantes de inglês, cabe apenas aprender essa maneira, fazer a equiparação (equivalência) com a língua portuguesa, usar e ser feliz. Não há uma regra! É o uso da língua puro e simples!

Outra coisa que você deve perceber é que, assim como em português, o sentido de uma combinação pode mudar de acordo com a preposição usada. É o caso de *"sonhar com'* e *"sonhar em* em português e *dream about* e *dream of* em inglês. Esses não são os únicos casos na língua inglesa. Portanto, à medida que você for avançando nos estudos de inglês, deverá prestar atenção a isso.

Outro exemplo de mudança de significado conforme a preposição usada é no caso de *shout at* e *shout to.* Use *shout at* quando o sentido for

o de *"gritar com'* alguém; ou seja, caso esteja zangado com uma pessoa, você *shout at* ela. Por outro lado, o *shout to* é usado no sentido de *"gritarpara'* alguém; ou seja, você estará chamando a atenção de outra pessoa.

Nos mesmos moldes das duas, temos também *throw at* e *throw to.* Se você está com raiva e resolver "jogar *algo* em' alguém na intenção de feri-lo, dirá *"throw at*'. No entanto, se apenas "joga *algo* para' que alguém pegue (o mesmo que arremessar), você usará *"throw to'* em inglês.

EXEMPLOS
He **threw** the ball **to** me. (Ele **jogou** a bola **para** mim. | Ele **arremessou** a bola **para** mim.)
He was angry. So, he **threw** the ball **at** me. (Ele estava com raiva. Daí, ele **jogou** a bola em **mim**.)
Stop **shouting at** me. Who do you think you are? (Pare de **gritar com**igo. Quem você pensa que é?)
I **shouted to** her but she didn't hear. (Eu **gritei para** ela, mas ela não me ouviu.)

Para encerrar esta parte, vou falar sobre outra dúvida frequente no mundo das preposições: a diferença entre *at the end* e *in the end.* Anote aí que: *at the end* significa sempre *"no final'* de alguma coisa (aula, jogo, fim de semana, curso, dia, mês, ano, vida etc.). É por isso que sempre dizemos *at the end of* em inglês.

In the end, por sua vez, significa algo como *'finalmente', "no final das contas"* ou "no *fim* . Use *in the end,* por exemplo, quando tudo já tiver sido pensado ou discutido. Uma maneira fácil e simples de entender isso é sabendo que *in the end* nunca se refere ao final de algo. Se for para falar sobre o final de alguma coisa, use sempre *at the end of.* Veja os exemplos para melhor perceber a diferença:

EXEMPLOS
The teacher set some homework **at the end of the** lesson. (A professora deu umas tarefas de casa **no fim da** lição.)
I complained about the pizza so, **in the end**, I didn't have to pay for it. (Eu reclamei da pizza e aí, **no fim**, eu não tive de pagar por ela.)
I'll give you an answer **at the end of the** week. (Vou te dar uma reposta **no final da** semana.)
In the end, what did you decide? (**No fim**, o que foi que você decidiu?)
We waited for her but **in the end** we went without her. (A gente esperou por ela, mas **no fim das contas** a gente foi sem ela.)
At the end of the course you'll all get a certificate. (**No final do** curso todos vocês receberão um certificado.)

Para começar a perceber essas diferenças e aprender as preposições, você terá de se envolver com a língua inglesa o máximo possível. Afinal, seu interesse é aprender a usar a língua como os falantes nativos. Isso significa que você deve parar de uma vez por todas com esse negócio de querer

usar regras para as preposições.

Envolver-se com a língua significa ler em inglês, ouvir em inglês, anotar suas observações em inglês, escrever os próprios exemplos em inglês. Enfim, envolver-se com a língua significa ver a língua em uso na prática. Correr atrás de regras gramaticais não ajudará você a dominar certas coisas na língua (por exemplo, as preposições), como você imagina.

PREPOSIÇÕES - Colocando em Prática

1. Complete as sentenças a seguir usando a preposição in **ou** at**. Observe as equivalências em português para ajudar na sua escolha.**

a. He had promised to share his prize, but ..... the end he didn't. *(Ele tinha prometido rachar o prêmio, mas **no final** ele não rachou.)*

b. .....the end of the month, everybody was fired. *(**No final do** mês, todo mundo foi demitido.)*

c. He blew a big kiss to all his fans..... the end of his interview. *(Ele mandou um beijão para todas as fãs **no final da** entrevista.)*

d. He told us he didn't agree but .....the end he had no choice. *(Ele falou pra gente que não concordava, mas **no fim das** contas ele não teve escolha.)*

e. I'm going on holiday.....the end of the week. *(Vou sair de férias **no final da** semana.)*

f. ..... the end we opted for four groups only. *(**No fim da** contas, a gente acabou optando por apenas quarto grupos.)*

g. My house is ..... the end of the street. *(Minha casa fica **no final da** rua.)*

h. They couldn't decide which one they liked the most and..... the end they bought both. *(Eles não conseguiam decidir de qual eles gostavam mais e **no fim das** contas levaram os dois.)*

2. Marque a opção que melhor completa cada sentença. Veja as equivalências para ajudá-lo na escolha.

a. His brother got married ..... a Chinese girl two years ago. *(O irmão dele se casou com uma chinesa dois anos atrás.)*

( ) with ( ) of ( ) to ( ) for

b. There's a drugstore ..... the corner of Rua Alfa and Avenida Beta. *(Tem umafarmácia na esquina da Rua Alfa com a Avenida Beta.)*

( ) in ( ) on ( ) for ( ) with

c. There's no need to shout ..... her. She's only a child. *(Não precisa gritar com ela. Ela é apenas uma criança.)*

( ) with ( ) to ( ) at ( ) for

d. When you get the ball, just throw it ..... me, ok? *(Quando você pegar a bola, basta passar ela*

para mim, tá bom?)

( ) for ( ) at ( ) in ( ) to

e. We both dream ..... going to Paris someday. *(A gente sonha em ir para Paris um dia.)*

( ) of ( ) to ( ) at ( ) in

f. They all cried ..... the end of the course. *(Todos eles choraram no final do curso.)*

( ) in ( ) at ( ) on ( ) into

g. There was a comfy chair ..... the corner of her bedroom. *(Havia uma cadeira bem confortável no canto do quarto dela.)*

( ) of ( ) to ( ) at ( ) in

3. Uma das maneiras mais práticas para aprender o uso das preposições naturalmente em inglês é por meio da leitura de textos. A seguir, você lerá um trecho de um texto de nível básico com algumas preposições. Leia o texto e responda às atividades após.

How many hours do you spend in bed? Six or seven hours a night maybe? And how many hours do you spend in front of the TV every week? Nine or ten? That's not a lot, is it? Well, think again. Add together all the hours you spend on these activities in a lifetime, and the total numbers are surprising. In an average lifetime, an American works over 90,000 hours, walks an amazing 22,000 kilometer, and spends three and a half years eating.
(Adpatação de Touchstone 1, Cambridge University Press)

a. Agora, complete o texto com as preposições que estão faltando.

How many hours do you spend..... bed? Six or seven hours a night maybe? And how many hours do you spend ..... front .....the TV every week? Nine or ten? That's not a lot, is it? Well, think again. Add together all the hours you spend.....these activities ..... a lifetime, and the total numbers are surprising. ..... an average lifetime, an American works over 90,000 hours, walks an amazing 22,000 kilometer, and spends three and a half years eating.

b. Qual a preposição que completa os pedaços (*chunks*) a seguir?

spend ..... bed
..... front ..... the TV..... a lifetime
spend ..... these activities .....

c. Relacione a coluna da esquerda com a da direita.

1. passa na cama	( )	in a lifetime
2. na frente da TV	( )	spend on these activities
3. trabalha mais de 90,000	( )	in front of the TV
4. gasta com essas atividades	( )	works over 90,000

d. Complete as sentenças com a palavra que está faltando.

Today is the perfect day to **spend**..... **bed**.

Tonight I'll stay home, sit **in front**..... **the TV**, and enjoy a great movie.

I **work** ..... 200 **hours** a month and still get less than the average.

They don't usually have much time to **spend** ..... leisure **activities**.

I don't think it will happen ..... my **lifetime**.

O objetivo desta atividade é mostrar a você como aprender preposições por meio de um texto. O ideal é marcar os pedaços (*chunks*) e anotá-los em um caderno com a equivalência em português e depois ir criando exemplos com eles. Fica a dica.

TO E *FOR:* QUAL A DIFERENÇA?

Na lista das palavras mais usadas em inglês, *to* e *for* ocupam a 6ª e a 30ª posição, respectivamente. Se o ranking for das preposições frequentemente usadas, então *to* ocupa a ia posição e *for* a 4a.

Diante desses dados, é fácil entender a razão pela qual uma das dúvidas mais frequentes entre praticamente todos os estudantes de inglês é "Qual a diferença entre *to* e *for?"*. Ou, ainda, quando usar uma e quando usar outra?

Devo ser honesto e dizer que não há regra ou dica mágica que resolva de vez essa dúvida. Se servir de consolo, saiba que muitas vezes professores de inglês, com anos de experiência, também ficam na dúvida. Logo, fique tranquilo! Essa dúvida não é privilégio apenas de estudantes de inglês.

Claro que o significado mais comum das duas é "para". No entanto, é bom perceber uma diferença básica nesse caso. Quando queremos indicar direção (rumo, sentido), usaremos a preposição to. Veja os exemplos:

- We went **to** the bank but it was closed. *(Fomos ao banco, mas estava fechado.)*
- I'm going **to** bed now. *(Vou para a cama agora.)*
- Can you move **to** the left a little? *(Dá pra você chegar um pouco para a esquerda?)*
- They didn't go **to** the party last Friday. *(Eles não foram para a festa na sexta passada.)*

Note que, em todos os exemplos, a palavra (preposição) *to* foi usada para indicar direção (rumo, sentido). Note também a diferença entre português e inglês. Em alguns casos, usamos artigo e eles, em inglês, não. Além disso, é bom observar que, em se tratando de direção, usamos *"para"* e *"a"*. Dessa forma, as duas sentenças a seguir significam absolutamente a mesma coisa.

- Eles não foram **ao** banco.
- Eles não foram **para** o banco.

A diferença entre as duas é que, em uma, usamos a preposição *"para'* e na outra "a". Em inglês, esta "confusão" não acontece. Ou seja, ambas as sentenças serão traduzidas como:

- They didn't go **to** the bank.

Até aqui, falamos apenas da preposição *to* com o significado de *"para,'*.

O chato é que, em inglês, temos também a preposição *for* com o mesmo significado (para); porém, o uso é diferente. Esse *"para'* expresso pela preposição *for* nada tem a ver com direção (rumo, sentido). Seu uso é diferente. Veja:

- I have a present **for** you. *(Tenho um presente **para** você.)*

- He plays **for** Palmeiras. *(Ele joga **para** o Palmeiras.)*
- Let me carry that **for** you. *(Deixa que eu carrego isso **para** você.)*
- Is there any message for me? *(Tem algum recado **para** mim?)*
- I'd better buy something **for** the new baby. *(É bom eu comprar algo **para** o novo bebê.)*

Compare a tradução dos exemplos. Observe que agora o *"para"* não tem nada a ver com direção. Você nota isso? Percebe a diferença do *"para" (to)* e do *"para' (for)?* Eu costumo dizer que o problema não está nas preposições *to* e *for* em inglês; mas sim na preposição "para" em português. Afinal, temos em nossa língua uma preposição (palavra) usada em situações diferentes. O que você acha disso? Compare as sentenças anteriores em português e reflita.

Para termos certeza de que tudo ficou claro até esse ponto, complete as sentenças a seguir com *to* ou *for*. Preste atenção na equivalência (*tradução*) de cada sentença e então decida qual é a preposição mais apropriada.

a. Is this the way ..... the beach? *(Este aqui é o caminho **para** a praia?)*
b. It's an English course ..... foreign students. *(É um curso de inglês **para** estudantes estrangeiros.)*
c. Just move ..... the right a little bit! *(Apenas mova-se um pouquinho **para** a direita!)*
d. My husband and I go ..... Porto Velho whenever we can. *(Meu esposo e eu vamos **a** Porto Velho sempre que pudemos.)*
e. I've bought her a necklace ..... her birthday. *(Comprei um colar **para** o aniversário dela.)*
f. These chairs are ..... the office. *(Estas cadeiras são **para** o escritório.)*
g. We're going ..... Rio de Janeiro in May? *(A gente vai **para** o Rio de Janeiro em maio?)*
h. He writes books ..... children. *(Ele escreve livros **para** crianças.)*

Será que esse assunto ficou um pouco mais claro para você agora? Espero que sim! Pois nos próximos parágrafos aprenderá outros usos dessas duas preposições. Ou seja, além de "para", há ainda outros significados *(usos)*.

Nesses outros usos, sempre digo que um dos segredos é se acostumar com sua ocorrência junto a outras palavras ou expressões. Ou seja, não adianta perguntar o porquê, a lógica, a razão de ser. A saída é aprender a expressão como um todo.

Outro segredo é o que chamamos de habilidade de observação *(noticing)*. Todo estudante de inglês deve praticar essa habilidade. Ela não é difícil. Como exemplo, observe duas sentenças:

- I sent a present **to** you. *(Enviei um presente **para** você.)*
- I have a present **for** you. *(Tenho um presente **para** você.)*

E agora?! Qual a diferença?! Como entender essa confusão?! Simples! Basta colocar em prática sua habilidade de observação. Veja que na primeira sentença temos *sent a present to* e, na segunda, *have a present for*. O que há de diferente nas duas?

Se você for bom observador, dirá que, na primeira, usamos a palavra *sent* (que é o verbo *"send"* - enviar - em sua forma no passado). Já na segunda, usamos o verbo *have (ter)*. Assim, assumimos que, em vez de ficar se debatendo com a diferença entre *to* e *for,* o melhor a fazer é aprender as duas

"expressões";

- **send** something **to** someone *(**enviar** algo **para** alguém)*
- **have** something **for** someone *(**ter** algo **para** alguém)*

Vejamos se isso também ficou claro para você! Complete as sentenças a seguir com *to* **ou** *for*. **Dessa vez, preste atenção nas palavras** send **ou** have.

a. I just want to send a fax ..... the office. Is that possible? *(Eu só quero enviar um fax **para** o escritório. É possível?)*

b. Well, to show our love and gratitude, we have a little something ..... everyone. *(Bom, **para** mostrar nosso amor e gratidão, temos uma coisinha para todo mundo.)*

c. Now I have a question.....each one of you. *(Agora eu tenho uma perguntinha **para** cada um de vocês.)*

d. The Pope habitually sent telegrams .....victims of floods, earthquakes and other disasters. *(O papa costumava enviar telegramas **para** as vítimas de enchentes, terremotos e outros desastres.)*

Como será que você se saiu nessa atividade? Vou repetir a dica: observe as sentenças; se estiver a palavra *have,* use a preposição *for*. Porém, se estiver a palavra *send (sent),* use a preposição to. Não se preocupe em entender o porquê! Não há uma regra gramatical que explique isso. O segredo é se acostumar com a combinação de palavras (uso, significado, expressão etc.).

Que tal "complicar" um pouco mais?! Veja a seguinte sentença:

- Shirley sent her mom flowers **for** Mother's Day. (A *Shirley enviou flores para sua mãe no Dia das Mães.)*

E agora?! Por que será que usamos *for* com o verbo *send?!* Que maluquice é essa?! A diferença agora está no contexto, por assim dizer. Usamos a preposição *for* nesse caso porque estamos nos referindo ao motivo do presente. Ou seja, a Shirley enviou flores para a mãe dela por causa do Dia das Mães. Podemos ainda interpretar de outra maneira: a Shirley enviou flores para a mãe dela em virtude do Dia das Mães.

Nesse caso, o *for* expressa a ideia de motivo, propósito. Repito que não há uma regra. O jeito é aprender a expressão assim:

- **send** someone something **for** *(Christmas, Father's Day birthday* etc.) (**enviar** algo para alguém **por causa do** [em virtude do] [Natal, Dia dos Pais, aniversário etc.]).

Observe bem a sequência de palavras em inglês: *send someone something for.* Para facilitar, vejamos alguns exemplos (note como a tradução em português pode mudar de acordo com as palavras):

- We'll send Maria a present **for** her birthday. *(Enviaremos um presente para a Maria **no** aniversário dela.)*
- They sent me a book **for** Christmas. *(Me enviaram um livro **de** Natal.)*
- How about sending your parents a card **for** their wedding anniversary? *(Que tal enviarmos um cartão para os seus pais **em virtude do** aniversário de casamento deles?)*

Encerro esta dica aqui com uma lista de expressões (combinações) com as preposições *to* e *for*. Reforço ainda que, para aprender essas duas palavrinhas, é importante observar bem quando aparecem em textos, sentenças, frases, expressões, músicas etc. De nada adianta procurar por regras ou coisas do tipo. Somente a prática e o uso vão ajudá-lo a dominá-las.

EXPRESSÕES COM *TO*	EXPRESSÕES COM *FOR*
give something **to** someone *(dar algo para alguém)*	**wait for** *(esperar por),* **care for someone** (importar-se com alguém)
whisper something **to** someone (cochichar algo para alguém)	**for now** *(por enquanto, por ora)*, **for the time being** *(por enquanto, por ora*), **for ages** *(há décadas, há muito tempo)*
be nice to *(ser legal com),* **be rude to** *(ser rude com),* **be friendly to** *(ser amável com, ser simpático com),* **be kind to** *(ser gentil com),* **be polite to** *(ser educado com, ser polido com),* **be cruel to** *(ser cruel com)*	**be difficult for** someone to do something *(ser difícil para alguém fazer algo),* **be hard for** someone to do something *(ser complicado para alguém fazer algo),* **be easy for** someone to do something *(ser fácil para alguém fazer algo)*
sell something **to** someone *(vender algo para alguém)*	**if it weren't for...** *(se nao fosse por...)*, **if it hadn't been for** *(se não tivesse sido por...)*
to the left | right *(para a esquerda | direita),* **next to** (ao lado de), **close to** *(perto de),* **from... to...** (de... *para...)*	**for a couple of days** *(por alguns dias),* **for a couple of weeks** *(por algumas semanas),* **for a couple of nights** *(por algumas noites),* **for a couple of hours** *(por algumas horas)* etc.
explain something **to** someone *(explicar algo para alguém)*	**carry something for someone** *(carregar algo para alguém)*
explain to someone *(why, what, how, that etc.) (explicar a alguém [por que, o que, como, que, etc.])*	**for further details** *(para mais detalhes)*, **for further information** *(para mais informações)*
be similar to *(ser parecido com)*, **be equal to** *(ser igual a)*	**be all for** *(ser totalmente a favor de)*
show something **to** someone *(mostrar algo para alguém)*	**be normal for** *(ser normal para),* **be necessary for** *(ser necessário para),* **be common for** *(ser comum para),* **be impossible for** *(ser impossível para)*
be married to *(ser casado com),* get married to *(casar-se com)*, be engaged to *(estar noivoía] de)*, get engaged to *(noivar com)*	**blame** someone for do**ing** something *(culpar alguém por fazer algo)*, **forgive** someone **for** (do**ing**) something *(perdoar alguém por (fazer) algo)*
complain to someone about something *(reclamar com alguém sobre algo)*	**be responsible for** *(ser responsável por)*, **be thankful for** *(ser grato por)*, **be ready for** *(estar pronto para)*, **be late for** *(estar atrasado para)*

TO E FOR - Colocando em Prática

1. Complete as sentenças utilizando uma das expressões da caixa. Troque o * em cada expressão por *for* ou *to*.

is not normal *	is similar *	got married *	be thankful *	is engaged *	is impossible *
being rude *	be polite *	common *	next *	late *	be easy *

a. I gotta go now! I'm a bit ..... a very important meeting.
b. Oh, come on! That's ..... you to say.
c. Rafaela ..... a guy who studies Law at university.
d. No, that ..... anyone. I would call your baby's doctor and explain what's going on.
e. Stop ..... your parents. You must respect them.
f. Nothing ..... this team. We're sure we can win this match.
g. Your notebook ..... mine.
h. Don't worry about that! It's ..... new fathers to feel jealous of the baby.
i. He ..... a Canadian girl last year.
j. I sat ..... a very famous singer on the plane.
k. I'll ..... a good night's sleep after the week I've had.
l. You'd better ..... your friends and family members. Or else, they'll stop talking to you.

2. Complete as sentenças com *to* ou *for*.

a. Marcela explained ..... the policeman that she was a tourist.
b. She said she'd stay here ..... a couple of days only.
c. I sold my old car ..... your brother.
d. ..... further details check our contacts page.
e. Don't show these letters ..... anyone else.
f. That box seems to be really heavy. Let me carry it ..... you, ok?
g. He always gives birthday presents ..... his kids.
h. I have English classes from Monday ..... Thursday.
i. We've been waiting ..... you since last week. What happened to you?
j. She whispered something ..... the girl beside her.

QUANDO USAR *IN, ON* OU *AT* (LUGARES)

As preposições in, *on* e *at* são, sem dúvida, as três preposições que mais causam confusão aos estudantes de inglês. Aliás, comecei a perceber de uns tempos para cá que, quando alguém pergunta *como faço para aprender as preposições em inglês?,* a pessoa está, na verdade, querendo dizer *como faço para aprender as preposições in, on e at?*

Não causa surpresa a preocupação exagerada com essas três palavrinhas. Afinal, na língua inglesa, elas ocupam posições privilegiadas na lista das palavras mais usadas. *In* ocupa a 13ª posição; *on,* a 32ª; e *at* fica na 53ª posição. Isso significa que elas merecem atenção especial.

O grande problema com essas preposições é que as pessoas querem sempre que tenham uma lógica (uma regra). Caso consigam encontrar essa lógica, acreditam que aquietarão sua mente e darão tudo por satisfeito. Isso até encontrarem algo que foge àquela lógica que parecia ser verdadeira e imutável. Infelizmente, não é assim que uma língua funciona.

Muitas vezes, pode até haver uma lógica. Concordo! A mais comum talvez seja aquela que resume o uso das preposições *in* e *on* da seguinte forma:

- Use a preposição *in* quando você estiver se referindo a "dentro". Por exemplo, *in the box* (na caixa, dentro da caixa), *in the drawer* (na gaveta, dentro da gaveta), *in the car* (no carro, dentro do carro), *in the kitchen* (na cozinha, dentro da cozinha).
- Use a preposição *on* quando estiver se referindo a "sobre", "em cima" ou seja, algo que remete à superfície. Por exemplo, *on the table* (sobre a mesa, em cima da mesa, na mesa), *on the floor* (sobre o chão, no chão), *on the shelf* (sobre a prateleira, em cima da prateleira, na prateleira).

Já a preposição *at* quase não há uma explicação (uma regra, uma lógica) para seu uso. Costumam dizer que ela é usada quando se está do lado ou diante de algo. Eu não gosto muito dessa teoria; pois, com ela, acabo tendo de misturar um monte de coisas. Consequentemente, vou achar tudo muito louco e impossível de aprender.

Com a preposição *at* o melhor a fazer é aprender que, em certas ocasiões, você deverá usá-la e nenhuma outra. É o caso das expressões a seguir;

- at the bus stop (no ponto de ônibus), at the door (na porta), at the traffic lights (no semáforo), at the window (na janela), at the top of page (em cima da página), at the bottom of the page (embaixo da página), at home (em casa), at the end of the street (no final da rua), at the next stop (na próxima parada, no próximo ponto), at reception (na recepção).

O segredo aqui é aprender bem que nesses casos *at* é a preposição correta. A explicação lógica, o porquê, simplesmente não existe. Embora, às vezes, muitas pessoas tentem explicar as razões para

ser uma e não outra preposição.

Certa vez, ao dar treinamento para um grupo de professores, fui questionado se o correto era *in a hotel* ou *at a hotel*. Eu então disse que ambas as formas são corretas e possíveis. Um professor que participava do treinamento disse que essa opinião estava errada. Dito isso, ele começou a dar algumas explicações curiosas e complicadas para sustentar seu ponto de vista e justificar a diferença entre usar *in* ou *at* com *hotel*.

Após a conclusão da "explicação" (complicação), um professor americano, que também fazia o treinamento, disse que, para um falante nativo, não há diferenças em dizer *in a hotel* ou *at a hotel*. Portanto, os estudantes e professores podem dizer *in a hotel* ou *at a hotel* naturalmente e sem medo.

Nesse dia, cheguei à conclusão de que, muitas vezes, são as próprias pessoas que complicam ainda mais o aprendizado das preposições sem necessidade. Essa observação do *in a hotel* ou *at a hotel* fez com que eu pesquisasse outras situações semelhantes nas quais você pode usar ambas sem medo. A lista é a que segue;

EM INGLÊS AS DUAS FORMAS ESTÃO CORRETAS
in a church e **at a church** *(na igreja)*
in the traffic circle e **at a traffic circle** *(no trevo, na rotatória)*
in the store e **at the store** *(na loja)*
in the mall e **at the mall** *(no shopping)*
in the theater e **at the theater** *(no teatro)*
in the movies e **at the movies** *(no cinema)*
in the pub e **at the pub** *(no bar)*
in the bar e **at the bar** *(no bar)*
in the club e **at the club** *(no clube)*
in the restaurant e **at the restaurant** *(no restaurante)*
in the office e **at the office** *(no escritório)*
in the bank e **at the bank** *(no banco)*

Devo confessar que, algumas vezes, poderá, sim, haver uma pequena diferença. No entanto, ela é tão sutil que muita gente nem dá bola. Isso significa que a troca da preposição não será impedimento para que você diga o que deseja.

Vale dizer ainda que, em alguns casos, a diferença de uso de uma preposição ou outra é uma questão de regionalismo. Por exemplo, no inglês americano é comum dizerem *in school* (na escola); já no inglês britânico, o mais comum é *at school*. Para a palavra *weekend* (fim de semana), os americanos dizem *on the weekend;* já os britânicos preferem *at the weekend*. Nos países que falam inglês americano, você aprenderá que o certo é *on a team,* já naqueles que falam inglês britânico você aprenderá *in a team* (em uma equipe).

No entanto, não precisa entrar em desespero por causa disso. Saiba que, se você falar de um jeito ou de outro, todos entenderão perfeitamente bem o que está dizendo. Lembre-se: não é o mau uso de uma palavrinha apenas que impedirá a comunicação.

Em outros casos, a diferença estará no significado. Assim, você deve saber bem o que estará dizendo. Um exemplo disso é *in the bottle* e *on the bottle.* Ambas podem ser traduzidas por "na garrafa". Mas há diferenças no significado, veja:

- There's no water **in the bottle**. *(Não tem água na garrafa.)*
- There's no label **on the bottl**e. *(Não tem rótulo na garrafa.)*

Acredito que você mesmo consegue perceber a diferença. Quando dizemos *in the bottle* estamos nos referindo a *dentro da garrafa*; já em *on the bottle* estamos falando de algo *fora da garrafa*. Observe as duas sentenças a seguir:

- There's a fly **in the bottle**. *(Tem uma mosca na garrafa.)*
- There's a fly **on the bottle**. *(Tem uma mosca na garrafa.)*

Em qual dessas sentenças a mosca está dentro da garrafa? Fácil, não é mesmo? Na primeira sentença, a ideia que passamos é de que a mosca está dentro da garrafa. Na segunda sentença, a mosca está do lado de fora.

Outro caso de diferença nos significados é visto em *at the door* e *on the door.*

- There's somebody **at the door**.
- There's a notice **on the door**.

No primeiro caso, *at the door,* estamos dizendo que há alguém na porta. Talvez seja necessário ir ver quem é. Já no segundo caso, *on the door,* a ideia é de que há um aviso pendurado na porta.

Outra confusão que muita gente faz no começo é em *at the table* e *on the table.* Para resolver a dúvida, sempre digo: *we sit at the table to eat the food that is on the table* (a gente senta à mesa para comer a comida que está sobre a mesa). Não é nada educado *sit on the table* (sentar em cima da mesa).

Veja também *at the computer* e *on the computer:*

1. Ricardo isn't **at the computer** right now.
2. It's all stored **on the computer**.

Na sentença 1, estou dizendo que o Ricardo não está no computador dele agora; ele não está em sua mesa de trabalho. Provavelmente ele saiu para tomar um cafezinho. Na sentença 2, por sua vez, refiro-me aos programas instalados no computador.

Lembre-se de que esse é o tipo de coisa que você aprenderá com o tempo, com paciência, com observação. Não adianta entrar em desespero e tentar aprender da noite para o dia. Não adianta querer aprender tudo de uma só vez. Eu mesmo demorei muito para compreender isso. Quando

percebi que a língua é assim cheia de curiosidades e usos, deixei de lado a busca incessante por uma dica (ou regra) salvadora. O jeito foi aprender as coisas pacientemente. Aliás, continuo aprendendo até hoje.

Veja a seguir uma tabela com os usos mais comuns das preposições *in*, *on* e *at* em relação a locais. Lembre-se de que não há regras. O melhor a fazer é aprender o conjunto inteiro, e não tentar encontrar uma lógica.

IN	ON	AT
in Brazil (no Brasil)	**on the bus** (no ônibus)	**at Fábios house*** (na casa do Fábio)
in jail (na cela)	**on the carpet** (no carpete)	**at home** (em casa)
in prison (na prisão)	**on the ceiling** (no teto)	**at the airport** (no aeroporto)
in São Paulo (em São Paulo)	**on the envelope** (no envelope)	**at the dentists** (no dentista)
in the area (na área)	**on the grass** (na grama)	**at the desk** (na escrivaninha)
in the capital city (na capital)	**on the ground** (no chão)	**at the doctors** (no médico)
in the car (no carro)	**on the island** (na ilha)	**at the entrance** (na entrada)
in the first row (na primeira fileira)	**on the nose** (no nariz)	**at the hairdressers** (no cabeleireiro)
in the garden (no jardim)	**on the park bench** (no banco da praça)	**at the meeting** (na reunião)
in the park (no parque)	**on the plate** (no prato)	**at the party** (na festa)
in the photograph (na foto, no retrato)	**on the platform** (na plataforma)	**at the station** (na estação)
in the picture (no foto, no retrato)	**on the right|left** (na direita | esquerda)	**at the wedding** (no casamento)
in the sky (no céu)	**on the sofa** (no sofá)	**at war** (em guerra)
in the taxi (no táxi)	**on the tree** (na árvore)	**at work** (no trabalho)

** É comum falarmos apenas at Fábio's, at Maria's, at Fabiano's etc. quando queremos dizer que estamos na casa de alguém.*

IN, ON, AT (LUGARES) — Colocando em Prática

1. Complete as sentenças a seguir com *in, on* ou *at*. Não se prenda a regras que não existem; observe o conjunto de palavras e você saberá exatamente qual preposição usar.

a. Don't sit..... the table. It's not polite!
b. He spent more than 10 years..... prison.
c. I guess there's somebody.....the door.
d. The computer is still.....the box.
e. We told her to leave the key..... reception.
f. Everybody dreams of having a house .... an island.
g. They're going to talk about that.....the meeting.
h. There's a mirror the wall.....the bathroom.
i. My father lives ..... Porto Velho.
j. You'll have to turn left .....the traffic lights.
k. You can't miss it. The number is..... the door.
l. I like to look at the stars.....the sky.
m. Why do you look so said.....this picture?
n. What time will you be .....home?
o. He's left his wallet.....the bus.
p. He's left his wallet.....the taxi.
q. Lots of things went wrong .....my wedding last Saturday.
r. If I were you, I'd leave some fruits.....the tree.
s. Was your father ..... the party too?

2. Ao falarmos endereços em inglês, podemos usar a preposição *at* ou a preposição *on*. Lembre-se, porém, de que *at* é usado quando falamos o endereço completo (*at 354, Avenida Sete de Setembro*). *On*, por sua vez, é usado quando falamos apenas o nome da rua (*on Avenida Sete de Setembro*). Sabendo disso, complete as frases seguintes.

a. He lives ..... 555, La Bouche Street.
b. He lives ..... La Bouche Street
c. I live ..... .London Av., and she lives ..... Australia St.
d. I live ..... 3245, Rua Pinheiro Machado.
e. There’s a bank ..... Rua Marechal Deodoro.

f. The bank is ..... 941, Rua Marechal Deodoro.

3. Corrija as sentenças a seguir.

a. I saw your mother in the doctor's last week. Is she ok?
b. There was a terrible accident on the traffic circle this morning.
c. I don't like to study in night.
d. He said we have to turn left in the next traffic lights.
e. My grandmother called you last night, but you weren't in home.
f. They live on 834, South Carolina Street.
g. Is your father on this picture? Who's he?
h. His cousin is that girl sitting on the window.
i. There's a paper at the door. What does it say?
j. I met your boyfriend on the bus station yesterday.
k. Dad's not home right now. He's in work.

4. Complete as sentenças usando *in, on* ou *at* e uma das expressões na caixa.

the concert	the sofa	the envelope		the table	Carla's
the sky	the traffic lights	the grass	the shel	the shelf	your nose

a. How many people were there ..... last night?
b. What's that huge stain ..... I guess you'll have to wash it!
c. Please, would you mind not sitting .....
d. What's that up ..... Is it a bird or a plane?
e. The kids are playing outside. They're just sitting .....
f. There's something ..... Is that a piercing?
g. Don't forget to put a stamp .....
h. We're all going to meet .....
i. Traffic is terrible because of an accident .....
j. Those books are supposed to be .....

QUANDO USAR *IN, ON* OU *AT*? (TEMPO)

Outro momento confuso na hora de usar *in, on* e *até* ao colocá-los junto com expressões de tempo. Muitas vezes, a confusão começa quando as pessoas aprendem as expressões a seguir;

- **in the morning** (de manhã, pela manhã)
- **in the afternoon** (de tarde, pela tarde)
- **in the evening** (de noitinha, pela noitinha)
- **at night** (à noite, de noite)

Quando professores ensinam isso, é comum alguém perguntar; "Por que usamos *in* com *morning, afternoon* e *evening,* mas com *night* usamos *at?"* Sempre tem alguém fazendo essa pergunta. Minha resposta sempre foi a mesma; "É assim que eles falam. Não tem explicação!" Ou seja, desde que o mundo é mundo, será sempre assim.

Conforme dito em capítulos anteriores; "O melhor que você faz é aprender o conjunto inteiro, e não tentar compreender o porquê de ser de um jeito e não de outro."

Em relação ao uso dessas três preposições com expressões de tempo, devo ser camarada e dizer que é até possível aprender por meio de dicas simples e práticas. Aliás, muita gente acha que essas dicas que estão nas gramáticas são regras. Portanto, é bom deixar claro que não são! O que você lê em gramáticas tradicionais são apenas observações feitas. Ou seja, alguém percebeu um padrão e escreveu a dica (não a regra).

Uma dessas dicas diz o seguinte; com dias da semana, devemos sempre usar a preposição *on.* Tem gente que fica tão bitolado nisso que até esquece quais são os dias da semana em inglês. Se você for um desses, despreocupe-se! Simplesmente aprenda os dias da semana de modo natural, sem medo.

E depois entenda que, se tiver de dizer algo como "na segunda-feira" ou "na sexta-feira", você dirá *on Monday* e *on Friday.* Veja a tabela:

PORTUGUÊS	INGLÊS
no domingo	**on** Sunday
na segunda-feira	**on** Monday
na terça-feira	**on** Tuesday
na quarta-feira	**on** Wednesday
na quinta-feira	**on** Thursday
na sexta-feira	**on** Friday

no sábado	**on** Saturday

Agora suponhamos que você tenha de dizer algo como "na quinta-feira de manhã". Como será que fica isso? Você usa *on* ou *in?* Anote aí que você sempre dirá *on Thursday morning.* Isso vale para todas as demais combinações. Isto é, caso você tenha de dizer "no sábado à tarde", dirá *on Saturday afternoon.* Ou ainda *on Sunday evening,* "no domingo à noitinha". Para simplificar, veja a tabela a seguir. Nela, você poderá criar quantas combinações quiser para dizer o que quiser. Porém, a preposição sempre será *on: on Friday morning, on Wednesday night, on Tuesday afternoon* etc.

PREPOSIÇÃO	DIAS DA SEMANA	INGLÊS
on	Sunday Monday Tuesday Wednesday Thursday Friday Saturday	morning afternoon evening night

Não se assuste, porém, se, ao conversar com alguém, a pessoa não usar a preposição. Essa é uma característica do inglês informal. Portanto, vez ou outra (ou quase sempre), você poderá encontrar alguém dizendo algo sem usar a preposição antes do dia da semana. Veja:

EXEMPLOS
I'll see you Friday! *(Te vejo na sexta!)*
I usually don't go out Saturday evenings. *(Não costumo sair nos sábados à noite.)*
How about having our meeting Tuesday afternoon? *(Que tal fazermos nossa reunião na terça à tarde?)*
Will she be here Monday morning? *(Ela vai estar aqui na segunda de manhã?)*

Além dos dias da semana, temos ainda os meses. Esses serão sempre usados com in. Portanto, "em janeiro" será *in January* em inglês. "Em fevereiro" será *in February;* "em março", *in March;* e assim por diante.

PREPOSIÇÃO	MESES
in	January February March April June July August

	September October November December

In é também a preposição a ser usada com anos; *in 1976* (em 1976), *in 1986* (em 1986), *in 1999* (em 1999), *in* 2008 (em 2008). Precisou falar de anos, lembre-se; a preposição *in* é quem manda.

A coisa só muda de figura quando temos de falar uma data. Nada complicado! Basta se acostumar com o fato de que, ao dizer datas completas, você terá de usar *on.* Veja os exemplos:

EXEMPLOS
on January, 28th *(em vinte e oito de janeiro)*
on April, 25th *(em vinte e cinco de abril)*
on February 9th, 1986 *(em nove de fevereiro de 1986)*
on March 1st, 1976 (em *primeiro de março de 1976)*
on October 3rd, 1977 *(em três de outubro de 1977)*
on December 13th, 2008 *(em treze de dezembro de 2008)*

Quando você tiver de falar sobre um dia especial, um feriado, por exemplo, o correto será sempre usar a preposição *on* também:

PORTUGUÊS	INGLÊS
no dia de Natal	**on** Christmas Day
no domingo de Páscoa	**on** Sunday Easter
na quarta de cinzas	**on** Ash Wednesday
na terça de carnaval	**on** Fat Tuesday
no meu aniversário	**on** my birthday
no dia de Ação de Graças	**on** Thanksgiving day
no dia de Ano Novo	**on** New Year's day
na noite da véspera do ano novo	**on** New Year's eve
no dia da independência	**on** Independence Day

Curiosamente, quando falamos do período que envolve o feriado, ou seja, quando não estamos nos referindo a um dia específico, devemos usar at. Por exemplo, se alguém diz *at Christmas,* estará se referindo ao período completo do Natal: alguns dias antes e após a data.

EXEMPLOS
We're going to have our roof repaired at Easter! *(A gente vai mandar arrumar o telhado de casa no período de Páscoa.)*
I usually visit my family at Christmas. *(Eu costumo visitar minha família no período de Natal.)*
Brazil is getting ready to party at Carnival.

(O Brasil está se preparando para festejar no período de Carnaval.)

What do you usually do at Thanksgiving?
(O que vocês costumam fazer no período de Ação de Graças?)

Já que estamos falando de *at,* é bom saber que é essa a preposição que usamos quando falamos as horas. Portanto, em inglês, "às 9 horas" será *at 9 o'clock;* "às 5:30", *at 5:30.* Veja na tabela a seguir com quais outras expressões de tempo o uso de *at* se faz necessário:

PORTUGUÊS	INGLÊS
ao meio-dia	**at** middayjnoon
à meia-noite	**at** midnight
no café da manhã	**at** breakfast
no almoço	**at** lunch
no jantar	**at** dinner
na hora do almoço	**at** lunchtime
no momento	**at** the moment
no mesmo instante	**at** the same time
na mesma hora	**at** the same time

Como já foi dito, essas são apenas algumas dicas que conseguimos observar no uso da língua. Com a continuidade de seus estudos, você certamente aprenderá muitas outras. No entanto, as que foram apresentadas são as dúvidas mais frequentes de estudantes em níveis básico e intermediário.

Concluo este capítulo com uma tabela de uso comum dessas três preposições com expressões de tempo. Fixe-se no conjunto, e não nas palavras isoladas. Isso significa que não adianta procurar regras. O melhor a fazer é lembrar que em inglês é assim que se fala e ponto final.

PREPOSIÇÃO	EXPRESSÕES
in	**in the 15th century** (no século 15), **in winter** (no inverno), **in summer** (no verão), **in spring** (na primavera), **in fall | in autumn** (no outuno), **in the 1990s** (nos anos 90), **in the past** (no passado), **in (the) future** (no futuro), **in the Middle Age**s (na Idade Média), **in the week of** (na semana de), **in about** (15 minutes) (daqui uns [15 minutos]), **in a** (month's) **time** (daqui um [mês], dentro de um [mês])
at	**at present** (no momento), **at sunset** (no pôr do sol), **at sunrise** (no nascer do sol), **at the age of** (18) (aos (18) anos de idade), **at** (21) (aos (21)), **at dawn** (na aurora), **at the break of dawn** (no romper da aurora)
on	**on a hot afternoon** (em uma tarde quente), **on a cold morning** (em uma manhã fria), **on a sad day in February** (em um dia triste de fevereiro)

IN, ON, AT (TEMPO) — Colocando em Prática

1. Complete as sentenças a seguir com as preposições *in*, *on* ou *at*.

a. She said she'd be here ..... 2:45 pm.
b. My wife hates to stay in Curitiba ..... winter.
c. My parents only gives us our gifts ..... Christmas Day.
d. Do we really have to work ..... the afternoon?
e. Rafaela and her sister arrived here ..... the same time.
f. I don't like to go out ..... night. So, let's stay home!
g. They're going to talk about that ..... the meeting.
h. My sister usually goes to church ..... Sunday evenings.
i. I was born ..... March 1st, 1986.
j. This project will be over ..... two year's time.

2. Jogo dos sete erros! Sete das sentenças a seguir estão erradas. Sua tarefa é identificá-las, circular a preposição que está errada e escrever a correta nas linhas tracejadas.

a. My father was born in September 7th, 1959. .....
b. At the age of 28, I moved to the USA. .....
c. We usually go and see the parade at Independence Day. .....
d. I got lots of books on my birthday. .....
e. This happened in a cold morning last June. .....
f. Life was really hard on the Middle Ages. .....
g. At the moment, they're trying to buy a new car. .....
h. They'll be here in about 30 minutes. .....
i. I'll see about that in lunchtime, ok? .....
j. We're having a meeting on Tuesday afternoon. .....
k. He'll be here in 5:30. .....
l. I remember she was very sick on March. .....

RESPOSTAS DAS ATIVIDADES

GRAMÁTICA DE USO – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.

a. Have you ever been to São Paulo?

b. Have you ever been to Los Angeles?

c. I went to the party last Thursday.

d. I went to the dentist last Monday.

2.

a. I study Math at university.

b. He studies English at university.

c. He studies Geography at university.

d. He studies Music at university.

e. He studies Law at university.

f. He studies Spanish at university.

3.

a. Não é tão difícil o quanto você pensa.

b. Não é tão interessante o quanto você pensa.

c. Não é tão ruim o quanto você pensa.

d. Não é tão fácil o quanto você pensa.

e. Não é tão assustador o quanto você pensa.

f. Não é tão longe o quanto você pensa.

4.

a. It’s not as complicated as you think.

b. It’s not as dangerous as you think.

c. It’s not as expensive as you think.

d. It’s not as serious as you think.

e. It’s not as boring as you think.

f. It’s not as weird as you think.

g. It’s not as good as you think.

h. It’s not as big as you think.

A, *AN* E *ONE* – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.

a. a cell phone
b. a new car
c. an university
d. a big house
e. a one-eyed cat
f. a European girl
g. an engineer
h. a dictionary
i. a red pen
j. an hour ago
k. a sheet of paper
l. an island

2.

a. He studied Law at university. So, he's a lawyer
b. You work in a restaurant. Are you a cook or a waiter?
c. Michael has his own taxi. So, he's a taxidriver d. Your sister works in a school! Is she a teacher?
e. I fix cars, buses and trucks. So, I'm a mechanic.
f. Marcelo is studying Dentistry. So, he's going to be a dentist.
g. Paula works in a hospital. But she's not a doctor, she's a nurse.
h. She designs buildings. So, she's an architect. He deals with the electrical wiring of a building. So, he's an electrician.

THE – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.

a. a bicicleta	the bicycle
b. o livro	the book
c. as bolsas	the bags
d. as revistas	the magazines
e. os computadores	the computers
f. os aviões	the planes
g. as latas	the cans
h. o lapis	the pencil
i. a caneta	the pen
j. a borracha	the eraser
k. as réguas	the rulers
l. os garotos	the boys

2.

a. He sent the letter to the Paulo.

He sent the letter to Paulo.

b. My brother can play piano very well.

My brother can play the piano very well.

c. The Rio de Janeiro is a wonderful city.

Rio de Janeiro is a wonderful city.

d. She didn't remember the my name.

She didn't remember my name.

e. My kids go to the school in the morning.

My kids go to school in the morning.

f. His dream is to go to the England some day.

His dream is to go to England some day.

g. How do you usually go to the work?

How do you usually go to work?

h. Queen said she doesn't agree with that.

The Queen said she doesn't agree with that.

i. The queen Joana said she doesn't agree with that.

Queen Joana said she doesn't agree with that.

3.

a. We study Mathematics in a very good university.

b. Do you read the newspaper on Sundays?

c. I guess it's time we go to work.

d. He told me the president was dead.

e. Governor Silva is not at the office now.

f. My sister is very good at playing the drums.

g. My favorite color is red.

h. Bears like honey.

i. The bears in the zoo don't like honey.

MUCH E *MANY* – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.

a. much work

b. much desire

c. much garbage

d. many bills

g. much medicines

h. many friends

i. much information

j. many notebooks

e. much patience
f. much clothes
k. much advice
l. many toys

2.

a. many books
b. much patience
c. many bicycles
d. many pencils
e. much energy
f. much food
g. many magazines
h. many friends
i. many houses
j. many dogs
k. much rice
l. many languages
m. much comfort
n. much influence
o. many cultures
p. many colors
q. many notebooks
r. much money
s. much confusion
t. many phones
u. much gold
v. many people
w. many toys
x. much wine

3.

a. Eating much **salt** is not good for your health.
b. We have to do something, but there isn't much **time**.
c. Did you go to many **concerts** last year?.
d. She usually gets much **advice** from her parents.
e. Was there much **traffic**?
f. Were there many **cars** on the road?.
g. We don't have much **money** to buy a new house.
h. He never gives much **information** about his plants.
i. There aren't many **hotels** in this town.
j. Did many **students** fail the exam?

4.

a. many countries
b. many flowers
c. many ideas
d. many pictures
e. much sugar
f. much money

g. much slang
h. much time
i. much luck
j. much tea

5.
a. much coffee
b. many cars
c. much information
d. O.K.
e. any visitors
f. much clothes
g. O.K.
h. much news
i. much luck
j. much tea

Some E *Any* – Colocando em Prática

1.
a. How about some bread? | Do you want some bread? | Would you like some bread?
b. How about some coffee? | Do you want some coffee? | Would you like some coffee?
c. How about some tea? | Do you want some tea? | Would you like some tea?
d. How about some cheese? | Do you want some cheese? | Would you like some cheese?
e. How about some chocolate? | Do you want some chocolate? | Would you like some chocolate?
f. How about some cake? | Do you want some cake? | Would you like some cake?
g. How about some this? | Do you want some of this? | Would you like some of this?
h. How about some beer? | Do you want some beer? | Would you like some beer?
i. How about some wine? | Do you want some coffee? | Would you like some wine?
j. How about some milk? | Do you want some milk? | Would you like some milk?

2.
a. I don’t like some of his books.
b. I don’t like any of his books.
c. I like some of his books.
d. I like any of his books.
e. We bought some oranges.

f. She doesn't like any kind of juice.
g. T hey like some kinds of movies.
h. T hey don't like any kinds of movies.

3.
a. Eu não gosto de alguns amigos do meu namorado.
b. E se eu não gostar de algumas coisas que você disser?
c. Eu não gostei de algumas dessas fotos.
d. Ela disse que não assistiu a alguns filmes dos Mel Gibson.
e. A gente só não gosta de algumas coisas que você faz.
f. Eu simplesmente não consigo entender algumas pessoas.
g. Eu não gosto de alguns dos seus costumes.
h. Eu não conheço alguns convidados.
i. Eu não quero que alguns bonitinhos me contando umas mentirinhas.
j. Ele não concorda com alguns pontos da proposta.
k. Eu não gosto de algumas dessas bandas que você citou.

VERBO *BE* – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.
a. I am working. | I'm working.
b. He is working. | He's working.
c. They are working. | They're working.
d. I was working.
e. They were working.
f. We were at home.
g. She was at home.
h. She is angry. | She's angry.
i. She was angry.
j. They were tired.
k. I was married.
l. They were married.
m. She was married.
n. We are friends. | We're friends.
o. We were friends.

2.

a. Is she single?
b. Are you married?
c. Are they married?
d. Is he married?
e. Is she studying?
f. Were they studying?
g. Are you angry?
h. Are you in love?
i. Is she at home?
j. Was she at home?
k. Are you single?
l. Are they at work?
m. Are they at school?
n. Are you good at math?
o. Is she good at English?

3.
a. I am not single.
b. We are not married.
c. She is not studying Spanish right now.
d. They are not at work at this moment.
e. We were not at school yesterday.
f. She was not working last weekend.
g. He was not talking with his father.
h. They were not traveling.
i. I am not angry with you.
j. She is not 30 years old.

S DEPOIS DE VERBO – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.
a. tries
b. goes
c. wants
d. reads
e. sits
g. writes
h. studies
i. does
j. make
k. mixes

f. toys

l. flies

2.

a. He studies English at inFlux.

b. She studies English.

c. My brother teaches Portuguese at college.

d. Amanda wakes up early every morning.

e. Miguel plays soccer at the club every weekend.

f. He reads books about the environment.

g. She loves this song.

h. My sister to the movies every other weekend.

i. Léo tries to study more than others.

j. João tidies my room every day.

3.

a. He studies Mathematics at college.

b. You read the newspaper only on Sundays.

c. Rafael works in a bank next to his home.

d. Carol goes to work by bus.

e. He toys with these crazy ideas.

f. We live very far from here.

g. Laura goes to church every day. She love it!

PAST SIMPLE – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.

a. tried

b. wanted

c. kissed

d. mixed

e. pulled

f. needed

g. called

h. agreed

i. robbed

j. added

k. burned

l. cried

2.

a. kissed

b. rained

c. stayed

d. opened
e. died
f. liked
g. cleaned
h. started
i. baked
j. wanted

3.
a. Did he accept the offer?
b. They didn't help us. Can you believe that?
c. She didn't identify the person.
d. We didn't believe we could win the match.
e. Did you talk to your boss about that?
f. I didn't dance with her.
g. Believe it or not, she didn't cry when I told her what happened.

VERBOS IRREGULARES – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.
(f)
(g)
(i)
(a)
(c)
(h)
(e)
(j)
(d)
(b)

2.
a. I left
b. they took
c. We thought
d. he said
e. she felt

f. he had
g. I knew
h. She found
i. I made
j. they gave

3.
a. got up
b. went to school
c. did the dishes
d. made the bed
e. had classes
f. went to work
g. had a meeting
h. left home
i. got home
j. did the cleaning
k. wrote emails

4.
Crie sentenças baseadas no seu dia a dia

5.
a. Eu estava na cama.
b. Você estava aqui ontem?
c. A gente estava muito cansado ontem à noite. | nós estávamos muito cansados ontem à noite.
d. Ela não estava em casa.
e. Foi caro?
f. O tempo estava bom na semana passada.
g. A prova estava muito difícil?
h. O papel foi usado pela primeira vez na China.

Present Perfect I – Colocando em Prática

1.
a. watched
b. had

c. seen
d. done
e. gone
f. been
g. heard
h. tried
i. used
j. read

2.
Seguindo o modelo [o padrão] dado, crie sentenças baseadas em sua própria experiência

3.
a. my cell phone at home
b. my wallet in the office
c. my homework at home
d. my camera in the office
e. the car key in the office.
f. my my make-up kit at home
g. your book in the car
h. my money at home

4.
a) I've always liked
b) I've always wanted
c) I've always been
e) I've always hated
f) I've always had
g) I've always talked
h) I've always loved
i) I've always had
j) I've always been
k) I've always been

(i) *Eu sempre tive uma péssima memória.*
(g) *Eu sempre falei sobre isso.*

(k) *Eu sempre tive medo de cachorro.*
(b) *Eu sempre quis fazer isso.*
(c) *Eu sempre fui bom em inglês.*
(j) *Eu sempre fui louco por ela.*
(a) *Eu sempre gostei de chocolate branco.*
(f) *Eu sempre tive problemas com dinheiro.*
(e) *Eu sempre odiei aquele sujeito.*
(h) *Eu sempre amei você.*

5.
Seguindo os padrões apresentados, crie sentenças baseadas em sua própria experiência

6.
a. I've just sent you an email.
b. I've just started my computer.
c. I've just learned about his illness.
d. I've just met Carol.
e. I've just read this book.
f. I've just had lunch.
g. I've just seen somebody outside.
h. I've just gotten here.

PRESENT PERFECT II – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.
a. since
b. for
c. since
d. for
e. since
f. for
g. since
h. for
i. since
j. for
k. since
l. since

m. since
n. for
o. since

2.
a. Have you ever ridden a horse?
b. Have you ever met a famous person?
c. Have you ever been abroad?
d. Have you ever run a marathon?
e. Have you ever driven a Ferrari?
f. Have you ever read Harry Potter?
g. Have you ever written for a newspaper?
h. Have you ever ridden a motocycle?
i. Have you ever been to London?

3.
a. Since
b. For
c. Since
d. Since
e. For
f. For
g. Since
h. Since
i. For

P. SIMPLE x P. PERFECT – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.

a. We studied German ……	(**x**) in 2003
b. We've studied German ……	(**x**) since 2003
c. I've done lots of things ……	(**x**) lately
d. I did lots of things	(**x**) yesterday
e. Adriane has already visited Pantanal	(**x**) several times
f. Adriane visited Pantanal	(**x**) five years ago
g. Júnior has worked here	(**x**) for six months now
h. Júnior worked here	(**x**) six months ago

i. I think I've read that book (**x**) before

j. I'm sure I read that book (**x**) last year.

2.

(a) for a long time (b) when I was in Italy

(b) five years ago (a) for over ten years

(b) last summer (a) since last Summer

(a) all my life (a) for agesy

(a) since we were at school (b) last week

(b) this morning (a) for about six months now

CAN E *COULD* – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.

(f)

(g)

(i)

(h)

(b)

(d)

(j)

(e)

(a)

(b)

2.

a. Can you take me to the airport?

b. Can you do me a little favor?

c. Can you lend me some money?

d. Can you come here for a minute?

e. Can you take turn the radio down?

f. Can you give that book over there?

g. Can you tell me what happened?

h. Can you be a bit friendlier?

i. Can you bring me a glass of water?

3.

a. Seguindo as dicas do enunciado e observando o modelo, reescreva as sentenças da atividade anterior.

4.
Usando as expressões dadas e a dica do enunciado, crie sentenças baseadas em sua própria experiência

MAY* E *MIGHT – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.
a. I might go to the movies tonight.
b. She might come to work tomorrow.
c. It might rain later.
d. He might not come to the party.
e. I might not have time to talk to you later.
f. They might not be at the office right now.
g. They might want to stay alone.

2.
a. I may go to Europe.
b. I may invest the money.
c. I may stay home.
d. I may talk to him on Monday.
e. I may go to a restaurant.

SHALL* E *SHOULD – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.
a. I think you should take some rest.
b. I think you should go home.
c. I think you should take some medicine.
d. I think you should drink lots of liquids.
e. I think you should put ice on it.
f. I think you should take some vitamin C.
g. I think you should get a checkup.
h. I think you should see a doctor.
i. I think you should have your eyes checked.

2.

a. You should stop smoking.

b. You shouldn't go to bed so late.

c. You should look for another job.

d. You should take a picture.

e. You should do exercises more often.

3.

Sugestões:

a. You should go to Salvador Shopping.

b. You should go to Santa Felicidade in Curitiba.

c. You should go to Bora Bora.

d. You should go to Natal.

e. You should go to Vila Madalena in São Paulo.

4.

Utilize as expressões apresentadas nas dicas dadas e que são usadas para fazer com que a sugestão pareça menos direta ou mesmo agressiva.

WILL E *WOULD* – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.

a. Would you like an apple?

b. Would you like some help?

c. Would you like some coffee?

d. Would you like a piece of cake?

e. Would you like a sandwich?

f. Would you like some juice?

g. Would you like some ice cream?

h. Would you like an orange?

i. Would you like something to eat?

2.

Crie sentenças baseadas na sua experiência.

3.

a. Would you mind if I borrowed this book?

b. Would you mind if I opened the door?

c. Would you mind if I got some more?
d. Would you mind if I left now?
e. Would you mind if I used your pen?

4.
a. I'll carry it for you.
b. I'll eat it.
c. I'll do it now.
d. I'll show you.
e. I'll stay here.

MUST – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.
a. I have to study English.
b. You have talk to your dad.
c. You have to help us.
d. She has to go home.
e. He has to do that now.
f. We have to learn this.
g. He has to work hard on this.
h. I have to call her later.
i. She has to meet me later.

2.
a. (**x**) obrigação
b. (**x**) obrigação
c. (**x**) dedução
d. (**x**) obrigação
e. (**x**) obrigação
f. (**x**) obrigação
g. (**x**) dedução
h. (**x**) dedução
i. (**x**) dedução
j. (**x**) obrigação

FUTURO EM INGLÊS – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.

a. I'll

b. I'm going to

c. I'm going to

d. I'll

e. I'm going to

f. I'll

g. I'm going to

h. I'm going to

i. I'll

j. I'll

2.

a. What are you going to do tonight? | What are you doing tonight?

b. Where are you going to go on vacation this year? | Where are you going on vacation this year?

c. What you going to to do tonight? | What are you doing tonight?

d. What time are your parents going to arrive? | What time are your parents arriving?

e. When are you going to go to the dentist's? | When are you going to the dentist's?

3.

a. Renata is seeing a doctor on Monday Morning.

b. Andréa is meeting a friend of hers on Friday evening.

c. Pedro is going out with his wife next Saturday.

d. Danuta is having lunch with Bruno at twelve tomorrow.

e. Júlio is having a meeting with his new partners tomorrow morning.

4.

Dê respostas de acordo com a sua experiência.

Preposições – Colocando em Prática

1.

a. in

b. at

c. at

d. in

e. at

f. in
g. at
h. in

2.
a. (**x**) to
b. (**x**) on
c. (**x**) at
d. (**x**) to
e. (**x**) of
f. (**x**) at
g. (**x**) at

3.
a.
How many hours do you spend **in** bed? Six or seven hours a night maybe? And how many hours do you spend **in** front **of** the TV every week? Nine or ten? That's not a lot, is it? Well, think again. Add together all the hours you spend **on** these activities **in** a lifetime, and the total numbers are surprising. **In** an average lifetime, an American works over 90,000 hours, walks an amazing 22,000 kilometer, and spends three and a half years eating.

b.

spend **in** bed	**in** front **of** the TV
in a lifetime	spend **on** these activities

c.

1. passa na cama	(4) in a lifetime
2. na frente da TV	(5) spend on these activities
3. trabalha mais de 90,000	(2) in front of the TV
4. em uma vida	(1) spend in bed
5. gasta com essas atividades	(3) works over 90,000

d.
1. Today is the perfect day to **spend in bed**.
2. Tonight I'll stay home, sit **in front of the TV**, and enjoy a great movie.
3. I **work over** 200 **hours** a month and still get less than the average.
4. They don't usually have much time to **spend on** leisure **activities**.

5. I don’t think it will happen **in** my **lifetime**.

To e For – Colocando em Prática

1.

a. late for

b. easy for

c. is engaged to

d. is not normal for

e. being rude to

f. is impossible to

g. is similar to

h. common to

i. got married to

j. next to

k. be thankful for

l. be polite to

2.

a. to

b. for

c. to

d. For

e. to

f. for

g. to

h. to

i. for

j. to

In, On, At [lugares]> – Colocando em Prática

1.

a. on

b. in

c. at

d. in

e. at
f. on
g. at
h. on … in
i. in
j. at
k. on
l. in
m. in
n. at
o. on
p. in
q. at
r. on
s. at

2.
a. at
b. on
c. on | on
d. at
e. on
f. at

3.
a. at the doctor’s
b. at the traffic
c. at night.
d. at the next traffic lights
e. at home
f. at 834, South Carolina Street
g. in this picture? Who’s
h. at the window
i. on the door
j. at the bus station

k. at work

4.

a. at the concert

b. on the sofa

c. on the table

d. in the sky

e. on the grass

f. on your nose

g. on the envelope

h. at Carla's

i. at the traffic light

j. on the shelf

IN, ON, AT [TEMPO]> – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.

a. at

b. in

c. on

d. in

e. at

f. at

g. at

h. on

i. on

j. in

2.

a. My father was born in September 7th, 1959.	on
b. At the age of 28, I moved to the USA.	.....
c. We usually go and see the parade at Independence Day.	on
d. I got lots of books on my birthday.	.....
e. This happened in a cold morning last June.	on
f. Life was really hard on the Middle Ages.	In
g. At the moment, they're trying to buy a new car..	.....
h. They'll be here in about 30 minutes.	.....

i. I’ll see about that in lunchtime, ok? at

j. Were having a meeting on Tuesday afternoon. .....

k. Hell be here in 5:30. at

l. I remember she was very sick on March. In

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aitken R. (1992). *Teaching Tenses: ideas for presenting and practicing tenses in English.* Longman.

Alexander L. G. (1994). *Right Word Wrong Word: words and structures confused and misused by learners of English.* Longman.

Allen V F. (1983). *Techniques in Teaching Vocabulary.* Oxford University Press.

Biber D. *et al*. (1999) *Longman Grammar of Spoken and Written English.* Longman.

Carter R. &McCarthy M. (2006). *Cambridge Grammar of English: a comprehensive guide -spoken and written grammar and usage.* Cambridge University Press.

Harmer J. (2007). *The Practice of English Language Teaching.* 4ª ed. Longman.

Hewings M. (2005). *Advanced Grammar in Use, 2ª ed.* Cambridge University Press.

Keller E. &Warner T. S. (1988). *Conversation Gambits: Real English Conversation Practices.* Language Teaching Publications.

Lewis M. (1993). *The Lexical Approach: The State of ELT and a Way Forward.* Language Teaching Publications.

_____(1997). *Implementing the Lexical Approach.: Putting Theory into Practice.* Language Teaching Publications.

_____(org.) (2000). *Teaching Collocations: Further Developments in the Lexical Approach.* Language Teaching Publications.

Lima D. (2003). *Inglês na Ponta da Lingua: Método Inovador para Melhorar seu Vocabulário.* Elsevier/Campus.

_____(2008) *Por que assim e não assado? O Guia Definitivo de Collocations em Inglês.* Elsevier/Campus.

McCarthy M., Keeffe A. &Carter R. (2007). *From Corpus to Classroom: Language Use and Language Teaching.* Cambridge University Press.

Murphy R. (2003). *Essential Grammar in Use: gramática básica da lingua inglesa.* Cambridge University Press.

_____(2004). *English Grammar in Use,* 3ª ed. Cambridge University Press.

Larsen-Freeman D. (2003). *Teaching Language: from Grammar to Grammaring.* Thomson-Heinle.

Lindstromberg S. &Boers F. (2008). *Teaching Chunks of Language: From Noticing to Remembering*. Helbling Languages.

McCarthy M. (1990). *Vocabulary.* Oxford University Press.

Morgan R. &Rinvolucri M. (2007). *Vocabulary.* Oxford University Press.

Nattinger J. &DeCarrico J. (1992). *Lexical Phrases and Language Teaching.* Oxford University Press.

Nation I. S. P. (2008). *Teaching Vocabulary: Strategies and Techniques.* Heinle Cengage Learning.

Summers D. (org.) (2003). *Longman Dictionary of Contemporary English.* Longman. _____(1993). *Longman Language Activator,* 2ª ed. Longman.

Richards J. &Rodgers Theodore (2001) *Approaches and Methods in Language Teaching.* Cambridge University Press.

Scharle A &Szabo A (2000). *Learner Autonomy: a guide to developing learner responsibility.* Cambridge University Press.

Schmitt N. &McCarthy M. (orgs.) (1997). *Vocabulary: Description, Acquisition and Pedagogy.* Cambridge.

Swan M. (2005). *Practical English Usage.* Oxford University Press.

Thornbury S. (1999). *How to Teach Grammar.* Longman.

_____(2001). *Uncovering Grammar.* MacMillan Heinemann.

_____(2002). *How to Teach Vocabulary.* Longman.

_____(2005). *Beyond the Sentence: Introducing Discourse Analysis.* Macmillan Heinemann.

_____(2005). *How to Teach Speaking.* Longman.

Travaglia L. C. (2003). *Gramâtica: ensinoplural.* Cortez.

Walter E. (ed.) (2008). *Cambridge Advanced Learner's Dictionary,* 3ª ed. Cambridge University Press.

Wehmeier S. (ed.) (2005). *Oxford Advanced Learner's Dictionary of Current English,* 7ª ed. Oxford University Press.

Gramática da Língua Portuguesa

Pasquale Cipro Neto & Ulisses Infante

APRESENTAÇÃO:
A Gramática é instrumento fundamental para o domínio do padrão culto da língua. A Gramática, e não as gramatiquices. A Gramática que mostra o lado lógico, inteligente, racional dos processos lingüísticos.
A Gramática que esmiúça a estrutura da frase, do texto.A Gramática que mostra o porquê.
Para o estudo dos variados tópicos gramaticais, este livro toma como referência a chamada língua viva -textos de jornais e revistas, mensagens publicitárias, letras de músicas e obras literárias contemporâneas, sem deixar de lado os clássicos. Boa parte dos textos foi selecionada durante anos de convivência direta com a língua dos meios de comunicação.
O aluno pode sempre praticar o que aprendeu, com exercícios estruturais, com análise e interpretação de textos e com questões dos mais variados e importantes vestibulares de muitas regiões do pais. Queremos que este livro ajude o aluno a desenvolver o senso crítico necessário para compreender os processos lingüísticos e, com eles - por que não? -,compreender a realidade.

- nota da ledora - informações úteis: As notas de ledora visam transformar informações visual, através da interpretação da ledora, em complementação de informação para o leitor; as mesmas serão sempre precedidas de - nota da ledora, e fim da nota; a ledora pede, especial, atenção para a existência de palavras grafadas erradas, na parte de exercícios, embora a fonética seja parecida com a grafia correta, as vezes a diferença entre o certo e o errado, é de apenas uma letra.
- fim da nota.

GRAMÁTICA é uma palavra de origem grega formada a partir de grámma, que quer dizer letra. Originalmente, Gramática era o nome das técnicas de escrita e leitura. Posteriormente, passou a designar o conjunto das regras que garantem o uso modelar da língua a chamada Gramática normativa, que estabelece padrões de certo e errado para as formas do idioma. Gramática também é, atualmente, a descrição científica do funcionamento de uma língua. Nesse caso, é chamada de Gramática descritiva.
A Gramática normativa estabelece a norma culta, ou seja, o padrão lingüístico que socialmente é considerado modelar e é adotado para ensino nas escolas e para a redação dos documentos oficiais.Há línguas que não têm forma escrita, como algumas línguas indígenas brasileiras. Nesses casos, o conhecimento lingüístico é transmitido oralmente. As línguas que têm forma escrita, como é o caso do português, necessitam da Gramática normativa para que se garanta a existência de um padrão lingüístico uniforme no qual se registre a produção cultural. Conhecer a norma culta é, portanto, uma forma de ter acesso a essa produção cultural e à linguagem oficial.

Capítulo 1 Pág. 11
1 A Gramática.
Divisão da gramática.
Morfossintaxe.
PARTE 1 - FONOLOGIA
Capítulo 2 Pág. 12
Fonologia.
1. Conceitos básicos.
2. Atividade.
2. Os fonemas da língua portuguesa.
3.Classificação dos fonemas portugueses.
Vogais.
Semivogais.
Consoantes.
Atividades.
4. Sílabas.
5. Encontros vocálicos.
6. Encontros consonantais.
7. Dígrafos.
8. Divisão silábica.
Atividades.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.
Capítulo 3 Pág. 18
Ortografia.
1. Conceitos básicos.
2. O alfabeto português.
3. Orientações ortográficas.
Noções preliminares.
Alguns fonemas e algumas letras.
O fonema /s/ (letra x ou dígrafo ch).
O fonema /g/ (letras g e j).
Atividades.
O fonema /z/ (letras s e z).
O fonema /s/ (letras s, c, ç e x ou dígrafos sc, sç, ss, xc e xs).
Ainda a letra x.
As letras e e i.

As letras o e u.
A letra h.
Atividades.
Texto para análise.
Questões e testes de vestibulares.
Capítulo 4 Pág. 23
Acentuação
1. Conceitos básicos.
2. Acentuação tônica.
Atividades.
3. Acentuação gráfica.
Os acentos.
Aspectos genéricos das regras de acentuação.
As regras básicas.
Atividades.
As regras especiais.
Hiatos.
Ditongos.
Formas verbais seguidas de pronomes oblíquos.
Acentos diferenciais.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.
PARTE 2 - MORFOLOGIA
Capítulo 5 Pág. 29
Estrutura e formação das palavras
1. Conceitos básicos.
Atividade.
2. Classificação dos morfemas.
Atividade.
3. Estudo dos morfemas ligados às flexões das palavras.
Vogais temáticas.
Desinências.
Atividade.
4. Processos de formação das palavras.
Derivação.
Derivação prefixal ou prefixação.
Derivação sufixal ou sufixação.
Derivação parassintética ou parassíntese.
Derivação regressiva.
Derivação imprópria.
Prefixos.
Atividades.
Sufixos.
Atividades.
Textos para análise.
Composição.
Tipos de composição.
Atividade.
Radicais e compostos eruditos.
Atividades.
Outros processos de formação de palavras.
Abreviação vocabular.

Siglonimização.
Palavra-valise.
Onomatopéia.
Outros processos de enriquecimento do léxico.
Neologismo semântico.
Empréstimos lingüísticos.
Atividade.
Textos para análise
Questões e testes de vestibulares.
Capítulo 6 Pág. 56
Estudo dos verbos (I)
1. Introdução.
2. Conceito.
3. Estrutura das formas verbais.
4. Flexões verbais.
Flexão de número e pessoa.
Flexão de tempo e modo.
Flexão de voz.
Atividades.
5. Conjugações.
Paradigmas dos verbos regulares.
Atividades
6. Formação dos tempos simples.
Tempos derivados do presente do indicativo.
Atividades.
Tempos derivados do pretérito perfeito do indicativo.
Atividades.
Tempos e formas nominais derivados do infinitivo impessoal.
Atividades.
7. Alguns verbos regulares que merecem destaque.
Atividades.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.
Capítulo 7 Pág. 68
Estudo dos verbos (II)
1. Introdução.
2. Verbos irregulares.
Verbos irregulares apenas na conjugação do presente do indicativo e tempos derivados.
Atividades.
Verbos irregulares no presente e no pretérito perfeito do indicativo e respectivos tempos derivados.
Atividades.
3. Verbos defectivos.
Primeiro grupo.
Segundo grupo.
4. Verbos abundantes.
Atividades.
5. As particularidades da conjugação dos verbos e os dicionários.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.
Capítulo 8 Pág. 85
Estudo dos verbos (III)

1. Os modos verbais.
Atividade.
2. Os tempos verbais.
Os tempos do indicativo.
Presente.
Pretérito imperfeito.
Pretérito perfeito.
Pretérito mais-que-perfeito.
Futuro do presente.
Futuro do pretérito.
Atividades.
Os tempos do subjuntivo.
Presente.
Pretérito imperfeito.
Pretérito perfeito.
Pretérito mais-que-perfeito.
Futuro.
Atividades.
3. Valor e emprego das formas nominais.
O infinitivo.
O particípio.
O gerúndio.
4. As locuções verbais.
5. O aspecto verbal.
Atividades.
Texto para análise.
Questões e testes de vestibulares.
Capítulo 9 Pág. 93
Estudo dos substantivos
1. Conceito.
2. Classificação.
Substantivos simples e compostos.
Substantivos primitivos e derivados.
Substantivos concretos e abstratos.
Substantivos comuns e próprios.
Substantivos coletivos.
Atividades.
3. Flexões.
Flexão de gênero.
Formação do feminino.
Substantivos biformes.
Substantivos comuns-de-dois ou comuns de dois gêneros.
Substantivos sobrecomuns e epicenos.
Substantivos de gênero vacilante.
Gênero e mudança de significado.
Atividades.
Flexão de número.
Formação do plural.
Substantivos simples.
Substantivos compostos.
Atividades.
Flexão de grau.

Formação do grau.
Atividades.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.
Capítulo 10 Pág. 105
Estudo dos artigos
1. Conceito.
2. Classificação.
3. Combinações dos artigos.
Atividades.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.
Capítulo 11 Pág. 107
Estudo dos adjetivos
1. Conceito.
2. Classificação.
Adjetivos pátrios.
Atividades.
3. Correspondência entre adjetivos e locuções adjetivas.
Atividades.
4.Flexões.
Flexão de gênero.
Adjetivos biformes.
Adjetivos uniformes.
Flexão de número.
Flexão de grau.
Comparativo.
Superlativo.
Atividades.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.
Capítulo 12 Pág. 120
Estudo dos advérbios
1. Introdução.
2. Conceito.
3. Classificação.
4. Flexão.
Grau comparativo.
Grau superlativo.
Atividades.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.
Capítulo 13 Pág. 123
Estudo dos pronomes
1. Conceito.
2. Pronomes pessoais.
Pronomes pessoais do caso reto.
Pronomes pessoais do caso oblíquo.
A segunda pessoa indireta.
Atividades.
3. Pronomes possessivos.
4. Pronomes demonstrativos.

Atividades.
5. Pronomes relativos.
Atividades.
6. Pronomes indefinidos.
7. Pronomes interrogativos.
Atividades.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares
Capítulo 14 Pág. 132
Estudo dos numerais
1. Conceito.
2. Quadros de numerais.
3. Flexões.
4. Emprego.
Atividades.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.
Capítulo 15 Pág. 135
Estudo das preposições
1. Conceito.
2. Classificação.
3. Combinações e contrações.
Atividades.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.
Capítulo 16 Pág. 137
Estudo das conjunções
1. Conceito.
2. Classificação.
Atividades.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.
Capítulo 17 Pág. 138
Estudo das interjeições
1. Conceito.
Atividades.
Textos para análise.
PARTE 3 - SINTAXE
Capítulo 18 Pág. 139
Introdução à Sintaxe
1. Frase, oração, período.
2. Tipos de frases.
Atividades.
3. As frases e a pontuação.
Atividades.
Capítulo 19 Pág. 142
Termos essenciais da oração
1. Conceitos.
Atividades.
2. Tipos de sujeito.
Sujeito determinado.
Sujeito indeterminado.

Orações sem sujeito.
Atividades.
3. Tipos de predicado.
Predicado verbal.
Predicado nominal.
Predicado verbo-nominal.
Atividades.
4. Os termos essenciais e a pontuação.
Atividades.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.
Capítulo 20 Pág. 149
Termos integrantes da oração
1. Os complementos verbais.
Atividades.
2. O complemento nominal.
Atividades.
3. O agente da passiva.
As vozes verbais.
Atividades.
4. Os termos integrantes e a pontuação.
Atividades.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.
Capítulo 21 Pág. 156
Termos acessórios da oração e vocativo
1. Adjunto adverbial.
Atividades.
2. Adjunto adnominal.
Atividades.
3. Aposto.
4. O vocativo.
Atividade.
5. Os termos acessórios, o vocativo e a pontuação.
Atividade.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.
Capítulo 22 Pág. 160
Orações subordinadas substantivas
1. Conceitos básicos.
Atividades.
2. Tipos de orações subordinadas.
Atividade.
3. Estudo das orações subordinadas substantivas.
Subjetivas.
Objetivas diretas.
Objetivas indiretas.
Completivas nominais.
Predicativas.
Apositivas.
Atividades.
4. Pontuação das subordinadas substantivas.

Atividade.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.
Capítulo 23 Pág. 166
Orações subordinadas adjetivas
1. Estrutura das orações subordinadas adjetivas.
Atividade.
2. Aspectos semânticos: orações restritivas e explicativas.
Atividade.
3. Pronomes relativos: usos e funções.
Que.
Quem.
O qual, os quais, a qual, as quais.
Cujo, cuja, cujos, cujas.
Onde.
Quanto, como, quando.
Atividades.
4. As orações subordinadas adjetivas e a pontuação.
Atividades.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.
Capítulo 24 Pág. 171
Orações subordinadas adverbiais
1. Introdução.
Atividade.
2. Aspectos semânticos: as circunstâncias.
Causa.
Conseqüência.
Condição.
Concessão.
Atividades.
Comparação.
Conformidade.
Finalidade.
Proporção.
Tempo.
Atividades.
3. As orações subordinadas adverbiais e a pontuação.
Atividade.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.
Capítulo 25 Pág. 175
Orações coordenadas
1. Introdução.
2. Orações sindéticas e assindéticas.
3. Classificação das orações coordenadas sindéticas.
Aditivas.
Adversativas.
Alternativas.
Conclusivas.
Explicativas.
Atividades.

4. As orações coordenadas e a pontuação.
Atividade.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.
Capítulo 26 Pág. 180
Concordância verbal e nominal
1. Concordância verbal.
Regras básicas: sujeito composto.
Atividades.
Casos de sujeito simples que merecem destaque.
Atividades.
Casos de sujeito composto que merecem destaque.
Atividade.
O verbo e a palavra se.
Concordância com verbos de particular interesse.
Haver e fazer.
Ser.
Atividades.
Flexão do infinitivo.
Atividade.
2. Concordância nominal.
Regras básicas.
Atividades.
Expressões e palavras que merecem estudo particular.
Atividades.
3. Concordância ideológica.
Atividade.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.
Capítulo 27 Pág. 189
Regência verbal e nominal
1. Introdução.
2. Regência verbal.
Verbos intransitivos.
Verbos transitivos diretos.
Verbos transitivos indiretos.
Atividades.
Verbos indiferentemente transitivos diretos ou indiretos.
Verbos transitivos diretos e indiretos.
Atividades.
Verbos cuja mudança de transitividade implica mudança de significado.
Atividades.
Regência nominal.
Atividades.
4. Complemento: o uso do acento indicador de crase.
Atividades.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.
PARTE 4 - APÊNDICE
Capítulo 28 Pág. 202
Problemas gerais da língua culta
1. Introdução.

2. Forma e grafia de algumas palavras e expressões.
Que / quê.
Por que / por quê / porque / porquê.
Onde / aonde.
Mas / mais.
Mal / mau.
A par / ao par.
Ao encontro de/de encontro a.
A / há na expressão de tempo.
Acerca de / há cerca de.
Afim / a fim.
Demais / de mais.
Senão / se não.
Na medida em que / à medida que.
Atividades.
3. O uso do hífen.
Palavras compostas.
Prefixos e elementos de composição.
Atividades.
4. Colocação dos pronomes pessoais oblíquos átonos.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.
Capitulo 29 Pág. 210
Significação das palavras
Relações de significado entre as palavras.
Atividades.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.
Capitulo 30 Pág. 211
Noções elementares de Estilística
1. Recursos fonológicos.
2. Recursos morfológicos.
3. Recursos sintáticos.
4.Recursos semânticos.

CAPÍTULO 1

DIVISÃO DA GRAMÁTICA

Divide-se a Gramática em:

a) Fonologia - estuda os fonemas ou sons da língua e a forma como esses fonemas dão origem às sílabas. Fazem parte da Fonologia a ortoepia ou ortoépia (estudo da articulação e pronúncia dos vocábulos), a prosódia (estudo da acentuação tônica dos vocábulos) e a ortografia (estudo da forma escrita das palavras).

b) Morfologia estuda as palavras e os elementos que as constituem. A Morfologia analisa a estrutura, a formação e os mecanismos de flexão das palavras, além de dividilas em classes gramaticais.

c) Sintaxe - estuda as formas de relacionamento entre palavras ou entre orações. Dividese em sintaxe das funções, que estuda a estrutura da oração e do período, e sintaxe das relações, a qual inclui a regência, a colocação e a concordância.

MORFOSSINTAXE

A classificação morfológica de uma palavra só pode ser feita eficientemente se observar sua função nas orações. Esse fato demonstra a profunda interligação existente entre a morfologia e a sintaxe. É por isso que se tem preferido falar atualmente em

morfossintaxe, ou seja, a apreciação conjunta da classificação morfológica e da função sintática das palavras. O enfoque morfossintático da língua portuguesa será prioritário neste livro, uma vez que facilita a compreensão de muitos mecanismos da língua.

PARTE 1 - FONOLOGIA

CAPÍTULO 2 - FONOLOGIA

Neste capítulo, estudaremos basicamente os fonemas, que são as menores unidades lingüísticas capazes de estabelecer diferenças de significado.

Com apenas uma troca de fonema, cria-se uma palavra totalmente distinta, como no anúncio acima: bichas torna-se bichos. (Em tempo: em Portugal, bichas significa "filas"; o parque convida os habitantes da cidade a trocar as irritações da vida urbana pelo sossego da vida em meio à natureza.)

1. CONCEITOS BÁSICOS

Fonologia é uma palavra formada por elementos gregos: fono ("som", "voz") e logia ("estudo", "conhecimento"). Significa literalmente "estudo dos sons". Os sons que essa parte da Gramática estuda são os fonemas (fono + -ema, "unidade distintiva"). Para compreender claramente o que é um fonema, compare as palavras abaixo:

solitário solidário

Lendo em voz alta as duas palavras, você percebeu que cada uma das letras destacadas (t e d) representa um som diferente. Como as palavras têm significados diferentes e a única diferença sonora que apresentam é a provocada por esses dois sons, somos levados a concluir que o contraste entre esses dois sons é que produz a diferença de significado entre as duas palavras. Cada letra representa, no caso, um fonema, ou seja, uma unidade sonora capaz de estabelecer diferenças de significado.

Em outras palavras, os fonemas são os sons característicos de uma determinada língua. Com um número relativamente pequeno desses sons, cada língua é capaz de produzir milhares de palavras e infinitas frases.

Observe que falamos em sons representados pelas letras. Isso porque não se devem confundir fonemas e letras: os fonemas são sons; as letras são sinais gráficos que procuram representar esses sons. Essa representação, no entanto, nem sempre é perfeita:

a) há casos em que a mesma letra representa fonemas diferentes (como a letra g, em galeria e ginástica);

b) há fonemas representados por letras diferentes (como o fonema que as letras g e j representam em ginástica e jiló);

c) há fonemas representados por mais de uma letra (como em barra ou assar);

d) há casos em que uma letra representa dois fonemas (como o x de anexo, que soa "ks");

e) há casos em que a letra não corresponde a nenhum fonema (o h de hélice, por exemplo).

Para evitar dúvidas, acostume-se a ler as palavras em voz alta quando estiver estudando Fonologia. Afinal, o que interessa nesse caso é o aspecto sonoro dessas palavras. Não devem ser confundidas com os fonemas, que são sons.

- nota da ledora: quadro em destaque, na página:

Fonologia - parte da Gramática que estuda os fonemas.

Fonemas - unidades sonoras capazes de estabelecer diferenças de significado.

Letras - sinais gráficos criados para a representação escrita das línguas.

2. OS FONEMAS DA LÍNGUA PORTUGUESA

Como não há necessariamente correspondência entre as letras e os fonemas, foi criado um sistema de símbolos em que a cada fonema corresponde apenas um símbolo. Esse sistema é o alfabeto fonético, muito usado no ensino de línguas para indicar a forma de pronunciar as palavras.

- nota da ledora: fotografia do Coliseum, em Roma, com legenda em italiano (com tipos

minúsculos., e pequena legenda do postal em português)
- fim da nota da ledora.
Como vemos neste dicionário de italiano, os símbolos fonéticos são usados para indicar a pronúncia das palavras. Em homenagem a este verbete, mostramos ao lado o Coliseu, uma das principais atrações turísticas de Roma, capital da Itália.
A língua portuguesa do Brasil apresenta um conjunto de 33 fonemas, que podem ser identificados no quadro abaixo. A cada um deles corresponde um único símbolo escrito do alfabeto fonético. Por convenção, esses símbolos são colocados entre barras oblíquas.
FONEMAS DA LÍNGUA PORTUGUESA DO BRASIL E SUA TRANSCRIÇÃO FONOLÓGICA,
consoantes:
Símbolo Exemplo Transcrição fonológica
/p/ paca /paka/
/b/ bula /bula/
/t/ tara /tara/
/d/ data /data/
/k/ cara, quero /kara/, /kero/
/g/ gola, guerra /gola/, /gera/
/f/ faca /faka/
/v/ vala /vala/
/s/ sola, assa, moça /sola/, /asa/, /mosa/
/z/ asa, zero /aza/, /zero/
/s/ mecha, xá, /mesa/, /sa/
- nota da ledora: símbolo representado por uma letra esse alongada,
/z/ jaca, gela /jaka/, /gela/
- nota da ledora: símbolo representado por uma letra zê, de zebra, alongada, lembrando um caractere grego.
/m/ mola /mola/
/n/ nata /nata/
/n/ ninho /nino/
- nota da ledora: letra ene, com a perninha da esquerda mais alongada para baixo, caractere estranho)
/l/ lata /lata/
/Ã/ calha /kaÃa/
- nota da ledora: este símbolo apresenta-se bastante assemelhado a letra A maiúscula, com til, ou com um símbolo de Pi, grego, porém não é conhecido pela ledora.
/r/ Mara /mara/
/R/ rota, carroça /Rota/ , /kaRoja
semi- vogais:
cai, põe /kaj/, /pôj/
vogais
pau, pão /paw/, /pãw/
Símbolo Exemplo Transcrição fonológica
/a/ cá /ka/
/e/ mel /mel/
/e/ seda /seda/
/i/ rica /Rika/
/s/ sola /ssla/
/o/ soma /soma/
/u/ gula /gula/
/ã/ manta, maçã /manta/, /maçã/

/e - til / tenda /t -til - da/
/I - til / cinta /sínta/
/õ/ conta, põe /kõta", /pôj/
/u - til / fundo /fu~do/
- nota da ledora: a ledora acredita que os fonemas não serão bem traduzidos pelo sistema de sintetizador de voz, devido à grafia que é utilizada para descreve-los, melhor sistema seria o próprio leitor pronunciar as palavras e observar os sons produzidos pelas mesmas.
- fim da nota da ledora.
Observação: O uso dos símbolos para transcrição fonológica permite-nos perceber com clareza alguns problemas da relação entre fonemas e letras. Note, por exemplo, como o símbolo /k/ transcreve como um mesmo fonema o som representado pela letra c em cara e pelas letras qu em quero.
Os fonemas da língua portuguesa são classificados em vogais, semivogais e consoantes. Esses três tipos de fonemas são produzidos por uma corrente de ar que pode fazer vibrar ou não as cordas vocais. Quando ocorre vibração, o fonema é chamado sonoro; quando não, o fonema é surdo. Além disso, a corrente de ar pode ser liberada apenas pela boca ou parcialmente também pelo nariz. No primeiro caso, o fonema é oral; no segundo, é nasal.
VOGAIS
As vogais são fonemas sonoros produzidos por uma corrente de ar que passa livremente pela boca. Em nossa língua, desempenham o papel de núcleo das sílabas. Em termos práticos, isso significa que em toda sílaba há necessariamente uma única vogal.
As diferentes vogais resultam do diferente posicionamento dos músculos bucais (língua, lábios e véu palatino). Sua classificação é feita em função de diversos critérios:
a) quanto à zona de articulação, ou seja, de acordo com a região da boca em que se dá a maior elevação da língua; assim, podem ser anteriores, centrais e posteriores;
b) pela elevação da região mais alta da língua; podem ser altas, médias e baixas;
c) quanto ao timbre; podem ser abertas ou fechadas.
Além desses critérios, as vogais podem ser orais ou nasais. Todos os fonemas vocálicos são sonoros.
O quadro abaixo apresenta a classificação das vogais portuguesas de acordo com esses critérios.
Classificação das vogais
Anteriores Centrais Posteriores
- nota da ledora: representação esquemática de sons provocados pelos fonemas, já descritos na página anterior.
- fim da nota da ledora.
SEMIVOGAIS
Há duas semivogais em português, representadas pelos símbolos /j/ e /w/ e produzidas de forma semelhante às vogais altas /i/ e /u/. A diferença fundamental entre as vogais e as semivogais está no fato de que estas últimas não desempenham o papel de núcleo silábico. Em outras palavras: as semivogais necessariamente acompanham alguma vogal, com a qual formam sílaba.
As letras utilizadas para representar as semivogais em português são utilizadas também para representar vogais, o que cria muitas dúvidas. A única forma de diferenciá-las efetivamente é falar e ouvir as palavras em que surgem:
país-pais baú - mau
Em país e baú, as letras i e u representam respectivamente as vogais /i/ e /u/. Já em pais e mau, essas letras representam as sem vogais /j/ e /w/. Isso pode ser facilmente percebido se você observar como a articulação desses sons é diferente em cada caso; além disso, observe que país e baú têm ambas duas sílabas, enquanto pais e mau têm

ambas uma única sílaba.
Em algumas palavras, encontramos as letras “e” e “o” representando as semivogais:
mãe (/mãj/)
pão (/pãw/)
- nota da ledora: foto de uma camiseta com a seguinte legenda, estampada na mesma:
São Paulo comeu a bola. São Paulo campeão do mundo.
- fim da nota da ledora.
Na palavra São, vemos um caso em que a semivogal /w/ é representada pela letra o.
CONSOANTES
Para a produção das consoantes, a corrente de ar expirada pelos pulmões encontra obstáculos ao passar pela cavidade bucal. Isso faz com que as consoantes sejam verdadeiros "ruídos", incapazes de atuar como núcleos silábicos. Seu nome provém justamente desse fato, pois, em português, sempre soam com as vogais, que são os núcleos das sílabas.
A classificação das consoantes baseia-se em diversos critérios:
a) modo de articulação - indica o tipo de obstáculo encontrado pela corrente de ar ao passar pela boca. São oclusivas aquelas produzidas com obstáculo total; são constritivas as produzidas com obstáculo parcial. As constritivas se subdividem
em fricativas (o ar sofre fricção), laterais (o ar passa pelos lados da cavidade bucal) e vibrantes (a língua ou o véu palatino vibram);
b) ponto de articulação - indica o ponto da cavidade bucal em que se localiza o obstáculo à corrente de ar. As consoantes podem ser bilabiais (os lábios entram em contato), labiodentais (o lábio inferior toca os dentes incisivos superiores), linguodentais (a língua toca os dentes incisivos superiores), alveolares (a língua toca os alvéolos dos incisivos superiores), palatais (a língua toca o palato duro ou céu da boca) e velares (a língua toca o palato mole, ou véu palatino);
c) as consoantes podem ser surdas ou sonoras, de acordo com a vibração das cordas vocais, e ainda orais ou nasais, de acordo com a participação das cavidades bucal e nasal no seu processo de emissão.
O quadro abaixo reúne esses diversos critérios de classificação.
- nota da ledora: tabela de bilabiais, labiodentais, linguodentais, alveolares, palatares, velares, conforme o descrito acima.
- fim da nota da ledora.
Classificação das consoantes portuguesas
Observação:
Em alguns casos, as consoantes distinguem-se uma da outra apenas pela vibração das cordas vocais. É o que ocorre, por exemplo, com /p/ e /b/ (compare pomba e bomba) ou /t/, e /d/ (compare testa e desta). Nesses casos, as consoantes
são chamadas homorgânicas.
4. SILABAS
As sílabas são conjuntos de um ou mais fonemas pronunciados numa única emissão de voz. Em nossa língua, o núcleo da sílaba é sempre uma vogal: não existe sílaba sem vogal e nunca há mais do que uma única vogal em cada sílaba.
Cuidado com as letras i e u (mais raramente com as letras “e” e “o”), pois, como já vimos, elas podem representar também semivogais, que não são nunca núcleos de sílaba em português.
Revista Propaganda Leia e assine O8O-154555
Pro-pa-gan-da é exemplo de palavra polissílaba.
As sílabas, agrupadas, formam vocábulos. De acordo com o número de sílabas que os formam, os vocábulos podem ser:
a) monossílabos - formados por uma única sílaba: é, há, ás, cá, mar, flor, quem, quão;
b) dissílabos - apresentam duas sílabas: a-i, a-li, de-ver, cle-ro, i-ra, sol-da, trans-por;

c) trissílabos - apresentam três sílabas: ca-ma-da, O-da-ir, pers-pi-caz, tungs-tê-nio, felds-pa-to;
d) polissílabos - apresentam mais do que três sílabas: bra-si-lei-ro, psi-co-lo-gi-a, a-risto-craci-a, o-tor-ri-no-la-rin-go-lo-gis-ta.

5. ENCONTROS VOCÁLICOS

Os encontros vocálicos são agrupamentos de vogais e semivogais, sem consoantes intermediárias. E importante reconhecê-los para fazermos a correta divisão silábica dos vocábulos. Há três tipos de encontros:
a) hiato - é o encontro de duas vogais num vocábulo, como em saída (sa-í-da). Os hiatos são sempre separados quando da divisão silábica: mô-o, ru-im, pa-ís;
b) ditongo - é o encontro de uma vogal com uma semivogal ou de uma semivogal com uma vogal; em ambos os casos, vogal e semivogal pertencem obviamente a uma mesma sílaba. O encontro vogal + semivogal é chamado de ditongo decrescente (como em moita, cai, mói). O encontro semivogal + vogal forma o ditongo crescente (como em qual, pá-tria, sério). Os ditongos podem ser classificados ainda em orais (todos os apresentados até agora) e nasais (como mãe ou pão);
C) tritongo - é a seqüência formada por uma semivogal, uma vogal e uma semivogal, sempre nessa ordem. O tritongo pertence a uma única sílaba: Pa-ra-guai, quão. Os tritongos podem ser orais (Paraguai) ou nasais (quão).

Observações

1. A terminação -em (/êj/) em palavras como ninguém, alguém, também, porém e a terminação -am (/áw/) em palavras como cantaram, amaram, falaram representam ditongos nasais decrescentes.
2. É tradicional considerar hiato o encontro entre uma semivogal e uma vogal ou entre uma vogal e uma semivogal que pertencem a sílabas diferentes. Isso ocorre quando há contato entre uma vogal e um ditongo, como em i-déi-a, io-iô.
3. Há alguns encontros vocálicos átonos e finais que são chamados de instáveis porque podem ser pronunciados como ditongos ou como hiatos: -ia (pátria), -ie (espécie), -io (pátio), -ua (árdua), -ue (tênue), -uo (vácuo). A tendência predominante é pronunciá-los como ditongos.

6. ENCONTROS CONSONANTAIS

O agrupamento de duas ou mais consoantes, sem vogal intermediária, recebe o nome de encontros consonantais:
a) consoante + “l” ou “r” - são encontros que pertencem a uma mesma sílaba, como nos vocábulos pra-to, pla-ca, bro-che, blu-sa, trei-no, a-tle-ta, cri-se, cla-ve, fran-co, flan-co;
b) duas consoantes pertencentes a sílabas diferentes - é o que ocorre em ab-di-car, subso-lo, ad-vo-ga-do, ad-mi-ti r, al-ge-ma, cor-te.
Há grupos consonantais que surgem no início dos vocábulos; são, por isso, inseparáveis: pneu-mo-ni-a, psi-co-se, gno-mo.

7. DÍGRAFOS

A palavra dígrafo é formada por elementos gregos: di, "dois", e grafo, "escrever". O dígrafo ocorre quando duas letras são usadas para representar um único fonema. Também se pode usar a palavra digrama (di, "dois"; gramma, "letra") para designar essas ocorrências.

Observação

Gu e qu nem sempre representam dígrafos. Isso ocorre apenas quando, seguidos de e OU i, representam os fonemas /g/ e /k/: guerra, quilo. Nesses casos, a letra u não corresponde a nenhum fonema. Em algumas palavras, no entanto, o u representa uma semivogal ou uma vogal: agüentar, lingüiça, freqüente, tranqüilo; averigúe, argúi - o que significa que gu e qu não são dígrafos. Também não há dígrafo quando são seguidos de a ou u: quando, aquoso, averiguo.
Podemos dividir os dígrafos da língua portuguesa em dois grupos: os consonantais e os

vocálicos.
a) dígrafos consonantais
ch - representa o fonema /f/: chuva, China;
lh - representa o fonema N: alho, milho;
nh - representa o fonema /D/: sonho, venho;
rr - representa o fonema /R/, sendo usado unicamente entre vogais: barro, birra, burro;
ss - representa o fonema /s/, sendo usado unicamente entre vogais: assunto, assento, isso;
sc - representa o fonema /s/: ascensão, descendente;
sç - representa o fonema /s/: nasço, cresça;
xc - representa o fonema /s/: exceção, excesso;
xs - representa o fonema /s/: exsuar, exsudar;
gu - representa o fonema /g/: guelra, águia;
qu - representa o fonema /k/: questão, aquilo.
b) dígrafos vocálicos
am e an - representam o fonema /ã/: campo, sangue;
em e en - representam o fonema /ê/: sempre, tento;
im e in - representam o fonema /i - til /: limpo, tingir;
om e on - representam o fonema /õ/: rombo, tonto;
um e un - representam o fonema /ú/: nenhum, sunga.
8. DIVISÃO SILÁBICA
A divisão silábica gramatical obedece a algumas regras básicas, que apresentaremos a seguir. Se você observar atentamente essas regras, vai perceber que os conceitos que estudamos até agora servem para justificá-las:
a) ditongos e tritongos pertencem a uma única sílaba: au-tô-no-mo, ou-to-no, di-nhei-ro; U-ru-guai, i-guais;
b) os hiatos são separados em duas sílabas: du-e-to, a-mên-do-a, ca-a-tin-ga;
c) os dígrafos ch, lh, nh, gu e qu pertencem a uma única sílaba: chu-va, mo-lha, es-tanho, guel-ra, a-que-la;
d) as letras que formam os dígrafos rr, ss, sc, sç, xs e xc devem ser separadas: bar-ro, assun-to, des-cer, nas-ço, es-xu-dar, ex-ce-to;
e) os encontros consonantais que ocorrem em sílabas internas devem ser separados, excetuando-se aqueles em que a segunda consoante é l ou r: con-vic-ção, as-tu-to, ap-to, cír-cu-lo, ad-mi-tir, ob-tu-rar, etc.; mas a-pli-ca-ção, a-pre-sen-tar, a-brir, re-tra-to, deca-tio. Lembre-se de que os grupos consonantais que iniciam palavras não são separáveis: gnós-ti-co, pneu-má-ti-co, mne-mô-ni-co.
O conhecimento das regras de divisão silábica é útil para a tranlineação das palavras, ou seja, para separá-las no final das linhas. Quando houver necessidade da divisão, ela deve ser feita de acordo com as regras acima. Por motivos estéticos e de clareza, devem-se evitar vogais isoladas no final ou no início de linhas, como a-/sa ou jundia/-í. Também se aconselha a repetição do hífen quando a divisão coincidir com a de um hífen preexistente (pré-datado e disse-me, por exemplo, translineados pré-/-datado e disse-/-me).
Ortoepia ou Ortoépia
Formado por elementos gregos (orto, "correto"; epos, "palavra"), ortoepia ou ortoépia é o nome que designa a parte da Fonologia que cuida da correta produção oral das palavras. Colocamos abaixo uma relação que você deve ler cuidadosamente em voz alta: lembre-se de que estamos falando da forma de pronunciar essas palavras de acordo com o padrão culto da língua portuguesa, importante para você comunicar-se apropriadamente em vários momentos de sua vida.
advogado aforismo aterrissagem adivinhar babadouro bebedouro bandeija barganha

beneficência, beneficente cabeçalho cabeleireiro caranguelo cataclismo digladiar disenteria empecilho engajamento estourar (estouro, estouras, etc.)
estupro/estuprar fratricídio frustração, frustrar lagarto, lagartixa manteigueira mendigar, mendigo meritíssimo meteorologia mortadela prazeroso, prazerosamente privilégio propriedade, próprio prostração, prostrar reivindicar roubar (roubo, roubas, etc.) salsicha tireóide umbigo

CAPÍTULO 3 - ORTOGRAFIA

Não é admissível que com um alfabeto tão restrito (apenas 23 letras!) se cometam tantos erros ortográficos pelo Brasil afora. Estude com cuidado este capítulo para integrar o grupo de cidadãos que sabem grafar corretamente as palavras da língua portuguesa.

1. CONCEITOS BÁSICOS

A palavra ortografia (formada pelos elementos gregos orto, "correto", e grafia, "escrita") dá nome à parte da Gramática que se preocupa com a correta representação escrita das palavras. É a ortografia, portanto, que fixa padrões de correção para a grafia das palavras. Atualmente, a ortografia em nossa língua obedece a uma combinação de critérios etimológicos (ligados à origem das palavras) e fonológicos (ligados aos fonemas representados).

É importante compreender que a ortografia é fruto de uma convenção. A forma de grafar as palavras é produto de acordos ortográficos que envolvem os diversos países em que a língua portuguesa é oficial. Grafar corretamente uma palavra significa, portanto, adequar-se a um padrão estabelecido por lei. As dúvidas quanto à correção devem ser resolvidas por meio da consulta a dicionários e publicações oficiais ou especializadas.

2. O ALFABETO PORTUGUÊS

O alfabeto ou abecedário da nossa língua é formado por vinte e três letras que, com pequenas modificações, foram copiadas do alfabeto latino. Essas vinte e três letras são:

Letras de imprensa

Aa BbCc Dd Ee Ff Gg Hh li Jj LI Mm Nn Oo Pp Qq Rr Ss Tt Uu Vv Xx Zz (nota da ledora: a leitura dupla das letras, é porque apresentam-se em maiúsculas e minúsculas - fim da nota).

Grafia cursiva (nota da ledora: aqui, o abecedário apresenta-se em maiúsculas e minúsculas, manuscritas - fim da nota).

Além dessas letras, empregamos o Kk, o Ww e o Yy em abreviaturas, siglas, nomes próprios estrangeiros e seus derivados. Emprega-se, ainda, o ç, que representa o fonema /s/ diante de a, o ou u em determinadas palavras.

O x pertence ao nosso alfabeto; já o w é usado em siglas e nomes próprios estrangeiros, como no caso acima, em que o W é logo tipo da fábrica alemã Volkswagen.

- nota da ledora: metade da página está ocupada por uma propaganda da Volkswagen, ilustrando o uso da letra w.
- fim da nota.

3. ORIENTAÇÕES ORTOGRÁFICAS

A competência para grafar corretamente as palavras está diretamente ligada ao contato íntimo com essas mesmas palavras. Isso significa que a freqüência do uso é que acaba trazendo a memorização da grafia correta. Além disso, deve-se criar o hábito de esclarecer as dúvidas com as necessárias consultas ao dicionário. Trata-se de um processo constante, que produz resultados a longo prazo.

Existem algumas orientações gerais que podem ser úteis e que devem constituir material de consulta para as atividades escritas que você desenvolver. Vamos a elas.

NOÇÕES PRELIMINARES

Entre os sons das palavras e também entre as letras que os representam podem ocorrer coincidências. Isso acontece quando duas (às vezes três) palavras apresentam identidade total ou parcial quanto à grafia e à pronúncia. Observe: luta (substantivo) e luta (forma

do verbo lutar) apresentam a mesma grafia e a mesma pronúncia. São palavras homônimas; almoço (substantivo, nome de uma refeição) e almoço (forma do verbo almoçar) possuem a mesma grafia, mas pronúncia diferente. São palavras homógrafas; cesta (substantivo) e sexta (numeral ordinal) possuem a mesma pronúncia, mas grafia diferente. São palavras homófonas.
Há ainda casos em que as palavras apresentam grafias ou pronúncias semelhantes, sem que, no entanto, ocorra coincidência total. São chamadas parônimas e costumam provocar dúvidas quanto ao seu emprego correto. E o caso, por exemplo, de pares como flagrante/fragrante, pleito/preito, vultoso/vultuoso e outros, cujo sentido e emprego estudaremos adiante.
ALGUNS FONEMAS E ALGUMAS LETRAS
A relação entre os fonemas e as letras não é de correspondência exata e permanente. Como a ortografia se baseia também na tradição e na etimologia das palavras, ocorrem problemas que já conhecemos, como a existência de diferentes formas de grafar um mesmo fonema. Estudaremos alguns desses problemas a partir de agora.
O FONEMA /s/ (nota da ledora: esse fonema já foi descrito pela ledora, em capítulo anterior, como a letra esse (de sal) alongado. - fim da nota) (LETRA “x” OU DÍGRAFO “ch”)
A letra x representa esse fonema:
a) após um ditongo: ameixa, caixa, peixe, eixo, frouxo, trouxa, baixo, encaixar, paixão, rebaixar.
Cuidado com a exceção recauchutar e seus derivados.
b) após o grupo inicial en: enxada, enxaqueca, enxerido, enxame, enxovalho, enxugar, enxurrada.
Cuidado com encher e seus derivados (lembre-se de cheio) e palavras iniciadas por ch que recebem o prefixo en-: encharcar (de charco), enchapelar (de chapéu), enchumaçar (de chumaço), enchiqueirar (de chiqueiro).
c) após o grupo inicial me: mexer, mexerica, mexerico, mexilhão, mexicano. A única exceção é mecha.
d) nas palavras de origem indígena ou africana e nas palavras inglesas aportuguesadas: xavante, xingar, xique-xique, xará, xerife, xampu.
Atente para a grafia das seguintes palavras: capixaba, bruxa, caxumba, faxina, graxa, laxante, muxoxo, praxe, puxar, relaxar, rixa, roxo, xale, xaxim, xenofobia, xícara.
Atente para o uso do dígrafo ch nas seguintes palavras: arrocho, apetrecho, bochecha, brecha, broche, chalé, chicória, cachimbo, comichão, chope, chuchu, chute, debochar, fachada, fantoche, fechar, flecha, linchar, mochila, pechincha,
piche, pichar, salsicha, tchau.
Uma boa dica para fixar a grafia de lixo é associá-la a faxina: depois da faxina, refugos no lixo.
Há vários casos de palavras homófonas cuja grafia se distingue pelo contraste entre o “x” e o “ch". Eis algumas delas:
brocha (pequeno prego) e broxa (pincel para caiação de paredes);
chá (planta para preparo de bebida) e xá (título do antigo soberano do Irã);
chácara (propriedade rural) e xácara (narrativa popular em versos);
cheque ,(ordem de pagamento) e xeque (jogada do xadrez);
cocho (vasilha para alimentar animais) e coxo (capenga, imperfeito);
tacha (mancha, defeito; pequeno prego) e taxa (imposto, tributo); daí, tachar (colocar defeito ou nódoa em alguém) e taxar (cobrar impostos).
O FONEMA /g/ (letras “g” e “j”)
- nota da ledora: este fonema já foi descrito em capítulo anterior, é o que se parece com um número 3, com a perninha inferior, mais alongada. Sua representação lembra vagamente uma letra grega.

- fim da nota.
A letra g somente representa o fonema /g/ diante das letras e e i. Diante das letras “a”, “o” e “u”, esse fonema é necessariamente representado pela letra j.
Usa-se a letra g:
a) nos substantivos terminados em -agem, -igem, -ugem: agiotagem, aragem, barragem, contagem, coragem, garagem, malandragem, miragem, viagem; fuligem, impigem (ou impingem), origem, vertigem; ferrugem, lanugem, rabugem, salsugem. Cuidado com as exceções pajem e lambujem.
b) nas palavras terminadas em -ágio, -égio, -igio, -ógio, -úgio: adágio, contágio, estágio, pedágio; colégio, egrégio; litígio, prestígio; necrológio, relógio; refúgio, subterfúgio.
Preste atenção ainda às seguintes palavras grafadas com g: aborígine, agilidade, algema, apogeu, argila, auge, bege, bugiganga, cogitar, drágea, faringe, fugir, geada, gengiva, gengibre, gesto, gibi, herege, higiene, impingir, monge, rabugice, tangerina, tigela, vagem.
Usa-se a letra j:
a) nas formas dos verbos terminados em -jar: arranjar (arranjo, arranje, arranjem, por exemplo); despejar (despejo, despeje, despejem); enferrujar (enferruje, enferrujem), viajar (viajo, viaje, viajem).
b) nas palavras de origem tupi, africana, árabe ou exótica: jê, jibóia, pajé, jirau, caçanje, alfanje, alforje, canjica, jerico, manjericão, Moji.
c) nas palavras derivadas de outras que já apresentam j: gorjear, gorjeio, gorjeta (derivadas de gorja); cerejeira (derivada de cereja); laranjeira (de laranja); lisonjear, lisonjeiro (de lisonja); lojinha, lojista (de loja); sarjeta (de sarja); rijeza, enrijecer (de rijo); varejista (de varejo).
Preste atenção ainda às seguintes palavras que se escrevem com j: berinjela, cafajeste, granja, hoje, intrujice, jeito, jejum, jerimum, jérsei, jiló, laje, majestade, objeção, objeto, ojeriza, projétil (ou projetil), rejeição, traje, trejeito.
- nota da ledora: anúncio de meia página, da fábrica de brinquedos Estrela, com a legenda: Não dá pra compreender como te supermercado que vende jiló, e não vende brinquedo. Pelo visto nosso amiguinho é daqueles que consideram jiló ruim pra chuchu (na foto, criança fazendo cara feia!)
- fim da nota.
O FONEMA /z/ (LETRA “s” e “z”)
A letra s representa o fonema /z/ quando é intervocálica: asa, mesa, riso. Usa-se a letra s:
a) nas palavras que derivam de outra em que já existe s:
casa - casinha, casebre, casinhola, casarão, casario;
liso - lisinho, alisar, alisador;
análise - analisar, analisador, analisante.
b) nos sufixos:
-ês, -esa (para indicação de nacionalidade, título, origem): chinês, chinesa; marquês, marquesa; burguês, burguesa; calabrês, calabresa; duquesa; baronesa;
-ense, -oso, -osa (formadores de adjetivos): paraense, caldense, catarinense, portense; amoroso, amorosa; deleitoso, deleitosa; gasoso, gasosa; espalhafatoso, espalhafatosa;
-isa (indicador de ocupação feminina): poetisa, profetisa, papisa, sacerdotisa, pitonisa.
c) após ditongos: lousa, coisa, causa, Neusa, ausência, Eusébio, náusea.
d) nas formas dos verbos pôr (e derivados) e querer: pus, pusera, pusesse, puséssemos; repus, repusera, repusesse, repuséssemos; quis, quisera, quisesse, quiséssemos.
Atente para o uso da letra s nas seguintes palavras: abuso, aliás, anis, asilo, atrás, através, aviso, bis, brasa, colisão, decisão, Elisabete, evasão, extravasar, fusível, hesitar, Isabel, lilás, maisena, obsessão (mas obcecado), ourivesaria, revisão, usura, vaso.
Usa-se a letra z:

a) nas palavras derivadas de outras em que já existe z:
deslize - deslizar,
baliza - abalizado;
razão - razoável, arrazoar, arrazoado;
raiz - enraizar
Como batizado deriva do verbo batizar, também se grafa com z.
- nota da ledora : propaganda do videocassete Toshiba, com legenda: tecla exclusiva para vídeos de batizados - avanço rápido.
- fim da nota.
b) nos sufixos:
-ez, -eza (formadores de substantivos abstratos a partir de adjetivos): rijo, rijeza; rígido, rigidez; nobre, nobreza; surdo, surdez; inválido, invalidez; intrépido, intrepidez; sisudo, sisudez; avaro, avareza; macio, maciez; singelo, singeleza.
-izar (formador de verbos) e ção (formador de substantivos): civilizar, civilização; humanizar, humanização; colonizar, colonização; realizar, realização; hospitalizar, hospitalização. Não confunda com os casos em que se acrescenta o sufixo -ar a palavras que já apresentam s: analisar, pesquisar, avisar.
Observe o uso da letra z nas seguintes palavras: assaz, batizar (mas batismo), bissetriz, buzina, catequizar (mas catequese), cizânia, coalizão, cuscuz, giz, gozo, prazeroso, regozijo, talvez, vazar, vazio, verniz.
- nota da ledora: quadro de destaque na página
Há palavras homófonas em que se estabelece distinção escrita por meio do contraste s/z:
cozer (cozinhar) e coser (costurar);
prezar (ter em consideração) e presar (prender, apreender);
traz (forma do verbo trazer) e trás (parte posterior).
- fim do quadro de destaque e da nota da ledora.
Em muitas palavras, o fonema /z/ é representado pela letra x: exagero, exalar, exaltar, exame, exato, exasperar, exausto, executar, exemplo, exeqüível, exercer, exibir, exílio, exímio, existir, êxito, exonerar, exorbitar, exorcismo, exótico, exuberante, inexistente, inexorável.
O FONEMA /s/ (LETRAS “s”, “c”, “ç” e “x” ou DÍGRAFOS “sc”, “sc”, “ss”, “xc” e “xs”)
Observe os seguintes procedimentos em relação à representação gráfica desse fonema:
a) a correlação gráfica entre nd e ns na formação de substantivos a partir de verbos: ascender, ascensão; distender, distensão; expandir, expansão; suspender, suspensão; pretender, pretensão; tender, tensão; estender, extensão.
b) a correlação gráfica entre ced e cess em nomes formados a partir de verbos: ceder, cessão; conceder, concessão; interceder, intercessão; exceder, excesso, excessivo; aceder, acesso.
c) a correlação gráfica entre ter e tenção em nomes formados a partir de verbos: abster, abstenção; ater, atenção; conter, contenção; deter, detenção; reter, retenção.
Observe as seguintes palavras em que se usa o dígrafo sc: acrescentar, acréscimo, adolescência, adolescente, ascender (subir), ascensão, ascensor, ascensorista, ascese, ascetismo, ascético, consciência, crescer, descender, discente, disciplina, fascículo, fascínio, fascinante, piscina, piscicultura, imprescindível, intumescer, irascível, miscigenação, miscível, nascer, obsceno, oscilar, plebiscito, recrudescer, reminiscência, rescisão, ressuscitar, seiscentos, suscitar, transcender.
Na conjugação dos verbos acima apresentados, surge sç: nasço, nasça; cresço, cresça.
Cuidado com sucinto, em que não se usa sc.
Em algumas palavras, o fonema /s/ é representado pela letra x: auxilio, auxiliar, contexto, expectativa, expectorar, experiência, experto (conhecedor, especialista), expiar (pagar), expirar (morrer), expor, expoente, extravagante, extroversão,

extrovertido, sexta, sintaxe, têxtil, texto, textual, trouxe.
Cuidado com esplendor e esplêndido.
- nota da ledora - quadro em destaque na página.
Há casos em que se criam oposições de significado devido ao contraste gráfico.
Observe:
acender (iluminar, pôr fogo) e ascender (subir);
acento (inflexão de voz ou sinal gráfico) e assento (lugar para se sentar);
caçar (perseguir a caça) e cassar (anular);
cegar (tornar cego) e segar (ceifar, cortar para colher);
censo (recenseamento, contagem) e senso (juízo);
cessão (ato de ceder), seção ou secção (repartição ou departamento; divisão) e
sessão (encontro, reunião);
concerto (acordo, arranjo, harmonia musical) e conserto (remendo, reparo);
espectador (o que presencia) e expectador (o que está na expectativa);
esperto (ágil, rápido, vivaz) e experto (conhecedor, especialista);
espiar (olhar, ver, espreitar) e expiar (pagar uma culpa, sofrer castigo);
espirar (respirar) e expirar (morrer);
incipiente (iniciante, principiante) e insipiente (ignorante);
intenção ou tenção (propósito, finalidade) e intensão ou tensão (intensidade, esforço);
paço (palácio) e passo (passada).
- fim da nota de destaque e da ledora.
Podem ocorrer ainda os dígrafos xc, e, mais raramente, xs: exceção, excedente, exceder, excelente, excesso, excêntrico, excepcional, excerto, exceto, excitar; exsicar, exsolver, exsuar, exsudar.
AINDA A LETRA “x”
Esta letra pode representar dois fonemas, soando como "ks": afluxo, amplexo, anexar, anexo, asfixia, asfixiar, axila, boxe, climax, complexo, convexo, fixo, flexão, fluxo, intoxicar, látex, nexo, ortodoxo, óxido, paradoxo, prolixo, reflexão, reflexo, saxofone, sexagésimo, sexo, tóxico, toxina.
AS LETRAS “e” E “i”
a) Cuidado com a grafia dos ditongos:
os ditongos nasais /ãj/ e /ãj/ escrevem-se ãe e õe: mãe, mães, cães, pães, cirurgiães, capitães; põe, põem, depõe, depõem;
- só se grafa com i o ditongo /ãj/, interno: cãibra (ou câimbra).
b) Cuidado com a grafia das formas verbais:
- as formas dos verbos com infinitivos terminados em -oar, e -uar são grafadas com “e”: abençoe, perdoe, magoe; atue, continue, efetue;
- as formas dos verbos infinitivos terminados em -air, -oer, e -uir, são grafadas com “i”: cai, sai; dói, rói, mói, corrói; influi, possui, retribui, atribui.
c) Cuidado com as palavras se, senão, sequer, quase e irrequieto.
- nota da ledora: quadro de destaque da página:
A oposição e/i é responsável pela diferenciação de várias palavras:
área (superfície) e ária (melodia);
deferir (conceder) e diferir (adiar ou divergir);
delação (denúncia) e dilação (adiamento, expansão);
descrição (ato de descrever) e discrição (qualidade de quem é discreto);
descriminação (absolvição) e discriminação (separação);
emergir (vir à tona) e imergir (mergulhar);
emigrar (sair do país onde se nasceu) e imigrar (entrar em país estrangeiro);
eminente (de condição elevada) e iminente (inevitável, prestes a ocorrer);
vadear (passar a vau) e vadiar (andar à toa).
- fim da nota de destaque e da ledora.

AS LETRAS “o” E “u”
A oposição o/u é responsável pela diferença de significado entre várias palavras:
comprimento (extensão) e cumprimento (saudação; realização);
soar (emitir som) e suar (transpirar);
sortir (abastecer) e surtir (resultar).
A LETRA “h”
É uma letra que não representa fonema. Seu uso se limita aos dígrafos ch, lh e nh, a algumas interjeições (ah, hã, hem, hip, hui, hum, oh) e a palavras em que surge por razões etimológicas. Observe algumas palavras em que surge o h inicial:
hagiografia, haicai, hálito, halo, hangar, harmonia, harpa, haste, hediondo, hélice, Hélio, Heloisa, hemisfério, hemorragia, Henrique, herbívoro (mas erva), hérnia, herói, hesitar, hífen, hilaridade, hipismo, hipocondria, hipocrisia, hipótese, histeria, homenagem, hóquei, horror, Hortênsia, horta, horto (jardim), hostil, humor, húmus.
Em Bahia, o h sobrevive por tradição histórica. Observe que nos derivados ele não é usado: baiano, baianismo.
- nota da ledora - quadro de destaque na página:
Nomes próprios
Você deve ter notado que acrescentamos nomes próprios aos exemplos que vimos apresentando. Isso tem uma explicação muito simples: os nomes próprios, como qualquer palavra da língua, estão sujeitos às regras ortográficas. Existe, portanto, uma forma correta de grafar esses nomes. Se, no entanto, seu nome foi registrado com uma grafia equivocada, você pode usá-lo da forma como ele se encontra em seus documentos. Esse tem sido o uso mais freqüente em nossa cultura. Além disso, a grafia dos nomes de todos os que se tornam publicamente conhecidos aparece corrigida em publicações feitas após a morte dessas pessoas.
Observe na relação seguinte mais alguns nomes próprios na sua grafia correta:
Aírton, Alcântara, Ânderson, Ângelo, Antônio, Artur, Baltasar, Cardoso, César, Elisa, Ênio, Félix, Filipe, Heitor, Helena, Hercílio, Hilário, lberê, Inês, Íris, Isa, Isidoro, laci, Jacira, Jéferson, Juçara, Juscelino, Leo, Lis, Lisa, Luis, Luísa, Luzia, Macedo, Mansa, Minam, Morais, Natacha, Odilon, Priscila, Rosângela, Selene, Sousa, Taís, Teresa, Zósimo.
- fim do quadro de destaque, e da nota da ledora.
- nota da ledora -
propaganda do Banco Itaú com os seguintes dizeres:
A família de Luís Guilhernie Davidson convida parentes e amigos para o luau de 7o. dia a realizar-se em Cancun, onde ele passa férias com a mulher e os filhos.
- Vida em Vida Itaú - o seguro que você recebe em vida.
- fim da nota.
Os nomes próprios do português também estão sujeitos a regras ortográficas, como Luís, no anúncio acima.

CAPÍTULO 4 - ACENTUAÇÃO

- nota da ledora: dois terços da página são ocupados por um anúncio do Grupo Pão de Açúcar com os seguintes dizeres: Os tubarões do orçamento, os elefantes das estatais, os cobras da informática, as zebras do futebol, as gatas da moda, e os dinossauros do rock. Para lidar com todos esses bichos, só começando como foca. - Homenagem do Pão de Açúcar, Extra, Superbox, Peg e Faça, e Eletro às feras do jornalismo. Nós sabemos como é difícil estar em todos os lugares ao mesmo tempo.
- fim da nota da ledora.
Lendo este anúncio, você perceberá um fato (aparentemente) espantoso: a maioria das palavras não recebe acento gráfico. O princípio que presidiu à elaboração das regras de acentuação do português foi justamente o da economia, reservando os acentos gráficos para as palavras minoritárias da língua. Você se convencerá disso a seguir.

1. CONCEITOS BÁSICOS

Neste capítulo, estudaremos as regras de acentuação. Elas foram criadas para estabelecer um sistema que organize a questão da tonicidade (intensidade de pronúncia) da sílaba portuguesa.

Quando você diz café, uma das sílabas é pronunciada com mais intensidade do que a outra.

Você deve ter percebido que a sílaba mais forte é fé, que é a tônica. A outra sílaba, “ca”, é fraca, ou seja, é pronunciada com pouca intensidade tonal. Por isso é átona. A parte da acentuação que estuda a posição dessas sílabas nas palavras recebe o nome de acentuação tônica.

Na língua escrita, há elementos que procuram apresentar a posição da sílaba tônica e outras particularidades, como timbre (abertura) e nasalização das vogais. Esses elementos são os chamados acentos gráficos. O estudo das regras que disciplinam o uso adequado desses sinais é a acentuação gráfica.

2 ACENTUAÇÃO TÔNICA

Quem é que não conhece aquela famosa brincadeira que se faz com as palavras sabia/sabiá? "Você sabia que o sabiá sabia assobiar?" A brincadeira se baseia na diferente posição da sílaba tônica de sabia (bi) e de sabiá (á). Seria possível, ainda, acrescentar à brincadeira a palavra sábia, cuja sílaba tônica é “sá”.

Na língua portuguesa, a sílaba tônica pode aparecer em três diferentes posições; consequentemente, as palavras podem receber três classificações quanto a esse aspecto:

a) oxítonas são aquelas cuja sílaba tônica É a última: você, café, jiló, alguém, ninguém, paul, ruim, carcará, vatapá, anzol, condor;

b) paroxítonas são aquelas cuja sílaba tônica é a penúltima: gente, planeta, homem, alto, âmbar, éter, dólar, pedra, caminho, amável, táxi, hífen, álbum, vírus, tórax;

c) proparoxítonas - são aquelas cuja sílaba tônica é a antepenúltima: lágrima, trânsito, xícara, úmido, Alcântara, mágico, lâmpada, ótimo, médico, fanático.

Você observou que, nos exemplos dados para os três casos, só há palavras com mais de uma sílaba. Quanto às de apenas uma sílaba, os chamados monossílabos, há divergências quanto à sua classificação tônica. Quando apresentam tonicidade, como no caso de má, pó, fé, há quem as considere simplesmente monossílabos tônicos. Outros preferem dizer que são "oxítonas de apenas uma sílaba". A questão é polêmica, mas a primeira tese (monossílabos tônicos) tem mais adeptos.

- nota da ledora: propaganda da Samello com a seguinte legenda: Deckshoes Samello. Seus pés prontos para o verão - representação dos cinco dedos do pé, cada um usando óculos de sol, proporcional ao seu tamanho.
- fim da nota.

É importante destacar que só se percebe se um monossílabo é tônico ou átono pronunciando-o numa seqüência de palavras, ou seja, numa frase. Experimente com o verbo pôr e a preposição por. Leia a frase "Fazer por fazer" e depois substitua o verbo fazer pelo verbo pôr ("Pôr por pôr"). Que tal? Fica clara a diferença entre o verbo, que é tônico, e a preposição, que é átona. Note que o “o” da preposição por tende a ser lido como u ("pur"), o que é um sintoma da atonicidade.

Qual é a sílaba tônica de pele? Como você pronuncia o segundo e? Como i ("peli"), não é? O e átono é pronunciado como “i”, e o “o”, como u.Veja esta frase:

Há pessoas extremamente más, mas há outras extremamente boas.

Percebeu a diferença entre más e mas? A primeira é um monossílabo tônico; a segunda é um monossílabo átono. Em português, existem algumas palavras dissílabas átonas, como a preposição para.

Prosódia

A língua culta determina a posição correta da sílaba tônica de uma palavra. É muito comum a divergência entre a pronúncia praticada no dia-a-dia e a recomendada pelos

dicionários e gramáticas. Quase ninguém pronuncia "dúplex" (paroxítona), como recomendam os dicionários. O que se ouve mesmo é "duplex" (oxítona). A parte da Fonologia que estuda e fixa a posição da sílaba tônica é a prosódia. Quando ocorre um erro de prosódia, ou seja, a troca da posição da sílaba tônica, verifica-se o que se chama de silabada. É bom lembrar que a pronúncia culta sempre prevalece nesses casos.
Leia em voz alta as palavras a seguir, destacando a sílaba tônica. Procure memorizar e empregar a forma culta desses vocábulos.
São oxítonas: cateter, condor, ruim, ureter, Nobel, mister ("Para viver um grande amor, mister é ser homem de uma só mulher" - Vinicius de Moraes).
São paroxítonas: avaro, austero, aziago, ciclope, filantropo, ibero, pudico, juniores, látex, recorde, rubrica, têxtil.
São proparoxítonas: aerólito, ínterim, aríete, levedo, ômega, bávaro, crisântemo, monólito, transfuga.
Existem palavras que admitem dupla pronúncia: acróbata/acrobata; hieróglifo/hieroglifo; projétil/projetil; reptil/reptil; Oceânia/Oceania; transistor/transistor; xérox/xerox. O melhor mesmo é não "chutar". Dúvidas quanto à prosódia devem ser resolvidas por meio de consulta a um bom dicionário.

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

OS ACENTOS

A acentuação gráfica consiste na aplicação de certos sinais escritos sobre algumas letras para representar o que foi estipulado pelas regras de acentuação, que estudaremos adiante. Esses sinais, que fazem parte dos diacríticos - além dos acentos, o trema, o til, o apóstrofo e o hífen -,são:
a) o acento agudo (‘) - colocado sobre as letras a, i, u e sobre o e do grupo -em, indica que essas letras representam as vogais tônicas da palavra: carcará, caí, súdito, armazém. Sobre as letras “e” e “o”, indica, além de tonicidade, timbre aberto: lépido, céu, léxico, apóiam;
b) o acento circunflexo (^) - colocado sobre as letras “a”, “e” e “o”, indica, além de tonicidade, timbre fechado: lâmpada, pêssego, supôs, vêem, Atlântico;
c) o trema (“) - indica que o u é semivogal, ou seja, é pronunciado atonamente nos grupos gue, gui, que, qui: ungüento, sagüi, seqüestro, eqüino;
d) o til (~) - indica que as letras a e o representam vogais nasais: alemã, órgão, portão, expõe, corações, ímã;
e) o acento grave (`) - indica a ocorrência da fusão da preposição a com os artigos a e as, com os pronomes demonstrativos a e as e com a letra a inicial dos pronomes aquele, aquela, aqueles, aquelas, aquilo: à, às, àquele, àquilo.

ASPECTOS GENÉRICOS DAS REGRAS DE ACENTUAÇÃO

As regras de acentuação foram criadas para sistematizar a leitura das palavras portuguesas. Seu objetivo é deixar claros todos os procedimentos necessários para que ninguém tenha nenhuma dúvida quanto à posição da sílaba tônica, o timbre da vogal, o fonema representado pela letra u, a nasalização da vogal.
As regras fundamentais de acentuação gráfica baseiam-se numa constatação que pode facilmente ser observada nas palavras que aparecem na canção "Onde anda você", de Hermano Silva e Vinicius de Moraes, cuja letra diz:
E, por falarem saudade, onde anda você?
Onde andam seus olhos, que a gente não vê?
Onde anda esse corpo, que me deixou morto de tanto prazer?
E, por falarem beleza, onde anda a canção que se ouvia na noite,
Nos bares de então, onde a gente ficava, onde a gente se amava
Em total solidão?
Hoje eu saio na noite vazia, numa boemia sem razão de ser
Na rotina dos bares, que, apesar dos pesares, me trazem você

E, por falarem paixão, em razão de viver
Você bem que podia me aparecer
Nesses mesmos lugares, na noite, nos bares
Onde anda você?
Há no texto 106 palavras. Você pode conferir, se não confiar na contagem. Aproveite e procure as palavras proparoxítonas do texto. Procurou? Quantas há? Nenhuma.
Das palavras de mais de uma sílaba (sessenta e duas), quarenta e três são paroxítonas. Esses dados correspondem exatamente ao perfil básico da tonicidade das palavras da língua portuguesa: as proparoxítonas são pouco comuns, as paroxítonas são maioria e as oxítonas ocupam a vice-liderança.
Além disso, é possível observar que todas as paroxítonas do texto terminam em "a", "e" e "o", e nenhuma recebe acento gráfico. Esses fatos provam que as regras foram feitas para evitar a acentuação das palavras mais comuns na língua. Aliás, você deve ter percebido que, das 106 palavras do texto, apenas oito recebem algum tipo de acento, incluindo o til, e que só a palavra você apareceu quatro vezes.
- nota da ledora: propaganda da Bradesco Seguros de automóveis: na foto, um pincel de barbeiro, usado para espalhar o creme de barbear no rosto do cliente, e a legenda: Esta cidade está cheia de barbeiros. - alusão aos maus motoristas
- fim da nota.
As regras de acentuação se regem por princípio da economia: por isso esta (paroxítona) não recebe acento, mas está (oxítona) sim.
E por que você, oxítona terminada em e, leva acento? Porque as oxítonas terminadas em e são menos numerosas que as paroxítonas terminadas em "e". Para comprovar isso, basta verificar que quase todos os verbos apresentam pelo menos uma forma paroxítona terminada em e (fale, pense, grite, estude, corre, sofre, perde, vende, permite, dirige, assiste, invade). E o que se acentua, a maioria ou a minoria? A minoria, sempre a minoria.
Que tal, então, parar de dizer que há muitos acentos em português?
AS REGRAS BÁSICAS
Como vimos, as regras de acentuação gráfica procuram reservar os acentos para as palavras que se enquadram nos padrões prosódicos menos comuns da língua portuguesa. Disso, resultam as seguintes regras básicas:
a) proparoxítonas - são todas acentuadas. E o caso de: lâmpada, Atlântico, Júpiter, ótimo, flácido, relâmpago, trôpego, lúcido, víssemos.
b) paroxítonas - são as palavras mais numerosas da língua e justamente por isso as que recebem menos acentos. São acentuadas as que terminam em:
i, is: táxi, beribéri, lápis, grátis;
us, um, uns: vírus, bônus, álbum, parabélum (arma de fogo), álbuns, parabéluns;
l, n, r, x, ps: incrível, útil, próton, elétron, éter, mártir, tórax, ônix, bíceps, fórceps;
ã, ãs, ão, ãos: ímã, órfã, ímãs, órfãs, bênção, órgão, órfãos, sótãos;
ditongo oral, crescente ou decrescente, seguido ou não de s: água, árduo, pônei, vôlei, cáries, mágoas, pôneis, jóqueis.
c) oxítonas - são acentuadas as que terminam em:
a, as: Pará, vatapá, estás, irás;
e, es: você, café, Urupês, jacarés;
o, os: jiló, avô, retrós, supôs;
em, ens: alguém, vintém, armazéns, parabéns.
Verifique que essas regras criam um sistema de oposição entre as terminações das oxítonas e as das paroxítonas. Compare as palavras dos pares seguintes e note que os acentos das paroxítonas e os das oxítonas são mutuamente excludentes:
portas (paroxítona, sem acento) e atrás (oxítona, com acento);
pele (paroxítona, sem acento) e café (oxítona, com acento);

corpo (paroxítona, sem acento) e maiô (oxítona, com acento);
garantem (paroxítona, sem acento) e alguém (oxítona, com acento);
hífens (paroxítona, sem acento) e vinténs (oxítona, com acento);
táxi (paroxítona, com acento) e aqui (oxítona, sem acento).
d) monossílabos tônicos - são acentuados os terminados em:
a, as: pá, vá, gás, Brás;
e, es: pé, fé, mês, três;
o, os: só, xô, nós, pôs.
- nota da ledora: propaganda do bombom Sonho de Valsa, da Lacta, com o seguinte teor: Foi bombom para você também? - apresentando uma foto do bombom
- fim da nota.
Temos acima duas oxítonas acentuadas: você (porque termina em e) e também (pois sua terminação é em).
AS REGRAS ESPECIAIS:
Além dessas regras que você acabou de estudar e que se baseiam na posição da sílaba tônica e na terminação, há outras, que levam em conta aspectos específicos da sonoridade das palavras. Essas regras são aplicadas nos seguintes casos:
HIATOS
Quando a segunda vogal do hiato for i ou u, tônicos, acompanhados ou não de s, haverá acento: saída, proíbo, faísca, caíste, saúva, viúva, balaústre, carnaúba, país, aí, baú, segunda vogal: i ou u tônico.
Cuidado: se o i for seguido de nh, não haverá acento. É o caso de: rainha, moinho, tainha, campainha. Também não haverá acento se a vogal i ou a vogal u se repetirem, o que ocorre em poucas palavras: vadiice, sucuuba, mandriice, xiita.
Convém lembrar que, quando a vogal i ou a vogal u forem acompanhadas de outra letra que não seja s, não haverá acento: ruim, juiz, paul, Raul, cairmos, contribuiu, contribuinte.
Quando, nos grupos ee e oo, a primeira vogal for tônica, haverá acento circunflexo: crêem, dêem, lêem, vêem, descrêem, relêem, prevêem, revêem, côo, vôo, enjôo, magôo, abotôo.
Note que a terminação êem é exclusiva dos verbos crer, dar, ler, ver e derivados (descrer, reler, prever, rever, antever e outros). Não ocorre a terminação êem nos verbos ter, vir e derivados (deter, manter, entreter, conter, reter, obter, abster, intervir, convir, provir e outros).
DITONGOS
Ocorre acento na vogal tônica dos ditongos ei, eu, oi, desde que sejam abertos, como em anéis, aluguéis, coronéis, idéia, geléia, céu, chapéu, réu, véu, troféu, apóiam, heróico, jóia, estóico, esferóide.
Cuidado: não haverá acento se o ditongo for aberto, mas não tônico:
chapeuzinho, heroizinho, aneizinhos, pasteizinhos, ideiazinha. Você notou que, em todas essas palavras, a sílaba tônica é "zi". Se o ditongo apresentar timbre fechado, também não haverá acento, como em azeite, manteiga, eu, judeu, hebreu, apoio, arroio, comboio.
Coloca-se trema sobre a letra u pronunciada atonamente nos grupos gue, gui, que, qui, nos quais acaba ocorrendo ditongo crescente: lingüiça, seqüestro, eqüino, agüentar, ungüento, tranqüilo, conseqüência, argüir.
Cuidado: se nesses mesmos grupos (gue, gui, que, qui) a letra u for pronunciada tonicamente, haverá acento agudo, como em apazigúe, obliqúe, argúi, argúem, averigúe, averigúem, obliqúem.
FORMAS VERBAIS SEGUIDAS DE PRONOMES OBLÍQUOS
Para acentuar as formas verbais associadas a pronomes oblíquos, leve em conta apenas

o verbo, desprezando o pronome. Considere a forma verbal do jeito que você a pronuncia e aplique a regra de acentuação correspondente. Em cortá-lo, considere cortá, oxítona terminada em a e, portanto, acentuada. Em incluí-lo, considere incluí, em que ocorre hiato. Já em produzi-lo, não há acento, porque produzi é oxítona terminada em i.
-nota da ledora: Propaganda da Manufatura de Cinema, com a palavra Seqüência - e a seguinte legenda: O trema em seqüência assinala a letra u pronunciada atonamente no grupo que.
- fim da nota.
ACENTOS DIFERENCIAIS
Existem algumas palavras que recebem acento excepcional, para que sejam diferenciadas, na escrita, de suas homônimas. São casos muito particulares e, por isso mesmo, pouco numerosos. Convém iniciar a relação lembrando o acento que diferencia a terceira pessoa do singular da terceira pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos ter e vir:
ele tem - eles têm
ele vem - eles vêm
Com os derivados desses verbos, é preciso lembrar que há acento agudo na terceira pessoa do singular e circunflexo na terceira do plural do presente do indicativo:
ele detém - eles detêm
ele mantém - eles mantêm
ele intervém - eles intervêm
ele provém - eles provêm
ele obtém - eles obtêm
ele convém - eles convêm
- nota da ledora: - nesta página, apresentam-se quatro logotipos usados por guardadores de carros
- fim da nota.
No 2o.e no 3o. quadros, pára recebe acento porque é forma do verbo parar. O acento serve para distingui-la de para (sem acento), preposição.
Existe apenas um acento diferencial de timbre em português: pôde (terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do verbo poder), diferencial de pode (terceira do singular).
Há ainda algumas palavras que recebem acento diferencial de tonicidade, ou seja, são palavras que se escrevem com as mesmas letras, mas têm oposição tônica (uma é tônica, a outra é átona). São as seguintes:
pôr (verbo)
por (preposição)
pára (forma do verbo parar, também presente em algumas palavras compostas: pára-brisa, pára-quedas, pára-raios, pára-lama)
para (preposição)
côas, côa (formas do presente do indicativo do verbo coar)
coas, coa (preposição com + artigo a e as, respectivamente; essas formas são comuns em poesia)
péla, pélas (formas do verbo pelar, ou substantivos)
pela, pelas (contrações de preposição e artigo)
pêlo, pêlos (substantivos)
pélo (forma do verbo pelar)
pelo, pelos (contrações de preposição e artigo)
pêra (substantivo)
péra (substantivo)
pera (preposição arcaica)
pêro, Pêro (substantivos)
pero (conjunção arcaica)

pôla (substantivo)
póla (substantivo)
pola (contração arcaica de preposição e artigo)
pôlo (substantivo)
pólo (substantivo)
polo (contração arcaica de preposição e artigo)

PARTE 2 - MORFOLOGIA

CAPÍTULO 5 - ESTRUTURA E FORMAÇÃO DAS PALAVRAS

- nota da ledora: propaganda com os seguintes teores: Os Gordos - com Nicolau Breyner - domingo, no canal 1, e do Diet Shake - não faça lipo (referência a lipoaspiração) , faça aspiração (mostrando um copo vazio, de diet shake, com um canudo - e uma propaganda
- fim da nota.

A língua portuguesa apresenta dois processos básicos para a formação das palavras: a derivação e a composição.

"Os gordos" constitui exemplo de derivação imprópria: a palavra gordos, originalmente adjetivo, converteu-se em substantivo sem sofrer qualquer acréscimo ou supressão em sua forma.

O segundo exemplo alude a uma palavra formada por composição (lipoaspiração) e, decompondo-a, tenta convencer o leitor a gastar seu dinheirinho com guloseimas, em vez de fazê-lo com cirurgia estética.

CONCEITOS BÁSICOS

Sabemos que a Morfologia estuda a estrutura, a formação, a classificação e as flexões das palavras. Neste capítulo, iniciamos nossos estudos de Morfologia: vamos investigar a estrutura e os processos de formação das palavras de nossa língua.

Se pensarmos em palavras que mantêm alguma semelhança com o substantivo governo, poderemos encontrar o seguinte grupo:

governo
governa
desgoverno
desgovernado
governadores
ingovernável
ingovernabilidade

Todas essas palavras têm pelo menos um elemento comum: a forma goven-. Além disso, em todas elas há elementos destacáveis, responsáveis pelo acréscimo de algum detalhe de significação. Compare, por exemplo, governo e desgoverno: o elemento inicial des- foi acrescentado à forma governo, trazendo o significado de "falta, ausência, carência".

Continuando esse trabalho de comparação entre as diversas palavras que selecionamos, podemos depreender a existência de diversos elementos formadores:

govern-o
goven-a
des-govern-o
des-govern-a-do
govern-a-dor-es
in-govern-á-vel
in-govern-a-bil-i-dade

Cada um desses elementos formadores é capaz de fornecer alguma noção significativa à palavra que integra. Além disso, nenhum deles pode sofrer nova divisão. Estamos diante de unidades de significação mínimas, ou seja, elementos significativos indecomponíveis, a que damos o nome de morfemas.

2. CLASSIFICAÇÃO DOS MORFEMAS

É o morfema govern-, comum a todas as palavras observadas na página anterior, que faz com que as consideremos palavras de uma mesma família de significação. Ao morfema comum de uma família de palavras chamamos radical; às palavras que pertencem a uma mesma família, chamamos cognatos. O radical é a parte da palavra responsável pela sua significação principal.Já sabemos que o morfema des-, que surge em desgoverno, é capaz de acrescentar ao significado da palavra governo a idéia de "negação, falta, carência". Dessa forma, o acréscimo do morfema des- cria uma nova palavra a partir de governo. A nova palavra formada tem o sentido de "falta, ausência de governo". De maneira semelhante, o acréscimo do morfema -dor à forma governa- criou a palavra governador, que significa "aquele que governa". Observe que des- e -dor são morfemas capazes de mudar o sentido do radical a que são anexados. Esses morfemas recebem o nome de afixos.

Quando são colocados antes do radical, como acontece com des-, os afixos recebem o nome de prefixos. Quando, como -dor, surgem depois do radical, os afixos são chamados de sufixos. Prefixos e sufixos são capazes de introduzir modificações de significado no radical a que são acrescentados. São também, em muitos casos, capazes de operar mudança de classe gramatical da palavra a que são acrescentados. Nas palavras que estamos analisando, merecem destaque alguns afixos:

prefixos:

des-, em desgoverno, desgovernado

in-, em ingovernável, ingovernabilidade

sufixos

-vel, em ingovernável

-dor, em governadores

-dade, em ingovernabilidade

- nota da ledora: quadro de destaque na página -

OBSERVAÇÕES : Optamos pelo uso do termo radical para designar o morfema que concentra a significação principal da palavra e que pode ser depreendido por meio de simples comparações entre palavras de uma mesma família. Intencionalmente, não empregamos o termo raiz, que está ligado à origem histórica das palavras. Para identificar a raiz de uma família de vocábulos é necessário um conhecimento específico de etimologia.

- fim do quadro e da nota.

Se você agora pluralizar a palavra governo, encontrará a forma governos. Isso nos mostra que o morfema -s, acrescentado ao final da forma governo, é capaz de indicar a flexão de número desse substantivo.

Tomando o verbo governar e conjugando algumas de suas formas, você irá perceber modificações na parte final dessa palavra: governava, governavas, governava, governávamos, governáveis, governavam. Essas modificações ocorrem à medida que o verbo vai sendo flexionado em número (singular/plural) e pessoa (primeira, segunda ou terceira). Também ocorrem se modificarmos o tempo e o modo do verbo (governava/governara /governasse, por exemplo).

Podemos concluir, assim, que existem morfemas que indicam as flexões das palavras. Esses morfemas sempre surgem na parte final das palavras variáveis e recebem o nome de desinências. Há desinências nominais (indicam flexões nominais, ou seja, o gênero e o número) e desinências verbais (indicam flexões do verbo, como número, pessoa, tempo e modo).

Observe que entre o radical govern- e as desinências verbais surge sempre o morfema -a-. Esse morfema que liga o radical às desinências é chamado vogal temática. Sua função é justamente a de ligar-se ao radical, constituindo o chamado tema. E ao tema (radical + vogal temática) que se acrescentam as desinências. Tanto os verbos como os

nomes apresentam vogais temáticas.
Há ainda um último tipo de morfema que podemos encontrar: as vogais ou consoantes de ligação. São morfemas que surgem por motivos eufônicos, ou seja, para facilitar ou mesmo possibilitar a leitura de uma determinada palavra. Temos um exemplo de vogal de ligação na palavra ingovernabilidade: o -i- entre os sufixos -bil- e -dade facilita a emissão vocal da palavra. Outros exemplos de vogais e consoantes de ligação podem ser vistos em palavras como gasômetro, alvinegro, tecnocracia; paulada, cafeteira, chaleira, tricotar.
- nota da ledora: anuncio de praia de nudismo, com um maiô colocado em cima da placa de aviso: Praia de Nudismo.
- fim da nota.
Neste metonímico anúncio (os corpos nus estão sugeridos pelo solitário maiô), vemos uma consoante de ligação na palavra nudismo, ligando o adjetivo nu ao sufixo -ismo.
ESTUDOS DOS MORFEMAS LIGADOS ÀS FLEXÕES DAS PALAVRAS
VOGAIS TEMÁTICAS
A vogal temática é um morfema que se junta ao radical a fim de formar uma base à qual se ligam as desinências. Essa base é chamada tema.Além de atuar como elemento de ligação entre o radical e as desinências, a vogal temática também marca grupos de nomes e de verbos. Isso significa que existem vogais temáticas nominais e vogais temáticas verbais.
a) vogais temáticas nominais - são-a, -e e -o, quando átonas finais, como em mesa, artista, busca, perda, escola; triste, base, combate, destaque, sorte; livro, tribo, amparo, auxílio, resumo. Nesses casos, não poderíamos pensar que essas terminações são desinências indicadoras de gênero, pois livro, escola e sorte, por exemplo, não sofrem flexão de gênero. É a essas vogais temáticas que se liga a desinência indicadora de plural: carro-s, mesa-s, dente-s.
Os nomes terminados em vogais tônicas (sofá, café, caqui, mandacaru e cipó, por exemplo) não apresentam vogal temática; podemos considerar que os terminados em consoante (feliz, roedor, por exemplo) têm o mesmo comportamento.
b) vogais temáticas verbais - são -a, -e e -i, criando três grupos de verbos a que se dá o nome de conjugações. Assim, os verbos cuja vogal temática é -a pertencem à primeira conjugação; aqueles cuja vogal temática é -e pertencem à segunda conjugação e os que têm vogal temática -i pertencem à terceira conjugação. Podemos perceber claramente a vogal temática atuando entre o radical e as desinências nos seguintes exemplos:
primeira conjugação: goven-a-va, atac-a-va, realiz-a-sse;
segunda conjugação: estabelec-e-sse, cr-e-ra, mex-e-rá;
terceira conjugação: defin-i-ra, imped-i-sse, ag-i-mos.
DESINÊNCIA:
As desinências são morfemas que indicam as flexões de nomes e verbos, dividindo-se, por isso, em desinências nominais e verbais Note que as desinências indicam flexões de uma mesma palavra, enquanto os afixos são usados para formar novas palavras. As flexões ocorrem obrigatoriamente quando precisamos inserir uma palavra numa seqüência ou frase:
O ministro não foi convidado para a reunião.
Os ministros não foram convidados para a reunião.
A ministra não foi convidada para a reunião.
As ministras não foram convidadas para a reunião.
As flexões sofridas pelas palavras nas frases acima são obrigatórias para o estabelecimento da concordância. Já o uso de afixos não se deve a uma obrigatoriedade, mas sim a uma opção:
O ex-ministro não foi convidado para a reunião.
A ministra não foi convidada para as reuniõezinhas.

Não há nenhum mecanismo lingüístico que torne obrigatório o uso do sufixo -(z)inhou do prefixo ex- nessas duas frases. Além disso, reuniãozinhas (plural "reuniõezinhas") e ex-ministro são duas palavras novas formadas a partir de ministro e reunião, respectivamente; já ministros, ministra e ministras são consideradas formas de uma mesma palavra, ministro.
a) desinências nominais - indicam o gênero e o número dos nomes. Para a indicação de gênero, o português costuma opor as desinências -o / -a:
garoto/garota; menino/menina. Você já sabe como distinguir essas desinências das vogais temáticas nominais: lembre-se de que, enquanto as desinências são comutáveis (podem ser trocadas uma pela outra), as vogais temáticas não são (quem pensaria seriamente em formar "livra" ou "carra" para indicar formas "femininas"?).
Para a indicação de número, costuma-se utilizar o morfema -s, que indica o plural em oposição à ausência de morfema que indica o singular: garoto/garotos; garota/garotas; menino/meninos; menina/meninas. No caso dos nomes terminados em -r e -z, a desinência de plural assume a forma -es: mar/mares; revólver/revólveres; cruz/cruzes; juiz/juízes.
b) desinências verbais - em nossa língua, as desinências verbais pertencem a dois tipos distintos. Há aquelas que indicam o modo e o tempo verbais (desinências modotemporais) e aquelas que indicam o número e a pessoa verbais (desinências númeropessoais).
Observe, nas formas verbais abaixo, algumas dessas desinências:
estud-á-va-mos
estud-: radical
-á-: vogal temática
-va-: desinência modo-temporal (caracteriza o pretérito imperfeito do indicativo)
-mos: desinência número-pessoal (caracteriza a primeira pessoa do plural)
estud-á-sse-is
-sse-: desinência modo-temporal (caracteriza o pretérito imperfeito do subjuntivo)
-is: desinência número-pessoal (caracteriza a segunda pessoa do plural)
estud-a-ria-m
-ria-: desinência modo-temporal (caracteriza o futuro do pretérito do indicativo)
-m: desinência número-pessoal (caracteriza a terceira pessoa do plural)
- nota da ledora:
fotografia do apinel de exposição da galeria do Banco Safra, anunciando a Exposição de mulheres com corpo escultural, com a seguinte legenda: Em mulher, -es e a desinência de plural, pois trata-se de nome cujo singular termina em -r. Mas o interessante neste anúncio é o emprego do adjetivo escultural geralmente usado em sentido figurado. O redator obteve um belo efeito explorando seu sentido literal. - no anúncio, a foto de uma escultura do corpo de uma mulher.
- fim da nota.
4. PROCESSO DE FORMAÇÃO DAS PALAVRAS
A língua portuguesa apresenta dois processos básicos para formação de palavras: a derivação e a composição.
Há derivação quando, a partir de uma palavra primitiva, obtemos novas palavras chamadas derivadas) por meio do acréscimo de afixos. Isso ocorre, por exemplo, quando, a partir da palavra primitiva piche, formamos pichar, da qual por sua vez se forma pichação, pichador; também ocorre quando obtemos impessoal a partir de pessoal ou ineficiente a partir de eficiente. Como veremos mais adiante, a derivação também pode ser feita pela supressão de morfemas ou pela troca de classe gramatical, mas nunca pelo acréscimo de radicais.
A composição ocorre quando formamos palavras pela junção de pelo menos dois radicais. Nesse sentido, diferencia-se da derivação, que não lida com radicais. As palavras resultantes do processo de composição são chamadas palavras compostas, em

oposição àquelas em que há um único radical, chamadas simples.
Eis alguns exemplos de palavras compostas:
lobisomem (em que se notam os radicais das palavras lobo e homem), girassol (gira + sol), beiJa-flor (beija + flor), otorrinolaringologia (formada por radicais eruditos, trazidos diretamente do grego: oto + rino + laringo + logia).

DERIVAÇÃO

A derivação consiste basicamente na modificação de determinada palavra primitiva por meio do acréscimo de afixos. Dessa forma, temos a possibilidade de fazer sucessivos acréscimos, criando, a partir de uma base inicialmente simples, palavras de estrutura cada vez mais complexa:
escola
escolar
escolarizar
escolarização
subescolarização
Observe, assim, que a derivação deve ser vista como um processo extremamente produtivo da língua portuguesa, pois podemos incorporar os mesmos afixos a um número muito grande de palavras primitivas. Esses acréscimos podem alterar o significado da palavra (como em escolarização/subescolarização) e também mudar a classe gramatical da palavra (como em escolarizar/escolarização, que são, respectivamente, verbo e substantivo).
A derivação, quando decorre do acréscimo de afixos, pode ser classificada em três tipos: derivação prefixal, derivação sufixal e derivação parassintética.

DERIVAÇÃO PREFIXAL OU PREFIXAÇÃO

Resulta do acréscimo de prefixo à palavra primitiva, que tem o seu significado alterado; veja, por exemplo, alguns verbos derivados de pôr: repor, dispor, compor, contrapor, indispor, recompor, decompor. Tradicionalmente, os estudiosos da língua portuguesa afirmam que a prefixação não produz mudanças de classe gramatical; na língua atual, entretanto, essas modificações têm ocorrido. Veja, por exemplo, as palavras antiinflação e interbairros, que, em expressões como pacto antiinflação e transporte interbairros atuam como adjetivos, apesar de terem sido formadas de substantivos.

DERIVAÇÃO SUFIXAL OU SUFIXAÇÃO

Resulta do acréscimo de sufixo à palavra primitiva, que pode sofrer alteração de significado ou mudança de classe gramatical. Em unhada, por exemplo, houve modificação de significado: o acréscimo do sufixo trouxe a noção de "golpe", "ataque feito com a unha", ou mesmo a idéia de "ferimento provocado pela unha". Já em alfabetização, o sufixo -ção transforma em substantivo o verbo alfabetizar. Esse verbo, por sua vez, já resulta do substantivo alfabeto pelo acréscimo do sufixo -izar.
Como já vimos, o acréscimo de afixos pode ser gradativo. Nada impede que, depois de obter uma palavra por prefixação, se forme outra por sufixação, ou vice-versa. Veja, por exemplo, desvalorização (valor valorizar desvalorizar desvalorização); indesatável (desatar desatável indesatável); desigualdade (igual igualdade desigualdade). São palavras formadas por prefixação e sufixação ou por sufixação e prefixação.

DERIVAÇÃO PARASSINTÉTICA OU PARASSÍNTESE

Ocorre quando a palavra derivada resulta do acréscimo simultâneo de prefixo e sufixo à palavra primitiva. É um processo que dá origem principalmente a verbos, obtidos a partir de substantivos e adjetivos. Veja alguns exemplos de verbos obtidos de substantivos: abençoar, amaldiçoar, ajoelhar, apoderar, avistar, apregoar, enfileirar, esfarelar, abotoar, esburacar, espreguiçar, amanhecer, anoitecer acariciar, engatilhar, ensaboar, enraizar, afunilar, apavorar, empastelar, expatriar.
Agora, alguns formados de adjetivos: enrijecer, engordar, entortar, endireitar, esfriar, avermelhar, empobrecer, esclarecer, apodrecer, amadurecer, aportuguesar, enlouquecer,

endurecer, amolecer, entristecer, empalidecer, envelhecer, expropriar.
- nota da ledora: quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÃO: Não se deve confundir a derivação parassintética, em que o acréscimo de sufixo e prefixo é obrigatoriamente simultâneo, com casos como os das palavras desvalorização e desigualdade, que vimos há pouco. Nessas palavras, os afixos são acoplados em seqüência; assim, como vimos, desvalorização provém de desvalorizar, que provém de valorizar, que por sua vez provém de valor.É impossível fazer o mesmo com palavras formadas por parassíntese: não se pode, por exemplo, dizer que expropriar provém de "propriar" ou de "expróprio", pois tais palavras não existem; logo, expropriar provém diretamente de próprio, pelo acréscimo concomitante de prefixo e sufixo.
- fim do quadro de destaque.
DERIVAÇÃO REGRESSIVA
Ocorre quando se retira a parte final de uma palavra primitiva, obtendo por essa redução uma palavra derivada. E um processo particularmente produtivo para a formação de substantivos a partir de verbos principalmente da primeira e da segunda conjugações. Esses substantivos, chamados por isso de verbais, indicam sempre o nome de uma ação. O mecanismo para sua obtenção é simples: substitui-se a terminação verbal formada pela vogal temática + desinência de infinitivo (-ar ou -er) por uma das vogais temáticas nominais (-a, -e ou -o):
buscar - busca
alcançar - alcance
tocar - toque
apelar - apelo
censurar - censura
atacar- ataque
sacar - saque
chorar - choro
ajudar - ajuda
cortar - corte
abalar- abalo
recuar - recuo
perder - perda
debater - debate
afagar - afago
sustentar - sustento
vender - venda
resgatar - resgate
É interessante perceber que a derivação regressiva é um processo produtivo na língua coloquial: surgiram recentemente na língua popular palavras como agito (de agitar), amasso (de amassar) e chego (de chegar).
- nota da ledora: quadro de destaque na página;
Os substantivos deverbais são sempre nomes de ação: isso é importante porque há casos em que é o verbo que se forma a partir do substantivo, como planta plantar, perfume perfumar, escudo escudar. Planta, perfume e escudo não são nomes de ação; por isso não são substantivos deverbais . Na verdade, eles é que são palavras primitivas, enquanto os verbos são derivados.
DERIVAÇÃO IMPRÓPRIA
Ocorre quando determinada palavra, sem sofrer qualquer acréscimo ou supressão em sua forma, muda de classe gramatical. Isso acontece, por exemplo, nas frases:
Não aceitarei um não como resposta.
É um absurdo o que você está propondo.
Na primeira frase, não, um advérbio, converteu-se em substantivo. Na segunda, o

adjetivo absurdo também se converteu em substantivo. Já em:
Você está falando bonito: o amar é indispensável.
O adjetivo bonito surge na função típica de um advérbio de modo, enquanto o verbo amar se converteu em substantivo.
- nota da ledora: anúncio na página, campanha de educação no trânsito, da cidade de Curitiba, com os seguintes dizeres: Curitiba levou 300 anos para aprender a respeitar o verde, só falta o amarelo e o vermelho (cores referentes aos sinais de trânsito) .
Acidente de trânsito não é falta de sorte, é falta de educação, legenda do anúncio:
Verde, amarelo e vermelho são adjetivos que, por derivação imprópria (note a anteposição do artigo aos três), converteram-se em substantivos. - fim do anúncio.
- nota da ledora: quadro em destaque, na página:
Tipos de derivação
a) derivação prefixal ou prefixação - resulta do acréscimo de prefixo à palavra primitiva, que tem o seu significado alterado;
b) derivação sufixal ou sufixação - resulta do acréscimo de sufixo à palavra primitiva, que pode sofrer alteração de significado ou mudança de classe gramatical;
c) derivação parassintética ou parassíntese -ocorre quando a palavra derivada resulta do acréscimo simultâneo de prefixo e sufixo à palavra primitiva. É um processo que dá origem principalmente a verbos, obtidos a partir de substantivos e adjetivos;
d) derivação regressiva - ocorre quando se retira a parte final de uma palavra, obtendo por essa redução uma palavra derivada. É um processo particularmente produtivo para a formação de substantivos a partir de verbos principalmente da primeira e da segunda conjugações;
e) derivação imprópria - ocorre quando determinada palavra, sem sofrer qualquer acréscimo ou supressão em sua forma, muda de classe gramatical.
PREFIXOS
Os prefixos são morfemas que se colocam antes dos radicais basicamente a fim de modificar-lhes o sentido; raramente esses morfemas produzem mudanças de classe gramatical.
Os principais prefixos da língua portuguesa são de origem latina. Na relação que se segue, colocamos as diversas formas que esses prefixos costumam assumir, o tipo de modificação de significado que introduzem no radical e vários exemplos.
Muitos desses prefixos originaram-se de preposições e advérbios, e não será difícil para você relacioná-los com preposições e advérbios da língua portuguesa.
Leia a relação com cuidado, concentrando-se principalmente nos exemplos.
- nota da ledora: as três páginas seguintes, trazem palavras com prefixos de origem latina, em tabela bastante extensa. Esta tabela foi alterada, em sua forma, durante a edição, contudo, o teor da mesma esta conforme o original.
- fim da nota.
Prefixo e significado
Prefixo
a-, ab-, abs- (separação, afastamento, privação)
Exemplos
abdicar, abjurar, abster, abstrair, abuso, abusar, amovível, abster
Prefixo
a-, ad- (aproximação, direção, aumento, transformação)
Exemplos
achegar, abraçar, aproveitar, amadurecer, adiantar, avivar, adjunto, administrar, admirar, adventício, assimilar
Prefixo
além- (para o lado de lá, do lado de lá)
Exemplos

além-túmulo, além-mar, além-mundo
Prefixo
ante- (anterioridade no espaço ou no tempo)
Exemplos
antebraço, antepasto, ante-sala, antevéspera, antepor, anteontem
Prefixo
aquém- (para o lado de cá, do lado de cá)
Exemplos
aquém-mar, aquém-fronteiras
Prefixo
bem-, ben- (de forma agradável, positiva ou intensa)
Exemplos
bem-aventurado, bem-vindo, benfeitor, benquisto, bem-apanhado, bem-apessoado, bemnascido, bem-querer, bem-visto
Prefixo
circum-, circun- (ao redor de, em torno de)
Exemplos
circuncentro, circunscrever, circunvizinhança, circunvagar
Prefixo
cis- (posição aquém, do lado de cá)
Exemplos
cisandino, cisplatino, cisalpino
Prefixo
co-, com- (contigüidade, companhia, agrupamento)
Exemplos
coabitar, coadjuvante, coadquirir, condiscípulo, combater, correligionário, conjurar, consoante, confluência, compor, cooperar, corroborar, conviver, co-irmão, co-herdeiro
Prefixo
contra- (oposição, ação conjunta, proximidade)
Exemplos
contra-atacar, contra-argumento, contradizer, contrapor, contraprova, contrabalançar, contracheque, contracultura, contra-exemplo, contracapa, contracanto, contramestre
Prefixo
de- (movimento de cima para baixo)
Exemplos
decrescer, decompor, depor, depender, decapitar, deliberar, decair
Prefixo
des- (separação, ação contraria, negação, privação)
Exemplos
despedaçar, desfazer, desumano, desintegrar, desigual, desconforme, desobedecer, desmatar, desenganar, desunião, desfolhar; (as vezes serve apenas para reforço) desafastar, desinfeliz, desinquieto
Prefixo
dis-, di- (separação, movimento para diversos lados, negação)
Exemplo
difícil, dissidente, dilacerar, disseminar, distender, disforme, dissabor, divagar, difundir
Prefixo e significado
e-, es-, ex- (movimento para fora, separação, transformação)
emigrar, evadir, expor, exportar, exprimir, expatriar, extrair, esquentar, esfriar, esburacar, ex-presidente, ex-ministro, ex-namorada
en-, em-, i-, in-, im- (posição interior, movimento para dentro)
enraizar, enterrar, embarcar, embeber, imigrar, irromper, importar, importação, ingerir,

inocular
entre-, inter- (posição intermediária, reciprocidade)
entreabrir, entrechoque, entrelaçar, entrevista, entretela, entrever, interação, intercâmbio, intervir, interromper, intercalar
extra- (posição exterior, fora de)
extraconjugal, extrajudicial, extra-oficial, extraordinário, extranumerário, extraterrestre, extravasar, extraviar
E-, Ifl-, Em- (negação, privação)
imoderado, inalterado, ilegal, ilegítimo, irrestrito, incômodo, inútil, incapaz, impuro, impróprio
intra- (posição interior) intro- (movimento para dentro)
intrapulmonar, intravenoso, intra-ocular
intro- (movimento para dentro) introduzir, intrometer, intrometido, introverter, introjeção, introspecção
justa- (posição ao lado)
justapor, justaposição, justalinear
mal- (de forma irregular, desagradável ou escassa)
mal-humorado, mal-educado, mal-arrumado, mal-assombrado, malfeito, mal-assado, mal-aventurança, malcriado
ob-, o- (posição em frente, diante, oposição)
objeto, obstar, obstáculo, obstruir, obstrução, opor, oposição
per- (movimento através) pos-, pós- (posterioridade, posição posterior)
perpassar, percorrer, percurso, perfurar, perseguir, perdurar posfácio, pospor, pós-escrito, pós-graduação, pós-eleitoral
pre-, pré- (anterioridade, antecedência)
premeditar, preestabelecer, predizer, predispor, pré-história, pré-adolescente, préamplificador
pro-, pró- (movimento para a frente, a favor de)
promover, propelir, progredir, progresso, proeminente, proclamar, prosseguir, pró-socialista, pró-britânico, pró-anistia
re- (movimento para trás, repetição)
refluir, reagir, reaver, reeditar, recomeçar, reviver, renascer, reanimar
retro- (movimento para trás)
retroação, retrocesso, retroceder, retroativo, retrógrado, retrospectivo, retrovisor
semi- (metade de, quase, que faz o papel de)
semicírculo, semibreve, semicondutor, semiconsciente, semi-escravidão, semianalfabeto, semivogal, semimorto
sobre-, super-, supra- (posição acima ou em cima, excesso, superioridade)
sobrepor, superpor, sobrescrito, sobrescrever, sobrevir, supersensível, super-homem, supermercado, superdotado, supercivilização
soto-, sota- (debaixo, posição inferior)
sotopor, sotavento, sota-proa, sota-voga, sota-soberania
sub-, su-, sob-, 50- (movimento de baixo para cima, inferioridade, quase)
sobraçar, soerguer, soterrar, sujeitar, subjugar, submeter, subalimentado subdesenvolvimento, subliteratura, subumano, submarino, subverter
tras-, tres-, trans- (movimento ou posição para além de, através)
traspassar ou transpassar, trasbordar ou transbordar, tresandar, tresvariar, transatlântico, transalpino, transandino, transplantar
ultra- (posição além de, em excesso)
ultrapassar, ultramar, ultravioleta, ultramicroscópico, ultraconservador, ultraromântico, ultra-som, ultra-sofisticado
vice- (em lugar de, em posição imediatamente inferior)
vice-presidente, vice-diretor, vice-cônsul, vice-almirante, vice-rei, vice-campeão,

vice-artilheiro
Prefixo e significado
an-, a- (privação, negação)
anarquia, anônimo, ateu, acéfalo, amora, anestesia, afônico, anemia
arcanjo, arquiduque, arquétipo, arcebispo, arquimilionário
an(a) - (movimento de baixo para cima, movimento inverso, repetição, afastamento, intensidade)
anacronismo, anagrama, análise, anabatista, anáfora, analogia, anatomia, anafilaxia
anf(i)- Ide Um e de outro lado, ao redor
anfiteatro, anfíbio, anfipode
ant(i)- (ação contrária, oposição)
antagonista, antítese, antiaéreo, antípoda, antídoto, antipatia, anticonstitucional, anticorpo, antifebril, antimonárquico, anti-social
ap(o)- (afastamento, separação)
apóstata, apogeu, apóstolo
arc(a)-, arce-, arque-, arqui-(superioridade, primazia)
arcanjo, arquiduque, arquétipo, arcebispo, arquimilionário
cata- (movimento de cima para baixo, oposição, em regressão)
cataclismo, catacumba, catarro, catástrofe, catadupa, catacrese, catálise, catarata
di(a)- (através, por meio de, separação)
diagnóstico, diálogo, dialeto, diâmetro, diáfano
dis- (mau estado, dificuldade)
dispnéia, disenteria, dislalia, dispepsia
ec-, ex- (movimento para fora)
eclipse, exantema, êxodo
en-, e-, em- (posição interior, dentro)
encéfalo, emplastro, elipse, embrião
end(o)- (movimento para dentro, posição interior)
endocarpo, endotérmico, endoscópio
ep(i)- (posição superior, sobre, movimento para, posterioridade)
epiderme, epígrafe, epílogo, epícarpo, epidemia
eu-, ev- (bem, bom)
eufonía, eugenia, eufemismo, euforia, eutanásia, evangelho
hiper- posição superior, excesso, além)
hipérbole, hipertensão, hipercrítíco, hiperdesenvolvimento, hiperestesia, hipermercado, hipermetropia, hipertrofia, hipersônico
hipo- (posição inferior, escassez)
hipodérmico, hipótese, hipocalórico, hipogeu, hípoglicemia, hipotensão, hipoteca
met(a)- (mudança, sucessão, posterioridade, além)
metáfora, metamorfose, metafísica, metonímia, metacarpo, metátese, metempsicose
par(a)- (perto, ao lado de, elemento acessório)
paradoxo, paralelo, parágrafo, paramilitar, parábola, parâmetro
peri- (movimento ou posição em torno)
perifrase, periferia, período, periarto, pericarpo
pro- (movimento para diante, posição em frente ou anterior)
programa, prólogo, prognóstico, pródromo, próclise
sin-, sim- (ação conjunta, companhia, reunião, simultaneidade)
sinestesia, sincronia, síntese, sinônimo, sinfonia, simpatia, sílaba, sintaxe, sistema
PREPOSIÇÕES E ADVÉRBIOS QUE TEM SIDO USADOS COMO PREFIXOS
Preposição/advérbio: significado e exemplos;
sem- (falta, privação, ausência) sem-amor, sem-terra, sem-teto, sem-fim, semvergonha,

sem-família
quase- (perto, aproximadamente, por pouco, pouco menos) quase-delito, quaseequilíbrio, quase-posse, quase-suicida
não- (negação por exclusão) não-alinhado, não-euclidiano, não-violência, nãoengajamento, não-essencial, não-ficção, não-metal, não-participante
SUFIXOS
Os sufixos são capazes de modificar o significado do radical a que são acrescentados. Sua principal característica, no entanto, é a mudança de classe gramatical que geralmente operam. Dessa forma, podemos utilizar o significado de um verbo, por exemplo, num contexto em que se deve usar um substantivo.
Por isso, vamos observar os principais sufixos da língua portuguesa em relações que colocam em evidência as diversas classes de palavras envolvidas no processo de derivação. Perceba que, como o sufixo é colocado depois do radical, a ele são incorporadas as desinências que indicam as flexões das palavras variáveis.
1. Formam substantivos a partir de outros substantivos
-ada
a) ferimento, golpe ou marca produzida por instrumento: facada, punhalada, navalhada, martelada, pedrada, bicada, chifrada, dentada, unhada; penada, pincelada.
b) medida ou quantidade: garfada, batelada, fornada, tigelada, carrada, colherada.
c) multidão: boiada, carneirada, estacada, ramada, papelada, meninada.
d) alimentos ou bebidas: cajuada, laranjada, limonada, cocada, marmelada, goiabada, feijoada.
e) movimentos ou atos rápidos, enérgicos ou de duração prolongada: risada, gargalhada, cartada; jornada, noitada, temporada.
-ado, -ato
títulos honoríficos, territórios governados, cargos elevados, instituições: viscondado, arcebispado, principado, pontificado, protetorado, condado, almirantado, eleitorado, apostolado, noviciado, bacharelado, reitorado, consulado; clericato, tribunato, sindicato, triunvirato, baronato, cardinalato.
-agem
a) noção coletiva: folhagem, ferragem, plumagem, ramagem, pastagem.
b) ação ou resultado da ação; estado: aprendizagem, ladroagem, vadiagem.
-al
a) sentido coletivo: bananal, cafezal, feijoal, batatal, laranjal, morangal, pinhal, olival, jabuticabal, areal, lamaçal, lodaçal.
b) relação, pertinência: dedal, portal, pantanal.
-alha
noção coletiva de valor pejorativo: gentalha, canalha, politicalha, miuçalha.
-ama, -ame
noção coletiva ou de quantidade: dinheirama, mourama, velame, vasilhame, cordoame.
-ana, -eria
a) ramo de negócio ou estabelecimento:chapelaria, livraria, alfaiataria, drogaria, tinturaria, confeitaria, leiteria, sorveteria.
b) noção coletiva: pedraria, sacaria, caixaria, fuzilaria, gritaria, infantaria ou infanteria.
c) atos ou resultados dos atos de certos indivíduos: patifaria, velhacaria, pirataria, galantaria ou galanteria.
-ário
a) atividade, ofício, profissão: boticário, operário, secretário, bancário.
b) lugar onde se coloca algo: campanário, aquário, relicário, vestiário.
c) noção coletiva: rimário, anedotário, erário.
-edo
a) sentido coletivo: arvoredo, vinhedo, olivedo, passaredo.

b) objeto isolado, de grande vulto: penedo, rochedo.
-eiro, -eira
a) ofícios e ocupações: barbeiro, sapateiro, parteira, peixeiro, carteiro, bombeiro, sineiro, toureiro, marinheiro, livreiro, copeiro, pedreiro.
b) nomes de árvores ou arbustos: cajueiro, laranjeira, roseira, amendoeira, coqueiro, cafeeiro, pessegueiro, mangueira, jaqueira, goiabeira, craveiro, figueira, castanheiro ou castanheira, espinheiro ou espinheira.
c) objetos ou lugares que servem para guardar: cigarreira, manteigueira, paliteiro, cinzeiro, tinteiro, compoteira, açucareiro, agulheiro, saladeira.
d) objetos de uso pessoal em geral: pulseira, perneira, joelheira, munhequeira, banheira, chuteira.
e) noção coletiva, de quantidade ou de intensidade: nevoeiro, poeira, lameira, chuveiro; pedreira, carvoeira, ostreira; vespeiro, formigueiro; cabeleira.
-ia
a) profissão, dignidade ou lugar onde se exerce profissão: advocacia, baronia, chefia, chancelaria, delegacia, reitoria, diretoria.
b) sentido coletivo: confraria, clerezia, penedia.
-io
noção coletiva: mulherio, rapazio, poderio, gentio.
-ite
inflamação: bronquite, gastrite, rinite, estomatite, esplenite, otite, enterite.
-ugem
semelhança ou idéia de porção: ferrugem, lanugem, penugem, babugem.
-ume
a) noção coletiva, de quantidade ou intensidade: cardume, negrume, azedume, chorume.
b) ação ou resultado da ação: curtume, urdume.
2. Formam substantivos de adjetivos
Os substantivos derivados de adjetivos indicam qualidades, propriedades ou estados.
-dade
crueldade, maldade, bondade, divindade, sociedade, umidade, liberalidade, fragilidade, facilidade, legalidade, amabilidade, possibilidade, solubilidade.
-dão
mansidão, podridão, escuridão, gratidão.
-ez, -eza
altivez, mudez, surdez, sordidez, intrepidez, honradez, mesquinhez, pequenez, pureza, firmeza, nobreza, fraqueza, estranheza, delicadeza, sutileza.
-ia
valentia, ufania, cortesia, alegria, melhoria.
-ice, -ície
velhice, meninice, criancice, beatice, tolice, modernice; calvície, canície, planície; imundice ou imundície.
-or
alvor; amargor, dulçor; negror.
-tude
amplitude, magnitude, latitude, longitude.
-ura
brancura, amargura, loucura, frescura, verdura, doçura, largura, espessura.
3. Formam substantivos de verbos
-ança (-ância), -ença (-ência)
nomes de ação ou de resultados dela; nomes de estado: esperança, lembrança, vingança, constância, importância, relevância; crença, descrença, diferença, detença; regência, conferência, obediência.

-ante, -ente, -inte
agente: ajudante, emigrante, navegante, combatente, pretendente, ouvinte, pedinte.
Em muitos casos, houve especialização de sentido: poente, restaurante, estante, minguante, vazante, afluente.
-dor, -tor, -sor, -or
nome de agente ou de instrumento: roedor, salvador, pescador, carregador, tradutor, jogador, poupador, investidor, investigador, inspetor; regador, aquecedor; raspador; interruptor, disjuntor.
-ção, -são, -ão
ação ou resultado dela: coroação, nomeação, posição, traição, adulação, consolação, obrigação, negação, declaração, audição, solução, invocação, extensão, agressão, repercussão, discussão, puxão, arranhão, escorregão.
-douro, -tório
lugar ou instrumento para prática da ação: miradouro, ancoradouro, desaguadouro, logradouro, matadouro, bebedouro, babadouro; purgatório, dormitório, laboratório, vomitório, oratório.
-dura, -tura, -sura, -ura
resultado ou instrumento da ação: atadura, armadura, escritura, fechadura, clausura, urdidura, benzedura, mordedura, torcedura, pintura, magistratura, formatura.
-mento
ação, resultado da ação ou instrumento: acolhimento, apartamento, pensamento, conhecimento, convencimento, esquecimento, fingimento, impedimento, ferimento, ornamento, instrumento, armamento, fardamento.
4. Formam substantivos e adjetivos de outros substantivos e adjetivos
-ismo
a) doutrinas ou sistemas religiosos, filosóficos, políticos, artísticos: calvinismo, bramanismo, budismo, materialismo, espiritismo, socialismo, capitalismo, federalismo, gongorismo, simbolismo, modernismo, impressionismo.
b) maneira de proceder ou de pensar: heroísmo, pedantismo, patriotismo, servilismo, ufanismo, nepotismo, filhotismo, arrivismo, oportunismo, revanchismo.
c) formas de expressão que apresentam particularidades: vulgarismo, latinismo, galicismo, arcaísmo, neologismo, solecismo, barbarismo.
d) terminologia científica: magnetismo, galvanismo, alcoolismo, reumatismo, traumatismo.
-ista
a) sectários de certas doutrinas: calvinista, bramanista, budista, materialista, espiritista, socialista, capitalista, federalista, gongorista, simbolista, modernista, impressionista.
b) ofícios, agentes: flautista, florista, telefonista, maquinista, latinista, dentista, acionista, tenista, esportista.
c) adeptos de determinadas formas de agir ou pensar: oportunista, golpista, saudosista, emancipacionista, desenvolvimentista, arrivista, revanchista.
d) nomes pátrios ou indicadores de origem: nortista, sulista, paulista, santista, campista.
5. Formam adjetivos de substantivos ou de outros adjetivos
-aco
estado íntimo; pertinência; origem: maníaco, demoníaco, austríaco, siríaco.
- nota da ledora: quadro em destaque na página :
OBSERVAÇÃO:
A relação entre as palavras tormadas pelos sufixos -ismo e -ista é óbvia: modernismo/modernista; calvinismo/calvinista, etc. Note, no entanto, que não é uma relação obrigatória: protestantismo/protestante; maometismo/maometano; islamismo/islamita.

- fim do quadro.
-ado
a) provido, cheio de: barbado, ciliado, dentado.
b) que tem caráter de: adamado, afeminado, amarelado, avermelhado.
-aico
referência, pertinência; origem: prosaico, onomatopaico, judaico, caldaico, aramaico.
-ano
a) pertinência; proveniência; relação com: humano, mundano, serrano.
b) adeptos de doutrinas estéticas, religiosas, filosóficas: maometano, luterano, anglicano, camoniano, shakespeariano, horaciano.
c) nomes pátrios: americano, baiano, pernambucano, peruano, prussiano, açoriano, alentejano.
-ão
proveniência, origem: alemão, coimbrão, beirão, aldeão.
-al, -ar
relação, pertinência: dorsal, causal, substancial, anual, pessoal; escolar, palmar, vulgar, solar, lunar; consular; familial ou familiar.
-eiro, -ário
relação; posse; origem: verdadeiro, rasteiro, costeiro, originário, ordinário, diário, subsidiário, tributário, mineiro, brasileiro.
-engo, -enho, -eno
relação; procedência, origem: mulherengo, avoengo, solarengo, flamengo; ferrenho, estremenho, madrilenho, panamenho, portenho; nazareno, terreno, tirreno, chileno.
-ento
provido ou cheio de; que tem o caráter de: sedento, rabugento, peçonhento, cinzento, ciumento, corpulento, turbulento, opulento, barrento, vidrento.
-ês, -ense
relação; procedência, origem: francês, inglês, genovês, milanês, escocês, irlandês; paraense, cearense, maranhense, vienense, parisiense, catarinense, forense.
-eo
relação; semelhança; matéria: róseo, férreo.
-esco, -isco
referência; semelhança: burlesco, dantesco, mourisco.
-este, -estre
relação: agreste, celeste; campestre, terrestre, alpestre, silvestre.
-eu
e relação; procedência, origem: europeu, judeu, caldeu, hebreu, filisteu, cananeu.
-ico, icio
relação; procedência: bíblico, melancólico, pérsico, céltico, britânico, ibérico, geométrico; alimentício, natalício.
-il
referência; semelhança: febril, infantil, senhoril, servil, varonil, estudantil, fabril.
-ino
relação; origem; natureza: argentino, florentino, bizantino, cristalino, leonino, alabastrino, diamantino, londrino, bovino.
-ita
relação; origem: ismaelita, israelita, jesuíta.
-onho
propriedade; hábito: medonho, risonho, enfadonho, tristonho.
-oso
provido, cheio de; que provoca: orgulhoso, furioso, desejoso, rigoroso, noticioso, leitoso, sulfuroso, montanhoso, pedregoso, temeroso, lamentoso, lastimoso, vergonhoso,

angustioso.
-tico
relação: aromático, problemático, asiático, rústico.
-udo
provido de, cheio de ou com a forma de, muitas vezes com idéia de desproporção:
sisudo, pontudo, bicudo, peludo, cabeludo, narigudo, espadaúdo, repolhudo,
bochechudo, carnudo, polpudo.
6. Formam adjetivos de verbos
-ante, -ente, -inte
ação; qualidade; estado: semelhante, tolerante; doente, resistente; constituinte, seguinte.
-io, -ivo
ação; referência; modo de ser: escorregadio, erradio, fugidio, tardio, prestadio;
pensativo, lucrativo, fugitivo, afirmativo, negativo, acumulativo.
-iço, icio
referência; possibilidade de praticar ou sofrer ação: abafadiço, movediço, quebradiço,
alagadiço, metediço; acomodatício, factício, translatício, sub-reptício.
-doiro, -douro, -tório
ação, muitas vezes de valor futuro; pertinência: casadoiro; duradouro, vindouro;
inibitório, preparatório, imigratório.
-vel
possibilidade de praticar ou sofrer ação:
desejável, vulnerável, remediável, substituível, suportável, louvável, admissível,
reduzível, removível, corrigível, discutível.
7. Forma advérbios de adjetivos
-mente
justamente, vaidosamente, livremente, burguesmente, perigosamente, firmemente,
fracamente.
8. Formam verbos de substantivos e adjetivos
-ar
murar, jardinar, telefonar, ancorar, ordenar; almoçar.
-ear
sapatear, floretear; golpear, saborear, saquear; mastrear; folhear; sanear; clarear.
-ejar
lacrimejar, gotejar; gaguejar, voejar.
-entar
amolentar; aformosentar.
-ecer, -escer
favorecer; escurecer; florescer; rejuvenescer.
-ficar
falsificar, petrificar, exemplificar, fortificar, dignificar; purificar.
-ilhar
dedilhar; fervilhar.
-inhar
escrevinhar, cuspinhar.
-iscar
chuviscar; lambiscar.
-itar
saltitar, dormitar.
-izar
organizar, civilizar; harmonizar, fertilizar, esterilizar; tranqüilizar; vulgarizar,
simpatizar; economizar; arborizar.
9. Sufixos aumentativos

-ão, -eirão, -arrão, -alhão, -zarrão
casarão, caldeirão, paredão; chapeirão; grandalhão, vagalhão; homenzarrão.
-aça, -aço, -uça
barcaça, barbaça; ricaço, doutoraço, mulheraço; dentuça.
-alha
fornalha
-anzil
corpanzil
- nota da ledora: quadro em destaque na página-
OBSERVAÇÃO
Os verbos novos da língua são criados pelo acréscimo da terminação -ar a substantivos e adjetivos. Essa terminação é formada pela vogal temática da primeira conjugação seguida pela desinência do infinitivo impessoal, atuando como um verdadeiro sufixo. Os demais sufixos costumam conferir detalhes de significado aos verbos que formam. Observe:
-ear
indica ação repetida (cabecear folhear) ou ação que se prolonga (clarear). O mesmo acontece com -ejar: gotejar, velejar.
-entar
indica processo de atribuição de uma qualidade ou estado (amolentar). O mesmo se dá com -ficar e -izar: clarificar, solidificar, civilizar, atualizar.
-iscar
indica ação repetida e diminuída; chuviscar, lambiscar. O mesmo ocorre com -itar (dormitar; saltitar), -ilhar e outros. No caso de -inhar, muitas vezes há sentido depreciativo, como em escrevinhar.
-a réu
fogaréu, povaréu, mundaréu.
-arra, -orra
bocarra, naviarra; beiçorra, cabeçorra.
-az, alhaz, arraz
ladravaz, linguaraz, fatacaz, machacaz; facalhaz; pratarraz.
-astro
medicastro, poetastro.
10. Sufixos diminutivos
-acho, -icho, -ucho
riacho, fogacho; governicho, barbicha; gorducho, papelucho, casucha.
-ebre
casebre
-eco, -ico
livreco, soneca, padreco; burrico, marica.
-ejo
lugarejo, animalejo.
-ela
ruela, viela, magricela.
-elho, -ilho, -ilha
folhelho, rapazelho; pecadilho; tropilha.
-ete, -eta, -eto
tiranete, fradete, artiguete, lembrete, diabrete; saleta, lingüeta; esboceto.
-inho, -inha, -zinha, -zinho
livrinho, pratinho, branquinho, novinho, bonitinho, toquinho, caixinha, florzinha, vozinha.
-im

espadim, lagostim, camarim, fortim.
-ino
pequenino
-isco, -usco
chuvisco, petisco; velhusco.
-ito, -ita, -zito
casita, rapazito, copito; amorzito, jardinzito, florzita.
-ola
rapazola, bandeirola, portinhola, fazendola.
-ote, -oto, -ota
rapazote, caixote, velhote, fidalgote, saiote; perdigoto; velhota.
-ulo, -ula, -culo, -cula
glóbulo, grânulo, nódulo, régulo; corpúsculo, minúsculo, homúnculo, montículo, opúsculo, versículo; radícula, gotícula; partícula, película, questiúncula.
- nota da ledora; quadro de destaque na página -
OBSERVAÇÃO: É fácil notar que muitas vezes os sufixos aumentativos e diminutivos sugerem deformidade (como em beiçorra, cabeçorra), admiração (carrão), desprezo (asneirão, poetastro, artiguete), carinho (paizinho, pequenino), intensidade (alegrinho), ironia (safadinha) e vários outros matizes semânticos. No caso dos sufixos pertencentes ao último grupo apresentado, temos a formação de diminutivos eruditos - diretamente importados do latim -, os quais são muito usados na terminologia científica.
- fim do quadro de destaque.
COMPOSIÇÃO
A composição produz palavras compostas a partir da aproximação de palavras simples. As palavras simples são aquelas em que há um único radical, como amor e perfeito. Para que ocorra o processo de composição, é necessário estabelecer entre essas palavras um vínculo permanente, que faz com que surja um novo significado: é o que ocorre quando formamos o composto amor-perfeito, que dá nome a uma flor. O significado não é o mesmo da expressão amor perfeito, na qual cada palavra mantém seu significado original: trata-se do sentimento amoroso manifestado de forma perfeita. Em amor-perfeito há uma única palavra que dá nome a um organismo vegetal.
A composição também pode ser feita por meio do uso de radicais que não têm vida independente na língua. Isso ocorre basicamente na formação de palavras que recebem o nome de compostos eruditos por serem formadas com radicais gregos e latinos. E o caso, por exemplo, de democracia, patogênese, alviverde, agricultura e outras, usadas principalmente na nomenclatura técnica e científica.
TIPOS DE COMPOSIÇÃO
Quanto à forma que adquire a palavra composta, costumam-se apontar dois tipos de composição:
a) composição por justaposição - ocorre quando os elementos que formam o composto são simplesmente colocados lado a lado (justapostos), sem que se verifique qualquer alteração fonética em algum deles: segunda-feira, pára-raios, corre-corre, guarda-roupa, amor-perfeito, pé-de-moleque, girassol, passatempo. O que caracteriza a justaposição é a manutenção da integridade sonora das palavras que formam o composto, e não a forma de grafá-lo: passatempo e girassol, apesar de serem escritos sem hífen, são compostos por justaposição;
b) composição por aglutinação - ocorre quando os elementos que formam o composto se aglutinam, o que significa que pelo menos um deles perde sua integridade sonora, sofrendo modificações. Observe os exemplos e note as transformações sofridas pelas palavras formadoras: vinagre (vinho + acre), aguardente (água + ardente), pernalta (perna + alta), planalto (plano + alto).
Também se incluem neste caso muitos compostos eruditos (como retilíneo, crucifixo,

ambidestro, demagogo e outros), cuja identificação requer conhecimentos mais especializados.
As possibilidades de composição são imprevisíveis: podem-se formar compostos pelo relacionamento de palavras pertencentes a praticamente todas as classes gramaticais. Há, por exemplo, compostos formados por substantivo + substantivo (porco-espinho), substantivo + adjetivo (amor-perfeito), advérbio + adjetivo (sempre-viva), verbo + substantivo (pára-choques).
A principal função do processo de composição é a criação de novas palavras para denominar novos objetos, conceitos ou ocupações. Essa função denominadora pode ser dada de forma descritiva ou metafórica. Palavras como papel-alumínio, relógio-pulseira ou lava-louças são descritivas porque buscam dar nome a objetos por meio de suas características ou finalidades mais relevantes.
Louva-a-deus e arranha-céu são compostos de origem metafórica, pois resultam de um evidente uso figurado da linguagem.
O surgimento de novas palavras compostas na língua é constante, uma vez que a necessidade de encontrar nomes específicos para novos objetos e conceitos é ininterrupta. Dessa forma, podemos perceber na língua atual a transformação de expressões em novas palavras. Pense, por exemplo, na expressão três em um (que na linguagem publicitária já aparece "três-em-um"), que dá nome a certas combinações de aparelhos de som. Aliás, pense na própria expressão aparelho de som, que já é praticamente uma palavra composta (como máquina de lavar ou máquina de costura).
Em alguns casos, podemos observar que já existe a consciência de que se está lidando com uma palavra composta, como é o caso de ponto de vista e meio ambiente, expressões que vêm sendo grafadas "ponto-de-vista" e "meio-ambiente" com freqüência cada vez maior.
- nota da ledora: propaganda do diet shake, fazendo referência ao vocábulo lipoaspiração. Este anúncio já foi descrito pela ledora em página anterior.
- fim da nota.
Lipoaspiração constitui exemplo de formação de novas palavras compostas na língua. O anunciante aproveitou o mote para decompô-la e incentivar jocosamente o consumo.
- nota da ledora:
A composição
A composição é o processo de formação que dá origem a palavras compostas (aquelas em que há pelo menos dois radicais) pela aproximação de palavras simples ou de radicais eruditos. Se os elementos formadores mantiverem sua integridade sonora, ocorre composição por justaposição. Se pelo menos um deles sofre alterações na sua configuração sonora, ocorre composição por aglutinação.
- fim da nota ledora
RADICAIS E COMPOSTOS ERUDITOS
O mecanismo da composição é utilizado para a formação de um tipo especifico de palavras conhecidas como compostos eruditos, assim chamados porque em sua formação se utilizam elementos de origem grega e latina que foram diretamente importados dessas línguas com essa finalidade. Por isso, esses compostos são também chamados de helenismos e latinismos eruditos. São palavras como pedagogia e quiromancia (formadas de elementos gregos) ou arborícola e uxoricida (formadas por elementos latinos), normalmente criadas para denominar objetos ou conceitos relacionados com as ciências e as técnicas. Muitas delas acabam se tornando cotidianas (telefone, automóvel, democracia e agricultura, por exemplo).
Apresentamos a seguir duas relações de radicais gregos e duas relações de radicais latinos. A primeira relação de radicais gregos e a primeira relação de radicais latinos agrupa os elementos formadores que normalmente são colocados no início dos compostos; a segunda relação de radicais agrupa, em cada caso, os elementos

formadores que costumam surgir na parte final dos compostos.
Adotamos esse procedimento a fim de facilitar seu trabalho de consulta: ao encontrar determinado exemplo na relação dos radicais que costumam ser o primeiro elemento do composto, você poderá mais rapidamente verificar o valor do segundo elemento na relação dos radicais que costumam figurar no final dos compostos. Atente para o fato de que determinados radicais costumam aparecer em determinadas posições nos compostos; nada os impede de surgir em posição diferente.
Alguns dos radicais que colocamos nas relações a seguir são considerados prefixos por alguns autores; outros estudiosos preferem chamá-los "elementos de composição". Acreditamos que essas questões terminológicas são pouco importantes para você, que tem finalidades mais práticas. Observe que muitas palavras que fazem parte das suas aulas de Biologia, Química e Física podem ser encontradas nas relações abaixo; observe, principalmente, que o conhecimento do significado dos elementos que as constituem muitas vezes nos ajuda a compreender os conceitos e seres que denominam.
RADICAIS GREGOS
Elementos que normalmente surgem na parte inicial do composto
Radical, significado e exemplo:
acr-, acro- (alto, elevado) acrópole, acrofobia, acrobata
aer-, aero- (ar) aeródromo, aeronauta, aeróstato, aéreo
agro- (campo) agrologia, agronomia, agrografia, agromania
al-, alo- (outro, diverso) alopatia, alomorfia
andr-, andro- (homem, macho) androceu, andrógino, andróide, androsperma
anemo- (vento) anemógrafo, anemômetro
angel-, angelo- (mensageiro, anjo) angelólatra, angelogia
ant-, anto- (flor) antologia, antografia, antóide, antomania
antropo- (homem) antropógrafo, antropologia, filantropo
aritm-, aritmo- (número) aritmética, aritmologia, aritmomancia
arque- (primeiro, origem) arquétipo, arquegônio
arqueo- (antigo) arqueografia, arqueologia, arqueozóico
aster-, astro- (estrela, astro) asteróide, astrólogo, astronomia
auto- (próprio) autocracia, autógrafo, autômato
bari-, baro- (peso) barômetro, barítono, barisfera
biblio- (livro) bibliografia, biblioteca, bibliófilo
bio- (vida) biografia, biologia, macróbio, anfíbio
caco- (mau) cacofonia, cacografia
cali- (belo) califasia, caligrafia
cardi-, cardio- (coração) cardiologia, cardiografia
cin-, cine-, cines- (movimento) cinestesia, cinemática
core-, coreo- (dança) coreografia, coreógrafo
cosmo- (mundo) cosmógrafo, cosmologia
cript-, cripto- (escondido) criptônimo, criptograma
cris-, criso- (ouro) crisálida, crisântemo
crom-, cromo- (cor) cromossomo, cromogravura, cromoterapia
crono- (tempo) cronologia, cronometro, cronograma
datilo- (dedo) datilografia, datiloscopia
demo- (povo) demografia, democracia, demagogia
dinam-, dinamo- (força, potência) dinamômetro, dinamite
eco- (casa) ecologia, ecossistema, economia
eletro- (âmbar, eletricidade) elétrico, eletrômetro
enter-, entero- (intestino) enterite, enterogastrite
ergo- (trabalho) ergonomia, ergometria
estere-, estereo- (sólido, fixo) estereótipo, estereografia

estomat-, estomato- (boca, orifício) estomatite, estomatoscópio
etno- (raça) etnografia, etnologia
farmaco- (medicamento) farmacologia, farmacopéla
filo- (amigo) filósofo, filólogo
fisio- (natureza) fisiologia, fisionomia
fono- (voz) eufonia, fonologia
fos-, foto- (luz) fósforo, fotofobia
gastr-, gastro- (estômago) gastrite, gastrônomo
Radical e significado e exemplo
gen-, geno- (que gera) genótipo, hidrogênio
geo- (terra) geografia, geologia
ger-, gero- (velhice) geriatria, gerontocracia
helio- (sol) heliografia, helioscópio
hemi- (metade) hemisfério, hemistíquio
hemo-, hemato- (sangue) hemoglobina, hematócrito
hetero- (outro) heterônimo, heterogêneo
hidro- (água) hidrogênio, hidrografia
hier-, hiero- (sagrado) hieróglifo, hierosolimita
hipo- (cavalo) hipódromo, hipopótamo
homo-, homeo- (semelhante) homeopatia, homógrafo, homogêneo
icono- (imagem) iconoclasta, iconolatria
idio- (peixe) ictiófago, ictiologia
iso- (igual) isócrono, isósceles
lito- (pedra) litografia, litogravura
macro- (grande) macrocéfalo, macrocosmo
mega-, megalo- (grande) megatério, megalomaníaco
melo- (canto) melodia, melopéia
meio- (meio) mesóclise, Mesopotâmia
micro- (pequeno) micróbio, microcéfalo, microscópio
miso- (que odeia) misógino, misantropo
mito- (fábula) mitologia, mitômano
necro- (morto) necrópole, necrotério
neo- (novo) neolatino, neologismo
neuro-, nevr- (nervo) neurologia, nevralgia
odonto- (dente) odontologia, odontalgia
ofi-, oflo- (cobra, serpente) ofiologia, ofiomancia
oftalmo- (olho) oftalmologia, oftalmoscópio
onomato- (nome) onomatologia, onomatopéia
ornit-, omito- (ave) ornitologia, ornitóide
oro- (montanha) orogenia, orografia
orto- (reto, justo)ortografia, ortodoxo
oste-, osteo- (osso) osteoporose, osteodermo
oxi- (ácido, agudo) oxítona, oxígono, oxigênio
paleo- (antigo) paleografia, paleontologia panteismo,
pan- (todos, tudo) pan-americano
pato- (doença, sentimento) patologia, patogenético, patético
pedi-, pedo- (criança) pediatria, pedologia
piro- (fogo) pirólise, piromania, pirotecnia
pluto- (riqueza) plutomania, plutocracia
poli- (muito) policromia, poliglota, polígrafo, polígono
potamo- (rio) potamografia, potamologia
proto- (primeiro) protótipo, protozoário

pseudo- (falso) pseudônimo, pseudópode
psico- (alma, espírito) psicologia, psicanálise
quiro- (mão) quiromancia, quiróptero
rino- (nariz) rinoceronte, rinoplastia
rizo- (raiz) rizófilo, rizotônico
sider- (ferro) siderólito, siderurgia
sismo- (abalo, tremor) sismógrafo, sismologia
taqui (rápido)taquicardia, taquigrafia
tax-, taxi-, taxio- (ordem, arranjo) taxiologia, taxidermia
tecno- (arte, oficio, indústria) tecnologia, tecnocracia, tecnografia
tele- (longe) telegrama, telefone, telepatia
teo- (deus) teocracia, teólogo
term-, termo- (calor) termômetro, isotérmico
tipo- (figura, marca) tipografia, tipologia
topo- (lugar) topografia, toponímia
xeno- (estrangeiro) xenofobia, xenomania
xilo- (madeira) xilógrafo, xilogravura
zoo- (animal)zoógrafo, zoologia
NUMERAIS
Radical, significado, e exemplos:
mon-, mono- (um) monarca, monogamia
di- (dois) dipétalo, dissílabo
tri- (três) trilogia, trissílabo
tetra- (quatro) tetrarca, tetraedro
pent-, penta- (cinco) pentatlo, pentágono
hexa- (seis) hexágono, hexâmetro
hepta- (sete) heptágono, heptassílabo
octo- (oito) octossílabo, octaedro
enea- (nove) eneágono, eneassílabo
deca- (dez) decaedro, decalitro
hendeca- (onze) hendecassílabo, hendecaedro
dodeca- (doze) dodecassílabo
icos- (vinte) icosaedro, icoságono
hecto-, hecato- (cem) hectoedro, hecatombe, hectômetro, hectograma
quilo- (mil) quilograma, quilômetro
miria- (dez mil - inumerável) miriâmetro, miríade, miriápode
Elementos que normalmente surgem na parte final do composto
Radical , significado e exemplos
-agogia (condução) pedagogia, demagogia
-agogo (que conduz) demagogo, pedagogo
-algia (dor) cefalalgia, nevralgia
-arca (que comanda) heresiarca, monarca
-arquia (comando, governo) autarquia, monarquia
RADICAL, SIGNIFICADO E EXEMPLOS
- astenia(debilidade) neurastenia, psicastenia
-céfalo (cabeça) macrocéfalo, microcéfalo
-ciclo (círculo) bicicleta, hemiciclo
-cracia (poder) democracia, plutocracia, gerontocracia
-derme (pele) endoderme, epiderme
-doxo (que opina) ortodoxo, heterodoxo
-dromo (lugar para correr) hipódromo, velódromo
-edro (base, face) pentaedro, poliedro

-eido, -óide (forma, semelhança) caleidoscópio, asteróide, aracnóide
-fagia (ato de comer) aerofagia, antropofagia
-fago (que come) antropófago, necrófago
-filia (amizade) bibliofilia, lusofília
-fobia (inimizade, aversão) fotofobia, hidrofobia
-fobo (que tem aversão) xenófobo, zoófobo
-foro (que leva ou conduz) fósforo, semaforo
-gamia (casamento) monogamia, poligamia
-gamo (que casa) bígamo, polígamo
-glota, -glossa (língua) poliglota, isoglossa
-gono (ângulo) pentagono, polígono
-grafia (escrita, descrição) ortografia, geografia
-grafo (que escreve) calígrafo, polígrafo
-grama (escrito, peso)telegrama, quilograma
-logia (discurso, tratado, ciência) arqueologia, fonologia
-logo (que fala ou trata) dialogo, teólogo
-mancia (adivinhação) necromancia, quiromancia
-mania (loucura, tendência) megalomania, piromania
-mano (louco, inclinado) bibliômano, mitômano
-maquia (combate) logomaquia, tauromaquia
-metria (medida) antropometria, biometria
-metro (que mede) hidrômetro, pentâmetro
-morfo (que tem forma de) antropomorfo, polimorfo
-nomia (lei, regra) agronomia, astronomia
-nomo (que regula) autônomo, metrônomo
-orama (espetáculo) panorama, cosmorama
-péia (ato de fazer) melopéia, onomatopéia
-pólis, -pole (cidade) Petrópolis, metrópole
-ptero (asa) díptero, helicóptero
-scopia (ato de ver) macroscopia, microscopia
-scópio (instrumento para ver) microscópio, telescópio
-sofia (sabedoria) filosofia, teosofia
-stico (verso) dístico, monóstico
-teca (lugar onde se guarda) biblioteca, discoteca
-terapia (cura) fisioterapia, hidroterapia
-tomia (corte, divisão) dicotomia, neurotomia
-tono (tensão, tom) barítono, monótono
-trof, -trofia (nutrição) atrofia, hipertrofia
RADICAIS LATINOS
Elementos que normalmente surgem na parte inicial do composto
Radical , significado e exemplo:
agri-, agro- (campo)agrícola, agricultura
ali- (asa) alígero, alípede, aliforme
alti- (alto) altissonante, altiplano
alvi- (branco) alviverde, alvinegro
ambi- (ambos) ambidestro
api- (abelha) apicultura, apiário, apícola
arbori- (arvore) arborícola
auri- (ouro) auriverde, auriflama
avi- (ave)
bis-, bi- (duas vezes) bisavô
avi- (ave) avicultura

bel-, beli- (guerra) belígero, beligerante
ferri-, ferro- (ferro) ferrovia
calori- (calor) calorífero
cruci- (cruz) crucifixo
curvi- (curvo) curvilíneo
cent- (cem) centavo, centena, centopéia
equi-, eqüi- (igual) equilátero, equivalência ou eqüivalência
fili- (filho) filicídio, filial
fratri-, frater- (irmão) fratricida, fraternidade
igni- (fogo) ignívomo
lati- (grande, largo) latifoliado, latifúndio
loco- (lugar) locomotiva
matri- (mãe) matrilinear, matriarcal
maxi- (muito grande) maxidesvalorização, maxissaia
mili- (mil, milésima parte) milípede, milímetro
mini- (muito pequeno) minissaia, minifúndio
morti- (morte) mortífero
multi- (muito) multiforme, multidimensional
nocti- (noite, trevas) noctívago, nocticolor
nubi- (nuvem) nubívago, nubífero
oni- (todo) onipotente
patri- (pai) patrilinear, patrilocal
pedi- (pé) pedilúvio
pisci- (peixe) piscicultor
pluri- (muitos) pluriforme, plurisseriado
quadri- (quatro) quadrimotor, quadrúpede
reti- (reto) retilíneo
tri- (três) tricolor
umbri- (sombra) umbrívago, umbrífero
uni- (um) uníssono
uxori- (esposa) uxório, uxoricida
vermi- (verme) vermífugo
Elementos que normalmente surgem na parte final do composto
Radical , significado, e exemplo:
-cida (que mata) regicida, fratricida
-cola (que cultiva ou habita) vitícola, arborícola
-cultura (ato de cultivar) apicultura, piscicultura
-fero (que contém ou produz) aurífero, flamífero
-fico (que faz ou produz) benéfico, frigorífico
-forme (que tem forma de) cuneiforme, uniforme
-fugo (que foge ou que faz fugir) centrífugo, febrifugo
-gero (que contém ou produz) armígero, belígero
-paro (que produz) multíparo, ovíparo
-pede (pé) palmípede, velocípede
-sono (que soa) borrissono, uníssono
-vago (que anda) nubivago, noctívago
-vomo (que expele) fumívomo, ignívomo
-voro (que come) carnívoro, herbívoro
- nota de ledora: quadro em destaque na página:
OBSERVAÇÃO:
Há palavras que combinam elementos gregos e latinos: televisão, automóvel, genocídio, homossexual e outras. São chamadas de hibridismos. Existem

hibridismos em que se combinam elementos de origens bastante diversas, como goiabeira (tupi e português), abreugrafia (português e grego), sambódromo (quimbundo - uma língua africana - e grego), surfista (inglês e grego), burocracia (francês e grego), e outros. Como você vê, trata-se de palavras muito usadas no cotidiano comunicativo, o que torna absurda a intenção de certos gramáticos de considerar os hibridismos verdadeiras aberrações devido à sua origem "mestiça".
- fim do quadro de destaque.

OUTROS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

ABREVIAÇÃO VOCABULAR

A abreviação vocabular consiste na eliminação de um segmento de uma palavra a fim de se obter uma forma mais curta. Ocorre, portanto, uma verdadeira truncação, obtendose uma nova palavra cujo significado é o mesmo da palavra original.

Esse processo é particularmente produtivo na redução de palavras muito longas:

cinematógrafo - cinema - cine
pneumático - pneu
otorrinolaringologista - otorrino
analfabeto - analfa
extraordinário - extra
pornográfico - pornô
vestibular - vestiba
metropolitano - metrô
violoncelo - celo
telefone - fone
automóvel- auto
psicologia - psico

- nota da ledora: propaganda de Donuts: CALIBRE SEU PNEU (referência bem humorada aos pneus de gordura)

O "pneu" do anúncio acima, exemplo de abreviação vocabular, não designa, obviamente, o componente do automóvel.

Observe que a forma abreviada é de amplo uso coloquial, embora em muitos casos passe a fazer parte da língua escrita. Esse traço de coloquialidade pode ser sentido em abreviações como as que colocamos abaixo, impregnadas de emotividade (carinho, desprezo, preconceito, zombaria):

professor - fessor
português - portuga
chinês - china
japonês - japa
comunista - comuna
militar - milico
confusão - confa
reboliço rebu
neurose - neura
botequim - boteco
delegado - delega
grã-fino granfa
São Paulo - Sampa
Florianópolis - Floripa

Há um certo tipo de abreviação que se vem tornando muito freqüente na língua atual. Consiste no uso de um prefixo ou de um elemento de uma palavra composta no lugar do todo:

ex, por ex-namorada, ex-marido, ex-esposa;
micro, por microcomputador;

vídeo, por videocassete;
mini, por minissaia;
máxi, por maxissaia ou maxidesvalorização;
midi, para saia que chega até o joelho ou desvalorização cambial moderada;
e vice, por vice-presidente, vice-governador, vice-prefeito e outros.
O uso dos prefixos em substituição à palavra toda deve ocorrer dentro de contextos determinados, em que é possível estabelecer o significado que se pretende. Prefixos como vice ou máxi só adquirem sentido em função dos outros elementos do texto em que surgem.
SIGLONIMIZAÇÃO
Essa palavra dá nome ao processo de formação de siglas. As siglas são formadas pela combinação das letras iniciais de uma seqüência de palavras que constitui um nome:
FGTS - Fundo de Garantia do Tempo de Serviço
CPF Cadastro de Pessoas Físicas
MOBRAL - Movimento Brasileiro de Alfabetização
IOF - Imposto sobre Operações Financeiras
PIB - Produto Interno Bruto
As siglas incorporam-se de tal forma ao vocabulário do dia-a-dia, que passam a sofrer flexões e a produzir derivados. É freqüente o surgimento de construções como as ZPEs (Zonas de Processamento de Exportações), os peemedebistas (membros do PMDB - Partido do Movimento Democrático Brasileiro), os petistas (membros do PT - Partido dos Trabalhadores), a mobralizaçao do ensino, campanha pró-FGTS, e outras.
Algumas siglas provieram de outras línguas, principalmente do inglês:
UFO - Unidentified Flying Object (objeto voador não-identificado), que concorre com a criação nacional OVNI
VIP - Very Important Person (pessoa muito importante);
AIDS - Acquired Immunological Deliciency Syndrome (síndrome da imunodeficiência adquirida), cuja forma em Portugal é SIDA.
- nota da ledora: propaganda de um serviço de Limousine, dizendo que pelo tamanho, a limousine deveria pagar IPTU.
- fim do anúncio.
A sigla IPTU significa Imposto Predial e Territorial Urbano. Trata-se de um tributo da cidade de São Paulo- SP.
- nota da ledora: propaganda da campanha contra a AIDS: Aproveite o dia mundial da AIDS e faça um cheque ao portador. Campanha do Bradesco.
AIDS sigla infelizmente muito bem conhecida, proveio ao inglês. Apesar da gravidade do assunto, não podemos deixar de admirar a criatividade do redator, na exploração que fez da expressão "cheque ao portador ".
Há casos de siglas importadas que se transformaram em verdadeiras palavras. Algumas só são vistas como siglas se conhecermos sua origem:
JIPE adaptação do inglês Jeep, que por sua vez originou-se de GP (General Purpose - uso geral);
LASER- de Light Amplification by Stimulated Emission of Radiation (amplificação da luz por emissão estimulada de radiação);
RADAR - de Radio Detecting and Ranging (detecção e busca por rádio).
PALAVRA-VALISE
A palavra-valise resulta do acoplamento de duas palavras, uma das quais pelo menos sofreu truncação. É também chamada palavra-centauro e permite a realização de verdadeiras acrobacias verbais. Observe:
brasiguaio ou brasilguaio - formada de brasileiro e paraguaio para designar o povo fronteiriço entre os dois países, particularmente os brasileiros que retornaram do Paraguai atraídos pelo anúncio de reforma agrária;

portunhol - formada de português e espanhol para designar a língua resultante da mistura dos dois idiomas;
portinglês - formada de português e inglês, criada por Carlos Drummond de Andrade ("secretária portinglês");
tomarte - formada de tomate e Marte, criada por Murilo Mendes ("Ou tomarte, vermelho que nem Marte"). Note a possibilidade de ver nessa palavra também a palavra arte;
fraternura, elefantástico e copoanheiro - criações de Guimarães Rosa cuja formação não é difícil de perceber;
proesia - formada de prosa e poesia, utilizada por Décio Pignatari com referência a uma das obras do escritor irlandês James Joyce.
Note que a criação dessas palavras ocorre tanto na língua coloquial como na língua culta e literária. Na língua coloquial, o processo já produziu palavras como bebemorar, Grenal (clássico de futebol entre Grêmio e Internacional de Porto Alegre), Atletiba (Atlético Paranaense e Curitiba), Sansão (Santos e São Paulo), Flaflu (Flamengo e Fluminense), Bavi (Bahia e Vitória), Comefogo (Comercial e Botafogo de Ribeirão Preto). Na linguagem jornalística, há termos como cantriz (cantora/atriz), estagnação (estagnação /inflação) e showmício (show/comício); na literatura, além das palavras já citadas, há ainda criações como noitícia (Carlos Drummond de Andrade) ou diversonagens suspersas, de Paulo Leminski.
ONOMATOPÉIA
A onomatopéia ocorre quando se forma uma nova palavra por meio da imitação de sons. A palavra formada procura reproduzir um determinado som, adaptando-o ao conjunto de fonemas de que a língua dispõe. Dessa forma, surgem palavras como:
cacarejar; zumbir, arrulhar, crocitar, troar e outros verbos que designam vozes de animais e fenômenos naturais; tique-taque, teco-teco, reco-reco, bangue-bangue (a partir do inglês bangbang), pingue-pongue, xixi, triquetraque (fogo de artifício), saci (nome de uma ave e, por extensão, de ente mitológico), cega-rega (cigarra; por extensão, pessoa tagarela), chinfrim (coisa sem valor), quiquiriqui (pessoa ou coisa insignificante), blablablá, zunzunzum, pimpampum e outras, sempre sugestivas.
-nota da ledora: quadro de destaque na página:
Outros processos de formação de palavras
a) abreviação vocabular - consiste na eliminação de um segmento de uma palavra a fim de se obter uma forma mais curta;
b) siglonimização - processo de formação de siglas. As siglas são formadas pela combinação das letras iniciais de uma seqüência de palavras que constitui um nome;
c) palavra-valise - resulta do acoplamento de duas palavras, uma das quais pelo menos sofreu truncação;
d) onomatopéia - ocorre quando se forma uma nova palavra por meio da imitação de sons. A palavra formada procura reproduzir um determinado som, adaptando-o ao conjunto de fonemas de que a língua dispõe.
- fim do quadro de destaque.
- nota da ledora: cinco desenhos representando formas de onomatopéia: Na seqüência ao lado, Fortuna criou uma série de onomatopéias para imitar os sons da mastigação e da digestão. Não se preocupou, porém, em adaptá-las ao conjunto de fonemas da língua portuguesa. Comendo uma rosca: nhac!, croc! gut, arout!
- fim da nota.
OUTROS PROCESSOS DE ENRIQUECIMENTO DO LÉXICO
Léxico é a palavra com que se costuma denominar o conjunto de palavras que integra uma língua. É, em termos práticos, um sinônimo de vocabulário, embora tecnicamente se possam estabelecer distinções entre as duas palavras. Os processos de criação de palavras que estudamos até aqui devem ter mostrado a você que há um constante

enriquecimento lexical na língua, resultante principalmente do dinamismo das modificações culturais, que constantemente criam novos objetos, novos fatos, novos conceitos. Além disso, há outros fatores de pressão sobre a língua, como vínculos de dependência econômica e cultural, capazes de impor formas de pensar e de dizer que se manifestam também no vocabulário.

Os processos de criação lexical que vimos até agora operam transformações formais nas palavras, seja por meio do acréscimo ou supressão de morfemas, seja por meio da combinação de palavras inteiras para a formação de outras. São, basicamente, processos morfológicos, pois lidam com a forma das palavras.

Há outros processos de ampliação lexical na língua portuguesa. Como não são processos morfológicos, não vamos estudá-los pormenorizadamente. São, no entanto, importantes; por isso, vamos falar um pouco sobre eles.

NEOLOGISMO SEMÂNTICO

Freqüentemente, acrescentamos significados a determinadas palavras sem que elas passem por qualquer processo de modificação formal. Pense, por exemplo, na palavra arara, nome de uma ave, que também é usada para designar pessoa nervosa, irritada. Arara, com o sentido de "irritado, nervoso , e um neologismo semântico, ou seja, um novo significado que se soma ao que a palavra já possuía.

Essa forma de enriquecimento do vocabulário é extremamente produtiva. Em alguns casos, chega-se a perder a noção do significado inicial da palavra, passando-se a empregá-la apenas no sentido que foi um dia adicional. É o caso, por exemplo, de emérito, cujo sentido original é "aposentado", mas que atualmente se usa como "distinto", "elevado; ou dissabor, cujo sentido original era "falta de sabor".

Perceba que a chamada derivação imprópria aproxima-se bastante deste processo de ampliação de significado. A derivação imprópria resulta da passagem de uma palavra a uma classe gramatical diferente sem modificações na sua forma. Na realidade, ocorre uma ampliação do significado original da palavra.

Isso pode ser percebido em casos em que esse processo está tão cristalizado, que chegamos a perder a noção do sentido e da classe originais da palavra.

Pense, por exemplo, em palavras como alvo (em expressões como tiro ao alvo), clara (de ovo), estreito (acidente geográfico), marginal (bandido ou via pública), santo (pessoa virtuosa), refrigerante - você já notou que se trata de adjetivos convertidos em substantivos?

EMPRÉSTIMOS LINGUÍSTICOS

O contato entre culturas produz efeitos também no vocabulário das línguas. No caso da língua portuguesa, podem-se apontar exemplos de palavras tomadas de línguas estrangeiras em tempos muito antigos. Esses empréstimos provieram de línguas célticas, germânicas e árabes ao longo do processo de formação do português na Península Ibérica. Posterior-mente, o Renascimento e as navegações portuguesas permitiram empréstimos de línguas européias modernas e de línguas africanas, americanas e asiáticas.

Depois desses períodos, o português recebeu empréstimos principalmente da língua francesa. Atualmente, a maior fonte de empréstimos é o inglês norte-americano. Devese levar em conta que muitos empréstimos da língua portuguesa atual do Brasil não ocorreram em Portugal e nas colônias africanas, onde a influência cultural e econômica dos Estados Unidos é menor.

As palavras de origem estrangeira normalmente passam por um processo de aportuguesamento fonológico e gráfico. Quando isso ocorre, muitas vezes deixamos de perceber que estamos usando um estrangeirismo. Pense em palavras como bife, futebol, beque, abajur, xampu, tão freqüentes em nosso cotidiano que já as sentimos como portuguesas. Quando mantêm a grafia da língua de origem, as palavras devem ser escritas entre aspas (na imprensa, devem surgir em destaque - normalmente itálico:

shopping center; show, stress).
Atente para o fato de que os empréstimos lingüísticos só fazem sentido quando são necessários. É o que ocorre quando surgem novos produtos ou processos tecnológicos. Ainda assim, esses empréstimos devem ser submetidos ao tratamento de conformação aos hábitos fonológicos e morfológicos da língua portuguesa. São condenáveis abusos de estrangeirismos decorrentes de afetação de comportamento ou de subserviência cultural. A imprensa e a publicidade muitas vezes não resistem à tentação de utilizar a denominação estrangeira de forma apelativa, como em expressões do tipo os teens (por adolescentes) ou high technology system (sistema de alta tecnologia).
- nota da ledora: quadro de destaque na página:
Outros processos de enriquecimento do léxico
a) neologismo semântico - acréscimo de significados a determinadas palavras sem que elas passem por qualquer processo de modificação formal;
b) empréstimos lingüísticos - o contato entre culturas produz efeitos também no vocabulário das línguas, que incorpora palavras provindas de línguas estrangeiras. As palavras de origem estrangeira normalmente passam por um processo de aportuguesamento fonológico e gráfico.
- fim do quadro de destaque.
Olimpíadas: A Rio 2004 falhou, mas o pessoal persevera pela manutenção dos nossos recordes
Exemplo de palavra de origem estrangeira submetida à adaptação gráfica e fonológica do português: recorde proveniente do francês record. Ao ser aportuguesada, recebeu um e final e ganhou a pronúncia "recórde'; à moda francesa.

CAPÍTULO 6
ESTUDO DOS VERBOS (I)

- nota da ledora: gravura nas páginas 120 e 121, com a representação de um eletrocardiograma com a legenda da Sport TV, mostrando as alterações de um coração, durante uma partida de futebol, no campo.
- fim da nota.
Embora seja sempre lembrado como a palavra que denota ação (veja quantas delas ocorrem no anúncio acima), o verbo indica ainda uma série de outros fenômenos ou processos.
O que distingue fundamentalmente os verbos são as suas flexões, e não os seus possíveis significados. Afinal de contas, o verbo é a classe de palavras que possui o maior número de flexões, na língua portuguesa.

1 INTRODUÇÃO

Conjugar verbos é algo que faz parte da vida de qualquer indivíduo, alfabetizado ou não, escolarizado ou não; no entanto, poucas pessoas se dão conta de que há nesse processo uma organização interna, um verdadeiro sistema, de que trataremos a seguir.
Os verbos desempenham uma função vital em qualquer língua, e no português não seria diferente. E em torno deles que se organizam as orações e os períodos, conseqüentemente é em torno deles que se estrutura o pensamento.
Verbo significa, originariamente, "palavra". Esse significado pode ser notado em expressões como "abrir o verbo" ou "deitar o verbo", utilizadas para indicar o uso abundante e desimpedido das palavras. Outra expressão muito conhecida é "verborragia", utilizada para indicar uso desmedido de palavras. Uma pessoa verborrágica fala muito. E o que significa comunicação verbal? Comunicação com palavras.
Os verbos receberam esse nome justamente porque, devido a sua importância na língua, foram considerados as palavras por excelência pelos gramáticos.
Conjugar um verbo é, portanto, exercer o direito pleno de empregar a palavra.
O estudo de uma classe gramatical tão importante representa, obviamente, um passo

decisivo para a obtenção de um desempenho lingüístico mais satisfatório.
Neste primeiro capítulo dedicado aos verbos, vamos concentrar nossa atenção nos paradigmas de conjugação, cujo conhecimento é indispensável à produção de textos representativos da modalidade culta do português.

2 CONCEITO

Verbo é a palavra que se flexiona em número (singular/plural), pessoa (primeira, segunda, terceira), modo (indicativo, subjuntivo, imperativo), tempo (presente, pretérito, futuro) e voz (ativa, passiva, reflexiva). Pode indicar ação (fazer, copiar), estado (ser, ficar), fenômeno natural (chover, anoitecer), ocorrência (acontecer, suceder), desejo (aspirar, almejar) e outros processos.
O que caracteriza o verbo são suas flexões, e não seus possíveis significados.
Observe que palavras como feitura, cópia, chuva, acontecimento e aspiração têm conteúdo muito próximo ao de alguns verbos mencionados acima; não apresentam, porém, todas as possibilidades de flexão que esses verbos possuem.

3 ESTRUTURA DAS FORMAS VERBAIS

Há três tipos de morfemas que participam da estrutura das formas verbais: o radical, a vogal temática e as desinências.
a) radical - é o elemento mórfico (morfema) que concentra o significado essencial do verbo:
opin-ar
aprend-er
nutr-ir
am-ar
beb-er
part-ir
cant-ar
escond-er
proib-ir
Você notou que, para obter o radical de um verbo, basta eliminar as duas últimas letras do infinitivo. Podem-se antepor prefixos ao radical:
des-nutr-ir
re-aprend-er
b) vogal temática - é o morfema que permite a ligação entre o radical e as desinências. Em português, há três vogais temáticas:
-a- - caracteriza os verbos da primeira conjugação: solt-a-r; deix-a-r; perdo-a-r;
-e- - caracteriza os verbos da segunda conjugação: esquec-e-r; sofr-e-r; viv-e-r.
O verbo pôr e seus derivados (supor, depor, repor, compor etc.) são considerados da segunda conjugação, pois sua vogal temática é -e-, obtida da forma portuguesa arcaica poer, do latim ponere; -i- - caracteriza os verbos da terceira conjugação: assist-i-r; permit-i-r, decid-i-r. O conjunto formado pelo radical e pela vogal temática recebe o nome de tema.
c) desinências - são morfemas que se acrescentam ao tema para indicar as flexões do verbo. Há desinências número-pessoais e desinências modo-temporais:
falá-sse-mos
falá-: tema (radical + vogal temática)
-sse-: desinência modo-temporal (indica o modo - subjuntivo - e o tempo -pretérito imperfeito - em que o verbo está conjugado)
-mos: desinência número-pessoal (indica que o verbo se refere à primeira pessoa do plural)
Você conhecerá as outras desinências verbais quando apresentarmos os modelos das conjugações.
- nota da ledora: quadro em destaque, na página:

Estrutura das formas verbais
a) radical elemento mórfico (morfema) que concentra o significado essencial do verbo;
b) vogal temática - morfema que permite a ligação entre o radical e as desinências.
Em português, há três vogais temáticas: -a-, -e-, -i-;
c) desinências - morfemas que se acrescentam ao tema para indicar as flexões do verbo.
Há desinências número-pessoais e desinências modo-temporais.
Combinando seus conhecimentos sobre a estrutura dos verbos com o conceito de sílaba tônica, você poderá facilmente descobrir o que são formas verbais rizotônicas e arrizotônicas. Nas formas rizotônicas, o acento tônico está no radical do verbo: estudo, compreendam, consigo, por exemplo. Nas formas arrizotônicas, o acento tônico não está no radical, mas na terminação verbal: estudei, venderão, conseguiríamos.
4 FLEXÕES VERBAIS
Você já sabe que os verbos apresentam flexão de número, pessoa, modo, tempo e voz. Vamos agora estudar mais minuciosamente essas flexões.
FLEXÃO DE NÚMERO E PESSOAS
Os verbos podem se referir a um único ser ou a mais de um ser; no primeiro caso, estão no singular; no segundo, no plural. Essa indicação de número é acompanhada pela indicação da pessoa gramatical a que o verbo se refere.
Observe:
estudo é forma da primeira pessoa do singular;
estudas é forma da segunda pessoa do singular;
estuda é forma da terceira pessoa do singular;
estudamos é forma da primeira pessoa do plural;
estudais é forma da segunda pessoa do plural;
estudam é forma da terceira pessoa do plural.
Essas indicações de número e pessoa são claramente identificadas quando se relaciona cada forma verbal acima com o pronome pessoal correspondente:
eu estudo
tu estudas
ele/ela estuda
nós estudamos
vós estudais
eles/elas estudam
No português atual do Brasil, o pronome tu, de segunda pessoa, tem uso limitado a algumas regiões, muitas vezes de forma diferente da que prega a gramática oficial. É comum o emprego de formas como "tu foi", "tu pega", "tu falou". O pronome é de segunda pessoa, mas o verbo é conjugado na terceira. O pronome vós aparece em textos literários ou litúrgicos.
Para o tratamento direto, difundiu-se no Brasil o emprego dos pronomes você/vocês, que levam o verbo para a terceira pessoa:
ele/ela você estuda
eles/e/as/vocês estudam
- nota da ledora: nesta página, tira de quadrinhos com sotaque português: (?) e a seguinte legenda: general pergunta a tropa, se quer canhões ou manteiga - quereis canhões ou manteiga? e um engraçadinho da tropa responde alto, que quer canhões. Na mesa, estão passando a faca em canhõeszinhos e depois no pão, ao que outro soldado comenta: Porque é que nunca fechas essa maldita
boca?
- fim da nota.
A forma verbal correspondente ao pronome vós caiu em desuso no Brasil mas ainda é corrente em Portugal (quereis na tira acima).
FLEXÃO DE TEMPO E MODO

No momento em que se fala ou escreve, o processo verbal pode estar em plena ocorrência, pode já estar concluído ou pode ainda não ter ocorrido. Essas três possibilidades básicas, mas não únicas, são expressas pelos três tempos verbais: o presente, o pretérito (que pode ser perfeito, imperfeito ou mais-que-perfeito) e o futuro (que pode ser do presente ou do pretérito). Compare as formas estudo, estudei e estudarei para perceber essa distribuição em três tempos básicos.
A indicação de tempo está normalmente ligada à indicação de modo, ou seja, a expressão da atitude de quem fala ou escreve em relação ao conteúdo do que fala ou escreve. Quando se considera o que é falado ou escrito uma certeza, utilizam-se as formas do modo indicativo (são exemplos estudo, estudei, estudava, estudarei).
- nota da ledora: anúncio de seguros do Banco Itaú, com os seguintes dizeres:
Uma pessoa que não entende nada de seguro me convenceu a fazer um Itauvida.
Na foto, uma graciosa menininha de aproximadamente 2 anos de idade.
- fim da nota.
Entende e convenceu são formas verbais do modo indicativo, empregado para dar status de certeza àquilo que se declara.
As formas do modo subjuntivo indicam que o conteúdo do que se fala ou escreve é tomado como incerto, duvidoso, hipotético (estudasse, por exemplo). Além disso, o verbo pode exprimir um desejo, uma ordem, um apelo: nesse caso, utilizam-se as formas do modo imperativo (estude/não estude, por exemplo).
O esquema a seguir apresenta os modos e tempos verbais da língua portuguesa:
MODO INDICATIVO:
presente (estudo)
pretérito
futuro
pretérito: perfeito (estudei), imperfeito (estudava) , mais-que-perfeito (estudara)
futuro: do presente (estudarei), do pretérito (estudaria)
MODO SUBJUNTIVO
presente (estude)
pretérito imperfeito (estudasse)
futuro (estudar)
MODO IMPERATIVO
presente afirmativo (estuda)
presente negativo (não estudes)
- nota da ledora: quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÃO:
1. O modo imperativo é dividido em duas formas: o afirmativo e o negativo. Não se conjuga a primeira pessoa do singular do imperativo, por motivo óbvio.
2. O esquema acima apresenta apenas os chamados tempos simples; além deles, há os tempos compostos, que apresentaremos mais adiante.
3. Os verbos possuem, além dos modos e tempos já apresentados, três formas nominais: o infinitivo (pessoal e impessoal), o gerúndio e o particípio. Essas formas são chamadas nominais porque podem assumir comportamento de nomes (substantivos, adjetivos e advérbios) em determinados contextos. No caso do verbo estudar, temos:
FORMAS NOMINAIS - infinitivo pessoal (estudar, estudares…)
infinitivo impessoal (estudar)
gerúndio (estudando)
particípio (estudado)
FLEXÃO DE VOZ
A voz verbal indica fundamentalmente se o ser a que o verbo se refere é agente ou paciente do processo verbal. Há três situações possíveis:
a) voz ativa - o ser a que o verbo se refere é o agente do processo verbal. Em "O

Juventus derrotou o Palmeiras", a forma verbal "derrotou" está na voz ativa porque "o Juventus" é o agente do processo verbal.
b) voz passiva - o ser a que o verbo se refere é o paciente do processo verbal. Em "O Palmeiras foi derrotado pelo juventus", a locução verbal "foi derrotado" está na voz passiva porque "o Palmeiras" é o paciente da ação verbal.
Há duas formas de voz passiva em português: a voz passiva analítica, em que ocorre uma locução verbal formada pelo verbo ser mais o particípio do verbo principal (como em "O técnico foi demitido do clube"), e a voz passiva sintética, em que se utiliza o pronome se (nesse caso chamado pronome apassivador, ou partícula apassivadora) ao lado do verbo em terceira pessoa (como em "Alugam-se casas na praia"). Essas duas formas de voz passiva serão estudadas detalhadamente nos capítulos dedicados à Sintaxe.
c) voz reflexiva- o ser a que o verbo se refere é, ao mesmo tempo, agente e paciente do processo verbal, pois age sobre si mesmo. Em "O rapaz cortou-se com uma tesoura", a forma verbal cortou-se está na voz reflexiva, pois o rapaz é, a um só tempo, agente e paciente: ele cortou a si mesmo.
- nota da ledora: propaganda do metrô de São Paulo, com os seguintes dizeres:
- Tiradentes foi enforcado. Sardinha foi devorado por índios. Getúlio se matou.
Felizmente, existe um jeito mais fácil de você entrar para a história.
Venha gravar seu depoimento para o Museu do Metrô.
- fim do anúncio.
As tragédias enumeradas no anúncio exemplificam a voz passiva ("foi enforcado'; "foi devorado") e a voz reflexiva ("se matou").

5 CONJUGAÇÕES

Quando se fala em conjugar um verbo, fala-se em dispor sistematizadamente todas as formas que ele pode assumir ao ser flexionado. Isso se faz com a exposição dos diversos tempos e modos de acordo com uma ordem convencionada. Observe que se trata de um recurso didático ligado à memorização e à observação de particularidades morfológicas.
Os verbos da língua portuguesa podem ser divididos em três grupos de flexões, as chamadas conjugações, identificadas respectivamente pelas vogais temáticas -a-, -e- e -i-. Para cada uma dessas conjugações, há um modelo - chamado de paradigma - que indica as formas verbais consideradas regulares. De acordo com a relação que estabelecem com esses paradigmas, os verbos podem ser classificados em:
a) regulares - obedecem precisamente a um paradigma da respectiva conjugação;
b) irregulares - não seguem nenhum paradigma da respectiva conjugação: podem apresentar irregularidades no radical ou nas terminações. Os verbos ser e ir, por apresentarem profundas alterações nos radicais em sua conjugação, são chamados anômalos;
c) defectivos - não são conjugados em determinadas pessoas, tempos ou modos;
d) abundantes - apresentam mais de uma forma para determinada flexão.
Os verbos empregados para, com o infinitivo, o gerúndio ou o particípio, formar as locuções verbais ou os tempos compostos (devo ir/estava falando/tinha procurado) são chamados de auxiliares. Os quatro mais usados nessa função são ser, estar, ter e haver. A conjugação desses quatro verbos, rica em particularidades, será apresentada mais adiante, quando estudarmos os principais verbos irregulares.
O outro verbo do tempo composto ou locução verbal é chamado de principal. Na prática, torna-se fácil identificar o auxiliar e o principal: o auxiliar é sempre o primeiro; o principal é sempre o segundo.

PARADIGMA DOS VERBOS REGULARES

Você encontrará a seguir paradigmas dos verbos regulares das três conjugações.
Para conjugar qualquer verbo regular basta substituir o radical do verbo usado como exemplo pelo radical do verbo que se pretende conjugar. A vogal temática e as

desinências não se alteram.
TEMPOS SIMPLES
1a. conjugação 2a. conjugação 3a. conjugação
modelo: estudar, vender, permitir
MODO INDICATIVO
presente :
estudo,vendo, permito,
estudas, vendes, permites ,
estuda, vende, permite,
estudamos, vendemos, permitimos,
estudais, vendeis, permitis,
estudam, vendem, permitem;
pretérito imperfeito:
estudava, vendia, permitia,
estudavas, vendias, permitias,
estudava, vendia, permitia,
estudávamos, vendíamos, permitíamos,
estudáveis, vendíeis, permitíeis,
estudavam, vendiam, permitiam
pretérito perfeito:
estudei, vendi, permiti
estudaste, vendeste, permitiste,
estudou, vendeu, permitiu,
estudamos, vendemos, permitimos,
estudastes, vendestes, permitistes,
estudaram, venderam, permitiram;
pretérito mais-que-perfeito:
estudara, vendera, permitira,
estudaras, venderas, permitiras,
estudara, vendera, permitira,
estudáramos, vendêramos, permitíramos,
estudáreis, vendêreis, permitireis,
estudaram, venderam, permitiram,
futuro do presente:
estudarei, venderei, permitirei,
estudarás, venderás, permitirás,
estudará, venderá, permitirá,
estudaremos, venderemos, permitiremos,
estudareis, vendereis, permitireis,
estudarão, venderão, permitirão
futuro do pretérito:
estudaria, venderia, permitiria,
estudarias, venderias, permitirias,
estudaria, venderia, permitiria,
estudaríamos, venderíamos, permitiríamos,
estudaríeis, venderíeis, permitiríeis,
estudariam, venderiam, permitiriam
MODO SUBJUNTIVO
presente:
estude, venda, permita,
estudes, vendas, permitas,
estude, venda, permita,

estudemos, vendamos, permitamos,
estudeis, vendais, permitais,
estudem , vendam, permitam
pretérito imperfeito:
estudasse, vendesse, permitisse,
estudasses, vendesses, permitisses,
estudasse, vendesse, permitisse,
estudássemos, vendêssemos, permitíssemos,
estudásseis, vendêsseis, permitísseis
estudassem, vendessem, permitissem
futuro:
estudar, vender, permitir,
estudares, venderes, permitires,
estudar, vender, permitir,
estudarmos, vendermos, permitirmos,
estudardes, venderdes, permitirdes,
estudarem, venderem, permitirem
MODO IMPERATIVO
afirmativo
estuda tu, vende tu, permite tu,
estude você, venda você, permita você,
estudemos nós, vendamos nós, permitamos nós,
estudai vós, vendei vós, permiti vós,
estudem vocês, vendam vocês, permitam vocês,
negativo:
não estudes tu, não vendas tu, não permitas tu,
não estude você, não venda você, não permita você,
não estudemos nós, não vendamos nós, não permitamos nós,
não estudeis vós, não vendais vós, não permitais vós,
não estudem vocês, não vendam vocês, não permitam vocês
FORMAS NOMINAIS
infinitivo impessoal:
estudar, vender, permitir
infinitivo pessoal:
estudar, vender, permitir,
estudares, venderes, permitires,
estudar, vender, permitir,
estudarmos, vendermos, permitirmos,
estudardes, venderdes, permitirdes,
estudarem, venderem, permitirem
gerúndio:
estudando, vendendo, permitindo
particípio:
estudado, vendido, permitido
- nota da ledora- quadro de destaque na página -
1. Tome cuidado especial com as formas verbais que recebem acento gráfico, pois a omissão desse acento pode causar problemas na língua escrita: analise atentamente as formas de primeira e segunda pessoas do plural dos vários tempos e compreenda que algumas devem ser acentuadas porque são proparoxítonas; atente para as formas do futuro do presente do indicativo que são acentuadas graficamente (oxítonas terminadas em -a, -as - estudarás, estudará; venderás, venderá; permitirás, permitirá) e perceba que a omissão desse acento causa confusão com as formas correspondentes do pretérito

mais-que-perfeito do indicativo (paroxítonas - estudaras, estudara; venderas, vendera; permitiras, permitira).
2. Compare a terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo com a terceira pessoa do plural do futuro do presente: a primeira é paroxítona e termina em -am (estudaram, venderam, permitiram); a segunda é oxítona e termina em -ão (estudarão, venderão, permitirão).
3. Compare a segunda pessoa do singular com a segunda pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo: a primeira termina em -ste (estudaste, vendeste, permitiste); a segunda termina em -stes (estudastes, vendestes, permitistes).
4. Atente para as particularidades do modo imperativo: não se conjuga a primeira pessoa do singular; além disso, na terceira pessoa se utilizam os pronomes você/vocês, senhor/senhores, ou qualquer outro pronome de tratamento.
TEMPOS COMPOSTOS
MODO INDICATIVO
pretérito perfeito: tenho/hei, tens/hás, tem/há, temos/havemos, tendes/haveis, têm/hão
estudado, vendido, permitido
pretérito mais-que-perfeito: tinha/havia, tinhas/havias, tinha/havia, tínhamos/havíamos, tínheis/havíeis, tinham/haviam.
estudado, vendido, permitido
futuro do presente : terei/haverei, terás/haverás, terá/haverá, teremos/haveremos, tereis/havereis, terão/haverão.
estudado, vendido, permitido
futuro do pretérito: teria/haveria, terias/haverias, teria/haveria, teríamos/haveríamos, teríeis/haveríeis, teriam/haveriam,
estudado, vendido, permitido
MODO SUBJUNTIVO
pretérito perfeito: tenha/haja, tenhas/hajas, tenha/haja, tenhamos/hajamos, tenhais/hajais, tenham/hajam,
estudado, vendido, permitido
pretérito mais-que-perfeito: tivesse/houvesse, tivesses/houvesses, tivesse/houvesse, tivéssemos/houvéssemos, tivésseis/houvésseis, tivessem/houvessem,
estudado, vendido, permitido
futuro: tiver/houver, tiveres/houveres, tiver/houver, tivermos/houvermos, tiverdes/houverdes, tiverem/houverem.
estudado, vendido, permitido
FORMAS NOMINAIS
infinitivo pessoal (pretérito) : ter/haver, teres/haveres, ter/haver, termos/havermos, terdes/haverdes, terem/haverem,
estudado, vendido, permitido
infinitivo impessoal (pretérito) : ter/haver,
estudado, vendido, permitido
gerúndio (pretérito) tendo/havendo,
estudado, vendido, permitido
- nota da ledora: quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÕES:
1. Você notou que os tempos compostos são formados pelos verbos auxiliares ter e haver mais o particípio do verbo principal. Apenas os auxiliares se flexionam.
2. No Brasil, há uma acentuada tendência ao emprego do auxiliar ter; o uso do auxiliar haver restringe-se à língua formal falada escrita.
3. O pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo é largamente usado no português falado e escrito do Brasil, confinando a forma simples ao uso escrito formal.

4. As formas compostas do infinitivo e do gerúndio têm valor de pretérito.
- fim do quadro de destaque.
6 FORMAÇÕES DOS TEMPOS SIMPLES
Depois de observar os tempos e modos dos verbos regulares, é importante você saber que existe uma maneira eficiente, racional e organizada de conjugá-los.
Basta empregar os conceitos de tempos primitivos e tempos derivados e explorar as relações entre eles:
a) tempos primitivos - são tempos cujos radicais ou temas são usados na formação de outros tempos. É o caso do presente do indicativo e do pretérito perfeito do indicativo. Além deles, o infinitivo impessoal é usado na formação de outros tempos;
b) tempos derivados - são aqueles cujos radicais ou temas são obtidos de um dos tempos primitivos ou do infinitivo impessoal. Com exceção do presente e do pretérito perfeito do indicativo e do infinitivo impessoal, todos os tempos e formas nominais são derivados.
O conhecimento da conjugação dos tempos primitivos e da forma como se obtém a partir deles a conjugação dos tempos derivados constitui um instrumento muito útil para evitar erros de conjugação. Com a prática e a repetição, o processo se tornará automático. Você perceberá que, em alguns casos, como na formação do imperativo e na obtenção de certos tempos de alguns verbos irregulares, esse processo de conjugação é eficiente e seguro.
Sem dúvida é importante aprender o esquema de formação do imperativo (para isso, veja a tabela na página seguinte). Porém, tão importante quanto é refletir um pouco antes de obedecer a um verbo no imperativo.
TEMPOS DERIVADOS DO PRESENTE DO INDICATIVO
O presente do indicativo forma o presente do subjuntivo; dos dois, é formado o modo imperativo:
a) presente do subjuntivo - forma-se a partir do radical da primeira pessoa do singular do presente do indicativo. Esse radical é obtido pela eliminação da desinência -o da primeira pessoa do singular: opin-o, cant-o, conheç-o, venh-o, dig-o; a ele, acrescentamse as desinências -e, -es, -e, -emos, -eis, -em, para verbos da primeira conjugação, e -a, -as, -a, -amos, -ais, -am, para verbos da segunda e terceira conjugações;
b) imperativo afirmativo - a segunda pessoa do singular e a segunda pessoa do plural são retiradas diretamente do presente do indicativo, suprimindo-se o-s final: tu estudas - estuda tu; vós estudais - estudai vós. As formas das demais pessoas são exatamente as mesmas do presente do subjuntivo. Lembre-se de que não se conjuga a primeira pessoa do singular no modo imperativo;
c) imperativo negativo - todas as pessoas são idênticas as pessoas correspondentes do presente do subjuntivo.
ESQUEMA DE FORMAÇÃO DOS TEMPOS DERIVADOS DO PRESENTE DO INDICATIVO
(exemplo: verbo optar)
- nota da ledora: o esquema mencionado, esta muito bem explicado no ponto acima, não há condição de mantê-lo no formato de esquema, por truncar-se no momento da leitura, já que o programa não lê pulando linhas, escritas, e respeitando chaves. O esquema é apenas um acréscimo visual, ao minuciosamente exposto.
- fim da nota.
- quadro em destaque na página:
OBSERVAÇÕES:
1. Para os verbos da segunda e terceira conjugações, as desinências do presente do subjuntivo são: -a, -as, -a, -amos, -ais, -am.
2. Observe atentamente as diferenças entre as segundas pessoas do imperativo afirmativo e as segundas pessoas do imperativo negativo. Para passar uma frase do

imperativo afirmativo para o negativo e vice-versa não basta acrescentar ou retirar um não: opta/não optes; optai/não opteis.
3. É muito comum na língua coloquial o emprego das formas verbais de segunda pessoa do singular do imperativo afirmativo com o pronome você: - "Vem pra Caixa você também!", por exemplo, fez parte de um famoso texto publicitário poucos anos atrás. Essa mistura de tratamentos não é admissível na língua culta; para evitá-la, deve-se uniformizar o tratamento na segunda pessoa ("Vem... tu") ou na terceira pessoa ("venha... você").

TEMPOS DERIVADOS DO PRETÉRITO DO INDICATIVO

O pretérito perfeito do indicativo fornece o tema para a formação de três outros tempos: o pretérito mais-que-perfeito do indicativo, o pretérito imperfeito do subjuntivo e o futuro do subjuntivo. Para obter o tema do pretérito perfeito, basta retirar a desinência -ste da forma correspondente à segunda pessoa do singular (estuda-ste, vende-ste, partiste, trouxe-ste, soube-ste); a seguir, acrescentam-se a esse tema as desinências características de cada um dos três tempos derivados:
a) pretérito mais-que-perfeito do indicativo: -ra, -ras, -ra, -ramos, -reis, -ram;
b) pretérito imperfeito do subjuntivo: -sse, -sses, -sse, -ssemos, -sseis, -ssem;
c) futuro do subjuntivo: -r, -res, -r, -rmos, -rdes, -rem.
nota da ledora: anúncio publicitário da Seguradora Itaú : uma mulher falando ao telefone, com cara de triste, e a seguinte legenda: se alguém bater em você, chame a gente.
- fim da nota.
Em muitos verbos, a 3a. pessoa do singular do futuro do subjuntivo (bater, no anúncio acima) é formalmente idêntica ao infinitivo impessoal o que gera freqüentemente erros de conjugação. Por isso, fique sempre atento ao esquema de derivação desse tempo verbal

ESQUEMA DE FORMAÇÃO DOS TEMPOS DERIVADOS DO PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO

(exemplo: Verbo fazer)
Pretérito perfeito do indicativo
fiz
fize-ste
fez
fizemos
fizestes
fizeram
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo
fize-ra
fize-ras
fize-ra
fizé-ramos
fizé-reis
fize-ram
Pretérito imperfeito do subjuntivo
fize-sse
fize-sses
fize-sse
fizé-ssemos
fizé-sseis
fize-ssem
Futuro do subjuntivo
fize-r

fize-res
fize-r
fize-rmos
fize-rdes
fize-rem
-nota de destaque na página: As desinências dos tempos derivados são as mesmas para as três conjugações.
TEMPOS E FORMAS NOMINAIS DE DERIVADOS DO INFINITIVO PESSOAL
O infinitivo impessoal (estudar, vender, permitir) é a base para a formação de três tempos do modo indicativo: o pretérito imperfeito, o futuro do presente e o futuro do pretérito.
Além disso, é base também das formas nominais: o infinitivo pessoal, o particípio e o gerúndio.
a) pretérito imperfeito do indicativo - forma-se pelo acréscimo das terminações -ava, -avas, -ava, -ávamos, -áveis, -avam (para os verbos da primeira conjugação) ou -ia, -ias, -ia, -íamos, -íeis, -iam (para os verbos da segunda e terceira conjugações) ao radical do infinitivo impessoal (estud-ar, vend-er, permit-ir);
b) futuro do presente do indicativo - forma-se pelo acréscimo das desinências -rei, -rás, -ra, -remos, -reis, -rão ao tema do infinitivo impessoal (estuda-r, vende-r, permiti-r);
c) futuro do pretérito do indicativo - forma-se pelo acréscimo das desinências -ria, -rias, -ria, -ríamos, -ríeis, -riam ao tema do infinitivo impessoal;
d) infinitivo pessoal - acrescentam-se as desinências -es (para a segunda pessoa do singular) e -mos, -des, -em (para as três pessoas do plural) ao infinitivo impessoal (estudar-, vender-, permitir-);
e) particípio regular - acrescenta-se a desinência -ado (para verbos da primeira conjugação) ou -ido (para verbos da segunda e terceira conjugações) ao radical do infinitivo impessoal;
f) gerúndio acrescenta-se a desinência -ndo ao tema do infinitivo impessoal.
ESQUEMA DE FORMAÇÃO DOS TEMPOS E FORMAS NOMINAIS DERIVADOS DO INFINITIVO IMPESSOAL
(exemplo: verbo cantar)
Infinitivo impessoal: cant-ar
Partícipio: cant-ado
Pretérito imperfeito do indicativo : cant-ava, cant-avas, cant-ava, cant-ávamos, cantáveis, cant-avam
Infinitivo impessoal: canta-r
Futuro do presente do indicativo: canta-rei, canta-rás, canta-rá, canta-remos, canta-reis, canta-rão.
Futuro do pretérito do indicativo: canta-ria, canta-rias, canta-ria, canta-ríamos, cantaríeis, canta-riam.
Gerúndio: canta-ndo
- nota da ledora - anúncio da revista placar: foto composta de uma bola, um preservativo, e um autofalante, com a seguinte legenda: O mundo é uma bola. Num planeta quadrado não haveria futebol, sexo ou rock'n'roll.
- fim da nota.
O futuro do pretérito do indicativo (haveria) deriva do infinitivo impessoal. Quanto à derivação dos objetos esféricos, a hipótese do anúncio até que é engenhosa.
Infinitivo impessoal : cantar
Infinitivo pessoal: cantar, cantar-es, cantar, cantar-mos, cantar-des, cantar-em.
- quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÃO:
Alguns poucos verbos não obedecem a um ou outro dos esquemas expostos; isso, no

entanto, não chega a afetar a grande eficiência desses mecanismos de conjugação. Quando estudarmos os verbos irregulares, faremos mensão às mais importantes.
- nota - quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÕES
1. Para os verbos da segunda e terceira conjugações, as desinências são diferentes das que surgem no esquema de formação do particípio e pretérito imperfeito do indicativo: -ido para o particípio e -ia, -ias, -ia, -íamos, 4eis, -iam para o imperfeito.
2. Atente para o fato de que o infinitivo pessoal e o futuro do subjuntivo têm origens diferentes, o que implicará diferenças formais significativas em alguns verbos, como fazer (fazer, fazeres; fizer, fizeres), expor (expor, expores; expuser, expuseres), dizer (dizer, dizeres; disser, disseres) e outros.- fim do quadro.
7 ALGUNS VERBOS REGULARES QUE MERECEM DESTAQUES
O verbo optar é um típico verbo regular cuja conjugação apresenta detalhes importantes. Atente principalmente no presente do indicativo e tempos derivados: a pronúncia culta das formas verbais aí presentes é opto, optas, opta, optam; opte, optes, opte, optem. O mesmo vale para os verbos captar, adaptar, raptar, compactar etc. O problema é prosódico e não morfológico e ocorre de forma semelhante no verbo obstar: obsto, obstas, obsta, obstam; obste, obstes, obste, obstem.
Alguns outros verbos regulares cuja pronúncia culta merece destaque são:
apaziguar
Presente do indicativo: apaziguo apaziguas apazigua apaziguamos apaziguais apaziguam
Presente do subjuntivo: apazigúe apazigúes apazigúe apazigüemos apazigüeis apazigüem
- nota da ledora: quadro de destaque, na página:
OBSERVAÇÕES
1. O verbo averiguar apresenta exatamente as mesmas características tônicas, que, aliás, são iguais às de quase todos os verbos terminados em -uar, como continuar, efetuar, habituar etc.
2. Atente na acentuação gráfica dessas formas verbais. - fim do quadro.
1. os verbos aguar, desaguar, e minguar têm comportamento tônico semelhante.
2. atente para a acentuação tônica dessas formas verbais.
3. alguns autores defendem para esse grupo o mesmo comportamento prosódico dos verbos averiguar e apaziguar (enxaguo, enxaguas, enxagua, aguo, aguas agua- todas com intensidade tonal na vogal u) ou seja , o comportamento padrão dos verbos terminados em -aur.
Enxaguar - presente do indicativo: enxáguo, enxáguas, enxágua, enxaguamos, enxaguais, enxaguam
Presente do subjuntivo: enxágüe, enxágües, enxágüe, enxagüemos, enxagüeis, enxagüem
1. Esse verbo é mais empregado em sua forma pronominal (dignar-se).
2. Apresentam a mesma acentuação tônica aos verbos impugnar e indignar-se
Presente do indicativo: digno, dignas, digna, dignamos, dignais, dignam.
Presente do subjuntivo: digne, dignes, digne, dignemos, digneis, dignem
mobiliar
presente do indicativo: mobílio, mobilias, mobília, mobiliamos, mobiliais , mobíliam
presente do subjuntivo: mobílie, mibílies, mobílie, mobiliemos, mobilieis, mobíliem
Há também verbos foneticamente regulares, mas irregulares no que diz respeito á manutenção da estrutura formal. E o caso, por exemplo, do verbo dirigir: dirijo, diriges, dirige, dirigimos, dirigis, dirigem; dirija, dirijas, dirija, dirijamos, dirijais, dirijam. É fácil conjugar esse verbo oralmente; as dificuldades surgem no momento de escrever as formas verbais. É necessário, então, substituir a letra g, que faz parte do radical (dirig-)

pela letra j, justamente para manter o padrão fonético. Se fosse mantida a letra g do radical em toda a conjugação de verbos como dirigir, agir, fugir, fingir, haveria formas como 'eu dirigo", 'eu ago", "eu fugo", "eu fingo", "que eu diriga", "que eu fuga".
Você notou que só será necessário trocar o g por j diante de a e o.
Para eliminar essas dificuldades, você deve dominar com segurança as relações (já estudadas em nosso livro) entre fonemas e letras. Os problemas surgem, obviamente, nos verbos que apresentam letras que servem para representar mais de um fonema ou naqueles que apresentam fonemas que podem ser representados por mais de uma letra.
- nota da ledora: propaganda das sandálias havaianas, com os seguintes termos:
para ter um verão de verdade, exija estas marcas (a marca da sandália, feita pelo sol, no pé bronzeado).
- fim da nota.
Exigir é exemplo de verbo foneticamente regular, porém com irregularidade gráfica.
Para manter o som /z/ do infinitivo, o g transforma-se em j no imperativo (exija)
É ocaso dos verbos cujo infinitivo se escreve com c, ç, g, gu:
ficar: fico, fique; fiquei, ficaste;
descer: desço, desça; desci, desceste;
atiçar: atiço, atice; aticei, atiçaste;
carregar: carrego, carregue; carreguei, carregaste;
fingir: finjo, finges; fingi, fingiste;
erguer: ergo, ergues; ergui, ergueste.
Merecem destaque extinguir e distinguir: nesses verbos, como em erguer, as letras gu representam um dígrafo (note que não há trema sobre o u). Ao conjugá-los, obtêm-se as formas extingo extingues, extingue etc.; distingo, distingues, distingue etc. Portanto você não deve pronunciar a letra u durante a conjugação desses verbos.

CAPÍTULO 7
ESTUDO DOS VERBOS (2)

Neste capítulo, vamos continuar o estudo dos verbos, dedicando especial atenção aos verbos irregulares, defectivos e abundantes. Na capa da revista, encontramos dois exemplos de verbos irregulares: dizer e ver, em suas formas participiais.
No decorrer do capítulo, conheceremos diversos outros, sempre recorrendo aos esquemas de tempos primitivos e tempos derivados, que você já aprendeu no capítulo 6.
DITO & VISTO
1. INTRODUÇÃO
No capítulo anterior, você estudou os paradigmas dos verbos regulares das três conjugações (-ar, -er, -ir) e o esquema de formação dos tempos simples. É necessário que, a partir de agora, você identifique as formas verbais típicas de cada tempo e modo com segurança; também é fundamental que você domine com desenvoltura todos os mecanismos da relação que existe entre os tempos primitivos e os derivados.
Neste capítulo, vamos observar detalhadamente os principais verbos irregulares, defectivos e abundantes de nossa língua. Esse estudo terá como base o esquema de formação dos tempos simples.
2 VERBOS IRREGULARES
Você já sabe que os verbos irregulares são aqueles que não seguem os paradigmas das conjugações, ou seja, apresentam variações de forma nos radicais ou nas desinências.
Para que o estudo desses verbos se torne mais fácil e prático, tenha sempre em mente o esquema de formação dos tempos simples, pois as irregularidades dos tempos primitivos geralmente se estendem aos tempos derivados correspondentes. Por isso vamos organizar nosso estudo a partir desse esquema de formação dos tempos simples.
VERBOS IRREGULARES APENAS NA CONJUGAÇÃO DO PRESENTE DO INDICATIVO E TEMPOS DERIVADOS
Você encontrará a seguir os principais verbos que apresentam irregularidades no

presente do indicativo e, conseqüentemente, no presente do subjuntivo e no imperativo. Serão conjugados apenas o presente do indicativo e o presente do subjuntivo desses verbos: para obter o imperativo, basta seguir o esquema já conhecido. Colocaremos observações sempre que for necessário chamar a sua atenção para alguma particularidade.

PRIMEIRA CONJUGAÇÃO

recear

Presente do indicativo: recei-o, receias, receia, receamos, receais, receiam

Presente do subjuntivo: recei-e, recei-es, recei-e, receemos, receeis, recei-em

incendiar

Presente do indicativo: incendei-o, incendeias, incendeia, incendiamos, incendiais, incendeiam

Presente do subjuntivo: incendei-e, incendei-es, incendei-e, incendiemos, incendieis, incendei-em

- nota da ledora; quadro de destaque na página -

OBSERVAÇÕES:

1. Atente para a segunda pessoa do plural, em o radical apresenta modificação.
2. Seguem esse modelo os demais verbos terminados em -ear: apear, atear, arrear, bloquear, cear, enlear,folhear, frear, hastear, granjear, lisonjear, passear, semear, titubear, etc.
3. Os verbos terminados em -iar são regulares, com exceção de mediar, ansiar, remediar, incendiar, odiar e seus derivados. Um derivado importante de mediar é intermediar. - - -

- fim do quadro.

O verbo odiar é irregular e conjuga-se como incendiar, ao lado.

- nota da ledora: propaganda do jornal O Estado de São Paulo com os seguintes dizeres: Eu odeio oligopólios. E quando souber o que é isso vou odiar mais ainda.

- fim da nota.

SEGUNDA CONJUGAÇÃO

ler

Presente do indicativo: lei-o lês lê lemos ledes lêem

Presente do subjuntivo: lei-a lei-as lei-a lei-amos lei-ais lei-am

- nota da ledora: quadro em destaque na página:

OBSERVAÇÕES

1. Atente para as formas da segunda e terceira pessoas do plural do presente do indicativo.
2. Seguem esse modelo os verbos reler, crer e descrer.
3. O pretérito perfeito do indicativo desses verbos é regular (li/ cri/ leste/ creste, leu/creu, lemos/cremos, lestes/ crestes, lestes/ creram)

- fim do quadro

Não confunda perda (substantivo) com perda (forma verbal):

É possível que ele perca o emprego.

A perda do emprego levará o pobre homem ao desespero.

requerer

Presente do indicativo: requeir-o, requeres, requer, requeremos, requereis, requerem

Presente do subjuntivo: requeir-a, requeir-as, requeir-a, requeir-amos, requeir-ais, requeir-am

perder

Presente do indicativo: perc-o, perdes, perde, perdemos, perdeis, perdem

Presente do subjuntivo: perc-a, perc-as, perc-a, perc-amos, perc-ais, perc-am

- nota da ledora: quadro de destaque na página:

O pretérito perfeito do indicativo desse verbo é regular (requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram). Conseqüentemente o pretérito mais-que-perfeito

do indicativo, o imperfeito do subjuntivo e o futuro do subjuntivo também são regulares: eu requerera, se eu requeresse, quando eu requerer.
- fim do quadro
valer
Presente do indicativo: valh-o, vales, vale, valemos, valeis, valem
Presente do subjuntivo: valh-a, valh-as, valh-a, valh-amos, valh-ais, valh-am
- Segue essa conjugação o verbo equivaler
TERCEIRA CONJUGAÇÃO
divertir
Presente do indicativo: divirt-o, divertes, diverte, divertimos, divertis, divertem
presente do subjuntivo: divirt-a, divirt-as, divirt-a, divirt-amos, divirt-ais, divirt-am
Atente para a irregularidade desse verbo: a primeira pessoa do singular do presente do indicativo apresenta i em lugar do e do radical do infinitivo. Há muitos outros verbos que apresentam esse mesmo comportamento: aderir, advertir, compelir, competir, conferir, despir, digerir, discernir, divergir, expelir, ferir, inserir, investir, perseguir, preferir, referir. repelir. repetir, seguir, sentir, servir, sugerir, etc.
- nota da ledora: propaganda do jornal Folha da tarde com a seguinte legenda:
Fotos que valem mais que mil palavrões. (foto de uma pessoa passando por uma área inundada)
- fim da nota.
Veja na tabela acima as formas em que o verbo valer apresenta irregularidades.
progredir
Presente do indicativo
progrid-o
progrides
progride
progredimos
progredis
progridem
Presente do subjuntivo
progrid-a
progrid-as
progrid-a
progrid-amos
progrid-ais
progrid-am
A troca do e do infinitivo pelo i só não ocorre na primeira e segunda pessoas do plural.
Seguem esse modelo: agredir, denegrir, prevenir, regredir, transgredir.
dormir
Seguem esse modelo cobrir e seus derivados (descobrir, encobrir, recobrir), além de encobrir e tossir.
Presente do indicativo
peç-o
pedes
pede
pedimos
pedis
pedem
Presente do subjuntivo:
peç-a
peç-as
peç-a

peç-amos
peç-ais
peç-am
Presente do indicativo:
durm-o
dormes
dorme
dormimos
dormis
dormem
Presente do subjuntivo:
durm-a
durm-as
durm-a
durm-amos
durm-ais
durm-am
Seguem esse modelo: despedir, impedir, medir. Ouvir apresenta conjugação semelhante: ouço, ouves, ouve...; ouça, ouças, ouça....
fugir
Presente do indicativo:
fuj-o
foges
foge
fugimos
fugis
fogem
Presente do subjuntivo
fuj-a
fuj-as
fuj-a
fuj-amos
fuj-ais
fuj-am
Segue esse modelo o verbo sortir.
Há alguns verbos que apresentam particularidades na terceira pessoa do singular do presente do indicativo. Como essas particularidades não ocorrem na primeira pessoa do singular, não interferem nos tempos derivados do presente do indicativo. São os verbos terminados em -air (cair; decair, sair, por exemplo), -oer (doer, moer, roer) e -uir atribuir, contribuir, retribuir). Em todos esses verbos, a terceira pessoa do singular do presente do indicativo apresenta desinência -i e não -e (cai, decai, sai; dói, mói, rói; atribui, contribui, retribui). Isso explica por que muita gente erra a grafia de formas verbais como atribui, possui, mói, substitui, colocando -e no lugar do -i final. Nos verbos terminados em -uzir (conduzir; produzir, reduzir; traduzir), essa mesma pessoa não apresenta a desinência -e (conduz, produz, reduz, traduz).
Seguem esse modelo: acudir, bulir, consumir, cuspir, entupir, sacudir, subir, sumir.
polir
Presente do indicativo
pul-o
pules
pule

polimos
polis
pulem
Presente do subjuntivo
pul-a
pul-as
pul-a
pul-amos
pul-ais
pul-am
VERBOS IRREGULARES NO PRESENTE E NO PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO E RESPECTIVOS TEMPOS DERIVADOS
Apresentamos a seguir vários verbos que mostram irregularidades tanto no presente do indicativo e tempos derivados, como no pretérito perfeito do indicativo e tempos derivados. Na conjugação de alguns verbos mais problemáticos, aparece também o pretérito imperfeito do indicativo.
PRIMEIRA CONJUGAÇÃO
Pretérito Pretérito Pretérito
perfeito do mais-que-imperfeito do Futuro do indicativo
perfeito do subjuntivo subjuntivo
indicativo
estive estive-ra estive-sse estive-r
estás estejas estive-ste estive- ras estive-sses estive- res está esteve
estive-ra estive-sse estiver estejamos estivemos estivé-ramos estivé-ssemos
estive-rmos estejais estivestes estivé-reis estivé-sseis estive-rdes
estejam estiveram estive- ram estivessem estive- rem
Presente do indicativo: estou, estás, está, estamos, estais, estão
Presente do subjuntivo: esteja, estejas, esteja, estejamosm estejais, estejam
Pretérito perfeito do indicativo: estive, estive-ste, esteve, estivemos, estivestes, estiveram
pretérito mais-que-perfeito: estive-ra, estive-ras, estive-ra, estivé-ramos, estivé-reis, estive-ram
pretérito imperfeito do subjuntivo: estive-sse, estive-sses, estive-sse, estivé-ssemos, estivé-sseis, estive-ssem
futuro do subjuntivo: estive-r, estive-res, estive-r, estive-rmos, estive-rdes, estive-rem
- nota da ledora: quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÕES:
1. O presente do subjuntivo não utiliza o radical do presente do indicativo. Isso ocorre com todos os verbos cuja primeira pessoa do singular do presente do indicativo termina em -ei ou em -ou (sei/saiba, dou/dê, hei/haja, vou/vá, sou/seja), além do verbo-querer (quero/queira). A conjugação do imperativo segue o esquema estudado.
2. Atente para as formas do presente do subjuntivo: na língua culta, deve-se usar esteja e não "esteje".
- fim da nota.
Presente do indicativo: dou dás dá damos dais dão
Presente do subjuntivo: dê dês dê demos deis dêem
Pretérito perfeito do indicativo: dei de-ste deu demos deste deram
Pretérito mais-que -perfeito do indicativo: de-ra de-ras de-ra dé-ramos dé-reis de-ram
Pretérito imperfeito do subjuntivo: de-sse de-sses de-sse dé-ssemos dé-sseis de-ssem
Futuro do subjuntivo: de-r de-res de-r de-rmos de-rdes de-rem
SEGUNDA CONJUGAÇÃO
aprazer

presente do indicativo: apraz-o aprazes apraz aprazemos aprazeis aprazem
presente do subjuntivo: apraz-a apraz-as apraz-a apraz-amos apraz-ais apraz-am
pretérito perfeito do indicativo: aprouve aprouve-ste aprouve aprouvemos aprouvestes aprouveram
pretérito mais-que-perfeito: aprouve-ra arouve-ras aprouve-ra aprouvé-ramos aprouvé-reis aprouve-ram
pretérito imperfeito do subjuntivo: aprouve-sse aprouve-sses aprouve-sse aprouvé-ssemos aprouvé-sseis aprouvessem
futuro do subjuntivo: aprouve-r aprouve-res aprouver aprouve-rmos aprouver-des aprouve-rem
- nota da ledora: quadro em destaque, na página
1. A única irregularidade no presente do indicativo desse verbo e dos que a ele se assemelham - prazer, comprazer e desprazer - é a terceira pessoa do singular, que não apresenta a desinência -e.
2. Desprazer e prazer seguem o modelo de aprazer em todos os tempos. Acredite: prazer é verbo ("Prouve a Deus que o filho não sofresse") e normalmente é usado apenas na terceira pessoa do singular e na terceira pessoa do plural.
3. Comprazer segue o modelo de aprazer.
No pretérito perfeito do indicativo e tempos derivados, pode também ser conjugado regularmente; há, portanto, duas formas possíveis para esses tempos: comprouve/comprazi, comprouveste/comprazeste,…
- fim da nota.
presente do indicativo:
caib-o
cabes
cabe
cabemos
cabeis
cabem
presente do subjuntivo:
caib-a
caib-as
caib-a
caib-amos
caib-ais
caib-am
pretérito perfeito do indicativo:
coube
coube-ste
coube
coubemos
coubestes
couberam
pretérito mais-que-perfeito do indicativo:
coube-ra
coube-ras
coube-ra
coube-ramos
coube-reis
coube-ram
pretérito imperfeito do subjuntivo:
coube-sse

coube-sses
coube-sse
coubé-ssemos
coubé-sseis
coube-ssem
futuro do subjuntivo:
coube-r
coube-res
coube-r
coube-rmos
coube-rdes
coube-rem
dizer
presente do indicativo: dig-o dizes diz dizemos dizeis dizem
presente do subjuntivo: dig-a dig-as dig-a dig-amos dig-ais dig-am
pretérito imperfeito do indicativo: disse disse-ste disse dissemos dissestes disseram
pretérito-mais-que perfeito: disse-ra disse- ras disse-ra dissé- ramos dissé-reis disse- ram
pretérito imperfeito do subjuntivo: disse-sse disse-sses disse-sse dissé-ssemos dissé-sseis disse-ssem
futuro do subjuntivo: disse-r disse- res disse-r disse- rmos disse- rdes disse-rem
- nota da ledora: quadro de destaque na página -
OBSERVAÇÕES
1. Seguem esse modelo os derivados: bendisse- condizer, contradizer, desdizer, maldizer; predizer.
2. Os futuros do indicativo desse verbo e seus derivados são irregulares, já que perdem a sílaba ze: direi, dirá, contradirei, desdirá são formas do futuro do presente; diria, contradiria, desdiria, bendiríamos são formas do futuro do pretérito.
3. O particípio desse verbo e seus derivados é irregular: dito, bendito, contradito...
- fim do quadro.
fazer
presente do indicativo: faç-o fazes faz fazemos fazeis fazem
presente do subjuntivo: faç-a faç-as faç-a faç-amos faç-ais faç-am
pretérito perfeito do indicartivo: fiz fize-ste fez fizemos fizestes fizeram
pretérito mais-que-perfeito: fize-ra fize-ras fize-ra fizé-ramos fizé-reis fize-ram
pretérito imperfeito do subjuntivo: fize-sse fize-sses fize-sse fizé-ssemos fizé-sseis fizessem
futuro do subjuntivo: fize-r fize-res fize-r fize-rmos fize-rdes fize-rem
- nota da ledora: quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÕES
1. Seguem esse modelo: desfazer, liquefazer; perfazer; rarefazer; satisfazer; refazer.
2. Os futuros do indicativo desse verbo e seus derivados são irregulares; já que perdem a sílaba ze: farei, refará, satisfaremos desfarão a forma do futuro do presente; faria, desfaria, refaríamos, satisfariam são formas do futuro do pretérito.
3. O particípio desse verbo e seus derivados é irregular: feito, desfeito, liquefeito, satisfeito. - fim do quadro.
- fim da nota.
haver
presente do indicativo: hei hás há laja houve havemos haveis hão
presente do subjuntivo: haja hajas haja hajamos hajais hajam
pretérito perfeito do indicativo: houve houveste houve houvemos houvestes houveram
pretérito-mais-que-perfeito do indicativo: houve-ra houve-ras houve-ra houvé-ramos

houvé-reis houve-ram
pretérito imperfeito do subjuntivo: houve-sse houve-sses houve-sse houvé-ssemos houvé-sseis houve-ssem
futuro do subjuntivo: houve-r houve- res houve-r houve-rmos houve-rdes houve-rem
- nota da ledora: quadro de destaque na página-
OBSERVAÇÃO:
O presente do subjuntivo não utiliza o radical do presente do indicativo (hei/haja).
O imperativo é obtido de acordo com o esquema conhecido.
- fim do quadro.
poder
presente do indicativo: poss-o podes pode podemos podeis podem
presente do subjuntivo: poss-a poss-as poss-a poss-amos poss-ais poss-am
pretérito perfeito do indicativo: pude pudeste pôde pudemos pudestes puderam
pretérito mais-que-perfeito do indicativo: pude-ra pude-ras pudera pudé-ramos pudé-reis pude-ram
pretérito imperfeito do subjuntivo: pude-sse pude-sses pude-sse pudé-ssemos pudé-sseis pude-ssem
futuro do subjuntivo: pude-r pude-res pude-r pude-rmos pude-rdes puderem
- nota da ledora: quadro de destaque, na página:
OBSERVAÇÃO
A terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo (pode) recebe acento circunflexo, diferencial de timbre de pode, terceira do singular do presente do indicativo.
- fim do quadro.
pôr
presente do indicativo:
ponh-o
pões
põe
pomos
pondes
põem
presente do subjuntivo:
ponh-a
ponh-as
ponh-a
ponh-amos
ponh-ais
ponh-am
pretérito imperfeito do indicativo:
punha
punhas
punha
púnhamos
púnheis
punham
pretérito perfeito do indicativo:
pus
puse-ste
pôs
pusemos
pusestes

puseram
pretérito mais-que-perfeito do indicativo:
puse-ra
puse-ras
puse-ra
pusé-ramos
pusé-reis
puse-ram
pretérito imperfeito do subjuntivo:
puse-sse
puse-sses
pusesse
pusé-ssemos
pusé-sseis
pusessem
futuro do subjuntivo:
puse-r
puse-res
puse-r
puser-mos
puse-rdes
puse-rem
- nota da ledora: quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÕES
1. Atente para a diferença entre a terceira pessoa do singular e a terceira pessoa do plural do presente do indicativo (põe/ põem).
2. Analise com atenção as formas do pretérito imperfeito do indicativo.
3. Destaque-se a grafia das formas de toda a família : não existe a letra z (pus, pusemos, puseram, puser, pusermos, puserem pusesse, puséssemos, pusesses)
4. O fato de o verbo pôr receber acento (diferencial da preposição por) não significa que seus derivados também serão acentuados (depor, propor, impor etc.). Nenhum derivado de pôr é acentuado.
5. Preste atenção às formas do futuro do subjuntivo ("Se você puser a carta no correio", e não "Se você pôr a carta no correio").
6. Todos os derivados do verbo pôr seguem exatamente esse modelo de conjugação: - indispor; interpor; opor; pospor; predispor; pressupor, propor, recompor, repor, sobrepor; supor; transpor são alguns deles ("Se você compuser uma canção", e não "Se você compor uma canção"; Se eles expuserem os quadros", e não "Se eles exporem os quadros").
7. O particípio do verbo pôr e seus derivados é irregular: posto, anteposto, composto, decomposto.
- fim do quadro de destaque.
querer
presente do indicativo:
quero
queres
quer
queremos
quereis
querem
presente do subjuntivo:
queira

queiras
queira
queiramos
queirais
queiram
pretérito perfeito do indicativo:
quis
quise-ste
quis
quisemos
quisestes
quiseram
pretérito mais-que-perfeito do indicativo:
quise-ra
quise-ras
quise-ra
quisé-ramos
quisé-reis
quise-ram
pretérito perfeito do subjuntivo:
quise-sse
quise-sses
quise-sse
quisé-ssemos
quisé-sseis
quise-ssem
futuro do subjuntivo:
quise-r
quise-res
quise-r
quise-rmos
quise-rdes
quise-rem
- nota da ledora: quadro de destaque na página:
1. O presente do subjuntivo não utiliza o radical da primeira pessoa do singular do presente do indicativo (quero/queira).
2. Atente para a grafia: não existe a letra z em nenhuma forma do verbo querer (quis, quisemos, quiseram, quiser, quisermos, quiserem, quisesse, quiséssemos, quisessem).
3. Como já vimos, requerer não segue a conjugação de querer. É irregular na primeira pessoa do singular do presente do indicativo (requeiro) e formas derivadas (requeira, requeiramos, requeiram). É regular no pretérito perfeito do indicativo e formas derivadas (requeri, requereu, requereram, requeresse, requerêssemos, requeressem).
- fim do quadro.
saber
presente do indicativo: sei sabes sabe sabemos sabeis sabem
presente do subjuntivo: saiba saibas saiba saibamos saibais saibam
pretérito perfeito do indicativo: soube soube-ste soube soubemos soubestes souberam
pretérito mais-que-perfeito do indicativo: soube-ra soube-ras soube-ra soubé-ramos soubé-reis soube-ram
pretérito imperfeito do subjuntivo: soube-sse soube-sses soube-sse soubé-ssemos soubé-sseis soube-ssem
fuuturo do subjuntivo: soube-r soube-res soube-r soube-rmos soube-rdes soube-rem

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÃO:
O presente do subjuntivo não apresenta o radical da primeira pessoa do singular do presente do indicativo (sei/saiba).
- fim da nota.
ser
Presente do indicativo:
sou
és
é
somos
sois
são
Presente do subjuntivo:
seja
sejas
seja
sejamos
sejais
sejam
Pretérito imperfeito do indicativo:
era
eras
era
éramos
éreis
eram
Pretérito perfeito do indicativo:
fui
fo-ste
foi
fomos
fostes
foram
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo:
fo-ra
fo-ras
fo-ra
fô-ramos
fô-reis
fo-ram
Pretérito imperfeito do subjuntivo:
fo-sse
fo-sses
fo-sse
fô-ssemos
fô-sseis
fo-ssem
Futuro subjuntivo:
fo-r
fo-res
fo-r

fo-rmos
fo-rdes
fo-rem
- nota da ledora: quadro de destaque na página:
1. O verbo ser é considerado anômalo, por apresentar grandes irregularidades. Atente para os diferentes radicais que existem em sua conjugação (sou/era/fui).
2. O presente do subjuntivo não se forma a partir do radical do presente do indicativo (sou/seja). O imperativo do verbo ser é o único que não obedece integralmente ao esquema conhecido. As duas segundas pessoas (tu e vós) do imperativo afirmativo apresentam formas independentes: sê (tu) e sede (vós).
- fim do quadro.
ter
presente do indicativo: tenh-o tens tem temos tendes têm
presente do subjuntivo: tenh-a tenh-as tenh-a tenh-amos tenh-ais tenh-am
pretérito imperfeito do indicativo: tinha tinhas tinha tínhamos tínheis tinham
pretérito perfeito do indicativo: tive tive-ste teve tivemos tivestes tiveram
pretérito mais-que-perfeito do indicativo: tive-ra tive-ras tive-ra tivé-ramos tivé-reis tive-ram
pretérito imperfeito do subjuntivo: tive-sse tive-sses tive-sse tivé-ssemos tivé-sseis tive-ssem
futuro do subjuntivo: tive-r tive-res tive-r tive-rmos Iive-rdes tive-rem
- nota da ledora: quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÕES
1. Seguem esse modelo os derivados (ater, conter, deter, entreter, manter, reter, obter, suster).
2. Note a diferença gráfica entre a terceira pessoa do singular e a terceira pessoa do plural do presente do indicativo: ele tem/eles têm. Nos verbos derivados, a diferenciação se faz de outra maneira: ele contém/eles contêm, ele mantém/eles mantêm.
- fim do quadro.
trazer
presente do indicativo:
trag-o
trazes
traz
trazemos
trazeis
trazem
presente do subjuntivo:
trag-a
trag-as
trag-a
trag-amos
trag-ais
trag-am
pretérito perfeito do indicativo:
trouxe
trouxe-ste
trouxe
trouxemos
trouxestes
trouxeram
pretérito mais-que-perfeito do indicativo:

trouxe-ra
trouxe- ras
trouxe-ra
trouxé- ramos
trouxé-reis
trouxe- ram
pretérito imperfeito do subjuntivo:
trouxe-sse
trouxe-sses
trouxe-sse
trouxé-ssemos
trouxé-sseis
trouxe-ssem
futuro do subjuntivo:
trouxe-r
trouxe-res
touxe-r
trouxe-rmos
trouxe-rdes
trouxe-rem
- nota da ledora: quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÃO
Os futuros do indicativo desse verbo são irregulares, já que perdem a sílaba ze:
trarei, trarás, trará... (para o futuro do presente); traria, trarias, traria... (para o futuro do pretérito).
- fim do quadro.
ver
Presente do indicativo: vej-o vês vê vemos vedes vêem
presente do subjuntivo: vej-a vej-as vej-a vej-amos vej-ais vej-am
Pretérito imperfeito do indicativo: vi vi-ste viu vimos vistes viram
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: vi-ra vi- ras vi-ra ví-ramos ví-reis vi-ram
pretérito imperfeito do subjuntivo: vi-sse vi-sses vi-sse ví-ssemos ví-sseis vi-ssem
futuro do subjuntivo: vi-r vi-res vi-r vi-rmos vi-rdes vi-rem
- nota da ledora: anúncio de um Biscoito, e o paralelo feito pela propaganda, com a foto de uma mulher africana, tendo em torno do pescoço vários colares em formato de argola, que a mantém com o pescoço ereto e longilíneo, com a seguinte legenda: Anúncio mais para ser visto do que comentado. Linda foto da mulher; espirituosa associação entre seu "colar" e os biscoitos Calipso. Mas aproveite o ensejo para estudar as irregularidades do verbo ver. - a seguir: quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÕES:
1. Atente para a forma da terceira pessoa do plural do presente do indicativo: vêem. Não confunda com a forma correspondente do verbo vir: vêm.
2. Seguem esse modelo os derivados: antever, entrever, prever, rever.
3. O particípio de ver e seus derivados é irregular: visto, previsto, revisto.
4. Prover, que significa "abastecer, suprir", segue a conjugação do verbo ver apenas no presente do indicativo e formas derivadas (provejo, provês, provê, provemos, provedes, provêem; proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam), Nos demais tempos, prover é absolutamente regular (provi, proveu, proveram, provera, provesse, provêssemos, provessem, provermos, proverem). -
fim do quadro.
TERCEIRA CONJUGAÇÃO
ir

Presente do indicativo: vou vais vai vamos ides vão
presente do subjuntivo: vá vás vá vamos vades vão
pretérito imperfeito do indicativo: ia ias ia íamos íeis iam
pretérito perfeito do indicativo: fui fo-ste foi fomos fostes foram
pretérito mais-que-perfeito do indicativo: fo-ra fo-ras fo-ra fô-ramos fô-reis foram
pretérito imperfeito do subjuntivo: fo-sse fo-sses fo-sse fô-ssemos fô-sseis fo-ssem
futuro do subjuntivo: fo-r fo-res fo-r fo-mos fo-rdes fo-rem
- nota da ledora: quadro de destaque na página:
1. O verbo ir também é considerado anômalo, dadas as acentuadas irregularidades que apresenta. Note a variação dos radicais (vou, ia, fui).
2. Atente para a diferença entre a segunda pessoa do plural do presente do indicativo e a segunda pessoa do plural do presente do subjuntivo: ides/vades.
3. As formas do pretérito perfeito e tempos derivados dos verbos ir e ser são idênticas: somente pelo contexto em que se encontram é que se pode perceber de qual verbo se trata ('Fui ao cinema e fui maltratado pelo bilheteiro" - a primeira forma fui é do verbo ir; a segunda é do verbo ser. Ponha a frase no futuro para que se evidencie a diferença: 'Irei ao cinema e serei maltratado pelo bilheteiro').
4. O verbo ir, além de anômalo, é considerado abundante, já que apresenta duas formas para o mesmo caso (nós vamos ou imos, no presente do indicativo)
- fim do quadro.
vir
Presente do indicativo: venh-o vens vem vimos vindes vêm
presente do subjuntivo: venh-a venh-as venh-a venh-amos venh-ais venh-am
pretérito imperfeito do indicativo: vinha vinhas vinha vínhamos vínheis vinham
pretérito perfeito do indicativo: vim vie-ste veio viemos viestes vieram
pretérito mais-que-perfeito do indicativo: vie-ra vie-ras vie-ra vié-ramos vié-reis vie-ram
pretérito imperfeito do subjuntivo: vie-sse vie-sses vie-sse vié-ssemos vié-sseis viessem
fututo do subjuntivo: vie-r vie-res vie-r vie-rmos vie-rdes vie-rem
- nota da ledora: quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÕES
1. Atente para a diferença gráfica entre as terceiras pessoas do presente do indicativo: ele vem/eles vêm. Compare essas formas com as correspondentes do verbo ver ele vê/eles vêem).
2. Seguem esse modelo os verbos advir, convir, desavir-se (desentender-se), intervir, provir, sobrevir. Nesses verbos, a diferenciação gráfica entre as terceiras pessoas do presente do indicativo se faz de outra maneira: ele convém/eles convêm, ele intervém/eles intervêm. Atente nas formas desses verbos no pretérito perfeito e tempos derivados ("Eu intervim na discussão entre os dois"; "O problema só será resolvido se você intervier").
3.O particípio de vir e seus derivados é irregular: vindo, convindo, intervindo. Essa família de verbos é a única da língua portuguesa que apresenta particípio e gerúndio iguais ("Vem chegando a madrugada"/ "Vem vindo a madrugada"; "Já tinham chegado todos os alunos"/"Já tinham vindo todos os alunos").
- fim do quadro.
3 VERBOS DEFECTIVOS
Chamam-se defectivos os verbos que não possuem conjugação completa, ou seja, deixam de ser flexionados em algumas formas.
Em geral, o fator determinante da classificação de um verbo como defectivo é de natureza morfológica ou eufônica. Se fosse completo, o verbo falir, por exemplo, apresentaria, no presente do indicativo, "eu falo, tu fales, ele fale". Falo é forma do presente do indicativo de falar; fales e fale são do presente do subjuntivo do mesmo

verbo falar. Isso implicaria um problema morfológico, ou seja, formas iguais para verbos diferentes.
Convém dizer que esse argumento não se aplica a todos os verbos que apresentam formas iguais. Trazer e tragar, por exemplo, não são defectivos, mas apresentam formas idênticas (trago é primeira pessoa do singular do presente do indicativo dos dois verbos). Ir e ser também apresentam formas idênticas (fui, fora, fosse, for), mas não são defectivos.
Se fosse completo, o verbo computar apresentaria no presente do indicativo formas como "computo, computas, computa" - palavras de sonoridade um tanto quanto "suspeita". Por isso o verbo computar é dado nas gramáticas e dicionários como defectivo.
Esses motivos nem sempre conseguem impedir o uso efetivo de formas verbais consideradas oficialmente "erradas". O próprio verbo computar é um exemplo disso. Com o desenvolvimento e a popularização dos computadores, não há quem não diga "computa". Na prática, esse verbo acaba sendo conjugado em todos os tempos, modos e pessoas.
Insistimos em que os preceitos colocados pela gramática normativa nem sempre condizem com o uso cotidiano da língua. Mas, no texto formal escrito, é mais do que recomendável que você procure seguir os padrões da língua culta.
Você verá a seguir que o problema dos verbos defectivos ocorre basicamente no presente do indicativo e formas derivadas (presente do subjuntivo e imperativos).
Para estudar os verbos defectivos, convém dividi-los em dois grupos.
PRIMEIRO GRUPO
Verbos que, no presente do indicativo, deixam de ser conjugados apenas na primeira pessoa do singular. Consequentemente, não apresentam presente do subjuntivo e imperativo negativo. O imperativo afirmativo se limita às pessoas diretamente provenientes do presente do indicativo (tu e vós). E o caso de abolir, aturdir, banir, carpir, colorir, delinqüir, demolir, exaurir, explodir, extorquir, retorquir, entre outros.
abolir
Presente do indicativo:
eu -
tu aboles
ele abole
nós abolimos
vós abolis
eles abolem
Imperativo afirmativo:
-
abole tu
--
aboli vós
-
SEGUNDO GRUPO
Verbos que, no presente do indicativo, são conjugados apenas na primeira e na segunda pessoas do plural (nós e vós). Quando você procura um verbo deste grupo no dicionário, costuma encontrar explicações técnicas como "no presente do indicativo, só é conjugado nas formas arrizotônicas". Você já sabe que forma arrizotônica é aquela em que a tonicidade está fora do radical, como em falamos. A tonicidade está no -a-, fora do radical (fal-).
Os verbos deste grupo não possuem presente do subjuntivo e imperativo negativo. O imperativo afirmativo se limita à forma diretamente retirada do presente do indicativo.
E o caso de adequar, aguerrir, combalir, comedir-se, falir, fornir, foragir-se, precaver,

reaver, remir.
falir
presente do indicativo:
eu -
tu -
ele -
nós falimos
vós falis
eles -
imperativo afirmativo:
---
fali vós
-
adequar
presente do indicativo:
eu -
tu -
ele -
nós adequamos
vós adequais
eles -
imperativo afirmativo:
---
adequai vós
-
precaver
presente do indicativo:
eu -
tu -
ele -
nós precavemos
vós precaveis
eles -
imperativo afirmativo:
---
precavei vós
-
nota da ledora: quadro de destaque na página:
Precaver não deriva de ver, nem de vir. Não existem as formas "precavejo, precavo, precavenho". No pretérito perfeito do indicativo e tempos derivados, comporta-se como verbo regular: precavi, precaveste, precaveu...
Alguns autores admitem a conjugação do verbo adequar nas formas arrizotônicas do presente do subjuntivo (adeqüemos, adeqüeis), o que permitiria também a conjugação dessas mesmas formas do imperativo negativo e da primeira do plural do imperativo afirmativo.
- fim do quadro.
rever
Presente do indicativo: eu - tu - ele-, nós reavemos, vós reaveis, eles-
Imperativo afirmativo: eu - tu- ele- nos-, reavei vós, -
- nota da ledora; quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÕES
Na prática, pode-se dizer que reaver é conjugado como haver, mas só existe nas formas

em que o verbo haver apresenta a letra v. Observe com atenção o pretérito perfeito do indicativo: reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram.
1. Convém repetir que os verbos defectivos são conjugados normalmente nos pretéritos e futuros. São mais do que corretas as formas como aboli, adeqüei, explode, fali, precavi, demoli, aboliu, adequou, explodiu, faliu, precaveu, demoliu.
2. para suprir uma forma dada como inexistente costuma-se recorrer a verbos sinônimos ou a expressões equivalentes. Em vez de dizer - eu me precavo/precavenho/precavejo - diga - eu me acautelo/previno; em vez de a empresa fale, diga - a empresa vai à falência/vai falir; em vez de - o texto se adequa, diga - o texto se adapta/ é adequado.
3. São considerados verbos defectivos também os verbos impessoais e os unipessoais, conjugados apenas de algumas formas por questão de significado. Não faz sentido, por exemplo, dizer "Eu chovo", ou "Ela alvoreceu ". Chover e alvorecer, como todos os verbos que indicam fenômenos naturais, são impessoais e, por isso não têm sujeito, e são conjugados apenas na terceira pessoa do singular. Também são impessoais amanhecer, anoitecer, chuviscar, estiar, gear, orvalhar, relampejar, trovejar e ventar. Os unipessoais exprimem vozes de animais e são geralmente conjugados na terceira pessoa do singular e na terceira pessoa do plural: "O cão latia insistentemente", " os cavalos relinchavam assustados " . observe que também não faz sentido dizer " eu relincho" ou " tu latiste " . Os outros verbos unipessoais exprimem acontecimento, necessidade; acontecer, convir, ocorrer, suceder. É possível empregar os verbos impessoais ou unipessoais em sentido figurado. É o que acontece com " Quando esse dia chegar, os brasileiros amanhecerão para um novo tempo" ou " choveram faltas violentas durante o jogo".
- fim do quadro de destaque.

4 VERBOS ABUNDANTES

Verbos abundantes são aqueles que apresentam mais de uma forma para determinada flexão. Esse fenômeno costuma ocorrer no particípio, em que, além das formas regulares, terminadas em -ado ou -ido, surgem as formas irregulares, também chamadas curtas ou breves. Observe a relação abaixo:

primeira conjugação:

Infinitivo impessoal, particípio regular, e particípio irregular

aceitar aceitado aceito
entregar entregado entregue
enxugar enxugado enxuto
expressar expressado expresso
expulsar expulsado expulso
findar findado findo
isentar isentado isento
limpar limpado limpo
matar matado morto
salvar salvado salvo
segurar segurado seguro
soltar soltado solto

segunda conjugação:

no infinitivo impessoal, no particípio regular e no particípio irregular.

acender acendido aceso
benzer benzido bento
eleger elegido eleito
morrer morrido morto
prender prendido preso
suspender suspendido suspenso

terceira conjugação:

no infinito pessoal, no particípio regular e no particípio irregular
emergir emergido emerso
expelir expelido expulso
exprimir exprimido expresso
extinguir extinguido extinto
imergir imergido imerso
imprimir imprimido impresso
inserir inserido inserto
omitir omitido omisso
submergir submergido submerso
- nota da ledora: quadro de destaque na página;
1. Os particípios regulares são empregados normalmente com os auxiliares ter e haver; os particípios irregulares são normalmente empregados com os auxiliares ser, estar:
ler/haver elegido - ser/estar eleito
ter/haver imprimido - ser/estar impresso
2. Ganhar, gastar e pagar são abundantes:
ganhado/ganho; gastado/gasto; pagado/ pago são seus particípios. As formas irregulares podem ser usadas com os auxiliares ser, estar, ter e haver; as formas regulares, somente com ter e haver: ter/haver/ser/estar/ganho/gasto/pago, ter/haver ganhado/gasto/pagado.
3. pegar e chegar, na língua culta, apresentam apenas o particípio regular: pegado e chegado.
4. Abrir (e derivados) , cobrir (e derivados), escrever (e derivados) , apresentam particípios irregulares, aberto, reaberto, entreaberto; coberto, recoberto; encoberto; descoberto; escrito; reescrito; subscrito.
- fim do quadro.
5 AS PARTICULARIDADES DA CONJUGAÇÃO DOS VERBOS E OS DICIONÁRIOS
Você estudou neste capítulo os principais verbos irregulares, defectivos e abundantes. Você deve ter notado que vários desses verbos são de uso muito freqüente - como pôr, ver, vir, ser, haver, estar. Nesses casos, é necessário que você esteja apto a usá-los com segurança a fim de não desrespeitar o padrão culto da língua. Você estudou também verbos de uso mais limitado - como cerzir, carpir, remir. Nesses casos, é bastante provável que, mesmo depois de tê-los visto em nosso livro, você tenha alguma dúvida quando precisar empregá-los.
Eles estão aqui justamente para constituir um arquivo que você possa consultar a fim de esclarecer suas incertezas. É pouco provável que um dia você precise usar um verbo como moscar, normalmente pronominal (moscar-se). Mas, se realmente for necessário, consulte um dicionário. Reproduzimos, a seguir, o verbete moscar do dicionário de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Além do significado do verbo, você encontra valiosas informações sobre sua conjugação: moscar. V. int. e p. 1. Fugir das moscas, como o gado. 2. Fig. Desaparecer, sumir-se, safar-se: "nada mais tenho que fazer aqui! Musco-me! Ponho-me ao fresco!" (Aluísio Azevedo, O mulato, p. 246). (irreg. O o da raiz muda-se em u nas formas rizotônicas.
Além disso, o c transforma-se em qo antes de e (v. trancar). Pres. ind.: musco, moscas, musca, moscamos, moscais, muscam; imperat.: mosca, moscai, etc.; pres. sub).:musque, musques, musque, mosquemos, mosqueis, musquem.)

CAPÍTULO 8
ESTUDO DOS VERBOS (3)

- nota da ledora: anúncio do Lar Escola São Francisco, trazendo uma foto do físico, conhecido mundialmente, Dr. Stephen Hawking (portador de deficiência múltipla - cadeirante) respeitado internacionalmente pelo seu trabalho na área da física. Texto do anúncio: - este eficiente físico é um deficiente físico.

- fim da nota.
Depois de estudar detidamente os mecanismos de conjugação e os principais verbos irregulares e defectivos, você vai investigar o funcionamento dos modos e tempos verbais no uso efetivo, ou seja, nas frases e textos de nossa língua.
Nosso objetivo é fazer você refletir sobre o valor e o significado das diferentes formas verbais, tornando-o apto a empregá-las com precisão e sensibilidade. No texto acima, por exemplo, o verbo encontra-se no modo indicativo, empregado quando se da como certo, real ou verdadeiro o conteúdo daquilo que se declara.

1 OS MODOS VERBAIS

Em português, existem três modos verbais: o indicativo, o subjuntivo e o imperativo. O modo indicativo é empregado quando se dá como certo, real ou verdadeiro o conteúdo daquilo que se fala ou escreve:
Faz muito calor nesta época do ano.
Fez muito calor no último verão.
O serviço meteorológico informa que fará muito calor neste verão.
O modo subjuntivo é empregado quando se dá como provável, duvidoso ou hipotético o conteúdo daquilo que se fala ou escreve:
Talvez faça muito calor neste verão.
Se fizesse calor nestes dias, a safra estaria perdida.
O modo imperativo é empregado para exprimir ordem, pedido, súplica, conselho:
"Cala a boca, Bárbara!"
"Seu garçom, faça o favor de me trazer depressa...
Socorram-me!
"Vai e diz a ela as minhas penas."
De um modo geral, podem-se relacionar os modos verbais a três atitudes diferentes de quem fala ou escreve: o indicativo mostra uma atitude mais objetiva diante dos fatos e processos, que são apresentados como fenômenos positivos e independentes; o subjuntivo traduz a expressão de conteúdos emocionais (O desejo, a dúvida, a incerteza), impregnando os fatos e processos com a subjetividade de quem fala ou escreve; o imperativo procura impor o processo verbal ao interlocutor, com a intenção de que este aja de acordo com aquilo que o emissor da mensagem pretende.

2 OS TEMPOS VERBAIS

OS TEMPOS DO INDICATIVO

PRESENTE

As gramáticas costumam definir o presente do indicativo como o "tempo que indica processos verbais que se desenvolvem simultaneamente ao momento em que se fala ou escreve":
Estou em São Paulo.
Não confio nele.
Na verdade, o presente do indicativo vai muito além. Pode também expressar processos habituais, regulares, ou aquilo que tem validade permanente:
Tomo banho diariamente.
Durmo pouco.
Todos os cidadãos são iguais perante a lei.
A Terra gira em torno do Sol.
O presente do indicativo pode ser empregado para narrar fatos passados, conferindolhes atualidade. É o chamado presente histórico:
No dia 17 de dezembro de 1989, pela primeira vez em quase trinta anos, o povo brasileiro elege diretamente o presidente da República. Iludida pelos meios de comunicação, a população não percebe que está diante de um farsante. Mas a verdade não demora a chegar. O presidente-atleta logo mostra quem é. Seu braço direito, PC Farias, saqueia o país. Forma-se uma Comissão Parlamentar de Inquérito, que investiga

as atividades ilícitas da dupla. Em alguns meses, os escândalos apurados são tantos que só resta ao aventureiro renunciar.
- nota da ledora: fotografia de Fernando Collor de Mello.
- fim da nota.
O presente também pode ser usado para indicar um fato futuro próximo e de realização tida como certa:
Daqui a pouco, a gente volta.
Embarco no próximo sábado.
Utilizado com valor imperativo, o presente constitui uma forma delicada e familiar de pedir ou ordenar alguma coisa:
Artur; agora você se comporta direitinho.
Depois vocês resolvem esse problema para mim.
PRETÉRITO IMPERFEITO
O pretérito imperfeito tem varias aplicações. Pode transmitir uma idéia de continuidade, de processo que no passado era constante ou freqüente:
Estavam todos muito satisfeitos com o desempenho da equipe.
Entre os índios, as mulheres plantavam e colhiam; os homens caçavam e pescavam.
Naquela época, eu almoçava lá todos os dias.
- nota da ledora: desenho de um quadrinho de jornal, representando Getúlio Vargas, como se fosse pintor, tendo ao fundo, como modelo, uma mulher esfaimada, esquálida, e miserável; portando uma faixa onde lemos: Situação financeira do Brasil - esta mesma mulher é retratada, em uma tela, pelo pintor Getúlio Vargas, como uma jovem linda, rechochudinha, cheia de graça e saúde. Na legenda do quadrinho: "O sr. Ministro da Fazenda declarou que a situação financeira deixada pelo Estado Novo é calamitosa." (dos jornais) Mas o "artista" só pintava coisas encantadoras...
- fim da nota.
"Pintar coisas encantadoras" (apesar das evidências contrárias...) era um hobby freqüente do "artista" Getúlio Vargas. Por isso o verbo pintar está flexionado no pretérito imperfeito do indicativo, adequado para exprimir esse tipo de processo.
Ao nos transportarmos mentalmente para o passado e procurarmos falar do que então era presente, também empregamos o pretérito imperfeito do indicativo:
Eu admirava a paisagem. A vida passava devagar Quase nada se movia. Uma pessoa aparecia aqui, um cão latia ali, mas, no geral, tudo era muito quieto.
O imperfeito é usado para exprimir o processo que estava em desenvolvimento quando da ocorrência de outro:
O Sol já despontava quando a escola entrou na passarela.
A torcida ainda acreditava no empate quando o time levou o segundo gol.
Usado no lugar do presente do indicativo, o pretérito imperfeito denota cortesia:
Queria pedir-lhe uma gentileza.
Pode substituir o futuro do pretérito, tanto na linguagem coloquial como na literária:
Se ele pudesse, largava tudo e ficava com ela. "Se eu fosse você, eu voltava pra mim."
PRETÉRITO PERFEITO
O pretérito perfeito simples exprime os processos verbais concluídos e localizados num momento ou período definido do passado. Veja os exemplos:
Em 1983, o campeão brasileiro da Segunda Divisão foi o Juventus.
O concerto foi encerrado às vinte e três horas.
Os primeiros imigrantes italianos chegaram ao Brasil no século passado.
O pretérito perfeito composto exprime processos que se repetem ou prolongam até o presente:
Tenho visto coisas em que ninguém acredita.
Os professores não têm conseguido melhores condições de trabalho.
- nota da ledora: quadro de destaque na página:

Atente para a distinção entre o pretérito imperfeito e o pretérito perfeito simples:
Quando o encontrava, ficávamos horas conversando.
Quando o encontrei, ficamos horas conversando.
Tinha certeza de que não seria aprovado.
Teve certeza de que não seria aprovado.
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO
O pretérito mais-que-perfeito exprime um processo que ocorreu antes de outro processo passado:
Era tarde demais quando ela percebeu que ele se envenenara (ou: tinha/havia envenenado).
O fato de ele ter-se envenenado é anterior ao fato de ela ter percebido. Envenenara é, por isso, mais-que-perfeito, ou seja, mais velho que o perfeito (percebeu).
Na linguagem do dia-a-dia, usa-se muito pouco a forma simples do pretérito mais-queperfeito. E comum, entretanto, na linguagem formal e literária, bem como em algumas expressões cristalizadas ("Quem me dera!"; "Quisera eu"). Quando usado no lugar do futuro do pretérito do indicativo ou do pretérito imperfeito do subjuntivo, o mais-queperfeito simples confere solenidade à expressão:
Compare com:
"E, se mais mundo houvera, lá chegara." (Camões)
E, se mais mundo houvesse, lá chegaria.
FUTURO DO PRESENTE
O futuro do presente simples expressa basicamente processos tidos como certos ou prováveis, mas que ainda não se realizaram no momento em que se fala ou escreve:
Será realizada amanhã a partida decisiva.
Estarei lá no próximo ano.
Jamais a terei a meu lado.
Pode-se usar esse tempo com valor de imperativo, com tom enfático e categórico:
"Não furtarás!"
Você ficará aqui a noite toda.
Em outros casos, essa forma imperativa parece mais branda e sugere a necessidade de que se adote certa conduta:
Você compreenderá a minha atitude.
Pagarás quando puderes.
O futuro do presente simples também pode expressar dúvida ou incerteza em relação a fatos do presente:
Ela terá atualmente trinta e cinco anos.
Será Cristina quem está lá fora?
Quando expressa circunstância de condição, o futuro do presente se relaciona com o futuro do subjuntivo para indicar processos cuja realização é tida como possível:
Se tiver dinheiro, pagarei à vista.
Se houver pressão popular as reformas sociais virão.
O futuro do presente simples é muito pouco usado na linguagem cotidiana. Em seu lugar, é normal o emprego de locuções verbais com o infinitivo, principalmente as formadas pelo verbo ir:
Vou chegar daqui a pouco.
Estes processos vão ser analisados pelo promotor
O futuro do presente composto expressa um fato ainda não realizado no momento presente, mas já passado em relação a outro fato futuro. Observe:
Quando estivermos lá, o dia já terá amanhecido. Quando eu voltar ao trabalho, você já terá entrado em férias.
FUTURO DO PRETÉRITO

O futuro do pretérito simples expressa processos posteriores ao momento passado a que nos estamos referindo:
Conclui que não seria feliz ao lado dela.
Muito tempo depois, chegaria a sensação de fracasso.
Também se emprega esse tempo para expressar dúvida ou incerteza em relação a um fato passado:
Estariam lá mais de vinte mil pessoas.
Ela teria vinte anos quando gravou o primeiro disco.
Quando expressa circunstância de condição, o futuro do pretérito se relaciona com o pretérito imperfeito do subjuntivo para indicar processos tidos como de difícil concretização:
Se ele quisesse, tudo seria diferente.
Viveria em outro lugar se pudesse.
O futuro do pretérito composto expressa um processo encerrado posteriormente a uma época passada que mencionamos no presente:
Partiu-se do pressuposto de que às cinco horas da tarde o comício já teria sido encerrado.
Anunciou-se que no dia anterior o jogador já teria assinado contrato com o outro clube.
Esse tempo também expressa dúvida sobre fatos passados:
Teria sido ele o mentor da fraude?
Quando expressa circunstância de condição, o futuro do pretérito composto relaciona-se com o pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo, exprimindo processos hipotéticos ou de realização desejada, mas já impossível:
Se ele me tivesse procurado antes, eu o teria ajudado.
O país teria melhorado muito se tivessem sido feitos investimentos na educação e na saúde.
OS TEMPOS DO SUBJUNTIVO
PRESENTE
O presente do subjuntivo normalmente expressa processos hipotéticos, que muitas vezes estão ligados ao desejo, à suposição:
"Quero que tudo vá para o inferno!"
Suponho que ela esteja em Roma.
Caso você vá lá, não deixe que o explorem.
Talvez ela esteja aqui amanhã.
Ficam excluídos os que não amem a cultura.
PRETÉRITO IMPERFEITO
O imperfeito do subjuntivo expressa processos de limites imprecisos, anteriores ao momento em que se fala ou escreve:
Fizesse sol ou chovesse, não dispensava uma volta no parque.
Os baixos salários que o pai e a mãe ganhavam não permitiam que ele estudasse.
O imperfeito do subjuntivo é o tempo que se associa ao futuro do pretérito do indicativo quando se expressa circunstância de condição ou concessão:
Se ele fosse politizado, não votaria naquele farsante.
Embora se esforçasse, não conseguiria a simpatia dos colegas.
- nota da ledora: propaganda da Brastemp, foto de máquina de lavar, antiga, com o seguinte texto: - se fosse seu carro, você já teria trocado
- fim da nota.
Neste caso de correlação com o futuro do pretérito do indicativo (teria), o pretérito imperfeito do subjuntivo (fosse) expressa circunstância de condição.
Também se relaciona com os pretéritos perfeito e imperfeito do indicativo:
Sugeri-lhe que não vendesse a casa.
Esperava-se que todos aderissem à causa.

Pretérito perfeito
Só ocorre na forma composta e expressa processos anteriores tidos como concluídos no momento em que se fala ou escreve:
Imagino que ela já tenha procurado uma solução.
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO
Também só ocorre na forma composta. Expressa um processo anterior a outro processo passado:
Esperei que tivesse exposto completamente sua tese para contrapor meus argumentos.
Esse tempo pode associar-se ao futuro do pretérito simples ou composto do indicativo quando são expressos fatos irreais e hipotéticos do passado:
Se me tivesse apresentado na data combinada, já seria funcionário da empresa.
Mesmo que ela o tivesse procurado, ele não a teria recebido.
FUTURO
Na forma simples, indica fatos possíveis, mas ainda não concretizados no momento em que se fala ou escreve:
Quando comprovar sua situação, será inscrito.
Quem obtiver o primeiro prêmio receberá bolsa integral.
Se ela for a Siena, não quererá mais sair de lá.
Esse tempo normalmente se associa ao futuro do presente do indicativo quando se expressa circunstância de condição:
Se fizer o regime, emagrecerá rapidamente.
O futuro do subjuntivo composto expressa um processo futuro que estará terminado antes de outro, também futuro:
Quando tiverem concluído os estudos, receberão o diploma.
Iremos embora depois que ela tiver adormecido.
3 VALOR E EMPREGO DAS FORMAS NOMINAIS
O verbo apresenta três formas nominais: o infinitivo, o gerúndio e o particípio. Você já sabe que essas formas são chamadas nominais porque podem ter comportamento de nomes (substantivos, adjetivos e advérbios) em certas situações.
O INFINITIVO
O infinitivo apresenta o processo verbal em si mesmo, sem nenhuma noção de tempo ou modo. É a forma utilizada para nomear os verbos:
É proibido conversar com o motorista.
Estudar é um direito de qualquer cidadão.
Quero ver você daqui a dez anos.
É normal a transformação do infinitivo em substantivo pelo uso de um determinante:
"Quando você foi embora, fez-se noite em meu viver."
Quando usado como substantivo, o infinitivo pode apresentar flexão de número:
São muitos os falares brasileiros.
Em português, o infinitivo pode ser pessoal ou impessoal. Quando se emprega o pessoal, o processo verbal é relacionado a algum ser:
Perguntei-lhe se havia algo para eu ler.
Com o impessoal, o processo verbal não é restrito a um ser em particular:
Ler é obrigação de qualquer cidadão.
No primeiro exemplo, pode-se notar que o infinitivo ler se refere ao mesmo ser a que se refere a forma perguntei: eu. No segundo exemplo, não há qualquer referência desse tipo: trata-se do processo verbal considerado em si mesmo.
O infinitivo pessoal pode flexionar-se para concordar em número e pessoa com o ser a que se refere:
Ela deseja saber se há algo para lermos.
Essa flexão pode ocorrer até mesmo em situações em que o infinitivo tenha papel nominal:

O comparecermos atrasados será tomado como menoscabo.
Em sua forma composta, o infinitivo tem valor de passado, indicando um processo já concluído no momento em que se fala ou escreve:
Ter trabalhado duro permitiu-nos belas viagens à Itália.
O PARTICÍPIO
O particípio é a forma nominal que tem, simultaneamente, características de verbo e de adjetivo.
Sua natureza verbal se manifesta nas locuções verbais, nos tempos compostos e em orações reduzidas:
A casa será desocupada até terça-feira.
Não existe nada que possa ser comprovado.
Se ele me tivesse avisado, teria conseguido resolver a situação.
Terminada a festa, o abatimento tomará conta de todos.
Calado num canto, ele nos observava atentamente.
Observe que nas duas últimas frases o particípio pode apresentar um processo completo anterior a outro (o abatimento tomará conta de todos após o término da festa) ou um processo que é simultâneo a outro (ele estava calado enquanto nos observava).
O particípio assume função de adjetivo quando caracteriza substantivos:
Tem comportamento destacado no dia-a-dia do Congresso.
Tem atuação destacada no dia-a-dia do Congresso.
- nota da ledora: quadro, de desenho, onde dois homens se cumprimentam efusivamente, e um cola um cartaz nas costas do outro, sem ser percebido pelo interlocutor, escrito: vendido.
Para ilustrar o risco de certas parcerias empresariais, o cartunista serviu-se do particípio do verbo vender, com função de adjetivo.
O GERÚNDIO
Além da natureza verbal, pode desempenhar função de advérbio e de adjetivo.
Atua como verbo nas locuções verbais e orações reduzidas. Indica normalmente um processo em curso ou prolongado:
Estou ouvindo o disco que você me deu.
Está estudando para melhorar profissionalmente.
Sua característica de advérbio pode ser percebida em frases em que indica circunstância de modo:
Gritando muito, ela chamava pelo pai.
O uso do gerúndio com valor de adjetivo é menos comum. Ocorre quando se liga a um substantivo, caracterizando-o:
"Eu vi o menino correndo
eu vi o tempo correndo ao redor do caminho daquele menino."(Caetano Veloso)
A forma composta do gerúndio tem valor de pretérito e indica processo já concluído no momento em que se fala ou escreve:
Tendo feito, por telefone, várias reclamações que não foram atendidas, resolvi ir pessoalmente à Administração Regional.
4 AS LOCUÇÕES VERBIAIS
As formas nominais dos verbos são muito utilizadas na formação das locuções verbais ou perífrases verbais, conjuntos de verbos que, numa frase, desempenham papel equivalente ao de um verbo único. Nessas locuções, o último verbo, chamado principal, sempre é empregado numa de suas formas nominais; as flexões de tempo, modo, número e pessoa se dão nos verbos auxiliares:
Nenhum aluno poderá sair antes do término da prova.
Está havendo uma profunda transformação na sociedade.
É provável que ele seja convocado para a Copa.
Começou a gritar sem nenhuma explicação.

- nota da ledora; anúncio da Monark, (bicicletas e triciclos), na foto um bebe deitado com as perninhas para o alto, lembrando o movimento de pedalar, no texto o seguinte:
LEMBRA QUANDO VOCÊ COMEÇOU A PEDALAR?
- fim da nota.
Locução verbal: começou a pedalar. Verbo principal (pedalar)
no infinitivo; as inflexões ocorrem no verbo auxiliar (começou).
Nossa língua apresenta uma grande variedade dessas locuções, que exprimem os mais variados "tons" de significado. Os auxiliares ter e haver são empregados na formação dos chamados tempos compostos, dos quais já falamos detalhadamente. Ser (estar, em algumas construções) é usado nas locuções verbais que exprimem a voz passiva analítica do verbo, da qual também já falamos. Poder e dever são auxiliares que exprimem a potencialidade ou a necessidade de que determinado processo se realize ou não. Observe:
Pode ocorrer algo surpreendente durante o jogo.
Deve ocorrer algo surpreendente durante o jogo.
Eles podem estudar.
Eles devem estudar.
A esses dois, podemos acrescentar querer, que exprime vontade, desejo:
Quero ver um novo país.
Outros auxiliares largamente usados são: começar a, deixar de, voltar a, continuar a, pôr-se a; ir, vir e estar; todos ligados à noção de aspecto verbal, que estudaremos a seguir.
5 ASPECTO VERBAL
Já sabemos que os verbos são capazes de transmitir informações relacionadas ao modo, ao tempo, ao número, à pessoa e à voz. Uma outra informação que os verbos conseguem transmitir diz respeito ao aspecto, ou seja, à duração do processo verbal.
Durante o estudo do valor e do emprego dos tempos verbais, você pôde perceber as diferenças entre o pretérito perfeito e o pretérito imperfeito do indicativo: o primeiro indica processos concluídos e localizados num momento ou período do passado; o segundo, processos verbais cujos limites imprecisos sugerem que estavam em desenvolvimento. Na verdade, a diferença básica entre esses tempos é de aspecto, conceito que se liga à duração do processo verbal:
Quando o encontrei, saudei-o.
O aspecto é perfeito, porque o processo está concluído.
Quando o encontrava, saudava-o.
.O aspecto é imperfeito, porque o processo não tem limites claros, prolongando-se no passado por período impreciso de tempo..
Se você voltar às considerações feitas sobre o valor dos tempos verbais, vai notar que essa informação sobre a duração do processo verbal não é restrita aos pretéritos perfeito e imperfeito do indicativo, mas também está presente em outros tempos. O presente do indicativo e o presente do subjuntivo, por exemplo, apresentam aspecto imperfeito, pois não impõem limites precisos ao processo verbal:
Tomo banho todos os dias.
Espera-se que ele tome banho todos os dias.
Já o pretérito mais-que-perfeito, como o próprio nome indica, apresenta aspecto perfeito em suas formas do indicativo e do subjuntivo, pois traduz processos já concluídos e anteriores a outros, também já concluídos:
Quando chegamos lá, encontramos a mensagem que o andarilho deixara (ou: tinha/havia deixado) uma semana antes.
Se tivesse acordado antes, teria conseguido fazer o exame.
Outra informação aspectual que a oposição entre perfeito e imperfeito pode fornecer diz respeito à localização do processo no tempo. Os tempos perfeitos podem ser usados para

exprimir processos localizados num ponto preciso do tempo:
No instante em que o vi, chamei-o.
Tinha-o saudado assim que o vira.
Já os tempos imperfeitos podem indicar processos freqüentes e repetidos:
Sempre que viajava, fazia detalhada revisão no carro.
O aspecto permite a indicação de outros detalhes relacionados com a duração do processo verbal. Observe as frases a seguir:
Tenho tido dissabores em meu trabalho.
Esse tempo, conhecido como pretérito perfeito composto do indicativo, indica um processo repetido ou freqüente, que se prolonga até o presente.
Estou trabalhando.
A forma composta pelo auxiliar estar seguido do gerúndio do verbo principal indica um processo que se prolonga. É largamente empregada na linguagem cotidiana, não só no presente, mas também em outros tempos (estava trabalhando, estive trabalhando, estarei trabalhando, etc.). Em Portugal, costuma-se utilizar o infinitivo precedido da preposição a em lugar do gerúndio (estou a trabalhar).
- nota da ledora: anúncio do repelente de insetos Autan; foto de uma mulher de biquíni, na praia, e o seguinte texto: - Olha quem eu tô comendo no fim de semana - disse o borrachudo para o pernilongo. Autan, salve sua pele.
- fim da nota.
Se a garota protegesse melhor o seu corpinho, o borrachudo não teria oportunidade de empregar o gerúndio.
Tudo estará resolvido quando ele chegar.
Tudo estaria resolvido quando ele chegasse.
As formas compostas “estará resolvido” e “estaria resolvido”, conhecidas como futuro do presente e futuro do pretérito compostos do indicativo, exprimem processo concluído - é a idéia do aspecto perfeito que já conhecemos - ao qual se acrescenta a noção de que os eleitos produzidos permanecem uma vez realizada a ação.
Os animais noturnos terminaram de se recolher mal começou a raiar o dia.
Nas duas locuções destacadas, mais duas noções ligadas ao aspecto verbal: a indicação do término e do início do processo verbal.
Eles vinham chegando à proporção que nós íamos saindo.
As locuções formadas com os auxiliares vir e ir exprimem processos que se prolongam.
Ele voltou a trabalhar depois de deixar de sonhar projetos irrealizáveis.
As locuções destacadas exprimem o reinício de um processo interrompido e a interrupção de outro, respectivamente.

CAPÍTULO 9
ESTUDO DOS SUBSTANTIVOS

Conhecer bem os substantivos constitui tarefa crucial para quem deseja se expressar com precisão na norma culta. Caso contrário, corre-se o risco de apelar para substantivos" como "trecos" e "coisos".

1 CONCEITO

Substantivo é a palavra que nomeia os seres. O conceito de seres deve incluir os nomes de pessoas, de lugares, de instituições, de grupos, de indivíduos e de entes de natureza espiritual ou mitológica:
Mulher sociedade vegetação alma
Maria senado paineira anjo
Brasil cidade cavalo sereia
Teresina comunidade cidadão saci
Além disso devem incluir nomes de ações, estados, qualidades, sensações, sentimentos: acontecimento, honestidade, amor, correria, miséria, liberdade, encontro, integridade,

cidadania, etc.
2 CLASSIFICAÇÃO
Quanto à sua formação, os substantivos são classificados em simples e compostos, primitivos ou derivados. Quanto ao seu significado e abrangência, em concretos e abstratos, comuns e próprios.
SUBSTANTIVOS SIMPLES E COMPOSTOS
Os substantivos simples apresentam um único radical em sua estrutura: chuva, livro, livreiro, guarda, flor, desenvolvimento
SUBSTANTIVOS PRIMITIVOS E DERIVADOS
Os substantivos que não provêm de qualquer outra palavra da língua são chamados de primitivos: árvore, folha, flor, carta, dente, pedra.
Os substantivos formados a partir de outras palavras da língua pelo processo de derivação são chamados de derivados: arvoredo, folhagem, florista, florada, carteiro, dentista, pedreiro, cartada.
SUBSTANTIVOS CONCRETOS E ABSTRATOS
Os substantivos que dão nome a seres de existência independente, reais ou imaginários, são chamados concretos. São exemplos de substantivos concretos:
armário cidade formiga
sereia abacateiro Deus
homem vento Brasil
Note que são considerados concretos os substantivos que nomeiam divindades ou seres fantásticos, pois, existentes ou não, são tomados sempre como seres dotados de vida própria.
Os substantivos que dão nome a estados, qualidades, sentimentos ou ações são chamados abstratos. São exemplos de substantivos abstratos:
tristeza amor maturidade
atenção clareza brancura
beijo ética abraço
honestidade conquista paixão
Em todos esses casos, nomeiam-se conceitos cuja existência depende sempre de um ser para manifestar-se: é necessário alguém ser ou estar triste para a tristeza manifestar-se; é necessário alguém beijar ou abraçar para que ocorra um beijo ou um abraço.
- nota da ledora: foto de mulher escovando os dentes (purificação) e foto de uma mulher (cartaz de teatro, da peça - o suplício) com instrumento de tortura medieval, cravado no olho.
- fim da nota.
Purificação e suplício são exemplos de substantivos abstratos: para que haja punição ou suplício, é necessário que alguém se purifique ou se suplicie.
SUBSTANTIVOS COMUNS E PRÓPRIOS
Os substantivos que designam todo e qualquer indivíduo de uma espécie de seres são chamados comuns. E o caso de substantivos como:
homem montanha professor
mulher planeta país
rio animal estrela
Aqueles que designam um indivíduo particular de uma determinada espécie são chamados próprios:
José Coimbra Angola
Ana Marte Gibraltar
Araguaia Simão Brasil
SUBSTANTIVOS COLETIVOS
Há um tipo de substantivo comum que nomeia conjuntos de seres de uma mesma espécie: é o chamado substantivo coletivo. Colocamos a seguir uma relação dos

principais coletivos da língua portuguesa; lendo-a atentamente, você vai perceber que muitos deles são de uso bastante comum e facilitam a construção de frases mais concisas e precisas.

COLETIVOS QUE INDICAM GRUPOS DE PESSOAS

Coletivo

assembléia - pessoas reunidas
banca - examinadores
banda - músicos
bando - desordeiros ou malfeitores
batalhão - soldados
camarilha - bajuladores
cambada - desordeiros ou malfeitores
caravana - viajantes ou peregrinos
caterva - desordeiros ou malfeitores
choldra - assassinos ou malfeitores
chusma - pessoas em geral
claque - pessoas pagas para aplaudir
clero - religiosos
colônia - imigrantes
comitiva - acompanhantes
corja - ladrões ou malfeitores
coro - cantores
corpo - eleitores, alunos, jurados
elenco - atores de uma peça ou filme

COLETIVOS QUE INDICAM GRUPOS DE PESSOAS

falange - tropas, anjos, heróis
horda - bandidos, invasores
junta - médicos, examinadores, credores
júri - jurados
legião - soldados, anjos, demônios
leva - presos, recrutas
malta - malfeitores ou desordeiros
multidão - pessoas em geral
orquestra - músicos
pelotão - soldados
platéia - espectadores
plêiade - poetas ou artistas
plantel - atletas, bovinos ou eqüinos selecionados
prole - filhos
quadrilha - ladrões ou malfeitores
roda - pessoas em geral
ronda - policiais em patrulha
súcia - desordeiros ou malfeitores
tertúlia - amigos, intelectuais
tripulação - aeroviários ou marinheiros
tropa - soldados, pessoas
turma - estudantes, trabalhadores, pessoas em geral

COLETIVOS QUE INDICAM CONJUNTOS DE ANIMAIS OU VEGETAIS

alcatéia - lobos
buquê - flores
cacho - frutas
cáfila - camelos

cardume - peixes
colmeia ou colmeia - abelhas
colônia - bactéria, formiga, cupins
enxame - abelhas, vespas, marimbondos
fato - cabras
fauna - animais de uma região
feixe - lenha, capim
flora - vegetais de uma região
junta - bois
manada - animais de grande porte
matilha - cães de caça
COLETIVOS QUE INDICAM CONJUNTOS DE ANIMAIS OU VEGETAIS
molho - verduras
ninhada - filhotes de aves
nuvem - insetos (gafanhotos, mosquitos, etc.)
panapaná - borboletas
plantel - animais de raça
ramalhete - flores
rebanho - gado em geral
récua - animais de carga
réstia - alhos ou cebolas
revoada - pássaros
tropa - animais de carga
vara - porcos
COLETIVOS QUE INDICAM OUTROS TIPOS DE CONJUNTOS
acervo - obras artísticas
antologia - trechos literários selecionados
armada - navios de guerra
arquipélago - ilhas
arsenal - armas e munições
atlas - mapas
baixela - objetos de mesa
bateria - peças de guerra ou de cozinha, instrumentos de percussão
biblioteca - livros catalogados
cancioneiro - poemas, canções
cinemateca - filmes
constelação - estrelas
enxoval - roupas
esquadra - navios de guerra
esquadrilha - aviões
frota - navios, aviões ou veículos em geral (ônibus, táxis, caminhões etc.)
girândola - fogos de artifício
hemeroteca - jornais e revistas arquivados
molho - chaves
pinacoteca - quadros
trouxa - roupas
vocabulário - palavras
3 FLEXÕES
FLEXÕES DE GÊNERO
Os substantivos em português podem pertencer ao gênero masculino ou ao gênero feminino. São masculinos os substantivos a que se pode antepor o artigo o:
o homem o gato o dia

o menino o mar o pó
São femininos os substantivos a que se pode antepor o artigo a:
a mulher a gata a semana
a menina a terra a mesa
O uso das palavras masculino e feminino costuma provocar confusão entre a categoria gramatical de gênero e a característica biológica dos sexos. Para evitar essa confusão, observe que definimos gênero como um fato ligado à concordância das palavras em seu relacionamento lingüístico: pó, por exemplo, é um substantivo masculino pela concordância que estabelece com o artigo o, e não porque se possa pensar num possível comportamento sexual das partículas de poeira. Só faz sentido relacionar o gênero ao sexo quando se trata de palavras que designam pessoas e animais, como, por exemplo, os pares professor/professora ou gato/gata. Ainda assim, essa relação não é obrigatória, pois há palavras que, mesmo pertencendo exclusivamente a um único gênero, podem indicar seres do sexo masculino ou feminino. E o caso de criança, palavra do gênero feminino que pode designar seres dos dois sexos.
FORMAÇÃO DO FEMININO
SUBSTANTIVOS BIFORMES
Os substantivos que designam seres humanos ou animais podem apresentar uma forma para o masculino e outra para o feminino; são, por isso, considerados substantivos biformes.
Essas duas formas podem apresentar um mesmo radical ou radicais diferentes; no primeiro caso, a formação do feminino está ligada principalmente à terminação da forma masculina: A maior parte dos substantivos terminados em -o átono forma o feminino pela substituição desse -o por -a:
menino/menina
terminação -o átono
gato/gata
pombo/pomba
Destaquem-se os pares galo/galinha e maestro/maestrina,
- nota da ledora: tira de quadrinhos com uma galinha e um galo conversando: a galinha pergunta ao galo: nossa, Eulália, …é você? Responde o galo: chegando do Marrocos, Edna!, insiste a galinha: - e como foi a sua operação de troca de sexo? , o galo orgulhoso responde: - Ah! Foi um sucesso!! , de repente o galo diz ops!, olha pra trás espantado e verifica que acabou de colocar um ovo.
- fim da nota.
A excetricidade gramatical do par galo/galinha é a formação do feminino, diferente de gato/gata, por exemplo. Detalhe: há erro em "do Marrocos" O certo é "de Marrocos".
A maior parte dos substantivos terminados em consoante forma o feminino pelo acréscimo da desinência -a:
freguês/freguesa
camponês/camponesa
terminação em consoante
remador/remadora
professor/professora
deus/deusa
juiz/juíza
Destaquem-se os pares ator/atriz, czar/czarina e imperador/imperatriz; para embaixador, existem as formas embaixatriz (esposa do embaixador) e embaixadora (mulher que ocupa o cargo).
A maior parte dos substantivos terminados em -ao forma o feminino pela substituição de -ão por - ou -oa:
cidadão/cidadã

órfão/órfã
terminação -ão
anfitrião/anfitriã
leão/leoa
patrão/patroa
leitão/leitoa
Nos aumentativos, a substituição é por -ona:
sabichão/sabichona
valentão/valentona
Destaquem-se os pares sultão/sultana; cão/cadela; ladrão/ladra; perdigão/perdiz; barão/baronesa.
Alguns substantivos ligados a títulos de nobreza, ocupações ou dignidades formam femininos em -esa, -essa, -isa:
abade/abadessa
conde/condessa
visconde/viscondessa
cônsul/consulesa
duque/duquesa
barão/baronesa
poeta/poetisa
profeta/profetisa
sacerdote/sacerdotisa
Alguns substantivos terminados em -e formam o feminino Com a substituição desse -e por -a:
terminação -e
mestre/mestra
elefante/elefanta
infante/infanta
monge/monja
parente/parenta
Alguns substantivos apresentam formações irregulares para o feminino:
feminino irregular
avô/avó
silfo/sílfide
réu/ré
herói/heroína
rei/rainha
marajá/marani
Entre os substantivos biformes cujas formas masculinas e femininas apresentam radicais diferentes, merecem destaque os seguintes pares:
relativos a seres humanos:
radicais diferentes para as formas masculinas e femininas
cavaleiro/amazona
frei/sóror ou soror
padrasto/madrasta
cavalheiro/dama
genro/nora
padrinho/madrinha
compadre/comadre
homem/mulher
pai/mãe
frade/freira

marido/mulher
e relativos a animais:
boi, touro/vaca
carneiro/ovelha
zangão ou zângão/abelha
bode/cabra
cavalo/égua
SUNSTANTIVOS COMUNS-DE-DOIS OU COMUNS DE DOIS GÊNEROS
Há substantivos que apresentam uma única forma para os dois gêneros; são, por isso, chamados de uniformes. Nesses casos, a distinção entre a forma masculina e a feminina é feita pela concordância com um artigo ou outro determinante: o agente/a agente; aquele jornalista/aquela jornalista. Esses substantivos são tradicionalmente conhecidos como comuns-de-dois ou comuns de dois gêneros.
Eis alguns exemplos:
o/a agente
o/a dentista
o/a intérprete
o/a artista
o/a estudante
o/a jornalista
o/a camarada
o/a gerente
o/a mártir
o/a colega
o/a imigrante
o/a pianista
o/a cliente
o/a indígena
o/a suicida
SUBSTANTIVOS SOBRECOMUNS E EPICENOS
Há ainda substantivos que designam seres humanos, animais ou vegetais e que são sempre do mesmo gênero, quer se refiram a seres do sexo masculino, quer se refiram a seres do sexo feminino. Os substantivos de um único gênero que se referem a seres humanos são tradicionalmente conhecidos como sobrecomuns.
Eis alguns exemplos:
o cônjuge a testemunha o indivíduo
a criança a criatura a vítima
Os substantivos de um único gênero que designam animais e algumas plantas são tradicionalmente conhecidos como epicenos. Eis alguns exemplos:
a águia a cobra o jacaré
a baleia o besouro a palmeira
a borboleta o crocodilo o mamoeiro
O gênero dos substantivos sobrecomuns e epicenos é sempre o mesmo; o que pode variar é o sexo do ser a que se referem. Quando se quer especificar esse sexo, constroem-se expressões como "criança do sexo masculino"; "um mamoeiro macho", "um mamoeiro fêmea"; "um macho de jacaré", "uma fêmea de jacaré". As palavras macho e fêmea podem concordar em gênero com o substantivo a que se referem: "onça macho" ou "onça macha", "tigre fêmea" ou tigre fêmeo".
- nota da ledora: cartaz da campanha da LBV-Rio 92 (em referência a Eco-92 - campanha de preservação do meio ambiente), com a foto de um menino de rua, dormindo na calçada, e a seguinte legenda: Gente também é bicho. Preserve a criança brasileira.

- fim da nota.
No noticiário ou nas campanhas institucionais, criança é um dos exemplos mais freqüentes de substantivo sobrecomum.
SUBSTANTIVOS DE GÊNERO VACILANTE
Há muitos substantivos cujo emprego, mesmo na língua culta, apresenta oscilação de gênero. Em alguns casos, pode-se recomendar a adoção de um dos dois gêneros; em outros, consideram-se aceitáveis ambos os usos.
Apresentamos a seguir os principais casos:
gênero masculino:
o aneurisma o clã o eczema o matiz
o apêndice o dó o guaraná o plasma
o champanha o eclipse o magma o tracoma
gênero feminino
a agravante a couve a comichão a entorse
a aguardente a couve-flor a derme a gênese
a alface a cal a dinamite a omoplata
a bacanal a cataplasma a ênfase a sentinela
usados em ambos os gêneros
o/a aluvião o/a caudal o/a personagem o/a tapa
o/a amálgama o/a sabiá o/a suéter o/a usucapião
GÊNETO E MUDANÇA DE SIGNIFICADO
Há substantivos cuja mudança de gênero acarreta mudança de significado. Observe a seguir os principais casos:
o cabeça: chefe, líder
a cabeça: parte do corpo ou de um objeto, pessoa muito inteligente
o capital: conjunto de bens
a capital: cidade onde se localiza a sede do Poder Executivo
o crisma: óleo usado num dos sacramentos religiosos
a crisma: cerimônia religiosa
o cura: sacerdote
a cura: ato ou efeito de curar
o língua: intérprete
a língua: músculo do aparelho digestivo; idioma
o moral: ânimo, brio
a moral: conjunto de valores e regras de comportamento
Em alguns casos, o que ocorre não é flexão de gênero, e sim homonímia: trata-se de palavras iguais na forma, mas de origem, gênero e significado diferentes. As principais são:
o cisma: separação, dissidência
a cisma: preocupação, suspeita
o grama unidade de massa
a grama relva, planta rasteira
o lente: professor
a lente: instrumento óptico
FLEXÃO DE NÚMERO
Os substantivos flexionam-se também em número: podem assumir a forma do singular (referem-se a um único ser ou a um único conjunto de seres) ou do plural (referem-se a mais de um ser ou conjunto de seres).
FORMAÇÃO DO PLURAL
SUBSTANTIVOS SIMPLES
Acrescenta-se a desinência -s aos substantivos terminados em vogal, ditongo oral ou ditongo nasal -ãe:

terminação em vogal, ditongo oral ou ditongo nasal -ãe
casa/casas pero/perus pai/pais
dente/dentes sofá/sofás lei/leis saci/sacis ipê/ipês
herói/heróis cipó/cipós maçã/maçãs mãe/mães
Destaquem-se as formas avôs (o avô materno e o paterno) e avós (casal formado por vô e avó, ou plural de avó; também indica os antepassados de um modo geral).
A maioria dos substantivos terminados em -ão forma o plural substituindo essa terminação por -ões (incluem-se nesse grupo os aumentativos):
terminação -ão
balão/balões eleição/eleições figurão/figurões
botão/botões leão/leões sabichão/sabichões
coração/corações opinião/opiniões vozeirão/vozeirões
Os paroxítonos terminados em -ão e alguns poucos oxítonos e monossílabos formam o plural pelo simples acréscimo de -s:
sótão/sótãos cidadão/cidadãos chão/chãos
bênção/bênçãos cristão/cristãos grão/grãos
órfão/órfãos irmão/irmãos vão/vãos
órgão/órgãos mão/mãos
Alguns substantivos terminados em -ão formam o plural substituindo essa terminação por -ães:
alemão/alemães capitão/capitães pão/pães
cão/cães charlatão/charlatães sacristão/sacristães
capelão/capelães escrivão/escrivães tabelião/tabeliães
Em alguns casos, há mais do que uma forma aceitável para esses plurais; a tendência da língua portuguesa atual do Brasil é utilizar a forma de plural em -ões:
ancião anciões, anciães, anciãos
guardião - guardiões, guardiães
ermitão - ermitões, ermitães, ermitãos
verão - verões, verãos
anão - anões, anãos
vilão - vilões, vilãos
Acrescenta-se a desinência -s aos substantivos terminados em -m. Essa letra é substituída por -n- na forma do plural:
homem/homens jardim/jardins
Os substantivos terminados em -r e -z formam o plural com o acréscimo de -es:
mar/mares
açúcar/açúcares
hambúrguer/hambúrgueres
terminação -m
som/sons
atum/atuns
terminações -r e -z
raiz/raízes
rapaz/rapazes
cruz/cruzes
Destaquem-se os plurais de caráter, júnior e sênior: caracteres, juniores e seniores, formas em que ocorre também deslocamento da sílaba tônica.
Os substantivos terminados em -s formam o plural com acréscimo de -es; quando paroxítonos ou proparoxítonos, são invariáveis - o que faz com que a indicação de número passe a depender de um artigo ou outro determinante:
gás/gases
obus/obuses

um lápis/dois lápis
mês/meses
o atlas/os atlas
algum ônibus/vários ônibus
país/países
o pires/os pires
o vírus/os vírus
Os substantivos terminados em -al,-el, -ol e -ul formam o plural pela transformação do -l dessas terminações em -is:
terminações -ai, -ei, ol, -ul
canal/canais
álcool/álcoois
papel/papéis
paul/pauis
anzol/anzóis
Destaquem-se os plurais de mal, real (quando nome de moeda) e cônsul, respectivamente males, réis e cônsules. Para gol, já houve quem propusesse goles ou ois, mas a forma consagrada pelo uso é gols, estranha aos mecanismos da língua portuguesa.
Os substantivos oxítonos terminados em -il trocam o -I pelo -s; os paroxítonos trocam essa terminação por -eis:
barril/barris
ardil/ardis
funil/funis
fuzil/fuzis
fóssil/fósseis
projétil/projéteis
réptil/répteis
Além das formas paroxítonas apresentadas acima, existem as formas oxítonas projetil e reptil, que fazem os plurais projetis e reptis, oxítonos.
Os substantivos terminados em -n formam o plural pelo acréscimo de -s ou -es:
abdômen/abdomens ou abdômenes
gérmen/germens ou gérmenes
hífen/hífens ou hífenes
líquen/liquens ou líquenes
No português do Brasil, há acentuada tendência para o uso das formas obtidas pelo acréscimo de -s. Observe que, quando paroxítonas, essas formas de plural não recebem acento gráfico.
Destaque-se cânon, cujo plural é a forma cânones.
Os substantivos terminados em -x são invariáveis; a indicação de número depende da concordância com algum determinante:
o tórax/os tórax
um clímax/alguns clímax
Existem alguns substantivos terminados em -x que apresentam formas variantes terminadas em -ce; nesses casos, deve-se utilizar a forma plural da variante:
o cálix ou cálice/ os cálices
o códex ou códice/ os códices
Nos diminutivos formados pelo acréscimo do sufixo -zinho (mais raramente -zito), a formação do plural deve ser feita tanto na terminação do substantivo primitivo (com posterior supressão do -s) como na do sufixo:
balãozinho/balõezinhos
colarzinho/colarezinhos

anzolzinho/anzoizinhos
papelzinho/papeizinhos
pãozinho/pãezinhos
florzinha/florezinhas
No caso de diminutivos formados a partir de substantivos terminados em -r, há acentuada tendência na língua atual do Brasil para limitar-se o plural à terminação da forma derivada: colarzinho/colarzinhos; florzinha/florzinhas; mulherzinha/mulherzinhas. Essa forma de plural é repudiada pela norma culta.
- nota da ledora: quadro de destaque na página:
Metafonia
Há muitos substantivos cuja formação do plural não se manifesta apenas por meio de modificações morfológicas, mas também implica alteração fonológica.
Nesses casos, ocorre um fenômeno chamado metafonia, ou seja, a mudança de som entre uma forma e outra. Trata-se da alternância do timbre da vogal, que é fechado na forma do singular e aberto na forma do plural. Observe os pares abaixo:
singular (ô) plural (ó)
aposto apostos
caroço caroços
corno cornos
corpo corpos
corvo corvos
esforço esforços
fogo fogos
imposto impostos
miolo miolos
osso ossos
poço poços
porto portos
povo povos
socorro socorros
forno fornos
jogo jogos
olho olhos
ovo ovos
porco porcos
posto postos
reforço reforços
tijolo tijolos
É importante que você atente na pronúncia culta desses plurais quando estiver utilizando a língua falada em situações formais. - fim do quadro de destaque.
SUBSTANTIVOS COMPOSTOS
A formação do plural dos substantivos compostos depende da forma como são grafados, do tipo de palavras que formam o composto e da relação que estabelecem entre si.
Aqueles que são grafados ligadamente (sem hífen)
Comportam-se como os substantivos simples:
aguardente/aguardentes
malmequer/malmequeres
girassol/girassóis
pontapé/pontapés
O plural dos substantivos compostos cujos elementos são ligados por hífen costuma provocar muitas dúvidas e discussões. Algumas orientações são dadas

a seguir.
Nos compostos em que o primeiro elemento é um verbo ou uma palavra invariável (normalmente um advérbio) e o segundo elemento é um substantivo ou um adjetivo, coloca-se apenas o segundo elemento no plural:
beija-flor/beija-flores alto-falante/alto-falantes
bate-boca/bate-bocas grão-duque/grão-duques
sempre-viva/sempre-vivas
Assemelham-se a esses substantivos aqueles formados pelo acréscimo de um prefixo ligado por hífen:
vice-presidente/vice-presidentes
abaixo-assinado/abaixo-assinados
auto-elogio/auto-elogios
recém-nascido/recém-nascidos
ex-namorado/ex-namorados
- nota da ledora: tira de desenho, na página: o frade encontra uma mulher e o marido de braços dados, com a criança do lado, e diz ; - Sextas-feiras é pecado comer carne. A criança grita: Carne??? O que é isso ?, e a mulher diz ao frade: - agora conta!
- fim da nota.
Sextas-feiras (1o. quadro) pluraliza os dois elementos que a compõem, pois ambos são variáveis.
Nos compostos em que os dois elementos são variáveis, ambos vão para o plural:
dois elementos variáveis
guarda-civil/guardas-civis
bóia-fria/bóias-frias
cota-parte/cotas-partes
sexta-feira/sextas-feiras
mão-boba/mãos-bobas
peso-mosca/pesos-moscas
Nos casos em que o segundo elemento dá idéia de finalidade ou semelhança ou limita o primeiro, manda a tradição que só se pluralize o primeiro. Note que isso se restringe aos substantivos compostos formados por dois substantivos:
pombo-correio/pombos-correio
salário-família/salários-família
banana-maçã/bananas-maçã
escola-modelo/escolas-modelo
café-concerto/cafés-concerto
navio-escola/navios-escola
A tendência na língua portuguesa atual do Brasil é a pluralização dos dois elementos mesmo nesse caso. É o que se nota quando se consulta o Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, em que alguns dos substantivos acima surgem com duas formas abonadas para o plural (salários-família e salários-famílias, por exemplo).
Nos compostos em que os elementos formadores são unidos por preposição, apenas o primeiro elemento vai para o plural:
palma-de-santa-rita/palmas-de-santa-rita
pé-de-moleque/pés-de-moleque
mula-sem-cabeça/mulas-sem-cabeça
pão-de-ló/pães-de-ló
Nos Compostos formados por palavras repetidas ou onomatopaicas, apenas o segundo elemento varia:
reco-reco/reco-recos
tico-tico/tico-ticos
tique-taque/tique-taques

pingue-pongue/pingue-pongues
Merecem destaque os seguintes substantivos compostos:
o bota-fora/os bota-fora
o topa-tudo/os topa-tudo
o pára-quedas/os pára-quedas
o salva-vidas/os salva-vidas
o diz-que-diz/os diz-que-diz
o bem-te-vi/ os bem-te-vis
o faz-de-conta/os faz-de-conta
o arco-íris/os arco-íris
o louva-a-deus/os louva-a-deus
o pisa-mansinho/os pisa-mansinho
e também
o bem-me-quer/os bem-me-queres
FLEXÃO DE GRAU
Os substantivos podem ser modificados a fim de exprimir intensificação, exagero, atenuação, diminuição ou mesmo deformação de seu significado. Essas modificações, que constituem as variações de grau do substantivo, são tradicionalmente consideradas um mecanismo de flexão. Você perceberá, no entanto, que não se trata de mecanismos de flexão - obrigatórios para a manutenção da concordância nas frases -, mas sim de processos de derivação e de caracterização sintática.
FORMAÇÃO DE GRAU
Os graus aumentativo e diminutivo dos substantivos podem ser formados por dois processos:
a) o sintético - consiste no acréscimo de sufixos aumentativos ou diminutivos à forma normal do substantivo. É, na verdade, um típico caso de derivação sufixal:
rato - ratão (aumentativo sintético)
rato - ratinho (diminutivo sintético)
b) o analítico - a forma normal do substantivo é modificada por adjetivos que indicam aumento ou diminuição de proporções. E um caso típico de determinação sintática:
rato - rato grande (aumentativo analítico)
rato pequeno (diminutivo analítico)
- nota da ledora: propaganda da caderneta de poupança banespa, com a foto de três porquinhos, e o seguinte texto: procuram-se cofrinhos. Entregar na…caderneta de poupança banespa.
- fim da nota.
Neste caso, o diminutivo não indica apenas tamanho. É evidente também seu valor afetivo.
No uso efetivo da língua, as formas sintéticas de indicação de grau são normalmente empregadas para conferir valores afetivos aos seres nomeados pelos substantivos. Observe formas como amigão, partidão, bandidaço, mulheraço; livrinho, ladrãozinho, rapazola, futebolzinho - em todas elas, o que interessa é transmitir dados como carinho, admiração, ironia ou desprezo, e não noções ligadas ao tamanho físico dos seres nomeados.

CAPÍTULO 10
ESTUDOS DOS ARTIGOS

-nota ledora: Conversa entre Hagar e o marinheiro:
Hagar: - eu preciso de um «braço direito forte»
marinheiro : que tal eu?
Hagar: você? Você é um homem de decisão? Você é um homem que pode dizer rapidamente sim, ou não?
Marinheiro olha, com atenção pra Hagar.

Hagar olha pensativo pra o marinheiro e…
marinheiro diz para Hagar: Poderia repetir a pergunta?
- fim da nota.
A opção pelo artigo indefinido ou definido depende, em geral, do contexto maior em que se insere a frase. No último quadrinho da história, o leitor já conhece "a pergunta", pois ela foi formulada no terceiro quadrinho.
1 CONCEITO
Artigo é a palavra que acompanha o substantivo, servindo basicamente para generalizar ou particularizar o sentido desse substantivo. É o que se nota no contraste entre:
(um) cidadão/(o) cidadão
(um) portão/(o) portão
(um) animal/(o) animal
(uma) flor/(a) flor
Em muitos casos, o artigo é essencial na especificação do gênero e do número do substantivo:
O jornalista recusou o convite do representante dos artistas.
A jornalista recusou o convite da representante das artistas.
A empresa colocou em circulação o ônibus de três eixos.
A empresa colocou em circulação os ônibus de três eixos.
Quando antepostos a palavras de qualquer classe gramatical, os artigos as transformam em substantivos. Nesses casos, ocorre a chamada derivação imprópria, que já estudamos:
É um falar que não tem fim.
O assalariado vive um sofrer interminável.
O aqui e o agora nem sempre se conjugam favoravelmente.
2. CLASSIFICAÇÃO
Em função da sua capacidade de generalizar ou particularizar o sentido do substantivo com que se relaciona, o artigo é classificado em definido e indefinido.
O artigo indefinido indica seres quaisquer dentro de uma mesma espécie; seu sentido é genérico. Assume as formas um, uma; uns, umas:
Gosto muito de animais: queria ter um cachorro, uma gata, uns tucanos e umas araras.
O artigo definido indica seres determinados dentro de uma espécie; seu sentido é particularizante. Assume as formas o, a; os, as:
Meu vizinho gosta muito de animais: você precisa ver o cachorro, a gata, os tucanos e as araras que ele tem em casa.
3. COMBINAÇÕES DOS ARTIGOS
É muito freqüente a combinação dos artigos definidos e indefinidos com preposições. O quadro seguinte apresenta a forma assumida por essas combinações.
Preposição: a, de, em por (per)
Artigo: o, os, a, as, um, uns, uma, umas
combinações: ao, aos, à, às, do, dos, da, das, dum, duns, duma, dumas, no, nos, na, nas, num, nuns, numa, numas, pelo, pelos, pela, pelas.
- nota da ledora: quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÕES:
1. As formas à e às indicam a fusão da preposição a com o artigo definido. Essa fusão e vogais idênticas é conhecida por crase. O uso do acento grave que indica a ocorrência da crase será estudado na parte do nosso livro, dedicado à sintaxe.
2. As formas pelo(s) / pela(s) resultam da combinação dos artigos definidos com a forma per, equivalente a por.
- fim do quadro de destaque.

CAPÍTULO 11
ESTUDO DOS ADJ ETIVOS

No mundo das palavras, usamos o adjetivo para qualificar o substantivo, como na expressão "economia brasileira". já no universo do cartum, o mesmo conjunto substantivo + adjetivo designa duas personagens radicalmente distintas. Magia da arte ou da política?
- nota da ledora: charge parecida com a de Getúlio Vargas "pintor", descrita em capítulos anterior.
- fim da nota.

1 CONCEITO

Adjetivo é a palavra que caracteriza o substantivo, atribuindo-lhe qualidades (ou defeitos) e modos de ser, ou indicando-lhe o aspecto ou o estado:
sindicato fictício, eficiente, deficitário, representativo
Observe que é necessário apresentar a relação que se estabelece entre o substantivo e o adjetivo para poder conceituar este último. Na realidade, substantivos e adjetivos apresentam muitas características semelhantes e, em muitas situações, a distinção entre ambos só é possível a partir de elementos fornecidos pelo contexto:
O jovem brasileiro tomou-se participativo.
O brasileiro jovem enfrenta dificuldades para ingressar no mercado de trabalho.
Na primeira frase, jovem é substantivo, e brasileiro é adjetivo. Na segunda, invertem-se esses papéis: brasileiro é substantivo, e jovem passa a ser adjetivo.
Ser adjetivo ou ser substantivo não decorre, portanto, de características morfológicas da palavra, mas de sua atuação efetiva numa frase da língua.
Há conjuntos de palavras que têm o valor de um adjetivo: são as locuções adjetivas. Essas locuções são normalmente formadas por uma preposição e um substantivo ou por uma preposição e um advérbio; para muitas delas, existem adjetivos equivalentes:
conselho (de pai) (=paterno)
inflamação (da boca) (= bucal)
atitude (sem qualquer cabimento)
alma (em frangalhos)
jornal (de ontem)
gente (de longe)

2 CLASSIFICAÇÃO

Quanto à sua estrutura e formação, os adjetivos têm classificação idêntica à dos substantivos: são primitivos ou derivados, simples ou compostos.
Os adjetivos primitivos não são formados por derivação de nenhuma outra palavra: deles é que se formam outras palavras. São exemplos: azul branco brando claro curto grande livre triste verde
Adjetivos derivados são aqueles formados por derivação de outras palavras:
cheiroso invisível infeliz esverdeado desconfortável azulado entristecido
Os adjetivos simples apresentam um único radical em sua estrutura. E o caso de todos os exemplos apontados no item anterior. Os compostos apresentam pelo menos dois radicais em sua estrutura: ítalo-brasileiro luso-africano socioeconômico políticoinstitucional sul-rio-grandense

ADJETIVOS PÁTRIOS

Os adjetivos referentes a países, estados, regiões, cidades ou localidades são conhecidos como adjetivos pátrios. Conhecê-los é importante para evitar erros e construir frases mais concisas. Por isso, leia com atenção as relações de adjetivos pátrios colocadas a seguir. Para facilitar seu estudo, dividimos esses adjetivos em quatro blocos: os que se referem ao Brasil, os que se referem a Portugal e outros países de língua portuguesa, os que se referem à América e os que se referem aos demais países e continentes. Nos dois primeiros blocos, procuramos fornecer os adjetivos pátrios referentes aos estados, às principais regiões, às capitais de estado e principais cidades, além das formas que costumam provocar dúvidas. Nos dois últimos blocos, fornecemos apenas as formas que

costumam provocar dúvidas.
ADJETIVOS PÁTRIOS REFERENTES AO BRASIL
Estado ou cidade
Acre acreano
Alagoas alagoano
Amapá - amapaense
Amazonas - amazonense ou baré
Anápolis (GO) - anapolino
Angra dos Reis (RJ) - angrense
Aracaju - aracajuano ou aracajuense
Bahia - baiano
Belém (PA) - belenense
Belo Horizonte - belo-horizontino
Boa Vista - boa-vistense
Brasil - brasileiro
Brasília - brasiliense
Cabo Frio (RJ) - cabo-friense
Campo Grande - campo-grandense
Ceará - cearense
Cuiabá - cuiabano
Curitiba - curitibano
Duas Barras (RJ) - bibarrense
Espírito Santo - espírito-santense ou capixaba
Florianópolis - florianopolitano
Fortaleza - fortalezense
Goiânia - goianiense
Goiás - goiano
João Pessoa - pessoense
Juiz de Fora (MG) - Juiz-forano, ou juiz-forense
Macapá - macapense
Maceió - maceioense
Manaus - manauense ou manauara
Marajó (ilha) - marajoara
Maranhão - maranhense
Mato Grosso - mato-grossense
Mato Grosso do Sul - mato-grossense-do-sul
Minas Gerais - mineiro
Natal - natalense ou papa-jerimum
Niterói - niteroiense
Novo Hamburgo (RS) - hamburguense
Palmas (TO) - palmense
Pará - paraense ou paroara
Paraíba - paraibano
Paraná - paranaense
Pernambuco - pernambucano
Petrópolis (RJ) - petropolitano
Piauí - piauiense
Poços de Caldas (MG) - caldense
Porto Alegre - porto-alegrense
Porto Velho - porto-velhense
Recife - recifense
Rio Branco - rio-branquense

Rio de Janeiro (cidade) - carioca
Rio de Janeiro (estado) - fluminense
Rio Grande do Norte - rio-grandense-do-norte, norte-rio-grandense ou potiguar
Rio Grande do Sul - rio-grandense-do-sul, sul-rio-grandense ou gaúcho
São Luís - são-luisense ou ludovicense
São Paulo (cidade) - paulistano
São Paulo (estado) - paulista
Rondônia - rondoniense ou rondoniano
Sergipe - sergipano
Roraima - roraimense
Teresina - teresinense
Salvador (BA) - salvadorense ou soteropolitano
Tocantins - tocantinense
Três Corações (MG) - tricordiano
Santa Catarina - catarinense, catarineta ou barriga-verde
Três Rios (RJ) - trirriense
Vitória (ES) - vitoriense
Santarém (PA) - santareno
ADJETIVOS PATRIOS REFERENTES A PORTUGAL, PAÍSES E TERRITÓRIOS DE LÍNGUA PORTUGUESA
Açores - açoriano
Alentejo - alentejano
Algarve - algarvio ou algarviense
Angola - angolano ou angolense
Aveiro - aveirense
Beira - beirão ou beirense
Beja - bejense
Braga - bracarense, brácaro ou braguês
Bragança - bragantino, bragançano, branganção, brigantino ou bragancês
Cabo Verde - cabo-verdiano ou cabo-verdense
Castelo Branco - albicastrense
Coimbra - coimbrão, conimbricense, conimbrigense ou colimbriense
Dio - dioense
Douro - duriense
Entre Douro e Minho - interamnense
Estremadura - estremenho
Évora - eborense
Faro - farense
Funchal - funchalense
Guimarães - vimaranense
Guiné-Bissau - guineense
Leiria - leiriense
Lisboa - lisboeta, lisbonense,lisboês, lisbonino, lisbonês, olissiponense ou ulissiponense (há também a forma jocosa "alfacinha")
Luanda - luandense
Macau - macaense ou macaísta
Madeira - madeirense
Minho - minhoto
Moçambique - moçambicano
Portalegre - portalegrense
Setúbal - setubalense
Porto - portuense

Timor - timorense
Ribatejo - ribatejano
Trás-os-Montes - trasmontanos ou transmontanos
Santarém - santareno, escalabitano
Viana do Castelo - vianense ou vianês
São Tomé e Príncipe - são-tomense ou são-tomeense
Vila Real - vila-realense
Viseu - visiense
ADJETIVOS PÁTRIOS REFERENTES AS AMÉRICAS
País ou cidade, e adjetivos pátrios
Alasca - alasquense ou alasquiano
Assunção - assuncionenho
Bogotá - bogotano
Boston - bostoniano
Buenos Aires - buenairense, bonaerense ou portenho
Caracas - caraquenho
Caribe - caribenho
Chicago - chicaguense
Costa Rica - costa-riquenho ou costa-riquense
El Salvador - salvadorenho
Equador - equatoriano
Estados Unidos - estadunidense, norte-americano ou ianque
Guatemala - guatemalteco
Guiana - guianense
Honduras - hondurenho
La Paz - pacenho
Lima - limenho
Manágua - managüenho ou managüense
Montevidéu - montevideano
Nicarágua - nicaragüense ou nicaraguano
Nova lorque - nova-orquino
Panamá - panamenho
Patagônia - patagão
Porto Rico - porto-riquenho
Quito - quitenho
Suriname - surinamês
Tegucigalpa - tegucigalpenho
Terra do Fogo - fueguino
Trinidad e Tobago - trinitário
OUTROS ADJETIVOS PÁTRIOS
Pais, cidade ou região e adjetivo pátrio
Ateganistão - afegão ou afegane
Andaluzia - andaluz
Argélia - argelino ou argelano
Armênia - armênio
Azerbaijão - azerbaijano
Bagdá - bagdali
Bangladesh - bengali
Barcelona - barcelonês ou barcelonense
Baviera - bávaro
Belém (Jordânia) - belemita
Bélgica - belga

Bielo-Rússia ou bielo-russo
Belarus
Bilbau - bilbaíno
Bizâncio - bizantino
Bulgária - búlgaro
Cairo - cairota
Camarões - camaronês
Canárias - canarino
Cartago - cartaginês ou púnico
Catalunha - catalão
Ceilão - cingalês
Chipre - cipriota
Congo - congolês
Córsega - corso
Costa do Marfim - marfinense
Croácia - croata
Curdistão - curdo
Damasco - damasceno
Egito - egípcio
Estônia - estoniano
Etiópia - etíope
Florença - florentino
Galiza - galego
Geórgia - georgiano
lêmen - iemenita
Índia - indiano ou hindu
Israel - israelense ou israelita
Japão - japonês ou nipônico
Java - javanês ou jau
Jerusalém - hierosolimita ou hierosolimitano
Letônia - leto ou letão
Lituânia - lituano
Madagáscar - malgaxe
Madri - madrilenho ou madrilense
Málaga - malaguenho
Malásia - malaio
Malta - maltês
Manchúria - manchu
Mântua - mantuano
Meca - mecano
Moldávia - moldávio
Mônaco - monegasco
Mongólia - mongol ou mongólico
Nápoles - napolitano ou partenopeu
Nazaré - nazareno samarinês
Nova Zelândia - neozelandês
Pais de Gales - galês
Parma - parmesão ou parmense
Pequim - pequinês
San Marino - samarinês
Sardenha - sardo
Somália - somali

Tadjiquistão - tadjique
Tirol - tirolês
Trento - tridentino
Túnis - tunisino
Ucrânia - ucraniano
Varsóvia - varsoviano
Zâmbia - zâmbio
Em muitas situações, é necessário utilizar adjetivos próprios compostos, como euroasiático, anglo-americano, italo-francês. Nesses casos, o primeiro dos elementos do composto assume uma forma reduzida, de origem normalmente erudita. Note que nem todos os adjetivos pátrios possuem formas reduzidas: as principais se encontram no quadro a seguir.
FORMAS REDUZIDAS DE ADJETIVOS PÁTRIOS
País, região ou continente, e Adjetivo pátrio
África - afro-
Alemanha - germano- ou teuto-
América - américoÁsia
- ásio-
Austrália - australoÁustria
- austro-
Bélgica - belgo-
China - sino-
Dinamarca - dano-
Espanha - hispano-
Europa - euro-
Finlândia - fino-
França - franco-
Galiza - galaico- ou galego-
Grécia - grecoÍndia
- indo-
Inglaterra - anglo-
Itália - ítalo-
Japão - nipo-
Portugal - luso-
3 CORRESPONDÊNCIA ENTRE ADJETIVOS E LOCUÇÕES ADJETIVAS
Há muitos adjetivos que mantêm certa correspondência de significado com locuções adjetivas, e vice-versa. E o caso dos exemplos já citados paterno/de pai e bucal/da boca. A correspondência de significado nesses casos não significa que a substituição da locução pelo adjetivo correspondente seja sempre possível.
Tampouco a substituição contrária é sempre admissível. Colar de marfim, por exemplo, é uma expressão cotidiana: seria pouco recomendável passar a dizer colar ebúrneo ou ebóreo, pois esses adjetivos têm uso restrito à linguagem literária.
Contrato leonino é uma expressão usada na linguagem jurídica: é muito pouco provável que os advogados passem a dizer contrato de leão. Em outros casos, a substituição é perfeitamente possível, transformando a equivalência entre adjetivos e locuções adjetivas em mais uma ferramenta para o aprimoramento dos textos, pois oferece possibilidades de variação vocabular. É o que ocorre na seqüência de frases a seguir:
A população das cidades tem aumentado demasiadamente no Brasil. Isso tem conduzido ao caos urbano.
- nota da ledora: anúncio de consumo, com as letras dos Estados Unidos, USE, escritas nas cores da bandeira americana, vermelho, azul e branco, com a legenda: sociedade de consumo.

- fim da nota.
De consumo é uma locução corresponde ao adjetivo consumista.
Fornecemos a seguir uma relação de locuções adjetivas e adjetivos correspondentes. Muitos desses adjetivos são de origem erudita, tendo uso restrito à linguagem técnica ou literária. Baseando-se em sua experiência lingüística, procure detectar os casos em que o adjetivo e a locução podem ser substituídos um pelo outro sem grandes alterações de sentido.
LOCUÇÕES ADJETIVAS E ADJETIVOS CORRESPONDENTES
de abdômen abdominal
de abelha apícola
de águia aquilino
de aluno discente
de asno asinino
da audição ótico, auditivo
de bispo episcopal
de boca bucal ou oral
de ano anual
de boi bovino
de cabelo capilar
de lebre leporino
de cabra caprino
de leitelácteo láctico
do campo rural, campesino, bucólico
de lobo lupino
de lua lunar, selênico
de cão canino
de macaco simiesco
de cavalo eqüino, eqüídeo
de mãe maternal, materno
de chumbo plúmbeo
de manhã matinal
de chuva pluvial
de marfim ebúrneo, eboreo
de cidade citadino, urbano
de mármore marmóreo
de cinza cinéreo
de mestre magistral
de cobra ofídico
de monge monacal
de coração cardíaco, cordial
de morte mortal, letal
de crânio craniano
de nádegas glúteo
de criança pueril, infantil
de nariz nasal
de diamante diamantino, adamantino
de neve níveo, nival
de noite noturno
de estômago estomacal, gástrico
de nuca occipital
de estrela estelar
de olho ocular

de face facial
de orelha auricular
de fera ferino
de osso ósseo
de fígado figadal, hepático
de ouro áureo
de filho filial
de ovelha ovino
de fogo ígneo
de pai paternal, paterno
de frente frontal
de paixão passional
de garganta gutural
de pedra pétreo
de gato felino
de pele epidérmico, cutâneo
degelo glacial
de pescoço cervical
de gesso gípseo
de porco suíno, porcino
de guerra bélico
de prata argênteo
de homem viril, humano
de professor docente
de idade etário
de proteína protéico
de ilha insular
de pulmão pulmonar
de intestino celíaco, entérico, intestinal
dos quadris ciático
de rim renal
de inverno hibernal
de rio fluvial
de irmão fraternal, fraterno
de rocha rupestre
de lado lateral
de selva silvestre
de lago lacustre
de sonho onírico
de leão leonino
de sintaxe sintático
de tarde vesperal, vespertino
da terra terreno, terrestre, telúrico
de vento eólico, eólio
de verão estival
de víbora viperino
de tórax torácico
de vidro vítreo
de touro taurino
de virgem virginal
de umbigo umbilical
de visão óptico ou ótico

de veias venoso
da voz vocal
de velho senil
4 FLEXÕES
Os adjetivos se flexionam em gênero e número e apresentam variações de grau bem mais complexas que as dos substantivos.
O adjetivo concorda em gênero com o substantivo a que se refere:
um comportamento estranho
uma atitude estranha
um jornalista ativo
uma jornalista ativa
Os adjetivos também são classificados em biformes e uniformes.
Adjetivos biformes
Possuem uma forma para o gênero masculino e outra para o gênero feminino. A formação do feminino desses adjetivos costuma variar de acordo com a terminação da forma masculina, de modo semelhante ao que acontece com os substantivos.
Os adjetivos terminados em -o trocam essa terminação por -a:
ativo/ativa
branco/branca
honesto/honesta
Em alguns casos, além da mudança na terminação, há alteração no timbre da vogal tônica, que de fechado passa a aberto:
brioso/briosa
formoso/formosa
grosso/grossa
Os adjetivos terminados em -ês, -or, -e, -u geralmente recebem a terminação -a:
português/portuguesa
sedutor/sedutora
cru/crua
Destaquem-se hindu, cortês, pedrês, incolor, multicor, bicolor, tricolor e as formas comparativas maior, melhor, menor, pior, superior, inferior, anterior, posterior, que são invariáveis. Destaque-se também o par mau/má.
Os adjetivos terminados em -ão trocam essa terminação por -a, -ona e, mais raramente, por -oa:
são/sã
chorão/chorona
beirão/beiroa
catalão/catalã
comilão/comilona
Os adjetivos terminados em -eu trocam essa terminação por -éia; os terminados em -éu, por -oa:
plebeu/plebéia
ateu/atéia
tabaréu/tabaroa
ilhéu/ilhoa
Destaquem-se judeu/judia e sandeu/sandia.
Nos adjetivos compostos formados por dois adjetivos, apenas o último elemento sofre flexão; aqueles em que o segundo elemento é um substantivo são invariáveis:
cidadão luso-brasileiro
cidadã luso-brasileira
casaco verde-escuro

saia verde-escura
clínica médico-dentária
consultório médico-dentário
tecido amarelo-ouro
roupa amarelo-ouro
papel verde-mar
tinta verde-mar
Destaque-se surdo-mudo, em que variam os dois elementos:
rapaz surdo-mudo
moça surda-muda
Adjetivos uniformes
São os adjetivos que possuem uma única forma para o masculino e o feminino:
pássaro frágil
ave frágil
ator ruim
atriz ruim
empresa agrícola
planejamento agrícola
vida exemplar
comportamento exemplar
- nota da ledora: quadrinho da famosa Radical Chic, de Miguel Paiva, em retrospectiva 96, apresentando-a sentada e pensativa, se auto-definindo, com o seguinte texto: arrogante, prepotente, agressiva, impaciente, exigente, insensível, possessiva, teimosa, tarada, chata, e louca.
- fim da nota.
O quadrinho ao lado nos oferece uma rica lista de adjetivos uniformes: arrogante, prepotente, impaciente, exigente, insensível.
São uniformes os adjetivos compostos em que o segundo elemento é um substantivo:
casaco amarelo-limão
carro verde-garrafa
camisa amarelo-limão
bicicleta verde-garrafa
Também são uniformes os compostos azul-marinho e azul-celeste.
FLEXÃO DE NÚMERO
O adjetivo concorda em número com o substantivo a que se refere:
governante capaz - governantes capazes
salário digno - salários dignos
A formação do plural dos adjetivos simples segue as mesmas regras da formação do plural dos substantivos simples. Já o plural dos adjetivos compostos segue os mesmos procedimentos da variação de gênero desses adjetivos.
Nos adjetivos compostos formados por dois adjetivos, apenas o segundo elemento vai para o plural:
tratado luso-brasileiro - tratados luso-brasileiros
intervenção médico-cirúrgica - intervenções médico-cirúrgicas
Destaque-se novamente surdo-mudo:
rapaz surdo-mudo
rapazes surdos-mudos
Os adjetivos compostos em que o segundo elemento é um substantivo são invariáveis também em número:
recipiente verde-mar recipientes verde-mar
uniforme amarelo-canário uniformes amarelo-canário
Também são invariáveis azul-marinho e azul-celeste:

camisa azul-marinho camisas azul-marinho
camiseta azul-celeste camisetas azul-celeste
- nota da ledora: quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÃO:
Os adjetivos compostos podem ser divididos em três tipos:
a) os que são formados por dois adjetivos, como verde-escuro e médico-dentário - nesses casos, é o segundo elemento que varia para indicar gênero e número (verdeescura, verde-escuros, verde escuras; médico-dentária, médico-dentários, médico dentárias);
b) os que apresentam como um segundo elemento um substantivo, como amarelo-ouro e verde-mar - adjetivos desse tipo são invariáveis em gênero e número;
c) os que indicam cores esão formados expressão cor + substantivo - adjetivos desse tipo são invariáveis, mesmo quando a expressão cor de estiver subtendida (papel corde-rosa, papéis cor-de-rosa; giz (cor de) laranja; gizes (cor de) laranja, carro (cor de) creme, carros (cor de) creme; camisa (cor de) cinza, camisas (cor de) cinza, etc.) - fim do quadro de destaque.
FLEXÃO DE GRAU
Os adjetivos variam em grau quando se deseja comparar ou intensificar as características que atribuem. Há, portanto, dois graus do adjetivo: o comparativo e o superlativo.
COMPARATIVO
Nesse grau, compara-se a mesma característica atribuída a dois ou mais seres ou duas ou mais características atribuídas a um mesmo ser. O comparativo pode ser de igualdade, de superioridade ou de inferioridade, e é formado por estruturas analíticas de que participam advérbios e conjunções. Observe as frases seguintes:
comparativo de igualdade: Ele é tão exigente quanto justo.
Ele é tão exigente quanto (ou como) seu irmão.
comparativo de superioridade: Estamos mais atentos (do) que eles.
Estamos mais atentos (do) que ansiosos.
comparativo de inferioridade: Somos menos passivos (do) que eles.
Somos menos passivos (do) que tolerantes.
Os adjetivos bom, mau, grande e pequeno têm formas sintéticas para o grau comparativo de superioridade: melhor, pior, maior e menor, respectivamente:
Essa solução é melhor (do) que a outra.
Minha voz é pior (do) que a sua.
O descaso pela miséria é maior (do) que o senso humanitário.
A preocupação social é menor (do) que a ambição individual.
As formas analíticas correspondentes (mais bom, mais mau, mais grande, mais pequeno) só devem ser usadas quando se comparam duas características de um mesmo ser:
Ele é mais bom (do) que inteligente.
Todo corrupto é mais mau (do) que esperto.
Meu salário é mais pequeno (do) que justo.
Este país é mais grande (do) que equilibrado.
Atente para o fato de que as formas menor e pior são comparativos de superioridade, pois eqüivalem a mais pequeno e mais mau, respectivamente.
SUPERLATIVO
Nesse grau, a característica atribuída pelo adjetivo é intensificada de forma relativa ou absoluta.
No grau superlativo relativo, essa intensificação é feita em relação a todos os demais seres de um conjunto que a possuem. O superlativo relativo pode exprimir superioridade ou inferioridade e é sempre expresso de forma analítica:

SUPERLATIVO RELATIVO DE SUPERIORIDADE:
Ele é o mais atento de todos.
Ele é o mais exigente de todos os irmãos.
SUPERLATIVO RELATIVO DE INFERIORIDADE:
Você é o menos crítico de todos.
Você é o menos passivo de todos os amigos.
As formas do superlativo relativo de superioridade dos adjetivos bom, mau, grande e pequeno também são sintéticas: o melhor, o pior, o maior e o menor.
- nota da ledora: quadro de anúncio da Zoomp, apresentando uma moça sozinha no carro, com três extraterrestres como companhia, e o seguinte texto:
ETs são as melhores companhias para terça-feira à noite.
Bebem, dançam, fumam, dizem bobagem, e na sexta não ligam querendo saber o que você vai fazer no fim de semana.
- fim da nota.
No trecho "as melhores companhias", subentende-se "as melhores companhias de todas". As melhores constitui, portanto, forma do superlativo relativo de superioridade do adjetivo bom.
No grau superlativo absoluto, intensifica-se a característica atribuída pelo adjetivo a um determinado ser, transmitindo idéia de excesso. O superlativo absoluto pode ser analítico ou sintético:
a) o superlativo absoluto analítico é formado normalmente com a participação de um advérbio:
Você é muito crítico.
Ele é demasiadamente exigente.
Somos excessivamente tolerantes.
b) o superlativo absoluto sintético é expresso com a participação de sufixos. O mais comum deles é -issimo; nos adjetivos terminados em vogal, esta desaparece ao ser acrescentado o sufixo do superlativo:
Trata-se de um artista originalíssimo.
Ele é exigentíssimo.
Seremos tolerantíssimos.
Muitos adjetivos possuem formas irregulares para exprimir o grau superlativo absoluto sintético. Muitas dessas irregularidades ocorrem porque o adjetivo, ao receber o sufixo, reassume a forma latina. É o caso dos terminados em -vel, que assumem a terminação -bilíssimo (volúvel - volubilíssimo, indelével - indelebilíssimo). Na relação abaixo, você encontrará muitas formas irregulares do superlativo absoluto sintético. Observe que algumas são de uso comum (facílimo e dificílimo, por exemplo), enquanto outras pertencem a linguagem formal (acérrimo, pulquérrimo, por exemplo).
FORMAS DO SUPERLATIVO ABSOLUTO SINTIETICO DIGNAS DE NOTA
Adjetivo e superlativo absoluto sintético
acre acérrimo
doce dulcíssimo
ágil agílimo
eficaz eficacíssimo
agradável agradabilíssimo
fácil facílimo
agudo acutíssimo
feliz felicíssimo
alto altíssimo, supremo
feroz ferocíssimo
amargo amaríssimo
fiel fidelíssimo

amável amabilíssimo
frágil fragílimo
amigo amicíssimo
frio frigidíssimo, friíssimo
antigo antiquíssimo
geral generalíssimo
áspero aspérrimo
grande máximo
atroz atrocíssimo
humilde humílimo
audaz audacíssimo
incrível incredibilíssimo
benéfico beneficentíssimo
infame infamérrimo
benévolo benevolentíssimo
inimigo inimicíssimo
bom bonissimo, ótimo
jovem juvenilíssimo
capaz capacíssimo
livre libérrimo
célebre celebérrimo
magnífico magnificentíssimo
cruel crudelíssimo
magro macérrimo, magríssimo
difícil dificílimo
manso mansuetíssimo
mau péssimo
miserável miserabilissimo
miúdo minutissimo
negro nigérrimo, negrissimo
nobre nobilíssimo
notável notabilíssimo
pequeno mínimo
perspicaz perspicacíssimo
pessoal personalíssimo
pobre paupérrimo, pobríssimo
possível possibilissimo
pródigo prodigalíssimo
próspero prospérrimo
provável probabilíssimo
público publicíssimo
pudico pudicíssimo
pulcro pulquérrimo
rústico rusticissimo
sábio sapientíssimo
sagrado sacratíssimo
salubre salubérrimo
sensível sensibilissimo
simpático simpaticíssimo
simples simplícimo, simplicíssimo
soberbo superbíssimo
tenaz tenacissimo

tenro teneríssimo
terrível terribilíssimo
veloz velocíssimo
visível visibilissimo
volúvel volubilíssimo
voraz veracíssimo
vulnerável vulnerabilíssimo
Os adjetivos terminados em -io não precedidos de e formam o superlativo absoluto sintético em iíssimo:
- sério - seriíssimo
necessário - necessariíssimo
frio - friíssimo
feio - feíssimo
mais cheio - cheíssimo

CAPÍTULO 12

ESTUDO DOS ADVÉRBIOS

- nota da ledora: propaganda da revista Veja com o seguinte texto: "em jornalismo, não existe " politicamente correto". Só existe "correto".
- fim da nota.

Um equívoco muito comum associa o advérbio exclusivamente ao verbo. No anúncio acima, porém, vemos um advérbio (politicamente) modificando um adjetivo (correto), papel que também faz parte do comportamento gramaticalmente correto do advérbio.

1 INTRODUÇÃO

Na palavra advérbio, assim como na palavra adjetivo, existe o prefixo latino ad, que indica idéia de "proximidade", "contigüidade". Portanto o nome praticamente já diz o que é o advérbio: é palavra capaz de caracterizar o processo verbal, indicando circunstâncias em que esse processo se desenvolve. E o caso, por exemplo, da palavra humildemente, que, no "Poema só para Jaime Ovalle", de Manuel Bandeira, caracteriza o processo expresso pela forma verbal pensando ("E fiquei pensando, humildemente pensando na vida e nas mulheres que amei").

O papel básico dos advérbios é, por isso, relacionar-se com os verbos da língua, caracterizando os processos expressos por eles. Essa caracterização pode ter finalidade descritiva, procurando representar objetivamente os dados da realidade. Quando se diz, por exemplo, que todos estavam "dormindo profundamente", descreve-se a maneira intensa como todos dormiam.

A caracterização adverbial pode, no entanto, indicar a subjetividade de quem analisa um evento: o advérbio deixa de ter papel descritivo e passa a traduzir sentimentos e julgamentos de valor de quem escreve ou fala. É o que se verifica, por exemplo, no poema "Madrugada", de Ferreira Gullar:

Do fundo de meu quarto, do fundo
de meu corpo
clandestino
ouço (não vejo) ouço
crescer no osso e no músculo da noite
a noite
A noite ocidental obscenamente acesa
sobre meu país dividido em classes

O advérbio obscenamente é um ótimo exemplo desse outro valor dos advérbios. Modificando o adjetivo acesa, ele transmite um forte juízo de valor.

2 CONCEITO

Advérbio é a palavra que caracteriza o processo verbal, exprimindo circunstâncias em que esse processo se desenvolve. Observe:

"Hoje não ouço mais as vozes daquele tempo."
(circunstâncias de tempo, negação e tempo, respectivamente)
"Todos os maridos funcionam regularmente."
(circunstância de modo)
Diferentemente do que seu nome indica, o advérbio não é modificador exclusivo do verbo. Os advérbios de intensidade e os de modo podem modificar também adjetivos e advérbios:
Esse é o procedimento menos adequado para quem se diz politicamente correto.
(o advérbio menos modifica o adjetivo adequado; o advérbio politicamente modifica o adjetivo correto)
Ela procedeu muito mal.
(o advérbio muito modifica o advérbio mal)
Em alguns casos, os advérbios podem se referir a uma oração inteira; nessa situação, normalmente transmitem a avaliação de quem fala ou escreve sobre o conteúdo da oração:
Infelizmente, o Congresso não aprovou o projeto.
Lamentavelmente, ele não estará conosco na próxima semana.
As locuções adverbiais são conjuntos de duas ou mais palavras que têm valor de advérbio. Normalmente, são formadas por preposição e substantivo ou por preposição e advérbio:
Moravam lá.
Moravam ao lado da estação.
Acordei cedo.
Acordei no meio da noite.
Fiquem aqui.
Fiquem por perto.
3 CLASSIFICAÇÃO
Os advérbios e locuções adverbiais são classificados de acordo com as circunstâncias que expressam. Na relação a seguir, você encontrará as principais circunstâncias adverbiais e alguns advérbios e locuções que podem exprimi-las.
a) lugar- aqui, aí, ali, cá, lá, acolá, além, longe, perto, dentro, adiante, defronte, onde, acima, abaixo, atrás, algures (= em algum lugar), alhures (= em outro lugar), nenhures (= em nenhum lugar); em cima, de cima, à direita, à esquerda, ao lado, de fora, por fora, etc.
b) tempo - hoje, ontem, anteontem, amanhã, atualmente, brevemente, sempre, nunca, jamais, cedo, tarde, antes, depois, logo, já, agora, ora, então, outrora, aí, quando; à noite, à tarde, de manhã, de vez em quando, às vezes, de repente, hoje em dia, etc.
c) modo - bem, mal, assim, depressa, devagar, rapidamente, lentamente, facilmente (e a maioria dos terminados em -mente); às claras, às pressas, à vontade, à toa, de cor, de mansinho, de cócoras, em silêncio, com rancor, sem medo, frente a frente, face a face, etc.
d) afirmação - sim, decerto, certamente, efetivamente, seguramente, realmente; sem dúvida, por certo, com certeza, etc.
e) negação - não, absolutamente, tampouco; de modo algum, de jeito nenhum, etc.
f) intensidade - muito, pouco, mais, menos, ainda, bastante, assaz, demais, bem, tanto, deveras, quanto, quase, apenas, mal, tão; de pouco, de todo, etc.
g) dúvida - talvez, quiçá, acaso, porventura, possivelmente, provavelmente, eventualmente, etc.
Você notou que as circunstâncias citadas acima podem ser expressas por um simples advérbio ou por uma locução adverbial. Há outras circunstâncias, que só podem ser expressas por locuções, como a de causa e a de finalidade. Observe:
Muitas crianças estão morrendo de fome/devido à desnutrição/por razões ignóbeis.

(circunstância de causa)
Preparou-se para o exame/para aquela oportunidade.
(circunstância de finalidade)
- nota da ledora: um anúncio, na página, onde uma mulher mostra-se séria, enquanto caem flores no quadro ao lado dela, com o seguinte texto: Pra mim só existe uma coisa mais fora de moda que receber flores… no anúncio ao lado, a mesma mulher, sorridente, segurando uma braçada de flores, e um quadro ao lado mostrando só o talo de uma rosa com espinhos, e o seguinte texto: …não receber.
- fim da nota.
Neste anúncio, vemos dois advérbios: mais (advérbio de intensidade, neste caso intensificando a locução adjetiva "fora de moda")...e não, advérbio de negação, modificando o verbo receber.
Alguns gramáticos citam outras circunstâncias adverbiais. Muitas delas parecem subdivisões das apontadas acima, como a de freqüência (subdivisão da circunstância de tempo).
Merecem destaque os chamados advérbios interrogativos, empregados em orações interrogativas diretas ou indiretas. Esses advérbios podem exprimir lugar, tempo, modo ou causa:
Onde foram parar os livros?
Quero saber onde foram parar os livros.
Quando será a reunião?
Quero saber quando será a reunião.
Como proceder num momento tão importante?
Quero saber como proceder num momento tão importante.
Por que você aceita tudo passivamente?
Quero saber por que você aceita tudo passivamente.
Você vai estudar mais detalhadamente as circunstâncias adverbiais nos capítulos relativos à Sintaxe (adjuntos adverbiais e orações subordinadas adverbiais).
4 FLEXÃO
Normalmente, os advérbios são considerados palavras invariáveis, por não apresentarem flexão de gênero e número. No entanto alguns deles - principalmente os de modo - apresentam variações de grau semelhantes às dos adjetivos.
GRAU COMPARATIVO
Como ocorre com os adjetivos, o grau comparativo pode ser de igualdade, de superioridade e de inferioridade:
Ele agia mais friamente (do) que o comparsa.
Ele agia menos friamente (do) que o comparsa.
Ele agia tão friamente quanto (ou como) o comparsa.
Para os advérbios bem e mal, as formas de comparativo são sintéticas (melhor e pior):
Ele agia melhor/pior (do) que o comparsa.
Cuidado: diante de particípios que atuam como adjetivos, são empregadas as formas analíticas mais bem e mais mal:
Ele é o mais bem informado dos jornalistas (e não o melhor informado). Este edifício é o mais mal construído de todos (e não o pior construído).
GRAU SUPERLATIVO
O superlativo dos advérbios é absoluto e pode ser formado de dois modos:
a) analítico o superlativo é obtido por meio do uso de um advérbio de intensidade:
Ele procedeu muito calmamente.
Investigaram desleixadamente demais as causas do acidente.
Certamente estão muito perto da cidade procurada.
b) sintético - o superlativo é obtido por meio do uso do sufixo -íssimo:
Ela crê muitíssimo em suas convicções.

As transformações sociais estão ocorrendo lentissimamente.
Acordo cedíssimo todos os dias.
Na linguagem coloquial e familiar, é comum o emprego do sufixo diminutivo para dar aos advérbios o valor superlativo:
Amanhã vamos acordar cedinho.
Ela faz tudo devagarinho.

CAPÍTULO 13

ESTUDO DOS PRONOMES

- nota da ledora: gravura de página inteira, um negativo de ultra-sonografia uterina, com dois gêmeos, com o seguinte diálogo, entre os dois:
- Você acredita em vida após o parto?
- Não sei. Nunca ninguém voltou pra contar.
- fim da nota.

A diversidade dos pronomes os transforma numa ferramenta muito útil na comunicação cotidiana, falada ou escrita. Observe que, no curto diálogo do anúncio acima, ocorrem três pronomes: você, eu (elíptico, em "(eu) Não sei") e ninguém. Trata-se de uma classe de palavras cuja freqüência e funcionalidade merecem uma investigação detalhada, como passaremos a fazer em seguida.

1 CONCEITO

Pronomes são palavras que representam os seres ou se referem a eles. Podem substituir os substantivos ou acompanhá-los, para tornar-lhes claro o sentido. Em "Eu pus os meus pés no riacho e acho que nunca os tirei" (da canção "Força estranha", de Caetano Veloso), o pronome meus acompanha o substantivo pés, indicando noção de posse. O pronome os substitui o substantivo pés.

Os pronomes permitem, ainda, identificar o ser como sendo aquele que utiliza a língua no momento da comunicação (eu, nós), aquele a que a comunicação é dirigida (tu, você, vós, vocês, Vossa Senhoria, Senhor) ou também como aquele ou aquilo que não participa do ato comunicativo, mas é mencionado (ele, ela, aquilo, outro, qualquer, alguém, etc.). O pronome também pode referir-se a um determinado ser, relacionando-o com as pessoas do discurso. Pode estabelecer outras relações, além da de posse, já citada, como a idéia de proximidade com a primeira pessoa (esta blusa, isto), com a segunda pessoa (essa blusa, isso) e com a terceira pessoa (aquela blusa, aquilo).

Quando um pronome faz as vezes de um substantivo, ou seja, quando o representa, é chamado de pronome substantivo. E o caso do pronome os do trecho da canção "Força estranha". Esse pronome, que substitui o substantivo pés, é, justamente por isso, pronome substantivo. Também há pronomes que acompanham os substantivos a fim de caracterizá-los ou determiná-los, atuando em funções típicas dos adjetivos. São, justamente por isso, chamados pronomes adjetivos. É o caso do pronome meus, do mesmo trecho. Esse pronome acompanha, determina o substantivo pés.

Há seis tipos de pronomes: pessoais, possessivos, demonstrativos, relativos, indefinidos e interrogativos. Você vai estudar agora cada um deles.

2 PRONOMES PESSOAIS

Os pronomes pessoais indicam diretamente as pessoas do discurso. Quem fala ou escreve assume os pronomes eu ou nós, emprega os pronomes tu, vós, você, vocês, Vossa Excelência ou algum outro pronome de tratamento para designar a quem se dirige e ele, ela, eles ou elas para fazer referência à pessoa ou ao assunto de que fala.

Os pronomes pessoais variam de acordo com as funções que exercem nas orações, dividindo-se em pronomes do caso reto e pronomes do caso oblíquo.

Também são considerados pessoais os chamados pronomes de tratamento.

Para estudar os pronomes pessoais, será necessário fazer referências a vários termos da análise sintática. Se você tiver dúvidas sobre eles, procure esclarecê-las na parte do livro dedicada a Sintaxe.

PRONOMES PESSOAIS DO CASO RETO
São do caso reto os pronomes pessoais que nas orações desempenham a função de sujeito ou predicativo do sujeito:
Primeira pessoa: eu (singular) - nós (plural)
Segunda pessoa: tu (singular) - vós (plural)
Terceira pessoa: ele, ela (singular) - eles, elas (plural)
Na língua culta, formal - falada ou escrita -, esses pronomes não devem ser usados como complementos verbais. Frases como "Vi ele na rua", "Encontrei ela na praça", "Trouxeram eu até aqui", comuns na língua oral cotidiana, não são aceitas no padrão formal da língua. Na língua culta, devem ser usados os pronomes oblíquos correspondentes: "Vi-o na rua", "Encontrei-a na praça", "Trouxeram-me até aqui".
PRONOME PESSOAL DO CASO OBLÍQUO
São do caso oblíquo os pronomes pessoais que, nas orações, desempenham as funções de complemento verbal (objeto direto ou indireto) ou complemento nominal. A forma dos pronomes do caso oblíquo varia de acordo com a tonicidade com que são pronunciados nas frases da língua, dividindo-se em átonos e tônicos.
PRONOMES OBLÍQUOS ÁTONOS
primeira pessoa : me (singular); nós (plural)
segunda pessoa: te (singular); vós (plural)
terceira pessoa: o, a, se, lhe, (singular); os, as, se, lhes (plural)
Os pronomes me, te, nos e vos podem complementar verbos transitivos diretos ou indiretos. Em "Ela me ama", o me complementa o verbo amar, que não pede preposição (amar alguém). Em "O livro me pertence", o me complementa o verbo pertencer, transitivo indireto (pertencer a alguém). Os pronomes o, a, os e as atuam exclusivamente como objetos diretos; as formas lhe e lhes como objetos indiretos. Não é possível dizer, na língua culta, "Eu lhe amo". Como os pronomes me, te, nos e vos, o pronome se pode ser objeto direto ou indireto. Nesse caso, é reflexivo, ou seja, indica que o sujeito pratica a ação sobre si mesmo ("Ela se cortou"). Esses pronomes também podem assumir várias outras funções, que serão estudadas mais adiante, na parte dedicada a Sintaxe.
Os pronomes me, te, lhe, nos, vos e lhes podem combinar-se com os pronomes o, os, a, as, dando origem a formas como mo, mos, ma, mas; to, tos, ta, tas; lho, lhos, lha, lhas; no-lo, no-los, no-la, no-las, vo-lo, vo-los, vo-la, vo-las. Observe o uso dessas formas nos exemplos que seguem:
- Com praste o livro?
- Ora, entreguei-to ontem, não te lembras?
- Não deram a notícia a vocês?
- Não, não no4a deram.
No português falado no Brasil, essas combinações não são usadas. Na língua literária, no entanto, seu emprego não é raro, como se vê em Gonçalves Dias ("Não te esqueci, eu to juro."), ou em Fernando Pessoa ("Dobrada à moda do Porto fria? Não é prato que se possa comer frio, mas trouxeram-mo frio."). Na língua oral de Portugal, essas combinações são freqüentes. Os pronomes o, os, a, as podem sofrer adaptações fonológicas depois de certas terminações verbais:
quando o verbo termina em -z, -s ou -r, o pronome assume a forma lo, los, la ou las, ao mesmo tempo que a terminação verbal é suprimida:
fiz + o = fi-lo fazeis + o = fazei-lo dizer + a = dizê-la
e quando o verbo termina em som nasal, o pronome assume as formas no, nos, na, nas:
viram + o = viram-no retém + a = retém-na
repõe + os = repãe-nos
tem + as = tem-nas

PRONOMES OBLÍQUOS TÔNICOS
Primeira pessoa mim (singular), nós (plural)
Segunda pessoa ti (singular), vós (plural)
Terceira pessoa ele, ela, si(singular), eles, elas, si (plural)
Os pronomes do caso oblíquo tônicos são sempre regidos por preposições, como a, até, contra, de, em, entre, para, por, sem. A combinação da preposição com alguns desses pronomes originou as formas comigo, contigo, consigo, conosco e convosco. As preposições essenciais introduzem sempre pronomes pessoais do caso oblíquo e nunca pronomes do caso reto. Por isso, preste atenção às frases abaixo, em que se exemplifica a forma culta de utilizar esses pronomes:
Não existe nada entre mim e ti.
Não foi comprovada nenhuma ligação entre ti e ela.
Não há nenhuma acusação contra mim.
Não saia sem mim.
Há construções em que a preposição, apesar de surgir anteposta a um pronome, rege a oração inteira, e não o pronome. Nesses casos, se o sujeito for um pronome, deverá ser do caso reto:
Trouxeram vários livros para eu ler.
Não saia sem eu permitir.
Note que as orações podem ser desdobradas, o que daria origem a "Trouxeram vários livros para que eu lesse" e "Não saia sem que eu permita". Não resta dúvida de que o pronome a ser empregado é mesmo do caso reto (eu).
As formas conosco e convosco são substituídas por com nós e com vós quando os pronomes pessoais são reforçados por palavras como outros, mesmos, próprios, todos, ambos ou algum numeral:
Ela terá de ir com nós todos.
Estavam com vós outros quando chegaram as encomendas?
Ele assegurou que viajaria com nós dois.
O pronome si é exclusivamente reflexivo no português do Brasil. O mesmo ocorre com a forma consigo. Observe seu emprego nas frases abaixo:
Ela é extremamente egoísta. Só é capaz de pensar em si.
Ele normalmente fala consigo mesmo em voz alta.
A SEGUNDA PESSOA INDIRETA
A chamada segunda pessoa indireta ocorre quando se empregam pronomes que, apesar de indicarem o interlocutor (portanto, a segunda pessoa), exigem o verbo na terceira pessoa. E o caso dos chamados pronomes de tratamento, que podem ser observados no quadro seguinte.
- nota da ledora: quadro de destaque na página:
Pronome de tratamento: Vossa Alteza, V.A., Usado para se dirigir a príncipes, duques
Vossa Eminência, Abreviatura: V. Em.a, para se dirigir a cardeais
Vossa Excelência, Abreviatura: V. Ex.a, para se dirigir a altas autoridades e oficiaisgenerais
Vossa Magnificência, Abreviatura: V. Mag.a, para se dirigir a reitores de universidades
Vossa Majestade, Abreviatura: V.M., para se dirigir a reis, imperadores
Vossa Santidade, Abreviatura: V.S., para se dirigir a papa
Vossa Senhoria, Abreviatura: V.S.a, para tratamento cerimonioso
- fim do quadro.
Esses pronomes efetivamente representam uma forma indireta de tratamento de um interlocutor. Quando se trata um senador por "Vossa Excelência", por exemplo, faz-se referência à excelência que esse senador supostamente tem para poder ocupar o cargo.
As formas da relação acima (Vossa Excelência, Vossa Majestade, Vossa Senhoria) devem ser usadas quando designamos a segunda pessoa do discurso, ou seja, o interlocutor; para designar a terceira pessoa, ou seja, aquela de quem se fala, é

necessário substituir Vossa por Sua, obtendo os pronomes Sua Alteza, Sua Eminência, Sua Excelência, etc.
- nota da ledora: desenho, de meia página, representando um rei falando ao povo, e atrás dele, seu séquito repetindo a sua fala, textualmente. O rei fala para o povo : Povo da minha terra. - e a corte, ao lado do rei, grita…- POVO DA MINHA TERRA…
- segue-se a este quadro legenda, falada por alguém, em meio a multidão: - Sua majestade acaba de inventar a amplificação sonora!
- fim da nota.
Comentando a inovação tecnológica que o rei introduziu no comício, o homem do povo usa corretamente a forma "Sua Majestade acaba de...'; pois está se referindo à terceira pessoa (aquela de quem se fala). Se ele quisesse dirigir a palavra ao rei diretamente, devera dizer: - " vossa Majestade acaba de … "
Também são pronomes de tratamento o senhor, a senhora e você, vocês. O senhor e a senhora são empregados no tratamento cerimonioso; você e vocês, no tratamento familiar. Você e vocês são largamente empregados no português do Brasil, praticamente substituindo as formas tu e vós.
É importante notar que esses pronomes de tratamento exigem o verbo e outros pronomes de terceira pessoa. Observe a frase seguinte:
Vossa Excelência apresentará seu projeto na sessão de hoje?
No caso de você e vocês, essas relações devem ser atentamente observadas. As formas você e vocês podem ser usadas no papel de pronomes pessoais do caso reto (atuando como sujeito ou predicativo) ou no de pronomes pessoais do caso oblíquo (atuando como complementos verbais e nominais):
Você já foi a Roma?
O mais indicado para o cargo é você.
Vi você ontem na praça.
Darei as respostas a você.
Nunca houve nada entre mim e você.
Também se usam as formas oblíquas o, a, os, as; lhe, lhes, se, si e consigo em combinação com você, vocês (e outros pronomes de tratamento):
Você não foi porque não quis. Eu o havia avisado do encontro.
Já lhe disse várias vezes que você não deve insistir. Você só é capaz de pensar em si?
Você só se preocupa consigo mesmo?
Na língua culta, não se devem misturar os tratamentos tu e você, como ocorre com freqüência, no Brasil, na língua oral cotidiana. Devem-se evitar frases como:
Se você precisar, vou te ajudar.
Em seu lugar, devemos usar frases com tratamento uniforme:
Se você precisar, vou ajudá-lo. (ou ajudar você)
ou
Se (tu) precisares, vou te ajudar.
Na língua coloquial, utiliza-se com freqüência a forma a gente como pronome de primeira pessoa do plural. O verbo deve permanecer na terceira pessoa do singular:
Com o tempo, a gente aprende cada coisa!
Na língua formal, essa forma deve ser substituída por nós.

3 PRONOMES POSSESSIVOS

Os pronomes possessivos fazem referência as pessoas do discurso, atribuindo-lhes a posse de algo. São os seguintes:
primeira pessoa do singular: meu, meus, minha, minhas
primeira pessoa do plural: nosso, nossos, nossa, nossas
segunda pessoa do singular: teu, teus, tua, tuas
segunda pessoa do plural: vosso, vossos, vossa, vossas
terceira pessoa do singular: seu, seus, sua, suas

terceira pessoa do plural: seu, seus, sua, suas
- nota da ledora: propaganda de cunho ecológico, com o seguinte texto: - A RioCell apoia os pescadores da sua região - ilustração da propaganda, a foto de um pássaro martim-pescador, com um peixinho no bico.
- fim da nota.
Leia a explicação abaixo para entender a forma que os pronomes possessivos assumem na frase.
A forma do possessivo depende da pessoa gramatical a que se refere. O gênero e o número concordam com o objeto possuído:
Dou meu apoio e minha solidariedade.
Meu e minha são pronomes possessivos relativos à primeira pessoa do singular, em sintonia com o pronome eu, também da primeira pessoa, implícito na forma verbal dou. Estão, respectivamente, no masculino e no feminino singular, em concordância com os substantivos apoio e solidariedade. Os pronomes de tratamento utilizam os possessivos da terceira pessoa:
Vossa Excelência apresentou sua proposta na sessão de hoje?
Você deve encaminhar seu relatório à direção do colégio.
Esteja certo de que seus colegas o apoiarão.
Na língua coloquial, a tendência é construir frases relacionando você com os possessivos da segunda pessoa do singular ("Você trouxe o teu livro?"). Essa tendência deve ser evitada na língua formal falada ou escrita.
Em algumas construções, os pronomes pessoais oblíquos átonos assumem valor de possessivos:
Vou seguir-lhe os passos.
(= Vou seguir seus/os seus passos.)
"E além de tudo me deixou mudo o violão." (Chico Buarque, "A Rita")
(= deixou mudo meu/o meu violão.)
Observe que o artigo é optativo antes dos possessivos:
"Meu coração é um balde despejado"(Fernando Pessoa)
"O meu amor sozinho é assim como um jardim sem flor"
(Carlos Lira e Vinicius de Moraes, "Primavera")
4 PRONOMES DEMONSTRATIVOS
Os pronomes demonstrativos indicam a posição dos seres designados em relação às pessoas do discurso, situando-os no espaço, no tempo ou no próprio discurso.
Apresentam-se em formas variáveis (em gênero e número) e invariáveis:
primeira pessoa: este, estes, esta, estas, isto
segunda pessoa: esse, esses, essa, essas, isso
terceira pessoa: aquele, aqueles, aquela, aquelas, aquilo
As formas de primeira pessoa indicam proximidade de quem fala ou escreve:
Este rapaz é um velho companheiro.
Esta blusa que estou usando é confortável.
Os demonstrativos de primeira pessoa podem indicar também o tempo presente em relação a quem fala ou escreve:
Nestas últimas semanas, parece que o mundo mudou mais do que nos últimos séculos.
As formas esse, esses, essa, essas e isso indicam proximidade da pessoa a quem se fala ou escreve:
O que é isso que está em sua mão?
Nunca imaginei que esse corpo conseguisse suportar tanto trabalho.
"Esse seu olhar quando encontra o meu, fala de umas coisas..." ("Esse seu olhar", Tom Jobim)
Os demonstrativos de segunda pessoa também podem indicar o passado ou o futuro próximos de quem fala ou escreve:

Meu rendimento aumentou nesses meses.
(o emissor refere-se a meses que já passaram)
Os pronomes aquele, aqueles, aquela, aquelas e aquilo indicam o que está distante tanto de quem fala ou escreve como da pessoa a quem se fala ou escreve:
Veja aqueles monumentos.
Quem é aquela moça que está do outro lado da rua?
Esses pronomes também podem indicar um passado vago ou remoto:
Naqueles tempos, o país era mais otimista.
Naquela época, podia-se ir aos estádios e voltar vivo.
Esses pronomes demonstrativos também podem estabelecer relações entre as partes do discurso, ou seja, podem relacionar aquilo que já foi dito numa frase ou texto com o que ainda se vai dizer. Observe:
Minha tese é esta: crescimento econômico só se justifica quando produz bem-estar social.
Crescimento econômico só se justifica quando produz bem-estar social Essa é minha tese.
- nota da ledora: na página, uma tira de três desenhos, em quadrinhos, onde dois homens travam o seguinte diálogo: - gerente : dei uma olhada na sua sugestão. Decidi que é impossível. interlocutor: Já resolvi o problema. gerente: não vai dar certo. interlocutor: Está dando certo. gerente : Você escreveu errado essa palavra. interlocutor: Isso é um algarismo.
- fim da nota.
No último quadrinho, o gerente diz "esta palavra " porque a palavra está próxima dele. Seu interlocutor usa a forma "Isso é um algarismo " porque o dito algarismo está próximo de seu gerente.
Este (e as outras formas de primeira pessoa) se refere ao que ainda vai ser dito na frase ou texto; esse (e as outras formas de segunda pessoa) se refere ao que já foi dito na frase ou texto.
Também se pode utilizar a oposição entre os pronomes de primeira pessoa e os de terceira na retomada de elementos anteriormente citados:
Um amigo visitou Miami e Roma. Nesta (em Roma), emocionou-se, tropeçou em história e teve uma verdadeira aula de civilização e cultura; naquela (em Miami), comprou tênis e aparelhos eletrônicos.
Há alguns pronomes demonstrativos que desempenham papel importantíssimo no interrelacionamento
das partes que constituem frases e textos.
O, os, a, as são pronomes demonstrativos quando podem ser substituídos por isto, isso, aquilo ou aquele, aqueles, aquela, aquelas. É o que se verifica em frases como:
Devemos transformar nosso quadro social: é preciso que o façamos logo.
(= …é preciso que façamos isso logo.)
A que apresentar o melhor texto será aprovada.
(= Aquela que apresentar o melhor texto...)
Não se pode ignorar tudo o que já foi discutido.
(=.. tudo aquilo que já foi discutido.)
Tal, tais podem ter sentido próximo ao dos pronomes demonstrativos estudados acima ou de semelhante, semelhantes; nesses casos, são considerados pronomes demonstrativos, como ocorre nas frases:
Tal foi a constatação de todos, inevitável àquela altura.
(= Essa foi...)
Jamais supus que fossem capazes de pro ferir tal aberração!
(= semelhante aberração!)
Semelhante, semelhantes são demonstrativos quando eqüivalem a tal, tais:

Não se veriam semelhantes grosserias se as pessoas tivessem um mínimo de sensibilidade.
(= Não se veriam tais grosserias...)
Mesmo, mesmos, mesma, mesmas; próprio, próprios, própria, próprias são demonstrativos quando têm o sentido de "idêntico", "em pessoa":
Não é possível continuar insistindo nos mesmos erros.
Ela própria deve fiscalizar a mercadoria que lhe é entregue.
sando furor
5 PRONOMES RELATIVOS
Os pronomes relativos se referem a um termo anterior - chamado antecedente -, projetando-o na oração seguinte, subordinada a esse antecedente. Cumprem, portanto, duplo papel: substituem ou especificam um antecedente e introduzem uma oração subordinada. Atuam, assim, como pronomes e conectivos a um só tempo. Observe:
"Bebi o café que eu mesmo preparei. "(Manuel Bandeira)
A palavra que é, na frase acima, um pronome relativo. O antecedente a que se relaciona é o café; a oração que se subordina a esse antecedente é que eu mesmo preparei.
Desdobrando o período composto acima em duas orações, percebemos claramente qual o papel desempenhado pelo pronome relativo que:
Bebi o café. Eu mesmo preparei o café.
Percebe-se que o relativo que, que introduz a segunda oração, substitui o café.
Os pronomes relativos da língua portuguesa são divididos em variáveis e invariáveis:
Invariáveis
que
quem
quando
como
onde
Variáveis
qual, os quais, a qual, as quais
cujo, cujos, cuja, cujas
quanto, quantos, quantas
Que é ; sem dúvida o pronome mais usado. Por isso, e/e é chamado relativo universal.
Pode ser usado com referência a pessoa ou coisa, no singular ou no plural:
Aqui está o amigo de que lhe falei.
Aqui estão os amigos de que lhe falei.
Aqui está o livro que lerei nas férias.
Aqui estão os livros que lerei nas férias.
O qual, os quais, a qual e as quais são exclusivamente pronomes relativos. Por isso constituem recurso didático largamente empregado para verificar se palavras como que, quem e onde (que podem pertencer a mais de uma classe de palavras) são pronomes relativos. São usados com referência a pessoa ou coisa por motivo de clareza ou depois de determinadas preposições:
Ele trabalha na maior unidade do grupo empresarial, a qual produz sofisticados equipamentos eletrônicos.
(Note que o emprego de que nesse caso geraria ambigüidade, visto que poderia recuperar unidade ou grupo.)
As únicas teses sobre as quais ninguém tem dúvidas já foram discutidas e rediscutidas.
(Muitos autores não admitem o uso do que depois de sobre e outras preposições dissilábicas, como para.)
Cujo e suas flexões eqüivalem a de que, do qual, de quem. Normalmente, estabelecem relação de posse entre o antecedente e o termo que especificam:
Deve-se votar em candidatos cujo passado seja garantia de comportamento coerente.

(= o passado desses candidatos deve ser garantia...)
É um homem de cujas opiniões só se pode discordar.
(= das opiniões desse homem só se pode discordar.)
É importante notar que nunca se usa artigo depois de cujo: "cujo filho" e não "cujo o filho".
Quem refere-se a pessoa ou a algo personificado:
Este poeta, a quem o povo deveria respeitar; é o que melhor traduz a alma brasileira.
Este é meu cão, a quem prezo como companheiro.
Onde é pronome relativo quando eqüivale a em que; deve ser usado, portanto, unicamente na indicação de lugar:
Você conhece uma cidade brasileira onde se possa atravessar a rua em segurança?
Quero que você veja a escola onde fiz meus primeiros garranchos.
Quanto, quantos e quantas são pronomes relativos quando usados depois dos pronomes indefinidos tudo, todos ou todas:
Trouxe tudo quanto me pediram.
Você deve perguntar a todos quantos estavam lá.
Quando e como são relativos que exprimem noções de tempo e modo, respectivamente:
É o momento quando o céu se torna infinitamente azul.
Não aceito a forma como ela tratou você na reunião.
É fácil observar que os pronomes relativos são elementos fundamentais para a boa articulação de frases e textos: sua propriedade de atuar como pronomes e conectivos simultaneamente favorece a síntese e evita a repetição de termos.
Você poderá perceber melhor esse papel nas atividades que vêm adiante e no estudo das orações subordinadas adjetivas, na parte reservada a Sintaxe.
- nota da ledora: quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÃO
Alguns autores defendem a existência de pronomes relativos sem antecedentes, em frases como:
Quem não deve não teme.
Ficou quieto onde o deixaram.
Nesses casos, os pronomes quem e onde seriam equivalentes a aqueles que e no lugar em que, respectivamente.
- fim do quadro.
- nota da ledora: propaganda da Feira de Utilidade Doméstica, UD 97, no Anhembi, em São Paulo, apresentando a seguinte: uma mulher sobre duas caixas de cadeira, olhando por cima de um muro, e a seguinte frase: - Quem é curioso vai.
- fim da nota.
No período "Quem é curioso vai "; observamos uma curiosa ocorrência gramatical: um pronome relativo sem antecedente. Para certos gramáticos, quem deve ser desdobrado em aquele que.
6 PRONOME INDEFINIDO
Os pronomes indefinidos referem-se à terceira pessoa do discurso de forma vaga, imprecisa ou genérica. É o que se verifica, por exemplo, na frase:
Alguém esteve lá durante minha ausência e levou os documentos.
Não é difícil constatar que o pronome alguém faz referência a uma pessoa da qual se fala (uma terceira pessoa, portanto) de forma imprecisa, vaga. É um termo que indica um ser humano de cuja existência se tem certeza, mas cuja identidade não é conhecida.
Os pronomes indefinidos formam um grupo bastante numeroso.
Alguns são variáveis; outros são invariáveis.
Invariáveis
alguém, ninguém, cada
tudo, nada, outrem

algo, mais, menos, demais
Variáveis
algum, alguns, alguma, algumas nenhum, nenhuns, nenhuma, nenhumas todo, todos, toda, todas, outro, outros, outra, outras muito, muitos, muita, muitas, pouco, poucos, pouca, poucas, certo, certos, certa, certas, vário, vários, vária, várias tanto, tantos, tanta, tantas, quanto, quantos, quanta, quantas um, uns, uma, umas, bastante, bastantes, qualquer, quaisquer.
- nota da ledora: Detalhe de anúncio da Associação Desportiva para Deficientes Físicos; o cartaz traz a foto de um homem cadeirante, (em cadeira de rodas) com uma bola de basquete ao colo, e o seguinte texto: - Alguns paraplégicos reclamam da cadeira. Eu prefiro pensar nas rodas.
- fim da nota.
Eis aqui uma bela antítese baseada no uso de pronomes. A estática amargura de alguns (pronome indefinido) se contrapõe a dinâmica vontade do eu (pronome pessoal).
Além desses pronomes, existem também as locuções pronominais indefinidas:
cada um, cada qual, quem quer que, todo aquele que, tudo o mais etc.
Se você analisar com atenção os pronomes indefinidos, vai perceber que existem alguns grupos que criam sistemas de oposição de sentido. É o caso, por exemplo, de:
algum/alguém! algo, que têm sentido afirmativo, e nenhum/ninguém/ nada, que têm sentido negativo;
todo/ tudo, que indicam uma totalidade afirmativa, e nenhum/ nada, que indicam uma totalidade negativa;
alguém/ ninguém, que se referem a pessoa, e algo/ nada, que se referem a coisa;
certo, que particulariza, e qualquer, que generaliza.
Essa oposição de sentido é muito importante para construir frases e textos coerentes. Muitas vezes, a solidez e a consistência dos argumentos expostos dependem justamente dessa oposição. Verifique nas frases seguintes a força que os pronomes indefinidos destacados conferem às afirmações de que são parte:
Nada do que se apurou produziu algum resultado prático. E ninguém se beneficiou com os milhões investidos nesses projetos megalomaníacos.
Procure levar em conta todas as informações constantes do manual. Não há nenhuma possibilidade de que algo não possa ser resolvido com essas instruções.
Algumas pessoas não se convencem de que certos assuntos não devem ser discutidos por pessoas quaisquer.
O pronome qualquer não deve ser usado com o sentido de nenhum. Não se deve dizer "O time não tem qualquer possibilidade de classificação". A construção indicada é "O time não tem nenhuma possibilidade de classificação". Qualquer deve indeterminar, generalizar:
"A partir de amanhã, qualquer brasileiro poderá sacar suas cotas do PIS".
7 PRONOMES INTERROGATIVOS
Os pronomes que, quem, qual e quanto, na teoria indefinidos, são classificados particularmente como interrogativos porque são empregados para formular interrogações diretas ou indiretas:
Que foi isso?
Quero saber que foi isso.
Qual o melhor itinerário?
Quero saber qual é o melhor itinerário.
Quem é esse rapaz?
Quero saber quem é esse rapaz.
Quanto custa?
Quero saber quanto custa.
CAPÍTULO 14

ESTUDO DOS NUMERAIS
- nota da ledora: propaganda da 11a. semana internacional de cria\cão publicitária, no cartaz, uma tomada macho, com os dos pinos acrescentados de dois pequenos riscos, transformados, representando o número 11.
- fim da nota.
Num mundo tão apegado à quantificação, a gramática não poderia manter-se à parte. Por isso ela também dispõe de palavras para contar, ordenar dividir e multiplicar. Multiplicação que parece não ter fim, aliás, é a criatividade dos publicitários, como percebe-mos pelo anúncio ao lado.
1 CONCEITO
Numeral é a classe de palavras que denota um número exato de coisas, seres ou conceitos ou indica a posição que ocupam numa determinada ordem. Quando apenas nomeia o número de seres, o numeral é chamado cardinal (um, dois, três..., cinqüenta, cem mil, etc.). Quando indica a ordem que o ser ocupa numa série, o numeral é chamado ordinal (primeiro, segundo, terceiro..., qüinquagésimo, centésimo milésimo, etc.).
Existem também os numerais multiplicativos e os numerais fracionários. Os multiplicativos exprimem aumentos proporcionais de quantidade, indicando números que são múltiplos de outros (dobro, triplo, quádruplo, etc.). Os fracionários indicam a diminuição proporcional da quantidade, o seu fracionamento (metade, um terço, um décimo, etc.).
2 QUADRO DOS NUMERAIS
Apresentamos a seguir três quadros de numerais: no primeiro, você encontrará os cardinais e os ordinais, além dos algarismos arábicos e romanos; no segundo, os numerais multiplicativos; no terceiro, os fracionários. Após cada quadro faremos as observações pertinentes.
- nota da ledora: quadro de destaque na página, tabela de numerais cardinais e ordinais
- fim da nota.
NUMERAIS CARDINAIS E ORDINAIS
algarismo arábico 1, algarismo romano I, cardinal um, ordinal primeiro;
algarismo arábico 2, algarismo romano II, cardinal dois, ordinal segundo
algarismo arábico 3, algarismo romano III, cardinal três, ordinal terceiro
algarismo arábico 4, algarismo romano IV, cardinal quatro, ordinal quarto
algarismo arábico 5, algarismo romano V, cardinal cinco, ordinal quinto
algarismo arábico 6, algarismo romano VI, cardinal seis, ordinal sexto
algarismo arábico 7, algarismo romano VII, cardinal sete, ordinal sétimo
algarismo arábico 8, algarismo romano VIII, cardinal oito, ordinaloitavo
algarismo arábico 9, algarismo romano IX, cardinal nove, ordinal nono
algarismo arábico 10, algarismo romano X, cardinal dez, ordinal décimo
algarismo arábico 11, algarismo romano XI, cardinal onze, ordinal décimo primeiro, undécimo, ou onzeno
algarismo arábico 12, algarismo romano XII, cardinal doze, ordinaldécimo segundo, duodécimo ou dozeno
algarismo arábico 13, algarismo romano XIII, cardinal treze, ordinal décimo terceiro, tércio décimo ou trezeno
algarismo arábico 14, algarismo romano XIV, cardinal catorze ou quatorze, ordinal décimo quarto
algarismo arábico 15, algarismo romano XV, cardinal quinze, ordinal décimo quinto
algarismo arábico 16, algarismo romano XVI, cardinal dezesseis, ordinal décimo sexto
algarismo arábico 17, algarismo romano XVII, cardinal dezessete, ordinal décimo sétimo

algarismo arábico 18, algarismo romano XVIII, cardinal dezoito, ordinal décimo oitavo
algarismo arábico 19, algarismo romano XIX, cardinal dezenove, ordinal décimo nono
algarismo arábico 20, algarismo romano XX, cardinal vinte, ordinal vigésimo
algarismo arábico 21, algarismo romano XXI, cardinal vinte e um, ordinal vigésimo primeiro
algarismo arábico 30, algarismo romano XXX, cardinal trinta, ordinal trigésimo
algarismo arábico 40, algarismo romano XL, cardinal quarenta, ordinal quadragésimo
50 L cinqüenta qüinquagéssimo
60 IX sessenta sexagésimo
70 LXX setenta setuagésimo ou septuagésimo
80 LXXX oitenta octogésimo
90 XC noventa nonagésimo
100 C cem centésimo
200 CC duzentos ducentésimo
300 CCC trezentos trecentésimo
400 CD quatrocentos quadringentésimo
500 D quinhentos qüingentésimo
600 DC seiscentos seiscentésimo ou sexcentésimo
700 DCC setecentos setingentésimo ou septingentésimo
800 DCCC oitocentos octingentésimo
900 CM novecentos nongentésimo ou noningentésimo
1000 M mil milésimo
10000 -X dez mil décimo milésimo
- nota da ledora: dez mil em algarismos romanos, escreve-se com uma sobre-linha no X, um tracinho sobre a letra x, o programa não aceita este caractere pois não esta programado, em nenhum dos oito idiomas que trabalhamos.
- fim da nota.
100000 -C cem mil centésimo milésimo
1 000 000 -M um milhão milionésimo
1 000 000000 --M um bilhão ou bilião bilionésimo
- nota da ledora: em algarismos romanos, no caso de cem mil, e de um milhão, colocase a sobre-linha nas letras C, e M respectivamente. No caso de bilhão, coloca-se duas sobre-linhas paralelas, horizontais, sobre a letra M.
- fim da nota.
- nota da ledora: quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÕES:
1. Atente na possibilidade de usar as formas catorze ou quatorze, bilhão ou bilião. Aliás, é bom saber que bilhão, no Brasil, significa "mil milhões" (10 elevado a 9 potência ou 1 000000 000); em Portugal, "um milhão de milhões" (10 elevado a 12a. potência ou 1 000000000000).
2. Atente na grafia das formas dezesseis, dezessete, cinqüenta e seiscentos. A forma "cincoenta" é incorreta.
3. Atente nas formas cultas octogésimo e trecentésimo. A forma tricentésimo é aceita por alguns gramáticos e já se encontra dicionarizada - a segunda edição do Novo Dicionário Aurélio, por exemplo, abona essa forma.
- fim do quadro de destaque.
NUMERAIS MULTIPLICATIVOS
duplo, dobro, ou dúplice; triplo ou tríplice; quádruplo, quíntuplo, sêxtuplo, séptupIo, óctuplo nônuplo, décuplo undécuplo duodécuplo céntuplo
NUMERAIS FRACIONÁRIOS
meio ou metade, terço, quarto, quinto, sexto, sétimo, oitavo, nono, décimo, onze avos, doze avos, centésimo,

- nota da ledora: quadros em destaque na página:
Observação 1: No lugar de qualquer multiplicativo pode ser usada a combinação numeral cardinal + vezes. Essa combinação supre os casos em que não há formas speciais , como treze vezes, quarenta e seis vezes, cinqüenta e duas vezes, etc. - fim do quadro.
Observação 2: os numerais fracionários propriamente ditos são meio (ou metade) e terço. Os demais são na verdade expressos pelos ordinal correspondente, seguido da palavra avos: onze avos, doze avos, vinte avos, quarenta avos.
- fim do quadro.
3 FLEXÃO
Os numerais cardinais que variam em gênero são um/ uma, dois/duas e os que indicam centenas, de duzentos/duzentas em diante: trezentos/ trezentas, quatrocentos/quatrocentas, etc.
Cardinais como milhão, bilhão (ou bilião), trilhão, etc. variam em número: milhões, bilhões (ou biliões), trilhões, etc. Os demais cardinais são invariáveis.
Os numerais ordinais variam em gênero e número: primeiro, primeira, primeiros, primeiras; segundo, segunda, segundos, segundas; milésimo, milésima, milésimos, milésimas.
Os numerais multiplicativos são invariáveis quando atuam em funções substantivas:
Fizeram o dobro do esforço e conseguiram o triplo de produção.
Quando atuam em funções adjetivas, flexionam-se em gênero e número:
Teve de tomar doses triplas do medicamento.
Os numerais fracionários flexionam-se em gênero e número: um terço, uma terça parte; dois terços, duas terças partes.
É comum na linguagem coloquial a indicação de grau nos numerais, traduzindo afetividade ou especialização de sentido. É o que ocorre em frases como:
Me empresta duzentinho...
Aquela revista já está custando duzentão.
Ele é sempre o primeirão nessas coisas.
É artigo de primeiríssima qualidade!
O time está arriscado a ir parar na segundona. (= Segunda Divisão)
4 EMPREGO
Para designar papas, reis, imperadores, séculos e partes em que se divide uma obra, quando o numeral vem depois do substantivo, utilizam-se os ordinais até décimo e a partir daí os cardinais. Observe:
João Paulo II (segundo)
D. Pedro II (segundo)
Ato II (segundo)
Canto IX (nono)
Século VIII (oitavo)
João XXIII (vinte e três)
Luís XVI (dezesseis)
Capítulo XX (vinte)
Tomo XV (quinze)
Século XX (vinte)
Para designar leis, decretos e portaras, utiliza-se o ordinal até nono e o cardinal de dez em diante:
Artigo 1o.(primeiro) Artigo 10(dez)
Artigo 9o.(nono) Artigo 21 (vinte e um)
Para designar dias do mês, utilizam-se os cardinais, exceto na indicação do primeiro dia, que é tradicionalmente feita pelo ordinal:
Chegamos dia dois de setembro.

Chegamos dia primeiro de dezembro.
Quando o numeral estiver anteposto ao substantivo em algum dos casos descritos acima, será empregada a forma ordinal:
o décimo segundo capítulo
o vigésimo primeiro canto
o décimo terceiro artigo do código
o vigésimo segundo dia do mês de fevereiro
Ambos/ambas são considerados numerais. Significam "um e outro, os dois" (ou "uma e outra, as duas") e são largamente empregados para retomar pares de seres anteriormente citados:
Pedro e João parecem ter finalmente percebido a importância da solidariedade.
Ambos agora participam das atividades comunitárias de seu bairro.
Podem-se utilizar também as formas enfáticas ambos os dois, ambos a dois, ambos de dois, a ambos dois.
Não se deve usar um antes de mil: O serviço custaria mil reais. "Um mil" e "hum mil" são formas tradicionais no preenchimento de cheques e devem limitar-se a esse uso.
Milhão e milhar são palavras masculinas; por isso, o artigo que se refere a elas deve ser masculino: os dois milhões de doses de vacina, os cinco milhões de liras, os vinte milhões de mulheres; os dois milhares de crianças, os três milhares de mudas de árvores, etc.
Um é numeral cardinal quando realmente indica quantidade exata. Nesse caso, seu plural é dois:
Um cão é suficiente para proteger a casa.
Um é artigo indefinido quando indica um ser indeterminado. Nesse caso, seu plural é uns ou alguns:
Precisamos de um cão para proteger a casa.
- nota da ledora: desenho de um pirata, com a perna de pau, falando com um cidadão: - eu só dei um passo errado, na vida.
- fim da nota.
Costuma-se usar a expressão dar um passo em falso, em sentido figurado, para designar uma atitude ou decisão errada. O personagem acima, porém, parece pouco dado à linguagem figurada; a palavra um, aí, é numeral cardinal.

CAPÍTULO 15
ESTUDO DAS PREPOSIÇÕES

1 CONCEITO

Preposição é a palavra invariável que atua como conectivo entre palavras ou orações, estabelecendo sempre uma relação de subordinação. Isso significa que, entre os termos ou orações ligados por uma preposição, haverá uma relação de dependência, em que um dos termos, ou uma das orações, assume o papel de subordinante e o outro, de subordinado:
Obedeço (subordinado), aos meus princípios. (subordinante)
Continuo obediente (subordinado), aos meus princípios.(subordinante)
E uma pessoa (subordinado), de valor.(subordinante)
Tive de agir (subordinado), com cautela. (subordinante)
Ao chegar, (subordinado), foi recebido pelo encarregado da seção.(subordinante)
Em alguns casos (particularmente nas locuções adverbais), as preposições não apenas conectam termos da oração, mas também indicam noções fundamentais à compreensão da frase. Observe:
Saí (com) pressa.
Saí (sem) pressa.
Pus (sob) a mesa.
Pus (sobre) a mesa.

Estou (com) vocês.
Estou (contra) vocês.
É evidente a diferença de sentido entre as frases de cada um dos pares acima; também é evidente que essa diferença de sentido resulta da utilização de preposições diferentes, capazes de indicar noções diferentes ao estabelecer relações entre os termos das orações.

2 CLASSIFICAÇÃO

As palavras da língua portuguesa que atuam exclusivamente como preposições são chamadas preposições essenciais. As preposições essenciais são:a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por, sem, sob, sobre, trás,
- nota da ledora: na página, reprodução de pintura de Renoir, retratando duas ninfas, bem nutridas, gordinhas, representantes da figura, saudável, de mulheres da renacença; logo abaixo, reprodução do mesmo quadro, apresentando as duas ex-ninfas como protótipo de mulheres da geração diet, atual, bem magrinhas, após tomarem iogurte diet chambourcy, e a legenda: viver em forma é possível.
- fim da nota.

Após pertence ao grupo das preposições essenciais.
- nota da ledora: quadro de destaque, na página.

OBSERVAÇÕES

1. Não se deve confundir a preposição a com o artigo definido a e com o pronome a. A preposição é invariável; o artigo e o pronome se flexionam de acordo com o termo a que se referem:

Não dou atenção (a) mexericos. (preposição - observe que não estabelece concordância com o substantivo masculino plural mexericos.)

(As) fofocas desses indivíduos, ignoro-as. (artigo definido e pronome - estabelecem concordância com o substantivo feminino plural fofocas.)

2. No português atual, a preposição trás não é usada isoladamente; atua, sempre, como parte de outras expressões: por trás, por trás de, para trás.
- fim do quadro.

Há palavras de outras classes gramaticais que, em determinados contextos, podem atuar como preposições. São, por isso, chamadas preposições acidentais.

Podem atuar como preposições, por exemplo: como (= na qualidade de), conforme (= de acordo com), consoante (= conforme), exceto, fora, mediante, salvo, segundo (=conforme), senão, tirante, visto (= por), etc.

Conjuntos de duas ou mais palavras que têm o valor de uma preposição são chamados de locuções prepositivas. A ultima palavra dessas locuções é sempre uma preposição. Eis alguns exemplos:

abaixo de, acerca de, acima de, ao lado de, a respeito de, de acordo com,dentro de, embaixo de, em cima de, em frente a, em redor de, graças a, junto a, junto de, perto de, por causa de, por cima de, por trás de.

3 COMBINAÇÕES E CONTRAÇÕES

Várias preposições se ligam a palavras de outras classes gramaticais, passando a constituir um único vocábulo. Essas ligações, que ocorrem espontaneamente na língua falada, acabam se refletindo muitas vezes na língua escrita.

Ocorre combinação quando a preposição, ao unir-se a outra palavra, mantém todos os seus fonemas. É o que acontece entre a preposição a e o artigo masculino o, os: ao, aos.

Ocorre contração quando a preposição, ao unir-se a outra palavra, sofre modificações em sua estrutura fonológica. As preposições de e em, por exemplo, formam contrações com os artigos e com diversos pronomes, originando formas como do, dos, da, das; num, nuns, numa, numas; disto, disso, daquilo; naquele, naqueles, naquela, naquelas, etc. As formas pelo, pelos, pela, pelas resultam da contração da antiga preposição per com os artigos definidos.

A contração da preposição a com os artigos ou pronomes demonstrativos a, as ou com o a inicial dos pronomes aquele, aqueles, aquela, aquelas, aquilo recebe o nome de crase (que é, aliás, o nome que se dá a toda contração de vogais idênticas) e é assinalada na escrita pelo acento grave: à, às, àquele, àqueles, àquela, àquelas, àquilo. Estudaremos detalhadamente o uso desse acento num outro capítulo de nosso livro.

CAPÍTULO 16
ESTUDO DAS CONJUNÇÕES

1 CONCEITO

Conjunções são palavras invariáveis que unem termos de uma oração ou unem orações. As conjunções podem relacionar termos de mesmo valor sintático ou orações sintaticamente equivalentes - as chamadas orações coordenadas - ou podem relacionar uma oração com outra que nela desempenha função sintática - respectivamente, uma oração principal e uma oração subordinada. Ohserve:

Nossa realidade social é precária (e) nefasta.

A situação social do país é precária, (mas) ainda existem aqueles que só buscam privilégios pessoais.

Não se pode deixar de perceber (que) a situação social do país é precária.

Na primeira frase, a conjunção e une dois termos equivalentes: precária e nefasta.

Na segunda frase, a conjunção mas une duas orações coordenadas: "A situação social do país é precária" e "ainda existem aqueles que só buscam privilégios pessoais". É fácil perceber que cada uma dessas orações é completa em si mesma, podendo até mesmo ser separada da outra por ponto. Na terceira frase, a conjunção que une a oração "Não se pode deixar de perceber" à oração "a situação social do país é precária". Note que o sentido do verbo perceber, presente na primeira oração, é complementado pela segunda oração da frase: perceber, é, no caso, "perceber que a situação social do país é precária". Isso significa que a segunda oração é subordinada à primeira, pois atua como complemento do verbo dessa primeira oração. A conjunção que está unindo uma oração subordinada à sua oração principal. As conjunções e as preposições são as chamadas palavras relacionais da língua.

São chamados locuções conjuntivas os conjuntos de palavras que atuam como conjunções. Essas locuções geralmente terminam em que: visto que, desde que, ainda que, por mais que, à medida que, à proporção que, etc.

Os mesmos critérios de classificação aplicados às conjunções simples são aplicados às locuções conjuntivas.

2 CLASSIFICAÇÃO

As conjunções são primeiramente classificadas em coordenativas e subordinativas, de acordo com o tipo de relação que estabelecem. As conjunções coordenativas ligam termos ou orações sintaticamente equivalentes. As conjunções subordinativas ligam uma oração a outra que nela desempenha função sintática; em outras palavras, ligam uma oração principal a uma oração que lhe é subordinada.

De acordo com o sentido das relações que estabelecem, as conjunções coordenativas são classificadas em:

aditivas (exprimem adição, soma): e, nem, não só... mas também, etc.;

adversativas (exprimem oposição, contraste): mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante, etc.;

alternativas (exprimem alternância ou exclusão): ou, ou, ou, ora, ura,etc.;

conclusivas (exprimem conclusão): logo, portanto, por conseguinte, pois (posposto ao verbo), etc.;

explicativas (exprimem explicação): pois (anteposto ao verbo), que, porque, porquanto. Etc.

Já as conjunções subordinativas são classificadas em:

integrantes (introduzem orações subordinadas substantivas): que, se, como;

causais (exprimem causa): porque, como, uma vez que, visto que, já que, etc.;
- nota da ledora: quadro de propaganda ecológica, composto de 5 quadros menores, com os seguintes dizeres: 1o. quadro: este filmee foi poduzido originalmente em preto e branco. 2o. quadro: mico-leão-dourado. 3o. quadro: ganso-cor-de-rosa, 4o. quadro: se continuar assim, só vão sobrar cinzas. (referente a queimadas e a cor da mistura do preto com o branco), 5o. e último quadro: SOS MATA ATLANTICA (com a bandeira do Brasil, em cores.).
- fim da nota.
No penúltimo quadro, temos exemplo de conjunção subordinativa condicional: "Se continuar assim…
concessivas (exprimem concessão): embora, ainda que, mesmo que, conquanto, apesar de que, etc.;
condicionais (exprimem condição ou hipótese): se, caso, desde que, contanto que, etc.;
conformativas (exprimem conformidade): conforme, consoante, segundo, como, etc.;
comparativas (estabelecem comparação): como, mais... (do) que, menos... (do) que, etc.;
consecutivas (exprimem consequência): que, de sorte que, de forma que, etc.;
finais (exprimem-finalidade): para que, a fim de que, que, porque, etc.;
proporcionais (estabelecem proporção): à medida que, à proporção que, ao passo que, quanto mais..., menos..., etc.;
temporais (indicam tempo): quando, enquanto, antes que, depois que, desde que, logo que, assim que, etc.
A classificação das conjunções deve ser feita a partir de seu efetivo emprego nas frases da língua. Por isso, as relações que apresentamos não devem ser memorizadas: você deve consultá-las quando for necessário. O estudo efetivo do valor dessas conjunções só será possível quando observarmos atentamente sua atuação. Faremos isso nos capítulos de Sintaxe dedicados ao período composto.

CAPÍTULO 17
ESTUDO DAS INTERJEIÇÕES

1 CONCEITO

Interjeições são palavras invariáveis que exprimem emoções, sensações, estados de espírito, ou que procuram agir sobre o interlocutor, levando-o a adotar determinados comportamentos sem que se faça uso de estruturas lingüísticas mais elaboradas.
Observe:
Ah!- pode exprimir prazer, deslumbramento, decepção;
Psiu! - pode indicar que se está querendo atrair a atenção do interlocutor ou que se quer que ele faça silêncio.
Em alguns casos, há um conjunto de palavras que atua como uma interjeição:
são as locuções interjectivas, como Valha-me Deus! ou Macacos me mordam!
OUTRAS INTERJEIÇÕES E LOCUÇÕES INTERJECTiVAS
Interjeições e locuções
oh!, ah!, oba!, viva! - expressam alegria.
ai! ui! - expressam dor
oh!, ah!, ih!, opa!, caramba!, upa!, céus!, puxa!, xi!, gente!, hem?!, meu Deus!, uaí!
olá!, alô!, ô!, oi!, psiu!, psit!, ó! - expressam chamamento
uh!, credo!, cruzes!, Jesus!, ai! - expressam medo
tomara!, oxalá!, queira Deus!, quem me dera! - expressam desejo
psiu!, caluda!, quieto!, bico fechado! - expressam pedido de silêncio
eia!, avante!, upa!, firme!, toca! - expressam estímulo
xô!, fora!, rua!, toca!, passa!, arreda! - espressam afugentamento
ufa!, uf!, safa! - expressam alívio
ufa! - expressam cansaço
- nota da ledora: dezenho de quadrinho: um carro ingiçado, com o capô aberto, e o

motorista ouvindo aproximar-se um caminhão, pensa: oba! Tomara que seja alguém com macaco! - e o caminhão que se aproxima é do Gran Circo, cheio de macacos.
- fim da nota.
No cartum acima, ocorrem duas interjeições: oba!. (que deve ser grafada sem o acento circunflexo) e tomara. Elas expressam, respectivamente, alegria e desejo.
Poderíamos estender indefinidamente essa lista. Mais importante, no entanto, é você perceber que são consideradas interjeições algumas estruturas lingüísticas bastante diferenciadas entre si. Ah! e ui!, por exemplo, são sons que servem exclusivamente para a expressão de estados emotivos; já quieto! e viva! são formadas por palavras de outras classes gramaticais que, em determinados contextos, permitem a expressão de emoções súbitas. Em alguns casos, temos verdadeiros pedaços de frases, como acontece com quem me dera!.
As interjeições são, na realidade, verdadeiras frases. Pode-se perceber isso facilmente quando se atenta para seu funcionamento na linguagem. Além de serem capazes de transmitir conteúdos significativos que correspondem a frases, as interjeições têm sua significação profundamente vinculada ao momento efetivo de sua utilização: basta perceber como um ah! pode exprimir desde desapontamento até o mais profundo prazer, de acordo com a situação em que é proferido (a qual determinará a entonação de voz com que será produzido).
Outra evidência de que as interjeições pertencem ao campo das palavras em utilização efetiva e não ao das palavras tomadas isoladamente é sua forma de apresentação: elas são sempre seguidas de um ponto de exclamação (às vezes combinado com outros sinais de pontuação). Ora, o uso de sinais de pontuação faz sentido quando se lida com elementos lingüísticos que integram a comunicação efetiva - que se verifica na organização de frases e textos. Seria mais coerente, portanto, não considerar as interjeições uma classe de palavras à parte, mas sim mais um dos possíveis tipos de frases de que a língua portuguesa dispõe.

PARTE 3 - SINTAXE

CAPÍTULO 18

INTRODUÇÃO A SINTAXE

A Sintaxe se ocupa do estudo das relações que as palavras estabelecem entre si nas orações e das relações que se estabelecem entre as orações nos períodos. Quando se relacionam palavras e orações, criam-se discursos, ou seja, utiliza-se efetivamente a língua para que se satisfaçam todas as necessidades de comunicação e expressão. O conhecimento da Sintaxe é, portanto, um instrumento essencial para o manuseio satisfatório das múltiplas possibilidades que existem para combinar palavras e orações.

1 FRASE, ORAÇÃO E PERÍODO

Dispor as palavras em frases é o primeiro passo para a construção dos discursos.
Isso significa que a frase se define pelo seu propósito de comunicação, isto é, pela sua capacidade de, num diálogo, numa tese, enfim, em alguma forma de comunicação lingüística, ser capaz de transmitir o conteúdo desejado para a situação em que é utilizada. Na fala, a frase apresenta uma entoação que indica com clareza seu início e seu fim; na escrita, esses limites são normalmente indicados pelas iniciais maiúsculas e pelo uso de ponto (final, de exclamação ou interrogação) ou reticências. O conceito de frase é, portanto, bastante abrangente, incluindo desde estruturas lingüísticas muito simples, como:
Ai!,
que em determinada situação é suficiente para transmitir um conteúdo claro, até estruturas complexas como:
Assim, a idolatria da máquina de matar que corresponde a certas fantasias do te/espectador mas que nada tem a ver com a função de zelar pela segurança pública, acaba contribuindo para o surgimento dos valentões enlouquecidos dentro da tropa.

As frases de estrutura mais complexa geralmente se organizam a partir de um ou mais verbos (ou locuções verbais). A frase, ou a parte de uma frase, que se organiza a partir de um verbo ou locução verbal recebe o nome de oração. A frase estruturada em orações constitui o período, que pode ser simples (formado por apenas uma oração) ou composto (formado por duas ou mais orações). Observe:
A vida (vale) muito pouco neste país.
Trata-se de um período simples, formado por apenas uma oração organizada a partir da forma verbal destacada.
A vida neste país (vale) tão pouco (que) não se (sabe) (se) (há) limite para o pior.
Trata-se de um período composto, formado por três orações organizadas a partir dos verbos destacados e conectadas pelas conjunções grifadas.
A Sintaxe se ocupa do estudo do período simples e do período composto.
- nota da ledora: Campanha da Casa do Hemofílico do Rio de Janeiro, um cartaz vermelho com as seguintes palavras: Você desmaia quando vê sangue?
- fim da nota.
Na frase acima, temos um período composto formado por duas orações, organizadas a partir das formas verbais desmaia e vê.
2 TIPOS DE FRASES
Muitas vezes, as frases assumem sentidos que só podem ser integralmente captados se atentarmos para o contexto em que são empregadas. É o caso, por exemplo, das situações em que se explora a ironia. Pense, por exemplo, na frase "Que educação!", usada quando se vê alguém invadindo, com seu carro, a faixa de pedestres. Nesse caso, ela expressa exatamente o contrário do que aparentemente diz.
A entoação é um elemento muito importante da frase falada, pois nos dá uma ampla possibilidade de expressão. Dependendo de como é dita, uma frase simples como "É ele." pode indicar constatação, dúvida, surpresa, indignação, decepção, etc. Na língua escrita, os sinais de pontuação podem agir como definidores do sentido das frases: "É ele."; "É ele?"; "É ele!"; "É ele?!"; "E ele..."; etc.
Existem, na língua portuguesa, alguns tipos de frases cuja entoação é mais ou menos previsível, de acordo com o sentido que transmitem. Observe:
a)frases declarativas: informam ou declaram alguma coisa. Podem ser afirmativas, como:
Começou a chover.
ou negativas, como:
Ainda não começou a chover.
- nota da ledora: campanha da Casa do Hemofílico do Rio de Janeiro: cartaz, em preto, com o seguinte texto: Tem gente que morre porque não vê.
- fim da nota.
Acima, temos exemplo de frase declarativa. Esta, porém, só faz sentido quando lida como resposta à frase interrogativa da página anterior. (da mesma campanha)
b) frases interrogativas: ocorrem quando se quer obter alguma informação. A interrogação pode ser direta, como nas frases:
Começou a chover?
Quem quer um louco na presidência? ou indireta, como nas frases:
Quero saber se começou a chover.
Não sei quem quer um um louco na presidência.
c) frases imperativas: são empregadas quando se quer agir diretamente sobre o comportamento do interlocutor, o que ocorre quando se dão conselhos, ordens ou quando se fazem pedidos. Podem ser afirmativas, como:
Manifeste claramente o seu pensamento ou negativas, como:
Não seja inoportuno.
d) frases exclamativas: são empregadas quando o emissor deseja expressar um estado

emotivo. É o caso de:
Começou a chover!
Vai começar tudo de novo!
e) frases optativas: são empregadas para exprimir desejo. São exemplos de frases optativas:
Deus te guie!
Bons ventos o levem!
3 AS FRASES E A PONTUAÇÃO
Uma frase é um conjunto de elementos lingüísticos estruturados para que se concretize a comunicação. Na língua oral, esses conjuntos se estruturam em sequências cuja ordenação em boa parte é feita por recursos vocais, como a entoação, as pausas, a melodia e até mesmo os silêncios. Para perceber a importância da participação desses elementos sonoros na organização da linguagem falada, basta observar alguém que esteja se comunicando em voz alta:
você vai notar que essa pessoa controla os recursos vocais mencionados para que suas frases se articulem significativamente. Assim, as frases faladas e os recursos vocais que as organizam constroem os textos falados.
Na escrita, os elementos vocais da linguagem são substituídos por um sistema de sinais visuais que com eles mantêm alguma correspondência. Esses sinais são conhecidos como sinais de pontuação e seu papel na língua escrita é semelhante ao dos elementos vocais na língua falada: participam da estruturação das frases na construção dos textos escritos. O estudo do emprego dos sinais de pontuação está ligado à percepção de seu papel estruturador na língua escrita. Isso significa que não se aprende a usá-los partindose do pressuposto de que eles representam na escrita as pausas e melodias da língua falada: não é esse o papel desses sinais. O estudo de seu emprego baseia-se na organização sintática e significativa das frases escritas e não nas pausas e na melodia das frases faladas.
Levando em conta tudo isso, decidimos organizar o estudo da pontuação tomando como ponto de partida os estudos de Sintaxe. Você perceberá, assim, que o conhecimento da organização sintática da língua portuguesa é um poderoso instrumento para que se alcance a pontuação correta e eficiente.
Neste primeiro capítulo, vamos falar dos sinais que delimitam graficamente as frases. Observe:
a) o ponto final (.) é utilizado fundamentalmente para indicar o fim de uma frase declarativa:
Não há país justo sem equilíbrio social.
Não é possível que ainda se pense que há pessoas que têm mais direitos do que outras.
"A vida é a arte do encontro, embora haja muito desencontro pela vida." (Vinicius de Moraes)
b)o ponto de interrogação (?) é o sinal que indica o fim de uma frase interrogativa direta:
O que você quer aqui?
Até quando os brasileiros vão se negar a entender que miséria e desenvolvimento são inconciliáveis?
Nas frases interrogativas indiretas, utiliza-se ponto final:
Quero saber por que você não colabora.
c) o ponto de exclamação (!) é o sinal que indica o fim de frases exclamativas ou optativas (as que expressam desejo):
Que bela companheira você é!
Que Deus te acompanhe!
- nota da ledora: quadrinhos de Ziraldo, representando dois hones se encontrando, um bem humorado e o outro mau humorado: diálogo

- bem humorado: tudo bem?
- mau humorado: - em que sentido?
- bem humorado: como vai?
- mau humorado: por que pergunta?
- bem humorado: quanto tempo?!
- mau humorado: duas e quinze.
- bem humorado: Adeus!
- mau humorado: ao diabo!
- fim da nota.

Aí estão os pontos de interrogação e de exclamação! Mas, diante de tantos diálogos bizarros, melhor renunciar às explicações, e apenas rir.

Também pode ser usado para marcar o fim de frases imperativas:

- Vá-se embora! 1

É comum como recurso de ênfase a repetição do ponto de exclamação ou sua combinação com o ponto de interrogação:

Quê?! De novo?! Não suporto mais isso!!!

Ele outra vez?! Não!!

d) o sinal de reticências (...) indica uma interrupção da estrutura frasal. Essa interrupção pode decorrer de hesitação de quem tem sua fala representada ou pode indicar que se espera do leitor o complemento da frase (muitas vezes com finalidade irônica):

Veja bem, não sei... Quem sabe seja... É, na verdade eu não sei...

Bem, eu queria... Você sabe muito bem o que eu quero...

O árbitro é muito eficiente, mas os auxiliares...

Pelo jeito, ainda será preciso esperar muito tempo para que os brasileiros compreendam em que consiste a verdadeira modernidade social...

Também o sinal de reticências é constantemente combinado com pontos de interrogação ou exclamação, para acrescentar à frase particularidades de significado:

Você faria isso por mim?...

De novo!...

e) na representação gráfica de diálogos, utilizam-se os dois pontos (:) e os travessões (-):

Depois de um longo silêncio, ele disse:

- É melhor esquecer tudo.
- É melhor esquecer tudo - disse ele, depois de um longo silêncio.
- É melhor - concordei.

Também é possível empregar vírgulas no lugar dos travessões intermediários:

- Convém tentar esquecer tudo, disse ele, para que ninguém mais seja prejudicado.

A situação parece ter chegado a um impasse. "Muitos sem-terra atingiram os limites do desespero", afirmou o sociólogo, "e parecem decididos a ir até o fim".

CAPÍTULO 19
TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO

- nota da ledora: cartaz de campanha em defesa da escola pública, aapresentando fotos de carteiras quebradas e completamente deterioradas, com o seguinte texto: ESCOLA PÚBLICA NÃO É PRIVADA.
- fim da nota.

Neste capítulo, inicia-se o estudo da sintaxe do período simples. Esse estudo se baseia na investigacão das várias funções que as palavras desempenham quando se organizam em orações. Durante o estudo das diversas funções sintáticas, você poderá relacioná-las com as classes de palavras ja estudadas nos capítulos dedicados a Morfologia. A relação entre as classes de palavras e suas possíveis funções sintáticas recebe o nome de morfossintaxe.

Observe uma frase de estrutura absolutamente simples:

Escola pública não é privada.

O que aconteceria se trocássemos a expressão "escola pública" pela expressão "escolas públicas"? O verbo (é), que esta na terceira pessoa do singular, deveria ser levado à terceira do plural (são), para adequar-se a flexão de pessoa e número da expressão alterada. Esse mecanismo sintático é a base da relação entre os termos essenciais da oração. Vamos estudá-lo mais atentamente.

1. CONCEITOS

Você já sabe que o período simples é aquele formado por apenas uma oração, que recebe o nome de absoluta. Você também já sabe que a oração é a frase ou membro de frase estruturada a partir de um verbo ou de uma locução verbal. O período simples, então, sempre apresentará um único verbo ou locução verbal, que será o ponto de partida para nosso trabalho de análise. A frase:

Os agricultores participaram do protesto contra a política agrária do governo.

constitui um período simples, formado por uma oração que se organiza a partir da forma verbal participaram.

Se você observar mais atentamente essa forma verbal, vai perceber que ela está na terceira pessoa do plural, porque se relaciona com a expressão "os agricultores": é fácil perceber que o termo "os agricultores" equivale ao pronome de terceira pessoa do plural eles - e você sabe que a forma verbal exigida por esse pronome é justamente uma que esteja na terceira pessoa do plural. Se você modificar a flexão do substantivo (agricultores), colocando-o no singular (agricultor), vai perceber que o verbo também sofrerá flexão de número, passando a participou:

O agricultor participou do protesto contra a política agrária do governo.

Se você optar por modificar a pessoa gramatical do verbo (de terceira para segunda ou primeira), vai perceber que não se pode manter a expressão "os agricultores" nessa oração. No período seguinte, a forma verbal participei se relaciona com a primeira pessoa do singular (eu): Participei do protesto contra a política agrária do governo.

Dessa forma, constata-se que existe entre o verbo e o termo "os agricultores" uma relação que os obriga a concordar em número e pessoa. Essa relação recebe o nome de concordância verbal, e o termo da oração com o qual o verbo concorda em número e pessoa é o sujeito.

Só faz sentido falar em sujeito quando se está lidando com orações, ou seja, quando é possível perceber uma relação de concordância entre um determinado termo de uma oração e o verbo dessa mesma oração. Sujeito é, portanto, o nome de uma função sintática - o que significa dizer que é o nome que se atribui a um dos papéis que as palavras podem desempenhar quando se relacionam umas com as outras.

Sob a ótica da morfossintaxe, pode-se afirmar que sujeito é uma função substantiva, porque são os substantivos e as palavras de valor substantivo (pronomes e numerais substantivos ou outras palavras substantivadas) que podem atuar como núcleos dessa função nas orações portuguesas. Observe a classe gramatical a que pertencem os núcleos dos sujeitos seguintes:

Os alunos (substantivo); Todos (pronome substantivo); Ambos (numeral substantivo); Os pobres (adietivo substantivado); protestaram veemente.

Quando se identifica o sujeito de uma oração, identifica-se também o predicado dessa oração. Predicado é aquilo que se declara a respeito do sujeito; em termos práticos, equivale a tudo o que resta na oração, depois de eliminado o sujeito (e o vocativo, quando ocorrer). Observe, nas orações seguintes, a divisão entre sujeito e predicado:

Os alunos; Os jogadores; (sujeito), protestaram veementemente; manifestaram sua insatisfação. (predicado)

No verão, a temperatura aumenta.

Sujeito : a temperatura

predicado: no verão, aumenta.

No predicado existe, obrigatoriamente, um verbo ou locução verbal. Para a devida

análise da importância do verbo no predicado, deve-se considerar em primeiro lugar a possibilidade de dividir os verbos em dois grupos: os nocionais e os não-nocionais. Verbos nocionais são aqueles que exprimem processos; em outras palavras, indicam ação, acontecimento, fenômemo natural, desejo, atividade mental, como lutar, fazer, ocorrer, suceder, nascer, trovejar; querer, desejar, pretender; pensar, raciocinar, considerar; julgar, etc. Esses verbos são sempre núcleo dos predicados em que aparecem. Verbos não-nocionais são aqueles que exprimem estado; são mais conhecidos como verbos de ligação: ser, estar, permanecer, ficar, continuar, tornar-se, virar, andar, achar-se, passar, acabar, persistir, etc. Os verbos não-nocionais fazem parte do predicado, mas não atuam como núcleo.
Só é possível perceber se um verbo é nocional ou não-nocional quando se considera o contexto em que é usado. Assim, na oração:
Ela anda cinco quilômetros por dia.
o verbo andar exprime uma ação, atuando como um verbo nocional. Já na oração:
Ela anda amargurada.
predomina a informação do estado do sujeito, dada pelo termo amargurada. O verbo indica que esse estado tem se mantido nos últimos dias ou semanas. Por isso se diz que, nesse caso, o verbo exprime o caráter do estado do sujeito, atuando como verbo nãonocional.
Os verbos nocionais podem ser acompanhados ou não de complementos, de acordo com a sua transitividade. Um verbo que não é acompanhado de complemento é chamado de intransitivo. É o que ocorre na oração:
Criança sofre!
Nota-se que o verbo sofrer não apresenta nenhum complemento, já que o processo que expressa começa e acaba no próprio sujeito, ou seja, não transita, não passa do sujeito para um elemento que funcione como alvo ou objeto. E exatamente por isso que esse tipo de verbo é chamado de intransitivo. Como diz o nome, não transita, não passa.
Um verbo acompanhado de complemento é chamado de transitivo. Quando se diz:
"Os ombros suportam o mundo. "(Carlos Drummnnd de Andrade) nota-se que o ato de suportar tem um alvo, um objeto. O processo expresso por suportar se inicia nos ombros e passa, ou seja, transita para o mundo, alvo ou objeto desse processo. E por isso que esse tipo de verbo é chamado de transitivo. Como diz o nome, transita, passa.
Quando o complemento de um verbo transitivo não é introduzido por preposição obrigatória, o verbo é transitivo direto; quando o complemento é introduzido por preposição obrigatória, o verbo é transitivo indireto. Há verbos acompanhados de dois complementos, um deles introduzido por preposição obrigatória e outro, não.
São os verbos transitivos diretos e indiretos. Observe os exemplos:
Levaram os livros.
(verbo transitivo direto levar algo)
Duvida-se de verdades indiscutíveis.
(verbo transitivo indireto): duvidar de algo)
Enviei o convite a todos.
(verbo transitivo direto e indireto-. enviar algo a alguém)
- nota da ledora: quadro de destaque na página: Os termos essenciais da oração são o sujeito e o predicado. Sujeito É o termo que estabelece com o verbo uma relação de concordância em número e pessoa. É sobre ele que recai a declaração contida no predicado. É uma função substantiva da oração. Predicado é aquilo que se declara a respeito do sujeito. Nele é obrigatária a presença de um verbo ou locução verbal. No predicado, o verbo pode ou não atuar como núcleo. Os verbos nocionais (intransitivos e transitivos) atuam como núcleos dos predicados; os verbos não-nocionais (verbos de ligação), não.
Sujeito e predicado são essenciais porque constituem a estrutura básica das oraçoes mais comuns da língua portuguesa. Entretanto em português há orações formadas apenas pelo

predicado, como você verá mais adiante. O que caracteriza a existência de uma oração é a presença de um verbo ou locução verbal e não a existência obrigatória de um sujeito ligado a um predicado.
- fim do quadro.
- nota da ledora: quadro de desenho, no corredor- um homem passa no corredor de um prédio, portando material de trabalho, e sua atenção é chamada por uma placa, onde se lê: -em caso de incêndio, quebre o vidro. - no local estão a mangueira de incêncio, um extintor de incêncio, e um bombeiro, sentado em uma cadeira.
- fim da nota.
O verbo quebrar se liga ao seu complemento (no caso o o vidro), sem preposição obrigatória. Classifica-se, portanto, como verbo transitivo direto.
2 TIPOS DE SUJEITOS
O sujeito das orações da língua portuguesa pode ser determinado ou indeterminado. Há ainda orações formadas sem sujeito.
SUJEITO DETERMINADO
É o sujeito que se pode identificar com precisão a partir da concordância verbal.
Observe as orações:
Faltou-me coragem naquele momento. Sujeito (coragem)
Música e literatura fazem bem à alma. (música e literatura)
Na primeira oração, o sujeito determinado apresenta um único núcleo: o substantivo coragem. E, por isso, um sujeito determinado simples. já na segunda oração, o sujeito apresenta dois substantivos como núcleos: musica e literatura.
Os sujeitos determinados que apresentam dois ou mais núcleos são chamados sujeitos determinados compostos.
- nota da ledora: desenho de um índio, na mata, entre duas árvores, sento que em uma esta afixada uma seta, na outra um revólver. O índio aponta para o revólver e diz: aqui começa a civilização.
- fim da nota.
A partir da concordância verbal, identificamos facilmente a civilização como sujeito determinado simples (apresenta um único núcleo).
Chama-se sujeito determinado oculto ou sujeito determinado elíptico o núcleo do sujeito determinado que se encontra implícito na forma verbal ou no contexto. É o que ocorre quando a terminação verbal dispensa o uso do pronome pessoal correspondente, em orações como "Sinto muito a falta dela." (sujeito: eu) ou "Levamos os livros." (sujeito: nós). Em alguns casos, pode-se facilmente detectar o sujeito pelo contexto. Na seqüência de orações abaixo, o sujeito da forma verbal bloquearam é o pronome eles, implícito na terminação verbal -am. Esse pronome se refere a "os agricultores", sujeito determinado simples do verbo da primeira oração, participaram:
Os agricultores participaram das manifestações contra a política agrária do governo.
Bloquearam a rodovia com suas máquinas.
SUJEITO INDETERMINADO
Quando não se quer ou não se pode identificar claramente a quem o predicado da oração se refere, surge o chamado sujeito indeterminado. Em português, há duas maneiras diferentes de indeterminar o sujeito de uma oração:
a) o verbo é colocado na terceira pessoa do plural, sem que se refira a nenhum termo identificado anteriormente (nem em outra oração, como no caso do sujeito determinado elíptico visto há pouco):
Procuraram você ontem à noite.
Estão pedindo sua presença lá lora.
b) o verbo surge acompanhado do pronome se, que atua como índice de indeterminaçao do sujeito. Essa construção ocorre com verbos que não apresentam complemento direto (verbos intransitivos, transitivos indiretos e de ligação). O verbo obrigatoriamente fica

na terceira pessoa do singular:
Vive-se melhor fora das cidades grandes.
Precisa-se de professores de português.
Trata-se de casos delicadíssimos.
É-se muito ingênuo na adolescência.
Observe que, na primeira forma de indeterminar o sujeito, quem fala ou escreve não participa do processo verbal mencionado. Na segunda forma, não ocorre obrigatoriamente essa distância entre quem fala ou escreve e aquilo a que se refere.
Compare as orações de sujeito indeterminado:
Falam sobre reforma agrária.
Fala-se sobre reforma agrária.
Na primeira, é evidente que quem produz a oração não se inclui no grupo dos que falam sobre a reforma agrária; na segunda oração, essa inclusão é perfeitamente possível, já que quem fala ou escreve pode estar se referindo a algo que lhe é próximo ou de que participa.
ORAÇÃO SEM SUJEITO
Nessas orações, formadas apenas pelo predicado, aparecem os chamados verbos impessoais. Os casos mais importantes de orações sem sujeito da língua portuguesa ocorrem com:
a) verbos que exprimem fenômenos da natureza:
Anoiteceu docemente sobre a cidadezinha.
Está amanhecendo.
Choveu pouco no último mês de março.
Quando usados de forma figurada, esses verbos podem ter sujeito determinado:
Choveram pontapés durante a partida.
Sujeito - pontapés
b) os verbos estar, fazer, haver e ser, quando usados para indicar idéia de tempo ou fenômeno natural:
Está cedo.
É tarde.
Eram nove e quinze.
Faz muito frio na Europa.
Há meses não vejo sua prima.
Faz dois anos que não recebo cartas dela.
Deve fazer alguns meses que não conversamos.
c) o verbo haver, quando exprime existência ou acontecimento:
Há boas razões para suspeitarmos dele.
Houve vários bate-bocas durante a assembléia.
Deve haver muitos interessados em livros antigos.
Com exceção do verbo ser, que, quando indica tempo, varia de acordo com a expressão numérica que o acompanha (É uma hora / São nove horas), os verbos impessoais devem ser usados sempre na terceira pessoa do singular. Tome cuidado principalmente com os verbos fazer e haver usados impessoalmente. Não é possível usá-los no plural em frases como:
- nota da ledora: quadro de destaque na página: Faz, Deve fazer - muitos anos que conversamos.
Há, Houve, Havia, Haverá, Deve ter havido, Pode ter havido - muitas pessoas interessadas em participar do projeto.
- fim do quadro.
3 TIPOS DE PREDICADOS
Você já sabe que o predicado é a parte da oração que contém a informação, a declaração a respeito do sujeito. Quando se classifica o predicado, quer-se verificar o que é

essencial na informação relativa ao sujeito. Basicamente, pode-se informar a respeito do sujeito uma idéia de ação, praticada ou sofrida, ou uma idéia de estado.
A partir disso, pode-se dizer que o núcleo informativo de um predicado pode ser um verbo ou um nome. Há também predicados que têm um verbo e um nome como núcleos ao mesmo tempo.
PREDICADO VERBAL
No predicado verbal, o núcleo é sempre um verbo. Para ser núcleo do predicado, é necessário que o verbo seja nocional. São verbais os predicados das seguintes orações:
Os agricultores participaram do protesto contra a política agrária do governo.
"Perdi o bonde e a esperança." (Carlos Drummond de Andrade)
"Eu faço samba e amor até mais tarde e tenho muito sono de manhã."
(Chico Buarque)
Os alunos foram informados da alteração.
PREDICADO NOMINAL
Nos predicados nominais, o núcleo é sempre um nome, que desempenha a função de predicativo do sujeito. O predicativo do sujeito é um termo que caracteriza o sujeito, tendo como intermediário um verbo. No predicado nominal, esse verbo intermediário é sempre de ligação. Os exemplos seguintes mostram como esses verbos exprimem diferentes circunstâncias relativas ao estado do sujeito, ao mesmo tempo que o ligam ao predicativo. Em todos os casos, o núcleo do predicado é o predicativo do sujeito, e o predicado é nominal:
A vida é tênue.
Ele está exausto.
Permanecemos calados.
A taxa de mortalidade infantil continua elevada.
Um simples motorista virou celebridade nacional.
O professor parece tranqüilo.
Ele se acha acamado.
O salvador da pátria acabou cassado.
A função de predicativo do sujeito pode ser exercida por termos que têm como núcleo um adjetivo, um substantivo ou uma palavra de valor substantivo:
- nota da ledora: quadro de destaque na página:
A vida é muito frágil (predicativo do sujeito - muito frágil, núcleo: frágil, adjetivo)
A vida é um eterno recomeçar.
predicativo do sujeito: um eterno recomeçar
(núcleo: recomeçar, verbo substantivado)
- fim do quadro.
PREDICADO VERBO-NOMINAL
O predicado verbo-nominal apresenta dois núcleos: um verbo (que será sempre nocional) e um predicativo (que pode referir-se ao sujeito ou a um complemento verbal). Na oração:
Os alunos saíram da prova confiantes.
O predicado é verbo-nominal porque seus núcleos informativos são um verbo nocional (saíram, verbo intransitivo), que indica uma ação praticada pelo sujeito, e um predicativo do sujeito (confiantes), que indica o estado do sujeito no momento em que se desenvolve o processo verbal. Observe que o predicado dessa oração poderia ser desdobrado em dois outros, um verbal e um nominal:
Os alunos saíram da prova. Eles estavam confiantes.
A oração:
Considero inexeqúível o projeto exposto.
também tem predicado verbo-nominal: seus núcleos são o verbo nocional (considero) e o predicativo do objeto (inexeqüíveI). Nessa oração, "o projeto exposto" é objeto direto

da forma verbal considero, pois é o termo que complementa o verbo sem preposição intermediária. Inexeqüivel caracteriza esse objeto direto, atuando como predicativo do objeto. Se você tem dificuldade para perceber que o verbo considerar participa da relação entre o objeto direto e seu predicativo, passe a oração analisada para a voz passiva:
O projeto exposto é considerado inexeqüível por mim.
- nota da ledora: propaganda das meias de seda, para mulheres, da marca Liz. No anúncio a letra R, tem em sua perna uma meia rendada, e o seguinte texto: - Qualquer perna fica mais bonita com Liz.
- fim da nota.
A frase acima possui predicado nominal ("fica mais bonita com Liz"). O núcleo do predicativo do sujeito é o adjetivo bonita.
Nessa forma, fica evidente a intermediação verbal entre "o projeto exposto" e inexeqüível. Note que o objeto direto passou a sujeito, e o predicativo do objeto passou a predicativo do sujeito.
Outra forma de perceber o papel de predicativo do objeto do termo "inexequível" é substituir o objeto direto por um pronome oblíquo: "Considero-o inexeqüível".
Você percebe que o pronome o substitui todo o objeto direto ("o projeto exposto"), e o termo inexeqüíveI se refere justamente a esse o.
4 OS TERMOS ESSENCIAIS E PONTUAÇÃO
Você viu que o sujeito e o predicado são chamados termos essenciais porque sujeito e predicado constituem a estrutura básica das orações mais típicas da língua portuguesa. Por isso a ligação que mantêm entre si não pode ser interrompida por uma vírgula, mesmo quando o sujeito é muito longo ou vem depois do predicado:
Todas as tentativas de mudar a relação entre capital e trabalho resultaram em fracasso.
Foram feitas várias manifestações contra a política industrial do governo.
- nota da ledora: desenho de três quadrinhos, no primeiro- parecendo a entrada de um grande prédio, mostra um homem sozinho portando uma pasta. . No segundo, a legenda: - A reunião com o Dr. Mac Dowell me deixou meio zonzo, aqueles poucos minutos de convívio com o poder, o luxo, a riqueza, e a ostentação causaram um estranho efeito neste honesto e discreto profissional liberal -; no 3o. quadro, o mesmo homem ao lado de um carro, com o seguinte texto: - quando achei o meu pobre carro estacionado na rua e no sol, passei direto e fingi que não o conhecia.
- fim da nota.
Na coluna do meio, observamos que o sujeito (bastante extenso) "Aqueles poucos minutos de convívio com o poder, o luxo, a riqueza e a ostentação" não foi separado de seu predicado por virgula (o predicado começa em "causaram" e se estende até "liberal"). Pontuação corretíssima: mesmo que o sujeito seja longo, a ligação enfre ele e o predicado não pode ser interrompida por uma virgula.
A intercalação de termos entre o sujeito e o predicado deve ser marcada por vírgulas. É indispensável que, nesses casos, haja uma vírgula antes e outra depois do termo intercalado:
Os deputados, ontem à tarde, decidiram aceitar o projeto do presidente da república.
A vida, meus amigos, é um mergulho na bruma.
Usa-se vírgula para separar os núcleos de um sujeito composto:
O presidente, o governador o prefeito, os senadores, os deputados manifestaram seu repúdio ao comportamento dos policiais.
Quando o último desses núcleos é introduzido pelas conjunções e, ou ou nem, não será empregada a vírgula:
Ônibus, automóveis e caminhões deveriam participar do rodízio.
Um avião, um ônibus ou um automóvel não têm o mesmo charme de um trem.
Não ocorreram protestos veementes nem intervenções exaltadas durante a reunião.

Se cada um dos núcleos for introduzido por conjunção, deve-se empregar a vírgula:
Sofrem com essa política os professores, e os alunos, e os pais, e a sociedade, enfim.
Nem a música, nem o cinema, nem o teatro têm a magia do circo.
Nas orações de predicado verbo-nominal em que o predicativo do sujeito é invertido ou intercalado, usam-se vírgulas para isolá-lo:
Decepcionado, o velho ídolo afastou-se lentamente.
O velho ídolo, decepcionado, afastou-se lentamente.
A vírgula pode também indicar a omissão de um verbo:
Eu trabalho com fatos; você, com boatos.

CAPÍTULO 20
TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO

- nota da ledora: na página, foto de Paulo Cásar Faria, o PC do Governo Collor, no jornal a Folha, com o seguinte texto:- 1989. Collor eleito. A Folha prevê 5 anos de dúvidas e obscuridades. O concorrente prevê o resgate da moralidade no poder.
- fim da nota.

O processo expresso por um verbo nem sempre se encerra em si mesmo. O do verbo prever, por exemplo, só fica satisfatoriamente caracterizado quando se apresenta também o elemento que se prevê. Em outras palavras: prever não é simplesmente prever, mas sim "prever algo". Para obter uma unidade de significação completa, é necessário explicitar aquilo que se prevê, como no anúncio acima: "A Folha prevê 5 anos de dúvidas e obscuridades. O concorrente prevê o resgate da moralidade no poder."
Entre o verbo e os termos que com ele constituem uma unidade de significado existe uma relação que recebe o nome de transitividade. Essa relação se baseia na significação das palavras - o processo expresso pelo verbo transita do sujeito para o complemento do verbo, como você já viu no capítulo anterior.
Essa relação de transitividade não é propriedade exclusiva dos verbos, pois também os nomes podem ser transitivos. A importância dos complementos é tão grande quanto a dos termos complementados: na realidade, o que é essencial para o funcionamento apropriado da língua é a relação que se estabelece entre
uns e outros.

1 OS COMPLEMENTOS VERBAIS

Como você viu no capítulo anterior, os verbos nocionais podem ou não ser acompanhados de complementos. Os verbos nocionais que não são acompanhados de complementos são chamados de intransitivos. Os que apresentam complemento são chamados de transitivos. Os transitivos, por sua vez, são subclassificados em transitivos diretos, transitivos indiretos e transitivos diretos e indiretos.
Há dois tipos de complementos verbais: o objeto direto e o objeto indireto.
Chama-se objeto direto o complemento que se liga ao verbo sem preposição.
Chama-se objeto indireto o complemento que se liga ao verbo por meio de uma preposição obrigatória. Para detectar esses complementos, podemos transformar a oração num esquema em que surgem os pronomes indefinidos algo e alguém.
Observe:
Ocorreu um fato surpreendente ontem à noite.
O verbo ocorrer não requer complemento; seu processo se esgota no sujeito: o fato simplesmente ocorre. Esse verbo é, portanto, intransitivo.
"Solto a voz nas estradas" (Milton Nascimento)
Soltar algo: o verbo soltar faz-se acompanhar de um complemento, que se liga a ele sem preposição obrigatória; é, portanto, um verbo transitivo direto. "A voz" é objeto direto.
O país necessita de grandes investimentos em saúde e educação.
Necessitar de algo: o verbo necessitar faz-se acompanhar de um complemento introduzido por preposição obrigatória; é, portanto, um verbo transitivo indireto.
"De grandes investimentos em saúde e educação" é objeto indireto.

Informei os preços dos produtos aos clientes interessados.
Informar algo a alguém: o verbo informar faz-se acompanhar de um complemento que se liga a ele sem preposição obrigatória e de outro introduzido por preposição obrigatória; é, portanto, um verbo transitivo direto e indireto. "Os preços dos produtos" é objeto direto; "aos clientes interessados" é objeto indireto.
Sob a ótica da morfossintaxe, pode-se dizer que os complementos verbais são assim como o sujeito, funções substantivas da oração: em todas as orações acima, os núcleos dos objetos diretos e indiretos são substantivos (voz, investimentos, preços, clientes0. Além dos substantivos, podem desempenhar essas funções os pronomes e numerais substantivos e qualquer palavra substantivada.
- nota da ledora: propaganda de biscoito, apresentando a foto de uma velha senhora com traços fisionômicos orientais, com a boca aberta, e o seguinte texto, no espaço escuro da boca: - Eu quero o meu biscoito de volta, vira logo a página e devolva para mim
- fim da nota.
Na fala acima, vimos dois objetos diretos: "meu biscoito" e "a página". Em ambos, o núcleo do objeto é um substantivo: biscoito e página. Há um terceiro objeto direto ("o biscoito'; implícito), que complementa o verbo devolver.
No caso dos pronomes pessoais do caso oblíquo, devemos relembrar que alguns deles desempenham funções específicas:
a) Quando complementos verbais, os pronomes o, os, a, as atuam exclusivamente como objetos diretos, enquanto lhe e lhes atuam exclusivamente como objetos indiretos. Observe, nos pares de orações seguintes, como esses pronomes desempenham suas funções:
- Informei os preços dos produtos aos clientes interessados.
Informei-os aos clientes interessados. (objeto direto)
- Informei os preços dos produtos aos clientes interessados.
Informei-lhes os preços dos produtos. (objeto indireto)
b) Os pronomes me, te, se, nos e vos podem atuar como objetos diretos ou indiretos, de acordo com a transitividade verbal. Observe, nos pares de orações seguintes, o uso do pronome me, extensivo a te, se, nos e vos:
Escolheram-me para representar a turma.
Escolher alguém: o verbo é transitivo direto; o pronome me é, portanto, objeto direto.
Não me pertencem os seus sonhos.
Pertencer a alguém: o verbo é transitivo indireto; o sujeito é "os seus sonhos"; o pronome me é objeto indireto.
- nota da ledora: quadro de destaque na página
OBSERVAÇÕES
A transitividade de um verbo só pode ser efetivamente determinada num dado contexto. Observe nas orações seguintes como um mesmo verbo pode apresentar transitividade diferente de acordo com o contexto em que ocorre:
O pior já passou. (intransitivo)
Nos últimos anos, a Fiat passou a GM na preferência dos consumidores brasileiros. (transitivo direto)
Você precisa passar a novidade aos colegas. (transitivo direto e indireto).
2. Em alguns casos, o objeto direto pode ser introduzido por preposição: é o chamado objeto direto preposicionado. Nesses casos, o verbo é sempre transitivo direto, e seu complemento é, obviamente, um objeto direto. A preposição é empregada por necessidades expressivas ou por razões morfossintáticas, mas nunca porque o verbo a exige (se isso ocorresse, o verbo seria transitivo indireto). Observe alguns casos de objeto direto preposicionado, com os respectivos comentários:
- Cumpri com a minha palavra.
Cumprir algo: o verbo é transitivo direto.

A preposição com, estruturalmente dispensável, surge como elemento enfáticoe não porque o verbo a exija.
- O novo horário incomoda a todos.
O novo horário incomoda a mim.
Incomodar alguém: o verbo é transitivo direto. A presença da preposição decorre do tipo de pronome que atua como objeto direto: um pronome indefinido relativo a pessoa (todos), que sempre admite a preposição, e um pronome pessoal oblíquo tônico (mim), que exige a preposição.
- Notadamente aos mais desfavorecidos atingem essas medidas.
Atingir alguém: o verbo é, novamente, transitivo direto. A preposição é fundamental, no caso, para evitar ambigúidade: os mais desfavorecidos são atingidos pelas medidas. Sem a preposição, a expressão "os mais desfavorecidos" passaria a sujeito, o que alteraria radicalmente o sentido da frase. Note o tom enfático da frase, típica de pronunciamentos mais exaltados.
3. Por motivos expressivos, podem surgir os chamados objetos pleonásticos:
tanto o objeto direto, como o objeto indireto podem ser colocados em destaque, no início da oração, sendo depois repetidos por um pronome pessoal na posição onde deveriam naturalmente estar. Observe:
Suas músicas, ouço-as sempre com emoção.
"Suas músicas" é objeto direto; as é objeto direto pleonástico.
Aos filhos, dá-lhes o melhor de si.
"Aos filhos" é objeto indireto; lhes é objeto indireto pleonástico.
2 COMPLEMENTO NOMINAL
A transitividade não é privilégio dos verbos: há também nomes (substantivos, adjetivos e advérbios) transitivos. Isso significa que determinados substantivos, adjetivos e advérbios se fazem acompanhar de complementos. Esses complementos são chamados complementos nominais e são sempre introduzidos por uma preposição. Observe:
Espero que você tenha feito uma boa leitura do texto.
leitura é' nessa oração, núcleo do objeto direto da locução verbal "tenha feito".
Note que, nessa oração, fez-se a leitura de algo. leitura é, portanto, um nome transitivo, e "do texto" é seu complemento nominal.
Você precisa ser fiel aos princípios do partido.
Fiel é, nessa oração, núcleo do predicativo do sujeito você. No caso, é preciso ser fiel a algo. "Aos princípios do partido" complementa o adjetivo fiel; é, portanto, um complemento nominal.
Ela mora perto de uma grande área industrial.
Perto é, nessa oração, o núcleo de um adjunto adverbial de lugar. Perceba que o advérbio perto precisa de um complemento: perto de algo ou de alguém. "De uma grande área industrial" é complemento nominal do advérbio perto.
Sob a ótica da morfossintaxe, pode-se dizer que o complemento nominal é mais uma função substantiva da oração: nos casos citados acima, o núcleo dos complementos é sempre um substantivo (texto, princípios, área). Pronomes e numerais substantivos, assim como qualquer palavra substantivada, podem desempenhar essa função. Observe o pronome lhe atuando como complemento nominal na oração seguinte:
Não posso ser-lhe fiel: já empenhei minha palavra com outra pessoa.
O pronome lhe tem o valor de a alguém (fiel a alguém: no caso, a você ou a ele/ela); é, portanto, o complemento nominal do adjetivo fiel, que atua como núcleo do predicativo do sujeito.
Observe que o complemento nominal não se relaciona diretamente com o verbo da oração, e sim com um nome que pode desempenhar as mais diversas funções.
Isso significa que o complemento nominal sempre fará parte de um outro termo sintático, subordinando-se a um nome que pertence a esse termo. Observe:

A realização do projeto é necessária à população carente.
(complemento nominal) do projeto
(complemento nomínal) à população carente
(sujeito) a realização do projeto
(núcleo) realização
(predicativo do sujeito) é necessária à população carente
(núcleo) necessária
- nota da ledora: quadrinhos do desenho Garfield. O dono do garfield diz pra ele: - Garfield, precisamos conversar sobre essa sua obsessão com comida. Está ficando incontrolável. A geladeira esta cheia de marcas de lábios. Sonolento, Garfield pensa: - sou muito afetivo. Sabe?
- fim da nota.
Duas ocorrências de complemento nominal "obsessão com comida " e "cheia de marcas de lábios ". No primeiro caso o nome transitivo é o substantivo obsessão; no 2o. caso, o adjetivo cheia.
3 O AGENTE DA PASSIVA
Além da flexão de modo, tempo, pessoa e número, o verbo possui flexão de voz.
Essa flexão indica a relação que ocorre entre o sujeito de um verbo e o processo que esse mesmo verbo expressa. Observe a oração seguinte:
O presidente aprovou as medidas econômicas.
O sujeito dessa oração é "o presidente"; "as medidas econômicas" é objeto direto da forma verbal aprovou. "O presidente" é também o agente do processo verbal, ou seja, é o termo que indica quem executa o processo expresso pelo verbo; "as medidas econômicas" é o paciente desse mesmo processo verbal, pois é o termo que indica aquilo ou aquele que sofre a ação expressa pelo verbo.
Note que estamos lidando com conceitos bastante diferentes: sujeito é o termo que concorda em número e pessoa com o verbo; agente é quem pratica a ação expressa pelo verbo. Objeto direto é o termo que complementa o verbo sem preposição obrigatória; paciente é quem sofre a ação expressa pelo verbo. Na oração que estamos analisando, o sujeito é também o agente do processo verbal:
isso ocorre porque o verbo está na voz ativa. Um verbo está na voz ativa quando o sujeito é também o agente do processo verbal que esse verbo expressa.
Se for alterada a voz do verbo da oração inicial, surgirá a oração:
As medidas econômicas foram aprovadas pelo presidente.
O sujeito dessa oração é "as medidas econômicas". Esse sujeito é o paciente do processo verbal. Um verbo apresenta sujeito paciente quando está na voz passiva. A locução "foram aprovadas" é, portanto, uma forma passiva do verbo aprovar. Você já viu nos capítulos dedicados aos verbos que a voz passiva formada com o verbo auxiliar ser é chamada voz passiva analitica.
"Pelo presidente" é o termo que exprime quem pratica a ação nessa construção na voz passiva. Esse termo é chamado, por isso, agente da passiva. O agente da passiva indica quem pratica a ação quando o verbo está na voz passiva (no português atual, o agente da passiva ocorre fundamentalmente na voz passiva analítica). É um termo sempre introduzido por preposição (normalmente por e suas formas contraídas com artigos pelo, pelos, pela, pelas -e com menor frequência de).
Sob a ótica da morfossintaxe, pode-se dizer que o agente da passiva é mais uma função substantiva da oração: na oração que analisamos, seu núcleo é o substantivo presidente. Também podem atuar como agentes da passiva pronomes e numerais substantivos, além de outras palavras substantivadas.
Observe os agentes da passiva destacados nas orações seguintes:
Aquelas frutas foram colhidas por mim.
O poema é composto de dizeres populares.

Fui iludido por ambos.
AS VOZES VERBAIS
Há três vozes verbais: a ativa, a passiva e a reflexiva. Na voz ativa, o sujeito é o agente do processo verbal. Na voz passiva, o sujeito é o paciente do processo verbal. Na reflexiva, o sujeito age sobre si mesmo, sendo ao mesmo tempo agente e paciente do processo verbal.
Observe:
Os alunos obtiveram a aprovação.
Essa oração está na voz ativa: o sujeito "os alunos" é também o agente do processo verbal. Passando-a para a voz passiva, surge a oração:
A aprovação foi obtida pelos alunos.
em que "a aprovação" é o sujeito e o paciente do processo verbal, enquanto "pelos alunos" é o agente da passiva.
Numa oração como:
Um dos alunos cortou-se durante a brincadeira.
O verbo está na voz reflexiva, pois o sujeito "um dos alunos" pratica a ação verbal sobre si mesmo. O pronome se é, no caso, objeto direto da forma verbal cortou. E como se se dissesse que João cortou João, ou seja, João cortou-se, por isso o se é objeto direto.
A transformação de uma oração que esteja na voz ativa em uma oração que esteja na voz passiva obedece a um esquema fixo: o sujeito da voz ativa passa a agente da passiva; o verbo da voz ativa é convertido numa locução em que surge o auxiliar ser (com menor frequência estar e ficar):
- nota da ledora - quadro de destaque na página:
Os alunos obtiveram a aprovação.
sujeito/agente - os alunos
objeto direto/paciente
A aprovação foi obtida pelos alunos. sujeito/paciente
agente da passiva - pelos alunos
- fim do quadro.
Na obtenção da forma passiva do verbo, o auxiliar assume o tempo e o modo do verbo ativo (no caso, pretérito perfeito do indicativo), enquanto este assume a forma do particípio (obtiveram - obtida).
Não pode haver voz passiva sem sujeito determinado e expresso. Por isso, é fácil perceber que somente os verbos que possuem objeto direto na voz ativa formam a voz passiva: afinal, é o objeto direto da voz ativa que dá origem ao Sujeito da voz passiva. Em outras palavras: somente os verbos transitivos diretos e os transitivos diretos e indiretos podem formar a voz passiva.
Você já sabe que, na voz ativa, pode haver orações de sujeito indeterminado pelo verbo na terceira pessoa do plural. Um exemplo é:
Desviaram seu destino.
Nessa oração, o sujeito está indeterminado, mas é fácil perceber que esse sujeito é o agente do processo verbal - quem quer que tenha desviado seu destino praticou - e não sofreu - uma ação. Na voz passiva, teremos uma oração cujo agente da passiva estará indeterminado:
Seu destino foi desviado. (por quem?)
Ao lado dessa forma de voz passiva analítica (formada com um verbo auxiliar), podemos formar uma outra, a voz passiva sintética, da qual participa o pronome se:
Desviou-se seu destino.
Nessa oração, "seu destino" e o sujeito da forma verbal desviou-se, No plural, essa oração seria:
Desviaram-se seus destinos.
A voz passiva sintética tem como ponto de partida uma oração na voz ativa cujo sujeito

está indeterminado, Para formá-la, utilizamos o pronome se, que recebe o nome de pronome apassivador ou partícula apassivadora. Essa forma de voz passiva (assim como a forma analítica) só ocorre com verbos transitivos diretos e transitivos diretos e indiretos.
Observe:
VOZ ativa: Invadiram aquela casa.
e voz passiva analítica: Aquela casa foi invadida.
voz passiva sintética: Invadiu-se aquela casa.
O verbo na voz passiva sintética concorda em número e pessoa com o sujeito da oração:
Alugou-se o apartamento. /Alugaram-se os apartamentos.
Manipulou-se o resultado da eleição. / Manipularam-se os resultados da eleição.
Divulgou-se mais um boato. / Divulgaram-se mais uns boatos.
Entregou-se o prêmio ao atleta. / Entregaram-se os prêmios ao atleta.
- nota da ledora: anúncios na página;
Cortador de Sisal contratam-se crianças entre 5 e 12 anos com experiência no manuseio do facão. R$ 3 por dia. Exigem-se dinamismo, polivalência, motivação e vontade de residir no interior. - e segundo anúncio, com o texto: Trabalho infantil é crime.
Lugar de criança é na Escola.
- fim da nota.
Observe que, na voz passiva sintética, o verbo concorda em número e pessoa com o sujeito da oração (nos dois exemplos acima, o sujeito está na 3a. pessoa do plural, como o verbo).
- nota da ledora: quadro de destaque na página
OBSERVAÇÕES
1. voz passiva é exclusiva dos verbos transitivos diretos e transitivos diretos e indiretos: somente em casos excepcionais se forma a voz passiva de verbos com outra transitividade. Por isso, o pronome se surge como formador da voz passiva síntética ao lado desses tipos de verbos; ao lado de verbos de ligação, intransitivos ou transitivos indiretos, o pronome se surge como indeterminador do sujeito. Observe:
Vende-se uma casa de campo.
Voz passiva sintética: vender é transitivo direto.
Informou-se o resultado aos interessados.
Voz passiva sintética: informar é transitivo direto e indireto.
Nunca se está livre de equívocos.
Oração com sujeito indeterminado: estar é verbo de ligação.
Mata-se impunemente neste país.
Oração com sujeito indeterminado:
matar é verbo intransitivo.
Sonha-se com reformas de base.
Oração com sujeito indeterminado: sonhar é transitivo indireto.
Você não pode esquecer que a voz passiva sintética tem sempre um sujeito como qual o verbo deve estabelecer concordância no singular ou no plural - o que não acontece com os casos de indeterminação de sujeito, em que o verbo deve estar obrigatoriamente no singular.
Observe que há uma semelhança entre as estruturas em que o se atua como pronome apassivador e as estruturas em que o se atua como índice de indeterminação do sujeito , em ambos os casos , o agente do processo verbal está indeterminado :
Imagina-se uma solução para o problema.
Voz passiva sintética: o sujeito da oração "é uma solução para o problema"; o agente do processo verbal está indeterminado (não se pode precisar quem
imagina a solução).
Confia-se em teses suspeitíssimas.

Oração com sujeito indeterminado: o agente do processo verbal está indeterminado (não pode precisar quem confia nas teses) . Em teses suspeitíssimas é objeto indireto.
2. E possível indeterminar o sujeito dos verbos transitivos diretos utilizando o pronome se (que nesse caso será índice de indeterminação do sujeito). Para isso, o verbo deve ser acompanhado de um objeto direto preposicionado. Observe:
Estima-se aos bons amigos.
Ama-se aos pais.
Nessas duas orações, temos verbos transitivos diretos acompanhados de objetos diretos preposicionados; trata-se, portanto, de casos de indeterminação do sujeito e não de voz passiva sintética. Essas construções evitam ambiguidades: observe que as formas "Estimam-se os bons amigos." e "Amam-se os pais." podem tanto indicar a voz passiva como a voz reflexiva.
3. Na voz reflexiva, os pronomes pessoais do caso oblíquo me, te, se, nos e vos podem atuar como objetos diretos ou como objetos indiretos, de acordo com a transitividade do verbo:
Não me julgo tão competente.
Me é objeto direto (julgar algo ou alguém).
Dou-me o direito de silenciar:
Me é objeto indireto (dar algo a alguém).
- fim do quadro.

4 OS TERMOS INTEGRANTES E A PONTUAÇÃO
Os complementos verbais e o complemento nominal integram o sentido de verbos e nomes, estabelecendo com eles conjuntos significativos. Essa relação não deve ser interrompida por uma vírgula, mesmo que os complementos estejam antepostos ao termo que complementam:
É preciso saber reagir às palavras dos provocadores com lucidez.
Às palavras dos provocadores é preciso saber reagir com lucidez.
A todos os presentes informamos os novos valores dos produtos que vendemos.
Não há necessidade de tanta estupidez.
De tanta estupidez não há necessidade.
Quando os complementos verbais ou nominais são formados por mais de um núcleo, são adotados os mesmos procedimentos aplicados aos sujeitos compostos:
visitei Roma, Florença, Siena, Turim.
Ele ensina português, inglês ou matemática?
Comprou flores, discos, jóias e roupas para a namorada.
Sempre pede atenção, e carinho, e dedicação, e devoção.
complementos verbais ou nominais com mais de um núcleo
- nota da ledora: propaganda das motocicletas Honda: apresentando um avião no ar, e o seguinte texto: quem vai de São Paulo a Salvador de avião só perde 2 horas, 2180 km de praias, 157 baías, 230 rios, e milhares de coqueiros.
- fim da nota.
O complemento do verbo perder possui mais de um núcleo, os quais são separados por vírgula, menos o últmo: "perte 2 horas, 2180km de praias, 157 baías, 230 rios e milhares de coqueiros".
Os termos intercalados entre um verbo ou um nome e seus complementos devem ser isolados por vírgulas (é indispensável que se coloque uma vírgula antes e outra depois do termo intercalado):
Note, senhor presidente, as vantagens de minha proposta.
Nas construções em que surge objeto direto ou indireto pleonástico, deve-se usar a vírgula:
Aquelas frutas, plantara-as na primavera.

Aos pais, disse-lhes apenas secas palavras de adeus.
Ao agente da passiva são aplicados esses mesmos princípios de pontuação.

CAPÍTULO 21
TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO E VOCATIVO

- nota da ledora: quadrinhos representando dois soldados na guerra, em uma trincheira, com o seguinte diálogo:
soldado: - Franz! Eh, Franz! Acorda! Ouvi um ruído…será algum comando inimigo?
Franz: - Dorme idiota! Os comandos inimigos não fazem ruído !
soldado: - Franz! Eh, Franz!
Franz:- Que chatice! Que foi agora?
soldado, morrendo de medo: - Não estou a ouvir nada…
- fim da nota.

Neste capítulo, você vai estudar os termos acessórios da oração - o adjunto adverbial, o adjunto adnominal e o aposto. Vai estudar também o vocativo.
Quando se fala em termos acessórios da oração, pode-se ter a falsa impressão de que se está tratando de elementos dispensáveis das orações e períodos. Na prática, essa impressão não corresponde à verdade: esses termos são acessórios porque não fazem parte da estrutura básica da oração, organizada a partir de um verbo e dos nomes ligados a ele pela concordância ou pela transitividade. No entanto as informações que transmitem são fundamentais para que se alcance uma comunicação satisfatória.
Na tira acima, por exemplo, inimigo(s) (1o. e 2o. quadrinhos) se classifica como adjunto adnominal, um dos termos acessórios da oração. Mas a informação transmitida por esse termo é crucial para a graça da situação.

1 ADJUNTO ADVERBIAL

Como o nome já diz, o adjunto adverbial é essencialmente um modificador do verbo. Seu papel básico é indicar as circunstâncias em que se desenvolve o processo verbal (idéia de tempo, lugar, modo, causa, finalidade, etc.) ou intensificar um verbo, um adjetivo ou um advérbio. A semelhança entre esse conceito e o de advérbio, que você estudou nos capítulos sobre Morfologia, não é gratuita, já que o adjunto adverbial é uma função adverbial da oração, ou seja, é uma função desempenhada por advérbios e locuções adverbiais.
A classificação do adjunto adverbial depende basicamente da circunstância que expressa. Observe:
No Brasil, muitas crianças ainda morrem de fome.
Há nessa oração três adjuntos adverbiais: de fome é adjunto adverbial de causa; ainda é adjunto adverbial de tempo; no Brasil é adjunto adverbial de lugar.
Um grupo de policiais militares agrediu covardemente várias pessoas em Diadema na madrugada de ontem.
Na madrugada de ontem é adjunto adverbial de tempo; em Diadema é adjunto adverbial de lugar; covardemente é adjunto adverbial de modo.
Eles se respeitam muito.
Seu projeto é muito interessante.
O time jogou muito mal.
Nessas três orações, muito é adjunto adverbial de intensidade. No primeiro caso, intensifica uma forma verbal (respeitam), que é núcleo de um predicado verbal. No segundo, intensifica um adjetivo (interessante), que é núcleo de um predicativo do sujeito. Na terceira oração, muito intensifica um advérbio (mal), que é núcleo de um adjunto adverbial de modo.
Às vezes não é possível apontar com precisão a circunstância expressa por um adjunto adverbial. Em alguns casos, as diferentes possibilidades de interpretação dão origem a orações sugestivas. Em:
Entreguei-me calorosamente àquela causa.

é difícil precisar se calorosamente é um adjunto adverbial de modo ou de intensidade: na verdade, parece ser uma forma de expressar ao mesmo tempo as duas circunstâncias. Por isso, é fundamental levar em conta o contexto em que surgem os adjuntos adverbiais. Isso é mais importante do que pura e simplesmente decorar classificações. A seguir, você encontrará uma relação em que aparecem algumas circunstâncias expressas por adjuntos adverbiais. Essa relação deve servir para você perceber a riqueza expressiva desse termo sintático e não para que você se "descabele" tentando decorá-la.
Algumas das circunstâncias que os adjuntos adverbiais podem expressar afirmação:
Sim, efetivamente participei da comissão.
dúvida: Talvez seja melhor sair do pais.
fim, finalidade: Prepararam-se para o exame.
meio: Fui de avião.
companhia: Fui ao cinema com sua prima.
concessão: Apesar do estado precário do gramado, o jogo foi ótimo.
assunto: Conversamos sobre literatura.
condição: Sem minha autorização, você não irá.
instrumento: Fiz a prova a lápis.
causa: Com o calor, o poço secou.
intensidade: O remédio é muito caro.
lugar: Nasci em Guaratinguetá. / Morei em Milão.
tempo: O gol foi marcado aos oito minutos.! Sinto-me melhor no inverno.
- nota da ledora: cartaz dos anos 40. As 10 mais vilãs, com o seguinte texto: - a mais refinada e sensual vilã do Spirit vem fazendo das suas desde os anos 40, mas o herói perdoa tudo e a deixa em liberdade.
Se este não é o crime perfeito, não sabemos o que é.
- fim da nota.
"Desde os anos 40" constitui adjunto adverbial de tempo.
modo: Beijei-a com ternura.! Receberam-me friamente.
negação: Não aceito sua renúncia.
Como você já sabe, as locuções adverbiais são expressões normalmente introduzidas por uma preposição. Quando uma dessas locuções atua como adjunto adverbial numa oração, você deve prestar bastante atenção à preposição, pois, na expressão de circunstâncias adverbiais, essas palavras transmitem importantes conteúdos relacionais.
Observe:
Estão voltando de casa.
Estão voltando para casa.
Fui ao cinema com eles.
Fui ao cinema sem eles.
Nesses dois pares de orações, a troca das preposições implica alteração total de significado na circunstância expressa pelo adjunto adverbial: no primeiro caso, passa-se de um adjunto adverbial de lugar que indica a origem para um que indica o destino; no segundo caso, passa-se de um adjunto adverbial de companhia para um adjunto adverbial que indica justamente a ausência dela (e que seria classificável como adjunto adverbial de modo).
Quando introduzem complementos verbais ou nominais, as preposições desempenham papel de mero conectivo, ligando um termo subordinante a um termo subordinado. Por isso, em muitos casos, são até mesmo omitidas sem prejuízo aparente de sentido. É o que ocorre, por exemplo, com a construção popular "Ela não obedece o pai.", em que se omite a preposição recomendada pela língua culta ("Ela não obedece ao pai."). No caso dos adjuntos adverbiais, a omissão da preposição acarreta modificações drásticas de sentido. Basta comparar, por exemplo, "Recomendaram-me sinceridade." a "Recomendaram-me com sinceridade.", em que a ausência do com modifica

completamente a função sintática e o sentido de sinceridade (que passa de núcleo do objeto direto a núcleo do adjunto adverbial de modo).
É por isso que são considerados adjuntos adverbiais de lugar e não objetos indiretos os termos que se seguem aos verbos de movimento e permanência em construções como:
Estou na mesma sala.
Chegaram à cidade sãos e salvos.
Ficamos ao lado da igreja.
Voltou à terra natal.
O avião procede de Manaus.
Os verbos empregados são, nessas frases, intransitivos, mas seria questionável dizer que não necessitam de um termo que os complemente. Esses termos, no entanto, não são objetos indiretos, já que têm nítido valor adverbial - note como são significativas as preposições que os encabeçam em cada frase. Pela nomenclatura atualmente disponível nos estudos gramaticais, o mais recomendável é classificá-los como adjuntos adverbiais de lugar, considerando intransitivos os verbos a que se ligam. Alguns gramáticos propõem a denominação complemento circunstancial de lugar ou complemento adverbial locativo para esses termos. Mais importante do que classificá-los, no entanto, é perceber o seu significado e aprender a usá-los apropriadamente.
2 ADJUNTO ADONOMINAL
Adjunto adnominal é o termo que caracteriza um substantivo sem a intermediação de um verbo. Sob a ótica da morfossintaxe, pode-se dizer que é uma função adjetiva da oração, sendo, portanto, desempenhada por adjetivos, locuções adjetivas, artigos, pronomes adjetivos e numerais adjetivos. Em qualquer função sintática que esempenhe, o substantivo pode ser caracterizado por um ou mais de um adjunto adnominal.
Observe:
As nossas primeiras experiências científicas fracassaram.
Nessa oração, "as nossas primeiras experiências científicas" é sujeito. O núcleo desse sujeito é o substantivo experiências. Relacionados a ele, caracterizando-o, estão os adjuntos adnominais as, nossas, primeiras e científicas (respectivamente, um artigo, um pronome adjetivo possessivo, um numeral adjetivo ordinal e um adjetivo).
Foi socorrido pelos dois médicos do hospital. Nessa oração, "pelos dois médicos do hospital" é agente da passiva. O núcleo desse agente da passiva é o substantivo médicos, caracterizado pelos adjuntos adnominais os (artigo da contração per + os), dois (numeral adjetivo) e do hospital (locução adjetiva).
Para perceber como o adjunto adnominal faz parte efetiva do mesmo termo sintático que tem o substantivo como núcleo, basta substituir esse termo por um pronome substantivo: como estão diretamente subordinados ao substantivo, sem qualquer intermediação verbal, os adjuntos adnominais desaparecem quando da substituição.
Observe:
A nova política salarial prejudica os trabalhadores de menor poder aquisitivo.
Ela prejudica-os.
"A nova política salarial" e "os trabalhadores de menor poder aquisitivo" são, respectivamente, sujeito e objeto direto da oração. Subordinados aos núcleos dessas funções - os substantivos política e trabalhadores - os adjuntos adnominais desaparecem quando são substituidos pelos pronomes substantivos ela e os.
Essa percepção de que o adjunto adnominal é sempre parte de um outro termo sintático que tem como núcleo um substantivo é importante para diferenciá-lo do predicativo do objeto.
Observe:
Noel Rosa deixou uma obra riquíssima.
Nessa oração, riquíssima é adjunto adnominal de obra, que é o núcleo do objeto direto. Se substituíssemos esse objeto direto por um pronome pessoal, obteríamos "Noel Rosa

deixou-a".
Sua atitude deixou seus amigos perplexos.
Nessa oração, perplexos é predicativo do objeto direto "seus amigos". Se substituíssemos esse objeto direto por um pronome pessoal, obteríamos: "Sua atitude deixou-os perplexos". Perceba que perplexos não é parte do objeto direto, e sim um termo sintático relacionado também com o verbo da oração.
- nota da ledora: quadrinho de desenho, dos soldado na trincheira, com a seguinte legenda: - Dorme idiota! Os comandos inimigos não fazem ruídos!
- fim da nota.
Adjuntos adnominais: os e inimigos.
- nota da ledora: quadro de destaque na página:
É comum confundir adjunto adnominal na forma de locução adjetiva com complemento nominal. Para evitar essa confusão, considere o seguinte.
a) somente os substantivos podem ser acompanhados de adjuntos adnominais; já os complementos nominais podem ligar-se a substantivos, adjetivos e advérbios. É óbvio, portanto, que o termo ligado por preposição a um adjetivo ou a um advérbio só pode ser complemento nominal;
b) os complementos nominais são exigidos pela transitividade do nome a que se ligam; indicam, portanto, o paciente ou o alvo da noção expressa pelo substantivo. Já os adjuntos adnominais indicam o agente ou o possuidor da noção expressa pelo substantivo. Observe:
- Os investimentos da iniciativa privada em educação e saúde deveriam ser proporcionais aos lucros de cada empresa. Nessa oração, o sujeito é "os investimentos da iniciativa privada em saúde e educação". O núcleo desse sujeito é o substantivo investimentos; presos a esse núcleo por meio de preposição há os termos "da iniciativa privada" e "em educação e saúde". Observe que o primeiro indica o agente ou possuidor dos investimentos (é a iniciativa privada que investe), enquanto o segundo indica o paciente ou alvo desses investimentos (saúde e educação recebem esses investimentos). "Da iniciativa privada" é adjunto adnominal, enquanto "em saúde e educação" é complemento nominal.
- fim do quadro.
4 O VOCATIVO
O nome vocativo nos faz pensar em várias palavras ligadas à idéia de "chamar", "atrair a atenção": evocar, convocar, evocação, vocação. Vocativo é justamente o nome do termo sintático que serve para nomear um interlocutor a que se dirige a palavra. É um termo independente: não faz parte nem do sujeito nem do predicado. E mais uma função substantiva da oração, sendo desempenhada por substantivos, pronomes e numerais substantivos ou palavras substantivadas.
Observe:
(Amigo), venha visitar-me no próximo domingo.
(Senhor presidente), pedimos que se comporte de forma condizente com a importância de seu cargo.
A vida, (amada minha), é um constante retomar.
Não sei o que te dizer (meu amor).
Nessas orações, os termos destacados são vocativos: indicam e nomeiam o interlocutor a que se está dirigindo a palavra. Numa oração como a primeira, não se deve confundir o vocativo amigo com o sujeito da forma imperativa venha, que é você.
5 OS TERMOS ACESSÓRIOS, O VOCATIVO E A PONTUAÇÃO
Como vimos, os adjuntos adnominais fazem parte do termo sintático a que pertence o substantivo a que se ligam. Por isso, não devem ser separados por vírgula desse substantivo:
Os freqüentes termos de baixo calão do deputado governista evidenciam seu pleno

despreparo.
Os adjuntos adverbiais podem ser separados por vírgula quando vêm após os verbos e seus complementos:
Encontrei alguns amigos, ontem à noite, na praça.
ou
Encontrei alguns amigos ontem à noite na praça.
Quando são antepostos ou intercalados, os adjuntos adverbiais devem ser obrigatoriamente separados por vírgulas. As vírgulas são dispensáveis quando o adjunto é de pequena extensão:
Ontem à noite, encontrei alguns amigos na praça.
Encontrei, durante aqueles dias de férias, alguns velhos amigos.
Amanhã virei ajudá-lo.
Ali se vendem esses produtos.
- nota da ledora: propaganda da Varig - apresentando na foto, um avião no chão, e na porta do mesmo a inscrição, em um toldo, de Hotel - no texto: - Nova Varig.
Aqui você não é passageiro. É hóspede. - fim da nota.
O aposto é separado do termo a que refere por vírgulas ou dois-pontos. Somente o aposto especificativo não é marcado por sinais de pontuação:
Seus olhos, duas bolas de pânico, impressionavam quem o via.
É imprescindível que o país adote duas diretrizes: distribuição de renda e reconstrução do ensino público.
Caetano Veloso, compositor consagrado, não suporta quem desrespeita sinal vermelho.
O compositor Caetano Veloso não suporta quem desrespeita sinal vermelho.
O vocativo deve ser sempre separado por vírgulas, qualquer que seja sua posição na frase:
Participem das decisões nacionais, cidadãos.
Cidadãos, participem das decisões nacionais.
Participação critica, cidadãos, é o caminho para um país melhor.

CAPÍTULO 22
ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS

Neste capítulo, você começará a estudar a sintaxe do período composto. Poderá observar os processos sintáticos da subordinação e da coordenação, os tipos de orações subordinadas e, mais detalhadamente, as orações subordinadas substantivas. No poema acima, ocorrem duas orações coordenadas ("Trago as mãos caiejadas de vida / E nelas sinto, indiferente, unhas") e uma subordinada ("crescendo passageiras.").
O estudo do período composto consiste fundamentalmente em investigar as relações que se estabelecem entre orações que pertencem a um mesmo período.
Neste capítulo, você verá que as orações que atuam sintaticamente como um substantivo são chamadas de orações subordinadas substantivas.

1 CONCEITO BÁSICO

Você já sabe que período é uma frase organizada em orações. Já sabe também que no período simples existe apenas uma oração, chamada absoluta, e que no período composto existem duas ou mais orações. Essas orações podem se relacionar por meio de dois processos sintáticos diferentes: a subordinação e a coordenação .
Na subordinação, um termo atua como determinante de um outro termo. Essa relação se verifica, por exemplo, entre um verbo e seus complementos: os complementos são determinantes do verbo, integrando sua significação. Consequentemente, o objeto direto e o objeto indireto são termos subordinados ao verbo, que é o termo subordinante.
Outros termos subordinados da oração são os adjuntos adnominais (subordinados ao nome que caracterizam) e os adjuntos adverbiais (subordinados geralmente a um verbo).
No período composto, considera-se subordinada a oração que desempenha função de termo de outra oração, o que equivale a dizer que existem orações que atuam como

determinantes de outras orações. Observe:
Percebeu que os homens se aproximavam.
Esse período composto é formado por duas orações: a primeira estruturada em torno da forma verbal percebeu; a segunda, em torno da forma verbal aproximavam.
A análise da primeira oração permite constatar de imediato que seu verbo é transitivo direto (perceber algo). O complemento desse verbo é, no caso, a oração "que os homens se aproximavam" . Nesse período, a segunda oração funciona como objeto direto do verbo da primeira. Na verdade, o objeto direto de percebeu é "que os homens se aproximavam".
A oração que cumpre papel de um termo sintático de outra é subordinada; a oração que tem um de seus termos na forma de oração subordinada é a principal. No caso do exempIo dado, a oração "Percebeu" é principal; "que os homens se aproximavam" e oração subordinada. Diz-se, então, que esse período é composto por subordinação.
Ocorre coordenação quando termos de mesma função sintática são relacionados entre si. Nesse caso, não se estabelece uma hierarquia entre esses termos, pois eles são sintaticamente equivalentes. Observe:
Brasileiros e portugueses devem agir como irmãos.
Nessa oração, o sujeito composto "brasileiros e portugueses", adjetivos substantivados, apresenta dois núcleos coordenados entre si: os dois substantivos desempenham um mesmo papel sintático na oração.
No período composto, a coordenação ocorre quando orações sintaticamente equivalentes se relacionam. Observe:
Comprei o livro, li os poemas e fiz o trabalho.
Nesse período, há três orações, organizadas a partir das formas verbais comprei, li e fiz. A análise dessas orações permite perceber que cada uma delas é sintaticamente independente das demais: na primeira, ocorre um verbo transitivo direto (comprar) acompanhado de seu respectivo objeto direto ("o livro"); na segunda, o verbo ler, também transitivo direto, com o objeto direto "os poemas"; na terceira, outro verbo transitivo direto, fazer, com o objeto direto "o trabalho". Nenhuma das três orações desempenha papel de termo de outra. São orações sintaticamente independentes entre si e, por isso, coordenadas. Nesse caso, o período é composto por coordenação. Note que a ordem das orações é fixada por uma questão semântica e não sintática (os fatos indicados pelas orações obedecem à ordem cronológica).
Existem períodos compostos em que se verificam esses dois processos de organização sintática, ou seja, a subordinação e a coordenação. Observe:
Percebi que os homens se aproximavam e saí em desabalada carreira.
Nesse período, há três orações, organizadas respectivamente a partir das formas verbais percebi, aproximavam e sai.
A oração organizada em torno de percebi tem como objeto direto a oração "que os homens se aproximavam" (perceber algo); "que os homens se aproximavam", portanto, é oração subordinada a percebi. Entre as orações organizadas em torno de percebi e saí, a relação é de coordenação, já que uma não desempenha papel de termo da outra. O período é composto por coordenação e subordinação.
2 TIPOS DE ORAÇÕES SUBORDINADAS
As orações subordinadas se dividem em três grupos, de acordo com a função sintática que desempenham e a classe de palavras a que equivalem. Podem ser substantivas, adjetivas ou adverbiais. Mais uma vez, valem os conceitos morfossintáticos, que, como você já sabe, combinam a morfologia e a sintaxe.
Para notar as diferenças que existem entre esses três tipos de orações, tome como base a análise de um período simples:
Só depois disso percebi a profundidade das palavras dele.
Nessa oração, o sujeito é eu, implícito na terminação verbal. "A profundidade das

palavras dele" é objeto direto da forma verbal percebi. O núcleo do objeto direto é profundidade. Subordinam-se ao núcleo desse objeto os adjuntos adnominais a e "das palavras dele". No adjunto adnominal "das palavras dele", o núcleo é o substantivo palavras, ao qual se prendem os adjuntos adnominais as e dele. "Só depois disso" é adjunto adverbial de tempo.
É possível transformar a expressão "a profundidade das palavras dele", objeto direto, em oração. Observe:
Só depois disso percebi que as palavras dele eram profundas.
Nesse período composto, o complemento da forma verbal percebi é a oração "que as palavras dele eram profundas". Ocorre aqui um período composto por subordinação, em que uma oração desempenha a função de objeto direto do verbo da outra. O objeto direto é uma função substantiva da oração, ou seja, é função desempenhada por substantivos e palavras de valor substantivo. E natural, portanto, que a oração subordinada que desempenha esse papel seja chamada de oração subordinada substantiva.
Pode-se também modificar o período simples original transformando em oração o adjunto adnominal do núcleo do objeto direto, profundidade. Observe:
Só depois disso percebi a profundidade que as palavras dele continham.
Nesse período, o adjunto adnominal de profundidade passa a ser a oração "que as palavras dele continham". Você já sabe que o adjunto adnominal é uma função adjetiva da oração, ou seja, é função exercida por adjetivos, locuções adjetivas e outras palavras de valor adjetivo. E por isso que são chamadas de subordinadas adjetivas as orações que, nos períodos compostos por subordinação, atuam como adjuntos adnominais de termos das orações principais.
Outra modificação que podemos fazer no período simples original é a transformação do adjunto adverbial de tempo em uma oração. Observe:
Só quando cai em mim, percebi a profundidade das palavras dele.
Nesse período composto, "só quando caí em mim" é uma oração que atua como adjunto adverbial de tempo do verbo da outra oração. O adjunto adverbial é uma função adverbial da oração, ou seja, é função exercida por advérbios e locuções adverbiais. Portanto, são chamadas de subordinadas adverbiais as orações que, num período composto por subordinação, atuam como adjuntos adverbiais do verbo da oração principal.
- nota da ledora: propaganda da revista playboy, comemorando o prêmio colunista do ano de São Paulo, com uma folha em branco, e apenas o texto em letras pretas: - A gente nem tem roupa para receber o prêmio. - juntamente com o coelhinho, logotipo da Playboy.
- fim da nota.
"para receber o prêmio." e, quanto à forma, uma oraçao subordinada adverbial reduzida, pois apresenta o verbo numa forma nominal (no caso, o infinitivo) e não é introduzida por conjunção ou pronome relativo.
É fácil perceber, assim, que a classificação das orações subordinadas decorre da combinação da função sintática que exercem com a classe de palavras que representam, ou seja, é a morfossintaxe que determina a classificação de cada oração subordinada.
São subordinadas substantivas as que exercem funções substantivas (sujeito, objeto direto e indireto, complemento nominal, aposto, predicativo). São subordinadas adjetivas as que exercem funções adjetivas (atuam como adjuntos adnominais). São subordinadas adverbiais as que exercem funções adverbiais (atuam como adjuntos adverbiais, expressando as mais variadas circunstâncias).
Quanto à forma, as orações subordinadas podem ser desenvolvidas ou reduzidas. Observe:
Suponho que seja ela a mulher ideal.

Suponho ser ela a mulher ideal.
Nesses dois períodos compostos há orações subordinadas substantivas que atuam como objeto direto da forma verbal suponho. No primeiro período, a oração é "que seja ela a mulher ideal". Essa oração é introduzida por uma conjunção subordinativa (que) e apresenta uma forma verbal do presente do subjuntivo (seja). Trata-se de uma oração subordinada desenvolvida. Assim são chamadas as orações subordinadas que se organizam a partir de uma forma verbal do modo indicativo ou do subjuntivo e que são introduzidas, na maior parte dos casos, por conjunção subordinativa ou pronome relativo.
No segundo período, a oração subordinada "ser ela a mulher ideal" apresenta o verbo numa de suas formas nominais (no caso, infinitivo) e não é introduzida por conjunção subordinativa ou pronome relativo. Justamente por apresentar uma peça a menos em sua estrutura, essa oração é chamada de reduzida. As orações reduzidas apresentam o verbo numa de suas formas nominais (infinitivo, gerúndio ou particípio) e não apresentam conjunção ou pronome relativo (em alguns casos, são encabeçadas por preposições).
3 ESTUDO DAS ORAÇÕES SUBOORDINADDAS SUBSTANTIVAS
Como você já viu, as orações subordinadas substantivas desempenham funções que no período simples normalmente são desempenhadas por substantivos. As orações substantivas podem atuar como sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, predicativo e aposto. Por isso são chamadas, respectivamente, de subjetivas, objetivas diretas, objetivas indiretas, completivas nominais, predicativas e apositivas. Essas orações podem ser desenvolvidas ou reduzidas. As desenvolvidas normalmente se ligam à oração principal por meio das conjunções subordinativas integrantes que e se. As reduzidas apresentam verbo no infinitivo e podem ou não ser encabeçadas por preposição.
SUBJETIVAS
As orações subordinadas substantivas subjetivas atuam como sujeito do verbo da oração principal. Observe:
É fundamental o seu comparecimento à reunião.
É fundamental que você compareça à reunião.
É fundamental você comparecer à reunião.
O primeiro período é simples. Nele, "o seu comparecimento à reunião" é sujeito da forma verbal é. Na ordem direta é mais fácil constatar isso: "O seu comparecimento à reunião é fundamental". Nos outros dois períodos, que são compostos, a expressão "o seu comparecimento a reunião" foi transformada em oração ("que você compareça a reunião" e "você comparecer à reunião"). Nesses períodos, as orações destacadas são subjetivas, já que desempenham a função de sujeito da forma verbal é. A oração "você comparecer à reunião", que não é introduzida por conjunção e tem o verbo no infinitivo, é reduzida.
Quando ocorre oração subordinada substantiva subjetiva, o verbo da oração principal sempre fica na terceira pessoa do singular. As estruturas típicas da oração principal nesse caso são:
a) verbo de ligação + predicativo - é bom..., é conveniente..., é melhor..., é claro..., está comprovado..., parece certo..., fica evidente..., etc. Observe os exemplos:
É preciso que se adotem providências eficazes.
Parece estar provado que soluções mágicas não funcionam.
b) verbo na voz passiva sintética ou analítica - sabe-se..., soube-se..., comenta-se..., dirse-ia..., foi anunciado..., foi dito..., etc. Exemplos:
Sabe-se que o país carece de sistema de saúde digno.
Foi dito que tudo seria resolvido por ele.
c) verbos como convir, cumprir, acontecer, importar, ocorrer, suceder, parecer, constar, urgir, conjugados na terceira pessoa do singular. Exemplos:

Convém que você fique.
Consta que ninguém se interessou pelo cargo.
Parece ser ela a pessoa indicada.
- nota da ledora: anúncio de campanha contra as drogas, apresentando um grande quadro negro e, dentro dele, um quadro bem pequeno, a ponto de não se conseguir ler, com uma seta que o destaca e o coloca em evidência do lado de fora, do grande quadro negro, onde podemos ler, em destaque: - Quem usa drogas experimenta novas sensações. Solidão, angústia e depressão, por exemplo.
- fim da nota.
Muitos autores consideram que o relativo quem deve ser desdobrado em "aquele que" (como já vimos na página 295). Tem-se, assim, um relativo (que), que introduz oração adjetiva. Outros autores preferem entender que "Quem usa drogas" é o efetivo sujeito de experimenta. Esta nos parece a melhor solução.
OBJETIVAS DIRETAS
As orações subordinadas substantivas objetivas diretas atuam como objeto direto do verbo da oração principal:
Todos querem que você compareça.
Suponho ser o Brasil o país de pior distribuição de renda no mundo.
Nas frases interrogativas indiretas, as orações subordinadas substantivas objetivas diretas podem ser introduzidas pela conjunção subordinativa integrante se e por pronomes ou advérbios interrogativos. Observe:
Ninguém sabe / se ela aceitará a proposta. / como a máquina funciona. / onde fica o teatro. / quanto custa o remédio. / quando entra em vigor a nova lei. / qual é o assunto da palestra.
Com os verbos deixar, mandar, fazer (chamados auxiliares causativos) e ver, sentir, ouvir, perceber (chamados auxiliares sensitivos) ocorre um tipo interessante de oração subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo. Observe:
Deixe-me repousar.
Mandei-os sair.
Ouvi-o gritar.
Nesses casos, as orações destacadas são todas objetivas diretas reduzidas de infinitivo. E, o que é mais interessante, os pronomes oblíquos atuam todos como sujeitos dos infinitivos verbais. Essa é a única situação da língua portuguesa em que um pronome oblíquo pode atuar como sujeito. Para perceber melhor o que ocorre, convém transformar as orações reduzidas em orações desenvolvidas:
Deixe que eu repouse.
Mandei que eles saíssem.
Ouvi que ele gritava.
Nas orações desenvolvidas, os pronomes oblíquos foram substituídos pelas formas retas correspondentes. É fácil perceber agora que se trata, efetivamente, dos sujeitos das formas verbais das orações subordinadas.
OBJETIVAS INDIRETAS
As orações subordinadas substantivas objetivas indiretas atuam como objeto indireto do verbo da oração principal:
Duvido de que esse prefeito dê prioridade às questões sociais.
Lembre-se de comprar todos os remédios.
COMPLETIVAS NOMINAIS
As orações subordinadas substantivas completivas nominais atuam como complemento de um nome da oração principal:
Levo a leve impressão de que já vou tarde.
Tenho a impressão de estar sempre no mesmo lugar.
Observe que as objetivas indiretas integram o sentido de um verbo, enquanto as

completivas nominais integram o sentido de um nome. Para distinguir uma da outra, é necessário levar em conta o termo complementado. Essa é, aliás, a diferença entre o objeto indireto e o complemento nominal: o primeiro complementa um verbo; o segundo, um nome. Nos exemplos dados acima, as orações subordinadas complementam o nome impressão.
PREDICATIVAS
As orações subordinadas substantivas predicativas atuam como predicativo do sujeito da oração principal:
A verdade é que ele não passava de um impostor.
Nosso desejo era encontrares o teu caminho.
APOSITIVAS
As orações subordinadas substantivas apositivas atuam como aposto de um termo da oração principal:
De você espero apenas uma coisa: que me deixe em paz.
Só resta uma alternativa: encontrar o remédio.
- nota da ledora: quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÃO:
Num período composto, [e normal que um conjunto de orações subordinadas substantivas crie uma unidade sintática e semântica. Verifique o que ocorre no seguinte período:
É fundamental que você demonstre que é favorável a queo o contratem .
Qual o sujeito da forma verbal é? Responder a essa pergunta equivale a dizer o que é fundamental para quem fez a afirmação contida na frase. E a resposta é longa: "que você demonstre que é favorável a que o contratem"- afinal, é isso que é fundamental para quem fez a afirmação. Como classificar o bloco? Na verdade o bloo todo funciona como sujeito da forma verbal é, mas não pode dizer que tudo isso seja uma oração subordinada substantiva subjetiva, já que há no trecho tres orações. Deve-se dizer que o núcleo do sujeito da forma verbal é é a oração " que você demonstre", cujo verbo (demonstre) é transitivodireto; seu objeto direto é " que é favorável a que o contratem ", cujo núcleo é " que é favorável ". O nome favorável, por sua vez, é complementado pela oração " a que o contratem ", oração subordinada substantiva completiva nominal.
Você pode achar isso tudo meio complicado, mas é necessário ver a fundo como rações subordinadas substantivas podem constituir unidades sintático-semânticas.
- fim do quadro.
4 PONTUAÇÃO DAS SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS
A pontuação dos períodos compostos em que surgem orações subordinadas substantivas segue os mesmos princípios que se adotam no período simples para as funções sintáticas a que essas orações equivalem:
- A vírgula não deve separar da oração principal as orações subjetivas, objetivas diretas, objetivas indiretas, completivas nominais e predicativas - afinal, sujeitos, complementos verbais e nominais não são separados por vírgula dos termos a que se ligam. O mesmo critério se aplica para o predicativo nos predicados nominais.
- A oração subordinada substantiva apositiva deve ser separada da oração principal por vírgula ou doís-pontos, exatamente como ocorre com o aposto:
O boato, de que o presidente renunciaria, espalhou-se rapidamente.
Imponho-lhe apenas uma tarefa: que administre bem o dinheiro público.
- nota da ledora: - quatro quadrinhos, na página : os quadrinhos, não teem em seus desenhos nada que justifiquem o diálogo que se seguirá, talvez porisso o título dos quadrinhos seja Intuindo. No primeiro quadro aparece um coração, em uma tela e a seguinte mensagem: no meio do amor ele pergunta:- você acha que eu tenho pouco músculo? - segundo quadrinho: um disco voador no espaço, cheio de ET: - ela responde que não e pergunta, no terceito quadrinho, que parece ser uma chaleira no fogo: - você

acha que eu sou pelancuda?, no quarto quadrinho tem o desenho de um rolo de papel, aparentemente higiênico, e: - ele responde que não.
Em todos os quadrinhos acima, temos orações subordinadas substantivas objetivas diretas. Todas, estão corretamente pontuadas: não há vírgulas separando-as das respectivas orações principais.
- nota da ledora: quadrinho representando uma cidade espacial e o seguinte texto: - E concluem que o bom do amor é que ele não acha muito.
Para concluir, a pontuação se mantém corretíssima nas duas substantivas finais: a objetiva direta e a predicativa.
ialerias de arte

CAPÍTULO 23

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS

- nota da ledora: propaganda do jornal O Estadão, texto: - Sua última redação que fez sucesso foi "Minhas férias na Fazenda? " - ao lado, a foto de uma vaca e a seguinte frase, atribuída a ela: - É melhor voce começar a ler o Estadão.
- fim da nota.
Uma oração adjetiva nada mais é do que um adjetivo em forma de oração. Assim como é possível dizer "redação bem sucedida", em que o substantivo redação é caracterizado pelo adjetivo bem-sucedida, é possível dizer também "redação que fez sucesso", em que a oração "que fez sucesso" exerce exatamente o mesmo papel do adjetivo bem-sucedida, ou seja, caracteriza o substantivo redação.

1 ESTRUTURA DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS

Como você já viu, as orações subordinadas adjetivas têm esse nome porque equivalem a um adjetivo. Em termos sintáticos, essas orações exercem a função que normalmente cabe a um adjetivo, a de adjunto adnominal. Observe:
Não suporto gente mentirosa.
Não suporto gente que mente.
Comparando esses períodos, é fácil perceber que a oração "que mente" e a palavra mentirosa são morfossintaticamente equivalentes: têm papel morfológico de adjetivo e função sintática de adjunto adnominal do substantivo gente, que é núcleo do objeto direto da forma verbal suporto. "Que mente" e, portanto, uma oração subordinada adjetiva.
A conexão entre oração subordinada adjetiva e o termo da oração principal que ela modifica é feita, no caso, pelo pronome relativo que. Vale relembrar um recurso didático largamente empregado - e já estudado neste livro, no capítulo destinado aos pronomes - para reconhecer o pronome relativo que: ele sempre pode ser substituído por o/a qual, os/as quais. "Gente que mente" equivale a "gente a qual mente"; "aluno estudioso" equivale a "aluno o qual estuda".
Convém lembrar também que é fundamental diferenciar o relativo que da conjunção integrante que, que introduz uma oração subordinada substantiva. Observe:
"Diga às pessoas que me procurarem que estarei aqui depois do almoço".
O primeiro que é pronome relativo (que = as quais). A oração "que me procurarem", que caracteriza o substantivo pessoas, é adjetiva. O segundo que, que não pode ser substituido por nenhum outro termo, é conjunção integrante. A oração "que estarei aqui depois do almoço"é subordinada substantiva objetiva direta, já que funciona como complemento direto da forma verbal diga.
Além de conectar (ou relacionar, daí o nome relativo) duas orações, o pronome relativo desempenha uma função sintática na oração subordinada: ocupa o papel que seria exercido pelo termo que o antecede. Observe:
É preciso comer alimentos. Esses alimentos não devem fazer mal à saúde. É preciso comer alimentos que não façam mal à saúde.
No primeiro caso, há dois períodos simples. No primeiro período, o substantivo

alimentos exerce a função sintática de objeto direto de comer; no segundo, é núcleo do sujeito da locução verbal devem fazer. Quando os dois períodos simples são unidos num período composto, o substantivo alimentos deixa de ser repetido: em seu lugar, exercendo a função de sujeito da forma verbal façam, surge o pronome relativo que. Note que, para os dois períodos se unirem num período composto, foi preciso alterar o modo verbal da segunda oração.
Não é só o pronome relativo que que desempenha função sintática. Aos demais relativos (quem, o qual, a qual, os quais, as quais, cujo, cuja, cujos, cujas, onde, quanto, quando, como, ja estudamos no capítulo destinado aos pronomes) também se aplica o mesmo raciocínio. Ainda neste capítulo, você verá as funções sintáticas desses relativos.
Quando são introduzidas por um pronome relativo e apresentam verbo no modo indicativo ou subjuntivo, as orações subordinadas adjetivas são chamadas desenvolvidas. Além delas, existem as orações subordinadas adjetivas reduzidas, que não são introduzidas por pronome relativo (podem ser introduzidas por preposição) e apresentam o verbo numa das formas nominais (infinitivo, gerúndio ou particípio).
Observe:
Ele foi o primeiro aluno que se apresentou.
Ele foi o primeiro aluno a se apresentar.
No primeiro período, há uma oração subordinada adjetiva desenvolvida, já que é introduzida pelo pronome relativo que e apresenta verbo conjugado no pretérito perfeito do indicativo. No segundo, há uma oração subordinada adjetiva reduzida de infinitivo: não há pronome relativo e seu verbo está no infinitivo.
2 ASPECTOS SEMÂNTICOS: ORAÇÕES RESTRITIVAS E EXPLICATIVAS
Na relação que estabelecem com o termo que caracterizam, as orações subordinadas adjetivas podem atuar de duas maneiras diversas. Há aquelas que restringem o sentido do termo antecedente, individualizando-o - são as chamadas subordinadas adjetivas restritivas - e aquelas que realçam um detalhe ou amplificam dados sobre o antecedente, que já se encontra suficientemente definido - são as subordinadas adjetivas explicativas.
Observe:
jamais teria chegado aqui, não fosse a gentileza de um homem que passava naquele momento.
O homem, que se considera racional, muitas vezes age animalescamente.
No primeiro período, a oração "que passava naquele momento" restringe e particulariza o sentido da palavra homem: trata-se de um homem específico, único, que se caracteriza, no caso, por estar passando por um determinado lugar num determinado momento. A oração, na verdade, limita o universo de homens, isto é, não se refere a todos os homens. E, portanto, uma oração subordinada adjetiva restritiva. No segundo período, a oração "que se considera racional" não tem sentido restritivo em relação à palavra homem: na verdade, essa oração apenas explicita uma idéia que já sabemos estar contida no conceito de homem. A oração não faz referência a um determinado homem, e sim ao conjunto de homens, a todos os homens, a qualquer homem. Trata-se, portanto, de uma oração subordinada adjetiva explicativa.
Se você ler atentamente em voz alta os dois períodos acima, vai perceber que a oração subordinada adjetiva explicativa é separada da oração principal por uma pausa, que, na escrita, é representada pela vírgula. É comum, por isso, que a pontuação seja indicada como forma de diferenciar as orações explicativas das restritivas: de fato, as explicativas vêm sempre isoladas por vírgulas; as restritivas, não. Essa diferença é facilmente perceptível quando se está diante de um período escrito por outrem; no entanto, quando é preciso redigi-lo, é necessário levar em conta as diferenças de significado que as orações restritivas e as explicativas implicam (afinal, é quem está escrevendo que vai ter de colocar as vírgulas nesse caso!). Em muitos casos, a oração subordinada adjetiva será explicativa ou restritiva de acordo com o que se pretende

dizer. Observe:
Mandei um telegrama para meu irmão que mora em Roma.
Mandei um telegrama para meu irmão, que mora em Roma.
No primeiro período, é possível afirmar com segurança que a pessoa que fala ou escreve tem, no mínimo, dois irmãos, um que mora em Roma e um que mora em outro lugar. A palavra irmão, no caso, precisa ter seu sentido limitado, ou seja, é preciso restringir seu universo. Para isso se usa uma oração subordinada adjetiva restritiva. No segundo período, é possível afirmar com segurança que a pessoa que fala ou escreve tem apenas um irmão, o qual mora em Roma. A informação de que o irmão mora em Roma não é uma particularidade, ou seja, não é um elemento identificador, diferenciador, e sim um detalhe que se quer realçar.
Observe as diferenças de sentido produzidas nos períodos seguintes pelo uso de orações subordinadas adjetivas restritivas e explicativas:
O país que não trata a educação como prioridade não pode fazer parte do rol das nações civilizadas.
O país, que não trata a educação como prioridade, não pode fazer parte do rol das nações civilizadas.
No primeiro período, faz-se uma afirmação de caráter genérico, irrestrito, que se aplica a todo e qualquer país que não trata a educação como prioridade.
Restringindo a palavra país, a oração subordinada adjetiva restritiva limita, particulariza seu sentido, tornando-a aplicável a determinado grupo de países. No segundo período, faz-se referência a um pais cuja situação é bem conhecida por quem fala e por quem ouve. No caso, a informação de que ele não trata a educação como prioridade é considerada um fato notório, a que se quer dar destaque.
Os homens cujos princípios não são sólidos acabam se corrompendo.
Os homens, cujos princípios não são sólidos, acabam se corrompendo.
No primeiro período, está-se afirmando que apenas alguns homens aqueles que não têm princípios sólidos são corruptíveis. O termo homens tem seu sentido particularizado, limitado pela oração subordinada adjetiva restritiva ("cujos princípios não são sólidos", introduzida pelo relativo cujos). No segundo período, faz-se uma afirmação de caráter genérico: todos os homens de um determinado universo (um clube, um partido político, uma escola, uma cidade, um país ou até mesmo o planeta todo) são corruptíveis, porque se considera a falta de solidez dos princípios uma característica comum a todo e qualquer homem de um determinado conjunto, que, como já foi dito, pode até ser o planeta todo. A oração subordinada adjetiva é, nesse caso, explicativa.
A empresa tem duzentos funcionários que moram em Guaratinguetá.
A empresa tem duzentos funcionários, que moram em Cuaratinguetá.
No primeiro período, afirma-se que a empresa tem mais de duzentos funcionários, dos quais duzentos moram em Guaratinguetá. A oração "que moram em Cuaratinguetá" limita, restringe o sentido da palavra funcionários. É subordinada adjetiva restritiva. No segundo período, afirma-se que a empresa tem exatamente duzentos funcionários e que todos, absolutamente todos, moram em Guaratinguetá. A oração subordinada adjetiva é explicativa.

3 PRONOMES RELATIVOS: USOS E FUNÇÕES

QUE

Você já viu neste livro, no capítulo destinado aos pronomes, que, por seu largo emprego, o relativo que é considerado relativo universal. Esse pronome pode ser usado para substituir pessoa ou coisa, que estejam no singular ou no plural.
Sintaticamente, o relativo que pode desempenhar várias funções:
a) sujeito: O homem que pensa vale por dois.
b) objeto direto: "Bebi o café que eu mesmo preparei". (Manuel Bandeira)
c) objeto indireto: "Alegria, alegria" é uma das músicas de que mais gosto.

d) complemento nominal: As teses a que me mantenho fiel são muito polêmicas.
e) predicativo: O pessimista que eu era deu lugar a um insuportável sonhador.
f) agente da passiva: As teses por que você foi seduzido são puro delírio.
g) adjunto adverbial (no caso, de lugar): A cidade em que nasci fica no Vale do Paraíba.
Pelos exemplos acima, percebe-se que o pronome relativo deve ser precedido da preposição apropriada a cada função que exerce. E o caso do objeto indireto (gostar de algo), do complemento nominal (fiel a algo), do agente da passiva (ser seduzido por alguém ou algo) e do adjunto adverbial de lugar (nascer em algum lugar). Na língua escrita formal, a omissão da preposição nesses casos é considerada erro.
- nota da ledora: propaganda da TVA, televisão à cabo, apresentando na foto, um casal sentado no sofá, o homem dormindo e a mulher assistindo televisão, entediada. Texto: - Foi essa a vida de aventura que você prometeu a ela?
- fim da nota.
Neste anúncio, o pronome relativo que desempenha a função sintática de objeto direto.
QUEM
Como você já sabe, o pronome quem refere-se a pessoa ou a coisa personificada, no singular ou no plural. É sempre precedido de preposição, podendo exercer diversas funções sintáticas:
a) objeto direto preposicionado: Drummond, a quem admiro muito, influenciou-me profundamente.
b) objeto indireto: Este é o jogador a quem me refiro sempre.
c) complemento nominal: Este é o jogador a quem sempre faço referência.
d) agente da passiva: O médico por quem fomos assistidos é um dos mais renomados especialistas.
e) adjunto adverbial (no caso, de companhia): A mulher com quem ele mora é grega.
O QUAL, OS QUAIS, A QUAL, AS QUAIS
O qual, a qual, os quais e as quais são usados com referência a pessoa ou coisa. Desempenham as mesmas funções que o pronome que; seu uso, entretanto, é bem menos frequente. Observe dois exemplos:
a) sujeito: Conhecemos uma das irmãs de Pedro, a qual trabalha na Alemanha.
Neste caso, o relativo a qual evita ambiguidade. Se fosse usado o relativo que, não seria ossível determinar quem trabalha na Alemanha.
b) adjunto adverbial: Não deixo de cuidar da grama, sobre a qual as vezes gosto de um bom cochilo.
A preposição sobre, dissilábica, tende a exigir o relativo sob as formas o/a qual, os/as quais, rejeitando a forma que.
CUJO, CUJA, CUJOS, CUJAS
Cujo e suas flexões equivalem a de que, do qual (ou suas flexões da qual, dos quais, das quais), de quem. Estabelecem normalmente relação de posse entre o antecedente e o termo que especificam, atuando na maior parte das vezes como adjunto adnominal e em algumas construções como complemento nominal.
a) adjunto adnominal: Não consigo conviver com pessoas cujas aspirações sejam essencialmente materiais. (Não consigo conviver com pessoas / As aspirações dessas pessoas são essencialmente materiais)
b) complemento nominal: O livro, cuja leitura agradou muito aos alunos, trata dos tristes anos da ditadura. (cuja leitura = a leitura do livro)
No português falado no Brasil, esse pronome tem uso restrito às situações formais. Mesmo as pessoas de maior grau de escolaridade têm dificuldades para empregá-lo, optando por construções como:
A mulher que a casa foi invadida quer ir embora do bairro.
ou
A mulher que a casa dela foi invadida quer ir embora do bairro.

Essas construções são normais na língua falada informal, mas devem ser evitadas no padrão culto da língua. Em seu lugar, deve-se usar:
A mulher cuja casa foi invadida quer ir embora do bairro.
Observe que é erro grosseiro o emprego de artigo definido depois do pronome cujo. São erradas construções como "A mulher cuja a casa foi invadida..." ou "O garoto, cujo o tio é professor..."; basta dizer /cuja casa" ou "cujo tio".
ONDE
Onde só é pronome relativo quando equivale a em que. Quando se diz "Onde você nasceu?", não é possível pensar em pronome relativo; afinal, o período é simples, e você sabe que o pronome relativo só aparece no período composto, para substituir numa oração subordinada um termo da oração principal. No caso, onde é advérbio interrogativo.
Quando pronome relativo, onde só pode ser usado na indicação de lugar, atuando sintaticamente como adjunto adverbial de lugar:
Quero uma cidade tranqüila, onde possa passar alguns dias em paz.
A cidade onde nasci fica no Vale do Paraíba.
- nota da ledora: propaganda da camionete Pajero, em paisagem semelhante a Chapada dos Guimarães, região de grande beleza rústica, com o seguinte texto:- Ideal num país onde os prefeitos iniciam estradas e os sucessores param no meio.
- fim da nota.
Onde substitui o termo um país e desempenha na oração subordinada adjetiva a função sintática de adjunto adverbial de lugar.
Onde substitui o termo um país e desempenha na oração subordinada adjetiva afunção sintatica de adjunto adverbial de lugar.
Há uma forte tendência, na língua portuguesa atual, em usar onde como relativo universal, um verdadeiro cola-tudo. Esse uso curiosamente tende a ocorrer quando um falante de desempenho lingüistico pouco eficiente procura "falar dífícil". Surgem então frases como:
Vai ser um jogo muito díficil, muito disputado, onde nós vamos tentar conseguir mais um resultado positivo.
Vivemos uma época muito difícil, onde a violência gratuita é dominante.
Não me alimentei bem, dormi mal, onde hoje não consegui uma boa marca.
A economia está em franco processo de recessão, os salários estão congelados, onde a classe média não pode mais comprar como antes.
Na língua culta, escrita ou falada, onde deve ser limitado aos casos em que há indicação de lugar físico, espacial. Quando não houver essa indicação, deve-se preferir em que, no qual (e suas flexões na qual, nos quais, nas quais) e, nos casos da idéia de causa / efeito ou de conclusão, portanto:
Vivemos uma época muito difícil, em que (na qual) a violência gratuita impera.
A economia está em franco processo de recessão, os salários estão congelados, portanto (por isso) a classe média não pode mais comprar como antes.
QUANTO, COMO, QUANDO
Quanto, quantos e quantas são pronomes relativos quando seguem os pronomes indefinidos tudo, todos ou todas. Atuam principalmente como sujeito e objeto direto.
a) sujeito: Tente interrogar todos quantos participaram da selvageria.
b) objeto direto: Comeu tudo quanto queria.
Como e quando exprimem noções de modo e tempo, respectivamente; atuam, portanto, como adjuntos adverbiais de modo e de tempo:
É estranho o modo como ele me trata.
É a hora quando o sol começa a deitar-se.
4 ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS E A PONTUAÇÃO
Você já viu que existem dois tipos de oração subordinadas adjetivas: as restritivas e as

explicativas. Como agem de forma diferente na caracterização do termo a que se ligam, essas duas orações devem ser claramente diferenciadas na língua escrita. As orações restritivas ligam-se intimamente ao termo cujo sentido particularizam, portanto não podem ser separadas desse termo por vírgulas. As orações explicativas agem como uma espécie de detalhe ou comentário adicional ao termo a que se ligam; portanto devem ser isoladas por vírgulas. Convém lembrar que o papel restritivo ou explicativo da oração depende muitas vezes do significado que se quer dar ao que se afirma:
O país cuja distribuição de renda é indecente não tem perspectiva de civilizar-se.
O país, cuja distribuição de renda é indecente, não tem perspectiva de civilizar-se.
Na primeira frase, a oração adjetiva restritiva é empregada para delimitar o sentido da palavra país. A falta de perspectiva de civilizar-se aplica-se apenas àqueles países que têm renda concentrada e mal distribuída. Na segunda, a oração adjetiva explicativa torna explícito um dado já aceito como inerente a um país que já tinha sido citado.
- nota da ledora: quadrinho de desenho: em um barco, médico diz pra pescador, com caniço: - olha o paciente que tem minhoca na cabeça não veio !
- fim da nota.
Para azar do pescador, faltou justamente o paciente mais precioso Este é caracterizado pelo psicanalista numa oração adjetiva restritiva ("que tem minhoca na cabeça")
É muito comum o emprego de uma vírgula depois de orações subordinadas adjetivas restritivas muito longas, principalmente quando o verbo dessa oração subordinada e o verbo da oração principal são contíguos, ou seja, estão lado a lado:
Muitas das estradas com que generais megalomaníacos, tecnocratas alucinados e empreiteiros inescrupulosos se locupletaram, estão abandonadas.
Observe que a vírgula que aparece entre locupletaram e estão separa o sujeito do predicado. Seu emprego, consagrado como recurso de clareza, na verdade não condiz com o papel básico que cabe à pontuação, o de organizador das relações lógicas e dos significados. Estruturalmente, essa vírgula é inútil.

CAPÍTULO 24
ORAÇÕES SUBORDI NADAS ADVERBIAIS

- nota da ledora: propaganda de Valisere: adolescente vestindo calcinha e sutiã, mantendo um comportamento infantil, (sentada à moda indígena-pernas cruzadas na cadeira), e o seguinte texto: - Quando uma menina vira mulher, os homens viram meninos.
- fim da nota.
Neste capítulo, você vai estudar a última parte do período composto por subordinação, com as orações subordinadas adverbiais, isto é, aquelas que exercem a função de adjunto adverbial do verbo da oração principal. No texto do anúncio acima, a oração subordinada adverbial é "Quando uma menina vira mulher", que agrega uma circunstância de tempo à oração principal.

1 INTRODUÇÃO

Você já sabe que uma oração subordinada adverbial exerce a função de adjunto adverbial do verbo da oração principal. Observe:
Naquele momento, senti uma das maiores emoções de minha vida. Quando vi a Pietá, senti uma das maiores emoções de minha vida.
No primeiro período, "naquele momento" e um adjunto adverbial de tempo, que modifica a forma verbal senti. No segundo período, esse papel é exercido pela oração "Quando vi a Pietá", que é, portanto, uma oraçao subordinada adverbial temporal. Essa oração é desenvolvida, já que é introduzida por uma conjunção subordinativa (quando) e apresenta uma forma verbal do modo indicativo (vi, do pretérito perfeito do indicativo). Seria possível reduzi-la, obtendo algo como:
Ao ver a Pietá, senti uma das maiores emoções de minha vida.
"Ao ver a Pietá" é uma oração reduzida porque apresenta uma das formas nominais do

verbo (ver é infinitivo) e não é introduzida por conjunção subordinativa, mas sim por uma preposição (a, combinada com o artigo o).

2 ASPECTOS SEMÂNTICOS: AS CIRCUNSTÂNCIAS

Ao estudar os adjuntos adverbiais, você viu que sua classificação é feita com base nas circunstâncias que exprimem. Com as orações subordinadas adverbiais ocorre a mesma coisa. A diferença fica por conta da quantidade: há apenas nove tipos de orações subordinadas adverbiais, enquanto os adjuntos adverbiais são pelo menos quinze. As orações adverbiaisadquirem grande importância para a articulação adequada de idéias e fatos e por isso são fundamentais num texto dissertativo, como você poderá constatar a seguir.

Você fará agora um estudo pormenorizado das circunstâncias expressas pelas orações subordinadas adverbiais. É importante compreender bem essas circunstâncias e observar atentamente as conjunções e locuções conjuntivas utilizadas em cada caso.

CAUSA

A idéia de causa está diretamente ligada àquilo que provoca um determinado fato.

As orações subordinadas adverbiais que exprimem causa são chamadas causais.

A conjunção subordinativa mais utilizada para a expressão dessa circunstância é porque.

Outras conjunções e locuções conjuntivas muito utilizadas são como (sempre introduzindo oração adverbial causal anteposta à principal), pois, lá que, uma vez que, visto que. Observe:

As ruas ficaram alagadas porque a chuva foi muito forte.

Como ninguém se interessou pelo proleto, não houve outra alternativa a não ser cancelálo.

Já que você não vai, eu não vou.

Por ter muito conhecimento (= Porque/Como tem muito conhecimento), ésempre consultado. (reduzida de infinitivo)

CONSEQUENCIA

A idéia de conseqüência está ligada àquilo que é provocado por um determinado fato.

As orações subordinadas adverbiais consecutivas exprimem o efeito, a conseqüência daquilo que se declara na oração principal. Essa circunstância é normalmente introduzida pela conjunção que, quase sempre precedida, na oração principal, de termos intensivos, como tão, tal, tanto, tamanho. Observe:

A chuva foi tão forte que em poucos minutos as ruas ficaram alagadas.

Tal era sua indignação que imediatamente se uniu aos manifestantes.

Sua fome era tanta que comeu com casca e tudo.

- nota da ledora:

OBSERVAÇÃO - É comum que o termo intensivo da oração principal fique subentendido, como na popular estrutura. - Ele é feio que dói -. A intensidade, no caso, é dada pela entonação, pelo modo de pronunciar a palavra feio: - ele é ffffeio que doi- (atenção: feio esta mesmo com quatro efes, no texto), ou seja, - Ele é tão feio que sua feiúra chega a doer .

- fim da nota.

CONDIÇÃO

Condição é aquilo que se impõe como necessário para a realização ou não de um fato.

As orações subordinadas adverbiais condicionais exprimem o que deve ou não ocorrer para que se realize ou deixe de se realizar o fato expresso na oração principal. A conjunção mais utilizada para introduzir essas orações é se; além dela, podem-se utilizar caso, contanto que, desde que, salvo se, exceto se, a menos que, sem que, uma vez que (seguida do verbo no subjuntivo). Observe:

Uma vez que você aceite a proposta, assinaremos o contrato.

Caso você se case, convide-me para a festa.

Não saia sem que eu permita.

Se o regulamento do campeonato for bem elaborado, certamente o melhor time será

o campeão.
Conhecendo os alunos (= Se conhecesse os alunos), o professor não os teria punido. (oração reduzida de gerúndio)
CONCESSÃO
A idéia de concessão está diretamente ligada à idéia de contraste, de quebra de expectativa. De fato, quando se taz uma concessão, não se faz o que é esperado, o que é normal. As orações adverbiais que exprimem concessão são chamadas concessivas. A conjunção mais empregada para expressar essa relação é embora; além dela, podem ser usadas a conjunção conquanto e as locuções ainda que, ainda quando, mesmo que, se bem que, apesar de que. Observe:
Embora fizesse calor; levei agasalho.
Conquanto a economia tenha crescido, pelo menos metade da população continua à margem do mercado de consumo. Foi aprovado sem estudar (= sem que estudasse / embora não estudasse). (reduzida de infinitivo)
- nota da ledora: quadro de destaque na página;
OBSERVAÇÃO
A locução posto que é dada nos dicionários como equivalente a embora, ou seja, é indicada como concessiva: aprovado, posto que não estudasse". Na linguagem corrente, no Brasil, esse emprego não se verifica. Tem-se entanto, o uso dessa locução para idéia de explicação ou causa, como em um poema de Vinicius de Moraes, "Soneto de fidelidade", em que há uma célebre passage que diz: "Que não seja imortal, posto que é chama, mas que seja infinito enquanto dure". É evidente que o poeta não usou a locução posto que com o sentido que está nos dicionários.
- fim do quadro.
- nota da ledora: quadrinho de desenho, representando pai e filha, no sofá. A menina brinca com uma boneca. O pai diz: - apesar de ser muito madura, minha filha ainda gosta de brincar de boneca. - dirigindo-se a filha diz, marotamente: - que boneca linda, filha. Qual o nome dela? A menina com um olhar freudiano, ou quem sabe pensando como não sobrou muito, de inteligência útil, no pai-curuja, que parece embasbacado - responde: - É a Jane. Ela é cheia de problemas. Casou cedo, virgem, se apaixonou pelo primo, deixou o marido… - o pai aparenta estar apatetado.
- fim da nota.
Apesar de ser muito madura (1o. quadrinho) é subordinada adverbial concessiva, pois estabelece contraste com a oração principal Mas como o leitor descobre no último quadrinho, a garotinha brinca de boneca de um modo nada inocente…
COMPARAÇÃO
As orações subordinadas adverbiais comparativas contêm fato ou ser comparado a fato ou ser mencionado na oração principal. A conjunção mais empregada para expressar comparação é como; além dela, utilizam-se com muita freqúência as estruturas que formam o grau comparativo dos adjetivos e dos advérbios: tão... como (quanto), mais (do) que, menos (do) que. Observe:
Ele dorme como um urso (dorme).
Sua sensibilidade é tão afinada quanto sua inteligência (é).
Como se pode perceber nos exemplos acima, é comum a omissão do verbo nas orações subordinadas adverbiais comparativas. Isso só não ocorre quando se comparam ações diferentes ("Ela fala mais do que faz." - nesse caso, compara-se o falar e o fazer).
CONFORMIDADE
As orações subordinadas adverbiais conformativas indicam idéia de conformidade, ou seja, exprimem uma regra, um caminho, um modelo adotado para a execução do que se declara na oração principal. A conjunção típica para exprimir essa circunstância é conforme; além dela, utilizam-se como, consoante e segundo (todas com o mesmo valor de conforme).

Observe:
Fiz o bolo conforme ensina a receita.
Consoante reza a Constituição, todos os cidadãos têm direitos iguais.
Segundo atesta recente relatório do Banco Mundial, o Brasil é o campeão mundial de má distribuição de renda.
FINALIDADE
As orações subordinadas adverbiais finais exprimem a intenção, a finalidade do que se declara na oração principal. Essa circunstância é normalmente expressa pela locução conjuntiva a fim de que; além dela, utilizam-se a locução para que e, mais raramente, as conjunções que e porque (= para que). Observe:
Vim aqui a fim de que você me explicasse as questões.
Fez tudo porque eu não obtivesse bons resultados. (- para que eu não obtivesse...)
Suportou todo tipo de humilhação para obter o visto americano. (= para que obtivesse...) (reduzida de infinitivo)
- nota da ledora: anúncio da seguradora Itaú: foto de neném, de aproximadamente 6 meses de idade, deitadinho de costas e nuzinho, apresentando o seguinte texto: -" Estão usando mulher pelada até para vender seguro de vida "- referência a nudez da criança que deve ser, objeto de amor maior e proteção, na figura de um filho, beneficiário de seguro.
- fim da nota.
"Para vender seguro de vida" é uma oração subordinada adverbial final.
PROPORÇÃO
As orações subordinadas adverbiais proporcionais estabelecem relação de proporção ou proporcionalidade entre o processo verbal nelas expresso e aquele declarado na oração principal. Essa circunstância normalmente é indicada pela locução conjuntiva à proporção que; além dela, utilizam-se à medida que e expressões como quanto mais, quanto menos, tanto mais, tanto menos. Observe:
Quanto mais se aproxima o fim do mês, mais os bolsos ficam vazios.
Quanto mais te vejo, mais te desejo.
Á medida que se aproxima o fim do campeonato, aumenta o interesse da torcida pela competição.
À proporção que se acumulam as dívidas, diminuem as possibilidades de que a empresa sobreviva.
TEMPO
As orações subordinadas adverbais temporais indicam basicamente idéia de tempo. Exprimem fatos simultâneos, anteriores ou posteriores ao fato expresso na oração principal, marcando o tempo em que se realizam. As conjunções e locuções conjuntivas mais utilizadas são quando, enquanto, assim que, logo que, mal, sempre que, antes que, depois que, desde que. Observe:
"Quando você foi embora, fez-se noite em meu viver." (Milton Nascimento & Fernando Brant)
"Enquanto os homens exercem seus podres poderes, motos e fuscas avançam os sinais vemelhos e perdem os verdes: somoos uns boçais (Caetano Veloso)
Mal você saiu, e/a chegou.
Terminada a festa, todos se retiraram. (Quando terminou a festa) (reduzida de particípio)
- nota da ledora: quadro de destaque na página
OBSERVAÇÃO
Mais importante no que aprender a classificar as orações subordinadas adverbiais é interpretá-las adequadamente e utilizar as conjunções e locuções conjuntivas de maneira eficiente. Por isso, é desaconselhável que você faça o que muita gente costuma indicar como forma de "aprender as orações subordinadas adverbiais": "descabelar-se" para

decorar listas de conjunções e, com isso, conseguir dar um rótulo as orações. Essa prática, além de fazer com que você se preocupe mais com nomenclaturas do que com o uso efetivo das estruturas lingüisticas, é inútil quando se consideram casos mais sutis de construção de frases. Observe, nas frases seguintes, o emprego da conjunção como em diversos contextos: em cada um deles, ocorre uma oração subordinada adverbial diferente. Como seria possível reconhecê-las se se par tisse de uma lista de conjunções "decoradas"? É melhor procurar compreender o que efetivamente está sendo declarado.
Como dizia o poeta, "a vida é a arte do encontro" (valor de conformidade)
Como não tenho dinheiro, não poderei participar da viagem. (valor de causa)
"E cai como uma lágrima de amor." (Antônio Carlos Jobim & Vinicius de Moraes) (valor de comparação)
Há até casos em que a classificação depende do contexto: "Como o jornal noticiou, o teatro ficou lotado". A oração subordinada adverbial pode ser causal ou conformativa, dependendo do contexto.

3 AS ORAÇÕES SUBOORDINADAS ADVERBIAIS E A PONTUAÇÃO

A pontuação dos períodos em que há orações subordinadas adverbiais obedece aos mesmos princípios observados em relação aos adjuntos adverbiais. Isso significa que a oração subordinada adverbial sempre pode ser separada por vírgulas da oração principal. Essa separação é optativa quando a oração subordinada está posposta à principal e é obrigatória quando a oração subordinada está intercalada ou anteposta:
Tudo continuará como está se você não intervier.
ou
Tudo continuará como está, se você não intervier.
Disse que, quando chegar tomará todas as providências.
Quando chegar tomará todas as providências.
- nota da ledora: quadrinhos na página; dois homens conversando. O primeiro diz: - …é perdão. Mesmo os doidões um dia param se casam têm filhos, emprego… o segundo responde: - …é tô sabendo. E complementa: - mas isso so acontece quando o passado chega! - fim da nota.
"Quando o passado chega!" (2o. quadrinho) não está separada por vírgula da oração principal porque vem posposta a ela No caso, a vírgula é optativa. Mas no 1o. quadrinho observam-se dois deslizes de pontuação: faltam vírgulas em "E, Pedrão e se casam,.

CAPÍTULO 25

ORAÇÕES COORDENADAS

1 INTRODUÇÃO

As orações coordenadas são sintaticamente independentes; uma não exerce função sintática em relação à outra. Note que na palavra coordenação existe o prefixo co-, que indica "nivelamento, igualdade, companhia ; e o mesmo prefixo de cooperar, co-líder, co-piloto. Na palavra subordinação existe o prefixo sub-, que indica posição inferior: a oração subordinada é sintaticamente dependente da principal.

2 ORAÇÕES SINDÉTICAS E ASSINDÉTICAS

Você já sabe que num período composto por coordenação as orações são independentes e sintaticamente equivalentes. Isso significa que as oraçôes coordenadas não agem como se fossem termos de outra oração, nem têm um de seus termos na forma de oração. Observe:
"Apita o árbitro, abrem-se as cortinas e começa o espetáculo." (Fiori Gigliotti)
Há três orações nesse período, organizadas a partir das formas verbais apita, abrem-se e começa. Essas orações
- nota da ledora: cinco quadros de pequena propaganda.
1o. quadro: com texto - Quando pequeno, adorava pintura.
2o. quadro: criança riscando a parede.
3o. quadro: texto - cresceu e foi trabalhar num banco.

4o. quadro: texto - ainda há tempo de dar uma virada na sua vida.
5o. quadro: criança de aproximadamente cinco anos, chorando.
- fim da nota.
No 3o. quadro, "Cresceu" é oração coordenada assindética, seguida de uma coordenada sindética ("e foi trabalhar num banco").
são sintaticamente equivalentes, já que nenhuma delas atua como termo sintático de outra. As orações são completas, não lhes falta nenhum termo. Não é difícil para você, que já conhece as orações subordinadas, perceber claramente isso.
Trata-se, portanto, de um período composto por coordenação - e as três orações que o formam são coordenadas.
A conexão entre as duas primeiras orações é feita exclusivamente por uma pausa, representada na escrita por uma vírgula. Entre a segunda e a terceira, é feita pela conjunção e. As orações coordenadas que se ligam umas às outras apenas por uma pausa, sem conjunção, são chamadas assindéticas. É o caso de "Apita o árbitro" e "abrem-se as cortinas". As orações coordenadas introduzidas por uma conjunção são chamadas sindéticas. Sindéticas e assindéticas são palavras de origem grega; a raiz é syndeton, que significa "união". No exempIo acima, a oração "e começa o espetáculo" é coordenada sindética, porque é introduzida pela conjunção e. Costuma-se chamar de coordenada inicial a primeira oração de um período composto por coordenação.
A classificação de uma oração coordenada leva em conta fundamentalmente o aspecto lógico-semântico da relação que se estabelece entre as orações. Você começa a perceber isso já nos nomes das cinco coordenadas sindéticas, que podem ser subdassificadas em aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas e explicativas.
3 CLASSIFICACÃO DAS ORAÇÕES COORDENADAS SINDÉTICAS
ADITIVAS
As coordenadas sindéticas aditivas normalmente indicam fatos ou acontecimentos dispostos em sequência. A palavra aditiva é da mesma família da palavra adição, que, como você sabe, significa "soma". Portanto, as coordenadas aditivas normalmente têm o papel de somar, sem acrescentar outro matiz de significação. As conjunções coordenativas aditivas típicas são e e nem (e + não):
Caetano Veloso canta e compõe muito bem.
Ela não trabalha nem estuda.
Como a conjunção nem tem o valor da expressão "e não", condena-se na língua culta a forma e nem para introduzir orações aditivas.
A língua portuguesa dispõe também de estruturas correlativas para coordenar orações. Essas estruturas, conhecidas como séries aditivas enfáticas, costumam ser usadas quando se pretende enfatizar o conteúdo da segunda oração:
Caetano Veloso não só canta, mas também (ou como também) compõe muito bem.
Ele não só foi o melhor do time, mas também (ou como também) fez o gol da vitória.
ADVERSATIVAS
As orações coordenadas sintéticas adversativas exprimem fatos ou conceitos que se opõem ao que se declara na oração se declara na oração coordenada anterior, estabelecendo contraste ou compensação. A palavra adversativa é da mesma família da palavra adversário, que, como você sabe, significa "opositor". A conjunção coordenativa adversativa típica é mas; além dela, empregam-se porém, contudo, todavia, entretanto e as locuções no entanto, não obstante. Observe:
"Eu queria querer-te e amar o amor construirmos dulcíssima prisão, encontrar a mais justa adequação, tudo métrica, rima, nunca dor, mas a vida é real e de viés."
(Caetano Veloso)
O Brasil tem potencial inesgotável; sua má administração, porém, tem produzido apenas a sociedade mais injusta do planeta.
O time jogou muito hem, entretanto não conseguiu a vitória.

- nota da ledora: quadro de destaque na página
OBSERVAÇÃO
Em textos clássicos, é possível encontrar a conjunção entando, que hoje só é empregada na locução no entanto. Quanto a esta locução, convém não imitar uma construção cada vez mais comum tanto na língua falada como na escrita: - Lutamos muito, mas, no entanto, não conseguimos o que queríamos. Mas e no entanto se equivalem; portanto, basta usar uma das duas.
- fim do quadro.
ALTERNATIVAS
A palavra alternativa é da mesma família das palavras alternância, alternar. É óbvio, pois, que as orações coordenadas sindéticas alternativas exprimem fatos ou conceitos que se alternam ou que se excluem mutuamente. Essa relação é normalmente expressa pela conjunção ou (que pode surgir isolada ou em pares); além dela, empregam-se os pares ora...
ora...ora…, ja... ja..., quer... quer... Observe:
Fale agora, ou cale-separa sempre.
Ora age com calma, ora trata a todos com muita aspereza.
Estarei lá quer você permita, quer você não permita.
Nesse último raso, o par quer... quer... está coordenando entre si duas orações que, na verdade. expressam concessão em relação a "Estarei lá". É como se se dissesse "Embora você não permita, estarei la".
- nota da ledora: quadro de destaque na página
OBSERVAÇÃO
Na língua culta, não se aceita construções como : - Estarei la, quer chova ou faça sol - ou Esta sempre alegre, seja dia de trabalho ou de festa. É necessário manter o paralelismo, repetindo a conjunção - quer chova, quer faça sol -; seja dia de festa, seja dia de trabalho. - fim do quadro.
CONCLUSIVAS
A palavra conclusiva é da mesma família das palavras concluir, conclusão. Evidentemente, as orações coordenadas sindéticas conclusivas expressam uma conclusão lógica que se obtém a partir dos fatos ou conceitos expressos na oração anterior. A conjunção mais empregada na língua falada é por isso. Na língna escrita, aparecem outras, como logo, portanto e pois, esta obrigatoriamente posposta o verbo. Também se usam então, assim e as locuções por conseguinte, de modo que, em vista disso. Observe:
Não tenho dinheiro, portanto não posso pagar.
"Penso, logo existo."
Ela é paulista; é, pois, brasileira.
O time venceu, por isso está classificado.
EXPLICATIVAS
As orções coordenadas explicativas normalmente expressam a justificativa de uma ordem, sugestão ou suposição. As conjunções mais usadas são que, porque e pois, esta obrigatoriamente anteposta ao verbo. Observe:
" Deixe em paz meu coração, que ele é um pote até aqui de mágo " (Chico Buarque)
Choveu durante a noite, porque as suas estão molhadas.
Comprimente-o, pois hoje é seu aniversário.
É preciso tomar cuidado para não confundir explicação com causa, ou seja, não se devem confundir as orações coordenadas explicativas com as subordinadas adverbiais causais. Uma explicação é sempre posterior ao fato que a gerou; uma causa é sempre anterior à conseqüência resultante dela. Nas frases acima, é fácil perceber que não se estão indicando causas, e sim se apresentando explicações:
no primeiro caso, alguém pede que o deixem em paz e explica por que está fazendo o

pedido; no segundo caso, alguém supõe que tenha chovido durante a noite e baseia sua suposição no fato de as ruas estarem molhadas. Note, nesse segundo caso, que seria absurdo pensar que as ruas molhadas são a causa da chuva - o que ocorre é exatamente o inverso. Se o fato de as ruas estarem molhadas fosse a causa da chuva, estaria resolvido o problema da seca no Brasil:
bastaria molhar as ruas das cidades do sertão.
- nota da ledora: desenho de quadrinhos.
1o. quadro - dois detetives observam um homem engravatado, e carregando uma pasta. Um detetive diz ao outro: - Algo não me cheira bem, Tuminha! Vamos dar campana ao elemento que ele deve ter culpa no cartório! - responde o outro: - positivo Tumão. Que faro!.
2o. quadro:- Tuminha diz a Tumão: - Como é que você consegue farejar pistas deste jeito?
3o. quadro: - Intuição Tuminha, pura intuição! - ao que responde Tuminha com um chorinho: - snif! - complementação da nota - a intuição do Tumão advém do rastro de pó branco que esta caindo da maleta do elemento suspeito, e deixando uma fileira de rastro atrás dele.
- fim da nota.
No 1o. quadro, ocorre uma oração coordenada sindética explicativa: 'que ele deve ter culpa no cartório'; infelizmente sem vírgula separando-a da oração precedente (estude a pontuação das orações coordenadas na página 471 deste livro).
- nota da ledora: quadro de destaque na página.
OBSERVAÇÕES
1. É preciso, no caso das coordenadas, levar em conta que a classificação depende fundamentalmente da relação de sentido que se estabelece entre as orações. A conjunção e, por exemplo, é sempre vista como aditiva. Num período como "Deus cura, e o médico manda a conta.", é evidente que seu valor não é aditivo. O período, na verdade, equivale a algo como "Deus cura, mas é o médico quem manda a conta.". Em "Você me quer forte, e eu não sou forte mais.", ocorre o mesmo. A conjunção e equivale a mas, portanto tem valor adversativo e assim deveria ser classificada. Para a Nomenclatura Gramatical Brasileira, no entanto, vale a forma. A conjunção e é aditiva e fim. Nos vestibulares mais requintados, felizmente, essa visão limitada já está fora de moda. A classificação leva em conta o sentido efetivo.
2. Há orações coordenadas assíndéticas que possuem claramente valor de sindéticas, porque apresentam um conectivo subentendido. Veja:
Fiz o possível para prevenir-lhes o perigo; ninguém quis ouvir-me.
Fale baixo: não sou surdo!
A terceira oração do primeiro período ("ninguém quis ouvir-me") e a segunda do segundo ("não sou surdo"), apesar de formalmente assindéticas, já que não apresentam conjunção, têm sentidos bem marcados: a primeira tem valor adversativo (equivale a "mas ninguém quis ouvir-me"); a segunda, explicativo (equivale a "pois não sou surdo").
Por isso convém insistir em que você se preocupe mais com o uso efetivo das estruturas linguísticas do que com discussões às vezes intermináveis sobre questões de mera nomeclatura. - fim do quadro.
4 AS ORAÇÕES COORDENADAS E A PONTUAÇÃO
Separam-se por vírgula as orações coordenadas assindéticas e as orações coordenadas sindéticas, com exceção das introduzidas pela conjunção e que não tenham sujeito diferente do da oração anterior:
Alguns reclamam, um ou outro protesta, ninguém reivindica.
A exploração racional dos recursos naturais pode ser lucrativa, logo deve ser incentivada num país pobre e subdesenvolvido.

A queimada de florestas nativas representa grande desperdício, mas continua a ser praticada neste país.
No caso das orações coordenadas introduzidas pela conjuoção e, devem-se anotar os mesmos procedimentos aplicados aos termos coordenados de um período simples, ou seja:
a) quando a conjunção surge apenas entre a penúltima e a última oração de uma sequência, não se emprega vírgula:
Apresentei meus argumentos e fiz minhas exigências.
Participei da reunião, levei meu relatório. Apresentei meus pontos de vista e minhas exigências.
b) quando a conjunção e é repetida, introduzindo várias orações de uma sequência, deve ser sempre precedida de vírgula:
O menino girava em volta da mãe, e vinha, e torna a ir , e ainda mais uma vez voltava, e se afastava, e ameaçava falar o que queria, e fazia meia volta…
c) a vírgula também deve ser usada quando a conjunção une orações que possuem sujeitos diferentes:
O presidente convocou os ministros, e o Congresso começou a trabalhar.
Também o ponto-e-vírgula pode ser utilizado na pontuação das orações coordenadas, especialmente com as orações adversativas e com as conclusivas:
Aja como quiser; mas não me impeça de pensar.
Os problemas se avolumam num ritmo alucinante; portanto é preciso adotar providências cócientes com rapidez.
O uso do ponto-e-vírgula pode ocorrer também entre orações assindéticas que tenham nítido valor adversativo ou conclusivo:
Fiz o possível para demovê- los daquela idéia; não consegui absolutamente nada.
Os livros são raros; e preciso conservá-los com todo o cuidado.
O ponto-e-vírgula é obrigatório para separar coordenadas sindéticas adversativas ou conclusivas que não sejam iniciarias pela conjunção. Note que, nesses casos, as conjunções deslocadas devem ser isoladas por vírgulas:
Uns lutam, criam; outros, porém, só sabem explorar.
O país investe pouco em educação; não há, portanto, perspectiva de eliminar o atraso.
- nota da ledora: propaganda na página: foto de uma pão. Texto: - Todo mundo sabe qual é a receita . Mas você não compra de todo mundo. Propaganda depende de quem faz. Salles - 1966/ 1986. Vinte anos fazendo da propaganda o pãp de cada dia.
- fim da nota.
Para enfatizar a oração coordenada adversativa, alguns preferem separá-la da anterior por ponto final. Mas convém reservar esse recurso para momentos especiais, evitando transformá-lo num cacoete lingüístico.
O ponto-e-vírgula permite organizar blocos de orações coordenadas que estabelecem contraste:
Uns avançam os sinais vermelhos, oprimem os pedestres nas faixas de segurança, estacionam em fila dupla e ostentam pose de bons cidadãos; outros nascem na miséria, crescem nas ruas, vendem goma de mascar nas esquinas e acabam recebendo destaque nas reportagens policiais.
O ponto-e-vírgula deve ser usado para separar os membros de uma enumeração:
Numa eleição, é preciso levar em conta:
a) o perfil ideológico e o programa de cada partido;
b) a atuação dos membros do partido em gestões anteriores;
c) a qualidade individrial dos candidatos do partido.

CAPÍTULO 26
CONCORDÂNCIA VERBAL E NOMINAL

1 CONCORDÂNCIA VERBAL

- nota da ledora: anúncio da Adidas. Fotografia de uma perna, e um pé, dando destaque ao pé descalço, pintado com as três listras que são marca registrada da Adidas, e o seguinte texto: - 26 ossos, 200 músculos, 320 km/h na troca de mensagem com o cérebro. Para ficar perfeito, só lhe faltam três listras.
- fim da nota.
Neste capítulo, você vai estudar um dos aspectos mais ricos da sintaxe portuguesa: a concordância.
Você ja aprendeu nos capítulos destinados à analise dos termos essenciais da oração que o verbo e o sujeito estão sempre ligados pelo mecanismo de concordância, mesmo que o sujeito venha posposto ao verbo, como no anúncio ao lado (o sujeito "três listras" esta em relação de CONCORDÂNCIA com o verbo faltavam). De acordo com essa relação, verbo e sujeito concordam em número e pessoa:
Assumo meus inúmeros erros: sujeito da primeira pessoa do singular (eu),Assumimos nossos inúmeros erros: sujeito da primeira pessoa do plural (nós)
Toda pessoa sensata assume os próprios erros: sujeito da terceira pessoa do singular
Pessoas sensatas assumem os próprios erros: sujeito da terceira pessoa do plural
REGRAS BÁSICAS: SUJEITO COMPOSTO
Quando o sujeito é composto e anteposto ao verbo, a CONCORDÂNCIA se faz no plural:
Pai e filho conversaram longamente. Pais e filhos devem conversar com frequência.
Nos sujeitos compostos formados por pessoas gramaticais diferentes, a concordância no plural obedece ao seguinte esquema: a primeira pessoa prevalece sobre a segunda pessoa, que, por sua vez, prevalece sobre a terceira. Veja:
Teus irmãos, tu e eu/ tomaremos a decisão. primeira pessoa do plural
Tu e teus irmãos/ tomareis a decisão. segunda pessoa do plural
Pais e filhos/ precisam respeitar-se. terceira pessoa do plural
Quando o sujeito é composto, formado por um elemento da segunda pessoa e um da terceira, é possível empregar o verbo na terceira pessoa do plural, como se vê em muitos de nossos bons escritores. É possível, pois, aceitar a frase: "Tu e teus irmãos tomarão a decisão.", ja legitimada por grande parte dos gramáticos.
Você percebeu que, até agora, todos os exemplos trouxeram o sujeito anteposto ao verbo. No caso do sujeito composto posposto ao verbo, passa a existir uma nova possibilidade de concordância: em vez de concordar no plural com a totalidade do sujeito, o verbo pode estabelecer CONCORDÂNCIA com o núcleo do sujeito mais próximo. Convém insistir em que isso é uma opção, e não uma obrigação. Essa dupla possibilidade se estende aos demais casos de CONCORDÂNCIA entre verbo e sujeito composto que você estudara mais adiante.
Faltaram coragem e competência.
Faltou coragem e competência.
Pouco falaram o presidente e os ministros.
Pouco falou o presidente e os ministros.
Quando ocorre idéia de reciprocidade, no entanto, a CONCORDÂNCIA é feita obrigatoriamente no plural:
Abraçaram-se vencedor e vencido. Ofenderam-se o jogador e o árbitro.
CASOS DE SUJEITOS SIMPLES QUE MERECEM DESTAQUES
Há muitos casos em que o sujeito simples é constituído de formas que fazem o falante hesitar no momento de estabelecer a CONCORDÂNCIA com o verbo. Em alguns desses casos, a CONCORDÂNCIA puramente gramatical é contaminada pelo ignificado de expressões que nos transmitem noção de plural apesar de terem forma de singular ou vice-versa. Por isso, convém analisar com cuidado algumas delas.
Quando o sujeito é formado por uma expressão partitiva (parte de, uma porção de, o grosso de, metade de, a maioria de, a maior parte de, grande parte de) seguida de um

substantivo ou pronome no plural, o verbo pode ficar no singular ou no plural:
A maioria dos jornalistas aprovou/aprovaram a idéia.
Metade dos candidatos não apresentou /apresentaram nenhuma proposta interessante.
Esse mesmo procedimento se aplica aos casos dos coletivos, quando especificados:
Um bando de vândalos destruiu/destruíram o monumento.
Nesses casos, o uso do verbo no singular enfatiza a unidade do conjunto; já a forma plural confere destaque aos elementos que formam esse conjunto.
Quando o sujeito é formado por expressão que indica quantidade aproximada (cerca de, mais de, menos de, perto de) seguida de numeral e substantivo, o verbo concorda com o substantivo. Observe:
Cerca de mi/pessoas participaram da manifestação.
Perto de quinhentos alunos compareceram à solenidade.
Mais de um atleta estabeleceu novo recorde nas últimas Olimpíadas.
Quando a expressão mais de um se associar a verbos que exprimem reciprocidade, o plural é obrigatório:
Mais de um deputado se ofenderam na tumultuada sessão de ontem.
Quando se trata de nomes próprios, a CONCORDÂNCIA deve ser feita levando-se em conta a ausência ou presença de artigo.
Sem artigo, o verbo deve ficar no singular. Quando há artigo no plural, o verbo deve ficar no plural. Observe:
Os Estados Unidos determinam o fluxo da atividade econômica no mondo.
Minas Gerais produz queijo e poesia de primeira.
- nota da ledora:
OBSERVAÇÃO
Com nome de obra no plural, com artigo no plural, o verbo ser pode ficar no singular, desde que o predicativo do sujeito esteja no singular: "Os sertões é a obra máxima de Euclides da Cunha".
As Minas Gerais são inesquecíveis.
Alagoas impressiona pela beleza das praias e pela pobreza da população.
Os sertões imortalizaram Euclides da Cunha.
Quando o sujeito é um pronome interrogativo ou indefinido plural (quais, quantos, alguns, poucos, muitos, quaisquer, vários) seguido de de nós ou de vós, o verbo pode concordar com o primeiro pronome (na terceira pessoa do plural) ou com o pronome pessoal. Observe:
Quais de nós são/somos capazes?
Alguns de vós sabiam/sabíeis do caso?
Vários de nós propuseram Ipro pusemos sugestões inovadoras.
Observe que a opção por uma ou outra forma indica a inclusão ou a exclusão do emissor. Quando alguém diz ou escreve "Alguns de nós sabíamos de tudo e nada fizemos.", está-se incluindo no grupo de omissos. Isso não ocorre quando alguém diz ou escreve "Alguns de nós sabiam de tudo e nada fizeram.", frase que soa como uma denúncia.
Nos casos em que o interrogativo ou indefinido estiver no singular, o verbo ficará no singular:
Qual de nós é capaz?
Algum de vós fez isso.
- nota da ledora: desenho em quadrinho, na página. Primeiro quadro: dois homens, um entregando uma mensagem ao outro, falando: - você não tem como errar, ele tem barba e chifres. Segundo quadro: o mensageiro encontra um palhaço barbudo, com uma flor no chapéu; um bode, e Hagar, pergunta em seguida: - quem de vocês é Hagar?
- fim da nota.
Não há como errar: pronome interrogativo no singular, verbo também (2o. quadro).

Quando o sujeito é formado por uma expressão que indica porcentagem seguida de substantivo, o verbo deve concordar com o substantivo. Observe:
25% do orçamento do país deve destinar-se à Educação.
85% dos entrevistados não aprovam a administração do prefeito.
1% do eleitorado aceita a mudança.
1% dos alunos faltaram à prova.
Quando a expressão que indica porcentagem não é seguida de substantivo, o verbo deve concordar com o número. Veja:
25% querem a mudança.
1% conhece o assunto.
Quando o sujeito é o pronome relativo que, a CONCORDÂNCIA em número e pessoa é feita com o antecedente desse pronome. Observe:
-Fui eu que paguei a conta,
Fomos nós que pintamos o muro.
És tu que me fazes ver o sentido da vida.
Ainda existem mulheres que ficam vermelhas na presença de um homem.
- nota da ledora: propaganda da valisère ; mulher deitada sobre um homem, todo de branco, e o seguinte texto: Ainda existem mulheres que ficam vermelhas na presença de um homem.
- fim da nota.
Com a expressão um dos que, o verbo deve assumir a forma plural:
Ademir da Guia foi um dos jogadores de futebol que mais encantaram os poetas.
Se você é um dos que admiram o escritor; certamente lerá seu novo romance.
A tendência, na linguagem corrente, é a CONCORDÂNCIA no singular. O que se ouve efetivamente é "Ele foi um dos deputados que mais lutou para a aprovação da emenda.". Faça a comparação com um caso em que se use um adjetivo. Você diria "Ela é uma das alunas mais brilhante da sala."? Claro que não! Das alunas mais brilhantes da sala, ela é uma. Do mesmo modo, dos deputados que mais lutaram pela aprovação da emenda, ele é um. Então o raciocínio lógico mostra que o verbo no singular é inaceitável.
Quando o sujeito é o pronome relativo quem, pode-se utilizar o verbo na terceira pessoa do singular ou em CONCORDÂNCIA com o antecedente do pronome.
Observe:
Fui eu quem pagou a conta.
ou
Fui eu quem paguei a conta.
Fomos nós quem pintou o muro.
ou
Fomos nós quem pintamos o muro.
CASOS DE SUJEITOS COMPOSTOS QUE MERECEM DESTAQUE
Há casos de sujeito composto que merecem estudo particular.
Quando o sujeito composto é formado por núcleos sinônimos ou quase sinônimos, o verbo pode ficar no plural ou no singular:
núcleos sinônimos
Descaso e desprezo marcam/marca seu comportamento.
Quando o sujeito composto é formado por núcleos dispostos em gradação, o verbo pode ficar no plural ou concordar com o último núcleo do sujeito:
Com você, meu amor uma hora, um minuto, um segundo me satisfazem/satisfaz.
No primeiro caso, o verbo no singular enfatiza a unidade de sentido que há na combinação descaso/desprezo. No segundo caso, o verbo no singular enfatiza o último elemento da série gradativa.
Quando os núcleos do sujeito composto são unidos por ou nem, o verbo deverá ficar no

plural se a declaração contida no predicado puder ser atribuida a todos os núcleos:
Drummond ou Bandeira representam a essência da poesia brasileira.
Nem o professor nem o aluno acertaram a resposta.
Se a declaração contida no predicado só puder ser atribuida a um dos núcleos do sujeito, ou seja, se os núcleos forem excludentes, o verbo deverá ficar no singular. Observe:
Roma ou Buenos Aires será a sede da próxima Olimpíada.
Você ou ele será escolhido. (Só será escolhido um.)
Com as expressões um ou outro e nem um nem outro, a CONCORDÂNCIA costuma ser feita no singular, embora o plural também seja praticado. Com a locução um e outro, o plural é mais freqüênte, embora também se use o singular.
Não há uniformidade no tratamento dado a essas expressões por gramáticos e escritores.
Quando os núcleos do sujeito são unidos por com, o verbo pode ficar no plural.
Nesse caso, os núcleos recebem um mesmo grau de importância e a palavra com tem sentido muito próximo ao de e:
O pai com o filho montaram o brinquedo.
O governador com o secretariado traçaram os planos para o próximo semestre.
Nesse mesmo caso, o verbo pode ficar no singular, se a idéia é enfatizar o primeiro elemento:
O pai com o filho montou o brinquedo.
O governador com o secretariado traçou os planos para o próximo semestre.
Com o verbo no singular, não se pode falar em sujeito composto. O sujeito é simples.
As expressões "com o filho" e "com o secretariado" são adjuntos adverbiais de companhia. Na verdade, é como se, houvesse uma inversão da ordem: "O pai montou o brinquedo com o filho." / "O governador traçou os planos para o próximo semestre com o secretariado.".
Quando os núcleos do sujeito são unidos por expressões correlativas como não só... mas também; não só... como também; nao só... mas ainda; não somente... mas ainda; não apenas... mas também; tanto... quanto, o verbo concorda de preferência no plural:
Não só a seca mas também o pouco-caso castigam o Nordeste.
Tanto a mãe quanto o filho ficaram surpresos com a notícia.
Quando os elementos de um sujeito composto são resumidos por um aposto recapitulativo, a CONCORDÂNCIA é feita com esse termo resumidor:
Pontes, viadutos, túneis, nada disso é prioritário em uma cidade como São Paulo.
Filmes, novelas, boas conversas, nada o tirava da apatia.
O VERBO E A PALAVRA SE
Merece destaque a CONCORDÂNCIA das estruturas verbais formadas com a participação do pronome se. Entre as várias funções que esse pronome exerce, há duas de particular interesse para a CONCORDÂNCIA verbal: quando é índice de indeterminação do sujeito e quando é partícula apassivadora.
Quando é índice de indeterminaçao do sujeito, o se acompanha verbos intransitivos, transitivos indiretos e de ligação, que obrigatoriamente são conjugados na terceira pessoa do singular:
Aos domingos, assiste-se a programas medonhos na televisão.
Aos sábados, costumava-se ir a bailes.
Confia-se em teses absurdas.
Era-se mais feliz no passado.
Quando se é consciente, luta-se pelo bem-estar social.
Precisa-se de governantes interessados em civilizar o país.
Quando é pronome apassivador, o se acompanha verbos transitivos diretos e transitivos diretos e indiretos na formação da voz passiva sintética. Nesse caso, o verbo deve concordar com o sujeito da oração:
Destruiu-se a base de uma sociedade igualitária.

Destruíram-se as bases de uma sociedade igualitária.
Construiu-se um posto de saúde.
Construfram-se novos postos de saúde. Não se pouparam esforços para despoluir o rio.
Não se devem poupar esforços para despoluir o rio.
- nota da ledora: propaganda do jornal a Folha de S. Paulo, com o seguinte texto: O jornal que mais se compra é o que nunca se vende.
- fim da nota.
Neste anúncio, o pronome apassivador se acompanha dois verbos tansitivos diretos (comprar e vender). Nas duas ocorrências, o sujeito é o pronome relativo que subtituindo o jornal; por isso os verbos estão no singular.
CONCORDÂNCIA COM VERBOS DE PARTICULAR INTERESSE
HAVER E FAZER
O verbo haver, quando indica existência ou acontecimento, é impessoal, devendo permanecer sempre na terceira pessoa do singular:
Há graves problemas sociais no país.
Havia graves problemas sociais no país.
Sempre houve graves problemas sociais no país.
Parece haver graves problemas sociais no país.
Deve ter havido graves problemas sociais no país.
Haver e fazer são impessoais quando indicam idéia de tempo (cronológico ou meteorológico). Nesse caso, devem permanecer na terceira pessoa do singular:
Há anos não o procuro.
Faz anos que não o procuro.
Havia anos que não nos encontrávamos.
Fazia anos que não nos encontrávamos.
Deve fazer vinte anos que ela foi embora.
SER
A CONCORDÂNCIA do verbo ser é absolutamente particular, rica em detalhes. Em várias situações, esse verbo deixa de concordar com o sujeito para concordar com o predicativo. Em outras, pode concordar com um ou com outro, de acordo com o termo que se queira enfatizar.
Quando colocado entre um substantivo comum no singular e outro no plural, o verbo ser tende a ir para o plural, independentemente da ordem dos substantivos.
Poderá ficar no singular por motivo de ênfase:
No meio da chuva, o coração do seu carro são as palhetas e os limpadores do pára-brisa.
A cama são algumas tábuas retorcidas.
Quando colocado entre um nome próprio e um comum, o verbo ser tende a concordar com o nome próprio. Entre um pronome pessoal e um substantivo comum ou próprio, o verbo concorda com o pronome:
Garrincha foi as mais incríveis diabruras com a bola.
O professor sou eu.
Eu sou Pedro das Neves.
Pedro das Neves sou eu.
Quando colocado entre um substantivo e um pronome que não seja pessoaI, o verbo ser tende a concordar com o substantivo:
Tudo eram sorrisos naquele ambiente hipócrita.
Isso são manias de quem não tem o que fazer.
Quem são os escolhidos?
Dos dois primeiros casos, encontram-se, sobretudo em textos literários, exemplos em que se opta pela CONCORDÂNCIA com o pronome.
Nas expressões que indicam quantidade (medida, peso, preço, valor), o verbo ser é invariável:

Cinco quilos é muito.
Mil reais é pouco para uma família viver em São Paulo.
Dez minutos é muito tempo.
Com você, duas horas é pouco.
Nas indicações de tempo, o verbo ser concorda com a expressão numérica mais próxima:
É uma hora.
São duas horas.
Eram quatro e vinte.
Já é meio-dia.
Já é uma e cinqüenta e cinco.
São cinco para o meio-dia.
Hoje são trinta e um de dezembro.
(Mas, cuidado: Hoje é dia trinta e um de dezembro.)
- nota da ledora: desenhos de vários relógios mostrando diversas horas, mencionadas, apenas como ilustração da página.
- fim da nota.
FLEXÃO DO INFINITIVO
O infinitivo expressa um processo verbal sem indicação de tempo. Em português, o infinitivo pode ser impessoal, quando o que se considera é apenas o processo verbal, e pessoal, quando se atribui a esse processo verbal um agente. Observe:
É proibido conversar com o motorista. (impessoal)
É bom sairmos já. (pessoal, sujeito/agente nós)
O infinitivo constitui um dos casos mais discutidos da língua portuguesa.
Estabelecer regras para o uso de sua forma flexionada, por exemplo, é tarefa difícil. Em muitos casos, a opção é meramente estilística, como você verá adiante.
Algumas recomendações, no entanto, podem ser feitas.
A forma não flexionada deve ser usada:
a) quando o verbo é usado indeterminadamente, assumindo valor substantivo:
Dormir é fundamental para repor as energias.
Viajar é a melhor alternativa de lazer.
b) quando o infinitivo tem valor imperativo:
Direita, volver!
Honrar pai e mãe.
c) quando o infinitivo, regido de preposição de, complementa um adjetivo e assume valor passivo:
Suas constantes manifestações de desagrado são ossos duros de roer.
(= de serem roídos)
Vivi situações difíceis de esquecer. (de serem esquecidas)
d) quando o infinitivo é regido de preposição e funciona como complemento de um substantivo, adjetivo ou verbo da oração anterior:
Foram obrigados a ficar.
Acusaram-nos de praticar atos suspeitos.
Eu os convenci a aceitar.
Estão dispostos a colaborar.
e) quando o infinitivo surge como verbo principal de uma locução verbal:
Queiram, por gentileza, comparecer ao estacionamento.
Precisamos lutar para podermos vencer os jogos que vamos disputar.
Estão a dizer que fui eu?
f) quando o infinitivo é empregado numa oração reduzida que complementa um verbo auxiliar causativo (deixar, mandar, fazer) ou sensitivo (ver sentir, ouvir perceber) e tem como sujeito um pronome oblíquo:

Faça-os ficar.
Não os vi entrar.
Deixaram-nos sair.
- nota da ledora: desenho ilustrativo da página - um homem, em postura de ordem, junto a um grupo de pessoas.
- fim da nota.
A forma flexionada deve ser usada obrigatoriamente quando tem sujeito diferente do sujeito da oração anterior:
Suponho serem eles os responsáveis.
Lembrei-me da recomendação médica de tomares sol todas as manhãs. (Pense no que aconteceria se não se flexionasse o infinitivo neste caso.)
É hora de vocês passarem à ação.
Ouvi gritarem meu nome.
A flexão do infinitivo é optativa quando a oração reduzida que complementa um auxiliar causativo ou sensitivo apresentar como sujeito um substantivo. Observe:
Mande os meninos entrarem. (ou entrar)
Ouvi os pássaros cantarem. (ou cantar)
Deixe os torcedores assistirem (ou assistir) ao treino.
Quando o sujeito da oração reduzida de infinitivo for o mesmo da oração anterior, a flexão do infinitivo é desnecessária. Observe:
Eles irão a Brasília para apresentar sua proposta ao presidente.
Fizemos o possível e o impossível para aceitar sua indicação.
Nesse caso, a flexão do infinitivo só se justifica se existir a clara intenção e a necessidade de enfatizar o agente do processo expresso pelo infinitivo:
Eles irão a Brasília para apresentarem sua proposta ao presidente.
Fizemos o possível e o impossível para aceitarmos sua indicação.
Os bons autores não recomendam essa flexão.
O verbo parecer pode relacionar-se de duas maneiras distintas com o infinitivo. Observe:
Elas parecem querer.
Elas parece quererem.
Na primeira frase, parecer é verbo auxiliar de querer. Na segunda, ocorre na verdade um período composto. Parece é o verbo de uma oração principal cujo sujeito é a oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo "elas quererem". O desdobramento dessa reduzida gera algo como "Parece que elas querem."
- nota da ledora: desenho de quadrinho, na página - um casal sentado à mesa, lendo um cardápio. Texto: No lugar do amor: - o nosso amor começou em uma pizzaria em que vibramos ao ver o baixo preço das pizzas. - casal se olhando nos olhos: - (amar era olhar par a mesma beleza)
- fim da nota.
Na oraçao reduzida "ao ver o baixo preço das pizzas" (1o. quadro), o infinitivo dispensou flexão porque seu sujeito e' o mesmo da oração anterior ("em que [nós] vibramos"). No 2o. quadro, os verbos são usados indeterminadamente, assumindo valor substantivo; portanto mantêm-se na forma não flexionada.
2 CONCORDÂNCIA NOMINAL
REGRAS BÁSICAS
A CONCORDÂNCIA nominal se ocupa da relação entre os nomes, ou seja, entre as classes de palavras que compõem o chamado grupo nominal (substantivos, adjetivos, pronomes, artigos e numerais). Para estudar como essa relação se estabelece, é necessário lembrar que adjetivos e palavras de valor adjetivo podem atuar como adjuntos adnominais ou predicativos dos substantivos a que se referem. No estudo que você fará a partir de agora, considere que o comportamento dos adjetivos é extensivo às

outras palavras de emprego
adjetivo.
Quando atuam como adjuntos adnominais de um único substantivo, os adjetivos concordam em gênero e número com esse substantivo:
Suas mãos frias denunciavam o que sentia naquele momento.
Quando atuam como adjuntos adnominais de dois ou mais substantivos, os adjetivos antepostos devem concordar com o substantivo mais próximo. Quando estão pospostos aos substantivos, os adjetivos pedem concordar com o substantivo mais próximo ou com todos eles. Observe:
A empresa oferece perfeita localização e atendimento.
A empresa oferece perfeito atendimento e localização.
A empresa oferece localização e atendimento perfeitos.
A emprésa oferece localização e atendimento perfeito.
A empresa oferece atendimento e localização perfeita.
A empresa oferece atendimento e localização perfeitos.
A forma adotada no terceiro e no sexto exemplo é a mais clara, pois indica que o adjetivo efetivamente se refere aos dois substantivos. Você notou que, nesses casos, o adjetivo foi flexionado no plural masculino, que é o gênero predominante quando há substantivos de gêneros diferentes.
O adjetivo anteposto a nomes próprios deve sempre concordar no plural:
O disco Tropicália 2 é uma obra-prima dos brilhantes Caetano Veloso e Gilberto Gil.
Quando um adjetivo atua como predicativo de um sujeito ou de um objeto compostos, concorda com todos os núcleos desses termos. Se o predicativo do sujeito estiver anteposto ao sujeito, pode concordar apenas com o núcleo mais próximo (coisa que acontece também com o verbo da oração):
Mãe e filho são talentosos.
Marido e mulher são bem-educados.
Considero inteligentes a professora e a aluna.
Julguei desconexas sua atitude e suas palavras.
São vergonhosos a pobreza e o desamparo.
É vergonhosa a pobreza e o desamparo.
Quando um único substantivo é modificado por dois ou mais adjetivos no singular, podem ser usadas as construções:
Admiro a cultura italiana e a francesa.
Admiro as culturas italiana e francesa.
A construção:
Estudo a cultura italiana e francesa. provocaria incerteza (trata-se de duas culturas distintas ou de uma única, ítalo-francesa?). Por isso, deve ser evitada.
No caso de numerais ordinais antepostos a um único substantivo, podem ser usadas as construções:
Convoquei os alunos da primeira e da segunda série
ou
Convoquei os alunos da primeira e segunda séries.
EXPRESSÕES E PALAVRAS QUE MERECEM ESTUDO PARTICULAR
Próprio, mesmo, anexo, incluso, quite e obrigado concordam em gênero e número com o substantivo ou pronome a que se referem. Observe:
- Muito obrigadas, disseram elas, nós mesmas nos servimos.
Seguem anexas as faturas requeridas.
Seguêm inclusos os comprovantes solicitados.
Já lhe paguei a dívida: estamos quites.
A moça agradeceu: - Muito obrigada.
Meio e bastante podem atuar como adjetivos ou como advérbios. No primeiro caso,

referem-se a substantivos e são variáveis. No segundo, referem-se a verbos, adjetivos ou advérbios e são invariáveis:
Pedi meia cerveja e meia porção de batatas fritas.
Meia classe terá de permanecer após o sinal de meio-dia e meia.
Ela ficou meio nervosa quando soube que precisaria esperar na fila até meio-dia e meia.
A aluna foi mal na prova porque estava meio tensa.
Ficamos meio chateados.
- nota da ledora: propaganda da Casa Olga, especializada em meias, com o seguinte texto: - Casa Olga. Sete décadas. E Meia.
- fim da nota.
O redator deste anúncio elaborou uma brilhante mensagem de aniversário empregando ambiguamente a palavra meia. A primeira leitura, entendemo-la como adjetivo ("sete décadas e meia (década"). Mas, quando atentamos para a pontuação do texto e para o ramo de negócios da Casa Olga, vem-nos à mente a hipótese de que meia está sendo usada como substantivo.
O país não dispõe de recursos bastantes para a obra.
Há bastantes pessoas insatisfeitas com o que ganham.
O time perdeu bastantes oportunidades para marcar.
Os jogadores ainda acreditavam bastante em si mesmos, apesar de estarembastante cansados.
Eles se amam bastante. E são bastante loucos a ponto de casar.
Substantivos desacompanhados de determinantes (artigos, pronomes e numerais adjetivos) podem ser tomados em sentido amplo, genérico. Nesse caso, expressões como é proibido, é bom, é necessário, é preciso, é permitido e similares não variam:
Em certas situações, é necessário paciência.
Não é permitido entrada.
Liberdade é necessário.
É preciso cidadania.
No inverno, sopa é bom.
A paciência é necessária nessa situação.
Esta sopa é ótima.
É proibida a entrada de estranhos.
A liberdade é necessária.
São precisas várias medidas de urgência.
3 CONCORDÂNCIA IDEOLÓGICA
Você pôde ler neste capítulo que muitas vezes os mecanismos de CONCORDÂNCIA podem ser contaminados pela significação de palavras e expressões. Essa contaminação às vezes faz a CONCORDÂNCIA formal e lógica ser substituida pela CONCORDÂNCIA ideológica e psicológica. Em outras palavras: o falante às vezes é levado a colocar um verbo ou adjetivo no plural ou no singular não porque o sujeito ou substantivo tenha essa forma, mas sim porque significa isso. As vezes, a alteração diz respeito à pessoa gramatical ou ao gênero gramatical.
A CONCORDÂNCIA ideológica é chamada de silepse. Ocorrem silepses de número, gênero e pessoa.
A silepse de número ocorre particularmente quando o sujeito é um coletivo e o verbo passa a concordar no plural:
O público chegou muito cedo. Como o sol era forte e o calor, intenso, começaram a pedir aos bombeiros que jogassem água.
Você notou que o sujeito da primeira oração é público, singular com idéia de plural. A forma verbal chegou está no singular. No período seguinte, o verbo passou para o plural (começaram). Isso se explica pelo distanciamento e pela conseqüente perda da força da forma da palavra público. Passa a prevalecer o seu significado, plural (as

pessoas, ou algo equivalente).
Outra forma de silepse de número ocorre quando se utiliza o chamado "plural de modéstia", em que a pessoa que fala ou escreve refere-se a si mesma como nós.
Os adjetivos referentes ao falante surgem no singular:
Nossas músicas fazem muito sucesso lá, o que nos deixa satisfeito e comovido.
A silepse de gênero ocorre quando se troca o masculino pelo feminino ou vice-versa:
Vossa Excelência está frustrado?
Sua Santidade ficou impressionado com a acolhida.
Alguém está com saudades e quer que você vá vê-Ia.
São Paulo continua caótica, bárbara e violenta.
A silepse de pessoa é bastante comum quando quem fala ou escreve se inclui num sujeito de terceira pessoa:
Os brasileiros decentes queremos que acabem a impunidade e os privilégios.
Todos sabemos quais as soluções de que o Brasil precisa.
Na língua coloquial, é comum a silepse de pessoa com a forma "a gente":
"A gente somos inútil."
No padrão culto, essa construção é inaceitável.

CAPÍTULO 27
REGÊNCIA VERBAL E NOMINAL

- nota da ledora: propaganda da Umbro (marca de uniformes e artefatos para praticantes e esportes).
Foto: um pinheiro plantado, solitário, em uma imensa área verde; apresentando o seguinte texto: - Para nós é um centroavante livre de marcação. Umbro. (A gente só pensa em futebol)
- fim da nota.
A expressão "livre de marcação" constitui objeto de estudo da regência nominal, ao passo que pensa em futebol" pertence ao domínio da regência verbal.

1 INTRODUÇÃO

Há algum tempo, um famoso cantor americano (Michael Jackson) foi acusado de assediar sexualmente menores de idade. Ao noticiar o fato, muitas emissoras de televisão falavam das "denúncias de abuso sexual contra Michael Jackson". Você percebe o que ocorre nessa construção? A frase é, no mínimo, ambígua. De réu, Jackson pode passar a vítima. Colocada depois de dois nomes (denúncias e abuso), a preposição contra pode relacionar-se a qualquer dos dois termos. Na verdade, por estar mais próxima de abuso, é a esse termo que a preposição parece ligar-se. Isso faz Jackson passar a ser vítima do abuso.
Para que a frase fosse clara e fiel ao sentido pretendido, seria necessário aproximar a preposição contra do termo que efetivamente a rege denúncia.
Surgiria a construção "as denúncias contra Michael Jackson de abuso sexual".
Outra solução seria "as denúncias de abuso sexual feitas contra Michael Jackson". O termo regente da preposição contra passaria a ser feitas.
É disso que se ocupa a regência, ou seja, como estabelecer relações entre palavras, para criar frases que não sejam ambíguas, que expressem efetivamente o sentido desejado, que sejam corretas e claras.

2 REGÊNCIA VERBAL

A regência verbal se ocupa do estudo da relação que se estabelece entre os verbos e os termos que os complementam (objetos diretos e objetos indiretos) ou caracterizam (adjuntos adverbiais). Você sabe que o verbo gostar rege a preposição de (gostar de alguém ou de algo), que o verbo concordar rege com (concordar com alguém ou com algo), que o verbo confiar rege em (confiar em alguém ou em algo). E o verbo ir? No dia-a-dia, no Brasil, é muito comum ir em algum lugar" ("Fui no cinema", "Fui na praia"). Na língua culta, porém, o verbo ir rege as preposições a e para: "Fui ao

cinema"; "Ele foi para a Grécia". A diferença entre o uso culto, formal, e o coloquial é um dos principais objetivos do estudo da regência.
Outro aspecto que deve ser considerado é a mudança de significado que pode resultar das diferentes relações que se estabelecem entre um mesmo verbo e seus complementos: "agradar alguém" é diferente de "agradar a alguém". No primeiro caso ("A mãe agrada o filho"), agradar significa "acariciar", "contentar".
No segundo ("A mãe agrada ao filho"), significa "causar agrado ou prazer", "satisfazer".
Para estudar a regência verbal, os verbos serão agrupados de acordo com sua transitividade. Lembre-se de que a transitividade não é um fato absoluto: um mesmo verbo pode atuar de diferentes formas em diferentes frases. Você verá a transitividade mais freqüênte ou mais problemática dos vários verbos estudados.
Num último grupo, foram reunidos os verbos cujas mudanças de transitividade estão relacionadas com mudanças de significado.

VERBOS INTRANSITIVOS

Os verbos intransitivos não possuem complementos. É importante, no entanto, destacar alguns detalhes relativos aos adjuntos adverbiais que costumam acompanhá-los.
Chegar e ir são normalmente acompanhados de adjuntos adverbais de lugar. Na língua culta, as preposições usadas para indicar direção ou destino são a e para.
Cheguei a Roma num domingo de Carnaval.
Fomos a Siena.
Ele deve chegar a Brasília no próximo sábado.
RonaIdo foi para a Espanha.

VERBOS TRANSITIVOS DIRETOS

Os verbos transitivos diretos são complementados por objetos diretos. Isso significa que não exigem preposição para o estabelecimento da relação de regência. Os pronomes pessoais do caso oblíquo da terceira pessoa que atuam como objetos diretos são o, os, a, as. Esses pronomes podem assumir as formas lo, los, la, las (após formas verbais terminadas em -r, -s ou -z) ou no, nos, na, nas (após formas verbais terminadas em sons nasais). Não se devem usar como complemento desses verbos os pronomes lhe, lhes.
São transitivos diretos, entre outros:
abandonar alegrar conservar prejudicar
abençoar ameaçar convidar prezar
aborrecer amolar defender proteger
abraçar amparar eleger respeitar acompanhar
auxiliar estimar socorrer acusar castigar
humilhar suportar admirar condenar namorar ver
adorar conhecer ouvir visitar
Na língua culta, esses verbos funcionam exatamente como o verbo amar:
Amo aquele rapaz. /Amo-o.
Amo aquela moça. /Amo-a.
Amam aquele rapaz. /Amam-no.
Ele deve amar aquela mulher. /Ele deve amá-la.
Os pronomes lhe, lhes só acompanham esses verbos para indicar posse (caso em que atuam como adjuntos adnominais):
Quero beijar-lhe o rosto. (= beijar seu rosto)
Prejudicaram-lhe a carreira. (= prejudicaram sua carreira)

VERBOS TRANSITIVOS INDIRETOS

Os verbos transitivos indiretos são complementados por objetos indiretos. Isso significa que esses verbos exigem uma preposição para o estabelecimento da relação de regência. Os pronomes pessoais do caso oblíquo de terceira pessoa que podem atuar como objetos indiretos são lhe, lhes, para substituir pessoas.
Não se devem usar os pronomes o, os, a, as como complementos de verbos transitivos

indiretos. Com os objetos indiretos que não representam pessoas, usam-se os pronomes oblíquos tônicos de terceira pessoa (ele, ela) em lugar dos pronomes átonos lhe, lhes.
Lembre-se de que os verbos transitivos indiretos não admitem voz passiva - as poucas exceções serão apontadas a seguir.
São verbos transitivos indiretos, entre outros:
antipatizar e simpatizar, que têm complemento introduzido pela preposição com:
Antipatizo com aquela apresentadora.
Simpatizo com os que condenam os políticos que governam para uma minoria privilegiada.
Esses verbos não são pronominais. Não se deve dizer, portanto, "antipatizei-me com ela" ou "simpatizei-me com ela".
consistir, que tem complemento introduzido pela preposição em:
A modernidade verdadeira consiste em direitos iguais para todos.
obedecer e desobedecer, que têm complemento introduzido pela preposição a:
Obedeço ao código de trânsito.
Os brasileiros desobedecem aos sinais de trânsito. Apesar de transitivos indiretos, admitem a voz passiva analítica:
Leis devem ser obedecidas.
Regras básicas de civilidade não podem ser desobedecidas.
Observe que, para substituir uma pessoa que funcione como complemento desses verbos, pode-se usar lhe ou a ele/ela: "Obedeço ao mestre/Obedeço-lhe/Obedeço a ele".
Para substituir o que não for pessoa, só se pode usar a ele/ela: "Obedeço ao código / Obedeço a ele".
dignar-se, pronominal, que no padrão culto rege a preposição de:
Ele não se dignou de olhar-me nos olhos. Ela ao menos se dignou de responder-me.
É comum, em textos formais, encontrar esse verbo com a preposição de elíptica:
"O reitor se dignou ouvir minhas palavras até o fim".
Convém lembrar que esse verbo na linguagem corrente, e usado com a preposição a, o que não é abonado por gramáticos e dicionaristas.
responder, que tem complemento introduzido pela preposição a
Respondi a todos os alunos interessados.
O acusado responderá a inquérito.
Também admite voz passiva analítica, desde que o sujeito seja aquilo, e não aquele, a que se responde:
Todas as perguntas foram respondidas satisfatoriamente.
- nota da ledora: na página, o mesmo anúncio do IBGE, descrito na página 459.
- fim da nota.
O Brasil vai ficar muito mais legal se responder corretamente o Censo.
No anúncio acima, a preposição a' exigida pelo verbo transitivo indireto responder, está combinada com o artigo definido o. A construção, portanto, está correta: "responder ao Censo"
VERBOS INDIFERENTEMENTE TRANSITIVOS DIRETOS OU INDIRETOS
Alguns verbos podem ser usados como transitivos diretos ou transitivos indiretos, sem que isso implique alteração de sentido. Alguns deles são:
abdicar (de) desdenhar (de)
acreditar (em) gozar (de)
almejar (por) necessitar (de)
ansiar (por) preceder (a)
anteceder (a) precisar (de)
atender (a) presidir (a)
atentar (em, para) renunciar (a)
cogitar (de, em) satisfazer (a)

consentir (em) versar (sobre)
deparar (com)
- nota da ledora: anúncios repetidos: da microempresa, na página 362; do dicionário da folha da tarde, na página 211; e da monark, na página 199
- fim da nota.
Também podem ser usados como transitivos diretos ou transitivos indiretos os verbos esquecer e lembrar. Nesse caso, porém, há um detalhe importante:
quando transitivos indiretos, esses verbos são pronominais. Observe as formas corretas de usá-los:
Esqueci o livro./ Esqueci-me do livro.
Não esqueça os amigos./ Não se esqueça dos amigos.
Não esquecemos suas palavras./ Não nos esquecemos de suas palavras.
Não lembro nada./ Não me lembro de nada.
Lembre que nada acontece por acaso./ Lembre-se de que nada acontece por acaso.
Classifique o Sujeito da oração "Precisa-se de pequenas empresas".
Precisar pode ser verbo transitivo direto ou indireto. Neste exemplo, é transitivo indireto.
Conhecer bem os substantivos constitui tarefa crucial para quem deseja se expressar com precisão na norma culta. Caso contrário corre-se o risco de apelar para "substantivos"
Esperamos que você nunca mais se esqueça da regência do verbo esquecer.
À semelhança do verbo esquecer, lembrar pode ser usado como transItivo direto (regência presente no anúncio) ou transItivo indireto. Se optássemos por esta última escreveríámos: "Lembra-se de quando você começou apedalar?".
Esses verbos também apresentam uma outra possibilidade de construção, hoje restrita à língua literária:
Não me esquecem aqueles beijos que trocamos. (= não me saem da memória, não me caem no esquecimento)
Desculpe-me, mas não me lembra a data de seu aniversário, (= não me vem à lembrança)
Lembrar, no sentido de "advertir, notar, fazer recordar", é usado com objeto indireto de pessoa e objeto direto que indica a coisa a ser lembrada. Observe:
Lembrei a todos que tudo ainda estava por fazer.
VERBOS TRANSITIVOS DIRETOS E INDIRETOS
Os verbos transitivos diretos e indiretos são acompanhados de um objeto direto e um objeto indireto. Merecem destaque, nesse grupo:
agradecer, perdoar e pagar, que apresentam objeto direto de coisa e objeto indireto de pessoa:
Agradeço aos ouvintes a audiência.
Cristo ensina que é preciso perdoar o pecado ao pecador.
Paguei o débito ao cobrador.
O uso dos pronomes oblíquos átonos deve ser feito com particular cuidado.
Observe:
Agradeci o presente. /Agradeci-o.
Agradeço a você. /Agradeço-lhe.
Perdoei a ofensa. /Perdoei-a.
Perdoei ao agressor. /Perdoei-lhe.
Paguei minhas contas. /Paguei-as.
Paguei aos meus credores. /Paguei-lhes.
É importante notar que, com esses verbos, a pessoa deve sempre aparecer como objeto indireto, mesmo que na frase não haja objeto direto. Observe:
A empresa não paga aos funcionários desde setembro. Já perdoei aos que me acusaram.

Agradeço aos eleitores que confiaram em mim.
informar, que apresenta objeto direto de coisa e objeto indireto de pessoa, ou vice-versa:
Informe os novos preços aos clientes.
lnforme os clientes dos novos preços.
(ou sobre os novos preços)
- nota da ledora: anúncio do carro Rolls Royce que, devido ao tamanho, deveria pagar IPTU (voce já viu este anúncio na página 106)
- fim da nota.
No caso do verbo pagar, o imposto (IPTU) é objeto direto, Se quiséssemos identificar o beneficidrio do pagamento, devertamos introduzi-lo como objeto indireto: "Deveria pagar IPTU à Prefeitura".
Quando se utilizam pronomes como complementos, podem-se obter as construções:
lnforme-os aos clientes. / lnforme-lhes os novos preços.
Informe-os dos novos preços. / lnforme-os deles. (Ou sobre eles)
No período composto, quando um dos complementos desse verbo é oracional, valem as mesmas orientações:
Informe aos clientes que os preços não são mais os mesmos./ Informe-lhes que os reços não são mais os mesmos.
Informe os clientes de que os preços não são mais os mesmos./ Informe-os de que os preços não são mais os mesmos.
A mesma regência de informar cabe a avisar, certificar, notificar, cientificar, prevenir.
preferir, que na língua culta deve apresentar objeto indireto introduzido pela preposição a:
Prefiro trem a ônibus.
Povo civilizado prefere democracia a ditadura.
"Prefiro um asno que me carregue a um cavalo que me derrube."
- nota da ledora: anúncio da associação dos desportitas cadeirantes - voce já viu este anúncio na página 297
- fim da nota.
Esse verbo, na língua culta, deve ser usado sem termos intensificadores como muito, antes, mil vezes, um milhão de vezes. A ênfase já é dada pelo prefixo existente no verbo (pre-).
No 2o. período, o objeto indireto do verbo preferir está elíptico, pois foi referido no período inicial. Se optássemos por explicitá-lo, escreveríamos: "Eu prefiro pensar nas rodas a reclamar da cadeira".
VERBOS CUJA MUDANÇA DE TRANSITIVIDADE IMPLICA MUDANÇA DE SIGNIFICADO
Há vários verbos cujas modificações de transitividade produzem mudanças de significado. Veja a seguir os principais.
Agradar, no sentido de "fazer carinho", "acariciar", é transitivo direto:
Sempre agrada o filho quando o revê. /Sempre o agrada quando o revê. Cláudia não perde oportunidade de agradar o gato. / Cláudia não perde oportunidade de agradá-lo.
No sentido de "causar agrado a", "satisfazer", "ser agradável a", é transitivo indireto e rege complemento introduzido pela preposição a:
O cantor não agradou aos presentes. O cantor não lhes agradou.
Aspirar, no sentido de "sorver", "inspirar", "inalar", é transitivo direto:
Quem não fuma muitas vezes é obrigado a aspirar a fumaça dos cigarros de quem se acha dono do mundo.
Quem não fuma muitas vezes é obrigado a aspirá-la.
No sentido de "desejar", "almejar", "pretender", é transitivo indireto e rege a preposição a. Não se deve usar lhe ou lhes como objeto indireto desse verbo:
Os brasileiros sensíveis aspiramos a um país mais justo. Os brasileiros sensíveis

aspiramos a ele.
Assistir, no sentido de "ajudar", "prestar assistência a", é transitivo direto:
As empresas de saúde negam-se a assistir os idosos. As empresas de saúde negam-se a assisti-los.
No sentido de "ver"," presenciar", "estar presente a" ou "caber", "pertencer", é transitivo indireto. Nos dois casos, rege complemento introduzido pela preposição a; no primeiro, apresenta objeto indireto de coisa; no segundo, de pessoa. Observe:
Assisti a um ótimo filme. /Assisti a ele.
Não assisti as últimas sessões. /Não assisti a elas.
Exigir qualidade é um direito que assiste ao consumidor. /Exigir qualidade é um direito que lhe assiste.
Na linguagem corrente do Brasil, esse verbo é usado como transitivo direto, no sentido de "ver", "presenciar": "Não assisti o jogo". No padrão culto, não se aceita essa construção. Convém lembrar que não se pode fazer a passiva de verbos transitivos indiretos, portanto não se pode dizer "O jogo foi assistido por apenas mil pessoas". No padrão formal, deve-se optar pela construção ativa
("Apenas mil pessoas assistiram ao jogo").
Alguns autores admitem que esse verbo seja usado como transitivo indireto com o sentido de "ajudar", "prestar assistência":
O médico se negou a assistir aos idosos.
O médico se negou a assistir-lhes.
Em textos literários, pode aparecer com o sentido de "morar", "residir". Nesse caso, é intransitivo e normalmente vem acompanhado de adjunto adverbial de lugar introduzido pela preposição em:
Qualquer pessoa sensível gostaria de assistir em Siena, Bruges ou Toledo.
Chamar, no sentido de "convocar"
"solicitar a atenção ou a presença de, dizendo o nome em voz alta", é transitivo direto:
Por gentileza, vá chamar sua prima. /Por favor, vá chamá-la.
Chamei você várias vezes, mas você não ouviu. /Chamei-o várias vezes, mas
você não ouviu.
No sentido de "denominar", "tachar", "apelidar", pode ser transitivo direto ou transitivo indireto. É normalmente usado com predicativo do objeto, que pode ser introduzido pela preposição de. Observe as diferentes possibilidades de construção:
A torcida chamou o jogador mercenário. /A torcidachamou-o mercenário.
A torcida chamou ao jogador mercenário. /A torcidachamou-lhe mercenário.
A torcida chamou o jogador de mercenário. /A torcida chamou-o de mercenário.
A torcida chamou ao jogador de mercenário. /A torcida chamou-lhe de mercenário.
Confraternizar não é pronominal, o que equivale a dizer que não se aceitam construções como "Os atletas se confraternizaram" ou "Os professores se confraternizaram com os alunos". Deve-se dizer "Os atletas confraternizaram"; "Os professores confraternizaram com os alunos".
Custar, no sentido de "ser custoso", "ser penoso", "ser difícil", tem como sujeito uma oração subordinada substantiva reduzida. Observe:
Ainda me custa aceitar sua ausência.
Custou-nos encontrar sua casa.
Custou-lhe entender a regência do verbo custar.
- nota da ledora: quadrinhos, onde um gaúcho adulto e uma crinça conversam. A criança pergunta: - É verdade que a revolução farrupilha começou por causa do charque. - sim, o finado Tarquínio, meu trisavô farrupilha, entrou na guerra por causa do charque.- responde o adulto. - Não concordou com os preços Seu Tourinho? - volta a perguntar a criança. Não. Um soldado imperial chamou a trisavó de charque , e o velho se aporreou - finaliza o adulto.

- fim da nota.
Significando 'denominar'; a regência mais freqüente e coloquial do verbo chamar é a que lemos acima: "chamou a trisavó de charque".
No Brasil, na linguagem cotidiana, são comuns construções como " Zico custou a chutar" ou "Custei para entender o problema", em que o verbo custar pode significar "demorar" ou "ter dificuldade" e apresenta como sujeito uma pessoa.
Na língua culta, essas construções em que custar apresenta sujeito indicativo de pessoa são rejeitadas. Em seu lugar, devem-se utilizar construções em que surja objeto indireto de pessoa: "Custou a Zico chutar" (- Custou-lhe chutar) e "Custou-me entender o problema". Se você estranhou essas construções, lembre-se de que você não diz "Quanto tu custas para acordar mais cedo?", e sim "O que te custa acordar mais cedo?". Note que o sujeito de custar não é a pessoa, e sim a coisa, o fato: não és tu que custas para acordar mais cedo; é acordar mais cedo que te custa, custa para ti.
Implicar, no sentido de "ter como conseqúência", "trazer como conseqúência", "acarretar", "provocar", é transitivo direto:
Sua decisão implicou o cancelamento do projeto
Sua decisão implicou cancelar o projeto.
Recessão implica desemprego.
No Brasil, esse verbo é sistematicamente usado com a preposição em ("Sua decisão implica em cancelar o projeto"). Nenhum dicionário admite essa construção no padrão culto.
No sentido de "embirrar", "ter implicância", é transitivo indireto e rege a preposição com:
Sua sogra implica muito com você?
No sentido de "envolver", "comprometer", é transitivo direto e indireto:
Acabaram implicando o ex-ministro em atividades criminosas.
Proceder, no sentido de "ter cabimento", "ter fundamento", "fazer sentido" ou "portarse", "comportar-se", "agir 'é intransitivo. Nessa segunda acepção, vem sempre acompanhado de adjunto adverbial de modo:
Seus argumentos não procedem. Você procede muito mal.
No sentido de Aprovir, "originar-se", "ter origem", é transitivo indireto e rege a preposição de:
Seu comportamento vil procede da ganância desmesurada que assola sua alma.
- nota da ledora: foto da deficiente auditiva que trabalha no supermercado, em Salvador, em rede de lojas de empresário pioneiro, no setor, ao abrir este mercado de trabalho aos deficientes auditivos. Ao fundo, a frase: a felicidade não custa caro. - Você já viu este este anúncio, e esta foto na página 276.
- fim da nota.
No cartaz ao fundo, vemos o verbo custar numa construção pouco sujeita a erros. A expressão custar caro significa "estar à venda por preço alto"
Quando usado para indicar lugar de origem da ação de deslocamento, ponto de partida, é considerado intransitivo:
O avião procede de Manaus.
No sentido de "dar início", "realizar", é transitivo indireto e rege a preposição a:
O delegado procederá ao inquérito. O fiscal procedeu ao exame na hora marcada.
Querer, no sentido de "desejar", "ter querer vontade de", "cobiçar", é transitivo direto:
Queremos um país melhor.
Quero muitos beijos, meu amor.
No sentido de "ter afeição", "estimar", é transitivo indireto e rege a preposição a:
Quero muito aos meus amigos.
Despede-se o filho que muito lhe quer.
- nota da ledora: quadrinho, na página: "quereis canhões ou manteiga? ". voce já viu

esse quadrinho na página 125.
visar, no sentido de "mirar", "apontar" ou "pôr visto", "rubricar", é transitivo direto:
O caçador visou o corpo do animal. O gerente não quis visar o cheque.
No sentido de "ter em vista", "ter como objetivo", "ter como meta", é transitivo indireto e rege a preposição a:
O ensino deve sempre visar ao progresso social.
Só um projeto que vise à eliminação dos vergonhosos contrastes sociais pode levar o Brasil à verdadeira modernidade.
- nota da ledora: quadro de destaque na página -
OBSERVAÇÕES
1. Na língua formal falada e escrita, não se deve atribuir a verbos de regências diferentes um mesmo complemento. Por isso, devem-se evitar construções como:
"Ao toque da campainha, não entre, nem saia do trem."
Li e gostei do livro.
Em seu lugar, devem ser usadas estruturas como:
Ao toque da campainha, não entre no
trem, nem saia dele.
Li o livro e gostei dele.
2. Não se deve esquecer que, no padrão culto, é preciso manter a regência determinada pelo verbo quando seu complemento ou modificador é um pronome relativo. Assim, são condenáveis construções como: "A rua que eu moro é esburacada", "Os países que eu fui são ricos", "É o único amortecedor que eu confio", "O filme que assisti é italiano", "O cargo que eu aspiro é muito disputado", "O restaurante que eu comia no tempo de faculdade foi fechado". Essas frases devem ser corrigidas para:
A rua em que moro é esburacada. Os países a que fui são ricos.
É o único amortecedor em que confio. O filme a que assisti é italiano.
O cargo a que aspiro é muito disputado. O restaurante em que eu comia no tempo da faculdade foi fechado.
Note o que acontece particularmente nas duas últimas frases, quando empregadas no padrão coloquial: "O cargo que aspiro" indica que, no máximo, você sentirá o cheiro do cargo; "O restaurante que eu comia..." indica que você gosta de comer tijolos, mesas, toalhas...
3. Neste capítulo, foram analisados os verbos cuja regência costuma suscitar dúvidas. Caso você tenha de lidar com algum verbo que não foi mencionado aqui, pode consultar dicionários especializados em regência verbal (o Dicionário de verbos e regimes, de Francisco Fernandes, e o Dicionário prático de regência verbal, de Celso Pedro Luft), manuais de redação e estilo de jornais e revistas ou simplesmente um bom dicionário, como o de Aurélio Buarque de Holanda, o de Antenor Nascentes, o de Laudelino Freire ou o de Caldas Aulete.
3 REGÊNCIA NOMINAL
Regência nominal é o nome da relação existente entre um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio) e os termos regidos por esse nome. Essa relação é sempre intermediada por uma preposição.
No estudo da regência nominal, é preciso levar em conta que vários nomes apresentam exatamente o mesmo regime dos verbos de que derivam. Conhecer o regime de um verbo significa, nesses casos, conhecer o regime dos nomes cognatos. É o que ocorre, por exemplo, com obedecer e os nomes correspondentes: todos regem complementos introduzidos pela preposição a: obedecer a algo/a alguém, obediência a algo/a alguém; obediente a algo/a alguém; obedientemente a algo/a alguém.
Você vai encontrar, a seguir, vários nomes acompanhados da preposição ou preposições que regem. Observe-os atentamente e compare o uso indicado com o uso que você tem feito. Além disso, procure associar esses nomes entre si ou aos verbos cognatos.

SUBSTANTIVOS
admiração a, por
aversão a, para, por
atentado a, contra
bacharel em
capacidade de, para
devoção a, para com, por
doutor em
dúvida acerca de, em, sobre
horror a
impaciência com
medo a, de
obediência a
ojeriza a, por
proeminência sobre
respeito a, com, para com, por
- nota da ledora: quadrinho. No divã de um psicanalista: - Tenho medo do escuro, doutor - fala "a cliente", uma lâmpada elétrica.
- fim da nota.
O substantivo medo rege também a preposição a, mas surge mais freqüentemente acompanhado da preposição de.
ADJETIVOS
acessível a
contíguo a
generoso com
acostumado a, com
contrário a
grato a, por
afável com, para com
curioso de, por
hábil em
agradável a
descontente com
habituado a
alheio a, de
desejoso de
idêntico a
análogo a
diferente de
impróprio para
ansioso de, para, por
entendido em
indeciso em apto a, para
equivalente a
insensível a
ávido de
escasso de
liberal com
benéfico a
essencial a, para
natural de
capaz de, para

fácil de
necessário a
compatível com
fanático por
nocivo a
contemporâneo a, de
favorável a
paralelo a
parco em, de
propício a
semelhante a
passível de
próximo a, de
sensível a
preferível a
relacionado com
sito em
prejudicial a
relativo a
suspeito de
prestes a
satisfeito com, de, em, por
vazio de
ADVERBIOS
longe de
perto de
Os advérbios em -mente tendem a seguir o regime dos adjetivos de que são formados: paralela a, paralelamente a; relativa a, relativamente a.
- nota da ledora: quadro de destaque na página
OBSERVAÇÃO
Quando o complemento de um nome ou verbo tiver a forma de oração reduzida de infinitivo, não se deve fazer a contração da preposição com o eventual sujeito desse infinitivo - a preposição, afinal, introduz toda a oração, e não apenas o sujeito dela. É bom lembrar que o sujeito jamais é introduzido por preposição.
Observe:
Existe a possibilidade de eles participarem. (e não "deles participarem")
É hora de as noções de civilização contaminarem as mentes e gestos dos brasileiros. (e não "das noções")
A questão consiste em os brasileiros adotarem posturas mais críticas e menos individualistas em relação ao Estado. (e não "consiste nos ")
4 COMPLEMENTO: O USO DO ACENTO INDICADOR DE CRASE
Crase é palavra de origem grega e significa "mistura", "fusão". Nos estudos de língua portuguesa, e o nome que se dá à fusâo de duas vogais idênticas. Tem particular importância a crase da preposição a com o artigo feminino a(s), com o pronome demonstrativo a(s), com o a inicial dos pronomes aquele(s), aquela(s), aquilo e com o a do relativo a qual (as quais). Em todos esses casos, a fusão das vogais idênticas é assinalada na escrita por um acento grave. O uso apropriado do acento grave, ou acento indicador de crase, depende essencialmente da compreensão desse fenômeno. Aprender a colocar o acento consiste em aprender a verificar a ocorrência simultânea de uma preposição e um artigo ou pronome.
Verificar a existência de uma preposição é, antes de mais nada, aplicar os conhecimentos de regência verbal e nominal que você acaba de obter. Observe:

Conheço a diretora.
Refiro-me à diretora.
No primeiro caso, o verbo é transitivo direto (conhecer algo ou alguém), portanto não existe preposição e não pode ocorrer crase. No segundo caso, o verbo é transitivo indireto (referir-se a algo ou a alguém) e rege a preposição a, portanto a crase é possível, desde que o termo seguinte seja feminino e admita o artigo feminino a ou um dos pronomes já especificados.
Para verificar a existência de um artigo feminino ou de um pronome demonstrativo após uma preposição a, podem-se utilizar dois expedientes práticos. O primeiro deles consiste em colocar um termo masculino de mesma natureza no lugar do termo feminino a respeito do qual se tem dúvida. Se surgir a forma ao, ocorrerá crase antes do termo feminino. Observe:
Conheço o diretor. /Conheço a diretora.
Refiro-me ao diretor. /Re firo-me à diretora.
Prefiro o quadro da direita ao da esquerda. /Prefiro a tela da direita à da esquerda.
O outro recurso prático é substituir o termo regente da preposição a por um que reja outra preposição (de, em, por). Se essas preposições não se contraírem com o artigo, ou seja, se não surgirem as formas da(s), na(s) ou pela(s), não haverá crase. Observe:
Refiro-me a você. - Gosto de você. Penso em você. Apaixonei-me por você.
Começou a gritar. - Gosta de gritar. Insiste em gotar. Optou por gritar.
Tome muito cuidado com esses "macetes". Não se esqueça de que é preciso olhar para os dois lados. Não basta provar que existe a preposição a, ou que existe o artigo a. E preciso provar que existem os dois.
Você vai ver agora alguns casos em que são comuns as dúvidas relativas ao emprego do acento indicador de crase. Note que o que vem a seguir consiste na aplicação prática dos conceitos e dos expedientes estudados.
A crase obviamente não ocorre diante de palavras que não podem ser precedidas de artigo feminino. É o caso:
dos substantivos masculinos:
Tenho um fogão a gás. Não compro a prazo. Fui a pé. Assisti a jogos memoráveis.
Dos verbos:
Disponho-me a colaborar. Cheguei a insistir.
Começou a chorar. Pôs-se a gritar.
e da maioria dos pronomes:
Mostre a ela. Parabéns a você.
Disse a mim. Refiro-me a Vossa Excelência.
Isso não interessa a ninguém.
a nenhuma pessoa aqui presente.
a qualquer um de nós.
Quero falar a todos.
a poucas pessoas.
a alguns amigos.
a essas poucas pessoas.
a qualquer pessoa.
Os poucos casos de pronomes que admitem artigo podem ser facilmente detectados pela aplicação dos métodos descritos há pouco:
Estou-me referindo à mesma pessoa. (ao mesmo homem) à própria Luisa. (ao próprio Luís)
Informe o preço à senhora Sílvia. (ao senhor Sílvio)
Como você já viu no capítulo destinado aos pronomes, antes dos possessivos, o artigo definido é optativo. Portanto, se o termo antecedente reger a preposição a, o acento grave será optativo:

Refiro-me a minha velha amiga. /Refiro-me a meu velho amigo. Refiro-me à minha velha amiga. /Refiro-me ao meu velho amigo.
de palavras femininas no plural precedidas de um a:
A pesquisa não se refere a mulheres casadas.
O prêmio só foi concedido a cantoras estrangeiras.
É um assunto relativo a jornalistas especializadas.
Nesses casos, o a é preposição, e os substantivos estão sendo usados em sentido genérico. Quando são usados em sentido específico, passam a ser precedidos do artigo as; ocorrera, então, a crase. Compare as frases seguintes:
O estudo não se aplica a pessoas de índole nervosa.
O estudo não se aplica às pessoas de que estávamos falando.
Você está se referindo a secretárias?
Você está se referindo às secretárias desta empresa?
Com as expressões adverbiais de lugar formadas por nomes de cidades, países, estados, deve-se fazer a verificação da ocorrência da crase por meio da troca do termo regente:
Vou à Bahia. Vim da Bahia. /Estou na Bahia.
Vou à Itália. - Vim da Itália. /Estou na Itália.
Vou a Florença. - Vim de Florença. /Estou em Florença.
Vou à deslumbrante Florença. - Vim da deslumbrante Florença. / Estou na deslumbrante Florença.
Tome cuidado! Não se esqueça de verificar os dois lados. Não basta constatar que surge da ou na antes de Itália, por exemplo. Isso não é garantia de acento indicador de crase; é garantia apenas de que existe artigo antes de Itália. Para que ocorra crase, é preciso que o termo anterior peça a preposição a. No caso de "Visitei a Itália", por exemplo, não há crase, já que visitar é verbo transitivo direto.
Observe com atenção o comportamento das palavras casa e terra nestas expressões:
Cheguei a casa. - Venho de casa. /Estou em casa. (casa designa a residência de quem fala ou escreve)
Cheguei à casa do diretor. - Venho da casa do diretor. /Estou na casa do diretor. A tripulação do cargueiro desceu a terra. - A tripulação do cargueiro está em terra. (terra se opõe à noção de "estar em alto-mar")
A aeromoça chegou à terra de seus pais. - A aeromoça está na terra de seus pais.
O acento indicador de crase é usado nas expressões adverbiais, nas locuções prepositivas e conjuntivas de que participam palavras femininas:
à tarde, à chave, à noite,
à escuta, à direita, à deriva,
às claras, às avessas, às escondidas
às moscas, à toa, à revelia
à beça, à luz, à esquerda
à larga, às vezes, às ordens
às ocultas, às turras,à beira de
à sombra de, à exceção de , à força de
à frente de, à imitação de, à procura de,
à semelhança de, à proporção que, à medida que
Incluem-se nessas expressões as indicações de horas especificadas:
à meia-noite às duas horas
à uma hora às três e quarenta
Não confunda com as indicações não especificadas:
Isso acontece a qualquer hora.
Estarei lá daqui a uma hora.
- nota da ledora: propaganda da rádio Transamerica , apresentando foto de uma jovem, com dois peniquinhos no lugar das orelhas, com o seguinte texto: Troque de estação.

Transamerica, das 8 às 10 da manhã. - sugerindo que as outras emissoras só emitem ( )!!!
- fim da nota.
Merece destaque a expressão à moda de, que pode estar subentendida:
Pedimos uma pizza à moda da casa.
Atrevia-se a escrever à (moda de) Drummond.
Pedimos arroz à (moda) grega.
A expressão adverbial que indica as horas recebe acento indicador de crase: "das 8 às 10 da manhã".
Não ocorre crase nas expressões formadas por palavras femininas repetidas:
cara a cara
gota a gota
face a face
frente a frente
É fácil perceber por quê. Basta usar expressões formadas por palavras masculinas:
corpo a corpo
lado a lado
passo a passo
dia a dia
A crase é facultativa diante dos nomes próprios femininos e após a preposição até que antecede substantivos femininos, desde que o termo antecedente reja preposição a:
- nota da ledora: encontramos, no texto, erro de imprensa (reja no lugar de seja). O erro foi mantido.
- fim da nota.
Enviei as flores a Sílvia. / Enviei as flores a Pedro.
À Sílvia. ao Pedro.
Vou até a escola. / Vou até o colégio.
à escola. ao colégio.
Fui até as últimas conseqüências. /Fui até os últimos motivos.
às últimas conseqüências. aos últimos motivos.
A crase não ocorrerá se o nome de pessoa for usado em situação formal, ou se se tratar de personalidade pública. Nesses casos, não se usa artigo:
Envie a proposta a Sílvia de Araújo. /Envie a proposta a Sílvio de Araújo.
Fez referências elogiosas a Clarice Lispector. /Fez referências elogiosas a Machado de Assis.
A ocorrência da crase com os pronomes aquele(s), aquela(s) e aquilo depende apenas da verificação da presença da preposição que antecede esses pronomes:
Veja aquele monumento. aquela praça. aquilo.
ver é transitivo direto:
não há preposição
Refiro-me àquele jardim.
referir-se é transitivo indireto
àquela praça. e rege a preposição a àquilo.
A crase com o demonstrativo a(s) é detectável pelo expediente da substituição do termo regido feminino por um termo regido masculino:
Perguntarei à que chegar primeiro. / Perguntarei ao que chegar primeiro.
Sua proposta é semelhante à dele. /Seu projeto é semelhante ao dele.
O mesmo expediente deve ser usado para detectar a crase com os pronomes a qual e as quais:
A professora à qual devo meu aprendizado já se aposentou. / O professor ao qual devo meu aprendizado já se aposentou.
Muitas das alunas às quais ele dedicou seus estudos estiveram presentes à homenagem

de ontem. /Muitos dos alunos aos quais ele dedicou seus estudos estiveram presentes à homenagem de ontem.

PARTE 4 - APÊNDICE

CAPÍTULO 28

PROBLEMAS GERAIS DA LÍNGUA CULTA

- nota da ledora: anúncio do Salão Internacional de Automóveis e Autopeças, em São Paulo. Texto do anúncio: Um desfile onde você passa a mão nos modelos.
- fim da nota.

Você afirmaria, com absoluta certeza, que a palavra onde esta empregada corretamente? Nao se deveria usar aonde?

Neste capítulo, estudaremos expressões que, como onde/aonde, geralmente constituem pares de certa semelhança formal, que por isso mesmo nos colocam em xeque nas redações, provas e exames.

1 INTRODUÇÃO

Este capítulo pretende oferecer a você orientações sobre aspectos gerais da língua portuguesa culta. Consiste, portanto, numa oportunidade de aperfeiçoar seu desempenho no que diz respeito à grafia e ao emprego apropriado de formas e expressões que costumeiramente causam problemas a quem pretende falar ou redigir português culto. Acreditamos que muitas coisas que veremos a seguir já foram estudadas em sua vida escolar anterior. Nesses casos, aproveite o que vamos dizer para avaliar seu conhecimento. É importante que você definitivamente incorpore tais detalhes ao seu manuseio escrito (e falado, nas situações apropriadas) da língua portuguesa.

2 FORMA E GRAFIA DE ALGUMAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

QUE / QUÊ

Que é pronome, conjunção, advérbio ou partícula expletiva. Por se tratar de monossílabo atono, nao é acentuado.

(O) Que você pretende?

Você me pergunta (o) que vou fazer. (O) Que posso fazer?

Que beleza! Que bela atitude!

Convém que o assunto seja discutido seriamente.

Quase que me esqueço de avisá-lo.

Quê representa um monossílabo tônico. Isso ocorre quando encontramos um pronome em final de frase, imediatamente antes de um ponto (final, de interrogação ou exclamação) ou de reticências, ou quando quê é um substantivo (com o sentido de "alguma coisa", "certa coisa") ou uma interjeição (indicando surpresa, espanto):

Afinal, você veio aqui fazer o quê?

Você precisa de quê?

Há um quê inexplicável em sua atitude.

Quê! Conseguiu chegar a tempo?!

POR QUE / POR QUÊ / PORQUE / PORQUÊ

A forma por que pode ser a seqüência de uma preposição (por) e um pronome interrogativo (que). Em termos práticos, é uma expressão equivalente a "por qual razão", "por qual motivo". Veja alguns casos em que ela ocorre:

Porque você agiu daquela maneira?

Não se sabe porque tomaram tal decisão.

Não é fácil saber por que a situação persiste em não melhorar.

Leia a matéria intitulada: "Por que os corruptos não vão para a cadeia". É impressionante!

Caso surja no final de uma frase, imediatamente antes de um ponto (final, de interrogação, de exclamação) ou de reticências, a seqüência deve ser grafada por quê, pois, devido à posição na frase, o monossílabo que passa a ser tônico, devendo ser acentuado:

- Ainda não terminou? Por quê?
- Você tem coragem de perguntar por quê?!
- Claro. Por quê?
- Não sei por quê!
Há casos em que por que representa a seqüência preposição + pronome relativo, equivalendo a "pelo qual" (ou alguma de suas flexões "pela qual", "pelos quais", "pelas quais"). Em outros contextos por que equivale a "para que". Observe:
Estas são as reivindicações porque estamos lutando.
O túnel porque deveríamos passar desabou ontem.
Lutamos por que um dia este país seja melhor.
Já a forma porque é uma conjunção, equivalendo a "pois", "já que", "uma vez que", "como". Observe seu emprego em outros exemplos:
A situação agravou-se porque muita gente se omitiu.
Sei que há algo errado porque ninguém apareceu até agora.
Você continua implicando comigo! É porque eu não abro mão de minhas idéias?
Porque também pode indicar finalidade, equivalendo a "para que", "a fim de".
Trata-sede um uso pouco freqüente na língua atual:
Não julgues porque não te julguem.
A forma porquê representa um substantivo. Significa "causa", "razão", "motivo" e normalmente surge acompanhada de palavra determinante (artigo, por exemplo).
Como é um substantivo, pode ser pluralizado sem qualquer problema:
Dê-me ao menos um porquê para sua atitude.
Não é fácil encontrar o porquê de toda essa confusão.
Creio que os verdadeiros porquês mais uma vez não vieram à luz.
ONDE / AONDE
Aonde indica idéia de movimento ou aproximação. Opõe-se a donde, que exprime afastamento. Veja nos exemplos que a forma aonde costuma referir-se a verbos de movimento:
Aonde você vai?
Aonde querem chegar com essas atitudes?
Aonde devo dirigir-me para obter esclarecimentos?
Não sei aonde ir.
Onde indica o lugar em que se está ou em que se passa algum fato. Normalmente, refere-se a verbos que exprimem estado ou permanência. Observe:
Onde você está?
Onde você vai ficar nas próximas férias?
Discrimine os locais onde as tropas permanecem estacionadas.
Não sei onde começar a procurar.
O estabelecimento dessa diferença de significado tem sido uma tendência do português moderno. Na língua clássica, ela não existia; ainda hoje, é comum encontrar-se o emprego indiferente de uma ou outra forma. Para satisfazer os padrões da língua culta, procure observar essa diferença.
- nota da ledora: propaganda do sapato countryside samello, o sapato chamado antiderrapante, pelo formato especial do solado. Foto: um bosque, ao entardecer, com terreno bastante desigual. Texto : - Quando você não sabe onde quer chegar, todos os caminhos estão errados.
- fim da nota.
Errado! Como temos idéia de movimento, o redator deveria ter grafado aonde, em vez de onde.
MAS / MAIS
Mas é uma conjunção adversativa, equivalendo a "porem", "contudo", "entretanto":
Tentou, mas não conseguiu.

O país parece ser viável, mas não consegue sair do subdesenvolvimento.
Mais é pronome ou advérbio de intensidade, opondo-se normalmente a menos:
Ele foi quem mais tentou; ainda assim, não conseguiu.
É um dos países mais miseráveis do planeta.
MAL / MAU
Mal pode ser advérbio, substantivo ou conjunção. Como advérbio, significa "irregularmente", "erradamente", "de forma inconveniente ou desagradável".
Opõe-se a bem:
Era previsível que ele se comportaria mal. Era evidente que ele estava mal-intencionado porque suas opiniões haviam repercutido mal na reunião anterior.
A seleção brasileira jogou mal mas conseguiu vencer a partida.
Mal, como substantivo, pode significar "doença", "moléstia"; em alguns casos, significa "aquilo que é prejudicial ou nocivo".
A febre amarela é um mal de que já nos havíamos livrado e que, devido ao descaso, voltou a atormentar as populações pobres. O mal é que não se toma nenhuma atitude definitiva.
O substantivo mal também pode designar um conceito moral, ligado à idéia de maldade; nesse sentido, a palavra também se opõe a bem:
Há uma frase de que a visão da realidade nos faz muitas vezes duvidar:
"O mal não compensa".
Quando conjunção, mal indica tempo:
Mal você chegou, ele saiu.
Mau é adjetivo. Significa "ruim", "de má índole", "de má qualidade". Opõe-se a bom e apresenta a forma feminina má:
Trata-se de um mau administrador. Tem um coração mau.
A PAR / AO PAR
A par tem o sentido de "bem informado", "ciente":
Mantenha-me a par de tudo o que acontecer.
É importante manter-se a par das decisões parlamentares.
Ao par é uma expressão usada para indicar relação de equivalência ou igualdade entre valores financeiros (geralmente em operações cambiais):
As moedas fortes mantém o câmbio praticamente ao par.
AO ENCONTRO DE / DE ENCONTRO A
Ao encontro de indica "ser favorável a", "aproximar-se de". Observe os exemplos:
Ainda bem que sua opinião veio ao encontro da minha. Pudemos, assim, unir nossas reivindicações.
Quando a viu, foi rapidamente ao seu encontro e a abraçou afetuosamente.
De encontro a indica oposição, choque, colisão. Veja:
Como você queria que eu o ajudasse se suas opiniões sempre vieram de encontro às minhas? Nós pertencemos a mundos diferentes.
O caminhão foi de encontro ao muro. Ninguém se machucou, mas os prejuízos foram grandes.
A / HÁ NA EXPRESSÃO DE TEMPO
O verbo haver é usado em expressões que indicam tempo já transcorrido:
Tais fatos aconteceram há dez anos.
Nesse sentido, é equivalente ao verbo fazer:
Tudo aconteceu faz dez anos.
A preposição a surge em expressões em que a substituição pelo verbo fazer é impossível:
O lançamento do satélite ocorrerá daqui a duas semanas.
Partiriam dali a duas horas.
ACERCA DE / HÁ CERCA DE

Acerca de significa "sobre", "a respeito de":
Haverá uma palestra acerca das conseqüências das queimadas sobre a temperatura ambiente.
Há cerca de indica um período aproximado de tempo já transcorrido:
Os primeiros colonizadores surgiram há cerca de quinhentos anos.
AFIM / A FIM
Afim é um adjetivo que significa "igual", "semelhante". Relaciona-se com a idéia de afinidade:
Tiveram comportamentos afins durante os trabalhos de discussão. São espíritos afins.
A fim surge na locução a fim de, que significa "para" e indica idéia de finalidade:
Tentou mostrar-se capaz de inúmeras tarefas a fim de nos enganar.
DEMAIS / DE MAIS
Demais pode ser advérbio de intensidade, com o sentido de "muito"; aparece intensificando verbos, adjetivos ou outros advérbios:
Aborreceram-nos demais: isso nos deixou indignados demais. Estou até bem demais!
Demais também pode ser pronome indefinido, equivalendo a "os outros", "os restantes":
Apesar de ter chegado até lá como integrante de um grupo, resolvi partir sozinho, deixando aos demais a liberdade de escolher. Fiquei sabendo posteriormente que os demais membros da comissão também acabaram abandonando os projetos.
De mais opõe-se a de menos. Refere-se sempre a um substantivo ou pronome:
Não vejo nada de mais em sua atitude!
Decidiu-se suspender o concurso público porque surgiram candidatos de mais.
SENÃO / SE NÃO
Senão equivale a "caso contrário" ou " a não ser":
É bom que ele chegue a tempo, senão não haverá como ajudá-lo. Não fazia coisa alguma senão criticar.
Se não surge em orações condicionais. Equivale a "caso não":
Se não houver seriedade, o país não sairá da situação melancólica em que se encontra.
NA MEDIDA EM QUE / À MEDIDA QUE
Na medida em que exprime relação de causa e equivale a "porque", "já que", "uma vez que":
O fornecimento de combustível foi interrompido na medida em que os pagamentos não vinham sendo efetuados.
Na medida em que os projetos foram abandonados, a população carente ficou entregue à própria sorte.
Muitos autores não reconhecem essa forma como legítima.
À medida que indica proporção, desenvolvimento simultâneo e gradual. Equivale a "a proporção que":
Os verdadeiros motivos da renúncia foram ficando claros à medida que as investigações iam obtendo resultados.
A ansiedade aumentava à medida que o prazo fixado ia chegando ao fim.
Deve-se evitar a forma "à medida em que", resultante do cruzamento das duas locuções estudadas.
3 O USO DO HÍFEN
Já vimos um dos empregos do hífen quando estudamos as regras para separação silábica e para transímeação de palavras. Além desse emprego, o hífen também é usado para ligar pronomes oblíquos a formas verbais e para relacionar elementos formadores de palavras.
Usa-se o hífen para unir os pronomes oblíquos que seguem as formas verbais com que se relacionam:
amam-se

escutaram-nos
disseram-me
resumi-lo
estruturá-la
mostramos-lhe
conceder-vos
O hífen também é empregado quando o pronome vem colocado no interior da forma verbal, numa construção conhecida como mesóclise:
encontrar-te-ei
mostrar-nos-ão
dir-nos-ia
recolher-se-á
Há casos em que ao verbo se ajuntam dois pronomes:
dê-se-lhe
mostre-se-lhe
Para o relacionamento de elementos formadores de palavras, o emprego do hífen acarreta dificuldades provenientes das confusas orientações oficiais publicadas a respeito. Podemos, no entanto, apontar algumas orientações gerais.
PALAVRAS COMPOSTAS
Usa-se hífen para unir os elementos de uma palavra composta. É por isso que se deve usar hífen na grafia de palavras como:
alto-forno alto-relevo amor-perfeito (a flor) à-toa ("vagabundo") bem-estar boa-fé bom-senso cara-de-pau dedo-duro deus-nos-acuda ("confusão") dia-a-dia ("cotidiano") dois-pontos dona-de-casa guarda-roupa louva-a-deus (o inseto) lugar-comum má-criação matéria-prima mau-caráter pão-duro pára-brisa pára-quedas pára-raios péde-cabra pé-de-meia ("economias") pé-de-moleque ponto-e-vírgula etc.
Hífen unindo os elementos de uma palavra composta: arranha-céu
Observe que muitas vezes o uso do hífen estabelece distinção entre a palavra composta e a expressão formada pela aproximação das mesmas palavras. Isso ocorre, por exemplo, com dia-a-dia (sinônimo de "cotidiano") e dia a dia (expressão adverbial de tempo):
O dia-a-dia está cada vez mais difícil; dia a dia temos de conviver com perigos maiores nas grandes cidades.
O mesmo ocorre com à-toa (adjetivo, sinônimo de "vadio", "vagabundo") e à toa (expressão adverbial de modo):
Não passa de um indivíduo à-toa: passa o dia inteiro à toa.
PREFIXOS E ELEMENTOS DE COMPOSIÇÃO
Usa-se o hífen com diversos prefixos e elementos de composição. Esse uso baseia-se em alguns critérios nem sempre muito claros e, pior, muitas vezes desrespeitados nos próprios textos oficiais. Basicamente, o problema consiste em evitar que determinados prefixos, que terminam em certas letras, formem uma única palavra com o elemento a que se antepõem. Isso porque a junção dos dois elementos produziria duplicação de consoantes ou pouca clareza gráfica. Assim, por exemplo, o prefixo contra, diante de palavra iniciada por r, deve ser separado por hífen, para evitar duplicação da consoante: contra-revolucionário e não con-trarrevolucionário.
Podemos dividir os prefixos em grupos, de acordo com a letra em que terminam:
Contra, extra, infra, intra, supra e ultra ligam-se por hífen às palavras iniciadas por h, r, se vogal:
contra-indicação
infra-estrutura
supra-sensível
contra-revolução

infra-som
supra-sumo
contra-senso
intra-ocular
ultra-rápido
extra-humano
intra-arterial
ultra -romântico
extra-oficial
supra-renal
ultra -som
A exceção, consagrada pelo uso, é extraordinário e seus derivados.
Auto, neo, proto e pseudo ligam-se por hífen às palavras iniciadas por h, r, s e vogal:
auto-análise
neo-realismo
auto-retrato
neo-romântico
auto-sugestão
neo-simbolismo
proto-histórico
pseudo-etimológico
pseudo-herói
Ante e sobre ligam-se por hífen às palavras iniciadas por h, r e s:
ante-histórico
ante-rosto
ante-sala
sobre-humano
sobre-ronda
sobre-selo
Anti e arqui ligam-se por hífen às palavras iniciadas por h, r e s:
anti-hemorrágico
anti-rábico
anti-social
anti-herói
anti-reumático
arqui-rabino
anti-higiênico
anti-semita
arqui-secular
O prefixo semi, apesar de terminado em -i, segue orientação diferente: é ligado por hífen às palavras iniciadas por h, r, s e vogal:
semi-aberto
semi-extensivo
semi-árido
semi-inconsciente
Super liga-se por hífen às palavras iniciadas por h e r:
semi-reta
semi-selvagem
super-homem
super-humano
super-realismo

O único prefixo terminado por -r citado nos textos oficiais é super; seria recomendável, no entanto, adotar o mesmo procedimento com os prefixos hiper e inter.
Pan e mal ligam-se por hífen às palavras iniciadas por h e vogal:
pan-africano
pan-americano
pan-eslavismo
pan-helenismo
mal-acabado
mal-agradecido
mal-educado
mal-estar
mal-humorado
Ab, oh, sob e sub ligam-se por hífen às palavras iniciadas por r:
ab-reptício (exaltado, arrebatado)
ab-rogar (pôr em desuso)
ob-reptício (ardiloso, astucioso)
sob-roda
sub-região
sub-reino
sub-reitor
sub-reptício
Ad liga-se por hífen às palavras iniciadas por r:
ad-renal
ad-rogar
O prefixo bem deve ser separado por hífen sempre que se ligar a um elemento que possui existência autônoma na língua:
bem-amado
bem-aventurado
bem-casado
bem-falante
bem-humorado
bem-vindo
bem-comportado
bem-educado
bem-estar
Mas os próprios vocabulários oficiais aceitam como corretas as formas bendizer e benquerer, ao lado de bem-dizer e bem-querer.
Há prefixos e elementos formadores que são sempre ligados por hífen à palavra a que são acrescentados: além, aquém, recém; pós, pré, pró; ex e vice, por exempIo.
Observe as seguintes palavras:
prefixos e elementos sempre ligados por hífen
além-fronteiras
além-mar
além-túmulo
aquém-fronteiras
ex-aluno
ex-deputado
ex-namorada
ex-presidente
pós-glacial
pós-operatório
pré-escolar

pré-histórico
pré-romântico
pró-democracia
pró-independência
recém-casado
recém-nascido
vice-líder
vice-presidente
vice-rei vice-reitor
- nota da ledora: propaganda do projeto Pró-Memória Farrupilha: Pró sempre se liga por hífen à palavra que lhe é acrescentada.
- fim da nota.
- nota da ledora: quadro de destaque na página
OBSERVAÇÃO
Como dissemos inicialmente, as determinações oficiais são confusas e contraditórias em muitos passos referentes ao emprego do hífen. Além de alguns casos que apontamos acima, pode-se tomar como exemplo o prefixo co, sobre o qual os textos oficiais não formulam qualquer regulamentação; além disso, a forma como foram registradas as palavras em que surge esse prefixo não nos permite formular qualquer procedimento teórico. Por isso, o melhor a fazer é habituar-se a consultar bons dicionários ou publicações especializadas no momento em que se redige, a fim de procurar solucionar as dúvidas que porventura surgirem.
- fim do quadro.
4 COLOCAÇÃO DOS PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS ÁTONOS
Os pronomes pessoais oblíquos átonos (me, te, se, o, a, lhe, nos, vos, se, os, as, lhes) atuam basicamente como complementos verbais. Em relação aos verbos, podem assumir três posições:
a) próclise - o pronome surge antes do verbo:
Não nos mostraram nada.
Nada me disseram.
b) ênclise - o pronome surge depois do verbo:
Apresento-lhe meus cumprimentos.
Contaram-te tudo?
c) mesóclise - o pronome é intercalado ao verbo, que deve estar no futuro do presente ou no futuro do pretérito do indicativo:
Mostrar-lhe-ei meus escritos. Falar-vos-iam a verdade?
Por muito tempo, perseguiram-se regras para orientar a colocação desses pronomes, normalmente criadas a partir de modelos da fala lusitana. Felizmente, nos últimos tempos, a discussão sobre as regras de colocação pronominal tem sido substituída por procedimentos norteados pelo bom-senso. Apresentamos a seguir algumas orientações básicas a esse respeito e salientamos que não se deve perder tempo com uma questão tão pouco relevante para o uso eficiente da língua.
A ênclise pode ser considerada a colocação básica do pronome, pois obedece à seqüência verbo-complemento. Na língua culta, deve ser observada no início das frases:
Apresentaram-se vários projetos durante a sessão.
Contaram-me casos estranhíssimos.
Parece-nos que o mais acertado seria retomar os programas de incentivo agrícola.
A ênclise não ocorre com as formas dos futuros do indicativo e do particípio. Com os futuros, quando não é possível fazer a próclise, deve-se optar pela mesóclise, forma completamente desusada na língua coloquial do Brasil:
Dir-nos-ão o que fazer?

Entender-me-ia o estrangeiro?
A próclise tende a ocorrer após pronomes relativos, interrogativos e conjunções subordinativas. Também tende a ocorrer nas negações:
É a pessoa que nos orientou.
Quem te disse isso?
Gostaria de saber por que nos fizeram vir aqui.
Nada foi feito, embora se conhecessem as conseqüências da omissão.
Não me falaram nada a respeito disso.
Nunca nos encontraremos novamente.
Jamais se cumprimentam.
Em início de frase, a próclise é típica da língua coloquial brasileira e é usada na escrita quando se pretende reproduzir a língua falada:
Me faça um favor.
Nos falaram que era tudo mentira.
Com as locuções verbais e tempos compostos, a tendência brasileira é colocar o pronome antes do verbo principal:
Vou lhe mostrar meus trabalhos.
Continuo pensando em lhe mostrar meus trabalhos.
O pronome também pode surgir em outras posições. Observe:
Eu lhes estou mostrando.
Eu estou mostrando-lhes.
O uso do hífen nos casos em que o pronome aparece em posição intermediária é considerado optativo:
Eu estou-lhes mostrando.
Eu estou lhes mostrando.
Na verdade, a primeira forma tende a representar a fala lusitana, que "encosta" o pronome no verbo auxiliar ("Eu estou-lhes..."), enquanto a segunda forma tende a representar a fala brasileira, que "encosta" o pronome no verbo principal ("... lhes mostrando.").

CAPÍTULO 29
SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS

- nota da ledora: dois desenhos infantis, representando uma escola. No primeiro, ercebese o desenho de uma casa…com suas formas, representando uma escola. . No segundo desenho, apresenta-se um amontoado de riscos e linhas desconexas. Texto: DESENHE A INJUSTIÇA SOCIAL.
- fim da nota.

Neste bela anúncio, o antônimo de injustiça não está expresso verbalmente, mas graficamente.

RELAÇÕES DE SIGNIFICADO ENTRE AS PALAVRAS

Palavras de significados opostos como ausência e presença ou sim e não são chamadas antônimos.
Palavras de significados próximos são chamadas sinônimos. É o que ocorre, por exemplo, com palavras como agradável, ameno, aprazível, deleitável, deleitoso, delicioso, grato, gostoso, saboroso. Observe que os sentidos dessas palavras são próximos, mas não são exatamente equivalentes.
O uso de palavras sinônimas pode ser de grande utilidade nos processos de retomada de elementos que inter-relacionam as partes dos textos. Observe:
Alguns segundos depois, apareceu um (menino). Era um (garoto) magro, de pernas compridas e finas. Um tipico (moleque).
Apesar de cada uma dessas palavras ter seus matizes próprios de significação, são usadas no texto para designar um mesmo ser. Perceba, assim, que a relação de sinonímia nãodepende exclusivamente do significado das palavras isoladas, mas resulta

também do emprego que têm nos textos.
Uma relação de significado muito importante para a construção de textos é a que se estabelece entre hiperônimos e hipónimos. Hiperônimo é uma palavra cujo significado é mais abrangente do que o do seu hipônimo: é o que acontece, por exemplo, com as palavras veículo e carro veículo é hiperônimo de carro porque em seu significado está contido o significado de carro, ao lado do significado de outras palavras como carroça, trem, caminhão. Carro é um hipônimo de veículo. A relação entre hipônimos e hiperônimos é muito útil para a retomada de elementos textuais:
Há muito tempo planejam derrubar aquele ipê. A velha árvore parece perturbar os administradores municipais.
Proteja o lobo-guará. É um animal que corre risco de extinção.
São hiperônimos muito importantes palavras de sentido genérico como coisa, fato, acontecimento, fenômeno, pessoa, ser. Essas palavras são muito freqüentes nos mecanismos de retomada de elementos textuais. Seu uso, entretanto, deve ser limitado a essa função, pois elas carecem da precisão característica dos hipônimos:
A ampliação da pobreza compromete a estabilidade social do país e é um fato que não pode ser omitido em qualquer proposta séria de planejamento governamental.A troca de insultos e sopapos entre os deputados ganhou destaque nos jornais. O acontecimento foi recriminado em vários editoriais.
- nota da ledora: anúncio da TV Sharp, com fone de ouvido, apresentando o seguinte texto: Para você nunca mais ter de assistir à Orquestra de Berlim ao som do conserto do encanamento do vizinho. - voce já viu este anúncio na página 44
- fim da nota .
O anúncio explora criativamente um par de palavras homófonas. Se voce já se esqueceu desse par, revise o exercício da página 45 (Trabalhando o texto).
- nota da ledora; quadro de destaque na página
OBSERVAÇÃO
As relações de significado que envolvem a semelhança ou igualdade de sons e grafias de palavras - a paronímia e homonímia - já foram exaustivamente estudadas na seção deste livro dedicada a Fonologia
- fim da nota.

CAPÍTULO 30
NOÇÕES ELEMENTARES DE ESTILÍSTICA

- nota da ledora: propaganda do guaraná diet da antartica. Foto, toráx de homem com musculatura delineada, e do lado, tampinha de guaraná diet.
- fim da nota.
A Estilística estuda a utilização da linguagem como meio de exteriorização de dados emotivos e estéticos. Seu objeto de estudo são os processos de manipulação da linguagem que permitem a quem fala ou escreve mais do que simplesmente informar - interessam principal mente as possibilidades de sugerir conteúdos emotivos e intuitivos por meio das palavras e da sua organização.
A publicidade recorre freqúentemente a esse tipo de manipulação, às vezes com pouquissimas palavras. No anúncio acima, bastou a justaposição de uma tampinha de guaraná dietético a um abdome masculino típico de atletas, para gerar uma mensagem com claro intuito persuasivo: "você também pode ter esse corpo escultural".
Neste capítulo, vamos fazer um estudo bastante breve dessas possibilidades, que fogem ao âmbito dos estudos gramaticais.

1 RECURSOS FONOLÓGICOS

Os sons da língua podem ser organizados de forma a transmitir sugestões e conteúdos intuitivos. Uma das formas de se conseguir isso é a altteração, ou seja, a repetição de uma mesma consoante numa seqüência Iingúística, como ocorre com /v/ e /l/ no trecho seguinte:

"Vozes veladas, veludosas vozes,
Volúpias dos violões, vozes veladas,
Vagam nos velhos vórtices velozes
Dos ventos, vivas, vás, vulcanizadas."
(Cruz e Sousa)
A repetição de uma mesma vogal numa seqüência lingüística recebe o nome de assonância. É o que ocorre com /ã/ e /õ/ em:
"E bamboleando em ronda
dançam bandos tontos e bambos
de pirilampos."
(Guilherme de Almeida)
A tentativa de reproduzir lingüísticamente sons e ruídos do mundo natural constitui a onomatopéia:
"Lá vem o vaqueiro pelos atalhos, tangendo as reses para os currais.
BIem... blem... blem... cantam os chocalhos dos tristes bodes patriarcais.
E os guizos finos das ovelhinhas ternas dím... dím... dím...
Eu o sino da igreja velha:
bão... báu... báu..."
(Ascenso Ferreira)
A poesia, principalmente, explora esses e outros recursos sonoros da linguagem.
O estudo dos ritmos e dos padrões métricos da linguagem poética foge ao âmbito dos estudos gramaticais. Para conhecê-los, devem-se procurar as obras especializadas e principalmente os bons poemas da língua portuguesa.
2 RECURSOS MORFOLÓGICOS
Os casos mais comuns de exploração expressiva de recursos morfológicos estão relacionados com o uso de determinados sufixos. E muito freqüênte o emprego dos sufixos aumentativos e diminutivos para exprimir conteúdos afetivos nem sempre relacionados com a dimensão física dos seres. É o caso de palavras como mulherão ou coitadinho, que fazem referência respectivamente à beleza e às características psicológicas dos seres designados. Tratamos desses e de outros casos quando estudamos a estrutura e a formação das palavras.
3 RECURSO SINTÁTICO
A Sintaxe é uma fonte inesgotável de recursos expressivos. Algumas formas de obter efeitos sutis de significação:
a) o assíndeto, ou coordenação de termos ou orações sem utilização de conectivo.
Esse recurso costuma imprimir lentidão ao ritmo narrativo:
"Foi apanha; gravetos, trouxe do chiqueiro das cabras uma braçada de madeira meio ruida pelo cupim, arrancou touceiras de macambira, arrumou tudo para a fogueira."
(Graciliano Ramos)
b) o polissíndeto, ou repetição do conectivo na coordenação de termos ou orações.
Esse recurso costuma acelerar o ritmo narrativo:
"O amor que a exalta e a pede e a chama e a implora."
(Machado de Assis)
c) a inversão da ordem normal dos termos da oração ou da frase. O termo deslocado de sua posição normal recebe forte ênfase. A inversão não é privilégio da linguagem literária, ocorrendo no uso cotidiano da linguagem:
Das minhas coisas cuido eu! Professor já não sou.
d) a repetição de termos ou de estruturas sintáticas (chamada esta última de anáfora). É um recurso de ênfase e coesão, de que falamos em vários momentos de nossos estudos.
e) o anacoluto, ou ruptura da ordem lógica da frase. É um recurso muito utilizado nos diálogos, que procuram reproduzir na escrita a língua falada. Também permite a caracterização de estados de confusão mental:

Deixe-me ver... E necessário começar por... Não, não, o melhor é tentar novamente o que foi feito ontem.
f) a silepse ou concordância ideológica, estudada no capítulo dedicado à concordância verbal e nominal.
4 RECURSOS SEMÂNTICOS
A exploração dos significados das palavras gera duas figuras principais: a metáfora e a metonímia.
A metáfora ocorre quando uma palavra passa a designar alguma coisa com a qual não mantém nenhuma relação objetiva. Na base de toda metáfora está um processo comparativo.
Observe:
Senti a seda do seu rosto em meus dedos.
Seda, na frase acima, é uma metáfora. Por trás do uso dessa palavra para indicar uma pele extremamente agradável ao tato, há várias operações de comparação: a pele descrita é tão agradável ao tato quanto a seda; a pele descrita é uma verdadeira seda; a pele descrita pode ser chamada seda.
A metonímia ocorre quando uma palavra é usada para designar alguma coisa com a qual mantém uma relação de proximidade ou posse. Observe:
Meus olhos estão tristes por que você decidiu partir.
Olhos, na frase acima, é uma metonímia. Na verdade, essa palavra, que indica uma parte do ser humano, esta sendo usada para designar o ser humano completo.
- nota da ledora: propaganda do Jornal Notícias Populares. Foto: parece um jogo de futebol, onde a platéia é fotografada. Texto: Não (em letras garrafais), alimente os animais. Chega de violência no futebol.
- fim da nota.
O alambrado lembra as grades de uma jaula; a fisionomia dos torcedores expressa agitação ou fúria. Os recursos visuais se conjugam aos verbais para produzir esta metáfora, em que seres humanos são equiparados a animais.
- nota da ledora: propaganda de macarrão: na foto, a massa em forma de macarrão tem as cores da bandeira da Itália. (verde, vermelho e amarelo)
- fim da nota.
Metonímia: o macarrão (parte) pela Itália (todo). Para não haver dúvida, o macarrão tem as cores da bandeira italiana.
Outras formas de explorar significados de maneira expressiva são:
a) a antítese, ou aproximação de antônimos. Releia o texto "O quereres", do capítulo anterior, para observar como esse recurso pode ser explorado à exaustão.
b) o eufemismo, ou atenuamento intencional da expressão em certas situações:
Falta-lhe inteligência para compreender isso.
c) a hipérbole, ou exagero intencional da expressão:
Faria isso mil vezes se fosse preciso.
d) a ironia, que consiste em, aproveitando-se do contexto, utilizar palavras que devem ser compreendidas no sentido oposto do que aparentam transmitir. É um poderoso instrumento para o sarcasmo:
Muito competente aquele candidato!
Construiu viadutos que ligam nenhum lugar a lugar algum.
e) a gradação, que consiste em encadear palavras cujos significados têm efeito cumulativo:
Os grandes projetos de colonização resultaram em pilhas de papéis velhos, restos de obras inacabadas, hectares de floresta devastada, milhares de famílias abandonadas à própria sorte.
f) a prosopopéia ou personificação, que consiste em atribuir características de seres animados a seres inanimados ou características humanas a seres não-humanos:

A floresta gesticulava nervosamente diante do lago que a devorava. O ipê acenava-lhe brandamente, chamando-o para casa.

fim do livro.

“O conhecimento é a verdadeira liberdade” *Laércio Henrique*

Pasquale & Ulisses

Gramática da Língua Portuguesa

nova edição

conforme o **Acordo Ortográfico**

GRAMATICA DA LINGUA PORTUGUESA
LV201100761

editora scipione

Pasquale & Ulisses

Gramática da Língua Portuguesa

Acervo
BIBLIOTECA

INSTITUTO FEDERAL
PARÁ
Patrimônio
064259

Pasquale Cipro Neto

Professor de cursos pré-vestibulares na capital, no grande ABC e no interior do Estado de São Paulo. É colunista de jornais de grande circulação nacional. É autor de obras didáticas e paradidáticas para o Ensino Médio. É o idealizador e apresentador do programa Nossa Língua Portuguesa, da TV Cultura, de São Paulo.

Ulisses Infante

Doutor em Letras na área de Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo. Leciona desde 1980, com experiência em colégios e cursos pré-vestibulares na capital e no interior do estado de São Paulo. É autor de obras para Ensino Fundamental e Ensino Médio.

IFPA
CAMPUS BELÉM
BIBLIOTECA
Origem: Compra
Cass: 469.5
Cutter: C579g
Col.:

editora scipione

editora scipione

Gerência editorial
Maria Teresa Porto

Responsabilidade editorial
Roberta Lombardi Martins

Edição
Roberta Vaiano

Assistência editorial
Carmela Ferrante Nunes
Amanda Valentin

Colaboração
Adriana Carneiro Rodrigues
Maria Silvia Gonçalves
Renato Luiz Tresolavy

Supervisão de revisão
Miriam de Carvalho Abões

Revisão
Equipe Scipione

Edição de arte
Didier D. C. Dias de Moraes

Supervisão de arte
Sérgio Yutaka Suwaki

Coordenação de arte
Eber Alexandre de Souza

Programação visual de capa e miolo
Conexão Editorial

Ilustrações
Abê Fonseca e Vera Basile

Supervisão de iconografia
Cristiane Marques

Pesquisa iconográfica
Rose André

Editoração eletrônica
Ram Dikan, Wander Camargo
e Antonio C. Decarli

Av. Otaviano Alves de Lima, 4 400
6.º andar e andar intermediário ala "B"
Freguesia do Ó
CEP 02909-900 - São Paulo - SP
Caixa Postal 007
DIVULGAÇÃO
Tel.: (0XX11) 3990-1810
VENDAS
Tel.: (0XX11) 3990-1788
www.scipione.com.br
e-mail: scipione@scipione.com.br

2010

ISBN 978-852627076-3 – AL
ISBN 978-852627077-0 – PR

3.ª EDIÇÃO
(5.ª impressão)

Impressão e acabamento
Corprint Gráfica e Editora Ltda.

BIBLIOTECA-IFPA
CAMPUS BELÉM
469.5
30/05/11 761
Data: Reg.:

CÓPIA NÃO AUTORIZADA É CRIME
ABDR
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DIREITOS REPROGRÁFICOS
RESPEITE O DIREITO AUTORAL
EDITORA AFILIADA

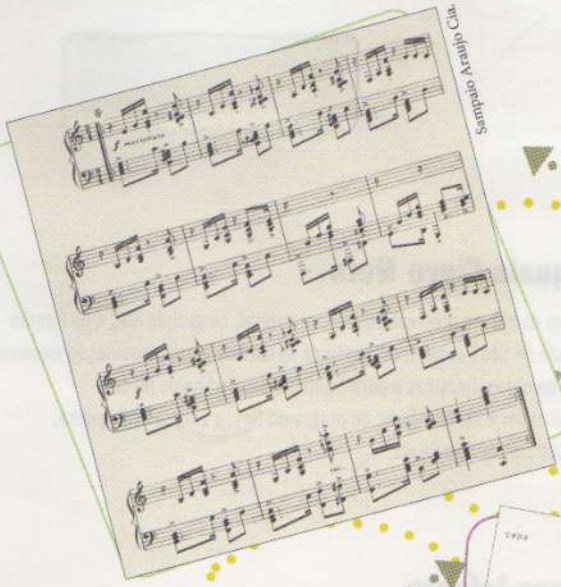

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cipro Neto, Pasquale
Gramática da Língua Portuguesa / Pasquale Cipro Neto, Ulisses Infante. São Paulo: Scipione, 2008.

Bibliografia.

1. Português — Gramática (Ensino Médio) I. Infante, Ulisses. II. Título.

08-05666 CDD-469.507

Índice para catálogo sistemático:

1. Gramática: Português: Ensino Médio 469.507

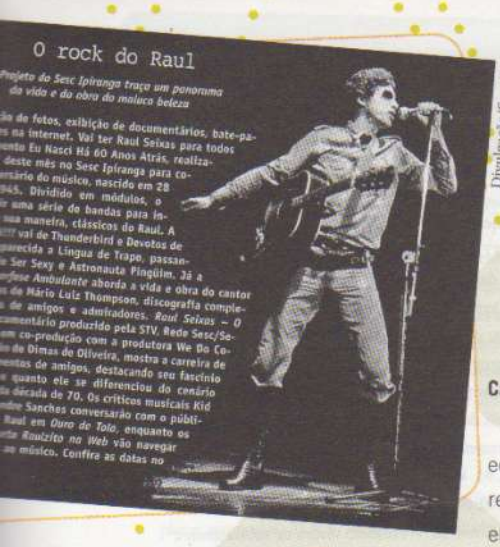

O rock do Raul

Projeto do Sesc Ipiranga traça um panorama da vida e da obra do maloca beleza

ção de fotos, exibição de documentários, bate-pa-
es na internet. Vai ter Raul Seixas para todos
ento Eu Nasci Há 60 Anos Atrás, realiza-
deste mês no Sesc Ipiranga para co-
ersário do músico, nascido em 28
945. Dividido em módulos, o
r uma série de bandas para in-
sua maneira, clássicos do Raul. A
vai de Thunderbird e Devotos de
parecida a Língua de Trapo, passan-
e Ser Sexy e Astronauta Pingüim. Já a
rfese Ambulante aborda a vida e obra do cantor
s de Mário Luiz Thompson, discografia comple-
s de amigos e admiradores. *Raul Seixas – O*
umentário produzido pela STV, Rede Sesc/Se-
em co-produção com a produtora We Do Co-
io de Dimas de Oliveira, mostra a carreira de
ntas de amigos, destacando seu fascínio
quanto ele se diferenciou do cenário
a década de 70. Os críticos musicais Kid
ndre Sanches conversarão com o públi-
Raul em *Ouro de Tolo*, enquanto os
rte *Raulzito na Web* vão navegar
o músico. Confira as datas no

Divulgação/Sesc/SP

Apresentação

Caro leitor,

Além de comemorar dez anos de lançamento, esta nova edição da *Gramática da Língua Portuguesa* incorpora as diretrizes do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, firmado entre os países de língua portuguesa em 1990 e implementado a partir de 2009.

Procuramos, mais uma vez, elaborar uma obra de estudo e consulta que possa servir de referência, o que creditamos à substancial renovação de textos e atividades, a qual mantém atualizada a relação do nosso trabalho com a língua falada e escrita no cotidiano brasileiro.

Nossa principal referência para o estudo dos variados tópicos gramaticais continua sendo a língua viva – textos de jornais e revistas, mensagens publicitárias, letras de músicas e obras literárias contemporâneas, que predominam como material de leitura e análise.

Os autores

Companhia das Letras

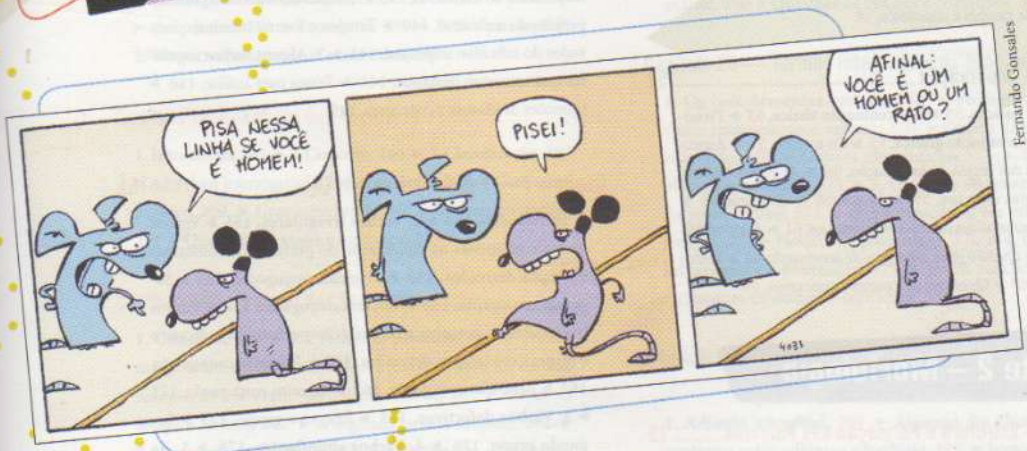

Fernando Gonsales

SUMÁRIO

Introdução geral

Capítulo 1 — Conceitos Iniciais 8

1. O signo linguístico, 9 ▸ **2. Língua: unidade e variedade,** 10 ▸ **3. História e geografia da língua portuguesa,** 12 ▸ **4. A gramática,** 14 ▸ Divisão da gramática, 15 ▸ Morfossintaxe, 16

Parte 1 – Fonologia

Capítulo 2 — Fonologia 18

1. Conceitos básicos, 19 ▸ **2. Os fonemas da língua portuguesa,** 20 ▸ **3. Classificação dos fonemas da língua portuguesa,** 21 ▸ Vogais, 21 ▸ Semivogais, 22 ▸ Consoantes, 22 ▸ **4. Sílabas,** 24 ▸ **5. Encontros vocálicos,** 24 ▸ **6. Encontros consonantais,** 25 ▸ **7. Dígrafos,** 25 ▸ **8. Divisão silábica,** 27 ▸ Textos para análise, 29 ▸ Questões de exames e concursos, 32

Capítulo 3 — Ortografia 34

1. Conceitos básicos, 35 ▸ **2. O alfabeto português,** 35 ▸ **3. Orientações ortográficas,** 37 ▸ Noções preliminares, 37 ▸ Fonemas com mais de uma representação gráfica, 37 ▸ *O fonema /ʃ/ (letra* x *ou dígrafo* ch*),* 38 ▸ *O fonema /ʒ/ (letras* g *e* j*),* 39 ▸ *O fonema /z/ (letras* s, x *e* z*),* 40 ▸ *O fonema /s/ (letras* s, c, ç *e* x *ou dígrafos* sc, sç, ss, xc *e* xs*),* 42 ▸ Particularidades de algumas letras, 44 ▸ *A letra* x, 44 ▸ *As letras* e *e* i, 44 ▸ *As letras* o *e* u, 45 ▸ *A letra* h, 45 ▸ Nomes próprios, 46 ▸ Textos para análise, 48 ▸ Questões de exames e concursos, 48

Capítulo 4 — Acentuação 52

1. Conceitos básicos, 53 ▸ **2. Acentuação tônica,** 53 ▸ Prosódia, 54 ▸ **3. Acentuação gráfica,** 55 ▸ Os acentos, 55 ▸ Aspectos genéricos das regras de acentuação, 56 ▸ As regras básicas, 57 ▸ As regras especiais, 59 ▸ *Hiatos,* 60 ▸ *Ditongos,* 60 ▸ *Formas verbais seguidas de pronomes oblíquos,* 61 ▸ *Acentos diferenciais,* 61 ▸ *Quadro geral das regras de acentuação,* 63 ▸ Textos para análise, 65 ▸ Questões de exames e concursos, 68

Parte 2 – Morfologia

Capítulo 5 — Estrutura e Formação das Palavras 72

1. Morfemas, 73 ▸ **2. Classificação dos morfemas,** 74 ▸ Radicais, 74 ▸ Afixos, 74 ▸ Desinências, 75 ▸ Vogais temáticas, 75 ▸ Vogais ou consoantes de ligação, 75 ▸ **3. Estudo dos morfemas ligados às flexões das palavras,** 76 ▸ Vogais temáticas, 76 ▸ Desinências, 77 ▸ **4. Processos de formação das palavras,** 79 ▸ **5. Estudo da derivação,** 79 ▸ Derivação prefixal (ou prefixação), 79 ▸ Derivação sufixal (ou sufixação), 80 ▸ Derivação parassintética (ou parassíntese), 80 ▸ Derivação regressiva, 81 ▸ Derivação imprópria, 82 ▸ **6. Prefixos,** 82 ▸ **7. Sufixos,** 86 ▸ Formam substantivos a partir de outros substantivos, 86 ▸ Formam substantivos de adjetivos, 89 ▸ Formam substantivos de verbos, 90 ▸ Formam substantivos e adjetivos de outros substantivos e adjetivos, 91 ▸ Formam adjetivos de substantivos ou de outros adjetivos, 92 ▸ Formam adjetivos de verbos, 94 ▸ Forma advérbios de adjetivos, 95 ▸ Formam verbos de substantivos e adjetivos, 95 ▸ Sufixos aumentativos, 96 ▸ Sufixos diminutivos, 97 ▸ Textos para análise, 99 ▸ **8. Estudo da composição,** 103 ▸ Tipos de composição, 103 ▸ Radicais e compostos eruditos, 104 ▸ **9. Outros processos de formação de palavras,** 112 ▸ Abreviação vocabular, 112 ▸ Siglonimização, 113 ▸ Palavra-valise, 114 ▸ Onomatopeia, 115 ▸ **10. Outros processos de enriquecimento do léxico,** 116 ▸ Neologismo semântico, 116 ▸ Empréstimos linguísticos, 117 ▸ Textos para análise, 118 ▸ Questões de exames e concursos, 121

Capítulo 6 — Estudo dos Verbos (I) 126

1. Introdução, 126 ▸ **2. Conceito,** 127 ▸ **3. Estrutura das formas verbais,** 127 ▸ **4. Flexões verbais,** 129 ▸ Flexão de número e pessoa, 129 ▸ Flexão de tempo e modo, 129 ▸ Flexão de voz, 130 ▸ **5. Conjugações,** 131 ▸ Paradigmas dos verbos regulares, 132 ▸ *Tempos simples,* 132 ▸ *Tempos compostos,* 135 ▸ **6. Formação dos tempos simples,** 137 ▸ Tempos derivados do presente do indicativo, 138 ▸ Tempos derivados do pretérito perfeito do indicativo, 140 ▸ Tempos e formas nominais derivados do infinitivo impessoal, 141 ▸ **7. Alguns verbos regulares que merecem destaque,** 143 ▸ Textos para análise, 146 ▸ Questões de exames e concursos, 149

Capítulo 7 — Estudo dos Verbos (II) 154

1. Introdução, 154 ▸ **2. Verbos irregulares,** 155 ▸ Verbos irregulares apenas na conjugação do presente do indicativo e tempos derivados, 155 ▸ *Primeira conjugação,* 155 ▸ *Segunda conjugação,* 156 ▸ *Terceira conjugação,* 158 ▸ Verbos irregulares no presente e no pretérito perfeito do indicativo e respectivos tempos derivados, 162 ▸ *Primeira conjugação,* 162 ▸ *Segunda conjugação,* 163 ▸ *Terceira conjugação,* 171 ▸ **3. Verbos defectivos,** 175 ▸ Primeiro grupo, 175 ▸ Segundo grupo, 176 ▸ **4. Verbos abundantes,** 178 ▸ **5. As particularidades da conjugação dos verbos e os dicionários,** 180 ▸ Textos para análise, 180 ▸ Questões de exames e concursos, 183

Capítulo 8 — Estudo dos Verbos (III) 189

1. Os modos verbais, 189 ▶ **2. Os tempos verbais,** 190 ▶ Os tempos do indicativo, 190 ▶ *Presente,* 190 ▶ *Pretérito imperfeito,* 191 ▶ *Pretérito perfeito,* 192 ▶ *Pretérito mais-que-perfeito,* 192 ▶ *Futuro do presente,* 192 ▶ *Futuro do pretérito,* 193 ▶ Os tempos do subjuntivo, 195 ▶ *Presente,* 195 ▶ *Pretérito imperfeito,* 195 ▶ *Pretérito perfeito,* 196 ▶ *Pretérito mais-que-perfeito,* 197 ▶ *Futuro,* 197 ▶ **3. Valor e emprego das formas nominais,** 198 ▶ O infinitivo, 198 ▶ O particípio, 199 ▶ O gerúndio, 200 ▶ **4. As locuções verbais,** 200 ▶ **5. O aspecto verbal,** 201 ▶ Textos para análise, 202 ▶ Questões de exames e concursos, 204

Capítulo 9 — Estudo dos Substantivos 212

1. Conceito, 213 ▶ **2. Classificação,** 213 ▶ Substantivos simples e compostos, 213 ▶ Substantivos primitivos e derivados, 214 ▶ Substantivos concretos e abstratos, 214 ▶ Substantivos comuns e próprios, 214 ▶ Substantivos coletivos, 215 ▶ **3. Flexões,** 218 ▶ Flexão de gênero, 218 ▶ *Formação do feminino,* 218 ▶ Flexão de número, 222 ▶ *Formação do plural,* 223 ▶ Flexão de grau, 228 ▶ *Formação do grau,* 228 ▶ Textos para análise, 229 ▶ Questões de exames e concursos, 232

Capítulo 10 — Estudo dos Artigos 236

1. Conceito, 236 ▶ **2. Classificação,** 237 ▶ **3. Combinações dos artigos,** 237 ▶ Textos para análise, 238 ▶ Questões de exames e concursos, 240

Capítulo 11 — Estudo dos Adjetivos 241

1. Conceito, 242 ▶ **2. Classificação,** 242 ▶ **3. Adjetivos pátrios,** 243 ▶ Adjetivos pátrios compostos, 247 ▶ **4. Correspondência entre adjetivos e locuções adjetivas,** 249 ▶ **5. Flexões,** 252 ▶ Flexão de gênero, 252 ▶ *Adjetivos biformes,* 252 ▶ *Adjetivos uniformes,* 253 ▶ Flexão de número, 253 ▶ Flexão de grau, 254 ▶ *Comparativo,* 254 ▶ *Superlativo,* 255 ▶ Textos para análise, 259 ▶ Questões de exames e concursos, 262

Capítulo 12 — Estudo dos Advérbios 265

1. Introdução, 265 ▶ **2. Conceito,** 266 ▶ **3. Classificação,** 267 ▶ Advérbios interrogativos, 268 ▶ **4. Flexão,** 269 ▶ Grau comparativo, 269 ▶ Grau superlativo, 269 ▶ Textos para análise, 271 ▶ Questões de exames e concursos, 275

Capítulo 13 — Estudo dos Pronomes 279

1. Conceito, 279 ▶ **2. Pronomes pessoais,** 280 ▶ Pronomes pessoais do caso reto, 280 ▶ Pronomes pessoais do caso oblíquo, 281 ▶ *Pronomes oblíquos átonos,* 281 ▶ *Pronomes oblíquos tônicos,* 282 ▶ A segunda pessoa indireta, 282 ▶ **3. Pronomes possessivos,** 285 ▶ **4. Pronomes demonstrativos,** 286 ▶ **5. Pronomes relativos,** 289 ▶ **6. Pronomes indefinidos,** 292 ▶ **7. Pronomes interrogativos,** 293 ▶ Textos para análise, 294 ▶ Questões de exames e concursos, 296

Capítulo 14 — Estudo dos Numerais 303

1. Conceito, 304 ▶ **2. Quadros de numerais,** 304 ▶ **3. Flexões,** 306 ▶ **4. Emprego,** 306 ▶ Textos para análise, 309 ▶ Questões de exames e concursos, 311

Capítulo 15 — Estudo das Preposições 313

1. Conceito, 313 ▶ **2. Classificação,** 314 ▶ **3. Combinações e contrações,** 315 ▶ Textos para análise, 317 ▶ Questões de exames e concursos, 318

Capítulo 16 — Estudo das Conjunções 322

1. Conceito, 323 ▶ **2. Classificação,** 323 ▶ Textos para análise, 325 ▶ Questões de exames e concursos, 327

Capítulo 17 — Estudo das Interjeições 332

Conceito, 332 ▶ Textos para análise, 334

Parte 3 – Sintaxe

Capítulo 18 — Introdução à Sintaxe 338

1. Frase, oração, período, 339 ▶ **2. Tipos de frases,** 339 ▶ **3. As frases e a pontuação,** 341 ▶ Textos para análise, 344

Capítulo 19 — Termos Essenciais da Oração 346

1. Conceitos, 347 ▶ Sujeito e predicado, 347 ▶ Verbos nocionais e não-nocionais, 348 ▶ Verbos transitivos e intransitivos, 348 ▶ **2. Tipos de sujeito,** 350 ▶ Sujeito determinado, 350 ▶ Sujeito indeterminado, 351 ▶ Orações sem sujeito, 352 ▶ **3. Tipos de predicado,** 354 ▶ Predicado verbal, 354 ▶ Predicado nominal, 354 ▶ Predicado verbo-nominal, 355 ▶ **4. Os termos essenciais e a pontuação,** 356 ▶ Textos para análise, 358 ▶ Questões de exames e concursos, 361

Capítulo 20 — Termos Integrantes da Oração 368

1. Os complementos verbais, 368 ▶ Pronomes oblíquos como complementos verbais, 370 ▶ Objeto direto preposicionado, 370 ▶ Objetos pleonásticos, 371 ▶ **2. O complemento nominal,** 372 ▶ **3. O agente da passiva,** 374 ▶ As vozes verbais, 374 ▶ *Transformação de voz ativa em voz passiva,* 375 ▶ *Funções do pronome* se, 376 ▶ **4. Os termos integrantes e a pontuação,** 379 ▶ Textos para análise, 380 ▶ Questões de exames e concursos, 382

Capítulo 21 — Termos Acessórios da Oração e Vocativo 389

1. Adjunto adverbial, 389 ▶ Algumas das circunstâncias expressas pelos adjuntos adverbiais, 390 ▶ Importância da preposição nas locuções adverbiais, 391 ▶ **2. Adjunto adnominal,** 393 ▶ Como distinguir o adjunto adnominal do predicativo, 394 ▶ Como distinguir o adjunto adnominal

do complemento nominal, 395 ▸ **3. Aposto,** 396 ▸ Classificação do aposto, 397 ▸ **4. Vocativo,** 397 ▸ **5. Os termos acessórios, o vocativo e a pontuação,** 398 ▸ Textos para análise, 400 ▸ Questões de exames e concursos, 403

Capítulo 22 — Orações Subordinadas Substantivas 409

1. Conceitos básicos, 410 ▸ Período composto por subordinação, 410 ▸ Período composto por coordenação, 410 ▸ Período composto por subordinação e coordenação, 411 ▸ **2. Tipos de orações subordinadas,** 412 ▸ Subordinadas substantivas, 412 ▸ Subordinadas adjetivas, 413 ▸ Subordinadas adverbiais, 413 ▸ Subordinadas desenvolvidas e reduzidas, 413 ▸ **3. Estudo das orações subordinadas substantivas,** 414 ▸ Subjetivas, 415 ▸ Objetivas diretas, 415 ▸ Objetivas indiretas, 416 ▸ Completivas nominais, 417 ▸ Predicativas, 417 ▸ Apositivas, 417 ▸ **4. Pontuação das subordinadas substantivas,** 418 ▸ Textos para análise, 419 ▸ Questões de exames e concursos, 421

Capítulo 23 — Orações Subordinadas Adjetivas 425

1. Estrutura das orações subordinadas adjetivas, 426 ▸ Duplo papel do pronome relativo, 426 ▸ Adjetivas desenvolvidas e reduzidas, 426 ▸ **2. Aspectos semânticos: orações restritivas e explicativas,** 427 ▸ **3. Pronomes relativos: usos e funções,** 429 ▸ Que, 429 ▸ Quem, 430 ▸ O qual, os quais, a qual, as quais, 430 ▸ Cujo, cuja, cujos, cujas, 431 ▸ Onde, 431 ▸ Quanto, como, quando, 432 ▸ **4. As orações subordinadas adjetivas e a pontuação,** 434 ▸ Textos para análise, 435 ▸ Questões de exames e concursos, 438

Capítulo 24 — Orações Subordinadas Adverbiais 444

1. Introdução, 444 ▸ **2. Aspectos semânticos: as circunstâncias,** 445 ▸ Causa, 445 ▸ Consequência, 446 ▸ Condição, 446 ▸ Concessão, 447 ▸ Comparação, 448 ▸ Conformidade, 449 ▸ Finalidade, 449 ▸ Proporção, 450 ▸ Tempo, 450 ▸ **3. Classificar sem decorar,** 451 ▸ **4. As orações subordinadas adverbiais e a pontuação,** 452 ▸ Textos para análise, 453 ▸ Questões de exames e concursos, 455

Capítulo 25 — Orações Coordenadas 462

1. Orações sindéticas e assindéticas, 463 ▸ **2. Classificação das orações coordenadas sindéticas,** 463 ▸ Aditivas, 463 ▸ Adversativas, 464 ▸ Alternativas, 464 ▸ Conclusivas, 465 ▸ Explicativas, 466 ▸ **3. Classificação baseada nas relações de sentido,** 466 ▸ **4. As orações coordenadas e a pontuação,** 468 ▸ Textos para análise, 470 ▸ Questões de exames e concursos, 472

Capítulo 26 — Concordância Verbal e Nominal 477

1. Concordância verbal, 478 ▸ Regras básicas: sujeito composto, 478 ▸ Casos de sujeito simples que merecem destaque, 480 ▸ Casos de sujeito composto que merecem destaque, 483 ▸ O verbo e a palavra *se*, 485 ▸ Concordância com verbos de particular interesse, 485 ▸ *Haver e fazer*, 485 ▸ *Ser*, 486 ▸ Emprego do infinitivo, 487 ▸ *Infinitivo impessoal*, 488 ▸ *Infinitivo pessoal*, 488 ▸ **2. Concordância nominal,** 490 ▸ Regras básicas, 490 ▸ Expressões e palavras que merecem estudo particular, 492 ▸ **3. Concordância ideológica,** 494 ▸ Textos para análise, 495 ▸ Questões de exames e concursos, 499

Capítulo 27 — Regência Verbal e Nominal 508

1. Introdução, 508 ▸ **2. Regência verbal,** 509 ▸ Verbos intransitivos, 509 ▸ Verbos transitivos diretos, 509 ▸ Verbos transitivos indiretos, 510 ▸ Verbos indiferentemente transitivos diretos ou indiretos, 511 ▸ Verbos transitivos diretos e indiretos, 512 ▸ Verbos cuja mudança de transitividade pode implicar mudança de significado, 514 ▸ *Dois casos críticos*, 517 ▸ **3. Regência nominal,** 519 ▸ Complemento sob a forma de oração reduzida de infinitivo, 521 ▸ **4. Complemento: o uso do acento indicador de crase,** 522 ▸ Não ocorre crase, 523 ▸ Ocorre crase, 524 ▸ A crase é facultativa, 525 ▸ Casos sujeitos à verificação, 525 ▸ Textos para análise, 528 ▸ Questões de exames e concursos, 531

Parte 4 – Apêndice

Capítulo 28 — Problemas Gerais da Língua Culta 538

1. Introdução, 539 ▸ **2. Forma e grafia de algumas palavras e expressões,** 539 ▸ Que / quê, 539 ▸ Por que / por quê / porque / porquê, 539 ▸ Mas / mais, 540 ▸ Mal / mau, 541 ▸ Onde / aonde, 541 ▸ A par / ao par, 542 ▸ Ao encontro de / de encontro a, 542 ▸ A / há na expressão de tempo, 542 ▸ Acerca de / há cerca de, 543 ▸ Afim / a fim, 543 ▸ Demais / de mais, 543 ▸ Senão / se não, 543 ▸ Na medida em que / à medida que, 543 ▸ **3. O uso do hífen,** 544 ▸ Palavras compostas, 545 ▸ Prefixos e elementos de composição, 546 ▸ *Regra geral*, 546 ▸ *Casos especiais em que também se usa o hífen*, 546 ▸ *Casos em que não se usará o hífen*, 547 ▸ **4. Colocação dos pronomes pessoais oblíquos átonos,** 547 ▸ Ênclise, 548 ▸ Próclise, 548 ▸ Textos para análise, 549 ▸ Questões de exames e concursos, 551

Capítulo 29 — Significação das Palavras 556

Relações de significado entre as palavras, 557 ▸ Textos para análise, 559 ▸ Questões de exames e concursos, 562

Capítulo 30 – Noções Elementares de Estilística 567

1. Introdução, 567 ▸ **2. Recursos fonológicos,** 568 ▸ **3. Recursos morfológicos,** 568 ▸ **4. Recursos sintáticos,** 569 ▸ **5. Recursos semânticos,** 569 ▸ Textos para análise, 571 ▸ Questões de exames e concursos, 574

Lista de Instituições Promotoras de Exames e Concursos 581

Bibliografia 583

Introdução geral

Capítulo 1

Conceitos iniciais

Museu Nacional Centro de Arte Rainha Sofia, Madri

Guernica

A cultura humana opera incessantemente com elementos que representam a realidade, sejam eles verbais ou não-verbais. Em abril de 1937, um bombardeio de três quartos de hora castiga uma desprotegida cidade na região basca da Espanha. O fato foi imortalizado por Pablo Picasso na tela que leva o nome da cidade destruída: *Guernica*. Com essa representação pictórica, o artista transmitiu à humanidade uma das mais dramáticas expressões da dor: os gestos e os gritos congelados na imagem contam uma história que jamais deve ser esquecida.

Nesta introdução, estudaremos, entre outros tópicos, o signo linguístico, a representação verbal dos elementos do mundo.

1. O signo linguístico

Na origem de toda a atividade comunicativa do ser humano está a **linguagem**, que é a capacidade de se comunicar por meio de uma língua. **Língua** é um sistema de signos convencionais usados pelos membros de uma mesma comunidade. Em outras palavras: um grupo social convenciona e utiliza um conjunto organizado de elementos representativos.

Um **signo linguístico** é um elemento representativo que apresenta dois aspectos: um significante e um significado, unidos num todo indissolúvel. Ao ouvir a palavra "árvore", você reconhece os sons que a formam. Esses sons se identificam com a lembrança deles que está presente em sua memória. Essa lembrança constitui uma verdadeira imagem sonora, armazenada em seu cérebro – é o **significante** do signo "árvore". Ao ouvir essa palavra, você logo pensa num "vegetal lenhoso cujo caule, chamado tronco, só se ramifica bem acima do nível do solo, ao contrário do arbusto, que exibe ramos desde junto ao solo". Esse conceito, que não se refere a um vegetal particular, mas engloba uma ampla gama de vegetais, é o **significado** do signo "árvore" – e também se encontra armazenado em sua memória.

Na arte moderna, são frequentes os casos em que o autor subverte a ordem das coisas, levando o espectador a refletir sobre a realidade. Na imagem criada por Magritte, a contradição entre o significante (neste contexto, as palavras *l'acace*: a acácia; *la lune*: a lua; *la neige*: a neve; *le plafond*: o teto; *l'orage*: a tempestade; *le désert*: o deserto) e o significado (neste contexto, os objetos representados: ovo; sapato; chapéu; vela; copo; martelo, respectivamente) destaca a natureza arbitrária do signo linguístico.

Coleção Particular, Paris

A interpretação dos sonhos (*A acácia, a lua, a neve, o teto, a tempestade, o deserto*), René Magritte, 1930.

Ao empregar os signos que formam nossa língua, você deve obedecer a certas regras de organização que a própria língua lhe oferece. Assim, por exemplo, é perfeitamente possível antepor-se ao signo "árvore" o signo "uma", formando a sequência "uma árvore". Já a sequência "um árvore" contraria uma regra de organização da língua portuguesa, o que faz com que a rejeitemos. Perceba, pois, que os signos que constituem a língua obedecem a padrões determinados de organização. O conhecimento de uma língua engloba não apenas a identificação de seus signos, mas também o uso adequado de suas regras combinatórias.

Estudar a língua portuguesa é tornar-se apto a utilizá-la com eficiência na produção e interpretação dos textos com que se organiza nossa vida social. Por meio desses estudos, amplia-se o exercício de nossa sociabilidade – e, consequentemente, de nossa cidadania, que passa a ser mais lúcida. Ampliam-se também as possibilidades de fruição dos textos, seja pelo simples prazer de saber produzi-los de forma benfeita, seja pela leitura mais sensível e inteligente dos textos literários. Conhecer bem a língua em que se vive e pensa é investir no ser humano que você é.

2. Língua: unidade e variedade

Diversos fatores podem originar variações linguísticas:

a. **geográficos** – há variações entre as formas que a língua portuguesa assume nas diferentes regiões em que é falada. Basta pensar nas evidentes diferenças entre o modo de falar de um lisboeta e de um carioca, por exemplo, ou na expressão de um gaúcho em contraste com a de um cearense. Essas variações regionais constituem os **falares** e os **dialetos**. Nos últimos tempos, particularmente no Brasil, as formas regionais da língua portuguesa vêm sendo valorizadas como parte importante da ampla diversidade cultural do país. Isso tem levado ao surgimento de vocabulários e outras publicações como as que mostramos a seguir:

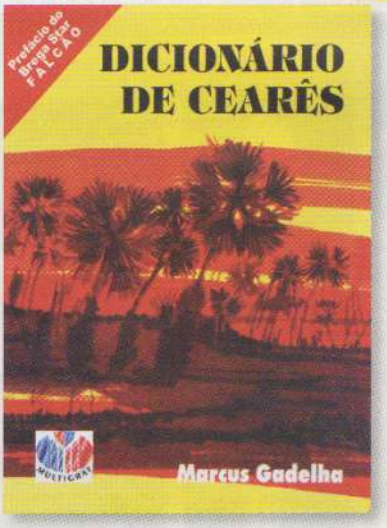

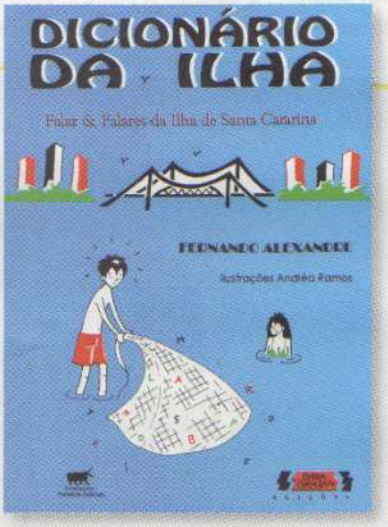

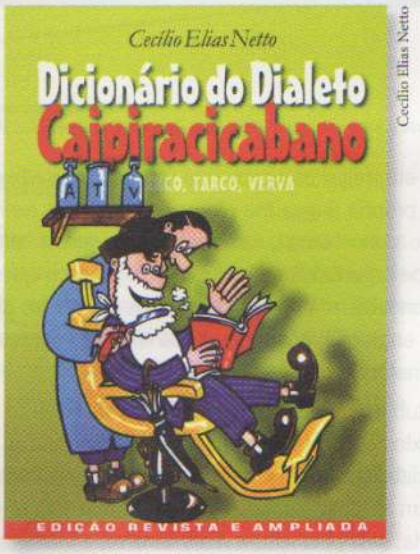

b. sociais – o português empregado pelas pessoas que têm acesso à escola e aos meios de instrução difere do português empregado pelas pessoas privadas de escolaridade. Algumas classes sociais, assim, dominam uma forma de língua que goza de prestígio, enquanto outras são vítimas de preconceito por empregarem formas de língua menos prestigiadas. Cria-se, dessa maneira, uma modalidade de língua – a **norma culta** –, que deve ser adquirida durante a vida escolar e cujo domínio é quase sempre solicitado para a ascensão profissional e social. O idioma é, portanto, um instrumento de dominação e discriminação social.

Também são socialmente condicionadas certas formas de língua que alguns grupos desenvolvem a fim de evitar a compreensão por parte daqueles que não pertencem ao grupo. O emprego dessas formas de língua proporciona o reconhecimento fácil dos integrantes de uma comunidade restrita, seja um grupo de estudantes, seja uma quadrilha de contrabandistas. Assim se formam as **gírias**, variantes linguísticas sujeitas a contínuas transformações.

Em CD

Divulgação

Caetano Veloso. Língua. In: *Velô*. (CD). Universal Music, 1984.
A música de Caetano Veloso, ao mesmo tempo em que nos faz refletir sobre nosso idioma, é um tributo apaixonado do artista a sua língua materna.

c. profissionais – o exercício de algumas atividades requer o domínio de certas formas de língua chamadas **línguas técnicas**. Abundantes em termos específicos, essas variantes têm seu uso praticamente restrito ao intercâmbio técnico de engenheiros, médicos, químicos, linguistas e outros especialistas.

Editora Scipione

UNIVERSO

1. *Definições gerais*
(s.m.) Etim.: lat. *universum*, conjunto das coisas, universo.
A. *Filosofia, metafísica*: conjunto de tudo o que existe no espaço e no tempo (distingue-se do mundo: há diversos mundos, mas um único universo).
B. *Psicologia*: conjunto das significações próprias de um indivíduo (ex.: o universo de um escritor).

2. *Definições particulares de filósofos*

COMTE
(A) "Não se reconheceu até o presente que a noção de universo, isto é, a consideração do conjunto dos grandes corpos que existem formando um sistema único, fundava-se essencialmente na opinião primitiva com relação à imobilidade da terra [...]. [Ela] se tornou essencialmente incerta e mesmo mais ou menos ininteligível." (*Curso de Filosofia Positiva*, Lição 22, p.361, Hermann.)

Editora Scipione

UTOPIA

1. *Definições gerais*
(s.f.) Etim.: termo criado pelo humanista inglês Thomas Morus (1478-1535) a partir do grego *ou*, não, e *topos*, lugar; que não está em nenhum lugar. A palavra Utopia designava, segundo Morus, uma cidade imaginária que desprezava o ouro.
A. *Filosofia*: projeto de uma sociedade ideal (ex.: falanstério de Fourier).
B. *Sentido pejorativo*: projeto julgado quimérico e irrealizável.

2. *Definições particulares de filósofos*

RUSS
"A utopia, isto é, o que não pertence a lugar nenhum, representa a parte de sonho de que somos portadores, parte de sonho indispensável para quem quer autenticamente construir o real." (*O Socialismo Utópico Francês*, p.189, Bordas.)

303

Editora Scipione

Existem palavras que assumem sentidos particulares quando empregadas no contexto de diferentes esferas do conhecimento.

d. **situacionais** – em diferentes situações comunicativas, um mesmo indivíduo emprega diferentes formas de língua. Basta pensar nas atitudes que assumimos em situações formais (por exemplo, um discurso numa solenidade de formatura) e em situações informais (uma conversa descontraída com amigos, por exemplo). A **fala** e a **escrita** também implicam profundas diferenças na elaboração de mensagens. A tal ponto chegam essas variações, que acabam surgindo dois códigos distintos, cada qual com suas especificidades: a **língua falada** e a **língua escrita**.

A língua literária

Quando o uso da língua abandona as necessidades práticas do cotidiano comunicativo e passa a incorporar preocupações estéticas, surge a língua literária. Nesse caso, a escolha e a combinação dos elementos linguísticos subordinam-se a atividades criadoras e imaginativas. Código e mensagem adquirem uma importância elevada, deslocando o centro de interesse para aquilo que a língua é em detrimento daquilo para que ela serve.

3. História e geografia da língua portuguesa

A formação, o desenvolvimento e a expansão da língua portuguesa estão obviamente vinculados à história dos povos que a criaram e ainda hoje a empregam e transformam.

O português é uma língua **neolatina**, **novilatina** ou **românica**, pois foi formado com base nas transformações verificadas no latim levado pelos dominadores romanos à região da Península Ibérica. Em seu desenvolvimento histórico, podem ser apontados os seguintes períodos:

a. **protoporuguês** – do século IX ao século XII. A documentação desse período é muito rara: são textos redigidos em latim bárbaro, nos quais se encontram algumas palavras portuguesas.

b. **português histórico** – do século XII aos dias atuais. Esse período subdivide-se em duas fases:

- fase arcaica: do século XII até ao século XV. Nessa fase, houve inicialmente uma língua comum ao noroeste da Península Ibérica (regiões da Galiza e norte de Portugal), o **galego-português** ou **galaico-português**, fartamente documentado em textos que incluem uma literatura de elevado grau de elaboração (a lírica galego-portuguesa). Com a separação política de Portugal e sua posterior expansão para o sul, o português e o galego se foram individualizando, transformando-se o primeiro numa língua nacional e o segundo numa das línguas que, na Espanha, coexistem com o castelhano;

Em *site*

<www.xunta.es/lingua>. Acesso em: 18 fev. 2008.

O galego é falado na região da Galícia (Espanha), onde é compreendido por cerca de 90% da população. Nesse *site*, é possível conhecer essa língua tão semelhante ao português e, ainda, detalhes sobre o lugar onde ela é falada, seu *status* legal, origem e história, competência e usos.

- fase moderna: do século XVI aos dias atuais. Devemos distinguir o **português clássico** (séculos XVI e XVII) do **português pós-clássico** (do século XVIII aos nossos dias). Na época do português clássico, tiveram início os estudos gramaticais e desenvolveu-se uma extensa literatura, em grande parte influenciada por modelos latinos. No período pós-clássico, a língua começou a assumir as características que hoje apresenta.

A partir do século XV, as navegações portuguesas iniciaram um longo processo de expansão linguística. Durante alguns séculos, a língua portuguesa foi levada a várias regiões do planeta por conquistadores, colonos e emigrantes. Atualmente, a situação do português no mundo é aproximadamente a seguinte:

a. em alguns países, é a língua oficial, o que lhe confere unidade, apesar da existência de variações regionais e da convivência com idiomas nativos. Incluem-se nesse caso Brasil, Portugal, Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Timor Leste;

Em DVD

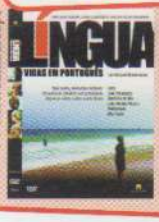

Tecnopop/Editora Abril/ TV Zero/Sambascope

***Vidas em português*. Direção de Victor Lopes. Brasil: Paris Filmes, 2005. (91 min).**
Documentário acerca da trajetória e permanência da língua portuguesa nas mais diversas culturas do mundo. O elenco conta com a presença do prêmio Nobel de Literatura José Saramago, além de outras personalidades e de pessoas comuns que valorizam e reinventam nossa língua de cada dia.

b. em regiões da Ásia (Macau, Goa, Damão, Diu), é falado por uma pequena parcela da população ou deu origem a dialetos.

Não é difícil imaginar que uma língua falada em regiões tão distintas apresente diferenças de ordem lexical ou sintático-semânticas. Em outras palavras, é natural que, nas diferentes regiões, palavras sejam incorporadas a seu vocabulário por influências locais ou estrangeiras, que termos idênticos sejam utilizados com significados diversos ou que diferentes construções sintáticas ganhem força aqui ou ali.

Essa diversidade é inevitável e resulta de um processo normal de enriquecimento linguístico. A língua, no entanto, é uma só. São diferentes nações a falar o mesmo idioma, unidas pela identidade da língua. Para preservar essa unidade, os chamados países lusófonos – Portugal, Brasil, Timor Leste e os cinco países africanos – reconheceram a necessidade de se adotar uma ortografia comum, que facilitaria a circulação de textos escritos, a aprendizagem da grafia da língua nas diversas instituições de ensino existentes nos países lusófonos e preservaria, enfim, a origem comum.

As discussões em torno de um acordo remontam ao início do século passado. Em 1911 foi adotada em Portugal a primeira grande reforma ortográfica. Seguiram-se outras tentativas, entre Brasil e Portugal, em 1931, 1945, 1971/1973, 1986 e 1990. As duas últimas contaram também com a participação das nações africanas, portanto já na condição de países livres. Em reunião realizada em Lisboa, em 16 de dezembro de 1990, o acordo foi aprovado pelos sete países lusófonos. A entrada em vigor passava a depender da ratificação dos respectivos parlamentos, o que não aconteceu de imediato. Em 2004, o Brasil validou o acordo, seguido por Cabo Verde e São Tomé e Príncipe, que o fizeram em 2006. Mas apenas em 1990, com a assinatura de Portugal, o *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa* finalmente passou a vigorar.

Em *site*

<www.cplp.org>. Acesso em: 18 fev. 2008.

Conheça as atividades e as iniciativas da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), criada em julho de 1996, em Lisboa, Portugal, cujos principais objetivos são "a promoção e a difusão da língua portuguesa". Participaram da fundação da Comunidade os sete países lusófonos: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Moçambique e Portugal. Em 2002, Timor Leste passou a integrar a CPLP.

Países onde o português é a língua oficial

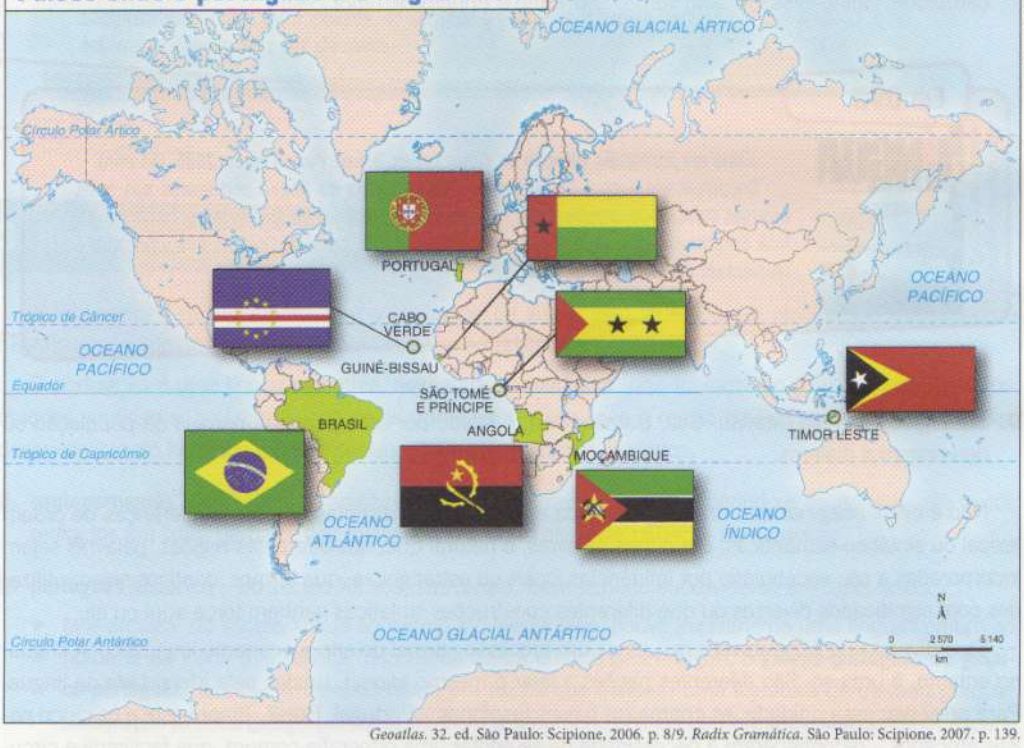

Mario Yoshida

Geoatlas. 32. ed. São Paulo: Scipione, 2006. p. 8/9. *Radix Gramática*. São Paulo: Scipione, 2007. p. 139.

4. A gramática

Gramática é uma palavra de origem grega formada a partir de *grámma*, que quer dizer "letra". Originalmente, gramática era o nome das técnicas de escrita e leitura. Posteriormente, passou a designar o conjunto das regras que garantem o uso modelar da língua – a chamada **gramática normativa**, que estabelece padrões de certo e errado, correto e incorreto, para as formas do idioma. Gramática também é, atualmente, a descrição científica do funcionamento de uma língua. Nesse caso, é chamada de **gramática descritiva**.

A gramática normativa estabelece a **norma culta**, ou seja, o padrão linguístico que socialmente é considerado modelar e é adotado para ensino nas escolas e para a redação dos documentos oficiais.

Há línguas que não têm forma escrita, como algumas línguas indígenas brasileiras. Nesses casos, o conhecimento linguístico é transmitido oralmente. Nas línguas que têm forma escrita, como é o caso do português, o papel da gramática normativa é apontar o que configura a existência de um padrão linguístico uniforme no qual se registre a produção cultural. Conhecer a norma culta é, portanto, uma forma de ter acesso a essa produção cultural e à linguagem oficial. Este é um livro dedicado ao ensino da norma culta da língua portuguesa em sua vertente brasileira.

Cecília Vicente de Azevedo Alves Pinto.
Publicado mediante autorização da autora.
Todos os direitos reservados.

Ciça. *Pagando o pato*. São Paulo: Circo Editorial, 1986. p. 100.

Na linguagem coloquial, a lei da economia opera reduções e transformações nas palavras, como se pode ver nos dois últimos quadrinhos desta tira. Embora não aceitáveis em situações formais, termos como esses possuem forte valor expressivo e comunicativo na linguagem do dia-a-dia.

Divisão da gramática

Divide-se a gramática em:

a. fonologia – estuda os fonemas ou sons da língua e as sílabas que esses fonemas formam. Fazem parte da fonologia a ortoepia ou ortoépia (estudo da articulação e pronúncia dos vocábulos), a prosódia (estudo da acentuação tônica dos vocábulos) e a ortografia (estudo da forma escrita das palavras);

A ONDA
a onda anda
aonde anda
a onda?
a onda ainda
ainda onda
ainda anda
aonde?
aonde?
a onda a onda

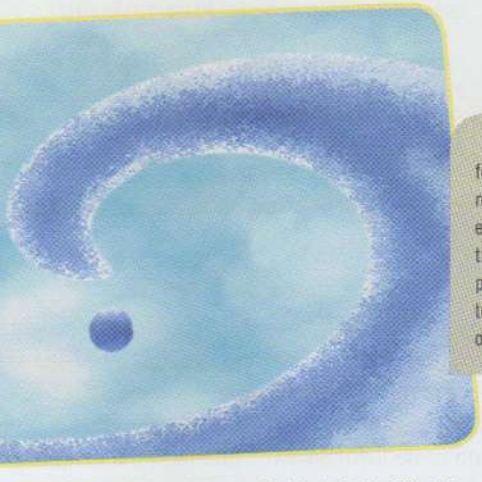

A fonologia estuda os fonemas ou sons da língua, representados por letras na escrita. Na literatura, a repetição de certos sons pode proporcionar efeitos interessantes, como ocorre no poema "A onda", de Manuel Bandeira.

BANDEIRA, Manuel. Poesia completa e prosa. *Rio de Janeiro: Aguilar, 1996. p. 354.*

b. **morfologia** – estuda as palavras e os elementos que as constituem. A morfologia analisa a estrutura, a formação e os mecanismos de flexão das palavras, além de dividi-las em classes gramaticais;

c. **sintaxe** – estuda as formas de relacionamento entre palavras ou entre orações. Divide-se em sintaxe das funções, que estuda a estrutura da oração e do período, e sintaxe das relações, a qual inclui a regência, a colocação pronominal e a concordância.

Fernando Gonsales

Aventuras na História. São Paulo: Abril, ed. 28, dez. 2005. p. 66.

A sintaxe estuda as relações entre palavras ou entre orações. Nesta tirinha, há referência à sintaxe de colocação das palavras. O humor está na mistura do sistema simbólico, que utiliza palavras, com a imitação da escrita egípcia que, muitas vezes, utilizava o desenho.

Em livro

Panda Books

CAMPOS, Carmem Lúcia; SILVA, Nilson Joaquim da. *Lições de gramática para quem gosta de literatura*. São Paulo: Panda Books, 2007.

Quem disse que gramática não pode render divertidas histórias? Nesta pequena coletânea de textos estão reunidos alguns dos maiores escritores brasileiros da atualidade. Eles contam histórias bem-humoradas sobre variados assuntos de nossa língua, como o "internetês", a nova linguagem criada pelos jovens usuários da rede mundial de computadores.

Morfossintaxe

A classificação morfológica de uma palavra só pode ser feita eficientemente se se observar sua função nas orações. Esse fato demonstra a profunda interligação existente entre a morfologia e a sintaxe. É por isso que se tem preferido falar atualmente em morfossintaxe, ou seja, a apreciação conjunta da classificação morfológica e da função sintática das palavras. O enfoque morfossintático da língua portuguesa será prioritário neste livro, uma vez que facilita a compreensão de muitos mecanismos da língua.

PARTE 1

FONOLOGIA

Capítulo 2

Fonologia

Luli

Clara, de Luli. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 13 jan. 2003. Folhateen, p. 12.

Neste capítulo, estudaremos basicamente os fonemas, que são as menores unidades linguísticas capazes de estabelecer diferenças de significado.

Com apenas uma troca de fonema, cria-se uma palavra totalmente distinta, como na história em quadrinhos (HQ) acima. A frase da HQ ("À noite todos os gatos são parcos") remete ao provérbio "À noite todos os gatos são pardos"; nessa operação linguística, *pardos* tornou-se *parcos* graças à substituição do fonema /d/ pelo fonema /k/.

1. Conceitos básicos

Fonologia é uma palavra formada por elementos gregos: *fono* ("som", "voz") e *log, logia* ("estudo", "conhecimento"). Significa literalmente "estudo dos sons". Os sons que essa parte da gramática estuda são os fonemas (*fono* + *ema*, "unidade sonora distintiva"). Para compreender claramente o que é um fonema, compare as palavras abaixo:

solitário solidário

Lendo em voz alta as duas palavras, você percebe que cada uma das letras destacadas representa um som diferente. Como as palavras têm significados distintos e a única diferença **sonora** que apresentam é a provocada por esses dois sons, somos levados a concluir que o contraste entre esses dois sons é que produz a diferença de significado entre as duas palavras. Cada letra representa, no caso, um **fonema**, ou seja, uma unidade sonora capaz de estabelecer diferenças de significado.

Em outras palavras, os fonemas são os **sons característicos de uma determinada língua**. Com um número relativamente pequeno desses sons, cada língua é capaz de produzir milhares de palavras e infinitas frases.

Observe que falamos em **sons representados pelas letras**. Isso porque não se devem confundir fonemas e letras: os fonemas são **sons**; as letras são **sinais gráficos** que procuram representar esses sons. Essa representação, no entanto, nem sempre é perfeita:

a. há casos em que a mesma letra representa fonemas diferentes (como a letra *g*, em ***g**aleria* e ***g**inástica*);

b. há fonemas representados por letras diferentes (como o fonema que as letras *g* e *j* representam em ***g**inástica* e ***j**iló*);

c. há fonemas representados por duas letras (como em *ba**rr**a* ou *a**ss**ar*);

d. há casos em que uma letra representa dois fonemas (como o *x* de *ane**x**o*, que soa "ks");

e. há casos em que a letra não corresponde a nenhum fonema (o *h* de ***h**élice*, por exemplo).

Joaquín Salvador Lavado/Quino/Mafalda 8

QUINO. *Mafalda 8*. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 76.

Nesta tirinha, as letras em destaque nas palavras *preços*, *máximos*, *necessidade* e *sensatez* representam um único fonema. Já em *fixou*, a letra **x** representa dois sons (/ks/).

Para evitar dúvidas, acostume-se a ler as palavras em voz alta quando estiver estudando fonologia. Afinal, o que interessa nesse caso é o aspecto sonoro dessas palavras.

Atividade

Leia em voz alta as palavras abaixo e depois diga quantas letras e quantos fonemas cada uma delas possui:

a) hora
b) acesso
c) arrastar
d) tóxico
e) distinguir
f) querer
g) água
h) quarto
i) banho
j) obsessão
k) obcecado
l) queijinho

2. Os fonemas da língua portuguesa

Como não há necessariamente correspondência entre as letras e os fonemas, foi criado um sistema de símbolos em que a cada fonema corresponde apenas um símbolo. Esse sistema é o **alfabeto fonético**, muito usado no ensino de línguas para indicar a forma de pronunciar as palavras.

A língua portuguesa do Brasil apresenta um conjunto de 33 fonemas, que podem ser identificados no quadro a seguir. A cada um deles corresponde um único símbolo escrito do alfabeto fonético. Por convenção, esses símbolos são colocados entre barras oblíquas.

O uso dos símbolos para transcrição fonológica permite-nos perceber com clareza alguns problemas da relação entre fonemas e letras. Note, por exemplo, como o símbolo /k/ figura na transcrição tanto do som representado pela letra *c* em *cara* quanto pelas letras *qu* em *quero*.

FONEMAS DA LÍNGUA PORTUGUESA DO BRASIL E SUA TRANSCRIÇÃO FONOLÓGICA

	símbolo	exemplo	transcrição fonológica
consoantes	/p/	**p**aca	/paka/
	/b/	**b**ula	/bula/
	/t/	**t**ara	/tara/
	/d/	**d**ata	/data/
	/k/	**c**ara, **qu**ero, **k**artista	/kara/, /kɛro/, /kartista/
	/g/	**g**ola, **gu**erra	/gɔla/, /gɛRa/
	/f/	**f**aca	/faka/
	/v/	**v**ala, **W**agner	/vala/, /wagner/
	/s/	**s**ola, **ss**a, **ç**oça	/sɔla/, /asa/, /mosa/
	/z/	**z**asa, **z**ero	/aza/, /zɛro/
	/ʃ/	me**ch**a, **x**á	/mɛʃa/, /ʃa/
	/ʒ/	**j**aca, **g**ela	/ʒaka/, /ʒɛla/
	/m/	**m**ola	/mɔla/
	/n/	**n**ata	/nata/
	/ɲ/	ni**nh**o	/niɲo/
	/l/	**l**ata	/lata/
	/ʎ/	ca**lh**a	/kaʎa/
	/ɾ/	Ma**r**a	/mara/
	/R/	**r**ota, ca**rr**oça	/RɔRta/, /kaRɔsa/
semivogais	/j/	ca**i**, põ**e**, *yang*	/kaj/, /põj/, /jang/
	/w/	pa**u**, pã**o**, **W**esley	/paw/, /pãw/, /wɛslej/

	símbolo	exemplo	transcrição fonológica
vogais	/a/	cá	/ka/
	/ɛ/	mel	/mɛl/
	/e/	seda	/seda/
	/i/	rica	/Rika/
	/ɔ/	sola	/sɔla/
	/o/	soma	/soma/
	/u/	gula	/gula/
	/ã/	manta, maçã	/mãta/, /masã/
	/ẽ/	tenda	/tẽda/
	/ĩ/	cinta	/sĩta/
	/õ/	conta, põe	/kõta/, /põj/
	/ũ/	fundo	/fũdo/

3. Classificação dos fonemas da língua portuguesa

Os fonemas da língua portuguesa são classificados em **vogais**, **semivogais** e **consoantes**. Esses três tipos de fonemas são produzidos por uma corrente de ar que pode fazer vibrar ou não as cordas vocais. Quando ocorre vibração, o fonema é chamado **sonoro**; quando não, o fonema é **surdo**. Além disso, a corrente de ar pode ser liberada apenas pela boca ou parcialmente também pelo nariz. No primeiro caso, o fonema é **oral**; no segundo, é **nasal**.

Vogais

As vogais são fonemas sonoros produzidos por uma corrente de ar que passa **livremente** pela boca. Em nossa língua, desempenham o papel de núcleo das sílabas. Em termos práticos, isso significa que em toda sílaba há necessariamente um único fonema vocálico.

As diferentes vogais resultam do diferente posicionamento dos músculos bucais (língua, lábios e véu palatino). Sua classificação é feita em função de diversos critérios:

a. quanto à **zona de articulação**, ou seja, de acordo com a região da boca em que se dá a maior elevação da língua; assim, podem ser **anteriores**, **centrais** e **posteriores**;

b. pela **elevação da região mais alta da língua**; podem ser **altas**, **médias** e **baixas**;

c. quanto ao **timbre**; podem ser **abertas** ou **fechadas**.

Além desses critérios, as vogais podem ser **orais** ou **nasais**. Todos os fonemas vocálicos são **sonoros**.

O quadro a seguir apresenta a classificação das vogais da língua portuguesa de acordo com esses critérios.

CLASSIFICAÇÃO DAS VOGAIS

		anteriores	centrais	posteriores
altas		/i/ /ĩ/		/u/ /ũ/
médias	fechadas	/e/ /ẽ/		/o/ /õ/
	abertas	/ɛ/		/ɔ/
baixas			/a/ /ã/	

Semivogais

Há duas semivogais em português, representadas pelos símbolos /j/ e /w/ e produzidas de forma semelhante às vogais altas /i/ e /u/. A diferença fundamental entre as vogais e as semivogais está no fato de que estas últimas não desempenham o papel de núcleo silábico. Em outras palavras: as semivogais necessariamente acompanham alguma vogal, com a qual formam sílaba.

As letras utilizadas para representar as semivogais em português são utilizadas também para representar vogais, o que cria muitas dúvidas. A única forma de diferenciá-las efetivamente é falar e ouvir as palavras em que surgem:

país – pais baú – mau

Em *país* e *baú*, as letras *i* e *u* representam respectivamente as vogais /i/ e /u/. Já em *pais* e *mau*, essas letras representam as semivogais /j/ e /w/. Isso pode ser facilmente percebido se você observar como a articulação desses sons é diferente em cada caso; além disso, observe que *país* e *baú* têm ambas duas sílabas, enquanto *pais* e *mau* têm ambas uma única sílaba.

Em algumas palavras, encontramos as letras *e* e *o* representando as semivogais:

mãe (/mãj/) pão (/pãw/)

Galileu. São Paulo: Globo, n. 199, fev. 2008. p. 91.

Você irritado grita, chuta, fala palavrão.
O planeta irritado é um pouco diferente.

Nas palavras *palavrão* e *pouco*, a semivogal /w/ é representada pelas letras **o** (*ão*) e **u** (*ou*).

Consoantes

Para a produção das consoantes, a corrente de ar expirada pelos pulmões encontra obstáculos ao passar pela cavidade bucal. Isso faz com que as consoantes sejam verdadeiros "ruídos", incapazes de atuar como núcleos silábicos. Seu nome provém justamente desse fato, pois, em português, sempre **soam com** as vogais, que são os núcleos das sílabas.

A classificação das consoantes baseia-se em diversos critérios:

a. **modo de articulação** – indica o tipo de obstáculo encontrado pela corrente de ar ao passar pela boca. São **oclusivas** aquelas produzidas com obstáculo total; são **constritivas** as produzidas com obstáculo parcial. As constritivas subdividem-se em **fricativas** (o ar sofre fricção), **laterais** (o ar passa pelos lados da cavidade bucal) e **vibrantes** (a língua ou o véu palatino vibram);

b. **ponto de articulação** – indica o ponto da cavidade bucal em que se localiza o obstáculo à corrente de ar. As consoantes podem ser **bilabiais** (os lábios entram em contato), **labiodentais** (o lábio inferior toca os dentes incisivos superiores), **linguodentais** (a língua toca os dentes incisivos superiores), **alveolares** (a língua toca os alvéolos dos incisivos superiores), **palatais** (a língua toca o palato duro ou céu da boca) e **velares** (a língua toca o palato mole, ou véu palatino);

c. as consoantes podem ser **surdas** ou **sonoras**, de acordo com a vibração das cordas vocais, e ainda **orais** ou **nasais**, de acordo com a participação das cavidades bucal e nasal no seu processo de emissão.

O quadro a seguir aplica esses diversos critérios de classificação às consoantes da língua portuguesa.

Note que, em alguns casos, as consoantes distinguem-se uma da outra apenas pela vibração das cordas vocais. É o que ocorre, por exemplo, com /p/ e /b/ (compare ***pomba*** e ***bomba***) ou /t/ e /d/ (compare ***testa*** e ***desta***). Nesses casos, as consoantes são chamadas **homorgânicas**.

AZEREDO, Ronaldo. In: AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. (Org.). *Poetas do modernismo: antologia crítica.* Brasília: MEC/INL, 1972. v. 6, p. 196.

Neste poema, as palavras **solitário** e **solidário** diferenciam-se, quanto ao som, apenas pelas consoantes homorgânicas t/d (ambas linguodentais). Na terceira coluna, o poeta convida o leitor a escolher entre a solidariedade ou a solidão: basta completar as lacunas deixadas nas palavras com uma dessas consoantes e ler *solidário* ou *solitário*.

CLASSIFICAÇÃO DAS CONSOANTES

cavidades bucal e nasal		orais						nasais
modo de articulação		oclusivas		constritivas				
				fricativas		laterais	vibrantes	
	cordas vocais	surdas	sonoras	surdas	sonoras	sonoras	sonoras	sonoras
ponto de articulação	bilabiais	/p/	/b/					/m/
	labiodentais			/f/	/v/			
	linguodentais	/t/	/d/					/n/
	alveolares			/s/	/z/	/l/	/r/	
	palatais			/ʃ/	/ʒ/	/ʎ/		/ɲ/
	velares	/k/	/g/				/R/	

Atividades

1. Classifique os fonemas representados pelas letras destacadas em vogais ou semivogais:

a) **sou**
b) **são**
c) **luar**
d) **situe**
e) **mágoa**
f) **cães**
g) **mais**
h) **Taís**
i) **soe**
j) **longínquo**

2. Substitua as vogais orais representadas pelas letras destacadas nas palavras seguintes por vogais nasais:

a) **mato**
b) **seda**
c) **cito**
d) **pote**
e) **mudo**

3. Substitua cada uma das consoantes representadas pelas letras destacadas nas palavras seguintes pela respectiva consoante homorgânica:

a) **gado**
b) **teto**
c) **pato**
d) **peixinho**
e) **chato**
f) **vale**

4. Leia atentamente, **em voz alta**, as palavras de cada par seguinte. Procure pronunciá-las nitidamente:

a) tom/tão
b) som/são
c) saia/ceia
d) comprido/cumprido
e) quatro/quadro
f) aceitar/ajeitar
g) xingar/gingar

4. Sílabas

As sílabas são conjuntos de um ou mais fonemas pronunciados numa única emissão de voz. Em nossa língua, o núcleo da sílaba é sempre uma vogal: não existe sílaba sem vogal e nunca há mais do que uma única vogal em cada sílaba. Cuidado com as letras *i* e *u* (mais raramente com as letras *e* e *o*), pois, como já vimos, elas podem representar também semivogais, que **não** são nunca núcleos de sílaba em português.

Agrupadas, as sílabas formam vocábulos. De acordo com o número de sílabas que os formam, os vocábulos podem ser:

a. monossílabos – formados por uma única sílaba:

é há ás cá mar flor quem quão

b. dissílabos – apresentam duas sílabas:

a-í a-li de-ver cle-ro i-ra sol-da trans-por

c. trissílabos – apresentam três sílabas:

ca-ma-da O-da-ir pers-pi-caz tungs-tê-nio felds-pa-to

d. polissílabos – apresentam mais do que três sílabas.

bra-si-lei-ro psi-co-lo-gi-a a-ris-to-cra-ci-a o-tor-ri-no-la-rin-go-lo-gis-ta

5. Encontros vocálicos

Os encontros vocálicos são agrupamentos de vogais e semivogais, sem consoantes intermediárias. É importante reconhecê-los para fazermos a correta divisão silábica dos vocábulos. Há três tipos de encontros:

a. **hiato** – é o encontro de duas vogais num vocábulo, como em *saída* (*sa-í-da*). Os hiatos são sempre separados quando da divisão silábica: *mo-o*, *ru-im*, *pa-ís*;

b. **ditongo** – é o encontro de uma vogal com uma semivogal ou de uma semivogal com uma vogal; em ambos os casos, vogal e semivogal pertencem obviamente a uma mesma sílaba. O encontro vogal + semivogal é chamado de **ditongo decrescente** (como em *moi-ta*, *cai*, *mói*). O encontro semivogal + vogal forma o **ditongo crescente** (como em *qual*, *pá-tria*, *sé-rio*). Os ditongos podem ser classificados ainda em **orais** (todos os apresentados até agora) e nasais (como em *mãe* ou *pão*);

c. **tritongo** – é a sequência formada por uma semivogal, uma vogal e uma semivogal, sempre nessa ordem. O tritongo pertence a uma única sílaba: *Pa-ra-guai*, *quão*. Os tritongos podem ser **orais** (*Paraguai*) ou **nasais** (*quão*).

OBSERVAÇÕES

1. A terminação *em* (/ẽj/) em palavras como *ninguém*, *alguém*, *também*, *porém* e a terminação *am* (/ãw/) em palavras como *cantaram*, *amaram*, *falaram* representam ditongos nasais decrescentes.
2. É tradicional considerar hiato o encontro entre uma semivogal e uma vogal ou entre uma vogal e uma semivogal que pertencem a sílabas diferentes. Isso ocorre quando há contato entre uma vogal e um ditongo, como em *i-dei-a*, *io-iô*.
3. Há alguns encontros vocálicos átonos e finais que são chamados de **instáveis** porque podem ser pronunciados como ditongos ou como hiatos: *ia* (pátria), *ie* (espécie), *io* (pátio), *ua* (árdua), *ue* (tênue), *uo* (vácuo). A tendência predominante é pronunciá-los como ditongos.

6. Encontros consonantais

O agrupamento de duas ou mais consoantes, sem vogal intermediária, recebe o nome de **encontro consonantal**. Há dois tipos básicos de encontros consonantais:

a. consoante + *l* ou *r* – são encontros que pertencem a uma mesma sílaba:

pra-to	pla-ca	bro-che	blu-sa	trei-no
a-tle-ta	cri-se	cla-ve	fran-co	flan-co

b. duas consoantes pertencentes a sílabas diferentes – é o que ocorre em:

ab-di-car	sub-so-lo	ad-vo-ga-do	ad-mi-tir	al-ge-ma	cor-te

Há grupos consonantais que surgem no início dos vocábulos; são, por isso, inseparáveis:

pneu-mo-ni-a	psi-co-se	gno-mo

7. Dígrafos

A palavra **dígrafo** é formada por elementos gregos: *di*, "dois", e *grafo*, "escrever". O dígrafo ocorre quando duas letras são usadas para representar um único fonema. Também se pode usar a palavra **digrama** (*di*, "dois"; *gramma*, "letra") para designar essas ocorrências.

Podemos dividir os dígrafos da língua portuguesa em dois grupos: os consonantais e os vocálicos.

DÍGRAFOS CONSONANTAIS		
dígrafo	**símbolo**	**exemplos**
ch	/ʃ/	**ch**uva, **Ch**ina
lh	/ʎ/	a**lh**o, mi**lh**o
nh	/ɲ/	so**nh**o, ve**nh**o
rr (usado unicamente entre vogais)	/R/	ba**rr**o, bi**rr**a, bu**rr**o
ss (usado unicamente entre vogais)	/s/	a**ss**unto, a**ss**ento, i**ss**o
sc	/s/	a**sc**ensão, de**sc**endente
sç	/s/	na**sç**o, cre**sç**a
xc	/s/	e**xc**eção, e**xc**esso
xs	/s/	e**xs**uar, e**xs**udar
gu	/g/	**gu**elra, **gu**ia
qu	/k/	**qu**estão, **qu**ilo

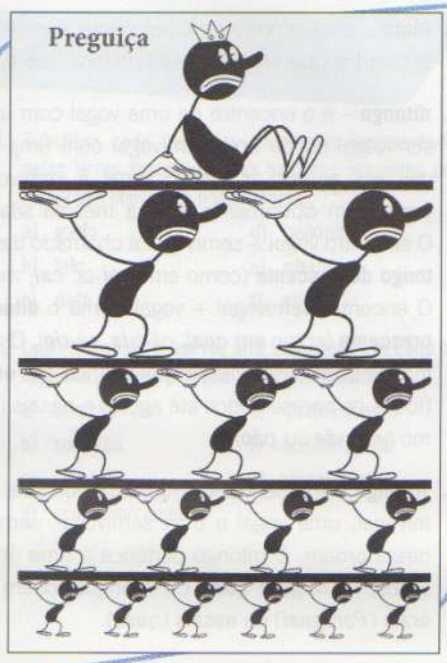

Front. São Paulo: Via Lettera, n. 7, maio 2001. p. 52.

No título deste cartum, encontramos o dígrafo consonantal *gu*.

Gu e *qu* nem sempre representam dígrafos. Isso ocorre apenas quando, seguidos de *e* ou *i*, representam os fonemas /g/ e /k/: ***gu**erra*, ***qu**ilo*. Nesses casos, a letra *u* não corresponde a nenhum fonema. Em algumas palavras, no entanto, o *u* representa uma semivogal ou uma vogal: *a**gu**entar*, *lin**gu**iça*, *fre**qu**ente*, *tran**qu**ilo* (semivogal); *averi**gu**e*, *ar**gu**i* (vogal tônica) – o que significa que *gu* e *qu* não são dígrafos. Também não há dígrafo quando são seguidos de *a* ou *u*: ***qu**ando*, *a**qu**oso*, *averi**gu**o*.

DÍGRAFOS VOCÁLICOS		
dígrafos	**símbolo**	**exemplos**
am/an	/ã/	c**am**po, s**an**gue
em/en	/ẽ/	s**em**pre, t**en**to
im/in	/ĩ/	l**im**po, t**in**gir
om/on	/õ/	r**om**bo, t**on**to
um/un	/ũ/	nenh**um**, s**un**ga

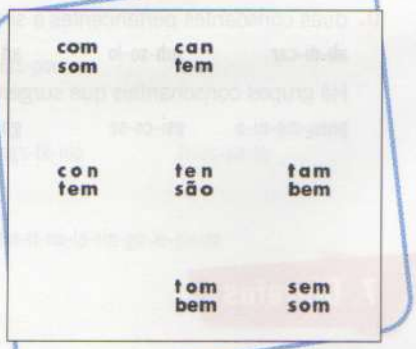

CAMPOS, Augusto de. *Tensão*. Disponível em: <www2.uol.com.br/augustodecampos/poemas.htm>. Acesso em: 25 fev. 2008.

Leia em voz alta esse texto: em todas as sílabas que o compõem há um dígrafo vocálico.

Em *site*

<www2.uol.com.br/augustodecampos/poemas.htm>. Acesso em: 25 fev. 2008.

A fragmentação das palavras, o jogo com os sons, a criação de múltiplos significados, entre outros aspectos, foram utilizados pelos poetas concretistas para criar uma nova estética da palavra. Um dos maiores expoentes desse movimento artístico foi Augusto de Campos. Visite seu *site*, leia alguns de seus textos e ouça, em especial, o poema "Tensão", no qual se pode observar o trabalho com os dígrafos vocálicos.

8. Divisão silábica

A divisão silábica gramatical obedece a algumas regras básicas, que apresentaremos a seguir. Se você observar atentamente essas regras, vai perceber que os conceitos que estudamos até agora servem para justificá-las:

a. ditongos e tritongos pertencem a uma única sílaba:

au-tô-no-mo **ou**-to-no di-nh**ei**-ro U-ru-**guai** i-**guais**

b. os hiatos são separados em duas sílabas:

du-e-to a-mên-d**o-a** **ca-a**-tin-ga

c. os dígrafos *ch*, *lh*, *nh*, *gu* e *qu* pertencem a uma única sílaba:

chu-va mo-**lh**a es-ta-**nh**o **gu**el-ra a-**qu**e-la

d. as letras que formam os dígrafos *rr*, *ss*, *sc*, *sç*, *xs* e *xc* devem ser separadas:

bar-ro **as-sun**-to **des-cer** **nas-ço** **es-xu**-dar **ex-ce**-to

e. os encontros consonantais que ocorrem em sílabas internas devem ser separados, excetuando-se aqueles em que a segunda consoante é *l* ou *r*:

con-**vic-ção** **as-tu**-to **ap-to** **cír-cu**-lo **ad-mi**-tir **ob-tu**-rar

a-**pli**-ca-ção a-**pre**-sen-tar a-**brir** re-**tra**-to de-ca-**tlo**

Lembre-se de que os grupos consonantais que iniciam palavras não são separáveis:

gnós-ti-co **pn**eu-má-ti-co **mn**e-mô-ni-co

O conhecimento das regras de divisão silábica é útil para a **translineação** das palavras, ou seja, para separá-las no final das linhas. Quando houver necessidade da divisão, ela deve ser feita de acordo com as regras acima. Por motivos estéticos e de clareza, devem-se evitar vogais isoladas no final ou no início de linhas, como ***a-sa*** ou *Jundia-**í***. Vale ressaltar que na translineação de palavras compostas ou na combinação de palavras com hífen (como *vice-diretor* ou *ensiná-los*, por exemplo), o hífen deve ser repetido na linha seguinte, caso a partição no fim da linha coincida com o final de um dos elementos.

Ortoepia ou Ortoépia

Formado por elementos gregos (*orto*, "correto"; *epos*, "palavra"), **ortoepia** ou **ortoépia** é o nome que designa a parte da fonologia que cuida da correta produção oral das palavras. Colocamos a seguir uma relação que você deve ler cuidadosamente em voz alta: lembre-se de que estamos falando da forma de pronunciar essas palavras de acordo com o padrão culto da língua portuguesa, importante para você comunicar-se apropriadamente em vários momentos de sua vida.

advogado	cataclismo	meritíssimo
aforismo	digladiar	meteorologia
aterrissagem	disenteria	mortadela
adivinhar	empecilho	prazeroso, prazerosamente
babadouro	engajamento	privilégio
bebedouro	estourar (estouro, estouras etc.)	propriedade, próprio
bandeja	estupro, estuprar	prostração, prostrar
barganha	fratricídio	reivindicar
beneficência	frustração	roubar (roubo, roubas etc.)
beneficente	frustrar	lagarto
cabeçalho	lagartixa	salsicha
cabeleireiro	manteigueira	tireoide
caranguejo	mendigar, mendigo	umbigo

Em livro

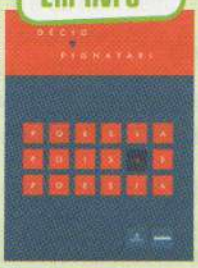

Ateliê Editorial

PIGNATARI, Décio. *Poesia pois é poesia*. São Paulo: Ateliê, 2004.

Décio Pignatari foi um dos líderes do concretismo brasileiro, movimento literário nascido na década de 1950. Os concretistas fundaram uma nova maneira de fazer poesia, rompendo com a estrutura padrão do verso tradicional. O livro *Poesia pois é poesia* é um exemplar desse fazer poético em que a palavra se transforma em ícone sonoro e visual.

Atividades

1. Classifique os encontros vocálicos das palavras a seguir:

a) alguém
b) trouxeram
c) diáspora
d) Mooca
e) tuiuiú
f) Piauí
g) ideia
h) gênio
i) tireoide
j) claustrofobia
k) melancia
l) saíram
m) sobressai
n) sobressaí
o) iguais
p) circuito
q) balões
r) ação

2. Indique, nas palavras a seguir, os dígrafos consonantais e os encontros consonantais:

a) digrama
b) adquirir
c) brita
d) nascer
e) excelente
f) massa
g) pleno
h) chave
i) crítico
j) nasça
k) flecha
l) bloqueio
m) interpretar
n) classificação
o) oftalmologista
p) pterodáctilo

3. Divida em sílabas as palavras seguintes:

a) substância
b) surpreendente
c) adquirir
d) adivinhar
e) ruim
f) gratuito
g) abscesso
h) atualização
i) psiquiatria
j) melancia
k) pneumático
l) adventício
m) introspecção
n) feldspato

Textos para análise

1

A HISTÓRIA DE UM CHEQUE

Prof. Melo e Souza

No ano que vamos contar apareceu, apenas, três judeus. Apesar dos nomes exóticos são tal possível reduzir dos números.

Mas vamos, afinal, a história.

Samuel Blum, opulento joalheiro, vendeu a um freguês (que for parecera homem sério e respeitável) um belo colar por 6.000 cruzeiros e sesenta (que improdutivo!), em pagamento, um cheque na importância total de 6.000 cruzeiros. Nessa transação o Samuel, sempre muito razoável em seus negócios, obteve um lucro de 4.000 cruzeiros.

No mesmo dia, Samuel dando êste cheque, por êle endossado, em pagamento, comprou de seu amigo Adolfo Cohn um valioso anel. Nessa venda Adolfo, homem inteligente e procurado, gerou, também, 4.000 cruzeiros.

Adolfo, utilizando o mesmo cheque, adquiriu do René Levy, concertado joalheiro, uma finíssima pulseira de ouro e platina, pela importância de 6.000 cruzeiros. Para atender ao colega contratou-se Levy com a modestíssima lucro de 500 cruzeiros.

De posse do cheque o nosso bom Levy foi ao banco e fêz de magnetá-lo e saque, com surpresa, que o cheque era falso. Não havia outro remédio para o caso. Prontamente os dois endossantes (Samuel e Adolfo) o exigiu que fôsse, como responsável, e indenizassem de importância total.

O caso era sério.

Samuel e Adolfo, que não queriam saber de complicações com a polícia, concordaram, logo, com a exigência do Levy.

Samuel (que havia ganho 4.000 cruzeiros) abriu não de uma parte do seu lucro e pagou a metade do cheque (3.000) e Adolfo entrou com outra metade (3.000) e o simpático Levy recebeu, assim, a quantia (9.000) que lhe era devida. E o cheque falso, uma vez tornado válido, foi quitado.

Há, porém, envolvendo êste episódio, profundo e estranho mistério.

Vejamos:

Com um cheque falso emitido pelo falsacto, e quitado depois pelo René Levy, resultou o seguinte:

O ladrão obteve uma jóia no valor de 2.000 cruzeiros.

Samuel ganhou 1.000 cruzeiros.

Adolfo ganhou 1.000 cruzeiros.

Levy ganhou 500 cruzeiros.

Houve, portanto, nesse negócio (sem ter entrado em ação DINHEIRO ALGUM) um lucro total de 2.500 cruzeiros e o ladrão levou, ainda, um colar no valor (preço de venda) de 6.000 cruzeiros! Como pode um ladrão, depois de roubar uma jóia, proporcionar um lucro de 2.500 cruzeiros a três joalheiros?

Como explicar, com os prodigiosos recursos da Matemática, êste mistério que assombra os contabilistas e desafia a imaginação dos charadistas?

★ *Quando o dinheiro fala, tudo cala.* ★

TORELLY, Aparício (o Barão de Itararé). *Almanhaque para 1949*. 3. ed. São Paulo: Imprensa Oficial de São Paulo/Edusp/Studioma, 2003. p. 81.

Quando o dinheiro fala, tudo cala.

Edusp/Imprensa Oficial do Estado

Trabalhando o texto

1. Use o conceito de fonema que você aprendeu para comentar os efeitos sonoros presentes na máxima do Barão de Itararé. Compare-os aos efeitos sonoros dos provérbios.

2. Qual é a função desse recurso de linguagem nesse gênero?

2

A rede

Nenhum aquário é maior do que o mar
Mas o mar espelhado em seus olhos
Maior me causa o efeito
De concha no ouvido
Barulho de mar
Pipoco de onda
Ribombo de espuma e sal
Nenhuma taça me mata a sede
Mas o sarrabulho me embriaga

Mergulho na onda vaga
E eu caio na rede
E não tem quem não caia

Às vezes eu penso que sai dos teus olhos o feixe
De raio que controla a onda cerebral do peixe

Nenhuma rede é maior do que o mar
Nem quando ultrapassa o tamanho da terra

Nem quando ela acerta
Nem quando ela erra
Nem quando ela envolve todo o planeta
Explode e devolve pro seu olhar
O tanto de tudo que eu tô pra te dar
Se a rede é maior do que o meu amor
Não tem quem me prove

Às vezes eu penso que sai dos teus olhos o feixe
De raio que controla a onda cerebral do peixe

E eu caio na rede
Não tem quem não caia

Se a rede é maior do que o meu amor
Não tem quem me prove

Lenine e Lula Queiroga. In: LENINE. *Na pressão* (CD). BMG, 1999.

Mameluco (Trama)/Trama

Trabalhando o texto

1. Defina fonema a partir do contraste entre os vocábulos *feixe* e *peixe*.

2. Classifique os encontros vocálicos presentes nos versos ao lado:

"Nenhum aquário é maior que o mar
Mas o mar espelhado em seus olhos
Maior me causa o efeito
De concha no ouvido."

3. Retire do texto exemplos de:

a) dígrafos consonantais;

b) dígrafos vocálicos;

c) encontros consonantais.

4. Explique a diferença entre os elementos em negrito nas palavras ***aquário*** e ***quem***.

5. Observe no texto o emprego das palavras *barulho*, *pipoco*, *ribombo* e *sarrabulho*. Por que a sonoridade delas adquire nesse texto um efeito de sentido particular?

6. Leia e releia em voz alta o verso "O tanto de tudo que eu tô pra te dar". Comente o efeito causado pela repetição de um determinado fonema nesse verso. Aponte outro verso em que ocorre o mesmo fenômeno.

7. Na sua opinião, a que rede o texto se refere? Justifique sua resposta a partir de elementos do próprio texto.

8. O sujeito lírico estabelece um contraste entre seu amor e uma das redes em que, inevitavelmente, acaba caindo. Em que consiste esse contraste? Na sua opinião, por que é importante para ele dar destaque a esse contraste?

3

O cérebro conhece bem o bê-a-bá

Não é só nos livros de ortografia que há distinção entre vogais e consoantes. Uma pesquisa da Universidade Harvard, nos Estados Unidos, mostrou que a diferença entre esses dois tipos de letra está gravada no fundo do cérebro, que os processa em áreas separadas. Os cientistas perceberam isso graças a uma infelicidade, pois testaram dois pacientes com lesões em duas regiões cerebrais. O resultado foi surpreendente – enquanto um dos doentes trocava uma vogal pela outra, mas não confundia as consoantes, o outro falhava nas consoantes, acertando as vogais. Ficou claro que esses dois tipos de letra são processados em lugares diferentes. "É mais uma peça que se coloca no quebra-cabeça da linguagem humana", disse o neurologista Alfonso Caramazza, um dos autores da experiência.

Superinteressante. São Paulo: Abril, ano 14, n. 3, mar. 2000. p. 21.

Trabalhando o texto

Utilize seus conhecimentos de fonologia para comentar a confusão que o texto acima estabelece entre letras e fonemas. Proponha formas de eliminar essa confusão a fim de tornar o texto mais preciso.

Em CD

Divulgação

Arnaldo Antunes. *Qualquer*. (CD). Biscoito fino, 2006.

O compositor e poeta Arnaldo Antunes explora neste seu sétimo CD solo a sonoridade das palavras, privilegiando principalmente sua voz. Para isso, dispensou o auxílio de bateria e percussão na composição das canções: todas elas são acompanhadas apenas por instrumentos de cordas e piano. Merecem atenção especial a música que dá nome ao CD e a composição "Hotel Fraternité", poema do alemão Hans Magnus Enzensberger. A primeira canção produz efeitos de sentido bastante particulares ao apoiar-se nos ritmos sonoros das palavras; na segunda, o compositor transforma uma citação erudita em canção popular sem que o poema original perca carga expressiva.

Questões de exames e concursos

1. (Correios/Conesul) A alternativa que apresenta as palavras corretamente separadas em sílabas é:

a) i - lu - sõ - es / pro - ve - nien - te

b) es - cor - ri - dos / la - men - tá - veis

c) e - qui - lí - bri - o / bil - he - te

d) mui - tí - ssi - mos / al - co - ol

e) mer - gu - lhan - do / nen - hum

2. (Pref. de Guarulhos-SP/FGV-SP) Nos vocábulos *intoxica*, *hexaedro* e *exator*, os valores de pronúncia que ocorrem são, respectivamente:

a) ch, z, cs

b) ch, cz, cs

c) cs, cz, z

d) cs, z, z

3. (Ceasa-MG/Fumarc) Assinale o vocábulo que contém cinco fonemas.

a) assunto

b) sangue

c) pilha

d) caqui

4. (TA-MG/Fundec) Assinale a alternativa incorreta quanto à descrição da palavra.

a) distinguir: um encontro consonantal e dois dígrafos

b) cinquentão: dois encontros consonantais, um ditongo crescente e um ditongo decrescente

c) quiproquó: dois ditongos crescentes e um encontro consonantal

d) antiguidade: dois dígrafos e nenhum ditongo

5. (TA-MG/Fundec) Assinale a alternativa em que as informações apresentadas para a palavra em destaque estejam totalmente corretas.

a) **hexacampeão:** 10 fonemas, um tritongo, um dígrafo

b) **companhia:** 7 fonemas, um encontro consonantal, um dígrafo

c) **português:** 8 fonemas, um ditongo crescente, um encontro consonantal

d) **quotista:** 8 fonemas, um encontro consonantal, um ditongo crescente.

6. (Unifesp) Na língua portuguesa escrita, quando duas letras são empregadas para representar um único fonema (ou som, na fala), tem-se um **dígrafo**. O dígrafo só está presente em todos os vocábulos de:

a) pai, minha, tua, esse, tragar

b) afasta, vinho, dessa, dor, seria

c) queres, vinho, sangue, dessa, filho

d) esse, amarga, silêncio, escuta, filho

e) queres, feita, tinto, melhor, bruta

7. (Efoa-MG) Assinale a alternativa que identifica os encontros vocálicos e consonantais presentes nos três grupos de palavras abaixo, na mesma ordem de ocorrência em cada um deles. Os três grupos apresentam os mesmos encontros vocálicos e consonantais, pela ordem.

I. poema, reino, pobre, não, chave

II. realize, perdeu, escrevê-lo, estão, que

III. dia, mais, contempla, então, lhe

a) ditongo crescente, ditongo crescente, encontro consonantal, ditongo decrescente, dígrafo

b) ditongo crescente, ditongo decrescente, encontro consonantal, dígrafo, encontro consonantal

c) ditongo decrescente, hiato, dígrafo, ditongo decrescente, encontro consonantal

d) hiato, ditongo crescente, encontro consonantal, ditongo decrescente, dígrafo

e) hiato, ditongo decrescente, encontro consonantal, ditongo decrescente, dígrafo

8. (PUC-SP) Nas palavras *enquanto*, *queimar*, *folhas*, *hábil* e *grossa*, constatamos a seguinte sequência de letras e fonemas:

a) 8-7, 7-6, 6-5, 5-4, 6-5

b) 7-6, 6-5, 5-5, 5-5, 5-5

c) 8-5, 7-5, 6-4, 5-4, 5-4

d) 8-6, 7-6, 6-5, 5-4, 6-5

e) 8-5, 7-6, 6-5, 5-5, 5-5

9. (PUC-SP) Indique a alternativa em que todas as palavras têm a mesma classificação no que se refere ao número de sílabas:

a) enchiam, saíam, dormiu, noite

b) feita, primeiro, crescei, rasteiras

c) ruído, saudade, ainda, saúde

d) eram, roupa, sua, surgiam

e) dia, sentia, ouviam, loura

10. (PUC-SP) Indique a alternativa onde constatamos, em todas as palavras, a semivogal *i*:

a) cativos, minada, livros, tirarem

b) oiro, queimar, capoeiras, cheiroso

c) virgens, decidir, brilharem, servir

d) esmeril, fértil, cinza, inda

e) livros, brilharem, oiro, capoeiras

BIBLIOTECA

11. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa que apresenta tritongo, hiato, ditongo crescente e dígrafo:

a) quais, saúde, perdoe, álcool
b) cruéis, mauzinho, quais, psique
c) quão, mais, mandiú, quieto
d) aguei, caos, mágoa, chato
e) n.d.a.

12. (ITA-SP) Dadas as palavras:

1) des-a-ten-to 3) trans-tor-no
2) sub-es-ti-mar

constatamos que a separação silábica está correta:

a) apenas em 1.
b) apenas em 2.
c) apenas em 3.
d) em todas as palavras.
e) n.d.a.

13. (ITA-SP) Dadas as palavras:

1) tung-stê-nio 3) du-e-lo
2) bis-a-vô

constatamos que a separação silábica está correta:

a) apenas em 1.
b) apenas em 2.
c) apenas em 3.
d) em todas as palavras.
e) n.d.a.

14. (UnB-DF) Marque a opção em que todas as palavras apresentam um dígrafo:

a) fixo, auxílio, tóxico, exame
b) enxergar, luxo, bucho, olho
c) bicho, passo, carro, banho
d) choque, sintaxe, unha, coxa

15. (Fasp-SP) Indique a alternativa cuja sequência de vocábulos apresenta, na mesma ordem, o seguinte: ditongo, hiato, hiato, ditongo:

a) jamais, Deus, luar, daí
b) joias, fluir, jesuíta, fogaréu
c) ódio, saguão, leal, poeira
d) quais, fugiu, caiu, história

16. (Fasp-SP) Assinale a alternativa que apresenta os elementos que compõem o tritongo:

a) vogal + semivogal + vogal
b) vogal + vogal + vogal
c) semivogal + vogal + vogal
d) semivogal + vogal + semivogal

17. (Acafe-SC) Assinale a alternativa onde há somente palavras com ditongos orais:

a) acordou, estações, distraído
b) coordenar, Camboriú, cidadão
c) falei, família, capitães
d) jamais, atribui, defendeis
e) comprimiu, vieram, averiguem

18. (USC-RS) A alternativa em que, nas três palavras, há um ditongo decrescente é:

a) água, série, memória
b) balaio, veraneio, ciência
c) coração, razão, paciência
d) apoio, gratuito, fluido
e) joia, véu, área

19. (Acafe-SC) Assinale, na sequência abaixo, a alternativa em que todas as palavras possuem dígrafos:

a) histórias, impossível, máscaras
b) senhor, disse, achado
c) passarinhos, ergueu, piedade
d) errante, abelhas, janela
e) homem, caverna, velhacos

20. (UFSC) A única alternativa que apresenta palavra com encontro consonantal e dígrafo é:

a) graciosa
b) prognosticava
c) carrinhos
d) cadeirinha
e) trabalhava

21. (Acafe-SC) Assinale a alternativa em que há erro na partição de sílabas:

a) en-trar, es-con-der, bis-a-vô, bis-ne-to
b) i-da-de, co-o-pe-rar, es-tô-ma-go, ré-gua
c) des-cen-der, car-ra-da, pos-so, a-tra-vés
d) des-to-ar, tran-sa-ma-zô-ni-co, ra-pé, on-tem
e) pre-des-ti-nar, ex-tra, e-xer-cí-cio, dan-çar

22. (FGV-SP) Cada uma das palavras abaixo apresenta separação silábica em um ponto. Assinale a alternativa em que não haja erro de separação.

a) transatlân-tico, in-terestadual, refei-tório, inex-cedível
b) trans-atlântico, o-pinião, inter-estadual, refeitó-rio
c) trans-atlântico, opi-nião, interestadu-al, in-excedível
d) transa-tlântico, opini-ão, interestadu-al, in-excedível
e) transatlânti-co, inter-estadual, re-feitório, inexce-dível

Capítulo 3

Ortografia

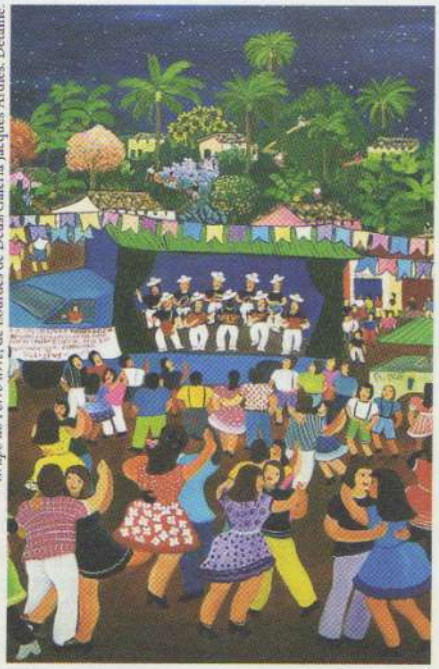

Grupo do Forró livre, de Lourdes de Deus/Galeria Jacques Ardies. Detalhe.

Cintura fina

Minha morena, venha pra cá
Pra dançar xote, se deita em meu cangote
E pode cochilar
Tu és mulher pra homem nenhum
Botar defeito, por isso satisfeito
Com você eu vou dançar

Vem cá, cintura fina, cintura de pilão
Cintura de menina, vem cá meu coração

Quando eu abraço essa cintura de pilão
Fico frio, arrepiado, quase morro de paixão
E fecho os olhos quando sinto o teu calor
Pois teu corpo só foi feito pros cochilos do amor

Zé Dantas e Luiz Gonzaga. In: GONZAGA, Luiz. *Luiz Gonzaga: 50 anos de chão*. CD BMG, 2002, v. 1, faixa 11. Disponível em: <www.luizluagonzaga.com.br>. Acesso em: 4 mar. 2008.

Xote, cochilos, paixão, fecho; cintura, dançar, coração, isso, satisfeito... No momento de grafar tais palavras, podemos hesitar. Afinal, que letra usar? *X* ou *ch*? *S*, *ss* ou *ç*?

Dúvidas como essas são frequentes no dia-a-dia do usuário da língua portuguesa. Neste capítulo estudaremos uma série de regras ortográficas que lhe possibilitarão ter mais certezas do que dúvidas em relação à grafia das palavras.

1. Conceitos básicos

A palavra **ortografia** (formada pelos elementos gregos *orto*, "correto", e *grafia*, "escrita") dá nome à parte da gramática que se preocupa com a correta representação escrita das palavras. É a ortografia, portanto, que fixa padrões de correção para a grafia das palavras. Atualmente, a ortografia em nossa língua obedece a uma combinação de critérios etimológicos (ligados à origem das palavras) e fonológicos (ligados aos fonemas representados).

É importante compreender que a ortografia é fruto de uma convenção. A forma de grafar as palavras é produto de acordos ortográficos que envolvem os diversos países em que a língua portuguesa é oficial. Grafar corretamente uma palavra significa, portanto, adequar-se a um padrão estabelecido por lei. As dúvidas quanto à correção devem ser resolvidas por meio da consulta a dicionários e publicações oficiais ou especializadas.

2. O alfabeto português

O alfabeto ou abecedário da nossa língua é formado por vinte e seis letras que, com pequenas modificações, foram copiadas do alfabeto latino. Essas vinte e seis letras são:

Letras de imprensa	Aa	Bb	Cc	Dd	Ee	Ff	Gg	Hh	Ii	Jj	Kk	Ll	Mm
	Nn	Oo	Pp	Qq	Rr	Ss	Tt	Uu	Vv	Ww	Xx	Yy	Zz
Grafia cursiva	*Aa*	*Bb*	*Cc*	*Dd*	*Ee*	*Ff*	*Gg*	*Hh*	*Ii*	*Jj*	*Kk*	*Ll*	*Mm*
	Nn	*Oo*	*Pp*	*Qq*	*Rr*	*Ss*	*Tt*	*Uu*	*Vv*	*Ww*	*Xx*	*Yy*	*Zz*

ABC do sertão

Lá no meu sertão pros caboclo lê
Têm que aprender um outro abc
O jota é ji, o ele é lê
O esse é si, mas o erre
Tem o nome de rê
Até o ypsilon lá é pssilone
O eme é mê, o ene é nê
O efe é fê, o gê chama-se guê
Na escola é engraçado ouvir-se tanto "ê"
A, bê, cê, dê,
Fê, guê, lê, mê,
Nê, pê, quê, rê,
Tê, vê e zê.

Zé Dantas e Luiz Gonzaga. In: GONZAGA, Luiz. *Luiz Gonzaga: 50 anos de chão*. CD BMG, 2002, v. 2, faixa 11. Disponível em: <www.luizluagonzaga.com.br>. Acesso em: 4 mar. 2008.

A leitura das letras do alfabeto apresenta diferenças dependendo da região de origem do falante. Luiz Gonzaga e Zé Dantas mostram-nos de forma bem-humorada o jeito nordestino de pronunciá-las, tão legítimo como o de outras regiões do país. Como essa música foi criada antes do *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa* (1990), não aparecem nela as letras **k** e **w**, por exemplo. É interessante notar, porém, a menção à letra **y** e a forma curiosa como é pronunciada.

Em *site*

<www.luizluagonzaga.com.br>. Acesso em: 4 mar. 2008.

Luiz Gonzaga é um dos maiores cantores e compositores da nossa música popular. Vale a pena visitar seu *site* para conhecer um pouco mais de sua obra, ouvir sua voz, experimentar o sabor de suas letras e canções.

Além dessas letras, emprega-se, ainda, o Çç, que representa o fonema /s/ diante de *a*, *o* ou *u* em determinadas palavras. As letras Kk, Ww e Yy são utilizadas em abreviaturas, siglas, nomes próprios estrangeiros e seus derivados: *Franklin*, *Darwin*, *Taylor*, *km* (quilômetro), *kW* (quilowatt) etc. e passaram a fazer parte de nosso alfabeto com o *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa* (1990).

O rock do Raul

Projeto do Sesc Ipiranga traça um panorama da vida e da obra do maluco beleza

Shows, exposição de fotos, exibição de documentários, bate-papos e atividades na internet. Vai ter Raul Seixas para todos os gostos no evento Eu Nasci Há 60 Anos Atrás, realizado até o dia 17 deste mês no Sesc Ipiranga para comemorar o aniversário do músico, nascido em 28 de junho de 1945. Dividido em módulos, o evento vai reunir uma série de bandas para interpretar, bem à sua maneira, clássicos do Raul. A lista de *É Só Raul!!!* vai de Thunderbird e Devotos de Nossa Senhora Aparecida a Língua de Trapo, passando pela Cansei de Ser Sexy e Astronauta Pingüim. Já a exposição *Metamorfose Ambulante* aborda a vida e obra do cantor com fotos inéditas de Mário Luiz Thompson, discografia completa e depoimentos de amigos e admiradores. *Raul Seixas – O Maluco Beleza*, documentário produzido pela STV, Rede Sesc/Senac de Televisão, em co-produção com a produtora We Do Comunicação e direção de Dimas de Oliveira, mostra a carreira de Raul e traz depoimentos de amigos, destacando seu fascínio por Elvis Presley e quanto ele se diferenciou do cenário musical brasileiro da década de 70. Os críticos musicais Kid Vinil e Pedro Alexandre Sanches conversarão com o público sobre a obra de Raul em *Ouro de Tolo*, enquanto os participantes de *Curta Raulzito na Web* vão navegar nos sites dedicados ao músico. Confira as datas no *Em Cartaz*.

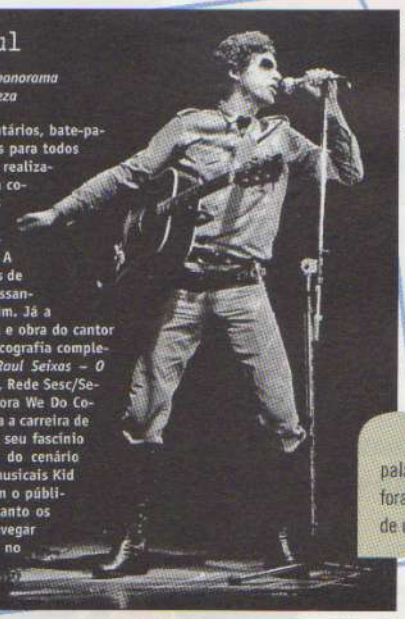

Divulgação/Sesc/SP

Revista e. São Paulo: Sesc, n. 1, ano 12, jul. 2005. p. 29.

A letra *k* aparece também em palavras estrangeiras que ainda não foram aportuguesadas, mas que são de uso corrente, como *rock*.

Em *site*

<www.raulrockclub.com.br>. Acesso em: 26 fev. 2008.

No *site* oficial do fã-clube de Raul Seixas, é possível ouvir suas canções, conhecer sua discografia, ler sobre sua vida e ver imagens do artista, falecido em 1989.

3. Orientações ortográficas

A competência para grafar corretamente as palavras está diretamente ligada ao contato íntimo com essas mesmas palavras. Isso significa que a frequência do uso é que acaba trazendo a memorização da grafia correta. Além disso, deve-se criar o hábito de esclarecer as dúvidas com as necessárias consultas ao dicionário.

Existem algumas orientações gerais que podem ser úteis e que devem constituir material de consulta para as atividades escritas que você desenvolver. Vamos a elas.

Noções preliminares

Entre os sons das palavras e também entre as letras que os representam podem ocorrer coincidências. Isso acontece quando duas (às vezes três) palavras apresentam identidade total ou parcial quanto à grafia e à pronúncia. Observe:

a. *luta* (substantivo) e *luta* (forma do verbo *lutar*) apresentam a mesma grafia e a mesma pronúncia. São palavras **homônimas**;

b. *almoço* (substantivo, nome de uma refeição) e *almoço* (forma do verbo almoçar) possuem a mesma grafia, mas pronúncia diferente. São palavras **homógrafas**;

c. *cesta* (substantivo) e *sexta* (numeral ordinal) possuem a mesma pronúncia, mas grafia diferente. São palavras **homófonas**.

Há ainda casos em que as palavras apresentam grafias ou pronúncias semelhantes, sem que, no entanto, ocorra coincidência total. São chamadas **parônimas** e costumam provocar dúvidas quanto ao seu emprego correto. É o caso, por exemplo, de pares como *flagrante/fragrante*, *pleito/preito*, *vultoso/vultuoso* e outros, cujo sentido e emprego estudaremos adiante.

Em CD

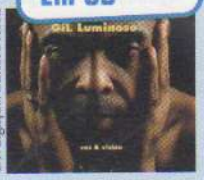

Divulgação/Editora Abril

Gilberto Gil. Metáfora. In: *Gil Luminoso: voz e violão* (CD). Biscoito Fino, 2006.
A canção do compositor baiano sugere que não se pode exigir do poeta uma meta, pois, para ele, meta pode ser algo inatingível. Por isso Gil decreta: não se meta a exigir do artista revelações objetivas, já que a poesia lida com o imponderável, com a subjetividade. Atente ao trabalho do compositor com o recurso das palavras homógrafas.

Fonemas com mais de uma representação gráfica

A relação entre os fonemas e as letras não é de correspondência exata e permanente. Como a ortografia se baseia também na tradição e na etimologia das palavras, ocorrem problemas que já conhecemos, como a existência de diferentes formas de grafar um mesmo fonema. Estudaremos alguns desses problemas a partir de agora.

O fonema /ʃ/ (letra *x* ou dígrafo *ch*)

A letra *x* representa esse fonema:

a. após um ditongo:

ameixa	caixa	peixe	eixo	frouxo
trouxa	baixo	encaixar	paixão	rebaixar

Cuidado com a exceção *recauchutar* e seus derivados.

b. após o grupo inicial *en*:

enxada	enxaqueca	enxerido	enxame
enxovalho	enxugar	enxurrada	

Cuidado com *encher* e seus derivados (lembre-se de ***cheio***) e palavras iniciadas por *ch* que recebem o prefixo *en-*:

encharcar (de ***charco***) enchapelar (de ***chapéu***)
enchumaçar (de ***chumaço***) enchiqueirar (de ***chiqueiro***)

c. após o grupo inicial *me*:

mexer	mexerica	mexerico	mexilhão	mexicano

A única exceção é *mecha*.

d. nas palavras de origem indígena ou africana e nas palavras inglesas aportuguesadas:

xavante	xingar	xique-xique	xará	xerife	xampu

ATENÇÃO

Escrevem-se com *x*: capixaba, bruxa, caxumba, faxina, graxa, laxante, muxoxo, praxe, puxar, relaxar, rixa, roxo, xale, xaxim, xenofobia, xícara.

Escrevem-se com *ch*: arrocho, apetrecho, bochecha, brecha, broche, chalé, chicória, cachimbo, comichão, chope, chuchu, chute, debochar, fachada, fantoche, fechar, flecha, linchar, mochila, pechincha, piche, pichar, salsicha, tchau.

Homofonia com o fonema /ʃ/

Há vários casos de palavras homófonas cuja grafia se distingue pelo contraste entre o *x* e o *ch*. Eis algumas delas:

com *ch*	com *x*
brocha (pequeno prego)	broxa (pincel para caiação de paredes)
chá (planta para preparo de bebida)	xá (título do antigo soberano do Irã)
chácara (propriedade rural)	xácara (narrativa popular em versos)
cheque (ordem de pagamento)	xeque (jogada do xadrez)
cocho (vasilha para alimentar animais)	coxo (capenga, imperfeito)
tacha (mancha, defeito; pequeno prego)	taxa (imposto, tributo)
tachar (colocar defeito ou nódoa em alguém)	taxar (cobrar impostos)

QUINO. *Mafalda 8*. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 75.

A palavra *xeque* designa a jogada de xadrez que encerra a partida com a derrota do jogador que a recebe – Filipe – no caso dessa tirinha. Para designá-la, usa-se, indiferentemente, *xeque* ou *xeque-mate*.

O fonema /ʒ/ (letras *g* e *j*)

A letra *g* somente representa o fonema /ʒ/ diante das letras *e* e *i*. Diante das letras *a*, *o* e *u*, esse fonema é necessariamente representado pela letra *j*.

Usa-se a letra *g*:

a. nos substantivos terminados em *agem*, *igem*, *ugem*:

agiotagem	aragem	barragem
contagem	coragem	garagem
malandragem	miragem	viagem
fuligem	impigem (ou impingem)	origem
vertigem	ferrugem	lanugem
rabugem	salsugem	

Cuidado com as exceções *pajem* e *lambujem*.

b. nas palavras terminadas em *ágio*, *égio*, *ígio*, *ógio*, *úgio*:

adágio	contágio	estágio	pedágio	colégio
egrégio	litígio	prestígio	necrológio	relógio
refúgio	subterfúgio			

Usa-se a letra *j*:

a. nas formas dos verbos terminados em *jar*:

arranjar (arranjo, arranje, arranjem)
despejar (despejo, despeje, despejem)
enferrujar (enferruje, enferrujem)
viajar (viajo, viaje, viajem)

b. nas palavras de origem tupi, africana, árabe ou exótica:

jê	jiboia	pajé	jirau
caçanje	alfanje	alforje	canjica
jerico	manjericão	Moji	

Em DVD

Divulgação

Tonico Pereira e Luis Mello em cena do filme *Caramuru: A invenção do Brasil*.

***Caramuru: a invenção do Brasil*. Direção de Guel Arraes. Brasil: Columbia, 2001. (85 min).**

O filme de Guel Arraes é uma homenagem ao aniversário de 500 anos do Brasil. A história narra as peripécias de Diogo Alvares (Selton Mello), jovem pintor português que se envolveu no roubo de um mapa. Vítima de um naufrágio durante sua deportação, Diogo chega a um paraíso tropical onde conhece as belas índias Paraguaçu e Moema. Com elas, o degredado Diogo terá seu primeiro contato com a língua nativa e conhecerá algumas palavras que até hoje fazem parte de nosso vocabulário. *Caramuru: a invenção do Brasil* é uma aventura bem-humorada sobre um mito fundador de nossa terra.

c. nas palavras derivadas de outras que já apresentam *j*:

gorjear, gorjeio, gorjeta (derivadas de *gorja*)
laranjeira (de *laranja*)
lojinha, lojista (de *loja*)
rijeza, enrijecer (de *rijo*)
cerejeira (derivada de *cereja*)
lisonjear, lisonjeiro (de *lisonja*)
sarjeta (de *sarja*)
varejista (de *varejo*)

ATENÇÃO

Escrevem-se com *g*: aborígine, agilidade, algema, apogeu, argila, auge, bege, bugiganga, cogitar, drágea, faringe, fugir, geada, gengiva, gengibre, gesto, gibi, herege, higiene, impingir, monge, rabugice, tangerina, tigela, vagem.

Escrevem-se com *j*: berinjela, cafajeste, granja, hoje, intrujice, jeito, jejum, jerimum, jérsei, jiló, laje, majestade, objeção, objeto, ojeriza, projétil (ou projetil), rejeição, traje, trejeito.

Atividades

1. Complete as lacunas das frases a seguir com as letras apropriadas:

a) Os pei*es haviam sido encai*otados na origem.

b) Sentia-se rebai*ado porque os pneus de seu carro eram recau*utados.

c) A en*urrada causou muitos transtornos à população de bai*a renda. Muitas pessoas ficaram com seus pertences en*arcados.

d) Não me*a nisso! E não seja me*eriqueiro! Deixe as me*as do cabelo de sua irmã em paz!

e) Gastava um frasco de *ampu a cada banho.

f) A filha da fa*ineira pegou ca*umba. Foi por isso que a pobre senhora não veio trabalhar e não porque seja rela*ada, como você quer dar a entender com um mu*o*o.

g) Suas bo*e*as estavam ro*as de frio. E mesmo assim ela não queria usar o *ale que eu lhe oferecia.

2. Complete as lacunas das frases da coluna ao lado com as letras apropriadas:

a) Foi à feira e comprou *u*us, berin*elas, tan*erinas, *en*ibre e um quilo de va*em.

b) A via*em foi adiada por alguns dias. Os pais não querem que os filhos via*em com um tempo horrível destes.

c) Deixaram que a ferru*em tomasse conta de todos aqueles velhos objetos. É possível que deixem enferru*ar coisas tão bonitas e valiosas?

d) Sentiu forte verti*em durante a conta*em dos votos.

e) Sinto-me lison*eado com a homena*em prestada pelos vare*istas desta re*ião e garanto que nunca me faltará cora*em para prosseguir na luta.

f) Seu presti*io declinava à proporção que a ori*em de seus bens era investigada.

g) Com a*ilidade, apanhou a ti*ela e encheu-a de ar*ila. A seguir, com alguns *estos, modelou alguma coisa que não consegui distinguir.

3. Escreva uma frase com cada uma das seguintes palavras:

tachar taxar cheque xeque cocho coxo

O fonema /z/ (letras *s*, *x* e *z*)

A letra *s* representa o fonema /z/ quando é intervocálica, como em *asa*, *mesa*, *riso*.

Usa-se a letra *s*:

a. nas palavras que derivam de outras em que já existe *s*:

casinha casebre casinhola casarão casario (derivadas de *casa*)
lisinho alisar alisador (de *liso*)
analisar analisador analisante (de *análise*)

b. nos sufixos:

- *-ês, -esa* (para indicação de nacionalidade, título, origem):

chinês	chinesa	marquês	marquesa	burguês	burguesa
calabrês	calabresa	duquesa	baronesa		

- *-ense, -oso, -osa* (formadores de adjetivos):

paraense	caldense	catarinense	portense	amoroso	amorosa
deleitoso	deleitosa	gasoso	gasosa	espalhafatoso	espalhafatosa

- *-isa* (indicador de ocupação feminina):

poetisa	profetisa	papisa	sacerdotisa	pitonisa

c. após ditongos:

lousa	coisa	causa	Neusa
ausência	Eusébio	náusea	

d. nas formas dos verbos *pôr* (e derivados) e *querer*:

pus	pusera	pusesse	puséssemos
repus	repusera	repusesse	repuséssemos
quis	quisera	quisesse	quiséssemos

Usa-se a letra *z*:

a. nas palavras derivadas de outras em que já existe *z*:

deslizar deslizante (derivadas de *deslize*)
abalizado (de *baliza*)
razoável arrazoar arrazoado (de *razão*)
raiz enraizar

b. nos sufixos:

- *-ez, -eza* (formadores de substantivos abstratos a partir de adjetivos):

rijeza	rigidez	nobreza	surdez
invalidez	intrepidez	sisudez	avareza
maciez	singeleza		

- *-izar* (formador de verbos) e *-ização* (formador de substantivos):

civilizar	civilização	humanizar	humanização
colonizar	colonização	realizar	realização
hospitalizar	hospitalização		

Não confunda com os casos em que se acrescenta o sufixo *-ar* a palavras que já apresentam *s*: *analisar, pesquisar, avisar*.

Em muitas palavras, o fonema /z/ é representado pela letra *x*:

exagero	exalar	exaltar	exame	exato	exasperar
exausto	executar	exemplo	exequível	exercer	exibir
exílio	exímio	existir	êxito	exonerar	exorbitar
exorcismo	exótico	exuberante	inexistente	inexorável	

ATENÇÃO

Escrevem-se com *s*: abuso, aliás, anis, asilo, atrás, através, aviso, bis, brasa, colisão, decisão, Elisabete, evasão, extravasar, fusível, hesitar, Isabel, lilás, maisena, obsessão, ourivesaria, revisão, usura, vaso.

Escrevem-se com *z*: assaz, batizar (mas batismo), bissetriz, buzina, catequizar (mas catequese), cizânia, coalizão, cuscuz, giz, gozo, prazeroso, regozijo, talvez, vazar, vazio, verniz.

Homofonia com o fonema /z/

Há palavras homófonas em que se estabelece distinção escrita por meio do contraste *s/z*:

cozer (cozinhar)	coser (costurar)
prezar (ter em consideração)	presar (prender, apreender)
traz (forma do verbo *trazer*)	trás (parte posterior)

1979 Paws, Inc. All Rights Reserved/Dist. by Atlantic Syndication/Universal Press Syndicate

DAVIS, Jim. *Garfield de bom humor*. Porto Alegre: L&PM, 2006. p. 55.

Cozido, particípio do verbo *cozer* (cozinhar), distingue-se de *cosido*, particípio do verbo *coser* (costurar). Assim, nesta tirinha, escreveu-se adequadamente "repolho *cozido*" (com *z*), pois trata-se de *cozer* o repolho. Em outra situação, caso houvesse roupas rasgadas, poderia dizer-se que "Jon as havia *cosido*" e, nesse caso, a palavra é escrita com *s*.

O fonema /s/ (letras *s*, *c*, *ç* e *x* ou dígrafos *sc*, *sç*, *ss*, *xc* e *xs*)

Observe os seguintes procedimentos em relação à representação gráfica desse fonema:

a. a correlação gráfica entre *nd* e *ns* na formação de substantivos a partir de verbos:

asce**nd**er, asce**ns**ão	dis**t**ender, dis**t**ensão	expa**nd**ir, expa**ns**ão
suspe**nd**er, suspe**ns**ão	pre**t**ender, pre**t**ensão	te**nd**er, te**ns**ão
este**nd**er, exte**ns**ão	compree**nd**er, compree**ns**ão	

b. a correlação gráfica entre *ced* e *cess* em nomes formados a partir de verbos:

ce**ced**er, ce**ss**ão	con**ced**er, con**ess**ão	inter**ced**er, inter**ess**ão
a**ced**er, a**ess**o	ex**ced**er, ex**ess**o, ex**ess**ivo	

c. a correlação gráfica entre *ter* e *tenção* em nomes formados a partir de verbos:

abs**t**er, abs**tenção**	a**t**er, a**tenção**	con**t**er, con**tenção**
de**t**er, de**tenção**	re**t**er, re**tenção**	

Observe as seguintes palavras em que se usa o dígrafo *sc*:

acrescentar	acréscimo	adolescência	adolescente
ascender (subir)	ascensão	ascensor	ascensorista
ascese	ascetismo	ascético	consciência
crescer	descender	discente	disciplina
fascículo	fascínio	fascinante	piscina
piscicultura	imprescindível	intumescer	irascível
miscigenação	miscível	nascer	obsceno
oscilar	plebiscito	recrudescer	reminiscência
rescisão	ressuscitar	seiscentos	suscitar
transcender			

Na conjugação dos verbos acima apresentados, surge **sç**: *nasço, nasça; cresço, cresça*.

Cuidado com *sucinto*, em que não se usa *sc*.

Em algumas palavras, o fonema /s/ é representado pela letra *x*:

auxílio	auxiliar	contexto	expectativa	expectorar
experiência	experto (conhecedor, especialista)		expiar (pagar)	expirar (morrer)
expor	expoente	extravagante	extroversão	extrovertido
sexta	sintaxe	têxtil	textual	trouxe

Cuidado com *esplendor* e *esplêndido*.

Homofonia com o fonema /s/

Há casos em que se criam oposições de significado em razão do contraste gráfico. Observe:

acender (iluminar, pôr fogo)	ascender (subir)
acento (inflexão de voz ou sinal gráfico)	assento (lugar para se sentar)
caçar (perseguir a caça)	cassar (anular)
cegar (tornar cego)	segar (ceifar, cortar para colher)
censo (recenseamento, contagem)	senso (juízo)
cessão (ato de ceder)	seção ou secção (repartição ou departamento; divisão) e sessão (encontro, reunião)
concerto (acordo, arranjo, harmonia musical)	conserto (remendo, reparo)
espectador (o que presencia)	expectador (o que está na expectativa)
esperto (ágil, rápido, vivaz)	experto (conhecedor, especialista)
espiar (olhar, ver, espreitar)	expiar (pagar uma culpa, sofrer castigo)
espirar (respirar)	expirar (morrer)
incipiente (iniciante, principiante)	insipiente (ignorante)
intenção ou tenção (propósito, finalidade)	intensão ou tensão (intensidade, esforço)
paço (palácio)	passo (passada)

Podem ocorrer ainda os dígrafos *xc*, e, mais raramente, *xs*:

exceção	excedente	exceder	excelente	excesso
excêntrico	excepcional	excerto	exceto	excitar
exsicar	exsolver	exsuar	exsudar	

Particularidades de algumas letras

A letra *x*

Essa letra pode representar dois fonemas, soando como "ks":

afluxo	amplexo	anexar	anexo	asfixia	asfixiar
axila	boxe	clímax	complexo	convexo	fixo
flexão	fluxo	intoxicar	látex	nexo	ortodoxo
óxido	paradoxo	prolixo	reflexão	reflexo	saxofone
sexagésimo	sexo	tóxico	toxina		

As letras *e* e *i*

a. Cuidado com a grafia dos ditongos:

- os ditongos nasais /ãj/ e /õj/ escrevem-se *ãe* e *õe*:

mãe	mães	cães	pães	cirurgiães
capitães	põe	põem	depõe	depõem

- só se grafa com *i* o ditongo /ãj/, interno: *cã**i**bra* (ou *câimbra*).

b. Cuidado com a grafia das formas verbais:

- as formas dos verbos com infinitivos terminados em *oar* e *uar* são grafadas com *e*:

abençoe	perdoe	magoe	atue	continue	efetue

- as formas dos verbos com infinitivos terminados em *air*, *oer* e *uir* são grafadas com *i*:

cai	sai	dói	rói	mói	corrói
influi	possui	retribui	atribui		

c. Cuidado com as palavras *s**e**, s**e**não, s**e**quer, quas**e** e irr**e**quieto.*

Parônimos com *e* / *i*

A oposição *e*/*i* é responsável pela diferenciação de várias palavras:

com *e*	com *i*
área (superfície)	ária (melodia)
deferir (conceder)	diferir (adiar ou divergir)
delação (denúncia)	dilação (adiamento, expansão)
descrição (ato de descrever)	discrição (qualidade de quem é discreto)
descriminação (absolvição)	discriminação (separação)
emergir (vir à tona)	imergir (mergulhar)
emigrar (sair do país onde se nasceu)	imigrar (entrar em país estrangeiro)
eminente (de condição elevada)	iminente (inevitável, prestes a ocorrer)
vadear (passar a vau)	vadiar (andar à toa)

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 2006. p. 25.

O verbo *distorcer* significa mudar o sentido das palavras de outrem, desvirtuar, torcer, como ocorre na tirinha de Hagar. Já o verbo *destorcer* significa desfazer a torcedura, endireitar o que estava torcido.

As letras *o* e *u*

A oposição *o/u* é responsável pela diferença de significado entre várias palavras:

comprimento (extensão)	cumprimento (saudação; realização)
soar (emitir som)	suar (transpirar)
sortir (abastecer)	surtir (resultar)

A letra *h*

É uma letra que não representa fonema. Seu uso se limita aos dígrafos *ch*, *lh* e *nh*, a algumas interjeições (ah, hã, hem, hip, hui, hum, oh) e a palavras em que surge por razões etimológicas. Observe algumas palavras em que surge o *h* inicial:

hagiografia	haicai	
hálito	halo	
hangar	harmonia	
harpa	haste	
hediondo	hélice	
Hélio	Heloísa	
hemisfério	hemorragia	
Henrique	herbívoro (mas erva)	
hérnia	herói	
hesitar	hífen	
hilaridade	hipismo	
hipocondria	hipocrisia	
hipótese	histeria	
homenagem	hóquei	
horror	Hortênsia	
horta	horto (jardim)	
hostil	humor	húmus

Private collection

Vincent Van Gogh. *Homem e mulher num parque (O jardim do poeta)* (1888). Óleo sobre tela, 73 cm × 92 cm. Estados Unidos, propriedade particular.

Na palavra *homem*, a letra *h* não representa nenhum fonema.

Em *Bahia*, o *h* sobrevive por tradição histórica. Observe que nos derivados ele não é usado: *baiano*, *baianismo*.

Nomes próprios

Você deve ter notado que acrescentamos nomes próprios aos exemplos que vimos apresentando. Isso tem uma explicação muito simples: os nomes próprios, como qualquer palavra da língua, estão sujeitos às regras ortográficas. Existe, portanto, uma forma correta de grafar esses nomes. Se, no entanto, seu nome foi registrado com uma grafia equivocada, você pode usá-lo da forma como ele se encontra em seus documentos. Esse tem sido o uso mais frequente em nossa cultura. Além disso, a grafia dos nomes de todos os que se tornam publicamente conhecidos aparece corrigida em publicações feitas após a morte dessas pessoas.

Observe na relação seguinte mais alguns nomes próprios na sua grafia correta:

Aírton	Alcântara	Ânderson	Ângelo	Antônio	Artur	Baltasar
Cardoso	César	Elisa	Ênio	Félix	Filipe	Heitor
Helena	Hercílio	Hilário	Iberê	Inês	Íris	Isa
Isidoro	Jaci	Jacira	Jéferson	Juçara	Juscelino	Leo
Lis	Lisa	Luís	Luísa	Luzia	Macedo	Marisa
Míriam	Morais	Natacha	Odilon	Priscila	Rosângela	Selene
Sousa	Taís	Teresa	Zósimo			

Em livro

Imagem autorizada/Panda Books

CAMARGO, José Eduardo Rodrigues; FONTENELLE, André Luis. *O Brasil das placas*. São Paulo: Panda Books, 2007.

Viajando a trabalho pelo Brasil afora, o jornalista José Camargo aproveitou todas as oportunidades que teve para fotografar as mais inusitadas e irreverentes placas, de órgãos oficiais ou não, que encontrou pelo caminho. Em companhia de outro jornalista, André Fontenelle, Camargo resolveu reunir as fotos em um livro, e o resultado é uma amostra do vigor que o registro oral tem no Brasil. Vale destacar que as placas selecionadas ultrapassam os erros de ortografia e de sintaxe: há no livro a exploração do *nonsense* das placas com duplo sentido, que não raro provocam o riso.

Atividades

1. Observe o sentido com que foram empregadas as palavras destacadas nas frases a seguir. Copie cada uma dessas palavras em seu caderno e procure atribuir-lhes sinônimos:

a) A imprensa reprovou o gesto **imoral** feito publicamente pelo governante.

É uma criança! Suas atitudes são **amorais**!

b) O **comprimento** do terreno não atendia às necessidades da construtora.

Ao chegar, fez um **cumprimento** discreto com a cabeça.

Exigem dele o **cumprimento** de tarefas muito difíceis.

c) O mergulhador **emergiu** trazendo uma ânfora.

O submarino **imergiu** por completo, desaparecendo da nossa vista.

d) O assaltante foi preso em **flagrante**.

Sua **fragrante** presença me faz pensar em flores campestres.

e) Cuidado para não lhe **infligir** uma desmoralização injusta!

Foi multado ao **infringir** pela duodécima vez a mesma lei do trânsito. E ainda acha que tem razão!

f) Seu **mandato** foi encerrado quando o oficial de justiça lhe apresentou o **mandado** de prisão.

g) O deputado resolveu abandonar a vida pública. Não se disputariam mais **pleitos**!

Organizou-se um cerimonioso **preito** para receber o governador.

h) O investimento foi **vultoso**; o retorno, praticamente nulo.

Seu rosto **vultuoso** fê-lo procurar um médico.

2. Copie as frases a seguir em seu caderno, fazendo a opção pelo homófono ou pelo parônimo adequado a cada caso:

a) Não sei o que é mais útil: (*) as próprias roupas ou (*) a própria comida. (*coser, cozer*)

b) É provável que poucas pessoas (*) nestas férias. O preço de uma (*) é proibitivo! (*viagem, viajem*)

c) O deputado foi (*) de fisiológico. Aliás, seu programa era (*) ainda mais os produtores e trabalhadores. (*taxado, tachado; tachar, taxar*)

d) Resolveu tomar uma chávena de (*) após ter-se encontrado com um lunático que dizia ser o (*) da Pérsia. (*chá, xá*)

e) Fui colocado em (*) quando o gerente da loja se recusou a aceitar meu (*). (*cheque, xeque*)

f) A (*) de terras aos posseiros foi decidida pela Assembleia Legislativa em (*) extraordinária. A legalização das doações deverá ser feita pela (*) competente do Ministério Público. (*cessão, seção, sessão*)

g) Não teve tempo de (*) as culpas antes de (*). (*espiar, expiar; espirar, expirar*)

h) Há (*) de fazer um (*) a cada dez anos. (*tenção, tensão; censo, senso*)

i) A (*) tecnologia naval brasileira não encontra estímulos ao seu desenvolvimento. (*insipiente, incipiente*)

j) A (*) da Câmara decretou que o deputado corrupto tivesse seu (*) (*). (*cessão, seção, sessão; mandado, mandato; caçado, cassado*)

k) A vontade de (*) socialmente o fazia um hipócrita inescrupuloso. Rendia (*) a diversos figurões, sem nenhuma exceção. (*acender, ascender; pleitos, preitos*)

l) Agiu com (*) ao ser convocado para fazer a (*) dos envolvidos no caso. (*descrição, discrição*)

m) Inutilmente, várias entidades protestaram contra a (*) pela qual os jurados haviam decidido. Afinal, tratava-se de um crime de (*) racial. (*descriminação, discriminação*)

n) Pediu-me que o ajudasse a (*) as despesas. (*descriminar, discriminar*)

o) Finalmente vai (*) o sinal! Com este calor, não paro de (*). (*soar, suar*)

3. Escolha da lista a seguir a letra ou dígrafo adequado para preencher cada uma das lacunas do texto abaixo:

g j c ç s ss sc z x ch ie

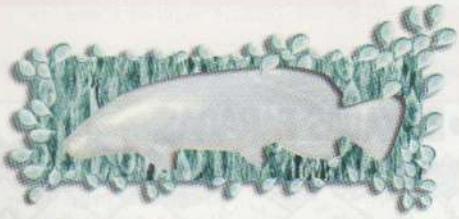

O rei da água doce

Os de* barracos de madeira da comunidade de Mapurilândia vão diminuindo de tamanho lentamente, à medida que as quatro canoas atrave*am o Paraná do Maiana, um bra*o de 16 quilômetros que liga o Rio Solimões a si mesmo. Levando redes de dormir, malhadeiras (redes de pesca), arpões, farinha, café e lanternas, os quatro pescadores entram no Cano do *enipapo, o pequeno rio que condu* ao Valentim, um dos cinco lagos em que a comunidade fa* o mane*o do pirarucu.

Seguindo a capri*o*a hidrografia da floresta, o cano fa* uma curva de 30 graus à direita, e revela, depois de meia hora de via*em, o primeiro obstáculo: dois troncos de mungubeiras atrave*am o ria*o. Eles *mergiram, como áreas inteiras de vár*ea, com a diminui*ão do nível das águas, no verão ama*ônico (junho a outubro). Com ma*ados e ter*ados (facões), os pescadores "toram" o tronco de bai*o. Depois de 25 quilômetros de trabalho e*tenuante, abre-se uma fenda sob o tronco de *ima, e os homens pa*am de canoa com as cabeças abai*adas.

Mais meia hora de via*em, e agora é a tapa*em (capim na superfície da água) que *mpede a pa*a*em. O mato é cortado a golpes de ter*ado e *mpurrado com os remos, numa peno*a trave*ia que con*ome 17 minutos. Os dois motores rabeta (de 5,5 cavalos) que impul*ionam as canoas (uma delas reboca outras duas) são desligados, e os pescadores entram remando em silêncio no ma*esto*o Lago Valentim-1. Nele, motores são proibidos, para evitar que os pei*es fu*am para o rio.

Pa*am-se de* minutos, e os pescadores per*ebem o primeiro pirarucu. O repórter e o fotógrafo (...) nada veem. Os ribeirinhos não só veem, mas ouvem, sentem, medem e pe*am. "É um grande", concluem. As quatro canoas formam um círculo ao seu redor. Os pescadores se equilibram nas proas, *mpunhando as hastes de três metros dos arpões. O tempo passa.

SANT'ANNA, Lourival. O rei da água doce. In: *Amazônia: grandes reportagens O Estado de S. Paulo.* São Paulo: O Estado de S. Paulo, nov./dez. 2007. p. 26.

Textos para análise

1

Baraldi

Humor Brasil 500 anos. São Caetano do Sul: Virgo, 2000. p. 63.

Trabalhando o texto

Esse texto explora criativamente a paronímia. Explique como.

2

Editora Duetto

Mente&Cérebro: anatomia do sono. Edição especial. São Paulo: Duetto, [s.d.]. p. 83.

Trabalhando o texto

Que aspectos ortográficos chamam a atenção do leitor no texto desse anúncio? Comente a utilização desses caracteres fora do ambiente em que foram criados – a internet.

Questões de exames e concursos

1. (Correios/Conesul) A palavra *canjica* é grafada com *j*. Também deve ser escrita com *j*:

a) cere*eira
b) reló*io
c) verti*em
d) a*iota
e) estran*eiro

2. (Correios/Conesul) A palavra *discrição* é grafada com *ç*. Também deve ser grafada com *ç* a palavra da alternativa:

a) espe*ial
b) licen*a
c) con*olo
d) can*ada
e) proci*ao

3. (Badesc/Fepese) Assinale a alternativa em que todas as lacunas são preenchidas com *s*:

a) pobre*a, chinê*, reali*ar
b) prince*a, montê*, civili*ar
c) atra*ado, cortê*, anali*ar
d) suavi*ado, francê*, economi*ar

4. (Pref. de Contagem-MG/Fumarc) Em todas as alternativas, o erro de grafia pode ser explicado a partir do modo como essas palavras são pronunciadas, **exceto**:

a) supertição (em vez de superstição)
b) sombrancelha (em vez de sobrancelha)
c) reinvindicação (em vez de reivindicação)
d) despretenciosamente (em vez de despretensiosamente)

5. (TJ-SP/Vunesp) Assinale a alternativa correta quanto ao uso e à grafia das palavras.

a) Na atual conjetura, nada mais se pode fazer.
b) O chefe deferia da opinião dos subordinados.
c) O processo foi julgado em segunda estância.
d) O problema passou despercebido na votação.
e) Os criminosos espiariam suas culpas no exílio.

6. (Badesc/Fepese) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas:

"* as informações pessoais poderá dar * a um controle * sobre o cidadão."

a) Computadorizar – ensejo – inexorável
b) Computadorisar – ensejo – inezorável
c) Computadorisar – encejo – inezorável
d) Compuradorizar – encejo – inexorável

7. (UEPB) Com relação aos conhecidos versos de Augusto dos Anjos (do poema Cismas do destino), transcritos abaixo, assinale o único item que **não** corresponde a um homônimo perfeito de outra classe gramatical.

"Ah! Com certeza, Deus me castigava!
Por toda a parte, como um réu confesso,
Havia um juiz que lia o meu processo
E uma forca especial que me esperava!"

a) "como"
b) "parte"
c) "processo"
d) "forca"
e) "confesso"

8. (Ufam) Assinale o item em que todos os vocábulos estão grafados corretamente:

a) berinjela, canjica, jenipapo, jerimum, gengibre
b) muxoxo, cochicho, xicória, xifópagos, xilófago
c) exceção, expansionismo, suscinto, ascenção, pretensioso
d) digladiar, requesito, cardial, substitue, previnir
e) chovisco, usofruto, bússula, óbolo, curtume

9. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que a grafia de todas as palavras seja prestigiada pela norma culta:

a) auto-falante, bandeija, degladiar
b) advogado, frustado, estrupo, desinteria
c) embigo, mendingo, meretíssimo, salchicha
d) estouro, cataclismo, prazeiroso, privilégio
e) aterrissagem, babadouro, lagarto, manteigueira

10. (UFPE) Assinale a alternativa em que todas as palavras devem ser completadas com a letra indicada entre parênteses:

a) *ave, *alé, *ícara, *arope, *enofobia (x)
b) pr*vilégio, requ*sito, *ntitular, *mpedimento (i)
c) ma*ã, exce*ão, exce*o, ro*a (ç)
d) *iboia, *unco, *íria, *eito, *ente (j)
e) pure*a, portugue*a, cortê*, anali*ar (z)

11. (Pref. de Guarulhos-SP/FGV-SP) Assinale a alternativa em que todas as palavras estão erradas em relação à grafia com *-ção*, *-são* e *-ssão*.

a) permissão, conversão
b) obtenção, discussão
c) exceção, omissão
d) consecussão, ascenção

12. (Unifal-MG) Organizamos um (*) musical (*) e tivemos o (*) de contar com um público educado que teve o bom (*) de permanecer em silêncio durante o espetáculo.

a) conserto, beneficiente, privilégio, senso
b) concerto, beneficente, privilégio, censo
c) concerto, beneficente, privilégio, senso
d) conserto, beneficente, previlégio, senso
e) concerto, beneficiente, previlégio, censo

13. (Unifal-MG) Assinale a alternativa em que todas as palavras estão grafadas corretamente.

a) disenteria, páteo, siquer, goela
b) capoeira, empecilho, jabuticaba, destilar
c) boliçoso, bueiro, possue, crânio
d) borburinho, candieiro, bulir, privilégio
e) habitue, abutoe, quase, constróe

14. (Unifal-MG) Apenas uma das frases abaixo está totalmente **correta** quanto à ortografia. Assinale-a.

a) Espalhei as migalhas da torrada por todo o trageto.
b) Meu trabalho árduo não obteve hêsito algum.
c) Quiz fazer coisas que não sabia.
d) Ao puxar os detritos, eles voaram no tapete persa.
e) Acrecentei algumas palavras ao texto que corrigi.

15. (UPM-SP) Aponte, entre as alternativas abaixo, a única em que todas as lacunas devem ser preenchidas com a letra *u*:

a) c*rtume, escap*lir, man*sear, sin*site
b) esg*elar, reg*rgitar, p*leiro, ent*pir
c) emb*lia, c*rtir, emb*tir, c*ringa
d) *rticária, s*taque, m*cama, z*ar
e) m*chila, tab*leta, m*ela, b*eiro

16. *(PUCCamp-SP) Barbarismos ortográficos acontecem* quando as palavras são grafadas em desobediência à lei ortográfica vigente. Indique a única alternativa que está de acordo com essa lei e, por isso, correta:

a) exceção, desinteria, pretensão, secenta
b) ascensão, intercessão, enxuto, esplêndido
c) rejeição, beringela, xuxu, atrazado
d) geito, mecher, consenso, setim
e) discernir, quizer, herbívoro, fixário

17. (Unicamp-SP) A linguagem é figura do entendimento (...). Os bons falam virtudes e os maliciosos, maldades (...). Sabem falar os que entendem as coisas: porque das coisas nascem as palavras e não das palavras as coisas.

O trecho citado, extraído da primeira gramática da língua portuguesa (Fernão de Oliveira, 1536), tinha, na primeira edição dessa obra, a seguinte ortografia:

A Lingoagem e figura do entendimento (...) os bos falão virtudes e os maliçiosos maldades (...) sabẽ falar os q̃ ẽtẽdẽ as cousas: porq̃ das cousas naçẽ as palauras e não das palauras as cousas.

A ortografia do português já foi, portanto, bem diferente da atual, e houve momentos em que as pessoas que escreviam gozavam de relativa liberdade na escolha das letras. Hoje em dia, a forma escrita da língua é regida por convenções ortográficas rígidas, que não devem ser desobedecidas em contextos mais formais.

Leia com atenção os trechos abaixo, tirados de edições de setembro de um jornal de São Paulo. Identifique as palavras em que foi violada a convenção ortográfica vigente. Escreva-as, em seguida, na forma correta.

a) Os atuais ministro e prefeito são amissíssimos de longa data.
b) Mais de metade desses policiais extrapola os limites do dever por serem mau preparados.
c) Desde o início, o animal preferido em carrosséis é o cavalo, mas há excessões.

18. (UEL-PR) O jovem falava com muita (*) e grande (*) de gestos.

a) expontaneidade, exuberância
b) espontaneidade, exuberancia
c) expontaniedade, exuberancia
d) espontaneidade, exuberância
e) espontaniedade, exuberância

19. (UEL-PR) A (*) entre os membros do partido acabou provocando uma (*) interna.

a) discidência, cisão
b) dissidência, cizão
c) dissidência, cissão
d) discidência, cizão
e) dissidência, cisão

20. *(FCMSC-SP) Todos os documentos (*), sem (*), aparentavam grande (*).*

a) inidônios, exceção, verossemelhança
b) inidônios, excessão, verossemelhança
c) inidônios, exceção, verossimilhança
d) inidôneos, excessão, verossimilhança
e) inidôneos, exceção, verossimilhança

21. (FCMSC-SP) Não (*) a porta desse (*), que ela já está meio (*).

a) puche, jeito, pensa
b) puxe, jeito, pensa
c) puche, geito, pença
d) puxe, geito, pença
e) puxe, geito, pensa

22. (Fuvest-SP)

a) Forme substantivos femininos a partir das palavras abaixo, empregando convenientemente *s* ou *z*:

limpo defender barão surdo freguês

b) Forme verbos a partir de:

análise síntese paralisia civil liso

23. (UFPR) Assinale a alternativa correspondente à grafia correta dos vocábulos: desli*e, vi*inho, atravé*, empre*a.

a) z, z, s, s
b) z, s, z, s
c) s, z, s, s
d) s, s, z, s
e) z, z, s, z

24. (Fuvest-SP) Preencha os espaços com as palavras grafadas corretamente.

A (*) de uma guerra nuclear provoca uma grande (*) na humanidade e a deixa (*) quanto ao futuro.

a) espectativa, tensão, exitante
b) espectativa, tenção, hesitante
c) expectativa, tensão, hesitante
d) expectativa, tenção, hezitante
e) espectativa, tenção, exitante

25. (UFV-MG) Observando a grafia das palavras destacadas nas frases abaixo, assinale a alternativa que apresenta erro:

a) Aquele **hereje** sempre põe **empecilho** porque é muito **pretencioso**.
b) Uma falsa meiguice encobria-lhe a **rigidez** e a falta de **compreensão**.
c) A **obsessão** é prejudicial ao **discernimento**.
d) A **hombridade** de caráter eleva o homem.
e) Eles **quiseram** fazer **concessão** para não **ridicularizar** o **estrangeiro**.

26. (UEL-PR) As questões da prova eram (*), (*) de (*).

a) suscintas, apesar, difíceis
b) sucintas, apezar, dificeis
c) suscintas, apezar, dificeis
d) sucintas, apesar, difíceis
e) sucintas, apezar, difíceis

27. (USM-SP) Assinale a alternativa cujas palavras estão todas corretamente grafadas:

a) pajé, xadrês, flecha, misto, aconchego
b) abolição, tribo, pretensão, obsecado, cansaço
c) gorjeta, sargeta, picina, florescer, consiliar
d) xadrez, ficha, mexerico, enxame, enxurrada
e) pagé, xadrês, flexa, mecherico, enxame

28. (UFF-RJ) Assinale, nas séries abaixo, aquela em que pelo menos uma palavra contém erro de grafia:

a) capixaba, através, granjear
b) enxergar, primazia, cansaço, majestade
c) flexa, topázio, pagé, desumano
d) chuchu, Inês, dossel, gíria
e) piche, Teresinha, classicismo, jeito

29. (FCC-SP) Estavam (*) de que os congressistas chegassem (*) para a (*) de abertura.

a) receosos, atrasados, sessão
b) receosos, atrazados, seção
c) receiosos, atrazados, seção
d) receiosos, atrasados, sessão
e) receiosos, atrazados, sessão

30. (FCC-SP) A (*) das (*) levou à (*) dos trabalhos do departamento.

a) contenção, despezas, paralisação
b) contensão, despezas, paralisação
c) contenção, despesas, paralisação
d) contensão, despesas, paralização
e) contenssão, despesas, paralização

31. (Unimep-SP) Assinale a alternativa que contém o período cujas palavras estão grafadas corretamente:

a) Ele quiz analisar a pesquisa que eu realizei.
b) Ele quiz analizar a pesquisa que eu realizei.
c) Ele quis analisar a pesquisa que eu realizei.
d) Ele quis analizar a pesquisa que eu realisei.
e) Ele quis analisar a pesquisa que eu realisei.

32. (UPM-SP) Aponte a alternativa correta:

a) exceção, excesso, espontâneo, espectador
b) excessão, excesso, espontâneo, espectador
c) exceção, exceço, expontâneo, expectador
d) excessão, excesso, espontâneo, expectador
e) exeção, exeço, expontâneo, expectador

33. (UPM-SP) Assinale a alternativa que preencha os espaços corretamente.

Com o intuito de (*) o trabalho, o aluno recebeu algumas incumbências: (*) datas, (*) o conteúdo e (*) um estilo mais moderno.

a) finalisar, pesquisar, analisar, improvisar
b) finalizar, pesquisar, analisar, improvisar
c) finalizar, pesquizar, analisar, improvisar
d) finalisar, pesquisar, analizar, improvizar
e) finalizar, pesquisar, analisar, improvizar

34. (ITA-SP) Em qual das alternativas as palavras estão grafadas corretamente?

a) receoso, reveses, discrição, umedecer
b) antidiluviano, sanguissedento, aguarraz, atribue
c) ineludivel, engolimos, sobressaem, explendoroso
d) encoragem, rijeza, tecitura, turbo-hélice
e) dissensão, excurcionar, enxugar, asimétrico

35. (FCC-SP) Com (*) não raro (*), ele persegue a fama.

a) tenacidade, obscecado
b) tenacidade, obcecada
c) tenascidade, obscecada
d) tenascidade, obcecada
e) tenacidade, obsecada

36. (PUC-RJ) Preencha as lacunas com *s*, *ss*, *ç*, *sc*, *sç*, *xc* ou *x*:

a) Exigiu ser re*arcido da quantia que havia pago.
b) O perfume da vela re*endia por toda a casa.
c) A e*entricidade era sua característica mais marcante.

37. (ITA-SP) Examinando as palavras:

viajens gorgeta maizena chícara

constatamos que:

a) apenas uma está escrita corretamente.
b) apenas duas estão escritas corretamente.
c) três estão escritas corretamente.
d) todas estão escritas corretamente.
e) nenhuma está escrita corretamente.

Capítulo 4

Acentuação

Reprodução/Editora Abril

Superinteressante. São Paulo: Abril, fev. 2008, ed. 249. p. 87.

Lendo esse texto, você perceberá um fato (aparentemente) espantoso: a maioria das palavras não recebe acento gráfico.

O princípio que presidiu à elaboração das regras de acentuação do português foi justamente o da economia, reservando os acentos gráficos para as palavras minoritárias da língua.

1. Conceitos básicos

Neste capítulo, estudaremos as regras de acentuação. Elas foram criadas para estabelecer um sistema que organize a questão da tonicidade (intensidade de pronúncia) da sílaba portuguesa.

Quando você diz *café*, uma das sílabas é pronunciada com mais intensidade do que a outra.

Você deve ter percebido que a sílaba mais forte é *fé*, que é a tônica. A outra sílaba, *ca*, é fraca, ou seja, é pronunciada com pouca intensidade tonal. Por isso é átona. A parte da acentuação que estuda a posição dessas sílabas nas palavras recebe o nome de **acentuação tônica**.

Na língua escrita, há elementos que procuram representar a posição da sílaba tônica e outras particularidades, como timbre (abertura) e nasalização das vogais. Esses elementos são os chamados acentos gráficos. O estudo das regras que disciplinam o uso adequado desses sinais é a **acentuação gráfica**.

2. Acentuação tônica

Quem é que não conhece aquela famosa brincadeira que se faz com as palavras *sabia/sabiá*? "Você sabia que o sabiá sabia assobiar?" A brincadeira se baseia na diferente posição da sílaba tônica de *sabia* (bi) e de *sabiá* (á). Seria possível, ainda, acrescentar à brincadeira a palavra *sábia*, cuja sílaba tônica é *sá*.

Na língua portuguesa, a sílaba tônica pode aparecer em três diferentes posições; consequentemente, as palavras podem receber três classificações quanto a esse aspecto:

a. oxítonas – são aquelas cuja sílaba tônica é a última:

você	café	jiló	alguém	ninguém	paul
ruim	carcará	vatapá	anzol	condor	

b. paroxítonas – são aquelas cuja sílaba tônica é a penúltima:

gente	planeta	homem	alto	âmbar	éter
dólar	pedra	caminho	amável	táxi	hífen
álbum	vírus	tórax			

c. proparoxítonas – são aquelas cuja sílaba tônica é a antepenúltima:

lágrima	trânsito	xícara	úmido	Alcântara
mágico	lâmpada	ótimo	médico	fanático

Você observou que, nos exemplos dados para os três casos, só há palavras com mais de uma sílaba. Com relação às de apenas uma sílaba, os chamados **monossílabos**, há divergências quanto a sua classificação tônica. Quando apresentam tonicidade, como no caso de *má*, *pó*, *fé*, há quem as considere simplesmente monossílabos tônicos. Outros preferem dizer que são "oxítonas de apenas uma sílaba". A questão é polêmica, mas a primeira tese (monossílabos tônicos) tem mais adeptos.

É importante destacar que só se percebe se um monossílabo é tônico ou átono pronunciando-o numa sequência de palavras, ou seja, numa frase. Experimente com o verbo *pôr* e a preposição *por*. Leia a frase "Fazer por fazer" e depois substitua o verbo *fazer* pelo verbo *pôr* ("Pôr por pôr"). Que tal? Fica clara a diferença entre o verbo, que é tônico, e a preposição, que é átona.

Qual é a sílaba tônica de *pele*? Como boa parte dos brasileiros pronuncia o segundo *e*? Como *i* ("peli"), não é? O *e* átono é pronunciado pela maioria dos brasileiros como *i*, e o *o* átono, como *u*.

A classificação das palavras em oxítonas, paroxítonas ou proparoxítonas aplica-se às palavras com mais de uma sílaba. Já os vocábulos de apenas uma sílaba que apresentam tonicidade (como *pé*) são chamados monossílabos tônicos pela maioria dos gramáticos, ou de "oxítonas de apenas uma sílaba", como preferem alguns.

Edusp/Imprensa Oficial do Estado

TORELLY, Aparício (o Barão de Itararé). *Almanhaque para 1949*. 3. ed. São Paulo: Imprensa Oficial de São Paulo/Edusp/Studioma, 2003. p. 38.

Veja ainda esta frase:

Há pessoas extremamente **más**, **mas** há outras extremamente boas.

Percebeu a diferença entre *más* e *mas*? A primeira é um monossílabo tônico; a segunda é um monossílabo átono.

Em português, existem algumas palavras dissílabas átonas, como a preposição *para*.

Prosódia

É muito comum a divergência entre a pronúncia praticada no dia-a-dia e a recomendada pelos dicionários e gramáticas. Quase ninguém pronuncia "dúplex" (paroxítona), como recomendaram os dicionários, durante um bom tempo. O que se ouve mesmo é "duplex" (oxítona), forma que as edições mais recentes dos dicionários finalmente abonaram. A parte da fonologia que estuda e fixa a posição da sílaba tônica é a **prosódia**. Quando ocorre um erro de prosódia, ou seja, a troca da posição da sílaba tônica, verifica-se o que se chama de **silabada**. É bom lembrar que a pronúncia culta sempre prevalece nesses casos.

Leia em voz alta as palavras a seguir, destacando a sílaba tônica. Procure memorizar e empregar a forma culta desses vocábulos.

São **oxítonas**:

cate**ter**	con**dor**	ru**im**	ure**ter**	No**bel**	mi**ster**

São **paroxítonas**:

a**va**ro	aus**te**ro	a**zia**go	ci**clo**pe	fi**lan**tropo	i**be**ro
pu**di**co	ju**ni**ores	**lá**tex	re**cor**de	ru**bri**ca	**têx**til

São **proparoxítonas**:

ae**ró**lito	**ín**terim	a**rí**ete	**bá**varo	cri**sân**temo	**trân**sfuga

Existem palavras que admitem dupla pronúncia:

acróbata/acro**ba**ta	hie**ró**glifo/hiero**gli**fo	**ró**ptil/rep**til**	Oce**â**nia/Ocea**ni**a
xérox/xe**rox**		proj**é**til/proje**til**	transís**tor**/transis**tor**

O melhor mesmo é não "chutar". Dúvidas quanto à prosódia devem ser resolvidas por meio de consulta a um bom dicionário.

Atividades

1. Classifique as palavras destacadas nas frases a seguir, de acordo com a posição da sílaba tônica:

a) Declaro que **premio** apenas quem merece.

b) Quem recebeu o **prêmio** não se surpreendeu.

c) Sou **fotógrafo** e **fotografo** o que é digno de nota.

d) **Anuncio** o que faço, e tal **anúncio** está à disposição de todos.

e) Anos antes ele **cantara** no Teatro Municipal.

f) Anunciaram que ele **cantará** no Teatro Municipal.

g) Não **contem** com a participação dele. Ele alega que nosso movimento **contém** interesses particulares e que, por isso, não **está** disposto a contribuir para **esta** causa.

h) Tudo não passou de um **equívoco**.

i) Raramente me **equivoco**.

j) Você conhece alguém que saiba tocar **cítara**?

k) Ele **citara** o nome do amigo durante o primeiro depoimento. Todos aguardam para saber se ele o **citará** novamente.

2. Classifique os monossílabos destacados nas frases seguintes, de acordo com a tonicidade:

a) O caminho **por** onde vou para casa é sempre o mesmo.

b) Suas malas? Vou **pôr** onde houver espaço.

c) **Que** tipo de candidato você elegeu na última eleição? E **por quê**?

d) Eram pessoas **más**, **mas** poucos sabiam disso.

e) Eles **se** conheceram **há** poucos meses.

f) **Sê** feliz com teus sonhos, meu amigo, **e** constrói **a** tua vida.

3. Substitua cada uma das palavras ou expressões destacadas nas frases seguintes por uma única palavra. As palavras procuradas costumam oferecer problemas de prosódia; por isso, esteja atento e não cometa silabadas.

a) O **grande pássaro andino** é o símbolo da América do Sul.

b) Foi necessário introduzir um **instrumento médico tubular** em seu antebraço.

c) É **necessário** fiscalizar a atividade dos prefeitos e vereadores.

d) O sabor da comida não era **mau**, mas seu aspecto era desanimador.

e) É um **indivíduo que evita o convívio social**. Sua conduta é **cheia de gravidade e seriedade**.

f) Ele se diz um especialista em **leitura das mãos** e **leitura das cartas**. E jura que só presta serviços **que não custam nada**.

g) A partida entre o time **dos mais jovens** e o time **dos mais velhos** bateu **a melhor marca** anterior de pontos marcados.

h) Não foi possível obter a **assinatura abreviada** dos participantes do encontro.

i) O **modelo** do avião estava em exposição nos arredores do **campo de pouso e decolagem**.

j) Fomos e voltamos em poucos minutos; nesse **intervalo**, ele desapareceu.

3. Acentuação gráfica

Os acentos

A acentuação gráfica consiste na aplicação de certos sinais gráficos sobre algumas letras para representar o que foi estipulado pelas regras de acentuação, que estudaremos adiante. Esses sinais, que fazem parte dos diacríticos – além dos acentos, o trema, o til, o apóstrofo e o hífen –, são:

a. o **acento agudo** (´) – colocado sobre as letras *a*, *i*, *u* e sobre o *e* do grupo *em*, indica que essas letras representam as vogais tônicas da palavra: carcará, caí, súdito, armazém. Sobre as letras *e* e *o*, indica, além de tonicidade, timbre aberto:

lépido céu léxico herói

b. o **acento circunflexo** (^) – colocado sobre as letras *a*, *e* e *o*, indica, além de tonicidade, timbre fechado:

lâmpada pêssego supôs êmbolo Atlântico

c. o **trema** (¨) – utiliza-se apenas em palavras derivadas de nomes próprios estrangeiros:

mülleriano (de Müller) hübneriano (de Hübner)

d. o **til** (~) – indica que as letras *a* e *o* representam vogais nasais:

alemã órgão portão expõe corações ímã

e. o **acento grave** (`) – indica a ocorrência da fusão da preposição *a* com os artigos *a* e *as*, com os pronomes demonstrativos *a* e *as* e com a letra *a* inicial dos pronomes *aquele, aquela, aqueles, aquelas, aquilo*:

à às àquele àquilo

Aspectos genéricos das regras de acentuação

As regras de acentuação foram criadas para sistematizar a leitura das palavras portuguesas. Seu objetivo é deixar claros todos os procedimentos necessários para que não se tenha nenhuma dúvida quanto à posição da sílaba tônica, o timbre da vogal, a nasalização da vogal.

As regras fundamentais de acentuação gráfica baseiam-se numa constatação que pode facilmente ser observada nas palavras que aparecem na canção "Onde anda você", de Hermano Silva e Vinicius de Moraes, cuja letra diz:

E por falar em saudade
Onde anda você?
Onde andam seus olhos
Que a gente não vê?
Onde anda esse corpo
Que me deixou morto
De tanto prazer?

E por falar em beleza
Onde anda a canção
Que se ouvia na noite
Dos bares de então
Onde a gente ficava
Onde a gente se amava
Em total solidão?

Hoje eu saio na noite vazia
Numa boemia sem razão de ser
Na rotina dos bares
Que apesar dos pesares
Me trazem você

E por falar em paixão
Em razão de viver
Você bem que podia me aparecer
Nesses mesmos lugares
Na noite, nos bares
Onde anda você?

Disponível em: <www.viniciusdemoraes.com.br>. Acesso em: 10 mar. 2008.

© 1974 By Tonga (BMG Music Publishing Brasil Ltda.).

Há no texto cento e seis palavras. Você pode conferir, se não confiar na contagem. Aproveite e procure as palavras proparoxítonas do texto. Procurou? Quantas há? Nenhuma. Das palavras de mais de uma sílaba (sessenta e duas), quarenta e três são paroxítonas. Esses dados correspondem exatamente ao perfil básico da tonicidade das palavras da língua portuguesa: as proparoxítonas são pouco comuns, as paroxítonas são maioria e as oxítonas ocupam a vice-liderança.

Além disso, é possível observar que todas as paroxítonas do texto terminam em *a*, *e* e *o*, e nenhuma recebe acento gráfico. Esses fatos provam que as regras foram feitas para evitar a acentuação das palavras mais comuns na língua. Aliás, você deve ter percebido que, das cento e seis palavras do texto, apenas oito recebem algum tipo de acento, incluindo o til, e que só a palavra *você* apareceu quatro vezes.

E por que *você*, oxítona terminada em *e*, leva acento? Porque as oxítonas terminadas em *e* são menos numerosas que as paroxítonas terminadas em *e*. Para comprovar isso, basta verificar que quase todos os verbos apresentam pelo menos uma forma paroxítona terminada em *e* (fale, pense, grite, estude, corre, sofre, perde, vende, permite, dirige, assiste, invade). E o que se acentua, a maioria ou a minoria? A minoria, sempre a minoria.

Que tal, então, parar de dizer que há muitos acentos em português?

Em DVD

Divulgação

***Vinicius*. Direção de Miguel Faria Jr. Brasil: Paramount, 2006. (124 min).**

Acompanhe neste DVD detalhes da vida e da obra de um dos nossos maiores poetas: Vinicius de Moraes. Intelectual reconhecido internacionalmente, Vinicius produziu uma obra inesquecível. São mais de quatrocentos poemas, além de músicas eternas como "Garota de Ipanema", composta em parceria com Tom Jobim. Acompanha o DVD um manuscrito de um poema em papel especial.

As regras básicas

Como vimos, as regras de acentuação gráfica procuram reservar os acentos para as palavras que se enquadram nos padrões prosódicos menos comuns da língua portuguesa. Disso, resultam as seguintes regras básicas:

a. proparoxítonas – são todas acentuadas. É o caso de:

lâmpada Atlântico Júpiter ótimo flácido relâmpago trôpego lúcido víssemos

Joaquín Salvador Lavado/Quino/Mafalda 6

QUINO. *Mafalda* 6. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 37.

Nessa tirinha, as palavras *japonésidos* e *antipátida*, inventadas por Miguelito, são proparoxítonas, como *antípodas* e *estúpido*.

b. paroxítonas – são as palavras mais numerosas da língua e justamente por isso as que recebem menos acentos. São acentuadas as que terminam em:

- i, is

  táxi beribéri lápis grátis

- us, um, uns

  vírus bônus álbum

  parabélum (arma de fogo) álbuns parabéluns

- l, n, r, x, ps

incrível	útil	próton	elétron	éter
mártir	tórax	ônix	bíceps	fórceps

- ã, ãs, ão, ãos

ímã	órfã	ímãs	órfãs	bênção	órgão	órfãos	sótãos

- ditongo oral, crescente ou decrescente, seguido ou não de *s*

água	árduo	pônei	vôlei
cáries	mágoas	pôneis	jóqueis

c. oxítonas – são acentuadas as que terminam em:

- a, as

Pará	vatapá
estás	irás

- e, es

você	café
Urupês	jacarés

- o, os

jiló	avô
retrós	supôs

- em, ens

alguém	vintém
armazéns	parabéns

Camelô

Cildo Meireles. *Camelô* (1998). Instalação com dimensões variáveis.

Camelô: oxítona acentuada por terminar em *o*.

Arte e artistas plásticos no Brasil 2000. São Paulo: Metalivros, 2000. p. 57.

d. monossílabos tônicos – são acentuados os terminados em:

- a, as

pá	vá	gás	Brás

- e, es

pé	fé	mês	três

- o, os

só	xô	nós	pôs

Oposição entre oxítonas e paroxítonas

Verifique que as regras de acentuação criam um sistema de oposição entre as terminações das oxítonas e as das paroxítonas. Compare as palavras dos pares seguintes e note que os acentos das paroxítonas e os das oxítonas são mutuamente excludentes:

portas (paroxítona, sem acento)	atrás (oxítona, com acento)
pele (paroxítona, sem acento)	café (oxítona, com acento)
corpo (paroxítona, sem acento)	maiô (oxítona, com acento)
garantem (paroxítona, sem acento)	alguém (oxítona, com acento)
hifens (paroxítona, sem acento)	vinténs (oxítona, com acento)
táxi (paroxítona, com acento)	aqui (oxítona, sem acento)

Atividades

1. A relação a seguir é formada por palavras inventadas. Observe atentamente cada uma delas e, baseado no seu conhecimento sobre o sistema de regras de acentuação da língua portuguesa, coloque os acentos gráficos que julgar necessários:

a) astrider (proparaxítona)
b) sensinen (paroxítona)
c) felo (oxítona, *o* fechado)
d) nerta (oxítona, *a* nasal)
e) mardo (paroxítona)
f) aminho (proparoxítona)
g) carpips (paroxítona)
h) crestons (oxítona)
i) explons (paroxítona, *e* fechado)
j) mirmidens (paroxítona)
k) curquens (oxítona)
l) artu (paroxítona)
m) quistuns (oxítona)
n) arclovel (paroxítona, *o* aberto)
o) cipodeis (paroxítona, *o* aberto)
p) ormar (oxítona)
q) senser (paroxítona, *e* fechado)
r) lolux (oxítona)
s) atonde (paroxítona)
t) cliclex (paroxítona)

2. Nas frases seguintes, cada palavra ou expressão destacada substitui um monossílabo cujo número de letras vem indicado entre parênteses. Procure identificar esse monossílabo, grafando-o corretamente:

a) **Entregue** (2) os papéis a ele. Diga-lhe que não **coloquei** (3) minha rubrica em nenhum deles porque não concordo com as ideias expostas.
b) **Existem** (2) motivos para temer as pessoas **ruins** (3).
c) Ele nos faz uma visita a cada **trinta dias** (3).
d) **Colocou** (3) as mãos em operação e tentou desfazer os **emaranhados** (3) que as crianças haviam deixado na linha.
e) Comprou diversas **ferramentas para cavar** (3).
f) Hoje ele deu duro: espanou **poeira** (2), carregou botijões de **combustível para fogão de cozinha** (3), lavou o **piso** (4) e ainda **colocou** (3) nossa única **cabeça de gado** (3) no pasto.
g) Sentimos **pena** (2) e revolta.

3. No texto a seguir, os acentos de algumas palavras foram retirados. Leia-o atentamente e recoloque aqueles que estão faltando.

Tradiçao mutante

Cambinda Estrela, Sol Nascente, Elefante, Encanto do Dende, Cambinda Africano, Gato Preto, Linda Flor. No carnaval, varios grupos de maracatu incendeiam as ruas do Recife. O "cortejo real" e acompanhado por um conjunto de percussão com grandes tambores (afaya), caixas, tarois, gongues (agogos com uma campanula) e mineiros (especie de ganza ou chocalho).

Mas, apesar de toda a sua fama, experimente perguntar à populaçao: o que e maracatu? Poucos poderao responder.

Nem mesmo folcloristas e antropologos chegam a um consenso. Ha quem defina o maracatu como a parte festiva dos xangos (os candombles recifenses). Tambem e visto como folguedo ou simples agrupamento afrodescendente voltado para a diversao. Entretanto, e muito mais do que isso. Por meio de complexos arranjos politico-culturais, o maracatu envolve ao mesmo tempo diversao, lazer, constituiçao de identidades e afirmaçao religiosa.

LIMA, Ivaldo Marciano de França. Tradição mutante. *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro: Sociedade de Amigos da Biblioteca Nacional(Sabin), ano 3, n. 29, fev. 2008. p. 72-4.

As regras especiais

Além dessas regras que você acabou de estudar e que se baseiam na posição da sílaba tônica e na terminação, há outras, que levam em conta aspectos específicos da sonoridade das palavras. Essas regras são aplicadas nos seguintes casos:

Hiatos

Quando a segunda vogal do hiato for *i* ou *u*, tônicos, acompanhados ou não de *s*, haverá acento:

saída	proíbo	faísca	caíste	saúva	viúva
balaústre	carnaúba	país	aí	baú	Jaú

Cuidado! Não haverá acento se:

- o *i* for seguido de *nh*; é o caso de *rainha, moinho, tainha, campainha*;
- a vogal *i* ou a vogal *u* se repetirem, como em *vadiice, sucuuba, mandriice, xiita;*
- a vogal *i* ou a vogal *u* forem precedidas de ditongo, como em *feiura, baiuca, boiuno.*

Quando, porém, a vogal *i* ou a vogal *u* do hiato forem precedidas de ditongo, mas constituírem palavras **oxítonas** e estiverem em posição final, seguidas ou não de *s*, **serão acentuadas**, como em *Piauí, teiú(s), tuiuiú(s)*.

Convém lembrar que:

- quando a vogal *i* ou a vogal *u* forem acompanhadas de outra letra que não seja *s*, não haverá acento: *ruim, juiz, paul, Raul, cairmos, contribuiu, contribuinte, cauim.*

Piauí. São Paulo: Abril, n. 17, fev. 2008. Capa.

Editora Alvinegra

Língua Portuguesa. São Paulo: Segmento, ano III, n. 28, fev. 2008. p. 62-3.

Reprodução/Editora Segmento

Na palavra *Piauí*, a vogal *i* do hiato é acentuada, pois está em posição final na palavra, apesar de ser precedida de ditongo (Pi-au-í). Já na palavra *raiz*, a vogal *i* não é acentuada graficamente, pois é acompanhada pela letra *z* na sílaba (ra-iz). No plural, porém, essa vogal deve receber acento agudo, pois permanece isolada na sílaba: ra-í-zes.

Depois do *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa* (1990), não mais se acentua a primeira vogal tônica nos grupos *ee* e *oo*: *veem, leem, creem, deem, releem, preveem, descreem, enjoo, voo, abotoo, magoo.*

Note que a terminação *eem* é exclusiva dos verbos *crer, dar, ler, ver* e derivados (*descrer, reler, prever, rever, antever* e outros). Não ocorre a terminação *eem* nos verbos *ter, vir* e derivados (*deter, entreter, manter, conter, reter, obter, abster, intervir, convir, provir* e outros).

Ditongos

Ocorre acento na vogal tônica dos ditongos *ei, eu, oi* desde que sejam abertos e em final de palavra (nas palavras oxítonas ou nos monossílabos), como em:

anéis	aluguéis	coronéis	céu	herói
chapéu	réu	véu	troféu	anzóis

Atenção! Não se acentuam graficamente os ditongos *ei* e *oi* tônicos das palavras paroxítonas, quer tenham timbre aberto, quer tenham timbre fechado. Assim, escrevem-se sem acento: *apoiam, heroico, joia, ideia, assembleia, colmeia, estoico, esferoide, geleia, baleia, cadeia, apoio (substantivo), apoio (verbo), jiboia, comboio, paranoico* etc.

Cuidado! Não haverá acento se o ditongo for aberto, mas não tônico: *chapeuzinho, heroizinho, aneizinhos, pasteizinhos, ideiazinha.* Você notou que, em todas essas palavras, a sílaba tônica é *zi.*

Após o *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa* (1990), não se coloca mais trema sobre a letra *u* pronunciada atonamente (semivogal) nos grupos *gue, gui, que, qui,* nos quais ocorre ditongo crescente:

unguento tranquilo consequência arguir linguística

Atenção! Nesses mesmos grupos (*gue, gui, que, qui*), a letra *u* pode ser pronunciada tonicamente. Nesse caso, ela é vogal. Observe, a seguir, a grafia de algumas dessas palavras e, entre parênteses, a sua pronúncia:

apazigue (*apazigúe*)	apaziguem (*apazigúem*)	averigue (*averigúe*)	averiguem (*averigúem*)
argui (*argúi*)	arguem (*argúem*)	oblique (*obliqúe*)	obliquem (*obliqúem*)

Formas verbais seguidas de pronomes oblíquos

Para acentuar as formas verbais associadas a pronomes oblíquos, leve em conta apenas o verbo, desprezando o pronome. Considere a forma verbal do jeito que você a pronuncia e aplique a regra de acentuação correspondente. Em *cortá-lo*, considere *cortá*, oxítona terminada em *a* e, portanto, acentuada. Em *incluí-lo*, considere *incluí*, em que ocorre hiato. Já em *produzi-lo*, não há acento, porque *produzi* é oxítona terminada em *i*.

Em CD

Divulgação

Kid Abelha. Ouvir estrelas. In: *Autolove*. (CD). Warner Music, 1998.

A música do grupo *pop* Kid Abelha é uma adaptação de um trecho do poema Via Láctea, de Olavo Bilac, um dos ícones do parnasianismo, movimento literário brasileiro que predominou no final do século XIX. Aproveite para conhecer a versão musicada do trecho do poema de Bilac enquanto observa a acentuação de algumas das palavras que o compõem, inclusive das formas verbais seguidas por pronomes oblíquos.

Acentos diferenciais

Existem algumas palavras que recebem acento excepcional, para que sejam diferenciadas, na escrita, de suas homófonas. São casos muito particulares e, por isso mesmo, pouco numerosos. Convém iniciar a relação lembrando o acento que diferencia a terceira pessoa do singular da terceira pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos *ter* e *vir*:

ele tem – eles têm ele vem – eles vêm

Com os derivados desses verbos, é preciso lembrar que há acento agudo na terceira pessoa do singular e circunflexo na terceira do plural do presente do indicativo:

ele detém – eles detêm ele intervém – eles intervêm

ele mantém – eles mantêm ele provém – eles provêm

ele obtém – eles obtêm ele convém – eles convêm

Existe apenas um acento diferencial de timbre em português: *pôde* (terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do verbo *poder*), diferencial de *pode* (terceira do singular).

Há ainda o verbo *pôr*, que recebe acento circunflexo para diferenciar-se da preposição *por*.

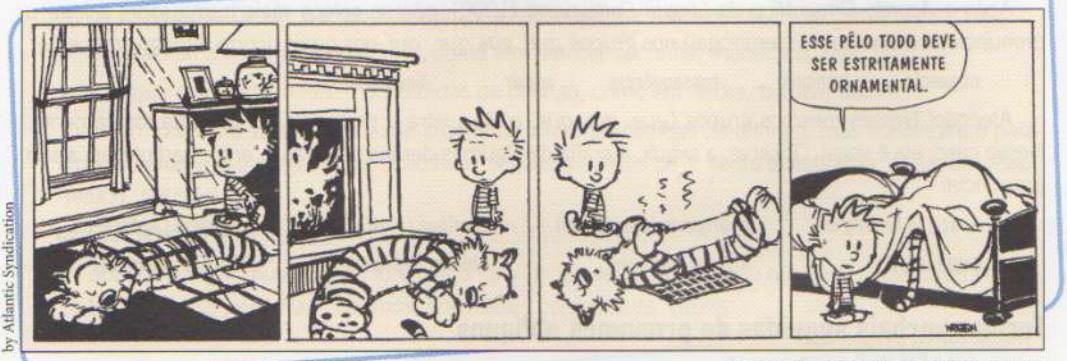

Bill Watterson©2007 Watterson/Dist. by Atlantic Syndication

WATTERSON, Bill. *Felino, selvagem, psicopata, homicida*. São Paulo: Bestt News, 1996. v. 1. p. 49.

O substantivo *pelo*, antes do *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa* (1990), levava acento circunflexo para diferenciar-se de *pelo* (forma do verbo *pelar* que se pronuncia com *e* aberto) e de *pelo* (contração de preposição e artigo).

Finalmente, vale registrar o acento diferencial optativo na palavra *fôrma* que, acredite, pode ser escrita com o acento circunflexo ou sem ele (*fôrma*, que se lê com *o* fechado), para diferenciar-se de *forma* (substantivo) e *forma* (verbo), estas pronunciadas com *o* aberto.

Desde o *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa* (1990), não são mais assinaladas com acento gráfico as palavras homógrafas relacionadas a seguir. Entre parênteses, há a indicação de timbre aberto (é/ó) ou fechado (ê/ô):

pola (*ô*) (substantivo)

pola (*ó*) (substantivo)

pola (contração arcaica de preposição e artigo)

polo (*ô*) (substantivo)

polo (*ó*) (substantivo)

polo (contração arcaica de preposição e artigo)

para (forma do verbo *parar*)

para (preposição)

coas, coa (formas do presente do indicativo do verbo *coar*)

coas, coa (preposição *com* + artigo *a* e *as*, respectivamente; essas formas são comuns em poesia)

pela, pelas (*é*) (formas do verbo *pelar*, ou substantivos)

pela, pelas (contrações de preposição e artigo)

pera (*ê*) (substantivo)

pera (*é*) (substantivo)

pera (preposição arcaica)

pero, Pero (*ê*) (substantivos)

pero (conjunção arcaica)

Quadro geral das regras de acentuação

Com observações sobre a situação de cada caso em relação ao *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa* (1990).

Proparoxítonas, paroxítonas, oxítonas e monossílabos tônicos

regra	exemplos	situação
Proparoxítonas: acentuam-se todas.	ônibus, câmara, úmido, simpático	mantida
Paroxítonas: acentuam-se as terminadas em: • i, is • us, um, uns • l, n, r, x, ps • ã, ãs, ão, ãos • ditongo oral	 táxi, lápis bônus, álbum, álbuns útil, hífen, éter, bíceps ímã(s), órgão(s) história(s), ciência(s), provérbio(s)	mantida
Oxítonas: acentuam-se as terminadas em: • a, as • e, es • o, os • em, ens	 sofá, acarás café, pontapés avô, jilós também, armazéns	mantida
Monossílabos tônicos: acentuam-se os terminados em: • a, as • e, es • o, os	 já, pás fé, pés, três, pré só, pós, pró	mantida

Acentuação do hiato

regra	exemplos	situação
O *i* e o *u* tônicos do hiato são acentuados quando isolados na sílaba ou acompanhados de *s*.	saída (sa-í-da), saíste (sa-ís-te), conteúdo (con-te-ú-do), balaústre (ba-la-ús-tre)	mantida
Não são acentuados quando, mesmo isolados na sílaba • forem seguidos de *nh* • a vogal *i* ou *u* estiverem repetidas • a vogal *i* ou *u* forem precedidas de ditongo	 rainha, bainha, moinho xiita, sucuuba feiura (fei-u-ra), baiuca (bai-u-ca)	 mantida mantida **nova!**
São acentuados, porém, quando forem antecedidos de ditongo, mas estiverem em posição final na palavra.	Piauí (Pi-au-í), teiú (tei-ú), tuiuiú (tui--ui-ú)	mantida
Não se acentuam quando formarem sílaba com outra letra que não seja *s*.	ruim (ru-im), juiz (ju-iz), Raul (Ra-ul), cairmos (ca-ir-mos), saindo (sa-in-do), saiu (sa-iu), cauim (cau-im)	mantida
Não se acentua a primeira vogal dos grupos *oo* e *ee*.	voo, coo, enjoo, abotoo, creem, leem, veem, deem, reveem	**nova!**

Acentuação do ditongo

regra	exemplos	situação
Acentua-se a vogal tônica dos ditongos abertos *ei*, *eu*, *oi* em final de palavra (oxítonas ou monossílabas).	anéis, papéis, réu, céu, réis, herói, anzóis, caracóis	mantida (É novo o fato de serem acentuados apenas em posição final na palavra.)
Não se acentuam os ditongos *ei* e *oi* tônicos das palavras paroxítonas.	ideia, joia, jiboia, geleia, comboio, apoio (subst.), apoio (verbo), heroico, assembleia	**nova!**

Trema

regra	exemplos	situação
Não se coloca o trema sobre a letra *u* pronunciada dos grupos *gu* ou *qu* seguidos de *i* ou *e*.	lingueta, sagui, unguento, consequência, sequestro, cinquenta	**nova!**
O trema permanece nas palavras derivadas de nomes estrangeiros usados com trema.	Müller – mülleriano	mantida

Acento agudo na vogal *u* tônica dos grupos *gue, gui, que, qui*

regra	exemplos	situação
Não se acentua a vogal *u* tônica dos grupos *gue, gui, que, qui* de alguns verbos (*averiguar, arguir, apaziguar, obliquar*).	averigue, apazigue, averiguem, apaziguem, oblique, obliquem, argui, arguem	**nova!**

Acentos diferenciais

regra	exemplos	situação
Verbos *ter* e *vir*: acentua-se a terceira pessoa do plural do presente do indicativo para diferenciar-se da terceira pessoa do singular.	ele tem – eles têm ele vem – eles vêm	mantida
Verbos *conter, obter, reter, deter, abster, convir*: a terceira pessoa do plural do presente do indicativo recebe acento circunflexo para diferenciar-se da terceira pessoa do singular, cuja sílaba tônica é marcada com acento agudo.	ele contém – eles contêm ele obtém – eles obtêm ele retém – eles retêm ele convém – eles convêm	mantida
Pôde / pode: a forma verbal *pôde* (terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo do verbo *poder*, pronuncia-se com *o* fechado) recebe acento circunflexo para diferenciar-se de *pode* (terceira pessoa do singular do presente do indicativo do verbo *poder*, pronuncia-se com *o* aberto).	Ontem ele pôde resolver tudo. Hoje ele pode descansar.	mantida
Pôr / por: acentua-se o verbo *pôr* para diferenciar-se da preposição *por*.	Vou pôr o material aqui. Vou por este caminho.	mantida

regra	exemplos		situação
Não se acentuam as seguintes palavras homógrafas:	pola (*ô*) (substantivo)	pola (*ô*) (substantivo)	nova!
	pola (contração arcaica de preposição e artigo) polo (*ô*) (substantivo)	polo (*ô*) (substantivo) polo (contração arcaica de preposição e artigo)	
	para (forma do verbo *parar*)	para (preposição)	
	coas, coa (formas do presente do indicativo do verbo *coar*)	coas, coa (preposição *com* + artigo *a* e *as*, respectivamente; essas formas são comuns em poesia)	
	pela, pelas (*é*) (formas do verbo *pelar*, ou substantivos)	pela, pelas (contrações de preposição e artigo)	
	pelo, pelos (*ê*) (substantivos)	pelo (*é*) (forma do verbo *pelar*)	
	pera (*ê*) (substantivo) pera (*ê*) (substantivo)	pera (*é*) (substantivo) pera (preposição arcaica)	
	pero, pero (*ê*) (substantivos)	pero (conjunção arcaica)	
É opcional o acento diferencial em:	forma	fôrma	nova!

Textos para análise

1

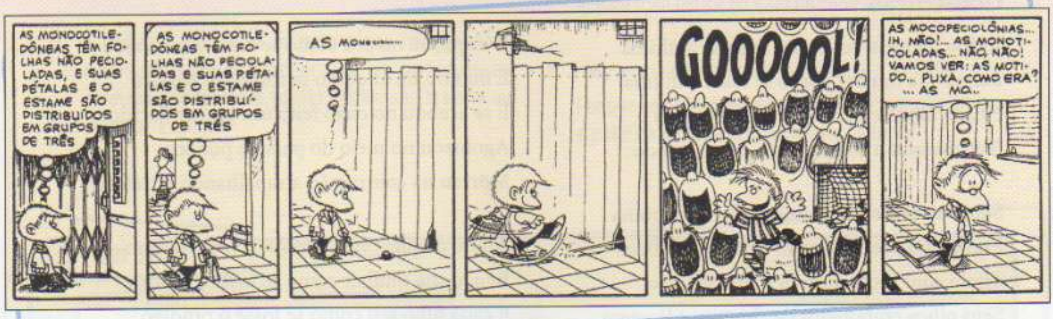

Joaquín Salvador Lavado/Quino/Mafalda 6

QUINO. *Mafalda 6*. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 31.

Trabalhando o texto

1. Há, na tirinha acima, algumas palavras com acento. Justifique seu emprego.

2. Explique o humor da tirinha.

2

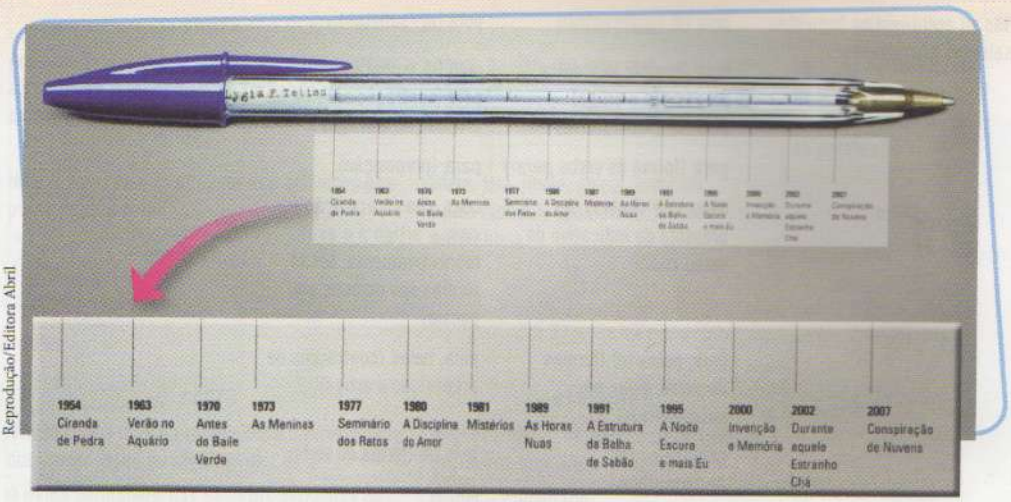

Reprodução/Editora Abril

Superinteressante. São Paulo: Abril, ed. 249, fev. 2008. p. 4-5.

Trabalhando o texto

1. Relacione as palavras paroxítonas acentuadas terminadas em ditongo, presentes nesse anúncio.

2. As palavras paroxítonas terminadas em ditongo constituem o grupo mais numeroso entre as paroxítonas acentuadas graficamente. Faça uma pesquisa nos diversos textos que estiverem a seu alcance e observe se esse fato realmente se confirma. A que outro grupo de palavras não acentuadas elas se opõem?

3. Dentre tantas palavras paroxítonas terminadas em ditongo, há uma não acentuada nesse anúncio. Como você justifica esse fato?

3

Construção

Amou daquela vez como se fosse a última
Beijou sua mulher como se fosse a última
E cada filho seu como se fosse o único
E atravessou a rua com seu passo tímido

Subiu a construção como se fosse máquina
Ergueu no patamar quatro paredes sólidas
Tijolo com tijolo num desenho mágico
Seus olhos embotados de cimento e lágrima

Sentou pra descansar como se fosse sábado
Comeu feijão com arroz como se fosse príncipe
Bebeu e soluçou como se fosse um náufrago
Dançou e gargalhou como se ouvisse música

E tropeçou no céu como se fosse um bêbado
E flutuou no ar como se fosse um pássaro
E se acabou no chão feito um pacote flácido
Agonizou no meio do passeio público
Morreu na contramão atrapalhando o tráfego

Amou daquela vez como se fosse o último
Beijou sua mulher como se fosse a única
E cada filho seu como se fosse o pródigo
E atravessou a rua com seu passo bêbado
Subiu a construção como se fosse sólido
Ergueu no patamar quatro paredes mágicas
Tijolo com tijolo num desenho lógico
Seus olhos embotados de cimento e tráfego

Sentou pra descansar como se fosse um príncipe
Comeu feijão com arroz como se fosse o máximo
Bebeu e soluçou como se fosse máquina
Dançou e gargalhou como se fosse o próximo

E tropeçou no céu como se ouvisse música
E flutuou no ar como se fosse sábado
E se acabou no chão feito um pacote tímido
Agonizou no meio do passeio náufrago

Morreu na contramão atrapalhando o público

Amou daquela vez como se fosse máquina
Beijou sua mulher como se fosse lógico
Ergueu no patamar quatro paredes flácidas
Sentou pra descansar como se fosse um pássaro
E flutuou no ar como se fosse um príncipe
E se acabou no chão feito um pacote bêbado
Morreu na contramão atrapalhando o sábado.

© Copyright 1971 by CARA NOVA EDITORA MUSICAL LTDA. – Av. Rebouças, 1.700 – São Paulo – Brasil. Todos os direitos reservados.

HOLLANDA, Chico Buarque de. In: *Chico Buarque*. São Paulo: Abril Educação, 1980. p. 28-9. Literatura Comentada.

Trabalhando o texto

1. Observe a última palavra de cada um dos versos do texto. Por que todas são acentuadas graficamente?

2. Por que as palavras do tipo a que se refere a questão anterior são todas acentuadas graficamente?

3. Além da última palavra de cada verso, só há uma outra acentuada no texto. Qual é e por que recebe acento gráfico?

4. A partir do que se vê no texto e nas três questões anteriores, pode-se concluir que em português as palavras que recebem acento gráfico são maioria ou minoria? Explique.

5. Observe estas palavras retiradas do texto:

última máquina náufrago música
público tráfego último

Se fosse eliminado o acento gráfico, as palavras continuariam existindo? Explique.

6. Que efeito causa o emprego de palavras de mesma acentuação tônica no final de cada verso? Comente.

7. "Morreu na contramão atrapalhando o sábado."

Por que se pode dizer que essa é uma maneira irônica e patética de sintetizar o espírito do texto?

Em *site*

<www.secrel.com.br/jpoesia/poesia.html>. Acesso em: 11 mar. 2008.

Magnífico *site* sobre crítica literária e poesia em língua portuguesa. O banco de dados do *Jornal da Poesia* não só apresenta poemas de nossos escritores consagrados, mas também letras de música dos maiores artistas de nossa MPB, como Caetano Veloso e Chico Buarque.

Questões de exames e concursos

1. (Badesc/Fepese) Assinalar a alternativa em que todas as palavras estejam com a acentuação gráfica correta.

a) benção – caráter – climax – ambíguo
b) bênção – caráter – clímax – ambígüo
c) benção – carater – climax – ambíguo
d) bênção – caráter – clímax – ambíguo

2. (Pref. de Contagem-MG/Fumarc) A alternativa em que **não** há erro de acentuação gráfica é:

a) Quanto aos juizes, não vejo como distraí-los.
b) O gerente vai transferí-los para outra agência.
c) Alguns itens da listagem anexa precisam ser alterados.
d) Como se escreve socioeconômico? Com ou sem hifen?

3. (Correios/ESPP) Assinale o grupo de palavras cuja acentuação esteja correta.

a) jabuti, ali, plástico, la.
b) Jundiaí, vila, bônus, sótão.
c) céu, pelô, atribui-lo, respeitosamente.
d) supérfluo, café, repórter, máquina.

4. (Ceasa-MG/Fumarc) Ambas as palavras são oxítonas em:

a) ruim / zombaria
b) mister / ibero
c) Nobel / ureter
d) rua / dia

5. (Pref. de Ilha Comprida-SP/Moura Melo) Indique a alternativa em que todos os vocábulos devem ser acentuados:

a) levedo, jovem, juri
b) taxi, juri, juiz
c) magoa, moeda, util
d) biceps, corroi, juri

6. (UPM-SP)

Breve história do tique

A palavra parece nascida da linguagem dos desenhos animados. Segundo alguns, sua clara origem onomatopaica derivaria do alemão *ticken*, que significa "tocar ligeiramente", ou de um termo da medicina veterinária que, já no século XVII, associava *ticq* e *ticquet* a um fenômeno no qual os cavalos sofrem uma súbita suspensão da respiração, seguida por um ruído: uma espécie de soluço que produz no animal comportamentos estranhos e sofrimento. Daí a extensão a várias manifestações que têm em comum a rapidez, o caráter repetitivo e pouco controlável e a piora em situação de *stress*. (Rosella Castelnuovo)

A alternativa que associa corretamente a palavra à regra que justifica sua acentuação gráfica é:

a) veterinária: paroxítona terminada em *a*.
b) século: paroxítona terminada em *o*.
c) fenômeno: proparoxítona.
d) ruído: ditongo *uí*.
e) têm: forma da 3.ª pessoa do singular de um verbo.

7. (Unifesp) Indique a alternativa em que todas as palavras são acentuadas graficamente, segundo a mesma regra:

a) estômago, colégio, fábrica, lâmpada, inflexível
b) Virgílio, fúria, carícias, matéria, colégio
c) trópicos, lábios, fúria, máquinas, elétricas
d) sério, cérebro, Virgílio, sábio, lógico
e) Ésquilo, carícia, Virgílio, átomos, êmbolo

8. (FGV-SP) Assinale a alternativa cujas palavras estejam de acordo com as regras de acentuação gráfica:

a) avaro (sovina), ibero, perito, rubrica, ariete, ínterim
b) ávaro (sovina), íbero, perito, rúbrica, ariete, ínterim
c) ávaro (sovina), íbero, périto, rubrica, aríete, ínterim
d) avaro (sovina), íbero, perito, rúbrica, ariete, ínterim
e) avaro (sovina), íbero, perito, rubrica, aríete, ínterim

9. (Unifal-MG) Assinale a alternativa em que **todas** as palavras prescindem de acentuação gráfica, se forem seguidas as regras da gramática normativa atual:

a) até, ôlho-de-boi, êle
b) ôlho-de-boi, pôde, já
c) prêto, aquêle, capêta
d) até, já, dôido
e) êle, só, ninguém

10. (Unifenas-MG) A mesma regra de acentuação que vale para *rápida*, vale também para:

a) mutável, estaríamos, vírgula, admissíveis
b) vírgula, simbólica, símbolo, hieróglifos
c) ortográfico, colégios, egípcios, língua
d) básicos, difícil, colégios, língua
e) português, inglês, símbolos, língua

11. (Faap-SP) Justifique a acentuação dos seguintes vocábulos:

a) históricos

b) índio

c) país

d) herói

12. (Acafe-SC) Assinale a alternativa **incorreta**:

a) Esôfago, órgão e afôito são palavras acentuadas graficamente.

b) Bêbado, bálsamo e binóculo são proparoxítonas.

c) Exausto, arroio e ofício são palavras trissílabas.

d) Lei e lua apresentam ditongo e hiato, respectivamente.

e) Caminho apresenta sete letras e seis fonemas.

13. (Cefet-PR) Observando a grafia e acentuação, indique a alternativa em que todas as palavras estão corretas:

a) privilégio, espontâneo, ressurreição

b) má-criação, abstração, exitação

c) maciço, sisudez, classissismo

d) acessor, sargeta, senzala

e) incursão, propenção, mixto

14. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa em que o texto está acentuado corretamente.

a) A princípio, metia-me grandes sustos. Achava que Virgilia era a perfeição mesma, um conjunto de qualidades sólidas e finas, amorável, elegante, austera, um modêlo.

b) A princípio, metia-me grandes sustos. Achava que Virgília era a perfeição mesma, um conjunto de qualidades sólidas e finas, amorável, elegante, austera, um modelo.

c) A princípio, metia-me grandes sustos. Achava que Virgília era a perfeição mesma, um conjunto de qualidades solidas e finas, amoravel, elegante, austera, um modêlo.

d) A principio, metia-me grandes sustos. Achava que Virgilia era a perfeição mesma, um conjunto de qualidades sólidas e finas, amorável, elegante, austera, um modelo.

e) A princípio, metia-me grandes sustos. Achava que Virgília era a perfeição mesma, um conjunto de qualidades sólidas e finas, amoravel, elegante, austera, um modelo.

15. (Ceasa-MG/Fumarc) A palavra está acentuada **corretamente** em:

a) Eles intervém em medidas concretas.

b) Não vou pôr este livro na estante.

c) Elas creêm em outras imagens.

d) O prefeito sempre mantêm a palavra.

16. (Pref. de São Leopoldo-RS/Fumarc) Nas palavras *quanto* e *atuo*, encontram-se os seguintes encontros vocálicos, respectivamente:

a) ditongo crescente oral e hiato

b) ditongo crescente nasal e hiato

c) hiato e ditongo crescente oral

d) hiato e tritongo

17. (PUCCamp-SP) Assinale a série em que todos os vocábulos estão escritos de acordo com as normas vigentes de acentuação gráfica:

a) ítem, juízes, juri, córtex, magôo

b) Luís, vírus, eletron, hífens, espírito

c) espontâneo, táxi, rúbrica, bênção, apazigue

d) através, intuito, álbuns, varíola, sauna

e) dolar, zebú, rítmo, atraí-lo, bangalô

18. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que **não** há nenhum erro de ortografia e acentuação.

a) Embora quisesse pôr o caso em discussão, hesitou muito ao perceber o constrangimento de todos.

b) À exceção do representante do corpo doscente, puzeram-se a favor da proposta do ex-reitor sòmente seus ex-discípulos.

c) Atraz de tanta segurança, estava a ocultar todo o ressentimento que remoia a anos.

d) De tanto remexer na memória o que lhe escapava à compreensão, já não sabia mais o quê dava tanta vida àquele amontoado de lembranças.

e) Arrependía-se sempre da rispidez com que a recebia, pois não precisava ser advinho para saber que dali há instantes choraria por ela.

19. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que **não** há nenhum erro de ortografia e acentuação.

a) Estavam estranhando no seu geito, e não entendiam o por que de tanta controvérsia se ela já se pronunciara à favor da nova tese.

b) O trabalho supunha análise minuciosa de vários ítens, o que justificava a exigência de mais tempo para sua execução e de mais material à disposição dos pesquizadores.

c) Obrigado à fazer o que ninguém quiz, sentiu-se humilhado, mas de repente suspos que, atrávéz da difícil tarefa, poderia alcançar notoriedade.

d) Pressentiu que eles não tinham percebido a extensão do problema que apontara, e pôde comprovar sua impressão quando se referiram àquilo que dissera, sem dar o devido peso a suas palavras.

e) Hora aqui, hora alí, corria atrás de suas pretensões, sem nenhum excrúpulo de tirar vantagem do que quer que fôsse.

20. (Unesp-SP) Justifique a acentuação nos seguintes vocábulos:

a) conveniência

b) também

c) matéria

d) espírito

21. (Unesp-SP) *Ruínas* é uma palavra acentuada. Explique por quê. A seguir, responda:

O vocábulo *ruim* deve ou não levar acento? Justifique.

22. (Imprensa Oficial-MG/PUC-MG) Todas as palavras recebem acento agudo pela mesma razão, **exceto**:

a) faísca

b) ícone

c) aí

d) ruína

23. (TA-MG/Fundec) Todas as palavras a seguir devem ser acentuadas graficamente, **exceto**:

a) hifen

b) item

c) biquini

d) juízes

24. (UPM-SP) Assinale a única alternativa em que nenhuma palavra é acentuada graficamente:

a) bonus, tenis, aquele, virus

b) repolho, cavalo, onix, grau

c) juiz, saudade, assim, flores

d) levedo, carater, condor, ontem

e) caju, virus, niquel, ecloga

25. (Banco do Nordeste/Vunesp) Assinale a alternativa em que as três palavras devam ser graficamente acentuadas, segundo as mesmas regras que justificam, respectivamente, a acentuação de *hálito*, *céu* e *gás*.

a) improbo, veu e has.

b) ambrosia, deu e carajas.

c) decano, reu e faz.

d) atono, judeu e ananas.

e) trapezio, camafeu e das.

26. (PUCCamp-SP) [...] não há erro de acentuação na alternativa:

a) surpresa, pelo (contração), sozinho

b) surpresa, pelo (contração), sózinho

c) surprêsa, pélo (verbo), sozinho

d) surpresa, pêlo (substantivo), sòzinho

e) n.d.a.

27. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção em que os vocábulos obedecem à mesma regra de acentuação gráfica:

a) terás/límpida

b) necessário/verás

c) dá-lhes/necessário

d) incêndio/também

e) extraordinário/incêndio

28. (UFF-RJ) Só numa série abaixo estão todas as palavras acentuadas corretamente. Assinale-a.

a) rápido, séde, côrte

b) Satanás, ínterim, espécime

c) corôa, vatapá, automóvel

d) cometí, pêssegozinho, viúvo

e) lápis, raínha, côr

29. (FGV-RJ) Assinale a alternativa em que todas as palavras estão corretamente grafadas:

a) raiz, raízes, sai, apóio, Grajau

b) carretéis, funis, índio, hifens, atrás

c) juriti, ápto, âmbar, dificil, almoço

d) órfão, afável, cândido, caráter, Cristovão

e) chapéu, rainha, Bangú, fossil, conteúdo

30. (UFSC) Assinale a(s) proposição(ões) correta(s).

01. Os acentos gráficos em *corrupião*, *lá* e *baldeação* são justificados pela mesma regra.

02. São classificadas como oxítonas: *corrupião*, *poder* e *conduzi-lo*.

04. As palavras *beira*, *aérea* e *tédio* possuem a mesma classificação quanto à posição da sílaba tônica.

08. Os acentos gráficos dos vocábulos *você*, *protegê*-los e *contém* seguem as regras de acentuação das oxítonas.

16. Em *idade*, *ainda* e *fluido* temos três palavras com o mesmo número de sílabas.

32. As palavras *gratuito*, *debaixo* e *implicou* são trissílabas.

PARTE 2

MORFOLOGIA

Capítulo 5

Estrutura e formação das palavras

Cabelo

Cabelo, cabeleira
Cabeluda, descabela
Cabelo, cabeleira
Cabeluda, descabelada
Quem disse que o cabelo
Não sente

Quem disse que o cabelo
Não gosta de pente
Cabelo quando cresce é tempo
Cabelo embaraçado é vento
Cabelo vem lá de dentro
Cabelo é como pensamento
Quem pensa que cabelo é mato
Quem pensa que cabelo é pasto
Cabelo com orgulho é crina
Cilindros de espessura fina
Cabelo quer ficar pra cima
Laquê, fixador, gomalina
[...]

Jorge Ben Jor e Arnaldo Antunes.
Disponível em: <www.jorgebenjor.com.br>. Acesso em: 19 maio 2008.

Entre os elementos que formam a estrutura de uma palavra, encontra-se o radical, elemento comum a vários vocábulos. No caso da letra da música "Cabelo", temos o radical *cabel-* nas palavras *cabel*o, *cabel*eira, *cabel*uda, des*cabel*a e des*cabel*ada.

1. Morfemas

Sabemos que a morfologia estuda a estrutura, a formação, a classificação e as flexões das palavras. Neste capítulo, iniciamos nossos estudos de morfologia: vamos investigar a estrutura e os processos de formação das palavras de nossa língua.

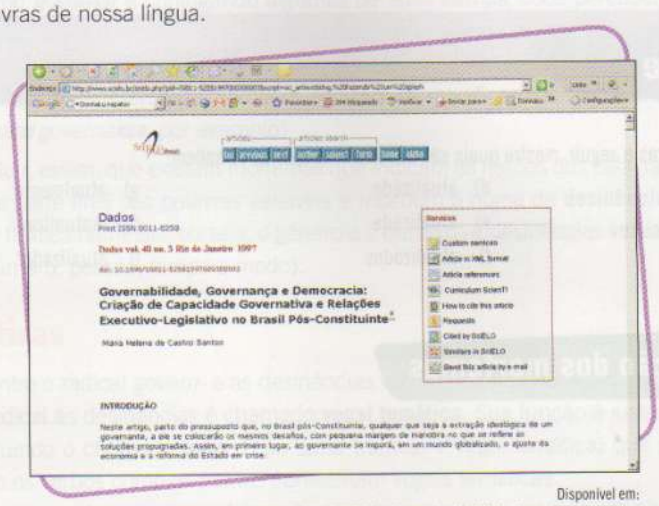

Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?pid=S0011-52581997000300003&script=sci_arttext&tlng, fazendo um splash>. Acesso em: 5 jun. 2008.

Se tomarmos as palavras referentes a *governo* e pensarmos em outras que mantêm alguma semelhança com ela, poderemos encontrar o seguinte grupo:

governo
governa
desgoverno
desgovernado
governadores
governativa
governança
ingovernável
ingovernabilidade

Todas essas palavras têm pelo menos um elemento comum: a forma *govern-*. Além disso, em todas elas há elementos destacáveis, responsáveis pelo acréscimo de algum detalhe de significação. Compare, por exemplo, *governo* e *desgoverno*: o elemento inicial *des-* foi acrescentado à forma *governo*, trazendo o significado de "falta, ausência, carência".

Continuando esse trabalho de comparação entre as várias palavras que selecionamos, podemos depreender a existência de diversos elementos formadores:

govern-o
govern-a
des-govern-o
des-govern-a-do
govern-a-dor-es
govern-a-tiva
govern-ança
in-govern-á-vel
in-govern-a-bil-i-dade

Cada um desses elementos formadores é capaz de fornecer alguma noção significativa à palavra que integra. Além disso, nenhum deles pode sofrer nova divisão. Estamos diante de unidades de significação mínimas, ou seja, elementos significativos indecomponíveis, a que damos o nome de **morfemas**.

Atividade

Comparando as palavras a seguir, mostre quais são os morfemas que as compõem:

a) desatualização
b) atualizar
c) atual
d) atualizado
e) atualizada
f) atualizados
g) atualmente
h) reatualizar
i) atualizador

2. Classificação dos morfemas

Radicais

É o morfema *govern-*, comum a todas as palavras observadas nos exemplos anteriores, que faz com que as consideremos palavras de uma mesma família de significação. Ao morfema comum de uma família de palavras chamamos **radical**; às palavras que pertencem a uma mesma família chamamos **cognatos**. O radical é a parte da palavra responsável por sua significação principal.

Optamos pelo uso do termo *radical* para designar o morfema que concentra a significação principal da palavra e que pode ser depreendido por meio de simples comparações entre palavras de uma mesma família. Intencionalmente, não empregamos o termo *raiz*, que está ligado à origem histórica das palavras. Para identificar a raiz de uma família de vocábulos é necessário um conhecimento específico de etimologia.

Afixos

Já sabemos que o morfema *des-*, que surge em *desgoverno*, é capaz de acrescentar ao significado da palavra *governo* a ideia de "negação, falta, carência". Dessa forma, o acréscimo do morfema *des-* cria uma nova palavra a partir de *governo*. A nova palavra formada tem o sentido de "falta, ausência de governo". De maneira semelhante, o acréscimo do morfema *-dor* à forma *governa-* criou a palavra *governador*, que significa "aquele que governa". Observe que *des-* e *-dor* são morfemas capazes de mudar o sentido do radical a que são anexados. Esses morfemas recebem o nome de **afixos**.

Quando são colocados antes do radical, como acontece com *des-*, os afixos recebem o nome de **prefixos**. Quando, como *-dor*, surgem depois do radical, os afixos são chamados de **sufixos**. Prefixos e sufixos são capazes de introduzir modificações de significado no radical a que são acrescentados. São também, em muitos casos, capazes de operar mudança de classe gramatical da palavra a que são acrescentados. Nas palavras que estamos analisando, merecem destaque alguns afixos:

prefixos	sufixos
des-, em ***des**governo*, ***des**governado*	*-vel*, em *ingover**nável***
in-, em ***in**governável*, ***in**governabilidade*	*-dor*, em *governa**dores***
	-dade, em *ingovernabili**dade***

Desinências

Se você pluralizar a palavra *governo*, encontrará a forma *governos*. Isso nos mostra que o morfema *-s*, acrescentado ao final da forma *governo*, é capaz de indicar a flexão de número desse substantivo.

Tomando o verbo *governar* e conjugando algumas de suas formas, você perceberá modificações na parte final dessa palavra: *governa**va**, governa**vas**, governa**va**, governá**vamos**, governá**veis**, governa**vam**.* Essas modificações ocorrem à medida que o verbo vai sendo flexionado em número (singular/plural) e pessoa (primeira, segunda ou terceira). Também ocorrem se modificarmos o tempo e o modo do verbo (*governa**va**/governa**ra**/governa**sse***, por exemplo).

Podemos concluir, assim, que existem morfemas que indicam as flexões das palavras. Esses morfemas sempre surgem na parte final das palavras variáveis e recebem o nome de **desinências**. Há desinências **nominais** (indicam flexões nominais, ou seja, o gênero e o número) e desinências **verbais** (indicam flexões do verbo, como número, pessoa, tempo e modo).

Vogais temáticas

Observe que entre o radical *govern-* e as desinências verbais surge sempre o morfema *-a-*. Esse morfema que liga o radical às desinências é chamado **vogal temática**. Sua função é justamente a de ligar-se ao radical, constituindo o chamado **tema**. É ao tema (radical + vogal temática) que se acrescentam as desinências. Tanto os verbos como os nomes apresentam vogais temáticas.

Vogais ou consoantes de ligação

Há ainda um último tipo de morfema que podemos encontrar: as vogais ou consoantes de ligação. São morfemas que surgem por motivos eufônicos, ou seja, para facilitar ou mesmo possibilitar a leitura de uma determinada palavra. Temos um exemplo de vogal de ligação na palavra *ingovernabilidade*: o *-i-* entre os sufixos *-bil* e *-dade* facilita a emissão vocal da palavra. Outros exemplos de vogais e consoantes de ligação podem ser vistos nestas palavras:

gasômetro

cafeteira

alvinegro

chaleira

tecnocracia

tricotar

paulada

Na formação do nome da árvore que produz sapoti, o *sapotizeiro*, percebemos a presença da consoante de ligação *z* unindo o nome sapoti ao sufixo -eiro (sapoti + *z* + eiro). Essa consoante pode ser observada também em outros nomes de plantas: juazeiro (juá + *z* + eiro), abacaxizeiro (abacaxi + *z* + eiro), caquizeiro (caqui + *z* + eiro) etc.

SAPOTI. Coleção Plantar, 46. Brasília: Embrapa, 2005. Capa.

Atividade

Faça a depreensão e a classificação dos morfemas formadores das seguintes palavras e flexões:

a) realizar
b) irreal
c) real
d) realmente
e) realizável
f) realizava
g) realizáramos
h) realismo
i) realista

3. Estudo dos morfemas ligados às flexões das palavras

Vogais temáticas

A vogal temática é um morfema que se junta ao radical a fim de formar uma base à qual se ligam as desinências. Essa base é chamada **tema**.

Além de atuar como elemento de ligação entre o radical e as desinências, a vogal temática também marca grupos de nomes e de verbos. Isso significa que existem vogais temáticas nominais e vogais temáticas verbais.

a. vogais temáticas nominais – são *-a*, *-e* e *-o*, quando átonas finais, como nas palavras:

mesa	artista	busca	perda	escola
triste	base	combate	destaque	sorte
livro	tribo	amparo	auxílio	resumo

Nesses casos, não poderíamos pensar que essas terminações são desinências indicadoras de gênero, pois *livro*, *escola* e *sorte*, por exemplo, não sofrem flexão de gênero. É a essas vogais temáticas que se liga a desinência indicadora de plural: *carro-**s***, *mesa-**s***, *dente-**s***.

Os nomes terminados em vogais tônicas (*sofá*, *café*, *caqui*, *mandacaru* e *cipó*, por exemplo) não apresentam vogal temática; podemos considerar que os terminados em consoante (*feliz*, *roedor*, por exemplo) têm o mesmo comportamento.

LAERTE. *Classificados. livro 2*. São Paulo: Devir, 2002. p. 38.

Quando átonas finais, as vogais *-e*, *-a* e *-o* classificam-se como vogais temáticas nominais. Isso ocorre nas palavras *análise*, *ano*, *hora* e *minuto*. Já as palavras *fóssil* e *milhão* não apresentam vogal temática.

b. vogais temáticas verbais – são *-a*, *-e* e *-i*, criando três grupos de verbos a que se dá o nome de conjugações. Assim, os verbos cuja vogal temática é *-a* pertencem à primeira conjugação; aqueles cuja vogal temática é *-e* pertencem à segunda conjugação e os que têm vogal temática *-i* pertencem à terceira conjugação.

Podemos perceber claramente a vogal temática atuando entre o radical e as desinências nos seguintes exemplos:

primeira conjugação

govern-**a**-va atac-**a**-va realiz-**a**-sse

segunda conjugação

estabelec-**e**-sse cr-**e**-ra mex-**e**-rá

terceira conjugação

defin-**i**-ra imped-**i**-sse ag-**i**-mos

Desinências

As desinências são morfemas que indicam as flexões de nomes e verbos, dividindo-se, por isso, em desinências nominais e verbais. Note que as desinências indicam flexões de uma mesma palavra, enquanto os afixos são usados para formar novas palavras. As flexões ocorrem obrigatoriamente quando precisamos inserir uma palavra numa sequência ou frase:

O ministro não foi convidado para a reunião.

Os ministros não foram convidados para a reunião.

A ministra não foi convidada para a reunião.

As ministras não foram convidadas para a reunião.

As flexões sofridas pelas palavras nas frases acima são obrigatórias para o estabelecimento da concordância. Já o uso de afixos não se deve a uma obrigatoriedade, mas sim a uma opção:

O ex-ministro não foi convidado para a reunião.

A ministra não foi convidada para as reuniõezinhas.

Não há nenhum mecanismo linguístico que torne obrigatório o uso do sufixo *-(z)inh* ou do prefixo *ex-* nessas duas frases. Além disso, *reuniãozinha* (plural "reuniõezinhas") e *ex-ministro* são duas palavras novas formadas a partir de *ministro* e *reunião*, respectivamente; já *ministros*, *ministra* e *ministras* são consideradas formas de uma mesma palavra, *ministro*.

a. desinências nominais – indicam o gênero e o número dos nomes. Para a indicação de gênero, o português costuma opor as desinências *-o*/*-a*:

garot**o** garot**a** menin**o** menin**a**

Você já sabe como distinguir essas desinências das vogais temáticas nominais: lembre-se de que, enquanto as desinências são **comutáveis** (podem ser trocadas uma pela outra), as vogais temáticas não são (quem pensaria seriamente em formar "livra" ou "carra" para indicar formas "femininas"?).

Para a indicação de número, costuma-se utilizar o morfema *-s*, que indica o plural em oposição à ausência de morfema que indica o singular:

garoto garot**os** garota garot**as**

menino menin**os** menina menin**as**

No caso dos nomes terminados em *-r* e *-z*, a desinência de plural assume a forma *-es*:

mar	mar**es**	revólver	revólver**es**
cruz	cruz**es**	juiz	juíz**es**

b. desinências verbais – em nossa língua, as desinências verbais pertencem a dois tipos distintos. Há aquelas que indicam o modo e o tempo verbais (desinências **modo-temporais**) e aquelas que indicam o número e a pessoa verbais (desinências **número-pessoais**). Observe, nas formas verbais abaixo, algumas dessas desinências:

estud-á-va-mos

estud-: radical

-á-: vogal temática

-va-: desinência modo-temporal (caracteriza o pretérito imperfeito do indicativo)

-mos: desinência número-pessoal (caracteriza a primeira pessoa do plural)

estud-á-sse-is

-sse-: desinência modo-temporal (caracteriza o pretérito imperfeito do subjuntivo)

-is: desinência número-pessoal (caracteriza a segunda pessoa do plural)

estud-a-ria-m

-ria-: desinência modo-temporal (caracteriza o futuro do pretérito do indicativo)

-m: desinência número-pessoal (caracteriza a terceira pessoa do plural)

Arte Antiga Editora

Mitologia grega. São Paulo: Arte Antiga, ano 1, n. 10, [s.d.]. Quarta capa.

As desinências indicam as flexões obrigatórias das palavras, que as recebem para adaptar-se a outras na frase. No texto desse anúncio, observamos a presença da desinência nominal de número *-s*, que estabelece concordância entre as palavras dos seguintes grupos nominais da frase: "grande*s* rei*s*", "seu*s* feito*s* impressionante*s*" e "importante*s* página*s*". As desinências verbais *-ra* e *-m* (escreve-*ra*-*m*), modo-temporal e número-pessoal respectivamente, indicam uma ação passada real (pretérito perfeito do modo indicativo), praticada por um sujeito plural (*grandes reis* escreveram).

Atividade

Aponte as desinências e as vogais temáticas das seguintes palavras e flexões:

a) amor, amores

b) deputado, deputada

c) comemorava, comemorávamos, comemorássemos

d) pusesse, puséramos, pusésseis

e) pente, pentes

f) garrafa, garrafas

g) boné, bonés

h) caso, casos

i) moço, moços

4. Processos de formação das palavras

A língua portuguesa apresenta dois processos básicos para formação de palavras: a derivação e a composição.

Há **derivação** quando, a partir de uma palavra primitiva, obtemos novas palavras (chamadas derivadas) por meio do acréscimo de afixos. Isso ocorre, por exemplo, quando, a partir da palavra primitiva *piche*, formamos *pichar*, da qual por sua vez se forma *pichação*, *pichador*; também ocorre quando obtemos *impessoal* a partir de *pessoal* ou *ineficiente* a partir de *eficiente*. Como veremos mais adiante, a derivação também pode ser feita pela supressão de morfemas ou pela troca de classe gramatical, mas nunca pelo acréscimo de radicais.

A **composição** ocorre quando formamos palavras pela junção de pelo menos dois radicais. Nesse sentido, diferencia-se da derivação, que não lida com radicais. As palavras resultantes do processo de composição são chamadas compostas, em oposição àquelas em que há um único radical, chamadas simples. Eis alguns exemplos de palavras compostas:

lobisomem (radicais de *lobo* e *homem*)

girassol (*gira* + *sol*)

beija-flor (*beija* + *flor*)

otorrinolaringologia (radicais eruditos *oto* + *rino* + *laringo* + *logia*)

5. Estudo da derivação

A derivação consiste basicamente na modificação de determinada palavra primitiva por meio do acréscimo de afixos. Dessa forma, temos a possibilidade de fazer sucessivos acréscimos, criando, a partir de uma base inicialmente simples, palavras de estrutura cada vez mais complexa:

escola
escolar
escolarizar
escolarização
subescolarização

Observe, assim, que a derivação deve ser vista como um processo extremamente produtivo da língua portuguesa, pois podemos incorporar os mesmos afixos a um número muito grande de palavras primitivas. Esses acréscimos podem alterar o significado da palavra (como em *escolarização*/*subescolarização*) e também mudar a classe gramatical da palavra (como em *escolarizar*/*escolarização*, que são, respectivamente, verbo e substantivo).

A derivação, quando decorre do acréscimo de afixos, pode ser classificada em três tipos: derivação prefixal, derivação sufixal e derivação parassintética.

Derivação prefixal (ou prefixação)

Resulta do acréscimo de prefixo à palavra primitiva, que tem seu significado alterado; veja, por exemplo, alguns verbos derivados de *pôr*:

repor	dispor	compor	contrapor
indispor	recompor	decompor	

Tradicionalmente, os estudiosos da língua portuguesa afirmam que a prefixação não produz mudanças de classe gramatical; na língua atual, entretanto, essas modificações têm ocorrido. Veja, por exemplo, as palavras *anti-inflação* e *interbairros*, que, em expressões como *pacto anti-inflação* e *transporte interbairros* atuam como adjetivos, apesar de terem sido formadas de substantivos.

Derivação sufixal (ou sufixação)

Resulta do acréscimo de sufixo à palavra primitiva, que pode sofrer alteração de significado ou mudança de classe gramatical. Em *unhada*, por exemplo, houve modificação de significado: o acréscimo do sufixo trouxe a noção de "golpe", "ataque feito com a unha", ou mesmo a ideia de "ferimento provocado pela unha". Já em *alfabetização*, o sufixo *-ção* transforma em substantivo o verbo *alfabetizar*. Esse verbo, por sua vez, já resulta do substantivo *alfabeto* pelo acréscimo do sufixo *-izar*.

Como já vimos, o acréscimo de afixos pode ser gradativo. Nada impede que, depois de obter uma palavra por prefixação, se forme outra por sufixação, ou vice-versa. Veja, por exemplo:

desvalorização	(valor → valorizar → desvalorizar → desvalorização)
indesatável	(desatar → desatável → indesatável)
desigualdade	(igual → igualdade → desigualdade)

São palavras formadas por prefixação e sufixação ou por sufixação e prefixação.

Mort Walker/2002 King Features Syndicate, Inc./Ipress

A palavra *preguiçoso* é formada por sufixação (*preguiça* + *-oso*).

WALKER, Mort. *Recruta Zero: antologia com o melhor de todas as cinco décadas da série*. São Paulo: Opera Graphica, 2002. v. 5. p. 33.

Derivação parassintética (ou parassíntese)

Ocorre quando a palavra derivada resulta do acréscimo **simultâneo** de prefixo e sufixo à palavra primitiva. É um processo que dá origem principalmente a verbos, obtidos a partir de substantivos e adjetivos. Veja alguns exemplos de verbos obtidos de substantivos:

abençoar	amaldiçoar	ajoelhar	apoderar
avistar	apregoar	enfileirar	esfarelar
abotoar	esburacar	espreguiçar	amanhecer
anoitecer	acariciar	engatilhar	ensaboar
enraizar	afunilar	apavorar	empastelar
expatriar			

Agora, alguns formados de adjetivos:

enrijecer	engordar	entortar	endireitar	envelhecer
esfriar	avermelhar	empobrecer	esclarecer	expropriar
apodrecer	amadurecer	aportuguesar	enlouquecer	
endurecer	amolecer	entristecer	empalidecer	

Não se deve confundir a derivação parassintética, em que o acréscimo de sufixo e prefixo é obrigatoriamente simultâneo, com casos como os das palavras *desvalorização* e *desigualdade*, que vimos há pouco. Nessas palavras, os afixos são acoplados em sequência; assim, como vimos, *desvalorização* provém de *desvalorizar*, que provém de *valorizar*, que por sua vez provém de *valor*.

É impossível fazer o mesmo com palavras formadas por parassíntese: não se pode, por exemplo, dizer que *expropriar* provém de "propriar" ou de "expróprio", pois tais palavras não existem na língua corrente; logo, *expropriar* provém diretamente de *próprio*, pelo acréscimo **concomitante** de prefixo e sufixo.

Derivação regressiva

Ocorre quando se retira a parte final de uma palavra primitiva, obtendo-se por essa redução uma palavra derivada. É um processo particularmente produtivo para a formação de substantivos a partir de verbos, principalmente os da primeira e os da segunda conjugações. Esses substantivos, chamados por isso **deverbais**, indicam sempre o nome de uma ação. O mecanismo para sua obtenção é simples: substitui-se a terminação verbal formada pela vogal temática + desinência de infinitivo (*-ar* ou *-er*) por uma das vogais temáticas nominais (*-a*, *-e* ou *-o*):

buscar → busca	alcançar → alcance	tocar → toque
apelar → apelo	censurar → censura	atacar → ataque
sacar → saque	chorar → choro	ajudar → ajuda
cortar → corte	abalar → abalo	recuar → recuo
perder → perda	debater → debate	afagar → afago
sustentar → sustento	vender → venda	resgatar → resgate

É interessante perceber que a derivação regressiva é um processo produtivo na língua coloquial: surgiram recentemente na língua popular palavras como *agito* (de *agitar*), *amasso* (de *amassar*) e *chego* (de *chegar*).

Os substantivos deverbais **são sempre nomes de ação**: isso é importante porque há casos em que é o verbo que se forma a partir do substantivo, como *planta* → *plantar*, *perfume* → *perfumar*, *escudo* → *escudar*. *Planta*, *perfume* e *escudo* não são nomes de ação; por isso, não são substantivos deverbais. Na verdade, eles é que são as palavras primitivas, enquanto os verbos são derivados.

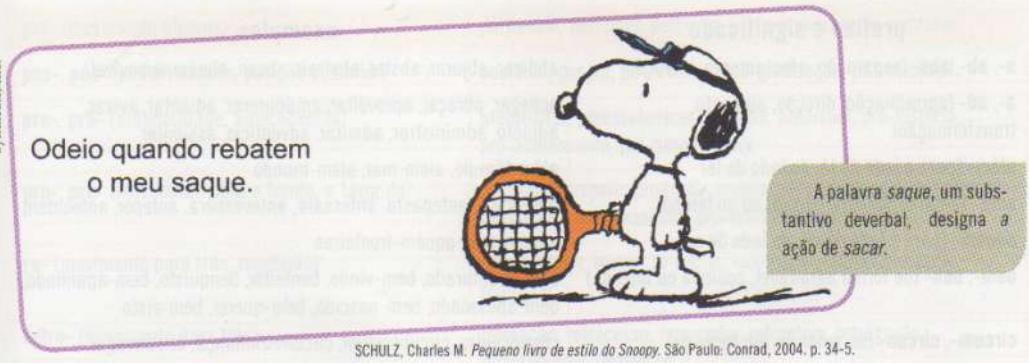

A palavra *saque*, um substantivo deverbal, designa a ação de *sacar*.

Charles M. Schulz/United Feature Syndicate, Inc.

SCHULZ, Charles M. *Pequeno livro de estilo do Snoopy*. São Paulo: Conrad, 2004. p. 34-5.

Derivação imprópria

Ocorre quando determinada palavra, sem sofrer nenhum acréscimo ou supressão em sua forma, muda de classe gramatical. Isso acontece, por exemplo, nas frases:

Não aceitarei um não como resposta.

É um absurdo o que você está propondo.

Na primeira frase, *não*, um advérbio, converteu-se em substantivo. Na segunda, o adjetivo *absurdo* também se converteu em substantivo. Agora veja este exemplo:

Você está falando bonito: o amar é indispensável.

O adjetivo *bonito* surge na função típica de um advérbio de modo, enquanto o verbo *amar* se converteu em substantivo.

Na frase "Papo cabeça à venda", o substantivo *cabeça* é usado como adjetivo. Refere-se ao substantivo *papo*, atribuindo-lhe uma qualidade: papo com conteúdo, de pessoa muito inteligente e culta.

Reprodução/Revista Pesquisa Fapesp

Pesquisa fapesp.
São Paulo: Fapesp, n. 112, jun. 2005. p. 99.

6. Prefixos

Os prefixos são morfemas que se colocam antes dos radicais basicamente a fim de modificar-lhes o sentido; raramente esses morfemas produzem mudanças de classe gramatical.

Os principais prefixos da língua portuguesa são de origem latina. Na relação que se segue, colocamos as diversas formas que esses prefixos costumam assumir, o tipo de modificação de significado que introduzem no radical e vários exemplos. Muitos desses prefixos originaram-se de preposições e advérbios, e não será difícil para você relacioná-los com preposições e advérbios da língua portuguesa. Leia a relação com cuidado, concentrando-se principalmente nos exemplos.

PREFIXOS LATINOS

prefixo e significado	exemplos
a-, ab-, abs- (separação, afastamento, privação)	abdicar, abjurar, abster, abstrair, abuso, abusar, amovível
a-, ad- (aproximação, direção, aumento, transformação)	achegar, abraçar, aproveitar, amadurecer, adiantar, avivar, adjunto, administrar, admirar, adventício, assimilar
além- (para o lado de lá, do lado de lá)	além-túmulo, além-mar, além-mundo
ante- (anterioridade no espaço ou no tempo)	antebraço, antepasto, antessala, antevéspera, antepor, anteontem
aquém- (para o lado de cá, do lado de cá)	aquém-mar, aquém-fronteiras
bem-, ben- (de forma agradável, positiva ou intensa)	bem-aventurado, bem-vindo, benfeitor, benquisto, bem-apanhado, bem-apessoado, bem-nascido, bem-querer, bem-visto
circum-, circun- (ao redor de, em torno de)	circuncentro, circunscrever, circunvizinhança, circunvagar

prefixo e significado	exemplos
cis- (posição aquém, do lado de cá)	cisandino, cisplatino, cisalpino
co-, **com-** (contiguidade, companhia, agrupamento)	coabitar, coadjuvante, coadquirir, condiscípulo, combater, correligionário, conjurar, consoante, confluência, compor, cooperar, corroborar, conviver, coirmão, co-herdeiro
contra- (oposição, ação conjunta, proximidade)	contra-atacar, contra-argumento, contradizer, contrapor, contraprova, contrabalançar, contracheque, contracultura, contraexemplo, contracapa, contracanto, contramestre
de- (movimento de cima para baixo)	decrescer, decompor, depor, depender, decapitar, deliberar, decair
des- (separação, ação contrária, negação, privação)	despedaçar, desfazer, desumano, desintegrar, desigual, desconforme, desobedecer, desmatar, desenganar, desunião, desfolhar
(às vezes, serve apenas para reforço)	desafastar, desinfeliz, desinquieto
dis-, **di-** (separação, movimento para diversos lados, negação)	difícil, dissidente, dilacerar, disseminar, distender, disforme, dissabor, divagar, difundir
e-, **es-**, **ex-** (movimento para fora, separação, transformação)	emigrar, evadir, expor, exportar, exprimir, expatriar, extrair, esquentar, esfriar, esburacar, ex-presidente, ex-ministro, ex--namorada
en-, **em-**, **i-**, **in-**, **im-** (posição interior, movimento para dentro)	enraizar, enterrar, embarcar, embeber, imigrar, irromper, importar
entre-, **inter-** (posição intermediária, reciprocidade)	entreabrir, entrechoque, entrelaçar, entrevista, entretela, entrever, interação, intercâmbio, intervir, interromper, intercalar
extra- (posição exterior, fora de)	extraconjugal, extrajudicial, extraoficial, extraordinário, extranumerário, extraterrestre, extravasar, extraviar
i-, **in-**, **im-** (negação, privação)	imoderado, inalterado, ilegal, ilegítimo, irrestrito, incômodo, inútil, incapaz, impuro, impróprio
intra- (posição interior)	intrapulmonar, intravenoso, intraocular
intro- (movimento para dentro)	introduzir, intrometer, intrometido, introverter, introjeção, intros-pecção
justa- (posição ao lado)	justapor, justaposição, justalinear
mal- (de forma irregular, desagradável ou escassa)	mal-humorado, mal-educado, mal-arrumado, mal-assombrado, malfeito, mal-assado, mal-aventurança, malcriado
ob-, **o-** (posição em frente, diante, oposição)	objeto, obstar, obstáculo, obstruir, obstrução, opor, oposição
per- (movimento através)	perpassar, percorrer, percurso, perfurar, perseguir, perdurar
pos-, **pós-** (posterioridade, posição posterior)	posfácio, pospor, pós-escrito, pós-graduação, pós-eleitoral
pre-, **pré-** (anterioridade, antecedência)	premeditar, preestabelecer, predizer, predispor, pré-história, pré-adolescente, pré-amplificador
pro-, **pró-** (movimento para a frente, a favor de)	promover, propelir, progredir, progresso, proeminente, proclamar, prosseguir, pró-socialista, pró-britânico, pró-anistia
re- (movimento para trás, repetição)	refluir, reagir, reaver, re-editar, recomeçar, reviver, renascer, reanimar
retro- (movimento para trás)	retroação, retrocesso, retroceder, retroativo, retrógrado, retrospectivo, retrovisor

prefixo e significado	exemplos
semi- (metade de, quase, que faz o papel de)	semicírculo, semibreve, semicondutor, semiconsciente, semiescravidão, semianalfabeto, semivogal, semimorto
sob-, **so-**, **sub-**, **su-** (movimento de baixo para cima, inferioridade, quase, em direção a)	sobraçar, soerguer, soterrar, sujeitar, subjugar, submeter, subalimentado, subdesenvolvimento, subliteratura, sub-humano, submarino, subverter
sobre-, **super-**, **supra-** (posição acima ou em cima, excesso, superioridade)	sobrepor, superpor, sobrescrito, sobrescrever, sobrevir, supersensível, super-homem, supermercado, superdotado, supercivilização
soto-, **sota-** (debaixo, posição inferior)	sotopor, sota-vento, sota-proa, sota-voga, soto-soberania
tras-, **tres-**, **trans-** (movimento ou posição para além de, através)	traspassar ou transpassar, trasbordar ou transbordar, tresandar, tresvariar, transatlântico, transalpino, transandino, transplantar
ultra- (posição além de, em excesso)	ultrapassar, ultramar, ultravioleta, ultramicroscópico, ultraconservador, ultrarromântico, ultrassom, ultrassofisticado
vice- (em lugar de, em posição imediatamente inferior)	vice-presidente, vice-diretor, vice-cônsul, vice-almirante, vice-rei, vice-campeão, vice-artilheiro

PREFIXOS GREGOS

prefixo e significado	exemplos
an-, **a-** (privação, negação)	anarquia, anônimo, ateu, acéfalo, amoral, anestesia, afônico, anemia
an(a)- (movimento de baixo para cima, movimento inverso, repetição, afastamento, intensidade)	anacronismo, anagrama, análise, anabatista, anáfora, analogia, anatomia, anafilaxia
anf(i)- (de um e de outro lado, ao redor)	anfiteatro, anfíbio, anfípode
ant(i)- (ação contrária, oposição)	antagonista, antítese, antiaéreo, antípoda, antídoto, antipatia, anticonstitucional, anticorpo, antifebril, antimonárquico, antissocial
ap(o)- (afastamento, separação)	apóstata, apogeu, apóstolo
arc(a), **arce-**, **arque-**, **arqui-** (superioridade, primazia)	arcanjo, arquiduque, arquétipo, arcebispo, arquimilionário
cata- (movimento de cima para baixo, oposição, em regressão)	cataclismo, catacumba, catarro, catástrofe, catadupa, catacrese, catálise, catarata
di(a)- (através, por meio de, separação)	diagnóstico, diálogo, dialeto, diâmetro, diáfano
dis- (mau estado, dificuldade)	dispneia, disenteria, dislalia, dispepsia
ec-, **ex-** (movimento para fora)	eclipse, exantema, êxodo
en-, **e-**, **em-** (posição interior, dentro)	encéfalo, emplastro, elipse, embrião
end(o)- (movimento para dentro, posição interior)	endocarpo, endotérmico, endoscópio
ep(i)- (posição superior, sobre, movimento para, posterioridade)	epiderme, epígrafe, epílogo, epicarpo, epidemia
eu-, **ev-** (bem, bom)	eufonia, eugenia, eufemismo, euforia, eutanásia, evangelho
hiper- (posição superior, excesso, além)	hipérbole, hipertensão, hipercrítico, hiperdesenvolvimento, hiperestesia, hipermercado, hipermetropia, hipertrofia, hipersônico

prefixo e significado	exemplos
hip(o)- (posição inferior, escassez)	hipodérmico, hipótese, hipocalórico, hipogeu, hipoglicemia, hipotensão, hipoteca
met(a)- (mudança, sucessão, posterioridade, além)	metáfora, metamorfose, metafísica, metonímia, metacarpo, metátese, metempsicose
par(a)- (perto, ao lado de, elemento acessório)	paradoxo, paralelo, parágrafo, paramilitar, parábola, parâmetro
peri- (movimento ou posição em torno)	perífrase, periferia, período, perianto, pericarpo
pro- (movimento para diante, posição em frente ou anterior)	programa, prólogo, prognóstico, pródromo, próclise
sin-, **sim-** (ação conjunta, companhia, reunião, simultaneidade)	sinestesia, sincronia, síntese, sinônimo, sinfonia, simpatia, sintaxe

PREPOSIÇÕES E ADVÉRBIOS QUE VÊM SENDO USADOS COMO PREFIXOS

preposição/advérbio e significado	exemplos
sem- (falta, privação, ausência)	sem-amor, sem-terra, sem-teto, sem-fim, sem-vergonha, sem--família
quase- (perto, aproximadamente, por pouco, pouco menos)	quase-delito, quase-equilíbrio, quase-posse, quase-suicida
não- (negação por exclusão)	não-alinhado, não-euclidiano, não-violência, não-engajamento, não-essencial, não-ficção, não-metal, não-participante

Atividades

1. Substitua cada conjunto destacado por uma única palavra, formada por prefixação.

a) O juiz **lerá novamente** os documentos do processo.

b) É necessário **fazer outra vez** todos os cálculos.

c) Depois de vários anos, vou **tornar a ver** meus pais.

d) Não havia motivo para **pôr** os interesses individuais **antes** dos interesses coletivos.

e) Deixou a todos **sem proteção**.

f) Seu comportamento **despido de honestidade** foi punido.

g) Queria uma liberdade **sem restrições**.

h) Os documentos foram **datados com antecedência**.

i) Depois de **passar além** destes limites, descansaremos.

j) Foi construída uma passagem **debaixo da terra** para evitar atropelamentos.

k) **Passe uma linha por baixo** das palavras cujo significado você desconhece.

l) Descobriram restos de homens **que viveram antes do período histórico** no Piauí.

m) Há rastros de animais **que viveram antes do Dilúvio** naquela região.

n) As civilizações **que existiam antes da chegada de Cristóvão Colombo** deixaram marcas na vida da América do Sul.

o) Precisava tomar injeções **dentro do músculo**.

2. Em cada item há dois grupos de palavras que podem ser substituídos por palavras formadas por prefixação. Proceda como no exercício anterior e, em seguida, crie frases com as palavras obtidas.

a) diz-se do que está debaixo da **terra**:
diz-se de quem é da mesma **terra**:

b) passar uma **linha** por baixo de uma palavra:
dispor em **linha** reta (em fileira ou um elemento ao lado de outro):

c) diz-se de quem viveu antes do período **histórico**:
diz-se do que é contrário à **história**:

d) diz-se de quem (ou do que) viveu antes do **Dilúvio**:
diz-se do que é posterior ao **Dilúvio**:

e) diz-se de quem viveu antes da chegada de Cristóvão **Colombo**:
diz-se de quem viveu após a chegada de Cristóvão **Colombo**:

f) diz-se do **emprego** que não oferece condições favoráveis ao trabalhador:
diz-se da falta de **emprego**:

3. Baseando-se em seu conhecimento do valor dos prefixos, procure explicar o significado das seguintes palavras:

a) re-encontro, desencontro
b) premeditar, pressentir
c) importar, exportar
d) imigrante, emigrante
e) imergir, emergir, submergir
f) intersecção
g) imoral, amoral
h) circunlóquio, colóquio
i) cisandino, cisalpino, transandino, transalpino
j) cogestão
k) digressão, regressão, progressão
l) expatriar, repatriar
m) introvertido, extrovertido
n) prefácio, posfácio
o) refluxo, defluxo
p) introspecção, retrospecção
q) subestimar, sobre-estimar
r) ultraleve

7. Sufixos

Os sufixos são capazes de modificar o significado do radical a que são acrescentados. Uma de suas principais características é a de mudar a classe gramatical da palavra a que se agregam. Por isso vamos observar os principais sufixos da língua portuguesa em relações que colocam em evidência as diversas classes de palavras envolvidas no processo de derivação. Perceba que, como o sufixo é colocado depois do radical, a ele são incorporadas as desinências que indicam as flexões das palavras variáveis.

Formam substantivos a partir de outros substantivos

-ada

a. ferimento, golpe ou marca produzida por instrumento:

facada, punhalada, navalhada, martelada, pedrada, bicada, chifrada, dentada, unhada, penada, pincelada

b. medida ou quantidade:

garfada, batelada, fornada, tigelada, carrada, colherada

c. multidão:

boiada, carneirada, estacada, ramada, papelada, meninada

d. alimentos ou bebidas:

cajuada laranjada limonada cocada
marmelada goiabada feijoada

e. movimentos ou atos rápidos, enérgicos ou de duração prolongada:

risada gargalhada cartada jornada noitada temporada

-ado, -ato

▶ títulos honoríficos, territórios governados, cargos elevados, instituições:

viscondado arcebispado principado pontificado protetorado condado almirantado
eleitorado apostolado noviciado bacharelado reitorado consulado clericato
tribunato sindicato triunvirato baronato cardinalato

-agem

a. noção coletiva:

folhagem ferragem plumagem ramagem pastagem

b. ação ou resultado da ação; estado:

aprendizagem ladroagem vadiagem

-al

a. sentido coletivo:

bananal cafezal feijoal batatal laranjal morangal
pinhal olival jabuticabal areal lamaçal lodaçal

b. relação, pertinência:

dedal portal pantanal

-alha

▶ noção coletiva de valor pejorativo:

gentalha canalha politicalha miuçalha

-ama, -ame

▶ noção coletiva ou de quantidade:

dinheirama mourama velame vasilhame cordame

-aria, -eria

a. ramo de negócio ou estabelecimento:

chapelaria livraria alfaiataria drogaria
tinturaria confeitaria leiteria sorveteria

b. noção coletiva:

pedraria sacaria caixaria fuzilaria
gritaria infantaria (ou infanteria)

c. atos ou resultados dos atos de certos indivíduos:

patifaria velhacaria pirataria galantaria (ou galanteria)

-ário

a. atividade, ofício, profissão:

boticário operário secretário bancário

b. lugar onde se coloca algo:

campanário aquário relicário vestiário

c. noção coletiva:

rimário anedotário erário

-edo

a. sentido coletivo:

arvoredo vinhedo olivedo passaredo

b. objeto isolado, de grande vulto:

penedo rochedo

-eiro, -eira

a. ofícios e ocupações:

barbeiro sapateiro parteira peixeiro carteiro bombeiro
sineiro toureiro marinheiro livreiro copeiro pedreiro

b. nomes de árvores ou arbustos:

cajueiro laranjeira roseira amendoeira coqueiro cafeeiro
pessegueiro mangueira jaqueira goiabeira craveiro figueira
castanheiro (ou castanheira) espinheiro (ou espinheira)

c. objetos ou lugares que servem para guardar:

cigarreira manteigueira paliteiro cinzeiro tinteiro
compoteira açucareiro agulheiro saladeira

d. objetos de uso pessoal em geral:

pulseira perneira joelheira munhequeira banheira chuteira

e. noção coletiva, de quantidade ou de intensidade:

nevoeiro poeira lameira chuveiro pedreira
carvoeira ostreira vespeiro formigueiro cabeleira

-ia

a. profissão, dignidade ou lugar onde se exerce profissão:

advocacia baronia chefia chancelaria
delegacia reitoria diretoria

b. sentido coletivo:

confraria clerezia penedia

-io

▶ noção coletiva:

mulherio rapazio poderio gentio

-ite

▶ inflamação:

bronquite gastrite rinite estomatite esplenite
otite enterite

-ugem

▶ semelhança ou ideia de porção:

ferrugem lanugem penugem babugem

-ume

a. noção coletiva, de quantidade ou intensidade:

cardume negrume azedume chorume

b. ação ou resultado da ação:

curtume urdume

Formam substantivos de adjetivos

Os substantivos derivados de adjetivos indicam qualidades, propriedades ou estados.

-dade

crueldade maldade bondade divindade sociedade umidade
liberalidade fragilidade facilidade legalidade amabilidade possibilidade
solubilidade

-dão

mansidão podridão escuridão gratidão

-ez, -eza

altivez mudez surdez sordidez intrepidez honradez
mesquinhez pequenez pureza firmeza nobreza fraqueza
estranheza delicadeza sutileza

-ia

valentia ufania cortesia alegria melhoria

-ice, -ície

velhice meninice criancice beatice tolice modernice
calvície canície planície imundice (ou imundície)

-or

alvor amargor dulçor negror

-tude

amplitude magnitude latitude longitude

-ura

brancura amargura loucura frescura
verdura doçura largura espessura

Formam substantivos de verbos

-ança (-ância), -ença (-ência)

- nomes de ação ou de resultados dela; nomes de estado:

esperança lembrança vingança constância importância relevância crença
descrença diferença detença regência conferência obediência

-ante, -ente, -inte

- agente:

ajudante emigrante navegante combatente pretendente ouvinte pedinte

Em muitos casos, houve especialização de sentido:

poente restaurante estante minguante vazante afluente

-dor, -tor, -sor, -or

- nome de agente ou de instrumento:

roedor salvador pescador carregador tradutor jogador
poupador investidor investigador inspetor regador aquecedor
raspador interruptor disjuntor revisor

-ção, -são, -ão

- ação ou resultado dela:

coroação nomeação posição traição adulação consolação obrigação
negação declaração audição solução invocação extensão agressão
repercussão discussão puxão arranhão escorregão

-douro, -tório

- lugar ou instrumento para prática da ação:

miradouro ancoradouro desaguadouro logradouro matadouro bebedouro
babadouro purgatório dormitório laboratório vomitório oratório

-dura, -tura, -sura

- resultado ou instrumento da ação:

atadura armadura escritura fechadura clausura urdidura
benzedura mordedura torcedura pintura magistratura formatura

-mento

- ação, resultado da ação ou instrumento:

acolhimento apartamento pensamento conhecimento convencimento esquecimento fingimento
impedimento ferimento ornamento instrumento armamento fardamento

Formam substantivos e adjetivos de outros substantivos e adjetivos

-ismo

a. doutrinas ou sistemas religiosos, filosóficos, políticos, artísticos:

calvinismo bramanismo budismo materialismo espiritismo socialismo
capitalismo federalismo gongorismo simbolismo modernismo impressionismo

b. maneira de proceder ou de pensar:

heroísmo pedantismo patriotismo servilismo ufanismo
nepotismo filhotismo arrivismo oportunismo revanchismo

c. formas de expressão que apresentam particularidades:

vulgarismo latinismo galicismo arcaísmo neologismo
solecismo barbarismo

d. terminologia científica:

magnetismo galvanismo alcoolismo reumatismo traumatismo

-ista

a. sectários de certas doutrinas:

calvinista bramanista budista materialista espiritista socialista
capitalista federalista gongorista simbolista modernista impressionista

b. ofícios, agentes:

flautista florista telefonista maquinista
latinista dentista acionista tenista
esportista

c. adeptos de determinadas formas de agir ou pensar:

oportunista golpista saudosista emancipacionista
revanchista arrivista desenvolvimentista

d. nomes pátrios ou indicadores de origem:

nortista sulista paulista santista
campista

OBSERVAÇÃO

A relação entre as palavras formadas pelos sufixos *-ismo* e *-ista* é óbvia:

modernismo/modernista
calvinismo/calvinista

Note, no entanto, que não é uma relação obrigatória:

protestantismo/protestante
maometismo/maometano
islamismo/islamita

Formam adjetivos de substantivos ou de outros adjetivos

-aco

▶ estado íntimo; pertinência; origem:

maníaco demoníaco austríaco siríaco

-ado

a. provido, cheio de:

barbado ciliado dentado

b. que tem caráter de:

adamado afeminado amarelado avermelhado

-aico

▶ referência, pertinência; origem:

prosaico onomatopaico judaico caldaico aramaico

-al, -ar

▶ relação, pertinência:

dorsal causal substancial anual pessoal escolar palmar
vulgar solar lunar consular familial (ou familiar)

-ano

a. pertinência; proveniência; relação com:

humano mundano serrano

b. adeptos de doutrinas estéticas, religiosas, filosóficas:

maometano luterano anglicano camoniano shakespeariano horaciano

c. nomes pátrios:

americano baiano pernambucano peruano prussiano
açoriano alentejano

-ão

▶ proveniência, origem:

alemão coimbrão beirão aldeão

-eiro, -ário

▶ relação; posse; origem:

verdadeiro rasteiro costeiro originário ordinário diário subsidiário
tributário mineiro brasileiro

-engo, -enho, -eno

- relação; procedência, origem:

mulherengo avoengo solarengo flamengo ferrenho estremenho madrilenho
panamenho portenho nazareno terreno tirreno chileno

-ento

- provido ou cheio de; que tem o caráter de:

sedento rabugento peçonhento cinzento ciumento corpulento turbulento
opulento barrento vidrento

-ês, -ense

- relação; procedência, origem:

francês inglês genovês milanês escocês irlandês paraense
cearense maranhense vienense parisiense catarinense forense

-eo

- relação; semelhança; matéria:

róseo férreo

-esco, -isco

- referência; semelhança:

burlesco dantesco mourisco

-este, -estre

- relação:

agreste celeste campestre terrestre alpestre silvestre

-eu

- relação; procedência, origem:

europeu judeu caldeu hebreu filisteu cananeu

-ico, ício

- relação; procedência:

bíblico melancólico pérsico céltico britânico ibérico geométrico
alimentício natalício

-il

- referência; semelhança:

febril infantil senhoril servil varonil estudantil fabril

-ino

- relação; origem; natureza:

argentino florentino bizantino cristalino leonino alabastrino
diamantino londrino bovino

-ita

- relação; origem:

ismaelita israelita jesuíta

-onho

- propriedade; hábito:

medonho risonho enfadonho tristonho

-oso

- provido, cheio de; que provoca:

orgulhoso furioso desejoso rigoroso noticioso leitoso sulfuroso
montanhoso pedregoso temeroso lamentoso lastimoso vergonhoso angustioso

-tico

- relação:

aromático problemático asiático rústico

-udo

- provido de, cheio de ou com a forma de, muitas vezes com ideia de desproporção:

sisudo pontudo bicudo peludo cabeludo narigudo espadaúdo
repolhudo bochechudo carnudo polpudo

Formam adjetivos de verbos

-ante, -ente, -inte

- ação; qualidade; estado:

semelhante tolerante doente resistente
constituinte seguinte

-io, -ivo

- ação; referência; modo de ser:

escorregadio erradio fugidio tardio prestadio pensativo lucrativo
fugitivo afirmativo negativo acumulativo

-iço, ício

- - referência; possibilidade de praticar ou sofrer ação:

abafadiço movediço quebradiço alagadiço metediço acomodatício
factício translatício sub-reptício

-doiro, -douro, -tório

- ação, muitas vezes de valor futuro; pertinência:

casadoiro duradouro vindouro inibitório preparatório emigratório

-vel

- possibilidade de praticar ou sofrer ação:

desejável vulnerável remediável substituível suportável louvável admissível
reduzível removível corrigível discutível

Forma advérbios de adjetivos

-mente

justamente vaidosamente livremente burguesmente perigosamente
firmemente fracamente

Formam verbos de substantivos e adjetivos

-ar

murar jardinar telefonar ancorar ordenar almoçar

-ear

sapatear floretear golpear saborear saquear mastrear
folhear sanear clarear

-ejar

lacrimejar gotejar gaguejar voejar

-entar

amolentar aformosentar

-ecer, -escer

favorecer escurecer florescer rejuvenescer

-ficar

falsificar petrificar exemplificar fortificar dignificar purificar

-ilhar

dedilhar fervilhar

-inhar

escrevinhar cuspinhar

-iscar

chuviscar lambiscar

-itar

saltitar dormitar

-izar

organizar civilizar
harmonizar fertilizar
esterilizar tranquilizar
vulgarizar simpatizar
economizar arborizar

OBSERVAÇÃO

Os verbos novos da língua são criados pelo acréscimo da terminação *-ar* a substantivos e adjetivos. Essa terminação é formada pela vogal temática da primeira conjugação seguida pela desinência do infinitivo impessoal, atuando como um verdadeiro sufixo.

Os demais sufixos costumam conferir detalhes de significado aos verbos que formam. Observe:

- *-ear*: indica ação repetida (*cabecear, folhear*) ou ação que se prolonga (*clarear*). O mesmo acontece com *-ejar*: *gotejar, velejar*.
- *-entar*: indica processo de atribuição de uma qualidade ou estado (*amolentar*). O mesmo se dá com *-ficar* e *-izar*: *clarificar, solidificar*; *civilizar, atualizar*.
- *-iscar*: indica ação repetida e diminuída: *chuviscar, lambiscar*. O mesmo ocorre com *-itar* (*dormitar, saltitar*), *-ilhar* e outros. No caso de *-inhar*, muitas vezes há sentido depreciativo, como em *escrevinhar*.

Sufixos aumentativos

-ão, -eirão, -alhão, -zarrão

casarão caldeirão paredão chapeirão grandalhão
vagalhão homenzarrão

-aça, -aço, -uça

barcaça barbaça ricaço doutoraço mulheraço dentuça

-alha

fornalha

-anzil

corpanzil

-aréu

fogaréu povaréu mundaréu

-arra, -orra

bocarra naviarra beiçorra cabeçorra

-astro

medicastro poetastro

-az, -alhaz, -arraz

ladravaz linguaraz fatacaz machacaz facalhaz pratarraz

Sufixos diminutivos

-acho, -icho, -icha, -ucho

riacho, fogacho, governicho, barbicha, gorducho, papelucho, casucha

-ebre

casebre

-eco, -eca, -ico, -ica

livreco, soneca, padreco, burrico, marica

-ejo

lugarejo, animalejo

-ela

ruela, viela, magricela

-elho, -ilho, -ilha

folhelho, rapazelho, pecadilho, tropilha

-ete, -eta, -eto

tiranete, fradete, artiguete, lembrete, diabrete, saleta, lingueta, esboceto

-inho, -inha, -zinha, -zinho

livrinho, pratinho, branquinho, novinho, bonitinho, toquinho, caixinha, florzinha, vozinha

-im

espadim, lagostim, camarim, fortim

-ino

pequenino

-isco, -usco

chuvisco, petisco, velhusco

-ito, -ita, -zito, -zita

casita, rapazito, copito, amorzito, jardinzito, florzita

-ola

rapazola, bandeirola, portinhola, fazendola

OBSERVAÇÃO

É fácil notar que muitas vezes os sufixos aumentativos e diminutivos sugerem deformidade (como em *beiçorra*, *cabeçorra*), admiração (*carrão*), desprezo (*asneirão*, *poetastro*, *artiguete*), carinho (*paizinho*, *pequenino*), intensidade (*alegrinho*), ironia (*safadinha*) e vários outros matizes semânticos. No caso dos sufixos pertencentes ao último grupo apresentado, temos a formação de diminutivos eruditos – diretamente importados do latim –, os quais são muito usados na terminologia científica.

-ote, -oto, -ota

rapazote caixote velhote fidalgote saiote
perdigoto velhota

-ulo, -ula, -culo, -cula

glóbulo grânulo nódulo célula corpúsculo minúsculo
homúnculo montículo opúsculo versículo radícula gotícula
partícula película questiúncula cânula

Atividades

1. Responda a cada um dos itens a seguir com uma palavra formada por sufixação. Como se chama:

a) o golpe dado com a cabeça?
b) um grupo de rapazes?
c) o conjunto de eleitores de uma dada região?
d) a ação de lavar?
e) uma plantação de jabuticabeiras?
f) um grupo de políticos desonestos?
g) o estabelecimento onde se vendem queijos?
h) o comerciante de queijos?
i) a planta cujo fruto é o café?
j) o recipiente onde se guarda manteiga?

2. Substitua os verbos destacados por substantivos formados por derivação. Faça todas as modificações necessárias para obter frases inteligíveis.

a) Todos **decidiram** manter as reivindicações.
b) Todos decidiram **manter** as reivindicações.
c) Esperamos que os prazos estipulados **sejam cumpridos**.
d) Atenderemos a todos de acordo com a ordem segundo a qual **chegaram**. Não haverá exceções.
e) Continuaremos até que **tenhamos obtido** êxito.
f) Os moradores querem que as obras **sejam continuadas**.
g) Os representantes dos países envolvidos no processo recomendaram que as contas **fossem bloqueadas**.
h) Os representantes dos países envolvidos no processo **recomendaram** que as contas fossem bloqueadas.

3. Substitua as expressões destacadas por nomes formados por sufixação. Faça todas as modificações necessárias para obter frases inteligíveis.

a) **Aqueles que mantêm** esta entidade decidiram tomar providências **que saneiem** suas finanças.
b) É um candidato **que não se pode eleger**. Suas ideias privilegiam **aqueles que desrespeitam** as instituições.
c) **Aquelas que conduzem** o movimento **de reivindicação** devem ser cercadas por medidas que as protejam.
d) **Os que venceram** a competição receberão prêmios **que não se podem descrever**.
e) A presença **dos que defendem** nossa posição é fator **de que não se pode prescindir**.
f) Foi uma decisão que agradou aos que lutam para que a floresta **seja preservada**.
g) Ele entrou **de forma atabalhoada**.

4. Não é apenas na norma culta de nossa língua que os sufixos são usados para formar novas palavras: isso acontece também na língua portuguesa do cotidiano e dos veículos de comunicação de massa. Baseado em seu conhecimento do valor dos sufixos, explique o sentido das seguintes palavras:

a) tietar, tietagem
b) badalação, esnobação
c) sanduicheria, danceteria
d) roqueiro, grafiteiro
e) pichador, pichação
f) prefeiturável, ministeriável, presidenciável
g) carreata
h) bacanão, durão

Textos para análise

1

Seu "Afredo"

Seu Afredo (ele sempre subtraía o *l* do nome, ao se apresentar com uma ligeira curvatura: "Afredo Paiva, um seu criado...") tornou-se inesquecível à minha infância porque tratava-se muito mais de um linguista que de um encerador. Como encerador, não ia lá muito bem das pernas. Lembro-me que sempre depois de seu trabalho, minha mãe ficava passeando pela sala com uma flanelinha debaixo de cada pé, para melhorar o lustro. Mas como linguista, cultor do vernáculo e aplicador de sutilezas gramaticais, seu Afredo estava sozinho.

Tratava-se de um mulato quarentão, ultrarrespeitador, mas em quem a preocupação linguística perturbava às vezes a colocação pronominal. Um dia, numa fila de ônibus, minha mãe ficou ligeiramente ressabiada quando seu Afredo, casualmente de passagem, parou junto a ela e perguntou-lhe à queima-roupa, na segunda do singular:

– Onde *vais* assim tão elegante?

Nós lhe dávamos uma bruta corda. Ele falava horas a fio, no ritmo do trabalho, fazendo os mais deliciosos pedantismos que já me foi dado ouvir. Uma vez, minha mãe, em meio à lide caseira, queixou-se do fatigante ramerrão do trabalho doméstico. Seu Afredo virou-se para ela e disse:

– Dona Lídia, o que a senhora precisa fazer é ir a um médico e tomar a sua quilometragem. Diz que é muito bão.

De outra feita, minha tia Graziela, recém-chegada de fora, cantarolava ao piano enquanto seu Afredo, acocorado perto dela, esfregava cera no soalho. Seu Afredo nunca tinha visto minha tia mais gorda. Pois bem: chegou-se a ela e perguntou-lhe:

– Cantas?

Minha tia, meio surpresa, respondeu com um riso amarelo:

– É, canto às vezes, de brincadeira...

Mas um tanto formalizada, foi queixar-se a minha mãe, que lhe explicou o temperamento do nosso encerador:

– Não, ele é assim mesmo. Isso não é falta de respeito, não. É excesso de... gramática.

Conta ela que seu Afredo, mal viu minha tia sair, chegou-se a ela com ar disfarçado e falou:

– Olhe aqui, dona Lídia, não leve a mal, mas essa menina, sua irmã, se ela pensa que pode cantar no rádio com essa voz, 'tá redondamente enganada. Nem programa de calouro!

E a seguir, ponderou:

– Agora, piano é diferente. Pianista ela é!

E acrescentou:

– *Eximinista* pianista!

Setembro de 1953

MORAES, Vinicius de. *Poesia completa e prosa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998. p. 979-80.

Trabalhando o texto

1. Identifique o sufixo presente nas palavras *aplicador* e *encerador* e indique o tipo de modificação que produz nas palavras primitivas.

2. Identifique o afixo que surge na palavra *curvatura* e explique que tipo de modificação ele introduz na palavra primitiva.

3. Indique o afixo presente na palavra *sutileza* e explique que tipo de modificação ele introduz na palavra primitiva.

4. *Flanelinha* e *quarentão* apresentam que tipo de sufixos? Que noção esses afixos indicam nessas palavras, no contexto em que são empregadas no texto?

5. Aponte os afixos presentes na palavra *ultrarrespeitador* e explique as modificações que introduzem na palavra primitiva.

6. Explique o processo de formação da palavra *inesquecível*.

7. Qual a diferença de sentido entre *cantar* e *cantarolar*?

8. Retire do texto um caso de derivação regressiva.

9. Observe a última fala de seu Afredo no texto e explique por que a palavra aí destacada provoca humor.

10. Explique por que a "preocupação linguística" de seu Afredo "perturbava às vezes a colocação pronominal". Por que o problema de seu Afredo era "excesso de gramática"?

2

Para mascar com *chiclets*

Quem subiu, no novelo *do chiclets*,
ao fim do fio ou do desgastamento,
sem poder não sacudir fora, antes,
a borracha infensa e imune ao tempo;
imune ao tempo ou o tempo em coisa,
em pessoa, encarnado nessa borracha,
de tal maneira, e conforme ao tempo,
o *chiclets* ora se contrai ora se dilata,
e consubstante ao tempo, se rompe,
interrompe, embora logo se re-emende,
e fique a romper-se, a re-emendar-se,
sem usura nem fim, do fio de sempre.
No entanto quem, e saberente que ele
não encarna o tempo em sua borracha,
quem já ficou num primeiro *chiclets*
sem reincidir nessa coisa (ou nada).

2.

Quem pôde não reincidir no *chiclets*,
e saberente que não encarna o tempo:
ele faz sentir o tempo e faz o homem
sentir que ele homem o está fazendo.
Faz o homem, sentindo o tempo dentro,
sentir dentro do tempo, em tempo-firme,
e com que, mascando o tempo *chiclets*,
imagine-o bem dominado, e o exorcize.

MELO NETO, João Cabral de. *Poesias completas: 1940-1965*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986. p. 43.

Trabalhando o texto

1. Faça a depreensão dos morfemas presentes nas palavras *desgastamento* e *encarnado* e explique os processos de formação que lhes deram origem.
2. Quais afixos podem ser percebidos na palavra *consubstante*? Qual o sentido que tem essa palavra?
3. A aproximação das palavras *rompe* e *interrompe* revitaliza o valor do prefixo presente nesta última? Explique.
4. Retire do texto as palavras em que surge o prefixo *re-* e comente as modificações que ele produz nas palavras primitivas.
5. Qual o sentido da palavra *saberente*? Que tipo de afixo participa de sua formação?
6. É possível relacionar o prefixo presente na palavra *exorcizar* com o significado que tem essa palavra? Comente.
7. Os afixos são considerados um recurso muito eficiente para apresentar ideias e conceitos de forma sintética. Isso acontece no texto? Comente.
8. Explique a relação que o texto estabelece entre o *chiclets* e o tempo. Que tipo de dimensão adquire o ato de mascar *chiclets*?

3

Divulgação/Sesc/SP

Revista E. São Paulo: Sesc, ano 11, n. 12, jun. 2005. p. 16.

Trabalhando o texto

1. Indique os processos de formação de palavras presentes no texto.
2. Que efeito de sentido produz o processo de formação da palavra destacada em "democratização do *fazer* musical"?

4

Sociedade 24 horas

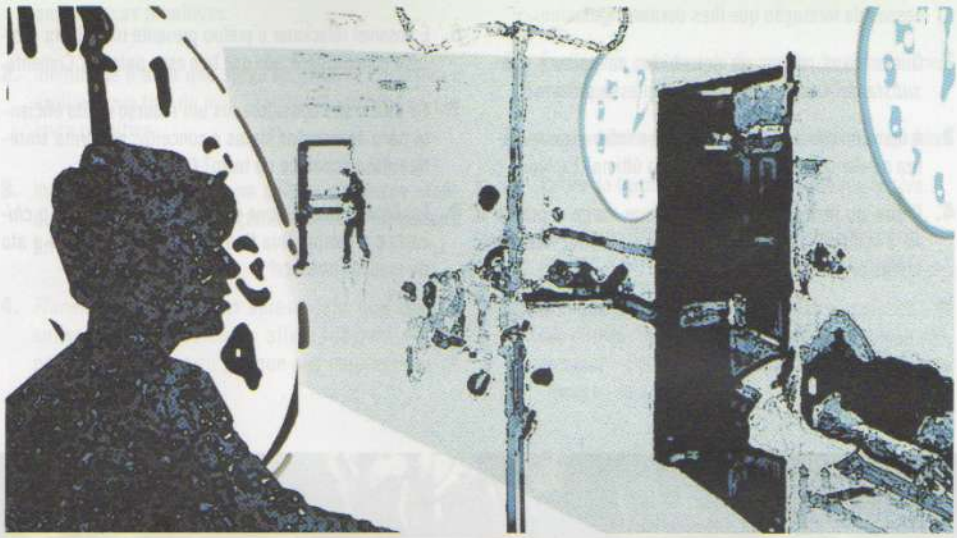

"A claridade do dia me incomoda, o barulho me impede de ter um sono tranquilo e o tempo de descanso é muito curto." A frase é de uma mulher de 45 anos que passa muitas noites em claro, não por insônia nem por diversão, mas porque é auxiliar de enfermagem de um hospital. Seu depoimento ilustra as dificuldades de quem trabalha à noite, em turnos regulares ou não. A maioria da população não tem ideia do que é isso e não se lembra de que, todas as noites, um grande número de pessoas trabalha para manter funcionando o atendimento de saúde, o tratamento de água e esgoto, a produção de alimentos, as lojas de conveniência, as portarias dos edifícios – a lista é enorme.

Poderíamos prescindir da produção e das atividades ininterruptas disponíveis 24 horas por dia? Apesar de ser uma tendência relativamente recente, surgida nos últimos dez anos, dificilmente abriríamos mão dessas conveniências.

MORENO, Claudia Roberta de Castro; FISHER, Frida Marina; ROTENBERG, Lúcia. Sociedade 24 horas. In: *Mente&cérebro: anatomia do sono*. São Paulo: Duetto, [s.d.], n. 13. p. 17.

Trabalhando o texto

1. Que substantivos do texto são formados de adjetivos?

2. Relacione os substantivos desse texto formados a partir de verbos.

a) Um desses substantivos é formado sem a adição de sufixo. Qual?

b) Destaque os sufixos dos demais substantivos e os significados que eles agregam à palavra primitiva.

3. Re-escreva alguns trechos do texto, substituindo as palavras destacadas por verbos. Faça as modificações necessárias para que as frases sejam inteligíveis.

a) "Seu **depoimento** ilustra as dificuldades de quem trabalha à noite, em turnos ou não."

b) "[...] um grande número de pessoas trabalha para manter funcionando o **atendimento** de saúde, o **tratamento** de água e esgoto, a **produção** de alimentos"

4. Re-escreva a frase a seguir, substituindo o verbo em destaque pelo adjetivo que se forma a partir dele. Faça as alterações necessárias para que a frase se torne inteligível.

"Poderíamos **prescindir** da produção e das atividades ininterruptas disponíveis 24 horas por dia?"

5. Como você justifica a utilização desse tipo de substantivo nesse texto?

8. Estudo da composição

A composição produz palavras compostas a partir da aproximação de palavras simples. As palavras simples são aquelas em que há um único radical, como *amor* e *perfeito*. Para que ocorra o processo de composição, é necessário estabelecer entre essas palavras um vínculo permanente, que faz com que surja um novo significado: é o que ocorre quando formamos o composto *amor-perfeito*, que dá nome a uma flor. O significado não é o mesmo da expressão *amor perfeito*, na qual cada palavra mantém seu significado original: trata-se do sentimento amoroso manifestado de forma perfeita. Em *amor-perfeito* há uma única palavra que dá nome a um organismo vegetal.

A composição também pode ser feita por meio do uso de radicais que não têm vida independente na língua. Isso ocorre basicamente na formação de palavras que recebem o nome de compostos eruditos por serem formadas com radicais gregos e latinos. É o caso, por exemplo, de *democracia*, *patogênese*, *alviverde*, *agricultura* e outras, usadas principalmente na nomenclatura técnica e científica.

Tipos de composição

Quanto à forma que adquire a palavra composta, costumam-se apontar dois tipos de composição:

a. composição por justaposição – ocorre quando os elementos que formam o composto são simplesmente colocados lado a lado (justapostos), sem que se verifique qualquer alteração fonética em algum deles:

segunda-feira	para-raio	corre-corre	guarda-roupa
amor-perfeito	pé-de-moleque	girassol	passatempo

O que caracteriza a justaposição é a manutenção da integridade sonora das palavras que formam o composto, e não a forma de grafá-lo: *passatempo* e *girassol*, apesar de serem escritos sem hífen, são compostos por justaposição;

1979 Paws, Inc. All Rights Reserved/Dist. by Atlantic Syndication/Universal Press Syndicate

DAVIS, Jim. *Garfield de bom humor 6*. Porto Alegre: L&PM, 2006. p. 100.

A palavra *varapau* é exemplo de composição por justaposição. Os substantivos *vara* e *pau* mantiveram sua integridade fonética ao formar a palavra composta que nomeia a peça de madeira forte e comprida. Em sentido figurado, no uso informal, designa a pessoa alta e magra.

b. composição por aglutinação – ocorre quando os elementos que formam o composto se aglutinam, o que significa que pelo menos um deles perde sua integridade sonora, sofrendo modificações. Observe os exemplos e note as transformações sofridas pelas palavras formadoras:

vinagre (vinho + acre)	aguardente (água + ardente)
pernalta (perna + alta)	planalto (plano + alto)

Também se incluem neste caso muitos compostos eruditos (como *retilíneo, crucifixo, ambidestro, demagogo* e outros), cuja identificação requer conhecimentos mais especializados.

As possibilidades de composição são imprevisíveis: podem-se formar compostos pelo relacionamento de palavras pertencentes a praticamente todas as classes gramaticais. Há, por exemplo, compostos formados por substantivo + substantivo (*porco-espinho*), substantivo + adjetivo (*amor-perfeito*), advérbio + adjetivo (*sempre-viva*), verbo + substantivo (*para-choque*).

A principal função do processo de composição é a criação de novas palavras para denominar novos objetos, conceitos ou ocupações. Essa função denominadora pode ser dada de forma descritiva ou metafórica. Palavras como *papel-alumínio, relógio-pulseira* ou *lava-louças* são descritivas porque buscam dar nome a objetos por meio de suas características ou finalidades mais relevantes. *Louva-a--deus* e *arranha-céu* são compostos de origem metafórica, pois resultam de um evidente uso figurado da linguagem.

O surgimento de novas palavras compostas na língua é constante, uma vez que a necessidade de encontrar nomes específicos para novos objetos e conceitos é ininterrupta. Dessa forma, podemos perceber na língua atual a transformação de expressões em novas palavras. Pense, por exemplo, na expressão *três em um* (que na linguagem publicitária já aparece "três-em-um"), que dá nome a certas combinações de aparelhos de som. Aliás, pense na própria expressão *aparelho de som*, que já é praticamente uma palavra composta (como *máquina de lavar* ou *máquina de costura*). Em alguns casos, podemos observar que já existe a consciência de que se está lidando com uma palavra composta, como é o caso de *ponto de vista* e *meio ambiente*.

Atividade

Identifique o processo de formação das seguintes palavras:

a) palidez
b) empalidecer
c) boquiaberto
d) mico-leão-dourado
e) invulnerável
f) pontiagudo
g) audiovisual
h) o recuo
i) o correntista fantasma

Radicais e compostos eruditos

O mecanismo da composição é utilizado para a formação de um tipo específico de palavras conhecidas como **compostos eruditos**, assim chamados porque em sua formação se utilizam elementos de origem grega e latina que foram diretamente importados dessas línguas. Por isso, esses compostos são também chamados de helenismos e latinismos eruditos. São palavras como *pedagogia* e *quiromancia* (formadas de elementos gregos) ou *arborícola* e *uxoricida* (formadas por elementos latinos), geralmente criadas para denominar objetos ou conceitos relacionados com as ciências e as técnicas. Muitas delas acabam se tornando cotidianas (*telefone, democracia* e *agricultura*, por exemplo).

Reprodução/Revista Pesquisa Fapesp

Pesquisa Fapesp. São Paulo: Fapesp, n. 112, jun. 2005. p. 98.

No título do livro, a palavra *cardiologia* está escrita de forma a destacar os elementos que a compõem: *cardio* (coração) e *logia* (tratado, ciência).

Apresentamos a seguir duas relações de radicais gregos e duas relações de radicais latinos. A primeira relação de radicais gregos e a primeira relação de radicais latinos agrupa os elementos formadores que geralmente são colocados no início dos compostos; a segunda relação de radicais agrupa, em cada caso, os elementos formadores que costumam surgir na parte final dos compostos. Adotamos esse procedimento a fim de facilitar seu trabalho de consulta: ao encontrar determinado exemplo na relação dos radicais que costumam ser o primeiro elemento do composto, você poderá mais rapidamente verificar o valor do segundo elemento na relação dos radicais que costumam figurar no final dos compostos. Atente para o fato de que determinados radicais **costumam** aparecer em determinadas posições nos compostos; nada os impede de surgir em posição diferente.

Alguns dos radicais que colocamos nas relações a seguir são considerados prefixos por alguns autores; outros estudiosos preferem chamá-los "elementos de composição". Acreditamos que essas questões terminológicas são pouco importantes para você, que tem objetivos mais práticos. Observe que muitas palavras que fazem parte de suas aulas de Biologia, Química e Física podem ser encontradas nas relações a seguir; observe, principalmente, que o conhecimento do significado dos elementos que as constituem muitas vezes nos ajuda a compreender os conceitos e seres que denominam.

RADICAIS GREGOS
ELEMENTOS QUE GERALMENTE SURGEM NA PARTE INICIAL DO COMPOSTO

radical e significado	exemplos
acr-, acro- (alto, elevado)	acrópole, acrofobia, acrobata
aer-, aero- (ar)	aeródromo, aeronauta, aeróstato, aéreo
agro- (campo)	agrologia, agronomia, agrografia, agromania
al-, alo- (outro, diverso)	alopatia, alomorfia
andr-, andro- (homem, macho)	androceu, andrógino, androide, androsperma
anemo- (vento)	anemógrafo, anemômetro
angel-, angelo- (mensageiro, anjo)	angelólatra, angelogia
ant-, anto- (flor)	antologia, antografia, antoide, antomania
antropo- (homem)	antropógrafo, antropologia, filantropo
aritm-, aritmo- (número)	aritmética, aritmologia, aritmomancia

radical e significado	exemplos
arque- (primeiro, origem)	arquétipo, arquegônio
arqueo- (antigo)	arqueografia, arqueologia, arqueozoico
aster-, astro- (estrela, astro)	asteroide, astrólogo, astronomia
auto- (próprio)	autocracia, autógrafo, autômato
bari-, baro- (peso)	barômetro, barítono, barisfera
biblio- (livro)	bibliografia, biblioteca, bibliófilo
bio- (vida)	biografia, biologia, macróbio, anfíbio
caco- (mau)	cacofonia, cacografia
cali- (belo)	califasia, caligrafia
cardi-, cardio- (coração)	cardiologia, cardiografia
cin-, cine-, cines- (movimento)	cinestesia, cinemática
core-, coreo- (dança)	coreografia, coreógrafo
cosmo- (mundo)	cosmógrafo, cosmologia
cript-, cripto- (escondido)	criptônimo, criptograma
cris-, criso- (ouro)	crisálida, crisântemo
crom-, cromo- (cor)	cromossomo, cromogravura, cromoterapia
crono- (tempo)	cronologia, cronômetro, cronograma
datilo- (dedo)	datilografia, datiloscopia
demo- (povo)	demografia, democracia, demagogia
dinam-, dinamo- (força, potência)	dinamômetro, dinamite
eco- (casa)	ecologia, ecossistema, economia
eletro- (âmbar, eletricidade)	elétrico, eletrômetro
enter-, entero- (intestino)	enterite, enterogastrite
ergo- (trabalho)	ergonomia, ergometria
estere-, estereo- (sólido, fixo)	estereótipo, estereografia
estomat-, estomato- (boca, orifício)	estomatite, estomatoscópio
etno- (raça)	etnografia, etnologia
farmaco- (medicamento)	farmacologia, farmacopeia
filo- (amigo)	filósofo, filólogo
fisio- (natureza)	fisiologia, fisionomia
fono- (voz)	eufonia, fonologia
fos-, foto- (luz)	fósforo, fotofobia
gastr-, gastro- (estômago)	gastrite, gastrônomo
gen-, geno- (que gera)	genótipo, hidrogênio
geo- (terra)	geografia, geologia
ger-, gero- (velhice)	geriatria, gerontocracia
helio- (sol)	heliografia, helioscópio
hemi- (metade)	hemisfério, hemistíquio
hemo-, hemato- (sangue)	hemoglobina, hematócrito
hetero- (outro)	heterônimo, heterogêneo

radical e significado	exemplos
hidro- (água)	hidrogênio, hidrografia
hier-, **hiero-** (sagrado)	hieróglifo, hierosolimita
hipo- (cavalo)	hipódromo, hipopótamo
homo-, **homeo-** (semelhante)	homeopatia, homógrafo, homogêneo
icono- (imagem)	iconoclasta, iconolatria
ictio- (peixe)	ictiófago, ictiologia
iso- (igual)	isócrono, isósceles
lito- (pedra)	litografia, litogravura
macro- (grande)	macrocéfalo, macrocosmo
mega-, **megalo-** (grande)	megatério, megalomaníaco
melo- (canto)	melodia, melopeia
meso- (meio)	mesóclise, Mesopotâmia
micro- (pequeno)	micróbio, microcéfalo, microscópio
miso- (que odeia)	misógino, misantropo
mito- (fábula)	mitologia, mitômano
necro- (morto)	necrópole, necrotério
neo- (novo)	neolatino, neologismo
neuro-, **nevr-** (nervo)	neurologia, nevralgia
odonto- (dente)	odontologia, odontalgia
ofi-, **ofio-** (cobra, serpente)	ofiologia, ofiomancia
oftalmo- (olho)	oftalmologia, oftalmoscópio
onomato- (nome)	onomatologia, onomatopeia
ornit-, **ornito-** (ave)	ornitologia, ornitoide
oro- (montanha)	orogenia, orografia
orto- (reto, justo)	ortografia, ortodoxo
oste-, **osteo-** (osso)	osteoporose, osteodermo
oxi- (ácido, agudo)	oxítona, oxígono, oxigênio
paleo- (antigo)	paleografia, paleontologia
pan- (todos, tudo)	panteísmo, pan-americano
pato- (doença, sentimento)	patologia, patogenético, patético
pedi-, **pedo-** (criança)	pediatria, pedologia
piro- (fogo)	pirólise, piromania, pirotecnia
pluto- (riqueza)	plutomania, plutocracia
poli- (muito)	policromia, poliglota, polígrafo, polígono
potamo- (rio)	potamografia, potamologia
proto- (primeiro)	protótipo, protozoário
pseudo- (falso)	pseudônimo, pseudópode
psico- (alma, espírito)	psicologia, psicanálise
quiro- (mão)	quiromancia, quiróptero
rino- (nariz)	rinoceronte, rinoplastia

radical e significado	exemplos
rizo- (raiz)	rizófilo, rizotônico
sider- (ferro)	siderólito, siderurgia
sismo- (abalo, tremor)	sismógrafo, sismologia
taqui- (rápido)	taquicardia, taquigrafia
tax-, **taxi-**, **taxio-** (ordem, arranjo)	taxiologia, taxidermia
tecno- (arte, ofício, indústria)	tecnologia, tecnocracia, tecnografia
tele- (longe)	telegrama, telefone, telepatia
teo- (deus)	teocracia, teólogo
term-, **termo-** (calor)	termômetro, isotérmico
tipo- (figura, marca)	tipografia, tipologia
topo- (lugar)	topografia, toponímia
xeno- (estrangeiro)	xenofobia, xenomania
xilo- (madeira)	xilógrafo, xilogravura
zoo- (animal)	zoógrafo, zoologia

NUMERAIS

radical e significado	exemplos
mon-, **mono-** (um)	monarca, monogamia
di- (dois)	dipétalo, dissílabo
tri- (três)	trilogia, trissílabo
tetra- (quatro)	tetrarca, tetraedro
pent-, **penta-** (cinco)	pentatlo, pentágono
hexa- (seis)	hexágono, hexâmetro
hepta- (sete)	heptágono, heptassílabo
octo- (oito)	octossílabo, octaedro
enea- (nove)	eneágono, eneassílabo
deca- (dez)	decaedro, decalitro
hendeca- (onze)	hendecassílabo, hendecaedro
dodeca- (doze)	dodecassílabo
icos- (vinte)	icosaedro, icoságono
hecto-, **hecato-** (cem)	hectoedro, hecatombe, hectômetro, hectograma
quilo- (mil)	quilograma, quilômetro
miria- (dez mil, inumerável)	miriâmetro, miríade, miriápode

ELEMENTOS QUE GERALMENTE SURGEM NA PARTE FINAL DO COMPOSTO

radical e significado	exemplos
-agogia (condução)	pedagogia, demagogia
-agogo (que conduz)	demagogo, pedagogo
-algia (dor)	cefalalgia, nevralgia

radical e significado	exemplos
-arca (que comanda)	heresiarca, monarca
-arquia (comando, governo)	autarquia, monarquia
-astenia (debilidade)	neurastenia, psicastenia
-céfalo (cabeça)	macrocéfalo, microcéfalo
-ciclo (círculo)	biciclo, hemiciclo
-cracia (poder)	democracia, plutocracia, gerontocracia
-derme (pele)	endoderme, epiderme
-doxo (que opina)	ortodoxo, heterodoxo
-dromo (lugar para correr)	hipódromo, velódromo
-edro (base, face)	pentaedro, poliedro
-eido, **-oide** (forma, semelhança)	caleidoscópio, asteroide, aracnoide
-fagia (ato de comer)	aerofagia, antropofagia
-fago (que come)	antropófago, necrófago
-filia (amizade)	bibliofilia, lusofilia
-fobia (inimizade, aversão)	fotofobia, hidrofobia
-fobo (que tem aversão)	xenófobo, zoófobo
-foro (que leva ou conduz)	fósforo, semáforo
-gamia (casamento)	monogamia, poligamia
-gamo (que casa)	bígamo, polígamo
-glota, **-glossa** (língua)	poliglota, isoglossa
-gono (ângulo)	pentágono, polígono
-grafia (escrita, descrição)	ortografia, geografia
-grafo (que escreve)	calígrafo, polígrafo
-grama (escrito, peso)	telegrama, quilograma
-logia (discurso, tratado, ciência)	arqueologia, fonologia
-logo (que fala ou trata)	diálogo, teólogo
-mancia (adivinhação)	necromancia, quiromancia
-mania (loucura, tendência)	megalomania, piromania
-mano (louco, inclinado)	bibliômano, mitômano
-maquia (combate)	logomaquia, tauromaquia
-metria (medida)	antropometria, biometria
-metro (que mede)	hidrômetro, pentâmetro
-morfo (que tem forma de)	antropomorfo, polimorfo
-nomia (lei, regra)	agronomia, astronomia
-nomo (que regula)	autônomo, metrônomo
-orama (espetáculo)	panorama, cosmorama
-peia (ato de fazer)	melopeia, onomatopeia
-pólis, **-pole** (cidade)	Petrópolis, metrópole
-ptero (asa)	díptero, helicóptero
-scopia (ato de ver)	macroscopia, microscopia

radical e significado	exemplos
-scópio (instrumento para ver)	microscópio, telescópio
-sofia (sabedoria)	filosofia, teosofia
-stico (verso)	dístico, monóstico
-teca (lugar onde se guarda)	biblioteca, discoteca
-terapia (cura)	fisioterapia, hidroterapia
-tomia (corte, divisão)	dicotomia, neurotomia
-tono (tensão, tom)	barítono, monótono
-trof, -trofia (nutrição)	atrofia, hipertrofia

RADICAIS LATINOS
ELEMENTOS QUE GERALMENTE SURGEM NA PARTE INICIAL DO COMPOSTO

radical e significado	exemplos
agri-, agro- (campo)	agrícola, agricultura
ali- (asa)	alígero, alípede, aliforme
alti- (alto)	altissonante, altiplano
alvi- (branco)	alviverde, alvinegro
ambi- (ambos)	ambidestro
api- (abelha)	apicultura, apiário, apícola
arbori- (árvore)	arborícola
auri- (ouro)	auriverde, auriflama
avi- (ave)	avicultura
bel-, beli- (guerra)	belígero, beligerante
bis-, bi- (duas vezes)	bisavô
calori- (calor)	calorífero
cent- (cem)	centavo, centena, centopeia
cruci- (cruz)	crucifixo
curvi- (curvo)	curvilíneo
equi- (igual)	equilátero, equivalência
ferri-, ferro- (ferro)	ferrovia
fili- (filho)	filicídio, filial
fratri-, frater- (irmão)	fratricida, fraternidade
igni- (fogo)	ignívomo
lati- (grande, largo)	latifoliado, latitúndio
loco- (lugar)	locomotiva
matri- (mãe)	matrilinear, matriarcal
maxi- (muito grande)	maxidesvalorização, maxissaia
mili- (mil, milésima parte)	milípede, milímetro
mini- (muito pequeno)	minissaia, minifúndio
morti- (morte)	mortífero

radical e significado	exemplos
multi- (muito)	multiforme, multidimensional
nocti- (noite, trevas)	noctívago, nocticolor
nubi- (nuvem)	nubívago, nubífero
oni- (todo)	onipotente
patri- (pai)	patrilinear, patrilocal
pedi- (pé)	pedilúvio
pisci- (peixe)	piscicultor
pluri- (muitos)	pluriforme, plurisseriado
quadri- (quatro)	quadrimotor, quadrúpede
reti- (reto)	retilíneo
tri- (três)	tricolor
umbri- (sombra)	umbrívago, umbrífero
uni- (um)	uníssono
uxori- (esposa)	uxório, uxoricida
vermi- (verme)	vermífugo

ELEMENTOS QUE GERALMENTE SURGEM NA PARTE FINAL DO COMPOSTO

radical e significado	exemplos
-cida (que mata)	regicida, fratricida
-cola (que cultiva ou habita)	vitícola, arborícola
-cultura (ato de cultivar)	apicultura, piscicultura
-fero (que contém ou produz)	aurífero, flamífero
-fico (que faz ou produz)	benéfico, frigorífico
-forme (que tem forma de)	cuneiforme, uniforme
-fugo (que foge ou que faz fugir)	centrífugo, febrífugo
-gero (que contém ou produz)	armígero, belígero
-paro (que produz)	multíparo, ovíparo
-pede (pé)	palmípede, velocípede
-sono (que soa)	horríssono, uníssono
-vago (que anda)	nubívago, noctívago
-vomo (que expele)	fumívomo, ignívomo
-voro (que come)	carnívoro, herbívoro

OBSERVAÇÃO

Há palavras que combinam elementos gregos e latinos: *televisão, automóvel, genocídio, homossexual* e outras. São chamadas de **hibridismos**. Existem hibridismos em que se combinam elementos de origens bastante diversas, como *goiabeira* (tupi e português), *abreugrafia* (português e grego), *sambódromo* (quimbundo – uma língua africana – e grego), *surfista* (inglês e grego), *burocracia* (francês e grego) e outros. Como você vê, trata-se de palavras muito usadas no cotidiano comunicativo, o que torna absurda a intenção de certos gramáticos de considerar os hibridismos verdadeiras aberrações devido à sua origem "mestiça".

Atividades

1. Identifique os elementos formadores e dê o significado de cada um dos compostos dos grupos abaixo:

Grupo 1

a) democracia
b) gerontocracia
c) tecnocracia
d) plutocracia
e) talassocracia
f) teocracia
g) autocracia
h) aristocracia
i) burocracia

Grupo 2

a) quiromancia
b) oniromancia
c) piromancia
d) ornitomancia
e) onomatomancia
f) aritmomancia

Grupo 3

a) entomologia
b) zoologia
c) fitologia
d) geologia
e) ornitologia
f) ictiologia
g) biologia
h) filologia
i) fonologia
j) morfologia
k) cardiologia
l) ginecologia
m) psicologia
n) sociologia
o) teologia
p) antologia
q) neurologia
r) enologia
s) tecnologia

Grupo 4

a) cistalgia
b) ostealgia
c) cefalalgia
d) odontalgia
e) mialgia
f) otalgia
g) nevralgia

Grupo 5

a) anônimo
b) homônimo
c) heterônimo
d) criptônimo
e) pseudônimo
f) ortônimo
g) antropônimo
h) topônimo
i) sinônimo
j) antônimo

Grupo 6

a) sintaxe
b) cleptomania
c) megalomania
d) nefelibata
e) acrobata
f) acrofobia
g) tanatofobia
h) semáforo
i) economia
j) rinoceronte
k) hipopótamo
l) estereótipo
m) poliglota
n) ortopedia
o) hematófago
p) metafísica

Grupo 7

a) agricultura
b) piscicultura
c) triticultura
d) rizicultura
e) fruticultura
f) avicultura
g) apicultura

2. Re-escreva as frases seguintes, substituindo as expressões destacadas por compostos eruditos:

a) Certos políticos têm **incontinência de linguagem**.
b) Sua **paixão exagerada pela música** fazia-o gastar muito em discos importados.
c) Era um especialista n**o estudo da escrita**.
d) Eis no que deu **o governo dos técnicos**.
e) Tal procedimento só é possível porque existe **um controle do mercado por algumas poucas empresas**.
f) É um animal **que se alimenta de sangue**.
g) Especializou-se n**o estudo dos insetos**.
h) É uma pessoa capaz de sofrer verdadeiras **mudanças de forma**.
i) Fazia questão de que suas roupas fossem **de uma só cor**.
j) **O estudo dos nomes de lugares e localidades** pode revelar muito sobre a história de uma região.

9. Outros processos de formação de palavras

Abreviação vocabular

A abreviação vocabular consiste na eliminação de um segmento de uma palavra a fim de se obter uma forma mais curta. Ocorre, portanto, uma verdadeira truncação, obtendo-se uma nova palavra cujo signifi-

cado é o mesmo da palavra original. Esse processo é particularmente produtivo na redução de palavras muito longas:

cinematógrafo → cinema → cine	vestibular → vestiba
pneumático → pneu	metropolitano → metrô
otorrinolaringologista → otorrino	violoncelo → celo
telefone → fone	extraordinário → extra
automóvel → auto	psicologia → psico

Observe que a forma abreviada é de amplo uso coloquial, embora em muitos casos passe a fazer parte da língua escrita. Esse traço de coloquialidade pode ser sentido em abreviações como as que colocamos abaixo, impregnadas de emotividade (carinho, desprezo, preconceito, zombaria):

professor → fessor	rebuliço → rebu
japonês → japa	delegado → delega
confusão → confa	grã-fino → granfa
botequim → boteco	Florianópolis → Floripa
São Paulo → Sampa	chinês → china
português → portuga	militar→ milico
comunista → comuna	neurose → neura

Há um certo tipo de abreviação que se vem tornando muito frequente na língua atual. Consiste no uso de um prefixo ou de um elemento de uma palavra composta no lugar do todo:

ex (por ex-namorada, ex-marido, ex-esposa)

vídeo (por videocassete)

máxi (por maxissaia ou maxidesvalorização)

mídi (para saia que chega até o joelho ou desvalorização cambial moderada)

vice (por vice-presidente, vice-governador, vice-prefeito e outros)

micro (por microcomputador)

míni (por minissaia)

O uso dos prefixos em substituição à palavra toda deve ocorrer dentro de contextos determinados, em que é possível estabelecer o significado que se pretende. Prefixos como *vice* ou *máxi* só adquirem sentido em função dos outros elementos do texto em que surgem.

Siglonimização

Essa palavra dá nome ao processo de formação de siglas. As siglas são formadas pela combinação das letras iniciais de uma sequência de palavras que constitui um nome:

FGTS – **F**undo de **G**arantia do **T**empo de **S**erviço

IOF – **I**mposto sobre **O**perações **F**inanceiras

CPF – **C**adastro de **P**essoas **F**ísicas

PIB – **P**roduto **I**nterno **B**ruto

As siglas incorporam-se de tal forma ao vocabulário do dia-a-dia, que passam a sofrer flexões e a produzir derivados. É frequente o surgimento de construções como *os peemedebistas* (membros do PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro), *os petistas* (membros do PT – Partido dos Trabalhadores), *campanha pró-FGTS*, e outras.

Reprodução/Revista Pesquisa Fapesp

Pesquisa Fapesp. São Paulo: Fapesp, n. 111, maio 2005. p. 98.

A criação da palavra *DVDteca* associa a sigla *DVD* ao radical grego *teca*, por analogia a *biblioteca* e *discoteca*, e para suprir uma necessidade de nomear algo novo: a coleção de DVDs.

Algumas siglas provieram de outras línguas, principalmente do inglês:

UFO – ***U**nidentified **F**lying **O**bject* (objeto voador não-identificado), que concorre com a criação nacional Ovni

VIP – ***V**ery **I**mportant **P**erson* (pessoa muito importante)

Aids – ***A**dcquired **I**mmunological **D**eficiency **S**yndrome* (síndrome da imunodeficiência adquirida). Em Portugal, emprega-se Sida, sigla formada do nome português da doença.

Há casos de siglas importadas que se transformaram em verdadeiras palavras. Algumas só são vistas como siglas se conhecermos sua origem:

Jipe – adaptação do inglês *Jeep*, que por sua vez originou-se de GP (*General Purpose* – uso geral)

Laser – de ***L**ight **A**mplification by **S**timulated **E**mission of **R**adiation* (amplificação da luz por emissão estimulada de radiação)

Radar – de ***R**adio **D**etecting and **R**anging* (detecção e busca por rádio)

Palavra-valise

A palavra-valise resulta do acoplamento de duas palavras, uma das quais pelo menos sofreu truncação. É também chamada **palavra-centauro** e permite a realização de verdadeiras acrobacias verbais. Observe:

brasiguaio ou **brasilguaio** – formada de *brasileiro* e *paraguaio* para designar o povo fronteiriço que vive entre os dois países, particularmente os brasileiros que retornaram do Paraguai atraídos pelo anúncio de reforma agrária

portunhol – formada de *português* e *espanhol* para designar a língua resultante da mistura dos dois idiomas

portinglês – formada de *português* e *inglês*, criada por Carlos Drummond de Andrade ("secretária portinglês")

tomarte – formada de *tomate* e *Marte*, criada por Murilo Mendes ("Ou tomarte, vermelho que nem Marte"); note a possibilidade de ver nessa palavra também a palavra arte

fraternura, **elefantástico** e **copoanheiro** – criações de Guimarães Rosa cuja formação não é difícil de perceber

proesia – formada de *prosa* e *poesia*, utilizada por Décio Pignatari com referência a uma das obras do escritor irlandês James Joyce

Em livro

Marcílio Godoi/Memo Editorial

GODOI, Marcílio. *Pequeno dicionário ilustrado de palavras invenetas.* São Paulo: Sagui, 2008.

Cada língua, sem exceção, é a expressão de uma concepção particular do mundo. As línguas são organismos vivos, dinâmicos, ou seja, estão sempre em transformação. O livro do jornalista Marcílio Godoi ratifica esse entendimento sobre língua ao criar um livro de palavras fictícias que explora com criatividade as mais variadas possibilidades de comunicação verbal em língua portuguesa, como a palavra "chiclética", um neologismo que significa "moral que se abandona com facilidade".

Note que a criação dessas palavras ocorre tanto na língua coloquial como na língua culta e literária. Na língua coloquial, o processo já produziu palavras como *bebemorar*, *Grenal* (clássico de futebol entre Grêmio e Internacional de Porto Alegre), *Atletiba* (Atlético Paranaense e Coritiba), *Sansão* (Santos e São Paulo), *Flaflu* (Flamengo e Fluminense), *Bavi* (Bahia e Vitória), *Comefogo* (Comercial e Botafogo, ambos de Ribeirão Preto). Na linguagem jornalística, há termos como *cantriz* (cantora/atriz), *estagflação* (estagnação/inflação) e *showmício* (*show*/comício); na literatura, além das palavras já citadas, há ainda criações como *noitícia* (Carlos Drummond de Andrade) ou *diversonagens suspersas*, de Paulo Leminski.

Laerte

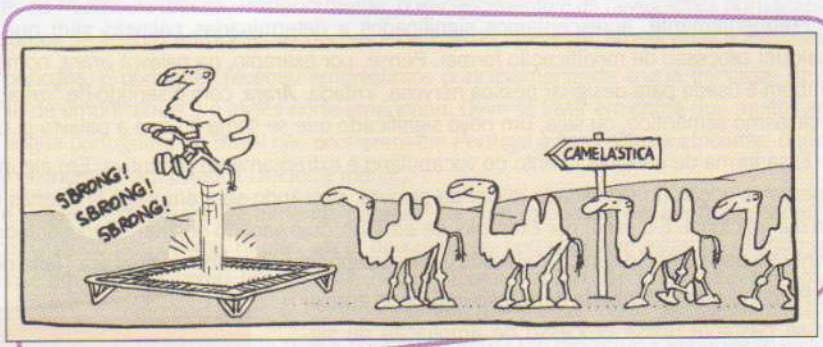

LAERTE. *Classificados: livro 2.* São Paulo: Devir, 2002. p. 7.

Do acoplamento das palavras *camelo* e *elástica* resultou *camelástica* – a palavra-valise que designa a cama elástica para camelos.

Onomatopeia

A onomatopeia ocorre quando se forma uma nova palavra por meio da imitação de sons. A palavra formada procura reproduzir um determinado som, adaptando-o ao conjunto de fonemas de que a língua dispõe. Dessa forma, surgem palavras como:

cacarejar | zumbir | arrulhar | crocitar | troar
tique-taque | teco-teco | reco-reco | pingue-pongue | xixi
quiquiriqui (pessoa ou coisa insignificante) | blablablá | zunzunzum
pimpampum | bangue-bangue (a partir do inglês *bang-bang*)
triquetraque (fogo de artifício) | saci (nome de uma ave e, por extensão, de ente mitológico)
cega-rega (cigarra; por extensão, pessoa tagarela) | chinfrim (coisa sem valor)

10. Outros processos de enriquecimento do léxico

Léxico é a palavra com que se costuma denominar o conjunto de palavras que integram uma língua. É, em termos práticos, um sinônimo de *vocabulário*, embora tecnicamente se possam estabelecer distinções entre as duas palavras. Os processos de criação de palavras que estudamos até aqui devem ter mostrado a você que há um constante enriquecimento lexical na língua, resultante principalmente do dinamismo das modificações culturais, que constantemente criam novos objetos, novos fatos, novos conceitos. Além disso, há outros fatores de pressão sobre a língua, como vínculos de dependência econômica e cultural, capazes de impor formas de pensar e de dizer que se manifestam também no vocabulário.

Os processos de criação lexical que vimos até agora operam transformações formais nas palavras, seja por meio do acréscimo ou supressão de morfemas, seja por meio da combinação de palavras inteiras para a formação de outras. São, basicamente, processos morfológicos, pois lidam com a forma das palavras.

Há outros processos de ampliação lexical na língua portuguesa. Como não são processos morfológicos, não vamos estudá-los pormenorizadamente, mas, por serem importantes, vamos falar um pouco sobre eles.

Neologismo semântico

Frequentemente, acrescentamos significados a determinadas palavras sem que elas passem por qualquer processo de modificação formal. Pense, por exemplo, na palavra *arara*, nome de uma ave, que também é usada para designar pessoa nervosa, irritada. ***Arara***, com o sentido de "irritado, nervoso", é um neologismo semântico, ou seja, um novo significado que se soma ao que a palavra já possuía.

Essa forma de enriquecimento do vocabulário é extremamente produtiva. Em alguns casos, chega-se a perder a noção do significado inicial da palavra, passando-se a empregá-la apenas no sentido que foi um dia adicional. É o caso, por exemplo, de *emérito*, cujo sentido original é "aposentado", mas que atualmente se usa como "distinto", "elevado"; ou *dissabor*, cujo sentido original era "falta de sabor".

Perceba que a chamada derivação imprópria aproxima-se bastante desse processo de ampliação de significado. A derivação imprópria resulta da passagem de uma palavra a uma classe gramatical diferente sem modificações na sua forma. Na realidade, ocorre uma ampliação do significado original da palavra. Isso pode ser percebido em casos em que esse processo está tão cristalizado que chegamos a perder a noção do sentido e da classe originais da palavra. Pense, por exemplo, em palavras como *alvo* (em expressões como *tiro ao alvo*), *clara* (de ovo), *estreito* (acidente geográfico), *marginal* (bandido ou via pública), *santo* (pessoa virtuosa), *refrigerante* – você já notou que se trata de adjetivos convertidos em substantivos?

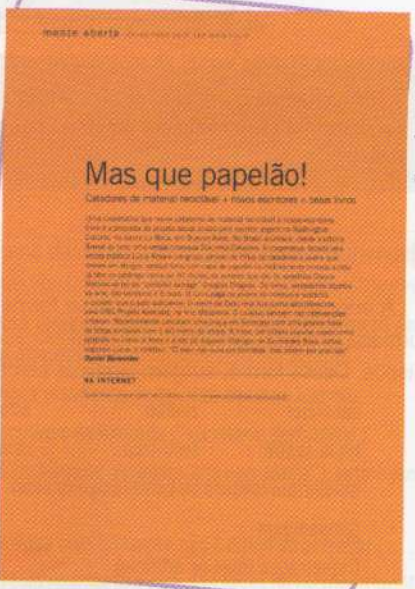
Mas que papelão!

Reprodução/Editora Abril

Vida Simples. São Paulo: Abril, ano 6, ed. 65, n. 4, 2008. p. 12.

O primeiro significado de *papelão* é "papel grosso, mais ou menos rígido". Posteriormente, essa palavra assumiu o significado de "conduta vergonhosa", "fiasco", e foi incorporada ao vocabulário informal. *Papelão* é um exemplo de neologismo semântico.

Em DVD

Divulgação/Editora Abril

José Dumont, ao centro, em cena do filme *Narradores de Javé*.

***Narradores de Javé*. Direção de Eliane Caffé. Brasil: Lumière, 2003. (100 min).**

Ao saber da iminência de uma inundação que devastará a região, os moradores de um vilarejo decidem reunir histórias sobre os mitos fundadores de Javé, para provar que o lugar merece ser tombado pelo patrimônio histórico e, assim, evitar a tragédia. Como quase todos são analfabetos, a incumbência de produzir o documento é dada ao polêmico escrivão Antônio Biá, acusado de difamar a cidade em outras épocas. E o destaque do filme é o próprio Biá, personagem vivido por José Dumont. Com falas marcantes e cheias de criatividade e humor, ele revela o lado engraçado dos neologismos semânticos empregados nas mais inusitadas situações cotidianas.

Empréstimos linguísticos

O contato entre culturas produz efeitos também no vocabulário das línguas. No caso da língua portuguesa, podem-se apontar exemplos de palavras tomadas de línguas estrangeiras em tempos muito antigos. Esses empréstimos provieram de línguas célticas, germânicas e árabes ao longo do processo de formação do português na Península Ibérica. Posteriormente, o Renascimento e as navegações portuguesas permitiram empréstimos de línguas europeias modernas e de línguas africanas, americanas e asiáticas.

Depois desses períodos, o português recebeu empréstimos principalmente da língua francesa. Atualmente, a maior fonte de empréstimos é o inglês norte-americano. Deve-se levar em conta que muitos empréstimos da atual língua portuguesa do Brasil não ocorreram em Portugal e nas colônias africanas, onde a influência cultural e econômica dos Estados Unidos é menor.

As palavras de origem estrangeira geralmente passam por um processo de aportuguesamento fonológico e gráfico. Quando isso ocorre, muitas vezes deixamos de perceber que estamos usando um estrangeirismo. Pense em palavras como *bife*, *futebol*, *beque*, *abajur*, *xampu*, tão frequentes em nosso cotidiano que já as sentimos como portuguesas. Quando mantêm a grafia da língua de origem, as palavras costumam ser escritas entre aspas (na imprensa, costumam surgir em destaque – geralmente itálico: *spread*, *dumping*).

Atente para o fato de que os empréstimos linguísticos só fazem sentido quando são necessários. É o que ocorre quando surgem novos produtos ou processos tecnológicos. Ainda assim, esses empréstimos devem ser submetidos ao tratamento de conformação aos hábitos fonológicos e morfológicos da língua portuguesa. São condenáveis abusos de estrangeirismos decorrentes de afetação de comportamento ou de subserviência cultural. A imprensa e a publicidade muitas vezes não resistem à tentação de utilizar a denominação estrangeira de forma apelativa, como em expressões do tipo *os teens* (por adolescentes) ou *high technology system* (sistema de alta tecnologia).

Em CD

Divulgação

Gilberto Gil. Pela Internet. In: *Enciclopédia Musical Brasileira* (CD). Warner Music, [s.d.].

Lançada em 1996, "Pela Internet" foi uma das primeiras músicas a inaugurar a divulgação de canções pela internet no Brasil. Para essa composição, Gil abusa dos empréstimos linguísticos empregados na informática para construir um discurso sobre a revolução que a internet provocou ao transformar o mundo numa aldeia global repleta de possibilidades comunicativas.

Atividade

Explique e denomine o processo de formação das seguintes palavras:

a) INSS
b) "confa"
c) estresse
d) teco-teco
e) caipiródromo
f) sofatleta

Textos para análise

1

CSI BRASIL

DESTRUIÇÃO DE DOCUMENTOS

A microscopia eletrônica no setor de balística dá a palavra final em casos de laudos divergentes e já mudou o rumo de investigações importantes, como no caso da destruição dos documentos da ditadura militar na Base Aérea de Salvador. O laudo da polícia baiana afirmava que os documentos não haviam sido queimados na sala da Base Aérea, onde havia manchas escuras na parede. Outros laudos atestavam que a queima havia ocorrido na sala e que as manchas eram indícios do incêndio criminoso. Sara, então, analisou amostras da parede e do chão e comprovou que a queima não ocorrera naquele local. As manchas tinham sido provocadas por fungos, não continham nenhuma espécie de fuligem.

RESÍDUOS DE ARMAS DE FOGO

O microscópio eletrônico de varredura permitiu a Sara desvendar o caso do general do Exército brasileiro Urano Bacelar, que morreu no Haiti. Ela atestou que havia resíduos de disparo de arma de fogo nas mãos e na boca do militar. Já no Paraná, houve o assassinato de um procurador, e os indícios conduziam a vários suspeitos. Antes de ser atingido por arma de fogo, o procurador tivera os

MULHERES DO BRASIL 99

Reprodução/Editora Abril

A microscopia eletrônica no setor de balística dá a palavra final em casos de laudos divergentes e já mudou o rumo de investigações importantes, como no caso da destruição dos documentos da ditadura militar na Base Aérea de Salvador. O laudo da polícia baiana afirmava que os documentos não haviam sido queimados na sala da Base Aérea, onde havia manchas escuras na parede. Outros laudos atestavam que a queima havia ocorrido na sala e que as manchas eram indícios do incêndio criminoso. Sara [*Sara Lenharo, 47 anos, coordenadora do setor de Balística do INC*], então, analisou amostras da parede e do chão e comprovou que a queima não ocorrera naquele local. As manchas tinham sido provocadas por fungos, não continham nenhuma espécie de fuligem.

Claudia. Mulheres do Brasil. São Paulo: Abril, ed. 558, mar. 2008. Edição especial. p 99.

Trabalhando o texto

1. A partir dos elementos de composição da palavra *microscopia*, explique o que ela significa.

2. Que processo originou a palavra *queima*? A que fato, citado anteriormente, ela se refere no texto?

3. Que importância tem esse procedimento – de utilizar uma palavra diferente para referir-se a termo(s) utilizado(s) anteriormente – na construção de um texto?

2

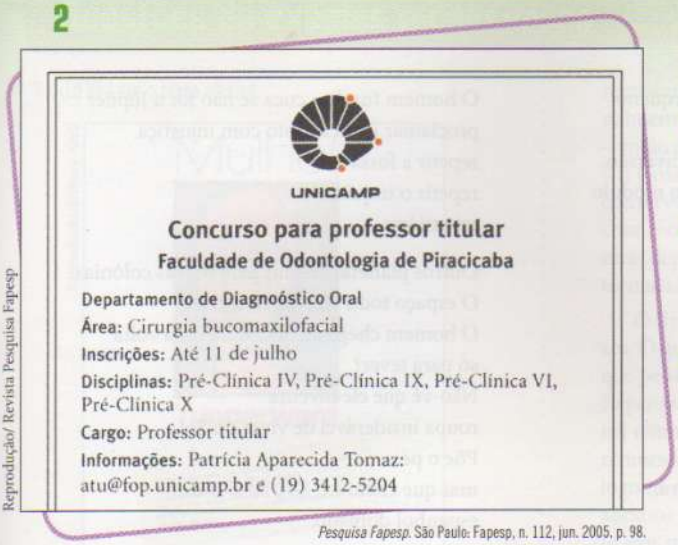

UNICAMP

Concurso para professor titular

Faculdade de Odontologia de Piracicaba

Departamento de Diagnoóstico Oral
Área: Cirurgia bucomaxilofacial
Inscrições: Até 11 de julho
Disciplinas: Pré-Clínica IV, Pré-Clínica IX, Pré-Clínica VI, Pré-Clínica X
Cargo: Professor titular
Informações: Patrícia Aparecida Tomaz: atu@fop.unicamp.br e (19) 3412-5204

Reprodução/ Revista Pesquisa Fapesp

Pesquisa Fapesp. São Paulo: Fapesp, n. 112, jun. 2005, p. 98.

Trabalhando o texto

1. Identifique os elementos que compõem as palavras *odontologia* e *bucomaxilofacial* e explique seu significado.
2. Indique o significado do prefixo e do sufixo destacados nas palavras *diagnóstico* e *titular*. Qual o significado dessas palavras?
3. Como você justifica a utilização dessas palavras nesse tipo de texto?

3

Variantes

Fecho-relâmpago

Chamado também de fecho-éclair (nome ainda adotado em Portugal), a pequena engrenagem de metal ou plástico teria sido batizada dessa forma por causa do francês *fermeture Éclair*, que se refere ao nome da sociedade detentora do registro da marca, Éclair Prestil SN. Mais tarde, o fecho seria batizado de *zipper* pela língua inglesa, com base na * "zip" obtida ao ser o objeto fechado ou aberto. O aparecimento do zíper representou o fim de horas e horas desperdiçadas com cordões e botões do século 19, época em que foi criado. Daí o uso de outro nome, esse mais antigo, o de fecho-relâmpago.

Riri
(Maranhão, Paraíba, Ceará)

Mamãe-vem-aí
(Pernambuco)

Eclair, zip
(Bahia)

Reco, ré
(Santa Catarina, Rio Grande do Sul)

Fecho-éclair
(Portugal)

Língua Portuguesa. São Paulo: Segmento, ano III, n. 28, fev. 2008. p. 10.

Reprodução/Editora Segmento

Trabalhando o texto

1. A palavra que designa o processo de formação de *zíper* foi substituída por um asterisco no texto. Que palavra é essa?
2. Considerando os nomes dados ao fecho-relâmpago, no Brasil, indique os processos utilizados para sua formação.
3. Na composição *fecho-relâmpago*, que relação há entre a segunda palavra e a primeira?
4. Em sua opinião, qual desses nomes conseguiu maior eficácia no processo de designar um objeto que serve como fecho e cuja qualidade é a rapidez?

4

O homem: as viagens

O homem, bicho da Terra tão pequeno
chateia-se na Terra
lugar de muita miséria e pouca diversão,
faz um foguete, uma cápsula, um módulo
toca para a Lua
desce cauteloso na Lua
pisa na Lua
planta bandeirola na Lua
experimenta a Lua
coloniza a Lua
civiliza a Lua
humaniza a Lua.

Lua humanizada: tão igual à Terra.
O homem chateia-se na Lua.
Vamos para Marte – ordena a suas máquinas.
Elas obedecem, o homem desce em Marte
pisa em Marte
experimenta
coloniza
civiliza
humaniza Marte com engenho e arte.

Marte humanizado, que lugar quadrado.
Vamos a outra parte?
Claro – diz o engenho
sofisticado e dócil.
Vamos a Vênus.
O homem põe o pé em Vênus,
vê o visto – é isto?
idem
idem
idem.

O homem funde a cuca se não for a Júpiter
proclamar justiça junto com injustiça
repetir a fossa
repetir o inquieto
repetitório.

Outros planetas restam para outras colônias.
O espaço todo vira Terra-a-terra.
O homem chega ao Sol ou dá uma volta
só para tever?
Não-vê que ele inventa
roupa insiderável de viver no Sol.
Põe o pé e:
mas que chato é o Sol, falso touro
espanhol domado.

Restam outros sistemas fora
do solar a col-
onizar.
Ao acabarem todos
só resta ao homem
(estará equipado?)
a dificílima dangerosíssima viagem
de si a si mesmo:
pôr o pé no chão
do seu coração
experimentar
colonizar
civilizar
humanizar
o homem
descobrindo em suas próprias inexploradas entranhas
a perene, insuspeitada alegria de con-viver.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *As impurezas do branco*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978. p. 20-2.

Trabalhando o texto

1. De que forma o poema explora a sufixação nos últimos versos da primeira estrofe? Comente.
2. A palavra *quadrado* constitui um neologismo semântico? Comente.
3. Explique o significado da passagem "vê o visto" e comente o valor adquirido pela palavra *visto* nesse contexto.
4. Qual o sentido da palavra *fossa*? Analise sua utilização no poema.
5. Como foi formada a palavra *tever*? Que significados ela sugere?
6. Que efeito produz a divisão *col-/onizar*?
7. Comente o uso da palavra *dangerosíssima*.
8. Que efeito produz a forma *con-viver*? Comente.
9. Qual viagem você considera mais importante para o homem? A sideral ou a "dangerosíssima"? Por quê?

Questões de exames e concursos

1. (UFV) Leia o texto abaixo:

Reprodução/Editora Abril

Mulher Tupperware [Da sabedoria popular]

S.f. A que tem orgulho de ser mulher. Que é ousada e audaciosa. Contemporânea. Vencedora. Que tem objetivos de vida e luta por eles.

Sintonizada com o seu tempo. Que rejeita imitações. Que aprecia o belo e o prático. De todas as raças. De todas as cores.

Veja, 5 mar. 1997.

"Que é ous**ada** e audaciosa."

"Sintoniz**ada** com o seu tempo."

Nos fragmentos acima, é **correto** afirmar que os elementos em destaque:

a) formam palavras compostas.

b) são formas livres.

c) são formas invariáveis.

d) estão ligados a uma base verbal.

e) têm diferente valor semântico.

2. (UFMT) **Instrução**: Leia os trechos da obra *Grande sertão: veredas*, publicada há 50 anos, do escritor mineiro Guimarães Rosa – geração de 45 – para responder às questões.

Eu ouvi aquilo demais. O pacto! Se diz – o senhor sabe. Bobeia. Ao que a pessoa vai, em meia-noite, a uma encruzilhada, e chama fortemente o Cujo – e espera. Se sendo, há-de que vem um pé-de-vento, sem razão, e arre se comparece uma porca com ninhada de pintos, se não for uma galinha puxando barrigada de leitões. Tudo errado, remedante, sem completação... O senhor imaginalmente percebe? O crespo – a gente se retém – então dá um cheiro de breu queimado. E o dito – o Coxo – toma espécie, se forma! Carece de se conservar coragem. Se assina o pacto. Se assina com o sangue de pessoa. O pagar é alma. Muito mais depois. O senhor vê, superstição parva? Estornadas!... Provei. Introduzi. (p. 45)

O demo, tive raiva dele? Pensei nele? Em vezes. O que era em mim valentia, não pensava; e o que pensava produzia era dúvidas de me-enleios. Repensava, no esfriar do dia. A quando é o do sol entrar, que então até é o dia mesmo, por seu remorso. Ou então, ainda melhor, no madrugal, logo no instante em que eu acordava e ainda não abria os olhos: eram só os minutos, e, ali durante, em minha rede, eu preluzia tudo claro e explicado. Assim: – Tu vigia, Riobaldo, não deixa o diabo te pôr sela... – isto eu divulgava. Aí eu queria fazer um projeto: como havia de escapulir dele, do Temba, que eu tinha mal chamado. Ele rondava por me governar? (p. 458)

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

Sobre a renovação da linguagem empreendida por Rosa, assinale a afirmativa incorreta.

a) O trecho "Riobaldo, não deixa o diabo te pôr sela..." exemplifica a quebra da ordem canônica da língua portuguesa.

b) "Remedante", "completação", "imaginalmente" são exemplos de neologismos por sufixação, que altera a classe gramatical, mas conserva o sentido original do radical.

c) "Em vezes" e em "meia-noite" são expressões correntes na língua, utilizadas com nova regência.

d) "O Cujo", "o Coxo", "o demo", "o diabo", "o Temba", usados como sinônimos no texto, comprovam apropriação do vocabulário popular.

e) "Preluzia" e "me-enleios" exemplificam neologismos por prefixação, com alteração do sentido original.

3. (UPM-SP)

1 Curiosa palavra. Idoso. O que acumulou idade. [Também tem o

2 sentido de quem se apega à idade. Ou que a esbanja [(como gostoso

3 ou dengoso). Se é que não significa alguém que está [indo, alguém

4 em processo de ida. Em contraste com os que ficam, [os ficosos...

5 Preciso começar a agir como um idoso. Dizem que, [entre eles,
6 idoso não fala em quem chega à velhice como alguém [que está à
7 beira do túmulo. Dizem que está na zona de rebaixa [mento. Vou ter
8 que aprender o jargão da categoria

Luis Fernando Verissimo

O texto propõe diferentes possibilidades de sentido para o sufixo **-oso**. A partir dessas possibilidades, considere as seguintes afirmações:

I. "Glorioso" exemplifica o emprego do sufixo em palavras que fazem referência a quem acumulou algo.

II. "Nervoso" exemplifica o sentido de "indivíduo apegado a algo".

III. Seguindo a lógica do neologismo apresentado pelo autor, "chegosos" poderia ser um termo aplicado aos recém-nascidos.

Assinale:

a) se apenas I e II estiverem corretas.

b) se apenas II e III estiverem corretas.

c) se apenas I e III estiverem corretas.

d) se I, II e III estiverem corretas.

e) se I, II e III estiverem incorretas.

4. (PUC-SP) *Recheio*, *fruta-do-conde* e *cruzamento* passaram, respectivamente, pelos seguintes processos de formação:

a) hibridismo, derivação sufixal e composição

b) derivação prefixal, composição e derivação sufixal

c) derivação prefixal, hibridismo e derivação sufixal

d) hibridismo, derivação sufixal e derivação prefixal

e) derivação sufixal, hibridismo e composição

5. (UERJ)

(...)

Mas pouca gente sabe o que é um lipograma. Lipo significa tirar, aspirar, esconder. Portanto, um lipograma é um texto que sofreu a lipoaspiração de uma letra. O autor resolve esconder essa letra por razões lúdicas. Já o grego Píndaro havia escrito uma ode, sem a letra "s". Os autores barrocos no século XVII também usavam este tipo de ocultação, porque estavam envolvidos com o ocultismo, com a cabala e com a numerologia.

(...)

ROMANO, Affonso de Sant'Anna. *O Globo*, 15 set. 1999.

Observando o trecho acima, identifique o processo de formação de palavras comum aos termos *ocultação* e *ocultismo* e explique a diferença de sentido entre eles.

6. (UERJ) Diga qual é a razão imediata por que *lisonjeado* é escrito com *j* e *margeado* é escrito com *g*.

7. (Enem)

Good-bye

"Não é mais boa noite, nem bom dia
Só se fala good morning, good night
Já se desprezou o lampião de querosene
Lá no morro só se usa a luz da Light
Oh yes!"

A marchinha "Good-bye", composta por Assis Valente há cerca de 50 anos, refere-se ao ambiente das favelas dos morros cariocas. A estrofe citada mostra:

a) como a questão do racionamento da energia elétrica, bem como a da penetração dos anglicismos no vocabulário brasileiro, iniciaram-se em meados do século passado.

b) como a modernidade, associada simbolicamente à eletrificação e ao uso de anglicismos, atingia toda a população brasileira, mas também como, a despeito disso, persistia a desigualdade social.

c) como as populações excluídas se apropriavam aos poucos de elementos de modernidade, saindo de uma situação de exclusão social, o que é sugerido pelo título da música.

d) os resultados benéficos da política de boa vizinhança norte-americana, que permitia aos poucos que o Brasil se inserisse numa cultura e economia globalizadas.

e) o desprezo do compositor pela cultura e pelas condições de vida atrasadas características do "morro", isto é, dos bairros pobres da cidade do Rio de Janeiro.

8. (Unifesp) *Pneumotórax*, palavra que dá título ao famoso poema de Manuel Bandeira, é vocábulo constituído de dois radicais gregos (*pneum*[o]- + *-tórax*). Significa o procedimento médico que consiste na introdução de ar na cavidade pleural, como forma de tratamento de moléstias pulmonares, particularmente a tuberculose. Tal enfermidade é referida no diálogo entre médico e paciente, quando o primeiro explica a seu cliente que ele tem "uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito *infiltrado*". Esta última palavra é formada com base em um radical: *filtro*.

Quanto à formação vocabular, o título do poema e o vocábulo *infiltrado* são constituídos, respectivamente, por:

a) composição e derivação prefixal e sufixal.

b) derivação prefixal e sufixal e composição.

c) composição por hibridismo e composição prefixal e sufixal.

d) simples flexão e derivação prefixal e sufixal.

e) simples derivação e composição sufixal e prefixal.

9. (UFSCar-SP) A revista *Veja*, referindo-se aos empresários brasileiros, na edição de 02.10.2002, às vésperas das eleições, utilizou o seguinte título para uma matéria:

Eles lularam na reta final.

Tomando como referência o contexto das eleições, responda:

a) Qual o significado da forma verbal *lularam*?

b) Do ponto de vista gramatical, por meio de que recurso o verbo da frase foi criado?

10. (UFPI)

(...)

"Esses monstros atuais, não os cativa Orfeu, a vagar, taciturno, entre o talvez e o se."

(...)

"Legado", Carlos Drummond de Andrade

As palavras *talvez* e *se* são formadas por:

a) derivação sufixal.

b) derivação prefixal.

c) derivação parassintética.

d) derivação imprópria.

e) composição.

11. (Unifal-MG) O vocábulo *almanaques*:

a) é de origem latina.

b) é erudito, composto de radicais gregos.

c) é erudito, híbrido, composto de radicais latino e grego.

d) é de origem árabe.

e) é uma composição erudita, com prefixo e radical latinos.

12. (Unifal-MG) Assinale a alternativa que contém a correspondência correta entre o composto de origem grega e o seu significado.

a) anarquia = falta de cabeça

b) aristocracia = governo dos plebeus

c) teocracia = governo de religiosos

d) oligarquia = governo de um pequeno grupo

e) plutocracia = governo exercido por estrangeiros

13. (UFPE) Quanto à formação de palavras:

a) *preconceito* é formação parassintética.

b) *pluralismo* e *fragilidade* são formações sufixais.

c) *incontroverso*, *individual* e *interna* são formadas com o prefixo latino *in-*, com sentido de negação.

d) *ampliação*, *repetência*, *preparação* e *cidadania* são substantivos formados a partir de formas verbais.

e) em *fragilizar*, *modernizar* e *democratizar* o sufixo *-izar* forma verbos a partir de adjetivos.

14. (UFCE) Complete os espaços abaixo com o substantivo que corresponde ao verbo destacado nas passagens:

I. ... **acendeu** nela o desejo...

A (*) do desejo.

II. ... e **repetia** puxando-me...

A (*) do chamado.

III. ... um gesto que eu não **descrevo**

A (*) do gesto.

Marque a alternativa que completa corretamente os espaços acima:

a) acenção – repetisão – descrição

b) acensão – repetição – descreção

c) acenção – repetição – discrição

d) acensão – repetissão – descrisão

e) acensão – repetição – descrição

15. (UFCE) Empregando o sufixo *-mente*, substitua as expressões destacadas por uma só palavra, cujo sentido seja equivalente ao da expressão substituída.

a) **Pouco a pouco**, o poeta aprenderia a partir sem medo.

b) **Sem dúvida alguma**, a lua nova é mais alegre que a cheia.

c) Ele ganhou um novo quarto e a aurora, **ao mesmo tempo**.

d) Passou dez anos, **sem interrupção**, com a janela virada para o pátio.

e) O poeta, **por exceção**, prefere a lua nova.

16. (Unifal-MG) Assinale a alternativa que contém, pela ordem, o nome do processo de formação das seguintes palavras: *ataque*, *tributária* e *expatriar*.

a) prefixação, sufixação, derivação imprópria

b) derivação imprópria, sufixação, parassíntese

c) prefixação, derivação imprópria, parassíntese

d) derivação regressiva, sufixação, prefixação e sufixação

e) derivação regressiva, sufixação, parassíntese

17. (PUC-SP) O vocábulo *ostentando* apresenta em sua estrutura os seguintes elementos mórficos:

a) o radical *ostenta* e o prefixo *-ndo*.

b) o radical *ostent-*, a vogal temática *-a*, o tema *ostenta* e a desinência *-ndo*.

c) o prefixo *os-*, o radical *tent-*, a vogal temática *-a* e a desinência *-ndo*.

d) o radical *ostenta*, o tema *ostent-* e a desinência *-ndo*.

e) o radical *-ndo*, o tema *ostent-* e a vogal temática *-a*.

18. (ESALq-SP) São palavras formadas por prefixação:

a) luminoso, fraternidade

b) liberdade, sonhador

c) conselheiro, queimado

d) linguagem, escravidão

e) percurso, ingrato

19. (PUC-SP) As palavras *azuladas*, *esbranquiçadas*, *bons-dias* e *lavagem* foram formadas, respectivamente, pelos processos de:

a) derivação parassintética, derivação prefixal e sufixal, composição por aglutinação, derivação prefixal e sufixal.

b) derivação sufixal, derivação parassintética, composição por justaposição, derivação sufixal.

c) derivação parassintética, derivação parassintética, composição por aglutinação, derivação sufixal.

d) derivação prefixal e sufixal, derivação prefixal, composição por justaposição, derivação parassintética.

e) derivação sufixal, derivação imprópria, composição por justaposição, derivação sufixal.

20. (Acafe-SC) Quanto à formação de palavras, aponte o exemplo que **não** corresponde à afirmação.

a) infeliz – derivação prefixal

b) inutilmente – derivação prefixal e sufixal

c) couve-flor – composição por justaposição

d) planalto – composição por aglutinação

e) semideus – composição por aglutinação

21. (Cefet-PR) Em qual das alternativas não há relação entre as duas colunas quanto ao processo de formação das seguintes palavras:

a) magoado	derivação sufixal
b) obscuro	derivação prefixal
c) infernal	derivação prefixal e sufixal
d) aterrador	derivação prefixal e sufixal
e) descampado	derivação parassintética

22. (Fuvest-SP) Foram formadas pelo mesmo processo as seguintes palavras:

a) vendavais, naufrágios, polêmicas

b) descompõem, desempregados, desejava

c) estendendo, escritório, espírito

d) quietação, sabonete, nadador

e) religião, irmão, solidão

23. (Fuvest-SP) Assinalar a alternativa que registra a palavra que tem o sufixo formador de advérbio.

a) desesperança

b) pessimismo

c) empobrecimento

d) extremamente

e) sociedade

24. (ITA-SP) Considere as seguintes significações:

"nove ângulos" "governo de poucos"
"som agradável" "dor de cabeça"

Escolha a alternativa cujas palavras traduzem os significados apresentados acima.

a) pentágono, plutocracia, eufonia, mialgia

b) eneágono, oligarquia, eufonia, cefalalgia

c) nonangular, democracia, cacofonia, dispneia

d) eneágono, aristocracia, sinfonia, cefalalgia

e) hendecágono, monarquia, sonoplastia, cefaleia

25. (ITA-SP) Considere as seguintes palavras, cujos prefixos são de origem grega:

diáfano endocárdio epiderme anfíbio

Qual alternativa apresenta palavras cujos prefixos, de origem latina, correspondem, quanto ao significado, aos de origem grega?

a) translúcido, ingerir, sobrepor, ambivalência

b) disseminar, intramuscular, superficial, ambiguidade

c) disjungir, emigrar, supervisão, bilíngue

d) transalpino, enclausurar, supercílio, ambicionar

e) percorrer, imergir, epopeia, ambivalência

26. (PUCCamp-SP) Sabendo-se que prefixo é um morfema que se antepõe ao radical, alterando sua significação, assinale a alternativa que apresenta as quatro palavras iniciadas por um prefixo.

a) perfazer, decifrar, disparidade, reposição

b) retidão, dissonância, divindade, insatisfação

c) discorrer, entrever, perguntar, reler

d) inamovível, bisavô, comprimento, descansar

e) surpresa, asmático, esbravejar, anulação

27. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção em que o processo de formação de palavras está indevidamente caracterizado.

a) vagalume – composição

b) irritação – sufixação

c) cruzeiro – sufixação
d) baunilha – sufixação
e) palmeira – sufixação

28. (UFRJ) Assinale a alternativa cujo prefixo *sub* tem o sentido de "posterioridade".

a) sublinhar
b) subsequente
c) subdesenvolvido
d) subjacente
e) submisso

29. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa em que uma das palavras **não** é formada por prefixação.

a) readquirir, predestinado, propor
b) irregular, amoral, demover
c) remeter, conter, antegozar
d) irrestrito, antípoda, prever
e) dever, deter, antever

30. (UPM-SP) Dentre as alternativas abaixo, assinale aquela em que ocorrem dois prefixos que dão ideia de negação.

a) impune, acéfalo
b) pressupor, ambíguo
c) anarquia, decair
d) importar, soterrar
e) ilegal, refazer

31. (UFF-RJ) O vocábulo *catedral*, do ponto de vista de sua formação, é:

a) primitivo.
b) composto por aglutinação.
c) derivado sufixal.
d) parassintético.
e) derivado regressivo de *catedrático*.

32. (PUC-SP) Assinale a classificação errada do processo de formação indicado.

a) o porquê – conversão ou derivação imprópria
b) desleal – derivação prefixal
c) impedimento – derivação parassintética
d) anoitecer – derivação parassintética
e) borboleta – primitivo

33. (UFPR) A formação do vocábulo destacado na expressão "o **canto** das sereias" é:

a) composição por justaposição.
b) derivação regressiva.
c) derivação sufixal.
d) palavra primitiva.
e) derivação prefixal.

34. (PUC-RJ) Relacione os sinônimos nas duas colunas abaixo e assinale a resposta correta.

1. translúcido	( ) contraveneno
2. antídoto	( ) metamorfose
3. transformação	( ) diáfano
4. adversário	( ) antítese
5. oposição	( ) antagonista

a) 1, 3, 4, 2, 5
b) 2, 3, 4, 5,1
c) 2, 3, 1, 5, 4
d) 1, 4, 5, 2, 3
e) 4, 3, 1, 5, 2

35. (UFSC) Assinale a alternativa em que o elemento mórfico em destaque está corretamente analisado.

a) menin**a** (-a) – desinência nominal de gênero
b) vend**e**ste (-e-) – vogal de ligação
c) gas**ô**metro (-o-) – vogal temática de segunda conjugação
d) ama**ss**em (-sse-) – desinência de segunda pessoa do plural
e) cantar**íei**s (-is) – desinência do imperfeito do subjuntivo

36. (FEI-SP) Dê o significado dos prefixos:

a) **anti**pático
b) **sim**pático
c) **a**pático

37. (UFSC) Relacione a coluna II com a coluna I, estabelecendo a correspondência entre o significado dos prefixos gregos e latinos.

coluna I	coluna II
1) **trans**porte	( ) **hiper**trofia
2) **circun**lóquio	( ) **para**sita
3) **bene**fício	( ) **hipo**crisia
4) **supra**citado	( ) **peri**feria
5) **sub**terrâneo	( ) **diá**logo
6) **ad**vogado	( ) **eu**genia

38. (UFPel-RS) Os vocábulos da primeira coluna possuem prefixos latinos; os da segunda, prefixos gregos. A alternativa em que os dois prefixos não se correspondem semanticamente é:

a) subdesenvolvimento — sintonia.
b) ambidestro — anfíbio.
c) previsão — programa.
d) infiel — anêmico.
e) transparente — diálogo.

Capítulo 6

Estudo dos verbos (I)

Joaquín Salvador Lavado/Quino/Mafalda

QUINO. *Mafalda 6*. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 56.

Embora seja sempre lembrado como palavra que denota ação, o verbo indica ainda uma série de outros fenômenos ou processos. Na tirinha desta página, por exemplo, *sou* indica caráter de estado, e *mandando e diplomamos* indicam ação.

O que distingue fundamentalmente os verbos são suas flexões, e não seus possíveis significados. O verbo é a classe de palavras que possui o maior número de flexões na língua portuguesa.

1. Introdução

Conjugar verbos é algo que faz parte da vida de qualquer indivíduo, alfabetizado ou não, escolarizado ou não; no entanto, nem sempre as pessoas se dão conta de que há nesse processo uma organização interna, um verdadeiro sistema, de que trataremos a seguir.

Os verbos desempenham uma função vital em qualquer língua, e no português não seria diferente. É em torno deles que se organizam as orações e os períodos; consequentemente, é em torno deles que se estrutura o pensamento.

Verbo significa, originariamente, "palavra". Esse significado pode ser notado em expressões como *abrir o verbo* ou *deitar o verbo*, utilizadas para indicar o uso abundante e desimpedido das palavras. Outra expressão muito conhecida é *verborragia*, utilizada para indicar uso desmedido de palavras. Uma pessoa verborrágica fala muito. E o que significa *comunicação verbal*? Comunicação com palavras.

Os verbos receberam esse nome justamente porque, devido sua importância na língua, foram considerados as palavras por excelência pelos gramáticos. Conjugar um verbo é, portanto, exercer o direito pleno de empregar a palavra.

O estudo de uma classe gramatical tão importante representa, obviamente, um passo decisivo para a obtenção de um desempenho linguístico mais satisfatório. Neste primeiro capítulo dedicado aos verbos, vamos concentrar nossa atenção nos paradigmas de conjugação, cujo conhecimento é indispensável à produção de textos representativos da modalidade culta do português.

Em DVD

Divulgação

Babel. **Direção de Alejandro Gonzales Iñarritu. EUA: Warner, 2007. (143 min).**

Algumas pessoas, por razões diversas, não dispõem da capacidade de utilizar a comunicação verbal em suas vidas. Elas são pessoas especiais que enfrentam dolorosos desafios em busca de aceitação social. Babel, uma emocionante história de pessoas que não se conhecem e que, mesmo separadas pela distância e pela cultura, têm seus destinos ligados, apresenta os dramas de uma personagem com deficiência auditiva que luta contra as próprias limitações em busca da felicidade em um mundo cada vez mais intolerante e avesso à comunicação.

2. Conceito

Verbo é a palavra que se flexiona em número (singular/plural), pessoa (primeira, segunda, terceira), modo (indicativo, subjuntivo, imperativo), tempo (presente, pretérito, futuro) e voz (ativa, passiva, reflexiva). Pode indicar ação (*fazer*, *copiar*), caráter de estado (*ser*, *ficar*), fenômeno natural (*chover*, *anoitecer*), ocorrência (*acontecer*, *suceder*), desejo (*aspirar*, *almejar*) e outros processos.

O que caracteriza o verbo são suas flexões, e não seus possíveis significados. Observe que palavras como *feitura*, *cópia*, *chuva*, *acontecimento* e *aspiração* têm conteúdo muito próximo ao de alguns verbos mencionados acima; não apresentam, porém, as mesmas possibilidades de flexão que esses verbos possuem.

3. Estrutura das formas verbais

Há três tipos de morfemas que participam da estrutura das formas verbais: o radical, a vogal temática e as desinências.

a. radical – é o morfema que concentra o significado essencial do verbo:

estud-ar	**vend**-er	**permit**-ir
am-ar	**beb**-er	**part**-ir
cant-ar	**escond**-er	**proib**-ir

Você notou que, para obter o radical de um verbo, basta eliminar as duas últimas letras do infinitivo. Podem-se antepor prefixos ao radical:

des-**permit**-ir re-**vend**-er

b. vogal temática – é o morfema que permite a ligação entre o radical e as desinências. Em português, há três vogais temáticas:

- **-a-** – caracteriza os verbos da primeira conjugação:

  solt-**a**-r deix-**a**-r perdo-**a**-r

- **-e-** – caracteriza os verbos da segunda conjugação:

  esquec-**e**-r sofr-**e**-r viv-**e**-r

  O verbo *pôr* e seus derivados (*supor, depor, repor, compor* etc.) pertencem à segunda conjugação, pois sua vogal temática é *-e-*, obtida da forma portuguesa arcaica *poer*, do latim *ponere*.

- **-i-** – caracteriza os verbos da **terceira conjugação**:

  assist-**i**-r; permit-**i**-r, decid-**i**-r.

O conjunto formado pelo radical e pela vogal temática recebe o nome de **tema**.

c. desinências – são morfemas que se acrescentam ao tema para indicar as flexões do verbo.

Há desinências número-pessoais e desinências modo-temporais:

falá-sse-mos

falá-: tema	(radical + vogal temática)
-sse-: desinência modo-temporal	(indica o modo – subjuntivo – e o tempo – pretérito imperfeito – em que o verbo está conjugado)
-mos: desinência número-pessoal	(indica que o verbo se refere à primeira pessoa do plural)

Você conhecerá as outras desinências verbais quando apresentarmos os modelos das conjugações.

Chris Browne/King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 2007. v. 4. p. 70.

Na frase dessa tira, há duas desinências modo-temporais: *-sse* (em *tivessem*) é desinência do pretérito imperfeito do subjuntivo; *-ria* (em *seria*) é desinência do futuro do pretérito do indicativo. Além delas, destacamos também duas desinências número-pessoais: *-m* (em *saberem*) é desinência de terceira pessoa do plural e *–mos* (em *estamos*) é desinência de primeira pessoa do plural.

Combinando seus conhecimentos sobre a estrutura dos verbos com o conceito de sílaba tônica, você poderá facilmente descobrir o que são formas verbais rizotônicas e arrizotônicas. Nas formas **rizotônicas**, o acento tônico está no radical do verbo: *es**tu**do, compre**en**dam, con**si**go*, por exemplo.

Nas formas **arrizotônicas**, o acento tônico não está no radical, mas na terminação verbal: *estud**ei**, vender**ão**, conseguir**íamos**.*

4. Flexões verbais

Você já sabe que os verbos apresentam flexão de número, pessoa, modo, tempo e voz. Vamos agora estudar mais minuciosamente essas flexões.

Flexão de número e pessoa

Os verbos podem se referir a um único ser ou a mais de um ser; no primeiro caso, estão no **singular**; no segundo, no **plural**. Essa indicação de número é acompanhada pela indicação da pessoa gramatical a que o verbo se refere. Observe:

estudo	forma da primeira pessoa do singular
estudas	forma da segunda pessoa do singular
estuda	forma da terceira pessoa do singular
estudamos	forma da primeira pessoa do plural
estudais	forma da segunda pessoa do plural
estudam	forma da terceira pessoa do plural

Essas indicações de número e pessoa são claramente identificadas quando se relaciona cada forma verbal acima com o pronome pessoal correspondente:

eu estudo	**nós** estudamos
tu estudas	**vós** estudais
ele/ela estuda	**eles/elas** estudam

No português atual do Brasil, o pronome *tu*, de segunda pessoa, tem uso limitado a algumas regiões, muitas vezes de forma diferente da que prega a gramática oficial. É comum o emprego de formas como "tu foi", "tu pega", "tu falou". O pronome é de segunda pessoa, mas o verbo é conjugado na terceira. O pronome *vós* aparece em textos literários ou litúrgicos.

Para o tratamento direto, difundiu-se no Brasil o emprego dos pronomes *você/vocês*, que levam o verbo para a terceira pessoa:

ele/ela/você estuda	eles/elas/vocês estudam

Flexão de tempo e modo

No momento em que se fala ou escreve, o processo verbal pode estar em plena ocorrência, pode já estar concluído ou pode ainda não ter ocorrido. Essas três possibilidades básicas, mas não únicas, são expressas pelos três tempos verbais: o presente, o pretérito (que pode ser perfeito, imperfeito ou mais-que-perfeito) e o futuro (que pode ser do presente ou do pretérito). Compare as formas *estudo, estudei* e *estudarei* para perceber essa distribuição em três tempos básicos.

A indicação de tempo está geralmente ligada à indicação de modo, ou seja, a expressão da atitude de quem fala ou escreve em relação ao conteúdo do que fala ou escreve. Quando se considera uma certeza o que é falado ou escrito, utilizam-se as formas do modo indicativo (são exemplos *estudo, estudei, estudava, estudarei*).

As formas do modo subjuntivo indicam que o conteúdo do que se fala ou escreve é tomado como incerto, duvidoso, hipotético (*estudasse*, por exemplo).

Além disso, o verbo pode exprimir um desejo, uma ordem, um apelo: nesse caso, utilizam-se as formas do modo imperativo (*estude/não estude*, por exemplo). O modo imperativo é dividido em duas formas: o afirmativo e o negativo. Não se conjuga a primeira pessoa do singular do imperativo, por motivo óbvio.

Laerte

Laerte. *Classificados: livro 2*. São Paulo: Devir, 2002. p. 5.

Todas as formas verbais dessa tira (*pule, rasteje, pague*) estão no modo imperativo e indicam uma ordem dirigida ao interlocutor.

O esquema a seguir apresenta os modos e tempos verbais da língua portuguesa:

- **modo indicativo**
  - presente (eu estudo)
  - pretérito
    - perfeito (eu estudei)
    - imperfeito (eu estudava)
    - mais-que-perfeito (eu estudara)
  - futuro
    - do presente (eu estudarei)
    - do pretérito (eu estudaria)
- **modo subjuntivo**
  - presente (que eu estude)
  - pretérito imperfeito (se eu estudasse)
  - futuro (quando/se eu estudar)
- **modo imperativo**
  - presente
    - afirmativo (estuda [tu])
    - negativo (não estudes [tu])

OBSERVAÇÃO

Os verbos possuem, além dos modos e tempos já apresentados, três **formas nominais**: o infinitivo (pessoal e impessoal), o gerúndio e o particípio. Essas formas são chamadas nominais porque podem assumir comportamento de nomes (substantivos, adjetivos e advérbios) em determinados contextos. No caso do verbo *estudar*, temos:

- infinitivo
  - pessoal (estudar, estudares...)
  - impessoal (estudar)
- gerúndio (estudando)
- particípio (estudado)

O esquema acima apresenta apenas os chamados **tempos simples**; além deles, há os **tempos compostos**, que apresentaremos mais adiante.

Flexão de voz

A voz verbal indica fundamentalmente se o ser a que o verbo se refere é agente ou paciente do processo verbal. Há três situações possíveis:

a. voz ativa – o ser a que o verbo se refere é o agente do processo verbal. Em "O Juventus derrotou o Corinthians", a forma verbal *derrotou* está na voz ativa porque *o Juventus* é o agente do processo verbal.

b. voz passiva – o ser a que o verbo se refere é o paciente do processo verbal. Em "O Corinthians foi derrotado pelo Juventus", a locução verbal *foi derrotado* está na voz passiva porque o Corinthians é o paciente da ação verbal.

Há duas formas de voz passiva em português: a voz passiva **analítica**, em que ocorre uma locução verbal formada pelo verbo *ser* mais o particípio do verbo principal (como em "O técnico *foi demitido* do clube"), e a voz passiva **sintética**, em que se utiliza o pronome *se* ao lado do verbo em terceira pessoa (como em "*Alugam-se* casas na praia"). Essas duas formas de voz passiva serão estudadas detalhadamente nos capítulos dedicados à sintaxe.

c. voz reflexiva – o ser a que o verbo se refere é, ao mesmo tempo, agente e paciente do processo verbal, pois age sobre si mesmo. Em "O rapaz cortou-se com uma tesoura", a forma verbal *cortou-se* está na voz reflexiva, pois *o rapaz* é, a um só tempo, agente e paciente: ele cortou a si mesmo.

Atividades

1. Indique os morfemas presentes em cada uma das formas verbais a seguir:

a) falássemos
b) pensáramos
c) estudarei
d) perderias
e) decidissem
f) produzo
g) corrompias
h) tratávamos
i) permitistes

2. Indique o tempo, o modo, o número e a pessoa de cada uma das formas verbais destacadas nas frases a seguir:

a) Não **trataríamos** de alguém como ele.
b) Ninguém **relatara** nada a ela.
c) Se você ao menos **provasse**...
d) Talvez **obtenhas** o que nós não **obtivemos**.
e) Se eu o **localizar**, **transmitirei** seu recado.
f) **Queixava**-se constantemente de que ninguém ali **dava** importância a ele.
g) **Pedistes** a verificação de vossos projetos?
h) **Digo** o que **penso**.

5. Conjugações

Quando se fala em conjugar um verbo, fala-se em dispor sistematizadamente todas as formas que ele pode assumir ao ser flexionado. Isso se faz com a exposição dos diversos tempos e modos de acordo com uma ordem convencionada. Observe que se trata de um recurso didático ligado à memorização e à observação de particularidades morfológicas.

Os verbos da língua portuguesa podem ser divididos em três grupos de flexões, as chamadas **conjugações**, identificadas respectivamente pelas vogais temáticas *-a-*, *-e-* e *-i-*. Para cada uma dessas conjugações, há um modelo – chamado de **paradigma** – que indica as formas verbais consideradas regulares. De acordo com a relação que estabelecem com esses paradigmas, os verbos podem ser classificados em:

a. regulares – obedecem precisamente a um paradigma da respectiva conjugação;

b. irregulares – não seguem nenhum paradigma da respectiva conjugação: podem apresentar irregularidades no radical e/ou nas terminações. Os verbos *ser* e *ir*, por apresentarem profundas alterações nos radicais em sua conjugação, são chamados **anômalos**;

c. defectivos – não são conjugados em determinadas pessoas, tempos ou modos;

d. abundantes – apresentam mais de uma forma para determinada flexão.

Os verbos empregados para, com o infinitivo, o gerúndio ou o particípio, formar as locuções verbais ou os tempos compostos (*devo ir/estava falando/tinha procurado*) são chamados de **auxiliares**. Os quatro mais usados nessa função são *ser, estar, ter* e *haver*. A conjugação desses quatro verbos, rica em particularidades, será apresentada mais adiante, quando estudarmos os principais verbos irregulares.

O outro verbo do tempo composto ou locução verbal é chamado de **principal**. Na prática, torna-se fácil identificar o auxiliar e o principal: o auxiliar é sempre o primeiro; o principal é sempre o segundo.

Paradigmas dos verbos regulares

Você encontrará a seguir paradigmas dos verbos regulares das três conjugações. Foram tomados como modelos os verbos *estudar* (primeira conjugação), *vender* (segunda conjugação) e *partir* (terceira conjugação).

Para conjugar qualquer verbo regular basta substituir o radical do verbo usado como exemplo pelo radical do verbo que se pretende conjugar. A vogal temática e as desinências não se alteram.

Tempos simples

MODO INDICATIVO		
presente		
estudo	vendo	permito
estudas	vendes	permites
estuda	vende	permite
estudamos	vendemos	permitimos
estudais	vendeis	permitis
estudam	vendem	permitem
pretérito imperfeito		
estudava	vendia	permitia
estudavas	vendias	permitias
estudava	vendia	permitia
estudávamos	vendíamos	permitíamos
estudáveis	vendíeis	permitíeis
estudavam	vendiam	permitiam
pretérito perfeito		
estudei	vendi	permiti
estudaste	vendeste	permitiste
estudou	vendeu	permitiu
estudamos	vendemos	permitimos
estudastes	vendestes	permitistes
estudaram	venderam	permitiram

pretérito mais-que-perfeito		
estudara	vendera	permitira
estudaras	venderas	permitiras
estudara	vendera	permitira
estudáramos	vendêramos	permitíramos
estudáreis	vendêreis	permitíreis
estudaram	venderam	permitiram

futuro do presente		
estudarei	venderei	permitirei
estudarás	venderás	permitirás
estudará	venderá	permitirá
estudaremos	venderemos	permitiremos
estudareis	vendereis	permitireis
estudarão	venderão	permitirão

futuro do pretérito		
estudaria	venderia	permitiria
estudarias	venderias	permitirias
estudaria	venderia	permitiria
estudaríamos	venderíamos	permitiríamos
estudaríeis	venderíeis	permitiríeis
estudariam	venderiam	permitiriam

MODO SUBJUNTIVO

presente		
estude	venda	permita
estudes	vendas	permitas
estude	venda	permita
estudemos	vendamos	permitamos
estudeis	vendais	permitais
estudem	vendam	permitam

pretérito imperfeito		
estudasse	vendesse	permitisse
estudasses	vendesses	permitisses
estudasse	vendesse	permitisse
estudássemos	vendêssemos	permitíssemos
estudásseis	vendêsseis	permitísseis
estudassem	vendessem	permitissem

futuro		
estudar	vender	permitir
estudares	venderes	permitires
estudar	vender	permitir
estudarmos	vendermos	permitirmos
estudardes	venderdes	permitirdes
estudarem	venderem	permitirem

MODO IMPERATIVO

afirmativo		
estuda tu	vende tu	permite tu
estude você	venda você	permita você
estudemos nós	vendamos nós	permitamos nós
estudai vós	vendei vós	permiti vós
estudem vocês	vendam vocês	permitam vocês

negativo		
não estudes tu	não vendas tu	não permitas tu
não estude você	não venda você	não permita você
não estudemos nós	não vendamos nós	não permitamos nós
não estudeis vós	não vendais vós	não permitais vós
não estudem vocês	não vendam vocês	não permitam vocês

FORMAS NOMINAIS

infinitivo impessoal		
estudar	vender	permitir

infinitivo pessoal		
estudar	vender	permitir
estudares	venderes	permitires
estudar	vender	permitir
estudarmos	vendermos	permitirmos
estudardes	venderdes	permitirdes
estudarem	venderem	permitirem

gerúndio		
estudando	vendendo	permitindo

particípio		
estudado	vendido	permitido

Comentários

a. Tome cuidado especial com as formas verbais que recebem acento gráfico, pois a omissão desse acento pode causar problemas na língua escrita:

- analise atentamente as formas de primeira e segunda pessoas do plural dos vários tempos e compreenda que algumas devem ser acentuadas porque são proparoxítonas;
- atente para as formas do futuro do presente do indicativo que são acentuadas graficamente (oxítonas terminadas em *-a*, *-as* – estudarás, estudará; venderás, venderá; permitirás, permitirá) e perceba que a omissão desse acento causa confusão com as formas correspondentes do pretérito mais-que-perfeito do indicativo (paroxítonas – estudaras, estudara; venderas, vendera; permitiras, permitira).

b. Compare a terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo com a terceira pessoa do plural do futuro do presente: a primeira é paroxítona e termina em *-am* (estudaram, venderam, permitiram); a segunda é oxítona e termina em *-ão* (estudarão, venderão, permitirão).

c. Compare a segunda pessoa do singular com a segunda pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo: a primeira termina em *-ste* (estudaste, vendeste, permitiste); a segunda termina em *-stes* (estudastes, vendestes, permitistes).

d. Atente para as particularidades do modo imperativo: não se conjuga a primeira pessoa do singular; além disso, na terceira pessoa se utilizam os pronomes *você/vocês, senhor/senhores*, ou qualquer outro pronome de tratamento.

Em CD

Divulgação

Pitty. Admirável chip novo. In: *Admirável chip novo* (CD). Deckdisc, 2003.

A cantora baiana Pitty debutou em carreira solo em grande estilo com *Admirável chip novo*, trabalho elogiado pelo público e pela crítica especializada. A faixa que dá nome ao disco é influência do livro homônimo do escritor Aldous Huxley, um de seus autores favoritos. O refrão dessa faixa, muito criativa por sinal, apresenta uma interessante sequência de verbos no imperativo sugerindo que somos vítimas inconscientes de um sistema que nos domina e explora.

Tempos compostos

MODO INDICATIVO

pretérito perfeito		pretérito mais-que-perfeito	
tenho/hei		tinha/havia	
tens/hás		tinhas/havias	
tem/há	estudado, vendido, permitido	tinha/havia	estudado, vendido, permitido
temos/havemos		tínhamos/havíamos	
tendes/haveis		tínheis/havíeis	
têm/hão		tinham/haviam	

futuro do presente	
terei/haverei	
terás/haverás	
terá/haverá	estudado, vendido, permitido
teremos/haveremos	
tereis/havereis	
terão/haverão	

futuro do pretérito	
teria/haveria	
terias/haverias	
teria/haveria	estudado, vendido, permitido
teríamos/haveríamos	
teríeis/haveríeis	
teriam/haveriam	

MODO SUBJUNTIVO

pretérito perfeito	
tenha/haja	
tenhas/hajas	
tenha/haja	estudado, vendido, permitido
tenhamos/hajamos	
tenhais/hajais	
tenham/hajam	

pretérito mais-que-perfeito	
tivesse/houvesse	
tivesses/houvesses	
tivesse/houvesse	estudado, vendido, permitido
tivéssemos/houvéssemos	
tivésseis/houvésseis	
tivessem/houvessem	

futuro	
tiver/houver	
tiveres/houveres	
tiver/houver	estudado, vendido, permitido
tivermos/houvermos	
tiverdes/houverdes	
tiverem/houverem	

FORMAS NOMINAIS

infinitivo impessoal (pretérito)	
ter/haver	estudado, vendido, permitido

infinitivo pessoal (pretérito)	
ter/haver	
teres/haveres	
ter/haver	estudado, vendido, permitido
termos/havermos	
terdes/haverdes	
terem/haverem	

gerúndio (pretérito)	
tendo/havendo	estudado, vendido, permitido

Comentários

a. Note que os tempos compostos são formados pelos verbos auxiliares *ter* e *haver* mais o particípio do verbo principal. Apenas os auxiliares se flexionam.

b. No Brasil, há uma acentuada tendência ao emprego do auxiliar *ter*; o uso do auxiliar *haver* restringe-se à língua formal falada ou escrita.

c. O pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo é largamente usado no português falado e escrito do Brasil, confinando a forma simples (que lhe é equivalente) ao uso escrito formal ou a expressões populares, como "Quisera eu!", "Quem me dera!" etc.

d. As formas compostas do infinitivo e do gerúndio têm valor de pretérito.

Atividades

1. Complete as lacunas das frases seguintes com a forma verbal indicada entre parênteses:

a) Se efetivamente (*), serias mais insistente. (*necessitar*, pretérito imperfeito do subjuntivo)

b) Seu pai não (*) às reuniões com frequência. (*comparecer*, pretérito imperfeito do indicativo)

c) O diretor não nos (*) ontem. (*auxiliar*, pretérito perfeito do indicativo)

d) Você sempre (*) às oito horas? (*chegar*, presente do indicativo)

e) Quem (*) esta rotina tão tranquila? (*alterar*, futuro do pretérito do indicativo)

f) Já fazia muito tempo que eu (*) a importância de ser solidário. (*perceber*, pretérito mais-que-perfeito do indicativo)

g) Não te (*) em situação delicada se me prestares ajuda? (*colocar*, futuro do presente do indicativo)

h) Talvez eu (*) alguma alteração no seu ânimo. (*perceber*, presente do subjuntivo)

i) Quando (*) a verdade, mostrai-a a todos. (*descobrir*, futuro do subjuntivo)

2. Complete as lacunas com as formas verbais solicitadas entre parênteses:

a) Quando você (*) o trabalho, poderá sair. (*terminar*, futuro composto do subjuntivo)

b) (*) constantemente, mas ainda não conseguiste êxito. (*insistir*, pretérito perfeito composto do indicativo)

c) Nós já (*) aquelas entidades assistenciais alguns anos atrás. (*ajudar*, pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo)

d) É provável que tudo (*) até então. (*acabar*, pretérito perfeito composto do subjuntivo)

e) Será que (*) em todos os meus exames até dezembro? (*passar*, futuro do presente composto do indicativo)

f) Se (*) antes, teríamos obtido a vaga. (*comparecer*, pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo)

g) Tudo (*) como imagináramos se ele não tivesse desistido no último momento. (*ocorrer*, futuro do pretérito composto do indicativo)

3. Passe para o plural cada uma das frases seguintes, mantendo o tempo e o modo dos verbos.

a) Eu gostava de caminhar à beira-mar.

b) Fazias sempre questão de ajudar.

c) Ele estivera acamado.

d) Até ontem, eu desconhecia que voltaras.

e) Se quisesses, eu não seria infeliz.

f) Se fosses solidário, eu teria melhor sorte.

g) Ele dormirá aqui amanhã.

h) Você chegou às três horas?

i) Ele fixara o encontro com antecedência.

j) Ela fixará o encontro com antecedência.

k) Agiste como te recomendei?

6. Formação dos tempos simples

Depois de observar os tempos e modos dos verbos regulares, é importante você saber que existe uma maneira eficiente, racional e organizada de conjugá-los. Basta empregar os conceitos de tempos primitivos e tempos derivados e explorar as relações entre eles:

a. **tempos primitivos** – são tempos cujos radicais ou temas são usados na formação de outros tempos. É o caso do **presente do indicativo** e do **pretérito perfeito do indicativo**. Além deles, o **infinitivo impessoal** é usado na formação de outros tempos;

b. **tempos derivados** – são aqueles cujos radicais ou temas são obtidos de um dos tempos primitivos ou do infinitivo impessoal. Com exceção do presente e do pretérito perfeito do indicativo e do infinitivo impessoal, todos os tempos e formas nominais são derivados.

O conhecimento da conjugação dos tempos primitivos e da forma como se obtém a partir deles a conjugação dos tempos derivados constitui um instrumento muito útil para evitar erros de conjugação. Com a prática e a repetição, o processo se tornará automático. Você perceberá que, em alguns casos, como na formação do imperativo e na obtenção de certos tempos de alguns verbos irregulares, esse processo de conjugação é eficiente e seguro.

Tempos derivados do presente do indicativo

O presente do indicativo forma o presente do subjuntivo; dos dois, é formado o modo imperativo:

a. presente do subjuntivo – forma-se a partir do radical da primeira pessoa do singular do presente do indicativo. Esse radical é obtido pela eliminação da desinência *-o* da primeira pessoa do singular (*estud-o, cant-o, conheç-o, venh-o, dig-o*); a ele, acrescentam-se as desinências *-e, -es, -e, -emos, -eis, -em*, para verbos da primeira conjugação, e *-a, -as, -a, -amos, -ais, -am*, para verbos da segunda e terceira conjugações;

b. imperativo afirmativo – a segunda pessoa do singular e a segunda pessoa do plural são retiradas diretamente do presente do indicativo, suprimindo-se o *-s* final: tu estudas → estuda tu; vós estudais → estudai vós. As formas das demais pessoas são exatamente as mesmas do presente do subjuntivo. Lembre-se de que não se conjuga a primeira pessoa do singular no modo imperativo;

c. imperativo negativo – todas as pessoas são idênticas às pessoas correspondentes do presente do subjuntivo.

ESQUEMA DE FORMAÇÃO DOS TEMPOS DERIVADOS DO PRESENTE DO INDICATIVO
(exemplo: verbo *optar*)

presente do indicativo	imperativo afirmativo	imperativo negativo	presente do subjuntivo
opt-o	–	–	opt-e
optas[-s]	opta	não optes	opt-es
opta	opte	não opte	opt-e
optamos	optemos	não optemos	opt-emos
optais[-s]	optai	não opteis	opt-eis
optam	optem	não optem	opt-em

Comentários

a. Lembre-se de que, para os verbos da segunda e terceira conjugações, as desinências do presente do subjuntivo são *-a, -as, -a, -amos, -ais, -am*.

b. Observe atentamente as diferenças entre as segundas pessoas do imperativo afirmativo e as segundas pessoas do imperativo negativo. Para passar uma frase do imperativo afirmativo para o negativo e vice-versa não basta acrescentar ou retirar um *não*: opta/não optes; optai/não opteis.

c. É muito comum na língua coloquial o emprego das formas verbais de segunda pessoa do singular do imperativo afirmativo com o pronome *você*: "– Vem pra Caixa você também!", por exemplo, fez parte de um famoso texto publicitário poucos anos atrás. Essa mistura de tratamentos não é admissível na língua culta; nesse registro linguístico, deve-se uniformizar o tratamento na segunda pessoa ("Vem... tu") ou na terceira pessoa ("Venha... você").

As formas do imperativo *seja* e *conte* mantêm a uniformidade de tratamento: ambas são formas de terceira pessoa, ligadas ao pronome elíptico *você*.

GONSALES, Fernando. Níquel Náusea. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 26 jun. 2003. p. E13.

Atividades

1. Passe para a forma negativa:

a) Procura-me.
b) Procure-me.
c) Entoa aquela velha canção de ninar.
d) Entoe aquela velha canção de ninar.
e) Conta o que viste.
f) Conte o que viu.
g) Aciona os motores.
h) Acione os motores.
i) Estende os panos.
j) Estenda os panos.
k) Sai daí!
l) Saia daí!
m) Belisca-me para eu perceber que estou acordado.
n) Belisque-me para eu perceber que estou acordado.
o) Assiste ao filme!
p) Assista ao filme!

2. Passe as frases da atividade anterior para o plural. A seguir, passe-as para a forma negativa.

3. Leia atentamente o texto seguinte, trecho da canção "Nosso estranho amor", de Caetano Veloso:

"Não quero sugar todo seu leite
Nem quero você enfeite do meu ser
Apenas te peço que respeite
O meu louco querer
Não importa com quem você se deite
Que você se deleite seja com quem for
Apenas te peço que aceite
O meu estranho amor

Ah! Mainha, deixa o ciúme chegar
Deixa o ciúme passar
E sigamos juntos
Ah! Neguinha, deixa eu gostar de você
Pra lá do meu coração
Não me diga nunca não
[...]"

Disponível em: <www.caetanoveloso.com.br>. Acesso em: 9 jun. 2008.

O que ocorre com as formas de tratamento empregadas no texto? De que maneira o modo imperativo é marcado por essas formas? Comente, explicando os efeitos obtidos no texto e apresentando maneiras de adequá-lo à língua culta.

4. Explique a formação do modo imperativo a partir do presente do indicativo. Use o verbo *suar* como exemplo.

Em *site*

<www.caetanoveloso.com.br >. Acesso em: 21 abr. 2008.

Todo mundo pelo menos já ouviu falar em Caetano Veloso. Mas pouca gente conhece detalhes de sua vida e de sua carreira. Hoje, graças ao *site* oficial do cantor e compositor baiano, isso ficou mais fácil. A página oferece conteúdo completo e diversificado. Você encontra aqui a biografia do artista, fotos da carreira, discos, DVD, clipes e letras de todas as canções. É possível até acompanhar sua agenda e ficar por dentro das últimas notícias sobre o músico.

Tempos derivados do pretérito perfeito do indicativo

O pretérito perfeito do indicativo fornece o tema para a formação de três outros tempos: o pretérito mais-que-perfeito do indicativo, o pretérito imperfeito do subjuntivo e o futuro do subjuntivo. Para obter o tema do pretérito perfeito, basta retirar a desinência *-ste* da forma correspondente à segunda pessoa do singular (*estuda*-ste, *vende*-ste, *parti*-ste, *trouxe*-ste, *soube*-ste); a seguir, acrescentam-se a esse tema as desinências características de cada um dos três tempos derivados:

a. pretérito mais-que-perfeito do indicativo: *-ra, -ras, -ra, -ramos, -reis, -ram*

b. pretérito imperfeito do subjuntivo: *-sse, -sses, -sse, -ssemos, -sseis, -ssem*

c. futuro do subjuntivo: *-r, -res, -r, -rmos, -rdes, -rem*

As desinências dos tempos derivados são as mesmas para as três conjugações.

ESQUEMA DE FORMAÇÃO DOS TEMPOS DERIVADOS DO PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO (exemplo: verbo *fazer*)

pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais-que-perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
fiz	**fize**-ra	**fize**-sse	**fize**-r
fize-ste	**fize**-ras	**fize**-sses	**fize**-res
fez	**fize**-ra	**fize**-sse	**fize**-r
fizemos	**fizé**-ramos	**fizé**-ssemos	**fize**-rmos
fizestes	**fizé**-reis	**fizé**-sseis	**fize**-rdes
fizeram	**fize**-ram	**fize**-ssem	**fize**-rem

Bill Watterson © 2007 Watterson/ Dist. by Atlantic Syndication

WATTERSON, Bill. *Felino, selvagem, psicopata, homicida*. São Paulo: Best News, 1996. v. 1. p. 21.

A forma verbal *pudesse*, pretérito imperfeito do subjuntivo, deriva do pretérito perfeito do indicativo (pude, **pude**ste, pôde, pudemos, pudestes, puderam). No texto, ela indica um fato hipotético (*pudesse conviver*); já as formas *posso, é, fez* e *ouvi* expressam certeza, pois estão conjugadas no modo indicativo.

Atividades

1. Quais os tempos derivados do pretérito perfeito do indicativo? Explique sua formação usando o verbo *ir* como exemplo.

2. Observe a frase a seguir:

   "Se você não se manter calmo, poderá fazer algo errado".

   Sabendo que o verbo *manter* segue o modelo de conjugação do verbo *ter*, procure adequar a frase ao lado ao padrão culto da língua portuguesa. Utilize o esquema de formação de tempos derivados a partir do pretérito perfeito do indicativo para comprovar a eficácia de sua correção.

Tempos e formas nominais derivados do infinitivo impessoal

O infinitivo impessoal (*estudar, vender, permitir*) é a base para a formação de três tempos do modo indicativo: o pretérito imperfeito, o futuro do presente e o futuro do pretérito. Além disso, é base também das formas nominais: o infinitivo pessoal, o particípio e o gerúndio.

a. **pretérito imperfeito do indicativo** – forma-se pelo acréscimo das terminações *-ava, -avas, -ava, -ávamos, -áveis, -avam* (para os verbos da primeira conjugação) ou *-ia, -ias, -ia, -íamos, -íeis, -iam* (para os verbos da segunda e terceira conjugações) ao radical do infinitivo impessoal (*estud-ar, vend-er, permit-ir*);

b. **futuro do presente do indicativo** – forma-se pelo acréscimo das desinências *-rei, -rás, -rá, -remos, -reis, -rão* ao tema do infinitivo impessoal (*estuda-r, vende-r, permiti-r*);

c. **futuro do pretérito do indicativo** – forma-se pelo acréscimo das desinências *-ria, -rias, -ria, -ríamos, -ríeis, -riam* ao tema do infinitivo impessoal;

d. **infinitivo pessoal** – acrescentam-se as desinências *-es* (para a segunda pessoa do singular) e *-mos, -des, -em* (para as três pessoas do plural) ao infinitivo impessoal (*estudar-, vender-, permitir-*);

e. **particípio regular** – acrescenta-se a desinência *-ado* (para verbos da primeira conjugação) ou *-ido* (para verbos da segunda e terceira conjugações) ao radical do infinitivo impessoal;

f. **gerúndio** – acrescenta-se a desinência *-ndo* ao tema do infinitivo impessoal.

ESQUEMA DE FORMAÇÃO DOS TEMPOS E FORMAS NOMINAIS DERIVADOS DO INFINITIVO IMPESSOAL (exemplo: verbo *cantar*)

infinitivo impessoal	particípio	pretérito imperfeito do indicativo
cant-ar (radical)	**cant**-ado	**cant**-ava
		cant-avas
		cant-ava
		cant-ávamos
		cant-áveis
		cant-avam

infinitivo impessoal	futuro do presente do indicativo	futuro do pretérito do indicativo	gerúndio
canta-r	canta-rei	canta-ria	canta-ndo
(tema)	canta-rás	canta-rias	
	canta-rá	canta-ria	
	canta-remos	canta-ríamos	
	canta-reis	canta-ríeis	
	canta-rão	canta-riam	

Reprodução/Editora Abril

Bravo! São Paulo: Abril, ano 10, n. 111, nov. 2006. p. 35.

"Assim a gente vai adiante: recuando e avançando, recuando um pouco para poder avançar. Quem dá um salto muito grande tem que ficar esperando todo mundo vir atrás."

Paulinho da Viola

Os verbos *recuar*, *avançar* e *esperar* são usados no gerúndio por Paulinho da Viola: *recuando*, *avançando* e *esperando* (formas verbais caracterizadas pela terminação *-ndo*). Observe como esses verbos exprimem, nesse caso, processos em andamento. Já os verbos no infinitivo (*poder*, *avançar*, *ficar*, *vir*) exprimem os processos propriamente ditos.

infinitivo impessoal	infinitivo pessoal
cantar	cantar
	cantar-es
	cantar
	cantar-mos
	cantar-des
	cantar-em

OBSERVAÇÃO GERAL

Alguns poucos verbos não obedecem a um ou outro dos esquemas expostos; isso, no entanto, não chega a afetar a grande eficiência desses mecanismos de conjugação. Quando estudarmos os verbos irregulares, faremos menção às exceções mais importantes.

Comentários

a. Para os verbos da segunda e terceira conjugações, as desinências são diferentes das que surgem no esquema de formação do particípio e pretérito imperfeito do indicativo: *-ido* para o particípio e *-ia*, *-ias*, *-ia*, *-íamos*, *-íeis*, *-iam* para o imperfeito.

b. Atente para o fato de que o infinitivo pessoal e o futuro do subjuntivo têm origens diferentes, o que implicará diferenças formais significativas em alguns verbos, como *fazer* (fazer, fazeres; fizer, fizeres), *expor* (expor, expores; expuser, expuseres), *dizer* (dizer, dizeres; disser, disseres) e outros.

Atividades

1. Preencha as lacunas com as formas verbais solicitadas entre parênteses:

a) Você nunca (*) de nada! (*reclamar*, pretérito imperfeito do indicativo)

b) Desde o ano passado, o time não (*) uma partida com tanta facilidade. (*vencer*, pretérito imperfeito do indicativo)

c) Não (*) a ideia de ter de partir justamente quando lhe (*) uma oportunidade daquelas. (*aceitar*, pretérito imperfeito do indicativo; *surgir*, pretérito imperfeito do indicativo)

d) Não (*) minha inteligência para defender causa tão sórdida! (*empregar*, futuro do presente do indicativo)

e) Quem (*) contra nossa união? (*tramar*, futuro do pretérito do indicativo)

f) (*) a questão, (*) dar prosseguimento a nossos projetos. (*solucionar*, particípio; *poder*, futuro do pretérito do indicativo)

g) Dirigiu-se a nós (*) de nossa inoperância e (*) nosso despreparo. (*reclamar*, gerúndio; *denunciar*, gerúndio)

h) Depois que nos identificamos, ela fez o possível e o impossível para (*) em sua casa. (*ficar*, infinitivo pessoal)

2. Identifique as formas verbais destacadas na frase a seguir e explique por meio dos esquemas de formação de tempos verbais a origem de cada uma delas:

Se você não **fizer** o que determina o manual de instruções, será impossível para os técnicos **fazer** o serviço.

7. Alguns verbos regulares que merecem destaque

O verbo *optar* é um típico verbo regular cuja conjugação apresenta detalhes importantes. Atente principalmente no presente do indicativo e tempos derivados: a pronúncia culta das formas verbais aí presentes é **op**to, **op**tas, **op**ta, **op**tam; **op**te, **op**tes, **op**te, **op**tem. O mesmo vale para os verbos captar, adaptar, raptar, compactar etc. O problema é prosódico e não morfológico e ocorre de forma semelhante no verbo obstar: **obs**to, **obs**tas, **obs**ta, **obs**tam; **obs**te, **obs**tes, **obs**te, **obs**tem.

Alguns outros verbos regulares cuja pronúncia culta merece destaque são:

APAZIGUAR	
presente do indicativo	**presente do subjuntivo**
apazi**gu**o	apazi**gu**e
apazi**gu**as	apazi**gu**es
apazi**gu**a	apazi**gu**e
apazi**gu**amos	apazi**gu**emos
apazi**gu**ais	apazi**gu**eis
apazi**gu**am	apazi**gu**em

Comentários

a. O verbo *averiguar* apresenta exatamente as mesmas características tônicas, que, aliás, são iguais às de quase todos os verbos terminados em *-uar*, como *continuar*, *efetuar*, *habituar* etc.

b. Atente na acentuação tônica dessas formas verbais. As três pessoas do singular e a terceira do plural são formas rizotônicas: o acento tônico recai na vogal **u** (contin**u**o, apazig**u**o, efet**u**e, apazig**u**e, habi-

MOBILIAR	
presente do indicativo	**presente do subjuntivo**
mobílio	mobílie
mobílias	mobílies
mobília	mobílie
mobiliamos	mobiliemos
mobiliais	mobilieis
mobíliam	mobíliem

Há também verbos foneticamente regulares, mas irregulares no que diz respeito à manutenção da estrutura formal. É o caso, por exemplo, do verbo *dirigir*: dirijo, diriges, dirige, dirigimos, dirigis, dirigem; dirija, dirijas, dirija, dirijamos, dirijais, dirijam. É fácil conjugar esse verbo oralmente; as dificuldades surgem no momento de escrever as formas verbais. É necessário, então, substituir a letra *g*, que faz parte do radical (*dirig-*), pela letra *j*, justamente para manter o padrão fonético. Se fosse mantida a letra *g* do radical em toda a conjugação de verbos como *dirigir*, *agir*, *fugir*, *fingir*, haveria formas como "eu dirigo", "eu ago", "eu fugo", "eu fingo", "que eu diriga", "que eu fuga".

Você notou que só será necessário trocar o *g* por *j* diante de *a* e *o*.

Para eliminar essas dificuldades, você deve dominar com segurança as relações (já estudadas em nosso livro!) entre fonemas e letras. Os problemas surgem, obviamente, nos verbos que apresentam letras que servem para representar mais de um fonema ou naqueles que apresentam fonemas que podem ser representados por mais de uma letra.

É o caso dos verbos cujo infinitivo se escreve com *c*, *ç*, *g*, *gu*:

- **ficar**: fico, fique; fiquei, ficaste;
- **descer**: desço, desça; desci, desceste;
- **atiçar**: atiço, atice; aticei, atiçaste;
- **carregar**: carrego, carregue; carreguei, carregaste;
- **fingir**: finjo, finges; fingi, fingiste;
- **erguer**: ergo, ergues; ergui, ergueste.

Merecem destaque *extinguir* e *distinguir*: nesses verbos, como em *erguer*, as letras *gu* representam um dígrafo. Ao conjugá-los, obtêm-se as formas *extingo*, *extingues*, *extingue* etc.; *distingo*, *distingues*, *distingue* etc. Portanto você não deve pronunciar a letra *u* durante a conjugação desses verbos.

Em algumas formas de sua conjugação, o verbo *enxergar* apresenta o dígrafo *gu*, como neste anúncio. (À esquerda, o texto ficou ilegível propositalmente, pois o anunciante é o Hospital de Olhos do Paraná.)

Folha de S.Paulo, São Paulo, 17 mar. 2003. p. C6.

Atividades

1. Complete as lacunas com as formas verbais solicitadas entre parênteses:

a) É provável que (*) a esperança depois destes tempos negros. (*renascer*, presente do subjuntivo)

b) (*) imediatamente! Tu não tens mais nada a fazer aqui! (*fugir*, imperativo afirmativo)

c) Parece imprescindível que os senadores (*) com seriedade neste momento delicado. (*agir*, presente do subjuntivo)

d) Não é recomendável que você (*) seu próprio sucessor. (*indicar*, presente do subjuntivo)

e) Ela quer uma cor que (*) as dimensões da obra. (*realçar*, presente do subjuntivo)

f) É provável que eles (*) suas contas antes do vencimento. (*pagar*, presente do subjuntivo)

g) Não creio que se (*) um monumento típico do antigo regime. (*re-erguer*, presente do subjuntivo)

2. Complete as lacunas com as formas verbais solicitadas entre parênteses. A seguir, leia atentamente as frases **em voz alta**, prestando atenção à forma culta de pronunciar essas formas verbais:

a) Eu não (*) esse eterno candidato de seus velhos comparsas. (*distinguir*, presente do indicativo)

b) Nada (*) a que alteremos nosso procedimento. (*obstar*, presente do indicativo)

c) É mais do que provável que as fontes de energia (*) até o final do próximo século. (*minguar*, presente do subjuntivo)

d) Você nunca (*) as roupas depois da aplicação desses produtos? (*enxaguar*, presente do indicativo)

e) Essas manifestações populares espontâneas talvez (*) num movimento mais organizado. (*desaguar*, presente do subjuntivo)

f) O senador sugere que uma Comissão Parlamentar de Inquérito (*) as denúncias. (*averiguar*, presente do subjuntivo)

g) A nova lei não (*) determinações anteriores. (*extinguir*, pretérito perfeito do indicativo)

h) (*) de forma consciente para não se arrependerem depois. (*optar*, imperativo afirmativo)

Textos para análise

1

Primeiras passadas

[...]

Hora de comer

A prática da corrida exige cuidados especiais com a alimentação. O cardápio diário do novo corredor deve ser composto de pelo menos 60% de carboidratos (cereais, leguminosas, frutas e massas), entre 15% a 20% de proteínas (leite e derivados, ovos e carnes magras) e 20% a 25% de gorduras (de preferência as poli-insaturadas, presentes nos óleos vegetais). Além disso, é preciso ficar atento à manutenção dos estoques de energia antes, durante e após o exercício. Confira algumas orientações de Flávia Abdallah, nutricionista do ambulatório de medicina do esporte do Hospital das Clínicas.

Antes do treino: consuma alimentos ricos em carboidratos com baixo índice glicêmico, como uma fruta ou uma barra de cereais, 30 minutos antes do treino. Não se deve correr em jejum. Caso você tenha feito uma refeição mais pesada (almoço, por exemplo), aguarde de três a quatro horas antes de treinar.

Durante o treino: exercícios com mais de uma hora de duração exigem que você consuma carboidrato durante a atividade. Prefira os géis de carboidratos e a maltodextrina (energético solúvel em água), que são rapidamente absorvidos pelo organismo. Consuma um sachê a cada hora de exercício.

Depois: o processo de recuperação envolve a reposição dos estoques de glicogênio perdidos no exercício. Para isso, coma carboidratos com alto índice glicêmico imediatamente após a atividade. Opções: sucos e vitaminas, torrada com mel, caldo de cana e banana.

Revista 02. São Paulo: Esfera BR Mídia, n. 22, fev. 2005. p. 12.

Trabalhando o texto

1. A que pessoa(s) referem-se as formas verbais *exige*, *deve*, *exigem* e *prefira*?
2. Destaque do texto as formas verbais que exprimem os processos propriamente ditos.
3. Aponte as formas verbais que estão no modo imperativo nesse texto. Qual o papel desse modo num texto como esse?
4. Além do modo imperativo, que outro tempo e modo destacam-se no texto? Procure justificar seu emprego, tendo em vista a intenção com que o texto foi produzido.

2

Fernando Gonsales

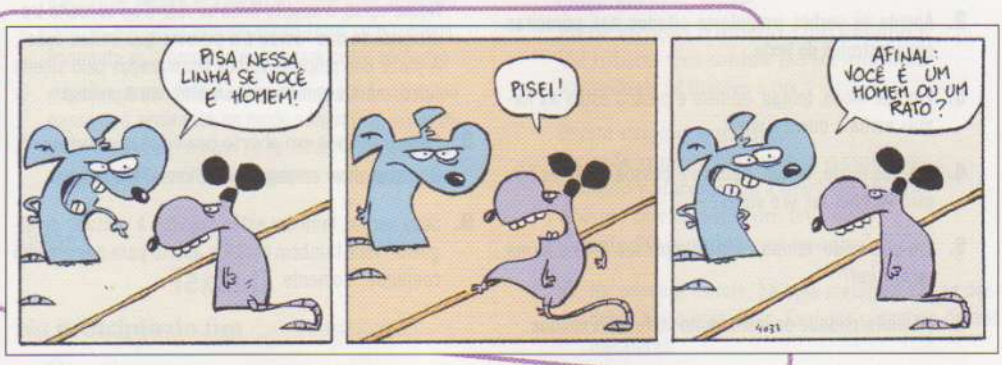

GONSALES, Fernando. *Níquel Náusea: tédio no chiqueiro*. São Paulo: Devir, 2006. p. 31.

Trabalhando o texto

1. Tomando-se como referência a norma culta da linguagem, pode-se dizer que houve uma inadequação de linguagem na primeira fala dessa tirinha. Aponte-a e, em seguida, adapte-a à norma culta.
2. Nessa mesma fala, a personagem usa o verbo *ser* no presente do indicativo ("se você *é* homem"). Que diferença de sentido haveria se o verbo fosse usado no futuro do subjuntivo ("se você *for* homem")?
3. Você diria que, em vista da situação de linguagem da tirinha, a linguagem utilizada pela personagem é aceitável? Justifique sua resposta.

Antes do treino: consuma alimentos ricos em carboidratos com baixo índice glicêmico, como uma fruta ou uma barra de cereais, 30 minutos antes do treino. Não se deve correr em jejum. Caso você tenha feito uma refeição mais pesada (almoço, por exemplo), aguarde de três a quatro horas antes de treinar.

Durante o treino: exercícios com mais de uma hora de duração exigem que você consuma carboidrato durante a atividade. Prefira os géis de carboidratos e a maltodextrina (energético solúvel em água), que são rapidamente absorvidos pelo organismo. Consuma um sachê a cada hora de exercício.

Depois: o processo de recuperação envolve a reposição dos estoques de glicogênio perdidos no exercício. Para isso, coma carboidratos com alto índice glicêmico imediatamente após a atividade. Opções: sucos e vitaminas, torrada com mel, caldo de cana e banana.

Revista 02. São Paulo: Esfera BR Mídia, n. 22, fev. 2005. p. 12.

Trabalhando o texto

1. A que pessoa(s) referem-se as formas verbais *exige, deve, exigem* e *prefira*?
2. Destaque do texto as formas verbais que exprimem os processos propriamente ditos.
3. Aponte as formas verbais que estão no modo imperativo nesse texto. Qual o papel desse modo num texto como esse?
4. Além do modo imperativo, que outro tempo e modo destacam-se no texto? Procure justificar seu emprego, tendo em vista a intenção com que o texto foi produzido.

2

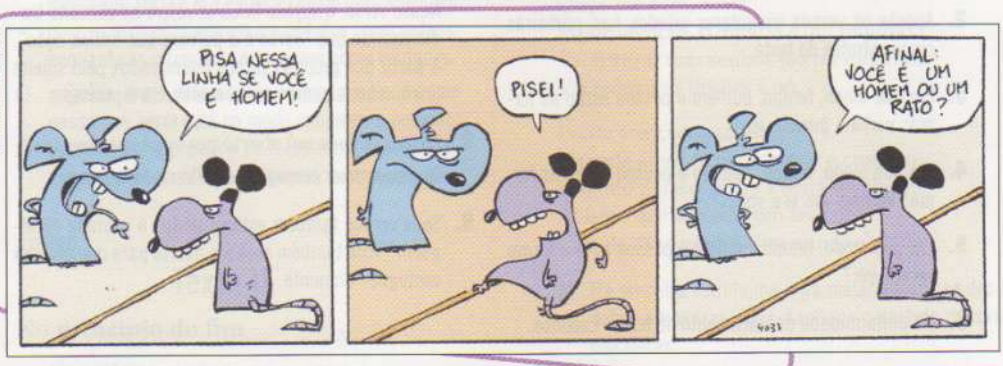

Fernando Gonsales

GONSALES, Fernando. *Níquel Náusea: tédio no chiqueiro*. São Paulo: Devir, 2006. p. 31.

Trabalhando o texto

1. Tomando-se como referência a norma culta da linguagem, pode-se dizer que houve uma inadequação de linguagem na primeira fala dessa tirinha. Aponte-a e, em seguida, adapte-a à norma culta.
2. Nessa mesma fala, a personagem usa o verbo *ser* no presente do indicativo ("se você *é* homem"). Que diferença de sentido haveria se o verbo fosse usado no futuro do subjuntivo ("se você *for* homem")?
3. Você diria que, em vista da situação de linguagem da tirinha, a linguagem utilizada pela personagem é aceitável? Justifique sua resposta.

3

Verbos sujeitos

Olhos pra te rever
Boca pra te provar
Noites pra te perder
Mapas pra te encontrar

Fotos pra te reter
Luas pra te esperar
Voz pra te convencer
Ruas pra te avistar

Calma pra te entender
Verbos pra te acionar
Luz pra te esclarecer
Sonhos pra te acordar

Taras pra te morder
Cartas pra te selar
Sexo pra estremecer
Contos pra te encantar

Silêncio pra te comover
Música pra te alcançar
Refrão pra te enternecer
E agora só falta você

Meus verbos sujeitos ao seu modo de me acionar
Meus verbos em aberto pra você me conjugar
Quero, vou, fui, não vi, voltei,
Mas sei que um dia, de novo, eu irei...

Christiaan Oyens e Zélia Duncan. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/zeliaduncan>. Acesso em: 9 jun. 2008.

Trabalhando o texto

1. Aponte os verbos regulares citados nas primeiras cinco estrofes do texto.
2. Aponte os verbos irregulares citados nas primeiras cinco estrofes do texto.
3. Em que modo, tempo, número e pessoa estão as formas verbais *quero* e *vou*?
4. Em que modo, tempo, número e pessoa estão as formas verbais *fui*, *vi* e *voltei*?
5. Em que modo, tempo, número e pessoa está a forma verbal *irei*?
6. Há uniformidade de tratamento no texto? Explique.
7. "Meus verbos sujeitos ao seu modo de me acionar"

   Nesse verso, o sujeito lírico se refere ao conceito tradicional de que "verbo é a palavra que indica ação". A partir dos próprios verbos enumerados pelo sujeito lírico, mostre como esse conceito não é preciso.
8. "Meus verbos em aberto pra você me conjugar"

   Que quer dizer *conjugar* nesse verso? Explique.
9. Seus verbos também estão sujeitos à vontade de alguém? Você também está em aberto para que alguém conjugue? Comente.

Em livro

Edições Demócrito Rocha

MAIA, Salomão. *Dicionário de verbos de* Os sertões. São Paulo: Edições Demócrito Rocha, 2008.

Os sertões é um clássico da literatura sertaneja. O livro foi escrito por Euclides da Cunha, até então jornalista de *O Estado de S. Paulo*, em meio aos desdobramentos do Conflito de Canudos, levante popular liderado por Antônio Conselheiro. Em suas mais de 700 páginas podem ser encontrados mais de 3 000 verbos, todos eles catalogados pelo advogado Salomão Maia. O objetivo do autor foi o de facilitar o acesso à densa obra de Euclides da Cunha para aqueles leitores pouco afeitos à singular prosa euclidiana.

Questões de exames e concursos

1. (PUC-SP) Leia atentamente o texto abaixo, a fim de responder às duas questões que o seguem.

Yahoo tenta comprar AOL e barrar avanço do Google

O Yahoo ***negocia*** com a Time Warner a compra do *site* America Online (AOL), segundo a revista *Fortune*. A compra ***seria*** uma tentativa de chamar atenção dos investidores e tirar o foco do Google. O Yahoo ***era*** líder em buscas na internet até a chegada do Google, que ***detém*** o domínio desse mercado.

O Estado de S. Paulo, 30 out. 2006.

Em relação aos verbos destacados no texto, é possível afirmar que:

a) todos estão no modo subjuntivo e, por isso, expressam os fatos como possibilidades.

b) todos estão no modo indicativo, no entanto, ***seria*** expressa o fato como possibilidade.

c) ***negocia*** e ***detém*** estão no modo indicativo, ao passo que ***seria*** e ***era*** estão no subjuntivo; por isso, os primeiros expressam os fatos como verdades, enquanto os últimos os expressam como possibilidades.

d) ***negocia*** e ***detém*** estão no modo imperativo, ao passo que ***seria*** e ***era*** estão no modo indicativo; por isso, os primeiros expressam os fatos como ordens, enquanto os últimos os expressam como verdades.

e) ***negocia***, ***era*** e ***detém*** estão no modo indicativo, ao passo que ***seria*** está no modo subjuntivo; por isso, os primeiros expressam os fatos como possibilidades, enquanto o último o expressa como verdade.

2. (UFRRJ)

Texto II

No princípio do fim

Há ruídos que não se ouvem mais:

– o grito desgarrado de uma locomotiva na madrugada

– os apitos dos guardas-noturnos quadriculando como

um mapa a cidade adormecida

– os barbeiros que faziam cantar no ar suas tesouras

– a matraca do vendedor de cartuchos

– a gaitinha do afiador de facas

– todos esses ruídos que apenas rompiam o silêncio.

E hoje o que mais se precisa é de silêncios que

interrompam o ruído.

Mas que se há de fazer?

Há muitos – a grande maioria – que já nasceram no barulho. E nem sabem, nem notam, por que suas mentes são tão atordoadas, seus pensamentos tão confusos. Tanto que, na sua bebedeira auricular, só conseguem entender as frases repetitivas da música *pop*. E, se esta nossa "civilização" não arrebentar, acabamos um dia perdendo a fala – para que falar? para que pensar? – ficaremos apenas no batuque: "Tan! tan! tan! tan! tan!"

QUINTANA, Mario. *Prosa e verso*. 6. ed. São Paulo: Globo, 1989.

Que tempo e modo verbais Mário Quintana explora nos versos quatro e sete? Justifique o seu emprego, relacionando-os à discussão promovida por esse autor no texto.

3. (Fuvest-SP) Leia o trecho de uma canção de Cartola, tal como registrado em gravação do autor:

(...)

Ouça-me bem, amor,
Preste atenção, o mundo é um moinho,
Vai triturar teus sonhos tão mesquinhos,
Vai reduzir as ilusões a pó.

Preste atenção, querida,
De cada amor tu herdarás só o cinismo
Quando notares, estás à beira do abismo
Abismo que cavaste com teus pés.
Cartola, "O mundo é um moinho".

a) Na primeira estrofe, há uma metáfora que se desdobra em outras duas. Explique o sentido dessas metáforas.

b) Caso o autor viesse a optar pelo uso sistemático da segunda pessoa do singular, precisaria alterar algumas formas verbais. Indique essas formas e as respectivas alterações.

4. (Ufam) Assinale o item em que os vocábulos verbais **não** apresentam vogal temática:

a) punires, punísseis

b) escrevendo, vindo

c) premiou, premiaram

d) nomeio, nomeie

e) venceria, venceremos

5. (Fuvest-SP) Entre as mensagens abaixo, a única que está de acordo com a norma escrita culta é:

a) Confira as receitas incríveis preparadas para você. Clica aqui!

b) Mostra que você tem bom coração. Contribua para a campanha do agasalho!

c) Cura-te a ti mesmo e seja feliz!

d) Não subestime o consumidor. Venda produtos de boa procedência.

e) Em caso de acidente, não siga viagem. Pede o apoio de um policial.

6. (UFC) Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta em relação ao valor sintático-semântico dos verbos destacados na frase abaixo.

Tia Matilda **sentiu** (1) o vento, **olhou** (2) as folhas secas e **caminhou** (3) em silêncio.

a) ação – processo – processo

b) processo – ação – estado

c) processo – ação – ação

d) estado – estado – processo

e) estado – processo – ação

7. (FGV-SP) Dentre as alternativas abaixo, aponte aquela em que haja uniformidade de tratamento.

a) Sai daí! Você não deve ficar nessa parte do circo, que é muito perigosa. Chegue mais perto do palco. Aproxime-se sem medo.

b) Saia daí! Você não deve ficar nessa parte do circo, que é muito perigosa. Chega mais perto do palco. Aproxime-se sem medo.

c) Sai daí! Tu não deves ficar nessa parte do circo, que é muito perigosa. Chega mais perto do palco. Aproxima-te sem medo.

d) Sai daí! Vós não deveis ficar nessa parte do circo, que é muito perigosa. Chegai mais perto do palco. Aproximai-vos sem medo.

e) Sai daí! Tu não deve ficar nessa parte do circo, que é muito perigosa. Chega mais perto do palco. Aproxime-se sem medo.

8. (Ufes)

Neologismo
Manuel Bandeira

"Beijo pouco, falo menos ainda.
Mas invento palavras
Que traduzem a ternura mais funda
E mais cotidiana.
Inventei, por exemplo, o verbo teadorar.
Intransitivo:
Teadoro, Teodora."

Assinale a alternativa em que a forma destacada pertence à mesma categoria de palavras de que faz parte a inventada por Manuel Bandeira:

a) Prometi acabar com [...] o **sem-vergonhismo** atrás do forte e acabei. (Dias Gomes)

b) Este momento há de ficar para sempre nos anais e **menstruais** da história de Sucupira. (Dias Gomes)

c) [...] Aí, nem olhei para Joca Ramiro – eu achasse, ligeiro demais, que Joca Ramiro não estava aprovando meu **saimento**. (Guimarães Rosa)

d) [...] Um dos **principalmente** da minha plataforma política é a pacificação da família sucupirana. (Dias Gomes)

e) [...] Ele **xurugou** – e, vai ver quem e o quê, jamais se saberia. (Guimarães Rosa)

9. (UFC) No quadro abaixo, apresenta-se uma lista de verbos em ordem alfabética.

atribuir	chamar	dizer	escrever	existir
fluir	lidar	merecer	ser	transformar

Preencha as lacunas abaixo usando, **sem repetir**, os verbos do quadro acima, no presente do indicativo, de maneira que as frases fiquem corretas, segundo a norma gramatical, e aceitáveis do ponto de vista semântico.

(1) ... muitos que se (2) ... poetas, mas,
na verdade, não o (3) ... .

Os verdadeiros poetas (4) ... com a emoção.
O que eles (5) ...

(6) ...-se, com justiça, poesia.

O sonho, a fantasia, a alegria, a dor, tudo se (7) ...
em verso. E em verso, a vida, quer alegre,
quer triste, (8) ... .

Já aqueloutros não (9) ... o nome de poetas que
se lhes (10) ...

10. (Unifal-MG) Leia os versos abaixo e responda ao que se pede.

"Convive com teus poemas, antes de escrevê-los.
Tem paciência, se obscuros. Calma, se te provocam."

Caso o poeta tivesse optado pela forma *você*, em vez de *tu*, a alternativa que contém as mudanças **corretas** seria:

a) Conviva com teus poemas, antes de escrevê-los. Tenha paciência, se obscuros. Calma, se o provocam.

b) Convive com seus poemas, antes de escrevê-los. Tende paciência, se obscuros. Calma, se lhe provocam.

c) Conviva com seus poemas, antes de escrevê-los. Tenha paciência, se obscuros. Calma, se o provocam.

d) Convivei com seus poemas, antes de escrevê-los. Tenha paciência, se obscuros. Calma, se lhe provocam.

e) Convivei com vossos poemas, antes de escrevê-los. Tende paciência, se obscuros. Calma, se vos provocam.

11. (ESALq-SP) Considerando os verbos destacados nas frases abaixo, relacione a coluna da esquerda com a da direita. Depois marque a sequência numérica que corresponde à resposta certa.

( ) Ser livre – como **diria** o famoso conselheiro – é não ser escravo.	(1) infinitivo impessoal
( ) **Somos**, pois, criaturas nutridas de liberdade.	(2) presente do indicativo
( ) Diz-se que o homem **nasceu** livre.	(3) infinitivo pessoal
( ) Diz-se que **renunciar** à liberdade é renunciar à própria condição humana.	(4) futuro do pretérito do indicativo
( ) Os papagaios vão pelos ares até onde os meninos de outrora não acreditavam que se **pudesse** chegar com um fio de linha.	(5) imperfeito do subjuntivo
( ) Os loucos que sonharam sair de seus pavilhões usando a fórmula do incêndio para **chegarem** à liberdade, morreram.	(6) perfeito do indicativo

a) 4-2-6-1-5-3
b) 5-6-2-4-1-3
c) 3-5-2-6-4-1
d) 6-2-4-1-3-5
e) 3-6-5-2-1-4

12. (PUC-SP) Nos trechos:

Vejam, continuou ele, como não dá.
e
Cante esta, convidou o major.

alterando-se o sujeito dos verbos destacados para *tu* e depois para *vós*, teremos, respectivamente:

a) vê – canta
vede – cantai

b) vejas – cantes
vejais – cantais

c) vês – cantas
vedes – cantais

d) veja – cante
vejai – cantei

e) vês – cantas
vede – cantai

13. (PUC-SP) Em relação aos trechos:

A questão **era** conseguir o Engenho Vertente, ...
e
Ele **tinha** os seus planos na cabeça. **Via** as usinas de Pernambuco crescendo de capacidade...

se substituirmos os verbos destacados pelo futuro do pretérito do indicativo, teremos:

a) fora, tivera, vira.
b) seria, teria, veria.
c) seria, teria, viria.
d) fora, teria, veria.
e) será, terá, verá.

14. (Fuvest-SP) Preencha os claros da frase transformada com as formas adequadas dos verbos assinalados na frase original.

Original:
Para você **vir** à Cidade Universitária é preciso **virar** à direita ao **ver** a ponte da Alvarenga.

Transformada:
Para tu (*) à Cidade Universitária é preciso que (*) à direita quando (*) a ponte da Alvarenga.

a) vir – vire – ver
b) vires – vires – veres
c) venhas – vires – vejas
d) vir – virar – ver
e) vires – vires – vires

15. (UEM-PR) Assinale toda vez que os verbos do imperativo, em cada dupla, se referirem à mesma pessoa.

01 a) Enxágua a louça, mana.
b) Filha, seja mais otimista!
02 a) Crede sempre no bem!
b) Não digais tudo o que vem à mente.
04 a) Sigamos nosso caminho...
b) Criemos nosso destino!
08 a) Papai, descola uma grana aí.
b) Psiu! vem mais perto, vem.

16. (PUC-SP) Observe os verbos *dizer*, *rolar* e *varrer*, assim empregados:

dizei-me rolai varrei

a) Indique em que modo e pessoa estão conjugados.

b) Mantendo o modo, conjugue os referidos verbos na 3.ª pessoa do singular.

17. (UFRGS) Substituir a expressão destacada por um verbo.

a) Este texto **é proveniente** de um programa teatral.

b) **Somos inclinados** a crer que ele diz a verdade.

18. (Unimep-SP) "Não fales! Não bebas! Não fujas!" Passando tudo para a forma afirmativa, teremos:

a) Fala! Bebe! Foge!

b) Fala! Bebe! Fuja!

c) Fala! Beba! Fuja!

d) Fale! Beba! Fuja!

e) Fale! Bebe! Foge!

19. (UFV-MG) Dada a lista de verbos: ser, estar, ter, haver, continuar, permanecer, ficar, amar, dever, partir, dar, ir, vir, dormir e arguir, distribua-os em conjugações e depois explique o critério adotado.

Primeira conjugação: ...

Segunda conjugação: ...

Terceira conjugação: ...

Escreva agora o critério adotado para a distribuição dos verbos em três conjugações distintas.

20. (Vunesp-SP) Observe a frase abaixo:

A grosseria de Deus me feria e insultava-me.

Transcreva-a no:

a) pretérito perfeito do indicativo;

b) pretérito mais-que-perfeito do indicativo.

21. (Vunesp-SP) "(...) mas, a quinhentos metros, tudo se torna muito reduzido: sois uma pequena figura sem pormenores; vossas amáveis singularidades fundem-se numa sombra neutra e vulgar."

Transcreva o trecho acima:

a) no futuro do pretérito do indicativo, mantendo a segunda pessoa do plural;

b) na segunda pessoa do singular, mantendo o modo e o tempo verbais do texto de Cecília Meireles.

22. (Unimep-SP) "Assim eu **quereria** a minha última crônica: que **fosse** pura como esse sorriso." (Fernando Sabino)

Assinale a série em que estão devidamente classificadas as formas verbais em destaque.

a) futuro do pretérito, presente do subjuntivo

b) pretérito mais-que-perfeito, pretérito imperfeito do subjuntivo

c) pretérito mais-que-perfeito, presente do subjuntivo

d) futuro do pretérito, imperfeito do subjuntivo

e) pretérito perfeito, futuro do pretérito

23. (Fuvest-SP) "(*) em ti, mas nem sempre (*) dos outros."

a) creias, duvides

b) crê, duvidas

c) creias, duvidas

d) creia, duvide

e) crê, duvides

24. (UCS-RS) "Não (*) os dons que recebeste; (*) sempre que a felicidade se (*) aos poucos."

a) esquece, lembre, constrói

b) esqueça, lembra, constrói

c) esqueça, lembre, constrói

d) esqueças, lembra, constrói

e) esqueças, lembre, constrói

25. (Fame/Fupac-MG) Em: "**Sei** de uma moça... Se alguém **escrevesse** a sua história, **diriam** como o senhor (...)", há verbos empregados respectivamente no:

a) presente do indicativo, pretérito imperfeito do subjuntivo, futuro do pretérito do indicativo.

b) presente do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo, futuro do pretérito do indicativo.

c) presente do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo, pretérito imperfeito do subjuntivo.

d) presente do indicativo, futuro do pretérito do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo.

e) presente do indicativo, futuro do pretérito do subjuntivo, pretérito imperfeito do subjuntivo.

26. (Fecap-SP) Numa das alternativas, há formas rizotônicas. Assinale-a.

a) virei, respeitou, estava

b) comprando, negaceou, virou

c) conto, entra, imagina

d) pensou, tossindo, fazia

e) respondi, serrar, elogiando

27. (UFSCar-SP) O acordo não (*) as reivindicações, a não ser que (*) os nossos direitos e (*) da luta.

a) substitui, abdicamos, desistimos
b) substitue, abdicamos, desistimos
c) substitui, abdiquemos, desistamos
d) substitui, abdiquemos, desistimos
e) substitue, abdiquemos, desistamos

28. (Fuvest-SP) Re-escreva o texto mudando o tratamento para a terceira pessoa.

"Donde houveste, ó pelago revolto, Esse rugido teu?"

29 (PUCCamp-SP) Re-escreva, passando para o futuro do presente, toda a oração:

"... e somem-se logo nas trevas do esquecimento."

30. (Faap-SP) Destaque os verbos dos versos que seguem, indicando em que pessoa, tempo e modo estão.

"Ilumina,
Ilumina,
Ilumina,
Meu peito, canção.
Dentro dele
Mora um anjo,
Que ilumina
O meu coração.
Ai, ai, amor,
Misterioso segredo,
Entra na vida da gente,
Iluminando..."

31. (FGV-SP) A segunda pessoa do singular do imperativo do verbo *submergir*:

a) submerja
b) submerjas
c) submerge
d) n.d.a.

32. (FCC-SP) Para que você (*) isso, precisa ser ambicioso; quem (*) sem que (*), certamente é ambicioso.

a) deseja, deseja, estima
b) deseje, deseja, estime
c) deseje, deseja, estima
d) deseja, deseje, estime
e) deseje, deseje, estima

33. (UFMG) Qual dos verbos destacados não se acha no infinitivo?

a) Os avós devem **ter-se modernizado** também.
b) A ideia de **ser montado** – e por mim – não era das mais aprazíveis.
c) Estranho apartamento, se **juntarmos**, em sua representação, os móveis modernos aos objetos remotos.
d) Um desejo de nos **pacificarmos**, de **atingirmos** a bondade e a compreensão, nos tornava indiferentes à matéria cotidiana.
e) Luís engoliu o pão com geleia como se fosse o último alimento sobre a terra, e sua salvação dependesse de **tê-lo ingerido**.

34. (UFF-RJ) Assinale a série em que estão devidamente classificadas as formas verbais em destaque:

"Ao **chegar** da fazenda, espero que já **tenha terminado** a festa."

a) futuro do subjuntivo, pretérito perfeito do indicativo
b) infinitivo, presente do subjuntivo
c) futuro do subjuntivo, presente do subjuntivo
d) infinitivo, pretérito imperfeito do subjuntivo
e) infinitivo, pretérito perfeito do subjuntivo

Capítulo 7

Estudo dos verbos (II)

Jim Davis 2007 Paws, Inc. All Rights Reserved/Dist. by Atlantic Syndication

DAVIS, Jim. *Garfield de bom humor 6*. Porto Alegre: L&PM, 2006. p. 29.

Neste capítulo, vamos continuar o estudo dos verbos, dedicando especial atenção aos verbos irregulares, defectivos e abundantes. No texto dessa tirinha, vemos um verbo abundante: *salvar*, que possui duas formas para o particípio – *salvado* e *salvo*.

No decorrer do capítulo, conheceremos diversos outros verbos, sempre recorrendo aos esquemas de tempos primitivos e tempos derivados, que você já aprendeu no capítulo 6.

1. Introdução

No capítulo anterior, você estudou os paradigmas dos verbos regulares das três conjugações (*-ar*, *-er*, *-ir*) e o esquema de formação dos tempos simples. A partir de agora, é necessário que você identifique as formas verbais típicas de cada tempo e modo com segurança; também é fundamental que você domine com desenvoltura todos os mecanismos da relação que existe entre os tempos primitivos e os derivados.

Neste capítulo, vamos observar detalhadamente os principais verbos irregulares, defectivos e abundantes de nossa língua. Esse estudo terá como base o esquema de formação dos tempos simples.

2. Verbos irregulares

Você já sabe que os verbos irregulares são aqueles que não seguem os paradigmas das conjugações, ou seja, apresentam variações de forma nos radicais e/ou nas desinências. Para que o estudo desses verbos se torne mais fácil e prático, tenha sempre em mente o esquema de formação dos tempos simples, pois as irregularidades dos tempos primitivos geralmente se estendem aos tempos derivados correspondentes. Por isso vamos organizar nosso estudo a partir desse esquema de formação dos tempos simples.

Verbos irregulares apenas na conjugação do presente do indicativo e tempos derivados

Você encontrará a seguir os principais verbos que apresentam irregularidades no presente do indicativo e, consequentemente, no presente do subjuntivo e no imperativo. Serão conjugados apenas o presente do indicativo e o presente do subjuntivo desses verbos: para obter o imperativo, basta seguir o esquema já conhecido. Faremos comentários sempre que for necessário chamar sua atenção para alguma particularidade.

Primeira conjugação

RECEAR	
presente do indicativo	**presente do subjuntivo**
recei-o	**recei**-e
receias	**recei**-es
receia	**recei**-e
receamos	recee-mos
receais	recee-is
receiam	**recei**-em

INCENDIAR	
presente do indicativo	**presente do subjuntivo**
incendei-o	**incendei**-e
incendeias	**incendei**-es
incendeia	**incendei**-e
incendiamos	incendiemos
incendiais	incendieis
incendeiam	**incendei**-em

Comentários

a. Atente para a primeira e a segunda pessoas do plural, em que o radical apresenta modificação.

b. Seguem o modelo de *recear* todos os verbos terminados em *-ear*:

apear	atear	arrear	bloquear	cear
enlear	folhear	frear	hastear	granjear
lisonjear	passear	semear	titubear	

c. Os verbos terminados em *-iar* são regulares, com exceção de *mediar, ansiar, remediar, incendiar, odiar* e seus derivados. Um derivado importante de *mediar* é *intermediar*.

Chris Browne/King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível 4*. Porto Alegre: L&PM, 2007. p. 60.

O verbo *odiar* é irregular e é conjugado como o verbo *incendiar*. Veja a forma da terceira pessoa do plural do presente do indicativo: *odeiam*.

Em livro

Browne, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. São Paulo: L&PM, 2005. (L&PM Pocket).

Criado em 1973, Hagar é uma caricatura bem-humorada dos antigos *vikings*, guerreiros conhecidos pela força e bravura. Ao contrário de seus parentes históricos, Hagar é um sujeito rude e grosseirão, um *viking* às avessas, pois só está preocupado em salvar sua pele durante as batalhas para poder tomar sua cerveja em paz. O livro reúne cerca de duzentas tiras que retratam, quase sempre com espírito descontraído ou mordaz, o ambiente medieval de bruxas, guerreiros, carrascos e castelos.

Segunda conjugação

LER	
presente do indicativo	**presente do subjuntivo**
lei-o	**lei**-a
lês	**lei**-as
lê	**lei**-a
lemos	**lei**-amos
ledes	**lei**-ais
leem	**lei**-am

Comentários

a. Atente para as formas da segunda e terceira pessoas do plural do presente do indicativo.

b. Seguem esse modelo os verbos *reler, crer* e *descrer*.

C. O pretérito perfeito do indicativo desses verbos é regular:

li	cri
leste	creste
leu	creu
lemos	cremos
lestes	crestes
leram	creram

PERDER	
presente do indicativo	**presente do subjuntivo**
perc-o	**perc**-a
perdes	**perc**-as
perde	**perc**-a
perdemos	**perc**-amos
perdeis	**perc**-ais
perdem	**perc**-am

Comentário

Não confunda *perda* (substantivo) com *perca* (forma verbal):

É possível que ele **perca** o emprego.

A **perda** do emprego levará o pobre homem ao desespero.

REQUERER	
presente do indicativo	**presente do subjuntivo**
requeir-o	**requeir**-a
requeres	**requeir**-as
requer	**requeir**-a
requeremos	**requeir**-amos
requereis	**requeir**-ais
requerem	**requeir**-am

Comentário

O pretérito perfeito do indicativo desse verbo é regular:

requeri	requeremos
requereste	requerestes
requereu	requereram

Consequentemente o pretérito mais-que-perfeito do indicativo, o imperfeito do subjuntivo e o futuro do subjuntivo também são regulares:

eu requerera se eu requeresse quando eu requerer

VALER	
presente do indicativo	**presente do subjuntivo**
valh-o	**valh**-a
vales	**valh**-as
vale	**valh**-a
valemos	**valh**-amos
valeis	**valh**-ais
valem	**valh**-am

Comentário

Segue essa conjugação o verbo *equivaler*.

Terceira conjugação

DIVERTIR	
presente do indicativo	**presente do subjuntivo**
divirt-o	**divirt**-a
divertes	**divirt**-as
diverte	**divirt**-a
divertimos	**divirt**-amos
divertis	**divirt**-ais
divertem	**divirt**-am

Comentário

Atente para a irregularidade desse verbo: a primeira pessoa do singular do presente do indicativo apresenta *i* em lugar do *e* do radical do infinitivo. Há muitos outros verbos que apresentam esse mesmo comportamento:

aderir	advertir	compelir	competir	conferir
despir	digerir	discernir	divergir	expelir
ferir	inserir	investir	perseguir	preferir
referir	repelir	repetir	seguir	sentir
servir	sugerir	vestir		

PROGREDIR	
presente do indicativo	**presente do subjuntivo**
progrid-o	**progrid**-a
progrides	**progrid**-as
progride	**progrid**-a
progredimos	**progrid**-amos
progredis	**progrid**-ais
progridem	**progrid**-am

Comentário

A troca do *e* do infinitivo pelo *i* só não ocorre na primeira e segunda pessoas do plural. Seguem esse modelo:

agredir denegrir prevenir regredir transgredir

DORMIR	
presente do indicativo	**presente do subjuntivo**
durm-o	durm-a
dormes	durm-as
dorme	durm-a
dormimos	durm-amos
dormis	durm-ais
dormem	durm-am

Comentário

Seguem esse modelo *cobrir* e seus derivados (*descobrir*, *encobrir*, *recobrir*), além de *engolir* e *tossir*.

PEDIR	
presente do indicativo	**presente do subjuntivo**
peç-o	peç-a
pedes	peç-as
pede	peç-a
pedimos	peç-amos
pedis	peç-ais
pedem	peç-am

Comentário

Seguem esse modelo: *despedir*, *impedir*, *medir*. *Ouvir* apresenta conjugação semelhante:

ouço	ouça
ouves	ouças
ouve	ouça

FUGIR	
presente do indicativo	**presente do subjuntivo**
fuj-o	fuj-a
foges	fuj-as
foge	fuj-a
fugimos	fuj-amos
fugis	fuj-ais
fogem	fuj-am

Comentário

Seguem esse modelo:

acudir	bulir	consumir	cuspir
entupir	sacudir	subir	sumir

POLIR	
presente do indicativo	**presente do subjuntivo**
pul-o	**pul**-a
pules	**pul**-as
pule	**pul**-a
polimos	**pul**-amos
polis	**pul**-ais
pulem	**pul**-am

Comentário

Segue esse modelo o verbo *sortir*.

Comentário geral

Há alguns verbos que apresentam particularidades na terceira pessoa do singular do presente do indicativo. Como essas particularidades não ocorrem na primeira pessoa do singular, não interferem nos tempos derivados do presente do indicativo. São os verbos terminados em *-air* (*cair, decair, sair*, por exemplo), *-oer* (*doer, moer, roer*) e *-uir* (*atribuir, contribuir, retribuir*). Em todos esses verbos, a terceira pessoa do singular do presente do indicativo apresenta desinência *-i* e não *-e*:

cai	decai	sai	dói	mói
rói	atribui	contribui	retribui	

Isso explica por que muita gente se equivoca na grafia de formas verbais como *atribui, possui, mói, substitui*, colocando *-e* no lugar do *-i* final. Nos verbos terminados em *-uzir* (*conduzir, produzir, reduzir, traduzir*), essa mesma flexão não apresenta a desinência *-e*:

conduz	produz	reduz	traduz

Atividades

1. Observe o modo e o tempo verbais destas frases:

Quase sempre **freio** meu ímpeto no momento certo.

É necessário que você **freie** seu ímpeto no momento certo.

Complete as lacunas das frases a seguir utilizando os verbos indicados nos mesmos tempos e modos apresentados nas frases-modelo:

a) Não (*) fogo ao mato seco! Não provoco queimadas! (*atear*)

É necessário que não se (*) fogo ao mato seco! Não se devem provocar queimadas!

b) Os garotos daquele bairro frequentemente (*) a praça com seus carros. Isso não é certo! (*bloquear*)

Algo tem de ser feito para que os garotos daquele bairro não (*) mais a praça com seus carros.

c) Sempre (*) os cabelos imediatamente depois que os lavo. (*pentear*)

É recomendável que você (*) os cabelos imediatamente depois de lavá-los.

d) (*) que não poderei participar do evento. (*recear*)

Não quero que você (*) participar do evento.

e) Ela (*) todas as noites com o pai. (*passear*)

É necessário que você (*) com seu pai.

f) Notei que não (*) no momento de exigires teus direitos. (*titubear*)

É imprescindível que não (*) no momento de exigir teus direitos.

2. Passe para o plural cada uma das frases a seguir:

a) Ceio diariamente. Tu não ceias?

b) Sempre folheio um livro. Tu não folheias nunca?

c) Freio com firmeza antes das curvas. Tu não freias?

d) Não granjeio simpatias com facilidade. Tu granjeias?

e) Nunca lisonjeio ninguém. Tu lisonjeias?

f) Não semeio ventos para não colher tempestades. Tu semeias?

3. Observe o modo, o tempo, o número e a pessoa das formas verbais da frase-modelo. A seguir, complete as lacunas utilizando formas verbais flexionadas como as do modelo.

Não **denuncio** ninguém. Não quero que você **denuncie**.

a) Não (*) confusões com meus vizinhos. Não quero que você (*). (*criar*)

b) Não (*) desconhecidos. Não quero que você (*). (*credenciar*)

c) Não (*) com inescrupulosos. Não quero que você (*). (*negociar*)

d) Não (*) esse tipo de transação. Não quero que você (*). (*intermediar*)

e) Não (*) os individualistas. Não quero que você (*). (*premiar*)

f) Não (*) ninguém. Não quero que você (*). (*odiar*)

g) Não (*) conquistar o que não mereço. Não quero que você (*). (*ansiar*)

h) Não (*) aos quatro cantos minhas conquistas. Não quero que (*). (*anunciar*)

i) Não (*) o que não tem remédio. Não quero que você (*). (*remediar*)

j) Não (*) o ânimo com promessas vãs. Não quero que você (*). (*incendiar*)

4. Passe para o plural as frases do exercício anterior.

5. Siga o modelo:

Não **creio** em propostas mirabolantes. É pouco provável que eles **creiam**.

a) Não descreio das palavras dele. É pouco provável que você (*).

b) Não leio essas revistas. É pouco provável que tu (*).

c) Quando posso, releio as melhores obras. É pouco provável que vocês não (*).

d) Nunca perco um bom jogo de futebol. É pouco provável que tu (*).

e) Requeiro o estrito cumprimento de meus direitos. É pouco provável que vocês não (*).

f) Não valho tão pouco! É pouco provável que vocês (*).

6. Observe o modelo:

Sempre **advirto** quem não age de acordo com o regulamento. É bom que você também **advirta**.

a) Nunca (*) aos modismos ditados pelos meios de comunicação. É bom que você também não (*). (*aderir*)

b) Não (*) ninguém a fazer o que não quer. É bom que você também não (*). (*compelir*)

c) Sempre (*) o troco. É bom que você também (*). (*conferir*)

d) Nunca (*) pelo simples prazer de divergir. É bom que você também não (*). (*divergir*)

e) Sempre me (*) com as crianças. É bom que você também se (*). (*divertir*)

f) Nunca (*) o amor-próprio de ninguém. É bom que você também não (*). (*ferir*)

g) Não me (*) daquilo em que creio. É bom que você também não se (*) daquilo em que crê. (*despir*)

h) Sempre (*) o que meus princípios determinam. É bom que você também (*) o que determinam os seus. (*seguir*)

i) Só (*) o que me deixa à vontade. É bom que você também só (*) o que o deixa à vontade. (*vestir*)

7. Observe o modelo:

É inadmissível que alguém o (*). (**perseguir**)

É inadmissível que alguém o **persiga**.

a) É imperativo que você o (*). (*prevenir*)

b) É essencial que nós (*). (*progredir*)

c) É inaceitável que a situação social do país (*). (*regredir*)

d) É insuportável que se (*) a lei continuamente. (*transgredir*)

e) É desnecessário que (*) a imagem dele. (*denegrir*)

f) É improvável que ela (*) estas peças de roupa. (*cerzir*)

8. Observe o modelo:

O diretor da área financeira do Banco Central não quer que se (*) esse tipo de falcatrua. (**encobrir**)

O diretor da área financeira do Banco Central não quer que se **encubra** esse tipo de falcatrua.

a) Espero que você não (*) essas agressões. (*engolir*)

b) O terapeuta sugere que nós (*) melhor. (*dormir*)

c) Aquele professor, rabugentíssimo, não permite nem mesmo que alguém (*) durante a aula. (*tossir*)

d) Ela espera que eu não (*) seus segredos. (*descobrir*)

e) Os executivos querem que os consumidores (*) os prejuízos advindos da má administração das empresas. (*cobrir*)

f) O mestre-de-obras acha melhor que se (*) a parede com algum produto impermeabilizante. (*recobrir*)

9. Observe o modelo:

Fique à vontade e (*) o que achar melhor. (**pedir**)

Fique à vontade e **peça** o que achar melhor.

a) Pegue o disco e (*) a música. (*ouvir*)

b) Interfira com rigor e (*) essa trapaça. (*impedir*)

c) Leve os instrumentos e (*) todo o terreno. (*medir*)

d) Compareça à secretaria e (*) dos funcionários. (*despedir-se*)

e) Crie coragem e (*) esses degraus. (*subir*)

f) Saia já daí e (*) depressa. (*fugir*)

g) Levante-se, (*) a roupa e (*) de uma vez. (*sacudir; sumir*)

h) Mexa-se e (*) os que precisam. (*acudir*)

i) Mantenha a calma e não (*) com quem está quieto. (*bulir*)

j) Civilize-se e não (*) no chão. (*cuspir*)

10. Re-escreva as frases do exercício anterior, passando-as para a segunda pessoa do singular.

Verbos irregulares no presente e no pretérito perfeito do indicativo e respectivos tempos derivados

Apresentamos a seguir vários verbos que mostram irregularidades tanto no presente do indicativo e tempos derivados, como no pretérito perfeito do indicativo e tempos derivados. Na conjugação de alguns verbos mais problemáticos, aparece também o pretérito imperfeito do indicativo.

Primeira conjugação

ESTAR					
presente do indicativo	presente do subjuntivo	pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais-que-perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
estou	esteja	estive	**estive**-ra	**estive**-sse	**estive**-r
estás	estejas	**estive**-ste	**estive**-ras	**estive**-sses	**estive**-res
está	esteja	esteve	**estive**-ra	**estive**-sse	**estive**-r
estamos	estejamos	estivemos	**estivé**-ramos	**estivé**-ssemos	**estive**-rmos
estais	estejais	estivestes	**estivé**-reis	**estivé**-sseis	**estive**-rdes
estão	estejam	estiveram	**estive**-ram	**estive**-ssem	**estive**-rem

Comentários

a. O presente do subjuntivo não utiliza o radical do presente do indicativo. Isso ocorre com os poucos verbos cuja primeira pessoa do singular do presente do indicativo termina em *-ei* ou em *-ou* (*sei/saiba, dou/dê, hei/haja, vou/vá, sou/seja*), além do verbo *querer* (*quero/queira*). A conjugação do imperativo segue o esquema estudado.

b. Atente para as formas do presente do subjuntivo: na língua culta, deve-se usar *esteja* e não "esteje".

Observe o verbo *estar* conjugado na terceira pessoa do singular do pretérito imperfeito do subjuntivo: estivesse.

Revista *Istoé*, São Paulo, 19 jun. 2002, p. 121.

DAR					
presente do indicativo	presente do subjuntivo	pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais-que-perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
dou	dê	dei	**de**-ra	**de**-sse	**de**-r
dás	dês	**de**-ste	**de**-ras	**de**-sses	**de**-res
dá	dê	deu	**de**-ra	**de**-sse	**de**-r
damos	demos	demos	**dé**-ramos	**dé**-ssemos	**de**-rmos
dais	deis	destes	**dé**-reis	**dé**-sseis	**de**-rdes
dão	deem	deram	**de**-ram	**de**-ssem	**de**-rem

Segunda conjugação

APRAZER					
presente do indicativo	presente do subjuntivo	pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais-que-perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
apraz-o	**apraz**-a	aprouve	**aprouve**-ra	**aprouve**-sse	**aprouve**-r
aprazes	**apraz**-as	**aprouve**-ste	**aprouve**-ras	**aprouve**-sses	**aprouve**-res
apraz	**apraz**-a	aprouve	**aprouve**-ra	**aprouve**-sse	**aprouve**-r
aprazemos	**apraz**-amos	aprouvemos	**aprouvé**-ramos	**aprouvé**-ssemos	**aprouve**-rmos
aprazeis	**apraz**-ais	aprouvestes	**aprouvé**-reis	**aprouvé**-sseis	**aprouve**-rdes
aprazem	**apraz**-am	aprouveram	**aprouve**-ram	**aprouve**-ssem	**aprouve**-rem

Comentários

a. A única irregularidade no presente do indicativo desse verbo e dos que a ele se assemelham – *prazer*, *comprazer* e *desprazer* – é a terceira pessoa do singular, que não apresenta a desinência *-e*.

b. *Desprazer* e *prazer* seguem o modelo de *aprazer* em todos os tempos. Acredite: *prazer* é verbo ("Prouve a Deus que o filho não sofresse") e geralmente é usado apenas na terceira pessoa do singular e na terceira pessoa do plural.

c. *Comprazer* segue o modelo de *aprazer*. No pretérito perfeito do indicativo e tempos derivados, pode também ser conjugado regularmente; há, portanto, duas formas possíveis para esses tempos: *comprouve/comprazi, comprouveste/comprazeste...*

CABER

presente do indicativo	presente do subjuntivo	pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais-que-perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
caib-o	**caib**-a	coube	**coube**-ra	**coube**-sse	**coube**-r
cabes	**caib**-as	**coube**-ste	**coube**-ras	**coube**-sses	**coube**-res
cabe	**caib**-a	coube	**coube**-ra	**coube**-sse	**coube**-r
cabemos	**caib**-amos	coubemos	**coubé**-ramos	**coubé**-ssemos	**coube**-rmos
cabeis	**caib**-ais	coubestes	**coubé**-reis	**coubé**-sseis	**coube**-rdes
cabem	**caib**-am	couberam	**coube**-ram	**coube**-ssem	**coube**-rem

DIZER

presente do indicativo	presente do subjuntivo	pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais-que-perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
dig-o	**dig**-a	disse	**disse**-ra	**disse**-sse	**disse**-r
dizes	**dig**-as	**disse**-ste	**disse**-ras	**disse**-sses	**disse**-res
diz	**dig**-a	disse	**disse**-ra	**disse**-sse	**disse**-r
dizemos	**dig**-amos	dissemos	**dissé**-ramos	**dissé**-ssemos	**disse**-rmos
dizeis	**dig**-ais	dissestes	**dissé**-reis	**dissé**-sseis	**disse**-rdes
dizem	**dig**-am	disseram	**disse**-ram	**disse**-ssem	**disse**-rem

Comentários

a. Seguem esse modelo os derivados: *bendizer, condizer, contradizer, desdizer, maldizer, predizer.*

b. Os futuros do indicativo desse verbo e seus derivados são irregulares, já que perdem a sílaba *ze*: *direi, dirá, contradirei, desdirá* são formas do futuro do presente; *diria, contradiria, desdiria, bendiríamos* são formas do futuro do pretérito.

c. O particípio desse verbo e seus derivados é irregular: *dito, bendito, contradito...*

FAZER					
presente do indicativo	presente do subjuntivo	pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais-que-perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
faç-o	**faç**-a	fiz	**fize**-ra	**fize**-sse	**fize**-r
fazes	**faç**-as	**fize**-ste	**fize**-ras	**fize**-sses	**fize**-res
faz	**faç**-a	fez	**fize**-ra	**fize**-sse	**fize**-r
fazemos	**faç**-amos	fizemos	**fizé**-ramos	**fizé**-ssemos	**fize**-rmos
fazeis	**faç**-ais	fizestes	**fizé**-reis	**fizé**-sseis	**fize**-rdes
fazem	**faç**-am	fizeram	**fize**-ram	**fize**-ssem	**fize**-rem

Comentários

a. Seguem esse modelo: *desfazer, liquefazer, perfazer, rarefazer, satisfazer, refazer.*

b. Os futuros do indicativo desse verbo e seus derivados são irregulares, já que perdem a sílaba *ze*: *farei, refará, satisfaremos, desfarão* são formas do futuro do presente; *faria, desfaria, refaríamos, satisfariam* são formas do futuro do pretérito.

c. O particípio desse verbo e seus derivados é irregular: *feito, desfeito, liquefeito, satisfeito.*

HAVER					
presente do indicativo	presente do subjuntivo	pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais-que-perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
hei	haja	houve	**houve**-ra	**houve**-sse	**houve**-r
hás	hajas	**houve**-ste	**houve**-ras	**houve**-sses	**houve**-res
há	haja	houve	**houve**-ra	**houve**-sse	**houve**-r
havemos/hemos	hajamos	houvemos	**houvé**-ramos	**houvé**-ssemos	**houve**-rmos
haveis/heis	hajais	houvestes	**houvé**-reis	**houvé**-sseis	**houve**-rdes
hão	hajam	houveram	**houve**-ram	**houve**-ssem	**houve**-rem

Comentários

a. O presente do subjuntivo não utiliza o radical do presente do indicativo (*hei/haja*).

b. O imperativo é obtido de acordo com o esquema conhecido.

c. O verbo é abundante, já que no presente do indicativo há duas formas para a primeira e a segunda do plural.

PODER					
presente do indicativo	presente do subjuntivo	pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais-que-perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
poss-o	**poss**-a	pude	**pude**-ra	**pude**-sse	**pude**-r
podes	**poss**-as	**pude**-ste	**pude**-ras	**pude**-sses	**pude**-res
pode	**poss**-a	pôde	**pude**-ra	**pude**-sse	**pude**-r
podemos	**poss**-amos	pudemos	**pudé**-ramos	**pudé**-ssemos	**pude**-rmos
podeis	**poss**-ais	pudestes	**pudé**-reis	**pudé**-sseis	**pude**-rdes
podem	**poss**-am	puderam	**pude**-ram	**pude**-ssem	**pude**-rem

Comentário

A terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo (*pôde*) recebe acento circunflexo, diferencial de timbre de *pode*, terceira do singular do presente do indicativo.

PÔR						
presente do indicativo	presente do subjuntivo	pretérito imperfeito do indicativo	pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais-que-perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
ponh-o	**ponh**-a	punha	pus	**puse**-ra	**puse**-sse	**puse**-r
pões	**ponh**-as	punhas	**puse**-ste	**puse**-ras	**puse**-sses	**puse**-res
põe	**ponh**-a	punha	pôs	**puse**-ra	**puse**-sse	**puse**-r
pomos	**ponh**-amos	púnhamos	pusemos	**pusé**-ramos	**pusé**-ssemos	**puse**-rmos
pondes	**ponh**-ais	púnheis	pusestes	**pusé**-reis	**pusé**-sseis	**puse**-rdes
põem	**ponh**-am	punham	puseram	**puse**-ram	**puse**-ssem	**puse**-rem

Comentários

a. Atente para a diferença entre a terceira pessoa do singular e a terceira pessoa do plural do presente do indicativo (*põe/põem*).

b. Analise com atenção as formas do pretérito imperfeito do indicativo.

c. Destaque-se a grafia das formas de toda a família; não existe a letra ***z***.

pus	pusemos	puseram
puser	pusermos	puserem
pusesse	puséssemos	pusessem

d. O fato de o verbo *pôr* receber acento (diferencial da preposição *por*) não significa que seus derivados também serão acentuados (*depor, propor, impor* etc.). Nenhum derivado de *pôr* é acentuado.

e. Preste atenção às formas do futuro do subjuntivo ("Se você puser a carta no correio", e não "Se você pôr a carta no correio").

f. Todos os derivados do verbo *pôr* seguem exatamente esse modelo de conjugação. Eis alguns deles:

antepor	compor	contrapor	decompor	descompor
depor	dispor	expor	impor	indispor
interpor	opor	pospor	predispor	pressupor
propor	recompor	repor	sobrepor	supor
transpor				

Portanto, empregando a língua culta, diga ou escreva "Se você compuser uma canção", e não "Se você compor uma canção"; "Se eles expuserem os quadros", e não "Se eles exporem os quadros".

g. O particípio do verbo *pôr* e derivados é irregular: *posto, anteposto, composto, decomposto, deposto.*

Laerte

Disponível em: <www2.uol.com.br/laerte/tiras/index-gatos.html>. Acesso em: 11 jun. 2008.

Nessa tirinha, puser está na primeira pessoa do singular do futuro do subjuntivo do verbo *pôr*: "Quando (eu) puser as mãos nele". Importante notar que todas as formas dos tempos derivados do pretérito perfeito do indicativo desse verbo, que apresentam o som de /z/, são grafadas com a letra *s* (*pusera, puséramos, pusesse, pusessem, puser, pusermos* etc.), do mesmo modo que a forma primitiva que lhes dá origem, *puseste*.

QUERER

presente do indicativo	presente do subjuntivo	pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais-que-perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
quero	queira	quis	**quise**-ra	**quise**-sse	**quise**-r
queres	queiras	**quise**-ste	**quise**-ras	**quise**-sses	**quise**-res
quer	queira	quis	**quise**-ra	**quise**-sse	**quise**-r
queremos	queiramos	quisemos	**quisé**-ramos	**quisé**-ssemos	**quise**-rmos
quereis	queirais	quisestes	**quisé**-reis	**quisé**-sseis	**quise**-rdes
querem	queiram	quiseram	**quise**-ram	**quise**-ssem	**quise**-rem

Comentários

a. O presente do subjuntivo não utiliza o radical da primeira pessoa do singular do presente do indicativo (*quero/queira*).

b. Atente para a grafia; não existe a letra *z* em nenhuma forma do verbo *querer*:

quis	quisemos	quiseram
quiser	quisermos	quiserem
quisesse	quiséssemos	quisessem

c. Como já vimos, *requerer* não segue a conjugação de *querer*. É irregular na primeira pessoa do singular do presente do indicativo (*requeiro*) e nas formas derivadas (*requeira, requeiramos, requeiram*). É regular no pretérito perfeito do indicativo e formas derivadas:

requeri	requereu	requereram
requeresse	requerêssemos	requeressem

SABER

presente do indicativo	presente do subjuntivo	pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais-que-perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
sei	saiba	soube	**soube**-ra	**soube**-sse	**soube**-r
sabes	saibas	**soube**-ste	**soube**-ras	**soube**-sses	**soube**-res
sabe	saiba	soube	**soube**-ra	**soube**-sse	**soube**-r
sabemos	saibamos	soubemos	**soubé**-ramos	**soubé**-ssemos	**soube**-rmos
sabeis	saibais	soubestes	**soubé**-reis	**soubé**-sseis	**soube**-rdes
sabem	saibam	souberam	**soube**-ram	**soube**-ssem	**soube**-rem

Comentário

O presente do subjuntivo não apresenta o radical da primeira pessoa do singular do presente do indicativo (*sei/saiba*).

SER

presente do indicativo	presente do subjuntivo	pretérito imperfeito do indicativo	pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais-que-perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
sou	seja	era	fui	**fo**-ra	**fo**-sse	**fo**-r
és	sejas	eras	**fo**-ste	**fo**-ras	**fo**-sses	**fo**-res
é	seja	era	foi	**fo**-ra	**fo**-sse	**fo**-r
somos	sejamos	éramos	fomos	**fô**-ramos	**fô**-ssemos	**fo**-rmos
sois	sejais	éreis	fostes	**fô**-reis	**fô**-sseis	**fo**-rdes
são	sejam	eram	foram	**fo**-ram	**fo**-ssem	**fo**-rem

Comentários

a. O verbo *ser* é considerado anômalo, por apresentar grandes irregularidades. Atente para os diferentes radicais que existem em sua conjugação (*sou/era/fui*).

b. O presente do subjuntivo não se forma a partir do radical do presente do indicativo (*sou/seja*). O imperativo do verbo *ser* é o único que não obedece integralmente ao esquema conhecido. As duas segundas pessoas (*tu* e *vós*) do imperativo afirmativo apresentam formas independentes: *sê* (tu) e *sede* (vós).

TER						
presente do indicativo	presente do subjuntivo	pretérito imperfeito do indicativo	pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais-que-perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
tenh-o	**tenh**-a	tinha	tive	**tive**-ra	**tive**-sse	**tive**-r
tens	**tenh**-as	tinhas	**tive**-ste	**tive**-ras	**tive**-sses	**tive**-res
tem	**tenh**-a	tinha	teve	**tive**-ra	**tive**-sse	**tive**-r
temos	**tenh**-amos	tínhamos	tivemos	**tivé**-ramos	**tivé**-ssemos	**tive**-rmos
tendes	**tenh**-ais	tínheis	tivestes	**tivé**-reis	**tivé**-sseis	**tive**-rdes
têm	**tenh**-am	tinham	tiveram	**tive**-ram	**tive**-ssem	**tive**-rem

Comentários

a. Seguem esse modelo os derivados:

ater conter deter entreter manter
reter obter suster

b. Note a diferença gráfica entre a terceira pessoa do singular e a terceira pessoa do plural do presente do indicativo: *ele tem/eles têm*. Nos verbos derivados, a diferenciação se faz de outra maneira: *ele contém/eles contêm, ele mantém/eles mantêm*.

TRAZER					
presente do indicativo	presente do subjuntivo	pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais-que-perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
trag-o	**trag**-a	trouxe	**trouxe**-ra	**trouxe**-sse	**trouxe**-r
trazes	**trag**-as	**trouxe**-ste	**trouxe**-ras	**trouxe**-sses	**trouxe**-res
traz	**trag**-a	trouxe	**trouxe**-ra	**trouxe**-sse	**trouxe**-r
trazemos	**trag**-amos	trouxemos	**trouxé**-ramos	**trouxé**-ssemos	**trouxe**-rmos
trazeis	**trag**-ais	trouxestes	**trouxé**-reis	**trouxé**-sseis	**trouxe**-rdes
trazem	**trag**-am	trouxeram	**trouxe**-ram	**trouxe**-ssem	**trouxe**-rem

Comentário

Os futuros do indicativo desse verbo são irregulares, já que perdem a sílaba *ze*: *trarei, trarás, trará*... (para o futuro do presente); *traria, trarias, traria*... (para o futuro do pretérito).

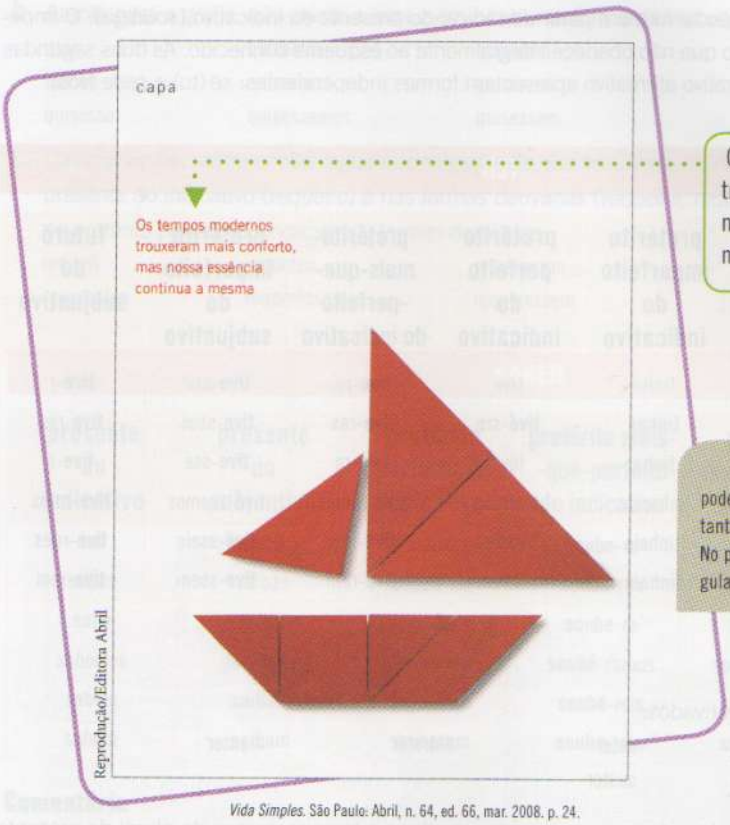

Os tempos modernos trouxeram mais conforto, mas nossa essência continua a mesma.

As irregularidades do verbo *trazer* podem ser notadas em vários tempos, tanto no radical quanto nas desinências. No pretérito perfeito do indicativo a irregularidade está no radical *troux-*.

Vida Simples. São Paulo: Abril, n. 64, ed. 66, mar. 2008. p. 24.

VER

presente do indicativo	presente do subjuntivo	pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais-que-perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
vej-o	**vej**-a	vi	**vi**-ra	**vi**-sse	**vi**-r
vês	**vej**-as	**vi**-ste	**vi**-ras	**vi**-sses	**vi**-res
vê	**vej**-a	viu	**vi**-ra	**vi**-sse	**vi**-r
vemos	**vej**-amos	vimos	**ví**-ramos	**ví**-ssemos	**vi**-rmos
vedes	**vej**-ais	vistes	**ví**-reis	**ví**-sseis	**vi**-rdes
veem	**vej**-am	viram	**vi**-ram	**vi**-ssem	**vi**-rem

Comentários

a. Atente para a forma da terceira pessoa do plural do presente do indicativo: *veem*. Não confunda com a forma correspondente do verbo vir: *vêm*.

b. Seguem esse modelo os derivados: *antever, entrever, prever, rever*.

c. O particípio de *ver* e derivados é irregular: *visto, previsto, revisto*.

d. *Prover*, que significa "abastecer, suprir", segue a conjugação do verbo *ver* apenas no presente do indicativo e formas derivadas:

provejo	proveja
provês	provejas
provê	proveja
provemos	provejamos
provedes	provejais
proveem	provejam

Nos demais tempos, *prover* é absolutamente regular:

provi	proveu	proveram (pretérito perfeito do indicativo)
provera	provêramos	provêreis (pretérito mais-que-perfeito do indicativo)
provesse	provêssemos	provessem (pretérito imperfeito do subjuntivo)
provermos	proverdes	proverem (futuro do subjuntivo)

Embora não pertençam ao mesmo paradigma de conjugação, os verbos *ver* e *ler* apresentam formas similares nas terceiras pessoas do presente do indicativo: *vê/lê (singular) e veem/leem (plural).*

Editora Abril

Nova Escola. São Paulo: Abril, ano XXII, n. 207, nov. 2007. Capa.

Terceira conjugação

IR						
presente do indicativo	presente do subjuntivo	pretérito imperfeito do indicativo	pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais-que-perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
vou	vá	ia	fui	fo-ra	fo-sse	fo-r
vais	vás	ias	fo-ste	fo-ras	fo-sses	fo-res
vai	vá	ia	foi	fo-ra	fo-sse	fo-r
vamos	vamos	íamos	fomos	fô-ramos	fô-ssemos	fo-rmos
ides	vades	íeis	fostes	fô-reis	fô-sseis	fo-rdes
vão	vão	iam	foram	fo-ram	fo-ssem	fo-rem

Comentários

a. O verbo *ir* também é considerado anômalo, dadas as acentuadas irregularidades que apresenta. Note a variação dos radicais (*vou, ia, fui*).

b. Atente para a diferença entre a segunda pessoa do plural do presente do indicativo e a segunda pessoa do plural do presente do subjuntivo: *ides/vades*.

c. As formas do pretérito perfeito e tempos derivados dos verbos *ir* e *ser* são idênticas; somente pelo contexto em que se encontram é que se pode perceber de qual verbo se trata:

Fui ao cinema e fui maltratado pelo bilheteiro.

A primeira forma *fui* é do verbo *ir*; a segunda é do verbo *ser*. Ponha a frase no futuro para que se evidencie a diferença:

Irei ao cinema e serei maltratado pelo bilheteiro.

d. O verbo *ir*, além de anômalo, é considerado abundante, já que apresenta duas formas para um mesmo caso (nós *vamos* ou *imos*, no presente do indicativo).

VIR						
presente do indicativo	presente do subjuntivo	pretérito imperfeito do indicativo	pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais-que-perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
venh-o	**venh**-a	vinha	vim	**vie**-ra	**vie**-sse	**vie**-r
vens	**venh**-as	vinhas	**vie**-ste	**vie**-ras	**vie**-sses	**vie**-res
vem	**venh**-a	vinha	veio	**vie**-ra	**vie**-sse	**vie**-r
vimos	**venh**-amos	vínhamos	viemos	**vié**-ramos	**vié**-ssemos	**vie**-rmos
vindes	**venh**-ais	vínheis	viestes	**vié**-reis	**vié**-sseis	**vie**-rdes
vêm	**venh**-am	vinham	vieram	**vie**-ram	**vie**-ssem	**vie**-rem

Comentários

a. Atente para a diferença gráfica entre as terceiras pessoas do presente do indicativo: *ele vem/eles vêm*. Compare essas formas com as correspondentes do verbo *ver*: *ele vê/eles veem*.

b. Seguem esse modelo os verbos *advir, convir, desavir-se* (desentender-se), *intervir, provir, sobrevir*. Nesses verbos, a diferenciação gráfica entre as terceiras pessoas do presente do indicativo se faz de outra maneira: *ele convém/eles convêm, ele intervém/eles intervêm*. Atente nas formas desses verbos no pretérito perfeito e tempos derivados:

Eu intervim na discussão entre os dois.

O problema só será resolvido se você intervier.

c. O particípio de *vir* e derivados é irregular: *vindo, convindo, intervindo*. Essa família de verbos é a única da língua portuguesa que apresenta particípio e gerúndio iguais:

Vem vindo a madrugada. (gerúndio)

Já tinham vindo todos os alunos. (particípio)

Atividades

1. Observe o modelo:

Estou muito cansado. Não acredito que você não (*). (**estar**)
Estou muito cansado. Não acredito que você não **esteja**.

a) Estamos muito chateados. Não é possível que vocês não (*).

b) Estou muito contente. Não é possível que tu não (*).

c) Estás muito alegre. Não é possível que ela não (*).

d) Estais muito preocupados. É possível que eles também (*).

e) Estou muito ansioso! É impossível que vós não (*).

f) Eles estão muito satisfeitos. Não é possível que nós não (*).

2. Observe o modelo:

Jamais (*) lá; se um dia (*), ficará satisfeito. (**ir**)
Jamais **foi** lá; se um dia **for**, ficará satisfeito.

a) Jamais (*) lá; se um dia (*), ficaremos satisfeitos. (*estar*)

b) Jamais (*) seu donativo; se um dia (*), será bem-vindo. (*dar*)

c) Jamais nos (*) esse comportamento; se um dia nos (*), teremos abandonado nossos princípios. (*aprazer*)

d) Jamais (*) três carros nessa garagem; se um dia (*), será um verdadeiro milagre. (*caber*)

e) Jamais (*) esse tipo de coisa; se um dia (*), terei mudado de nome. (*dizer*)

f) Jamais o (*); se um dia o (*), terás mais orgulho de ti. (*contradizer*)

g) Jamais (*) esse tipo de proposta; se um dia (*), poderás arrepender-te. (*fazer*)

h) Jamais (*) suas vontades; se um dia (*), ficarei desapontado comigo. (*satisfazer*)

i) Jamais (*) algo entre eles; se um dia (*), será uma surpresa. (*haver*)

j) Jamais (*) sua presença; se um dia (*), teremos mudado de opinião. (*querer*)

k) Jamais (*) a verdade; se um dia (*), ficará desiludida. (*saber*)

l) Jamais (*) infelizes; se um dia (*), farão o possível para que as coisas mudem. (*ser*)

m) Jamais ele (*) seus amigos; se um dia (*), serão bem-vindos. (*trazer*)

3. Observe o modelo:

Se eu (*) escolher, (*) aqui definitivamente. (**poder, ficar**).
Se eu **pudesse** escolher, **ficaria** aqui definitivamente.

a) Se nós (*) os causadores da tragédia, (*) nossa responsabilidade. (*ser; assumir*)

b) Se ele (*) auxílio, nós (*) o carro e (*) a viagem. (*trazer; consertar; continuar*)

c) Se a roupa (*), você (*) com ela à reunião. (*caber; ir*)

d) Se ele se (*) a ajudar, as coisas (*) mais fáceis. (*dispor; ser*)

e) Se o diretor nos (*) mais tempo, (*) o trabalho. (*dar; terminar*)

f) Se seu procedimento (*) com o cargo que ocupa, não (*) tantos protestos. (*condizer; haver*)

g) Se a mistura se (*), a experiência (*) um sucesso. (*liquefazer; ser*)

h) Se todos os convidados (*) ao concerto, o teatro (*) superlotado. (*ir; ficar*)

i) Se nós (*), (*) uma oportunidade a ela. (*poder; dar*)

j) Se você (*), nossa vida (*) melhor. (*querer; ser*)

k) Se eles (*) a verdade, (*) revoltados. (*saber; ficar*)

l) Se ninguém (*) lá, não (*) problema para cancelar o evento. (*estar; haver*)

m) Se ele a (*) com essa roupa, (*) enlouquecido. (*ver; ficar*)

n) Se você (*) a serenidade, (*) condição de pensar melhor. (*manter; ter*)

4. Re-escreva as frases a seguir, substituindo a forma verbal composta pela forma verbal simples correspondente. Há alguma alteração de significado nas frases com a substituição?

a) Eles jamais **tinham vindo** aqui.

b) Ele **tinha feito** aquilo por vingança.

c) **Havíamos trazido** o equipamento necessário para

a experiência.

d) **Tinha havido** um problema com o motor do carro.

e) Ela o **tinha visto** com outra mulher na festa.

f) **Tinhas anteposto** teus interesses aos da classe.

g) Notamos que o ar se **tinha rarefeito**.

h) Nada se **tinha apurado** até então.

i) Nunca **tínhamos estado** ali.

j) Soubemos que ele **havia dito** a verdade no tribunal.

k) Custou-me crer que todo o estoque **havia cabido** numa única caixa.

l) Já **havias ido** lá?

m) Percebi que ele se **havia mantido** sereno durante o debate e que um simples gesto seu **havia detido** os mais nervosos.

5. Re-escreva as frases propostas, transformando os tempos verbais de acordo com o modelo:

Ele sempre **toma** atitudes estranhas.
Ele sempre **tomava** atitudes estranhas.

a) Eu sempre **ponho** os livros na biblioteca.

b) Ela sempre **dispõe** de argumentos irrefutáveis.

c) Sempre **contrapomos** teses consistentes ao que ele **diz**.

d) Você sempre **supõe** erros dos adversários.

e) Nós sempre **vamos** ao teatro.

f) Ele sempre **vem** a este restaurante.

g) Essas atitudes não **convêm** a ninguém.

h) **Prevemos** um futuro melhor.

i) Nunca **revês** teu projeto de vida?

j) Ela nunca se **indispõe** com os pais?

k) Você não se **predispõe** a interceder?

l) Você nunca **intervém** nessa briga?

m) De que **provém** sua desconfiança?

6. Observe o modelo:

Se eu (*), (*) à Grécia. (**poder; ir**)
Se eu **puder**, **irei** à Grécia.

a) Se ele se (*) a ajudar, tudo (*) bem. (*dispor; terminar*)

b) Se você (*) favoravelmente a nós, (*) absolvidos. (*depor; ser*)

c) Se nós nos (*) um com o outro, (*) a sociedade. (*indispor; desfazer*)

d) Se você não se (*) financeiramente, (*) para a casa paterna. (*recompor; voltar*)

e) Se (*) as últimas barreiras, (*) nossa esperança transformar-se em realidade. (*transpor; ver*)

f) Se a substância se (*), (*) um precipitado escuro no fundo do tubo de ensaio. (*decompor; surgir*)

g) Se você a (*), (*) que não é mais a mesma pessoa. (*ver; perceber*)

h) Se nós (*) os cálculos, (*) os resultados para os acionistas. (*rever; trazer*)

i) Se você (*) suas vontades, (*) sua própria futilidade. (*satisfazer; perceber*)

j) Se ninguém se (*) veementemente, ele não (*). (*opor; desistir*)

k) Se (*) nosso projeto, (*) a adesão de todos. (*expor; obter*)

l) Se tu nos (*) as provas documentais, (*) apoio a tua causa. (*trazer; dar*)

m) Se o interesse da sociedade se (*) aos privilégios individuais, (*) um novo país. (*sobrepor; haver*)

n) Se você (*) o ímpeto, certamente (*) o melhor possível. (*conter; fazer*)

7. Utilize os verbos entre parênteses no tempo e modo apresentados na frase-modelo:

Ele ainda não **compôs** nenhuma canção de sucesso.

a) Eu não (*) nenhum recurso. (*interpor*)

b) Ela não se (*) a colaborar? (*predispor*)

c) Por que você não (*) para pôr ordem na casa? (*intervir*)

d) Poucos (*) durante a discussão. (*intervir*)

e) Criticaram-me porque não (*) no conflito. (*intervir*)

f) De onde (*) esse material suspeitíssimo? (*provir*)

g) Os congressistas (*) que aquela não era a melhor forma de redigir a lei. (*convir*)

h) Por que te (*) a um projeto tão inovador? (*opor*)

i) As maiores empresas não (*) no processo. (*intervir*)

j) Eu me (*) com os colegas por não aceitar o sistema de trabalho vigente. (*desavir*)

k) Todos desejam saber por que você não (*) na briga. (*intervir*)

l) Não (*) porque não nos convocaram. (*intervir*)

m) Os líderes (*) que nenhum outro recurso deveria ser tentado. (*convir*)

n) Os alunos se (*) calados durante a conferência. No final, não se (*) e externaram, com aplausos calorosos, a admiração pelo escritor. (*manter; conter*)

3. Verbos defectivos

Chamam-se defectivos os verbos que não possuem conjugação completa, ou seja, deixam de ser flexionados em algumas formas.

O fator determinante da classificação de um verbo como defectivo é a falta de uso de determinadas formas, o que normalmente tem razões de natureza morfológica ou eufônica. Se fosse completo, o verbo *falir*, por exemplo, apresentaria, no presente do indicativo, *eu falo, tu fales, ele fale. Falo* é forma do presente do indicativo de *falar*; *fales* e *fale* são do presente do subjuntivo do mesmo verbo *falar*. Teríamos formas iguais para verbos diferentes, o que pode ser a razão para que as flexões de um deles (as do verbo de uso menos frequente, falir, no caso) não sejam usadas pelos falantes. Convém dizer que esse argumento não se aplica a todos os verbos que apresentam formas iguais. *Trazer* e *tragar*, por exemplo, não são defectivos, mas apresentam formas idênticas (*trago* é primeira pessoa do singular do presente do indicativo dos dois verbos). *Ir* e *ser* também apresentam formas idênticas (*fui, fora, fosse, for*), mas não são defectivos. Se fosse completo, o verbo *computar* apresentaria no presente do indicativo formas como *computo, computas, computa* – palavras de sonoridade um tanto quanto "suspeita". Por isso o verbo *computar* é dado nas gramáticas e dicionários como defectivo.

Esses motivos nem sempre conseguem impedir o uso efetivo de formas verbais consideradas oficialmente "erradas". O próprio verbo *computar* é um exemplo disso. Com o desenvolvimento e a popularização dos computadores, não há quem não diga *computa*. Na prática, esse verbo acaba sendo conjugado em todos os tempos, modos e pessoas.

Insistimos em que os preceitos colocados pela gramática normativa nem sempre condizem com o uso cotidiano da língua, mas, no texto formal escrito, é recomendável que você procure seguir o que as gramáticas e os dicionários consagram como frequente no padrão culto da língua.

Por fim, convém deixar claro que um verbo é considerado defectivo porque não se registra o uso de todas as suas flexões (e não o contrário, ou seja, não há registro do uso de todas as flexões de um verbo porque ele é defectivo).

Você verá a seguir que o problema dos verbos defectivos ocorre basicamente no presente do indicativo e formas derivadas (presente do subjuntivo e imperativos).

Para estudar os verbos defectivos, convém dividi-los em dois grupos.

Primeiro grupo

Verbos que, no presente do indicativo, deixam de ser conjugados apenas na primeira pessoa do singular. Consequentemente, não apresentam presente do subjuntivo e imperativo negativo. O imperativo afirmativo se limita às pessoas diretamente provenientes do presente do indicativo (*tu* e *vós*). É o caso, entre outros, dos verbos:

abolir aturdir banir carpir colorir
delinquir demolir exaurir explodir extorquir retorquir

ABOLIR

presente do indicativo	imperativo afirmativo
eu –	–
tu aboles	abole tu
ele abole	–
nós abolimos	–
vós abolis	aboli vós
eles abolem	–

Segundo grupo

Verbos que, no presente do indicativo, são conjugados apenas na primeira e na segunda pessoas do plural (*nós* e *vós*). Quando você procura um verbo deste grupo no dicionário, costuma encontrar explicações técnicas como "no presente do indicativo, só é conjugado nas formas arrizotônicas". Você já sabe que forma arrizotônica é aquela em que a tonicidade está fora do radical, como em *falamos*. A tonicidade está no *-a-*, fora do radical (*fal-*).

Os verbos deste grupo não possuem presente do subjuntivo e imperativo negativo. O imperativo afirmativo se limita à forma diretamente retirada do presente do indicativo. É o caso dos verbos:

adequar	aguerrir	combalir	comedir-se
falir	fornir	foragir-se	precaver
reaver	remir		

FALIR

presente do indicativo	imperativo afirmativo
eu –	–
tu –	–
ele –	–
nós falimos	–
vós falis	fali vós
eles –	–

ADEQUAR

presente do indicativo	imperativo afirmativo
eu –	–
tu –	–
ele –	–
nós adequamos	–
vós adequais	adequai vós
eles –	–

Comentário

Alguns autores registram a conjugação do verbo *adequar* nas formas arrizotônicas do presente do subjuntivo (*adequemos, adequeis*); o que permitiria também a conjugação dessas mesmas formas do imperativo negativo e da primeira do plural do imperativo afirmativo.

PRECAVER

presente do indicativo	imperativo afirmativo
eu –	–
tu –	–
ele –	–
nós precavemos	–
vós precaveis	precavei vós
eles –	–

Comentário

Precaver não deriva de *ver*, nem de *vir*. Não existem as formas "precavejo, precavo, precavenho". No pretérito perfeito do indicativo e tempos derivados, comporta-se como verbo regular: *precavi, precaveste, precaveu...*

REAVER	
presente do indicativo	**imperativo afirmativo**
eu –	–
tu –	–
ele –	–
nós reavemos	–
vós reaveis	reavei vós
eles –	–

Comentário

Na prática, pode-se dizer que *reaver* é conjugado como *haver*, mas só existe nas formas em que o verbo *haver* apresenta a letra *v*. Observe com atenção o pretérito perfeito do indicativo:

reouve	reouvemos
reouveste	reouvestes
reouve	reouveram

Comentários gerais

a. Convém repetir que os verbos defectivos têm conjugação completa nos pretéritos e futuros. São mais do que corretas formas como as seguintes:

aboli	adequei	explodi	fali
precavi	demoli	aboliu	adequou
explodiu	faliu	precaveu	demoliu

b. Para suprir uma forma dada como inexistente, costuma-se recorrer a verbos sinônimos ou a expressões equivalentes. Em vez de dizer "Eu me precavo/precavenho/precavejo", diga "Eu me acautelo/previno"; em vez de "A empresa fale", diga "A empresa vai à falência/vai falir"; no lugar de "O texto se adequa", pode-se usar "O texto se adapta/é adequado".

c. São considerados defectivos também os **verbos impessoais** e os **unipessoais**, conjugados apenas em algumas formas por questão de significado. Não se costuma dizer, por exemplo, "Eu chovo", ou "Ela geou". *Chover* e *gear*, como todos os verbos que indicam fenômenos naturais, são impessoais e, por isso, não têm sujeito e são conjugados apenas na terceira pessoa do singular. Também são impessoais os seguintes verbos:

amanhecer	anoitecer	chuviscar	estiar
alvorecer	orvalhar	relampejar	trovejar
ventar			

Os verbos unipessoais exprimem vozes de animais e são geralmente conjugados na terceira pessoa do singular e na terceira pessoa do plural:

O cão latia insistentemente.

Os cavalos relinchavam, assustados.

Observe que também não se costuma dizer "Eu relincho", ou "Tu latiste". Outros verbos unipessoais exprimem acontecimento, necessidade:

acontecer	convir	ocorrer	suceder

É possível empregar os verbos impessoais e unipessoais em sentido figurado. É o que ocorre em frases como:

Quando esse dia chegar, os brasileiros amanhecerão para um novo tempo.

Choveram faltas violentas durante o jogo.

4. Verbos abundantes

Verbos abundantes são aqueles que apresentam mais de uma forma para determinada flexão. Esse fenômeno costuma ocorrer no particípio, em que, além das formas regulares, terminadas em *-ado* ou *-ido*, surgem as **formas irregulares**, também chamadas **curtas** ou **breves**. Observe a relação a seguir:

	infinitivo impessoal	particípio regular	particípio irregular
primeira conjugação	aceitar	aceitado	aceito
	entregar	entregado	entregue
	enxugar	enxugado	enxuto
	expressar	expressado	expresso
	expulsar	expulsado	expulso
	findar	findado	findo
	isentar	isentado	isento
	limpar	limpado	limpo
	matar	matado	morto
	salvar	salvado	salvo
	segurar	segurado	seguro
	soltar	soltado	solto
segunda conjugação	acender	acendido	aceso
	benzer	benzido	bento
	eleger	elegido	eleito
	morrer	morrido	morto
	prender	prendido	preso
	suspender	suspendido	suspenso
terceira conjugação	emergir	emergido	emerso
	expelir	expelido	expulso
	exprimir	exprimido	expresso
	extinguir	extinguido	extinto
	imergir	imergido	imerso
	imprimir	imprimido	impresso
	inserir	inserido	inserto
	omitir	omitido	omisso
	submergir	submergido	submerso

Comentários

a. A tradição da língua diz que os particípios regulares são empregados geralmente com os auxiliares *ter* e *haver*; os particípios irregulares são geralmente empregados com os auxiliares *ser* e *estar*:

ter/haver elegido ter/haver imprimido ser/estar eleito ser/estar impresso

Nota-se, no entanto, larga tendência de alteração dessa "regra", seja na língua do dia-a-dia, seja na língua culta, em que se registram construções como "Por ter salvo/aceito/entregue" e outras.

b. *Ganhar*, *gastar* e *pagar* são abundantes: *ganhado/ganho*; *gastado/gasto*; *pagado/pago* são seus particípios. As formas irregulares são usadas com os auxiliares *ser*, *estar*, *ter* e *haver*; as formas regulares, somente com *ter* e *haver*:

ter/haver/ser/estar ganho, gasto, pago

ter/haver ganhado, gastado, pagado

c. *Abrir* (e derivados), *cobrir* (e derivados), *escrever* (e derivados) apresentam particípios irregulares:

aberto	reaberto	entreaberto	coberto
recoberto	encoberto	descoberto	escrito
re-escrito	subscrito		

Atividades

1. Nas frases a seguir, seria preciso empregar um verbo defectivo justamente numa das flexões condenadas pela língua culta. Sugira formas de completar as frases, utilizando sinônimos ou locuções verbais:

a) É possível que se (*) aquela casa na semana que vem. (*demolir*)

b) É desejável que se (*) essa exigência descabida. (*abolir*)

c) É provável que se (*) aquele muro. (*colorir*)

d) É possível que as fontes de energia se (*) antes do tempo previsto. (*exaurir*)

e) É indispensável que se (*) daqui todo foco de corrupção. (*banir*)

2. Proceda como no exercício anterior.

a) É indispensável que eu (*) meus documentos. (*reaver*)

b) É preciso que nós nos (*). (*precaver*)

c) É desejável que os novos funcionários se (*) às necessidades da empresa. (*adequar*)

d) Eu sempre me (*) contra riscos. (*precaver*)

e) Muitas pessoas não (*) sua linguagem à situação em que se encontram. (*adequar*)

f) Ele só (*) seus direitos quando recorre à justiça. (*reaver*)

3. Utilize os verbos entre parênteses no tempo e modo do modelo:

O retirante não se precaveu contra as dificuldades da viagem.

a) Ela (*) o patrimônio perdido? (*reaver*)

b) Eu não me (*) e (*) prejuízos com a enchente. (*precaver*; *ter*)

c) Nós (*) tudo o que nos pertencia. (*reaver*)

d) Você (*) a carga ao espaço disponível? (*adequar*)

e) O Congresso ainda não (*) muitas das leis do tempo da ditadura. (*abolir*)

f) Muitas empresas (*) por causa da queda do poder aquisitivo da classe média. (*falir*)

g) Ela se (*) e (*) o pior. (*precaver*; *afastar*)

h) A herdeira (*) os bens deixados pelo pai. (*reaver*)

i) (*) o que nos pertencia. (*reaver*)

4. Preencha as lacunas com a forma apropriada do particípio verbal. Indique as frases em que se pode usar mais de uma forma.

a) O candidato foi (*) com mais de duzentos mil votos. Muitos dos que o haviam (*) na eleição anterior votaram nele novamente. (*eleger*)

b) Ele jamais foi (*) pelos colegas de trabalho. Diziam que no passado ele tinha (*) gordas propinas de uma poderosa multinacional. (*aceitar*)

c) O imposto já foi (*). Menos mal, porque todo o dinheiro deste mês já foi (*), e não há perspectiva de que outro seja (*). (*pagar*; *gastar*; *ganhar*)

d) Àquela altura, já poderia ter (*) seus débitos, se não tivesse (*) todo o dinheiro que tinha (*). (*pagar*; *gastar*; *ganhar*)

e) Assim que cheguei, fui informado de que a polícia já havia (*) e já o tinha (*). (*chegar*; *pegar*)

f) Ele havia (*) o portão. De lá, podia ver o que se passava sem ser (*). Dessa forma, foi-lhe possível certificar-se de tudo o que havia sido (*) e (*) pelo ex-proprietário do imóvel. Valera a pena ter (*)! (*entreabrir*; *ver*; *dizer*; *escrever*; *vir*)

5. As particularidades da conjugação dos verbos e os dicionários

Você estudou neste capítulo os principais verbos irregulares, defectivos e abundantes. Você deve ter notado que vários desses verbos são de uso muito frequente – como *pôr, ver, vir, ser, haver, estar*. Nesses casos, é necessário que você esteja apto a usá-los com segurança a fim de não desrespeitar o padrão culto da língua. Você estudou também verbos de uso mais limitado – como *cerzir, carpir, remir*. Nesses casos, é bastante provável que, mesmo depois de tê-los visto em nosso livro, você tenha alguma dúvida quando precisar empregá-los.

Eles estão aqui justamente para constituir um arquivo que você possa consultar a fim de esclarecer suas incertezas. É pouco provável que um dia você precise usar um verbo como *moscar*, geralmente pronominal (*moscar-se*). Mas, se realmente for necessário, consulte um dicionário. Reproduzimos, a seguir, o verbete *moscar* do dicionário de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (versão eletrônica). Além do significado do verbo, você encontra valiosas informações sobre sua conjugação:

moscar

[De *mosca* + *-ar*².] Bras. Joc.

Verbo intransitivo.

1. V. comer mosca (2).

2. Fig. Desaparecer, sumir-se, safar-se:

"nada mais tenho que fazer aqui! Musco-me! Ponho-me ao fresco!" (Aluísio Azevedo, *O mulato*, p. 246). [Irreg. O *o* da raiz muda-se em *u* nas f. rizotônicas. Além disso, o *c* transforma-se em *qu* antes de *e* (v. trancar). Pres. ind.: *musco, muscas, musca, moscamos, moscais, muscam*; imperat.: *musca, moscai*, etc.; pres. subj.: *musque, musques, musque, mosquemos, mosqueis, musquem*. Cf. *moscaria*, s. f.]

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário eletrônico. Parte integrante do *Novo dicionário Aurélio*. 3. ed. rev. e atual. Curitiba: Positivo/Positivo Informática, 2004.

Textos para análise

1

Um dia

1) sujar o pé de areia pra depois lavar na água
2) esperar o vaga-lume piscar outra vez
3) ouvir a onda mais distante por trás da mais próxima
4) não esperar nada acontecer
5) se chover, tomar chuva
6) caminhar
7) sentir o sabor do que comer
8) ser gentil com qualquer pessoa
9) barbear-se no final do dia
10) ao se deitar para dormir, dormir

ANTUNES, Arnaldo. In: *Boa companhia*: poesia. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 46.

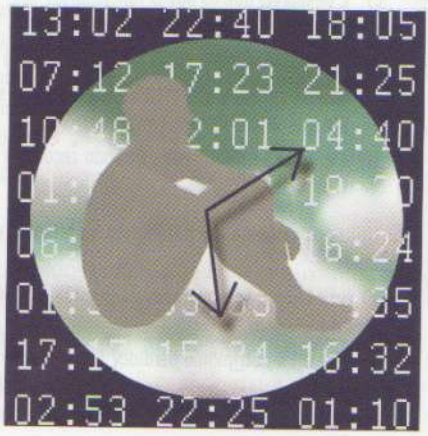

Trabalhando o texto

1. Observe as formas verbais presentes no texto da página anterior e a seguir divida-as em grupos: as que pertencem a verbos regulares, as que pertencem a verbos irregulares e anômalos e as que pertencem a verbos defectivos.

2. Os verbos do texto estão no infinitivo. Re-escreva o poema de forma que um sujeito de primeira pessoa desenvolva as ações e os processos expressos pelos verbos.

3. Como você interpreta o fato de todos os verbos do texto estarem no infinitivo?

Em *site*

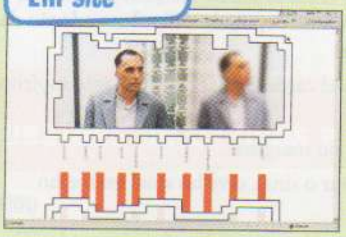

<www.arnaldoantunes.com.br >. Acesso em: 14 abr. 2008.

Músico, compositor, poeta, autor. São inúmeras as atividades de Arnaldo Antunes, todas elas desempenhadas com muito talento e perspicácia. Compositor de letras precisas e poeta de sensibilidade aguçada, Arnaldo é mesmo um artista completo. O *site* oficial do autor é de imensa valia para os fãs do ex-Titãs e também, é claro, para aqueles que querem conhecê-lo mais de perto. A página contém biografia, letras de músicas, fotos, discos e a programação de sua agenda.

2

"Haja o que houver"

No folclore linguístico do futebol, não faltam delícias como "fez que foi e acabou fondo", "Comigo ou sem migo o time vai ganhar", "Haja o que hajar" etc. Não se sabe se essas frases realmente foram ditas, apesar de muita gente jurar de pés juntos que as ouviu.

Pois bem. A brincadeira com "hajar" serve de mote para que falemos mais um pouco do verbo "haver".

* * *

"A União se desfazerá..."

Num título jornalístico publicado na semana passada, foi empregada a forma "desfazerá": "A União se desfazerá de parte das ações...". Talvez seja bom dizer logo que no lugar de "desfazerá" deveria ter sido empregada a forma "desfará". Mas isso é secundário. O que de fato interessa é tentar entender o que nos leva a empregar formas verbais "inexistentes".

CIPRO NETO, Pasquale. *Inculta e bela 4*. São Paulo: Publifolha, 2003. p. 30 e 108.

Trabalhando o texto

1. Você consegue entender por que em algumas situações somos levados a empregar formas verbais "inexistentes"? Procure explicar, baseado nos conhecimentos que adquiriu até agora, os mecanismos que levam à utilização de formas verbais como "fondo", "hajar" e "desfazerá".

3

Haiti

Quando você for convidado pra subir no adro
Da Fundação Casa de Jorge Amado
Pra ver do alto a fila de soldados, quase todos pretos
Dando porrada na nuca de malandros pretos
De ladrões mulatos e outros quase brancos
Tratados como pretos
Só pra mostrar aos outros quase pretos
(E são quase todos pretos)
E aos quase brancos pobres como pretos
Como é que pretos, pobres e mulatos
E quase brancos quase pretos de tão pobres são tratados
E não importa se olhos do mundo inteiro
Possam estar por um momento voltados para o largo
Onde os escravos eram castigados
E hoje um batuque um batuque
Com a pureza de meninos uniformizados de escola secundária em dia de parada
E a grandeza épica de um povo em formação
Nos atrai, nos deslumbra e estimula
Não importa nada: nem o traço do sobrado
Nem a lente do Fantástico, nem o disco de Paul Simon
Ninguém, ninguém é cidadão
Se você for ver a festa do Pelô, e se você não for
Pense no Haiti, reze pelo Haiti
O Haiti é aqui
O Haiti não é aqui

E na TV se você vir um deputado em pânico mal dissimulado
Diante de qualquer, mas qualquer mesmo, qualquer qualquer
Plano de educação que pareça fácil
Que pareça fácil e rápido
E vá representar uma ameaça de democratização
Do ensino de primeiro grau
E se esse mesmo deputado defender a adoção da pena capital
E o venerável cardeal disser que vê tanto espírito no feto
E nenhum no marginal
E se, ao furar o sinal, o velho sinal vermelho habitual
Notar um homem mijando na esquina da rua sobre um
Saco brilhante de lixo do Leblon
E quando ouvir o silêncio sorridente de São Paulo
Diante da chacina
111 presos indefesos, mas presos são quase todos pretos
Ou quase pretos, ou quase brancos quase pretos de tão pobres
E pobres são como podres e todos sabem como se tratam os Pretos
E quando você for dar uma volta no Caribe
E quando for trepar sem camisinha
E apresentar sua participação inteligente no bloqueio a Cuba
Pense no Haiti, reze pelo Haiti

O Haiti é aqui
O Haiti não é aqui.

GIL, Gilberto & VELOSO, Caetano. Disponível em: <www.caetanoveloso.com.br>. Acesso em: 11 jun. 2008.

Trabalhando o texto

1. Em que modo, tempo, pessoa e número está a forma verbal *for*, do primeiro verso do texto?

2. Em que modo, tempo, pessoa e número está a forma verbal destacada em "E na TV se você **vir** um deputado em pânico mal dissimulado"? A que verbo pertence essa forma? De que tempo ela é obtida?

3. O que diferencia a forma verbal *ver*, do terceiro verso, da forma verbal analisada na questão anterior?

4. Das formas verbais *subir, mostrar, defender, furar, notar, ouvir* e *apresentar*, algumas pertencem ao futuro do subjuntivo e outras, ao infinitivo. Releia atentamente o texto e separe-as em dois grupos.

5. Observando a forma verbal *pareça*, diga se o verbo *parecer* é regular ou irregular. Explique.

6. Em que modo e tempo está a forma verbal destacada em "E não importa se olhos do mundo inteiro / **Possam** estar por um momento voltados para o largo"? Como se obtém essa forma?

7. Em que modo e tempo está a forma verbal em "E o venerável cardeal **disser** que vê tanto espírito no feto / E nenhum no marginal"? Como se obtém essa forma?

8. A canção nos fala de uma realidade social em que o preconceito racial é evidente. Aponte passagens do texto em que é possível identificar esse fato.

9. O texto afirma que "Ninguém, ninguém é cidadão". Relacione a ideia contida nessa frase com as noções de "democratização do ensino", "adoção da pena capital" e desobediência aos sinais de trânsito ("furar o sinal, o velho sinal vermelho habitual").

10. Afinal, o Haiti é aqui ou não é?

Questões de exames e concursos

1. (UFRN)

"As obras que a República manda editar para a propaganda de suas riquezas e excelências, logo que são impressas completamente, distribuem-se a mancheias (1) por quem as queira. Todos as aceitam e logo passam adiante, por meio de venda. Não julgue o meu correspondente que os "sebos" as aceitem. São tão mofinas, tão escandalosamente mentirosas, tão infladas de um otimismo de encomenda que ninguém as compra, por sabê-las falsas e destituídas de toda e qualquer honestidade informativa, de forma a não oferecer nenhum lucro aos revendedores de livros, por falta de compradores.

Onde o meu leitor poderá encontrá-las, se quer ter informações mais ou menos transbordantes de entusiasmo pago, é nas lojas de merceeiros (2), nos açougues, nas quitandas, assim mesmo em fragmentos, pois todos as pedem nas repartições públicas para vendê-las a peso aos retalhistas de carne verde, aos vendeiros e aos vendedores de couves.

Contudo, a fim de que o meu delicado missivista não fique fazendo mau juízo a meu respeito, vou dar-lhe algumas informações sobre o poderoso e rico país da Bruzundanga."

LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Os Bruzundangas*. Rio/São Paulo/Fortaleza: ABC Editora, 2005. p. 33.

(1) em abundância (2) donos de mercearia

No trecho abaixo, as formas verbais em destaque estão no tempo presente.

"As obras que a República *manda* editar [...], logo que *são impressas* [...], *distribuem-se* [...] por quem as *queira*."

Observando-se o registro culto da língua e a coerência temporal, a conversão desse presente em passado levaria as formas verbais, respectivamente, às seguintes flexões:

a) tinha mando – eram imprimidas – distribuíram-se – queria
b) mandou – foram impressas – eram distribuídas – quis
c) mandava – eram impressas – distribuíam-se – quisesse
d) havia mandado – foram imprimidas – foram distribuídas – quisera

2. (Unifesp) Instrução: Leia o poema de Bocage para responder à questão.

Olha, Marília, as flautas dos pastores
Que bem que soam, como estão cadentes!
Olha o Tejo a sorrir-se! Olha, não sentes
Os Zéfiros brincar por entre flores?
Vê como ali, beijando-se, os Amores
Incitam nossos ósculos ardentes!
Ei-las de planta em planta as inocentes,
As vagas borboletas de mil cores.
Naquele arbusto o rouxinol suspira,
Ora nas folhas a abelhinha para,
Ora nos ares, sussurrando, gira:
Que alegre campo! Que manhã tão clara!
Mas ah! Tudo o que vês, se eu te não vira,
Mais tristeza que a morte me causara.

Leia os versos e analise as considerações sobre as formas verbais neles destacadas.

I. *Olha*, Marília, as flautas dos pastores... – Como o eu-lírico faz um convite à audição das flautas dos pastores, poderia ser empregada a forma ***Ouça***, no lugar de ***Olha***.

II. ***Vê*** como ali, beijando-se, os Amores... – A forma verbal, no imperativo, expressa um convite do eu-lírico para que a amada se delicie, junto a ele, com o belo cenário.

III. Mas ah! Tudo o que ***vês***... – A forma verbal, também no imperativo, sugere que, neste ponto do poema, a amada já viu tudo o que o seu amado lhe mostrou.

Está correto o que se afirma apenas em

a) I. b) II. c) III. d) I e II. e) I e III.

3. (Pref. de Contagem-MG/Fumarc) Atentando para a *flexão verbal*, a alternativa correta é:

a) Os policiais, não se sabe por quê, não interviram na confusão.

b) Se ela vir ainda hoje à sessão de ensino, conseguirá matricular-se.

c) Se eu os ver no aeroporto, entregar-lhes-ei a encomenda de V. Exa.

d) Requeiro, por essa razão, a devolução das parcelas a que tenho direito.

4. (Pref. de Contagem-MG/Fumarc) Do ponto de vista da *flexão verbal*, a estrutura correta é:

a) O sindicato intermedia as relações entre patrões e empregados, buscando soluções que atendam a ambas as partes.

b) Esse filtro, ao contrário do que se divulga na embalagem do produto, não retêm todo tipo de impurezas.

c) Se o Banco Central não tivesse intervindo a tempo, o dólar, ao que tudo indica, teria continuado em queda.

d) Se ele não recompor o quadro de pessoal até o fim do mês, o cronograma será seriamente afetado.

5. (Correios/ESPP) Em "Quero em teus lábios beber" e "Vem, anjo, minha donzela", passando-se os verbos *querer* e *vir* para a 2.ª pessoa do plural, no imperativo afirmativo, obtêm-se:

a) queiras e venhas c) quererias e virias

b) querei e vinde d) quereis e vindes

6. (Fuvest-SP) Dos verbos destacados, só está corretamente empregado o que aparece na frase:

a) A atual administração quer **crescer** a arrecadação do IPTU em 40%.

b) A economia latino-americana se modernizou sem que a estrutura de renda da região **acompanhou** as transformações.

c) Se **fazer** previsões sobre a situação econômica já era difícil antes das eleições, agora ficou ainda mais complicado.

d) A indústria ficará satisfeita só quando vender metade do estoque e **transpor** o obstáculo dos juros.

e) Por mais que os leitores se **apropriam** de um livro, no final, livro e leitor tornam-se uma só coisa.

7. (Ufam) Assinale o item em que há ERRO na forma verbal:

a) O grande líder reouve a tempo o prestígio abalado.

b) Bem que ele se precaviu, mas o colega foi mais esperto.

c) Abstende-vos de julgar o próximo.

d) Eles se têm desavindo frequentemente.

e) São os filhos que proveem as necessidades da casa.

8. (Ufes)

Fábrica de Quadrinhos

Revista *Veja*, São Paulo, 25 jul. 2001.

O verbo *reter* deve ser conjugado como o verbo *ter*. Logo, o correto é *retiver*.

Os diálogos abaixo apresentam desvios de uso da linguagem, como ocorre no quadrinho acima, EXCETO:

a) – Maria, você viu Fernando? Preciso de falar com ele.
– Não. Se eu o **ver**, dou seu recado.

b) – Paulo, por que não veio à escola ontem?
– Falaram que não **deveriam haver** aulas.

c) – A chefia imediata compareceu à reunião?
– Sim, e **interveio** nas discussões com sucesso.

d) – Há quantos anos você não vem a Vitória?
– **Fazem** mais ou menos dois anos.

e) – O que o Senhor e a Senhora desejam?
– Nós **vimos** aqui para requerer o diploma de graduação.

9. (FGV-SP) A primeira pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos indignar-se, *afrouxar*, *caber* e *extinguir* é, respectivamente:

a) indiguino-me, afroxo, caibo, extínguo.

b) indigno-me, afrouxo, caibo, extingo.

c) indigno-me, afróxo, cabo, extínguo.

d) indiguino-me, afrouxo, cabo, extínguo.

e) indigno-me, afrouxo, caibo, extínguo.

10. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que é **incorreto** o uso do particípio regular ou irregular.

a) Não haveria mais o que discutir, pois o mancebo havia entregado o livro para Íris.

b) Aquiles sentiu um puxão nas fraldas da camisa, que estavam soltas. O ajudante do delegado aproximou-se e cochichou que ele seria solto em poucos minutos.

c) Era verdade que a fruta parecia passada, que recendia a podre. Lozardo provocou o pároco, mas percebeu que logo todas as luzes seriam acesas. Afastou-se da fruteira.

d) A lei tinha já extinto qualquer penalidade para aquele ato, que não mais era considerado ilícito.

e) José Américo tinha soltado o freio da motocicleta, para evitar acidente maior. Mesmo assim, as consequências da queda foram bastante sérias.

11. (Unifal-MG) Mesmo que nós (*), não conseguiríamos que eles (*) os papéis que os chefes (*) em segredo.

a) interviéssemos, requeressem, mantêm

b) intervíssemos, requeressem, mantém

c) interviéssemos, requisessem, mantêm

d) intervíssemos, requisessem, mantém

e) interviéssemos, requeressem, manteem

12. (Unifal-MG) Assinale a alternativa que contém a forma correta dos verbos *medir*, *valer*, *caber* e *datilografar*, na primeira pessoa do singular do presente do indicativo, pela ordem.

a) meço, valo, cabo, datilógrafo

b) meço, valho, caibo, datilografo

c) mido, valo, caibo, datilógrafo

d) mido, valho, caibo, datilografo

e) meço, valho, caibo, datilógrafo

13. (FSA-SP) Dentre as frases abaixo, assinale a que apresentar erro na flexão dos verbos.

a) Ele não creu em nenhuma das histórias contadas por nós.

b) Quando eu vir seu pai, avisá-lo-ei sobre a dívida.

c) Será muito melhor para todos, se você manter a calma.

d) Eles intervieram em nossa disputa, depois de um tempo.

e) Assim que puserdes a roupa no armário, poderemos sair.

14. (UFRPE/UFPE) Relacione as frases cujos verbos destacados estão no mesmo tempo, modo e pessoa gramatical.

1 Que todo homem é um diabo não há mulher que o **negue**.

2 **Vem**, eu te farei da minha vida participar.

3 **Ide** em paz, o Senhor vos acompanhe.

4 Estou preso à vida e **olho** meus companheiros.

5 Tu não me **tiraste** a natureza... Tu mudaste a natureza.

( ) **Cala** essa canção soturna.

( ) **Interrogai**-as agora que os reis tremem no seu trono.

( ) **Debruço**-me na grade da banca e respiro penosamente.

( ) **Trouxeste**-a para o pé de mim.

( ) Mesmo assim elas procuram um diabo que as **carregue**.

A sequência correta é:

a) 3, 2, 4, 5 e 1.

b) 4, 3, 2, 1 e 5.

c) 5, 1, 4, 2 e 3.

d) 1, 4, 5, 3 e 2.

e) 2, 3, 4, 5 e 1.

15. (Unifal-MG) Assinale a alternativa em que o verbo está conjugado de forma **correta** na norma culta.

a) O juiz não interviu no resultado do jogo.

b) Só um jogador manteu a calma na confusão.

c) Quando seu pai ver seu boletim, vai ficar alegre.

d) Eu requeri transferência para outra escola.

e) Quando ela vir de São Paulo e ver você, vai gostar.

16. (Acafe-SC) Corrija a frase. Depois, justifique.

Eles não reaveram os seus bens.

17. (Acafe-SC) Somente uma das opções está **incorreta**. Assinale-a:

a) leio – lês – lê – lemos – ledes – leem

b) valho – vales – vale – valemos – valeis – valem

c) venho – vens – vem – vimos – vindes – vêm

d) vou – vais – vai – vamos – ides – vão

e) divirjo – diverges – diverge – divergimos – divergides – divergem

18. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa em que os verbos estejam correta e adequadamente empregados.

a) Quando você o vir, dize-lhe que já demos nossa contribuição, para que sirvamos de exemplo a todos.

b) Quando você o ver, diz-lhe que já demos nossa contribuição, para que sirvamos de exemplo a todos.

c) Quando você o ver, diga-lhe que já demos nossa contribuição, para que sirvamos de exemplo a todos.

d) Quando você o vir, diga-lhe que já demos nossa contribuição, para que sirvamos de exemplo a todos.

e) Quando você o vir, diz-lhe que já demos nossa contribuição para que servimos de exemplo a todos.

19. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa em que os verbos estão correta e adequadamente empregados.

a) Para que possamos discutir tudo com calma, pretendo vir às cinco horas, a não ser que não dê para sair em tempo e tenha de deixar nosso encontro para mais tarde.

b) Quero que vocês tentam novamente e progridam nesses estudos, para que comprovamos a validade dessa nova teoria.

c) Se supormos que eles desistem do empreendimento na hora da decisão final, talvez devemos providenciar outros profissionais que estejam realmente interessados.

d) Será que existem cientistas que retêm o segredo que fará com que, numa bela manhã, acordamos sem a ameaça da guerra atômica?

e) Quando eles proporem o acordo que tanto aguardamos, é necessário que nos comprometemos a cumprir nossa parte.

20. (PUC-SP) Em relação aos versos:

"**És**, a um tempo, esplendor e sepultura:"

"Que **tens** o trom e o silvo da procela"

e

"Em que da voz materna **ouvi**: meu filho!",

se substituirmos os verbos destacados pelo presente do subjuntivo, teremos:

a) sejas, tenhas, ouças.

b) serias, terias, ouvirias.

c) sejais, tenhais, ouçais.

d) fores, tiveres, ouvires.

e) fôreis, tivéreis, ouvíreis.

21. (Unimep-SP) Alguns verbos apresentam irregularidades no radical da 1.ª pessoa do singular do indicativo presente. A alternativa que contém as formas verbais corretas é:

a) requeiro (requerer), ouço (ouvir), valho (valer)

b) digo (dizer), medo (medir), trago (trazer)

c) meço (medir), digo (dizer), perdo (perder)

d) caibo (caber), perco (perder), requero (requerer)

e) posso (poder), cabo (caber), valo (valer)

22. (Unimep-SP) Quando você o (*), (*)-lhe que eu já (*) os livros que me haviam roubado. A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:

a) vir, diga, reouve

b) vir, diz, reouve

c) ver, diga, reavi

d) ver, diz, reouve

e) ver, dize, reavi

23. (Unicamp-SP) Nas suas aulas de gramática, você deve ter estudado a conjugação dos verbos irregulares. Esse conhecimento é necessário na escrita padrão. Nos trechos abaixo encontram-se formas verbais inadequadas:

I [Os astecas] não só conheciam o banho de vapor, tão prezado na Europa, como mantiam o hábito de banhar-se diariamente. (*Superinteressante*, out. 1992)

II Um grupo de defesa dos direitos civis ameaçou intervir se o juiz Mike Mc Spaden ir adiante com seu plano de aprovar o pedido de castração. (*Folha de S.Paulo*, 13 fev. 1992)

a) Identifique as formas verbais inadequadas.

b) Que formas deveriam ter sido empregadas?

c) Como se poderia explicar a ocorrência das formas inadequadas nos trechos acima?

24. (UFV-MG) Segundo o exemplo, assinale a alternativa correta:

Jogar? Jogai vós.

Faça o mesmo com os verbos: *trazer, tragar, ir, ler.*

a) trazei, tragai, ide, lede

b) tragam, traguem, vão, leiam

c) trazeis, tragais, ides, ledes

d) tragais, tragueis, vades, leiais

e) traze, traga, vão, leia

25. (UEL-PR) Requeiro a dispensa de taxa concedida aos que (*), como eu, os bens que (*).

a) reouveram, pleiteiaram

b) reaveram, pleiteiaram

c) rehouveram, pleiteiaram

d) reouveram, pleitearam

e) rehaveram, pleitearam

26. (Unicamp-SP) No texto abaixo, ocorre uma forma que é inadequada em contextos formais, especialmente na escrita.

Trombada

Lula e Meneguelli divergem sobre o pacto. Concordam em negociar, mas Lula só aprova um acordo se o governo retirar a medida provisória dos salários, suspender os vetos à lei da Previdência e repor perdas salariais.

(Painel, *Folha de S.Paulo*, 21 set. 1990)

a) Identifique essa forma e re-escreva o trecho em que ocorre, de modo a adequá-lo à modalidade escrita.

b) Como se poderia explicar a ocorrência de tal forma (e outras semelhantes), dado que os falantes não "inventam" formas linguísticas sem alguma motivação?

27. (UEL-PR) Ainda que vários fatores (*) a seu favor, estava claro que ele não (*) as consequências que (*) de seu impensado gesto.

a) intervissem, previra, adveriam
b) interviessem, prevera, adviriam
c) intervissem, prevera, adviriam
d) intervissem, prevera, adveriam
e) interviessem, previra, adviriam

28. (UEL-PR) Os ouvintes (*)-se de opinar, temendo que se (*) as críticas e os ânimos não se (*).

a) absteram, mantivessem, refazessem
b) absteram, mantessem, refizessem
c) abstiveram, mantivessem, refizessem
d) absteram, mantessem, refazessem
e) abstiveram, mantessem, refizessem

29. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas: Não (*) cerimônia, (*) que a casa é (*), e (*) à vontade.

a) faças, entre, tua, fique
b) faça, entre, sua, fique
c) faças, entra, sua, fica
d) faz, entra, tua, fica
e) faça, entra, tua, fique

30. (Fatec-SP) Aponte o emprego errado do verbo destacado.

a) Se a resposta **condissesse** com a pergunta...
b) Poucos **reaveram** o que arriscaram em jogos.
c) Não que não **antepuséssemos** alguém a você.
d) Não tenha dúvida, **refaremos** tantas vezes quantas forem necessárias.
e) Se não nos **virmos** mais... tenha boas férias.

31. (Cesgranrio-RJ) Assinale o período em que aparece uma forma verbal incorretamente empregada com relação à norma culta da língua.

a) Se o compadre trouxesse a rabeca, a gente do ofício ficaria exultante.
b) Quando verem o Leonardo, ficarão surpresos com os trajes que usava.
c) Leonardo propusera que se dançasse o minueto da corte.
d) Se o Leonardo quiser, a festa terá ares aristocráticos.
e) O Leonardo não interveio na decisão da escolha do padrinho do filho.

32. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa em que uma forma verbal foi empregada incorretamente.

a) O superior interveio na discussão, evitando a briga.
b) Se a testemunha depor favoravelmente, o réu será absolvido.
c) Quando eu reouver o dinheiro, pagarei a dívida.
d) Quando você vir Campinas, ficará extasiado.
e) Ele trará o filho, se vier a São Paulo.

33. (FCC-SP) Não te (*) com essas mentiras que (*) da ignorância.

a) aborreces, proveem
b) aborreça, provém
c) aborreças, provêm
d) aborreça, proveem
e) aborreças, provém

34. (Cesesp-PE) Assinale a alternativa que estiver incorreta quanto à flexão dos verbos:

a) Ele teria pena de mim se aqui viesse e visse o meu estado.
b) Paulo não intervém em casos que requeiram profunda atenção.
c) O que nós propomos a ti, sinceramente, convém-te.
d) Se eles reouverem suas forças, obterão boas vitórias.
e) Não se premiam os fracos que só obteram derrotas.

35. (FMPA-MG) Complete as lacunas com os verbos *intervir* e *deter* no pretérito perfeito do indicativo.

A polícia (*) no assalto e (*) os ladrões.

36. (Fuvest-SP) Re-escreva as frases abaixo, substituindo convenientemente as formas verbais destacadas pelos verbos colocados entre parênteses.

a) Se você se **colocasse** em meu lugar, perceberia melhor o problema. (pôr)
b) Quando **descobrirem** o logro em que caíram, ficarão furiosos. (ver)

37. (Fuvest-SP) Re-escreva as frases abaixo, obedecendo ao modelo:

Se ele voltou cedo, eu também voltei.

Se ele voltar cedo, eu também voltarei.

a) Se ele viu o filme, eu também vi.

b) Se tu te dispuseste, eu também me dispus.

38. (UCS-RS) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas:

Se tudo (*) conforme ele (*), o trabalho já (*).

a) for feito, preveu, vai ser concluído

b) fosse feito, prevera, teria sido concluído

c) é feito, preveu, estaria pronto

d) tivesse sido feito, havia previsto, estaria concluído

e) tiver sido feito, preverá, será concluído

39. (FGV-SP) (*), homem! (*) à criatura que me deixe, que (*).

a) corre, dize, se não aflija

b) corra, diz, se não aflija

c) corre, dize, não aflija-se

d) corra, diz, não se aflija

e) corre, dizei, não aflija

40. (FCMSC-SP) Nas alternativas estão as flexões do imperativo de cinco verbos. Assinale a alternativa em que há erro.

a) saber: sabe/saiba/saibamos/sabei/saibam

b) ver: vê/vide/vejamos/vejais/vejam

c) ir: vai/vá/vamos/ide/vão

d) ouvir: ouve/ouça/ouçamos/ouvi/ouçam

e) valer: vale/valha/valhamos/valei/valham

41. (FEI-SP) Na expressão "Deus te favoreça", substitua o verbo *favorecer* por:

a) abençoar; b) ouvir; c) proteger.

42. (FCMSC-SP) Assinale a alternativa correta quanto ao uso de verbos abundantes.

a) Por haver aceitado as normas, o candidato foi aceito na Faculdade.

b) Por haver morto o passarinho, o menino chorou. Realmente, o bicho estava bem morto.

c) Foi elegido pelas mulheres apesar de haver eleito a maioria dos homens.

d) O pastor tinha emergido os crentes depois de ter emergido ele mesmo pelo bispo. Era emersão que não acabava mais.

e) Todos os casos serão omitidos da pauta tal como você já tivera omisso os seus casos ontem.

43. (USCS-SP) Assinale a alternativa que corresponde ao que se pede:

– verbo *ver* – 3.ª pessoa do singular do pretérito mais-que-perfeito do indicativo

– verbo *ser* – 3.ª pessoa do singular do presente do subjuntivo

– verbo *haver* – 3.ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo

– verbo *vir* – 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo

a) vera, seja, houve, vem

b) vera, seja, havi, venha

c) vira, seja, houve, vem

d) vira, seje, houve, venha

e) vira, seje, havi, vem

44. (FCC-SP) Ele (*) que lhe (*) muitas dificuldades, mas enfim (*) a verba para a pesquisa.

a) receara, opusessem, obtera

b) receara, opusessem, obtivera

c) receiara, opossem, obtivera

d) receiara, opossem, obtera

e) receara, opossem, obtera

45. (FCC-SP) Caso (*) realmente interessado, ele não (*) de faltar.

a) estiver, haja

b) esteja, houve

c) estivesse, houvesse

d) estivesse, havia

e) estiver, houver

46. (Unilus-SP) Assinale a alternativa que se encaixe no período seguinte:

Se você (*) e o seu irmão (*), quem sabe você (*) o dinheiro.

a) requeresse, interviesse, reouvesse

b) requisesse, intervisse, reavesse

c) requeresse, intervisse, reavesse

d) requeresse, interviesse, reavesse

e) requisesse, intervisse, reouvesse

47. (FCC-SP) Quem (*) o Pedro, ou pelo menos (*) falar com ele, (*)-o em meu nome.

a) ver, poder, advirta

b) vir, puder, adverta

c) vir, puder, advirta

d) ver, puder, adverta

e) vir, poder, adverta

48. (FCC-SP) Sem que ninguém tivesse (*), o próprio menino (*)-se contra os falsos amigos.

a) intervindo, precaviu

b) intervindo, precaveio

c) intervido, precaveu

d) intervido, precaveio

e) intervindo, precaveu

Capítulo 8

Estudo dos verbos (III)

Chris Brown/King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 1997. v. 1. p. 48.

Depois de estudar detidamente os mecanismos de conjugação e os principais verbos irregulares e defectivos, você vai investigar o funcionamento dos modos e tempos verbais no uso efetivo, ou seja, nas frases e textos de nossa língua.

Nosso objetivo é fazer você refletir sobre o valor e o significado das diferentes formas verbais, tornando-o apto a empregá-las com precisão e sensibilidade. Na tira desta página, por exemplo, verifica-se a flexão dos tempos e dos modos verbais, de acordo com as exigências contextuais: no primeiro quadrinho o modo indicativo representando ações pretérita e futura; no segundo, o modo subjuntivo sinalizando uma possibilidade. Observa-se também a locução verbal empregada notadamente com valor de futuro.

1. Os modos verbais

Em português, existem três modos verbais: o indicativo, o subjuntivo e o imperativo.

O **modo indicativo** é empregado quando se dá como certo, real ou verdadeiro o conteúdo daquilo que se fala ou escreve:

Faz muito calor nesta época do ano.

Fez muito calor no último verão.

O serviço meteorológico informa que **fará** muito calor neste verão.

O **modo subjuntivo** é empregado quando se dá como provável, duvidoso ou hipotético o conteúdo daquilo que se fala ou escreve:

Talvez **faça** muito calor neste verão.

Se **fizesse** calor nestes dias, a safra estaria perdida.

O **modo imperativo** é empregado para exprimir ordem, pedido, súplica, conselho:

"**Cala** a boca, Bárbara!"

"Seu garçom, **faça** o favor de me trazer depressa..."

Socorram-me!

"**Vai** e **diz** a ela as minhas penas..."

De um modo geral, podem-se relacionar os modos verbais a três atitudes diferentes de quem fala ou escreve: o indicativo mostra uma atitude mais objetiva diante dos fatos e processos, que são apresentados como fenômenos positivos e independentes; o subjuntivo traduz a expressão de conteúdos emocionais (o desejo, a dúvida, a incerteza), impregnando os fatos e processos com a subjetividade de quem fala ou escreve; o imperativo procura impor o processo verbal ao interlocutor, com a intenção de que este aja de acordo com aquilo que o emissor da mensagem pretende.

Atividade

Observe o emprego dos verbos destacados em cada um dos pares de frases a seguir. Justifique o modo verbal empregado em cada caso:

a) Ele **vem** diariamente.
É possível que ele **venha** hoje.

b) Estou certa de que **foi** ele o culpado de tudo.
Acredito que **tenha sido** ele o culpado de tudo.

c) Ele **era** indicado para todas as atividades.
Talvez não **fosse** ele o indicado para todas as atividades.

d) Eu a **verei** amanhã.
Quando a **vir** outra vez, direi a ela toda a verdade.

e) Todo cidadão que efetivamente **ama** seu país é capaz de julgá-lo com critério.
Todo cidadão que efetivamente **ame** seu país é capaz de julgá-lo com critério.

f) Ainda que ele seja aparentemente discreto, está envolvido no escândalo.
Seja discreto, não se deixe envolver em escândalos.

2. Os tempos verbais

Os tempos do indicativo

Presente

a. Já foi comum definir-se o presente do indicativo como o "tempo que indica processos verbais que se desenvolvem simultaneamente ao momento em que se fala ou escreve":

Estou em São Paulo.

Não **confio** nele.

b. Na verdade, o presente do indicativo vai muito além de seu valor específico, básico. Pode também expressar processos habituais, regulares, ou aquilo que tem validade permanente:

Tomo banho diariamente.

Durmo pouco.

Todos os cidadãos **são** iguais perante a lei.

A Terra **gira** em torno do Sol.

A forma verbal *têm*, no presente do indicativo, expressa um fato que tem validade permanente, segundo o anunciante. (Atente mais uma vez para o acento em *têm*, necessário porque esse verbo está conjugado na terceira pessoa do plural.)

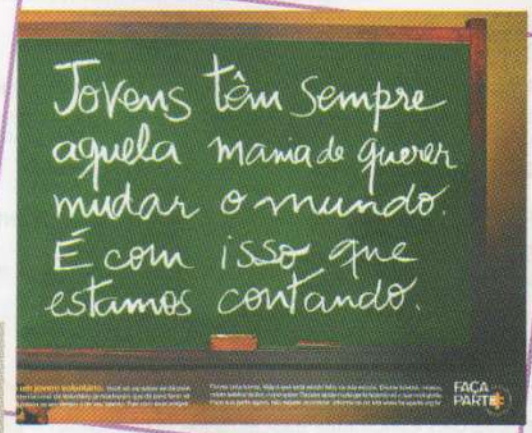

IstoÉ, São Paulo, 10 jul. 2002. p. 80-1.

c. O presente do indicativo pode ser empregado para narrar fatos passados, conferindo-lhes atualidade. É o chamado **presente histórico**:

No dia 17 de dezembro de 1989, pela primeira vez em quase trinta anos, o povo brasileiro **elege** diretamente o presidente da República. Iludida pelos meios de comunicação, a população não **percebe** que **está** diante de um farsante. Mas a verdade não **demora** a chegar. O presidente-atleta logo **mostra** quem **é**. Seu braço direito, PC Farias, **saqueia** o país. **Forma**-se uma Comissão Parlamentar de Inquérito, que **investiga** as atividades ilícitas da dupla. Em alguns meses, os escândalos apurados **são** tantos que só **resta** ao aventureiro renunciar.

d. O presente também pode ser usado para indicar um fato futuro próximo e de realização tida como certa:

Daqui a pouco, a gente **volta**.

Embarco no próximo sábado.

e. Utilizado com valor imperativo, o presente constitui uma forma delicada e familiar de pedir ou ordenar alguma coisa:

Artur, agora você **se comporta** direitinho.

Depois vocês **resolvem** esse problema para mim.

Pretérito imperfeito

a. O pretérito imperfeito tem várias aplicações. Pode transmitir uma ideia de continuidade, de processo que no passado era constante ou frequente:

Estavam todos muito satisfeitos com o desempenho da equipe.

Entre os índios, as mulheres **plantavam** e **colhiam**; os homens **caçavam** e **pescavam**.

Naquela época, eu **almoçava** lá todos os dias.

b. Ao nos transportarmos mentalmente para o passado e procurarmos falar do que então era presente, também empregamos o pretérito imperfeito do indicativo:

Eu **admirava** a paisagem. A vida **passava** devagar. Quase nada se **movia**. Uma pessoa **aparecia** aqui, um cão **latia** ali, mas, no geral, tudo **era** muito quieto.

c. O imperfeito é usado para exprimir o processo que estava em desenvolvimento quando da ocorrência de outro:

O Sol já **despontava** quando a escola **entrou** na passarela.

A torcida ainda **acreditava** no empate quando o time **levou** o segundo gol.

d. Usado no lugar do presente do indicativo, o pretérito imperfeito denota cortesia:

Queria pedir-lhe uma gentileza.

e. Pode substituir o futuro do pretérito, tanto na linguagem coloquial como na literária:

Se ele pudesse, **largava** tudo e **ficava** com ela.

"Se eu fosse você, eu **voltava** pra mim."

Pretérito perfeito

a. O pretérito perfeito simples exprime os processos verbais concluídos e localizados num momento ou período definido do passado. Veja os exemplos:

Em 1983, o campeão brasileiro da Segunda Divisão **foi** o Juventus.

O concerto **foi encerrado** às vinte e três horas.

Os primeiros imigrantes italianos **chegaram** ao Brasil no século passado.

OBSERVAÇÃO

Atente para a distinção entre o pretérito imperfeito e o pretérito perfeito simples:

Quando o **encontrava**, **ficávamos** horas conversando.

Quando o **encontrei**, **ficamos** horas conversando.

Tinha certeza de que não seria aprovado.

Teve certeza de que não seria aprovado.

b. O pretérito perfeito composto exprime processos que se repetem ou se prolongam até o presente:

Tenho visto coisas em que ninguém acredita.

Os professores não **têm conseguido** melhores condições de trabalho.

Pretérito mais-que-perfeito

O pretérito mais-que-perfeito exprime um processo que ocorreu antes de outro processo passado:

Era tarde demais quando ela percebeu que ele se **envenenara**. (ou: ele se **tinha/havia envenenado**.)

O fato de ele ter-se envenenado é anterior ao fato de ela ter percebido. *Envenenara* é, por isso, mais-que-perfeito, ou seja, mais velho que o perfeito (*percebeu*).

Na linguagem do dia-a-dia, usa-se muito pouco a forma simples do pretérito mais-que-perfeito. É comum, entretanto, na linguagem formal e literária, bem como em algumas expressões cristalizadas ("Quem me dera!"; "Quisera eu"). Quando usado no lugar do futuro do pretérito do indicativo ou do pretérito imperfeito do subjuntivo, o mais-que-perfeito simples confere solenidade à expressão:

"E, se mais mundo **houvera**, lá **chegara**." (Camões)

Compare com:

E, se mais mundo **houvesse**, lá **chegaria**.

Futuro do presente

a. O futuro do presente simples expressa basicamente processos tidos como certos ou prováveis, mas que ainda não se realizaram no momento em que se fala ou escreve:

Será realizada amanhã a partida decisiva.

Estarei lá no próximo ano.

Jamais a **terei** a meu lado.

b. Pode-se usar esse tempo com valor de imperativo, com tom enfático e categórico:

"Não furtarás!"

Você ficará aqui a noite toda.

c. Em outros casos, essa forma imperativa parece mais branda e sugere a necessidade de que se adote certa conduta:

Você **compreenderá** a minha atitude.

Pagarás quando puderes.

d. O futuro do presente simples também pode expressar dúvida ou incerteza em relação a fatos do presente:

Ela **terá** atualmente trinta e cinco anos.

Será Cristina quem está lá fora?

e. Quando expressa circunstância de condição, o futuro do presente se relaciona com o futuro do subjuntivo para indicar processos cuja realização é tida como possível:

Se **tiver** dinheiro, **pagarei** à vista.

Se **houver** pressão popular, as reformas sociais **virão**.

f. O futuro do presente simples é muito pouco usado na linguagem cotidiana. Em seu lugar, é normal o emprego de locuções verbais com o infinitivo, principalmente as formadas pelo verbo *ir*:

Vou chegar (em vez de **chegarei**) daqui a pouco.

Estes processos **vão ser** (em vez de **serão**) analisados pelo promotor.

g. O futuro do presente composto expressa um fato ainda não realizado no momento presente, mas já passado em relação a outro fato futuro. Observe:

Quando estivermos lá, o dia já **terá amanhecido**.

Quando eu voltar ao trabalho, você já **terá entrado** em férias.

Futuro do pretérito

a. O futuro do pretérito simples expressa processos posteriores ao momento passado a que nos estamos referindo:

Concluí que não **seria** feliz ao lado dela.

Muito tempo depois, **chegaria** a sensação de fracasso.

b. Também se emprega esse tempo para expressar dúvida ou incerteza em relação a um fato passado:

Estariam lá mais de vinte mil pessoas.

Ela **teria** vinte anos quando gravou o primeiro disco.

c. O futuro do pretérito se relaciona com o pretérito imperfeito do subjuntivo para indicar processos tidos como hipotéticos ou como de difícil concretização:

Se ele quisesse, tudo **seria** diferente.

Viveria em outro lugar se pudesse.

d. O futuro do pretérito composto expressa um processo encerrado posteriormente a uma época passada que mencionamos no presente:

Partiu-se do pressuposto de que às cinco horas da tarde o comício já **teria sido encerrado**.

Anunciou-se que no dia anterior o jogador já **teria assinado** contrato com o outro clube.

e. Esse tempo também expressa dúvida sobre fatos passados:

Teria sido ele o mentor da fraude?

f. Quando expressa circunstância de condição, o futuro do pretérito composto relaciona-se com o pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo, exprimindo processos hipotéticos ou de realização desejada, mas já impossível:

Se ele me tivesse procurado antes, eu o **teria ajudado**.

O país **teria melhorado** muito se tivessem sido feitos investimentos na educação e na saúde.

"Ali, deitada, divagou:
se **fosse** eu, **teria escolhido** lírios."

FREIRE, Marcelino (Org.). *Os cem menores contos brasileiros do século*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004. Disponível em: <www.nordesteweb.com/not04_0604/ne_not_20040424e.htm>. Acesso em: 1 maio 2008.

Neste microconto de Adriana Falcão, que possui menos de 50 letras, a relação de impossibilidade fica estabelecida pelo emprego do futuro do pretérito composto articulado ao modo subjuntivo.

Em livro

Ateliê Editorial

FREIRE, Marcelino (Org.). *Os cem menores contos brasileiros do século*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

O conto é uma narrativa mais curta que o romance ou a novela e, consequentemente, desenvolve um enredo menos complexo do que esses gêneros mais populares. Só que o livro organizado pelo microcontista Marcelino Freire leva essa definição muito a sério: todos os contos reunidos aqui passaram por um rigoroso processo de seleção: nenhum podia passar de cinquenta letras, sem levar em conta pontuação, título e espaço. O resultado disso é uma prova incontestável de que criatividade, lirismo e concisão combinam muito bem com a boa produção literária.

Atividades

1. Complete as lacunas com as formas adequadas dos verbos indicados entre parênteses. Em alguns casos, pode haver mais de uma opção.

a) Não (*) ontem ao teatro com eles porque já (*) anteontem. (*ir*)

b) Nós (*) à estação logo depois que o trem (*). (*chegar; sair*)

c) Todos (*) que o ano se (*) em quatro estações. (*saber; dividir*)

d) Quando jovem, eu (*) cedo e (*) no parque. Hoje, (*) pouco e mal e não (*) disposição para nada. (*acordar; correr; dormir; ter*)

e) Todos os domingos ele (*) aqui e (*) se alguém (*) de alguma coisa. (*vir; perguntar; precisar*)

f) Depois daquilo, não me (*) e (*), exigindo que ele parasse. (*conter; gritar*)

g) Ele sempre (*) aos colegas que se empenhem. (*sugerir*)

h) Ele sempre (*) aos colegas que se empenhassem. (*sugerir*)

i) Dali onde (*), (*) o céu claro e (*) o canto dos pássaros. A manhã (*) linda! (*estar; ver; ouvir; ser*)

j) Antes do advento do "futebol-força", todas as equipes (*) um jogador cerebral. A bola (*) mansa, a categoria (*), os jogos não (*) violentos. (*) a pena ir aos estádios. (*ter; rolar; imperar; ser; valer*)

k) Assim que (*) a porta, (*) que algo estranho se (*) naquele recinto. (*abrir; notar; passar*)

2. Preencha as lacunas com as formas adequadas dos verbos indicados entre parênteses. Em alguns casos, pode haver mais de uma opção.

a) No próximo sábado, (*) cedo e (*) o primeiro ônibus para o Rio de Janeiro. (*acordar; pegar*)

b) Tudo (*) muito diferente se você ouvisse nossos conselhos. (*ser*)

c) Tudo (*) muito diferente se você ouvir nossos conselhos. (*ser*)

d) Quem (*) aqui durante a madrugada para estragar o jardim? (*vir*)

e) O Corinthians (*) da fila em 1977; dois anos depois, (*) de novo o Campeonato Paulista. (*sair; ganhar*)

f) Tu não (*) sem o meu consentimento! (*sair*)

g) Quando ela chegar, (*) tudo arrumado. (*encontrar*)

h) Quando chegarmos à cidade, tudo já (*). (*terminar*)

i) Quando chegássemos à cidade, tudo já (*). (*terminar*)

j) Muitos anos depois, ele (*) repetindo as mesmas palavras, que (*) as mesmas ideias. (*continuar; expressar*)

k) Tudo (*) ser diferente se eles não tivessem tentado nos enganar. (*poder*)

3. Nos grupos de frases a seguir, você encontrará tempos verbais diferentes exprimindo ideias semelhantes. Procure explicar as diferenças de sentido e de emprego entre as frases de cada conjunto.

a) Farei isso amanhã.
Faço isso amanhã.

b) Segue até o fim!
Agora segues até o fim.
Seguirás até o fim!

c) Se ele colaborasse, eu dava um jeito na situação.
Se ele colaborasse, eu daria um jeito na situação.

d) Não fora a intervenção do diretor, ficáramos a ver navios.
Não fosse a intervenção do diretor, ficaríamos a ver navios.

4. Relate uma passagem de sua vida em um parágrafo. Use a terceira pessoa e o chamado presente histórico.

5. Conte em um parágrafo alguma coisa que frequentemente acontecia em sua infância. A seguir, observe os tempos verbais empregados e justifique seu uso.

Os tempos do subjuntivo

Presente

O presente do subjuntivo normalmente expressa processos hipotéticos, que muitas vezes estão ligados ao desejo, à suposição:

"Quero que tudo **vá** para o inferno!"

Suponho que ela **esteja** em Roma.

Caso você **vá** lá, não deixe que o explorem.

Talvez ela **esteja** aqui amanhã.

Ficam excluídos os que não **amem** a cultura.

Pretérito imperfeito

a. O imperfeito do subjuntivo expressa processos de limites imprecisos, anteriores ao momento em que se fala ou escreve:

Fizesse sol ou chovesse, não dispensava uma volta no parque.

Os baixos salários que o pai e a mãe ganhavam não permitiam que ele **estudasse**.

b. O imperfeito do subjuntivo é o tempo que se associa ao futuro do pretérito do indicativo quando se expressa circunstância de condição ou concessão:

Se ele **fosse** politizado, não votaria naquele farsante.

Embora se **esforçasse**, não conseguiria a simpatia dos colegas.

c. Também se relaciona com os pretéritos perfeito e imperfeito do indicativo:

Sugeri-lhe que não **vendesse** a casa.

Esperava-se que todos **aderissem** à causa.

Se eu não te amasse tanto assim

(...)
Se eu não te amasse tanto assim
Talvez perdesse os sonhos
Dentro de mim
E vivesse na escuridão
Se eu não te amasse tanto assim
Talvez não visse flores
Por onde eu vim
Dentro do meu coração

Herbert Vianna. Disponível em: <www.webletras.com.br/musica/herbert-vianna/se-eu-nao-te-amasse-tanto-assim>. Acesso em: 8 maio 2008.

Na letra dessa canção nota-se a imprecisão do pretérito imperfeito do subjuntivo (*amasse, perdesse, vivesse, visse*) ao expressar hipóteses, reforçada pelo emprego de *talvez* por duas vezes.

Em CD

Divulgação

Gilberto Gil. Tenho sede. In: *Unplugged* (CD). Warner Music, 1994.

A singela canção "Tenho sede", escrita por Dominguinhos e Anastácia e gravada originalmente por Gil em 1975, oferece um agradável exercício de percepção do emprego de um dos modos verbais da língua portuguesa.

Pretérito perfeito

Só ocorre na forma composta e expressa processos anteriores tidos como concluídos no momento em que se fala ou escreve:

Imagino que ela já **tenha procurado** uma solução.

Pretérito mais-que-perfeito

a. Também só ocorre na forma composta. Expressa um processo anterior a outro processo passado:

Esperei que **tivesse exposto** completamente sua tese para contrapor meus argumentos.

b. Esse tempo pode associar-se ao futuro do pretérito simples ou composto do indicativo quando são expressos fatos irreais e hipotéticos do passado:

Se eu me **tivesse apresentado** na data combinada, já seria funcionário da empresa.

Mesmo que ela o **tivesse procurado**, ele não a teria recebido.

Futuro

a. Na forma simples, indica fatos possíveis, mas ainda não concretizados no momento em que se fala ou escreve:

Quando **comprovar** sua situação, será inscrito.

Quem **obtiver** o primeiro prêmio receberá bolsa integral.

Se ela **for** a Siena, não quererá mais sair de lá.

b. Esse tempo geralmente se associa ao futuro do presente do indicativo quando se expressa circunstância de condição:

Se **fizer** o regime, emagrecerá rapidamente.

c. O futuro do subjuntivo composto expressa um processo futuro que estará terminado antes de outro, também futuro:

Quando **tiverem concluído** os estudos, receberão o diploma.

Iremos embora depois que ela **tiver adormecido**.

Atividades

1. Preencha as lacunas com a forma adequada dos verbos entre parênteses. Em alguns casos, pode haver mais de uma opção.

a) Talvez todas as blusas (*) na gaveta. (*caber*)

b) É inacreditável que (*) ele o autor do projeto. (*ser*)

c) Se o árbitro não (*) os ânimos, as consequências seriam imprevisíveis. (*conter*)

d) Desejo que você já (*) a bateria de testes quando eu tiver regressado. (*encerrar*)

e) Depois que tudo (*) resolvido, poderemos dormir o sono dos justos. (*estar*)

f) Quando eles (*) os cálculos, descobrirão grossas falcatruas. (*rever*)

2. Observe o modelo; a seguir, aplique-o às frases apresentadas.

Leio o manual.

Sugiro-lhe que **leia** o manual.

Sugeri-lhe que **lesse** o manual.

a) Faço um bom chá.

b) Vejo um bom filme.

c) Trago respostas convincentes.

d) Redijo claramente.

e) Confiro o dinheiro.

f) Mostro o melhor caminho.

3. Re-escreva as frases a seguir, alterando os tempos verbais de maneira semelhante ao modelo. Explique a mudança de sentido obtida.

Suponho que ela **tenha participado** da conversa.

Supunha que ela **tivesse participado** da conversa.

a) Suponho que ele tenha convencido os filhos.

b) Suponho que a empresa tenha superado as dificuldades.

c) Suponho que tenhamos eliminado todas as dúvidas.

d) Suponho que hajam visto os melhores filmes.

4. Mude as formas verbais que estão no presente para o pretérito imperfeito. Explique a mudança de sentido obtida.

É possível que todos **aceitem**.

Era possível que todos **aceitassem**.

a) É provável que ela adote a criança.

b) É insuportável que não se elimine o cólera do país.

c) É imprescindível que participemos do evento.

d) É indispensável que façamos o convite.

e) É necessário que todos permaneçam unidos.

f) É preciso que se altere o calendário.

g) É inacreditável que ele se deixe envolver.

5. Observe o modelo; a seguir, aplique-o às frases apresentadas. Explique a mudança de sentido obtida.

Se você **fizer** o trabalho, ele o recompensará.

Se você **fizesse** o trabalho, ele o recompensaria.

Se você **tivesse feito** o trabalho, ele o teria recompensado.

a) Se você quiser, certamente fará melhor.

b) Se ele requerer novo exame, conseguirá.

c) Se você previr os obstáculos, irá até o fim da prova.

d) Se a população lutar por seus direitos, surgirão governantes mais capazes.

e) Se os governantes fizerem o que devem, este país será grandioso.

f) Se forem satisfeitas as necessidades sociais elementares, o país crescerá.

3. Valor e emprego das formas nominais

O verbo apresenta três formas nominais: o infinitivo, o gerúndio e o particípio. Você já sabe que essas formas são chamadas nominais porque podem ter comportamento de nomes (substantivos, adjetivos e advérbios) em certas situações.

O infinitivo

a. O infinitivo apresenta o processo verbal em si mesmo, sem nenhuma noção de tempo ou modo. É a forma utilizada para nomear os verbos:

É proibido **conversar** com o motorista.

Estudar é um direito de qualquer cidadão.

Quero **ver** você daqui a dez anos.

b. É normal a transformação do infinitivo em substantivo pelo uso de um determinante:

"Quando você foi embora, fez-se noite em meu **viver**".

Quando usado como substantivo, o infinitivo pode apresentar flexão de número:

São muitos os **falares** brasileiros.

c. Em português, o infinitivo pode ser pessoal ou impessoal. Quando se emprega o pessoal, o processo verbal é relacionado a algum ser:

Perguntei-lhe se havia algo para **eu ler**.

Com o impessoal, o processo verbal não é restrito a um ser em particular:

Ler é obrigação de qualquer cidadão.

No primeiro exemplo, pode-se notar que o infinitivo *ler* se refere ao mesmo ser a que se refere a forma *perguntei*: eu. No segundo exemplo, não há qualquer referência desse tipo: trata-se do processo verbal considerado em si mesmo.

d. O infinitivo pessoal pode flexionar-se para concordar em número e pessoa com o ser a que se refere:

Ela deseja saber se há algo para **lermos**.

Essa flexão pode ocorrer até mesmo em situações em que o infinitivo tenha papel nominal:

O **comparecermos** atrasados será tomado como menoscabo.

e. Em sua forma composta, o infinitivo tem valor de passado, indicando um processo já concluído no momento em que se fala ou escreve:

Ter trabalhado duro permitiu-nos belas viagens à Itália.

Reprodução/Editora Abril

Superinteressante. São Paulo: Abril, n. 252, maio 2008. p. 61.

Emprego do infinitivo impessoal: *estudar*, *conhecer* e *viajar* não se referem a nenhum ser; expressam o processo verbal considerado em si mesmo. Observe ainda: *disseminar*, *conhecer*, *valorizar* e *respeitar* no primeiro parágrafo do texto e *participar* e *fazer* no segundo.

O particípio

O particípio é a forma nominal que tem, simultaneamente, características de verbo e de adjetivo.

a. Sua natureza verbal se manifesta nas locuções verbais, nos tempos compostos e em orações reduzidas:

Se ele me tivesse **avisado**, teria **conseguido** resolver a situação.

Terminada a festa, o abatimento tomará conta de todos.

Calado num canto, ele nos observava atentamente.

A casa será **desocupada** até terça-feira.

Não existe nada que possa ser **comprovado**.

Observe que nas duas últimas frases o particípio pode apresentar um processo completo anterior a outro (o abatimento tomará conta de todos após o término da festa) ou um processo que é simultâneo a outro (ele estava calado enquanto nos observava).

b. O particípio assume função de adjetivo quando caracteriza substantivos:

Tem comportamento **destacado** no dia-a-dia do Congresso.

Tem atuação **destacada** no dia-a-dia do Congresso.

Em *agredido*, *assaltado*, *sequestrado*, *violentado*, *metralhado*, *esquartejado* e *morto* nota-se a característica verbal do particípio; em *perdida*, a característica nominal (de adjetivo). Observe a flexão de gênero na concordância com o substantivo feminino *bala*. Dos verbos, somente o particípio apresenta flexão de gênero.

Angeli

- Boas novas! Se até amanhã eu não for agredido, assaltado, sequestrado, violentado, metralhado, esquartejado ou morto por uma bala perdida... começo num novo emprego!

ANGELI. *Fim da miséria*. Disponível em: <http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br/arch2007-03-25_2007-03-31.html>. Acesso em: 8 maio 2008.

Em *site*

<www.uol.com.br/angeli>. Acesso em: 27 abr. 2008.

Arnaldo Angeli Filho, conhecido apenas por Angeli, é um dos maiores cartunistas brasileiros. Criador dos personagens Wood & Stoock e Rê Bordosa, entre outros, Angeli também é famoso pelas charges político-sociais contundentes e de humor aguçado que produz para o jornal *Folha de S.Paulo*, onde trabalha há pouco mais de três décadas. Seu *site* oficial contém parte de sua produção e uma impagável biografia não-autorizada do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso.

O gerúndio

Além da natureza verbal, pode desempenhar função de advérbio e de adjetivo.

a. Atua como verbo nas locuções verbais e orações reduzidas. Indica normalmente um processo em curso ou prolongado:

Estou **ouvindo** o disco que você me deu.

Está **estudando** para melhorar profissionalmente.

b. Sua característica de advérbio pode ser percebida em frases em que indica circunstância de modo:

O atleta cruzou **sorrindo** a linha de chegada.

c. O uso do gerúndio com valor de adjetivo é menos comum. Ocorre quando se liga a um substantivo, caracterizando-o:

"Eu vi o menino **correndo**/eu vi o tempo **correndo** ao redor do caminho daquele menino." (Caetano Veloso)

d. A forma composta do gerúndio tem valor de pretérito e indica processo já concluído no momento em que se fala ou escreve:

Tendo feito, por telefone, várias reclamações que não foram atendidas, resolvi ir pessoalmente à Administração Regional.

4. As locuções verbais

As formas nominais dos verbos são muito utilizadas na formação das **locuções verbais** ou **perífrases verbais**, conjuntos de verbos que, numa frase, desempenham papel equivalente ao de um verbo único. Nessas locuções, o último verbo, chamado principal, sempre é empregado numa de suas formas nominais; as flexões de tempo, modo, número e pessoa se dão nos verbos auxiliares:

Nenhum aluno **poderá sair** antes do término da prova.

É provável que ele **seja convocado** para a Copa.

Está havendo uma profunda transformação na sociedade.

Começou a gritar sem nenhuma explicação.

Nossa língua apresenta uma grande variedade dessas locuções, que exprimem os mais variados "tons" de significado. Os auxiliares *ter* e *haver* são empregados na formação dos chamados tempos compostos, dos quais já falamos detalhadamente. *Ser* (*estar*, em algumas construções) é usado nas locuções verbais que exprimem a voz passiva analítica do verbo, da qual também já falamos. *Poder* e *dever* são auxiliares que exprimem a potencialidade ou a necessidade de que determinado processo se realize ou não. Observe:

Pode ocorrer algo surpreendente durante o jogo.

Eles **podem estudar**.

Deve ocorrer algo surpreendente durante o jogo.

Eles **devem estudar**.

A esses dois, podemos acrescentar *querer*, que exprime vontade, desejo:

Quero ver um novo país.

Outros auxiliares largamente usados são:

começar a	deixar de	voltar a	continuar a
pôr-se a	ir	vir	estar

As locuções verbais possibilitam dar mais precisão ao processo verbal. Em *está pedindo*, a locução formada pelo verbo *estar* seguido do gerúndio do verbo principal (pedir) indica um processo que se prolonga. O gerúndio é uma forma nominal bastante utilizada na linguagem cotidiana, às vezes até de forma exagerada.

Reprodução/Editora Abril

Superinteressante. São Paulo: Abril, ed. 229, ago. 2006. p. 13.

5. O aspecto verbal

Já sabemos que os verbos são capazes de transmitir informações relacionadas ao modo, ao tempo, ao número, à pessoa e à voz. Uma outra informação que os verbos conseguem transmitir diz respeito ao aspecto, ou seja, à duração do processo verbal.

Durante o estudo do valor e do emprego dos tempos verbais, você pôde perceber as diferenças entre o pretérito perfeito e o pretérito imperfeito do indicativo: o primeiro indica processos concluídos e localizados num momento ou período do passado; o segundo, processos verbais cujos limites imprecisos sugerem que estavam em desenvolvimento. Na verdade, a diferença básica entre esses tempos é de aspecto, conceito que se liga à duração do processo verbal:

Quando o **encontrei**, saudei-o.

O aspecto é imperfeito, porque o processo não tem limites claros, prolongando-se no passado por período impreciso de tempo.

Quando o **encontrava**, saudava-o.

O aspecto é perfeito, porque o processo está concluído.

Se você voltar às considerações feitas sobre o valor dos tempos verbais, vai notar que essa informação sobre a duração do processo verbal não é restrita aos pretéritos perfeito e imperfeito do indicativo, mas também está presente em outros tempos. O presente do indicativo e o presente do subjuntivo, por exemplo, apresentam aspecto imperfeito, pois não impõem limites precisos ao processo verbal:

Tomo banho todos os dias.

Espera-se que ele **tome** banho todos os dias.

Já o pretérito mais-que-perfeito, como o próprio nome indica, apresenta aspecto perfeito em suas formas do indicativo e do subjuntivo, pois traduz processos já concluídos e anteriores a outros, também já concluídos:

Quando chegamos lá, encontramos a mensagem que o andarilho **deixara** uma semana antes.

Se **tivesse acordado** antes, teria conseguido fazer o exame.

Outra informação aspectual que a oposição entre perfeito e imperfeito pode fornecer diz respeito à localização do processo no tempo. Os tempos perfeitos podem ser usados para exprimir processos localizados num ponto preciso do tempo:

No instante em que o **vi**, **chamei**-o.

Tinha-o **saudado** assim que o **vira**.

Já os tempos imperfeitos podem indicar processos frequentes e repetidos:

Sempre que **viajava**, **fazia** detalhada revisão no carro.

Atividades

1. Complete as lacunas com uma das formas nominais dos verbos apresentados.

a) (*) as provas, teriam início as férias. (*encerrar*)

b) Saiu da sala (*). (*esbravejar*)

c) (*) os problemas, poderemos descansar. (*resolver*)

d) Eles vêm (*) pela estrada principal; por isso, vou-me (*) pela estrada secundária. (*vir*; *ir*)

e) Haviam (*) seus nomes nas paredes; agora, teriam de (*) todas elas. (*escrever*; *pintar*)

f) Trouxe o livro para tu (*). (*examinar*)

2. Use verbos auxiliares para completar as lacunas das frases a seguir. Atente para as indicações de tempo fornecidas pelo sentido de cada frase para completá-las corretamente.

a) (*) vir aqui todos os sábados.

b) (*) fazer ginástica depois de vários meses de ócio.

c) (*) reclamar da vida quando percebi que aborrecia meus amigos.

d) Mal (*) amanhecer, os apitos das fábricas (*) tocar.

e) (*) feito o possível para realizar meus sonhos e ainda me restam muitos deles.

f) (*) ser que nada disso seja decisivo para o país, mas ainda assim (*) ser feito.

Textos para análise

Educação

1

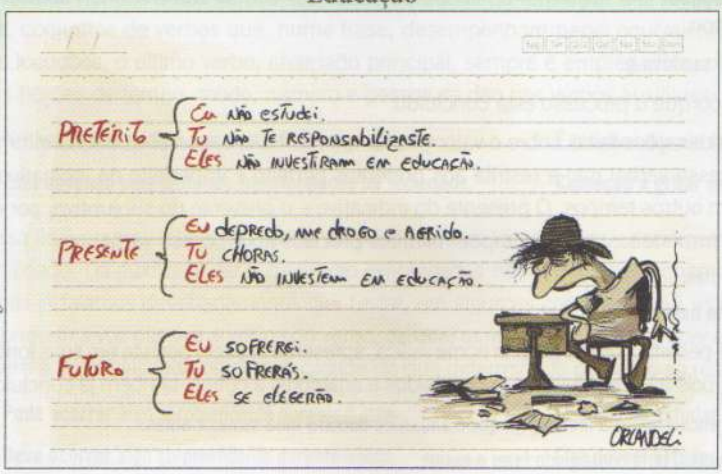

Orlandeli/Diário da Região

ORLANDELI. *Educação*. Disponível em: <http://orlandeli.com.br>. Acesso em: 8 maio 2008.

Trabalhando o texto

1. O que a charge sugere? Observe atentamente a imagem, o texto, a réplica do "papel", o tipo da letra.

2. Em que modo verbal estão conjugados os verbos que aparecem no texto? O que esse modo costuma indicar? Qual é o nome completo dos tempos verbais apresentados?

3. Quem os pronomes pessoais estão representando? Como se explicaria o pronome de terceira pessoa utilizado no plural, quando seria de se esperar o pronome no singular?

4. Re-escreva a segunda frase do texto, trocando o pronome *tu* por *eu*, *nós* e *eles*.

5. Os verbos *investir* e *agredir* são irregulares, apresentam particularidades em sua conjugação. Quais?

6. Se você conjugar o verbo *drogar* na primeira pessoa do pretérito perfeito, que alteração ocorrerá na grafia da forma verbal?

7. Comparando as conjugações do pretérito e do presente, o que se observa com relação à terceira pessoa? Explique o que ocorre.

8. Qual o objetivo do cartunista Orlandeli ao criar essa charge?

9. Substitua os verbos que estão conjugados por estes:

   Pretérito: Eu (esforçar-se); tu (ensinar); eles (fazer a obrigação).

   Presente: Eu (aprender); tu (tranquilizar-se); eles (vangloriar-se).

   Futuro: Eu (formar-se); tu (beneficiar-se); eles (eleger-se).

10. Explique a aparente contradição da última conjugação do texto: "eles se elegerão", considerando o todo da charge.

2

Governador do DF "demite" o gerúndio por decreto

Se bobear, o governador "demo" José Roberto Arruda (DF) logo, logo vai estar virando um personagem folclórico. Abespinhado com o uso abusivo do gerúndio, Sua Excelência fez publicar no *Diário Oficial* um decreto em que demite das repartições públicas de Brasília a forma nominal do verbo, formada, em português, pelo sufixo *-ndo*.

Em viagem ao exterior, Arruda ainda não pôde explicar a excentricidade. Ele estará falando à imprensa tão logo retorne ao Brasil. Antes, pediu à sua assessoria para estar repassando aos jornalistas as razões que motivaram o decreto. Os auxiliares do governador disseram que o objetivo do chefe é apenas o de estar fazendo uma provocação.

Se a coisa funcionar, Arruda acha que estará vacinando seu governo contra o gerundismo. O governador não quer mais estar ouvindo de seus auxiliares algumas desculpas encontradiças nas secretarias do GDF. Não raro, subordinados de Arruda respondem às suas cobranças com expressões que o irritam sobremaneira. Coisas assim: "Vamos estar providenciando...", "Vou estar confirmando os dados...".

O decreto de Arruda, por inócuo, logo estará sendo desrespeitado. Já nasceu condenado a estar virando anedota. Eis a íntegra:

Decreto n. 28.314, de 28 de setembro de 2007

Demite o gerúndio do Distrito Federal, e dá outras providências.

O governador do Distrito Federal, no uso das atribuições que lhe confere o artigo 100, incisos VII e XXVI, da Lei Orgânica do Distrito Federal, DECRETA:

Art. 1.° – Fica demitido o Gerúndio de todos os órgãos do Governo do Distrito Federal.

Art. 2.° – Fica proibido a partir desta data o uso do gerúndio para desculpa de INEFICIÊNCIA.

Art. 3.° – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 4.° – Revogam-se as disposições em contrário.

Brasília, 28 de setembro de 2007.

119.° da República e 48.° de Brasília

JOSÉ ROBERTO ARRUDA

SOUZA, Josias de. Governador do DF "demite" o gerúndio por decreto. In: Nos bastidores do poder. *Folha Online*, 2 out. 2007. Disponível em: <http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br/arch2007-09-30_2007-10-06.html>. Acesso em: 11 maio 2008.

Trabalhando o texto

1. Segundo o jornalista, "o decreto de Arruda, por inócuo, logo estará sendo desrespeitado".

   Você concorda com a opinião dele? Por quê?

2. Estabeleça uma relação entre o assunto tratado no texto e a maneira como foi redigido.

3. Em "Fica demitido" e "fica proibido", que forma nominal aparece?

4. Ao baixar o decreto n. 28.314, o governador Arruda fez uso de suas atribuições legais. Você acredita que a demissão do gerúndio irá resolver os problemas que ele enfrenta com seus subordinados?

5. O gerundismo já foi apontado como uma das pragas da comunicação moderna. Devemos eliminar o gerúndio de nossas falas e de nossos textos? Escreva um parágrafo sobre isso.

Questões de exames e concursos

1. (UFRJ)

Bem no fundo

no fundo, no fundo,
bem lá no fundo,
a gente gostaria
de ver nossos problemas
resolvidos por decreto
a partir desta data,
aquela mágoa sem remédio
é considerada nula
e sobre ela – silêncio perpétuo

extinto por lei todo o remorso,
maldito seja quem olhar pra trás,
lá pra trás não há nada,
e nada mais

mas problemas não se resolvem,
problemas têm família grande,
e aos domingos saem todos a passear
o problema, sua senhora
e outros pequenos probleminhas

LEMINSKI, Paulo. *Distraídos venceremos*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

O poema de Paulo Leminski estrutura-se em três momentos de significação, que podem ser assim caracterizados: hipótese (1.ª estrofe); decreto (2.ª e 3.ª estrofes); conclusão reflexiva (4.ª estrofe).

Nomeie o recurso formal que expressa a hipótese no primeiro momento do texto.

2. (Fuvest-SP)

Décadas atrás, vozes bem afinadas cantavam no rádio esta singela quadrinha de propaganda:

As rosas desabrocham
Com a luz do sol,
E a beleza das mulheres
Com o creme Rugol.

Os versos nunca fizeram inveja a Camões, mas eram bonitinhos. E sabe-se lá quantas senhoras não foram atrás do creme Rugol para se sentirem novinhas em folha, rosas resplandecentes.

(Quintino Miranda)

a) Re-escreva o primeiro parágrafo do texto, substituindo "Décadas atrás" por "Ainda hoje" e transpondo a forma verbal para a voz passiva. Faça as adaptações necessárias.

b) Que expressões da quadrinha justificam o emprego de novinhas em folha e de resplandecentes, no comentário feito pelo autor do texto?

3. (UFSC)

Poema desentranhado da história dos particípios

[...]
A partir do século XVI (1)
Os verbos ter e haver esvaziaram-se de sentido
Para se tornarem exclusivamente auxiliares
E os particípios passados
Adquirindo em consequência um sentido ativo (5)
Imobilizaram-se para sempre em sua forma indeclinável.

MORAES, Vinicius de. *Nova antologia poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 220.

Com base no TEXTO, assinale a(s) proposição(ões) CORRETA(S).

01. O poema faz menção ao uso de *ter* e *haver* como verbos auxiliares na Língua Portuguesa, conforme os que aparecem em destaque nas sentenças: "Eles tinham tido muitos amigos na infância" e "O inspetor não havia falado sobre o caso".

02. No poema, o vocábulo "adquirindo" (verso 5) é um exemplo de verbo no particípio, uma vez que não se flexiona em relação ao sujeito da frase, "os particípios passados" (verso 4).

04. Os versos 5 e 6 do poema citam duas características do particípio usado como auxiliar: o fato de terem sentido ativo e de não sofrerem flexão.

08. Quando, no segundo verso, o poeta diz que "os verbos *ter* e *haver* esvaziaram-se de sentido", ele faz referência a sentenças do tipo "Tem alguém aí?" e "Houve um grande show ontem à noite".

16. Pode-se inferir a partir do texto que, do século XVI em diante, os verbos *ter* e *haver* são utilizados exclusivamente para formar a voz passiva, já que o sentido ativo é mantido pelo verbo principal.

32. Segundo o poema, os particípios passaram a ser responsáveis pelo sentido, uma vez que os verbos ter e haver tornaram-se "exclusivamente auxiliares" (verso 3).

4. (FGV-SP) Em qual das alternativas não há a necessária correlação temporal das formas verbais?

a) A festa aconteceu no mesmo edifício em que transcorrera o passamento de José Mateus, vinte anos antes.

b) Quando Estela descer da carruagem, poderia acontecer-lhe uma desgraça se o cocheiro não dispuser adequadamente o estribo.

c) Tendo visto o pasto verde, o cavalo pôs-se a correr sem que alguém pudesse controlá-lo.

d) Pelo porte, pelo garbo, todos perceberam que Antônio Sé fora militar de alta patente.

e) Se o policial não tivesse intervindo a tempo, teria ocorrido a queda do canhão.

5. (Enem)

"Narizinho correu os olhos pela assistência. Não podia haver nada mais curioso. Besourinhos de fraque e flores na lapela conversavam com baratinhas de mantilha e miosótis nos cabelos. Abelhas douradas, verdes e azuis, falavam mal das vespas de cintura fina – achando que era exagero usarem coletes tão apertados. Sardinhas aos centos criticavam os cuidados excessivos que as borboletas de toucados de gaze tinham com o pó das suas asas. Mamangavas de ferrões amarrados para não morderem. E canários cantando, e beija-flores beijando flores, e camarões camaronando, e caranguejos caranguejando, tudo que é pequenino e não morde, pequeninando e não mordendo."

LOBATO, Monteiro. *Reinações de Narizinho*. São Paulo: Brasiliense, 1947.

No último período do trecho, há uma série de verbos no gerúndio que contribuem para caracterizar o ambiente fantástico descrito. Expressões como *camaronando*, *caranguejando* e *pequeninando* e *não mordendo* criam, principalmente, efeitos de:

a) esvaziamento de sentido.

b) monotonia do ambiente.

c) estaticidade dos animais.

d) interrupção dos movimentos.

e) dinamicidade do cenário.

6. (UFU-MG) Numere a 2.ª coluna de acordo com a 1.ª.

I. "O fato é que o futebol não **havia previsto** a realidade da globalização".

II. "... já **tornava** híbridos os torneios e contaminava as torcidas futebolísticas".

III. "... **virei** um seguidor apaixonado do Senegal".

IV. "Os contratos não **vêm** mais com a chancela do Estado..."

( ) O tempo verbal indica ação permanente.

( ) O tempo verbal denota um fato passado, mas não concluído.

( ) O tempo verbal denota um fato passado já concluído.

( ) O tempo verbal denota um fato passado que poderia ter acontecido após outro fato passado.

Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta.

a) I, IV, II, III

b) IV, II, III, I

c) II, I, III, IV

d) III, IV, I, II

7. (UFF-RJ)

"**Tenho passado** a vida a criar deuses que morrem logo, ídolos que depois derrubo – uma estrela no céu, algumas mulheres na terra..." (*Caetés*, Graciliano Ramos).

O emprego da forma verbal destacada acima indica, de modo particular:

a) a repetição da ação até o presente.

b) a ocorrência da ação em um passado distante.

c) a necessidade de que a ação ocorra no presente.

d) a atenuação de uma afirmativa sobre determinada ação.

e) a informação de que a ação teve início e fim no passado.

8. (UPM-SP)

Assinale a alternativa correta:

a) No último quadrinho, as expressões faciais da mãe e da menina revelam, respectivamente, surpresa e fúria.

b) O humor do texto é gerado pelo fato de a menina empregar o verbo *viver* em duas acepções.

c) Há revolta da garota contra a aceitação, por parte da mãe, do papel subalterno reservado à mulher na sociedade contemporânea.

d) A forma verbal vivesse traz a informação implícita de que a garota considera que a mãe não vive de fato.

e) Os três primeiros quadrinhos mostram as tarefas que, naquele dia, a mãe de Mafalda terá pela frente: passar roupas, arrumar a sala, lavar a louça.

9. (Fuvest-SP) "Ao trazer a discussão para o campo jurídico, o antigo magistrado tentou amenizar o que dissera; a rigor, no entanto, suscitou dúvidas cruéis: que quer dizer 'por sua própria força'? Será a força física do posseiro, ou essa mais aquela que a ela se soma pelo emprego de armas?"

Observando no texto as formas verbais destacadas, é correto concluir que:

a) *tentou* denota evento contemporâneo de *dissera*.

b) *dissera* situa o evento em ponto do tempo anterior a *tentou*.

c) *será* indica evento imediatamente posterior a *tentou*.

d) *soma* situa o evento referido no mesmo ponto do tempo indicado em *será*.

e) *dissera* descreve o quadro em que ocorrem os eventos denotados pelas demais formas.

10. (Fuvest-SP)

"(...) O antropólogo Claude Lévi-Strauss detestou a Baía de Guanabara
Pareceu-lhe uma boca banguela.
E eu, menos a conhecera mais a amara?
Sou cego de tanto vê-la, de tanto tê-la estrela
O que é uma coisa bela?"

Caetano Veloso, *O estrangeiro*.

a) Na linguagem literária, muitas vezes, o mais-que-perfeito do indicativo substitui outras formas verbais, como no verso: "E eu, menos a conhecera mais a amara?". Re-escreva-o, usando as formas que o mais-que-perfeito substituiu.

b) Tanto *sou* como *é* são formas do presente do indicativo. Apesar disso, a visão de tempo que elas transmitem não é a mesma em uma e outra. Em que consiste essa diferença?

11. (Fuvest-SP)

"Por onde passava, ficava um fermento de desassossego, os homens não reconheciam as suas mulheres, que subitamente se punham a olhar para eles, com pena de que não tivessem desaparecido, para enfim poderem procurá-los. Mas esses mesmos homens perguntavam, Já se foi, com uma inexplicável tristeza no coração, e se lhes respondiam, Ainda anda por aí, tornavam a sair com a esperança de a encontrar naquele bosque, na seara alta, banhando os pés no rio ou despindo-se atrás dum canavial, tanto fazia, que do vulto só os olhos gozavam, entre a mão e o fruto há um espigão de ferro, felizmente ninguém mais teve de morrer."

José Saramago, *Memorial do convento*.

Nesta narrativa, o emprego predominante do imperfeito do indicativo visa a:

a) destacar os elementos descritivos inseridos, trazendo-os para o primeiro plano.

b) apresentar a peregrinação de Blimunda como um fenômeno dinâmico e contínuo.

c) desenhar como pano de fundo os traços de cenário em que decorre a ação.

d) marcar o tom dissertativo, em contraposição ao tom descritivo dos trechos em que ocorre o perfeito.

e) levar a entender Blimunda como personagem consciente do decorrer do tempo.

12. (Fuvest-SP) Considerando a necessidade de correlação entre tempos e modos verbais, assinale a alternativa em que ela foge às normas da língua escrita padrão.

a) A redação de um documento exige que a pessoa conheça uma fraseologia complexa e arcaizante.

b) Para alguns professores, o ensino de língua portuguesa será sempre melhor, se houver domínio das regras de sintaxe.

c) O ensino de Português tornou-se mais dinâmico depois que textos de autores modernos foram introduzidos no currículo.

d) O ensino de Português já sofrera profundas modificações, quando se organizou um Simpósio Nacional para discutir o assunto.

e) Não fora a coerção exercida pelos defensores do purismo linguístico, todos teremos liberdade de expressão.

13. (Fuvest-SP)

"Eles pediram que a Petrobras garanta que não haverá inquéritos administrativos contra os grevistas."

Folha de S.Paulo, São Paulo, 3 jun. 1995.

a) Redija a frase acima de duas maneiras diferentes, situando o pedido referido em duas perspectivas diversas, conforme o início dado:

I Eles haviam pedido que a Petrobras...

II Se eles tivessem pedido, a Petrobras...

b) Cada nova frase irá permitir uma interpretação diferente, em relação à atitude dos que pedem e à atitude da Petrobras. Exponha as interpretações, indicando o mecanismo gramatical que leva a cada uma delas.

14. (Unicamp-SP) Publicadas à exata distância de um século pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, as duas notícias transcritas a seguir têm em comum o fato de se referirem a catástrofes provocadas pelo mau tempo. No momento de sua publicação, as duas notícias se referiam a acontecimentos recentes, mas os recursos gramaticais empregados para expressar passado recente diferem de uma notícia para a outra.

29/11/1895: *Constantinopla* – Tem havido no Mar Negro grande tempestade, naufragando grande número de embarcações. Até agora o mar tem arrojado à praia mais de 80 cadáveres, que estão sendo recolhidos.

Há um século. *O Estado de S. Paulo.*

29/11/1995: *Campinas* – Um tornado com ventos de 180 quilômetros por hora destruiu anteontem a cobertura do ginásio multidisciplinar da Universidade Estadual de Campinas (...)

O Tornado rompeu presilhas de aço de uma polegada de espessura. Ele levantou e retorceu a estrutura do telhado, também de aço, de 100 metros de extensão e 200 toneladas. (...) Dez árvores foram arrancadas com a raiz e os ventos arremessaram longe vidros da Biblioteca Central.

Tornado provoca destruição na Unicamp. *O Estado de S. Paulo.*

a) Transcreva, das duas notícias, as expressões que situam os fatos relatados no passado.

b) Como seria redigida, hoje, a primeira notícia?

c) Redija uma continuação para uma notícia escrita hoje, que começasse por "Tem havido no Mar Negro...".

15. (Fuvest-SP) Os verbos estão corretamente empregados apenas na frase:

a) No cerne de nossas heranças culturais se encontram os idiomas que as transmitem de geração em geração e que assegurem a pluralidade das civilizações.

b) Se há episódios traumáticos em nosso passado, não poderemos avançar a não ser que os encaramos.

c) Estresse e ambiente hostil são apenas alguns dos fatores que possam desencadear uma explosão de fúria.

d) A exigência interdisciplinar impõe a cada especialista que transcenda sua própria especialidade e que tome consciência de seus próprios limites.

e) O que hoje talvez possa vir a tornar-se uma técnica para prorrogar a vida, sem dúvida amanhã possa vir a tornar-se uma ameaça.

16. (Fuvest-SP)

"Se eu convencesse Madalena de que ela não tem razão... Se lhe explicasse que é necessário vivermos em paz... Não me entende. Não nos entendemos. O que vai acontecer será muito diferente do que esperamos."

No trecho acima, a personagem reflete sobre fatos presentes. Se ela os colocasse no passado, como ficariam os verbos destacados?

a) tivesse convencido – foi – entendeu – seria – esperaríamos

b) convencesse – seria – entendia – será – esperássemos

c) convencesse – era – entenderia – seria – esperávamos

d) convencia – era – entendia – seria – esperávamos

e) tivesse convencido – era – entendia – seria – esperávamos

17. (Fuvest-SP) "Ficam desde já excluídos os sonhadores, os que amem o mistério e procurem justamente esta ocasião de comprar um bilhete na loteria da vida."

Se a primeira frase fosse volitiva, e o segundo e terceiro verbos destacados conotassem ação no plano da realidade, teríamos, respectivamente, as seguintes formas verbais:

a) fiquem, amassem, procurassem.

b) ficavam, tenham amado, tenham procurado.

c) ficariam, amariam, procurariam.

d) fiquem, amam, procuram.

e) ficariam, tivessem amado, tivessem procurado.

18. (UFSCar-SP) Leia o texto seguinte.

Desculpe-nos pela demora em responder a sua reclamação sobre a sua TV de plasma. Precisávamos ter a certeza de que a nossa matriz aqui no Brasil estaria nos enviando a referida peça. Na próxima semana, estaremos fazendo uma revisão geral no aparelho e vamos estar enviando ele para o senhor. Atenciosamente...

Texto do *e-mail* de uma empresa, justificando o atraso em consertar um aparelho eletrônico.

Observa-se, nesse texto, um problema de estilo comum nas correspondências comerciais e nas comunicações de *telemarketing* e também um desvio da norma padrão do português do Brasil.

a) Identifique o problema de estilo e redija o trecho em que ele ocorre, corrigido.

b) Identifique o desvio e redija o trecho em que ele ocorre, corrigido.

19. (UFG) No modo indicativo há três tempos simples que indicam passado: o pretérito perfeito, o pretérito imperfeito e o pretérito mais-que-perfeito.

Redija uma frase para cada um desses tempos verbais do pretérito, explicando seu emprego.

20. (Unimep-SP) Assinale a alternativa em que a oração destacada indica que um fato é anterior a outro em relação ao momento em que o emissor fala.

a) Assim que tomar banho, vou-me deitar.

b) Caso você o encontre, dê-lhe minhas lembranças.

c) Quando cheguei, todos já haviam saído.

d) Se você quiser, irei ao seu escritório.

e) Enquanto trabalhava, cantava.

21. (Vunesp-SP) Alternativa cuja forma verbal destacada exprime futuridade com relação ao tempo passado em que se situam as ações narradas:

a) "(...) contemplou o lugar onde tantas vezes se aprestara para os seus breves triunfos no trapézio."

b) "(...) a despedida iminente, só ele sentia."

c) "Em algum ponto do corpo ou da alma, doía-lhe ver o lugar do qual se despedia (...)"

d) "No dia seguinte, desarmariam o Circo..."

e) "(...) os que lá se encontravam tinham respondido friamente à saudação dele, como se fizessem um favor."

22. (UFMG) Em todas as alternativas, a lacuna pode ser preenchida com o verbo indicado entre parênteses, no subjuntivo, exceto em:

a) Olhou para o cão, enquanto esperava que lhe (*) a porta. (*abrir*)

b) Por que foi que aquela criatura não (*) com franqueza? (*proceder*)

c) É preciso que uma pessoa se (*) para encurtar a despesa. (*trancar*)

d) Deixa de luxo, minha filha, será o que Deus (*). (*querer*)

e) Se isso me (*) possível, procuraria a roupa. (*ser*)

23. (FCC-SP) Mesmo que você lhe (*) um acordo amigável, ele não (*).

a) proponha, aceitará

b) propor, aceitava

c) proporia, aceitaria

d) proporá, aceitará

e) propôs, aceitava

24. (UEL-PR) Pode ser que eu (*) levar as provas, se você (*) tudo para que eu (*) onde estão.

a) consiga, fará, descobriria

b) consiga, fizer, descubra

c) consigo, fizer, descobrir

d) consigo, fizer, descubro

e) consigo, fará, descobrirei

25. (Cesgranrio-RJ) Não há a devida correlação temporal das formas verbais em:

a) Seria conveniente que o leitor ficasse sem saber quem era Miss Dollar.

b) É conveniente que o leitor ficaria sem saber quem é Miss Dollar.

c) Era conveniente que o leitor ficasse sem saber quem foi Miss Dollar.

d) Será conveniente que o leitor fique sem saber quem é Miss Dollar.

e) Foi conveniente que o leitor ficasse sem saber quem era Miss Dollar.

26. (UFSCar-SP)

Observe o texto seguinte, um fragmento de *Festival de abóboras geladas*.

Modo de preparo

Numa panela funda, colocar a água, o adoçante, o suco de laranja, o cravo, a canela e o anis-estrelado. Deixar ferver por 15 minutos. Juntar os pedaços de abóbora na calda e cozinhar por 20 minutos. Desligar o fogo e deixar na panela por 12 horas. Depois, colocar em uma compoteira. Levar à geladeira por aproximadamente 1 hora, antes de servir.

Lucília Diniz, *Doces light*. Adaptado.

O texto está redigido no infinitivo, visando a não identificar, individualmente, as pessoas que devem praticar essas ações.

a) Redija esse texto utilizando o imperativo, para o mesmo efeito.

b) Redija novamente o texto, utilizando, agora, o pronome se, para o mesmo efeito.

27. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção em que a forma verbal não tem valor imperativo.

a) Lança teu grito ao vento da procela.

b) Bandeira – talvez rasgue-te a metralha.

c) Ergue-te ó luz! estrela para o povo.

d) Traze a bênção de Deus ao cativeiro.

e) Levanta a Deus do cativeiro o grito!

28. (FCC-SP) É possível que (*) novidades interessantes, que (*) e (*) ao mesmo tempo.

a) surjam, divertem, instruam

b) surjam, divirtam, instruam

c) surjam, divirtam, instruem

d) surgem, divertem, instruem

e) surgem, divirtam, instruem

29. (Fei-SP) Com relação à frase: "Todos perceberam que João Fanhoso dera rebate falso.", responda:

a) Em que tempo está a forma verbal *dera*?

b) Como se justifica o seu emprego?

30. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da seguinte frase: "Quando (*) mais aperfeiçoado, o computador certamente (*) um eficiente meio de controle de toda a vida social".

a) estivesse, será

b) estiver, seria

c) esteja, era

d) estivesse, era

e) estiver, será

31. (FCMSC-SP) Se eu conseguir (*) as pessoas no lugar assim que elas (*), tudo estará em ordem.

a) manter, chegarão

b) manter, cheguem

c) mantiver, chegarem

d) manter, chegariam

e) mantiver, chegam

32. (FCMSC-SP) Não (*) preguiçoso: (*) os livros nessa mesa e (*) logo recomeçar o trabalho.

a) sê, ponha, vem

b) sê, põe, venha

c) sejas, põe, vem

d) sejas, ponha, venha

e) seja, põe, vens

33. (PUCCamp-SP) Preencha as lacunas com os verbos *vir*, *ver* (futuro do subjuntivo) e *entregar* (futuro do indicativo).

a) Se eu (*) e (*) Mário, (*) o livro a ele.

b) Se tu (*) e (*) Mário, (*) o livro a ele.

c) Se ele (*) e (*) Mário, (*) o livro a ele.

d) Se nós (*) e (*) Mário, (*) o livro a ele.

e) Se vós (*) e (*) Mário, (*) o livro a ele.

f) Se eles (*) e (*) Mário, (*) o livro a ele.

34. (UFMG) Qual o valor do futuro do pretérito na frase seguinte: "Quando chegamos ao colégio, em 1916, a cidade teria apenas cinquenta mil habitantes."? (*Contos de aprendiz*, p. 23.)

a) fato futuro, anterior a outro futuro

b) fato futuro, relacionado com o passado

c) suposição, relativamente a um momento do futuro

d) suposição, relativamente a um momento do passado

e) configuração de um fato já passado

35. (UFRJ)

Na contramão dos carros ela vem pela calçada, solar e musical, para diante de um pequeno jardim, uma folhagem, na entrada de um prédio, colhe uma flor inesperada, inspira e ri, é a própria felicidade – passando a cem por hora pela janela. Ainda tento vê-la no espelho mas é tarde, o eterno relance. Sua imagem quase embriaga, chego no trabalho e hesito, por que não posso conhecer aquilo? – a plenitude, o perfume inusitado no meio do asfalto, oculto e óbvio. Sempre minha cena favorita.

Ela chegaria trazendo esquecimentos, a flor no cabelo. Eu estaria à espera, no jardim.

E haveria tempo.

CASTRO, Jorge Viveiros de. *De todas as únicas maneiras & outras*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2002. p. 113.

Ao longo do texto, utilizam-se dois tempos verbais. Identifique-os e justifique o emprego de cada um, considerando a experiência narrada no texto.

36. (UFV-MG)

Leia o texto abaixo e responda à questão:

A grande catástrofe

No princípio era o Verbo. O verbo Ser. Conjugava-se apenas no infinito. Ser, e nada mais.

Intransitivo absoluto.

Isto foi no princípio. Depois transigiu, e muito. Em vários modos, tempos e pessoas. Ah, nem queiras saber o que são as pessoas: eu, tu, ele, nós, vós, eles...

Principalmente eles!

E, ante essa dispersão lamentável, essa verdadeira explosão do SER em seres, até hoje os anjos ingenuamente se interrogam por que motivo as referidas pessoas chamam a isso de CRIAÇÃO...

QUINTANA, Mário. *Prosa e verso*. Rio de Janeiro: Globo, 1983.

Com base na leitura do texto, considere as afirmativas abaixo:

I.	O autor admite o verbo Ser como *"Intransitivo absoluto"*, mas ele pode ser empregado também como verbo de ligação.
II.	O uso da linguagem literária presente no poema produz um efeito poético ao associar a palavra *"infinito"* com uma das formas nominais dos verbos.
III.	A forma verbal *"queiras"* aparece flexionada na 2.ª pessoa do plural do presente do subjuntivo.

É CORRETO o que se afirma em:

a) I, II e III.

b) II e III, apenas.

c) I e II, apenas.

d) III, apenas.

e) II, apenas.

37. (Aman-RJ) Há uma frase com incorreção de flexão verbal. Assinale-a.

a) É preciso que nos penteamos bem para a cerimônia.

b) Convém que vades ver vosso pai doente.

c) Ele freou o carro bem perto da criança que corria.

d) Desavieram-se os dois amigos, ante a vitória do Corinthians.

e) Todas as frases acima estão incorretas.

38. (ITA-SP) Assinale o caso em que o verbo estiver empregado corretamente:

a) Se você não requiser a tempo, perderá a inscrição.

b) Circundemos todo o quarteirão e não o encontramos.

c) São soluções por que todos ansiam.

d) Ainda que me tivesse abstido de ir, de que adiantaria?

e) Atenhai-vos ao que vos for pedido.

39. (ITA-SP) Assinale o caso em que o verbo destacado estiver correto:

a) Eu me precavo deve ser substituído por eu me precavejo.

b) Eu me precavenho contra os dias de chuva.

c) Eu reavi o que perdera há dois anos.

d) Problemas graves me reteram no escritório.

e) Nenhuma das frases é correta.

40. (ITA-SP) Assinale o caso em que o verbo estiver empregado corretamente:

a) Foram eles que não susteram o peso; faltou-lhes equilíbrio.

b) Quando o ver, avise-me, por obséquio.

c) Se você não prover, quem proverá?

d) Quando advir o que previ, dar-me-ás razão.

e) Ainda que provejeis agora, será bastante tarde.

41. (Fuvest-SP) Escreva na folha de respostas as formas dos verbos indicados que preencham corretamente as lacunas:

a) Quando eu (*) os livros, nunca mais os emprestarei. (*reaver*)

b) Os alienados sempre (*) neutros. (*manter-se*)

c) As provas que (*) mais erros seriam comentadas. (*conter*)

d) Quando ele (*) uma canção de paz, poderá descansar. (*compor*)

42. (FCC-BA) Transpondo para a voz passiva a frase: "A assembleia aplaudiu com vigor as palavras do candidato", obtém-se a forma verbal:

a) foi aplaudido.

b) aplaudiu-se.

c) foram aplaudidas.

d) estava aplaudindo.

e) tinha aplaudido.

43. (FCC-SP) Os sentimentos altruístas (*) e (*) a aperfeiçoar-se, à medida que o homem se (*) tornando um ser social.

a) nasceram, continuarão, foi

b) nasceram, continuaram, for

c) nascem, continuam, vai

d) nascem, continuam, foi

e) nasceram, continuam, ia

44. (FCC-SP) Se eu (*) isso, se (*) os meus direitos, não (*) que me desafiem novamente.

a) quiser, requerer, consentirei

b) querer, requerer, consentirei

c) quizer, requerer, consentirei

d) quiser, requerer, consintirei

e) quiser, requiser, consentirei

45. (Unifesp-SP) Na frase "Cada um tem o time que quiser", o verbo *querer* se apresenta conjugado:

a) no infinitivo impessoal.

b) no modo subjuntivo, tempo pretérito imperfeito, primeira pessoa do singular.

c) no modo indicativo, tempo futuro do pretérito, terceira pessoa do singular.

d) no modo subjuntivo, tempo futuro, terceira pessoa do singular.

e) no infinitivo pessoal, terceira pessoa do singular.

46. (FCC-SP) Se (*) o material necessário, anotaremos tudo o que vocês (*) no dia em que nos (*) novamente.

a) obtivermos, propuzerem, veremos

b) obtivéssemos, proporem, virmos

c) obtermos, propuserem, vermos

d) obtivermos, propuserem, virmos

e) obtermos, proporem, virmos

47. (FCC-SP) (*) tranquilo se esta pasta (*) todos os documentos.

a) ficaria, continha

b) ficaria, contivesse

c) ficava, continha

d) ficaria, contesse

e) ficaria, conter

48. (TJ-SC/TJ-SC) Examine as proposições abaixo, preencha as lacunas com a forma verbal adequada, a partir das indicações entre parênteses, e assinale a opção correta, observando a sequência:

I. _____ seu *e-mail* para ser mais rápida nossa correspondência. (*Mande-me / Manda-me*)

II. Não _____ : a consciência denunciar-te-à. (*mente / mintas*)

III. Se tu _____ o trabalho, a nota poderá melhorar. (*refazeres / refizeres*)

IV. Elas não se acanham em dizer o que lhes _____. (*convêm / convém*)

V. Onde andaste até agora? _____ concluir logo o trabalho! (*Vá / Vai*)

a) Mande-me – mente – refazeres – convêm – Vá

b) Manda-me – mintas – refazeres – convêm – Vá

c) Mande-me – mintas – refizeres – convém – Vai

d) Manda-me – mente – refizeres – convém – Vai

49. (Memorial-SP/Empasial) A opção em que a forma verbal está correta é:

a) Se pores tudo em ordem, ficarei satisfeito.

b) O superior interveio na discussão, evitando a briga.

c) Não se premiam os fracos que só obteram derrotas.

d) Se a testemunha depor favoravelmente, o réu será absolvido.

e) Disse ser falsas aquelas assinaturas.

Capítulo 9

Estudo dos substantivos

www.planetasustentavel.com.br/Editora Abril

1 **NA HORA** de comprar um carro, faça um cálculo simples de qual o tamanho ideal para suas necessidades. Veículos maiores consomem e poluem mais. Modelos do tipo flex fuel estão adequados às normas de proteção ao meio ambiente. Lembre-se: prefira abastecer com etanol.

ESFORÇO
IMPACTO

2 **CARRO PEDIR** manutenção, não tem jeito. Faça uma regulagem periódica, sempre que possível. Troque o óleo nos prazos indicados pelo fabricante, verifique filtros de óleo e de ar. Todas essas medidas economizam combustível e ajudam a despejar menos CO_2 no ar.

ESFORÇO
IMPACTO

3 **CARRO NÃO** é o meio de transporte ecologicamente mais correto. Use-o com moderação, em especial se tiver um enorme 4x4 a diesel. Ande mais em transporte coletivo ou reabilite sua magreia.

ESFORÇO
IMPACTO

[4] COMPARTILHE SEU carro. "Pratique a carona solidária e diminua a emissão de poluentes, levando pessoas que fariam o mesmo trajeto separadamente", recomenda o ambientalista Fábio Feldmann. Você vai se tornar o cara mais simpático da cidade.

ESFORÇO
IMPACTO

5

TEM ATITUDE mais grosseira que atirar lata ou outros dejetos pela janela do carro? O castigo para essa gafe é garantido: os resíduos despejados na rua são arrastados pela chuva, entopem bueiros, chegam aos rios e represas, causam enchentes e prejudicam a qualidade da água que consumimos.

ESFORÇO
IMPACTO

O irlandês John Boyd Dunlop inventa o pneu. 1888

O sueco Svante Arrhenius levanta a hipótese de que o aquecimento global é potencializado pela queima de combustíveis fósseis. 1896

Henry Ford inicia a produção em massa de carros padronizados. 1908

Manual de etiqueta. São Paulo: Abril, [s. d.]. p. 5.

Os substantivos são elementos fundamentais nos textos que produzimos, pois eles designam os seres a que nos referimos. Na mensagem do *Manual de etiqueta* para um planeta sustentável, os substantivos *atitude*, *lata*, *dejetos*, *janela*, *carro*, *castigo*, *gafe*, *resíduos*, *rua*, *chuva*, *bueiros*, *rios*, *represas*, *enchentes*, *qualidade*, *água*, *esforço* e *impacto* constituem um universo cujos elementos eles nomeiam: os objetos produzidos pelo homem, fatos, estados e certos procedimentos humanos em relação ao meio ambiente.

1. Conceito

Substantivo é a palavra que nomeia os seres. O conceito de seres deve incluir os nomes de pessoas, de lugares, de instituições, de grupos, de indivíduos e de entes de natureza espiritual ou mitológica:

mulher	sociedade	vegetação	alma
Maria	senado	paineira	sereia
Brasil	cidade	cavalo	saci
Teresina	comunidade	cidadão	

Além disso, deve incluir os nomes de ações, estados, qualidades, sensações, sentimentos:

acontecimento	honestidade	amor
correria	miséria	liberdade
encontro	integridade	cidadania

Não se pode esquecer que a palavra "substantivo" é da mesma família de "substância", "substancial". Não é por acaso que o substantivo tem o nome que tem. Em "mulher bonita" por exemplo, o núcleo — isto é, a substância — está em "mulher" (substantivo), e não em "bonita" (adjetivo). Como nomeia tudo que existe (real ou imaginário), o substantivo é, em última instância, a "substância" do planeta.

Em livro

Martins Editora

RAMOS, Ricardo. *Circuito fechado.* Rio de Janeiro: Martins, 1972.

É fácil perceber que os substantivos são elementos fundamentais para qualquer tipo de texto. Mas será que é possível escrever um conto, por exemplo, utilizando apenas substantivos? Será que eles podem ser autossuficientes para a construção de um texto coerente? Ricardo Ramos, filho de Graciliano Ramos, autor de *Vidas secas*, prova que sim. Neste livro, ele mostra a força dessa classe gramatical ao mesmo tempo que lança um olhar crítico sobre o homem e sua relação com o cotidiano.

2. Classificação

Quanto à sua **formação**, os substantivos são classificados em simples e compostos, primitivos e derivados. Quanto ao seu **significado** e **abrangência**, em concretos e abstratos, comuns e próprios.

Substantivos simples e compostos

Os substantivos simples apresentam um único radical em sua estrutura:

chuva	livreiro	flor
livro	guarda	desenvolvimento

Já os substantivos compostos apresentam pelo menos dois radicais em sua estrutura:

guarda-chuva	couve-flor	pernilongo
guarda-livros	floricultura	palma-de-santa-rita

Substantivos primitivos e derivados

Os substantivos que não provêm de nenhuma outra palavra da língua são chamados primitivos:

árvore	carta	folha
dente	flor	pedra

Os substantivos formados a partir de outras palavras da língua são chamados derivados:

arvoredo	carteiro	folhagem	cartada
florista	dentista	florada	pedreira

Substantivos concretos e abstratos

Os substantivos que dão nome a seres de existência independente (reais ou imaginários) são chamados concretos. São exemplos de substantivos concretos:

armário	formiga	homem
abacateiro	Deus	vento
cidade	sereia	Brasil

Note que são considerados concretos os substantivos que nomeiam divindades ou seres fantásticos, pois, existentes ou não, são tomados sempre como seres dotados de vida própria.

Os substantivos que dão nome a estados, qualidades, sentimentos ou ações são chamados abstratos. São exemplos de substantivos abstratos:

tristeza	amor	maturidade
atenção	clareza	beijo
ética	abraço	honestidade
conquista	paixão	brancura

Em todos esses casos, nomeiam-se conceitos cuja existência depende sempre de um ser para manifestar-se: é necessário alguém ser ou estar triste para a tristeza manifestar-se; é necessário alguém beijar ou abraçar para que ocorra um beijo ou um abraço.

Substantivos comuns e próprios

Os substantivos que designam todo e qualquer indivíduo de uma espécie de seres são chamados comuns. É o caso de substantivos como:

homem	montanha	professor
mulher	planeta	país
rio	animal	estrela

Aqueles que designam um indivíduo particular de uma determinada espécie são chamados próprios:

José	Coimbra	Angola
Ana	Marte	Gibraltar
Araguaia	Simão	Brasil

King Features Syndicate/Ipress

O substantivo próprio *Zero* designa um único recruta no regimento: aquele que está de guarda, com características tão particulares que o sargento Tainha é capaz de identificá-lo pelo tipo de abordagem feita à sua aproximação.

WALKER, Mort. *Recruta Zero: antologia com o melhor de todas as cinco décadas da série*. São Paulo: Opera Graphica, 2002. v. 5, p. 76.

Em CD

Divulgação

Titãs. Nome aos bois. In: *Titãs 84-94 Dois* (CD). Warner-Wea, 1994.

A letra da música "Nome aos bois" é mais do que inusitada: a canção foi composta com base em uma avalanche de substantivos próprios, personalidades polêmicas que marcaram à sua maneira – alguns com mais destaque, outros com menos – a história do século XX. Stálin, Erasmo Dias, Franco, Dulcídio Vanderley Boschillia fazem parte da lista de nomes lembrados pelo grupo Titãs.

Substantivos coletivos

Há um tipo de substantivo comum que nomeia conjuntos de seres de uma mesma espécie: é o chamado substantivo coletivo. Colocamos a seguir uma relação dos principais coletivos da língua portuguesa; lendo-a atentamente, você vai perceber que muitos deles são de uso bastante comum e facilitam a construção de frases mais concisas e precisas.

COLETIVOS QUE INDICAM GRUPOS DE PESSOAS

coletivo	conjunto de	coletivo	conjunto de
assembleia	pessoas reunidas	choldra	assassinos ou malfeitores
banca	examinadores	chusma	pessoas em geral
banda	músicos	claque	pessoas pagas para aplaudir
bando	desordeiros ou malfeitores	clero	religiosos
batalhão	soldados	colônia	imigrantes
camarilha	bajuladores	comitiva	acompanhantes
cambada	desordeiros ou malfeitores	corja	ladrões ou malfeitores
caravana	viajantes ou peregrinos	coro	cantores
caterva	desordeiros ou malfeitores	corpo	eleitores, alunos, jurados

coletivo	conjunto de
elenco	atores de uma peça ou filme
falange	tropas, anjos, heróis
horda	bandidos, invasores
junta	médicos, examinadores, credores
júri	jurados
legião	soldados, anjos, demônios
leva	presos, recrutas
malta	malfeitores ou desordeiros
multidão	pessoas em geral
orquestra	músicos
pelotão	soldados
plateia	espectadores

coletivo	conjunto de
plêiade	poetas ou artistas
plantel	atletas
prole	filhos
quadrilha	ladrões ou malfeitores
roda	pessoas em geral
ronda	policiais em patrulha
súcia	desordeiros ou malfeitores
tertúlia	amigos, intelectuais
tripulação	aeroviários ou marinheiros
tropa	soldados, pessoas
turma	estudantes, trabalhadores, pessoas em geral

COLETIVOS QUE INDICAM CONJUNTOS DE ANIMAIS OU VEGETAIS

coletivo	conjunto de
alcateia	lobos
buquê	flores
cacho	frutas
cáfila	camelos
cardume	peixes
colmeia	abelhas
colônia	bactérias, formigas, cupins
enxame	abelhas, vespas, marimbondos
fato	cabras
fauna	animais de uma região
feixe	lenha, capim
flora	vegetais de uma região
junta	bois
manada	animais de grande porte

coletivo	conjunto de
matilha	cães de caça
molho	verduras
ninhada	filhotes de aves
nuvem	insetos (gafanhotos, mosquitos etc.)
panapaná	borboletas
plantel	animais de raça
ramalhete	flores
rebanho	gado em geral
récua	animais de carga
réstia	alhos ou cebolas
revoada	pássaros
tropa	animais de carga
vara	porcos

COLETIVOS QUE INDICAM OUTROS TIPOS DE CONJUNTOS

coletivo	conjunto de
acervo	obras artísticas
antologia	trechos literários selecionados
armada	navios de guerra

coletivo	conjunto de
arquipélago	ilhas
arsenal	armas e munições
atlas	mapas

coletivo	conjunto de
baixela	objetos de mesa
bateria	peças de guerra ou de cozinha; instrumentos de percussão
biblioteca	livros catalogados
cancioneiro	poemas, canções
cinemateca	filmes
constelação	estrelas
enxoval	roupas
esquadra	navios de guerra

coletivo	conjunto de
esquadrilha	aviões
frota	navios, aviões ou veículos em geral (ônibus, táxis, caminhões etc.)
girândola	fogos de artifício
hemeroteca	jornais e revistas arquivados
molho	chaves
pinacoteca	quadros
trouxa	roupas
vocabulário	palavras

Atividades

1. Re-escreva cada uma das frases a seguir, substituindo a palavra destacada por um substantivo abstrato e fazendo todas as transformações necessárias.

a) Era um sujeito tão **altivo** que nos indignava.

b) Seu olhar é tão **triste** que ficamos tentados a ajudá-lo.

c) Seu caráter era tão **rijo** que impressionava até mesmo seus adversários.

d) Todos sentem que seu coração é **nobre**.

e) É um material tão **rígido** que suporta os maiores esforços.

2. Substitua os adjetivos dados pelos substantivos correspondentes e, em seguida, crie uma frase para cada item.

a) honesto

b) participativo e fiscalizador

c) questionador

d) claro (dotado de luz)

e) claro (inteligível)

f) inquieto

g) suscetível

3. Nas frases seguintes, substitua as expressões destacadas por substantivos coletivos.

a) O **grupo de jogadores** do clube não é dos melhores.

b) O **grupo de condôminos reunidos** decidiu cortar despesas.

c) Devemos proteger o **conjunto de animais** e o **conjunto de vegetais** desta região.

d) A empresa aérea prometeu renovar seu **conjunto de aeronaves**.

e) Formou-se um **grupo de médicos experientes** para estudar o caso.

f) O **conjunto dos jurados** condenou-o por crime de corrupção.

g) Um **grupo de músicos** alegrou a festa.

h) Aonde quer que fosse, o ministro era acompanhado por um **grupo de bajuladores**.

i) As palmas que se ouviam provinham de um **grupo de pessoas pagas para aplaudir**.

j) Aonde quer que fosse, o ministro era acompanhado por um **grupo de acompanhantes e auxiliares**.

k) O **grupo de atores** da peça é dos melhores.

l) Naquela fotografia, ele aparece rodeado de um numeroso **grupo de filhos e filhas**.

m) A biblioteca teve seu **conjunto de obras literárias** ampliado recentemente. Também foi finalmente instalado um **arquivo de jornais e revistas**.

n) Comprei uma **seleção de poemas e crônicas** de Carlos Drummond de Andrade.

4. Construa frases com os seguintes coletivos:

bando	cambada	caterva	choldra
chusma	corja	malta	multidão
quadrilha	súcia	turma	

Quais desses coletivos têm valor pejorativo?

3. Flexões

Flexão de gênero

Os substantivos em português podem pertencer ao gênero masculino ou ao gênero feminino. São masculinos os substantivos a que se pode antepor o artigo *o*:

o homem	o gato	o dia
o menino	o mar	o pó

São femininos os substantivos a que se pode antepor o artigo *a*:

a mulher	a gata	a semana
a menina	a terra	a mesa

O uso das palavras *masculino* e *feminino* costuma provocar confusão entre a categoria gramatical de gênero e a característica biológica dos sexos. Para evitar essa confusão, observe que definimos gênero como um fato ligado à concordância das palavras em seu relacionamento linguístico: *pó*, por exemplo, é um substantivo masculino pela concordância que estabelece com o artigo *o*, e não porque se possa pensar num possível comportamento sexual das partículas de poeira. Só faz sentido relacionar o gênero ao sexo quando se trata de palavras que designam pessoas e animais, como os pares *professor/professora* ou *gato/gata*. Ainda assim, essa relação não é obrigatória, pois há palavras que, mesmo pertencendo exclusivamente a um único gênero, podem indicar seres do sexo masculino ou feminino. É o caso de *criança*, palavra do gênero feminino que pode designar seres dos dois sexos.

Formação do feminino

Substantivos biformes

Os substantivos que designam seres humanos ou animais podem apresentar uma forma para o masculino e outra para o feminino; são, por isso, considerados substantivos biformes. Essas duas formas podem apresentar um mesmo radical ou radicais diferentes.

No caso dos substantivos biformes que apresentam um mesmo radical, a formação do feminino está ligada principalmente à terminação da forma masculina:

a. A maior parte dos substantivos terminados em *-o* átono forma o feminino pela substituição desse *-o* por *-a*:

menino/menina	gato/gata	pombo/pomba

Destaquem-se os pares *galo/galinha* e *maestro/maestrina*.

b. A maior parte dos substantivos terminados em consoante forma o feminino pelo acréscimo da desinência *-a*:

freguês/freguesa	remador/remadora	deus/deusa
camponês/camponesa	professor/professora	juiz/juíza

Destaquem-se os pares *ator/atriz*, *czar/czarina* e *imperador/imperatriz*; para *embaixador*, existem as formas *embaixatriz* (esposa do embaixador) e *embaixadora* (mulher que ocupa o cargo).

c. A maior parte dos substantivos terminados em *-ão* forma o feminino pela substituição de *-ão* por *-ã* ou *-oa*:

cidadão/cidadã	anfitrião/anfitriã	órfão/órfã
leão/leoa	leitão/leitoa	

Nos aumentativos, a substituição é por *-ona*:

sabichão/sabichona	valentão/valentona

Destaquem-se os pares:

sultão/sultana	cão/cadela	ladrão/ladra
perdigão/perdiz	barão/baronesa	

d. Alguns substantivos ligados a títulos de nobreza, ocupações ou dignidades formam femininos em *-esa*, *-essa*, *-isa*:

abade/abadessa	cônsul/consulesa	poeta/poetisa
conde/condessa	duque/duquesa	profeta/profetisa
visconde/viscondessa	barão/baronesa	sacerdote/sacerdotisa

e. Alguns substantivos terminados em *-e* formam o feminino com a substituição desse *-e* por *-a*:

mestre/mestra	elefante/elefanta	infante/infanta
monge/monja	parente/parenta	

f. Alguns substantivos apresentam formações irregulares para o feminino:

avô/avó	silfo/sílfide	réu/ré
herói/heroína	rei/rainha	marajá/marani

Entre os substantivos biformes cujas formas masculinas e femininas apresentam radicais diferentes, merecem destaque os seguintes pares:

a. relativos a seres humanos:

cavaleiro/amazona	frei/sóror ou soror	padrasto/madrasta
cavalheiro/dama	genro/nora	padrinho/madrinha
compadre/comadre	homem/mulher	pai/mãe
frade/freira	marido/mulher	

b. relativos a animais:

boi, touro/vaca	carneiro/ovelha	zangão ou zângão/abelha
bode/cabra	cavalo/égua	

Substantivos comuns-de-dois (ou comuns de dois gêneros)

Há substantivos que apresentam uma única forma para os dois gêneros; são, por isso, chamados de **uniformes**. Nesses casos, a distinção entre a forma masculina e a feminina é feita pela concordância com um artigo ou outro determinante: *o agente/a agente*; *aquele jornalista/aquela jornalista*. Esses substantivos são tradicionalmente conhecidos como comuns-de-dois ou comuns de dois gêneros. Eis alguns exemplos:

o/a agente	o/a dentista	o/a intérprete
o/a artista	o/a estudante	o/a jornalista
o/a camarada	o/a gerente	o/a mártir
o/a colega	o/a imigrante	o/a pianista
o/a cliente	o/a indígena	o/a suicida

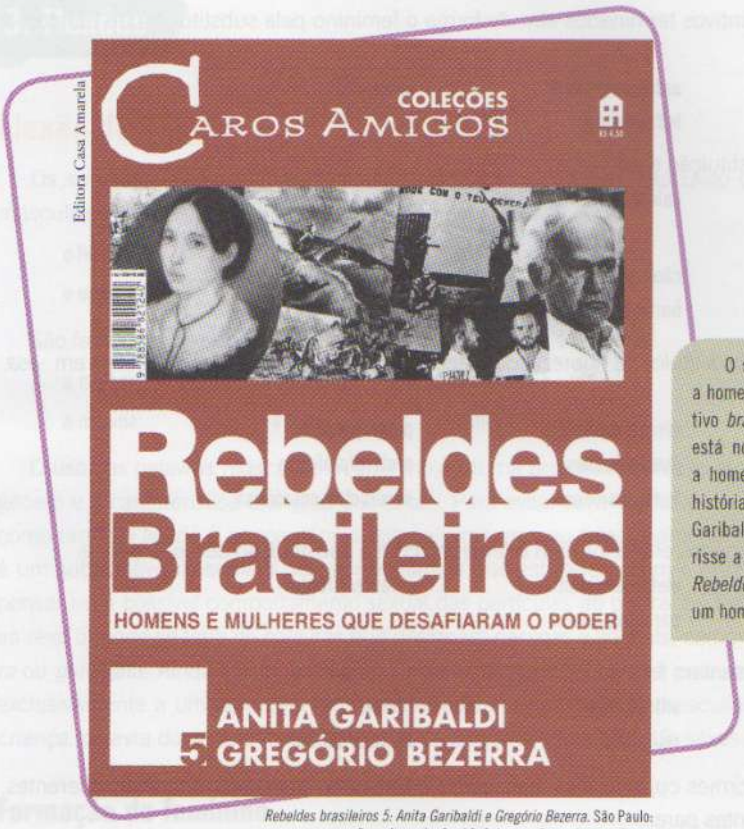

Rebeldes brasileiros 5: Anita Garibaldi e Gregório Bezerra. São Paulo: Casa Amarela, [s. d.]. Coleções *Caros Amigos*. Capa.

O substantivo *rebelde* pode referir-se a homem ou a mulher. Observe que o adjetivo *brasileiros*, que se refere a *rebeldes*, está no masculino plural, pois refere-se a homens e mulheres rebeldes de nossa história – nesse exemplar, trata de Anita Garibaldi e Gregório Bezerra. Se se referisse a apenas uma mulher, o título seria *Rebelde brasileira*; se tratasse apenas de um homem, seria *Rebelde brasileiro*.

Substantivos sobrecomuns e epicenos

Há ainda substantivos que designam seres humanos, animais ou vegetais e que são sempre do mesmo gênero, quer se refiram a seres do sexo masculino, quer se refiram a seres do sexo feminino. Os substantivos de um único gênero que se referem a seres humanos são tradicionalmente conhecidos como sobrecomuns. Eis alguns exemplos:

o cônjuge	a testemunha	o indivíduo
a criança	a criatura	a vítima

Os substantivos de um único gênero que designam animais e algumas plantas são tradicionalmente conhecidos como epicenos. Eis alguns exemplos:

a águia	a cobra	o jacaré
a baleia	o besouro	a palmeira
a borboleta	o crocodilo	o mamoeiro

O gênero dos substantivos sobrecomuns e epicenos é sempre o mesmo; o que pode variar é o sexo do ser a que se referem. Quando se quer especificar esse sexo, constroem-se expressões como "criança do sexo masculino"; "um mamoeiro macho", "um mamoeiro fêmea"; "um macho de jacaré", "uma fêmea de jacaré". As palavras *macho* e *fêmea* podem concordar em gênero com o substantivo a que se referem: "onça macho" ou "onça macha", "tigre fêmea" ou "tigre fêmeo".

Substantivos de gênero vacilante

Há muitos substantivos cujo emprego, mesmo na língua culta, apresenta oscilação de gênero. Em alguns casos, pode-se recomendar a adoção de um dos dois gêneros; em outros, consideram-se aceitáveis ambos os usos. Apresentamos a seguir os principais casos:

a. gênero masculino

o aneurisma	o clã	o eczema	o matiz
o apêndice	o dó	o guaraná	o plasma
o champanha	o eclipse	o magma	o tracoma

b. gênero feminino

a agravante	a couve	a comichão	a entorse
a aguardente	a couve-flor	a derme	a gênese
a alface	a cal	a dinamite	a omoplata
a bacanal	a cataplasma	a ênfase	a sentinela

c. usados em ambos os gêneros

o/a aluvião	o/a caudal	o/a personagem
o/a tapa	o/a amálgama	o/a sabiá
o/a suéter	o/a usucapião	

Gênero e mudança de significado

Há substantivos cuja mudança de gênero acarreta mudança de significado. Observe a seguir os principais casos:

o cabeça: chefe, líder
a cabeça: parte do corpo ou de um objeto, pessoa muito inteligente

o capital: conjunto de bens
a capital: cidade onde se localiza a sede do Poder Executivo

o crisma: óleo usado num dos sacramentos religiosos
a crisma: cerimônia religiosa

o cura: sacerdote
a cura: ato ou efeito de curar

o língua: intérprete
a língua: músculo do aparelho digestivo; idioma

o moral: ânimo, brio
a moral: conjunto de valores e regras de comportamento

o cisma: separação, dissidência
a cisma: preocupação, suspeita

o grama: unidade de massa
a grama: relva, planta rasteira

o lente: professor
a lente: instrumento óptico

Atividades

1. Complete as frases abaixo de acordo com o modelo proposto.

A polícia buscava um **homem** e acabou encontrando **uma mulher**.

a) Queria um compadre e acabou encontrando (*).

b) Queriam contratar um cavaleiro e acabaram contratando (*).

c) Não gostava do genro, mas adorava (*).

d) Não só não caçou marajás, como acabou criando (*).

e) Esperavam absolver o réu e acabaram condenando (*).

f) Aguardava carta de um parente e acabou recebendo a de (*).

g) Não aceitaram o novo cônsul; faziam questão de que fosse (*).

h) Não encontrou o anfitrião; agradeceu, então, (*).

i) Meu filho será um cidadão consciente; minha filha será (*).

j) Os músicos não aceitaram o novo maestro: queriam o retorno da (*).

k) Aguardávamos a chegada do novo embaixador quando fomos surpreendidos pela notícia de que era (*).

l) Cada rapaz da turma é um valentão; cada moça, (*).

m) Cada rapaz da turma é um cavalheiro; cada moça, (*).

2. Complete as frases a seguir de acordo com o modelo proposto.

Ele não consegue distinguir **um gato** de **uma gata**.

a) Ele não consegue distinguir um boi de (*).

b) Ele não sabe distinguir um carneiro de (*).

c) Ele não pode distinguir um bode de (*).

d) Ele não é capaz de distinguir um cão de (*).

e) Ele não tem capacidade para distinguir um elefante de (*).

f) Ele é incapaz de distinguir um leitão de (*).

g) Ele não distingue um pavão de (*).

h) Ele não saberia distinguir um perdigão de (*).

3. Complete as lacunas das frases a seguir de forma a estabelecer a concordância de gênero.

a) Senti muit* dó quando vi (*) couves e (*) alfaces que o granizo destruíra.

b) Abriu (*) champanha que comprara na véspera. Depois, proferiu um discurso em que cada palavra era dita com muit* ênfase. Todos os membros d* clã o aplaudiram.

c) Sua saúde era muito problemática: superad* (*) eczema, surgiu-lhe (*) tracoma. Depois, sofreu (*) entorse, quebrou (*) omoplata, extraiu (*) apêndice. Morreu quando lhe estourou (*) aneurisma.

d) Foi condenado com (*) agravante: vendeu aguardente falsificad* anos a fio.

e) O pênalti foi marcado e a bola, colocada na marca d* cal.

f) (*) guaraná vendid* nas farmácias é considerad* um estimulante.

4. Estabeleça a concordância de gênero nas frases a seguir.

a) (*) cabeça da rebelião foi decapitad*. (*) cabeça foi expost* em praça pública.

b) Tod* (*) capital da empresa está aplicad* em bancos d* capital do país.

c) (*) cura confessou-se incapaz de proporcionar remédios para (*) cura dos pacientes.

d) (*) moral dos jogadores era pequen*.

e) Quem sabe consigamos construir (*) moral mais voltad* para a eliminação das desigualdades sociais?

f) Quant* gramas de ouro teriam sido espalhados pel* grama?

Flexão de número

Os substantivos flexionam-se também em número: podem assumir a forma do singular (referem-se a um único ser ou a um único conjunto de seres) ou do plural (referem-se a mais de um ser ou conjunto de seres).

Formação do plural

Substantivos simples

a. Acrescenta-se a desinência *-s* aos substantivos terminados em vogal, ditongo oral ou ditongo nasal *-ãe*:

casa/casas	peru/perus	pai/pais
dente/dentes	sofá/sofás	lei/leis
saci/sacis	ipê/ipês	herói/heróis
cipó/cipós	maçã/maçãs	mãe/mães

Destaquem-se as formas *avôs* (o avô materno e o paterno) e *avós* (casal formado por avô e avó, ou plural de *avó*; também indica os antepassados de um modo geral).

b. A maioria dos substantivos terminados em *-ão* forma o plural substituindo essa terminação por *-ões* (incluem-se nesse grupo os aumentativos):

balão/balões	eleição/eleições	figurão/figurões
botão/botões	leão/leões	sabichão/sabichões
coração/corações	opinião/opiniões	vozeirão/vozeirões

Os paroxítonos terminados em *-ão* e alguns poucos oxítonos e monossílabos formam o plural pelo simples acréscimo de *-s*:

sótão/sótãos	cidadão/cidadãos	chão/chãos
bênção/bênçãos	cristão/cristãos	grão/grãos
órfão/órfãos	irmão/irmãos	vão/vãos
órgão/órgãos	mão/mãos	

Alguns substantivos terminados em *-ão* formam o plural substituindo essa terminação por *-ães*:

alemão/alemães	capitão/capitães	pão/pães
cão/cães	charlatão/charlatães	sacristão/sacristães
capelão/capelães	escrivão/escrivães	tabelião/tabeliães

Em alguns casos, há mais do que uma forma aceitável para esses plurais; a tendência da língua portuguesa atual do Brasil é utilizar a forma de plural em *-ões*:

ancião – anciões, anciães, anciãos	verão – verões, verãos
guardião – guardiões, guardiães	anão – anões, anãos
ermitão – ermitões, ermitães, ermitãos	vilão – vilões, vilãos

c. Acrescenta-se a desinência *-s* aos substantivos terminados em *-m*. Essa letra é substituída por *n* na forma do plural:

homem/homens	jardim/jardins	som/sons	atum/atuns

d. Os substantivos terminados em *-r* e *-z* formam o plural com o acréscimo de *-es*:

mar/mares	raiz/raízes
açúcar/açúcares	rapaz/rapazes
hambúrguer/hambúrgueres	cruz/cruzes

Destaquem-se os plurais de *caráter*, *júnior* e *sênior*: *caract**e**res*, *juni**o**res* e *seni**o**res*, formas em que ocorre deslocamento da sílaba tônica.

e. Os substantivos terminados em *-s* formam o plural com acréscimo de *-es*; quando paroxítonos ou proparoxítonos, são invariáveis – o que faz com que a indicação de número passe a depender de um artigo ou outro determinante:

gás/gases	obus/obuses	um lápis/dois lápis
mês/meses	o atlas/os atlas	algum ônibus/vários ônibus
país/países	o pires/os pires	o vírus/os vírus

f. Os substantivos terminados em *-al*, *-el*, *-ol* e *-ul* formam o plural pela transformação do *-l* dessas terminações em *-is*:

canal/canais	álcool/álcoois	papel/papéis
paul/pauis	anzol/anzóis	

Destaquem-se os plurais de *mal*, *real* (quando nome de moeda) e *cônsul*, respectivamente *males*, *réis* e *cônsules*. Para *gol*, já houve quem propusesse *goles* ou *gois*, mas a forma consagrada pelo uso é *gols*, estranha aos mecanismos da língua portuguesa.

Joaquín Salvador Lavado/Quino/Mafalda 8

QUINO. *Mafalda 8*. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 66.

Nessa tira, vemos plurais com três terminações diferentes: *ns*, *s*, *eis*, correspondendo respectivamente às terminações do singular *m (barragem)*, *l (túnel)* e vogais *a* e *o (fábrica, estrada, aqueduto)*.

g. Os substantivos oxítonos terminados em *-il* trocam o *-l* pelo *-s*; os paroxítonos trocam essa terminação por *-eis*:

barril/barris	fóssil/fósseis	ardil/ardis
projétil/projéteis	funil/funis	réptil/répteis
fuzil/fuzis		

Além das formas paroxítonas apresentadas acima, existem as formas oxítonas *projetil* e *reptil*, que fazem os plurais *projetis* e *reptis*, também oxítonos.

h. Os substantivos terminados em *-n* formam o plural pelo acréscimo de *-s* ou *-es*:

abdômen/abdomens ou abdômenes	gérmen/germens ou gérmenes
hífen/hifens ou hífenes	líquen/liquens ou líquenes

No português do Brasil, há acentuada tendência para o uso das formas obtidas pelo acréscimo de *-s*. Observe que, quando paroxítonas, essas formas de plural não recebem acento gráfico.

Destaque-se *cânon*, cujo plural é a forma *cânones*.

i. Os substantivos terminados em *-x* são invariáveis; a indicação de número depende da concordância com algum determinante:

o tórax/os tórax — um clímax/alguns clímax

Existem alguns substantivos terminados em *-x* que apresentam formas variantes terminadas em *-ce*; nesses casos, deve-se utilizar a forma plural da variante:

o cálix ou cálice/os cálices — o códex ou códice/os códices

j. Nos diminutivos formados pelo acréscimo do sufixo *-zinho* (mais raramente *-zito*), a formação do plural deve ser feita tanto na terminação do substantivo primitivo (com posterior supressão do *-s*) como na do sufixo:

balãozinho/balõezinhos — colarzinho/colarezinhos
anzolzinho/anzoizinhos — papelzinho/papeizinhos
pãozinho/pãezinhos — florzinha/florezinhas

No caso de diminutivos formados a partir de substantivos terminados em *-r*, há acentuada tendência na língua atual do Brasil para limitar-se o plural à terminação da forma derivada:

colarzinho/colarzinhos — florzinha/florzinhas — mulherzinha/mulherzinhas

Essa forma de plural ainda encontra alguma resistência na norma culta.

Metafonia

Há muitos substantivos cuja formação do plural não se manifesta apenas por meio de modificações morfológicas, mas também implica alteração fonológica. Nesses casos, ocorre um fenômeno chamado metafonia, ou seja, a mudança de som entre uma forma e outra. Trata-se da alternância do timbre da vogal, que é fechado na forma do singular e aberto na forma do plural. Observe os pares a seguir:

singular (ô)	plural (ó)	singular (ô)	plural (ó)
aposto	apostos	caroço	caroços
corno	cornos	corpo	corpos
corvo	corvos	esforço	esforços
fogo	fogos	forno	fornos
imposto	impostos	jogo	jogos
miolo	miolos	olho	olhos
osso	ossos	ovo	ovos
poço	poços	porco	porcos
porto	portos	posto	postos
povo	povos	reforço	reforços
socorro	socorros	tijolo	tijolos

É importante que você observe a pronúncia culta desses plurais quando estiver utilizando a língua falada em situações formais.

Substantivos compostos

A formação do plural dos substantivos compostos depende da forma como são grafados, do tipo de palavras que formam o composto e da relação que estabelecem entre si.

Os substantivos compostos que são grafados ligadamente (sem hífen) comportam-se como os substantivos simples:

aguardente/aguardentes
girassol/girassóis
malmequer/malmequeres
pontapé/pontapés

O plural dos substantivos compostos cujos elementos são ligados por hífen costuma provocar muitas dúvidas e discussões. Algumas orientações são dadas a seguir.

a. Nos compostos em que o primeiro elemento é um verbo ou uma palavra invariável (geralmente um advérbio) e o segundo elemento é um substantivo ou um adjetivo, coloca-se apenas o segundo elemento no plural:

beija-flor/beija-flores
bate-boca/bate-bocas
sempre-viva/sempre-vivas
alto-falante/alto-falantes
grão-duque/grão-duques
abaixo-assinado/abaixo-assinados

Assemelham-se a esses substantivos aqueles formados pelo acréscimo de um prefixo ligado por hífen:

vice-presidente/vice-presidentes
recém-nascido/recém-nascidos
auto-observação/auto-observações
ex-namorado/ex-namorados

b. Nos compostos em que os dois elementos são variáveis, ambos vão para o plural:

guarda-civil/guardas-civis
cota-parte/cotas-partes
mão-boba/mãos-bobas
boia-fria/boias-frias
sexta-feira/sextas-feiras
peso-mosca/pesos-moscas

Nos casos em que o segundo elemento dá ideia de finalidade ou semelhança ou limita o primeiro, manda a tradição que só se pluralize o primeiro. Note que isso se restringe aos substantivos compostos formados por dois substantivos:

pombo-correio/pombos-correio
banana-maçã/bananas-maçã
café-concerto/cafés-concerto
salário-família/salários-família
escola-modelo/escolas-modelo
navio-escola/navios-escola

No português do Brasil, ocorre também a pluralização dos dois elementos mesmo nesse caso. É o que se nota quando se consulta o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, versão eletrônica, de 2004, em que alguns dos substantivos acima surgem com duas formas abonadas para o plural (*salários-família* e *salários-famílias*, por exemplo).

O substantivo composto *pau-rosa* apresenta duas formas de plural: *paus-rosa* e *paus-rosas*.

Reprodução/Revista Pesquisa Fapesp

Pesquisa Fapesp. São Paulo: Fapesp, n. 111, maio 2005. p. 64.

c. Nos compostos em que os elementos formadores são unidos por preposição, apenas o primeiro elemento vai para o plural:

palma-de-santa-rita/palmas-de-santa-rita
pé-de-moleque/pés-de-moleque
mula-sem-cabeça/mulas-sem-cabeça
pão-de-ló/pães-de-ló

d. Nos compostos formados por palavras repetidas ou onomatopaicas, apenas o segundo elemento varia:

reco-reco/reco-recos
tico-tico/tico-ticos
tique-taque/tique-taques
pingue-pongue/pingue-pongues

e. Merecem destaque os seguintes substantivos compostos:

o bota-fora/os bota-fora
o topa-tudo/os topa-tudo
o louva-a-deus/os louva-a-deus
o diz-que-diz/os diz-que-diz
o faz-de-conta/os faz-de-conta
o arco-íris/os arco-íris
o salva-vidas/os salva-vidas
o pisa-mansinho/os pisa-mansinho

E também:

o bem-te-vi/os bem-te-vis
o bem-me-quer/os bem-me-queres

Atividades

1. Complete as frases de acordo com o modelo proposto.

Não posso comprar sequer um **funil**. Como quer que eu compre vários **funis**?

a) Não posso formar sequer um único jardim. Como quer que eu forme vários (*)?
b) Nunca soltei um único balão. Como quer que eu solte vários (*)?
c) Não conheço um único figurão. Como quer que eu lhe apresente vários (*)?
d) Infelizmente, não consegui encontrar um único cidadão de verdade nesta classe. Como quer que eu lhe aponte vários (*)?
e) Não conheço um único capitão do exército. Como quer que eu lhe apresente vários (*)?
f) Não posso comprar sequer um hambúrguer. Como quer que eu compre vários (*)?

2. Complete as frases de acordo com o modelo proposto.

Não quebrou só um **pires**: quebrou todos os **pires**.

a) Não roubaram só um barril: roubaram todos os (*).
b) Não deixaram só um leão fugir: deixaram todos os (*).
c) Não fraudaram só uma eleição: fraudaram todas as (*).
d) Não ludibriou só um cidadão: ludibriou todos os (*).
e) Não comeu apenas um pão: comeu todos os (*).
f) Não é amigo de um escrivão e de um tabelião apenas: é amigo de todos os (*).
g) Não corrompeu apenas um caráter: corrompeu todos os (*).
h) Não promoveu tão-somente um júnior para o time principal: promoveu todos os (*).
i) Não depredaram apenas um ônibus: depredaram todos os (*).
j) Não lançaram só um projétil: lançaram todos os (*).
k) Não lançaram somente um projétil: lançaram todos os (*).
l) Não se esqueceu apenas de um hífen: esqueceu-se de todos os (*).
m) Não devorou um pastelzinho apenas: devorou todos os (*).

3. Leia atentamente em voz alta as frases a seguir.

a) Comeu as uvas e jogou os caroços no lixo.
b) Não aceitaremos um novo aumento de impostos. É bom que o governo abra os olhos e realize esforços mais sérios para controlar suas contas.

c) Não se instalam chiqueiros de porcos nas proximidades de poços.

d) Compramos fogos de artifício para a festa de abertura dos jogos estudantis.

e) Acredito na convivência harmoniosa dos diferentes povos.

f) Um médico que passava por ali prestou os primeiros socorros às vítimas do acidente.

4. Complete as frases de acordo com o modelo. Em várias frases, você terá mais de uma opção correta.

Costumava viajar todas as (*). (*quinta-feira*)

Costumava viajar todas as **quintas-feiras**.

a) Tinha direito a vários (*). (*salário-família*)

b) Nunca tinha visto tantos (*) ao mesmo tempo. (*beija-flor*)

c) Sua intervenção pôs fim a todos os (*). (*bate-boca*)

d) Anunciaram seu nome por intermédio dos (*). (*alto-falante*)

e) Os (*) provenientes de várias regiões do país reivindicavam a punição do deputado corrupto. (*abaixo-assinado*)

f) Venho aqui todas as (*). (*segunda-feira*)

g) Vários (*) transformaram-se em presidentes da República no Brasil. (*vice-presidente*)

h) Os (*) partiram para Pequim. (*recém-casado*)

i) Ocorreu mais um acidente com caminhões que transportavam (*). Isso é jeito de se transportar gente! (*boia-fria*)

j) Passou mal após ter comido várias (*) e várias (*). (*banana-maçã/manga-rosa*).

k) Combinaram várias (*). (*palavra-chave*)

l) Tiveram de comprar vários (*) para mobiliar a casa. (*guarda-roupa*)

m) Ele já perdeu três (*) este ano. (*guarda-chuva*)

n) Seu canteiro de (*) está primoroso! (*couve-flor*)

o) É o autor de várias (*). (*obra-prima*)

p) Vários (*) construíram seus ninhos nos postes de iluminação. (*joão-de-barro*)

q) Fotografaram várias (*) em sua viagem pela Amazônia. (*vitória-régia*)

r) Vários (*) japoneses foram interceptados pelos ativistas do *Greenpeace*. (*navio-fábrica*)

s) Os (*) da empresa haviam sido roubados. (*livro-caixa*)

t) Não se deviam construir esses (*) em cidades tão pequenas! (*arranha-céu*)

u) Vários (*) do banco foram acusados de corrupção. (*ex-diretor*)

v) Teve de instalar vários (*) para proteger as instalações da fábrica. (*para-raios*)

w) Assisto a todos os (*) de que tenho notícia. (*bumba-meu-boi*)

Flexão de grau

Os substantivos podem ser modificados a fim de exprimir intensificação, exagero, atenuação, diminuição ou mesmo deformação de seu significado. Essas modificações, que constituem as variações de grau do substantivo, são tradicionalmente consideradas um mecanismo de flexão. Você perceberá, no entanto, que não se trata de mecanismos de flexão – obrigatórios para a manutenção da concordância nas frases –, mas sim de processos de derivação e de caracterização sintática.

Formação do grau

Os graus aumentativo e diminutivo dos substantivos podem ser formados por dois processos:

a. sintético – consiste no acréscimo de sufixos aumentativos ou diminutivos à forma normal do substantivo. É, na verdade, um típico caso de derivação sufixal:

rato — **ratão** (aumentativo sintético) — **ratinho** (diminutivo sintético)

b. analítico – a forma normal do substantivo é modificada por adjetivos que indicam aumento ou diminuição de proporções. É um caso típico de determinação sintática:

rato — rato **grande** (aumentativo analítico) — rato **pequeno** (diminutivo analítico)

No uso efetivo da língua, as formas sintéticas de indicação de grau são geralmente empregadas para conferir valores afetivos aos seres nomeados pelos substantivos. Observe formas como as seguintes:

amigão	partidão	bandidaço	mulheraço
livrinho	ladrãozinho	rapazola	futebolzinho

Em todas elas, o que interessa é transmitir dados como carinho, admiração, ironia ou desprezo, e não noções ligadas ao tamanho físico dos seres nomeados.

Atividades

1. Procure indicar o sentido de cada uma das palavras destacadas nas frases a seguir.

a) É um **sujeitinho**.
b) É um **mulherão**!
c) É um **timaço**!
d) É um **timeco**!
e) Não passa de um **beberrão**.
f) Vou passar uns **diazinhos** na praia.
g) Que **gentalha**!
h) Por que você se envolve com essa **gentinha**?
i) O **Carlito** chegou ontem à noite.
j) Ele pegou um **peixão**! Quatro quilos!
k) A namorada dele é um **peixão**!

2. Que palavras você pode usar para descrever as dimensões avantajadas ou diminutas de:

a) uma boca?
b) um corpo?
c) um nariz?
d) uma casa?
e) um pé?
f) uma mão?
g) um cão?
h) um gato?
i) um homem?
j) uma mulher?
k) um animal?

Textos para análise

1

Elegia lírica

(...)

A minha namorada é tão bonita, tem olhos como besourinhos do céu
Tem olhos como estrelinhas que estão sempre balbuciando aos passarinhos...
É tão bonita! tem um cabelo fino, um corpo menino e um andar pequenino
E é a minha namorada... vai e vem como uma patativa, de repente morre de amor
Tem fala de S e dá a impressão que está entrando por uma nuvem adentro...
Meu Deus, eu queria brincar com ela, fazer comidinha, jogar nai-ou-nentes

Rir e num átimo dar um beijo nela e sair correndo
E ficar de longe espiando-lhe a zanga, meio vexado, meio sem saber o que faça...
A minha namorada é muito culta, sabe aritmética, geografia, história, contraponto
E se eu lhe perguntar qual a cor mais bonita ela não dirá que é a roxa, porém
[brique.
Ela faz coleção de cactos, acorda cedo vai para o trabalho
E nunca se esquece que é a menininha do poeta.
Se eu lhe perguntar: Meu anjo, quer ir à Europa? ela diz: Quero se mamãe for!
Se eu lhe perguntar: Meu anjo, quer casar comigo? ela diz... – não, ela não
[acredita.
É doce! gosta muito de mim e sabe dizer sem lágrimas: Vou sentir tantas saudades
[quando você for...
É uma nossa senhorazinha, é uma cigana, é uma coisa
Que me faz chorar na rua, dançar no quarto, ter vontade de me matar e de ser
[presidente da república.
É boba, ela! tudo faz, tudo sabe, é linda, ó anjo de Domremy!
Deem-lhe uma espada, constrói um reino; deem-lhe uma agulha, faz um crochê
Deem-lhe um teclado, faz uma aurora, deem-lhe razão, faz uma briga...!
E do pobre ser que Deus lhe deu, eu, filho pródigo, poeta cheio de erros
Ela fez um eterno perdido...
(...)

MORAES, Vinicius de. *Poesia completa e prosa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998. p. 272-3.

Trabalhando o texto

1. Aponte no texto substantivos formados por derivação imprópria.

2. Aponte substantivos formados por derivação regressiva.

3. Aponte no texto substantivos compostos.

4. O poeta utiliza diminutivos para referir-se à namorada. Dê exemplos de substantivos no diminutivo sintético e analítico.

5. Analise o emprego do diminutivo no poema.

6. Predominam no texto substantivos abstratos ou concretos? Que efeito produz a utilização desse tipo de substantivo para descrever a amada?

Em DVD

Divulgação

***Sociedade dos poetas mortos*. Direção de Peter Weir. EUA: Disney Video, 1989. (129 min).**

Para muitos alunos, estudar literatura é uma atividade pouco interessante, enfadonha, que não proporciona prazer, mesmo quando o objeto de estudo seja um poema de Vinicius de Moraes. Pode ser que tenha faltado a esses estudantes um professor que os instigasse a olhar o mundo e a arte de maneira autônoma, e que não os pressionasse com autoritarismos castradores. E é esse professor que os alunos de uma tradicional escola americana conhecem em seu curso de língua e literatura. Depois do encontro, e superadas todas as desconfianças iniciais, eles aprenderão a conhecer toda a sensibilidade contida em cada poesia.

2

Rebento

Rebento, substantivo abstrato,
O ato, a criação, o seu momento,
Como uma estrela nova e seu barato
Que só Deus sabe lá, no firmamento.

Rebento, tudo que nasce é rebento,
Tudo que brota, que vinga, que medra,
Rebento raro como flor na pedra,
Rebento farto como trigo ao vento.

Outras vezes rebento simplesmente
No presente do indicativo,
Como a corrente de um cão furioso,
Como as mãos de um lavrador ativo.

Às vezes, mesmo perigosamente,
Como acidente em forno radioativo,
Às vezes, só porque fico nervoso,
Rebento,
Às vezes somente porque estou vivo.
Rebento, a reação imediata
A cada sensação de abatimento.
Rebento, o coração dizendo "bata",
A cada bofetão do sofrimento.
Rebento, esse trovão dentro da mata
E a imensidão do som desse momento.

Gilberto Gil. In. GÓES, Fred de (Org.). *Gilberto Gil*. São Paulo: Abril Educação, 1982. p. 65. (Literatura comentada).

Trabalhando o texto

1. Explique por que *rebento* é, na primeira estrofe do texto, um substantivo abstrato.
2. Na segunda estrofe do texto, *rebento* continua sendo um substantivo abstrato? Explique.
3. Qual o sentido de *rebento* nas três últimas vezes em que aparece no texto?
4. Com o que se relaciona o conteúdo do texto?
5. Há, na segunda estrofe, uma série de sinônimos. Aponte-os e procure indicar as sutis diferenças de significado que apresentam. Se necessário, consulte um dicionário apropriado.
6. Releia em voz alta os dois últimos versos da segunda estrofe. Há algo especial quanto à sonoridade desse trecho? Comente.
7. Boa parte da riqueza das imagens do texto provém das comparações. Faça um levantamento das várias comparações empregadas e comente a impressão causada por elas.
8. Você também rebenta às vezes? De que forma?

Questões de exames e concursos

1. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que a flexão dos compostos esteja de acordo com a norma culta.

a) Leões-de-chácara, prontos-socorros, quartas-feiras, guardas-noturnos.

b) Leões-de-chácaras, pronto-socorros, quartas-feira, guarda-noturnos.

c) Leões-de-chácara, pronto-socorros, quartas-feiras, guardas-noturno.

d) Leões-de-chácaras, prontos-socorros, quartas-feiras, guardas-noturnos.

e) Leões-de-chácara, pronto-socorros, quarta-feiras, guardas-noturno.

2. (Udesc) Analise as frases abaixo, observando a expressão grifada e o seu significado.

I – Ele vivia *à toa*. = sem fazer nada

II – Ele é um homem *à-toa*. = que vive sem trabalho

III – *Em princípio* suas ideias parecem boas. = no começo

IV – O meu *dia-a-dia* é movimentado. = substantivo comum

V – Meu amigo mora em uma *caixa-de-fósforos* = recipiente com palitos

Assinale a alternativa **correta**.

a) Somente a afirmativa III é verdadeira.

b) Somente as afirmativas I, III e IV são verdadeiras.

c) Somente as afirmativas II e IV são verdadeiras.

d) Somente as afirmativas III e V são verdadeiras.

e) Somente as afirmativas I e IV são verdadeiras.

3. (Badesc/Fepese) Considere as frases abaixo:

O cônjuge se aproximou.

O servente veio atender-nos.

O gerente chegou cedo.

Não está claro se é homem ou mulher:

a) no primeiro período

b) no segundo período

c) no terceiro período

d) no primeiro e no segundo períodos

4. (TJ-SP/Vunesp) Desejava o diploma, por isso lutou para obtê-lo. Substituindo-se as formas verbais de desejar, lutar e obter pelos respectivos substantivos a elas correspondentes, a frase correta é:

a) O desejo do diploma levou-o a lutar por sua obtenção.

b) O desejo do diploma levou-o à luta em obtê-lo.

c) O desejo do diploma levou-o à luta pela sua obtenção.

d) Desejoso do diploma foi à luta pela sua obtenção.

e) Desejoso do diploma foi lutar por obtê-lo.

5. (Câmara de Ouro Preto-MG/Fumarc) **Não** é exemplo de substantivo feminino:

a) cal

b) champanha

c) libido

d) omoplata

6. (Pref. de Ilha Comprida-SP/Moura Melo) Assinale a opção em que os plurais estejam corretos:

a) mangas-rosa, guarda-roupas, guardas-civis

b) pingue-pongues, bens-amados, cos-autores

c) cobras-cega, couve-flores, primeiro-ministros

d) peixes-espadas, guardas-noturnos, amor-perfeitos

7. (Pref. de Ilha Comprida-SP/Moura Melo) Indique a alternativa na qual o plural dos pares de palavras esteja correto:

a) escrivão/escrivões – adeus/adeus

b) mal/males – pagão/pagões

c) repórter/repórteres – cidadão/cidadões

d) cirurgião/cirurgiões – cônsul/cônsules

8. (Pref. de Ilha Comprida-SP/Moura Melo) Indique a alternativa em que todos os substantivos sejam primitivos:

a) caça – planalto – flor

b) água – sapato – ferro

c) pesca – pé – altivez

d) nadar – motorista – casebre

9. (Pref. de Ilha Comprida-SP/Moura Melo) Os substantivos **clero**, **ninhada** e **réstia** são, respectivamente, coletivos de:

a) sacerdotes, passarinhos, alhos/cebolas

b) bispos, passarinhos, papel

c) bispos, pintos, papel

d) sacerdotes, pintos, alhos/cebola

Texto para a questão 10:

Os leitores estarão lembrados do que o compadre dissera quando estava a fazer castelos no ar a respeito do afilhado, e pensando em dar-lhe o mesmo ofício que exercia, isto é, daquele arranjei-me, cuja explicação prometemos dar. Vamos agora cumprir a promessa. Se alguém perguntasse ao compadre por seus pais, por seus parentes, por seu nascimento, nada saberia responder, porque nada sabia a respeito. Tudo de que se recordava de sua história reduzia-se a bem pouco. Quando chegara à idade de dar acordo da vida achou-se em casa de um barbeiro que dele cuidava, porém que nunca lhe disse se era ou não seu pai ou seu parente, nem tampouco o motivo por que tratava da sua pessoa. Também nunca isso lhe dera cuidado, nem lhe veio a curiosidade de indagá-lo. Esse homem ensinara-lhe o ofício, e por inaudito milagre também a ler e a escrever. Enquanto foi aprendiz passou em casa do seu... mestre, em falta de outro nome, uma vida que por um lado se parecia com a do fâmulo*, por outro com a do filho, por outro com a do agregado, e que afinal não era senão vida de enjeitado, que o leitor sem dúvida já adivinhou que ele o era. A troco disso dava-lhe o mestre sustento e morada, e pagava-se do que por ele tinha já feito.

(*) **fâmulo:** empregado, criado

Manuel Antônio de Almeida, *Memórias de um sargento de milícias.*

10. (Fuvest-SP) No excerto, temos derivação imprópria ou conversão (emprego de uma palavra fora de sua classe normal) no seguinte trecho:

a) fazer castelos no ar

b) daquele arranjei-me

c) dar acordo da vida

d) nem tampouco o motivo

e) por inaudito milagre

11. (FSA-SP) Dentre as frases abaixo, escolha aquela em que há, de fato, flexão de grau para o substantivo.

a) O advogado deu-me seu cartão.

b) Deparei-me com um portão, imenso e suntuoso.

c) Moravam num casebre, à beira do rio.

d) A abelha, ao picar a vítima, perde seu ferrão.

e) A professora distribuiu as cartilhas a todos os alunos.

12. (PUC-SP) Indique a alternativa correta no que se refere ao plural dos substantivos compostos *casa-grande, flor-de-cuba, arco-íris* e *beija-flor.*

a) casa-grandes, flor-de-cubas, os arco-íris, beijas-flor

b) casas-grandes, flores-de-cuba, arcos-íris, beijas-flores

c) casas-grande, as flor-de-cubas, arcos-íris, os beija-flor

d) casas-grande, flores-de-cuba, arcos-íris, beijas-flores

e) casas-grandes, flores-de-cuba, os arco-íris, beija-flores

13. (Cefet-PR) Assinale a alternativa em que há gênero aparente na relação masculino/feminino dos pares.

a) boi – vaca

b) homem – mulher

c) cobra macho – cobra fêmea

d) o capital – a capital

e) o cônjuge (homem) – o cônjuge (mulher)

14. (Cefet-PR) Assinale a alternativa em que a palavra tem o gênero indicado incorretamente.

a) a tapa

b) a grama

c) o hélice

d) o crisma

e) o ágape

15. (Cefet-PR) Das opções a seguir, assinale a que apresenta um substantivo que só tem uma forma no plural.

a) guardião

b) espião

c) peão

d) vulcão

e) cirurgião

16. (Unimep-SP) O plural de *fogãozinho* e *cidadão* é:

a) fogãozinhos e cidadãos.

b) fogãosinhos e cidadãos.

c) fogõezinhos e cidadãos.

d) fogõezinhos e cidadões.

e) fogõesinhos e cidadões.

17. (UEL-PR) Viam-se (*) junto aos (*) do jardim.

a) papelsinhos, meios-fio

b) papeizinhos, meios-fios

c) papeisinhos, meio-fios

d) papelzinhos, meio-fios

e) papeizinhos, meio-fios

18. (PUC-SP) Assinale a alternativa incorreta.

a) *Borboleta* é substantivo epiceno.

b) *Rival* é comum de dois gêneros.

c) *Omoplata* é substantivo masculino.

d) *Vítima* é substantivo sobrecomum.

e) n.d.a.

19. (UniFMU-SP) Indique a alternativa em que só aparecem substantivos abstratos.

a) tempo, angústia, saudade, ausência, esperança, imagem

b) angústia, sorriso, luz, ausência, esperança, inimizade

c) inimigo, luto, luz, esperança, espaço, tempo

d) angústia, saudade, ausência, esperança, inimizade

e) espaço, olhos, luz, lábios, ausência, esperança, angústia

20. (UPM-SP) Numere a segunda coluna de acordo com o significado das expressões da primeira coluna e assinale a alternativa que contém os algarismos na sequência correta.

(1) o óleo santo	( ) a moral
(2) a relva	( ) a crisma
(3) um sacramento	( ) o moral
(4) a ética	( ) o crisma
(5) a unidade de massa	( ) a grama
(6) o ânimo	( ) o grama

a) 6,1, 4, 3, 5, 2

b) 6, 3, 4, 1, 2, 5

c) 4, 1, 6, 3, 5, 2

d) 4, 3, 6, 1, 2, 5

e) 6, 1, 4, 3, 2, 5

21. (UPM-SP) Indique o período que não contém um substantivo no grau diminutivo.

a) Todas as moléculas foram conservadas com as propriedades particulares, independentemente da atuação do cientista.

b) O ar senhoril daquele homúnculo transformou-o no centro de atenções na tumultuada assembleia.

c) Através da vitrina da loja, a pequena observava curiosamente os objetos decorados expostos à venda, por preço bem baratinho.

d) De momento a momento, surgiam curiosas sombras e vultos apressados na silenciosa viela.

e) Enquanto distraía as crianças, a professora tocava flautim, improvisando cantigas alegres e suaves.

22. (UPM-SP) Assinale a alternativa em que a flexão do substantivo composto está errada.

a) os pés-de-chumbo

b) os corre-corre

c) as públicas-formas

d) os cavalos-vapor

e) os vaivéns

23. (ITA-SP) Dadas as palavras:

1. esforços
2. portos
3. impostos

verificamos que o timbre da vogal tônica é aberto:

a) apenas na palavra 1.

b) apenas na palavra 2.

c) apenas na palavra 3.

d) apenas nas palavras 1 e 3.

e) em todas as palavras.

24. (UFJF-MG) Assinale a alternativa em que aparecem substantivos simples, respectivamente, concreto e abstrato.

a) água, vinho

b) Pedro, Jesus

c) Pilatos, verdade

d) Jesus, abaixo-assinado

e) Nova Iorque, Deus

25. (ITA-SP) Dadas as sentenças:

1. Ele não chegou a falar com a Presidenta.
2. Ele sofreu um entorse grave.
3. A tracoma é uma doença contagiosa.

deduzimos que:

a) apenas a sentença 1 está correta.

b) apenas a sentença 2 está correta.

c) apenas a sentença 3 está correta.

d) todas estão corretas.

e) n.d.a.

26. (UFF-RJ) Assinale a única frase em que há erro no que diz respeito ao gênero das palavras.

a) O gerente deverá depor como testemunha única do crime.

b) A personagem principal do conto é o Seu Rodrigues.

c) Ele foi apontado como a cabeça do motim.

d) O telefonema deixou a anfitriã perplexa.

e) A parte superior da traqueia é o laringe.

27. (UPM-SP) Assinale a alternativa em que há um substantivo cuja mudança de gênero não altera o significado.

a) cabeça, cisma, capital

b) águia, rádio, crisma

c) cura, grama, cisma

d) lama, coral, moral

e) agente, praça, lama

28. (UFF-RJ) Numa das frases seguintes, há uma flexão de plural totalmente errada. Assinale-a.

a) Os escrivães serão beneficiados por essa lei.

b) O número mais importante é o dos anõezinhos.

c) Faltam os hifens nesta relação de palavras.

d) Fulano e Beltrano são dois grandes caráteres.

e) Os reptis são animais ovíparos.

29. (UPM-SP) Relacione as duas colunas, de acordo com a classificação dos substantivos, e assinale a alternativa correta.

(1) padre	( ) próprio
(2) seminário	( ) coletivo
(3) Dias	( ) derivado
(4) ano	( ) comum

a) 3, 4, 2, 1

b) 1, 2, 4, 3

c) 1, 3, 4, 2

d) 3, 2, 1, 4

e) 2, 4, 3, 1

30. (UFU-MG) Dentre os plurais de nomes compostos aqui relacionados, há um que está errado. Qual?

a) escolas-modelo

b) quebra-nozes

c) chefes-de-sessões

d) guardas-noturnos

e) redatores-chefes

31. (UPM-SP) Numa das opções, uma das palavras apresenta erro de flexão. Indique-a.

a) mãos-de-obra, obras-primas

b) guardas-civis, afro-brasileiros

c) salvos-condutos, papéis-moeda

d) portas-bandeira, mapas-múndi

e) salários-família, vice-diretores

32. (Unimep-SP) Classificam-se como substantivos as palavras destacadas, exceto em:

a) "... o **idiota** com quem os moleques mexem...".

b) "... visava a me acostumar à morna **tirania**...".

c) "**Adeus**, volto para meus caminhos...".

d) "... conheço até alguns **automóveis**...".

e) "... todas essas **coisas** se apagarão em lembranças...".

33. (Acafe-SC) A alternativa em que o plural dos nomes compostos está empregado corretamente é:

a) pé-de-moleques, beija-flores, obras-primas, navios-escolas.

b) pés-de-moleques, beija-flores, obras-primas, navios-escolas.

c) pés-de-moleque, beija-flores, obras-primas, navios-escola.

d) pé-de-moleques, beija-flores, obras-primas, navios-escola.

e) pés-de-moleques, beija-flores, obras-prima, navios-escolas.

34. (UFV-MG) Assinale a alternativa em que há erro na flexão de número.

a) as águas-marinhas, as públicas-formas, os acórdãos

b) abajures, caracteres, os ônus

c) autosserviços, alto-falantes, lilases

d) capitães-mor, sabiás-pirangas, autos-de-fé

e) guardas-florestais, malmequeres, Ave-Marias

Capítulo 10

Estudo dos artigos

GONSALES, Fernando. Niquel Náusea. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 20 jan. 2003. p. E7.

A opção pelo artigo definido ou indefinido depende, em geral, do contexto maior em que se insere a frase. Daí o emprego do artigo indefinido ao apresentar-se o animal e do definido no segundo quadrinho (*o dono*), pois o leitor já sabe que se trata do dono do cachorro mencionado no primeiro quadrinho. Nos textos, muitas vezes, as informações novas, precedidas de artigos indefinidos, são posteriormente recuperadas e antecedidas por artigos definidos.

1. Conceito

Artigo é a palavra que acompanha o substantivo, servindo basicamente para generalizar ou particularizar o sentido desse substantivo. É o que se nota no contraste entre:

um cidadão/**o** cidadão — **um** portão/**o** portão

um animal/**o** animal — **uma** flor/**a** flor

Em muitos casos, o artigo é essencial na especificação do gênero e do número do substantivo:

O jornalista recusou o convite **do** representante **dos** artistas.

A jornalista recusou o convite **da** representante **das** artistas.

A empresa colocou em circulação **o** ônibus de três eixos.

A empresa colocou em circulação **os** ônibus de três eixos.

Quando antepostos a palavras de qualquer classe gramatical, os artigos as transformam em substantivos. Nesses casos, ocorre a chamada derivação imprópria, que já estudamos:

É **um falar** que não tem fim.

O assalariado vive **um sofrer** interminável.

O aqui e **o agora** nem sempre se conjugam favoravelmente.

2. Classificação

Em função de sua capacidade de generalizar ou particularizar o sentido do substantivo com que se relaciona, o artigo é classificado como definido e indefinido.

O **artigo indefinido** indica seres quaisquer dentro de uma mesma espécie; seu sentido é genérico. Assume as formas *um, uma; uns, umas*:

Gosto muito de animais: queria ter **um** cachorro, **uma** gata, **uns** tucanos e **umas** araras.

O **artigo definido** indica seres determinados dentro de uma espécie; seu sentido é particularizante. Assume as formas *o, a; os, as*:

Meu vizinho gosta muito de animais: você precisa ver **o** cachorro, **a** gata, **os** tucanos e **as** araras que ele tem em casa.

Não se pode esquecer que a palavra **artigo** é de origem latina e pertence à família de "articular, articulação". Depois dessa informação, não fica difícil entender por que o artigo tem esse nome.

3. Combinações dos artigos

É muito frequente a combinação dos artigos definidos e indefinidos com preposições. O quadro seguinte apresenta a forma assumida por essas combinações.

preposições	artigos			
	o, os	a, as	um, uns	uma, umas
a	ao, aos	à, às	–	–
de	do, dos	da, das	dum, duns	duma, dumas
em	no, nos	na, nas	num, nuns	numa, numas
por (per)	pelo, pelos	pela, pelas	–	–

CRASE

As formas *à* e *às* indicam a fusão da preposição *a* com os artigos definidos *a* e *as*. A fusão de vogais idênticas é conhecida por **crase**. O uso do acento grave, que indica a ocorrência da crase, será estudado na parte de nosso livro dedicada à sintaxe.

Comentário

- As formas *pelo(s)/pela(s)* resultam da combinação dos artigos definidos com a forma *per*, equivalente a *por*.

Atividades

1 Os artigos são responsáveis por diversos detalhes de significação nas diferentes situações comunicativas em que são empregados. Leia atentamente as frases seguintes e comente o valor dos artigos destacados.

a) Estou levando produtos **da** região.

b) O menino estava tão encabulado que não sabia o que fazer com **as** mãos. Em poucos instantes, pôs-se a chorar e a chamar pel**a** mãe.

c) A carne está custando três reais **o** quilo.

d) Aquele era **o** momento de minha vida.

e) Aquilo sim é que é **um** homem.

f) Deve ter passado **uma** meia hora desde que ele saiu.

g) Ela tem **um** talento!

2 Explique as diferenças de significado entre as frases de cada par.

a) Todo dia ele faz isso.
Todo o dia ele faz isso.

b) Pedro não veio.
O Pedro não veio.

c) Essa caneta é minha.
Essa caneta é a minha.

d) O dirigente sindical apresentou reivindicações dos trabalhadores na reunião.
O dirigente sindical apresentou as reivindicações dos trabalhadores na reunião.

e) Chico Buarque, grande compositor brasileiro, é também escritor.
Chico Buarque, o grande compositor brasileiro, é também escritor.

Em CD

Divulgação

Chico Buarque. *Perfil* (CD). Globo Universal/Som Livre, 2003.

Coletânea com algumas das mais famosas canções do cantor, compositor e também escritor Chico Buarque. Inclui "Roda viva", "Mulheres de Atenas" e "Cálice", esta última composta por Chico e Gilberto Gil durante o período de terror instalado pela ditadura militar no Brasil.

Textos para análise

1

Joaquín Salvador Lavado/Quino/Mafalda

QUINO. *Toda Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p. 67.

Trabalhando o texto

1. No terceiro quadrinho, a que classe pertencem as palavras em destaque? Qual a intenção do autor ao destacá-las?

2. Re-escreva o pensamento de Miguelito que está no balão do terceiro quadrinho, explicitando a decepção dele.

Em *site*

<www.quino.com.ar>. Acesso em: 6 abr. 2008.

O argentino Joaquín Salvador Lavado, mais conhecido como Quino, é um dos cartunistas mais famosos de todo o mundo. Sua criação mais conhecida é a perspicaz garotinha Mafalda que, segundo Umberto Eco, escritor e crítico literário, é uma "heroína iracunda que rejeita o mundo assim como ele é [...] reivindicando o seu direito de continuar sendo uma menina que não quer se responsabilizar por um universo adulterado pelos pais". Conheça um pouco mais os trabalhos de Quino visitando seu *site* oficial. Versão em português.

2

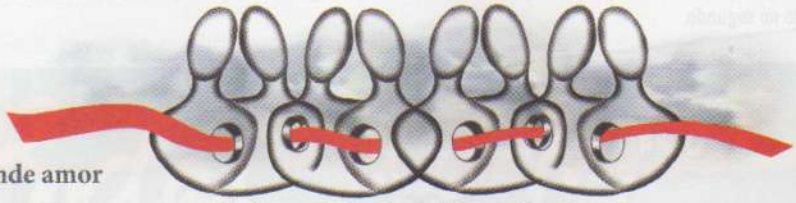

O grande amor

Haja o que houver
Há sempre um homem para uma mulher
E há de sempre haver
Para esquecer um falso amor
E uma vontade de morrer

Seja como for
Há de vencer o grande amor
Que há de ser no coração
Como um perdão para quem chorou.

(Antônio Carlos Jobim & Vinicius de Moraes. In: MORAES, Vinicius de. *Poesia completa e prosa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998. p. 764.)

Trabalhando o texto

1. No segundo verso da canção, os substantivos *homem* e *mulher* são usados em sentido genérico ou específico? Comente.

2. *Coração*, no penúltimo verso, é usado em sentido genérico ou específico? Comente.

3. Comente o efeito produzido pelo contraste entre os artigos em "um falso amor" e "o grande amor".

4. Há, na sua opinião, "o grande amor" de que fala a canção?

Em livro

MAMMI, Lorenzo; NESTROVSKI, Arthur Rosenblat; TATIT, Luiz. *Três canções de Tom Jobim*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

Em 2004, o Brasil relembrou com saudade o décimo aniversário de morte do cantor e compositor Tom Jobim. Em virtude da data, três renomados críticos literários lançaram uma obra em que analisam toda a poesia e a tradição erudita que marcaram a obra de Tom. Três canções serviram de objeto de estudo: "Sabiá", "Gabriela" e a imortal "Águas de março".

3

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, v. 4, 2007. p. 85.

Trabalhando o texto

- Explique por que o substantivo *bebê* aparece antecedido de artigo indefinido no primeiro quadrinho e de artigo definido no segundo.

Questões de exames e concursos

1. (Fuvest-SP)

"Ele é o homem,
eu sou apenas uma mulher."

Nesses versos, reforça-se a oposição entre os termos *homem* e *mulher*.

a) Identifique os recursos linguísticos utilizados para provocar esse reforço.
b) Explique por que esses recursos causam tal efeito.

2. (EEM-SP) A palavra *homem* aparece duas vezes na frase que segue, com significados diferentes. Explique essa diferença.

"Suponho que nunca teria visto um homem e não sabia, portanto, o que era o homem."

(Machado de Assis)

3. (Fatec-SP) Indique o erro quanto ao emprego do artigo.

a) Em certos momentos, as pessoas as mais corajosas se acovardam.
b) Em certos momentos, as pessoas mais corajosas se acovardam.
c) Em certos momentos, pessoas as mais corajosas se acovardam.
d) Em certos momentos, as mais corajosas pessoas se acovardam.

4. (UPM-SP) Assinale a alternativa em que há erro.

a) Li a notícia no *Estado de S. Paulo*.
b) Li a notícia em *O Estado de S. Paulo*.
c) Essa notícia, eu a vi em *A Gazeta*.
d) Vi essa notícia em *A Gazeta*.
e) Foi em *O Estado de S. Paulo* que li a notícia.

5. (UPM-SP) Em qual das alternativas o artigo definido feminino corresponderia a todos os substantivos?

a) sósia, doente, lança-perfume
b) dó, telefonema, diabete
c) clã, eclipse, pijama
d) cal, elipse, dinamite
e) champanha, criança, estudante

6. (UFU-MG) Em uma das frases, o artigo definido está empregado erradamente. Em qual?

a) A velha Roma está sendo modernizada.
b) A "Paraíba" é uma bela fragata.
c) Não reconheço agora a Lisboa do meu tempo.
d) O gato escaldado tem medo de água fria.
e) O Havre é um porto de muito movimento.

7. (ITA-SP) Determine o caso em que o artigo tem valor de qualificativo.

a) Estes são os candidatos de que lhe falei.
b) Procure-o, ele é o médico! Ninguém o supera.
c) Certeza e exatidão, estas qualidades não as tenho.
d) Os problemas que o afligem não me deixam descuidado.
e) Muita é a procura; pouca, a oferta.

Capítulo 11

Estudo dos adjetivos

Reprodução/Editora Abril

Veja. São Paulo: Abril, ano 41, ed. 2061, n. 20, 21 maio 2008. p. 119.

Para conceituar adjetivo, é necessário observar a estreita relação que se estabelece entre adjetivo e substantivo. No anúncio que você vê nesta página, os substantivos *bodas*, *amor* e *cidade* aparecem adjetivados, respectivamente, por uma locução (*de papel*), uma palavra (*inesperado*) e uma oração (*que não deveria existir*). Nos três casos, a caracterização é imprescindível para a construção do sentido do texto.

1. Conceito

Adjetivo é a palavra que caracteriza o substantivo, atribuindo-lhe qualidades (ou defeitos) e modos de ser, ou indicando-lhe o aspecto ou o estado:

sindicato **fictício**, **eficiente**, **deficitário**, **representativo**

SUBSTANTIVO × ADJETIVO

Observe que é necessário apresentar a relação que se estabelece entre o substantivo e o adjetivo para poder conceituar este último. Na realidade, substantivos e adjetivos podem apresentar características semelhantes e, em muitas situações, a distinção entre ambos só é possível a partir de elementos fornecidos pelo contexto:

O jovem brasileiro tornou-se participativo.
O brasileiro jovem enfrenta dificuldades para ingressar no mercado de trabalho.

Na primeira frase, *jovem* é substantivo, e *brasileiro* é adjetivo. Na segunda, invertem-se esses papéis: *brasileiro* é substantivo, e *jovem* passa a ser adjetivo. Ser adjetivo ou ser substantivo não decorre, portanto, de características morfológicas da palavra, mas de sua atuação efetiva numa frase da língua.

Há conjuntos de palavras que têm o valor de um adjetivo: são as **locuções adjetivas**. Essas locuções são geralmente formadas por uma preposição e um substantivo ou por uma preposição e um advérbio; para muitas delas, existem adjetivos equivalentes:

conselho **de pai** (= paterno)	inflamação **da boca** (= bucal)
atitude **sem qualquer cabimento**	alma **em frangalhos**
jornal **de ontem**	gente **de longe**

Por fim, não se pode esquecer que o prefixo existente na palavra **adjetivo** é o mesmo de "advogado, adjacente, adjunto" etc. e que a raiz (latina) de **adjetivo** é a mesma de **jazer**. Em suma, o adjetivo tem esse nome porque "jaz (fica, está) ao lado". De quem? De um substantivo, é claro.

2. Classificação

Quanto a sua estrutura e formação, os adjetivos têm classificação idêntica à dos substantivos: são primitivos ou derivados, simples ou compostos.

Os **adjetivos primitivos** não são formados por derivação de nenhuma outra palavra: deles é que se formam outras palavras. São exemplos:

azul	branco	brando	claro	curto
grande	livre	triste	verde	

Os **adjetivos derivados** são aqueles formados por derivação de outras palavras:

cheiroso	invisível	infeliz	esverdeado
desconfortável	azulado	entristecido	

Os **adjetivos simples** apresentam um único radical em sua estrutura. É o caso de todos os exemplos apontados no item anterior. Os **compostos** apresentam pelo menos dois radicais em sua estrutura:

ítalo-brasileiro	luso-africano	socioeconômico
político-institucional	sul-rio-grandense	

3. Adjetivos pátrios

Os adjetivos referentes a países, estados, regiões, cidades ou localidades são conhecidos como adjetivos pátrios. Conhecê-los é importante para evitar erros e construir frases mais concisas. Por isso, leia com atenção as relações de adjetivos pátrios colocadas a seguir. Para facilitar seu estudo, dividimos esses adjetivos em quatro blocos; os que se referem ao Brasil, os que se referem a Portugal e outros países de língua portuguesa, os que se referem à América e os que se referem aos demais países e continentes. Nos dois primeiros blocos, procuramos fornecer os adjetivos pátrios referentes aos estados, às principais regiões, às capitais de estado e principais cidades, além das formas que costumam provocar dúvidas. Nos dois últimos blocos, fornecemos apenas as formas que costumam provocar dúvidas.

ADJETIVOS PÁTRIOS REFERENTES AO BRASIL

estado ou cidade	adjetivo pátrio
Acre	acreano, acriano
Alagoas	alagoano
Amapá	amapaense
Amazonas	amazonense
Anápolis (GO)	anapolino
Angra dos Reis (RJ)	angrense
Aracaju	aracajuano ou aracajuense
Bahia	baiano
Belém (PA)	belenense
Belo Horizonte	belo-horizontino
Boa Vista	boa-vistense
Brasil	brasileiro
Brasília	brasiliense
Cabo Frio (RJ)	cabo-friense
Campo Grande	campo-grandense
Ceará	cearense
Cuiabá	cuiabano
Curitiba	curitibano
Duas Barras (RJ)	bibarrense
Espírito Santo	espírito-santense ou capixaba
Florianópolis	florianopolitano
Fortaleza	fortalezense
Goiânia	goianiense
Goiás	goiano
João Pessoa	pessoense
Juiz de Fora (MG)	juiz-forano, juiz-de-forano ou juiz-forense
Macapá	macapaense
Maceió	maceioense
Manaus	manauense ou manauara
Marajó (ilha)	marajoara
Maranhão	maranhense
Mato Grosso	mato-grossense
Mato Grosso do Sul	mato-grossense-do-sul
Minas Gerais	mineiro
Natal	natalense ou papa-jerimum
Niterói	niteroiense
Novo Hamburgo (RS)	hamburguense
Palmas (TO)	palmense
Pará	paraense ou paroara
Paraíba	paraibano
Paraná	paranaense
Pernambuco	pernambucano
Petrópolis (RJ)	petropolitano
Piauí	piauiense
Poços de Caldas (MG)	caldense
Porto Alegre	porto-alegrense
Porto Velho	porto-velhense
Recife	recifense
Rio de Janeiro (estado)	fluminense
Rio de Janeiro (cidade)	carioca
Rio Branco	rio-branquense
Rio Grande do Norte	rio-grandense-do-norte, norte-rio-grandense ou potiguar

estado ou cidade	adjetivo pátrio
Rio Grande do Sul	rio-grandense-do-sul, sul-rio-grandense ou gaúcho
Rondônia	rondoniense ou rondoniano
Roraima	roraimense
Salvador (BA)	salvadorense ou soteropolitano
Santa Catarina	catarinense, catarineta ou barriga-verde
Santarém (PA)	santareno

estado ou cidade	adjetivo pátrio
São Luís	são-luisense ou ludovicense
São Paulo (estado)	paulista
São Paulo (cidade)	paulistano
Sergipe	sergipano
Teresina	teresinense
Tocantins	tocantinense
Três Corações (MG)	tricordiano
Três Rios (RJ)	trirriense
Vitória (ES)	vitoriense

Em livro

CASCUDO, Luís da Câmara. *Contos tradicionais do Brasil.* 12. ed. São Paulo: Global, 2004.

A grandeza do Brasil é diretamente proporcional à riqueza cultural e folclórica que seu povo apresenta. O livro do folclorista Câmara Cascudo é uma amostra dessa riqueza que marca nossa nação. Estão registradas nesse livro cem histórias populares, colhidas diretamente da boca do povo. São contos de pobretões que conquistam princesas, de criminosos denunciados por cantos de pássaros... O que não falta é a conhecida malícia e a fértil imaginação de cada brasileiro.

ADJETIVOS PÁTRIOS REFERENTES A PORTUGAL, PAÍSES E TERRITÓRIOS DE LÍNGUA PORTUGUESA

país ou território	adjetivo pátrio
Açores	açoriano
Alentejo	alentejano
Algarve	algarvio ou algarviense
Angola	angolano ou angolense
Aveiro	aveirense
Beira	beirão ou beirense
Beja	bejense
Braga	bracarense, brácaro ou braguês
Bragança	bragantino, bragançano, braganção, brigantino ou bragancês
Cabo Verde	cabo-verdiano ou cabo-verdense
Castelo Branco	albicastrense
Coimbra	coimbrão, conimbricense, conimbrigense ou colimbriense

país ou território	adjetivo pátrio
Diu	diuense, diense e dioense
Douro	duriense
Entre Douro e Minho	interamnense
Estremadura	estremenho
Évora	eborense
Faro	farense
Funchal	funchalense
Goa	goano, goês, goense
Guimarães	vimaranense
Guiné-Bissau	guineense
Leiria	leiriense
Lisboa	lisboeta, lisbonense, olisiponense ou ulissiponense
Luanda	luandense
Macau	macaense ou macaísta
Madeira	madeirense

país ou território	adjetivo pátrio
Minho	minhoto
Moçambique	moçambicano
Portalegre	portalegrense
Porto	portuense
Ribatejo	ribatejano
Santarém	santareno, escalabitano
São Tomé e Príncipe	são-tomense ou são-tomsense

país ou território	adjetivo pátrio
Setúbal	setubalense
Timor	timorense
Trás-os-Montes	trasmontanos ou transmontanos
Viana do Castelo	vianense ou vianês
Vila Real	vila-realense
Viseu	visiense

ADJETIVOS PÁTRIOS REFERENTES ÀS AMÉRICAS

país ou cidade	adjetivo pátrio
Alasca	alasquense ou alasquiano
Assunção	assuncionenho
Bogotá	bogotano
Boston	bostoniano
Buenos Aires	buenairense, bonaerense ou portenho
Caracas	caraquenho
Caribe	caribenho
Chicago	chicaguense
Costa Rica	costa-riquenho ou costa-riquense
El Salvador	salvadorenho
Equador	equatoriano
Estados Unidos	estadunidense, norte-americano ou ianque
Guatemala	guatemalteco
Guiana	guianense

país ou território	adjetivo pátrio
Havana	havanês
Honduras	hondurenho
La Paz	pacenho
Lima	limenho
Manágua	managuenho ou managuense
Montevidéu	montevideano
Nicarágua	nicaraguense ou nicaraguano
Nova Iorque	nova-iorquino
Panamá	panamenho
Patagônia	patagão
Porto Rico	porto-riquenho
Quito	quitenho
Suriname	surinamês
Tegucigalpa	tegucigalpenho
Terra do Fogo	fueguino
Trinidad e Tobago	trinitário

OUTROS ADJETIVOS PÁTRIOS

país, cidade ou região	adjetivo pátrio
Afeganistão	afegão ou afegane
Andaluzia	andaluz
Argélia	argelino ou argeliano
Armênia	armênio
Azerbaijão	azerbaijano
Bagdá	bagdali

país, cidade ou região	adjetivo pátrio
Bangladesh	bengali
Barcelona	barcelonês ou barcelonense
Baviera	bávaro
Belém (Jordânia)	belemita
Bélgica	belga

país, cidade ou região	adjetivo pátrio
Bielorrússia	bielorrusso
Bilbau	bilbaíno
Bizâncio	bizantino
Bulgária	búlgaro
Cairo	cairota
Camarões	camaronês
Canárias	canarino
Cartago	cartaginês ou púnico
Catalunha	catalão
Ceilão	cingalês
Chipre	cipriota
Congo	congolês
Córsega	corso
Costa do Marfim	marfinense
Croácia	croata
Curdistão	curdo
Damasco	damasceno
Egito	egípcio
Estônia	estoniano
Etiópia	etíope
Florença	florentino
Galiza	galego
Geórgia	georgiano
Hungria	húngaro ou magiar
Índia	indiano ou hindu
Israel	israelense ou israelita
Japão	japonês ou nipônico
Java	javanês ou jau
Jerusalém	hierosolimita ou hierosolimitano

país, cidade ou região	adjetivo pátrio
Letônia	leto ou letão
Lituânia	lituano
Madagáscar	malgaxe
Madri	madrilenho ou madrilense
Málaga	malaguenho
Malásia	malaio
Malta	maltês
Manchúria	manchu
Mântua	mantuano
Meca	mecano
Moldávia	moldávio
Mônaco	monegasco
Mongólia	mongol ou mongólico
Nápoles	napolitano ou partenopeu
Nazaré	nazareno
Nova Zelândia	neozelandês
País de Gales	galês
Parma	parmesão ou parmense
Pequim	pequinês
San Marino	samarinês
Sardenha	sardo
Somália	somali
Tadjiquistão	tadjique
Tirol	tirolês
Trento	tridentino
Túnis	tunisino
Ucrânia	ucraniano
Varsóvia	varsoviano
Zâmbia	zâmbio

Nas tabelas deste capítulo, você encontrará o adjetivo pátrio referente a *Nova Zelândia*.

LAERTE. Piratas do Tietê. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 27 mar. 2002. p. E5.

Adjetivos pátrios compostos

Em muitas situações, é necessário utilizar adjetivos pátrios compostos, como *euro-asiático*, *anglo-americano*, *ítalo-francês*. Nesses casos, o primeiro dos elementos do composto assume uma forma reduzida, de origem geralmente erudita. Note que nem todos os adjetivos pátrios possuem formas reduzidas: as principais se encontram no quadro a seguir.

FORMAS REDUZIDAS DE ADJETIVOS PÁTRIOS

país, região ou continente	adjetivo pátrio	país, região ou continente	adjetivo pátrio
África	afro-	Europa	euro-
Alemanha	germano- ou teuto-	Finlândia	fino-
América	américo-	França	franco-
Ásia	ásio-	Galiza	galaico- ou galego-
Austrália	australo-	Grécia	greco-
Áustria	austro-	Índia	indo-
Bélgica	belgo-	Inglaterra	anglo-
Brasil	brasilo-	Itália	ítalo-
China	sino-	Japão	nipo-
Dinamarca	dano-	Portugal	luso-
Espanha	hispano-		

Atividades

1. Explique a diferença entre os adjetivos pátrios destacados.

a) Ele é **fluminense**, mas não é **carioca**.

b) Nem todo **paulista** é **paulistano**.

c) Eu pensava que ele fosse **belenense**. Na verdade, ele é **belemita**.

d) Não confunda as coisas: ela é **portuense** e não **portenha**.

e) Todo **brasileiro** é **brasiliense**?

2. Substitua os adjetivos pátrios destacados por formas equivalentes.

a) Ela é **norte-rio-grandense**; o marido, **sul-rio-grandense**.

b) Meu filho é **catarinense**; minha filha, **espírito-santense**.

c) Há anos não vejo meu amigo **salvadorense**.

d) A seleção **húngara** encantou o mundo na Copa de 1954.

e) Elogia-se muito a vida noturna **buenairense**.

f) Procura-se imitar o estilo de vida **estadunidense**.

g) A tecnologia **japonesa** invadiu o mundo.

3. Complete as frases a seguir com os adjetivos pátrios correspondentes às expressões entre parênteses.

a) As praias (*) são inesquecíveis. (de *Florianópolis*)

b) O entardecer (*) muitas vezes realça a solidão do poder. (de *Brasília*)

c) O carnaval (*) atrai muitos turistas. (*de Salvador*)

d) O clima (*) é muito apreciado. (*de Petrópolis*)

e) No ano passado, conheci a capital (*); este ano, vou conhecer a capital (*). (*do Piauí/do Maranhão*)

f) Um velho amigo (*) mostrou-me a beleza arquitetônica da cidade. (*de São Luís*)

g) Trouxe algumas peças de cerâmica (*) como lembrança de minhas aventuras (*). (*de Marajó/do Pará*)

h) Para ele, não basta dizer que é (*): é necessário acrescentar que é (*). (*de Goiás/de Goiânia*)

i) Como andam as economias (*) e (*)? (*de Tocantins/de Rondônia*)

j) Qual a população (*)? E a (*)? (*do Acre/de Rio Branco*)

4. Substitua os asteriscos pelos adjetivos pátrios referentes aos locais lusófonos indicados.

a) Tenho um amigo (*) e outro (*). Preciso fazer amigos (*) e (*). (*de Angola/de Moçambique/da Guiné-Bissau/de Cabo Verde*)

b) Em sua viagem a Portugal, você conheceu o litoral (*)? E as praias (*)? (*da Estremadura/do Algarve*)

c) Fui conhecer as belezas (*) e as maravilhas (*). (*de Braga/do Entre Douro e Minho*)

d) Já provaste o azeite (*)? (*da Beira*)

e) As tradições (*) são comparáveis às (*) e às (*). (*do Porto/de Coimbra/de Lisboa*)

f) Seu amigo português é (*)? Eu o supunha (*). (*de Castelo Branco/de Viseu*)

5. Para completar as frases a seguir, empregue os adjetivos pátrios relativos à Américas.

a) Seu sonho (*) converteu-se num pesadelo (*). Ele embarcou no avião errado! (*de Nova Iorque/de Assunção*)

b) A população (*) é pequena. (*da Terra do Fogo*)

c) Parece ter chegado ao fim a guerra civil (*). (*de El Salvador*)

d) O time (*) surpreendeu os times (*) e (*) na Copa de 1990. (*da Costa Rica/da Escócia/da Suécia*)

e) Nosso basquete derrotou novamente o time (*), mas perdeu do time (*). (*de Porto Rico/dos Estados Unidos*)

f) Vou dar um passeio pela América Central: quero conhecer as realidades (*), (*) e (*). (*da Nicarágua/da Guatemala/do Panamá*)

g) A infraestrutura urbana (*) é tão precária quanto a (*). Aliás, o mesmo se pode dizer da (*) e da de muitas capitais de estado (*). (*de La Paz/de Lima/de Quito/do Brasil*)

6. Substitua o adjetivo pátrio pelo nome dos locais a que eles se referem, fazendo as adaptações necessárias.

a) Napoleão era corso.

b) Foi à Itália estudar dialetos sardos; acabou especializando-se em arte florentina.

c) As guerras púnicas ocupam boa parte dos livros de história antiga.

d) Eu sabia que ele era espanhol. Desconhecia se era galego ou andaluz.

e) Ele é israelense? É hierosolimita(no)?

f) Ela é síria? É damascena?

g) As decisões do Conselho tridentino espalharam terror pela Europa.

h) Uma das princesas monegascas costuma envolver-se em escândalos.

i) Ele é letão, lituano ou estoniano?

7. Que adjetivos pátrios compostos você empregaria para designar:

a) um acordo entre Alemanha e Itália?

b) um tratado entre China e Vietnã?

c) uma iniciativa conjunta entre a Finlândia e a Lituânia?

d) uma literatura comum à Galiza e Portugal?

e) uma exposição reunindo artistas da África e da América?

f) um império que abrangesse Áustria e Hungria?

g) uma cultura comum a gregos e romanos?

h) uma empresa formada por investidores da Bélgica e do Brasil?

i) um instituto de pesquisa financiado pelos governos da Inglaterra e da França?

8. Depois de conhecer melhor os adjetivos pátrios, você pode tentar explicar alguns nomes frequentes em nosso dia-a-dia. Por que será, por exemplo, que:

a) um certo tipo de queijo se chama parmesão?

b) um time de futebol se chama Fluminense?

c) um certo tipo de cão se chama pequinês?

d) certo tipo de canção se chama malaguenha?

e) certo tipo de linguiça se chama calabresa?

Em DVD

Divulgação

***Napoleão*. Direção de Abel Gance. França: Silver Screen, 2008. (235 min).**

O principal personagem da História da França tem sua vida narrada desde a infância neste DVD do aclamado diretor Abel Gance, originalmente lançado em 1927. Odiado e admirado por seus inimigos, idolatrado por seus seguidores, Napoleão começa sua carreira militar ao fazer parte da Revolução Francesa. A partir daí, o jovem Bonaparte torna-se um estrategista ímpar, colecionando vitórias por onde passava.

4. Correspondência entre adjetivos e locuções adjetivas

Há muitos adjetivos que mantêm certa correspondência de significado com locuções adjetivas, e vice-versa. É o caso dos exemplos já citados *paterno/de pai* e *bucal/da boca*. A correspondência de significado nesses casos não significa que a substituição da locução pelo adjetivo correspondente seja sempre possível. Tampouco a substituição contrária é sempre admissível. *Colar de marfim*, por exemplo, é uma expressão cotidiana: seria pouco recomendável passar a dizer *colar ebúrneo* ou *ebóreo*, pois esses adjetivos têm uso restrito à linguagem literária. *Contrato leonino* é uma expressão usada na linguagem jurídica: é muito pouco provável que os advogados passem a dizer *contrato de leão*. Em outros casos, a substituição é perfeitamente possível, transformando a equivalência entre adjetivos e locuções adjetivas em mais uma ferramenta para o aprimoramento dos textos, pois oferece possibilidades de variação vocabular. É o que ocorre na sequência de frases a seguir:

A população **das cidades** tem aumentado demasiadamente no Brasil. Isso tem conduzido ao caos **urbano**.

Fornecemos a seguir uma relação de locuções adjetivas e adjetivos correspondentes. Muitos desses adjetivos são de origem erudita, tendo uso restrito à linguagem técnica ou literária. Baseando-se em sua experiência linguística, procure detectar os casos em que o adjetivo e a locução podem ser substituídos um pelo outro sem grandes alterações de sentido.

O Pasquim 21, 1.º abr. 2003. p. 2.

A locução adjetiva *de ponta* (usada na expressão *tecnologia de ponta, que significa "tecnologia avançada"*) não tem nenhum adjetivo equivalente. (O personagem caricaturado é George W. Bush, presidente dos Estados Unidos na época do ataque da coalizão anglo-americana ao Iraque, ocorrido no início de 2003.)

LOCUÇÕES ADJETIVAS E ADJETIVOS CORRESPONDENTES

locução	adjetivo
de abdômen	abdominal
de abelha	apícola
de águia	aquilino
de aluno	discente
de ano	anual
de asno	asinino
da audição	ótico ou auditivo
de bispo	episcopal
de boca	bucal ou oral
de boi	bovino
de cabelo	capilar
de cabra	caprino
do campo	rural, campesino, bucólico
de cão	canino
de cavalo	equino ou equídeo
de chumbo	plúmbeo
de chuva	pluvial
de cidade	citadino ou urbano
de cinza	cinéreo
de coração	cardíaco ou cordial
de crânio	craniano
de criança	pueril ou infantil
de diamante	diamantino ou adamantino
de estômago	estomacal ou gástrico
de estrela	estelar
de face	facial
de fera	ferino
de fígado	figadal ou hepático
de filho	filial
de fogo	ígneo
de frente	frontal
de garganta	gutural
de gato	felino
de gesso	gípseo
de guerra	bélico
de homem	viril ou humano
de idade	etário
de ilha	insular

locução	adjetivo
de intestino	celíaco ou entérico
de inverno	hibernal
de irmão	fraternal ou fraterno
de lado	lateral
de lago	lacustre
de leão	leonino
de lebre	leporino
de leite	lácteo ou láctico
de lobo	lupino
de lua	lunar ou selênico
de macaco	simiesco
de mãe	maternal ou materno
de manhã	matinal
de marfim	ebúrneo ou ebóreo
de mármore	marmóreo
de mestre	magistral
de monge	monacal
de morte	mortal ou letal
de nádegas	glúteo
de nariz	nasal
de neve	níveo ou nival
de noite	noturno
de nuca	occipital
de olho	ocular
de orelha	auricular
de osso	ósseo
de ouro	áureo
de ovelha	ovino
de pai	paternal ou paterno
de paixão	passional
de pedra	pétreo
de pele	epidérmico ou cutâneo
de pescoço	cervical
de porco	suíno ou porcino
de prata	argênteo
de professor	docente
de proteína	proteico
de pulmão	pulmonar
dos quadris	ciático
de rim	renal

locução	adjetivo
de rio	fluvial
de rocha	rupestre
de selva	silvestre
de serpente	ofídico
de sintaxe	sintático
de sonho	onírico
de tarde	vesperal ou vespertino
da terra	terreno, terrestre, telúrico
de tórax	torácico
de touro	taurino

locução	adjetivo
de umbigo	umbilical
de veias	venoso
de velho	senil
de vento	eólio
de verão	estival
de víbora	viperino
de vidro	vítreo
de virgem	virginal
de visão	óptico ou ótico
da voz	vocal

Atividades

1. Explique o sentido dos adjetivos destacados.

a) São rios de regime **nival** e **pluvial**.

b) Há quem acredite que ter um comportamento **viril** equivale a deixar de agir como ser **humano**.

c) Nosso vizinho tem um grave problema **cardíaco**. É uma pena, pois ele é uma pessoa muito **cordial**.

d) O corpo **discente** da escola resolveu apoiar as reivindicações do corpo **docente**.

e) Trouxeram-nos um quilo de mel **silvestre**.

f) Estão querendo dinamitar a gruta em que há inscrições **rupestres**!

g) Seu inimigo **figadal** vive sofrendo de males **hepáticos**.

h) Infelizmente, a criança nasceu com lábios **leporinos**.

i) Percebeu que estava tornando-se **senil** quando as dores **renais**, **cervicais** e **ciáticas** não o abandonaram mais.

j) Não toque nisso! É um veneno **letal**!

k) Foi condenado pelo crime **passional** que cometeu há dois anos.

l) Fale alto: ele tem um sério problema **ótico**.

m) Não adianta gesticular diante dele: ele tem um sério problema **ótico**.

2. Releia as frases *l* e *m* no exercício anterior e proponha formas de substituir os termos destacados por outros que evitem ambiguidades.

3. Complete as frases seguintes com os adjetivos correspondentes às locuções entre parênteses.

a) Todos admiram seu andar (*). Eu tenho medo de sua língua (*). (*de gata/de víbora*)

b) Saiu para sua caminhada (*) e acabou voltando somente na hora da refeição (*). (*da manhã/da tarde*)

c) Houve um significativo crescimento nos rebanhos (*), (*), (*) e (*). (*de bois/de ovelhas/de cabras/de porcos*)

d) Seus problemas (*) e (*) requerem os cuidados de um especialista. (*de estômago/de intestino*)

e) Passou por uma cirurgia (*). (*da boca*)

f) A população (*) apresenta distribuição (*) equilibrada. (*das ilhas/de idade*)

g) Após o acidente, foi levado ao hospital com fortes dores (*) e suspeita de traumatismo (*). (*do tórax/do crânio*)

h) A navegação (*) é muito praticada no Norte do país. (*dos rios*)

i) É um alimento de elevado teor (*). Pena que seja inacessível à população mais pobre! (*de proteínas*)

j) Cobravam de mim um comportamento (*), como se me houvessem tratado com atenções (*) ou (*). (*de filho/de mãe/de pai*)

5. Flexões

Os adjetivos se flexionam em gênero e número e apresentam variações de grau bem mais complexas que as dos substantivos.

Flexão de gênero

O adjetivo concorda em gênero com o substantivo a que se refere:

um comportamento estranho — uma atitude estranha

um jornalista ativo — uma jornalista ativa

Os adjetivos também são classificados em biformes e uniformes.

Adjetivos biformes

Possuem uma forma para o gênero masculino e outra para o gênero feminino. A formação do feminino desses adjetivos costuma variar de acordo com a terminação da forma masculina, de modo semelhante ao que acontece com os substantivos.

a. Os adjetivos terminados em *-o* trocam essa terminação por *-a*:

ativo/ativa — branco/branca — honesto/honesta

Em alguns casos, além da mudança na terminação, há alteração no timbre da vogal tônica, que de fechado passa a aberto:

brioso/briosa — formoso/formosa — grosso/grossa

b. Os adjetivos terminados em *-ês*, *-or* e *-u* geralmente recebem a terminação *-a*:

português/portuguesa — sedutor/sedutora — cru/crua

Atente para as seguintes palavras, que são invariáveis:

hindu — cortês — pedrês — incolor

multicor — bicolor — tricolor

O mesmo ocorre com estas formas comparativas:

maior — melhor — menor — pior

superior — inferior — anterior — posterior

Destaque-se também o par *mau/má*.

c. Os adjetivos terminados em *-ão* trocam essa terminação por *-ã*, *-ona* e, mais raramente, por *-oa*:

são/sã — chorão/chorona — beirão/beiroa

catalão/catalã — comilão/comilona

d. Os adjetivos terminados em *-eu* trocam essa terminação por *-eia*; os terminados em *-éu*, por *-oa*:

plebeu/plebeia — ilhéu/ilhoa

ateu/ateia — tabaréu/tabaroa

Destaquem-se *judeu/judia* e *sandeu/sandia*.

e. Nos adjetivos compostos formados por dois adjetivos, apenas o último elemento sofre flexão; aqueles em que o segundo elemento é um substantivo são invariáveis:

cidadão luso-brasileiro	clínica médico-dentária
cidadã luso-brasileira	tecido amarelo-ouro
casaco verde-escuro	roupa amarelo-ouro
saia verde-escura	papel verde-mar
consultório médico-dentário	tinta verde-mar

Destaquem-se *surdo-mudo*, em que variam os dois elementos, e *azul-marinho*, em que não há variação:

rapaz surdo-mudo	moça surda-muda
termo azul-marinho	calça azul-marinho

Adjetivos uniformes

Editora Abril

Animal, no título deste período, atua como adjetivo modificador de *universo* e é uniforme.

Universo animal. São Paulo: Abril, set. 2004, p. 73.

São os adjetivos que possuem uma única forma para o masculino e o feminino:

pássaro frágil	empresa agrícola
ave frágil	planejamento agrícola
ator ruim	vida exemplar
atriz ruim	comportamento exemplar

São uniformes os adjetivos compostos em que o segundo elemento é um substantivo:

casaco amarelo-limão	carro verde-garrafa
camisa amarelo-limão	bicicleta verde-garrafa

Também são uniformes os compostos *azul-marinho* e *azul-celeste*.

Flexão de número

O adjetivo concorda em número com o substantivo a que se refere:

governante capaz	governantes capazes
salário digno	salários dignos

A formação do plural dos adjetivos simples segue as mesmas regras da formação do plural dos substantivos simples.

Joaquín Salvador Lavado (Quino)/Mafalda

QUINO. *Toda Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p. 120.

A formação do plural dos adjetivos simples segue as mesmas regras da formação do plural dos substantivos simples. *Morais, espirituais, artísticos* e *humanos* se flexionam para concordar com o substantivo *valores*.

Já o plural dos adjetivos compostos segue os mesmos procedimentos da variação de gênero (masculino/feminino) dos adjetivos simples:

a. Nos adjetivos compostos formados por dois adjetivos, apenas o segundo elemento vai para o plural:

tratado luso-brasileiro	intervenção médico-cirúrgica
tratados luso-brasileiros	intervenções médico-cirúrgicas

Destaque-se novamente *surdo-mudo*:

rapaz surdo-mudo	rapazes surdos-mudos

b. Os adjetivos compostos em que o segundo elemento é um substantivo são invariáveis também em número:

recipiente verde-mar	uniforme amarelo-canário
recipientes verde-mar	uniformes amarelo-canário

Também são invariáveis *azul-marinho* e *azul-celeste*:

camisa azul-marinho	camiseta azul-celeste
camisas azul-marinho	camisetas azul-celeste

OBSERVAÇÃO

Os adjetivos que indicam cores e são formados pela expressão *cor de* + substantivo são invariáveis em gênero e número, mesmo quando a expressão *cor de* estiver subentendida:

papel cor-de-rosa	papéis cor-de-rosa
giz [cor de] laranja	gizes [cor de] laranja
carro [cor de] creme	carros [cor de] creme
camisa [cor de] cinza	camisas [cor de] cinza

Flexão de grau

Os adjetivos variam em grau quando se deseja comparar ou intensificar as características que atribuem. Há, portanto, dois graus do adjetivo: o comparativo e o superlativo.

Comparativo

Nesse grau, compara-se a mesma característica atribuída a dois ou mais seres ou duas ou mais características atribuídas a um mesmo ser. O comparativo pode ser de **igualdade**, de **superioridade** ou de **inferioridade**, e é formado por estruturas analíticas de que participam advérbios e conjunções. Observe as frases seguintes:

- comparativo de igualdade

  Ele é **tão exigente quanto** justo.

  Ele é **tão exigente quanto** (ou **como**) seu irmão.

- comparativo de superioridade

  Estamos **mais atentos (do) que** eles.

  Estamos **mais atentos (do) que** ansiosos.

- comparativo de inferioridade

  Somos **menos passivos (do) que** eles.

  Somos **menos passivos (do) que** tolerantes.

Os adjetivos *bom, mau, grande* e *pequeno* têm formas sintéticas para o grau comparativo de superioridade – *melhor, pior, maior* e *menor*, respectivamente:

Essa solução é **melhor (do) que** a outra.

Minha voz é **pior (do) que** a sua.

O descaso pela miséria é **maior (do) que** o senso humanitário.

A preocupação social é **menor (do) que** a ambição individual.

As formas analíticas correspondentes (*mais bom, mais mau, mais grande, mais pequeno*) só devem ser usadas quando se comparam duas características de um mesmo ser:

Ele é **mais bom (do) que** inteligente.

Todo corrupto é **mais mau (do) que** esperto.

Meu salário é **mais pequeno (do) que** justo.

Este país é **mais grande (do) que** equilibrado.

Atente para o fato de que as formas *menor* e *pior* são comparativos de superioridade, pois equivalem a *mais pequeno* e *mais mau*, respectivamente.

Superlativo

Nesse grau, a característica atribuída pelo adjetivo é intensificada de forma relativa ou absoluta.

No grau **superlativo relativo**, essa intensificação é feita em relação a todos os demais seres de um conjunto. O superlativo relativo pode exprimir *superioridade* ou *inferioridade* e é sempre expresso de forma analítica:

- superlativo relativo de superioridade

  Ele é **o mais atento de** todos.

  Ele é **o mais exigente de** todos os irmãos.

- superlativo relativo de inferioridade

  Você é **o menos crítico de** todos.

  Você é **o menos passivo de** todos os amigos.

As formas do superlativo relativo de superioridade dos adjetivos *bom, mau, grande* e *pequeno* também são sintéticas: *o melhor, o pior, o maior* e *o menor*.

No grau **superlativo absoluto**, intensifica-se a característica atribuída pelo adjetivo a um determinado ser, transmitindo ideia de excesso. O superlativo absoluto pode ser **analítico** ou **sintético**:

a. o superlativo absoluto analítico é formado normalmente com a participação de um advérbio:

Você é **muito crítico**.

Ele é **demasiadamente exigente**.

Somos **excessivamente tolerantes**.

b. o superlativo absoluto sintético é expresso com a participação de sufixos. O mais comum deles é *-íssimo*; nos adjetivos terminados em vogal, esta desaparece ao ser acrescentado o sufixo do superlativo:

Trata-se de um artista **originalíssimo**.

Ele é **exigentíssimo**.

Seremos **tolerantíssimos**.

No trecho desse sumário observam-se ocorrências do superlativo relativo de superioridade e de inferioridade. Em todas elas está subentendida a relação com os demais seres de um conjunto: *o menor* submarino *de todos*; *a maior tela de* vídeo de *todas*. Vale lembrar que *maior* e *menor* são formas sintéticas dos adjetivos *grande* e *pequeno*, respectivamente.

Vários adjetivos possuem formas irregulares para exprimir o grau superlativo absoluto sintético. Muitas dessas irregularidades ocorrem porque o adjetivo, ao receber o sufixo, reassume a forma latina. É o caso dos terminados em *-vel*, que assumem a terminação *-bilíssimo* (*volúvel*, *volubilíssimo*; *indelével*, *indelebilíssimo*). Na relação a seguir, você encontrará muitas formas irregulares do superlativo absoluto sintético. Observe que algumas são de uso comum (*facílimo* e *difícilimo*, por exemplo), enquanto outras pertencem à linguagem formal (*acérrimo*, *pulquérrimo*, por exemplo).

TECNOLOGIA

105 O maior satélite de telecomunicações em órbita 54
106 O maior número de perguntas ao vivo 55
107 O menor submarino 55
108 A maior velocidade em terra . .55
109 A menor calculadora 55
110 O avião mais rápido 56
111 O endereço de internet mais caro56
112 A substância sólida menos densa57
113 A maior tela de vídeo 57
114 O maior site de busca na internet 57
115 O vírus de computador mais disseminado 58
116 O trem de passageiros mais veloz 58
117 A menor câmera de segurança .58
118 O maior produtor de spam . .59
119 O menor mouse 59
120 O computador mais poderoso no espaço 59
121 A maior enciclopédia online . .59

O livro dos recordes da Super. São Paulo: Abril, dez. 2004. p. 5. Edição de Colecionador da Superinteressante.

Reprodução/Editora Abril

FORMAS DO SUPERLATIVO ABSOLUTO SINTÉTICO DIGNAS DE NOTA

adjetivo	superlativo absoluto sintético	adjetivo	superlativo absoluto sintético
acre	acérrimo	audaz	audacíssimo
ágil	agílimo ou agilíssimo	benéfico	beneficentíssimo
agradável	agradabilíssimo	benévolo	benevolentíssimo
agudo	acutíssimo ou agudíssimo	bom	boníssimo ou ótimo
alto	altíssimo ou supremo	capaz	capacíssimo
amargo	amaríssimo ou amarguíssimo	célebre	celebérrimo
amável	amabilíssimo	cruel	crudelíssimo
amigo	amicíssimo	difícil	difícilimo
antigo	antiquíssimo	doce	dulcíssimo ou docíssimo
áspero	aspérrimo	eficaz	eficacíssimo
atroz	atrocíssimo	fácil	facílimo

adjetivo	superlativo absoluto sintético
feliz	felicíssimo
feroz	ferocíssimo
fiel	fidelíssimo
frágil	fragílimo ou fragilíssimo
frio	frigidíssimo ou friíssimo
geral	generalíssimo
grande	máximo
humilde	humílimo
incrível	incredibilíssimo
infame	infamérrimo
inimigo	inimicíssimo
jovem	juvenilíssimo
livre	libérrimo
magnífico	magnificentíssimo
magro	macérrimo ou magríssimo
manso	mansuetíssimo
mau	péssimo
miserável	miserabilíssimo
miúdo	minutíssimo
negro	nigérrimo ou negríssimo
nobre	nobilíssimo
notável	notabilíssimo
pequeno	mínimo
perspicaz	perspicacíssimo
pessoal	personalíssimo

adjetivo	superlativo absoluto sintético
pobre	paupérrimo ou pobríssimo
possível	possibilíssimo
pródigo	prodigalíssimo
próspero	prospérrimo
provável	probabilíssimo
público	publicíssimo
pudico	pudicíssimo
pulcro	pulquérrimo
rústico	rusticíssimo
sábio	sapientíssimo
sagrado	sacratíssimo
salubre	salubérrimo
sensível	sensibilíssimo
simpático	simpaticíssimo
simples	simplícimo ou simplicíssimo
soberbo	superbíssimo
tenaz	tenacíssimo
tenro	teneríssimo
terrível	terribilíssimo
veloz	velocíssimo
visível	visibilíssimo
volúvel	volubilíssimo
voraz	voracíssimo
vulnerável	vulnerabilíssimo

Os adjetivos terminados em *-io* não precedido de *e* formam o superlativo absoluto sintético em *-iíssimo*:

sério – seriíssimo
necessário – necessariíssimo
frio – friíssimo

mas

feio – feíssimo
cheio – cheíssimo

Modernamente, também se aceitam (e se registram) as seguintes formas:

seríssimo sumaríssimo primaríssimo

Atividades

1. Complete as frases a seguir com a forma apropriada dos adjetivos colocados entre parênteses.

a) Apesar de ser uma dentista (*), possuía já uma (*) clientela. (*recém-formado/numeroso*)

b) Comprei uma camisa (*) e um chapéu (*) para desfilar no Carnaval. (*amarelo-claro/cor-de-rosa*)

c) Aquela moça é (*). Onde já se viu dar tanto dinheiro por uma motocicleta (*)! (*sandeu/amarelo-limão*)

d) Todas aquelas famílias (*) são de origem (*). (*sulino/europeu*)

e) Sou do tempo em que se usava camisa (*), calça (*) e sapatos (*) como uniforme nos colégios (*). (*branco/azul-marinho/preto/estadual*)

f) A alma daquela criatura é (*). (*azul-celeste*)

g) A atual conjuntura (*) levou aquela tradicional empresa (*) à falência. (*socioeconômico/anglo-saxão*)

h) A pobreza (*) parece não sensibilizar a comunidade (*). (*latino-americano/ítalo-franco-germânico*)

i) Vários jovens (*) ganharam medalhas nas olimpíadas para deficientes físicos. (*surdo-mudo*)

j) Sua presença (*) sequer foi notada pela bela jovem (*) que ele pretendia paquerar. (*incolor/norueguês*)

k) Ele diz que uma ordem (*) o obriga a adotar uma prática tão (*). (*superior/conservador*)

l) A jovem estava perfeitamente (*) quando saiu daqui. (*são*)

2. Complete as lacunas das frases a seguir com a forma apropriada dos adjetivos entre parênteses.

a) Várias clínicas (*) foram fiscalizadas durante a semana. (*médico-cirúrgico*)

b) Ele é um excêntrico. As paredes de sua casa são (*), suas camisas costumam ser (*); além disso, ele costuma exibir uma boina (*). Apelidaram-no "Amarelão". (*amarelo-canário/amarelo-ouro/amarelo-limão*)

c) Os métodos (*) pelos especialistas não têm sido (*). Talvez sejam (*) medidas menos (*) para resolver o problema. (*empregado/eficaz/necessário/tradicional*)

d) Várias entidades (*) de defesa dos direitos (*) protestaram contra as ações (*). (*latino-americano/humano/policial*)

e) Alguns torneios (*) (*) foram (*) devido à falta de empresas (*). (*esportivo/afro-asiático/suspenso/patrocinador*)

f) Mulheres (*) fizeram um protesto contra a discriminação de que são vítimas quando procuram emprego. (*surdo-mudo*)

g) Os documentos do ano passado estão nas pastas (*); os deste ano, nas pastas (*). (*azul-marinho/azul-celeste*)

h) Ela tem cabelos (*) e olhos (*). Não há como confundi-la com outra. (*castanho-escuro/azul-turquesa*)

i) Aquelas cortinas (*) dão um tom trágico ao ambiente. É melhor substituí-las por outras mais (*). (*vermelho-sangue/sóbrio*)

j) Olhos (*) e cabelos (*): é assim que a imagino em meus devaneios. (*verde-esmeralda/castanho-claro*)

k) Suas roupas (*) e seus gestos (*) renderam muitos comentários (*). (*lilás/audaz/venenoso*)

3. Complete as frases de acordo com o modelo:

É um poema belo. Não: é **belíssimo**!

a) A vida é frágil. Não: é (*).

b) Era um homem talentoso. Não: era (*).

c) É um jogador ágil. Não: é (*).

d) Foi um lugar agradável. Não: foi (*).

e) Será uma pessoa amável. Não: será (*).

f) É uma moeda antiga. Não: é (*).

g) É um corredor audaz. Não: é (*).

h) Seria um homem bom. Não: seria (*).

i) É uma solução boa. Não: é (*)

j) É uma criança doce. Não: é (*).

k) Teria sido um animal feroz. Não: teria sido (*).

l) Fora um espírito livre. Não: fora (*).

m) É um sujeito magro. Não: é (*).

n) É um país pobre. Não: é (*).

o) Tinha sido uma pessoa simpática. Não: tinha sido (*).

p) É uma alma volúvel. Não: é (*).

4. Na língua coloquial, utilizamos formas superlativas nem sempre aceitáveis na língua formal. Observe algumas dessas formas coloquiais nas frases a seguir; depois, re-escreva as frases utilizando o superlativo absoluto apropriado à língua formal.

a) É um piloto hiperveloz!

b) Crianças subnutridas têm uma constituição vulnerável, vulnerável.

c) Ela adotou uma posição supercrítica.

d) É superpossível que a gente vá viajar.

e) Tem uma cabeça arquipequena!

f) É um cão supermanso.

g) Ele é arquiamigo de meu irmão.

h) É uma planta fragilzinha.

i) Saiu daqui felizinho da silva!

j) É um cara sabidão!

Textos para análise

1

Trabalhando o texto

Observando as palavras que compõem o anúncio, faça uma consideração sobre a estratégia de convencimento utilizada pelo anunciante.

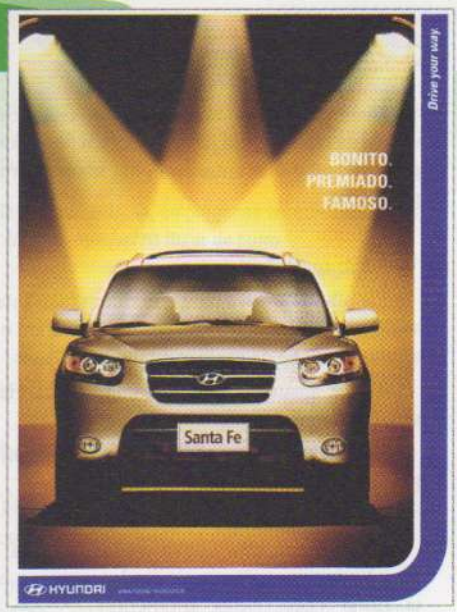

Reprodução/Editora Abril

Veja. São Paulo: Abril, n. 17, 30 abr. 2008. p. 17.

2

"Os cariocas" e "os portenhos"

[...] Expressiva parcela do povo de Salvador sabe que o adjetivo pátrio relativo à capital da Bahia é "soteropolitano", palavra que vem de "Soterópolis", soma de *sotérion* (que significa "salvação") com *polis* ("cidade"). Fora de Salvador, a proporção certamente se inverte, ou seja, pouca gente conhece o termo. O *Aurélio* dá "Soterópolis" como "helenização do nome da cidade de Salvador". "Helenizar" é "adaptar ao caráter grego". Lembre-se de que "helênico" diz respeito à Grécia antiga.

Outro exemplo interessante vem da bela São Luís. O adjetivo pátrio relativo à capital do Maranhão é "ludovicense". O motivo? "Ludovico" e "Luís" são farinha do mesmo saco. Explica o *Dicionário Etimológico de Nomes e Sobrenomes*, de Mansur Guérios, que "Luís" vem do germânico *ludwig* ("guerreiro célebre"). Latinizada, essa forma transformou-se em "Ludovicus". Você acaba de descobrir que o célebre músico Ludwig van Beethoven, entre nós, seria Ludovico ou Luís.

É bom dizer que também existem as formas "salvadorense" (para Salvador) e "são-luisense" (para São Luís). Também é bom dizer que não se deve confundir "salvadorense" com "salvadorenho", que se refere a El Salvador, país da América Central.

E onde entram os cariocas, citados no título do texto?

CIPRO NETO, Pasquale. *Inculta e bela 4*. São Paulo: Publifolha, 2003. p. 64-5.

Trabalhando o texto

1. Responda você à pergunta feita para o leitor: que relação a palavra carioca poderia estabelecer com o que está afirmado anteriormente no texto?
2. Consultando a lista de adjetivos pátrios referentes ao Brasil, que outros adjetivos poderiam ter entrado nessa discussão?
3. Qual a provável razão de existirem as formas "salvadorense" e "são-luisense", além de soteropolitano e ludovicense?
4. Retomando o estudo realizado no capítulo 5, escreva quais são os principais sufixos utilizados na formação dos adjetivos pátrios.

3

Duas pessoas se esbarram com violência no centro da cidade. Sem jeito, o homem pede desculpas e percebe que a mulher olha insistentemente para cima:

[...]

– Viu aquilo?

Ele olhou de novo para cima, com mais interesse do que na primeira vez, mas só percebeu o que atraía a atenção da mulher quando ela disse:

– Que absurdo. Nunca vi coisa igual. Hérnia sem "h"!!!

Então ele fixou os olhos na placa da loja, bem no meio dela, e exclamou também:

– Que absurdo. Hérnia sem "h"!!!

Só aí notou que estava diante de uma mulher linda, uma das mais lindas que já tinha visto. Nesse momento, lembrando-se do encontro que tinha, chegou a dar dois passos para o lado, aflito para sair logo dali, mas parou, enfeitiçado, quando ela convidou:

– Quer ver outro absurdo?

Ele disse que queria ver, sim, e deixou-se levar por ela até uma esquina onde uma tabuleta, na calçada, trazia o cardápio de um restaurante vegetariano. Ali, ela pôs o dedo em cima de uma palavra e exclamou, com indignação:

– Chuchu com "x"! Não é uma loucura? Quem escreveu isto fugiu da escola...

Depois, moveu o dedo até outra palavra, um pouco acima, e acusou:

– Não é um crime isto? Berinjela com "g"!

Ele, apesar de não ser muito versado em jotas e gês, concordou. Era um crime. A mulher falava com tanta firmeza que só podia ser professora de português. Ela confirmou que era, quando ele perguntou. E disse ter apontado os erros da tabuleta ao dono do restaurante, que já havia prometido sua substituição.

Ela garantiu que, apesar dos erros da tabuleta, a comida lá era muito boa, ideal para quem queria manter-se saudável e em forma, e ele resolveu almoçar ali com ela, depois de telefonar para adiar o encontro de negócios. Já gozando as primeiras delícias da paixão, sentiu-se infeliz quando ela, ao saber que seu nome era Sárvio, franziu o rosto.

– Foi um erro de registro – ele explicou. – Era para ser Sálvio.

Ele não pôde franzir o rosto quando ela disse o nome. Que defeito podia haver em Ana Lúcia?

Enquanto comia sem vontade aqueles vegetais que ela devorava como se fosse uma coelhinha, recebeu outro golpe.

– Você sempre foi assim? – ela quis saber.

– Assim como?

– Assim gordinho.

– N... não. Eu engordei um pouco nos últimos dois anos. Antes, as pessoas me consideravam magérrimo.

– Magérrimo? Ah, eu não acredito.

– Não acredita por quê? Eu tenho fotos desse tempo.

– Você não entendeu. Você podia até ter cinquenta quilos, dois anos atrás. Mas magérrimo você não era.

Enquanto Sárvio se perguntava se, mesmo com toda aquela beleza, a mulher tinha o direito de duvidar assim de sua palavra, Ana Lúcia continuou:

– Magérrimo ninguém pode ser.

– Como assim? Do que você está falando?

– Estou falando da gramática. Pelas normas gramaticais, um homem pode ser (*) ou (*). Magérrimo, não. Magérrimo é uma forma condenada pela maioria dos filólogos.

– Fi... Filólogos?

Tentando lembrar o que era mesmo um filólogo, Sárvio, mais do que nunca, se sentiu burro, muito burro, burríssimo.

[...]

DREWNICK, Raul. A professora. In: CAMPOS, Carmen Lucia da Silva; SILVA, Nilson Joaquim da (Orgs.). *Lições de gramática para quem gosta de literatura*. São Paulo: Panda Books, 2007. p. 58-61.

Trabalhando o texto

1. Complete as duas lacunas do texto com as formas adequadas do adjetivo *magro*.

2. No trecho "Só aí notou que estava diante de uma mulher linda, uma das mais lindas que já tinha visto.", em que grau encontra-se o adjetivo? Assim flexionado, que efeito causa?

3. Existe uma gradação na frase "Sárvio, mais do que nunca, se sentiu burro, muito burro, burríssimo.". O que a provoca?

4. Re-escreva a frase, empregando os adjetivos *sábio*, *célebre* e *sensível* no lugar de burro.

4

Mundo novo, vida nova

Buscar um mundo novo, vida nova
E ver, se dessa vez, faço um final feliz
Deixar de lado
Aquelas velhas histórias
O verso usado
O canto antigo
Vou dizer adeus
Fazer de tudo e todos bela lembrança
Deixar de ser só esperança
E por minhas mãos, lutando, me superar
Vou traçar no tempo meu próprio caminho
E assim abrir meu peito ao vento
Me libertar
De ser somente aquilo que se espera
Em forma, jeito, luz e cor
E vou
Vou pegar um mundo novo, vida nova
Vou pegar um mundo novo, vida nova

Luiz Gonzaga Júnior. Disponível em: <www.gonzaguinha.com.br>. Acesso em: 20 jun. 2008.

Trabalhando o texto

1. Utilize o título da canção para explicar como se relacionam adjetivos e substantivos.

2. *Final* e *feliz* são duas palavras que costumam andar juntas. Classifique-as morfologicamente. A seguir, utilize a palavra *final* numa frase em que tenha classificação morfológica diferente da que tem no texto.

3. Observe as expressões *velhas histórias* e *canto antigo*. Se mudarmos a posição das palavras ("histórias velhas" e "antigo canto"), ocorrerão também mudanças de significado? Comente.

4. Abrir o peito ao vento, libertar-se, encontrar um mundo novo, uma vida nova: essas propostas lhe parecem interessantes? O que você pensa sobre elas?

Em CD

Divulgação

Gonzaguinha. *Eu acredito é na rapaziada* (CD). EMI, 2007.

Gonzaguinha, filho do também músico Luiz Gonzaga, foi um cantor engajado em seu tempo, crítico mordaz da ditadura militar que marcou a história brasileira nos anos 1970. Também compôs músicas líricas, obras que ainda hoje fazem parte do cancioneiro popular, como "Começaria tudo outra vez" e sambas-enredo, como "O que é o que é".

Questões de exames e concursos

1. (ITA-SP) Durante a Copa do Mundo deste ano, foi veiculada, em programa esportivo de uma emissora de TV, a notícia de que um apostador inglês acertou o resultado de uma partida, porque seguiu os prognósticos de seu burro de estimação. Um dos comentaristas fez, então, a seguinte observação:

"Já vi muito comentarista burro, mas burro comentarista é a primeira vez".

Percebe-se que a classe gramatical das palavras se altera em função da ordem que elas assumem na expressão.

Assinale a alternativa em que isso **NÃO** ocorre:

a) obra grandiosa
b) jovem estudante
c) brasileiro trabalhador
d) velho chinês
e) fanático religioso

2. (FGV-SP) Aponte a alternativa em que corretamente se faz a concordância dos termos destacados.

a) disputas **sino-soviética**, informações **econômico-financeiras**, camisas **azul-piscinas**, camisas **pastéis**
b) disputas **sino-soviéticas**, informações **econômicas-financeiras**, camisas **azuis-piscinas**, camisas **pastéis**
c) disputas **sinas-soviéticas**, informações **econômicas-financeiras**, camisas **azul-piscina**, camisas **pastéis**
d) disputas **sino-soviéticas**, informações **econômicas-financeiras**, camisas **azul-piscinas**, camisas **pastéis**
e) disputas **sino-soviéticas**, informações **econômico-financeiras**, camisas **azul-piscina**, camisas **pastel**

3. (FGV-SP) Aponte a alternativa que traga os superlativos absolutos sintéticos de acordo com a norma culta.

a) celebérrimo, crudelésimo, dulcíssimo, nígérrimo, nobilíssimo
b) celebésimo, crudelíssimo, dulcíssimo, nigérrimo, nobérrimo
c) celebérrimo, crudelíssimo, dulcíssimo, nigérrimo, nobilíssimo
d) celebríssimo, cruelérrimo, dulcésimo, negérrimo, nobérrimo
e) celebríssimo, crudelérrimo, dulcíssimo, negérrimo, nobérrimo

4. (Fuvest-SP) "(...) No fundo o imponente castelo. No primeiro plano a íngreme ladeira que conduz ao castelo. Descendo a ladeira numa disparada louca o fogoso ginete. Montado no ginete o apaixonado caçula do castelão inimigo de capacete prateado com plumas brancas. E atravessada no ginete a formosa donzela desmaiada entregando ao vento os cabelos cor de carambola."

(A. de Alcântara Machado, *Carmela*.)

"(...) famos, se não me engano, pela rua das Mangueiras, quando voltando-nos, vimos um carro elegante que levavam a trote largo dois fogosos cavalos. Uma encantadora menina, sentada ao lado de uma senhora idosa, se recostava preguiçosamente sobre o macio estofo e deixava pender pela cobertura derreada do carro a mão pequena que brincava com um leque de penas escarlates."

(José de Alencar, *Lucíola*.)

Nesses excertos, observa-se que a maioria dos substantivos são modificados por adjetivos ou expressões equivalentes.

Comparando os dois textos:

a) aponte em cada um deles o efeito produzido por tal recurso linguístico;
b) justifique sua resposta.

5. (Febasp) "Os homens são **os melhores fregueses**" – *os melhores* encontra-se no grau:

a) comparativo de superioridade.
b) superlativo relativo de superioridade.
c) superlativo absoluto sintético.
d) superlativo absoluto analítico de superioridade.

6. (PUC-RJ)

Descobrimento

(Mário de Andrade)

Abancado à escrivaninha em São Paulo
Na minha casa da rua Lopes Chaves
De sopetão senti um friúme por dentro.
Fiquei trêmulo, muito comovido
Com o livro palerma olhando pra mim.
Não vê que me lembrei lá no norte, meu Deus!
[muito longe de mim,
Na escuridão ativa da noite que caiu,
Um homem pálido, magro de cabelo escorrendo nos olhos
Depois de fazer uma pele com a borracha do dia,
Faz pouco se deitou, está dormindo.
Esse homem é brasileiro que nem eu...

ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*. Belo Horizonte: Villa Rica, 1993. p. 203.

No poema **Descobrimento**, certos substantivos encontram-se qualificados por adjetivos inusitados. Retire do texto UMA dessas combinações incomuns, explicando por que tem um efeito especial.

7. (Unimep-SP) Em algumas gramáticas, o adjetivo vem definido como sendo "a palavra que modifica o substantivo". Assinale a alternativa em que o adjetivo destacado contraria a definição.

a) Li um livro **lindo**.
b) Beber água é **saudável**.
c) Cerveja **gelada** faz mal.
d) Gente **fina** é outra coisa!
e) Ele parece uma pessoa **simpática**.

8. (Fatec-SP) Indique a alternativa em que não é atribuída a ideia de superlativo ao adjetivo.

a) É uma ideia agradabilíssima.
b) Era um rapaz alto, alto, alto.
c) Saí de lá hipersatisfeito.
d) Almocei tremendamente bem.
e) É uma moça assustadoramente alta.

9. (FEI-SP) Siga o modelo:

modificação **da paisagem**: modificação **paisagística**

a) água **da chuva**
b) exageros **da paixão**
c) atitudes **de criança**
d) soro **contra veneno de serpente**

10. (EEM-SP) Dê o superlativo absoluto sintético de:

a) feliz; b) livre.

11. (EEM-SP) Faça conforme o modelo:

alma **de fora**: alma **exterior**

a) imagem **do espelho** c) imposição **da lei**
b) parede **de vidro** d) comprimento **da linha**

12. (EPM-SP) Dê os adjetivos equivalentes às expressões em destaque.

a) programa **da tarde**
b) ciclo **da vida**
c) representante **dos alunos**

13. (EEM-SP) Passe para o plural.

a) borboleta azul-clara;
b) borboleta cor-de-laranja.

14. (ITA-SP) Dadas as afirmações de que os adjetivos correspondentes aos substantivos:

1. enxofre 2. chumbo 3. prata

são, respectivamente,

1. sulfúreo 2. plúmbeo 3. argênteo

verificamos que está (estão) correta(s):

a) apenas a afirmação 1
b) apenas a afirmação 2
c) apenas a afirmação 3
d) apenas as afirmações 1 e 2
e) todas as afirmações

15. (UnB-DF) Relacione a primeira coluna à segunda.

(1) água	( ) pluvial
(2) chuva	( ) ebúrneo
(3) gato	( ) felino
(4) marfim	( ) aquilino
(5) prata	( ) argênteo
(6) rio	
(7) não consta da lista	

A sequência correta é:

a) 7, 7, 3, 1, 7. c) 2, 4, 3, 7, 5.
b) 6, 3, 7, 1, 4. d) 2, 4, 7, 1, 7.

16. (ITA-SP) Os superlativos absolutos sintéticos de *comum, soberbo, fiel, miúdo* são, respectivamente:

a) comuníssimo, super, fielíssimo, minúsculo
b) comuníssimo, sobérrimo, fidelíssimo, minúsculo
c) comuníssimo, superbíssimo, fidelíssimo, minutíssimo
d) comunérrimo, sobérrimo, fidelíssimo, miudérrimo
e) comunérrimo, sobérrimo, fielíssimo, minutíssimo

17. (ITA-SP) Os adjetivos *lígneo, gípseo, níveo, braquial* significam, respectivamente:

a) lenhoso, feito de gesso, alvo, relativo ao braço
b) lenhoso, feito de gesso, nivelado, relativo ao crânio
c) lenhoso, rotativo, abalizado, relativo ao crânio
d) associado, rotativo, nivelado, relativo ao braço
e) associado, feito de gesso, abalizado, relativo ao crânio

18. (UPM-SP) Aponte a alternativa incorreta quanto à correspondência entre a locução e o adjetivo.

a) glacial (de gelo); ósseo (de osso)
b) fraternal (de irmão); argênteo (de prata)
c) farináceo (de farinha); pétreo (de pedra)
d) viperino (de vespa); ocular (de olho)
e) ebúrneo (de marfim); insípida (sem sabor)

19. (ITA-SP) O plural de *terno azul-claro, terno verde-mar* é, respectivamente:

a) ternos azuis-claros, ternos verdes-mares.
b) ternos azuis-claros, ternos verde-mares.
c) ternos azul-claro, ternos verde-mar.
d) ternos azul-claros, ternos verde-mar.
e) ternos azuis-claro, ternos verde-mar.

20. (UFJF-MG) Marque:

a) se I e II forem verdadeiras.
b) se I e III forem verdadeiras.
c) se II e III forem verdadeiras.
d) se todas forem verdadeiras.
e) se todas forem falsas.

"... eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor..."

I. No primeiro caso, *autor* é substantivo; *defunto* é adjetivo.
II. No segundo caso, *defunto* é substantivo; *autor* é adjetivo.
III. Em ambos os casos, tem-se um substantivo composto.

21. (Cesgranrio-RJ) Assinale a alternativa em que o termo *cego(s)* é um adjetivo.

a) "Os cegos, habitantes de um mundo esquemático, sabem aonde ir..."
b) "O cego de Ipanema representava naquele momento todas as alegorias da noite escura da alma..."
c) "Todos os cálculos do cego se desfaziam na turbulência do álcool."
d) "Naquele instante era só um pobre cego."
e) "... da Terra que é um globo cego girando no caos."

22. (UFSC) Observe as proposições abaixo:

01. Poucos autores escrevem poemas herói-cômicos.
02. Os cabelos castanhos-escuros emolduravam-lhe o semblante juvenil.
04. Vestidos vermelhos e amarelo-laranja foram os mais vendidos na exposição.
08. As crianças surdo-mudas foram encaminhadas à clínica para tratamento.
16. Discutiu-se muito a respeito de ciências político-sociais na última assembleia dos professores.
32. As sociedades luso-brasileira adquiriram novos livros de autores portugueses.

Marque as frases corretas e some os valores que lhes são atribuídos.

23. (Unimep-SP) O adjetivo está mal flexionado em grau em:

a) livre: libérrimo
b) magro: macérrimo
c) doce: docílimo
d) triste: tristíssimo
e) fácil: facílimo

24. (Cefet-PR) Siga o exemplo:

Não chame a torre de alta, mas de altíssima.
Não considero sua atitude nobre, mas (*).

25. (MPE-PR/UFPA) Há situações em que o adjetivo muda de sentido, caso seja colocado antes ou depois do substantivo. Observe:

Lá se vão os pobres meninos
Pelas ruas da cidade.
Meninos pobres,
pelas ruas da cidade rica.

Qual é o significado da primeira e da segunda ocorrência da palavra pobres no trecho acima?

a) humildes/modestos
b) mendigos/sem recursos
c) dignos de pena/improdutivos
d) dignos de compaixão/desprovidos de recursos
e) ingênuos/sem posses

26. (UPM-SP) Assinale a alternativa em que ambos os adjetivos não se flexionam em gênero.

a) elemento motor, tratamento médico-dentário
b) esforço vão, passeio matinal
c) juiz arrogante, sentimento fraterno
d) cientista hindu, homem célebre
e) costume andaluz, manual lúdico-instrutivo

27. (UFF-RJ) Das frases abaixo, apenas uma apresenta adjetivo no comparativo de superioridade. Assinale-a.

a) A palmeira é a mais alta árvore deste lugar.
b) Guardei as melhores recordações daquele dia.
c) A Lua é menor do que a Terra.
d) Ele é o maior aluno de sua turma.
e) O mais alegre dentre os colegas era Ricardo.

28. (UFU-MG) O autor de D. Casmurro afirma que "José Dias amava os superlativos. Era um modo de dar feição monumental às ideias". Dentre os vários superlativos empregados por José Dias, assinale a única alternativa em que ocorre um emprego não previsto pela gramática normativa.

a) "Se soubesse, não teria falado, mas falei pela veneração, pela estima, pelo afeto, para cumprir um dever amargo, *amaríssimo*..."
b) "Que ideia é essa? O estado dela é *gravíssimo*, mas não é mal de morte, e Deus pode tudo."
c) "Sua mãe é uma santa, seu tio é um cavalheiro *perfeitíssimo*."
d) "... porque ela é um anjo, *anjíssimo*..."
e) "Oh! As leis são *belíssimas*."

29. (UFU-MG) Relativamente à concordância dos adjetivos compostos indicativos de cor, uma, dentre as seguintes alternativas, está errada. Qual?

a) saia amarelo-ouro
b) papel amarelo-ouro
c) caixa vermelho-sangue
d) caixa vermelha-sangue
e) caixas vermelho-sangue

Capítulo 12

Estudo dos advérbios

Quino/Joaquín Salvador Lavado

QUINO. *Mafalda 6*. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 76.

Na fala do pai de Mafalda, o advérbio *aí* indica o lugar onde ela está. Na irônica resposta da garota, a referência a esse mesmo lugar é feita por uma locução adverbial: *na frente da televisão*. Ou seja, o lugar onde apenas se pode pensar se o tal aparelho doméstico estiver desligado...

1. Introdução

Na palavra *advérbio*, assim como na palavra *adjetivo*, existe o prefixo latino *ad*, que indica ideia de "proximidade", "contiguidade". Portanto o nome praticamente já diz o que é o advérbio: é palavra capaz de caracterizar o processo verbal, indicando circunstâncias em que esse processo se desenvolve. É o caso, por exemplo, da palavra *humildemente*, que, no "Poema só para Jaime Ovalle", de Manuel Bandeira, caracteriza o processo expresso pela forma verbal *pensando*:

"E fiquei pensando, humildemente pensando na vida e nas mulheres que amei".

O papel básico dos advérbios é, por isso, relacionar-se com os verbos da língua, caracterizando os processos expressos por eles. Essa caracterização pode ter finalidade descritiva, procurando representar objetivamente os dados da realidade. Quando se diz, por exemplo, que todos estavam "dormindo profundamente", descreve-se a maneira intensa como todos dormiam.

A caracterização adverbial pode, no entanto, indicar a subjetividade de quem analisa um evento: o advérbio deixa de ter papel descritivo e passa a traduzir sentimentos e julgamentos de valor de quem escreve ou fala. É o que se verifica, por exemplo, no poema "Madrugada", de Ferreira Gullar:

Do fundo de meu quarto, do fundo
de meu corpo
clandestino
ouço (não vejo) ouço
crescer no osso e no músculo da noite
a noite

A noite ocidental obscenamente acesa
sobre meu país dividido em classes

O advérbio *obscenamente* é um ótimo exemplo desse outro valor dos advérbios. Modificando o adjetivo *acesa*, ele transmite um forte juízo de valor.

Em livro

Gullar, Ferreira. *Muitas vozes*. São Paulo: José Olympio Editora, 2000.

Este livro é considerado pela crítica especializada a obra de maturidade de Ferreira Gullar. O autor de *A luta corporal* e *Poema sujo*, obras-primas da poesia brasileira, reuniu aqui 54 poemas que abordam temas diversos, como infância, sexo, vida e morte. O título do livro é sugestivo: as "muitas vozes" a que se refere Gullar são as vozes que influenciaram sua formação poética, vozes que aparecem na construção de cada poema, vozes do concretismo, do poema-espacial, do aforismo, do cordel...

2. Conceito

Advérbio é a palavra que caracteriza o processo verbal, exprimindo circunstâncias em que esse processo se desenvolve. Observe:

"**Hoje não** ouço **mais** as vozes daquele tempo." (circunstâncias de tempo, negação e tempo, respectivamente)

"Todos os maridos funcionam **regularmente**." (circunstância de modo)

Diferentemente do que seu nome indica, o advérbio não é modificador exclusivo do verbo. Os advérbios de intensidade e os de modo podem modificar também adjetivos e advérbios:

Esse é o procedimento **menos** adequado para quem se diz **politicamente** correto.
(o advérbio *menos* modifica o adjetivo *adequado*; o advérbio *politicamente* modifica o adjetivo *correto*)

Ela procedeu muito **mal**.
(o advérbio *muito* modifica o advérbio *mal*)

Na tirinha, o advérbio *bem* modifica o adjetivo *econômico*. A ênfase na intensidade, naturalmente dada pelo advérbio, é acentuada pelo falante ao prolongar a emissão da palavra. Graficamente, a ênfase é representada pela repetição do *e* e pelo destaque dado à palavra.

LAERTE. *Classificados: livro 3*. São Paulo: Devir, 2004. p. 10.

Em alguns casos, os advérbios podem se referir a uma oração inteira; nessa situação, normalmente transmitem a avaliação de quem fala ou escreve sobre o conteúdo da oração:

Infelizmente, o Congresso não aprovou o projeto.

Lamentavelmente, ele não estará conosco na próxima semana.

As **locuções adverbiais** são conjuntos de duas ou mais palavras que têm valor de advérbio. Geralmente, são formadas por preposição e substantivo ou por preposição e advérbio:

Moravam **lá**.	Acordei **cedo**.	Fiquem **aqui**.
Moravam **ao lado da estação**.	Acordei **no meio da noite**.	Fiquem **por perto**.

3. Classificação

Os advérbios e locuções adverbiais são classificados de acordo com as circunstâncias que expressam. Na relação a seguir, você encontrará as principais circunstâncias adverbiais e alguns advérbios e locuções que podem exprimi-las.

Fernando Gonsales

GONSALES, Fernando. *Niquel Náusea: tédio no chiqueiro*. São Paulo: Devir, 2006. p. 8.

Há três ocorrências de advérbios nessa tirinha: *no fundo do prato* é locução adverbial de lugar e modifica o verbo *estar* ("está *no fundo do prato*"); *não* é advérbio de negação e modifica o verbo *tomar* ("se você *não* tomar a sopa"); *rápido*, originalmente um adjetivo, neste caso modifica um verbo (*tomar*), funcionando, assim, como advérbio de modo ("se você não tomar... *rápido*").

a. lugar

aqui	aí	ali	cá	lá	acolá
além	longe	perto	dentro	adiante	defronte
onde	acima	abaixo	atrás	em cima	de cima
à direita	à esquerda	ao lado	de fora	por fora	
alhures (= em outro lugar)		nenhures (= em nenhum lugar)		algures (= em algum lugar)	

b. tempo

hoje	ontem	anteontem	amanhã	atualmente	brevemente
sempre	nunca	jamais	cedo	tarde	antes
depois	logo	já	agora	ora	então
outrora	aí	quando	à noite	à tarde	de manhã
de vez em quando	às vezes	de repente	hoje em dia		

c. modo

bem	mal	assim	depressa	devagar	frente a frente
às claras	às pressas	à vontade	à toa	de cor	face a face
de mansinho	de cócoras	em silêncio	com rancor	sem medo	
rapidamente	lentamente	facilmente (e a maioria dos vocábulos terminados em *-mente*)			

d. afirmação

sim	decerto	certamente	efetivamente	seguramente
realmente	sem dúvida	por certo	com certeza	

e. negação

não	absolutamente	tampouco	de modo algum	de jeito nenhum

f. intensidade

muito	pouco	mais	menos	ainda	tão
bastante	assaz	demais	bem	tanto	de pouco
deveras	quanto	quase	apenas	mal	de todo

g. dúvida

talvez	porventura	acaso	quiçá	
possivelmente		provavelmente		eventualmente

Você notou que as circunstâncias citadas acima podem ser expressas por um simples advérbio ou por uma locução adverbial. Há outras circunstâncias que só podem ser expressas por locuções, como a de causa e a de finalidade. Observe:

Muitas crianças estão morrendo **de fome / devido à desnutrição / por razões ignóbeis.**
(circunstância de causa)

Preparou-se **para o exame / para aquela oportunidade.**
(circunstância de finalidade)

Alguns gramáticos citam outras circunstâncias adverbiais. Muitas delas parecem subdivisões das apontadas acima, como a de frequência (subdivisão da circunstância de tempo).

Advérbios interrogativos

Os advérbios interrogativos são empregados em orações interrogativas diretas ou indiretas. Esses advérbios podem exprimir lugar, tempo, modo ou causa:

Onde foram parar os livros?
Quero saber **onde** foram parar os livros.

Quando será a reunião?
Quero saber **quando** será a reunião.

Como proceder num momento tão importante?
Quero saber **como** proceder num momento tão importante.

Por que você aceita tudo passivamente?
Quero saber **por que** você aceita tudo passivamente.

Você vai estudar mais detalhadamente as circunstâncias adverbiais nos capítulos relativos à sintaxe (adjuntos adverbiais e orações subordinadas adverbiais).

4. Flexão

Geralmente, os advérbios são considerados palavras invariáveis, por não apresentarem flexão de gênero e número. No entanto alguns deles – principalmente os de modo – apresentam variações de grau semelhantes às dos adjetivos.

Grau comparativo

Como ocorre com os adjetivos, o grau comparativo pode ser de igualdade, de superioridade e de inferioridade:

Ele agia **tão friamente quanto** (ou **como**) o comparsa.

Ele agia **mais friamente** (**do**) **que** o comparsa.

Ele agia **menos friamente** (**do**) **que** o comparsa.

Para os advérbios *bem* e *mal*, as formas de comparativo são sintéticas (*melhor* e *pior*):

Ele agia **melhor/pior** (**do**) **que** o comparsa.

Cuidado: diante de particípios que atuam como adjetivos, são empregadas as formas analíticas *mais bem* e *mais mal*:

Ele é o **mais bem** informado dos jornalistas.
(e não o *melhor* informado)

Este edifício é o **mais mal** construído de todos.
(e não o *pior* construído)

Grau superlativo

O superlativo dos advérbios é absoluto e pode ser formado de dois modos:

a. analítico – o superlativo é obtido por meio do uso de um advérbio de intensidade:

Ele procedeu **muito calmamente**.

Investigaram **desleixadamente demais** as causas do acidente.

Certamente estão **muito perto** da cidade procurada.

b. sintético – o superlativo é obtido por meio do uso do sufixo *-íssimo*:

Ela crê **muitíssimo** em suas convicções.

As transformações sociais estão ocorrendo **lentissimamente**.

Acordo **cedíssimo** todos os dias.

Na linguagem coloquial e familiar, é comum o emprego do sufixo diminutivo para dar aos advérbios o valor superlativo:

Amanhã vamos acordar **cedinho**.

Ela faz tudo **devagarinho**.

Atividades

1. Aponte os advérbios e locuções adverbiais presentes nos trechos a seguir e classifique-os.

a) "No dia seguinte almoçamos num restaurante e tomamos três garrafas de tinto; depois, num bar fiquei a alisar ternamente a sua mão fina, de veias azuis." (Rubem Braga)

b) "Talvez um ruído de elevador, uma campainha tocando no interior de outro apartamento, o fragor de um bonde lá fora, sons de um rádio distante, vagas vozes – e, me lembro, havia um feixe de luz oblíquo dando no chão e na parte de baixo de uma porta, recordo vagamente a cor rósea da parede." (Rubem Braga)

c) "Se é difícil arrancar um *não* do brasileiro em geral, mais difícil ainda é arrancar um *sim* do mineiro em particular." (Fernando Sabino)

d) "Naquela solene ocasião, diante das figuras ilustres a olhar boquiabertas as dimensões ciclópicas do monumento, sobreveio a catástrofe providencial: a imensa massa de argila, amolecida pelos sucessivos baldes d'água que o escultor, temeroso de seu endurecimento, despejava sobre o trabalho, começou a desfazer-se feito melado, e de súbito desmoronou fragorosamente." (Fernando Sabino)

e) "Aos três meses de vida, passa muito bem o primeiro macaco-aranha nascido em cativeiro, proeza realizada no Centro de Primatologia, no Rio de Janeiro, único lugar do mundo onde essa espécie pode ser legalmente criada." (*Superinteressante*, mar. 1992.)

f) "O mestre-cervejeiro não é um profissional comum: em qualquer fábrica de bebida, pequena ou grande, ele é, desde os tempos da Idade Média, o guardião da receita da cerveja daquela marca e o responsável pela qualidade da bebida produzida ali." (*Globo Ciência*, abr. 1992.)

2. Troque as locuções adverbiais destacadas nas frases a seguir por advérbios terminados em *-mente*.

a) Recebeu-nos **com afeto**.

b) Agiu **com pudor**.

c) Sempre canta **com prazer**.

d) **Sem dúvida**, não há mais nada a fazer.

e) Ofendeu a todos **sem distinção**.

f) A política econômica atinge **sem piedade** os mais pobres.

g) Resolvi o problema **aos poucos**.

h) Estava lá **por acaso**.

i) Apresente a proposta **com nitidez**.

j) Entendem-se **sem palavras**.

3. Troque os advérbios terminados em *-mente* destacados nas frases seguintes por locuções adverbiais.

a) Conduzia a bola **habilmente**.

b) Os alunos receberam o professor **ruidosamente**.

c) Ele sofreu as consequências do que fez **impensadamente**.

d) Agiu **friamente**.

e) **Delicadamente**, beijei-lhe a mão.

f) **Repentinamente**, nuvens negras cobriram o céu.

g) Ofendia **despudoradamente** a quem o contradissesse.

h) **Frequentemente** se veem cobras nestas matas.

i) Desejava-a **intensamente**.

j) Não imaginava ter agido **ingenuamente**.

4. Substitua as expressões destacadas nas frases a seguir por advérbios.

a) **Por qual motivo** você não visita seu pai?

b) Não pensei isso **em nenhum instante**.

c) **Em que tempo** os homens serão melhores com os outros homens?

d) **Naquele lugar** existe vegetação nativa.

e) **Neste lugar** existe muita poluição visual.

f) O teatro fica **a grande distância**; o cinema, **a pequena distância**.

g) Saia **neste exato instante**!

h) Ela já me viu **em algum lugar**.

i) Ponha esse livro **em outro lugar**.

5. A palavra destacada tem valor diferente em cada uma das frases dos pares a seguir. Classifique-a.

a) Faça isso **direito**!
Entrou pelo lado **direito**.

b) Pagou **caro** o carro em que desfila pela cidade.
É um carro **caro**.

c) **Breve** nos veremos.
O discurso do presidente foi **breve**.

d) Fale **baixo**!
O salário médio no Brasil é **baixo**.

6. Classifique as palavras destacadas nas frases seguintes.

a) Ela está **meio** nervosa.

b) Passou **meio** dia na fila do banco.

c) Vai demorar a chegar, porque anda **meio** devagar.

e) Vendeu **caro** o que havia comprado **barato**. É um especulador!

f) Comprei um carro **barato** pelo preço de um **caro**.

g) Você é o **melhor** aluno da classe, mas seu irmão é o **pior**.

h) Escrevo **melhor** do que falo.

7. Quando se colocam diversos advérbios terminados em *-mente* um após o outro, recomenda-se que essa terminação seja usada apenas no último deles:

O novo tributo prejudicaria ampla e injustamente as pessoas de menor renda.

Pensando nisso, comente o emprego desse tipo de advérbios na seguinte frase do escritor português Fernando Namora:

"De repente, pus-me de pé e aproximei-me lentamente, ritmadamente, voluptuosamente, da janela." (Fernando Namora, apud CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley.)

Em *site*

<www.tvcultura.com.br/aloescola/literatura/cronicas/rubembraga.htm.com.br>. Acesso em: 4 abr. 2008.

A crônica é um gênero literário que resulta da soma de jornalismo com literatura. O cronista é aquele escritor que ultrapassa o mero registro cotidiano dos fatos, uma vez que ele transforma esse registro em poesia. E é essa transformação que eleva uma simples notícia ou reportagem à categoria de literatura. A Literatura Brasileira está repleta de excelentes cronistas, como Rubem Braga, um dos maiores. O *site* indicado apresenta uma galeria de cronistas importantes e ensina você a fazer uma crônica com muito estilo!

Textos para análise

1

A pobre língua, deformada por novas manias

Então... Quantas vezes hoje você já começou uma frase com "Então..."? (E com uma misteriosa pausa logo depois de dizer "então..." – donde as reticências.) Em todas essas ocasiões, esse "então..." não significou absolutamente nada. Dizê-lo ou deixar de dizê-lo dava na mesma. Mas, se você o disse, é porque já chegou àquele perigoso estágio em que as palavras antecedem ao pensamento – tanto que nem se lembra de ter dito. Transfira isso para todas as vezes que falou sem pensar, opinou sem pensar ou acusou sem pensar, apenas porque as palavras se formaram espontaneamente na sua boca. Daí, digamos, a votar sem pensar é também um pulo.

Não tenho nenhuma birra generalizada contra o uso de "então". Como advérbio, fazendo as funções de nesse ou naquele tempo, é uma palavra linda: "O futebol de então era mais clássico". Mesmo como interjeição, dando continuidade a uma discussão suspensa e quase sempre significando um estímulo, tem tudo a ver: "Então, Fulano, vamos ou não vamos almoçar?". Mas tenho urticárias com esse abuso de entões como uma interjeição melíflua, que só serve para tapar um buraco na frase e não leva a lugar nenhum: "Então... Não sei se lavo o carro ou se vou comer um macarrão com a mamãe".

Assim como há pragas cíclicas de gafanhotos e de outros insetos na lavoura, "então..." é apenas uma das pragas recentes a infestar a língua. Nem é a pior. A pior, sem dúvida, é o abuso de "Com certeza!" – assim mesmo, com ponto de exclamação. O uso quase fanático de "Com certeza!" (de um ano para cá ou, pelo menos, foi então que o percebi) está quase condenando à morte outras expressões que, no passado, tanto nos valeram, como "Sem dúvida!", "Claro!", "Lógico!", "Óbvio!", "Positivo!", "Certo!" e até mesmo o "Certamente!", para não falar do humilde e perfeito "Sim!". Não há nenhum motivo para "Com certeza!" monopolizar as afirmações do vocabulário, exceto o fato de que, num processo galopante de degeneração da língua, estamos falando como zumbis, e os jovens, talvez, mais do que todos.

Comicamente, as pessoas passaram a exclamar "Com certeza!" até mesmo quando a frase que se segue não dá certeza de coisa nenhuma. "Fulano, você já comprou o disco do Supla?" "Com certeza! Mas antes preciso pedir o dinheiro pro meu pai." As sílabas se formam magicamente no aparelho fonador e as frases saem com a maior facilidade pela boca, sem a mínima interferência cerebral. Não há relação entre o pensamento e a palavra. Todos os processos lógicos, desenvolvidos desde Aristóteles, são destruídos por uma rastaquera frase-feita, inventada e/ou adotada por não-pensantes.

CASTRO, Ruy. "A pobre língua, deformada por novas manias". In: *Lições de gramática para quem gosta de literatura*. In: CAMPOS, Carmen Lucia da Silva; SILVA, Nilson Joaquim da (Orgs.). São Paulo: Panda Books, 2007. p. 63-4.

Trabalhando o texto

1 Aponte os advérbios e as locuções adverbiais indicativas de **tempo** presentes no texto. O que se pode observar?

2. Aponte os advérbios e as locuções adverbiais indicativas de **modo** presentes no texto.

3. Aponte a frase do texto que apresenta uma expressão adverbial indicativa de **companhia**.

4. No trecho "Nem é a pior", a que palavra se refere *pior*? Ela se classifica como advérbio ou como adjetivo? Dê um exemplo em que a palavra *pior* seja empregada na categoria que você descartou.

5. Considere esta passagem: "(...) estamos falando como zumbis, e os jovens, talvez, mais do que todos".

a) Que outros advérbios podem ser utilizados no lugar de *talvez*?

b) Que forma verbal está subentendida nesse trecho, após o advérbio?

6. Considere esta passagem: "de um ano para cá ou, pelo menos, foi então que o percebi".

a) A que se refere o advérbio *cá* nesse trecho?

b) Comente o emprego do advérbio *então* nessa passagem.

7. "Daí, digamos, a votar sem pensar é também um pulo."

a) A que se refere a palavra *daí* nessa frase?

b) Você concorda com essa afirmação?

Em livro e em CD

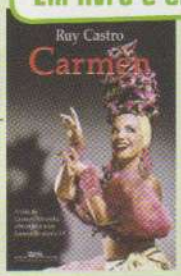

Companhia das Letras

CASTRO, Ruy. *Carmen: uma biografia – a vida de Carmen Miranda, a brasileira mais famosa do século XX.* São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

MIRANDA, Carmen. In: *Ruy Castro apresenta: Carmen canta sambas* (CD). EMI Music, 2006.

O texto da atividade 1 é de autoria do jornalista e biógrafo Ruy Castro. Em 2005, Castro publicou esta obra e organizou uma coleção de 4 CDs em homenagem à cantora. Morta aos 46 anos, vítima de seu próprio sucesso, Carmen cantou sambas, marchinhas e canções de Ary Barroso. O CD *Carmen canta Sambas* é o primeiro da lista. Os outros são *Os carnavais de Carmen, Carmen no cassino da Urca* e *Carmen canta Ary Barroso.*

2

Luigi Mamprin/Editora Abril

Amazônia: grandes reportagens O Estado de S. Paulo. São Paulo: O Estado de S. Paulo, nov./dez. 2007. p. 58.

Trabalhando o texto

A que classe gramatical pertence a palavra *legal*? Como se justifica seu emprego na frase acima?

3

O martelo

As rodas rangem na curva dos trilhos
Inexoravelmente.
Mas eu salvei do meu naufrágio
Os elementos mais cotidianos.
O meu quarto resume o passado em todas as casas que habitei.
Dentro da noite
No cerne duro da cidade
Me sinto protegido.
Do jardim do convento
Vem o pio da coruja.
Doce como um arrulho de pomba.
Sei que amanhã quando acordar
Ouvirei o martelo do ferreiro
Bater corajoso o seu cântico de certezas.

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. 10. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983. p. 141.

Trabalhando o texto

1. Aponte um exemplo de advérbio de tempo e um de intensidade.
2. Aponte um exemplo de locução adverbial de lugar.
3. A palavra *inexoravelmente*, cujo *x* deve ser lido como o de *exame*, equivale a uma locução. Indique-a.
4. Na sua opinião, que efeito produz o fato de a palavra *inexoravelmente* ser a única do segundo verso?
5. A palavra *dentro* normalmente introduz ideia de lugar. No texto, a expressão "Dentro da noite" tem efetivamente a ideia de lugar? Comente.
6. Re-escreva os dois últimos versos, substituindo *martelo* por *ferramenta*. Faça as adaptações necessárias.
7. No texto, a palavra *corajoso* tem valor de adjetivo ou de advérbio? Comente.
8. Pode-se entender o ranger inexorável das rodas como uma metáfora da passagem do tempo. Dessa forma, como se pode entender o "cântico de certezas" de que fala o poeta?

Em DVD

Divulgação

Encontro marcado com o cinema de Fernando Sabino e David Neves. **Direção de Fernando Sabino e David Neves. Brasil: Biscoito Fino, 2006. (121 min).**

Além de cronista renomado, autor de *Encontro marcado*, um dos maiores clássicos da literatura contemporânea em língua portuguesa, Fernando Sabino foi também um amante de cinema. Produzido com a colaboração do diretor David Neves, o documentário de Sabino reúne curtas que revelam a intimidade e as características poéticas de alguns de nossos escritores, como Drummond, João Cabral de Melo Neto, Vinicius de Moraes e Manuel Bandeira.

Questões de exames e concursos

Texto para as questões 1 e 2.

(Udesc) Leia o texto abaixo, para responder às questões 1 e 2.

"Nada! Os apelos não encontraram eco nos ouvidos de ninguém. Só a solidão lhes era companheira, enquanto (...) o medo – e a angústia, e o frio – mais e mais lhes arrasava com os nervos. Marcolina, soluçando alto, começou a chamar também, e os gritos da mulher se casaram aos do homem, na comunhão do desespero."

1. A palavra **só** pode ser advérbio, como no texto, com a acepção de **somente**, ou adjetivo, equivalendo a **sozinho**.

Observe o emprego dessa palavra, nas frases abaixo.

(I) Marcolina ficou **só**, ao pé do pinheiro carregado.

(II) **Só** Mané Juca para sofrer tanto!

(III) Mané Juca fez **só** o que a mulher lhe pediu.

(IV) Ao entardecer, o homem, **só**, escalou o pinheiro.

Assinale a alternativa que contém a classificação **correta**, de cima para baixo.

a) (I) adjetivo; (II) adjetivo; (III) advérbio; (IV) adjetivo
b) (I) advérbio; (II) adjetivo; (III) adjetivo; (IV) advérbio
c) (I) adjetivo; (II) advérbio; (III) advérbio; (IV) adjetivo
d) (I) advérbio; (II) adjetivo; (III) advérbio; (IV) adjetivo
e) (I) adjetivo; (II) adjetivo; (III) advérbio; (IV) advérbio

2. Assinale a alternativa **incorreta**.

a) Em **nada!** a exclamação reforça a negativa.
b) Em **soluçando alto** há ideia de reforço.
c) Em **e a angústia, e o frio** o primeiro **e** tem valor expressivo, podendo ser retirado, sem prejuízo para a correção gramatical da frase.
d) A expressão **mais e mais** apresenta ideia de progressão.
e) Em **também** há ideia de inclusão.

3. (UFRN) Com base no fragmento textual que segue, responda à questão.

"O esforço da vida humana, **desde** o vagido(*) do berço **até** o movimento do enfermo, no leito de agonia, buscando uma posição mais cômoda para morrer, é a seleção do agradável."

POMPEIA, Raul. *O Ateneu*. Rio/São Paulo/Fortaleza: ABC Editora, 2006. p. 91.

(*) choro de criança recém-nascida

No fragmento, as palavras sublinhadas indicam:

a) mudança de atitude.
b) limites espaciais.
c) limites temporais.
d) mudança de opinião.

4. (Unifesp) Instrução: Para responder à questão a seguir, leia versos da primeira e da quarta estrofe do poema de Hilda Hilst, publicados no livro *Do desejo*, em 1992.

I

Porque há desejo em mim, é tudo cintilância.
Antes, o cotidiano era um pensar alturas
Buscando Aquele Outro decantado
Surdo à minha humana ladradura.
Visgo e suor, pois nunca se faziam.
Hoje, de carne e osso, laborioso, lascivo
Tomas-me o corpo. E que descanso me dás
Depois das lidas. Sonhei penhascos
Quando havia o jardim aqui ao lado.
Pensei subidas onde não havia rastros.

IV

Por que não posso
Pontilhar de inocência e poesia
Ossos, sangue, carne, o agora

Instrução: O verso "Tomas-me o corpo. E que descanso me dás" é base para a questão.

No contexto, o termo *que* pode ser substituído por

a) quanto
b) pouco
c) algum
d) qual
e) tal

5. (PUC-SP)Para responder à questão proposta, leia atentamente o texto abaixo.

Depois de brincar de referendo... É hora de falar sério

Ganhe o NÃO ou ganhe o SIM, o problema do crime no Brasil vai continuar do mesmo tamanho. Durante quase um mês as autoridades submeteram o país à propaganda eleitoral de uma questão sobre a qual a opinião das pessoas, por mais bem-intencionadas, não tem o menor poder. O referendo das armas vai ser lembrado como um daqueles momentos em que um país entra em transe emocional e algumas pessoas se convencem de que basta uma torcida muito forte para que se produza um resultado positivo para a sociedade. Em finais de Copa do Mundo essa mobilização é muito apropriada. O referendo das armas no Brasil tem algo dessa ilusão coletiva de que se pode vencer um inimigo poderoso, o crime violento, apenas

pela repetição de mantras e mediante sinais feitos com as mãos imitando o voo da pomba branca da paz. Infelizmente a vida real exige mais do que boas intenções para seguir o vetor do progresso social.

Ganhe o SIM ou o NÃO na proposta de proibir a comercialização de armas, continuará intacto e movimentado o principal caminho que elas percorrem das forjas do metal até as mãos dos bandidos. Esse caminho é a corrupção policial. Se quisesse efetivamente diminuir o número de armas em circulação o governo deveria ter optado por agir silenciosa e drasticamente dentro das organizações policiais. São conhecidos os expedientes usados por policiais corruptos que deixam as armas escaparem para as mãos dos bandidos em troca de dinheiro.

O caminho mais comum é a simples venda para os bandidos de armas ilegais apreendidas em operações policiais. A apreensão não é reportada ao comando policial e, em lugar de serem encaminhadas para destruição, elas são vendidas aos bandidos. É frequente criminosos serem soltos em troca de deixarem a arma com policiais. O mesmo vale para cidadãos pegos com armas ilegais ou sem licença para o porte. Eles são liberados pagando como pedágio a arma que portavam. Policiais corruptos também simulam o roubo, furto ou até a perda da arma oficial. Depois raspam sua numeração e a vendem. A corporação cuida de entregar-lhes uma nova, que pode vir a ter o mesmo destino. Enquanto esse tráfico não for interrompido, podem ser organizados milhares de referendos e o problema do crime continuará do mesmo tamanho.

SHELP, Diogo. *Veja*. São Paulo: Abril, 26 out. 2005. p. 62.

De acordo com o discurso gramatical tradicional, advérbio é palavra invariável que expressa circunstância e incide sobre verbos, adjetivos e até mesmo advérbios. No entanto, extrapolando esse discurso, sabe-se que, como modalizador, em vez de exprimir uma circunstância (tempo, lugar, intensidade etc.) relacionada a um verbo, advérbio ou adjetivo, o advérbio pode revelar estados psicológicos do enunciador. Isso se vê em:

a) "[...] basta uma torcida *muito* forte para que se produza um resultado positivo para a sociedade."
b) "*Infelizmente* a vida real exige mais do que boas intenções para seguir o vetor do progresso social."
c) "o governo deveria ter optado por agir *silenciosa e drasticamente* dentro das organizações policiais."
d) "A apreensão *não* é reportada ao comando policial [...]"
e) "*Depois* raspam sua numeração e a vendem."

6. (FGV-SP) Leia o texto para responder à questão.

A China detonou uma bomba e pouca gente percebeu o estrago que ela causou. Assim que abriu as portas para as multinacionais oferecendo mão-de-obra e custos muito baratos, o país enfraqueceu as relações de trabalho no mundo. Em uma recente análise, a revista inglesa The Economist mostra que a entrada da China, da Índia e da ex-União Soviética na economia mundial dobrou a força de trabalho. Com isso, o poder de barganha de sindicatos do mundo inteiro teria se esfacelado. Provavelmente por isso, diz a revista, salários e benefícios tenham crescido apenas 11% desde 2001 nas empresas privadas dos Estados Unidos, ante 17% nos cinco anos anteriores.

Você S/A. São Paulo: Abril, set. 2005.

Comente o efeito de sentido produzido pelo emprego do futuro do pretérito em – *o poder de barganha ... teria se esfacelado* – e do advérbio *provavelmente* (parte final do texto).

7. (UFC) Marque a alternativa que preenche corretamente todas as lacunas numeradas.

palavra	classificação morfológica	processo de formação
gradil	1	derivação sufixal
enferrujar	verbo	2
outrora	3	4

a) (1) substantivo (2) derivação sufixal (3) adjetivo (4) derivação sufixal
b) (1) adjetivo (2) derivação parassintética (3) adjetivo (4) composição
c) (1) adjetivo (2) derivação sufixal (3) advérbio (4) composição
d) (1) substantivo (2) derivação parassintética (3) adjetivo (4) derivação sufixal
e) (1) substantivo (2) derivação parassintética (3) advérbio (4) composição

8. (Ufam) Assinale o item em que a palavra *que* desempenha a função de advérbio:

a) Que fizeste dos meus livros?
b) Que bonitos olhos tens!
c) Que troféu ainda te falta?
d) Que és muito feliz, eu bem o sei.
e) Quase que você acerta tudo.

9. (FGV-SP) Observe a palavra destacada no seguinte período:

A implicação é que esses países talvez se saíssem **melhores** economicamente se fossem mais parecidos entre si.

Essa palavra está sendo usada de acordo com a norma culta? Explique.

10. (UFMG) As expressões destacadas correspondem a um adjetivo, exceto em:

a) João Fanhoso anda amanhecendo **sem entusiasmo**.

b) Demorava-se **de propósito** naquele complicado banho.

c) Os bichos **da terra** fugiam em desabalada carreira.

d) Noite fechada sobre aqueles ermos perdidos da caatinga **sem fim**.

e) E ainda me vem com essa conversa de homem **da roça**.

11. (UFV-MG) Em todas as alternativas há dois advérbios, exceto em:

a) Ele permaneceu muito calado.

b) Amanhã, não iremos ao cinema.

c) O menino, ontem, cantou desafinadamente.

d) Tranquilamente, realizou-se, hoje, o jogo.

e) Ela falou calma e sabiamente.

12. (UFC) A opção em que há um advérbio exprimindo circunstância de tempo é:

a) Possivelmente viajarei para São Paulo.

b) Maria teria aproximadamente 15 anos.

c) As tarefas foram executadas concomitantemente.

d) Os resultados chegaram demasiadamente atrasados.

13. (FEI-SP) Substitua a expressão destacada por um advérbio de significação equivalente.

a) Recebeu a repreensão **sem dizer palavras**.

b) Falava sempre **no mesmo tom**.

c) Aceitou tudo **sem se revoltar**.

d) Trataram-me **como irmão**.

14. (Fuvest-SP) Re-escreva a passagem "Humildemente pensando na vida..." substituindo o advérbio por uma locução adverbial equivalente.

15. (Unicamp-SP) Leia atentamente o seguinte trecho de uma entrevista:

Pergunta: O Sr. fala em respeito à Constituição. Não é contraditório, então, colocar a não-posse do vice Itamar em caso de *impeachment*?

Resposta: Você não acha que um *impeachment* imposto não é rasgar a Constituição?

(Entrevista com o governador Antônio Carlos Magalhães. *IstoÉ*, 24 jun. 1992.)

Se tomada literalmente, a fala de ACM tem um sentido que é o oposto do pretendido.

a) Qual o sentido literal da fala de ACM?

b) Re-escreva a fala de ACM de forma a eliminar o eventual mal-entendido.

c) A forma da pergunta pode ter influenciado a forma da resposta. Qual a característica formal que torna a resposta de ACM semelhante à pergunta do repórter?

16. (Unimep-SP) Em "... um **aborrecimento** quando **os** vejo e gostaria de **não** vê-los mais" as palavras destacadas são, respectivamente:

a) adjetivo, artigo, advérbio.

b) adjetivo, pronome, pronome.

c) substantivo, pronome, advérbio.

d) substantivo, artigo, pronome.

e) verbo, pronome, preposição.

17. (Cesgranrio-RJ) Assinale a alternativa em que a preposição **com** traduz uma relação de instrumento.

a) "Teria sorte nos outros lugares, com gente estranha."

b) "Com o meu avô cada vez mais perto do fim, o Santa Rosa seria um inferno."

c) "Não fumava, e nenhum livro com força de me prender."

d) "Trancava-me no quarto fugindo do aperreio, matando-as com jornais."

e) "Andavam por cima do papel estendido com outras já pregadas no breu."

18. (Mapofei-SP) Lista dos advérbios:

bisonhamente	ironicamente
quixotescamente	desassombradamente
laconicamente	radicalmente
estoicamente	perfunctoriamente
sibilinamente	frugalmente
prolixamente	sofregamente
inexoravelmente	puerilmente
sutilmente	tacitamente

Escolha, na lista da página anterior, o advérbio mais adequado a cada uma das ações abaixo enunciadas, de acordo com o modelo.

Falar com orgulho e arrogância

Falar **arrogantemente**.

a) Dizer com palavras enigmáticas e difíceis de compreender.

b) Falar de maneira franca e corajosa.

c) Exprimir-se com palavras excessivas.

d) Concordar sem dizer palavras.

e) Agir com a inexperiência de um principiante.

f) Agir com impaciência e ambição.

g) Agir como criança.

h) Insinuar com perspicácia e delicadeza.

i) Eliminar pela base.

j) Eliminar sem se render a rogos.

19. (PUC-SP) No trecho "Os trens **de** cana apitavam de quando em vez, mas **não** davam **vencimento** à **fome** das moendas", as palavras destacadas correspondem, morfologicamente, pela ordem, a:

a) preposição, advérbio, verbo, substantivo.

b) conjunção, advérbio, substantivo, adjetivo.

c) preposição, advérbio, adjetivo, adjetivo.

d) preposição, advérbio, verbo, advérbio.

e) preposição, advérbio, substantivo, substantivo.

20. (PUCCamp-SP) Os seus projetos são os .... elaborados, por isso garantem verbas .... para sua execução e evitam ....-entendidos.

a) melhor – suficientes – mal

b) mais bem – suficientes – mal

c) mais bem – suficiente – mal

d) melhor – suficientes – mau

e) melhor – suficiente – mau

21. (Vunesp-SP) Observe os seguintes fragmentos: "... viver em voz **alta**." e "... que ligasse o rádio um pouco **alto**...". Indique a classe gramatical das palavras destacadas e o processo de derivação que ocorre no segundo fragmento.

22. (UMC-SP) Em: "uma cerca **de pedra-seca**, do tempo dos escravos" e "Tudo é mato, crescendo **sem regra**.", as locuções destacadas são, respectivamente:

a) adjetiva e adjunto adnominal; adverbial e adjunto adverbial.

b) adverbial e objeto indireto; adjetiva e predicativo.

c) adjetiva e adjunto adverbial; adverbial e adjunto adnominal.

d) adjetiva e complemento nominal; adverbial e adjunto adnominal.

e) adverbial e adjunto adnominal; adjetiva e complemento nominal.

23. (Cesgranrio-RJ) Assinale a alternativa em que a locução destacada tem valor adjetivo.

a) "Comprei móveis e objetos diversos que entrei a utilizar **com receio**."

b) "Azevedo Gondim compôs **sobre ela** dois artigos."

c) "Pediu-me **com voz baixa** cinquenta mil-réis."

d) "Expliquei **em resumo** a prensa, o dínamo, as serras..."

e) "Resolvi abrir o olho para que vizinhos **sem escrúpulos** não se apoderassem do que era delas."

Capítulo 13

Estudo dos pronomes

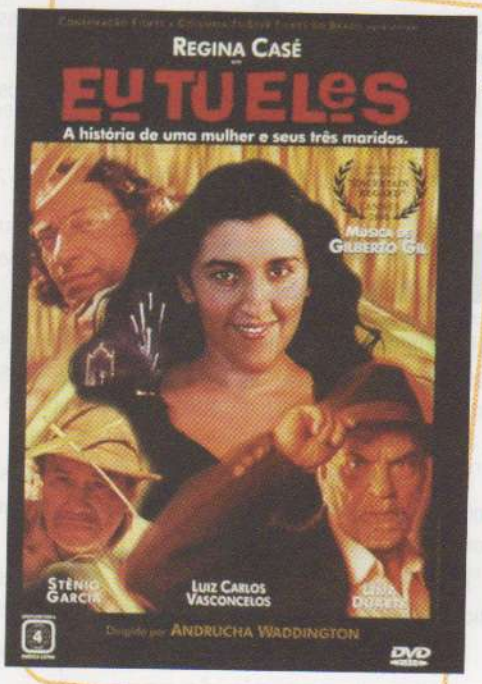

Divulgação

Como um enunciador se faz representar no discurso? Pelo pronome pessoal *eu*. O *eu* pressupõe um *tu* (ou você, senhor/senhora), com quem *eu* dialoga, e ambos, nesse diálogo, costumam se referir a *ele*, uma terceira pessoa. Os pronomes estabelecem, ainda, relações espaciais ou temporais com o *eu*, este sempre tomado como ponto de referência: podem demonstrar, substituir ou referir-se ao próprio discurso. No caso do filme dirigido por Andrucha Waddington, *eu* representa Darlene, *tu* é Osias, seu parceiro, e *eles* são Zezinho e Ciro, conhecidos que passam a conviver com o casal.

1. Conceito

Pronomes são palavras que representam os seres ou se referem a eles. Podem substituir os substantivos ou acompanhá-los, para tornar-lhes claro o sentido. Em "Eu pus os meus pés no riacho e acho que nunca os tirei" (da canção "Força estranha", de Caetano Veloso), o pronome *meus* acompanha o substantivo *pés*, indicando noção de posse. O pronome *os* substitui o substantivo *pés*.

Os pronomes permitem, ainda, identificar o ser como aquele que utiliza a língua no momento da comunicação (*eu, nós*), aquele a que a comunicação é dirigida (*tu, você, vós, vocês, Vossa Senhoria, senhor*) ou também como aquele ou aquilo que não participa do ato comunicativo, mas é mencionado (*ele, ela, aquilo, outro, qualquer, alguém* etc.). Assim empregados, os pronomes servem para indicar diretamente as **pessoas do discurso**.

O pronome também pode referir-se a um determinado ser, relacionando-o com as pessoas do discurso. Pode estabelecer outras relações, além da de posse, já citada, como a ideia de proximidade com a primeira pessoa (***esta*** *blusa, isto*), com a segunda pessoa (***essa*** *blusa, isso*) e com a terceira pessoa (***aquela*** *blusa, aquilo*).

OBSERVAÇÃO

Quando um pronome faz as vezes de um substantivo, ou seja, quando o representa, é chamado de **pronome substantivo**. É o caso do pronome *os* do trecho da canção "Força estranha". Esse pronome, que substitui o substantivo *pés*, é, justamente por isso, pronome substantivo. Também há pronomes que acompanham os substantivos a fim de caracterizá-los ou determiná-los, atuando em funções típicas dos adjetivos. São, justamente por isso, chamados **pronomes adjetivos**. É o caso do pronome *meus*, do mesmo trecho. Esse pronome acompanha, determina o substantivo *pés*.

Há seis tipos de pronomes: pessoais, possessivos, demonstrativos, relativos, indefinidos e interrogativos. Você vai estudar agora cada um deles.

2. Pronomes pessoais

Os pronomes pessoais indicam diretamente as pessoas do discurso. Quem fala ou escreve assume os pronomes *eu* ou *nós*, emprega os pronomes *tu, vós, você, vocês, Vossa Excelência* ou algum outro pronome de tratamento para designar a quem se dirige e *ele, ela, eles* ou *elas* para fazer referência à pessoa ou ao assunto de que fala.

Os pronomes pessoais variam de acordo com as funções que exercem nas orações, dividindo-se em pronomes do **caso reto** e pronomes do **caso oblíquo**. Também são considerados pessoais os chamados pronomes de tratamento.

Para estudar os pronomes pessoais, será necessário fazer referências a vários termos da análise sintática. Se você tiver dúvidas sobre eles, procure esclarecê-las na parte do livro dedicada à sintaxe.

Pronomes pessoais do caso reto

São do caso reto os pronomes pessoais que nas orações desempenham a função de sujeito ou predicativo do sujeito:

	singular	plural
primeira pessoa	eu	nós
segunda pessoa	tu	vós
terceira pessoa	ele, ela	eles, elas

Na língua culta, formal – falada ou escrita –, esses pronomes não devem ser usados como complementos verbais. Frases como "Eu vi ele na rua", "Encontrei ela na praça", "Trouxeram eu até aqui", comuns na língua oral cotidiana, não são aceitas no padrão formal da língua. Na língua culta, devem ser usados os pronomes oblíquos correspondentes: "Eu o vi na rua", "Encontrei-a na praça", "Trouxeram-me até aqui".

Pronomes pessoais do caso oblíquo

São do caso oblíquo os pronomes pessoais que, nas orações, desempenham as funções de complemento verbal (objeto direto ou indireto) ou complemento nominal. A forma dos pronomes do caso oblíquo varia de acordo com a tonicidade com que são pronunciados nas frases da língua, dividindo-se em átonos e tônicos.

Pronomes oblíquos átonos

	singular	plural
primeira pessoa	me	nos
segunda pessoa	te	vos
terceira pessoa	o, a, se, lhe	os, as, se, lhes

a. Os pronomes *me, te, nos* e *vos* podem complementar verbos transitivos diretos ou indiretos. Em "Ela me ama", o *me* complementa o verbo *amar*, que não pede preposição (amar alguém). Em "O livro me pertence", o *me* complementa o verbo *pertencer*, transitivo indireto (pertencer a alguém).

b. Os pronomes *o, a, os* e *as* atuam exclusivamente como objetos diretos; as formas *lhe* e *lhes* como objetos indiretos. No padrão culto formal, não ocorre "Eu lhe amo".

c. Como os pronomes *me, te, nos* e *vos*, o pronome *se* pode ser objeto direto ou indireto. Nesse caso, é reflexivo, ou seja, indica que o sujeito pratica a ação sobre si mesmo ("Ela se destruiu"). Esses pronomes também podem assumir várias outras funções, que serão estudadas mais adiante, na parte dedicada à sintaxe.

d. Os pronomes *me, te, lhe, nos, vos* e *lhes* podem combinar-se com os pronomes *o, os, a, as*, dando origem a formas como estas:

mo	mos	ma	mas	to	tos	ta	tas
lho	lhos	lha	lhas	no-lo	no-los	no-la	no-las
vo-lo	vo-los	vo-la	vo-las				

Observe o uso dessas formas nos exemplos que seguem:

– Compraste o livro?

– Ora, entreguei-**to** ontem, não te lembras?

– Não deram a notícia a vocês?

– Não, não **no-la** deram.

No português falado no Brasil, essas combinações não são usadas. Na língua literária, no entanto, seu emprego não é raro, como se vê em Gonçalves Dias ("Não te esqueci, eu to juro."), ou em Fernando Pessoa ("Dobrada à moda do Porto fria? Não é prato que se possa comer frio, mas trouxeram-mo frio."). Na língua oral de Portugal, essas combinações ainda são frequentes.

e. Os pronomes *o, os, a, as* podem sofrer adaptações fonológicas depois de certas terminações verbais:

- quando o verbo termina em *-z, -s* ou *-r*, o pronome assume a forma *lo, los, la* ou *las*, ao mesmo tempo que a terminação verbal é suprimida:

fiz + o = fi-lo fazeis + o = fazei-lo dizer + a = dizê-la

- quando o verbo termina em som nasal, o pronome assume as formas *no, nos, na, nas*:

viram + o = viram-no repõe + os = repõe-nos
retém + a = retém-na tem + as = tem-nas

Pronomes oblíquos tônicos

	singular	plural
primeira pessoa	mim	nós
segunda pessoa	ti	vós
terceira pessoa	ele, ela, si	eles, elas, si

a. Os pronomes oblíquos tônicos são sempre regidos por preposições, como *a, até, contra, de, em, entre, para, por, sem*. A combinação da preposição *com* com alguns desses pronomes originou as formas *comigo, contigo, consigo, conosco* e *convosco*. As preposições essenciais introduzem sempre pronomes oblíquos tônicos e nunca pronomes do caso reto. Por isso, preste atenção às frases abaixo, em que se exemplifica a forma culta de utilizar esses pronomes:

Não existe nada entre **mim** e **ti**.
Não foi comprovada nenhuma ligação entre **ti** e **ela**.
Não há nenhuma acusação contra **mim**.
Não saia sem **mim**.

b. Há construções em que a preposição, apesar de surgir anteposta a um pronome, rege a oração inteira, e não o pronome. Nesses casos, se o sujeito for um pronome, deverá ser do caso reto:

Trouxeram vários livros para **eu** ler.
Não saia sem **eu** permitir.

Note que as orações podem ser desdobradas, o que daria origem a "Trouxeram vários livros para que eu lesse" e "Não saia sem que eu permita". Não resta dúvida de que o pronome a ser empregado é mesmo do caso reto (*eu*).

c. As formas *conosco* e *convosco* são substituídas por *com nós* e *com vós* quando os pronomes pessoais são reforçados por palavras como *outros, mesmos, próprios, todos, ambos* ou algum numeral:

Ela terá de ir **com nós todos**.
Estavam **com vós outros** quando chegaram as encomendas?
Ele assegurou que viajaria **com nós dois**.

d. O pronome *si* é exclusivamente reflexivo no português do Brasil. O mesmo ocorre com a forma *consigo*. Observe seu emprego nas frases abaixo:

Ela é extremamente egoísta. Só é capaz de pensar em **si**.
Ele normalmente fala **consigo** mesmo em voz alta.

Em Portugal, esses pronomes são usados também como não-reflexivos:

Pensei muito em **si** ontem.
Quero estar **consigo** hoje à noite.

A segunda pessoa indireta

A chamada segunda pessoa indireta ocorre quando se empregam pronomes que, apesar de indicarem o interlocutor (portanto, a segunda pessoa), exigem o verbo na terceira pessoa. É o caso dos chamados **pronomes de tratamento**, que podem ser observados no quadro seguinte.

pronome de tratamento	abreviatura	usado para se dirigir a
Vossa Alteza	V. A.	príncipes, duques
Vossa Eminência	V. Em.ª	cardeais
Vossa Excelência	V. Ex.ª	altas autoridades e oficiais-generais
Vossa Magnificência	V. Mag.ª	reitores de universidades
Vossa Majestade	V. M.	reis, imperadores
Vossa Santidade	V. S.	papa
Vossa Senhoria	V. S.ª	tratamento cerimonioso

a. Esses pronomes efetivamente representam uma forma indireta de tratamento de um interlocutor. As formas da relação acima devem ser usadas quando designamos a segunda pessoa do discurso, ou seja, o interlocutor; para designar a terceira pessoa, ou seja, aquela de quem se fala, é necessário substituir *Vossa* por *Sua*, obtendo os pronomes *Sua Alteza*, *Sua Eminência*, *Sua Excelência* etc.

b. Também são pronomes de tratamento *o senhor*, *a senhora* e *você*, *vocês*. *O senhor* e *a senhora* são empregados no tratamento cerimonioso; *você* e *vocês*, no tratamento familiar. *Você* e *vocês* são largamente empregados no português do Brasil, praticamente substituindo as formas *tu* e *vós*.

Em livro

Divulgação

DOMINGOS, Tânia Regina Eduardo. *Pronomes de tratamento do português do século XVI.* São Paulo: Annablume, 2001.

Rica análise dos pronomes de tratamento usados por nossos colonizadores durante o século XVI. A autora utiliza como objeto de estudo 12 autos de Gil Vicente, fundador do teatro português. Relações de inferioridade, superioridade, igualdade e intimidade dos pronomes são profundamente analisadas.

c. É importante notar que os pronomes de tratamento exigem o verbo e outros pronomes de terceira pessoa. Observe a frase seguinte:

Vossa Excelência apresentará **seu** projeto na sessão de hoje?

No caso de *você* e *vocês*, essas relações devem ser atentamente observadas.

d. As formas *você* e *vocês* podem ser usadas no papel de pronomes pessoais do caso reto (atuando como sujeito ou predicativo) ou no de pronomes pessoais do caso oblíquo (atuando como complementos verbais e nominais):

Você já foi a Roma?

O mais indicado para o cargo é **você**.

Vi **você** ontem na praça.

Darei as respostas a **você**.

Nunca houve nada entre mim e **você**.

e. Também se usam as formas oblíquas *o, a, os, as, lhe, lhes, se, si* e *consigo* em combinação com *você, vocês* (e outros pronomes de tratamento):

Você não foi porque não quis. Eu **o** havia avisado do encontro.

Já **lhe** disse várias vezes que **você** não deve insistir.

Você só é capaz de pensar em **si**? **Você** só se preocupa **consigo** mesmo?

f. No padrão formal culto, não ocorre a mistura dos tratamentos *tu* e *você*, como ocorre com frequência, no Brasil, na língua oral cotidiana. No padrão formal, não ocorrem frases como:

Se **você** precisar, vou **te** ajudar.

Em seu lugar, registram-se construções com tratamento uniforme:

Se **você** precisar, vou ajudá-**lo**. (ou ajudar **você**)

Se (**tu**) precisares, vou **te** ajudar.

Em CD

Divulgação

Djavan. Nem um dia. In: *Djavan: novelas* (CD). Som Livre, 2001.

Você aprendeu que, na língua culta, não se misturam os tratamentos *tu* e *você* em suas correspondentes formas oblíquas. Contudo, não é raro encontrar canções em que se registra esse processo. A bela canção de Djavan, "Nem um dia", contém um trecho em que ocorre esse procedimento.

g. Na língua coloquial, utiliza-se com frequência a forma *a gente* como pronome de primeira pessoa do plural, em geral com o verbo na terceira pessoa do singular:

Com o tempo, **a gente** aprende cada coisa!

Na língua formal, essa expressão é substituída por *nós*.

Atividades

1. Nas frases seguintes, ocorre ambiguidade decorrente do emprego de pronomes pessoais. Comente essas ambiguidades e proponha formas de eliminá-las.

a) É preciso que refaça o que havia feito.

b) João disse a Pedro que ele seria o escolhido.

c) Eu afirmei a Caio que conseguiria resolver a questão.

d) Ela me garantiu que obteria o cargo.

e) Sílvia disse a Flávia que ela seria a última a sair.

2. Re-escreva cada uma das frases seguintes, substituindo o termo destacado por um pronome pessoal oblíquo átono.

a) Entregue **seus livros** aos colegas.

b) Entregue seus livros **aos colegas**.

c) Envie **seus textos** ao editor.

d) Envie seus textos **ao editor**.

e) Mostrei **o melhor caminho** aos turistas.

f) Mostrei o melhor caminho **aos turistas**.

g) Apresentei **as provas** no tribunal.

h) Paguei **aos meus credores**.

i) Paguei **os meus débitos**.

3. Substitua o termo em destaque por um pronome pessoal oblíquo átono. Anote, em seguida, quais adaptações foram necessárias para realizar-se a substituição.

a) Pediram **esmola** aos rapazes.

b) Pediram esmola **aos rapazes**.

c) Mostraram **a realidade** ao pobre homem.

d) Mostraram a realidade **ao pobre homem**.

e) Devem destruir **a ponte**.

f) Refiz **o trabalho**.

g) Metes **o nariz** onde não és chamado.

h) Mete **o nariz** onde não é chamado.

i) Você deve pôr **estas roupas** lá em cima.

j) Desejo ver **seus primos**.

4. As frases seguintes são frequentes na língua coloquial e familiar. Re-escreva-as de acordo com o padrão culto da língua.

a) Vi ele ontem.

b) Encontrei ela no cinema.

c) Deixa eu quieto!

d) Ela deixou alguns livros pra mim dar uma olhada.

e) Está tudo acabado entre eu e você.

f) Mandaram eu sair da sala.

g) "Cantei pra ti dormir."
("Menina", Paulinho Nogueira)

h) Fizeram ele desistir da escola.

i) Trouxe ele aqui pra dar uma força pra gente.

5. Re-escreva as frases de acordo com o modelo.

Trouxeram algumas revistas. Vou lê-las.

Trouxeram algumas revistas **para eu ler**.

a) Apresentaram algumas sugestões. Vou analisá-las.

b) Mandaram alguns documentos. Vou arquivá-los.

c) Recomendaram alguns procedimentos. Vou adotá-los.

d) Enviaram alguns exemplares. Vou examiná-los.

e) Deixaram várias fitas. Vou vê-las.

6. Complete as frases seguintes com a forma apropriada do pronome pessoal da primeira pessoa do singular.

a) Este fichário é para (*) fazer meus apontamentos.

b) Discutimos, mas no fim tudo ficou resolvido. Não há mais nada pendente entre (*) e ele.

c) É difícil para (*) aceitar sua ausência.

d) Quem trouxe isto para (*)?

e) Não vá sem (*).

f) Para (*) já está claro que foi ele o responsável pelo desvio das verbas.

g) Não tome nenhuma decisão sem (*) saber.

7. Passe para o plural o verbo destacado em cada uma das frases seguintes. Faça todas as modificações necessárias.

a) Não me **esqueço** de que ele não simpatiza comigo.

b) Não te **queixaste** de que ela não se preocupava contigo?

c) Não me **lembro** da presença de alguém comigo naquele momento.

d) Não te **recordas** das coisas ruins que te acontecem?

e) Não me **propus** a cuidar melhor de mim mesmo?

f) **Lembro**-me de que ela gostava de passear comigo.

g) Não te **lembras** de quem estava contigo naquela ocasião?

8. Leia atentamente as frases seguintes. A seguir, sugira soluções para os problemas pronominais que apresentam.

a) Querida, gosto muito de si.

b) Querida, gostaria muito de sair consigo.

c) Falei consigo ontem, não se lembra?

d) Apesar da distância que nos separa, creia que nunca me esqueço de si.

9. Uma campanha de prevenção da Aids empregava a frase "Se você não se cuidar, a Aids vai te pegar". É possível criticar a combinação de pronomes adotada? Comente.

3. Pronomes possessivos

Os pronomes possessivos fazem referência às pessoas do discurso, atribuindo-lhes a posse de algo. São os seguintes:

	singular	plural
primeira pessoa	meu, meus, minha, minhas	nosso, nossos, nossa, nossas
segunda pessoa	teu, teus, tua, tuas	vosso, vossos, vossa, vossas
terceira pessoa	seu, seus, sua, suas	seu, seus, sua, suas

a. A forma do possessivo depende da pessoa gramatical a que se refere. O gênero e o número concordam com o objeto possuído:

Dou **meu** apoio e **minha** solidariedade.

Meu e *minha* são pronomes possessivos relativos à primeira pessoa do singular, em sintonia com o pronome *eu*, também da primeira pessoa, implícito na forma verbal *dou*. Estão, respectivamente, no masculino e no feminino singular, em concordância com os substantivos *apoio* e *solidariedade*.

b. Os pronomes de tratamento utilizam os possessivos da terceira pessoa:

Vossa Excelência apresentou **sua** proposta na sessão de hoje?

Você deve encaminhar **seu** relatório à direção do colégio. Esteja certo de que **seus** colegas o apoiarão.

Na língua coloquial, a tendência é construir frases relacionando *você* com os possessivos da segunda pessoa do singular ("Você trouxe o teu livro?"). Essa tendência é evitada na língua formal falada ou escrita.

c. Em algumas construções, os pronomes pessoais oblíquos átonos assumem valor de possessivos:

Vou seguir-**lhe** os passos.

(= Vou seguir **seus/os seus** passos.)

"E além de tudo me deixou mudo o violão." (Chico Buarque, "A Rita")

(= ... deixou mudo **meu/o meu** violão.)

d. Observe que o artigo é optativo antes dos possessivos:

"Meu coração é um balde despejado" (Fernando Pessoa)

"**O** meu amor sozinho é assim como um jardim sem flor" (Carlos Lira e Vinicius de Moraes, "Primavera")

4. Pronomes demonstrativos

Os pronomes demonstrativos indicam a posição dos seres designados em relação às pessoas do discurso, situando-os no espaço, no tempo ou no próprio discurso. Apresentam-se em formas variáveis (em gênero e número) e invariáveis:

primeira pessoa	este, estes, esta, estas
	isto
segunda pessoa	esse, esses, essa, essas
	isso
terceira pessoa	aquele, aqueles, aquela, aquelas
	aquilo

a. As formas de primeira pessoa indicam proximidade de quem fala ou escreve:

Este rapaz é um velho companheiro.

Esta blusa que estou usando é confortável.

Os demonstrativos de primeira pessoa podem indicar também o tempo presente em relação a quem fala ou escreve:

Nestas últimas semanas, parece que o mundo mudou mais do que nos últimos séculos.

b. As formas *esse, esses, essa, essas* e *isso* indicam proximidade da pessoa a quem se fala ou escreve:

O que é **isso** que está em sua mão?

Nunca imaginei que **esse** corpo conseguisse suportar tanto trabalho.

"**Esse** seu olhar, quando encontra o meu,
fala de umas coisas..."
("Esse seu olhar", Tom Jobim)

Os demonstrativos de segunda pessoa também podem indicar o passado ou o futuro próximos de quem fala ou escreve:

Meu rendimento aumentou **nesses** meses.
(o emissor refere-se a meses que já passaram)

Meu rendimento aumentará **nesses** meses.
(o emissor refere-se a meses que virão)

c. Os pronomes *aquele, aqueles, aquela, aquelas* e *aquilo* indicam o que está distante tanto de quem fala ou escreve como da pessoa a quem se fala ou escreve:

Veja **aqueles** monumentos.

Quem é **aquela** moça que está do outro lado da rua?

Esses pronomes também podem indicar um passado vago ou remoto:

Naqueles tempos, o país era mais otimista.

Naquela época, podia-se ir aos estádios e voltar vivo.

Joaquín Salvador Lavado/Quino

No primeiro e no segundo quadrinhos, observa-se o pronome demonstrativo de primeira pessoa: *este* indica que o objeto está próximo do falante. No último quadrinho também há ocorrência do pronome possessivo de primeira pessoa: *meu*.

OBSERVAÇÃO

Os pronomes demonstrativos também podem estabelecer relações entre as partes do discurso, ou seja, podem relacionar aquilo que já foi dito numa frase ou texto com o que ainda se vai dizer. Observe:

Minha tese é **esta**: crescimento econômico só se justifica quando produz bem-estar social.
Crescimento econômico só se justifica quando produz bem-estar social. **Essa** é minha tese.

Este (e as outras formas de primeira pessoa) se refere ao que ainda vai ser dito na frase ou texto; *esse* (e as outras formas de segunda pessoa) se refere ao que já foi dito na frase ou texto.

Também se pode utilizar a oposição entre os pronomes de primeira pessoa e os de terceira na retomada de elementos anteriormente citados:

Um amigo visitou Miami e Roma. **Nesta** (em Roma), emocionou-se, tropeçou em história e teve uma verdadeira aula de civilização e cultura; **naquela** (em Miami), comprou tênis e aparelhos eletrônicos.

d. Há alguns pronomes demonstrativos que desempenham papel importantíssimo no inter-relacionamento das partes que constituem frases e textos.

- *o, os, a, as* são pronomes demonstrativos quando podem ser substituídos por *isto, isso, aquilo* ou *aquele, aqueles, aquela, aquelas*. É o que se verifica em frases como:

  Devemos transformar nosso quadro social: é preciso que **o** façamos logo.

  (= ... é preciso que façamos **isso** logo.)

  A que apresentar o melhor texto será aprovada.

  (= **Aquela** que apresentar o melhor texto...)

  Não se pode ignorar tudo **o** que já foi discutido.

  (= ... tudo **aquilo** que já foi discutido.)

- *tal, tais* podem ter sentido próximo ao dos pronomes demonstrativos estudados acima ou de *semelhante, semelhantes*; nesses casos, são considerados pronomes demonstrativos, como ocorre nas frases:

  Tal foi a constatação de todos, inevitável àquela altura.

  (= **Essa** foi...)

  Jamais supus que fossem capazes de proferir **tal** aberração!

  (= ... **semelhante** aberração!)

- *semelhante, semelhantes* são demonstrativos quando equivalem a *tal, tais*:

  Não se veriam **semelhantes** grosserias se as pessoas tivessem um mínimo de sensibilidade.

  (= Não se veriam **tais** grosserias...)

- *mesmo, mesmos, mesma, mesmas; próprio, próprios, própria, próprias* são demonstrativos quando têm o sentido de "idêntico", "em pessoa":

  Não é possível continuar insistindo nos **mesmos** erros.

  Ela **própria** deve fiscalizar a mercadoria que lhe é entregue.

Atividades

1. Nas frases seguintes, há casos de ambiguidade decorrentes do emprego dos pronomes possessivos. Aponte essas ambiguidades e proponha formas de evitá-las.

a) Ao chegar à casa do primo, Sílvio encontrou-o com sua namorada.

b) Você deve esperar seu irmão e levá-lo em seu carro até o hospital.

2. Substitua os asteriscos das frases seguintes pelos pronomes possessivos adequados.

a) Você já expôs (*) conclusões?

b) Já expuseste (*) conclusões?

c) Você deve cuidar do que é (*).

d) Deves cuidar do que é (*).

e) Estou muito interessado em conhecê-la melhor: fale-me de (*) vida, de (*) hábitos, de (*) manias, de (*) predileções e de (*) aversões.

f) Estou muito interessado em conhecer-te melhor: fala-me de (*) vida, de (*) hábitos, de (*) manias, de (*) predileções e de (*) aversões.

g) Não me apareça com (*) habituais blasfêmias!

h) Não comeces com (*) queixas!

i) Tente não ser muito hostil em (*) críticas.

j) Tenta não ser muito hostil em (*) críticas.

3. A seguir, utilize os pronomes demonstrativos adequados para substituir os asteriscos destas frases.

a) (*) bola que tenho em minhas mãos foi a que esteve em disputa na partida decisiva do campeonato.

b) Por que você nunca lava (*) mãos?

c) Observe (*) que tenho (*) caixa: são frutas que colhi (*) pomar ali adiante.

d) Você consegue ver (*) rapazes lá do outro lado da rua?

e) Por favor, traga-me (*) livro que está aí do seu lado.

f) Por favor, ajude-me a carregar (*) caixas aqui.

g) Por favor, ajude-me a trazer até aqui (*) caixas que estão no outro andar.

4. Substitua os asteriscos das frases seguintes pelos pronomes demonstrativos adequados. Em alguns casos, haverá contração de preposições com os pronomes.

a) A grande verdade é (*): foi ele o mentor do plano.

b) Embora tenha sido o mentor do plano, ele nunca admitiu (*) fato.

c) Ninguém conseguiu provar sua culpa. Diante (*), o júri teve de absolvê-lo.

d) O país atravessa um momento delicado. (*) crise parece não ter fim.

e) Compramos um programa capaz de gerenciar os dados armazenados em nosso microcomputador. Um programa (*) é indispensável ao bom desempenho do equipamento.

f) Ademir da Guia e Roberto Dias foram dois dos mais elegantes jogadores da história do futebol brasileiro. (*) brilhou no São Paulo; (*), filho do genial Domingos da Guia, brilhou no Palmeiras.

5. Pronomes possessivos e demonstrativos muitas vezes são usados para exprimir detalhes interessantes de significação. Procure captar e comentar os detalhes expressos nas frases seguintes.

a) Ela deve estar com **seus** 40 anos.

b) Você não vai ter um de **seus** ataques de tosse justamente agora, vai?

c) O que quer aqui, **meu** senhor?

d) Ande logo, **minha** amada.

e) Ela não abre mão de **seu** batom.

f) O quê? Ela quer namorar **aquilo**?

g) O quê? **Este** é **aquele**?!

h) Aonde vai você com **essa** empáfia?

5. Pronomes relativos

Os pronomes relativos se referem a um termo anterior – chamado **antecedente** –, projetando-o na oração seguinte, subordinada a esse antecedente. Cumprem, portanto, duplo papel: substituem ou especificam um antecedente e introduzem uma oração subordinada. Atuam, assim, como pronomes e conectivos a um só tempo. Observe:

"Bebi o café que eu mesmo preparei." (Manuel Bandeira)

A palavra *que* é, na frase acima, um pronome relativo. O antecedente a que se relaciona é *o café*; a oração que se subordina a esse antecedente é "que eu mesmo preparei". Desdobrando o período composto acima em duas orações, percebemos claramente qual o papel desempenhado pelo pronome relativo *que*:

Bebi o café. **Eu mesmo preparei o café.**

Percebe-se que o relativo *que*, que introduz a segunda oração, substitui *o café*.

O antecente do pronome relativo *que* é o termo *teoria do caos*.

LAERTE. Disponível em: <www2.uol.com.br/laerte/tiras>. Acesso em: 4 jun. 2008.

Os pronomes relativos da língua portuguesa são divididos em variáveis e invariáveis:

invariáveis	variáveis
que	o qual, os quais, a qual, as quais
quem	cujo, cujos, cuja, cujas
quando	quanto, quantos, quantas
como	
onde	

a. *Que* é, sem dúvida, o pronome relativo mais usado. Por isso, ele é chamado relativo universal. Pode ser usado com referência a pessoa ou coisa, no singular ou no plural:

Aqui está o amigo de **que** lhe falei.

Aqui estão os amigos de **que** lhe falei.

Aqui está o livro **que** lerei nas férias.

Aqui estão os livros **que** lerei nas férias.

b. *O qual, os quais, a qual* e *as quais* são exclusivamente pronomes relativos. Por isso constituem recurso didático largamente empregado para verificar se palavras como *que, quem* e *onde* (que podem pertencer a mais de uma classe de palavras) são pronomes relativos. São usados com referência a pessoa ou coisa por motivo de clareza ou depois de determinadas preposições:

Ele trabalha na maior unidade do grupo empresarial, **a qual** produz sofisticados equipamentos eletrônicos.

(O emprego de *que* nesse caso geraria ambiguidade, visto que poderia recuperar *unidade* ou *grupo*.)

As únicas teses sobre **as quais** ninguém tem dúvidas já foram discutidas e rediscutidas.

(Muitos autores não admitem o uso do *que* depois de *sobre* e outras preposições dissilábicas, como *para*.)

c. *Cujo* e suas flexões equivalem a *de que, do qual, de quem*. Normalmente, estabelecem relação de posse entre o antecedente e o termo que especificam:

Deve-se votar em candidatos **cujo** passado seja garantia de comportamento coerente.

(= o passado desses candidatos deve ser garantia...)

É um homem de **cujas** opiniões só se pode discordar.

(= das opiniões desse homem só se pode discordar.)

É importante notar que nunca se usa artigo depois de *cujo*: "cujo filho" e não "cujo o filho".

d. *Quem* refere-se a pessoa ou a algo personificado:

Este poeta, a **quem** o povo deveria respeitar, é o que melhor traduz a alma brasileira.

Este é meu cão, a **quem** prezo como companheiro.

e. *Onde* é pronome relativo quando equivale a *em que*; deve ser usado, portanto, unicamente na indicação de lugar:

Você conhece uma cidade brasileira **onde** se possa atravessar uma rua em segurança?

Quero que você veja a escola **onde** fiz meus primeiros garranchos.

f. *Quanto, quantos* e *quantas* são pronomes relativos quando usados depois dos pronomes indefinidos *tudo, todos* ou *todas*:

Trouxe **tudo quanto** me pediram.

Você deve perguntar a **todos quantos** estavam lá.

g. *Quando* e *como* são relativos que exprimem noções de tempo e modo, respectivamente:

É o momento **quando** o céu se torna infinitamente azul.

Não aceito a forma **como** ela tratou você na reunião.

É fácil observar que os pronomes relativos são elementos fundamentais para a boa articulação de frases e textos: sua propriedade de atuar como pronomes e conectivos simultaneamente favorece a síntese e evita a repetição de termos. Você poderá perceber melhor esse papel nas atividades que vêm adiante e no estudo das orações subordinadas adjetivas, na parte reservada à sintaxe.

OBSERVAÇÃO

Alguns autores defendem a existência de pronomes relativos sem antecedente, em frases como:

Quem não deve não teme.

Ficou quieto **onde** o deixaram.

Nesses casos, os pronomes *quem* e *onde* seriam equivalentes a *aquele que* e *no lugar em que*, respectivamente.

Atividades

1. Substitua os asteriscos das frases abaixo por pronomes relativos. Em alguns casos, você terá de colocar uma preposição antes do pronome.

a) O museu (*) o governo do estado quer recuperar é um dos mais importantes do país.

b) Aquela médica (*) me atendeu ontem é a diretora do hospital.

c) As provas (*) ele tentou mostrar que é inocente não convenceram ninguém.

d) As teses, (*) não duvido, foram rejeitadas por muitos dos presentes.

e) Este é o disco (*) repertório a crítica tem elogiado.

f) Aquela é a garota (*) irmão foi aprovado no vestibular.

g) Lá fica a sede da seita (*) líderes são acusados de charlatanismo.

h) Aquela é a casa (*) se ouvem barulhos estranhos.

i) Só ela sabe o nome do remédio (*) devo tomar.

2. Em cada item a seguir, você encontrará dois períodos simples. Leia-os atentamente. Depois, una-os em um único período, composto, utilizando um pronome relativo para efetuar essa transformação. Faça todas as alterações que julgar necessárias à obtenção de frases bem construídas.

a) Estudei algumas teses. Essas teses apresentam soluções inovadoras.

b) Não tive tempo para ler todos os livros. Esses livros têm sido elogiados pelos críticos.

c) Felizmente pude ver algumas peças. Um professor havia falado muito bem dessas peças.

d) Preciso escrever uma carta ao senador. Na última eleição, votei nesse senador.

e) É fundamental criar projetos sociais exequíveis. A eliminação da miséria deve ser a principal meta desses projetos.

f) É preciso criar uma nação. A justiça social deve prevalecer nessa nação.

g) Serão criados órgãos de incentivo à cultura. A principal finalidade desses órgãos será democratizar o acesso à cultura.

h) Só consigo repudiar políticos conservadores. Para esses políticos, a questão dos meninos de rua só se resolve com repressão policial.

i) Em toda eleição surgem candidatos oportunistas. Pouco se divulga sobre a vida desses candidatos.

3. Explique a ambiguidade da frase seguinte e proponha alguma forma de resolvê-la.

O projeto será encaminhado ao líder de uma das comissões, que deve estudar o assunto.

6. Pronomes indefinidos

Os pronomes indefinidos referem-se à terceira pessoa do discurso de forma vaga, imprecisa ou genérica. É o que se verifica, por exemplo, na frase:

Alguém esteve lá durante minha ausência e levou os documentos.

Não é difícil constatar que o pronome *alguém* faz referência a uma pessoa da qual se fala (uma terceira pessoa, portanto) de forma imprecisa, vaga. É um termo que indica um ser humano de cuja existência se tem certeza, mas cuja identidade não é conhecida.

Os pronomes indefinidos formam um grupo bastante numeroso. Alguns são variáveis; outros são invariáveis.

invariáveis	
alguém, ninguém	algo
tudo, nada	cada
outrem	mais, menos, demais

variáveis

algum, alguns, alguma, algumas
nenhum, nenhuns, nenhuma, nenhumas
todo, todos, toda, todas
outro, outros, outra, outras
muito, muitos, muita, muitas
pouco, poucos, pouca, poucas
certo, certos, certa, certas
vário, vários, vária, várias
tanto, tantos, tanta, tantas
quanto, quantos, quanta, quantas
um, uns, uma, umas
bastante, bastantes
qualquer, quaisquer

OBSERVAÇÃO

Se você analisar com atenção os pronomes indefinidos, vai perceber que existem alguns grupos que criam sistemas de oposição de sentido. É o caso, por exemplo, de:

- *algum / alguém / algo*, que têm sentido afirmativo, e *nenhum / ninguém / nada*, que têm sentido negativo;
- *todo / tudo*, que indicam uma totalidade afirmativa, e *nenhum / nada*, que indicam uma totalidade negativa;
- *alguém / ninguém*, que se referem a pessoa, e *algo / nada*, que se referem a coisa;
- *certo*, que particulariza, e *qualquer*, que generaliza.

Essa oposição de sentido é muito importante para construir frases e textos coerentes. Muitas vezes, a solidez e a consistência dos argumentos expostos dependem justamente dessa oposição. Verifique nas frases seguintes a força que os pronomes indefinidos destacados conferem às afirmações de que são parte:

Nada do que se apurou produziu **algum** resultado prático. E **ninguém** se beneficiou com os milhões investidos nesses projetos megalomaníacos.

Procure levar em conta **todas** as informações constantes do manual. Não há **nenhuma** possibilidade de que **algo** não possa ser resolvido com essas instruções.

Algumas pessoas não se convencem de que certos assuntos não devem ser discutidos por pessoas **quaisquer**.

A oposição entre os pronomes indefinidos *todos* e *ninguém* reforça o humor desta tira. Observar o emprego do pronome relativo *que*, antecedido do demonstrativo *o* no último quadrinho.

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o horrível*. Porto Alegre: L&PM, 2007. v. 4. p. 30.

a. Além desses pronomes, existem também as locuções pronominais indefinidas. Eis algumas delas:

cada um cada qual quem quer que todo aquele que tudo o mais

b. Os dicionários não dão ao pronome *qualquer* o sentido de *nenhum*, como se vê em "O time não tem qualquer possibilidade de classificação" (construção mais do que comum na língua corrente no Brasil). A construção recomendada é "O time não tem nenhuma possibilidade de classificação". Os dicionários dão a "qualquer" o valor de indeterminar, generalização:

A partir de amanhã, qualquer brasileiro poderá sacar suas cotas do PIS.

7. Pronomes interrogativos

Os pronomes *que, quem, qual* e *quanto*, na teoria indefinidos, são classificados particularmente como interrogativos porque são empregados para formular interrogações diretas ou indiretas:

Que foi isso?

Quero saber **que** foi isso.

Quem é esse rapaz?

Quero saber **quem** é esse rapaz.

Qual o melhor itinerário?

Quero saber **qual** é o melhor itinerário.

Quanto custa?

Quero saber **quanto** custa.

Atividades

1. Substitua as palavras ou expressões destacadas nas frases abaixo por pronomes indefinidos. Em alguns casos, você terá de fazer alterações na concordância para obter frases bem formadas.

a) Ela pensa que é dona de **todas as coisas**. É uma egocêntrica. **Nenhuma pessoa** a tolera.

b) Nenhuma pessoa deve transferir a **outras pessoas** as tarefas que lhe cabem.

c) Não é justo utilizar em proveito próprio os problemas das **outras pessoas**.

d) **Poucas pessoas** têm capacidade de discernir; **muitas pessoas** ainda se deixam enganar por promessas irrealizáveis.

e) Existe gente que não crê em **nenhuma coisa** nem em **nenhum ser humano**.

f) É inaceitável que se faça isso a **um ser humano**. **Nenhum ser humano** pode tolerar tanto escárnio.

2. Explique a diferença de sentido entre as expressões destacadas nas frases de cada um dos pares seguintes.

a) Aquilo tinha **algum valor** para ele.
Aquilo não tinha **valor algum** para ele.

b) **Certas pessoas** têm pouco senso de ridículo.
Escolha sempre as **pessoas certas**.

c) Você não vai oferecer **nada**?
Saiu do restaurante sem ter provado **nada**.

d) **Outro dia** estive lá.
Estive lá no **outro dia**.

e) É trabalho que pode ser feito por **qualquer um**.
É trabalho que não pode ser feito por **um qualquer**.

f) "**Todo dia** ela faz tudo sempre igual."
Ela faz tudo sempre igual **todo o dia**.

Textos para análise

1

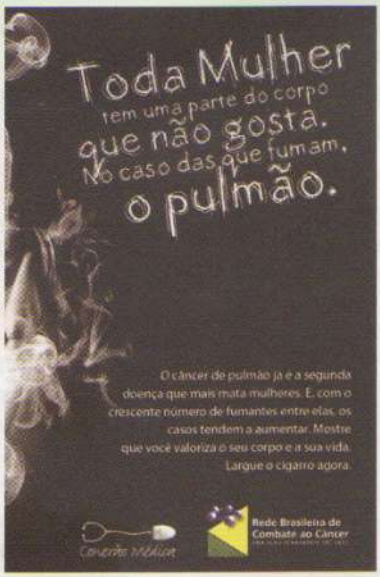

Rede Brasileira de Combate ao Câncer/Detalhe.

Jornal Metrô. São Paulo: Publimetro S. A., 12 mar. 2008. p. 6.

Trabalhando o texto

1. "Toda mulher tem uma parte do corpo que não gosta." Nesse trecho do anúncio ficou faltando uma palavra. Qual? Localize o pronome relativo.
2. "No caso das que fumam, o pulmão". Localize o pronome demonstrativo nesse trecho.
3. Aponte e classifique os pronomes presentes neste trecho: "O câncer de pulmão já é a segunda doença que mais mata mulheres. E, com o crescente número de fumantes entre elas, os casos tendem a aumentar. Mostre que você valoriza o seu corpo e a sua vida. Largue o cigarro agora."
4. Quais são os referentes dos pronomes *elas* e *você* analisados anteriormente?

2

Reprodução

MESTRE VIDÊNCIA

PELA MAGIA MILENAR DOS CRISTAIS ELA TE ORIENTARÁ

CONSULTAS COM JOGOS DE BUZIOS E TARÔ

Realizamos todos os trabalhos na presença da pessoa, trazemos a pessoa amada em sete dias. Desmancha qualquer tipo de trabalho. Corta demandas. Abre caminhos. Corta vícios. Faz simpatias para o amor, qualquer que seja seu problema, **DESEMPREGO, FINANCEIRO E QUEBRA DE LUCRO**, em apenas uma consulta ele te orientará ao caminho do bem.

Folheto de propaganda de circulação social.

Trabalhando o texto

1. Explique a quem se referem os pronomes *ela* e *ele* presentes no texto. Explique também como você descobriu essa informação.
2. O que é possível observar com relação às pessoas em que estão conjugadas as formas verbais?
3. Cite duas passagens que comprovem a mistura de tratamentos no texto.
4. O que causa estranheza nesta sequência: "desemprego, financeiro e quebra de lucro".
5. O folheto em questão atinge seu objetivo? Como isso se torna possível?

3

Vou tirar você do dicionário

Vou tirar do dicionário
A palavra você
Vou trocá-la em miúdos
Mudar meu vocabulário
E no seu lugar
Vou colocar outro absurdo
Eu vou tirar suas impressões digitais
da minha pele
Tirar seu cheiro dos meus lençóis
O seu rosto do meu gosto
Eu vou tirar você de letra
Nem que tenha que inventar outra gramática
Eu vou tirar você de mim
Assim que descobrir
Com quantos nãos se faz um sim

Eu vou tirar o sentimento do meu pensamento
Sua imagem e semelhança
Vou parar o movimento
A qualquer momento procurar outra lembrança
Eu vou tirar, vou limar de vez
Sua voz dos meus ouvidos
Eu vou tirar você e eu de nós
O dito pelo não tido
Eu vou tirar você de letra
Nem que tenha que inventar outra gramática
Eu vou tirar você de mim
Assim que descobrir
Com quantos nãos se faz um sim

Itamar Assumpção & Alice Ruiz. In: DUNCAN, Zélia. *Intimidade*. CD WEA 063015836-2, 1996.

Trabalhando o texto

1. A que palavra se refere o pronome destacado em "Vou trocá-**la** em miúdos"?

2. "E no **seu** lugar vou colocar outro absurdo."
A que ou a quem se refere o pronome destacado?

3. Retire do texto:
a) um pronome de tratamento;
b) quatro pronomes indefinidos;
c) dois pronomes pessoais do caso reto;
d) três pronomes pessoais do caso oblíquo.

4. "Eu vou tirar você e eu de nós." Empregado duas vezes no trecho, o pronome *eu* tem papéis distintos: um, próprio da forma reta; outro, não. Comente e explique o sentido do verso.

5. Ao tirar a palavra *você* do dicionário, está-se tirando uma pessoa específica ou toda uma possibilidade de relacionamento sentimental com outra pessoa? Comente.

6. A que classe gramatical pertencem normalmente as palavras *não* e *sim*? No texto, as palavras *nãos* e *sim* pertencem a essa classe? Comente.

7. No texto, a invenção de uma outra gramática atende a um objetivo específico. Em alguma outra situação você julga que seria necessário criar uma nova gramática? Explique.

Questões de exames e concursos

1. (FGV-SP) Leia os sete versos abaixo e responda às questões a eles pertinentes.

(1) Metafísica? Que metafísica têm aquelas árvores?

(2) A de serem verdes e copadas e de terem ramos

(3) E a de dar fruto na sua hora, o que não nos faz pensar,

(4) A nós, que não sabemos dar por elas.

(5) Mas que melhor metafísica que a delas,

(6) Que é a de não saber por que vivem

(7) Nem que o não sabem?

(Alberto Caeiro)

Nos quatro últimos versos, há várias ocorrências da palavra *que*. Sobre essa palavra, pode-se dizer:

a) No quinto verso, tem-se um pronome definido e uma conjunção comparativa.

b) No sétimo verso, tem-se um pronome relativo.

c) No quarto verso, tem-se um pronome relativo.

d) No sexto verso, tem-se uma conjunção comparativa e um pronome interrogativo.

e) No sexto verso, tem-se uma conjunção integrante e um advérbio.

2. (UEPB)

"(...) Quero ver-te de novo, contemplar-te muito, muito; quero-te bem unido a mim para, abraçados fortemente, eu te contar um segredo que só teus ouvidos podem escutar. (...)"

FARIA, Paula. Correspondência amorosa de Maria Lina. In: *Calendário*. São Paulo: USP, maio 2006. p. 3.

Re-escrevendo o enunciado acima e substituindo a 2.ª pessoa do discurso para a 3.ª pessoa, considerando a pessoa com quem se fala, a alternativa correta é:

a) Quero ver você de novo, contemplar-lhe muito, muito; quero-lhe bem unido a mim para, abraçados fortemente, eu contar a você um segredo que os ouvidos dele podem escutar.

b) Quero ver-lhe de novo, contemplar-lhe muito, muito; quero ele bem unido a mim para abraçados fortemente eu contá-lo um segredo que só os seus ouvidos podem escutar.

c) Quero vê-lo de novo, contemplá-lo muito, muito; quero você bem unido a mim para, abraçados fortemente, eu lhe contar um segredo que só seus ouvidos podem escutar.

d) Quero vê-lo de novo, contemplar ele muito, muito; quero-o bem unido a mim para, abraçados fortemente, eu contar-lhe um segredo que só seus ouvidos podem escutar.

e) Quero lhe ver de novo, contemplar você muito, muito; lhe quero bem unido a mim para, abraçados fortemente, eu contar a ele um segredo que só os ouvidos dele podem escutar.

3. (UEPG-PR)

Por que os nobres usavam cabelo comprido?

No Egito antigo, madeixas longas eram exclusividade dos de posição social superior. Quando não tinham cabeleiras, faraós e guerreiros simulavam o visual com mantos ou perucas, o que ajudava a distingui-los dos sacerdotes, que usavam corpo e cabeças raspados. "Um nobre não permitia que cortassem seu cabelo, mas um pobre não tinha como resistir a isto", diz Francisco Marshall, do Núcleo de História Antiga da UFRGS.

Foi Alexandre Magno quem rompeu com a tradição, exigindo dos guerreiros pelos tosados: a ideia era evitar que o inimigo os prendessem pelo cabelo.

FEUÓ, Bruno Vieira. *Superinteressante*. São Paulo: Abril, out. 2005.

Identifique as classes de palavras e os respectivos empregos no texto e assinale o que for correto.

01) No primeiro período, **dos** tem valor de pronome demonstrativo e se refere aos substantivos – faraós e guerreiros.

02) No segundo período, o pronome **los** refere-se ao substantivo sacerdotes.

04) No segundo período, o adjetivo **raspados** pode concordar com cabeças (corpo e cabeças raspadas).

08) No terceiro período, **nobre** e **pobre** são substantivos.

16) No quarto período, o pronome **os** refere-se ao substantivo guerreiros.

4. (Uerj)

A lagartixa

A lagartixa ao sol ardente vive
E fazendo verão o corpo espicha:
O clarão de teus olhos me dá vida,
Tu és o sol e eu sou a lagartixa.

Amo-te como o vinho e como o sono,
Tu és meu copo e amoroso leito...
Mas teu néctar de amor jamais se esgota,
Travesseiro não há como teu peito.

Posso agora viver: para coroas
Não preciso no prado colher flores;
Engrinaldo melhor a minha fronte
Nas rosas mais gentis de teus amores.

Vale todo um harém a minha bela,
Em fazer-me ditoso ela capricha...
Vivo ao sol de seus olhos namorados,
Como ao sol de verão a lagartixa.

AZEVEDO, Álvares de. *Poesias completas* (Ed. crítica de Péricles Eugênio da Silva Ramos/Org. de Iumna Maria Simon). Campinas: Unicamp/São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

Verifica-se, no poema, a alternância entre a 2.ª e a 3.ª pessoas do discurso. Explique essa alternância na construção do poema.

Texto para as questões 5 e 6.

Leia o fragmento abaixo, do conto "A cartomante", de Machado de Assis. Depois, responda às perguntas.

"Separaram-se contentes, ele ainda mais que ela. Rita estava certa de ser amada; Camilo, não só o estava, mas via-a estremecer e arriscar-se por ele, correr às cartomantes, e, por mais que a repreendesse, não podia deixar de sentir-se lisonjeado. A casa do encontro era na antiga Rua dos Barbonos, onde morava uma comprovinciana de Rita. Esta desceu pela Rua das Mangueiras na direção de Botafogo, onde residia; Camilo desceu pela da Guarda Velha, olhando de passagem para a casa da cartomante."

5. (FGV-SP) O texto oferece condições para indicar, com precisão, o significado do pronome *o* na seguinte oração: "...não só o estava...". Diga qual é esse significado. Explique qual defeito de estilo Machado de Assis evitou ao utilizar o pronome *o*.

6. (FGV-SP) Em "Esta desceu pela Rua das Mangueiras...", explique por que, no texto, se usou o pronome *esta* e não o pronome *ela*.

7. (UFC)

Canudos não se rendeu

Fechemos este livro.

Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a história, resistiu até o esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados.

Forremo-nos à tarefa de descrever os seus últimos momentos. Nem poderíamos fazê-lo. Esta página, imaginamo-la sempre profundamente emocionante e trágica; mas cerramo-la vacilante e sem brilhos.

Vimos como quem vinga uma montanha altíssima. No alto, a par de uma perspectiva maior, a vertigem...

Ademais, não desafiaria a incredulidade do futuro a narrativa de pormenores em que se amostrassem mulheres precipitando-se nas fogueiras dos próprios lares, abraçadas aos filhos pequeninos?...

E de que modo comentaríamos, com a só fragilidade da palavra humana, o fato singular de não aparecerem mais, desde a manhã de 3, os prisioneiros válidos colhidos na véspera, e entre eles aquele Antônio Beatinho, que se nos entregara, confiante – e a quem devemos preciosos esclarecimentos sobre esta fase obscura da nossa história?

Caiu o arraial a 5. No dia 6 acabaram de o destruir, desmanchando-lhe as casas, 5 200, cuidadosamente contadas.

CUNHA, Euclides da. A luta. In: *Os sertões*. São Paulo: Martin Claret, 2002. p. 532.

Transcreva do texto os termos aos quais se referem os elementos destacados nas frases abaixo.

a) "(...) quando caíram os **seus** últimos defensores (...)"

b) "(...) cerramo-**la** vacilante e sem brilhos."

c) "(...) desmanchando-**lhe** as casas (...)"

8. (Unicamp-SP)

O Partido X dedica-se a essa atividade mais do que nunca. Ocorre que ainda está longe do desejado, seja por falta de vontade, de vocação ou de incapacidade do partido. Entre outras razões, é por esse motivo que o dólar sobe.

RODRIGUES, Fernando. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 25 set. 2002. Parcialmente adaptado.

Na primeira oração ocorre uma palavra (um pronome) que permite concluir que o trecho acima não é o início do texto de Fernando Rodrigues. Qual é a palavra e por que sua ocorrência permite tal conclusão?

9. (Ufam) Assinale o item em que há **erro** no emprego do pronome pessoal:

a) Recebidas as mangas, os meninos as repartiam irmãmente entre si.

b) Sempre me presenteava livros, dizendo-me que era para eu adquirir o hábito da leitura.

c) Estas deliciosas balas de mangarataia, eu as trouxe para ti levares ao Píndaro.

d) Os altruístas pensam menos em si e mais nos outros.

e) Leve o jornal consigo, Acácio. Já o li desde cedo.

10. (UFU-MG) Observe os trechos abaixo.

I. "Positivamente, era um diabrete Virgília, um diabrete angélico, se querem, mas era-**o** e então... Então apareceu o Lobo Neves, ..." (Machado de Assis)

II. "Meu pai ficou atônito com o desenlace e quer-me parecer que não morreu de outra coisa. Eram tantos os castelos que engenhara, tantos e tantíssimos os sonhos, que não podia vê-los assim esboroados, sem padecer um forte abalo no organismo. A princípio não quis crê-**lo**. Um Cubas! um galho da árvore ilustre dos Cubas! E dizia isto com tal convicção, que eu já então informado da nossa tanoaria, esqueci um instante a volúvel dama, para só contemplar aquele fenômeno, não raro, mas curioso: uma imaginação graduada em consciência." (Machado de Assis)

III. "Ela era menos escrupulosa que o marido; manifestava claramente as esperanças que trazia no legado, cumulava o parente de todas as cortesias, atenções e afagos que poderiam render, pelo menos, um codicilo. Propriamente, adulava-**o**: mas eu observei que a adulação das mulheres não é a mesma coisa que a dos homens." (Machado de Assis)

Assinale a **única** alternativa em que as palavras podem substituir os termos em destaque.

a) diabrete – desenlace – parente

b) angélico – pai – legado

c) Virgília – abalo – marido

d) diabrete – organismo – parente

e) angélico – desenlace – legado

11. (UFRRJ) "Há quem pense que as empresas jornalísticas, ao promover o uso de jornais na educação, **o** fazem unicamente com o objetivo de criar o leitor do futuro."

Em relação ao termo destacado, a classificação e a justificativa de seu uso são as seguintes:

a) artigo definido, pois determina um substantivo subentendido na oração.

b) pronome demonstrativo, pois substitui a ideia expressa pela oração anterior.

c) pronome pessoal, pois substitui um substantivo subentendido na oração anterior.

d) pronome demonstrativo, pois situa cronologicamente a ação do verbo *fazer*.

e) artigo definido, pois substantiva o verbo *fazer*, determinando-o.

12. (Fuvest-SP) Na frase "**Todo** homem é mortal, porém o homem **todo** não é mortal", o termo *todo* é empregado com significados diferentes.

a) Indique o sentido em cada uma das expressões.

b) Justifique sua resposta.

13. (UFV-MG) Das alternativas abaixo, apenas uma preenche de modo correto as lacunas das frases. Assinale-a.

Quando saíres, avisa-nos que iremos ... .
Meu pai deu um livro para ... ler.
Não se ponha entre ... e ela.
Mandou um recado para você e para ... .

a) contigo, eu, eu, eu

b) com você, mim, mim, mim

c) consigo, mim, mim, eu

d) consigo, eu, mim, mim

e) contigo, eu, mim, mim

14. (Fuvest-SP)

Conheci que (1) Madalena era boa em demasia...
A culpa foi desta vida agreste que (2) me deu uma alma agreste.
Procuro recordar o que (3) dizíamos.
Terá realmente piado a coruja? Será a mesma que (4) piava há dois anos?
Esqueço que (5) eles me deixaram e que (6) esta casa está quase deserta.

Nas frases acima, o *que* aparece seis vezes; em três delas é pronome relativo. Quais?

a) 1 – 2 – 4

b) 2 – 4 – 6

c) 3 – 4 – 5

d) 2 – 3 – 4

e) 2 – 3 – 5

15. (PUC-SP) Assinale a alternativa que preencha, pela ordem, corretamente as lacunas abaixo.

1. A espécie nova ... se referia Meyer era uma borboleta.
2. A espécie nova ... Meyer tratava era uma borboleta.
3. A espécie nova ... Meyer se maravilhava era uma borboleta.
4. A espécie nova ... Meyer descobriu era uma borboleta.

a) que, de que, com que, que
b) a que, de que, que, de que
c) a que, que, com que, a que
d) a que, de que, com que, que
e) de que, a que, que, a que

16. (PUC-SP) No trecho que a seguir transcrevemos, há vários pronomes.

"Com esta história eu vou me sensibilizar, e bem sei que cada dia é um dia roubado da morte. Eu não sou um intelectual, escrevo com o corpo. E o que escrevo é uma névoa úmida."

Identifique, nele, dois pronomes demonstrativos, um pronome pessoal do caso reto e um pronome pessoal do caso oblíquo.

17. (Unicamp-SP) No trecho que segue há uma passagem estruturalmente ambígua (isto é, uma passagem que poderia ser interpretada de duas maneiras, se ignorássemos o que é geralmente pressuposto sobre a vida de John Kennedy).

Identifique essa passagem, transcreva-a, aponte as duas interpretações possíveis e explique o que a torna ambígua do ponto de vista estrutural.

"E se os russos atacassem agora?", perguntou certa ocasião (...) Judith Exner, uma das incontáveis amantes de Kennedy, que, simultaneamente, mantinha um caso com o chefão mafioso Sam Giancana."

Veja. São Paulo: Abril, n. 1 002, 18 nov. 1987.

18. (Unimep-SP) "Eu não ... vi na festa do clube ontem. Os diretores não ... convidaram? Não ... disseram que era ontem? Eu ... avisei de que não podia confiar neles!"

a) o, o, o, o
b) o, lhe, lhe, o
c) o, o, lhe, o
d) lhe, lhe, lhe, lhe
e) lhe, lhe, o, o

19. (Unimep-SP)

I. Este é Renato.
II. Eu posso contar com a ajuda de Renato.

Se juntarmos as duas orações num só período, usando um pronome relativo, teremos:

a) Este é Renato, com quem eu posso contar com a ajuda dele.
b) Este é Renato, que eu posso contar com a ajuda dele.
c) Este é Renato, o qual eu posso contar com sua ajuda.
d) Este é Renato, com cuja ajuda eu posso contar.
e) Este é Renato, cuja ajuda eu posso contar.

20. (Unimep-SP)

I. Demos **a ele** todas as oportunidades.
II. Fizemos **o trabalho** como você orientou.
III. Acharam **os livros** muito interessantes.

Substituindo as palavras destacadas por um pronome oblíquo, temos:

a) I. Demos-lhe; II. Fizemo-lo; III. Acharam-los.
b) I. Demos-lhe; II. Fizemos-lo; III. Acharam-os.
c) I. Demos-lhe; II. Fizemo-lo; III. Acharam-nos.
d) I. Demo-lhe; II. Fizemos-o; III. Acharam-nos.
e) I. Demo-lhe; II. Fizemo-lhe; III. Acharam-nos.

21. (Unimep-SP) "A exposição ... inauguração assisti mostrou os lindos quadros ... me referi na nossa conversa do outro dia. Amanhã, haverá um leilão na mesma sala ... estão expostos."

A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:

a) a cuja, aos quais, em que.
b) a cuja, os quais, na qual.
c) cuja, a que, em que.
d) a qual, aos quais, na qual.
e) à qual, que, que.

22. (Unimep-SP) "Os dados que ... enviei são confidenciais. Chame seu secretário e instrua-... a não falar nada. Peça-... que destrua as folhas o mais rápido possível. Vejo-... amanhã no escritório."

A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:

a) o, o, lhe, lhe.
b) o, o, lhe, o.
c) lhe, lhe, lhe, o.
d) lhe, o, lhe, lhe.
e) lhe, o, lhe, o.

23. (Unimep-SP) "Este é um assunto entre ... . Não tem nada a ver ... ."

Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.

a) eu e ele, contigo
b) eu e ele, consigo
c) mim e ele, com você
d) mim e ele, consigo
e) mim e ti, consigo

24. (Unimep-SP)

I. Coloquem **os móveis** no lugar.
II. Enviamos cartas **a vocês**.
III. Refez **a lição** que estava errada?

Substituindo as palavras destacadas por pronomes, teremos:

a) I. Coloquem-nos; II. Enviamos-lhes; III. Refê-la.
b) I. Coloquem-nos; II. Enviamo-lhes; III. Refê-la.
c) I. Coloquem-os; II. Enviamo-las; III. Refez-lhe.
d) I. Coloquem-os; II. Enviamos-lhes; III. Refi-la.
e) I. Coloque-os; II. Enviamo-los; III. Refez-lhe.

25. (UEL-PR) Foram divididos ... próprios os trabalhos que ... em equipe.

a) conosco, se devem realizar
b) com nós, devem-se realizar
c) conosco, devem realizar-se
d) com nós, se devem realizar
e) conosco, devem-se realizar

26. (UEL-PR) Para ... poder terminar a arrumação da sala, guardem ... material em outro lugar até que eu volte a falar ..., dizendo que já podem entrar.

a) eu, seu, com vocês
b) eu, vosso, convosco
c) eu, vosso, consigo
d) mim, seu, com vocês
e) mim, vosso, consigo

27. (Fuvest/FGV-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.

Tomo a liberdade de levar ao conhecimento de V. Exa. que os ... que ... foram encaminhados defendem causa justa e ficam a depender tão-somente de ... decisão para que sejam atendidos.

a) abaixos-assinados, lhe, sua
b) abaixos-assinados, vos, vossa
c) abaixo-assinados, lhe, sua
d) abaixo-assinados, vos, vossa
e) abaixo-assinados, lhe, vossa

28. (Fuvest-SP) "Quanto a mim, se **vos disser** que li o bilhete três ou quatro vezes, naquele dia, **acreditai-o**, que é verdade; se vos disser mais que o reli no dia seguinte, antes e depois do almoço, **podeis crê-lo**, é a realidade pura. Mas se vos disser a comoção que tive, **duvidai** um pouco da asserção, e **não a aceiteis** sem provas."

Mudando o tratamento para a terceira pessoa do plural, as expressões destacadas passam a ser:

a) lhes disser; acreditem-no; podem crê-lo; duvidem; não a aceitem.
b) lhes disserem; acreditem-lo; podem crê-lo; duvidam; não a aceitem.
c) lhe disser; acreditem-no; podem crer-lhe; duvidam; não a aceitam.
d) lhe disserem; acreditam-no; possam crê-lo; duvidassem; não a aceiteis.
e) lhes disser; acreditem-o; podem crê-lo; duvidem; não lhe aceitem.

29. (UEL-PR) O suspeito do sequestro falava de forma evasiva, sem encarar os policiais, negando o **seu** envolvimento com o caso e dizendo desconhecer o local **onde se** achariam a vítima e o dinheiro do resgate.

As palavras destacadas na frase são, respectivamente:

a) pronome substantivo, advérbio de lugar, pronome reflexivo.
b) pronome adjetivo, pronome relativo, pronome apassivador.
c) pronome substantivo, advérbio de lugar, pronome apassivador.
d) pronome adjetivo, pronome relativo, pronome reflexivo.
e) pronome adjetivo, advérbio de lugar, pronome apassivador.

30. (Unicamp-SP) "(...) vejo na televisão e no rádio que o 'cujo' bateu asas e voou. Virou ave migratória."

O comentário acima, do escritor Otto Lara Resende (*Folha Ilustrada*, 8 nov. 1992), refere-se ao fato de que o uso do pronome relativo *cujo* é cada vez menos frequente. Isso faz com que os falantes, ao tentarem utilizar esse pronome na escrita, construam sequências sintáticas que levam a interpretações estranhas. Veja o exemplo seguinte:

"O povo não só quer o *impeachment* desse aventureiro chamado Collor, como o confisco dos bens nada honestos do sr. Paulo César Farias e companhia. E que a esse PFL e ao Brizola (cuja ficha de filiação ao PDT já rasguei) reste a vingança do povo..."

L. A. N. *Folha de S.Paulo*, 30 jul. 1992. Painel do Leitor.

a) O que L. A. N. pretendeu dizer com a oração entre parênteses?
b) O que ele disse literalmente?
c) Que tipo de conhecimento deve ter o leitor para entender o que L. A. N. quis dizer?

31. (Cefet-PR) Use *eu* ou *mim*.

"É difícil, para (*), esquecer tantas injustiças."
"Se é para (*) pagar, desista; não tenho dinheiro."

Texto para as questões 32 e 33.

Que me enganei, ora o vejo;
Nadam-te os olhos em pranto,
Arfa-te o peito, e no entanto
Nem me podes encarar;
Erro foi, mas não foi crime,
Não te esqueci, eu to juro:
Sacrifiquei meu futuro,
Vida e glória por te amar!

(Gonçalves Dias)

32. (Fuvest-SP) Em dois versos do texto, um pronome substitui toda uma oração. Aponte os versos em que isso ocorre.

33. (Fuvest-SP) Indique os dois versos do texto em que um pronome pessoal substitui um possessivo.

34. (UFMG) Em todas as alternativas, a expressão destacada pode ser substituída pelo pronome *lhe*, exceto em:

a) Tu dirás **a Cecília** que Peri partiu.
b) Cecília viu perto **a Isabel**.
c) O tiro fora destinado **a Peri** por um dos selvagens.
d) Cecília recomendou **a Peri** que estivesse quieto.
e) Peri prometeu **a D. Antônio** levar-te à irmã.

35. (ITA-SP) Dadas as sentenças:

1. Ela comprou um livro para mim ler.
2. Nada há entre mim e ti.
3. Alvimar, gostaria de falar consigo.

verificamos que está(estão) correta(s):

a) apenas a sentença 1.
b) apenas a sentença 2.
c) apenas a sentença 3.
d) apenas as sentenças 1 e 2.
e) todas as sentenças.

36. (FCMSC-SP) A carta vinha endereçada para ... e para ...; ... é que a abri.

a) mim, tu, por isso
b) mim, ti, porisso
c) mim, ti, por isso
d) eu, ti, porisso
e) eu, tu, por isso

37. (FCMSC-SP) São excelentes técnicos, ... colaboração não podemos prescindir.

a) cuja
b) de cuja
c) que a
d) de que a
e) dos quais a

38. (FCMSC-SP) Por favor, passe ... caneta que está aí perto de você; ... aqui não serve para ... desenhar.

a) aquela, esta, mim
b) esta, esta, mim
c) essa, esta, eu
d) essa, essa, mim
e) aquela, essa, eu

39. (Fuvest-SP)

Eu ... desconheço.
Roubaram-... o carro.
Os carros? Roubaram-... .
Não ... era permitido ficar na sala.
Obrigaram-... a sair daqui.

a) o, lhe, nos, lhe, nos
b) lhe, o, o, o, no
c) o, os, lhe, lhe, lhe
d) lhe, lhe, lhe, se, os
e) o, o, os, lhe, no

40. (Fuvest-SP)

a) Re-escreva o período seguinte, substituindo o pronome destacado por outro, sem alterar o sentido da frase.

"O barbeiro não parou de falar, enquanto cortava os **meus** cabelos."

b) Empregando exatamente as mesmas palavras, re-escreva a frase seguinte, alterando-a de modo a que adquira sentido negativo.

"Algum amigo me ajudará."

41. (Fuvest-SP) Destaque a frase em que o pronome relativo está empregado corretamente.

a) É um cidadão em cuja honestidade se pode confiar.
b) Feliz o pai cujo os filhos são ajuizados.
c) Comprou uma casa maravilhosa, cuja casa lhe custou uma fortuna.
d) Preciso de um pincel delicado, sem o cujo não poderei terminar meu quadro.
e) Os jovens, cujos pais conversam com eles, prometeram mudar de atitude.

42. (ITA-SP) Dadas as sentenças:

1. Confesso que fiquei fora de si quando recebi o telefonema.
2. O nome do sinal em forma de estrela (*) é asterístico.
3. Ela é uma pessoa bastante arvoada.

deduzimos que:

a) apenas a sentença 1 está correta.
b) apenas a sentença 2 está correta.
c) apenas a sentença 3 está correta.
d) todas estão corretas.
e) n. d. a.

43. (FEI-SP) Substitua os termos destacados pelos pronomes oblíquos correspondentes.

a) Encontraram **o corpo** na estufa.
b) Arrancara do peito **uma cruz de ametistas**.
c) A disposição das plantas não permite **um esconderijo**.

44. (UFJF-MG) Marque:

a) se I e II forem verdadeiras;
b) se I e III forem verdadeiras;
c) se II e III forem verdadeiras;
d) se todas forem verdadeiras;
e) se todas forem falsas.

Somente pronomes estão destacados em:

I. "**Algum** tempo hesitei se devia abrir **estas** memórias..."

II. "... duas considerações **me** levaram a adotar diferente método: a primeira é que **eu** não sou..."

III. "Moisés, **que** também contou a **sua** morte."

45. (Acafe-SC) Assinale a alternativa em que a palavra destacada exerce a função de pronome adjetivo.

a) Partiu sem ao menos dizer-**me** adeus.
b) Poderíamos reconhecê-lo com um dos **nossos** mártires.
c) Aquela não foi uma obra de arte, mas **esta** será?
d) Leio muito, porém não o que **me** desagrada.
e) Sempre serei assim, mesmo que não **me** aceites.

46. (PUC-SP) No trecho: "O presidente não recebeu ninguém, não havia nenhuma fotografia sorridente dele, nenhuma frase imortal, nada que fosse supimpa", tem-se:

a) quatro pronomes adjetivos indefinidos.
b) dois pronomes adjetivos indefinidos e dois pronomes substantivos indefinidos.
c) um pronome substantivo indefinido e três pronomes adjetivos indefinidos.
d) quatro pronomes substantivos indefinidos.
e) um pronome adjetivo indefinido e três pronomes substantivos indefinidos.

47. (Fuvest-SP) "Vi uma fotografia sua no metrô."

Explique pelo menos dois dos vários sentidos que podem ser atribuídos à frase acima.

48. (Fuvest-SP) Considere a validade das afirmações sobre o enunciado "cartas que não se escrevem".

I. O termo *que* retoma o seu antecedente, introduzindo uma oração que tem o valor de um modificador desse mesmo antecedente.

II. O termo *que* é agente e paciente do processo expresso pelo verbo escrever.

III. O enunciado não determina qual é o agente do processo expresso pelo verbo *escrever*.

a) Apenas a afirmação I está correta.
b) Apenas a afirmação II está correta.
c) Apenas as afirmações II e III estão corretas.
d) Apenas as afirmações I e III estão corretas.
e) Todas as três afirmações estão corretas.

49. (Fuvest-SP) Na frase seguinte, o indefinido *alguma* tem valor positivo: "Muitas vezes encontro sua lembrança em alguma esquina da cidade". Construa uma frase em que *alguma* tenha valor negativo, correspondendo a *nenhuma*.

50. (TRF-RJ/FCC) Sr. Ministro, se V. Ex.ª (.....) ao diálogo, os acontecimentos decorrerão a (...) favor.

a) vos dispuser – vosso
b) se dispuser – vosso
c) vos dispusesdes – vosso
d) se dispuser – seu
e) vos dispuserdes – seu

51. (ECT-BA/ETC) Quanto ao emprego de pronomes, a alternativa incorreta é:

a) É difícil para mim aceitar tantas imposições.
b) Não há mais nada entre eu e ela.
c) Quero essa camisa branca que está na tua mão.
d) Ele trazia consigo a esperança da cura.
e) Quando V. S.ª for embora, leve consigo uma lembrança daqui.

Capítulo 14

Estudo dos numerais

TRICOLOR: campeão brasileiro pela quinta vez!

Eleito o banco número 1 em sustentabilidade.

Preço do trigo subiu 130% no último ano

Taxa de apenas 0,59%: compre agora e pague em até 36 meses...

Participe: são 500 prêmios e 50 viagens!

Fale o dobro de minutos e pague metade do preço!

PARCELE EM ATÉ 10 VEZES SEM JUROS NO CARTÃO.

Pague apenas 5 centavos o minuto!

Inflação em maio foi o triplo da de maio do ano passado

IDH: Brasil ocupa a 70.ª posição no ranking de 177 países

Terremoto de 7,9 graus na escala Richter mata mais de 69 mil na China

Preços de alimentos sobem 6% entre abril de 2007 e abril de 2008

Maio de 68: 30 anos de mudanças

Game bate recorde: 3,6 milhões de unidades vendidas em 24 h!

Taxa Selic vai a 12,25%

Estima-se 750 000 desabrigados nos EUA

Bom roteiro e bom elenco em Três vezes amor.

Uma das funções dos numerais é quantificar e ordenar os elementos do mundo do esporte, da economia, da cultura...

1. Conceito

Numeral é a classe de palavras que denota um número exato de coisas, seres ou conceitos ou indica a posição que ocupam numa determinada ordem. Quando apenas nomeia o número de seres, o numeral é chamado **cardinal** (*um, dois, três..., cinquenta, cem mil* etc.). Quando indica a ordem que o ser ocupa numa série, o numeral é chamado **ordinal** (*primeiro, segundo, terceiro..., quinquagésimo, centésimo milésimo* etc.).

Existem também os numerais **multiplicativos** e os numerais **fracionários**. Os multiplicativos exprimem aumentos proporcionais de quantidade, indicando números que são múltiplos de outros (*dobro, triplo, quádruplo* etc.). Os fracionários indicam a diminuição proporcional da quantidade, o seu fracionamento (*metade, um terço, um décimo* etc.).

2. Quadros de numerais

Apresentamos a seguir três quadros de numerais: no primeiro, você encontrará os cardinais e os ordinais, além dos algarismos arábicos e romanos; no segundo, os numerais multiplicativos; no terceiro, os fracionários. Após cada quadro faremos os comentários pertinentes.

NUMERAIS CARDINAIS E ORDINAIS

algarismos			
arábicos	romanos	cardinais	ordinais
1	I	um	primeiro
2	II	dois	segundo
3	III	três	terceiro
4	IV	quatro	quarto
5	V	cinco	quinto
6	VI	seis	sexto
7	VII	sete	sétimo
8	VIII	oito	oitavo
9	IX	nove	nono
10	X	dez	décimo
11	XI	onze	décimo primeiro ou undécimo
12	XII	doze	décimo segundo ou duodécimo
13	XIII	treze	décimo terceiro
14	XIV	catorze ou quatorze	décimo quarto
15	XV	quinze	décimo quinto
16	XVI	dezesseis	décimo sexto
17	XVII	dezessete	décimo sétimo
18	XVIII	dezoito	décimo oitavo
19	XIX	dezenove	décimo nono
20	XX	vinte	vigésimo

algarismos			
arábicos	romanos	cardinais	ordinais
21	XXI	vinte e um	vigésimo primeiro
30	XXX	trinta	trigésimo
40	XL	quarenta	quadragésimo
50	L	cinquenta	quinquagésimo
60	LX	sessenta	sexagésimo
70	LXX	setenta	septuagésimo ou setuagésimo
80	LXXX	oitenta	octogésimo
90	XC	noventa	nonagésimo
100	C	cem	centésimo
200	CC	duzentos	ducentésimo
300	CCC	trezentos	trecentésimo
400	CD	quatrocentos	quadringentésimo
500	D	quinhentos	quingentésimo
600	DC	seiscentos	seiscentésimo ou sexcentésimo
700	DCC	setecentos	septingentésimo ou setingentésimo
800	DCCC	oitocentos	octingentésimo
900	CM	novecentos	nongentésimo
1 000	M	mil	milésimo
10 000	$\overline{X}$	dez mil	décimo milésimo
100 000	$\overline{C}$	cem mil	centésimo milésimo
1 000 000	$\overline{M}$	um milhão	milionésimo
1 000 000 000	$\overline{\overline{M}}$	um bilhão ou bilião	bilionésimo

Comentários

a. Atente na possibilidade de usar as formas *catorze* ou *quatorze*, *bilhão* ou *bilião*. Aliás, é bom saber que *bilhão*, no Brasil, significa "mil milhões" (10^9 ou 1 000 000 000); em Portugal, "um milhão de milhões" (10^{12} ou 1 000 000 000 000).

b. Atente na grafia das formas *dezesseis*, *dezessete*, *cinquenta* e *seiscentos*. A forma "cincoenta" é incorreta.

c. Atente nas formas cultas *octogésimo* e *trecentésimo*. A forma *tricentésimo* é aceita por alguns gramáticos e já se encontra dicionarizada – a segunda edição do *Novo Dicionário Aurélio*, por exemplo, abona essa forma.

OBSERVAÇÃO

No lugar de qualquer multiplicativo pode ser usada a combinação **numeral cardinal + vezes**. Essa combinação supre os casos em que não há formas especiais, como *treze vezes*, *quarenta e seis vezes*, *cinquenta e duas vezes*, etc.

NUMERAIS MULTIPLICATIVOS

duplo, dobro ou dúplice
triplo ou tríplice
quádruplo
quíntuplo
sêxtuplo
séptuplo
óctuplo
nônuplo
décuplo
undécuplo
duodécuplo
cêntuplo

NUMERAIS FRACIONÁRIOS	
meio ou metade	oitavo
terço	nono
quarto	décimo
quinto	onze avos
sexto	doze avos
sétimo	centésimo

OBSERVAÇÃO

Os numerais fracionários propriamente ditos são *meio* (ou *metade*) e *terço*. Os demais são na verdade expressos pelo ordinal correspondente (*quarto, quinto, centésimo*, por exemplo) ou pelo cardinal correspondente seguido da palavra *avos*: *onze avos, doze avos, vinte avos, quarenta avos*.

3. Flexões

a. Os numerais cardinais que variam em gênero são *um/uma, dois/duas* e os que indicam centenas, de *duzentos/duzentas* em diante: *trezentos/trezentas, quatrocentos/quatrocentas* etc.

b. Cardinais como *milhão, bilhão* (ou *bilião*), *trilhão* etc. variam em número: *milhões, bilhões* (ou *biliões*), *trilhões* etc. Os demais cardinais são invariáveis.

c. Os numerais ordinais variam em gênero e número:

primeiro	primeira	primeiros	primeiras
segundo	segunda	segundos	segundas
milésimo	milésima	milésimos	milésimas

d. Os numerais multiplicativos são invariáveis quando atuam em funções substantivas:

Fizeram **o dobro** do esforço e conseguiram **o triplo** de produção.

Quando atuam em funções adjetivas, flexionam-se em gênero e número:

Teve de tomar doses **triplas** do medicamento.

e. Os numerais fracionários flexionam-se em gênero e número:

um **terço** uma **terça** parte dois **terços** duas **terças** partes

f. É comum na linguagem coloquial a indicação de grau nos numerais, traduzindo afetividade ou especialização de sentido. É o que ocorre em frases como:

Me empresta duzentinho...

Aquela revista já está custando duzentão.

Ele é sempre o primeirão nessas coisas.

É artigo de primeiríssima qualidade!

O time está arriscado a ir parar na segundona. (= Segunda Divisão)

4. Emprego

a. Para designar papas, reis, imperadores, séculos e partes em que se divide uma obra, quando o numeral vem depois do substantivo, utilizam-se os **ordinais** até décimo e a partir daí os **cardinais**.

Observe:

João Paulo II (segundo)
D. Pedro II (segundo)
Ato II (segundo)
Canto IX (nono)
Século VIII (oitavo)
João XXIII (vinte e três)
Luís XVI (dezesseis)
Capítulo XX (vinte)
Tomo XV (quinze)
Século XX (vinte)

b. Para designar leis, decretos e portarias, utiliza-se o ordinal até nono e o cardinal de dez em diante:

Artigo 1.º (primeiro)
Artigo 9.º (nono)
Artigo 10 (dez)
Artigo 21 (vinte e um)

Na capa deste livro, lê-se século vinte.

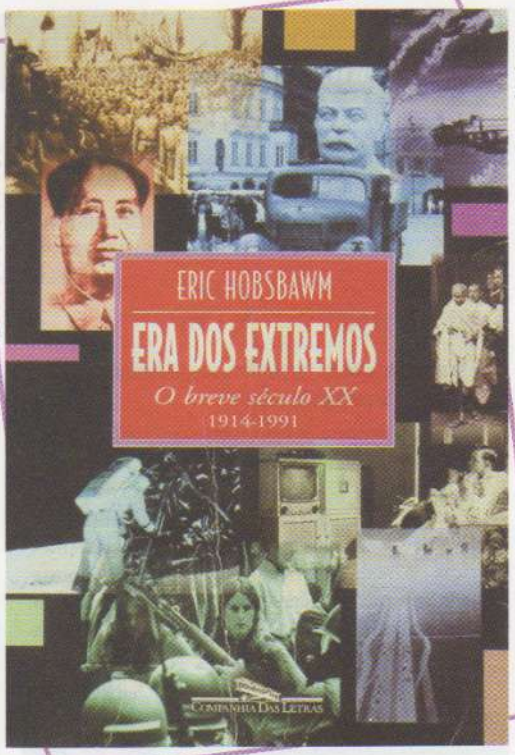

Companhia das Letras

c. Para designar dias do mês, utilizam-se os cardinais, exceto na indicação do primeiro dia, que é tradicionalmente feita pelo ordinal:

Chegamos dia dois de setembro.
Chegamos dia primeiro de dezembro.

d. Quando o numeral estiver anteposto ao substantivo em algum dos casos descritos acima, será empregada a forma ordinal:

o décimo segundo capítulo
o vigésimo primeiro canto
o décimo terceiro artigo do código
o vigésimo segundo dia do mês de fevereiro

e. *Ambos/ambas* são considerados numerais. Significam "um e outro, os dois" (ou "uma e outra, as duas") e são largamente empregados para retomar pares de seres anteriormente citados:

Pedro e João parecem ter finalmente percebido a importância da solidariedade. **Ambos** agora participam das atividades comunitárias de seu bairro.

Podem-se utilizar também as formas enfáticas *ambos os dois, ambos a dois, ambos de dois, a ambos dois*.

f. Não se deve usar *um* antes de *mil*:

O serviço custaria mil reais.

"Um mil" e "hum mil" são formas tradicionais no preenchimento de cheques e devem limitar-se a esse uso.

g. *Milhão* e *milhar* são palavras masculinas; por isso, o artigo que se refere a elas deve ser masculino:

os dois milhões de doses de vacina
os vinte milhões de mulheres
os três milhares de mudas de árvores
os cinco milhões de libras
os dois milhares de crianças

h. *Um* é numeral cardinal quando realmente indica quantidade exata. Nesse caso, seu plural é *dois*:

Um cão é suficiente para proteger a casa.

Um é artigo indefinido quando indica um ser indeterminado. Nesse caso, seu plural é *uns* ou *alguns*:

Precisamos de um cão para proteger a casa.

Atividades

1. Escreva por extenso os numerais representados pelos algarismos seguintes.

a) 16
b) 17
c) 50
d) 2 834 496 016
e) 80.º
f) 206.º
g) 314.º
h) 1 305.º

2. Escreva por extenso os numerais representados por algarismos no parágrafo seguinte.

"O Brasil ocupa a porção centro-oriental da América do Sul, entre as latitudes 5°16'N e 33°45'S e as longitudes 34°47'W e 73°59'W. Sua área total é de 8 511 965 km², o que corresponde a 1,66% do globo terrestre, 5,77% dos continentes, 20,80% das Américas e 47% da América do Sul. É cortado ao norte pela linha do Equador, que atravessa os estados do Amazonas, Roraima, Pará e Amapá e, a 23°30' de latitude sul, pelo Trópico de Capricórnio, que atravessa o Mato Grosso do Sul, Paraná e São Paulo. Assim, a maior parte do seu território (93%) situa-se no hemisfério sul e na zona intertropical (92%). Possui 23 127 km de fronteiras, sendo 15 719 km com países vizinhos – a maior com a Bolívia (3 126 km) e a menor com o Suriname (593 km). Os restantes 7 408 km fazem limites com o Oceano Atlântico." (*Almanaque Abril - 2001*)

3. Escreva por extenso os numerais representados por algarismos nas frases seguintes.

a) Os poemas que você procura estão no volume IV da coleção.
b) Releia o artigo 32 da convenção do condomínio e depois tente justificar o que fez!
c) O episódio do Gigante Adamastor faz parte do Canto V de *Os Lusíadas*.
d) Você já leu alguma coisa sobre o papa Inocêncio VIII?
e) Quando participei da corrida de São Silvestre, cheguei em 333.º lugar.
f) Estamos comemorando o 502.º ano do descobrimento da América.

Em livro

Cultrix

CAMÕES, Luís Vaz de. *Os Lusíadas*. São Paulo: Cultrix, 1999.

Dez cantos, 1102 estrofes, organizadas em oitava rima (ABABABCC), que totalizam 8 816 versos, todos eles decassílabos. Números e rigidez formal que revelam a grandiosidade da epopeia de Luís Vaz de Camões, um dos maiores poetas da literatura portuguesa. Ao cantar "a glória do povo navegador português", elegendo para a empreitada Vasco da Gama e também o povo português como heróis, Camões eternizou a história do povo lusitano, sem deixar de criticar a ambição e a tirania dos reis e da burguesia ascendente.

4. Comente o valor dos numerais destacados.

a) Já lhe disse isso **um milhão** de vezes!
b) É artigo de **primeira**!
c) Isso é troca de **seis** por **meia dúzia**.
d) Comprou um carro de **segunda** e agora se arrepende.
e) Dou **dez** pela aparência e **zero** pela sutileza.

Textos para análise

1

Os Caminhos da Terra. São Paulo: Abril, jan. 2001. p. 65.

Trabalhando o texto

Os numerais têm evidente destaque no texto publicitário ao lado. Qual a relação entre esse destaque e o próprio conceito de numeral?

2

Veja, 21 maio 2008. p. 33./Deatalhe.

Trabalhando o texto

1. Comente o efeito do jogo de sentido em torno da palavra *tempo*.
2. Relacione o texto desse anúncio com o *slogan*: "mulher bonita de verdade".
3. Identifique os numerais empregados nesse anúncio e classifique-os.
4. Comente a intenção do anunciante ao empregar esses numerais.

3

Podres poderes

Enquanto os homens exercem seus podres poderes
Motos e fuscas avançam os sinais vermelhos
E perdem os verdes
Somos uns boçais
Queria querer gritar setecentas mil vezes
Como são lindos, como são lindos os burgueses
E os japoneses
Mas tudo é muito mais

Será que nunca faremos senão confirmar
A incompetência da América Católica
Que sempre precisará de ridículos tiranos?
Será será que será que será que será
Será que essa minha estúpida retórica
Terá que soar, terá que se ouvir
Por mais zil anos?

Enquanto os homens exercem seus podres poderes
Índios e padres e bichas, negros e mulheres
E adolescentes
Fazem o carnaval

Queria querer cantar afinado com eles
Silenciar em respeito ao seu transe, num êxtase
Ser indecente
Mas tudo é muito mau

Ou então cada paisano e cada capataz
Com sua burrice fará jorrar sangue demais
Nos pantanais, nas cidades, caatingas
E nos gerais?

Será que apenas os hermetismos pascoais
Os tons, os mil tons, seus sons e seus dons geniais
Nos salvam, nos salvarão dessas trevas
E nada mais?

Enquanto os homens exercem seus podres poderes
Morrer e matar de fome, de raiva e de sede
São tantas vezes gestos naturais

Eu quero aproximar o meu cantar vagabundo
Daqueles que velam pela alegria do mundo
Indo mais fundo
Tins e bens e tais

Caetano Veloso. Disponível em: <www.caetanoveloso.com.br>. Acesso em: 4 jul. 2008.

Trabalhando o texto

1. Comente o sentido do numeral *setecentas mil*, presente na segunda estrofe do texto.

2. "Por mais **zil** anos?"
A palavra destacada é um numeral?

3. Os mesmos "podres poderes" continuam a ser exercidos no mesmo Brasil? Comente.

Em DVD

Divulgação

***Número 23*. Direção de Joel Schumacher. Brasil: Playarte, 2008. (97 min).**

Você aprendeu neste capítulo que os numerais servem para ordenar e quantificar as coisas. Mas além dessas funções, os numerais carregam superstições atribuídas por povos que acreditam que eles significam mais do que seu próprio valor. O número 7, por exemplo, é sagrado para diversas religiões, principalmente a cristã; o 13 virou sinônimo de morte ou de azar: nos Estados Unidos, alguns edifícios não contam com o 13.º andar. O filme *Número 23*, estrelado por Jim Carrey, enfatiza essa faceta enigmática dos números. Walter Sparrow, pai de família comum, ganha um livro da esposa chamado *O número 23*. O presente mudará sua vida: a história da obra narra a obsessão de um homem pelo número 23, e essa obsessão começa a atormentar Walter. Ao constatar que a narrativa se confunde com acontecimentos reais de seu cotidiano, Walter percebe que sua vida corre perigo.

Questões de exames e concursos

1. (UFU-MG) "Ana tomava remédio todos os dias em doses quíntuplas."

Identifique a alternativa apropriada entre as seguintes:

a) *quíntuplas* é um numeral cardinal

b) *quíntuplas* é um advérbio de quantidade

c) *quíntuplas* é um numeral multiplicativo

d) *quíntuplas* é um numeral fracionário

e) *quíntuplas* é um numeral ordinal

2. (CTA-SP) O ordinal *quadringentésimo septuagésimo* corresponde ao cardinal:

a) 47

b) 40 007

c) 407

d) 4 007

e) 470

3. (ITA-SP) Assinale o que estiver correto.

a) Seiscentismo se refere ao século XVI.

b) O algarismo romano da frase anterior se lê "décimo sexto".

c) Duodécuplo significa duas vezes; dodécuplo, doze vezes.

d) Ambos os dois é forma enfática correta.

e) Quadragésimo, quarentena, quadragésima, quaresma só aparentemente se referem a quarenta.

4. (Fasp-SP) Ele obteve o ... (123.º) lugar.

a) centésimo vigésimo terceiro

b) centésimo trigésimo terceiro

c) cento e vinte trigésimo

d) cento e vigésimo terceiro

5. (Vunesp-SP) Assinale o caso em que não haja expressão numérica de sentido indefinido.

a) Ele é o duodécimo colocado.

b) Quer que veja este filme pela milésima vez?

c) "Na guerra os meus dedos disparam mil mortes."

d) "A vida tem uma só entrada; a saída é por cem portas."

e) n.d.a.

6. (FSCS-SP) Associe o sentido ao respectivo numeral coletivo.

(1) período de seis anos ( ) dístico

(2) período de cinco anos ( ) decúria

(3) estrofe de dois versos ( ) sexênio

(4) período de cem anos ( ) centúria

(5) agrupamento de dez coisas ( ) lustro

7. (UniFMU-SP) *Triplo* e *tríplice* são numerais:

a) ordinal o primeiro e multiplicativo o segundo.

b) ambos ordinais.

c) ambos cardinais.

d) ambos multiplicativos.

e) multiplicativo o primeiro e ordinal o segundo.

8. (UniFMU-SP) Sabendo-se que os numerais podem ser cardinais, ordinais, multiplicativos e fracionários, podemos dar os seguintes exemplos:

a) uma (cardinal), primeiro (ordinal), Leão onze (multiplicativo) e meio (fracionário).

b) um (cardinal), milésimo (ordinal), undécuplo (multiplicativo) e meio (fracionário).

c) um (ordinal), primeiro (cardinal), Leão onze (multiplicativo) e meio (fracionário).

d) um (ordinal), primeiro (cardinal), cêntuplo (multiplicativo) e centésimo (fracionário).

e) um (cardinal), primeiro (ordinal), duplo (multiplicativo), não existindo numeral denominado fracionário.

9. (Acafe-SC) Assinale a alternativa **correta**.

a) Os substantivos *cão, tabelião, pão, alemão* e *cidadão* fazem o plural mudando *-ão* em *-ães*.

b) A torre é **altíssima**. A palavra destacada é adjetivo e está no grau superlativo absoluto analítico.

c) Vendi todos **os** livros a **uns** alunos. As palavras destacadas são pronomes definidos.

d) O **dobro** do meu dinheiro é igual à **metade** do teu. As palavras destacadas são numerais multiplicadores.

e) Levaram-**me** o caderno. A palavra destacada é pronome pessoal oblíquo.

10. (SSP-SP/ACP) Ao cardinal 888 corresponde o ordinal:

a) octingentésimo octogésimo oitavo.

b) octigentésimo octogésimo oitavo.

c) octingentésimo octagésimo oitavo.

d) octincentésimo octagésimo oitavo.

11. (Ufam) Assinale o item em que **não** é correto ler o numeral como vem indicado entre parênteses:

a) Pode-se dizer que no século IX (nono) o português já existia como língua falada.

b) Pigmalião reside na Casa 22 (vinte e duas) do antigo Beco do Saco do Alferes, em Aparecida.

c) Abram o livro, por favor, na página 201 (duzentos e um).

d) O que procuras está no art. 10 (dez) do código que tens aí à mão.

e) O Papa Pio X (décimo), cuja morte teria sido apressada com o advento da Primeira Guerra Mundial, foi canonizado em 1954.

12. (UFRN) Atente para o emprego do vocábulo *enésima* na frase a seguir e marque a alternativa correta:

Em uma das muitas entrevistas que deu sobre a sua participação nas Olimpíadas de Atlanta, Hortência afirmou, pela *enésima* vez, que estava indecisa sobre a sua volta à Seleção.

a) É uma variante do numeral ordinal correspondente a nove.

b) Tem sentido pejorativo.

c) Trata-se de gíria.

d) É um termo derivado do vocábulo ene.

e) Sua troca por milésima manteria a noção de quantidade indeterminada.

Capítulo 15

Estudo das preposições

King Features Syndicate/Ipress

WALKER, Mort. *Recruta Zero: antologia com o melhor de todas as cinco décadas da série*. Vinhedo: Opera Graphica, 2002. v. 5. p. 74.

As preposições conectam termos da oração indicando noções fundamentais à compreensão da frase: nos termos "de todas as raças" e "de lentes coloridas", a preposição *de* introduz expressões que especificam, respectivamente, *pessoas* e *binóculo* (palavra subentendida no texto). Algumas preposições possuem carga significativa marcante, capaz de determinar o sentido de uma frase. Compare, por exemplo, "fábricas ocupadas *sem* poluir o ar" com "fábricas ocupadas *em* poluir o ar" e observe como a mudança da preposição altera completamente o significado da expressão.

1. Conceito

Preposição é a palavra invariável que atua como conectivo entre palavras ou orações, estabelecendo sempre uma relação de subordinação. Isso significa que, entre os termos ou orações ligados por uma preposição, haverá uma relação de dependência, em que um dos termos, ou uma das orações, assume o papel de subordinante e o outro, de subordinado:

Obedeço	**a**os meus princípios.	**A**o chegar,	foi recebido pelo encarregado da seção.
Continuo obediente	**a**os meus princípios.	subordinado	subordinante
É uma pessoa	**de** valor.		
Tive de agir	**com** cautela		
subordinante	subordinado		

Em alguns casos (particularmente nas locuções adverbiais), as preposições não apenas conectam termos da oração, mas também indicam noções fundamentais à compreensão da frase. Observe:

Saí **com** pressa.	Pus **sob** a mesa.	Estou **com** vocês.
Saí **sem** pressa.	Pus **sobre** a mesa.	Estou **contra** vocês.

É evidente a diferença de sentido entre as frases de cada um dos pares acima; também é evidente que essa diferença de sentido resulta da utilização de preposições diferentes, capazes de indicar noções diferentes ao estabelecer relações entre os termos das orações.

2. Classificação

As palavras da língua portuguesa que atuam exclusivamente como preposições são chamadas **preposições essenciais**. As preposições essenciais são:

a	ante	após	até	com
contra	de	desde	em	entre
para	perante	por	sem	sob
sobre	trás			

Não se deve confundir a preposição *a* com o artigo definido *a* e com o pronome *a*. A preposição é invariável; o artigo e o pronome se flexionam de acordo com o termo a que se referem:

Não dou atenção **a** mexericos. (preposição – observe que não estabelece concordância com o substantivo masculino plural mexericos)

As fofocas desses indivíduos, ignoro-**as**. (artigo definido e pronome – estabelecem concordância com o substantivo feminino plural *fofocas*)

No português atual, a preposição *trás* não é usada isoladamente; atua, sempre, como parte de outras expressões: *por trás, por trás de, para trás*.

Há palavras de outras classes gramaticais que, em determinados contextos, podem atuar como preposições. São, por isso, chamadas **preposições acidentais**. Podem atuar como preposições, por exemplo:

como (= na qualidade de)	conforme (= de acordo com)	consoante (= conforme)
exceto	fora	mediante
salvo	segundo (= conforme)	senão
tirante	visto (= por)	

Conjuntos de duas ou mais palavras que têm o valor de uma preposição são chamados de **locuções prepositivas**. A última palavra dessas locuções é sempre uma preposição. Eis alguns exemplos:

abaixo de	acerca de	acima de
ao lado de	a respeito de	de acordo com
dentro de	embaixo de	em cima de
em frente a	em redor de	graças a
junto a	junto de	perto de
por causa de	por cima de	por trás de

Joaquim Salvador Lavado/Quino

QUINO. *Mafalda 8*. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 53.

Na fala de Filipe, no último quadrinho, podemos observar a presença da locução prepositiva *por trás d*(isso) formada pela preposição *trás*, que não é utilizada isoladamente.

3. Combinações e contrações

Várias preposições se ligam a palavras de outras classes gramaticais, passando a constituir um único vocábulo. Essas ligações, que ocorrem espontaneamente na língua falada, acabam se refletindo muitas vezes na língua escrita.

Ocorre **combinação** quando a preposição, ao unir-se a outra palavra, mantém todos os seus fonemas. É o que acontece entre a preposição *a* e o artigo masculino *o*, *os*: *ao*, *aos*.

Ocorre **contração** quando a preposição, ao unir-se a outra palavra, sofre modificações em sua estrutura fonológica. As preposições *de* e *em*, por exemplo, formam contrações com os artigos e com diversos pronomes, originando formas como as seguintes:

do	dos	da	das	num	nuns
numa	numas	disto	disso	daquilo	naquele
naqueles	naquela	naquelas			

As formas *pelo*, *pelos*, *pela*, *pelas* resultam da contração da antiga preposição *per* com os artigos definidos.

A contração da preposição *a* com os artigos ou pronomes demonstrativos *a*, *as* ou com o *a* inicial dos pronomes *aquele*, *aqueles*, *aquela*, *aquelas*, *aquilo* recebe o nome de **crase** (que é, aliás, o nome que se dá a toda contração de vogais idênticas) e é assinalada na escrita pelo acento grave:

à	às	àquele	àqueles	àquela
àquelas	àquilo			

Estudaremos detalhadamente o uso desse acento num outro capítulo de nosso livro.

Atividades

1. Nas frases seguintes, identifique as preposições e indique o sentido da relação que estabelecem.

a) Não se deve ir à praia ao meio-dia!

b) Passei o dia à toa; à noite, senti-me vazio.

c) Como não reagir ante tanta desfaçatez?!

d) Várias pessoas seguiam após eles.

e) Após alguns minutos, resolvi intervir.

f) Estou decidido: agora, vou até o fim!

g) As discussões estão suspensas até segunda ordem.

h) Tomou as necessárias decisões com rapidez. Quando percebemos, já tinha voltado com o irmão.

i) Colava seu corpo contra o muro enquanto deslizava com agilidade.

j) Todas as provas até agora encontradas atuam contra eles.

k) Venho de longe, vou para longe...

l) Desde aquele tempo, pouco se tem feito pelos mais humildes.

m) Não desejava cair em descrédito perante a opinião pública.

n) Sobre o anoitecer chegamos a Ouro Preto.

o) Sob certos aspectos, ele está certo.

p) Trazia a arma sob a camisa.

2. Nas frases seguintes, indique o sentido da relação estabelecida pela preposição destacada.

a) Muita gente ainda morre **de** fome no Brasil. Há quem evite falar **disso**.

b) Estou vindo **de** metrô para a escola.

c) Estou vindo **do** metrô para a escola.

d) Acabei de chegar **no** metrô.

e) Acabei de chegar **ao** metrô.

f) Eu caminhava calmamente **sob** este céu azul quando me ocorreu que ele poderia desabar **sobre** minha cabeça.

g) O país viveu **sob** uma ditadura durante muitos anos. Hoje há quem não queira mais falar **sobre** isso, como se o passado não fosse necessário à construção do futuro.

3. Classifique as palavras destacadas nas frases seguintes.

a) Vou sair daqui **a** pouco.

b) Eu o vi passar **há** pouco.

c) **Há** vários anos que não se investe em saúde e educação neste país.

d) Estamos **a** uma longa distância dos nossos objetivos sociais.

e) Passe-me **a** caneta, por favor. Eu **a** colocarei ali, **a** poucos centímetros da gaveta.

4. Leia atentamente cada uma das frases dos pares seguintes e explique a diferença de sentido existente em cada caso.

a) Tive de lutar contra o pai e contra o filho.

Tive de lutar contra o pai e o filho.

b) É uma medida favorável aos músicos e aos compositores.

É uma medida favorável aos músicos e compositores.

Em livro

MELO NETO, João Cabral de. *A educação pela pedra*. São Paulo: Alfaguara, 2008.

Vencedor do Prêmio Jabuti de 1966, o livro *A educação pela pedra* é a obra de maturidade do poeta pernambucano. João Cabral, o arquiteto das palavras, alia com maestria rigor estrutural e sensibilidade estética, e o resultado é a criação de figuras inesquecíveis da poesia brasileira. Com relação ao conteúdo do capítulo, vale a pena destacar o poema "Sobre o sentar/estar no mundo", em que Cabral confere ambiguidade ao sentido do verbo sentar ao omitir a preposição *em*.

Textos para análise

1

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 2006. p. 38.

Trabalhando o texto

1. Aponte as palavras que exigem a preposição *com* nessa tirinha.
2. Re-escreva duas vezes a frase de Helga substituindo o verbo *casar* primeiramente por *separar-se* e depois por *ansiar*.
3. Em que consiste o humor da tirinha?

2

Lugar sem fim

A cor da terra de um lugar sem fim
Para no tempo de uma terra com fim
Encontra a casa em volta de mim
Perto do longe
A pensar em ti

A cor da terra de um lugar assim
Entra na casa, entra dentro de mim
Dentro das horas
Das horas sem fim

Fora do nada
A cor fica parada
E a terra sem mim

Fui ver, sem ver
O mar em frente
Meu amigo
Eu vou ter contigo
Para sempre

RAMIL, Kleiton; MELO E CASTRO, Eugénia.
Disponível em: <www2.uol.com.br/eugeniameloecastro>. Acesso em: 4 jul. 2008.

Trabalhando o texto

1. Aponte todas as preposições presentes na primeira estrofe do texto.
2. Aponte as locuções prepositivas presentes na segunda estrofe do texto.
3. Classifique morfologicamente a palavra *para*, do segundo verso. Qual é o significado dessa palavra no texto?
4. A construção "entrar dentro de" é considerada um pleonasmo vicioso, ou seja, uma repetição desnecessária e inútil de uma mesma ideia. Baseado em seu conhecimento sobre as preposições, explique por quê.
5. O texto nos fala de distância e aproximação. Aponte expressões que indicam essas ideias.

Questões de exames e concursos

1. (UEM-PR)

Texto 1

Gente humilde

(Garoto, Vinicius de Moraes e Chico Buarque)

01 Tem certos dias
02 Em que eu penso em minha gente
03 E sinto assim
04 Todo o meu peito a apertar
05 Porque parece
06 Que acontece de repente
07 Com um desejo de eu viver
08 Sem me notar
09 Igual a como
10 Quando eu passo no subúrbio
11 Eu muito bem
12 Vindo de trem de algum lugar
13 E aí me dá
14 Como uma inveja dessa gente
15 Que vai em frente
16 Sem nem ter com quem contar

17 São casas simples
18 Com cadeiras na calçada
19 E na fachada
20 Escrito em cima que é um lar
21 Pela varanda
22 Flores tristes e baldias
23 Como a alegria
24 Que não tem onde encostar

Disponível em: <http://chicobuarque.letras.terra.com.br/letras/85972/>. Acesso em: 12 set. 2006.

Texto 2

Subúrbio

(Chico Buarque)

01 Lá não tem brisa
02 Não tem verde-azuis
03 Não tem frescura nem atrevimento
04 Lá não figura no mapa
05 No avesso da montanha, é labirinto
06 É contrassenha, é cara a tapa
07 (...)
08 Casas sem cor
09 Ruas de pó, cidade
10 Que não se pinta
11 Que é sem vaidade

12 Lá não tem moças douradas
13 Expostas, andam nus
14 Pelas quebradas teus exus
15 Não tem turistas
16 Não sai foto nas revistas
17 Lá tem Jesus
18 E está de costas

19 Vai, faz ouvir os acordes do choro-canção
20 Traz as cabrochas e a roda de samba
21 Dança teu *funk*, o *rock*, forró, pagode, *reggae*
22 Teu *hip-hop*
23 Fala a língua do *rap*
24 Desbanca a outra
25 A tal que abusa
26 De ser tão maravilhosa

27 Não sai foto nas revistas
28 Lá tem Jesus
29 E está de costas

30 Vai, faz ouvir os acordes do choro-canção
31 Traz as cabrochas e a roda de samba
32 Dança teu *funk*, o *rock*, forró, pagode, *reggae*
33 Teu *hip-hop*
34 Fala a língua do *rap*
35 Desbanca a outra
36 A tal que abusa
37 De ser tão maravilhosa

Disponível em: <http://chicobuarque.letras.terra.com.br/letras/537331/>. Acesso em: 12 set. 2006.

Assinale a alternativa **correta** quanto aos sentidos das preposições empregadas nos **textos 1** e **2**.

I. Em "Vindo **de** trem **de** algum lugar" (texto 1, linha 12), a preposição **de** expressa meio e distância espacial, respectivamente.

II. Em "**Em** que eu penso em minha gente" (texto 1, linha 2) e "Escrito **em** cima que é um lar" (texto 1, linha 20), a preposição **em** expressa tempo e lugar, respectivamente.

III. Em "**Sem** me notar" (texto 1, linha 8) e "Casas **sem** cor" (texto 2, linha 8), a preposição **sem** expressa condição e privação, respectivamente.

IV. Em "Sem nem ter **com** quem contar" (texto 1, linha 16) e "**Com** cadeiras na calçada" (texto 1, linha 18), a preposição **com** expressa expectativa de colaboração e instrumento, respectivamente.

Está(ão) correta(s)

a) apenas I e II.
b) apenas II e III.
c) apenas I, II e IV.
d) apenas I, III e IV.
e) apenas III e IV.

2. (Pref. de Ilha Comprida-SP/Moura Melo) Indique a opção que deve ser completada com preposição **a**:

a) O parque ... que elas visitaram é muito frequentado.

b) O oficial procura o cheque ... que visou ontem.

c) A secretária aspirava ... uma melhor colocação na empresa.

d) Os pacientes ... que o médico assiste, merecem mais atenção.

3. (UFMS)

A casualidade

(Carlos Herculano Lopes)

01 Em uma madrugada, quase de manhã, um rapaz ainda jovem, entrando nos seus vinte e cinco anos, pegou um táxi. Resultou que ele, calado por índole ou costume, estava voltando
05 de uma festa na qual, entre amigos, havia tomado umas cervejas. Talvez só isto, a sensação de estar alegre, o tenha feito puxar conversa. Era muito reservado com estranhos. Por sua vez o motorista, acostumado a ouvir, deixou que
10 ele falasse. Aquele diálogo, provavelmente, não passaria de um a mais dos tantos que se travam noite adentro, se de repente o rapaz – sabe-se lá por que – não houvesse confessado que era de Santa Marta, onde, quando criança, um tal de
15 Jardel havia matado seu pai. O motorista, que até então ouvia em silêncio, sem prestar muita atenção, sentiu um calafrio, um leve tremor nos lábios, e o volante vacilou, enquanto voltavam na sua memória cenas de um crime que ele
20 tentava esquecer.

Prosa: para ler no ônibus, em casa, no trabalho, na escola, quando for dormir...
Belo Horizonte: Programa de Ensino, Pesquisa e Extensão A Tela e o Texto, jun. 2005.

Assinale a(s) alternativa(s) correta(s).

(001) A contração da preposição ***em*** com o artigo indefinido***um(a)*** (linha 1) possibilita a constituição de um único vocábulo, de uso espontâneo na língua falada.

(002) A substituição de ***ainda*** (linha 2) por "bem" não altera a ideia manifestada pela expressão da qual faz parte.

(004) No contexto linguístico em que se encontra, o verbo em destaque na expressão ***havia*** *tomado umas cervejas* (linhas 5 e 6) pode ser empregado no plural, pois "ele e seus amigos" é que ***haviam*** *tomado umas cervejas.*

(008) O pronome demonstrativo ***isto*** (linha 6) funciona como elemento de coesão ao remeter ao enunciado posterior: ***a sensação de estar alegre*** (linhas 6 e 7).

(016) Quanto ao som (fonema) representado pela letra **X**, a palavra ***táxi*** (linha 3) está para ***puxar*** (linha 7), assim como "exame" está para "exato".

4. (Fuvest)

Preciso que um barco atravesse o mar
lá longe
para sair dessa cadeira
para esquecer esse computador
e ter olhos de sal
boca de peixe
e o vento frio batendo nas escamas.
(...)

Marina Colasanti, *Gargantas abertas.*

Gosto e preciso de ti
Mas quero logo explicar
Não gosto porque preciso
Preciso sim, por gostar.

Mário Lago, <www.encantosepaixoes.com.br>.

a) Nos poemas acima, as preposições *para* e *por* estabelecem o mesmo tipo de relação de sentido? Justifique sua resposta.

b) Sem alterar o sentido do texto de Mário Lago, transcreva-o em prosa, em um único período, utilizando os sinais de pontuação adequados.

5. (Fuvest-SP) Ao ligar dois termos de uma oração, a preposição pode expressar, entre outros aspectos, uma relação temporal, espacial ou nocional. Nos versos:

Amor total e falho... Puro e impuro...
Amor de velho adolescente...

a preposição *de* estabelece uma relação nocional. Essa mesma relação ocorre em:

a) "Este fundo **de** hotel é um fim **de** mundo."

b) "A quem sonha **de** dia e sonha **de** noite, sabendo todo sonho vão."

c) "Depois fui pirata mouro, flagelo **da** Tripolitânia."

d) "Chegarei **de** madrugada, quando cantar a seriema."

e) "Só os roçados **da** morte compensam aqui cultivar."

6. (Fuvest-SP) "No final da Guerra Civil americana, o ex-coronel ianque (...) sai à caça do soldado desertor que realizou assalto a trem com confederados." (*O Estado de S. Paulo*, 15 set. 1995.)

O uso da preposição *com* permite diferentes interpretações da frase acima.

a) Re-escreva-a de duas maneiras diversas, de modo que haja um sentido diferente em cada uma.

b) Indique, para cada uma das redações, a noção expressa pela preposição *com*.

7. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção em que a preposição *com* traduz uma relação de instrumento.

a) "Teria sorte nos outros lugares, com gente estranha."

b) "Com o meu avô cada vez mais perto do fim, o Santa Rosa seria um inferno."

c) "Não fumava, e nenhum livro com força de me prender."

d) "Trancava-me no quarto fugindo do aperreio, matando-as com jornais."

e) "Andavam por cima do papel estendido com outras já pregadas no breu."

8. (Unimep-SP) "Depois **a** mãe recolhe as velas, torna **a** guardá-**las** na bolsa." Os vocábulos destacados são, respectivamente:

a) pronome pessoal oblíquo, preposição, artigo.

b) artigo, preposição, pronome pessoal oblíquo.

c) artigo, pronome demonstrativo, pronome pessoal oblíquo.

d) artigo, preposição, pronome demonstrativo.

e) preposição, pronome demonstrativo, pronome pessoal oblíquo.

9. (Fuvest-SP) Na frase "Estamos a bordo" a preposição indica relação de lugar. Escreva duas frases em que o emprego dessa preposição indique, respectivamente:

a) relação de tempo habitual;

b) relação de instrumento.

10. (Fuvest-SP) Em "óculos sem aro", a preposição *sem* indica ausência, falta. Explique o sentido expresso pelas preposições destacadas em:

a) "Cale-se ou expulso a senhora **da** sala."

b) "Interrompia a lição **com** piadinhas."

11. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção cuja lacuna não pode ser preenchida pela preposição entre parênteses.

a) uma companheira desta, ... cuja figura os mais velhos se comoviam. (*com*)

b) uma companheira desta, ... cuja figura já nos referimos anteriormente. (*a*)

c) uma companheira desta, ... cuja figura havia um ar de grande dama decadente. (*em*)

d) uma companheira desta, ... cuja figura andara todo o regimento apaixonado. (*por*)

e) uma companheira desta, ... cuja figura as crianças se assustavam. (*de*)

12. (UFU-MG) "... foram intimados **a** comparecer...", "... não **a** fizeram...", "... **a** sua oração...". As três ocorrências de *a* são, respectivamente:

a) preposição, pronome, preposição.

b) artigo, artigo, preposição.

c) pronome, artigo, preposição.

d) preposição, pronome, artigo.

e) artigo, pronome, pronome.

13. (PUC-SP)

"... a folha de um livro retoma."
"como sob o vento a árvore que o doa."
"e nada finge vento em folha de árvore."

As expressões destacadas são introduzidas por preposições. Tais preposições são usadas, nesses versos, com a ideia de:

a) origem, lugar, especificação.

b) especificação, agente causador, lugar.

c) instrumento, especificação, lugar.

d) agente causador, especificação, lugar.

e) lugar, instrumento, origem.

14. (UPM-SP) Indique a oração que apresenta locução prepositiva.

a) Havia objetos valiosos sobre a pequena mesa de mármore.

b) À medida que os inimigos se aproximavam, as tropas inglesas recuavam.

c) Seguiu a carreira militar devido à influência do pai.

d) Agiu de caso pensado, quando se afastou de você.

e) De repente, riscou e re-escreveu o texto.

15. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da seguinte frase:

O controle biológico de pragas, ... o texto faz referência, é certamente o mais eficiente e adequado recurso ... os lavradores dispõem para proteger a lavoura sem prejudicar o solo.

a) do qual, com que

b) de que, que

c) que, o qual

d) ao qual, cujos

e) a que, de que

16. (UFV-MG) Assinale a opção cuja sequência completa **corretamente** as frases abaixo.

A lei ... se referiu já foi revogada.

Os problemas ... se lembraram eram muito grandes.

O cargo ... aspiras é muito importante.
O filme ... gostou foi premiado.
O jogo ... assistimos foi movimentado.

a) que, que, que, que, que
b) a que, de que, que, que, a que
c) que, de que, que, de que, que
d) a que, de que, a que, de que, a que
e) a que, que, que, que, a que

17. (Unisa-SP) Assinale a frase que **não** está correta.

a) Entre mim e ti tudo acabou.
b) Já lhe disse que entre nós nada é bom.
c) Entre ela e nós existe de tudo.
d) Entre eu e você deve haver respeito.
e) Não é possível haver dúvidas entre eles.

18. (ITA-SP) Considerando que o pronome relativo deve ser examinado em relação ao verbo que lhe vem imediatamente depois, quais frases abaixo estão corretas?

1. Apresento as provas do concurso de que fui por vós designado a elaborar.
2. Apresento as provas do concurso a que fui por vós designado a fiscalizá-lo.
3. Apresento as provas do concurso de cuja organização me destes a honra.
4. Apresento as provas do concurso para cuja fiscalização fui por vós designado.

a) Todas.
b) Apenas a 1 e a 3.
c) Apenas a 2 e a 4.
d) Apenas a 3 e a 4.
e) Apenas a 1 e a 2.

19. (PUCCamp-SP) O projeto, ... realização sempre duvidara, exigiria toda a dedicação ... fosse capaz.

a) do qual, a que
b) cuja a, da qual
c) de cuja, de que
d) que sua, de cuja
e) cuja, a qual

20. (PUCCamp-SP) Os folhetos ... não temos cópia são exatamente aqueles ... conteúdo ele se fixou.

a) que, cujo
b) de que, cujo o
c) de cujos, no qual
d) dos quais, em cujo
e) os quais, ao qual

21. (Unimep-SP) "De todas as garotas da classe, Paula foi **a** que mais me impressionou. Gostaria de ter ido **a** sua festa com ela. Eu **a** convidei, mas ela não aceitou."

As palavras destacadas são, respectivamente:

a) pronome oblíquo, artigo, preposição.
b) pronome demonstrativo, preposição, pronome oblíquo.
c) pronome oblíquo, preposição, pronome oblíquo.
d) pronome demonstrativo, preposição, artigo.
e) preposição, artigo, pronome demonstrativo.

22. (Unimep-SP) "... dois meses que não vejo Paulo. Soube que ele esteve ... beira de uma crise nervosa ... menos de cinco dias do vestibular." A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:

a) há, a, a
b) há, à, a
c) há, à, à
d) a, a, à
e) a, à, a

23. (Unicamp-SP) No trecho abaixo, extraído de uma entrevista transcrita literalmente, há uma passagem que precisaria ser modificada para adequar-se ao português **escrito** culto.

Identifique essa passagem e re-escreva-a na forma que lhe parecer mais adequada.

A Universidade é muito mais eficiente do que a indústria porque ela é o único organismo da sociedade que pode especular sem grande ônus. A Universidade é o único organismo que você pode abandonar uma pesquisa sem nenhum trauma (...).

24. (Unicamp-SP) Todos os trechos citados abaixo apresentam um problema semelhante. Diga que problema é esse e re-escreva **um** dos trechos para adequá-lo à modalidade escrita da língua portuguesa.

1. Se a gente ler esta reportagem daqui a um ano a gente vai perceber as marcas que esta reportagem não é moderna (...). (amostra de escrita de aluno do 1.º grau)
2. Futebol, aquele esporte que faz o povo vibrar ao ver a vitória do time a qual se propõe a torcer. (amostra de escrita de aluno do 2.º grau)
3. Existem escolas que as aulas da noite são iluminadas à luz de velas... (boletim de greve da Associação dos Professores do Estado de São Paulo)

Capítulo 16

Estudo das conjunções

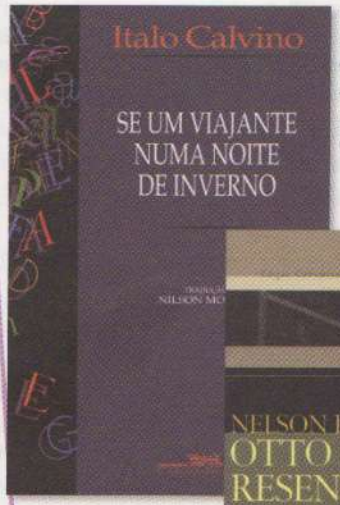

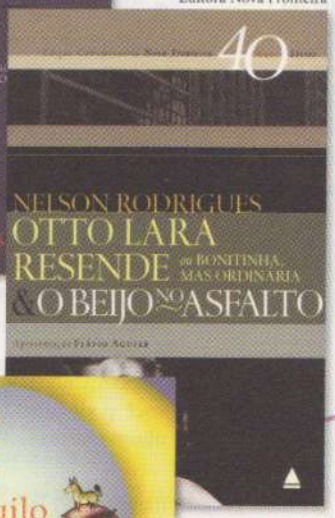

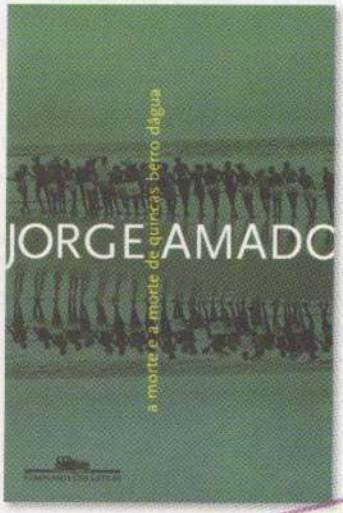

Juntamente com as preposições, as conjunções são **palavras relacionais**: unem orações ou termos de uma oração estabelecendo diversos tipos de relação entre eles. Nos títulos das imagens, a conjunção *ou* estabelece uma relação de alternância; já a conjunção *se* deixa no ar uma hipótese; *e* acrescenta uma ideia instigante (morre-se duas vezes?), enquanto *mas* faz uma ressalva. As relações que as conjunções estabelecem são de fundamental importância para a coesão e progressão textuais.

1. Conceito

Conjunções são palavras invariáveis que unem termos de uma oração ou unem orações. As conjunções podem relacionar termos de mesmo valor sintático ou orações sintaticamente equivalentes – as chamadas **orações coordenadas** – ou podem relacionar uma oração com outra que nela desempenha função sintática – respectivamente, uma **oração principal** e uma **oração subordinada**. Observe:

Nossa realidade social é precária **e** nefasta.

A situação social do país é precária, **mas** ainda existem aqueles que só buscam privilégios pessoais.

Alguns brasileiros não percebem **que** a situação social do país é precária.

Na primeira frase, a conjunção *e* une dois termos equivalentes: *precária* e *nefasta*. Na segunda frase, a conjunção *mas* une duas orações coordenadas: "A situação social do país é precária" e "ainda existem aqueles que só buscam privilégios pessoais". É fácil perceber que cada uma dessas orações é completa em si mesma, podendo ser separada da outra por ponto.

Na terceira frase, a conjunção *que* une a oração "Alguns brasileiros não percebem" à oração "a situação social do país é precária". Note que o sentido do verbo *perceber*, presente na primeira oração, é complementado pela segunda oração da frase: *perceber* é, no caso, "perceber que a situação social do país é precária". Isso significa que a segunda oração é subordinada à primeira, pois atua como complemento do verbo dessa primeira oração. A conjunção *que* está unindo uma oração subordinada a sua oração principal.

São chamados **locuções conjuntivas** os conjuntos de palavras que atuam como conjunções. Essas locuções geralmente terminam em *que*:

visto que	desde que	ainda que
à medida que	à proporção que	por mais que

Os mesmos critérios de classificação aplicados às conjunções simples são aplicados às locuções conjuntivas.

2. Classificação

As conjunções são primeiramente classificadas em **coordenativas** e **subordinativas**, de acordo com o tipo de relação que estabelecem. As conjunções coordenativas ligam termos ou orações sintaticamente equivalentes. As conjunções subordinativas ligam uma oração a outra que nela desempenha função sintática; em outras palavras, ligam uma oração principal a uma oração que lhe é subordinada.

De acordo com o sentido das relações que estabelecem, as conjunções coordenativas são classificadas em:

a. aditivas – exprimem adição, soma:

e	nem	(não só...) mas também

b. adversativas – exprimem oposição, contraste:

mas	porém	contudo	todavia
entretanto	no entanto	não obstante	

c. alternativas – exprimem alternância ou exclusão:

ou | ou..., ou... | ora..., ora...

d. conclusivas – exprimem conclusão:

logo | portanto | por conseguinte | pois (posposto ao verbo)

e. explicativas – exprimem explicação:

pois (anteposto ao verbo) | que | porque | porquanto

Já as conjunções subordinativas são classificadas em:

a. integrantes – introduzem orações subordinadas substantivas:

que | se | como

b. causais – exprimem causa:

porque | como | uma vez que | visto que | já que

c. concessivas – exprimem concessão:

embora | ainda que | mesmo que | conquanto | apesar de que

d. condicionais – exprimem condição ou hipótese:

se | caso | desde que | contanto que

e. conformativas – exprimem conformidade:

conforme | consoante | segundo | como

f. comparativas – estabelecem comparação:

como | mais... (do) que | menos... (do) que

g. consecutivas – exprimem consequência:

que | de sorte que | de forma que

h. finais – exprimem finalidade:

para que | a fim de que | que | porque

i. proporcionais – estabelecem proporção:

à medida que | à proporção que | ao passo que | quanto mais..., menos...

j. temporais (indicam tempo):

quando | enquanto | antes que | depois que

desde que | logo que | assim que

A classificação das conjunções deve ser feita com base em seu efetivo emprego nas frases da língua. Por isso, as relações que apresentamos não devem ser memorizadas: você deve consultá-las quando for necessário. O estudo efetivo do valor dessas conjunções só será possível quando observarmos atentamente sua atuação. Faremos isso nos capítulos de sintaxe dedicados ao período composto.

Atividades

1. Procure unir as orações de cada um dos pares seguintes utilizando uma conjunção coordenativa.

a) Este é um país rico. A maior parte de seu povo é muito pobre.

b) Você se preparou dedicadamente. Será bem-sucedido.

c) É um velho político corrupto. Não se deve re-elegê-lo.

d) Fique descansado. Eu tomarei as providências necessárias.

e) Choveu durante a noite. As ruas estão molhadas.

f) Você pode apresentar suas propostas esta noite. Pode ficar remoendo-as sozinho por muitas noites.

g) Você deve conversar abertamente com ela sobre seus sentimentos. Deve esquecê-la definitivamente.

2. A classificação de uma conjunção só pode ser realizada satisfatoriamente com base em sua atuação efetiva numa frase. Observe os conjuntos de frases seguintes e procure indicar o tipo de relação estabelecido pela conjunção destacada.

a) **Como** chovesse, decidi adiar a partida.

Ele é compreensivo **como** um travesseiro.

Fiz tudo **como** combináramos.

b) A indignação foi tanta **que** produziu seguidas manifestações de rua.

Tivemos de sair correndo, **que** a situação ficou difícil!

Será que os brasileiros são mais alegres **que** os outros povos?

c) Por favor, fale mais alto, **que** eu também quero ouvir.

Outro, **que** não eu, suportaria calado tudo isso.

3. O emprego equivocado de uma conjunção prejudica a estruturação e a compreensão de frases e textos. Comente o uso da conjunção destacada na frase seguinte e proponha formas mais eficientes de re-escrevê-la.

A maior parte dos trabalhadores brasileiros não recebe um salário digno, **mas** enfrenta problemas de sobrevivência.

Textos para análise

1

Agência Guimarães Profissionais

Trabalhando o texto

1. Explique o sentido da relação estabelecida pelas conjunções destacadas no texto ao lado.

2. Compare: Com esta dúvida você × Com esta decisão você... Observe o paralelismo das frases e explique o que possibilitou ao redator do anúncio trocar a palavra *dúvida* por *decisão*.

2

Duke. Jornal Super Notícia, 28 maio 2008.

Disponível em: <http://dukechargista.blogspot.com/27052008>. Acesso em: 7 jun. 2008.

Trabalhando o texto

1. Localize a conjunção utilizada nessa charge e explique o sentido que adquire no contexto.

2. Explique também em que medida o emprego da conjunção provoca o humor da charge.

3

Moto-contínuo

Um homem pode ir ao fundo, do fundo, do fundo
Se for por você
Um homem pode tapar os buracos do mundo
Se for por você
Pode inventar qualquer mundo, como um vagabundo
Se for por você
Basta sonhar com você
Juntar o suco dos sonhos, encher um açude
Se for por você
A fonte da juventude correndo nas bicas
Se for por você
Bocas passando saúde com beijos nas bocas
Se for por você
Homem também pode amar e abraçar e afagar seu ofício porque
Vai habitar o edifício que faz pra você
E, no aconchego da pele, na pele, da carne, na carne entender
Que homem foi feito direito, do jeito que é feito o prazer
Homem constrói sete usinas, usando a energia
Que vem de você
Homem conduz a alegria que sai das turbinas
De volta a você
E cria o moto-contínuo, da noite pro dia,
Se for por você
E quando um homem já está de partida,
na curva da vida ele vê
Que o seu caminho não foi um caminho
Sozinho porque
Sabe que um homem vai fundo, e vai fundo, e vai fundo
Se for por você.

LOBO, Edu; BUARQUE, Chico. Disponível em: <www.chicobuarque.com.br>. Acesso em: 7 jul. 2008.

Trabalhando o texto

1. Classifique as palavras destacadas em "**Se** for por você" e "**Como** um vagabundo".

2. Classifique a palavra **porque** em suas duas ocorrências no texto.

3. Classifique as palavras destacadas nos versos seguintes:

   "Vai habitar o edifício **que** faz pra você
   E, no aconchego da pele, na pele, da carne, na [carne entender
   Que homem foi feito direito..."

4. Aponte no texto exemplos de conjunções coordenativas.

5. **Polissíndeto** é nome que se dá à repetição de uma mesma conjunção na coordenação de termos ou orações. Aponte exemplos no texto e procure relacionar essa figura de linguagem com o conteúdo do texto.

6. Explique o efeito da repetição de "**Se** for por você" no sentido global do texto.

7. O amor pode realmente originar um moto-contínuo? Qual sua opinião?

Em CD

Divulgação

Edu Lobo. *Cambaio*. (CD). Universal Music, 2002.

As canções do disco *Cambaio* foram originalmente criadas para a peça teatral homônima escrita por João e Adriana Falcão. Com letras de Chico Buarque e participações de Zizi Possi, Lenine e Gal Costa, Edu Lobo apresenta aqui uma das joias raras da música popular brasileira, um disco cheio de estilo e elegância que recebeu o Grammy latino de melhor álbum da música popular brasileira de 2002.

Questões de exames e concursos

1. (UEM-PR)

Orkut.com – Termos de serviço

01 (...) É necessário ter uma conta do Google
02 para usar o orkut. Além disso, é necessário
03 fornecer informações verdadeiras, exatas e
04 completas ao efetuar a sua inscrição como membro
05 do orkut.com. (...) É vedada a utilização do serviço
06 orkut.com para quaisquer fins ilegais ou não
07 autorizados.(...)
08 Outros exemplos de uso ilegal ou não autorizado
09 incluem, mas não se limitam a: (...)
10 – enviar materiais de terceiros sem o seu
11 prévio consentimento escrito;
12 – direcionar um usuário (por exemplo por
13 meio de um link) para materiais de terceiros sem o
14 prévio consentimento escrito deles; (...)
15 – enviar materiais que sejam ilegais ou
16 promovam ou incentivem atividades ilícitas; ou
17 – enviar informações falsas ou enganosas.
18 Embora o orkut.com proíba tais condutas e
19 conteúdos em seu *site*, você está ciente disso e
20 concorda que poderá ser exposto a materiais desse
21 tipo e que usará o serviço orkut.com por sua
22 própria conta e risco. (...)
23 A coleta e a utilização de informações
24 pessoais são regidas pela nossa Política de
25 Privacidade. Você compreende e concorda que o
26 orkut.com pode acessar, registrar e divulgar as
27 suas informações pessoais e o conteúdo de sua
28 conta, caso solicitado por força da lei ou quando
29 acreditarmos de boa-fé que tal acesso, registro ou
30 divulgação são realmente necessários para atender

31 a um processo legal ou proteger os direitos, a

32 propriedade e/ou a segurança do orkut.com, de

33 seus afiliados ou do público em geral.

Disponível em: <http://www.orkut.com/Terms.aspx>. Acesso em: 12 set. 2006.

Assinale a alternativa **incorreta** quanto ao emprego dos elementos linguísticos.

a) Em "Embora o orkut.com proíba tais condutas e conteúdos em seu *site* (...)" (linhas 18-19), o elemento embora estabelece relação de concessão entre as orações.

b) Em "Outros exemplos de uso ilegal ou não autorizado incluem, mas não se limitam a:" (linhas 08-09), o elemento mas estabelece uma relação de contraste entre as orações.

c) Em "(...) caso solicitado por força da lei (...)" (linha 28), o elemento caso estabelece uma relação de condição entre as orações.

d) Em "(...) quando acreditarmos de boa-fé que tal acesso, registro ou divulgação (...)" (linhas 28-30), o elemento quando estabelece uma relação de tempo entre as orações.

e) Em "(...) enviar materiais que sejam ilegais ou promovam ou incentivem atividades ilícitas;" (linhas 15-16), o elemento ou estabelece uma relação de exclusão entre as orações.

2. (UEPB) A ausência de conectivos no texto abaixo acarreta problemas de coesão sequencial.

O futuro da Varig poderá ser decidido nesta semana ... o governo pague a conta.

O Brasil que pode dar certo mostrou sua face na semana passada. ... toda a comoção que cercou o leilão da venda da Varig, o governo manteve prudente distância da confusão. (...) O destino da maior empresa aérea brasileira está entregue à lei de Recuperação judicial, o mecanismo institucional adequado. Longe, ..., do discurso nacionalista que durante muito tempo premiou a incompetência local com favores desmedidos.

O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) avisou que, ... venha a financiar parte da aquisição, não abrirá mão de suas normas. Não se poderá, ... aconteceu no passado, lançar mão do dinheiro público para fazer mais largo o sorriso privado.

Veja. São Paulo: Abril, 14 jun. 2006.

Indique a alternativa na qual estão listados os conectivos que preenchem, respectivamente, as lacunas do texto.

a) embora, Devido a, então, assim que, já que

b) a menos que, Embora, logo, caso, conforme

c) sem que, Devido a, pois, desde que, porque

d) sem que, Apesar de, portanto, caso, como

e) embora, Apesar de, portanto, uma vez que, visto que

3. (UEPB) Ao termo **como**, podemos atribuir diferentes classificações, de acordo com o contexto em que aparece; daí este poder ser: advérbio interrogativo, preposição e – a exemplo do excerto abaixo – conectivo:

Como é mais fácil o ex-astronauta Marcos Pontes viajar para a lua do que o PMDB aceitar a oferta, Lula também prometeu participação quercista no próximo e até mesmo no atual governo, com direito a ocupar postos relevantes como o Ministério da Saúde.

Veja. São Paulo: Abril, 7 jun. 2006.

Indique, dentre as opções abaixo, o excerto no qual este termo tem valor semelhante ao ilustrado:

a) "(...) Conta uma liderança pefelista: '**Como** antes de atender os petistas Duda foi marqueteiro de vários políticos, considerou-se melhor não ir fundo nesse assunto'." (*Veja*. São Paulo: Abril, 7 jun. 2006.)

b) "Além disso, lá (nos Estados Unidos) mentir é um comportamento possível de ser enquadrado **como** crime de perjúrio. Aqui, mente-se com a maior desfaçatez." (*Veja*. São Paulo: Abril, 7 jun. 2006.)

c) "(...) o You Tube (algo **como** 'você no tubo' – da TV ou do computador) foi inaugurado em fevereiro do ano passado COMO um serviço em que os usuários pudessem ver, compartilhar e comentar vídeos facilmente e sem interferir na caixa de e-mails alheia (...)." (*Veja*. São Paulo: Abril, 7 jun. 2006.)

d) "(...) Para ter a experiência completa, o usuário se cadastra e, **como** no onipresente Orkut, cria seu perfil e monta uma rede de amigos." (*Veja*. São Paulo: Abril, 7 jun. 2006.)

e) "(...) O elefante da inflação virou uma formiguinha. (...) COMO isso foi obtido? Num primeiro momento, com a engenhosidade do real. Depois com vigilância permanente do Banco Central (...)." (*Veja*. São Paulo: Abril, 12 jul. 2006.)

4. (UEPG)

Relembrando Kipling

SE

Se tu consegues conservar a calma
ao ler diariamente o teu jornal
e mesmo que te aperte e doa a alma
tu vais para o trabalho habitual;
se ao ver que aumenta sempre a ladroeira
consegues mesmo assim ter paciência
até quando é bem grande a roubalheira
como nas fraudes, lá na Previdência;
(...)

Se aguentas tudo isso e lá no fundo,
mesmo explorado, exausto e sem dinheiro,
pensas que este é o melhor lugar do mundo,
não és louco não, meu filho: és brasileiro!

SOARES Jô. *Veja*. São Paulo: Abril, 5 jun. 1991.

Considerando que os conectivos estabelecem relações sintáticas e semânticas entre as ideias do texto, assinale o que for correto.

01) *E mesmo que* estabelece relação de causalidade e pode ser substituído por *embora*.

02) As três ocorrências do *se* estabelecem uma relação de concessão (introduzem ideias opostas às expressas nas orações seguintes).

04) *Mesmo assim* estabelece relação de temporalidade e pode ser substituído por *ainda*.

08) *Mesmo* estabelece uma relação de modo e pode ser substituído por *contudo*.

16) *Como* estabelece uma relação de comparação e pode ser substituído por *semelhante às*.

5. (UFSCar-SP) Instrução: A questão refere-se ao texto seguinte.

Na minha opinião, existe no Brasil, em permanente funcionamento, não fechando nem para o almoço, uma Central Geral de Maracutaia. Não é possível que não exista. E, com toda a certeza, é uma das organizações mais perfeitas já constituídas, uma contribuição inestimável do nosso país ao patrimônio da raça humana. Nada de novo é implantado sem que surja no mesmo instante, às vezes sem intervalo visível, imediatamente mesmo, um esquema bem montado para fraudar o que lá seja que tenha sido criado. (...) Exemplo mais recente ocorreu em São Paulo, mas podia ser em qualquer outra cidade do país, porque a CGM é onipresente, não deixa passar nada, nem discrimina ninguém. Segundo me contam aqui, a prefeitura de São Paulo agora fornece caixão e enterro gratuitos para os doadores de órgãos, certamente os mais pobres. Basta que a família do morto prove que ele doou pelo menos um órgão, para receber o benefício. Mas claro, é isso mesmo, você adivinhou, ser brasileiro é meramente uma questão de prática. Surgiram indivíduos ou organizações que, mediante uma módica contraprestação pecuniária, fornecem documentação falsa, "provando" que o defunto doou órgãos, para que o caixão e o enterro sejam pagos com dinheiro público.

RIBEIRO, João Ubaldo. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 18 set. 2005.

Assinale a alternativa em que a substituição das palavras grifadas mantém o mesmo sentido original do trecho: "Exemplo mais recente ocorreu em São Paulo, mas podia ser em qualquer outra cidade do país, porque a CGM é onipresente."

a) Exemplo mais recente ocorreu em São Paulo, no entanto podia ser em qualquer outra cidade do país, uma vez que a CGM é onipresente.

b) Exemplo mais recente ocorreu em São Paulo, pois podia ser em qualquer outra cidade do país, já que a CGM é onipresente.

c) Exemplo mais recente ocorreu em São Paulo, podia, pois, ser em qualquer outra cidade do país, visto que a CGM é onipresente.

d) Exemplo mais recente ocorreu em São Paulo, apesar disso podia ser em qualquer outra cidade do país, assim que a CGM é onipresente.

e) Exemplo mais recente ocorreu em São Paulo, já que podia ser em qualquer outra cidade do país, à medida que a CGM é onipresente.

6. (Fuvest-SP) Nas frases abaixo, cada espaço pontilhado corresponde a uma conjunção retirada.

1. "Porém já cinco sóis eram passados ... dali nos partíramos."
2. ... estivesse doente faltei à escola.
3. ... haja maus nem por isso devemos descrer dos bons.
4. Pedro será aprovado ... estude.
5. ... chova sairei de casa.

As conjunções retiradas são, respectivamente:

a) quando, ainda que, sempre que, desde que, como.

b) que, como, embora, desde que, ainda que.

c) como, que, porque, ainda que, desde que.

d) que, ainda que, embora, como, logo que.

e) que, quando, embora, desde que, já que.

7. (UEL-PR) Não gostava muito de novelas policiais; admirava, porém, a técnica de seus autores.

Comece com: Admirava a técnica...

a) visto como.

b) enquanto.

c) conquanto.

d) porquanto.

e) à medida que.

8. (UEL-PR) A serem considerados os resultados, o trabalho foi eficiente.

Comece com: O trabalho foi eficiente...

a) desde que.

b) ainda que.

c) a menos que.

d) embora.

e) por isso.

9. (PUC-SP) Assinale a alternativa que possa substituir, pela ordem, as partículas de transição dos períodos abaixo, sem alterar o significado delas.

"Em **primeiro lugar**, observemos o avô. **Igualmente**, lancemos um olhar para a avó. **Também** o pai deve ser observado. Todos são altos e morenos. **Consequentemente**, a filha também será morena e alta."

a) primeiramente, ademais, além disso, em suma.
b) acima de tudo, também, analogamente, finalmente.
c) primordialmente, similarmente, segundo, portanto.
d) antes de mais nada, da mesma forma, por outro lado, por conseguinte.
e) sem dúvida, intencionalmente, pelo contrário, com efeito.

10. (Cesgranrio-RJ) Assinale o período em que ocorre a mesma relação significativa indicada pelos termos destacados em "A atividade científica é tão natural **quanto qualquer outra atividade econômica**".

a) Ele era tão aplicado, que em pouco tempo foi promovido.
b) Quanto mais estuda, menos aprende.
c) Tenho tudo quanto quero.
d) Sabia a lição tão bem como eu.
e) Todos estavam exaustos, tanto que se recolheram logo.

11. (Fuvest-SP) "Podem acusar-me: estou com a consciência tranquila." Os dois-pontos (:) do período acima poderiam ser substituídos por vírgula, explicitando-se o nexo entre as duas orações pela conjunção:

a) portanto.
b) e.
c) como.
d) pois.
e) embora.

12. (PUC-SP) Em: "(...) ouviam-se amplos bocejos, fortes **como** o marulhar das ondas (...)" a partícula *como* expressa uma ideia de:

a) causa.
b) explicação.
c) conclusão.
d) proporção.
e) comparação.

13. (Fuvest-SP) "Que não pedes um diálogo de amor, é claro, **desde que impões** a cláusula da meia-idade."

O segmento destacado poderia ser substituído, sem alteração do sentido da frase, por:

a) desde que imponhas.
b) se bem que impões.
c) contanto que imponhas.
d) conquanto imponhas.
e) porquanto impões.

14. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que ocorre uso **incorreto** de conjunção.

a) O homem criou a máquina para facilitar sua vida, e contudo ela correspondeu a essa expectativa.
b) Diga-lhe que abra logo a porta, que eu estou com pressa.
c) Ele tinha todas as condições para representar bem os colegas; nem todos lhe reconheciam os méritos, porém.
d) O problema é que ainda não se sabe se ele agiu conforme as normas da empresa.
e) Ao perceber o que tinham feito com seus livros, gritou que parecia um louco.

15. (PUC-SP) Nos trechos: "Vejo três meninas caindo rápidas, enfunadas, **como** se dançassem inda" e "(...) e a prima-dona com a longa cauda de lantejoulas riscando o céu **como** um cometa", as palavras destacadas expressam respectivamente ideias de:

a) comparação, objeto.
b) modo, origem.
c) modo, comparação.
d) comparação, instrumento.
e) consequência, consequência.

16. (PUC-SP) No período: "Da própria garganta saiu um grito de admiração, que Cirino acompanhou, **embora** com menos entusiasmo", a palavra destacada expressa uma ideia de:

a) explicação.
b) concessão.
c) comparação.
d) modo.
e) consequência.

17. (PUC-SP) No trecho: "É uma espécie... nova... completamente nova! **Mas já** tem nome... Batizei-**a** logo... Vou-**lhe** mostrar...", sob o ponto de vista morfológico, as palavras destacadas correspondem, pela ordem, a:

a) conjunção, preposição, artigo, pronome.
b) advérbio, advérbio, pronome, pronome.
c) conjunção, interjeição, artigo, advérbio.
d) advérbio, advérbio, substantivo, pronome.
e) conjunção, advérbio, pronome, pronome.

18. (Unicamp-SP) Identifique no texto abaixo:

1. o argumento utilizado pelo Ministro do Trabalho a favor da manutenção da legislação salarial que prevê reajustes indexados e automáticos;

2. a palavra que marca sintaticamente a oposição entre os assalariados que ganham pouco e aqueles que ganham muito;
3. a palavra que poderia ser substituída por *não obstante*.

Não há (...) como se cogitar do abandono do sistema de reajustes indexados e automáticos. (...) Em suas linhas gerais a legislação salarial deve ser mantida, por ser tecnicamente melhor do que as suas antecessoras. Impõe-se, entretanto, um tratamento adequado ao piso salarial nacional e sua completa e definitiva desvinculação de outros salários. Exige-se, ainda, o estreitamento do amplo arco de salários. Não é justo que, enquanto alguns são pagos à razão de meio, um, dois ou três salários mínimos, outros consigam ganhar cinquenta, cem, duzentas ou trezentas vezes mais. É fundamental, finalmente, que as negociações sindicais ou com as empresas sejam livres e responsáveis, tomando como parâmetro os dados objetivos da realidade.

PAZZIANOTO, Almir. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 30 nov. 1987.

19. (Unicamp-SP) No texto abaixo, substitua *embora* por outra palavra ou expressão, de forma que o texto resultante dessa substituição, com as mínimas alterações necessárias, mantenha o sentido original.

(...) ergueu-se rapidamente, passou para o outro lado da sala e deu alguns passos, entre a janela da rua e a porta do gabinete do marido. Assim, com o desalinho honesto que trazia, dava-me uma impressão singular. Magra **embora**, tinha não sei que balanço no andar, como quem lhe custa levar o corpo; essa feição nunca me pareceu tão distinta como naquela noite.

ASSIS, Machado de. *Missa do galo*.

20. (Unimep-SP) "Havendo tempo, irei à sua casa."

Comece com: Irei à sua casa, ...

a) se houvesse.
b) embora haja.
c) exceto se houver.
d) desde que houvesse.
e) caso haja.

21. (Vunesp-SP) ... a esposa estar, há muito tempo, longe de casa, o marido não sente sua falta, ... se rodeia de amigos, ... comemorar sua liberdade.

Observando a coerência na indicação das circunstâncias, assinalar a alternativa que preenche adequadamente as colunas.

a) em razão de; à proporção que; para.
b) apesar de; já que; a fim de.
c) na hipótese de; desde que; por.
d) não obstante; quando; sem.
e) no caso de; conforme; de modo a.

22. (Fecap-SP) Classifique a palavra como nas construções seguintes, numerando, convenientemente, os parênteses. A seguir, assinale a alternativa correta.

1. preposição
2. conjunção subordinativa causal
3. conjunção subordinativa conformativa
4. conjunção coordenativa aditiva
5. advérbio interrogativo de modo

( ) Perguntamos como chegaste aqui.
( ) Percorrera as salas como eu mandara.
( ) Tinha-o como amigo.
( ) Como estivesse muito frio, fiquei em casa.
( ) Tanto ele como o irmão são meus amigos.

a) 2, 4, 5, 3, 1.
b) 4, 5, 3, 1, 2.
c) 5, 3, 1, 2, 4.
d) 3, 1, 2, 4, 5.
e) 1, 2, 4, 5, 3.

23. (SSP-SP/ACP-SP) O amor não só faz bem **como** alimenta. A palavra grifada é uma conjunção

a) coordenativa adversativa.
b) subordinativa integrante.
c) coordenativa aditiva.
d) subordinativa comparativa.

24. (TJ-SP/Vunesp)

A região alvo da expansão das empresas, ..., das redes de franquias, é a Sudeste, ... as demais regiões também serão contempladas em diferentes proporções; haverá, ..., planos diversificados de acordo com as possibilidades de investimento dos possíveis franqueados.

A alternativa que completa, correta e respectivamente, as lacunas e relaciona corretamente as ideias do texto, é:

a) digo ... portanto ... mas.
b) como ... pois ... mas.
c) ou seja ... embora ... pois.
d) ou seja ... mas ... portanto.
e) isto é ... mas ... como.

25. (Correios/ESPP) Em "Penso, logo existo", a conjunção **logo** pode ser substituída sem alteração de sentido por:

a) mas.
b) embora.
c) portanto.
d) porque.

Capítulo 17

Estudo das interjeições

Fernando Gonsales

GONSALES, Fernando. *Benedito Cujo*. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/niquel/benedito.shtml>. Acesso em: 9 jun. 2008.

As interjeições são estruturas linguísticas que, em geral, retratam emoções ou reações de forma espontânea e eficaz. Nessa tirinha, a interjeição *oh!* traduz com perfeição o sentimento de alegria da mãe de Benedito.

Conceito

Interjeições são palavras invariáveis que exprimem emoções, sensações, estados de espírito, ou que procuram agir sobre o interlocutor, levando-o a adotar determinados comportamentos sem que se faça uso de estruturas linguísticas mais elaboradas. Observe:

Ah! – pode exprimir prazer, deslumbramento, decepção;

Psiu! – pode indicar que se está querendo atrair a atenção do interlocutor ou que se quer que ele faça silêncio.

Em alguns casos, há um conjunto de palavras que atuam como uma interjeição: são as **locuções interjectivas**, como *Valha-me Deus!* ou *Macacos me mordam!*

OUTRAS INTERJEIÇÕES E LOCUÇÕES INTERJECTIVAS	
interjeições e locuções	**expressam**
oh!, ah!, oba!, viva!	alegria
ai!, ui!	dor
oh!, ah!, ih!, opa!, caramba!, upa!, céus!, puxa!, xi!, gente!, hem?!, meu Deus!, uai!	espanto, surpresa
olá!, alô!, ô!, oi!, psiu!, psit!, ó!	chamamento
uh!, credo!, cruzes!, Jesus!, ai!	medo
tomara!, oxalá!, queira Deus!, quem me dera!	desejo
psiu!, caluda!, quieto!, bico fechado!	pedido de silêncio
eia!, avante!, upa!, firme!, toca!	estímulo
xô!, fora!, rua!, toca!, passa!, arreda!	afugentamento
ufa!, uf!, safa!	alívio
ufa!	cansaço

Poderíamos estender indefinidamente essa lista. Mais importante, no entanto, é você perceber que são consideradas interjeições algumas estruturas linguísticas bastante diferenciadas entre si. *Ah!* e *ui!*, por exemplo, são sons que servem exclusivamente para a expressão de estados emotivos; já *quieto!* e *viva!* são formadas por palavras de outras classes gramaticais que, em determinados contextos, permitem a expressão de emoções súbitas. Em alguns casos, temos verdadeiros pedaços de frases, como acontece com *quem me dera!*.

As interjeições são, na realidade, verdadeiras frases. Pode-se perceber isso facilmente quando se atenta para seu funcionamento na linguagem. Além de serem capazes de transmitir conteúdos significativos que correspondem a frases, as interjeições têm sua significação profundamente vinculada ao momento efetivo de sua utilização: basta perceber como um *ah!* pode exprimir desde desapontamento até o mais profundo prazer, de acordo com a situação em que é proferido (a qual determinará a entonação de voz com que será produzido).

Outra evidência de que as interjeições pertencem ao campo das palavras em utilização efetiva e não ao das palavras tomadas isoladamente é sua forma de apresentação: elas são sempre seguidas de um ponto de exclamação (às vezes combinado com outros sinais de pontuação). Ora, o uso de sinais de pontuação faz sentido quando se lida com elementos linguísticos que integram a comunicação efetiva – que se verifica na organização de frases e textos. Seria mais coerente, portanto, não considerar as interjeições uma classe de palavras à parte, e sim mais um dos possíveis tipos de frases de que a língua portuguesa dispõe.

Atividades

1. Nos pequenos diálogos a seguir, substitua a fala do segundo interlocutor pela interjeição que julgar mais conveniente.

a) – Parece que todo mundo vem à festa hoje à noite!
– Fico muito contente!

b) – Finalmente chegamos ao fim da escalada!
– Estou bastante aliviado e satisfeito!

c) – Ele conseguiu bater dois recordes mundiais de natação apesar de ter ficado alguns meses sem treinar!
– Como estou admirado!

d) – Para onde você estava olhando quando tropeçou?
– Estou sentindo muita dor!

e) – Por que a gente não vai junto ao cinema domingo?

– Fico bastante feliz com o convite!

f) – Vamos ter de dividir o quarto do alojamento com o Zezão – aquele que não gosta muito de banho!

– Estou com muito nojo!

2. Que interjeição ou interjeições você usaria se:

a) abrisse a porta de seu quarto e nele encontrasse a *mountain bike* que estava querendo ganhar?

b) recebesse uma carta daquele(a) garoto(a) com quem "ficou" nas últimas férias e de quem sempre sentiu saudades?

c) recebesse um boletim repleto de boas notas?

d) recebesse um boletim repleto de más notas?

e) ganhasse um bom dinheiro num concurso de redação?

f) seu time fosse campeão de futebol depois de vinte anos de espera?

g) seu(sua) namorado(a) ligasse para dizer que está tudo terminado entre vocês?

h) recebesse a notícia de que os vestibulares foram definitivamente abolidos?

i) visse uma barata?

3. Nos diálogos dos textos narrativos, as interjeições permitem a expressão sintética de dados que demandariam falas mais longas; além disso, são muitas vezes sugestivas e bem-humoradas. Leia o trecho abaixo, extraído de uma crônica de Luis Fernando Verissimo, e comente o uso que nele se faz de uma curiosa interjeição.

O veraneio terminou mal. A ideia dos dois casais amigos, amigos de muitos anos, de alugarem uma casa juntos deu errado. Tudo por culpa do comentário que o Itaborá fez ao ver a Mirna, a comadre Mirna, de biquíni fio dental pela primeira vez. Nem tinha sido um comentário. Mais um som indefinido.

– Omnahnmon!

Textos para análise

1

Joaquín Salvador Lavado/Quino

QUINO. *Toda Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 233.

Trabalhando o texto

1. Classifique a palavra *Yeah!* e comente seu significado.

2. Explique a importância da palavra *Yeah!* no humor dessa tirinha.

3. Localize nessa tirinha um pronome de tratamento, um demonstrativo, um relativo e um possessivo. Explique se eles estão empregados em função substantiva ou adjetiva.

4. Observe a expressão de Mafalda e explicite a crítica que está por trás dessa tirinha.

2

Canção de exílio facilitada

lá?
ah!

sabiá...
papá...
maná...
sofá...
sinhá...

cá?
bah!

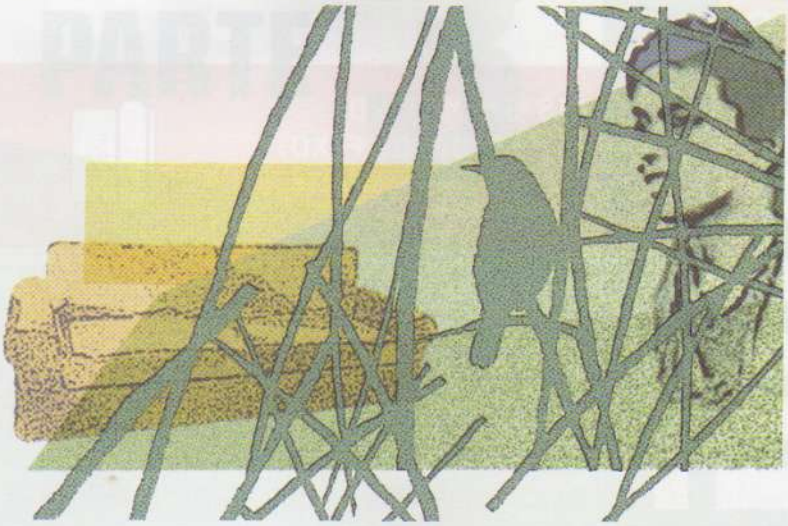

PAES, José Paulo. *Um por todos: poesia reunida*. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 67.

Trabalhando o texto

1. Indique o sentido das duas interjeições presentes no texto.

2. A segunda estrofe do texto relaciona os elementos que fazem o *lá* melhor do que o *cá*. Comente esses elementos, procurando identificar a que país se refere o advérbio *lá*.

3. Compare o texto acima com a "Canção do exílio", de Gonçalves Dias. A seguir, comente a importância das interjeições na obtenção da versão "facilitada".

Em livro

MENDES, Murilo. *Os melhores poemas de Murilo Mendes*. São Paulo: Global, 2007.

A "Canção do exílio", de Gonçalves Dias, é um dos poemas mais conhecidos e citados da literatura brasileira. Mário Quintana, Oswald de Andrade, José Paulo Paes, Tom Jobim e Chico Buarque já estabeleceram um diálogo intertextual com o poema do maior representante da primeira geração da poesia romântica brasileira. Murilo Mendes, poeta modernista brasileiro, também tem sua versão toda particular do famoso poema.

3

Disponível em: <www.oi.com.br/pre_home.html>. Acesso em: 9 jun. 2008.

Trabalhando o texto

1. No anúncio, a palavra *Oi* está sendo usada como se fosse uma interjeição? Explique.
2. Crie exemplos empregando a interjeição *Oi*.
3. Busque uma explicação para o fato de essa palavra ter sido escolhida para nomear a operadora de telefonia.

4

Bravo! São Paulo: Abril, n. 131, jul. 2008. Capa.

Trabalhando o texto

- Agora que encerramos a parte de morfologia deste livro, convidamos você a classificar a palavra *bravo!* que dá nome a essa revista.

Em *site*

<www.bravonline.abril.com.br>. Acesso em: 26 abr. 2008.

A revista *Bravo!* é uma publicação voltada para a divulgação da cultura em geral. Seu conteúdo abrange música, cinema, artes plásticas, teatro, dança, exposições etc. O *site* da revista, embora tenha área exclusiva para os assinantes, oferece boa opção de textos e vídeos sobre atualidades culturais, como resenhas de livros e críticas de peças teatrais e de filmes que são sensação no cenário nacional e internacional.

PARTE 3

Sintaxe

Capítulo 18

Introdução à sintaxe

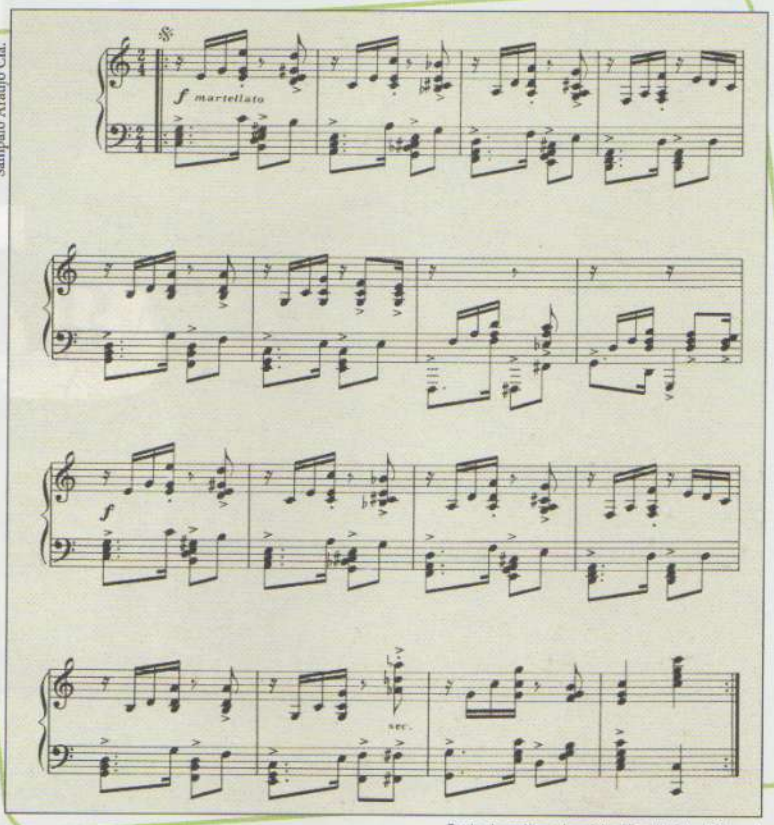

Sampaio Araujo Cia.

Trecho da partitura da música "Espalhafatoso" (tango), de Ernesto Nazareth (1913).

Como na pauta musical, em nossa língua a combinação de elementos resulta em unidades de comunicação que podem ir de uma simples interjeição a um período longo e complexo. As entoações, as funções que as palavras exercem nas frases, as relações de dependência e de concordância entre as palavras e entre as frases é o que será estudado a seguir.

1. Frase, oração, período

A sintaxe se ocupa do estudo das relações que as palavras estabelecem entre si nas orações e das relações que se estabelecem entre as orações nos períodos. Quando se relacionam palavras e orações, criam-se discursos, ou seja, utiliza-se efetivamente a língua para que se satisfaçam todas as necessidades de comunicação e expressão. O conhecimento da sintaxe é, portanto, um instrumento essencial para o manuseio satisfatório das múltiplas possibilidades que existem para combinar palavras e orações.

Dispor as palavras em frases é o primeiro passo para a construção dos discursos. Isso significa que a **frase** se define por seu propósito de comunicação, isto é, por sua capacidade de, num diálogo, numa tese, enfim, em alguma forma de comunicação linguística, ser capaz de transmitir o conteúdo desejado para a situação em que é utilizada. Na fala, a frase apresenta uma entoação que indica com clareza seu início e seu fim; na escrita, esses limites são geralmente indicados pelas iniciais maiúsculas e pelo uso de ponto (final, de exclamação ou interrogação) ou reticências. O conceito de frase é, portanto, bastante abrangente, incluindo desde estruturas linguísticas muito simples, como:

Ai!

que em determinada situação é suficiente para transmitir um conteúdo claro, até estruturas complexas como:

> Assim, a idolatria da máquina de matar, que corresponde a certas fantasias do telespectador, mas que nada tem a ver com a função de zelar pela segurança pública, acaba contribuindo para o surgimento dos valentões enlouquecidos dentro da tropa.

As frases de estrutura mais complexa geralmente se organizam com um ou mais verbos (ou locuções verbais). A frase, ou a parte de uma frase, que se organiza com um verbo ou locução verbal recebe o nome de **oração**. A frase estruturada em orações constitui o **período**, que pode ser **simples** (formado por apenas uma oração) ou **composto** (formado por duas ou mais orações). Observe os dois exemplos seguintes:

> A vida **vale** muito pouco neste país.

Trata-se de um período simples, formado por apenas uma oração – organizada a partir da forma verbal destacada.

> A vida neste país **vale** tão pouco <u>que</u> já não se **sabe** <u>se</u> **há** limite para o pior.

Trata-se de um período composto, formado por três orações organizadas a partir dos verbos destacados e conectadas pelas conjunções sublinhadas.

A sintaxe se ocupa do estudo do período simples e do período composto.

2. Tipos de frases

Muitas vezes, as frases assumem sentidos que só podem ser integralmente captados se atentarmos para o contexto em que são empregadas. É o caso, por exemplo, das situações em que se explora a ironia. Pense na frase "Que educação!", usada quando se vê alguém invadindo, com seu carro, a faixa de pedestres. Nesse caso, ela expressa exatamente o contrário do que aparentemente diz.

A entoação é um elemento muito importante da frase falada, pois nos dá uma ampla possibilidade de expressão. Dependendo de como é dita, uma frase simples como "É ele" pode indicar constatação, dúvida, surpresa, indignação, decepção etc. Na língua escrita, os sinais de pontuação podem agir como definidores do sentido das frases: "É ele."; "É ele?"; "É ele!"; "É ele?!"; "É ele..." etc.

Existem, na língua portuguesa, alguns tipos de frases cuja entoação é mais ou menos previsível, de acordo com o sentido que transmitem. Observe:

a. frases declarativas – informam ou declaram alguma coisa. Podem ser afirmativas, como:

Começou a chover.

ou negativas, como:

Ainda não começou a chover.

b. frases interrogativas – ocorrem quando se quer obter alguma informação. A interrogação pode ser direta, como nas frases:

Começou a chover?

Quem quer um louco na presidência?

ou indireta, como nas frases:

Quero saber se começou a chover.

Não sei quem quer um louco na presidência.

c. frases imperativas – são empregadas quando se quer agir diretamente sobre o comportamento do interlocutor, o que ocorre quando se dão conselhos, ordens ou quando se fazem pedidos. Podem ser afirmativas, como:

Manifeste claramente o seu pensamento.

ou negativas, como:

Não seja inoportuno.

d. frases exclamativas – são empregadas quando o emissor deseja expressar um estado emotivo. É o caso de:

Começou a chover!

Vai começar tudo de novo!

e. frases optativas – são empregadas para exprimir desejo. São exemplos de frases optativas:

Deus te guie!

Bons ventos o levem!

Atividades

1. Leia atentamente as frases de cada um dos grupos seguintes. Em seguida, leia-as em voz alta, conferindo a cada uma a entoação adequada.

a) Ele já prestou depoimento.

Ele já prestou depoimento?

Ele já prestou depoimento!

Ele já prestou depoimento...

Ele já prestou depoimento!?

Ele? Já prestou depoimento...

b) Não quero que você saiba.

Não quero que você saiba!

Não quero que você saiba?

Não quero que você saiba...

Não! Quero que você saiba!

Não quero! Quê? Você saiba...

c) Já sei!

Já sei?

Já sei.

Já? Sei...

2. O *Manual de estilo* da Editora Abril afirma:

Se você deseja ser compreendido, suas frases deverão atender a um requisito essencial: a clareza. É uma exigência para a qual não existe meio-termo. Se a frase for clara, você dirá o que quis dizer. Se a frase for obscura, você provocará confusão.

Levando em consideração essas colocações, comente as frases seguintes, retiradas da mesma página desse *Manual*.

Enfim, toda vez que você sentar-se à máquina, postar-se diante do terminal ou pegar a caneta com o propósito de escrever, lembre-se que sentenças de breve extensão, amiúde logradas por intermédio da busca incessante da simplicidade no ato de redigir, da utilização frequente do ponto, do corte de palavras inúteis que não servem mesmo para nada e da eliminação sem dó nem piedade dos clichês, dos jargões tão presentes nas laudas das matérias dos setoristas, da retórica discursiva e da redundância repetitiva – sem aquelas intermináveis orações intercaladas e sem o abuso de partículas de subordinação, como por exemplo "que", "embora", "onde", "quando", capazes de encompridá-las desnecessariamente, tirando em consequência o fôlego do pobre leitor –, isso para não falar que não custa refazê-las, providência que pode aproximar o verbo e o complemento do sujeito, tais sentenças de breve extensão, insistimos antes que comecemos a chateá-lo, são melhores e mais claras.

Ou seja, use frases curtas.

Em livro

SILVA, Deonísio da. *A língua nossa de cada dia*. São Paulo: Novo Século, 2007.

É notória a habilidade do brasileiro com a linguagem verbal. Conversa-se muito, sobre os mais diversos assuntos, mas quando se trata de escrever, as dificuldades logo aparecem. Raciocínios mal organizados e desrespeito à norma culta padrão não são raros, resultados da pouca prática da leitura e da escrita, habilidades tão caras em um mundo mergulhado em informação por todos os lados. Renunciando a fórmulas mirabolantes, e utilizando exemplos de mau uso da língua retirados da mídia impressa, de cartazes e de canções populares, o escritor Deonísio da Silva oferece um excelente manual a todos aqueles interessados em exercitar a arte de ler e escrever com qualidade e precisão os mais diversos tipos de texto sem desrespeitar as regras da língua portuguesa contemporânea.

3. As frases e a pontuação

Uma frase é um conjunto de elementos linguísticos estruturados para que se concretize a comunicação. Na língua oral, esses conjuntos se estruturam em sequências cuja ordenação em boa parte é feita por recursos vocais, como a entoação, as pausas, a melodia e até mesmo os silêncios. Para perceber a importância da participação desses elementos sonoros na organização da linguagem falada, basta observar alguém que esteja se comunicando em voz alta: você vai notar que essa pessoa controla os recursos vocais mencionados para que suas frases se articulem significativamente. Assim, as frases faladas e os recursos vocais que as organizam constroem os textos falados.

Na escrita, os elementos vocais da linguagem são substituídos por um sistema de sinais visuais que com eles mantêm alguma correspondência. Esses sinais são conhecidos como sinais de pontuação e seu papel na língua escrita é semelhante ao dos elementos vocais na língua falada: participam da estruturação das frases na construção dos textos escritos. O estudo do emprego dos sinais de pontuação está ligado à percepção de seu papel estruturador na língua escrita. Isso significa que não se aprende a usá-los partindo-se do pressuposto de que eles representam na escrita as pausas e melodias da língua falada: não é esse o papel desses sinais. Sua utilização baseia-se na organização sintática e significativa das frases escritas, não nas pausas e na melodia das frases faladas.

Levando em conta tudo isso, decidimos organizar o estudo da pontuação tomando como ponto de partida os estudos de sintaxe. Você perceberá, assim, que o conhecimento da organização sintática da língua portuguesa é um poderoso instrumento para que se alcance a pontuação correta e eficiente.

Neste primeiro capítulo, vamos falar dos sinais que delimitam graficamente as frases. Observe:

a. o **ponto final** (.) é utilizado fundamentalmente para indicar o fim de uma frase declarativa:

Não há país justo sem equilíbrio social.

Não é possível que ainda se pense que há pessoas que têm mais direitos do que outras.

"A vida é a arte do encontro, embora haja muito desencontro pela vida." (Vinicius de Moraes)

b. o **ponto de interrogação** (?) é o sinal que indica o fim de uma frase interrogativa direta:

O que você quer aqui?

Até quando os brasileiros vão se negar a entender que miséria e desenvolvimento são inconciliáveis?

Nas frases interrogativas indiretas, utiliza-se ponto final:

Quero saber por que você não colabora.

c. o **ponto de exclamação** (!) é o sinal que indica o fim de frases exclamativas ou optativas (as que expressam desejo):

Que bela companheira você é!

Que Deus te acompanhe!

Também pode ser usado para marcar o fim de frases imperativas:

Vá-se embora!

É comum como recurso de ênfase a repetição do ponto de exclamação ou sua combinação com o ponto de interrogação:

Quê?! De novo?! Não suporto mais isso!!!

Ele outra vez?! Não!!

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 1996. p. 24.

As duas falas de Hagar contêm somente pontos de interrogação e pontos de exclamação. Estes últimos indicam o fim de frases exclamativas, por meio das quais o emissor expressa um estado emotivo (no caso, a admiração pela própria "obra").

d. o **sinal de reticências** (...) indica uma interrupção da estrutura frasal. Essa interrupção pode decorrer de hesitação de quem tem sua fala representada ou pode indicar que se espera do leitor o complemento da frase (muitas vezes com finalidade irônica):

Veja bem, não sei... Quem sabe seja... É, na verdade eu não sei...

Bem, eu queria... Você sabe muito bem o que eu quero...

O árbitro é muito eficiente, mas os auxiliares...

Pelo jeito, ainda será preciso esperar muito tempo para que os brasileiros compreendam em que consiste a verdadeira modernidade social...

Também o sinal de reticências é constantemente combinado com pontos de interrogação ou exclamação, para acrescentar à frase particularidades de significado:

Você faria isso por mim?...

De novo!...

No último quadrinho desta tirinha, as reticências que seguem o ponto de interrogação reforçam a pergunta irônica de Snoopy.

United Media/Ipress

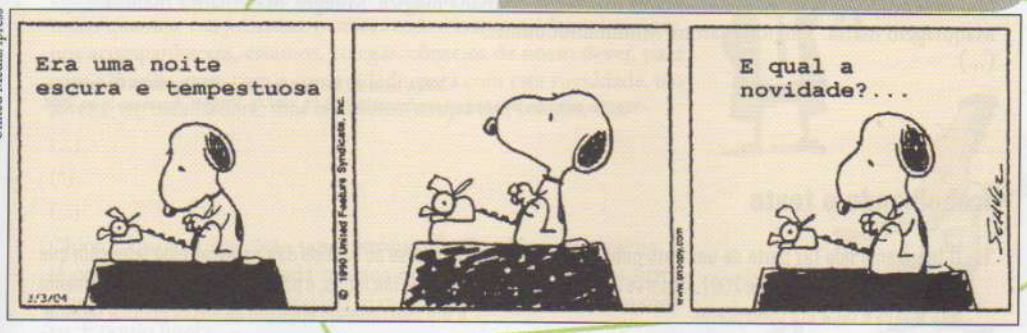

e. na representação gráfica de diálogos, utilizam-se os **dois-pontos** (:) e os **travessões** (–):

Depois de um longo silêncio, ele disse:

– É melhor esquecer tudo.

– É melhor esquecer tudo – disse ele, depois de um longo silêncio.

– É melhor – concordei.

Também é possível empregar vírgulas no lugar dos travessões intermediários:

– Convém tentar esquecer tudo, disse ele, para que ninguém mais seja prejudicado.

A situação parece ter chegado a um impasse. "Muitos sem-terra atingiram os limites do desespero"; afirmou o sociólogo, "e parecem decididos a ir até o fim."

Atividades

1. Crie um diálogo em que você utiliza pontos de exclamação, pontos de interrogação, reticências e travessões.

2. Foram retirados os sinais de pontuação que indicam o final dos períodos que formam o parágrafo seguinte. Copie o texto no caderno e recoloque-os.

há efetivamente um conjunto de brasileiros que se comportam como se as leis não lhes dissessem respeito o convívio social não passa de uma forma de lhes satisfazer os desejos as obrigações inerentes a qualquer forma de sociedade pertencem exclusivamente aos outros seria importante saber o que efetivamente produzem esses indivíduos para o bem da comunidade são eles seres verdadeiramente sociais a resposta a essa pergunta pode dar início à redescoberta da noção de bem-comum

Textos para análise

1

Maluquice momentosa. Matriz mal-ajeitada. Mal-amada. Mulher-objeto. Manceba modelada, marota. Machão maduro, malcasado, meia-idade. Mané-modelo. Miolo mole. Maçanetas mal-viradas. Malícia. Maviosidade. Magnetismo. Mel. Maciez. Mais. Muito mais. Matrimônio mambembe. Mancada. Malogro. Martírio. Mortificação. Malmequer, malmequer. Mexericos. Maquinações malfeitas. Megalomania. Mufunfa malcheirosa. Mãos molhadas. Mordidas milionárias. Mesadas, mordomias, malas, maletas. Maços. Marreteiros. Malversação. Malabarismo. Malandragem. Mal-entendido. Murici. Maceió. Muares malhados. Manada mágica. Milagre. Matemática maluca. Maquiagem malsã. Mugido maroto. Muuuuuuuuuuuu...
(...)

SOUZA, Josias de. *Nos bastidores do poder*. Folha Online. Disponível em: <http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br/arch2007-06-24_2007-06-30.html>. Acesso em: 16 jun. 2008.

Trabalhando o texto

1. O fragmento lido faz parte de um texto publicado em um *blog* em 30 de junho de 2007. Observe a estrutura das frases e faça um comentário.
2. Comente também a pontuação do texto.
3. Aponte a mudança temática que ocorre do primeiro para o segundo parágrafo do texto.
4. Com base no sentido das palavras e da letra com que elas são iniciadas, é possível associar esse fragmento a um determinado episódio de nossa política recente. Descubra qual é esse episódio explicando como você chegou a sua resposta. Justifique também o fato de a letra M ter sido escolhida pelo jornalista para redigir seu texto.

2

Ai gramática. Ai, vida.

(...)

Ora, dirão os professores, vida é gramática. De acordo. Vou até mais longe: vida é pontuação. A vida de uma pessoa é balizada por sinais ortográficos. Podemos acompanhar a vida de uma criatura, do nascimento ao túmulo, marcando as diferentes etapas por sinais de pontuação.

Querem ver? Olhem esta biografia.

(*)

Nasceu! É um menino! Que grande! E como chora! Claro, quem não chora não mama!

Me dá! É meu!

Ovo! Uva! Ivo viu o ovo! Ivo viu a uva! O ovo viu a uva!

(...)

(*)

Papai, eu queria – não, não é que eu queria – bom, tu sabes eu precisava – bom, não é bem isto – bom, eu pensei – bom, deixa, agora não posso falar, amanhã quem sabe eu – bom –.

(...)

(*)

Mas quem é que eu sou afinal? E o que é que eu quero? E o que que vai ser de mim? E Deus, existe? E Deus cuida da gente? E o anjo da guarda, existe? E o diabo? E por que é que a gente se sente tão mal?

(...)

(*)

Estamos, meus colegas, todos nós, hoje, aqui, nesta festa de formatura, nesta festa, que, meus colegas, é não só nossa, colegas, mas também, colegas, de nossos pais, de nossos irmãos, de nossas noivas, enfim, de todos quantos, nas jornadas, penosas embora, mas confiantes sempre, nos acompanharam, estamos, colegas, cônscios de nosso dever, para com a família, para com a comunidade, para com esta Faculdade, tão jovem, tão batalhadora, mas ao mesmo tempo tão, colegas, tão.

(...)

(*)

(...)

Chiou, boto, prá rua. Não tem conversa. É pão pão queijo queijo. É lé com lé cré com cré. Cada macaco no seu galho. Na minha firma mando eu. No clube que presido mando eu. E na minha casa mando eu. E ponto final.

(*)

Sim, o tempo passou... E eu estou feliz... Foi uma vida bem vivida, esta... Aprendi tanta coisa... mas das coisas que aprendi... A que mais me dá alegria... É que hoje eu sei tudo... Sobre pontuação...

SCLIAR, Moacyr. In: CAMPOS, Carmen Lucia da Silva; SILVA, Nilson Joaquim (Orgs.). *Lições de gramática para quem gosta de literatura*. São Paulo: Panda Books, 2007. p. 11-4.

Trabalhando o texto

1. Substitua o (*) por um subtítulo que você vai criar e que deverá estar relacionado à pontuação empregada em cada parte do texto.

2. Explique a relação existente entre os sinais de pontuação e as fases da vida das pessoas, segundo o autor do texto.

Em *site*

<www.releituras.com/index.asp>. Acesso em: 4 jul. 2008.

Inspirado pela frase de Nelson Rodrigues "Deve-se ler pouco e reler muito", o *site* releituras disponibiliza a leitores exigentes da rede uma série de textos relevantes e biografias de autores consagrados da literatura brasileira e mundial. Moacyr Scliar, autor da crônica que você acabou de ler, faz parte da lista dos escritores selecionados, que inclui mais de 500 nomes importantes.

Capítulo 19

Termos essenciais da oração

Joaquín Salvador Lavado/Quino

QUINO. *Toda Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p. 219.

Neste capítulo, inicia-se o estudo da sintaxe do período simples. Esse estudo se baseia na investigação das várias funções que as palavras desempenham quando se organizam em orações. Essas funções são decorrentes da relação estabelecida entre os elementos que se articulam nas frases. Na tirinha acima, Miguelito atrapalha-se na análise sintática porque identifica um "sujeito" não expresso na oração, forma divertida encontrada pelo cartunista para expor sua crítica à administração pública da cidade.

Durante o estudo das diversas funções sintáticas, você poderá relacioná-las com as classes de palavras já estudadas nos capítulos dedicados à morfologia. A relação entre as classes de palavras e suas possíveis funções sintáticas recebe o nome de morfossintaxe.

1. Conceitos

Sujeito e predicado

Você já sabe que o período simples é aquele formado por apenas uma oração, que recebe o nome de absoluta. Também já sabe que a oração é a frase ou membro de frase estruturada a partir de um verbo ou de uma locução verbal. O período simples, então, sempre apresentará um único verbo ou locução verbal, que será o ponto de partida para nosso trabalho de análise. A frase:

Os agricultores participaram do protesto contra a política agrária do governo.

constitui um período simples, formado por uma oração que se organiza a partir da forma verbal *participaram*.

Se você observar mais atentamente essa forma verbal, vai perceber que ela está na terceira pessoa do plural, porque se relaciona com a expressão "os agricultores": é fácil perceber que o termo "os agricultores" equivale ao pronome de terceira pessoa do plural *eles* – e você sabe que a forma verbal exigida por esse pronome é justamente uma que esteja na terceira pessoa do plural. Se você modificar a flexão do substantivo (*agricultores*), colocando-o no singular (*agricultor*), vai perceber que o verbo também sofrerá flexão de número, passando a *participou*:

O agricultor participou do protesto contra a política agrária do governo.

Se você optar por modificar a pessoa gramatical do verbo (de terceira para segunda ou primeira), vai perceber que não se pode manter a expressão "os agricultores" nessa oração. No período seguinte, a forma verbal *participei* se relaciona com a primeira pessoa do singular (*eu*):

Participei do protesto contra a política agrária do governo.

Dessa forma, constata-se que existe entre o verbo e o termo "os agricultores" uma relação que os obriga a concordar em número e pessoa. Essa relação recebe o nome de **concordância verbal**, e o termo da oração com o qual o verbo concorda em número e pessoa é o **sujeito**.

Falar de sujeito pressupõe falar da relação de concordância entre um determinado termo de uma oração e o verbo dessa mesma oração. Sujeito é, portanto, o nome de uma função sintática – o que significa dizer que é o nome que se atribui a um dos papéis que as palavras podem desempenhar quando se relacionam umas com as outras.

Sob a ótica da morfossintaxe, pode-se afirmar que sujeito é uma função **substantiva**, porque são os substantivos e as palavras de valor substantivo (pronomes e numerais substantivos ou outras palavras substantivadas) que podem atuar como núcleos dessa função nas orações portuguesas. Observe a classe gramatical a que pertencem os núcleos dos sujeitos seguintes:

Os **alunos** (substantivo) **Todos** (pronome substantivo) **Ambos** (numeral substantivo) Os **pobres** (adjetivo substantivado)	protestaram veementemente.

Quando se identifica o sujeito de uma oração, identifica-se também o predicado dessa oração. **Predicado** é aquilo que se declara a respeito do sujeito; em termos práticos, equivale a tudo o que resta na

oração, depois de eliminado o sujeito (e o vocativo, quando ocorrer). Observe, nas orações seguintes, a divisão entre sujeito e predicado:

Os alunos	protestaram veementemente.
Os jogadores	manifestaram sua insatisfação.
sujeito	predicado

No verão, **a temperatura** aumenta.

sujeito

predicado

Verbos nocionais e não-nocionais

No predicado existe, obrigatoriamente, um verbo ou locução verbal. Para a devida análise do papel do verbo no predicado, deve-se considerar em primeiro lugar a possibilidade de dividir os verbos em dois grupos: os nocionais e os não-nocionais. **Verbos nocionais** são aqueles que exprimem processos; em outras palavras, indicam ação, acontecimento, fenômeno natural, desejo, atividade mental. Esses verbos são sempre núcleo dos predicados em que aparecem. Veja alguns exemplos:

lutar	fazer	ocorrer	suceder	nascer
trovejar	querer	desejar	pretender	pensar
raciocinar	considerar	julgar		

Verbos não-nocionais são aqueles que exprimem caráter de estado; são mais conhecidos como **verbos de ligação**. Os verbos não-nocionais fazem parte do predicado, mas não atuam como núcleo. Exemplos:

ser	estar	permanecer	ficar
continuar	tornar-se	virar	andar
achar-se	passar	acabar	persistir

Só é possível perceber se um verbo é nocional ou não-nocional quando se considera o contexto em que é usado. Assim, na oração:

Ela anda cinco quilômetros por dia.

o verbo *andar* exprime uma ação, atuando como um verbo nocional. Já na oração:

Ela anda amargurada.

predomina a informação do estado do sujeito, dada pelo termo *amargurada*. O verbo indica que esse estado tem se mantido nos últimos dias ou semanas. Por isso se diz que, nesse caso, o verbo exprime o caráter do estado do sujeito, atuando como verbo não-nocional.

Verbos transitivos e intransitivos

Os verbos nocionais podem ser acompanhados ou não de complementos, de acordo com sua **transitividade**. Um verbo que não é acompanhado de complemento é chamado de **intransitivo**. É o que ocorre na oração:

Criança sofre!

Nota-se que o verbo *sofrer* não apresenta nenhum complemento, já que o processo que expressa começa e acaba no próprio sujeito, ou seja, não transita, não passa do sujeito para um elemento que funcione como alvo ou objeto. É exatamente por isso que esse tipo de verbo é chamado de intransitivo, que, como diz o nome, não transita, não passa.

Um verbo acompanhado de complemento é chamado de **transitivo**. Quando se diz:

"Os ombros suportam o mundo." (Carlos Drummond de Andrade)

nota-se que o ato de suportar tem um alvo, um objeto. O processo expresso por suportar se inicia nos ombros e passa, ou seja, transita para o mundo, alvo ou objeto desse processo. É por isso que esse tipo de verbo é chamado de transitivo, que, como diz o nome, transita, passa.

Quando o complemento de um verbo transitivo não é introduzido por preposição obrigatória, o verbo é **transitivo direto**; quando o complemento é introduzido por preposição obrigatória, o verbo é **transitivo indireto**. Há verbos acompanhados de dois complementos, um deles introduzido por preposição obrigatória e outro, não. São os verbos **transitivos diretos e indiretos**. Observe os exemplos:

Levaram os livros.
(verbo transitivo direto: levar **algo**)

Duvida-se de verdades indiscutíveis.
(verbo transitivo indireto: duvidar **de algo**)

Enviei o convite a todos.
(verbo transitivo direto e indireto: enviar **algo a alguém**)

O verbo *assistir* liga-se a seus complementos (*à TV, ao micro-ondas*) com preposição obrigatória, porém na linguagem corrente do Brasil, esse verbo é usado sem preposição, fato que já é amplamente abonado. Já o verbo *jogar* (*a televisão*), não. Assistir, nesse contexto, é um verbo transitivo indireto, enquanto jogar é transitivo direto.

Trupe, de Adão Iturrusgarai. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 15 maio 2004. Folhinha, p. F-8.

OBSERVAÇÃO

Os termos essenciais da oração são o sujeito e o predicado. São essenciais porque constituem a estrutura básica das orações mais comuns da língua portuguesa. Entretanto em português há orações formadas apenas pelo predicado, como você verá mais adiante. O que caracteriza a existência de uma oração é a presença de um verbo ou locução verbal – e não a existência obrigatória de um sujeito ligado a um predicado.

Em *site*

<www2.uol.com.br/adaoonline/v2/>. Acesso em: 7 jul. 2008.

Site oficial do cartunista Adão Iturrusgarai. Gaúcho da cidade de Cachoeira do Sul, Adão é o autor das charges Aline e Rocky e Hudson, entre outras. Ele publica suas tiras em diversos jornais, entre eles a *Folha de S.Paulo*. No *site* há um *link* para o *blog* do cartunista.

Atividades

1. Transforme cada uma das orações seguintes de acordo com o modelo proposto. A seguir, indique o sujeito de cada oração.

Nunca levanto cedo.

Nunca **levantas** cedo.

Nunca **levantamos** cedo.

Nunca **levantais** cedo.

a) Cumpri a palavra dada.

b) Fui surpreendido pela notícia.

2. Passe para o plural cada uma das orações seguintes. Depois, indique o sujeito e o predicado de cada uma delas.

a) Ocorreu um fato surpreendente.

b) Sobrou muito pão na festa.

c) Basta-me uma frase de incentivo.

d) Faltou um bom quadro naquela exposição.

e) Dói-me a perna.

f) Caiu um raio sobre aquela árvore.

g) Desabou um temporal muito forte ontem à noite.

h) Existe uma cultura muito rica no interior deste país.

i) Teu trabalho foi elogiado por todos.

3. Re-escreva estas orações no plural, iniciando-as pelo sujeito.

a) Deve ter acontecido algum fato surpreendente.

b) Deve ocorrer um forte temporal esta tarde.

c) Poderia bastar-me uma frase de incentivo.

d) Poderá faltar o melhor quadro naquela exposição.

e) Poderia estar doendo-me a perna.

f) Parece ter caído um raio sobre aquela árvore.

g) Deve ter desabado um temporal muito forte ontem à noite.

h) Parece ter existido uma cultura muito rica no interior deste país.

i) Teu trabalho deve ter sido elogiado por todos.

4. Classifique os verbos das orações seguintes em nocionais e não-nocionais:

a) Estou preocupado.

b) Estou em Roma.

c) Permaneceram calados durante o almoço.

d) Permaneceram exatamente no mesmo lugar.

e) O gato virou gata.

f) O furacão virou alguns carros.

g) Ficaria meses em Praga.

h) Ficaria extasiado se fosse a Praga.

i) Ela passou a chefe do departamento.

j) O pior já passou.

k) Persistimos em ser atendidos.

l) A desigualdade social persiste imutável.

m) Achei o livro.

n) Acho-me acamado.

2. Tipos de sujeito

O sujeito das orações da língua portuguesa pode ser determinado ou indeterminado. Há ainda orações formadas sem sujeito.

Sujeito determinado

É o sujeito que se pode identificar com precisão a partir da concordância verbal. Observe as orações:

Faltou-me **coragem** naquele momento.
sujeito

Música e literatura fazem bem à alma.
sujeito

Na primeira oração, o sujeito determinado apresenta um único núcleo: o substantivo *coragem*. É, por isso, um **sujeito determinado simples**. Já na segunda oração, o sujeito apresenta dois substantivos como

núcleos: *música* e *literatura*. Os sujeitos determinados que apresentam dois ou mais núcleos são chamados **sujeitos determinados compostos**.

Chama-se **sujeito determinado oculto** ou **sujeito determinado elíptico** o núcleo do sujeito determinado que se encontra implícito na forma verbal ou no contexto. É o que ocorre quando a terminação verbal dispensa o uso do pronome pessoal correspondente, em orações como "Sinto muito a falta dela." (sujeito: *eu*) ou "Levamos os livros." (sujeito: *nós*). Em alguns casos, pode-se facilmente detectar o sujeito pelo contexto. Na sequência de orações abaixo, o sujeito da forma verbal *bloquearam* é o pronome *eles*, implícito na terminação verbal *-am*. Esse pronome se refere a "os agricultores", sujeito determinado simples do verbo da primeira oração, *participaram*:

Os agricultores se manifestaram contra a política agrária do governo e **bloquearam** a rodovia com suas máquinas.

Sujeito indeterminado

Quando não se quer ou não se pode identificar claramente a quem o predicado da oração se refere, surge o chamado sujeito indeterminado. Em português, há duas maneiras diferentes de indeterminar o sujeito de uma oração:

a. O verbo é colocado na terceira pessoa do plural, sem que se refira a nenhum termo identificado anteriormente (nem em outra oração, como no caso do sujeito determinado elíptico visto há pouco):

Procuraram você ontem à noite.

Estão pedindo sua presença lá fora.

b. O verbo surge acompanhado do pronome *se*, que atua **como índice de indeterminação do sujeito**. Essa construção ocorre com verbos que não apresentam complemento direto (verbos intransitivos, transitivos indiretos e de ligação). O verbo obrigatoriamente fica na terceira pessoa do singular:

Vive-se melhor fora das cidades grandes.

Trata-se de casos delicadíssimos.

Precisa-se de professores de português.

É-se muito pretensioso na adolescência.

ARIONAURO. *Cartuns do vampiro*. Edição do autor, 1999. p. 60.

Caso de sujeito indeterminado: *precisar*, verbo transitivo indireto, seguido da partícula *se*.

Observe que, na primeira forma de indeterminar o sujeito, quem fala ou escreve não participa do processo verbal mencionado. Na segunda forma, não ocorre obrigatoriamente essa distância entre quem fala ou escreve e aquilo a que se refere. Compare as orações de sujeito indeterminado:

Falam sobre reforma agrária.

Fala-se sobre reforma agrária.

Na primeira, é evidente que quem produz a oração não se inclui no grupo dos que falam sobre a reforma agrária; na segunda oração, essa inclusão é perfeitamente possível, já que quem fala ou escreve pode estar se referindo a algo que lhe é próximo ou de que participa.

Orações sem sujeito

Nessas orações, formadas apenas pelo predicado, aparecem os chamados **verbos impessoais**. Os casos mais importantes de orações sem sujeito da língua portuguesa ocorrem com:

a. verbos que exprimem fenômenos da natureza:

Anoiteceu docemente sobre a cidadezinha.

Está **amanhecendo**.

Choveu pouco no último mês de março.

Quando usados de forma figurada, esses verbos podem ter sujeito determinado:

Choveram **pontapés** durante a partida.
sujeito

b. os verbos *estar*, *fazer*, *haver* e *ser*, quando usados para indicar ideia de tempo ou fenômeno natural:

Está cedo.

É tarde.

Eram nove e quinze.

Faz muito frio na Europa.

Há meses não vejo sua prima.

Faz dois anos que não recebo mensagens dela.

Deve fazer alguns meses que não conversamos.

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o horrível*. Porto Alegre: L&PM, 2007. v. 5. p. 20.

Nessa tirinha, o verbo *estar*, na primeira e terceira ocorrências, aparece como verbo impessoal (*está frio*); na segunda ocorrência, a oração tem sujeito (*"eu" estou doente?*).

C. o verbo *haver*, quando exprime existência ou acontecimento:

Há boas razões para suspeitarmos dele.

Houve vários bate-bocas durante a assembleia.

Deve haver muitos interessados em livros antigos.

Com exceção do verbo *ser*, que, quando indica tempo, varia de acordo com a expressão numérica que o acompanha ("É **uma** hora." / "São **nove** horas."), os verbos impessoais devem ser usados **sempre na terceira pessoa do singular**. Tome cuidado principalmente com os verbos *fazer* e *haver* usados impessoalmente. Não é possível usá-los no plural em frases como:

Faz	muitos anos que
Deve fazer	conversamos.

Há	
Houve	
Havia	muitas pessoas interessadas
Haverá	em participar do projeto.
Deve ter havido	
Pode ter havido	

Atividades

1. Aponte e classifique o sujeito das orações abaixo.

a) Naquela hora, tocou o sino.

b) Veio-me à lembrança uma imagem poética.

c) Passou-me pela memória uma velha lembrança.

d) Explodiu nova crise no Oriente Médio.

e) Surgiu um novo medicamento contra a doença.

f) Teria ele condição de enfrentar a crise econômica?

g) São cada vez mais frequentes as denúncias de abuso de autoridade.

h) Industriais e industriários não se entenderam sobre salários e condições de trabalho.

2. Re-escreva cada uma das orações abaixo de acordo com o modelo proposto.

Alguém precisa de ajuda.

Precisa-se de ajuda.

a) Alguém acredita em dias mais felizes.

b) Alguém crê em tempos menos bicudos.

c) Alguém necessita de auxílio.

d) Alguém apelou para os mais poderosos.

e) Alguém assistiu a filmes de terror.

f) Alguém aspira ao bem-estar social.

g) Alguém obedece aos impulsos mais nobres.

h) Alguém tratou de assuntos sérios naquele debate.

3. Complete cada um dos pequenos diálogos seguintes com uma frase em que surja o sujeito indeterminado, com o verbo na terceira pessoa do plural.

a) – Existe alguma mensagem para mim?
– (*).

b) – De onde vieram estes pacotes?
– (*).

c) – Quem trouxe este recado?
– (*).

d) – Onde você achou esse livro?
– (*).

e) – Como você soube disso?
– (*).

f) – Essa história é verdadeira?
– (*).

4. Re-escreva cada uma das frases seguintes de acordo com o modelo proposto.

Faz dois anos que não a encontro.

Deve fazer dois anos que não a encontro.

a) Fazia cinco anos que não nos encontrávamos.

b) Faz algumas semanas que não chove nesta cidade.

c) Faz três anos que não a procuro.

5. Re-escreva cada uma das frases seguintes de acordo com o modelo proposto.

Há muitos livros sobre o assunto.

Havia muitos livros sobre o assunto.

Houve muitos livros sobre o assunto.

a) Há várias propostas em discussão.

b) Há vários cargos em disputa.

c) Há muitas maneiras de ajudar.

d) Há infindáveis modos de colaborar.

e) Há discussões intermináveis.

6. Re-escreva cada uma das frases seguintes de acordo com o modelo proposto.

Deve haver várias razões para o cancelamento.

Deve ter havido várias razões para o cancelamento.

Pode ter havido várias razões para o cancelamento.

a) Deve haver provas mais contundentes contra ele.

b) Deve haver graves consequências.

c) Deve haver questões mais sérias.

d) Deve haver situações menos preocupantes.

e) Deve haver leis mais duras.

7. Monte orações a partir dos elementos oferecidos em cada um dos itens seguintes. Faça as necessárias relações de concordância verbal em cada caso.

a) Bater / os sinos da igreja / de hora em hora.

b) Surgir / várias ideias revolucionárias / durante a noite.

c) Faltar / vários alunos / na semana passada.

d) Ocorrer / faltas violentas / durante o jogo.

e) Desabar / dois prédios / no ano passado.

3. Tipos de predicado

Você já sabe que o predicado é a parte da oração que contém a informação, a declaração a respeito do sujeito. Quando se classifica o predicado, quer-se verificar o que é essencial na informação relativa ao sujeito. Basicamente, pode-se informar a respeito do sujeito uma ideia de ação, praticada ou sofrida, ou uma ideia de estado.

A partir disso, pode-se dizer que o núcleo informativo de um predicado pode ser um verbo ou um nome. Há também predicados que têm um verbo e um nome como núcleos ao mesmo tempo.

Predicado verbal

No predicado verbal, o núcleo é sempre um verbo. Para ser núcleo do predicado, é necessário que o verbo seja nocional. São verbais os predicados das seguintes orações:

Os agricultores participaram do protesto contra a política agrária do governo.

"Perdi o bonde e a esperança." (Carlos Drummond de Andrade)

"Eu faço samba e amor até mais tarde." (Chico Buarque)

Os alunos foram informados da alteração.

Predicado nominal

Nos predicados nominais, o núcleo é sempre um nome, que desempenha a função de predicativo do sujeito. O **predicativo do sujeito** é um termo que caracteriza o sujeito, tendo como intermediário um verbo. No predicado nominal, esse verbo intermediário é sempre de ligação. Os exemplos seguintes mostram como esses verbos exprimem diferentes circunstâncias relativas ao estado do sujeito, ao mesmo tempo que o ligam ao predicativo. Em todos os casos, o núcleo do predicado é o predicativo do sujeito, e o predicado é nominal:

A vida é tênue.

Ele está exausto.

Permanecemos calados.

A taxa de mortalidade infantil continua elevada.

Um simples motorista virou celebridade nacional.

O professor parece tranquilo.

Ele se acha acamado.

O salvador da pátria acabou cassado.

A função de predicativo do sujeito pode ser exercida por termos que têm como núcleo um adjetivo, um substantivo ou uma palavra de valor substantivo:

A vida é **muito frágil**.
predicativo do sujeito
(núcleo: frágil, adjetivo)

A vida é **um eterno recomeçar**.
predicativo do sujeito
(núcleo: recomeçar, verbo substantivado)

A função de predicativo do sujeito é desempenhada por um adjetivo (*frio*) no segundo quadrinho e por um substantivo (*gata*) modificado por um adjetivo (*ornamental*) no terceiro.

LAERTE. *Gato e gata*. São Paulo: Ensaio, 1995. p. 5.

Predicado verbo-nominal

O predicado verbo-nominal apresenta dois núcleos: um verbo (que será sempre nocional) e um predicativo (que pode referir-se ao sujeito ou a um complemento verbal). Na oração:

Os alunos saíram da prova confiantes.

o predicado é verbo-nominal porque seus núcleos informativos são um verbo nocional (*saíram*, verbo intransitivo), que indica uma ação praticada pelo sujeito, e um predicativo do sujeito (*confiantes*), que indica o estado do sujeito no momento em que se desenvolve o processo verbal. Observe que o predicado dessa oração poderia ser desdobrado em dois outros, um verbal e um nominal:

Os alunos saíram da prova. Eles estavam confiantes.

A oração:

Considero inexequível o projeto exposto.

também tem predicado verbo-nominal: seus núcleos são o verbo nocional (*considero*) e o predicativo do objeto (*inexequível*). Nessa oração, "o projeto exposto" é objeto direto da forma verbal *considero*, pois é o termo que complementa o verbo sem preposição intermediária. *Inexequível* caracteriza esse objeto direto, atuando como predicativo do objeto. Se você tem dificuldade para perceber que o verbo *considerar* participa da relação entre o objeto direto e seu predicativo, passe a oração analisada para a voz passiva:

O projeto exposto é considerado inexequível por mim.

Nessa forma, fica evidente a intermediação verbal entre "o projeto exposto" e *inexequível*. Note que o objeto direto passou a sujeito, e o predicativo do objeto passou a predicativo do sujeito.

Outra forma de perceber o papel de predicativo do objeto do termo *inexequível* é substituir o objeto direto por um pronome oblíquo:

Considero-o inexequível.

Você percebe que o pronome *o* substitui todo o objeto direto ("o projeto exposto"), e o termo *inexequível* se refere justamente a esse *o*.

Atividades

1. Classifique os predicados das orações seguintes.

a) Ocorreram alguns fatos desagradáveis durante o seminário.

b) Houve alguns fatos desagradáveis durante o seminário.

c) Mandaram arrancar os trilhos da ferrovia.

d) Veio-me à lembrança sua doce imagem.

e) Choveu muito.

f) A chuva foi forte.

g) Os trilhos de uma ferrovia são um monumento à civilização.

h) O passeio deve ter sido fascinante.

i) Julgo selvagem o comportamento do motorista brasileiro.

j) O fracasso da equipe deixou boquiabertos os torcedores.

2. Aparentemente, os itens a) e b) não passam de duas formas diferentes de dizer a mesma coisa. Leia-os atentamente e responda: essa aparência é enganosa? Comente.

a) Depois de uma curva na estrada, a cordilheira surgiu imensa à nossa frente.

b) Depois de uma curva na estrada, a cordilheira surgiu à nossa frente. Era imensa.

3. Em cada um dos itens seguintes, você encontrará uma oração de predicado nominal. Leia atentamente cada uma delas e explique a diferença de sentido que apresenta em relação à oração: "Ela é muito rabugenta".

a) Ela está muito rabugenta.

b) Ela ficou muito rabugenta.

c) Ela continua muito rabugenta.

d) Ela anda muito rabugenta.

e) Ela parece muito rabugenta.

f) Ela se tornou muito rabugenta.

g) Ela permanece muito rabugenta.

4. Os termos essenciais e a pontuação

a. sujeito e predicado – Você viu que o sujeito e o predicado são chamados termos essenciais porque constituem a estrutura básica das orações mais típicas da língua portuguesa. Por isso a ligação que mantêm entre si não pode ser interrompida por uma vírgula, mesmo quando o sujeito é muito longo ou vem depois do predicado:

Todas as tentativas de mudar a relação entre capital e trabalho resultaram em fracasso.

Foram feitas várias manifestações contra a política industrial do governo.

b. termos intercalados – A intercalação de termos entre o sujeito e o predicado pode ser marcada por vírgulas. É indispensável que, nesses casos, haja uma vírgula antes e outra depois do termo intercalado:

Os deputados, ontem à tarde, decidiram aceitar o projeto do presidente da república.

A vida, meus amigos, é um mergulho na bruma.

c. núcleos de um sujeito composto – Usa-se vírgula para separar os núcleos de um sujeito composto:

O presidente, o governador, o prefeito e os senadores, os deputados manifestaram seu repúdio ao comportamento dos policiais.

Quando o último desses núcleos é introduzido pelas conjunções e, ou ou nem, não será empregada a vírgula:

Ônibus, automóveis e caminhões deveriam participar do rodízio.

Um avião, um ônibus ou um automóvel não têm o mesmo charme de um trem.

Não ocorreram protestos veementes nem intervenções exaltadas durante a reunião.

Se cada um dos núcleos for introduzido por conjunção, deve-se empregar a vírgula:

Sofrem com essa política os professores, e os alunos, e os pais, e a sociedade, enfim.

Nem a música, nem o cinema, nem o teatro têm a magia do circo.

d. predicativo do sujeito invertido ou intercalado – Nas orações de predicado verbo-nominal em que o predicativo do sujeito é invertido ou intercalado, usam-se vírgulas para isolá-lo:

Decepcionado, o velho ídolo afastou-se lentamente.

O velho ídolo, decepcionado, afastou-se lentamente.

e. omissão de verbo – A vírgula pode também indicar a omissão de um verbo:

Eu trabalho com fatos; você, com boatos.

Atividades

1. Empregue as vírgulas necessárias à organização das frases seguintes. Há casos em que elas simplesmente não são necessárias.

a) O irracional e exagerado investimento em rodovias ridiculamente planejadas virou poeira com algumas horas de chuva.

b) Têm progredido muito os agricultores que investem nas culturas voltadas ao consumo interno.

c) Foram deixados de lado os antigos ressentimentos as rusgas medíocres a estupidez mútua.

d) Andam lado a lado nas calçadas e ruas trabalhadores e malandros e policiais e pessoas sem teto e vendedores ambulantes.

e) Pedro ou Paulo será o novo líder do grupo.

f) Seres humanos animais e vegetais sofrem com a poluição.

g) Desiludido rasguei minha ficha de filiação.

2. Explique a diferença de sentido entre as frases de cada um dos pares seguintes.

a) O policial neurótico sacou a arma.
O policial, neurótico, sacou a arma.

b) Muitos espíritos sem dúvida passarão a duvidar.
Muitos espíritos, sem dúvida, passarão a duvidar.

c) Os atletas desnutridos deixaram o clube.
Os atletas, desnutridos, deixaram o clube.

Textos para análise

1

Adão

La vie en rose, de Adão Iturrusgarai. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 22 dez. 2002. Ilustrada, p. E-9.

Trabalhando o texto

Analise as formas verbais das orações do ponto de vista de sua transitividade.

No Brasil, existem 1 200 municípios sem médico ou enfermeiro.

2

Faça logo sua inscrição.

Veja. São Paulo: Abril, 14 mar. 2001.

Trabalhando o texto

1. Classifique o sujeito das seguintes frases do anúncio acima:

a) "Precisa-se de médicos e enfermeiros."

b) "Oferecemos casa, comida, transporte e uma boa remuneração."

c) "No Brasil, existem 1 200 municípios sem médico ou enfermeiro."

d) "Faça logo sua inscrição."

2. Re-escreva a oração do item c) substituindo o verbo existir por haver e fazendo todas as modificações necessárias. Classifique o sujeito da oração obtida.

3

As manchetes foram recortadas. Mas os elogios foram rasgados

As manchetes foram recortadas. Mas os elogios foram rasgados.

Veja. São Paulo: Abril, 21 fev. 2001.

Trabalhando o texto

Classifique os predicados das orações "As manchetes foram recortadas. Mas os elogios foram rasgados."

4

Firmamento

O que é que eu vou fazer agora
Se o teu sol não brilhar por mim?
Num céu de estrelas multicoloridas
Existe uma que eu não colori

Forte, sorte na vida, filhos feitos de amor
Todo verbo que é forte
Se conjuga no tempo
Perto, longe, o que for

Você não sai da minha cabeça
E minha mente voa
Você não sai, não sai, não sai, não sai...

Entre o céu e o firmamento
Não há ressentimento
Cada um ocupando o seu lugar
Não sai não, não sai, não sai, não sai, não sai...

O que é que eu vou...

Entre o céu e o firmamento
Existem mais coisas do que julga
O nosso próprio pensar

Que vagam como o vento
E aquele sentimento de amor eterno

Entre o céu e o firmamento
Existem mais coisas do que julga
O nosso próprio entendimento
Que vagam pelo tempo
Com aquele juramento de amor eterno

CIDADE NEGRA. In: *O erê*. CD Sony, 1996. Faixa 6.

Trabalhando o texto

1. Observe os verbos destacados em cada um dos trechos seguintes:

"Num céu de estrelas multicoloridas / **Existe** uma que eu não colori"

"Entre o céu e o firmamento / Não **há** ressentimento"

a) Quanto ao significado, são equivalentes?

b) Qual o sujeito de cada um deles?

c) Re-escreva os dois trechos, trocando uma por algumas e ressentimento por mágoas.

d) Re-escreva os dois trechos obtidos no item c) com os verbos no pretérito perfeito do indicativo.

2. "Existem mais coisas do que julga / O nosso próprio entendimento"

Por que a primeira forma verbal está no plural e a segunda, no singular?

3. Determine a função sintática do termo destacado no trecho:

"Existem mais coisas do que julga
O nosso próprio pensar
Que vagam como **o vento**"

Explique sua resposta.

4. Releia os versos seguintes:

"Entre o céu e o firmamento
Existem mais coisas do que julga
O nosso próprio pensar"

A que outros versos, famosos, nos remetem?

5. No dicionário de Caldas Aulete, **firmamento** é "base, fundamento, o que serve de apoio, de sustentáculo" e também é "a abóbada celeste, a região do ar". Na sua opinião, em qual desses sentidos a palavra é usada no texto ? Comente.

5

Feliz aniversário, São Paulo!

(...)

São Paulo é medrosa. Prefere passear no *shopping*, uma cidade onde a cidade não entra. Uma cidade sem os problemas da cidade. E com seguranças na porta. São Paulo é contraditória. Mora na fartura. Mas seus janelões quatrocentões dão vista para a miséria. São Paulo é resignada. Não reage a coisa nenhuma. (...)

SOUZA, Josias de. *Nos bastidores do poder*. Folha Online. 25 jan. 2007. Disponível em: <http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br/arch 2007-01-21_2007-01-27.html>. Acesso em: 18 jun. 2008.

Trabalhando o texto

Analise os predicados das orações do fragmento acima e comente o emprego dos verbos nocionais e não-nocionais.

Questões de exames e concursos

1. (UFV-MG) Leia o texto abaixo e responda à questão:

A grande catástrofe

No princípio era o Verbo. O verbo Ser. Conjugava-se apenas no infinito. Ser, e nada mais.
Intransitivo absoluto.
Isto foi no princípio. Depois transigiu, e muito. Em vários modos, tempos e pessoas. Ah, nem queiras saber o que são as pessoas: eu, tu, ele, nós, vós, eles...
Principalmente eles!
E, ante essa dispersão lamentável, essa verdadeira explosão do SER em seres, até hoje os anjos ingenuamente se interrogam por que motivo as referidas pessoas chamam a isso de CRIAÇÃO...

QUINTANA, Mário. *Prosa e verso*. Rio de Janeiro: Globo, 1983.

"Depois transigiu, e muito." (4.º verso)

Considerando a frase no contexto, assinale a alternativa que contém o sujeito do verbo "transigir":

a) o verbo Ser
b) a grande catástrofe
c) infinito
d) isto
e) princípio

2. (UFSC)

"É uma história muito triste,
a história **que** eu vou contar:
Um pai matou sua filha,
com a tenção de se vingar.
Foi lá na zona da **Serra**,
lá bem distante do mar,
onde a riqueza é o **pinheiro**,
que se transforma em dinheiro,
e no progresso do lugar.
É uma história muito triste,
vocês podem acreditar."

SASSI, Guido Wilmar. *Amigo velho*. Porto Alegre: Movimento, 1982. p. 31.

Levando-se em consideração o **texto** de Sassi, assinale a(s) proposição(ões) **correta(s)**.

01. Os pronomes **que** (verso 2), **onde** (verso 7) e **que** (verso 8) se referem, respectivamente, a **eu** (verso 2), **mar** (verso 6) e **pinheiro** (verso 7).

02. O poema narrativo menciona personagens, tempo e lugar que fizeram parte da história triste, contada pelo narrador, que confessa ser pai da menina.

04. O segundo verso do poema exerce a função de sujeito em relação ao primeiro, assim como o quarto verso indica finalidade em relação ao terceiro.

08. As palavras **Serra** (verso 5) e **pinheiro** (verso 7) são indicativas do local onde se passa a história.

16. Segundo o poema, o motivo do crime cometido pelo pai foi a ambição, o fato de querer vender mais pinheiros do que seus concorrentes e, assim, enriquecer mais rápido.

32. Os versos 8 e 9 constituem um exemplo da crítica à atitude gananciosa do homem em relação ao meio ambiente, desenvolvida na obra de Sassi.

3. (UFSCar-SP)

Monsenhor Caldas interrompeu a narração do desconhecido:

– Dá licença? é só um instante.

Levantou-se, foi ao interior da casa, chamou o preto velho que o servia, e disse-lhe em voz baixa:

– João, vai ali à estação de urbanos, fala da minha parte ao comandante, e pede-lhe que venha cá com um ou dois homens, para livrar-me de um sujeito doido. Anda, vai depressa.

E, voltando à sala:

– Pronto, disse ele; podemos continuar.

– Como ia dizendo a Vossa Reverendíssima, morri no dia vinte de março de 1860, às cinco horas e quarenta e três minutos da manhã. Tinha então sessenta e oito anos de idade. Minha alma voou pelo espaço, até perder a terra de vista, deixando muito abaixo a lua, as estrelas e o Sol; penetrou finalmente num espaço em que não havia mais nada, e era clareado tão-somente por uma luz difusa. Continuei a subir, e comecei a ver um pontinho mais luminoso ao longe, muito longe. O ponto cresceu, fez-se sol. Fui por ali dentro, sem arder, porque as almas são incombustíveis. A sua pegou fogo alguma vez?

– Não, senhor.

– São incombustíveis. Fui subindo, subindo; na distância de quarenta mil léguas, ouvi uma deliciosa música, e logo que cheguei a cinco mil léguas, desceu um enxame de almas, que me levaram num palanquim feito de éter e plumas.

MACHADO de Assis. "A segunda vida". *Obras completas*, vol. II, p. 440-441.

A frase "desceu um enxame de almas", no último parágrafo, tem o sujeito posposto. Assinale a alternativa em que o sujeito também aparece posposto.

(A) De um atentado, um soldado consegue salvar seu companheiro.

(B) Segunda-feira faltou, de novo, um pouco de tinta de impressão.

(C) No salão de Paris, há um Audi com motor de 4,2 litros.

(D) Ler biografia de homens célebres é bastante útil.

(E) O mercado financeiro recebeu bem a inclusão das ações do Bradesco.

4. (UFMS)

O cientista virou um mito. E todo mito é perigoso, porque induz o comportamento e inibe o pensamento. Esse é um dos resultados engraçados (e trágicos) da ciência. Se existe uma classe especializada em pensar de maneira correta (os cientistas), os outros indivíduos são liberados da obrigação de pensar e podem simplesmente fazer o que os cientistas mandam.

In: *Filosofia da ciência. Introdução ao jogo e suas regras.* São Paulo: Loyola, 2000.

Assinale a alternativa correta sobre o texto de Rubem Alves.

(A) O vocábulo *mito*, nas duas ocorrências do texto (linha 1), conserva o mesmo papel morfossintático.

(B) Tanto na linha 4 quanto na linha 6, o autor recorre ao uso de parênteses para introduzir uma manifestação emocional.

(C) Cada par de palavras é acentuado, graficamente, pela mesma regra:

- ciência – indivíduo
- é – são
- trágico – obrigação

(D) O pronome *esse* (linha 3) retoma o referente *pensamento* da frase anterior.

(E) Em "o cientista *virou* um mito" (linha 1), o verbo em destaque instaura o pressuposto de que, anteriormente, o cientista não era um mito.

5. (Ibmec) Assinale a alternativa correta considerando o período abaixo.

Saímos apressados daquela reunião.

a) Tem-se predicação verbal, já que o núcleo do predicado é saímos – verbo intransitivo.

b) Tem-se predicação nominal, já que o núcleo do predicado é apressados – predicativo do sujeito.

c) Tem-se predicação verbal, já que o núcleo é saímos e apressados é um complemento nominal.

d) Tem-se predicação verbo-nominal, já que saímos e apressados constituem núcleos do predicado.

e) Tem-se predicação verbo-nominal, já que apresenta dois núcleos: saímos e reunião.

6. (Memorial-SP/Empasial) Assinale a alternativa em que aparece predicado verbo-nominal:

a) "Nesse samba te proclamo majestade do universo."

b) O homem doou os agasalhos aos necessitados.

c) Após o toque permaneceram na sala os alunos.

d) "Brasil és no teu berço dourado o índio civilizado."

e) "Lutar com palavras é a luta mais vã."

7. (Pref. de Guarulhos-SP/FGV-SP) Assinale a alternativa em que "noite" tem a mesma função sintática que em "Caiu de repente a noite".

a) Chegou inesperadamente à noite.

b) A noite era bela na praia.

c) Amava a noite enluarada.

d) Andavam perdidos na noite.

8. (TJ-SP/Vunesp) O termo oração, entendido como uma construção com sujeito e predicado que formam um período simples, se aplica, adequadamente, apenas a:

a) Amanhã, tempo instável, sujeito a chuvas esparsas no litoral.

b) O vigia abandonou a guarita, assim que cumpriu seu período.

c) O passeio foi adiado para julho, por não ser época de chuvas.

d) Muito riso, pouco siso – provérbio apropriado à falta de juízo.

e) Os concorrentes à vaga de carteiro submeteram-se a exames.

9. (TJ-SC/TJ-SC) Leia com atenção o texto, extraído de *Superinteressante*, n. 181 (out. 2002, p. 45):

A neurociência vê o sonho como um mecanismo autorregulador do nosso cérebro. Ele faria a digestão dos acontecimentos do dia organizando quais informações devem ser guardadas nos arquivos da memória de longa duração e apagando as que não foram usadas.

Assinale a opção correta.

Em relação à primeira frase – A neurociência vê o sonho como um mecanismo autorregulador do nosso cérebro. –, podemos afirmar que:

a) *sonho* exerce a função de objeto indireto.

b) o verbo *ver* é intransitivo.

c) temos um predicado verbal.

d) a frase está na voz passiva.

10. (Ceasa-MG/Fumarc/2004) Todos os verbos destacados abaixo possuem a mesma predicação, **exceto**:

a) Isso não mais interessa a mim.

b) Nunca perdoei aos assassinos de nossos amigos.

c) Os fatos obedeciam ao nosso comando.

d) Ele perturbava a nós com suas perguntas.

11. (Ufam) Assinale o item em que o substantivo destacado **não** exerce a função de sujeito:

a) Não se pode derrubar esta **palmeira**.

b) Havia um **mistério** no ar.

c) Sua **salvação** foram os desvelos da mulher.

d) Será que não existia outra **solução**?

e) Na discussão, o **parlamentar** houve-se com perfeito equilíbrio.

12. (FGV-SP) Observe a seguinte frase:

"Recorrendo a elas, arrisco-me a usar expressões técnicas, desconhecidas do público, e a ser tido por pedante."

Das alternativas abaixo, assinale aquela em que a palavra destacada exerça a mesma função sintática de *pedante*, dessa frase.

a) As estações tinham passado **rápido**, sem que tivesse sido possível vê-las direito.

b) Fui julgado **culpado**, embora não houvesse provas decisivas a respeito do crime.

c) Ele era **difícil** de convencer, mas concordou quando a quantia foi oferecida.

d) Caminhou **depressa** por entre os coqueiros.

e) Ele passeou **demasiado** ontem; hoje, doem-lhe as pernas. Vai ser obrigado a deitar-se mais cedo.

13. (FGV-SP) Leia o fragmento abaixo, do conto "A cartomante", de Machado de Assis. Depois, responda à pergunta.

"Separaram-se contentes, ele ainda mais que ela. Rita estava certa de ser amada; Camilo, não só o estava, mas via-a estremecer e arriscar-se por ele, correr às cartomantes, e, por mais que a repreendesse, não podia deixar de sentir-se lisonjeado. A casa do encontro era na antiga Rua dos Barbonos, onde morava uma comprovinciana de Rita. Esta desceu pela Rua das Mangueiras na direção de Botafogo, onde residia; Camilo desceu pela da Guarda Velha, olhando de passagem para a casa da cartomante."

Qual é o sujeito de *ser amada*, no texto? Explique.

14. (UEL-SP) ... as providências necessárias para o saneamento da cidade.

a) Haverá de ser tomado

b) Haverão de ser tomadas

c) Haverá de serem tomadas

d) Haverão de serem tomadas

e) Haverão de ser tomado

15. (UEL-SP) Até ontem, já ... duas mil pessoas desabrigadas em todo o estado, e muitas mais ... se ... as chuvas torrenciais.

a) existiam, haverá, continuar

b) existiam, haverão, continuarem

c) existia, haverá, continuar

d) existia, haverão, continuarem

e) existiam, haverá, continuarem

16. (PUC-SP)

a) Explique a diferença que existe entre o emprego do verbo haver nas orações "havia muitas estrelas" e "haviam contado muitas estrelas".

b) Observando essa diferença, empregue o verbo haver nas orações abaixo, mantendo o mesmo tempo em que foram construídas as orações indicadas em a).

b1. Quando pequenos, ... participado de muitos jogos.

b2. No lugar onde construíram aquele conjunto residencial, ... apenas casas comerciais.

17. (Fuvest/GV-SP) Assinale a alternativa que tem oração sem sujeito.

a) Existe um povo que a bandeira empresta.

b) Embora com atraso, haviam chegado.

c) Existem flores que devoram insetos.

d) Alguns de nós ainda tinham esperança de encontrá-lo.

e) Há de haver recurso desta sentença.

18. (Fuvest-SP) Observar a oração: "... e Fabiano saiu de costas...".

Assinalar a alternativa em que a oração também tenha verbo intransitivo.

a) "... Fabiano ajustou o gado..."

b) "... acreditara na sua velha..."

c) "... davam-lhe uma ninharia..."

d) "Atrevimento não tinha..."

e) "Depois que acontecera aquela miséria..."

19. (FEI-SP) "Toda a humanidade estaria condenada à morte se houvesse um tribunal para os crimes imaginários." (Paulo Bonfim)

a) Qual o sujeito da primeira oração?

b) Qual o sujeito da segunda oração?

20. (PUC-SP) O verbo ser, na oração:

"Eram cinco horas da manhã..."

é:

a) pessoal e concorda com o sujeito indeterminado.

b) impessoal e concorda com o objeto direto.

c) impessoal e concorda com o sujeito indeterminado.

d) impessoal e concorda com a expressão numérica.

e) pessoal e concorda com a expressão numérica.

21. (PUC-SP) Indique a alternativa correta no que se refere ao sujeito da oração "Da chaminé da usina subiam para o céu nuvens de fumaça".

a) simples, tendo por núcleo chaminé

b) simples, tendo por núcleo nuvens

c) composto, tendo por núcleo nuvens de fumaça

d) simples, tendo por núcleo fumaça

e) simples, tendo por núcleo usina

22. (PUC-SP) Nas orações:

"O pavão é um arco-íris de plumas."

e

"De água e luz ele faz seu esplendor."

temos, respectivamente:

a) dois predicados nominais, cujos predicativos dos sujeitos são arco-íris e esplendor.

b) um predicado nominal, cujo predicativo do sujeito é arco-íris, e um predicado verbo-nominal, cujo predicativo do objeto é esplendor.

c) um predicado nominal, cujo predicativo do sujeito é arco-íris, e um predicado verbal, cujo objeto direto é esplendor.

d) dois predicados verbais, cujos objetos diretos são arco-íris e esplendor.

e) um predicado nominal, cujo verbo é de ligação, e um predicado verbal, cujo verbo é intransitivo.

23. (PUC-SP) No período:

"As águias e os astros amam esta região azul, vivem nesta região azul, palpitam nesta região azul."

temos:

a) um predicado verbal e dois verbo-nominais, havendo, nos dois últimos, o complemento predicativo do objeto.

b) três predicados verbais, sendo que, no primeiro, o complemento é o objeto direto, e, nos dois últimos, o objeto indireto.

c) três predicados verbo-nominais, havendo, no último, o complemento predicativo do objeto.

d) três predicados verbais, havendo, em apenas um deles, o complemento objeto direto.

e) três predicados verbais formados por verbos intransitivos.

24. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que a concordância verbal esteja correta.

a) Discutiu-se a semana toda os acordos que têm de ser assinados nos próximos dias.

b) Poderá haver novas reuniões, mas eles discutem agora sobre que produtos recairão, a partir de janeiro, a sobretaxa de exportação.

c) Entre os dois diretores deveria existir sérias divergências, pois a maior parte dos funcionários nunca os tinha visto juntos.

d) Faltava ainda dez votos, e já se comemoravam os resultados.

e) Eles hão de decidir ainda hoje, pois faz mais de dez horas que estão reunidos naquela sala.

25. (PUCCamp-SP) Se mais oportunidades ..., mais pessoas ... quanto ao novo regulamento.

a) houvessem – haveriam de se pronunciar

b) houvesse – haveria de se pronunciar

c) houvessem – haveria de se pronunciarem

d) houvessem – haveriam de se pronunciarem

e) houvesse – haveriam de se pronunciar

26. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que a concordância verbal está correta.

a) As análises dos especialistas e do presidente prevê uma queda no setor, mas o boletim da empresa sobre as vendas efetuadas no último mês justificam que não se perca o otimismo.

b) Restava, no momento, poucas esperanças de acordo, mas ela, e principalmente eu, não deixava transparecer nenhum desânimo.

c) Podem existir, agora, poucas pessoas dispostas a enfrentar este pequeno problema, mas já houve muitas outras ocasiões em que sacrifícios bem maiores foram exigidos de nós.

d) A vida e a dignidade das pessoas está posta em risco quando falta, por parte delas, recursos para atender às suas necessidades básicas.

e) Foi encontrado no meio dos escombros muitos esqueletos, e já se levantou, entre os cientistas, hipóteses de que seja de animais pré-históricos.

27. (PUC-SP) Em relação ao período:

"As águias e os astros abrem aqui, nesta doce, meiga e miraculosa claridade azul, um raro rumor de asas e uma rara resplandecência solenemente imortais.",

é **incorreto** afirmar que:

a) há dois núcleos de sujeito, ligados pela conjunção coordenativa e.

b) há dois núcleos de objeto direto, ligados pela conjunção coordenativa e.

c) há dois núcleos de predicativo do sujeito, ligados pela conjunção coordenativa aditiva e.

d) há apenas uma oração.

e) há mais de um adjunto adnominal.

28. (Fatea-SP) "Sonham com bife a cavalo, batata frita. E a sobremesa é goiabada-cascão com muito queijo."

Os substantivos *sobremesa* e *goiabada-cascão*, respectivamente, têm a função de núcleo:

a) do predicativo e do sujeito.

b) do objeto direto e do sujeito.

c) do sujeito e do objeto indireto.

d) do vocativo e do predicativo.

e) n.d.a.

29. (UniFMU-SP) Identifique a função sintática dos termos destacados.

"A cara parecia **uma perna**."

"Não vi mais **nada**."

a) objeto direto e aposto

b) predicativo do sujeito e aposto

c) objeto direto e predicativo do sujeito

d) predicativo do sujeito e objeto direto

e) aposto e predicativo do objeto

Questões 30 e 31: indique a alternativa em que **não há** erro de concordância.

30. (PUC-SP)

a) Devem haver poetas que pensam no desastre aéreo como sendo o arrebol.

b) Deve existir poetas que pensam no desastre aéreo como sendo o arrebol.

c) Pode existir poetas que pensam no desastre aéreo como sendo o arrebol.

d) Pode haver poetas que pensam no desastre aéreo como sendo o arrebol.

e) Podem haver poetas que pensam no desastre aéreo como sendo o arrebol.

31. (PUC-SP)

a) Fazia dois anos que não aconteciam desastres desse tipo.

b) Faz alguns anos que não acontece desastres desse tipo.

c) Deve fazer um ano que aconteceu vários desastres aéreos.

d) Fazia algum tempo que não acontecia desastres desse tipo.

e) Devem fazer dois anos que aconteceu um desastre desse tipo.

32. (PUC-SP) Em relação ao trecho:

"Pregada em larga tábua de pita, via-se formosa e grande borboleta, com asas meio abertas, como que disposta a tomar voo.",

podemos afirmar que o sujeito da oração principal é:

a) simples, tendo por núcleo implícito alguém.

b) composto, tendo por núcleos formosa e grande.

c) simples, tendo por núcleo asas.

d) indeterminado, tendo por índice de indeterminação do sujeito a partícula se.

e) simples, tendo por núcleo borboleta.

33. (FCMSC-SP) Examine as três frases abaixo:

I. As questões de física **são difíceis**.

II. O examinador **deu uma entrevista ao repórter do jornal**.

III. O candidato **saiu do exame cansadíssimo**.

Os predicados assinalados nas três frases são:

a) respectivamente, verbo-nominal, nominal, verbal.

b) respectivamente, nominal, verbal, verbo-nominal.

c) todos nominais.

d) todos verbais.

e) todos verbo-nominais.

34. (UFPR)

I. Durante o carnaval, **fico agitadíssimo**. (predicado verbal)

II. Durante o carnaval, **fico em casa.** (predicado nominal)

III. Durante o carnaval, **fico vendo o movimento das ruas.** (predicado nominal)

Assinale a certa:

a) I e II

b) II e III

c) I e III

d) Todas as alternativas estão certas.

e) Todas as classificações estão erradas.

35. (UFSCar-SP) Indique a alternativa correta.

a) Mal se distinguia, através da cerração da manhã, as casas da rua.

b) Fazem muitos anos que estas obras foram publicadas.

c) Resolvi não terminar o trabalho por motivos que não interessa expor agora.

d) Se não haviam trabalhadores braçais suficientes, que os procurassem onde houvesse.

e) Ninguém achou que valesse a pena tantos sacrifícios.

36. (Unimep-SP) Existem muitas definições de sujeito. Uma delas é: "Sujeito é aquele que pratica a ação verbal". Das frases a seguir, qual contraria tal definição?

a) O rato foi comido pelo gato.

b) O rapaz leu o gibi.

c) A menina brinca com a boneca.

d) O menino entregou o jornal.

e) Viajo todos os domingos.

37. (UniFMU-SP) Assinale a alternativa em que aparece um predicado verbo-nominal.

a) Os viajantes chegaram cedo ao destino.

b) Demitiram o secretário da instituição.

c) Nomearam as novas ruas da cidade.

d) Compareceram todos atrasados à reunião.

e) Estava irritado com as brincadeiras.

38. (Vunesp-SP) "Amanhã faz um mês que a senhora está longe de casa."

Da oração destacada, na frase transcrita, é correto dizer:

a) Trata-se de uma oração em que o sujeito está elíptico, e o verbo é de ligação.

b) A oração tem por sujeito a palavra amanhã, e o verbo é transitivo direto.

c) A oração tem por sujeito um mês, e o verbo é intransitivo.

d) Trata-se de uma oração sem sujeito, e o verbo é transitivo direto.

e) A oração tem sujeito indeterminado, e o verbo é de ligação.

39. (UFMT) A propósito do trecho que segue, aponte o sujeito de supõe.

"O idealismo supõe a imaginação entusiasta que se adianta à realidade no encalço da perfeição."

a) a imaginação entusiasta

b) o idealismo

c) imaginação

d) entusiasta

40. (UniFMU-SP)

"Cheguei, chegaste. Vinhas **fatigada**
E triste, e triste e fatigado eu vinha." (Olavo Bilac)

Na passagem acima, os termos destacados exercem função sintática de:

a) predicativo do sujeito acompanhando um predicado verbo-nominal.

b) predicativo do sujeito acompanhando um predicado verbal.

c) predicativo do sujeito acompanhando um predicado nominal.

d) sujeito do verbo da oração principal.

e) adjunto adnominal do sujeito eu.

41. (FOC-SP) Assinale a alternativa correta em relação à classificação dos predicados das orações abaixo.

1. Todos nós consideramos a sua atitude infantil.

2. A multidão caminhava pela estrada poeirenta.

3. A criançada continua emocionada.

a) 1 – predicado verbal, 2 – predicado nominal, 3 – predicado verbo-nominal

b) 1 – predicado nominal, 2 – predicado verbal, 3 – predicado verbo-nominal

c) 1 – predicado verbo-nominal, 2 – predicado verbal, 3 – predicado nominal

d) 1 – predicado verbo-nominal, 2 – predicado nominal, 3 – predicado verbal

e) 1 – predicado nominal, 2 – predicado verbal, 3 – predicado verbo-nominal

42. (UniFMU-SP)

"Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heroico o brado retumbante..."

O sujeito desta afirmação com que se inicia o Hino Nacional é:

a) indeterminado.
b) "um povo heroico".
c) "as margens plácidas".
d) "do Ipiranga".
e) "o brado retumbante".

43. (Unisa-SP) Nas seguintes orações:

"Pede-se silêncio."
"A caverna anoitecia aos poucos."
"Fazia um calor tremendo naquela tarde."

o sujeito se classifica respectivamente como:

a) indeterminado, inexistente, simples.
b) oculto, simples, inexistente.
c) inexistente, inexistente, inexistente.
d) oculto, inexistente, simples.
e) simples, simples, inexistente.

44. (PUC-SP) "Que há entre a vida e a morte?"

a) O sujeito do verbo haver é o pronome interrogativo que.
b) Tem-se uma oração sem sujeito.
c) O sujeito está oculto.
d) O sujeito é indeterminado.
e) O sujeito é "uma curta ponte".

45. (UFG) Em uma das alternativas abaixo, o predicativo inicia o período. Assinale-a.

a) A dificílima viagem será realizada pelo homem.
b) Em suas próprias inexploradas entranhas descobrirá a alegria de conviver.
c) Humanizado tornou-se o sol com a presença humana.
d) Depois da dificílima viagem, o homem ficará satisfeito?
e) O homem procura a si mesmo nas viagens a outros mundos.

46. (UFMG) "Ele observou-a e achou aquele gesto **feio**, **grosseiro**, **masculinizado**." Os termos destacados são:

a) predicativos do objeto.
b) predicativos do sujeito.
c) adjuntos adnominais.
d) objetos diretos.
e) adjuntos adverbiais de modo.

47. (UFG) "O corpo, a alma do carpinteiro, não podem ser mais **brutos** do que a **madeira**." A função sintática dos termos em destaque é, pela ordem:

a) objeto direto, predicativo do sujeito.
b) sujeito, sujeito.
c) predicativo do sujeito, sujeito.
d) objeto direto, predicativo do sujeito.
e) predicativo do sujeito, predicativo do sujeito.

48. (FOC-SP) Duas das orações abaixo têm sujeito indeterminado. Assinale-as.

I. Projetavam-se avenidas largas.
II. Há alguém esperando você.
III. No meio das exclamações, ouviu-se um risinho de mofa.
IV. Falava-se muito sobre a possibilidade de escalar a montanha.
V. Até isso chegaram a dizer.

a) I e II
b) III e IV
c) IV e V
d) V e VI

49. (UEPG-PR) Só num caso a oração é sem sujeito. Assinale-o.

a) Faltavam três dias para o batismo.
b) Houve por improcedente a reclamação do aluno.
c) Só me resta uma esperança.
d) Havia tempo suficiente para as comemorações.
e) n.d.a.

50. (Fesp-SP) Em "Retira-te, criatura ávida de vingança.", o sujeito é:

a) te.
b) inexistente.
c) oculto determinado.
d) criatura.
e) n.d.a.

Capítulo 20

Termos integrantes da oração

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 2007. v. 4, p. 73.

Entre o verbo e os termos que com ele constituem uma unidade de significado existe uma relação que recebe o nome de **transitividade**. Essa relação se baseia na significação das palavras – o processo expresso pelo verbo transita do sujeito para o complemento do verbo, como vemos na tira acima: *o seu coração* é complemento do verbo *seguir*; *atenção* é complemento do verbo *prestar*; *como realmente se sente* é complemento do verbo *descobrir*.

Essa relação de transitividade não é propriedade exclusiva dos verbos, pois também os nomes podem ser transitivos. Na tirinha, *a seus verdadeiros sentimentos* completa o substantivo *atenção*; *de um assunto* completa o substantivo *respeito*.

A importância dos complementos é tão grande quanto a dos termos complementados: na realidade, o que é essencial para o funcionamento apropriado da língua é a relação que se estabelece entre uns e outros.

1. Os complementos verbais

Como você viu no capítulo anterior, os verbos nocionais podem ou não ser acompanhados de complementos. Os verbos nocionais que não são acompanhados de complementos são chamados de intransitivos. Os que apresentam complemento são chamados de transitivos. Os transitivos, por sua vez, são subclassificados em transitivos diretos, transitivos indiretos e transitivos diretos e indiretos.

Há dois tipos de complementos verbais: o objeto direto e o objeto indireto. Chama-se **objeto direto** o complemento que se liga ao verbo sem preposição. Chama-se **objeto indireto** o complemento que se liga ao verbo por meio de uma preposição obrigatória. Para detectar esses complementos (depois de feita a identificação do sujeito da oração), pode-se transformar a oração num esquema em que surgem os pronomes indefinidos *algo* e *alguém*. Observe:

a. verbo *ocorrer*

Ocorreu um fato surpreendente ontem à noite.

O verbo *ocorrer* não requer complemento; seu processo se esgota no sujeito: o fato simplesmente ocorre. Esse verbo é, portanto, intransitivo.

b. verbo *soltar*

"Solto a voz nas estradas" ("Travessia", de Milton Nascimento e Fernando Brant)

Soltar algo: o verbo *soltar* faz-se acompanhar de um complemento, que se liga a ele sem preposição obrigatória; é, portanto, um verbo transitivo direto. "A voz" é objeto direto.

c. verbo *necessitar*

O país necessita de grandes investimentos em saúde e educação.

Necessitar de algo: o verbo *necessitar* faz-se acompanhar de um complemento introduzido por preposição obrigatória; é, portanto, um verbo transitivo indireto. "De grandes investimentos em saúde e educação" é objeto indireto.

d. verbo *informar*

Informei os preços dos produtos aos clientes interessados.

Informar algo a alguém: o verbo *informar* faz-se acompanhar de um complemento que se liga a ele sem preposição obrigatória e de outro introduzido por preposição obrigatória; é, portanto, um verbo transitivo direto e indireto. "Os preços dos produtos" é objeto direto; "aos clientes interessados" é objeto indireto.

RAN. *Central de tiras* 2003. São Paulo: Via Lettera, 2003. p. 80.

O verbo *apresentar*, transitivo direto e indireto, tem como objeto direto o pronome oblíquo *o* (segundo quadrinho) e, como objeto indireto, a expressão *ao seu primo da cidade* (terceiro quadrinho).

Sob a ótica da morfossintaxe, pode-se dizer que os complementos verbais são, assim como o sujeito, funções substantivas da oração: em todas as orações citadas, os núcleos dos objetos diretos e indiretos são substantivos (voz, investimentos, preços, clientes). Além dos substantivos, podem desempenhar essas funções os pronomes e numerais substantivos e qualquer palavra substantivada.

OBSERVAÇÃO

A transitividade de um verbo só pode ser efetivamente determinada num dado contexto. Observe nas orações seguintes como um mesmo verbo pode apresentar transitividade diferente de acordo com o contexto em que ocorre:

O pior já **passou**. (intransitivo)

Nos últimos anos, a Fiat **passou a Volkswagen e a GM** na preferência dos consumidores brasileiros. (transitivo direto)

Você precisa **passar a novidade aos colegas**. (transitivo direto e indireto)

Pronomes oblíquos como complementos verbais

No caso dos pronomes pessoais do caso oblíquo, devemos relembrar que alguns deles desempenham funções específicas:

a. Quando complementos verbais, os pronomes *o, os, a, as* atuam exclusivamente como objetos diretos, enquanto *lhe* e *lhes* atuam exclusivamente como objetos indiretos. Observe, nos pares de orações seguintes, como esses pronomes desempenham suas funções:

Informei os preços dos produtos aos clientes interessados.

Informei-**os** aos clientes interessados. (objeto direto)

Informei os preços dos produtos aos clientes interessados.

Informei-**lhes** os preços dos produtos. (objeto indireto)

b. Os pronomes *me, te, se, nos* e *vos* podem atuar como objetos diretos ou indiretos, de acordo com a transitividade verbal. Observe, nos pares de orações seguintes, o uso do pronome *me*, extensivo a *te, se, nos* e *vos*:

Escolheram-**me** para representar a turma.

Escolher alguém: o verbo é transitivo direto; o pronome *me* é, portanto, objeto direto.

Não **me** pertencem os seus sonhos.

Pertencer a alguém: o verbo é transitivo indireto; o sujeito é "os seus sonhos"; o pronome *me* é objeto indireto.

Objeto direto preposicionado

Em alguns casos, o objeto direto pode ser introduzido por preposição: é o chamado objeto direto preposicionado. Nesses casos, o verbo é sempre transitivo direto, e seu complemento é, obviamente, um objeto direto. A preposição é empregada por necessidades expressivas ou por razões morfossintáticas, mas **nunca porque o verbo a exige** (se isso ocorresse, o verbo seria transitivo indireto). Observe alguns casos de objeto direto preposicionado, com os respectivos comentários:

a. exemplo 1

Cumpri **com a minha palavra**.

Cumprir algo: o verbo é transitivo direto. A preposição *com*, estruturalmente dispensável, surge como elemento enfático e não porque o verbo a exija.

b. exemplo 2

O novo horário incomoda **a todos**.

O novo horário incomoda **a mim**.

Incomodar alguém: o verbo é transitivo direto. A presença da preposição decorre do tipo de pronome que atua como objeto direto: um pronome indefinido relativo a pessoa (*todos*), que sempre admite a preposição, e um pronome pessoal oblíquo tônico (*mim*), que exige a preposição.

c. exemplo 3

Notadamente **aos mais desfavorecidos** atingem essas medidas.

Atingir alguém: o verbo é, novamente, transitivo direto. A preposição é fundamental, no caso, para evitar ambiguidade: os mais desfavorecidos são atingidos pelas medidas. Sem a preposição, a expressão "os mais desfavorecidos" passaria a sujeito, o que alteraria radicalmente o sentido da frase. Note o tom enfático da frase, típica de pronunciamentos mais exaltados.

Objetos pleonásticos

Por motivos expressivos, podem surgir os chamados **objetos pleonásticos**: tanto o objeto direto como o objeto indireto podem ser colocados em destaque, no início da oração, sendo depois repetidos por um pronome pessoal na posição onde deveriam naturalmente estar. Observe:

a. objeto direto pleonástico

Suas músicas, ouço-**as** sempre com emoção.

"Suas músicas" é objeto direto; *as* é objeto direto pleonástico.

b. objeto indireto pleonástico

Aos filhos, dá-**lhes** o melhor de si.

"Aos filhos" é objeto indireto; *lhes* é objeto indireto pleonástico.

Atividades

1. Em cada grupo de frases, um mesmo verbo é utilizado com transitividade diferente. Indique a transitividade verbal em cada oração.

a) Quem deve falar agora?
Não me falaste a verdade.
Sempre fala asneiras.

b) Só dois alunos faltaram ontem.
Faltou-me coragem naquele instante.

c) Alguns insetos transmitem doenças.
Transmita meus cumprimentos a seu irmão.

d) Ela vive a cantar.
É um poema que canta as glórias passadas do povo português.
Cantou suas mágoas a todos que o ouviam.

2. Classifique o termo destacado em cada uma das frases seguintes. Depois, substitua-o por um pronome oblíquo átono.

a) Falta seriedade **a muitos homens públicos**.

b) Diante da inevitável constatação, outra forma de entender a vida ocorreu **ao respeitável poeta**.

c) Muitos eleitores queriam demonstrar **sua indignação**.

d) Ouço **música popular brasileira**.

e) Comunico **a todos** meu pedido de demissão.

f) Comunico a todos **meu pedido de demissão**.

g) Paguei **todos os meus débitos**.

h) Paguei **a todos os meus credores**.

i) Apresentei **nossas reivindicações** ao presidente da comissão.

j) Apresentei nossas reivindicações **ao presidente da comissão**.

3. Compare cada par de frases e comente as diferenças de sentido existentes.

a) Comemos o pão.
Comemos do pão.

b) "Como beber dessa bebida amarga?" ("Cálice", de Gilberto Gil e Chico Buarque)
Como beber essa bebida amarga?

c) Sacou a arma.
Sacou da arma.

4. Forme orações a partir dos elementos fornecidos em cada um dos itens seguintes. Estabeleça as relações necessárias à obtenção de orações bem estruturadas.

a) Acontecer / fatos surpreendentes / lhe / durante a viagem à Europa.

b) Haver / poucos problemas / no seminário de ontem.

c) Comunicar / a imprensa / o novo preço dos combustíveis / ontem à noite.

d) Favorecer / as novas regras de exploração do solo / apenas alguns grupos empresariais.

e) Necessitar / projetos ambientais sustentáveis / a Amazônia.

f) Apresentar / propostas de alteração constitucional / vários deputados / na sessão de ontem / aos colegas.

2. O complemento nominal

A transitividade não é privilégio dos verbos: há também nomes (substantivos, adjetivos e advérbios) transitivos. Isso significa que determinados substantivos, adjetivos e advérbios se fazem acompanhar de complementos. Esses complementos são chamados **complementos nominais** e são sempre introduzidos por uma preposição. Observe:

a. complemento nominal do substantivo

Espero que você tenha feito uma boa leitura **do texto**.

Leitura é, nessa oração, núcleo do objeto direto da locução verbal "tenha feito". Note que, nessa oração, fez-se a leitura *de algo*. *Leitura* é, portanto, um substantivo transitivo, e "do texto" é seu complemento nominal.

b. complemento nominal do adjetivo

Você precisa ser fiel **aos princípios** do partido.

Fiel é, nessa oração, núcleo do predicativo do sujeito *você*. No caso, é preciso ser fiel *a algo*. "Aos princípios do partido" complementa o adjetivo *fiel*; é, portanto, um complemento nominal.

c. complemento nominal do advérbio

Ela mora perto **de uma grande área industrial**.

Perto é, nessa oração, o núcleo de um adjunto adverbial de lugar. Perceba que o advérbio *perto* precisa de um complemento: perto *de algo* ou *de alguém*. "De uma grande área industrial" é complemento nominal do advérbio *perto*.

ITURRUSGARAI, Adão. La vie en rose. *Folha de S.Paulo*, 15 fev. 2003. p. E11.

Em cada quadrinho, um complemento nominal diferente para o substantivo transitivo *medo*: *de avião, de filme de vampiro, de tubarão em piscina*.

Sob a ótica da morfossintaxe, pode-se dizer que o complemento nominal é mais uma função substantiva da oração: nos casos citados, o núcleo dos complementos é sempre um substantivo (*texto*, *princípios*, *área*). Pronomes e numerais substantivos, assim como qualquer palavra substantivada, podem desempenhar essa função. Observe o pronome *lhe* atuando como complemento nominal na oração seguinte:

Não posso ser-lhe fiel: já empenhei minha palavra com outra pessoa.

O pronome *lhe* tem o valor de "a alguém" (fiel *a alguém*: no caso, a você ou a ele/ela); é, portanto, o complemento nominal do adjetivo *fiel*, que atua como núcleo do predicativo do sujeito.

OBSERVAÇÃO

O complemento nominal não se relaciona diretamente com o verbo da oração, e sim com um nome que pode desempenhar as mais diversas funções, inclusive as de sujeito ou complemento desse verbo. Não custa repetir: o complemento nominal sempre se subordina a um nome. Observe:

A *realização* **do projeto** é *necessária* **à população carente**.

- *realização* → sujeito (núcleo: *realização*)
- **do projeto** → complemento nominal
- *necessária* → predicativo do sujeito (núcleo: *necessária*)
- **à população carente** → complemento nominal

Atividades

1. Re-escreva as frases seguintes, substituindo os verbos destacados pelos nomes correspondentes. Faça todas as adaptações necessárias à obtenção de frases bem-estruturadas.

a) O Banco Central decidiu **intervir** no mercado do dólar.

b) O governo recusou-se a **negociar** com os grevistas.

c) O candidato garantiu que, se fosse eleito, **investiria** em saúde e educação.

d) Os empresários consideram melhor **suspender** as remessas de componentes eletrônicos.

2. Aponte os complementos nominais presentes nas orações seguintes.

a) Ele nunca foi muito tolerante com os mais jovens.

b) Os investimentos em saúde e educação deveriam ser superiores a todos os outros.

c) Fique bem longe de mim!

d) Sou-lhe eternamente grato por tudo isso!

e) Sua dedicação aos pobres não passava de demagogia eleitoreira.

f) Os órgãos de preservação ambiental deveriam punir severamente os caçadores de animais em extinção.

Em *site*

<www.greenpeace.org/brasil>. Acesso em: 9 abr. 2008.

O Greenpeace, movimento ambientalista internacional criado em 1971, tem o objetivo de mobilizar gente do mundo todo para o combate à destruição sistemática do planeta provocada pela ação humana. Há uma página eletrônica da organização voltada para as questões ambientais que envolvem nosso país, com destaque especial para informações acerca da Amazônia.

3. O agente da passiva

Além da flexão de modo, tempo, pessoa e número, o verbo possui **flexão de voz**. Essa flexão indica a relação que ocorre entre o sujeito de um verbo e o processo que esse mesmo verbo expressa. Observe a oração seguinte:

O presidente aprovou as medidas econômicas.

O sujeito dessa oração é "o presidente"; "as medidas econômicas" é objeto direto da forma verbal *aprovou*. "O presidente" é também o **agente** do processo verbal, ou seja, é o termo que indica quem executa o processo expresso pelo verbo; "as medidas econômicas" é o **paciente** desse mesmo processo verbal, pois é o termo que indica aquilo ou aquele que sofre a ação expressa pelo verbo.

Note que estamos lidando com conceitos bastante diferentes: sujeito é o termo com o qual o verbo concorda em número e pessoa; agente é quem executa o processo expresso pelo verbo. Objeto direto é o termo que complementa o verbo sem preposição obrigatória; paciente é quem sofre a ação expressa pelo verbo. Na oração que estamos analisando, o sujeito é também o agente do processo verbal: quando isso ocorre, o verbo está na voz ativa.

Se for alterada a voz do verbo da oração inicial, surgirá a oração:

As medidas econômicas foram aprovadas pelo presidente.

O sujeito dessa oração é "as medidas econômicas". Esse sujeito é o paciente do processo verbal. Quando está na voz passiva, o verbo apresenta **sujeito paciente**. A locução "foram aprovadas" é, portanto, uma forma passiva do verbo *aprovar*. Você já viu nos capítulos dedicados aos verbos que a voz passiva formada com o verbo auxiliar *ser* é chamada **voz passiva analítica**.

"Pelo presidente" é o termo que exprime o executor do processo expresso nessa construção verbal passiva. Esse termo é chamado, por isso, **agente da passiva**. Repetindo: o agente da passiva indica aquele que executa o processo expresso pelo verbo flexionado na voz passiva. No português atual, o agente da passiva ocorre fundamentalmente na voz passiva analítica, mas, em textos clássicos, está presente também na passiva sintética: "Este mar se navega de cruéis marinheiros" (Camões; o trecho equivale a "Este mar é navegado por cruéis marinheiros"). O agente da passiva é um termo sempre introduzido por preposição (normalmente *por* e suas formas contraídas com artigos – *pelo, pelos, pela, pelas* – e, com menor frequência, *de*).

Sob a ótica da morfossintaxe, pode-se dizer que o agente da passiva é mais uma função substantiva da oração: o núcleo da oração que analisamos inicialmente é o substantivo *presidente*. Também podem atuar como agentes da passiva pronomes e numerais substantivos, além de outras palavras substantivadas. Observe os agentes da passiva destacados nas orações seguintes:

Aquelas frutas foram colhidas **por mim**.

O poema é composto **de dizeres populares**.

Fui iludido **por ambos**.

As vozes verbais

Há três vozes verbais: a ativa, a passiva e a reflexiva. Na voz ativa, o sujeito é o agente do processo verbal. Na voz passiva, o sujeito é o paciente do processo verbal. Na reflexiva, o sujeito age sobre si mesmo, sendo ao mesmo tempo agente e paciente do processo verbal. Observe:

Os alunos obtiveram a aprovação.

Essa oração está na voz ativa: o sujeito "os alunos" é também o agente do processo verbal. Passando-a para a voz passiva, surge a oração:

A aprovação foi obtida pelos alunos.

Na oração, "a aprovação" é o sujeito e o paciente do processo verbal, enquanto "pelos alunos" é o agente da passiva.

Veja, agora, esta oração:

Um dos alunos cortou-se durante a brincadeira.

Nessa o verbo está na voz reflexiva, pois o sujeito "um dos alunos" pratica a ação verbal sobre si mesmo. O pronome *se* é, no caso, objeto direto da forma verbal *cortou*. É como se se dissesse que João cortou João, ou seja, João cortou-se, por isso o *se* é objeto direto.

Na voz reflexiva, os pronomes pessoais do caso oblíquo *me*, *te*, *se*, *nos* e *vos* podem atuar como objetos diretos ou como objetos indiretos, de acordo com a transitividade do verbo:

Não **me** julgo tão competente.

Me é objeto direto (julgar algo ou alguém).

Dou-**me** o direito de silenciar.

Me é objeto indireto (dar algo a alguém).

Em CD

Divulgação

Zeca Baleiro. Salão de beleza. In: *Perfil: Zeca Baleiro* (CD). Som Livre, 2003.

A canção "Salão de beleza", que faz parte do disco *Por onde andará Stephen Fry?*, fala sobre aspectos da beleza que são pouco valorizados ao mesmo tempo que critica a beleza superficial das plásticas e maquiagens. Ao ouvi-la, preste atenção em sua letra: além de criativa, ela contém uma passagem em que o verbo está na voz reflexiva.

Transformação de voz ativa em voz passiva

A transformação de uma oração que esteja na voz ativa em uma oração que esteja na voz passiva obedece a um esquema fixo: o sujeito da voz ativa passa a agente da passiva; o verbo da voz ativa é convertido numa locução em que surge o auxiliar *ser* (com menor frequência, *estar* e *ficar*):

Os alunos sujeito/agente	obtiveram	a aprovação. objeto direto/paciente
A aprovação sujeito/paciente	foi obtida	**pelos alunos**. agente da passiva

Na obtenção da forma passiva do verbo, o auxiliar assume o tempo e o modo do verbo ativo (no caso, pretérito perfeito do indicativo), enquanto este assume a forma do particípio (*obtiveram* passa a *obtida*).

Não pode haver voz passiva sem sujeito determinado e expresso. Por isso, é fácil perceber que **somente os verbos que possuem objeto direto na voz ativa formam a voz passiva**: afinal, é o objeto direto da voz ativa que dá origem ao sujeito da voz passiva. Em outras palavras: somente os verbos transitivos diretos e os transitivos diretos e indiretos podem formar a voz passiva.

Você já sabe que, na voz ativa, pode haver orações de sujeito indeterminado com verbo na terceira pessoa do plural. Um exemplo é:

Desviaram seu destino.

Nessa oração, o sujeito está indeterminado, mas é fácil perceber que esse sujeito é o agente do processo verbal – quem quer que tenha desviado seu destino praticou, e não sofreu, uma ação. Na voz passiva, teremos uma oração cujo agente da passiva estará indeterminado:

Seu destino foi desviado. (Por quem?)

Além da voz passiva analítica (formada com um verbo auxiliar), podemos formar uma outra, a voz passiva sintética, da qual participa o pronome *se*:

Desviou-se seu destino.

Nessa oração, "seu destino" é o sujeito da forma verbal *desviou-se*. No plural, essa oração seria:

Desviaram-se seus destinos.

A voz passiva sintética tem como ponto de partida uma oração na voz ativa cujo sujeito está indeterminado. Para formá-la, utilizamos o pronome *se*, que recebe o nome de **pronome apassivador** ou **partícula apassivadora**. Essa forma de voz passiva (assim como a forma analítica) só ocorre com verbos transitivos diretos e transitivos diretos e indiretos. Observe:

a. voz ativa

Invadiram aquela casa.

b. voz passiva analítica

Aquela casa foi invadida.

c. voz passiva sintética

Invadiu-se aquela casa.

O verbo na voz passiva sintética concorda em número e pessoa com o sujeito da oração:

Alugou-se o apartamento. / Alugaram-se os apartamentos.

Manipulou-se o resultado da eleição. / Manipularam-se os resultados da eleição.

Divulgou-se mais um boato. / Divulgaram-se mais alguns boatos.

Entregou-se o prêmio ao atleta. / Entregaram-se os prêmios ao atleta.

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 2007. v. 4. p. 16.

Nessa tirinha observa-se a ocorrência da voz passiva sintética: "não se fazem mais armaduras como antigamente".

Funções do pronome *se*

A voz passiva é exclusiva dos verbos transitivos diretos e transitivos diretos e indiretos: somente em casos excepcionais se forma a voz passiva de verbos com outra transitividade. Por isso, o pronome *se* surge como pronome apassivador ao lado desses tipos de verbos; ao lado de verbos de ligação, intransitivos ou transitivos indiretos, o pronome *se* surge como índice de indeterminação do sujeito. Observe:

a. pronome apassivador

Vende-se uma casa de campo.

Voz passiva sintética: *vender* é transitivo direto.

Informou-se o resultado aos interessados.

Voz passiva sintética: *informar* é transitivo direto e indireto.

b. índice de indeterminação do sujeito

Nunca se está livre de equívocos.

Oração com sujeito indeterminado: *estar* é verbo de ligação.

Mata-se impunemente neste país.

Oração com sujeito indeterminado: *matar* é verbo intransitivo.

Sonha-se com reformas de base.

Oração com sujeito indeterminado: *sonhar* é transitivo indireto.

Você não pode esquecer que a voz passiva sintética tem sempre um sujeito com o qual o verbo deve estabelecer concordância no singular ou no plural – o que não acontece com os casos de indeterminação de sujeito, em que o verbo deve estar obrigatoriamente no singular.

Observe que há uma semelhança entre as estruturas em que o *se* atua como pronome apassivador e as estruturas em que o *se* atua como índice de indeterminação do sujeito – em ambos os casos, o agente do processo verbal está indeterminado:

Imagina-se uma solução para o problema.

Voz passiva sintética: o sujeito da oração é "uma solução para o problema"; o *agente* do processo verbal está indeterminado (não se pode precisar *quem* imagina a solução).

Confia-se em teses suspeitíssimas.

Oração com sujeito indeterminado: o agente do processo verbal está indeterminado (não se pode precisar quem confia nas teses). "Em teses suspeitíssimas" é objeto indireto.

OBSERVAÇÃO

É possível indeterminar o sujeito dos verbos transitivos diretos utilizando o pronome *se* (que nesse caso será índice de indeterminação do sujeito). Para isso, o verbo deve ser acompanhado de um objeto direto preposicionado. Observe:

Estima-se aos bons amigos.

Ama-se aos pais.

Nessas duas orações, temos verbos transitivos diretos acompanhados de objetos diretos preposicionados; trata-se, portanto, de casos de indeterminação do sujeito e não de voz passiva sintética. Essas construções evitam ambiguidades: observe que as formas "Estimam-se os bons amigos." e "Amam-se os pais." podem tanto indicar a voz passiva como a voz reflexiva.

Atividades

1. Em algumas das frases abaixo, ocorre o agente da passiva. Aponte-o.

a) Prometeu lutar pelas camadas mais pobres da população.

b) Faz muito tempo que esses animais vêm sendo caçados por gente inescrupulosa.

c) As melhores teses foram apresentadas pelos representantes dos países latino-americanos.

d) O Corinthians foi inapelavelmente derrotado pelo Juventus naquela rodada.

e) Deveria ser veiculada pelos meios de comunicação uma campanha que tornasse mais civilizado o selvagem trânsito brasileiro.

2. Fornecemos, a seguir, duas redações para uma mesma manchete de jornal. Compare-as e indique as diferenças de sentido que transmitem.

O técnico da Seleção não convocará jogadores dos times paulistas

Jogadores dos times paulistas não serão convocados pelo técnico da Seleção

3. Passe cada uma das orações seguintes para a voz passiva. A seguir, responda: a forma ativa e a forma passiva das orações são exatamente equivalentes? Comente.

a) Secretaria da Saúde vai divulgar novos dados sobre a dengue no interior de São Paulo.

b) Pelé, Tostão e Gérson comandaram o time brasileiro na Copa de 70 no México.

c) Várias emissoras de televisão haviam convidado os candidatos a prefeito para um debate.

d) Algumas decisões do técnico têm levado os torcedores ao desespero.

e) O principal sindicato da categoria havia convocado uma greve para a semana seguinte.

f) O movimento dos aposentados acaba de obter várias conquistas na Justiça.

4. Cada uma das orações seguintes deve ser passada para a voz passiva. Lembre-se de que, neste caso, há duas formas possíveis de voz passiva para cada oração.

a) Enviaram as cartas ontem à tarde.

b) Publicaram vários livros premiados.

c) Nomearam o novo diretor do colégio.

d) Adotaram um novo critério de seleção dos candidatos.

e) Salvaram uma criança durante o temporal.

f) Fizeram ameaças à testemunha de acusação.

g) Transformaram a cidade num caos.

5. Re-escreva cada uma das orações seguintes passando para o plural o termo destacado e fazendo as demais modificações necessárias.

a) Elaborou-se **um projeto** para resolver a questão.

b) Estipulou-se **um novo prazo para a entrega da declaração**.

c) Aspira-se a **uma vida mais digna**.

d) Localizou-se **o principal foco de disseminação da doença**.

e) Não se conhece **a real causa do acidente**.

f) Não se dispõe de **um meio eficiente** para combater o mal.

g) É possível que se descubra **a origem de tudo isso**.

h) É recomendável que se parta de **um dado comprovável** para dar início aos trabalhos de manutenção.

i) É evidente que se trata de **um caso de superfaturamento**.

6. Forme orações com os elementos disponíveis em cada um dos itens seguintes empregando o pronome *se*. Esteja atento à concordância verbal apropriada a cada caso.

a) Procurar / alternativas para geração de energia.

b) Precisar / novas fontes de energia.

c) Liberar / as importações de produtos de informática / finalmente.

d) Ultrapassar / últimas barreiras ao livre comércio.

e) Pensar / soluções para a crise.

f) Encontrar / cura para várias doenças.

g) Atentar / índices de pobreza no país.

7. Explique as possíveis interpretações das orações abaixo e proponha formas de eliminar a ambiguidade.

a) Incentivam-se os alunos.

b) Desmascaram-se os culpados.

c) Acusam-se os responsáveis.

8. Identifique na fala de Hagar que está na abertura deste capítulo termos com função de agente da passiva.

Em livro

FOER, Franklin. *Como o futebol explica o mundo*. São Paulo: Jorge Zahar, 2004.

Nas atividades de números 2 e 3, você leu algumas frases sobre futebol. O esporte mais adorado do mundo ultrapassa os limites do simples entretenimento. O futebol pode ser considerado uma metáfora da globalização, pois espelha classes sociais e ideologias políticas que inspiram paixões não raro perigosas. Composto por dez capítulos que analisam o futebol jogado nos mais diversos lugares do planeta, *Como o futebol explica o mundo* é mais do que uma obra sobre futebol, é uma obra sobre o mundo onde vivemos pela ótica desse esporte.

4. Os termos integrantes e a pontuação

a. complementos verbais e complemento nominal – Os complementos verbais e o complemento nominal integram o sentido de verbos e nomes, estabelecendo com eles conjuntos significativos. Essa relação não deve ser interrompida por uma vírgula, mesmo que os complementos estejam antepostos ao termo que complementam:

É preciso saber reagir às palavras dos provocadores com lucidez.

Às palavras dos provocadores é preciso saber reagir com lucidez.

A todos os presentes informamos os novos valores dos produtos que vendemos.

Não há necessidade de tanta estupidez.

De tanta estupidez não há necessidade.

b. complementos verbais ou nominais com mais de um núcleo – Quando os complementos verbais ou nominais são formados por mais de um núcleo, são adotados os mesmos procedimentos aplicados aos sujeitos compostos:

Visitei Roma, Florença, Siena, Turim.

Ele ensina português, inglês ou matemática?

Comprou flores, discos, joias e roupas para a namorada.

Sempre pede atenção, e carinho, e dedicação, e devoção.

Nestes anúncios classificados, o objeto direto dos verbos avaliar e comprar ("brilhantes, relógios, platina, pérolas, pratarias") possui vários núcleos, separados um do outro por vírgula.

Reprodução

COLONIAL JOIAS

Avaliamos e compramos brilhantes, relógios, platina, pérolas, pratarias e ouro. (11)3885.[redacted]

O Estado de S. Paulo. São Paulo, 8 jun. 2008. Negócios & Oportunidades, p. Co-7.

c. termos intercalados – Os termos intercalados entre um verbo ou um nome e seus complementos devem ser isolados por vírgulas (é indispensável que se coloque uma vírgula antes e outra depois do termo intercalado):

Note, senhor presidente, as vantagens de minha proposta.

d. objetos pleonásticos – Nas construções em que surge objeto direto ou indireto pleonástico, deve-se usar a vírgula:

Aquelas frutas, plantara-as na primavera.

Aos pais, disse-lhes apenas secas palavras de adeus.

e. agente da passiva – Ao agente da passiva são aplicados esses mesmos princípios de pontuação, ou seja, não se separa por vírgula o agente da passiva da locução verbal que o antecede:

O livro foi lido por todos os alunos.

Atividades

1. Empregue as vírgulas necessárias à organização das frases seguintes. Em alguns casos, não será necessária vírgula alguma.

a) Enviei as saudações de meus colegas aos representantes das demais empresas da região.

b) Várias versões foram apresentadas por rádios jornais e canais de TV.

c) Aos que se sentem enganados cabe-lhes o direito de procurar a Justiça.

d) Exijo mais dedicação mais interesse mais aplicação.

e) Precisa-se de dois técnicos cinco operadores de retífica oito mecânicos de manutenção e dez ferramenteiros naquela fábrica de motores.

f) A que tipo de código moral você diz que é fiel?

g) A esse tipo de atitude conduzem as palavras insensatas daquele tresloucado?

h) Não queria ver amigos nem parentes nem colegas do futebol ou das pescarias.

i) A manutenção desses níveis de desemprego e de retração econômica poderá conduzir a já combalida sociedade brasileira a atitudes de total descrédito nas possibilidades de organização democrática do Estado.

2. Explique a diferença de sentido entre as frases seguintes.

Do meu ponto de vista nada sabem os que me criticam.
Do meu ponto de vista, nada sabem os que me criticam.

Textos para análise

1

UM PAÍS INTEIRO NÃO PODE SER DERROTADO POR UM MOSQUITO.

O QUE É A DENGUE.

A dengue é uma doença transmitida pelo mosquito Aedes aegypti, originário da África, que também é responsável pela febre amarela e a dengue hemorrágica.

Hoje a dengue está presente praticamente em todo o Brasil, com exceção dos Estados do Amazonas e Amapá. Daí a atual campanha que o Ministério da Saúde está liderando com a participação de toda a sociedade para que a dengue seja erradicada do nosso país. O mosquito da dengue, o Aedes aegypti, tem algumas características muito especiais: vê à escuro e repele (retrata) do branco, e menor que o pernilongo comum (marrom), tem por hábito pousar durante o dia e se desenvolve em água parada e limpa.

COMO EVITAR A DENGUE.

A única maneira de evitar a dengue é não deixar o mosquito nascer. Para isso é preciso acabar com os criadouros, onde o Aedes aegypti se desenvolve, ou seja, todo lugar onde existir água parada e limpa, em qualquer tipo de recipiente que acumule água.

Veja onde mora o perigo e como fazer para se prevenir da dengue:

- Caixas d'água, poços, tambores, cisternas e outros depósitos de água devem estar sempre muito bem tampados.
- Não deixar acumular água em pratos de vasos de plantas e vasos. Ao lavar, passar para ralo e bucha para eliminar completamente os ovos do mosquito.
- Garrafas vazias devem ser guardadas de cabeça para baixo. Cuspir, descartáveis, lanternas de garrafas, latas, baldes, o que acumula água devem ser jogados no lixo.
- Cuidado também com pneus, pratos no quintal. Eles podem acumular água de chuva, tornando-se um dos lugares preferidos pelo Aedes aegypti.
- Lave os bebedouros de aves e animais com uma escova ou bucha e troque a água uma vez por semana.
- Limpe as calhas e a laje da sua casa. Se tiver piscina, lembre-se de que a água deve estar sempre tratada.

QUAIS OS SINTOMAS DA DENGUE.

A dengue pode atacar qualquer um. Para saber quando uma pessoa está contaminada pela doença, estes são os principais sintomas:

- a dengue provoca febre alta, muitas vezes passando dos 40 graus, e que demora vários dias.
- provoca dor de cabeça, dor nos olhos, nos músculos, nas juntas, daí a dengue ser conhecida também como "febre de quebra ossos".
- surgem manchas avermelhadas por todo o corpo e, em alguns casos, é possível ocorrer sangramento da gengiva e do nariz.
- a pessoa fica com falta de apetite e sente muito fraqueza, sem vontade para nada.

Estes são os principais sintomas da dengue comum, mas existe uma outra, mais grave, que é a dengue hemorrágica. Os sintomas iniciais são os mesmos da dengue comum. A diferença é que, quando a febre acaba, começam a surgir sangramentos, a pressão cai, os vasos ficam ruins e a pessoa, além de sentir fortes dores no abdômen, sente sonolência com agitação. A dengue hemorrágica é muito perigosa e pode levar a pessoa à morte.

O QUE FAZER QUANDO ALGUÉM ESTÁ COM DENGUE.

A pessoa com dengue deve ficar em repouso, beber muito líquido e só usar medicamento para abaixar as dores e a febre.

Mas cuidado: não devem ser usados remédios à base de ácido acetil salicílico, como por exemplo a aspirina e o AAS.

Toda pessoa que apresentar sintomas da doença deve procurar um posto de saúde para obter orientação médica.

O BRASIL CONTRA A DENGUE.

BRASIL GOVERNO FEDERAL MINISTÉRIO DA SAÚDE

Trabalhando o texto

Qual a função sintática dos termos "um país inteiro" e "por um mosquito"?

2

Aos nossos filhos

Perdoem a cara amarrada
Perdoem a falta de abraço
Perdoem a falta de espaço
Os dias eram assim
Perdoem por tantos perigos
Perdoem a falta de abrigo
Perdoem a falta de amigos
Os dias eram assim
Perdoem a falta de folhas
Perdoem a falta de ar
Perdoem a falta de escolha
Os dias eram assim
E quando passarem a limpo
E quando cortarem os laços
E quando soltarem os cintos
Façam a festa por mim
Quando lavarem a mágoa
Quando lavarem a alma
Quando lavarem a água
Lavem os olhos por mim
Quando brotarem as flores
Quando crescerem as matas
Quando colherem os frutos
Digam o gosto pra mim...

Ivan Lins e Vitor Martins. Disponível em: <www.mpbnet.com.br/musicos/ivan.lins/letras/aos_nossos_filhos.htm>. Acesso em: 10 jun. 2008.

Trabalhando o texto

1. Os verbos *perdoar, passar, cortar, soltar, fazer* não apresentam sujeito declarado nas orações. Trata-se de sujeito indeterminado ou é possível inferir qual seja ele?

2. Em geral, o verbo *perdoar* apresenta um objeto direto de "coisa" e um indireto de "pessoa" (perdoar algo a alguém). Como se configura o emprego desse verbo na letra da canção? O que está implícito em todas as ocorrências?

3. Que função sintática exercem todos os termos que completam o substantivo *falta*? Qual a importância desses complementos para o texto?

4. O texto está organizado em duas partes. Observe o conjunto dos 12 versos iniciais, que compõem a primeira parte. O que ocorre a cada três versos? Analise a natureza dos verbos utilizados e comente os efeitos de sentido obtidos pelos autores.

5. A segunda parte do texto vai do verso 13 ao 24. No verso 13 ocorre uma mudança. Que palavra demarca essa mudança? A que classe pertence e que ideia ela introduz? O que se observa com relação ao modo verbal a partir desse verso?

6. A letra da canção apresenta estruturas frasais intencionalmente idênticas. Que objetivo pretendem atingir os autores com essa repetição?

7. Apesar da semelhança formal, sintaticamente falando as orações a seguir apresentam diferenças: "Quando crescerem as matas / Quando colherem os frutos". Aponte-as.

8. "Os dias eram assim" O tempo verbal empregado nesse verso remete a um processo contínuo no passado. Considerando o todo do texto, identifique a qual período de nossa história os autores estão se referindo. Explique como você chegou a essa conclusão.

9. A mudança estrutural que ocorre no texto a partir do 13.º verso pressupõe que os autores esperam por um novo tempo. Que tempo seria esse? Que sentido adquire o verso "E quando lavarem a água"?

10. Por que os autores do texto se excluem da "comemoração" esperada? Quem, na opinião deles, irá desfrutar desse novo tempo?

Questões de exames e concursos

1. (UEPB)

Brasil faz Unesco sambar

O samba de roda do Recôncavo Baiano foi reconhecido pela Unesco como Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade. Definido como uma expressão popular que mistura música, dança e poesia, foi escolhido por representar a forte herança africana no país e revelar aspectos das atividades econômicas, religiosas e lúdicas do Nordeste.

A roda de samba do Recôncavo foi considerada por representar a diversidade de sambas que existe no Brasil. (...)

Revista Língua Portuguesa. São Paulo: Segmento, fev. 2006. p. 8.

A respeito do texto acima, responda à questão.

Analise as proposições, em relação ao enunciado abaixo, e coloque **V** para verdadeira(s) e **F** para falsa(s), considerando-o em relação ao contexto.

"(...) foi escolhido por representar a forte herança africana no país (...)"

- O agente da ação está implícito, e não é possível identificá-lo.
- Há um referente discursivo-textual que preenche a "ausência" morfossintática do agente da ação.
- O agente da ação vem expresso por um termo já citado no texto.

Marque a alternativa correta.

a) F, V, V
b) V, V, F
c) F, F, V
d) V, F, V
e) F, V, F

2. (UPM-SP)

Ornemos nossas testas com as flores,
e façamos de feno um brando leito;
prendamo-nos, Marília, em laço estreito,
gozemos do prazer de sãos amores (...)
(...) aproveite-se o tempo, antes que faça
o estrago de roubar ao corpo as forças
e ao semblante a graça.

(Tomás Antônio Gonzaga)

No poema, roubar exigiu objeto direto e indireto. Assinale a alternativa que contém verbo empregado do mesmo modo.

a) Ele insistiu comigo sobre a questão da assinatura da revista.
b) Emendou as peças para formar o desenho de uma casa.
c) Encontrou ao fim do dia o endereço desejado.
d) Eles alinharam aos trancos a ferragem da bicicleta.
e) Só ontem avisou-me de sua viagem.

3. (UFSCar-SP) A oração "Vasculhou os bolsos o loiro sueco", extraída de *Gabriela, cravo e canela*, obra de Jorge Amado, com a substituição do complemento verbal por um pronome oblíquo, equivale a:

a) Vasculhou-o os bolsos.
b) Vasculhou-se o loiro sueco.
c) Vasculhou-lhe os bolsos.
d) Vasculhou-lhes o loiro sueco.
e) Vasculhou-os o loiro sueco.

4. (FGV-SP) Observe a palavra destacada na frase: A campanha de meus adversários interpõe-se **à** dos meus parceiros. Assinale a alternativa que **justifica** o uso do sinal de crase:

a) Interpor-se rege preposição a e subentende-se um objeto indireto feminino.
b) Interpor-se rege preposição a e dos meus parceiros é masculino.
c) Interpor-se rege preposição a e subentende-se um objeto direto feminino.
d) Interpor-se rege preposição a e o objeto direto explícito é masculino.
e) Interpor-se é verbo intransitivo e dos meus parceiros é adjunto masculino.

5. (UPM-SP)

01 Aurélia pousara a mão no ombro do marido
[(...), colocou-se
02 diante de seu cavalheiro e entregou-lhe a
[cintura mimosa.
03 Era a primeira vez, e já tinham mais de seis
[meses de casados; era
04 a primeira vez que o braço de Seixas enlaçava
[a cintura de Aurélia. Explica-
05 -se pois o estremecimento que ambos sofreram
[ao mútuo contacto (...).
06 As senhoras não gostam da valsa, senão pelo
[prazer de

07 sentirem-se arrebatadas no turbilhão.(...)
[Mas é justamente aí que o
08 está perigo. Esse enlevo inocente da dança
[entrega a mulher
09 palpitante, inebriada, às tentações do
[cavalheiro, delicado embora,
10 mas homem, que ela sem querer está
[provocando com o casto requebro
11 de seu talhe e traspassando com as tépidas
[emanações de seu corpo.

(José de Alencar)

"Esse enlevo inocente da dança entrega a mulher às tentações do cavalheiro".

Assinale a alternativa em que os complementos verbais são do mesmo tipo dos encontrados na frase acima.

a) Considerou irrecuperável aquele velho piso de madeira.
b) Essa moça sempre responde indelicadamente a qualquer pergunta.
c) Ditou a carta ao filho recém-alfabetizado.
d) O navio zarpou às primeiras horas de calmaria.
e) Bem no alto cintilam as estrelas mais atraentes.

6. (PUC-RJ) O enunciado a seguir é ambíguo por apresentar mais de uma possibilidade de leitura: "A indicação do neurocientista trouxe benefícios para a pesquisa.".

a) Explique quais são as leituras possíveis.
b) Desfaça a ambiguidade, deixando clara uma dessas leituras.

7. (Fuvest-SP) Transpondo-se corretamente para a voz **ativa** a oração "para serem instruídos por um astrônomo (...)", obtém-se:

a) para que sejam instruídos por um astrônomo (...).
b) para um astrônomo os instruírem (...).
c) para que um astrônomo lhes instruíssem (...).
d) para um astrônomo instruí-los (...).
e) para que fossem instruídos por um astrônomo (...).

8. (PUC-PR) Observe as frases que seguem:

1. **Encolhido** na poltrona, o **menino** assistiu silencioso ao filme.
2. A notícia **circulou rápido** pelo bairro.
3. **Assistimos** aos festejos **entusiasmados**.
4. Chegando em casa, **encontrou** o filho dormindo **sossegado**.

Não há correspondência entre os dois termos destacados:

a) na 1.ª e na 3.ª frases
b) apenas na 2.ª frase
c) apenas na 4.ª frase
d) na 2.ª e 3.ª frases
e) na 1.ª e na 4.ª frases

9. (PUC-PR) Assinale a alternativa em que o pronome colocado entre parênteses **não** preenche corretamente os pontilhados.

a) O mal-entendido ... aborreceu demais. (os)
b) Não fiquem preocupados: nós ... ajudaremos. (lhes)
c) Na verdade, em muito pouco ... ajudaríamos. (as)
d) Admiro ... a dedicação para com o irmão. (lhe)
e) Posso dizer que ainda não ... conheço bem. (a)

10. (Ufam) Assinale o item que a partícula **se** é pronome apassivador:

a) A recepcionista se riu discretamente do meu embaraço.
b) Aspira-se ardentemente a uma melhor distribuição de renda no Brasil.
c) "Tacapes e tangapemas entrechocam-se no ar". (Gonçalves Dias)
d) Há coisas que melhor se dizem em silêncio.
e) Ele se arrogou o direito de indeferir minha proposta de inscrição.

11. (UPM-SP) Considerado o contexto, a frase "Foram observados jovens de nove cidades" é uma construção equivalente a:

a) Observaram-se jovens de nove cidades.
b) Tendo sido observados jovens de nove cidades.
c) Observavam-se jovens de nove cidades.
d) Observa-se jovens de nove cidades.
e) Haviam sido observados jovens de nove cidades.

12. (FGV-SP) Observe a frase "Os ferroviários viam seus problemas organizacionais como diferentes de todas as demais classes". Nela, para que a mensagem estivesse totalmente explícita, faltaria acrescentar uma palavra. Trata-se de:

a) no
b) dos
c) pelos
d) ao
e) do

13. (UFPI)

(...)
De tudo quanto foi meu passo caprichoso
na vida, restará, pois o resto se esfuma,
uma pedra que havia em meio do caminho.

"Legado", Carlos Drummond de Andrade

Marque a opção que analisa corretamente a função sintática de *uma pedra*.

a) aposto
b) sujeito
c) objeto direto
d) objeto indireto
e) predicativo do sujeito

14. (UniFMU-SP) Assinale a alternativa que contenha, respectivamente, um pronome pessoal do caso reto funcionando como sujeito e um pronome pessoal do caso oblíquo funcionando como objeto direto.

a) Eu comecei a reforma da Natureza por este passarinho.
b) E mais uma vez me convenci da "tortura" destas coisas.
c) Todos a ensinavam a respeitar a Natureza.
d) Ela os ensina a fazer os ninhos nas árvores.
e) Ela não convencia ninguém disso.

15. (Unimar-SP) Classifique corretamente os termos integrantes destacados.

Mulher que **a dois** ama, **a ambos** engana.

a) objeto direto preposicionado e objeto direto preposicionado
b) objeto indireto e objeto direto
c) objeto indireto pleonástico e complemento nominal
d) objeto direto e objeto direto preposicionado
e) objeto direto preposicionado e objeto indireto

16. (UFV-MG) Na frase "Ela atribui-se uma culpa que não tem", o pronome se é classificado como:

a) pronome apassivador.
b) índice de indeterminação do sujeito.
c) objeto direto.
d) objeto indireto.
e) partícula expletiva ou de realce.

17. (Febasp) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas:

Já ... muitos meses que não ... encontro e só daqui ... três anos é que irei re-encontrá-... neste mesmo lugar.

a) faz, lhe, a, lhe
b) fazem, o, a, o
c) faz, o, a, lo
d) fazem, lhe, há, lo

18. (Febasp)

E agora, José?
A festa **acabou**
A luz **apagou**
O povo **sumiu**
A noite **esfriou**...

(Carlos Drummond de Andrade)

Em relação aos verbos destacados, pode-se afirmar que:

a) os verbos são todos transitivos diretos e estão no pretérito imperfeito.
b) os verbos são todos transitivos diretos, embora o objeto direto não esteja expresso; e os verbos estão no pretérito perfeito.
c) o primeiro e o segundo verbo são transitivos diretos e os dois últimos são transitivos indiretos e estão no pretérito mais-que-perfeito.
d) todos os verbos destacados são intransitivos e estão no pretérito perfeito.

19. (PUC-SP) No trecho:

... e no fim declarou-**me** que eu tinha **medo** de que você **me** esquecesse,

as palavras destacadas têm, respectivamente, funções sintáticas de:

a) objeto indireto, objeto direto, objeto direto.
b) objeto direto, objeto direto, objeto direto.
c) objeto direto, predicativo do sujeito, objeto direto.
d) objeto indireto, objeto indireto, objeto indireto.
e) objeto direto, adjunto adverbial, objeto direto.

20. (Unimep-SP)

I. Demos **a ele** todas as oportunidades.
II. Fizemos **o trabalho** como você orientou.
III. Acharam **os livros** muito interessantes.

Substituindo as palavras destacadas por um pronome oblíquo, temos:

a) I. Demos-lhe; II. Fizemo-lo; III. Acharam-los.
b) I. Demos-lhe; II. Fizemos-lo; III. Acharam-os.
c) I. Demos-lhe; II. Fizemo-lo; III. Acharam-nos.
d) I. Demo-lhe; II. Fizemos-o; III. Acharam-nos.
e) I. Demo-lhe; II. Fizemo-lhe; III. Acharam-nos.

21. (Vunesp-SP)

a) Por que **brilham** teus olhos ardentes.
b) **Sou** o sonho de tua esperança.

Classifique, quanto à predicação, os verbos destacados dos fragmentos acima.

22. (Vunesp-SP)

a) (...) e o Largo do Jardim está deserto na noite fria.

b) (...) não encontro nada.

c) (...) não pensei mais nem nela nem no altar, (...)

d) (...) vagou pelas ruas e becos (...)

Classifique, quanto à predicação, os verbos dos fragmentos acima.

23. (Vunesp-SP) "Mas para quem **vos** olha a uma distância de quinhentos metros, essas dimensões **que** levais convosco deixam de existir."

Dê a classe gramatical e a função sintática dos termos destacados.

24. (Vunesp-SP)

Vi ontem **um bicho**
Na imundície do pátio
Catando **comida** entre os detritos.

Faça o que é pedido:

a) Re-escreva a estrofe acima, substituindo os termos destacados pelo pronome pessoal correspondente e elimine as expressões adverbiais.

b) Classifique os verbos do período re-escrito, quanto à predicação.

25. (Vunesp-SP)

A pilha de jornais ali no chão, ninguém os guardou debaixo da escada.

Às suas violetas, na janela, não lhes poupei água.

Assinalar a alternativa que contiver a afirmação correta sobre as duas orações transcritas.

a) Nas duas orações há sujeito composto precedendo verbo transitivo direto e indireto.

b) Nas duas orações há sujeito indeterminado, e apenas o verbo da segunda oração é transitivo direto e indireto.

c) Nas duas orações há inversão da ordem das palavras e ocorrência de complemento verbal pleonástico.

d) Nas duas orações ocorre complemento verbal pleonástico, mas apenas na segunda há inversão da ordem das palavras.

e) Nas duas orações a ordem é direta e o sujeito é composto.

26. (Fatec-SP) Assinale a frase em que a palavra destacada indica o agente.

a) Por **mim** foram exarados estes documentos.

b) De **mim** conseguireis o que quiserdes.

c) Falou-se de **mim** na reunião?

d) Contra **mim** estavam todos eles.

e) n.d.a.

27. (ESPM-SP)

Quando percebi que o doente expirava, recuei aterrado, e dei um grito, mas ninguém me ouviu.

(Machado de Assis)

A função sintática das palavras *doente, grito, ninguém, me* é, respectivamente:

a) sujeito, objeto direto, objeto direto, objeto indireto.

b) objeto direto, sujeito, objeto direto, sujeito.

c) sujeito, objeto indireto, sujeito, objeto direto.

d) objeto indireto, objeto direto, sujeito, objeto direto.

e) sujeito, objeto direto, sujeito, objeto direto.

28. (Fefasp) Em que alternativa há objeto direto preposicionado?

a) Passou aos filhos a herança recebida dos pais.

b) Amou a seu pai com a mais plena grandeza da alma.

c) Naquele tempo era muito fácil viajar para os infernos.

d) Em dias ensolarados, gosto de ver nuvens flutuarem nos céus de agosto.

29. (PUC-SP) Em: "Porque eu continuarei a chamar **guerra a toda esta época embaralhada** de inéditos valores...", as expressões destacadas são, respectivamente:

a) objeto direto, objeto indireto.

b) predicativo, objeto indireto.

c) objeto direto, objeto direto preposicionado.

d) predicativo, objeto direto pleonástico.

e) objeto direto, objeto indireto.

30. (Cesesp-PE) Para classificar os verbos do trecho abaixo quanto a sua predicação, preencha os parênteses, obedecendo à seguinte instrução:

a) intransitivo

b) transitivo direto

c) transitivo indireto

d) transitivo direto e indireto

Viverás ( ) e para sempre, / na terra que aqui aforas ( ): e terás ( ) enfim tua roça.

A alternativa que contém a sequência correta é:

a) a, a, b.

b) a, b, b.

c) b, a, b.

d) b, d, c.

e) b, b, b.

31. (UFMG) Observe:

1. Queria muito aquele brinquedo.
   Queria muito ao amigo.
2. Dormi muito esta noite.
   Dormi um sono agradável.

A partir desses exemplos, explique a seguinte afirmativa: "A análise da transitividade verbal é feita de acordo com o texto e não isoladamente".

32. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção em que a substituição do pronome de primeira pessoa pelo de terceira está em desacordo com a norma da língua culta.

a) Vieram-me as rugas.
Vieram-lhe as rugas.

b) Obriguei a fortuna a ser-me favorável.
Obriguei a fortuna a ser-lhe favorável.

c) Azevedo Gomes chamou-me patriota.
Azevedo Gomes chamou-lhe patriota.

d) O município devia auxiliar-me.
O município devia auxiliar-lhe.

e) Padilha pediu-me em voz baixa cinquenta mil-réis.
Padilha pediu-lhe em voz baixa cinquenta mil-réis.

33. (Cesesp-PE) Indique a função do pronome relativo *que*, de acordo com o seguinte código:

a) sujeito
b) objeto direto

( ) Viverás e para sempre, / na terra que aqui aforas.
( ) Era um anjo entre nuvens d'alvorada. / Que em sonhos se banhava e se esquecia.
( ) ... afora rendimentos que vêm de outra e qualquer origem...
( ) Gastei uma hora pensando um verso / que a pena não quer escrever.

A sequência conseguida foi:

a) b, b, a, a
b) a, a, b, b
c) a, b, a, b
d) b, a, b, a
e) b, a, a, b

34. (Fuvest-SP) A transformação passiva da frase "A religião te inspirou esse anúncio." apresentará o seguinte resultado:

a) Tu te inspiraste na religião para esse anúncio.
b) Esse anúncio inspirou-se na tua religião.
c) Tu foste inspirado pela religião nesse anúncio.
d) Esse anúncio te foi inspirado pela religião.
e) Tua religião foi inspirada nesse anúncio.

35. (Fuvest-SP) "... como o vi em uma noite de luar..."

a) Re-escreva, na voz passiva, a oração acima transcrita, sem desprezar nenhum dos componentes sintáticos que lhe dão forma.
b) Indique a função sintática do pronome de terceira pessoa na frase original e na transformada.

36. (PUC-SP) Indique a alternativa em que a partícula *se* **não** tem valor de pronome apassivador.

a) ... ouviam-se gargalhadas e pragas...
b) ... destacavam-se risos...
c) ... trocavam-se de janela para janela as primeiras palavras, os bons-dias...
d) ... já não se destacavam vozes dispersas...
e) ... pigarreava-se grosso por toda a parte...

37. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa em que se faz corretamente a transformação passiva da frase: "O chefe não te perdoará as falhas.".

a) Tu não serás perdoado pelo chefe por causa das falhas.
b) As falhas não te serão perdoadas pelo chefe.
c) Tuas falhas o chefe não perdoará.
d) Tu não terás o perdão do chefe para tuas falhas.
e) Não se perdoarão tuas falhas pelo chefe.

38. (Unimep-SP) "Eu tenho plantado o meu futuro." Passando-se a oração para a voz passiva, o verbo ficará assim:

a) tem sido plantado
b) tem estado sendo plantado
c) está sendo plantado
d) foi sendo plantado
e) esteve sendo plantado

39. (Unimep-SP) "O eleitor estava sendo convencido aos poucos pelo candidato." Passando-se a oração para a voz ativa, o verbo ficará assim:

a) convencera
b) estava convencendo
c) tinha estado convencido
d) tinha convencido
e) estivera convencendo

40. (Efei-MG) Todas as frases estão na voz passiva, **exceto**:

a) Fazia-se a relação dos livros novos.
b) Estuda-se novo processo de irrigação.
c) Trata-se sempre do mesmo problema.
d) Projetava-se um grande frigorífico.
e) Arrisca-se a vida por tão pouca coisa.

41. (UPM-SP) Assinale a alternativa em que há agente da passiva.

a) Nós seremos julgados pelos nossos atos.
b) Olha esta terra toda que se habita dessa gente sem lei, quase infinita.
c) Agradeço-lhe pelo livro.
d) Ouvi a notícia pelo rádio.
e) Por mim, você pode ficar.

42. (PUC-SP) Em: "... o homem não fala simplesmente uma língua, não a usa como mero instrumento de comunicação, mas é quase como se a língua falasse através do homem, a língua o usasse para **se** expressar", a partícula *se* destacada refere-se a:

a) *homem* e é sujeito do verbo *expressar*.
b) *língua* e é objeto reflexivo de *expressar*.
c) *língua* e é partícula apassivadora da ação verbal.
d) *homem* e é objeto reflexivo de *expressar*.
e) *homem* e é partícula apassivadora da ação verbal.

43. (PUC-SP) Em: "A língua já é em si uma interpretação do mundo..., ficando-**se** sob o seu domínio", a partícula *se* destacada refere-se:

a) à palavra *interpretação* e portanto é sujeito.
b) à palavra *língua* e portanto é objeto reflexivo.
c) a um ser indeterminado e portanto é índice de indeterminação do sujeito.
d) à palavra *interpretação* e portanto é objeto direto reflexivo.
e) a um ser indeterminado e portanto não tem função sintática.

44. (UFV-MG) A passiva sintética está presente em todos os itens, **exceto**:

a) Fala-se, aqui, uma bela língua.
b) Assistiu-se o enfermo com desvelo.
c) Procedeu-se à verificação de aprendizagem.
d) Ouviu-se um barulho estranho.
e) Abriu-se uma clareira naquela mata.

45. (FEI-SP) Transforme a voz passiva analítica em passiva sintética, conservando o tempo e o modo.

Hoje não são mais feitos carros como antigamente.

46. (Efei-MG) Transforme segundo o modelo.

Foi socorrido por amigos. Amigos socorreram-no.

a) Foste ajudado por muitos.
b) Fomos aconselhados pelos mestres.

47. (Unisa-SP) Coloque na voz passiva as frases que a admitam, dando o motivo por que escolheu apenas duas.

a) Não a vi ontem.
b) Iremos a Santos.
c) O presidente assistirá ao desfile.
d) O enfermeiro assistiu o paciente dia e noite.

48. (FCMSC-SP) Transpondo para a voz ativa a frase "O processo deve ser revisto pelos dois funcionários", obtém-se a forma verbal:

a) deve-se rever.
b) será revisto.
c) devem rever.
d) reverão.
e) rever-se-á.

49. (Unisa-SP) Em: "... uns diziam isto; outros, aquilo...", colocando-se o verbo na voz passiva, temos:

a) tinham dito.
b) foi dito.
c) era dito.
d) seria dito.
e) haviam dito.

50. (FCC-BA) Transpondo para a voz passiva a frase "O tempo aos poucos fora afastando da minha memória a sua imagem.", obtém-se a forma verbal:

a) era afastada.
b) fora sendo afastada.
c) fora afastada.
d) ia-se afastando.
e) estava-se afastando.

51. (FCC-BA) Transpondo para a voz passiva a frase "Daqui a cinquenta anos já teremos avaliado os futurólogos de hoje.", obtém-se a forma verbal:

a) se avaliaram.
b) se avaliarão.
c) serão avaliados.
d) foram avaliados.
e) terão sido avaliados.

52. (FCC-BA) Transpondo para a voz ativa a frase "A Guatemala foi, recentemente, arrasada por violentos terremotos.", obtém-se a forma verbal:

a) tinha sido arrasada.
b) tinham arrasado.
c) arrasaram.
d) estiveram arrasando.
e) fora arrasada.

53. (FCC-BA) Transpondo para a voz ativa a frase "Eles são obrigados a tarefas desagradáveis; e, além do mais, são criticados pelo público.", obtêm-se as formas verbais:

a) têm obrigado, criticou-os.
b) foram obrigados, têm sido criticados.
c) obrigaram-nos, criticaram-nos.
d) obrigam-nos, critica-os.
e) obrigam-se, criticam-se.

54. (Famerp-SP) Em que alternativa as frases não se equivalem?

a) Comprar-se-iam jornais.
Jornais serão comprados.
b) Devem-se consultar os superiores.
Os superiores devem ser consultados.
c) Alugam-se casas.
Casas são alugadas.
d) Façam-se novas provas.
Novas provas sejam feitas.
e) Ouvir-se-ão vozes.
Vozes serão ouvidas.

55. (Faap-SP) Dê nova redação à frase que segue, passando-a para a voz ativa, sem mudança de tempo e modo verbais: "Foi nomeada tutora".

56. (FCC-BA) Transpondo para a voz ativa a oração "O dissídio já havia sido homologado.", o verbo apresentará a forma:

a) homologara-se.
b) homologar-se-ia.
c) homologariam.
d) haviam homologado.
e) houvera sido homologado.

57. (FCC-BA) Transpondo para a voz passiva a oração "Estava terminando o bordado naquele momento.", o verbo apresentará a forma:

a) fora terminado.
b) estava sendo terminado.
c) estava para ser terminado.
d) estava a terminar.
e) tendo terminado.

58. (FEI-SP) Re-escreva na voz passiva o trecho abaixo, conservando o verbo no mesmo tempo e modo.

Se os filhos dos pescadores ouvissem o ruído da vaga, eu escutaria o rangido longínquo dos carros de boi.

59. (Faap-SP) Dê nova redação à frase que segue, passando-a para a voz ativa sem mudança de tempo e modo verbais.

A volta de Greta Garbo ao cinema foi anunciada ontem em Genebra, Suíça, pelo jornalista britânico Frederick Sands, autor de uma biografia da atriz.

60. (Fuvest-SP) Altere a redação do período abaixo, empregando os verbos na voz passiva.

... e se às vezes me repreendia, à vista de gente, fazia-o por simples formalidade.

61. (UFV-MG) A concordância verbal está **correta** em todas as formas abaixo, **exceto**:

a) Assistiu-se à demonstração de força.
b) Exigiam-se todas as documentações para concorrer à vaga.
c) Precisam-se de professores de matemática.
d) Construir-se-á o edifício neste local, ainda este ano.
e) Incluíram-se no processo todas as dívidas existentes.

62. (Vunesp-SP) "Explicou que aprendera aquilo de ouvido." Transpondo a oração em destaque para a voz passiva, temos a seguinte forma verbal:

a) tinha sido aprendido.
b) era aprendido.
c) fora aprendido.
d) tinha aprendido.
e) aprenderia.

Capítulo 21

Termos acessórios da oração e vocativo

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 2007. v. 4, p. 94.

Neste capítulo, você vai estudar os termos acessórios da oração – o adjunto adverbial, o adjunto adnominal e o aposto. Vai estudar também o vocativo. Observe, na tirinha, várias ocorrências de adjunto adverbial, função exercida por advérbio (*mais, cedo, aqui, talvez*) ou por locução adverbial (*todos os dias*). Em *mais cedo*, o advérbio *mais* está intensificando outro advérbio (*cedo*).

Quando se fala em termos acessórios da oração, pode-se ter a falsa impressão de que se está tratando de elementos dispensáveis das orações e períodos. Na prática, essa impressão não corresponde à verdade: esses termos são acessórios porque não fazem parte da estrutura básica da oração, organizada a partir de um verbo e dos nomes ligados a ele pela concordância ou pela transitividade. No entanto as informações que transmitem são fundamentais para que se alcance uma comunicação satisfatória.

1. Adjunto adverbial

Como o nome já diz, o adjunto adverbial é essencialmente um modificador do verbo. Seu papel básico é indicar as **circunstâncias** em que se desenvolve o processo verbal (ideia de tempo, lugar, modo, causa, finalidade, etc.) ou **intensificar** um verbo, um adjetivo ou um advérbio. A semelhança entre esse conceito e o de advérbio, que você estudou nos capítulos sobre sorfologia, não é gratuita, já que o adjunto adverbial é uma função adverbial da oração, ou seja, é uma função desempenhada por advérbios e locuções adverbiais.

A classificação do adjunto adverbial depende basicamente da circunstância que expressa. Observe:

a. causa, tempo, lugar

No Brasil, muitas crianças ainda morrem de fome.

Há nessa oração três adjuntos adverbiais: *de fome* é adjunto adverbial de causa; *ainda* é adjunto adverbial de tempo; *no Brasil* é adjunto adverbial de lugar.

b. tempo, lugar, modo

Um grupo de policiais militares agrediu covardemente várias pessoas em Diadema na madrugada de ontem.

Na madrugada de ontem é adjunto adverbial de tempo; *em Diadema* é adjunto adverbial de lugar; *covardemente* é adjunto adverbial de modo.

c. intensidade

Eles se respeitaram **muito**.

Seu projeto é **muito** interessante.

O time jogou **muito** mal.

Nessas três orações, *muito* é adjunto adverbial de intensidade. No primeiro caso, intensifica uma forma verbal (*respeitaram*), que é núcleo de um predicado verbal. No segundo, intensifica um adjetivo (*interessante*), que é núcleo de um predicativo do sujeito. Na terceira oração, *muito* intensifica um advérbio (*mal*), que é núcleo de um adjunto adverbial de modo.

Às vezes não é possível apontar com precisão a circunstância expressa por um adjunto adverbial. Em alguns casos, as diferentes possibilidades de interpretação dão origem a orações sugestivas. Em:

Entreguei-me **calorosamente** àquela causa.

é difícil precisar se *calorosamente* é um adjunto adverbial de modo ou de intensidade: na verdade, parece ser uma forma de expressar ao mesmo tempo as duas circunstâncias. Por isso, é fundamental levar em conta o contexto em que surgem os adjuntos adverbiais. Isso é mais importante do que pura e simplesmente decorar classificações.

Algumas das circunstâncias expressas pelos adjuntos adverbiais

A seguir, você encontrará uma relação em que aparecem algumas circunstâncias expressas por adjuntos adverbiais. Essa relação deve servir para você perceber a riqueza expressiva desse termo sintático e não para que você se "descabele" tentando decorá-la.

a. afirmação

Sim, efetivamente participei da comissão.

b. dúvida

Talvez seja melhor sair do país.

c. fim, finalidade

Prepararam-se **para o exame**.

d. meio

Fui **de avião**.

e. companhia

Fui ao cinema **com sua prima**.

f. concessão

Apesar do estado precário do gramado, o jogo foi ótimo.

g. assunto

Conversamos **sobre literatura**.

h. condição

Sem minha autorização, você não irá.

i. instrumento

Fiz a prova **a lápis**.

j. causa

Com o calor, o poço secou.

k. intensidade

O remédio é **muito** caro.

l. lugar

Nasci **em Guaratinguetá**.

Morei **em Milão**.

m. tempo

O gol foi marcado **aos oito minutos**.

Sinto-me melhor **no inverno**.

n. modo

Beijei-a **com ternura**.

Receberam-me **friamente**.

o. negação

Não aceito sua renúncia.

Em *site*

<www.pensarenlouquece.com>. Acesso em: 25 abr. 2008.

Aqui vai uma dica para que você relaxe um pouco e não se "descabele" tentando decorar conteúdos. Com a popularização da Internet, novas ferramentas de comunicação foram criadas e aperfeiçoadas. Começaram a proliferar *sites* de relacionamento, como o Orkut, e, mais timidamente, *blogs*, páginas da Internet cujo proprietário divulga ideias, comentários e discussões sobre diversos assuntos. No *blog* indicado você encontrará temas diversificados de cultura digital, como resenhas de filmes, vídeos engraçados e textos inusitados.

Os vários adjuntos adverbiais presentes na tira exprimem diferentes circunstâncias: "à noitinha", tempo; "da toca" e "por perto", lugar; "silenciosamente", modo; e "não", negação.

Fernando Gonsales

Importância da preposição nas locuções adverbiais

Como você já sabe, as locuções adverbiais são expressões normalmente introduzidas por uma preposição. Quando uma dessas locuções atua como adjunto adverbial numa oração, você deve prestar bas-

tante atenção à preposição, pois, na expressão de circunstâncias adverbiais, essas palavras transmitem importantes conteúdos relacionais. Observe:

Estão voltando **de casa**.	Fui ao cinema **com eles**.
Estão voltando **para casa**.	Fui ao cinema **sem eles**.

Nesses dois pares de orações, a troca das preposições implica alteração total de significado na circunstância expressa pelo adjunto adverbial: no primeiro caso, passa-se de um adjunto adverbial de lugar que indica a origem para um que indica o destino; no segundo caso, passa-se de um adjunto adverbial de companhia para um adjunto adverbial que indica justamente a ausência dela (e que seria classificável como adjunto adverbial de modo).

Quando introduzem complementos verbais ou nominais, as preposições desempenham papel de mero conectivo, ligando um termo subordinante a um termo subordinado. Por isso, em muitos casos, são até mesmo omitidas sem prejuízo aparente de sentido. É o que ocorre, por exemplo, com a construção popular "Ela não obedece o pai.", em que se omite a preposição recomendada pela língua culta ("Ela não obedece *ao* pai."). No caso dos adjuntos adverbiais, a omissão da preposição acarreta modificações drásticas de sentido. Basta comparar, por exemplo, "Recomendaram-me sinceridade." a "Recomendaram-me com sinceridade.", em que a ausência do *com* modifica completamente a função sintática e o sentido de *sinceridade* (que passa de núcleo do objeto direto a núcleo do adjunto adverbial de modo).

É por isso que são considerados adjuntos adverbiais de lugar e não objetos indiretos os termos que se seguem aos verbos de movimento e permanência em construções como:

Estou **na mesma sala**.	Voltou **à terra natal**.
Chegaram **à cidade** sãos e salvos.	O avião procede **de Manaus**.
Ficamos **ao lado da igreja**.	

Os verbos empregados são, nessas frases, intransitivos, mas seria questionável dizer que não necessitam de um termo que os complemente. Esses termos, no entanto, não são objetos indiretos, já que têm nítido valor adverbial – note como são significativas as preposições que os encabeçam em cada frase. Pela nomenclatura atualmente disponível nos estudos gramaticais, o mais recomendável é classificá-los como **adjuntos adverbiais de lugar**, considerando intransitivos os verbos a que se ligam. Alguns gramáticos propõem a denominação **complemento circunstancial de lugar** ou **complemento adverbial locativo** para esses termos. Mais importante do que classificá-los, no entanto, é perceber o seu significado e aprender a usá-los apropriadamente.

Joaquín Salvador Lavado/Quino

QUINO. *Toda Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 256.

A preposição *a*, introduzindo o adjunto adverbial, no segundo quadrinho, faz toda a diferença. Observe que, no primeiro quadrinho, "a primavera" exerce função de sujeito da oração. Com função de adjunto adverbial, o termo à primavera adquire sentido diferente.

Atividades

1. Nas frases seguintes, aponte os adjuntos adverbiais e as circunstâncias que exprimem.

a) "De repente, do riso fez-se o pranto."

b) Entrou em casa em plena madrugada, silenciosamente.

c) À noite é possível perceber com muita clareza os efeitos benéficos do silêncio.

d) A rodovia foi entregue ao público sem plenas condições de tráfego.

e) Viajei de trem por toda a Europa.

f) Felizmente, todos se arrependeram.

g) Meus sobrinhos moram muito longe daqui, no norte da Itália.

h) Na próxima semana, não haverá expediente das sete às dez da manhã.

i) O menino quase morreu de vergonha.

j) Sem as chaves, ninguém poderá entrar.

k) "Apesar de você, amanhã há de ser outro dia."

l) Passei a vida à toa.

m) Tenho o péssimo hábito de cortar barbantes e linhas com os dentes.

2. Complete as frases seguintes com adjuntos adverbiais que exprimam as circunstâncias solicitadas entre parênteses.

a) (*) não seja possível consertar o carro. (*dúvida*)

b) Não irei ao cinema (*). (*causa*)

c) (*), foram feitos vários discursos contra o projeto (*). (*tempo/lugar*)

d) O novo diretor executou (*) todas as suas obrigações. (*modo*)

e) Ensaiei muito (*). (*fim*)

f) Trabalhava (*) para as crianças carentes de sua cidade. (*intensidade*)

g) Os retirantes não conseguem emprego (*). (*lugar*)

h) Nada será feito (*). (*condição*)

i) (*), as obras prosseguem. (*concessão*)

j) Moldamos vários objetos de argila (*). (*instrumento*)

k) Fui ao cinema (*) (*). (*tempo/companhia*)

l) Julgo sua postura (*) radical. (*intensidade*)

m) (*), conseguiremos chegar (*) (*). (*modo/lugar/tempo*)

3. Passe para o plural cada uma das frases seguintes.

a) Ele pensou rápido.

b) Ele pensou rapidamente.

c) Ele foi rápido.

d) Uma voz de protesto levantou-se inesperadamente.

e) Uma voz de protesto levantou-se inesperada.

f) O rapaz falava muito baixo.

g) O rapaz era muito baixo.

h) Fiquei calmo durante a discussão.

i) Agi calmamente durante a discussão.

j) Sua atitude ponderada súbito converteu-se em gesto irritado.

k) Sua atitude ponderada subitamente converteu-se em gesto irritado.

l) Seu gesto de irritação foi súbito e veemente.

4. O texto a seguir, publicado na revista *Dinheiro*, de 28 de maio de 2008, apresenta uma inadequação. Localize-a e re-escreva o texto de forma adequada.

> AS MELHORES DA *DINHEIRO*: O ÚNICO *RANKING* QUE AVALIA SUA EMPRESA SOBRE TODOS OS ÂNGULOS.

2. Adjunto adnominal

Adjunto adnominal é o termo que caracteriza um substantivo sem a intermediação de um verbo. Sob a ótica da morfossintaxe, pode-se dizer que é uma função adjetiva, sendo, portanto, desempenhada por adjetivos, locuções adjetivas, artigos, pronomes adjetivos e numerais adjetivos. Em qualquer função sintática que desempenhe, o substantivo pode ser caracterizado por um ou mais de um adjunto adnominal. Observe os dois exemplos seguintes:

a. substantivo com quatro adjuntos adnominais

As nossas primeiras experiências **científicas** fracassaram.

Nessa oração, "As nossas primeiras experiências científicas" é sujeito. O núcleo desse sujeito é o substantivo *experiências*. Relacionados a ele, caracterizando-o, estão os adjuntos adnominais *as*, *nossas*, *primeiras* e *científicas* (respectivamente, um artigo, um pronome adjetivo possessivo, um numeral adjetivo ordinal e um adjetivo).

b. substantivo com três adjuntos adnominais

Foi socorrido pelos **dois** médicos **do hospital**.

Nessa oração, "pelos dois médicos do hospital" é agente da passiva. O núcleo desse agente da passiva é o substantivo *médicos*, caracterizado pelos adjuntos adnominais *os* (artigo da contração *per* + *os*), *dois* (numeral adjetivo) e *do hospital* (locução adjetiva).

Tiramix. *Central de tiras*. 2003. São Paulo: Via Lettera, 2003. p. 70.

Em cada quadrinho, o substantivo *gafanhoto* está caracterizado por um numeral e dois adjetivos, que são seus adjuntos adnominais.

Como distinguir o adjunto adnominal do predicativo

Para perceber como o adjunto adnominal faz parte efetiva do mesmo termo sintático que tem o substantivo como núcleo, basta trocar esse termo por um pronome substantivo: como estão diretamente subordinados ao substantivo, sem qualquer intermediação verbal, os adjuntos adnominais desaparecem quando da substituição. Observe:

A nova política salarial prejudica os trabalhadores de menor poder aquisitivo.

Ela prejudica-os (ou Ela os prejudica).

"A nova política salarial" e "os trabalhadores de menor poder aquisitivo" são, respectivamente, sujeito e objeto direto da oração. Subordinados aos núcleos dessas funções – os substantivos *política* e *trabalhadores* –, os adjuntos adnominais desaparecem quando são substituídos pelos pronomes substantivos *ela* e *os*.

Essa percepção de que o adjunto adnominal é sempre parte de um outro termo sintático que tem como núcleo um substantivo é importante para diferenciá-lo do predicativo do objeto. Observe:

Noel Rosa deixou uma obra riquíssima.

Nessa oração, *riquíssima* é adjunto adnominal de *obra*, que é o núcleo do objeto direto. Se substituíssemos esse objeto direto por um pronome pessoal, obteríamos "Noel Rosa deixou-a".

Em CD

Divulgação

Noel Rosa. In: *Feitiço da Vila* (CD). Revivendo, 1989.

Responsável pela união entre o samba dos morros cariocas e o urbano, Noel operou uma verdadeira revolução na música popular brasileira. Apesar de ter morrido cedo, aos 26 anos, vítima de tuberculose, Noel produziu sambas e baladas que podem ser ouvidos até hoje, como a inesquecível canção "Com que roupa". O CD indicado é uma coletânea de seus melhores trabalhos interpretados por outros artistas.

Agora consideremos esta outra frase:

Sua atitude deixou perplexos seus amigos.

Nessa oração, *perplexos* é predicativo do objeto direto "seus amigos". Se substituíssemos esse objeto direto por um pronome pessoal, obteríamos: "Sua atitude deixou-os perplexos" (ou Sua atitude os deixou perplexos). Perceba que *perplexos* não é parte do objeto direto, e sim um termo relacionado (pelo verbo) a esse objeto direto.

Como distinguir o adjunto adnominal do complemento nominal

É comum confundir-se o adjunto adnominal na forma de locução adjetiva com o complemento nominal. Para evitar essa confusão, considere o seguinte:

a. somente os substantivos podem ser acompanhados de adjuntos adnominais; já os complementos nominais podem ligar-se a substantivos, adjetivos e advérbios. É óbvio, portanto, que o termo ligado por preposição a um adjetivo ou a um advérbio só pode ser complemento nominal;

b. os complementos nominais são exigidos pela transitividade do nome a que se ligam; indicam, portanto, o paciente ou o alvo da noção expressa pelo substantivo. Já os adjuntos adnominais indicam o agente ou o possuidor da noção expressa pelo substantivo. Observe:

Os investimentos da iniciativa privada em educação e saúde deveriam ser proporcionais aos lucros de cada empresa.

Nessa oração, o sujeito é "os investimentos da iniciativa privada em saúde e educação". O núcleo desse sujeito é o substantivo *investimentos*; presos a esse núcleo por meio de preposição há os termos "da iniciativa privada" e "em educação e saúde". Observe que o primeiro indica o agente ou possuidor dos investimentos (é a iniciativa privada que investe), enquanto o segundo indica o paciente ou alvo desses investimentos (saúde e educação recebem esses investimentos). "Da iniciativa privada" é adjunto adnominal, enquanto "em saúde e educação" é complemento nominal.

Atividades

1. Faça a análise sintática das frases seguintes. Indique quais são os núcleos das diferentes funções sintáticas e os adjuntos adnominais que se subordinam a eles.

a) Um novo comportamento empresarial deve ser incentivado.

b) Muitos candidatos despreparados pedem votos pouco críticos a eleitores desinteressados.

c) Os garimpeiros têm transmitido doenças graves aos índios da Amazônia.

d) Um redator eficiente deve comunicar informações claras e realmente importantes ao público interessado.

2. Explique por meio de seu conhecimento das funções sintáticas a ambiguidade da seguinte frase: "Não posso julgar aquela atitude inusitada".

3. Explique por meio de seu conhecimento das funções sintáticas a ambiguidade das frases seguintes.

a) Não serei mais um pichador desta cidade!

b) É absurdo que tenhamos medo de criança!

3. Aposto

Aposto é um termo que amplia, explica, desenvolve ou resume o conteúdo de outro termo. O termo a que o aposto se refere pode desempenhar qualquer função sintática. Sintaticamente, o aposto equivale ao termo com que se relaciona. Observe:

Nossa terra, o Brasil, carece de políticas sociais sérias e consequentes.

Nessa oração, "nossa terra" é o sujeito. "O Brasil" é aposto desse sujeito, pois amplia e especifica o conteúdo do termo a que se refere. Para perceber como o termo "o Brasil" amplia e/ou especifica o sujeito, basta eliminar "nossa terra". Observe:

O Brasil carece de políticas sociais sérias e consequentes.

"O Brasil" passa a exercer satisfatoriamente a função de sujeito, antes exercida pelo termo do qual era aposto.

O aposto é mais uma função substantiva da oração, tendo como núcleo um substantivo, um pronome ou numeral substantivo ou uma palavra substantivada.

Em livros

KIPLING, Rudyard. *As crônicas do Brasil.* São Paulo: Landmark, 2006.

Apesar dos graves problemas sociais que afligem o Brasil, nosso país ainda é visto com muita admiração pelos escritores estrangeiros. Um deles é o inglês Rudyard Kipling, romancista ganhador do prêmio Nobel que excursionou pelo Brasil na década de 1920, viagem que rendeu um livro chamado *As crônicas do Brasil*. Nele, o autor desenvolve suas intuitivas e apuradas noções sobre o Brasil e o povo daqui. Kipling nasceu em Bombaim, Índia, mas viveu boa parte de sua vida na Inglaterra. A experiência influenciou decisivamente sua extensa obra, cujo conteúdo faz referência à força do império britânico. Sua fama deve-se principalmente às histórias de aventuras para crianças: seu conto mais famoso é *Mogli, o menino-lobo*.

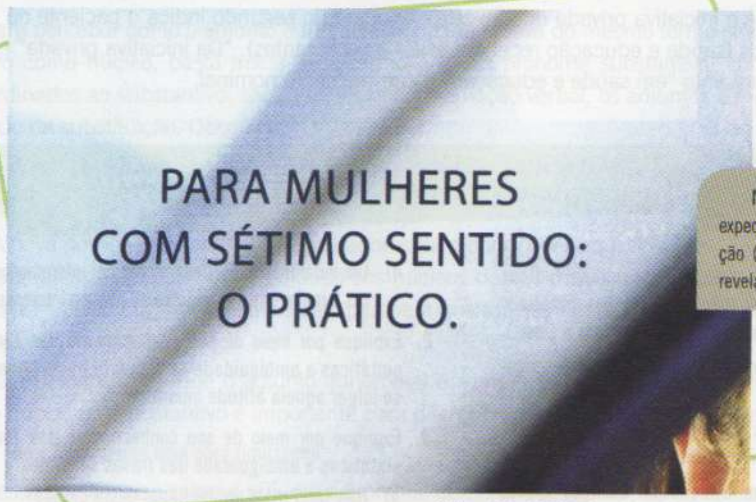

Revista *Bons Fluidos*, ed. 109, p. 29/Detalhe.

Nesse anúncio, cria-se uma expectativa sobre uma informação (o sétimo sentido) que só é revelada com o aposto.

Mulheres do Brasil. Edição Especial, parte integrante da revista *Bons Fluidos*. São Paulo: Abril, ed. 109, p. 29.

Classificação do aposto

De acordo com a relação que estabelece com o termo a que se refere, pode-se classificar o aposto em:

a. explicativo

A Ecologia, **ciência que investiga as relações dos seres vivos entre si e com o meio em que vivem**, adquiriu grande destaque no mundo atual.

b. enumerativo

Suas reivindicações incluíam muitas coisas: **melhor salário, melhores condições de trabalho, assistência médica extensiva a familiares**.

c. recapitulativo

Vida digna, cidadania plena, igualdade de oportunidades, **tudo isso** está na base de um país melhor.

d. comparativo

Seu senso crítico, **eterno indagador**, levou-o a questionar aqueles dados.

e. especificativo

Esse tipo de aposto não vem marcado por sinais de pontuação (dois-pontos ou vírgulas), por isso merece atenção especial. O aposto especificativo é normalmente um substantivo próprio que individualiza um substantivo comum, prendendo-se a ele diretamente ou por meio de preposição. Observe:

O compositor **Chico Buarque de Holanda** continua a produzir uma obra representativa.

O rio **Tietê** atravessa o Estado de **São Paulo**.

Nessas orações, os termos destacados – todos nomes próprios – são apostos especificativos dos substantivos comuns *compositor*, *rio* e *Estado*. *Compositor* e *rio* atuam como núcleos dos sujeitos, enquanto *estado* é núcleo do objeto direto.

4. Vocativo

O nome vocativo nos faz pensar em várias palavras ligadas à ideia de "chamar", "atrair a atenção": evocar, convocar, evocação, vocação. Vocativo é justamente o nome do termo sintático que serve para nomear um interlocutor ao qual se dirige a palavra. É um termo independente: não faz parte nem do sujeito nem do predicado. É mais uma função substantiva da oração, sendo desempenhada por substantivos, pronomes e numerais substantivos ou palavras substantivadas. Observe:

Amigo, venha visitar-me no próximo domingo.

Senhor presidente, pedimos que se comporte de forma condizente com a importância de seu cargo.

A vida, **amada minha**, é um constante retomar.

Não sei o que te dizer, **meu amor**.

Nessas orações, os termos destacados são vocativos: indicam e nomeiam o interlocutor a que se está dirigindo a palavra. Numa oração como a primeira, não se deve confundir o vocativo *amigo* com o sujeito da forma imperativa *venha*, que é *você*.

© 2007 Watterson/Dist. by Atlantic Syndication

WATTERSON, Bill. *Felino, selvagem, psicopata, homicida.* São Paulo: Best News, 1996. v. 1, p. 06.

Na interlocução, é comum o emprego do vocativo, como nessa tirinha, em que as palavras *Haroldo* e *rapaz* servem para designar a quem se dirigem Calvin e Haroldo. Vale lembrar que o vocativo, por ser um termo independente, não tem lugar fixo na frase.

Atividade

Nas frases seguintes, aponte os apostos e os vocativos.

a) Meu velho amigo, não há mais nada que se possa dizer.

b) Você, meu velho amigo, não tem nada para me dizer?

c) Ó meus sonhos, aonde fostes?

d) Uma casa na encosta da montanha, meu maior sonho, evaporou-se com o confisco da poupança.

e) Não há mais nada a fazer, minha querida.

f) Tu, que não sabes o que fazes, diz-me: há lei nesta terra?

g) Um dia, meu bem, não haverá miséria.

h) Ele não deseja muita coisa: um emprego, uma casinha, uns trocados para uma viagem de vez em quando.

5. Os termos acessórios, o vocativo e a pontuação

a. adjunto adnominal – Como vimos, os adjuntos adnominais fazem parte do termo sintático a que pertence o substantivo a que se ligam. Por isso, não devem ser separados por vírgula desse substantivo:

Os frequentes termos de baixo calão do deputado governista evidenciam seu pleno despreparo.

b. adjunto adverbial – Os adjuntos adverbiais podem ser separados por vírgula quando vêm após os verbos e seus complementos:

Encontrei alguns amigos, ontem à noite, na praça. ou Encontrei alguns amigos ontem à noite na praça.

c. adjunto adverbial anteposto ou intercalado – Quando são antepostos ou intercalados, os adjuntos adverbiais devem ser separados por vírgulas. As vírgulas são dispensáveis quando o adjunto é de pequena extensão:

Ontem à noite, encontrei alguns amigos na praça.

Encontrei, durante aqueles dias de férias, alguns velhos amigos.

Amanhã virei ajudá-lo.

Ali se vendem esses produtos.

Em todos os balões de pensamento de Snoopy há adjuntos adverbiais antepostos, devidamente separados por vírgulas.

United Media/Ipress

SCHULZ, Charles, M. *Snoopy, um estranho no ninho*. Rio de Janeiro: Record, 1986. p. 106.

d. aposto – O aposto é separado do termo a que refere por vírgulas ou dois-pontos. Somente o aposto especificativo não é marcado por sinais de pontuação:

Seus olhos, duas bolas de pânico, impressionavam quem o via.

É imprescindível que o país adote duas diretrizes: distribuição de renda e reconstrução do ensino público.

Caetano Veloso, compositor consagrado, não suporta quem desrespeita sinal vermelho.

O compositor Caetano Veloso não suporta quem desrespeita sinal vermelho.

e. vocativo – O vocativo deve ser sempre separado por vírgulas, qualquer que seja sua posição na frase:

Participem das decisões nacionais, cidadãos.

Cidadãos, participem das decisões nacionais.

Participação crítica, cidadãos, é o caminho para um país melhor.

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Diks. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 2007. v. 5, p. 117.

Na tirinha observa-se a ocorrência do vocativo (*filho*), separado por vírgula, e a ocorrência do aposto, que desenvolve a palavra disso, introduzido por dois pontos.

Atividade

Pontue adequadamente as frases seguintes. Em alguns casos, pontuar corretamente significa não usar qualquer sinal de pontuação.

a) O Brasil país que via seus jovens como garantia de um grande futuro parece ter optado por simplesmente eliminar boa parte desses jovens.

b) Acorde menino e vá ver a vida lá fora.

c) A cidadania essa ilustre desconhecida ainda passa ao largo de muitas mentes brasileiras.

d) Sob aquelas velhas árvores ali perto do poço repousam muitos dos meus sonhos.

e) Daqui a dois anos poderemos avaliar os efeitos dessas medidas.

f) Poderemos daqui a dois anos avaliar os efeitos dessas medidas.

g) Poderemos avaliar os efeitos dessas medidas daqui a dois anos.

h) Uma imensa nuvem de fumaça e poeira deverá atingir a capital filipina nas próximas horas.

i) Gostaria de saber o que está acontecendo Alfredo.

j) A reação mais sensata dos envolvidos teria sido escolher um advogado competente.

k) Tudo pode ser resumido numa única palavra incompetência.

l) Gilberto Gil músico e compositor continua criativo e iluminado.

m) O músico e compositor Gilberto Gil continua criativo e iluminado.

Textos para análise

1

Agência Talent Biz.

Trabalhando o texto

Qual o termo sintático que tem evidente destaque no texto? É possível justificar esse destaque levando-se em conta a construção do texto? Comente.

Detalhe.

Veja São Paulo. São Paulo: Abril, 30 abr. 2008. p. 119.

Trabalhando o texto

O anúncio do *Jornal da Tarde* que você vê parcialmente tem como *slogan* "Algumas coisas sobre São Paulo não dá pra explicar. Todo o resto está aqui". Faz parte de uma campanha que mostra fatos estranhos da cidade, como, neste caso, as pessoas tocarem o dedo de uma escultura ("Condor", Luiz Brizzolara) da Praça Ramos de Azevedo para terem sorte.

1. No *slogan* da propaganda, apresentado acima, a que se refere o adjunto adverbial *aqui*?

2. O que representam os vários balões que compõem o anúncio?

3. Em "Fala sério", qual é a função do adjetivo?

4. Localize nos balões alguns adjuntos adverbiais e explique que circunstâncias expressam. Explique também a farta ocorrência de advérbios nas frases.

3

Sidney Harris

Trabalhando o texto

1. Localize, nessa charge, os adjuntos adnominais do termo que exerce a função de objeto direto.
2. Identifique os adjuntos adverbiais e explique que circunstâncias expressam.
3. Relacione o emprego dos adjuntos adverbiais ao humor da charge.

HARRIS, Sidney. *A ciência ri: o melhor de Sidney Harris*. São Paulo: Unesp, 2007. p. 42.

4

O desenho foi atividade ininterrupta do artista plástico Di Cavalcanti. Em diferentes ocasiões, em cada lugar, sob variados momentos emocionais, sobre os mais diversos tipos de papel dele brotavam anotações gráficas e germinavam ideias plásticas, no registro de momentos ou personagens do cenário da vida cotidiana, de pessoas ou de seu relacionamento pessoal e de sua admiração.

GONÇALVES, Lisbeth Rebollo. Trecho do Catálogo da exposição *Di Cavalcanti: cronista de seu Tempo*. MAC (USP). [s. d.].

Trabalhando o texto

1. Em que os adjuntos adnominais do primeiro período colaboram para a construção do sentido do texto?
2. Indique as expressões adverbiais que, no segundo período, revelam circunstâncias de tempo e lugar.
3. Qual a função do termo *Di Cavalcanti*? Esse termo poderia ser omitido sem prejuízo para o sentido do texto?
4. Faça um comentário sobre a forma como esse parágrafo foi construído, considerando a presença dos termos acessórios.

5

Não vai: nem a lançamentos de livros nem de filmes nem de exposições. Não é moderno. Não está em dia com os acontecimentos. Nem depois (do "lançamento") se interessa. Não vê sentido nem significado. Faz questão de não ver o que todo mundo está vendo (era para ter visto *Tropa de Elite* – por quê? para quê?). Viu? Não viu? Havia todo um burburinho em volta, uma zoada, uma espécie de cobrança que doía no ouvido. Não vai ver? Não. Não vai ver.

FELINTO, Marilene. Do tipo que não assiste a lançamentos. In: *Caros amigos*. São Paulo: Casa Amarela, n. 132, mar. 2008. p. 13.

Trabalhando o texto

Comente o efeito estilístico dos adjuntos adverbiais no fragmento de texto lido.

Questões de exames e concursos

1. (UEL-PR)

Mar português

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!
Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.

PESSOA, Fernando. *Mensagem e outros poemas afins seguidos de Fernando Pessoa e ideia de Portugal*. Mem Martins: Europa-América [19-].

Em "Ó mar salgado, quanto do teu sal / São lágrimas de Portugal". A expressão *Ó mar salgado* classifica-se, sintaticamente, como:

a) Sujeito, pois expressa o ser de quem se diz algo.

b) Objeto, pois completa o sentido do verbo transitivo direto.

c) Vocativo, pois expressa o ser a quem se dirige a mensagem do narrador.

d) Complemento nominal, pois completa a ideia expressa por um nome.

e) Aposto, pois explica e identifica o termo a que se refere o narrador.

2. (UFC) Leia o que abaixo se afirma acerca do aposto.

Pode-se ampliar, explicar, desenvolver ou resumir a ideia contida num termo que exerça qualquer função sintática por meio de um termo acessório a ele equivalente: o aposto. O aposto pode ser classificado, de acordo com seu valor na oração, em: **explicativo**, **enumerativo**, **resumidor** ou **recapitulativo**, **comparativo** e **especificativo**.

DE NICOLA, José; INFANTE, Ulisses. *Gramática contemporânea da língua portuguesa*. São Paulo: Scipione, 1997. p. 281.

I. Nos períodos a seguir, os trechos em negrito exercem a função de aposto. Classifique-os de acordo com seu valor na oração.

b.1. **Invisível como o vento e os encantos**, a Morte apossara-se do frágil sopro do menino pagão na noite em que a porta se abrira dando-lhe passagem.

b.2. Quando a Velha-do-Chapéu-Grande, **assim o empalhador de cangalhas para montarias chamava a fome**, empoleirou-se de vez, assistindo ao padecer dos viventes, há muito haviam se apartado as águas (...).

II. Construa uma frase em que **Bisneto** figure como **aposto especificativo**.

3. (UEPG)

À luz das sombras

Uma mancha negra gigantesca escureceu e apavorou Nova York. Era o ano de 1915 e acabara de ser erguido o primeiro arranha-céu da cidade, o Equitable Building, com 40 andares. A sombra projetada pelo prédio de 166 metros, na época o mais alto do mundo, engolia quatro quarteirões, escurecia edifícios que o cercavam e deixava sem luz até pequenas fazendas que ainda existiam na região. Os nova-iorquinos se enfureceram, temendo que a cidade fosse devorada pelas sombras caso os construtores de Manhattan decidissem seguir o modelo estabelecido pelo Equitable.

O protesto dos moradores resultou numa lei que regulamentou a altura das construções. A partir de 1916, com o surgimento de um plano diretor, edifícios passaram a ser projetados com um recuo à medida que os andares ficavam mais altos, levando-se em consideração as sombras que eles não poderiam fazer nos vizinhos – daí a origem da arquitetura característica da cidade, visível em construções como o Empire State Building, que afina quanto mais alto fica.

O episódio da metrópole apavorada pela penumbra descreve bem a má reputação que as sombras carregam. De um eclipse lunar a uma silhueta se esgueirando sobre uma parede, as sombras sempre foram consideradas entidades estranhas, cercadas de mistério, superstição e medo. Na Guerra do Peloponeso, por exemplo, o general ateniense Nícios permitiu que suas tropas fossem capturadas pelos espartanos após se recusar a bater em retirada durante um eclipse lunar. Para os nativos da ilha de Wetar, na Indonésia, se a silhueta de uma pessoa levar um golpe, ele certamente ficará doente nos dias seguintes. Na África subsaariana, o povo Songhay acredita que a sombra pode ser atacada, roubada e até devorada em algum macabro ritual de bruxaria.

Mas o que exatamente são as sombras? Essa é uma pergunta que nos fazemos desde crianças, quando ainda não somos capazes de respondê-la. Um experimento realizado pelo psicólogo

suíço Jean Piaget revelou que a maneira como as crianças percebem as sombras varia de acordo com a idade. A partir dos 5 anos, tendem a achar que são feitas do mesmo material que a noite – a escuridão. Depois, entre os 6 e 8 anos, acreditam que sejam objetos materiais. Só mais tarde, a partir dos 9 anos, é que elas percebem que as sombras são fruto da relação entre objetos e a luz. Já é algo muito próximo do que entendemos quando nos tornamos adultos: sombras são áreas escuras onde a luz foi bloqueada. E, apesar do costume de utilizarmos esse conceito apenas quando vemos uma borda entre o claro e o escuro, essa definição pode ser facilmente aplicada à noite, uma enorme sombra que ocupa o céu por cerca de 12 horas do dia.

Superinteressante. São Paulo: Abril, jun. 2004. p. 65-6.

No período "O episódio da metrópole apavorada pela penumbra descreve bem a má reputação que as sombras carregam", as funções morfossintáticas estão corretamente analisadas em:

01) Os termos "bem" e "má" têm ambos valor adverbial, uma vez que modificam palavras de idêntica função.

02) O substantivo "metrópole" é o nome central, o núcleo significativo, do sujeito de "descrever".

04) Sendo um modificador de verbo, o termo "bem" tem valor adverbial.

08) O relativo "que" tem função de sujeito na última oração.

16) O adjetivo "má" modifica um nome, sendo assim um adjunto do nome ou adjunto adnominal.

4. (UEPG)

Amor e outros males

(Rubem Braga)

Uma delicada leitora me escreve: não gostou de uma crônica minha de outro dia, sobre dois amantes que se mataram. Pouca gente ou ninguém gostou dessa crônica; paciência. Mas o que a leitora estranha é que o cronista "qualifique o amor, o principal sentimento da humanidade, de coisa tão incômoda". E diz mais: "Não é possível que o senhor não ame, e que, amando, julgue um sentimento de tal grandeza incômodo".

Não, minha senhora, não amo ninguém; o coração está velho e cansado. Mas a lembrança que tenho de meu último amor, anos atrás, foi exatamente isso que me inspirou esse vulgar adjetivo – "incômodo". Na época eu usaria talvez adjetivo mais bonito, pois o amor, ainda que infeliz, era grande; mas é uma das tristes coisas desta vida sentir que um grande amor pode deixar apenas uma lembrança mesquinha; daquele ficou apenas esse adjetivo, que a aborreceu.

Não sei se vale a pena lhe contar que a minha amada era linda; não, não a descreverei, porque só de revê-la em pensamento alguma coisa dói dentro de mim. Era linda, inteligente, pura e sensível – e não me tinha, nem de longe, amor algum; apenas uma leve amizade, igual a muitas outras e inferior a várias.

A história acaba aqui; é, como vê, uma história terrivelmente sem graça, e que eu poderia ter contado em uma só frase. Mas o pior é que não foi curta. Durou, doeu e – perdoe, minha delicada leitora – incomodou.

Eu andava pela rua e sua lembrança era alguma coisa encostada em minha cara, travesseiro no ar; era um terceiro braço que me faltava, e doía um pouco; era uma gravata que me enforcava devagar, suspensa de uma nuvem. A senhora acharia exagerado se eu lhe dissesse que aquele amor era uma cruz que eu carregava o dia inteiro e à qual eu dormia pregado; então serei mais modesto e mais prosaico dizendo que era como um mau jeito no pescoço que de vez em quando doía como bursite. Eu já tive um mês de bursite, minha senhora; dói de se dar guinchos, de se ter vontade de saltar pela janela. Pois que venha outra bursite, mas não volte nunca um amor como aquele. Bursite é uma dor burra, que dói, dói, mesmo, e vai doendo; a dor do amor tem de repente uma doçura, um instante de sonho que mesmo sabendo que não se tem esperança alguma a gente fica sonhando, como um menino bobo que vai andando distraído e de repente dá uma topada numa pedra. E a angústia lenta de quem parece que está morrendo afogado no ar, e o humilde sentimento de ridículo e de impotência, e o desânimo que às vezes invade o corpo e a alma, e a "vontade de chorar e de morrer", de que fala o samba?

Por favor, minha delicada leitora; se, pelo que escrevo, me tem alguma estima, por favor: me deseje uma boa bursite.

Ainda quanto a funções sintáticas, estão **corretas** as afirmações:

01) Na frase "Eu já tive um mês de bursite, minha senhora", a vírgula separa um aposto.

02) A expressão "o principal sentimento da humanidade" (1.º parágrafo), empregada em referência ao amor, constitui um aposto.

04) Na oração "Pois que venha outra bursite", o sintagma "outra bursite" é um objeto direto, complemento do verbo "vir", sendo que o sujeito está indeterminado.

08) Em "se eu lhe dissesse que aquele amor era uma cruz que eu carregava o dia inteiro", o verbo sublinhado se contextualiza como transitivo direto e indireto.

16) Em "uma história terrivelmente sem graça", a locução sublinhada tem valor de adjetivo.

5. (BHTrans-MG/Fumarc) "Na televisão, o jornalismo transmite os acontecimentos como se fossem um *show*."

Todas as funções sintáticas a seguir são encontradas no enunciado dado, **exceto**:

a) aposto
b) adjunto adverbial
c) adjunto adnominal
d) predicativo do sujeito

6. (TJ-SP/Vunesp-SP) Felizmente, ninguém se machucou. Lentamente, o navio foi se afastando da costa.

Considere:

I. felizmente completa o sentido do verbo machucar;
II. felizmente e lentamente classificam-se como adjuntos adverbiais de modo;
III. felizmente se refere ao modo como o falante se coloca diante do fato;
IV. lentamente especifica a forma de o navio se afastar;
V. felizmente e lentamente são caracterizadores de substantivos.

Está correto o contido apenas em

a) I, II e III.
b) I, II e IV.
c) I, III e IV.
d) II, III e IV.
e) III, IV e V.

7. (UFC) Leia o trecho abaixo do conto "Os moradores do casarão", de Moreira Campos:

Consultando o relógio da parede, que bate as horas num gemer de ferros, ela chama uma das pretas, para que lhe traga a chaleira com água quente.

Numere a 2.ª coluna, identificando a função sintática do termo, de acordo com a 1.ª coluna.

(1) adjunto adnominal ( ) num gemer de ferros
(2) adjunto adverbial ( ) da parede
( ) com água quente

A sequência correta, de cima para baixo, é:

a) 2 – 2 – 1
b) 2 – 1 – 1
c) 2 – 1 – 2
d) 1 – 2 – 2
e) 1 – 2 – 1

8. (PUC-SP) Nas estrofes:

Tu não verás, Marília, cem cativos
tirarem o cascalho e a rica terra,
ou dos cercos dos rios caudalosos,
ou da minada serra.

e

Não verás separar ao hábil negro
do pesado esmeril a grossa areia,
e já brilharem os granetes de oiro
no fundo da bateia.

há ideia de lugar em:

a) cascalho, terra, areia.
b) serra, granetes de oiro, areia.
c) rios, serra, bateia.
d) cascalho, serra, areia.
e) rios, cascalho, areia.

9. (Fuvest-SP) Nos enunciados abaixo, há adjuntos adnominais e apenas um complemento nominal. Assinale a alternativa que contém o complemento nominal.

a) faturamento das empresas
b) ciclo de graves crises
c) energia desta nação
d) história do mundo
e) distribuição de poderes e renda

10. (PUCCamp-SP) "Só pessoas **sem visão** não admitem que, neste setor, existe **oferta** considerada condizente **com a procura**."

Assinale a alternativa em que se apresenta corretamente a função sintática dos termos destacados, respeitando-se a ordem em que eles ocorrem no período.

a) adjunto adnominal, objeto direto, complemento nominal
b) adjunto adverbial, objeto direto, adjunto adnominal
c) adjunto adnominal, sujeito, complemento nominal
d) adjunto adverbial, sujeito, complemento nominal
e) adjunto adnominal, objeto direto, adjunto adnominal

11. (PUC-SP) Indique a alternativa que apresenta, respectivamente, as funções sintáticas das expressões destacadas nos versos:

Amo-te, **ó rude e doloroso idioma**
És, a um tempo, **esplendor e sepultura**

a) objeto direto, objeto direto
b) sujeito, vocativo
c) aposto, sujeito
d) vocativo, predicativo do sujeito
e) predicativo do objeto, predicativo do sujeito

12. (PUC-SP) Nos versos:

E em que Camões chorou no exílio amargo,
O gênio **sem ventura** e o amor **sem brilho**

as expressões destacadas têm, respectivamente, funções sintáticas de:

a) adjunto adverbial de modo, adjunto adverbial de modo.
b) predicativo do sujeito, predicativo do sujeito.
c) complemento nominal, complemento nominal.
d) adjunto adnominal, predicativo do sujeito.
e) adjunto adnominal, adjunto adnominal.

13. (PUC-SP) Nos trechos:

E fui eu que **o** descobri
Veja, murmurou **o** mineiro...
e
Vou-**lhe** mostrar...

as palavras destacadas têm, respectivamente, funções de:

a) objeto direto, adjunto adnominal, objeto indireto.
b) objeto direto, objeto direto, objeto indireto.
c) adjunto adnominal, adjunto adnominal, adjunto adverbial.
d) adjunto adnominal, adjunto adnominal, objeto direto.
e) objeto indireto, objeto direto, objeto indireto.

14. (PUC-SP) No trecho que a seguir transcrevemos, há vários pronomes:

Com esta história eu vou me sensibilizar, e bem sei que cada dia é um dia roubado da morte. Eu não sou um intelectual, escrevo com o corpo. E o que escrevo é uma névoa úmida.

a) Identifique, nele, dois pronomes demonstrativos, um pronome pessoal do caso reto e um pronome pessoal do caso oblíquo.
b) Dê suas respectivas funções sintáticas.

15. (Unimep-SP)

I. Ele é **muito** simpático.
II. Ela trabalhou **muito** pouco.
III. Há **muito** livro interessante.

Muito é:

a) adjunto adverbial em I e II e adjunto adnominal em III.
b) adjunto adverbial em I e adjunto adnominal em II e III.
c) adjunto adverbial em II e adjunto adnominal em I e III.
d) adjunto adverbial em I, II e III.
e) adjunto adnominal em I, II e III.

16. (Vunesp-SP) "Os colegas – o equilibrista, aqueles dois que conversavam em voz baixa, todos enfim – sabiam de sua história e não haviam preparado a mínima homenagem."

Na frase acima, o travessão é empregado para:

a) destacar o aposto e deixar claro o nexo entre o sujeito e o predicado.
b) indicar mudança de interlocutor.
c) indicar a coordenação entre os diferentes núcleos do sujeito composto.
d) assinalar uma retificação do que se disse anteriormente, no início da frase.
e) realçar ironicamente o valor significativo da palavra *colegas*.

17. (Vunesp-SP) "Não foi ausência **por uma semana**: o batom ainda no lenço, o prato na mesa **por engano**, a imagem de relance no espelho."

Os termos destacados analisam-se, respectivamente, como:

a) agente da passiva e objeto indireto.
b) adjunto adverbial de tempo e adjunto adnominal.
c) adjunto adverbial de tempo e adjunto adverbial de causa.
d) predicativo do sujeito e predicativo do objeto.
e) complemento nominal e agente da passiva.

18. (Fuvest-SP) Assinalar a oração que começa com um adjunto adverbial de tempo.

a) Com certeza havia um erro no papel do branco.
b) No dia seguinte Fabiano voltou à cidade.
c) Na porta, (...) enganchou as rosetas das esporas...
d) Não deviam tratá-lo assim.
e) O que havia era safadeza.

19. (Unicamp-SP) A leitura literal do texto abaixo produz um efeito de humor:

As videolocadoras de São Carlos estão escondendo suas fitas de sexo explícito. A decisão atende a uma portaria de dezembro de 91, do Juizado de Menores, que proíbe que as casas de vídeo aluguem, exponham e vendam fitas pornográficas a menores de 18 anos. A portaria proíbe ainda os menores de 18 anos de irem a motéis e rodeios sem a companhia ou autorização dos pais.

Folha Sudeste, 5 jun. 1992.

a) Transcreva a passagem que produz efeito de humor.

b) Qual a situação engraçada que essa passagem permite imaginar?

c) Re-escreva o trecho de forma a impedir tal interpretação.

20. (Unicamp-SP) O comentário seguinte faz parte de uma reportagem sobre o decreto assinado este ano pelo presidente José Sarney, tornando eliminatórios, no vestibular, os exames de língua portuguesa e de redação:

Os estudantes que pretendem ingressar na Unicamp, no próximo vestibular, concordam com o decreto do governo. Estão reclamando, apenas, que a Universidade de Campinas está exigindo a leitura de um livro que entrará no exame inexistente no Brasil: *A confissão de Lúcio*, Mário de Sá-Carneiro.

(Istoé Senhor/991,14 set. 1988.)

Conforme redigido, o texto contém uma passagem ambígua (que pode ter mais de uma interpretação). Identifique essa passagem, transcreva-a e explique por que ela é ambígua. Em seguida, re-escreva-a de forma a tornar clara a interpretação pretendida pela revista.

21. (Vunesp-SP) Em "... **com as últimas chuvas, o verde** rebentou **verdíssimo**", identifique as funções sintáticas dos segmentos em destaque.

22. (Unimep-SP) Em: "... as empregadas das casas saem **apressadas**, de latas e garrafas na mão, para a pequena fila **de leite**", os termos destacados são, respectivamente:

a) adjunto adverbial de modo e adjunto adverbial de matéria.

b) predicativo do sujeito e adjunto adnominal.

c) adjunto adnominal e complemento nominal.

d) adjunto adverbial de modo e adjunto adnominal.

e) predicativo do sujeito e complemento nominal.

23. (Unimep-SP) "Três seres esquivos que compõem em torno à mesa a constituição tradicional da família, **célula da sociedade**." O termo destacado é:

a) complemento nominal.

b) vocativo.

c) agente da passiva.

d) objeto direto.

e) aposto.

24. (UFV-MG)

Cessa **o estrondo das cachoeiras**, e com ele
A memória **dos índios**, pulverizada,
Já não desperta **o mínimo arrepio**.

(Carlos Drummond de Andrade)

No texto acima, as expressões destacadas são, respectivamente:

a) sujeito, complemento nominal, objeto direto.

b) sujeito, adjunto adnominal, objeto direto.

c) objeto direto, adjunto adnominal, sujeito.

d) objeto direto, complemento nominal, objeto direto.

e) adjunto adverbial, objeto indireto, sujeito.

25. (UFSC) Observe os períodos abaixo e assinale a alternativa em que *lhe* é adjunto adnominal.

a) ... anunciou-lhe: Filho, amanhã vais comigo.

b) O peixe caiu-lhe na rede.

c) Ao traidor, não lhe perdoaremos jamais.

d) Comuniquei-lhe o fato ontem pela manhã.

e) Sim, alguém lhe propôs emprego.

26. (UPM-SP) Em "Aeromoça na burocracia me dá ideia de um pé de gerânio intimado a viver e florir dentro de um armário fechado."

as expressões "de um pé" e "de gerânio" são, respectivamente:

a) adjunto adnominal, complemento nominal.

b) complemento nominal, adjunto adnominal.

c) objeto indireto, complemento nominal.

d) adjunto adnominal, adjunto nominal.

e) complemento nominal, complemento nominal.

27. (FCMSC-SP) Examinar as três frases abaixo:

I. Comumente a ira se acende com sentimentos desumanos.

II. No campo reina a paz.

III. Ao sétimo dia, quando bateu, por volta da meia-noite, à porta da residência, ouviu rebuliço extraordinário.

Assinalar a alternativa correta quanto à existência de adjunto adverbial.

a) Não existe em nenhuma.

b) Existe nas três.

c) Existe apenas em I.

d) Existe em II e III.

e) Existe apenas em III.

28. (UFPel-RS) Preencha os parênteses da segunda coluna de acordo com o resultado da análise dos termos destacados na primeira.

a) Permanecemos todos **calados**.	( ) complemento nominal
b) Diz-me, **meu filho**, que fizeste hoje.	( ) aposto
c) **Este** vaso é o teu presente.	( ) objeto direto
d) Dera-lhe tudo: **casa**, **roupa**, **comida**.	( ) objeto indireto
e) Aquele desastre foi feito **por ele**.	( ) predicativo do sujeito
f) Temos necessidade **de ajuda**.	( ) predicativo do objeto direto
g) Ele chorou **de covarde**.	( ) adjunto adnominal
h) Elegeram-no **governador**.	( ) vocativo
i) Os pagãos **lhe** deram um tesouro.	( ) agente da passiva
	( ) adjunto adverbial

29. (FEI-SP) Resolva as questões a seguir conforme o código que segue.

a) adjunto adverbial de lugar

b) adjunto adverbial de tempo

c) adjunto adverbial de modo

d) adjunto adverbial de causa

I. **Segunda-feira** haverá um jogo importante.

II. **Com o mau tempo** não podemos trabalhar ao relento.

III. O livro foi acolhido **com entusiasmo** pelos leitores.

IV. O automóvel parou **perto do rio**.

30. (Efei-MG) Em todas as orações o termo destacado está analisado corretamente, **exceto** em:

a) Existe, nesta cidade, **um carpinteiro**. (objeto direto)

b) É importante **o apoio dos operários**. (sujeito)

c) Já tínhamos certeza **da derrota**. (complemento nominal)

d) O estudante permaneceu **inalterável**. (predicativo)

e) Renato, **o engenheiro**, logo protestou. (aposto)

Capítulo 22

Orações subordinadas substantivas

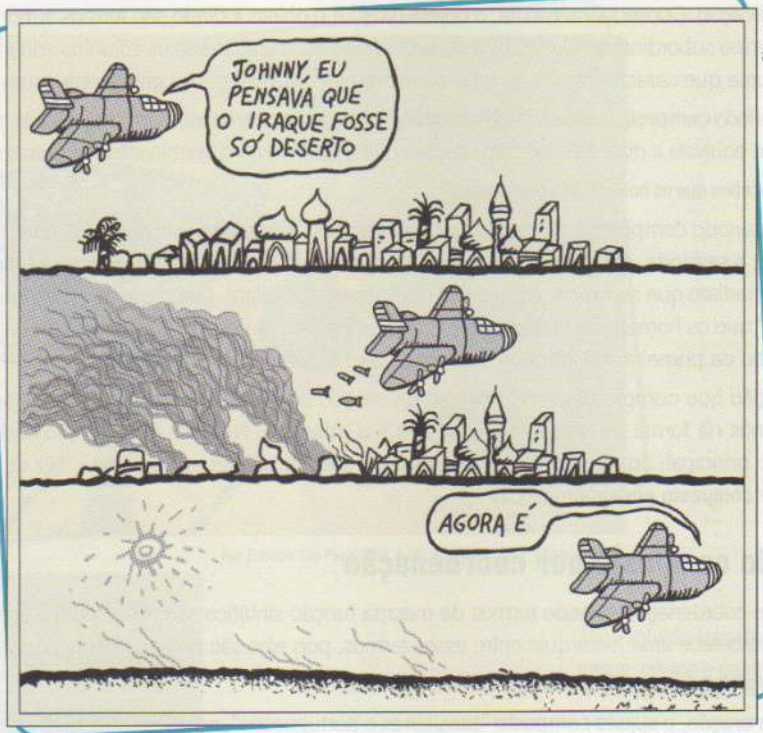

Simanca

O Pasquim 21, 8 abr. 2003. p. 27.

Neste capítulo, você começará a estudar a sintaxe do período composto. Poderá observar os processos sintáticos da subordinação e da coordenação, os tipos de orações subordinadas e, mais detalhadamente, as orações subordinadas substantivas. Na charge acima, "que o Iraque fosse só deserto" é uma oração subordinada substantiva. A charge refere-se ao bombardeio do Iraque realizado no início de 2003 pela coalização anglo-americana.

O estudo do período composto consiste fundamentalmente em investigar as relações que se estabelecem entre orações que pertencem a um mesmo período. Neste capítulo, você verá que as orações que atuam sintaticamente como um substantivo são chamadas de orações subordinadas substantivas.

1. Conceitos básicos

Você já sabe que período é uma frase organizada em orações. Já sabe também que no período simples existe apenas uma oração, chamada absoluta, e que no período composto existem duas ou mais orações. Essas orações podem se relacionar por meio de dois processos sintáticos diferentes: a subordinação e a coordenação.

Período composto por subordinação

Na subordinação, um termo atua como determinante de um outro termo. Essa relação se verifica, por exemplo, entre um verbo e seus complementos: os complementos são determinantes do verbo, integrando sua significação. Consequentemente, o objeto direto e o objeto indireto são termos subordinados ao verbo, que é o termo subordinante. Outros termos subordinados da oração são os adjuntos adnominais (subordinados ao nome que caracterizam) e os adjuntos adverbiais (subordinados geralmente a um verbo).

No período composto, considera-se subordinada a oração que desempenha função de termo de outra oração, o que equivale a dizer que existem orações que atuam como determinantes de outras orações. Observe:

Percebeu que os homens se aproximavam.

Esse período composto é formado por duas orações: a primeira estruturada em torno da forma verbal *percebeu*; a segunda, em torno da forma verbal *aproximavam*. A análise da primeira oração permite constatar de imediato que seu verbo é transitivo direto (perceber algo). O complemento desse verbo é, no caso, a oração "que os homens se aproximavam". Nesse período, a segunda oração funciona como objeto direto do verbo da primeira. Na verdade, o objeto direto de *percebeu* é "que os homens se aproximavam".

A oração que cumpre papel de um termo sintático de outra é **subordinada**; a oração que tem um de seus termos na forma de oração subordinada é a **principal**. No caso do exemplo dado, a oração "Percebeu" é principal; "que os homens se aproximavam" é oração subordinada. Diz-se, então, que esse período é **composto por subordinação**.

Período composto por coordenação

Ocorre coordenação quando termos de mesma função sintática são relacionados entre si. Nesse caso, não se estabelece uma hierarquia entre esses termos, pois eles são sintaticamente equivalentes. Observe:

Brasileiros e portugueses deveriam agir como irmãos.

Nessa oração, o sujeito composto "brasileiros e portugueses", adjetivos substantivados, apresenta dois núcleos coordenados entre si: os dois substantivos desempenham um mesmo papel sintático na oração.

Em *site*

<www.cultura.gov.br/site/?p=9905>. Acesso em: 28 abr. 2008.

Um dos momentos mais decisivos da história entre portugueses e brasileiros foi a chegada da família real portuguesa a terras brasileiras. A expedição foi liderada pelo rei Dom João VI, que era a figura máxima da realeza portuguesa e foi um dos principais artífices da modernização do Brasil. Sua estada em terras brasileiras rendeu alguns boatos não só sobre seu comportamento, mas também sobre o de toda a coroa portuguesa. No *site* do Ministério da Cultura, entre outros conteúdos interessantes, há diversos textos que desmistificam alguns desses boatos a respeito da vida desse polêmico e decisivo personagem de nossa história.

No período composto, a coordenação ocorre quando orações sintaticamente equivalentes se relacionam. Observe:

Comprei o livro, li os poemas e fiz o trabalho.

Nesse período, há três orações, organizadas a partir das formas verbais *comprei*, *li* e *fiz*. A análise dessas orações permite perceber que cada uma delas é sintaticamente independente das demais: na primeira, ocorre um verbo transitivo direto (*comprar*) acompanhado de seu respectivo objeto direto ("o livro"); na segunda, o verbo *ler*, também transitivo direto, com o objeto direto "os poemas"; na terceira, outro verbo transitivo direto, *fazer*, com o objeto direto "o trabalho". Nenhuma das três orações desempenha papel de termo de outra. São orações sintaticamente independentes entre si e, por isso, coordenadas. Nesse caso, o período é **composto por coordenação**.

Revista *Veja Ecologia*, dez. 2002, p. 7

Veja Ecologia. São Paulo: Abril, n. 22, dez. 2002, p. 6-7. Edição especial.

Neste anúncio, ocorre um período composto por coordenação. Note que a ordem das três orações é fixada por uma questão semântica e não sintática (os fatos indicados pelas orações obedecem à ordem cronológica).

Uma solução transformadora nasce, cresce e ganha asas.

Período composto por subordinação e coordenação

Existem períodos compostos em que se verificam os dois processos de organização sintática, ou seja, a subordinação e a coordenação. Observe:

Percebi que os homens se aproximavam e saí em desabalada carreira.

Nesse período, há três orações, organizadas respectivamente a partir das formas verbais *percebi*, *aproximavam* e *saí*. A oração organizada em torno de *percebi* tem como objeto direto a oração "que os homens se aproximavam" (perceber algo); "que os homens se aproximavam", portanto, é oração subordinada a *percebi*. Entre as orações organizadas em torno de *percebi* e *saí*, a relação é de coordenação, já que uma não desempenha papel de termo da outra. O período é composto por coordenação e subordinação.

Atividades

1. Nas orações seguintes, indique se os termos destacados são subordinados ou coordenados e explique por quê.
   a) **O presidente e o governador** irão à Europa.
   b) **Hoje** não será possível circular **pelo centro da cidade**.
   c) Considero o filme **brilhante, profundo, revolucionário**.
   d) Queremos **o país civilizado e o povo mais feliz**.
   e) **Cinema, futebol, boa conversa, nada** o animava.

2. Observe os períodos compostos seguintes e indique os processos sintáticos pelos quais as orações se relacionam.
   a) Ninguém sabe se ela vai aceitar o convite.
   b) Informe aos presentes que a reunião será cancelada.
   c) Vá ao banco, pague as contas e traga os comprovantes.
   d) Vá ao banco, pague as contas e prove a todos que você é capaz de honrar seus compromissos.
   e) "A Mata Atlântica, considerada pela Constituição federal de 1988 como 'patrimônio nacional', é hoje um dos biomas mais ameaçados de extinção de todo o planeta e está reduzida a menos de 8% de sua vegetação original." (Folheto da Fundação SOS Mata Atlântica)

Em livros

IANNI, Octávio. *A sociedade global*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2002.

O sociólogo brasileiro discute temas indispensáveis para o entendimento da globalização e de algumas de suas nefastas consequências: inviabilidade de uma guerra em tempos de armas nucleares, a desterritorialização, os métodos de poder global, a crise das ciências humanas, entre outros temas. O autor não deixa de dar atenção para a necessidade de se combaterem as catástrofes ecológicas, como a que vem acontecendo na Mata Atlântica há muito tempo.

2. Tipos de orações subordinadas

As orações subordinadas se dividem em três grupos, de acordo com a função sintática que desempenham e a classe de palavras a que equivalem. Podem ser substantivas, adjetivas ou adverbiais. Mais uma vez, valem os conceitos morfossintáticos, que, como você já sabe, combinam a morfologia e a sintaxe.

Subordinadas substantivas

Para analisar as diferenças que existem entre os três tipos de orações subordinadas, tomemos como base a análise de um período simples:

Só depois disso percebi a profundidade das palavras dele.

Nessa oração, o sujeito é *eu*, implícito na terminação verbal. "A profundidade das palavras dele" é objeto direto da forma verbal *percebi*. O núcleo do objeto direto é *profundidade*. Subordinam-se ao núcleo desse objeto os adjuntos adnominais *a* e "das palavras dele". No adjunto adnominal "das palavras dele", o núcleo é o substantivo *palavras*, ao qual se prendem os adjuntos adnominais *as* e *dele*. "Só depois disso" é adjunto adverbial de tempo.

É possível transformar a expressão "a profundidade das palavras dele", objeto direto, em oração. Observe:

Só depois disso percebi **quão profundas eram as palavras dele**.

Nesse período composto, o complemento da forma verbal *percebi* é a oração "quão profundas eram as palavras dele". Ocorre aqui um período composto por subordinação, em que uma oração desempenha a função de objeto direto do verbo da outra. O objeto direto é uma função substantiva da oração, ou seja, é função desempenhada por substantivos e palavras de valor substantivo. É natural, portanto, que a oração subordinada que desempenha esse papel seja chamada de **oração subordinada substantiva**.

Subordinadas adjetivas

Pode-se também modificar o período simples original transformando em oração o adjunto adnominal do núcleo do objeto direto, *profundidade*. Observe:

Só depois disso percebi a profundidade **que as palavras dele continham**.

Nesse período, o adjunto adnominal de *profundidade* passa a ser a oração "que as palavras dele continham". Você já sabe que o adjunto adnominal é uma função adjetiva, ou seja, é função exercida por adjetivos, locuções adjetivas e outras palavras de valor adjetivo. É por isso que são chamadas de **subordinadas adjetivas** as orações que, nos períodos compostos por subordinação, atuam como adjuntos adnominais de termos das orações principais.

Subordinadas adverbiais

Outra modificação que podemos fazer no período simples original é a transformação do adjunto adverbial de tempo em uma oração. Observe:

Só depois que caí em mim, percebi a profundidade das palavras dele.

Nesse período composto, "só depois que caí em mim" é uma oração que atua como adjunto adverbial de tempo do verbo da outra oração. O adjunto adverbial é uma função adverbial, ou seja, é função exercida por advérbios e locuções adverbiais. Portanto, são chamadas de **subordinadas adverbiais** as orações que, num período composto por subordinação, atuam como adjuntos adverbiais do verbo da oração principal.

É fácil perceber, assim, que a classificação das orações subordinadas decorre da combinação da função sintática que exercem com a classe de palavras que representam, ou seja, é a morfossintaxe que determina a classificação de cada oração subordinada. São subordinadas substantivas as que exercem funções substantivas (sujeito, objeto direto e indireto, complemento nominal, aposto, predicativo). São subordinadas adjetivas as que exercem funções adjetivas (atuam como adjuntos adnominais). São subordinadas adverbiais as que exercem funções adverbiais (atuam como adjuntos adverbiais, expressando as mais variadas circunstâncias).

Subordinadas desenvolvidas e reduzidas

Quanto à forma, as orações subordinadas podem ser desenvolvidas ou reduzidas. Observe:

Suponho que seja ela a mulher ideal.

Suponho ser ela a mulher ideal.

Nesses dois períodos compostos há orações subordinadas substantivas que atuam como objeto direto da forma verbal *suponho*. No primeiro período, a oração é "que seja ela a mulher ideal". Essa oração é introduzida por uma conjunção subordinativa (*que*) e apresenta uma forma verbal do presente do sub-

juntivo (*seja*). Trata-se de uma oração subordinada **desenvolvida**. Assim são chamadas as orações subordinadas que se organizam a partir de uma forma verbal do modo indicativo ou do subjuntivo e que são introduzidas, na maior parte dos casos, por conjunção subordinativa ou pronome relativo.

No segundo período, a oração subordinada "ser ela a mulher ideal" apresenta o verbo numa de suas formas nominais (no caso, infinitivo) e não é introduzida por conjunção subordinativa ou pronome relativo. Justamente por apresentar uma peça a menos em sua estrutura, essa oração é chamada de **reduzida**. As orações reduzidas apresentam o verbo numa de suas formas nominais (infinitivo, gerúndio ou particípio) e não apresentam conjunção ou pronome relativo (em alguns casos, são encabeçadas por preposições).

Revista *Carta Capital*, 18 jun. 2008, p. 53/Detalhe

"Pensando em você," é, quanto à forma, uma oração subordinada adverbial reduzida, pois apresenta o verbo numa forma nominal (o gerúndio) e não é introduzida por conjunção ou pronome relativo.

Carta Capital. São Paulo: Confiança, n. 500, 18 jun. 2008. p. 53. Edição especial.

Atividade

Transforme os períodos simples seguintes em períodos compostos por subordinação, substituindo os termos destacados por orações que desempenhem a mesma função sintática.

a) Sugeri ao prefeito **a suspensão da cobrança do imposto**.

b) Lembro com saudade os bons momentos **da infância**.

c) **Apesar da existência de provas incontestáveis**, o réu foi absolvido.

d) Ninguém quer que se chegue a uma crise **insuperável**.

e) Pedi **a liberação de mais recursos**.

f) **Durante o dia**, nada foi feito.

3. Estudo das orações subordinadas substantivas

Como você já viu, as orações subordinadas substantivas desempenham funções que no período simples normalmente são desempenhadas por substantivos. As orações substantivas podem atuar como sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, predicativo e aposto. Por isso são chamadas, respectivamente, de subjetivas, objetivas diretas, objetivas indiretas, completivas nominais, predicativas e

apositivas. Essas orações podem ser desenvolvidas ou reduzidas. As desenvolvidas normalmente se ligam à oração principal por meio das conjunções subordinativas integrantes *que* e *se*. As reduzidas apresentam verbo no infinitivo e podem ou não ser encabeçadas por preposição.

Subjetivas

As orações subordinadas substantivas subjetivas atuam como sujeito do verbo da oração principal. Observe:

É fundamental **o seu comparecimento à reunião**.

É fundamental **que você compareça à reunião**.

É fundamental **você comparecer à reunião**.

O primeiro período é simples. Nele, "o seu comparecimento à reunião" é sujeito da forma verbal *é*. Na ordem direta é mais fácil constatar isso: "O seu comparecimento à reunião é fundamental". Nos outros dois períodos, que são compostos, a expressão "o seu comparecimento à reunião" foi transformada em oração ("que você compareça à reunião" e "você comparecer à reunião"). Nesses períodos, as orações destacadas são subjetivas, já que desempenham a função de sujeito da forma verbal *é*. A oração "você comparecer à reunião", que não é introduzida por conjunção e tem o verbo no infinitivo, é reduzida.

Quando ocorre oração subordinada substantiva subjetiva, o verbo da oração principal sempre fica na terceira pessoa do singular. As estruturas típicas da oração principal nesse caso são:

a. verbo de ligação + predicativo

é bom... é conveniente... é melhor... é claro...

está comprovado parece certo fica evidente

Observe os exemplos:

É preciso que se adotem providências eficazes.

Parece estar provado que soluções mágicas não funcionam.

b. verbo na voz passiva sintética ou analítica

sabe-se... soube-se... comenta-se...

dir-se-ia... foi anunciado... foi dito...

Exemplos:

Sabe-se que o país carece de sistema de saúde digno.

Foi dito que tudo seria resolvido por ele.

c. verbos como *convir, cumprir, acontecer, importar, ocorrer, suceder, parecer, constar, urgir*, conjugados na terceira pessoa do singular. Exemplos:

Convém que você fique.

Consta que ninguém se interessou pelo cargo.

Parece ser ela a pessoa indicada.

Objetivas diretas

As orações subordinadas substantivas objetivas diretas atuam como objeto direto do verbo da oração principal:

Todos querem **que você compareça**.

Suponho **ser o Brasil o país de pior distribuição de renda no mundo**.

Nas frases interrogativas indiretas, as orações subordinadas substantivas objetivas diretas podem ser introduzidas pela conjunção subordinativa integrante *se* e por pronomes ou advérbios interrogativos. Observe:

Ninguém sabe	**se** ela aceitará a proposta.
	como a máquina funciona.
	onde fica o teatro.
	quanto custa o remédio.
	quando entra em vigor a nova lei.
	qual é o assunto da palestra.

Com os verbos *deixar, mandar, fazer* (chamados auxiliares causativos) e *ver, sentir, ouvir, perceber* (chamados auxiliares sensitivos) ocorre um tipo interessante de oração subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo. Observe:

Deixe-**me repousar**. Mandei-**os sair**. Ouvi-**o gritar**.

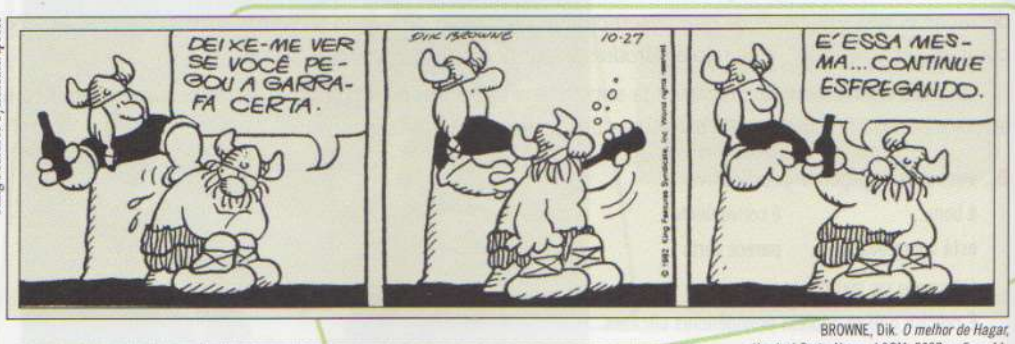

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 2007. v. 5, p. 11.

São comuns as ocorrências de pronomes oblíquos no papel de sujeito, como exemplifica o primeiro quadrinho. Observe também a conjunção subordinativa integrante *se* encabeçando a oração subordinada substantiva objetiva direta: "se você pegou a garrafa certa".

Nesses casos, as orações destacadas são todas objetivas diretas reduzidas de infinitivo. E, o que é mais interessante, os pronomes oblíquos atuam todos como sujeitos dos infinitivos verbais. Essa é a única situação da língua portuguesa em que um pronome oblíquo pode atuar como sujeito. Para perceber melhor o que ocorre, convém transformar as orações reduzidas em orações desenvolvidas:

Deixe **que eu repouse**. Mandei **que eles saíssem**. Ouvi **que ele gritava**.

Nas orações desenvolvidas, os pronomes oblíquos foram substituídos pelas formas retas correspondentes. É fácil perceber agora que se trata, efetivamente, dos sujeitos das formas verbais das orações subordinadas.

Objetivas indiretas

As orações subordinadas substantivas objetivas indiretas atuam como objeto indireto do verbo da oração principal:

Duvido **de que esse prefeito dê prioridade às questões sociais**.

Lembre-se **de comprar todos os remédios**.

Completivas nominais

As orações subordinadas substantivas completivas nominais atuam como complemento de um nome da oração principal:

Levo a leve impressão **de que já vou tarde**.

Tenho a impressão **de estar sempre no mesmo lugar**.

Observe que as objetivas indiretas integram o sentido de um **verbo**, enquanto as completivas nominais integram o sentido de um **nome**. Para distinguir uma da outra, é necessário levar em conta o termo complementado. Essa é, aliás, a diferença entre o objeto indireto e o complemento nominal: o primeiro complementa um verbo; o segundo, um nome. Nos exemplos dados acima, as orações subordinadas complementam o nome *impressão*.

Predicativas

As orações subordinadas substantivas predicativas atuam como predicativo do sujeito da oração principal:

A verdade é **que ele não passava de um impostor**.

Nosso desejo era **encontrares o teu caminho**.

OBSERVAÇÃO

Num período composto, é normal que um conjunto de orações subordinadas substantivas crie uma unidade sintática e semântica. Verifique o que ocorre no seguinte período:

É fundamental que você demonstre que é favorável a que o contratem.

Qual o sujeito da primeira forma verbal *é*? Responder a essa pergunta equivale a dizer o que é fundamental para quem fez a afirmação contida na frase. E a resposta é longa: "que você demonstre que é favorável a que o contratem" – afinal, é isso que é fundamental para quem fez a afirmação. Como classificar o bloco? Na verdade, o bloco todo funciona como sujeito da primeira forma verbal *é*, mas não se pode dizer que tudo isso seja uma oração subordinada substantiva subjetiva, já que há no trecho três orações. Deve-se dizer que o núcleo do sujeito da forma verbal *é* é a oração "que você demonstre", cujo verbo (*demonstre*) é transitivo direto; seu objeto direto é "que é favorável a que o contratem", cujo núcleo é "que é favorável". O nome *favorável*, por sua vez, é complementado pela oração "a que o contratem", oração subordinada substantiva completiva nominal.

A VANTAGEM DE VIAJAR SEM UM DESTINO CERTO É QUE VOCÊ NUNCA FICA PERDIDO.

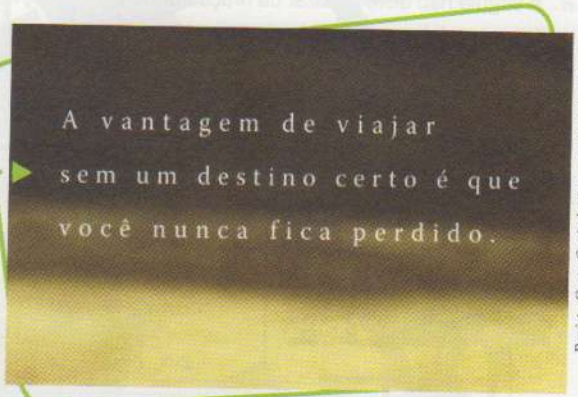

Revista *Carta Capital*, 18 jun. 2008, p. 42/Detalhe

Carta capital. São Paulo: Confiança, n. 500, 18 jun. 2008. p. 42-3. Edição especial.

No texto do anúncio, o predicativo do sujeito está representado pela oração "que você nunca fica perdido". Observe, ainda, a presença de uma oração subordinada substantiva completiva nominal, reduzida de infinitivo, completando o sentido da palavra *vantagem*.

Apositivas

As orações subordinadas substantivas apositivas atuam como aposto de um termo da oração principal:

De você espero apenas uma coisa: **que me deixe em paz**.

Só resta uma alternativa: **encontrar o remédio**.

Atividades

1. Transforme os termos destacados nos períodos seguintes em orações subordinadas substantivas. Depois, compare a frase original com a frase que você obteve, considerando dados como clareza, síntese, elegância.

a) Pressenti **sua chegada**.

b) O sucesso do projeto depende **do teu esforço**.

c) Sou contrário **à condenação do réu**.

d) O importante é **a sobrevivência da nossa emoção**.

e) Não preciso **de sua ajuda**.

f) Anunciaram **a tua saída**.

g) Lamento **vosso pouco interesse pelo projeto**.

2. Classifique as orações subordinadas substantivas destacadas nos períodos seguintes.

a) Ocorre **que o país necessita da reforma agrária**.

b) Comenta-se **que o país necessita da reforma agrária**.

c) Não negue **que o país necessita da reforma agrária**.

d) É óbvio **que o país necessita da reforma agrária**.

e) O fato é **que o país necessita da reforma agrária**.

f) Tenho certeza **de que o país necessita da reforma agrária**.

g) Não se pode duvidar **de que o país necessita da reforma agrária**.

h) Faço uma afirmação: **que o país necessita da reforma agrária**.

3. Observe atentamente os dois períodos compostos seguintes e indique a diferença de sentido que há entre eles.

Diga se você me quer.
Diga que você me quer.

4. Pontuação das subordinadas substantivas

A pontuação dos períodos compostos em que surgem orações subordinadas substantivas segue os mesmos princípios que se adotam no período simples para as funções sintáticas a que essas orações equivalem:

a. A vírgula não deve separar da oração principal as orações subjetivas, objetivas diretas, objetivas indiretas, completivas nominais e predicativas – afinal, sujeitos, complementos verbais e nominais não são separados por vírgula dos termos a que se ligam. O mesmo critério se aplica para o predicativo nos predicados nominais.

2003 Tribune Media/ Intercontinental Press

A.C. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 14 abr. 2003.

As orações subordinadas substantivas objetivas diretas não se separam da principal por vírgula, como se observa no primeiro balão desta tira (a oração objetiva direta é "como perder 15 quilos por semana").

b. A oração subordinada substantiva apositiva deve ser separada da oração principal por vírgula ou dois-pontos, exatamente como ocorre com o aposto:

O boato, de que o presidente renunciaria, espalhou-se rapidamente.

Imponho-lhe apenas uma tarefa: que administre bem o dinheiro público.

Atividade

Pontue adequadamente as frases seguintes. Leve em conta a possibilidade de não usar nenhum sinal de pontuação.

a) Sempre me pede que o auxilie que interceda em seu favor que faça as coisas por ele.

b) Não duvido de que tudo possa ser resolvido por um simples aperto de mão.

c) Em sua canção "Imagine" Lennon manifestava um sonho que a humanidade vivesse em paz.

d) Não surpreende constatar que muitos brasileiros ainda imaginam ser possível resolver os graves problemas do país com promessas demagógicas.

e) "Existirmos a que será que se destina?"

f) Quero apenas uma coisa que você faça o que lhe convier.

g) Não existe a menor possibilidade de que ele se interesse pelos problemas das classes menos favorecidas.

h) Informamos a todos os interessados que José Joaquim Xavier Sampaio de Andrade é funcionário da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos desde 1988.

Textos para análise

1

Poema da necessidade

É preciso casar João,
é preciso suportar Antônio,
é preciso odiar Melquíades,
é preciso substituir nós todos.

É preciso salvar o país,
é preciso crer em Deus,
é preciso pagar as dívidas,
é preciso comprar um rádio,
é preciso esquecer fulana.

É preciso estudar volapuque,
é preciso estar sempre bêbado,
é preciso ler Baudelaire,
é preciso colher as flores
de que rezam velhos autores.

É preciso viver com os homens,
é preciso não assassiná-los,
é preciso ter mãos pálidas
e anunciar O FIM DO MUNDO.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Reunião: 10 livros de poesia*. 8. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977. p. 47.

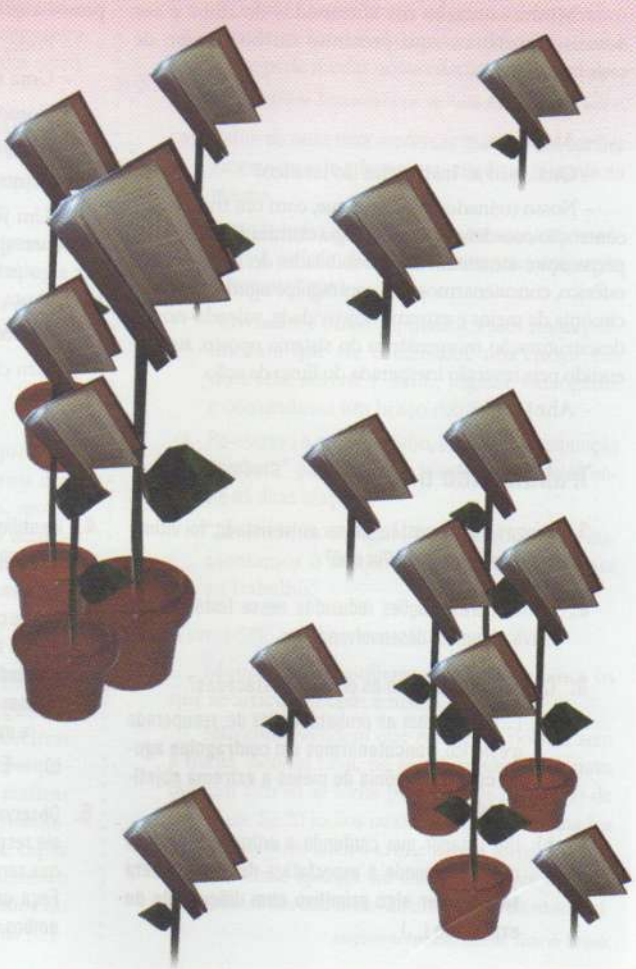

Trabalhando o texto

1. Com exceção de dois versos, todos os demais possuem estrutura semelhante. Por que o autor construiu assim o poema?
2. Do ponto de vista sintático, como se organizam os versos?
3. O último verso apresenta estrutura diferente. Comente-a explicando por que a mudança ocorre justamente nesse verso.
4. Do ponto de vista semântico, que relação existe entre os vários versos que compõem o poema e o último?
5. Em que medida a estrutura sintática das orações corrobora o sentido do poema?

2

Esteriotipagem

Jogadores de futebol podem ser vítimas de estereotipagem. Por exemplo, você pode imaginar um jogador de futebol dizendo "estereotipagem"? E no entanto, por que não?

– Aí, campeão. Uma palavrinha pra galera.

– Minha saudação aos aficionados do clube e aos demais esportistas, aqui presentes ou no recesso de seus lares.

– Como é?

– Aí, galera.

– Quais são as instruções do técnico?

– Nosso treinador vaticinou que, com um trabalho de contenção coordenada, com energia otimizada, na zona de preparação, aumentam as probabilidades de, recuperado o esférico, concatenarmos um contragolpe agudo com parcimônia de meios e extrema objetividade, valendo-nos da desestruturação momentânea do sistema oposto, surpreendido pela reversão inesperada do fluxo da ação.

– Ahn?

– É pra dividir no meio e ir pra cima pra pegá eles sem calça.

– Certo. Você quer dizer mais alguma coisa?

– Posso dirigir uma mensagem de caráter sentimental, algo banal, talvez mesmo previsível e piegas, a uma pessoa à qual sou ligado por razões, inclusive, genéticas?

– Pode.

– Uma saudação para a minha progenitora.

– Como é?

– Alô mamãe!

– Estou vendo que você é um, um...

– Um jogador que confunde o entrevistador, pois não corresponde à expectativa de que o atleta seja um ser algo primitivo com dificuldade de expressão e assim sabota a estereotipagem?

– Estereoque?

– Um chato?

– Isso.

VERISSIMO, Luis Fernando. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 2 dez. 2007. Cultura, p. D18.

Trabalhando o texto

1. O jogador em questão, ao ser entrevistado, foi vítima da estereotipagem? Por quê?
2. Há inúmeras orações reduzidas nesse texto. Re-escreva algumas, desenvolvendo-as.
3. Que funções exercem as orações destacadas?
   a) (...) aumentam as probabilidades de, recuperado o esférico, **concatenarmos um contragolpe agudo com parcimônia de meios e extrema objetividade.**
   b) Um jogador que confunde o entrevistador, pois não corresponde à expectativa **de que o atleta seja um ser algo primitivo com dificuldade de expressão** (...)
4. Identifique as orações principais das que estão em destaque; em seguida, classifique-as.
   a) Nosso treinador vaticinou que, com um trabalho de contenção coordenada, com energia otimizada, na zona de preparação, **aumentam as probabilidades** de, recuperado o esférico, concatenarmos um contragolpe agudo com parcimônia de meios e extrema objetividade (...)
   b) – Estou vendo **que você é um, um...**
5. Observe a diferença entre as falas do jogador quando ele responde pela primeira vez ao repórter e as falas que servem para "traduzir" o conteúdo das primeiras. Faça um comentário sobre a estrutura sintática de ambos os tipos.

Questões de exames e concursos

1. (UPM-SP)

01 Curiosa palavra. Idoso. O que acumulou idade. Também tem o

02 sentido de quem se apega à idade. Ou que a esbanja (como gostoso

03 ou dengoso). Se é que não significa alguém que está indo, alguém

04 em processo de ida. Em contraste com os que ficam, os ficosos...

(Luis Fernando Verissimo)

Assinale a afirmativa correta a respeito do trecho citado.

a) O uso de termos sintaticamente relacionados em frases independentes sugere, pela fragmentação, a ideia de raciocínio em elaboração.

b) A separação de sujeitos e predicados ressalta a expressividade do trecho, ainda que demonstre desobediência aos padrões de emprego dos sinais (pontos, vírgulas).

c) O isolamento dos termos-chave do texto (*Idoso, os ficosos*) permite concluir que o autor está satirizando a dificuldade de manipular a linguagem característica dos que chegam à terceira idade.

d) A utilização de reticências na frase final comprova que ela ficou incompleta, destituída, pois, de sentido.

e) Entre *indo* e *alguém*, a vírgula é empregada para separar elementos de uma listagem ou enumeração.

2. (PUC-RJ)

A revolução do cérebro

O seu cérebro é capaz de quase qualquer coisa. Ele consegue parar o tempo, ficar vários dias numa boa sem dormir, ler pensamentos, mover objetos a distância e se reconstruir de acordo com a necessidade. Parecem superpoderes de histórias em quadrinhos, mas são apenas algumas das descobertas que os neurocientistas fizeram ao longo da última década.

Algumas dessas façanhas sempre fizeram parte do seu cérebro e só agora conseguimos perceber. Outras são fruto da ciência: ao decifrar alguns mecanismos da nossa mente, os pesquisadores estão encontrando maneiras de realizar coisas que antes pareciam impossíveis. O resultado é uma revolução como nenhuma outra, capaz de mudar não só a maneira como entendemos o cérebro, mas também a imagem que fazemos do mundo, da realidade e de quem somos nós. [...]

O seu corpo, ao que parece, é muito pequeno para conter uma máquina tão poderosa quanto o cérebro. Prova disso veio em julho, quando foram divulgadas as aventuras de Matthew Nagle, um americano que ficou paralítico em uma briga em 2001. Três anos depois, cientistas da Universidade Brown, EUA, e de quatro outras instituições implantaram eletrodos na parte do cérebro dele responsável pelos movimentos dos braços e registraram os disparos de mais de 100 neurônios.

Enviados a um computador, esses sinais permitiram que ele controlasse um cursor em uma tela, abrisse *e-mails*, jogasse videogames e comandasse um braço robótico. Somente com o pensamento, Nagle conseguiu mover objetos.

(...) Foi (...) uma prova de que o nosso cérebro é capaz de comandar objetos fora do corpo – uma ideia que pode mudar nossa relação com o mundo.

Extraído da Revista *Superinteressante*. São Paulo: Abril, ago. 2006. p.50-9.

a) Retire do texto uma expressão que tem um caráter excessivamente informal em relação ao restante do mesmo.

b) Fazendo todas as modificações necessárias, re-escreva o período abaixo sem empregar a conjunção integrante "**que**".

"Enviados a um computador, esses sinais permitiram que ele controlasse um cursor em uma tela, abrisse *e-mails*, jogasse videogame e comandasse um braço robótico."

c) Re-escreva o período abaixo, utilizando a conjunção "**embora**" para marcar a relação estabelecida entre as duas orações.

"Inventamos a maravilha do automóvel e aumentamos o tempo perdido para ir de casa ao trabalho."

3. (Fuvest-SP)

Muitos políticos olham com desconfiança os que se articulam com a mídia.

Não compreendem que não se faz política sem a mídia. Jacques Ellul, no século passado, afirmava que um fato só se torna político pela mediação da imprensa. Se 20 índios ianomâmis são assassinados e ninguém ouve falar, o crime não se torna um fato político. Caso apareça na televisão, o que era um mistério da floresta torna-se um problema mundial.

Adaptado de Fernando Gabeira, *Folha de S.Paulo*.

a) Explique a distinção, explorada no texto, entre dois tipos de fatos: um, relacionado a "mistério da floresta"; outro, relacionado a "problema mundial".

b) Re-escreva os dois períodos finais do texto, começando com "Se 20 índios fossem assassinados..." e fazendo as adaptações necessárias.

4. (UEPG-PR) Sobre o período "Não é possível que o senhor não ame, e que, amando, julgue um sentimento de tal grandeza incômodo", estão corretas as afirmações:

01) As duas orações introduzidas pela palavra "que" exercem, em relação à principal, uma função substantiva de sujeito.

02) Dentre as duas orações reduzidas, uma tem valor causal.

04) A palavra "que", nas duas orações subordinadas que introduz, é pronome relativo.

08) As duas orações introduzidas pela palavra "que" relacionam-se entre si por meio do processo de coordenação.

16) Dentre as quatro orações constituintes, uma tem a forma reduzida.

5. (FGV-SP) Assinale a alternativa cuja oração em destaque tem a mesma classificação sintática que a oração destacada no período – Frederick Douglass ensinou **que a alfabetização é o caminho da escravidão para a liberdade.**

a) ... espero que não [as] tenhamos nestes [próximos] cem anos.

b) ... um tipo de máquina do fracasso perpétuo que esmigalha os sonhos de geração a geração.

c) ... os Estados Unidos se vangloriavam de ter um dos índices mais elevados de cidadãos alfabetizados no mundo.

d) Mas os colonizadores norte-americanos, compreendendo em que consiste a liberdade, não pensavam assim.

e) ... solucionar os dilemas que nos perseguem.

6. (TA-MG/Fundec) Assinale a alternativa em que esteja **incorreta** a classificação do período e da oração sublinhada.

a) Soube-se que ela chega hoje. (Período composto por subordinação; oração subordinada substantiva subjetiva.)

b) Carlos saiu cedo e voltou de madrugada. (Período composto por coordenação; oração coordenada sindética aditiva.)

c) Parece que vai chover novamente. (Período composto por subordinação; oração subordinada substantiva objetiva direta.)

d) O certo é que a cidade cresceu muito. (Período composto por subordinação; oração subordinada substantiva predicativa.)

7. (TJ-SP/Vunesp-SP) É importante que todos participem da reunião.

O segmento que todos participem da reunião, em relação a **É importante**, é uma oração subordinada:

a) adjetiva com valor restritivo.

b) substantiva com a função de sujeito.

c) substantiva com a função de objeto direto.

d) adverbial com valor condicional.

e) substantiva com a função de predicativo.

8. (PUC-SP) Em "Considerei, por fim, **que assim é o amor**...", a oração destacada tem, em relação à oração não destacada:

a) valor de adjetivo e função sintática de predicativo do sujeito.

b) valor de advérbio e função sintática de adjunto adverbial de modo.

c) valor de substantivo e função sintática de objeto direto.

d) valor de substantivo e função sintática de sujeito.

e) valor de adjetivo e função sintática de adjunto adnominal.

9. (Febasp) "Se para os clássicos a realidade era clássica, para os românticos, romântica, suprarreal para os surrealistas, econômica para os engajados – para Duras a realidade é subjetiva e fragmentada. Assim ela se liberta da necessidade de contar histórias e de uma certa concepção balzaquiana de romance, que é a concepção que vigora ainda em muitas praças e que, feliz ou infelizmente, tem mais livre curso."

(O Estado de S. Paulo)

Considere o seguinte trecho: "Se para os clássicos a realidade era clássica, para os românticos, romântica, suprarreal para os surrealistas, econômica para os engajados – para Duras a realidade é subjetiva...".

No período acima há:

a) um período composto de duas orações, pois há apenas dois verbos.

b) um período simples de duas orações, pois são orações independentes entre si.

c) um período composto de cinco orações, embora haja apenas dois verbos; os outros verbos, assim como os sujeitos, estão ocultos; ou seja, houve zeugma.

d) um período composto de duas orações: uma condicional e uma coordenada assindética.

10. (Fuvest-SP) "Anteontem aconteceu o que era inevitável, mas nos encantou como se fosse inesperado: meu pé de milho pendoou." (Rubem Braga)

A oração a que pertence o verbo *encantar* é introduzida pela conjunção *mas*, que a torna coordenada; por outro lado, o pronome relativo *que* faz dela uma subordinada. Como você pode explicar essa dualidade?

11. (Vunesp-SP) "A conclusão é a de que mais vale um pássaro na mão do que nenhum."

a) Como se poderia analisar sintaticamente a oração em que ocorre o verbo *vale*?

b) Descomplique o período acima, alterando-o de modo a evitar o uso do pronome *a*.

12. (PUC-SP) Em relação ao trecho "... e no fim declarou-me **que eu tinha medo de que você me esquecesse**", as orações destacadas são, respectivamente:

a) subordinada substantiva objetiva indireta, subordinada substantiva objetiva direta.

b) subordinada substantiva predicativa, subordinada substantiva objetiva direta.

c) subordinada substantiva objetiva direta, subordinada substantiva completiva nominal.

d) subordinada substantiva objetiva direta, subordinada substantiva objetiva indireta.

e) subordinada substantiva subjetiva, subordinada substantiva predicativa.

13. (Febasp) "Seria temerário afirmar que a melhor arte de São Paulo está hoje nos muros – cheios de grafites – e não na Bienal de Arte do Ibirapuera. Seria discutível dizer que os artistas mais expressivos não estão nas galerias de arte da cidade – e sim exatamente nos mesmos muros enfeitados com os grafites... É bom, no entanto, não confundir grafite com pichação! Pichação, diriam todos, é tudo aquilo que emporcalha a cidade, do nome do político impresso na parede à piada de mau gosto ou à declaração de amor..." (Revista *Veja*)

Dos períodos retirados do texto, qual é aquele que não tem oração subordinada substantiva subjetiva?

a) "Seria temerário afirmar que a melhor arte de São Paulo está hoje nos muros cheios de grafite..."

b) "Pichação, diriam todos, é tudo aquilo que emporcalha a cidade, do nome do político impresso na parede à piada de mau gosto ou à declaração de amor..."

c) "Seria discutível dizer que os artistas mais expressivos não estão nas galerias de arte da cidade e sim exatamente nos muros enfeitados com grafite..."

d) "É bom, no entanto, não confundir grafite com pichação..."

14. (UFRGS) Substituir a oração destacada por um nome de sentido equivalente, efetuando as mudanças necessárias.

a) Não importou, na época, **que os inimigos de Nostradamus aprovassem ou não seus métodos**.

b) Notou-se perfeitamente **que a sua atitude foi audaz**.

15. (UEL-PR) "Ninguém mais acreditava que ainda houvesse meios de salvá-lo."

Há, no período acima:

a) três orações subordinadas.

b) uma oração principal e uma subordinada.

c) uma oração subordinada reduzida.

d) uma oração subordinada subjetiva.

e) uma oração subordinada objetiva indireta.

16. (UFV-MG) As orações subordinadas substantivas que aparecem nos períodos abaixo são todas subjetivas, **exceto**:

a) Decidiu-se que o petróleo subiria de preço.

b) É muito bom que o homem, vez por outra, reflita sobre sua vida.

c) Ignoras quanto custou meu relógio?

d) Perguntou-se ao diretor quando seríamos recebidos.

e) Convinha-nos que você estivesse presente à reunião.

17. (Unicamp-SP) Os computadores facilitam a re-elaboração de textos, pois permitem, entre outras coisas, incluir e apagar trechos. A introdução dessa tecnologia na composição de jornais começou a produzir um tipo especial de erro, devido provavelmente ao fato de que o autor se esquece de eliminar partes de versões anteriores, após introduzir modificações. No trecho abaixo, por exemplo, há duas expressões de sentido equivalente, uma das quais deveria ter sido eliminada:

Isso porque não é necessário que nesse estágio o Planalto não precisa ainda apresentar sua defesa.

Folha de S.Paulo, 5 set. 1992.

a) Identifique as expressões de sentido equivalente que não podem, neste trecho, ser usadas simultaneamente.

b) Re-escreva o trecho de duas maneiras, utilizando, a cada vez, apenas uma das expressões que você identificou.

18. (FCL-SP) Qual a classificação sintática da oração destacada?

É evidente **que ele não sabe**.

19. (FCMSC-SP) A palavra *se* é conjunção subordinativa integrante (introduzindo oração subordinada substantiva objetiva direta) em qual das frases seguintes?

a) Ele se morria de ciúmes pelo patrão.

b) A Federação arroga-se o direito de cancelar o jogo.

c) O aluno fez-se passar por doutor.
d) Precisa-se de pedreiros.
e) Não sei se o vinho está bom.

20. (PUC-SP) Assinale a alternativa cuja oração subordinada é substantiva predicativa.

a) Espero que venhas hoje.
b) O aluno que trabalha é bom.
c) Meu desejo é que te formes logo.
d) És tão inteligente como teu pai.
e) n.d.a.

21. (PUC-SP) Nos trechos "... não é impossível que a notícia da morte me deixasse alguma tranquilidade, alívio, e um ou dois minutos de prazer" e "Digo-vos que as lágrimas eram verdadeiras", a palavra *que* está introduzindo, respectivamente, orações:

a) subordinada substantiva subjetiva, subordinada substantiva objetiva direta.
b) subordinada substantiva objetiva direta, subordinada substantiva objetiva direta.
c) subordinada substantiva subjetiva, subordinada substantiva subjetiva.
d) subordinada substantiva completiva nominal, subordinada adjetiva explicativa.
e) subordinada adjetiva explicativa, subordinada substantiva predicativa.

22. (PUC-SP) "Pode-se dizer **que a tarefa crítica é puramente formal**."

No texto acima, temos uma oração destacada que é ... e um *se* que é ... .

a) substantiva objetiva direta, partícula apassivadora
b) substantiva predicativa, índice de indeterminação do sujeito
c) relativa, pronome reflexivo
d) substantiva subjetiva, partícula apassivadora
e) adverbial consecutiva, índice de indeterminação do sujeito

23. (Faap-SP) Substitua por substantivos as orações destacadas, fazendo as adaptações necessárias.

Desejo **que vocês viajem bem e descansem bastante**.

24. (Faap-SP) "Assim nos encontrou nesta contemplação de Zé Brás, com o doce aviso **de que estava na mesa a ceiazinha**." A oração destacada é:

a) objetiva direta.
b) objetiva indireta.
c) completiva nominal.
d) subjetiva.
e) predicativa.

25. (Acafe-SC) No período: "Não me parece bonito **que o nosso Bentinho ande metido nos cantos com a filha do Tartaruga**...", a oração destacada é:

a) subordinada substantiva objetiva indireta.
b) subordinada substantiva objetiva direta.
c) subordinada substantiva subjetiva.
d) subordinada substantiva completiva nominal.
e) subordinada substantiva predicativa.

26. (PUC-SP) Assinale o período em que a oração destacada é substantiva apositiva.

a) Não me disseram **onde moravas**.
b) A rua **onde moras** é muito movimentada.
c) Só me interessa saber uma coisa: **onde moras**.
d) Morarei **onde moras**.
e) n.d.a.

27. (Fuvest-SP) Indique o objeto direto do verbo destacado.

... **fui dizer** à minha mãe que a escrava é que estragara o doce...

28. (Fuvest-SP) Dos termos destacados nas orações que seguem, diga qual deles tem função sintática idêntica a "Ser objeto do ódio daquele homem" em "Tornara-se doloroso para mim ser objeto do ódio daquele homem.".

a) "Não seria conveniente **tramar toda aquela história**."
b) "Dizia **ser ele homem de moral forte**."
c) "O pretexto era **sair daquele lugar incômodo**."

29. (Unimar-SP) A seguir estão exemplificadas três orações reduzidas de infinitivo:

I. Era preciso tirar a pressão da gestante.
II. Deus o livre de ser logrado, ainda mais pela sogra!
III. Por ser da minha terra é que sou nobre, por ser da minha gente é que sou rico.

Entre elas, também é substantiva:

a) a I apenas.
b) a II apenas.
c) a III apenas.
d) a I e a II.
e) a I e a III.

30. (UFMG) Dê a função sintática dos termos destacados.

a) O criado e a ama, diziam, estavam lá dentro **em interrogatório**.
b) Na hora de dormir foi que senti de verdade a ausência **de minha mãe**.
c) Pela minha cabeça passavam, às pressas e truncados, **os sucessos do dia**.
d) Sempre que estava comigo, era a me beijar, a **me** contar histórias.
e) Junto dela eu não sentia necessidade **dos meus brinquedos**.
f) Sempre que perguntava a minha mãe **por que não me levava para o engenho**, ela se desculpava com o emprego de meu pai.

Capítulo 23

Orações subordinadas adjetivas

Em 10 pulinhos
você conhece
uma empresa que é
Amiga da Criança.

Istoé. São Paulo: Três, 13 fev. 2002. p. 9.

Uma oração adjetiva nada mais é do que um adjunto adnominal em forma de oração. Assim como é possível dizer "empresa amiga da criança", em que o substantivo **empresa** é caracterizado pelo adjunto adnominal "amiga da criança", é possível dizer também "que é Amiga da Criança".

1. Estrutura das orações subordinadas adjetivas

Como você já viu, as orações subordinadas adjetivas têm esse nome porque equivalem a um adjetivo. Em termos sintáticos, essas orações exercem a função que normalmente cabe a um adjetivo, a de adjunto adnominal. Observe:

Não suporto gente mentirosa.

Não suporto gente que mente.

Comparando esses períodos, é fácil perceber que a oração "que mente" e a palavra *mentirosa* são morfossintaticamente equivalentes: têm papel morfológico de adjetivo e função sintática de adjunto adnominal do substantivo *gente*, que é núcleo do objeto direto da forma verbal *suporto*. "Que mente" é, portanto, uma oração subordinada adjetiva.

A conexão entre a oração subordinada adjetiva e o termo da oração principal que ela modifica é feita, no caso, pelo pronome relativo *que*. Vale relembrar um recurso didático largamente empregado – e já estudado neste livro, no capítulo destinado aos pronomes – para reconhecer o pronome relativo *que*: ele sempre pode ser substituído por *o/a qual, os/as quais*. "Gente que mente" equivale a "gente a qual mente"; "aluno que estuda" equivale a "aluno o qual estuda".

Convém lembrar também que é fundamental diferenciar o relativo *que* da conjunção integrante *que*, que introduz uma oração subordinada substantiva. Observe:

Diga às pessoas que me procurarem que estarei aqui depois do almoço.

O primeiro *que* é pronome relativo (que = as quais). A oração "que me procurarem", que caracteriza o substantivo *pessoas*, é adjetiva. O segundo *que*, que não pode ser substituído por nenhum outro termo, é conjunção integrante. A oração "que estarei aqui depois do almoço" é subordinada substantiva objetiva direta, já que funciona como complemento direto da forma verbal *diga*.

Duplo papel do pronome relativo

Além de conectar (ou relacionar, daí o nome *relativo*) duas orações, o pronome relativo desempenha uma função sintática na oração subordinada: ocupa o papel que seria exercido pelo termo que o antecede. Observe:

É preciso comer alimentos. Esses alimentos não devem fazer mal à saúde.

É preciso comer alimentos que não façam mal à saúde.

No primeiro caso, há dois períodos simples. No primeiro período, o substantivo *alimentos* exerce a função sintática de objeto direto de *comer*; no segundo, é núcleo do sujeito da locução verbal *devem fazer*. Quando os dois períodos simples são unidos num período composto, o substantivo *alimentos* deixa de ser repetido: em seu lugar, exercendo a função de sujeito da forma verbal *façam*, surge o pronome relativo *que*. Note que, para os dois períodos se unirem num período composto, foi preciso alterar o modo verbal da segunda oração.

Não é só o pronome relativo *que* que desempenha função sintática. Aos demais relativos (já estudados no capítulo destinado aos pronomes) também se aplica o mesmo raciocínio. Ainda neste capítulo, você verá as funções sintáticas desses relativos.

Adjetivas desenvolvidas e reduzidas

Quando são introduzidas por um pronome relativo e apresentam verbo no modo indicativo ou subjuntivo, as orações subordinadas adjetivas são chamadas **desenvolvidas**. Além delas, existem as orações

subordinadas adjetivas **reduzidas**, que não são introduzidas por pronome relativo (podem ser introduzidas por preposição) e apresentam o verbo numa das formas nominais (infinitivo, gerúndio ou particípio). Observe:

Ele foi o primeiro aluno que se apresentou.

Ele foi o primeiro aluno a se apresentar.

No primeiro período, há uma oração subordinada adjetiva desenvolvida, já que é introduzida pelo pronome relativo *que* e apresenta verbo conjugado no pretérito perfeito do indicativo. No segundo, há uma oração subordinada adjetiva reduzida de infinitivo: não há pronome relativo e seu verbo está no infinitivo.

Atividade

Re-escreva as frases seguintes, substituindo os termos destacados por orações subordinadas que exerçam as mesmas funções sintáticas. Depois, comente as diferenças entre as frases originais e as que você obteve, considerando dados como clareza, síntese, elegância.

a) Várias empresas tiveram prejuízos **incalculáveis**.

b) Em todas as discussões, sempre apresenta argumentos **indesmentíveis**.

c) Os italianos, **notáveis bebedores de vinho e comedores de pizza**, negam-se a permitir a descaracterização de seus hábitos alimentares.

d) O país, **grande exportador de matérias-primas**, enfrenta uma crise econômica interminável.

e) O país, grande exportador de matérias-primas, enfrenta uma crise econômica **interminável**.

2. Aspectos semânticos: orações restritivas e explicativas

Na relação que estabelecem com o termo que caracterizam, as orações subordinadas adjetivas podem atuar de duas maneiras diversas. Há aquelas que restringem o sentido do termo antecedente, individualizando-o – são as chamadas subordinadas adjetivas **restritivas** –, e aquelas que realçam um detalhe ou amplificam dados sobre o antecedente, que já se encontra suficientemente definido – são as subordinadas adjetivas **explicativas**. Observe:

Jamais teria chegado aqui, não fosse a gentileza de um homem **que passava naquele momento**.

O homem, **que se considera racional**, muitas vezes age animalescamente.

No primeiro período, a oração "que passava naquele momento" restringe e particulariza o sentido da palavra *homem*: trata-se de um homem específico, único, que se caracteriza, no caso, por estar passando por um determinado lugar num determinado momento. A oração, na verdade, limita o universo de homens, isto é, não se refere a todos os homens. É, portanto, uma oração subordinada adjetiva restritiva. No segundo período, a oração "que se considera racional" não tem sentido restritivo em relação à palavra *homem*: na verdade, essa oração apenas explicita uma ideia que já sabemos estar contida no conceito de homem. A oração não faz referência a um determinado homem, e sim ao conjunto de homens, a todos os homens, a qualquer homem. Trata-se, portanto, de uma oração subordinada adjetiva explicativa.

Se você ler atentamente em voz alta os dois períodos acima, vai perceber que a oração subordinada adjetiva explicativa é separada da oração principal por uma pausa, que, na escrita, é representada pela vírgula. É comum, por isso, que a pontuação seja indicada como forma de diferenciar as orações explicativas das restritivas: de fato, as explicativas vêm sempre isoladas por vírgulas; as restritivas, não. Essa

diferença é facilmente perceptível quando se está diante de um período escrito por outrem; no entanto, quando é preciso redigi-lo, é necessário levar em conta as diferenças de significado que as orações restritivas e as explicativas implicam (afinal, é quem está escrevendo que vai ter de colocar as vírgulas nesse caso!). Em muitos casos, a oração subordinada adjetiva será explicativa ou restritiva de acordo com o que se pretende dizer. Observe:

Mandei um telegrama para meu irmão que mora em Roma.

Mandei um telegrama para meu irmão, que mora em Roma.

No primeiro período, é possível afirmar com segurança que a pessoa que fala ou escreve tem, no mínimo, dois irmãos, um que mora em Roma e um que mora em outro lugar. A palavra *irmão*, no caso, precisa ter seu sentido limitado, ou seja, é preciso restringir seu universo. Para isso se usa uma oração subordinada adjetiva restritiva. No segundo período, é possível afirmar com segurança que a pessoa que fala ou escreve tem apenas um irmão, o qual mora em Roma. A informação de que o irmão mora em Roma não é uma particularidade, ou seja, não é um elemento identificador, diferenciador, e sim um detalhe que se quer realçar.

Observe as diferenças de sentido produzidas nos períodos seguintes pelo uso de orações subordinadas adjetivas restritivas e explicativas:

a. exemplo 1

O país **que não trata a educação como prioridade** não pode fazer parte do rol das nações civilizadas.

O país, **que não trata a educação como prioridade**, não pode fazer parte do rol das nações civilizadas.

No primeiro período, faz-se uma afirmação de caráter genérico, irrestrito, que se aplica a todo e qualquer país que não trata a educação como prioridade. Restringindo a palavra *país*, a oração subordinada adjetiva restritiva limita, particulariza seu sentido, tornando-a aplicável a determinado grupo de países. No segundo período, faz-se referência a um país cuja situação é bem conhecida por quem fala e por quem ouve. No caso, a informação de que ele não trata a educação como prioridade é considerada um fato notório, a que se quer dar destaque.

AT Revista. Santos: A Tribuna de Santos Jornal e Editora, ano 4, n. 165, 27 jan. 2008. p. 11.

Exemplo de oração subordinada adjetiva explicativa: "que pode causar doenças físicas e emocionais sérias".

b. exemplo 2

Os homens **cujos princípios não são sólidos** acabam se corrompendo.

Os homens, **cujos princípios não são sólidos**, acabam se corrompendo.

No primeiro período, está-se afirmando que apenas alguns homens – aqueles que não têm princípios sólidos – são corruptíveis. O termo *homens* tem seu sentido particularizado, limitado pela oração subordinada adjetiva restritiva ("cujos princípios não são sólidos", introduzida pelo relativo *cujos*). No segundo período, faz-se uma afirmação de caráter genérico: todos os homens de um determinado universo (um clube, um partido político, uma escola, uma cidade, um país ou até mesmo o planeta todo) são corruptíveis, porque se considera a falta de solidez dos princípios uma característica comum a todo e qualquer homem de um determinado conjunto, que, como já foi dito, pode até ser o planeta todo. A oração subordinada adjetiva é, nesse caso, explicativa.

c. exemplo 3

A empresa tem duzentos funcionários **que moram em Guaratinguetá**.

A empresa tem duzentos funcionários, **que moram em Guaratinguetá**.

No primeiro período, afirma-se que a empresa tem mais de duzentos funcionários, dos quais duzentos moram em Guaratinguetá. A oração "que moram em Guaratinguetá" limita, restringe o sentido da palavra *funcionários*. É subordinada adjetiva restritiva. No segundo período, afirma-se que a empresa tem exatamente duzentos funcionários e que todos, absolutamente todos, moram em Guaratinguetá. A oração subordinada adjetiva é explicativa.

Atividade

Leia atentamente as frases de cada um dos pares seguintes e explique as diferenças de sentido existentes entre elas.

a) O time que não treina não consegue ganhar uma partida.
O time, que não treina, não consegue ganhar uma partida.

b) Está comprovada a participação dos policiais, cujos nomes tinham sido encontrados na agenda do traficante.
Está comprovada a participação dos policiais cujos nomes tinham sido encontrados na agenda do traficante.

c) Os jogadores, de quem se esperava no mínimo amor à camisa, simplesmente andaram em campo.
Os jogadores de quem se esperava no mínimo amor à camisa simplesmente andaram em campo.

d) A Cetesb enviará fiscais às cidades do litoral onde a poluição das praias é alarmante.
A Cetesb enviará fiscais às cidades do litoral, onde a poluição das praias é alarmante.

3. Pronomes relativos: usos e funções

Que

Você já viu neste livro, no capítulo destinado aos pronomes, que, por seu largo emprego, o relativo *que* é considerado relativo universal. Esse pronome pode ser usado para substituir pessoa ou coisa, que estejam no singular ou no plural. Sintaticamente, o relativo *que* pode desempenhar várias funções:

a. sujeito

O **homem que pensa vale por dois.**

b. objeto direto

"Bebi o café que eu mesmo preparei". (Manuel Bandeira)

c. objeto indireto

"Alegria, alegria" é uma das músicas de que mais gosto.

d. complemento nominal

As teses a que me mantenho fiel são muito polêmicas.

e. predicativo

O pessimista que eu era deu lugar a um insuportável sonhador.

f. agente da passiva

As teses por que você foi seduzido são puro delírio.

g. adjunto adverbial (no caso, de lugar)

A cidade em que nasci fica no Vale do Paraíba.

Pelos exemplos acima, percebe-se que, em alguns casos, o pronome relativo deve ser precedido da preposição apropriada à função que exerce. É o caso do objeto indireto (gostar *de* algo), do complemento nominal (fiel *a* algo), do agente da passiva (ser seduzido *por* alguém ou algo) e do adjunto adverbial de lugar (nascer *em* algum lugar). Na língua escrita formal, a omissão da preposição nesses casos é considerada erro.

Em livro

BANDEIRA, Manuel. *50 poemas escolhidos pelo autor*. Rio de Janeiro: Cosac Naify, 2006.

Dos 350 poemas escritos por Manuel Bandeira, estão reunidos neste livro cinquenta deles, que sintetizam a obra do poeta modernista. A antologia é diversificada, já que apresenta temas bem diferentes entre si: os poemas selecionados, e entre eles está o poema "Os sapos" – que abriu a Semana de Arte Moderna de 1922 –, falam de religião, erotismo, infância, além da própria arte de fazer poesia.

Quem

Como você já sabe, o pronome *quem* refere-se a pessoa ou a coisa personificada, no singular ou no plural. É sempre precedido de preposição, podendo exercer diversas funções sintáticas:

a. objeto direto preposicionado

Drummond, a quem admiro muito, influenciou-me profundamente.

b. objeto indireto

Este é o jogador a quem me refiro sempre.

c. complemento nominal

Este é o jogador a quem sempre faço referência.

d. agente da passiva

O médico por quem fomos assistidos é um dos mais renomados especialistas.

e. adjunto adverbial (no caso, de companhia)

A mulher com quem ele mora é grega.

O qual, os quais, a qual, as quais

Esses pronomes são usados com referência a pessoa ou coisa. Desempenham as mesmas funções que o pronome *que*; seu uso, entretanto, é bem menos frequente. Observe dois exemplos:

a. sujeito

Conhecemos uma das irmãs de Pedro, a qual trabalha na Alemanha.

Neste caso, o relativo *a qual* evita ambiguidade. Se fosse usado o relativo *que*, não seria possível determinar quem trabalha na Alemanha (Pedro ou uma de suas irmãs?).

b. adjunto adverbial

Não deixo de cuidar da grama, sobre a qual às vezes gosto de um bom cochilo.

A preposição *sobre*, dissilábica, tende a exigir o relativo sob as formas *o/a qual*, *os/as quais*, rejeitando a forma *que*.

Cujo, cuja, cujos, cujas

Cujo e suas flexões equivalem a *de que*, *do qual* (ou suas flexões *da qual*, *dos quais*, *das quais*), *de quem*. Estabelecem normalmente relação de posse entre o antecedente e o termo que especificam, atuando na maior parte das vezes como adjunto adnominal e em algumas construções como complemento nominal.

a. adjunto adnominal

Não consigo conviver com pessoas cujas aspirações sejam essencialmente materiais. (Não consigo conviver com pessoas/ As aspirações dessas pessoas são essencialmente materiais.)

b. complemento nominal

O livro, cuja leitura agradou muito aos alunos, trata dos tristes anos da ditadura. (cuja leitura = a leitura do livro)

No português falado no Brasil, esse pronome tem uso restrito às situações formais. Mesmo as pessoas de maior grau de escolaridade não costumam empregá-lo, optando por construções como:

A mulher que a casa foi invadida quer ir embora do bairro.

ou

A mulher que a casa dela foi invadida quer ir embora do bairro.

Essas construções são normais na língua falada informal, mas devem ser evitadas no padrão culto da língua. Em seu lugar, deve-se usar:

A mulher cuja casa foi invadida quer ir embora do bairro.

Observe que é erro o emprego de artigo definido depois do pronome *cujo*. São erradas construções como "A mulher cuja a casa foi invadida..." ou "O garoto, cujo o tio é professor..."; basta dizer "cuja casa" ou "cujo tio".

Onde

Onde só é pronome relativo quando equivale a *em que*. Quando se diz "Onde você nasceu?", não é possível pensar em pronome relativo; afinal, o período é simples, e você sabe que o pronome relativo só aparece no período composto, para substituir numa oração subordinada um termo da oração principal. No caso, *onde* é advérbio interrogativo.

Quando pronome relativo, *onde* só pode ser usado na indicação de lugar, atuando sintaticamente como adjunto adverbial de lugar:

Quero uma cidade tranquila, **onde** possa passar alguns dias em paz.

A cidade **onde** nasci fica no Vale do Paraíba.

É muito comum o uso de *onde* como relativo universal, um verdadeiro cola-tudo. Nota-se essa tendência sobretudo em declarações dadas a jornais e emissoras de rádio e TV por pessoas públicas, em que surgem frases como:

> Vai ser um jogo muito difícil, muito disputado, onde nós vamos tentar conseguir mais um resultado positivo.
>
> Vivemos uma época muito difícil, onde a violência gratuita é dominante.
>
> Não me alimentei bem, dormi mal, onde hoje não consegui uma boa marca.
>
> A economia está em franco processo de recessão, os salários estão congelados, onde a classe média não pode mais comprar como antes.

Na língua culta, escrita ou falada, *onde* deve ser limitado aos casos em que há indicação de **lugar físico**, espacial. Quando não houver essa indicação, deve-se preferir *em que, no qual* (e suas flexões *na qual, nos quais, nas quais*) e, nos casos da ideia de causa/efeito ou de conclusão, *portanto*:

> Vivemos uma época muito difícil, **em que** (**na qual**) a violência gratuita impera.
>
> A economia está em franco processo de recessão, os salários estão congelados, **portanto** (**por isso**) a classe média não pode mais comprar como antes.

INTRODUÇÃO

UMA QUESTÃO DE
SUSTENTO

A globalização ocorreu em um mundo onde mais de 1 bilhão de pessoas estão superalimentadas. Mesmo assim, cerca de 800 milhões ainda sofrem com a fome

Revista *Scientific American Brasil*, out. 2007, p. 30/Detalhe

Scientific American Brasil. São Paulo: Duetto, n. 65, out. 2007. p. 30-1.

O pronome relativo *onde* atua sempre como adjunto adverbial de lugar.

Uma questão de sustento – A globalização ocorreu em um mundo onde mais de 1 bilhão de pessoas estão superalimentadas.

Quanto, como, quando

Quanto, quantos e *quantas* são pronomes relativos quando seguem os pronomes indefinidos *tudo, todos* ou *todas*. Atuam principalmente como sujeito e objeto direto.

a. sujeito

Tente interrogar **todos quantos** participaram da selvageria.

b. objeto direto

Comeu **tudo quanto** queria.

Como e *quando* exprimem noções de modo e tempo, respectivamente; atuam, portanto, como adjuntos adverbiais de modo e de tempo:

> É estranho o modo **como** ele me trata.
>
> É a hora **quando** o sol começa a deitar-se.

Atividades

1. Em cada item abaixo, você encontrará duas orações que deverão ser transformadas num único período composto. Para isso, você deverá usar o pronome relativo adequado e, em alguns casos, fazer outras modificações.

a) Todas as crianças têm direito à escola. Muitas dessas crianças estão hoje nas ruas.

b) Muitas crianças poderiam tornar-se profissionais competentes. A essas crianças não se dá nenhuma oportunidade de estudar.

c) Boa parte da classe média brasileira tem comportamento extremamente violento. Tenho muito medo dessa boa parte da classe média brasileira.

d) Muitas crianças brasileiras não têm direito à infância. A vida dessas crianças é, desde cedo, miséria e exploração.

e) Não se pode sonhar com paz social no Brasil. No Brasil, existe a pior distribuição de renda do planeta.

2. Substitua os asteriscos pela preposição adequada para que as frases sejam consideradas apropriadas ao padrão culto da língua portuguesa. Pode haver casos em que nenhuma preposição seja necessária.

a) Esses problemas, (*) cujas causas conhecemos muito bem, podem ser facilmente resolvidos.

b) Algumas pessoas (*) quem sempre lhe falo participarão do seminário.

c) Esses amigos, (*) os quais sempre envio cartões quando viajo, nunca retribuem a lembrança.

d) São seres embrutecidos (*) os quais não é possível manter amizade.

e) Faz muito tempo que não vou à cidade (*) onde costumava passar as férias.

f) Ele perdeu a chave da porta (*) que costumamos entrar.

g) É um candidato (*) cujas promessas não se pode confiar.

h) É um candidato (*) cujo passado não se tem conhecimento.

i) Leve aquela calça, (*) a qual você fica muito bem.

j) O filme (*) que me refiro foi dirigido por Giuseppe Tornatore.

k) Você vai conhecer os trens (*) que sempre aludo com tanta saudade.

l) O transporte ferroviário é uma alternativa inteligente, (*) que sempre se esquecem os que fazem planejamento neste país.

m) Ele perdeu a chave da porta (*) onde costumava entrar.

Em DVD

Divulgação

***Cinema Paradiso*. Direção de Giuseppe Tornatore. Itália: Versátil, 1989. (155 min).**

Clássico italiano dirigido por Giuseppe Tornatore, é um tributo sensível à arte de fazer cinema. O filme conta a história do garoto Totó, morador de um vilarejo localizado no interior da Itália. Durante a Segunda Grande Guerra, sua diversão era fazer companhia a Alfredo, operador de projeção do Cinema Paradiso, a sala de cinema local. Alfredo ensina Totó a amar a sétima arte, e os dois têm suas vidas transformadas para sempre.

3. Os períodos seguintes são típicos da linguagem falada informal. Re-escreva-os, adequando-os à linguagem formal escrita.

a) É um grave problema que a solução não se consegue num passe de mágica.

b) Conheci uma garota que o pai dela é vereador.

c) O delegado suspeita de vários funcionários, que os nomes ele prefere manter em sigilo.

d) É uma situação onde todos nos sentimos muito constrangidos.

e) Estudei muito, dediquei-me de corpo e alma, onde acho que vou conseguir a vaga.

f) Foi um gesto onde todos nos sentimos recompensados.

g) É um remédio que os efeitos colaterais só aparecem depois de alguns anos.

4. As frases seguintes são ambíguas, truncadas, confusas ou não têm sentido. Proponha novas formas de redigi-las a fim de evitar os problemas verificados.

a) Expus minhas sugestões à comissão de desenvolvimento tecnológico, que permitirá novas perspectivas de trabalho.

b) O professor está interessado em defender todas as teses dos grupos ambientalistas, que, sem dúvida, apresentam problemas de interesse nacional.

c) Um médico abriu um consultório no bairro, que atende todas as tardes.

d) O time contratou um grande craque, que há muitos anos não ganha um título.

e) Estão procurando o assessor do governador em cujo carro o governador sofreu o acidente.

f) Viajou para o Rio de Janeiro Joana de França onde ficará hospedada no Palácio do Governo.

g) Está fazendo sucesso com sua nova escolinha o jogador Arturzinho, que fica no bairro da Lapa.

4. As orações subordinadas adjetivas e a pontuação

a. restritivas sem vírgula, explicativas com – Você já viu que existem dois tipos de oração subordinada adjetiva: as restritivas e as explicativas. Como agem de forma diferente na caracterização do termo a que se ligam, essas duas orações devem ser claramente diferenciadas na língua escrita. As orações restritivas ligam-se intimamente ao termo cujo sentido particularizam, portanto não podem ser separadas desse termo por vírgulas. As orações explicativas agem como uma espécie de detalhe ou comentário adicional ao termo a que se ligam; portanto devem ser isoladas por vírgulas. Convém lembrar que o papel restritivo ou explicativo da oração depende muitas vezes do significado que se quer dar ao que se afirma:

O país cuja distribuição de renda é indecente não tem perspectiva de civilizar-se.

O país, cuja distribuição de renda é indecente, não tem perspectiva de civilizar-se.

Na primeira frase, a oração adjetiva restritiva é empregada para delimitar o sentido da palavra *país*. A falta de perspectiva de civilizar-se aplica-se apenas àqueles países que têm renda concentrada e mal distribuída. Na segunda, a oração adjetiva explicativa torna explícito um dado já aceito como inerente a um país que já tinha sido citado.

Volte às figuras deste capítulo e observe: apenas uma das orações adjetivas está separada por vírgula; as demais, não, pois são restritivas.

Detalhe

AT Revista, 27 jan. 2008. p. 11/Detalhe

Revista Scientific American Brasil, out. 2007, p. 30/Detalhe

b. restritivas muito longas – É muito comum o emprego de uma vírgula depois de orações subordinadas adjetivas restritivas muito longas, principalmente quando o verbo dessa oração subordinada e o verbo da oração principal são contíguos, ou seja, estão lado a lado:

Muitas das estradas com que generais megalomaníacos, tecnocratas alucinados e empreiteiros inescrupulosos se locupletaram, estão abandonadas.

Observe que a vírgula que aparece entre *locupletaram* e *estão* separa o sujeito do predicado. Seu emprego, consagrado como recurso de clareza, na verdade não condiz com o papel básico que cabe à pontuação, o de organizador das relações lógicas e dos significados. Estruturalmente, essa vírgula é inútil.

Atividades

1. Pontue adequadamente os períodos seguintes. Lembre-se de que, em alguns casos, não haverá necessidade de nenhuma vírgula.

a) A medicina que estuda a prevenção e a cura de doenças tem tido notável desenvolvimento nos últimos anos.

b) Entre 1955 e 1976, era muito comum fazer referências jocosas aos corintianos cujo time não sabia mais o que era ser campeão.

c) O policial que me atendeu foi surpreendentemente civilizado.

d) No país com que sonho não há lugar para esses bárbaros.

e) Revi minha cidade natal onde não punha os pés desde 1991.

f) Voltei à cidade onde nasci.

2. Explique a diferença de sentido entre as frases de cada um dos pares seguintes.

a) Os professores do departamento de Botânica que pediram demissão não poderão ser substituídos.

Os professores do departamento de Botânica, que pediram demissão, não poderão ser substituídos.

b) As construtoras que não concluíram as obras estão obrigadas a devolver o dinheiro aos clientes.

As construtoras, que não concluíram as obras, estão obrigadas a devolver o dinheiro aos clientes.

Textos para análise

1

As crianças trabalhadoras

Enxergar o trabalho infantil na TV com menos *glamour* atenuaria a mercantilização da infância

A mão-de-obra infantil na TV cresce a cada dia, o que, parece, não incomoda ninguém. Embora já existam na opinião pública sinais de recusa à exploração do trabalho de crianças nas olarias, nas carvoarias ou na agricultura, a participação de atores mirins em propagandas, assim como nas novelas e nos filmes, não é encarada como trabalho. É como se fosse uma premiação. Qualquer mãe ficaria orgulhosa de ter o seu filhinho fazendo papel de mamífero numa campanha de leite. Ela dificilmente entenderia a coisa como um tipo de exploração injusta. Para o senso comum, estar na televisão é participar do estrelato, e no estrelato, acredita-se, não há relações trabalhistas.

O fato é que o público aceita e aplaude os programas e as propagandas estrelados por crianças. Como essa que acaba de entrar no ar, de um auto-

móvel. Um grupo de garotos em idade de frequentar o jardim-de-infância troca suas impressões sobre os carros dos pais. O do meu pai é alemão, anuncia um, o do meu pai é japonês, emenda outro, e cada um vai contando sua vantagem. No final, um deles garante que o carro do pai reúne todas as nacionalidades, pois é um modelo mundial e, portanto, melhor que todos os outros. O automóvel surge na cena e todos os coleguinhas ficam embasbacados.

Mas então quer dizer que alunos de jardim-de-infância funcionam para vender até produtos para consumidores adultos? Sim, os publicitários já sabem disso há tempos: crianças pesam, e muito, na decisão de compra dos adultos. Pais compram carros e outras mercadorias na esperança de comprar junto a admiração do filho. Quanto aos filhos, motivados pela TV, repercutem a propaganda dentro de casa: "Compra, paiê!".

É muito gracioso, espontâneo e bem dirigido o elenco da campanha do tal carro. Da mesma forma, são encantadores os protagonistas mirins dos comerciais de margarina, de sabão em pó, até de brinquedo. E provavelmente a aparição episódica em propagandas como essas não seja prejudicial à criança. Proibi-la seria uma violência absurda. Mas o telespectador e a sociedade não devem esquecer que se trata de um trabalho, que deve ser tratado e regulado enquanto tal. Enxergar esse tipo de trabalho com um pouco menos de glamour contribuiria bastante para atenuar essa consentida mercantilização da infância.

O maior poeta brasileiro sonhou com uma canção que pudesse acordar os homens e adormecer as crianças. Atualmente, o uso de meninos e meninas na TV faz o contrário: desperta (e instrumentaliza) o consumismo nas crianças para inebriar os adultos.

BUCCI, Eugênio. *Veja*. São Paulo: Abril, 26 mar. 1997.

2

Canção amiga

Eu preparo uma canção
em que minha mãe se reconheça,
todas as mães se reconheçam,
e que fale como dois olhos.

Caminho por uma rua
que passa em muitos países.
Se não me veem, eu vejo
e saúdo velhos amigos.

Eu distribuo um segredo
como quem ama ou sorri.
No jeito mais natural
dois carinhos se procuram.

Minha vida, nossas vidas
formam um só diamante.
Aprendi novas palavras
e tornei outras mais belas.

Eu preparo uma canção
que faça acordar os homens
e adormecer as crianças.

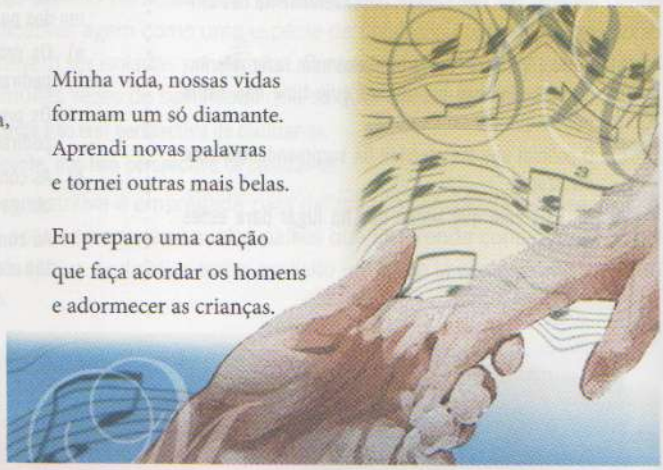

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1973.

Trabalhando os textos

1. Re-escreva o título do primeiro texto, substituindo o adjetivo pela oração adjetiva equivalente.

2. No último parágrafo do primeiro texto, há uma oração subordinada adjetiva.

a) Transcreva-a.

b) Classifique-a.

c) Que termo antecedente ela está modificando?

d) Qual a classe gramatical da palavra *que* que a introduz?

e) Qual a função sintática desse *que*?

3. Classifique a oração "em que minha mãe se reconheça", do texto de Drummond.

4. Classifique a oração "que passa em muitos países", do texto de Drummond.

5. As três orações destacadas nas questões 2, 3 e 4 têm a mesma classificação. O que isso significa nos dois textos?

6. De acordo com o texto de Eugênio Bucci, o sonho do "maior poeta brasileiro" está se concretizando? Comente.

3

Abra as cortinas da sua casa e chame os amigos para um sarau

Seu primo toca violão, você escreve poesia, a namorada do seu irmão faz teatro? Ótimo, você já tem uma parte do elenco para promover um sarau na sua casa e experimentar um programa bem diferente do costumeiro cinema-restaurante ou cerveja-boteco até o amanhecer. Essa reunião de pessoas que se encontram para ouvir música ou ler poesias e trechos de livros, que animava a nobreza nos tempos de reis e rainhas, é uma alternativa para o final de semana em pleno século 21 – e não tem nada de careta. Ao contrário, é uma boa oportunidade para juntar as pessoas em torno de atividades que transpiram cultura: dança, performance, música, teatro, literatura e qualquer outra expressão artística. "Procure entre seus amigos e conhecidos quem tem algum talento para mostrar, convide uma plateia, abra espaço na sala para as apresentações e sirva comes e bebes", diz a empreendedora social Laís Fleury, que há dois anos comanda o Sarau da Santos, que acontece duas vezes por semestre na Vila Madalena, em São Paulo. O resto corre por conta da criatividade de cada artista na seleção do que vai ser mostrado. "Para não ficar chato, peça para os convidados lerem textos curtos, de no máximo uma página, e fazerem performances rápidas. Assim a atenção do público não dispersa", afirma o poeta Sérgio Vaz, um mestre no riscado do sarau. Segundo ele, o segredo é dar liberdade para cada um expressar o que deseja.

LUCCA, Roberta De. *Vida simples*. São Paulo: Abril, ed. 44, ago. 2006. p. 21.

Trabalhando o texto

1. Aponte as orações adjetivas do terceiro e do quinto período e indique os antecedentes dos pronomes relativos que as introduzem.

2. "Para não ficar chato, peça para os convidados lerem textos curtos, de no máximo uma página, e fazerem performances rápidas." Re-escreva essa passagem atendendo ao seguinte:

a) Substitua a segunda ocorrência de *para* por *que*.

b) Transforme o termo "de no máximo uma página" em oração adjetiva.

3. Como você classifica a oração obtida no item *a* do exercício anterior?

4. Re-escreva as passagens a seguir, substituindo os trechos em destaque por orações adjetivas.

a) "(...) diz a empreendedora social Laís Fleury, *sob o seu comando está o Sarau da Santos.*

b) "(...) diz a empreendedora social Laís Fleury, da Vila Madalena, *na Vila Madalena o Sarau da Santos acontece duas vezes por semestre.*

5. Destaque do texto orações reduzidas de infinitivo que exprimam finalidade.

6. Releia as duas frases a seguir:

"O resto corre por conta da criatividade de cada artista na seleção d**o** que vai ser mostrado".

"Segundo ele, o segredo é dar liberdade para cada um expressar **o** que deseja".

a) Substitua o *o* nessas duas frases, sem alterar-lhes o significado. A que classe de palavras ele pertence?

b) Classifique as orações "que vai ser mostrado" e "que deseja".

c) Qual é a função sintática do *que* nas duas orações?

4

Revista *Bravo*, ago. 2006. p. 29/Detalhe

Nesta e nas páginas seguintes, desenhos de Carybé extraídos dos originais em preto e branco que ilustram os livros do escritor baiano

Bravo! São Paulo: Abril, ano 9, n. 108, ago. 2006. p. 28-9.

"Nesta e nas páginas seguintes, desenhos de Carybé extraídos dos originais em preto e branco que ilustram os livros do escritor baiano"

5

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 2007. v. 4, p. 77.

Trabalhando os textos

1. Na tirinha de Hagar, o pronome relativo *que* deveria ser antecedido de preposição. Qual é ela?

2. Indique a função sintática dos pronomes relativos presentes nos textos 4 e 5.

Questões de exames e concursos

1. (FGV-SP) Leia os sete versos abaixo e responda às questões a eles pertinentes.

(1) Metafísica? Que metafísica têm aquelas árvores?
(2) A de serem verdes e copadas e de terem ramos
(3) E a de dar fruto na sua hora, o que não nos faz pensar,
(4) A nós, que não sabemos dar por elas.
(5) Mas que melhor metafísica que a delas,
(6) Que é a de não saber por que vivem
(7) Nem que o não sabem?

(Alberto Caeiro)

Nos quatro últimos versos, há várias ocorrências da palavra **que**. Sobre essa palavra, pode-se dizer:

a) No quinto verso, tem-se um pronome definido e uma conjunção comparativa.
b) No sétimo verso, tem-se um pronome relativo.
c) No quarto verso, tem-se um pronome relativo.
d) No sexto verso, tem-se uma conjunção comparativa e um pronome interrogativo.
e) No sexto verso, tem-se uma conjunção integrante e um advérbio.

2. (UEPG-PR)

Por que os nobres usavam cabelo comprido?

No Egito antigo, madeixas longas eram exclusividade dos de posição social superior. Quando não tinham cabeleiras, faraós e guerreiros simulavam o visual com mantos ou perucas, o que ajudava a distingui-los dos sacerdotes, que usavam corpo e cabeças raspados. "Um nobre não permi-

tia que cortassem seu cabelo, mas um pobre não tinha como resistir a isto", diz Francisco Marshall, do Núcleo de História Antiga da UFRGS.

Foi Alexandre Magno, quem rompeu com a tradição, exigindo dos guerreiros pelos tosados: a ideia era evitar que o inimigo os prendessem pelo cabelo.

FEUÓ, Bruno Vieira. *Superinteressante*. São Paulo: Abril, out. 2005.

Com referência aos elementos de coesão destacados nos períodos, assinale o que for correto.

01) Foi Alexandre Magno, **quem** rompeu com a tradição, ... – Conjunção integrante

02) ... a ideia era evitar **que** o inimigo os prendessem pelo cabelo. – Pronome relativo.

04) Um nobre não permitia **que** cortassem seu cabelo, ... – Conjunção integrante.

08) **Quando** não tinham cabeleiras, ... – Conjunção adverbial temporal.

16) ... **que** usavam corpo e cabeça raspados. – Pronome relativo.

3. (Pref. de Ilha Comprida-SP/Moura Melo)Todos já descobriram a chata que ela é.

A função sintática do pronome relativo nesta oração é:

a) Adjunto adverbial.
b) Objeto direto.
c) Objeto indireto.
d) Predicativo do sujeito.

4. (MPE-MG/Fumarc) A oração adjetiva foi construída segundo o padrão culto escrito em:

a) O telefone o qual adquiri pela internet será enviado pelo correio.
b) A revista da qual os professores falavam parece ter saído de circulação.
c) Trata-se de uma bela cachoeira onde quase ninguém sabe como chegar lá.
d) É um filme caro e sofisticado onde os detalhes da produção fazem a diferença.

5. (MPE-MG/Fumarc) A oração adjetiva foi construída segundo o padrão culto escrito em:

a) Ao final do dia, chegamos à igreja aonde se dirigia a maior parte dos peregrinos.
b) Ao ouvir o relato, a mãe, cuja a filha não via desde os dezoito anos, pôs-se a chorar.
c) Não consigo lembrar o nome do autor que o professor se referiu na palestra de ontem.
d) O equipamento é campeão de vendas por ser uma marca muito conhecida e que todo o público confia.

6. (PUC-SP)

Os cinco sentidos

(...)

As informações, baseadas em diferentes fenômenos físicos e químicos, apresentam-se na natureza de formas muito diversas. Os sentidos são sensores cujo desígnio é perceber, de modo preciso, cada tipo distinto de informação. A luz é parte da radiação magnética de que estamos rodeados. Essa radiação é percebida através dos olhos. O tato e o ouvido baseiam-se em fenômenos que dependem de deformações mecânicas. O ouvido registra ondas sonoras que se formam por variações na densidade do ar, variações que podem ser captadas pelas deformações que produzem em certas membranas. Ouvido e tato são sentidos mecânicos. Outro tipo de informação nos chega por meio de moléculas químicas distintas que se desprendem das substâncias. Elas são captadas por meio dos sentidos químicos, o paladar e o olfato. Esses se constituem nos tradicionais cinco sentidos que foram estabelecidos já por Aristóteles.

SANTAELLA, Lucia. *Matrizes da linguagem e pensamento*. São Paulo: Iluminuras, 2001.

O parágrafo do texto, tendo em vista sua organização sintática, constitui-se basicamente de orações complexas, isto é, principais, seguidas por orações:

a) substantivas e adverbiais.
b) adjetivas e adverbiais.
c) adverbiais.
d) adjetivas.
e) substantivas.

7. (PUC-SP)

Os cinco sentidos

Os sentidos são dispositivos para a interação com o mundo externo que têm por função receber informação necessária à sobrevivência. É necessário ver o que há em volta para poder evitar perigos. O tato ajuda a obter conhecimentos sobre como são os objetos. O olfato e o paladar ajudam a catalogar elementos que podem servir ou não como alimento. O movimento dos objetos gera ondas na atmosfera que são sentidas como sons. (...)

SANTAELLA, Lucia. *Matrizes da linguagem e pensamento*. São Paulo: Iluminuras, 2001.

A palavra relacional *que* aparece quatro vezes no parágrafo exercendo, pela ordem, as seguintes funções:

a) sujeito, objeto direto, sujeito, sujeito.

b) sujeito, sujeito, sujeito, sujeito.

c) sujeito, sujeito, sujeito, objeto direto.

d) objeto direto, objeto direto, sujeito, sujeito.

e) objeto direto, sujeito, objeto direto, sujeito.

8. (Fuvest-SP)

Conheci que (1) Madalena era boa em demasia...
A culpa foi desta vida agreste que (2) me deu uma alma agreste.
Procuro recordar o que (3) dizíamos.
Terá realmente piado a coruja? Será a mesma que (4) piava há dois anos?
Esqueço que (5) eles me deixaram e que (6) esta casa está quase deserta.

Nas frases acima, o *que* aparece seis vezes; em três delas é pronome relativo. Quais?

a) 1 – 2 – 4

b) 2 – 4 – 6

c) 3 – 4 – 5

d) 2 – 3 – 4

e) 2 – 3 – 5

9. (Fuvest-SP) Leia as frases abaixo e assinale a que está correta.

a) A jovem que eu lhe falei à pouco vai ser entrevistada.

b) A jovem que a pouco foi entrevistada é aquela que eu lhe falei.

c) A jovem de cuja eu lhe falei há pouco é aquela que foi entrevistada.

d) A jovem que há pouco foi entrevistada é aquela de que eu lhe falei.

e) A jovem que há pouco foi entrevistada é aquela que eu lhe falei.

10. (Fuvest-SP)

É da história do mundo que (1) as elites nunca introduziram mudanças que (2) favorecessem a sociedade como um todo. Estaríamos nos enganando se achássemos que (3) estas lideranças empresariais aqui reunidas teriam a motivação para fazer a distribuição de poderes e rendas que (4) uma nação equilibrada precisa ter.

O vocábulo *que* está numerado em suas quatro ocorrências, nas quais se classifica como conjunção integrante e como pronome relativo. Assinalar a alternativa que registra a classificação correta em cada caso, pela ordem.

a) 1. pronome relativo, 2. conjunção integrante, 3. pronome relativo, 4. conjunção integrante

b) 1. conjunção integrante, 2. pronome relativo, 3. pronome relativo, 4. conjunção integrante

c) 1. pronome relativo, 2. pronome relativo, 3. conjunção integrante, 4. conjunção integrante

d) 1. conjunção integrante, 2. pronome relativo, 3. conjunção integrante, 4. pronome relativo

e) 1. pronome relativo, 2. conjunção integrante, 3. conjunção integrante, 4. pronome relativo

11. (Fuvest/FGV-SP) "E como sempre tive a intenção de possuir as terras de S. Bernardo, considerei legítimas as ações que me levaram a obtê-las."

a) Este período está em primeira pessoa. Como ficaria em terceira pessoa?

b) A quem se referem os pronomes: *que*, *me* e *las*?

12. (PUC-SP) Sobre o trecho:

A questão era conseguir o Engenho Vertente, com o seu riacho que poderia descer em nível para irrigação das terras que dariam flor-de-cuba para uma Catunda,

é **correto** afirmar que:

a) há duas orações subordinadas adjetivas, introduzidas pelo pronome relativo *que*.

b) há, respectivamente, uma oração subordinada substantiva, introduzida pela conjunção integrante *que*, e uma oração subordinada adjetiva, introduzida pelo pronome relativo *que*.

c) a primeira oração é subordinada adverbial final.

d) a última oração é subordinada adverbial final.

e) o verbo *descer* marca o início de uma oração subordinada adverbial reduzida de infinitivo.

13. (PUCCamp-SP) Observe as frases seguintes:

I. O autor destes versos é Manuel Bandeira.
II. Estes versos fazem parte do soneto "Renúncia".

Transformando-se estes dois períodos simples num período composto por subordinação, a alternativa que satisfaz essa exigência é:

a) Estes versos cujos são de Manuel Bandeira, fazem parte do soneto "Renúncia".

b) Estes versos de Manuel Bandeira fazem parte do soneto "Renúncia".

c) Estes versos, cujo autor é Manuel Bandeira, fazem parte do soneto "Renúncia".

d) Estes versos, que o autor é Manuel Bandeira, fazem parte do soneto "Renúncia".

e) Estes versos de quem o autor é Manuel Bandeira, fazem parte do soneto "Renúncia".

14. (PUCCamp-SP) "Não revelou **o que** descobrira a ninguém."

Assinale a alternativa em que se analise corretamente a classe gramatical e a função sintática das palavras destacadas, respeitando a ordem em que elas ocorrem.

a) artigo; adjunto adnominal
conjunção integrante; conectivo

b) pronome demonstrativo; sujeito
conjunção integrante; conectivo

c) artigo; adjunto adnominal
pronome relativo; sujeito

d) pronome demonstrativo; objeto direto
pronome relativo; objeto direto

e) artigo; adjunto adnominal
pronome relativo; objeto direto

15. (PUCCamp-SP)

I. Contou seu segredo a duas pessoas.

II. As duas pessoas eram de confiança.

Observe as duas frases acima. Assinale a alternativa em que elas estão em correta relação lógica e sintática.

a) Contou seu segredo para duas pessoas, por causa que elas eram pessoas de confiança.

b) Pois as duas pessoas eram de confiança, então ele contou seu segredo para elas.

c) As duas pessoas a quem contou seu segredo eram de confiança.

d) Contou seu segredo a duas pessoas, conquanto fossem de confiança.

e) Contou seu segredo a duas pessoas, conforme eram de confiança.

16. (PUC-SP) No período:

E há poetas míopes **que** pensam **que** é o arrebol,

a partícula *que* introduz, respectivamente, orações:

a) subordinada substantiva completiva nominal e subordinada substantiva objetiva direta.

b) subordinada substantiva objetiva direta e subordinada substantiva predicativa.

c) subordinada adjetiva restritiva e subordinada adjetiva explicativa.

d) subordinada substantiva predicativa e subordinada substantiva objetiva direta.

e) subordinada adjetiva restritiva e subordinada substantiva objetiva direta.

17. (PUC-SP) Sob o ponto de vista morfológico, a partícula *que*, assinalada nas duas orações da questão anterior, classifica-se, respectivamente, como:

a) pronome indefinido, pronome relativo.

b) pronome relativo, conjunção integrante.

c) pronome indefinido, conjunção integrante.

d) conjunção integrante, conjunção integrante.

e) conjunção consecutiva, conjunção comparativa.

18. (PUC-SP) Nos versos:

Amo-te, ó rude e doloroso idioma,
Em que da voz materna ouvi: "meu filho!"
E **em que** Camões chorou no exílio amargo.

a expressão *em que*, neles destacada, refere-se, respectivamente, a:

a) idioma, voz.

b) idioma, idioma.

c) rude e doloroso, Camões.

d) eu, eu.

e) voz, Camões.

19. (PUC-SP) Em relação ao período:

E, entrando na sala, voltou sem demora com uma caixinha quadrada de folha-de-flandres, que trazia com toda a reverência e cujo tampo abriu cuidadosamente,

é **incorreto** afirmar que:

a) há duas orações subordinadas adjetivas.

b) há uma oração subordinada adverbial.

c) a partícula *que* introduz uma oração subordinada substantiva.

d) uma das orações é reduzida de gerúndio.

e) a última oração é subordinada adjetiva.

20. (Unicamp-SP) Observe que, nos trechos abaixo, a ordem que foi dada às palavras, nos enunciados, provoca efeitos semânticos (= de significado) "estranhos":

Fazendo sucesso com a sua nova clínica, a psicóloga Iracema Leite Ferreira Duarte, localizada na rua Campo Grande, 159.

Embarcou para São Paulo Maria Helena Arruda, onde ficará hospedada no luxuoso hotel Maksoud Plaza.

Notícias da Coluna Social do *Correio de Mato Grosso*, 28 ago. 1988.

Escolha um dos trechos, diga qual é a interpretação "estranha" que ele pode ter e re-escreva-o de forma a evitar o problema.

21. (Unimep-SP)

I. Este é Renato.

II. Eu posso contar com a ajuda de Renato.

Se juntarmos as duas orações num só período, usando um pronome relativo, teremos:

a) Este é Renato, com quem eu posso contar com a ajuda dele.

b) Este é Renato, que eu posso contar com a ajuda dele.

c) Este é Renato, o qual eu posso contar com sua ajuda.

d) Este é Renato, com cuja ajuda eu posso contar.

e) Este é Renato, cuja ajuda eu posso contar.

22. (UFV-MG) Dados os conjuntos constituídos por orações absolutas:

a) O menino aprende. O menino é estudioso.

b) O menino é feliz. O pai do menino o ama.

c) A cidade fica longe. O menino nasceu nessa cidade.

Re-escreva cada conjunto formado por duas orações absolutas em um único período composto por subordinação, em que a segunda oração seja introduzida por pronome relativo.

23. (Vunesp-SP) Observar as orações destacadas nas transcrições abaixo.

I. Ergueu a cabeça e contemplou o lugar **onde tantas vezes se aprestara para os seus breves triunfos no trapézio**.

II. Em algum ponto do corpo ou da alma, doía-lhe ver o lugar **do qual se despedia** (...).

III. (...) semelhança esta que seria maior, não fosse a indiferença quase rancorosa **que o rodeava**.

IV. (...) esforçando-se para dar a entender **que sua ausência não seria sentida**.

V. Teriam inveja, talvez. Ou desprezo. **Que lhe importava, porém?**

A respeito delas, é correto dizer:

a) Todas são subordinadas adjetivas.

b) Com exceção de V, que é uma oração absoluta, todas as outras são adjetivas.

c) Com exceção de I, que é subordinada adverbial de lugar, todas as restantes são adjetivas.

d) Somente a II e a III são adjetivas.

e) Com exceção de IV e de V, as demais são adjetivas.

24. (Vunesp-SP)

Sentara-se então num banco, apanhara aquela velha revista **e** começara a folheá-la, sem interesse, **para** fugir ao contato dessas pessoas **que** já o haviam excluído de seu mundo e que, desde alguns dias, raramente lhe dirigiam a palavra – com uma simplicidade afetada, esforçando-se **para** dar a entender **que** sua ausência não seria sentida.

Dos conectivos destacados no fragmento acima, somente um acumula em si os papéis de ligar orações e ser núcleo de uma função sintática na estrutura da oração introduzida. Assinale a alternativa que o contiver:

a) *e*

b) o primeiro *para*

c) o primeiro *que*

d) o segundo *para*

e) o segundo *que*

25. (Vunesp-SP) "Mas para quem **vos** olha a uma distância de quinhentos metros, essas dimensões **que** levais convosco deixam de existir."

Dê a classe gramatical e a função sintática dos termos destacados.

26. (Vunesp-SP) Observe o período:

Agora sei que outro dia eu disse uma palavra que fez bem a alguém.

a) Substitua a segunda oração por um substantivo ou pronome substantivo.

b) Substitua a terceira oração por um adjetivo.

27. (Vunesp-SP) Classifique as orações do período transcrito na questão anterior.

28. (Unicamp-SP) A organização sintática dada a certos trechos exige do leitor um esforço desnecessário de interpretação. Abaixo você tem um exemplo disso.

Ao chegar ao ancoradouro, recebeu Alzira Alves Filha um colar indígena feito de escamas de pirarucu e frutos do mar, que estava acompanhada de um grupo de adeptos do Movimento Evangélico Unido.

Folha de S.Paulo, São Paulo, 12 fev. 1992.

a) Re-escreva o trecho, apenas alterando a ordem, de forma a tornar a leitura mais simples.

b) Com base na solução que você propôs, explique por que, do ponto de vista da estrutura sintática do português, o trecho acima oferece dificuldade desnecessária para a compreensão.

29. (PUC-SP) Observe o emprego da partícula *que* em:

1. ... esperou que a água marejasse...
2. ... olhando as estrelas, que vinham nascendo.

a) Indique, respectivamente, o valor morfológico da referida partícula em 1 e em 2.

b) Que tipo de oração introduz em 1?

30. (UEL-PR) "O homem, ... méritos você se referiu, mostrou-se agradecido."

a) cujos

b) a cujos

c) cujos os

d) para cujos

e) de cujos

31. (UEL-PR) "Foram **inócuas** as medidas tomadas pela direção da escola."

A expressão equivalente à palavra *inócuas* na frase acima é:

a) que não agradaram.
b) que não levaram a nenhum resultado.
c) que não foram divulgadas.
d) que não foram acatadas.
e) que não foram oportunas.

32. (Fuvest-SP) Explique as diferenças de sentido entre estes dois enunciados:

a) Os homens, que têm o seu preço, são fáceis de corromper.
b) Os homens que têm o seu preço são fáceis de corromper.

33. (PUC-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas abaixo.

a) Veja bem estes olhos ... se tem ouvido falar.
b) Veja bem estes olhos ... se dedicaram muitos versos.
c) Veja bem estes olhos ... brilho fala o poeta.
d) Veja bem estes olhos ... se extraem confissões e promessas.

34. (Cesesp-PE) "... trepado numa rede afavelada cujas varandas serviam-lhe de divisórias do casebre." Em qual das alternativas o uso de *cujo* não está conforme à norma culta?

a) Tenho um amigo cujos filhos vivem na Europa.
b) Rico é o livro cujas páginas há lições de vida.
c) Naquela sociedade, havia um mito cuja memória não se apagava.
d) Eis o poeta cujo valor exaltamos.
e) Afirmam-se muitos fatos de cuja veracidade se deve desconfiar.

35. (PUC-SP) Assinale o período em que há uma oração adjetiva restritiva.

a) A casa onde estou é ótima.
b) Brasília, que é a capital do Brasil, é linda.
c) Penso que você é de bom coração.
d) Vê-se que você é de bom coração.
e) Nada obsta a que você se empregue.

36. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da frase seguinte.

O controle biológico de pragas, ... o texto faz referência, é certamente o mais eficiente e adequado recurso ... os lavradores dispõem para proteger a lavoura sem prejudicar o solo.

a) do qual, com que
b) de que, que
c) que, o qual
d) ao qual, cujos
e) a que, de que

37. (Cesgranrio-RJ) "A linguagem especial, ... emprego se opõe o uso da comunidade, constitui um meio ... os indivíduos de determinado grupo dispõem para satisfazer o desejo de autoafirmação."

a) a cujo, de que
b) do qual, ao qual
c) cujo, que
d) o qual, a que
e) de cujo, do qual

38. (PUC-PR) Combinando os conjuntos:

1. O advogado que é pintor ficará uns dias aqui.
2. O advogado, que é pintor, ficará uns dias aqui.

(*) Refere-se a mais de um advogado.
(*) Os outros advogados não são pintores.
(*) Refere-se a um advogado apenas.
(*) Há um advogado e ele é pintor.
(*) Refere-se a mais de um pintor.

A sequência correta é:

a) 2, 2, 1, 1, nada
b) 1, 2, 1, 1, nada
c) nada, 1, 2, 2, 1
d) 1, 1, 2, 2, nada
e) nada, 1, 1, 2, 2

39. (Fatec-SP) Há orações reduzidas que podem ser desenvolvidas em oração adjetiva. Exemplo: "Vi um rapaz **pedindo esmola a sua irmã**." se desenvolve em "Vi um rapaz **que pedia esmola a sua irmã**." Aponte a alternativa em que isso também ocorre:

a) Eram cadáveres a se erguerem dos túmulos.
b) Volte aqui, chegando a hora.
c) A solução era esperarmos.
d) Estaríamos prontos, chegada a hora.
e) n.d.a.

Capítulo 24

Orações subordinadas adverbiais

Fernando Gonsales

GONSALES, Fernando. Níquel Náusea. *Folha de S.Paulo*. 17 mar. 2003. p. E7.

Neste capítulo, você vai estudar a última parte do período composto por subordinação, com as orações subordinadas adverbiais, isto é, aquelas que exercem a função de adjunto adverbial do verbo da oração principal. Nos dois balões da tira acima, as orações adverbiais são "Quanto menos banho eu tomo," e "Quanto mais ensebado [*estou*]", que expressam circunstância de proporção.

1. Introdução

Você já sabe que uma oração subordinada adverbial exerce a função de adjunto adverbial do verbo da oração principal. Observe:

Naquele momento, senti uma das maiores emoções de minha vida.

Quando vi a Pietá, senti uma das maiores emoções de minha vida.

No primeiro período, "naquele momento" é um adjunto adverbial de tempo, que modifica a forma verbal *senti*. No segundo período, esse papel é exercido pela oração "Quando vi a Pietá", que é, portanto, uma oração subordinada adverbial temporal. Essa oração é desenvolvida, já que é introduzida por uma conjunção subordinativa (*quando*) e apresenta uma forma verbal do modo indicativo (*vi*, do pretérito perfeito do indicativo). Seria possível reduzi-la, obtendo algo como:

Ao ver a Pietá, senti uma das maiores emoções de minha vida.

"Ao ver a Pietá" é uma oração reduzida porque apresenta uma das formas nominais do verbo (*ver* é infinitivo) e não é introduzida por conjunção subordinativa, mas sim por uma preposição (*a*, combinada com o artigo *o*).

Em livro

SPENCE, David. *Michelangelo: a Renascença*. São Paulo: Melhoramentos, 1998.

Pietá, "piedade" em português, representa Jesus morto nos braços da Virgem Maria, sua mãe. A escultura de mármore é umas das mais famosas obras de Michelangelo Buonarotti, pintor e escultor renascentista. A obra indicada explica a vida e a obra do artista italiano por meio de textos e imagens.

Atividade

Substitua os termos destacados nas frases seguintes por orações subordinadas. A seguir, compare os períodos originais aos que você obteve, levando em consideração itens como clareza, síntese, elegância.

a) Nas tardes de domingo, diante da TV, morre-se **de tédio**.

b) **À noite**, todos os gatos são pardos.

c) **Apesar de sua dedicação ao estudo**, avançava muito pouco.

d) **Sem investimento em educação e cultura**, o Brasil não chegará à civilização.

e) Muita gente ainda morre **de fome**.

f) **Durante as férias**, viajei pelo mundo.

2. Aspectos semânticos: as circunstâncias

Ao estudar os adjuntos adverbiais, você viu que sua classificação é feita com base nas circunstâncias que exprimem. Com as orações subordinadas adverbiais ocorre a mesma coisa. A diferença fica por conta da quantidade: há apenas nove tipos de orações subordinadas adverbiais, enquanto os adjuntos adverbiais são pelo menos quinze. As orações adverbiais adquirem grande importância para a articulação adequada de ideias e fatos e por isso são fundamentais num texto dissertativo.

Você fará agora um estudo pormenorizado das circunstâncias expressas pelas orações subordinadas adverbiais. É importante compreender bem essas circunstâncias e observar atentamente as conjunções e locuções conjuntivas utilizadas em cada caso.

Causa

A ideia de causa está diretamente ligada àquilo que provoca um determinado fato. As orações subordinadas adverbiais que exprimem causa são chamadas **causais**. A conjunção subordinativa mais utilizada para a expressão dessa circunstância é *porque*. Outras conjunções e locuções conjuntivas muito utilizadas são *como* (sempre introduzindo oração adverbial causal anteposta à principal), *pois*, *já que*, *uma vez que*, *visto que*. Observe:

As ruas ficaram alagadas **porque a chuva foi muito forte**.

Como ninguém se interessou pelo projeto, a única opção foi cancelá-lo.

Já que você não vai, eu não vou.

Por ter muito conhecimento, é sempre consultado. (reduzida de infinitivo)

(= **Porque/como tem muito conhecimento**, ...)

Consequência

A ideia de consequência está ligada àquilo que é provocado por um determinado fato. As orações subordinadas adverbiais **consecutivas** exprimem o efeito, a consequência daquilo que se declara na oração principal. Essa circunstância é normalmente introduzida pela conjunção *que*, quase sempre precedida, na oração principal, de termos intensivos, como *tão, tal, tanto, tamanho*. Observe:

A chuva foi tão forte **que em poucos minutos as ruas ficaram alagadas**.

Tal era sua indignação **que imediatamente se uniu aos manifestantes**.

Sua fome era tanta **que comeu com casca e tudo**.

É comum que o termo intensivo da oração principal fique subentendido, como na popular estrutura "Ele é feio que dói". A intensidade, no caso, é dada pela entonação, pelo modo de pronunciar a palavra *feio*: "Ele é ffffeio que dói", ou seja, "Ele é tão feio que sua feiura chega a doer".

Condição

Condição é aquilo que se impõe como necessário para a realização ou não de um fato. As orações subordinadas adverbiais **condicionais** exprimem o que deve ou não ocorrer para que se realize ou deixe de se realizar o fato expresso na oração principal. A conjunção mais utilizada para introduzir essas orações é *se*; além dela, podem-se utilizar *caso, contanto que, desde que, salvo se, exceto se, a menos que, sem que, uma vez que* (seguida de verbo no subjuntivo). Observe:

Uma vez que você aceite a proposta, assinaremos o contrato.

Caso você se case, convide-me para a festa.

Não saia **sem que eu permita**.

Se o regulamento do campeonato for bem elaborado, certamente o melhor time será o campeão.

Conhecendo os alunos, o professor não os teria punido. (reduzida de gerúndio)

(= **Se conhecesse os alunos**)

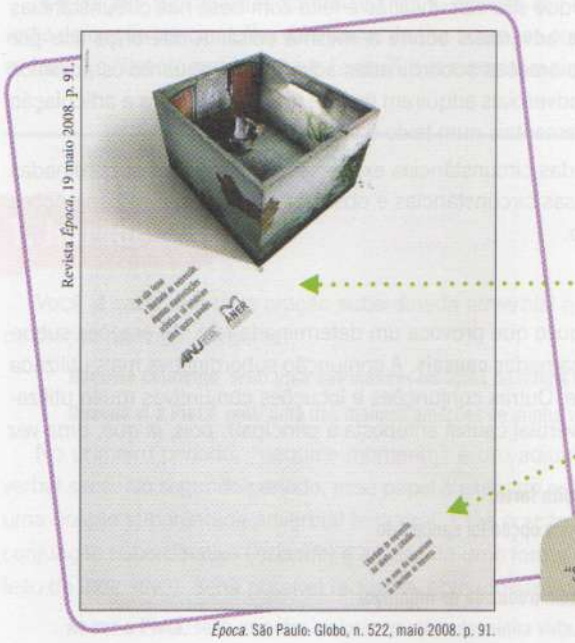

Época. São Paulo: Globo, n. 522, maio 2008. p. 91.

"Se não fosse a liberdade de expressão, algumas manifestações artísticas só existiriam entre quatro paredes."

"Liberdade de expressão. Um direito do cidadão.
3 de maio. Dia Internacional da Liberdade de Imprensa".

Exemplo de oração adverbial condicional: "Se não fosse a liberdade de expressão".

Concessão

A ideia de concessão está diretamente ligada à ideia de contraste, de quebra de expectativa. De fato, quando se faz uma concessão, não se faz o que é esperado, o que é normal. As orações adverbiais que exprimem concessão são chamadas **concessivas**. A conjunção mais empregada para expressar essa relação é *embora*; além dela, podem ser usadas a conjunção *conquanto* e as locuções *ainda que, ainda quando, mesmo que, se bem que, apesar de que*. Observe:

Embora fizesse calor, levei agasalho.

Conquanto a economia tenha crescido, pelo menos metade da população continua à margem do mercado de consumo.

Foi aprovado **sem estudar** (reduzida de infinitivo)

(= **sem que estudasse / embora não estudasse**).

A locução *posto que* é dada nos dicionários como equivalente a *embora*, ou seja, é indicada como concessiva:

Foi aprovado posto que não estudasse.

Na linguagem corrente, no Brasil, esse emprego não se verifica. Tem-se difundido o uso dessa locução para ideia de explicação ou causa, como em um poema de Vinicius de Moraes, "Soneto de fidelidade", em que há uma célebre passagem que diz:

"Que não seja imortal, posto que é chama, mas que seja infinito enquanto dure".

É evidente que o poeta não usou a locução *posto que* com o sentido que está nos dicionários.

"Um boi vê os homens"

No registro clássico, as formas "posto", "posto que", "suposto" e "suposto que" equivalem a "embora"

"DE TUDO ao meu amor serei atento / Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto / Que mesmo em face do maior encanto / Dele se encante mais meu pensamento..." O leitor certamente identificou o poema de que se extraiu o excerto, não? Trata-se do conhecido e delicado "Soneto de Fidelidade", de Vinicius de Moraes.

[...]

Você se lembra dos últimos versos do poema de Vinicius? Vamos lá: "Que não seja imortal, posto que é chama / Mas que seja infinito enquanto dure". Que valor tem a locução "posto que" no poema? Parece claro que ela equivale a "visto que", "uma vez que", "já que", "porque".

No *Houaiss*, esse valor da locução "posto que" aparece como pertencente ao registro informal brasileiro. No registro clássico, as formas "posto", "posto que", "suposto" e "suposto que" têm valor concessivo, ou seja, equivalem a "embora". Já comentei aqui esta passagem, do início de "Memórias Póstumas de Brás Cubas", de Machado de Assis: "Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar...".

Nesse excerto machadiano, "suposto" significa "embora". [...]

Antes que alguém imagine que esse uso tenha morrido com os escritores do século 19, é bom lembrar esta passagem do monumental poema "Um boi vê os homens", de Drummond: "Tão delicados (mais que um arbusto) e correm / e correm de um para outro lado, sempre esquecidos / de alguma coisa. Certamente, falta-lhes / não sei que atributo essencial, posto se apresentem nobres / e graves, por vezes. Ah, espantosamente graves, / até sinistros [...]".

Pois bem, caro leitor. [...]

Em "Um boi...", [Drummond] usa "posto" com o mesmo valor que lhe dá Machado ("posto se apresentem nobres" = "embora se apresentem nobres"). Não resisto à tentação de lembrar que o ensino do idioma não pode privar o estudante do contato com determinadas variedades da língua, especialmente as cultas. É isso.

CIPRO NETO, Pasquale. "Um boi vê os homens". *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 16 nov. 2006. Cotidiano, [s.p.]. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1611200603.htm>. Acesso em: 24 jul. 2008.

Atividades

1. Leia atentamente cada uma das frases seguintes. Depois, indique a relação existente entre a oração subordinada e a principal.

a) O treinador decidiu ficar calado porque seus argumentos eram inconsistentes.

b) Os argumentos do treinador eram tão inconsistentes que ele decidiu ficar calado.

c) Se os argumentos do treinador fossem consistentes, ele os teria defendido com veemência.

d) Embora dispusesse de argumentos consistentes, o treinador decidiu ficar calado.

2. Re-escreva a frase seguinte utilizando as conjunções e locuções conjuntivas apresentadas em cada alternativa. Faça todas as modificações necessárias para a obtenção de frases bem estruturadas.

Muitos brasileiros não possuem casa própria porque recebem salários baixos.

a) como

b) já que

c) visto que

d) tão... que...

3. Este exercício é semelhante ao anterior.

O quadro da educação no país é tão preocupante que até empresários tradicionalmente omissos estão interessados em participar de projetos que minimizem o problema.

a) como

b) porque

c) de modo que

d) uma vez que

4. Este exercício é semelhante aos anteriores.

Se eliminar o Grêmio, o Corinthians disputará a final do campeonato com o Cruzeiro.

a) caso

b) desde que

c) contanto que

5. Este exercício é semelhante aos anteriores.

Apesar de existirem claros indícios de sua participação nas fraudes, o prefeito se diz inocente.

a) embora

b) conquanto

c) ainda que

6. Leia atentamente os dois períodos seguintes e responda à questão proposta.

Se você não se dedicar, não obterá sucesso.

Embora você se dedique, não obterá sucesso.

Explique a relação entre dedicação e sucesso em cada um dos casos acima.

7. Leia atentamente os dois períodos seguintes e responda à questão proposta.

O treinador não será demitido, uma vez que o time se classifique para a semifinal.

O treinador não será demitido, uma vez que o time se classificou para a semifinal.

Explique as relações estabelecidas pela locução conjuntiva *uma vez que* em cada caso acima.

8. Uma campanha publicitária de uma famosa marca de biscoitos explorava um círculo vicioso:

Vende mais porque é fresquinho ou é fresquinho porque vende mais?

Qual relação entre fatos é explorada? Que tipos de oração são utilizados para expressar essa relação?

Comparação

As orações subordinadas adverbiais **comparativas** contêm fato ou ser comparado a fato ou ser mencionado na oração principal. A conjunção mais empregada para expressar comparação é *como*; além dela, utilizam-se com muita frequência as estruturas que formam o grau comparativo dos adjetivos e dos advérbios: *tão... como* (*quanto*), *mais* (*do*) *que*, *menos* (*do*) *que*. Observe:

Ele dorme **como um urso** (dorme).

Sua sensibilidade é **tão** afinada **quanto sua inteligência** (é).

Como se pode perceber nos exemplos acima, é comum a omissão do verbo nas orações subordinadas adverbiais comparativas. Isso só não ocorre quando se comparam ações diferentes ("Ela fala mais do que faz." – nesse caso, compara-se o falar e o fazer).

King Features Syndicate/Ipress

No último quadrinho, o verbo da oração subordinada adverbial comparativa está subentendido: "Em compensação, eu saí mais bonito que ele (saiu)".

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 2006. v. 1, p. 63.

Conformidade

As orações subordinadas adverbiais **conformativas** indicam ideia de conformidade, ou seja, exprimem uma regra, um caminho, um modelo adotado para a execução do que se declara na oração principal. A conjunção típica para exprimir essa circunstância é *conforme*; além dela, utilizam-se *como*, *consoante* e *segundo* (todas com o mesmo valor de *conforme*). Observe:

Fiz o bolo **conforme ensina a receita**.

Consoante reza a Constituição, todos os cidadãos têm direitos iguais.

Segundo atesta recente relatório do Banco Central, a economia brasileira é viável.

Finalidade

As orações subordinadas adverbiais **finais** exprimem a intenção, a finalidade do que se declara na oração principal. Essa circunstância é normalmente expressa pela locução conjuntiva *a fim de que*; além dela, utilizam-se a locução *para que* e, mais raramente, as conjunções *que* e *porque* (= *para que*). Observe:

Vim aqui **a fim de que você me explicasse as questões**.

Fez tudo **porque eu não obtivesse bons resultados**.

(= para que eu não obtivesse...)

Suportou todo tipo de humilhação **para obter o visto americano**. (reduzida de infinitivo)

(= para que obtivesse...)

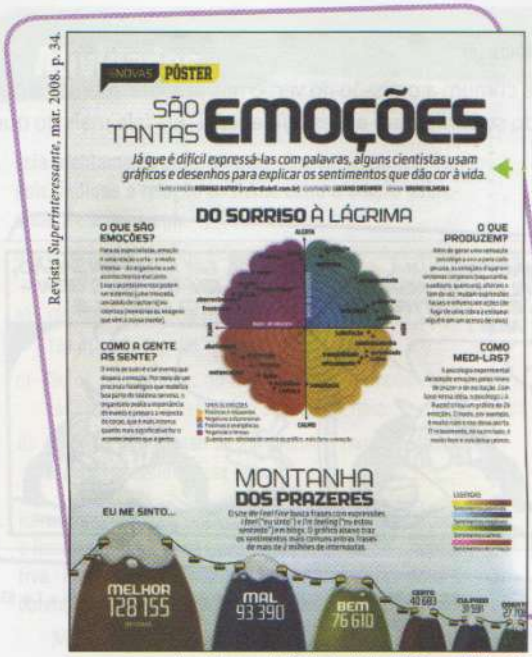

Superinteressante. São Paulo: Abril, ed. 250, mar. 2008. p. 34.

"Já que é difícil expressá-las com palavras, alguns cientistas usam gráficos e desenhos para explicar os sentimentos que dão cor à vida."

Na frase em destaque, podemos observar as circunstâncias de *causa*, expressa pela oração subordinada adverbial causal "Já que é difícil expressá-las com palavras", e de *finalidade*, expressa pela oração adverbial final "para explicar os sentimentos".

Proporção

As orações subordinadas adverbiais **proporcionais** estabelecem relação de proporção ou proporcionalidade entre o processo verbal nelas expresso e aquele declarado na oração principal. Essa circunstância normalmente é indicada pela locução conjuntiva *à proporção que*; além dela, utilizam-se *à medida que* e expressões como *quanto mais, quanto menos, tanto mais, tanto menos*. Observe:

Quanto mais se aproxima o fim do mês, mais os bolsos ficam vazios.

Quanto mais te vejo, mais te desejo.

À medida que se aproxima o fim do campeonato, aumenta o interesse da torcida pela competição.

À proporção que se acumulam as dívidas, diminuem as possibilidades de que a empresa sobreviva.

Tempo

As orações subordinadas adverbais **temporais** indicam basicamente ideia de tempo. Exprimem fatos simultâneos, anteriores ou posteriores ao fato expresso na oração principal, marcando o tempo em que se realizam. As conjunções e locuções conjuntivas mais utilizadas são *quando, enquanto, assim que, logo que, mal, sempre que, antes que, depois que, desde que*. Observe:

"**Quando você foi embora**, fez-se noite em meu viver." (Milton Nascimento e Fernando Brant)

"**Enquanto os homens exercem seus podres poderes**, motos e fuscas avançam os sinais vermelhos e perdem os verdes: somos uns boçais." (Caetano Veloso)

Mal você saiu, ela chegou.

Terminada a festa, todos se retiraram. (reduzida de particípio)

(= Quando terminou a festa...)

3. Classificar sem decorar

Mais importante do que aprender a classificar as orações subordinadas adverbiais é interpretá-las adequadamente e utilizar as conjunções e locuções conjuntivas de maneira eficiente. Por isso, é desaconselhável que você faça o que muita gente costuma indicar como forma de "aprender as orações subordinadas adverbiais": "descabelar-se" para decorar listas de conjunções e, com isso, conseguir dar um rótulo às orações. Essa prática, além de fazer com que você se preocupe mais com nomenclaturas do que com o uso efetivo das estruturas linguísticas, é inútil quando se consideram casos mais sutis de construção de frases. Observe, nas frases seguintes, o emprego da conjunção *como* em diversos contextos: em cada um deles, ocorre uma oração subordinada adverbial diferente. Como seria possível reconhecê-las se se partisse de uma lista de conjunções "decoradas"? É melhor procurar compreender o que efetivamente está sendo declarado.

Como dizia o poeta, "a vida é a arte do encontro".
(valor de conformidade)

Como não tenho dinheiro, não poderei participar da viagem.
(valor de causa)

"E cai **como uma lágrima de amor**." (Antônio Carlos Jobim e Vinicius de Moraes)
(valor de comparação)

Há até casos em que a classificação depende do contexto:

Como o jornal noticiou, o teatro ficou lotado.

A oração subordinada adverbial pode ser causal ou conformativa, dependendo do contexto.

Em DVD

Ricardo Chvaicer/Editora Abril

Tom Jobim.

***Tom Jobim: chega de saudade.* Direção de Roberto de Oliveira. Brasil: Biscoito Fino, 2007. (120 min).**

O DVD aborda a carreira de Tom Jobim desde seu início, quando ainda era pianista da noite e começava a compor as primeiras canções da Bossa Nova. Destaque para os comentários sobre a primeira composição de Tom, "Valsa Sentimental", e sobre a primeira parceria, "Incerteza", com Newton Mendonça. Participam dessa celebração dos anos do poeta artistas como Caetano Veloso, Toquinho, Gilberto Gil, entre outros.

Atividades

1. Explique a relação estabelecida entre os fatos ou seres mencionados em cada um dos períodos seguintes.

a) Saíram sem que ninguém notasse.

b) Ela se comportou como criança mimada.

c) Ela se comportou como prometera.

d) Alguns córregos foram canalizados para que não haja inundações durante o verão.

e) Sua cútis é tão suave quanto a de um nenê.

f) Desde que ela se foi, ele tem tido crises de depressão.

g) Desde que você estude, nenhuma surpresa ocorrerá.

h) À medida que se aproxima a data do exame, cresce a ansiedade.

i) Na medida em que o país não consegue diminuir os contrastes sociais, aumentam as tensões e os riscos.

j) "Não permita Deus que eu morra sem que volte para lá."

2. Construa períodos compostos relacionando as orações colocadas em cada item. Utilize a conjunção subordinativa que julgar mais apropriada a cada caso.

a) As várias partes interessadas chegaram a um acordo. Tudo foi feito obedecendo aos termos desse acordo.

b) Este técnico tem trabalhado muito. Os outros técnicos não têm trabalhado tanto.

c) Ele tem aprendido muito. Curiosamente, ele quer aprender sempre mais.

d) Estamos mais próximos do fundo do vale. Podemos ouvir cada vez mais distintamente o som do riacho.

e) Vou dar-lhe um presente. Não quero que ela saiba disso antecipadamente.

f) Precisamos formar um time. Assim, poderemos participar dos vários campeonatos estudantis.

g) Deve-se investir em saúde e educação. Dessa forma, começarão a surgir perspectivas para o país.

3. Este exercício é semelhante ao anterior.

a) Caminhávamos à beira do rio. Ele me falava de sua vida na Europa.

b) O ministro tomou posse ontem. Fez um discurso vazio e comovente sobre a miséria nordestina.

c) Conseguimos sobreviver às vicissitudes do cotidiano. Muitos tecnocratas elaboram planos mirabolantes.

d) Ela viajou para a Argentina. Sua mãe chegou ao aeroporto três horas depois.

e) Abri a porta. Percebi que alguma coisa estranha acontecera naquela casa.

f) Caminhamos várias horas. Lembramos, então, que as janelas da casa haviam ficado abertas.

4. Transformar orações desenvolvidas em orações reduzidas é uma forma bastante produtiva de evitar períodos sobrecarregados de conjunções e pronomes relativos. Procure fazer isso com os períodos seguintes.

a) Creio que tenhamos que suportar as exigências que ela faz.

b) Sinto que estão acontecendo fatos que poderiam ser evitados.

c) Quando terminou a sessão, percebi que se tinha desperdiçado uma oportunidade que há muito procurávamos.

d) As promessas que se faziam ali indicavam que o novo governo tinha nítido perfil populista.

e) A expressão que mantinha em seu rosto indicava que ele não se corrigira ainda.

f) Se fossem executadas as obras que o candidato prometera, o município assumiria dívidas que várias gerações não conseguiriam saldar.

g) É importante que você tenha visto tudo a fim de que possa opinar mais tarde.

4. As orações subordinadas adverbiais e a pontuação

A pontuação dos períodos em que há orações subordinadas adverbiais obedece aos mesmos princípios observados em relação aos adjuntos adverbiais. Isso significa que a oração subordinada adverbial sempre pode ser separada por vírgulas da oração principal. Essa separação é optativa quando a oração subordinada está posposta à principal e é obrigatória quando a oração subordinada está intercalada ou anteposta:

Tudo continuará como está se você não intervier.

ou

Tudo continuará como está, se você não intervier.

Disse que, quando chegar, tomará todas as providências.

Quando chegar, tomará todas as providências.

King Features Syndicate/Impress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 2006. v. 1. p. 6.

No primeiro quadrinho, vemos uma oração subordinada adverbial temporal ("Quando olho para trás") anteposta à principal. Nesse caso, a vírgula é obrigatória. No último quadrinho, a oração subordinada adverbial ("Quando você se aproxima") está posposta à principal, motivo pelo qual não foi utilizada a vírgula.

Atividade

Faça a pontuação correta dos períodos seguintes.

a) Se você tivesse cumprido o que prometera não teria sido punido.

b) Logo estaríamos em casa se tudo desse certo.

c) Como choveu muito o jogo foi transferido.

d) Os rios e as cidades são sujos porque o povo é sujo.

e) À medida que avança o cólera expõe a miséria social do país.

f) Os jogadores como se esperava atuaram sem disposição.

g) Notamos quando ainda seria possível modificar o rumo das discussões a falta de interesse em aprimorar o debate.

Textos para análise

1

Janela sobre a utopia

Ela está no horizonte – diz Fernando Birri. – Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais a alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para caminhar.

GALEANO, Eduardo. *As palavras andantes*. 2.ed. Porto Alegre: L&PM, 1994. p. 310.

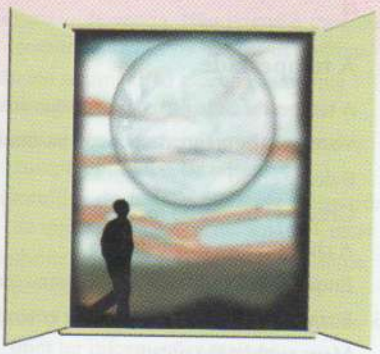

2

Janela sobre a memória (II)

Um refúgio?

Uma barriga?

Um abrigo onde se esconder quando estiver se afogando na chuva, ou sendo quebrado pelo frio, ou sendo revirado pelo vento?

Temos um esplêndido passado pela frente?

Para os navegantes com desejo de vento, a memória é um ponto de partida.

GALEANO, Eduardo. *As palavras andantes*. 2.ed. Porto Alegre: L&PM, 1994. p. 96.

3

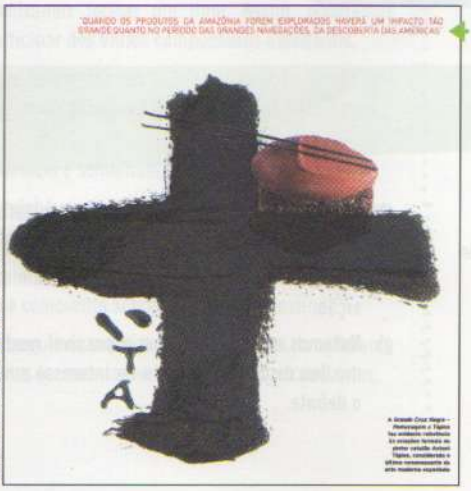

Revista *Bravo*, ago. 2006. p. 65/Detalhe

"Quando os produtos da Amazônia forem explorados haverá um impacto tão grande quanto no período das grandes navegações, da descoberta das Américas"

Bravo! São Paulo: Abril, ano 9, ago. 2006. p. 65.

Trabalhando os textos

Aponte e classifique as orações subordinadas adverbiais presentes nos textos 1, 2 e 3.

4

A tempestade

A tempestade me assusta como sua ausência
Você, raio humano, despencou na minha cabeça
E desde então
Grita esse trovão no meu peito
A chuva lá fora chove de fato
Enquanto sua ausência inunda meu quarto
E transborda na cama: agora eu entendo...
Meus sonhos são outros...

Enquanto não durmo, enquanto te espero
E chove no mundo, eu não me acostumo
Com a falta de rumo brasileiro
E esse tom de desespero
Que atingiu o nosso amor

Penso no homem
Que dorme nas ruas do Rio
E agora flutua nos rios da rua
E os barracos na beira do abismo

Deslizam no cinismo da Vieira Souto
Meus sonhos são outros...

Enquanto não durmo...
Por dentro dos túneis, no fundo do poço
Ninguém fica imune crescendo no esgoto

E nosso amor, sem risco e sem glória,
Se escora na história do país do desgosto
Meus sonhos são outros...
Meus sonhos são outros...

OYENS, Christian; DUNCAN, Zélia. Disponível em: <www2.uol.com.br/zeliaduncan>. Acesso em: 11 jul. 2008.

Trabalhando o texto

1. "A tempestade me assusta como sua ausência"
Indique as orações presentes no período e classifique-as.

2. Há uma circunstância expressa por oração subordinada adverbial que se repete ao longo do texto e constitui um dos seus elementos estruturadores. Que circunstância é essa e quais as orações subordinadas adverbiais que a exprimem?

3. Observe o termo *brasileiro*, no terceiro verso da segunda estrofe, e responda: com qual palavra esse termo concorda? Comente essa concordância.

4. "E esse tom de desespero / **que** atingiu o nosso amor"
Classifique a palavra destacada morfológica e sintaticamente.

5. "E os barracos na beira do abismo / Deslizam no cinismo da Vieira Souto"
Como você interpreta esses versos?

6. "Ninguém fica imune **crescendo no esgoto**"
Classifique a oração destacada e justifique sua classificação.

7. Há uniformidade de tratamento no texto? Explique.

8. Onde está desabando a tempestade de que fala o texto? Explique.

9. A partir de elementos do próprio texto, justifique por que é coerente que o sujeito lírico considere o Brasil "o país do desgosto".

Questões de exames e concursos

1. (Fuvest)

Muitos políticos olham com desconfiança os que se articulam com a mídia.

Não compreendem que não se faz política sem a mídia. Jacques Ellul, no século passado, afirmava que um fato só se torna político pela mediação da imprensa. Se 20 índios ianomâmis são assassinados e ninguém ouve falar, o crime não se torna um fato político. Caso apareça na televisão, o que era um mistério da floresta torna-se um problema mundial.

Adaptado de Fernando Gabeira, *Folha de S.Paulo*.

a) Explique a distinção, explorada no texto, entre dois tipos de fatos: um, relacionado a "mistério da floresta"; outro, relacionado a "problema mundial".

b) Re-escreva os dois períodos finais do texto, começando com "Se 20 índios fossem assassinados..." e fazendo as adaptações necessárias.

2. (UFRN)

01 "As obras que a República manda editar
02 para a propaganda de suas
03 riquezas e excelências, logo que são impressas completamente, distribuem-se a
04 mancheias(1) por quem as queira. Todos
05 as aceitam e logo passam adiante,
06 por meio de venda. Não julgue o meu correspondente que os "sebos" as aceitem.
07 São tão mofinas, tão escandalosamente
08 mentirosas, tão infladas de um
09 otimismo de encomenda que ninguém as compra, por sabê-las falsas e
10 destituídas de toda e qualquer honestidade informativa, de forma a não oferecer
11 nenhum lucro aos revendedores de livros, por falta de compradores.
12 Onde o meu leitor poderá encontrá-las, se quer ter informações mais ou

10 menos transbordantes de entusiasmo pago, é nas lojas de merceeiros(2), nos
11 açougues, nas quitandas, assim mesmo em fragmentos, pois todos as pedem
12 nas repartições públicas para vendê-las a peso aos retalhistas de carne verde,
13 aos vendeiros e aos vendedores de couves.
14 Contudo, a fim de que o meu delicado missivista não fique fazendo mau
15 juízo a meu respeito, vou dar-lhe algumas informações sobre o poderoso e
16 rico país da Bruzundanga."

LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Os Bruzundangas*. Rio/São Paulo/Fortaleza: ABC Editora, 2005. p.33.

(1) em abundância (2) donos de mercearia

Ocorre uma relação semântica de causa-consequência entre as orações que compõem o seguinte período:

a) "Não julgue o meu correspondente que os "sebos" as aceitem."
b) "Onde o meu leitor poderá encontrá-las, se quer ter informações mais ou menos transbordantes de entusiasmo pago, é nas lojas de merceeiros [...]."
c) "Todos as aceitam e logo passam adiante, por meio de venda."
d) "São tão mofinas, tão escandalosamente mentirosas, tão infladas de um otimismo de encomenda que ninguém as compra [...]."

3. (UEPB)

"(...) Há dois assuntos preliminares que precisamos resolver de início para que possamos nos dedicar ao que importa. O primeiro deles é a presença. Todos vocês já têm 100% de presença. E o segundo são as provas e as notas. Resolvidas essas questões irrelevantes que perturbam o prazer de aprender, podemos agora nos dedicar ao que interessa: literatura..." (...)

ALVES, Rubem. *Revista Educação*. São Paulo: Segmento, ano 9, n. 107, 2006. p. 66.

O enunciado "... para que possamos nos dedicar ao que importa.", expressa uma

a) concordância com uma ideia introduzida anteriormente.
b) concessão que faz referência a algo citado anteriormente.
c) consequência, tendo em vista o efeito do que foi dito antes.
d) circunstância temporal, pois faz alusão a uma ação acontecida.
e) finalidade, em relação a um fato já mencionado.

4. (UEPB) Na revista *Ciência Hoje*, da SBPC, n. 223, lemos, na seção "Carta ao leitor":

01 "Se o sonho da vida eterna se concretizasse, com certeza viria
02 acompanhado de um pesadelo: câncer. É que o envelhecimento
03 do organismo está inevitavelmente associado ao
04 desenvolvimento de doenças. Mesmo que conseguíssemos
05 prolongar nossa permanência na Terra por até 130 anos,
06 mantendo os hábitos atuais, seríamos obrigados a conviver com
07 algum tipo de câncer. A boa notícia é que a letalidade da doença
08 deve ser cada vez mais controlada. As pesquisas atuais apontam
09 nessa direção, apresentando novos alvos para o tratamento
10 desse temido inimigo."

Assinale o item em que a expressão em destaque **não** encerra um sentido circunstancial:

a) "**Se** o sonho da vida eterna se concretizasse..." (*l.* 01)
b) "A boa notícia **é que** a letalidade da doença" (*l.* 07)
c) "**É que** o envelhecimento do organismo..." (*l.* 02 e 03)
d) "**Mesmo que** conseguíssemos prolongar..." (*l.* 04 e 05)
e) "nossa permanência na Terra **por até** 130 anos" (*l. 05*)

5. (PUC-SP) Em uma peça publicitária recentemente veiculada em jornais impressos, pode-se ler o seguinte: "Se a prática leva à perfeição, então imagine o sabor de pratos elaborados bilhões e bilhões de vezes". Acerca da primeira oração desse trecho, é linguisticamente adequado afirmar que, em relação à segunda oração, ela expressa uma circunstância de:

a) comparação
b) condição
c) conformidade
d) consequência
e) proporção

6. (UPM-SP)

01 Fabiano curou no rasto a bicheira da novilha raposa. Levava no
02 aió um frasco de creolina, e, se houvesse achado o animal, teria feito
03 o curativo ordinário. Não o encontrou, mas supôs distinguir as
04 pisadas dele na areia, baixou-se, cruzou dois gravetos no chão e
05 rezou. Se o bicho não estivesse morto, voltaria para o curral, que a
06 oração era forte.

07 Cumprida a obrigação, Fabiano levantou-se com a consciência

08 tranquila e marchou para casa.

Graciliano Ramos, *Vidas secas*.

Obs.: ***rasto*** = rastro

aió = bolsa de caça trançada com fibras de uma planta (caroá ou gravatá)

Se o bicho não estivesse morto, voltaria para o curral, que a oração era forte.

Assinale a redação que preserva o sentido original da frase acima.

a) Quando a oração é forte e o bicho não está morto, ele volta para o curral.

b) A oração era forte e a hipótese é a de que o bicho não estivesse morto, por isso voltaria para o curral.

c) Supondo que o bicho não tivesse morrido porque a oração era forte, o animal voltaria para o curral.

d) Caso o bicho, porque não estivesse morto, voltasse para o curral, a oração seria forte.

e) Como a oração era forte, o bicho só não voltaria para o curral se estivesse morto.

7. (Fuvest-SP)

Das vãs sutilezas

Os homens recorrem por vezes a sutilezas fúteis e vãs para atrair nossa atenção. (...) Aprovo a atitude daquele personagem a quem apresentaram um homem que com tamanha habilidade atirava um grão de alpiste que o fazia passar pelo buraco de uma agulha sem jamais errar o golpe. Tendo pedido ao outro que lhe desse uma recompensa por essa habilidade excepcional, atendeu o solicitado, de maneira prazenteira e justa a meu ver, mandando entregar-lhe três medidas de alpiste a fim de que pudesse continuar a exercer tão nobre arte. É prova irrefutável da fraqueza de nosso julgamento apaixonarmo-nos pelas coisas só porque são raras e inéditas, ou ainda porque apresentam alguma dificuldade, muito embora não sejam nem boas nem úteis em si.

Montaigne, *Ensaios*.

A expressão sublinhada no trecho "...ou ainda porque apresentam alguma dificuldade, muito embora não sejam nem boas nem úteis em si" pode ser substituída, sem prejuízo para o sentido, por

a) desde que.

b) contanto que.

c) uma vez que.

d) a não ser que.

e) se bem que.

8. (UFF-RJ) Re-escreva a frase:

Nós, os escritores nacionais, **se** quisermos ser entendidos de nosso povo, havemos de falar-lhe em sua língua

substituindo o conectivo destacado por outro com valor de **causalidade**, fazendo os ajustes necessários.

9. (UERJ)

Sou um bom escutador e um vedor melhor. Mas só trancado e sozinho é que consigo me expressar.

Re-escreva o trecho acima em um único período constituído de uma oração subordinada concessiva e uma oração principal.

As questões 10 e 11 referem-se ao texto a seguir.

A universidade de Taubaté (Unitau) conta, no total, com 720 universitários [no curso de Comunicação Social], sendo 130 formandos. Com tantos universitários saindo para o mercado de trabalho, o coordenador do curso de Comunicação Social da Unitau (...) mencionou que o Vale do Paraíba é inexplorado e tem potencial de absorver os formandos.

Jornal *ComunicAção*, n.1, mar. 2002, p. 3.

10. (ITA-SP) Um leitor pode relacionar o conteúdo da construção "com tantos universitários saindo para o mercado de trabalho..." com o que é mencionado pelo coordenador do curso de Comunicação Social da Unitau. No entanto, essa leitura torna-se problemática, pois o leitor poderia esperar, a partir daquela construção, uma:

a) consequência.

b) causa.

c) finalidade.

d) condição.

e) proporção.

11. (ITA-SP) Considerando ainda o período abordado na questão anterior, assinale a alternativa que, completando a oração abaixo, apresenta a relação mais coerente entre as ideias.

O coordenador do curso de Comunicação Social mencionou que,

a) à medida que muitos universitários saem para o mercado de trabalho, o Vale do Paraíba tem potencial de absorver os formandos, pois ainda é um mercado inexplorado.

b) como muitos universitários saem para o mercado de trabalho, o Vale do Paraíba tem potencial de absorver os formandos, pois ainda é um mercado inexplorado.

c) há muitos universitários saindo para o mercado de trabalho, de modo que o Vale do Paraíba tem potencial de absorver os formandos, pois ainda é um mercado inexplorado.

d) muitos universitários saem para o mercado de trabalho; portanto, o Vale do Paraíba tem potencial de absorver os formandos, pois ainda é um mercado inexplorado.

e) embora muitos universitários estejam saindo para o mercado de trabalho, o Vale do Paraíba tem potencial de absorver os formandos, pois ainda é um mercado inexplorado.

12. (Ufam) Assinale o item em que a subordinada encerra a ideia de consequência:

a) Muito distraído devia estar para não vê-la na festa.
b) É difícil distinguir um do outro, tão parecidos são.
c) Mesmo sitiada, a cidade não se rendeu.
d) Assoberbado de serviço, nem pude comparecer à cerimônia.
e) Quase morro de tanto rir.

13. (Ufam) Leia a frase seguinte:

Bem cuidados como são, muitos de meus livros ficaram mofados devido à umidade de Manaus.

Se refizermos a frase, começando com "Muitos de meus livros ficaram mofados devido à umidade de Manaus", o sentido não será alterado se continuarmos com:

a) contanto que bem cuidados.
b) desde que bem cuidados.
c) porque eram bem cuidados.
d) ainda que bem cuidados.
e) à medida que eram bem cuidados.

14. (UFC) Leia a oração abaixo, observando-lhe a numeração.

1. Expugnado palmo a palmo,
2. Canudos caiu,
3. ao entardecer,
4. quando caíram os seus últimos defensores,
5. pois todos morreram.

a) A ordenação da oração fornecida é 1, 2, 3, 4, 5. Outras ordenações são aceitáveis.

a1) Dentre as sequências abaixo, identifique a única ordenação aceitável.

3 – 5 – 2 – 4 – 1
5 – 2 – 4 – 1 – 3
4 – 5 – 2 – 3 – 1

a2) Escolha uma das duas ordenações que você considerou **inaceitáveis**, indique-a e apresente a razão desta inaceitabilidade.

Sequência:

Justificativa:

b) Re-escreva a oração fornecida, iniciando-a pela oração 4 e transformando a oração adverbial temporal numa temporal reduzida de infinitivo.

c) Agora, componha uma oração sobre Canudos, seguindo as orientações estruturais abaixo.

sujeito composto + verbo intransitivo + predicativo do sujeito

15. (Fuvest-SP) "Maria das Dores entra e vai abrir o comutador. Detenho-a: não quero luz."

Os dois pontos (:) usados estabelecem uma relação de subordinação entre as orações. Que tipo de subordinação?

a) temporal
b) final
c) causal
d) concessiva
e) conclusiva

16. (Fuvest/FGV-SP) "Ninguém imaginará que, **topando** os obstáculos mencionados, eu haja procedido invariavelmente com segurança e percorrido, sem me **deter**, caminhos certos."

Desenvolva as orações reduzidas cujos verbos estão destacados.

Instruções para as questões 17 e 18.

Para que os enunciados soltos, apresentados nas questões 17 e 18, se reduzam a um só período, algumas adaptações são necessárias. Escolha a alternativa em que encontramos a estrutura que estilística e gramaticalmente expressa, com a necessária clareza, ênfase e correção, a relação desse sentido sugerida pelos parênteses.

17. (ITA-SP)

I. Conheço um florentino esguio e rijo. (oração principal)
II. Um punhal é esguio e rijo. (indicação de uma comparação)
III. Ele condena a guerra com o espírito (atributo do objeto direto de I = oração subordinada adjetiva)
IV. Ele a ama desesperadamente com a alma. (oposição à ideia do predicado de III)

a) O florentino que conheço, esguio e rijo como um punhal, condena a guerra com o espírito, embora a ame com a alma.
b) Conheço um florentino que, esguio e rijo como um punhal, condena a guerra com o espírito, mas a ama com a alma.
c) Conheço um florentino que é esguio e rijo como um punhal, e ele, condenando a guerra com o espírito, a ama com a alma.
d) Conheço um florentino esguio e rijo como um punhal que condena a guerra com o espírito e a ama com a alma.
e) Um florentino, que é esguio e rijo como um punhal, e que é conhecido por mim, condena a guerra com o espírito, mas a ama desesperadamente com a alma.

18. (ITA-SP)

I. Houve certa vez uma festa no céu. (atributo de adjunto adverbial de III, sugerido pelo verbo *ir*)
II. Todos os animais compareceram a ela. (atributo do objeto direto de I, oração subordinada adjetiva)

III. O cágado não pôde ir. (oração principal)
IV. O cágado anda muito devagar. (causa de III)

a) Na festa que houve certa vez, no céu, todos os animais compareceram, exceto o cágado que, por andar muito devagar, não pôde se fazer presente.
b) Houve, certa vez, uma festa no céu em que compareceram todos os bichos, menos o cágado, que anda muito devagar e por isso não pôde ir nela.
c) Certa vez houve uma festa no céu; todos os bichos lá foram; com exceção do cágado, o qual não pôde ir porque andava muito devagar.
d) Com exceção do cágado que, como andava muito devagar, não pôde ir na festa, todos os bichos compareceram na mesma.
e) Por andar muito devagar, o cágado não pôde ir à festa que certa vez houve no céu, à qual compareceram todos os bichos.

19. (ITA-SP) Em qual dos períodos abaixo há uma oração subordinada adverbial que expressa ideia de concessão?

a) Diz-se que a obra de arte é aberta; possibilita, portanto, várias leituras.
b) Pode criticar, desde que fundamente sua crítica em argumentos.
c) Tamanhas são as exigências da pesquisa científica, que muitos desistem de realizá-la.
d) Os animais devem ser adestrados, ao passo que os seres humanos devem ser educados, visto que possuem a faculdade de inteligência.
e) Não obstante haja concluído dois cursos superiores, é incapaz de redigir uma carta.

20. (PUCCamp-SP) Esta questão apresenta cinco propostas diferentes de redação. Assinale a alternativa em que a redação apresenta falhas na estruturação das frases ou na relação entre elas.

a) Como o senhor não queria perder nenhum de seus trabalhadores, havia regras estipulando que os servos ou seus filhos não poderiam casar-se fora dos domínios, exceto com permissão especial.
b) O senhor não queria perder nenhum de seus trabalhadores; por isso havia regras que lhe garantiam que os servos – ou seus filhos – não poderiam casar-se fora dos domínios, exceto com permissão especial.
c) Para garantir ao senhor que os servos, ou seus filhos, não se afastassem – o que resultaria em perda de trabalhadores – havia regras estipulando que não poderiam casar-se fora dos domínios, exceto com permissão especial.
d) Salvo em alguns casos, e com permissão especial, não se permitia aos servos ou seus filhos casarem-se fora dos domínios, o que garantia ao senhor conservar seus trabalhadores.
e) Para não perder-se nenhum dos próprios trabalhadores, é que o senhor estipulava regras para os servos e seus filhos, que então não podiam casar fora dos seus domínios, mas com permissão especial em certos casos, sim.

21. (PUCCamp-SP)

O homem age de forma predatória sobre a [natureza.
A natureza resiste à atuação predatória do [homem.
A natureza mantém vivas algumas de suas [espécies.
A natureza responde ao homem sob a forma de intempéries imprevisíveis.

Observe as frases acima. Assinale a alternativa em que elas estão em correta relação lógica e sintática.

a) A natureza resiste ao homem para manter vivas algumas de suas espécies, e também lhe responde com intempéries imprevisíveis, conquanto o homem aja de maneira predatória sobre ela.
b) Pois o homem age de forma predatória sobre a natureza, então ela lhe resiste mantendo vivas algumas de suas espécies, como também lhe responde, com intempéries imprevisíveis.
c) Segundo o homem aja de maneira predatória sobre a natureza, ela lhe resiste, por manter vivas algumas de suas espécies, ou também lhe responde, sob a forma de intempéries imprevisíveis.
d) A natureza resiste ao homem mantendo vivas algumas de suas espécies ou respondendo-lhe com intempéries imprevisíveis, a menos que ele aja de forma predatória sobre ela.
e) Apesar de o homem agir de maneira predatória sobre a natureza, ela resiste, mantendo vivas algumas de suas espécies, e até lhe responde, sob a forma de intempéries imprevisíveis.

22. (PUC-SP) No período "Da própria garganta saiu um grito de admiração, que Cirino acompanhou, **embora** com menos entusiasmo,", a palavra destacada expressa uma ideia de:

a) explicação.
b) concessão.
c) comparação.
d) modo.
e) consequência.

23. (Unicamp-SP) No texto abaixo, substitua *embora* por outra palavra ou expressão, de forma que o texto resultante dessa substituição, com as mínimas alterações necessárias, mantenha o sentido original.

(...) ergueu-se rapidamente, passou para o outro lado da sala e deu alguns passos, entre a janela da rua e a porta do gabinete do marido. Assim, com o desalinho honesto que trazia, dava-me

uma impressão singular. Magra **embora**, tinha não sei que balanço no andar, como quem lhe custa levar o corpo; essa feição nunca me pareceu tão distinta como naquela noite.

Machado de Assis, "Missa do galo".

24. (Unicamp-SP) Escreva uma paráfrase da passagem destacada a seguir, mantendo as mesmas relações que o texto original estabelece entre o salário dos funcionários públicos e a qualidade dos vários serviços por eles prestados à população.

No que diz respeito às universidades paulistas, a situação é de novo calamitosa. Um professor assistente doutor ganha a metade do que recebe seu congênere nas universidades federais. (...) Que fazer diante desse descalabro? Durante a ditadura essa mesma página se enchia de análises refinadas de nossos melhores economistas (alguns deles hoje no parlamento) execrando a predação do funcionalismo através de salários de fome. Hoje a situação está ainda mais agravada e um silêncio de morte se abate sobre os salários. **Cansativo lembrar que manter à míngua os funcionários do Estado é punir os cidadãos que se servem dos hospitais, das escolas, das delegacias, das faculdades.** (...) Não se entende bem por que pretender criar mais universidades (o que teoricamente seria ótimo) se se insiste em negar condições adequadas de remuneração para os funcionários e professores da USP, da Unicamp e da Unesp.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 20 nov. 1987.

25. (Unicamp-SP) Substitua a palavra destacada no trecho transcrito abaixo por outra que garanta o mesmo sentido ao texto (você poderá ainda fazer outras modificações, se as julgar **indispensáveis**).

Se não chegam a configurar um processo de radicalização verbal e de alarmismo deliberado, ainda assim são preocupantes e lamentáveis as declarações do ministro da Indústria e Comércio, Roberto Cardoso Alves, de que partidos como o PT e os PCs não deveriam ter existência legal, por não possuírem, na opinião do ministro, compromisso com a democracia.

Folha de S.Paulo, São Paulo, 8 dez. 1988.

26. (Unimep-SP) Assinale a alternativa que, embora tenha valor causa-consequência, não contém oração adverbial causal.

a) Cheguei tarde, porque choveu muito.
b) Como estava doente, não fui à escola.
c) Estava tanto frio, que não saí de casa.
d) Fiquei chateado, pois fui despedido.
e) Devo ir mal na prova, já que não estudei.

27. (UFV-MG) Dadas as frases:

a) A prova de português está fácil; logo, muitos alunos passarão.
b) A prova de português está fácil, mas muitos alunos a acham difícil.

Tendo sempre em vista o uso das palavras e a eficiência da linguagem, re-elabore-as, nos itens a.1 e b.1, em períodos formados por subordinação,

– usando logicamente outras conjunções em outras posições;
– usando, se necessário, outro modo verbal;
– atentando para a observação entre parênteses.

a.1) A informação contida em "A prova de português está fácil" é **causa.**
b.1) A informação contida em "A prova de português está fácil" é **concessão.**

28. (Vunesp-SP) "Anda a espreitar meus olhos **para roê-los**, (...)"

Transcreva o período acima, desenvolvendo a oração reduzida destacada. A seguir, classifique-a.

29. (Vunesp-SP) Das alternativas abaixo, apenas em uma não se considera um fato natural as violetas murcharem, por receberem muita água. Assinale-a.

a) Como as violetas foram muito molhadas, murcharam.
b) Desde que as violetas sejam muito molhadas, murcham.
c) As violetas foram muito molhadas, de modo que murcharam.
d) Embora as violetas tivessem sido muito molhadas, murcharam.
e) As violetas foram tão molhadas, que murcharam.

30. (Vunesp-SP) "... a esposa estar, há muito tempo, longe de casa, o marido não sente sua falta, ... se rodeia de amigos, ... comemorar sua liberdade."

Observando a coerência na indicação das circunstâncias, assinalar a alternativa que preenche adequadamente as colunas:

a) em razão de; à proporção que; para
b) apesar de; já que; a fim de
c) na hipótese de; desde que; por
d) não obstante; quando; sem
e) no caso de; conforme; de modo a

31. (Unicamp-SP) O autor do texto abaixo conhece um tipo de raciocínio cuja estrutura lembra propriedades de um círculo e tenta reproduzi-lo. No entanto, não é bem-sucedido.

(...) Gera-se, assim, o círculo vicioso do pessimismo. As coisas não andam porque ninguém confia no governo. E porque ninguém confia no governo as coisas não andam.

DIMENSTEIN, Gilberto. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 22 nov. 1990.

a) Re-escreva o trecho de maneira que ele passe a ter a estrutura de um verdadeiro círculo vicioso.

b) Comparando o que você fez e o que fez o autor, explique em que ele se equivocou.

32. (UFV-MG) "Um dia, **como lhe dissessem** que iam dar o passarinho, **caso continuasse a comportar-se mal**, correu para a área e abriu a porta da gaiola." (Paulo Mendes Campos)

As orações destacadas são, respectivamente, subordinadas adverbiais:

a) causal e condicional.
b) comparativa e causal.
c) conformativa e consecutiva.
d) condicional e concessiva.
e) comparativa e conformativa.

33. (Esan-SP) Na frase "**Como anoitecesse**, recolhi-me pouco depois e deitei-me." (Monteiro Lobato), a oração destacada é:

a) coordenada sindética explicativa.
b) subordinada adverbial causal.
c) subordinada adverbial conformativa.
d) subordinada adjetiva explicativa.
e) subordinada adverbial final.

34. (PUC-MG) A classificação da oração destacada está correta em todas as opções, exceto em:

a) Ela sabia **que ele estava fazendo o certo**. (subordinada substantiva objetiva indireta)
b) Era a primeira vez **que ficava assim tão perto de uma mulher**. (subordinada substantiva subjetiva)
c) Mas não estava neles modificar um namoro **que nascera difícil, cercado, travado**. (subordinada adjetiva)
d) O momento foi tão intenso **que ela teve medo**. (subordinada adverbial consecutiva)
e) Solta **que você está me machucando**. (coordenada sindética explicativa)

35. (PUCCamp-SP) "Nunca chegará ao fim, **por mais depressa que ande**." A oração destacada é:

a) subordinada adverbial causal.
b) subordinada adverbial concessiva.
c) subordinada adverbial condicional.
d) subordinada adverbial consecutiva.
e) subordinada adverbial comparativa.

36. (Fuvest-SP) Classifique as orações em destaque no período a seguir.

Ao analisar o desempenho da economia brasileira, os empresários afirmaram **que os resultados eram bastante razoáveis**, uma vez que a produção não aumentou, mas também não caiu.

a) principal, subordinada adverbial final
b) subordinada adverbial temporal, subordinada adjetiva restritiva
c) subordinada adverbial temporal, subordinada substantiva objetiva direta
d) subordinada adverbial temporal, subordinada substantiva subjetiva
e) principal, subordinada substantiva objetiva direta

37. (Fuvest-SP)

Sei que esperavas desde o início
que eu te dissesse hoje o meu canto solene.
Sei que a única alma **que eu possuo**
é mais numerosa **que os cardumes do mar.**
(Jorge de Lima)

As orações destacadas são orações subordinadas, respectivamente:

a) substantiva subjetiva, adjetiva, adverbial consecutiva
b) adjetiva, substantiva objetiva direta, adverbial comparativa.
c) substantiva objetiva direta, adjetiva, adverbial comparativa.
d) adjetiva, substantiva subjetiva, adverbial correlativa.
e) substantiva predicativa, adjetiva, adverbial consecutiva.

38. (PUC-MG) Em "Orai porque não entreis em tentação.", o valor da conjunção do período é de:

a) causa.
b) condição.
c) conformidade.
d) explicação.
e) finalidade.

39. (Efei-MG) Em que período a oração subordinada é adverbial concessiva?

a) Peço-lhe permissão para voltar ao trabalho.
b) Mesmo que faça calor, não poderemos nadar.
c) É possível que o rapaz tenha oportunidades.
d) Se tudo correr bem, levar-te-ei à Europa.
e) Ela era tão medrosa, que não saía de casa.

40. (FEI-SP) Complete, segundo o modelo:

Maria entrou na estufa, porque não topou com um desconhecido.

Se Maria topasse com o desconhecido, não entraria na estufa.

O velho Leite raciocinou assim, porque havia muita cinza de cigarro no chão.

Capítulo 25

Orações coordenadas

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 1996. p. 18.

As orações coordenadas são sintaticamente independentes; uma não exerce função sintática em relação à outra. Note que na palavra *coordenação* existe o prefixo *co-*, que indica "nivelamento, igualdade, companhia"; é o mesmo prefixo de *cooperar, colíder, copiloto*. Na palavra *subordinação* existe o prefixo *sub-*, que indica posição inferior: a oração subordinada é sintaticamente dependente da principal.

Na tira acima, as orações coordenadas se sucedem na fala de Helga, no primeiro quadrinho. As orações são sintaticamente completas (não lhes falta nenhum termo), e a conexão entre elas é feita por pausas, representada na escrita por reticências, com exceção da última, "e o teu cachorro teve filhotes", que vem ligada à anterior pela conjunção *e*.

1. Orações sindéticas e assindéticas

Você já sabe que num período composto por coordenação as orações são independentes e sintaticamente equivalentes. Isso significa que as orações coordenadas não agem como se fossem termos de outra oração, nem têm um de seus termos na forma de oração. Observe:

"Apita o árbitro, abrem-se as cortinas e começa o espetáculo." (Fiori Gigliotti, consagrado locutor esportivo, falecido em 2006)

Há três orações nesse período, organizadas a partir das formas verbais *apita*, *abrem-se* e *começa*. Essas orações são sintaticamente equivalentes, já que nenhuma delas atua como termo sintático de outra. As orações são completas, não lhes falta nenhum termo. Não é difícil para você, que já conhece as orações subordinadas, perceber claramente isso. Trata-se, portanto, de um período composto por coordenação – e as três orações que o formam são **coordenadas**.

A conexão entre as duas primeiras orações é feita exclusivamente por uma pausa, representada na escrita por uma vírgula. Entre a segunda e a terceira, é feita pela conjunção *e*. As orações coordenadas que se ligam umas às outras apenas por uma pausa, sem conjunção, são chamadas **assindéticas**. É o caso de "Apita o árbitro" e "abrem-se as cortinas". As orações coordenadas introduzidas por uma conjunção são chamadas **sindéticas**. *Sindéticas* e *assindéticas* são palavras de origem grega; a raiz é *syndeton*, que significa "união". No exemplo da página anterior, a oração "e começa o espetáculo" é coordenada sindética, porque é introduzida pela conjunção *e*. Costuma-se chamar de **coordenada inicial** a primeira oração de um período composto por coordenação.

A classificação de uma oração coordenada leva em conta fundamentalmente o aspecto lógico-semântico da relação que se estabelece entre as orações. Você começa a perceber isso já nos nomes das cinco coordenadas sindéticas, que podem ser subclassificadas em aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas e explicativas.

2. Classificação das orações coordenadas sindéticas

Aditivas

As coordenadas sindéticas aditivas normalmente indicam fatos ou acontecimentos dispostos em sequência. A palavra *aditiva* é da mesma família da palavra *adição*, que, como você sabe, significa "soma". Portanto as coordenadas aditivas normalmente têm o papel de somar, sem acrescentar outro matiz de significação. As conjunções coordenativas aditivas típicas são *e* e *nem* (= *e* + *não*):

Caetano Veloso canta **e compõe muito bem**.

Ela não trabalha **nem estuda**.

Como a conjunção *nem* tem o valor da expressão "e não", condena-se na língua culta a forma *e nem* para introduzir orações aditivas ("Ele não estuda e nem trabalha").

A língua portuguesa dispõe também de estruturas correlativas para coordenar orações. Essas estruturas, conhecidas como séries aditivas enfáticas, costumam ser usadas quando se pretende enfatizar o conteúdo da segunda oração:

Caetano Veloso não só canta, **mas também** (ou **como também**) compõe muito bem.

Ele não só foi o melhor do time, **mas também** (ou **como também**) fez o gol da vitória.

Adversativas

As orações coordenadas sindéticas adversativas exprimem fatos ou conceitos que se opõem ao que se declara na oração coordenada anterior, estabelecendo contraste ou compensação. A palavra *adversativa* é da mesma família da palavra *adversário*, que, como você sabe, significa "opositor". A conjunção coordenativa adversativa típica é *mas*; além dela, empregam-se *porém*, *contudo*, *todavia*, *entretanto* e as locuções *no entanto*, *não obstante*. Observe:

"Eu queria querer-te e amar o amor, construir-nos dulcíssima prisão, encontrar a mais justa adequação, tudo métrica, rima, nunca dor, **mas a vida é real e de viés**." (Caetano Veloso)

O Brasil tem potencial inesgotável; **sua má administração, porém, tem produzido apenas a sociedade mais injusta do planeta**.

O time jogou muito bem, **entretanto não conseguiu a vitória**.

Em textos clássicos, é possível encontrar a conjunção *entanto*, que hoje só é empregada na locução *no entanto*. Quanto a essa locução, convém não imitar uma construção cada vez mais comum, tanto na língua falada quanto na escrita:

Lutamos muito, mas, no entanto, não conseguimos o que queríamos.

Mas e *no entanto* se equivalem; portanto basta usar uma das duas.

Fernando Gonsales

GONSALES, Fernando. *Niquel Náusea: tédio no chiqueiro*. São Paulo: Devir, 2006. p. 48.

Observa-se, na tirinha, a ocorrência da conjunção *mas*, introduzindo um fato que se opõe à afirmação do narrador. O Danilo é folgado em relação aos demais caranguejos. Observe-se, também, a ocorrência da conjunção *e* acrescentando uma ideia à outra: *aproveita e me enterra*.

Alternativas

A palavra *alternativa* é da mesma família das palavras *alternância*, *alternar*. É óbvio, pois, que as orações coordenadas sindéticas alternativas exprimem fatos ou conceitos que se alternam ou que se excluem mutuamente. Essa relação é normalmente expressa pela conjunção *ou* (que pode surgir isolada ou em pares); além dela, empregam-se os pares *ora... ora...*, *já... já...*, *quer... quer...* Observe:

Fale agora, **ou cale-se para sempre**.

Ora age com calma, ora trata a todos com muita aspereza.

Estarei lá, **quer você permita, quer você não permita**.

Nesse último caso, o par *quer... quer...* está coordenando entre si duas orações que, na verdade, expressam concessão em relação a "Estarei lá". É como se se dissesse "Embora você não permita, estarei lá".

Na língua culta, não ocorrem construções como "Estarei lá, quer chova ou faça sol" ou "Está sempre alegre, seja dia de trabalho ou de festa". É necessário manter o paralelismo, repetindo a conjunção: "quer chova, quer faça sol"; "seja dia de festa, seja dia de trabalho".

Em DVD

Divulgação

***A Noiva cadáver*. Direção de Tim Burton. Estados Unidos: Warner Home Video, 2006. (77 min).**

A passagem "Fale agora, ou cale-se para sempre." (em que há uma oração coordenada sindética alternativa) é uma sentença conhecida por aqueles que se unem em matrimônio. A frase aparece até em casamentos envolvendo o além-túmulo, como o do conto desse obscuro e fantástico filme de Tim Burton. Victor, o noivo, é subitamente levado para o submundo, onde se envolve com a noiva cadáver, que exige fidelidade do rapaz, enquanto sua verdadeira noiva o espera no mundo dos vivos. Embora Victor acabe percebendo que o mundo dos mortos é muito mais divertido que o dos vivos, ele descobrirá que não pode se separar de seu verdadeiro amor.

Conclusivas

A palavra *conclusiva* é da mesma família das palavras *concluir*, *conclusão*. Evidentemente, as orações coordenadas sindéticas conclusivas expressam uma conclusão lógica que se obtém a partir dos fatos ou conceitos expressos na oração anterior. A conjunção mais empregada na língua falada é *por isso*. Na língua escrita, aparecem outras, como *logo*, *portanto* e *pois*, esta obrigatoriamente posposta ao verbo. Também se usam *então*, *assim* e as locuções *por conseguinte*, *de modo que*, *em vista disso*. Observe:

Não tenho dinheiro, **portanto não posso pagar**.

Penso, **logo existo**.

Ela é paulista; **é, pois, brasileira**.

O time venceu, **por isso está classificado**.

Em livro

Objetiva

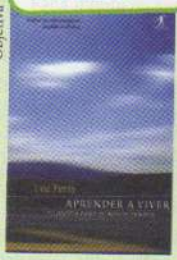

FERRY, Luc. *Aprender a viver*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

A máxima "Penso, logo existo." é de autoria de René Descartes, filósofo e matemático francês que buscou questionar todo o conhecimento considerado correto e verdadeiro. Descartes faz parte de um dos cinco maiores momentos da história da filosofia, segundo Luc Ferry, ex-ministro da educação da França. Seu livro *Aprender a viver* propõe-se a contar esses cinco maiores momentos, ao mesmo tempo em que tenta provar ao leitor que a filosofia pode nos ajudar a viver com mais qualidade e sabedoria.

Explicativas

As orações coordenadas explicativas normalmente expressam a justificativa de uma ordem, sugestão ou suposição. As conjunções mais usadas são *que*, *porque* e *pois*, esta obrigatoriamente anteposta ao verbo. Observe:

"Deixe em paz meu coração, **que ele é um pote até aqui de mágoa**." (Chico Buarque)

Choveu durante a noite, **porque as ruas estão molhadas**.

Cumprimente-o, **pois hoje é seu aniversário**.

É preciso tomar cuidado para não confundir **explicação** com **causa**, ou seja, não se devem confundir as orações coordenadas explicativas com as subordinadas adverbiais causais. Uma explicação é sempre posterior ao fato que a gerou; uma causa é sempre anterior à consequência resultante dela. Nas frases acima, é fácil perceber que não se estão indicando causas, e sim se apresentando explicações: no primeiro caso, alguém pede que o deixem em paz e explica por que está fazendo o pedido; no segundo caso, alguém supõe que tenha chovido durante a noite e baseia sua suposição no fato de as ruas estarem molhadas. Note, nesse segundo caso, que seria absurdo pensar que as ruas molhadas são a causa da chuva – o que ocorre é exatamente o inverso. Se o fato de as ruas estarem molhadas fosse a causa da chuva, estaria resolvido o problema da seca no Brasil: bastaria molhar as ruas das cidades do sertão.

3. Classificação baseada nas relações de sentido

No caso das coordenadas, é preciso levar em conta que a classificação depende fundamentalmente da relação de sentido que se estabelece entre as orações. A conjunção *e*, por exemplo, é sempre vista como aditiva. Num período como "Deus cura, e o médico manda a conta.", é evidente que seu valor não é aditivo. O período, na verdade, equivale a algo como "Deus cura, mas é o médico quem manda a conta.". Em "Você me quer forte, e eu não sou forte mais.", ocorre o mesmo. A conjunção *e* equivale a *mas*, portanto tem valor adversativo e assim poderia ser classificada. Para a Nomenclatura Gramatical Brasileira, no entanto, vale a forma. A conjunção *e* é aditiva e fim. Nos vestibulares mais elaborados, felizmente, essa visão limitada já está fora de moda. A classificação leva em conta o sentido efetivo.

O mesmo raciocínio se aplica às orações coordenadas assindéticas que possuem claramente valor de sindéticas, porque apresentam um conectivo subentendido. Veja:

Fiz o possível para prevenir-lhes o perigo; **ninguém quis ouvir-me**.

Fale baixo: **não sou surdo!**

A terceira oração do primeiro período ("ninguém quis ouvir-me") e a segunda do segundo ("não sou surdo"), apesar de formalmente assindéticas, já que não apresentam conjunção, têm sentidos bem marcados: a primeira tem valor adversativo (equivale a "**mas** ninguém quis ouvir-me"); a segunda, explicativo (equivale a "**pois** não sou surdo").

Por isso convém insistir em que você se preocupe mais com o uso efetivo das estruturas linguísticas do que com discussões às vezes intermináveis sobre questões de mera nomenclatura.

Laerte

LAERTE. *Classificados: livro 2*. São Paulo: Devir, 2002. p. 60.

No texto da tirinha, há duas orações, tendo a segunda nítido valor explicativo em relação à primeira. Embora formalmente ausente, a conjunção explicativa está subentendida no período: *Esqueça piano, pois todo o seu talento é pra massagista.*

Atividades

1. Explique as relações existentes entre os fatos expressos nos períodos compostos seguintes.

a) Ela já deve ter mudado, porque sua casa está vazia.

b) Mantenha a calma, que tudo dará certo.

c) É milionário e vive pedindo fiado.

d) Vários parlamentares ausentaram-se intencionalmente da votação; essa ausência deve ser vista, pois, como uma tomada de posição.

e) Venha amanhã, pois temos de tomar decisões importantes.

f) Faça direito ou será obrigado a refazer.

2. A partir dos períodos dados, construa períodos compostos por coordenação, unindo as orações na ordem conveniente. Utilize a conjunção coordenativa apropriada e faça as alterações necessárias.

a) Aquele verão foi quente e ensolarado. Só pudemos sair de casa poucas vezes.

b) Nesta terra de fartura, existem muitos pobres. Alguma coisa está errada.

c) Visite-me. Quero estar com você mais tempo.

d) A safra de grãos será a maior da história. Muita gente passará fome.

e) Não fomos capazes de resolver nossos problemas. Foi preciso procurar novas alternativas.

f) Invista em seu futuro agora. Você poderá enfrentar dificuldades mais tarde.

g) Chove torrencialmente. A seca castiga a tudo e a todos.

3. Utilizando uma das conjunções indicadas entre parênteses, junte as orações, formando períodos compostos.

a) Estou enganado. Escrevi um texto desnecessário. (*e/ou ... ou/porém*)

b) Não participei da reunião. Não posso opinar sobre o assunto. (*mas/logo/pois*)

c) Irei à Europa nas férias. Não estarei em São Paulo. (*logo/porque/contudo*)

d) Vocês podem ir. Devem voltar cedo. (*que/portanto/mas também*)

e) Esperei um pouco, telefonei para ela. Marquei um encontro para a noite. (*então/e/por isso*)

f) Venha logo para dentro. Está fazendo frio. (*mas/que/e*)

g) Ela não para de sorrir. Deve ser feliz. (*logo/entretanto/pois*)

h) Tome cuidado na estrada. Está cheia de buracos. (*portanto/e/pois*)

i) Há anos estudo espanhol. Estou começando a estudar francês. (*porém/e/ora ... ora*)

j) Vou dar o recado a ela. A reunião não pode ser adiada. (*nem/logo/mas*)

k) Caiu violentamente. Não sofreu um arranhão. (*portanto/porque/e*)

4. Ordene os fatos expressos nas orações de cada item e forme períodos compostos por coordenação. Utilize as conjunções ou sinais de pontuação apropriados a cada caso.

a) Acendeu a fogueira. Juntou galhos e gravetos.

b) Armou a barraca cuidadosamente. Escolheu um local plano e aberto. Limpou o terreno.

c) A luz invadiu o quarto. Levantou-se da cama. Chegou até a janela. Caminhou cuidadosamente no escuro. Abriu-a.

d) Não posso discutir o assunto. Nada sei sobre ele.

e) Muitas pessoas já estão dormindo. Não faça barulho.

f) Não se feriu com gravidade. Sofreu um acidente terrível.

g) Não obterá sucesso. Faça tudo cuidadosamente.

5. Em cada item seguinte, há um período composto por subordinação. Estude bem a relação estabelecida entre os fatos; depois, proponha um período composto por coordenação cujo sentido se aproxime do expresso pelo período original.

a) Embora a acusação seja grave, o candidato nega-se a discuti-la.

b) Se você não se dedicar seriamente, os resultados não serão satisfatórios.

c) Concluí que não há ninguém na casa porque janelas e portas estão trancadas.

4. As orações coordenadas e a pontuação

a. regra geral – Separam-se por vírgula as orações coordenadas assindéticas e as orações coordenadas sindéticas, com exceção das introduzidas pela conjunção *e* que não tenham sujeito diferente do da oração anterior:

Alguns reclamam, um ou outro protesta, ninguém reivindica.

A exploração racional dos recursos naturais pode ser lucrativa, logo deve ser incentivada num país pobre e subdesenvolvido.

A queimada de florestas nativas representa grande desperdício, mas continua a ser praticada neste país.

b. orações introduzidas pela conjunção *e* – Devem-se adotar os mesmos procedimentos aplicados aos termos coordenados de um período simples, ou seja:

- quando a conjunção surge apenas entre a penúltima e a última oração de uma sequência, não se emprega vírgula:

  Apresentei meus argumentos e fiz minhas exigências.

  Participei da reunião, levei meu relatório, apresentei meus pontos de vista e fiz minhas exigências.

- quando a conjunção *e* é repetida, introduzindo várias orações de uma sequência, deve ser sempre precedida de vírgula:

  O menino girava em volta da mãe, e vinha, e tornava a ir, e ainda uma vez voltava, e se afastava, e ameaçava dizer o que queria, e fazia meia-volta...

- a vírgula também deve ser usada quando a conjunção une orações que possuem sujeitos diferentes:

  O presidente convocou os ministros, e o Congresso começou a trabalhar.

A um poeta

Longe do estéril turbilhão da rua,
Beneditino, escreve! No aconchego
Do claustro, na paciência e no sossego,
Trabalha, e teima, e lima, e sofre, e sua!

LIMA, Alceu Amoroso (Dir.). *Olavo Bilac. Poesia.*
Rio de Janeiro: Agir, 1976. p. 92.

No trecho do poema de Olavo Bilac, nota-se a ênfase das orações coordenadas aditivas, separadas por vírgulas. Note-se que as quatro últimas orações constituem uma sequência simétrica uma vez que são todas introduzidas pela conjunção *e* e apresentam formas verbais dissílabas e paroxítonas.

C. uso do ponto-e-vírgula – Também o ponto-e-vírgula pode ser utilizado na pontuação das orações coordenadas, especialmente com as orações adversativas e com as conclusivas:

Aja como quiser; mas não me impeça de pensar.

Os problemas se avolumam num ritmo alucinante; portanto é preciso adotar providências eficientes com rapidez.

- O uso do ponto-e-vírgula pode ocorrer também entre orações assindéticas que tenham nítido valor adversativo ou conclusivo:

  Fiz o possível para demovê-los daquela ideia; não consegui absolutamente nada.

  Os livros são raros; é preciso conservá-los com todo o cuidado.

- O ponto-e-vírgula é obrigatório para separar coordenadas sindéticas adversativas ou conclusivas que não sejam iniciadas pela conjunção. Note que, nesses casos, as conjunções deslocadas devem ser isoladas por vírgulas:

  Uns lutam, criam; outros, porém, só sabem explorar.

  O país investe pouco em educação; não há, portanto, perspectiva de eliminar o atraso.

- O ponto-e-vírgula permite organizar blocos de orações coordenadas que estabelecem contraste:

  Uns avançam os sinais vermelhos, oprimem os pedestres nas faixas de segurança, estacionam em fila dupla e ostentam pose de bons cidadãos; outros nascem na miséria, crescem nas ruas, vendem goma de mascar nas esquinas e acabam recebendo destaque nas reportagens policiais.

- O ponto-e-vírgula deve ser usado para separar os membros de uma enumeração:

  Numa eleição, é preciso levar em conta:

  a) o perfil ideológico e o programa de cada partido;

  b) a atuação dos membros do partido em gestões anteriores;

  c) a qualidade individual dos candidatos do partido.

Atividade

Pontue adequadamente os períodos seguintes.

a) O jogador queria participar da partida mas o médico do clube não permitiu.

b) O álcool combustível é uma fonte renovável de energia portanto deveria ter seu uso ampliado e estimulado.

c) O álcool combustível é uma fonte renovável de energia deveria ter seu uso ampliado e estimulado portanto.

d) Insistiu muito e conseguiu o que queria.

e) Tentou uma vez e insistiu e tornou a tentar e conseguiu o que queria.

f) Examinei notei a falta de estrutura do grupo e achei melhor interferir.

g) Vários projetos têm sido apresentados para amenizar as tensões sociais do país nenhum deles contudo estabelece uma distribuição de renda menos indecente.

h) Apresentei vários projetos nenhum foi sequer analisado.

i) Chamava-se Pedro o amigo Paulo.

Textos para análise

1

É pra rir ou pra chorar?

O Brasil proclamou sua independência, mas o filho do rei é que assumiu a gerência.

O povo sem estudo não dá muito palpite, e a nossa república é só pra elite. (E quem faz greve o patrão ainda demite). É pra rir ou pra chorar?

O Brasil aboliu a escravidão, mas o negro da senzala foi direto pra favela. Virou um homem livre e foi pra prisão. Só que a tal da liberdade não entrou lá na cela. (E a discriminação ainda é verde e amarela). É pra rir ou pra chorar?

O Brasil foi parar na mão dos militares, que calaram o povo no tempo da ditadura.

Torturaram e prenderam e mataram milhares, mas ninguém foi condenado pelos crimes de tortura. (E tem até torturador lançando candidatura). É pra rir ou pra chorar?

O Brasil conseguiu as eleições diretas, mas a gente que vota ainda é semianalfabeta.

O Collor foi eleito e roubou até cansar. O povo deu um jeito de cassar o marajá. Mas ele não foi preso e falou que vai voltar! É pra rir ou pra chorar?

O Brasil tem mais terra do que a China tem chinês, mas a terra tá na mão dos grandes latifundiários. A reforma agrária ninguém ainda fez. Ainda bem que os sem-terra não são otários. (E tudo que eles querem é direito a ter trabalho). É pra rir ou pra chorar?

O Brasil tem miséria, mas tem muito dinheiro, na mão de meia dúzia, no banco suíço.

O rico sobe na vida feito estrangeiro, e o pobre só sobe no elevador de serviço. (E você aí fingindo que não tem nada com isso?) É pra rir ou pra chorar?

O Brasil tem um povo gigante por natureza que ainda não percebe o tamanho dessa grandeza. Sempre solidário no azar ou na sorte, um povo generoso, criativo e risonho.

Poderoso, e tem um coração batendo forte que põe fé no futuro do mesmo jeito que eu ponho. E vai ter que ser independência ou morte. Um por todos, e todos por um sonho.

É pra rir ou pra chorar? É pra ir ou pra voltar? Pra seguir ou pra parar? Pra cair ou levantar? É pra rir ou pra chorar? Pra sair ou pra ficar? Pra ouvir ou pra falar? Pra dormir ou pra sonhar? É pra ver ou pra mostrar? Aplaudir ou protestar? Construir ou derrubar? Repetir ou transformar? É pra rir ou pra chorar? Pra se unir ou separar? Agredir ou agradar? Pra torcer ou pra jogar? Pra fazer ou pra comprar? Pra vender ou pra alugar? Pra jogar pra perder ou pra ganhar? Dividir ou endividar? Dividir ou individualizar? É pra rir ou pra chorar?!

Gabriel O Pensador e Liminha.
Disponível em: <www.gabrielopensador.com.br>.
Acesso em: 16 jun. 2008.

Trabalhando o texto

1. O primeiro período apresenta uma estrutura sintática que se repete várias vezes ao longo do texto. Qual é essa estrutura? Que efeito de sentido ela instala no texto?

2. "Virou um homem livre **e** foi pra prisão."

Qual o valor da conjunção destacada no período? Comente.

3. Como você interpreta a frase "E a discriminação ainda é verde e amarela"?

4. "Torturaram e prenderam e mataram milhares, mas ninguém foi condenado pelos crimes de tortura."

Indique as orações presentes no período e classifique-as.

5. "O Brasil conseguiu as eleições diretas, mas a gente que vota ainda é semianalfabeta. O Collor foi eleito e roubou até cansar."

Qual a relação de sentido que se estabelece entre os dois períodos do trecho transcrito? Explique.

6. "O Brasil tem um povo gigante por natureza que ainda não percebe o tamanho dessa grandeza."

Aponte e classifique as orações presentes no período transcrito.

7. Que relação de sentido estabelece a conjunção coordenativa *ou*? Explique a partir de elementos retirados do próprio texto.

8. Comente os recursos linguísticos presentes no título do álbum do qual foi retirada a canção: *Seja você mesmo mas não seja sempre o mesmo.*

9. "Um por todos, e todos por um sonho."

É pra concordar ou discordar?

Em *site*

<www.gabrielopensador.com.br>. Acesso em: 15 jul. 2008.

Site oficial do cantor e compositor Gabriel O Pensador. A página oferece links sobre sua biografia, discografia com letras das canções, cenas de *shows*, trechos de livros lançados pelo músico, textos de opinião e sua agenda.

2

Revista *Veja*, 30 mai 2001, p. 140-1/Detalhe

PENSO, LOGO ASSISTO:

ALBERTO DINES, JOSÉ CARLOS CATALDI, RONALDO ROSAS, LEILA RICHERS, CLÁUDIO BOJUNGA, CLÁUDIO LINS, LÚCIA LEME, SARGENTELLI, LEDA NAGLE, LULA VIEIRA, SÉRGIO BRITTO, LÉO E CIA., MÁRCIO GUEDES, VERA BARROSO, ANCELMO GÓIS, CARLA BRAGA, SÔNIA RACY, WILSON FIGUEIREDO, CARLA RAMOS, CÍCERO SANDRONI, RODOLFO BOTTINO, PAULA SALDANHA, MAESTRO SCHILLER, JOSÉ MAURÍCIO MACHLINE, HUMBERTO MOTTA, ARISTÓTELES DRUMMOND, MILTON CUNHA, MARIA DO ROSÁRIO, PAULO MARKUN, ANTÔNIO ABUJAMRA, ROBERTO D'ÁVILA.

A partir de agora a TVE e mais 133 afiliadas formam a Rede Brasil. A primeira cobertura nacional em credibilidade, que chega com uma nova antena, novos transmissores, uma nova imagem e uma nova programação. Tudo para oferecer o que há de melhor em cultura, informação e entretenimento. Só uma coisa continua antiga, o compromisso com um conteúdo de qualidade, a verdade e o respeito à sua inteligência.

Veja. São Paulo: Abril, 30 mai. 2001. p. 140-1.

Trabalhando o texto

Classifique as orações presentes no período acima. A seguir, comente a relação de sentido que estabelecem entre si, considerando o produto que está sendo anunciado e a célebre frase a que o texto do anúncio se refere.

Questões de exames e concursos

1. (Ibmec) Assinale a alternativa **incorreta** com relação a este fragmento da letra da música "Verdade chinesa" (texto de Carlos Colla e Gilson).

"Senta, se acomoda, à vontade, tá em casa
Toma um copo, dá um tempo, que a tristeza vai passar
Deixa, pra amanhã tem muito tempo
O que vale é o sentimento
E o amor que a gente tem no coração".

http://emilio-santiago.letras.terra.com.br/letras/45703.

a) Os dois primeiros versos são compostos exclusivamente por orações coordenadas assindéticas.

b) A palavra "que" aparece três vezes no texto. No segundo verso é uma conjunção coordenativa; já no quinto verso é um pronome relativo.

c) A primeira oração do segundo verso consiste numa metonímia.

d) Aparecendo duas vezes no texto, a palavra "tempo" tem a função de objeto direto.

e) Os verbos sentar, tomar, dar e deixar aparecem flexionados na segunda pessoa do singular, no modo imperativo afirmativo e configuram, deste modo, o uso da função apelativa da linguagem.

2. (UEL-PR)

Solar

Minha mãe cozinhava exatamente: arroz, feijão-roxinho, molho de batatinhas.

Mas cantava.

PRADO, Adélia. *O coração disparado*. 3. ed. Rio de Janeiro: Salamandra, 1984. p. 28.

Sobre o texto, considere as afirmativas a seguir.

I. O verbo "cantar" remete a uma prática que contrasta com o prosaico pouco expressivo do cotidiano.

II. Os ingredientes enumerados – arroz, feijão-roxinho e molho de batatinhas – representam o descaso da mãe com a família.

III. O último verso é introduzido por uma conjunção que expressa o sentido de oposição.

IV. O texto é narrativo porque os atos de cozinhar e cantar são mostrados em uma sequência cronológica.

Estão corretas apenas as afirmativas:

a) I e II.
b) I e III.
c) III e IV.
d) I, II e IV.
e) II, III e IV.

3. (UEPG) Quanto à constituição sintática da sequência "Durou, doeu e incomodou", é correto afirmar:

01. Trata-se de um período composto por coordenação.
02. Os três verbos se relacionam a um mesmo sujeito.
04. É um período que contém orações independentes.
08. Trata-se de um período misto, em que se observa não só coordenação como também subordinação.
16. O sujeito dos verbos é o termo "bursite".

4. (UEPG) Quanto às funções sintáticas no período "Uma mancha negra gigantesca escureceu e apavorou Nova York", estão corretas as afirmações:

01. Trata-se de um período composto por orações independentes, por isso ditas coordenadas.
02. O termo "Nova York" complementa o sentido de ambos os verbos.
04. O verbo "escureceu" é intransitivo.
08. O sujeito é simples na primeira oração ("uma mancha negra gigantesca") e indeterminado na segunda.
16. No sintagma "uma mancha negra gigantesca", observa-se um núcleo nominal, "mancha", cujo significado se modifica por força dos atributos "negra" e "gigantesca".

5. (PGJ-MG/PUC-MG) Leia com atenção os períodos a seguir.

I. "Não sei se o capitão suspeitou alguma coisa do meu fúnebre projeto."

II. "Pegou-me na mão e apontou para a lua, perguntando-me por que não fazia uma poesia à noite."

III. "Não alcancei a celebridade do emplasto, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento."

O período é composto por coordenação e subordinação em:

a) I apenas
b) II apenas
c) III apenas
d) I, II e III

6. (Uniube-MG) Em: "Agora não se vira mais cidadão do mundo: você já nasce sendo um", a relação entre as orações pode ser estabelecida por meio de:

a) logo.
b) mas.
c) desde que.
d) pois.

7. (UFF-RJ) Assinale a **única** alternativa em que ocorre oposição entre as ideias estabelecidas nos períodos.

a) Os contratos não vêm mais com a chancela do Estado, mas com carimbos de advogados...
b) A mistura é irreversível. É uma exigência do mundo.
c) Eu, um italiano, não torci pela Itália nesta Copa, virei um seguidor apaixonado do Senegal.
d) ...essa lógica não diz respeito só a equipes de futebol. Ela serve como condição para nossa experiência...

8. (UFSCar-SP) Entre os versos do poema épico *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões, "Chamam-te ilustre, chamam-te subida, / Sendo digna de infames vitupérios", a relação que se estabelece é de:

a) oposição.
b) explicação.
c) causa.
d) modo.
e) conclusão.

9. (UFF-RJ) A pontuação pode ser substituída, muitas vezes, por conectivos, para estabelecer variados tipos de relações sintático-semânticas. Na frase extraída do cap.1 de *Esaú e Jacó*:

A noite é clara e quente; podia ser escura e fria, e o efeito seria o mesmo.

o conectivo que pode ser usado em substituição ao ponto-e-vírgula tem valor:

a) explicativo.
b) conclusivo.
c) proporcional.
d) final.
e) adversativo.

10. (PUC-SP) No período: "A roupa lavada, que ficara de véspera nos coradouros, umedecia o ar e punha-lhe

um fartum acre de sabão ordinário", temos, respectivamente, as seguintes orações:

a) principal, subordinada adjetiva explicativa, coordenada sindética aditiva.

b) inicial, subordinada adjetiva explicativa, coordenada sindética aditiva.

c) principal, subordinada substantiva completiva nominal, coordenada sindética aditiva.

d) inicial, coordenada sindética explicativa, coordenada sindética aditiva.

e) principal, subordinada adjetiva explicativa, subordinada adverbial causal.

11. (Fuvest-SP) Dentre os períodos transcritos abaixo, um é composto por coordenação e contém uma oração coordenada sindética adversativa. Assinalar a alternativa correspondente a esse período.

a) A frustração cresce e a desesperança não cede.

b) O que dizer sem resvalar para o pessimismo, a crítica pungente ou a autoabsolvição?

c) É também ocioso pensar que nós, da tal elite, temos riqueza suficiente para distribuir.

d) Sejamos francos.

e) Em termos mundiais somos irrelevantes como potência econômica, mas ao mesmo tempo extremamente representativos como população.

12. (Fuvest-SP) "Anteontem aconteceu o que era inevitável, mas nos encantou como se fosse inesperado: meu pé de milho pendoou." (Rubem Braga)

A oração a que pertence o verbo *encantar* é introduzida pela conjunção *mas*, o que a torna coordenada; por outro lado, o pronome relativo *que* faz dela uma subordinada.

Como você pode explicar essa dualidade?

13. (PUC-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que ocorre uso **incorreto** de conjunção.

a) O homem criou a máquina para facilitar sua vida, e contudo ela correspondeu a essa expectativa.

b) Diga-lhe que abra logo a porta, que eu estou com pressa.

c) Ele tinha todas as condições para representar bem os colegas; nem todos lhe reconheciam os méritos, porém.

d) O problema é que ainda não se sabe se ele agiu conforme as normas da empresa.

e) Ao perceber o que tinham feito com seus livros, gritou que parecia um louco.

14. (PUC-SP) No período "Meyer, que estava sentado na soleira da porta com as compridas pernas encolhidas, ergueu-se precipitadamente ao avistar Cirino e correu ao seu encontro", temos, respectivamente, as seguintes orações:

a) principal, subordinada adjetiva explicativa, subordinada adverbial reduzida, coordenada sindética aditiva.

b) inicial, subordinada adjetiva restritiva, principal, coordenada sindética aditiva.

c) principal, subordinada substantiva completiva nominal, subordinada adverbial temporal, coordenada sindética aditiva.

d) inicial, coordenada sindética explicativa, coordenada assindética, coordenada sindética aditiva.

e) principal, subordinada adjetiva explicativa, coordenada assindética, coordenada sindética aditiva.

15. (PUC-SP) Na organização do período composto, podem ocorrer dois processos: a coordenação e a subordinação.

a) Explique esses dois processos.

b) Analise o período composto que transcrevemos, dividindo suas orações e classificando-as.

> Dentro dele um desejo abre-se em flor e cresce e ele pensa, ao sentir esses sonhos ignotos, que a alma é como uma planta...

16. (Unimep-SP) "Mauro não estudou nada **e foi aprovado**." Apesar do *e*, normalmente aditivo, a oração destacada é:

a) adversativa.

b) conclusiva.

c) explicativa.

d) alternativa.

e) causal.

17. (Unimep-SP)

I. Fui às Olimpíadas, mas perdi o ano na escola.

II. Perdeu o emprego, mas passou três meses na Europa.

III. Todos ficaram apreensivos, mas a responsabilidade era grande.

A conjunção *mas* introduz orações coordenadas adversativas que podem apresentar, no entanto, ideias ou valores diferentes. Em I, II e III há, respectivamente, ideia ou valor de:

a) compensação, justificativa, contraste.

b) compensação, compensação, justificativa.

c) não-compensação, não-compensação, objeção.
d) não-compensação, compensação, justificativa.
e) comparação, objeção, compensação.

18. (FCMSC-SP) Chamando de:

1. o período composto por coordenação sindética,
2. o período composto por coordenação assindética,

assinale a alternativa correta.

a) Colhemos frutos, jogamos bola. (1)
b) Bem depressa chegou o trem: despedimo-nos sem demora. (1)
c) Os dois anos de serviço acabaram em 1855, e o escravo ficou livre, mas continuou o ofício. (1)
d) Dormi tarde, mas acordei cedo. (2)
e) Fui bem em Física, mas não acertei nada de Química. (2)

19. (FEI-SP) "Sem dúvida as árvores se despojaram e enegreceram, **o açude estancou**, as porteiras dos currais se abriram, inúteis." (Graciliano Ramos)

Classifique sintaticamente a oração destacada.

a) coordenada sindética aditiva
b) coordenada sindética adversativa
c) coordenada sindética conclusiva
d) coordenada assindética

20. (UFV-MG) No seguinte período:

Choveu durante a noite, **porque as ruas estão molhadas.**

a oração destacada é:

a) subordinada adverbial consecutiva.
b) coordenada sindética explicativa.
c) subordinada adverbial causal.
d) coordenada sindética conclusiva.
e) subordinada adverbial concessiva.

21. (FCMSC-SP) Por definição, "oração coordenada que se prende à anterior por conectivo é denominada **sindética** e é classificada pelo nome da conjunção que a encabeça". Assinale a alternativa em que aparece uma coordenada sindética explicativa, conforme a definição.

a) A casaca dele estava remendada mas estava limpa.
b) Ambos se amavam, contudo não se falavam.
c) Todo mundo trabalhando: ou varrendo o chão ou lavando as vidraças.
d) Chora, que lágrimas lavam a dor.
e) O time ora atacava, ora defendia e no placar aparecia o resultado favorável.

22. (UFJF-MG) Só há orações coordenadas em:

a) Faltou vinho em um casamento, e deu à água que corre a cor e o gosto do vinho.
b) As ondas aplacavam-se a um gesto seu; os peixes, que se recusavam a Pedro, enchiam a rede que Jesus mandara lançar.
c) Uma noite, perante os discípulos turbados, caminhou lisamente sobre o mar, como nós outros pisamos o chão.
d) Acalmou possessos. Fez andar paralíticos. A leprosos sacava as feridas.
e) Todas essas respostas seriam impressionantes, e os evangelistas as consignariam respeitosamente em suas crônicas.

23. (Imes-SP) Classifique as orações destacadas, de acordo com o código abaixo:

a) coordenada sindética aditiva
b) coordenada sindética adversativa
c) coordenada sindética explicativa
d) coordenada sindética conclusiva
e) coordenada assindética

I. ( ) "De outras ovelhas cuidarei, **que não de vós.**" (Garrett)
II. ( ) José entendeu os testes, **portanto pode fazer as provas.**
III. ( ) Você não pode desanimar, **pois, afinal de contas, tudo anda muito bem.**

24. (FCC-BA) "Não chegue tarde, pois muita gente virá procurá-lo."

Comece com: Muita gente virá...

a) porquanto
b) entretanto
c) por conseguinte
d) dado que
e) visto como

Texto para as questões 25 e 26.

João amava Teresa que amava Raimundo / que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili / que não amava ninguém. /João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento, / Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia, / Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes / que não tinha entrado na história.

(Carlos Drummond de Andrade)

25. (PUC-SP) A primeira parte do poema (três primeiros versos) é marcada, sintaticamente, pela presença de orações, cujos termos introdutórios atuam como:

a) subordinadas adjetivas restritivas, conectivo-sujeito.

b) coordenadas sindéticas explicativas, simples conectivo.

c) subordinadas adverbiais comparativas, simples conectivo.

d) subordinadas adjetivas explicativas, conectivo-sujeito.

e) coordenadas sindéticas aditivas, simples conectivo.

26. (PUC-SP) A segunda parte do poema (quatro últimos versos) tem um ritmo diferente da primeira. Isso se deve, entre outras características, à estrutura sintática das orações, assim organizadas:

a) coordenadas aditivas e subordinada adverbial conclusiva.

b) coordenadas explicativas e subordinada adjetiva restritiva.

c) coordenadas aditivas e subordinada adjetiva explicativa.

d) coordenadas aditivas e subordinada adjetiva restritiva.

e) coordenadas explicativas e subordinada adjetiva explicativa.

27. (FCMSC-SP) "Apesar de ter uma inteligência notável, não conseguia entender as razões alheias."

Comece com: Tinha uma inteligência...

a) portanto

b) sendo que

c) a fim de que

d) no entanto

e) desde que

28. (FCMSC-SP) "Seja racional, pois aqui não cabem critérios subjetivos."

Comece com: Aqui não cabem...

a) portanto

b) visto que

c) para isso

d) posto que

e) não obstante

29. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção em que a conjunção *e* está empregada com valor adversativo.

a) Deixou viúva e órfãos miúdos.

b) Para diminuir a mortalidade e aumentar a produção proibi a aguardente.

c) Tenho visto criaturas que trabalham demais e não progridem.

d) Iniciei a pomicultura e a avicultura.

e) Perdi dois caboclos e levei um tiro de emboscada.

30. (UFMG) Nos itens abaixo apresentamos alguns períodos e considerações sobre eles. Em que alternativa essas considerações são **erradas**?

a) 1. Isso aconteceu **porque você não me ouviu**.

2. Alguma coisa aconteceu, **porque você está muito assustado**.

No período 1, a oração destacada expressa a causa do que se informa na oração principal. No período 2, a oração destacada não expressa a causa do que se informa na principal.

b) 1. A casa de Mário, **que foi construída em 1945**, conserva, até hoje, sua pintura primitiva.

2. A casa de Mário **que foi construída em 1945** conserva, até hoje, sua pintura primitiva.

Os dois períodos têm sentidos diferentes. No período 1 podemos concluir que Mário tem uma casa apenas. No período 2 indica-se que Mário tem mais de uma casa.

c) 1. **Como tivesse terminado a apuração das eleições**, os políticos vencedores festejaram, euforicamente, sua vitória.

2. **Mal terminou a apuração das eleições**, os políticos vencedores festejaram, euforicamente, sua vitória.

Nos dois períodos observa-se entre a oração subordinada (destacada) e a principal uma relação de concessão.

d) 1. **Mesmo não tendo obtido um bom resultado**, conseguimos a aprovação.

2. **Apesar de não ter obtido um bom resultado**, conseguimos a aprovação.

Nos dois períodos observa-se entre a oração subordinada (destacada) e a principal uma relação de concessão.

e) 1. **A menos que sejam tomadas providências imediatas**, toda a riqueza florestal da Amazônia será devastada.

2. **Caso não sejam tomadas providências imediatas**, toda a riqueza florestal da Amazônia será devastada.

Nos dois períodos observa-se entre a oração subordinada (destacada) e a principal uma relação de condição.

Capítulo 26

Concordância verbal e nominal

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 1996. p. 35.

O verbo e o sujeito estão sempre ligados pelo mecanismo da concordância: sujeito no singular, verbo no singular, sujeito no plural, verbo no plural. Observe essa relação em cada um dos balões de fala da tira acima, em que os sujeitos são, respectivamente: "Surpresas", "A emoção", "Todos os dias" e "Eu" (elíptico, nos dois últimos balões).

1. Concordância verbal

Neste capítulo, você vai estudar um dos aspectos mais ricos da sintaxe portuguesa: a concordância.

Você já aprendeu nos capítulos destinados à análise dos termos essenciais da oração que o verbo e o sujeito estão sempre ligados pelo mecanismo de concordância. De acordo com essa relação, verbo e sujeito concordam em número e pessoa:

Assumo meus inúmeros erros.
sujeito da primeira pessoa do singular (eu)

Assumimos nossos inúmeros erros.
sujeito da primeira pessoa do plural (nós)

Toda pessoa sensata assume os próprios erros.
sujeito da terceira pessoa do singular

Pessoas sensatas assumem os próprios erros.
sujeito da terceira pessoa do plural

Regras básicas: sujeito composto

a. anteposto ao verbo – Quando o sujeito é composto e anteposto ao verbo, a concordância se faz no plural:

Pai e filho conversaram longamente.

Pais e filhos devem conversar com frequência.

b. pessoas gramaticais diferentes – Nos sujeitos compostos formados por pessoas gramaticais diferentes, a concordância no plural obedece ao seguinte esquema: a primeira pessoa prevalece sobre a segunda pessoa, que, por sua vez, prevalece sobre a terceira. Veja:

Teus irmãos, tu e eu	tomaremos a decisão. primeira pessoa do plural
Tu e teus irmãos	tomareis a decisão. segunda pessoa do plural
Pais e filhos	precisam respeitar-se. terceira pessoa do plural

Quando o sujeito composto é formado por um elemento da segunda pessoa e um da terceira, é possível empregar o verbo na terceira pessoa do plural, como se vê em muitos de nossos bons escritores. É possível, pois, aceitar a frase: "Tu e teus irmãos tomarão a decisão.", já legitimada por grande parte dos gramáticos.

c. posposto ao verbo – Você percebeu que, até agora, todos os exemplos trouxeram o sujeito anteposto ao verbo. No caso do sujeito composto posposto ao verbo, passa a existir uma nova possibilidade de concordância: em vez de concordar no plural com a totalidade do sujeito, o verbo pode estabelecer concordância com o núcleo do sujeito mais próximo. Convém insistir em que isso é uma opção, e não uma obrigação. Essa dupla possibilidade se estende aos demais casos de concordância entre verbo e sujeito composto que você estudará mais adiante.

Faltaram coragem e competência.

Pouco falaram o presidente e os ministros.

Faltou coragem e competência.

Pouco falou o presidente e os ministros.

Cabe observar que, com a opção pela concordância com o núcleo mais próximo, pode haver ênfase sobre esse elemento. Em "Chorou o pai e os filhos", por exemplo, pode haver mais ênfase sobre o choro do pai; em "Choraram o pai e os filhos", esse processo não ocorre.

Quando ocorre ideia de reciprocidade, no entanto, a concordância é feita obrigatoriamente no plural:

Abraçaram-se vencedor e vencido.

Ofenderam-se o jogador e o árbitro.

LAERTE. *Classificados: livro 2*. São Paulo: Devir, 2002. p. 59.

Observe, no primeiro quadrinho, que, no caso de pessoas gramaticais diferentes (*eu e você*), prevalece a primeira pessoa (*estivemos*).

Atividades

1. Substitua os asteriscos das frases seguintes pela forma apropriada do verbo entre parênteses, no tempo que você julgar adequado.

a) (*) vários fatos inesperados ontem à noite. (*ocorrer*)

b) (*)-nos alguns momentos de paz. (*restar*)

c) (*) apenas alguns amigos fiéis no fim do debate. (*ficar*)

d) (*) vinte reais. (*sobrar*)

e) (*) alguns bons amigos para o alegrar. (*bastar*)

f) Certamente (*) bons motivos para que continuemos juntos. (*dever existir*)

g) Ainda (*) muitas surpresas neste campeonato. (*poder ocorrer*)

h) É possível que ainda (*) lembranças daqueles momentos. (*sobreviver*)

i) Ainda (*) vinte litros de combustível no tanque do carro. (*caber*)

2. Este exercício é semelhante ao anterior. Em alguns casos você poderá flexionar o verbo em mais de uma pessoa gramatical.

a) Jogadores e torcedores (*) depois do jogo. (*discutir*)

b) (*) jogadores e torcedores depois do jogo. (*discutir*)

c) Meus filhos e eu (*) a Portugal nas próximas férias. (*ir*)

d) (*) a Portugal meus filhos e eu nas próximas férias. (*ir*)

e) (*) a Portugal eu e meus filhos nas próximas férias. (*ir*)

f) Tu e teus amigos (*) das assembleias. (*dever participar*)

g) Tu e eu (*) das assembleias. (*dever participar*)

h) Por que (*) tu e teus amigos às reuniões do grupo? (*faltar*)

i) (*) minha irmã e teu primo para o concurso. (*inscrever-se*)

j) (*) minha irmã e teu primo quando se encontraram. (*abraçar-se*)

3. Leia atentamente as duas frases seguintes e responda: que diferença estilística existe entre elas? Explique.

Diante da crise insuperável, renunciaram o presidente e os ministros.

Diante da crise insuperável, renunciou o presidente e os ministros.

4. Leia atentamente a frase seguinte e indique formas de evitar as possíveis ambiguidades.

Feriram-se a mãe e o filho.

Em CD

Divulgação

Paulinho da Viola. Quando bate uma saudade. In: Maxximum: Paulinho da Viola. (CD). Sony e BMG, 2006.

Na linguagem do dia-a-dia, é comum verificar a não-concordância do verbo quando ele está anteposto ao sujeito no plural. Não é raro ouvirmos frases como "Acabou as fichas" ou "Sobrou dez". Ainda bem que também não são raras as músicas que realizam a adequada concordância verbal ao lidar com casos como esse. A bela canção de Paulinho da Viola, "Quando bate uma saudade", é um bom exemplo.

Casos de sujeito simples que merecem destaque

Há muitos casos em que o sujeito simples é constituído de formas que fazem o falante hesitar no momento de estabelecer a concordância com o verbo. Em alguns desses casos, a concordância puramente gramatical é contaminada pelo significado de expressões que nos transmitem noção de plural apesar de terem forma de singular ou vice-versa. Por isso, convém analisar com cuidado algumas delas.

a. expressões partitivas – Quando o sujeito é formado por uma expressão partitiva (parte de, uma porção de, o grosso de, metade de, a maioria de, a maior parte de, grande parte de) seguida de um substantivo ou pronome no plural, o verbo pode ficar no singular ou no plural:

A maioria dos jornalistas **aprovou / aprovaram** a ideia.

Metade dos candidatos não **apresentou / apresentaram** nenhuma proposta interessante.

Esse mesmo procedimento se aplica aos casos dos coletivos, quando especificados:

Um bando de vândalos **destruiu / destruíram** o monumento.

Nesses casos, o uso do verbo no singular enfatiza a unidade do conjunto; já a forma plural confere destaque aos elementos que formam esse conjunto.

b. quantidade aproximada – Quando o sujeito é formado por expressão que indica quantidade aproximada (cerca de, mais de, menos de, perto de) seguida de numeral e substantivo, o verbo concorda com o substantivo. Observe:

Cerca de mil pessoas **participaram** da manifestação.

Perto de quinhentos alunos **compareceram** à solenidade.

Mais de um atleta **estabeleceu** novo recorde nas últimas Olimpíadas.

c. mais de um – Quando a expressão *mais de um* se associar a verbos que exprimem reciprocidade, o plural é obrigatório:

Mais de um deputado **se ofenderam** na tumultuada sessão de ontem.

d. nomes próprios – Quando se trata de nomes próprios, a concordância deve ser feita levando-se em conta a ausência ou presença de artigo. Sem artigo, o verbo deve ficar no singular. Quando há artigo no plural, o verbo deve ficar no plural. Observe:

Os Estados Unidos ainda **determinam** o fluxo da atividade econômica no mundo.

Minas Gerais **produz** queijo e poesia de primeira.

As Minas Gerais **são** inesquecíveis.

Os *sertões* **imortalizaram** Euclides da Cunha.

Com nome de obra e artigo no plural, o verbo *ser* pode ficar no singular, desde que o predicativo do sujeito esteja no singular:

Os sertões é a obra máxima de Euclides da Cunha.

e. pronome interrogativo ou indefinido plural – Quando o sujeito é um pronome interrogativo ou indefinido plural (quais, quantos, alguns, poucos, muitos, quaisquer, vários) seguido de *de nós* ou *de vós*, o verbo pode concordar com o primeiro pronome (na terceira pessoa do plural) ou com o pronome pessoal. Observe:

Quais de nós **são / somos** capazes?

Alguns de vós **sabiam / sabíeis** do caso?

Vários de nós **propuseram / propusemos** sugestões inovadoras.

Observe que a opção por uma ou outra forma indica a inclusão ou a exclusão do emissor. Quando alguém diz ou escreve "Alguns de nós sabíamos de tudo e nada fizemos.", está-se incluindo no grupo de omissos. Isso não ocorre quando alguém diz ou escreve "Alguns de nós sabiam de tudo e nada fizeram.", frase que soa como uma denúncia.

Nos casos em que o interrogativo ou indefinido estiver no singular, o verbo ficará no singular:

Qual de nós **é** capaz ? Algum de vós **fez** isso.

f. porcentagens – Quando o sujeito é formado por uma expressão que indica porcentagem seguida de substantivo, o verbo costuma concordar com o substantivo. Observe:

25% do **orçamento** do país **deve** destinar-se à Educação.

85% dos **entrevistados** não **aprovam** a administração do prefeito.

1% **do eleitorado aceita** a mudança.

1% **dos alunos faltaram** à prova.

Há quem faça a concordância do verbo com o percentual, mas esse procedimento pode gerar frases um tanto "estranhas", como estas: "Apenas 2% das mulheres ficaram grávidos"; "A pesquisa constatou que 23% das jovens entrevistadas foram afetados pela dieta". Que lhe parece?

Quando a expressão que indica porcentagem não é seguida de substantivo, o verbo deve concordar com o número. Veja:

25% **querem** a mudança. 1% **conhece** o assunto.

g. pronome relativo *que* – Quando o sujeito é o pronome relativo *que*, a concordância em número e pessoa é feita com o antecedente desse pronome. Observe:

Fui **eu** que **paguei** a conta.

Fomos **nós** que **pintamos** o muro.

És **tu** que me **fazes ver** o sentido da vida.

h. um dos que – Com a expressão *um dos que*, o verbo costuma assumir o plural, quando se trata de linguagem formal:

Ademir da Guia foi **um dos** jogadores de futebol **que** mais **encantaram** os poetas.

Sean Connery foi **um dos** atores **que interpretaram** James Bond no cinema.

A tendência, na linguagem corrente e mesmo em textos literários, é a concordância no singular. O que se ouve/lê efetivamente é algo como "Sean Connery foi um dos atores que interpretou James Bond no cinema" ou "Paulo Autran era um dos atores que mais encantava as plateias". O que se costuma dizer nesses casos é que o emissor da frase acaba optando pelo verbo no singular porque com isso enfatiza o ser ao qual o processo é atribuído (*Sean Connery* e *Paulo Autran*, nos exemplos vistos). Em se tratando de linguagem jornalística, informativa, técnica, em que se busca a neutralidade, parece aconselhável optar pela concordância que mais aproxime a frase do que efetivamente se informa. Como não se informa que Sean Connery foi o único ator que interpretou James Bond no cinema, mas, sim, que ele foi um dos vários que interpretaram o famoso agente, é aconselhável, nesse tipo de mensagem, o emprego do plural.

i. pronome relativo *quem* – Quando o sujeito é o pronome relativo *quem*, pode-se utilizar o verbo na terceira pessoa do singular ou em concordância com o antecedente do pronome. Observe:

Fui eu **quem pagou** a conta.
ou
Fui **eu** quem **paguei** a conta.

Fomos nós **quem pintou** o muro.
ou
Fomos **nós** quem **pintamos** o muro.

Atividades

1. Complete as frases seguintes com a forma apropriada dos verbos entre parênteses.

a) Os preparativos para a conferência internacional sobre o meio ambiente (*) ontem. (*terminar*)

b) As acusações ao antigo presidente do partido (*) a polícia a abrir investigações. (*levar*)

c) O valor das mensalidades do curso preparatório para a carreira jurídica (*) muito no último semestre. (*subir*)

d) Uma pesquisa feita pelo Ministério da Saúde revelou que a grande maioria dos adolescentes não se (*) contra a AIDS. (*prevenir*)

e) A maior parte dos acidentes de trânsito (*) pela imprudência dos envolvidos. (*ser provocado*)

f) Cerca de dez mil pessoas (*) das manifestações contra a corrupção. (*participar*)

g) Mais de um sonhador (*) seu dinheiro em loterias. (*gastou*)

2. Explique as diferenças de significado que se podem perceber entre as frases de cada um dos pares seguintes.

a) A maior parte dos brasileiros age animalescamente ao volante de um automóvel.
A maior parte dos brasileiros agem animalescamente ao volante de um automóvel.

b) Muitos de nós são omissos.
Muitos de nós somos omissos.

c) Mais de um jogador feriu-se durante a partida.
Mais de um jogador feriram-se durante a partida.

3. Complete as frases seguintes com a forma apropriada dos verbos entre parênteses.

a) Quantos de vós (*) conhecimento do fato e (*) calar-se? (*ter / preferir*)

b) Alguns de nós (*) merecedores dos privilégios de que (*). (*ser / gozar*)

c) Qual de nós (*) fazer isso? (*poder*)

d) Algum de nós (*) participar dessa negociata? (*aceitar*)

e) Andradas (*) no sul de Minas. (*ficar*)

f) Os Estados Unidos (*) parte da América do Norte. (*fazer*)

g) Alguns americanófilos entendem que os Estados Unidos (*) o máximo que a humanidade pode produzir em termos de civilização. (*representar*)

h) Alagoas (*) praias belíssimas. (*ter*)

i) Os cadernos de Turismo sempre afirmam que as Alagoas (*) praias belíssimas. (*ter*)

j) *Os sertões* (*) jornalismo, história e literatura. (*reunir*)

k) As *Memórias do cárcere* (*) fundamentais para quem tem fé na dignidade humana. (*ser*)

Em livro

RAMOS, Graciliano. *Memórias do cárcere*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

Graciliano Ramos, autor de *Vidas secas* e *Angústia*, foi preso em 1936 durante o regime ditatorial implantado por Getúlio Vargas. O escritor fora acusado de envolvimento político na Intentona Comunista, movimento considerado ilegal pelas autoridades da época. O livro *Memórias do cárcere*, publicado postumamente, é o registro de suas experiências na prisão, onde Graciliano manteve contato com presos políticos importantes, como a judia Olga Benário, militante comunista deportada à Alemanha nazista pela ditadura de Vargas.

4. Complete as frases seguintes com a forma apropriada dos verbos entre parênteses.

a) 60% dos inscritos jamais (*) de um concurso. (*haver participado*)

b) 1% dos entrevistados (*) seu voto. (*negar-se a declarar*)

c) 29% da verba (*) nos labirintos da burocracia. (*desaparecer*)

d) 10% do dinheiro necessário (*) doado por mim. (*ser*)

e) Fui eu que (*) aquelas prateleiras. (*montar*)

f) Fui eu quem (*) aquelas prateleiras. (*montar*)

g) Somos sempre nós que (*) cedo. (*acordar*)

h) Foste tu que (*) o disco? (*comprar*)

i) Não fui eu quem (*) isso. (*falar*)

j) Ele é um dos que (*) que a lei só deve existir para os pobres. (*pensar*)

k) Ela é uma das candidatas que (*) a pena de morte. (*repudiar*)

Casos de sujeito composto que merecem destaque

Há casos de sujeito composto que merecem estudo particular.

a. núcleos sinônimos – Quando o sujeito composto é formado por núcleos sinônimos ou quase sinônimos, o verbo pode ficar no plural ou no singular:

Descaso e desprezo **marcam / marca** seu comportamento.

b. núcleos dispostos em gradação – Quando o sujeito composto é formado por núcleos dispostos em gradação, o verbo pode ficar no plural ou concordar com o último núcleo do sujeito:

Com você, meu amor, uma hora, um minuto, um segundo me **satisfazem / satisfaz**.

No caso *a*, o verbo no singular enfatiza a unidade de sentido que há na combinação descaso/desprezo. No caso *b*, o verbo no singular enfatiza o último elemento da série gradativa.

c. núcleos unidos por *ou* / *nem* – Quando os núcleos do sujeito composto são unidos por *ou* ou *nem*, o verbo deverá ficar no plural se a declaração contida no predicado puder ser atribuída a todos os núcleos:

Drummond ou Bandeira **representam** a essência da poesia brasileira.

Nem o professor nem o aluno **acertaram** a resposta.

Se a declaração contida no predicado só puder ser atribuída a um dos núcleos do sujeito, ou seja, se os núcleos forem excludentes, o verbo deverá ficar no singular. Observe:

Roma ou Buenos Aires **será** a sede da próxima Olimpíada.

Você ou ele **será** escolhido.

Em DVD

Divulgação

***Carruagens de fogo*. Direção de Hugh Hudson. Estados Unidos: Fox Home Entertainment, 1981. (123 min).**

2008 é ano olímpico. Por isso, vale a pena lembrar um dos maiores filmes dedicados aos jogos. Vencedor do Oscar de 1981, *Carruagens de fogo* conta a história de dois atletas britânicos durante os jogos olímpicos de verão de 1924. Os dois competem entre si visando objetivos diferentes: um é missionário dedicado, e corre para agradar a Deus; o outro é um estudante judeu que busca a fama para poder escapar dos preconceitos.

d. um ou outro / nem um nem outro – Com as expressões *um ou outro* e *nem um nem outro*, a concordância costuma ser feita no singular, embora o plural também seja praticado. Com a locução *um e outro*, o plural é mais frequente, embora também se use o singular. Não há uniformidade no tratamento dado a essas expressões por gramáticos e escritores.

e. núcleos unidos por *com* – Quando os núcleos do sujeito são unidos por *com*, o verbo pode ficar no plural. Nesse caso, os núcleos recebem um mesmo grau de importância e a palavra *com* tem sentido muito próximo ao de *e*:

O pai com o filho **montaram** o brinquedo.

O governador com o secretariado **traçaram** os planos para o próximo semestre.

Nesse mesmo caso, o verbo pode ficar no singular, se a ideia é enfatizar o primeiro elemento:

O pai com o filho **montou** o brinquedo.

O governador com o secretariado **traçou** os planos para o próximo semestre.

Com o verbo no singular, não se pode falar em sujeito composto. O sujeito é simples. As expressões "com o filho" e "com o secretariado" são adjuntos adverbiais de companhia. Na verdade, é como se houvesse uma inversão da ordem: "O pai montou o brinquedo com o filho." / "O governador traçou os planos para o próximo semestre com o secretariado.".

f. núcleos unidos por expressões correlativas – Quando os núcleos do sujeito são unidos por expressões correlativas como *não só... mas também*; *não só... como também*; *não só... mas ainda*; *não somente... mas ainda*; *não apenas... mas também*; *tanto... quanto*, o verbo concorda de preferência no plural:

Não só a seca mas também o pouco-caso **castigam** o Nordeste.

Tanto a mãe quanto o filho **ficaram** surpresos com a notícia.

g. aposto recapitulativo – Quando os elementos de um sujeito composto são resumidos por um aposto recapitulativo, a concordância é feita com esse termo resumidor:

Pontes, viadutos, túneis, **nada disso é** prioritário em uma cidade como São Paulo.

Filmes, novelas, boas conversas, **nada** o **tirava** da apatia.

Atividade

Complete as frases seguintes com a forma apropriada do verbo entre parênteses.

a) O amor e a paixão (*) aquele pobre coração. (*incendiar*)

b) Uma foto, uma imagem, uma lembrança (*) para fazê-lo chorar. (*bastar*)

c) A dignidade ou a cidadania certamente (*) fazer este país melhorar. (*poder*)

d) Nem a omissão da maioria, nem a corrupção impune (*) sinais de nação civilizada. (*ser*)

e) Tenho absoluta convicção de que você ou seu irmão (*) a eleição para a presidência do clube dos calvos. (*ganhar*)

f) Nem um nem outro deputado (*) a presidência da câmara. (*ocupar*)

g) Nem um nem outro (*) falta ao time. (*fazer*)

h) Um e outro nada (*) para o bem-estar da coletividade. (*produzir*)

i) O presidente, com sua comitiva, (*) ontem de manhã. (*desembarcar*)

j) O treinador da seleção brasileira com seus auxiliares (*) entrevista à noite. (*conceder*)

k) Não apenas o menor abandonado mas também o menor carente (*) direito à educação. (*ter*)

l) Bombons, balas, pastéis, tudo (*) devorado pelas crianças. (*ser*)

O verbo e a palavra *se*

Merece destaque a concordância das estruturas verbais formadas com a participação do pronome *se*. Entre as várias funções que esse pronome exerce, há duas de particular interesse para a concordância verbal: quando é índice de indeterminação do sujeito e quando é partícula apassivadora.

Quando é **índice de indeterminação do sujeito**, o *se* acompanha verbos intransitivos, transitivos indiretos e de ligação, que obrigatoriamente são conjugados na terceira pessoa do singular:

Aos domingos, assiste-se a programas medonhos na televisão.

Aos sábados, costumava-se ir a bailes.

Confia-se em teses absurdas.

Era-se mais feliz no passado.

Quando se é consciente, luta-se pelo bem-estar social.

Precisa-se de governantes interessados em civilizar o país.

Quando é **pronome apassivador**, o *se* acompanha verbos transitivos diretos e transitivos diretos e indiretos na formação da voz passiva sintética. Nesse caso, o verbo deve concordar com o sujeito da oração:

Destruiu-se a base de uma sociedade igualitária.

Destruíram-se as bases de uma sociedade igualitária.

Construiu-se um posto de saúde.

Construíram-se novos postos de saúde.

Não se pouparam esforços para despoluir o rio.

Não se devem poupar esforços para despoluir o rio.

Concordância com verbos de particular interesse

Haver e fazer

O verbo *haver*, quando indica existência ou acontecimento, é impessoal, devendo permanecer sempre na terceira pessoa do singular:

Há graves problemas sociais no país.

Havia graves problemas sociais no país.

Sempre houve graves problemas sociais no país.

Parece haver graves problemas sociais no país.

Deve ter havido graves problemas sociais no país.

Haver e *fazer* são impessoais quando indicam ideia de tempo (cronológico ou meteorológico). Nesse caso, devem permanecer na terceira pessoa do singular:

Há anos não o procuro.

Faz anos que não o procuro.

Havia anos que não nos encontrávamos.

Fazia anos que não nos encontrávamos.

Deve fazer vinte anos que ela foi embora.

Ser

A concordância do verbo *ser* é absolutamente particular, rica em detalhes. Em várias situações, esse verbo deixa de concordar com o sujeito para concordar com o predicativo. Em outras, pode concordar com um ou com outro, de acordo com o termo que se queira enfatizar.

a. dois substantivos comuns – Quando colocado entre um substantivo comum no singular e outro no plural, o verbo *ser* tende a ir para o plural, independentemente da ordem dos substantivos. Poderá ficar no singular por motivo de ênfase:

No meio da chuva, o coração do seu carro **são** as palhetas e os limpadores do para-brisa.

A cama **são** algumas tábuas retorcidas.

b. um nome próprio e um comum – Quando colocado entre um nome próprio e um comum, o verbo *ser* tende a concordar com o nome próprio. Entre um pronome pessoal e um substantivo comum ou próprio, o verbo concorda com o pronome:

Garrincha **foi** as mais incríveis diabruras com a bola.

O professor **sou** eu.

Eu **sou** Pedro das Neves.

Pedro das Neves **sou** eu.

c. um substantivo e um pronome – Quando colocado entre um substantivo e um pronome que não seja pessoal, o verbo *ser* tende a concordar com o substantivo:

Tudo **eram** sorrisos naquele ambiente hipócrita.

Isso **são** manias de quem não tem o que fazer.

Quem **são** os escolhidos?

Dos dois primeiros casos, encontram-se, sobretudo em textos literários, exemplos em que se opta pela concordância com o pronome.

WALKER, Mort. Recruta Zero. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 26 abr. 2003. p. D2.

Colocado entre um substantivo e um pronome, o verbo *ser* geralmente concorda com o substantivo, como se observa no último quadrinho.

d. quantidade – Nas expressões que indicam quantidade (medida, peso, preço, valor), o verbo *ser* é invariável:

Cinco quilos **é** muito.

Mil reais **é** pouco para uma família viver em São Paulo.

Dez minutos **é** muito tempo.

Com você, duas horas **é** pouco.

e. tempo – Nas indicações de tempo, o verbo *ser* concorda com a expressão numérica mais próxima:

É uma hora.

São duas horas.

Eram quatro e vinte.

Já **é** meio-dia.

Já **é** uma e cinquenta e cinco.

São cinco para o meio-dia.

Hoje **são** trinta e um de dezembro.

(Mas, cuidado: Hoje **é dia** trinta e um de dezembro.)

Atividades

1. Passe para o plural os termos destacados em cada uma das frases seguintes. Faça as mudanças necessárias em cada caso.
   a) Anunciou-se **a reforma administrativa**.
   b) Amanhã se fará **o último exame**.
   c) Trata-se de **uma questão polêmica**.
   d) Revogar-se-á **a lei**.
   e) Apelou-se para **o médico mais experiente do hospital**.
   f) Obteve-se um **microprocessador mais veloz**.
   g) Definiu-se **o objetivo da reforma fiscal**.
   h) Ele prefere não opinar quando se fala em **eleição**.
   i) O ministro comunicou a todos que se estava preparando **um novo conjunto de medidas econômicas**.

2. Passe os termos destacados para o plural, flexionando os verbos apenas quando necessário.
   a) Houve **um problema** durante a viagem.
   b) Ocorreu **um problema** durante a viagem.
   c) Não havia **motivo** para tanto.
   d) Existia **algum motivo** para tanto?
   e) Parece ter havido **uma dúvida** durante a realização da prova.
   f) Parece ter surgido **uma dúvida** durante a realização da prova.
   g) Ele acredita que deve ter havido **algum transtorno** durante a viagem.
   h) Ele acredita que deve ter ocorrido **algum transtorno** durante a viagem.
   i) Faz **um ano** que ele viajou.
   j) Faz **mais de uma hora** que ela saiu.
   k) Deve fazer **uma década** que o país está nessa situação.

3. Complete as frases seguintes com a forma apropriada do verbo *ser*.
   a) Clarice (*) as alegrias do pai.
   b) Tudo (*) lamentações depois da derrota.
   c) Hoje (*) dia dez de abril.
   d) Hoje (*) dez de abril.
   e) Vinte milhões (*) muito!
   f) (*) quinze para as quatro.
   g) Seu problema (*) nós?
   h) – Quem (*)? (*) eu.
   i) Tu (*) o técnico da equipe.
   j) O país (*) nós. Nós (*) a nação brasileira.
   k) A vida (*) momentos.
   l) Isso (*) manias de um chato.
   m) Aquilo (*) atitudes típicas de adolescente.
   n) Vinte metros (*) pouco: preciso de pelo menos trinta.

Emprego do infinitivo

O infinitivo expressa um processo verbal sem indicação de tempo. Em português, o infinitivo pode ser **impessoal**, quando o que se considera é apenas o processo verbal, e **pessoal**, quando se atribui a esse processo verbal um agente. Observe:

É proibido conversar com o motorista. (impessoal)

É bom sairmos já. (pessoal, sujeito/agente *nós*)

O infinitivo constitui um dos casos mais discutidos da língua portuguesa. Estabelecer regras para o uso de sua forma flexionada, por exemplo, é tarefa difícil. Em muitos casos, a opção é meramente estilística, como você verá adiante. Algumas recomendações, no entanto, podem ser feitas.

Infinitivo impessoal

A forma não flexionada deve ser usada:

a. quando o verbo é usado indeterminadamente, assumindo valor substantivo:

Dormir é fundamental para repor as energias.

Viajar é a melhor alternativa de lazer.

b. quando o infinitivo tem valor imperativo:

Direita, volver!

Honrar pai e mãe.

c. quando o infinitivo, regido de preposição *de*, complementa um adjetivo e assume valor passivo:

Suas constantes manifestações de desagrado são ossos duros de roer. (= de serem roídos)

Vivi situações difíceis de esquecer. (= de serem esquecidas)

d. quando o infinitivo é regido de preposição e funciona como complemento de um substantivo, adjetivo ou verbo da oração anterior:

Foram obrigados a ficar.

Acusaram-nos de praticar atos suspeitos.

Eu os convenci a aceitar.

Estão dispostos a colaborar.

e. quando o infinitivo surge como verbo principal de uma locução verbal:

Queiram, por gentileza, comparecer ao estacionamento.

Precisamos lutar para podermos vencer os jogos que vamos disputar.

Estão a dizer que fui eu?

f. quando o infinitivo é empregado numa oração reduzida que complementa um verbo auxiliar causativo (deixar, mandar, fazer) ou sensitivo (ver, sentir, ouvir, perceber) e tem como sujeito um pronome oblíquo:

Faça-os ficar.

Não os vi entrar.

Deixaram-nos sair.

Infinitivo pessoal

a. **obrigatório** – A forma flexionada deve ser usada obrigatoriamente quando tem sujeito diferente do sujeito da oração anterior:

Suponho serem eles os responsáveis.

Lembrei-me da recomendação médica de tomares sol todas as manhãs. (Pense no que aconteceria se não se flexionasse o infinitivo neste caso.)

É hora de vocês passarem à ação.

Ouvi gritarem meu nome.

b. **optativo** – A flexão do infinitivo é optativa quando a oração reduzida que complementa um auxiliar causativo ou sensitivo apresentar como sujeito um substantivo. Observe:

Mande os meninos entrarem. (ou *entrar*)

Ouvi os pássaros cantarem. (ou *cantar*)

Deixe os torcedores assistirem (ou *assistir*) ao treino.

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 2007. v. 5, p. 110.

Neste caso, o infinitivo aparece flexionado: "... e ela disse para ***irmos*** vestidos casualmente", pois o sujeito da oração reduzida (*nós*) é diferente do sujeito da oração anterior (*ela*).

c. desnecessário – Quando o sujeito da oração reduzida de infinitivo for o mesmo da oração anterior, a flexão do infinitivo é desnecessária. Observe:

Eles irão a Brasília para apresentar sua proposta ao presidente.

Fizemos o possível e o impossível para aceitar sua indicação.

Nesse caso, a flexão do infinitivo se justifica se existir a clara intenção e a necessidade de enfatizar o agente do processo expresso pelo infinitivo:

Eles irão a Brasília para apresentarem sua proposta ao presidente.

Fizemos o possível e o impossível para aceitarmos sua indicação.

d. com o verbo *parecer* – O verbo *parecer* pode relacionar-se de duas maneiras distintas com o infinitivo. Observe:

Elas parecem querer.

Elas parece quererem.

Na primeira frase, *parecer* é verbo auxiliar de *querer*. Na segunda, ocorre na verdade um período composto. *Parece* é o verbo de uma oração principal cujo sujeito é a oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo "elas quererem". O desdobramento dessa reduzida gera algo como "Parece que elas querem."

Atividade

Complete as frases seguintes com a forma flexionada ou não flexionada do infinitivo entre parênteses. Indique os casos em que o uso é optativo.

a) Pediram-me permissão para (*). (*ficar*)

b) Eles devem (*) no assunto seriamente. (*pensar*)

c) Admitiram (*) relatado o caso a outras pessoas. (*ter*)

d) Acabaram de (*) o início das vendas do novo disco de Gilberto Gil. (*anunciar*)

e) Não nos deixaram (*) na reunião. (*falar*)

f) Temos visto (*) mais alunos interessados no assunto. (*surgir*)

g) Eu os fiz (*). (*entrar*)

h) Fiz as crianças (*). (*sair*)

i) Fizeste o possível para eles (*) apresentar os documentos necessários? (*poder*)

j) Disse-lhe claramente que muitas de suas atitudes são difíceis de (*). (*aturar*)

k) As chuvas de verão já começaram a (*). (*cair*)

l) Estamos aqui para (*) nossa tese. (*expor*)

m) Seus olhos pareciam (*) que eu me aproximasse. (*pedir*)

n) Seus olhos parecia (*) que eu me aproximasse. (*pedir*)

2. Concordância nominal

Regras básicas

A concordância nominal se ocupa da relação entre os nomes, ou seja, entre as classes de palavras que compõem o chamado grupo nominal (substantivos, adjetivos, pronomes, artigos e numerais). Para estudar como essa relação se estabelece, é necessário lembrar que adjetivos e palavras de valor adjetivo podem atuar como adjuntos adnominais ou predicativos dos substantivos a que se referem. No estudo que você fará a partir de agora, considere que o comportamento dos adjetivos é extensivo às outras palavras de emprego adjetivo.

a. adjuntos adnominais de um só substantivo – Quando atuam como adjuntos adnominais de um único substantivo, os adjetivos concordam em gênero e número com esse substantivo:

Suas mãos **frias** denunciavam o que sentia naquele momento.

b. adjunto adnominal de dois substantivos – Quando atuam como adjuntos adnominais de dois ou mais substantivos, os adjetivos antepostos devem concordar com o substantivo mais próximo. Quando estão pospostos aos substantivos, os adjetivos podem concordar com o substantivo mais próximo ou com todos eles. Observe:

A empresa oferece **perfeita** localização e atendimento.

A empresa oferece **perfeito** atendimento e localização.

A empresa oferece localização e atendimento **perfeitos**.

A empresa oferece localização e atendimento **perfeito**.

A empresa oferece atendimento e localização **perfeita**.

A empresa oferece atendimento e localização **perfeitos**.

As formas adotadas no terceiro e no sexto exemplo são as mais claras, pois indicam que o adjetivo efetivamente se refere aos dois substantivos. Você notou que, nesses casos, o adjetivo foi flexionado no plural masculino, que é o gênero predominante quando há substantivos de gêneros diferentes.

O adjetivo anteposto a nomes próprios deve sempre concordar no plural:

O disco Tropicália 2 é uma obra-prima dos **brilhantes** Caetano Veloso e Gilberto Gil.

Em *site*

<http://tropicalia.uol.com.br/site/internas/movimento.php>. Acesso em: 17 jul. 2008.

O Tropicalismo foi um movimento que deu novos rumos à música popular brasileira. Capitaneados por Gil e Caetano, durante os anos de 1967 e 1968, os tropicalistas inovaram ao incorporar à música da época elementos da cultura jovem mundial, como a guitarra elétrica. Cada detalhe dessa revolução musical está no *site* oficial do movimento: contexto histórico, reportagens, discografia e muito mais.

c. predicativo de sujeito ou objeto composto – Quando um adjetivo atua como predicativo de um sujeito ou de um objeto compostos, concorda com todos os núcleos desses termos. Se o predicativo do sujeito estiver anteposto ao sujeito, pode concordar apenas com o núcleo mais próximo (coisa que acontece também com o verbo da oração):

Mãe e filho são **talentosos**.

Marido e mulher são **bem-educados**.

Considero **inteligentes** a professora e a aluna.

Julguei **desconexas** sua atitude e suas palavras.

São **vergonhosos** a pobreza e o desamparo.

É **vergonhosa** a pobreza e o desamparo.

d. substantivo modificado por dois adjetivos – Quando um único substantivo é modificado por dois ou mais adjetivos no singular, podem ser usadas as construções:

Admiro **a cultura** italiana e **a** francesa.

Admiro **as culturas** italiana e francesa.

A construção:

Estudo a cultura italiana e francesa.

provocaria incerteza (trata-se de duas culturas distintas ou de uma única, ítalo-francesa?). Por isso, deve ser evitada.

e. numerais ordinais antepostos – No caso de numerais ordinais antepostos a um único substantivo, podem ser usadas as construções:

Convoquei os alunos da primeira e segunda série.

ou

Convoquei os alunos da primeira e segunda séries.

Atividades

1. Complete as frases seguintes com a forma apropriada do determinante colocado entre parênteses. Indique os casos em que mais de uma concordância é possível.

a) Ele adora usar óculos (*). (*escuro*)

b) Já estive em todos os países (*). (*latino-americano*)

c) Dedica-se ao estudo das culturas (*). (*latino-americano*)

d) (*) atitude e comportamento são (*). (*seu / deplorável*)

e) (*) comportamento e atitude são (*). (*seu / deplorável*)

f) (*) foi (*) (*) viagem. (*aquele / um / melancólico*)

g) Divisavam-se (*) mangueiras e abacateiros. (*robusto*)

h) Divisavam-se (*) abacateiros e mangueiras. (*robusto*)

i) É profundo conhecedor de plantas e animais (*). (*marinho*)

j) É profundo conhecedor de animais e plantas (*). (*marinho*)

k) Ela se exibe na praia, desfilando com seu corpo e cabelo (*). (*dourado*)

l) Estou à procura de uma casa com portões e janelas (*). (*branco*)

m) Estou à procura de uma casa com janelas e portões (*). (*branco*)

2. Comente a clareza obtida em cada uma das frases seguintes.

a) Age sempre com calma e rigor britânico.

b) Age sempre com calma e rigor britânicos.

3. Complete as frases seguintes com a forma apropriada do determinante entre parênteses.

a) Estuda a língua e a literatura (*). (*francês*)

b) Estuda o idioma e a literatura (*). (*sueco*)

c) Sempre deixa (*) livros e revistas sobre a mesa. (*muito*)

d) Sempre deixa (*) revistas e livros sobre a mesa. (*muito*)

e) Considero (*) os trabalhos da comissão. (*inútil*)

f) Considero os trabalhos da comissão (*). (*inútil*)

g) São (*) a altura e o peso do lutador. (*excessivo*)

h) É (*) a altura e o peso do lutador. (*excessivo*)

i) Considero (*) a altura e o peso do lutador. (*excessivo*)

j) O talento e a habilidade desse músico são (*). (*famoso*)

k) É (*) o talento e a habilidade desse músico. (*famoso*)

l) São (*) o talento e a habilidade desse músico. (*famoso*)

m) O time principal e o time de juniores terminaram (*) o campeonato. (*vitorioso*)

n) Terminaram (*) o time principal e o time de juniores. (*vitorioso*)

o) Terminou (*) o time principal e o time de juniores. (*vitorioso*)

4. Una as orações de cada item seguinte numa única oração. Atente para a concordância nominal.

a) Estudo a cultura grega. Estudo também a cultura alemã.

b) É um especialista na língua francesa. É também especialista na língua russa.

c) Entregarei o pacote aos moradores do quinto andar. Entregarei o pacote também aos moradores do oitavo andar.

d) Os alunos da sétima série organizaram a cerimônia. Os alunos da oitava série também organizaram a cerimônia.

e) O presidente queria o poder político. O presidente queria também o poder econômico.

Expressões e palavras que merecem estudo particular

Próprio, mesmo, anexo, incluso, quite e *obrigado* concordam em gênero e número com o substantivo ou pronome a que se referem. Observe:

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 1996. v. 1, p. 39.

A palavra *obrigada*, dita por Helga, está flexionada no feminino, assim como todas as demais que se referem a ela: esposa, dona-de-casa, maravilhosa, dedicada, adversária.

Seguem **anexas** as faturas requeridas.

Seguem **inclusos** os comprovantes solicitados.

Já lhe paguei a dívida: estamos **quites**.

Meio e *bastante* podem atuar como adjetivos ou como advérbios. No primeiro caso, referem-se a substantivos e são variáveis. No segundo, referem-se a verbos, adjetivos ou advérbios e são invariáveis:

Pedi **meia** cerveja e **meia** porção de batatas fritas.

Meia classe terá de permanecer após o sinal de **meio**-dia e **meia**.

Ela ficou **meio** nervosa quando soube que precisaria esperar na fila até meio-dia e **meia**.

A aluna foi mal na prova porque estava **meio** tensa.

Ficamos **meio** chateados.

O país não dispõe de recursos **bastantes** para a obra.

Há **bastantes** pessoas insatisfeitas com o que ganham.

O time perdeu **bastantes** oportunidades para marcar.

Os jogadores ainda acreditavam **bastante** em si mesmos, apesar de estarem **bastante** cansados.

Eles se amam **bastante**. E são **bastante** loucos a ponto de se casarem.

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 2007. v. 4, p. 121.

O advérbio *meio* é invariável; no caso, modifica o adjetivo *chateada*, que, por sua vez, modifica *samambaia*. Ocorre o mesmo processo em frases como "Estamos meio cansados", "Elas estão meio desanimadas".

Substantivos desacompanhados de determinantes (artigos, pronomes e numerais adjetivos) podem ser tomados em sentido amplo, genérico. Nesse caso, expressões como *é proibido, é bom, é necessário, é preciso, é permitido* e similares não variam:

Em certas situações, **é necessário** paciência.

Não **é permitido** entrada.

Liberdade **é necessário**.

É preciso cidadania.

No inverno, sopa **é bom**.

A paciência é **necessária** nessa situação.

Esta sopa é **ótima**.

É **proibida a** entrada de estranhos.

A liberdade é **necessária**.

São **precisas várias** medidas de urgência.

Atividades

1. Complete as frases seguintes com a forma apropriada do termo entre parênteses.

a) Elas (*) disseram à diretora que ela (*) teria de resolver o problema. (*mesmo / mesmo*)

b) Os professores garantiram que eles (*) iriam controlar a entrega das fichas de inscrição, às quais seguiriam (*) os documentos necessários. (*mesmo / anexo*)

c) A foto pedida segue (*) à ficha de cadastro. (*incluso*)

d) Envie (*) os comprovantes solicitados. (*anexo*)

e) – Muito (*)! – disse a moça. – Estou (*) agora! (*agradecido / quite*)

f) – Muito (*) – agradeceu a moça, com um sorriso sem graça nos lábios. – Acho que é hora de eu (*) tomar uma atitude. (*obrigado / próprio*)

g) Ela (*) fará isso. (*próprio*)

h) Seguem (*) às fotocópias os documentos requeridos. (*anexo*)

2. Complete as frases a seguir com os termos indicados entre parênteses, flexionando-os ou não.

a) A verdura que nos serviram estava (*) murcha. (*meio*)

b) Faz duas horas e (*) que ela chegou. (*meio*)

c) No campo, o país vive uma situação (*) preocupante: (*) famílias tiveram de vender suas terras e migrar para os centros urbanos. (*bastante / bastante*)

d) Faça tudo com (*) rapidez e esteja aqui antes de (*)-dia e (*). (*bastante / meio / meio*)

e) Já passava de (*)-noite e (*) quando ela chegou. Estava (*) chateada e (*) preocupada. (*meio / meio / bastante / meio*)

f) (*) pessoas acham estranho este plural. É que estavam (*) desinformadas sobre as peculiaridades da língua portuguesa. (*bastante / meio*)

g) As professoras deste país estão (*) desgastadas com a dupla jornada de trabalho que têm de cumprir. (*meio*)

3. Explique por que as frases de cada par seguinte têm comportamento diferente quanto à concordância.

a) Fé é necessário.

A fé consciente, sem fanatismos e aberrações, é necessária.

b) Não é permitido entrada.

Só é permitida a entrada de funcionários.

c) Água é bom.

A água que muitos brasileiros bebem não é boa.

3. Concordância ideológica

Você pôde ler neste capítulo que muitas vezes os mecanismos de concordância podem ser contaminados pela significação de palavras e expressões. Essa contaminação às vezes faz a concordância formal e lógica ser substituída pela concordância ideológica e psicológica. Em outras palavras: o falante às vezes é levado a colocar um verbo ou adjetivo no plural ou no singular não porque o sujeito ou substantivo tenha essa forma, mas sim porque **significa** isso. Às vezes, a alteração diz respeito à pessoa gramatical ou ao gênero gramatical.

A concordância ideológica é chamada de **silepse**. Ocorrem silepses de número, gênero e pessoa.

A **silepse de número** ocorre particularmente quando o sujeito é um coletivo e o verbo passa a concordar no plural:

> O público chegou muito cedo. Como o sol era forte e o calor intenso, começaram a pedir aos bombeiros que jogassem água.

Você notou que o sujeito da primeira oração é *o público*, singular com ideia de plural. A forma verbal *chegou* está no singular. No período seguinte, o verbo passou para o plural (*começaram*). Isso se explica pelo distanciamento e pela consequente perda da força da forma da palavra *público*. Passa a prevalecer o seu significado, plural (as pessoas, ou algo equivalente).

Outra forma de silepse de número ocorre quando se utiliza o chamado **plural de modéstia**, em que a pessoa que fala ou escreve refere-se a si mesma como *nós*. Os adjetivos referentes ao falante surgem no singular:

Nossas músicas fazem muito sucesso lá, o que nos deixa satisfeito e comovido.

A **silepse de gênero** ocorre quando se troca o masculino pelo feminino ou vice-versa:

Vossa Excelência está frustrado?

Sua Santidade ficou impressionado com a acolhida.

Alguém está com saudades e quer que você vá vê-la.

São Paulo continua caótica, bárbara e violenta.

A **silepse de pessoa** é bastante comum quando quem fala ou escreve se inclui num sujeito de terceira pessoa:

Os brasileiros decentes queremos que acabem a impunidade e os privilégios.

Todos sabemos quais as soluções de que o Brasil precisa.

Na língua coloquial, é comum a silepse de pessoa com a forma *a gente*:

"A gente queremos melhorar."

No padrão culto, essa construção não ocorre.

Atividade

Comente a concordância em cada uma das frases seguintes.

a) A beleza de Maria e Teresa provocaram ciúmes e disputas.

b) Queria saber como estava a família Gonçalves. Fiquei sabendo que estão bem.

c) O grupo que comandava o clube, depois da crise, da pressão, das acusações e da revolta, renunciaram.

d) Sugiro a Vossa Senhoria que não participe da reunião, porque está exausto.

e) Decidimos participar desta reunião porque nos julgamos apto a contribuir de alguma forma.

f) Vi alguém caminhando em minha direção e corri a abraçá-la.

g) Durante a madrugada, Santos é calma e inspiradora.

h) Os professores esperamos condições dignas de trabalho.

Textos para análise

1

Laerte

LAERTE. *Classificados: livro 2*. São Paulo: Devir, 2002. p. 50.

Trabalhando o texto

Comente a concordância em "...Tu que é analfabeto.".

2

Ciência Hoje, jan./fev. 2003. Terceira capa.

Trabalhando o texto

Aponte um problema de concordância nominal no texto acima.

3

Saúde lança campanha de vacinação de idosos 2008

Com o *slogan* "Não deixe a gripe derrubar você! Vacine-se!" a Campanha Nacional de Vacinação do Idoso 2008 acontecerá de 26 de abril a 09 de maio, com ações que mobilizam as secretarias de saúde municipais, estaduais e o Ministério da Saúde para a vacinação contra a *influenza* na população acima de 60 anos. A campanha tem como principal objetivo reduzir, na população de 60 anos e mais, a morbi-mortalidade e as internações causadas pela *influenza*. Haverão 776 profissionais envolvidos, 364 postos fixos e móveis, carros, motos, barcos e outros transportes totalizarão 109.

Disponível em: <www2.uol.com.br/pagina20/16042008/pol1316042008.htm>. Acesso em: 18 jul. 2008.

Trabalhando o texto

Localize, no texto jornalístico transcrito acima, uma inadequação na concordância verbal.

4

Sem sombra de dúvida, Sombra foi o melhor jogador da cidade de Sombrio, Santa Catarina, na década de trinta. Essa era uma verdade clara e translúcida. Mas Sombra não era claro e translúcido. Era negro. Para entrar em campo, os dirigentes o obrigavam a cobrir-se com uma grossa camada de talco, maisena e outras substâncias embranquecedoras. Tudo ia bem e o time vinha ganhando todas as partidas, até que um dia os céus conspiraram. No meio do jogo desabou uma chuva inclemente. O talco, a maisena e outras substâncias embranquecedoras escorreram pelo corpo de Sombra e pôde-se ver que ele era negro. Os dirigentes disseram que nada sabiam, que haviam sido enganados, que tinham sido traídos. Com os torcedores foi diferente. Na partida seguinte, vieram todos pintados de negro.

TORERO, José Roberto. *Os cabeças-de-bagre também merecem o paraíso*. Rio de janeiro: Objetiva, 2001. p. 105.

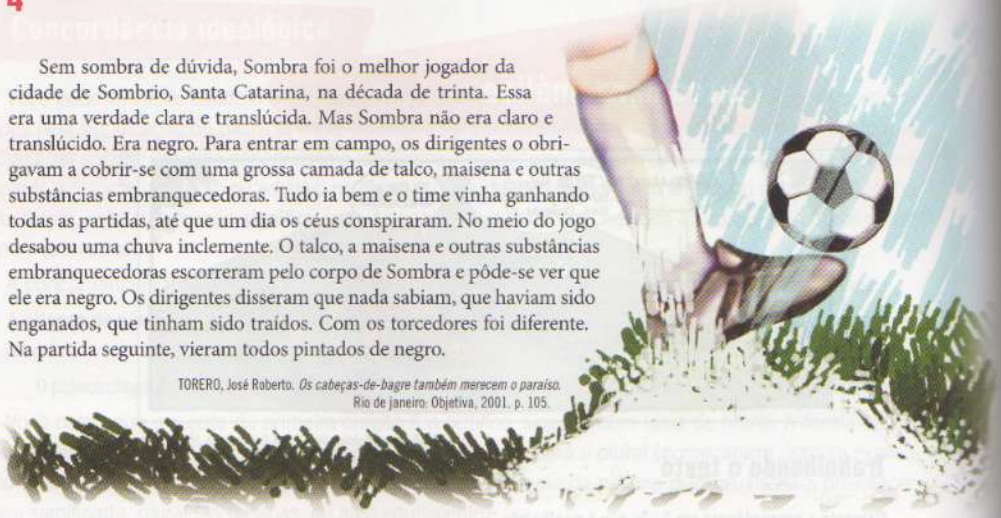

Trabalhando o texto

1. No início do texto, a palavra Sombra, que dá nome ao jogador em questão, destaca-se em função da proximidade com outras palavras. Quais? Por que são utilizadas?

2. Observe a concordância dos adjetivos com os substantivos *verdade* e *Sombra* e faça um comentário sobre o emprego desses caracterizadores assim flexionados.

3. Comente a relação que ocorre entre o segundo e o terceiro períodos do texto, tendo em vista a organização sintática e o valor semântico das orações.

4. "Era negro": esta oração, que aparece estrategicamente no texto, é composta de apenas duas palavras. Qual terá sido a intenção do autor ao criá-la assim?

5. No início do texto, ao descrever o jogador, predominam orações coordenadas. Para que são utilizadas, no final, as orações subordinadas?

6. Os termos "outras substâncias embranquecedoras" opõem-se a quais termos do texto?

7. Por que o autor fez questão de descrever a reação da torcida?

5

Eloquência singular

Mal iniciara seu discurso, o deputado embatucou:

– Senhor presidente: não sou daqueles que...

O verbo ia para o singular ou para o plural? Tudo indicava o plural. No entanto, podia perfeitamente ser o singular:

– Não sou daqueles que...

Não sou daqueles que recusam... No plural soava melhor. Mas era preciso precaver-se contra essas armadilhas da linguagem – que recusa? – ele que tão facilmente caía nelas, e era logo massacrado com um aparte. Não sou daqueles que... Resolveu ganhar tempo:

– ... embora perfeitamente cônscio das minhas altas responsabilidades, como representante do povo nesta Casa, não sou...

Daqueles que recusa, evidentemente. Como é que podia ter pensado em plural? Era um desses casos que os gramáticos registram nas suas questiúnculas de português: ia para o singular, não tinha dúvida. Idiotismo de linguagem, devia ser.

– ... daqueles que, em momentos de extrema gravidade, como este que o Brasil atravessa...

Safara-se porque nem se lembrava do verbo que pretendia usar:

– Não sou daqueles que...

SABINO, Fernando. *Para gostar de ler*. São Paulo: Ática, 1979. v. 4, p. 35-6.

Trabalhando o texto

1. Conclua finalmente a frase iniciada pelo deputado.

2. Que fato gramatical levou o deputado a hesitar no momento de estabelecer a concordância verbal?

3. Depois de intercalar inúmeras frases à inicial, tendo seu tempo se esgotado, o deputado concluiu assim seu discurso: "– Em suma: não sou daqueles. Tenho dito.". E ainda foi vivamente aplaudido por seus pares. Que crítica está implícita nessa crônica?

6

Um futuro singular

Senhor diretor, estou escrevendo esta carta porque temo pela minha saúde mental, e se algo acontecer comigo quero que todos saibam o motivo, principalmente o senhor, do qual eu esperava toda a compreensão, já que partilha comigo a crença de que só com um profundo respeito à gramática da língua portuguesa construiremos uma nação desenvolvida. O caso, senhor, é que o Grande Pajé está me perseguindo, e tenho certeza de que neste exato momento ele está ali, do outro lado da janela, escondido entre as folhas de amendoeira... e não resistirei a mais um ataque... Minhas força... forças!... estão se esgotando!

Sempre fui um dedicado professor de português, o senhor me conhece bem, tantas vezes me elogiou...Trabalho no ensino fundamental de sua escola há mais de vinte anos! Desde quando ainda se dizia "1.º grau"! Sempre tive devoção pela língua portuguesa! É uma verdadeira religião para mim! Luto contra as gírias, os estrangeirismos e os erros gramaticais como um cristão contra os hereges! Minha luta pelo emprego do português correto é uma verdadeira cruzada! Uma guerra santa! E agora, quando mais preciso de apoio, quando descubro o verdadeiro inimigo por trás da falência a que o nosso idioma pátrio está condenado, quando passo a sofrer ameaças diretas do Grande Pajé, o senhor me abandona e, em vez de se aliar a mim numa batalha sem trégua pelo resgate de nossa língua, em vez de acreditar em mim, francamente... me manda procurar um psiquiatra!

Mas não entregarei os ponto! Os pontoS! Minha mente morrerá lutando! Se o Grande Pajé afinal conseguir seu intento, e plantar à força a semente da língua Tupi dentro da minha cabeça, através desta carta o povo brasileiro saberá que lutei até o fim!

Tudo começou naquela tarde de sábado, quando fui lavar meu carro e o rapaz me cobrou "dez real". Depois deixei o carro numa vaga, e me custou "dois real". O camelô me ofereceu "três cueca", minha empregada tinha pedido "quatro quilo de batata", o feirante me ofereceu "seis limão", outro gritou "os peixe tão fresco!"; depois, meu porteiro se prontificou a levar "as sacola" até o elevador e deu o recado de que "meus filho" ainda não tinham chegado "das compra". Desesperado, me dei conta de que os plurais estavam sumindo!

É claro que eu já havia percebido isso antes! Sou muito sensível aos erro...erroS de português! Mas só naquele sábado entendi o motivo. A coisa me veio assim, num estalo: a língua tupi está se infiltrando na mente do povo brasileiro!

Devia ter pensado nisso antes. Era evidente!

(...)

É a vingança dos tupis! Minhas força já me faltam! Do meu salário desse mês, deposite quinhentos real na conta da mãe dos meus filho. As folha da amendoeira já nem balançam! O *an* Grande Pajé entrou na minha cabeça. Já vejo seu *tobá*. Ele me *tará*. Vou *sesarâia* o português. *Mamõ-pe nde rera*? O senhor é meu novo *Túba*. *Pá! Pá!*

an = fantasma
túba = pai
tobá = rosto
pá = sim
tará = apanhar
sesarâia = esquecer
mamõ-pe nde rera = qual é o seu nome

JAF, Ivan. *Lições de gramática para quem gosta de literatura*. CAMPOS, Carmem Lúcia; SILVA, Nilson Joaquim da (Org.). São Paulo: Panda Books, 2007. p. 86-7; 90.

Trabalhando o texto

1. No primeiro parágrafo da carta que o professor escreve ao diretor há algumas orações subordinadas adverbiais. Localize-as e explique que circunstâncias expressam.

2. O narrador do texto, um dedicado professor de português, alega que luta numa cruzada, numa verdadeira guerra santa, contra os erros gramaticais, contra gírias e estrangeirismos. Lance uma hipótese sobre o resultado dessa luta.

3. No segundo parágrafo, ocorrem orações subordinadas adverbiais temporais. Destaque-as e explique por que foram utilizadas.

4. O que, afinal, deixou o professor em tal estado de desespero? O que teria evitado isso?

5. Cite trechos do texto que comprovem que o professor realmente se deixou influenciar pelas mudanças.

6. Segundo o professor, por influência do tupi, que não possui plural, os falantes da língua portuguesa estão deixando de fazer a concordância nominal entre as palavras. Elabore você uma teoria que explique esse fenômeno.

Questões de exames e concursos

1. (FGV-SP) Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal.

a) Agora, trata-se de casos mais sérios, mais difíceis de resolver.

b) Vão haver tumultos na praça.

c) Não se discute mais as causas da erosão dessas terras.

d) À falta de medicamentos modernos, tratara-se com remédios caseiros os ferimentos provocados pelo mato.

e) Devem fazer dois anos que eles se mudaram daqui.

2. (Fuvest-SP) Quanto à concordância verbal, a frase inteiramente correta é:

a) Cada um dos participantes, ao inscrever-se, deverão receber as orientações necessárias.

b) Os que prometem ser justos, em geral, não conseguem sê-lo sem que se prejudiquem.

c) Já deu dez horas e a entrega das medalhas ainda não foram feitas.

d) O que se viam era apenas destroços, cadáveres e ruas completamente destruídas.

e) Devem ter havido acordos espúrios entre prefeitos e vereadores daqueles municípios.

3. (UEPB)

Brasil faz Unesco sambar

O samba de roda do Recôncavo Baiano foi reconhecido pela Unesco como Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade. Definido como uma expressão popular que mistura música, dança e poesia, foi escolhido por representar a forte herança africana no país e revelar aspectos das atividades econômicas, religiosas e lúdicas do Nordeste.

A roda de samba do Recôncavo foi considerada por representar a diversidade de sambas que existe no Brasil. (...)

Revista Língua Portuguesa. São Paulo: Segmento, fev. 2006. p. 8.

Analise as proposições e marque a alternativa correta em relação ao enunciado, a seguir: "A roda de samba do Recôncavo foi considerada por representar a diversidade de sambas que existe no Brasil."

Levando em consideração as normas da linguagem padrão, pode-se afirmar que:

I. há uma inadequação no uso do verbo "existe", tendo em vista não concordar com o termo "sambas".

II. o verbo "existe" pode ser substituído por "há" sem prejuízo semântico.

III. a substituição de "existe" por "existem" seria justificável, tendo em vista o processo da concordância atrativa.

a) Apenas II é verdadeira.

b) Apenas I e II são verdadeiras.

c) Apenas I e III são verdadeiras.

d) Apenas I é verdadeira.

e) Apenas II e III são verdadeiras.

4. (UFG)

Em uma entrevista, Ferreira Gullar, ao ser perguntado: "Você começou estudando gramática. É preciso isso para escrever bem?", responde: "Não (com ironia). E nem é preciso saber português. É ler os jornais e ver a TV para perceber. Outro dia ouvi '*as quinhentas milhões de pessoas*'. Eles não sabem que '*quinhentos*' é palavra masculina. Confundem '*este*' com '*esse*'. '*Esse programa que estão vendo...*'. Para eles é tudo a mesma coisa. Ignoram que as palavras têm sentido preciso e, para escrever bem, é preciso saber o significado, as relações entre elas, quais se combinam, como convivem. Para isso é preciso ter lido algo".

Revista Língua Portuguesa. São Paulo: Segmento, ano 1, n. 5, 2006.

Considerando-se o trecho transcrito da entrevista de Ferreira Gullar, explique:

a) a alteração ocorrida na resposta do entrevistado com o acréscimo da expressão, entre parênteses, "com ironia";

b) a regra que os falantes utilizam quando dizem "as quinhentas milhões de pessoas".

5. (UFMS) Assinale, entre as substituições propostas, a(s) que corrige(m) adequadamente a palavra a expressão em destaque, de acordo com o texto.

Se houvessem ainda suspeitas que a situação socioeconômica dos professores municipais passa pelo pior momento de sua luta salarial, elas acabaram no mês passado, com o aumento concedido pelo prefeito.

(001) *que* (linha 1) - substituir por *de que*;
(002) *passa* (linha 2) - substituir por *passam*;
(004) *elas acabaram* (linhas 3 e 4) - substituir por *ela acabou*;
(008) *houvessem* (linha 1) - substituir por *houvesse*;
(016) *no mês passado* (linha 4) - substituir por *no mês anterior*.

6. (Ibmec) Assinale a alternativa que preenche de forma adequada e correta as lacunas nas frases abaixo, *respectivamente*.

I - Seguem ... às cartas minhas poesias para você.

II - Polvo e lula ... serão servidos no jantar.

III - Para a matrícula, é ... a documentação pedida.

a) anexa – frescos – necessária.

b) anexas – fresca – necessária.

c) anexos – frescos – necessários.

d) anexas – frescas – necessária.

e) anexas – fresco – necessária.

7. (UPM-SP)

Digitações

A poética é uma máquina
Há um código central
Em que se digita ANULA
É a máquina do nada
Que anda ao contrário
Da sua meta
A repetição é a morte
Noutro código lateral
Digita-se ENTRA
E os cupins invadem o quarto

(Sebastião Uchoa Leite)

No segmento *Há um código central / Em que se digita ANULA*, a concordância verbal está de acordo com a norma culta, assim como em:

a) Devem haver códigos / Em que se digitam teclas.

b) Deve haver código / Em que se digita teclas.

c) Existem códigos / Em que se digita teclas.

d) Deve existir códigos / Em que se digitam teclas.

e) Há códigos / Em que se digitam teclas.

8. (UERJ)

Do que eu poderia dizer, resta sempre um déficit de oitenta por cento. E os vinte por cento que consigo falar não correspondem senão ao que eu não gostaria de ter dito – o que me deixa um saldo mortal de angústia.

No trecho acima há dois verbos cujos sujeitos expressam quantidade.

Transcreva esses verbos e, com base nas regras de concordância gramatical, indique por que um está no singular e o outro no plural.

9. (Fuvest-SP) Responda ao que se pede:

a) Noticiando o lançamento de um dicionário de filmes brasileiros, um jornal fez o seguinte comentário a propósito do filme "Aluga-se moças", de 1981: O título traz um dos maiores erros ortográficos já vistos no cinema brasileiro. O título correto do longa seria "Alugam-se moças".
O comentário e a correção feitos pelo jornal são justificáveis do ponto de vista gramatical? Por quê?

b) Ao lado de um caixa eletrônico de um grande banco, pode ser lido o seguinte aviso: "Em caso de dúvida, **somente** aceite ajuda de funcionário do banco.". Re-escreva a frase, posicionando adequadamente o termo destacado, de modo a eliminar a ambiguidade nela existente.

As questões 10 e 11 estão relacionadas ao seguinte anúncio de jornal:

LOJA DE CALÇADOS FEMININO

Vende-se 3 lojas bem montadas tradicionais, nos melhores Pontos da Cidade. Ótima Oportunidade!
F: (__) xxx-xxxxxx

O Estado de S. Paulo, São Paulo, 15 ago. 2002.

10. (Unifesp) De acordo com as normas gramaticais, particularmente no que se refere às regras de concordância, o título deste anúncio deveria ser:

a) LOJAS DE CALÇADOS FEMININO, porque, na sequência, o texto fala em "3 lojas".

b) LOJAS DE CALÇADOS FEMININOS, porque, na sequência, o texto fala em "3 lojas".

c) LOJA DE CALÇADOS FEMININOS, porque o título não especifica as outras duas lojas "bem montadas" de calçados, implicitamente, masculinos.

d) LOJA FEMININA DE CALÇADOS, porque o título não se relaciona com o restante do anúncio.

e) LOJA DE CALÇADOS FEMININO, tal como aparece no anúncio, porque o vocábulo "FEMININO" apenas especifica o tipo de calçado comercializado pelas lojas à venda.

11. (Unifesp) No corpo do anúncio, a expressão "Vende-se 3 lojas bem montadas":

a) apresenta problema de concordância verbal. Deveria ocorrer na forma *Vendem-se* porque *se* é índice de indeterminação do sujeito, e *lojas* é o sujeito paciente.

b) não apresenta problema de concordância verbal porque *se* é índice de indeterminação do sujeito, e *lojas* é o objeto direto.

c) apresenta problema de concordância verbal. Deveria ocorrer na forma *Vendem-se* porque *se* é partícula apassivadora, e *lojas* é o sujeito paciente.

d) não apresenta problema de concordância verbal, porque *se* é partícula apassivadora, e *lojas* é o sujeito paciente.

e) apresenta problema de concordância verbal. Deveria ocorrer na forma *Vendem-se* porque *se* é pronome reflexivo com função sintática de objeto indireto, e *lojas* é o objeto direto.

12. (PUCCamp-SP) O trecho "... os dois permanecemos trancados durante toda a viagem que realizamos juntos,...", extraído do capítulo 23 de *Lavoura arcaica*, apresenta, quanto à concordância verbal:

a) respectivamente, silepse ou concordância ideológica e indicação do sujeito pela flexão verbal.

b) em ambos os casos, indicação do sujeito apenas pela flexão verbal.

c) em ambos os casos, concordância ideológica ou silepse.

d) respectivamente, concordância ideológica e silepse.

e) respectivamente, indicação do sujeito pela flexão verbal e silepse ou concordância ideológica.

13. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que ocorra erro de concordância.

a) Entre um copo de cerveja e outro, foi considerado, por algum tempo, a possibilidade de eclodir uma revolução.

b) A maioria dos alunos chegou às 13 horas.

c) Não se sabem os motivos que levaram Chico Leitão a essas diatribes.

d) A entrada dos bois nos currais atrapalhou a contagem.

e) Chegaram de Brasília os ajudantes para fazer a faxina no consultório.

14. (Fatec-SP) Assinale a alternativa na qual a modificação da frase entre parênteses resulta em concordância verbal que atende à norma culta.

a) (O resultado daqueles embates serviu para fortalecer a cultura.) Os resultados daqueles embates serviu para fortalecerem a cultura.

b) (Pode-se dizer que houve alguma melhora.) Pode-se dizer que houveram algumas melhoras.

c) (O assunto pode despertar celeuma.) Os assuntos podem despertarem celeuma.

d) (Houve alguma confusão acerca do que estava errado.) Devem ter havido algumas confusões a respeito do que estava errado.

e) (Essa foi a falta que motivou a reação das autoridades.) Essas foram as faltas que motivaram a reação das autoridades.

15. (Acafe-SC) Assinale a alternativa que preenche **corretamente** os espaços na frase:

Hoje, quem ... , porque, ontem ... tu que ... .

a) paga sou eu – foste – pagaste

b) paga sou eu – foi – pagou

c) paga sou eu – foste – pagou

d) paga é eu – foi – pagaste

e) paga sou eu – fostes – pagastes

16. (Fuvest-SP) "Eu não sou o homem que tu **procuras**, mas desejava **ver-te**, ou, quando menos, possuir o **teu** retrato."

Se o pronome *tu* fosse substituído por *Vossa Excelência*, em lugar das palavras destacadas no trecho acima transcrito, teríamos, respectivamente, as seguintes formas:

a) procurais, ver-vos, vosso.

b) procura, vê-la, seu.

c) procura, vê-lo, vosso.

d) procurais, vê-la, vosso.

e) procurais, ver-vos, seu.

17. (Fuvest-SP) "Mas aquele pendão firme, vertical, beijado pelo vento do mar, veio enriquecer nosso canteirinho vulgar com uma força e uma alegria que fazem bem." (Rubem Braga)

Suponha que o início desse período seja: "Mas aqueles...". Re-escreva o período, fazendo apenas as alterações que se tornarem gramaticalmente necessárias.

18. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que a concordância verbal esteja correta.

a) Discutiu-se a semana toda os acordos que têm de ser assinados nos próximos dias.

b) Poderá haver novas reuniões, mas eles discutem agora sobre que produtos recairão, a partir de janeiro, a sobretaxa de exportação.

c) Entre os dois diretores deveria existir sérias divergências, pois a maior parte dos funcionários nunca os tinha visto juntos.

d) Faltava ainda dez votos, e já se comemoravam os resultados.

e) Eles hão de decidir ainda hoje, pois faz mais de dez horas que estão reunidos naquela sala.

19. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que a concordância verbal está correta.

a) As análises dos especialistas e do presidente prevê uma queda no setor, mas o boletim da empresa sobre as vendas efetuadas no último mês justificam que não se perca o otimismo.

b) Restava, no momento, poucas esperanças de acordo, mas ela, e principalmente eu, não deixava transparecer nenhum desânimo.

c) Podem existir, agora, poucas pessoas dispostas a enfrentar este pequeno problema, mas já houve muitas outras ocasiões em que sacrifícios bem maiores foram exigidos de nós.

d) A vida e a dignidade das pessoas está posta em risco quando falta, por parte delas, recursos para atender às suas necessidades básicas.

e) Foi encontrado no meio dos escombros muitos esqueletos, e já se levantou, entre os cientistas, hipóteses de que seja de animais pré-históricos.

20. (UFG) No conhecido verso de um *rock* – "a gente somos inútil" –, ocorre uma concordância que, apesar de ser condenada pelos padrões gramaticais da língua culta, é comum na fala popular. Como se explica esta possibilidade de construção na língua portuguesa?

21. (Unicamp-SP) No diálogo transcrito a seguir, um dos interlocutores é falante de uma variedade de português que apresenta uma série de diferenças com relação ao português culto.

Identifique, na fala desse interlocutor, as marcas formais dessas diferenças e transcreva-as. Faça, a seguir, uma hipótese sobre quem poderia ser essa pessoa (sua classe social e seu grau de escolaridade).

Interlocutor 1: Por que o senhor acha que o pessoal não está mais querendo tocar?
Interlocutor 2: É... a rapaziada nova agora não são mais como era quando nós ia, não senhora. Quando nós saía com o Congo nós levava aquele respeito com o mestre que saía com nós, né? Então nós ficava ali, se fosse tomar arguma bebida só tomava na hora que nós vinhesse embora.

22. (Unicamp-SP) As declarações que seguem são atribuídas a uma alta autoridade do governo. Identifique e comente os trechos em que a transcrição sugere um falante que não foi capaz de expressar-se em português culto, de forma adequada ao seu papel social.

Alta autoridade do governo paulista garantiu ontem que as investigações para apurar os responsáveis pelo sequestro do ex-vice-presidente do Bradesco, Antônio Beltran Martinez, terão prosseguimento, mesmo que fique comprovada a participação de "pessoas influentes e importantes". "Tudo aquilo que a polícia necessitar de meios para chegar a esse objetivo, ela terá a responsabilidade de apurar até o fim, doa a quem doer esses fatos."

(*Diário do Povo*, 9 out. 1987.)

23. (Unicamp-SP) O jornal *Folha de S.Paulo* introduz com o seguinte comentário uma entrevista recente (8 dez. 1988) com o professor Paulo Freire:

"A gente cheguemos" não será uma construção gramatical errada na gestão do Partido dos Trabalhadores em São Paulo.

Os trechos da entrevista nos quais a *Folha* se baseou para fazer tal comentário foram os seguintes:

A criança terá uma escola na qual a sua linguagem seja respeitada (...) Uma escola em que a criança aprenda a sintaxe dominante, mas sem desprezo pela sua.
Esses oito milhões de meninos vêm da periferia do Brasil (...) Precisamos respeitar a [sua] sintaxe mostrando que sua linguagem é bonita e gostosa, às vezes é mais bonita que a minha. E, mostrando tudo isso, dizer a ele: "Mas para tua própria vida tu precisas dizer *a gente chegou* [em vez de *a gente cheguemos*]. Isso é diferente, [a abordagem] é diferente. É assim que queremos trabalhar, com abertura, mas dizendo a verdade."

Responda de forma sucinta:

a) Qual é a posição defendida pelo professor Paulo Freire em relação à correção de erros gramaticais na escola?

b) O comentário do jornal faz justiça ao pensamento do educador? Justifique a sua resposta.

24. (UFV-MG) Dadas duas frases consideradas corretas:

a) Fulano ou Beltrano será eleito em 15 de novembro Presidente da República.

b) Calor intenso ou frio excessivo me fazem mal.

Explique a razão de o verbo estar no singular em a) e no plural em b).

25. (Unicamp-SP)

Sem comentários

Do delegado regional do Ministério da Educação do Rio, Antônio Carlos Reborado, ao ler ontem um discurso de agradecimento ao seu chefe, o ministro Eraldo Tinoco: "Os convênios assinados traduz (sic)* os esforços...".

Painel, *Folha de S.Paulo*, 12 set. 1992.

*sic: palavra latina que significa "assim"; no caso, é usada pelo jornal com o sentido de "exatamente desta forma".

O título da nota, "Sem comentários", é, na verdade, um comentário que expressa o ponto de vista do jornal, motivado por um problema gramatical no discurso lido por A. C. Reborado.

a) Que problema gramatical provocou o comentário do jornal?

b) Explicite o comentário que está sugerido, neste caso específico, pela expressão "Sem comentários".

26. (Unicamp-SP) Apesar de consideradas erradas, construções como "No segundo turno nós conversa", "A gente fomos", "Subiu os preços" obedecem a regras de concordância sistemáticas, características principalmente de dialetos de pouco prestígio social. O trecho abaixo, extraído de um editorial de jornal (portanto, representativo da modalidade culta) contém uma construção que é de fato um erro de concordância.

Pode-se argumentar, é certo, que eram previsíveis os percalços que enfrentariam qualquer programa de estabilização (...) necessário no Brasil.

Folha de S.Paulo, 7 nov. 1990.

a) Transcreva o trecho em que ocorre um erro de concordância.

b) Lendo atentamente o texto, você descobrirá que existe uma explicação para esse erro. Qual é?

c) Re-escreva o trecho de forma a adequá-lo à modalidade escrita culta.

27. (UFV-MG) Assinale a alternativa cuja sequência enumera **corretamente** as frases:

(1) concordância verbal **correta**
(2) concordância verbal **incorreta**

( ) Ireis de carro tu, vossos primos e eu.
( ) O pai ou o filho assumirá a direção do colégio.
( ) Mais de um dos candidatos se insultaram.
( ) Os meninos parece gostarem dos brinquedos.
( ) Faz dez anos todos esses fatos.

a) 1, 2, 2, 2, 1
b) 2, 2, 2, 1, 2
c) 1, 1, 2, 1, 1
d) 1, 2, 1, 1, 2
e) 2, 1, 1, 1, 2

28. (UFV-MG) Em todas as frases abaixo a concordância verbal está **incorreta**, **exceto**:

a) Qual de nós chegamos primeiro ao topo da montanha?

b) Os Estados Unidos representa uma segurança para todo o Ocidente.

c) Recebei, Vossa Excelência, os protestos de nossa estima.

d) Sem a educação, não podem haver cidadãos conscientes.

e) Sobrou-me uma folha de papel, uma caneta e uma borracha.

29. (Fatec-SP) Assinale a alternativa em que o período 2 não corresponde à correta pluralização do período 1.

a) 1. Mantenha-se calmo: não vai haver mais assalto.
2. Mantenham-se calmos: não vai haver mais assaltos.

b) 1. A notícia parece que correu muito rapidamente.
2. As notícias parece que correram muito rapidamente.

c) 1. Haja vista a ocorrência policial...
2. Haja vista as ocorrências policiais...

d) 1. É essa a objeção que se costuma fazer?
2. São essas as objeções que se costuma fazer?

e) 1. Haverá de existir solução menos traumática.
2. Haverão de existir soluções menos traumáticas.

30. (Faap-SP) Nas frases abaixo, explique a concordância dos verbos destacados.

a) **Costumava haver**, na cama do finado Padre João da Mata, lençóis de linho, dum luxo raro naquelas alturas.

b) Padre Antônio de Morais foi um dos que mais **sentiram** atração por Clarinha.

31. (Fuvest-SP) Re-escreva as frases abaixo, substituindo *existir* por *haver* e vice-versa.

a) **Existiam** jardins e manhãs naquele tempo: **havia** paz em toda parte.

b) Se **existissem** mais homens honestos, não **haveria** tantas brigas por justiça.

32. (FEI-SP) Passe para o plural:

Houve uma conversa meio longa.

33. (Fuvest-SP) Em "**Há em nosso país duas constantes** que nos induzem a sustentar que o Brasil é o único país brasileiro de todo o mundo", re-escreva o segmento destacado, substituindo o verbo *haver* por *existir*.

34. (ITA-SP) Assinale a alternativa correta.

a) Fazem anos que não te vejo.
b) Devem haver pessoas honestas lá.
c) Alvimar ou Caetano será escolhido para o cargo.
d) Aspiramos um aumento salarial melhor.
e) Custou-o a entender o que eu dizia.

35. (FCC-BA) "A ocorrência de interferências ...-nos a concluir que ... uma relação profunda entre homem e sociedade que os ... mutuamente dependentes."

a) leva, existe, torna
b) levam, existe, tornam
c) levam, existem, tornam
d) levam, existem, torna
e) leva, existem, tornam

36. (Fuvest-SP) Indique a alternativa correta.

a) Filmes, novelas, boas conversas, nada o tiravam da apatia.
b) A pátria não é ninguém: são todos.
c) Se não vier as chuvas, como faremos?
d) É precaríssima as condições do prédio.
e) Vossa Senhoria vos preocupais demasiadamente com a vossa imagem.

37. (UPM-SP) "Não ... razões para acreditarmos nele, pois ... provas suficientes e ... anotações memoráveis a seu favor."

a) faltava, haviam, existiam
b) faltavam, havia, existiam
c) faltavam, haviam, existiam
d) faltava, havia, existia
e) faltavam, havia, existia

38. (Fuvest-SP) Num dos provérbios abaixo não se observa a concordância prescrita pela gramática. Indique-o.

a) Não se apanham moscas com vinagre.
b) Casamento e mortalha no céu se talha.
c) Quem ama o feio, bonito lhe parece.
d) De boas ceias, as sepulturas estão cheias.
e) Quem cabras não tem e cabritos vende, de algum lugar lhe vêm.

39. (FCMSC-SP) "Por falta de verba, ... as experiências e os estudos que se ... ."

a) foi suspenso, planejava fazer
b) foram suspensos, planejava fazer
c) foram suspensos, planejavam fazer
d) foram suspensas, planejavam fazer
e) foi suspenso, planejavam fazer

40. (FCC-BA) Assinale:

a) se todos forem corretos.
b) se forem corretos somente os textos 1 e 2.
c) se forem corretos somente os textos 1 e 3.
d) se forem corretos somente os textos 2 e 3.
e) se nenhum deles for correto.

1. Vossa Excelência sois um ótimo professor.
2. Tu e eles ireis à conferência.
3. Passará o céu e a terra, mas não passarão minhas palavras.

41. (Fuvest-SP) Indique a alternativa correta.

a) Tratavam-se de questões fundamentais.
b) Comprou-se terrenos no subúrbio.
c) Precisam-se de datilógrafas.
d) Reformam-se ternos.
e) Obedeceram-se aos severos regulamentos.

42. (FCMSC-SP) "Suponho que ... meios para que se ... os cálculos de modo mais simples."

a) devem haver, realize
b) devem haver, realizem
c) deve haverem, realize
d) deve haver, realizem
e) deve haver, realize

43. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção em que a lacuna pode ser preenchida por qualquer das duas formas verbais indicadas entre parênteses.

a) Um dos seus sonhos ... morrer na terra natal. (era, eram)
b) Aqui não ... os sítios onde eu brincava. (existe, existem)
c) Uma porção de sabiás ... na laranjeira. (cantava, cantavam)
d) Não ... em minha terra belezas naturais. (falta, faltam)
e) Sou eu que ... morrer ouvindo o canto do sabiá. (quero, quer)

44. (UFC) Complete as seguintes frases observando a concordância verbal e, depois, assinale a opção certa.

1. Como ... haver pessoas tão generosas. (poder – imp. ind.)
2. ...-se, muito longe, os sinos da igreja. (ouvir – imp. ind.)
3. ... muitos anos que ela não vai a festas. (fazer – pres. ind.)
4. Eles sempre se ... com dignidade. (haver – perf. ind.)
5. ...-se muitas pessoas dirigindo-se à matriz. (ver – pres. ind.)

a) podia, ouviam, faz, houveram, veem
b) podiam, ouvem, fazem, houveram, vêm
c) podia, ouvia, faz, havia, veem
d) pôde, ouve, fazem, houveram, veem
e) n.d.a.

45. (UFC) Assinale a opção correta.

a) Mais de um retirante se afastou do serviço.
b) Qual de vós sabeis o destino do retirante?
c) Podem haver, no campo, dias horríveis.
d) Espera-se dias mais propícios.

46. (Fuvest-SP) "... dez horas que se ... iniciado os trabalhos de apuração dos votos sem que se ... quais seriam os candidatos vitoriosos."

a) fazia, haviam, previsse
b) faziam, haviam, prevesse
c) fazia, havia, previsse
d) faziam, havia, previssem
e) fazia, haviam, previssem

47. (Acafe-SC) Corrija a frase. Depois, justifique.

Ela está meia nervosa.

48. (Acafe-SC) Assinale a alternativa que completa **corretamente** os espaços.

A entrada para o cinema foi ..., mas o filme e o desenho ... compensaram, pois saímos todos ... .

a) caro – apresentado – alegre
b) cara – apresentado – alegre
c) caro – apresentados – alegres
d) cara – apresentados – alegres
e) cara – apresentados – alegre

49. (UEM-PR) Aponte a(s) frase(s) em que a palavra dos parênteses deve ir exclusivamente no plural.

01. Tu, eu e teu pai ... de ônibus. (ir)
02. Os Estados Unidos, durante a noite, ... a Líbia. (atacar)
04. ... você e seu colega. (passar)
08. ... muitos discursos; porém pouca argumentação. (haver)
16. Parece inteligente e tem ... argumentos para se defender. (bastante)
32. ... ao processo encontram-se as fotos. (incluso)

50. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que a concordância verbal e nominal esteja correta.

a) Qualquer que tivessem sido as decisões da chefia, a reação dos funcionários seria a mesma, pois discórdias é que não faltava lá.
b) Eles são tão pouco esclarecidos, que com meias palavras não entendem nada; é necessário, sempre, as explicações mais detalhadas.
c) Quando já passava das dez horas, atribuiu-se o atraso do juiz a problemas de saúde e dispensaram-se as testemunhas.
d) Vai ser avaliado, no mês que vem, os danos da última seca e serão anunciados os prejuízos correspondente.
e) Eles parecem, cada vez mais, serem os únicos responsáveis pelo ocorrido, por mais inacreditável que possa ser os fatos.

51. (PUCCamp-SP) "Não foi ... a pesada suspensão que lhe deram, porque você foi o que ... falhas apresentou; podiam ter pensado em outras penalidades mais ... ."

a) justo – menas – cabível
b) justa – menos – cabível
c) justa – menos – cabíveis
d) justo – menos – cabível
e) justo – menas – cabíveis

52. (PUCCamp-SP) "Tenha certeza, meu caro amigo, de que suas colegas queriam elas ... terminar o trabalho, mas não conseguiram falar ...; por esse motivo é que ficou tudo para ... resolver."

a) mesmo – consigo – mim
b) mesmas – com você – eu
c) mesmo – com você – mim
d) mesmas – consigo – mim
e) mesmas – contigo – eu

53. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que a concordância verbal e nominal está correta.

a) Era oito horas e até aquela hora tinha sido evitado, graças à presença de correspondentes estrangeiros, uma série de assuntos sobre política econômica.

b) Avaliou-se com muita calma, no encontro que se deu fazem uns quinze dias, as mais diferentes versões sobre o manifesto a favor da Ecologia, que havia sido publicada pela imprensa.

c) Os estudos para a fusão das duas companhias dura mais de dois meses, mas o concurso para a escolha dos nomes dos novos produtos já tem sido amplamente divulgados.

d) Seja quais forem as críticas que possam ser feitas, a verdade é que eles pretendiam, cada uma seu modo, defenderem seus pontos de vista, mesmo sabendo que nem todos eram igualmente defensável.

e) Novas taxas, em virtude dos últimos aumentos, parecem inevitáveis; indicam-se os motivos do reajuste em documentos que encaminho anexos a este.

54. (UFV-MG) Todas as alternativas abaixo estão **corretas** quanto à concordância nominal, **exceto**:

a) Foi acusado de crime de lesa-justiça.

b) As declarações devem seguir anexas ao processo.

c) Eram rapazes os mais elegantes possível.

d) É necessário cautela com os pseudolíderes.

e) Seguiram automóveis, cereais e geladeiras exportados.

55. (FCC-BA) "Elas ... providenciaram os atestados, que enviaram ... às procurações, como instrumentos ... para os fins colimados."

a) mesmas, anexos, bastantes

b) mesmo, anexo, bastante

c) mesmas, anexo, bastante

d) mesmo, anexos, bastante

e) mesmas, anexos, bastante

56. (FCMSC-SP) "... habilidade e ... empenho ... pelos participantes, a comissão julgadora teve dificuldade em apontar o vencedor."

a) Dado a, o, demonstrado

b) Dada à, do, demonstrados

c) Dados a, o, demonstrados

d) Dados a, ao, demonstrado

e) Dados à, do, demonstrados

57. (Faap-SP) Observando as regras de concordância verbal e nominal, re-escreva a frase que segue:

Ao meio-dia e meio, depois de penosa escalada, durante a qual houveram perigos o mais surpreendentes possíveis, o grupo de alpinistas franceses atingiu o ponto mais elevado da cordilheira.

58. (PUC-RJ) Preencha as lacunas com a forma adequada das palavras entre parênteses, fazendo a flexão de gênero e número quando necessário.

a) Por ... que sejam as consequências, esta é a única tentativa possível. (pior)

b) Seus propósitos estão ... claros. (bastante)

c) As informações prometidas seguem ... a esta carta. (anexo)

59. (UFSCar-SP) Re-escreva o período abaixo. Corrija-o, se necessário, quanto à concordância. Justifique, porém, sempre a sua resposta.

É proibido a entrada de pessoas estranhas no recinto.

60. (FCC-BA) Assinale a alternativa em que a concordância verbal e nominal está correta.

a) Já é meio-dia e meia; faltam poucos minutos para começar a reunião.

b) Comprei um óculos escuro nesta loja. Consegue-se bons descontos aqui.

c) Vão fazer dez anos que trabalho aqui e ainda é proibido a minha entrada na sala da Diretoria!

d) Duzentas gramas de queijo são demais para fazer a torta.

e) A gente fomos ao cinema no domingo, e lá haviam amigos nossos na fila.

61. (UEL-PR) "Ao esforço e à seriedade ... ao estudo é que ... os louvores que ele tem recebido ultimamente."

a) consagrado, devem ser atribuídos

b) consagrada, deve ser atribuído

c) consagrados, devem ser atribuídos

d) consagradas, deve ser atribuído

e) consagrados, deve ser atribuído

62. (FCC-BA) "Os Estados Unidos ... grandes universidades de ... fama e mérito."

a) possuem, reputada

b) possui, reputado

c) possui, reputados

d) possuem, reputado

e) possui, reputada

63. (FCC-BA) "Informo a Vossas Senhorias que, ..., seguem a carta, o relatório e a cópia que nos solicitaram, e que estão inteiramente à ... disposição para exame."

a) incluso, vossa

b) inclusos, sua

c) incluso, sua

d) inclusa, vossa

e) inclusos, vossa

64. (UFSC) Aponte a alternativa em que a concordância nominal não é adequada.

a) Obrigava sua corpulência a exercício e evolução forçada.

b) Obrigava sua corpulência a exercício e evolução forçados.

c) Obrigava sua corpulência a exercício e evolução forçadas.

d) Obrigava sua corpulência a forçado exercício e evolução.

e) Obrigava sua corpulência a forçada evolução e exercício.

65. (UPM-SP) Indique a alternativa que preenche corretamente as lacunas na frase.

..., na verdade, de tarefas árduas que um e outro ... com esforço e capacidade ... .

a) Tratam-se, executou, sobre-humana

b) Tratam-se, executaram, sobre-humanas

c) Trata-se, executou, sobre-humanas

d) Trata-se, executaram, sobre-humanos

e) Tratam-se, executou, sobre-humanos

66. (FCC-BA) "Ainda ... furiosa, mas com ... violência, proferia injúrias ... para escandalizar os mais arrojados."

a) meia, menas, bastantes

b) meia, menos, bastante

c) meio, menos, bastante

d) meio, menos, bastantes

e) meio, menas, bastantes

67. (PUCCamp-SP) Assinale a concordância **errada**.

a) Ali se vendia pão e outras provisões.

b) Era meio-dia e meia.

c) Na exposição vendeu-se oito cavalos árabes.

d) Crime de leso-patriotismo.

e) Os soldados ficaram alerta.

68. (Efei-MG) Em todas as frases a concordância se fez corretamente, exceto:

a) Os soldados, agora, estão todos alerta.

b) Ela possuía bastante recursos para viajar.

c) As roupas das moças eram as mais belas possíveis.

d) Rosa recebeu o livro e disse: "Muito obrigada".

e) Sairei de São Paulo hoje, ao meio-dia e meia.

69. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa em que *meio* funciona como advérbio.

a) Fica no meio do quarto.

b) Quero meio quilo.

c) Está meio triste.

d) Achei o meio de encontrar-te.

e) n.d.a.

70. (UnB-DF) Em todas as alternativas a concordância nominal fez-se corretamente, **exceto** em:

a) Eu observava no velho guerreiro o destemor e a força quase lendários.

b) Estavam emudecidos, para sempre, as almas, as vozes e os risos dos homens.

c) Aquelas mesmas figuras pareceram a nós meio estranhas.

d) O presidente quer o decreto o mais breve e incisivo possíveis.

71. (UPM-SP) Assinale a alternativa **incorreta**.

a) O narrador pulou longos páginas e capítulos.

b) Ele pulou longos capítulos e páginas.

c) Ele escreveu capítulos e páginas compactas.

d) Ele escreveu capítulos e páginas compactos.

e) Ele escreveu páginas e capítulos compactos.

72. (FCC-BA) "Água às refeições é ... para a saúde. Essa é uma das muitas precauções que ... tomar, se se quer conservar a silhueta."

a) mau, é preciso

b) mau, são precisas

c) mal, é precisa

d) má, são precisas

e) má, é preciso

Capítulo 27

Regência verbal e nominal

Laerte

LAERTE. *Classificados: livro 1*. São Paulo: Devir, 2001. p. 9.

Neste capítulo, estudaremos, entre outros tópicos, alguns verbos cuja mudança de regência implica também uma mudança de significado. Exemplo disso é o verbo apontar, na tira acima: no segundo quadrinho, ele é transitivo direto e significa "fazer a ponta de"; no terceiro quadrinho, mudam sua regência e seu significado: ele passa a transitivo indireto e tem o sentido de "indicar a direção de", "estar voltado para".

1. Introdução

Há algum tempo, um famoso cantor americano foi acusado de assediar sexualmente menores de idade. Ao noticiar o fato, muitas emissoras de televisão falavam das "denúncias de abuso sexual contra Fulano". Você percebe o que ocorre nessa construção? A frase é, no mínimo, ambígua. De réu, Fulano pode passar a vítima. Colocada depois de dois nomes (*denúncias* e *abuso*), a preposição *contra* pode relacionar-se a qualquer dos dois termos. Na verdade, por estar mais próxima de *abuso*, é a esse termo que a preposição parece ligar-se. Isso faz Fulano passar a ser vítima do abuso.

Para que a frase fosse clara e fiel ao sentido pretendido, seria necessário aproximar a preposição *contra* do termo que efetivamente a rege – *denúncia*. Surgiria a construção "as denúncias contra Fulano de abuso sexual". Outra solução seria "as denúncias de abuso sexual feitas contra Fulano". O termo regente da preposição *contra* passaria a ser *feitas*.

É disso que se ocupa a regência, ou seja, como estabelecer relações entre palavras ou orações, para criar frases que não sejam ambíguas, que expressem efetivamente o sentido desejado, que sejam corretas e claras.

2. Regência verbal

A *regência verbal* se ocupa do estudo da relação que se estabelece entre os verbos e os termos que os complementam (objetos diretos e objetos indiretos) ou caracterizam (adjuntos adverbiais). Você sabe que o verbo *gostar* rege a preposição *de* (gostar de alguém ou de algo), que o verbo *concordar* rege *com* (concordar com alguém ou com algo), que o verbo *confiar* rege *em* (confiar em alguém ou em algo). E o verbo *ir*? No Brasil, no dia-a-dia, na língua literária, nas letras de músicas, é muito comum "ir em algum lugar" ("Fui no cinema", "Fui na praia"). Na linguagem culta formal, porém, o verbo *ir* rege as preposições *a* e *para*:

Fui **ao** cinema.

Ele foi **para a** Grécia.

A diferença entre o uso formal culto e o coloquial é um dos objetivos do estudo da regência.

Outro aspecto que deve ser considerado é a mudança de significado que pode resultar das diferentes relações que se estabelecem entre um mesmo verbo e seus complementos: "agradar alguém" pode ser diferente de "agradar a alguém". No primeiro caso ("A mãe agrada o filho"), *agradar* pode significar "acariciar", "contentar". No segundo ("A mãe agrada ao filho"), significa "fazer algo que cause agrado ou prazer", "satisfazer".

Para estudar a regência verbal, os verbos serão agrupados de acordo com sua transitividade. Lembre-se de que a transitividade não é um fato absoluto: um mesmo verbo pode atuar de diferentes formas em diferentes frases. Você verá a transitividade mais frequente ou mais problemática dos vários verbos estudados. Num último grupo, foram reunidos os verbos cujas mudanças de transitividade estão relacionadas com mudanças de significado.

Verbos intransitivos

Os verbos intransitivos não possuem complementos. É importante, no entanto, destacar alguns detalhes relativos aos adjuntos adverbiais que costumam acompanhá-los.

Chegar e *ir* são normalmente acompanhados de adjuntos adverbiais de lugar. Na linguagem formal culta, as preposições usadas para indicar direção ou destino são *a* e *para*:

Cheguei **a** Roma num domingo de Carnaval.

Fomos **a** Siena.

Ele deve chegar **a** Brasília no próximo sábado.

Ronaldo foi **para** a Espanha.

Verbos transitivos diretos

Os verbos transitivos diretos são complementados por objetos diretos. Isso significa que não exigem preposição para o estabelecimento da relação de regência. Os pronomes pessoais do caso oblíquo da terceira pessoa que atuam como objetos diretos são *o, os, a, as*. Esses pronomes podem assumir as formas *lo, los, la, las* (após formas verbais terminadas em *-r, -s* ou *-z*) ou *no, nos, na, as* (após formas verbais terminadas em sons nasais). Não se devem usar como complemento desses verbos os pronomes *lhe, lhes*.

São transitivos diretos, entre outros:

abandonar	adorar	condenar	humilhar	socorrer
abençoar	alegrar	conhecer	namorar	suportar
aborrecer	ameaçar	conservar	ouvir	ver
abraçar	amolar	convidar	prejudicar	visitar
acompanhar	amparar	defender	prezar	
acusar	auxiliar	eleger	proteger	
admirar	castigar	estimar	respeitar	

Na língua culta, esses verbos funcionam exatamente como o verbo *amar*:

Amo aquele rapaz. / Amo-o.

Amo aquela moça. / Amo-a.

Amam aquele rapaz. / Amam-no.

Ele deve amar aquela mulher. / Ele deve amá-la.

Os pronomes *lhe* e *lhes* só acompanham esses verbos para indicar posse (caso em que atuam como adjuntos adnominais):

Quero beijar-**lhe** o rosto. (= beijar **seu** rosto)

Prejudicaram-**lhe** a carreira. (= prejudicaram **sua** carreira)

Verbos transitivos indiretos

Os verbos transitivos indiretos são complementados por objetos indiretos. Isso significa que esses verbos exigem uma preposição para o estabelecimento da relação de regência. Os pronomes pessoais do caso oblíquo de terceira pessoa que podem atuar como objetos indiretos são *lhe* e *lhes*, que geralmente substituem pessoas. Não se devem usar os pronomes *o, os, a, as* como complementos de verbos transitivos indiretos. Com os objetos indiretos que não representam pessoas, normalmente se usam os pronomes oblíquos tônicos de terceira pessoa (*ele, ela*) em lugar dos pronomes átonos *lhe* e *lhes*. Lembre-se de que os verbos transitivos indiretos não admitem voz passiva – as poucas exceções serão apontadas a seguir.

São verbos transitivos indiretos, entre outros:

a. *antipatizar* e *simpatizar*, que têm complemento introduzido pela preposição *com*:

Antipatizo **com** aquela apresentadora.

Simpatizo **com** os que condenam os políticos que governam para uma minoria privilegiada.

Esses verbos não são pronominais, portanto, não ocorrem construções como "antipatizei-me com ela" ou "simpatizei-me com ela".

b. *consistir*, que tem complemento introduzido pela preposição *em*:

A modernidade verdadeira consiste **em** diretos iguais para todos.

c. *obedecer* e *desobedecer*, que têm complemento introduzido pela preposição *a*:

Obedeço **ao** código de trânsito.

Os brasileiros desobedecem **aos** sinais de trânsito.

Apesar de transitivos indiretos, admitem a voz passiva analítica:

Leis devem ser obedecidas.

Regras básicas de civilidade não podem ser desobedecidas.

Para substituir o que não for pessoa, só se pode usar *a ele / a ela*:

Obedeço ao código. / Obedeço a ele.

d. *dignar-se*, pronominal, que no padrão culto rege a preposição *de*:

Ele não se dignou **de** olhar-me nos olhos.

Ela ao menos se dignou **de** responder-me.

É comum, em textos formais, encontrar esse verbo com a preposição *de* elíptica:

O reitor se dignou ouvir minhas palavras até o fim.

Convém lembrar que esse verbo, na linguagem corrente, é usado com a preposição *a*, o que não é abonado por gramáticos e dicionaristas.

e. *responder*, que tem complemento introduzido pela preposição *a*:

Respondi **a** todos os alunos interessados.

O acusado responderá **a** inquérito.

Também admite voz passiva analítica, desde que o sujeito seja aquilo (e não aquele) a que se responde:

Todas as perguntas foram respondidas satisfatoriamente.

Atividades

1. Faça a substituição dos termos destacados nas frases seguintes pelos pronomes oblíquos átonos apropriados.

a) Não desejo incomodar **aqueles rapazes**.

b) É preciso ajudar **as crianças de rua**.

c) Você não deve prejudicar **os alunos**.

d) Vamos enviar **estes pacotes de arroz** aos flagelados.

e) Vamos enviar estes pacotes de arroz **aos flagelados**.

f) Ele gostaria de namorar **Sílvia**.

g) Espero poder alegrar **os amigos**.

h) Prezo muito **aquele escritor**.

i) Por que você não obedece **a seus pais**?

j) A comissão não respondeu **aos inscritos no concurso**.

2. Em cada item você encontrará uma frase típica da linguagem coloquial de várias regiões do Brasil. Adapte cada uma dessas frases à regência verbal da língua culta.

a) Fique tranquila, querida: eu lhe amo muito.

b) Desde que lhe vi, minha vida não é mais a mesma.

c) Não me simpatizo muito com essa tese.

d) O marginal urbano não obedece sinal vermelho.

e) Não pude responder o bilhete que você me mandou.

f) Que Deus lhe proteja!

g) Se Deus lhe amparar, tudo vai dar certo.

h) Ela já parou de lhe amolar?

i) Faço questão de lhe abraçar.

3. Comente a regência verbal da frase seguinte:

Essas medidas consistem basicamente de novas regras para o sistema financeiro e de um novo sistema de controle de entrada de divisas externas.

Verbos indiferentemente transitivos diretos ou indiretos

Alguns verbos podem ser usados como transitivos diretos ou transitivos indiretos, sem que isso implique alteração de sentido. Alguns deles são:

abdicar (de)	atender (a)	desdenhar (de)	presidir (a)
acreditar (em)	atentar (em, para)	gozar (de)	renunciar (a)
almejar (por)	cogitar (de, em)	necessitar (de)	satisfazer (a)
ansiar (por)	consentir (em)	preceder (a)	versar (sobre)
anteceder (a)	deparar (com)	precisar (de)	

Também podem ser usados como transitivos diretos ou transitivos indiretos os verbos *esquecer* e *lembrar*. Nesse caso, porém, há um detalhe importante: na tradição da língua, quando transitivos indiretos, esses verbos são pronominais. Observe estes exemplos:

Esqueci **o** livro. / Esqueci-**me do** livro.

Não esqueça **os** amigos. / Não **se** esqueça **dos** amigos.

Não esquecemos suas palavras. / Não **nos** esquecemos **de** suas palavras.

Não lembro nada. / Não **me** lembro **de** nada.

No português do Brasil (na oralidade e em textos literários), surgiu um cruzamento dessas duas construções "Não lembrei de você" e "Esqueci do aniversário dela". Note que os verbos são usados com a preposição "de" e sem o pronome oblíquo relativo ao sujeito. Essas construções ainda não ganharam abrigo nas variedades formais da língua.

Lembre que nada acontece por acaso. / Lembre-**se de** que nada acontece por acaso.

Os verbos *esquecer* e *lembrar* também apresentam uma outra possibilidade de construção, hoje restrita à língua literária:

Não me esquecem aqueles beijos que trocamos. (= não me saem da memória, não me caem no esquecimento)

Desculpe-me, mas não me lembra a data de seu aniversário. (= não me vem à lembrança)

Lembrar, no sentido de "advertir, notar, fazer recordar", é usado com objeto indireto de pessoa e objeto direto que indica a coisa a ser lembrada. Observe:

Lembrei **a** todos **que** tudo ainda estava por fazer.

Na tirinha, observa-se a ocorrência do verbo *lembrar* como transitivo indireto, caso em que é pronominal, e como transitivo direto (lembrar seu nome).

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 1996. v. 1. p. 35.

Verbos transitivos diretos e indiretos

Os verbos transitivos diretos e indiretos são acompanhados de um objeto direto e um objeto indireto. Merecem destaque, nesse grupo:

a. *agradecer*, *perdoar* e *pagar*, que apresentam objeto direto de coisa e objeto indireto de pessoa:

Agradeço **aos** ouvintes **a** audiência.

Cristo ensina que é preciso perdoar **o** pecado **ao** pecador.

Paguei **o** débito **ao** cobrador.

O uso dos pronomes oblíquos átonos deve ser feito com particular cuidado. Observe:

Agradeci o presente. / Agradeci-o.

Agradeço a você. / Agradeço-lhe.

Perdoei a ofensa. / Perdoei-a.

Perdoei ao agressor / Perdoei-lhe.
Paguei minhas contas. / Paguei-as.
Paguei aos meus credores. / Paguei-lhes.

É importante notar que, com esses verbos, a pessoa costuma aparecer como objeto indireto, mesmo que na frase não haja objeto direto. Observe:

A empresa não paga **aos** funcionários desde setembro.
Já perdoei **aos** que me acusaram.
Agradeço **aos** eleitores que confiaram em mim.

Em relação ao que foi citado acima, cabe informar que, na língua viva do Brasil (oral e escrita), é cada vez mais comum o emprego do verbo *pagar* sem a preposição *a* ("A empresa não paga os funcionários desde setembro"), o que já abonado em importantes dicionários de regência e de sinônimos.

b. *informar*, que apresenta objeto direto de coisa e objeto indireto de pessoa, ou vice-versa:

Informe **os** novos preços **aos** clientes.
Informe **os** clientes **dos** novos preços. (ou: sobre os novos preços)

Quando se utilizam pronomes como complementos, podem-se obter as construções:

Informe-os aos clientes. / Informe-lhes os novos preços.
Informe-os dos novos preços. / Informe-os deles. (ou: sobre eles)

No período composto, quando um dos complementos desse verbo é oracional, valem as mesmas orientações:

Informe aos clientes que os preços não são mais os mesmos. / Informe-lhes que os preços não são mais os mesmos.
Informe os clientes de que os preços não são mais os mesmos. / Informe-os de que os preços não são mais os mesmos.

A mesma regência de *informar* cabe a *avisar, certificar, notificar, cientificar, prevenir.*

c. *preferir*, que na língua culta deve apresentar objeto indireto introduzido pela preposição *a*:

Prefiro trem a ônibus.
Povo civilizado prefere democracia a ditadura.
"Prefiro um asno que me carregue a um cavalo que me derrube." (Gil Vicente)

Na língua culta, esse verbo é usado sem termos intensificadores como *muito, antes, mil vezes, um milhão de vezes*. Isso é explicado pela etimologia de *preferir* (em que há o prefixo *pre-*, que denota "posição anterior").

Em *site*

<www.citi.pt/gilvicenteonline/index.html>. Acesso em: 15 jul. 2008.

Gil Vicente foi o fundador do teatro português. O escritor viveu durante a transição da Idade Média ao Renascimento, período marcado pelas grandes navegações e pela crise do Feudalismo e da Igreja. O *site* indicado apresenta versões integrais das peças de Gil Vicente encenadas em português de Portugal. Não deixe de conhecer as obras desse importante personagem da história do Humanismo Português.

Detalhe.

Neste anúncio, o verbo *assistir* está empregado no sentido de ver, estar presente. O objeto indireto, introduzido pela preposição *a*, é *ao maior desafio de iatismo do mundo*.

02. São Paulo: Esfera BR Mídia, n. 47, mar. 2007. p. 65.

Atividades

1. Substitua os termos destacados pelo pronome pessoal oblíquo átono apropriado.

a) Não deixe de pagar **as contas**.

b) O banco não paga **aos empregados** desde maio.

c) Sempre se encontra um jeito de perdoar **aos empresários inadimplentes**.

d) Não perdoarei **essa atitude grosseira**.

e) Agradeço **todas as gentilezas**.

f) Agradeço **aos colegas que aqui estiveram**.

2. Observe a regência verbal empregada nas frases seguintes. Faça as alterações necessárias para torná-las adequadas ao padrão culto da língua portuguesa.

a) Lembro sempre de você.

b) Nunca esqueci do que passamos juntos.

c) Ele se antipatizou comigo depois que lhe neguei apoio.

d) Prefiro mil vezes ficar aqui do que sair e enfrentar filas.

e) "Prefiro ser essa metamorfose ambulante do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo." (Raul Seixas)

f) Antes prefiro química à física.

g) Preferimos dormir que trabalhar.

h) Informo-lhe de que deve sair agora.

i) Informo-a que o empréstimo não será concedido.

Verbos cuja mudança de transitividade pode implicar mudança de significado

Há vários verbos cujas modificações de transitividade produzem mudanças de significado. Veja a seguir os principais.

a. *agradar*, no sentido de "fazer carinho", "acariciar", é transitivo direto:

Sempre agrada **o** filho quando o revê. / Sempre o agrada quando o revê.

Cláudia não perde oportunidade de agradar **o** gato. / Cláudia não perde oportunidade de agradá-lo.

No sentido de "causar agrado a", "satisfazer", "ser agradável a", costuma ocorrer como transitivo indireto, regendo complemento introduzido pela preposição *a*:

O cantor não agradou **aos** presentes.

O cantor não **lhes** agradou.

Os dicionários também abonam a forma direta com esse sentido:

Agradava os filhos.

b. *aspirar*, no sentido de "sorver", "inspirar", "inalar", é transitivo direto:

Quem não fuma muitas vezes é obrigado a aspirar **a** fumaça dos cigarros de quem se acha dono do mundo.

Quem não fuma muitas vezes é obrigado a aspirá-**la**.

No sentido de "desejar", "almejar", "pretender", é transitivo indireto e rege a preposição *a*. Não se deve usar *lhe* ou *lhes* como objeto indireto desse verbo:

Os brasileiros sensíveis aspiramos **a** um país mais justo.

Os brasileiros sensíveis aspiramos **a** ele.

c. *assistir*, no sentido de "ajudar", "prestar assistência a", é transitivo direto:

As empresas de saúde negam-se a assistir **os** idosos.

As empresas de saúde negam-se a assisti-**los**.

No sentido de "ver", "presenciar", "estar presente a" ou "caber", "pertencer", costuma ocorrer como transitivo indireto. Nos dois casos, rege complemento introduzido pela preposição *a*; no primeiro, apresenta objeto indireto de coisa; no segundo, de pessoa. Observe:

Assisti **a** um ótimo filme. / Assisti **a** ele.

Não assisti **às** últimas sessões. / Não assisti **a** elas.

Exigir qualidade é um direito que assiste **ao** consumidor. / Exigir qualidade é um direito que **lhe** assiste.

Na linguagem corrente do Brasil, esse verbo é usado como transitivo direto, no sentido de "ver", "presenciar": "Não assisti o jogo", o que já é abonado por dicionários de regência de sinônimos.

Alguns autores registram o uso desse verbo como transitivo indireto com o sentido de "ajudar", "prestar assistência":

O médico se negou a assistir **aos** idosos.

O médico se negou a assistir-**lhes**.

Em textos literários, pode aparecer com o sentido de "morar", "residir". Nesse caso, é intransitivo e normalmente vem acompanhado de adjunto adverbial de lugar introduzido pela preposição *em*:

Qualquer pessoa sensível gostaria de assistir **em** Siena, Bruges ou Toledo.

d. *chamar*, no sentido de "convocar", "solicitar a atenção ou a presença de, dizendo o nome em voz alta", é transitivo direto:

Por gentileza, vá chamar sua prima. / Por favor, vá chamá-la.

Chamei você várias vezes, mas você não ouviu. / Chamei-o várias vezes, mas você não ouviu.

No sentido de "denominar", "tachar", "apelidar", pode ser transitivo direto ou transitivo indireto. É normalmente usado com predicativo do objeto, que pode ser introduzido pela preposição *de*. Observe as diferentes possibilidades de construção:

A torcida chamou o jogador mercenário. / A torcida chamou-o mercenário.

A torcida chamou ao jogador mercenário. / A torcida chamou-lhe mercenário.

A torcida chamou o jogador de mercenário. / A torcida chamou-o de mercenário.

A torcida chamou ao jogador de mercenário. / A torcida chamou-lhe de mercenário.

e. *confraternizar* não é pronominal, o que equivale a dizer que não ocorrem construções como "Os atletas se confraternizaram" ou "Os professores se confraternizaram com os alunos". As construções que ocorrem no padrão formal são "Os atletas confraternizaram"; "Os professores confraternizaram com os alunos".

f. *custar*, no sentido de "ser custoso", "ser penoso", "ser difícil", tem como sujeito uma oração subordinada substantiva reduzida. Observe:

Ainda me custa aceitar sua ausência.

Custou-nos encontrar sua casa.

Custou-lhe entender a regência do verbo custar.

No Brasil, na linguagem cotidiana e em textos literários, são comuns construções como "Ele custou a chutar", "Custei para entender o problema" ou "E hoje na solidão ainda custo a entender como o amor foi tão injusto..." (de Tom Jobim e Chico Buarque), em que o verbo *custar* pode significar "demorar" ou "ter dificuldade" e apresenta como sujeito uma pessoa. Na linguagem formal culta, essas construções em que *custar* apresenta sujeito indicativo de pessoa não ocorrem. Em seu lugar, surgem construções em que há objeto indireto de pessoa: "Custou-lhe aceitar a situação" e "Ainda nos custa entender o que ocorreu". Note que, em orações interrogativas, são comuns construções como "O que te custa acordar mais cedo?" (e não "Quanto tu custas para acordar mais cedo?"), em que o sujeito de *custar* não é a pessoa, e sim a coisa, o fato (não és tu que custas para acordar mais cedo; é acordar mais cedo que te custa, custa para ti).

g. *implicar*, no sentido de "ter como consequência", "trazer como consequência", "acarretar", "provocar", é transitivo direto:

Sua decisão implicou **o** cancelamento do projeto.

Sua decisão implicou cancelar o projeto.

Recessão implica desemprego.

No Brasil, esse verbo é frequentemente usado com a preposição *em* ("Sua decisão implica em cancelar o projeto"). Os dicionários de sinônimos mais conhecidos ainda não registram essa construção.

No sentido de "embirrar", "ter implicância", é transitivo indireto e rege a preposição *com*:

Sua sogra implica muito **com** você?

No sentido de "envolver", "comprometer", é transitivo direto e indireto:

Acabaram implicando **o** ex-ministro **em** atividades criminosas.

h. *proceder*, no sentido de "ter cabimento", "ter fundamento", "fazer sentido" ou "portar-se", "comportar-se", "agir", é intransitivo. Nessa segunda acepção, vem sempre acompanhado de adjunto adverbial de modo:

Seus argumentos não procedem.

Você procede muito mal.

No sentido de "provir", "originar-se", "ter origem", é transitivo indireto e rege a preposição *de*:

Seu comportamento vil procede **da** ganância desmesurada que assola sua alma.

Quando usado para indicar lugar de origem da ação de deslocamento, ponto de partida, é considerado intransitivo:

O avião procede **de** Manaus.

No sentido de "dar início", "realizar", é transitivo indireto e rege a preposição *a*:

O delegado procederá **ao** inquérito.

O fiscal procedeu **ao** exame na hora marcada.

i. *querer*, no sentido de "desejar", "ter vontade de", "cobiçar", é transitivo direto:

Queremos um país melhor.

Quero muitos beijos, meu amor.

No sentido de "ter afeição", "estimar", "amar", é transitivo indireto e rege a preposição *a*:

Quero muito **aos** meus amigos.

Despede-se o filho que muito **lhe** quer.

j. *visar*, no sentido de "mirar", "apontar" ou "pôr visto", "rubricar", é transitivo direto:

O caçador visou **o** corpo do animal.

O gerente não quis visar **o** cheque.

No sentido de "ter em vista", "ter como objetivo", "ter como meta", a tradição da língua o dá como transitivo indireto, regendo a preposição *a*, mas não faltam registros (e abonos) de seu uso como transitivo direto:

O ensino deve sempre visar **ao** progresso social.

Só um projeto que vise **à** eliminação dos vergonhosos contrastes sociais pode levar o Brasil à verdadeira modernidade.

Estas providências visam solucionar o problema. ("Houaiss")

Os pais visam o bem dos filhos. ("Houaiss")

Dois casos críticos

Na linguagem culta formal falada e escrita, **verbos de regências diferentes** costumam receber complementos distintos. Por isso, no lugar de construções como "Ao toque da campainha, não entre, nem saia do trem." ou "Li e gostei do livro.", costumam ocorrer estruturas como:

Ao toque da campainha, não entre **no** trem, nem saia **dele**.

Li **o** livro e gostei **dele**.

Na língua do dia-a-dia e em textos literários, no entanto, a atribuição de um mesmo complemento a verbos de regências distintas é mais do que comum. Esse procedimento, sem dúvida, confere mais agilidade ao enunciado (compare-se "Entrei e saí da sala" com "Entrei na sala e saí dela").

Na linguagem culta formal, é preciso manter a regência determinada pelo verbo quando seu complemento ou modificador é um **pronome relativo**. Assim, não ocorrem construções como: "A rua que eu moro é esburacada", "Os países que eu fui são ricos", "É o único amortecedor que eu confio", "O filme que assisti é italiano", "O cargo que eu aspiro é muito disputado", "O restaurante que eu comia no tempo de faculdade foi fechado". Essas frases se transformam em:

A rua **em que** moro é esburacada.

Os países **a que** fui são ricos.

É o único amortecedor **em que** confio.

O filme **a que** assisti é italiano.

O cargo **a que** aspiro é muito disputado.

O restaurante **em que** eu comia no tempo da faculdade foi fechado.

Note o que acontece particularmente nas duas últimas frases, quando empregadas no padrão coloquial (se levadas ao pé da letra): "O cargo que aspiro..." pode indicar que, no máximo, o emissor sentirá o cheiro do cargo; "O restaurante que eu comia..." indica que o emissor gosta de comer tijolos, mesas, toalhas...

HARRIS, Sidney. *A ciência ri: o melhor de Sidney Harris*. São Paulo: Unesp, 2007. p. 186.

No texto desta charge, foi mantida a regência determinada pelo verbo: a preposição *com* (preocupar-se com) precede a oração adjetiva.

OBSERVAÇÃO

Neste capítulo, foram analisados os verbos cuja regência costuma suscitar dúvidas. Caso você tenha de lidar com algum verbo que não foi mencionado aqui, pode consultar dicionários especializados em regência verbal (o *Dicionário de verbos e regimes*, de Francisco Fernandes, e o *Dicionário prático de regência verbal*, de Celso Pedro Luft), manuais de redação e estilo de jornais e revistas ou simplesmente um bom dicionário, como o *Houaiss*, o *Caldas Aulete* (recentemente relançado, em versão míni), o *Dicionário de usos do português do Brasil* (coordenado por Francisco S. Borba, da Unesp) ou obras mais tradicionais como o dicionário de Antenor Nascentes, de Laudelino Freire ou o antigo Caldas Aulete.

Atividades

1. Substitua as palavras destacadas pela forma adequada ao padrão formal culto do verbo entre parênteses. Faça todas as modificações necessárias.

a) Nunca **sorvi** perfume tão agradável! (*aspirar*)

b) **Almejo** um futuro melhor para o povo do meu país. (*aspirar*)

c) Não é recomendável **acariciar** cães violentos. (*agradar*)

d) Ele fez tudo para **satisfazer** o inexorável sogro que Deus lhe deu. (*agradar*)

e) Os melhores médicos foram convocados para **cuidar** do paciente. (*assistir*)

f) Não deixo de **ver** os filmes de Giuseppe Tornatore, diretor do memorável *Cinema Paradiso*. (*assistir*)

g) Esse é um direito que **pertence** a todos nós. (*assistir*)

h) Você deve **rubricar** todas as vias do contrato. (*visar*)

i) O plano do governador **tem como objetivo** o saneamento das finanças estaduais, arruinadas pelo antecessor. (*visar*)

j) **Tenho grande afeição por** ela. (*querer*)

k) Sempre **cobicei** um exemplar da primeira edição da *História do Brasil*, de Murilo Mendes. (*querer*)

2. Observe a regência verbal das frases seguintes e faça as modificações necessárias para que se tornem adequadas ao padrão culto da língua portuguesa.

a) Ele custou para perceber o que estava acontecendo.

b) Custamos para enxergar o óbvio.

c) Custei para notar a encrenca que eu me meti.

d) Cidadania implica em direitos e deveres.

e) As atuais condições do sistema escolar público implicarão em maior evasão de alunos a curto e médio prazo.

f) O juiz procedeu o exame dos documentos entregues pela testemunha.

3. Aponte as diferenças de sentido existentes entre as frases dos pares seguintes.

a) O estagiário disse que assistira a várias cirurgias enquanto estivera no hospital.

O estagiário disse que assistira várias cirurgias enquanto estivera no hospital.

b) Quero-a muito.

Quero-lhe muito.

4. É preciso acrescentar uma preposição a cada uma das frases seguintes para que se tornem adequadas ao padrão culto da língua portuguesa. Faça esse acréscimo.

a) Não se esqueça que ele deve colaborar com os colegas.

b) O filme que assisti ontem me deixou comovido.

c) É uma ótima professora, que todos querem muito.

d) O futuro que aspiramos ainda está um pouco longe.

e) Os princípios que ele se nega a obedecer são elementares para uma pessoa civilizada.

f) Federico Fellini, cujos filmes assisti sempre com prazer, dirigiu muitas vezes o genial Marcello Mastroianni.

g) A estabilidade que se visa com as novas regras econômicas parece ainda distante.

5. Forme frases organizando as palavras e expressões oferecidas em cada item.

a) Muitos brasileiros / não obedecer / sinalização de trânsito.

b) Sonhadores / aspiram / mundo melhor.

c) Quem / nunca aspirar / perfume de uma rosa?

d) Tipos estranhos / assistir / filmes do Rambo.

e) Protestar / direito / assistir / todo ser pensante.

f) Equipe médica / assistir / os doentes de AIDS.

g) Eu / preferir / futebol / vôlei.

h) Ninguém / simpatizar / pessoas pernósticas.

i) Sucesso / implicar / planejamento eficiente.

j) Medidas econômicas / visar / distribuição de renda.

K) Custar / qualquer pessoa decente / conviver com tanta miséria.

6. Quando perguntaram ao escritor Latino Coelho o que a mulher representava para ele, o mestre não teve dúvida: "– A mulher? Ora, quero-a e quero-lhe", respondeu. Explique a resposta do escritor.

Em DVD

©FPA/ImagePlus

***A doce vida*. Direção de Frederico Fellini. Itália e França: 2003. (174 min).**

Palma de ouro em Cannes, *A doce vida* é a obra-prima de Frederico Fellini, cultuado diretor italiano, mestre na arte de conjugar cinema e poesia. O filme, estrelado por Marcello Mastroianni, conta a história de um insatisfeito jornalista que vive de boatos e fofocas, até que se vê consumido por uma rede de intrigas. A película é uma crítica à falta de honestidade que marca os meios de comunicação de massa.

Marcello Mastroianni e Anita Ekberg em cena do filme *A doce vida*.

3. Regência nominal

Regência nominal é o nome da relação existente entre um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio) e os termos regidos por esse nome. Essa relação é sempre intermediada por uma preposição.

No estudo da regência nominal, é preciso levar em conta que vários nomes apresentam exatamente o mesmo regime dos verbos de que derivam. Conhecer o regime de um verbo significa, nesses casos, conhecer o regime dos nomes cognatos. É o que ocorre, por exemplo, com *obedecer* e os nomes correspondentes: todos regem complementos introduzidos pela preposição *a*: obedecer a algo/a alguém, obediência a algo/a alguém; obediente a algo/a alguém; obedientemente a algo/a alguém.

Você vai encontrar, a seguir, vários nomes acompanhados da preposição ou preposições que regem. Observe-os atentamente e compare o uso indicado com o uso que você tem feito. Além disso, procure associar esses nomes entre si ou aos verbos cognatos.

SUBSTANTIVOS		
admiração **a, por**	devoção **a, para com, por**	medo **a, de**
aversão **a, para, por**	doutor **em**	obediência **a**
atentado **a, contra**	dúvida **acerca de, em, sobre**	ojeriza **a, por**
bacharel **em**	horror **a**	proeminência **sobre**
capacidade **de, para**	impaciência **com**	respeito **a, com, para com, por**

ADJETIVOS

acessível **a**	contíguo **a**	generoso **com**
acostumado **a, com**	contrário **a**	grato **a, por**
afável **com, para com**	curioso **de, por**	hábil **em**
agradável **a**	descontente **com**	habituado **a**
alheio **a, de**	desejoso **de**	idêntico **a**
análogo **a**	diferente **de**	impróprio **para**
ansioso **de, para, por**	entendido **em**	indeciso **em**
apto **a, para**	equivalente **a**	insensível **a**
ávido **de**	escasso **de**	liberal **com**
benéfico **a**	essencial **a, para**	natural **de**
capaz **de, para**	fácil **de**	necessário **a**
compatível **com**	fanático **por**	nocivo **a**
contemporâneo **a, de**	favorável **a**	paralelo **a**
parco **em, de**	propício **a**	semelhante **a**
passível **de**	próximo **a, de**	sensível **a**
preferível **a**	relacionado **com**	sito **em**
prejudicial **a**	relativo **a**	suspeito **de**
prestes **a**	satisfeito **com, de, em, por**	vazio **de**

ADVÉRBIOS

longe **de**
perto **de**

Os advérbios terminados em *-mente* tendem a seguir o regime dos adjetivos de que são formados: paralela a, paralelamente a; relativa a, relativamente a.

Calvin, Bill Watterson © 2007 Watterson/ Dist. by Atlantic Syndication

WATTERSON, Bill. *Felino, selvagem, psicopata, homicida.* São Paulo: Best News, 1996. v. 1. p. 85.

Na fala de Calvin, no segundo quadrinho, ocorrem vários exemplos de nomes que precisam ser complementados por outros, precedidos de preposições. É o caso de: *destinados (à verdadeira grandeza), registro (dos meus pensamentos), visão (da minha genialidade).*

Complemento sob a forma de oração reduzida de infinitivo

Quando o complemento de um nome ou verbo tiver a forma de oração reduzida de infinitivo, pode-se não fazer a contração da preposição com o eventual sujeito desse infinitivo – já que a preposição introduz toda a oração, e não apenas o sujeito dela. Observe:

Existe a possibilidade de eles participarem.

É hora de as noções de civilização contaminarem as mentes e gestos dos brasileiros.

A questão consiste em os brasileiros adotarem posturas mais críticas e menos individualistas em relação ao Estado.

Na linguagem oral e em textos literários, a fusão da preposição com o artigo é mais do que frequente, o que se explica pela quase inevitável fusão de termos tão próximos como a preposição *de* e o artigo *o*, por exemplo. Isso explica por que frases como "É hora de a onça beber água" e "É hora da onça beber água" são igualmente legítimas em nossa língua.

Atividades

1. Complete adequadamente as frases seguintes.

a) Não é possível viver em sociedade sem respeito (*) direitos dos outros.

b) Tenho profunda aversão (*) ególatras.

c) Ainda hoje minha ojeriza (*) certas atitudes preconceituosas causa frenesi.

d) Aquele moleque mimado, eleito pelo povo, não teve capacidade (*) governar o país satisfatoriamente.

e) Existem muitos novos-ricos que ainda têm dúvidas (*) a utilidade dos estudos linguísticos.

f) Não tenho devoção (*) futebol.

g) Seu medo (*) opressão é maior que sua obediência (*) velhos dogmas.

h) A ditadura é um verdadeiro atentado (*) dignidade humana.

i) Tenho admiração (*) todos os que defendem os seus direitos.

2. Faça a mesma coisa com as frases seguintes.

a) A aprovação dessa lei é fundamental (*) a proteção dos mananciais.

b) Não se deve nunca ficar acostumado (*) falta de liberdade.

c) É um assunto pouco acessível (*) leigos.

d) As medidas adotadas não foram agradáveis (*) bancários.

e) Você deve dormir no quarto contíguo (*) este.

f) Este problema é análogo (*) que foi apresentado ontem.

g) É uma substância necessária (*) vida.

h) Ando meio escasso (*) ideias.

i) Este escritor foi contemporâneo (*) outro?

j) Há gente insensível (*) miséria.

k) É preferível fechar a boca (*) falar asneiras.

l) Pretendo comprar o imóvel sito (*) Socorro.

m) É um homem vazio (*) emoções.

n) Tente ser mais afável (*) seus companheiros.

3. É preciso acrescentar uma preposição a cada uma das frases seguintes para que se tornem adequadas ao padrão culto da língua portuguesa. Faça esse acréscimo.

a) Não há oposição que ele entre no grupo.

b) Está acostumado que eu lhe telefone todos os domingos.

c) Estou ansioso que esse problema seja resolvido logo.

d) Fui contrário que incluíssem meu nome num manifesto de apoio ao atual prefeito.

e) O povo está desejoso que se encontre uma saída para a crise.

f) Era um pequeno cão, cuja presença estávamos habituados.

g) São crianças cujo futuro muita gente é insensível.

4. Observe a frase seguinte, típica do padrão formal culto da língua, e explique a particularidade de regência que apresenta.

O que me faz crer no futuro é o fato de ela ter aceitado candidatar-se.

4. Complemento: o uso do acento indicador de crase

Crase é palavra de origem grega e significa "mistura", "fusão". Nos estudos de língua portuguesa, é o nome que se dá à fusão de duas vogais idênticas. Tem particular importância a crase da preposição *a* com o artigo feminino *a(s)*, com o pronome demonstrativo *a(s)*, com o *a* inicial dos pronomes *aquele(s)*, *aquela(s)*, *aquilo* e com o *a* do relativo *a qual* (*as quais*). Em todos esses casos, a fusão das vogais idênticas é assinalada na escrita por um acento grave. O uso apropriado do acento grave, ou acento indicador de crase, depende essencialmente da compreensão desse fenômeno. Aprender a colocar o acento consiste em aprender a verificar a ocorrência simultânea de uma preposição e um artigo ou pronome.

Verificar a existência de uma preposição é, antes de mais nada, aplicar os conhecimentos de regência verbal e nominal que você acaba de obter. Observe:

Conheço **a** diretora.

Refiro-me **à** diretora.

No primeiro caso, o verbo é transitivo direto (conhecer algo ou alguém), portanto não existe preposição e não pode ocorrer crase. No segundo caso, o verbo é transitivo indireto (referir-se a algo ou a alguém) e rege a preposição *a*, portanto a crase é possível, desde que o termo seguinte seja feminino e admita o artigo feminino *a* ou um dos pronomes já especificados.

Para verificar a existência de um artigo feminino ou de um pronome demonstrativo após uma preposição *a*, podem-se utilizar dois expedientes práticos. O primeiro deles consiste em colocar um termo masculino de mesma natureza no lugar do termo feminino empregado. Se surgir a forma *ao*, ocorrerá crase antes do termo feminino. Observe:

Conheço **o** diretor.	Conheço **a** diretora.
Refiro-me **ao** diretor.	Refiro-me **à** diretora.
Prefiro **o** quadro da direita **ao** da esquerda.	Prefiro **a** tela da direita **à** da esquerda.

O outro recurso prático é substituir o termo regente da preposição *a* por um que reja outra preposição (de, em, por). Se essas preposições não se contraírem com o artigo, ou seja, se não surgirem as formas *da(s)*, *na(s)* ou *pela(s)*, não haverá crase. Observe:

Refiro-me **a** você.	Gosto **de** você.
	Penso **em** você.
	Apaixonei-me **por** você.
Começou **a** gritar.	Gosta **de** gritar.
	Insiste **em** gritar.
	Optou **por** gritar.

Tome muito cuidado com esses "macetes". Não se esqueça de que é preciso olhar para os dois lados. Não basta provar que existe a preposição *a*, ou que existe o artigo *a*. É preciso provar que existem os dois.

Você vai ver agora alguns casos em que são comuns as dúvidas relativas ao emprego do acento indicador de crase. Note que o que vem a seguir consiste na aplicação prática dos conceitos e dos expedientes estudados.

Não ocorre crase

A crase obviamente não ocorre diante de palavras que não podem ser precedidas de artigo feminino. É o caso:

a. dos substantivos masculinos:

Tenho um fogão **a** gás.
Não compro **a** prazo.
Fui **a** pé.
Assisti **a** jogos memoráveis.

b. dos verbos:

Disponho-me **a** colaborar.
Cheguei **a** insistir.
Começou **a** chorar.
Pôs-se **a** gritar.

c. da maioria dos pronomes:

Mostre **a** ela.
Disse **a** mim.
Parabéns **a** você.
Refiro-me **a** Vossa Excelência.

Isso não interessa **a** ninguém.
a nenhuma pessoa aqui presente.
a qualquer um de nós.

Quero falar **a** todos.
a poucas pessoas.
a alguns amigos.
a essas poucas pessoas.
a qualquer pessoa.

Os poucos casos de pronomes que admitem artigo podem ser facilmente detectados pela aplicação dos métodos descritos há pouco:

Estou-me referindo **à** mesma pessoa. (**ao** mesmo homem)
à própria Luísa. (**ao** próprio Luís)

Informe o preço **à** senhora Sílvia. (**ao** senhor Sílvio)

d. de palavras femininas no plural precedidas de um *a*:

A pesquisa não se refere **a** mulheres casadas.
O prêmio só foi concedido **a** cantoras estrangeiras.
É um assunto relativo **a** jornalistas especializadas.

Nesses casos, o *a* é preposição, e os substantivos estão sendo usados em sentido genérico. Quando são usados em sentido específico, passam a ser precedidos do artigo *as*; ocorrerá, então, a crase, desde que o termo antecedente reja a preposição *a*. Compare as frases seguintes:

O estudo não se aplica **a** pessoas de índole nervosa.
O estudo não se aplica **às** pessoas de que estávamos falando.
Você está se referindo **a** secretárias?
Você está se referindo **às** secretárias desta empresa?

e. das expressões formadas por palavras femininas repetidas:

cara **a** cara — gota **a** gota
face **a** face — frente **a** frente

É fácil perceber por quê. Basta usar expressões formadas por palavras masculinas:

corpo **a** corpo — lado **a** lado
passo **a** passo — dia **a** dia

Ocorre crase

O acento indicador de crase é usado nas **expressões adverbiais** e nas **locuções prepositivas e conjuntivas** de que participam palavras femininas:

à tarde	à chave	à beira de
à noite	à escuta	à sombra de
à direita	à deriva	à exceção de
às claras	às avessas	à força de
às escondidas	às moscas	à frente de
à toa	à revelia	à imitação de
à beça	à luz	à procura de
à esquerda	à larga	à semelhança de
às vezes	às ordens	à proporção que
às ocultas	às turras	à medida que

Incluem-se nessas expressões as indicações de horas especificadas:

à meia-noite	às duas horas
à uma hora	às três e quarenta

Não confunda com as indicações não especificadas:

Isso acontece **a** qualquer hora.

Estarei lá daqui **a** uma hora.

Merece destaque a expressão "à moda de", que pode estar subentendida:

Pedimos uma pizza **à moda da** casa.

Atrevia-se a escrever **à** (moda de) Drummond.

Pedimos arroz **à** (moda) grega.

Triângulo à brasileira

Alves & Cia., texto póstumo de Eça de Queiroz, ganha adaptação para o cinema em filme dirigido por Helvécio Ratton, que transformou um triângulo amoroso vivido em Portugal em uma saborosa comédia de costumes passada no Brasil.

Cult: revista brasileira de literatura. São Paulo: Lemos, n. 17, dez. 1998. p. 40-1.

Em livro

QUEIRÓS, Eça de. *Os melhores contos de Eça de Queirós*. São Paulo: Global, 2003.
Destacado representante do realismo português, Eça de Queirós tornou-se conhecido principalmente por seus romances que fazem crítica aos costumes burgueses de sua época. *O primo Basílio* e *O crime do Padre Amaro* são dois deles. Embora não tenham recebido o mesmo reconhecimento e reverência, seus contos guardam quase as mesmas características de seus romances: aguçada crítica social e profunda sensibilidade poética.

A crase é facultativa

a. nomes próprios femininos e preposição *até* – A crase é facultativa diante dos nomes próprios femininos e após a preposição *até* que antecede substantivos femininos, desde que o termo antecedente reja a preposição *a*:

Enviei as flores **a** Sílvia.	Enviei as flores **a** Pedro.
à Sílvia.	**ao** Pedro.
Vou até **a** escola.	Vou até **o** colégio.
à escola.	**ao** colégio.
Fui até **as** últimas consequências.	Fui até **os** últimos motivos.
às últimas consequências.	**aos** últimos motivos.

A crase não ocorrerá se o nome de pessoa for usado em situação formal, ou se se tratar de personalidade pública, porque, nesses casos, não se usa artigo:

Envie a proposta **a** Sílvia de Araújo.	Envie a proposta **a** Sílvio de Araújo.
Fez referências elogiosas **a** Clarice Lispector.	Fez referências elogiosas **a** Machado de Assis.

b. pronomes possessivos – Como você já viu no capítulo destinado aos pronomes, antes dos possessivos o artigo definido é optativo. Portanto, se o termo antecedente reger a preposição *a*, o acento grave será optativo:

Refiro-me **a** minha velha amiga.	Refiro-me **a** meu velho amigo.
Refiro-me **à** minha velha amiga.	Refiro-me **ao** meu velho amigo.

Casos sujeitos a verificação

a. expressões adverbiais de lugar – Com as expressões adverbiais de lugar formadas por nomes de cidades, países, estados, deve-se fazer a verificação da ocorrência da crase por meio da troca do termo regente:

Vou **à** Bahia.	Vim **da** Bahia.	Estou **na** Bahia.
Vou **à** Itália.	Vim **da** Itália.	Estou **na** Itália.
Vou **a** Florença.	Vim **de** Florença.	Estou **em** Florença.
Vou **à** deslumbrante Florença.	Vim **da** deslumbrante Florença.	Estou **na** deslumbrante Florença.

Tome cuidado! Não se esqueça de verificar os dois lados. Não basta constatar que surge *da* ou *na* antes de *Itália*, por exemplo. Isso não é garantia de acento indicador de crase; é garantia apenas de que existe artigo antes de *Itália*. Para que ocorra crase, é preciso que o termo anterior peça a preposição *a*. No caso de "Visitei a Itália", por exemplo, não há crase, já que *visitar* é verbo transitivo direto.

b. palavras *casa* e *terra* – Observe com atenção o comportamento das palavras *casa* e *terra* nestas expressões:

Adoro voltar **a** casa. Venho **de** casa. Estou **em** casa.
(*casa* designa a residência de quem fala ou escreve)

Chefuei **à** casa do diretor. Venho **da** casa do diretor. Estou **na** casa do diretor.

A tripulação do cargueiro desceu **a** terra. A tripulação do cargueiro está **em** terra.
(*terra* se opõe à noção de "estar em alto-mar")

A aeromoça chegou **à** terra de seus pais. A aeromoça está **na** terra de seus pais.

c. pronomes *aquele, aquela, aquilo* – A ocorrência da crase com os pronomes *aquele(s), aquela(s)* e *aquilo* depende da regência do tempo que antecede esses pronomes:

Veja **aquele** monumento.
aquela praça.
aquilo.
(*ver* é transitivo direto: não há preposição)

Refiro-me **àquele** jardim.
àquela praça.
àquilo.
(*referir-se* é transitivo indireto e rege a preposição *a*)

O adjetivo *igual* (aqui, na sua forma diminutiva) rege a preposição *a* (igual a), e esta se funde com a letra *a* inicial do pronome demonstrativo *aquela*. Assim se explica a ocorrência do acento indicador de crase em àquela.

Veja. São Paulo: Abril, 19 mar. 2003. p. 18-9.

d. pronome *a* – A crase com o demonstrativo *a(s)* é detectável pelo expediente da substituição do termo regido feminino por um termo regido masculino:

Perguntarei **à** que chegar primeiro. Sua proposta é semelhante **à** dele.
Perguntarei **ao** que chegar primeiro. Seu projeto é semelhante **ao** dele.

e. pronome *a qual* – O mesmo expediente empregado no item d deve ser usado para detectar a crase com os pronomes *a qual* e *as quais*:

A professora **à qual** devo meu aprendizado já se aposentou.
O professor **ao qual** devo meu aprendizado já se aposentou.

Muitas das alunas **às quais** ele dedicou seus estudos estiveram presentes à homenagem de ontem.
Muitos dos alunos **aos quais** ele dedicou seus estudos estiveram presentes à homenagem de ontem.

Atividades

1. Coloque o acento indicador de crase quando for necessário.

a) Comunique nossos preços as empresas interessadas.
b) Envie dinheiro a estas instituições beneficentes.
c) Nunca disse nada a respeito disso.
d) Sempre evitei comprar a crédito.
e) O governador nada pode fazer a curto prazo.
f) Não nego minha contribuição a cultura brasileira.
g) O atendimento a pacientes conveniados está suspenso.
h) Não há mais nada a fazer.
i) Direi a vocês o que sei.
j) Diga a Sua Excelência que não tenho nada a acrescentar as palavras que já disse.
k) Transmita a cada um dos presentes as instruções necessárias a continuidade da sessão.
l) Não vou a festas, não assisto a novelas e não aspiro a grandes posses. Estou fora de moda.
m) Diga as pessoas que me procurarem que tive de sair.

2. Use o acento grave indicador da crase nas expressões adverbiais de lugar que o exigirem.

a) Dirigimo-nos a todas as praias indicadas pelo guia.
b) Não costumamos comparecer a festas promovidas por políticos.
c) Nunca chegaríamos a vila nenhuma naquele ritmo.
d) Vamos a sua casa ou a minha?
e) Vamos a Bahia ou a Santa Catarina nas próximas férias?
f) Fui a Europa e depois a Ásia.
g) Fui a Teresina e depois a Fortaleza.
h) Fui a Natal das praias inesquecíveis.
i) Finalmente, chegamos a Florianópolis das quarenta e duas praias.
j) Cheguei a casa tarde da noite ontem.
k) Os pescadores queriam chegar a terra antes do entardecer.
l) Fui a velha casa onde passei minha infância.
m) Preciso ir a terra dos meus antepassados.

3. Acrescente o acento grave às expressões em que há existência da crase.

a) Por que trazer a baila sempre as mesmas desavenças?
b) Dizem a boca pequena que ele recusou a proposta.
c) Vivo a cata de inspiração.
d) A noite, é preciso ficar a espreita.
e) Vire a esquerda depois da praça.
f) A vítima levara vários tiros a queima-roupa.
g) Tente se manter a tona.
h) Vários policiais a paisana observavam a manifestação a procura dos líderes do movimento.
i) A loja estava as moscas quando chegamos, as quatro horas.
j) Em Roma, Londres ou Lisboa, é possível sair a rua a meia-noite.
k) A proporção que se aproxima o fim do mês, a situação se agrava.
l) Fique a vontade. Terá tudo de que precisa a mão.
m) Traga um belo filé a *parmiggiana*.
n) Não é fácil jogar a moda da seleção holandesa de 1974.

4. Use o acento grave no **a**, quando necessário.

a) Prefiro isto aquilo.
b) Entregue tudo aquele homem.
c) Transmita aquelas pessoas os meus cumprimentos.
d) A mulher a que fiz referência não esteve presente a reunião.
e) A mulher a qual fiz referência não esteve presente a cerimônia.
f) A cantora a cuja voz sempre me refiro estará entre nós neste ano.
g) Disse a candidata da direita que estava aprovada; a da esquerda disse que terá nova oportunidade no próximo concurso.
h) Esta camisa é idêntica a que ganhei ontem.

5. Explique a diferença de sentido entre as frases seguintes.

a) Chegou à noite.
Chegou a noite.
b) Saiu à francesa.
Saiu a francesa.
c) Parecia agradável à primeira vista.
Parecia agradável a primeira vista.
d) Às vencedoras enviaram felicitações.
As vencedoras enviaram felicitações.
e) À indústria nacional prejudicou o acordo.
A indústria nacional prejudicou o acordo.
f) Fez seu trabalho à máquina.
Fez seu trabalho a máquina.
g) Permanece à distância.
Permanece a distância.

Textos para análise

1

Prece diária para porteiros, seguranças e vigias

Dai-me forças para que o tempo,
me seja leve – as horas passem sem vagar
e o frio não fustigue minha carne em demasia;

Enviai-me pensamentos viciosos
na medida em que minha sensatez e meu humor
possam resistir à insanidade;

Impedi que a sensação de desconforto e desacordo
causada por este terno-e-gravata
me abata além da conta;

Fazei com que não perca a serenidade em caso de perturbação –
conservando, assim,
sem uso as armas de fogo que me forem confiadas;

Mantende minha crença de que ainda não perdemos
o interesse recíproco por nossas vidas tão desiguais –
mesmo que os olhos dos homens a mim não se dirijam
ou sejam vazios o "bom-dia" e o "bom descanso" diários;

Afastai-me da tentação de atentar contra aqueles que me contrataram,
pois não sabem o que fazem –
ainda que seu alheamento alimente em mim
uma hesitante mas crescente revolta;

Mas,
sobretudo,
livrai-me
e nos livrai
da ideia avassaladora
de que não me resta
e não nos resta
outra escolha.

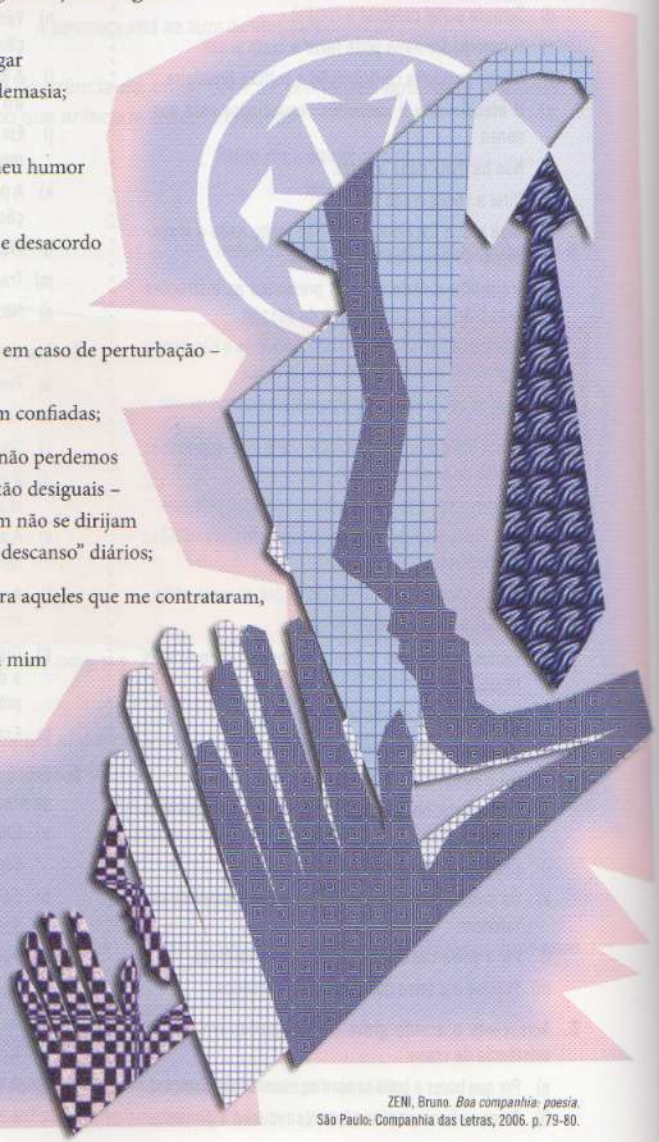

ZENI, Bruno. *Boa companhia: poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 79-80.

Trabalhando o texto

1. Que elementos do texto permitem classificá-lo como uma "prece"?

2. Os primeiros versos da primeira e segunda estrofes apresentam verbos cuja regência é semelhante. Quais são? O que têm em comum? Que efeito criam no texto?

3. Sobre a forma verbal *possam resistir*:
   a) Qual é seu sujeito? Qual seu complemento?
   b) Justifique a presença do acento grave em *à insanidade*.

4. Há no texto vários nomes que são complementados por outros.
   a) Localize três exemplos em que o complemento não é um termo, mas uma oração, justificando o emprego dessa forma de construção do período. Atente para a preposição que acompanha os complementos.
   b) Localize o termo que completa a palavra *interesse*. Explique por que ele é de fundamental importância para o poema.

5. Classifique estas duas orações, explicando o que representa a circunstância que expressam em relação ao sentido do texto como um todo:

   " mesmo que os olhos dos homens a mim não se dirijam"

   "ainda que seu alheamento alimente em mim / uma hesitante mas crescente revolta"

6. Existe no texto uma frase de cunho religioso. Cite-a e explique o sentido que adquire nesse novo contexto.

2

Explique por que o acento indicador de crase deve ser usado em apenas uma das placas mostradas no anúncio.

3

Veja. São Paulo: Abril, 7 maio 2003. p. 65-6.

4

IstoÉ. São Paulo: Três, 16 jan. 2002. p. 18.

5

Fernando Rabelo/Agência JB.

Folha de S.Paulo. São Paulo, 24 abr. 2003. p. C3.

Trabalhando os textos

1. Classifique os verbos *chegar*, *assistir* e *dizer* dos três textos quanto à regência.

2. Esses três verbos foram usados corretamente? Comente e corrija, se for necessário.

Questões de exames e concursos

1. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que, **incorretamente**, usou-se ou deixou-se de usar uma preposição antes do pronome relativo.

a) A rua que eu moro não é asfaltada.

b) Ernesto, de cujos olhos parecia saírem raios de fogo, manifestou-se violentamente.

c) Soçobrou o navio que se dirigia a Barcelona.

d) O cachorro a que você deveria dar isso pertence ao vizinho do 43.

e) Era o repouso por que esperávamos quando regressamos de Roma.

2. (UFMS) Assinale, entre as substituições propostas, a(s) que corrige(m) adequadamente a palavra ou a expressão em destaque, de acordo com o texto.

Se houvessem ainda suspeitas que a situação socioeconômica dos professores municipais passa pelo pior momento de sua luta salarial, elas acabaram no mês passado, com o aumento concedido pelo prefeito.

(001) *que* (linha 1) - substituir por *de que*;

(002) *passa* (linha 2) - substituir por *passam*;

(004) *elas acabaram* (linhas 3 e 4) - substituir por *ela acabou*;

(008) *houvessem* (linha 1) - substituir por *houvesse*;

(016) *no mês passado* (linha 4) - substituir por *no mês anterior*.

3. (FGV-SP) Assinale a alternativa **que não é abonada pela norma culta**, quanto à regência.

a) Tratou-o com fidalguia, como a um padre.

b) Não lhe perguntou nada, apenas concordou com o que ele dizia.

c) É claro que Jesus a ama!

d) José agradeceu o homem que lhe trouxera o presente e retirou-se.

e) O chefe não lhe permitiu atender o cliente.

4. (MPE-MG/Fumarc) A regência está correta em:

a) Escreveu uma breve carta a seus desafetos para, nas entrelinhas, chamar-lhes incompetentes.

b) O computador e o telefone celular são coisas que, infelizmente, já não podemos prescindir.

c) O secretário procedeu a leitura da ata da reunião anterior, texto que consistia de dez páginas.

d) Em vez de obedecer critérios rígidos de investigação, a CPI se move por pressões políticas.

5. (Ufam) Assinale o item em que há **erro** quanto à regência:

a) São essas as atitudes de que discordo.

b) Há muito já lhe perdoei.

c) Informo-lhe de que paguei o colégio.

d) Costumo obedecer a preceitos éticos.

e) A enfermeira assistiu irrepreensivelmente ao doente.

6. (Ufam) Assinale o item em que o *a* **não** deve ser acentuado:

a) O secretário procedeu à leitura do termo.

b) Não costumo ir à missa das oito, mas à das dez.

c) À qual menina travessa pertence esta bela travessa?

d) Assiste-se com tristeza à poluição de nossos igarapés.

e) Entregou-se à uma em ponto a encomenda.

7. (FGV-SP) Assinale a alternativa correta quanto à ocorrência ou não da crase.

a) Juliana enviou os papéis **à** Secretaria, que os encaminhou **à** Gerência.

b) Devido **a** morte do pai, deixou de comparecer **à** solenidade.

c) Passaram-se três meses até que Lucas atendesse **à** qualquer cliente.

d) O médico costumava atender de segunda **à** sexta-feira, das 14 as 18h.

e) Trouxera **a** mão várias armas, que lançou **as** costas dos inimigos.

8. (UFPR) Assinale a alternativa que substitui corretamente as palavras destacadas.

1. Assistimos ***à inauguração da piscina.***
2. O governo assiste ***os flagelados***.
3. Ele aspirava ***a uma posição de maior destaque***.
4. Ele aspira ***o aroma das flores***.
5. O aluno obedece ***aos mestres***.

a) lhe, os, a ela, a ele, lhes

b) a ela, os, a ela, o, lhes

c) a ela, os, a, a ele, os

d) a ela; a eles, lhe, lhe, lhes

e) lhe, a eles, a ela, o, lhes

9. (PUCCamp-SP) As sentenças abaixo, exceto uma, apresentam desvios relativos à regência verbal vigente na língua culta. Assinale a que não apresenta esses desvios.

a) Vi e gostei muito do filme apresentado na Sessão de Gala de ontem.

b) Eu me proponho a dar uma nova chance, se for o caso.

c) Deve haver professores que preferem negociar do que trabalhar, devido os vencimentos serem irrisórios.

d) Com o empréstimo compulsório, não se pode dar o luxo de ficar trocando de carro.

e) A importância que eu preciso é vultosa.

10. (Unimep-SP) Quando *implicar* tem sentido de "acarretar", "produzir como consequência", constrói-se a oração com objeto direto, como se vê em:

a) Quando era pequeno, todos sempre implicavam comigo.

b) Muitas patroas costumam implicar com as empregadas domésticas.

c) Pelo que diz o assessor, isso implica em gastar mais dinheiro.

d) O banqueiro implicou-se em negócios escusos.

e) Um novo congelamento de salários implicará uma reação dos trabalhadores.

11. (Unimep-SP) "A exposição ... inauguração assisti mostrou os lindos quadros ... me referi na nossa conversa do outro dia. Amanhã, haverá um leilão na mesma sala ... estão expostos."

A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:

a) a cuja, aos quais, em que.

b) a cuja, os quais, na qual.

c) cuja, a que, em que.

d) a qual, aos quais, na qual.

e) à qual, que, que.

12. (Fatec-SP) Indique a alternativa em que há erro quanto à regência.

a) Eu o agradei, Antônio?

b) Eu não lhe agradei, Antônio?

c) Muito lhe ama, saiba disto.

d) Você não é uma pessoa de que eu goste.

e) Sua explanação, contra cuja oportunidade me volto, é bem agradável mas falha.

13. (Fatec-SP) A regência verbal está conforme à gramática normativa na alternativa:

a) Quero-lhe muito bem e vou assistir a seu casamento.

b) Logo que lhe encontrar, aviso-lhe do ocorrido.

c) Juliano desobedecia seus pais, mas obedecia ao professor.

d) João namora com Maria mas prefere mais seus amigos de bar do que ela.

e) Ele esqueceu do compromisso e não pagou ao médico.

14. (UEL-PR) "Importa ... com mais assiduidade."

a) obrigá-lo trabalhar

b) obrigar-lhe trabalhar

c) obrigá-lo à trabalhar

d) obrigar-lhe a trabalhar

e) obrigá-lo a trabalhar

15. (UEL-PR) "Cônscio ... sua grande responsabilidade, desempenhou-se muito bem ... tarefas ... foi incumbido."

a) em, nas, que

b) de, nas, que

c) com, das, a que

d) em, às, de que

e) de, das, de que

16. (UFV-MG) Assinale a alternativa que preenche **corretamente** as lacunas abaixo.

A enfermeira procede ... exame do paciente.
O gerente visa ... cheque do cliente.
A equipe visa... primeiro lugar no campeonato.
O conferencista aludiu ... fato.
Não podendo lutar, preferiu morrer ... viver.

a) ao, o, ao, ao, a

b) ao, ao, o, a, do que

c) ao, a, o, o, que

d) o, a, ao, ao, à

e) a, ao, o, ao, que

17. (UFV-MG) Substituindo a expressão destacada, em cada uma das frases abaixo, pelo pronome oblíquo átono devidamente empregado, assinale a alternativa cuja substituição esteja **incorreta**.

Enviaram o relatório ***ao diretor***.
Dirão ***ao juiz*** o que souberem.
Eis a história que narraram ***a meu avô***.
Teremos iniciado ***os debates*** amanhã.
Quem houver concluído ***a prova*** poderá sair.

a) Dir-lhe-ão o que souberem.

b) Eis a história que lhe narraram.

c) Enviaram-no o relatório.

d) Tê-los-emos iniciado amanhã.

e) Quem a houver concluído poderá sair.

18. (UPM-SP) Assinale a alternativa que apresente um desvio no domínio da regência nominal.

a) Estava ansiosa para saber se podia gerar filhos.
b) Ela precisava domar os caprichos, dirigir suas forças para se sentir apta àquela situação conjugal.
c) Bernardo moera com alegria o punhado de milho no salão contíguo à fazenda.
d) Ávido de esperanças, abandonou seu abrigo e lançou-se entre os perseguidores.
e) Com o espírito ambicioso com verdades, aplacou a ira daquele momento.

19. (UPM-SP) Aponte a alternativa em que a regência do verbo *pagar* contraria a norma culta.
a) Aliviando-se de um verdadeiro pesadelo, o filho pagava ao pai a promessa feita no início do ano.
b) O empregado pagou-lhe as polias e tachas roídas pela ferrugem para amaciar-lhe a raiva.
c) Pagou-lhe a dívida, querendo oferecer-lhe uma espécie de consolo.
d) O alto preço dessa doença, paguei-o com as moedas de meu hábil esforço.
e) Paguei-o, com ouro, todo o prejuízo que sofrera com a destruição da seca.

20. (Fuvest-SP) Indique a alternativa correta.
a) Preferia brincar do que trabalhar.
b) Preferia mais brincar a trabalhar.
c) Preferia brincar a trabalhar.
d) Preferia brincar à trabalhar.
e) Preferia mais brincar que trabalhar.

21. (FCMSC-SP) Quando *chamar* tem sentido de qualificar, pode-se construir o período, por exemplo, com objeto direto mais predicativo. Tudo isso se observa na alternativa:
a) João é alto, mas treinador nenhum chamou-o para jogar.
b) Era a viúva a chamar pelo falecido.
c) Os inimigos chamam-lhe de traidor do povo.
d) Chamei pelo colega em voz alta.
e) Alguns chamam-no de fiscal.

22. (UPM-SP) Assinale a alternativa incorreta quanto à regência verbal.
a) Ele custará muito para me entender.
b) Hei de querer-lhe como se fosse minha filha.
c) Em todos os recantos do sítio, as crianças sentem-se felizes, porque aspiram o ar puro.
d) O presidente assiste em Brasília há quatro anos.
e) Chamei-lhe sábio, pois sempre soube decifrar os enigmas da vida.

23. (UFMG) Em todas as alternativas, a regência verbal está correta, **exceto** em:
a) Preferia-me às outras sobrinhas, pelo menos nessa época.
b) Você chama isso de molecagem, Zé Lins.
c) Eu lhe acordo antes que meu marido se levante.
d) De Barbacena, lembro-me do frio e da praça.
e) Um implica o outro que, por sua vez, implica um terceiro.

24. (FCC-BA) "A mãe não ... bem, nem ... bem; isso talvez explique seu ... humor."
a) o queria, lhe tratava, mau
b) o queria, o tratava, mau
c) lhe queria, lhe tratava, mau
d) lhe queria, o tratava, mau
e) lhe queria, o tratava, mal

25. (Uniube-MG) Nas frases seguintes, há uma apenas em que a regência verbal está correta. Assinale-a.
a) Nós fomos no cinema ontem.
b) Ele aspirava uma posição mais elevada.
c) Não os deixei sair.
d) Forçai ele a devolver o que lhe pagaram demais.
e) Eu o quero muito bem.

26. (UFF-RJ) Assinale a frase que apresenta um erro de regência verbal.
a) Esse autor tem ideias com que todos simpatizamos.
b) Eis a ordem de que nos insurgimos.
c) Aludiram a incidentes de que já ninguém se lembrava.
d) Qual o cargo a que aspiras?
e) Há fatos que nunca esquecemos.

27. (ITA-SP) Assinale a frase correta.
a) Prefiro mais um asno que me leve que um cavalo que me derrube.
b) O cargo que aspiras, se conquista, não se ganha.
c) Sua afirmação de agora redunda com o que antes disse.
d) As do Nordeste são as frutas que mais gosto.
e) O bom do amigo carregou-o, como a uma criança.

28. (UFF-RJ) Assinale a alternativa em que está usado indevidamente um dos pronomes *o* ou *lhe*.
a) Não lhe agrada semelhante providência?
b) A resposta do professor não o satisfez.
c) Ajudá-lo-ei a preparar as aulas.

d) O poeta assistiu-a nas horas amargas, com extrema dedicação.

e) Vou visitar-lhe na próxima semana.

29. (UFF-RJ) Assinale a frase em que o pronome *que* está empregado indevidamente.

a) É este o quadro que eu te falei sobre ele ontem.

b) Eis o homem que nos vem trazer uma palavra de estímulo.

c) As dificuldades com que tive de lutar foram imensas.

d) A casa em que eu morava há vinte anos foi vendida.

e) Venceu o partido a que dei meu voto.

30. (Aman-RJ) Escolha, abaixo, a exata regência do verbo *chamar*.

a) Chamamo-lo inteligente.

b) Chamamo-lo de inteligente.

c) Chamamos-lhe inteligente.

d) Chamamos-lhe de inteligente.

e) Todas as regências acima estão corretas.

31. (UPM-SP) A regência verbal está errada em:

a) Esqueceu-se do endereço.

b) Não simpatizei com ele.

c) O filme a que assistimos foi ótimo.

d) Faltou-me completar aquela página.

e) Aspiro um alto cargo político.

32. (Cesgranrio-RJ) Assinale a alternativa que está **de acordo** com a norma culta.

a) Visei a um passaporte e fui viajar.

b) Aspirei ao perfume e achei-o delicioso.

c) Perdoo aos teus erros, pois acho-os bem humanos.

d) Ensino a você as regras do bem viver.

e) Eu lhe vi e você não me viu.

33. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa incorreta.

a) Nunca me esqueceram aquelas cenas da praia.

b) Chamei-lhe de covarde.

c) Prefiro mais cinema do que teatro.

d) Não me lembra quanto tempo lá ficaste.

e) n.d.a.

34. (UFG) Indicar a alternativa correta.

a) Sempre pago pontualmente minha secretária.

b) Você não lhe viu ontem.

c) A sessão fora assistida por todos os críticos.

d) Custei dois anos para chegar a doutor.

e) O ideal a que visavam os parnasianos era a perfeição estética.

35. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa que preencha corretamente os espaços:

Posso informar ... senhores ... ninguém, na reunião, ousou aludir ... tão delicado assunto.

a) aos, de que, o

b) aos, de que, ao

c) aos, que, à

d) os, que, à

e) os, de que, a

36. (FEI-SP) Re-escreva a frase "E o rio deu pra falar grosso", substituindo *deu* por:

a) cismou; b) passou; c) deliberou.

37. (PUC-SP) Assinale a alternativa que preencha, pela ordem, corretamente as lacunas.

... seis horas da manhã, já estávamos ... esperar o trem que nos levaria ... cidadezinha, de onde iríamos, ... cavalo, ... fazenda do Sr. Juca.

a) As, à, a, à, à

b) Às, a, à, à, a

c) As, a, à, a, à

d) Às, a, à, a, à

e) As, à, à, a, a

38. (Acafe-SC) Assinale a alternativa que completa a frase.

Trouxe ... mensagem ... Vossa Senhoria e aguardo ... resposta, ... fim de levar ... pessoa que me enviou.

a) a, a, à, a, a

b) a, à, a, à, a

c) à, à, à, à, a

d) a, a, a, a, à

e) à, a, a, a, a

39. (UFSCar-SP) Leia as frases abaixo.

A conclusão do inquérito foi prejudicial ... toda categoria.

Mostrou-se insensível ... qualquer argumentação.

Este prêmio foi atribuído ... melhor aluna do curso.

Faço restrições ... ter mais elementos no grupo.

Indique a alternativa que, na sequência, preenche as lacunas acima corretamente.

a) a, a, à, a

b) à, à, à, à

c) à, à, a, a

d) à, à, a, à

e) a, a, à, à

40. (Unimep-SP) "... dois meses que não vejo Paulo. Soube que ele esteve ... beira de uma crise nervosa ... menos de cinco dias do vestibular."

A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:

a) Há, a, a c) Há, à, à e) A, à, a
b) Há, à, a d) A, a, à

41. (UEL-PR) "Quanto ... mim, nada mais direi ... favor ou contra uma decisão sobre a qual já opinei ... muito tempo."

a) a, a, há c) a, à, há e) à, à, há
b) à, à, à d) à, a, à

42. (UFV-MG) Indique a alternativa em que o sinal indicativo de crase é **facultativo**.

a) Voltou à casa do juiz.
b) Chegou às três horas.
c) Voltou à minha casa.
d) Devolveu as provas àquela aluna.
e) Voltou às pressas.

43. (FGV-SP) Leia a frase abaixo.

Mostrou-se submisso as decisões do chefe.

Nessa frase, uma falha de acentuação gráfica denuncia um erro de:

a) colocação pronominal.
b) pontuação.
c) regência nominal.
d) regência verbal.
e) concordância verbal.

44. (Fuvest-SP) "De ... muito, ele se desinteressou de chegar a ocupar cargo tão importante, ... coisas mais simples na vida e que valem mais que a posse momentânea de certos postos de relevo ... que tantos ambicionam por amor ... ostentação."

a) a, há, à, à d) a, hão, a, à
b) há, as, a, a e) há, a, a, a
c) há, há, a, à

45. (Fuvest-SP) "O progresso chegou inesperadamente ... subúrbio. Daqui ... poucos anos, nenhum de seus moradores se lembrará mais das casinhas que, ... tão pouco tempo, marcavam a paisagem familiar."

a) aquele, a, a d) àquele, a, há
b) àquele, à, há e) aquele, à, há
c) àquele, à, à

46. (UEL-PR) "... contragosto, a comissão entregou ... imprensa ... listas dos aprovados."

a) À, a, as d) À, a, às
b) A, à, às e) À, à, às
c) A, à, as

47. (PUC-RS) "Foi ... mais de um século que, numa reunião de escritores, se propôs a maldição do cientista que reduzira o arco-íris ... simples matéria: era uma ameaça ... poesia."

a) a, a, à c) há, à, à e) há, a, à
b) há, à, a d) a, a, a,

48. (FCMSC-SP) "Dê ciência ... todos de que não mais se atenderá ... pedidos que não forem dirigidos ... diretoria."

a) a, a, a c) a, a, à e) à, a, à
b) a, à, a d) à, à, a

49. (FCMSC-SP) "Estamos ... poucas horas da cidade ... que vieram ter, ... tempos, nossos avós."

a) a, a, há c) há, à, há e) a, à, há
b) há, a, a d) à, a, a

50. (Fuvest-SP) No texto abaixo, apenas um *a* deve receber acento de crase. Transcreva o segmento em que ele aparece e justifique a crase.

Dirigiu-se a ela a passos lentos e disse: estou disposto a contar tudo a senhora; não tenho coragem de falar a Mário sobre o ocorrido.

51. (Faap-SP) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas da seguinte frase:

Ficaram frente ... frente, ... se olharem, pensando no que dizer uma ... outra.

a) à, à, a c) a, a, à e) à, a, à
b) a, à, a d) à, a, a

52. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.

... noite, todos os operários voltaram ... fábrica e só deixaram o serviço ... uma hora da manhã.

a) Há, à, à c) À, à, à e) A, à, a
b) A, a, a d) À, a, há

53. (Fuvest-SP) Indique a forma que não será utilizada para completar a frase seguinte.

Maria pediu ... psicóloga que ... ajudasse ... resolver o problema que ... muito ... afligia.

a) preposição *a*
b) pronome pessoal feminino *a*
c) contração da preposição *a* e do artigo feminino *a (à)*
d) verbo *haver* indicando tempo *(há)*
e) artigo feminino *a*

54. (Faap-SP) Explique o emprego do acento grave nas expressões destacadas.

a) Eu a compro **à vista** aos donos do mundo.

b) Digo adeus **à ilusão**.

55. (FCC-BA) "O fenômeno ... que aludi é visível ... noite e ... olho nu."

a) a, a, a c) a, à, a e) à, à, a

b) a, à, à d) à, a, à

56. (FCC-BA) "Já estavam ... poucos metros da clareira, ... qual foram ter por um atalho aberto ... foice."

a) à, à, a c) a, a, à e) à, à, à

b) a, à, a d) à, a, à

57. (ITA-SP) Analisando as sentenças:

I. A vista disso, devemos tomar sérias medidas.

II. Não fale tal coisa as outras.

III. Dia a dia a empresa foi crescendo.

IV. Não digo aquilo que me disse.

deduzimos que:

a) apenas a sentença III não tem crase.

b) as sentenças III e IV não têm crase.

c) todas as sentenças têm crase.

d) nenhuma sentença tem crase.

e) apenas a sentença IV não tem crase.

58. (PUCCamp-SP) "... hora, ... chegasse primeiro se entregaria ... condecoração ... fizera jus."

a) Àquela, à que, a, a qual

b) Àquela, a que, à, a qual

c) Aquela, à que, a, à qual

d) Àquela, à que, a, à qual

e) n.d.a.

59. (FCMSC-SP) Em qual alternativa a crase foi empregada corretamente?

a) Não se esqueça de chegar à casa cedo.

b) Prefira isto aquilo, já que ao se fazer o bem não se olha à quem.

c) Já que pagaste àquelas dívidas à que situação aspiras?

d) Chegaram até à região marcada e daí avançaram até à praia.

e) Suas previsões não deixaram de ter razão, pois a uma hora da madrugada é um perigo andar a pé, sozinho.

60. (UPM-SP) "Agradeço ... Vossa Senhoria ... oportunidade para manifestar minha opinião ... respeito."

a) à, a, à c) a, a, à e) à, à, a

b) à, a, a d) a, a, a

61. (Fuvest-SP) "Daqui ... vinte quilômetros, o viajante encontrará, logo ... entrada do grande bosque, uma estátua que ... séculos foi erigida em homenagem ... deusa da floresta."

a) a, à, há, à c) à, há, à, à

b) há, a, à, a d) a, à, à, à e) há, a, há, a

62. (PUC-PR) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.

I. Viu-se frente ... frente com o inimigo.

II. Observava, ... distância, o que estava acontecendo.

III. Não se referira ... nenhuma das presentes.

IV. Desandou ... correr ladeira abaixo.

V. Chegou ... uma hora da madrugada.

a) à, à, à, à, à d) a, a, a, à, a

b) à, à, a, a, à e) a, a, a, a, à

c) à, à, à, a, à

63. (UPM-SP) Dados os períodos:

I. À força de tanto emagrecer, acabou morrendo.

II. A assistente social prestou assistência as mais necessitadas pessoas.

III. Com a eloquência habitual, falava a qualquer pessoa, sempre disposta a aumentar o prestígio.

deduz-se que o sinal indicativo da crase está corretamente empregado:

a) apenas no primeiro período.

b) nos períodos I e II.

c) nos períodos II e III.

d) em todos os períodos.

e) nos períodos I e III.

64. (FCMSC-SP) Assinale a letra correspondente ao segmento destacado incorreto. Se não houver erro, assinale a alternativa (E).

A íris dos olhos é ***suscetível de*** reagir ***à***

(A) (B) (C) (D)

intensidade da luz. ***Sem erro***.

(E)

65. (FCMSC-SP) "... certa altura, cansou-o ... demora, e pôs-se ... reclamar."

a) A, a, a c) A, à, à e) À, à, à

b) À, a, a d) À, a, à

66. (FCMSC-SP) "... cerca de quinhentos metros ... leste do farol, encontrou-se, ... poucos dias, um navio antigo."

a) Há, à, à c) À, à, à e) A, a, há

b) A, à, há d) Há, a, há

PARTE 4

Apêndice

Capítulo 28

Problemas gerais da língua culta

Por que Jorge é amado.

"Em Jorge, a arte de fazer-se amar era espontânea, nunca premeditada."
José Saramago

Detalhe.

Revista da Folha. Folha de S.Paulo. São Paulo, 30 mar. 2008. Encarte publicitário, p. 4.

Neste capítulo, estudaremos, entre outros tópicos, o uso de *porque* e *por que*. No anúncio acima, a forma *por que* equivale a *por qual razão*.

1. Introdução

Este capítulo pretende oferecer a você orientações sobre aspectos gerais das variedades formais da língua. Consiste, portanto, numa oportunidade de aperfeiçoar seu desempenho no que diz respeito à grafia e ao emprego apropriado de formas e expressões que costumeiramente causam problemas a quem pretende falar ou redigir português culto.

Acreditamos que muitas coisas que veremos a seguir já foram estudadas em sua vida escolar anterior. Nesses casos, aproveite o que vamos dizer para avaliar seu conhecimento. É importante que você definitivamente incorpore tais detalhes ao seu manuseio escrito (e falado, nas situações apropriadas) da língua portuguesa.

2. Forma e grafia de algumas palavras e expressões

Que / quê

Que é pronome, conjunção, advérbio ou partícula expletiva. Por se tratar de monossílabo átono, não é acentuado:

(O) **Que** você pretende?

Você me pergunta (o) **que** vou fazer. (O) **Que** posso fazer?

Que beleza! **Que** bela atitude!

Convém **que** o assunto seja discutido seriamente.

Quase **que** me esqueço de avisá-lo.

Quê representa um monossílabo tônico. Isso ocorre quando encontramos um pronome em final de frase, imediatamente antes de um ponto (final, de interrogação ou exclamação) ou de reticências, ou quando *quê* é um substantivo (com o sentido de "alguma coisa", "certa coisa") ou uma interjeição (indicando surpresa, espanto):

Afinal, você veio aqui fazer o **quê**?

Você precisa de **quê**?

Há um **quê** inexplicável em sua atitude.

Quê! Conseguiu chegar a tempo?!

Por que / por quê / porque / porquê

A forma *por que* pode ser a sequência de uma preposição (*por*) e um pronome interrogativo (*que*). Em termos práticos, é uma expressão equivalente a "por qual razão", "por qual motivo". Veja alguns casos em que ela ocorre:

Por que você agiu daquela maneira?

Não se sabe **por que** tomaram tal decisão.

Não é fácil saber **por que** a situação persiste em não melhorar.

Leia a matéria intitulada: "**Por que** os corruptos não vão para a cadeia". É impressionante!

Caso surja no final de uma frase, imediatamente antes de um ponto (final, de interrogação, de exclamação) ou de reticências, a sequência deve ser grafada *por quê*, pois, devido à posição na frase, o monossílabo *que* passa a ser tônico, devendo ser acentuado:

– Ainda não terminou? **Por quê**?

– Você tem coragem de perguntar **por quê**?!

– Claro. **Por quê**?

– Não sei **por quê**!

Há casos em que *por que* representa a sequência preposição + pronome relativo, equivalendo a "pelo qual" (ou alguma de suas flexões: "pela qual", "pelos quais", "pelas quais"). Observe:

Estas são as reivindicações **por que** estamos lutando.

O túnel **por que** deveríamos passar desabou ontem.

Já a forma *porque* é uma conjunção, equivalendo a "pois", "já que", "uma vez que", "como". Observe seu emprego em outros exemplos:

A situação agravou-se **porque** muita gente se omitiu.

Sei que há algo errado **porque** ninguém apareceu até agora.

Você continua implicando comigo! É **porque** eu não abro mão de minhas ideias?

Porque também pode indicar finalidade, equivalendo a "para que", "a fim de". Trata-se de um uso pouco frequente na língua atual:

Não julgues **porque** não te julguem.

A forma *porquê* representa um substantivo. Significa "causa", "razão", "motivo" e normalmente surge acompanhada de palavra determinante (artigo, por exemplo). Como é um substantivo, pode ser pluralizado sem qualquer problema:

Dê-me ao menos um **porquê** para sua atitude.

Não é fácil encontrar o **porquê** de toda essa confusão.

Creio que os verdadeiros **porquês** mais uma vez não vieram à luz.

Mas / mais

Mas é uma conjunção adversativa, equivalendo a "porém", "contudo", "entretanto":

Tentou, **mas** não conseguiu.

O país parece ser viável, **mas** não consegue sair do subdesenvolvimento.

Mais é pronome ou advérbio de intensidade, opondo-se normalmente a *menos*:

Ele foi quem **mais** tentou; ainda assim, não conseguiu.

É um dos países **mais** miseráveis do planeta.

Em DVD

Divulgação

***O triste fim de Policarpo Quaresma*. Direção de Paulo Thiago. Brasil: Vitória Produções Cinematográficas, 1988. (120 min).**

Lima Barreto foi um crítico incansável do regime da República Velha e privilegiou em sua obra a temática social. Uma de suas obras mais importantes é *O triste fim de Policarpo Quaresma*. O livro conta a história do major Policarpo Quaresma, ufanista convicto que luta por um Brasil tão grandioso e forte quanto ele acredita que o país possa ser. O filme homônimo é estrelado por Paulo José, no papel de Policarpo, e por Giulia Gam, afilhada do major. O destaque fica por conta da cena em que Policarpo apresenta ao Congresso um projeto que defende a adoção do tupi-guarani como nosso idioma oficial.

Mal / mau

Mal pode ser advérbio, substantivo ou conjunção. Como advérbio, significa "irregularmente", "erradamente", "de forma inconveniente ou desagradável". Opõe-se a *bem*:

Era previsível que ele se comportaria **mal**.

Era evidente que ele estava **mal**-intencionado porque suas opiniões haviam repercutido **mal** na reunião anterior.

A seleção brasileira jogou **mal**, mas conseguiu vencer a partida.

Mal, como substantivo, pode significar "doença", "moléstia"; em alguns casos, significa "aquilo que é prejudicial ou nocivo":

A febre amarela é um **mal** de que já nos havíamos livrado e que, devido ao descaso, voltou a atormentar as populações pobres.

O **mal** é que não se toma nenhuma atitude definitiva.

O substantivo *mal* também pode designar um conceito moral, ligado à ideia de maldade; nesse sentido, a palavra também se opõe a **bem**:

Há uma frase de que a visão da realidade nos faz muitas vezes duvidar:

"O **mal** não compensa".

Quando conjunção, *mal* indica tempo:

Mal você chegou, ele saiu.

Mau é adjetivo. Significa "ruim", "de má índole", "de má qualidade". Opõe-se a *bom* e apresenta a forma feminina *má*:

Trata-se de um **mau** administrador.

Tem um coração **mau**.

Nesta tirinha, o advérbio *mal* modifica o verbo *estar*.

Laerte

LAERTE. *Classificados: livro 2*. São Paulo: Devir, 2002. p. 43.

Onde / aonde

Aonde indica ideia de movimento ou aproximação. Opõe-se a *donde*, que exprime afastamento. Veja nos exemplos que a forma *aonde* costuma referir-se a verbos de movimento:

Aonde você vai?

Aonde querem chegar com essas atitudes?

Aonde devo dirigir-me para obter esclarecimentos?

Não sei **aonde** ir.

Onde indica o lugar em que se está ou em que se passa algum fato. Normalmente, refere-se a verbos que exprimem estado ou permanência. Observe:

Onde você está?

Onde você vai ficar nas próximas férias?

Discrimine os locais **onde** as tropas permanecem estacionadas.

Não sei **onde** começar a procurar.

O estabelecimento dessa diferença de significado tem sido uma tendência do português moderno. Na língua clássica, ela não existia; ainda hoje, é comum encontrar-se o emprego indiferente de uma ou outra forma. Para satisfazer os padrões da língua culta, procure observar essa diferença.

A par / ao par

A par tem o sentido de "bem informado", "ciente":

Mantenha-me **a par** de tudo o que acontecer.

É importante manter-se **a par** das decisões parlamentares.

Ao par é uma expressão usada para indicar relação de equivalência ou igualdade entre valores financeiros (geralmente em operações cambiais):

As moedas fortes mantêm o câmbio praticamente **ao par**.

Ao encontro de / de encontro a

Ao encontro de indica "ser favorável a", "aproximar-se de". Observe os exemplos:

Ainda bem que sua opinião vem **ao encontro da** minha. Poderemos, assim, unir nossas reivindicações.

Quando a viu, foi rapidamente **ao seu encontro** e a abraçou afetuosamente.

De encontro a indica oposição, choque, colisão. Veja:

Como você queria que eu o ajudasse se suas opiniões sempre vieram **de encontro às** minhas? Nós pertencemos a mundos diferentes.

O caminhão foi **de encontro ao** muro. Ninguém se machucou, mas os prejuízos foram grandes.

A / há na expressão de tempo

O verbo *haver* é usado em expressões que indicam tempo já transcorrido:

Tais fatos aconteceram **há dez anos**.

Nesse sentido, é equivalente ao verbo *fazer*:

Tudo aconteceu **faz dez anos**.

A preposição *a* surge em expressões em que a substituição pelo verbo *fazer* é impossível:

O lançamento do satélite ocorrerá daqui **a duas semanas**.

Partiriam dali **a duas horas**.

Note, no último balão, o emprego da preposição *a* para indicar tempo futuro. Nesse contexto, ela não poderia ser substituída pelo verbo *haver*, pois este indica tempo já transcorrido.

WALKER, Mort. Recruta Zero. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 27 abr. 2003. p. D10.

Acerca de / há cerca de

Acerca de significa "sobre", "a respeito de":

Haverá uma palestra **acerca das** consequências das queimadas sobre a temperatura ambiente.

Há cerca de indica um período aproximado de tempo já transcorrido:

Os primeiros colonizadores surgiram **há cerca de** quinhentos anos.

Essa expressão também pode ser utilizada em frases como esta: "Há cerca de 2 milhões de desempregados no país". Nesse caso, "há cerca de" equivale a "Existem aproximadamente".

Afim / a fim

Afim é um adjetivo que significa "igual", "semelhante". Relaciona-se com a ideia de afinidade:

Tiveram comportamentos **afins** durante os trabalhos de discussão.

São espíritos **afins**.

A fim surge na locução *a fim de*, que significa "para" e indica ideia de finalidade:

Tentou mostrar-se capaz de inúmeras tarefas **a fim de** nos enganar.

Demais / de mais

Demais pode ser advérbio de intensidade, com o sentido de "muito"; aparece intensificando verbos, adjetivos ou outros advérbios:

Aborreceram-nos **demais**: isso nos deixou indignados **demais**.

Estou até bem **demais**!

Demais também pode ser pronome indefinido, equivalendo a "os outros", "os restantes":

Apesar de ter chegado até lá como integrante de um grupo, resolvi partir sozinho, deixando aos **demais** a liberdade de escolher. Fiquei sabendo posteriormente que os **demais** membros da comissão também acabaram abandonando os projetos.

De mais opõe-se a *de menos*. Refere-se sempre a um substantivo ou pronome:

Não vejo nada **de mais** em sua atitude!

Decidiu-se suspender o concurso público porque surgiram candidatos **de mais**.

Senão / se não

Senão equivale a "caso contrário" ou "a não ser":

É bom que ele chegue a tempo, **senão** não haverá como ajudá-lo.

Não fazia coisa alguma **senão** criticar.

Se não surge em orações condicionais. Equivale a "caso não":

Se não houver (= "Caso não haja") seriedade, o país não sairá da situação melancólica em que se encontra.

Na medida em que / à medida que

Na medida em que exprime relação de causa e equivale a "porque", "já que", "uma vez que":

O país não alcançou índices de desenvolvimento humano satisfatórios **na medida em que** não investiu adequadamente em saúde e educação.

Na medida em que os projetos foram abandonados, a população carente ficou entregue à própria sorte.

Em livro

BUENO, Eduardo. *Brasil: terra à vista*. Porto Alegre: L&PM, 2003. (L&PM Pocket).

Com linguagem acessível e cativante, Eduardo Bueno conta a história das aventuras de nossos colonizadores durante o descobrimento do Brasil. O maior mérito do livro está no fato de que o autor analisa as duas visões do processo de colonização: a dos portugueses e a dos indígenas.

À medida que indica proporção, desenvolvimento simultâneo e gradual. Equivale a "à proporção que":

Os verdadeiros motivos da renúncia foram ficando claros **à medida que** as investigações iam obtendo resultados.

A ansiedade aumentava **à medida que** o prazo fixado ia chegando ao fim.

Atividades

1. Complete as frases utilizando a forma apropriada dentre as fornecidas pelos parênteses.

a) Tenho muito o (*) fazer. (*que / quê*)

b) É preciso um (*) de louco para poder fazer isso. (*que / quê*)

c) Estamos rindo sem ter de (*). (*que / quê*)

d) (*) você quer saber? É (*) sua curiosidade é maior que sua inteligência? (*por que / porque / por quê / porquê*)

e) Você quer saber (*)? Não lhe direi (*). (*por que / porque / por quê / porquê*)

f) Resta ainda descobrir o (*) dessas declarações. É difícil entender (*) ele teria dito tudo aquilo. (*por que / porque / por quê / porquê*)

g) (*) está seu orgulho? (*onde / aonde*)

h) Irei (*) você quiser que eu vá. (*onde / aonde*)

i) Não gosto muito dela, (*) tenho de admitir que é (*) inteligente do que eu supunha. (*mas / mais*)

j) Comportou-se (*) durante a reunião. Não creio que seja um (*) sujeito, porém. (*mal / mau*)

k) Às vezes, penso que o (*) anda vencendo o bem de goleada neste nosso mundo. Isso é tão (*)! (*mal / mau*)

l) (*)-humorados de todo o mundo, uni-vos! (*mal / mau*)

m) Deixe-me (*) de tudo o que estiver acontecendo. (*a par / ao par*)

n) Várias pessoas expuseram opiniões que vieram (*) minhas durante o debate, o que muito me animou. (*ao encontro de / de encontro a*)

o) Muitas pessoas têm opiniões que vêm (*) minhas, o que não chega a me desanimar. (*ao encontro de / de encontro a*)

p) (*) anos não nos vemos. E só poderei re-encontrá-lo daqui (*) dois meses! (*há / a*)

q) Dali (*) três meses, eu mudaria de vida. (*há / a*)

r) Nada sei (*) das manifestações que ocorreram no país (*) de dois anos. (*acerca / há cerca*)

s) Já que temos ideias (*), deveríamos trabalhar juntos (*) de conseguir melhores resultados. (*afim / a fim*)

t) Não há nada (*) em gostar (*) de doces. (*de mais / demais*)

u) (*) se fizer alguma coisa, o país escorregará para o caos. E ainda há quem não faça nada (*) perseguir privilégios. (*se não / senão*)

v) (*) que caminhávamos, podíamos perceber a mudança da paisagem. (*à medida que / na medida em que*)

w) A distribuição de renda melhorará (*) forem feitos investimentos voltados para o mercado interno. (*à medida que / na medida em que*)

2. Esta oração faz parte de um anúncio da *Velocita Sports*, publicado na revista *O2* de outubro de 2006: "Onde você quer estar daqui a dez anos?". Altere a forma verbal da oração conforme indicado a seguir, realizando as adaptações necessárias:

a) quer ir

b) quis estar

3. O uso do hífen

Já vimos um dos empregos do hífen quando estudamos as regras para separação silábica e para translineação de palavras. Além desse emprego, o hífen também é usado para ligar pronomes oblíquos a formas verbais e para relacionar elementos formadores de palavras.

Usa-se o hífen para unir os pronomes oblíquos que seguem as formas verbais com que se relacionam:

amam-se	escutaram-nos	disseram-me	resumi-lo
estruturá-la	mostramos-lhe	conceder-vos	

O hífen também é empregado quando o pronome vem colocado no interior da forma verbal, numa construção conhecida como mesóclise:

encontrar-te-ei	mostrar-nos-ão	dir-nos-ia	recolher-se-á

Há casos em que ao verbo se ajuntam dois pronomes:

dê-se-lhe	mostre-se-lhe

Palavras compostas

Usa-se hífen para unir os elementos de uma palavra composta. É por isso que se deve usar hífen na grafia de palavras como:

arco-íris	luso-brasileiro	amor-perfeito (a flor)
à-toa ("desprezível")	bem-estar	boa-fé
bom-senso	cara-de-pau	dedo-duro
deus-nos-acuda ("confusão")	dia-a-dia ("cotidiano")	dois-pontos
dona-de-casa	guarda-roupa	louva-a-deus (o inseto)
lugar-comum	má-criação	matéria-prima
mau-caráter	pão-duro	para-brisa
guarda-chuva	para-raios	pé-de-cabra
pé-de-meia ("economias")	pé-de-moleque	ponto-e-vírgula

Observe que muitas vezes o uso do hífen estabelece distinção entre a palavra composta e a expressão formada pela aproximação das mesmas palavras. Isso ocorre, por exemplo, com *dia-a-dia* (sinônimo de "cotidiano") e *dia a dia* (expressão adverbial de tempo, que significa "dia após dia", "diariamente"):

O **dia-a-dia** está cada vez mais difícil; **dia a dia** temos de conviver com perigos maiores nas grandes cidades.

O mesmo ocorre com *à-toa* (adjetivo, sinônimo de "desprezível", "insignificante") e *à toa* (expressão adverbial de modo):

Não passa de um indivíduo **à-toa**: passa o dia inteiro **à toa**.

Em *guarda-chuva*, palavra composta por justaposição, elementos de natureza verbal e nominal se unem por meio do hífen.

Disponível em: <http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br/arch2007-06-24_2007-06-30.html>. Acesso em: 18. jul. 2008.

Nomes de lugares iniciados pelos adjetivos *grã*, *grão* ou por forma verbal ou que estejam ligados por artigos também são unidos por hífen:

Grã-Bretanha Passa-Quatro Entre-os-Rios

Prefixos e elementos de composição

O Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), que passou a vigorar nos países lusófonos em 2008, estabeleceu alguns critérios para o emprego do hífen nas palavras formadas por prefixos e elementos de composição. Apontaremos algumas orientações gerais, a partir das determinações desse acordo.

Regra geral

Os prefixos *ante-*, *anti-*, *auto-*, *circum-*, *co-*, *contra-*, *entre-*, *extra-*, *hiper-*, *infra-*, *intra-*, *pan-*, *sobre-*, *sub-*, *super-*, *supra-* e *ultra* ligam-se por hífen ao segundo elemento em dois casos:

a. quando o segundo elemento é iniciado por *h*:

anti-herói extra-humano
super-homem infra-hepático

OBSERVAÇÃO

A exceção, consagrada pelo uso, é *extraordinário* e seus derivados.

b. quando o segundo elemento é iniciado pela mesma vogal com que termina o prefixo:

extra-atmosférico anti-inflamatório
infra-assinado auto-observação

OBSERVAÇÕES

Seguem as mesmas regras os chamados "falsos prefixos" (elementos não autônomos de origem grega e latina), como *aero-*, *agro-*, *arqui-*, *eletro-*, *hidro-*, *macro-*, *maxi-*, *micro-*, *pluri-*, *pseudo-*, *semi-* e outros:

pseudo-humanista micro-onda arqui-inimigo semi-hospitalar

O prefixo *co-* junta-se ao segundo elemento sem hífen, mesmo que iniciado por *o*:

coobrigação cooperação

Casos especiais em que também se usa o hífen

a. Com prefixos terminados em *-r* (*hiper-*, *inter-*, *super-*), quando se ligam a palavras iniciadas por *r* (além do *h*):

hiper-rancoroso inter-relacionar super-realidade

b. Com prefixos tônicos acentuados graficamente (*pós-*, *pré-*, *pró-*), quando se ligam a segundo elemento autônomo:

pós-graduação pré-operatório pró-africano

c. Com prefixos terminados em *m* ou *n* (*circum-* e *pan-*), quando se ligam a segundo elemento iniciado por vogal, *m* ou *n* (além do *h*):

circum-navegação circum-adjacente pan-americanização

d. Com os prefixos *ex-*, *vice-*, qualquer que seja a letra inicial do segundo elemento:

ex-presidente vice-diretor vice-reitor

Casos em que não se usará o hífen

a. Com prefixo terminado em vogal e o segundo elemento iniciado por *r* ou *s* (tais consoantes devem ser duplicadas):

minissaia microssistema infrassom contrarregra

b. Com prefixo terminado em vogal e o segundo elemento iniciado por uma vogal diferente:

autoavaliação antiaéreo
agroindustrial aeroespacial

OBSERVAÇÃO

Emprega-se hífen nos vocábulos terminados por sufixos de origem tupi-guarani:
capim-açu tamanduá-mirim

Atividades

1. Una os elementos de cada item seguinte.

a) arqui / milionário
b) arqui / secular
c) anti / escravismo
d) anti / didático
e) anti / hemorrágico
f) anti / social
g) anti / tetânico
h) ante / sala
i) ante / datar
j) contra / ofensiva
k) contra / ponto
l) contra / senso
m) auto / biografia
n) auto / educação
o) auto / suficiente
p) extra / regulamentar
q) extra / oficial
r) infra / vermelho
t) intra / muscular
s) intra / venoso
u) neo / latino

2. A partir dos adjetivos a seguir, forme palavras, utilizando alguns prefixos ou elementos de composição.

a) extensivo
b) aberto
c) científico
d) histórico
e) escolar
f) americano
g) selvagem
h) estadual
i) revolucionário
j) humano

3. Explique a diferença de significado entre os termos destacados nos pares de frases seguintes.

a) Vive **à toa**.
É um sujeito **à-toa**.

b) Quem os vê percebe que se trata de um **amor perfeito**.
Deu-me uma muda de **amor-perfeito**.

c) O **dia-a-dia** nos está massacrando.
Dia a dia as coisas estão melhorando.

d) Deu **pão duro** aos mendigos.
Mais uma vez, bancou o **pão-duro**.

e) Depois que ele resolveu brigar, a festa transformou-se num **deus-nos-acuda**.
Ele vai voltar? **Deus nos acuda**!

4. Colocação dos pronomes pessoais oblíquos átonos

Os pronomes pessoais oblíquos átonos (*me, te, se, o, a, lhe, nos, vos, se, os, as, lhes*) atuam basicamente como complementos verbais. Em relação aos verbos, podem assumir três posições:

a. próclise – O pronome surge antes do verbo:

Não **nos** mostraram nada. Nada **me** disseram.

b. ênclise – O pronome surge depois do verbo:

Apresento-**lhe** meus cumprimentos.

Contaram-**te** tudo?

c. mesóclise – O pronome é intercalado ao verbo, que deve estar no futuro do presente ou no futuro do pretérito do indicativo:

Mostrar-**lhe**-ei meus escritos.

Falar-**vos**-iam a verdade?

Por muito tempo, perseguiram-se regras para orientar a colocação desses pronomes, normalmente criadas a partir de modelos da fala lusitana. Felizmente, nos últimos tempos, a discussão sobre as regras de colocação pronominal tem sido substituída por procedimentos norteados pelo bom-senso. Apresentamos a seguir algumas orientações básicas a esse respeito e salientamos que não se deve perder tempo com uma questão tão pouco relevante para o uso eficiente da língua.

Ênclise

A ênclise pode ser considerada a colocação básica do pronome, pois obedece à sequência verbo-complemento. Na língua culta, deve ser observada no início das frases:

Apresentaram-**se** vários projetos durante a sessão.

Contaram-**me** casos estranhíssimos.

Parece-**nos** que o mais acertado seria retomar os programas de incentivo agrícola.

A ênclise não ocorre com as formas dos futuros do indicativo e do particípio. Com os futuros, quando não é possível fazer a próclise, deve-se optar pela mesóclise, forma em desuso no português do Brasil:

Dir-**nos**-ão o que fazer?

Entender-**me**-ia o estrangeiro?

Próclise

A próclise tende a ocorrer após pronomes relativos, interrogativos e conjunções subordinativas. Também tende a ocorrer nas negações:

É a pessoa que **nos** orientou.

Quem **te** disse isso?

Gostaria de saber por que **nos** fizeram vir aqui.

Nada foi feito, embora **se** conhecessem as consequências da omissão.

Não **me** falaram nada a respeito disso.

Nunca **nos** encontraremos novamente.

Jamais **se** cumprimentam.

Em início de frase, a próclise é típica da língua coloquial brasileira e é usada na escrita quando se pretende reproduzir a língua falada:

Me faça um favor.

Nos falaram que era tudo mentira.

Com as locuções verbais e tempos compostos, a tendência brasileira é colocar o pronome antes do verbo principal:

Vou **lhe** mostrar meus trabalhos.

Quero **lhe** mostrar meus trabalhos.

O pronome também pode surgir em outras posições. Observe:

Eu **lhes** estou mostrando meus trabalhos./Estou mostrando-**lhes** meus trabalhos.

Eu **lhes** quero mostrar meus trabalhos./Quero mostrar-**lhes** meus trabalhos.

O uso do hífen nos casos em que o pronome aparece em posição intermediária é considerado optativo:

Eu estou-**lhes** mostrando.

Eu estou **lhes** mostrando.

Na verdade, a primeira forma tende a representar a fala lusitana, que "encosta" o pronome no verbo auxiliar ("Eu estou-lhes..."), enquanto a segunda forma tende a representar a fala brasileira, que "encosta" o pronome no verbo principal ("... lhes mostrando.").

Textos para análise

1

Caco Galhardo

Pix. São Paulo: Six Pix. [s.p.]. Publicação oferecida pela Livraria Cultura.

Trabalhando o texto

Observe o texto acima e justifique o emprego da forma *aonde*.

2

Revista *Results ON*/Detalhe.

Trabalhando o texto

Comente o emprego da mesóclise no anúncio ao lado.

Results ON. São Paulo: Six Pix. [s.p.]. Publicação oferecida pela Livraria Cultura.

3

Leia este trecho da canção *O que tinha de ser* de Tom Jobim e Vinicius de Moraes, que foi eternizada na voz de Elis Regina:

"Porque foste na vida
A última esperança
Encontrar-te me fez criança".

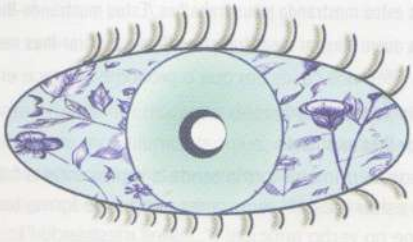

Disponível em: <www.mpbnet.com.br/musicos/elis.regina/letras/o_que_tinha_de_ser.htm>. Acesso em: 18 jul. 2008.

Trabalhando o texto

O *porque*, iniciando a letra da canção, está empregado adequadamente?

Em CD

Divulgação

Elis Regina. *Fascinação* (CD). Universal Music, 1999.

Dona de um talento musical ímpar, Elis Regina enobrecia a bossa nova com suas canções e interpretações. Esse CD apresenta uma coletânea de sucessos da carreira da cantora gaúcha, incluindo canções gravadas entre 1965 e 1978, período em que Elis tinha contrato com a gravadora Polygram.

4

O livro dos porquês

– Por que é que o Ministério da Saúde adverte que o fumo é prejudicial à saúde e vários médicos continuam fumando?

– Por que é que quando alguém liga um número errado do outro lado a pessoa fica meio irritada?

– Por que é que quando se pergunta "Que número é aí?" do outro lado sempre dizem "Que número ligou?"

– Por que é que mesmo quando a operação é um sucesso dizem que o paciente "sofreu" uma cirurgia, apesar de ele estar anestesiado?

– Por que é que usam a frase "Eu alguma vez já menti para você?" A mentira só é mentira quando descoberta.

– Por que é que fabricam automóveis que atingem 200 quilômetros por hora se no trânsito não se consegue ir a mais de 20?

– Por que é que quando a gente encontra uma pessoa de quem não se lembra ela sempre diz "Está lembrado de mim?"

– E quando você diz, disfarçando, "É claro que sim" ela insiste: "De onde?"

– Por que é que apesar da enorme onda de desemprego você nunca consegue arrumar uma empregada?

– Por que é que todo mundo só quer um táxi na mesma hora em que você precisa de um?

– Por que é que no trânsito a fila que você escolhe é sempre a mais lenta?

– Por que é que quando você diz para alguém "Bonito sapato" a resposta é sempre "Ah, é velho..."?

– Por que é que dentro do elevador todo mundo fica fingindo que não está olhando para ninguém?

SOARES, Jô. In: *Veja*. São Paulo: Abril, [s.d.]

Trabalhando o texto

1. Justifique a grafia *porquês*, no título do texto.
2. Justifique a grafia *por que*, que surge em quase todos os itens do texto.
3. Justifique o uso da forma *meio*, no segundo item do texto.
4. "Por que é que quando a gente encontra uma pessoa **de** quem não se lembra ela sempre...". Justifique o uso da preposição destacada.
5. Há algo comum a todas as perguntas propostas pelo autor? Comente-as.

Questões de exames e concursos

1. (UFMS)

A casualidade

(Carlos Herculano Lopes)

Em uma madrugada, quase de manhã, um rapaz ainda jovem, entrando nos seus vinte e cinco anos, pegou um táxi. Resultou que ele, calado por índole ou costume, estava voltando de uma festa na qual, entre amigos, havia tomado umas cervejas. Talvez só isto, a sensação de estar alegre, o tenha feito puxar conversa. Era muito reservado com estranhos. Por sua vez o motorista, acostumado a ouvir, deixou que ele falasse. Aquele diálogo, provavelmente, não passaria de um a mais dos tantos que se travam noite adentro, se de repente o rapaz – sabe-se lá por que – não houvesse confessado que era de Santa Marta, onde, quando criança, um tal de Jardel havia matado seu pai. O motorista, que até então ouvia em silêncio, sem prestar muita atenção, sentiu um calafrio, um leve tremor nos lábios, e o volante vacilou, enquanto voltavam na sua memória cenas de um crime que ele tentava esquecer.

Prosa: para ler no ônibus, em casa, no trabalho, na escola, quando for dormir... Belo Horizonte: Programa de Ensino, Pesquisa e Extensão A tela e o texto, jun. 2005.

Considerando a oração "sabe-se lá **por que**" (linha 12), assinale a(s) alternativa(s) correta(s).

(001) Dependendo do sentido em que é empregada, a palavra **porque** apresenta diferentes grafias: por que (como na oração citada), porque, porquê, por quê.

(002) A palavra em destaque acima equivale a "**por qual razão**", "**por qual motivo**".

(004) Na construção de uma frase interrogativa que encontre resposta na oração do texto, grafa-se **porque**.

(008) Preserva-se a mesma equivalência significativa ao se substituir **por que** por "**o porquê**".

(016) Por sua significação na frase, a palavra **por que** pode ser pluralizada.

2. (Fuvest-SP) A televisão tem de ser vista .... um prisma crítico, principalmente as telenovelas, ... audiência é significativa. Temos de procurar saber ... elas prendem tanto os telespectadores.

Preenchem de modo correto as lacunas acima, respectivamente,

a) a nível de / as quais a / por que
b) sobre / que / porquê
c) sob / cuja / por que
d) em nível de / cuja a / porque
e) sob / cuja a / porque

3. (UFSC) Dentre as proposições abaixo, algumas ferem a norma padrão. Assinale aquelas que **não apresentam desvio** gramatical.

01. Se todos houvessem seguido as normas, não haveria tantas reclamações.
02. O desrespeito à natureza é tanto que, naquele lugar, já não existem animais daquela espécie.
04. Havia apenas uma saída para o problema, mas outras poderiam haver caso analisássemos o problema com mais calma.
08. O desafio que me refiro implica em fazer escolhas.

16. Restabelecer-se-iam, de imediato, as ligações, se houvessem técnicos de plantão.

32. Hão de trazer o que me prometeram! Ora, se hão!

4. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que as formas **mal** ou **mau** estão utilizadas de acordo com a norma culta.

a) Mau-agradecidas, as juízas se postaram diante do procurador, a exigir recompensas.

b) Seu mal humor ultrapassava os limites do suportável.

c) Mal chegou a dizer isso, e tomou um sopapo que o lançou longe.

d) As respostas estavam mau dispostas sobre a mesa, de forma que ninguém sabia a sequência correta.

e) Então, mau ajeitada, desceu triste para o salão, sem perceber que alguém a observava.

5. (Ibmec) Assinale a alternativa que preenche **corretamente** as lacunas do texto abaixo.

"___ anos que não ___ via, parecia que jamais falariam de novo. No entanto, quando ___ mágoa passa, fica aquela vontade de desdizer as ofensas, de re-elaborar os pensamentos, de pedir perdão... ___ vezes, não é bom voltar ___ que já se fez, é melhor tocar a vida adiante e pensar que dali ___ algum tempo nada mais fará sentido".

a) Há, a, a, Às, aquilo, à.

b) A, a, à, As, àquilo, a.

c) Há, a, a, Às, àquilo, à.

d) Há, a, a, Às, àquilo, a.

e) A, há, à, As, aquilo, à.

6. (ESPM-SP) Embora de uso recorrente, uma das frases abaixo apresenta **forma verbal não** prevista pela norma culta. Assinale-a:

a) Inspeção ambiental veicular se adequa às medidas para reduzir a poluição na Grande São Paulo.

b) É importante que os paulistanos adiram às recomendações da Cetesb para minimizar a poluição do ar.

c) Mesmo que os postos de combustíveis mantivessem controle das emissões por evaporação, não resolveria a questão por completo.

d) Quando o Conselho Nacional de Meio Ambiente revir as emissões de gases e ruídos dos veículos, haverá provavelmente uma melhora na qualidade do ar.

e) Se manter o veículo bem regulado é fundamental para o meio ambiente, então a inspeção deve ser obrigatória.

7. (FGV-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente o espaço da frase: Descubra ... os bons sofrem.

a) Porquê.

b) O porquê.

c) Por quê.

d) Porque.

e) Por que.

8. (ITA-SP) Das opções abaixo, cujos textos foram extraídos do Manual do Proprietário de um carro, a única alternativa que **não** apresenta inadequação quanto à construção ou ao emprego de palavra é

a) Se o veículo costuma permanecer imobilizado por mais de duas semanas ou se é utilizado em pequenos percursos, com frequência não diária (...) adicione um frasco de aditivo.

b) Algumas [instruções], todavia, merecem atenção especial, em virtude das graves consequências que sua não observância pode representar para a integridade física dos ocupantes e para o funcionamento do veículo.

c) Ao calibrar os pneus, não se esqueça de examinar também o de reserva. Veja instruções na Seção 7, sob Pneus.

e) Somente se a utilização do veículo ocorrer essencialmente nas rodovias asfaltadas na maior parte do tempo é que se pode proceder à troca de óleo a cada 6 meses ou 10 000 km, o que primeiro ocorrer.

e) O uso dos cintos de segurança deve também ser rigorosamente observado em veículos equipados com sistema "Air bag", que atua como complemento a este sistema.

9. (PUC-PR) Indique a frase em que o **se** está empregado adequadamente.

a) O acusado se reserva-se o direito de não dar entrevistas.

b) Até que ponto a vida no campo se difere da vida urbana?

c) O lixo se prolifera cada vez mais nos grandes centros.

d) Estima-se em mais de 4.000 o número de voos ilegais no espaço aéreo brasileiro, anualmente.

e) Não esqueça-se dos seus remédios, na hora certa!

10. (Ufes) Frequentemente, nas redações escolares, usa-se inadequadamente *onde* em lugar de *em que*. Considere os fragmentos de redações escolares abaixo e assinale a alternativa que contém o emprego **adequado**:

a) O Brasil é um país **onde** ainda se registra a existência de milhões de pessoas na condição de iletrados.

b) Este milênio vem em boa hora, num momento **onde** todos os povos fortalecem sentimentos de esperança por dias melhores.

c) Em nossos dias, é difícil ter um amor verdadeiro **onde** a pessoa possa apoiar-se e se dar bem na vida.

d) A preservação do emprego tornou-se a maior preocupação do trabalhador neste início de século, **onde** a baixa qualificação profissional aumenta a exclusão social.

e) A criança começa a frequentar a escola com seis ou sete anos. É uma idade maravilhosa **onde** ela ainda está descobrindo a vida e necessita de uma orientação.

11. (UEM-PR) Assinale todo período em que o termo em destaque está registrado **incorretamente**.

01. Não meta o nariz **aonde** não deve.

02. Vestibulandos, **benvindos** à UEM!

04. Foi fruto de um **mal**-entendido ou de **mau**-olhado?

08. Nesta **cessão** trabalham somente moças. Isso é **descriminação**.

16. Ignoro **porque** meu colega ainda não chegou.

32. Os **cidadãos**, **guardiães** da Pátria, tornaram-se os fiscais do Sarney.

12. (PUCCamp-SP) Das cinco alternativas apresentadas nesta questão, apenas uma completa adequadamente as sentenças abaixo. Aponte-a.

I. Afinal, chegou o presente ... tanto esperávamos.

II. ... você vai com tanta pressa?

III. ... de dois meses, mudamos para este bairro.

a) por que, aonde, há cerca

b) porque, onde, acerca

c) por que, onde, a cerca

d) porque, onde, há cerca

e) porque, aonde, a cerca

13. (PUC-SP) Texto:

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se é loucura... se é verdade
Tanto horror perante os céus...
Ó mar! por que não apagas
Coa esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?...
Astros! noites! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!

(Castro Alves)

A palavra *porque* tem diferentes grafias, dependendo do sentido em que é empregada. No texto em questão, ela aparece assim grafada: *por que*.

a) Explique esse emprego.

b) Preencha os espaços abaixo, grafando corretamente a referida palavra em cada um dos seguintes períodos.

I. Não sei o ... deste horror.

II. Ó mar! Não apagas este borrão, ... ?

III. O poeta sente-se indignado ... a situação a que se refere é aviltante para o ser humano.

14. (UFV-MG) Assinale a única alternativa em que a expressão *porque* deve vir separada.

a) Em breve compreenderás porque tanta luta por um motivo tão simples.

b) Não compareci à reunião porque estava viajando.

c) Se o Brasil precisa do trabalho de todos é porque precisamos de um nacionalismo produtivo.

d) Ainda não se descobriu o porquê de tantos desentendimentos.

e) Choveu durante a noite, porque as ruas estão molhadas.

15. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da frase abaixo:

As transformações ... tem passado a sociedade parecem condenar o homem ... existência num mundo dominado pela máquina.

a) porque, à

b) porquê, à

c) por que, a

d) porque, a

e) por que, à

16. (UPM-SP) Assinale a alternativa que apresenta erro quanto ao emprego do *porquê*.

a) Não sei por que as cousas ocultam tanto mistério.

b) Os poetas traduzem o sentido das cousas sem dizer por quê.

c) Eis o motivo porque os meus sentidos aprenderam sozinhos: as cousas têm existência.

d) Por que os filósofos pensam que as coisas sejam o que parecem ser?

e) Os homens indagam o porquê das estranhezas das cousas.

17. (ITA-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.

Quando ... dois dias disse ... ela que ia ... Itália para concluir meus estudos, pôs-se ... chorar.

a) a, a, a, a

b) há, à, à, a

c) a, à, a, à

d) há, a, à, a

e) há, a, a, à

18. (Fuvest-SP) Assinale a frase gramaticalmente correta.

a) Não sei por que discutimos.

b) Ele não veio por que estava doente.

c) Mas porque não veio ontem?

d) Não respondi porquê não sabia.

e) Eis o porque da minha viagem.

19. (ESPM-SP) Use *a fim* ou *afim*, conforme a solicitação dos enunciados abaixo.

a) A ideia dela era ... à minha.

b) Ele não está ... de sair comigo.

20. (UEL-PR) "Ainda ... pouco, fez-se referência ... possíveis mudanças para daqui ... algumas semanas."

a) a, à, a

b) há, a, a

c) a, a, há

d) há, à, à

e) a, à, há

21. (UniFMU-SP) Assinale a alternativa correta.

a) Porque se formam as ilhas de calor, com a redução de áreas verdes?

b) Por quê se forma as ilhas de calor com a redução de áreas verdes?

c) Por que formam-se as ilhas de calor, com a redução de áreas verdes?

d) Por quê forma-se as ilhas de calor, com a redução de áreas verdes?

e) Por que se formam as ilhas de calor, com a redução de áreas verdes?

22. (UPM-SP) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas do período.

Não sei a razão ... as pessoas daquela ... espírita ficaram debatendo sobre a ... dos mortos.

a) por que, secção, reçurreição

b) por que, sessão, ressurreição

c) porque, seção, reçurreição

d) porquê, cessão, ressurreição

e) por que, sessão, ressureissão

23. (UPM-SP) Assinale a alternativa que completa adequadamente as lacunas do seguinte período.

Algumas pessoas não determinam ... provém sua insatisfação, porque não sabem ... vão os sentimentos, nem ... mora a consideração pelo próximo.

a) donde, onde, onde

b) donde, aonde, onde

c) aonde, onde, aonde

d) aonde, aonde, aonde

e) donde, aonde, aonde

24. (Fuvest-SP) "Diga ... elas que estejam daqui ... pouco ... porta da biblioteca."

a) à, há, a

b) a, há, à

c) a, a, à

d) à, a, a

e) a, a, a

25. (FCC-BA) "Age com ..., ... queres fazer ... à curiosidade alheia."

a) discreção, senão, conseções

b) discrição, se não, concessões

c) discrição, senão, conseções

d) discreção, se não, concessões

e) discreção, senão, concessões

26. (ITA-SP) Preencha os claros das sentenças.

Gastaram somas ... (vultosas, vultuosas) para evitar o perigo.

Ela tem o grave ... (se não, senão) de ser invejosa.

A cidade de que ... (há, a) pouco você falou não mais existe.

Ainda vou descobrir o ... (porquê, porque, por quê, por que) dessa polêmica.

Temos, respectivamente:

a) vultosas, senão, a, por quê

b) vultuosas, senão, a, porquê

c) vultuosas, senão, a, por que
d) vultosas, senão, há, porquê
e) vultosas, se não, há, porquê

27. (ITA-SP) Assinalar a alternativa correta.

a) Sinto-me contente quando minha bem amada não está mal humorada.
b) Sinto-me contente quando minha bem-amada não está mal-humorada.
c) Sinto-me contente quando minha bemamada não está mal humorada.
d) Sinto-me contente quando minha bem-amada não está mau humorada.
e) Sinto-me contente quando minha bem-amada não está mau-humorada.

28. (FCMSC-SP) Assinale a alternativa em que a palavra *que* está grafada erradamente.

a) Quê! Você ainda não tomou banho este mês!
b) Depois de tomar banho, ficou com um quê irresistível.
c) Você vive de quê? De brisa?
d) Quê beleza! Estou acertando tudo.
e) Poderiam ajudar em quê? Se nada entendiam...

29. (FCC-BA) "Pense nos ideais ... batalhamos há tanto tempo e diga-me ... fracassamos. Será ... fomos incapazes ou descuidados em algum ponto?"

a) por que, por que, por que
b) por que, por que, porque
c) porque, porque, por que
d) porque, por que, porque
e) por que, porque, por que

30. (FCC-BA) "Minha ... está ... por culpa não sei de ... ."

a) pesquisa, atrazada, quê
b) pesquiza, atrasada, quê
c) pesquisa, atrazada, que
d) pesquiza, atrasada, que
e) pesquisa, atrasada, quê

31. (FCMSC-SP) Observar as orações seguintes.

I. Por que não apontas a vendedora por que foste ludibriado?
II. A secretária não informa por que linha de ônibus chega-se ao exame.
III. Por que será que o governo não sabe o porquê da inflação?

Há erro na grafia:

a) em I apenas.
b) em duas apenas.
c) em II apenas.
d) em III apenas.
e) em nenhuma.

32. (UFPR) Complete as lacunas, usando adequadamente *mas, mais, mal, mau.*

Pedro e João, ... entraram em casa, perceberam que as coisas não estavam bem, pois sua irmã caçula escolhera um ... momento para comunicar aos pais que iria viajar nas férias; ... seus dois irmãos deixaram os pais ... sossegados quando disseram que a jovem iria com as primas e a tia.

a) mau, mal, mais, mas
b) mal, mal, mais, mais
c) mal, mau, mas, mais
d) mal, mau, mas, mas
e) mau, mau, mas, mais

33. (Fuvest-SP) Re-escreva, preenchendo as lacunas com *por que, porque, porquê, por quê.*

– ... é que você disse isso?
– Não sei bem ... .
– Não será ... tem inveja dele?
– Acho que não. Vou dizer-lhe a razão ... o disse.

Capítulo 29

Significação das palavras

Revista *Galileu*, fev. 2008.

Galileu. São Paulo: Globo, n. 199, fev. 2008. Capa.

Nesta capa de revista, os antônimos *bons* ou *maus* vêm reforçar a ideia transmitida pela imagem simetricamente dividida e criteriosamente colorida: o que determina a bondade ou a maldade no homem? É o que a matéria vai tentar explicar.

Relações de significado entre as palavras

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 2007. v. 4, p. 41.

Nesta tirinha, *grande* e *imenso* tornam-se antônimos de *pequenas coisas*.

Palavras de significados opostos como *ausência* e *presença* ou *sim* e *não* são chamadas **antônimos**.

Palavras de significados próximos são chamadas **sinônimos**. É o que ocorre, por exemplo, com palavras como *agradável, ameno, aprazível, deleitável, deleitoso, delicioso, grato, gostoso, saboroso*. Observe que os sentidos dessas palavras são próximos, mas não são exatamente equivalentes.

O uso de palavras sinônimas pode ser de grande utilidade nos processos de retomada de elementos que inter-relacionam as partes dos textos. Observe:

> Alguns segundos depois, apareceu **um menino**. Era **um garoto** magro, de pernas compridas e finas. Um típico **moleque**.

Apesar de cada uma dessas palavras ter seus matizes próprios de significação, são usadas no texto para designar um mesmo ser. Perceba, assim, que a relação de sinonímia não depende exclusivamente do significado das palavras isoladas, mas resulta também do emprego que têm nos textos.

Uma relação de significado muito importante para a construção de textos é a que se estabelece entre hiperônimos e hipônimos. **Hiperônimo** é uma palavra cujo significado é mais abrangente do que o do seu **hipônimo**: é o que acontece, por exemplo, com as palavras *veículo* e *carro* – *veículo* é hiperônimo de *carro* porque em seu significado está contido o significado de **carro**, ao lado do significado de outras palavras como *carroça, trem, caminhão. Carro* é um hipônimo de *veículo*. A relação entre hipônimos e hiperônimos é muito útil para a retomada de elementos textuais:

> Há muito tempo planejam derrubar aquele **ipê**. A velha **árvore** parece perturbar os administradores municipais.
>
> Proteja o **lobo-guará**. É um **animal** que corre risco de extinção.

São hiperônimos muito importantes palavras de sentido genérico como *coisa, fato, acontecimento, fenômeno, pessoa, ser*. Essas palavras são muito frequentes nos mecanismos de retomada de elementos textuais. Seu uso, entretanto, deve ser limitado a essa função, pois elas carecem da precisão característica dos hipônimos:

> A **ampliação da pobreza** compromete a estabilidade social do país e é um **fato** que não pode ser omitido em qualquer proposta séria de planejamento governamental.
>
> **A troca de insultos e sopapos** entre os deputados ganhou destaque nos jornais. O **acontecimento** foi recriminado em vários editoriais.

OBSERVAÇÃO

As relações de significado que envolvem a semelhança ou igualdade de sons e grafias de palavras – a **paronímia** e **homonímia** – já foram exaustivamente estudadas na seção deste livro dedicada à fonologia.

Central de tiras: 2003.
São Paulo: Via Lettera, 2003. p. 55.

Recordando: parônimos são palavras que apresentam grafias ou pronúncias semelhantes. Nesta tira, são parônimos as palavras *infração* (delito) e *inflação* (elevação dos preços).

Em livro

BOTTON, Alain de. *As consolações da filosofia.* Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

Filosofia é uma palavra que vem do grego, e quer dizer "amor à sabedoria". Ela se ocupa em buscar explicações racionais para o mundo e para a própria natureza humana. Questões sobre as origens da bondade e da maldade, por exemplo, fazem parte de seu objeto de estudo. E a Filosofia também pode nos ensinar a viver melhor. A partir das ideias de seis grandes filósofos, entre eles Sócrates e Schopenhauer, Alain de Botton coloca a filosofia em prática, e mostra que viver com sabedoria é mais fácil do que muitos imaginam.

Atividades

1. Complete as frases seguintes com um hiperônimo ou com uma palavra de sentido genérico.

a) O dono da fábrica negava-se a indenizar as famílias dos operários mortos com a explosão de uma caldeira. Esse (*) revoltou a população da cidade.

b) Vários automóveis foram arrastados pela correnteza. Alguns (*) foram encontrados muito longe do local onde haviam sido deixados por seus donos.

c) Cuidado com as bactérias com que você está lidando no laboratório. São (*) muitas vezes perigosos.

d) Grupos de refugiados chegam diariamente do sertão castigado pela seca. São (*) famintas, maltrapilhas, destruídas.

2. Substitua a forma do verbo *dar* pela forma apropriada de um dos sinônimos relacionados a seguir. Observe que as frases se tornam mais precisas com a substituição.

demonstrar	doar	oferecer	produzir
dedicar	atinar	bater	bastar

a) Dei vários livros à biblioteca da escola.
b) O time dava sinais evidentes de cansaço.
c) Não escovar os dentes dá mau hálito.
d) Este lugar não nos dá nenhum conforto.
e) Dá o que tem de melhor aos filhos.
f) Tive de dar garantias.
g) Dava nos outros por qualquer coisa.
h) Até que enfim deram com a resposta certa.
i) Deram seis horas no relógio da pracinha.
j) O salário não dá para viver nesta cidade.

3. Este exercício é semelhante ao anterior; o verbo a ser substituído agora é *fazer*.

produzir	fingir-se	conceber	formar
gravar	causar	construir	montar
gerar	induzir	forçar	juntar

a) Sou capaz de fazer uma mesa em poucas horas.
b) Faz um disco por ano.
c) O medo faz mais admiradores que a paixão.
d) Faz pena vê-lo assim.
e) O trânsito brasileiro faz muitas vítimas.
f) Ele se fez de desentendido.
g) Fiz que tomasse uma atitude.
h) Não se pode fazer uma ideia do sofrimento daquelas pessoas.
i) A esposa fez uma bela poupança nesses anos.
j) Os investigadores fizeram o rapaz confessar o crime.

Textos para análise

1

Você lava e os vizinhos secam.

IstoÉ Dinheiro. São Paulo: Três, 25 ago. 1999. p. 12-3.

Trabalhando o texto

O que há de particularmente interessante em relação ao significado das palavras no texto acima? Comente.

2

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 2007. v. 5, p. 111.

Trabalhando o texto

O que provoca o humor na tirinha?

3

Revista *Vida Simples*, abr. 2006.

Vida Simples. São Paulo: Abril, ed. 44, ago. 2006. Capa.

Trabalhando o texto

1. Nesta capa de revista, considere os efeitos de sentido obtidos com o emprego dos antônimos.
2. Um sinônimo do verbo *ganhar* poderia ter sido utilizado no texto, tornando-o ainda mais harmônico. Qual?

4

O quereres

Onde queres revólver sou coqueiro
E onde queres dinheiro sou paixão
Onde queres descanso sou desejo
E onde sou só desejo queres não
E onde não queres nada nada falta
E onde voas bem alta eu sou o chão
E onde pisas o chão minha alma salta
E ganha liberdade na amplidão

Onde queres família sou maluco
E onde queres romântico, burguês
Onde queres Leblon sou Pernambuco
E onde queres eunuco, garanhão
E onde queres o sim e o não, talvez
Onde vês eu não vislumbro razão
Onde queres o lobo eu sou o irmão
E onde queres *cowboy* eu sou chinês

Ah! bruta flor do querer
Ah! bruta flor bruta flor

Onde queres o ato eu sou espírito
E onde queres ternura eu sou tesão
Onde queres o livre, decassílabo
E onde buscas o anjo sou mulher
Onde queres prazer sou o que dói
E onde queres tortura, mansidão
Onde queres um lar, revolução
E onde queres bandido sou herói

Eu queria querer-te e amar o amor
Construir-te dulcíssima prisão
E encontrar a mais justa adequação
Tudo métrica e rima e nunca dor
Mas a vida é real e de viés
E vê só que cilada o amor me armou
Eu te quero (e não queres) como sou
Não te quero (e não queres) como és

Ah! bruta flor do querer
Ah! bruta flor bruta flor

Onde queres comício, *flipper*-vídeo
E onde queres romance, *rock'n'roll*
Onde queres a lua eu sou o sol
Onde a pura natura, o inseticídio
E onde queres mistério eu sou a luz
Onde queres um canto, o mundo inteiro
Onde queres quaresma, fevereiro
E onde queres coqueiro sou obus
O quereres e o estares sempre a fim
Do que em mim é de mim tão desigual
Faz-me querer-te bem, querer-te mal
Bem a ti, mal ao quereres assim
Infinitivamente pessoal
E eu querendo querer-te sem ter fim
E, querendo-te, aprender o total
Do querer que há e do que não há em mim.

VELOSO, Caetano. Disponível em: <www.caetanoveloso.com.br>. Acesso em 21 jul. 2008.

Trabalhando o texto

1. Explique a expressão "infinitivamente pessoal" (última estrofe).

2. Indique o que, a seu ver, significam as oposições entre:

a) família/maluco
b) romântico/burguês
c) Leblon/Pernambuco
d) lobo/irmão
e) *cowboy*/chinês
f) livre/decassílabo
g) anjo/mulher
h) comício/*flipper*-vídeo
i) romance/*rock'n'roll*

3. Explique e comente a imagem "dulcíssima prisão".

4. Qual a importância da aproximação de antônimos para a construção do texto?

5. A relação de antonímia é absoluta ou depende de contextos? Explique com base em elementos do texto.

Em DVD

Divulgação

***Romeu e Julieta*. Direção de Franco Zeffirelli. Itália/França: Paramount Pictures, 2003. (138 min).**

A música de Caetano Veloso canta o tema do amor, mas problematiza as discordâncias que marcam um relacionamento amoroso. A obra máxima que tematiza o amor e que, ao contrário da música, enfatiza a paixão incondicional entre os amantes é *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare. A história é sublime, poética e sensível, e mostra que o amor não conhece limites. O filme homônimo, dirigido por Franco Zeffirelli, recria com detalhes a história de amor mais famosa da literatura ocidental.

Questões de exames e concursos

1. (Fuvest-SP)

É impossível colocar em série exata os fatos da infância porque há aqueles que já acontecem permanentes, que vêm para ficar e doer, que nunca mais são esquecidos, que são sempre trazidos tempo afora, como se fossem dagora. É a carga. Há os outros, miúdos fatos, incolores e quase sem som – que mal se deram, a memória os atira nos abismos do esquecimento. Mesmo próximos eles viram logo passado remoto. Surgem às vezes, na lembrança, como se fossem uma incongruência. Só aparentemente sem razão, porque não há associação de ideias que seja ilógica. O que assim parece, em verdade, liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas – raízes lógicas! – de que emergem os pequenos caules isolados – aparentemente ilógicos! só aparentemente! – às vezes chegados à memória vindos do esquecimento, que é outra função ativa dessa mesma memória.

Pedro Nava, *Baú de ossos*.

O que Pedro Nava afirma no final do texto ajuda a compreender o título do livro *Esquecer para lembrar*, de Carlos Drummond de Andrade, título que contém:

a) um paradoxo apenas aparente, já que designa uma das operações próprias da memória.

b) uma contradição insuperável, justificada apenas pelo valor poético que alcança.

c) uma explicação para a dificuldade de se organizar de modo sistemático os fatos lembrados.

d) uma fina ironia, pois a antítese entre os dois verbos dá a entender o inverso do que nele se afirma.

e) uma metáfora, já que o tempo do esquecimento e o tempo da lembrança não podem ser simultâneos.

2. (UFRJ)

Na contramão dos carros ela vem pela calçada, solar e musical, para diante de um pequeno jardim, uma folhagem, na entrada de um prédio, colhe uma flor inesperada, inspira e ri, é a própria felicidade – passando a cem por hora pela janela. Ainda tento vê-la no espelho mas é tarde, o eterno relance. Sua imagem quase embriaga, chego no trabalho e hesito, por que não posso conhecer aquilo? – a plenitude, o perfume inusitado no meio do asfalto, oculto e óbvio. Sempre minha cena favorita.

Ela chegaria trazendo esquecimentos, a flor no cabelo. Eu estaria à espera, no jardim.

E haveria tempo.

CASTRO, Jorge Viveiros de. *De todas as únicas maneiras & outras*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2002. p. 113.

A expressão "eterno relance" compõe-se de dois vocábulos que implicam noções diferentes acerca do tempo. Explique o uso dos vocábulos combinados na expressão acima, em sua relação com a ideia central do texto.

3. (Unesp) Instrução: A questão toma por base um trecho do romance *Vidas Secas*, do escritor modernista Graciliano Ramos (1892-1953).

Vidas secas

A vida na fazenda se tornara difícil. Sinhá Vitória benzia-se tremendo, manejava o rosário, mexia os beiços rezando rezas desesperadas. Encolhido no banco do copiar, Fabiano espiava a catinga amarela, onde as folhas secas se pulverizavam, trituradas pelos redemoinhos, e os

garranchos se torciam, negros, torrados. No céu azul as últimas arribações tinham desaparecido. Pouco a pouco os bichos se finavam, devorados pelo carrapato. E Fabiano resistia, pedindo a Deus um milagre.

Mas quando a fazenda se despovoou, viu que tudo estava perdido, combinou a viagem com a mulher, matou o bezerro morrinhento que possuíam, salgou a carne, largou-se com a família, sem se despedir do amo. Não poderia nunca liquidar aquela dívida exagerada. Só lhe restava jogar-se ao mundo, como negro fugido.

Saíram de madrugada. (...)

Desceram a ladeira, atravessaram o rio seco, tomaram rumo para o Sul. Com a fresca da madrugada, andaram bastante, em silêncio, quatro sombras no caminho estreito coberto de seixos miúdos – os meninos à frente, conduzindo trouxas de roupas, Sinhá Vitória sob o baú de folha pintada e a cabaça de água, Fabiano atrás de facão de rasto e faca de ponta, a cuia pendurada por uma correia amarrada ao cinturão, o aió a tiracolo, a espingarda de pederneira num ombro, o saco da matalotagem no outro. Caminharam bem três léguas antes que a barra do nascente aparecesse.

Fizeram alto. E Fabiano depôs no chão parte da carga, olhou o céu, as mãos em pala na testa. Arrastara-se até ali na incerteza de que aquilo fosse realmente mudança. Retardara-se e repreendera os meninos, que se adiantavam, aconselhara-os a poupar forças. A verdade é que não queria afastar-se da fazenda. A viagem parecia-lhe sem jeito, nem acreditava nela. Preparara-a lentamente, adiara-a, tornara a prepará-la, e só se resolvera a partir quando tudo estava definitivamente perdido. Podia continuar a viver num cemitério? Nada o prendia àquela terra dura, acharia um lugar menos seco para enterrar-se.

Graciliano Ramos. *Vidas secas*. 1.ª edição: 1938.

Certas expressões ganham sentidos diferentes, dependendo do contexto ou da situação em que ocorrem. Assim, os adjetivos *secas* ou *torrados*, de *Vidas Secas*, estão impregnados de uma conotação negativa, diferentemente de *secas* ou *torrados* em contextos como *ameixas secas* ou *amendoins torrados*, onde são positivos. Pensando nessas possibilidades,

a) explique que sentido tem a expressão *céu azul*, para Fabiano, na frase "No céu azul as últimas arribações tinham desaparecido";

b) construa uma frase em que o contexto atribua a essa mesma expressão uma conotação positiva.

4. (UPM-SP)

01 Pois ia me esquecendo: o Vupes! (...) Esse um era

02 estranja, alemão, o senhor sabe: clareado, constituído

03 forte, com os olhos azuis, esporte de alto, leandrado,

04 rosalgar – indivíduo mesmo. Pessoa boa. Homem

05 sistemático, salutar na alegria séria. Hê, hê, com

06 toda a confusão de política e brigas, por aí, e ele

07 não somava com nenhuma coisa: viajava sensato,

08 e ia desempenhando seu negócio dele no sertão –

09 que era de trazer e vender de tudo para os fazendeiros:

10 arados, enxadas, debulhadora, facão de aço, ferramentas

11 rógers e roscofes (...). Diz-se que vive até hoje, mas

12 abastado na capital – e que é dono de venda grande,

13 loja, conforme prosperou.

João Guimarães Rosa, *Grande sertão: veredas*.

Obs.: roscofe = marca de relógios muito difundida antigamente no interior por serem os mais baratos, embora de qualidade inferior.

Assinale a alternativa correta.

a) A expressão *indivíduo mesmo* denota que o alemão era considerado um tipo comum, que não chamava a atenção por sua singularidade.

b) Os termos que estão depois dos dois-pontos em *de tudo para os fazendeiros: arados, enxadas, debulhadora, facão de aço, ferramentas rógers e roscofes* exercem a mesma função sintática dos destacados em "Ela pediu: *café, açúcar* e *biscoitos*".

c) Em *com toda a confusão de política e brigas, por aí, e ele não somava com nenhuma coisa*, a correlação entre por aí e *e ele* expressa a ideia de que o alemão se comporta como o esperado.

d) Em *seu negócio dele no sertão*, a repetição do pronome é obrigatória, porque o emprego só de *seu* – "desempenhando o seu negócio" – ou só de *dele* – "desempenhando o negócio dele" – originaria ambiguidade.

e) A expressão *alegria séria* traduz a coexistência pacífica, no alemão, de características que logicamente seriam excludentes.

5. (UFRJ)

Viver

Vovô ganhou mais um dia. Sentado na copa, de pijama e chinelas, enrola o primeiro cigarro e espera o gostoso café com leite.

Lili, matinal como um passarinho, também espera o café com leite.

Tal e qual vovô.

Pois só as crianças e os velhos conhecem a volúpia de viver dia a dia, hora a hora, e suas esperas e desejos nunca se estendem além de cinco minutos...

QUINTANA, Mário. *Sapato florido*. 1.ª reimpr. Porto Alegre: Globo, 2005.

Explique a semelhança entre a caracterização da vida na infância e na velhice, expressa no texto *Viver*, e identifique um recurso linguístico que traduza essa semelhança.

6. (UFPel-RS)

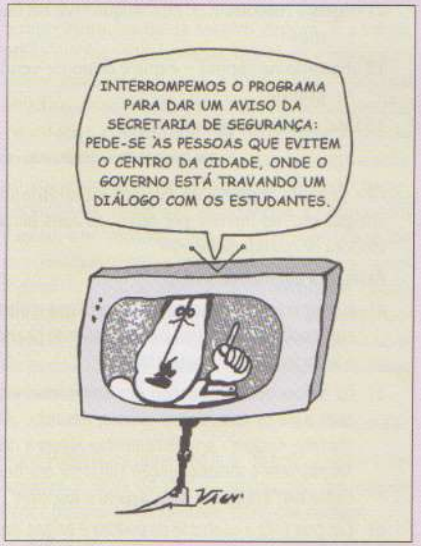

Charge de Vago publicada no *Correio da Manhã*, em 1968.

A charge expressa a conjuntura política na qual:

a) foi imposto o *Ato Institucional n.º 5*, no Brasil, e a fala é uma ironia, recurso linguístico utilizado para burlar a censura. Naquele momento, também ocorreram massivas contestações políticas na França e nos EUA.

b) ocorreu a Campanha da Legalidade, para que João Goulart assumisse a presidência da República; e a ironia da fala remete ao fato de que, nesse período, todos os avisos eram dados à população através de metáforas.

c) foi instituído o parlamentarismo, que teve Tancredo Neves como primeiro-ministro; e a referência aos estudantes na fala é irônica, visto que o "diálogo" significava espancamento e prisões dos estudantes.

d) ocorreu o processo de abertura política após a explosão na festa no Rio-Centro, o que faz a ironia da palavra *diálogo*, utilizada na notícia, apropriada, considerando a situação vivida no período.

e) o autoritarismo militar vigorou após o golpe que depôs João Goulart, sendo que, nesse período, os setores artísticos e culturais – que se opunham ao governo – manifestavam-se, de forma uníssona, através de discursos irônicos.

7. (UFPI) Um jornal de Teresina publicou uma notícia sobre um incêndio. Preencha a manchete abaixo de forma a organizá-la partindo do **geral** para o **específico**.

ESPETÁCULO GRATUITO PROMOVIDO PELO FOGO DESTRÓI ..., QUEIMA ... E DEITA POR TERRA ... NA CIDADE DE TERESINA.

Assinale a alternativa que completa corretamente a manchete.

a) casas – construções – dormitórios

b) casas – dormitórios – construções

c) dormitórios – construções – casas

d) construções – casas – dormitórios

e) construções – dormitórios – casas

8. (UEL-PR) "A ... com que agia, mascarava suas atitudes ... contra os mestiços."

a) descrição, discriminatórias

b) discreção, descriminatórias

c) discrição, descriminatórias

d) descrição, descriminatórias

e) discrição, discriminatórias

9. (Fuvest-SP) "A ... científica do povo levou-o a ... de feiticeiros os ... em astronomia."

a) insipiência, tachar, expertos

b) insipiência, taxar, expertos

c) incipiência, taxar, espertos

d) incipiência, tachar, expertos

e) insipiência, taxar, espertos

10. (Unifeb-SP) Considerando a significação das palavras apresentadas abaixo, escolher a opção que relaciona seus sinônimos, atentando para a grafia deles.

notável conceder principiante
confirmar desterrar

a) iminente, diferir, insipiente, retificar, proscrever
b) eminente, deferir, insipiente, ratificar, prescrever
c) iminente, diferir, incipiente, ratificar, prescrever
d) eminente, deferir, incipiente, ratificar, proscrever
e) eminente, diferir, insipiente, retificar, proscrever

11. (Efei-MG) Em que item os significados dos parônimos estão trocados?

a) **feroz** = bravio, perverso; **feraz** = fértil, fecundo
b) **sortir** = prover, abastecer; **surtir** = originar, produzir
c) **prescrever** = abolir, extinguir; **proscrever** = ordenar, determinar
d) **ratificar** = validar, comprovar; **retificar** = corrigir, emendar
e) **destratar** = insultar, descompor; **distratar** = anular, desfazer

12. (Fuvest-SP) "No último ... da orquestra sinfônica, houve ... entre os convidados, apesar de ser uma festa ... ."

a) conserto – flagrantes descriminações – beneficente
b) concerto – fragrantes discriminações – beneficiente
c) conserto – flagrantes descriminações – beneficiente
d) concerto – fragrantes discriminações – beneficente
e) concerto – flagrantes discriminações – beneficente

13. (UFMG) Assinale a alternativa em que o significado não corresponde à palavra dada.

a) expiar = pagar (a culpa), remir
b) secção = corte, divisão
c) sela = arreio
d) hera = planta trepadeira
e) concertar = remendar, tornar certo

14. (FMPA-MG) Assinale o item em que a palavra destacada está incorretamente aplicada.

a) Trouxeram-me um ramalhete de flores **fragrantes**.
b) A justiça **infligiu** a pena merecida aos desordeiros.
c) Promoveram uma festa **beneficiente** para a creche.
d) Devemos ser fiéis ao **cumprimento** do dever.
e) A **cessão** de terras compete ao Estado.

15. (FCC-BA) "Como os gastos foram..., solicitamos que os preços sejam ... ."

a) escessivos, discriminados
b) excescivos, discriminados
c) excessivos, descriminados
d) excessivos, discriminados
e) escessivos, descriminados

16. (FCC-BA) "O ... do deputado foi ... ."

a) mandado, caçado
b) mandado, cassado
c) mandato, cassado
d) mandato, caçado
e) mandato, casçado

17. (PUCCamp-SP) Escolha, entre as alternativas, a que propõe a substituição dos termos ou expressões em destaque, sem que haja alteração do sentido da sentença apresentada abaixo.

Parecia **estar prestes a acontecer** a desclassificação, pois os jogadores demonstraram usar métodos **pouco sábios** na **realização** dos preparativos finais para a partida decisiva.

a) emimente, incípidos, concecussão
b) eminente, insipientes, consequência
c) iminente, insipientes, consecução
d) eminente, insípidos, concecussão
e) iminente, incipientes, consequência

18. (Fuvest-SP) Explique a diferença de sentido entre:

a) Ele invocou o argumento precedente.
b) Ele invocou o argumento procedente.

19. (Fuvest-SP) Indique a alternativa correta.

a) O ladrão foi apanhado em flagrante.
b) Ponto é a intercessão de duas linhas.
c) As despesas de mudança serão vultuosas.
d) Assistimos a uma violenta coalizão de caminhões.
e) O artigo incerto na Revista de Ciências foi lido por todos nós.

20. (UFG) Leia as frases seguintes.

1. Assisti a um ... da máquina.
2. Os ... não são ignorantes.
3. Ele fez ao filho a ... de uma parte das terras.
4. De tempo em tempo se faz um novo ... da população.

Escolha a alternativa que oferece a sequência certa de vocábulos para a sequência das lacunas.

a) conserto, incipientes, sessão, censo

b) concerto, insipientes, seção, senso

c) conserto, insipientes, secção, censo

d) conserto, incipientes, cessão, censo

e) concerto, incipientes, cessão, senso

21. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa em que a frase esteja gramaticalmente correta.

a) Foi graças a interseção do diretor que consegui renovar a matrícula.

b) Entre os índios, a pior ofensa era ser tachado de covarde.

c) Li, na sessão policial do matutino, que "o criminoso cozera o desafeto a faca".

d) Apresentadas aquelas provas concludentes, o réu foi absorto.

e) A falsificação da minha rúbrica não convenceu a ninguém.

22. (Fatec-SP) Indique a frase em que as palavras destacadas apresentam a mesma relação semântica que *estranho* e *conhecido*.

a) A participação em nosso grupo provoca sentimentos de **segurança** e **bem-estar**.

b) No outro extremo, o estrangeiro provoca a nossa **desconfiança**, às vezes, o nosso **medo**.

c) Sentimos que aqueles que mais nos **conhecem** são também capazes de **ignorar** o que de melhor trazemos conosco.

d) As situações novas, além disso, são **atraentes** e **provocantes**.

e) Frequentemente sonhamos com **o país distante**, **a terra prometida** onde possamos realizar nossos desejos.

Capítulo 30

Noções elementares de estilística

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 2007. v. 4, p. 91.

Na frase "O homem não vive só de pão" as palavras *homem* e *pão* são empregadas de maneira figurada: *homem*, substantivo no singular, na verdade, está no lugar de *homens* ou *gênero humano*; *pão*, no lugar de *alimento*. Assim utilizadas, tais palavras constituem metonímias.

Foi assim que Hagar entendeu, e assim nós entendemos no primeiro quadrinho da tira. No segundo, porém, percebemos que o cartunista joga com o sentido desses termos, pois Eddie Sortudo utiliza pão no sentido próprio e não como palavra que simboliza alimento. E com esse jogo cria o humor da tira.

1. Introdução

A estilística estuda a utilização da linguagem como meio de exteriorização de dados emotivos e estéticos. Seu objeto de estudo são os processos de manipulação da linguagem que permitem a quem fala ou escreve mais do que simplesmente informar — interessam principalmente as possibilidades de sugerir conteúdos emotivos e intuitivos por meio das palavras e da sua organização.

Neste capítulo, vamos fazer um estudo bastante breve dessas possibilidades, que fogem ao âmbito dos estudos gramaticais.

2. Recursos fonológicos

Os sons da língua podem ser organizados de forma a transmitir sugestões e conteúdos intuitivos. Uma das formas de se conseguir isso é a **aliteração**, ou seja, a repetição de uma mesma consoante numa sequência linguística, como ocorre com /v/ e /l/ no trecho seguinte:

"Vozes veladas, veludosas vozes,
Volúpias dos violões, vozes veladas,
Vagam nos velhos vórtices velozes
Dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas."

(Cruz e Sousa)

A repetição de uma mesma vogal numa sequência linguística recebe o nome de **assonância**. É o que ocorre com /ã/ e /õ/ em:

"E bamboleando em ronda
dançam bandos tontos e bambos
de pirilampos."

(Guilherme de Almeida)

A tentativa de reproduzir linguisticamente sons e ruídos do mundo natural constitui a **onomatopeia**:

"Lá vem o vaqueiro pelos atalhos,
tangendo as reses para os currais.
Blem... blem... blem... cantam os chocalhos
dos tristes bodes patriarcais.
E os guizos finos das ovelhinhas ternas
dlin... dlin... dlin...
E o sino da igreja velha:
bão... bão... bão..."

(Ascenso Ferreira)

A poesia, principalmente, explora esses e outros recursos sonoros da linguagem. O estudo dos ritmos e dos padrões métricos da linguagem poética foge ao âmbito dos estudos gramaticais. Para conhecê-los, devem-se procurar as obras especializadas e principalmente os bons poemas da língua portuguesa.

3. Recursos morfológicos

Os casos mais comuns de exploração expressiva de recursos morfológicos estão relacionados com o uso de determinados sufixos. É muito frequente o emprego dos sufixos aumentativos e diminutivos para exprimir conteúdos afetivos nem sempre relacionados com a dimensão física dos seres. É o caso de palavras como *mulherão* ou *coitadinho*, que fazem referência respectivamente à beleza e às características psicológicas dos seres designados. Tratamos desses e de outros casos quando estudamos a estrutura e a formação das palavras.

4. Recursos sintáticos

A sintaxe é uma fonte inesgotável de recursos expressivos. Algumas formas de obter efeitos sutis de significação:

a. **assíndeto**, ou coordenação de termos ou orações sem utilização de conectivo. Esse recurso costuma imprimir lentidão ao ritmo narrativo:

"Foi apanhar gravetos, trouxe do chiqueiro das cabras uma braçada de madeira meio roída pelo cupim, arrancou touceiras de macambira, arrumou tudo para a fogueira."

(Graciliano Ramos)

b. **polissíndeto**, ou repetição do conectivo na coordenação de termos ou orações. Esse recurso costuma acelerar o ritmo narrativo:

"O amor que a exalta e a pede e a chama e a implora."

(Machado de Assis)

Em livro

GLEDSON, John (Org.). *50 contos de Machado de Assis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Machado de Assis, o bruxo de Cosme Velho, é mais conhecido por seus romances, verdadeiros pilares da nossa literatura. Ninguém se atreve a dizer que nunca ouviu falar de *Dom Casmurro* ou *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Mas Machado também emprestou seu talento literário para a produção de contos, dos quais cinquenta foram reunidos por John Gledson, crítico especialista em Machado de Assis. Nessa coletânea há histórias conhecidas, como "A cartomante" e "Missa do Galo", e outras que, embora menos famosas, merecem ser lidas.

c. **inversão** da ordem normal dos termos da oração ou da frase. O termo deslocado de sua posição normal recebe forte ênfase. A inversão não é privilégio da linguagem literária, ocorrendo também no uso cotidiano da linguagem:

Das minhas coisas cuido eu! Professor já não sou.

d. **repetição** de termos ou de estruturas sintáticas (chamada de anáfora quando ocorre no início de duas ou mais frases sucessivas). É um recurso de ênfase e coesão, de que falamos em vários momentos de nossos estudos.

e. **anacoluto**, ou ruptura da ordem lógica da frase. É um recurso muito utilizado nos diálogos, que procuram reproduzir na escrita a língua falada: "Quem ama o feio, bonito lhe parece" (dita de acordo com a "lógica", essa frase se transformaria em "O feio parece bonito a quem o ama").

f. **silepse** ou concordância ideológica, estudada no capítulo dedicado à concordância verbal e nominal.

5. Recursos semânticos

A exploração dos significados das palavras gera duas figuras principais: a metáfora e a metonímia.

A **metáfora** ocorre quando uma palavra passa a designar alguma coisa com a qual não mantém relação objetiva. Na base de toda metáfora está um processo comparativo. Observe:

Senti a seda do seu rosto em meus dedos.

Seda, na frase acima, é uma metáfora. Por trás do uso dessa palavra para indicar uma pele extremamente agradável ao tato, há várias operações de comparação: a pele descrita é tão agradável ao tato quanto a seda; a pele descrita é uma verdadeira seda; a pele descrita pode ser chamada seda.

Em CD

Divulgação

Chico Buarque. Gota d'água. In: *Chico 50 anos: o político* (CD). Universal Music, 1989.
O CD reúne a maioria das canções que Chico dedicou à crítica da política de seu tempo. Censuradas em sua época, músicas como "Cálice" e "Construção" fazem parte do repertório selecionado. Destaque também para a música "Gota d'água", em que Chico constrói metáforas bem expressivas.

A **metonímia** ocorre quando uma palavra é usada para designar alguma coisa com a qual mantém uma relação de proximidade, contiguidade etc. Observe:

Meus olhos estão tristes porque você decidiu partir.

Olhos, na frase acima, é uma metonímia. Na verdade, essa palavra, que indica uma parte do ser humano, está sendo usada para designar o ser humano completo.

Outras formas de explorar significados de maneira expressiva são:

a. **antítese**, ou aproximação de antônimos. Releia o texto "O quereres", do capítulo anterior, para observar como esse recurso pode ser explorado à exaustão.

b. **eufemismo**, ou atenuamento intencional da expressão em certas situações:
Falta-lhe inteligência para compreender isso.

c. **hipérbole**, ou exagero intencional da expressão:
Faria isso mil vezes se fosse preciso.

d. **ironia**, que consiste em, aproveitando-se do contexto, utilizar palavras que devem ser compreendidas no sentido oposto do que aparentam transmitir. É um poderoso instrumento para o sarcasmo:
Muito competente aquele candidato! Construiu viadutos que ligam nenhum lugar a lugar algum.

Pancho

Disponível em <portal.rpc.com.br/gazetadopovo/charges/index.phtml?foffset=24&offset=&ch=Pancho>. Acesso em: 21 jul. 2008.

O humor desta charge baseia-se na ironia. Como poderiam duas pessoas que nada têm interessar-se por um assunto cujo foco é "envelhecer com qualidade de vida"? O sarcasmo do chargista fica evidente pela própria situação – dois homens maltrapilhos em torno de uma fogueira leem sobre qualidade de vida – e pelo paradoxo contido nas últimas palavras da frase: como seria possível "morrer saudável"?

e. **gradação**, que consiste em encadear palavras cujos significados têm efeito cumulativo:

Os grandes projetos de colonização resultaram em pilhas de papéis velhos, restos de obras inacabadas, hectares de floresta devastada, milhares de famílias abandonadas à própria sorte.

f. **prosopopeia** ou **personificação**, que consiste em atribuir características de seres animados a seres inanimados ou características humanas a seres não-humanos:

A floresta gesticulava nervosamente diante do fogo que a devorava.

O ipê acenava-lhe brandamente, chamando-o para casa.

Textos para análise

1

Nunca sei ao certo
Se sou um menino de dúvidas
Ou um homem de fé

Certezas o vento leva
Só dúvidas continuam de pé

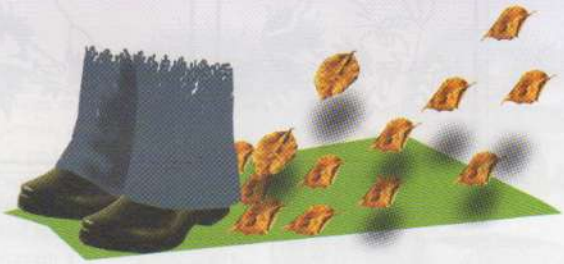

LEMINSKI, Paulo. *O ex-estranho*. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba/São Paulo: Iluminuras, 1996. p. 38.

2

NÃO TEM VISTA PRO MAR.
NÃO TEM SACADA.
NÃO TEM LUZ.
E ELES NÃO QUEREM SAIR
DE LÁ DE JEITO NENHUM.

Revista *Superinteressante*, mar. 2007. p. 19/Detalhe

Superinteressante. São Paulo: Abril, ed. 237, mar. 2007. p. 19.

3

FÉRIAS ENTRE FERAS

Revista *Os caminhos da Terra*, fev. 2008. p. 76/Detalhe

Os caminhos da Terra. São Paulo: Peixes, ano 15, n. 190, fev. 2008. p. 76-7.

4

Laerte

LAERTE. *Classificados: livro 3*. São Paulo: Devir, 2004. p. 63.

5

Um universo de encontros, de desencontros, de achados, de perdidos. Clique, acesse, descubra, mostre quem você é, quem você quer ser. Alguém pode estar esperando você do outro lado da tela. Ou não. Só existe um jeito de saber.

Revista *Superinteressante*, mar. 2007. p. 35/Detalhe

Superinteressante. São Paulo: Abril, ed. 237, mar. 2007. p. 35.

6

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM. 2007. v. 4, p. 126.

7

Janela sobre a história universal

Houve uma vez que foi a primeira vez, e então o bicho humano ergueu-se e suas quatro patas se transformaram em dois braços e duas pernas, e graças às pernas os braços ficaram livres e puderam fazer casa melhor que a copa das árvores ou a caverna do caminho. E tendo-se erguido, a mulher e o homem descobriram que é possível fazer amor cara a cara e boca a boca, e conheceram a alegria de olhar nos olhos durante o abraço de seus braços e o nó de suas pernas.

GALEANO, Eduardo. *As palavras andantes*. Porto Alegre: L&PM, 1994. p. 238.

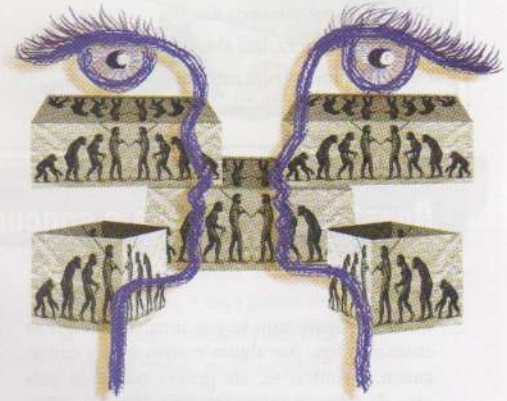

8

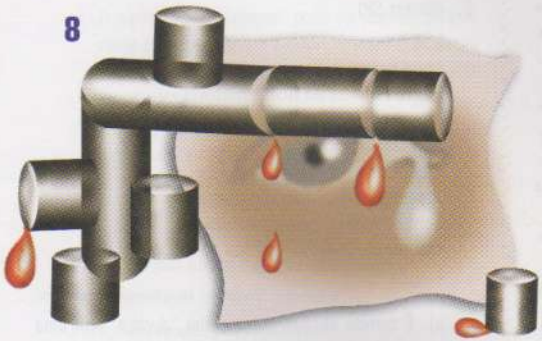

tutano no osso
miolo no crânio
berro no bolso
bala no cano
carne no aço
sangue no pano
planta o caroço
humano
no mano

ANTUNES, Arnaldo. *Boa companhia: poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 50.

Trabalhando os textos

Indique a(s) figura(s) de linguagem presente(s) em cada um dos textos apresentados.

9

Metáfora

Uma lata existe para conter algo
Mas quando o poeta diz: "Lata"
Pode estar querendo dizer o incontível

Uma meta existe para ser um alvo
Mas quando o poeta diz: "Meta"
Pode estar querendo dizer o inatingível

Por isso não se meta a exigir do poeta
Que determine o conteúdo em sua lata
Na lata do poeta tudonada cabe
Pois ao poeta cabe fazer
Com que na lata venha a caber
O incabível

Deixe a meta do poeta, não discuta,
Deixe a sua meta fora da disputa
Meta dentro e fora, lata absoluta
Deixe-a simplesmente metáfora

GIL, Gilberto. Disponível em: <gilbertogil.com.br>. Acesso em: 21 jul. 2008.

Trabalhando o texto

1. Observe as palavras destacadas nos versos transcritos e explique que relação mantêm entre si:

"Uma **meta** existe para ser um alvo" / "Por isso não se **meta** a exigir do poeta"

2. De que forma relações entre palavras como a apontada na questão 1 participam do trabalho do poeta? Explique.

3. Qual o processo de formação e o significado da palavra *tudonada*? Qual a relação dessa palavra com a sequência "dentro e fora"?

4. O que nos informam sobre a atividade do poeta as relações de significado entre as palavras *lata/incontível* e *meta/inatingível*?

5. "Deixe a sua meta fora da disputa"
Quais as relações entre esse verso e o título do texto?

6. Baseado na leitura do texto, explique em que consiste a "lata absoluta". Que relação há entre ela e a metáfora?

Questões de exames e concursos

1. (Fuvest-SP)

o Kramer apaixonou-se por uma corista que se chamava Olga. por algum motivo nunca conseguiam encontrar-se. ele gritava passando pela casa de Olga, manhãzinha (ela dormia): Olga, Olga, hoje estou de folga! mas nunca se viam e penso que ele sabia que se efetivamente se deitasse com ela o sonho terminaria. sábio Kramer. nunca mais o vi. há sonhos que devem permanecer nas gavetas, nos cofres, trancados até o nosso fim. e por isso passíveis de serem sonhados a vida inteira.

Hilda Hilst. *Estar sendo. Ter sido.*

Observações:

O emprego sistemático de minúscula na abertura de período é opção estilística da autora.

Corista = atriz/bailarina que figura em espetáculo de teatro musicado.

No trecho "há sonhos que devem permanecer nas gavetas, nos cofres, trancados até o nosso fim.", o recurso de estilo que **não** ocorre é a:

a) redundância.
b) inversão.
c) gradação.
d) metáfora.
e) enumeração.

2. (Fuvest-SP)

(...)
Num tempo
Página infeliz da nossa história
Passagem desbotada na memória
Das nossas novas gerações
Dormia
A nossa pátria mãe tão distraída
Sem perceber que era subtraída
Em tenebrosas transações
(...).

"Vai passar", Chico Buarque e Francis Hime.

a) É correto afirmar que o verbo "*dormia*" tem uma conotação positiva, tendo em vista o contexto em que ele ocorre? Justifique sua resposta.

b) Identifique, nos três últimos versos, um recurso expressivo sonoro e indique o efeito de sentido que ele produz. (Não considere a rima "distraída"/"subtraída".)

3. (Unicamp-SP) Os quadrinhos a seguir fazem parte de um material publicado na *Folha de S.Paulo* em 17 de agosto de 2005, relativo à crise política brasileira, que teve início em maio do mesmo ano.

Angeli

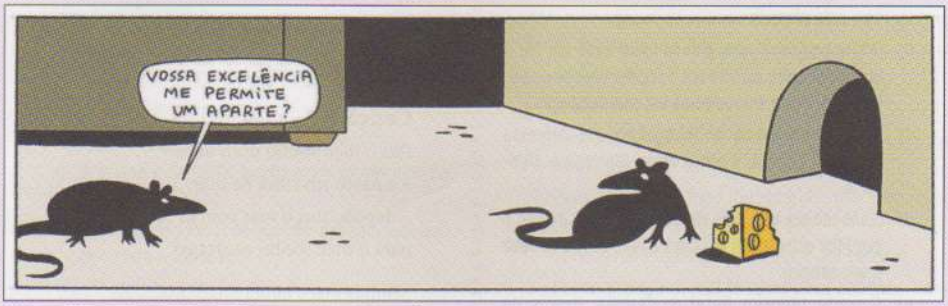

GALHARDO, Caco. *Folha de S.Paulo*, 17 ago. 2005.

No quadrinho de Caco Galhardo, outras associações com a crise política podem ser observadas.

a) "Vossa Excelência me permite um aparte" é uma expressão típica de um espaço institucional. Qual é esse espaço e quais as palavras que permitem essa identificação?

b) A expressão "um aparte" pode ser segmentada de outra maneira. Qual a expressão resultante dessa segmentação? Explique o sentido de cada uma das expressões.

c) Levando em consideração as relações entre as imagens e as palavras, explique como se constrói a interpretação do quadrinho.

4. (PUC-SP)

Oração no saco de Mangaratiba

Nossa Senhora me dê paciência
Para estes mares para esta vida!
Me dê paciência pra que eu não caia
Pra que eu não pare nesta existência
Tão mal cumprida tão mais comprida
Do que a restinga de Marambaia!...

Ainda no poema apresentado, há uma seleção vocabular que imprime um jogo semântico com sabor de trocadilho e que intensifica, na relação binária das semelhanças sonoras, a força poética do texto. Trata-se de

a) Para estes mares para esta vida!

b) Nossa Senhora me dê paciência.

c) ...que eu não caia... que eu não pare...

d) Tão mal cumprida tão mais comprida.

e) Saco de Mangaratiba / restinga de Marambaia.

5. (UPM-SP)

1 Esta história poderia chamar-se "As Estátuas".
2 Outro nome possível é "O Assassinato". E
3 também "Como Matar Baratas". Farei então pelo
4 menos três histórias, verdadeiras porque nenhuma
5 delas mente a outra. Embora uma única, seriam mil
6 e uma, se mil e uma noites me dessem.
7 A primeira, "Como Matar Baratas", começa

8 assim: queixei-me de baratas. Uma senhora ouviu-me

9 a queixa. Deu-me a receita de como matá-las.

10 (...) Assim fiz. Morreram.

11 A outra história é a primeira mesmo e cha-

ma-se

12 "O Assassinato". Começa assim: queixei-me de

13 baratas. Uma senhora ouviu-me. Segue-se a

14 receita. E então entra o assassinato.

(Clarice Lispector)

Uma das marcas do estilo de Clarice Lispector é a construção de metáforas pouco comuns, como está exemplificado em:

a) Essas grandes sombras das árvores que se estendem pela planície...

b) O que explicava esse grande valor dado por ele a um tão simples convite era o regime caseiro que D. Lauriana havia estabelecido em sua habitação.

c) Tudo daí em diante foi burburinho, que depressa passou à gritaria, e ainda mais depressa à algazarra ...

d) ...sábado era seu, mas ele queria que sua mulher e seu filho estivessem em casa enquanto ele tomava o seu sábado.

e) O nosso primeiro Natal de família, depois da morte de meu pai acontecida cinco meses antes, foi de consequências decisivas para a felicidade familiar.

6. (FGV-SP) Considere o texto seguinte para responder à questão.

Não existe liberdade sem independência financeira. Ter um currículo turbinado ou uma rede de relacionamentos em dia pode perder o valor se você não tiver também uma reserva financeira para sobreviver num momento de transição de emprego.

Você S/A, set. 2005.

A palavra *turbinado* está empregada, no contexto, em sentido figurado. Re-escreva o trecho — *Ter um currículo turbinado* — substituindo a palavra em questão por termo ou expressão de sentido não figurado.

7. (ESPM-SP) O escritor Paulo Lins em seu romance *Cidade de Deus* expressa o avanço da violência no Brasil, nas últimas décadas, com a frase: "Falha a fala. Fala a bala.". Nas duas frases só **não** se pode identificar a seguinte figura de linguagem:

a) paronomásia, pelo trocadilho ou jogo de palavras com apelo sonoro.

b) aliteração, pela repetição de fonemas consonantais.

c) assonância, pela repetição da vogal "a".

d) perífrase, pela substituição de "violência" por um dos elementos que a compõe (bala).

e) personificação, pela característica humana atribuída à "bala".

8. (PUC-SP) "... a fazenda dormia num silêncio recluso, a casa estava de luto...". A figura de linguagem empregada pelo autor de *Lavoura arcaica* nesse trecho é:

a) a metonímia.

b) a antítese.

c) a hipérbole.

d) a metáfora.

e) a prosopopeia ou a personificação.

9. (ITA-SP)

Canção

Pus o meu sonho num navio
e o navio em cima do mar;
– depois, abri o mar com as mãos
para o meu sonho naufragar

Minhas mãos ainda estão molhadas
do azul das ondas entreabertas
e a cor que escorre dos meus dedos
colore as areias desertas.

O vento vem vindo de longe,
a noite se curva de frio;
debaixo da água vai morrendo
meu sonho, dentro de um navio...

Chorarei quanto for preciso,
para fazer com que o mar cresça,
e o meu navio chegue ao fundo
e o meu sonho desapareça.

Depois, tudo estará perfeito;
praia lisa, águas ordenadas,
meus olhos secos como pedras
e as minhas duas mãos quebradas

Neste poema, há algumas figuras de linguagem. Abaixo, você tem, de um lado, os versos e, do outro, o nome de uma dessas figuras. Observe:

I. Minhas mãos ainda estão molhadas /
do azul das ondas entreaberta — sinestesia

II. e a cor que escorre dos
meus dedos — metonímia
III. o vento vem vindo de longe — aliteração
IV. a noite se curva de frio — personificação
V. e o meu navio chegue ao fundo /
e o meu sonho desapareça — polissíndeto

Considerando-se a relação verso/figura de linguagem, pode-se afirmar que:

a) apenas I, II e III estão corretas.
b) apenas I, III e IV estão corretas.
c) apenas II está incorreta.
d) apenas I, IV e V estão corretas.
e) todas estão corretas.

10. (Ufam) Assinale o item em que ocorre silepse de pessoa:

a) Vossa Excelência é realmente dinâmico e honrado.
b) "Sobre a triste Ouro Preto o ouro dos astros chove". (Olavo Bilac)
c) Quando a gente é novo, tudo são alegrias.
d) A massa enfurecida incendiaram os veículos da empresa.
e) Todos temos o dever de exprimir-nos com suficiente clareza e correção.

Textos para as questões 11 e 12.

Auto da Lusitânia

(Gil Vicente – 1465?–1536?)

Estão em cena os personagens *Todo o Mundo* (um rico mercador) e *Ninguém* (um homem vestido como pobre). Além deles, participam da cena dois diabos, *Berzebu* e *Dinato*, que escutam os diálogos dos primeiros, comentando-os, e anotando-os.

Ninguém para *Todo o Mundo*: E agora que buscas lá?

Todo o Mundo: Busco honra muito grande.

Ninguém: E eu virtude, que Deus mande que tope co ela já.

Berzebu para *Dinato*: Outra adição nos acude: Escreve aí, a fundo, que busca honra *Todo o Mundo*, e *Ninguém* busca virtude.

Ninguém para *Todo o Mundo*: Buscas outro mor bem qu'esse?

Todo o Mundo: Busco mais quem me louvasse tudo quanto eu fizesse.

Ninguém: E eu quem me repreendesse em cada cousa que errasse.

Berzebu para *Dinato*: Escreve mais.

Dinato: Que tens sabido?

Berzebu: Que quer em extremo grado *Todo o Mundo* ser louvado, e *Ninguém* ser repreendido.

Ninguém para *Todo o Mundo*: Buscas mais, amigo meu?

Todo o Mundo: Busco a vida e quem ma dê.

Ninguém: A vida não sei que é, a morte conheço eu.

Berzebu para *Dinato*: Escreve lá outra sorte.

Dinato: Que sorte?

Berzebu: Muito garrida: *Todo o Mundo* busca a vida, e *Ninguém* conhece a morte.

Ode triunfal

Álvaro de Campos (heterônimo de Fernando Pessoa – 1888–1935)

À dolorosa luz das grandes lâmpadas elétricas da fábrica

Tenho febre e escrevo.

Escrevo rangendo os dentes, fera para a beleza disto,

Para a beleza disto totalmente desconhecida dos antigos.

Ó rodas, ó engrenagens, r-r-r-r-r-r eterno!

Forte espasmo retido dos maquinismos em fúria!

Em fúria fora e dentro de mim,

Por todos os meus nervos dissecados fora,

Por todas as papilas fora de tudo com que eu sinto!

Tenho os lábios secos, ó grandes ruídos modernos,

De vos ouvir demasiadamente de perto,

E arde-me a cabeça de vos querer cantar com um excesso

De expressão de todas as minhas sensações,

Com um excesso contemporâneo de vós, ó máquinas!

Em febre e olhando os motores como a uma Natureza tropical –

Grandes trópicos humanos de ferro e fogo e força –

Canto, e canto o presente, e também o passado e o futuro,

Porque o presente é todo o passado e todo o futuro

E há Platão e Virgílio dentro das máquinas e das luzes elétricas

Só porque houve outrora e foram humanos Virgílio e Platão,

E pedaços do Alexandre Magno do século talvez cinquenta,

Átomos que hão de ir ter febre para o cérebro do Ésquilo do século cem,

Andam por estas correias de transmissão e por estes êmbolos e por estes volantes,

Rugindo, rangendo, ciciando, estrugindo, ferreando,

Fazendo-me um excesso de carícias ao corpo numa só carícia à alma.

11. (Unifesp) A **ironia**, ou uma expressão irônica, consiste em, intencionalmente, dizer o contrário do que as palavras significam, no sentido literal, denotativo. Lendo-se o fragmento de Gil Vicente, percebe-se que o autor ironiza a sociedade:

a) no nome dado a *Berzebu* que, no Novo Testamento, significa o "príncipe dos demônios".

b) no comportamento humilde do personagem *Todo o Mundo*.

c) na dissimulação contida nos nomes dos personagens e suas caracterizações: *Todo o Mundo* (=um rico mercador) e *Ninguém* (=um homem vestido como pobre).

d) no pedido que *Berzebu* faz a *Dinato*: "Escreve lá outra sorte.".

e) no comportamento obstinado do personagem *Ninguém*.

12. (Unifesp) No fragmento do *Auto da Lusitânia*, o autor utiliza um recurso estilístico que consiste no emprego de vocábulos antônimos, estabelecendo contrastes, como *vida/morte*, *louvado/repreendido*, e outros. No fragmento de "Ode triunfal", ocorre um outro recurso de estilo que consiste na invocação de seres reais ou imaginários, animados ou inanimados, vivos ou mortos, presentes ou ausentes, como *ó rodas*, *ó grandes ruídos modernos* e outros. Esses recursos estilísticos são conhecidos, respectivamente, como

a) eufemismo e onomatopeia.

b) eufemismo e apóstrofe.

c) antítese e apóstrofe.

d) antítese e eufemismo.

e) antítese e onomatopeia.

13. (PUCCamp-SP)

Verdes mares bravios de minha terra natal, onde canta a jandaia nas frondes da carnaúba;

Verdes mares que brilhais como líquida esmeralda aos raios do sol nascente, perlongando as alvas praias ensombradas de coqueiros;

Serenai, verdes mares, e alisai docemente a vaga impetuosa para que o barco aventureiro manso resvale à flor das águas.

Esse trecho é o início do romance *Iracema*, de José de Alencar. O uso repetitivo da expressão *verdes mares* e os verbos *serenai* e *alisai*, indicadores de ação do agente natural, imprimem ao trecho um tom poético apoiado em duas figuras de linguagem:

a) anáfora e prosopopeia.

b) pleonasmo e metáfora.

c) antítese e inversão.

d) apóstrofe e metonímia.

e) metáfora e hipérbole.

14. (UFSCar-SP) Assinale a alternativa que contém um trecho extraído de *Gabriela, cravo e canela*, obra de Jorge Amado, em que o autor apresenta as informações numa linguagem altamente conotativa.

a) ... soltou um bafo pesado de álcool na cara de Nacib...

b) Os olhos do árabe fitavam Gabriela a dobrar a esquina ...

c) Já cumprira Nacib, na véspera, seu dever de cidadão...

d) Mas descobriu um broche engraçado, uma sereia dourada.

e) Parecia feita de canto e dança, de sol e luar, era de cravo e canela.

15. (PUC- SP) Nos trechos "... nem um dos autores nacionais ou nacionalizados de oitenta pra lá faltava nas estantes do major." e "... o essencial é achar-se as palavras que o violão pede e deseja", encontramos, respectivamente, as seguintes figuras de linguagem:

a) prosopopeia e hipérbole.

b) hipérbole e metonímia.

c) perífrase e hipérbole.

d) metonímia e eufemismo.

e) metonímia e prosopopeia.

16. (PUC-SP) Nos trechos "O pavão é um arco-íris de plumas." e "... de tudo que ele suscita e esplende e estremece e delira...", enquanto procedimento estilístico, temos, respectivamente:

a) metáfora e polissíndeto.

b) comparação e repetição.

c) metonímia e aliteração.

d) hipérbole e anacoluto.

e) anáfora e metáfora.

17. (Acafe-SC) Relacione as colunas. Depois assinale a alternativa construída.

(1) Morrer de medo. ( ) eufemismo

(2) Baticum! O TL amarelo mergulhou na lagoa. ( ) hipérbole

(3) Você faltou com a verdade. ( ) prosopopeia

a) 3–1–2 c) 1–2–3 e) 2–3–1

b) 2–1–3 d) 3–2–1

18. (Febasp)

Se você gritasse,
se você gemesse,
se você tocasse
a valsa vienense,
se você dormisse,
se você cansasse,
se você morresse...
Mas você não morre,
você é duro, José...

(Carlos Drummond de Andrade)

Considerando a repetição da expressão "se você" no início dos versos; a repetição dos sons *cê* (*se, cê, sse*) e a expressão "você é duro", estilisticamente ocorrem:

a) anáfora, aliteração, metáfora.

b) pleonasmo, assonância, prosopopeia.

c) anadiplose, polissíndeto, personificação.

d) metáfora, silepse, anáfora.

19. (PUC-SP) Nos versos:

Última flor do Lácio, inculta e bela,
És, a um tempo, esplendor e sepultura,

temos, respectivamente:

a) metonímia e metáfora.

b) metáfora e antítese.

c) hipérbole e prosopopeia.

d) pleonasmo e antítese.

e) paronomásia e onomatopeia.

20. (Unicamp-SP) A conhecida ironia de Machado de Assis fica evidente na seguinte passagem do romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*:

... Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis...

Nesse, como em muitos outros trechos de seus romances, o escritor usa com maestria as palavras, obtendo, através de sua combinação, o efeito cômico desejado.

Diga qual é a ironia presente na passagem citada e explique de que maneira Machado consegue obter o efeito cômico através das relações de significação que se estabelecem entre as palavras que ele escolheu.

21. (UFV-MG)

Lua cheia

Boião de leite
que a Noite leva
com mãos de treva
pra não sei quem beber.
E que, embora levado
muito devagarzinho,
vai derramando pingos brancos
pelo caminho.

(Cassiano Ricardo)

No texto acima, *boião de leite* é uma:

a) metáfora. d) prosopopeia.

b) hipérbole. e) repetição.

c) metonímia.

22. (UEL-PR)

Senhor, nada valho.
Sou a planta humilde dos quintais pequenos e das lavouras pobres.
Meu grão, perdido por acaso,
Nasce e cresce na terra descuidada.
(...)
O Justo não me consagrou Pão da Vida, nem lugar me foi dado nos altares.

(Cora Coralina)

Nos versos transcritos acima, Cora Coralina, através de uma figura de linguagem, contrapõe dois cereais. Responda:

a) Qual a figura empregada?

b) Quais os cereais contrapostos?

c) O que eles simbolizam?

23. (FOC-SP) Observe a oração:

O **tique-taque** do relógio nos perturbava.

Qual a figura de linguagem da expressão destacada?

24. (FOC-SP) "Sois Anjo, que me tenta, e não me guarda." Temos aqui a seguinte figura de linguagem, típica do Barroco:

a) antítese c) elipse

b) pleonasmo d) hipérbole

25. (UniFMU-SP) Nos versos:

O vento voa
a noite toda se atordoa.

aparece a mesma figura:

a) metáfora
b) metonímia
c) hipérbole
d) personificação
e) antítese

26. (UPM-SP) Aponte a alternativa em que não haja uma comparação.

a) Rio como um regato que soa fresco numa pedra.
b) É mais estranho do que todas as estranhezas que as cousas sejam realmente o que parecem ser.
c) Qual um filósofo, o poeta vive a procurar o mistério oculto das cousas.
d) Os pensamentos das árvores a respeito do mistério das cousas são tão estranhos quanto os dos rios.
e) Os meus sentidos estavam tão aguçados, que aprenderam sozinhos o mistério das cousas.

27. (UPM-SP) "Fitei-a longamente, fixando meu olhar na menina dos olhos dela."

No período acima, ocorre uma figura de palavra conhecida como:

a) metáfora.
b) catacrese.
c) antonomásia.
d) metonímia.
e) sinédoque.

28. (UPM-SP) Aponte a alternativa que contenha a mesma figura de pensamento existente no período:

Acenando para a fonte, o riacho despediu-se triste e partiu para a longa viagem de volta.

a) O médico visualizou, por alguns segundos, a cara magra do doente, antes que a última paixão se calasse.
b) Os arbustos dançavam abraçados com os pinheiros a suave valsa do crepúsculo.
c) Contemplando aquela terna fisionomia, afastou-se com um sorriso pálido e irônico.
d) Só o silêncio tem sido meu companheiro neste período amargo de intensa solidão.
e) A mesquinhez de tua atitude é poço profundo, cavado no íntimo de teu espírito.

29. (Fesp-SP) Assinale a figura presente na estrofe abaixo.

Vi uma estrela tão alta,
Vi uma estrela tão fria!
Vi uma estrela luzindo,
Na minha vida vazia.

(Manuel Bandeira)

a) assíndeto
b) pleonasmo
c) anacoluto
d) anáfora
e) silepse

30. (Fuvest-SP)

No tempo de meu Pai, sob estes galhos,
Como uma vela fúnebre de cera,
Chorei bilhões de vezes com a canseira
De inexorabilíssimos trabalhos!

Identifique a figura empregada nos versos destacados:

a) antítese
b) anacoluto
c) hipérbole
d) litotes
e) paragoge

31. (Fuvest-SP) Identifique a figura de linguagem presente no verso em destaque.

Quando a indesejada das gentes chegar
(Não sei se dura ou caroável),
Talvez eu tenha medo,
Talvez sorria e diga:
— Alô, iniludível!

a) clímax
b) eufemismo
c) sínquise
d) catacrese
e) pleonasmo

32. (UniFMU-SP) Em "Dizem que os cariocas somos pouco dados aos jardins públicos.", há:

a) pleonasmo.
b) hipérbato de pessoa.
c) silepse de gênero.
d) silepse de pessoa.
e) silepse de número.

33. (Unimep-SP) Todas as frases a seguir são corretas. Assinale a única que encerra anacoluto.

a) Aos homens parece não existir a verdade.
b) Os homens parece-lhes não existir a verdade.
c) Os homens parece que ignoram a verdade.
d) Os homens parece ignorarem a verdade.
e) Os homens parecem ignorar a verdade.

34. (UFMG) "Meu pai e o proprietário sumiram-se, foram cuidar de negócios, numa daquelas conversas cheias de gritos. Minha mãe e eu ficamos cercados de saias."

Considerando essa passagem, de *Infância*, de Graciliano Ramos, responda:

a) Que figura de estilo ocorre no último período?
b) Re-escreva-o em linguagem denotativa.

Lista de instituições promotoras de exames e concursos

Acafe-SC – Associação Catarinense das Fundações Educacionais

ACP-SP – Secretaria de Concursos Públicos da Academia de Polícia Civil de São Paulo

Aman-RJ – Academia Militar das Agulhas Negras

Cefet – Centro Federal de Educação Tecnológica

Cesesp-PE – Centro de Seleção ao Ensino Superior de Pernambuco

Cesgranrio-RJ – Fundação Centro de Seleção de Candidatos ao Ensino Superior do Grande Rio

Conesul – Fundação Conesul de Desenvolvimento

CTA-SP – Comissão de Trabalho, de Administração e Serviço Público

ECT – Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos

EEM-SP – Escola de Engenharia de Mauá

Efei-MG – Escola Federal de Engenharia de Itajubá

Efoa-MG – Escola de Farmácia e Odontologia de Alfenas

Empasial – Empasial Empreendimentos e Participações Ltda.

Enem – Exame Nacional do Ensino Médio

EPM-SP – Escola Paulista da Magistratura

Esalq-SP – Escolar Superior de Agricultura Luiz de Queiroz

Esan-SP – Escolar Superior de Administração de Negócios de São Paulo

ESPM-SP – Escola Superior de Propaganda e Marketing de São Paulo

ESPP – Empresa de Seleção Pública e Privada

Faap-SP – Fundação Armando Álvares Penteado

Famerp-SP – Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto

Fasp-SP – Faculdades Associadas de São Paulo

Fatea-SP – Faculdades Integradas Teresa D'ávila (Lorena)

Fatec-SP – Faculdade de Tecnologia de São Paulo

FCC – Fundação Carlos Chagas

FCL-SP – Faculdade Cásper Líbero

FCMSC-SP – Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo

Febasp – Faculdade de Belas Artes de São Paulo

Fecap-SP – Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado

Fefasp – Faculdade de Economia, Finanças e Administração de São Paulo

FEI-SP – Faculdade de Engenharia Industrial

Fepese – Fundação de Estudos e Pesquisas sócioeconomicos

Fesp-SP – Faculdade de Engenharia de São Paulo

FGV-SP – Fundação Getúlio Vargas de São Paulo

FMPA-MG – Faculdade de Medicina de Pouso Alegre

FOC-SP – Faculdades Oswaldo Cruz

FSA-SP – Centro Universitário Fundação Santo André

Fumarc – Fundação Mariana Resende Costa

Fundec – Fundação Euclides da Cunha

Fuvest-SP – Fundação Universitária para o Vestibular

Ibmec – Faculdades do Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais

ITA-SP – Instituto Tecnológico de Aeronáutica

Moura Melo – Moura Melo Concursos

PUC – Pontifícia Universidade Católica

PUCCamp-SP – Pontifícia Univesidade Católica de Campinas

TJ-SP – Poder Judiciário de São Paulo

TRF-RJ – Tribunal Regional Federal do Rio de Janeiro

UCS-RS – Universidade de Caxias do Sul

Udesc – Universidade do Estado de Santa Catarina

UEL-PR – Universidade Estadual de Londrina

UEM-PR – Universidade Estadual de Maringá

UEPB – Universidade Estadual da Paraíba

UEPG-PR – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Uerj – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Ufam – Universidade Federal do Amazonas

UFC – Universidade Federal do Ceará

Ufes – Universidade Federal do Espírito Santo

UFF-RJ – Universidade Federal Fluminense

UFG – Universidade Federal de Goiás

UFJF-MG – Universidade Federal de Juiz de Fora

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UFMS – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

UFMT – Universidade Federal do Mato Grosso

UFPA – Universidade Federal do Pará

UFPE – Universidade Federal de Pernambuco

UFPel-RS – Universidade Federal de Pelotas

UFPI – Universidade Federal do Piauí

UFPR – Universidade Federal do Paraná

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

UFRPE – Universidade Federal Rural de Pernambuco

UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UFSCar-SP – Universidade Federal de São Carlos

UFU-MG – Universidade Federal de Uberlândia

UFV-MG – Universidade Federal de Viçosa

UMC- SP – Universidade de Mogi das Cruzes

UnB-DF – Universidade de Brasília

Unesp-SP – Universidade Estadual Paulista

Unicamp-SP – Universidade Estadual de Campinas

Unifal-MG – Universidade Federal de Alfenas

Unifeb-SP – Centro Universitário da Fundação Educacional de Barretos

Unifenas-MG – Universidade José do Rosário Vellano

Unifesp – Universidade Federal de São Paulo

UniFMU-SP – Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas

Unilus-SP – Centro Universitário Lusíada

Unimar-SP – Universidade de Marília

Unimep-SP – Universidade Metodista de Piracicaba

Unisa-SP – Universidade de Santo Amaro

Uniube-MG – Universidade de Uberaba

UPM-SP – Universidade Presbiteriana Mackenzie

USCS-SP – Universidade Municipal de São Caetano do Sul

Vunesp-SP – Fundação para o Vestibular da Universidade Estadual Paulista

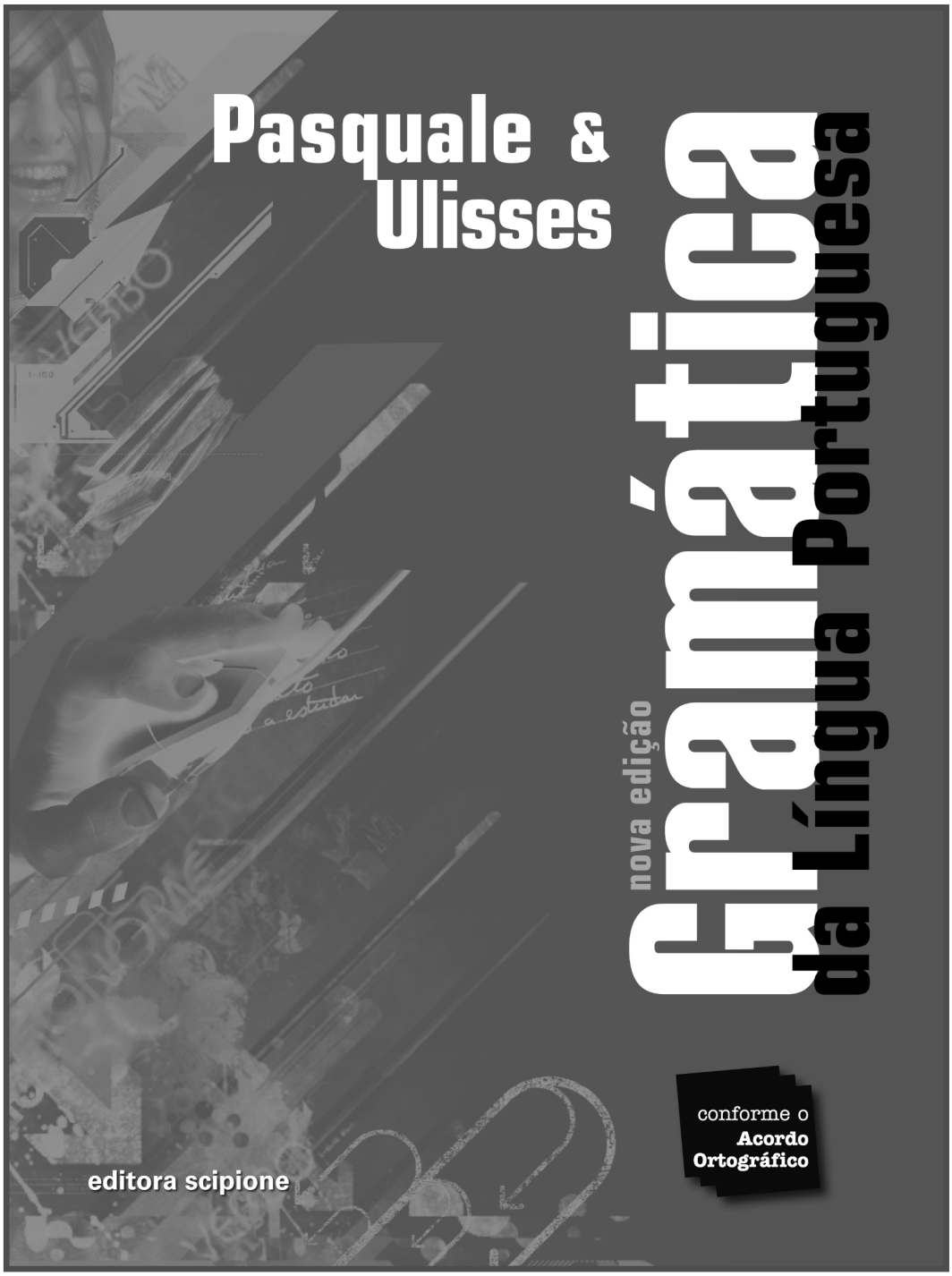

Assessoria Pedagógica

editora scipione

Apresentação

AO PROFESSOR

Este é um livro dedicado ao ensino da norma culta da língua portuguesa em sua vertente brasileira. É um livro que procura apresentar ao aluno os conteúdos da disciplina gramatical de forma a que ele possa servir-se desses conteúdos para satisfazer suas necessidades comunicativas do dia-a-dia.

É claro que nos estamos referindo às necessidades comunicativas em que o uso do padrão culto da língua se faz necessário. Insistimos em que, na nossa opinião, a escola deve ensinar ao aluno aquilo que ele não sabe — o que, apesar de constituir uma obviedade, nem sempre é, a nosso ver, algo que se desenha com clareza para muitos que opinam sobre a educação: ora, uma das dificuldades do estudante brasileiro é justamente a aquisição do padrão formal da língua, uma vez que os meios de comunicação de massa — pela dinâmica de trabalho que lhes é própria — privilegiam as formas coloquiais da língua. No entanto, exames, vida burocrática ou acadêmica exigem do aluno o uso e o reconhecimento das formas cultas da língua. Por isso, acreditamos que a escola deva empregar muita de sua energia no ensino desse padrão.

Fique claro que isso não significa estigmatizar as demais formas da língua: significa apenas e tão-somente concentrar esforços naquilo que o aluno desconhece. Aliás, muito confusão tem sido gerada a partir da noção de que se deve valorizar a forma de língua que o aluno possui. Sim, concordamos com isso: não concordamos, no entanto, com a noção de que valorizá-la significa manter o aluno preso a essa única forma de língua. Não concordamos, principalmente, com quem, a partir desse pretexto, estigmatiza a norma culta, atuando de forma preconceituosa — e perniciosamente preconceituosa (se é que é possível que haja preconceito não pernicioso…), pois se disfarça numa aparentemente simpática postura de tolerância, respeito e o que quer que seja. Respeito e tolerância têm, na verdade, aqueles que acreditam que ao aluno devem ser apresentadas todas as formas possíveis da língua para que ele venha a se tornar um "poliglota de sua própria língua" — que, como se pode facilmente depreender, é capaz de falar as formas coloquiais e de escrever as formas cultas e não só…

Transformamos o estudo dos textos no ponto de chegada de cada capítulo. E o conceito de texto aqui empregado é bastante amplo: poemas, letras de canções, anúncios publicitários, textos de jornais e revistas de grande circulação. Textos atuais, produzidos numa forma de língua apropriada a um ensino atualizado e dinâmico. Textos com os quais todos os cidadãos de um país têm de se defrontar para o exercício de sua cidadania. Essa opção pela diversidade e pela atualidade textual se baseia em convicções próprias e nas colocações teóricas de um grande pensador da linguagem:

> *Ignorar a natureza do enunciado e as particularidades de gênero que assinalam a variedade do discurso em qualquer área do estudo linguístico leva ao formalismo e à abstração, desvirtua a historicidade do estudo, enfraquece o vínculo existente entre a língua e a vida. A língua penetra a vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra a língua.*
>
> (Mikhail Bakhtin, in *Estética da criação verbal*, p. 282 — grifo nosso.)

Os capítulos do livro apresentam uma estrutura bem-definida. As seções presentes são:

a **Teoria gramatical** — Apresentação clara, precisa e completa dos principais tópicos do ensino gramatical. Destacamos que a teoria exposta neste livro se baseia nas gramáticas normativas mais atualizadas, nos manuais de redação da mídia impressa e na observação dos procedimentos normativos dos mais prestigiosos vestibulares do país e do ENEM.

b **Atividades** — Exercícios de aplicação dos conteúdos gramaticais, destinados a automatizar o emprego de estruturas da língua por parte do aluno. São, portanto, exercícios eminentemente práticos, que insistem em aspectos importantes da forma culta da língua. Podem ser feitos oralmente ou por escrito, a critério do professor. Menos frequentemente, esses exercícios abordam aspectos teóricos da gramática; de uma forma geral essa abordagem está limitada às Questões de exames e concursos, no final de cada capítulo.

c **Textos para análise** — Elenco de textos para análise e discussão. Procuramos, sempre que possível, oferecer textos de gêneros diferentes (textos publicitários, letras de canções, poemas, textos jornalísticos etc.), a fim de obter uma amostragem mais compreensiva.

d **Questões de exames e concursos** — Oportunidade de trabalhar em sala de aula esse item tão cobrado pelos alunos. Colocados no final do capítulo, podem ser usados pelo professor da forma que julgar mais conveniente: aos poucos, acompanhando o desenvolvimento do curso, ou como revisão geral, no final do curso.

Destacamos que o aspecto mais importante do livro reside no trabalho de análise dos textos. Por isso, recomendamos que a leitura e investigação de cada texto seja feita com carinho e dedicação. Recomendamos que cada análise seja precedida de uma conversa prévia sobre o tema, a fim de instigar a curiosidade do aluno e de fazê-lo sistematizar, ainda que de forma apenas esboçada, o conhecimento que já possui a respeito do tema a ser discutido; a seguir, deve-se solicitar do aluno uma leitura silenciosa e uma primeira leitura das questões propostas. Uma leitura em voz alta para discussão de aspectos de vocabulário pode ser o passo seguinte: apesar de desaconselhada por alguns, a leitura em voz alta é defendida por muitos, e, a nosso ver, constitui um poderoso instrumento para que o professor avalie o grau de inteligência do texto por parte do aluno — em outras palavras, as modulações da leitura em voz alta permitem perceber até que ponto os feixes de sentido do texto foram devidamente captados pelo leitor. No caso das canções, é sempre agradável apresentá-las por meio de um aparelho de som. Apesar da atitude preconceituosa de muitos — que chegam a dizer que vão retirar seus filhos das escolas em que se apresenta música popular nas aulas de língua —, reafirmamos que a música popular brasileira é um patrimônio cultural absolutamente valioso deste país e que, de acordo com essa convicção, sempre estará presente em nosso trabalho como ponto de partida para atividades de reflexão linguística, estética, crítica.

O professor encontrará, ao longo deste manual, comentários e propostas de atividades afinados com as atividades específicas e com os textos selecionados.

Agradecemos antecipadamente todas as críticas e sugestões que forem feitas por nossos colegas, salientando que as julgamos indispensáveis ao aprimoramento de nosso trabalho.

OS AUTORES

1 Respostas das questões propostas

Capítulo 2 – Fonologia

Atividade *(p. 20)*

O objetivo desta atividade é apresentar ao aluno as principais particularidades das relações entre letras e fonemas na língua portuguesa. Para isso, destacamos em cada caso o fato gramatical mais importante.

a) hora: quatro letras, três fonemas (a letra *h* não representa nenhum som)
b) acesso: seis letras, cinco fonemas (ocorre o dígrafo *ss*)
c) arrastar: oito letras, sete fonemas (dígrafo *rr*)
d) tóxico: seis letras, sete fonemas (a letra *x* representa dois sons — /ks/)
e) distinguir: dez letras, oito fonemas (dígrafos *in* e *gu*; observar que a pronúncia culta dessa palavra se faz com o dígrafo *gu*)
f) querer: seis letras, cinco fonemas (dígrafo *qu*)
g) água: quatro letras, quatro fonemas
h) quarto: seis letras, seis fonemas
i) banho: cinco letras, quatro fonemas (dígrafo *nh*)
j) obsessão: oito letras, sete fonemas (dígrafo *ss*)
k) obcecado: oito letras, oito fonemas
l) queijinho: nove letras, sete fonemas (dígrafos *qu* e *nh*)

Atividades *(p. 24)*

1. Esta atividade, como ficará ainda mais claro na próxima seção do capítulo, é muito importante para o estudo da divisão silábica em português.

a) semivogal
b) semivogal
c) vogal
d) vogal
e) semivogal
f) semivogal
g) semivogal
h) vogal
i) vogal
j) semivogal

2. Esta atividade reforça o conceito de fonema, evidenciando como a oposição nasal/oral pode estabelecer diferença de sentido. Além disso, reforça o estudo dos dígrafos.

a) manto
b) senda
c) cinto
d) ponte
e) mundo

3. O estudo dos homorgânicos é importante para despertar no aluno a consciência de que alguns fonemas são emitidos de forma muito semelhante à de outros, o que pode muitas vezes provocar pouca clareza na dicção. Prestar atenção a eles e emiti-los com cuidado é importante para o desenvolvimento da boa dicção e da performance oral. Além disso, há claro caráter lúdico neste jogo com sons da língua.

a) cato
b) dedo
c) bato
d) beijinho
e) jato
f) fale

4. Prática oral. O professor deve insistir na necessidade de se estabelecer uma nítida diferença na produção dos sons selecionados para o exercício e aproveitar para valorizar a boa dicção.

Atividades *(p. 28)*

1. Reconhecer encontros vocálicos é importante para a divisão silábica e para a acentuação gráfica.

a) algu**é**m – ditongo nasal decrescente
b) tr**ou**xer**am** – ditongo oral decrescente e ditongo nasal decrescente
c) di**á**spora – hiato
d) M**oo**ca – hiato
e) t**ui**-**ui**-**ú** – ditongos orais decrescentes (ui) e hiatos (entre ui-ui e entre *ui-ú*)
f) P**i**-**au**-**í** – hiato, ditongo oral decrescente e hiato
g) id**ei**-**a** – ditongo oral decrescente e hiato
h) gên**io** – ditongo oral crescente (ou hiato)
i) tir**e**-**oi**-de – hiato e ditongo oral decrescente
j) cl**au**strofob**ia** – ditongo oral decrescente e ditongo oral crescente (ou hiato)
k) melanc**i**-**a** – hiato
l) s**a**-**í**-ram – hiato
m) sobress**ai** – ditongo oral decrescente
n) sobress**a**-**í** – hiato
o) ig**uais** – tritongo oral
p) circ**ui**-to – ditongo oral decrescente (cuidado com a pronúncia culta desta palavra!)
q) bal**õe**s – ditongo nasal decrescente
r) aç**ão** – ditongo nasal decrescente

2. Conhecer os encontros consonantais é importante para a divisão silábica.

a) encontro consonantal (gr)
b) encontro consonantal (d-q) e dígrafo consonantal (qu)
c) encontro consonantal (br)
d) dígrafo consonantal (sc)
e) dígrafo consonantal (xc)
f) dígrafo consonantal (ss)
g) encontro consonantal (pl)
h) dígrafo consonantal (ch)
i) encontro consonantal (cr)
j) dígrafo consonantal (sç)
k) encontro consonantal (fl) e dígrafo consonantal (ch)
l) encontro consonantal (bl) e dígrafo consonantal (qu)
m) encontros consonantais (r-p- e pr-)
n) encontro consonantal (cl) e dígrafo consonantal (ss)
o) encontros consonantais (f-t, l-m e s-t)
p) encontros consonantais (pt- e c-t-)

3. A correta representação da divisão silábica é uma das particularidades da língua escrita culta.

a) subs-tân-cia (ou -ci-a)
b) sur-pre-en-den-te
c) ad-qui-rir
d) a-di-vi-nhar
e) ru-im
f) gra-TUI-to (cuidado com a pronúncia culta desta palavra!)

g) abs-ces-so
h) a-tua-li-za-ção
i) psi-qui-a-tri-a
j) me-lan-ci-a
k) pneu-má-ti-co
l) ad-ven-tí-cio (ou -ci-o)
m) in-tros-pec-ção
o) felds-pa-to

Textos para análise *(p. 29)*

Texto 1

Os provérbios são um excelente material para se trabalhar o aspecto sonoro dos textos. Sugerimos que se faça um levantamento oral dos provérbios conhecidos pelos alunos e que se analisem, num primeiro momento, apenas os jogos de palavras obtidos com a troca de um simples fonema. Posteriormente, a análise dos significados dos ditos populares e a função dos recursos de linguagem utilizados por eles podem constituir um momento de reflexão sobre a riqueza da sabedoria popular, tantas vezes desprezada em nossos dias.

1. O aluno deve mostrar que as palavras *fala* e *cala* diferem uma da outra porque entre elas há a oposição entre os fonemas /f/ e /k/. Dessa oposição derivam as diferenças de significado entre as palavras. Por serem capazes de estabelecer essas oposições, /f/ e /k/ são fonemas. Nos provérbios, também são os fonemas os responsáveis pela oposição entre algumas das palavras neles utilizadas: em *loucas* e *moucas* opõem-se os fonemas /l/ e /m/; em *calar* e *falar*, /f/ e /k/; em *sorte* e *forte*, /s/ e /f/; e em *riso* e *siso*, /r/ e /s/.

2. O aluno deve perceber que a exploração da semelhança sonora é um recurso da linguagem poética presente na linguagem popular. Como num jogo, o estrato sonoro atua para seduzir, atrair. Tal recurso — que pode ser encontrado também em quadrinhas populares, adivinhas e cantigas infantis — nos provérbios tem a função de facilitar a memorização e de atrair a atenção para o sentido do que é dito. Afinal, é assim que a sabedoria popular passa de geração a geração, quase sempre falada, memorizada pela síntese e pela beleza do dizer.

Texto 2

Antes de ler o texto, deve-se perguntar aos alunos o que esperam quando leem revistas de divulgação científica: elas têm de ser rigorosas em sua conceituação e exposição ou podem cometer "pequenos" equívocos em nome da simplificação? Esse rigor deve ser o mesmo para todas as publicações ou aquelas mais populares podem ser mais tolerantes do que as que estão ligadas a instituições como a SBPC, que publica a revista *Ciência Hoje*? Depois dessa conversa inicial, deve-se fazer a leitura e a análise do texto.

O aluno deve perceber que o texto deveria utilizar o conceito de fonema e não o de letra quando se refere a vogais e consoantes: afinal, o que está gravado no fundo do cérebro não são letras — sinais gráficos — mas sim fonemas — imagens acústicas. Saber que a distinção entre fonemas vocálicos e consonantais está relacionada não só às particularidades de produção desses sons, mas também à área do cérebro em que são armazenados e processados é realmente um dado importante para quem pensa e investiga a linguagem humana. Os resultados de pesquisas como essa podem ser muito úteis, por exemplo, aos fonoaudiólogos.

O aluno deve perceber que os problemas do texto podem ser resolvidos por meio da substituição do conceito de letra pelo de fonema. E que uma forma de fazer essa substituição sem provocar dúvidas no leitor é fornecer a ele uma pequena definição de fonema logo após a primeira ocorrência do termo no texto.

Texto 3

Uma recomendação que será sempre reiterada ao longo deste livro é a de que as canções sejam sempre ouvidas pelos alunos antes das atividades de leitura e interpretação. Insistimos nisso porque, por mais que uma letra constitua um texto dotado de sentido por si mesmo, a colagem da música ao texto e do texto à música inevitavelmente faz brotar nuanças de sentido importantes para a compreensão do todo que é a canção. Além disso, estamos convictos de que a música popular do Brasil é uma manifestação artística riquíssima tanto pelo seu valor estético, como pelos diálogos que estabelece com a realidade social, com a história, com a literatura e com outros componentes da vida brasileira: por isso, a escola deve constituir um lugar privilegiado para a escuta, a apreciação e a apreensão desse patrimônio cultural.

"Na rede" é uma bela canção cuja letra oferece material produtivo para a análise e expansão dos conteúdos estudados neste capítulo. Recomendamos que, antes da audição ou leitura da canção, o professor converse com os alunos sobre os vários significados que a palavra *rede* pode ter (instrumento de pesca, artefato para sono e repouso, sistema de componentes interligados, como a Internet) e sobre a importância desses elementos na vida de cada um.

O professor deve, se julgar oportuno, comentar o fato de que na letra da canção não há uniformidade de tratamento, ou seja, o sujeito lírico trata a pessoa a que se dirige como você (terceira pessoa) e como tu (segunda pessoa).

1. O aluno deve ser capaz de definir fonema a partir da comparação entre as palavras *peixe* e *feixe*. É a oposição sonora entre /p/ e /f/ que cria a diferença de sentido entre as duas palavras; por isso, tanto /p/ quanto /f/ são fonemas. É importante comentar com os alunos que o uso de duas palavras tão semelhantes em termos fonológicos foi uma escolha consciente dos autores da canção.

2. aq**uá**rio: ditongo oral crescente
aquár**io**: ditongo oral crescente (ou hiato)
m**ai**or: ditongo oral decrescente
ma**io**r: hiato
em: ditongo nasal decrescente
s**eu**s: ditongo oral decrescente
c**au**sa: ditongo oral decrescente

ef**ei**to: ditongo oral decrescente
ouvido: ditongo oral decrescente
Mostrar ao aluno que o reconhecimento dos encontros vocálicos é útil para a separação silábica.

3. a) ne**nh**um(a), **qu**e(m), espe**lh**ado, o**lh**os, con**ch**a, ba**ru**lho, sa**rr**abu**lh**o, mergu**lh**o, ultrapa**ss**a, te**rr**a, e**rr**a, o**lh**ar
b) nenh**um**, c**on**cha, **on**da, rib**om**bo, **em**briaga, qu**an**do, **en**volve, t**an**to, p**en**so, c**on**trola
A terminação *-em*, quando é átona e final, representa um ditongo. (em, quem, tem).
c) me**rg**ulho, con**tr**ola, cere**br**al, u**ltr**apassa, ace**rt**a, **pl**aneta, envo**lv**e, devo**lv**e, e**xpl**ode
Mostrar ao aluno que o reconhecimento de dígrafos e de encontros consonantais é importante para a correta separação silábica.

4. O aluno deve mostrar que diferencia o dígrafo *qu* (de *quem*) da sequência *qu* em que a consoante /k/ e a semivogal /w/ são pronunciadas (como em *aquário*).

5. O aluno deve perceber que se trata de palavras cuja sonoridade evoca o próprio barulho do mar. Pode-se introduzir o conceito de onomatopeia a partir desse material que o texto oferece: *pipoco* e *ribombo* são nitidamente palavras de origem onomatopeica.

6. O aluno deve perceber que o fonema /t/ é repetido diversas vezes ao longo do verso: "O **t**an**t**o de **t**udo que eu **t**ô pra **t**e dar." Essa repetição cria uma reiteração rítmica capaz de sugerir movimento — sugestão que tem afinidade com os sons marinhos de que o texto tanto fala. O professor pode, se julgar conveniente, utilizar a denominação técnica *aliteração* para nomear essa repetição de fonemas consonânticos. Mais importante do que isso, no entanto, é despertar no aluno a noção de que esses recursos linguísticos devem ser percebidos como formas delicadamente artesanais de colaborar para a construção ampla de sentidos que é o texto. Outro verso em que se percebe uso semelhante dos fonemas é "Nem quando ul**t**rapassa o **t**amanho da **t**erra."

7. O aluno deve perceber que *rede*, no texto, designa um instrumento de pesca (se tomamos como literal o sentido de "Mergulho na onda vaga / E eu caio na rede"), um sistema de elementos interligados, como é a Internet (a rede que "envolve todo o planeta"), e também a rede para deitar (*cair na rede* significa, nesse caso, "deitar-se" — e a rede também é, em muitas regiões do Brasil, o lugar da consumação física do amor). Esse último sentido é reforçado, na canção, pelo ruído de balanço de rede que se pode ouvir no final da gravação.

8. O sujeito lírico "cai" nas várias redes que o texto evoca. Como um peixe, cai na rede que lhe arma a amada, comandado pelo "feixe de ondas" que ela emite. Apaixonado, consuma com ela o amor na rede que balança. E navega pela rede mundial, que, sinal da globalização, não é, para ele, maior que o amor que sente. É esse ponto que parece explicar por que o sujeito lírico insiste em afirmar que seu amor é maior do que qualquer rede mundial: é a afirmação do valor individual e da liberdade pessoal em contraposição à padronização e uniformização de conceitos e valores que a globalização tende a implicar.

Questões de exames e concursos *(p. 32)*

1. b	**2.** c	**3.** a	**4.** b	**5.** d
6. c	**7.** e	**8.** d	**9.** c	**10.** b
11. d	**12.** c	**13.** c	**14.** c	**15.** b
16. d	**17.** d	**18.** d	**19.** b	**20.** e
21. a	**22.** a			

Capítulo 3 – Ortografia

Atividades *(p. 40)*

1. a) peixes, encaixotados
b) rebaixado, recauchutados
c) enxurrada, baixa, encharcados
d) mexa, mexeriqueiro, mechas
e) xampu
f) faxineira, caxumba, relaxada, muxoxo
g) bochechas, roxas, xale

2. a) chuchus, berinjelas, tangerinas, gengibre, vagem
b) viagem, viajem
c) ferrugem, enferrujar
d) vertigem, contagem
e) lisonjeado, homenagem, varejistas, região, coragem
f) prestígio, origem
g) agilidade, tigela, argila, gestos

3. O aluno deve ser capaz de empregar corretamente as palavras selecionadas para a atividade. É sempre interessante e produtivo oferecer para a apreciação da classe os resultados do trabalho individual dos alunos em atividades como esta.

Atividades *(p. 46)*

1. a) imoral = indecente, contrário à moralidade; amorais = típicas de quem desconhece os parâmetros morais
b) comprimento = dimensão física; cumprimento = saudação; cumprimento = realização
c) emergiu = veio à tona; imergiu = mergulhou
d) flagrante = surpreendido na prática de algum ato; fragrante = perfumado
e) infligir = punir, impor castigo; infringir = desrespeitar
f) mandato = período de exercício de determinado cargo; mandado = ordem judicial
g) pleitos = eleições; preito = homenagem
h) vultoso = de vulto, enorme; vultuoso = inchado

2. a) coser, cozer
b) viajem, viagem
c) tachado, taxar
d) chá, xá
e) xeque, cheque
f) cessão, sessão, seção
g) expiar, expirar
h) tenção, censo
i) incipiente
j) sessão, mandato, cassado
k) ascender, preitos
l) discrição, descrição
m) descriminação discriminação
n) discriminar
o) soar, suar

3. Este tipo de atividade é uma forma mais atraente de lidar com a ortografia. Além de a questão ortográfica ser tratada em um texto — e não em palavras ou frases isoladas —, há a possibilidade de debater com os alunos o tema abordado. O professor deve observar que fizermos questão de colocar um texto jornalístico para esta atividade porque acreditamos que ela possa servir de modelo para outras semelhantes, feitas a partir de textos selecionados por ele mesmo, professor, ou por seus alunos.

O rei da água doce

Os dez barracos de madeira da comunidade de Mapurilândia vão diminuindo de tamanho lentamente, à medida que as quatro canoas atravessam o Paraná do Maiana, um braço de 16 quilômetros que liga o Rio Solimões a si mesmo. Levando redes de dormir, malhadeiras (redes de pesca), arpões, farinha, café e lanternas, os quatro pescadores entram no Cano do Jenipapo, o pequeno rio que conduz ao Valentim, um dos cinco lagos em que a comunidade faz o manejo do pirarucu.

Seguindo a caprichosa hidrografia da floresta, o cano faz uma curva de 30 graus à direita, e revela, depois de meia hora de viagem, o primeiro obstáculo: dois troncos de mungubeiras atravessam o riacho. Eles emergiram, como áreas inteiras de várzea, com a diminuição do nível das águas, no verão amazônico (junho a outubro). Com machados e terçados (facões), os pescadores "toram" o tronco de baixo. Depois de 25 quilômetros de trabalho extenuante, abre-se uma fenda sob o tronco de cima, e os homens passam de canoa com as cabeças abaixadas.

Mais meia hora de viagem, e agora é a tapagem (capim na superfície da água) que impede a passagem. O mato é cortado a golpes de terçado e empurrado com os remos, numa penosa travessia que consome 17 minutos. Os dois motores rabeta (de 5,5 cavalos) que impulsionam as canoas (uma delas reboca outras duas) são desligados, e os pescadores entram remando em silêncio no majestoso Lago Valentim-1. Nele, motores são proibidos, para evitar que os peixes fujam para o rio.

Passam-se dez minutos, e os pescadores percebem o primeiro pirarucu. O repórter e o fotógrafo (…) nada veem. Os ribeirinhos não só veem, mas ouvem, sentem, medem e pesam. "É um grande", concluem. As quatro canoas formam um círculo ao seu redor. Os pescadores se equilibram nas proas, empunhando as hastes de três metros dos arpões. O tempo passa.

Textos para análise *(p. 48)*

Texto 1

O aluno deve perceber o jogo que o texto faz com as palavras *enxada* e *inchada*: a primeira faz referência a uma situação que aflige quem vive no campo e a segunda, a uma situação que afeta as pessoas que vivem nas grandes cidades. É interessante discutir o(s) significado(s) transmitido(s) pelo chargista, ao opor essas duas situações: de um lado, a desolação e o vazio dos grandes espaços dos latifúndios, a ausência de trabalhadores que manejem as enxadas (observe-se a utilização da metonímia: o nome do instrumento — a enxada — no lugar de quem o usa — o trabalhador); de outro, o espaço apinhado de gente e veículos, a grande cidade parada, as pessoas sufocadas procurando fugir da situação angustiante (observar o detalhe das pessoas querendo "escapar" do quadro reservado à cidade, na parte inferior do desenho). Proponha aos alunos que criem textos semelhantes a partir das palavras homófonas e/ou parônimas estudadas neste capítulo ou de outras que eles conheçam.

Texto 2

O aluno deve perceber, na segunda frase, a utilização de caracteres normalmente presentes em textos veiculados pela internet, em especial nos *blogs* e em salas de bate-papo. No caso da propaganda, o anunciante pretende mostrar-se em sintonia com o mundo dos adolescentes, já que a publicação que está sendo divulgada versa sobre esse mesmo público. Quanto à utilização desses caracteres fora do ambiente em que foram criados, cabe discutir a questão de sua pertinência, da adequação, da intenção de quem os utiliza, do público a quem se destinam os textos em que se faz uso deles. Compreende-se que o uso de muitos desses caracteres justifica-se pela rapidez exigida num texto que se produz à medida que se fala (nas salas de bate-papo, por exemplo). Assim, a palavra *beleza* pode ser facilmente compreendida no contexto de uma mensagem rápida da internet mesmo reduzida a seus elementos mínimos ("blza", como no texto do anúncio), desde, evidentemente, que os interlocutores envolvidos estejam habituados a essa linguagem. É discutível, porém o uso do h no lugar do acento agudo, já que para digitar um ou outro é necessário o mesmo esforço: apertar uma tecla (o acento agudo não exige o uso da tecla reservada às maiúsculas). Ao mesmo tempo, é interessante lembrar que esse h é utilizado para marcar a tonicidade de uma palavra (é = eh; tá = tah), conhecimento importante quando se trata de grafar corretamente as palavras. Relativamente ao uso que se faz desses caracteres fora do ambiente da internet, é importante ressaltar que, se lá ele é válido por diversas razões que podem ser levantadas (e discutidas), fora dele muito cuidado deve ser tomado. Em textos formais, trabalhos escolares, provas e exames, em textos cujos destinatários não sejam estritamente colegas e amigos, eles não são recomendados.

Questões de exames e concursos *(p. 48)*

1. a **2.** b **3.** c **4.** d **5.** d
6. a **7.** d **8.** a **9.** e **10.** b
11. d **12.** c **13.** b **14.** d **15.** a
16. b **17.** a) amicíssimos; b) mal; c) exceções
18. d **19.** e **20.** e **21.** b
22. a) limpeza, defesa, baronesa, surdez, freguesa
b) analisar, sintetizar, paralisar, civilizar, alisar
23. a **24.** c **25.** a **26.** d **27.** d
28. c **29.** a **30.** c **31.** c **32.** a
33. b **34.** a **35.** b
36. ressarcido, recendia, excentricidade **37.** e

Capítulo 4 – Acentuação

Atividades *(p. 55)*

1. a) paroxítona
b) paroxítona (ou proparoxítona, pois a terminação átona *-io* pode ser lida também como hiato)
c) proparoxítona, paroxítona
d) paroxítona, paroxítona (ou proparoxítona, pois a terminação *-io* pode ser lida também como hiato)
e) paroxítona
f) oxítona
g) paroxítona, oxítona, oxítona, paroxítona
h) proparoxítona
i) paroxítona
j) proparoxítona
k) paroxítona, oxítona

2. a) átono
b) tônico
c) átono, átono, tônico
d) tônico, átono
e) átono, tônico
f) tônico, átono, átono

3. a) conDOR
b) cateTER
c) misTER
d) ruIM
e) misanTROpo, ausTEra
f) quiromanCIa, cartomanCIa, graTUItos
g) juniOres, seniOres, reCORde
h) ruBRIca
i) proTÓtipo, aeRÓdromo
j) ÍNterim

Atividades *(p. 59)*

1. a) ástrider
b) sensínen
c) felô
d) nertã
e) mardo
f) âminho
g) cárpips
h) crestons
i) êxplons
j) mirmidens
k) curquéns
l) ártu
m) quistuns
n) arclóvel
o) cipódeis
p) ormar
q) sênser
r) lolux
s) atonde
t) clíclex

2. a) Dê, pus
b) Há, más
c) mês
d) Pôs, nós
e) pás
f) pó, gás, chão, pôs, rês
g) dó

3. Tradição mutante

Cambinda Estrela, Sol Nascente, Elefante, Encanto do Dendê, Cambinda Africano, Gato Preto, Linda Flor. No carnaval, vários grupos de maracatu incendeiam as ruas do Recife. O "cortejo real" é acompanhado por um conjunto de percussão com grandes tambores (afaya), caixas, taróis, gonguês (agogôs com uma campânula) e mineiros (espécie de ganzá ou chocalho).

Mas, apesar de toda a sua fama, experimente perguntar à população: o que é maracatu? Poucos poderão responder.

Nem mesmo folcloristas e antropólogos chegam a um consenso. Há quem defina o maracatu como a parte festiva dos xangôs (os candomblés recifenses). Também é visto como folguedo ou simples agrupamento afrodescendente voltado para a diversão. Entretanto, é muito mais do que isso. Por meio de complexos arranjos político-culturais, o maracatu envolve ao mesmo tempo diversão, lazer, constituição de identidades e afirmação religiosa.

Textos para análise *(p. 65)*

Texto 1

1. O acento em *monocotiledôneas* ocorre por se tratar de palavra paroxítona terminada em ditongo; em *pétalas*, por ser proparoxítona; em *distribuídos*, porque o *i* é a segunda vogal do hiato (e tônica) que permanece isolada na sílaba; o acento gráfico em *têm* se justifica porque, no texto, essa é a forma do plural, acentuada para se diferenciar da forma do singular *tem*; *três* é monossílabo tônico terminado em -es. É interessante ressaltar que a palavra *mocopeciolônias*, apesar de nascida da confusão da personagem, também obedece às normas de acentuação gráfica: é acentuada por ser paroxítona terminada em ditongo.

2. O humor da tirinha está no fato de o garoto esquecer-se completamente do que vinha decorando no momento em que, ao chutar uma pedra na calçada, faz gol. O entusiasmo provocado pela ação que realmente causa prazer leva-o a esquecer-se do que vinha tentando reter por obrigação. Torna-se claro que ele não compreende a linguagem do texto escolar quando, no último quadrinho, tenta reconstituir, sem sucesso, as palavras a serem decoradas.

Texto 2

Interessante notar que a caneta da foto é tomada como base para traçar uma linha do tempo, onde estão assinalados os títulos das obras da escritora Lygia Fagundes Teles. É possível discutir o papel representado pela caneta na vida de um escritor e o fato de que, embora substituída pelo teclado do computador, continua sendo utilizada como o símbolo do ato de escrever.

1. Aquário, seminário, mistérios, memória.

2. A pesquisa destina-se a que os alunos façam um levantamento, tão extenso quanto possível, a fim de confirmarem o que foi dito no comando da atividade. Podem ser citadas palavras como história, ciência, dúzia, urânio, área, necessário, funcionário, emergência, exercício, prioritário, proprietário, prédio, rádio, agência, série, tábua, matéria, influência, infância, sapiência, amáveis, detestáveis, fôsseis, fósseis, episódio, óleo, oxigênio, gênio, próprio, médio, tédio, sábio, sódio, máfia, ráfia, água, mágoa, Antônio, Célia, Sérgio, Márcia, Cláudia, Fábio, Gláucia etc.
Espera-se que percebam a oposição entre esse grupo e outro, também numeroso na língua portuguesa — o das palavras terminadas em hiato não acentuado —, a fim de se evitarem confusões como melancia / "melância", por exemplo. Como exemplos de palavras terminadas em hiatos não acentuados, que se opõem às paroxítonas terminadas em ditongo, podem ser citadas: financia, financie, agencia, agencie, alegria, geo-

grafia, anuncie, anuncia, melancia, geologia, sedie, sedia, serie, seria, influencia, influencie, associa, associe, desafie, desafia, desafio, medie, media, filosofia, patologia, imunologia etc.

3. A palavra paroxítona terminada em ditongo não acentuada é *Lygia*, por ser grafada com *y*. Se escrito com *i*, o nome *Lígia* deve ser acentuado como qualquer outra palavra desse grupo.

Texto 3

Recomendamos enfaticamente que o professor compartilhe com os alunos a audição da canção de Chico Buarque antes de passar à análise do texto e à resolução das questões. Como já dissemos anteriormente, a canção popular brasileira é um patrimônio cultural extraordinário do país, e apresentá-la aos alunos é um dever da escola. Além disso, deve-se aproveitar o tema da canção para discutir inúmeras questões em sala de aula: a segurança no trabalho, a exploração da mão-de-obra de forma desumana e desrespeitosa, a reflexão que a boa música popular faz sobre a realidade social do Brasil são algumas sugestões.

1. São todas proparoxítonas.

2. Porque, no conjunto das diferentes tipologias de acentuação tônica, pertencem ao grupo menos numeroso. Como o sistema de acentuação gráfica foi criado tendo como princípio acentuar os grupos minoritários para distingui-los dos majoritários, as proparoxítonas acabaram sendo todas acentuadas.

3. Céu. O acento indica que o *e* é a base de um ditongo tônico e aberto.

4. O sistema de acentuação procura acentuar os grupos minoritários para distingui-los dos majoritários. Por serem minoria, todas as proparoxítonas são acentuadas. Por serem maioria, a maior parte das paroxítonas não são acentuadas: acentuam-se aquelas que fogem aos padrões mais comuns, ou seja, as que não terminam em *a(s)*, *e(s)*, *o(s)*, *em(ens)*, *am*.

5. Se eliminássemos o acento gráfico, passariam a ser emitidas como paroxítonas: ulTIma, maQUIna, nauFRAgo, muSIca, puBLIco, traFEgo, ulTImo. Note que seriam todas formas verbais.

6. O aluno deve perceber que o emprego das proparoxítonas contribui para criar o efeito de rotação, de turbilhão que o texto consegue transmitir.

7. Reflexão pessoal. É importante que o aluno perceba a crítica social que o texto elabora ao mostrar que a morte de um trabalhador é, no ritmo da cidade desumana que explora seu trabalho de baixo custo e baixa qualificação (ao menos é assim que a sociedade o interpreta), um estorvo (para usar uma palavra que Chico Buarque adotou como título de um de seus romances) para o trânsito e para aqueles que, pela situação social de que desfrutam, podem descansar no sábado. É como se a morte de um homem humilde não significasse nada além de um transtorno para os que vivem bem.

Questões de exames e concursos *(p. 68)*

1. d **2.** c **3.** d **4.** c **5.** d
6. c **7.** b **8.** a **9.** c **10.** b

11. a) proparoxítona
b) paroxítona terminada em ditongo (ou proparoxítona)
c) *i* tônico acompanhado de *s* forma hiato com a vogal anterior
d) ditongo tônico e aberto *ói* (em palavra oxítona).

12. a **13.** a **14.** b **15.** b **16.** b
17. d **18.** a **19.** d

20. a) paroxítona terminada em ditongo (ou proparoxítona)
b) oxítona terminada em *-em*
c) paroxítona terminada em ditongo (ou proparoxítona)
d) proparoxítona

21. O *i* tônico forma hiato com a vogal anterior e está isolado na sílaba; em *ru-im*, o *i* tônico também forma hiato com a vogal anterior, mas não está isolado na sílaba, e sim acompanhado de *m*.

22. b **23.** b **24.** c **25.** a **26.** a
27. e **28.** b **29.** b **30.** 02 + 04 + 08 + 32

Capítulo 5 – Estrutura e formação das palavras

Atividade *(p. 74)*

O professor deve aproveitar esta atividade para fixar o conceito de depreensão de morfemas: por meio da comparação entre palavras cognatas, o aluno percebe as formas da língua e percebe também que, na verdade, tem sobre elas muito mais conhecimento do que pensa ter.

a) des-atual-iz-a-ção
b) atual-iz-a-r
c) atual
d) atual-iz-ad-o
e) atual-iz-a-d-a
f) atual-iz-ad-o-s
g) atual-mente
h) re-atual-iz-a-r
i) atual-iz-a-dor

Atividade *(p. 76)*

Mais um exercício para fazer com que o aluno, por meio da comparação de palavras cognatas, manipule morfemas da língua. Mais importante do que destacar a classificação desses morfemas, é fazer com que o aluno perceba as possibilidades expressivas que os morfemas oferecem quando são intercambiados.

a) real-iz-a-r: radical, sufixo, vogal temática, desinência
b) ir-real: prefixo, radical
c) real: radical
d) real-mente: radical, sufixo
e) real-iz-á-vel: radical, sufixo, vogal temática, sufixo
f) real-iz-a-va: radical, sufixo, vogal temática, desinência
g) real-iz-á-ra-mos: radical, sufixo, vogal temática, desinência, desinência

h) real-ismo: radical, sufixo
i) real-ista: radical, sufixo

Atividade *(p. 78)*

Mais uma vez, enfatizamos que o trabalho com morfemas se deve desenvolver preferencialmente a partir da comparação de palavras cognatas e, neste caso da depreensão de desinências, a partir da comparação de formas de uma mesma palavra. O aluno deve perceber que as desinências são velhas conhecidas suas e que, neste momento, está na verdade desenvolvendo uma reflexão sobre elas e os mecanismos da língua com os quais estão envolvidas.

a) *-es*: desinência nominal indicativa de número
b) *-o/-a*: desinências nominais indicativas de gênero
c) *-a-*: vogal temática; *-va-* e *-sse-*: desinências verbais modo-temporais; *-mos*: desinência verbal número-pessoal
d) *-e-*: vogal temática (eis por que o verbo *pôr* pertence à segunda conjugação); *-ra-* e *-sse-*: desinências modo-temporais; *-mos* e *-is*: desinências número-pessoais
e) *-e-*: vogal temática; *-s*: desinência nominal indicativa de número
f) *-a-*: vogal temática; ***-s***: desinência nominal indicativa de número
g) *-s*: desinência nominal indicativa de número
h) *-o-*: vogal temática; *-s*: desinência nominal indicativa de número
i) *-o*: desinência nominal de gênero; *-s*: desinência nominal de número

Atividades *(p. 85)*

Estas atividades têm como objetivo levar o aluno a perceber como já são do seu domínio as operações linguísticas com prefixos. Percebendo isso e refletindo sobre o valor dos prefixos envolvidos nessas operações, o aluno passa a conscientemente expandir sua capacidade de exploração desses recursos linguísticos.

1. a) relerá
b) refazer
c) rever
d) antepor… aos
e) desprotegidos
f) desonesto
g) irrestrita
h) pré-datados ou antedatados
i) ultrapassar

2. a) subterrâneo; conterrâneo
b) sublinhar; alinhar
c) pré-histórico; anti-histórico
d) antediluviano; pós-diluviano
e) pré-colombiano; pós-colombiano
f) subemprego; desemprego. As frases são pessoais.

3. a) um novo encontro; incapacidade ou impossibilidade de encontrar-se
b) meditar, conceber com antecipação; sentir antecipadamente
c) portar (trazer) para dentro (do país); portar (levar) para fora (do país)
d) que entra no país; que sai do país
e) mergulhar; vir à tona; mergulhar
f) secção (de seccionamento, corte) entre mais de um elemento
g) que agride a moral; que desconhece a moral
h) fala, discurso que circunda, que não vai ao ponto; fala, discurso em companhia de outrem
i) para cá dos Andes; para cá dos Alpes; para lá dos Andes; para cá dos Alpes
j) gestão conjunta
k) movimento em vários sentidos; movimento para trás; movimento para a frente
l) tirar da própria pátria; trazer de volta à própria pátria
m) voltado para dentro; voltado para fora
n) texto explicativo colocado antes do corpo principal de uma obra; texto explicativo colocado após o corpo principal de uma obra
o) fluxo para trás; fluxo para baixo
p) atitude de quem se volta para o seu próprio interior; retorno ao passado
q) desvalorizar; atribuir valor demasiado
r) levíssimo

Atividades *(p. 98)*

Atividades que têm como finalidade fazer o aluno trabalhar alguns dos sufixos mais frequentes da língua e também algumas operações linguísticas fundamentais, como a nominalização e a verbalização, ou seja, a transformação de verbos em nomes e de nomes em verbos de acordo com as necessidades frasais e textuais. Insistimos em que o professor deve destacar sempre que o aluno domina muitas destas operações na prática — e que agora se está desenvolvendo um trabalho de reflexão sobre essa prática linguística.

1. a) cabeçada
b) rapaziada
c) eleitorado
d) lavagem (ou lavação)
e) jabuticabal
f) politicalha
g) queijaria
h) queijeiro
i) cafeeiro
j) manteigueira

2. a) Todos tomaram a decisão de manter as reivindicações.
b) Todos decidiram pela manutenção das reivindicações.
c) Esperamos o cumprimento dos prazos estipulados.
d) O atendimento a todos será feito de acordo com a ordem de chegada.
e) Continuaremos até a obtenção de êxito.
f) Os moradores querem a continuação (continuidade) das obras.
g) …recomendaram o bloqueio das contas.
h) …fizeram a recomendação de que as contas fossem…

3. a) Os mantenedores desta entidade decidiram tomar providências saneadoras de suas finanças.
b) É um candidato inelegível. Suas ideias privilegiam os desrespeitadores das instituições.
c) As condutoras do movimento reivindicatório devem ser cercadas por medidas protetoras.

d) Os vencedores da competição receberão prêmios indescritíveis.
e) A presença dos defensores da nossa posição é fator imprescindível.
f) …aos que lutam pela preservação da floresta.
g) atabalhoadamente

4. a) Verbo que indica a ação e substantivo que denomina a atitude de quem é "tiete", uma espécie de fã exaltado.
b) Substantivos que denominam as atitudes de quem "badala" ou "esnoba".
c) Denominam a casa especializada em sanduíches e o estabelecimento onde se cultiva a música dançante.
d) O que faz ou aprecia rock e o que pratica a chamada "arte do grafite" (ou grafito).
e) Aquele que "picha" e o nome da ação por ele praticada.
f) Virtuais candidatos à prefeitura, a algum ministério, à presidência.
g) Desfile de automóveis.
h) Indivíduo cheio de pose e indivíduo difícil de dobrar.

Textos para análise *(p. 99)*

Texto 1

Optamos por uma crônica bem-humorada de Vinicius de Moraes como ponto de partida para a verificação dos conteúdos desta parte do capítulo sobre estrutura e formação de palavras. O professor deve enfatizar o tom coloquial do texto e a contribuição dos mecanismos de formação para a criação do humor, principalmente na fala final do personagem cujo interessante comportamento linguístico o texto retrata.

1. O aluno deve apontar a presença do sufixo *-dor* nessas duas palavras. São dois substantivos que nomeiam agentes e que se formaram de verbos.

2. O aluno deve apontar a presença do sufixo *-tura* nessa palavra. É um substantivo que indica resultado de ação e que se formou a partir do verbo *curvar*.

3. O aluno deve apontar a presença do sufixo *-eza*, que forma substantivos abstratos a partir de adjetivos. Neste caso, deve-se destacar a questão ortográfica envolvida com os sufixos *-ez* e *-eza*, formadores de substantivos abstratos a partir de adjetivos (surdez, maciez, dureza, sutileza), em contraste com *-ês* e *-esa*, relacionados a gentílicos e títulos de nobreza (japonês, japonesa, calabrês, calabresa, marquês, marquesa).

4. *-inha* e *-ão* são sufixos diminutivo e aumentativo, respectivamente. O aluno deve perceber que *flanelinha*, no contexto, pode ser interpretada como um "pequeno pedaço de flanela". Não seria descabido pensar também num uso afetivo do termo, tendo a palavra nesse caso um sentido mais próxima de "pedaço de tecido de uso tipicamente doméstico", sem noção necessária de tamanho. O professor deve referir-se também ao uso do termo *flanelinha* para designar o indivíduo que nem sempre de forma muito gentil se impõe como "guardador de carros" em praticamente todas as cidades médias e grandes do país. Já *quarentão* não tem nenhuma relação com dimensão física — é sim uma forma bastante comum de designar a pessoa que está na casa dos quarenta anos.

5. O aluno deve apontar a presença do sufixo *-dor*, já detectado nas palavras analisadas na questão 1, e do prefixo *ultra-*, que indica, no caso, excesso. Deve-se destacar que não se trata de um caso de parassíntese, pois o prefixo e o sufixo não devem ser **simultaneamente** acoplados à palavra primitiva.

6. O aluno deve perceber que não se trata de palavra formada por derivação parassintética, pois existe a palavra *esquecível*, formada a partir de *esquecer* pelo acréscimo de sufixo. É de *esquecível* que, por prefixação, se forma *inesquecível*.

7. Cantarolar é cantar baixo, para si mesmo. Também pode ser usado no sentido de cantar fora do tom, desafinar. Deve-se destacar a significação diminutiva que o sufixo -ola acrescenta à noção de cantar.

8. Há no texto os substantivos deverbais *trabalho*, *lustro*, *respeito*.

9. A forma que o seu Afredo deveria ter usado é *exímia*, sinônimo de "excelente", "superior". *Eximinista* é uma forma engraçada porque nela se utiliza um sufixo inadequado — que surge adequadamente empregado na palavra seguinte, *pianista*. O efeito de humor é reforçado pela rima interna que se forma na frase.

10. Vinicius de Moraes parece usar "colocação pronominal" com o sentido de opção por formas de tratamento e não com o sentido de topologia pronominal que a expressão costuma ter nos estudos gramaticais. Colocar o pronome significaria utilizar uma determinada forma de tratamento — e a opção de seu Afredo pela segunda pessoa do singular era responsável pelo tom aparentemente abusado com que ele se dirigia às pessoas. Seu problema era "excesso de gramática" justamente por isso: para respeitar a concordância ou demonstrar erudição, acabava atropelando as conveniências sociais e, às vezes, o próprio vocabulário (como no caso da "eximinista" pianista.)

Texto 2

A finalidade das atividades de leitura e análise deste belo poema é vincular os estudos de estrutura e formação de palavras aos estudos de literatura. Em outras palavras: acreditamos que uma importante possibilidade que o conhecimento da estrutura das palavras e da manipulação de seus elementos formadores oferece é justamente a de ampliar a capacidade de perceber a exploração que particularmente a poesia moderna faz desses recursos. Pode-se dar a esses processos de análise o nome de morfologia estilística.

1. Des-gast-a-mento: gastar, desgastar (prefixação), desgastamento (sufixação); en-carn-ad-o: carne, encarnar

(parassíntese); *encarnado* é forma do particípio, há nela, portanto, uma vogal temática (a) e desinências.

2. O prefixo *con-* e o sufixo *-ante*. Aquilo ou aquele que partilha com outro a mesma substância.

3. Sim, porque faz com que o leitor perceba que *interrompe* é formada a partir de *rompe* e o leva a refletir sobre o significado literal da palavra: *interromper* não significa apenas "fazer cessar", mas também "promover um rompimento entre dois ou mais elementos".

4. *Re-emendar-se* (também na forma re-e*mende-se*), *reincidir*: em todos os casos, o prefixo indica a repetição da ação.

5. Há na palavra o sufixo *-ente*. A palavra significa "conhecedor". Seu uso é altamente expressívo, pois parece resultado da fusão entre as palavras *sabedor* e *aderente*, esta último muito indicada para falar dos efeitos da goma de mascar.

6. Sim: *ex-* indica movimento para fora, sentido presente na palavra *exorcizar* ("expulsar algo indesejável do corpo de alguém ou de algum ambiente").

7. Sim: o aluno deve perceber que um dos elementos estruturadores da linguagem concisa e sugestiva do texto é o uso eficiente e sensível dos afixos.

8. O aluno deve perceber que o ritmo do ato de mascar pode ser relacionado com o ritmo da passagem do tempo — e que por isso mascar *chiclets* pode transmitir a ilusão de que se está dominando o tempo.

Texto 3

1. Remix: derivação prefixal (re- + mix, forma abreviada de mixagem); eletrônica: derivação sufixal (elétron + -ica); democratização: derivação sufixal (democratizar + -ção); fazer: derivação imprópria (o verbo fazer foi utilizado como substantivo: o fazer); musical: derivação sufixal (música + -al).

2. O aluno deve ter percebido, pela questão anterior, que "o fazer" constitui um caso de derivação imprópria, pois o verbo *fazer* se torna substantivo nessa situação. E é importante que ele também perceba que esse processo cria um importante efeito de sentido: o uso de "o fazer musical" no lugar de algo como "trabalho com a música" confere evidente ênfase ao ato em si, ao processo de que trata o texto.

Texto 4

1. Claridade (de *claro*), dificuldades (de *difícil*).

2. Descanso (de *descansar*), diversão (de *divertir*), depoimento (de *depor*), atendimento (de *atender*), tratamento (de *tratar*), produção (de *produzir*), conveniência (de *convir*), tendência (de *tender*).

a) Descanso, dormado por derivação regressiva, do verbo descansar.

b) Diversão: **-são**; depoimento, atendimento, tratamento: **-mento**; produção: **-ção** — esses sufixos indicam ação ou resultado dela; conveniência, tendência: **-ência**. Por derivarem de verbos, esses substantivos apresentam sufixos que indicam ação ou resultado de ação.

3. a) Ao depor / Quando ela depõe, ilustra as dificuldades de quem trabalha à noite, em turnos ou não.

b) Um grande número de pessoas trabalha para que a saúde seja atendida, a água e o esgoto sejam tratados, os alimentos sejam produzidos.

4. Seria **imprescindível** para nós a produção e as atividades ininterruptas disponíveis 24 horas por dia?

5. Trata-se de um texto informativo cuja finalidade é tratar dos problemas de uma sociedade que funciona dia e noite, ininterruptamente, e de como esse fato a afeta. Assim, designa as ações desenvolvidas nessa sociedade (diversão, atendimento, tratamento, conveniência), bem como as qualidades ligadas ao fato (claridade e dificuldade).

Atividade *(p. 104)*

O professor deve aproveitar esta atividade para uma rápida e sintética revisão dos processos de formação de palavras estudados até este ponto.

a) sufixação
b) parassíntese
c) composição por aglutinação
d) composição por justaposição
e) sufixação e prefixação (ou vice-versa)
f) composição por aglutinação
g) composição por justaposição
h) derivação regressiva
i) derivação imprópria

Atividades *(p. 112)*

Selecionamos para esta atividade palavras de origem erudita muito frequentes na vida escolar e cotidiana do aluno de ensino médio. Desnecessário dizer que o conhecimento do significado e o uso adequado destes termos é parte das competências que o aluno desse nível deve dominar.

1. Grupo 1
a) governo do povo
b) governo dos mais velhos
c) governo dos ricos
d) governo da aristocracia marítima (ligada ao comércio)
e) governo dos religiosos
f) governo de um princípe absoluto
g) governo de nobres
h) governo de burocratas, de funcionários

Grupo 2
a) adivinhação pela leitura das mãos
b) adivinhação pela interpretação dos sonhos
c) adivinhação pela observação do fogo
d) adivinhação pela observação do voo dos pássaros
e) adivinhação baseada no nome das pessoas
f) adivinhação baseada nos números

Grupo 3
a) estudo dos insetos
b) estudo dos animais

c) estudo das plantas
d) estudo da terra
e) estudo dos pássaros
f) estudo dos peixes
g) estudo da vida
h) estudo dos textos antigos
i) estudo dos sons
j) estudo das formas
k) estudo do coração
l) estudo da mulher
m) estudo da alma
n) estudo da vida social
o) estudo de Deus ou dos deuses
p) estudo das flores; coletânea de poemas
q) estudo do sistema nervoso
r) estudo dos vinhos
s) estudo das técnicas

Grupo 4 a) dor de bexiga
b) dor de osso
c) dor de cabeça
d) dor de dente
e) dor muscular
f) dor de ouvido
g) dor que se estende ao longo dos nervos

Grupo 5 a) sem nome; que oculta o nome
b) que tem o mesmo nome
c) que tem outro nome (comentar o caso do poeta português Fernando Pessoa)
d) que oculta ou disfarça o nome
e) nome falso
f) nome correto; o próprio nome
g) nome de pessoa
h) nome de lugar
i) que tem o mesmo significado ou significado aproximado
j) que tem significado oposto

Grupo 6 a) ordem, arranjo, organização simultânea
b) mania ou compulsão de roubar
c) mania de grandeza
d) habitante das nuvens
e) habitante das alturas
f) aversão às alturas
g) aversão à morte
h) portador do sinal, do sentido
i) administração da casa; ciência dos bens e haveres
j) literalmente: nariz-chifre
k) literalmente: cavalo-rio
l) literalmente: duro, sólido-tipo; denomina forma, modelo, lugar-comum
m) literalmente: muitas línguas
n) literalmente: correto-pé
o) que se alimenta de sangue
p) depois, além da física

Grupo 7 a) cultivo dos campos
b) criação de peixes
c) cultivo do trigo
d) cultivo do arroz
e) cultivo de frutas
f) criação de aves
g) criação de abelhas

2. a) verborragia, verborreia
b) melomania
c) grafologia
d) tecnocracia
e) oligopólio
f) hematófago
g) entomologia
h) metamorfoses
i) monocromáticas
j) toponímia

Atividade *(p. 118)*

Atividade que permite ao professor uma revisão sintética dos processos de formação de palavras estudados depois da derivação e da composição.

a) siglonimização
b) abreviação vocabular
c) empréstimo linguístico
d) onomatopeia
e) hibridismo
f) palavra-valise

Textos para análise *(p. 118)*

Texto 1

1. *Micro-*: pequeno; *-scopia*: ato de ver. *Microscopia*: observação de objetos de dimensões muito pequenas.

2. A palavra *queima* formou-se por derivação regressiva. Refere-se ao ato de queimar, citado anteriormente: "os documentos não haviam sido queimados na sala da Base Aérea".

3. É importante que os estudantes percebam que esse procedimento evita repetições (é elemento de coesão). No caso do texto, a utilização da palavra derivada (queima — o nome da ação) retoma perfeitamente o que foi relatado anteriormente, com precisão e sem que se repita o verbo já utilizado (queimar).

Texto 2

1. *Odonto* = dente + *logia*=tratado, ciência; *buco*=boca + *maxilo*=maxilar+ *facial*=relativo à face. *Odontologia* é a ciência que trata dos dentes; *bocomaxilofacial* é a especialidade cirúrgica que cuida de problemas da boca, maxilar e face.

2. *Dia-*: através, por meio de; *-ar*: relação, pertinência. *Diagnóstico*: conhecimento ou determinação de uma doença por meio dos sintomas apresentados ou de exames clínicos, laboratoriais etc. *Titular*: referente a quem é efetivo (pessoa que ocupa um cargo ou função, que detém o título da função).

3. Espera-se que os estudantes percebam que se trata de um texto — um anúncio — dirigido a um público específico: candidatos a uma vaga na universidade, na área de odontologia. Portanto, a utilização de linguagem técnica e termos específicos é pertinente e necessária.

Texto 3

1. Onomatopeia.

2. Em **riri**, **zipe**, **reco** e **ré** podem-se perceber diferentes interpretações para os sons produzidos pelo fecho-

-relâmpago, o que caracteriza a **onomatopeia**. Em **mamãe-vem-aí**, há formação por composição, com justaposição de substantivo, verbo e advérbio (trata-se de uma frase com conotação maliciosa). Já **ecler** é um empréstimo do francês *éclair*.

3. O substantivo relâmpago adiciona uma qualidade a fecho, obtida por comparação: um fecho que é rápido como um relâmpago. A composição carrega, assim, um processo descritivo que procura definir o objeto.

4. Zipe (ou zíper) sintetiza a ideia de rapidez por concentrar-se apenas no som (sem descrevê-lo). O tempo exigido para pronunciá-la é tão curto quanto o de fechar ou abrir um zíper.

Texto 4

Poema atualíssimo de Carlos Drummond de Andrade. Além de o tema das viagens espaciais não ter perdido sua atualidade, há a memorável relação que o texto estabelece entre essas viagens e a necessidade de realizar o percurso muito mais importante em direção à convivência mais harmoniosa dos seres humanos aqui mesmo na própria Terra. Por isso, sugerimos que o professor inicie a leitura e a análise do poema com uma conversa sobre as relações humanas e as dificuldades que os homens têm para simplesmente conviver bem uns com os outros.

1. A repetição dos verbos de cuja formação participa o sufixo *-izar* reforça o caráter dinâmico e transformador da atividade humana. Ao mesmo tempo, a repetição já confere certa noção de tédio, de mesmice, importante para o desenvolvimento do texto.

2. No sentido em que é usada no texto ("desprovido de atrativos, sem graça") é um neologismo semântico.

3. Vê o que já havia encontrado em outros lugares. Visto assume papel substantivo nessa frase, configurando um caso da chamada derivação imprópria.

4. *Fossa* é usada no sentido de "desalento, desânimo, depressão, angústia". Trata-se de mais um neologismo semântico.

5. Parece-nos que se podem propor duas origens para essa palavra: junção do pronome pessoal *te* ao verbo *ver* ou derivação a partir de *TV*. No primeiro caso, o poeta parece explorar o uso frequente da sequência pronome-verbo para criar uma palavra em que o objeto já estivesse contido; no segundo caso, sugere-se a importância da percepção "televisiva" da realidade nos nossos dias.

6. Parece-nos que o *-onizar* pode ser visto como uma referência à forma latina *oni-*, que significa "tudo, todos". A ação colonizadora do homem seria, portanto, universal.

7. A opção por um estrangeirismo é evidentemente intencional. O uso dessa forma traz ao texto toda a noção de desenvolvimento tecnológico que costuma acompanhar as palavras da língua inglesa (e que é tão explorada pela linguagem publicitária). Notar a felicidade do texto ao aplicar esse termo à viagem do homem em direção à convivência — essa talvez seja a viagem que realmente põe em risco a segurança do ser humano.

8. A divisão revitaliza o valor do prefixo: *con-viver*, assim grafado no final do texto, é, na acepção mais genuína do termo, viver com os outros, solidária e conjuntamente.

9. O aluno deve perceber que a verdadeira viagem dos homens deve ser no caminho do aprimoramento das relações interpessoais. O conhecimento desse universo é mais necessário e difícil do que o do mundo sideral.

Questões de exames e concursos *(p. 121)*

1. d **2.** a **3.** c **4.** b

5. Ambas as palavras são formadas por derivação sufixal. *Ocultação* é o ato de ocultar; *ocultismo* é o estudo ou conhecimento daquilo que é oculto, é o saber acumulado sobre as coisas que não se veem.

6. *Lisonjeado* é escrito com j porque é derivado de *lisonja*, também grafado com *j*. *Margeado* é palavra derivada de *margem*, em que também se usa a letra *g*.

7. b **8.** a

9. a) A forma verbal *lularam* significa "passaram a apoiar Lula", "aderiram à campanha de Lula".

b) Derivação sufixal: lula + ar = lular.

10. d **11.** d **12.** d **13.** b **14.** e

15. a) gradualmente, paulatinamente

b) indubitavelmente

c) concomitantemente, simultaneamente

d) ininterruptamente

e) excepcionalmente

16. e **17.** b **18.** e **19.** b **20.** e

21. c **22.** d **23.** d **24.** b **25.** a

26. a **27.** d **28.** b **29.** d **30.** a

31. c **32.** c **33.** b **34.** c **35.** a

36. a) contrariedade, oposição

b) sincronia, simultaneidade, aproximação

c) negação, privação

37. 4, 6, 5, 2, 1, 3 **38.** a

Capítulo 6 – Estudo dos verbos (I)

Atividades *(p. 131)*

Atividades que permitem ao professor rever sinteticamente os conteúdos até aqui estudados e controlar a aquisição de competências básicas pelos alunos: reconhecer os elementos formadores das formas verbais e nomear adequadamente as formas dos tempos simples.

1. Convenções: radical — rad, vogal temática — VT, desinência número-pessoal — DNP, desinência modo-temporal — DMT

a) fal-á-sse-mos (rad, VT, DMT, DNP)
b) pens-á-ra-mos (rad, VT, DMT, DNP)
c) estud-a-re-i (rad, VT, DMT, DNP)
d) perd-e-ria-s (rad, VT, DMT, DNP)
e) decid-i-sse-m (rad, VT, DMT, DNP)
f) produz-o (rad, DNP)
g) corromp-i-a-s (rad, VT, DMT, DNP)
h) trat-á-va-mos (rad, VT, DMT, DNP)
i) permit-i-ste-s (rad, VT, DMT, DNP)

2. a) futuro do pretérito do indicativo, primeira pessoa do plural
b) pretérito mais-que-perfeito do indicativo, terceira pessoa do singular
c) pretérito imperfeito do subjuntivo, terceira pessoa do singular
d) presente do subjuntivo, segunda pessoa do singular/pretérito perfeito do indicativo, primeira pessoa do plural
e) futuro do subjuntivo, primeira pessoa do singular/futuro do presente do indicativo, primeira pessoa do singular
f) pretérito imperfeito do indicativo, terceira pessoa do singular/pretérito imperfeito do indicativo, terceira pessoa do singular
g) pretérito perfeito do indicativo, segunda pessoa do plural
h) presente do indicativo, primeira pessoa do singular/presente do indicativo, primeira pessoa do singular

Atividades *(p. 137)*

Atividades básicas, que permitem ao professor rever os conceitos até aqui estudados e controlar a aquisição de competências básicas pelos alunos: reconhecer as pessoas verbais envolvidas em determinados contextos e reconhecer formas verbais que podem provocar dúvidas, como as das segundas pessoas do singular do pretérito perfeito ou as do mais-que-perfeito em contraste com as do futuro do presente.

1. a) necessitasses
b) comparecia
c) auxiliou
d) chega
e) alteraria
f) percebera
g) colocarás
h) perceba
i) descobrirdes

2. a) tiver/houver terminado
b) tens/hás insistido
c) havíamos/tínhamos ajudado
d) tenha/haja acabado
e) terei/haverei passado
f) tivéssemos/houvéssemos comparecido
g) teria/haveria ocorrido

3. a) Nós gostávamos de…
b) Fazíeis sempre…
c) Eles estiveram…
d) …nós desconhecíamos que voltáreis
e) Se quisésseis, não seríamos infelizes.
f) Se fôsseis solidários, teríamos…
g) …dormirão
h) …chegaram…
i) …fixaram…
j) …fixarão…
k) Agistes … vos…

Atividades *(p. 139)*

Atividades trabalhosas com um dos aspectos mais delicados do sistema verbal do português: a formação do imperativo. Esse aspecto é delicado porque, em muitas regiões do Brasil, há uma forte tendência à falta de uniformidade nas formas de tratamento da língua coloquial, que constantemente alterna formas de segunda pessoa do singular (*tu*) com formas da terceira pessoa (relacionadas, no caso, ao pronome de tratamento *você*). Essa falta de uniformidade não é aceita na língua culta padrão — e daí surge um dos grandes problemas do ensino da forma culta da língua portuguesa no Brasil. Por isso, dedicamos tanto espaço a estas atividades.

1. a) Não me procures.
b) Não me procure.
c) Não entoes…
d) Não entoe…
e) Não contes…
f) Não conte…
g) Não aciones…
h) Não acione…
i) Não estendas…
j) Não estenda…
k) Não saias…
l) Não saia…
m) Não me belisques…
n) Não me belisque…
o) Não assistas…
p) Não assista…

2. a) Procurai-me.
b) Procurem-me.
c) Entoai…
d) Entoem…
e) Contai o que vistes.
f) Contem o que viram.
g) Acionai…
h) Acionem…
i) Estendei…
j) Estendam…
k) Saí…
l) Saiam…
m) Beliscai-me…
n) Belisquem-me…
o) Assisti…
p) Assistam…

a) Não me procureis.
b) Não me procurem.
c) Não entoeis…
d) Não entoem…
e) Não conteis…
f) Não contem…
g) Não acioneis…
h) Não acionem…
i) Não estendais…
j) Não estendam…
k) Não saiais…
l) Não saiam …
m) Não me belisqueis…
n) Não me belisquem…
o) Não assistais…
p) Não assistam…

3. O texto, seguindo a tendência da língua falada informal do Brasil, mistura os tratamentos *tu* e *você*. É muito comum, quando isso ocorre, o uso das formas imperativas de segunda pessoa do singular com o pronome *você* (por exemplo, "deixa eu cuidar de você"). O texto, usando esse registro coloquial, ganha muito em espontaneidade. Para adequá-lo à norma culta, seria necessário uniformizar o tratamento, adotando a segunda pessoa ou a terceira pessoa. Na segunda pessoa, teríamos: "todo teu leite", "nem te quero enfeite", "te peço que respeites", "com quem tu te deites", "que tu te deleites", "apenas te peço que aceites", "todo teu leite", "nem te quero enfeite", "te peço que respeites", "com quem tu te deites", "que tu te deleites", "apenas te peço que aceites", "deixa-me gostar de ti", "não me digas nunca".

Na terceira pessoa, teríamos: "apenas lhe peço/apenas peço a você", "deixe o ciúme", "deixe-me gostar de você".

4. Optamos por esse verbo por ser ele costumeiramente confundido, em sua conjugação, com o verbo soar. O aluno deve ser capaz de mostrar a formação do modo imperativo, passo a passo. Essa é a única forma segura de obter as formas desse modo sem deslizes.

Atividades *(p. 141)*

1. O aluno deve ser capaz de mostrar a formação dos tempos derivados do pretérito perfeito do indicativo. Essa é a única forma segura de evitar dúvidas de conjugação, principalmente quando se trata de verbos irregulares.
2. O aluno deve seguir o esquema de conjugação estudado para obter a forma correta *mantiver*. Comentar que o erro ilustrado na frase é muito frequente e que o conhecimento do esquema estudado permite evitá-lo.

Atividades *(p. 142)*

1. a) reclamava
   b) vencia
   c) aceitava/surgia
   d) empregarei
   e) tramaria
   f) solucionada/poderíamos
   g) reclamando/denunciando
   h) ficarmos
2. A primeira forma pertence ao futuro do subjuntivo; a segunda, ao infinitivo pessoal. O aluno deve perceber que a primeira provém do radical *fiz-*, do pretérito perfeito do indicativo, enquanto a segunda é formada a partir do infinitivo impessoal. Mostrar que a mesma diferença existe em outros verbos, como, *pôr*, *ter*, *disser*.

Atividades *(p. 146)*

1. a) renasça
   b) foge
   c) ajam
   d) indique
   e) realce
   f) paguem
   g) re-erga
2. a) distingo
   b) obsta
   c) mínguem
   d) enxágua (ou enxagua)
   e) deságuem (ou desaguem)
   f) averigue
   g) extinguiu
   h) optem

Textos para análise *(p. 146)*

Texto 1

1. **Exige** e **deve** referem-se à terceira pessoa do singular (no texto: "a prática da corrida", "o cardápio do novo corredor", respectivamente); **exigem**, à terceira pessoa do plural (no texto: "exercícios"); **prefira** refere-se a **você** (o interlocutor — leitor interessado nas orientações feitas no texto).
2. Os verbos no infinitivo: comer, ser, ficar, correr, treinar.
3. Confira, consuma, aguarde, prefira, coma. A predominância do modo imperativo justifica-se pelo tipo de texto, que apresenta orientações e recomendações às pessoas que pretendem iniciar ou desenvolver atividades esportivas (em especial a corrida).
4. O presente do indicativo. Uma das intenções presentes no texto é a de informar sobre a importância da alimentação correta para quem pretende iniciar a corrida. Os dados utilizados para isso são resultado de estudos e pesquisas, comprovados e tidos como corretos, portanto são apresentados com os verbos no presente do indicativo (exige, deve, é, são, envolve). Embora o estudo sobre o emprego dos tempos e modos ainda não tenha sido feito, é possível propor a discussão para que o estudante possa compreender o fato linguístico, facilitando as atividades que serão feitas adiante, no livro. Vale lembrar, também, que há apenas duas ocorrências de verbos no presente do subjuntivo: **tenha feito** e **consuma** ("exigem que você **consuma** carboidrato durante a atividade"). Nesses casos, os fatos são apresentados como possibilidade apenas e não como certeza.

Texto 2

1. Desrespeito à uniformidade de tratamento no emprego do modo imperativo: as personagens tratam-se por você, mas o verbo pisar é utilizado na segunda pessoa (pisa) quando deveria ser usado na terceira (pise).
2. Como se trata de uma condição, seria usual o emprego do modo subjuntivo, já que a condição supõe um hipótese e não um fato certo, real. O verbo no futuro do subjuntivo enfatizaria, assim, o fato hipotético.
3. Espera-se que os alunos respondam que sim, pois no caso da tirinha o padrão de linguagem utilizado é o coloquial. Portanto, devemos falar em adequação da linguagem e não classificá-la como correta ou incorreta. No caso da tirinha, a linguagem é adequada ao padrão utilizado; em situações formais, ela seria inadequada.

Já destacamos a importância da questão da uniformidade de tratamento e do cuidado que o ensino das formas cultas requer devido à interferência das formas coloquiais. No caso dos textos selecionados, há, no primeiro deles, um evidente cuidado com a uniformidade de tratamento, que se percebe quando se observam as formas de terceira pessoa do imperativo afirmativo (*confira*, *consuma*, *aguarde*, *prefira*, *coma*); já no segundo texto, não se verifica a mesma uniformidade, pois à forma de segunda pessoa *pisa* se relaciona o pronome de tratamento *você*, que leva os verbos para a terceira pessoa. Deve-se comentar com o aluno o fato de que os cartunistas muitas vezes optam por não seguir o padrão culto de língua a fim de obter uma maior naturalidade.

Texto 3

Como sempre, insistimos em que as atividades de leitura e análise de textos como este sejam iniciadas com a audição da canção. Zélia Duncan é uma compositora e intérprete que costuma agradar muito aos adolescentes, pois além das interpretações e arranjos de feitio "moder-

no", apresenta também temática que diz respeito ao mundo e às experiências dos alunos.

1. São verbos regulares: provar, encontrar, esperar, convencer, avistar, entender, acionar, esclarecer, acordar, morder, selar, estremecer, encantar, comover, alcançar, enternecer, faltar. Devem ser comentados os chamados "irregulares gráficos", como convencer, esclarecer, estremecer, alcançar e enternecer, cujas conjugações não apresentam irregularidade morfológica, mas simples troca de letras por convenção ortográfica.

2. São irregulares: rever (que segue o modelo de ver), perder (cuja primeira pessoa do singular é perco) e reter (que segue o modelo de ter).

3. Primeira pessoa do singular do presente do indicativo.

4. Primeira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo.

5. Primeira pessoa do singular do futuro do presente do indicativo.

6. Não. O aluno deve perceber que o sujeito lírico inicialmente utiliza a segunda pessoa do singular para nomear a pessoa a quem se dirige — basta observar a repetição do pronome *te* nas primeiras estrofes do texto para perceber isso. Na quinta estrofe, surge o pronome de tratamento *você*, que pede as formas verbais e pronominais de terceira pessoa. Essa falta de uniformidade de tratamento é comum nas formas coloquiais do português brasileiro.

7. O aluno deve perceber que no próprio texto há verbos que indicam processos que não são ações: é o caso, por exemplo, de entender e esclarecer, que são processos relacionados a fenônemos mentais; encantar, comover, enternecer, processos relacionados com a sentimentalidade. Deve-se insistir com o aluno: o verbo é caracterizado por suas flexões; conceituá-lo a partir do significado exigiria uma definição longa e que, por mais bem elaborada que fosse, provavelmente não abrangeria todas as possibilidades.

8. O aluno deve elaborar sua interpretação a partir dos elementos que o texto oferece. Deixar-se conjugar por alguém é, nesse contexto, submeter-se com prazer e alegria a todos os processos enumerados nas estrofes iniciais: é deixar-se rever, deixar-se provar, deixar-se perder e em seguida encontrar; é deixar-se reter, convencer, entender e assim sucessivamente. Esse conjunto de consentimentos constitui a entrega amorosa do sujeito lírico.

9. Resposta pessoal do aluno.

Questões de exames e concursos *(p. 149)*

1. b

2. Pretérito imperfeito do indicativo. O emprego desse tempo e modo, nos versos delimitados, conduz o leitor aos tipos de ruído que, no passado, se ouviam com frequência, rompiam costumeiramente o silêncio predominante naquela época, estabelecendo, assim, um contraste com o momento presente.

3. a) A metáfora "o mundo é um moinho" é desenvolvida em duas outras: "vai triturar teus sonhos…" e "vai reduzir as ilusões a pó". Esse desenvolvimento metafórico configura uma alegoria.

b) Para uniformizar a pessoa gramatical do texto devem-se fazer as substituições das formas verbais do imperativo, que se encontram na 3ª pessoa. Assim, "preste" deve ficar "presta" (duas vezes) e "ouça", "ouve".

4. d **5.** d **6.** c **7.** c **8.** e

9. Existem, dizem, são, lidam, escrevem, chama-se, transforma, flui, merecem, atribui

10. c **11.** a **12.** a **13.** b **14.** e

15. 02, 04, 08

16. a) segunda pessoa do plural do imperativo afirmativo
b) diga, role, varra

17. a) provém b) inclinamo-nos

18. a

19. Primeira conjugação: estar, continuar, ficar, amar, dar; segunda conjugação: ser, ter, haver, permanecer, dever; terceira conjugação: partir, ir, vir, dormir, arguir. Os verbos são distribuídos em conjugações de acordo com a vogal temática que apresentam: -a-, primeira conjugação; -e-, segunda; -i-, terceira.

20. a) A grosseria de Deus me feriu e insultou-me.

b) A grosseria de Deus me ferira e insultara-me.

21. a) … mas, a quinhentos metros, tudo se tornaria muito reduzido: seríeis uma pequena figura sem pormenores; vossas amáveis singularidades fundir-se-iam numa sombra neutra e vulgar.

b) … mas, a quinhentos metros, tudo se torna muito reduzido; és uma pequena figura sem pormenores; tuas amáveis singularidades fundem-se numa sombra neutra e vulgar.

22. d **23.** e **24.** d **25.** a **26.** c

27. c

28. Donde (você) houve, ó pélago revolto, esse rugido seu?

29. … e sumir-se-ão logo nas trevas do esquecimento.

30. ilumina (três primeiras ocorrências): segunda pessoa do singular do imperativo afirmativo; mora, ilumina (quarta ocorrência), entra: terceira pessoa do singular do presente do indicativo; iluminando: gerúndio

31. b **32.** b **33.** c **34.** e

Capítulo 7 – Estudo dos verbos (II)

Atividades *(p. 160)*

Em razão da evidente importância do tema tratado, oferecemos aqui farto material para que o professor pratique os conteúdos estudados e verifique o grau de aquisição de competências da parte dos alunos.

1. a) ateio/ateie
b) bloqueiam/bloqueiem
c) penteio/penteie
d) receio/receie
e) passeia/passeie
f) titubeias/titubeies

2. a) ceamos/ceais
b) folheamos/folheais
c) freamos/freais
d) granjeamos/granjeais
e) lisonjeamos/lisonjeais
f) semeamos/semeais

3. a) crio/crie
b) credencio/credencie
c) negocio/negocie
d) intermedeio/intermedeie
e) premio/premie
f) odeio/odeie
g) anseio/anseie
h) anuncio/anuncie
i) remedeio/remedeie
j) incendeio/incendeie

4. a) criamos/criem
b) credenciamos/credenciem
c) negociamos/negociem
d) intermediamos/intermedeiem
e) premiamos/premiem
f) odiamos/odeiem
g) ansiamos/anseiem
h) anunciamos/anunciem
i) remediamos/remedeiem
j) incendiamos/incendeiem

5. a) descreia
b) leias
c) releiam
d) percas
e) requeiram
f) valham

6. a) adiro/adira
b) compilo/compila
c) confiro/confira
d) divirjo/divirja
e) divirto/divirta
f) firo/fira
g) dispo/dispa
h) sigo/siga
i) visto/vista

7. a) previna
b) progridamos
c) regrida
d) transgrida
e) denigram
f) cirza

8. a) engula
b) durmamos
c) tussa
d) descubra
e) cubram
f) recubra

9. a) ouça
b) impeça
c) meça
d) despeça-se
e) suba
f) fuja
g) sacuda/suma
h) acuda
i) bula
j) cuspa

10. a) pega/ouve
b) interfere/impede
c) leva/mede
d) comparece/despede-te
e) cria/sobe
f) sai/foge
g) levanta-te/sacode/some
h) mexa-te/acode
i) mantém/não bulas
j) civiliza-te/não cuspas

Atividades *(p. 172)*

Mais uma vez, a evidente importância do estudo até aqui desenvolvido justifica o grande número de atividades propostas.

1. a) estejam
b) estejas
c) esteja
d) estejam
e) estejais
f) estejamos

2. a) estivemos/estivermos
b) deu/der
c) aprouve/aprouver
d) couberam/couberem
e) disse/disser
f) contradisseste/ contradisseres
g) fizeste/fizeres
h) satisfiz/satisfizer
i) houve/houver
j) quisemos/quisermos
k) soube/souber
l) oram/ forem
m) trouxe/trouxer

3. a) fôssemos/assumiríamos
b) trouxesse/consertaríamos/continuaríamos
c) coubesse/iria
d) dispusesse/seriam
e) desse/terminaríamos
f) condissesse/haveria
g) liquifizesse/seria
h) fossem/ficaria
i) pudéssemos/daríamos
j) quisesse/seria
k) soubessem/ficariam
l) estivesse/haveria
m) visse/ ficaria
n) mantivesse/teria

4. a) vieram
b) fizera
c) trouxéramos
d) houvera
e) vira
f) antepuseras
g) rarefizera
h) apurara
i) estivéramos
j) dissera
k) coubera
l) foras
m) mantivera/detivera

O aluno deve perceber que o uso da forma simples torna as frases mais formais.

5. a) punha
b) dispunha
c) contrapúnhamos
d) supunha
e) íamos
f) vinha
g) convinham
h) prevíamos
i) revias
j) indispunha
k) predispunha
l) intervinha
m) provinha

6. a) dispuser/terminará
b) depuser/seremos
c) indispusermos/desfaremos
d) recompuser/voltará
e) transpusermos/ veremos
f) decompuser/surgirá
g) vir/ perceberá
h) revirmos/traremos
i) satisfizer/perceberá
j) opuser/desistirá
k) expusermos/obteremos
l) trouxeres/ daremos
m) sobrepuser/haverá
n) contiver/fará

7. a) interpus
b) predispôs
c) interveio
d) intervieram
e) intervim
f) proveio
g) convieram
h) opuseste
i) intervieram
j) desavim
k) interveio
l) interviemos
m) convieram
n) mantiveram/contiveram

Atividades *(p. 179)*

1. É importante o aluno perceber que ele terá necessidade de exprimir as noções que os verbos defectivos não podem exprimir em determinados tempos e modos. As respostas oferecidas não são as únicas possíveis.

a) faça a demolição daquela, ponha abaixo
b) seja abolida
c) pinte
d) venham a se exaurir, se esgotem
e) seja banido, seja afastado

2. a) consiga reaver
b) acautelemos, tomemos precauções
c) adaptem, ajustem
d) acautelo, previno
e) adaptam, ajustam
f) consegue reaver, faz por reaver

3. a) reouve
b) precavi/tive
c) reouvemos
d) adequou
e) aboliu
f) faliram
g) precaveu/afastou
h) reouve
i) reouvemos

4. a) eleito/elegido
b) aceito/aceitado
c) pago/gasto/ganho
d) pago ou pagado/gasto ou gastado/ganho ou ganhado
e) chegado/pegado
f) entreaberto/visto/dito/escrito/vindo

Textos para análise *(p. 180)*

Texto 1

1. São verbos regulares: sujar, lavar, esperar, piscar, esperar, caminhar, comer, deitar; são irregulares: ouvir, sentir, barbear, dormir e ser (o verbo **ser** é anômalo, pois apresenta fortes irregularidades); são defectivos: chover e acontecer (que estão no grupo dos verbos impessoais e unipessoais, já que se conjugam apenas na terceira pessoa).

2. 1) sujo o pé de areia pra depois lavar na água 2) espero o vaga-lume piscar outra vez 3) ouço a onda mais distante por trás da mais próxima 4) não espero nada acontecer 5) se chover, tomo chuva 6) caminho 7) sinto o sabor do que como 8) sou gentil com qualquer pessoa 9) barbeio-me no final do dia 10) ao me deitar para dormir, durmo

3. Os verbos no infinitivo não se referem a nenhuma pessoa do discurso, não situam no tempo as ações e os processos expressos por eles, nem são expressos de um determinado modo. Podem referir-se a qualquer ser, sem restringir-se a um em particular. As ações e os processos expressos no texto ganham, assim, um aspecto universal, que serve a quem os enuncia como a qualquer outra pessoa num dia qualquer.

Texto 2

1. Mais do que chegar à resposta "certa", é importante que os estudantes procurem justificar o uso dessas formas tomando por base o estudo dos verbos feito até o momento. Assim, a discussão sobre as razões que levam aos desvios não devem prender-se a preconceitos ou simplesmente à justificativa do desconhecimento do padrão culto por parte do falante. Dentro da complexidade que é o sistema da conjugação verbal em português, há padrões que se repetem. Quando alguém "erra", como ocorre nos exemplos dados, percebemos que o falante toma uma regularidade conhecida e aplica-a a um verbo irregular. Podemos dizer, assim, que existe uma lógica no desvio. Observando as formas dadas, temos:1) "fondo": o falante aplicou a terminação -ndo, do gerúndio, à forma *foi*, terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do verbo *ir*, que é considerado anômalo por suas fortes irregularidades (basta ver a variação dos radicais: vou, ia, fui). 2) "hajar": o verbo haver é tão irregular que às vezes se tem a impressão de que formas como *hei*, *há*, *houve* e *haja* não são do mesmo verbo; assim, o falante criou o verbo "hajar", pelo acréscimo da desinência do infinitivo à forma *haja*, terceira pessoa do singular do presente do subjuntivo. 3) "desfazerá": o tempo verbal em questão é o futuro do presente do indicativo (*beijarei*, *sofrerei*, *partirei* etc.). Esse tempo é conjugado a partir do infinitivo, ao qual se acrescentaram as terminações *-ei*, *-ás*, *-á*, *-emos*, *-eis*, *-ão*. Isso aplica-se a qualquer verbo, regular ou irregular. Ocorre que há três exceções: *dizer*, *fazer* e *trazer*, de cujo futuro do presente se suprime a sílaba "ze". Se na conjugação desses três verbos se aplicasse o sistema padrão, teríamos formas como "dizerei", "dizerá", "fazerei", "fazerá", "trazerei", "trazerá" etc. Com a supressão da sílaba "ze", ocorrem as formas *direi*, *dirá*, *farei*, *fará*, *trarei, trará* etc. O que ocorreu nesse caso, portanto, foi um processo de "regularização" da conjugação.

Texto 3

Recomendamos vivamente que as atividades de leitura e análise da canção sejam feitas somente após a atenta audição em sala de aula. Trata-se sem dúvida alguma de uma das obras-primas de Caetano e Gil — e a profundidade da análise que fazem da realidade brasileira é comparável ao apuro verbal do texto produzido.

1. Terceira pessoa do singular do futuro do subjuntivo.

2. Terceira pessoa do singular do futuro do subjuntivo do verbo *ver*. Essa forma é obtida a partir do tema do pretérito perfeito do indicativo (vi-ste).

3. *Ver* é, no caso, uma forma do infinitivo pessoal, formada a partir do infinitivo impessoal. *Vir* é, como já vimos, uma forma do futuro do subjuntivo, formada a partir do pretérito perfeito do indicativo.

4. Futuro do subjuntivo: defender, notar, ouvir, apresentar; infinitivo: subir, mostrar, furar.

5. *Parecer* é, morfologicamente, regular. Apresenta um detalhe ortográfico: o uso do *ç* quando necessário.

6. Presente do subjuntivo. Essa forma é obtida a partir do radical da primeira pessoa do singular do presente do indicativo (poss-o).

7. Futuro do subjuntivo, obtido do tema do pretérito perfeito do indicativo (disse-ste).

8. O aluno deve selecionar algumas das incontáveis referências aos "pretos". Deve também notar que o preconceito não é só racial, mas também social: os brancos pobres acabam virando "quase pretos".

9. O aluno deve perceber que democratizar o ensino é um caminho para formar cidadãos, indivíduos capazes de aprender a respeitar o sinal vermelho e de discutir a questão da adoção da pena capital com mais consciência e discernimento, evitando as armadilhas demagógicas. Em salas de aula formadas por alunos de alto poder aquisitivo, a menção a sinais vermelhos e à pena de morte costuma causar polêmica — pois muitos aprendem com os pais que "sinal de trânsito é para os outros" e que "bandido tem mais é que morrer". O professor não deve aceitar passivamente essas afirmações — afinal, a escola deve preocupar-se com a formação integral do cidadão.

10. Reflexão pessoal.

Questões de exames e concursos *(p. 183)*

1. c **2.** b **3.** d **4.** c **5.** b

6. c **7.** b **8.** c **9.** b **10.** d

11. a **12.** b **13.** c **14.** e **15.** d

16. Eles não reouveram seus bens. *Reaver* é conjugado como *haver*, mas só existe nas formas em que o verbo *haver* apresenta a letra *v*.

17. e **18.** d **19.** a **20.** a **21.** a

22. a

23. a) mantiam, ir
b mantinham, for
c) Mantiam: formada como se o verbo fosse regular; ir: confusão entre formas do infinitivo e do futuro do subjuntivo.

24. a **25.** d

26. a) repor: … e repuser perdas salariais
b) confusão entre formas do infinitivo e do futuro do subjuntivo, comum quando se usam certos verbos irregulares

27. e **28.** c **29.** b **30.** b **31.** b

32. b **33.** c **34.** e **35.** interveio, deteve

36. a) Se você se pusesse em meu lugar, perceberia melhor o problema.
b) Quando virem o logro em que caíram, ficarão furiosos.

37. a) Se ele vir o filme, eu também verei.
b) Se tu te dispuseres, eu também me disporei.

38. d **39.** a **40.** b

41. a) abençoe; b) ouça; c) proteja

42. a **43.** c **44.** b **45.** d **46.** a

47. c **48.** e

Capítulo 8 – Estudo dos verbos (III)

Atividade *(p. 190)*

Atividade para revisão e controle de aquisição de competências básicas.

a) oposição certeza/incerteza
b) oposição certeza/incerteza
c) oposição fato positivo/hipótese
d) oposição certeza/possibilidade
e) oposição certeza (há quem ama a pátria)/possibilidade (talvez não haja quem ame a pátria…)
f) diferença entre uma avaliação subjetiva e uma ordem, um conselho.

Atividades *(p. 194)*

O professor pode, por meio destas atividades, sistematizar os conteúdos até aqui estudados e ao mesmo tempo avaliar o grau de aquisição de competências por parte dos alunos.

1. a) fui/fora, tinha ido
b) chegamos/saíra, tinha saído
c) sabem/ divide
d) acordava/corria/durmo/tenho
e) vem/pergunta/ precisa ou vinha/perguntava/ precisava
f) contive/gritei
g) sugere
h) sugeria ou sugeriu
i) está/vê/ouve/é ou estava/via/ouvia/era
j) tinham/rolava/imperava/eram/valia
l) abri/notei/passara ou havia passado ou tinha passado

2. a) acordarei/pegarei ou acordo/pego
b) seria
c) será
d) viria ou teria vindo
e) saiu/ganharia
f) saias
g) encontrará
h) terá terminado ou estará terminado
i) teria terminado ou estaria terminado
j) continuaria, expressariam
l) poderia

3. a) A segunda frase exprime maior convicção do que a primeira.
b) A primeira frase é um comando; a segunda, uma forma delicada e familiar; a terceira, uma forma categórica de impor um comportamento.
c) A primeira frase indica maior convicção do que a segunda.
d) A primeira frase é muito mais rebuscada do que a segunda.

4. Reflexão pessoal.

5. Reflexão pessoal.

Atividades *(p. 197)*

1. a) caibam ou coubessem ou venham a caber
b) seja
c) contivesse
d) tenha encerrado
e) estiver
f) revirem

2. a) Sugiro-lhe que faça… Sugeri-lhe que fizesse…
b) Sugiro-lhe que veja… Sugeri-lhe que visse…
c) Sugiro-lhe que traga… Sugeri-lhe que trouxesse…
d) Sugiro-lhe que redija… Sugeri-lhe que redigisse…
e) Sugiro-lhe que confira… Sugeri-lhe que conferisse…
f) Sugiro-lhe que mostre… Sugeri-lhe que mostrasse…

3. a) Supunha que ele tivesse convencido os filhos.
b) Supunha que a empresa tivesse superado as dificuldades.
c) Supunha que tivéssemos eliminado todas as dúvidas.
d) Supunha que houvessem visto os melhores filmes.
A forma inicial exprime o desejo de quem fala de que aquele com quem fala tenha obtido sucesso. A forma transformada exprime a decepção de quem fala diante de algo que já sabe não ter acontecido.

4. a) Era provável que ela adotasse…
b) Era insuportável que não se eliminasse…
c) Era imprescindível que participássemos…
d) Era indispensável que fizéssemos…
e) Era necessário que todos permanecêssemos…
f) Era preciso que se alterasse…
g) Era inacreditável que ele se deixasse envolver.
A forma inicial indica uma avaliação de algo relativo ao momento em que se fala ou escreve; a forma transformada refere-se nitidamente a processos já encerrados.

5. a) quisesse, faria/ tivesse querido, teria feito
b) requeresse, conseguiria/tivesse requerido, teria conseguido
c) previsse, iria/ tivesse previsto, teria ido
d) lutasse, surgiriam/tivesse lutado, teriam surgido
e) fizessem, seria/tivessem feito, deviam, teria sido grandioso.
f) fossem, cresceria/tivessem sido, teria crescido.
A primeira forma indica acontecimento provável; a segunda, acontecimento desejável, mas já tido como de realização muito difícil; a terceira, como mera hipótese relativa a coisas que não aconteceram.

Atividades *(p. 202)*

1. a) encerradas
b) esbravejando
c) resolvidos
d) vindo/indo
e) escrito/pintar
f) examinares

2. a) costumo
b) voltei a
c) parei de, deixei de
d) começava a/punham-se a (sugestão)
e) tenho
f) pode/deve

Textos para análise *(p. 202)*

Texto 1

1. A charge sugere uma tarefa escolar manuscrita, imitando uma folha de caderno de aluno. A ilustração mostra um ambiente decadente (aluno fumando, abatido; lixo espalhado pelo chão; mobília obsoleta) que vem comprovar as afirmações do texto da charge.

2. Os verbos estão conjugados no modo indicativo, normalmente empregado para expressar certeza, fatos verdadeiros e reais. Nome completo dos tempos: pretérito perfeito e futuro do presente.

3. Supõe-se que o enunciador que se coloca como primeira pessoa seja um estudante; o pronome tu provavelmente representa um interlocutor, um cidadão comum que também acaba sofrendo as consequências do descaso para com a educação e, finalmente, o pronome **eles** refere-se às autoridades, às pessoas que, detentoras de um cargo público, deveriam estar lutando para conseguir melhorar a educação no país. O uso da terceira pessoal do plural se justifica, uma vez que são muitos os que deveriam se responsabilizar pela educação.

4. Tu não te responsabilizaste.
Eu não me responsabilizei.
Nós não nos responsabilizamos.
Eles não se responsabilizaram.

5. O verbo investir, quando conjugado na primeira pessoa do singular do presente do indicativo, apresenta i no lugar do e no radical : invisto. Já o verbo agredir, apresenta o i no lugar do e nas pessoas: primeira, segunda e terceira do singular e terceira do plural: agrido, agrides, agride, agridem. O mesmo ocorre nas formas derivadas.

6. Aparecerá a vogal **u** antes da letra **e**: drog**u**ei. O mesmo ocorrerá quando o verbo for conjugado no presente do subjuntivo: drogue, drogues, drogue, droguemos, drogueis, droguem.

7. Observa-se que não há mudança nos verbos conjugados. A mesma frase permance, alterando-se apenas o tempo, do pretérito para o presente, o que significa que os mesmos erros cometidos pelas administrações anteriores continuam: alternam-se os partidos no poder, mas a educação continua a não ser prioridade.

8. O objetivo do cartunista é criticar o governo, mostrando as consequências do descaso para com a educação.

9. Pretérito: eu me esforcei; tu me ensinaste; eles fizeram a obrigação.
Presente: eu aprendo; tu te tranquilizas; eles se vangloriam.
Futuro: eu me formarei; tu te beneficiarás; eles se elegerão.

10. Considerando o todo da charge, seria de se esperar que os responsáveis pelo péssimo estado da educa-

ção não se (re-)elegessem, uma vez que não cumpriram sua orbigação. Contudo, e aí está a crítica mais contundente da charge, eles parecem não ser afetados: continuam a receber os votos dos eleitores.

Texto 2

1. Resposta pessoal. Considerar, entretanto, que a língua e seu emprego não são fenômenos passíveis de mudanças por decretos institucionais.

2. Também por "provocação", o jornalista empregou a forma nominal em questão — o gerúndio — de maneira exagerada. Exemplos: "estar virando", "estará falando", "estar repassando", "estar fazendo", "estará vacinando", "estar ouvindo", "estará sendo desrespeitado", "estar virando anedota", além dos citados entre aspas: "vamos estar providenciando" e "vou estar confirmando". Além da farta presença do gerúndio, chamar a atenção para outras palavras como "abespinhado" ou "encontradiças" que contribuem para intensificar o tom sarcástico do texto.

3. Aparece o particípio.

4. Resposta pessoal. Considerar que não é a proibição do gerúndio que está em jogo, mas a eliminação de uma prática constante em nossos meios políticos: a de postergar a tomada de decisões necessárias ao bom andamento da administração pública. A demissão deveria ser de quem usa o gerúndio como desculpa de sua ineficiência.

5. Resposta pessoal. Considere-se que o emprego do gerúndio é perfeitamente válido em nossa língua, desde que expresse ações prolongadas, que estejam em processo. Exemplo: Nos três últimos capítulos do livro estamos estudando os verbos. Ultimamente, talvez por influência do *telemarketing*, difundiu-se o emprego do gerúndio para ações pontuais, imediatas: "vou estar transferindo sua ligação"; "vou estar encaminhando seu assunto" e assim por diante, no lugar de formas muito mais simples e diretas como: vou transferir, vou encaminhar. A explicação para essa "moda" pode estar na inadequada tradução literal de algumas expressões da língua inglesa, presentes em manuais estrangeiros, ou na falsa impressão que se pretende passar ao usuário de que alguma providência está sendo tomada para resolver o problema dele.

Questões de exames e concursos *(p. 204)*

1. O recurso formal que expressa a hipótese é o futuro do pretérito ("gostaria").

2. a) Ainda hoje, esta singela quadrinha de propaganda é cantada no rádio por vozes bem afinadas.
b) Novinhas em folha corresponde à expressão "rosas desabrocham"; resplandecentes corresponde a "luz do sol".

3. 33 (1,32)

4. b

5. e **6.** b **7.** a **8.** d **9.** b

10. a) E eu, se menos a conhecesse, mais a amaria.
b) *Sou*, no caso, indica um processo iniciado no passado cuja ação é duradoura (equivale a fiquei ou tornei-me), é indica, no caso, um estado permanente.

11. b **12.** e

13. a) I — Eles haviam pedido que a Petrobrás garantisse que não haveria inquéritos administrativos contra os grevistas. II — Se eles tivessem pedido, a Petrobrás garantiria que não haveria inquéritos administrativos contra os grevistas.
b) No item I, pede à Petrobrás que garanta não instalar processos administrativos contra os grevistas — a empresa pode ou não aceitar o pedido. O período construído para expressar esse pedido é formado por orações subordinadas substantivas, num processo típico de utilização do discurso indireto. Em II, a Petrobrás teria garantido não instalar inquéritos administrativos desde que houvesse um pedido — ou seja, a condição para não acontecerem os inquéritos era o pedido. Nesse caso, constrói-se um período composto em que ocorre oração subordinada adverbial condicional.

14. a) Na primeira notícia: tem havido e tem arrojado; na segunda, destruiu, anteontem, rompeu, levando, retorceu, foram arrancadas, arremessaram.
b) Houve no Mar Negro uma grande tempestade, que provocou o naufrágio de grande número de embarcações. Mais de 80 cadáveres arrojados pelo mar à praia já foram recolhidos.
c) Resposta pessoal. Deve-se atentar na manutenção da correspondência entre os tempos verbais. Atualmente, esse início seria utilizado para referir processos repetidos ou em desenvolvimento — algo como "Tem havido no Mar Negro constantes manobras militares da frota russa…"

15. Na alternativa A, o verbo "assegurar" deve flexionarse no presente do indicativo, como ocorreu com "transmitia", da oração anterior. Na B, o verbo "encarar" deve flexionar-se no presente do subjuntivo, já que a oração de que faz parte é encabeçada pela locução conjuntiva "a não ser que". Na C, como o "que" antecedente ao verbo "poder" é pronome relativo, esse verbo deve ficar no presente do indicativo. Na D, como "que" é conjunção integrante, os verbos "transcender" e "tomar" estão corretamente flexionados no presente do subjuntivo. Na E, finalmente, a segunda ocorrência do verbo "poder" deve ficar no presente do indicativo por indicar ação expressa no plano da certeza.
Resposta: d

16. e **17.** d

18. a) O "problema de estilo" consiste no hábito corrente de substituir formas verbais simples por locuções com o verbo auxiliar estar seguido do gerúndio do verbo principal. Assim, no texto transcrito, "estaria…

enviando" substitui "enviaria"; "estaremos fazendo" substitui "faremos" e "vamos estar enviando" substitui "vamos enviar". re-escrito e melhorado em alguns pontos, o trecho em questão poderia assumir a seguinte forma: "Precisávamos ter certeza de que a nossa matriz no Brasil nos enviaria a referida peça. Na próxima semana, faremos uma revisão geral no aparelho e o enviaremos ao senhor".

b) O "desvio da norma-padrão" do Português, não apenas do Brasil, está no emprego do pronome reto ele em função de objeto, na qual seria de regra o pronome oblíquo o: "vamos enviá-lo".

19. O aluno deve refletir sobre os conteúdos estudados e propor frases em que o uso desses tempos verbais seja coerente. Sugere-se ao professor que insista na diferença básica entre esses três tempos: o perfeito como indicador de processo totalmente realizado em momento anterior ao da enunciação, como em "Fui ao cinema ontem"; o mais-que-perfeito como indicador de processo totalmente realizado em relação a outro processo realizado em momento anterior ao da enunciação, como em "Fui ontem ao cinema ver um filme diferente do que vira na semana passada" e o imperfeito, que indica processos iniciados em momento anterior ao da enunciação e que não têm limites precisos ou processos que se repetem desde um momento anterior ao da enunciação, como em "Sempre ia ao cinema às sexta-feiras".

20. c **21.** d **22.** b **23.** a **24.** b

25. b

26. a) Empregando-se o pronome vocês, segundo o hábito brasileiro, o imperativo corresponderia a formas do subjuntivo: "Numa panela funda, coloquem a água, o adoçante, o suco de laranja, o cravo, a canela e o anis-estrelado. Deixem ferver por 15 minutos. Juntem os pedaços de abóbora na calda e cozinhem por 20 minutos. Desliguem o fogo e deixem na panela por 12 horas. Depois, coloquem em uma compoteira. Levem à geladeira por aproximadamente 1 hora, antes de servir". Caso se optasse por formas do imperativo propriamente dito, que postulam o tratamento em segunda pessoa, os verbos seriam: colocai, deixai, juntai, cozinhai, desligai, deixai, colocai, levai, respectivamente.

b) Numa panela funda, colocam-se a água, o adoçante, o suco de laranja, o cravo, a canela e o anis estrelado. Deixa-se ferver por 15 minutos. Juntam-se os pedaços de abóbora na calda e cozinha-se por 20 minutos. Desliga-se o fogo e deixa-se na panela por 12 horas. Depois, coloca-se em uma compoteira. Leva-se à geladeira por aproximadamente 1 hora, antes de servir.

27. b **28.** b

29. a) pretérito mais-que-perfeito do indicativo
b) indica processo anterior a outro processo passado — indicado, no caso, pelo pretérito perfeito "*perceberam*"

30. e **31.** b **32.** c

33. a) vier, vir, entregarei
b) vieres, vires, entregarás
c) vier, vir, entregará
d) viermos, virmos, entregaremos
e) vierdes, virdes, entregareis
f) vierem, virem, entregarão

34. d

35. Os tempos verbais empregados são o presente e o futuro do pretérito. O primeiro expressa a experiência concretizada pelo eu-poético e o segundo expressa a experiência projetada, a hipótese, o desejo.

36. c **37.** a **38.** e **39.** e **40.** c

41. a) reouver
b) se mantêm
c) contivessem
d) compuser

42. c **43.** c **44.** a **45.** d **46.** d

47. b **48.** c **49.** b

Capítulo 9 – Estudo dos substantivos

Atividades *(p. 217)*

Optamos por atividades que façam o aluno praticar o uso de substantivos abstratos — tão frequentes em estruturas linguísticas dos textos dissertativos — e dos substantivos coletivos, cujo uso apropriado permite a construção de frases mais sintéticas e a expressão de interessantes nuanças de significado.

1. a) O sujeito exibia tanta altivez que…
b) Seu olhar expõe tanta tristeza que…
c) A rijeza de seu caráter impressionava…
d) A nobreza de seu coração é sentida por todos.
e) É tanta a rigidez do material que…

2. As frases são pessoais. Os substantivos referentes aos adjetivos dados são: a) honestidade; b) participação e fiscalização; c) questionamento; d) claridade; e) clareza; f) inquietude, inquietação; g) suscetibilidade

3. a) plantel
b) assembleia
c) fauna/flora
d) frota
e) junta
f) júri
g) banda, conjunto
h) camarilha
i) claque
j) comitiva
k) elenco
l) prole
m) acervo/hemeroteca
n) antologia

4. Reflexão pessoal. Alguns dos coletivos adquirem valor pejorativo de acordo com o contexto em que são usados.

Atividades *(p. 221)*

Estas atividades trabalham alguns detalhes importantes da forma culta da língua.

1. a) uma comadre
b) uma amazona
c) a nora
d) uma marani
h) à anfitriã
i) uma cidadã consciente
j) da maestrina
k) uma embaixadora

e) a ré
f) uma parenta
g) uma consulesa
l) uma valentona
m) uma dama

2. a) uma vaca
b) uma ovelha
c) uma cabra
d) uma cadela
e) uma elefanta
f) uma leitoa
g) uma pavoa
h) uma perdiz

3. a) muito/as/as
b) o/muita/do
c) superado o/um/uma/uma/o/um
d) uma/falsificada
e) da
f) o/vendido/considerado

4. a) o/decapitado/a/exposta
b) todo o/aplicado/da
c) o/a
d) o/pequeno
e) uma/voltada
f) quantos/pela

Atividades *(p. 227)*

Atividades para a prática de alguns detalhes importantes da forma culta da língua.

1. a) … jardins?
b) …balões?
c) …figurões?
d) …cidadãos?
e) …capitães?
f) hambúrgueres?

2. a) barris
b) leões fugirem
c) eleições
d) cidadãos
e) pães
f) escrivães e tabeliães
g) caracteres
h) juniores
i) ônibus
j) projéteis
k) projetis
l) hifens (ou hífenes)
m) pasteizinhos

3. O aluno deve atentar aos casos de metafonia presentes nas frases.

4. a) salários-família ou salários-famílias
b) beija-flores
c) bate-bocas
d) alto-falantes
e) abaixo-assinados
f) segundas-feiras
g) vice-presidentes
h) recém-casados
i) boias-frias
j) bananas-maçã ou bananas-maçãs; mangas-rosa ou mangas-rosas
k) palavras-chave ou palavras-chaves
l) guarda-roupas
m) guarda-chuvas
n) couve-flores ou couves-flores
o) obras-primas
p) joões-de-barro
q) vitórias-régias
r) navios-fábrica ou navios-fábricas
s) livros-caixa ou livros-caixas
t) arranha-céus
u) ex-diretores
v) para-raios
w) bumba-meu-boi

Atividades *(p. 229)*

Atividades para que o aluno reflita sobre as possibilidades de expressão de nuanças de significado por meio das formas do aumentativo e do diminutivo.

1. a) avaliação de sentido moral
b) exaltação da beleza física
c) exaltação da qualidade técnica
d) depreciação da qualidade técnica
e) avaliação de sentido moral, ligada à ideia de excesso
f) envolvimento afetivo, conotação de valorização
g) avaliação de sentido moral ou expressão de preconceito social
h) avaliação de sentido moral ou expressão de preconceito social
i) sentido afetivo, familiar
j) expressão de dimensão física
k) exaltação da beleza física, em sentido metafórico

2. a) bocarra; boquinha
b) corpanzil; corpinho, corpúsculo
c) narigão; narizinho
d) casarão; casinha, casebre
e) pezão, pezinho
f) manopla, manópula, manzorra; mãozinha
g) canzarrão; cãozinho
h) gatão, gatarrão, gatorro; gatinho
i) homenzarrão; homenzinho, homúnculo
j) mulherão (sentido figurado); mulherzinha (sentido figurado). Para indicar dimensão física, usam-se as formas analíticas mulher grande e mulher pequena
k) animalaço, animalão; animalzinho.

Textos para análise *(p. 229)*

Além da prática dos conteúdos estudados neste capítulo, estas atividades de leitura e análise permitem também discutir com os alunos alguns efeitos de sentido produzidos pela escolha vocabular no texto literário (poema e letra de canção popular), especialmente pelo emprego do substantivo.

Texto 1

No texto de Vinicius de Moraes, a descrição da amada vai além da simples exposição de características. Cada traço que a define nos é transmitido por meio de imagens, em frases de estrutura simples, mas de grande lirismo. O estudo desse texto permite explorar o valor estilístico do substantivo como classe de palavras que se presta muito bem ao trabalho de criação de imagens.

1. Perdido ("Ela fez um eterno **perdido**"); ser ("E do pobre **ser** que Deus lhe deu"); andar ("…e um **andar** pequenino");

2. Fala, beijo, zanga, briga ("Tem **fala** de S"; "dar um **beijo** nela e sair correndo"; "E ficar de longe espiando-lhe a **zanga**"; "deem-lhe razão, faz uma **briga**")

3. Nai-ou-nentes, geografia.

4. Diminutivos sintéticos: besourinhos, estrelinhas, passarinhos, comidinha, senhorazinha; diminutivo analítico: andar pequenino.

5. Espera-se que os estudantes percebam o valor afetivo do diminutivo no texto. O poeta apresenta a namorada ora como uma criança (menininha, senhorazinha, "queria brincar com ela, fazer comidinha, jogar nai-ou-nentes"), ora como mulher (é culta, vai para o trabalho, é uma cigana), e nesse jogo mesmo percebe-se o valor afetivo do diminutivo.
6. Predominam os substantivos concretos. Observe-se que a utilização do substantivo (alguns abstratos, mas com predominância dos concretos) é fundamental para a criação de imagens referentes ao aspecto físico da amada ("**olhos** como **besourinhos** / como **estrelinhas**"; "**cabelo** fino, um **corpo** menino e um **andar** pequenino"; "vai e vem como uma **patativa**") e para a formação de um conceito sobre o que ela é: múltipla, contraditória, envolvente, forte, delicada ("sabe **aritmética**, **geografia**, **história**, **contraponto**"; "faz **coleção** de **cactos**"; "vai para o **trabalho**"; "é uma nossa **senhorazinha**, é uma **cigana**, é uma **coisa**…"; "**anjo** de **Domremy**"; "deem-lhe uma **espada**, contrói um **reino**; deem-lhe uma **agulha**, faz um **crochê** / Deem-lhe um **teclado**, faz uma **aurora**, deem-lhe **razão** faz uma **briga**").

Texto 2

Deve-se, se possível, apresentar o texto por meio de uma gravação. É, antes de mais nada, uma belíssima canção de Gilberto Gil. E um exemplo muito bem-sucedido de exploração de homofonias e homografias.

1. O aluno deve perceber que o próprio texto oferece essa explicação quando afirma que se trata de *rebento* no sentido de "ato de criação": deve-se relacionar isso com o que se aprendeu sobre formação dos substantivos deverbais por derivação regressiva (rebentar: rebento) e relembrar que, nesse processo, formam-se sempre nomes de ação, que, como se verificou no estudo dos substantivos, são sempre substantivos abstratos (ao lado dos nomes de qualidade e de sentimento).
2. Não, pois *rebento* agora é "tudo o que nasce", "tudo o que brota, que vinga, que medra". O aluno deve perceber que não se trata mais do nome de uma ação, mas sim do nome de um ente (vegetal, no sentido primeiro) — o que torna *rebento* um substantivo concreto, pois nomeia um ser de existência independente.
3. Parece predominar nessas três últimas vezes o sentido de ato de criação, ainda que impregnado pelos dois outros sentidos.
4. O texto se refere basicamente à atividade criadora do artista, cujo rebento (ato criador) rebenta (forma verbal) como rebento (broto) em diversas ocasiões: seja por nervosismo, seja por fúria, seja por atividade laboriosa.
5. Os sinônimos são os verbos *rebentar*, *brotar*, *vingar* e *medrar*. O professor deve aproveitar para discutir com os alunos o conceito de sinônimo, mostrando como não se trata de palavras com o mesmo significado, mas sim de palavras que pertencem a uma mesma área semântica — cada uma delas sendo capaz de exprimir detalhes importantes de significado.
6. O aluno deve perceber o trabalho sonoro desenvolvido com as consoantes /R/ e /r/.
7. Comparações: o ato da criação e o surgimento de uma nova estrela; rebento raro como flor na pedra; rebento farto como trigo ao vento; rebentar como a corrente de um cão furioso, como as mãos de um lavrador ativo, como um acidente em forno radioativo; há ainda a relação entre o rebento e o trovão dentro da mata.
   O aluno deve observar a riqueza dessas imagens comparativas, todas de grande força expressiva; particularmente, a imagem do trovão dentro da mata é de profundo vigor e beleza.
8. Resposta pessoal do aluno, que deve relacionar sua experiência pessoal com o conteúdo do texto analisado.

Questões de exames e concursos *(p. 232)*

1. a	**2.** e	**3.** a	**4.** c	**5.** b
6. a	**7.** d	**8.** b	**9.** d	**10.** b
11. c	**12.** e	**13.** d	**14.** b	**15.** c
16. b	**17.** c	**18.** d	**19.** d	**20.** c
21. b	**22.** e	**23.** c	**24.** a	**25.** c
26. e	**27.** d	**28.** a	**29.** c	**30.** d
31. c	**32.** c	**33.** d		

Capítulo 10 – Estudo dos artigos

Atividades *(p. 238)*

Optamos por propor estas atividades de análise das diversas nuanças de significado que os artigos podem transmitir em lugar de extensas listas de valores e empregos dos artigos que tradicionalmente são encontradas nas gramáticas.

1. a) valor de pronome demonstrativo: desta região
   b) valor de pronome possessivo: suas mãos e sua mãe
   c) valor de pronome indefinido: cada quilo
   d) valor superlativo: o mais importante momento
   e) valor enfático: um homem mesmo, um homem de verdade
   f) valor aproximativo: mais ou menos meia hora
   g) valor enfático: talento de verdade, talento demais, talento verdadeiro
2. a) cotidianamente, diariamente/o dia todo, o dia inteiro
   b) O uso do artigo indica maior familiariade. Em algumas regiões do Brasil (alguns estados do Nordeste, por exemplo), o uso do artigo nunca ocorre, mesmo quando há familiaridade.
   c) é uma das que eu tenho/é a que eu tenho
   d) apresentou algumas das reivindicações/apresentou todas as reivindicações
   e) A segunda frase sugere que ele é o maior dos compositores brasileiros; na primeira, ele é um dos grandes compositores brasileiros.

Textos para análise *(p. 238)*

Texto 1

1. As palavras em destaque pertencem à classe dos artigos. A intenção do autor é destacar a oposição que existe entre o artigo definido (que particulariza) e o artigo indefinido (que generaliza).

2. Pensei que eu fosse o único amigo da vida dela, exclusivo. Mas agora percebo que sou só um amigo a mais, entre tantos outros.

Texto 2

Como sempre, recomendamos que se faça a audição da canção em sala de aula como ponto de partida das atividades de leitura e análise.

1. São usados em sentido genérico: acompanhados de artigos indefinidos, esses substantivos indicam qualquer homem ou qualquer mulher.

2. O substantivo *coração* surge nesse verso acompanhado de artigo definido, o que o torna um substantivo determinado. A determinação parece indicar que o coração ser tomado como sede da sentimentalidade é um fato sabido e aceito por todos: algo semelhante a dizer "e, como todos sabem, é no coração que essas coisas acontecem".

3. Esse contraste é a razão pela qual este texto foi escolhido para este capítulo. "Um falso amor" não passa de mais um dos inúmeros amores não-verdadeiros, indefinidos e indeterminados na sua sequência pouco significativa. "O grande amor" é aquele por que sempre se esperou, aquele que será único e eterno (enquanto durar).

4. Reflexão pessoal.

Texto 3

1. No primeiro quadrinho, o Dr. Zook refere-se de modo geral a todos os bebês (todos eles dão preocupações aos pais); no segundo quadrinho, Helga refere-se especificamente àquele bebê, o bebê dragão.

Questões de exames e concursos *(p. 240)*

1. a) O contraste entre o artigo definido ("o homem") e o artigo indefinido ("uma mulher").
b) O artigo definido alça o substantivo *homem* a uma posição de superioridade: é um ser determinado, específico, único. O indefinido transforma *mulher* num ser subalterno, igual a todos os outros da mesma espécie. É interessante comentar com os alunos que o machismo vem expresso por uma voz feminina, ou seja, é um elemento ideológico arraigado também na visão de mundo da mulher. Comentar com eles que os autores estão apresentando com mestria uma situação da realidade, e não, como muitos julgam, expondo as próprias ideias sobre a relação entre o homem e a mulher.

2. Nunca havia visto um indivíduo da espécie humana (um homem); por isso não sabia identificar esse tipo de ser (o homem).

3. a **4.** a **5.** d **6.** d **7.** b

Capítulo 11 – Estudo dos adjetivos

Atividades *(p. 247)*

Procuramos elaborar atividades que levem o aluno a empregar os adjetivos pátrios mais comuns no dia-a-dia, na imprensa e nas suas atividades didáticas — os adjetivos pátrios referentes às regiões e cidades portuguesas, por exemplo, ocorrem com frequência nos textos de literatura portuguesa. O professor pode optar por fazer parte destas atividades oralmente.

1. a) Nasceu no estado do Rio de Janeiro, mas não na capital.
b) Nem todo cidadão que nasce no estado de São Paulo nasce na capital.
c) Pensei que ele havia nascido em Belém do Pará, mas ele nasceu em Belém, na Jordânia.
d) Ela nasceu no Porto, em Portugal, e não em Buenos Aires.
e) Nem todo nascido no Brasil nasceu em Brasília.

2. a) potiguar/gaúcho
b) barriga-verde/capixaba
c) soteropolitano
d) magiar
e) portenha
f) norte-americano/americano
g) nipônica

3. a) florianopolitanas
b) brasiliense
c) salvadorense/ soteropolitano
d) petropolitano
e) piauiense/maranhense
f) são-luisense
g) marajoara/paraenses ou paroaras
h) goiano/goianiense
i) tocantiniana/rondoniana ou rondoniense
j) acreana/rio-branquense

4. a) angolano ou angolense/moçambicano/guineenses/cabo-verdianos ou cabo-verdenses
b) estremenho/algarvias ou algarvienses
c) bracarenses, brácaras ou braguesas/interamnenses
d) beirão ou beirense
e) portuenses/coimbrãs, conimbricenses, conimbrigenses ou colimbrienses/ lisboetas, lisbonenses, olisiponense ou ulissiponense
f) albicastrense/visiense

5. a) nova-iorquino/assuncionenho
b) fueguina
c) salvadorenha
d) costa-riquenho ou costa-riquense/escocês/sueco
e) porto-riquenho/ (norte-)americano, estadunidense ou ianque
f) nicaraguense ou nicaraguana/ guatemalteca/ panamenha
g) pacenha/limenha/quitenha/brasileiras

6. a) da Córsega
b) da Sardenha / de Florença
c) de Cartago
d) da Espanha / da Galiza / da Andaluzia
e) de Israel / de Jerusalém
f) da Síria / de Damasco
g) de Trento
h) de Mônaco
i) da Letônia / da Lituânia / da Estônia

7. a) teuto-italiano (preferível) ou germano-italiano (forma não muito eufônica por causa do eco)
b) sino-vietnamita
c) fino-lituana
d) galaico-portuguesa ou galego-portuguesa
e) afro-americana
f) austro-húngaro
g) greco-romana
h) belgo-brasileira
i) anglo-francês

8. a) A receita provém de Parma, na Itália.
b) É do Rio de Janeiro.
c) É de origem chinesa, mais precisamente da capital Pequim.
d) Sua origem é a a região espanhola de Málaga.
e) Sua origem é a região italiana da Calábria.

Atividades *(p. 251)*

Elaboramos atividades que exploram alguns detalhes de significação dos adjetivos e locuções adjetivas envolvidos. Dessa forma, o aluno reflete sobre a relação entre adjetivos e locuções adjetivas e percebe que há casos que devem ser interpretados com cuidado. O professor pode optar por fazer estas atividades oralmente.

1. a) alimentados pelo derretimento das neves e pelas chuvas
b) másculo/com características da espécie humana
c) do coração (enquanto órgão)/cordata, educada (cordial é o que é relativo ao coração — no sentido figurado desta palavra)
d) dos alunos/dos professores
e) literalmente, da floresta; indica que foi feito por abelhas livres, não cultivadas por apicultores
f) na pedra
g) literalmente, do fígado; indica inimizade orgânica, profunda/ do fígado (enquanto órgão)
h) literalmente, de lebre; é nome de uma má formação
i) muito velho, quase decrépito/dos rins/do pescoço/dos quadris
j) que mata
k) de paixão
l) de ouvido
m) visual (também se pode usar a forma *óptico*)

2. O uso da forma *ótico* para referir-se a ouvidos e *óptico* para referir-se aos olhos poderia evitar ambiguidades. Alguns gramáticos propõem apenas essas grafias; no dicionário Aurélio, a grafia *ótico* atende as duas formas.

3. a) felino/viperina
b) matinal/vespertina
c) bovino/ovino/caprino/suíno
d) estomacais/intestinais
e) bucal
f) insular/etária
g) torácicas/craniano
h) fluvial
i) proteico
j) filial/maternas/paternas

Atividades *(p. 257)*

Estas atividades lidam com alguns detalhes bastante importantes da forma culta da língua. Não deixamos de considerar também as relações entre as formas superlativas da língua coloquial e aquelas da língua formal, particularmente na sua modalidade escrita.

1. a) recém-formada/numerosa
b) amarelo-clara/cor-de-rosa
c) sandia/amarelo-limão
d) sulinas/europeia
e) branca/azul-marinho/pretos/estaduais
f) azul-celeste
g) socioeconômica/anglo-saxã
h) latino-americana/ítalo-franco-germânica
i) surdos-mudos
j) incolor/norueguesa
k) superior/conservadora
l) sã

2. a) médico-cirúrgicas
b) amarelo-canário/amarelo-ouro/amarelo-limão
c) empregados/eficazes/necessárias/tradicionais
d) latino-americanas/humanos/policiais
e) esportivos/afro-asiáticos/suspensos/patrocinadoras
f) surdas-mudas
g) azul-marinho/azul-celeste
h) castanho-escuros/azul-turquesa
i) vermelho-sangue/sóbrias
j) verde-esmeralda/castanho-claros
k) lilases/audazes/venenosos

3. a) fragílima
b) talentosíssimo
c) agílimo
d) agradabilíssimo
e) amabilíssima
f) antiquíssima
g) audacíssimo
h) boníssimo
i) ótima
j) dulcíssima
k) ferocíssimo
l) libérrimo
m) macérrimo
n) paupérrimo
o) simpaticíssima
p) volubilíssima

4. a) velocíssimo
b) vulnerabilíssima
c) criticíssima
d) possibilíssimo
e) mínima
f) mansuetíssimo
g) amicíssimo
h) fragílima
i) felicíssimo
j) sapientíssimo

Textos para análise *(p. 259)*

Texto 1

O texto do anúncio resume-se a três adjetivos. Observem-se os três pontos finais caracterizando as frases nomi-

nais. Ao reduzir cada frase a um único adjetivo, o anunciante concentrou nessa classe de palavra o poder de persuasão. Destaquem-se os holofotes num jogo de luz e sombra (num palco?) reiterando o sentido das palavras *premiado/famoso* e a cor dourada e o enquadramento, reforçando o sentido do adjetivo *bonito*. Destaque-se, ainda, que a imagem reproduz apenas o carro, sem nenhum outro objeto (além dos holofotes), ratificando a ideia de que, em determinadas situações, como nas frases, "menos é mais".

Texto 2

1. O adjetivo "carioca", assim como "soteropolitano" e "ludovicense" não deriva do substantivo que dá nome à cidade do Rio de Janeiro. Carioca é um termo de origem tupi que significa "casa do branco".

2. Poderiam ter entrado: capixaba, para-jerimum, gaúcho, barriga-verde, que são adjetivos pátrios referentes a Espírito Santo, Natal, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Esses adjetivos também não derivam dos nomes dos estados ou das cidades a que se referem.

3. Esses adjetivos são mais facilmente associados às cidades às quais se referem. Com exceção de "carioca", existem, também, outros adjetivos pátrios relativos aos locais citados na questão anterior: para Espírito Santo, espírito-santense; para Natal, natalense; para Rio Grande do Sul, rio-grandense-do-sul; para Santa Catarina, catarinense.

4. Os adjetivos pátrios referentes ao Brasil são formados predominantemente pelos sufixos: -ense (cearense); -ano (baiano); -eiro (brasileiro).

Texto 3

Recomendamos a leitura desse texto na íntegra.

1. As formas corretas são: magríssimo ou macérrimo.

2. O adjetivo "linda" encontra-se no grau superlativo relativo de superioridade. Considerar que a flexão no grau superlativo intensifica a surpresa do personagem que, só depois de um tempo, se dá conta da beleza da mulher.

3. A palavra "burro", utilizada como adjetivo, aparece repetida três vezes. Na primeira, sem intensificador; na segunda, no grau superlativo absoluto analítico e, na terceira, no grau superlativo absoluto sintético.

4. Sárvio, mais do que nunca, se sentiu sábio, muito sábio, sapientíssimo.
Sárvio, mais do que nunca, se sentiu célebre, muito célebre, celebérrimo.
Sárvio, mais do que nunca, se sentiu sensível, muito sensível, sensibilíssimo.

Texto 4

Como sempre nestes casos, insistimos em que as atividades de leitura e análise comecem pela audição da canção. Este texto, particularmente, é muito atraente para os alunos, adolescentes que veem muitas de suas atitudes de questionamento de valores e de construção de uma identidade própria retratadas na letra de Gonzaguinha.

1. "Mundo novo" e "vida nova" permitem perceber o comportamento geral dos adjetivos em relação aos substantivos: os adjetivos qualificam os substantivos, estabelecendo com eles concordância de número e gênero.

2. *Final* é substantivo; *feliz*, adjetivo. O aluno deve usar a palavra *final* como adjetivo.

3. O aluno deve perceber que em alguns casos a posição do adjetivo em relação ao substantivo é importante para o significado da expressão. "Velhas histórias" são as histórias que são sempre repetidas; "histórias velhas" são histórias antigas. Em "canto antigo" e "antigo canto" não ocorre o mesmo fato. Deve-se notar que antigo, no texto, tem o sentido de "habitual".

4. Reflexão pessoal.

Questões de exames e concursos *(p. 262)*

1. a **2.** e **3.** c

4. a) Por se tratar de textos narrativos, a adjetivação tem caráter descritivo e não argumentativo. Em ambos os textos, nota-se uma caracterização enaltecedora, que desenha um quadro idealizado, cujos elementos se aproximam da perfeição. No segundo texto, essa construção é o objetivo do escritor; no primeiro, o escritor faz referência a certo tipo de escrita em que os elementos apresentados são sempre os mesmos — sempre idealizados, sempre caracterizados pelos mesmos adjetivos.
b) Deve-se notar o uso dos artigos definidos no primeiro texto, que substantivam as expressões a que se referem — não é um castelo, é "o imponente castelo" das típicas histórias românticas. Esse tratamento permite perceber que o primeiro texto é metalinguístico.

5. b

6. Uma combinação inusitada seria "livro palerma". O efeito especial aqui decorre do fato de que o adjetivo palerma não é comumente utilizado para qualificar objetos inanimados.

7. b **8.** d

9. a) pluvial c) infantis, pueris
b) passionais d) antiofídico

10. a) felicíssimo b) libérrimo

11. a) especular c) legal
b) vítrea d) linear

12. a) vespertino c) discente
b) vital

13. a) borboletas azul-claras
b) borboletas cor-de-laranja

14. e **15.** c **16.** c **17.** a **18.** d
19. d **20.** a **21.** e **22.** 01 + 04 + 16 = 21
23. c **24.** nobilíssima **25.** d **26.** d
27. c **28.** d **29.** d

Capítulo 12 – Estudo dos advérbios

Atividades *(p. 270)*

Propusemos atividades que permitem refletir sobre as circunstâncias adverbiais, as relações entre os advérbios em *-mente* e as locuções adverbiais, os advérbios interrogativos, o uso de adjetivos em função adverbial e detalhes expressivos obtidos pela repetição da terminação *-mente* em advérbios coordenados. O aluno pode assim refletir sobre vários detalhes relacionados com o estudo dos advérbios — desde questões ortográficas até nuanças de estilo.

1. a) no dia seguinte: tempo; num restaurante: lugar; depois: tempo; num bar: lugar; ternamente: modo
b) talvez: dúvida; no interior de outro apartamento: lugar; lá fora: lugar; no chão e na parte de baixo de uma porta: lugar; vagamente: modo
c) mais: intensidade; ainda: intensidade; em geral/em particular: modo
d) naquela solene ocasião: tempo; diante das figuras ilustres a olhar boquiabertas as dimensões ciclópicas do monumento: lugar; sobre o trabalho: lugar; de súbito: tempo; fragorosamente: modo
e) aos três meses de vida: tempo; muito bem: intensidade e modo; em cativeiro: lugar; no Centro de Primatologia: lugar, no Rio de Janeiro: lugar; legalmente: modo. f) não: negação; em qualquer fábrica de bebida: lugar; desde os tempos da Idade Média: tempo; ali: lugar

2. a) afetuosamente
b) pudicamente
c) prazerosamente
d) indubitavelmente
e) indistintamente
f) impiedosamente
g) gradualmente
h) casualmente
i) nitidamente
j) silenciosamente

3. a) com habilidade
b) fazendo muito ruído, com muito ruído
c) sem pensar
d) com frieza
e) com delicadeza
f) de repente
g) sem pudor, sem qualquer pudor
h) com frequência
i) com força, com intensidade
j) com ingenuidade

4. a) por que
b) nunca
c) quando
d) lá/ali
e) aqui/cá
f) longe/perto
g) já/agora
h) algures
i) alhures

5. a) advérbio/adjetivo
b) advérbio/adjetivo
c) advérbio/adjetivo
d) advérbio/adjetivo

6. a) advérbio de intensidade
b) numeral adjetivo
c) advérbio de intensidade
d) advérbio de modo/advérbio de modo
e) adjetivo/adjetivo
f) adjetivo/adjetivo
g) advérbio de modo

7. O aluno deve perceber que a repetição da terminação tem efeito expressivo, pois sugere a lentidão que se quer exprimir.

Textos para análise *(p. 271)*

Texto 1

1. Hoje; logo depois; em todas essas ocasiões; quase sempre; de um ano para cá; então; no passado; "quando a frase [que se segue] não dá certeza de coisa nenhuma" (oracional); já; antes; desde Aristóteles. Espera-se que os alunos percebam que o conjunto dos advérbios e locuções adverbiais desse tipo, presentes num texto, organizam os fatos dentro de uma linha temporal importante para a compreensão dos fatos. Observe-se, por exemplo, como o autor contrapõe hábitos linguísticos do passado aos do presente, comparando-os e criticando as "novas manias".

2. Espontaneamente; comicamente; magicamente; com a maior facilidade. Observar que eles se referem ao modo como as palavras são ditas.

3. "Então… Não sei se lavo o carro ou se vou comer um macarrão com a mamãe."

4. Nessa frase, *pior* é adjetivo, pois refere-se a um substantivo. No contexto em que ela é utilizada, fica subentendido o substantivo *praga*: "…'então…' é apenas uma das pragas recentes a infestar a língua. Nem é a pior [*praga*]." Trata-se do grau comparativo de superioridade do adjetivo *mau*. Como advérbio (e, nesse caso, é o grau comparativo de *mal*), ela deve modificar um verbo: agiu *pior* do que o outro, cantou *pior*, falou *pior* etc.

5. a) Quiçá, porventura, possivelmente, provavelmente.
b) *Estejam [falando]:* "…estamos falando como zumbis, e os jovens, talvez *estejam [falando]* mais do que todos". Observar que o advérbio de dúvida *talvez* exige que o verbo seja empregado no modo subjuntivo.

6. a) O advérbio cá, nesse trecho, delimita um espaço temporal: o mais próximo possível de quem fala. Ou seja: no espaço de um ano, o advérbio *cá* refere-se ao presente.
b) O autor do texto utiliza o advérbio *então* com o sentido de "nessa época/nesse período", o sentido mencionado anteriormente por ele como legítimo e belo.

7. a) Refere-se ao que foi dito anteriormente, equivalendo a "desses fatos". Observar que os advérbios de lugar podem referir-se a palavras e expressões mencionadas no próprio texto.
b) Resposta pessoal.

Texto 2

O aluno deve perceber que se trata de um adjetivo exercendo o papel de um advérbio, num caso de derivação imprópria. O uso do adjetivo pelo advérbio em *-mente* em casos como esse oferece a possibilidade de construir frases mais leves, diretas, econômicas — o que ocorre

frequentemente na linguagem falada. Embora no texto em análise, o emprego do adjetivo na função de advérbio se deva à facilidade de enunciação (*legalmente* é palavra mais longa e mais difícil de dizer do que *legal*) e não a uma escolha com fins expressivos, podemos afirmar que a frase ganha expressividade. O adjetivo confere uma concretude expressiva que em parte se dilui com o advérbio em *-mente*: é só comparar "Queria trabalhar legal" com "Queria trabalhar legalmente", "Falar rápido" e "Falar rapidamente", para perceber isso. Acrescente-se, ainda, o fato de que o advérbio em —*mente* conferiria à fala do garimpeiro um tom culto e elaborado que não caberia nesse contexto.

Texto 3

Desnecessário enfatizar a beleza deste poema de Manuel Bandeira. O apego à concretude do cotidiano como referência fundamental para o desenrolar da existência do indivíduo no transcurso do tempo é expresso em linguagem descomplicada, simples.

1. Advérbio de tempo: *amanhã*; advérbio de intensidade: *mais* (em "mais cotidianos").

2. "Na curva dos trilhos".

3. De forma inexorável, de maneira inexorável. A gramática normativa recomenda que o *-x* de *inexorável* e seus derivados seja pronunciado com som de *z*.

4. Esse isolamento gráfico confere à palavra maior ênfase: é como se o que é inexorável se fizesse ainda mais inexorável.

5. Ocorre um processo em que *noite*, um referencial cronológico, passa a ser tomado como um referencial espacial. Esse processo consegue tornar mais concretos os atributos noturnos: adensam-se a escuridão, o isolamento, o silêncio. Pode-se dizer que *dentro* indica, no caso, uma espécie de lugar metafórico.

6. Ouvirei a ferramenta do ferreiro / Bater corajosa o seu cântico de certezas.

7. *Corajoso* é, no texto, um adjetivo. Sintaticamente, atua como predicativo do sujeito e estabelece concordância de número e gênero com esse sujeito ("martelo do ferreiro"). É inegável, no entanto, que esse adjetivo tem valor aproximado ao que teria o advérbio de modo *corajosamente* se a frase fosse "Ouvirei o martelo do ferreiro bater corajosamente o seu cântico de certezas".

8. O aluno deve perceber que essa imagem indica aqueles componentes e valores da existência aos quais se pode considerar permanentes, positivos, em contraste com a transitoriedade de muitas das coisas da vida. E o poeta deixa claro que, de tudo o que inexoravelmente passa, permanecem as coisas mais cotidianas, salvas do naufrágio. O "bater corajoso" do martelo do ferreiro é um desses elementos do cotidiano que nos resgatam da implacabilidade do tempo.

Questões de exames e concursos *(p. 275)*

1. c **2.** b **3.** c **4.** a **5.** b

6. O uso do futuro do pretérito evidencia uma eventual causa do esfacelamento dos sindicatos no mundo inteiro (uma hipótese provável). O advérbio "provavelmente" ratifica a ideia expressa pelo verbo no futuro do pretérito.

7. e **8.** b

9. Não está de acordo com a norma culta porque nesse caso deveria ser usada a forma *melhor*, invariável, pois se trata de um advérbio relacionado com a forma verbal *saíssem* (sair-se melhor) e não de um adjetivo.

10. b **11.** a **12.** c

13. a) caladamente, mudamente
b) monotonamente
c) resignadamente
d) fraternalmente

14. Com humildade, pensando na vida…

15. a) A frase significa que um *impeachment* imposto não rasga a Constituição, ou seja, não desrespeita as leis.
b) Você não acha que um *impeachment* imposto é rasgar a Constituição?
c) A ocorrência da dupla negação (…não é contraditório… a não-posse/ não acha… não é rasgar).

16. c **17.** d

18. a) sibilinamente
b) desassombradamente
c) prolixamente
d) tacitamente
e) bisonhamente
f) sofregamente
g) puerilmente
h) sutilmente
i) radicalmente
j) inexoravelmente

19. e **20.** b

21. O adjetivo se transforma em advérbio por meio do processo de derivação imprópria.

22. a **23.** e

Capítulo 13 – Estudo dos pronomes

Atividades *(p. 284)*

Estas atividades permitem ao professor discutir com os alunos a necessidade de evitar ambiguidades resultantes de determinados usos dos pronomes pessoais — usos em que, muitas vezes, as necessidades da língua escrita não são satisfeitas por formas que, na língua falada, são suficientes porque incorporam um contexto de situação. Além disso, permitem ao professor explorar muitos aspectos importantes do uso dos pronomes pessoais na forma culta da língua.

1. a) Não se pode identificar o sujeito das formas verbais *refaça* e *havia feito* (ele/ela ou você?). A melhor solução é utilizar esses pronomes diante dos verbos.
b) Ele quem, Pedro ou Paulo? Evita-se a ambiguidade colocando-se um aposto ao pronome *ele*.
c) Quem conseguiria resolver, ele ou eu? Evita-se a ambiguidade por meio do uso do pronome apropriado diante do verbo.

d) Quem obteria, ela ou eu? A solução é igual à do item anterior.
e) Ela quem, Sílvia ou Flávia? A solução já foi indicada anteriormente.

2. a) Entregue-os
b) Entregue-lhes
c) Envie-os
d) Envie-lhe
e) Mostrei-o
f) Mostrei-lhes
g) Apresentei-as
h) Paguei-lhes
i) Paguei-os

3. a) Pediram-na
b) Pediram-lhes
c) Mostraram-na
d) Mostraram-lhe
e) Devem destruí-la
f) Refi-lo
g) Mete-lo
h) Mete-o
i) deve pô-las
j) Desejo vê-los

O pronome **a** assumiu a foma **na**, uma vez que as formas verbais dos itens a) e c) terminam em som nasal; os pronomes **o**, **os** e **as** assumiram a forma **lo**, **los** e **las**, uma vez que as formas verbais dos itens f), g) i), j) terminam em -z, -s e -r.

4. a) Vi-o ontem.
b) Encontrei-a no cinema.
c) Deixe-me/deixa-me quieto! (de acordo com o tratamento utilizado, você, ou tu)
d) … para eu dar uma olhada.
e) … entre mim e você f) Mandaram-me sair da sala.
g) … para tu dormires. h) Fizeram-no desistir da escola.
i) Trouxe-o aqui para dar uma força para nós. ou, ainda melhor, Trouxe-o aqui para nos ajudar.

5. a) Apresentaram algumas sugestões para eu analisar.
b) Mandaram alguns documentos para eu arquivar.
c) Recomendaram alguns procedimentos para eu adotar.
d) Enviaram alguns exemplares para eu examinar.
e) Deixaram várias fitas para eu ver.

6. a) eu
b) mim
c) mim
d) mim
e) mim
f) mim
g) eu

7. a) Não nos esquecemos de que ele não simpatiza conosco.
b) Não vos queixastes de que ela não se preocupava convosco?
c) Não nos lembramos da presença de alguém conosco…
d) Não vos recordais das coisas ruins que vos…
e) Não nos propusemos a cuidar melhor de nós mesmos?
f) Lembramo-nos de que ela gostava de passear conosco.
g) Não vos lembrais de quem estava convosco…

8. a) … gosto muito de você.
b) … de sair com você.
c) … falei com você…
d) … esqueço de você.

9. Sim, pois a frase mistura os tratamentos *tu* e *você*. Se houvesse uniformidade de tratamento, deveríamos ter "Se não te cuidares, a AIDS vai te pegar" (os gramáticos mais ortodoxos prefeririam "a AIDS te vai pegar, vai-te pegar ou vai pegar-te") ou "Se você não se cuidar, a AIDS o vai pegar/vai pegá-lo.".

Atividades *(p. 288)*

Também neste caso optamos por oferecer atividades que permitem ao professor trabalhar com os alunos possíveis ambiguidades decorrentes do uso inadequado de pronomes e observar as formas pronominais endossadas pela forma culta da língua.

1. a) De quem era a namorada, do primo ou do Sílvio? O melhor a fazer é acrescentar um termo do tipo "a namorada do primo", ou "a namorada dele, Sílvio".
b) De quem é o carro? A solução nesse caso não é muito simples — seria melhor re-estruturar a frase toda, formando outra como "Você deve pegar seu carro, encontrar seu irmão e levá-lo até…" ou "Você deve encontrar seu irmão, que estará de carro, e conduzi-lo até…".

2. a) suas
b) tuas
c) seu
d) teu
e) sua/seus/suas/suas/suas
f) tua/teus/tuas/tuas/tuas
g) suas
h) tuas
i) suas
j) tuas

3. a) Esta
b) essas
c) isto/nesta/naquele
d) aqueles
e) esse
f) estas
g) aquelas

4. a) esta
b) esse
c) disso
d) Essa
e) desses
f) Este/aquele

5. a) valor aproximativo
b) indica hábito
c) indica respeito
d) indica envolvimento emocional intenso
e) indica hábito
f) indica menosprezo
g) indica surpresa, desapontamento ao encontrar algo ou alguém que se havia visto há muito ou de que se ouvia falar
h) indica intensidade

Atividades *(p. 291)*

No caso dos pronomes relativos, optamos por atividades que permitem discutir com o aluno o estabelecimento da conexão entre orações, considerando o uso do pronome adequado e da preposição que, em muitos casos, é fundamental. Também dedicamos espaço à questão da ambiguidade.

1. a) que
b) que
c) com que ou com as quais
d) de que ou das quais
e) cujo
f) cujo
g) cujos
h) em que ou onde ou na qual
i) que

2. a) … algumas teses que apresentam soluções…
b) … para ler todos os livros que têm sido elogiados pelos…

c) … ver algumas peças de que um professor havia falado…
d) … ao senador em quem (ou em que ou no qual) votei na última eleição…
e) … projetos sociais exequíveis cuja principal meta seja a eliminação da miséria.
f) … uma nação onde (ou em que) prevaleça a justiça social.
g) … órgãos de incentivo à cultura cuja principal finalidade será…
h) … políticos conservadores, para quem (para os quais) a questão dos meninos…
i) … candidatos oportunistas, sobre cuja vida pouco se divulga.

3. Não se pode definir se é o líder da comissão ou a própria a comissão que vai estudar o assunto. Uma forma de resolver esse problema é usar o pronome *o qual*, se se tratar do líder da comissão, ou a forma *a qual*, se se tratar da comissão.

Atividades *(p. 293)*

Atividades que permitem ao professor discutir com o aluno o valor e o emprego dos pronomes indefinidos.

1. a) tudo/ninguém
b) outrem
c) dos outros
d) Poucos/muitos
e) nada/ninguém
f) alguém/Ninguém

2. a) valia alguma coisa/não valia nada
b) algumas pessoas, determinadas pessoas/as pessoas apropriadas, corretamente escolhidas
c) alguma coisa/coisa alguma
d) num dia qualquer do passado/no dia seguinte
e) qualquer pessoa/ alguém desconhecido, inexpressivo
f) diariamente/o dia inteiro

Textos para análise *(p. 294)*

Texto 1

1. Ficou faltando a preposição **de**, exigida pelo verbo **gostar**: "Toda mulher tem uma parte do corpo **de** que não gosta." O pronome relativo é **que**, que substitui a palavra **corpo**.

2. Em : "… **das** que fumam ocorre a contração da preposição **de** com o pronome demonstrativo **as**.

3. Que: pronome substantivo relativo (substituindo doença); elas: pronome pessoal substantivo do caso reto, terceira pessoa do plural; você: pronome de tratamento substantivo; seu e sua: pronomes adjetivos possessivos, terceira pessoa.

4. O pronome "elas" refere-se a "mulheres", palavra citada na frase anterior; já "você" destina-se a um provável interlocutor, no caso as leitoras do anúncio.

Texto 2

1. A primeira ocorrência do pronome pessoal no feminino leva o leitor a fazer a relação entre *ela* e *mestre*. Todavia, com o aparecimento de *ele*, o leitor confunde-se. A hipótese que se pode levantar é a de que *ela* é uma pessoa que trabalha com cristais e *ele* algum mentor dessa pessoa .

2. Observa-se, nas duas primeiras orações, que o verbo está conjugado na primeira pessoa do plural. As formas seguintes estão conjugadas na terceira pessoa do singular. Essa mudança deixa o leitor em dúvida a respeito de quem realmente realizará os trabalhos.

3. Em "qualquer que seja **seu** problema" verifica-se o emprego da terceira pessoa do singular. Já em "ela **te** orientará" está sendo usada a segunda pessoa do singular. A mistura de segunda (te) com terceira pessoa (seu) deve ser evitada na escrita.

4. Causa estranheza a utilização de um adjetivo (financeiro) numa ordenação em que deveriam estar apenas substantivos. O adjetivo *financeiro* pressupõe o substantivo *problema*, não utilizado provavelmente para se evitar a repetição dessa palavra, citada anteriormente.

5. Sim. Por mais inadequada que esteja a redação do anúncio, o leitor sabe antecipadamente (por sua bagagem de leituras) que esse tipo de folheto sempre oferece consultas, prometendo aos consulentes a solução mágica para os difíceis problemas enfrentados diariamente pelas pessoas. Realiza-se, assim, a inferência por parte do leitor, uma vez que este constrói o sentido do texto com o auxílio de seu conhecimento de mundo.

Texto 3

Como sempre nestes casos, recomendamos vivamente que o trabalho comece com a audição da canção como parte das atividades de leitura e análise. Neste caso, trata-se de um texto particularmente interessante para as aulas de língua pelo fato de explorar explicitamente um fato gramatical.

1. Refere-se ao termo "a palavra você".

2. Também se refere ao termo "a palavra você".

3. a) você
b) outro, outra, quantos, qualquer
c) eu, nós
d) la, mim, se

4. O primeiro *eu* é o pronome reto em sua função normal de sujeito verbal. O segundo *eu* faz parte de um conjunto: trata-se, na verdade, do conjunto "você e eu" (não exatamente igual a nós, segundo o texto). Esse conjunto atua como objeto do verbo *tirar*. É por fazer parte desse conjunto que o pronome da primeira pessoa do singular surge na forma reta *eu* e não na forma oblíqua *me* ou *a mim*.

5. O aluno deve perceber que se trata de retirar uma possibilidade de relacionamento sentimental.

6. São normalmente advérbios. No texto, foram substantivados por meio da derivação imprópria.

7. Reflexão pessoal.

Questões de exames e concursos *(p. 296)*

1. c **2.** c **3.** 29 (01,04,08,16)

4. Na construção do sentido do texto, o uso dos pronomes de segunda ("teus", "tu", "te", "teu") e de terceira pessoa ("ela", "seus") dá conta dos momentos em que o eu-lírico fala com a amada (1a à 3a estrofe) e sobre a amada (última estrofe).

5. O pronome *o* se refere a "certo de ser amado" (Camilo não só estava certo de ser amado). E é justamente essa repetição do termo "certo de ser amado" que o uso do pronome evita.

6. *Esta* refere-se com clareza e precisão ao substantivo feminino mais próximo, Rita. *Ela*, no caso, poderia criar ambiguidade, pois seria aceitável interprelá-lo como referindo-se ao outro substantivo feminino próximo, *comprovinciana*.

7. a) Canudos c) o arraial
b) esta página

8. O pronome demonstrativo *essa* ("essa atividade"), que remete a um elemento anteriormente citado no texto, o que permite concluir que a "atividade" já tivesse sido mencionada.

9. c **10.** a **11.** b

12. a) Qualquer homem, cada um dos homens; o homem inteiro.
b) O primeiro *todo* é pronome indefinido, com sentido equivalente ao de outros indefinidos, como *qualquer* e *cada*. O segundo *todo* é adjetivo e quer dizer "inteiro, completo".

13. e **14.** d **15.** d

16. demonstrativos: esta, o (= aquilo, em "… o que escrevo…"); pessoal do caso reto: eu; pessoal do caso oblíquo: me

17. "… uma das incontáveis amantes de Kennedy, que, simultaneamente, mantinha um caso com o chefão mafioso Sam Giancana." Esse trecho é ambíguo: tanto Judith Exner como Kennedy podem estar mantendo o mencionado caso com o chefão mafioso, o que não condiz com a fama de "mulherengo" do ex-presidente norte-americano. A ambiguidade resulta do mau emprego do pronome relativo *que*, cujo antecedente não fica claro. A frase poderia ser, por exemplo, "… uma das incontáveis amantes de Kennedy, Judith Exner, que, simultaneamente…".

18. c **19.** d **20.** c **21.** a **22.** e

23. c **24.** a **25.** d **26.** a **27.** c

28. a **29.** b

30. a) Pretendeu dizer que rasgou sua própria ficha de filiação do PDT.
b) Que rasgou a ficha de filiação de Brizola ao PDT.
c) Que Brizola era na ocasião a principal figura do PDT, o que impossibilitava L. A. N. de desfiliá-lo.

a) cada um b) inteiramente

31. mim, eu

32. "ora **o** vejo" (o = que me enganei); "eu t**o** juro" (o = não te esqueci)

33. "Nadam-te os olhos" = nadam os teus olhos; "Arfa-te o peito" = arfa o teu peito

34. b **35.** b **36.** c

37. b **38.** c **39.** a

40. a)… enquanto me cortava os cabelos.
b)Amigo algum me ajudará.

41. a

42. c (arvoado = confuso, atordoado, tonto)

43. a) encontraram-no c) não o permite
b) arrancara-a

44. d **45.** b **46.** b

47. A fotografia pertence à pessoa com quem se está falando ou a fotografia retrata a pessoa a que se está falando.

48. d

49. O aluno deve usar o pronome posposto ao substantivo a que se refere: esquina alguma, pessoa alguma, criatura alguma, cidade alguma etc.

50. d **51.** b

Capítulo 14 – Estudo dos numerais

Atividades *(p. 308)*

Atividades que permitem trabalhar detalhes importantes do uso dos numerais de acordo com os preceitos da norma culta. Também se analisa a expressividade dos pronomes em situações informais.

1. a) dezesseis
b) dezessete
c) cinquenta
d) dois bilhões, oitocentos e trinta e quatro milhões, quatrocentos e noventa e seis mil e dezesseis
e) octogésimo
f) ducentésimo sexto
g) trecentésimo décimo quarto
h) milésimo trecentésimo quinto

2. cinco (graus), dezesseis (minutos) e trinta e três (graus), quarenta e cinco (minutos)/ trinta e quatro, quarenta e sete, setenta e três, cinquenta e nove/ oito milhões, quinhentos e onze mil novecentos e sessenta e cinco/ um, sessenta e seis/ cinco, setenta e sete/ vinte, oitenta/ quarenta e sete/ vinte e três, trinta/ noventa e três/ noventa e dois/ vinte e três mil cento e vinte e sete/ quinze mil setecentos e dezenove/ três mil cento e vinte e seis/ quinhentos e noventa e três/ sete mil quatrocentos e oito

3. a) quarto d) oitavo
b) trinta e dois e) trecentésimo trigésimo terceiro
c) quinto f) quingentésimo segundo

4. a) valor enfático (hipérbole)
b) atribui julgamento de qualidade, com valor superlativo — ótimo

c) atribui julgamento de valor, com tom de ironia ou crítica — significa fazer uma troca entre elementos que se equivalem
d) indica procedência, atribuindo julgamento de valor
e) indicam julgamento de valor — com valor superlativo: ótimo e péssimo, respectivamente.

Textos para análise *(p. 309)*

Texto 1

O aluno deve perceber que, por serem as palavras da língua que indicam quantidade, os numerais estão fortemente presentes nesse texto. O grande número de informações é o principal argumento para convencer o usuário (que, pressupõe-se, precisa delas) a comprar o produto anunciado. Na verdade, os numerais surgem quando se leem (mentalmente ou em voz alta) os números representados no texto por algarismos.

Texto 2

1. Ao contrapor essas duas frases: "a fórmula mágica que faz você voltar no tempo não existe" e "uma fórmula que faz você bonita por mais tempo" o anunciante pretende convencer a consumidora de que o tempo é inexorável: impossível fazer voltar a juventude; melhor aceitar a idade e tentar permancer bela externa e internamente. Observar ainda a oposição dos artigos: a/uma (fórmula); o paralelismo das frases (que faz você) e os diferentes sentidos da palavra tempo: na primeira ocorrência, tempo significando o que já passou; na segunda, duração.

2. O anúncio reforça o conceito do slogan: ser "bonita de verdade" é ter uma beleza natural, não forçada, não fabricada por determinados "recursos artificiais". A pergunta de Shakespeare é respondida quando se associa beleza à aceitação da idade real e não à busca desenfreada da eterna juventude.

3. Cardinais: quinhentos e cem; fracionário: um quarto; multiplicativo: tripla.

4. A intenção é dar credibilidade (100% verdade; testado em 500 mulheres, uma grande amostragem), dar exatidão científica e quantificar resultados (tripla, um quarto), de forma a aproximar as características do produto ao conceito de "verdade" proposto anteriormente.

Texto 3

Deve-se iniciar a leitura e análise deste texto pela audição da canção. Além de permitir analisar com os alunos o uso expressivo do numeral *zil,* o texto, pela sua beleza e atualidade temática, abre muitas possibilidades de discussão. O professor pode abordar a questão do desrespeito aos sinais de trânsito e de outras formas de violência que se transformam em "gestos naturais" em nosso cotidiano. Será, como pergunta Caetano, que apenas a música popular brasileira, maravilhosa e genial, é que nos oferece algo de bom neste país? Discutir com a turma essa e outras questões levantadas pelo texto pode ser muito produtivo.

1. Esse numeral tem valor hiperbólico, ou seja, atua para criar ênfase pelo evidente exagero da expressão.

2. É um numeral cardinal, indicador de grande quantidade. Os dicionários da língua portuguesa não o registram; pode-se, por isso, considerá-lo criação do poeta Caetano. Nos dicionários de língua inglesa, há a palavra *zillion*, que significa "grande quantidade".

3. Reflexão pessoal do aluno.

Questões de exames e concursos *(p. 311)*

1. c **2.** e **3.** d **4.** a **5.** a
6. 3,5,1,4,2 **7.** d **8.** b **9.** e
10. a **11.** b **12.** e

Capítulo 15 – Estudo das preposições

Atividades *(p. 316)*

Optamos por oferecer ao professor atividades que lhe permitam analisar com os alunos as principais relações estabelecidas pelas proposições. Também nos preocupamos com nuanças de sentido que devem ser observadas na passagem das formas da língua coloquial para as formas da língua culta.

1. a) a (à = a+a): lugar; a (a+o): tempo
b) a (à): modo; a (à): tempo
c) ante: lugar (figurado)
d) após: lugar
e) após: tempo
f) até: limite
g) até: limite
h) com: modo; com: companhia
i) contra: proximidade; com: modo
j) até: limite; contra: oposição
k) de: origem; para: direção
l) desde: origem; per (pelos): finalidade, direção
m) em: modo; perante: lugar (figurado)
n) sobre: tempo; a: lugar;
o) sob: lugar (figurado)
p) sob: (lugar).

2. a) causa/assunto
b) meio
c) lugar (origem)
d) meio
e) lugar (limite)
f) lugar/lugar
g) situação/assunto

3. a) preposição
b) verbo
c) verbo
d) preposição
e) artigo, pronome, preposição

4. a) Na primeira frase, houve dois enfrentamentos, um após o outro; na segunda, houve um único enfrentamento, contra os dois oponentes ao mesmo tempo.
b) A primeira frase indica uma medida favorável a duas classes de profissionais: os músicos e os com-

positores. A segunda frase indica uma medida favorável a uma classe de profissionais que são ao mesmo tempo músicos e compositores.

Textos para análise *(p. 317)*

Texto 1

1. As palavras que exigem a preposição com nessa tirinha são os verbos *acontecer* e *casar*.

2. O que aconteceu com o marido esbelto, bonito e espirituoso *do* qual me separei há vinte anos? / O que aconteceu com o marido esbelto, bonito e espirituoso *pelo* qual ansiei há vinte anos? Observar que a substituição do verbo exige a mudança da preposição: separar-se *de* e ansiar *por* alguém.

3. O humor da tirinha consiste no duplo sentido que emerge da confusão feita por Eddie Sortudo em relação ao marido de Helga: não o próprio Hagar, moço, esbelto, bonito, espirituoso, de outros tempos, mas um outro homem.

Texto 2

Deve-se começar a análise e leitura pela audição da canção. É um texto muito apropriado para investigar as relações estabelecidas pelas preposições, pois oferece muitas estruturas sintáticas em que os sentidos se modificam pela troca de uma preposição por outra.

1. de (que também surge nas formas contraídas da, do), sem, em (que também surge na forma contraída *no*), com.

2. dentro de e fora de

3. Verbo *parar*, terceira pessoa do singular do presente do indicativo. Observar que não se trata da preposição *para*, mas do verbo *parar*, que se refere à "cor da terra de um lugar sem fim", e que pode se substituído por outro verbo, como *chegar* (a), *alcançar* ("A cor da terra de um lugar sem fim / *alcança/ chega* ao tempo de um lugar com fim").

4. O aluno deve perceber que a noção expressa pela locução prepositiva *dentro de* já está implícita no verbo entrar.

5. lugar sem fim, lugar com fim, perto do longe, vou ter contigo

Questões de exames e concursos *(p. 318)*

1. a **2.** c **3.** 009 (001; 008)

4. a) Não; nos textos transcritos, "para" indica finalidade e "por" causa.
b) Gosto e preciso de ti, mas quero logo explicar: não gosto porque preciso; preciso sim, por gostar.

5. a

6. a) …acompanhado de confederados ou … em que viajavam confederados.
b) No primeiro caso, indica-se a noção de companhia; no segundo, de conteúdo

7. d **8.** b

9. a) Sugestão: a determinado intervalos, a cada duas horas.
b) Sugestão: à mão, à faca, à máquina.

10. a) lugar b) modo, instrumento

11. e **12.** d **13.** b **14.** c **15.** e

16. d **17.** d **18.** d **19.** c **20.** d

21. b **22.** b

23. A passagem é "…organismo que você pode abandonar…". Deve ser re-escrita como " …organismo em que se pode abandonar…" ou "…organismo no qual se pode abandonar…".

24. Em todos os casos, o pronome relativo não foi precedido pela preposição adequada. Sugestões de correção: "Se lermos esta reportagem daqui a um ano, vamos perceber que ela não é moderna."; "Futebol, aquele esporte que faz o povo vibrar ao ver a vitória do time pelo qual se propõe a torcer."; "Existem escolas em que as aulas da noite são iluminadas pela luz de velas.".

Capítulo 16 – Estudo das conjunções

Atividades *(p. 325)*

Nestas atividades, oferecemos ao professor e aos alunos material para reflexão e análise dos conteúdos estudados. Insistimos em que não se deve memorizar a classificação das conjunções, mas sim observar seu uso efetivo nas estruturas da língua. Destacar para os alunos que o estudo desta classe de palavras só se completa com os capítulos de sintaxe dedicados ao estudo do período composto.

1. a) país rico, mas a maior parte…
b) …dedicadamente, logo será bem-sucedido.
c) …corrupto, logo não se deve re-elegê-lo.
d) …descansado, que eu…
e) …noite, porque as ruas…
f) …esta noite ou pode ficar…
g) … sentimentos ou deve esquecê-la…

Nos itens a, b, c, d, e podem-se usar outras conjunções além das utilizadas nas respostas aqui dadas.

2. a) causa/comparação/conformidade
b) consequência/causa/ comparação
c) explicação/ oposição

3. O uso da conjunção *mas* em frases desse tipo é, infelizmente, cada vez mais frequente. Mostrar ao aluno que não há oposição entre os dois fatos apresentados, e sim uma relação de causa e efeito. Em lugar de *mas*, dever-se-ia usar *por isso*, *e daí*; poder-se-ia também re-estruturar a frase, formando algo como "A maior parte dos trabalhadores enfrenta problemas de sobrevivência porque não recebe…"

Textos para análise *(p. 325)*

Texto 1

1. O texto é claro: ao invés de estabelecer uma relação de mútua exclusão entre viver e sonhar (expressa pela conjunção OU), o que se deve estabelecer é uma relação de adição (expressa pela conjunção E). A publicidade, desta forma, re-escreve o dilema hamletiano, transformando uma questão existencial básica num problema de consumo…

2. Foi possível trocar *dúvida* por *decisão* na segunda frase porque houve também a troca da conjunção *ou* (exclusão) por *e* (adição) nos enunciados principais do anúncio (Viver ou sonhar?/Viver e sonhar). Observe-se, também a troca da pontuação (do ponto-de-interrogação para o ponto final).

Texto 2

1. A conjunção utilizada na charge é *nem* que tem o sentido de adição.

2. A conjunção *nem* provoca o humor da *charge* porque enumera uma série de campeonatos dos quais o time participou, sem conseguir vencer nenhum deles. Além disso, o título da *charge* faz referência à contratação do zagueiro Nen e aí reside o humor: no fato de o novo jogador chamar-se Nen e não ter contribuído para um bom desempenho do time nos campeonatos.

Texto 3

Como sempre, sugerimos vivamente que o trabalho com este texto comece pela audição da canção. Seria interessante que o professor conversasse com os alunos sobre a energia da paixão — é um tema grato aos adolescentes. O texto da canção permite expandir a discussão desse tema.

1. São conjunções subordinativas: a primeira, condicional; a segunda, comparativa.

2. Nas duas ocorrências, a palavra *porque* é uma conjunção subordinativa causal.

3. O primeiro *que* é pronome substantivo relativo; o segundo, conjunção subordinativa integrante.

4. Ocorre diversas vezes a conjunção coordenativa aditiva *e*.

5. Há pelo menos dois trechos da canção em que a conjunção ***e*** é repetida de forma a enfatizar a própria noção de repetição e continuidade, implícita na ideia do moto-contínuo: "…e abraçar e afagar seu ofício…" e "… e vai fundo, e vai fundo".

6. A repetição dessa oração, encabeçada pela conjunção *se*, vem justamente reforçar a ideia de que um homem é capaz de cometer os atos mais improváveis desde que seja pelo amor de uma mulher. A conjunção ***se***, indicando essa condição, enfatiza a relação de amor contínuo entre ambos.

7. Reflexão pessoal.

Questões de exames e concursos *(p. 327)*

1. e **2.** d **3.** a **4.** 30 (02,04,08,16)
5. a **6.** b **7.** c **8.** a **9.** d
10. d **11.** d **12.** e **13.** e **14.** a
15. c **16.** b **17.** e
18. 1. "por ser tecnicamente melhor do que as suas antecessoras"
2. enquanto
3. entretanto
19. Sugestões: "conquanto fosse magra,…" ou "apesar de ser magra,…".
20. e **21.** b **22.** c
23. c **24.** d **25.** c

Capítulo 17 – Estudo das interjeições

Atividades *(p. 333)*

Propusemos atividades que levem o aluno a refletir sobre o fato de que as interjeições equivalem a verdadeiros enunciados. Por meio da análise de situações e da produção de seus próprios enunciados, o aluno pode verificar por isso mesmo a validade dessa conceituação.

1. a) Oba!
b) Ufa!
c) Puxa!
d) Ai!
e) Oba!
f) Blergh!
Essas respostas são sugestões.

2. Reflexão pessoal do aluno.

3. A interjeição é o "som indefinido" produzido pelo Itaborá ao ver a comadre de biquíni. É um som que exprime surpresa, assombro mesmo — um assombro que se tenta conter, pois o Itaborá sabe da inconveniência da sua manifestação.

Textos para análise *(p. 334)*

Texto 1

1. *Yeah*! é uma interjeição cujo significado é "sim, claro".

2. A interjeição é fundamental para o humor da tirinha porque contradiz totalmente as palavras da professora. Se os alunos vêm sendo ensinados sobre a constituição da nacionalidade, no caso, a nacionalidade argentina, surpreende o leitor que respondam com uma palavra estrangeira.

3. O pronome de tratamento é *você*; o demonstrativo é *o*; o relativo, *que* e o possessivo *nossa*. Os três primeiros estão em função substantiva; *nossa* está em função adjetiva.

4. O autor quis criticar, por meio da expressão de Mafalda, a forte influência da cultura americana sobre os jovens (no caso argentinos) em formação.

Texto 2

1. *Ah!* exprime satisfação, prazer; *bah!* exprime aversão, descontentamento.

2. Sabemos, pela relação entre o texto de José Paulo Paes e o de Gonçalves Dias, que *lá* indica o Brasil e *cá*, Portugal. Se tomarmos o texto de José Paulo Paes isoladamente, pode-se interpretar o lá como um lugar ideal, que nunca corresponde ao lugar em que estamos.
3. O aluno deve perceber que as interjeições têm uma capacidade de síntese muito elevada — justamente porque são verdadeiras frases.

Texto 3

1. Não. A palavra está substantivada, precedida de artigo indefinido (um oi).
2. Resposta pessoal. São aceitáveis frases como: "Oi, tudo bem?"; "Oi, como você está"?
3. A interjeição "oi" é normalmente utilizada para se estabelecer uma comunicação entre as pessoas. Nada melhor para nomear uma empresa de telefonia. De fácil memorização, curta e simples, a palavra é perfeita para expressar o conceito essencial da empresa que é a simplicidade.

Texto 4

1. Ocorre mudança na classe da palavra: novamente uma interjeição é utilizada como substantivo. Neste caso específico, transformou-se no nome de uma revista.

Capítulo 18 – Introdução à sintaxe

Atividades *(p. 340)*

1. O aluno deve perceber que frases dotadas de uma mesma estrutura sintática adquirem significados diferentes de acordo com a situação de uso e entoação.
2. O aluno deve perceber que o *Manual* põe em prática aquilo que preceitua: constrói uma frase imensa, mostrando como é pouco clara e por que é pouco clara; ao seu lado, coloca uma frase curta, clara.

Atividades *(p. 343)*

1. Resposta pessoal.
2. Há efetivamente um conjunto de brasileiros que se comportam como se as leis não lhes dissessem respeito. O convívio social não passa de uma forma de lhes satisfazer os desejos. As obrigações inerentes a qualquer forma de sociedade pertencem exclusivamente aos outros. Seria importante saber o que efetivamente produzem esses indivíduos para o bem da comunidade: são eles seres verdadeiramente sociais? A resposta a essa pergunta pode dar início à redescoberta da noção de bem-comum.

Textos para análise *(p. 344)*

Texto 1

1. O aluno deverá perceber que o fragmento é composto apenas de frases curtas, formadas predominantemente por substantivos, acompanhados ou não de adjetivos. Em nenhuma delas há verbos. Ele deverá, também, perceber que todas as palavras utilizadas pelo autor do texto começam pela letra M.
2. Excetuando-se algumas vírgulas que separam elementos enumerados, há a total predominância dos pontos finais, enfatizando o caráter declarativo das frases. Observar, também, as reticências após o "Muuuuuuuuuuuuu", reforçando o humor e o sarcasmo do texto.
3. No primeiro parágrafo, descrevem-se mulheres e um homem, com insinuações sobre o relacionamento dessas pessoas. No segundo parágrafo o vocabulário sugere corrupção e assuntos relacionados a gado.
4. O fragmento foi extraído de um texto de sete parágrafos, todos eles compostos por palavras iniciadas com a letra M. O episódio em questão remete a Renan Calheiros e às denúncias que enfrentou durante o *Renangate* cujo desfecho foi a renúncia do senador.
   Pistas que podem conduzir à descoberta do episódio: na primeiro parágrafo a descrição da mulher (Maria Verônica), da amante (Mônica Veloso) e do senador (Machão maduro, malcasado, meia-idade.). No segundo parágrafo, a citação das cidades (Murici, terra natal do senador) e Maceió, capital de Alagoas. Além de todo vocabulário denunciando a corrupção, ressaltar ainda a referência à venda irregular de gado. Na ocasião, o senador afirmou obter renda extra com venda de gado. Com relação à escolha da letra M, provavelmente se deu em função do nome do pivô de toda essa situação.

Texto 2

1. Seguem os subtítulos dados pelo autor; considerar respostas aproximadas:
   INFÂNCIA: A PERMANENTE EXCLAMAÇÃO
   A PUBERDADE: A TRAVESSIA (ou O TRAVESSÃO)
   JUVENTUDE — A INTERROGAÇÃO
   AS PAUSAS RECEOSAS (RECEOSAS, VÍRGULA, CAUTELOSAS) DO JOVEM ADULTO
   O HOMEM MADURO. NO PONTO.
   O FINAL…RETICENTE…
2. Reflexões pessoais. Observar, contudo que, segundo o autor, a infância é o período das exclamações de alegria, das descobertas; a adolescência vem acompanhada de inseguranças, dúvidas, incertezas, representadas pelos travessões; a juventude é a idade dos questionamentos, das interrogações; o adulto é cuidadoso, cheio de vírgulas; a maturidade traz a certeza de tudo, o domínio da vida, expressos pelos pontos finais e, finalmente, a velhice vem seguida de lapsos, de reticências.

Capítulo 19 – Termos essenciais da oração

Atividades *(p. 350)*

Estas atividades permitem ao professor trabalhar intensamente com seus alunos a relação de concordância

entre o sujeito e o verbo — particularmente em casos mais problemáticos, como nas orações em que o sujeito está posposto ao verbo.

1. a) Cumpriste a palavra dada. (tu)/Cumprimos a palavra dada. (nós)/Cumpristes a palavra dada. (vós)
b) Foste surpreendido pela notícia. (tu)/Fomos surpreendidos… (nós)/Fostes surpreendidos… (vós)

2. a) Ocorreram/fatos surpreendentes. (predicado/sujeito)
b) Sobraram/muitos pães/ na festa. (sujeito: muitos pães; predicado: o que resta)
c) Bastam-me/algumas frases de incentivo. (predicado/sujeito)
d) Faltaram/alguns bons quadros/ naquela exposição (sujeito: alguns bons quadros; predicado: o que resta)
e) Doem-me/as pernas. (predicado/sujeito)
f) Caíram/raios/sobre aquela árvore. (sujeito: raios; predicado: o que resta)
g) Desabaram/temporais muito fortes/ontem à noite. (sujeito: temporais muito fortes; predicado: o que resta)
h) Existem/culturas muito ricas/no interior deste país. (sujeito: culturas muito ricas; predicado: o que resta)
i) Teus trabalhos/foram elogiados por todos. (sujeito/predicado)

3. a) Alguns fatos surpreendentes devem ter acontecido.
b) Alguns fortes temporais devem ocorrer esta tarde.
c) Algumas frases de incentivo poderiam bastar-me.
d) Os melhores quadros poderão faltar naquela exposição.
e) As pernas poderiam estar me doendo.
f) Alguns raios parecem ter caído sobre aquela árvore.
g) Temporais muito fortes devem ter desabado ontem à noite.
h) Culturas muito ricas parecem ter existido no interior deste país.
i) Teus trabalhos devem ter sido elogiados por todos.

4. a) não-nocional
b) nocional
c) não-nocional
d) nocional
e) não-nocional
f) nocional
g) nocional
h) não-nocional
i) não-nocional
j) nocional
k) nocional
l) não-nocional
m) nocional
n) não-nocional

Atividades *(p. 353)*

Atividades que permitem ao professor trabalhar intensamente particularidades importantes do estudo do sujeito: concordância com o sujeito posposto ao verbo, estruturas de sujeito indeterminado, estruturas com verbo impessoal.

1. a) o sino: determinado simples
b) uma imagem poética: determinado simples
c) uma velha lembrança: determinado simples
d) nova crise: determinado simples
e) um novo medicamento contra a doença: determinado simples
f) ele: determinado simples
g) as denúncias de abuso de autoridade: determinado simples
h) Industriais e industriários: determinado composto

2. a) Acredita-se em…
b) Crê-se em…
c) Necessita-se de…
d) Apelou-se para…
e) Assistiu-se a…
f) Aspira-se ao…
g) Obedece-se aos…
h) Tratou-se de…

3. O aluno deve perceber que o sujeito indeterminado pela terceira pessoa do plural surge quase que espontaneamente nessas situações. As respostas são sugestões.
a) Pediram que você passasse amanhã em…
b) Mandaram de…
c) Deixaram na porta.
d) Deixaram-no num banco da praça.
e) Disseram-me na escola
f) Juraram que era.

4. a) Devia fazer cinco anos…
b) Deve fazer algumas semanas…
c) Deve fazer três anos…

5. a) Havia várias propostas…/Houve várias propostas…
b) Havia vários cargos…/Houve vários cargos…
c) Havia várias maneiras…/Houve várias maneiras…
d) Havia infindáveis modos…/Houve infindáveis modos…
e) Havia discussões intermináveis/ Houve discussões intermináveis.

6. a) Deve ter havido provas…/Pode ter havido provas…
b) Deve ter havido graves…/Pode ter havido graves…
c) Deve ter havido questões…/Pode ter havido questões…
d) Deve ter havido situações…/Pode ter havido situações…
e) Pode ter havido leis…/Deve ter havido leis…

7. a) Os sinos da igreja batem de hora em hora.
b) Surgiram várias ideias revolucionárias durante a noite.
c) Faltaram vários alunos na semana passada.
d) Ocorreram faltas violentas durante o jogo.
e) Desabaram dois prédios no ano passado.

Atividades *(p. 355)*

Atividades que permitem praticar a classificação dos predicados e refletir sobre as diferenças de sentido entre estruturas sintáticas diferentes. Além disso, optamos por oferecer como atividade de reflexão as diferentes nuanças de estado indicadas pelos vários verbos de ligação.

1. a) verbal
b) verbal
c) verbal
d) verbal
e) verbal
f) nominal
g) nominal
h) nominal
i) verbo-nominal
j) verbo-nominal

2. A segunda forma confere maior destaque ao atributo *imensa*. A primeira forma enfatiza o processo do surgimento da cordilheira.

3. A frase inicial indica estado permanente.
a) indica estado transitório
b) mudança de estado
c) continuidade, permanência de estado
d) constância de estado não-permanente
e) aparência de estado
f) mudança de estado, com noção de que o novo estado é permanente
g) continuidade, permanência de estado

Atividades *(p. 357)*

Atividades que permitem ao professor sistematizar o uso de sinais de pontuação relacionados aos termos essenciais da oração. Merece destaque a diferença discutida na questão 2.

1. a) sem vírgulas
b) sem vírgulas
c) … os antigos ressentimentos, as rusgas medíocres, a estupidez mútua.
d) …trabalhadores, e malandros, e policiais, e pessoas sem teto, e vendedores ambulantes.
e) sem vírgulas
f) Seres humanos, animais e vegetais…
g) Desiludido, rasguei…

2. a) Na primeira frase, trata-se de um policial que é neurótico; na segunda, de um policial que, momentaneamente, está neurótico.
b) Na primeira frase, trata-se de espíritos não acometidos pela dúvida; na segunda, *sem dúvida* significa *indubitavelmente*.
c) Na primeira frase, os atletas que são desnutridos deixaram o clube; na segunda, todos os atletas — e todos estão desnutridos — deixaram o clube.

Textos para análise *(p. 358)*

Texto 1

Adoro vir é uma locução verbal intransitiva; *observar* é verbo transitivo direto (o complemento é *o maior espetáculo da natureza*).

Texto 2

A leitura e análise deste texto permite trabalhar com praticamente todo o conteúdo relacionado ao estudo do sujeito. Merece destaque a estrutura imperativa do item d, com a qual os alunos costumam ter dificuldades de análise.

1. a) Sujeito indeterminado. Chamar a atenção para a forma singular do verbo transitivo indireto.
b) sujeito determinado oculto ou elíptico (nós)
c) sujeito determinado simples (1200 municípios sem médico ou enfermeiro — núcleo do sujeito: municípios)
d) Sujeito determinado oculto ou elíptico (você). Chamar a atenção para o fato de que se trata de uma forma imperativa afirmativa (faça você.)

2. No Brasil, há 1200 municípios sem médico ou enfermeiro.
Obtém-se uma oração sem sujeito, com verbo *haver* impessoal.

Texto 3

O aluno deve perceber que, apesar de aparentemente semelhantes, os predicados são na verdade bem diferentes. Em "As manchetes **foram recortadas**." há predicado verbal, com verbo na voz passiva analítica. Em "Mas os elogios **foram rasgados**." há predicado nominal — *rasgados* é predicativo do sujeito *os elogios*.

Texto 4

Como sempre, enfatizamos que se deve iniciar o trabalho com estes textos pela audição das canções. No caso de "Raça humana", o professor deve considerar a possibilidade de, se julgar conveniente, aproveitar o texto também para discutir figuras de linguagem.

1. a) Sim.
b) O sujeito de *existe* é *uma*; *há* não tem sujeito.
c) Num céu de estrelas multicoloridas, existem algumas que eu não colori./Entre o céu e o firmamento, não há mágoas.
d) Num céu de estrelas multicoloridas, existiam algumas que eu não colori./Entre o céu e o firmamento, não havia mágoas.

2. Porque o sujeito da primeira forma ("mais coisas") está no plural, e o sujeito da segunda ("o nosso próprio entendimento") está no singular.

3. É o sujeito simples da forma verbal elíptica vaga (… vagam como o vento vaga).

4. Os versos remetem a outros, de Hamlet, personagem de Shakespeare: "Há mais mistérios entre o céu e a terra do que supõe nossa vã filosofia".

5. Reflexão pessoal do aluno, que deve perceber que o texto explora os dois sentidos da palavra.

Texto 5

Espera-se que o aluno perceba a alternância existente entre os verbos não-nocionais e os nocionais: os primeiros apresentam uma característica da cidade de São Paulo que, em seguida, é exemplificada com o emprego de verbos nocionais: "é medrosa"/ "prefere passear"; "é resignada"/ "não reage", estrutura que praticamente se repete no texto inteiro.

Questões de exames e concursos *(p. 361)*

1. a **2.** 44 (04 + 08 + 32) **3.** b **4.** e
5. d **6.** a **7.** b **8.** e **9.** c
10. d **11.** b **12.** b

13. O sujeito é determinado e elíptico, ela , e se refere ao sujeito da oração principal, Rita . Se não se tivesse feito a elipse, o período seria "Rita estava certa de ela (a própria Rita) ser amada". Outra possível redação é "Rita estava certa de que ela (a própria Rita) era amada".

Note-se que não há dúvida quanto ao fato de que há de fato um sujeito para a forma verbal *ser amada* — isso se pode facilmente comprovar pela substituição do pronome *ela*, elíptico, por outro sujeito: "Rita estava certa de Maria ser amada" ou, numa redação melhor, "Rita estava certa de que Maria era amada".

14. b **15.** e

16. a) Em "Havia muitas estrelas.", *haver* indica existência e é impessoal, ou seja, permanece invariavelmente na terceira pessoa do singular. Na outra frase, *haver* é verbo auxiliar, participando da conjugação do verbo *contar*. Como auxiliar, *haver* é pessoal e estabelece concordância de número e pessoa com o seu sujeito.
b) b1 — haviam b2 — havia

17. e **18.** e

19. a) Toda a humanidade
b) É uma oração sem sujeito.

20. d **21.** b **22.** c **23.** d
24. e **25.** e **26.** c **27.** c
28. e (sujeito e predicativo do sujeito, respectivamente)
29. d **30.** d **31.** a **32.** e **33.** b
34. e **35.** c **36.** a **37.** d **38.** d
39. b **40.** a **41.** c **42.** c **43.** e
44. b **45.** c **46.** a **47.** c **48.** c
49. d **50.** c

Capítulo 20 – Termos integrantes da oração

Atividades *(p. 371)*

Atividades que permitem trabalhar o conceito de transitividade verbal, o uso de pronomes pessoais oblíquos de acordo com os preceitos da norma culta, as sutilezas de sentido relacionadas ao objeto direto preposicionado.

1. a) intransitivo/transitivo direto e indireto/transitivo direto
b) intransitivo/transitivo indireto
c) transitivo direto/ transitivo direto e indireto
d) intransitivo/transitivo direto/transitivo direto e indireto

2. a) Falta-lhes… (objeto indireto)
b) … ocorreu-lhe. (objeto indireto)
c) … demonstrá-la. (objeto direto)
d) Ouço-a. (objeto direto)
e) Comunico-lhes… (objeto indireto)
f) Comunico-o… (objeto direto)
g) Paguei-os. (objeto direto)
h) Paguei-lhes. (objeto indireto)
i) Apresentei-as… (objeto direto)
j) Apresentei-lhe… (objeto indireto)

3. a) A primeira frase pode significar que se comeu todo o pão; a segunda significa que se comeu apenas parte dele.
b) A primeira frase significa que se deve beber apenas parte da bebida amarga; a segunda, que se deve bebê-la toda.
c) A segunda frase é mais enérgica que a primeira.

4. a) Aconteceram-lhe fatos surpreendentes durante a viagem à Europa.
b) Houve poucos problemas no seminário de ontem.
c) A imprensa comunicou o novo preço dos combustíveis ontem à noite.
d) As novas regras de exploração do solo favorecem apenas alguns grupos empresariais.
e) A Amazônia necessita de projetos ambientais sustentáveis.
f) Vários deputados apresentaram propostas de alteração constitucional aos colegas na sessão de ontem.

Atividades *(p. 373)*

Atividades de nominalização e de análise. Por meio delas, o professor e os alunos observam mecanismos de organização sintática da língua.

1. a) O Banco Central optou pela intervenção no mercado do dólar.
b) O governo recusou-se à negociação com os grevistas.
c) … faria investimentos em saúde e educação.
d) …a suspensão das remessas…

2. a) com os mais jovens
b) em saúde e educação/a todos os outros
c) de mim
d) lhe/por tudo isso
e) aos pobres
f) de animais em extinção.

Atividades *(p. 377)*

Oferecemos ao professor e aos alunos uma grande quantidade de atividades relacionadas com as vozes verbais porque se trata de um aspecto a um só tempo rico e delicado da sintaxe portuguesa. Assim, analisam-se as pequenas diferenças de sentido entre as diferentes vozes verbais e enfatizam-se detalhes relacionados à concordância verbal da passiva sintética.

1. b) por gente inescrupulosa
c) pelos representantes dos países latino-americanos
d) pelo Juventus
e) pelos meios de comunicação

2. A primeira forma enfatiza o agente do processo verbal e o próprio processo verbal; a segunda forma enfatiza o paciente do processo verbal. A construção na voz ativa dá destaque ao técnico e à sua ação; a construção na voz passiva dá destaque ao que está sendo anunciado.

3. a) Novos dados sobre a dengue no interior de São Paulo vão ser divulgados pela Secretaria da Saúde.
b) O time brasileiro na Copa de 70 no México foi comandado por Pelé, Tostão e Gérson.
c) Os candidatos a prefeito haviam sido convidados para um debate por várias emissoras de televisão.

d) Os torcedores têm sido levados ao desespero por algumas decisões do técnico.
e) Uma greve havia sido convocada para a semana seguinte pelo principal sindicado da categoria.
f) Várias conquistas acabam de ser obtidas na justiça pelo movimento dos aposentados.

O aluno deve perceber que as diferenças apontadas na questão **1** são válidas para as frases da questão 2.

4. a) As cartas foram enviadas…/Enviaram-se as cartas…
b) Vários livros premiados foram publicados./Publicaram-se vários livros…
c) O novo diretor do colégio foi nomeado./Nomeou-se o novo diretor…
d) Um novo critério de seleção dos candidatos foi adotado./Adotou-se um novo critério…
e) Uma criança foi salva…/Salvou-se uma criança….
f) Ameaças à testemunha de acusação foram feitas./Fizeram-se ameaças à testemunha…
g) A cidade foi transformada num caos./Transformou-se a cidade…

5. a) Elaboraram-se projetos…
b) Estipularam-se novos prazos…
c) Aspira-se a vidas mais dignas.
d) Localizaram-se os principais focos de…
e) Não se conhecem as reais causas…
f) Não se dispõe de meios eficientes…
g) … se descubram as origens de tudo isso.
h) … que se parta de dados comprováveis…
i) … que se trata de casos de…

6 a) Procuram-se alternativas…
b) Precisa-se de novas…
c) Finalmente, liberaram-se as importações de…
d) Ultrapassaram-se as últimas barreiras…
e) Pensa-se em soluções…
f) Encontrou-se a cura…
g) Atente-se para os índices …

7. Essas frases podem ser interpretadas como casos da voz passiva sintética ou da voz reflexiva. Por isso, devem ser evitadas. Quando se pretende fazer a construção passiva com sujeito humano, é melhor optar pela forma analítica: "Os alunos são incentivados", "Os culpados são desmascarados", "Os responsáveis são acusados". Para a voz reflexiva, recomenda-se a anteposição do sujeito: "Os alunos incentivam-se", "Os culpados desmascaram-se", "Os responsáveis acusam-se". Nesse último caso, recomenda-se ainda o uso de expressões como *mutuamente*, *um ao outro*, *reciprocamente*.

8. por ninguém.

Atividades *(p. 380)*

1. a) sem vírgulas
b) …por rádios, jornais e canais de TV.
c) Aos que se sentem enganados, cabe-lhes…
d) … mais dedicação, mais interesse, mais aplicação.
e) … dois técnicos, cinco operadores de retífica, oito mecânicos de manutenção e dez…
f) sem vírgulas
g) sem vírgulas
h) … amigos, nem parentes, nem colegas do futebol ou das…
i) sem vírgulas

2. Na primeira frase, "do meu ponto de vista" é objeto indireto do verbo *saber*: a frase significa que quem critica desconhece o que está criticando — e o objeto da crítica é o ponto de vista de quem está falando. Na segunda frase, "do meu ponto de vista" tem função adverbial: a frase significa que, de acordo com o entendimento de quem está falando, quem está criticando não sabe nada.

Textos para análise *(p. 380)*

Texto 1

"Um país inteiro" é sujeito determinado simples; "por um mosquito" é agente da passiva. Comentar com os alunos que a opção do redator pela estrutura passiva analítica enfatiza o caráter de omissão (passividade seria a melhor palavra, mas soaria mais redundante do que já soa…) do sujeito paciente e de atividade (intensa e disseminada, neste caso) do agente.

Texto 2

1. Não se trata de sujeito indeterminado. Trata-se de sujeito elíptico (vocês). O contexto permite inferir que o pronome "vocês", subentendido, representa a palavra "filhos" citados no título da canção e que contituem o sujeito das orações.

2. No texto, o verbo perdoar apresenta apenas o objeto direto ("de coisa"). O objeto indireto fica implícito em todas as orações. Ele poderia ser o pronome pessoal do caso oblíquo "nos" que representaria os próprios autores (perdoem-nos por estas coisas) ou a sociedade como um todo, que permite ou provoca essa situação insuportável.

3. Exercem a função de complemento nominal. Esses complementos são importantíssimos para o texto porque revelam o que está faltando para as pessoas: a liberdade, a segurança, a afetividade, as opções na vida.

4. A cada três versos aparece a oração: "Os dias eram assim". Nos três versos iniciais, o verbo utilizado é nocional transitivo , apresenta complemento. O quarto verso é de estado (ser). Essa mesma estrutura se repete três vezes na primeira parte do texto. A alternância dos verbos nocionais (que retratam a realidade social da época) com os verbos de estado ("eram") foi a forma encontrada pelos autores para denunciar uma situação de repressão, justificando com o advérbio "assim" o injustificável.

5. É a conjunção "quando", que introduz ideia de tempo futuro. A partir desse verso, o modo verbal passa a ser o subjuntivo. Na primeira parte do texto, utilizaram-se o indicativo (eram) e o imperativo (perdoem). Ao introduzir o subjuntivo, insere-se no texto o desejo de que

algo se realize ou uma hipótese que pode (ou não) se confirmar.

6. O objetivo de repetir estruturas frasais semelhantes, além de buscar manter o ritmo do texto (pois se trata de uma canção), pode ser o de simular uma prece, na qual o pedido de perdão não é feito a uma divindade mas aos "filhos", que representam, simbolicamente, as gerações futuras.

7. Em "Quando crescerem as matas", o sujeito da oração está posposto ao verbo e é "matas"; já em "Quando colherem os frutos", o sujeito está elíptico e é "vocês". Os autores aproveitam com mestria os recursos sintáticos que a língua oferece para criarem um texto enfático, de regular perfeição.

8. Os autores retratam o período da ditadura militar no Brasil, de 1964 a 1984. O aluno deverá reconhecer essa época pelas referências: falta de espaço, de escolhas, de folhas (que podem aqui estar representando a censura à imprensa); a presença de perigos e pelo desejo de que a situação mude para se cortarem os laços (que prendem), soltarem os cintos (das cadeiras de tortura?).

9. Seria um tempo de liberdade, sem violência, sem repressão aos direitos políticos e ao direito de expressão das pessoas. "Lavarem a água" busca intensificar ao extremo o processo de purificação pelo qual a sociedade como um todo deveria passar após o término da ditadura. Se é preciso lavar a água, com a qual se lava tudo, então é porque a situação chegou no insuportável. A aproximação sonora com "lavarem a alma", transfere para a outra o significado de desforra, vingança.

10. Os autores se excluem porque, na verdade, não sabem quando virá o período da liberdade. A canção foi composta nos anos setenta. Eles fazem um pedido de desculpas pela "herança" que deixarão aos filhos, ou seja, pelas consequências desse período negro da história do Brasil na vida futura dos jovens e, ao mesmo tempo, declaram que não terão mais a vontade ou o ânimo para viver a vida em sua plenitude quando esse período tiver terminado, em função das cicatrizes deixadas por ele.

Questões de exames e concursos *(p. 382)*

1. a

2. e Como no poema, a oração "só ontem avisou-me de sua viagem" contém um verbo transitivo direto e indireto ("avisar"), que tem como objeto direto o termo "me" (a pessoa) e como objeto indireto a expressão "de sua viagem" (a coisa).

3. **e.** Na oração sob análise, "os bolsos" é objeto direto de "vasculhar", sendo, pois, substituível pelo pronome oblíquo átono "os"; "o loiro sueco" é sujeito.

4. a

5. c

6. a) Sugestão de resposta: Uma das possibilidades de leitura seria considerar o termo do neurocientista como paciente da ação, ou seja, nesse caso, o neurocientista foi indicado (indicaram o neurocientista; alguém indicou o neurocientista), e esse fato trouxe benefícios para a pesquisa. A outra possibilidade seria reconhecer o termo do neurocientista como agente da ação, isto é, o neurocientista fez a indicação (indicou algo/alguém) e essa indicação feita por ele trouxe benefícios para a pesquisa.

b) Sugestão de resposta: A indicação que o neurocientista fez trouxe benefícios para a pesquisa. / O fato de terem indicado o neurocientista trouxe benefícios para a pesquisa. / A indicação feita pelo neurocientista trouxe benefícios para a pesquisa.

7. d **8.** c **9.** b **10.** d **11.** a
12. b **13.** b **14.** d **15.** a **16.** d
17. c **18.** d **19.** a **20.** c

21. a) verbo intransitivo
b) verbo não-nocional ou de ligação

22. a) verbo não-nocional ou de ligação
b) verbo transitivo direto
c) verbo transitivo indireto
d) verbo intransitivo

23. vos: pronome pessoal do caso oblíquo, objeto direto; que: pronome substantivo relativo, objeto direto

24. a) Vi-o catando-a.
b) *Ver* e *catar* são, no enunciado, transitivos diretos.

25. c **26.** a **27.** e
28. b **29.** b **30.** b

29. Em cada uma das frases de cada par, o mesmo verbo aparece com transitividade diferente: *querer* é transitivo direto na primeira frase, transitivo indireto na segunda; *dormir* é intransitivo na primeira frase, transitivo direto na segunda. Isso mostra como a transitividade depende sempre do contexto em que o verbo é utilizado.

32. d **33.** e **34.** d

35. a) …como ele foi visto por mim em uma noite sem luar…
b) o: objeto direto; ele: sujeito

36. e **37.** b **38.** a **39.** b **40.** c
41. b **42.** b **43.** c **44.** c

45. Hoje não se fazem mais carros como antigamente.

46. a) Muitos ajudaram-te.
b) Os mestres aconselharam-nos.

47. a) Ela não foi vista por mim ontem.
d) O paciente foi assistido pelo enfermeiro dia e noite.
Só admitem voz passiva os verbos que na voz ativa possuem objeto direto.

48. c **49.** c **50.** b **51.** e
52. c **53.** d **54.** a

55. Nomearam-na tutora.

56. d **57.** b

58. Se o ruído da vaga fosse ouvido pelos filhos dos pescadores, o rangido longínquo dos carros de boi seria escutado por mim.

59. O jornalista britânico Frederick Sands, autor de uma biografia de Greta Garbo, anunciou ontem em Genebra, Suíça, a volta da atriz ao cinema.

60. … e se às vezes eu era repreendido, à vista de gente, isso era feito por simples formalidade.

61. c **62.** c

Capítulo 21 – Termos acessórios da oração e vocativo

Atividades *(p. 393)*

É a expressão das circunstâncias a característica mais importante dos adjuntos adverbiais. Por isso, oferecemos atividades para que o professor e os alunos analisem essas circunstâncias, tanto em enunciados alheios como em suas próprias produções.

1. a) de repente: tempo
b) silenciosamente: modo; em casa: lugar; em plena madrugada: tempo
c) à noite: tempo; com muita clareza: modo.
d) sem plenas condições de tráfego: modo
e) de trem: meio (modo); por toda a Europa: lugar
f) felizmente: modo
g) muito: intensidade; longe daqui: lugar; no norte da Itália: lugar (na frase exerce função de aposto)
h) na próxima semana: tempo; das sete às dez da manhã: tempo
i) quase: intensidade; de vergonha: causa
j) sem as chaves: modo
k) apesar de você: concessão; amanhã: tempo
l) à toa: modo
m) com os dentes: instrumento (modo)

2. Reflexão pessoal. As respostas dadas individualmente devem ser apresentadas à classe para análise.

3. a) Eles pensaram rápido.
b) Eles pensaram rapidamente.
c) Eles foram rápidos.
d) Vozes de protesto levantaram-se inesperadamente.
e) Vozes de protesto levantaram-se inesperadas
f) Os rapazes falavam muito baixo.
g) Os rapazes eram muito baixos.
h) Ficamos calmos durante a discussão
i) Agimos calmamente durante a discussão.
j) Suas atitudes ponderadas súbito converteram-se em gestos irritados.
k) Suas atitudes ponderadas subitamente converteram-se em irritação.
l) Seus gestos de irritação foram súbitos e veementes.

4. A inadequação está na preposição: em lugar da preposição **sobre**, deveria ter sido usada a preposição **sob**: AS MELHORES DA *DINHEIRO*: O ÚNICO RANKING QUE AVALIA SUA EMPRESA SOB TODOS OS ÂNGULOS.

Atividades *(p. 395)*

Oferecemos atividades que permitem não apenas identificar o adjunto adnominal, mas também analisar as ambiguidades que surgem em situações em que o adjunto pode ser confundido com outros termos sintáticos, como predicativos ou complementos nominais. A distinção entre adjunto adnominal e complemento nominal, mais do que um capricho de gramáticos, é muitas vezes indicadora de diferenças de sentido.

1. a) sujeito determinado simples: um novo comportamento empresarial; núcleo: comportamento; adjuntos adnominais: um, novo, empresarial; predicado verbal: deve ser incentivado (voz passiva analítica)
b) sujeito determinado simples: muitos candidatos despreparados; núcleo: candidatos; adjuntos adnominais: muitos, despreparados; predicado verbal: pedem votos pouco críticos a eleitores desinteressados; verbo transitivo direto e indireto: pedem; objeto direto: votos pouco críticos, núcleo: votos; adjunto adnominal: pouco críticos; adjunto adverbial: pouco, intensificando críticos; objeto indireto: a eleitores desinteressados; núcleo: eleitores; adjunto adnominal: desinteressados
c) sujeito determinado simples: os garimpeiros; núcleo: garimpeiros; adjunto adnominal: os; predicado verbal: têm transmitido doenças graves aos índios da Amazônia; verbo transitivo direto e indireto: têm transmitido; objeto direto: doenças graves; núcleo:doenças; adjunto adnominal: graves; objeto indireto: aos índios da Amazônia; núcleo: índios, adjuntos adnominais: os, da Amazônia.
d) sujeito determinado simples: um redator eficiente; núcleo: redator; adjuntos adnominais: um, eficiente; predicado verbal: deve comunicar informações claras e realmente importantes ao público interessado; verbo transitivo direto e indireto: deve comunicar; objeto direto: informações claras e realmente importantes; núcleo: informações; adjuntos adnominais: claras, realmente importantes; adjunto adverbial: realmente, intensificando importantes; objeto indireto: ao público interessado; núcleo: público; adjuntos adnominais: o, interessado.

2. O aluno deve perceber que *inusitada* pode ser classificado como adjunto adnominal ou como predicativo do objeto — em ambos os casos, o termo caracterizado é "aquela atitude". Na primeira interpretação, quem fala se nega a julgar uma inusitada atitude tomada por alguém; na segunda interpretação, quem fala se nega a considerar inusitada uma determinada atitude.

3. O aluno deve perceber que em ambas as frases ocorre um mesmo problema sintático: a possibilidade de se analisar um termo como adjunto adnominal ou como

complemento nominal. Os termos envolvidos são "desta cidade" e "de criança". Se "desta cidade" for adjunto adnominal, a frase significa "não serei mais um pichador originário, proveniente desta cidade"; se for um complemento nominal, a frase significa "não serei mais um dos que picham esta cidade". Se "de criança" for adjunto adnominal, a frase significa "é absurdo que tenhamos um medo infantil"; se "de criança" for complemento nominal, a frase significa "é absurdo que as crianças nos causem medo".

Atividade *(p. 398)*

Atividade para que professor e alunos analisem apostos e vocativos — para além das semelhanças de pontuação, existem as diferenças de natureza sintática que devem ser apreendidas pelos estudantes.

1. a) vocativo: meu velho amigo
b) você: vocativo; meu velho amigo: aposto (do vocativo *você*)
c) vocativo: ó meus sonhos
d) aposto: meu maior sonho
e) vocativo: minha querida
f) vocativo: tu
g) vocativo: meu bem
h) aposto: um emprego, uma casinha, uns trocados para uma viagem de vez em quando.

Atividade *(p. 400)*

1. a) O Brasil, país que via seus jovens como garantia de um grande futuro, parece ter optado…
b) Acorde, menino, e vá ver…
c) A cidadania, essa ilustre desconhecida, ainda…
d) Sob aquelas velhas árvores, ali perto do poço, repousam…
e) Daqui a dois anos, poderemos…
f) Poderemos, daqui a dois anos, avaliar…
g) … dessas medidas, daqui a dois anos. (vírgula opcional)
h) sem vírgulas
i) … acontecendo, Alfredo.
j) sem vírgulas
k) … palavra: incompetência.
l) Gilberto Gil, músico e compositor, continua…
m) sem vírgulas

Textos para análise *(p. 400)*

Texto 1

O termo que tem destaque no texto é o adjunto adnominal. Isso acontece porque o texto explora justamente a pluralidade do jornal anunciado, caracterizando sucessivamente esse jornal por meio de adjuntos adnominais diferentes.

Texto 2

1. "Aqui" refere-se ao próprio Jornal da Tarde. "Todo o resto está aqui" significa que, com raras exceções, todos os acontecimentos sobre São paulo estão no periódico.

2. Os balões reproduzem a fala das pessoas que respondem à questão colocada no canto superior esquerdo do anúncio (balão azul): "Encostar no dedo da estátua dá sorte?"

3. Ocorre nessa oração o emprego do adjetivo adverbializado. Subentende-se: "Fala seriamente". Em geral são os advérbios terminados em *-mente* que são substituídos pelos adjetivos: "Veio *direto* do trabalho pra cá"; "Fale *rápido* que estou com pressa" etc.

4. Há ocorrência de vários adjuntos adverbiais, expressando circunstâncias variadas, entre eles: não, em "**não** tem cabimento", "se dá sorte, já **não** sei" (negação); muito em "Duvido **muito**" , Deve ser **muito** antiga" (intensidade); lá, em "Meu pai me levou **lá** quando eu era pequeno" (lugar). A forte presença de adjuntos adverbiais explica-se pelo fato de os interlocutores referirem-se ao local (onde está a estátua), ou por demonstrarem acreditar ou não nisso e à intensidade com que acredtam (ou não) nisso. Observar, também, a presença de frases sem verbos, uma vez que buscam imitar a fala contextualizada do cotidiano.

Texto 3

1. os adjuntos adnominais são "esses" e "colaterais", que modificam o núcleo do objeto direto "efeito".

2. os adjuntos adverbiais são: na verdade (afirmação); dificilmente (tempo/modo); extremamente e muito (intensidade). Chamar a atenção para o fato de que nem todos os advérbios terminados em *-mente* são de modo.

3. A ênfase dada pelos adjuntos adverbiais ao fato de o paciente ter efeitos colaterais transforma um fato ruim (os efeitos) numa espécie de premiação. Por serem tão raros e terem acontecido justamente com ele, o médico faz parecer que sejam um privilégio.

Texto 4

1. Os adjuntos adnominais caracterizam a atividade de Di Cavalcanti como incessante e especificam a especialidade do artista sobre o qual se fala.

2. Circunstância de tempo: "em diferentes ocasiões"; "sob variados momentos emocionais"; "no registro de momentos"; circunstância de lugar: "em cada lugar"; "sobre os mais diversos tipos de papel".

3. *Di Cavalcanti* é um aposto especificativo. Se omitido, o leitor não saberia a quem a autora do texto estaria se referindo.

4. Os termos acessórios predominam na construção do parágrafo. Observar a importância dos adjuntos adnominais e adverbiais na construção de um parágrafo que busca descrever as qualificações do artista e as circunstâncias que envolviam seu processo criativo.

Texto 5

A repetição exaustiva (nove vezes) do adjunto adverbial de negação *não*, enfatizada pela repetição da conjunção *nem*, colocados estrategicamente no início das orações, funciona estruturalmente como um reforço ao sentido negativo do texto. A negativa é a base do texto, tanto semanticamente como sintaticamente.

Questões de exames e concursos *(p. 403)*

1. c

2. **I.** b.1 — comparativo b.2 — explicativo

II. Era na Trindade que a personagem Bisneto mais gostava de viver. Ou : O menino Bisneto viera gêmeo com uma menina.

3. 20 (16 + 04) **4.** 26 (16 + 08 + 02) **5.** a

6. d **7.** b **8.** c **9.** e **10.** c

11. d **12.** e **13.** a

14. a) demonstrativos: esta, o (… o que escrevo…); pessoal do caso reto: eu; pessoal do caso oblíquo: me

b) esta: adjunto adnominal; o: sujeito; eu: sujeito; me: objeto direto

15. a **16.** a **17.** c **18.** b

19. a) "A portaria proíbe os menores de 18 anos de irem a motéis e rodeios sem a companhia ou autorização dos pais."

b) Pais acompanhando filhos a motéis.

c) … proíbe os menores de 18 anos de irem a rodeios sem a companhia ou autorização dos pais ou de irem a motéis.

20. A passagem ambígua é "exigindo a leitura de um livro que entrará no exame inexistente no Brasil.", pois pode significar que o livro ou o exame é inexistente. Sugestão de uma nova redação: … exigindo para o exame a leitura de um livro inexistente no Brasil.

21. com as últimas chuvas: adjunto adverbial de causa ou tempo; o verde: sujeito; verdíssimo: predicativo do sujeito.

22. e **23.** e **24.** a **25.** b **26.** b

27. b **28.** f, d, vazio, i, a, h, c, b, e, g

29. b, d, c, a **30.** a

Capítulo 22 – Orações subordinadas substantivas

Atividades *(p. 412)*

Atividades que permitem ao professor e aos alunos sistematizarem o que foi exposto sobre os processos de relacionamento entre orações.

1. a) "O presidente" e "o governador " são termos coordenados entre si: ambos exercem a mesma função de núcleo do sujeito.

b) Todos os termos destacados são subordinados: todos são adjuntos adverbiais do verbo.

c) Os termos estão coordenados entre si: exercem a função de predicativo do objeto.

d) Os termos estão coordenados entre si, atuando ambos como objetos diretos.

e) Os três primeiros termos estão coordenados entre si e subordinados ao termo *nada*, que os sintetiza. Notar que os termos coordenados entre si estão subordinados normalmente a outros.

2. a) Ninguém sabe/se ela vai aceitar o convite. (subordinação)

b) Informe aos presentes/que a reunião… (subordinação)

c) Vá ao banco,/pague as contas/e traga os comprovantes. (coordenação)

d) Vá ao banco,/pague as contas/e prove a todos/que você é capaz de honrar seus compromissos. (coordenação e subordinação)

e) "A Mata Atlântica, /considerada pela Constituição federal de 1988 como 'patrimônio nacional',/ é hoje um dos biomas mais ameaçados de extinção de todo o planeta /e está reduzida a menos de 8% de sua vegetação original." (Folheto da Fundação SOS Mata Atlântica") (coordenação e subordinação)

Atividade *(p. 414)*

Atividade que permite ao professor e aos alunos rever os conceitos até aqui expostos. Enfatizamos que o estudo das orações subordinadas é desenvolvido mais satisfatoriamente quando o aluno percebe com clareza a equivalência entre os termos sintáticos que exercem funções substantivas, adjetivas e adverbiais e as respectivas orações subordinadas.

a) Sugeri ao prefeito que suspendesse a cobrança do imposto.

b) … os bons momentos que vivi na infância.

c) Apesar de existirem provas incontestáveis,…

d) … uma crise que não se pode superar.

e) Pedi que se liberassem mais recursos.

f) Enquanto durou o dia,…

Atividades *(p. 418)*

Por meio destas atividades, sistematizam-se vários conceitos importantes apresentados anteriormente: a equivalência sintática entre termos que exercem funções substantivas e orações subordinadas substantivas, as várias funções que essas orações podem desempenhar e as diferenças de sentido provenientes do emprego de diferentes conjunções integrantes.

1. a) Pressenti que ele chegava (estava chegando).

b) O sucesso do projeto depende de que tu te esforces.

c) Sou contrário a que o réu seja condenado.

d) "O importante é que a nossa emoção sobreviva."

e) Não preciso de que você me ajude.

f) Anunciaram que tu saías.

g) Lamento que vos interesseis pouco pelo projeto.

De uma forma geral, o período simples é mais conciso e elegante do que o período composto, que deve ser

usado para evitar ambiguidades ou para dar ênfase ao processo verbal em desenvolvimento (na oração subordinada).

2. a) subjetiva
b) subjetiva
c) objetiva direta
d) subjetiva
e) predicativa
f) completiva nominal
g) objetiva indireta
h) apositiva

3. O primeiro período exprime uma interrogação (quem fala não sabe se é amado); o segundo, um pedido de confirmação (quem fala sabe que é amado).

Atividade *(p. 415)*

a) …auxilie, que interceda em seu favor, que faça as coisas…
b) sem vírgulas
c) …"Imagine", Lennon… sonho: que a humanidade…
d) sem vírgulas
e) sem vírgulas
f) … uma coisa: que você… ou … uma coisa, que você…
g) sem vírgulas
h) sem vírgulas

Textos para análise *(p. 419)*

Texto 1

1. Espera-se que o aluno perceba a intenção do autor de imprimir um ritmo cadenciado ao poema, além de intensificar, com a repetição de "é preciso" a necessidade de se praticarem as ações por ele enumeradas.

2. Com exceção do último, os versos estão organizados em períodos compostos por subordinação. Todos os versos iniciados por "é preciso" têm como sujeito uma oração subordinada substantiva, reduzida de infinitivo.

3. No último verso, a conjunção coordenativa aditiva "e" adiciona a última oração à penúltima, ficando subentendida a forma verbal "é preciso". A mudança ocorre estrategicamente nesse verso porque o autor introduz a ideia que estava implícita em todos os versos anteriores: o final dos tempos se aproxima.

4. O último verso vem como que "justificar" as "necessidades" citadas anteriormente, algumas delas relacionadas ao cotidiano das pessoas, outras aos sentimentos (suportar, odiar) e outras ainda relacionadas ao sentido da vida (substituir todos nós, ter religiosidade). Os sentimentos, as atitudes estão demonstrando o final dos tempos.

5. A estrutura sintática exaustivamente repetida e ritmada torna o texto uma espécie de ladainha, uma espécie de prece, por meio da qual o autor relata as necessidades do homem moderno e as dificuldades de convivência. Essas necessidades intensificam-se justamente pela repetição de "é preciso" e dos verbos no infinitivo (terminados em -ar, -er ou -ir), sugerindo nossa incapacidade ou nossa impossibilidade de atendê-las.

Texto 2

O estudo deste texto é apropriado para se analisarem diferentes níveis de linguagem. Tal análise não se restringe às diferenças no vocabulário. Ela mostra, também, as diferenças nas estruturas sintáticas das frases, evidenciando que a subordinação está presente em construções mais complexas e sofisticadas.

1. Sim. Além de não entender o que dizia o jogador, o repórter acaba concordando em chamá-lo de "chato".

2. […] um jogador de futebol dizendo […] → um jogador de futebol que diz
[…] recuperado o esférico […] → assim que o esférico for recuperado
[…] valendo-nos da desestruturação momentânea do sistema oposto → se nos valermos da …
[…] surpreendido pela reversão inesperada do fluxo da ação → que se surpreenderá …

3. Ambas exercem a função de complemento nominal.

4. a) principal → Nosso treinador vaticinou que […]; aumentam as probabilidades à oração subordinada substantiva objetiva direta.
b) principal → Estou vendo […]; que você é um, um …à oração subordinada substantiva objetiva direta.

5. Espera-se que os alunos percebam que ,nas falas mais elaboradas, aparecem inúmeros modificadores (adjuntos adverbiais), orações reduzidas, principalmente de gerúndio, com a predominância do processo de subordinação. Já nas falas curtas, que "traduzem" as anteriores, emprega-se o período simples ou frases sem verbos, representadas até por interjeições. Observar também o emprego da gíria na linguagem mais informal.

Questões de exames e concursos *(p. 421)*

1. a

2. a) numa boa
b) Enviados a um computador, esses sinais permitiram a ele controlar um cursor em uma tela, abrir e-mails, jogar videogame e comandar um braço robótico.
c) Embora tenhamos inventado a maravilha do automóvel, aumentamos o tempo perdido para ir de casa ao trabalho.

3. a) O mesmo fato pode não passar de "um mistério da floresta", ou seja, não ter qualquer repercussão nem merecer qualquer atenção, quando ignorado pela mídia, ou ser transformado em "um problema mundial", se veiculado pelos meios de comunicação de massas. O sentido político de que o fato possa revestir-se depende, portanto, da "medição da imprensa".
b) Se 20 índios ianomâmis fossem assassinados e ninguém ouvisse falar, o crime não se tornaria um fato político. Caso aparecesse na televisão, ou que seria um mistério da floresta tornar-se-ia um problema mundial.

4. 25 (16 + 08 + 02)

5. A oração destacada é uma subordinada substantiva objetiva direta, que funciona, portanto, como complemento do verbo da oração principal (ensinou). O mesmo ocorre no período da alternativa A: a oração iniciada pela conjunção integrante que funciona como complemento direto do verbo espero, núcleo do predicado da oração principal.

6. c **7.** b **8.** c **9.** c

10. Ela é coordenada à oração que a antecede (… era inevitável…) e subordinada à oração cujo sujeito é o pronome demonstrativo *o*.

11. a) É uma subordinada substantiva normalmente classificada como completiva nominal, subordinada ao pronome demonstrativo *a*. Essa oração é mais bem descrita como uma substantiva em papel de adjunto adnominal.
b) A conclusão é que mais vale um pássaro na mão do que nenhum./A conclusão é: mais vale um pássaro na mão do que nenhum.

12. c **13.** b

14. a) Não importou, na época, a aprovação ou não dos métodos de Nostradamus por seus inimigos.
b) Notou-se perfeitamente a audácia de sua atitude.

15. c **16.** c

17. a) 'não é necessário" e "não precisa"
b) Isso porque não é necessário que nesse estágio o Planalto apresente sua defesa./Isso porque nesse estágio o Planalto não precisa apresentar sua defesa.

18. oração subordinada substantiva subjetiva

19. e **20.** c **21.** a **22.** d

23. Desejo-lhes uma boa viagem e bastante descanso.

24. c **25.** c **26.** c

27. "que a escrava é que estragara o doce…"

28. a **29.** d

30. a) adjunto adverbial (de modo)
b) complemento nominal
c) sujeito
d) objeto indireto
e) complemento nominal
f) objeto direto (na forma de oração subordinada substantiva objetiva direta).

Capítulo 23 – Orações subordinadas adjetivas

Atividade *(p. 427)*

Atividade que enfatiza a relação entre adjetivo e oração adjetiva como formas distintas de exercer um mesmo tipo de função sintática.

a) … prejuízos que não se podem calcular.
b) …que não se podem desmentir.
c) … italianos, que são notáveis bebedores de vinho e comedores de pizza,…
d) O país, que é grande exportador de matérias-primas,…
e) … econômica que não termina.

De uma forma geral, o uso dos adjetivos torna as frases mais elegantes e concisas do que o uso das orações, recomendável quando houver necessidade por motivo de clareza ou ênfase.

Atividade *(p. 429)*

As diferenças de sentido provenientes do uso de orações restritivas ou explicativas devem ser enfatizadas e trabalhadas com profundidade.

a) A primeira frase refere-se a todo e qualquer time que não treina; a segunda refere-se a um determinado time, o qual não treina e não vence.
b) Na primeira frase, todos os policiais em questão participaram; na segunda, participaram apenas aqueles policiais cujos nomes foram encontrados na agenda.
c) Todos os jogadores do time andaram em campo./Apenas alguns jogadores — aqueles de que se esperava no mínimo amor à camisa — simplesmente andaram em campo.
d) Os fiscais serão enviados àquelas cidades litorâneas que têm altos índices de poluição./A poluição é alarmante em todas as cidades do litoral — e a todas elas serão enviados fiscais.

Atividades *(p. 433)*

O uso de preposição apropriada e o emprego correto do relativo são dois aspectos importantes da forma escrita culta da língua que devem ser trabalhados intensamente em sala de aula.

1. a) … crianças que estão hoje nas ruas têm direito…
b) Muitas crianças a que (ou a quem) não se dá oportunidade …
c) Boa parte da classe média brasileira de que tenho medo tem comportamento extremamente violento…
d) … crianças brasileiras cuja vida é, desde cedo, miséria e exploração não têm direito…
e) … no Brasil, onde existe a pior…, não se pode sonhar…

2. a) sem preposição
b) de
c) aos
d) com
e) sem preposição
f) por
g) em
h) sobre
i) com
j) a
k) a
l) de
m) por

3. a) É um grave problema cuja solução…
b) Conheci uma garota cujo pai é…
c) …funcionários, cujos nomes ele prefere…
d) … situação em que todos…
e) … e por isso acho que…
f) … gesto que nos fez sentir recompensados./… gesto que fez com que nos sentíssemos…/… gesto que nos recompensou a todos.
g) … cujos efeitos colaterais…

4. a) A comissão ou o desenvolvimento tecnológico permitirá perspectivas? A solução é usar as formas *a qual* ou *o qual*.
b) As teses ou os grupos ambientalistas apresentam problemas de interesse nacional? A solução é usar *as quais* ou *os quais*.
c) Não é o bairro que atende — é o dentista. Deve-se re-escrever a frase: "Abriu seu consultório neste bairro um novo dentista, que atende todas as manhãs" é uma das possibilidades.
d) É o time que não ganha títulos, não a nova contratação. Por isso, a frase deve ser re-escrita: "O time — que há muitos anos não ganha um título — contratou…" é uma das possibilidades.
e) O carro é do assessor, não do próprio governador. Uma das possibilidades de re-escrita é: "Está sendo procurado o assessor em cujo carro o governador sofreu um acidente".
f) Joana de França viajou para o Rio de Janeiro, onde ficará hospedada no Palácio do Governo.
g) O jogador Arturzinho está fazendo muito sucesso com sua nova escolinha, que fica no bairro da Lapa.

Atividades *(p. 435)*

1. a) A medicina, que estuda a prevenção e a cura de doenças, tem tido…
b) … era muito comum fazer referências jocosas aos corintianos, cujo time…
c) sem vírgulas
d) sem vírgulas
e) … natal, onde não punha…
f) sem vírgulas

2. a) Na situação apresentada na segunda frase, todos os professores pediram demissão e nenhum deles poderá ser substituído; na situação apresentada na primeira frase, somente aqueles professores que pediram demissão — e não foram todos — não poderão ser substituídos.
b) Na primeira frase, somente aquelas construtoras que não concluíram as obras devem fazer a devolução do dinheiro. Na segunda, todas as construtoras envolvidas deixaram de concluir as obras e estão obrigadas a devolver o dinheiro.

Textos para análise *(p. 435)*

Textos 1 e 2

A leitura e análise destes textos será mais agradável se partir da audição da belíssima canção que Mílton Nascimento fez para a "Canção amiga" de Drummond. O trabalho e o consumo são temas tranversais — é sempre bom lembrar.

1. As crianças que trabalham.

2. a) "que pudesse acordar os homens e adormecer as crianças"
b) oração subordinada adjetiva restritiva
c) uma canção
d) pronome relativo
e) sujeito

3. oração subordinada adjetiva restritiva

4. oração subordinada adjetiva restritiva

5. Significa que há necessidade de se especificar o significado de termos de sentido genérico.

6. Reflexão pessoal.

Texto 3

1. Terceiro período: que se encontram — antecedente: *pessoas*; que animava a nobreza nos tempos de reis e rainhas — antecedente: *reunião* (observar que, apesar de distante, nesse contexto é possível identificar o antecedente do pronome relativo). Quinto período: que comanda o Sarau da Santos — antecedente: *empreendedora*; que acontece duas vezes por semestre na Vila Madalena, em São Paulo — antecedente: *Sarau da Santos*.

2. a) Para não ficar chato, peça que os convidados leiam textos curtos, de no máximo uma página, e (que) façam performances rápidas. Uma outra possibilidade: Peça aos convidados que leiam textos curtos (…) e (que) façam performances rápidas.
b) Para não ficar chato, peça para os convidados lerem textos curtos, que tenham no máximo uma página, e fazerem performances rápidas.

3. Trata-se de uma oração subordinada substantiva objetiva direta.

4. a) …diz a empreendedora social Laís Fleury, *sob cujo comando está o Sarau da Santos*.
b) …diz a empreendedora social Laís Fleury, da Vila Madalena, *onde o Sarau da Santos acontece duas vezes por semestre*.

5. para promover um sarau na sua casa e [para] experimentar um programa bem diferente do costumeiro cinema-restaurante ou cerveja-boteco até o amanhecer; para ouvir música ou [para] ler poesias e trechos de livros; para juntar as pessoas em torno de atividades; para não ficar chato; para cada um expressar o que deseja.

6. a) O resto corre por conta da criatividade de cada artista na seleção d*aquilo* que vai ser mostrado; Segundo ele, o segredo é dar liberdade para cada um expressar *aquilo* que deseja. Trata-se de pronome demonstrativo (antecedente do pronome relativo *que*)
b) Ambas são orações subordinadas adjetivas restritivas.
c) Na primeira, é sujeito: *o* [*aquilo*] vai ser mostrado. Na segunda, é objeto direto. Para se chegar a essa resposta, é preciso desenvolver o seguinte raciocínio: o sujeito do verbo *desejar é cada um*; se pensarmos que quem deseja expressar deseja expressar *alguma coisa*, teremos o pronome demonstrativo *o* [*aquilo*] como objeto direto (deseja expressar o [*aquilo*]).

Textos 4 e 5

1. É a preposição *de*, exigida pelo verbo *gostar*: "É legal ganhar a vida fazendo algo *de* que realmente se gosta".

2. No primeiro, o pronome relativo é sujeito, pois substitui originais na oração "*que* ilustram os livros do escritor baiano" (*originais* ilustram os livros…). No segundo, é objeto indireto, pois substitui *aquilo de que se gosta* na oração "[de] *que* realmente se gosta" (realmente se gosta *de algo*).

Questões de exames e concursos *(p. 438)*

1. c **2.** 28 (04,08,16) **3.** d
4. b **5.** a **6.** d **7.** a
8. d **9.** d **10.** d

11. a) E como sempre teve a intenção de possuir as terras de São Bernardo, considerou legítimas as ações que o levaram a obtê-las.
b) que: às ações; me: ao narrador, que assume, no caso, a primeira pessoa do discurso; las: às terras de São Bernardo

12. a **13.** c **14.** d **15.** c
16. e **17.** b **18.** b **19.** c

20. Na primeira frase, está-se dizendo que a psicóloga está localizada no endereço apontado, e não a clínica. Sugestão de correção: "A psicóloga Iracema Leite Ferreira Duarte está fazendo muito sucesso com a sua nova clínica, (localizada) na rua Campo Grande, 159". Na segunda frase, o pronome relativo está-se referindo a Maria Helena Arruda, e não a São Paulo. Sugestão de correção: "Maria Helena Arruda embarcou para São Paulo, onde ficará hospedada no luxuoso hotel Maksoud Plaza".

21. d

22. a) O menino, que é estudioso, aprende.
b) O menino, cujo pai o ama, é feliz.
c) A cidade onde o menino nasceu fica longe.

23. e **24.** c

25. vos: pronome pessoal do caso oblíquo, objeto direto; que: pronome substantivo relativo, objeto direto

26. a) Agora sei isso/algo/esta novidade.
b) Agora sei que outro dia disse uma palavra saudável/ agradável/ benéfica a alguém.

27. Agora sei: oração principal; que outro dia eu disse uma palavra: subordinada substantiva objetiva direta; que fez bem a alguém: subordinada adjetiva restritiva

28. a) Ao chegar ao ancoradouro, Alzira Alves Filha, que estava acompanhada de um grupo de adeptos do Movimento Evangélico Unido, recebeu um colar indígena feito de escamas de pirarucu e frutos do mar.
b) Porque cria confusão quanto ao verdadeiro antecedente do pronome relativo.

29. a) conjunção subordinativa integrante em 1 e pronome substantivo relativo em 2
b) subordinada substantiva objetiva direta

30. b **31.** b

32. a) Todos os homens são venais e corruptíveis.
b) São corruptíveis apenas os homens venais.

33. d **34.** b **35.** a **36.** e
37. a **38.** d **39.** a

Capítulo 24 – Orações subordinadas adverbiais

Atividade *(p. 445)*

Esta atividade oferece ao professor e aos alunos a oportunidade de refletir sobre a equivalência sintática entre os adjuntos adverbiais e as orações subordinadas adverbais e sobre as diferenças de sentido e de estilo que as várias possibilidades de escrita acabam produzindo.

1. a) …porque se sente muito tédio/porque se tem muito tédio.
b) Quando é noite,…/Quando a noite chega,…/ Quando cai a noite…
c) Apesar de dedicar-se ao estudo,…/Embora se dedicasse ao estudo,…
d) Se não se investir em educação e cultura,…
e) …porque passa fome.
f) Enquanto duraram as férias,…

O aluno deve perceber que os adjuntos adverbiais na forma simples são normalmente mais concisos e elegantes; a forma oracional nem sempre corresponde exatamente à forma simples, devendo ser usada por motivo de clareza ou quando houver necessidade de exprimir detalhes não-compatíveis com a forma simples.

Atividades *(p. 448)*

A ênfase no estudo das orações subordinadas adverbiais deve recair sobre a compreensão das circunstâncias que exprimem e sobre o uso correto das cojunções e locuções conjuntivas, e não na classificação. Por isso, oferecemos esta série de atividades que levam o aluno a refletir sobre as circunstâncias estudadas até aqui e a utilizar as várias conjunções e locuções conjuntivas que a língua oferece para cada caso.

1. a) consequência (decisão de calar-se) — causa (ter argumentos inconsistentes)
b) causa (argumentação inconsistente) — consequência (opção pelo silêncio)
c) condição (argumentos serem consistentes) — fato alcançado se a condição fosse satisfeita (os argumentos teriam sido defendidos)
d) concessão (há argumentos consistentes) — fato que estabelece contraste com o fato da outra oração (o treinador optar pelo silêncio)

2. a) Como recebem salários baixos, muitos brasileiros não possuem casa própria.
b) … casa própria, já que recebem salários baixos.
c) … casa própria, visto que recebem salários baixos.
d) Muitos brasileiros recebem salários tão baixos que não conseguem comprar a casa própria.

3. a) Como o quadro da educação no país é muito preocupante, até empresários tradicionalmente omissos estão…
b) Até empresários tradicionalmente omissos estão… porque o quadro da educação no país é muito preocupante.
c) … é muito preocupante, de modo que até empresários tradicionalmente…
d) … estão interessados em participar…uma vez que o quadro da educação no país…

4. a) Caso elimine o Grêmio, o Corinthians…
b) Desde que elimine o Grêmio, o Corinthians…
c) Contanto que elimine…

5. a) Embora existam claros indícios…
b) Conquanto existam…
c) Ainda que existam…

6. Na primeira frase, a dedicação é a condição para se alcançar o sucesso. Na segunda, o sucesso é inalcançável (para aquele a quem se está falando): dedicação nesse caso de nada adianta.

7. a) condição: o treinador permanece no cargo se o time se classificar
b) causa: o treinador permaneceu no cargo porque o time se classificou

8. Explora-se a relação causa-consequência, exposta de forma a criar um círculo vicioso: não se consegue estabelecer com precisão qual a causa e qual a consequência, porque esta é logo transformada naquela. A oração utilizada é a subordinada adverbial causal.

Atividades *(p. 451)*

Também neste caso, a ênfase deve recair sobre a compreensão das circunstâncias expressas e sobre o uso apropriado das conjunções e locuções conjuntivas. Damos também destaque às estruturas correlativas das orações comparativas e proporcionais, que são trabalhadas intensamente.

1. a) fato (sair) — modo como ocorreu
b) fato (comportamento) — comparação
c) fato (comportamento) — conformidade (a uma promessa)
d) fato (canalização) — finalidade
e) qualidade de um ser (delicadeza da pele) — comparação
f) informação de tempo — fato (ocorrência de problemas de saúde)
g) condição — fato dependente da condição
h) informação de tempo (proporcional) — fato de desenvolvimento gradual
i) causa — fato decorrente
j) fato — condição

2. a) Tudo foi feito conforme os termos do acordo a que haviam chegado as várias partes interessadas.
b) Os outros técnicos não têm trabalhado tanto quanto este, que tem trabalhado muito.
c) Apesar de já ter aprendido muito, ele, curiosamente, quer aprender…
d) À medida que nos aproximamos do fundo do vale, podemos ouvir cada vez mais distintamente…
e) Vou dar-lhe um presente sem que ela saiba disso…
f) Se formarmos um time de futebol, poderemos participar…
g) Quando se investir em saúde e educação, começarão a surgir…/Se se investir…

3. a) Enquanto caminhávamos à beira do rio, ela me falava…
b) Ao ser empossado ontem,/Quando foi empossado, ontem, o ministro fez um discurso…
c) … às vicissitudes do cotidiano, embora muitos tecnocratas elaborem planos…
d) … chegou ao aeroporto três horas depois que ela havia viajado para a Argentina.
e) Assim que abri a porta, percebi que…
f) Depois de caminharmos várias horas, lembramo-nos de que…

4. a) Creio termos que suportar as exigências feitas por ela.
b) Sinto estarem acontecendo fatos que…
c) Ao terminar a sessão, percebi ter-se desperdiçado uma oportunidade há muito procurada.
d) As promessas ali feitas indicavam ter o novo governo nítido perfil populista.
e) … indicava não se ter ele corrigido ainda.
f) Executadas as obras prometidas pelo candidato, o município assumiria dívidas que…
g) É importante você ter visto tudo para poder opinar mais tarde.

Atividade *(p. 453)*

a) Se você tivesse cumprido o que prometera, …
b) … em casa, se tudo… (opcional)
c) Como choveu muito, …
d) … sujos, porque o povo… (opcional)
e) À medida que avança, o cólera…
f) Os jogadores, como se esperava, atuaram…
g) Notamos, quando ainda seria possível modificar o rumo das discussões, a falta…

Textos para análise *(p. 453)*

Textos 1, 2 e 3

Além da análise linguística propriamente dita, os textos 1 e 2 suscitam reflexões importantes sobre questões relativas à vida humana, como a utopia e a memória. Interessante discutir também a forma poética e concisa como o autor desses textos discorre sobre tais assuntos. O texto 3 toca na questão da exploração dos recursos naturais da Amazônia.

Texto 1: oração subordinada adverbial concessiva: "por mais que eu caminhe". Observar a presença da oração "para caminhar", reduzida de infinitivo, aposto do adjunto adverbial de finalidade "para isso".

Texto 2: oração subordinada adverbial temporal: "quando estiver se afogando na chuva" (e as duas que se

seguem, com omissão da conjunção e do verbo auxiliar *estar*: "[quando estiver]sendo quebrado pelo frio"; "[quando estiver]sendo revirado pelo vento").

Texto 3: oração subordinada adverbial temporal: "quando os produtos da Amazônia forem explorados"; oração subordinada adverbial comparativa: "quanto (houve) no período das grandes navegações, da descoberta da América".

Texto 4

Deve-se iniciar o trabalho de leitura e análise do texto pela audição da canção. Como já foi comentado anteriormente, Zélia Dunca tem características de intérprete e compositora que costumam torná-la bastante atraente para os adolescentes. No caso deste texto em particular, seria interessante que o professor, antes de apresentá-lo aos alunos, perguntasse a eles o que conhecem do Rio de Janeiro, a fim de verificar se a referência à Avenida Vieira Souto e a outros fatos urbanos, como os moradores de rua, os barracos das favelas e as inundações fazem sentido. Este é um texto muito feliz, em que a continuidade que se estabelece entre a vida interior e a vida exterior do sujeito lírico mostra como a realização do bem-estar amoroso não é independente da sensação de mal-estar social que um país injusto causa.

1. O período é formado por duas orações: "A tempestade me assusta", que é a oração principal, e "como sua ausência (me assusta)", que é a subordinada adverbial comparativa com o verbo elíptico.

2. É a circunstância de tempo, expressa por várias orações subordinadas adverbiais temporais ao longo de todo o texto: "Enquanto sua ausência inunda meu quarto", "(enquanto sua ausência) transborda na cama", "Enquanto não durmo", "enquanto te espero", "(enquanto) chove no mundo". É enquanto tudo isso ocorre que o sujeito lírico desenvolve sua reflexão sobre as relações entre seu sofrimento amoroso e o sofrimento social do país.

3. O aluno deve perceber que se trata de um caso de concordância por contaminação, por contiguidade, pois *brasileiro*, apesar de estar ao lado de *rumo* e de concordar com esse termo, na verdade se refere a *falta* — é a falta (de rumo) que é brasileira. Do modo como está, o trecho produz uma interpretação curiosa, pois o que falta, nesse caso, é um "rumo brasileiro"; na verdade, há uma brasileira falta de rumo…

4. É um pronome relativo e introduz a oração subordinada adjetiva restritiva "que atingiu o nosso amor", na qual desempenha a função sintática de sujeito da forma verbal *atingiu*.

5. O aluno deve perceber que Vieira Souto, no texto, é uma metonímia que indica a parte da cidade do Rio que goza de bem-estar social, as classes sociais mais abastadas, que habitam e frequentam esse espaço urbano e outros similares. É sobre o cinismo, a indiferença dessas classes sociais que desabam os barracos que a tempestade desprende dos morros, onde se escoram as favelas.

6. O aluno deve perceber que a oração destacada é subordinada adverbial reduzida de gerúndio e que pode ser interpretada de mais de uma maneira: pode-se considerá-la uma adverbial causal (…porque cresce no esgoto) ou uma adverbial temporal (… quando cresce no esgoto). Ainda haveria a possibilidade de considerá-la uma oração com valor condicional: "Ninguém fica imune **desde que cresça no esgoto**".

7. Não. Como ocorre com muita frequência nos registros da língua falada coloquial, há mistura de tratamentos: o interlocutor do sujeito lírico é tratado como *você* — pronome de tratamento que demanda as formas verbais e pronominais de terceira pessoa — e também como *tu* — quando surge a forma pronominal de segunda pessoa *te*, em "enquanto te espero".

8. O aluno deve perceber que a tempestade desaba ao mesmo tempo dentro e fora do sujeito lírico. São indícios de que ela é uma tempestade pessoal, interna, imagens como " Você, raio humano, despencou na minha cabeça / E desde então / Grita esse trovão no meu peito". E essa tempestade íntima se combina com a tempestade atmosférica, meteorológica: "A chuva lá fora chove de fato / Enquanto sua ausência inunda meu quarto / E transborda na cama". Dessa idenficação de tempestades surge para o sujeito lírico a consciência de que seus sonhos "são outros", tanto no plano amoroso, como no plano social.

9. O aluno deve perceber que o sujeito lírico apresenta ao leitor um país sem rumo ("eu não me acostumo com a falta de rumo brasileiro"), com moradores de rua e barracos que são carregados pela tempestade ("Penso no homem que dorme nas ruas do Rio e agora flutua nos rios da rua e os barracos na beira do abismo deslizam no cinismo da Vieira Souto."), um país "no fundo do poço", onde as pessoas crescem "no esgoto". É muito coerente, portanto, que esse sujeito lírico chame ao Brasil de "país do desgosto" — até porque é na história desse país que "se escora" o amor "sem risco e sem glória" que ele está vivendo…

Questões de exames e concursos *(p. 456)*

1. a) O mesmo fato pode não passar de "um mistério da floresta", ou seja, não ter qualquer repercussão nem merecer qualquer atenção, quando ignorado pela mídia, ou ser transformado em "um problema mundial", se veiculado pelos meios de comunicação de massas. O sentido político de que o fato possa revestir-se depende, portanto, da "medição da imprensa".

b) Se 20 índios ianomâmis fossem assassinados e ninguém ouvisse falar, o crime não se tornaria um fato político. Caso aparecesse na televisão, o que seria um mistério da floresta tornar-se-ia um problema mundial.

2. d **3.** e **4.** b
5. b **6.** e **7.** e

8. Nós, os escritores nacionais, porque (já que, visto que, uma vez que) queremos ser entendidos de nosso povo, havemos de falar-lhe em sua língua.

9. Embora (ainda que, conquanto, mesmo que) seja um bom escutador e um vedor melhor, só trancado e sozinho é que consigo me expressar.

10. a **11.** e **12.** a **13.** d

14. Comentário da própria UFCE:
A questão **7** trata da organização estrutural de orações e da função sintática de termos que a compõem. No item a1, pede-se que o candidato identifique uma outra ordenação aceitável para a oração fornecida. A resposta correta é 4 – 5 – 2 – 3 – 1 (Quando caíram seus últimos defensores, pois todos morreram, Canudos caiu, ao entardecer, expugnado palmo a palmo.), pois a oração resultante desta ordenação é coerente e não fere as regras de sintaxe. No item a2, solicita-se que o candidato escolha uma das duas sequências restantes de a1 e justifique a razão pela qual a ordenação é inaceitável. Na primeira, 3 – 5 – 2 – 4 – 1, articulam-se o adjunto adverbial de tempo, ao *entardecer*, e a oração explicativa, *pois todos morreram*, o que resulta numa relação incoerente. Na segunda, 5 – 2 – 4 – 1 – 3, a incoerência encontra-se já no início da oração, visto que ela principia por uma explicativa, que, vindo descontextualizada, se descaracteriza semanticamente.
No item b, solicita-se que o candidato re-escreva a oração fornecida, iniciando-a pelo segmento de frase 4 (quando caíram os seus últimos defensores), transformando-o numa oração reduzida de infinitivo. Dentre as possibilidades de respostas, há: "Ao caírem os seus últimos defensores, pois todos morreram, Canudos caiu, ao entardecer, expugnado palmo a palmo." e "Ao caírem os seus últimos defensores, pois todos morreram, expugnado palmo a palmo, Canudos caiu, ao entardecer.". No item c, pede-se que o candidato construa uma oração sobre Canudos, com a seguinte estrutura: sujeito composto + verbo intransitivo + predicativo do sujeito. Para tanto, o candidato deve selecionar um sujeito composto, um verbo intransitivo e um predicativo do sujeito, de modo a obter uma oração com a estrutura solicitada. Muitas são as respostas possíveis. Fornecemos, por isso, apenas um exemplo: "Antônio Conselheiro e Canudos caíram derrotados.".

15. c

16. quando topei os obstáculos mencionados/sem que me detivesse

17. b **18.** e **19.** e

20. e **21.** e **22.** b

23. Conquanto fosse magra,…/Apesar de ser magra,…

24. É desnecessário destacar que o baixo salário pago aos funcionários públicos prejudica o atendimento da população nos hospitais, nas escolas, nas delegacias, nas faculdades (nos serviços públicos em geral).

25. Mesmo que não cheguem a configurar…,/Embora não cheguem a configurar…,/Ainda que não cheguem a configurar…,

26. c

27. a) Muitos alunos passarão porque a prova de português está fácil.
b) Embora a prova de português esteja fácil, muitos alunos a acham difícil.

28. Anda a espreitar meus olhos a fim de que os roa. Oração subordinada adverbial final.

29. d **30.** b

31. a) As coisas não andam porque ninguém confia no governo, e ninguém confia no governo porque as coisas não andam.
b) É necessário que aquilo que é causa num primeiro momento passe a ser consequência no momento seguinte, e vice-versa. O autor mantém a falta de confiança no governo como causa nas duas frases.

32. a **33.** b **34.** a **35.** b

36. c **37.** c **38.** e **39.** b

40. Se não houvesse muita cinza de cigarro no chão, o velho Leite não raciocinaria assim.

Capítulo 25 – Orações coordenadas

Atividades *(p. 467)*

O estudo das orações coordenadas deve enfatizar a exata compreensão dos relações semânticas que as orações estabelecem entre si e o uso apropriado das conjunções coordenativas. Por isso, oferecemos estas atividades que permitem ao professor e aos alunos refletirem sobre o uso e os sentidos das conjunções e das relações no período composto por coordenação.

1. a) fato, explicação de como se descobriu esse fato
b) pedido, explicação da razão de se fazer o pedido
c) ato, outro fato com que o primeiro contrasta
d) fato, conclusão tirada a partir do fato
e) pedido, explicação do porquê se fez o pedido
f) alternância de fatos, com valor condicional

2. a) … quente e ensolarado, mas só pudemos…
b) … muitos pobres, logo alguma coisa está errada.
c) Visite-me, pois quero estar…
d) … será a maior…, mas muita…
e) … nossos problemas, logo foi preciso…
f) … agora, ou …
g) Ou chove torrencialmente, ou a seca…

Utilizamos as conjunções mais típicas em cada caso: o professor saberá fazer a variação que julgar conveniente.

3. a) Ou estou enganado, ou escrevi…
b) …da reunião, logo não…
c) …nas férias, logo não estarei…
d) …podem ir, mas devem voltar cedo.
e) … um pouco, telefonei para ela e marquei…
f) Venha logo para dentro, que está…

g) … não para de sorrir, logo deve ser feliz.
h) …na estrada, pois está cheia…
i) … estudo espanhol e estou começando…
j) … a ela, logo a reunião…
k) …violentamente, mas não…

É válida para este exercício a mesma observação feita em relação ao exercício anterior.

4. a) Juntou galhos e gravetos e acendeu a fogueira.
b) Escolheu um local plano e aberto, limpou o terreno e armou a barraca cuidadosamente.
c) Levantou-se da cama, caminhou cuidadosamente no escuro, chegou até a janela, abriu-a, e a luz invadiu o quarto.
d) Não sei nada sobre o assunto; nada posso dizer a respeito, pois.
e) Não faça barulho, pois muitas pessoas já estão dormindo.
f) Sofreu um acidente terrível, mas não se feriu com gravidade.
g) Faça tudo cuidadosamente ou não obterá sucesso.

A partir do item d, atentar para o fato de que não haveria obrigatoriedade de se adotar a ordem aqui proposta se se construíssem períodos compostos por subordinação.

5. a) A acusação é grave, mas o candidato nega-se a discuti-la.
b) Ou você se dedica seriamente, ou os resultados não serão satisfatórios.
c) Não há ninguém na casa, porque janelas e portas estão trancadas.

Atividade *(p. 470)*

a) … da partida, mas…
b) … energia, portanto deveria…
c) … energia; deveria ter seu uso ampliado e estimulado, portanto.
d) sem vírgulas
e) Tentou uma vez, e insistiu, e tornou a tentar, e conseguiu…
f) Examinei, notei a falta de estrutura do grupo e achei melhor interferir.
g) … do país; nenhum deles, contudo, estabelece…
h) … projetos; nenhum foi sequer…
i) Chamava-se Pedro; o amigo, Paulo.

Textos para análise *(p. 470)*

Texto 1

Deve-se apresentar a canção à classe: Gabriel o Pensador não é nunca motivo de indiferença da parte dos adolescentes e isso é muito produtivo como ponto de partida para as atividades de leitura e análise do texto.

1. É um período composto por coordenação: a primeira oração é a coordenada inicial (ou assindética) "O Brasil proclamou sua independência"; a segunda é coordenada sindética adversativa "mas o filho do rei é que assumiu a gerência". O contraste, a oposição de sentido expressa no período é várias vezes retomada ao longo do texto, que, em última análise, é construído contrastando as possibilidades (muito positivas) do país com as realizações (pífias) que se têm obtido.

2. O aluno deve perceber que a conjunção *e*, nesse período, tem valor adversativo: "O negro virou um homem livre, mas foi pra prisão". Esse mesmo fenômeno ocorre no período "O rico sobe na vida feito estrangeiro, e o pobre só sobe no elevador de serviço".

3. O aluno deve perceber que se está afirmando com todas as letras que o racismo é um fato no Brasil.

4. Oração coordenada inicial (ou assindética): "torturaram"; orações coordenadas sindéticas aditivas: "e prenderam" e "e mataram milhares"; oração coordenada sindética adversativa: "mas ninguém foi condenado pelos crimes de tortura".

5. O aluno deve perceber que há um vínculo de causalidade entre os períodos, ou seja, a eleição de Collor se deve, de acordo com o texto, ao fato de "a gente que vota" ainda ser "semianalfabeta".

6. Oração principal: "O Brasil tem um povo gigante por natureza"; oração subordinada adjetiva restritiva: "que ainda não percebe o tamanho dessa grandeza".

7. É uma conjunção que estabelece uma relação de alternância ou de mútua exclusão. Isso se pode perceber no título do texto — se se ri devido ao panorama social oferecido pelo país, não se chora e vice-versa. O mesmo se pode dizer sobre a longa sequência de alternativas que são oferecidas no final do texto: se se repete o que se tem feito, não se transforma a realidade, por exemplo. Note-se que se trata de um recurso retórico, pois, na verdade, o texto pressupõe que o leitor (ou ouvinte) vai oferecer como resposta a atitude correta - aquela que beneficia o país, que une todos em "um sonho".

8. Considerar a simetria das duas orações que compõem o título e a conjunção que as une, estabelecendo uma relação de oposição entre ambas. Considerar também os dois adjuntos adverbiais que aparecem na segunda oração e modificam substancialmente seu sentido: o *não* e o *sempre*. Além disso, observar o jogo estabelecido pela palavra *mesmo*, ao aparecer , pela segunda vez, como substantivo, em função de predicativo do sujeito.

9. Resposta pessoal.

Texto 2

"Penso, logo assisto" é um período formado por coordenação. A primeira oração — "penso" — é uma coordenada inicial; a segunda — "logo assisto" — é uma coordenada sindética conclusiva. O aluno também deve perceber que essa re-escrita da célebre máxima de Descartes ("Penso, logo existo.") tem como principal objetivo ressaltar a qualidade da programação anunciada, dirigida a um público "pensante", ou seja, capaz de refletir sobre a programação que recebe.

Questões de exames e concursos *(p. 472)*

1. a

2. A questão viabilizou o estudo da coordenada adversativa (mas contava) a sugerir a quebra de expectativa que o cotidiano enfadonho expressa nos dois primeiros versos. Resposta: b

3. **7** (01 + 02 + 04) **4.** 19 (16 + 02 + 01)

5. b **6.** d **7.** a **8.** a

9. e **10.** a **11.** e

12. Essa oração é coordenada à oração "que era inevitável" e subordinada à oração "anteontem aconteceu o".

13. a **14.** a

15. a) Na coordenação, organizam-se num período orações sintaticamente independentes umas das outras, ou seja, orações que não desempenham funções sintáticas umas nas outras. Na subordinação, organizam-se num período orações dentre as quais alguma ou algumas desempenham, em outra, função sintática de natureza substantiva, adjetiva ou adverbial.

b) "Dentro dele um desejo abre-se em flor": oração coordenada assindética (ou inicial); "e cresce": o. c. sindética aditiva; "e ele pensa": o. c. sindética aditiva; "ao sentir esses sonhos ignotos": o. s. adverbial temporal reduzida de infinitivo; "que a alma é como planta": o. s. substantiva objetiva direta.

16. a **17.** d **18.** c **19.** d

20. b **21.** d **22.** e **23.** b, d, c

24. c **25.** a **26.** d **27.** d

28. a **29.** c **30.** c

Capítulo 26 – Concordância verbal e nominal

Atividades *(p. 479)*

Oferecemos com estas atividades a oportunidade de o professor trabalhar com os alunos alguns casos delicados de concordância verbal: a concordância com o sujeito simples posposto e alguns casos do sujeito composto. Não deixamos de contemplar também possíveis ambiguidades de sentido.

1. a) ocorreram
b) restam-nos
c) ficaram
d) sobraram
e) bastam
f) devem existir
g) podem ocorrer
h) sobrevivam
i) cabem

2. a) discutiram
b) discutiram
c) iremos
d) iremos ou irão
e) irei ou iremos
f) deveis participar ou devem participar
g) devemos
h) faltas, faltais ou faltam
i) inscreveram-se ou inscreveu-se
j) abraçaram-se

3. A segunda frase sugere uma sequência na renúncia: primeiramente, renunciou o presidente; a seguir, os ministros. Na primeira frase não há essa sugestão: todos parecem ter renunciado ao mesmo tempo.

4. Essa frase pode ser interpretado como uma forma de voz passiva sintética, uma forma de voz reflexiva recíproca ou uma forma de voz reflexiva. Para a voz passiva, recomenda-se o uso da forma analítica: "A mãe e o filho foram feridos". Para a voz reflexiva recíproca, recomenda-se o reforço por meio de expressões como *mutuamente*, *um ao outro*: "Mãe e filho feriram-se mutuamente". A forma reflexiva fica clara quando se concorda o verbo com o núcleo mais próximo: "Feriu-se a mãe e o filho".

Atividades *(p. 482)*

Contemplamos com estas atividades os casos de concordância verbal estudados e as várias possibilidades de efeitos de sentido que proporcionam.

1. a) terminaram
b) levaram
c) subiu
d) previne/previnem
e) é provocada/são provocados
f) participaram
g) gastou

2. a) A primeira frase enfatiza o caráter do conjunto formado pelas pessoas; a segunda, destaca os indivíduos.

b) A segunda frase representa uma admissão de culpa; a primeira, uma acusação feita por um membro de um grupo a outros membros desse grupo.

c) A segunda frase indica reciprocidade: os jogadores feriram-se um ao outro. A primeira indica que cada um deles ficou ferido, sem ação recíproca.

3. a) têm ou tendes/preferem ou preferis
b) são ou somos/gozam ou gozamos
c) pode (o tempo verbal pode ser outro)
d) aceita (o tempo verbal pode ser outro)
e) fica
f) fazem
g) representam
h) tem
i) têm
j) reúnem
k) são

4. a) haviam participado
b) negaram-se a declarar
c) desaparece
d) foi
e) montei
f) montou/montei
g) acordamos
h) compraste
i) falou/falei
j) pensam
k) repudiam

Atividade *(p. 484)*

Contemplamos com esta atividade os casos de concordância verbal estudados e as várias possibilidades de efeitos de sentido que proporcionam.

a) incendeiam/incendeia
b) bastavam/bastava

c) podem
d) são
e) ganhará
f) ocupará
g) faz/fazem
h) produz/produzem
i) desembarcou
j) concederam
k) têm
l) foi

Atividades *(p. 487)*

Oferecemos uma grande quantidade de atividades para que professor e alunos sistematizem alguns aspectos da concordância verbal que vêm sendo estudados há tempo: as formas de concordância das estruturas de que participa o pronome *se*, as formas de concordância com verbos impessoais.

1. a) Anunciaram-se as reformas administrativas.
b) Amanhã se farão os últimos exames.
c) Trata-se de questões polêmicas.
d) Revogar-se-ão as leis.
e) Apelou-se para os médicos mais experientes do hospital.
f) Obtiveram-se microprocessadores mais velozes.
g) Definiram-se os objetivos da reforma fiscal.
h) … quando se fala em eleições.
i) … que se estavam preparando novos conjuntos de medidas econômicas.

2. a) Houve alguns problemas durante a viagem.
b) Ocorreram alguns problemas durante a viagem.
c) Não havia motivos para tanto.
d) Existiam motivos para tanto?
e) Parece ter havido algumas dúvidas…
f) Parecem ter surgido algumas dúvidas…
g) … que deve ter havido alguns transtornos…
h) … que devem ter ocorrido alguns transtornos…
i) Faz alguns anos que…
j) Faz mais de duas horas…
k) Deve fazer algumas décadas…

3. a) é
b) são/é
c) é
d) são
e) é
f) São
g) somos
h) é; sou
i) és
j) somos; somos
k) são/é
l) são/é
m) são/é
n) é

Atividade *(p. 489)*

Atividade para sistematizar o uso do infinitivo flexionado e analisar os efeitos de sentido obtidos em alguns casos.

a) ficar/ficarem
b) pensar
c) ter/terem (o plural indica uma oração reduzida de infinitivo)
d) anunciar
e) falar
f) surgirem
g) entrar/entrarem
h) sair/saírem
i) poderem
j) aturar
k) cair
l) expor/expormos
m) pedir
n) pedirem

Atividades *(p. 491)*

Atividades que permitem ao professor e aos alunos sistematizarem todo o conteúdo estudado até este ponto. Além disso, são analisadas questões relativas à clareza dos enunciados.

1. a) escuros
b) latino-americanos
c) latino-americanas
d) sua/deploráveis
e) seu/deploráveis
f) aquela/uma/melancólica
g) robustas
h) robustos
i) marinhos
j) marinhos/marinhas
k) dourados/dourado
l) brancos/brancas
m) brancos

2. A segunda frase não deixa dúvidas quanto ao fato de a calma e o rigor serem britânicos. Já na primeira frase pode-se interpretar que apenas o rigor seja britânico.

3. a) francesas/francesa
b) suecos/sueca
c) muitos
d) muitas
e) inúteis
f) inúteis
g) excessivos
h) excessiva
i) excessivos (alguns autores aceitam também a forma excessiva)
j) famosos
k) famoso
l) famosos
m) vitoriosos
n) vitoriosos
o) vitorioso

4. a) Estudo as culturas grega e alemã./Estudo a cultura grega e a alemã.
b) … nas línguas francesa e russa./…na língua francesa e na língua russa.
c) … do quinto e oitavo andares./…do quinto e oitavo andar.
d) … da sétima e oitava séries…/…da sétima e oitava série…
e) … queria o poder político e o econômico./…queria os poderes político e econômico.

Atividades *(p. 494)*

Atividades que permitem ao professor e aos alunos sistematizarem o que foi estudado sobre os casos de concordância nominal que merecem destaque.

1. a) mesmas/mesma
b) mesmos/anexos
c) inclusa
d) anexos
e) agradecida/quite
f) obrigada/própria
g) própria
h) anexos

2. a) meio
b) meia
c) bastante/bastantes
d) bastante/meio/meia
e) meia/meia/bastante/meio
f) bastantes/meio
g) meio

3. O aluno deve perceber que, em todos os casos citados, a diferença é a mesma: na primeira frase de cada par, o substantivo é tomado em sentido amplo, num caso de sobrevivência do gênero neutro. Na segunda frase, a presença do determinante explicita o gênero desses substantivos.

Atividade *(p. 495)*

Esta atividade permite ao professor e aos alunos analisar as principais questões relacionadas com a concordância ideológica, particularmente os efeitos de sentido produzidos em cada caso.

a) O verbo concorda com a ideia de que são duas belezas distintas.
b) *Estão* concorda com a ideia de plural contida em *família*.
c) *Renunciaram* concorda com a ideia de plural contida em *grupo*.
d) *Exausto* concorda no masculino porque *Vossa Excelência* está sendo usado para se dirigir a um homem.
e) *Apto*, no singular, indica que há apenas um falante, que está usando o plural de modéstia.
f) O pronome após o verbo *abraçar* concorda no feminino, pois, nesse caso, *alguém* está sendo usado no sentido de "aquela pessoa esperada" (sabidamente uma mulher).
g) Subentende-se a ideia de cidade quando se faz referência a Santos.
h) *Esperamos* porque quem fala se inclui no grupo dos professores.

Textos para análise *(p. 495)*

Texto 1

Espera-se que o aluno perceba que se trata de uma linguagem informal, utilizada entre dois companheiros de trabalho e que mistura a segunda (**tu**) com a terceira pessoas (**é**). Ao se utilizar o padrão culto da linguagem, essa prática deve ser evitada.

Texto 2

O aluno deve perceber que há um erro de concordância na frase do anúncio, que deveria ser "Porque, na indústria do petróleo, tão **importantes** quanto os recursos naturais, são os recursos humanos." *Importantes*, no plural, porque é predicativo do sujeito plural "recursos humanos": "Os recursos humanos são tão importantes quanto os recursos naturais" seria a frase na ordem direta.

Texto 3

O aluno deverá localizar a flexão inadequada do verbo haver em: "Haverão 776 profissionais envolvidos, 364 postos fixos e móveis, carros, motos, barcos e outros transportes totalizarão 109". O verbo haver, nesse caso, é impessoal porque declara a existência de um fato. A forma correta é "Haverá …"

Texto 4

1. As palavras são "Sem sombra de dúvidas", "Sombrio" e "Santa Catarina". A repetição dos sons sibilantes ressalta a importância do jogador, das qualidades que o autor quer atribuir a ele e prepara o leitor para o fato de que esse nome revelará dados fundamentais para o entendimento do texto (relação: Sombra-negro).

2. Os adjetivos "claro e translúcido" são flexionados no feminino ao caracterizarem o substantivo "verdade". Em seguida, são flexionados no masculino para caracterizarem "Sombra". A proximidade dos mesmos adjetivos utilizados ora no feminino, ora no masculino cria um efeito de sentido interessante no texto.

3. Sintaticamente, os períodos organizam-se por coordenação e o terceiro, em relação ao segundo, demarca uma oposição (oração adversativa), claramente expressa pela conjunção "mas". Semanticamente, estabelece-se um contraste entre a verdade (Sombra era negro) e a ocultação dessa verdade (passavam nele as substâncias embranquecedoras para disfarçar) até que a artimanha é descoberta.

4. A intenção é surpreender o leitor; dar a informação mais importante do texto de forma abrupta e seca.

5. As orações subordinadas reproduzem a fala dos dirigentes, por meio do discurso indireto. São orações subordinadas substantivas objetivas diretas.

6. "Outras substâncias embranquecedoras" opõem-se a "negro" e a "pintados de negro". Observar, novamente, a oposição entre masculino e feminino, como em claro/clara e translúcido/translúcida na concordância com os substantivos que esses adjetivos modificam.

7. O autor faz questão de descrever a reação da torcida para deixar bem claro que o preconceito não era do povo, dos admiradores do futebol, mas dos "cartolas", dos dirigentes. Notar a inversão do sujeito na oração final do texto, um recurso para aproximar o sujeito de seu predicativo (todos pintados de preto).

Texto 5

1. Resposta pessoal.

2. O deputado hesitou no momento de estabelecer a concordância porque as duas formas verbais (singular e plural) lhe pareceram corretas e o fato de não se decidir por uma ou por outra o impediu de concluir seu discurso. Quando o sujeito de uma oração é o pronome relativo **que**, o verbo deve concordar em número e pessoa com o antecedente (no caso, "daqueles"). Portanto, a concordância seria: "Não sou **daqueles** que **recusam**". Por outro lado, pode-se pressupor a omissão de "um" na frase e, nesse caso, o verbo poderia

ficar no singular: "Não sou (**um**) daqueles que **recusa**". Se o deputado tivesse escolhido uma das duas possibilidades, toda sua aflição teria sido evitada.

3. O deputado está preocupado apenas com a forma de seu discurso, não com seu conteúdo. As frases que ele intercala à oração principal para ganhar tempo e decidir pela concordância no singular ou no plural são vazias de significado. Os demais deputados da "Casa" compactuam com essa encenação. O deputado está preocupado apenas com sua retórica, não com sua verdadeira função.

Texto 6

Caso os alunos tenham feito a leitura do livro de Lima Barreto *Triste fim de Policarpo Quaresma*, pode-se estabelecer um diálogo entre essa obra e o fragmento de texto aqui explorado.

Destacar a ironia presente tanto no texto 5 como no 6 e estabelecer, também, a relação entre os títulos.

1. Oração subordinada adverbial causal: porque temo pela minha saúde mental.
Oração subordinada adverbial condicional: se algo acontecer comigo.
Oração subordinada adverbial causal: já que compartilha comigo a crença…
As orações expressam a justificativa por ele estar escrevendo a carta, a preocupação de que algo ruim vai acontecer com ele.

2. Espera-se que o aluno perceba que essa luta não produzirá resultados significativos, pois não há como impedir mudanças numa língua, principalmente agindo dessa forma.

3. Quando mais preciso de apoio; quando descubro o verdadeiro inimigo; quando passo a sofrer ameaças diretas do Grande Pajé. As orações adverbiais temporais foram usadas para expressar as circunstâncias adversas que o emissor da carta está enfrentando naquele momento.

4. O que deixou o professor desesperado foi ter verificado que as pessoas não estavam mais realizando a concordância nominal. Esse desespero teria sido evitado se as pessoas tivessem dito: dez reais; dois reais; três cuecas; quatro quilos de batata; seis limões; os peixes estão frescos; as sacolas; meus filhos; das compras.

5. Minhas **força** já me faltam! Do meu salário desse mês, deposite quinhentos **real** na conta da mãe dos meus **filho**. As **folha** da amendoeira já nem balançam.

6. Espera-se que o aluno reflita sobre as mudanças que ocorrem nas línguas em geral, decorrentes de seu próprio uso e das influências externas (de outras línguas, da evolução da sociedade). Embora lentas, essas mudanças podem ser sentidas pelos falantes. Exemplo clássico é a transformação sofrida pelo pronome de tratamento *Vossa mercê* que se tornou *você* e atualmente, nos meios eletrônicos assumiu a forma *vc* ou *cê*. No caso do plural, é comum, principalmente no português não-padrão, a eliminação dos marcadores redundantes em situações de fala no uso informal da língua, para agilizar a comunicação. Em geral utiliza-se a marca indicadora de plural apenas no artigo e, na ausência deste, no adjetivo ou na primeira palavra da frase.

Questões de exames e concursos *(p. 499)*

1. a **2.** b **3.** e

4. a) O uso da expressão (com ironia) altera o sentido da resposta dada por Ferreira Gullar. Assim, quando o autor afirma "e nem é preciso saber português" o leitor deve entender o contrário, ou seja, que é de fato necessário saber português para escrever bem.
b) Ao dizerem "as quinhentas milhões de pessoas", os falantes fazem a concordância de gênero entre a palavra quinhentas e o termo pessoas e não com milhões.

5. 009 (001,008) **6.** b

7. O verbo *haver*, no sentido de "existir", é impessoal. Por isso, deve aparecer apenas na terceira pessoa do singular em orações com sujeito inexistente. Na oração "em que se digitam teclas", ocorre voz passiva sintética, portanto o verbo *digitar* deve concordar com o sujeito teclas. Resposta: e.

8. Os verbos são *resta*, que concorda no singular com o núcleo *déficit* do sujeito "um déficit de oitenta por cento", e *correspondem*, que concorda no plural com *vinte*, núcleo do sujeito "os vinte por cento que consigo falar".

9. a) O que ocorre no título do filme é um erro de concordância ou solecismo, e não um erro ortográfico. A gramática normativa defende e recomenda a forma "Alugam-se moças", repudiando a forma "Aluga-se moças", que, no entanto, retrata uma forma bastante frequente na língua portuguesa do Brasil. Retratar esse uso frequente pode ter sido a intenção de quem batizou o filme…
b) Em caso de dúvida, aceite a ajuda somente de funcionário do banco. (*Somente* deve se referir apenas a "funcionário do banco".)

10. c **11.** c **12.** a **13.** a

14. e **15.** a **16.** b

17. Mas aqueles pendões firmes, verticais, beijados pelo vento do mar, vieram enriquecer nosso canteirinho vulgar com uma força e uma alegria que fazem bem.

18. e **19.** c

20. Está-se fazendo a concordância do verbo com a ideia transmitida pela expressão *a gente* (=nós), e não com a forma (terceira pessoa do singular). Essa concordância ideológica recebe o nome de silepse.

21. O interlocutor 2 não obedece às regras de concordância verbal ditadas pela norma culta. Para perceber isso, devem-se observar os casos "a rapaziada… não são…", "nós ia", "nós saía", "nós levava", "nós ficava", "nós vinhesse". Além disso, o falante utiliza algumas formas linguísticas diferentes daquelas da língua padrão: "com nós", "arguma", "vinhesse". Trata-se claramente de um membro das camadas populares, possivelmente morador de alguma pequena cidade do interior.

22. Além do caos sintático da frase, que a torna quase ininteligível, deve-se notar a falta de concordância verbal em "doa a quem doer esses fatos", que deveria ser "doam a quem doer esses fatos". A frase deveria ser algo como: "Utilizando todos os meios de que necessitar, a polícia terá a responsabilidade de apurar até o fim esses fatos, doam a quem doer os resultados dessa apuração".

23. a) O professor defende que se deve respeitar a forma de língua em que as crianças se expressam, levando-as a perceber que essa forma, no entanto, não é a que o país considera oficial. Deve-se também ensinar a forma oficial, a norma culta, a essas crianças.
b) Não, o comentário do jornal é maldosamente tendencioso, atribuindo ao professor uma atitude de 'valorização do errado" que ele não tem. As palavras do professor transcritas no próprio texto contradizem a preconceituosa posição do redator.

24. Em a, ocorre mútua exclusão. Em b, não.

25. a) Há um catastrófico erro de concordância verbal na frase de Antônio Carlos Reborado, que deveria ser "os convênios assinados traduzem…"
b) O comentário é uma incisiva crítica ao fato de que um funcionário do Ministério da Educação seja tão despreparado a ponto de cometer um erro crasso de concordância verbal numa solenidade pública. Que esperar do desempenho de um Ministério desses?

26. a) "… enfrentariam qualquer programa de estabilização…"
b) O redator deixou-se contaminar pelo plural *percalços*, tomando-o como sujeito no lugar de "programa de estabilização".
c) "… enfrentaria qualquer programa de estabilização…"

27. e **28.** e **29.** d

30. a) O verbo *haver* não vai para o plural quando indica existência.
b) *Sentiram*, no plural, concorda com o relativo *que*, cujo antecedente é o demonstrativo plural *os*.

31. a) Havia jardins naquele tempo: existia paz em toda parte.
b) Se houvesse mais homens honestos, não existiriam tantas brigas por justiça.

32. Houve algumas conversas meio longas.

33. Existem em nosso país duas constantes que nos induzem a sustentar que o Brasil é o único país brasileiro de todo o mundo.

34. c **35.** a **36.** b **37.** b **38.** b
39. d **40.** d **41.** d **42.** d **43.** c
44. a **45.** a **46.** e

47. Ela está meio nervosa. *Meio*, ao referir-se a um adjetivo (nervosa), atua como advérbio, sendo, portanto, invariável.

48. d **49.** 01+02+16+32=51

50. c **51.** c **52.** b **53.** e
54. c **55.** a **56.** c

57. Ao meio-dia e meia, depois de penosa escalada, durante a qual houve perigos os mais surpreendentes possíveis, o grupo de alpinistas franceses atingiu o ponto mais elevado da cordilheira.

58. a) piores c) anexas
b) bastante

59. É proibida a entrada de pessoas estranhas no recinto. Por ser acompanhada de artigo, a palavra *entrada* passa a estar determinada, o que obriga a concordância na forma feminina.

60. a **61.** c **62.** a **63.** b **64.** c
65. d **66.** d **67.** c **68.** b **69.** c
70. d **71.** a **72.** a

Capítulo 27 – Regência verbal e nominal

Atividades *(p. 511)*

Atividades para praticar os estudos de regência verbal feitos até este ponto de duas maneiras importantes: o uso apropriado dos pronomes pessoais oblíquos e as relações entre as formas da língua coloquial e as formas da língua culta.

1. a) incomodá-los f) namorá-la
b) ajudá-las g) alegrá-los
c) prejudicá-los h) prezo-o
d) enviá-los i) não lhes obedece
e) enviar-lhes j) não lhes respondeu

2. a) … eu a amo muito.
b) Desde que o (a) vi,…/Desde que vi você,…
c) Não simpatizo com …
d) …não obedece ao sinal vermelho (comentar a barbárie da criatura que pratica isso).
e) …responder ao bilhete…
f) … o proteja!/… a proteja!…proteja você!
g) … o amparar,…/…a amparar,…/…amparar você,…
h) …de o amolar (amolá-lo)?/…de a amolar (amolá-la)?/…de amolar você?
i) …abraçá-lo (o abraçar)./…abraçá-la (a abraçar)./…abraçar você.

3. Essa regência, apesar de difundida mesmo entre falantes cultos, é considerada incorreta. Em seu lugar, deve-se usar *consistir em*: "Essas medidas consistem basicamente em e… e em…".

Atividades *(p. 514)*

Prática e sistematização dos conteúdos estudados até este ponto, com ênfase na utilização apropriada dos pronomes pessoais oblíquos e nas diferenças entre as formas coloquiais e as da língua culta.

1. a) pagá-las
b) não lhes paga
c) perdoar-lhes
d) não a perdoarei
e) agradeço-as
f) agradeço-lhes

2. a) Lembro-me sempre de você./Lembro sempre você.
b) Nunca me esqueci do…/Nunca esqueci o que…
c) …antipatizou comigo…
d) Prefiro ficar aqui a sair…
e) Prefiro ser essa… a ter aquela velha…
f) Prefiro química à física.
g) Preferimos dormir a trabalhar.
h) Informo-lhe que…/Informo-o de que…
i) Informo-a de que…/Informo-lhe que…

Atividades *(p. 518)*

Sistematização dos conteúdos estudados até este ponto por meio de atividades variadas que permitem explorar os vários aspectos da regência verbal culta da língua portuguesa.

1. a) … aspirei perfume…
b) Aspiro a uma vida…
c) … agradar cães…
d) … agradar ao inexorável…
e) …assistir o paciente./…assistir ao paciente.
f) …assistir aos filmes…
g) …assiste a todos nós.
h) …visar todas as vias…
i) …visa ao saneamento…
j) Quero-lhe muito.
k) …quis um exemplar…

2. a) Custou-lhe perceber…
b) Custou-nos enxergar…
c) Custou-me notar…
d) Cidadania implica direitos e deveres.
e) … implicarão maior evasão…
f) …procedeu ao exame…

3. a) A primeira frase indica que ele presenciara várias cirurgias; a segunda, que ele participara delas.
b) Desejo-a muito./Amo-a muito.

4. a) …de que …
b) … a que assisti…
c) … a que todos…
d) … a que aspiramos…
e) … a que ele …
f) … a cujos filmes…
g) … a que se visa…

5. Reflexão pessoal.

6. Desejo-a e amo-a, disse o escritor de forma brilhantemente sintética.

Atividades *(p. 521)*

Atividades para a prática dos conteúdos de regência nominal estudados, com ênfase nas diferenças entre as formas da língua coloquial e as da língua culta.

1. a) aos, com, para com, pelos
b) aos, pelos
c) a, por
d) para, de
e) acerca de, sobre
f) a, para com, pelo
g) à, da/aos
h) à, contra a
i) por, a

2. a) à, para
b) à, com a
c) ao
d) aos
e) a
f) ao
g) à, para a
h) de
i) ao, do
j) à
k) a
l) em
m) de
n) com, para com

3. a) … a que ele…
b) … a que eu…
c) … por que…/… para que…
d) … a que incluíssem…
e) … de que se encontre…
f) … a cuja presença…
g) … a cujo futuro…

4. A preposição *de* introduz a oração "ela ter aceitado candidatar-se" e não apenas o pronome *ela*. Por isso, não se faz a contração de+ela. Acrescente-se que *ela* é sujeito de *ter aceitado* — e sujeito é um termo não-preposicionado da oração.

Atividades *(p. 527)*

1. a) às empresas interessadas
f) à cultura
j) às palavras

2. a) à continuidade
c) às pessoas
d) à sua (opcional)/à minha
e) à Bahia
f) à Europa/à Ásia
h) à Natal das praias…
i) à Florianópolis das quarenta e duas praias
l) à velha casa
m) à terra

3. a) à baila
b) à boca pequena
c) à cata de
d) à noite, à espreita
e) à esquerda
f) à queima-roupa
g) à tona
h) à paisana/à procura
i) às moscas/às quatro horas
j) à rua/à meia-noite
k) à proporção que
l) à vontade/à mão
m) à *parmiggiana*
n) à moda

4. a) àquilo
b) àquele
c) àquelas pessoas
d) à reunião
e) à qual/à cerimônia
g) à candidata/à da esquerda
h) à que

5. a) Alguém veio quando era noite./ A noite caiu.
b) Saiu sem dizer nada, ou seja, à moda francesa./A mulher de nacionalidade francesa saiu.
c) Algo ou alguém causava boa impressão quando visto pela primeira vez./ A primeira vista de um lugar parecia agradável.
d) Felicitações foram enviadas às vencedoras./ As vencedoras é que enviaram as felicitações a outrem.

e) O acordo foi prejudicial à indústria nacional./ A indústria nacional fez algo que prejudicou o acordo.
f) Alguém fez seu trabalho usando uma máquina./ Uma máquina fez o trabalho que lhe cabia.
g) Alguém permanece distante./ A distância continua existindo.

Textos para análise *(p. 528)*

Textos 1, 2 e 3

1. *Chegar* é intransitivo;. *assistir* é transitivo indireto; *dizer* é transitivo direto e indireto.

2. Não, há erros em todos eles. *Chegar* é normalmente acompanhado de adjunto adverbial de lugar. Na língua culta, a preposição usada para indicar destino é *a*, a qual se funde com o artigo a que acompanha *cidade*: "chegando à cidade".
Assistir tem o sentido de "ver, presenciar" — e a norma culta preceitua que, nesse caso, o verbo é transitivo indireto e rege a preposição a. A frase, então, deveria ser "Assista nas férias à revolução que você não vê na escola". A regência observada aqui tem sido muito frequente até mesmo em registros da língua formal e da língua literária, o que tem levado muitos gramáticos e dicionaristas a verem com certa tolerância essa regência do verbo *assistir*.
"A violência" é objeto indireto de *diga*, portanto deveria receber o acento indicador de crase: "Diga não à violência" (dizer algo a alguém — o verbo rege a preposição *a*, e esta se funde ao artigo *a* que acompanha *violência*).
Espera-se que o aluno atente para a estreita relação que há entre crase e regência verbal, nesses três textos.

Texto 4

Porque somente diante da palavra *Bahia* é que ocorrem preposição + artigo feminino. Deve-se comentar que no próprio anúncio se explicitam os mecanismos para perceber essa ocorrência (comparar "ao Rio Grande do Sul" com "a São Paulo".)

Texto 5

Mais uma vez, insistimos em que aulas como estas devam ser iniciadas pela audição da canção. Neste caso, oferecemos um texto muito próximo ao universo do aluno, que costuma considerar as letras de Renato Russo uma das mais felizes expressões desse universo em que as descobertas, paixões e frustrações adolescentes estão no centro de um pensar.

1. a) São todos predicativos do sujeito, que é, em todas as orações do período, determinado oculto (eu).
2. a) *Questão* tem como complemento a oração subordinada completiva nominal "de esquecer"
b) *Esquecer* é, no texto, transitivo direto, e seu objeto direto é a oração subordinada substantiva objetiva direta "que mentir pra si mesmo…"
3. a) O objeto direto da forma verbal *sei* é a oração subordinada substantiva objetiva direta "que você sabe…".
b) O objeto direto da forma verbal *sabe* é a oração subordinada substantiva subjetiva "que eu vejo o mesmo…".
4. a) Tenho consciência de que às vezes…
b) Tenho convicção de que às vezes…
c) Estou convencido de que às vezes…
5. Na primeira ocorrência, *querer* é transitivo direto e significa "desejar", "ter vontade de", "cobiçar". Na segunda ocorrência, é transitivo indireto e significa "ter afeição a", "amar".
6. Resposta pessoal.

Questões de exames e concursos *(p. 531)*

1. c	**2.** a	**3.** c	**4.** a	**5.** b
6. b	**7.** c	**8.** e	**9.** a	**10.** c
11. a	**12.** e	**13.** e	**14.** a	**15.** c
16. e	**17.** e	**18.** c	**19.** e	**20.** a
21. c	**22.** d	**23.** c	**24.** b	**25.** e
26. e	**27.** a	**28.** e	**29.** e	**30.** d
31. c	**32.** e	**33.** e		

34. a) E o rio cismou em falar grosso.
b) E o rio passou a falar grosso.
c) E o rio deliberou falar grosso.

35. d	**36.** d	**37.** a	**38.** b	**39.** a
40. c	**41.** c	**42.** c	**43.** d	**44.** c
45. e	**46.** c	**47.** a		

48. "… contar tudo à senhora…". O acento ocorre para indicar a crase entre a preposição regida pela verbo *contar* (contar algo a alguém) e o artigo *a* diante de *senhora* (contar tudo ao senhor).

49. c **50.** c **51.** e

52. a) expressão adverbial feminina
b) objeto indireto introduzido pela preposição *a*, à qual se funde o artigo *a* que antecede o substantivo feminino *ilusão*

53. c	**54.** b	**55.** b	**56.** d
57. d	**58.** d	**59.** a	**60.** e
61. e	**62.** e	**63.** a	**64.** e

Capítulo 28 – Problemas gerais da língua culta

Atividade *(p. 544)*

1. a) que
b) quê
c) quê
d) por que/porque
e) por quê/por quê
f) porquê/por que
g) onde
h) aonde
i) mas/mais
j) mal/mau
k) mal/mau
l) mal
m) a par
n) ao encontro das
o) de encontro às
p) há/a
q) a
r) acerca/há cerca
s) afins/a fim
t) de mais/demais
u) se não/senão
v) à medida que
w) na medida em que

2. a) Aonde você quer ir daqui a dez anos?
b) Onde você quis estar há dez anos?

Atividades *(p. 547)*

1. a) arquimilionário
b) arquissecular
c) antiescravismo
d) antididático
e) anti-hemorrágico
f) antissocial
g) antitetânico
h) antessala
i) antedatar
j) contraofensiva
k) contraponto
l) contrassenso
m) autobiografia
n) autoeducação
o) autossuficiente
p) extrarregulamentar
q) extraoficial
r) infravermelho
s) intravenoso
t) intramuscular
u) neolatino

2. Sugestões:
semiaberto; pseudocientífico; semiextensivo; proto-histórico; pré-escolar; pan-americano; semisselvagem; interestadual; contrarrevolucionário; extra-humano.

3. a) à toa: advérbio, atua como adjunto adverbial de modo; à-toa: adjetivo, atua como adjunto adnominal
b) é um sentimento perfeito que os une; é o nome de uma flor
c) o cotidiano; diariamente
d) pão endurecido; sujeito avaro, mesquinho
e) numa confusão, numa balbúrdia; interjeição

Textos para análise *(p. 549)*

Texto 1

A forma "aonde" (lugar ao qual se vai) está correta, uma vez que o verbo ir pressupõe ideia de movimento, deslocamento, diferentemente de "onde" (lugar em que se está).

Texto 2

Embora o verbo da oração esteja conjugado no futuro do presente do indicativo (tornará), a mesóclise não se justifica nesse caso. O mais indicado seria a próclise porque a frase começa com um advérbio de negação (não). Provavelmente o autor do anúncio, ao buscar criar algo que imitasse textos antigos, optou pela mesóclise, forma de colocação pronominal menos usada na atualidade.

Texto 3

Sim, está. Trata-se da conjunção subordinativa causal que inicia uma oração subordinada adverbial anteposta à principal: o tornar-se criança tem como causa a esperança trazida pelo encontro com o outro.

Texto 4

Oferecemos neste capítulo um texto humorístico. Dessa forma, continuamos fiéis a nosso propósito de oferecer ao aluno a maior variedade possível de tipos de textos para leitura e análise.

1. *Porquês*, substantivo, como sinônimo de "razões, motivos".

2. Equivale a "por qual razão", "por qual motivo".

3. É um advérbio de intensidade, invariável.

4. A preposição é exigida pelo verbo *lembrar-se*: lembrar-se de uma pessoa.

5. Reflexão pessoal.

Questões de exames e concursos *(p. 551)*

1. 011 (001,002,008) **2.** c **3.** 35 (01 + 02 + 32)

4. c **5.** d **6.** a

7. É a forma gráfica por que a utilizada nas orações interrogativas. Isso vale tanto para a interrogação direta, Por que os bons sofrem?, como para a interrogação indireta, ou seja, aquela em que a pergunta aparece como oração subordinada a uma principal: Descubra por que os bons sofrem. Obs.: A forma gráfica interrogativa por quê só é empregada quando imediatamente seguida de ponto final ou de sinal de interrogação. Resposta: e

8. A construção e o emprego de palavras estão totalmente adequados apenas na alternativa **A**. Em **B**, o verbo "representar", usado no lugar de "causar", não traduz com propriedade o sentido desejado — de que a não observância das instruções causaria graves consequências para a integridade física de seus ocupantes e do próprio veículo. Já em **C**, a preposição "sob", cujo sentido é "embaixo de", foi utilizada no lugar da preposição "sobre", que faz referência ao assunto "Pneus". Em **D**, há uma ambiguidade: pela construção da frase, a expressão "na maior parte do tempo" pode relacionar-se tanto ao termo "ocorrer" ("ocorrer … na maior parte do tempo") quanto a "asfaltadas" ("asfaltadas na maior parte do tempo"). Por fim em **E**, na oração "que atua como complemento a este sistema", o pronome relativo **que**, por proximidade, parece estar retomando "sistema 'Air bag'", mas, neste caso, seria produzida uma incoerência, pois o pronome "este" também faz referência ao termo "sistema". **Observação:** Talvez cause estranhamento o uso da expressão "em virtude" relacionada a um elemento com traço semântico negativo ("graves consequências"). No entanto, o uso esvaziou o sentido original da expressão, que hoje pode ser utilizada com o valor de "em consequência de".

9. d **10.** a

11. 01 + 02 + 08 + 16 = 27 **12.** a

13. a) *Por que*, no texto, porque tem o sentido de "por qual razão", "por qual motivo".
b) I. porquê II. por quê III. porque

14. a **15.** e **16.** c **17.** d **18.** a

19. a) afim b) a fim

20. b **21.** e **22.** b **23.** b **24.** c

25. b **26.** d **27.** b **28.** d **29.** b

30. e **31.** e **32.** c

33. Por que, por quê, porque, por que

Capítulo 29 – Significação das palavras

Atividades *(p. 558)*

Oferecemos atividades que buscam utilizar de forma prática as relações de significação entre as palavras, ou seja, buscam integrá-las às atividades de leitura e produção e textos e ao desenvolvimento da capacidade de escrita do aluno. O professor pode desenvolver suas próprias atividades extras baseado nestes modelos.

1. a) fato/comportamento/procedimento/ato/gesto
b) veículos
c) micro-organismos/seres
d) pessoas/criaturas

2. a) doei
b) demonstrava
c) produz
d) oferece
e) dedica
f) oferecer
g) batia
h) atinaram
i) bateram
j) basta

3. a) construir ou montar
b) produz ou grava
c) gera
d) produz, causa
e) gera
f) fingiu-se
g) forcei
h) conceber
i) juntou
j) induziram

Textos para análise *(p. 559)*

Texto 1

O aluno deve perceber que o texto explora o significado coloquial da palavra *secar*, estabelecendo uma curiosa relação de sentido com o termo *lavar*. No caso, não se trata de secar no sentido de retirar a água ou umidade a fim de deixar seco, mas sim no sentido de olhar fixamente, com inveja. Destaque-se que, por ter sujeito diferente do da primeira oração, a segunda deveria vir separada por vírgula: "Você lava, e os vizinhos secam".

Texto 2

Espera-se que o aluno perceba a insólita situação proposta por Hagar de convidar um adversário a ser "cavalheiro" no momento de esmurrá-lo. Como ser gentil numa luta? A proximidade de sons dos parônimos e a diferença dos sentidos ("cavaleiro": homem que sabe andar a cavalo; "cavalheiro": homem educado) completam o humor da tirinha.

Texto 3

1. Pretende-se estabelecer uma oposição entre dois campos semânticos: o das vitórias e o das derrotas. O aluno deverá perceber que o par de antônimos ganhar/perder é realçado pela repetição de "saber", em construções paralelas. Considerar, também, que as quatro palavras estão no infinitivo e têm o mesmo número de letras em sua constituição, o que contribui para a simetria do título. No texto, destacam-se: altos/baixos e vitórias/derrotas. Note-se, ainda, que "pra cima" mantém uma relação de oposição a "baixos", embora não sejam antônimos perfeitos. O texto é corroborado pela imagem da escada, sugerindo subida ou descida. O próprio nome da publicação joga com o sentido das palavras entre o adjetivo do título (simples) e o *slogan*: "para quem quer viver mais e melhor".

2. O verbo *vencer*, cujas vogais são as mesmas de perder, poderia ter sido utilizado no lugar de *ganhar*, o que tornaria o texto ainda mais bem acabado.

Texto 4

Recomendamos vivamente que o professor apresente aos alunos a canção como ponto de partida das atividades de leitura e análise. Neste caso, em particular, nossa recomendação é ainda mais enfática, pois se trata de uma das mais memoráveis composições de Caetano Veloso.

1. O aluno deve perceber a relação entre essa expressão e a forma verbal do infinitivo pessoal que dá nome ao texto (o quereres). Literalmente, pois, trata-se de uma referência a um dado gramatical. Além disso, a expressão sugere que a forma de querer descrita é pessoalíssima (infinitivamente sugere infinitamente).

2. As respostas são sugestões.
a) apego ao doméstico, ao lar/comportamento inconsequente
b) cultor do sentimentalismo/amante do dinheiro
c) "badalação" de cidade grande/provincianismo
d) inimigo voraz/companheiro
e) herói espalhafatoso/ discreto e equilibrado
f) alheio a regras/medido, regrado
g) ser puro, ingênuo/ser ambíguo, sedutor
h) participação consciente/alienação
i) idílio, sossego/protesto, ruído

3. É uma imagem paradoxal, ou seja, aproxima termos que remetem a realidades opostas. O aluno deve perceber que é assim que o texto se refere ao relacionamento amoroso estável.

4. Toda a estruturação do texto, praticamente, decorre dessa aproximação de opostos. E isso não é gratuito, pois o texto busca retratar a dificuldade da convivência amorosa.

5. O texto demonstra cabalmente que a antonímia (assim como outras relações de significado entre palavras) depende de contextos. Que oposição pode haver, por exemplo, entre *anjo* e *mulher* se tomarmos essas palavras em seu sentido de dicionário? (Notar que essas palavras são colocadas como sinônimos em outros textos, como, por exemplo, na poesia romântica.)

Questões de exames e concursos *(p. 562)*

1. a. No título ***Esquecer para lembrar***, o aparente paradoxo entre as ações "esquecer" e "lembrar" se desfaz pelas ideias defendidas por Pedro Nava no final de seu texto, em que afirma que há fatos que, às vezes, chegam à memória "*vindos do esquecimento, que é a outra função ativa dessa memória*". Para o autor, experiências remotas são harmonizadas no subconsciente, do qual brotam sem lógica aparente.

2. Na expressão *eterno relance*, o primeiro vocábulo (*eterno*) evoca o que é permanente, infinito, atemporal, o que se repete; o segundo vocábulo (*relance*) remete ao que é transitório, fugaz, fragmentado no tempo. A combinação desses vocábulos revela a tensão, experimentada pelo personagem, quanto à passagem do tempo.

3. a) A expressão "céu azul" tem conotação negativa para Fabiano, pois indica que não haverá chuva e que a tão temida seca já é uma realidade inevitável.

b) "Após a tempestade, o céu azul brilhava com promessa de bonança."

4. e. A expressão "alegria séria" junta palavras que normalmente se excluem, já que *alegre* é em geral contraposto a *sério*.

5. A vida na infância e a vida na velhice se assemelham quanto ao aproveitamento intenso de cada instante. Os recursos linguísticos que expressam essa semelhança são o uso da expressão comparativa *tal* e *qual* e o emprego do vocábulo *também*.

6. a **7.** d **8.** e **9.** a

10. d **11.** c **12.** e **13.** e

14. c **15.** d **16.** c **17.** c

18. a) Invocou o argumento anterior.

b) Invocou o argumento válido, significativo, eficaz.

19. a **20.** d **21.** b **22.** c

Capítulo 30 – Noções elementares de estilística

Textos para análise *(p. 571)*

Textos 1 a 7

Não só a poesia utiliza os recursos expressivos que a língua oferece. A publicidade, o texto jornalístico, as charges e tirinhas utilizam com bastante frequência as figuras de linguagem, transformando-as em recursos muito eficientes para atrair a atenção do leitor e convencê-lo a adotar determinadas atitudes e a comprar os produtos anunciados, para enfatizar aspectos da matéria jornalística ou para obter humor.

Texto 1: "… menino de dúvidas""…homem de fé"; "certezas…""…dúvidas"- antítese.

Texto 2: "Não tem…", "Não tem…", "Não tem…" - anáfora

Texto 3: "F*é*rias entre f*e*ras" — aliteração e assonância

Texto 4: "…bocas para alimentar …" — metonímia (a parte — *bocas* — pelo todo — *crianças*)

Texto 5: encontros/desencontros; achados/perdidos - antítese; "Clique, acesse, descubra, mostre quem você é, quem você quer ser" — assíndeto e elipse do sujeito.

Texto 6: "…do pai são passados para o filho" — metonímia (singular — *pai/filho* — no lugar do plural — *pais/filhos*); "É meio como brincar de 'batata quente'" — ironia.

Texto 7: "…**e** então o bicho humano ergueu-se **e** suas quatro patas… **e** duas pernas…**e** graças às pernas os braços ficaram livres **e**…" — polissíndeto. Interessante observar como o autor do texto, em sua pequena história universal, aproxima-se do estilo bíblico pela utilização do polissíndeto.

Texto 8: O texto apresenta uma descrição metonímica de uma situação: supostamente uma cena em que um homem baleia outro. Os elementos metonímicos do texto podem ser divididos em dois tipos: tutano/osso/miolo/crânio/ bolso/bala/cano/sangue (parte pelo todo); aço (matéria pelo objeto, no caso, a arma). Além das metonímias, destacam-se as metáforas: *caroço* (a bala), *planta* (verbo *plantar*, por associação ao ato de introduzir algo como uma semente — o *caroço* — na terra — a *carne*). A figura de sintaxe é a elipse do sujeito (*ele* planta). Interessante notar que o poema é construído com uma enumeração feita de nomes. O único verbo do texto é o que confere sentido à enumeração e define a cena. Um verbo com sujeito elíptico: o que importa é o ato; o homem que atira, esse se esconde.

Texto 9

Como sempre, insistimos em que as atividades de leitura e análise partam da audição da canção — que, neste caso, é uma verdadeira poética, um manifesto sintético em defesa da liberdade criadora do poeta.

1. *Meta* (é) é um substantivo que significa alvo, objetivo, ponto de chegada. *Meta* (ê) é uma forma verbal do presente do subjuntivo e do imperativo. São palavras de mesma grafia, mas de pronúncia e significados diferentes. São palavras homógrafas. Note-se que no verso "Meta dentro e fora, lata absoluta", Gilberto Gil pronuncia claramente /é/, ou seja, enuncia o substantivo e não a forma verbal.

2. O aluno deve perceber que a homografia, a homofonia e a homonímia, assim como a paronímia, são recursos poéticos frequentes, pois permitem ao poeta introduzir a plurissignificação em seu texto, abrindo-o a mais de uma interpretação. Atente-se no texto para o trabalho de plurissignificação desenvolvido com as palavras *meta* (substantivo), *meta* (forma verbal) — já investigado na questão 1 — e *cabe* ("tudo-nada cabe'", "ao poeta cabe fazer").

3. *Tudonada* é um composto por justaposição. Seu sentido é o de uma totalidade tão ampla que inclui o próprio nada: com sua lata, o poeta pode querer significar tudo e ao mesmo tempo pode não querer significar nada; o texto poético pode exprimir o tudo e o nada. A relação antitética entre tudo/nada é a mesma que há entre dentro/fora.

4. Da mesma forma que *lata* pode, para o poeta, significar o "incontível", *meta* pode significar o "inatingível", ou seja, o poeta tem liberdade para manipular os sentidos das palavras a ponto de fazê-las significar até mesmo o oposto do que costumam significar. Há, pois, uma relação paradoxal entre lata/incontível e meta/inatingível — uma relação paradoxal que o poeta incorpora à sua atividade de desautomatizador de sentidos.

5. O aluno deve perceber que nesse verso o título do poema comparece sutilmente: "deixe a sua **meta fora** (metáfora) da disputa". Esse recurso, muito frequente nos procedimentos da poesia concretista, cria uma relação sonora e semântica entre o título e o verso: é como se, subrepticiamente, se estivesse dizendo que a metáfora (a meta do poeta) devesse ser deixada fora da disputa…

6. A "lata absoluta" é, no texto, a meta do poeta, ou seja, é o texto acabado impregnado de significações, capaz de sugerir várias interpretações ao leitor, que, ao lidar com ele, tem de escavar significados novos e inéditos por sob as palavras. A "lata absoluta" é, portanto, "simplesmente metáfora", ou seja, é palavra metamorfoseada, irradiadora de múltiplos sentidos.

Questões de exames e concursos *(p. 574)*

1. b

2. a) Não é correto afirmar que o verbo **dormia** tem conotação positiva no contexto. Segundo o texto, como a pátria era prejudicada em transação enquanto "dormia distraída", o verbo em questão adquire sentido negativo por revelar a desatenção do país.

b) Nos três últimos versos, há a predominância dos encontros consonantais **tr** e **br**, que tornam a passagem truncada e difícil de ser pronunciada rapidamente. Esse recurso sonoro produz um efeito de sentido, pois aproxima a dificuldade de pronúncia das palavras à dificuldade do tempo infeliz ao qual o texto faz referência: "(…) Num tempo / Página infeliz da nossa história (…)".

3. a) A expressão "aparte", segundo definição do dicionário *Houaiss*, significa "comentário, observação (com que se interrompe quem discursa, conferencia, conversa)". Ao considerar o termo "aparte" juntamente com a forma de tratamento "vossa excelência", podemos dizer que se trata de um discurso que ocorre no Congresso, dado que esse tratamento é protocolar entre parlamentares.

b) A expressão "um aparte" pode gerar, por paronomásia, a expressão "uma parte". Nesse sentido, indica que o rato quer um pedaço de queijo. (O sentido de "aparte" se encontra descrito na resposta ao quesito anterior).

c) No quadrinho, temos dois ratos como personagens. No Brasil, a palavra rato é utilizada para designar aquele que furta (*Houaiss*), além de sugerir a ideia de sujeira, podridão. A imagem também desperta o leitor para a ambiguidade da expressão "um aparte", pois é a partir da observação do queijo que se chega à expressão "uma parte". A relação entre imagem e palavra permite, então, que o leitor identifique uma prática comum na política brasileira: a interferência num discurso (um aparte) muitas vezes é utilizada com forma de obtenção de vantagens (uma parte).

4. d **5.** d

6. "Ter um currículo qualificado / avantajado / aprimorado / de primeira qualidade …"

7. d **8.** e **9.** e **10.** e **11.** c

12. c **13.** a **14.** e **15.** e **16.** a

17. a **18.** a **19.** b

20. A ironia resulta da coordenação estabelecida entre os termos "quinze meses" e "onze contos de réis". Por meio dessa coordenação, Machado de Assis deixa claro que o amor de Marcela pelo narrador era na verdade um sentimento de interesse pelas vantagens financeiras que este lhe proporcionava.

21. a

22. a) prosopopeia

b) o milho e o trigo

c) Um simboliza a simplicidade da vida no campo, o outro relaciona-se com o cristianismo e seus rituais.

23. onomatopeia **24.** a **25.** d **26.** e

27. b **28.** b **29.** d **30.** c **31.** b

32. d **33.** b

34. a) metonímia

b) Minha mãe e eu ficamos cercados de mulheres.

A Língua Brasileira de Sinais

Apresentação

Este material - “Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS” trata-se de forma resumida, da gramática dessa língua, como forma de subsidiar o seu trabalho pedagógico.

Objetivos

Objetivo Geral:

Oferecer informações básicas sobre a gramática da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS.

Objetivos Específicos:

O professor deverá ser capaz de :
. conhecer os aspectos mais relevantes de gramática da LIBRAS;
. utilizar os conhecimentos adquiridos para compreender a interferência da LIBRAS nos textos produzidos pelos alunos surdos;
. estabelecer com o aluno surdo a comparação entre LIBRAS e Português, para que possa verificar as semelhanças e diferenças;
. utilizar - LIBRAS, sempre que se fizer necessário, para a compreensão dos conceitos e conteúdos curriculares.

Informações Iniciais

1. Leia os objetivos específicos do fascículo;
2. Estude o texto do fascículo;
3. Teste seus conhecimentos, respondendo a avaliação proposta;
4. Confira suas respostas com as da chave de correção, no final do fascículo;
5. Se for aprovado, passe para o fascículo seguinte;
6. Se não conseguir aprovação, reestude o texto;
7. Responda novamente a avaliação. Se não conseguir aprovação, consulte o professor aplicador do fascículo;

Introdução

LUCINDA FERREIRA BRITO
Doutora em Lingüística
Departamento de Lingüística e Filologia
da Universidade Federal do Rio de Janeiro

As línguas de sinais são línguas naturais porque como as línguas orais sugiram espontaneamente da interação entre pessoas e porque devido à sua estrutura permitem a expressão de qualquer conceito - descritivo, emotivo, racional, literal, metafórico, concreto, abstrato - enfim, permitem a expressão de qualquer significado decorrente da necessidade comunicativa e expressiva do ser humano.

Por isso, são complexas porque dotadas de todos os mecanismos necessários aos objetivos mencionados, porém, econômicas e "lógicas" porque servem para atingir todos esses objetivos de forma rápida e eficiente e até certo ponto de forma automática. Isto porque, tratando-se muitas vezes de significados que demandam operações complexas que devem ser transmitidas prontamente diante de diferentes situações e contextos, seus usuários terão que se utilizar dos mecanismos estruturais que elas oferecem de forma apropriada sem ter que pensar e elaborar longamente sobre como atingir seus objetivos linguísticos.

As línguas de sinais distinguem-se das línguas orais porque utilizam-se de um meio ou canal visual-espacial e não oral auditivo. Assim, articulam-se espacialmente e são percebidas visualmente, ou seja, usam o espaço e as dimensões que ele oferece na constituição de seus mecanismos "fonológicos", morfológicos, sintáticos e semânticos para veicular significados, os quais são percebidos pelos seus usuários através das mesmas dimensões espaciais. Daí o fato de muitas vezes apresentarem formas icônicas, isto é, formas linguísticas que tentam copiar o referente real em suas características visuais. Esta iconicidade mais evidentes nas estruturas das línguas de sinais do que nas orais deve-se a este fato e ao fato de que o espaço parece ser mais concreto e palpável do que o tempo, dimensão utilizada pelas línguas orais-auditivas quando constituem suas estruturas através de seqüências sonoras que basicamente se transmitem temporalmente.

Entretanto, as formas icônicas das línguas de sinais não são universais ou o retrato fiel da realidade. Cada língua de sinais representa seus refentes, ainda que de forma icônica, convencionalmente porque cada uma vê os objetos, seres e eventos representados em seus sinais ou palavras sob uma determinada ótica ou perspectiva. Por exemplo, o sinal ÁRVORE em LIBRAS representa o tronco da árvore através do antebraço e os galhos e as folhas através da mão aberta e do movimento interno dos seus dedos. Porém, o sinal para o mesmo conceito em CSL (língua de sinais chinesa) representa apenas o tronco com as duas mãos semiabertas e os dedos dobrados de forma circular. Em LIBRAS, o sinal CARRO/DIRIGIR é icônico porque representa o ato de dirigir, porém, é também convencional porque em outras línguas de sinais não toma necessariamente este aspecto dos referentes 'carro' e 'ato de dirigir' como motivação de sua forma mas sim outros.

Este carater convencional dos sinais icônicos atribui a ele um status linguístico posto que é conhecido o fato de que as palavras das línguas em geral são arbitrárias. Com isso queremos dizer que ao invés de rotular todos os chamados signos lingüísticos de arbitrários, seria melhor considerar que alguns são motivados ou icônicos, porém, todos são convencionais.

Esta proposta não toma como base apenas as línguas de sinais mas também as línguas orais. Estas têm sido estudadas nos últimos anos em seus aspectos também icônicos. No intuito de tornar alguns conceitos e descrição de eventos mais visíveis, palpáveis e concretos, as línguas orais usam noções espaciais para traduzí-las. Por exemplo, alguns conceitos temporais são espacializados (uma semana **atrás**, "week **ahead**"(uma semana à frente)). Alguns eventos são estruturados cronologicamente ou de forma a reproduzir a sua natureza contínua ou iterativa ("ele **saiu correndo, tropeçou no balde e caiu**" ao invés de "ele caiu porque tropeçou no balde quando saiu correndo"; e "ele **correu, correu, correu** até não agüentar mais"). Cada vez mais alguns lingüístas têm salientado estruturas icônicas ou motivadas nas línguas orais o que mostra que esta característica não se encontra presente apenas nas línguas de sinais e que, portanto, melhor seria preconizar a convencionalidade como propriedade universal dos "signos" ou formas lingüísticas em detrimento da arbitrariedade.

Com o que dissemos até aqui, podemos concluir que o meio ou canal que distingue as línguas orais das línguas de sinais pode privilegiar e explorar características próprias do canal na constituição das estruturas lingüísticas e na sua articulação e percepção. Podem mesmo impor restrições aos mecanismos gramaticais como demonstraremos no decorrer deste texto. Entretanto, essas duas modalidades de língua apresentam de forma, às vezes, distinta estruturas geradas a partir de princípios universais e, portanto, comuns. Basicamente, línguas de sinais e línguas orais são muito semelhantes. As gramáticas particulares das línguas orais e das línguas de sinais são intrinsecamente as mesmas posto que seus princípios básicos são respeitados em ambas as modalidades: elas são dotadas de dupla articulação (estruturam-se a partir de unidades mínimas distintivas e de morfemas ou unidades mínimas de significado), usam a produtividade como meio de estruturar novas formas a partir de outras já existentes, estruturam suas sentenças a partir dos mesmos tipos de constituintes e categorias lingüísticas, suas sentenças são estruturadas sempre em torno de um núcleo com valência, isto é, o núcleo que requer os argumentos (complementos) necessários para a completude do significado que veicula. Todas essas colocações serão discutidas a seguir através da descrição de aspectos estruturais da LIBRAS, os quais serão comparados, sempre que possível, com os equivalentes em Língua Portuguesa, no intuito de salientar as diferenças e as semelhanças entre as duas línguas.

No entanto, antes de passarmos à descrição propriamente dita da LIBRAS, é bom enfatizar que como todas as línguas ela é natural, isto é, ela é por definição natural. Assim, não é adequado dizer que a LIBRAS é a língua natural dos surdos brasileiros. Não, ela é natural devido à sua própria natureza o que a opõe a sistemas artificiais como o Esperanto, o Gestuno (sistema de sinais semelhante a um "pidgin" utilizado por surdos de vários países em sua interação em eventos e encontros internacionais), os diferentes códigos de comunicação (de trânsito, das abelhas, dos golfinhos, etc.) e as diferentes linguas orais sinalizadas (português sinalizado, inglês sinalizado,...). Dessa forma, considera-se que a LIBRAS é ou deve ser a língua materna dos surdos não porque é a língua natural dos surdos mas sim porque, tendo os surdos bloqueios para a aquisição espontânea de qualquer língua natural oral, eles sim é que só vão ter acesso a uma língua materna que não seja veiculada através do canal oral-auditivo. Esta língua poderia ser uma língua cujo canal seria o tato. Porém, como a alternativa existente às línguas orais são as línguas de sinais estas se prestam às suas necessidades. As línguas de sinais são, pois, tão naturais quanto as orais para todos nós e, para os surdos, elas são mais acessíveis devido ao bloqueio oral-auditivo que apresentam, porém, não são mais fáceis nem menos complexas. Os surdos são pessoas e, como tal, são dotados de linguagem assim como todos nós. Precisam

apenas de uma modalidade de língua que possam perceber e articular facilmente para ativar seu potencial lingüístico e, consequentemente, os outros e para que possam atuar na sociedade como cidadãos normais. Eles possuem o potencial. Falta-lhes o meio. E a Língua Brasileira de Sinais é o principal meio que se lhes apresenta para “deslanchar” esse processo.

Estrutura Lingüística da LIBRAS

LUCINDA FERREIRA BRITO
Doutora em Lingüística
Departamento de Lingüística e Filologia
da Universidade Federal do Rio de Janeiro

A LIBRAS é dotada de uma gramática constituída a partir de elementos constitutivos das palavras ou itens lexicais e de um léxico (o conjunto das palavras da língua) que se estruturam a partir de mecanismos morfológicos, sintáticos e semânticos que apresentam especificidade mas seguem também princípios básicos gerais. Estes são usados na geração de estruturas lingüísticas de forma produtiva, possibilitando a produção de um número infinito de construções a partir de um número finito de regras. É dotada também de componentes pragmáticos convencionais, codificados no léxico e nas estruturas da LIBRAS e de princípios pragmáticos que permitem a geração de implícitos sentidos metafóricos, ironias e outros significados não literais. Estes princípios regem também o uso adequado das estruturas linguísticas da LIBRAS, isto é, permitem aos seus usuários usar estruturas nos diferentes contextos que se lhes apresentam de forma a corresponder às diversas funções lingüísticas que emergem da interação do dia a dia e dos outros tipos de uso da língua.

Veremos a seguir cada um desses conceitos da definição discutidos e ilustrados por estruturas da LIBRAS.

---

1. O Léxico ou Vocabulário da LIBRAS

O léxico pode ser definido 'grosso modo' como o conjunto de palavras de uma língua. No caso da LIBRAS, as palavras ou itens lexicais são os sinais. Pensa-se fequentemente que as palavras ou sinais de uma língua de sinais é constituída a partir do alfabelto manual como por exemplo:

(1) a) C-E-R-T-O b) M-Y-R-N-A c) C-H-O-P-P

Entretanto, não é este o caso. A soletração manual das letras de uma palavra em português, como no exemplo (1), é a mera transposição para o espaço, através das mãos, dos grafemas da palavra da língua oral. Isto é, um meio de se fazerem empréstimos em LIBRAS. Assim, como temos a palavra "xerox" em português que é um empréstimo do inglês, os exemplos em (1) ilustram os inúmeros empréstimos da LIBRAS.

(1-a) é a soletração do nome de uma pessoa, isto é, de um nome próprio em português porque os nomes próprios, em LIBRAS, são diferentes. Assim, quando uma pessoa quer apresentar alguém a alguèm, primeiro soletrará seu nome em português (M-Y-R-N-A) e, se ele tiver um nome em LIBRAS, este será articulado em seguida. O exemplo (2) ilustra um usuário da LIBRAS apresentando uma pessoa chamada Myrna a seu interlocutor.

Exemplo (2):
A: 3 APRESENTAR 2. NOME M-Y-R-N-A. SINAL MYRNA.
(= Vou apresentá-la a você, o nome dela é M-Y-R-N-A. Seu sinal (nome próprio em LIBRAS) é Myrna)

(1-b) é a soletração de uma palavra em português “chopp” palavra para cujo conceito não há sinal ou palavra em LIBRAS. Neste caso, é a palavra escrita do português que será transposta para o espaço através da soletração manual.

(1-a) é a soletração de uma palavra em português para cujo conceito há um sinal em LIBRAS o qual não é conhecido por um dos usuários, em geral um ouvinte. Exemplo (3):

A: RESPOSTA CERTO (= A resposta está certa)
B: O-QUE ISTO, CERTO (= O que quer dizer este sinal?)
A: C-E-R-T-O (= certo)
B: O-K (Ah! Ok)

Ou então, uma pessoa pode soletrar C-E-R-T-O para mostrar a uma outra como se escreve esta palavra em português. Neste caso, a soletração manual é um meio de verificação, questinamento ou veiculação da ortografia de uma palavra em português.

Entretanto, o sinal mesmo para o conceito “certo” em LIBRAS é o que se segue ao lado da ilustração da soletração manual da palavra certo:

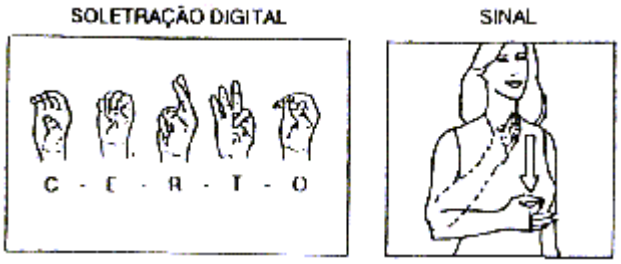

C-E-R-T-O CERTO

Agora sim temos uma palavra de LIBRAS. Podemos perceber que ela não articulada de forma linear como o são as soletrações em (1). Esta palavra ou sinal tem uma estrutura distinta daquela das soletrações ou das palavras em português. As palavras, em português, são formadas pela justaposição linear de seus componentes ou unidades mínimas distintas.

1.1. Estrura Sublexical dos Sinais a partir de suas Unidades Mínimas Distintivas

---

A palavra ou item lexical certo, em português, é formada dos seguintes componentes ou unidades:

em português falado

/sertu/

Temos aqui cinco sons ou fonemas, isto é, cinco componentes ou unidades mínimas da palavra falada certo.

em português escrito

certo

Temos aqui cinco letras ou grafemas componentes da palavra escrita. Não consideramos a letra uma unidade mínima como o fonema porque o fonema, às vezes , é representado, na escrita, por mais de uma letra, como é o caso de:

/xatu/ - chato /x/ - ch

ou, às vezes uma só letra pode representar mais de um fonema, como em :

/leksiku/ - léxico /ks/ - x

Assim, são cinco os componentes ou as unidades mínimas constitutivas das palavras em português. Essas unidades mínimas são chamadas fonemas que sabemos ser seqüencialmente combinadas para formar as palavras.

certo - /s e r t u/
chato - /x a t u/
léxico - /l e k s i k u/

Em LIBRAS, as unidades mínimas ou componentes da palavra ou sinal CERTO são os seguintes:

F é a configuração de mãos

I / é o movimento linear, para baixo com retenção final

TBd é o ponto de articulação do sinal, isto é tronco, busto, lado direito

(Y,Z) (x,y) é a orientação da palma da mão para a esquerda

S é a simetria no movimento ou uso da mão esquerda, realizando o mesmo movimento que a esquerda, também como articulador e não apenas como mão de apoio.

Em português, as unidades mínimas ou componentes da palavra certo /sertu/ podem ser descritas da seguinte forma:

/s/ som com passagem obstruída (consoante), surdo, fricativo.

/e/ som com passagem livre (vogal), sonoro, aberto, médio.

/r/ som com passagem obstruída (consoante), sonoro, vibrante.

/t/ som com passagem obstruída (consoante), surdo, oclusivo.

/u/ som com passagem livre (vogal) sonoro, fechado, posterior.

Pode-se observar pela descrição das unidades mínimas de CERTO, em LIBRAS, e de *certo*, em português, que as características das unidades dos sinais são espaciais (forma da mão ou do sólido, movimento linear e com retensão, vetores orientacionais da mão, etc.) e que as características das unidades da palavras faladas são de natureza acústico-sonoras (passagem livre ou obstruída dos sons, sonoridade, posição da articulação posterior, frontal, média na boca, etc.).

Como vimos, as palavras da LIBRAS e do português se estruturam a partir de unidades mínimas sonoras e espaciais, respectivamente. Essas unidades ou fonemas, como já dissemos, são distintivas porque, quando substituídas uma por outra, geram uma nova forma lingüística com um significado distinto. Por exemplo, em

LIBRAS, temos:

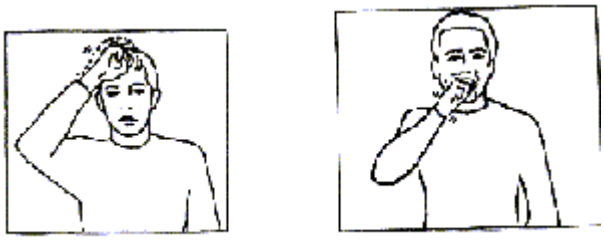

APRENDER e SÁBADO

que são duas palavras ou sinais distintos com significados também distintos somente pelo fato de o primeiro sinal - APRENDER - ser articulado na testa e de o segundo - SÁBADO - ser articulado na boca do usuário. Isto é, há uma característica espacial distinta nos sinais, o ponto de articulação, que os distingue. Essas características, /na testa/ e /na boca/, são unidades mínimas distintivas equivalentes aos fonemas das palavras **p**ata e **b**ata do português, /p/ e /b/, que também distinguem as formas linguísticas e seus significados. APRENDER e SÁBADO, em LIBRAS, e *pata* e *bata*, em português, são pares mínimos porque suas formas fonológicas são idênticas em tudo, exceto em uma característica espacial (ponto de articulação) para os primeiros e fonética (sonoridade) para os últimos. Vejamos outros pares mínimos em LIBRAS:

Pares Mínimos em LIBRAS

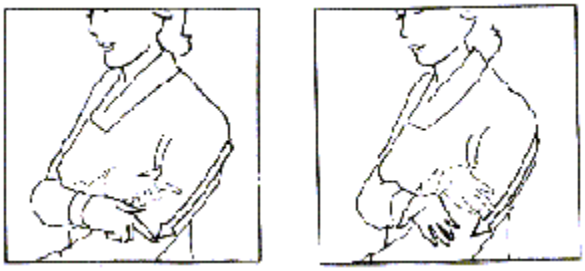

EDUCAR/EDUCAÇÃO ACOSTUMAR/COSTUME

Par mínimo distinto pela Configuração de Mão

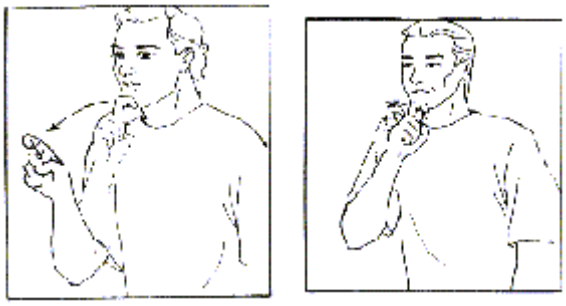

VERDE (SP) GELADO (SP)

Par mínimo distinto pelo Movimento

Através dos exemplos acima em LIBRAS e em português, mostramos que as palavras da LIBRAS também são constituídas a partir de unidades mínimas distintivas chamadas, em línguas orais, de fonemas. O número dessas unidades é finito e pequeno porque, seguindo o princípio de economia, eles se combinam para gerar um número infinito de formas ou palavras.

Então, o léxico da LIBRAS, assim como o léxico de qualquer língua, é infinito no sentido de que sempre comporta a geração de novas palavras. Antigamente, pensava-se que a LIBRAS era pobre porque apresentava um número pequeno de sinais ou palavras. Pode acontecer o fato de que uma língua que não é usada em todos os setores da sociedade ou que é usada em uma cultura bem distinta da que

conhecemos não apresente vocábulos ou palavras para um determinado campo semântico, entretanto, isso não significa que esta língua seja pobre porque potencialmente ela tem todos os mecanismos para criar ou gerar palavras para qualquer conceito que vier a ser utilizado pela comunidade que a usa. Por exemplo, a LIBRAS não tinha um sinal para o conceito “linguística” até há poucos anos. À medida que os surdos foram se inteirando do que se faz em linguística, do que significa linguística, houve a necessidade de gerar um sinal para esse conceito. O sinal LINGUÍSTICA não é soletração da palavra em português, porém, tem um vestígio de empréstimo porque a configuração de mão escolhida é L (apenas os dedos polegar e indicador estendidos), uma configuração própria da LIBRAS, porém, que costuma representar a letra “L”no alfabeto manual. Este sinal é realizado com as duas mãos, palmas para baixo com o polegar de uma mão quase tocando o da outra, na frente do busto, fazendo movimentos de rotação positiva e de translação retilínea para os lados.

Entretanto, não é qualquer combinação de unidades mínimas distintivas que será permitida pela língua. Há restrições e devido a elas é que vamos dizer que certas formas não são aceitas naquele sistema linguístico enquanto outras o são. Uma forma como *lbresk* não será identificado pelos falantes do português como uma forma bem formada ou como uma palavra dessa língua. Isto porque o padrão fonológico do português é CV (consoante + vogal) e devido a outros tipos de restrições. Na forma *lbresk* o uso de várias consoantes e a sequência de certos tipos de consoantes faz com que esta forma fuja aos padrões aceitos pela Língua Portuguesa. Da mesma forma, uma forma constituída a partir das unidades mínimas da LIBRAS não será aceita enquanto palavra dessa língua se fugir aos padrões que regem a formação de suas palavras. Por exemplo, um sinal em que o articulador principal é a mão esquerda ou em que a mão direita é a mão de apoio não será considerado uma palavra bem formada da LIBRAS.

As unidades descritas acima são chamadas unidades mínimas distintivas porque distinguem palavras, como nos exemplos citados para a LIBRAS, APRENDER e SÁBADO, que se distinguem pelo ponto de articulação: testa e boca, respectivamente. Da mesma forma, as palavras pata e bata, em português, se distinguem pela característica fonética sonoridade, ou seja, a primeira é surda e a segunda é sonora. Assim, /p/ e /b/ são duas unidades mínimas distintivas ou fonemas e os pontos de articulação /na testa/ e /na boca/ também são unidades mínimas, desta vez da LIBRAS, ou “fonemas”. Daqui para frente, quando falarmos de “fonemas” da LIBRAS estamos nos referindo às suas unidades espaciais que não têm nada a ver com som ou fone, porém, que funcionam igualmente aos fonemas das línguas orais.

Como pudemos observar, os princípios e mecanismos que são utilizados na estruturação de palavras a partir de unidades mínimas são os mesmos em português e em LIBRAS. O que difere é a natureza das características das unidades que são restritas pela modalidade oral-auditiva, em português, e pela modalidade visual-espacial, em LIBRAS. É devido às mesmas restrições que as unidades ou fonemas do português se organizam ou estruturam sequencialmente ou linearmente no tempo enquanto que as unidades ou “fonemas” da LIBRAS se estruturam simultaneamente ou ao mesmo tempo no espaço.

As unidades mínimas distintivas em LIBRAS são as seguintes de acordo com os parâmetros Configuração de Mãos, Ponto de Articulação, Movimento-Orientação e Expressão Facial. Vejamos esses parâmetros no sinal CERTO/CERTEZA, ilustrado a seguir:

CONFIGURAÇÃO DE MÃO (CM)

MOVIMENTO (M)

PONTO DE ARTICULAÇÃO (PA)

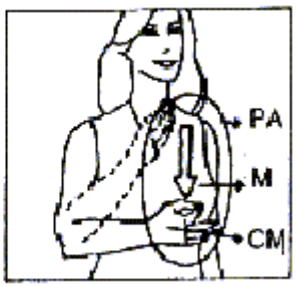

Figura do sinal certo
com seus parâmetros

Configurações de Mão da LIBRAS

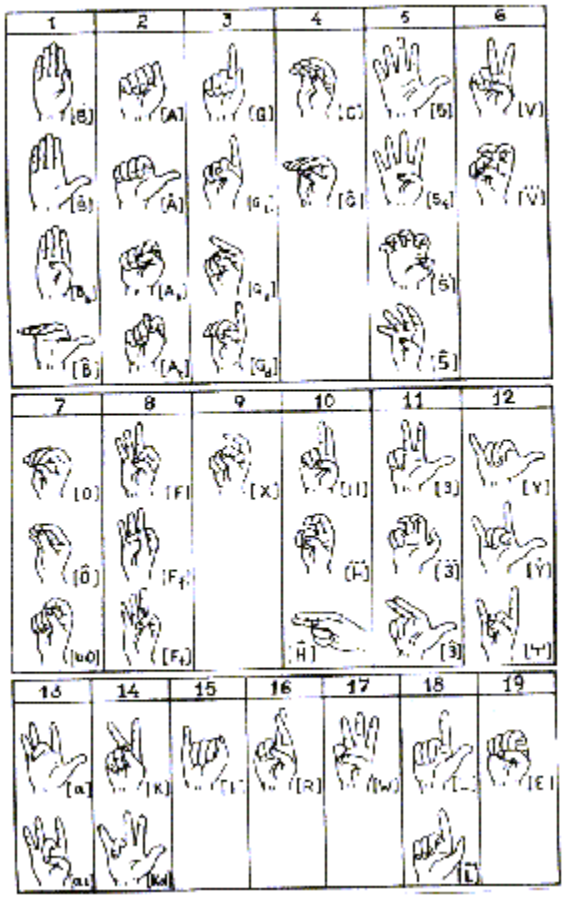

As 46 configurações de mão da LIBRAS

Pontos de Articulação da LIBRAS

C CABEÇA
ʊ topo da cabeça
T testa
R rosto
S parte superior do rosto
I parte inferior do rosto
P Orelha
O olhos
N nariz
B boca
d bochechas
A zona abaixo do

É preciso também empregar certos adjetivos quelocalizam mais precisamente os pontos de articulação:

d = lado direito
c = lado esquerdo
m = medial
in = interna
ex = externa

→ Referindo-se à parte Do corpo em questão

queixo
T TRONCO
P pescoço
O ombro
B busto
E estômago
C cintura
B BRAÇOS
S braço
Q queixo
I antebraço
C cotovelo
P pulso
M MÃO
P palma
C costa da mão
L1 lado do indicador
L2 lado do dedo mínimo
D dedos
Dp ponta dos dedos
Dd nós dos dedos (junção entre os dedos e a mão)
Dj nós dos dedos (primeira junta dos dedos)
D1 dedo mínimo
D2 anular
D3 dedo médio
D4 indicador
D5 polegar
V Interstícios entre os dedos
V1 Interstício entre o polegar e o indicador
V2 Interstício entre os dedos indicador e médio
V3 Interstício entre os dedos médio e anular
V4 Interstício entre os dedos anular e mínimo
p PERNA
EN ESPAÇO NEUTRO

Outros termos são usados para descrever a translação horizontal de pontos de articulação como imagens de um ponto precedente no referencial do corpo:

l = lateral
f = em frente
a = atrás

Na descrição dos pontos de articulação, são ainda usados os seguintes termos:

p = imediatamente próximo

med = distância média

dist = distante

K = em contato

Ki = contato inicial

Km = contato medial

Kf = contato final

x = cruzamento

Movimentos e Tipos de Orientação da LIBRAS

Movimentos internos das mãos:

[$\overset{o}{A}$ ~ 5] extensão gradual dos dedos começando pelo indicador

[As ~ 5] extensão gradual dos dedos começando pelo dedo mínimo

[As → $\overset{o}{5}$] abertura simultânea dos dedos

[$\overset{o}{5}$ → As] fechamento simultâneo dos dedos

[L → bO] pinçamento (com o indicador e o polegar)

[5 → mov] movimento de tamborilar com os dedos curvos

[5 + mov] movimento de tamborilar com os dedos estendidos

[54 ~ G] fechamento gradual de todos os dedos, exceto indicador

[5 ~ A] fechamento gradual de todos os dedos, exceto polegar

[B → B] flexão da mão, com os dedos estendidos

[V → V] dobramento e extensão repetidos dos indicador e dedo médio nas juntas do meio

[V + mov] movimento de tamborilar com os dedos

[V. mov] movimento de tesoura

[As → A] extensão do polegar

[As → L] polegar e indicador estendidos simultaneamente

[B → V] fechamento súbito de todos os dedos exceto indicador e médio, que flexionam-se

[As → 3] extensão simultânea do polegar, indicador e médio

[As → 3] extensão simultânea de todos os dedos, exceto o polegar

[As → 5] extensão simultânea de todos do dedos

[A → L] extensão do indicador

[A → 3] extensão simultânea do indicador e do médio

[A → 5] extensão simultânea de todos os dedos, com o polegar já estendido

[G1 → X] flexão repetida do indicador

[As → V] extensão do indicador e do médio

[As → I] extensão do mínimo

Expressão não manuais da LIBRAS

Rosto
Parte Superior
sobrancelhas franzidas

ȯ olhos arregalados
ɋ lance de olhos
⌒ sobrancelhas levantadas

Rosto
Parte Inferior
db bochechas infladas
bd bochechas contraídas
= lábios contraídos e projetados e sobrancelhas franzidas
lb correr da língua contra a parte inferior interna da bochecha
b apenas a bochecha direita inflada
⌒ contração do lábio superior
x franzir do nariz

Cabeça
+ balanceamento para frente e para trás (sim)
- balanceamento para os lados (não)
⌒ inclinação para frente
/ inclinação para o lado
⌒ inclinação para trás

Rosto e Cabeça

wh cabeça projetada a frente, olhos levemente cerrados, sobrancelhas franzidas (ex.: o que?, quando?, como?, quando, por que?)

wo cabeça projetada para trás, e olhos arregalados (ex.: quem?)

Tronco

Movimentos de rotação

Movimentos de translação (as mãos se deslocam no espaço)

Retilíneos
Circulares
Contínuos
Com retensão
Fefreados
Tensos
Simples
Repetidos

1.2. Formação dos Ítens Lexicais ou Sinais a partir de Morfemas

---

Mostramos, no item anterior, como se estruturam as palavras das línguas Portuguesa e LIBRAS a partir de suas unidades mínimas distintivas ou “fonemas”. Vamos ilustrar agora como se formam as palavras da LIBRAS a partir de seus morfemas ou unidade mínimas de significação.

1.2.1. Morfemas Lexicais e Morfemas Gramaticais

Os morfemas são unidades que podem ter funções lexicais ou gramaticais. Por exemplo, as palavras casas, construção e impossível do português são constituídas dos seguinte morfemas:

casa	-	s (plural)
constru-		ção (nome)
possível-		im (negação)
morfema lexical		**morfema gramatical**

Em LIBRAS, nem sempre os morfemas que formam as palavras são equivalentes aos do português. Podemos, porém, ilustrar os morfemas da LIBRAS como se segue:

SENTAR - movimento repetido (marca de nome)
BONITO - expressão facial ~~ (marca de grau aumentativo)
BONITO - expressão facial Ô (marca de grau diminutivo)
FALAR - 2 mãos e movimentos longos (aspecto continuativo)
PEGAR - Cl:5 Classificador para objetos redondos grandes
PEGAR - Cl:F Classificador para objetos pequenos e pequenos
PODER - movimentos da cabeça (negação): NÃO-PODER
POSSÍVEL - movimento inverso das mãos (negação): IMPOSSÍVEL
SABER - movimento da mão para fora (negação): NÃO-SABER

morfema lexical **morfema gramatical**

Vejamos algumas ilustrações dos sinais acima:

FALAR

FALAR SEM-PARAR
FALAR PELOS COTOVELOS
FALAR + aspecto continuativo

PEGAR + Cl: 5

PODER/POSSÍVEL NÃO-PODER IMPOSSÍVEL

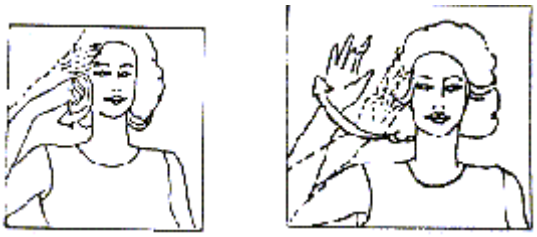

SABER NÃO-SABER

1. 2. 2. Formação de Palavras por Derivação e por Composição

As ilustrações acima são exemplos de formação de palavras por derivação. CADEIRA é derivado de SENTAR através do movimento repetido do primeiro; BONITINHO é derivado de BONITO através da adjunção da expressão facial ~~ , marca de grau aumentativo; BONITÃO é derivado de BONITO através da adjunção do afixo expressão facial Ô, marca de grau diminutivo; FALAR-SEM-PARAR é derivado de FALAR através da adjunção da mão esquerda e do alongamento dos movimentos, marca de aspecto continuativo; PEGAR-BOLA é derivado de PEGAR através da adjunção do afixo CI:5, classificador para objetos redondos grandes; PEGAR-AGULHA é derivado de PEGAR através da afixação do morfema gramatical CI:F, classificador para objetos pequenos e pequenos; NÃO-PODER é derivado de PODER através do afixo negativo, movimentos da cabeça para os lados; IMPOSSÍVEL é derivado de POSSÍVEL através da inversão do movimento de para baixo para os lados, afixo também negativo; NÃO-SABER e derivado de SABER através da afixação de um movimento da mão para fora, morfema negativo também.

Através desses exemplos, pudemos observar que as primeiras palavras são formadas a partir de seus radicais aos quais se juntam afixos ou morfemas gramaticais, pelo processo de derivação. As palavras ou sinais em LIBRAS também podem ser formadas pelo processo de composição, isto é, pela adjunção de dois sinais simples em formas compostas. Por exemplo:

CASA + CRUZ = IGREJA
MULHER + PEQUENO = MENINA
HOMEM + PEQUENO = MENINO

Alguns sinais como SENTAR e CADEIRA são distintos quanto à forma para as categorias verbo e nome, porém, a maioria deles não se distingue quanto às categorias verbo, nome, adjetivo e advérbio. O que vai definí-las como tal é sua função na sentença. Podemos, entretanto, ilustrar alguns casos de palavras que poderiam ser derivadas de outras como é o caso de construir e construção, em

português. Por exemplo, nas sentenças abaixo, identificamos um mesmo item lexical como nome ou verbo, dependendo da sentença em que aparecem:

ELE NÃO LIMPAR-CHÃO-CI:Y (com escova)
(=Ele não limpou com escova o chão)
ELE LIMPAR-CHÃO-CI:Y (com escova) NÃO-Y
(=Ele não fez a limpeza do chão com a escova)

No primeiro exemplo, o item lexical LIMPAR-CHÃO-CI:Y tem uma função verbal. Entretanto, na segunda sentença, LIMPAR-CHÃO-CI:Y tem uma função nominal, ou seja, é um substantivo porque vem acompanhado de um verbo leve, NÃO-Y, que devido à sua natureza de verbo sem valência não pode ser considerado um nome. Neste caso, como os verbos chamados leves sempre vêm acompanhados de um nome e como o único item capaz de preencher esta função nominal é o sinal LIMPAR-CHÃO-CI:Y, diremos que ele pode pertencer a ambas categorias:

LIMPAR-CHÃO-CI:Y - verbo
LIMPAR-CHÃO-CI:Y - nome

O mesmo ocorre com as demais categorias: adjetivo, advérbio.

1. 2. 3. Aspecto Verbal

A LIBRAS, assim como várias línguas de sinais e orais, modula o movimento dos sinais para distinguir entre os aspectos pontual, continuativo ou durativo e iterativo. O aspecto pontual se caracteriza por se referir a uma ação ou evento ocorrido e terminado em algum ponto bem definido no passado. Em português, quando dizemos “ele falou na televisão ontem”, sabemos que a ação de falar se deu no passado, em um período de tempo determinado “ontem”. Em LIBRAS, temos um sinal FALAR para um contexto lingüístico similar. Por exemplo, ELE FALAR VOCÊ ONTEM (=ele falou com você ontem). Entretanto, temos também o sinal FALAR-SEM-PARAR que se refere a uma ação que tem uma continuidade no tempo como no exemplo ELE FALAR-SEM-PARAR AULA (=ele falou sem parar durante a aula). Vejam estes dois sinais:

FALAR
(aspecto pontual)

FALAR-SEM-PARAR
(aspecto continuativo)

O mesmo ocorre com o verbo OLHAR que pode sofrer alteração em um ou mais de seus parâmetros e, então, denotar aspecto durativo. Os sinais ilustrados abaixo poderiam aparecer em contextos lingüísticos como os que se seguem:

OLHAR (pontual)
OLHAR VOCÊ ONTEM VOCÊ NÃO-ENXERGAR (pontual)

OLHAR (durativo)
ELE FICAR-OLHANDO-LONGAMENTE MAR (durativo)

OLHAR (durativo)
ELA PASSAR TODOS-OLHAR-CONTINUADAMENTE (durativo)

No segundo sinal para 'olhar', a configuração de mão e o ponto de articulação mudam de G1 para 5 e dos olhos para o nariz. Com isso temos a formação de uma outra palavra com valor aspectual durativo.

O verbo VIAJAR com valor aspectual pontual abaixo poderia ser utilizado em sentenças como PAULO VIAJAR BRASÍLIA ONTEM, enquanto que o sinal verbal com valor iterativo apareceria em sentenças do tipo PAULO VIAJAR- MUITAS-VEZES. O aspecto iterativo refere-se a ação ou evento que se dá repetidas vezes. Vejamos os sinais abaixo:

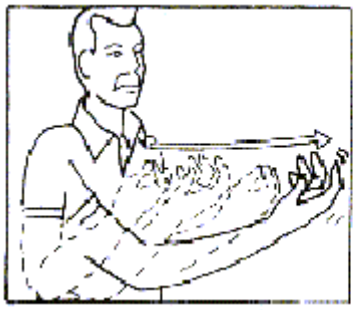

VIAJAR (pontual)

VIAJAR (iterativo)

Esse tipo de afixação que encontramos na LIBRAS, através da alteração do movimento, da configuração de mão e/ou do ponto de articulação do verbo que seria considerado raiz ou radical, não é encontrado em português.

1. 2. 4. Itens Lexicais para Tempo e Marca de Tempo

A LIBRAS não tem em suas formas verbais a marca de tempo como o português. Como vimos, essas formas podem se modular para aspecto. Algumas delas também se flexionam para número e pessoa.
Dessa forma, quando o verbo refere-se a um tempo passado, futuro ou presente, o que vai marcar o tempo da ação ou do evento serão itens lexicais ou sinais adverbiais como ONTEM, AMANHÃ, HOJE, SEMANA-PASSADA, SEMANA-QUE-VEM. Com isso, não há risco de ambigüidade porque sabe-se que se o que está sendo narrado iniciou-se com uma marca no passado, enquanto não aparecer outro item ou sinal para marcar outro tempo, tudo será interpretado como tendo ocorrido no passado.

Os sinais que veiculam conceito temporal, em geral, vem seguidos de uma marca de passado, futuro ou presente da seguinte forma: Movimento para trás, para o passado; Movimento para frente, para o futuro; e Movimento no plano do corpo, para presente. Alguns desses sinais, entretanto, incorporam essa marca de tempo não requerendo, pois, uma marca isolada como é o caso dos sinais ONTEM e ANTEONTEM ilustrados a seguir:

ONTEM

ANTEONTEM

Outros sinais como ANO requerem o acompanhamento de um sinal de futuro ou de presente, mas, quando se trata de passado, ele sofre uma alteração na direção do movimento de para frente para trás e, por si só já significa ‘ano passado’. Os sinais de ANO e ANO-PASSADO podem ser observados nas ilustrações que se seguem:

ANO

ANO-PASSADO

É interessenta notar, que uma linha do tempo constituída a partir das coordenadas: passado (atrás)- presente (no plano do corpo)- futuro (na frente), pode ser observada também em línguas orais como o português e o inglês como mencionado no início desse curso. Uma estruturação completamente diferente do tempo foi observada por nós na Língua de Sinais Urubu-Kaapor, língua de sinais da comunidade indígena

Urubu habitante da Floresta Amazônica, onde o tempo futuro é para cima e o presente no torso do usuário dessa língua. O passado não parece ser marcado.

Isso levou-nos a considerar que as línguas Portuguesa e LIBRAS não são tão distintas assim naquilo que não depende de restrições decorrentes da modalidade visual-espacial, veiculando,assim, uma visão de mundo muito similar, pelo menos nos aspectos semânticos até o momento estudados por nós.
As diferenças que vimos apontando ultimamente na estruturação gramatical e lexical da LIBRAS e do português parecem não apontar tanto para diferenças culturais mas são sim devidas ao fato de a primeira usar o espaço e de a segunda utilizar o meio acústico, para estruturar os significados lexicais e gramaticais.

1. 2. 5. Quantificação e Intensidade

A quantificação é obtida em LIBRAS através do uso de quantificadores como MUITO, mas incorporar a quantificação, prescindindo, pois, o uso desse tipo de palavras. Assim, podemos observar nos exemplos com o verbo OLHAR acima que o olhar pontual é realizado com apenas um dedo estendido enquanto que os outros dois sinais são realizados com as mãos abertas, ou seja, com os dedos estendidos. Dessa forma, esse tipo de alteração do parâmentro Configuração de Mão iconicamente representa uma maior intensidade na ação (FICAR-OLHANDO-**LONGAMENTE**) ou um maior número de referentes sujeitos (**TODOS**-FICAR-OLHANDO). Essa mudança de configuração de mãos, aumentando-se o número de dedos estendidos para significar uma quantidade maior pode ser ilustrado pelos sinais UMA-VEZ, DUAS-VEZES, TRÊS-VEZES:

UMA-VEZ DUAS-VEZES TRÊS-VEZES

Às vezes, alongando-se o movimento dos sinais e imprimindo-se a ele um rítmo mais acelerado, obtem-se uma maior intensidade ou quantidade. Isto é o que ocorre com os sinais FALAR e FALAR-SEM-PARAR, exemplificados acima e com os sinais LONGE e MUITO-LONGE ilustrados abaixo:

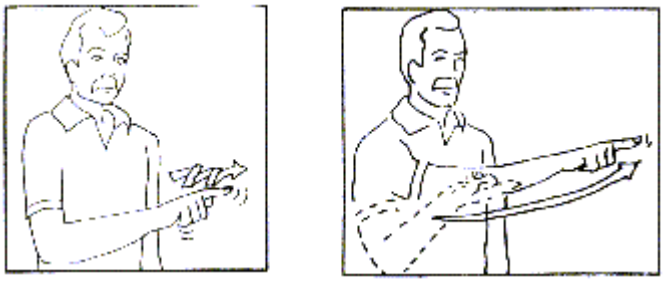

LONGE MUITO-LONGE

Como se pode observar, os mecanismos espaciais utilizados pela LIBRAS para obter significados e efeitos de sentido distinguem-se daqueles utilizados pela Língua Portuguesa. Nesta, as formas ou marcas são muito mais arbitrárias e se apresentam

em forma de segmentos sequencialmente acrescentados ao item ou palavra modificada. Em LIBRAS, ocorre com muita frequência uma mudança interna, isto é, uma alteração no interior da própria palavra.

1. 2. 6. Classificadores

Como algumas línguas orais e como várias línguas de sinais, a LIBRAS possui classificadores, um tipo de morfema gramatical que é afixado a um morfema lexical ou sinal para mencionar a classe a que pertence o referente desse sinal, para descrevê-lo quanto à forma e tamanho, ou para descrever a maneira como esse referente é segurado ou se comporta na ação verbal.

Os classificadores em línguas orais como o japonês e o navajo são sufixos dos numerais e dos verbos, respectivamente.

Em LIBRAS, como dificilmente se pode falar em prefíxo e em sufíxo porque os morfemas ou outros componentes dos sinais se juntam ao radical simultaneamente, preferimos dizer que os classificadores são afixos incorporados ao radical verbal ou nominal. Assim, nos exemplos abaixo, pode-se observar o classificador V e V, que respectivamente, referem-se à maneira como uma pessoa anda e como um animal anda.

ANDAR (para pessoa)

ANDAR (para animal)

O classificador em ANDAR (para pessoa) pode ser utilizado também com outros significados como ‘duas pessoas passeando’ ou ‘um casal de namorados’ (no caso das pontas dos dedos estarem voltadas para cima), ‘uma pessoa em pé’ (pontas dos dedos para baixo), etc. Este classificador é representado pela configuração de mãos em V, como se segue:

Uma pessoa andando ou em pé

Duas pessoas andando, namorando ou passeando

O classificador C pode representar qualquer tipo de objeto cilíndrico profundo como um copo, uma caixa, uma urna como no exemplo abaixo do sinal VOTAR:

VOTAR

Classificador C

Outros classificadores podem ser os morfemas representados pelas configurações de mão B e Y como se segue:

Classificador B

Classificador Y

O classificador B refere-se e descreve superfícies planas como mesa, parede, chão, etc. enquanto que o classificador Y refere-se e descreve objetos multiformes ou com formas irregulares, porém não planos nem finos. O classificador G1 é que é utilizado para descrever objetos finos e longos.

Inúmeros são os classificadores em LIBRAS, sua natureza semântica e sua função. Entretanto, apenas mencionamos alguns a título de ilustração.

1. 2. 7. Incorporação de Argumento

As línguas orais e de sinais apresentam vários casos de incorporação de argumento ou complemento. Por exemplo, em português, podemos citar o verbo engavetar que, em uma análise sintático-semântica, poderia ser decomposto em um verbo básico do tipo colocar e em um complemento desse verbo que seria um locativo na gaveta. Assim, podemos dizer “eu coloquei os livros na gaveta” ou “eu engavetei os livros”. O constituinte na gaveta, um locativo, argumento ou complemento de colocar, foi incorporado a este verbo e em decorrência disso temos a outra forma verbal engavetar que prescinde do locativo como complemento porque já carrega esta informação em seu próprio item lexical. Temos, pois, uma forma lexical derivada de outra mais básica, porém, desta vez não pelo processo de derivação por afixação nem por composição, como discutido acima, mas sim pelo que se chama de incorporação de argumento.

Em LIBRAS, o processo de incorporação de argumento é muito frequente e visível devido às características espaciais e icônicas dos sinais. Os três verbos abaixo ilustram esse tipo de incorporação. O primeiro, o verbo BEBER/TOMAR pode ser usado sem incorporação em sentenças do tipo:

BEBER CERVEJA (= eu bebi cerveja)

Porém, se o objeto direto do verbo for, por exemplo, café ou chá, o verbo incorporará este argumento e teremos formas verbais diferentes, como demonstram as ilustrações a seguir:

BEBER, TOMAR BEBER-CAFÉ CHÁ (segurar x-tipo de objeto) em LIBRAS (CI: B A e CI: F)

Outro exemplo de incorporação pode ser ilustrado pelo verbo ALUGAR/PAGAR-MENSALMENTE em que o verbo PAGAR que normalmente é articulado sobre a mão de apoio em B passa a ser articulado na mão de apoio (mão esquerda) em G1, a mesma do sinal MÊS. Assim, uma parte deste sinal incorpora-se ao sinal PAGAR, substituindo-a. Vejamos o sinal:

ALUGAR/PAGAR-MENSALMENTE

O mesmo processo de incorporação pode ser também observado no sinal que deriva do sinal verbal COMER, ao qual se incorpora o objeto direto MAÇÃ:

COMER COMER-MAÇÃ

2. Estruturação de Sentenças em LIBRAS

Costuma-se pensar que as sentenças da LIBRAS são completamente diferentes do ponto de vista estrutural daquelas do português. Realmente, no que diz respeito à ordem das palavras ou constituinte, há diferenças porque o português é uma língua de base sujeito-predicado enquanto que a LIBRAS é uma língua do tipo tópico-comentário.

Nas sentenças do português, a ordem predominante é: sujeito (S)-verbo(V)-objeto (O), normalmente chamada de SVO. Assim, as sentenças se estruturam da seguinte maneira:

O leão	matou o urso.
S	V O
sujeito	*predicado*

Todos os meninos	gostam de futebol
S	V O
sujeito	*predicado*

Nestas sentenças, além da concordância sujeito-predicado que determina quem faz o que no evento descrito pelo verbo da sentença, a ordem também é significativa porque senão não saberíamos qual é o sujeito da primeira sentença “o leão matou o urso” porque tanto o constituinte “o leão” quanto o constituinte “o urso” podem concordar com o verbo. Então, se alterássemos a ordem dos constituintes acima “o urso matou o leão”, o sujeito deixaria de ser “o leão” para ser “o urso”. Além do mais, há o aspecto semântico dos constituintes e do verbo que permite que tanto um quanto outro constituinte seja o sujeito de “matar”, isto é, aquele que mata.

Este não é o caso da segunda sentença onde o significado dos constituinte “todos os meninos” e “futebol” não dá margem às duas possibilidades acima. Além do mais, a concordância sujeito-predicado nesta segunda sentença fica ressaltada pelo fato de incluirem a marca de plural enquanto que o segundo constituinte “futebol”está no singular. Neste caso, a ordem é menos relevante para se saber a função gramatical e o papel semântico dos dois constituintes.

Entretanto, a primeira sentença poderia ter o seu último constituinte deslocado para a frente da sentença através de operações como por exemplo a topicalização:

O urso,	o leão matou	ou	Ao urso	o leão matou
tópico	*comentário*		*tópico*	*comentário*

Note-se, porém, que nos dois casos houve necessidade de apelo a mecanismos inusuais do tipo entoação e uso da preposição “a”. Nestes casos, “o urso” continua sendo o objeto direto de “matar” e “o leão”, o seu sujeito, apesar de termos a topicalização do objeto, isto é, apesar do objeto direto ser o tópico da sentença e o sujeito e o verbo serem o comentário do tópico.

A topicalização é relativamente frequente em português, principalmente, na fala coloquial. Entretanto, em LIBRAS, a frequência é maior, diríamos até que é regra geral.

Em estudos anteriores, dissemos que a ordem preferencial das sentenças da LIBRAS era SVO quando não havia topicalização ou verbos com flexão ou direcionais. Porém, estudos mais aprofundados, apesar de não desmentirem o que dissemos, mostraram que a topicalização é muito mais frequente do que se pensa à primeira

vista em LIBRAS. A ordem tópico-comentário é realmente a preferida quando não há restrições que impeçam certos constituintes de se deslocarem. Pórem, um grande número de sentenças sempre aparece na ordem SVO. Vejamos os exemplos:

VOCÊ LER JORNAL (= você leu o jornal?)
S V O
NÃO-ENXERGAR VOCÊ (= eu não vi você)
V O

Nestas duas sentenças, a ordem é SVO, isto é, sujeito-verbo-objeto. O sujeito da segunda sentença é omitido, é um argumento implícito, porque a , em LIBRAS, assim como em português, o sujeito em geral é pressuposto pelo contexto ou, quando referindo-se à primeira pessoa é sempre pressuposto como conhecido pelo interlocutor. Assim, se no contexto não está evidente que uma outra pessoa além da primeira deve ser o sujeito, este será a primeira pessoa. Então, apesar de estarem explícitos apenas o verbo e o objeto da segunda sentença, sabemos que a ordem é SVO. Estes dados reafirmam nossos estudos anteriores, assim como o fato de que quando temos um verbo flexionado na sentença a ordem é muito restrita.

Verbos com flexão com VER, AVISAR, RESPONDER, PERGUNTAR, AJUDAR são verbos em que a ordem vai ser sempre SVO. Note-se que não estamos distinguindo aqui objeto direto de objeto indireto porque, em recentes estudos em lingüística, há a proposta de considerarmos os complementos sem preposição como objetos e os com preposição como objetos oblíquos. Em exemplos com os verbos acima, podemos notar a restrição quanto à ordem porque o sujeito e o objeto não aparecem na forma de constituintes separados dos verbos, mas sim na forma de flexão do próprio verbo através da direcionalidade de seu movimento, um vetor, cujo ponto de origem refere-se ao sujeito e cujo ponto final refere-se ao objeto. É a direcionalidade com esses dois pontos que é chamada flexão verbal. Vejamos os exemplos:

1ª RESPONDER 2ª (=eu respondi a você)
3ª PERGUNTAR 1ª VERDADE (=ele perguntou a mim a verdade)
VERDADE 3ª PERGUNTAR 1ª (=a verdade ele perguntou a mim)
1ª VER 2ª (=eu vi você)
MYRNA 3ª AVISAR 3ª SERGIO (=Myrna, ela avisou ele, Sergio)
2ª AJUDAR 3ª - você-ajudar-ela (=você a ajudou)

Como se pode observar, nestes exemplos, o primeiro referente é sempre o sujeito porque é representado pela marca que inicia o verbo e o outro referente não verbal é o que é marcado pela marca final do verbo ou o ponto final do seu movimento, o que resulta na ordem Sujeito- Verbo-Objeto (direto e indireto). O terceiro exemplo acima apresenta uma topicalização do objeto direto o que faz com que a ordem seja Objeto dir.- Sujeito - Verbo - Objeto ind.

Na maioria dos casos, entretanto, a LIBRAS parece preferir, como já dissemos, a topicalização e o verbo no final da sentença como nos exemplos abaixo:

PESQUISAR ELA NÃO-GOSTAR (=pesquisar, ela não gosta)
tópico comentário

RUA ACIDENTE NÃO-ENXERGAR (=o acidente na rua eu não vi)
tópico comentário

CAFÉ AÇÚCAR NÃO-Y (=açucar no café (ela) não pôs)
tópico comentário

Note-se, porém, que nos exemplos acima, mesmo seguindo a estrutura tópico-comentário, a ordem dos constituintes acaba sendo (Locativo) - Objeto - Sujeito-Verbo. Mesmo com topicalização, parece que temos quase que sempre, pelo menos, tópico-SV (tópico-sujeito-verbo). Na última sentença, o sujeito é uma terceira pessoa, porém, é um argumento implícito porque o enunciador pressupõe que o interlocutor saiba identificar o referente pelo contexto situacional. A título de ilustração, vejamos o verbo EMPRESTAR, variante de São Paulo, e algumas de suas flexões:

1EMPRESTAR2 2EMPRESTAR1 2EMPRESTAR3

EU-EMPRESTAR-VOCÊ VOCÊ-EMPRESTAR-EU VOCÊ-EMPRESTAR-ELA

eu emprestei para você você emprestou para mim você emprestou para ela

Alguns raros verbos com flexão trazem as marcas de sujeito e objeto de forma inversa, isto é, o objeto é marcado primeiro no ponto de origem do movimento do sinal verbal e o sujeito é marcado pelo ponto final do movimento do sinal verbal. Vejamos o verbo CONVIDAR:

2ª CONVIDAR 1ª
você-convidado-eu
(você está sendo convi-dado por mim)

1ª CONVIDAR 2ª
eu-convidado-você
(eu estou sendo con-vidado por você)

3ª CONVIDAR 2ª
ele-convidado-você
(ele está sendo con-vidado por você)

ou

(eu o convido) (você me convida) (você o convida)

Vimos que a estruturação das sentenças em LIBRAS quanto à ordem dos argumentos (complementos inclusive sujeito) é diferente daquela do português e que inclusive as marcas de flexão são bastante específicas da modalidade visual-espacial de língua porque se apoiam na direcionalidade do movimento do sinal.

Entretanto, vamos enfatizar aqui um nivel estrutural das sentenças em ambas as línguas em que as semelhanças são bem maiores do que as especificidades. Trata-se da estrutura argumental das sentenças. Desse ponto de vista, toda sentença tem um núcleo que é o elemento que possui valência. Em geral, o verbo é que possui valência e, como tal, é ele que determina o número e tipos de argumentos ou complementos necessários. Dentro desta concepção, inclusive o sujeito é considerado um argumento. Assim diremos que um verbo como “enviar”, em português, e ENVIAR, em LIBRAS, são verbos com a mesma valência porque os dois pedem três argumentos ou complementos:

Paulo **enviou** o livro ao amigo
LIVRO AMIGO P-A-U-L-O **ENVIAR** (o livro ao amigo o Paulo enviou)

Nos dois exemplos, o primeiro em português e o segundo em LIBRAS, independentemente da ordem, pode-se observar que as sentenças são constituídas de um núcleo e de três argumentos ou complementos:

enviar - núcleo ou palavra com valência
Paulo - argumento 1, aquele que envia, papel semântico 'fonte', função gramatical 'sujeito'.
amigo - argumento 2, aquele para quem se envia, papel semântico 'alvo', função gramatical 'objeto indireto'
livro - argumento 3, aquilo que é enviado, papel semântico 'tema', função gramatical 'objeto direto'.

Esse tipo de análise das sentenças da LIBRAS e do português mostra como a estrutura sintático-semântica pode ser a mesma.

Alguns verbos, entretanto, não possuem valência como os verbos levar, dar e fazer do português e o verbo NÃO-Y da LIBRAS. Neste caso, teremos uma diferença considerável, devido à não correspondência sintático-semântica nas duas lín-guas. São os chamados verbos leves que podem ser ilustrados pelos exemplos abaixo:

Ele levou a cabo seus estudos
João deu uma surra no menino
Nós fizemos compras ontem
LIMPAR-CHÃO-ESCOVA NÃO-Y (a limpeza do chão com a escova, ele não fez)

Nesses exemplos, o elemento com valência é o nome que acompanha o verbo nos exemplos do português e o nome que antecede o verbo no exemplo da LIBRAS. Este nome é que é o núcleo da estrutura argumental da sentença porque é ele que possui valência. O verbo carrega apenas as marcas gramaticais. É o nome que veicula o significado lexical do complexo verbal. Por isso, apesar de se assemelhar a um objeto direto, o nome com valência não pode receber papel temático (semântico) o que torna esse tipo de sentença mais complexo para analisar.

Aquisição da Linguagem por Crianças Surdas

RONICE MÜLLER QUADROS
Mestre em Lingüística
Doutoranda em Lingüística Aplicada
PUC/ RS; interprete de LIBRAS

Todas as pesquisas desenvolvidas nos últimos anos sobre a aquisição das línguas de sinais evidenciam que essa pode ser comparada à aquisição das línguas orais em muitos sentidos. Normalmente, as pesquisas envolvem a análise de produções de crianças surdas, filhas de pais surdos. Somente esse grupo de crianças surdas apresenta o input lingüístico adequado e garantido para possíveis análises do processo de aquisição. Entretanto, ressalta-se que essas crianças representam apenas de 5% a 10% das crianças surdas . No Brasil, os estudos envolvem crianças surdas filhas de pais surdos que usam a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS.

As línguas de sinais são sistemas abstratos de regras gramaticais, naturais às comunidades surdas dos países que as utilizam. Assim como as línguas faladas, as línguas de sinais não são universais: cada país apresenta a sua própria língua. No caso do Brasil, como já foi citado, tem-se a LIBRAS e, além dessa, tem-se também a língua de sinais usada por uma tribo indígena brasileira chamada Urubu Kaapor, citada por Kakumasu (1968) e Ferreira Brito (1993).

As línguas de sinais apresentam-se numa modalidade diferente das línguas orais-auditivas; são línguas espaço-visuais, ou seja, a realização dessas línguas não é estabelecida através do canal oral-auditivo, mas através da visão e da utilização do espaço. A diferença na modalidade determina o uso de mecanismos sintáticos específicos diferentes dos utilizados nas línguas orais. As línguas de sinais são sistemas lingüísticos independentes dos sistemas das línguas orais e não são universais.

As línguas de sinais, dentre elas a LIBRAS, parecem apresentar especial interesse nas pesquisas lingüísticas dentro da perspectiva gerativista. A razão de tal interesse está relacionada à possibilidade de determinar os princípios da UG independentemente da modalidade da língua. Se isso for possível, as línguas de sinais podem ser exemplos de línguas que fortalecem a proposta gerativista quanto à existência de um módulo da linguagem na mente/cérebro do ser humano.

Quanto aos aspectos estruturais das línguas de sinais, há dois aspectos fundamentais: (a) o estabelecimento nominal e a pronominalização e (b) a concordância verbal. Os sujeitos e objetos podem ser estabelecidos em um ponto no espaço de sinalização *(loc)* ; quando isso ocorre, há um estabelecimento nominal e a pronominalização. Esse estabelecimento é completamente espacial e é fundamental para a concordância verbal, principalmente com referentes não presentes.

Considerando que o processo de aquisição das línguas de sinais é análogo ao processo de aquisição das línguas faladas, as seções seguintes estão subdivididas nos estágios de aquisição adotados nos estudos sobre a aquisição da linguagem. O estabelecimento nominal, o sistema pronominal e a concordância verbal serão enfatizados tendo em vista que tais tópicos são fundamentais para o estabelecimento de relações gramaticais (espaciais).

Período Pré - Lingüístico

Petitto & Marantette (1991) realizaram um estudo sobre o balbucio em bebês surdos e bebês ouvintes no mesmo período de desenvolvimento (desde o nascimento até por volta dos 14 meses de idade). Elas verificaram que o balbucio é um fenômeno que ocorre em todos os bebês, surdos assim como ouvintes, como fruto da capacidade inata para a linguagem. As autoras constataram que essa capacidade inata é manifestada não só através de sons, mas também através de sinais. Nos dados analisados por Petitto & Marantette foram observadas todas as produções orais para detectar a organização sistemática desse período. Também foram observadas todas as produções manuais tanto dos bebês surdos como dos bebês ouvintes para verificar a existência ou não de alguma organização sistemática.

Nos bebês surdos foram detectadas duas formas de balbucio manual: o balbucio silábico e a gesticulação. O balbucio silábico apresenta combinações que fazem parte do sistema fonético das línguas de sinais. Ao contrário, a gesticulação não apresenta organização interna.

Os dados apresentam um desenvolvimento paralelo do balbucio oral e do balbucio manual. Os bebês surdos e os bebês ouvintes apresentam os dois tipos de balbucio até um determinado estágio e desenvolvem o balbucio da sua modalidade. É por isso que os estudos afirmavam que as crianças surdas balbuciavam (oralmente) até um determinado período. As vocalizações são interrompidas nos bebês surdos assim como as produções manuais são interrompidas nos bebês ouvintes, pois o *input* favorece o desenvolvimento de um dos modos de balbuciar.

As semelhanças encontradas na sistematização das duas formas de balbuciar sugerem haver no ser humano uma capacidade lingüística que sustenta a aquisição da linguagem independente da modalidade da língua: oral-auditiva ou espaço-visual.

Estágio de um Sinal

O estágio de um sinal inicia por volta dos 12 meses da criança surda e percorre um período até por volta dos 2 anos. Karnopp (1994) cita estudos que apontam o início do estágio de um sinal por volta dos 6 meses em bebês surdos filhos de pais surdos adquirindo língua de sinais. Por outro lado, sabe-se que os estudos de crianças adquirindo línguas orais iniciam esse período por volta dos 12 meses. Lillo-Martin (1986) observa que as razões apontadas por esses estudos para explicar tal diferença cronológica baseia-se no desenvolvimento dos mecanismos físicos (mãos e trato vocal). Entretanto, Petitto (1987) argumenta que a criança simplesmente produz gestos que diferem dos sinais produzidos por volta dos 14 meses, analisando essa produção gestual como parte do balbucio, período pré-lingüístico. As primeiras produções na Língua de Sinais Americana - ASL incluem as formas chamadas congeladas da produção adulta. São sinais que não são flexionáveis, tipo MOTHER na ASL. Quando um sinal apresenta flexões no padrão adulto, a criança usa formas morfofonêmicas.

Petitto & Bellugi (1988) observaram que as crianças surdas com menos de 2 anos não fazem uso dos dispositivos indicativos da ASL. Os dispositivos indicativos envolvem o sistema pronominal das línguas de sinais. As crianças omitiam essas indicações até quando imitavam seus pais. Petitto (1987) e Bellugi & Klima (1989) analisaram a descontinuidade no uso da indicação (apontação) nas crianças surdas.

As crianças surdas com menos de 1 ano, assim como as crianças ouvintes, apontam freqüentemente para indicar objetos e pessoas. Mas quando a criança entra no estágio de um sinal, o uso da apontação desaparece. Petitto (1987) sugere que nesse período parece ocorrer uma reorganização básica em que a criança muda o conceito da apontação inicialmente gestual (pré-lingüística) para visualizá-la como elemento do sistema gramatical da língua de sinais (lingüístico).

Estágios das Primeiras Combinações

Surgem as primeiras combinações de sinais por volta dos 2 anos das crianças surdas. Fischer (1973) e Hoffmeister (1978) observaram que a ordem usada pelas crianças surdas durante esse estágio é SV, VO ou, ainda, num período subseqüente, SVO. Meier (1980) verificou que a ordem das palavras é utilizada para o estabelecimento das relações gramaticais.

Meier (1980) observou que, assim como o Japonês e o Croata, nem todos os verbos da ASL podem ser flexionados para marcar as relações gramaticais em uma sentença. Há alguns tipos de verbos que apresentam limitações lexicais e fonológicas para incorporar os pronomes como, por exemplo, os verbos **ancorados no corpo**, como GOSTAR e PENSAR na LIBRAS. Isso sugere que as crianças surdas devem adquirir duas estratégias para marcar as relações gramaticais: a incorporação dos indicadores e a ordem das palavras. A incorporação dos indicadores envolve a concordância verbal, e essa depende diretamente da aquisição do sistema pronominal.

No estágio em discussão, as crianças começam a usar o sistema pronominal, mas de forma inconsistente. Os estudos realizados por Bellugi & Klima (1979) detectaram que o padrão de aquisição das crianças surdas é bastante próximo ao das crianças ouvintes. Eles, a princípio, consideravam que seria mais fácil para as crianças surdas a aquisição do sistema pronominal.. Os resultados foram surpreendentes. Os pronomes EU e TU na ASL são identificados através da indicação propriamente dita, a si mesmo e ao outro, respectivamente. Parece óbvio que uma criança aprendesse essa regra rapidamente e a usasse sem cometer erros. Mas o que acontece é, na verdade, diferente.

Assim como na aquisição do Inglês por crianças ouvintes, a aquisição na ASL desses pronomes apresenta as mesmas características conforme mencionam os estudos de Petitto (1986, 1987). Petitto (1986) observou que nesse período ocorrem 'erros' de reversão pronominal, assim como ocorrem com crianças ouvintes. As crianças usam a apontação direcionada ao receptor para referirem-se a si mesmas. A princípio, causa uma certa surpresa constatar esse tipo de erro nas crianças surdas devido à **aparente** transparência entre a forma de apontação e o seu significado. Esse tipo de erro e a evitação do uso dos pronomes são fenômenos diretamente relacionados com o processo de aquisição da linguagem.

Petitto descarta a hipótese de mudança de perspectiva, pois, no caso das línguas de sinais, se essa hipótese fosse verdadeira, as crianças deveriam apresentar erros na perspectiva de todos os sinais. Para Petitto, a criança usa o sinal 'YOU' como um item **congelado**, não dêitico, não recíproco e que refere somente a ela.

Petitto (1987) concluiu que, apesar da aparente relação entre forma e significado da apontação, a compreensão dos pronomes não é óbvia para a criança dentro do

sistema lingüístico da ASL. A aparente transparência da apontação é anulada diante das múltiplas funções lingüísticas que apresenta. Se as crianças não entenderem a relação indicativa entre a forma apontada e o seu referente, a plurificação da apontação pode tornar-se uma dificuldade na aquisição dos mecanismos gramaticais.

Esse estudo nos revela evidências da descontinuidade da transição dos fatores pré-lingüísticos aos lingüísticos. Petitto afirma que aspectos da estrutura lingüística e da sua aquisição, parecem envolver conhecimentos específicos da linguagem. Ela conclui que, apesar da relação entre a forma e o símbolo, a apontação e seu significado, a compreensão das funções da apontação dos pronomes não é óbvia para a criança dentro do sistema lingüístico da ASL. A idéia de que a gesticulação pode funcionar lingüisticamente é tão forte, que anula a transparência indicativa da apontação.

As semelhanças na aquisição do sistema pronominal entre crianças ouvintes e surdas, sugerem um processo universal de aquisição de pronomes, apesar da diferença radical na modalidade.

Hoffmeister (1978) observou que a apontação envolve o sistema pronominal, o sistema dos determinadores e modificadores, o sistema de pluralização e a modulação do sistema verbal. No estágio das primeiras combinações, Hoffmeister observou que os objetos são nomeados e referidos somente em situações do contexto imediato.

Na LIBRAS, Quadros (1995) observou algumas combinações de sinais, normalmente envolvendo dois a três sinais . F omitiu o sujeito de referentes presentes somente quando esse era óbvio (presente no contexto do discurso), mas normalmente pronunciou o sujeito. Não foi observada a omissão do objeto nesse período. Certamente a razão de terem aparecido sujeitos, mas não objetos nulos, está relacionada ao uso sintático do espaço que ainda não é observado, nesse período, de forma consistente. Deve-se ressaltar que F não estabeleceu a terceira pessoa em (1b) em um ponto do espaço. Tal referência foi interpretada como terceira pessoa mediante o contexto e não mediante a utilização de recursos sintáticos. Nos dois casos o verbo não foi flexionado; portanto, pode-se sugerir que F usa apenas formas **congeladas**, pois IR é um verbo com concordância na LIBRAS e F usou-o sem flexioná-lo.

(1) F (2:4)

a. AULA $_{i}$IR.
'(Eu) vou à aula'.

b. TRÊS $_{k}$BRINCAR AQUI.
'(Eles) três brincam aqui'.

Exemplos como os ilustrados em (2) mostram que F já usa o sistema pronominal com referentes presentes de forma adequada.

(2)
a. EU $_{i}$SAIR. TCHAU!
'Eu estou saindo. Tchau!'

b. ELEk OLHAR ELE$_{k}$'.
'Elei olhou para elej'.

4. Estágio de Múltiplas Combinações

Em torno dos 2 anos e meio a 3 anos, as crianças surdas apresentam a chamada **explosão do vocabulário**. Lillo-Martin (1986) cita que nesse período começam a ocorrer distinções derivacionais (por exemplo, a diferenciação entre CADEIRA e SENTAR). As crianças começam a usar formas idiossincráticas para diferenciar nomes e verbos. O domínio completo dos recursos morfológicos da língua é totalmente adquirido por volta dos 5 anos.

Segundo Bellugi & Klima (1989), a criança surda ainda não usa os pronomes identificados espacialmente para referir-se às pessoas e aos objetos que não estejam fisicamente presentes. Ela usa substantivos não associados com pontos no espaço. Mesmo quando a criança apresenta algumas tentativas de identificação de pontos no espaço, ela apresenta falhas de correspondência entre a pessoa e o ponto espacial. Com referentes presentes no discurso já há o uso consistente do sistema pronominal e inclusive indicações espaciais (indicações ostensivas).

Dos 3 anos em diante, as crianças começam a usar o sistema pronominal com referentes não presentes no contexto do discurso, mas ainda apresentam erros. Algumas crianças **empilham** os referentes não presentes em um único ponto do espaço. Petitto & Bellugi (1988) observaram que, de 3 anos a 3 anos e meio, as crianças usam a concordância verbal com referentes presentes. Entretanto, elas flexionam alguns verbos cuja flexão não é aceita nas línguas de sinais. Bellugi & Klima (1990) identificam essa flexão generalizada dos verbos nesse período como **supergeneralizações**, considerando esse fenômeno análogo a generalizações verbais como 'fazi', 'gosti' e ‘sabo’ nas línguas orais. Meier (1980) detectou esse uso supergeneralizado observando que, nesse período, as crianças usam os verbos como pertencentes a uma única classe verbal na ASL, a classe dos verbos com concordância, chamada por ele de verbos direcionais (figura 19).

A figura 1 ilustra três supergeneralizações feitas pela criança. A primeira, com o verbo SPELL, a segunda, com o verbo LIKE e a última, com o verbo LIKE; em todos os exemplos foi ilustrada a forma usada pela criança e a forma usada pela mãe. Esses três verbos pertencem à classe dos não flexionados na ASL. A criança direcionou os verbos incorporando o objeto das sentenças.

Segundo Bellugi, Lillo-Martin, O'Grady & vanHoek (1990), por volta dos 4 anos a concordância verbal ainda não é utilizada corretamente. Quando as crianças deixam de empilhar os referentes em um único ponto, elas estabelecem mais de um ponto no espaço mas de forma inconsistente, pois não estabelecem associações entre o local e a referência, dificultando a concordância verbal. É entre 5 e 6 anos que as crianças utilizam os verbos flexionados de forma adequada.

FIGURA 1: Supergeneralizações na ASL

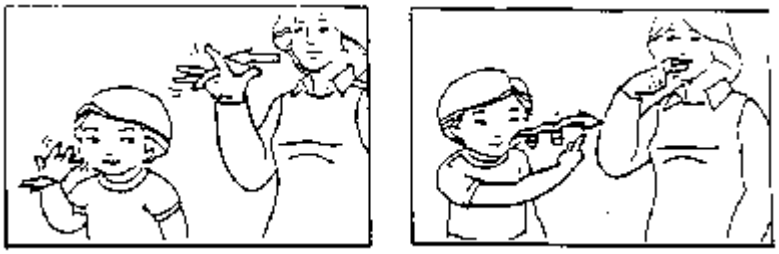

*SPELL[X:'to me']/SPELL *SAY[X: 'to you']/SAY

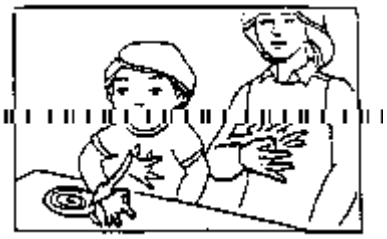

*LIKE[X: 'to it']/LIKE
(Bellugi, vanHoek, Lillo-Martin & O'Grady, 1990:139)

Observe que nos dois exemplos a criança está flexionando os verbos que não apresentam essa possibilidade na *ASL*, sendo indicada a agramaticalidade através do asterisco. As formas usadas pela mãe são consideradas gramaticais. Exemplos como esses podem ser observados na aquisição da LIBRAS.

Loew (1980) analisou o desenvolvimento da referência em crianças surdas filhas de pais surdos entre 3:1 a 4:6 de idade. A autora apresenta uma síntese da qual foram selecionados os itens sobre indexação (uso pronominal da apontação e a concordância verbal) e a estruturação espacial (envolve o estabelecimento de *loc*) que são apresentados no quadro 1.

Lillo-Martin (1986) discute alguns efeitos da modalidade espacial no processo de aquisição. Questiona-se a iconicidade das línguas de sinais. De fato, alguns sinais e processos na ASL têm motivação icônica, apresentando alguma relação entre forma e significado, entre o referente e o referenciado. Lillo-Martin, ao considerar essa discussão, analisa a seguinte questão: a modalidade de alguma forma facilita a aquisição da linguagem? Os estudos indicam que, apesar de haver uma **aparente** iconicidade nas línguas de sinais, a aquisição do sistema pronominal e a concordância verbal são considerados de aquisição tardia, o que é ilustrado pelos estudos mencionados até o presente momento. Lillo-Martin cita a conclusão de Meier (1981), o qual diz que a modalidade não facilita a aquisição do sistema da concordância verbal. Assim, considerando o input natural que as crianças surdas analisadas nessas pesquisas apresentam, a aquisição da ASL parece seguir um curso lingüisticamente similar ao desenvolvimento das línguas orais.

QUADRO I: Aquisição da indexação e da estruturação espacial na ASL

PERÍODOS	I (3:1-3:4)	II (3:6-3:11)	III (4:0-4:4)	IV (4:6-4:9)
Indexação	- infreqüente; uso incorreto das formas de citação; não há evidências de identidade dos *loc*. Uso da concordância verbal com referentes presentes.	- pouca consistência no uso da indexação; às vezes um *loc* é usado para referência de um único referente durante o discurso.	- uso de múltiplos *loc*; há o uso da concordância verbal, mas evidenciam-se inconsistências com os *loc* estabelecidos.	- uso normalmente freqüente e consistente. Os *loc* apresentam identidade, embora ainda ocorram confusões ao usá-los.
Estruturação espacial	- estabelecimento de locais não é claro; não há evidências de organização espacial; a indexação não é usada com *loc*.	- estabelecimento ocasional de locais; não há evidências de organização espacial. Os *loc* são estabelecidos para contrastar, mas não	- estabelecimento de locais mais freqüentes, mas ainda com função contrastiva.	- estabelecimento freqüente de locais; uso do *loc* de forma mais consistente com a indexação.

		para identificar o referente.		

Na LIBRAS, Quadros (1995) observou que por volta dos 3 anos e meio ocorre o uso de concordância verbal com referentes presentes assim como ilustrado em (3). Com referentes não presentes, houve algumas ocorrências mas de forma inconsistente, pois o estabelecimento e a identidade do *loc* não foram identificados de forma substancial, conforme é observado nos exemplos em (4).

(3) L (3:03)

a. $_{k}$PEGAR$_{k}$,.
'(Ele*i*) pegou (ele*j*)'.

b. $_{i}$CONSERTAR$_{k}$, $_{k}$QUEBRAR.
'(Eu) estou consertando (ele*i*), (ele*i*) quebrou'.

c. $_{k}$TOMAR-BANHO $_{k}$FICAR.
'(Ele*k*) continua tomando banho'.

(4) L (3:03)

a. CARRO $_{k}$IR$_{k}$, CASA$_{k}$,.
'(Ele*k*) foi de carro para casa'.

M (3:05)

b. $_{k}$DAR$_{i}$, PAPAI$_{k}$ $_{k}$DAR$_{i}$.
'(Ele*k*) deu (para mim), o papai (ele*k*) deu (para mim)'.

Em (3) os *loc*^{k} e *loc*$^{k'}$ foram estabelecidos em locais reais, isto é, o local em que estavam os referentes no contexto do discurso foi usado para indicar os referentes sem utilizar a indicação ostensiva. Dessa forma, observou-se que o uso da concordância verbal está presente, omitindo-se o sujeito e/ou objeto da sentença. Em (3a) tanto o sujeito como o objeto são nulos.

Em (4a), o sujeito nulo não é identificado. Nesse tipo de exemplo, a identidade pode ser recuperada contextualmente. Talvez L estivessse se referindo a sua professora, mas não se pode afirmar isso, pois o *loc* não foi previamente estabelecido, confundindo a identificação do referente. Em (b) a identidade do *loc* como ‘papai’ fica óbvia somente porque M a pronunciou após sua ocorrência; e a identidade do *loc* de primeira pessoa é adequadamente identificada, pois envolve o local real de M, a primeira pessoa do discurso, um referente presente. Os exemplos ilustrados em (3) e (4) foram coletados em conversas espontâneas das crianças.

Por volta dos 5 anos e meio a 6 anos e meio, a concordância verbal é usada de forma consistente pelas crianças adquirindo a LIBRAS. O uso de sujeitos e objetos nulos torna-se comum nesse período. Também observam-se alguns exemplos com verbos da classe dos verbos com concordância com sujeitos pronunciados. Isso foi observado quando as crianças queriam tornar mais clara a identificação da identidade do *loc*, assim como ocorre na linguagem adulta. Foram selecionados alguns exemplos em (5) que ilustram o pronome pronunciado e a sua omissão durante o discurso.

(5) G (5:11)

a. EU$_i$ ANDAR-EM-DIREÇÃO-AO-CARRO-E-O-CARRO-NA-MINHA-DIREÇÃO. $_i$BATER$_k$ CARRO$_k$ QUASE. Eu$_i$ PARAR, $_i$TRAVAR QUASE $_i$BATER$_k$.

'Eu ande*i* em direção ao carro e o carro na minha direção. (Eu) quase bati no carro. Eu parei,
(eu) travei, (eu) quase bati (nele)'.

b. ELE$_k$, $_k$,PESCAR$_k$,, PEIXE$_k$,,. $_k$,PESCAR$_k$,, MAIS DOIS. $_k$,PESCAR$_k$,, MUITOS.

'Ele*i* pescou um peixe. (Ele*i*) pescou mais dois (deles*j*). (Ele*i*) pescou muitos (deles*j*)'.

Em (5a) a sentença foi retirada de uma conversa espontânea em que era relatado um fato já ocorrido. Observou-se o estabelecimento do *loc* abstrato para 'carro', pois 'carro' é um referente não presente no discurso. O exemplo (5b) foi retirado de um relato de uma das histórias. A criança recontava a história sem o auxílio do livro para referir-se utilizando as figuras como referentes presentes; assim, foram estabelecidos *loc* para ‘o menino’ e para ‘os peixes’, k’ e k”, respectivamente. A criança introduziu esses *loc* primeiro com os nominais e depois utilizou os *loc* k’ e k” na concordância verbal. Nesse exemplo o uso do recurso de omitir sujeitos e objetos foi empregado de forma consistente e adequada.

No relato de histórias, usualmente as crianças usam as figuras como locais reais dos referentes; isso também é observado nas narrações dos adultos, conforme mencionado anteriormente.

O estabelecimento de *loc* com referentes não presentes no relato das histórias só foi observado no último período. Foi solicitado a G que recontasse a história sem olhar o livro. Observou-se que houve o estabelecimento abstrato de *loc* de forma bastante consistente. Em (6a) apresenta-se uma sentença em que G utilizou os *loc* com os referentes presentes. Em (6b) há uma sentença em que G utiliza *loc* estabelecidos com referentes ausentes do contexto do discurso. As duas sentenças produzidas referem-se à mesma história.

(6) G (5:11)

a. RATO$_k$ PEQUENO $_k$PEGAR$_k$,. ELA BRABA $_k$PEGAR$_{k,k}$,, . ELES$_{k,k}$,, MEDO.

'O rato*i* pequeno (ele*i*) pegou (ele*j*). Ela ficou braba pois (ele*i*) pegou (eles*jy*). Eles*jy*
têm medo'.

b. GATO$_k$, MEDO RATO$_k$. RATO$_k$ PEGAR$_k$,. RATO PEGAR DOIS GATO$_k$,,

CACHORRO$_k$,,. RATO PEGAR$_{k,k}$,,. $_{k,k}$,,FUGIR. MENINA OLHAR$_{k,k}$,,

SURPRESA RATO PEQUENO.

'O gato tem medo do rato. O rato pega (ele*j’*). O rato pega os dois: o gato e o cachorro. O
rato pega (eles*jy*). Eles fogem. A menina olha (para eles*jy*) e fica surpresa porque o rato é pequeno'.

Observa-se em (6) que, quando se trata de referentes ausentes do discurso, há uma necessidade bem maior de definir claramente esses referentes no espaço para que não haja problemas na identificação dos *loc*. Essa necessidade é devidamente

observada por G. G introduziu os *loc* de forma adequada, não deixando dúvidas na identificação dos *loc*, e omitiu os sujeitos e objetos quando esses podiam ser adequadamente recuperados pelo receptor.

5. Algumas Conclusões

Bellugi & Petitto (1988) ao analisar as descobertas na aquisição da linguagem, concluíram que o conhecimento do uso lingüístico do espaço em ASL que uma criança deve ter, necessariamente, inclui a informação quanto as diferenças generalizadas do local de sinalização; o estabelecimento explícito dos nominais em pontos espaciais diferentes; a identificação do local espacial de forma consciente; e, a utilização do local espacial em frases e no discurso de maneira contrastante. As crianças parecem adquirir esse conhecimento por volta dos sete anos, quando atingem a maturidade sobre o sistema referencial da sintaxe.

Elas finalizam a análise afirmando que os dados sugerem que a criança surda de nascença, com acesso a uma língua espaço-visual proporcionada por pais surdos, desenvolverá uma linguagem sem qualquer deficiência . Além disso, os dados apresentados sugerem que os fundamentos da linguagem não estão baseados na forma do sinal, mas sim, na função lingüística que a serve.

Todos os estudos mencionados sobre a aquisição da língua de sinais por crianças surdas concluíram que esse processo ocorre em período análogo à aquisição de crianças ouvintes.

Bellugi et alli (1990) apresentam algumas pesquisas que contribuem para educação de surdos e para compreensão do desenvolvimento da linguagem. Um deles foi feito com crianças surdas filhas de pais ouvintes, cujo o único meio de comunicação disponível era o Inglês Sinalizado (sistema artificial que usa sinais da ASL na ordem do Inglês, sistema equivalente ao Português Sinalizado no Brasil). Esse estudo investigou o uso do espaço pela criança. Foi verificado que as crianças, individualmente, transformavam os conhecimentos que tinham do Inglês Sinalizado quando elas sinalizavam entre si mesmas, tornando essa sinalização mais especializada. Essa descoberta indica que a modalidade da língua apresenta efeitos na forma da língua. Outro estudo realizado com surdos adultos que adquiriram a língua de sinais em diferentes fases da vida, uns filhos de pais ouvintes, outros filhos de pais surdos apresentou resultados que sugerem que, realmente existe um período adequado para o aprendizado da língua. Ou seja, a aquisição da linguagem é muito melhor quando realizada o mais precocemente possível.

Considerando o estudo de Quadros (1995) com crianças surdas filhas de pais surdos sinalizadores da LIBRAS, pode-se sugerir que os dados analisados na ASL em relação a sintaxe espacial apresentam uma analogia com os dados analisados na LIBRAS. Diante disso, sugere-se que o processo de aquisição desses aspectos observados envolva aspectos universais.

Vale mencionar o trabalho apresentado por Rodrigues (1993). O autor apresenta uma reflexão sobre a língua de sinais e sua aquisição por crianças surdas. Ele faz sua análise de um ponto de vista biológico e chega as seguintes conclusões:

a) se a língua de sinais é organizada no cérebro da mesma forma que as línguas orais (conforme vem sendo demonstrado através de pesquisas), então as línguas de sinais são línguas naturais;

b) se as línguas de sinais são línguas naturais, então seu aprendizado tem período crítico (período ideal para a aquisição da linguagem, após esse período a aquisição é deficiente e, dependendo do caso, impossível);

c) se as línguas de sinais têm período crítico, então as crianças surdas estão iniciando tarde o seu aprendizado; e

d) se a natureza compensa parcialmente a falta de audição, aumentando a capacidade visual dos surdos (conforme pesquisas realizadas há uma competição entre os estímulos acústicos e visuais), então está sendo ignorada a maior habilidade dos surdos quando lhes é imposta uma língua oral, ao invés da língua de sinais.

Introdução à Gramática da LIBRAS

TANYA A. FELIPE
Professora Titular da UPE
Coordenadora do grupo de pesquisa da FENEIS

1. O Universal nas Línguas

Pesquisas sobre as línguas de sinais vêm mostrando que estas línguas são comparáveis em complexidade e expressividade a quaisquer línguas orais. Estas línguas expressam idéias sutis, complexas e abstratas. Os seus usuários podem discutir filosofia, literatura ou política, além de esportes, trabalho, moda e utilizá-la com função estética para fazer poesias, estórias, teatro e humor.

Como toda língua, as línguas de sinais aumentam seus vocabulários com novos sinais introduzidos pelas comunidades surdas em resposta à mudanças culturais e tecnológicas.

As línguas de sinais não são universal, cada língua de sinais tem sua própria estrutura gramatical Assim, como as pessoas ouvintes em países diferentes falam diferentes línguas, também as pessoas surdas por toda parte do mundo, que estão inseridos em “Culturas Surdas”, possuem suas próprias línguas, existindo portanto muitas línguas de sinais diferentes, como: Língua de Sinais Francesa, Chilena, Portuguesa, Americana, Argentina, Venezuelana, Peruana, Portuguesa, Inglesa, Italiana, Japonesa, Chinesa, Uruguaia, Russa, Urubus-Kaapor, citando apenas algumas. Estas línguas são diferentes uma das outras e independem das línguas orais-auditivas utilizadas nesses e em outros países, por exemplo: o Brasil e Portugal possuem a mesma língua oficial, o português, mas as línguas de sinais destes países são diferentes, o mesmo acontece com os Estados Unidos e a Inglaterra, entre outros. Também pode acontecer que uma mesma língua de sinais seja utilizada por dois países, como é o caso da língua de sinais americana que é usada pelos surdos dos Estados Unidos e do Canadá.

Embora, surdos de países com línguas de sinais diferentes comunicam-se mais rapidamente uns com os outros, fato que não ocorre entre falantes de línguas orais, que necessitam de um tempo bem maior para um entendimento. Isso se deve à capacidade que as pessoas surdas têm em desenvolver e aproveitar gestos e pantomimas para a comunicação e estarem atentos as expressões faciais e corporais das pessoas.
A Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) é a língua de sinais utilizada pelos surdos que vivem em cidades do Brasil onde existem comunidades surdas, mas além dela, há registros de uma outra língua de sinais que é utilizada pelos índios Urubus-Kaapor na Floresta Amazônica.

A LIBRAS, como toda língua de sinais, é uma língua de modalidade gestual-visual porque utiliza, como canal ou meio de comunicação, movimentos gestuais e expressões faciais que são percebidos pela visão; portanto, diferencia da Língua Portuguesa, que é uma língua de modalidade oral-auditiva por utilizar, como canal ou meio de comunicação, sons articulados que são percebidos pelos ouvidos. Mas as diferenças não estão somente na utilização de canais diferentes, estão também nas estruturas gramaticais de cada língua.
Embora com as diferenças peculiares a cada língua, todas as línguas possuem algumas semelhanças que a identificam como língua e não linguagem como, por

exemplo, a linguagem das abelhas, dos golfinhos, dos macacos, enfim, a comunicação dos animais.

Uma semelhança entre as línguas é que todas são estruturadas a partir de unidades mínimas que formam unidades mais complexas, ou seja, todas possuem os seguintes níveis lingüísticos: o fonológico, o morfológico, o sintático, o semântico e o pragmático.

No nível fonológico, as línguas são formadas de fonemas. Os fonemas só têm valor contrastivo, não têm significado mas, a partir das regras de cada língua, se combinam para formar os morfemas e estes as palavras.

Na língua portuguesa, os fonemas l m l l n l l s l l a l l e l l i l podem se combinar e formar a palavra l meninas l.

No nível morfológico, esta palavra é formada pelos morfemas {menin-} {-a} {-s}. Diferentemente dos fonemas, cada um destes morfemas tem um significado: {menin-} é o radical desta palavra e significa “criança”, o morfema {-a} significa “gênero feminino” e o morfema {-s} significa “plural”.

No nível sintático, esta palavra pode se combinar com outras para formar a frase, que precisa ter um sentido em coerência com o significado das palavras em um contexto, o que corresponde aos níveis semântico (significado) e pragmático (sentido no contexto: onde está sendo usada) respectivamente.
Outra semelhança entre as línguas é que os usuários de qualquer língua podem expressar seus pensamentos diferentemente por isso uma pessoa que fala uma determinada língua a utiliza de acordo com o contexto: o modo de se falar com um amigo não é igual ao de se falar com uma pessoa estranha. Isso é o que se chama de registro. Quando se aprende uma língua está aprendendo também a utilizá-la a partir do contexto.
Outra semelhança também é que todas as línguas possuem diferenças quanto ao seu uso em relação à região, ao grupo social, à faixa etária e ao sexo. O ensino oficial de uma língua sempre trabalha com a norma culta, a norma padrão, que é utilizada na forma escrita e falada e sempre toma alguma região e um grupo social como padrão.

Ao se atribuir às línguas de sinais o status de língua é porque elas, embora sendo de modalidade diferente, possuem também estas características em relação às diferenças regionais, sócio-culturais, entre outras, e em relação às suas estruturas que também são compostas pelos níveis descritos acima.

---

2. O Sinal e seus Parâmetros

O que é denominado de palavra ou item lexical nas línguas orais-auditivas, são denominados sinais nas línguas de sinais.

O sinal é formado a partir da combinação do movimento das mãos com um determinado formato em um determinado lugar, podendo este lugar ser uma parte do corpo ou um espaço em frente ao corpo. Estas articulações das mãos, que podem ser comparadas aos fonemas e às vezes aos morfemas, são chamadas de parâmetros, portanto, nas línguas de sinais podem ser encontrados os seguintes parâmetros:

1. configuração das mãos: são formas das mãos, que podem ser da datilologia (alfabeto manual) ou outras formas feitas pela mão predominante (mão direita para os

destros), ou pelas duas mãos do emissor ou sinalizador. Os sinais APRENDER, LARANJA e ADORAR têm a mesma configuração de mão;

2. ponto de articulação: é o lugar onde incide a mão predominante configurada, podendo esta tocar alguma parte do corpo ou estar em um espaço neutro vertical (do meio do corpo até à cabeça) e horizontal (à frente do emissor). Os sinais TRABALHAR, BRINCAR, CONSERTAR são feitos no espaço neutro e os sinais ESQUECER, APRENDER e PENSAR são feitos na testa;

3. movimento: os sinais podem ter um movimento ou não. Os sinais citados acima tem movimento, com exceção de PENSAR que, como os sinais AJOELHAR, EM-PÉ, não tem movimento;

4. orientação: os sinais podem ter uma direção e a inversão desta pode significar idéia de oposição, contrário ou concordância número-pessoal, como os sinais QUERER E QUERER-NÃO; IR e VIR;

5. Expressão facial e/ou corporal: muitos sinais, além dos quatro parâmetros mencionados acima, em sua configuração tem como traço diferenciador também a expressão facial e/ou corporal, como os sinais ALEGRE e TRISTE. Há sinais feitos somente com a bochecha como LADRÃO, ATO-SEXUAL.

Na combinação destes quatro parâmetros, ou cinco, tem-se o sinal. Falar com as mãos é, portanto, combinar estes elementos que formam as palavras e estas formam as frases em um contexto.

Para conversar, em qualquer língua, não basta conhecer as palavras, é preciso aprender as regras de combinação destas palavras em frases.

---

3. Sistema de Transcrição para a LIBRAS

As línguas de sinais tem características próprias e por isso vem sendo utilizado mais o vídeo para sua reprodução à distância. Existem sistemas de convenções para escrevê-las, mas como geralmente eles exigem um período de estudo para serem aprendidos, neste livro, estamos utilizando um "**Sistema de notação em palavras**".

Este sistema, que vem sendo adotado por pesquisadores de línguas de sinais em outros países e aqui no Brasil, tem este nome porque as palavras de uma língua oral-auditiva são utilizadas para representar aproximadamente os sinais.

Assim, a LIBRAS será representada a partir das seguintes convenções:

1. Os sinais da LIBRAS, para efeito de simplificação, serão representados por itens lexicais da Língua Portuguesa (LP) em letras maiúsculas. Exemplos: CASA, ESTUDAR, CRIANÇA, etc;

2. um sinal, que é traduzido por duas ou mais palavras em língua portuguesa, será representado pelas palavras correspondentes separadas por hífen. Exemplos: CORTAR-COM-FACA, QUERER-NÃO "não querer", MEIO-DIA, AINDA-NÃO, etc;

3. um sinal composto, formado por dois ou mais sinais, que será representado por duas ou mais palavras, mas com a idéia de uma única coisa, serão separados pelo símbolo ^ . Exemplos: CAVALO^LISTRA "zebra";

4. a datilologia (alfabeto manual), que é usada para expressar nome de pessoas, de localidades e outras palavras que não possuem um sinal, está representada pela palavra separada, letra por letra por hífen. Exemplos:

J-O-Ã-O, A-N-E-S-T-E-S-I-A;

5. o sinal soletrado, ou seja, uma palavra da língua portuguesa que, por empréstimo , passou a pertencer à LIBRAS por ser expressa pelo alfabeto manual com uma incorporação de movimento próprio desta língua, está sendo representado pela datilologia do sinal em itálico. Exemplos: *R-S* "reais", *A-C-H-O, QUM* "quem", *N-U-N-C-A*, etc;

6. na LIBRAS não há desinências para gêneros (masculino e feminino) e número (plural), o sinal, representado por palavra da língua portuguesa que possui estas marcas, está terminado com o símbolo @ para reforçar a idéia de ausência e não haver confusão. Exemplos: AMIG@ "amiga(s) e amigo(s)" , FRI@ "fria(s) e frio(s)", MUIT@ "muita(s) e muito(s)", TOD@, "toda(s) e todo(s)", EL@ "ela(s), ele(s)", ME@ "minha(s) e meu(s)" etc;

7. Os traços não-manuais: expressões facial e corporal, que são feitos simultaneamente com um sinal, estão representados acima do sinal ao qual está acrescentando alguma idéia, que pode ser em relação ao:

a) tipo de frase ou advérbio de modo: interrogativa ou ... i ... negativa ou ... neg ... etc

Para simplificação, serão utilizados, para a representação de frases nas formas exclamativas e interrogativas, os sinais de pontuação utilizados na escrita das línguas orais-auditivas, ou seja: !, ? e ?!

b) advérbio de modo ou um intensificador: muito rapidamente exp.f "espantado" etc;

interrogativa exclamativo muito

Exemplos: NOME ADMIRAR LONGE

8. os verbos que possuem concordância de gênero (pessoa, coisa, animal), através de classificadores, estão representados tipo de classificador em subescrito. Exemplos: $_{pessoa}$ANDAR, $_{veículo}$ANDAR, $_{coisa\text{-}arredondada}$COLOCAR, etc;

9. os verbos que possuem concordância de lugar ou número-pessoal, através do movimento direcionado, estão representados pela palavra correspondente com uma letra em subscrito que indicará:

a) a variável para o lugar: i = ponto próximo à 1a pessoa,
j = ponto próximo à 2a pessoa,
e k' = pontos próximos à 3a pessoas,
e = esquerda,
d = direita;

b) as pessoas gramaticais: $_{1s,\ 2s,\ 3s}$ = 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular;
$_{1d,\ 2d,\ 3d}$ = 1ª, 2ª e 3ª pessoas do dual;
$_{1p,\ 2p,\ 3p}$ = 1ª, 2ª e 3ª pessoas do plural;

Exemplos: $_{1s}$ DAR$_{2S}$ "eu dou para "você",

$_{2s}$PERGUNTAR$_{3P}$ "você pergunta para eles/elas",

$_{k}$dANDAR$_{k,e}$ "andar da direita (d) para à esquerda (e).

10. Às vezes há uma marca de plural pela repetição do sinal. Esta marca será representada por uma cruz no lado direto acima do sinal que está sendo repetido:

Exemplo: GAROTA +

11. quando um sinal, que geralmente é feito somente com uma das mãos, ou dois sinais estão sendo feitos pelas duas mãos simultaneamente, serão representados um abaixo do outro com indicação das mãos: direita (md) e esquerda (me).

Exemplos: IGUAL (md) $_{PESSO@\text{-}MUIT@}$ANDAR (me)
` IGUAL (me) $_{PESSOA}$EM-PÉ (md)

Estas convenções vem sendo utilizadas para poder representar, linearmente, uma língua espaço-visual, que é tridimensional. Felipe (1988, 1991,1993,1994,1995,1996)

Os Processos de Formação de Palavras na LIBRAS

Os livros sobre as gramáticas das línguas geralmente trazem uma parte sobre os processos de formação de palavras.

Na LIBRAS, os sinais são formados a partir da: configuração de mãos, movimento, orientação e ponto de articulação, estes parâmetros já foram mencionados na Introdução deste livro.

Estes quatro parâmetros podem ser comparados a “pedacinhos” de um sinal porque às vezes eles têm significados e, através de alterações em suas combinações, eles formam os sinais. Portanto:

a) **a configuração de mãos**, pode ser um marcador de gênero (animado: pessoa e animais / inanimado: coisas). Exemplo:

PESSOA CL:G_k CARRO CL5$_k$, $_{k'VEÍCULO}$COLIDIR$_k$
“O carro bateu em uma pessoa”;

b) **o ponto de articulação** pode ser uma marca de concordância verbal com o advérbio de lugar. Exemplo:

MESA$_i$ COPO $_{objeto\text{-}arredondado}$-COLOCARi
“eu coloco o copo na mesa”;

c) o movimento pode ser uma raiz. Exemplos:

IR, VIR, BRINCAR.

A alteração na freqüência do movimento, pode ser uma marca de aspecto temporal: TRABALHAR-CONTINUAMENTE; de modo: FALAR-DEMASIADAMENTE, ou um intensificador: TRABALHAR-MUITO;

d) a orientação pode ser uma concordância número-pessoal. Exemplos:

$_{1s}$PERGUNTAR$_{2s}$ “eu pergunto a você”
$_{2s}$PERGUNTAR$_{1s}$ “você me pergunta”;
ou um advérbio de tempo. Exemplos: ANO e ANO-PASSADO.

Fazendo uma paralelo destes parâmetros que, às vezes, como foi mostrado, podem ter um significado, com alguns fonemas da língua portuguesa, que podem também ter um significado, teremos:

(1) os artigos definidos: a e o. Exemplos: a menina, o menino;

(2) , as desinências de gênero e plural. Exemplos: menina, casas.

Na LIBRAS, portanto, os processos de formação de palavras podem ocorrem através de:

1. **Modificações por adição à raiz**: uma raiz pode ser modificada através da adição de afixos. Por exemplo, a incorporação da negação é um processo de modificação por adição à raiz porque,

- como **sufixo**, ela se incorpora em alguns verbo: a raiz, que possui um determinado movimento em um primeiro momento, finaliza-se com um movimento contrário, que caracteriza a negação incorporada; como nos verbos: QUERER / QUERER-NÃO; GOSTAR / GOSTAR-NÃO;

- como **infixo**, ela se incorpora simultaneamente `a raiz através do movimento ou expressão corporal: TER / TER-NÃO; PODER / PODER-NÃO.

A negação, além de poder ocorrer através destes processos morfológicos, pode também ocorrer sintaticamente porque, através dos advérbios 'NÃO' E 'NADA', pode-se construir uma frase negativa, como no exemplo: EU INGLÊS SABER NÃO, ENTENDER NADA

"eu não sei inglês, não entendo nada".

Há, ainda, a incorporação do intensificador: "muito" ou de advérbios de modo, que alteram, também, o movimento da raiz.

2. **Modificação interna da raiz**: uma raiz pode ser modificada por três tipos de acréscimo:

a) o da **flexão** que, através da direcionalidade, marca as pessoas do discurso, fazendo com que a raiz se inverta ou até adquira uma forma em arco ;

b) o acréscimo do **aspecto verbal** que, através de mudanças na freqüência do movimento da raiz marcam os aspectos durativo, contínuo, etc;

c) o acréscimo de um **marcador de concordância de gênero** que, através de configurações de mãos (classificadores), especifica a coisa: objeto plano vertical/horizontal, redondo, etc

3. **Processos de derivação Zero**: na LIBRAS, como a língua inglesa, há muitos verbos denominais ou substantivos verbais que são invariáveis e somente no contexto pode-se perceber se estão sendo utilizados com a função de verbos ou de nome. Exemplos: AVIÃO / IR-DE-AVIÃO; CADEIRA / SENTAR; FERRO / PASSAR-COM-FERRO; PORTA / ABRIR-PORTA; BRINCADEIRA / BRINCAR; TESOURA / CORTAR-COM-TESOURA; BICICLETA / ANDAR-DE-BICICLETA; CARRO / DIRIGIR-CARRO; VIDA / VIVER, etc.

Alguns destes pares, quando possuem uma marca de concordância com o objeto, apresentam uma estrutura O_iV_i , como o verbo CORTAR-COM-TESOURA; ou apresentam uma diferença em relação ao parâmetro movimento, como os verbos IR-DE-AVIÃO, que apresenta um movimento mais alongado, em relação ao substantivo AVIÃO, e PASSAR-COM-FERRO, que apresenta um movimento mais repetido e alongado, em oposição ao movimento repetido e retido para o nome FERRO.

4. **Processos de composição**: neste processo de formação de palavra duas ou mais raízes se combinam e dão origem a uma outra forma, um outro sinal. Exemplos: CAVALO^LISTRA-PELO-CORPO "zebra" ; MULHER^BEIJO-NA-MÃO "mãe" CASA^ESTUDAR "escola"; CASAR^SEPARAR "divorciar"; COMER^MEIO-DIA "almoço"; etc.

Pode-se concluir do exposto que, independentemente da modalidade de língua, as categorias gramaticais e os processos de formação de palavras de uma determinada língua apontarão para a sua classificação enquanto língua de um determinado tipo, a partir de seus processos mais produtivos.

---

5. As Categorias Gramaticais na LIBRAS

As categorias gramaticais ou parte do discurso são os paradigmas ou classes de palavras de uma língua. Todas língua possui palavras que são classificadas como fazendo parte de um tipo, classe ou paradigma em relação as seus aspectos morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos. Assim, na língua portuguesa, por exemplo, os substantivos são palavras que possuem desinência de gênero e número, são as palavras-chave de um sintagma nominal que pode ter a função de sujeito ou de objeto.

Embora todas as línguas não possuam as mesmas classes gramaticas e muitas línguas não possuem algumas, isso não implica carência ou inferioridade, as línguas tem formas diferenciadas para expressar os conceitos. Por exemplo, na LIBRAS não há artigos, em inglês somente este uma forma para para artigo definido: *"the"*.

As outras categorias, que existem na língua portuguesa, também existem na LIBRAS. Aqui serão apresentadas algumas e estudos mais aprofundados destas e de outras, que não serão mencionadas, já estão sendo feitos:

5.1. Verbo na LIBRAS

Basicamente na LIBRAS, há dois tipos de verbo:

a) verbos que não possuem marca de concordância, embora possam ter flexão para aspecto verbal;

b) verbos que possuem marca de concordância.

Quando se faz uma frase com verbos do primeiro grupo, é como se eles ficassem no infinitivo, por exemplo:

(1) EU TRABALHAR FENEIS "eu trabalho na FENEIS";
(2)EL@ TRABALHAR FENEIS "ele/a trabalha na FENEIS";
(3) EL@ TRABALHAR FENEIS "eles/as trabalham na FENEIS.

Os verbos do segundo grupo podem ser subdivididos em:

1. **Verbos que possuem concordância número-pessoal**: a orientação marca as pessoas do discurso. O ponto inicial concorda com o sujeito e o final com o objeto. Exemplos
:

(4) $_{1s}$PERGUNTAR$_{2s}$ "eu pergunto a você";
(5) $_{2s}$PERGUNTAR$_{1s}$ "você me pergunta"

2. **Verbos que possuem concordância de gênero**: são verbos classificadores porque a eles estão incorporados, através da configuração de mão, uma concordância de gênero: PESSOA, ANIMAL ou COISA. Exemplos:

(6) $_{pessoa}$ANDAR (configuração da mão em G);
(7) $_{veículo}$ANDAR/MOVER (configuração da mão em 5 ou B, palma para baixo)
(8) $_{animal}$ANDAR (configuração da mão em 5 ou 5, palma para baixo);

3. **Verbos que possuem concordância com a localização**: são verbos que começam ou terminam em um determinado lugar que se refere ao lugar de uma pessoa, coisa, animal ou veículo, que está sendo colocado, carregado, etc. Portanto o ponto de articulação marca a localização. Exemplos:

(9) COPO MESA$_k$ $_{\text{coisa arredondada}}$COLOCAR$_k$;
(10) CABEÇA$_k$ ATIRAR$_k$.

Estes tipos de concordância podem coexistir em um mesmo verbo. Assim, há verbos que possuem concordância de gênero e localização, como o verbo COLOCAR acima; e concordância número-pessoal e de gênero, como o verbo DAR. Concluindo, pode-se esquematizar o sistema de concordância verbal, na LIBRAS, da seguinte maneira:

1. concordância número-pessoal	=>	parâmetro orientação
2. concordância de gênero e número	=>	parâmetro configuração de mão
3. concordância de lugar	=>	parâmetro ponto de articulação

5.1.1. Classificador na LIBRAS

Nas línguas do mundo as classificações podem se manifestam de várias formas. Podem ser:

- uma desinência, como em português, que classifica os substantivos e os adjetivos em masculino e feminino: menina - menino;
- pode ser uma partícula que se coloca entre as palavras;
- e ainda pode ser uma desinência que se coloca no verbo para estabelecer concordância.

Ao se atribuir uma qualidade a uma coisa como, por exemplo: arredondada, quadrado, cheio de bolas, de listras, etc isso representa um tipo de classificação porque é uma adjetivação descritiva, mas isso não quer dizer que seja, necessariamente, um classificador como se vem trabalhando este conceito nos estudos lingüísticos.

Para os estudiosos deste assunto, um classificador é uma forma que existe em número restrito em uma língua e estabelece um tipo de concordância.

Na LIBRAS, os classificadores são configurações de mãos que, relacionadas à coisa, pessoa e animal, funcionam como marcadores de concordância.

Assim, na LIBRAS, os classificadores são formas que, substituindo o nome que as precedem, pode vir junto ao verbo para classificar o sujeito ou o objeto que está ligado à ação do verbo. Portanto os classificadores na LIBRAS são marcadores de concordância de gênero: PESSOA, ANIMAL, COISA.

Os classificadores para PESSOA e ANIMAL podem ter plural, que é marcado ao se representar duas pessoas ou animais simultaneamente com as duas mãos ou fazendo um movimento repetido em relação ao número.

Os classificadores para COISA representam, através da concordância, uma característica desta coisa que está sendo o objeto da ação verbal, exemplos:

(11) COPO MESA$_k$ $_{\text{coisa arredondada}}$COLOCARk;

(12) 2 CARRO $_{\text{veículo}}$ANDAR-UM-ATRÁS-DO-OUTRO (md)
$_{\text{veículo}}$ANDAR (me)

(13) M-A-R-I-A A-L-E-X $_{\text{pessoa}}$PASSAR-UM-PELO-OUTRO (md)
$_{\text{pessoa}}$PASSAR (me)

Não se deve confundir os classificadores, que são algumas configurações de mãos incorporadas ao movimento de certos tipos de verbos, com os adjetivos descritivos que, nas línguas de sinais, por estas serem espaço-visuais, representam iconicamente qualidades de objetos. Por exemplo, para dizer nestas línguas que "uma pessoa está vestindo uma blusa de bolinhas, quadriculada ou listrada", estas expressões adjetivas serão desenhadas no peito do emissor, mas esta descrição não é um classificador, e sim um adjetivo que, embora classifique, estabelece apenas uma relação de qualidade do objeto e não relação de concordância de gênero: PESSOA, ANIMAL, COISA, que é a característica dos classificadores na LIBRAS, como também em outras línguas orais e de sinais.

5.1.2. Advérbios de tempo

Na LIBRAS não há marca de tempo nas formas verbais, é como se os verbos ficassem na frase quase sempre no infinitivo. O tempo é marcado sintaticamente através de advérbios de tempo que indicam se a ação está ocorrendo no presente: HOJE, AGORA; ocorreu no passado: ONTEM, ANTEONTEM; ou irá ocorrer no futuro: AMANHÃ. Por isso os advérbios geralmente vem no começo da frase, mas podem ser usados também no final. Para um tempo verbal indefinido, usa-se os sinais:

- HOJE, que traz a idéia de "presente";
- PASSADO, que traz a idéia de "passado";
- FUTURO, que traz a idéia de futuro.

5.2. Adjetivo na LIBRAS

Os adjetivos são sinais que formam uma classe específica na LIBRAS e sempre estão na forma neutra, não havendo, portanto, nem marca para gênero (masculino e feminino), em para número (singular e plural).

Muitos adjetivos, por serem descritivos e classificadores, apresentam iconicamente uma qualidade do objeto, desenhando-a no ar ou mostrando-a a partir do objeto ou do corpo do emissor.

Em português, quando uma pessoa se refere a um objeto como sendo arredondado, quadrado, listrados, etc está, também, descrevendo e classificando, mas na LIBRAS esse processo é mais "transparente" porque o formato ou textura são traçados no espaço ou no corpo do emissor, em uma tridimensionalidade permitida pela modalidade da língua.

Em relação à colocação dos adjetivos na frase, eles geralmente vêm após o substantivo que qualifica. Exemplos:

(14) PASSADO EU GORD@ MUITO-COMER, AGORA EU MAGR@ EVITAR COMER

(15) LEÃ@ COR CORPO AMAREL@ PERIGOS@

(16) RAT@ PEQUEN@, COR PRET@, ESPERT@

5.2.1. Comparativo de igualdade, superioridade e inferioridade

Em LIBRAS, também, pode ser comparada uma qualidade a partir de três situações: superioridade, inferioridade e igualdade.

Para se fazer os comparativos de superioridade e inferioridade, usa-se os sinais MAIS ou MENOS antes do adjetivo comparado, seguido da conjunção comparativa DO-QUE, ou seja:

- comparativo de superioridade: X MAIS ------- DO-QUE Y;
- comparativo de inferioridade: X MENOS ---- DO-QUE Y.

Para o comparativo de igualdade, podem ser usados dois sinais: IGUAL (dedos indicadores e médios das duas mãos roçando um no outro) e IGUAL (duas mãos em B, viradas para frente encostadas lado a lado), geralmente no final da frase. Exemplos:

(17) VOCÊ MAIS VELH@ DO-QUE EL@

(18) VOCÊ MENOS VELH@ DO-QUE EL@

(19) VOCÊ-2 BONIT@ IGUAL (me)
IGUAL (md)

5.3. Pronome na LIBRAS

5.3.1. Pronomes pessoais

A LIBRAS possui um sistema pronominal para representar as pessoas do discurso:

- primeira pessoa (singular, dual, trial, quatrial e plural): EU; NÓS-2, NóS-3, NÓS-4, NÓS-GRUPO, NÓS-TOD@;
- segunda pessoa (singular, dual, trial, quatrial e plural): VOCÊ, VOCÊ-2, VOCÊ-3, VOCÊ-4, VOCÊ-GRUPO, VOCÊ-TOD@;
- terceira pessoa (singular, dual, trial, quatrial e plural): EL@, EL@-2, EL@-3, EL@-4, EL@-GRUPO, EL@-TOD@

No singular, o sinal para todas as pessoas é o mesmo, ou seja, a configuração da mão predominante é em “d” (dedo indicador estendido, veja alfabeto manual), o que difere uma das outras é a orientação da mão: o sinal para “eu” é um apontar para o peito do emissor (a pessoa que está falando), o sinal para “você” é um apontar para o receptor (a pessoa com quem se fala) e o sinal para “ele/ela” é um apontar para uma pessoa que não está na conversa ou para um lugar convencionado para uma terceira pessoa que está sendo mencionada.

No dual, a mão ficará com o formato de dois, no trial o formato será de três, no quatrial o formato será de quatro e no plural há dois sinais: um sinal composto formado pelo sinal para a respectiva pessoa do discurso, no singular, mais o sinal GRUPO; e outro sinal para plural que é feito pela mão predominante com a configuração em “d” fazendo um círculo.

Como na língua portuguesa, na LIBRAS, quando uma pessoa surda está conversando, ela pode omitir a primeira pessoa e a segunda porque, pelo contexto, as pessoas que estão interagindo sabem a qual das duas o verbo está relacionado, por isso, quando estas pessoas estão sendo utilizadas pode ser para dar ênfase à frase.

Quando se quer falar sobre uma terceira pessoa que está presente, mas deseja-se uma certa reserva, por educação, não se aponta para esta pessoa diretamente. Nesta situação, o emissor faz um sinal com os olhos e um leve movimento de cabeça para a direção da pessoa que está sendo mencionada, ou aponta para a palma da mão encontrando o dedo na mão um pouco à frente do peito do emissor, estando esta mão

voltada para a direção onde se encontra a pessoa referida.

5.3.2. Pronomes demonstrativos e advérbios de lugar

Na LIBRAS os pronomes demonstrativos e os advérbios de lugar têm o mesmo sinal, somente o contexto os diferencia pelo sentido da frase acompanhada de expressão facial.

Este tipo de pronome e de advérbio estão relacionados às pessoas do discurso e representam, na perspectiva do emissor, o que está bem próximo, perto e distante.

Estes pronomes ou advérbios têm a mesma configuração de mãos dos pronomes pessoais (mão em d), mas os pontos de articulação e as orientações do olhar são diferentes.

Assim, EST@ / AQUI é um apontar para o lugar perto e em frente do emissor, acompanhado de um olhar para este ponto; ESS@ / AÍ é um apontar para o lugar perto e em frente do receptor, acrescido de um olhar direcionado não para o receptor , mas para o ponto apontado perto segunda pessoa do discurso; e AQUELE / LÁ é um apontar para um lugar mais distante, o lugar da terceira pessoa, mas diferentemente do pronome pessoal, ao apontar para este ponto há um olhar direcionado:

PRONOMES PESSOAIS PRONOMES DEMONOSTRATIVOS E ADVÉRBIOS DE LUGAR

EU olhando para o receptor EST@ / AQUI olhando para o lugar apontado, perto do emissor (perspectiva do emissor)

VOCÊ olhando para o recptor ESS@ / AÍ olhando para o lugar apontado, perto da 2a. pessoa (perspectiva do emissor)

EL@ olhando para o receptor AQUEL@ / LÁ olhando para o lugar convencionado para 3a pessoa ou coisas afastadas

Como os pronomes pessoais, os pronomes demonstrativos também não possuem marca para gêneros masculino e feminino e, por isso, está ausência, ou neutralidade, está sendo assinalada pelo símbolo @.

5.3.3. Pronomes possessivos

Os pronomes possessivos, como os pessoais e demonstrativos, também não possuem marca para gênero e estão relacionados às pessoas do discurso e não à coisa possuída, como acontece em português:

- EU => ME@ SOBRINH@;
- VOCÊ => TE@ ESPOS@;
- EL@ => SE@.FILH@

Para a primeira pessoa: ME@, pode haver duas configurações de mão: uma é a mão aberta com os dedos juntos, que bate levemente no peito do emissor; a outra é a configuração da mão em P com o dedo médio batendo no peito.

Para as segunda e terceira pessoas, a mão tem esta segunda configuração em P, mas o movimento é em direção à pessoa referida: segunda ou terceira.

Não há sinal específico para os pronomes possessivo no dual, trial, quadrial e plural (grupo), nestas situações são usados os pronomes pessoais correspondentes. Exemplo: NÓS FILH@ "nosso(a) filho(a)"

5.3.4. Pronomes Interrogativos

5.3.4.1. QUE, QUEM, ONDE

Os pronomes interrogativos QUE e QUEM geralmente são usados no início da frase, mas o pronome interrogativo ONDE e o pronome QUEM, quando está sendo usado com o sentido de "quem-é" ou "de quem é" são mais usados no final. Todos os três sinais têm uma expressão facial interrogativa feita simultaneamente com eles.

O pronome interrogativo QUEM, dependendo do contexto, tem duas formas diferentes, os sinais QUEM e o sinal soletrado QUM. Se se quer perguntar "quem está tocando a campainha", usa-se o sinal QUEM; se quer perguntar "quem faltou hoje" ou "quem está falando" ou ainda "quem fez isso", usa-se o sinal soletrado QUM, como nos exemplos abaixo:

interrog.
(20) QUEM
QUEM NASCER RIO?
QUEM FAZER ISSO?
PESSOA, QUEM-É? "Quem é esta pessoa?"
CANETA, QUEM-É "De quem é está caneta"
(contexto: Telefone TDD tocar) QUEM-É?
(contexto: Campainha tocar) QUEM-É

interrog.
(21) QUM
QUM TER LIVR@?
QUM FALAR?

5.3.4.2. QUAL, COMO, PARA-QUE e POR-QUE

Na LIBRAS, há uma tendência para a utilização, no final da frase, dos pronomes interrogativos QUAL, COMO e PARA-QUE, e para a utilização, no início da frase, do pronome interrogativo POR-QUE, mas os primeiros podem ser usados também no início e POR-QUE pode ser utilizado também no final.

Não há diferença entre o "por que" interrogativo e o "porque" explicativo, o contexto mostra, pelas expressões facial e corporal, quando ele está sendo usado em frase interrogativa ou em frase explicativa à pergunta.O pronome interrogativo COMO também tem outra forma em datilologia:

C-O-M-O. Exemplos:

- QUAL?

(22) BLUSA MAIS BONIT@. ESTAMPAD@ OU LIS@ QUAL?

MAIS BONIT@ ESTAMPAD@.

(23) VOCÊ LER LIVRO? QUAL NOME?

NOME “ VENDO VOZES”

- COMO?

(24) VOCÊ IR PRAIA AMANHÃ CARRO ÔNIBUS A-PÉ? COMO?
CARRO. VOCÊ QUER IR-JUNTO?

(25) EL@ COMPRAR CARRO? C-O-M-O TER DINHEIRO?
EL@ GANHAR LOTO

- PARA-QUE?

(26) FALAR M-L EL@ PRA-QUE?
PORQUE EU GOSTAR-NÃO EL@

(27) CHEGAR ATRASAD@ , VOCÊ BEBER?
NÃO, PENSAR M-L! PRA-QUE? BOBAGEM! exp.facial “parece que ele percebeu, me dei mal!!

- POR-QUE?

...interrog...
(28) POR-QUE FALTAR ONTEM TRABALHAR?
POR-QUE ESTAR DOENTE.

5.3.4.3. QUANDO, DIA, QUE-HORA, QUANTAS-HORAS

- QUANDO e DIA

Sempre simultaneamente aos pronomes ou expressões interrogativas há uma expressão facial indicando que a frase está na forma interrogativa.

A pergunta com QUANDO está relacionada a um advérbio de tempo na resposta ou a um dia específico. Por isso há três sinais diferentes para “quando”. Um que especifica passado: QUANDO-PASSADO (palma da mão com um movimento para o corpo do emissor), outro que especifica futuro: QUANDO-FUTURO (palma da mão com um movimento para fora do corpo do emissor), e outro que especifica o dia: DIA. Exemplos:

interrogativo
(29) QUANDO-PASSADO

interrogativo

- EL@ VIAJAR RECIFE QUANDO-PASSADO?

Resposta: ONTEM, MÊS PASSADO, ANO-PASSADO, etc.

interrogativo interrogativo
(30) QUANDO-FUTURO ou DIA

interrogativo

- EL@ VIAJAR SÃO-PAULO QUANDO-FUTURO?

  Resposta: AMANHÃ, PRÓXIMO MÊS, DOMINGO, etc;

interrogativo

(31) DIA

interrogativo

- EU CONVIDAR VOCÊ VIR MINH@ CASA. VOCÊ PODER DIA?

  Resposta: SÁBADO QUE-VEM, EU PODER.

- **Que-horas e Quantas-horas**

Na LIBRAS, para se referir a horas, usa-se a mesma configuração dos numerais para quantidade e, após doze horas, não se continua a contagem, começa-se a contar novamente: 1 HORA, 2 HORA, 3 HORA, etc, acrescentando o sinal TARDE, quando necessário, porque geralmente pelo contexto já se sabe se está se referindo à manhã, tarde, noite ou madrugada.

A expressão interrogativa QUE-HORAS? (um apontar para o pulso), está relacionada ao tempo cronológico, exemplo:

(32) QUE-HORAS

- AULA COMEÇAR QUE-HORAS AQUI?
- VOCÊ TRABALHAR COMEÇAR QUE-HORAS?
- AULA TERMINAR QUE-HORAS?
- VOCÊ ACORDAR QUE-HORAS?
- VOCÊ DORMIR QUE-HORAS?

Já a expressão interrogativa QUANTAS-HORAS (um círculo ao redor do rosto) está sempre relacionada ao tempo gasto para se realizar alguma atividade, exemplos:

interrogativo

(33) QUANTAS-HORAS

- VIAJAR SÃO-PAULO QUANTAS-HORAS?
- TRABALHAR ESCOLA QUANTAS-HORAS?
- **Expressões idiomáticas relacionadas ao ano sideral**

Na LIBRAS há 2 sinais diferentes para a idéia “dia”: um sinal relacionado a dia do mês, que é a datilologia D-I-A, e o sinal DIA (duração), (que tem a configuração de mão em d, batendo na testa no lado direito) Exemplos:

(34) D-I-A AMANHÃ?
AMANHÃ D-I-A 17

(35) VIAJAR RECIFE ÔNIBUS EU CANSAD@ DIA-2
“Eu estou cansada porque viajei 2 dias de ônibus para o Recife”

Os numerais de 1 a 4 podem ser incorporados aos sinais DIA (duração), SEMA-NA, MÊS e ANO e VEZ, exemplos:

(36) DIA-1, DIAS-2;

(37) SEMANA-1, SEMANA-2, SEMANA-3, SEMANA-4;

(38) MÊS-1, MÊS-2, MÊS-3;

(39) ANO-1, AN0-2, ANO-3;

(40) VEZ-1, VEZ-2, VEZ-3, MUIT@-VEZES

A partir do numeral 5, não há mais incorporação e a construção utilizada é formada pelo sinal seguido do numeral segue. Esta construção também pode ser usada para os numerais inferiores a 5, que permitem a incorporação mencionada acima, exemplos:

(41) DIA 4, DIA 20, SEMANA 8, ANO 6

Aos sinais DIA (duração) e SEMANA podem ser incorporadas a freqüência ou duração através de um movimento prolongado ou repetido. Exemplos:

(42) TODOS-OS-DIAS - movimento repetido;

(43) DIA-INTEIRO "o dia todo" - movimento alongado;

(44) TOD@-SEMANA 2ª-FEIRA " todas as segundas" - mov. alongado,
TOD@-SEMANA 4 a-FEIRA "todas as quartas"

5.4. Numeral na LIBRAS

As línguas podem ter formas diferentes para apresentar os numerais quando utilizados como cardinais, ordinais, quantidade, medida, idade, dias da semana ou mês, horas e valores monetários. Isso também acontece na LIBRAS.

Nesta língua é agramatical, ou seja, errado a utilização de uma única configuração das mãos para determinados numerais que têm configurações específicas que dependem do contexto, por exemplo: o numeral cardinal 1 é diferente da quantidade 1, como em LIVRO 1, que é diferente de PRIMEIRO-LUGAR, que é diferente de PRIMEIRO-ANDAR, que é diferente de PRIMEIRO-GRAU, que é diferente de MÊS-1. Os numerais cardinais, as quantidades, e idade a partir do número 11 são idênticos. Os números 22, 33, 44 e 77 sempre são articulados com a mão apontando para a frente do emissor.

Os numerais ordinais do PRIMEIRO até o NONO têm a mesma forma dos cardinais, mas aqueles possuem movimentos enquanto estes não possuem. Os ordinais do PRIMEIRO até o QUARTO têm movimentos para cima e para baixo e os ordinais do QUINTO até o NONO têm movimentos para os lados. A partir do numeral DEZ, não há mais diferença entre os cardinais e ordinais.

5.4.1. Utilização dos numerais para valores monetários, pesos e medidas

Em LIBRAS para se representar os valores monetários de um até nove reais, usa-se o sinal do numeral correspondente ao valor, incorporando a este o sinal VÍRGULA. Por isso o numeral para valor monetário terá pequenos movimentos rotativos. Pode ser usado também para estes valores acima os sinais dos numerais correspondentes seguido do sinais soletrados R-L "real" ou R-S "reais".

Para valores de um mil até nove mil também há a incorporação do sinal VÍRGULA, mas aqui o movimento desta incorporação é mais alongando do que os valores

anteriores (de 1 até nove reais). Pode ser usado também para estes valores acima os sinais dos numerais corres-pondente seguido de PONTO.

Para valores de um milhão para cima, usa-se também a incorporação do sinal VÍRGULA com o numeral correspondente, mas aqui o movimento rotativo é mais alongado do que em mil. Pode-se notar uma gradação tanto na expressão facial como neste movimento da vírgula incorporada que ficam maiores e mais acentuados : de 1 a 9 < de 1.000 a 9.000 < de 1.000.000 a 9.000.000.

Quando o valor é centavo, o sinal VÍRGULA vem depois do sinal ZERO, mas na maioria das vezes não precisa usar o sinal ZERO para centavo porque o contexto pode esclarecer e os valores para centavos ficam iguais aos numerais cardinais.

---

6. Tipos de Frases na LIBRAS

As línguas de sinais utilizam as expressões faciais e corporais para estabelecer tipos de frases, como as entonações na língua portuguesa, por isso para perceber se uma frase em LIBRAS está na forma afirmativa, exclamativa, interrogativa, negativa ou imperativa, precisa-se estar atento às expressões facial e corporal que são feitas simultaneamente com certos sinais ou com toda a frase, exemplos:

- FORMA AFIRMATIVA: a expressão facial é neutra

(45) Meu nome M-A-R-I-A.

- FORMA INTERROGATIVA: sobrancelhas franzidas e um ligeiro movimento da cabeça inclinando-se para cima

interrog
(46) NOME QUAL? (expressão facial interrogativa feita simultaneamente ao sinal QUAL)

interrog
(47) NOME? (expressão facial feita simultaneamente com o sinal NOME)

- FORMA EXCLAMATIVA: sobrancelhas levantadas e um ligeiro movimento da cabeça inclinando-se para cima e para baixo. Pode ainda vir também com um intensificador representado pela boca fechada com um movimento para baixo.

(48) EU VIAJAR RECIFE, BOM! BONIT@ LÁ! CONHECER MUIT@ SURD@

- FORMA NEGATIVA: a negação pode ser feita através de três processos:

a) com o acréscimo do sinal NÃO `a frase afirmativa:

negação
(49) BLUSA FEI@ COMPRAR NÃO;

b) com a incorporação de um movimento contrário ao do sinal negado:

negação
(50) GOSTAR-NÃO CARNE, PREFERIR FRANGO, PEIXE;

negação
(51) EU TER-NÃO TTD;

c)com um aceno de cabeça que pode ser feito simultaneamente com a ação que está sendo negada ou juntamente com os processos acima:

não
(52) EU VIAJAR PODER

À guisa de conclusão

Compreender a gramática de uma língua é apreender as regras de formação e de combinação dos elementos desta língua. Nesta introdução, a LIBRAS pôde ser

percebida a partir de algumas classes gramaticais. Os estudos, já em andamento, aprofundando nos pontos aqui apresentados e em outros não mencionados, poderão mostrar a gramática desta língua.

Apêndice

SISTEMA DE TRANSCRIÇÃO SIMPLIFICADO

FIGURA - VERBOS COM INCORPORAÇÃO DE NEGAÇÃO

FIGURA - VERBOS COM CONCORDÂNCIA NÚMERO/PESSOAL

SISTEMA DE TRANSCRIÇÃO SIMPLIFICADO

1. Sinais da LIBRAS: em letras maiúsculas em língua portuguesa.

Exemplos: CASA, ESTUDAR, CRIANÇA.

2. Sinal único: duas ou mais palavras da língua portuguesa separadas por hífen.

Exemplos: CORTAR-COM-FACA, NÃO-QUERER "não querer", COMER-MAÇÃ, MEIO-DIA, AINDA-NÃO.

3. Sinal composto: duas ou mais palavras separadas pelo símbolo ^. Exemplos: CAVA-LO^LISTRA "zebra".

4. Datilologia (alfabeto manual): palavra separada, letra por letra, por hífen. Exemplos: J-O-Ã-O, A-N-E-S-T-E-S-I-A.

5. Sinal soletrado: datilologia da palavra, ou algumas letras dela, em itálico. Exemplos: R-S "reais", A-C-H-O "acho", QUM "quem", N-U-N-C-A.

6. Ausência de marca para gêneros (masculino e feminino) e número (plural): símbolo @.

Exemplos: AMIG@ "amiga(s) e amigo(s)" , FRI@ "fria(s) e frio(s)", MUIT@ "muita(s) e muito(s)", TOD@, (toda(s) e todo(s), EL@ "ela(s), ele(s), ME@ "minha(s) e meu(s)".

7. Expressões facial e corporal: especificação sobreposta ao sinal.

a) tipo de frase: !, ?, ?! ou interrogativa ou ... i ... negativa ou ... neg ...

b) advérbio de modo ou intensificador: muito rapidamente exp.f "espantado"

8. Concordância de gênero (pessoa, coisa, animal): Exemplos:

pesssoaANDAR, veículoANDAR, coisa-arredondadaCOLOCAR

9. Concordância de lugar e/ou número pessoal:

a) **variáveis que indicam o lugar**: i = ponto próximo à 1ª pessoa
j = ponto próximo à 2ª pessoa
k e k' = pontos próximos à 3ª pessoas
e = esquerda
d = direita

b) **pessoas gramaticais**: $_{1s, 2s, 3s}$ = 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular;
$_{1d, 2d, 3d}$ = 1ª, 2ª e 3ª pessoas do dual;
$_{1p, 2p, 3p}$ = 1ª, 2ª e 3ª pessoas do plural; etc

Exemplos: $_{1s}$ DAR$_{2s}$ "eu dou para você",
$_{2s}$PERGUNTAR$_{3P}$ "você pergunta para eles/elas",
$_{kd}$ANDAR$_{k'e}$ "andar da direita para à esquerda"

10. Marca de plural pela repetição do sinal: uma cruz no lado direto acima do sinal:

Exemplo: GAROTA +

11. Sinal ou sinais feitos pelas duas mãos simultaneamente: um abaixo do outro com indi-cação das mãos: direita (md) e esquerda (me).

Exemplos: IGUAL (me) $_{muitas\text{-}pessoas}$ANDAR (me)
IGUAL (md) $_{pessoa}$ANDAR (md)

12. Tradução da frase da LIBRAS para a língua portuguesa: uso de " "

Exemplo: $_{1s}$ DAR$_{2S}$ "eu dou para você"

FIGURA - VERBOS COM INCORPORAÇÃO DE NEGAÇÃO

TER

NÃO - TER

VRJ
NÃO - TER

QUERER

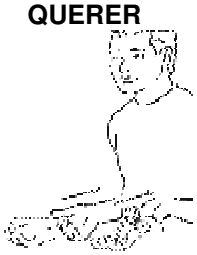

NÃO - QUERER

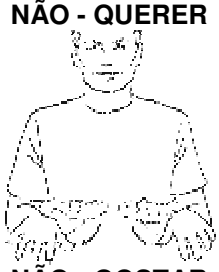

GOSTAR

NÃO - GOSTAR

NÃO - GOSTAR

VRJ (INES)

ENTENDER

NÃO - GOSTAR

VSP
NÃO - ENTENDER

VSP / VRJ
NÃO - ENTENDER

VRJ
NÃO - ENTENDER

PODER

VSP
NÃO - PODER

VSP / VRP
NÃO - PODER

FIGURA - VERBOS COM CONCORDÂNCIA NÚMERO/PESSOAL

1s **FALAR** g

2s **FALAR** 1s

1s **TELEFONAR** 2s

2s **TELEFONAR** 1s

1s **MOSTRAR** 2s

2s **MOSTRAR** 1s

1s **AJUDAR** 2s

2s **AJUDAR** 1s

1s **PERGUNTAR** 2s

2s **PERGUNTAR** 1s

1s **RESPONDER** 2s

2s **RESPONDER** 1s

1s **AVISAR** 2s

2s **AVISAR** 1s

1s **DAR** 2s

2s **DAR** 1s

Sugestões para sua Atuação

- Solicite cursos de Língua Brasileira de Sinais.
- Utilize os conhecimentos adquiridos para compreender 01 textos produzidos pelo alunos surdos.
- Mostre aos alunos a diferença entre LIBRAS e Português, ao corrigir seus textos.

- Estabeleça contato com a comunidade surda de sua localidade para maior conhecimento de LIBRAS.
- Solicite um instrutor surdo para sua escola a fim de cooperar com seu fazer pedagógico

---

Bibliografia Consultada

BELLUGI & KLIMA, E. Properties of Visuospatial Language. Paper for *International Congress: Sign Language Research and Application, Conference*. Siegmund Prillwitz(ed.) Hamburg. March 23-25, 1990.

Language: Perspectives from another Modality. In *Brain and Mind*. Ciba Foudation. Series 69 (new series). Excerpta Médica. North Holland. 1979.

BERENEZ, N. Deixis ad referencial Practice: A View from Two Sign Language, *Anais do VII Encontro Nacional da ANPOLL*. Vol. 2 - Lingüística. Goiânia. Pp. 713-723, 1993.

BERENEZ, N. & FERREIRA BRITO, L. Pronouns in BCSL and ASL. *Sign Language Reaserch*. 87: 26-36, 1990.

CALDAS, Beatriz F. *Narrativas em LSCB: um estudo sobre referência*. Dissertação de Mestrado em Lingüística. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.

Referências em LSCB. *Anais do VII Encontro Nacional da ANPOLL*. Vol 2 - Lingüística. Goiânia. pp. 689-693, 1993.

FARIAS, Carla Valéria e Souza. Atos de Fala: *O pedido em língua brasileira de sinais*. Dis-sertação de Mestrado em Lingüística. Rio de Janeiro. UFRJ, 1995.

FELIPE, T. A. *Introdução À Gramática de LIBRAS* - Rio de Janeiro: 1997.

FELIPE, T.A. *O Signo Gestual-Visual e sua Estrutura Frasal na Língua dos Sinais dos Centros UrbanosBrasileiros*. Dissertação de Mestrado, UFPE, PE, 1988.

A Estrutura Frasal na LSCB. *Anais do IV Encontro Nacional da ANPOLL*. Recife, pp. 663-672, 1989.

Do Discurso à Gramática da LSCB, in *Seminário sobre FUNCIONALISMO EMCURSO*, 19 set, UFRJ, pp. 52-55, 1991.

Coesão Textual em Narrativas Pessoais na LSCB. Monografia de conclusão de disciplina “História da Análise do Discurso”, do curso de Doutorado em Lingüística, UFRJ. RJ, 1991.

Aquisição de linguagem por crianças surdas. Monografia para conclusão da disciplina Psicolingüística no curso de Doutorado em Lingüística, UFRJ, Rio de Ja-neiro, 1991.

Papel Lingüístico das Associações de Surdos no Rio de Janeiro, pesquisa de equipe, nos *Anais de comunicação da 43ª Reunião Anual da SBPC*, RJ, 1991.

A relação sintático-semântica do Verbos da LSCB" nos *Anais do VII Encontro Nacional da ANPOLL*, no GT Linguagem e Surdez, realizado de 17 a 20 de maio de 1992 em Porto Alegre, 1992.

A Valência dos Verbos na LSCB" nos *Anais do II Congresso da Associação de Estudos da Linguagem do Rio de Janeiro* (ASSEL), realizado em 26 e 27 de novembro de 1992 na Faculdade de Letras da UFRJ, 1993.

Por uma tipologia dos Verbos da LSCB" nos *Anais do VII Encontro Nacional de ANPOLL* - Vol 2 - Lingüística, Goiânia, 1993: 724-743.

As Comunidades Surdas do Brasil Reivindicam seus Direitos Lingüísticos. Documento que a FENEIS entregou ao MEC (Movimento "Pela Oficialização da LIBRAS"), Brasília, 1993.

LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais in Strobel, K.L & Dias, S.M.S. (org.) *Surdez: Abordagem Geral*. FENEIS. Ed. Apta, Curitiba, PR, 1995: 22-23.

Um estudo diacrônico de Verbos da LIBRAS e da ASL. Trabalho que seria apresentado no Encontro da ANPOLL, 1996.

Um estudo diacrônico de Verbos da LIBRAS e da ASL. FENEIS, 1996.

FERREIRA BRITO. L. Classificadores em LSCB. *Anais do IV Encontro Nacional da ANPOLL*, Recife, pp 640-654, 1989.

Uma abordagem fonológica dos Sinais da LSCB. *Revista Espaço*: INES, ano 1, nº 1:20-43, 1990.

Convencionalidade e iconicidade em Língua dos Sinais. *Anais do I Encontro da ASSEL* - Rio, PUC/RJ, 1991.

Correferência em uma Língua de Sinais Brasileira. *Anais do VII Encontro Nacional da ANPOLL*. Vol. 2 - Lingüística. Goiânia. pp. 705-712, 1993.

Integração Social & Educação de Surdos. Rio de Janeiro. Babel Editora. RJ, 1993.

Por uma Gramática de Língua de Sinais. Tempo Brasileiro UFRJ. Rio de Janeiro, 1995. Língua Brasileira de Sinais - Brasília, 1996.

FERREIRA BRITO & LANGEVIN, R. Negacão em uma Língua de Sinais Brasileira. Revista *Delta,* Vol. 10, nº 2:309-327, PUC/SP, São Paulo, 1994 .

FISCHER, Susan. Verb Inflections in American Sign Language and Their Acquisition by the Deaf Child. Paper presented at the *Winter Meeting of the Linguistic Society of America*. [s.l.,s.n.]. 1973.

GAMA, F. J. Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos. Rio de Janeiro, Typographia Uni-versal de E. & H. Laemmenrt.

HOFFMEISTER, Robert James. *The Development Pronoums Locatives and Personal Pronoums in the Acquisition of American Sign Language by Deaf Children of Deaf Parents*. Doctural Thesis. University of Minnesota. 1978.

KARNOPP, Lodenir Becker. Aquisição do parâmetro. *Configuração de mão na língua brasileira dos sinais (LIBRAS): estudo sobre quatro crianças surdas, filhas de pais surdos.* Dissertação de Mestrado em Letras. PUCRS. Porto Alegre, 1994.

LILLO-MARTIN, D. C. *Parameter setting: evidence from use, acquisition, and breakdown in American Sign Language*. Doctoral Dissertation. University of California, San Diego. University Microfilms International, Ann Arbor, Michigan. 1986.

LOEW, Ruth C. Learning American Sign Language as a First Language: *Roles* and Reference. In: *Proceedings of the third national symposium on sign language research and teaching.* Silver Spring. Md. National Association of the Deaf, 1980.

MEIER, R. *A cross-linguistic perspective on the acquisition of inflection morphology in American Sign Language.* University of California, San Diego and The Salk Institute for Bi-ological Studies. April. 1980.

Person deixis in ASL. In *Theorical Issues in Sign Language Research*. v.1: Linguistics. University of Chicago Press. Chicago and London. 1990. (175-190).

PETITTO, L. On the Autonomy of Language and Gesture: Evidence from the Acquisition of Personal Pronoums in American Sign Language. In *Cognition*. Elsevier Science Publisher B.V. vol. 27. 1987. (1-52).

PETITTO & Marentette. Babbling in the Manual Mode: Evidence for the Ontonegy of Language. In *Science.* v.251. American Association for the Advancement of Science. 1991. p.1397-1556.

PETITTO, L. & BELLUGI, U. Spatial Cognition and Brain Organization: Clues from the Acquisition of a Language in Space. In *Spatial Cognition: Brain Bases and Development* Siles-Davis, Mark Krijchevsky & Ursula Bellugi (Eds.) Hillsdale, NJ:Lawrence Erlbaum 1988. (299-325).

QUADROS, R. M. de. *As categorias vazias pronominais:uma análise alternativa com base na LIBRAS e reflexos no processo de aquisição.* Dissertação de Mestrado. PUCRS. Porto Alegre. (1995).(*Aquisição da Linguagem em crianças surdas*) - 1996.

RODRIGUES, N. Bases Neurológicas da Linguagem. Conferência apresentada no *Simpósio Internacional de Língua de Sinais e Educação do Surdo.* 05 a 09 de maio de 1993. São Paulo.

Avaliação da Aprendizagem

I. MARQUE UM X NA RESPOSTA CERTA:

1. A estrutura lingüística da LIBRAS envolve:

( ) O léxico ou vocabulário de LIBRAS.
( ) A estruturação de sentenças em LIBRAS.
( ) A aquisição da linguagem.
( ) n.r.a.

2. A estrutura sublexical dos sinais deve ser estudada no item relativo à:

( ) formação de palavras
( ) classificadores
( ) léxico
( ) aspecto verbal

3. Assinale a alternativa INCORRETA.

O estudo sobre a formação dos itens lexicais ou sinais a partir de morfemas inclui:

( ) morfemas lexicais e morfemas gramaticais.
( ) formação de palavras por derivação e por composição.
( ) aspecto verbal.
( ) itens lexicais para tempo e marca de tempo.
( ) estruturação de sentenças em LIBRAS.

II. ASSINALE V OU F:

4. A aquisição de linguagem por crianças surdas passa por estágios:

( ) pré-lingüístico.
( ) estágio de um sinal.
( ) estágio das primeiras combinações.
( ) estágio de múltiplas combinações.

III. ASSINALE A ALTERNATIVA CORRETA:

5. Na estrutura das Línguas de Sinais há dois aspectos fundamentais:

( ) a concordância verbal e o aspecto verbal;
( ) o estabelecimento nominal e a pronominalização;
( ) a pronominalização e a concordância verbal;
( ) o aspecto verbal e o estabelecimento nominal.

6. A LIBRAS distingue-se do Português porque:

( ) a LIBRAS não possui todos níveis de uma língua: fonológico, estrutural, semântico, pragmático;
( ) a LIBRAS é visual-espacial e o Português é oral-auditivo;
( ) a Língua Portuguesa possui universais lingüísticos e a LIBRAS não possui.

IV. ASSINALE V OU F:

7. ( ) As estruturas lingüísticas básicas da Língua Portuguesa são praticamente as mesmas da LIBRAS.

( ) As línguas de sinais são tão naturais quanto as línguas orais.

( ) Os itens lexicais são os sinais.

( ) O alfabeto digital é utilizado como veiculação da ortografia de uma palavra em Português.

8. ( ) O movimento das mãos, braço ou pulso faz parte do nível fonológico.

( ) A direcionalidade estabelece as relações características das preposições e conjunções em Português.

( ) A incoporação é um item relativo ao aspecto morfológico.

( ) A negação do sintagma verbal é relativo ao aspecto morfológico.

Chave de Correção

---

1. O léxico ou vocabulário de LIBRAS.
2. Léxico.
3. Estruturação de sentenças em LIBRAS.
4. Todas são verdadeiras.
5. O estabelecimento nominal e a pronominalização.
6. A LIBRAS é visual-espacial e o Português é oral-auditivo.
7. Todas são verdadeiras.
8. V,V,V,F.

A Língua Brasileira de Sinais

Apresentação

Este material - “Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS” trata-se de forma resumida, da gramática dessa língua, como forma de subsidiar o seu trabalho pedagógico.

Objetivos

Objetivo Geral:

Oferecer informações básicas sobre a gramática da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS.

Objetivos Específicos:

O professor deverá ser capaz de :
. conhecer os aspectos mais relevantes de gramática da LIBRAS;
. utilizar os conhecimentos adquiridos para compreender a interferência da LIBRAS nos textos produzidos pelos alunos surdos;
. estabelecer com o aluno surdo a comparação entre LIBRAS e Português, para que possa verificar as semelhanças e diferenças;
. utilizar - LIBRAS, sempre que se fizer necessário, para a compreensão dos conceitos e conteúdos curriculares.

Informações Iniciais

1. Leia os objetivos específicos do fascículo;
2. Estude o texto do fascículo;
3. Teste seus conhecimentos, respondendo a avaliação proposta;
4. Confira suas respostas com as da chave de correção, no final do fascículo;
5. Se for aprovado, passe para o fascículo seguinte;
6. Se não conseguir aprovação, reestude o texto;
7. Responda novamente a avaliação. Se não conseguir aprovação, consulte o professor aplicador do fascículo;

Introdução

LUCINDA FERREIRA BRITO
Doutora em Lingüística
Departamento de Lingüística e Filologia
da Universidade Federal do Rio de Janeiro

As línguas de sinais são línguas naturais porque como as línguas orais sugiram espontaneamente da interação entre pessoas e porque devido à sua estrutura permitem a expressão de qualquer conceito - descritivo, emotivo, racional, literal, metafórico, concreto, abstrato - enfim, permitem a expressão de qualquer significado decorrente da necessidade comunicativa e expressiva do ser humano.

Por isso, são complexas porque dotadas de todos os mecanismos necessários aos objetivos mencionados, porém, econômicas e "lógicas" porque servem para atingir todos esses objetivos de forma rápida e eficiente e até certo ponto de forma automática. Isto porque, tratando-se muitas vezes de significados que demandam operações complexas que devem ser transmitidas prontamente diante de diferentes situações e contextos, seus usuários terão que se utilizar dos mecanismos estruturais que elas oferecem de forma apropriada sem ter que pensar e elaborar longamente sobre como atingir seus objetivos linguísticos.

As línguas de sinais distinguem-se das línguas orais porque utilizam-se de um meio ou canal visual-espacial e não oral auditivo. Assim, articulam-se espacialmente e são percebidas visualmente, ou seja, usam o espaço e as dimensões que ele oferece na constituição de seus mecanismos "fonológicos", morfológicos, sintáticos e semânticos para veicular significados, os quais são percebidos pelos seus usuários através das mesmas dimensões espaciais. Daí o fato de muitas vezes apresentarem formas icônicas, isto é, formas linguísticas que tentam copiar o referente real em suas características visuais. Esta iconicidade mais evidentes nas estruturas das línguas de sinais do que nas orais deve-se a este fato e ao fato de que o espaço parece ser mais concreto e palpável do que o tempo, dimensão utilizada pelas línguas orais-auditivas quando constituem suas estruturas através de seqüências sonoras que basicamente se transmitem temporalmente.

Entretanto, as formas icônicas das línguas de sinais não são universais ou o retrato fiel da realidade. Cada língua de sinais representa seus refentes, ainda que de forma icônica, convencionalmente porque cada uma vê os objetos, seres e eventos representados em seus sinais ou palavras sob uma determinada ótica ou perspectiva. Por exemplo, o sinal ÁRVORE em LIBRAS representa o tronco da árvore através do antebraço e os galhos e as folhas através da mão aberta e do movimento interno dos seus dedos. Porém, o sinal para o mesmo conceito em CSL (língua de sinais chinesa) representa apenas o tronco com as duas mãos semiabertas e os dedos dobrados de forma circular. Em LIBRAS, o sinal CARRO/DIRIGIR é icônico porque representa o ato de dirigir, porém, é também convencional porque em outras línguas de sinais não toma necessariamente este aspecto dos referentes 'carro' e 'ato de dirigir' como motivação de sua forma mas sim outros.

Este carater convencional dos sinais icônicos atribui a ele um status linguístico posto que é conhecido o fato de que as palavras das línguas em geral são arbitrárias. Com isso queremos dizer que ao invés de rotular todos os chamados signos lingüísticos de arbitrários, seria melhor considerar que alguns são motivados ou icônicos, porém, todos são convencionais.

Esta proposta não toma como base apenas as línguas de sinais mas também as línguas orais. Estas têm sido estudadas nos últimos anos em seus aspectos também icônicos. No intuito de tornar alguns conceitos e descrição de eventos mais visíveis, palpáveis e concretos, as línguas orais usam noções espaciais para traduzí-las. Por exemplo, alguns conceitos temporais são espacializados (uma semana **atrás**, "week **ahead**"(uma semana à frente)). Alguns eventos são estruturados cronologicamente ou de forma a reproduzir a sua natureza contínua ou iterativa ("ele **saiu correndo, tropeçou no balde e caiu**" ao invés de "ele caiu porque tropeçou no balde quando saiu correndo"; e "ele **correu, correu, correu** até não agüentar mais"). Cada vez mais alguns lingüístas têm salientado estruturas icônicas ou motivadas nas línguas orais o que mostra que esta característica não se encontra presente apenas nas línguas de sinais e que, portanto, melhor seria preconizar a convencionalidade como propriedade universal dos "signos" ou formas lingüísticas em detrimento da arbitrariedade.

Com o que dissemos até aqui, podemos concluir que o meio ou canal que distingue as línguas orais das línguas de sinais pode privilegiar e explorar características próprias do canal na constituição das estruturas lingüísticas e na sua articulação e percepção. Podem mesmo impor restrições aos mecanismos gramaticais como demonstraremos no decorrer deste texto. Entretanto, essas duas modalidades de língua apresentam de forma, às vezes, distinta estruturas geradas a partir de princípios universais e, portanto, comuns. Basicamente, línguas de sinais e línguas orais são muito semelhantes. As gramáticas particulares das línguas orais e das línguas de sinais são intrinsecamente as mesmas posto que seus princípios básicos são respeitados em ambas as modalidades: elas são dotadas de dupla articulação (estruturam-se a partir de unidades mínimas distintivas e de morfemas ou unidades mínimas de significado), usam a produtividade como meio de estruturar novas formas a partir de outras já existentes, estruturam suas sentenças a partir dos mesmos tipos de constituintes e categorias lingüísticas, suas sentenças são estruturadas sempre em torno de um núcleo com valência, isto é, o núcleo que requer os argumentos (complementos) necessários para a completude do significado que veicula. Todas essas colocações serão discutidas a seguir através da descrição de aspectos estruturais da LIBRAS, os quais serão comparados, sempre que possível, com os equivalentes em Língua Portuguesa, no intuito de salientar as diferenças e as semelhanças entre as duas línguas.

No entanto, antes de passarmos à descrição propriamente dita da LIBRAS, é bom enfatizar que como todas as línguas ela é natural, isto é, ela é por definição natural. Assim, não é adequado dizer que a LIBRAS é a língua natural dos surdos brasileiros. Não, ela é natural devido à sua própria natureza o que a opõe a sistemas artificiais como o Esperanto, o Gestuno (sistema de sinais semelhante a um "pidgin" utilizado por surdos de vários países em sua interação em eventos e encontros internacionais), os diferentes códigos de comunicação (de trânsito, das abelhas, dos golfinhos, etc.) e as diferentes linguas orais sinalizadas (português sinalizado, inglês sinalizado,...). Dessa forma, considera-se que a LIBRAS é ou deve ser a língua materna dos surdos não porque é a língua natural dos surdos mas sim porque, tendo os surdos bloqueios para a aquisição espontânea de qualquer língua natural oral, eles sim é que só vão ter acesso a uma língua materna que não seja veiculada através do canal oral-auditivo. Esta língua poderia ser uma língua cujo canal seria o tato. Porém, como a alternativa existente às línguas orais são as línguas de sinais estas se prestam às suas necessidades. As línguas de sinais são, pois, tão naturais quanto as orais para todos nós e, para os surdos, elas são mais acessíveis devido ao bloqueio oral-auditivo que apresentam, porém, não são mais fáceis nem menos complexas. Os surdos são pessoas e, como tal, são dotados de linguagem assim como todos nós. Precisam

apenas de uma modalidade de língua que possam perceber e articular facilmente para ativar seu potencial lingüístico e, consequentemente, os outros e para que possam atuar na sociedade como cidadãos normais. Eles possuem o potencial. Falta-lhes o meio. E a Língua Brasileira de Sinais é o principal meio que se lhes apresenta para “deslanchar” esse processo.

Estrutura Lingüística da LIBRAS

LUCINDA FERREIRA BRITO
Doutora em Lingüística
Departamento de Lingüística e Filologia
da Universidade Federal do Rio de Janeiro

A LIBRAS é dotada de uma gramática constituída a partir de elementos constitutivos das palavras ou itens lexicais e de um léxico (o conjunto das palavras da língua) que se estruturam a partir de mecanismos morfológicos, sintáticos e semânticos que apresentam especificidade mas seguem também princípios básicos gerais. Estes são usados na geração de estruturas lingüísticas de forma produtiva, possibilitando a produção de um número infinito de construções a partir de um número finito de regras. É dotada também de componentes pragmáticos convencionais, codificados no léxico e nas estruturas da LIBRAS e de princípios pragmáticos que permitem a geração de implícitos sentidos metafóricos, ironias e outros significados não literais. Estes princípios regem também o uso adequado das estruturas linguísticas da LIBRAS, isto é, permitem aos seus usuários usar estruturas nos diferentes contextos que se lhes apresentam de forma a corresponder às diversas funções lingüísticas que emergem da interação do dia a dia e dos outros tipos de uso da língua.

Veremos a seguir cada um desses conceitos da definição discutidos e ilustrados por estruturas da LIBRAS.

---

1. O Léxico ou Vocabulário da LIBRAS

O léxico pode ser definido 'grosso modo' como o conjunto de palavras de uma língua. No caso da LIBRAS, as palavras ou itens lexicais são os sinais. Pensa-se fequentemente que as palavras ou sinais de uma língua de sinais é constituída a partir do alfabelto manual como por exemplo:

(1) a) C-E-R-T-O b) M-Y-R-N-A c) C-H-O-P-P

Entretanto, não é este o caso. A soletração manual das letras de uma palavra em português, como no exemplo (1), é a mera transposição para o espaço, através das mãos, dos grafemas da palavra da língua oral. Isto é, um meio de se fazerem empréstimos em LIBRAS. Assim, como temos a palavra "xerox" em português que é um empréstimo do inglês, os exemplos em (1) ilustram os inúmeros empréstimos da LIBRAS.

(1-a) é a soletração do nome de uma pessoa, isto é, de um nome próprio em português porque os nomes próprios, em LIBRAS, são diferentes. Assim, quando uma pessoa quer apresentar alguém a alguèm, primeiro soletrará seu nome em português (M-Y-R-N-A) e, se ele tiver um nome em LIBRAS, este será articulado em seguida. O exemplo (2) ilustra um usuário da LIBRAS apresentando uma pessoa chamada Myrna a seu interlocutor.

Exemplo (2):
A: 3 APRESENTAR 2. NOME M-Y-R-N-A. SINAL MYRNA.
(= Vou apresentá-la a você, o nome dela é M-Y-R-N-A. Seu sinal (nome próprio em LIBRAS) é Myrna)

(1-b) é a soletração de uma palavra em português “chopp” palavra para cujo conceito não há sinal ou palavra em LIBRAS. Neste caso, é a palavra escrita do português que será transposta para o espaço através da soletração manual.

(1-a) é a soletração de uma palavra em português para cujo conceito há um sinal em LIBRAS o qual não é conhecido por um dos usuários, em geral um ouvinte. Exemplo (3):

A: RESPOSTA CERTO (= A resposta está certa)
B: O-QUE ISTO, CERTO (= O que quer dizer este sinal?)
A: C-E-R-T-O (= certo)
B: O-K (Ah! Ok)

Ou então, uma pessoa pode soletrar C-E-R-T-O para mostrar a uma outra como se escreve esta palavra em português. Neste caso, a soletração manual é um meio de verificação, questinamento ou veiculação da ortografia de uma palavra em português.

Entretanto, o sinal mesmo para o conceito “certo” em LIBRAS é o que se segue ao lado da ilustração da soletração manual da palavra certo:

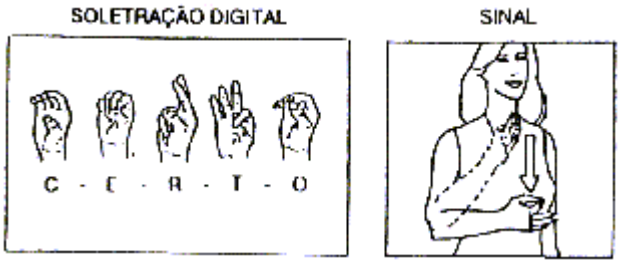

C-E-R-T-O CERTO

Agora sim temos uma palavra de LIBRAS. Podemos perceber que ela não articulada de forma linear como o são as soletrações em (1). Esta palavra ou sinal tem uma estrutura distinta daquela das soletrações ou das palavras em português. As palavras, em português, são formadas pela justaposição linear de seus componentes ou unidades mínimas distintas.

1.1. Estrura Sublexical dos Sinais a partir de suas Unidades Mínimas Distintivas

---

A palavra ou item lexical certo, em português, é formada dos seguintes componentes ou unidades:

em português falado

/sertu/

Temos aqui cinco sons ou fonemas, isto é, cinco componentes ou unidades mínimas da palavra falada certo.

em português escrito

certo

Temos aqui cinco letras ou grafemas componentes da palavra escrita. Não consideramos a letra uma unidade mínima como o fonema porque o fonema, às vezes , é representado, na escrita, por mais de uma letra, como é o caso de:

/xatu/ - chato /x/ - ch

ou, às vezes uma só letra pode representar mais de um fonema, como em :

/leksiku/ - léxico /ks/ - x

Assim, são cinco os componentes ou as unidades mínimas constitutivas das palavras em português. Essas unidades mínimas são chamadas fonemas que sabemos ser seqüencialmente combinadas para formar as palavras.

certo - /s e r t u/
chato - /x a t u/
léxico - /l e k s i k u/

Em LIBRAS, as unidades mínimas ou componentes da palavra ou sinal CERTO são os seguintes:

F é a configuração de mãos

I / é o movimento linear, para baixo com retenção final

TBd é o ponto de articulação do sinal, isto é tronco, busto, lado direito

(Y,Z) (x,y) é a orientação da palma da mão para a esquerda

S é a simetria no movimento ou uso da mão esquerda, realizando o mesmo movimento que a esquerda, também como articulador e não apenas como mão de apoio.

Em português, as unidades mínimas ou componentes da palavra certo /sertu/ podem ser descritas da seguinte forma:

/s/ som com passagem obstruída (consoante), surdo, fricativo.

/e/ som com passagem livre (vogal), sonoro, aberto, médio.

/r/ som com passagem obstruída (consoante), sonoro, vibrante.

/t/ som com passagem obstruída (consoante), surdo, oclusivo.

/u/ som com passagem livre (vogal) sonoro, fechado, posterior.

Pode-se observar pela descrição das unidades mínimas de CERTO, em LIBRAS, e de *certo*, em português, que as características das unidades dos sinais são espaciais (forma da mão ou do sólido, movimento linear e com retensão, vetores orientacionais da mão, etc.) e que as características das unidades da palavras faladas são de natureza acústico-sonoras (passagem livre ou obstruída dos sons, sonoridade, posição da articulação posterior, frontal, média na boca, etc.).

Como vimos, as palavras da LIBRAS e do português se estruturam a partir de unidades mínimas sonoras e espaciais, respectivamente. Essas unidades ou fonemas, como já dissemos, são distintivas porque, quando substituídas uma por outra, geram uma nova forma lingüística com um significado distinto. Por exemplo, em

LIBRAS, temos:

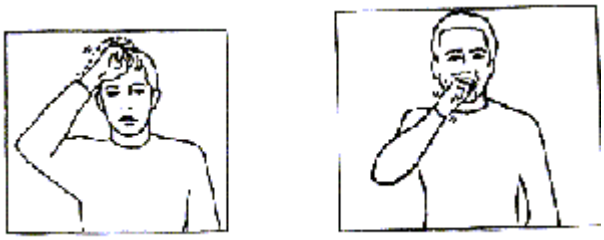

APRENDER e SÁBADO

que são duas palavras ou sinais distintos com significados também distintos somente pelo fato de o primeiro sinal - APRENDER - ser articulado na testa e de o segundo - SÁBADO - ser articulado na boca do usuário. Isto é, há uma característica espacial distinta nos sinais, o ponto de articulação, que os distingue. Essas características, /na testa/ e /na boca/, são unidades mínimas distintivas equivalentes aos fonemas das palavras **p**ata e **b**ata do português, /p/ e /b/, que também distinguem as formas linguísticas e seus significados. APRENDER e SÁBADO, em LIBRAS, e *pata* e *bata*, em português, são pares mínimos porque suas formas fonológicas são idênticas em tudo, exceto em uma característica espacial (ponto de articulação) para os primeiros e fonética (sonoridade) para os últimos. Vejamos outros pares mínimos em LIBRAS:

Pares Mínimos em LIBRAS

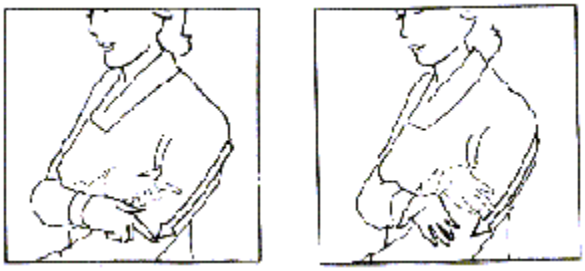

EDUCAR/EDUCAÇÃO ACOSTUMAR/COSTUME

Par mínimo distinto pela Configuração de Mão

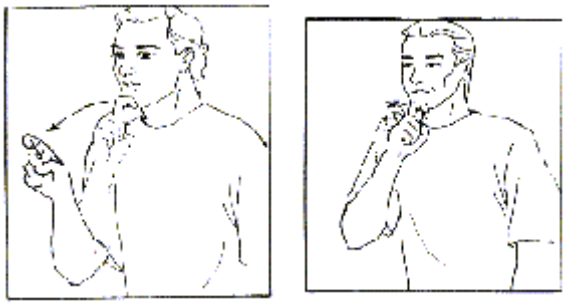

VERDE (SP) GELADO (SP)

Par mínimo distinto pelo Movimento

Através dos exemplos acima em LIBRAS e em português, mostramos que as palavras da LIBRAS também são constituídas a partir de unidades mínimas distintivas chamadas, em línguas orais, de fonemas. O número dessas unidades é finito e pequeno porque, seguindo o princípio de economia, eles se combinam para gerar um número infinito de formas ou palavras.

Então, o léxico da LIBRAS, assim como o léxico de qualquer língua, é infinito no sentido de que sempre comporta a geração de novas palavras. Antigamente, pensava-se que a LIBRAS era pobre porque apresentava um número pequeno de sinais ou palavras. Pode acontecer o fato de que uma língua que não é usada em todos os setores da sociedade ou que é usada em uma cultura bem distinta da que

conhecemos não apresente vocábulos ou palavras para um determinado campo semântico, entretanto, isso não significa que esta língua seja pobre porque potencialmente ela tem todos os mecanismos para criar ou gerar palavras para qualquer conceito que vier a ser utilizado pela comunidade que a usa. Por exemplo, a LIBRAS não tinha um sinal para o conceito “linguística” até há poucos anos. À medida que os surdos foram se inteirando do que se faz em linguística, do que significa linguística, houve a necessidade de gerar um sinal para esse conceito. O sinal LINGUÍSTICA não é soletração da palavra em português, porém, tem um vestígio de empréstimo porque a configuração de mão escolhida é L (apenas os dedos polegar e indicador estendidos), uma configuração própria da LIBRAS, porém, que costuma representar a letra “L”no alfabeto manual. Este sinal é realizado com as duas mãos, palmas para baixo com o polegar de uma mão quase tocando o da outra, na frente do busto, fazendo movimentos de rotação positiva e de translação retilínea para os lados.

Entretanto, não é qualquer combinação de unidades mínimas distintivas que será permitida pela língua. Há restrições e devido a elas é que vamos dizer que certas formas não são aceitas naquele sistema linguístico enquanto outras o são. Uma forma como *lbresk* não será identificado pelos falantes do português como uma forma bem formada ou como uma palavra dessa língua. Isto porque o padrão fonológico do português é CV (consoante + vogal) e devido a outros tipos de restrições. Na forma *lbresk* o uso de várias consoantes e a sequência de certos tipos de consoantes faz com que esta forma fuja aos padrões aceitos pela Língua Portuguesa. Da mesma forma, uma forma constituída a partir das unidades mínimas da LIBRAS não será aceita enquanto palavra dessa língua se fugir aos padrões que regem a formação de suas palavras. Por exemplo, um sinal em que o articulador principal é a mão esquerda ou em que a mão direita é a mão de apoio não será considerado uma palavra bem formada da LIBRAS.

As unidades descritas acima são chamadas unidades mínimas distintivas porque distinguem palavras, como nos exemplos citados para a LIBRAS, APRENDER e SÁBADO, que se distinguem pelo ponto de articulação: testa e boca, respectivamente. Da mesma forma, as palavras pata e bata, em português, se distinguem pela característica fonética sonoridade, ou seja, a primeira é surda e a segunda é sonora. Assim, /p/ e /b/ são duas unidades mínimas distintivas ou fonemas e os pontos de articulação /na testa/ e /na boca/ também são unidades mínimas, desta vez da LIBRAS, ou “fonemas”. Daqui para frente, quando falarmos de “fonemas” da LIBRAS estamos nos referindo às suas unidades espaciais que não têm nada a ver com som ou fone, porém, que funcionam igualmente aos fonemas das línguas orais.

Como pudemos observar, os princípios e mecanismos que são utilizados na estruturação de palavras a partir de unidades mínimas são os mesmos em português e em LIBRAS. O que difere é a natureza das características das unidades que são restritas pela modalidade oral-auditiva, em português, e pela modalidade visual-espacial, em LIBRAS. É devido às mesmas restrições que as unidades ou fonemas do português se organizam ou estruturam sequencialmente ou linearmente no tempo enquanto que as unidades ou “fonemas” da LIBRAS se estruturam simultaneamente ou ao mesmo tempo no espaço.

As unidades mínimas distintivas em LIBRAS são as seguintes de acordo com os parâmetros Configuração de Mãos, Ponto de Articulação, Movimento-Orientação e Expressão Facial. Vejamos esses parâmetros no sinal CERTO/CERTEZA, ilustrado a seguir:

CONFIGURAÇÃO DE MÃO (CM)

MOVIMENTO (M)

PONTO DE ARTICULAÇÃO (PA)

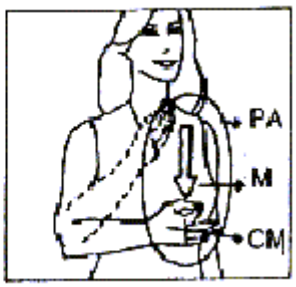

Figura do sinal certo
com seus parâmetros

Configurações de Mão da LIBRAS

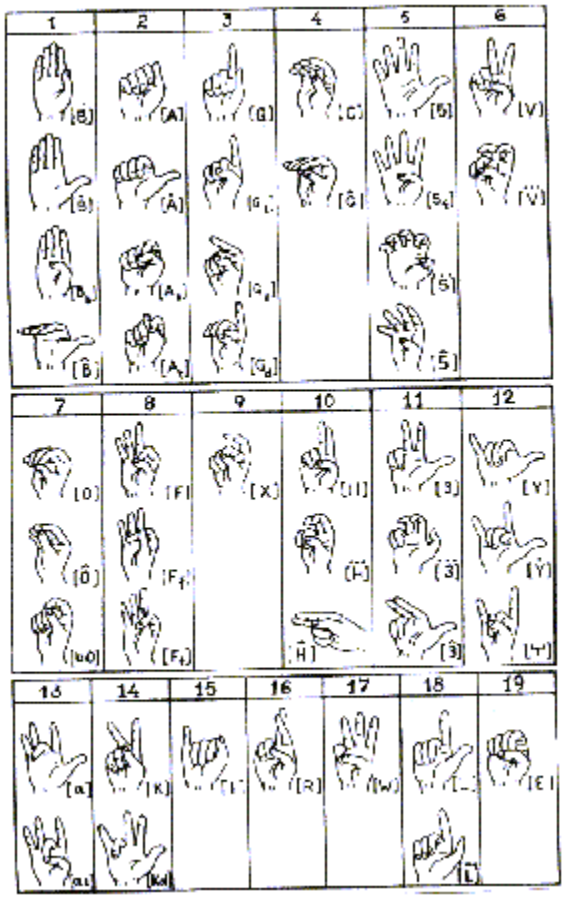

As 46 configurações de mão da LIBRAS

Pontos de Articulação da LIBRAS

C CABEÇA
ʊ topo da cabeça
T testa
R rosto
S parte superior do rosto
I parte inferior do rosto
P Orelha
O olhos
N nariz
B boca
d bochechas
A zona abaixo do

É preciso também empregar certos adjetivos quelocalizam mais precisamente os pontos de articulação:

d = lado direito
c = lado esquerdo
m = medial
in = interna
ex = externa

→ Referindo-se à parte Do corpo em questão

queixo
T TRONCO
P pescoço
O ombro
B busto
E estômago
C cintura
B BRAÇOS
S braço
Q queixo
I antebraço
C cotovelo
P pulso
M MÃO
P palma
C costa da mão
L1 lado do indicador
L2 lado do dedo mínimo
D dedos
Dp ponta dos dedos
Dd nós dos dedos (junção entre os dedos e a mão)
Dj nós dos dedos (primeira junta dos dedos)
D1 dedo mínimo
D2 anular
D3 dedo médio
D4 indicador
D5 polegar
V Interstícios entre os dedos
V1 Interstício entre o polegar e o indicador
V2 Interstício entre os dedos indicador e médio
V3 Interstício entre os dedos médio e anular
V4 Interstício entre os dedos anular e mínimo
p PERNA
EN ESPAÇO NEUTRO

Outros termos são usados para descrever a translação horizontal de pontos de articulação como imagens de um ponto precedente no referencial do corpo:

l = lateral
f = em frente
a = atrás

Na descrição dos pontos de articulação, são ainda usados os seguintes termos:

p = imediatamente próximo

med = distância média

dist = distante

K = em contato

Ki = contato inicial

Km = contato medial

Kf = contato final

x = cruzamento

Movimentos e Tipos de Orientação da LIBRAS

Movimentos internos das mãos:

[$\overset{o}{A}$ ~ 5] extensão gradual dos dedos começando pelo indicador

[As ~ 5] extensão gradual dos dedos começando pelo dedo mínimo

[As → $\overset{o}{5}$] abertura simultânea dos dedos

[$\overset{o}{5}$ → As] fechamento simultâneo dos dedos

[L → bO] pinçamento (com o indicador e o polegar)

[5 → mov] movimento de tamborilar com os dedos curvos

[5 + mov] movimento de tamborilar com os dedos estendidos

[54 ~ G] fechamento gradual de todos os dedos, exceto indicador

[5 ~ A] fechamento gradual de todos os dedos, exceto polegar

[B → B] flexão da mão, com os dedos estendidos

[V → V] dobramento e extensão repetidos dos indicador e dedo médio nas juntas do meio

[V + mov] movimento de tamborilar com os dedos

[V. mov] movimento de tesoura

[As → A] extensão do polegar

[As → L] polegar e indicador estendidos simultaneamente

[B → V] fechamento súbito de todos os dedos exceto indicador e médio, que flexionam-se

[As → 3] extensão simultânea do polegar, indicador e médio

[As → 3] extensão simultânea de todos os dedos, exceto o polegar

[As → 5] extensão simultânea de todos do dedos

[A → L] extensão do indicador

[A → 3] extensão simultânea do indicador e do médio

[A → 5] extensão simultânea de todos os dedos, com o polegar já estendido

[G1 → X] flexão repetida do indicador

[As → V] extensão do indicador e do médio

[As → I] extensão do mínimo

Expressão não manuais da LIBRAS

Rosto
Parte Superior
sobrancelhas franzidas

ȯ olhos arregalados
ɋ lance de olhos
⌒ sobrancelhas levantadas

Rosto
Parte Inferior
db bochechas infladas
bd bochechas contraídas
= lábios contraídos e projetados e sobrancelhas franzidas
lb correr da língua contra a parte inferior interna da bochecha
b apenas a bochecha direita inflada
⌒ contração do lábio superior
x franzir do nariz

Cabeça
+ balanceamento para frente e para trás (sim)
- balanceamento para os lados (não)
⌒ inclinação para frente
/ inclinação para o lado
⌒ inclinação para trás

Rosto e Cabeça

wh cabeça projetada a frente, olhos levemente cerrados, sobrancelhas franzidas (ex.: o que?, quando?, como?, quando, por que?)

wo cabeça projetada para trás, e olhos arregalados (ex.: quem?)

Tronco

Movimentos de rotação

Movimentos de translação (as mãos se deslocam no espaço)

Retilíneos
Circulares
Contínuos
Com retensão
Fefreados
Tensos
Simples
Repetidos

1.2. Formação dos Ítens Lexicais ou Sinais a partir de Morfemas

---

Mostramos, no item anterior, como se estruturam as palavras das línguas Portuguesa e LIBRAS a partir de suas unidades mínimas distintivas ou “fonemas”. Vamos ilustrar agora como se formam as palavras da LIBRAS a partir de seus morfemas ou unidade mínimas de significação.

1.2.1. Morfemas Lexicais e Morfemas Gramaticais

Os morfemas são unidades que podem ter funções lexicais ou gramaticais. Por exemplo, as palavras casas, construção e impossível do português são constituídas dos seguinte morfemas:

casa	-	s (plural)
constru-		ção (nome)
possível-		im (negação)
morfema lexical		**morfema gramatical**

Em LIBRAS, nem sempre os morfemas que formam as palavras são equivalentes aos do português. Podemos, porém, ilustrar os morfemas da LIBRAS como se segue:

SENTAR - movimento repetido (marca de nome)
BONITO - expressão facial ~~ (marca de grau aumentativo)
BONITO - expressão facial Ô (marca de grau diminutivo)
FALAR - 2 mãos e movimentos longos (aspecto continuativo)
PEGAR - Cl:5 Classificador para objetos redondos grandes
PEGAR - Cl:F Classificador para objetos pequenos e pequenos
PODER - movimentos da cabeça (negação): NÃO-PODER
POSSÍVEL - movimento inverso das mãos (negação): IMPOSSÍVEL
SABER - movimento da mão para fora (negação): NÃO-SABER

morfema lexical **morfema gramatical**

Vejamos algumas ilustrações dos sinais acima:

FALAR

FALAR SEM-PARAR
FALAR PELOS COTOVELOS
FALAR + aspecto continuativo

PEGAR + Cl: 5

PODER/POSSÍVEL NÃO-PODER IMPOSSÍVEL

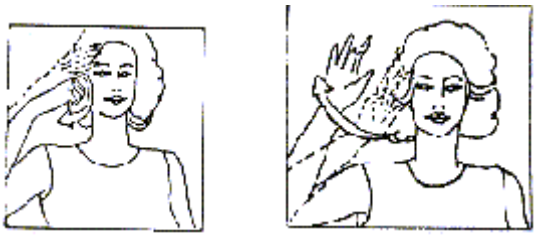

SABER NÃO-SABER

1. 2. 2. Formação de Palavras por Derivação e por Composição

As ilustrações acima são exemplos de formação de palavras por derivação. CADEIRA é derivado de SENTAR através do movimento repetido do primeiro; BONITINHO é derivado de BONITO através da adjunção da expressão facial ~~ , marca de grau aumentativo; BONITÃO é derivado de BONITO através da adjunção do afixo expressão facial Ô, marca de grau diminutivo; FALAR-SEM-PARAR é derivado de FALAR através da adjunção da mão esquerda e do alongamento dos movimentos, marca de aspecto continuativo; PEGAR-BOLA é derivado de PEGAR através da adjunção do afixo CI:5, classificador para objetos redondos grandes; PEGAR-AGULHA é derivado de PEGAR através da afixação do morfema gramatical CI:F, classificador para objetos pequenos e pequenos; NÃO-PODER é derivado de PODER através do afixo negativo, movimentos da cabeça para os lados; IMPOSSÍVEL é derivado de POSSÍVEL através da inversão do movimento de para baixo para os lados, afixo também negativo; NÃO-SABER e derivado de SABER através da afixação de um movimento da mão para fora, morfema negativo também.

Através desses exemplos, pudemos observar que as primeiras palavras são formadas a partir de seus radicais aos quais se juntam afixos ou morfemas gramaticais, pelo processo de derivação. As palavras ou sinais em LIBRAS também podem ser formadas pelo processo de composição, isto é, pela adjunção de dois sinais simples em formas compostas. Por exemplo:

CASA + CRUZ = IGREJA
MULHER + PEQUENO = MENINA
HOMEM + PEQUENO = MENINO

Alguns sinais como SENTAR e CADEIRA são distintos quanto à forma para as categorias verbo e nome, porém, a maioria deles não se distingue quanto às categorias verbo, nome, adjetivo e advérbio. O que vai definí-las como tal é sua função na sentença. Podemos, entretanto, ilustrar alguns casos de palavras que poderiam ser derivadas de outras como é o caso de construir e construção, em

português. Por exemplo, nas sentenças abaixo, identificamos um mesmo item lexical como nome ou verbo, dependendo da sentença em que aparecem:

ELE NÃO LIMPAR-CHÃO-CI:Y (com escova)
(=Ele não limpou com escova o chão)
ELE LIMPAR-CHÃO-CI:Y (com escova) NÃO-Y
(=Ele não fez a limpeza do chão com a escova)

No primeiro exemplo, o item lexical LIMPAR-CHÃO-CI:Y tem uma função verbal. Entretanto, na segunda sentença, LIMPAR-CHÃO-CI:Y tem uma função nominal, ou seja, é um substantivo porque vem acompanhado de um verbo leve, NÃO-Y, que devido à sua natureza de verbo sem valência não pode ser considerado um nome. Neste caso, como os verbos chamados leves sempre vêm acompanhados de um nome e como o único item capaz de preencher esta função nominal é o sinal LIMPAR-CHÃO-CI:Y, diremos que ele pode pertencer a ambas categorias:

LIMPAR-CHÃO-CI:Y - verbo
LIMPAR-CHÃO-CI:Y - nome

O mesmo ocorre com as demais categorias: adjetivo, advérbio.

1. 2. 3. Aspecto Verbal

A LIBRAS, assim como várias línguas de sinais e orais, modula o movimento dos sinais para distinguir entre os aspectos pontual, continuativo ou durativo e iterativo. O aspecto pontual se caracteriza por se referir a uma ação ou evento ocorrido e terminado em algum ponto bem definido no passado. Em português, quando dizemos “ele falou na televisão ontem”, sabemos que a ação de falar se deu no passado, em um período de tempo determinado “ontem”. Em LIBRAS, temos um sinal FALAR para um contexto lingüístico similar. Por exemplo, ELE FALAR VOCÊ ONTEM (=ele falou com você ontem). Entretanto, temos também o sinal FALAR-SEM-PARAR que se refere a uma ação que tem uma continuidade no tempo como no exemplo ELE FALAR-SEM-PARAR AULA (=ele falou sem parar durante a aula). Vejam estes dois sinais:

FALAR
(aspecto pontual)

FALAR-SEM-PARAR
(aspecto continuativo)

O mesmo ocorre com o verbo OLHAR que pode sofrer alteração em um ou mais de seus parâmetros e, então, denotar aspecto durativo. Os sinais ilustrados abaixo poderiam aparecer em contextos lingüísticos como os que se seguem:

OLHAR (pontual)
OLHAR VOCÊ ONTEM VOCÊ NÃO-ENXERGAR (pontual)

OLHAR (durativo)
ELE FICAR-OLHANDO-LONGAMENTE MAR (durativo)

OLHAR (durativo)
ELA PASSAR TODOS-OLHAR-CONTINUADAMENTE (durativo)

No segundo sinal para 'olhar', a configuração de mão e o ponto de articulação mudam de G1 para 5 e dos olhos para o nariz. Com isso temos a formação de uma outra palavra com valor aspectual durativo.

O verbo VIAJAR com valor aspectual pontual abaixo poderia ser utilizado em sentenças como PAULO VIAJAR BRASÍLIA ONTEM, enquanto que o sinal verbal com valor iterativo apareceria em sentenças do tipo PAULO VIAJAR- MUITAS-VEZES. O aspecto iterativo refere-se a ação ou evento que se dá repetidas vezes. Vejamos os sinais abaixo:

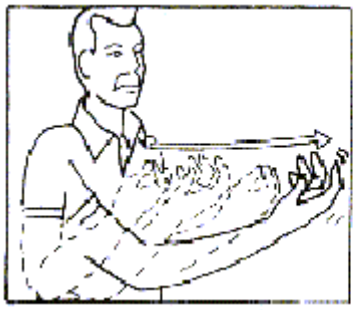

VIAJAR (pontual)

VIAJAR (iterativo)

Esse tipo de afixação que encontramos na LIBRAS, através da alteração do movimento, da configuração de mão e/ou do ponto de articulação do verbo que seria considerado raiz ou radical, não é encontrado em português.

1. 2. 4. Itens Lexicais para Tempo e Marca de Tempo

A LIBRAS não tem em suas formas verbais a marca de tempo como o português. Como vimos, essas formas podem se modular para aspecto. Algumas delas também se flexionam para número e pessoa.
Dessa forma, quando o verbo refere-se a um tempo passado, futuro ou presente, o que vai marcar o tempo da ação ou do evento serão itens lexicais ou sinais adverbiais como ONTEM, AMANHÃ, HOJE, SEMANA-PASSADA, SEMANA-QUE-VEM. Com isso, não há risco de ambigüidade porque sabe-se que se o que está sendo narrado iniciou-se com uma marca no passado, enquanto não aparecer outro item ou sinal para marcar outro tempo, tudo será interpretado como tendo ocorrido no passado.

Os sinais que veiculam conceito temporal, em geral, vem seguidos de uma marca de passado, futuro ou presente da seguinte forma: Movimento para trás, para o passado; Movimento para frente, para o futuro; e Movimento no plano do corpo, para presente. Alguns desses sinais, entretanto, incorporam essa marca de tempo não requerendo, pois, uma marca isolada como é o caso dos sinais ONTEM e ANTEONTEM ilustrados a seguir:

ONTEM

ANTEONTEM

Outros sinais como ANO requerem o acompanhamento de um sinal de futuro ou de presente, mas, quando se trata de passado, ele sofre uma alteração na direção do movimento de para frente para trás e, por si só já significa ‘ano passado’. Os sinais de ANO e ANO-PASSADO podem ser observados nas ilustrações que se seguem:

ANO

ANO-PASSADO

É interessenta notar, que uma linha do tempo constituída a partir das coordenadas: passado (atrás)- presente (no plano do corpo)- futuro (na frente), pode ser observada também em línguas orais como o português e o inglês como mencionado no início desse curso. Uma estruturação completamente diferente do tempo foi observada por nós na Língua de Sinais Urubu-Kaapor, língua de sinais da comunidade indígena

Urubu habitante da Floresta Amazônica, onde o tempo futuro é para cima e o presente no torso do usuário dessa língua. O passado não parece ser marcado.

Isso levou-nos a considerar que as línguas Portuguesa e LIBRAS não são tão distintas assim naquilo que não depende de restrições decorrentes da modalidade visual-espacial, veiculando,assim, uma visão de mundo muito similar, pelo menos nos aspectos semânticos até o momento estudados por nós.
As diferenças que vimos apontando ultimamente na estruturação gramatical e lexical da LIBRAS e do português parecem não apontar tanto para diferenças culturais mas são sim devidas ao fato de a primeira usar o espaço e de a segunda utilizar o meio acústico, para estruturar os significados lexicais e gramaticais.

1. 2. 5. Quantificação e Intensidade

A quantificação é obtida em LIBRAS através do uso de quantificadores como MUITO, mas incorporar a quantificação, prescindindo, pois, o uso desse tipo de palavras. Assim, podemos observar nos exemplos com o verbo OLHAR acima que o olhar pontual é realizado com apenas um dedo estendido enquanto que os outros dois sinais são realizados com as mãos abertas, ou seja, com os dedos estendidos. Dessa forma, esse tipo de alteração do parâmentro Configuração de Mão iconicamente representa uma maior intensidade na ação (FICAR-OLHANDO-**LONGAMENTE**) ou um maior número de referentes sujeitos (**TODOS**-FICAR-OLHANDO). Essa mudança de configuração de mãos, aumentando-se o número de dedos estendidos para significar uma quantidade maior pode ser ilustrado pelos sinais UMA-VEZ, DUAS-VEZES, TRÊS-VEZES:

UMA-VEZ DUAS-VEZES TRÊS-VEZES

Às vezes, alongando-se o movimento dos sinais e imprimindo-se a ele um rítmo mais acelerado, obtem-se uma maior intensidade ou quantidade. Isto é o que ocorre com os sinais FALAR e FALAR-SEM-PARAR, exemplificados acima e com os sinais LONGE e MUITO-LONGE ilustrados abaixo:

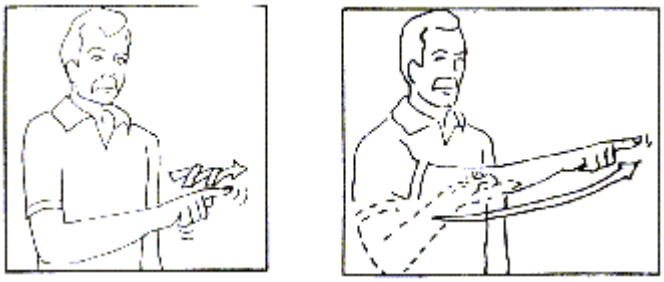

LONGE MUITO-LONGE

Como se pode observar, os mecanismos espaciais utilizados pela LIBRAS para obter significados e efeitos de sentido distinguem-se daqueles utilizados pela Língua Portuguesa. Nesta, as formas ou marcas são muito mais arbitrárias e se apresentam

em forma de segmentos sequencialmente acrescentados ao item ou palavra modificada. Em LIBRAS, ocorre com muita frequência uma mudança interna, isto é, uma alteração no interior da própria palavra.

1. 2. 6. Classificadores

Como algumas línguas orais e como várias línguas de sinais, a LIBRAS possui classificadores, um tipo de morfema gramatical que é afixado a um morfema lexical ou sinal para mencionar a classe a que pertence o referente desse sinal, para descrevê-lo quanto à forma e tamanho, ou para descrever a maneira como esse referente é segurado ou se comporta na ação verbal.

Os classificadores em línguas orais como o japonês e o navajo são sufixos dos numerais e dos verbos, respectivamente.

Em LIBRAS, como dificilmente se pode falar em prefíxo e em sufíxo porque os morfemas ou outros componentes dos sinais se juntam ao radical simultaneamente, preferimos dizer que os classificadores são afixos incorporados ao radical verbal ou nominal. Assim, nos exemplos abaixo, pode-se observar o classificador V e V, que respectivamente, referem-se à maneira como uma pessoa anda e como um animal anda.

ANDAR (para pessoa)

ANDAR (para animal)

O classificador em ANDAR (para pessoa) pode ser utilizado também com outros significados como ‘duas pessoas passeando’ ou ‘um casal de namorados’ (no caso das pontas dos dedos estarem voltadas para cima), ‘uma pessoa em pé’ (pontas dos dedos para baixo), etc. Este classificador é representado pela configuração de mãos em V, como se segue:

Uma pessoa andando ou em pé

Duas pessoas andando, namorando ou passeando

O classificador C pode representar qualquer tipo de objeto cilíndrico profundo como um copo, uma caixa, uma urna como no exemplo abaixo do sinal VOTAR:

VOTAR

Classificador C

Outros classificadores podem ser os morfemas representados pelas configurações de mão B e Y como se segue:

Classificador B

Classificador Y

O classificador B refere-se e descreve superfícies planas como mesa, parede, chão, etc. enquanto que o classificador Y refere-se e descreve objetos multiformes ou com formas irregulares, porém não planos nem finos. O classificador G1 é que é utilizado para descrever objetos finos e longos.

Inúmeros são os classificadores em LIBRAS, sua natureza semântica e sua função. Entretanto, apenas mencionamos alguns a título de ilustração.

1. 2. 7. Incorporação de Argumento

As línguas orais e de sinais apresentam vários casos de incorporação de argumento ou complemento. Por exemplo, em português, podemos citar o verbo engavetar que, em uma análise sintático-semântica, poderia ser decomposto em um verbo básico do tipo colocar e em um complemento desse verbo que seria um locativo na gaveta. Assim, podemos dizer “eu coloquei os livros na gaveta” ou “eu engavetei os livros”. O constituinte na gaveta, um locativo, argumento ou complemento de colocar, foi incorporado a este verbo e em decorrência disso temos a outra forma verbal engavetar que prescinde do locativo como complemento porque já carrega esta informação em seu próprio item lexical. Temos, pois, uma forma lexical derivada de outra mais básica, porém, desta vez não pelo processo de derivação por afixação nem por composição, como discutido acima, mas sim pelo que se chama de incorporação de argumento.

Em LIBRAS, o processo de incorporação de argumento é muito frequente e visível devido às características espaciais e icônicas dos sinais. Os três verbos abaixo ilustram esse tipo de incorporação. O primeiro, o verbo BEBER/TOMAR pode ser usado sem incorporação em sentenças do tipo:

BEBER CERVEJA (= eu bebi cerveja)

Porém, se o objeto direto do verbo for, por exemplo, café ou chá, o verbo incorporará este argumento e teremos formas verbais diferentes, como demonstram as ilustrações a seguir:

BEBER, TOMAR BEBER-CAFÉ CHÁ (segurar x-tipo de objeto) em LIBRAS (CI: B A e CI: F)

Outro exemplo de incorporação pode ser ilustrado pelo verbo ALUGAR/PAGAR-MENSALMENTE em que o verbo PAGAR que normalmente é articulado sobre a mão de apoio em B passa a ser articulado na mão de apoio (mão esquerda) em G1, a mesma do sinal MÊS. Assim, uma parte deste sinal incorpora-se ao sinal PAGAR, substituindo-a. Vejamos o sinal:

ALUGAR/PAGAR-MENSALMENTE

O mesmo processo de incorporação pode ser também observado no sinal que deriva do sinal verbal COMER, ao qual se incorpora o objeto direto MAÇÃ:

COMER COMER-MAÇÃ

2. Estruturação de Sentenças em LIBRAS

Costuma-se pensar que as sentenças da LIBRAS são completamente diferentes do ponto de vista estrutural daquelas do português. Realmente, no que diz respeito à ordem das palavras ou constituinte, há diferenças porque o português é uma língua de base sujeito-predicado enquanto que a LIBRAS é uma língua do tipo tópico-comentário.

Nas sentenças do português, a ordem predominante é: sujeito (S)-verbo(V)-objeto (O), normalmente chamada de SVO. Assim, as sentenças se estruturam da seguinte maneira:

O leão	matou o urso.
S	V O
sujeito	*predicado*

Todos os meninos	gostam de futebol
S	V O
sujeito	*predicado*

Nestas sentenças, além da concordância sujeito-predicado que determina quem faz o que no evento descrito pelo verbo da sentença, a ordem também é significativa porque senão não saberíamos qual é o sujeito da primeira sentença “o leão matou o urso” porque tanto o constituinte “o leão” quanto o constituinte “o urso” podem concordar com o verbo. Então, se alterássemos a ordem dos constituintes acima “o urso matou o leão”, o sujeito deixaria de ser “o leão” para ser “o urso”. Além do mais, há o aspecto semântico dos constituintes e do verbo que permite que tanto um quanto outro constituinte seja o sujeito de “matar”, isto é, aquele que mata.

Este não é o caso da segunda sentença onde o significado dos constituinte “todos os meninos” e “futebol” não dá margem às duas possibilidades acima. Além do mais, a concordância sujeito-predicado nesta segunda sentença fica ressaltada pelo fato de incluirem a marca de plural enquanto que o segundo constituinte “futebol”está no singular. Neste caso, a ordem é menos relevante para se saber a função gramatical e o papel semântico dos dois constituintes.

Entretanto, a primeira sentença poderia ter o seu último constituinte deslocado para a frente da sentença através de operações como por exemplo a topicalização:

O urso,	o leão matou	ou	Ao urso	o leão matou
tópico	*comentário*		*tópico*	*comentário*

Note-se, porém, que nos dois casos houve necessidade de apelo a mecanismos inusuais do tipo entoação e uso da preposição “a”. Nestes casos, “o urso” continua sendo o objeto direto de “matar” e “o leão”, o seu sujeito, apesar de termos a topicalização do objeto, isto é, apesar do objeto direto ser o tópico da sentença e o sujeito e o verbo serem o comentário do tópico.

A topicalização é relativamente frequente em português, principalmente, na fala coloquial. Entretanto, em LIBRAS, a frequência é maior, diríamos até que é regra geral.

Em estudos anteriores, dissemos que a ordem preferencial das sentenças da LIBRAS era SVO quando não havia topicalização ou verbos com flexão ou direcionais. Porém, estudos mais aprofundados, apesar de não desmentirem o que dissemos, mostraram que a topicalização é muito mais frequente do que se pensa à primeira

vista em LIBRAS. A ordem tópico-comentário é realmente a preferida quando não há restrições que impeçam certos constituintes de se deslocarem. Pórem, um grande número de sentenças sempre aparece na ordem SVO. Vejamos os exemplos:

VOCÊ LER JORNAL (= você leu o jornal?)
S V O
NÃO-ENXERGAR VOCÊ (= eu não vi você)
V O

Nestas duas sentenças, a ordem é SVO, isto é, sujeito-verbo-objeto. O sujeito da segunda sentença é omitido, é um argumento implícito, porque a , em LIBRAS, assim como em português, o sujeito em geral é pressuposto pelo contexto ou, quando referindo-se à primeira pessoa é sempre pressuposto como conhecido pelo interlocutor. Assim, se no contexto não está evidente que uma outra pessoa além da primeira deve ser o sujeito, este será a primeira pessoa. Então, apesar de estarem explícitos apenas o verbo e o objeto da segunda sentença, sabemos que a ordem é SVO. Estes dados reafirmam nossos estudos anteriores, assim como o fato de que quando temos um verbo flexionado na sentença a ordem é muito restrita.

Verbos com flexão com VER, AVISAR, RESPONDER, PERGUNTAR, AJUDAR são verbos em que a ordem vai ser sempre SVO. Note-se que não estamos distinguindo aqui objeto direto de objeto indireto porque, em recentes estudos em lingüística, há a proposta de considerarmos os complementos sem preposição como objetos e os com preposição como objetos oblíquos. Em exemplos com os verbos acima, podemos notar a restrição quanto à ordem porque o sujeito e o objeto não aparecem na forma de constituintes separados dos verbos, mas sim na forma de flexão do próprio verbo através da direcionalidade de seu movimento, um vetor, cujo ponto de origem refere-se ao sujeito e cujo ponto final refere-se ao objeto. É a direcionalidade com esses dois pontos que é chamada flexão verbal. Vejamos os exemplos:

1ª RESPONDER 2ª (=eu respondi a você)
3ª PERGUNTAR 1ª VERDADE (=ele perguntou a mim a verdade)
VERDADE 3ª PERGUNTAR 1ª (=a verdade ele perguntou a mim)
1ª VER 2ª (=eu vi você)
MYRNA 3ª AVISAR 3ª SERGIO (=Myrna, ela avisou ele, Sergio)
2ª AJUDAR 3ª - você-ajudar-ela (=você a ajudou)

Como se pode observar, nestes exemplos, o primeiro referente é sempre o sujeito porque é representado pela marca que inicia o verbo e o outro referente não verbal é o que é marcado pela marca final do verbo ou o ponto final do seu movimento, o que resulta na ordem Sujeito- Verbo-Objeto (direto e indireto). O terceiro exemplo acima apresenta uma topicalização do objeto direto o que faz com que a ordem seja Objeto dir.- Sujeito - Verbo - Objeto ind.

Na maioria dos casos, entretanto, a LIBRAS parece preferir, como já dissemos, a topicalização e o verbo no final da sentença como nos exemplos abaixo:

PESQUISAR ELA NÃO-GOSTAR (=pesquisar, ela não gosta)
tópico comentário

RUA ACIDENTE NÃO-ENXERGAR (=o acidente na rua eu não vi)
tópico comentário

CAFÉ AÇÚCAR NÃO-Y (=açucar no café (ela) não pôs)
tópico comentário

Note-se, porém, que nos exemplos acima, mesmo seguindo a estrutura tópico-comentário, a ordem dos constituintes acaba sendo (Locativo) - Objeto - Sujeito-Verbo. Mesmo com topicalização, parece que temos quase que sempre, pelo menos, tópico-SV (tópico-sujeito-verbo). Na última sentença, o sujeito é uma terceira pessoa, porém, é um argumento implícito porque o enunciador pressupõe que o interlocutor saiba identificar o referente pelo contexto situacional. A título de ilustração, vejamos o verbo EMPRESTAR, variante de São Paulo, e algumas de suas flexões:

1EMPRESTAR2 2EMPRESTAR1 2EMPRESTAR3

EU-EMPRESTAR-VOCÊ VOCÊ-EMPRESTAR-EU VOCÊ-EMPRESTAR-ELA

eu emprestei para você você emprestou para mim você emprestou para ela

Alguns raros verbos com flexão trazem as marcas de sujeito e objeto de forma inversa, isto é, o objeto é marcado primeiro no ponto de origem do movimento do sinal verbal e o sujeito é marcado pelo ponto final do movimento do sinal verbal. Vejamos o verbo CONVIDAR:

2ª CONVIDAR 1ª
você-convidado-eu
(você está sendo convi-dado por mim)

1ª CONVIDAR 2ª
eu-convidado-você
(eu estou sendo con-vidado por você)

3ª CONVIDAR 2ª
ele-convidado-você
(ele está sendo con-vidado por você)

ou

(eu o convido) (você me convida) (você o convida)

Vimos que a estruturação das sentenças em LIBRAS quanto à ordem dos argumentos (complementos inclusive sujeito) é diferente daquela do português e que inclusive as marcas de flexão são bastante específicas da modalidade visual-espacial de língua porque se apoiam na direcionalidade do movimento do sinal.

Entretanto, vamos enfatizar aqui um nivel estrutural das sentenças em ambas as línguas em que as semelhanças são bem maiores do que as especificidades. Trata-se da estrutura argumental das sentenças. Desse ponto de vista, toda sentença tem um núcleo que é o elemento que possui valência. Em geral, o verbo é que possui valência e, como tal, é ele que determina o número e tipos de argumentos ou complementos necessários. Dentro desta concepção, inclusive o sujeito é considerado um argumento. Assim diremos que um verbo como “enviar”, em português, e ENVIAR, em LIBRAS, são verbos com a mesma valência porque os dois pedem três argumentos ou complementos:

Paulo **enviou** o livro ao amigo
LIVRO AMIGO P-A-U-L-O **ENVIAR** (o livro ao amigo o Paulo enviou)

Nos dois exemplos, o primeiro em português e o segundo em LIBRAS, independentemente da ordem, pode-se observar que as sentenças são constituídas de um núcleo e de três argumentos ou complementos:

enviar - núcleo ou palavra com valência
Paulo - argumento 1, aquele que envia, papel semântico 'fonte', função gramatical 'sujeito'.
amigo - argumento 2, aquele para quem se envia, papel semântico 'alvo', função gramatical 'objeto indireto'
livro - argumento 3, aquilo que é enviado, papel semântico 'tema', função gramatical 'objeto direto'.

Esse tipo de análise das sentenças da LIBRAS e do português mostra como a estrutura sintático-semântica pode ser a mesma.

Alguns verbos, entretanto, não possuem valência como os verbos levar, dar e fazer do português e o verbo NÃO-Y da LIBRAS. Neste caso, teremos uma diferença considerável, devido à não correspondência sintático-semântica nas duas lín-guas. São os chamados verbos leves que podem ser ilustrados pelos exemplos abaixo:

Ele levou a cabo seus estudos
João deu uma surra no menino
Nós fizemos compras ontem
LIMPAR-CHÃO-ESCOVA NÃO-Y (a limpeza do chão com a escova, ele não fez)

Nesses exemplos, o elemento com valência é o nome que acompanha o verbo nos exemplos do português e o nome que antecede o verbo no exemplo da LIBRAS. Este nome é que é o núcleo da estrutura argumental da sentença porque é ele que possui valência. O verbo carrega apenas as marcas gramaticais. É o nome que veicula o significado lexical do complexo verbal. Por isso, apesar de se assemelhar a um objeto direto, o nome com valência não pode receber papel temático (semântico) o que torna esse tipo de sentença mais complexo para analisar.

Aquisição da Linguagem por Crianças Surdas

RONICE MÜLLER QUADROS
Mestre em Lingüística
Doutoranda em Lingüística Aplicada
PUC/ RS; interprete de LIBRAS

Todas as pesquisas desenvolvidas nos últimos anos sobre a aquisição das línguas de sinais evidenciam que essa pode ser comparada à aquisição das línguas orais em muitos sentidos. Normalmente, as pesquisas envolvem a análise de produções de crianças surdas, filhas de pais surdos. Somente esse grupo de crianças surdas apresenta o input lingüístico adequado e garantido para possíveis análises do processo de aquisição. Entretanto, ressalta-se que essas crianças representam apenas de 5% a 10% das crianças surdas . No Brasil, os estudos envolvem crianças surdas filhas de pais surdos que usam a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS.

As línguas de sinais são sistemas abstratos de regras gramaticais, naturais às comunidades surdas dos países que as utilizam. Assim como as línguas faladas, as línguas de sinais não são universais: cada país apresenta a sua própria língua. No caso do Brasil, como já foi citado, tem-se a LIBRAS e, além dessa, tem-se também a língua de sinais usada por uma tribo indígena brasileira chamada Urubu Kaapor, citada por Kakumasu (1968) e Ferreira Brito (1993).

As línguas de sinais apresentam-se numa modalidade diferente das línguas orais-auditivas; são línguas espaço-visuais, ou seja, a realização dessas línguas não é estabelecida através do canal oral-auditivo, mas através da visão e da utilização do espaço. A diferença na modalidade determina o uso de mecanismos sintáticos específicos diferentes dos utilizados nas línguas orais. As línguas de sinais são sistemas lingüísticos independentes dos sistemas das línguas orais e não são universais.

As línguas de sinais, dentre elas a LIBRAS, parecem apresentar especial interesse nas pesquisas lingüísticas dentro da perspectiva gerativista. A razão de tal interesse está relacionada à possibilidade de determinar os princípios da UG independentemente da modalidade da língua. Se isso for possível, as línguas de sinais podem ser exemplos de línguas que fortalecem a proposta gerativista quanto à existência de um módulo da linguagem na mente/cérebro do ser humano.

Quanto aos aspectos estruturais das línguas de sinais, há dois aspectos fundamentais: (a) o estabelecimento nominal e a pronominalização e (b) a concordância verbal. Os sujeitos e objetos podem ser estabelecidos em um ponto no espaço de sinalização *(loc)* ; quando isso ocorre, há um estabelecimento nominal e a pronominalização. Esse estabelecimento é completamente espacial e é fundamental para a concordância verbal, principalmente com referentes não presentes.

Considerando que o processo de aquisição das línguas de sinais é análogo ao processo de aquisição das línguas faladas, as seções seguintes estão subdivididas nos estágios de aquisição adotados nos estudos sobre a aquisição da linguagem. O estabelecimento nominal, o sistema pronominal e a concordância verbal serão enfatizados tendo em vista que tais tópicos são fundamentais para o estabelecimento de relações gramaticais (espaciais).

Período Pré - Lingüístico

Petitto & Marantette (1991) realizaram um estudo sobre o balbucio em bebês surdos e bebês ouvintes no mesmo período de desenvolvimento (desde o nascimento até por volta dos 14 meses de idade). Elas verificaram que o balbucio é um fenômeno que ocorre em todos os bebês, surdos assim como ouvintes, como fruto da capacidade inata para a linguagem. As autoras constataram que essa capacidade inata é manifestada não só através de sons, mas também através de sinais. Nos dados analisados por Petitto & Marantette foram observadas todas as produções orais para detectar a organização sistemática desse período. Também foram observadas todas as produções manuais tanto dos bebês surdos como dos bebês ouvintes para verificar a existência ou não de alguma organização sistemática.

Nos bebês surdos foram detectadas duas formas de balbucio manual: o balbucio silábico e a gesticulação. O balbucio silábico apresenta combinações que fazem parte do sistema fonético das línguas de sinais. Ao contrário, a gesticulação não apresenta organização interna.

Os dados apresentam um desenvolvimento paralelo do balbucio oral e do balbucio manual. Os bebês surdos e os bebês ouvintes apresentam os dois tipos de balbucio até um determinado estágio e desenvolvem o balbucio da sua modalidade. É por isso que os estudos afirmavam que as crianças surdas balbuciavam (oralmente) até um determinado período. As vocalizações são interrompidas nos bebês surdos assim como as produções manuais são interrompidas nos bebês ouvintes, pois o *input* favorece o desenvolvimento de um dos modos de balbuciar.

As semelhanças encontradas na sistematização das duas formas de balbuciar sugerem haver no ser humano uma capacidade lingüística que sustenta a aquisição da linguagem independente da modalidade da língua: oral-auditiva ou espaço-visual.

Estágio de um Sinal

O estágio de um sinal inicia por volta dos 12 meses da criança surda e percorre um período até por volta dos 2 anos. Karnopp (1994) cita estudos que apontam o início do estágio de um sinal por volta dos 6 meses em bebês surdos filhos de pais surdos adquirindo língua de sinais. Por outro lado, sabe-se que os estudos de crianças adquirindo línguas orais iniciam esse período por volta dos 12 meses. Lillo-Martin (1986) observa que as razões apontadas por esses estudos para explicar tal diferença cronológica baseia-se no desenvolvimento dos mecanismos físicos (mãos e trato vocal). Entretanto, Petitto (1987) argumenta que a criança simplesmente produz gestos que diferem dos sinais produzidos por volta dos 14 meses, analisando essa produção gestual como parte do balbucio, período pré-lingüístico. As primeiras produções na Língua de Sinais Americana - ASL incluem as formas chamadas congeladas da produção adulta. São sinais que não são flexionáveis, tipo MOTHER na ASL. Quando um sinal apresenta flexões no padrão adulto, a criança usa formas morfofonêmicas.

Petitto & Bellugi (1988) observaram que as crianças surdas com menos de 2 anos não fazem uso dos dispositivos indicativos da ASL. Os dispositivos indicativos envolvem o sistema pronominal das línguas de sinais. As crianças omitiam essas indicações até quando imitavam seus pais. Petitto (1987) e Bellugi & Klima (1989) analisaram a descontinuidade no uso da indicação (apontação) nas crianças surdas.

As crianças surdas com menos de 1 ano, assim como as crianças ouvintes, apontam freqüentemente para indicar objetos e pessoas. Mas quando a criança entra no estágio de um sinal, o uso da apontação desaparece. Petitto (1987) sugere que nesse período parece ocorrer uma reorganização básica em que a criança muda o conceito da apontação inicialmente gestual (pré-lingüística) para visualizá-la como elemento do sistema gramatical da língua de sinais (lingüístico).

Estágios das Primeiras Combinações

Surgem as primeiras combinações de sinais por volta dos 2 anos das crianças surdas. Fischer (1973) e Hoffmeister (1978) observaram que a ordem usada pelas crianças surdas durante esse estágio é SV, VO ou, ainda, num período subseqüente, SVO. Meier (1980) verificou que a ordem das palavras é utilizada para o estabelecimento das relações gramaticais.

Meier (1980) observou que, assim como o Japonês e o Croata, nem todos os verbos da ASL podem ser flexionados para marcar as relações gramaticais em uma sentença. Há alguns tipos de verbos que apresentam limitações lexicais e fonológicas para incorporar os pronomes como, por exemplo, os verbos **ancorados no corpo**, como GOSTAR e PENSAR na LIBRAS. Isso sugere que as crianças surdas devem adquirir duas estratégias para marcar as relações gramaticais: a incorporação dos indicadores e a ordem das palavras. A incorporação dos indicadores envolve a concordância verbal, e essa depende diretamente da aquisição do sistema pronominal.

No estágio em discussão, as crianças começam a usar o sistema pronominal, mas de forma inconsistente. Os estudos realizados por Bellugi & Klima (1979) detectaram que o padrão de aquisição das crianças surdas é bastante próximo ao das crianças ouvintes. Eles, a princípio, consideravam que seria mais fácil para as crianças surdas a aquisição do sistema pronominal.. Os resultados foram surpreendentes. Os pronomes EU e TU na ASL são identificados através da indicação propriamente dita, a si mesmo e ao outro, respectivamente. Parece óbvio que uma criança aprendesse essa regra rapidamente e a usasse sem cometer erros. Mas o que acontece é, na verdade, diferente.

Assim como na aquisição do Inglês por crianças ouvintes, a aquisição na ASL desses pronomes apresenta as mesmas características conforme mencionam os estudos de Petitto (1986, 1987). Petitto (1986) observou que nesse período ocorrem 'erros' de reversão pronominal, assim como ocorrem com crianças ouvintes. As crianças usam a apontação direcionada ao receptor para referirem-se a si mesmas. A princípio, causa uma certa surpresa constatar esse tipo de erro nas crianças surdas devido à **aparente** transparência entre a forma de apontação e o seu significado. Esse tipo de erro e a evitação do uso dos pronomes são fenômenos diretamente relacionados com o processo de aquisição da linguagem.

Petitto descarta a hipótese de mudança de perspectiva, pois, no caso das línguas de sinais, se essa hipótese fosse verdadeira, as crianças deveriam apresentar erros na perspectiva de todos os sinais. Para Petitto, a criança usa o sinal 'YOU' como um item **congelado**, não dêitico, não recíproco e que refere somente a ela.

Petitto (1987) concluiu que, apesar da aparente relação entre forma e significado da apontação, a compreensão dos pronomes não é óbvia para a criança dentro do

sistema lingüístico da ASL. A aparente transparência da apontação é anulada diante das múltiplas funções lingüísticas que apresenta. Se as crianças não entenderem a relação indicativa entre a forma apontada e o seu referente, a plurificação da apontação pode tornar-se uma dificuldade na aquisição dos mecanismos gramaticais.

Esse estudo nos revela evidências da descontinuidade da transição dos fatores pré-lingüísticos aos lingüísticos. Petitto afirma que aspectos da estrutura lingüística e da sua aquisição, parecem envolver conhecimentos específicos da linguagem. Ela conclui que, apesar da relação entre a forma e o símbolo, a apontação e seu significado, a compreensão das funções da apontação dos pronomes não é óbvia para a criança dentro do sistema lingüístico da ASL. A idéia de que a gesticulação pode funcionar lingüisticamente é tão forte, que anula a transparência indicativa da apontação.

As semelhanças na aquisição do sistema pronominal entre crianças ouvintes e surdas, sugerem um processo universal de aquisição de pronomes, apesar da diferença radical na modalidade.

Hoffmeister (1978) observou que a apontação envolve o sistema pronominal, o sistema dos determinadores e modificadores, o sistema de pluralização e a modulação do sistema verbal. No estágio das primeiras combinações, Hoffmeister observou que os objetos são nomeados e referidos somente em situações do contexto imediato.

Na LIBRAS, Quadros (1995) observou algumas combinações de sinais, normalmente envolvendo dois a três sinais . F omitiu o sujeito de referentes presentes somente quando esse era óbvio (presente no contexto do discurso), mas normalmente pronunciou o sujeito. Não foi observada a omissão do objeto nesse período. Certamente a razão de terem aparecido sujeitos, mas não objetos nulos, está relacionada ao uso sintático do espaço que ainda não é observado, nesse período, de forma consistente. Deve-se ressaltar que F não estabeleceu a terceira pessoa em (1b) em um ponto do espaço. Tal referência foi interpretada como terceira pessoa mediante o contexto e não mediante a utilização de recursos sintáticos. Nos dois casos o verbo não foi flexionado; portanto, pode-se sugerir que F usa apenas formas **congeladas**, pois IR é um verbo com concordância na LIBRAS e F usou-o sem flexioná-lo.

(1) F (2:4)

a. AULA $_{i}$IR.
'(Eu) vou à aula'.

b. TRÊS $_{k}$BRINCAR AQUI.
'(Eles) três brincam aqui'.

Exemplos como os ilustrados em (2) mostram que F já usa o sistema pronominal com referentes presentes de forma adequada.

(2)
a. EU $_{i}$SAIR. TCHAU!
'Eu estou saindo. Tchau!'

b. ELEk OLHAR ELE$_{k}$'.
'Elei olhou para elej'.

4. Estágio de Múltiplas Combinações

Em torno dos 2 anos e meio a 3 anos, as crianças surdas apresentam a chamada **explosão do vocabulário**. Lillo-Martin (1986) cita que nesse período começam a ocorrer distinções derivacionais (por exemplo, a diferenciação entre CADEIRA e SENTAR). As crianças começam a usar formas idiossincráticas para diferenciar nomes e verbos. O domínio completo dos recursos morfológicos da língua é totalmente adquirido por volta dos 5 anos.

Segundo Bellugi & Klima (1989), a criança surda ainda não usa os pronomes identificados espacialmente para referir-se às pessoas e aos objetos que não estejam fisicamente presentes. Ela usa substantivos não associados com pontos no espaço. Mesmo quando a criança apresenta algumas tentativas de identificação de pontos no espaço, ela apresenta falhas de correspondência entre a pessoa e o ponto espacial. Com referentes presentes no discurso já há o uso consistente do sistema pronominal e inclusive indicações espaciais (indicações ostensivas).

Dos 3 anos em diante, as crianças começam a usar o sistema pronominal com referentes não presentes no contexto do discurso, mas ainda apresentam erros. Algumas crianças **empilham** os referentes não presentes em um único ponto do espaço. Petitto & Bellugi (1988) observaram que, de 3 anos a 3 anos e meio, as crianças usam a concordância verbal com referentes presentes. Entretanto, elas flexionam alguns verbos cuja flexão não é aceita nas línguas de sinais. Bellugi & Klima (1990) identificam essa flexão generalizada dos verbos nesse período como **supergeneralizações**, considerando esse fenômeno análogo a generalizações verbais como 'fazi', 'gosti' e ‘sabo’ nas línguas orais. Meier (1980) detectou esse uso supergeneralizado observando que, nesse período, as crianças usam os verbos como pertencentes a uma única classe verbal na ASL, a classe dos verbos com concordância, chamada por ele de verbos direcionais (figura 19).

A figura 1 ilustra três supergeneralizações feitas pela criança. A primeira, com o verbo SPELL, a segunda, com o verbo LIKE e a última, com o verbo LIKE; em todos os exemplos foi ilustrada a forma usada pela criança e a forma usada pela mãe. Esses três verbos pertencem à classe dos não flexionados na ASL. A criança direcionou os verbos incorporando o objeto das sentenças.

Segundo Bellugi, Lillo-Martin, O'Grady & vanHoek (1990), por volta dos 4 anos a concordância verbal ainda não é utilizada corretamente. Quando as crianças deixam de empilhar os referentes em um único ponto, elas estabelecem mais de um ponto no espaço mas de forma inconsistente, pois não estabelecem associações entre o local e a referência, dificultando a concordância verbal. É entre 5 e 6 anos que as crianças utilizam os verbos flexionados de forma adequada.

FIGURA 1: Supergeneralizações na ASL

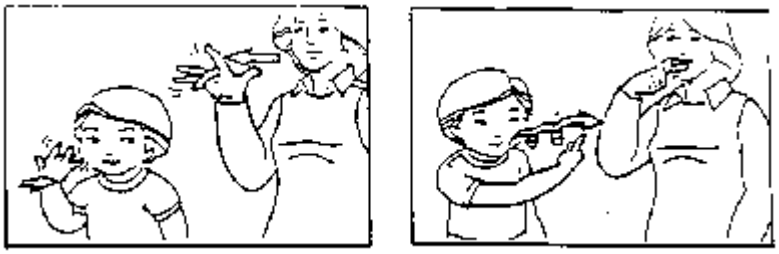

*SPELL[X:'to me']/SPELL *SAY[X: 'to you']/SAY

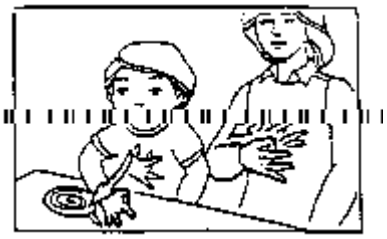

*LIKE[X: 'to it']/LIKE
(Bellugi, vanHoek, Lillo-Martin & O'Grady, 1990:139)

Observe que nos dois exemplos a criança está flexionando os verbos que não apresentam essa possibilidade na *ASL*, sendo indicada a agramaticalidade através do asterisco. As formas usadas pela mãe são consideradas gramaticais. Exemplos como esses podem ser observados na aquisição da LIBRAS.

Loew (1980) analisou o desenvolvimento da referência em crianças surdas filhas de pais surdos entre 3:1 a 4:6 de idade. A autora apresenta uma síntese da qual foram selecionados os itens sobre indexação (uso pronominal da apontação e a concordância verbal) e a estruturação espacial (envolve o estabelecimento de *loc*) que são apresentados no quadro 1.

Lillo-Martin (1986) discute alguns efeitos da modalidade espacial no processo de aquisição. Questiona-se a iconicidade das línguas de sinais. De fato, alguns sinais e processos na ASL têm motivação icônica, apresentando alguma relação entre forma e significado, entre o referente e o referenciado. Lillo-Martin, ao considerar essa discussão, analisa a seguinte questão: a modalidade de alguma forma facilita a aquisição da linguagem? Os estudos indicam que, apesar de haver uma **aparente** iconicidade nas línguas de sinais, a aquisição do sistema pronominal e a concordância verbal são considerados de aquisição tardia, o que é ilustrado pelos estudos mencionados até o presente momento. Lillo-Martin cita a conclusão de Meier (1981), o qual diz que a modalidade não facilita a aquisição do sistema da concordância verbal. Assim, considerando o input natural que as crianças surdas analisadas nessas pesquisas apresentam, a aquisição da ASL parece seguir um curso lingüisticamente similar ao desenvolvimento das línguas orais.

QUADRO I: Aquisição da indexação e da estruturação espacial na ASL

PERÍODOS	I (3:1-3:4)	II (3:6-3:11)	III (4:0-4:4)	IV (4:6-4:9)
Indexação	- infreqüente; uso incorreto das formas de citação; não há evidências de identidade dos *loc*. Uso da concordância verbal com referentes presentes.	- pouca consistência no uso da indexação; às vezes um *loc* é usado para referência de um único referente durante o discurso.	- uso de múltiplos *loc*; há o uso da concordância verbal, mas evidenciam-se inconsistências com os *loc* estabelecidos.	- uso normalmente freqüente e consistente. Os *loc* apresentam identidade, embora ainda ocorram confusões ao usá-los.
Estruturação espacial	- estabelecimento de locais não é claro; não há evidências de organização espacial; a indexação não é usada com *loc*.	- estabelecimento ocasional de locais; não há evidências de organização espacial. Os *loc* são estabelecidos para contrastar, mas não	- estabelecimento de locais mais freqüentes, mas ainda com função contrastiva.	- estabelecimento freqüente de locais; uso do *loc* de forma mais consistente com a indexação.

		para identificar o referente.		

Na LIBRAS, Quadros (1995) observou que por volta dos 3 anos e meio ocorre o uso de concordância verbal com referentes presentes assim como ilustrado em (3). Com referentes não presentes, houve algumas ocorrências mas de forma inconsistente, pois o estabelecimento e a identidade do *loc* não foram identificados de forma substancial, conforme é observado nos exemplos em (4).

(3) L (3:03)

a. $_{k}$PEGAR$_{k}$,.
'(Ele*i*) pegou (ele*j*)'.

b. $_{i}$CONSERTAR$_{k}$, $_{k}$QUEBRAR.
'(Eu) estou consertando (ele*i*), (ele*i*) quebrou'.

c. $_{k}$TOMAR-BANHO $_{k}$FICAR.
'(Ele*k*) continua tomando banho'.

(4) L (3:03)

a. CARRO $_{k}$IR$_{k}$, CASA$_{k}$,.
'(Ele*k*) foi de carro para casa'.

M (3:05)

b. $_{k}$DAR$_{i}$, PAPAI$_{k}$ $_{k}$DAR$_{i}$.
'(Ele*k*) deu (para mim), o papai (ele*k*) deu (para mim)'.

Em (3) os *loc*^{k} e *loc*$^{k'}$ foram estabelecidos em locais reais, isto é, o local em que estavam os referentes no contexto do discurso foi usado para indicar os referentes sem utilizar a indicação ostensiva. Dessa forma, observou-se que o uso da concordância verbal está presente, omitindo-se o sujeito e/ou objeto da sentença. Em (3a) tanto o sujeito como o objeto são nulos.

Em (4a), o sujeito nulo não é identificado. Nesse tipo de exemplo, a identidade pode ser recuperada contextualmente. Talvez L estivessse se referindo a sua professora, mas não se pode afirmar isso, pois o *loc* não foi previamente estabelecido, confundindo a identificação do referente. Em (b) a identidade do *loc* como ‘papai’ fica óbvia somente porque M a pronunciou após sua ocorrência; e a identidade do *loc* de primeira pessoa é adequadamente identificada, pois envolve o local real de M, a primeira pessoa do discurso, um referente presente. Os exemplos ilustrados em (3) e (4) foram coletados em conversas espontâneas das crianças.

Por volta dos 5 anos e meio a 6 anos e meio, a concordância verbal é usada de forma consistente pelas crianças adquirindo a LIBRAS. O uso de sujeitos e objetos nulos torna-se comum nesse período. Também observam-se alguns exemplos com verbos da classe dos verbos com concordância com sujeitos pronunciados. Isso foi observado quando as crianças queriam tornar mais clara a identificação da identidade do *loc*, assim como ocorre na linguagem adulta. Foram selecionados alguns exemplos em (5) que ilustram o pronome pronunciado e a sua omissão durante o discurso.

(5) G (5:11)

a. EU$_i$ ANDAR-EM-DIREÇÃO-AO-CARRO-E-O-CARRO-NA-MINHA-DIREÇÃO. $_i$BATER$_k$ CARRO$_k$ QUASE. Eu$_i$ PARAR, $_i$TRAVAR QUASE $_i$BATER$_k$.

'Eu ande*i* em direção ao carro e o carro na minha direção. (Eu) quase bati no carro. Eu parei,
(eu) travei, (eu) quase bati (nele)'.

b. ELE$_k$, $_k$,PESCAR$_k$,, PEIXE$_k$,,. $_k$,PESCAR$_k$,, MAIS DOIS. $_k$,PESCAR$_k$,, MUITOS.

'Ele*i* pescou um peixe. (Ele*i*) pescou mais dois (deles*j*). (Ele*i*) pescou muitos (deles*j*)'.

Em (5a) a sentença foi retirada de uma conversa espontânea em que era relatado um fato já ocorrido. Observou-se o estabelecimento do *loc* abstrato para 'carro', pois 'carro' é um referente não presente no discurso. O exemplo (5b) foi retirado de um relato de uma das histórias. A criança recontava a história sem o auxílio do livro para referir-se utilizando as figuras como referentes presentes; assim, foram estabelecidos *loc* para ‘o menino’ e para ‘os peixes’, k’ e k”, respectivamente. A criança introduziu esses *loc* primeiro com os nominais e depois utilizou os *loc* k’ e k” na concordância verbal. Nesse exemplo o uso do recurso de omitir sujeitos e objetos foi empregado de forma consistente e adequada.

No relato de histórias, usualmente as crianças usam as figuras como locais reais dos referentes; isso também é observado nas narrações dos adultos, conforme mencionado anteriormente.

O estabelecimento de *loc* com referentes não presentes no relato das histórias só foi observado no último período. Foi solicitado a G que recontasse a história sem olhar o livro. Observou-se que houve o estabelecimento abstrato de *loc* de forma bastante consistente. Em (6a) apresenta-se uma sentença em que G utilizou os *loc* com os referentes presentes. Em (6b) há uma sentença em que G utiliza *loc* estabelecidos com referentes ausentes do contexto do discurso. As duas sentenças produzidas referem-se à mesma história.

(6) G (5:11)

a. RATO$_k$ PEQUENO $_k$PEGAR$_k$,. ELA BRABA $_k$PEGAR$_{k,k}$,, . ELES$_{k,k}$,, MEDO.

'O rato*i* pequeno (ele*i*) pegou (ele*j*). Ela ficou braba pois (ele*i*) pegou (eles*jy*). Eles*jy*
têm medo'.

b. GATO$_k$, MEDO RATO$_k$. RATO$_k$ PEGAR$_k$,. RATO PEGAR DOIS GATO$_k$,,

CACHORRO$_k$,,. RATO PEGAR$_{k,k}$,,. $_{k,k}$,,FUGIR. MENINA OLHAR$_{k,k}$,,

SURPRESA RATO PEQUENO.

'O gato tem medo do rato. O rato pega (ele*j’*). O rato pega os dois: o gato e o cachorro. O
rato pega (eles*jy*). Eles fogem. A menina olha (para eles*jy*) e fica surpresa porque o rato é pequeno'.

Observa-se em (6) que, quando se trata de referentes ausentes do discurso, há uma necessidade bem maior de definir claramente esses referentes no espaço para que não haja problemas na identificação dos *loc*. Essa necessidade é devidamente

observada por G. G introduziu os *loc* de forma adequada, não deixando dúvidas na identificação dos *loc*, e omitiu os sujeitos e objetos quando esses podiam ser adequadamente recuperados pelo receptor.

5. Algumas Conclusões

Bellugi & Petitto (1988) ao analisar as descobertas na aquisição da linguagem, concluíram que o conhecimento do uso lingüístico do espaço em ASL que uma criança deve ter, necessariamente, inclui a informação quanto as diferenças generalizadas do local de sinalização; o estabelecimento explícito dos nominais em pontos espaciais diferentes; a identificação do local espacial de forma consciente; e, a utilização do local espacial em frases e no discurso de maneira contrastante. As crianças parecem adquirir esse conhecimento por volta dos sete anos, quando atingem a maturidade sobre o sistema referencial da sintaxe.

Elas finalizam a análise afirmando que os dados sugerem que a criança surda de nascença, com acesso a uma língua espaço-visual proporcionada por pais surdos, desenvolverá uma linguagem sem qualquer deficiência . Além disso, os dados apresentados sugerem que os fundamentos da linguagem não estão baseados na forma do sinal, mas sim, na função lingüística que a serve.

Todos os estudos mencionados sobre a aquisição da língua de sinais por crianças surdas concluíram que esse processo ocorre em período análogo à aquisição de crianças ouvintes.

Bellugi et alli (1990) apresentam algumas pesquisas que contribuem para educação de surdos e para compreensão do desenvolvimento da linguagem. Um deles foi feito com crianças surdas filhas de pais ouvintes, cujo o único meio de comunicação disponível era o Inglês Sinalizado (sistema artificial que usa sinais da ASL na ordem do Inglês, sistema equivalente ao Português Sinalizado no Brasil). Esse estudo investigou o uso do espaço pela criança. Foi verificado que as crianças, individualmente, transformavam os conhecimentos que tinham do Inglês Sinalizado quando elas sinalizavam entre si mesmas, tornando essa sinalização mais especializada. Essa descoberta indica que a modalidade da língua apresenta efeitos na forma da língua. Outro estudo realizado com surdos adultos que adquiriram a língua de sinais em diferentes fases da vida, uns filhos de pais ouvintes, outros filhos de pais surdos apresentou resultados que sugerem que, realmente existe um período adequado para o aprendizado da língua. Ou seja, a aquisição da linguagem é muito melhor quando realizada o mais precocemente possível.

Considerando o estudo de Quadros (1995) com crianças surdas filhas de pais surdos sinalizadores da LIBRAS, pode-se sugerir que os dados analisados na ASL em relação a sintaxe espacial apresentam uma analogia com os dados analisados na LIBRAS. Diante disso, sugere-se que o processo de aquisição desses aspectos observados envolva aspectos universais.

Vale mencionar o trabalho apresentado por Rodrigues (1993). O autor apresenta uma reflexão sobre a língua de sinais e sua aquisição por crianças surdas. Ele faz sua análise de um ponto de vista biológico e chega as seguintes conclusões:

a) se a língua de sinais é organizada no cérebro da mesma forma que as línguas orais (conforme vem sendo demonstrado através de pesquisas), então as línguas de sinais são línguas naturais;

b) se as línguas de sinais são línguas naturais, então seu aprendizado tem período crítico (período ideal para a aquisição da linguagem, após esse período a aquisição é deficiente e, dependendo do caso, impossível);

c) se as línguas de sinais têm período crítico, então as crianças surdas estão iniciando tarde o seu aprendizado; e

d) se a natureza compensa parcialmente a falta de audição, aumentando a capacidade visual dos surdos (conforme pesquisas realizadas há uma competição entre os estímulos acústicos e visuais), então está sendo ignorada a maior habilidade dos surdos quando lhes é imposta uma língua oral, ao invés da língua de sinais.

Introdução à Gramática da LIBRAS

TANYA A. FELIPE
Professora Titular da UPE
Coordenadora do grupo de pesquisa da FENEIS

1. O Universal nas Línguas

Pesquisas sobre as línguas de sinais vêm mostrando que estas línguas são comparáveis em complexidade e expressividade a quaisquer línguas orais. Estas línguas expressam idéias sutis, complexas e abstratas. Os seus usuários podem discutir filosofia, literatura ou política, além de esportes, trabalho, moda e utilizá-la com função estética para fazer poesias, estórias, teatro e humor.

Como toda língua, as línguas de sinais aumentam seus vocabulários com novos sinais introduzidos pelas comunidades surdas em resposta à mudanças culturais e tecnológicas.

As línguas de sinais não são universal, cada língua de sinais tem sua própria estrutura gramatical Assim, como as pessoas ouvintes em países diferentes falam diferentes línguas, também as pessoas surdas por toda parte do mundo, que estão inseridos em “Culturas Surdas”, possuem suas próprias línguas, existindo portanto muitas línguas de sinais diferentes, como: Língua de Sinais Francesa, Chilena, Portuguesa, Americana, Argentina, Venezuelana, Peruana, Portuguesa, Inglesa, Italiana, Japonesa, Chinesa, Uruguaia, Russa, Urubus-Kaapor, citando apenas algumas. Estas línguas são diferentes uma das outras e independem das línguas orais-auditivas utilizadas nesses e em outros países, por exemplo: o Brasil e Portugal possuem a mesma língua oficial, o português, mas as línguas de sinais destes países são diferentes, o mesmo acontece com os Estados Unidos e a Inglaterra, entre outros. Também pode acontecer que uma mesma língua de sinais seja utilizada por dois países, como é o caso da língua de sinais americana que é usada pelos surdos dos Estados Unidos e do Canadá.

Embora, surdos de países com línguas de sinais diferentes comunicam-se mais rapidamente uns com os outros, fato que não ocorre entre falantes de línguas orais, que necessitam de um tempo bem maior para um entendimento. Isso se deve à capacidade que as pessoas surdas têm em desenvolver e aproveitar gestos e pantomimas para a comunicação e estarem atentos as expressões faciais e corporais das pessoas.
A Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) é a língua de sinais utilizada pelos surdos que vivem em cidades do Brasil onde existem comunidades surdas, mas além dela, há registros de uma outra língua de sinais que é utilizada pelos índios Urubus-Kaapor na Floresta Amazônica.

A LIBRAS, como toda língua de sinais, é uma língua de modalidade gestual-visual porque utiliza, como canal ou meio de comunicação, movimentos gestuais e expressões faciais que são percebidos pela visão; portanto, diferencia da Língua Portuguesa, que é uma língua de modalidade oral-auditiva por utilizar, como canal ou meio de comunicação, sons articulados que são percebidos pelos ouvidos. Mas as diferenças não estão somente na utilização de canais diferentes, estão também nas estruturas gramaticais de cada língua.
Embora com as diferenças peculiares a cada língua, todas as línguas possuem algumas semelhanças que a identificam como língua e não linguagem como, por

exemplo, a linguagem das abelhas, dos golfinhos, dos macacos, enfim, a comunicação dos animais.

Uma semelhança entre as línguas é que todas são estruturadas a partir de unidades mínimas que formam unidades mais complexas, ou seja, todas possuem os seguintes níveis lingüísticos: o fonológico, o morfológico, o sintático, o semântico e o pragmático.

No nível fonológico, as línguas são formadas de fonemas. Os fonemas só têm valor contrastivo, não têm significado mas, a partir das regras de cada língua, se combinam para formar os morfemas e estes as palavras.

Na língua portuguesa, os fonemas l m l l n l l s l l a l l e l l i l podem se combinar e formar a palavra l meninas l.

No nível morfológico, esta palavra é formada pelos morfemas {menin-} {-a} {-s}. Diferentemente dos fonemas, cada um destes morfemas tem um significado: {menin-} é o radical desta palavra e significa “criança”, o morfema {-a} significa “gênero feminino” e o morfema {-s} significa “plural”.

No nível sintático, esta palavra pode se combinar com outras para formar a frase, que precisa ter um sentido em coerência com o significado das palavras em um contexto, o que corresponde aos níveis semântico (significado) e pragmático (sentido no contexto: onde está sendo usada) respectivamente.
Outra semelhança entre as línguas é que os usuários de qualquer língua podem expressar seus pensamentos diferentemente por isso uma pessoa que fala uma determinada língua a utiliza de acordo com o contexto: o modo de se falar com um amigo não é igual ao de se falar com uma pessoa estranha. Isso é o que se chama de registro. Quando se aprende uma língua está aprendendo também a utilizá-la a partir do contexto.
Outra semelhança também é que todas as línguas possuem diferenças quanto ao seu uso em relação à região, ao grupo social, à faixa etária e ao sexo. O ensino oficial de uma língua sempre trabalha com a norma culta, a norma padrão, que é utilizada na forma escrita e falada e sempre toma alguma região e um grupo social como padrão.

Ao se atribuir às línguas de sinais o status de língua é porque elas, embora sendo de modalidade diferente, possuem também estas características em relação às diferenças regionais, sócio-culturais, entre outras, e em relação às suas estruturas que também são compostas pelos níveis descritos acima.

---

2. O Sinal e seus Parâmetros

O que é denominado de palavra ou item lexical nas línguas orais-auditivas, são denominados sinais nas línguas de sinais.

O sinal é formado a partir da combinação do movimento das mãos com um determinado formato em um determinado lugar, podendo este lugar ser uma parte do corpo ou um espaço em frente ao corpo. Estas articulações das mãos, que podem ser comparadas aos fonemas e às vezes aos morfemas, são chamadas de parâmetros, portanto, nas línguas de sinais podem ser encontrados os seguintes parâmetros:

1. configuração das mãos: são formas das mãos, que podem ser da datilologia (alfabeto manual) ou outras formas feitas pela mão predominante (mão direita para os

destros), ou pelas duas mãos do emissor ou sinalizador. Os sinais APRENDER, LARANJA e ADORAR têm a mesma configuração de mão;

2. ponto de articulação: é o lugar onde incide a mão predominante configurada, podendo esta tocar alguma parte do corpo ou estar em um espaço neutro vertical (do meio do corpo até à cabeça) e horizontal (à frente do emissor). Os sinais TRABALHAR, BRINCAR, CONSERTAR são feitos no espaço neutro e os sinais ESQUECER, APRENDER e PENSAR são feitos na testa;

3. movimento: os sinais podem ter um movimento ou não. Os sinais citados acima tem movimento, com exceção de PENSAR que, como os sinais AJOELHAR, EM-PÉ, não tem movimento;

4. orientação: os sinais podem ter uma direção e a inversão desta pode significar idéia de oposição, contrário ou concordância número-pessoal, como os sinais QUERER E QUERER-NÃO; IR e VIR;

5. Expressão facial e/ou corporal: muitos sinais, além dos quatro parâmetros mencionados acima, em sua configuração tem como traço diferenciador também a expressão facial e/ou corporal, como os sinais ALEGRE e TRISTE. Há sinais feitos somente com a bochecha como LADRÃO, ATO-SEXUAL.

Na combinação destes quatro parâmetros, ou cinco, tem-se o sinal. Falar com as mãos é, portanto, combinar estes elementos que formam as palavras e estas formam as frases em um contexto.

Para conversar, em qualquer língua, não basta conhecer as palavras, é preciso aprender as regras de combinação destas palavras em frases.

---

3. Sistema de Transcrição para a LIBRAS

As línguas de sinais tem características próprias e por isso vem sendo utilizado mais o vídeo para sua reprodução à distância. Existem sistemas de convenções para escrevê-las, mas como geralmente eles exigem um período de estudo para serem aprendidos, neste livro, estamos utilizando um "**Sistema de notação em palavras**".

Este sistema, que vem sendo adotado por pesquisadores de línguas de sinais em outros países e aqui no Brasil, tem este nome porque as palavras de uma língua oral-auditiva são utilizadas para representar aproximadamente os sinais.

Assim, a LIBRAS será representada a partir das seguintes convenções:

1. Os sinais da LIBRAS, para efeito de simplificação, serão representados por itens lexicais da Língua Portuguesa (LP) em letras maiúsculas. Exemplos: CASA, ESTUDAR, CRIANÇA, etc;

2. um sinal, que é traduzido por duas ou mais palavras em língua portuguesa, será representado pelas palavras correspondentes separadas por hífen. Exemplos: CORTAR-COM-FACA, QUERER-NÃO "não querer", MEIO-DIA, AINDA-NÃO, etc;

3. um sinal composto, formado por dois ou mais sinais, que será representado por duas ou mais palavras, mas com a idéia de uma única coisa, serão separados pelo símbolo ^ . Exemplos: CAVALO^LISTRA "zebra";

4. a datilologia (alfabeto manual), que é usada para expressar nome de pessoas, de localidades e outras palavras que não possuem um sinal, está representada pela palavra separada, letra por letra por hífen. Exemplos:

J-O-Ã-O, A-N-E-S-T-E-S-I-A;

5. o sinal soletrado, ou seja, uma palavra da língua portuguesa que, por empréstimo , passou a pertencer à LIBRAS por ser expressa pelo alfabeto manual com uma incorporação de movimento próprio desta língua, está sendo representado pela datilologia do sinal em itálico. Exemplos: *R-S* "reais", *A-C-H-O, QUM* "quem", *N-U-N-C-A*, etc;

6. na LIBRAS não há desinências para gêneros (masculino e feminino) e número (plural), o sinal, representado por palavra da língua portuguesa que possui estas marcas, está terminado com o símbolo @ para reforçar a idéia de ausência e não haver confusão. Exemplos: AMIG@ "amiga(s) e amigo(s)" , FRI@ "fria(s) e frio(s)", MUIT@ "muita(s) e muito(s)", TOD@, "toda(s) e todo(s)", EL@ "ela(s), ele(s)", ME@ "minha(s) e meu(s)" etc;

7. Os traços não-manuais: expressões facial e corporal, que são feitos simultaneamente com um sinal, estão representados acima do sinal ao qual está acrescentando alguma idéia, que pode ser em relação ao:

a) tipo de frase ou advérbio de modo: interrogativa ou ... i ... negativa ou ... neg ... etc

Para simplificação, serão utilizados, para a representação de frases nas formas exclamativas e interrogativas, os sinais de pontuação utilizados na escrita das línguas orais-auditivas, ou seja: !, ? e ?!

b) advérbio de modo ou um intensificador: muito rapidamente exp.f "espantado" etc;

interrogativa exclamativo muito

Exemplos: NOME ADMIRAR LONGE

8. os verbos que possuem concordância de gênero (pessoa, coisa, animal), através de classificadores, estão representados tipo de classificador em subescrito. Exemplos: $_{pessoa}$ANDAR, $_{veículo}$ANDAR, $_{coisa\text{-}arredondada}$COLOCAR, etc;

9. os verbos que possuem concordância de lugar ou número-pessoal, através do movimento direcionado, estão representados pela palavra correspondente com uma letra em subscrito que indicará:

a) a variável para o lugar: i = ponto próximo à 1a pessoa,
j = ponto próximo à 2a pessoa,
e k' = pontos próximos à 3a pessoas,
e = esquerda,
d = direita;

b) as pessoas gramaticais: $_{1s,\ 2s,\ 3s}$ = 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular;
$_{1d,\ 2d,\ 3d}$ = 1ª, 2ª e 3ª pessoas do dual;
$_{1p,\ 2p,\ 3p}$ = 1ª, 2ª e 3ª pessoas do plural;

Exemplos: $_{1s}$ DAR$_{2S}$ "eu dou para "você",

$_{2s}$PERGUNTAR$_{3P}$ "você pergunta para eles/elas",

$_{k}$dANDAR$_{k,e}$ "andar da direita (d) para à esquerda (e).

10. Às vezes há uma marca de plural pela repetição do sinal. Esta marca será representada por uma cruz no lado direto acima do sinal que está sendo repetido:

Exemplo: GAROTA +

11. quando um sinal, que geralmente é feito somente com uma das mãos, ou dois sinais estão sendo feitos pelas duas mãos simultaneamente, serão representados um abaixo do outro com indicação das mãos: direita (md) e esquerda (me).

Exemplos: IGUAL (md) $_{PESSO@\text{-}MUIT@}$ANDAR (me)
` IGUAL (me) $_{PESSOA}$EM-PÉ (md)

Estas convenções vem sendo utilizadas para poder representar, linearmente, uma língua espaço-visual, que é tridimensional. Felipe (1988, 1991,1993,1994,1995,1996)

Os Processos de Formação de Palavras na LIBRAS

Os livros sobre as gramáticas das línguas geralmente trazem uma parte sobre os processos de formação de palavras.

Na LIBRAS, os sinais são formados a partir da: configuração de mãos, movimento, orientação e ponto de articulação, estes parâmetros já foram mencionados na Introdução deste livro.

Estes quatro parâmetros podem ser comparados a “pedacinhos” de um sinal porque às vezes eles têm significados e, através de alterações em suas combinações, eles formam os sinais. Portanto:

a) **a configuração de mãos**, pode ser um marcador de gênero (animado: pessoa e animais / inanimado: coisas). Exemplo:

PESSOA CL:G_k CARRO CL5$_k$, $_{k'VEÍCULO}$COLIDIR$_k$
“O carro bateu em uma pessoa”;

b) **o ponto de articulação** pode ser uma marca de concordância verbal com o advérbio de lugar. Exemplo:

MESA$_i$ COPO $_{objeto\text{-}arredondado}$-COLOCARi
“eu coloco o copo na mesa”;

c) o movimento pode ser uma raiz. Exemplos:

IR, VIR, BRINCAR.

A alteração na freqüência do movimento, pode ser uma marca de aspecto temporal: TRABALHAR-CONTINUAMENTE; de modo: FALAR-DEMASIADAMENTE, ou um intensificador: TRABALHAR-MUITO;

d) a orientação pode ser uma concordância número-pessoal. Exemplos:

$_{1s}$PERGUNTAR$_{2s}$ “eu pergunto a você”
$_{2s}$PERGUNTAR$_{1s}$ “você me pergunta”;
ou um advérbio de tempo. Exemplos: ANO e ANO-PASSADO.

Fazendo uma paralelo destes parâmetros que, às vezes, como foi mostrado, podem ter um significado, com alguns fonemas da língua portuguesa, que podem também ter um significado, teremos:

(1) os artigos definidos: a e o. Exemplos: a menina, o menino;

(2) , as desinências de gênero e plural. Exemplos: menina, casas.

Na LIBRAS, portanto, os processos de formação de palavras podem ocorrem através de:

1. **Modificações por adição à raiz**: uma raiz pode ser modificada através da adição de afixos. Por exemplo, a incorporação da negação é um processo de modificação por adição à raiz porque,

- como **sufixo**, ela se incorpora em alguns verbo: a raiz, que possui um determinado movimento em um primeiro momento, finaliza-se com um movimento contrário, que caracteriza a negação incorporada; como nos verbos: QUERER / QUERER-NÃO; GOSTAR / GOSTAR-NÃO;

- como **infixo**, ela se incorpora simultaneamente `a raiz através do movimento ou expressão corporal: TER / TER-NÃO; PODER / PODER-NÃO.

A negação, além de poder ocorrer através destes processos morfológicos, pode também ocorrer sintaticamente porque, através dos advérbios 'NÃO' E 'NADA', pode-se construir uma frase negativa, como no exemplo: EU INGLÊS SABER NÃO, ENTENDER NADA

"eu não sei inglês, não entendo nada".

Há, ainda, a incorporação do intensificador: "muito" ou de advérbios de modo, que alteram, também, o movimento da raiz.

2. **Modificação interna da raiz**: uma raiz pode ser modificada por três tipos de acréscimo:

a) o da **flexão** que, através da direcionalidade, marca as pessoas do discurso, fazendo com que a raiz se inverta ou até adquira uma forma em arco ;

b) o acréscimo do **aspecto verbal** que, através de mudanças na freqüência do movimento da raiz marcam os aspectos durativo, contínuo, etc;

c) o acréscimo de um **marcador de concordância de gênero** que, através de configurações de mãos (classificadores), especifica a coisa: objeto plano vertical/horizontal, redondo, etc

3. **Processos de derivação Zero**: na LIBRAS, como a língua inglesa, há muitos verbos denominais ou substantivos verbais que são invariáveis e somente no contexto pode-se perceber se estão sendo utilizados com a função de verbos ou de nome. Exemplos: AVIÃO / IR-DE-AVIÃO; CADEIRA / SENTAR; FERRO / PASSAR-COM-FERRO; PORTA / ABRIR-PORTA; BRINCADEIRA / BRINCAR; TESOURA / CORTAR-COM-TESOURA; BICICLETA / ANDAR-DE-BICICLETA; CARRO / DIRIGIR-CARRO; VIDA / VIVER, etc.

Alguns destes pares, quando possuem uma marca de concordância com o objeto, apresentam uma estrutura O_iV_i , como o verbo CORTAR-COM-TESOURA; ou apresentam uma diferença em relação ao parâmetro movimento, como os verbos IR-DE-AVIÃO, que apresenta um movimento mais alongado, em relação ao substantivo AVIÃO, e PASSAR-COM-FERRO, que apresenta um movimento mais repetido e alongado, em oposição ao movimento repetido e retido para o nome FERRO.

4. **Processos de composição**: neste processo de formação de palavra duas ou mais raízes se combinam e dão origem a uma outra forma, um outro sinal. Exemplos: CAVALO^LISTRA-PELO-CORPO "zebra" ; MULHER^BEIJO-NA-MÃO "mãe" CASA^ESTUDAR "escola"; CASAR^SEPARAR "divorciar"; COMER^MEIO-DIA "almoço"; etc.

Pode-se concluir do exposto que, independentemente da modalidade de língua, as categorias gramaticais e os processos de formação de palavras de uma determinada língua apontarão para a sua classificação enquanto língua de um determinado tipo, a partir de seus processos mais produtivos.

---

5. As Categorias Gramaticais na LIBRAS

As categorias gramaticais ou parte do discurso são os paradigmas ou classes de palavras de uma língua. Todas língua possui palavras que são classificadas como fazendo parte de um tipo, classe ou paradigma em relação as seus aspectos morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos. Assim, na língua portuguesa, por exemplo, os substantivos são palavras que possuem desinência de gênero e número, são as palavras-chave de um sintagma nominal que pode ter a função de sujeito ou de objeto.

Embora todas as línguas não possuam as mesmas classes gramaticas e muitas línguas não possuem algumas, isso não implica carência ou inferioridade, as línguas tem formas diferenciadas para expressar os conceitos. Por exemplo, na LIBRAS não há artigos, em inglês somente este uma forma para para artigo definido: *"the"*.

As outras categorias, que existem na língua portuguesa, também existem na LIBRAS. Aqui serão apresentadas algumas e estudos mais aprofundados destas e de outras, que não serão mencionadas, já estão sendo feitos:

5.1. Verbo na LIBRAS

Basicamente na LIBRAS, há dois tipos de verbo:

a) verbos que não possuem marca de concordância, embora possam ter flexão para aspecto verbal;

b) verbos que possuem marca de concordância.

Quando se faz uma frase com verbos do primeiro grupo, é como se eles ficassem no infinitivo, por exemplo:

(1) EU TRABALHAR FENEIS "eu trabalho na FENEIS";
(2)EL@ TRABALHAR FENEIS "ele/a trabalha na FENEIS";
(3) EL@ TRABALHAR FENEIS "eles/as trabalham na FENEIS.

Os verbos do segundo grupo podem ser subdivididos em:

1. **Verbos que possuem concordância número-pessoal**: a orientação marca as pessoas do discurso. O ponto inicial concorda com o sujeito e o final com o objeto. Exemplos
:

(4) $_{1s}$PERGUNTAR$_{2s}$ "eu pergunto a você";
(5) $_{2s}$PERGUNTAR$_{1s}$ "você me pergunta"

2. **Verbos que possuem concordância de gênero**: são verbos classificadores porque a eles estão incorporados, através da configuração de mão, uma concordância de gênero: PESSOA, ANIMAL ou COISA. Exemplos:

(6) $_{pessoa}$ANDAR (configuração da mão em G);
(7) $_{veículo}$ANDAR/MOVER (configuração da mão em 5 ou B, palma para baixo)
(8) $_{animal}$ANDAR (configuração da mão em 5 ou 5, palma para baixo);

3. **Verbos que possuem concordância com a localização**: são verbos que começam ou terminam em um determinado lugar que se refere ao lugar de uma pessoa, coisa, animal ou veículo, que está sendo colocado, carregado, etc. Portanto o ponto de articulação marca a localização. Exemplos:

(9) COPO MESA$_k$ $_{\text{coisa arredondada}}$COLOCAR$_k$;
(10) CABEÇA$_k$ ATIRAR$_k$.

Estes tipos de concordância podem coexistir em um mesmo verbo. Assim, há verbos que possuem concordância de gênero e localização, como o verbo COLOCAR acima; e concordância número-pessoal e de gênero, como o verbo DAR. Concluindo, pode-se esquematizar o sistema de concordância verbal, na LIBRAS, da seguinte maneira:

1. concordância número-pessoal	=>	parâmetro orientação
2. concordância de gênero e número	=>	parâmetro configuração de mão
3. concordância de lugar	=>	parâmetro ponto de articulação

5.1.1. Classificador na LIBRAS

Nas línguas do mundo as classificações podem se manifestam de várias formas. Podem ser:

- uma desinência, como em português, que classifica os substantivos e os adjetivos em masculino e feminino: menina - menino;
- pode ser uma partícula que se coloca entre as palavras;
- e ainda pode ser uma desinência que se coloca no verbo para estabelecer concordância.

Ao se atribuir uma qualidade a uma coisa como, por exemplo: arredondada, quadrado, cheio de bolas, de listras, etc isso representa um tipo de classificação porque é uma adjetivação descritiva, mas isso não quer dizer que seja, necessariamente, um classificador como se vem trabalhando este conceito nos estudos lingüísticos.

Para os estudiosos deste assunto, um classificador é uma forma que existe em número restrito em uma língua e estabelece um tipo de concordância.

Na LIBRAS, os classificadores são configurações de mãos que, relacionadas à coisa, pessoa e animal, funcionam como marcadores de concordância.

Assim, na LIBRAS, os classificadores são formas que, substituindo o nome que as precedem, pode vir junto ao verbo para classificar o sujeito ou o objeto que está ligado à ação do verbo. Portanto os classificadores na LIBRAS são marcadores de concordância de gênero: PESSOA, ANIMAL, COISA.

Os classificadores para PESSOA e ANIMAL podem ter plural, que é marcado ao se representar duas pessoas ou animais simultaneamente com as duas mãos ou fazendo um movimento repetido em relação ao número.

Os classificadores para COISA representam, através da concordância, uma característica desta coisa que está sendo o objeto da ação verbal, exemplos:

(11) COPO MESA$_k$ $_{\text{coisa arredondada}}$COLOCARk;

(12) 2 CARRO $_{\text{veículo}}$ANDAR-UM-ATRÁS-DO-OUTRO (md)
$_{\text{veículo}}$ANDAR (me)

(13) M-A-R-I-A A-L-E-X $_{\text{pessoa}}$PASSAR-UM-PELO-OUTRO (md)
$_{\text{pessoa}}$PASSAR (me)

Não se deve confundir os classificadores, que são algumas configurações de mãos incorporadas ao movimento de certos tipos de verbos, com os adjetivos descritivos que, nas línguas de sinais, por estas serem espaço-visuais, representam iconicamente qualidades de objetos. Por exemplo, para dizer nestas línguas que "uma pessoa está vestindo uma blusa de bolinhas, quadriculada ou listrada", estas expressões adjetivas serão desenhadas no peito do emissor, mas esta descrição não é um classificador, e sim um adjetivo que, embora classifique, estabelece apenas uma relação de qualidade do objeto e não relação de concordância de gênero: PESSOA, ANIMAL, COISA, que é a característica dos classificadores na LIBRAS, como também em outras línguas orais e de sinais.

5.1.2. Advérbios de tempo

Na LIBRAS não há marca de tempo nas formas verbais, é como se os verbos ficassem na frase quase sempre no infinitivo. O tempo é marcado sintaticamente através de advérbios de tempo que indicam se a ação está ocorrendo no presente: HOJE, AGORA; ocorreu no passado: ONTEM, ANTEONTEM; ou irá ocorrer no futuro: AMANHÃ. Por isso os advérbios geralmente vem no começo da frase, mas podem ser usados também no final. Para um tempo verbal indefinido, usa-se os sinais:

- HOJE, que traz a idéia de "presente";
- PASSADO, que traz a idéia de "passado";
- FUTURO, que traz a idéia de futuro.

5.2. Adjetivo na LIBRAS

Os adjetivos são sinais que formam uma classe específica na LIBRAS e sempre estão na forma neutra, não havendo, portanto, nem marca para gênero (masculino e feminino), em para número (singular e plural).

Muitos adjetivos, por serem descritivos e classificadores, apresentam iconicamente uma qualidade do objeto, desenhando-a no ar ou mostrando-a a partir do objeto ou do corpo do emissor.

Em português, quando uma pessoa se refere a um objeto como sendo arredondado, quadrado, listrados, etc está, também, descrevendo e classificando, mas na LIBRAS esse processo é mais "transparente" porque o formato ou textura são traçados no espaço ou no corpo do emissor, em uma tridimensionalidade permitida pela modalidade da língua.

Em relação à colocação dos adjetivos na frase, eles geralmente vêm após o substantivo que qualifica. Exemplos:

(14) PASSADO EU GORD@ MUITO-COMER, AGORA EU MAGR@ EVITAR COMER

(15) LEÃ@ COR CORPO AMAREL@ PERIGOS@

(16) RAT@ PEQUEN@, COR PRET@, ESPERT@

5.2.1. Comparativo de igualdade, superioridade e inferioridade

Em LIBRAS, também, pode ser comparada uma qualidade a partir de três situações: superioridade, inferioridade e igualdade.

Para se fazer os comparativos de superioridade e inferioridade, usa-se os sinais MAIS ou MENOS antes do adjetivo comparado, seguido da conjunção comparativa DO-QUE, ou seja:

- comparativo de superioridade: X MAIS ------- DO-QUE Y;
- comparativo de inferioridade: X MENOS ---- DO-QUE Y.

Para o comparativo de igualdade, podem ser usados dois sinais: IGUAL (dedos indicadores e médios das duas mãos roçando um no outro) e IGUAL (duas mãos em B, viradas para frente encostadas lado a lado), geralmente no final da frase. Exemplos:

(17) VOCÊ MAIS VELH@ DO-QUE EL@

(18) VOCÊ MENOS VELH@ DO-QUE EL@

(19) VOCÊ-2 BONIT@ IGUAL (me)
IGUAL (md)

5.3. Pronome na LIBRAS

5.3.1. Pronomes pessoais

A LIBRAS possui um sistema pronominal para representar as pessoas do discurso:

- primeira pessoa (singular, dual, trial, quatrial e plural): EU; NÓS-2, NóS-3, NÓS-4, NÓS-GRUPO, NÓS-TOD@;
- segunda pessoa (singular, dual, trial, quatrial e plural): VOCÊ, VOCÊ-2, VOCÊ-3, VOCÊ-4, VOCÊ-GRUPO, VOCÊ-TOD@;
- terceira pessoa (singular, dual, trial, quatrial e plural): EL@, EL@-2, EL@-3, EL@-4, EL@-GRUPO, EL@-TOD@

No singular, o sinal para todas as pessoas é o mesmo, ou seja, a configuração da mão predominante é em “d” (dedo indicador estendido, veja alfabeto manual), o que difere uma das outras é a orientação da mão: o sinal para “eu” é um apontar para o peito do emissor (a pessoa que está falando), o sinal para “você” é um apontar para o receptor (a pessoa com quem se fala) e o sinal para “ele/ela” é um apontar para uma pessoa que não está na conversa ou para um lugar convencionado para uma terceira pessoa que está sendo mencionada.

No dual, a mão ficará com o formato de dois, no trial o formato será de três, no quatrial o formato será de quatro e no plural há dois sinais: um sinal composto formado pelo sinal para a respectiva pessoa do discurso, no singular, mais o sinal GRUPO; e outro sinal para plural que é feito pela mão predominante com a configuração em “d” fazendo um círculo.

Como na língua portuguesa, na LIBRAS, quando uma pessoa surda está conversando, ela pode omitir a primeira pessoa e a segunda porque, pelo contexto, as pessoas que estão interagindo sabem a qual das duas o verbo está relacionado, por isso, quando estas pessoas estão sendo utilizadas pode ser para dar ênfase à frase.

Quando se quer falar sobre uma terceira pessoa que está presente, mas deseja-se uma certa reserva, por educação, não se aponta para esta pessoa diretamente. Nesta situação, o emissor faz um sinal com os olhos e um leve movimento de cabeça para a direção da pessoa que está sendo mencionada, ou aponta para a palma da mão encontrando o dedo na mão um pouco à frente do peito do emissor, estando esta mão

voltada para a direção onde se encontra a pessoa referida.

5.3.2. Pronomes demonstrativos e advérbios de lugar

Na LIBRAS os pronomes demonstrativos e os advérbios de lugar têm o mesmo sinal, somente o contexto os diferencia pelo sentido da frase acompanhada de expressão facial.

Este tipo de pronome e de advérbio estão relacionados às pessoas do discurso e representam, na perspectiva do emissor, o que está bem próximo, perto e distante.

Estes pronomes ou advérbios têm a mesma configuração de mãos dos pronomes pessoais (mão em d), mas os pontos de articulação e as orientações do olhar são diferentes.

Assim, EST@ / AQUI é um apontar para o lugar perto e em frente do emissor, acompanhado de um olhar para este ponto; ESS@ / AÍ é um apontar para o lugar perto e em frente do receptor, acrescido de um olhar direcionado não para o receptor , mas para o ponto apontado perto segunda pessoa do discurso; e AQUELE / LÁ é um apontar para um lugar mais distante, o lugar da terceira pessoa, mas diferentemente do pronome pessoal, ao apontar para este ponto há um olhar direcionado:

PRONOMES PESSOAIS PRONOMES DEMONOSTRATIVOS E ADVÉRBIOS DE LUGAR

EU olhando para o receptor EST@ / AQUI olhando para o lugar apontado, perto do emissor (perspectiva do emissor)

VOCÊ olhando para o recptor ESS@ / AÍ olhando para o lugar apontado, perto da 2a. pessoa (perspectiva do emissor)

EL@ olhando para o receptor AQUEL@ / LÁ olhando para o lugar convencionado para 3a pessoa ou coisas afastadas

Como os pronomes pessoais, os pronomes demonstrativos também não possuem marca para gêneros masculino e feminino e, por isso, está ausência, ou neutralidade, está sendo assinalada pelo símbolo @.

5.3.3. Pronomes possessivos

Os pronomes possessivos, como os pessoais e demonstrativos, também não possuem marca para gênero e estão relacionados às pessoas do discurso e não à coisa possuída, como acontece em português:

- EU => ME@ SOBRINH@;
- VOCÊ => TE@ ESPOS@;
- EL@ => SE@.FILH@

Para a primeira pessoa: ME@, pode haver duas configurações de mão: uma é a mão aberta com os dedos juntos, que bate levemente no peito do emissor; a outra é a configuração da mão em P com o dedo médio batendo no peito.

Para as segunda e terceira pessoas, a mão tem esta segunda configuração em P, mas o movimento é em direção à pessoa referida: segunda ou terceira.

Não há sinal específico para os pronomes possessivo no dual, trial, quadrial e plural (grupo), nestas situações são usados os pronomes pessoais correspondentes. Exemplo: NÓS FILH@ "nosso(a) filho(a)"

5.3.4. Pronomes Interrogativos

5.3.4.1. QUE, QUEM, ONDE

Os pronomes interrogativos QUE e QUEM geralmente são usados no início da frase, mas o pronome interrogativo ONDE e o pronome QUEM, quando está sendo usado com o sentido de "quem-é" ou "de quem é" são mais usados no final. Todos os três sinais têm uma expressão facial interrogativa feita simultaneamente com eles.

O pronome interrogativo QUEM, dependendo do contexto, tem duas formas diferentes, os sinais QUEM e o sinal soletrado QUM. Se se quer perguntar "quem está tocando a campainha", usa-se o sinal QUEM; se quer perguntar "quem faltou hoje" ou "quem está falando" ou ainda "quem fez isso", usa-se o sinal soletrado QUM, como nos exemplos abaixo:

interrog.
(20) QUEM
QUEM NASCER RIO?
QUEM FAZER ISSO?
PESSOA, QUEM-É? "Quem é esta pessoa?"
CANETA, QUEM-É "De quem é está caneta"
(contexto: Telefone TDD tocar) QUEM-É?
(contexto: Campainha tocar) QUEM-É

interrog.
(21) QUM
QUM TER LIVR@?
QUM FALAR?

5.3.4.2. QUAL, COMO, PARA-QUE e POR-QUE

Na LIBRAS, há uma tendência para a utilização, no final da frase, dos pronomes interrogativos QUAL, COMO e PARA-QUE, e para a utilização, no início da frase, do pronome interrogativo POR-QUE, mas os primeiros podem ser usados também no início e POR-QUE pode ser utilizado também no final.

Não há diferença entre o "por que" interrogativo e o "porque" explicativo, o contexto mostra, pelas expressões facial e corporal, quando ele está sendo usado em frase interrogativa ou em frase explicativa à pergunta.O pronome interrogativo COMO também tem outra forma em datilologia:

C-O-M-O. Exemplos:

- QUAL?

(22) BLUSA MAIS BONIT@. ESTAMPAD@ OU LIS@ QUAL?

MAIS BONIT@ ESTAMPAD@.

(23) VOCÊ LER LIVRO? QUAL NOME?

NOME “ VENDO VOZES”

- COMO?

(24) VOCÊ IR PRAIA AMANHÃ CARRO ÔNIBUS A-PÉ? COMO?
CARRO. VOCÊ QUER IR-JUNTO?

(25) EL@ COMPRAR CARRO? C-O-M-O TER DINHEIRO?
EL@ GANHAR LOTO

- PARA-QUE?

(26) FALAR M-L EL@ PRA-QUE?
PORQUE EU GOSTAR-NÃO EL@

(27) CHEGAR ATRASAD@ , VOCÊ BEBER?
NÃO, PENSAR M-L! PRA-QUE? BOBAGEM! exp.facial “parece que ele percebeu, me dei mal!!

- POR-QUE?

...interrog...
(28) POR-QUE FALTAR ONTEM TRABALHAR?
POR-QUE ESTAR DOENTE.

5.3.4.3. QUANDO, DIA, QUE-HORA, QUANTAS-HORAS

- QUANDO e DIA

Sempre simultaneamente aos pronomes ou expressões interrogativas há uma expressão facial indicando que a frase está na forma interrogativa.

A pergunta com QUANDO está relacionada a um advérbio de tempo na resposta ou a um dia específico. Por isso há três sinais diferentes para “quando”. Um que especifica passado: QUANDO-PASSADO (palma da mão com um movimento para o corpo do emissor), outro que especifica futuro: QUANDO-FUTURO (palma da mão com um movimento para fora do corpo do emissor), e outro que especifica o dia: DIA. Exemplos:

interrogativo
(29) QUANDO-PASSADO

interrogativo

- EL@ VIAJAR RECIFE QUANDO-PASSADO?

Resposta: ONTEM, MÊS PASSADO, ANO-PASSADO, etc.

interrogativo interrogativo
(30) QUANDO-FUTURO ou DIA

interrogativo

- EL@ VIAJAR SÃO-PAULO QUANDO-FUTURO?

  Resposta: AMANHÃ, PRÓXIMO MÊS, DOMINGO, etc;

interrogativo

(31) DIA

interrogativo

- EU CONVIDAR VOCÊ VIR MINH@ CASA. VOCÊ PODER DIA?

  Resposta: SÁBADO QUE-VEM, EU PODER.

- **Que-horas e Quantas-horas**

Na LIBRAS, para se referir a horas, usa-se a mesma configuração dos numerais para quantidade e, após doze horas, não se continua a contagem, começa-se a contar novamente: 1 HORA, 2 HORA, 3 HORA, etc, acrescentando o sinal TARDE, quando necessário, porque geralmente pelo contexto já se sabe se está se referindo à manhã, tarde, noite ou madrugada.

A expressão interrogativa QUE-HORAS? (um apontar para o pulso), está relacionada ao tempo cronológico, exemplo:

(32) QUE-HORAS

- AULA COMEÇAR QUE-HORAS AQUI?
- VOCÊ TRABALHAR COMEÇAR QUE-HORAS?
- AULA TERMINAR QUE-HORAS?
- VOCÊ ACORDAR QUE-HORAS?
- VOCÊ DORMIR QUE-HORAS?

Já a expressão interrogativa QUANTAS-HORAS (um círculo ao redor do rosto) está sempre relacionada ao tempo gasto para se realizar alguma atividade, exemplos:

interrogativo

(33) QUANTAS-HORAS

- VIAJAR SÃO-PAULO QUANTAS-HORAS?
- TRABALHAR ESCOLA QUANTAS-HORAS?
- **Expressões idiomáticas relacionadas ao ano sideral**

Na LIBRAS há 2 sinais diferentes para a idéia “dia”: um sinal relacionado a dia do mês, que é a datilologia D-I-A, e o sinal DIA (duração), (que tem a configuração de mão em d, batendo na testa no lado direito) Exemplos:

(34) D-I-A AMANHÃ?
AMANHÃ D-I-A 17

(35) VIAJAR RECIFE ÔNIBUS EU CANSAD@ DIA-2
“Eu estou cansada porque viajei 2 dias de ônibus para o Recife”

Os numerais de 1 a 4 podem ser incorporados aos sinais DIA (duração), SEMA-NA, MÊS e ANO e VEZ, exemplos:

(36) DIA-1, DIAS-2;

(37) SEMANA-1, SEMANA-2, SEMANA-3, SEMANA-4;

(38) MÊS-1, MÊS-2, MÊS-3;

(39) ANO-1, AN0-2, ANO-3;

(40) VEZ-1, VEZ-2, VEZ-3, MUIT@-VEZES

A partir do numeral 5, não há mais incorporação e a construção utilizada é formada pelo sinal seguido do numeral segue. Esta construção também pode ser usada para os numerais inferiores a 5, que permitem a incorporação mencionada acima, exemplos:

(41) DIA 4, DIA 20, SEMANA 8, ANO 6

Aos sinais DIA (duração) e SEMANA podem ser incorporadas a freqüência ou duração através de um movimento prolongado ou repetido. Exemplos:

(42) TODOS-OS-DIAS - movimento repetido;

(43) DIA-INTEIRO "o dia todo" - movimento alongado;

(44) TOD@-SEMANA 2ª-FEIRA " todas as segundas" - mov. alongado,
TOD@-SEMANA 4 a-FEIRA "todas as quartas"

5.4. Numeral na LIBRAS

As línguas podem ter formas diferentes para apresentar os numerais quando utilizados como cardinais, ordinais, quantidade, medida, idade, dias da semana ou mês, horas e valores monetários. Isso também acontece na LIBRAS.

Nesta língua é agramatical, ou seja, errado a utilização de uma única configuração das mãos para determinados numerais que têm configurações específicas que dependem do contexto, por exemplo: o numeral cardinal 1 é diferente da quantidade 1, como em LIVRO 1, que é diferente de PRIMEIRO-LUGAR, que é diferente de PRIMEIRO-ANDAR, que é diferente de PRIMEIRO-GRAU, que é diferente de MÊS-1. Os numerais cardinais, as quantidades, e idade a partir do número 11 são idênticos. Os números 22, 33, 44 e 77 sempre são articulados com a mão apontando para a frente do emissor.

Os numerais ordinais do PRIMEIRO até o NONO têm a mesma forma dos cardinais, mas aqueles possuem movimentos enquanto estes não possuem. Os ordinais do PRIMEIRO até o QUARTO têm movimentos para cima e para baixo e os ordinais do QUINTO até o NONO têm movimentos para os lados. A partir do numeral DEZ, não há mais diferença entre os cardinais e ordinais.

5.4.1. Utilização dos numerais para valores monetários, pesos e medidas

Em LIBRAS para se representar os valores monetários de um até nove reais, usa-se o sinal do numeral correspondente ao valor, incorporando a este o sinal VÍRGULA. Por isso o numeral para valor monetário terá pequenos movimentos rotativos. Pode ser usado também para estes valores acima os sinais dos numerais correspondentes seguido do sinais soletrados R-L "real" ou R-S "reais".

Para valores de um mil até nove mil também há a incorporação do sinal VÍRGULA, mas aqui o movimento desta incorporação é mais alongando do que os valores

anteriores (de 1 até nove reais). Pode ser usado também para estes valores acima os sinais dos numerais corres-pondente seguido de PONTO.

Para valores de um milhão para cima, usa-se também a incorporação do sinal VÍRGULA com o numeral correspondente, mas aqui o movimento rotativo é mais alongado do que em mil. Pode-se notar uma gradação tanto na expressão facial como neste movimento da vírgula incorporada que ficam maiores e mais acentuados : de 1 a 9 < de 1.000 a 9.000 < de 1.000.000 a 9.000.000.

Quando o valor é centavo, o sinal VÍRGULA vem depois do sinal ZERO, mas na maioria das vezes não precisa usar o sinal ZERO para centavo porque o contexto pode esclarecer e os valores para centavos ficam iguais aos numerais cardinais.

---

6. Tipos de Frases na LIBRAS

As línguas de sinais utilizam as expressões faciais e corporais para estabelecer tipos de frases, como as entonações na língua portuguesa, por isso para perceber se uma frase em LIBRAS está na forma afirmativa, exclamativa, interrogativa, negativa ou imperativa, precisa-se estar atento às expressões facial e corporal que são feitas simultaneamente com certos sinais ou com toda a frase, exemplos:

- FORMA AFIRMATIVA: a expressão facial é neutra

(45) Meu nome M-A-R-I-A.

- FORMA INTERROGATIVA: sobrancelhas franzidas e um ligeiro movimento da cabeça inclinando-se para cima

interrog
(46) NOME QUAL? (expressão facial interrogativa feita simultaneamente ao sinal QUAL)

interrog
(47) NOME? (expressão facial feita simultaneamente com o sinal NOME)

- FORMA EXCLAMATIVA: sobrancelhas levantadas e um ligeiro movimento da cabeça inclinando-se para cima e para baixo. Pode ainda vir também com um intensificador representado pela boca fechada com um movimento para baixo.

(48) EU VIAJAR RECIFE, BOM! BONIT@ LÁ! CONHECER MUIT@ SURD@

- FORMA NEGATIVA: a negação pode ser feita através de três processos:

a) com o acréscimo do sinal NÃO `a frase afirmativa:

negação
(49) BLUSA FEI@ COMPRAR NÃO;

b) com a incorporação de um movimento contrário ao do sinal negado:

negação
(50) GOSTAR-NÃO CARNE, PREFERIR FRANGO, PEIXE;

negação
(51) EU TER-NÃO TTD;

c)com um aceno de cabeça que pode ser feito simultaneamente com a ação que está sendo negada ou juntamente com os processos acima:

não
(52) EU VIAJAR PODER

À guisa de conclusão

Compreender a gramática de uma língua é apreender as regras de formação e de combinação dos elementos desta língua. Nesta introdução, a LIBRAS pôde ser

percebida a partir de algumas classes gramaticais. Os estudos, já em andamento, aprofundando nos pontos aqui apresentados e em outros não mencionados, poderão mostrar a gramática desta língua.

Apêndice

SISTEMA DE TRANSCRIÇÃO SIMPLIFICADO

FIGURA - VERBOS COM INCORPORAÇÃO DE NEGAÇÃO

FIGURA - VERBOS COM CONCORDÂNCIA NÚMERO/PESSOAL

SISTEMA DE TRANSCRIÇÃO SIMPLIFICADO

1. Sinais da LIBRAS: em letras maiúsculas em língua portuguesa.

Exemplos: CASA, ESTUDAR, CRIANÇA.

2. Sinal único: duas ou mais palavras da língua portuguesa separadas por hífen.

Exemplos: CORTAR-COM-FACA, NÃO-QUERER "não querer", COMER-MAÇÃ, MEIO-DIA, AINDA-NÃO.

3. Sinal composto: duas ou mais palavras separadas pelo símbolo ^. Exemplos: CAVA-LO^LISTRA "zebra".

4. Datilologia (alfabeto manual): palavra separada, letra por letra, por hífen. Exemplos: J-O-Ã-O, A-N-E-S-T-E-S-I-A.

5. Sinal soletrado: datilologia da palavra, ou algumas letras dela, em itálico. Exemplos: R-S "reais", A-C-H-O "acho", QUM "quem", N-U-N-C-A.

6. Ausência de marca para gêneros (masculino e feminino) e número (plural): símbolo @.

Exemplos: AMIG@ "amiga(s) e amigo(s)" , FRI@ "fria(s) e frio(s)", MUIT@ "muita(s) e muito(s)", TOD@, (toda(s) e todo(s), EL@ "ela(s), ele(s), ME@ "minha(s) e meu(s)".

7. Expressões facial e corporal: especificação sobreposta ao sinal.

a) tipo de frase: !, ?, ?! ou interrogativa ou ... i ... negativa ou ... neg ...

b) advérbio de modo ou intensificador: muito rapidamente exp.f "espantado"

8. Concordância de gênero (pessoa, coisa, animal): Exemplos:

pesssoaANDAR, veículoANDAR, coisa-arredondadaCOLOCAR

9. Concordância de lugar e/ou número pessoal:

a) **variáveis que indicam o lugar**: i = ponto próximo à 1ª pessoa
j = ponto próximo à 2ª pessoa
k e k' = pontos próximos à 3ª pessoas
e = esquerda
d = direita

b) **pessoas gramaticais**: $_{1s, 2s, 3s}$ = 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular;
$_{1d, 2d, 3d}$ = 1ª, 2ª e 3ª pessoas do dual;
$_{1p, 2p, 3p}$ = 1ª, 2ª e 3ª pessoas do plural; etc

Exemplos: $_{1s}$ DAR$_{2s}$ "eu dou para você",
$_{2s}$PERGUNTAR$_{3P}$ "você pergunta para eles/elas",
$_{kd}$ANDAR$_{k'e}$ "andar da direita para à esquerda"

10. Marca de plural pela repetição do sinal: uma cruz no lado direto acima do sinal:

Exemplo: GAROTA +

11. Sinal ou sinais feitos pelas duas mãos simultaneamente: um abaixo do outro com indi-cação das mãos: direita (md) e esquerda (me).

Exemplos: IGUAL (me) $_{muitas\text{-}pessoas}$ANDAR (me)
IGUAL (md) $_{pessoa}$ANDAR (md)

12. Tradução da frase da LIBRAS para a língua portuguesa: uso de " "

Exemplo: $_{1s}$ DAR$_{2S}$ "eu dou para você"

FIGURA - VERBOS COM INCORPORAÇÃO DE NEGAÇÃO

TER

NÃO - TER

VRJ
NÃO - TER

QUERER

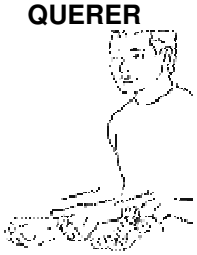

NÃO - QUERER

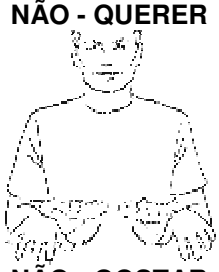

GOSTAR

NÃO - GOSTAR

NÃO - GOSTAR

VRJ (INES)

ENTENDER

NÃO - GOSTAR

VSP
NÃO - ENTENDER

VSP / VRJ
NÃO - ENTENDER

VRJ
NÃO - ENTENDER

PODER

VSP
NÃO - PODER

VSP / VRP
NÃO - PODER

FIGURA - VERBOS COM CONCORDÂNCIA NÚMERO/PESSOAL

1s **FALAR** g

2s **FALAR** 1s

1s **TELEFONAR** 2s

2s **TELEFONAR** 1s

1s **MOSTRAR** 2s

2s **MOSTRAR** 1s

1s **AJUDAR** 2s

2s **AJUDAR** 1s

1s **PERGUNTAR** 2s

2s **PERGUNTAR** 1s

1s **RESPONDER** 2s

2s **RESPONDER** 1s

1s **AVISAR** 2s

2s **AVISAR** 1s

1s **DAR** 2s

2s **DAR** 1s

Sugestões para sua Atuação

- Solicite cursos de Língua Brasileira de Sinais.
- Utilize os conhecimentos adquiridos para compreender 01 textos produzidos pelo alunos surdos.
- Mostre aos alunos a diferença entre LIBRAS e Português, ao corrigir seus textos.

- Estabeleça contato com a comunidade surda de sua localidade para maior conhecimento de LIBRAS.
- Solicite um instrutor surdo para sua escola a fim de cooperar com seu fazer pedagógico

---

Bibliografia Consultada

BELLUGI & KLIMA, E. Properties of Visuospatial Language. Paper for *International Congress: Sign Language Research and Application, Conference*. Siegmund Prillwitz(ed.) Hamburg. March 23-25, 1990.

Language: Perspectives from another Modality. In *Brain and Mind*. Ciba Foudation. Series 69 (new series). Excerpta Médica. North Holland. 1979.

BERENEZ, N. Deixis ad referencial Practice: A View from Two Sign Language, *Anais do VII Encontro Nacional da ANPOLL*. Vol. 2 - Lingüística. Goiânia. Pp. 713-723, 1993.

BERENEZ, N. & FERREIRA BRITO, L. Pronouns in BCSL and ASL. *Sign Language Reaserch*. 87: 26-36, 1990.

CALDAS, Beatriz F. *Narrativas em LSCB: um estudo sobre referência*. Dissertação de Mestrado em Lingüística. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.

Referências em LSCB. *Anais do VII Encontro Nacional da ANPOLL*. Vol 2 - Lingüística. Goiânia. pp. 689-693, 1993.

FARIAS, Carla Valéria e Souza. Atos de Fala: *O pedido em língua brasileira de sinais*. Dis-sertação de Mestrado em Lingüística. Rio de Janeiro. UFRJ, 1995.

FELIPE, T. A. *Introdução À Gramática de LIBRAS* - Rio de Janeiro: 1997.

FELIPE, T.A. *O Signo Gestual-Visual e sua Estrutura Frasal na Língua dos Sinais dos Centros UrbanosBrasileiros*. Dissertação de Mestrado, UFPE, PE, 1988.

A Estrutura Frasal na LSCB. *Anais do IV Encontro Nacional da ANPOLL*. Recife, pp. 663-672, 1989.

Do Discurso à Gramática da LSCB, in *Seminário sobre FUNCIONALISMO EMCURSO*, 19 set, UFRJ, pp. 52-55, 1991.

Coesão Textual em Narrativas Pessoais na LSCB. Monografia de conclusão de disciplina “História da Análise do Discurso”, do curso de Doutorado em Lingüística, UFRJ. RJ, 1991.

Aquisição de linguagem por crianças surdas. Monografia para conclusão da disciplina Psicolingüística no curso de Doutorado em Lingüística, UFRJ, Rio de Ja-neiro, 1991.

Papel Lingüístico das Associações de Surdos no Rio de Janeiro, pesquisa de equipe, nos *Anais de comunicação da 43ª Reunião Anual da SBPC*, RJ, 1991.

A relação sintático-semântica do Verbos da LSCB" nos *Anais do VII Encontro Nacional da ANPOLL*, no GT Linguagem e Surdez, realizado de 17 a 20 de maio de 1992 em Porto Alegre, 1992.

A Valência dos Verbos na LSCB" nos *Anais do II Congresso da Associação de Estudos da Linguagem do Rio de Janeiro* (ASSEL), realizado em 26 e 27 de novembro de 1992 na Faculdade de Letras da UFRJ, 1993.

Por uma tipologia dos Verbos da LSCB" nos *Anais do VII Encontro Nacional de ANPOLL* - Vol 2 - Lingüística, Goiânia, 1993: 724-743.

As Comunidades Surdas do Brasil Reivindicam seus Direitos Lingüísticos. Documento que a FENEIS entregou ao MEC (Movimento "Pela Oficialização da LIBRAS"), Brasília, 1993.

LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais in Strobel, K.L & Dias, S.M.S. (org.) *Surdez: Abordagem Geral*. FENEIS. Ed. Apta, Curitiba, PR, 1995: 22-23.

Um estudo diacrônico de Verbos da LIBRAS e da ASL. Trabalho que seria apresentado no Encontro da ANPOLL, 1996.

Um estudo diacrônico de Verbos da LIBRAS e da ASL. FENEIS, 1996.

FERREIRA BRITO. L. Classificadores em LSCB. *Anais do IV Encontro Nacional da ANPOLL*, Recife, pp 640-654, 1989.

Uma abordagem fonológica dos Sinais da LSCB. *Revista Espaço*: INES, ano 1, nº 1:20-43, 1990.

Convencionalidade e iconicidade em Língua dos Sinais. *Anais do I Encontro da ASSEL* - Rio, PUC/RJ, 1991.

Correferência em uma Língua de Sinais Brasileira. *Anais do VII Encontro Nacional da ANPOLL*. Vol. 2 - Lingüística. Goiânia. pp. 705-712, 1993.

Integração Social & Educação de Surdos. Rio de Janeiro. Babel Editora. RJ, 1993.

Por uma Gramática de Língua de Sinais. Tempo Brasileiro UFRJ. Rio de Janeiro, 1995. Língua Brasileira de Sinais - Brasília, 1996.

FERREIRA BRITO & LANGEVIN, R. Negacão em uma Língua de Sinais Brasileira. Revista *Delta,* Vol. 10, nº 2:309-327, PUC/SP, São Paulo, 1994 .

FISCHER, Susan. Verb Inflections in American Sign Language and Their Acquisition by the Deaf Child. Paper presented at the *Winter Meeting of the Linguistic Society of America*. [s.l.,s.n.]. 1973.

GAMA, F. J. Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos. Rio de Janeiro, Typographia Uni-versal de E. & H. Laemmenrt.

HOFFMEISTER, Robert James. *The Development Pronoums Locatives and Personal Pronoums in the Acquisition of American Sign Language by Deaf Children of Deaf Parents*. Doctural Thesis. University of Minnesota. 1978.

KARNOPP, Lodenir Becker. Aquisição do parâmetro. *Configuração de mão na língua brasileira dos sinais (LIBRAS): estudo sobre quatro crianças surdas, filhas de pais surdos.* Dissertação de Mestrado em Letras. PUCRS. Porto Alegre, 1994.

LILLO-MARTIN, D. C. *Parameter setting: evidence from use, acquisition, and breakdown in American Sign Language*. Doctoral Dissertation. University of California, San Diego. University Microfilms International, Ann Arbor, Michigan. 1986.

LOEW, Ruth C. Learning American Sign Language as a First Language: *Roles* and Reference. In: *Proceedings of the third national symposium on sign language research and teaching.* Silver Spring. Md. National Association of the Deaf, 1980.

MEIER, R. *A cross-linguistic perspective on the acquisition of inflection morphology in American Sign Language.* University of California, San Diego and The Salk Institute for Bi-ological Studies. April. 1980.

Person deixis in ASL. In *Theorical Issues in Sign Language Research*. v.1: Linguistics. University of Chicago Press. Chicago and London. 1990. (175-190).

PETITTO, L. On the Autonomy of Language and Gesture: Evidence from the Acquisition of Personal Pronoums in American Sign Language. In *Cognition*. Elsevier Science Publisher B.V. vol. 27. 1987. (1-52).

PETITTO & Marentette. Babbling in the Manual Mode: Evidence for the Ontonegy of Language. In *Science.* v.251. American Association for the Advancement of Science. 1991. p.1397-1556.

PETITTO, L. & BELLUGI, U. Spatial Cognition and Brain Organization: Clues from the Acquisition of a Language in Space. In *Spatial Cognition: Brain Bases and Development* Siles-Davis, Mark Krijchevsky & Ursula Bellugi (Eds.) Hillsdale, NJ:Lawrence Erlbaum 1988. (299-325).

QUADROS, R. M. de. *As categorias vazias pronominais:uma análise alternativa com base na LIBRAS e reflexos no processo de aquisição.* Dissertação de Mestrado. PUCRS. Porto Alegre. (1995).(*Aquisição da Linguagem em crianças surdas*) - 1996.

RODRIGUES, N. Bases Neurológicas da Linguagem. Conferência apresentada no *Simpósio Internacional de Língua de Sinais e Educação do Surdo.* 05 a 09 de maio de 1993. São Paulo.

Avaliação da Aprendizagem

I. MARQUE UM X NA RESPOSTA CERTA:

1. A estrutura lingüística da LIBRAS envolve:

( ) O léxico ou vocabulário de LIBRAS.
( ) A estruturação de sentenças em LIBRAS.
( ) A aquisição da linguagem.
( ) n.r.a.

2. A estrutura sublexical dos sinais deve ser estudada no item relativo à:

( ) formação de palavras
( ) classificadores
( ) léxico
( ) aspecto verbal

3. Assinale a alternativa INCORRETA.

O estudo sobre a formação dos itens lexicais ou sinais a partir de morfemas inclui:

( ) morfemas lexicais e morfemas gramaticais.
( ) formação de palavras por derivação e por composição.
( ) aspecto verbal.
( ) itens lexicais para tempo e marca de tempo.
( ) estruturação de sentenças em LIBRAS.

II. ASSINALE V OU F:

4. A aquisição de linguagem por crianças surdas passa por estágios:

( ) pré-lingüístico.
( ) estágio de um sinal.
( ) estágio das primeiras combinações.
( ) estágio de múltiplas combinações.

III. ASSINALE A ALTERNATIVA CORRETA:

5. Na estrutura das Línguas de Sinais há dois aspectos fundamentais:

( ) a concordância verbal e o aspecto verbal;
( ) o estabelecimento nominal e a pronominalização;
( ) a pronominalização e a concordância verbal;
( ) o aspecto verbal e o estabelecimento nominal.

6. A LIBRAS distingue-se do Português porque:

( ) a LIBRAS não possui todos níveis de uma língua: fonológico, estrutural, semântico, pragmático;
( ) a LIBRAS é visual-espacial e o Português é oral-auditivo;
( ) a Língua Portuguesa possui universais lingüísticos e a LIBRAS não possui.

IV. ASSINALE V OU F:

7. ( ) As estruturas lingüísticas básicas da Língua Portuguesa são praticamente as mesmas da LIBRAS.

( ) As línguas de sinais são tão naturais quanto as línguas orais.

( ) Os itens lexicais são os sinais.

( ) O alfabeto digital é utilizado como veiculação da ortografia de uma palavra em Português.

8. ( ) O movimento das mãos, braço ou pulso faz parte do nível fonológico.

( ) A direcionalidade estabelece as relações características das preposições e conjunções em Português.

( ) A incoporação é um item relativo ao aspecto morfológico.

( ) A negação do sintagma verbal é relativo ao aspecto morfológico.

Chave de Correção

---

1. O léxico ou vocabulário de LIBRAS.
2. Léxico.
3. Estruturação de sentenças em LIBRAS.
4. Todas são verdadeiras.
5. O estabelecimento nominal e a pronominalização.
6. A LIBRAS é visual-espacial e o Português é oral-auditivo.
7. Todas são verdadeiras.
8. V,V,V,F.

A Língua Brasileira de Sinais

Apresentação

Este material - “Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS” trata-se de forma resumida, da gramática dessa língua, como forma de subsidiar o seu trabalho pedagógico.

Objetivos

Objetivo Geral:

Oferecer informações básicas sobre a gramática da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS.

Objetivos Específicos:

O professor deverá ser capaz de :
. conhecer os aspectos mais relevantes de gramática da LIBRAS;
. utilizar os conhecimentos adquiridos para compreender a interferência da LIBRAS nos textos produzidos pelos alunos surdos;
. estabelecer com o aluno surdo a comparação entre LIBRAS e Português, para que possa verificar as semelhanças e diferenças;
. utilizar - LIBRAS, sempre que se fizer necessário, para a compreensão dos conceitos e conteúdos curriculares.

Informações Iniciais

1. Leia os objetivos específicos do fascículo;
2. Estude o texto do fascículo;
3. Teste seus conhecimentos, respondendo a avaliação proposta;
4. Confira suas respostas com as da chave de correção, no final do fascículo;
5. Se for aprovado, passe para o fascículo seguinte;
6. Se não conseguir aprovação, reestude o texto;
7. Responda novamente a avaliação. Se não conseguir aprovação, consulte o professor aplicador do fascículo;

Introdução

LUCINDA FERREIRA BRITO
Doutora em Lingüística
Departamento de Lingüística e Filologia
da Universidade Federal do Rio de Janeiro

As línguas de sinais são línguas naturais porque como as línguas orais sugiram espontaneamente da interação entre pessoas e porque devido à sua estrutura permitem a expressão de qualquer conceito - descritivo, emotivo, racional, literal, metafórico, concreto, abstrato - enfim, permitem a expressão de qualquer significado decorrente da necessidade comunicativa e expressiva do ser humano.

Por isso, são complexas porque dotadas de todos os mecanismos necessários aos objetivos mencionados, porém, econômicas e "lógicas" porque servem para atingir todos esses objetivos de forma rápida e eficiente e até certo ponto de forma automática. Isto porque, tratando-se muitas vezes de significados que demandam operações complexas que devem ser transmitidas prontamente diante de diferentes situações e contextos, seus usuários terão que se utilizar dos mecanismos estruturais que elas oferecem de forma apropriada sem ter que pensar e elaborar longamente sobre como atingir seus objetivos linguísticos.

As línguas de sinais distinguem-se das línguas orais porque utilizam-se de um meio ou canal visual-espacial e não oral auditivo. Assim, articulam-se espacialmente e são percebidas visualmente, ou seja, usam o espaço e as dimensões que ele oferece na constituição de seus mecanismos "fonológicos", morfológicos, sintáticos e semânticos para veicular significados, os quais são percebidos pelos seus usuários através das mesmas dimensões espaciais. Daí o fato de muitas vezes apresentarem formas icônicas, isto é, formas linguísticas que tentam copiar o referente real em suas características visuais. Esta iconicidade mais evidentes nas estruturas das línguas de sinais do que nas orais deve-se a este fato e ao fato de que o espaço parece ser mais concreto e palpável do que o tempo, dimensão utilizada pelas línguas orais-auditivas quando constituem suas estruturas através de seqüências sonoras que basicamente se transmitem temporalmente.

Entretanto, as formas icônicas das línguas de sinais não são universais ou o retrato fiel da realidade. Cada língua de sinais representa seus refentes, ainda que de forma icônica, convencionalmente porque cada uma vê os objetos, seres e eventos representados em seus sinais ou palavras sob uma determinada ótica ou perspectiva. Por exemplo, o sinal ÁRVORE em LIBRAS representa o tronco da árvore através do antebraço e os galhos e as folhas através da mão aberta e do movimento interno dos seus dedos. Porém, o sinal para o mesmo conceito em CSL (língua de sinais chinesa) representa apenas o tronco com as duas mãos semiabertas e os dedos dobrados de forma circular. Em LIBRAS, o sinal CARRO/DIRIGIR é icônico porque representa o ato de dirigir, porém, é também convencional porque em outras línguas de sinais não toma necessariamente este aspecto dos referentes 'carro' e 'ato de dirigir' como motivação de sua forma mas sim outros.

Este carater convencional dos sinais icônicos atribui a ele um status linguístico posto que é conhecido o fato de que as palavras das línguas em geral são arbitrárias. Com isso queremos dizer que ao invés de rotular todos os chamados signos lingüísticos de arbitrários, seria melhor considerar que alguns são motivados ou icônicos, porém, todos são convencionais.

Esta proposta não toma como base apenas as línguas de sinais mas também as línguas orais. Estas têm sido estudadas nos últimos anos em seus aspectos também icônicos. No intuito de tornar alguns conceitos e descrição de eventos mais visíveis, palpáveis e concretos, as línguas orais usam noções espaciais para traduzí-las. Por exemplo, alguns conceitos temporais são espacializados (uma semana **atrás**, "week **ahead**"(uma semana à frente)). Alguns eventos são estruturados cronologicamente ou de forma a reproduzir a sua natureza contínua ou iterativa ("ele **saiu correndo, tropeçou no balde e caiu**" ao invés de "ele caiu porque tropeçou no balde quando saiu correndo"; e "ele **correu, correu, correu** até não agüentar mais"). Cada vez mais alguns lingüístas têm salientado estruturas icônicas ou motivadas nas línguas orais o que mostra que esta característica não se encontra presente apenas nas línguas de sinais e que, portanto, melhor seria preconizar a convencionalidade como propriedade universal dos "signos" ou formas lingüísticas em detrimento da arbitrariedade.

Com o que dissemos até aqui, podemos concluir que o meio ou canal que distingue as línguas orais das línguas de sinais pode privilegiar e explorar características próprias do canal na constituição das estruturas lingüísticas e na sua articulação e percepção. Podem mesmo impor restrições aos mecanismos gramaticais como demonstraremos no decorrer deste texto. Entretanto, essas duas modalidades de língua apresentam de forma, às vezes, distinta estruturas geradas a partir de princípios universais e, portanto, comuns. Basicamente, línguas de sinais e línguas orais são muito semelhantes. As gramáticas particulares das línguas orais e das línguas de sinais são intrinsecamente as mesmas posto que seus princípios básicos são respeitados em ambas as modalidades: elas são dotadas de dupla articulação (estruturam-se a partir de unidades mínimas distintivas e de morfemas ou unidades mínimas de significado), usam a produtividade como meio de estruturar novas formas a partir de outras já existentes, estruturam suas sentenças a partir dos mesmos tipos de constituintes e categorias lingüísticas, suas sentenças são estruturadas sempre em torno de um núcleo com valência, isto é, o núcleo que requer os argumentos (complementos) necessários para a completude do significado que veicula. Todas essas colocações serão discutidas a seguir através da descrição de aspectos estruturais da LIBRAS, os quais serão comparados, sempre que possível, com os equivalentes em Língua Portuguesa, no intuito de salientar as diferenças e as semelhanças entre as duas línguas.

No entanto, antes de passarmos à descrição propriamente dita da LIBRAS, é bom enfatizar que como todas as línguas ela é natural, isto é, ela é por definição natural. Assim, não é adequado dizer que a LIBRAS é a língua natural dos surdos brasileiros. Não, ela é natural devido à sua própria natureza o que a opõe a sistemas artificiais como o Esperanto, o Gestuno (sistema de sinais semelhante a um "pidgin" utilizado por surdos de vários países em sua interação em eventos e encontros internacionais), os diferentes códigos de comunicação (de trânsito, das abelhas, dos golfinhos, etc.) e as diferentes linguas orais sinalizadas (português sinalizado, inglês sinalizado,...). Dessa forma, considera-se que a LIBRAS é ou deve ser a língua materna dos surdos não porque é a língua natural dos surdos mas sim porque, tendo os surdos bloqueios para a aquisição espontânea de qualquer língua natural oral, eles sim é que só vão ter acesso a uma língua materna que não seja veiculada através do canal oral-auditivo. Esta língua poderia ser uma língua cujo canal seria o tato. Porém, como a alternativa existente às línguas orais são as línguas de sinais estas se prestam às suas necessidades. As línguas de sinais são, pois, tão naturais quanto as orais para todos nós e, para os surdos, elas são mais acessíveis devido ao bloqueio oral-auditivo que apresentam, porém, não são mais fáceis nem menos complexas. Os surdos são pessoas e, como tal, são dotados de linguagem assim como todos nós. Precisam

apenas de uma modalidade de língua que possam perceber e articular facilmente para ativar seu potencial lingüístico e, consequentemente, os outros e para que possam atuar na sociedade como cidadãos normais. Eles possuem o potencial. Falta-lhes o meio. E a Língua Brasileira de Sinais é o principal meio que se lhes apresenta para “deslanchar” esse processo.

Estrutura Lingüística da LIBRAS

LUCINDA FERREIRA BRITO
Doutora em Lingüística
Departamento de Lingüística e Filologia
da Universidade Federal do Rio de Janeiro

A LIBRAS é dotada de uma gramática constituída a partir de elementos constitutivos das palavras ou itens lexicais e de um léxico (o conjunto das palavras da língua) que se estruturam a partir de mecanismos morfológicos, sintáticos e semânticos que apresentam especificidade mas seguem também princípios básicos gerais. Estes são usados na geração de estruturas lingüísticas de forma produtiva, possibilitando a produção de um número infinito de construções a partir de um número finito de regras. É dotada também de componentes pragmáticos convencionais, codificados no léxico e nas estruturas da LIBRAS e de princípios pragmáticos que permitem a geração de implícitos sentidos metafóricos, ironias e outros significados não literais. Estes princípios regem também o uso adequado das estruturas linguísticas da LIBRAS, isto é, permitem aos seus usuários usar estruturas nos diferentes contextos que se lhes apresentam de forma a corresponder às diversas funções lingüísticas que emergem da interação do dia a dia e dos outros tipos de uso da língua.

Veremos a seguir cada um desses conceitos da definição discutidos e ilustrados por estruturas da LIBRAS.

---

1. O Léxico ou Vocabulário da LIBRAS

O léxico pode ser definido 'grosso modo' como o conjunto de palavras de uma língua. No caso da LIBRAS, as palavras ou itens lexicais são os sinais. Pensa-se fequentemente que as palavras ou sinais de uma língua de sinais é constituída a partir do alfabelto manual como por exemplo:

(1) a) C-E-R-T-O b) M-Y-R-N-A c) C-H-O-P-P

Entretanto, não é este o caso. A soletração manual das letras de uma palavra em português, como no exemplo (1), é a mera transposição para o espaço, através das mãos, dos grafemas da palavra da língua oral. Isto é, um meio de se fazerem empréstimos em LIBRAS. Assim, como temos a palavra "xerox" em português que é um empréstimo do inglês, os exemplos em (1) ilustram os inúmeros empréstimos da LIBRAS.

(1-a) é a soletração do nome de uma pessoa, isto é, de um nome próprio em português porque os nomes próprios, em LIBRAS, são diferentes. Assim, quando uma pessoa quer apresentar alguém a alguèm, primeiro soletrará seu nome em português (M-Y-R-N-A) e, se ele tiver um nome em LIBRAS, este será articulado em seguida. O exemplo (2) ilustra um usuário da LIBRAS apresentando uma pessoa chamada Myrna a seu interlocutor.

Exemplo (2):
A: 3 APRESENTAR 2. NOME M-Y-R-N-A. SINAL MYRNA.
(= Vou apresentá-la a você, o nome dela é M-Y-R-N-A. Seu sinal (nome próprio em LIBRAS) é Myrna)

(1-b) é a soletração de uma palavra em português “chopp” palavra para cujo conceito não há sinal ou palavra em LIBRAS. Neste caso, é a palavra escrita do português que será transposta para o espaço através da soletração manual.

(1-a) é a soletração de uma palavra em português para cujo conceito há um sinal em LIBRAS o qual não é conhecido por um dos usuários, em geral um ouvinte. Exemplo (3):

A: RESPOSTA CERTO (= A resposta está certa)
B: O-QUE ISTO, CERTO (= O que quer dizer este sinal?)
A: C-E-R-T-O (= certo)
B: O-K (Ah! Ok)

Ou então, uma pessoa pode soletrar C-E-R-T-O para mostrar a uma outra como se escreve esta palavra em português. Neste caso, a soletração manual é um meio de verificação, questinamento ou veiculação da ortografia de uma palavra em português.

Entretanto, o sinal mesmo para o conceito “certo” em LIBRAS é o que se segue ao lado da ilustração da soletração manual da palavra certo:

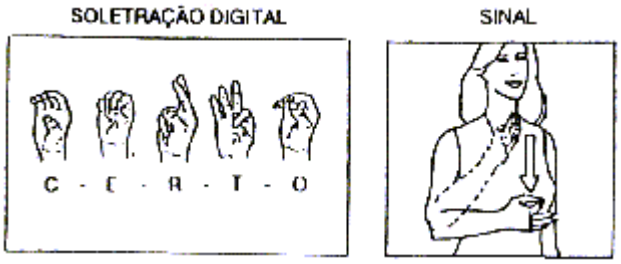

C-E-R-T-O CERTO

Agora sim temos uma palavra de LIBRAS. Podemos perceber que ela não articulada de forma linear como o são as soletrações em (1). Esta palavra ou sinal tem uma estrutura distinta daquela das soletrações ou das palavras em português. As palavras, em português, são formadas pela justaposição linear de seus componentes ou unidades mínimas distintas.

1.1. Estrura Sublexical dos Sinais a partir de suas Unidades Mínimas Distintivas

---

A palavra ou item lexical certo, em português, é formada dos seguintes componentes ou unidades:

em português falado

/sertu/

Temos aqui cinco sons ou fonemas, isto é, cinco componentes ou unidades mínimas da palavra falada certo.

em português escrito

certo

Temos aqui cinco letras ou grafemas componentes da palavra escrita. Não consideramos a letra uma unidade mínima como o fonema porque o fonema, às vezes , é representado, na escrita, por mais de uma letra, como é o caso de:

/xatu/ - chato /x/ - ch

ou, às vezes uma só letra pode representar mais de um fonema, como em :

/leksiku/ - léxico /ks/ - x

Assim, são cinco os componentes ou as unidades mínimas constitutivas das palavras em português. Essas unidades mínimas são chamadas fonemas que sabemos ser seqüencialmente combinadas para formar as palavras.

certo - /s e r t u/
chato - /x a t u/
léxico - /l e k s i k u/

Em LIBRAS, as unidades mínimas ou componentes da palavra ou sinal CERTO são os seguintes:

F é a configuração de mãos

I / é o movimento linear, para baixo com retenção final

TBd é o ponto de articulação do sinal, isto é tronco, busto, lado direito

(Y,Z) (x,y) é a orientação da palma da mão para a esquerda

S é a simetria no movimento ou uso da mão esquerda, realizando o mesmo movimento que a esquerda, também como articulador e não apenas como mão de apoio.

Em português, as unidades mínimas ou componentes da palavra certo /sertu/ podem ser descritas da seguinte forma:

/s/ som com passagem obstruída (consoante), surdo, fricativo.

/e/ som com passagem livre (vogal), sonoro, aberto, médio.

/r/ som com passagem obstruída (consoante), sonoro, vibrante.

/t/ som com passagem obstruída (consoante), surdo, oclusivo.

/u/ som com passagem livre (vogal) sonoro, fechado, posterior.

Pode-se observar pela descrição das unidades mínimas de CERTO, em LIBRAS, e de *certo*, em português, que as características das unidades dos sinais são espaciais (forma da mão ou do sólido, movimento linear e com retensão, vetores orientacionais da mão, etc.) e que as características das unidades da palavras faladas são de natureza acústico-sonoras (passagem livre ou obstruída dos sons, sonoridade, posição da articulação posterior, frontal, média na boca, etc.).

Como vimos, as palavras da LIBRAS e do português se estruturam a partir de unidades mínimas sonoras e espaciais, respectivamente. Essas unidades ou fonemas, como já dissemos, são distintivas porque, quando substituídas uma por outra, geram uma nova forma lingüística com um significado distinto. Por exemplo, em

LIBRAS, temos:

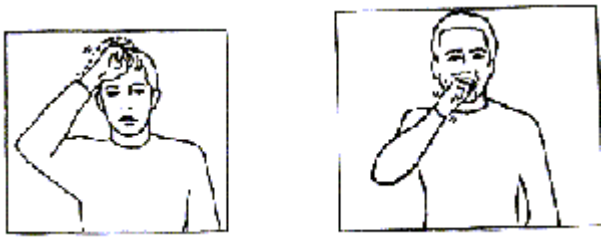

APRENDER e SÁBADO

que são duas palavras ou sinais distintos com significados também distintos somente pelo fato de o primeiro sinal - APRENDER - ser articulado na testa e de o segundo - SÁBADO - ser articulado na boca do usuário. Isto é, há uma característica espacial distinta nos sinais, o ponto de articulação, que os distingue. Essas características, /na testa/ e /na boca/, são unidades mínimas distintivas equivalentes aos fonemas das palavras **p**ata e **b**ata do português, /p/ e /b/, que também distinguem as formas linguísticas e seus significados. APRENDER e SÁBADO, em LIBRAS, e *pata* e *bata*, em português, são pares mínimos porque suas formas fonológicas são idênticas em tudo, exceto em uma característica espacial (ponto de articulação) para os primeiros e fonética (sonoridade) para os últimos. Vejamos outros pares mínimos em LIBRAS:

Pares Mínimos em LIBRAS

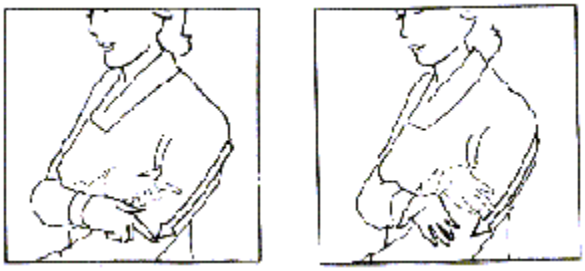

EDUCAR/EDUCAÇÃO ACOSTUMAR/COSTUME

Par mínimo distinto pela Configuração de Mão

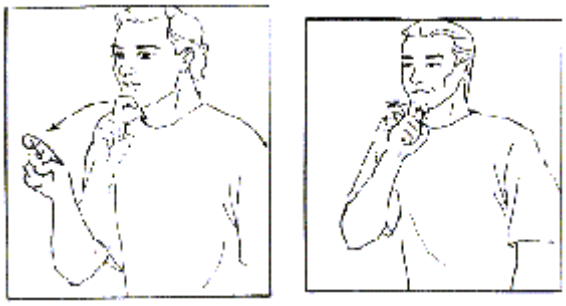

VERDE (SP) GELADO (SP)

Par mínimo distinto pelo Movimento

Através dos exemplos acima em LIBRAS e em português, mostramos que as palavras da LIBRAS também são constituídas a partir de unidades mínimas distintivas chamadas, em línguas orais, de fonemas. O número dessas unidades é finito e pequeno porque, seguindo o princípio de economia, eles se combinam para gerar um número infinito de formas ou palavras.

Então, o léxico da LIBRAS, assim como o léxico de qualquer língua, é infinito no sentido de que sempre comporta a geração de novas palavras. Antigamente, pensava-se que a LIBRAS era pobre porque apresentava um número pequeno de sinais ou palavras. Pode acontecer o fato de que uma língua que não é usada em todos os setores da sociedade ou que é usada em uma cultura bem distinta da que

conhecemos não apresente vocábulos ou palavras para um determinado campo semântico, entretanto, isso não significa que esta língua seja pobre porque potencialmente ela tem todos os mecanismos para criar ou gerar palavras para qualquer conceito que vier a ser utilizado pela comunidade que a usa. Por exemplo, a LIBRAS não tinha um sinal para o conceito “linguística” até há poucos anos. À medida que os surdos foram se inteirando do que se faz em linguística, do que significa linguística, houve a necessidade de gerar um sinal para esse conceito. O sinal LINGUÍSTICA não é soletração da palavra em português, porém, tem um vestígio de empréstimo porque a configuração de mão escolhida é L (apenas os dedos polegar e indicador estendidos), uma configuração própria da LIBRAS, porém, que costuma representar a letra “L”no alfabeto manual. Este sinal é realizado com as duas mãos, palmas para baixo com o polegar de uma mão quase tocando o da outra, na frente do busto, fazendo movimentos de rotação positiva e de translação retilínea para os lados.

Entretanto, não é qualquer combinação de unidades mínimas distintivas que será permitida pela língua. Há restrições e devido a elas é que vamos dizer que certas formas não são aceitas naquele sistema linguístico enquanto outras o são. Uma forma como *lbresk* não será identificado pelos falantes do português como uma forma bem formada ou como uma palavra dessa língua. Isto porque o padrão fonológico do português é CV (consoante + vogal) e devido a outros tipos de restrições. Na forma *lbresk* o uso de várias consoantes e a sequência de certos tipos de consoantes faz com que esta forma fuja aos padrões aceitos pela Língua Portuguesa. Da mesma forma, uma forma constituída a partir das unidades mínimas da LIBRAS não será aceita enquanto palavra dessa língua se fugir aos padrões que regem a formação de suas palavras. Por exemplo, um sinal em que o articulador principal é a mão esquerda ou em que a mão direita é a mão de apoio não será considerado uma palavra bem formada da LIBRAS.

As unidades descritas acima são chamadas unidades mínimas distintivas porque distinguem palavras, como nos exemplos citados para a LIBRAS, APRENDER e SÁBADO, que se distinguem pelo ponto de articulação: testa e boca, respectivamente. Da mesma forma, as palavras pata e bata, em português, se distinguem pela característica fonética sonoridade, ou seja, a primeira é surda e a segunda é sonora. Assim, /p/ e /b/ são duas unidades mínimas distintivas ou fonemas e os pontos de articulação /na testa/ e /na boca/ também são unidades mínimas, desta vez da LIBRAS, ou “fonemas”. Daqui para frente, quando falarmos de “fonemas” da LIBRAS estamos nos referindo às suas unidades espaciais que não têm nada a ver com som ou fone, porém, que funcionam igualmente aos fonemas das línguas orais.

Como pudemos observar, os princípios e mecanismos que são utilizados na estruturação de palavras a partir de unidades mínimas são os mesmos em português e em LIBRAS. O que difere é a natureza das características das unidades que são restritas pela modalidade oral-auditiva, em português, e pela modalidade visual-espacial, em LIBRAS. É devido às mesmas restrições que as unidades ou fonemas do português se organizam ou estruturam sequencialmente ou linearmente no tempo enquanto que as unidades ou “fonemas” da LIBRAS se estruturam simultaneamente ou ao mesmo tempo no espaço.

As unidades mínimas distintivas em LIBRAS são as seguintes de acordo com os parâmetros Configuração de Mãos, Ponto de Articulação, Movimento-Orientação e Expressão Facial. Vejamos esses parâmetros no sinal CERTO/CERTEZA, ilustrado a seguir:

CONFIGURAÇÃO DE MÃO (CM)

MOVIMENTO (M)

PONTO DE ARTICULAÇÃO (PA)

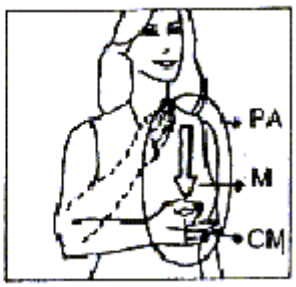

Figura do sinal certo
com seus parâmetros

Configurações de Mão da LIBRAS

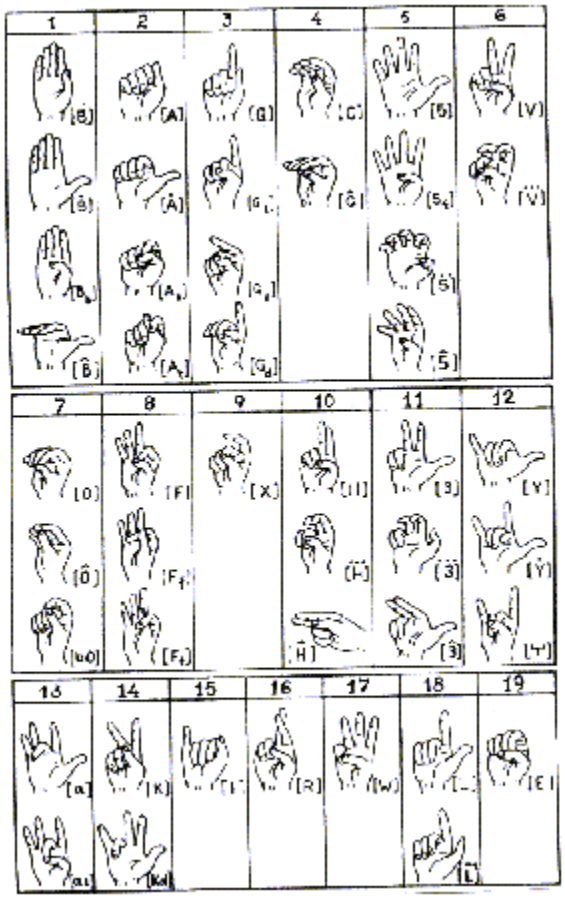

As 46 configurações de mão da LIBRAS

Pontos de Articulação da LIBRAS

C CABEÇA
ʊ topo da cabeça
T testa
R rosto
S parte superior do rosto
I parte inferior do rosto
P Orelha
O olhos
N nariz
B boca
d bochechas
A zona abaixo do

É preciso também empregar certos adjetivos quelocalizam mais precisamente os pontos de articulação:

d = lado direito
c = lado esquerdo
m = medial
in = interna
ex = externa

→ Referindo-se à parte Do corpo em questão

queixo
T TRONCO
P pescoço
O ombro
B busto
E estômago
C cintura
B BRAÇOS
S braço
Q queixo
I antebraço
C cotovelo
P pulso
M MÃO
P palma
C costa da mão
L1 lado do indicador
L2 lado do dedo mínimo
D dedos
Dp ponta dos dedos
Dd nós dos dedos (junção entre os dedos e a mão)
Dj nós dos dedos (primeira junta dos dedos)
D1 dedo mínimo
D2 anular
D3 dedo médio
D4 indicador
D5 polegar
V Interstícios entre os dedos
V1 Interstício entre o polegar e o indicador
V2 Interstício entre os dedos indicador e médio
V3 Interstício entre os dedos médio e anular
V4 Interstício entre os dedos anular e mínimo
p PERNA
EN ESPAÇO NEUTRO

Outros termos são usados para descrever a translação horizontal de pontos de articulação como imagens de um ponto precedente no referencial do corpo:

l = lateral
f = em frente
a = atrás

Na descrição dos pontos de articulação, são ainda usados os seguintes termos:

p = imediatamente próximo

med = distância média

dist = distante

K = em contato

Ki = contato inicial

Km = contato medial

Kf = contato final

x = cruzamento

Movimentos e Tipos de Orientação da LIBRAS

Movimentos internos das mãos:

[$\overset{o}{A}$ ~ 5] extensão gradual dos dedos começando pelo indicador

[As ~ 5] extensão gradual dos dedos começando pelo dedo mínimo

[As → $\overset{o}{5}$] abertura simultânea dos dedos

[$\overset{o}{5}$ → As] fechamento simultâneo dos dedos

[L → bO] pinçamento (com o indicador e o polegar)

[5 → mov] movimento de tamborilar com os dedos curvos

[5 + mov] movimento de tamborilar com os dedos estendidos

[54 ~ G] fechamento gradual de todos os dedos, exceto indicador

[5 ~ A] fechamento gradual de todos os dedos, exceto polegar

[B → B] flexão da mão, com os dedos estendidos

[V → V] dobramento e extensão repetidos dos indicador e dedo médio nas juntas do meio

[V + mov] movimento de tamborilar com os dedos

[V. mov] movimento de tesoura

[As → A] extensão do polegar

[As → L] polegar e indicador estendidos simultaneamente

[B → V] fechamento súbito de todos os dedos exceto indicador e médio, que flexionam-se

[As → 3] extensão simultânea do polegar, indicador e médio

[As → 3] extensão simultânea de todos os dedos, exceto o polegar

[As → 5] extensão simultânea de todos do dedos

[A → L] extensão do indicador

[A → 3] extensão simultânea do indicador e do médio

[A → 5] extensão simultânea de todos os dedos, com o polegar já estendido

[G1 → X] flexão repetida do indicador

[As → V] extensão do indicador e do médio

[As → I] extensão do mínimo

Expressão não manuais da LIBRAS

Rosto
Parte Superior
sobrancelhas franzidas

ȯ olhos arregalados
ɋ lance de olhos
⌒ sobrancelhas levantadas

Rosto
Parte Inferior
db bochechas infladas
bd bochechas contraídas
= lábios contraídos e projetados e sobrancelhas franzidas
lb correr da língua contra a parte inferior interna da bochecha
b apenas a bochecha direita inflada
⌒ contração do lábio superior
x franzir do nariz

Cabeça
+ balanceamento para frente e para trás (sim)
- balanceamento para os lados (não)
⌒ inclinação para frente
/ inclinação para o lado
⌒ inclinação para trás

Rosto e Cabeça

wh cabeça projetada a frente, olhos levemente cerrados, sobrancelhas franzidas (ex.: o que?, quando?, como?, quando, por que?)

wo cabeça projetada para trás, e olhos arregalados (ex.: quem?)

Tronco

Movimentos de rotação

Movimentos de translação (as mãos se deslocam no espaço)

Retilíneos
Circulares
Contínuos
Com retensão
Fefreados
Tensos
Simples
Repetidos

1.2. Formação dos Ítens Lexicais ou Sinais a partir de Morfemas

---

Mostramos, no item anterior, como se estruturam as palavras das línguas Portuguesa e LIBRAS a partir de suas unidades mínimas distintivas ou “fonemas”. Vamos ilustrar agora como se formam as palavras da LIBRAS a partir de seus morfemas ou unidade mínimas de significação.

1.2.1. Morfemas Lexicais e Morfemas Gramaticais

Os morfemas são unidades que podem ter funções lexicais ou gramaticais. Por exemplo, as palavras casas, construção e impossível do português são constituídas dos seguinte morfemas:

casa	-	s (plural)
constru-		ção (nome)
possível-		im (negação)
morfema lexical		**morfema gramatical**

Em LIBRAS, nem sempre os morfemas que formam as palavras são equivalentes aos do português. Podemos, porém, ilustrar os morfemas da LIBRAS como se segue:

SENTAR - movimento repetido (marca de nome)
BONITO - expressão facial ~~ (marca de grau aumentativo)
BONITO - expressão facial Ô (marca de grau diminutivo)
FALAR - 2 mãos e movimentos longos (aspecto continuativo)
PEGAR - Cl:5 Classificador para objetos redondos grandes
PEGAR - Cl:F Classificador para objetos pequenos e pequenos
PODER - movimentos da cabeça (negação): NÃO-PODER
POSSÍVEL - movimento inverso das mãos (negação): IMPOSSÍVEL
SABER - movimento da mão para fora (negação): NÃO-SABER

morfema lexical **morfema gramatical**

Vejamos algumas ilustrações dos sinais acima:

FALAR

FALAR SEM-PARAR
FALAR PELOS COTOVELOS
FALAR + aspecto continuativo

PEGAR + Cl: 5

PODER/POSSÍVEL NÃO-PODER IMPOSSÍVEL

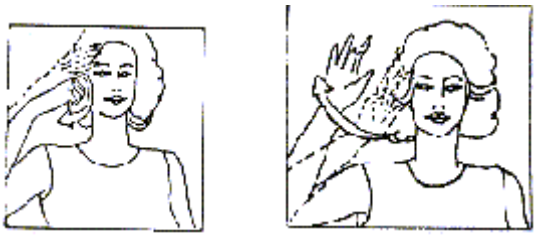

SABER NÃO-SABER

1. 2. 2. Formação de Palavras por Derivação e por Composição

As ilustrações acima são exemplos de formação de palavras por derivação. CADEIRA é derivado de SENTAR através do movimento repetido do primeiro; BONITINHO é derivado de BONITO através da adjunção da expressão facial ~~ , marca de grau aumentativo; BONITÃO é derivado de BONITO através da adjunção do afixo expressão facial Ô, marca de grau diminutivo; FALAR-SEM-PARAR é derivado de FALAR através da adjunção da mão esquerda e do alongamento dos movimentos, marca de aspecto continuativo; PEGAR-BOLA é derivado de PEGAR através da adjunção do afixo CI:5, classificador para objetos redondos grandes; PEGAR-AGULHA é derivado de PEGAR através da afixação do morfema gramatical CI:F, classificador para objetos pequenos e pequenos; NÃO-PODER é derivado de PODER através do afixo negativo, movimentos da cabeça para os lados; IMPOSSÍVEL é derivado de POSSÍVEL através da inversão do movimento de para baixo para os lados, afixo também negativo; NÃO-SABER e derivado de SABER através da afixação de um movimento da mão para fora, morfema negativo também.

Através desses exemplos, pudemos observar que as primeiras palavras são formadas a partir de seus radicais aos quais se juntam afixos ou morfemas gramaticais, pelo processo de derivação. As palavras ou sinais em LIBRAS também podem ser formadas pelo processo de composição, isto é, pela adjunção de dois sinais simples em formas compostas. Por exemplo:

CASA + CRUZ = IGREJA
MULHER + PEQUENO = MENINA
HOMEM + PEQUENO = MENINO

Alguns sinais como SENTAR e CADEIRA são distintos quanto à forma para as categorias verbo e nome, porém, a maioria deles não se distingue quanto às categorias verbo, nome, adjetivo e advérbio. O que vai definí-las como tal é sua função na sentença. Podemos, entretanto, ilustrar alguns casos de palavras que poderiam ser derivadas de outras como é o caso de construir e construção, em

português. Por exemplo, nas sentenças abaixo, identificamos um mesmo item lexical como nome ou verbo, dependendo da sentença em que aparecem:

ELE NÃO LIMPAR-CHÃO-CI:Y (com escova)
(=Ele não limpou com escova o chão)
ELE LIMPAR-CHÃO-CI:Y (com escova) NÃO-Y
(=Ele não fez a limpeza do chão com a escova)

No primeiro exemplo, o item lexical LIMPAR-CHÃO-CI:Y tem uma função verbal. Entretanto, na segunda sentença, LIMPAR-CHÃO-CI:Y tem uma função nominal, ou seja, é um substantivo porque vem acompanhado de um verbo leve, NÃO-Y, que devido à sua natureza de verbo sem valência não pode ser considerado um nome. Neste caso, como os verbos chamados leves sempre vêm acompanhados de um nome e como o único item capaz de preencher esta função nominal é o sinal LIMPAR-CHÃO-CI:Y, diremos que ele pode pertencer a ambas categorias:

LIMPAR-CHÃO-CI:Y - verbo
LIMPAR-CHÃO-CI:Y - nome

O mesmo ocorre com as demais categorias: adjetivo, advérbio.

1. 2. 3. Aspecto Verbal

A LIBRAS, assim como várias línguas de sinais e orais, modula o movimento dos sinais para distinguir entre os aspectos pontual, continuativo ou durativo e iterativo. O aspecto pontual se caracteriza por se referir a uma ação ou evento ocorrido e terminado em algum ponto bem definido no passado. Em português, quando dizemos “ele falou na televisão ontem”, sabemos que a ação de falar se deu no passado, em um período de tempo determinado “ontem”. Em LIBRAS, temos um sinal FALAR para um contexto lingüístico similar. Por exemplo, ELE FALAR VOCÊ ONTEM (=ele falou com você ontem). Entretanto, temos também o sinal FALAR-SEM-PARAR que se refere a uma ação que tem uma continuidade no tempo como no exemplo ELE FALAR-SEM-PARAR AULA (=ele falou sem parar durante a aula). Vejam estes dois sinais:

FALAR
(aspecto pontual)

FALAR-SEM-PARAR
(aspecto continuativo)

O mesmo ocorre com o verbo OLHAR que pode sofrer alteração em um ou mais de seus parâmetros e, então, denotar aspecto durativo. Os sinais ilustrados abaixo poderiam aparecer em contextos lingüísticos como os que se seguem:

OLHAR (pontual)
OLHAR VOCÊ ONTEM VOCÊ NÃO-ENXERGAR (pontual)

OLHAR (durativo)
ELE FICAR-OLHANDO-LONGAMENTE MAR (durativo)

OLHAR (durativo)
ELA PASSAR TODOS-OLHAR-CONTINUADAMENTE (durativo)

No segundo sinal para 'olhar', a configuração de mão e o ponto de articulação mudam de G1 para 5 e dos olhos para o nariz. Com isso temos a formação de uma outra palavra com valor aspectual durativo.

O verbo VIAJAR com valor aspectual pontual abaixo poderia ser utilizado em sentenças como PAULO VIAJAR BRASÍLIA ONTEM, enquanto que o sinal verbal com valor iterativo apareceria em sentenças do tipo PAULO VIAJAR- MUITAS-VEZES. O aspecto iterativo refere-se a ação ou evento que se dá repetidas vezes. Vejamos os sinais abaixo:

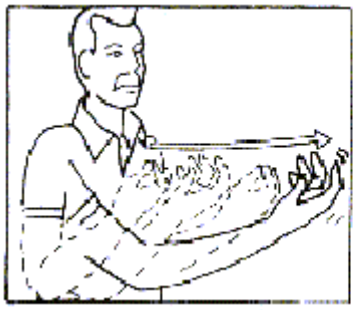

VIAJAR (pontual)

VIAJAR (iterativo)

Esse tipo de afixação que encontramos na LIBRAS, através da alteração do movimento, da configuração de mão e/ou do ponto de articulação do verbo que seria considerado raiz ou radical, não é encontrado em português.

1. 2. 4. Itens Lexicais para Tempo e Marca de Tempo

A LIBRAS não tem em suas formas verbais a marca de tempo como o português. Como vimos, essas formas podem se modular para aspecto. Algumas delas também se flexionam para número e pessoa.
Dessa forma, quando o verbo refere-se a um tempo passado, futuro ou presente, o que vai marcar o tempo da ação ou do evento serão itens lexicais ou sinais adverbiais como ONTEM, AMANHÃ, HOJE, SEMANA-PASSADA, SEMANA-QUE-VEM. Com isso, não há risco de ambigüidade porque sabe-se que se o que está sendo narrado iniciou-se com uma marca no passado, enquanto não aparecer outro item ou sinal para marcar outro tempo, tudo será interpretado como tendo ocorrido no passado.

Os sinais que veiculam conceito temporal, em geral, vem seguidos de uma marca de passado, futuro ou presente da seguinte forma: Movimento para trás, para o passado; Movimento para frente, para o futuro; e Movimento no plano do corpo, para presente. Alguns desses sinais, entretanto, incorporam essa marca de tempo não requerendo, pois, uma marca isolada como é o caso dos sinais ONTEM e ANTEONTEM ilustrados a seguir:

ONTEM

ANTEONTEM

Outros sinais como ANO requerem o acompanhamento de um sinal de futuro ou de presente, mas, quando se trata de passado, ele sofre uma alteração na direção do movimento de para frente para trás e, por si só já significa ‘ano passado’. Os sinais de ANO e ANO-PASSADO podem ser observados nas ilustrações que se seguem:

ANO

ANO-PASSADO

É interessenta notar, que uma linha do tempo constituída a partir das coordenadas: passado (atrás)- presente (no plano do corpo)- futuro (na frente), pode ser observada também em línguas orais como o português e o inglês como mencionado no início desse curso. Uma estruturação completamente diferente do tempo foi observada por nós na Língua de Sinais Urubu-Kaapor, língua de sinais da comunidade indígena

Urubu habitante da Floresta Amazônica, onde o tempo futuro é para cima e o presente no torso do usuário dessa língua. O passado não parece ser marcado.

Isso levou-nos a considerar que as línguas Portuguesa e LIBRAS não são tão distintas assim naquilo que não depende de restrições decorrentes da modalidade visual-espacial, veiculando,assim, uma visão de mundo muito similar, pelo menos nos aspectos semânticos até o momento estudados por nós.
As diferenças que vimos apontando ultimamente na estruturação gramatical e lexical da LIBRAS e do português parecem não apontar tanto para diferenças culturais mas são sim devidas ao fato de a primeira usar o espaço e de a segunda utilizar o meio acústico, para estruturar os significados lexicais e gramaticais.

1. 2. 5. Quantificação e Intensidade

A quantificação é obtida em LIBRAS através do uso de quantificadores como MUITO, mas incorporar a quantificação, prescindindo, pois, o uso desse tipo de palavras. Assim, podemos observar nos exemplos com o verbo OLHAR acima que o olhar pontual é realizado com apenas um dedo estendido enquanto que os outros dois sinais são realizados com as mãos abertas, ou seja, com os dedos estendidos. Dessa forma, esse tipo de alteração do parâmentro Configuração de Mão iconicamente representa uma maior intensidade na ação (FICAR-OLHANDO-**LONGAMENTE**) ou um maior número de referentes sujeitos (**TODOS**-FICAR-OLHANDO). Essa mudança de configuração de mãos, aumentando-se o número de dedos estendidos para significar uma quantidade maior pode ser ilustrado pelos sinais UMA-VEZ, DUAS-VEZES, TRÊS-VEZES:

UMA-VEZ DUAS-VEZES TRÊS-VEZES

Às vezes, alongando-se o movimento dos sinais e imprimindo-se a ele um rítmo mais acelerado, obtem-se uma maior intensidade ou quantidade. Isto é o que ocorre com os sinais FALAR e FALAR-SEM-PARAR, exemplificados acima e com os sinais LONGE e MUITO-LONGE ilustrados abaixo:

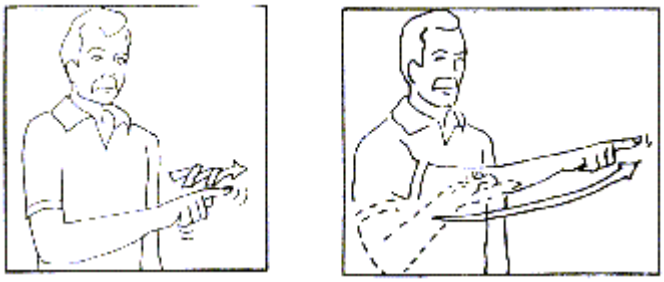

LONGE MUITO-LONGE

Como se pode observar, os mecanismos espaciais utilizados pela LIBRAS para obter significados e efeitos de sentido distinguem-se daqueles utilizados pela Língua Portuguesa. Nesta, as formas ou marcas são muito mais arbitrárias e se apresentam

em forma de segmentos sequencialmente acrescentados ao item ou palavra modificada. Em LIBRAS, ocorre com muita frequência uma mudança interna, isto é, uma alteração no interior da própria palavra.

1. 2. 6. Classificadores

Como algumas línguas orais e como várias línguas de sinais, a LIBRAS possui classificadores, um tipo de morfema gramatical que é afixado a um morfema lexical ou sinal para mencionar a classe a que pertence o referente desse sinal, para descrevê-lo quanto à forma e tamanho, ou para descrever a maneira como esse referente é segurado ou se comporta na ação verbal.

Os classificadores em línguas orais como o japonês e o navajo são sufixos dos numerais e dos verbos, respectivamente.

Em LIBRAS, como dificilmente se pode falar em prefíxo e em sufíxo porque os morfemas ou outros componentes dos sinais se juntam ao radical simultaneamente, preferimos dizer que os classificadores são afixos incorporados ao radical verbal ou nominal. Assim, nos exemplos abaixo, pode-se observar o classificador V e V, que respectivamente, referem-se à maneira como uma pessoa anda e como um animal anda.

ANDAR (para pessoa)

ANDAR (para animal)

O classificador em ANDAR (para pessoa) pode ser utilizado também com outros significados como ‘duas pessoas passeando’ ou ‘um casal de namorados’ (no caso das pontas dos dedos estarem voltadas para cima), ‘uma pessoa em pé’ (pontas dos dedos para baixo), etc. Este classificador é representado pela configuração de mãos em V, como se segue:

Uma pessoa andando ou em pé

Duas pessoas andando, namorando ou passeando

O classificador C pode representar qualquer tipo de objeto cilíndrico profundo como um copo, uma caixa, uma urna como no exemplo abaixo do sinal VOTAR:

VOTAR

Classificador C

Outros classificadores podem ser os morfemas representados pelas configurações de mão B e Y como se segue:

Classificador B

Classificador Y

O classificador B refere-se e descreve superfícies planas como mesa, parede, chão, etc. enquanto que o classificador Y refere-se e descreve objetos multiformes ou com formas irregulares, porém não planos nem finos. O classificador G1 é que é utilizado para descrever objetos finos e longos.

Inúmeros são os classificadores em LIBRAS, sua natureza semântica e sua função. Entretanto, apenas mencionamos alguns a título de ilustração.

1. 2. 7. Incorporação de Argumento

As línguas orais e de sinais apresentam vários casos de incorporação de argumento ou complemento. Por exemplo, em português, podemos citar o verbo engavetar que, em uma análise sintático-semântica, poderia ser decomposto em um verbo básico do tipo colocar e em um complemento desse verbo que seria um locativo na gaveta. Assim, podemos dizer “eu coloquei os livros na gaveta” ou “eu engavetei os livros”. O constituinte na gaveta, um locativo, argumento ou complemento de colocar, foi incorporado a este verbo e em decorrência disso temos a outra forma verbal engavetar que prescinde do locativo como complemento porque já carrega esta informação em seu próprio item lexical. Temos, pois, uma forma lexical derivada de outra mais básica, porém, desta vez não pelo processo de derivação por afixação nem por composição, como discutido acima, mas sim pelo que se chama de incorporação de argumento.

Em LIBRAS, o processo de incorporação de argumento é muito frequente e visível devido às características espaciais e icônicas dos sinais. Os três verbos abaixo ilustram esse tipo de incorporação. O primeiro, o verbo BEBER/TOMAR pode ser usado sem incorporação em sentenças do tipo:

BEBER CERVEJA (= eu bebi cerveja)

Porém, se o objeto direto do verbo for, por exemplo, café ou chá, o verbo incorporará este argumento e teremos formas verbais diferentes, como demonstram as ilustrações a seguir:

BEBER, TOMAR BEBER-CAFÉ CHÁ (segurar x-tipo de objeto) em LIBRAS (CI: B A e CI: F)

Outro exemplo de incorporação pode ser ilustrado pelo verbo ALUGAR/PAGAR-MENSALMENTE em que o verbo PAGAR que normalmente é articulado sobre a mão de apoio em B passa a ser articulado na mão de apoio (mão esquerda) em G1, a mesma do sinal MÊS. Assim, uma parte deste sinal incorpora-se ao sinal PAGAR, substituindo-a. Vejamos o sinal:

ALUGAR/PAGAR-MENSALMENTE

O mesmo processo de incorporação pode ser também observado no sinal que deriva do sinal verbal COMER, ao qual se incorpora o objeto direto MAÇÃ:

COMER COMER-MAÇÃ

2. Estruturação de Sentenças em LIBRAS

Costuma-se pensar que as sentenças da LIBRAS são completamente diferentes do ponto de vista estrutural daquelas do português. Realmente, no que diz respeito à ordem das palavras ou constituinte, há diferenças porque o português é uma língua de base sujeito-predicado enquanto que a LIBRAS é uma língua do tipo tópico-comentário.

Nas sentenças do português, a ordem predominante é: sujeito (S)-verbo(V)-objeto (O), normalmente chamada de SVO. Assim, as sentenças se estruturam da seguinte maneira:

O leão	matou o urso.
S	V O
sujeito	*predicado*

Todos os meninos	gostam de futebol
S	V O
sujeito	*predicado*

Nestas sentenças, além da concordância sujeito-predicado que determina quem faz o que no evento descrito pelo verbo da sentença, a ordem também é significativa porque senão não saberíamos qual é o sujeito da primeira sentença “o leão matou o urso” porque tanto o constituinte “o leão” quanto o constituinte “o urso” podem concordar com o verbo. Então, se alterássemos a ordem dos constituintes acima “o urso matou o leão”, o sujeito deixaria de ser “o leão” para ser “o urso”. Além do mais, há o aspecto semântico dos constituintes e do verbo que permite que tanto um quanto outro constituinte seja o sujeito de “matar”, isto é, aquele que mata.

Este não é o caso da segunda sentença onde o significado dos constituinte “todos os meninos” e “futebol” não dá margem às duas possibilidades acima. Além do mais, a concordância sujeito-predicado nesta segunda sentença fica ressaltada pelo fato de incluirem a marca de plural enquanto que o segundo constituinte “futebol”está no singular. Neste caso, a ordem é menos relevante para se saber a função gramatical e o papel semântico dos dois constituintes.

Entretanto, a primeira sentença poderia ter o seu último constituinte deslocado para a frente da sentença através de operações como por exemplo a topicalização:

O urso,	o leão matou	ou	Ao urso	o leão matou
tópico	*comentário*		*tópico*	*comentário*

Note-se, porém, que nos dois casos houve necessidade de apelo a mecanismos inusuais do tipo entoação e uso da preposição “a”. Nestes casos, “o urso” continua sendo o objeto direto de “matar” e “o leão”, o seu sujeito, apesar de termos a topicalização do objeto, isto é, apesar do objeto direto ser o tópico da sentença e o sujeito e o verbo serem o comentário do tópico.

A topicalização é relativamente frequente em português, principalmente, na fala coloquial. Entretanto, em LIBRAS, a frequência é maior, diríamos até que é regra geral.

Em estudos anteriores, dissemos que a ordem preferencial das sentenças da LIBRAS era SVO quando não havia topicalização ou verbos com flexão ou direcionais. Porém, estudos mais aprofundados, apesar de não desmentirem o que dissemos, mostraram que a topicalização é muito mais frequente do que se pensa à primeira

vista em LIBRAS. A ordem tópico-comentário é realmente a preferida quando não há restrições que impeçam certos constituintes de se deslocarem. Pórem, um grande número de sentenças sempre aparece na ordem SVO. Vejamos os exemplos:

VOCÊ LER JORNAL (= você leu o jornal?)
S V O
NÃO-ENXERGAR VOCÊ (= eu não vi você)
V O

Nestas duas sentenças, a ordem é SVO, isto é, sujeito-verbo-objeto. O sujeito da segunda sentença é omitido, é um argumento implícito, porque a , em LIBRAS, assim como em português, o sujeito em geral é pressuposto pelo contexto ou, quando referindo-se à primeira pessoa é sempre pressuposto como conhecido pelo interlocutor. Assim, se no contexto não está evidente que uma outra pessoa além da primeira deve ser o sujeito, este será a primeira pessoa. Então, apesar de estarem explícitos apenas o verbo e o objeto da segunda sentença, sabemos que a ordem é SVO. Estes dados reafirmam nossos estudos anteriores, assim como o fato de que quando temos um verbo flexionado na sentença a ordem é muito restrita.

Verbos com flexão com VER, AVISAR, RESPONDER, PERGUNTAR, AJUDAR são verbos em que a ordem vai ser sempre SVO. Note-se que não estamos distinguindo aqui objeto direto de objeto indireto porque, em recentes estudos em lingüística, há a proposta de considerarmos os complementos sem preposição como objetos e os com preposição como objetos oblíquos. Em exemplos com os verbos acima, podemos notar a restrição quanto à ordem porque o sujeito e o objeto não aparecem na forma de constituintes separados dos verbos, mas sim na forma de flexão do próprio verbo através da direcionalidade de seu movimento, um vetor, cujo ponto de origem refere-se ao sujeito e cujo ponto final refere-se ao objeto. É a direcionalidade com esses dois pontos que é chamada flexão verbal. Vejamos os exemplos:

1ª RESPONDER 2ª (=eu respondi a você)
3ª PERGUNTAR 1ª VERDADE (=ele perguntou a mim a verdade)
VERDADE 3ª PERGUNTAR 1ª (=a verdade ele perguntou a mim)
1ª VER 2ª (=eu vi você)
MYRNA 3ª AVISAR 3ª SERGIO (=Myrna, ela avisou ele, Sergio)
2ª AJUDAR 3ª - você-ajudar-ela (=você a ajudou)

Como se pode observar, nestes exemplos, o primeiro referente é sempre o sujeito porque é representado pela marca que inicia o verbo e o outro referente não verbal é o que é marcado pela marca final do verbo ou o ponto final do seu movimento, o que resulta na ordem Sujeito- Verbo-Objeto (direto e indireto). O terceiro exemplo acima apresenta uma topicalização do objeto direto o que faz com que a ordem seja Objeto dir.- Sujeito - Verbo - Objeto ind.

Na maioria dos casos, entretanto, a LIBRAS parece preferir, como já dissemos, a topicalização e o verbo no final da sentença como nos exemplos abaixo:

PESQUISAR ELA NÃO-GOSTAR (=pesquisar, ela não gosta)
tópico comentário

RUA ACIDENTE NÃO-ENXERGAR (=o acidente na rua eu não vi)
tópico comentário

CAFÉ AÇÚCAR NÃO-Y (=açucar no café (ela) não pôs)
tópico comentário

Note-se, porém, que nos exemplos acima, mesmo seguindo a estrutura tópico-comentário, a ordem dos constituintes acaba sendo (Locativo) - Objeto - Sujeito-Verbo. Mesmo com topicalização, parece que temos quase que sempre, pelo menos, tópico-SV (tópico-sujeito-verbo). Na última sentença, o sujeito é uma terceira pessoa, porém, é um argumento implícito porque o enunciador pressupõe que o interlocutor saiba identificar o referente pelo contexto situacional. A título de ilustração, vejamos o verbo EMPRESTAR, variante de São Paulo, e algumas de suas flexões:

1EMPRESTAR2 2EMPRESTAR1 2EMPRESTAR3

EU-EMPRESTAR-VOCÊ VOCÊ-EMPRESTAR-EU VOCÊ-EMPRESTAR-ELA

eu emprestei para você você emprestou para mim você emprestou para ela

Alguns raros verbos com flexão trazem as marcas de sujeito e objeto de forma inversa, isto é, o objeto é marcado primeiro no ponto de origem do movimento do sinal verbal e o sujeito é marcado pelo ponto final do movimento do sinal verbal. Vejamos o verbo CONVIDAR:

2ª CONVIDAR 1ª
você-convidado-eu
(você está sendo convi-dado por mim)

1ª CONVIDAR 2ª
eu-convidado-você
(eu estou sendo con-vidado por você)

3ª CONVIDAR 2ª
ele-convidado-você
(ele está sendo con-vidado por você)

ou

(eu o convido) (você me convida) (você o convida)

Vimos que a estruturação das sentenças em LIBRAS quanto à ordem dos argumentos (complementos inclusive sujeito) é diferente daquela do português e que inclusive as marcas de flexão são bastante específicas da modalidade visual-espacial de língua porque se apoiam na direcionalidade do movimento do sinal.

Entretanto, vamos enfatizar aqui um nivel estrutural das sentenças em ambas as línguas em que as semelhanças são bem maiores do que as especificidades. Trata-se da estrutura argumental das sentenças. Desse ponto de vista, toda sentença tem um núcleo que é o elemento que possui valência. Em geral, o verbo é que possui valência e, como tal, é ele que determina o número e tipos de argumentos ou complementos necessários. Dentro desta concepção, inclusive o sujeito é considerado um argumento. Assim diremos que um verbo como “enviar”, em português, e ENVIAR, em LIBRAS, são verbos com a mesma valência porque os dois pedem três argumentos ou complementos:

Paulo **enviou** o livro ao amigo
LIVRO AMIGO P-A-U-L-O **ENVIAR** (o livro ao amigo o Paulo enviou)

Nos dois exemplos, o primeiro em português e o segundo em LIBRAS, independentemente da ordem, pode-se observar que as sentenças são constituídas de um núcleo e de três argumentos ou complementos:

enviar - núcleo ou palavra com valência
Paulo - argumento 1, aquele que envia, papel semântico 'fonte', função gramatical 'sujeito'.
amigo - argumento 2, aquele para quem se envia, papel semântico 'alvo', função gramatical 'objeto indireto'
livro - argumento 3, aquilo que é enviado, papel semântico 'tema', função gramatical 'objeto direto'.

Esse tipo de análise das sentenças da LIBRAS e do português mostra como a estrutura sintático-semântica pode ser a mesma.

Alguns verbos, entretanto, não possuem valência como os verbos levar, dar e fazer do português e o verbo NÃO-Y da LIBRAS. Neste caso, teremos uma diferença considerável, devido à não correspondência sintático-semântica nas duas lín-guas. São os chamados verbos leves que podem ser ilustrados pelos exemplos abaixo:

Ele levou a cabo seus estudos
João deu uma surra no menino
Nós fizemos compras ontem
LIMPAR-CHÃO-ESCOVA NÃO-Y (a limpeza do chão com a escova, ele não fez)

Nesses exemplos, o elemento com valência é o nome que acompanha o verbo nos exemplos do português e o nome que antecede o verbo no exemplo da LIBRAS. Este nome é que é o núcleo da estrutura argumental da sentença porque é ele que possui valência. O verbo carrega apenas as marcas gramaticais. É o nome que veicula o significado lexical do complexo verbal. Por isso, apesar de se assemelhar a um objeto direto, o nome com valência não pode receber papel temático (semântico) o que torna esse tipo de sentença mais complexo para analisar.

Aquisição da Linguagem por Crianças Surdas

RONICE MÜLLER QUADROS
Mestre em Lingüística
Doutoranda em Lingüística Aplicada
PUC/ RS; interprete de LIBRAS

Todas as pesquisas desenvolvidas nos últimos anos sobre a aquisição das línguas de sinais evidenciam que essa pode ser comparada à aquisição das línguas orais em muitos sentidos. Normalmente, as pesquisas envolvem a análise de produções de crianças surdas, filhas de pais surdos. Somente esse grupo de crianças surdas apresenta o input lingüístico adequado e garantido para possíveis análises do processo de aquisição. Entretanto, ressalta-se que essas crianças representam apenas de 5% a 10% das crianças surdas . No Brasil, os estudos envolvem crianças surdas filhas de pais surdos que usam a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS.

As línguas de sinais são sistemas abstratos de regras gramaticais, naturais às comunidades surdas dos países que as utilizam. Assim como as línguas faladas, as línguas de sinais não são universais: cada país apresenta a sua própria língua. No caso do Brasil, como já foi citado, tem-se a LIBRAS e, além dessa, tem-se também a língua de sinais usada por uma tribo indígena brasileira chamada Urubu Kaapor, citada por Kakumasu (1968) e Ferreira Brito (1993).

As línguas de sinais apresentam-se numa modalidade diferente das línguas orais-auditivas; são línguas espaço-visuais, ou seja, a realização dessas línguas não é estabelecida através do canal oral-auditivo, mas através da visão e da utilização do espaço. A diferença na modalidade determina o uso de mecanismos sintáticos específicos diferentes dos utilizados nas línguas orais. As línguas de sinais são sistemas lingüísticos independentes dos sistemas das línguas orais e não são universais.

As línguas de sinais, dentre elas a LIBRAS, parecem apresentar especial interesse nas pesquisas lingüísticas dentro da perspectiva gerativista. A razão de tal interesse está relacionada à possibilidade de determinar os princípios da UG independentemente da modalidade da língua. Se isso for possível, as línguas de sinais podem ser exemplos de línguas que fortalecem a proposta gerativista quanto à existência de um módulo da linguagem na mente/cérebro do ser humano.

Quanto aos aspectos estruturais das línguas de sinais, há dois aspectos fundamentais: (a) o estabelecimento nominal e a pronominalização e (b) a concordância verbal. Os sujeitos e objetos podem ser estabelecidos em um ponto no espaço de sinalização *(loc)* ; quando isso ocorre, há um estabelecimento nominal e a pronominalização. Esse estabelecimento é completamente espacial e é fundamental para a concordância verbal, principalmente com referentes não presentes.

Considerando que o processo de aquisição das línguas de sinais é análogo ao processo de aquisição das línguas faladas, as seções seguintes estão subdivididas nos estágios de aquisição adotados nos estudos sobre a aquisição da linguagem. O estabelecimento nominal, o sistema pronominal e a concordância verbal serão enfatizados tendo em vista que tais tópicos são fundamentais para o estabelecimento de relações gramaticais (espaciais).

Período Pré - Lingüístico

Petitto & Marantette (1991) realizaram um estudo sobre o balbucio em bebês surdos e bebês ouvintes no mesmo período de desenvolvimento (desde o nascimento até por volta dos 14 meses de idade). Elas verificaram que o balbucio é um fenômeno que ocorre em todos os bebês, surdos assim como ouvintes, como fruto da capacidade inata para a linguagem. As autoras constataram que essa capacidade inata é manifestada não só através de sons, mas também através de sinais. Nos dados analisados por Petitto & Marantette foram observadas todas as produções orais para detectar a organização sistemática desse período. Também foram observadas todas as produções manuais tanto dos bebês surdos como dos bebês ouvintes para verificar a existência ou não de alguma organização sistemática.

Nos bebês surdos foram detectadas duas formas de balbucio manual: o balbucio silábico e a gesticulação. O balbucio silábico apresenta combinações que fazem parte do sistema fonético das línguas de sinais. Ao contrário, a gesticulação não apresenta organização interna.

Os dados apresentam um desenvolvimento paralelo do balbucio oral e do balbucio manual. Os bebês surdos e os bebês ouvintes apresentam os dois tipos de balbucio até um determinado estágio e desenvolvem o balbucio da sua modalidade. É por isso que os estudos afirmavam que as crianças surdas balbuciavam (oralmente) até um determinado período. As vocalizações são interrompidas nos bebês surdos assim como as produções manuais são interrompidas nos bebês ouvintes, pois o *input* favorece o desenvolvimento de um dos modos de balbuciar.

As semelhanças encontradas na sistematização das duas formas de balbuciar sugerem haver no ser humano uma capacidade lingüística que sustenta a aquisição da linguagem independente da modalidade da língua: oral-auditiva ou espaço-visual.

Estágio de um Sinal

O estágio de um sinal inicia por volta dos 12 meses da criança surda e percorre um período até por volta dos 2 anos. Karnopp (1994) cita estudos que apontam o início do estágio de um sinal por volta dos 6 meses em bebês surdos filhos de pais surdos adquirindo língua de sinais. Por outro lado, sabe-se que os estudos de crianças adquirindo línguas orais iniciam esse período por volta dos 12 meses. Lillo-Martin (1986) observa que as razões apontadas por esses estudos para explicar tal diferença cronológica baseia-se no desenvolvimento dos mecanismos físicos (mãos e trato vocal). Entretanto, Petitto (1987) argumenta que a criança simplesmente produz gestos que diferem dos sinais produzidos por volta dos 14 meses, analisando essa produção gestual como parte do balbucio, período pré-lingüístico. As primeiras produções na Língua de Sinais Americana - ASL incluem as formas chamadas congeladas da produção adulta. São sinais que não são flexionáveis, tipo MOTHER na ASL. Quando um sinal apresenta flexões no padrão adulto, a criança usa formas morfofonêmicas.

Petitto & Bellugi (1988) observaram que as crianças surdas com menos de 2 anos não fazem uso dos dispositivos indicativos da ASL. Os dispositivos indicativos envolvem o sistema pronominal das línguas de sinais. As crianças omitiam essas indicações até quando imitavam seus pais. Petitto (1987) e Bellugi & Klima (1989) analisaram a descontinuidade no uso da indicação (apontação) nas crianças surdas.

As crianças surdas com menos de 1 ano, assim como as crianças ouvintes, apontam freqüentemente para indicar objetos e pessoas. Mas quando a criança entra no estágio de um sinal, o uso da apontação desaparece. Petitto (1987) sugere que nesse período parece ocorrer uma reorganização básica em que a criança muda o conceito da apontação inicialmente gestual (pré-lingüística) para visualizá-la como elemento do sistema gramatical da língua de sinais (lingüístico).

Estágios das Primeiras Combinações

Surgem as primeiras combinações de sinais por volta dos 2 anos das crianças surdas. Fischer (1973) e Hoffmeister (1978) observaram que a ordem usada pelas crianças surdas durante esse estágio é SV, VO ou, ainda, num período subseqüente, SVO. Meier (1980) verificou que a ordem das palavras é utilizada para o estabelecimento das relações gramaticais.

Meier (1980) observou que, assim como o Japonês e o Croata, nem todos os verbos da ASL podem ser flexionados para marcar as relações gramaticais em uma sentença. Há alguns tipos de verbos que apresentam limitações lexicais e fonológicas para incorporar os pronomes como, por exemplo, os verbos **ancorados no corpo**, como GOSTAR e PENSAR na LIBRAS. Isso sugere que as crianças surdas devem adquirir duas estratégias para marcar as relações gramaticais: a incorporação dos indicadores e a ordem das palavras. A incorporação dos indicadores envolve a concordância verbal, e essa depende diretamente da aquisição do sistema pronominal.

No estágio em discussão, as crianças começam a usar o sistema pronominal, mas de forma inconsistente. Os estudos realizados por Bellugi & Klima (1979) detectaram que o padrão de aquisição das crianças surdas é bastante próximo ao das crianças ouvintes. Eles, a princípio, consideravam que seria mais fácil para as crianças surdas a aquisição do sistema pronominal.. Os resultados foram surpreendentes. Os pronomes EU e TU na ASL são identificados através da indicação propriamente dita, a si mesmo e ao outro, respectivamente. Parece óbvio que uma criança aprendesse essa regra rapidamente e a usasse sem cometer erros. Mas o que acontece é, na verdade, diferente.

Assim como na aquisição do Inglês por crianças ouvintes, a aquisição na ASL desses pronomes apresenta as mesmas características conforme mencionam os estudos de Petitto (1986, 1987). Petitto (1986) observou que nesse período ocorrem 'erros' de reversão pronominal, assim como ocorrem com crianças ouvintes. As crianças usam a apontação direcionada ao receptor para referirem-se a si mesmas. A princípio, causa uma certa surpresa constatar esse tipo de erro nas crianças surdas devido à **aparente** transparência entre a forma de apontação e o seu significado. Esse tipo de erro e a evitação do uso dos pronomes são fenômenos diretamente relacionados com o processo de aquisição da linguagem.

Petitto descarta a hipótese de mudança de perspectiva, pois, no caso das línguas de sinais, se essa hipótese fosse verdadeira, as crianças deveriam apresentar erros na perspectiva de todos os sinais. Para Petitto, a criança usa o sinal 'YOU' como um item **congelado**, não dêitico, não recíproco e que refere somente a ela.

Petitto (1987) concluiu que, apesar da aparente relação entre forma e significado da apontação, a compreensão dos pronomes não é óbvia para a criança dentro do

sistema lingüístico da ASL. A aparente transparência da apontação é anulada diante das múltiplas funções lingüísticas que apresenta. Se as crianças não entenderem a relação indicativa entre a forma apontada e o seu referente, a plurificação da apontação pode tornar-se uma dificuldade na aquisição dos mecanismos gramaticais.

Esse estudo nos revela evidências da descontinuidade da transição dos fatores pré-lingüísticos aos lingüísticos. Petitto afirma que aspectos da estrutura lingüística e da sua aquisição, parecem envolver conhecimentos específicos da linguagem. Ela conclui que, apesar da relação entre a forma e o símbolo, a apontação e seu significado, a compreensão das funções da apontação dos pronomes não é óbvia para a criança dentro do sistema lingüístico da ASL. A idéia de que a gesticulação pode funcionar lingüisticamente é tão forte, que anula a transparência indicativa da apontação.

As semelhanças na aquisição do sistema pronominal entre crianças ouvintes e surdas, sugerem um processo universal de aquisição de pronomes, apesar da diferença radical na modalidade.

Hoffmeister (1978) observou que a apontação envolve o sistema pronominal, o sistema dos determinadores e modificadores, o sistema de pluralização e a modulação do sistema verbal. No estágio das primeiras combinações, Hoffmeister observou que os objetos são nomeados e referidos somente em situações do contexto imediato.

Na LIBRAS, Quadros (1995) observou algumas combinações de sinais, normalmente envolvendo dois a três sinais . F omitiu o sujeito de referentes presentes somente quando esse era óbvio (presente no contexto do discurso), mas normalmente pronunciou o sujeito. Não foi observada a omissão do objeto nesse período. Certamente a razão de terem aparecido sujeitos, mas não objetos nulos, está relacionada ao uso sintático do espaço que ainda não é observado, nesse período, de forma consistente. Deve-se ressaltar que F não estabeleceu a terceira pessoa em (1b) em um ponto do espaço. Tal referência foi interpretada como terceira pessoa mediante o contexto e não mediante a utilização de recursos sintáticos. Nos dois casos o verbo não foi flexionado; portanto, pode-se sugerir que F usa apenas formas **congeladas**, pois IR é um verbo com concordância na LIBRAS e F usou-o sem flexioná-lo.

(1) F (2:4)

a. AULA $_{i}$IR.
'(Eu) vou à aula'.

b. TRÊS $_{k}$BRINCAR AQUI.
'(Eles) três brincam aqui'.

Exemplos como os ilustrados em (2) mostram que F já usa o sistema pronominal com referentes presentes de forma adequada.

(2)
a. EU $_{i}$SAIR. TCHAU!
'Eu estou saindo. Tchau!'

b. ELEk OLHAR ELE$_{k}$'.
'Elei olhou para elej'.

4. Estágio de Múltiplas Combinações

Em torno dos 2 anos e meio a 3 anos, as crianças surdas apresentam a chamada **explosão do vocabulário**. Lillo-Martin (1986) cita que nesse período começam a ocorrer distinções derivacionais (por exemplo, a diferenciação entre CADEIRA e SENTAR). As crianças começam a usar formas idiossincráticas para diferenciar nomes e verbos. O domínio completo dos recursos morfológicos da língua é totalmente adquirido por volta dos 5 anos.

Segundo Bellugi & Klima (1989), a criança surda ainda não usa os pronomes identificados espacialmente para referir-se às pessoas e aos objetos que não estejam fisicamente presentes. Ela usa substantivos não associados com pontos no espaço. Mesmo quando a criança apresenta algumas tentativas de identificação de pontos no espaço, ela apresenta falhas de correspondência entre a pessoa e o ponto espacial. Com referentes presentes no discurso já há o uso consistente do sistema pronominal e inclusive indicações espaciais (indicações ostensivas).

Dos 3 anos em diante, as crianças começam a usar o sistema pronominal com referentes não presentes no contexto do discurso, mas ainda apresentam erros. Algumas crianças **empilham** os referentes não presentes em um único ponto do espaço. Petitto & Bellugi (1988) observaram que, de 3 anos a 3 anos e meio, as crianças usam a concordância verbal com referentes presentes. Entretanto, elas flexionam alguns verbos cuja flexão não é aceita nas línguas de sinais. Bellugi & Klima (1990) identificam essa flexão generalizada dos verbos nesse período como **supergeneralizações**, considerando esse fenômeno análogo a generalizações verbais como 'fazi', 'gosti' e ‘sabo’ nas línguas orais. Meier (1980) detectou esse uso supergeneralizado observando que, nesse período, as crianças usam os verbos como pertencentes a uma única classe verbal na ASL, a classe dos verbos com concordância, chamada por ele de verbos direcionais (figura 19).

A figura 1 ilustra três supergeneralizações feitas pela criança. A primeira, com o verbo SPELL, a segunda, com o verbo LIKE e a última, com o verbo LIKE; em todos os exemplos foi ilustrada a forma usada pela criança e a forma usada pela mãe. Esses três verbos pertencem à classe dos não flexionados na ASL. A criança direcionou os verbos incorporando o objeto das sentenças.

Segundo Bellugi, Lillo-Martin, O'Grady & vanHoek (1990), por volta dos 4 anos a concordância verbal ainda não é utilizada corretamente. Quando as crianças deixam de empilhar os referentes em um único ponto, elas estabelecem mais de um ponto no espaço mas de forma inconsistente, pois não estabelecem associações entre o local e a referência, dificultando a concordância verbal. É entre 5 e 6 anos que as crianças utilizam os verbos flexionados de forma adequada.

FIGURA 1: Supergeneralizações na ASL

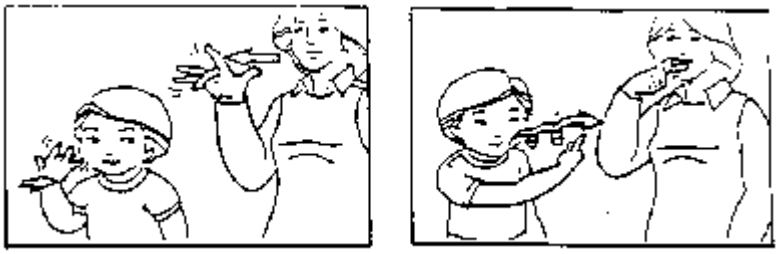

*SPELL[X:'to me']/SPELL *SAY[X: 'to you']/SAY

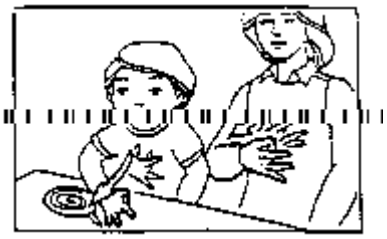

*LIKE[X: 'to it']/LIKE
(Bellugi, vanHoek, Lillo-Martin & O'Grady, 1990:139)

Observe que nos dois exemplos a criança está flexionando os verbos que não apresentam essa possibilidade na *ASL*, sendo indicada a agramaticalidade através do asterisco. As formas usadas pela mãe são consideradas gramaticais. Exemplos como esses podem ser observados na aquisição da LIBRAS.

Loew (1980) analisou o desenvolvimento da referência em crianças surdas filhas de pais surdos entre 3:1 a 4:6 de idade. A autora apresenta uma síntese da qual foram selecionados os itens sobre indexação (uso pronominal da apontação e a concordância verbal) e a estruturação espacial (envolve o estabelecimento de *loc*) que são apresentados no quadro 1.

Lillo-Martin (1986) discute alguns efeitos da modalidade espacial no processo de aquisição. Questiona-se a iconicidade das línguas de sinais. De fato, alguns sinais e processos na ASL têm motivação icônica, apresentando alguma relação entre forma e significado, entre o referente e o referenciado. Lillo-Martin, ao considerar essa discussão, analisa a seguinte questão: a modalidade de alguma forma facilita a aquisição da linguagem? Os estudos indicam que, apesar de haver uma **aparente** iconicidade nas línguas de sinais, a aquisição do sistema pronominal e a concordância verbal são considerados de aquisição tardia, o que é ilustrado pelos estudos mencionados até o presente momento. Lillo-Martin cita a conclusão de Meier (1981), o qual diz que a modalidade não facilita a aquisição do sistema da concordância verbal. Assim, considerando o input natural que as crianças surdas analisadas nessas pesquisas apresentam, a aquisição da ASL parece seguir um curso lingüisticamente similar ao desenvolvimento das línguas orais.

QUADRO I: Aquisição da indexação e da estruturação espacial na ASL

PERÍODOS	I (3:1-3:4)	II (3:6-3:11)	III (4:0-4:4)	IV (4:6-4:9)
Indexação	- infreqüente; uso incorreto das formas de citação; não há evidências de identidade dos *loc*. Uso da concordância verbal com referentes presentes.	- pouca consistência no uso da indexação; às vezes um *loc* é usado para referência de um único referente durante o discurso.	- uso de múltiplos *loc*; há o uso da concordância verbal, mas evidenciam-se inconsistências com os *loc* estabelecidos.	- uso normalmente freqüente e consistente. Os *loc* apresentam identidade, embora ainda ocorram confusões ao usá-los.
Estruturação espacial	- estabelecimento de locais não é claro; não há evidências de organização espacial; a indexação não é usada com *loc*.	- estabelecimento ocasional de locais; não há evidências de organização espacial. Os *loc* são estabelecidos para contrastar, mas não	- estabelecimento de locais mais freqüentes, mas ainda com função contrastiva.	- estabelecimento freqüente de locais; uso do *loc* de forma mais consistente com a indexação.

		para identificar o referente.		

Na LIBRAS, Quadros (1995) observou que por volta dos 3 anos e meio ocorre o uso de concordância verbal com referentes presentes assim como ilustrado em (3). Com referentes não presentes, houve algumas ocorrências mas de forma inconsistente, pois o estabelecimento e a identidade do *loc* não foram identificados de forma substancial, conforme é observado nos exemplos em (4).

(3) L (3:03)

a. $_{k}$PEGAR$_{k}$,.
'(Ele*i*) pegou (ele*j*)'.

b. $_{i}$CONSERTAR$_{k}$, $_{k}$QUEBRAR.
'(Eu) estou consertando (ele*i*), (ele*i*) quebrou'.

c. $_{k}$TOMAR-BANHO $_{k}$FICAR.
'(Ele*k*) continua tomando banho'.

(4) L (3:03)

a. CARRO $_{k}$IR$_{k}$, CASA$_{k}$,.
'(Ele*k*) foi de carro para casa'.

M (3:05)

b. $_{k}$DAR$_{i}$, PAPAI$_{k}$ $_{k}$DAR$_{i}$.
'(Ele*k*) deu (para mim), o papai (ele*k*) deu (para mim)'.

Em (3) os *loc*^{k} e *loc*$^{k'}$ foram estabelecidos em locais reais, isto é, o local em que estavam os referentes no contexto do discurso foi usado para indicar os referentes sem utilizar a indicação ostensiva. Dessa forma, observou-se que o uso da concordância verbal está presente, omitindo-se o sujeito e/ou objeto da sentença. Em (3a) tanto o sujeito como o objeto são nulos.

Em (4a), o sujeito nulo não é identificado. Nesse tipo de exemplo, a identidade pode ser recuperada contextualmente. Talvez L estivessse se referindo a sua professora, mas não se pode afirmar isso, pois o *loc* não foi previamente estabelecido, confundindo a identificação do referente. Em (b) a identidade do *loc* como ‘papai’ fica óbvia somente porque M a pronunciou após sua ocorrência; e a identidade do *loc* de primeira pessoa é adequadamente identificada, pois envolve o local real de M, a primeira pessoa do discurso, um referente presente. Os exemplos ilustrados em (3) e (4) foram coletados em conversas espontâneas das crianças.

Por volta dos 5 anos e meio a 6 anos e meio, a concordância verbal é usada de forma consistente pelas crianças adquirindo a LIBRAS. O uso de sujeitos e objetos nulos torna-se comum nesse período. Também observam-se alguns exemplos com verbos da classe dos verbos com concordância com sujeitos pronunciados. Isso foi observado quando as crianças queriam tornar mais clara a identificação da identidade do *loc*, assim como ocorre na linguagem adulta. Foram selecionados alguns exemplos em (5) que ilustram o pronome pronunciado e a sua omissão durante o discurso.

(5) G (5:11)

a. EU$_i$ ANDAR-EM-DIREÇÃO-AO-CARRO-E-O-CARRO-NA-MINHA-DIREÇÃO. $_i$BATER$_k$ CARRO$_k$ QUASE. Eu$_i$ PARAR, $_i$TRAVAR QUASE $_i$BATER$_k$.

'Eu ande*i* em direção ao carro e o carro na minha direção. (Eu) quase bati no carro. Eu parei,
(eu) travei, (eu) quase bati (nele)'.

b. ELE$_k$, $_k$,PESCAR$_k$,, PEIXE$_k$,,. $_k$,PESCAR$_k$,, MAIS DOIS. $_k$,PESCAR$_k$,, MUITOS.

'Ele*i* pescou um peixe. (Ele*i*) pescou mais dois (deles*j*). (Ele*i*) pescou muitos (deles*j*)'.

Em (5a) a sentença foi retirada de uma conversa espontânea em que era relatado um fato já ocorrido. Observou-se o estabelecimento do *loc* abstrato para 'carro', pois 'carro' é um referente não presente no discurso. O exemplo (5b) foi retirado de um relato de uma das histórias. A criança recontava a história sem o auxílio do livro para referir-se utilizando as figuras como referentes presentes; assim, foram estabelecidos *loc* para ‘o menino’ e para ‘os peixes’, k’ e k”, respectivamente. A criança introduziu esses *loc* primeiro com os nominais e depois utilizou os *loc* k’ e k” na concordância verbal. Nesse exemplo o uso do recurso de omitir sujeitos e objetos foi empregado de forma consistente e adequada.

No relato de histórias, usualmente as crianças usam as figuras como locais reais dos referentes; isso também é observado nas narrações dos adultos, conforme mencionado anteriormente.

O estabelecimento de *loc* com referentes não presentes no relato das histórias só foi observado no último período. Foi solicitado a G que recontasse a história sem olhar o livro. Observou-se que houve o estabelecimento abstrato de *loc* de forma bastante consistente. Em (6a) apresenta-se uma sentença em que G utilizou os *loc* com os referentes presentes. Em (6b) há uma sentença em que G utiliza *loc* estabelecidos com referentes ausentes do contexto do discurso. As duas sentenças produzidas referem-se à mesma história.

(6) G (5:11)

a. RATO$_k$ PEQUENO $_k$PEGAR$_k$,. ELA BRABA $_k$PEGAR$_{k,k}$,, . ELES$_{k,k}$,, MEDO.

'O rato*i* pequeno (ele*i*) pegou (ele*j*). Ela ficou braba pois (ele*i*) pegou (eles*jy*). Eles*jy*
têm medo'.

b. GATO$_k$, MEDO RATO$_k$. RATO$_k$ PEGAR$_k$,. RATO PEGAR DOIS GATO$_k$,,

CACHORRO$_k$,,. RATO PEGAR$_{k,k}$,,. $_{k,k}$,,FUGIR. MENINA OLHAR$_{k,k}$,,

SURPRESA RATO PEQUENO.

'O gato tem medo do rato. O rato pega (ele*j’*). O rato pega os dois: o gato e o cachorro. O
rato pega (eles*jy*). Eles fogem. A menina olha (para eles*jy*) e fica surpresa porque o rato é pequeno'.

Observa-se em (6) que, quando se trata de referentes ausentes do discurso, há uma necessidade bem maior de definir claramente esses referentes no espaço para que não haja problemas na identificação dos *loc*. Essa necessidade é devidamente

observada por G. G introduziu os *loc* de forma adequada, não deixando dúvidas na identificação dos *loc*, e omitiu os sujeitos e objetos quando esses podiam ser adequadamente recuperados pelo receptor.

5. Algumas Conclusões

Bellugi & Petitto (1988) ao analisar as descobertas na aquisição da linguagem, concluíram que o conhecimento do uso lingüístico do espaço em ASL que uma criança deve ter, necessariamente, inclui a informação quanto as diferenças generalizadas do local de sinalização; o estabelecimento explícito dos nominais em pontos espaciais diferentes; a identificação do local espacial de forma consciente; e, a utilização do local espacial em frases e no discurso de maneira contrastante. As crianças parecem adquirir esse conhecimento por volta dos sete anos, quando atingem a maturidade sobre o sistema referencial da sintaxe.

Elas finalizam a análise afirmando que os dados sugerem que a criança surda de nascença, com acesso a uma língua espaço-visual proporcionada por pais surdos, desenvolverá uma linguagem sem qualquer deficiência . Além disso, os dados apresentados sugerem que os fundamentos da linguagem não estão baseados na forma do sinal, mas sim, na função lingüística que a serve.

Todos os estudos mencionados sobre a aquisição da língua de sinais por crianças surdas concluíram que esse processo ocorre em período análogo à aquisição de crianças ouvintes.

Bellugi et alli (1990) apresentam algumas pesquisas que contribuem para educação de surdos e para compreensão do desenvolvimento da linguagem. Um deles foi feito com crianças surdas filhas de pais ouvintes, cujo o único meio de comunicação disponível era o Inglês Sinalizado (sistema artificial que usa sinais da ASL na ordem do Inglês, sistema equivalente ao Português Sinalizado no Brasil). Esse estudo investigou o uso do espaço pela criança. Foi verificado que as crianças, individualmente, transformavam os conhecimentos que tinham do Inglês Sinalizado quando elas sinalizavam entre si mesmas, tornando essa sinalização mais especializada. Essa descoberta indica que a modalidade da língua apresenta efeitos na forma da língua. Outro estudo realizado com surdos adultos que adquiriram a língua de sinais em diferentes fases da vida, uns filhos de pais ouvintes, outros filhos de pais surdos apresentou resultados que sugerem que, realmente existe um período adequado para o aprendizado da língua. Ou seja, a aquisição da linguagem é muito melhor quando realizada o mais precocemente possível.

Considerando o estudo de Quadros (1995) com crianças surdas filhas de pais surdos sinalizadores da LIBRAS, pode-se sugerir que os dados analisados na ASL em relação a sintaxe espacial apresentam uma analogia com os dados analisados na LIBRAS. Diante disso, sugere-se que o processo de aquisição desses aspectos observados envolva aspectos universais.

Vale mencionar o trabalho apresentado por Rodrigues (1993). O autor apresenta uma reflexão sobre a língua de sinais e sua aquisição por crianças surdas. Ele faz sua análise de um ponto de vista biológico e chega as seguintes conclusões:

a) se a língua de sinais é organizada no cérebro da mesma forma que as línguas orais (conforme vem sendo demonstrado através de pesquisas), então as línguas de sinais são línguas naturais;

b) se as línguas de sinais são línguas naturais, então seu aprendizado tem período crítico (período ideal para a aquisição da linguagem, após esse período a aquisição é deficiente e, dependendo do caso, impossível);

c) se as línguas de sinais têm período crítico, então as crianças surdas estão iniciando tarde o seu aprendizado; e

d) se a natureza compensa parcialmente a falta de audição, aumentando a capacidade visual dos surdos (conforme pesquisas realizadas há uma competição entre os estímulos acústicos e visuais), então está sendo ignorada a maior habilidade dos surdos quando lhes é imposta uma língua oral, ao invés da língua de sinais.

Introdução à Gramática da LIBRAS

TANYA A. FELIPE
Professora Titular da UPE
Coordenadora do grupo de pesquisa da FENEIS

1. O Universal nas Línguas

Pesquisas sobre as línguas de sinais vêm mostrando que estas línguas são comparáveis em complexidade e expressividade a quaisquer línguas orais. Estas línguas expressam idéias sutis, complexas e abstratas. Os seus usuários podem discutir filosofia, literatura ou política, além de esportes, trabalho, moda e utilizá-la com função estética para fazer poesias, estórias, teatro e humor.

Como toda língua, as línguas de sinais aumentam seus vocabulários com novos sinais introduzidos pelas comunidades surdas em resposta à mudanças culturais e tecnológicas.

As línguas de sinais não são universal, cada língua de sinais tem sua própria estrutura gramatical Assim, como as pessoas ouvintes em países diferentes falam diferentes línguas, também as pessoas surdas por toda parte do mundo, que estão inseridos em “Culturas Surdas”, possuem suas próprias línguas, existindo portanto muitas línguas de sinais diferentes, como: Língua de Sinais Francesa, Chilena, Portuguesa, Americana, Argentina, Venezuelana, Peruana, Portuguesa, Inglesa, Italiana, Japonesa, Chinesa, Uruguaia, Russa, Urubus-Kaapor, citando apenas algumas. Estas línguas são diferentes uma das outras e independem das línguas orais-auditivas utilizadas nesses e em outros países, por exemplo: o Brasil e Portugal possuem a mesma língua oficial, o português, mas as línguas de sinais destes países são diferentes, o mesmo acontece com os Estados Unidos e a Inglaterra, entre outros. Também pode acontecer que uma mesma língua de sinais seja utilizada por dois países, como é o caso da língua de sinais americana que é usada pelos surdos dos Estados Unidos e do Canadá.

Embora, surdos de países com línguas de sinais diferentes comunicam-se mais rapidamente uns com os outros, fato que não ocorre entre falantes de línguas orais, que necessitam de um tempo bem maior para um entendimento. Isso se deve à capacidade que as pessoas surdas têm em desenvolver e aproveitar gestos e pantomimas para a comunicação e estarem atentos as expressões faciais e corporais das pessoas.
A Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) é a língua de sinais utilizada pelos surdos que vivem em cidades do Brasil onde existem comunidades surdas, mas além dela, há registros de uma outra língua de sinais que é utilizada pelos índios Urubus-Kaapor na Floresta Amazônica.

A LIBRAS, como toda língua de sinais, é uma língua de modalidade gestual-visual porque utiliza, como canal ou meio de comunicação, movimentos gestuais e expressões faciais que são percebidos pela visão; portanto, diferencia da Língua Portuguesa, que é uma língua de modalidade oral-auditiva por utilizar, como canal ou meio de comunicação, sons articulados que são percebidos pelos ouvidos. Mas as diferenças não estão somente na utilização de canais diferentes, estão também nas estruturas gramaticais de cada língua.
Embora com as diferenças peculiares a cada língua, todas as línguas possuem algumas semelhanças que a identificam como língua e não linguagem como, por

exemplo, a linguagem das abelhas, dos golfinhos, dos macacos, enfim, a comunicação dos animais.

Uma semelhança entre as línguas é que todas são estruturadas a partir de unidades mínimas que formam unidades mais complexas, ou seja, todas possuem os seguintes níveis lingüísticos: o fonológico, o morfológico, o sintático, o semântico e o pragmático.

No nível fonológico, as línguas são formadas de fonemas. Os fonemas só têm valor contrastivo, não têm significado mas, a partir das regras de cada língua, se combinam para formar os morfemas e estes as palavras.

Na língua portuguesa, os fonemas l m l l n l l s l l a l l e l l i l podem se combinar e formar a palavra l meninas l.

No nível morfológico, esta palavra é formada pelos morfemas {menin-} {-a} {-s}. Diferentemente dos fonemas, cada um destes morfemas tem um significado: {menin-} é o radical desta palavra e significa “criança”, o morfema {-a} significa “gênero feminino” e o morfema {-s} significa “plural”.

No nível sintático, esta palavra pode se combinar com outras para formar a frase, que precisa ter um sentido em coerência com o significado das palavras em um contexto, o que corresponde aos níveis semântico (significado) e pragmático (sentido no contexto: onde está sendo usada) respectivamente.
Outra semelhança entre as línguas é que os usuários de qualquer língua podem expressar seus pensamentos diferentemente por isso uma pessoa que fala uma determinada língua a utiliza de acordo com o contexto: o modo de se falar com um amigo não é igual ao de se falar com uma pessoa estranha. Isso é o que se chama de registro. Quando se aprende uma língua está aprendendo também a utilizá-la a partir do contexto.
Outra semelhança também é que todas as línguas possuem diferenças quanto ao seu uso em relação à região, ao grupo social, à faixa etária e ao sexo. O ensino oficial de uma língua sempre trabalha com a norma culta, a norma padrão, que é utilizada na forma escrita e falada e sempre toma alguma região e um grupo social como padrão.

Ao se atribuir às línguas de sinais o status de língua é porque elas, embora sendo de modalidade diferente, possuem também estas características em relação às diferenças regionais, sócio-culturais, entre outras, e em relação às suas estruturas que também são compostas pelos níveis descritos acima.

---

2. O Sinal e seus Parâmetros

O que é denominado de palavra ou item lexical nas línguas orais-auditivas, são denominados sinais nas línguas de sinais.

O sinal é formado a partir da combinação do movimento das mãos com um determinado formato em um determinado lugar, podendo este lugar ser uma parte do corpo ou um espaço em frente ao corpo. Estas articulações das mãos, que podem ser comparadas aos fonemas e às vezes aos morfemas, são chamadas de parâmetros, portanto, nas línguas de sinais podem ser encontrados os seguintes parâmetros:

1. configuração das mãos: são formas das mãos, que podem ser da datilologia (alfabeto manual) ou outras formas feitas pela mão predominante (mão direita para os

destros), ou pelas duas mãos do emissor ou sinalizador. Os sinais APRENDER, LARANJA e ADORAR têm a mesma configuração de mão;

2. ponto de articulação: é o lugar onde incide a mão predominante configurada, podendo esta tocar alguma parte do corpo ou estar em um espaço neutro vertical (do meio do corpo até à cabeça) e horizontal (à frente do emissor). Os sinais TRABALHAR, BRINCAR, CONSERTAR são feitos no espaço neutro e os sinais ESQUECER, APRENDER e PENSAR são feitos na testa;

3. movimento: os sinais podem ter um movimento ou não. Os sinais citados acima tem movimento, com exceção de PENSAR que, como os sinais AJOELHAR, EM-PÉ, não tem movimento;

4. orientação: os sinais podem ter uma direção e a inversão desta pode significar idéia de oposição, contrário ou concordância número-pessoal, como os sinais QUERER E QUERER-NÃO; IR e VIR;

5. Expressão facial e/ou corporal: muitos sinais, além dos quatro parâmetros mencionados acima, em sua configuração tem como traço diferenciador também a expressão facial e/ou corporal, como os sinais ALEGRE e TRISTE. Há sinais feitos somente com a bochecha como LADRÃO, ATO-SEXUAL.

Na combinação destes quatro parâmetros, ou cinco, tem-se o sinal. Falar com as mãos é, portanto, combinar estes elementos que formam as palavras e estas formam as frases em um contexto.

Para conversar, em qualquer língua, não basta conhecer as palavras, é preciso aprender as regras de combinação destas palavras em frases.

---

3. Sistema de Transcrição para a LIBRAS

As línguas de sinais tem características próprias e por isso vem sendo utilizado mais o vídeo para sua reprodução à distância. Existem sistemas de convenções para escrevê-las, mas como geralmente eles exigem um período de estudo para serem aprendidos, neste livro, estamos utilizando um "**Sistema de notação em palavras**".

Este sistema, que vem sendo adotado por pesquisadores de línguas de sinais em outros países e aqui no Brasil, tem este nome porque as palavras de uma língua oral-auditiva são utilizadas para representar aproximadamente os sinais.

Assim, a LIBRAS será representada a partir das seguintes convenções:

1. Os sinais da LIBRAS, para efeito de simplificação, serão representados por itens lexicais da Língua Portuguesa (LP) em letras maiúsculas. Exemplos: CASA, ESTUDAR, CRIANÇA, etc;

2. um sinal, que é traduzido por duas ou mais palavras em língua portuguesa, será representado pelas palavras correspondentes separadas por hífen. Exemplos: CORTAR-COM-FACA, QUERER-NÃO "não querer", MEIO-DIA, AINDA-NÃO, etc;

3. um sinal composto, formado por dois ou mais sinais, que será representado por duas ou mais palavras, mas com a idéia de uma única coisa, serão separados pelo símbolo ^ . Exemplos: CAVALO^LISTRA "zebra";

4. a datilologia (alfabeto manual), que é usada para expressar nome de pessoas, de localidades e outras palavras que não possuem um sinal, está representada pela palavra separada, letra por letra por hífen. Exemplos:

J-O-Ã-O, A-N-E-S-T-E-S-I-A;

5. o sinal soletrado, ou seja, uma palavra da língua portuguesa que, por empréstimo , passou a pertencer à LIBRAS por ser expressa pelo alfabeto manual com uma incorporação de movimento próprio desta língua, está sendo representado pela datilologia do sinal em itálico. Exemplos: *R-S* "reais", *A-C-H-O, QUM* "quem", *N-U-N-C-A*, etc;

6. na LIBRAS não há desinências para gêneros (masculino e feminino) e número (plural), o sinal, representado por palavra da língua portuguesa que possui estas marcas, está terminado com o símbolo @ para reforçar a idéia de ausência e não haver confusão. Exemplos: AMIG@ "amiga(s) e amigo(s)" , FRI@ "fria(s) e frio(s)", MUIT@ "muita(s) e muito(s)", TOD@, "toda(s) e todo(s)", EL@ "ela(s), ele(s)", ME@ "minha(s) e meu(s)" etc;

7. Os traços não-manuais: expressões facial e corporal, que são feitos simultaneamente com um sinal, estão representados acima do sinal ao qual está acrescentando alguma idéia, que pode ser em relação ao:

a) tipo de frase ou advérbio de modo: interrogativa ou ... i ... negativa ou ... neg ... etc

Para simplificação, serão utilizados, para a representação de frases nas formas exclamativas e interrogativas, os sinais de pontuação utilizados na escrita das línguas orais-auditivas, ou seja: !, ? e ?!

b) advérbio de modo ou um intensificador: muito rapidamente exp.f "espantado" etc;

interrogativa exclamativo muito

Exemplos: NOME ADMIRAR LONGE

8. os verbos que possuem concordância de gênero (pessoa, coisa, animal), através de classificadores, estão representados tipo de classificador em subescrito. Exemplos: $_{pessoa}$ANDAR, $_{veículo}$ANDAR, $_{coisa\text{-}arredondada}$COLOCAR, etc;

9. os verbos que possuem concordância de lugar ou número-pessoal, através do movimento direcionado, estão representados pela palavra correspondente com uma letra em subscrito que indicará:

a) a variável para o lugar: i = ponto próximo à 1a pessoa,
j = ponto próximo à 2a pessoa,
e k' = pontos próximos à 3a pessoas,
e = esquerda,
d = direita;

b) as pessoas gramaticais: $_{1s,\ 2s,\ 3s}$ = 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular;
$_{1d,\ 2d,\ 3d}$ = 1ª, 2ª e 3ª pessoas do dual;
$_{1p,\ 2p,\ 3p}$ = 1ª, 2ª e 3ª pessoas do plural;

Exemplos: $_{1s}$ DAR$_{2S}$ "eu dou para "você",

$_{2s}$PERGUNTAR$_{3P}$ "você pergunta para eles/elas",

$_{k}$dANDAR$_{k,e}$ "andar da direita (d) para à esquerda (e).

10. Às vezes há uma marca de plural pela repetição do sinal. Esta marca será representada por uma cruz no lado direto acima do sinal que está sendo repetido:

Exemplo: GAROTA +

11. quando um sinal, que geralmente é feito somente com uma das mãos, ou dois sinais estão sendo feitos pelas duas mãos simultaneamente, serão representados um abaixo do outro com indicação das mãos: direita (md) e esquerda (me).

Exemplos: IGUAL (md) $_{PESSO@\text{-}MUIT@}$ANDAR (me)
` IGUAL (me) $_{PESSOA}$EM-PÉ (md)

Estas convenções vem sendo utilizadas para poder representar, linearmente, uma língua espaço-visual, que é tridimensional. Felipe (1988, 1991,1993,1994,1995,1996)

Os Processos de Formação de Palavras na LIBRAS

Os livros sobre as gramáticas das línguas geralmente trazem uma parte sobre os processos de formação de palavras.

Na LIBRAS, os sinais são formados a partir da: configuração de mãos, movimento, orientação e ponto de articulação, estes parâmetros já foram mencionados na Introdução deste livro.

Estes quatro parâmetros podem ser comparados a “pedacinhos” de um sinal porque às vezes eles têm significados e, através de alterações em suas combinações, eles formam os sinais. Portanto:

a) **a configuração de mãos**, pode ser um marcador de gênero (animado: pessoa e animais / inanimado: coisas). Exemplo:

PESSOA CL:G_k CARRO CL5$_k$, $_{k'VEÍCULO}$COLIDIR$_k$
“O carro bateu em uma pessoa”;

b) **o ponto de articulação** pode ser uma marca de concordância verbal com o advérbio de lugar. Exemplo:

MESA$_i$ COPO $_{objeto\text{-}arredondado}$-COLOCARi
“eu coloco o copo na mesa”;

c) o movimento pode ser uma raiz. Exemplos:

IR, VIR, BRINCAR.

A alteração na freqüência do movimento, pode ser uma marca de aspecto temporal: TRABALHAR-CONTINUAMENTE; de modo: FALAR-DEMASIADAMENTE, ou um intensificador: TRABALHAR-MUITO;

d) a orientação pode ser uma concordância número-pessoal. Exemplos:

$_{1s}$PERGUNTAR$_{2s}$ “eu pergunto a você”
$_{2s}$PERGUNTAR$_{1s}$ “você me pergunta”;
ou um advérbio de tempo. Exemplos: ANO e ANO-PASSADO.

Fazendo uma paralelo destes parâmetros que, às vezes, como foi mostrado, podem ter um significado, com alguns fonemas da língua portuguesa, que podem também ter um significado, teremos:

(1) os artigos definidos: a e o. Exemplos: a menina, o menino;

(2) , as desinências de gênero e plural. Exemplos: menina, casas.

Na LIBRAS, portanto, os processos de formação de palavras podem ocorrem através de:

1. **Modificações por adição à raiz**: uma raiz pode ser modificada através da adição de afixos. Por exemplo, a incorporação da negação é um processo de modificação por adição à raiz porque,

- como **sufixo**, ela se incorpora em alguns verbo: a raiz, que possui um determinado movimento em um primeiro momento, finaliza-se com um movimento contrário, que caracteriza a negação incorporada; como nos verbos: QUERER / QUERER-NÃO; GOSTAR / GOSTAR-NÃO;

- como **infixo**, ela se incorpora simultaneamente `a raiz através do movimento ou expressão corporal: TER / TER-NÃO; PODER / PODER-NÃO.

A negação, além de poder ocorrer através destes processos morfológicos, pode também ocorrer sintaticamente porque, através dos advérbios 'NÃO' E 'NADA', pode-se construir uma frase negativa, como no exemplo: EU INGLÊS SABER NÃO, ENTENDER NADA

"eu não sei inglês, não entendo nada".

Há, ainda, a incorporação do intensificador: "muito" ou de advérbios de modo, que alteram, também, o movimento da raiz.

2. **Modificação interna da raiz**: uma raiz pode ser modificada por três tipos de acréscimo:

a) o da **flexão** que, através da direcionalidade, marca as pessoas do discurso, fazendo com que a raiz se inverta ou até adquira uma forma em arco ;

b) o acréscimo do **aspecto verbal** que, através de mudanças na freqüência do movimento da raiz marcam os aspectos durativo, contínuo, etc;

c) o acréscimo de um **marcador de concordância de gênero** que, através de configurações de mãos (classificadores), especifica a coisa: objeto plano vertical/horizontal, redondo, etc

3. **Processos de derivação Zero**: na LIBRAS, como a língua inglesa, há muitos verbos denominais ou substantivos verbais que são invariáveis e somente no contexto pode-se perceber se estão sendo utilizados com a função de verbos ou de nome. Exemplos: AVIÃO / IR-DE-AVIÃO; CADEIRA / SENTAR; FERRO / PASSAR-COM-FERRO; PORTA / ABRIR-PORTA; BRINCADEIRA / BRINCAR; TESOURA / CORTAR-COM-TESOURA; BICICLETA / ANDAR-DE-BICICLETA; CARRO / DIRIGIR-CARRO; VIDA / VIVER, etc.

Alguns destes pares, quando possuem uma marca de concordância com o objeto, apresentam uma estrutura O_iV_i , como o verbo CORTAR-COM-TESOURA; ou apresentam uma diferença em relação ao parâmetro movimento, como os verbos IR-DE-AVIÃO, que apresenta um movimento mais alongado, em relação ao substantivo AVIÃO, e PASSAR-COM-FERRO, que apresenta um movimento mais repetido e alongado, em oposição ao movimento repetido e retido para o nome FERRO.

4. **Processos de composição**: neste processo de formação de palavra duas ou mais raízes se combinam e dão origem a uma outra forma, um outro sinal. Exemplos: CAVALO^LISTRA-PELO-CORPO "zebra" ; MULHER^BEIJO-NA-MÃO "mãe" CASA^ESTUDAR "escola"; CASAR^SEPARAR "divorciar"; COMER^MEIO-DIA "almoço"; etc.

Pode-se concluir do exposto que, independentemente da modalidade de língua, as categorias gramaticais e os processos de formação de palavras de uma determinada língua apontarão para a sua classificação enquanto língua de um determinado tipo, a partir de seus processos mais produtivos.

---

5. As Categorias Gramaticais na LIBRAS

As categorias gramaticais ou parte do discurso são os paradigmas ou classes de palavras de uma língua. Todas língua possui palavras que são classificadas como fazendo parte de um tipo, classe ou paradigma em relação as seus aspectos morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos. Assim, na língua portuguesa, por exemplo, os substantivos são palavras que possuem desinência de gênero e número, são as palavras-chave de um sintagma nominal que pode ter a função de sujeito ou de objeto.

Embora todas as línguas não possuam as mesmas classes gramaticas e muitas línguas não possuem algumas, isso não implica carência ou inferioridade, as línguas tem formas diferenciadas para expressar os conceitos. Por exemplo, na LIBRAS não há artigos, em inglês somente este uma forma para para artigo definido: *"the"*.

As outras categorias, que existem na língua portuguesa, também existem na LIBRAS. Aqui serão apresentadas algumas e estudos mais aprofundados destas e de outras, que não serão mencionadas, já estão sendo feitos:

5.1. Verbo na LIBRAS

Basicamente na LIBRAS, há dois tipos de verbo:

a) verbos que não possuem marca de concordância, embora possam ter flexão para aspecto verbal;

b) verbos que possuem marca de concordância.

Quando se faz uma frase com verbos do primeiro grupo, é como se eles ficassem no infinitivo, por exemplo:

(1) EU TRABALHAR FENEIS "eu trabalho na FENEIS";
(2)EL@ TRABALHAR FENEIS "ele/a trabalha na FENEIS";
(3) EL@ TRABALHAR FENEIS "eles/as trabalham na FENEIS.

Os verbos do segundo grupo podem ser subdivididos em:

1. **Verbos que possuem concordância número-pessoal**: a orientação marca as pessoas do discurso. O ponto inicial concorda com o sujeito e o final com o objeto. Exemplos
:

(4) $_{1s}$PERGUNTAR$_{2s}$ "eu pergunto a você";
(5) $_{2s}$PERGUNTAR$_{1s}$ "você me pergunta"

2. **Verbos que possuem concordância de gênero**: são verbos classificadores porque a eles estão incorporados, através da configuração de mão, uma concordância de gênero: PESSOA, ANIMAL ou COISA. Exemplos:

(6) $_{pessoa}$ANDAR (configuração da mão em G);
(7) $_{veículo}$ANDAR/MOVER (configuração da mão em 5 ou B, palma para baixo)
(8) $_{animal}$ANDAR (configuração da mão em 5 ou 5, palma para baixo);

3. **Verbos que possuem concordância com a localização**: são verbos que começam ou terminam em um determinado lugar que se refere ao lugar de uma pessoa, coisa, animal ou veículo, que está sendo colocado, carregado, etc. Portanto o ponto de articulação marca a localização. Exemplos:

(9) COPO MESA$_k$ $_{\text{coisa arredondada}}$COLOCAR$_k$;
(10) CABEÇA$_k$ ATIRAR$_k$.

Estes tipos de concordância podem coexistir em um mesmo verbo. Assim, há verbos que possuem concordância de gênero e localização, como o verbo COLOCAR acima; e concordância número-pessoal e de gênero, como o verbo DAR. Concluindo, pode-se esquematizar o sistema de concordância verbal, na LIBRAS, da seguinte maneira:

1. concordância número-pessoal	=>	parâmetro orientação
2. concordância de gênero e número	=>	parâmetro configuração de mão
3. concordância de lugar	=>	parâmetro ponto de articulação

5.1.1. Classificador na LIBRAS

Nas línguas do mundo as classificações podem se manifestam de várias formas. Podem ser:

- uma desinência, como em português, que classifica os substantivos e os adjetivos em masculino e feminino: menina - menino;
- pode ser uma partícula que se coloca entre as palavras;
- e ainda pode ser uma desinência que se coloca no verbo para estabelecer concordância.

Ao se atribuir uma qualidade a uma coisa como, por exemplo: arredondada, quadrado, cheio de bolas, de listras, etc isso representa um tipo de classificação porque é uma adjetivação descritiva, mas isso não quer dizer que seja, necessariamente, um classificador como se vem trabalhando este conceito nos estudos lingüísticos.

Para os estudiosos deste assunto, um classificador é uma forma que existe em número restrito em uma língua e estabelece um tipo de concordância.

Na LIBRAS, os classificadores são configurações de mãos que, relacionadas à coisa, pessoa e animal, funcionam como marcadores de concordância.

Assim, na LIBRAS, os classificadores são formas que, substituindo o nome que as precedem, pode vir junto ao verbo para classificar o sujeito ou o objeto que está ligado à ação do verbo. Portanto os classificadores na LIBRAS são marcadores de concordância de gênero: PESSOA, ANIMAL, COISA.

Os classificadores para PESSOA e ANIMAL podem ter plural, que é marcado ao se representar duas pessoas ou animais simultaneamente com as duas mãos ou fazendo um movimento repetido em relação ao número.

Os classificadores para COISA representam, através da concordância, uma característica desta coisa que está sendo o objeto da ação verbal, exemplos:

(11) COPO MESA$_k$ $_{\text{coisa arredondada}}$COLOCARk;

(12) 2 CARRO $_{\text{veículo}}$ANDAR-UM-ATRÁS-DO-OUTRO (md)
$_{\text{veículo}}$ANDAR (me)

(13) M-A-R-I-A A-L-E-X $_{\text{pessoa}}$PASSAR-UM-PELO-OUTRO (md)
$_{\text{pessoa}}$PASSAR (me)

Não se deve confundir os classificadores, que são algumas configurações de mãos incorporadas ao movimento de certos tipos de verbos, com os adjetivos descritivos que, nas línguas de sinais, por estas serem espaço-visuais, representam iconicamente qualidades de objetos. Por exemplo, para dizer nestas línguas que "uma pessoa está vestindo uma blusa de bolinhas, quadriculada ou listrada", estas expressões adjetivas serão desenhadas no peito do emissor, mas esta descrição não é um classificador, e sim um adjetivo que, embora classifique, estabelece apenas uma relação de qualidade do objeto e não relação de concordância de gênero: PESSOA, ANIMAL, COISA, que é a característica dos classificadores na LIBRAS, como também em outras línguas orais e de sinais.

5.1.2. Advérbios de tempo

Na LIBRAS não há marca de tempo nas formas verbais, é como se os verbos ficassem na frase quase sempre no infinitivo. O tempo é marcado sintaticamente através de advérbios de tempo que indicam se a ação está ocorrendo no presente: HOJE, AGORA; ocorreu no passado: ONTEM, ANTEONTEM; ou irá ocorrer no futuro: AMANHÃ. Por isso os advérbios geralmente vem no começo da frase, mas podem ser usados também no final. Para um tempo verbal indefinido, usa-se os sinais:

- HOJE, que traz a idéia de "presente";
- PASSADO, que traz a idéia de "passado";
- FUTURO, que traz a idéia de futuro.

5.2. Adjetivo na LIBRAS

Os adjetivos são sinais que formam uma classe específica na LIBRAS e sempre estão na forma neutra, não havendo, portanto, nem marca para gênero (masculino e feminino), em para número (singular e plural).

Muitos adjetivos, por serem descritivos e classificadores, apresentam iconicamente uma qualidade do objeto, desenhando-a no ar ou mostrando-a a partir do objeto ou do corpo do emissor.

Em português, quando uma pessoa se refere a um objeto como sendo arredondado, quadrado, listrados, etc está, também, descrevendo e classificando, mas na LIBRAS esse processo é mais "transparente" porque o formato ou textura são traçados no espaço ou no corpo do emissor, em uma tridimensionalidade permitida pela modalidade da língua.

Em relação à colocação dos adjetivos na frase, eles geralmente vêm após o substantivo que qualifica. Exemplos:

(14) PASSADO EU GORD@ MUITO-COMER, AGORA EU MAGR@ EVITAR COMER

(15) LEÃ@ COR CORPO AMAREL@ PERIGOS@

(16) RAT@ PEQUEN@, COR PRET@, ESPERT@

5.2.1. Comparativo de igualdade, superioridade e inferioridade

Em LIBRAS, também, pode ser comparada uma qualidade a partir de três situações: superioridade, inferioridade e igualdade.

Para se fazer os comparativos de superioridade e inferioridade, usa-se os sinais MAIS ou MENOS antes do adjetivo comparado, seguido da conjunção comparativa DO-QUE, ou seja:

- comparativo de superioridade: X MAIS ------- DO-QUE Y;
- comparativo de inferioridade: X MENOS ---- DO-QUE Y.

Para o comparativo de igualdade, podem ser usados dois sinais: IGUAL (dedos indicadores e médios das duas mãos roçando um no outro) e IGUAL (duas mãos em B, viradas para frente encostadas lado a lado), geralmente no final da frase. Exemplos:

(17) VOCÊ MAIS VELH@ DO-QUE EL@

(18) VOCÊ MENOS VELH@ DO-QUE EL@

(19) VOCÊ-2 BONIT@ IGUAL (me)
IGUAL (md)

5.3. Pronome na LIBRAS

5.3.1. Pronomes pessoais

A LIBRAS possui um sistema pronominal para representar as pessoas do discurso:

- primeira pessoa (singular, dual, trial, quatrial e plural): EU; NÓS-2, NóS-3, NÓS-4, NÓS-GRUPO, NÓS-TOD@;
- segunda pessoa (singular, dual, trial, quatrial e plural): VOCÊ, VOCÊ-2, VOCÊ-3, VOCÊ-4, VOCÊ-GRUPO, VOCÊ-TOD@;
- terceira pessoa (singular, dual, trial, quatrial e plural): EL@, EL@-2, EL@-3, EL@-4, EL@-GRUPO, EL@-TOD@

No singular, o sinal para todas as pessoas é o mesmo, ou seja, a configuração da mão predominante é em “d” (dedo indicador estendido, veja alfabeto manual), o que difere uma das outras é a orientação da mão: o sinal para “eu” é um apontar para o peito do emissor (a pessoa que está falando), o sinal para “você” é um apontar para o receptor (a pessoa com quem se fala) e o sinal para “ele/ela” é um apontar para uma pessoa que não está na conversa ou para um lugar convencionado para uma terceira pessoa que está sendo mencionada.

No dual, a mão ficará com o formato de dois, no trial o formato será de três, no quatrial o formato será de quatro e no plural há dois sinais: um sinal composto formado pelo sinal para a respectiva pessoa do discurso, no singular, mais o sinal GRUPO; e outro sinal para plural que é feito pela mão predominante com a configuração em “d” fazendo um círculo.

Como na língua portuguesa, na LIBRAS, quando uma pessoa surda está conversando, ela pode omitir a primeira pessoa e a segunda porque, pelo contexto, as pessoas que estão interagindo sabem a qual das duas o verbo está relacionado, por isso, quando estas pessoas estão sendo utilizadas pode ser para dar ênfase à frase.

Quando se quer falar sobre uma terceira pessoa que está presente, mas deseja-se uma certa reserva, por educação, não se aponta para esta pessoa diretamente. Nesta situação, o emissor faz um sinal com os olhos e um leve movimento de cabeça para a direção da pessoa que está sendo mencionada, ou aponta para a palma da mão encontrando o dedo na mão um pouco à frente do peito do emissor, estando esta mão

voltada para a direção onde se encontra a pessoa referida.

5.3.2. Pronomes demonstrativos e advérbios de lugar

Na LIBRAS os pronomes demonstrativos e os advérbios de lugar têm o mesmo sinal, somente o contexto os diferencia pelo sentido da frase acompanhada de expressão facial.

Este tipo de pronome e de advérbio estão relacionados às pessoas do discurso e representam, na perspectiva do emissor, o que está bem próximo, perto e distante.

Estes pronomes ou advérbios têm a mesma configuração de mãos dos pronomes pessoais (mão em d), mas os pontos de articulação e as orientações do olhar são diferentes.

Assim, EST@ / AQUI é um apontar para o lugar perto e em frente do emissor, acompanhado de um olhar para este ponto; ESS@ / AÍ é um apontar para o lugar perto e em frente do receptor, acrescido de um olhar direcionado não para o receptor , mas para o ponto apontado perto segunda pessoa do discurso; e AQUELE / LÁ é um apontar para um lugar mais distante, o lugar da terceira pessoa, mas diferentemente do pronome pessoal, ao apontar para este ponto há um olhar direcionado:

PRONOMES PESSOAIS PRONOMES DEMONOSTRATIVOS E ADVÉRBIOS DE LUGAR

EU olhando para o receptor EST@ / AQUI olhando para o lugar apontado, perto do emissor (perspectiva do emissor)

VOCÊ olhando para o recptor ESS@ / AÍ olhando para o lugar apontado, perto da 2a. pessoa (perspectiva do emissor)

EL@ olhando para o receptor AQUEL@ / LÁ olhando para o lugar convencionado para 3a pessoa ou coisas afastadas

Como os pronomes pessoais, os pronomes demonstrativos também não possuem marca para gêneros masculino e feminino e, por isso, está ausência, ou neutralidade, está sendo assinalada pelo símbolo @.

5.3.3. Pronomes possessivos

Os pronomes possessivos, como os pessoais e demonstrativos, também não possuem marca para gênero e estão relacionados às pessoas do discurso e não à coisa possuída, como acontece em português:

- EU => ME@ SOBRINH@;
- VOCÊ => TE@ ESPOS@;
- EL@ => SE@.FILH@

Para a primeira pessoa: ME@, pode haver duas configurações de mão: uma é a mão aberta com os dedos juntos, que bate levemente no peito do emissor; a outra é a configuração da mão em P com o dedo médio batendo no peito.

Para as segunda e terceira pessoas, a mão tem esta segunda configuração em P, mas o movimento é em direção à pessoa referida: segunda ou terceira.

Não há sinal específico para os pronomes possessivo no dual, trial, quadrial e plural (grupo), nestas situações são usados os pronomes pessoais correspondentes. Exemplo: NÓS FILH@ "nosso(a) filho(a)"

5.3.4. Pronomes Interrogativos

5.3.4.1. QUE, QUEM, ONDE

Os pronomes interrogativos QUE e QUEM geralmente são usados no início da frase, mas o pronome interrogativo ONDE e o pronome QUEM, quando está sendo usado com o sentido de "quem-é" ou "de quem é" são mais usados no final. Todos os três sinais têm uma expressão facial interrogativa feita simultaneamente com eles.

O pronome interrogativo QUEM, dependendo do contexto, tem duas formas diferentes, os sinais QUEM e o sinal soletrado QUM. Se se quer perguntar "quem está tocando a campainha", usa-se o sinal QUEM; se quer perguntar "quem faltou hoje" ou "quem está falando" ou ainda "quem fez isso", usa-se o sinal soletrado QUM, como nos exemplos abaixo:

interrog.
(20) QUEM
QUEM NASCER RIO?
QUEM FAZER ISSO?
PESSOA, QUEM-É? "Quem é esta pessoa?"
CANETA, QUEM-É "De quem é está caneta"
(contexto: Telefone TDD tocar) QUEM-É?
(contexto: Campainha tocar) QUEM-É

interrog.
(21) QUM
QUM TER LIVR@?
QUM FALAR?

5.3.4.2. QUAL, COMO, PARA-QUE e POR-QUE

Na LIBRAS, há uma tendência para a utilização, no final da frase, dos pronomes interrogativos QUAL, COMO e PARA-QUE, e para a utilização, no início da frase, do pronome interrogativo POR-QUE, mas os primeiros podem ser usados também no início e POR-QUE pode ser utilizado também no final.

Não há diferença entre o "por que" interrogativo e o "porque" explicativo, o contexto mostra, pelas expressões facial e corporal, quando ele está sendo usado em frase interrogativa ou em frase explicativa à pergunta.O pronome interrogativo COMO também tem outra forma em datilologia:

C-O-M-O. Exemplos:

- QUAL?

(22) BLUSA MAIS BONIT@. ESTAMPAD@ OU LIS@ QUAL?

MAIS BONIT@ ESTAMPAD@.

(23) VOCÊ LER LIVRO? QUAL NOME?

NOME “ VENDO VOZES”

- COMO?

(24) VOCÊ IR PRAIA AMANHÃ CARRO ÔNIBUS A-PÉ? COMO?
CARRO. VOCÊ QUER IR-JUNTO?

(25) EL@ COMPRAR CARRO? C-O-M-O TER DINHEIRO?
EL@ GANHAR LOTO

- PARA-QUE?

(26) FALAR M-L EL@ PRA-QUE?
PORQUE EU GOSTAR-NÃO EL@

(27) CHEGAR ATRASAD@ , VOCÊ BEBER?
NÃO, PENSAR M-L! PRA-QUE? BOBAGEM! exp.facial “parece que ele percebeu, me dei mal!!

- POR-QUE?

...interrog...
(28) POR-QUE FALTAR ONTEM TRABALHAR?
POR-QUE ESTAR DOENTE.

5.3.4.3. QUANDO, DIA, QUE-HORA, QUANTAS-HORAS

- QUANDO e DIA

Sempre simultaneamente aos pronomes ou expressões interrogativas há uma expressão facial indicando que a frase está na forma interrogativa.

A pergunta com QUANDO está relacionada a um advérbio de tempo na resposta ou a um dia específico. Por isso há três sinais diferentes para “quando”. Um que especifica passado: QUANDO-PASSADO (palma da mão com um movimento para o corpo do emissor), outro que especifica futuro: QUANDO-FUTURO (palma da mão com um movimento para fora do corpo do emissor), e outro que especifica o dia: DIA. Exemplos:

interrogativo
(29) QUANDO-PASSADO

interrogativo

- EL@ VIAJAR RECIFE QUANDO-PASSADO?

Resposta: ONTEM, MÊS PASSADO, ANO-PASSADO, etc.

interrogativo interrogativo
(30) QUANDO-FUTURO ou DIA

interrogativo

- EL@ VIAJAR SÃO-PAULO QUANDO-FUTURO?

  Resposta: AMANHÃ, PRÓXIMO MÊS, DOMINGO, etc;

interrogativo

(31) DIA

interrogativo

- EU CONVIDAR VOCÊ VIR MINH@ CASA. VOCÊ PODER DIA?

  Resposta: SÁBADO QUE-VEM, EU PODER.

- **Que-horas e Quantas-horas**

Na LIBRAS, para se referir a horas, usa-se a mesma configuração dos numerais para quantidade e, após doze horas, não se continua a contagem, começa-se a contar novamente: 1 HORA, 2 HORA, 3 HORA, etc, acrescentando o sinal TARDE, quando necessário, porque geralmente pelo contexto já se sabe se está se referindo à manhã, tarde, noite ou madrugada.

A expressão interrogativa QUE-HORAS? (um apontar para o pulso), está relacionada ao tempo cronológico, exemplo:

(32) QUE-HORAS

- AULA COMEÇAR QUE-HORAS AQUI?
- VOCÊ TRABALHAR COMEÇAR QUE-HORAS?
- AULA TERMINAR QUE-HORAS?
- VOCÊ ACORDAR QUE-HORAS?
- VOCÊ DORMIR QUE-HORAS?

Já a expressão interrogativa QUANTAS-HORAS (um círculo ao redor do rosto) está sempre relacionada ao tempo gasto para se realizar alguma atividade, exemplos:

interrogativo

(33) QUANTAS-HORAS

- VIAJAR SÃO-PAULO QUANTAS-HORAS?
- TRABALHAR ESCOLA QUANTAS-HORAS?
- **Expressões idiomáticas relacionadas ao ano sideral**

Na LIBRAS há 2 sinais diferentes para a idéia “dia”: um sinal relacionado a dia do mês, que é a datilologia D-I-A, e o sinal DIA (duração), (que tem a configuração de mão em d, batendo na testa no lado direito) Exemplos:

(34) D-I-A AMANHÃ?
AMANHÃ D-I-A 17

(35) VIAJAR RECIFE ÔNIBUS EU CANSAD@ DIA-2
“Eu estou cansada porque viajei 2 dias de ônibus para o Recife”

Os numerais de 1 a 4 podem ser incorporados aos sinais DIA (duração), SEMA-NA, MÊS e ANO e VEZ, exemplos:

(36) DIA-1, DIAS-2;

(37) SEMANA-1, SEMANA-2, SEMANA-3, SEMANA-4;

(38) MÊS-1, MÊS-2, MÊS-3;

(39) ANO-1, AN0-2, ANO-3;

(40) VEZ-1, VEZ-2, VEZ-3, MUIT@-VEZES

A partir do numeral 5, não há mais incorporação e a construção utilizada é formada pelo sinal seguido do numeral segue. Esta construção também pode ser usada para os numerais inferiores a 5, que permitem a incorporação mencionada acima, exemplos:

(41) DIA 4, DIA 20, SEMANA 8, ANO 6

Aos sinais DIA (duração) e SEMANA podem ser incorporadas a freqüência ou duração através de um movimento prolongado ou repetido. Exemplos:

(42) TODOS-OS-DIAS - movimento repetido;

(43) DIA-INTEIRO "o dia todo" - movimento alongado;

(44) TOD@-SEMANA 2ª-FEIRA " todas as segundas" - mov. alongado,
TOD@-SEMANA 4 a-FEIRA "todas as quartas"

5.4. Numeral na LIBRAS

As línguas podem ter formas diferentes para apresentar os numerais quando utilizados como cardinais, ordinais, quantidade, medida, idade, dias da semana ou mês, horas e valores monetários. Isso também acontece na LIBRAS.

Nesta língua é agramatical, ou seja, errado a utilização de uma única configuração das mãos para determinados numerais que têm configurações específicas que dependem do contexto, por exemplo: o numeral cardinal 1 é diferente da quantidade 1, como em LIVRO 1, que é diferente de PRIMEIRO-LUGAR, que é diferente de PRIMEIRO-ANDAR, que é diferente de PRIMEIRO-GRAU, que é diferente de MÊS-1. Os numerais cardinais, as quantidades, e idade a partir do número 11 são idênticos. Os números 22, 33, 44 e 77 sempre são articulados com a mão apontando para a frente do emissor.

Os numerais ordinais do PRIMEIRO até o NONO têm a mesma forma dos cardinais, mas aqueles possuem movimentos enquanto estes não possuem. Os ordinais do PRIMEIRO até o QUARTO têm movimentos para cima e para baixo e os ordinais do QUINTO até o NONO têm movimentos para os lados. A partir do numeral DEZ, não há mais diferença entre os cardinais e ordinais.

5.4.1. Utilização dos numerais para valores monetários, pesos e medidas

Em LIBRAS para se representar os valores monetários de um até nove reais, usa-se o sinal do numeral correspondente ao valor, incorporando a este o sinal VÍRGULA. Por isso o numeral para valor monetário terá pequenos movimentos rotativos. Pode ser usado também para estes valores acima os sinais dos numerais correspondentes seguido do sinais soletrados R-L "real" ou R-S "reais".

Para valores de um mil até nove mil também há a incorporação do sinal VÍRGULA, mas aqui o movimento desta incorporação é mais alongando do que os valores

anteriores (de 1 até nove reais). Pode ser usado também para estes valores acima os sinais dos numerais corres-pondente seguido de PONTO.

Para valores de um milhão para cima, usa-se também a incorporação do sinal VÍRGULA com o numeral correspondente, mas aqui o movimento rotativo é mais alongado do que em mil. Pode-se notar uma gradação tanto na expressão facial como neste movimento da vírgula incorporada que ficam maiores e mais acentuados : de 1 a 9 < de 1.000 a 9.000 < de 1.000.000 a 9.000.000.

Quando o valor é centavo, o sinal VÍRGULA vem depois do sinal ZERO, mas na maioria das vezes não precisa usar o sinal ZERO para centavo porque o contexto pode esclarecer e os valores para centavos ficam iguais aos numerais cardinais.

---

6. Tipos de Frases na LIBRAS

As línguas de sinais utilizam as expressões faciais e corporais para estabelecer tipos de frases, como as entonações na língua portuguesa, por isso para perceber se uma frase em LIBRAS está na forma afirmativa, exclamativa, interrogativa, negativa ou imperativa, precisa-se estar atento às expressões facial e corporal que são feitas simultaneamente com certos sinais ou com toda a frase, exemplos:

- FORMA AFIRMATIVA: a expressão facial é neutra

(45) Meu nome M-A-R-I-A.

- FORMA INTERROGATIVA: sobrancelhas franzidas e um ligeiro movimento da cabeça inclinando-se para cima

interrog
(46) NOME QUAL? (expressão facial interrogativa feita simultaneamente ao sinal QUAL)

interrog
(47) NOME? (expressão facial feita simultaneamente com o sinal NOME)

- FORMA EXCLAMATIVA: sobrancelhas levantadas e um ligeiro movimento da cabeça inclinando-se para cima e para baixo. Pode ainda vir também com um intensificador representado pela boca fechada com um movimento para baixo.

(48) EU VIAJAR RECIFE, BOM! BONIT@ LÁ! CONHECER MUIT@ SURD@

- FORMA NEGATIVA: a negação pode ser feita através de três processos:

a) com o acréscimo do sinal NÃO `a frase afirmativa:

negação
(49) BLUSA FEI@ COMPRAR NÃO;

b) com a incorporação de um movimento contrário ao do sinal negado:

negação
(50) GOSTAR-NÃO CARNE, PREFERIR FRANGO, PEIXE;

negação
(51) EU TER-NÃO TTD;

c)com um aceno de cabeça que pode ser feito simultaneamente com a ação que está sendo negada ou juntamente com os processos acima:

não
(52) EU VIAJAR PODER

À guisa de conclusão

Compreender a gramática de uma língua é apreender as regras de formação e de combinação dos elementos desta língua. Nesta introdução, a LIBRAS pôde ser

percebida a partir de algumas classes gramaticais. Os estudos, já em andamento, aprofundando nos pontos aqui apresentados e em outros não mencionados, poderão mostrar a gramática desta língua.

Apêndice

SISTEMA DE TRANSCRIÇÃO SIMPLIFICADO

FIGURA - VERBOS COM INCORPORAÇÃO DE NEGAÇÃO

FIGURA - VERBOS COM CONCORDÂNCIA NÚMERO/PESSOAL

SISTEMA DE TRANSCRIÇÃO SIMPLIFICADO

1. Sinais da LIBRAS: em letras maiúsculas em língua portuguesa.

Exemplos: CASA, ESTUDAR, CRIANÇA.

2. Sinal único: duas ou mais palavras da língua portuguesa separadas por hífen.

Exemplos: CORTAR-COM-FACA, NÃO-QUERER "não querer", COMER-MAÇÃ, MEIO-DIA, AINDA-NÃO.

3. Sinal composto: duas ou mais palavras separadas pelo símbolo ^. Exemplos: CAVA-LO^LISTRA "zebra".

4. Datilologia (alfabeto manual): palavra separada, letra por letra, por hífen. Exemplos: J-O-Ã-O, A-N-E-S-T-E-S-I-A.

5. Sinal soletrado: datilologia da palavra, ou algumas letras dela, em itálico. Exemplos: R-S "reais", A-C-H-O "acho", QUM "quem", N-U-N-C-A.

6. Ausência de marca para gêneros (masculino e feminino) e número (plural): símbolo @.

Exemplos: AMIG@ "amiga(s) e amigo(s)" , FRI@ "fria(s) e frio(s)", MUIT@ "muita(s) e muito(s)", TOD@, (toda(s) e todo(s), EL@ "ela(s), ele(s), ME@ "minha(s) e meu(s)".

7. Expressões facial e corporal: especificação sobreposta ao sinal.

a) tipo de frase: !, ?, ?! ou interrogativa ou ... i ... negativa ou ... neg ...

b) advérbio de modo ou intensificador: muito rapidamente exp.f "espantado"

8. Concordância de gênero (pessoa, coisa, animal): Exemplos:

pesssoaANDAR, veículoANDAR, coisa-arredondadaCOLOCAR

9. Concordância de lugar e/ou número pessoal:

a) **variáveis que indicam o lugar**: i = ponto próximo à 1ª pessoa
j = ponto próximo à 2ª pessoa
k e k' = pontos próximos à 3ª pessoas
e = esquerda
d = direita

b) **pessoas gramaticais**: $_{1s, 2s, 3s}$ = 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular;
$_{1d, 2d, 3d}$ = 1ª, 2ª e 3ª pessoas do dual;
$_{1p, 2p, 3p}$ = 1ª, 2ª e 3ª pessoas do plural; etc

Exemplos: $_{1s}$ DAR$_{2s}$ "eu dou para você",
$_{2s}$PERGUNTAR$_{3P}$ "você pergunta para eles/elas",
$_{kd}$ANDAR$_{k'e}$ "andar da direita para à esquerda"

10. Marca de plural pela repetição do sinal: uma cruz no lado direto acima do sinal:

Exemplo: GAROTA +

11. Sinal ou sinais feitos pelas duas mãos simultaneamente: um abaixo do outro com indi-cação das mãos: direita (md) e esquerda (me).

Exemplos: IGUAL (me) $_{muitas\text{-}pessoas}$ANDAR (me)
IGUAL (md) $_{pessoa}$ANDAR (md)

12. Tradução da frase da LIBRAS para a língua portuguesa: uso de " "

Exemplo: $_{1s}$ DAR$_{2S}$ "eu dou para você"

FIGURA - VERBOS COM INCORPORAÇÃO DE NEGAÇÃO

TER

NÃO - TER

VRJ
NÃO - TER

QUERER

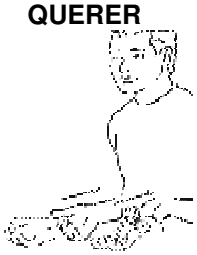

NÃO - QUERER

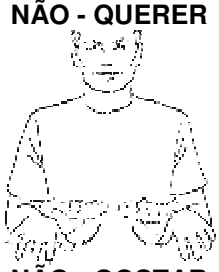

GOSTAR

NÃO - GOSTAR

NÃO - GOSTAR

VRJ (INES)

ENTENDER

NÃO - GOSTAR

VSP
NÃO - ENTENDER

VSP / VRJ
NÃO - ENTENDER

VRJ
NÃO - ENTENDER

PODER

VSP
NÃO - PODER

VSP / VRP
NÃO - PODER

FIGURA - VERBOS COM CONCORDÂNCIA NÚMERO/PESSOAL

1s **FALAR** g

2s **FALAR** 1s

1s **TELEFONAR** 2s

2s **TELEFONAR** 1s

1s **MOSTRAR** 2s

2s **MOSTRAR** 1s

1s **AJUDAR** 2s

2s **AJUDAR** 1s

1s **PERGUNTAR** 2s

2s **PERGUNTAR** 1s

1s **RESPONDER** 2s

2s **RESPONDER** 1s

1s **AVISAR** 2s

2s **AVISAR** 1s

1s **DAR** 2s

2s **DAR** 1s

Sugestões para sua Atuação

- Solicite cursos de Língua Brasileira de Sinais.
- Utilize os conhecimentos adquiridos para compreender 01 textos produzidos pelo alunos surdos.
- Mostre aos alunos a diferença entre LIBRAS e Português, ao corrigir seus textos.

- Estabeleça contato com a comunidade surda de sua localidade para maior conhecimento de LIBRAS.
- Solicite um instrutor surdo para sua escola a fim de cooperar com seu fazer pedagógico

---

Bibliografia Consultada

BELLUGI & KLIMA, E. Properties of Visuospatial Language. Paper for *International Congress: Sign Language Research and Application, Conference*. Siegmund Prillwitz(ed.) Hamburg. March 23-25, 1990.

Language: Perspectives from another Modality. In *Brain and Mind*. Ciba Foudation. Series 69 (new series). Excerpta Médica. North Holland. 1979.

BERENEZ, N. Deixis ad referencial Practice: A View from Two Sign Language, *Anais do VII Encontro Nacional da ANPOLL*. Vol. 2 - Lingüística. Goiânia. Pp. 713-723, 1993.

BERENEZ, N. & FERREIRA BRITO, L. Pronouns in BCSL and ASL. *Sign Language Reaserch*. 87: 26-36, 1990.

CALDAS, Beatriz F. *Narrativas em LSCB: um estudo sobre referência*. Dissertação de Mestrado em Lingüística. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.

Referências em LSCB. *Anais do VII Encontro Nacional da ANPOLL*. Vol 2 - Lingüística. Goiânia. pp. 689-693, 1993.

FARIAS, Carla Valéria e Souza. Atos de Fala: *O pedido em língua brasileira de sinais*. Dis-sertação de Mestrado em Lingüística. Rio de Janeiro. UFRJ, 1995.

FELIPE, T. A. *Introdução À Gramática de LIBRAS* - Rio de Janeiro: 1997.

FELIPE, T.A. *O Signo Gestual-Visual e sua Estrutura Frasal na Língua dos Sinais dos Centros UrbanosBrasileiros*. Dissertação de Mestrado, UFPE, PE, 1988.

A Estrutura Frasal na LSCB. *Anais do IV Encontro Nacional da ANPOLL*. Recife, pp. 663-672, 1989.

Do Discurso à Gramática da LSCB, in *Seminário sobre FUNCIONALISMO EMCURSO*, 19 set, UFRJ, pp. 52-55, 1991.

Coesão Textual em Narrativas Pessoais na LSCB. Monografia de conclusão de disciplina “História da Análise do Discurso”, do curso de Doutorado em Lingüística, UFRJ. RJ, 1991.

Aquisição de linguagem por crianças surdas. Monografia para conclusão da disciplina Psicolingüística no curso de Doutorado em Lingüística, UFRJ, Rio de Ja-neiro, 1991.

Papel Lingüístico das Associações de Surdos no Rio de Janeiro, pesquisa de equipe, nos *Anais de comunicação da 43ª Reunião Anual da SBPC*, RJ, 1991.

A relação sintático-semântica do Verbos da LSCB" nos *Anais do VII Encontro Nacional da ANPOLL*, no GT Linguagem e Surdez, realizado de 17 a 20 de maio de 1992 em Porto Alegre, 1992.

A Valência dos Verbos na LSCB" nos *Anais do II Congresso da Associação de Estudos da Linguagem do Rio de Janeiro* (ASSEL), realizado em 26 e 27 de novembro de 1992 na Faculdade de Letras da UFRJ, 1993.

Por uma tipologia dos Verbos da LSCB" nos *Anais do VII Encontro Nacional de ANPOLL* - Vol 2 - Lingüística, Goiânia, 1993: 724-743.

As Comunidades Surdas do Brasil Reivindicam seus Direitos Lingüísticos. Documento que a FENEIS entregou ao MEC (Movimento "Pela Oficialização da LIBRAS"), Brasília, 1993.

LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais in Strobel, K.L & Dias, S.M.S. (org.) *Surdez: Abordagem Geral*. FENEIS. Ed. Apta, Curitiba, PR, 1995: 22-23.

Um estudo diacrônico de Verbos da LIBRAS e da ASL. Trabalho que seria apresentado no Encontro da ANPOLL, 1996.

Um estudo diacrônico de Verbos da LIBRAS e da ASL. FENEIS, 1996.

FERREIRA BRITO. L. Classificadores em LSCB. *Anais do IV Encontro Nacional da ANPOLL*, Recife, pp 640-654, 1989.

Uma abordagem fonológica dos Sinais da LSCB. *Revista Espaço*: INES, ano 1, nº 1:20-43, 1990.

Convencionalidade e iconicidade em Língua dos Sinais. *Anais do I Encontro da ASSEL* - Rio, PUC/RJ, 1991.

Correferência em uma Língua de Sinais Brasileira. *Anais do VII Encontro Nacional da ANPOLL*. Vol. 2 - Lingüística. Goiânia. pp. 705-712, 1993.

Integração Social & Educação de Surdos. Rio de Janeiro. Babel Editora. RJ, 1993.

Por uma Gramática de Língua de Sinais. Tempo Brasileiro UFRJ. Rio de Janeiro, 1995. Língua Brasileira de Sinais - Brasília, 1996.

FERREIRA BRITO & LANGEVIN, R. Negacão em uma Língua de Sinais Brasileira. Revista *Delta,* Vol. 10, nº 2:309-327, PUC/SP, São Paulo, 1994 .

FISCHER, Susan. Verb Inflections in American Sign Language and Their Acquisition by the Deaf Child. Paper presented at the *Winter Meeting of the Linguistic Society of America*. [s.l.,s.n.]. 1973.

GAMA, F. J. Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos. Rio de Janeiro, Typographia Uni-versal de E. & H. Laemmenrt.

HOFFMEISTER, Robert James. *The Development Pronoums Locatives and Personal Pronoums in the Acquisition of American Sign Language by Deaf Children of Deaf Parents*. Doctural Thesis. University of Minnesota. 1978.

KARNOPP, Lodenir Becker. Aquisição do parâmetro. *Configuração de mão na língua brasileira dos sinais (LIBRAS): estudo sobre quatro crianças surdas, filhas de pais surdos.* Dissertação de Mestrado em Letras. PUCRS. Porto Alegre, 1994.

LILLO-MARTIN, D. C. *Parameter setting: evidence from use, acquisition, and breakdown in American Sign Language*. Doctoral Dissertation. University of California, San Diego. University Microfilms International, Ann Arbor, Michigan. 1986.

LOEW, Ruth C. Learning American Sign Language as a First Language: *Roles* and Reference. In: *Proceedings of the third national symposium on sign language research and teaching.* Silver Spring. Md. National Association of the Deaf, 1980.

MEIER, R. *A cross-linguistic perspective on the acquisition of inflection morphology in American Sign Language.* University of California, San Diego and The Salk Institute for Bi-ological Studies. April. 1980.

Person deixis in ASL. In *Theorical Issues in Sign Language Research*. v.1: Linguistics. University of Chicago Press. Chicago and London. 1990. (175-190).

PETITTO, L. On the Autonomy of Language and Gesture: Evidence from the Acquisition of Personal Pronoums in American Sign Language. In *Cognition*. Elsevier Science Publisher B.V. vol. 27. 1987. (1-52).

PETITTO & Marentette. Babbling in the Manual Mode: Evidence for the Ontonegy of Language. In *Science.* v.251. American Association for the Advancement of Science. 1991. p.1397-1556.

PETITTO, L. & BELLUGI, U. Spatial Cognition and Brain Organization: Clues from the Acquisition of a Language in Space. In *Spatial Cognition: Brain Bases and Development* Siles-Davis, Mark Krijchevsky & Ursula Bellugi (Eds.) Hillsdale, NJ:Lawrence Erlbaum 1988. (299-325).

QUADROS, R. M. de. *As categorias vazias pronominais:uma análise alternativa com base na LIBRAS e reflexos no processo de aquisição.* Dissertação de Mestrado. PUCRS. Porto Alegre. (1995).(*Aquisição da Linguagem em crianças surdas*) - 1996.

RODRIGUES, N. Bases Neurológicas da Linguagem. Conferência apresentada no *Simpósio Internacional de Língua de Sinais e Educação do Surdo.* 05 a 09 de maio de 1993. São Paulo.

Avaliação da Aprendizagem

I. MARQUE UM X NA RESPOSTA CERTA:

1. A estrutura lingüística da LIBRAS envolve:

( ) O léxico ou vocabulário de LIBRAS.
( ) A estruturação de sentenças em LIBRAS.
( ) A aquisição da linguagem.
( ) n.r.a.

2. A estrutura sublexical dos sinais deve ser estudada no item relativo à:

( ) formação de palavras
( ) classificadores
( ) léxico
( ) aspecto verbal

3. Assinale a alternativa INCORRETA.

O estudo sobre a formação dos itens lexicais ou sinais a partir de morfemas inclui:

( ) morfemas lexicais e morfemas gramaticais.
( ) formação de palavras por derivação e por composição.
( ) aspecto verbal.
( ) itens lexicais para tempo e marca de tempo.
( ) estruturação de sentenças em LIBRAS.

II. ASSINALE V OU F:

4. A aquisição de linguagem por crianças surdas passa por estágios:

( ) pré-lingüístico.
( ) estágio de um sinal.
( ) estágio das primeiras combinações.
( ) estágio de múltiplas combinações.

III. ASSINALE A ALTERNATIVA CORRETA:

5. Na estrutura das Línguas de Sinais há dois aspectos fundamentais:

( ) a concordância verbal e o aspecto verbal;
( ) o estabelecimento nominal e a pronominalização;
( ) a pronominalização e a concordância verbal;
( ) o aspecto verbal e o estabelecimento nominal.

6. A LIBRAS distingue-se do Português porque:

( ) a LIBRAS não possui todos níveis de uma língua: fonológico, estrutural, semântico, pragmático;
( ) a LIBRAS é visual-espacial e o Português é oral-auditivo;
( ) a Língua Portuguesa possui universais lingüísticos e a LIBRAS não possui.

IV. ASSINALE V OU F:

7. ( ) As estruturas lingüísticas básicas da Língua Portuguesa são praticamente as mesmas da LIBRAS.

( ) As línguas de sinais são tão naturais quanto as línguas orais.

( ) Os itens lexicais são os sinais.

( ) O alfabeto digital é utilizado como veiculação da ortografia de uma palavra em Português.

8. ( ) O movimento das mãos, braço ou pulso faz parte do nível fonológico.

( ) A direcionalidade estabelece as relações características das preposições e conjunções em Português.

( ) A incoporação é um item relativo ao aspecto morfológico.

( ) A negação do sintagma verbal é relativo ao aspecto morfológico.

Chave de Correção

---

1. O léxico ou vocabulário de LIBRAS.
2. Léxico.
3. Estruturação de sentenças em LIBRAS.
4. Todas são verdadeiras.
5. O estabelecimento nominal e a pronominalização.
6. A LIBRAS é visual-espacial e o Português é oral-auditivo.
7. Todas são verdadeiras.
8. V,V,V,F.

A Língua Brasileira de Sinais

Apresentação

Este material - “Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS” trata-se de forma resumida, da gramática dessa língua, como forma de subsidiar o seu trabalho pedagógico.

Objetivos

Objetivo Geral:

Oferecer informações básicas sobre a gramática da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS.

Objetivos Específicos:

O professor deverá ser capaz de :
. conhecer os aspectos mais relevantes de gramática da LIBRAS;
. utilizar os conhecimentos adquiridos para compreender a interferência da LIBRAS nos textos produzidos pelos alunos surdos;
. estabelecer com o aluno surdo a comparação entre LIBRAS e Português, para que possa verificar as semelhanças e diferenças;
. utilizar - LIBRAS, sempre que se fizer necessário, para a compreensão dos conceitos e conteúdos curriculares.

Informações Iniciais

1. Leia os objetivos específicos do fascículo;
2. Estude o texto do fascículo;
3. Teste seus conhecimentos, respondendo a avaliação proposta;
4. Confira suas respostas com as da chave de correção, no final do fascículo;
5. Se for aprovado, passe para o fascículo seguinte;
6. Se não conseguir aprovação, reestude o texto;
7. Responda novamente a avaliação. Se não conseguir aprovação, consulte o professor aplicador do fascículo;

Introdução

LUCINDA FERREIRA BRITO
Doutora em Lingüística
Departamento de Lingüística e Filologia
da Universidade Federal do Rio de Janeiro

As línguas de sinais são línguas naturais porque como as línguas orais sugiram espontaneamente da interação entre pessoas e porque devido à sua estrutura permitem a expressão de qualquer conceito - descritivo, emotivo, racional, literal, metafórico, concreto, abstrato - enfim, permitem a expressão de qualquer significado decorrente da necessidade comunicativa e expressiva do ser humano.

Por isso, são complexas porque dotadas de todos os mecanismos necessários aos objetivos mencionados, porém, econômicas e "lógicas" porque servem para atingir todos esses objetivos de forma rápida e eficiente e até certo ponto de forma automática. Isto porque, tratando-se muitas vezes de significados que demandam operações complexas que devem ser transmitidas prontamente diante de diferentes situações e contextos, seus usuários terão que se utilizar dos mecanismos estruturais que elas oferecem de forma apropriada sem ter que pensar e elaborar longamente sobre como atingir seus objetivos linguísticos.

As línguas de sinais distinguem-se das línguas orais porque utilizam-se de um meio ou canal visual-espacial e não oral auditivo. Assim, articulam-se espacialmente e são percebidas visualmente, ou seja, usam o espaço e as dimensões que ele oferece na constituição de seus mecanismos "fonológicos", morfológicos, sintáticos e semânticos para veicular significados, os quais são percebidos pelos seus usuários através das mesmas dimensões espaciais. Daí o fato de muitas vezes apresentarem formas icônicas, isto é, formas linguísticas que tentam copiar o referente real em suas características visuais. Esta iconicidade mais evidentes nas estruturas das línguas de sinais do que nas orais deve-se a este fato e ao fato de que o espaço parece ser mais concreto e palpável do que o tempo, dimensão utilizada pelas línguas orais-auditivas quando constituem suas estruturas através de seqüências sonoras que basicamente se transmitem temporalmente.

Entretanto, as formas icônicas das línguas de sinais não são universais ou o retrato fiel da realidade. Cada língua de sinais representa seus refentes, ainda que de forma icônica, convencionalmente porque cada uma vê os objetos, seres e eventos representados em seus sinais ou palavras sob uma determinada ótica ou perspectiva. Por exemplo, o sinal ÁRVORE em LIBRAS representa o tronco da árvore através do antebraço e os galhos e as folhas através da mão aberta e do movimento interno dos seus dedos. Porém, o sinal para o mesmo conceito em CSL (língua de sinais chinesa) representa apenas o tronco com as duas mãos semiabertas e os dedos dobrados de forma circular. Em LIBRAS, o sinal CARRO/DIRIGIR é icônico porque representa o ato de dirigir, porém, é também convencional porque em outras línguas de sinais não toma necessariamente este aspecto dos referentes 'carro' e 'ato de dirigir' como motivação de sua forma mas sim outros.

Este carater convencional dos sinais icônicos atribui a ele um status linguístico posto que é conhecido o fato de que as palavras das línguas em geral são arbitrárias. Com isso queremos dizer que ao invés de rotular todos os chamados signos lingüísticos de arbitrários, seria melhor considerar que alguns são motivados ou icônicos, porém, todos são convencionais.

Esta proposta não toma como base apenas as línguas de sinais mas também as línguas orais. Estas têm sido estudadas nos últimos anos em seus aspectos também icônicos. No intuito de tornar alguns conceitos e descrição de eventos mais visíveis, palpáveis e concretos, as línguas orais usam noções espaciais para traduzí-las. Por exemplo, alguns conceitos temporais são espacializados (uma semana **atrás**, "week **ahead**"(uma semana à frente)). Alguns eventos são estruturados cronologicamente ou de forma a reproduzir a sua natureza contínua ou iterativa ("ele **saiu correndo, tropeçou no balde e caiu**" ao invés de "ele caiu porque tropeçou no balde quando saiu correndo"; e "ele **correu, correu, correu** até não agüentar mais"). Cada vez mais alguns lingüístas têm salientado estruturas icônicas ou motivadas nas línguas orais o que mostra que esta característica não se encontra presente apenas nas línguas de sinais e que, portanto, melhor seria preconizar a convencionalidade como propriedade universal dos "signos" ou formas lingüísticas em detrimento da arbitrariedade.

Com o que dissemos até aqui, podemos concluir que o meio ou canal que distingue as línguas orais das línguas de sinais pode privilegiar e explorar características próprias do canal na constituição das estruturas lingüísticas e na sua articulação e percepção. Podem mesmo impor restrições aos mecanismos gramaticais como demonstraremos no decorrer deste texto. Entretanto, essas duas modalidades de língua apresentam de forma, às vezes, distinta estruturas geradas a partir de princípios universais e, portanto, comuns. Basicamente, línguas de sinais e línguas orais são muito semelhantes. As gramáticas particulares das línguas orais e das línguas de sinais são intrinsecamente as mesmas posto que seus princípios básicos são respeitados em ambas as modalidades: elas são dotadas de dupla articulação (estruturam-se a partir de unidades mínimas distintivas e de morfemas ou unidades mínimas de significado), usam a produtividade como meio de estruturar novas formas a partir de outras já existentes, estruturam suas sentenças a partir dos mesmos tipos de constituintes e categorias lingüísticas, suas sentenças são estruturadas sempre em torno de um núcleo com valência, isto é, o núcleo que requer os argumentos (complementos) necessários para a completude do significado que veicula. Todas essas colocações serão discutidas a seguir através da descrição de aspectos estruturais da LIBRAS, os quais serão comparados, sempre que possível, com os equivalentes em Língua Portuguesa, no intuito de salientar as diferenças e as semelhanças entre as duas línguas.

No entanto, antes de passarmos à descrição propriamente dita da LIBRAS, é bom enfatizar que como todas as línguas ela é natural, isto é, ela é por definição natural. Assim, não é adequado dizer que a LIBRAS é a língua natural dos surdos brasileiros. Não, ela é natural devido à sua própria natureza o que a opõe a sistemas artificiais como o Esperanto, o Gestuno (sistema de sinais semelhante a um "pidgin" utilizado por surdos de vários países em sua interação em eventos e encontros internacionais), os diferentes códigos de comunicação (de trânsito, das abelhas, dos golfinhos, etc.) e as diferentes linguas orais sinalizadas (português sinalizado, inglês sinalizado,...). Dessa forma, considera-se que a LIBRAS é ou deve ser a língua materna dos surdos não porque é a língua natural dos surdos mas sim porque, tendo os surdos bloqueios para a aquisição espontânea de qualquer língua natural oral, eles sim é que só vão ter acesso a uma língua materna que não seja veiculada através do canal oral-auditivo. Esta língua poderia ser uma língua cujo canal seria o tato. Porém, como a alternativa existente às línguas orais são as línguas de sinais estas se prestam às suas necessidades. As línguas de sinais são, pois, tão naturais quanto as orais para todos nós e, para os surdos, elas são mais acessíveis devido ao bloqueio oral-auditivo que apresentam, porém, não são mais fáceis nem menos complexas. Os surdos são pessoas e, como tal, são dotados de linguagem assim como todos nós. Precisam

apenas de uma modalidade de língua que possam perceber e articular facilmente para ativar seu potencial lingüístico e, consequentemente, os outros e para que possam atuar na sociedade como cidadãos normais. Eles possuem o potencial. Falta-lhes o meio. E a Língua Brasileira de Sinais é o principal meio que se lhes apresenta para “deslanchar” esse processo.

Estrutura Lingüística da LIBRAS

LUCINDA FERREIRA BRITO
Doutora em Lingüística
Departamento de Lingüística e Filologia
da Universidade Federal do Rio de Janeiro

A LIBRAS é dotada de uma gramática constituída a partir de elementos constitutivos das palavras ou itens lexicais e de um léxico (o conjunto das palavras da língua) que se estruturam a partir de mecanismos morfológicos, sintáticos e semânticos que apresentam especificidade mas seguem também princípios básicos gerais. Estes são usados na geração de estruturas lingüísticas de forma produtiva, possibilitando a produção de um número infinito de construções a partir de um número finito de regras. É dotada também de componentes pragmáticos convencionais, codificados no léxico e nas estruturas da LIBRAS e de princípios pragmáticos que permitem a geração de implícitos sentidos metafóricos, ironias e outros significados não literais. Estes princípios regem também o uso adequado das estruturas linguísticas da LIBRAS, isto é, permitem aos seus usuários usar estruturas nos diferentes contextos que se lhes apresentam de forma a corresponder às diversas funções lingüísticas que emergem da interação do dia a dia e dos outros tipos de uso da língua.

Veremos a seguir cada um desses conceitos da definição discutidos e ilustrados por estruturas da LIBRAS.

---

1. O Léxico ou Vocabulário da LIBRAS

O léxico pode ser definido 'grosso modo' como o conjunto de palavras de uma língua. No caso da LIBRAS, as palavras ou itens lexicais são os sinais. Pensa-se fequentemente que as palavras ou sinais de uma língua de sinais é constituída a partir do alfabelto manual como por exemplo:

(1) a) C-E-R-T-O b) M-Y-R-N-A c) C-H-O-P-P

Entretanto, não é este o caso. A soletração manual das letras de uma palavra em português, como no exemplo (1), é a mera transposição para o espaço, através das mãos, dos grafemas da palavra da língua oral. Isto é, um meio de se fazerem empréstimos em LIBRAS. Assim, como temos a palavra "xerox" em português que é um empréstimo do inglês, os exemplos em (1) ilustram os inúmeros empréstimos da LIBRAS.

(1-a) é a soletração do nome de uma pessoa, isto é, de um nome próprio em português porque os nomes próprios, em LIBRAS, são diferentes. Assim, quando uma pessoa quer apresentar alguém a alguèm, primeiro soletrará seu nome em português (M-Y-R-N-A) e, se ele tiver um nome em LIBRAS, este será articulado em seguida. O exemplo (2) ilustra um usuário da LIBRAS apresentando uma pessoa chamada Myrna a seu interlocutor.

Exemplo (2):
A: 3 APRESENTAR 2. NOME M-Y-R-N-A. SINAL MYRNA.
(= Vou apresentá-la a você, o nome dela é M-Y-R-N-A. Seu sinal (nome próprio em LIBRAS) é Myrna)

(1-b) é a soletração de uma palavra em português “chopp” palavra para cujo conceito não há sinal ou palavra em LIBRAS. Neste caso, é a palavra escrita do português que será transposta para o espaço através da soletração manual.

(1-a) é a soletração de uma palavra em português para cujo conceito há um sinal em LIBRAS o qual não é conhecido por um dos usuários, em geral um ouvinte. Exemplo (3):

A: RESPOSTA CERTO (= A resposta está certa)
B: O-QUE ISTO, CERTO (= O que quer dizer este sinal?)
A: C-E-R-T-O (= certo)
B: O-K (Ah! Ok)

Ou então, uma pessoa pode soletrar C-E-R-T-O para mostrar a uma outra como se escreve esta palavra em português. Neste caso, a soletração manual é um meio de verificação, questinamento ou veiculação da ortografia de uma palavra em português.

Entretanto, o sinal mesmo para o conceito “certo” em LIBRAS é o que se segue ao lado da ilustração da soletração manual da palavra certo:

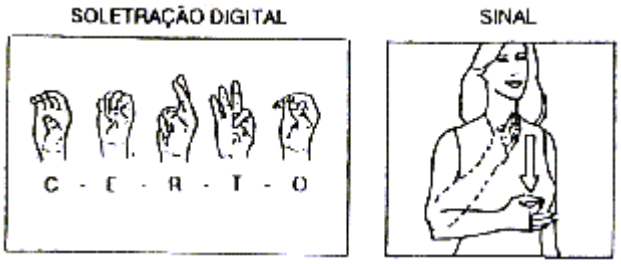

C-E-R-T-O CERTO

Agora sim temos uma palavra de LIBRAS. Podemos perceber que ela não articulada de forma linear como o são as soletrações em (1). Esta palavra ou sinal tem uma estrutura distinta daquela das soletrações ou das palavras em português. As palavras, em português, são formadas pela justaposição linear de seus componentes ou unidades mínimas distintas.

1.1. Estrura Sublexical dos Sinais a partir de suas Unidades Mínimas Distintivas

---

A palavra ou item lexical certo, em português, é formada dos seguintes componentes ou unidades:

em português falado

/sertu/

Temos aqui cinco sons ou fonemas, isto é, cinco componentes ou unidades mínimas da palavra falada certo.

em português escrito

certo

Temos aqui cinco letras ou grafemas componentes da palavra escrita. Não consideramos a letra uma unidade mínima como o fonema porque o fonema, às vezes , é representado, na escrita, por mais de uma letra, como é o caso de:

/xatu/ - chato /x/ - ch

ou, às vezes uma só letra pode representar mais de um fonema, como em :

/leksiku/ - léxico /ks/ - x

Assim, são cinco os componentes ou as unidades mínimas constitutivas das palavras em português. Essas unidades mínimas são chamadas fonemas que sabemos ser seqüencialmente combinadas para formar as palavras.

certo - /s e r t u/
chato - /x a t u/
léxico - /l e k s i k u/

Em LIBRAS, as unidades mínimas ou componentes da palavra ou sinal CERTO são os seguintes:

F é a configuração de mãos

I / é o movimento linear, para baixo com retenção final

TBd é o ponto de articulação do sinal, isto é tronco, busto, lado direito

(Y,Z) (x,y) é a orientação da palma da mão para a esquerda

S é a simetria no movimento ou uso da mão esquerda, realizando o mesmo movimento que a esquerda, também como articulador e não apenas como mão de apoio.

Em português, as unidades mínimas ou componentes da palavra certo /sertu/ podem ser descritas da seguinte forma:

/s/ som com passagem obstruída (consoante), surdo, fricativo.

/e/ som com passagem livre (vogal), sonoro, aberto, médio.

/r/ som com passagem obstruída (consoante), sonoro, vibrante.

/t/ som com passagem obstruída (consoante), surdo, oclusivo.

/u/ som com passagem livre (vogal) sonoro, fechado, posterior.

Pode-se observar pela descrição das unidades mínimas de CERTO, em LIBRAS, e de *certo*, em português, que as características das unidades dos sinais são espaciais (forma da mão ou do sólido, movimento linear e com retensão, vetores orientacionais da mão, etc.) e que as características das unidades da palavras faladas são de natureza acústico-sonoras (passagem livre ou obstruída dos sons, sonoridade, posição da articulação posterior, frontal, média na boca, etc.).

Como vimos, as palavras da LIBRAS e do português se estruturam a partir de unidades mínimas sonoras e espaciais, respectivamente. Essas unidades ou fonemas, como já dissemos, são distintivas porque, quando substituídas uma por outra, geram uma nova forma lingüística com um significado distinto. Por exemplo, em

LIBRAS, temos:

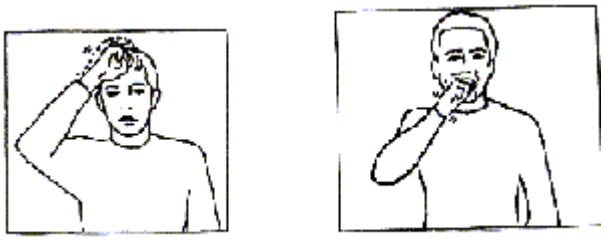

APRENDER e SÁBADO

que são duas palavras ou sinais distintos com significados também distintos somente pelo fato de o primeiro sinal - APRENDER - ser articulado na testa e de o segundo - SÁBADO - ser articulado na boca do usuário. Isto é, há uma característica espacial distinta nos sinais, o ponto de articulação, que os distingue. Essas características, /na testa/ e /na boca/, são unidades mínimas distintivas equivalentes aos fonemas das palavras **p**ata e **b**ata do português, /p/ e /b/, que também distinguem as formas linguísticas e seus significados. APRENDER e SÁBADO, em LIBRAS, e *pata* e *bata*, em português, são pares mínimos porque suas formas fonológicas são idênticas em tudo, exceto em uma característica espacial (ponto de articulação) para os primeiros e fonética (sonoridade) para os últimos. Vejamos outros pares mínimos em LIBRAS:

Pares Mínimos em LIBRAS

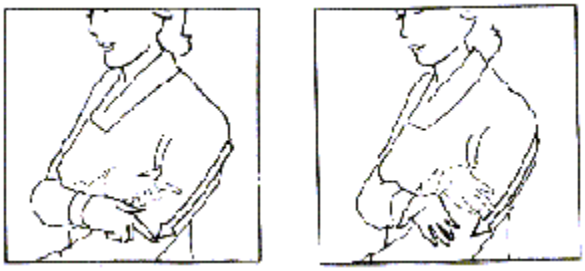

EDUCAR/EDUCAÇÃO ACOSTUMAR/COSTUME

Par mínimo distinto pela Configuração de Mão

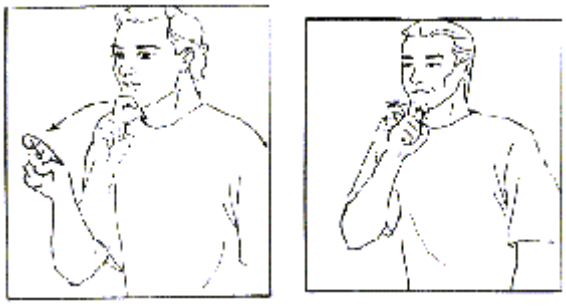

VERDE (SP) GELADO (SP)

Par mínimo distinto pelo Movimento

Através dos exemplos acima em LIBRAS e em português, mostramos que as palavras da LIBRAS também são constituídas a partir de unidades mínimas distintivas chamadas, em línguas orais, de fonemas. O número dessas unidades é finito e pequeno porque, seguindo o princípio de economia, eles se combinam para gerar um número infinito de formas ou palavras.

Então, o léxico da LIBRAS, assim como o léxico de qualquer língua, é infinito no sentido de que sempre comporta a geração de novas palavras. Antigamente, pensava-se que a LIBRAS era pobre porque apresentava um número pequeno de sinais ou palavras. Pode acontecer o fato de que uma língua que não é usada em todos os setores da sociedade ou que é usada em uma cultura bem distinta da que

conhecemos não apresente vocábulos ou palavras para um determinado campo semântico, entretanto, isso não significa que esta língua seja pobre porque potencialmente ela tem todos os mecanismos para criar ou gerar palavras para qualquer conceito que vier a ser utilizado pela comunidade que a usa. Por exemplo, a LIBRAS não tinha um sinal para o conceito “linguística” até há poucos anos. À medida que os surdos foram se inteirando do que se faz em linguística, do que significa linguística, houve a necessidade de gerar um sinal para esse conceito. O sinal LINGUÍSTICA não é soletração da palavra em português, porém, tem um vestígio de empréstimo porque a configuração de mão escolhida é L (apenas os dedos polegar e indicador estendidos), uma configuração própria da LIBRAS, porém, que costuma representar a letra “L”no alfabeto manual. Este sinal é realizado com as duas mãos, palmas para baixo com o polegar de uma mão quase tocando o da outra, na frente do busto, fazendo movimentos de rotação positiva e de translação retilínea para os lados.

Entretanto, não é qualquer combinação de unidades mínimas distintivas que será permitida pela língua. Há restrições e devido a elas é que vamos dizer que certas formas não são aceitas naquele sistema linguístico enquanto outras o são. Uma forma como *lbresk* não será identificado pelos falantes do português como uma forma bem formada ou como uma palavra dessa língua. Isto porque o padrão fonológico do português é CV (consoante + vogal) e devido a outros tipos de restrições. Na forma *lbresk* o uso de várias consoantes e a sequência de certos tipos de consoantes faz com que esta forma fuja aos padrões aceitos pela Língua Portuguesa. Da mesma forma, uma forma constituída a partir das unidades mínimas da LIBRAS não será aceita enquanto palavra dessa língua se fugir aos padrões que regem a formação de suas palavras. Por exemplo, um sinal em que o articulador principal é a mão esquerda ou em que a mão direita é a mão de apoio não será considerado uma palavra bem formada da LIBRAS.

As unidades descritas acima são chamadas unidades mínimas distintivas porque distinguem palavras, como nos exemplos citados para a LIBRAS, APRENDER e SÁBADO, que se distinguem pelo ponto de articulação: testa e boca, respectivamente. Da mesma forma, as palavras pata e bata, em português, se distinguem pela característica fonética sonoridade, ou seja, a primeira é surda e a segunda é sonora. Assim, /p/ e /b/ são duas unidades mínimas distintivas ou fonemas e os pontos de articulação /na testa/ e /na boca/ também são unidades mínimas, desta vez da LIBRAS, ou “fonemas”. Daqui para frente, quando falarmos de “fonemas” da LIBRAS estamos nos referindo às suas unidades espaciais que não têm nada a ver com som ou fone, porém, que funcionam igualmente aos fonemas das línguas orais.

Como pudemos observar, os princípios e mecanismos que são utilizados na estruturação de palavras a partir de unidades mínimas são os mesmos em português e em LIBRAS. O que difere é a natureza das características das unidades que são restritas pela modalidade oral-auditiva, em português, e pela modalidade visual-espacial, em LIBRAS. É devido às mesmas restrições que as unidades ou fonemas do português se organizam ou estruturam sequencialmente ou linearmente no tempo enquanto que as unidades ou “fonemas” da LIBRAS se estruturam simultaneamente ou ao mesmo tempo no espaço.

As unidades mínimas distintivas em LIBRAS são as seguintes de acordo com os parâmetros Configuração de Mãos, Ponto de Articulação, Movimento-Orientação e Expressão Facial. Vejamos esses parâmetros no sinal CERTO/CERTEZA, ilustrado a seguir:

CONFIGURAÇÃO DE MÃO (CM)

MOVIMENTO (M)

PONTO DE ARTICULAÇÃO (PA)

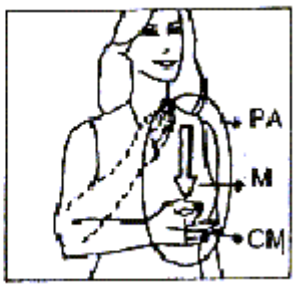

Figura do sinal certo
com seus parâmetros

Configurações de Mão da LIBRAS

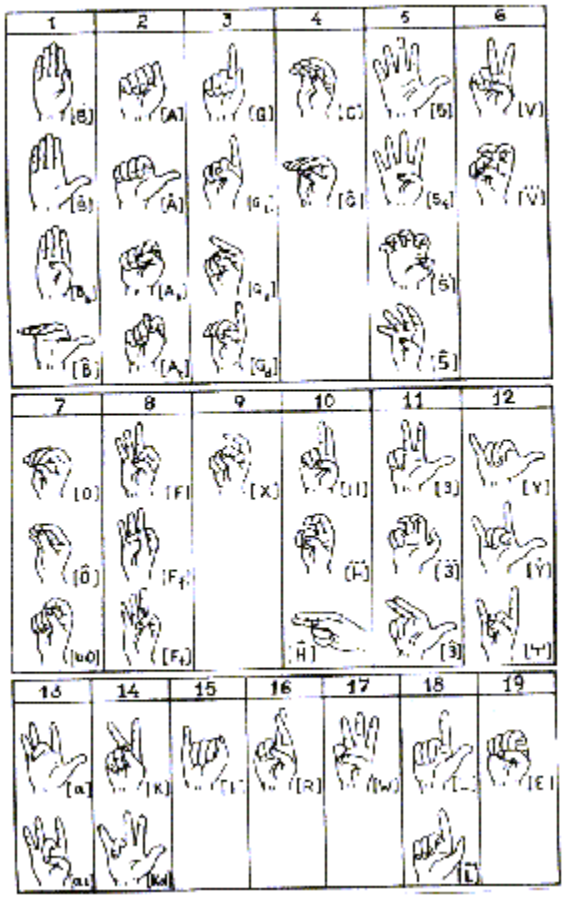

As 46 configurações de mão da LIBRAS

Pontos de Articulação da LIBRAS

C CABEÇA
ʊ topo da cabeça
T testa
R rosto
S parte superior do rosto
I parte inferior do rosto
P Orelha
O olhos
N nariz
B boca
d bochechas
A zona abaixo do

É preciso também empregar certos adjetivos quelocalizam mais precisamente os pontos de articulação:

d = lado direito
c = lado esquerdo
m = medial
in = interna
ex = externa

→ Referindo-se à parte Do corpo em questão

queixo
T TRONCO
P pescoço
O ombro
B busto
E estômago
C cintura
B BRAÇOS
S braço
Q queixo
I antebraço
C cotovelo
P pulso
M MÃO
P palma
C costa da mão
L1 lado do indicador
L2 lado do dedo mínimo
D dedos
Dp ponta dos dedos
Dd nós dos dedos (junção entre os dedos e a mão)
Dj nós dos dedos (primeira junta dos dedos)
D1 dedo mínimo
D2 anular
D3 dedo médio
D4 indicador
D5 polegar
V Interstícios entre os dedos
V1 Interstício entre o polegar e o indicador
V2 Interstício entre os dedos indicador e médio
V3 Interstício entre os dedos médio e anular
V4 Interstício entre os dedos anular e mínimo
p PERNA
EN ESPAÇO NEUTRO

Outros termos são usados para descrever a translação horizontal de pontos de articulação como imagens de um ponto precedente no referencial do corpo:

l = lateral
f = em frente
a = atrás

Na descrição dos pontos de articulação, são ainda usados os seguintes termos:

p = imediatamente próximo

med = distância média

dist = distante

K = em contato

Ki = contato inicial

Km = contato medial

Kf = contato final

x = cruzamento

Movimentos e Tipos de Orientação da LIBRAS

Movimentos internos das mãos:

[$\overset{o}{A}$ ~ 5] extensão gradual dos dedos começando pelo indicador

[As ~ 5] extensão gradual dos dedos começando pelo dedo mínimo

[As → $\overset{o}{5}$] abertura simultânea dos dedos

[$\overset{o}{5}$ → As] fechamento simultâneo dos dedos

[L → bO] pinçamento (com o indicador e o polegar)

[5 → mov] movimento de tamborilar com os dedos curvos

[5 + mov] movimento de tamborilar com os dedos estendidos

[54 ~ G] fechamento gradual de todos os dedos, exceto indicador

[5 ~ A] fechamento gradual de todos os dedos, exceto polegar

[B → B] flexão da mão, com os dedos estendidos

[V → V] dobramento e extensão repetidos dos indicador e dedo médio nas juntas do meio

[V + mov] movimento de tamborilar com os dedos

[V. mov] movimento de tesoura

[As → A] extensão do polegar

[As → L] polegar e indicador estendidos simultaneamente

[B → V] fechamento súbito de todos os dedos exceto indicador e médio, que flexionam-se

[As → 3] extensão simultânea do polegar, indicador e médio

[As → 3] extensão simultânea de todos os dedos, exceto o polegar

[As → 5] extensão simultânea de todos do dedos

[A → L] extensão do indicador

[A → 3] extensão simultânea do indicador e do médio

[A → 5] extensão simultânea de todos os dedos, com o polegar já estendido

[G1 → X] flexão repetida do indicador

[As → V] extensão do indicador e do médio

[As → I] extensão do mínimo

Expressão não manuais da LIBRAS

Rosto
Parte Superior
sobrancelhas franzidas

ȯ olhos arregalados
ɋ lance de olhos
⌒ sobrancelhas levantadas

Rosto
Parte Inferior
db bochechas infladas
bd bochechas contraídas
= lábios contraídos e projetados e sobrancelhas franzidas
lb correr da língua contra a parte inferior interna da bochecha
b apenas a bochecha direita inflada
⌒ contração do lábio superior
x franzir do nariz

Cabeça
+ balanceamento para frente e para trás (sim)
- balanceamento para os lados (não)
⌒ inclinação para frente
/ inclinação para o lado
⌒ inclinação para trás

Rosto e Cabeça

wh cabeça projetada a frente, olhos levemente cerrados, sobrancelhas franzidas (ex.: o que?, quando?, como?, quando, por que?)

wo cabeça projetada para trás, e olhos arregalados (ex.: quem?)

Tronco

Movimentos de rotação

Movimentos de translação (as mãos se deslocam no espaço)

Retilíneos
Circulares
Contínuos
Com retensão
Fefreados
Tensos
Simples
Repetidos

1.2. Formação dos Ítens Lexicais ou Sinais a partir de Morfemas

---

Mostramos, no item anterior, como se estruturam as palavras das línguas Portuguesa e LIBRAS a partir de suas unidades mínimas distintivas ou “fonemas”. Vamos ilustrar agora como se formam as palavras da LIBRAS a partir de seus morfemas ou unidade mínimas de significação.

1.2.1. Morfemas Lexicais e Morfemas Gramaticais

Os morfemas são unidades que podem ter funções lexicais ou gramaticais. Por exemplo, as palavras casas, construção e impossível do português são constituídas dos seguinte morfemas:

casa	-	s (plural)
constru-		ção (nome)
possível-		im (negação)
morfema lexical		**morfema gramatical**

Em LIBRAS, nem sempre os morfemas que formam as palavras são equivalentes aos do português. Podemos, porém, ilustrar os morfemas da LIBRAS como se segue:

SENTAR - movimento repetido (marca de nome)
BONITO - expressão facial ~~ (marca de grau aumentativo)
BONITO - expressão facial Ô (marca de grau diminutivo)
FALAR - 2 mãos e movimentos longos (aspecto continuativo)
PEGAR - Cl:5 Classificador para objetos redondos grandes
PEGAR - Cl:F Classificador para objetos pequenos e pequenos
PODER - movimentos da cabeça (negação): NÃO-PODER
POSSÍVEL - movimento inverso das mãos (negação): IMPOSSÍVEL
SABER - movimento da mão para fora (negação): NÃO-SABER

morfema lexical **morfema gramatical**

Vejamos algumas ilustrações dos sinais acima:

FALAR

FALAR SEM-PARAR
FALAR PELOS COTOVELOS
FALAR + aspecto continuativo

PEGAR + Cl: 5

PODER/POSSÍVEL NÃO-PODER IMPOSSÍVEL

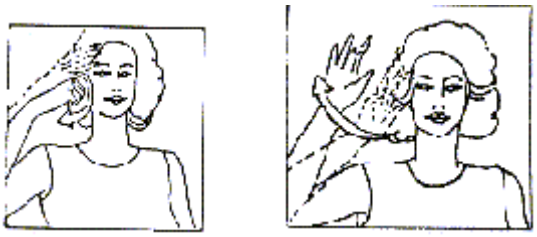

SABER NÃO-SABER

1. 2. 2. Formação de Palavras por Derivação e por Composição

As ilustrações acima são exemplos de formação de palavras por derivação. CADEIRA é derivado de SENTAR através do movimento repetido do primeiro; BONITINHO é derivado de BONITO através da adjunção da expressão facial ~~ , marca de grau aumentativo; BONITÃO é derivado de BONITO através da adjunção do afixo expressão facial Ô, marca de grau diminutivo; FALAR-SEM-PARAR é derivado de FALAR através da adjunção da mão esquerda e do alongamento dos movimentos, marca de aspecto continuativo; PEGAR-BOLA é derivado de PEGAR através da adjunção do afixo CI:5, classificador para objetos redondos grandes; PEGAR-AGULHA é derivado de PEGAR através da afixação do morfema gramatical CI:F, classificador para objetos pequenos e pequenos; NÃO-PODER é derivado de PODER através do afixo negativo, movimentos da cabeça para os lados; IMPOSSÍVEL é derivado de POSSÍVEL através da inversão do movimento de para baixo para os lados, afixo também negativo; NÃO-SABER e derivado de SABER através da afixação de um movimento da mão para fora, morfema negativo também.

Através desses exemplos, pudemos observar que as primeiras palavras são formadas a partir de seus radicais aos quais se juntam afixos ou morfemas gramaticais, pelo processo de derivação. As palavras ou sinais em LIBRAS também podem ser formadas pelo processo de composição, isto é, pela adjunção de dois sinais simples em formas compostas. Por exemplo:

CASA + CRUZ = IGREJA
MULHER + PEQUENO = MENINA
HOMEM + PEQUENO = MENINO

Alguns sinais como SENTAR e CADEIRA são distintos quanto à forma para as categorias verbo e nome, porém, a maioria deles não se distingue quanto às categorias verbo, nome, adjetivo e advérbio. O que vai definí-las como tal é sua função na sentença. Podemos, entretanto, ilustrar alguns casos de palavras que poderiam ser derivadas de outras como é o caso de construir e construção, em

português. Por exemplo, nas sentenças abaixo, identificamos um mesmo item lexical como nome ou verbo, dependendo da sentença em que aparecem:

ELE NÃO LIMPAR-CHÃO-CI:Y (com escova)
(=Ele não limpou com escova o chão)
ELE LIMPAR-CHÃO-CI:Y (com escova) NÃO-Y
(=Ele não fez a limpeza do chão com a escova)

No primeiro exemplo, o item lexical LIMPAR-CHÃO-CI:Y tem uma função verbal. Entretanto, na segunda sentença, LIMPAR-CHÃO-CI:Y tem uma função nominal, ou seja, é um substantivo porque vem acompanhado de um verbo leve, NÃO-Y, que devido à sua natureza de verbo sem valência não pode ser considerado um nome. Neste caso, como os verbos chamados leves sempre vêm acompanhados de um nome e como o único item capaz de preencher esta função nominal é o sinal LIMPAR-CHÃO-CI:Y, diremos que ele pode pertencer a ambas categorias:

LIMPAR-CHÃO-CI:Y - verbo
LIMPAR-CHÃO-CI:Y - nome

O mesmo ocorre com as demais categorias: adjetivo, advérbio.

1. 2. 3. Aspecto Verbal

A LIBRAS, assim como várias línguas de sinais e orais, modula o movimento dos sinais para distinguir entre os aspectos pontual, continuativo ou durativo e iterativo. O aspecto pontual se caracteriza por se referir a uma ação ou evento ocorrido e terminado em algum ponto bem definido no passado. Em português, quando dizemos “ele falou na televisão ontem”, sabemos que a ação de falar se deu no passado, em um período de tempo determinado “ontem”. Em LIBRAS, temos um sinal FALAR para um contexto lingüístico similar. Por exemplo, ELE FALAR VOCÊ ONTEM (=ele falou com você ontem). Entretanto, temos também o sinal FALAR-SEM-PARAR que se refere a uma ação que tem uma continuidade no tempo como no exemplo ELE FALAR-SEM-PARAR AULA (=ele falou sem parar durante a aula). Vejam estes dois sinais:

FALAR
(aspecto pontual)

FALAR-SEM-PARAR
(aspecto continuativo)

O mesmo ocorre com o verbo OLHAR que pode sofrer alteração em um ou mais de seus parâmetros e, então, denotar aspecto durativo. Os sinais ilustrados abaixo poderiam aparecer em contextos lingüísticos como os que se seguem:

OLHAR (pontual)
OLHAR VOCÊ ONTEM VOCÊ NÃO-ENXERGAR (pontual)

OLHAR (durativo)
ELE FICAR-OLHANDO-LONGAMENTE MAR (durativo)

OLHAR (durativo)
ELA PASSAR TODOS-OLHAR-CONTINUADAMENTE (durativo)

No segundo sinal para 'olhar', a configuração de mão e o ponto de articulação mudam de G1 para 5 e dos olhos para o nariz. Com isso temos a formação de uma outra palavra com valor aspectual durativo.

O verbo VIAJAR com valor aspectual pontual abaixo poderia ser utilizado em sentenças como PAULO VIAJAR BRASÍLIA ONTEM, enquanto que o sinal verbal com valor iterativo apareceria em sentenças do tipo PAULO VIAJAR- MUITAS-VEZES. O aspecto iterativo refere-se a ação ou evento que se dá repetidas vezes. Vejamos os sinais abaixo:

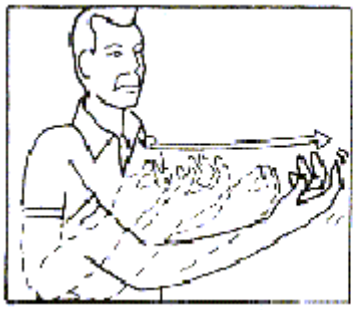

VIAJAR (pontual)

VIAJAR (iterativo)

Esse tipo de afixação que encontramos na LIBRAS, através da alteração do movimento, da configuração de mão e/ou do ponto de articulação do verbo que seria considerado raiz ou radical, não é encontrado em português.

1. 2. 4. Itens Lexicais para Tempo e Marca de Tempo

A LIBRAS não tem em suas formas verbais a marca de tempo como o português. Como vimos, essas formas podem se modular para aspecto. Algumas delas também se flexionam para número e pessoa.
Dessa forma, quando o verbo refere-se a um tempo passado, futuro ou presente, o que vai marcar o tempo da ação ou do evento serão itens lexicais ou sinais adverbiais como ONTEM, AMANHÃ, HOJE, SEMANA-PASSADA, SEMANA-QUE-VEM. Com isso, não há risco de ambigüidade porque sabe-se que se o que está sendo narrado iniciou-se com uma marca no passado, enquanto não aparecer outro item ou sinal para marcar outro tempo, tudo será interpretado como tendo ocorrido no passado.

Os sinais que veiculam conceito temporal, em geral, vem seguidos de uma marca de passado, futuro ou presente da seguinte forma: Movimento para trás, para o passado; Movimento para frente, para o futuro; e Movimento no plano do corpo, para presente. Alguns desses sinais, entretanto, incorporam essa marca de tempo não requerendo, pois, uma marca isolada como é o caso dos sinais ONTEM e ANTEONTEM ilustrados a seguir:

ONTEM

ANTEONTEM

Outros sinais como ANO requerem o acompanhamento de um sinal de futuro ou de presente, mas, quando se trata de passado, ele sofre uma alteração na direção do movimento de para frente para trás e, por si só já significa ‘ano passado’. Os sinais de ANO e ANO-PASSADO podem ser observados nas ilustrações que se seguem:

ANO

ANO-PASSADO

É interessenta notar, que uma linha do tempo constituída a partir das coordenadas: passado (atrás)- presente (no plano do corpo)- futuro (na frente), pode ser observada também em línguas orais como o português e o inglês como mencionado no início desse curso. Uma estruturação completamente diferente do tempo foi observada por nós na Língua de Sinais Urubu-Kaapor, língua de sinais da comunidade indígena

Urubu habitante da Floresta Amazônica, onde o tempo futuro é para cima e o presente no torso do usuário dessa língua. O passado não parece ser marcado.

Isso levou-nos a considerar que as línguas Portuguesa e LIBRAS não são tão distintas assim naquilo que não depende de restrições decorrentes da modalidade visual-espacial, veiculando,assim, uma visão de mundo muito similar, pelo menos nos aspectos semânticos até o momento estudados por nós.
As diferenças que vimos apontando ultimamente na estruturação gramatical e lexical da LIBRAS e do português parecem não apontar tanto para diferenças culturais mas são sim devidas ao fato de a primeira usar o espaço e de a segunda utilizar o meio acústico, para estruturar os significados lexicais e gramaticais.

1. 2. 5. Quantificação e Intensidade

A quantificação é obtida em LIBRAS através do uso de quantificadores como MUITO, mas incorporar a quantificação, prescindindo, pois, o uso desse tipo de palavras. Assim, podemos observar nos exemplos com o verbo OLHAR acima que o olhar pontual é realizado com apenas um dedo estendido enquanto que os outros dois sinais são realizados com as mãos abertas, ou seja, com os dedos estendidos. Dessa forma, esse tipo de alteração do parâmentro Configuração de Mão iconicamente representa uma maior intensidade na ação (FICAR-OLHANDO-**LONGAMENTE**) ou um maior número de referentes sujeitos (**TODOS**-FICAR-OLHANDO). Essa mudança de configuração de mãos, aumentando-se o número de dedos estendidos para significar uma quantidade maior pode ser ilustrado pelos sinais UMA-VEZ, DUAS-VEZES, TRÊS-VEZES:

UMA-VEZ DUAS-VEZES TRÊS-VEZES

Às vezes, alongando-se o movimento dos sinais e imprimindo-se a ele um rítmo mais acelerado, obtem-se uma maior intensidade ou quantidade. Isto é o que ocorre com os sinais FALAR e FALAR-SEM-PARAR, exemplificados acima e com os sinais LONGE e MUITO-LONGE ilustrados abaixo:

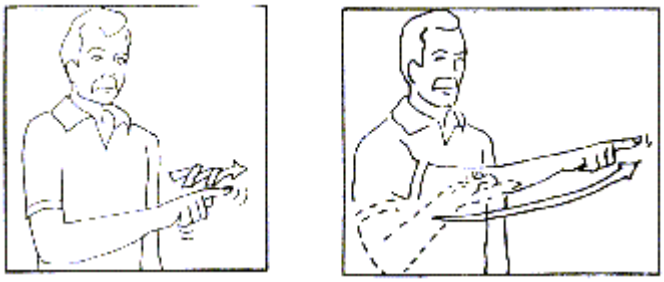

LONGE MUITO-LONGE

Como se pode observar, os mecanismos espaciais utilizados pela LIBRAS para obter significados e efeitos de sentido distinguem-se daqueles utilizados pela Língua Portuguesa. Nesta, as formas ou marcas são muito mais arbitrárias e se apresentam

em forma de segmentos sequencialmente acrescentados ao item ou palavra modificada. Em LIBRAS, ocorre com muita frequência uma mudança interna, isto é, uma alteração no interior da própria palavra.

1. 2. 6. Classificadores

Como algumas línguas orais e como várias línguas de sinais, a LIBRAS possui classificadores, um tipo de morfema gramatical que é afixado a um morfema lexical ou sinal para mencionar a classe a que pertence o referente desse sinal, para descrevê-lo quanto à forma e tamanho, ou para descrever a maneira como esse referente é segurado ou se comporta na ação verbal.

Os classificadores em línguas orais como o japonês e o navajo são sufixos dos numerais e dos verbos, respectivamente.

Em LIBRAS, como dificilmente se pode falar em prefíxo e em sufíxo porque os morfemas ou outros componentes dos sinais se juntam ao radical simultaneamente, preferimos dizer que os classificadores são afixos incorporados ao radical verbal ou nominal. Assim, nos exemplos abaixo, pode-se observar o classificador V e V, que respectivamente, referem-se à maneira como uma pessoa anda e como um animal anda.

ANDAR (para pessoa)

ANDAR (para animal)

O classificador em ANDAR (para pessoa) pode ser utilizado também com outros significados como ‘duas pessoas passeando’ ou ‘um casal de namorados’ (no caso das pontas dos dedos estarem voltadas para cima), ‘uma pessoa em pé’ (pontas dos dedos para baixo), etc. Este classificador é representado pela configuração de mãos em V, como se segue:

Uma pessoa andando ou em pé

Duas pessoas andando, namorando ou passeando

O classificador C pode representar qualquer tipo de objeto cilíndrico profundo como um copo, uma caixa, uma urna como no exemplo abaixo do sinal VOTAR:

VOTAR

Classificador C

Outros classificadores podem ser os morfemas representados pelas configurações de mão B e Y como se segue:

Classificador B

Classificador Y

O classificador B refere-se e descreve superfícies planas como mesa, parede, chão, etc. enquanto que o classificador Y refere-se e descreve objetos multiformes ou com formas irregulares, porém não planos nem finos. O classificador G1 é que é utilizado para descrever objetos finos e longos.

Inúmeros são os classificadores em LIBRAS, sua natureza semântica e sua função. Entretanto, apenas mencionamos alguns a título de ilustração.

1. 2. 7. Incorporação de Argumento

As línguas orais e de sinais apresentam vários casos de incorporação de argumento ou complemento. Por exemplo, em português, podemos citar o verbo engavetar que, em uma análise sintático-semântica, poderia ser decomposto em um verbo básico do tipo colocar e em um complemento desse verbo que seria um locativo na gaveta. Assim, podemos dizer “eu coloquei os livros na gaveta” ou “eu engavetei os livros”. O constituinte na gaveta, um locativo, argumento ou complemento de colocar, foi incorporado a este verbo e em decorrência disso temos a outra forma verbal engavetar que prescinde do locativo como complemento porque já carrega esta informação em seu próprio item lexical. Temos, pois, uma forma lexical derivada de outra mais básica, porém, desta vez não pelo processo de derivação por afixação nem por composição, como discutido acima, mas sim pelo que se chama de incorporação de argumento.

Em LIBRAS, o processo de incorporação de argumento é muito frequente e visível devido às características espaciais e icônicas dos sinais. Os três verbos abaixo ilustram esse tipo de incorporação. O primeiro, o verbo BEBER/TOMAR pode ser usado sem incorporação em sentenças do tipo:

BEBER CERVEJA (= eu bebi cerveja)

Porém, se o objeto direto do verbo for, por exemplo, café ou chá, o verbo incorporará este argumento e teremos formas verbais diferentes, como demonstram as ilustrações a seguir:

BEBER, TOMAR BEBER-CAFÉ CHÁ (segurar x-tipo de objeto) em LIBRAS (CI: B A e CI: F)

Outro exemplo de incorporação pode ser ilustrado pelo verbo ALUGAR/PAGAR-MENSALMENTE em que o verbo PAGAR que normalmente é articulado sobre a mão de apoio em B passa a ser articulado na mão de apoio (mão esquerda) em G1, a mesma do sinal MÊS. Assim, uma parte deste sinal incorpora-se ao sinal PAGAR, substituindo-a. Vejamos o sinal:

ALUGAR/PAGAR-MENSALMENTE

O mesmo processo de incorporação pode ser também observado no sinal que deriva do sinal verbal COMER, ao qual se incorpora o objeto direto MAÇÃ:

COMER COMER-MAÇÃ

2. Estruturação de Sentenças em LIBRAS

Costuma-se pensar que as sentenças da LIBRAS são completamente diferentes do ponto de vista estrutural daquelas do português. Realmente, no que diz respeito à ordem das palavras ou constituinte, há diferenças porque o português é uma língua de base sujeito-predicado enquanto que a LIBRAS é uma língua do tipo tópico-comentário.

Nas sentenças do português, a ordem predominante é: sujeito (S)-verbo(V)-objeto (O), normalmente chamada de SVO. Assim, as sentenças se estruturam da seguinte maneira:

O leão	matou o urso.
S	V O
sujeito	*predicado*

Todos os meninos	gostam de futebol
S	V O
sujeito	*predicado*

Nestas sentenças, além da concordância sujeito-predicado que determina quem faz o que no evento descrito pelo verbo da sentença, a ordem também é significativa porque senão não saberíamos qual é o sujeito da primeira sentença “o leão matou o urso” porque tanto o constituinte “o leão” quanto o constituinte “o urso” podem concordar com o verbo. Então, se alterássemos a ordem dos constituintes acima “o urso matou o leão”, o sujeito deixaria de ser “o leão” para ser “o urso”. Além do mais, há o aspecto semântico dos constituintes e do verbo que permite que tanto um quanto outro constituinte seja o sujeito de “matar”, isto é, aquele que mata.

Este não é o caso da segunda sentença onde o significado dos constituinte “todos os meninos” e “futebol” não dá margem às duas possibilidades acima. Além do mais, a concordância sujeito-predicado nesta segunda sentença fica ressaltada pelo fato de incluirem a marca de plural enquanto que o segundo constituinte “futebol”está no singular. Neste caso, a ordem é menos relevante para se saber a função gramatical e o papel semântico dos dois constituintes.

Entretanto, a primeira sentença poderia ter o seu último constituinte deslocado para a frente da sentença através de operações como por exemplo a topicalização:

O urso,	o leão matou	ou	Ao urso	o leão matou
tópico	*comentário*		*tópico*	*comentário*

Note-se, porém, que nos dois casos houve necessidade de apelo a mecanismos inusuais do tipo entoação e uso da preposição “a”. Nestes casos, “o urso” continua sendo o objeto direto de “matar” e “o leão”, o seu sujeito, apesar de termos a topicalização do objeto, isto é, apesar do objeto direto ser o tópico da sentença e o sujeito e o verbo serem o comentário do tópico.

A topicalização é relativamente frequente em português, principalmente, na fala coloquial. Entretanto, em LIBRAS, a frequência é maior, diríamos até que é regra geral.

Em estudos anteriores, dissemos que a ordem preferencial das sentenças da LIBRAS era SVO quando não havia topicalização ou verbos com flexão ou direcionais. Porém, estudos mais aprofundados, apesar de não desmentirem o que dissemos, mostraram que a topicalização é muito mais frequente do que se pensa à primeira

vista em LIBRAS. A ordem tópico-comentário é realmente a preferida quando não há restrições que impeçam certos constituintes de se deslocarem. Pórem, um grande número de sentenças sempre aparece na ordem SVO. Vejamos os exemplos:

VOCÊ LER JORNAL (= você leu o jornal?)
S V O
NÃO-ENXERGAR VOCÊ (= eu não vi você)
V O

Nestas duas sentenças, a ordem é SVO, isto é, sujeito-verbo-objeto. O sujeito da segunda sentença é omitido, é um argumento implícito, porque a , em LIBRAS, assim como em português, o sujeito em geral é pressuposto pelo contexto ou, quando referindo-se à primeira pessoa é sempre pressuposto como conhecido pelo interlocutor. Assim, se no contexto não está evidente que uma outra pessoa além da primeira deve ser o sujeito, este será a primeira pessoa. Então, apesar de estarem explícitos apenas o verbo e o objeto da segunda sentença, sabemos que a ordem é SVO. Estes dados reafirmam nossos estudos anteriores, assim como o fato de que quando temos um verbo flexionado na sentença a ordem é muito restrita.

Verbos com flexão com VER, AVISAR, RESPONDER, PERGUNTAR, AJUDAR são verbos em que a ordem vai ser sempre SVO. Note-se que não estamos distinguindo aqui objeto direto de objeto indireto porque, em recentes estudos em lingüística, há a proposta de considerarmos os complementos sem preposição como objetos e os com preposição como objetos oblíquos. Em exemplos com os verbos acima, podemos notar a restrição quanto à ordem porque o sujeito e o objeto não aparecem na forma de constituintes separados dos verbos, mas sim na forma de flexão do próprio verbo através da direcionalidade de seu movimento, um vetor, cujo ponto de origem refere-se ao sujeito e cujo ponto final refere-se ao objeto. É a direcionalidade com esses dois pontos que é chamada flexão verbal. Vejamos os exemplos:

1ª RESPONDER 2ª (=eu respondi a você)
3ª PERGUNTAR 1ª VERDADE (=ele perguntou a mim a verdade)
VERDADE 3ª PERGUNTAR 1ª (=a verdade ele perguntou a mim)
1ª VER 2ª (=eu vi você)
MYRNA 3ª AVISAR 3ª SERGIO (=Myrna, ela avisou ele, Sergio)
2ª AJUDAR 3ª - você-ajudar-ela (=você a ajudou)

Como se pode observar, nestes exemplos, o primeiro referente é sempre o sujeito porque é representado pela marca que inicia o verbo e o outro referente não verbal é o que é marcado pela marca final do verbo ou o ponto final do seu movimento, o que resulta na ordem Sujeito- Verbo-Objeto (direto e indireto). O terceiro exemplo acima apresenta uma topicalização do objeto direto o que faz com que a ordem seja Objeto dir.- Sujeito - Verbo - Objeto ind.

Na maioria dos casos, entretanto, a LIBRAS parece preferir, como já dissemos, a topicalização e o verbo no final da sentença como nos exemplos abaixo:

PESQUISAR ELA NÃO-GOSTAR (=pesquisar, ela não gosta)
tópico comentário

RUA ACIDENTE NÃO-ENXERGAR (=o acidente na rua eu não vi)
tópico comentário

CAFÉ AÇÚCAR NÃO-Y (=açucar no café (ela) não pôs)
tópico comentário

Note-se, porém, que nos exemplos acima, mesmo seguindo a estrutura tópico-comentário, a ordem dos constituintes acaba sendo (Locativo) - Objeto - Sujeito-Verbo. Mesmo com topicalização, parece que temos quase que sempre, pelo menos, tópico-SV (tópico-sujeito-verbo). Na última sentença, o sujeito é uma terceira pessoa, porém, é um argumento implícito porque o enunciador pressupõe que o interlocutor saiba identificar o referente pelo contexto situacional. A título de ilustração, vejamos o verbo EMPRESTAR, variante de São Paulo, e algumas de suas flexões:

1EMPRESTAR2 2EMPRESTAR1 2EMPRESTAR3

EU-EMPRESTAR-VOCÊ VOCÊ-EMPRESTAR-EU VOCÊ-EMPRESTAR-ELA

eu emprestei para você você emprestou para mim você emprestou para ela

Alguns raros verbos com flexão trazem as marcas de sujeito e objeto de forma inversa, isto é, o objeto é marcado primeiro no ponto de origem do movimento do sinal verbal e o sujeito é marcado pelo ponto final do movimento do sinal verbal. Vejamos o verbo CONVIDAR:

2ª CONVIDAR 1ª
você-convidado-eu
(você está sendo convi-dado por mim)

1ª CONVIDAR 2ª
eu-convidado-você
(eu estou sendo con-vidado por você)

3ª CONVIDAR 2ª
ele-convidado-você
(ele está sendo con-vidado por você)

ou

(eu o convido) (você me convida) (você o convida)

Vimos que a estruturação das sentenças em LIBRAS quanto à ordem dos argumentos (complementos inclusive sujeito) é diferente daquela do português e que inclusive as marcas de flexão são bastante específicas da modalidade visual-espacial de língua porque se apoiam na direcionalidade do movimento do sinal.

Entretanto, vamos enfatizar aqui um nivel estrutural das sentenças em ambas as línguas em que as semelhanças são bem maiores do que as especificidades. Trata-se da estrutura argumental das sentenças. Desse ponto de vista, toda sentença tem um núcleo que é o elemento que possui valência. Em geral, o verbo é que possui valência e, como tal, é ele que determina o número e tipos de argumentos ou complementos necessários. Dentro desta concepção, inclusive o sujeito é considerado um argumento. Assim diremos que um verbo como “enviar”, em português, e ENVIAR, em LIBRAS, são verbos com a mesma valência porque os dois pedem três argumentos ou complementos:

Paulo **enviou** o livro ao amigo
LIVRO AMIGO P-A-U-L-O **ENVIAR** (o livro ao amigo o Paulo enviou)

Nos dois exemplos, o primeiro em português e o segundo em LIBRAS, independentemente da ordem, pode-se observar que as sentenças são constituídas de um núcleo e de três argumentos ou complementos:

enviar - núcleo ou palavra com valência
Paulo - argumento 1, aquele que envia, papel semântico 'fonte', função gramatical 'sujeito'.
amigo - argumento 2, aquele para quem se envia, papel semântico 'alvo', função gramatical 'objeto indireto'
livro - argumento 3, aquilo que é enviado, papel semântico 'tema', função gramatical 'objeto direto'.

Esse tipo de análise das sentenças da LIBRAS e do português mostra como a estrutura sintático-semântica pode ser a mesma.

Alguns verbos, entretanto, não possuem valência como os verbos levar, dar e fazer do português e o verbo NÃO-Y da LIBRAS. Neste caso, teremos uma diferença considerável, devido à não correspondência sintático-semântica nas duas lín-guas. São os chamados verbos leves que podem ser ilustrados pelos exemplos abaixo:

Ele levou a cabo seus estudos
João deu uma surra no menino
Nós fizemos compras ontem
LIMPAR-CHÃO-ESCOVA NÃO-Y (a limpeza do chão com a escova, ele não fez)

Nesses exemplos, o elemento com valência é o nome que acompanha o verbo nos exemplos do português e o nome que antecede o verbo no exemplo da LIBRAS. Este nome é que é o núcleo da estrutura argumental da sentença porque é ele que possui valência. O verbo carrega apenas as marcas gramaticais. É o nome que veicula o significado lexical do complexo verbal. Por isso, apesar de se assemelhar a um objeto direto, o nome com valência não pode receber papel temático (semântico) o que torna esse tipo de sentença mais complexo para analisar.

Aquisição da Linguagem por Crianças Surdas

RONICE MÜLLER QUADROS
Mestre em Lingüística
Doutoranda em Lingüística Aplicada
PUC/ RS; interprete de LIBRAS

Todas as pesquisas desenvolvidas nos últimos anos sobre a aquisição das línguas de sinais evidenciam que essa pode ser comparada à aquisição das línguas orais em muitos sentidos. Normalmente, as pesquisas envolvem a análise de produções de crianças surdas, filhas de pais surdos. Somente esse grupo de crianças surdas apresenta o input lingüístico adequado e garantido para possíveis análises do processo de aquisição. Entretanto, ressalta-se que essas crianças representam apenas de 5% a 10% das crianças surdas . No Brasil, os estudos envolvem crianças surdas filhas de pais surdos que usam a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS.

As línguas de sinais são sistemas abstratos de regras gramaticais, naturais às comunidades surdas dos países que as utilizam. Assim como as línguas faladas, as línguas de sinais não são universais: cada país apresenta a sua própria língua. No caso do Brasil, como já foi citado, tem-se a LIBRAS e, além dessa, tem-se também a língua de sinais usada por uma tribo indígena brasileira chamada Urubu Kaapor, citada por Kakumasu (1968) e Ferreira Brito (1993).

As línguas de sinais apresentam-se numa modalidade diferente das línguas orais-auditivas; são línguas espaço-visuais, ou seja, a realização dessas línguas não é estabelecida através do canal oral-auditivo, mas através da visão e da utilização do espaço. A diferença na modalidade determina o uso de mecanismos sintáticos específicos diferentes dos utilizados nas línguas orais. As línguas de sinais são sistemas lingüísticos independentes dos sistemas das línguas orais e não são universais.

As línguas de sinais, dentre elas a LIBRAS, parecem apresentar especial interesse nas pesquisas lingüísticas dentro da perspectiva gerativista. A razão de tal interesse está relacionada à possibilidade de determinar os princípios da UG independentemente da modalidade da língua. Se isso for possível, as línguas de sinais podem ser exemplos de línguas que fortalecem a proposta gerativista quanto à existência de um módulo da linguagem na mente/cérebro do ser humano.

Quanto aos aspectos estruturais das línguas de sinais, há dois aspectos fundamentais: (a) o estabelecimento nominal e a pronominalização e (b) a concordância verbal. Os sujeitos e objetos podem ser estabelecidos em um ponto no espaço de sinalização *(loc)* ; quando isso ocorre, há um estabelecimento nominal e a pronominalização. Esse estabelecimento é completamente espacial e é fundamental para a concordância verbal, principalmente com referentes não presentes.

Considerando que o processo de aquisição das línguas de sinais é análogo ao processo de aquisição das línguas faladas, as seções seguintes estão subdivididas nos estágios de aquisição adotados nos estudos sobre a aquisição da linguagem. O estabelecimento nominal, o sistema pronominal e a concordância verbal serão enfatizados tendo em vista que tais tópicos são fundamentais para o estabelecimento de relações gramaticais (espaciais).

Período Pré - Lingüístico

Petitto & Marantette (1991) realizaram um estudo sobre o balbucio em bebês surdos e bebês ouvintes no mesmo período de desenvolvimento (desde o nascimento até por volta dos 14 meses de idade). Elas verificaram que o balbucio é um fenômeno que ocorre em todos os bebês, surdos assim como ouvintes, como fruto da capacidade inata para a linguagem. As autoras constataram que essa capacidade inata é manifestada não só através de sons, mas também através de sinais. Nos dados analisados por Petitto & Marantette foram observadas todas as produções orais para detectar a organização sistemática desse período. Também foram observadas todas as produções manuais tanto dos bebês surdos como dos bebês ouvintes para verificar a existência ou não de alguma organização sistemática.

Nos bebês surdos foram detectadas duas formas de balbucio manual: o balbucio silábico e a gesticulação. O balbucio silábico apresenta combinações que fazem parte do sistema fonético das línguas de sinais. Ao contrário, a gesticulação não apresenta organização interna.

Os dados apresentam um desenvolvimento paralelo do balbucio oral e do balbucio manual. Os bebês surdos e os bebês ouvintes apresentam os dois tipos de balbucio até um determinado estágio e desenvolvem o balbucio da sua modalidade. É por isso que os estudos afirmavam que as crianças surdas balbuciavam (oralmente) até um determinado período. As vocalizações são interrompidas nos bebês surdos assim como as produções manuais são interrompidas nos bebês ouvintes, pois o *input* favorece o desenvolvimento de um dos modos de balbuciar.

As semelhanças encontradas na sistematização das duas formas de balbuciar sugerem haver no ser humano uma capacidade lingüística que sustenta a aquisição da linguagem independente da modalidade da língua: oral-auditiva ou espaço-visual.

Estágio de um Sinal

O estágio de um sinal inicia por volta dos 12 meses da criança surda e percorre um período até por volta dos 2 anos. Karnopp (1994) cita estudos que apontam o início do estágio de um sinal por volta dos 6 meses em bebês surdos filhos de pais surdos adquirindo língua de sinais. Por outro lado, sabe-se que os estudos de crianças adquirindo línguas orais iniciam esse período por volta dos 12 meses. Lillo-Martin (1986) observa que as razões apontadas por esses estudos para explicar tal diferença cronológica baseia-se no desenvolvimento dos mecanismos físicos (mãos e trato vocal). Entretanto, Petitto (1987) argumenta que a criança simplesmente produz gestos que diferem dos sinais produzidos por volta dos 14 meses, analisando essa produção gestual como parte do balbucio, período pré-lingüístico. As primeiras produções na Língua de Sinais Americana - ASL incluem as formas chamadas congeladas da produção adulta. São sinais que não são flexionáveis, tipo MOTHER na ASL. Quando um sinal apresenta flexões no padrão adulto, a criança usa formas morfofonêmicas.

Petitto & Bellugi (1988) observaram que as crianças surdas com menos de 2 anos não fazem uso dos dispositivos indicativos da ASL. Os dispositivos indicativos envolvem o sistema pronominal das línguas de sinais. As crianças omitiam essas indicações até quando imitavam seus pais. Petitto (1987) e Bellugi & Klima (1989) analisaram a descontinuidade no uso da indicação (apontação) nas crianças surdas.

As crianças surdas com menos de 1 ano, assim como as crianças ouvintes, apontam freqüentemente para indicar objetos e pessoas. Mas quando a criança entra no estágio de um sinal, o uso da apontação desaparece. Petitto (1987) sugere que nesse período parece ocorrer uma reorganização básica em que a criança muda o conceito da apontação inicialmente gestual (pré-lingüística) para visualizá-la como elemento do sistema gramatical da língua de sinais (lingüístico).

Estágios das Primeiras Combinações

Surgem as primeiras combinações de sinais por volta dos 2 anos das crianças surdas. Fischer (1973) e Hoffmeister (1978) observaram que a ordem usada pelas crianças surdas durante esse estágio é SV, VO ou, ainda, num período subseqüente, SVO. Meier (1980) verificou que a ordem das palavras é utilizada para o estabelecimento das relações gramaticais.

Meier (1980) observou que, assim como o Japonês e o Croata, nem todos os verbos da ASL podem ser flexionados para marcar as relações gramaticais em uma sentença. Há alguns tipos de verbos que apresentam limitações lexicais e fonológicas para incorporar os pronomes como, por exemplo, os verbos **ancorados no corpo**, como GOSTAR e PENSAR na LIBRAS. Isso sugere que as crianças surdas devem adquirir duas estratégias para marcar as relações gramaticais: a incorporação dos indicadores e a ordem das palavras. A incorporação dos indicadores envolve a concordância verbal, e essa depende diretamente da aquisição do sistema pronominal.

No estágio em discussão, as crianças começam a usar o sistema pronominal, mas de forma inconsistente. Os estudos realizados por Bellugi & Klima (1979) detectaram que o padrão de aquisição das crianças surdas é bastante próximo ao das crianças ouvintes. Eles, a princípio, consideravam que seria mais fácil para as crianças surdas a aquisição do sistema pronominal.. Os resultados foram surpreendentes. Os pronomes EU e TU na ASL são identificados através da indicação propriamente dita, a si mesmo e ao outro, respectivamente. Parece óbvio que uma criança aprendesse essa regra rapidamente e a usasse sem cometer erros. Mas o que acontece é, na verdade, diferente.

Assim como na aquisição do Inglês por crianças ouvintes, a aquisição na ASL desses pronomes apresenta as mesmas características conforme mencionam os estudos de Petitto (1986, 1987). Petitto (1986) observou que nesse período ocorrem 'erros' de reversão pronominal, assim como ocorrem com crianças ouvintes. As crianças usam a apontação direcionada ao receptor para referirem-se a si mesmas. A princípio, causa uma certa surpresa constatar esse tipo de erro nas crianças surdas devido à **aparente** transparência entre a forma de apontação e o seu significado. Esse tipo de erro e a evitação do uso dos pronomes são fenômenos diretamente relacionados com o processo de aquisição da linguagem.

Petitto descarta a hipótese de mudança de perspectiva, pois, no caso das línguas de sinais, se essa hipótese fosse verdadeira, as crianças deveriam apresentar erros na perspectiva de todos os sinais. Para Petitto, a criança usa o sinal 'YOU' como um item **congelado**, não dêitico, não recíproco e que refere somente a ela.

Petitto (1987) concluiu que, apesar da aparente relação entre forma e significado da apontação, a compreensão dos pronomes não é óbvia para a criança dentro do

sistema lingüístico da ASL. A aparente transparência da apontação é anulada diante das múltiplas funções lingüísticas que apresenta. Se as crianças não entenderem a relação indicativa entre a forma apontada e o seu referente, a plurificação da apontação pode tornar-se uma dificuldade na aquisição dos mecanismos gramaticais.

Esse estudo nos revela evidências da descontinuidade da transição dos fatores pré-lingüísticos aos lingüísticos. Petitto afirma que aspectos da estrutura lingüística e da sua aquisição, parecem envolver conhecimentos específicos da linguagem. Ela conclui que, apesar da relação entre a forma e o símbolo, a apontação e seu significado, a compreensão das funções da apontação dos pronomes não é óbvia para a criança dentro do sistema lingüístico da ASL. A idéia de que a gesticulação pode funcionar lingüisticamente é tão forte, que anula a transparência indicativa da apontação.

As semelhanças na aquisição do sistema pronominal entre crianças ouvintes e surdas, sugerem um processo universal de aquisição de pronomes, apesar da diferença radical na modalidade.

Hoffmeister (1978) observou que a apontação envolve o sistema pronominal, o sistema dos determinadores e modificadores, o sistema de pluralização e a modulação do sistema verbal. No estágio das primeiras combinações, Hoffmeister observou que os objetos são nomeados e referidos somente em situações do contexto imediato.

Na LIBRAS, Quadros (1995) observou algumas combinações de sinais, normalmente envolvendo dois a três sinais . F omitiu o sujeito de referentes presentes somente quando esse era óbvio (presente no contexto do discurso), mas normalmente pronunciou o sujeito. Não foi observada a omissão do objeto nesse período. Certamente a razão de terem aparecido sujeitos, mas não objetos nulos, está relacionada ao uso sintático do espaço que ainda não é observado, nesse período, de forma consistente. Deve-se ressaltar que F não estabeleceu a terceira pessoa em (1b) em um ponto do espaço. Tal referência foi interpretada como terceira pessoa mediante o contexto e não mediante a utilização de recursos sintáticos. Nos dois casos o verbo não foi flexionado; portanto, pode-se sugerir que F usa apenas formas **congeladas**, pois IR é um verbo com concordância na LIBRAS e F usou-o sem flexioná-lo.

(1) F (2:4)

a. AULA $_{i}$IR.
'(Eu) vou à aula'.

b. TRÊS $_{k}$BRINCAR AQUI.
'(Eles) três brincam aqui'.

Exemplos como os ilustrados em (2) mostram que F já usa o sistema pronominal com referentes presentes de forma adequada.

(2)
a. EU $_{i}$SAIR. TCHAU!
'Eu estou saindo. Tchau!'

b. ELEk OLHAR ELE$_{k}$'.
'Elei olhou para elej'.

4. Estágio de Múltiplas Combinações

Em torno dos 2 anos e meio a 3 anos, as crianças surdas apresentam a chamada **explosão do vocabulário**. Lillo-Martin (1986) cita que nesse período começam a ocorrer distinções derivacionais (por exemplo, a diferenciação entre CADEIRA e SENTAR). As crianças começam a usar formas idiossincráticas para diferenciar nomes e verbos. O domínio completo dos recursos morfológicos da língua é totalmente adquirido por volta dos 5 anos.

Segundo Bellugi & Klima (1989), a criança surda ainda não usa os pronomes identificados espacialmente para referir-se às pessoas e aos objetos que não estejam fisicamente presentes. Ela usa substantivos não associados com pontos no espaço. Mesmo quando a criança apresenta algumas tentativas de identificação de pontos no espaço, ela apresenta falhas de correspondência entre a pessoa e o ponto espacial. Com referentes presentes no discurso já há o uso consistente do sistema pronominal e inclusive indicações espaciais (indicações ostensivas).

Dos 3 anos em diante, as crianças começam a usar o sistema pronominal com referentes não presentes no contexto do discurso, mas ainda apresentam erros. Algumas crianças **empilham** os referentes não presentes em um único ponto do espaço. Petitto & Bellugi (1988) observaram que, de 3 anos a 3 anos e meio, as crianças usam a concordância verbal com referentes presentes. Entretanto, elas flexionam alguns verbos cuja flexão não é aceita nas línguas de sinais. Bellugi & Klima (1990) identificam essa flexão generalizada dos verbos nesse período como **supergeneralizações**, considerando esse fenômeno análogo a generalizações verbais como 'fazi', 'gosti' e ‘sabo’ nas línguas orais. Meier (1980) detectou esse uso supergeneralizado observando que, nesse período, as crianças usam os verbos como pertencentes a uma única classe verbal na ASL, a classe dos verbos com concordância, chamada por ele de verbos direcionais (figura 19).

A figura 1 ilustra três supergeneralizações feitas pela criança. A primeira, com o verbo SPELL, a segunda, com o verbo LIKE e a última, com o verbo LIKE; em todos os exemplos foi ilustrada a forma usada pela criança e a forma usada pela mãe. Esses três verbos pertencem à classe dos não flexionados na ASL. A criança direcionou os verbos incorporando o objeto das sentenças.

Segundo Bellugi, Lillo-Martin, O'Grady & vanHoek (1990), por volta dos 4 anos a concordância verbal ainda não é utilizada corretamente. Quando as crianças deixam de empilhar os referentes em um único ponto, elas estabelecem mais de um ponto no espaço mas de forma inconsistente, pois não estabelecem associações entre o local e a referência, dificultando a concordância verbal. É entre 5 e 6 anos que as crianças utilizam os verbos flexionados de forma adequada.

FIGURA 1: Supergeneralizações na ASL

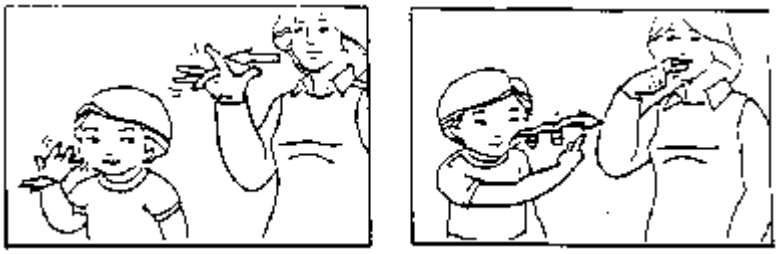

*SPELL[X:'to me']/SPELL *SAY[X: 'to you']/SAY

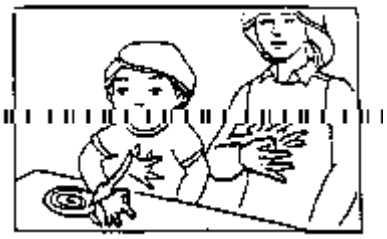

*LIKE[X: 'to it']/LIKE
(Bellugi, vanHoek, Lillo-Martin & O'Grady, 1990:139)

Observe que nos dois exemplos a criança está flexionando os verbos que não apresentam essa possibilidade na *ASL*, sendo indicada a agramaticalidade através do asterisco. As formas usadas pela mãe são consideradas gramaticais. Exemplos como esses podem ser observados na aquisição da LIBRAS.

Loew (1980) analisou o desenvolvimento da referência em crianças surdas filhas de pais surdos entre 3:1 a 4:6 de idade. A autora apresenta uma síntese da qual foram selecionados os itens sobre indexação (uso pronominal da apontação e a concordância verbal) e a estruturação espacial (envolve o estabelecimento de *loc*) que são apresentados no quadro 1.

Lillo-Martin (1986) discute alguns efeitos da modalidade espacial no processo de aquisição. Questiona-se a iconicidade das línguas de sinais. De fato, alguns sinais e processos na ASL têm motivação icônica, apresentando alguma relação entre forma e significado, entre o referente e o referenciado. Lillo-Martin, ao considerar essa discussão, analisa a seguinte questão: a modalidade de alguma forma facilita a aquisição da linguagem? Os estudos indicam que, apesar de haver uma **aparente** iconicidade nas línguas de sinais, a aquisição do sistema pronominal e a concordância verbal são considerados de aquisição tardia, o que é ilustrado pelos estudos mencionados até o presente momento. Lillo-Martin cita a conclusão de Meier (1981), o qual diz que a modalidade não facilita a aquisição do sistema da concordância verbal. Assim, considerando o input natural que as crianças surdas analisadas nessas pesquisas apresentam, a aquisição da ASL parece seguir um curso lingüisticamente similar ao desenvolvimento das línguas orais.

QUADRO I: Aquisição da indexação e da estruturação espacial na ASL

PERÍODOS	I (3:1-3:4)	II (3:6-3:11)	III (4:0-4:4)	IV (4:6-4:9)
Indexação	- infreqüente; uso incorreto das formas de citação; não há evidências de identidade dos *loc*. Uso da concordância verbal com referentes presentes.	- pouca consistência no uso da indexação; às vezes um *loc* é usado para referência de um único referente durante o discurso.	- uso de múltiplos *loc*; há o uso da concordância verbal, mas evidenciam-se inconsistências com os *loc* estabelecidos.	- uso normalmente freqüente e consistente. Os *loc* apresentam identidade, embora ainda ocorram confusões ao usá-los.
Estruturação espacial	- estabelecimento de locais não é claro; não há evidências de organização espacial; a indexação não é usada com *loc*.	- estabelecimento ocasional de locais; não há evidências de organização espacial. Os *loc* são estabelecidos para contrastar, mas não	- estabelecimento de locais mais freqüentes, mas ainda com função contrastiva.	- estabelecimento freqüente de locais; uso do *loc* de forma mais consistente com a indexação.

		para identificar o referente.		

Na LIBRAS, Quadros (1995) observou que por volta dos 3 anos e meio ocorre o uso de concordância verbal com referentes presentes assim como ilustrado em (3). Com referentes não presentes, houve algumas ocorrências mas de forma inconsistente, pois o estabelecimento e a identidade do *loc* não foram identificados de forma substancial, conforme é observado nos exemplos em (4).

(3) L (3:03)

a. $_{k}$PEGAR$_{k}$,.
'(Ele*i*) pegou (ele*j*)'.

b. $_{i}$CONSERTAR$_{k}$, $_{k}$QUEBRAR.
'(Eu) estou consertando (ele*i*), (ele*i*) quebrou'.

c. $_{k}$TOMAR-BANHO $_{k}$FICAR.
'(Ele*k*) continua tomando banho'.

(4) L (3:03)

a. CARRO $_{k}$IR$_{k}$, CASA$_{k}$,.
'(Ele*k*) foi de carro para casa'.

M (3:05)

b. $_{k}$DAR$_{i}$, PAPAI$_{k}$ $_{k}$DAR$_{i}$.
'(Ele*k*) deu (para mim), o papai (ele*k*) deu (para mim)'.

Em (3) os *loc*^{k} e *loc*$^{k'}$ foram estabelecidos em locais reais, isto é, o local em que estavam os referentes no contexto do discurso foi usado para indicar os referentes sem utilizar a indicação ostensiva. Dessa forma, observou-se que o uso da concordância verbal está presente, omitindo-se o sujeito e/ou objeto da sentença. Em (3a) tanto o sujeito como o objeto são nulos.

Em (4a), o sujeito nulo não é identificado. Nesse tipo de exemplo, a identidade pode ser recuperada contextualmente. Talvez L estivessse se referindo a sua professora, mas não se pode afirmar isso, pois o *loc* não foi previamente estabelecido, confundindo a identificação do referente. Em (b) a identidade do *loc* como ‘papai’ fica óbvia somente porque M a pronunciou após sua ocorrência; e a identidade do *loc* de primeira pessoa é adequadamente identificada, pois envolve o local real de M, a primeira pessoa do discurso, um referente presente. Os exemplos ilustrados em (3) e (4) foram coletados em conversas espontâneas das crianças.

Por volta dos 5 anos e meio a 6 anos e meio, a concordância verbal é usada de forma consistente pelas crianças adquirindo a LIBRAS. O uso de sujeitos e objetos nulos torna-se comum nesse período. Também observam-se alguns exemplos com verbos da classe dos verbos com concordância com sujeitos pronunciados. Isso foi observado quando as crianças queriam tornar mais clara a identificação da identidade do *loc*, assim como ocorre na linguagem adulta. Foram selecionados alguns exemplos em (5) que ilustram o pronome pronunciado e a sua omissão durante o discurso.

(5) G (5:11)

a. EU$_i$ ANDAR-EM-DIREÇÃO-AO-CARRO-E-O-CARRO-NA-MINHA-DIREÇÃO. $_i$BATER$_k$ CARRO$_k$ QUASE. Eu$_i$ PARAR, $_i$TRAVAR QUASE $_i$BATER$_k$.

'Eu ande*i* em direção ao carro e o carro na minha direção. (Eu) quase bati no carro. Eu parei,
(eu) travei, (eu) quase bati (nele)'.

b. ELE$_k$, $_k$,PESCAR$_k$,, PEIXE$_k$,,. $_k$,PESCAR$_k$,, MAIS DOIS. $_k$,PESCAR$_k$,, MUITOS.

'Ele*i* pescou um peixe. (Ele*i*) pescou mais dois (deles*j*). (Ele*i*) pescou muitos (deles*j*)'.

Em (5a) a sentença foi retirada de uma conversa espontânea em que era relatado um fato já ocorrido. Observou-se o estabelecimento do *loc* abstrato para 'carro', pois 'carro' é um referente não presente no discurso. O exemplo (5b) foi retirado de um relato de uma das histórias. A criança recontava a história sem o auxílio do livro para referir-se utilizando as figuras como referentes presentes; assim, foram estabelecidos *loc* para ‘o menino’ e para ‘os peixes’, k’ e k”, respectivamente. A criança introduziu esses *loc* primeiro com os nominais e depois utilizou os *loc* k’ e k” na concordância verbal. Nesse exemplo o uso do recurso de omitir sujeitos e objetos foi empregado de forma consistente e adequada.

No relato de histórias, usualmente as crianças usam as figuras como locais reais dos referentes; isso também é observado nas narrações dos adultos, conforme mencionado anteriormente.

O estabelecimento de *loc* com referentes não presentes no relato das histórias só foi observado no último período. Foi solicitado a G que recontasse a história sem olhar o livro. Observou-se que houve o estabelecimento abstrato de *loc* de forma bastante consistente. Em (6a) apresenta-se uma sentença em que G utilizou os *loc* com os referentes presentes. Em (6b) há uma sentença em que G utiliza *loc* estabelecidos com referentes ausentes do contexto do discurso. As duas sentenças produzidas referem-se à mesma história.

(6) G (5:11)

a. RATO$_k$ PEQUENO $_k$PEGAR$_k$,. ELA BRABA $_k$PEGAR$_{k,k}$,, . ELES$_{k,k}$,, MEDO.

'O rato*i* pequeno (ele*i*) pegou (ele*j*). Ela ficou braba pois (ele*i*) pegou (eles*jy*). Eles*jy*
têm medo'.

b. GATO$_k$, MEDO RATO$_k$. RATO$_k$ PEGAR$_k$,. RATO PEGAR DOIS GATO$_k$,,

CACHORRO$_k$,,. RATO PEGAR$_{k,k}$,,. $_{k,k}$,,FUGIR. MENINA OLHAR$_{k,k}$,,

SURPRESA RATO PEQUENO.

'O gato tem medo do rato. O rato pega (ele*j’*). O rato pega os dois: o gato e o cachorro. O
rato pega (eles*jy*). Eles fogem. A menina olha (para eles*jy*) e fica surpresa porque o rato é pequeno'.

Observa-se em (6) que, quando se trata de referentes ausentes do discurso, há uma necessidade bem maior de definir claramente esses referentes no espaço para que não haja problemas na identificação dos *loc*. Essa necessidade é devidamente

observada por G. G introduziu os *loc* de forma adequada, não deixando dúvidas na identificação dos *loc*, e omitiu os sujeitos e objetos quando esses podiam ser adequadamente recuperados pelo receptor.

5. Algumas Conclusões

Bellugi & Petitto (1988) ao analisar as descobertas na aquisição da linguagem, concluíram que o conhecimento do uso lingüístico do espaço em ASL que uma criança deve ter, necessariamente, inclui a informação quanto as diferenças generalizadas do local de sinalização; o estabelecimento explícito dos nominais em pontos espaciais diferentes; a identificação do local espacial de forma consciente; e, a utilização do local espacial em frases e no discurso de maneira contrastante. As crianças parecem adquirir esse conhecimento por volta dos sete anos, quando atingem a maturidade sobre o sistema referencial da sintaxe.

Elas finalizam a análise afirmando que os dados sugerem que a criança surda de nascença, com acesso a uma língua espaço-visual proporcionada por pais surdos, desenvolverá uma linguagem sem qualquer deficiência . Além disso, os dados apresentados sugerem que os fundamentos da linguagem não estão baseados na forma do sinal, mas sim, na função lingüística que a serve.

Todos os estudos mencionados sobre a aquisição da língua de sinais por crianças surdas concluíram que esse processo ocorre em período análogo à aquisição de crianças ouvintes.

Bellugi et alli (1990) apresentam algumas pesquisas que contribuem para educação de surdos e para compreensão do desenvolvimento da linguagem. Um deles foi feito com crianças surdas filhas de pais ouvintes, cujo o único meio de comunicação disponível era o Inglês Sinalizado (sistema artificial que usa sinais da ASL na ordem do Inglês, sistema equivalente ao Português Sinalizado no Brasil). Esse estudo investigou o uso do espaço pela criança. Foi verificado que as crianças, individualmente, transformavam os conhecimentos que tinham do Inglês Sinalizado quando elas sinalizavam entre si mesmas, tornando essa sinalização mais especializada. Essa descoberta indica que a modalidade da língua apresenta efeitos na forma da língua. Outro estudo realizado com surdos adultos que adquiriram a língua de sinais em diferentes fases da vida, uns filhos de pais ouvintes, outros filhos de pais surdos apresentou resultados que sugerem que, realmente existe um período adequado para o aprendizado da língua. Ou seja, a aquisição da linguagem é muito melhor quando realizada o mais precocemente possível.

Considerando o estudo de Quadros (1995) com crianças surdas filhas de pais surdos sinalizadores da LIBRAS, pode-se sugerir que os dados analisados na ASL em relação a sintaxe espacial apresentam uma analogia com os dados analisados na LIBRAS. Diante disso, sugere-se que o processo de aquisição desses aspectos observados envolva aspectos universais.

Vale mencionar o trabalho apresentado por Rodrigues (1993). O autor apresenta uma reflexão sobre a língua de sinais e sua aquisição por crianças surdas. Ele faz sua análise de um ponto de vista biológico e chega as seguintes conclusões:

a) se a língua de sinais é organizada no cérebro da mesma forma que as línguas orais (conforme vem sendo demonstrado através de pesquisas), então as línguas de sinais são línguas naturais;

b) se as línguas de sinais são línguas naturais, então seu aprendizado tem período crítico (período ideal para a aquisição da linguagem, após esse período a aquisição é deficiente e, dependendo do caso, impossível);

c) se as línguas de sinais têm período crítico, então as crianças surdas estão iniciando tarde o seu aprendizado; e

d) se a natureza compensa parcialmente a falta de audição, aumentando a capacidade visual dos surdos (conforme pesquisas realizadas há uma competição entre os estímulos acústicos e visuais), então está sendo ignorada a maior habilidade dos surdos quando lhes é imposta uma língua oral, ao invés da língua de sinais.

Introdução à Gramática da LIBRAS

TANYA A. FELIPE
Professora Titular da UPE
Coordenadora do grupo de pesquisa da FENEIS

1. O Universal nas Línguas

Pesquisas sobre as línguas de sinais vêm mostrando que estas línguas são comparáveis em complexidade e expressividade a quaisquer línguas orais. Estas línguas expressam idéias sutis, complexas e abstratas. Os seus usuários podem discutir filosofia, literatura ou política, além de esportes, trabalho, moda e utilizá-la com função estética para fazer poesias, estórias, teatro e humor.

Como toda língua, as línguas de sinais aumentam seus vocabulários com novos sinais introduzidos pelas comunidades surdas em resposta à mudanças culturais e tecnológicas.

As línguas de sinais não são universal, cada língua de sinais tem sua própria estrutura gramatical Assim, como as pessoas ouvintes em países diferentes falam diferentes línguas, também as pessoas surdas por toda parte do mundo, que estão inseridos em “Culturas Surdas”, possuem suas próprias línguas, existindo portanto muitas línguas de sinais diferentes, como: Língua de Sinais Francesa, Chilena, Portuguesa, Americana, Argentina, Venezuelana, Peruana, Portuguesa, Inglesa, Italiana, Japonesa, Chinesa, Uruguaia, Russa, Urubus-Kaapor, citando apenas algumas. Estas línguas são diferentes uma das outras e independem das línguas orais-auditivas utilizadas nesses e em outros países, por exemplo: o Brasil e Portugal possuem a mesma língua oficial, o português, mas as línguas de sinais destes países são diferentes, o mesmo acontece com os Estados Unidos e a Inglaterra, entre outros. Também pode acontecer que uma mesma língua de sinais seja utilizada por dois países, como é o caso da língua de sinais americana que é usada pelos surdos dos Estados Unidos e do Canadá.

Embora, surdos de países com línguas de sinais diferentes comunicam-se mais rapidamente uns com os outros, fato que não ocorre entre falantes de línguas orais, que necessitam de um tempo bem maior para um entendimento. Isso se deve à capacidade que as pessoas surdas têm em desenvolver e aproveitar gestos e pantomimas para a comunicação e estarem atentos as expressões faciais e corporais das pessoas.
A Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) é a língua de sinais utilizada pelos surdos que vivem em cidades do Brasil onde existem comunidades surdas, mas além dela, há registros de uma outra língua de sinais que é utilizada pelos índios Urubus-Kaapor na Floresta Amazônica.

A LIBRAS, como toda língua de sinais, é uma língua de modalidade gestual-visual porque utiliza, como canal ou meio de comunicação, movimentos gestuais e expressões faciais que são percebidos pela visão; portanto, diferencia da Língua Portuguesa, que é uma língua de modalidade oral-auditiva por utilizar, como canal ou meio de comunicação, sons articulados que são percebidos pelos ouvidos. Mas as diferenças não estão somente na utilização de canais diferentes, estão também nas estruturas gramaticais de cada língua.
Embora com as diferenças peculiares a cada língua, todas as línguas possuem algumas semelhanças que a identificam como língua e não linguagem como, por

exemplo, a linguagem das abelhas, dos golfinhos, dos macacos, enfim, a comunicação dos animais.

Uma semelhança entre as línguas é que todas são estruturadas a partir de unidades mínimas que formam unidades mais complexas, ou seja, todas possuem os seguintes níveis lingüísticos: o fonológico, o morfológico, o sintático, o semântico e o pragmático.

No nível fonológico, as línguas são formadas de fonemas. Os fonemas só têm valor contrastivo, não têm significado mas, a partir das regras de cada língua, se combinam para formar os morfemas e estes as palavras.

Na língua portuguesa, os fonemas l m l l n l l s l l a l l e l l i l podem se combinar e formar a palavra l meninas l.

No nível morfológico, esta palavra é formada pelos morfemas {menin-} {-a} {-s}. Diferentemente dos fonemas, cada um destes morfemas tem um significado: {menin-} é o radical desta palavra e significa “criança”, o morfema {-a} significa “gênero feminino” e o morfema {-s} significa “plural”.

No nível sintático, esta palavra pode se combinar com outras para formar a frase, que precisa ter um sentido em coerência com o significado das palavras em um contexto, o que corresponde aos níveis semântico (significado) e pragmático (sentido no contexto: onde está sendo usada) respectivamente.
Outra semelhança entre as línguas é que os usuários de qualquer língua podem expressar seus pensamentos diferentemente por isso uma pessoa que fala uma determinada língua a utiliza de acordo com o contexto: o modo de se falar com um amigo não é igual ao de se falar com uma pessoa estranha. Isso é o que se chama de registro. Quando se aprende uma língua está aprendendo também a utilizá-la a partir do contexto.
Outra semelhança também é que todas as línguas possuem diferenças quanto ao seu uso em relação à região, ao grupo social, à faixa etária e ao sexo. O ensino oficial de uma língua sempre trabalha com a norma culta, a norma padrão, que é utilizada na forma escrita e falada e sempre toma alguma região e um grupo social como padrão.

Ao se atribuir às línguas de sinais o status de língua é porque elas, embora sendo de modalidade diferente, possuem também estas características em relação às diferenças regionais, sócio-culturais, entre outras, e em relação às suas estruturas que também são compostas pelos níveis descritos acima.

---

2. O Sinal e seus Parâmetros

O que é denominado de palavra ou item lexical nas línguas orais-auditivas, são denominados sinais nas línguas de sinais.

O sinal é formado a partir da combinação do movimento das mãos com um determinado formato em um determinado lugar, podendo este lugar ser uma parte do corpo ou um espaço em frente ao corpo. Estas articulações das mãos, que podem ser comparadas aos fonemas e às vezes aos morfemas, são chamadas de parâmetros, portanto, nas línguas de sinais podem ser encontrados os seguintes parâmetros:

1. configuração das mãos: são formas das mãos, que podem ser da datilologia (alfabeto manual) ou outras formas feitas pela mão predominante (mão direita para os

destros), ou pelas duas mãos do emissor ou sinalizador. Os sinais APRENDER, LARANJA e ADORAR têm a mesma configuração de mão;

2. ponto de articulação: é o lugar onde incide a mão predominante configurada, podendo esta tocar alguma parte do corpo ou estar em um espaço neutro vertical (do meio do corpo até à cabeça) e horizontal (à frente do emissor). Os sinais TRABALHAR, BRINCAR, CONSERTAR são feitos no espaço neutro e os sinais ESQUECER, APRENDER e PENSAR são feitos na testa;

3. movimento: os sinais podem ter um movimento ou não. Os sinais citados acima tem movimento, com exceção de PENSAR que, como os sinais AJOELHAR, EM-PÉ, não tem movimento;

4. orientação: os sinais podem ter uma direção e a inversão desta pode significar idéia de oposição, contrário ou concordância número-pessoal, como os sinais QUERER E QUERER-NÃO; IR e VIR;

5. Expressão facial e/ou corporal: muitos sinais, além dos quatro parâmetros mencionados acima, em sua configuração tem como traço diferenciador também a expressão facial e/ou corporal, como os sinais ALEGRE e TRISTE. Há sinais feitos somente com a bochecha como LADRÃO, ATO-SEXUAL.

Na combinação destes quatro parâmetros, ou cinco, tem-se o sinal. Falar com as mãos é, portanto, combinar estes elementos que formam as palavras e estas formam as frases em um contexto.

Para conversar, em qualquer língua, não basta conhecer as palavras, é preciso aprender as regras de combinação destas palavras em frases.

---

3. Sistema de Transcrição para a LIBRAS

As línguas de sinais tem características próprias e por isso vem sendo utilizado mais o vídeo para sua reprodução à distância. Existem sistemas de convenções para escrevê-las, mas como geralmente eles exigem um período de estudo para serem aprendidos, neste livro, estamos utilizando um "**Sistema de notação em palavras**".

Este sistema, que vem sendo adotado por pesquisadores de línguas de sinais em outros países e aqui no Brasil, tem este nome porque as palavras de uma língua oral-auditiva são utilizadas para representar aproximadamente os sinais.

Assim, a LIBRAS será representada a partir das seguintes convenções:

1. Os sinais da LIBRAS, para efeito de simplificação, serão representados por itens lexicais da Língua Portuguesa (LP) em letras maiúsculas. Exemplos: CASA, ESTUDAR, CRIANÇA, etc;

2. um sinal, que é traduzido por duas ou mais palavras em língua portuguesa, será representado pelas palavras correspondentes separadas por hífen. Exemplos: CORTAR-COM-FACA, QUERER-NÃO "não querer", MEIO-DIA, AINDA-NÃO, etc;

3. um sinal composto, formado por dois ou mais sinais, que será representado por duas ou mais palavras, mas com a idéia de uma única coisa, serão separados pelo símbolo ^ . Exemplos: CAVALO^LISTRA "zebra";

4. a datilologia (alfabeto manual), que é usada para expressar nome de pessoas, de localidades e outras palavras que não possuem um sinal, está representada pela palavra separada, letra por letra por hífen. Exemplos:

J-O-Ã-O, A-N-E-S-T-E-S-I-A;

5. o sinal soletrado, ou seja, uma palavra da língua portuguesa que, por empréstimo , passou a pertencer à LIBRAS por ser expressa pelo alfabeto manual com uma incorporação de movimento próprio desta língua, está sendo representado pela datilologia do sinal em itálico. Exemplos: *R-S* "reais", *A-C-H-O, QUM* "quem", *N-U-N-C-A*, etc;

6. na LIBRAS não há desinências para gêneros (masculino e feminino) e número (plural), o sinal, representado por palavra da língua portuguesa que possui estas marcas, está terminado com o símbolo @ para reforçar a idéia de ausência e não haver confusão. Exemplos: AMIG@ "amiga(s) e amigo(s)" , FRI@ "fria(s) e frio(s)", MUIT@ "muita(s) e muito(s)", TOD@, "toda(s) e todo(s)", EL@ "ela(s), ele(s)", ME@ "minha(s) e meu(s)" etc;

7. Os traços não-manuais: expressões facial e corporal, que são feitos simultaneamente com um sinal, estão representados acima do sinal ao qual está acrescentando alguma idéia, que pode ser em relação ao:

a) tipo de frase ou advérbio de modo: interrogativa ou ... i ... negativa ou ... neg ... etc

Para simplificação, serão utilizados, para a representação de frases nas formas exclamativas e interrogativas, os sinais de pontuação utilizados na escrita das línguas orais-auditivas, ou seja: !, ? e ?!

b) advérbio de modo ou um intensificador: muito rapidamente exp.f "espantado" etc;

interrogativa exclamativo muito

Exemplos: NOME ADMIRAR LONGE

8. os verbos que possuem concordância de gênero (pessoa, coisa, animal), através de classificadores, estão representados tipo de classificador em subescrito. Exemplos: $_{pessoa}$ANDAR, $_{veículo}$ANDAR, $_{coisa\text{-}arredondada}$COLOCAR, etc;

9. os verbos que possuem concordância de lugar ou número-pessoal, através do movimento direcionado, estão representados pela palavra correspondente com uma letra em subscrito que indicará:

a) a variável para o lugar: i = ponto próximo à 1a pessoa,
j = ponto próximo à 2a pessoa,
e k' = pontos próximos à 3a pessoas,
e = esquerda,
d = direita;

b) as pessoas gramaticais: $_{1s,\ 2s,\ 3s}$ = 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular;
$_{1d,\ 2d,\ 3d}$ = 1ª, 2ª e 3ª pessoas do dual;
$_{1p,\ 2p,\ 3p}$ = 1ª, 2ª e 3ª pessoas do plural;

Exemplos: $_{1s}$ DAR$_{2S}$ "eu dou para "você",

$_{2s}$PERGUNTAR$_{3P}$ "você pergunta para eles/elas",

$_{k}$dANDAR$_{k,e}$ "andar da direita (d) para à esquerda (e).

10. Às vezes há uma marca de plural pela repetição do sinal. Esta marca será representada por uma cruz no lado direto acima do sinal que está sendo repetido:

Exemplo: GAROTA +

11. quando um sinal, que geralmente é feito somente com uma das mãos, ou dois sinais estão sendo feitos pelas duas mãos simultaneamente, serão representados um abaixo do outro com indicação das mãos: direita (md) e esquerda (me).

Exemplos: IGUAL (md) $_{PESSO@\text{-}MUIT@}$ANDAR (me)
` IGUAL (me) $_{PESSOA}$EM-PÉ (md)

Estas convenções vem sendo utilizadas para poder representar, linearmente, uma língua espaço-visual, que é tridimensional. Felipe (1988, 1991,1993,1994,1995,1996)

Os Processos de Formação de Palavras na LIBRAS

Os livros sobre as gramáticas das línguas geralmente trazem uma parte sobre os processos de formação de palavras.

Na LIBRAS, os sinais são formados a partir da: configuração de mãos, movimento, orientação e ponto de articulação, estes parâmetros já foram mencionados na Introdução deste livro.

Estes quatro parâmetros podem ser comparados a “pedacinhos” de um sinal porque às vezes eles têm significados e, através de alterações em suas combinações, eles formam os sinais. Portanto:

a) **a configuração de mãos**, pode ser um marcador de gênero (animado: pessoa e animais / inanimado: coisas). Exemplo:

PESSOA CL:G_k CARRO CL5$_k$, $_{k'VEÍCULO}$COLIDIR$_k$
“O carro bateu em uma pessoa”;

b) **o ponto de articulação** pode ser uma marca de concordância verbal com o advérbio de lugar. Exemplo:

MESA$_i$ COPO $_{objeto\text{-}arredondado}$-COLOCARi
“eu coloco o copo na mesa”;

c) o movimento pode ser uma raiz. Exemplos:

IR, VIR, BRINCAR.

A alteração na freqüência do movimento, pode ser uma marca de aspecto temporal: TRABALHAR-CONTINUAMENTE; de modo: FALAR-DEMASIADAMENTE, ou um intensificador: TRABALHAR-MUITO;

d) a orientação pode ser uma concordância número-pessoal. Exemplos:

$_{1s}$PERGUNTAR$_{2s}$ “eu pergunto a você”
$_{2s}$PERGUNTAR$_{1s}$ “você me pergunta”;
ou um advérbio de tempo. Exemplos: ANO e ANO-PASSADO.

Fazendo uma paralelo destes parâmetros que, às vezes, como foi mostrado, podem ter um significado, com alguns fonemas da língua portuguesa, que podem também ter um significado, teremos:

(1) os artigos definidos: a e o. Exemplos: a menina, o menino;

(2) , as desinências de gênero e plural. Exemplos: menina, casas.

Na LIBRAS, portanto, os processos de formação de palavras podem ocorrem através de:

1. **Modificações por adição à raiz**: uma raiz pode ser modificada através da adição de afixos. Por exemplo, a incorporação da negação é um processo de modificação por adição à raiz porque,

- como **sufixo**, ela se incorpora em alguns verbo: a raiz, que possui um determinado movimento em um primeiro momento, finaliza-se com um movimento contrário, que caracteriza a negação incorporada; como nos verbos: QUERER / QUERER-NÃO; GOSTAR / GOSTAR-NÃO;

- como **infixo**, ela se incorpora simultaneamente `a raiz através do movimento ou expressão corporal: TER / TER-NÃO; PODER / PODER-NÃO.

A negação, além de poder ocorrer através destes processos morfológicos, pode também ocorrer sintaticamente porque, através dos advérbios 'NÃO' E 'NADA', pode-se construir uma frase negativa, como no exemplo: EU INGLÊS SABER NÃO, ENTENDER NADA

"eu não sei inglês, não entendo nada".

Há, ainda, a incorporação do intensificador: "muito" ou de advérbios de modo, que alteram, também, o movimento da raiz.

2. **Modificação interna da raiz**: uma raiz pode ser modificada por três tipos de acréscimo:

a) o da **flexão** que, através da direcionalidade, marca as pessoas do discurso, fazendo com que a raiz se inverta ou até adquira uma forma em arco ;

b) o acréscimo do **aspecto verbal** que, através de mudanças na freqüência do movimento da raiz marcam os aspectos durativo, contínuo, etc;

c) o acréscimo de um **marcador de concordância de gênero** que, através de configurações de mãos (classificadores), especifica a coisa: objeto plano vertical/horizontal, redondo, etc

3. **Processos de derivação Zero**: na LIBRAS, como a língua inglesa, há muitos verbos denominais ou substantivos verbais que são invariáveis e somente no contexto pode-se perceber se estão sendo utilizados com a função de verbos ou de nome. Exemplos: AVIÃO / IR-DE-AVIÃO; CADEIRA / SENTAR; FERRO / PASSAR-COM-FERRO; PORTA / ABRIR-PORTA; BRINCADEIRA / BRINCAR; TESOURA / CORTAR-COM-TESOURA; BICICLETA / ANDAR-DE-BICICLETA; CARRO / DIRIGIR-CARRO; VIDA / VIVER, etc.

Alguns destes pares, quando possuem uma marca de concordância com o objeto, apresentam uma estrutura O_iV_i , como o verbo CORTAR-COM-TESOURA; ou apresentam uma diferença em relação ao parâmetro movimento, como os verbos IR-DE-AVIÃO, que apresenta um movimento mais alongado, em relação ao substantivo AVIÃO, e PASSAR-COM-FERRO, que apresenta um movimento mais repetido e alongado, em oposição ao movimento repetido e retido para o nome FERRO.

4. **Processos de composição**: neste processo de formação de palavra duas ou mais raízes se combinam e dão origem a uma outra forma, um outro sinal. Exemplos: CAVALO^LISTRA-PELO-CORPO "zebra" ; MULHER^BEIJO-NA-MÃO "mãe" CASA^ESTUDAR "escola"; CASAR^SEPARAR "divorciar"; COMER^MEIO-DIA "almoço"; etc.

Pode-se concluir do exposto que, independentemente da modalidade de língua, as categorias gramaticais e os processos de formação de palavras de uma determinada língua apontarão para a sua classificação enquanto língua de um determinado tipo, a partir de seus processos mais produtivos.

---

5. As Categorias Gramaticais na LIBRAS

As categorias gramaticais ou parte do discurso são os paradigmas ou classes de palavras de uma língua. Todas língua possui palavras que são classificadas como fazendo parte de um tipo, classe ou paradigma em relação as seus aspectos morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos. Assim, na língua portuguesa, por exemplo, os substantivos são palavras que possuem desinência de gênero e número, são as palavras-chave de um sintagma nominal que pode ter a função de sujeito ou de objeto.

Embora todas as línguas não possuam as mesmas classes gramaticas e muitas línguas não possuem algumas, isso não implica carência ou inferioridade, as línguas tem formas diferenciadas para expressar os conceitos. Por exemplo, na LIBRAS não há artigos, em inglês somente este uma forma para para artigo definido: *"the"*.

As outras categorias, que existem na língua portuguesa, também existem na LIBRAS. Aqui serão apresentadas algumas e estudos mais aprofundados destas e de outras, que não serão mencionadas, já estão sendo feitos:

5.1. Verbo na LIBRAS

Basicamente na LIBRAS, há dois tipos de verbo:

a) verbos que não possuem marca de concordância, embora possam ter flexão para aspecto verbal;

b) verbos que possuem marca de concordância.

Quando se faz uma frase com verbos do primeiro grupo, é como se eles ficassem no infinitivo, por exemplo:

(1) EU TRABALHAR FENEIS "eu trabalho na FENEIS";
(2)EL@ TRABALHAR FENEIS "ele/a trabalha na FENEIS";
(3) EL@ TRABALHAR FENEIS "eles/as trabalham na FENEIS.

Os verbos do segundo grupo podem ser subdivididos em:

1. **Verbos que possuem concordância número-pessoal**: a orientação marca as pessoas do discurso. O ponto inicial concorda com o sujeito e o final com o objeto. Exemplos
:

(4) $_{1s}$PERGUNTAR$_{2s}$ "eu pergunto a você";
(5) $_{2s}$PERGUNTAR$_{1s}$ "você me pergunta"

2. **Verbos que possuem concordância de gênero**: são verbos classificadores porque a eles estão incorporados, através da configuração de mão, uma concordância de gênero: PESSOA, ANIMAL ou COISA. Exemplos:

(6) $_{pessoa}$ANDAR (configuração da mão em G);
(7) $_{veículo}$ANDAR/MOVER (configuração da mão em 5 ou B, palma para baixo)
(8) $_{animal}$ANDAR (configuração da mão em 5 ou 5, palma para baixo);

3. **Verbos que possuem concordância com a localização**: são verbos que começam ou terminam em um determinado lugar que se refere ao lugar de uma pessoa, coisa, animal ou veículo, que está sendo colocado, carregado, etc. Portanto o ponto de articulação marca a localização. Exemplos:

(9) COPO MESA$_k$ $_{\text{coisa arredondada}}$COLOCAR$_k$;
(10) CABEÇA$_k$ ATIRAR$_k$.

Estes tipos de concordância podem coexistir em um mesmo verbo. Assim, há verbos que possuem concordância de gênero e localização, como o verbo COLOCAR acima; e concordância número-pessoal e de gênero, como o verbo DAR. Concluindo, pode-se esquematizar o sistema de concordância verbal, na LIBRAS, da seguinte maneira:

1. concordância número-pessoal	=>	parâmetro orientação
2. concordância de gênero e número	=>	parâmetro configuração de mão
3. concordância de lugar	=>	parâmetro ponto de articulação

5.1.1. Classificador na LIBRAS

Nas línguas do mundo as classificações podem se manifestam de várias formas. Podem ser:

- uma desinência, como em português, que classifica os substantivos e os adjetivos em masculino e feminino: menina - menino;
- pode ser uma partícula que se coloca entre as palavras;
- e ainda pode ser uma desinência que se coloca no verbo para estabelecer concordância.

Ao se atribuir uma qualidade a uma coisa como, por exemplo: arredondada, quadrado, cheio de bolas, de listras, etc isso representa um tipo de classificação porque é uma adjetivação descritiva, mas isso não quer dizer que seja, necessariamente, um classificador como se vem trabalhando este conceito nos estudos lingüísticos.

Para os estudiosos deste assunto, um classificador é uma forma que existe em número restrito em uma língua e estabelece um tipo de concordância.

Na LIBRAS, os classificadores são configurações de mãos que, relacionadas à coisa, pessoa e animal, funcionam como marcadores de concordância.

Assim, na LIBRAS, os classificadores são formas que, substituindo o nome que as precedem, pode vir junto ao verbo para classificar o sujeito ou o objeto que está ligado à ação do verbo. Portanto os classificadores na LIBRAS são marcadores de concordância de gênero: PESSOA, ANIMAL, COISA.

Os classificadores para PESSOA e ANIMAL podem ter plural, que é marcado ao se representar duas pessoas ou animais simultaneamente com as duas mãos ou fazendo um movimento repetido em relação ao número.

Os classificadores para COISA representam, através da concordância, uma característica desta coisa que está sendo o objeto da ação verbal, exemplos:

(11) COPO MESA$_k$ $_{\text{coisa arredondada}}$COLOCARk;

(12) 2 CARRO $_{\text{veículo}}$ANDAR-UM-ATRÁS-DO-OUTRO (md)
$_{\text{veículo}}$ANDAR (me)

(13) M-A-R-I-A A-L-E-X $_{\text{pessoa}}$PASSAR-UM-PELO-OUTRO (md)
$_{\text{pessoa}}$PASSAR (me)

Não se deve confundir os classificadores, que são algumas configurações de mãos incorporadas ao movimento de certos tipos de verbos, com os adjetivos descritivos que, nas línguas de sinais, por estas serem espaço-visuais, representam iconicamente qualidades de objetos. Por exemplo, para dizer nestas línguas que "uma pessoa está vestindo uma blusa de bolinhas, quadriculada ou listrada", estas expressões adjetivas serão desenhadas no peito do emissor, mas esta descrição não é um classificador, e sim um adjetivo que, embora classifique, estabelece apenas uma relação de qualidade do objeto e não relação de concordância de gênero: PESSOA, ANIMAL, COISA, que é a característica dos classificadores na LIBRAS, como também em outras línguas orais e de sinais.

5.1.2. Advérbios de tempo

Na LIBRAS não há marca de tempo nas formas verbais, é como se os verbos ficassem na frase quase sempre no infinitivo. O tempo é marcado sintaticamente através de advérbios de tempo que indicam se a ação está ocorrendo no presente: HOJE, AGORA; ocorreu no passado: ONTEM, ANTEONTEM; ou irá ocorrer no futuro: AMANHÃ. Por isso os advérbios geralmente vem no começo da frase, mas podem ser usados também no final. Para um tempo verbal indefinido, usa-se os sinais:

- HOJE, que traz a idéia de "presente";
- PASSADO, que traz a idéia de "passado";
- FUTURO, que traz a idéia de futuro.

5.2. Adjetivo na LIBRAS

Os adjetivos são sinais que formam uma classe específica na LIBRAS e sempre estão na forma neutra, não havendo, portanto, nem marca para gênero (masculino e feminino), em para número (singular e plural).

Muitos adjetivos, por serem descritivos e classificadores, apresentam iconicamente uma qualidade do objeto, desenhando-a no ar ou mostrando-a a partir do objeto ou do corpo do emissor.

Em português, quando uma pessoa se refere a um objeto como sendo arredondado, quadrado, listrados, etc está, também, descrevendo e classificando, mas na LIBRAS esse processo é mais "transparente" porque o formato ou textura são traçados no espaço ou no corpo do emissor, em uma tridimensionalidade permitida pela modalidade da língua.

Em relação à colocação dos adjetivos na frase, eles geralmente vêm após o substantivo que qualifica. Exemplos:

(14) PASSADO EU GORD@ MUITO-COMER, AGORA EU MAGR@ EVITAR COMER

(15) LEÃ@ COR CORPO AMAREL@ PERIGOS@

(16) RAT@ PEQUEN@, COR PRET@, ESPERT@

5.2.1. Comparativo de igualdade, superioridade e inferioridade

Em LIBRAS, também, pode ser comparada uma qualidade a partir de três situações: superioridade, inferioridade e igualdade.

Para se fazer os comparativos de superioridade e inferioridade, usa-se os sinais MAIS ou MENOS antes do adjetivo comparado, seguido da conjunção comparativa DO-QUE, ou seja:

- comparativo de superioridade: X MAIS ------- DO-QUE Y;
- comparativo de inferioridade: X MENOS ---- DO-QUE Y.

Para o comparativo de igualdade, podem ser usados dois sinais: IGUAL (dedos indicadores e médios das duas mãos roçando um no outro) e IGUAL (duas mãos em B, viradas para frente encostadas lado a lado), geralmente no final da frase. Exemplos:

(17) VOCÊ MAIS VELH@ DO-QUE EL@

(18) VOCÊ MENOS VELH@ DO-QUE EL@

(19) VOCÊ-2 BONIT@ IGUAL (me)
IGUAL (md)

5.3. Pronome na LIBRAS

5.3.1. Pronomes pessoais

A LIBRAS possui um sistema pronominal para representar as pessoas do discurso:

- primeira pessoa (singular, dual, trial, quatrial e plural): EU; NÓS-2, NóS-3, NÓS-4, NÓS-GRUPO, NÓS-TOD@;
- segunda pessoa (singular, dual, trial, quatrial e plural): VOCÊ, VOCÊ-2, VOCÊ-3, VOCÊ-4, VOCÊ-GRUPO, VOCÊ-TOD@;
- terceira pessoa (singular, dual, trial, quatrial e plural): EL@, EL@-2, EL@-3, EL@-4, EL@-GRUPO, EL@-TOD@

No singular, o sinal para todas as pessoas é o mesmo, ou seja, a configuração da mão predominante é em “d” (dedo indicador estendido, veja alfabeto manual), o que difere uma das outras é a orientação da mão: o sinal para “eu” é um apontar para o peito do emissor (a pessoa que está falando), o sinal para “você” é um apontar para o receptor (a pessoa com quem se fala) e o sinal para “ele/ela” é um apontar para uma pessoa que não está na conversa ou para um lugar convencionado para uma terceira pessoa que está sendo mencionada.

No dual, a mão ficará com o formato de dois, no trial o formato será de três, no quatrial o formato será de quatro e no plural há dois sinais: um sinal composto formado pelo sinal para a respectiva pessoa do discurso, no singular, mais o sinal GRUPO; e outro sinal para plural que é feito pela mão predominante com a configuração em “d” fazendo um círculo.

Como na língua portuguesa, na LIBRAS, quando uma pessoa surda está conversando, ela pode omitir a primeira pessoa e a segunda porque, pelo contexto, as pessoas que estão interagindo sabem a qual das duas o verbo está relacionado, por isso, quando estas pessoas estão sendo utilizadas pode ser para dar ênfase à frase.

Quando se quer falar sobre uma terceira pessoa que está presente, mas deseja-se uma certa reserva, por educação, não se aponta para esta pessoa diretamente. Nesta situação, o emissor faz um sinal com os olhos e um leve movimento de cabeça para a direção da pessoa que está sendo mencionada, ou aponta para a palma da mão encontrando o dedo na mão um pouco à frente do peito do emissor, estando esta mão

voltada para a direção onde se encontra a pessoa referida.

5.3.2. Pronomes demonstrativos e advérbios de lugar

Na LIBRAS os pronomes demonstrativos e os advérbios de lugar têm o mesmo sinal, somente o contexto os diferencia pelo sentido da frase acompanhada de expressão facial.

Este tipo de pronome e de advérbio estão relacionados às pessoas do discurso e representam, na perspectiva do emissor, o que está bem próximo, perto e distante.

Estes pronomes ou advérbios têm a mesma configuração de mãos dos pronomes pessoais (mão em d), mas os pontos de articulação e as orientações do olhar são diferentes.

Assim, EST@ / AQUI é um apontar para o lugar perto e em frente do emissor, acompanhado de um olhar para este ponto; ESS@ / AÍ é um apontar para o lugar perto e em frente do receptor, acrescido de um olhar direcionado não para o receptor , mas para o ponto apontado perto segunda pessoa do discurso; e AQUELE / LÁ é um apontar para um lugar mais distante, o lugar da terceira pessoa, mas diferentemente do pronome pessoal, ao apontar para este ponto há um olhar direcionado:

PRONOMES PESSOAIS PRONOMES DEMONOSTRATIVOS E ADVÉRBIOS DE LUGAR

EU olhando para o receptor EST@ / AQUI olhando para o lugar apontado, perto do emissor (perspectiva do emissor)

VOCÊ olhando para o recptor ESS@ / AÍ olhando para o lugar apontado, perto da 2a. pessoa (perspectiva do emissor)

EL@ olhando para o receptor AQUEL@ / LÁ olhando para o lugar convencionado para 3a pessoa ou coisas afastadas

Como os pronomes pessoais, os pronomes demonstrativos também não possuem marca para gêneros masculino e feminino e, por isso, está ausência, ou neutralidade, está sendo assinalada pelo símbolo @.

5.3.3. Pronomes possessivos

Os pronomes possessivos, como os pessoais e demonstrativos, também não possuem marca para gênero e estão relacionados às pessoas do discurso e não à coisa possuída, como acontece em português:

- EU => ME@ SOBRINH@;
- VOCÊ => TE@ ESPOS@;
- EL@ => SE@.FILH@

Para a primeira pessoa: ME@, pode haver duas configurações de mão: uma é a mão aberta com os dedos juntos, que bate levemente no peito do emissor; a outra é a configuração da mão em P com o dedo médio batendo no peito.

Para as segunda e terceira pessoas, a mão tem esta segunda configuração em P, mas o movimento é em direção à pessoa referida: segunda ou terceira.

Não há sinal específico para os pronomes possessivo no dual, trial, quadrial e plural (grupo), nestas situações são usados os pronomes pessoais correspondentes. Exemplo: NÓS FILH@ "nosso(a) filho(a)"

5.3.4. Pronomes Interrogativos

5.3.4.1. QUE, QUEM, ONDE

Os pronomes interrogativos QUE e QUEM geralmente são usados no início da frase, mas o pronome interrogativo ONDE e o pronome QUEM, quando está sendo usado com o sentido de "quem-é" ou "de quem é" são mais usados no final. Todos os três sinais têm uma expressão facial interrogativa feita simultaneamente com eles.

O pronome interrogativo QUEM, dependendo do contexto, tem duas formas diferentes, os sinais QUEM e o sinal soletrado QUM. Se se quer perguntar "quem está tocando a campainha", usa-se o sinal QUEM; se quer perguntar "quem faltou hoje" ou "quem está falando" ou ainda "quem fez isso", usa-se o sinal soletrado QUM, como nos exemplos abaixo:

interrog.
(20) QUEM
QUEM NASCER RIO?
QUEM FAZER ISSO?
PESSOA, QUEM-É? "Quem é esta pessoa?"
CANETA, QUEM-É "De quem é está caneta"
(contexto: Telefone TDD tocar) QUEM-É?
(contexto: Campainha tocar) QUEM-É

interrog.
(21) QUM
QUM TER LIVR@?
QUM FALAR?

5.3.4.2. QUAL, COMO, PARA-QUE e POR-QUE

Na LIBRAS, há uma tendência para a utilização, no final da frase, dos pronomes interrogativos QUAL, COMO e PARA-QUE, e para a utilização, no início da frase, do pronome interrogativo POR-QUE, mas os primeiros podem ser usados também no início e POR-QUE pode ser utilizado também no final.

Não há diferença entre o "por que" interrogativo e o "porque" explicativo, o contexto mostra, pelas expressões facial e corporal, quando ele está sendo usado em frase interrogativa ou em frase explicativa à pergunta.O pronome interrogativo COMO também tem outra forma em datilologia:

C-O-M-O. Exemplos:

- QUAL?

(22) BLUSA MAIS BONIT@. ESTAMPAD@ OU LIS@ QUAL?

MAIS BONIT@ ESTAMPAD@.

(23) VOCÊ LER LIVRO? QUAL NOME?

NOME “ VENDO VOZES”

- COMO?

(24) VOCÊ IR PRAIA AMANHÃ CARRO ÔNIBUS A-PÉ? COMO?
CARRO. VOCÊ QUER IR-JUNTO?

(25) EL@ COMPRAR CARRO? C-O-M-O TER DINHEIRO?
EL@ GANHAR LOTO

- PARA-QUE?

(26) FALAR M-L EL@ PRA-QUE?
PORQUE EU GOSTAR-NÃO EL@

(27) CHEGAR ATRASAD@ , VOCÊ BEBER?
NÃO, PENSAR M-L! PRA-QUE? BOBAGEM! exp.facial “parece que ele percebeu, me dei mal!!

- POR-QUE?

...interrog...
(28) POR-QUE FALTAR ONTEM TRABALHAR?
POR-QUE ESTAR DOENTE.

5.3.4.3. QUANDO, DIA, QUE-HORA, QUANTAS-HORAS

- QUANDO e DIA

Sempre simultaneamente aos pronomes ou expressões interrogativas há uma expressão facial indicando que a frase está na forma interrogativa.

A pergunta com QUANDO está relacionada a um advérbio de tempo na resposta ou a um dia específico. Por isso há três sinais diferentes para “quando”. Um que especifica passado: QUANDO-PASSADO (palma da mão com um movimento para o corpo do emissor), outro que especifica futuro: QUANDO-FUTURO (palma da mão com um movimento para fora do corpo do emissor), e outro que especifica o dia: DIA. Exemplos:

interrogativo
(29) QUANDO-PASSADO

interrogativo

- EL@ VIAJAR RECIFE QUANDO-PASSADO?

Resposta: ONTEM, MÊS PASSADO, ANO-PASSADO, etc.

interrogativo interrogativo
(30) QUANDO-FUTURO ou DIA

interrogativo

- EL@ VIAJAR SÃO-PAULO QUANDO-FUTURO?

  Resposta: AMANHÃ, PRÓXIMO MÊS, DOMINGO, etc;

interrogativo

(31) DIA

interrogativo

- EU CONVIDAR VOCÊ VIR MINH@ CASA. VOCÊ PODER DIA?

  Resposta: SÁBADO QUE-VEM, EU PODER.

- **Que-horas e Quantas-horas**

Na LIBRAS, para se referir a horas, usa-se a mesma configuração dos numerais para quantidade e, após doze horas, não se continua a contagem, começa-se a contar novamente: 1 HORA, 2 HORA, 3 HORA, etc, acrescentando o sinal TARDE, quando necessário, porque geralmente pelo contexto já se sabe se está se referindo à manhã, tarde, noite ou madrugada.

A expressão interrogativa QUE-HORAS? (um apontar para o pulso), está relacionada ao tempo cronológico, exemplo:

(32) QUE-HORAS

- AULA COMEÇAR QUE-HORAS AQUI?
- VOCÊ TRABALHAR COMEÇAR QUE-HORAS?
- AULA TERMINAR QUE-HORAS?
- VOCÊ ACORDAR QUE-HORAS?
- VOCÊ DORMIR QUE-HORAS?

Já a expressão interrogativa QUANTAS-HORAS (um círculo ao redor do rosto) está sempre relacionada ao tempo gasto para se realizar alguma atividade, exemplos:

interrogativo

(33) QUANTAS-HORAS

- VIAJAR SÃO-PAULO QUANTAS-HORAS?
- TRABALHAR ESCOLA QUANTAS-HORAS?
- **Expressões idiomáticas relacionadas ao ano sideral**

Na LIBRAS há 2 sinais diferentes para a idéia “dia”: um sinal relacionado a dia do mês, que é a datilologia D-I-A, e o sinal DIA (duração), (que tem a configuração de mão em d, batendo na testa no lado direito) Exemplos:

(34) D-I-A AMANHÃ?
AMANHÃ D-I-A 17

(35) VIAJAR RECIFE ÔNIBUS EU CANSAD@ DIA-2
“Eu estou cansada porque viajei 2 dias de ônibus para o Recife”

Os numerais de 1 a 4 podem ser incorporados aos sinais DIA (duração), SEMA-NA, MÊS e ANO e VEZ, exemplos:

(36) DIA-1, DIAS-2;

(37) SEMANA-1, SEMANA-2, SEMANA-3, SEMANA-4;

(38) MÊS-1, MÊS-2, MÊS-3;

(39) ANO-1, AN0-2, ANO-3;

(40) VEZ-1, VEZ-2, VEZ-3, MUIT@-VEZES

A partir do numeral 5, não há mais incorporação e a construção utilizada é formada pelo sinal seguido do numeral segue. Esta construção também pode ser usada para os numerais inferiores a 5, que permitem a incorporação mencionada acima, exemplos:

(41) DIA 4, DIA 20, SEMANA 8, ANO 6

Aos sinais DIA (duração) e SEMANA podem ser incorporadas a freqüência ou duração através de um movimento prolongado ou repetido. Exemplos:

(42) TODOS-OS-DIAS - movimento repetido;

(43) DIA-INTEIRO "o dia todo" - movimento alongado;

(44) TOD@-SEMANA 2ª-FEIRA " todas as segundas" - mov. alongado,
TOD@-SEMANA 4 a-FEIRA "todas as quartas"

5.4. Numeral na LIBRAS

As línguas podem ter formas diferentes para apresentar os numerais quando utilizados como cardinais, ordinais, quantidade, medida, idade, dias da semana ou mês, horas e valores monetários. Isso também acontece na LIBRAS.

Nesta língua é agramatical, ou seja, errado a utilização de uma única configuração das mãos para determinados numerais que têm configurações específicas que dependem do contexto, por exemplo: o numeral cardinal 1 é diferente da quantidade 1, como em LIVRO 1, que é diferente de PRIMEIRO-LUGAR, que é diferente de PRIMEIRO-ANDAR, que é diferente de PRIMEIRO-GRAU, que é diferente de MÊS-1. Os numerais cardinais, as quantidades, e idade a partir do número 11 são idênticos. Os números 22, 33, 44 e 77 sempre são articulados com a mão apontando para a frente do emissor.

Os numerais ordinais do PRIMEIRO até o NONO têm a mesma forma dos cardinais, mas aqueles possuem movimentos enquanto estes não possuem. Os ordinais do PRIMEIRO até o QUARTO têm movimentos para cima e para baixo e os ordinais do QUINTO até o NONO têm movimentos para os lados. A partir do numeral DEZ, não há mais diferença entre os cardinais e ordinais.

5.4.1. Utilização dos numerais para valores monetários, pesos e medidas

Em LIBRAS para se representar os valores monetários de um até nove reais, usa-se o sinal do numeral correspondente ao valor, incorporando a este o sinal VÍRGULA. Por isso o numeral para valor monetário terá pequenos movimentos rotativos. Pode ser usado também para estes valores acima os sinais dos numerais correspondentes seguido do sinais soletrados R-L "real" ou R-S "reais".

Para valores de um mil até nove mil também há a incorporação do sinal VÍRGULA, mas aqui o movimento desta incorporação é mais alongando do que os valores

anteriores (de 1 até nove reais). Pode ser usado também para estes valores acima os sinais dos numerais corres-pondente seguido de PONTO.

Para valores de um milhão para cima, usa-se também a incorporação do sinal VÍRGULA com o numeral correspondente, mas aqui o movimento rotativo é mais alongado do que em mil. Pode-se notar uma gradação tanto na expressão facial como neste movimento da vírgula incorporada que ficam maiores e mais acentuados : de 1 a 9 < de 1.000 a 9.000 < de 1.000.000 a 9.000.000.

Quando o valor é centavo, o sinal VÍRGULA vem depois do sinal ZERO, mas na maioria das vezes não precisa usar o sinal ZERO para centavo porque o contexto pode esclarecer e os valores para centavos ficam iguais aos numerais cardinais.

---

6. Tipos de Frases na LIBRAS

As línguas de sinais utilizam as expressões faciais e corporais para estabelecer tipos de frases, como as entonações na língua portuguesa, por isso para perceber se uma frase em LIBRAS está na forma afirmativa, exclamativa, interrogativa, negativa ou imperativa, precisa-se estar atento às expressões facial e corporal que são feitas simultaneamente com certos sinais ou com toda a frase, exemplos:

- FORMA AFIRMATIVA: a expressão facial é neutra

(45) Meu nome M-A-R-I-A.

- FORMA INTERROGATIVA: sobrancelhas franzidas e um ligeiro movimento da cabeça inclinando-se para cima

interrog
(46) NOME QUAL? (expressão facial interrogativa feita simultaneamente ao sinal QUAL)

interrog
(47) NOME? (expressão facial feita simultaneamente com o sinal NOME)

- FORMA EXCLAMATIVA: sobrancelhas levantadas e um ligeiro movimento da cabeça inclinando-se para cima e para baixo. Pode ainda vir também com um intensificador representado pela boca fechada com um movimento para baixo.

(48) EU VIAJAR RECIFE, BOM! BONIT@ LÁ! CONHECER MUIT@ SURD@

- FORMA NEGATIVA: a negação pode ser feita através de três processos:

a) com o acréscimo do sinal NÃO `a frase afirmativa:

negação
(49) BLUSA FEI@ COMPRAR NÃO;

b) com a incorporação de um movimento contrário ao do sinal negado:

negação
(50) GOSTAR-NÃO CARNE, PREFERIR FRANGO, PEIXE;

negação
(51) EU TER-NÃO TTD;

c)com um aceno de cabeça que pode ser feito simultaneamente com a ação que está sendo negada ou juntamente com os processos acima:

não
(52) EU VIAJAR PODER

À guisa de conclusão

Compreender a gramática de uma língua é apreender as regras de formação e de combinação dos elementos desta língua. Nesta introdução, a LIBRAS pôde ser

percebida a partir de algumas classes gramaticais. Os estudos, já em andamento, aprofundando nos pontos aqui apresentados e em outros não mencionados, poderão mostrar a gramática desta língua.

Apêndice

SISTEMA DE TRANSCRIÇÃO SIMPLIFICADO

FIGURA - VERBOS COM INCORPORAÇÃO DE NEGAÇÃO

FIGURA - VERBOS COM CONCORDÂNCIA NÚMERO/PESSOAL

SISTEMA DE TRANSCRIÇÃO SIMPLIFICADO

1. Sinais da LIBRAS: em letras maiúsculas em língua portuguesa.

Exemplos: CASA, ESTUDAR, CRIANÇA.

2. Sinal único: duas ou mais palavras da língua portuguesa separadas por hífen.

Exemplos: CORTAR-COM-FACA, NÃO-QUERER "não querer", COMER-MAÇÃ, MEIO-DIA, AINDA-NÃO.

3. Sinal composto: duas ou mais palavras separadas pelo símbolo ^. Exemplos: CAVA-LO^LISTRA "zebra".

4. Datilologia (alfabeto manual): palavra separada, letra por letra, por hífen. Exemplos: J-O-Ã-O, A-N-E-S-T-E-S-I-A.

5. Sinal soletrado: datilologia da palavra, ou algumas letras dela, em itálico. Exemplos: R-S "reais", A-C-H-O "acho", QUM "quem", N-U-N-C-A.

6. Ausência de marca para gêneros (masculino e feminino) e número (plural): símbolo @.

Exemplos: AMIG@ "amiga(s) e amigo(s)" , FRI@ "fria(s) e frio(s)", MUIT@ "muita(s) e muito(s)", TOD@, (toda(s) e todo(s), EL@ "ela(s), ele(s), ME@ "minha(s) e meu(s)".

7. Expressões facial e corporal: especificação sobreposta ao sinal.

a) tipo de frase: !, ?, ?! ou interrogativa ou ... i ... negativa ou ... neg ...

b) advérbio de modo ou intensificador: muito rapidamente exp.f "espantado"

8. Concordância de gênero (pessoa, coisa, animal): Exemplos:

pesssoaANDAR, veículoANDAR, coisa-arredondadaCOLOCAR

9. Concordância de lugar e/ou número pessoal:

a) **variáveis que indicam o lugar**: i = ponto próximo à 1ª pessoa
j = ponto próximo à 2ª pessoa
k e k' = pontos próximos à 3ª pessoas
e = esquerda
d = direita

b) **pessoas gramaticais**: $_{1s, 2s, 3s}$ = 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular;
$_{1d, 2d, 3d}$ = 1ª, 2ª e 3ª pessoas do dual;
$_{1p, 2p, 3p}$ = 1ª, 2ª e 3ª pessoas do plural; etc

Exemplos: $_{1s}$ DAR$_{2s}$ "eu dou para você",
$_{2s}$PERGUNTAR$_{3P}$ "você pergunta para eles/elas",
$_{kd}$ANDAR$_{k'e}$ "andar da direita para à esquerda"

10. Marca de plural pela repetição do sinal: uma cruz no lado direto acima do sinal:

Exemplo: GAROTA +

11. Sinal ou sinais feitos pelas duas mãos simultaneamente: um abaixo do outro com indi-cação das mãos: direita (md) e esquerda (me).

Exemplos: IGUAL (me) $_{muitas\text{-}pessoas}$ANDAR (me)
IGUAL (md) $_{pessoa}$ANDAR (md)

12. Tradução da frase da LIBRAS para a língua portuguesa: uso de " "

Exemplo: $_{1s}$ DAR$_{2S}$ "eu dou para você"

FIGURA - VERBOS COM INCORPORAÇÃO DE NEGAÇÃO

TER

NÃO - TER

VRJ
NÃO - TER

QUERER

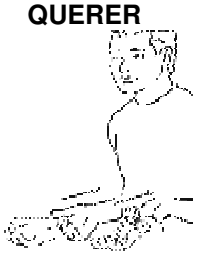

NÃO - QUERER

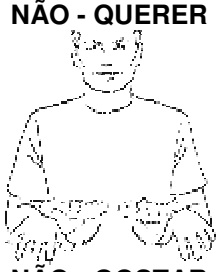

GOSTAR

NÃO - GOSTAR

NÃO - GOSTAR

VRJ (INES)

ENTENDER

NÃO - GOSTAR

VSP
NÃO - ENTENDER

VSP / VRJ
NÃO - ENTENDER

VRJ
NÃO - ENTENDER

PODER

VSP
NÃO - PODER

VSP / VRP
NÃO - PODER

FIGURA - VERBOS COM CONCORDÂNCIA NÚMERO/PESSOAL

1s **FALAR** g

2s **FALAR** 1s

1s **TELEFONAR** 2s

2s **TELEFONAR** 1s

1s **MOSTRAR** 2s

2s **MOSTRAR** 1s

1s **AJUDAR** 2s

2s **AJUDAR** 1s

1s **PERGUNTAR** 2s

2s **PERGUNTAR** 1s

1s **RESPONDER** 2s

2s **RESPONDER** 1s

1s **AVISAR** 2s

2s **AVISAR** 1s

1s **DAR** 2s

2s **DAR** 1s

Sugestões para sua Atuação

- Solicite cursos de Língua Brasileira de Sinais.
- Utilize os conhecimentos adquiridos para compreender 01 textos produzidos pelo alunos surdos.
- Mostre aos alunos a diferença entre LIBRAS e Português, ao corrigir seus textos.

- Estabeleça contato com a comunidade surda de sua localidade para maior conhecimento de LIBRAS.
- Solicite um instrutor surdo para sua escola a fim de cooperar com seu fazer pedagógico

---

Bibliografia Consultada

BELLUGI & KLIMA, E. Properties of Visuospatial Language. Paper for *International Congress: Sign Language Research and Application, Conference*. Siegmund Prillwitz(ed.) Hamburg. March 23-25, 1990.

Language: Perspectives from another Modality. In *Brain and Mind*. Ciba Foudation. Series 69 (new series). Excerpta Médica. North Holland. 1979.

BERENEZ, N. Deixis ad referencial Practice: A View from Two Sign Language, *Anais do VII Encontro Nacional da ANPOLL*. Vol. 2 - Lingüística. Goiânia. Pp. 713-723, 1993.

BERENEZ, N. & FERREIRA BRITO, L. Pronouns in BCSL and ASL. *Sign Language Reaserch*. 87: 26-36, 1990.

CALDAS, Beatriz F. *Narrativas em LSCB: um estudo sobre referência*. Dissertação de Mestrado em Lingüística. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.

Referências em LSCB. *Anais do VII Encontro Nacional da ANPOLL*. Vol 2 - Lingüística. Goiânia. pp. 689-693, 1993.

FARIAS, Carla Valéria e Souza. Atos de Fala: *O pedido em língua brasileira de sinais*. Dis-sertação de Mestrado em Lingüística. Rio de Janeiro. UFRJ, 1995.

FELIPE, T. A. *Introdução À Gramática de LIBRAS* - Rio de Janeiro: 1997.

FELIPE, T.A. *O Signo Gestual-Visual e sua Estrutura Frasal na Língua dos Sinais dos Centros UrbanosBrasileiros*. Dissertação de Mestrado, UFPE, PE, 1988.

A Estrutura Frasal na LSCB. *Anais do IV Encontro Nacional da ANPOLL*. Recife, pp. 663-672, 1989.

Do Discurso à Gramática da LSCB, in *Seminário sobre FUNCIONALISMO EMCURSO*, 19 set, UFRJ, pp. 52-55, 1991.

Coesão Textual em Narrativas Pessoais na LSCB. Monografia de conclusão de disciplina “História da Análise do Discurso”, do curso de Doutorado em Lingüística, UFRJ. RJ, 1991.

Aquisição de linguagem por crianças surdas. Monografia para conclusão da disciplina Psicolingüística no curso de Doutorado em Lingüística, UFRJ, Rio de Ja-neiro, 1991.

Papel Lingüístico das Associações de Surdos no Rio de Janeiro, pesquisa de equipe, nos *Anais de comunicação da 43ª Reunião Anual da SBPC*, RJ, 1991.

A relação sintático-semântica do Verbos da LSCB" nos *Anais do VII Encontro Nacional da ANPOLL*, no GT Linguagem e Surdez, realizado de 17 a 20 de maio de 1992 em Porto Alegre, 1992.

A Valência dos Verbos na LSCB" nos *Anais do II Congresso da Associação de Estudos da Linguagem do Rio de Janeiro* (ASSEL), realizado em 26 e 27 de novembro de 1992 na Faculdade de Letras da UFRJ, 1993.

Por uma tipologia dos Verbos da LSCB" nos *Anais do VII Encontro Nacional de ANPOLL* - Vol 2 - Lingüística, Goiânia, 1993: 724-743.

As Comunidades Surdas do Brasil Reivindicam seus Direitos Lingüísticos. Documento que a FENEIS entregou ao MEC (Movimento "Pela Oficialização da LIBRAS"), Brasília, 1993.

LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais in Strobel, K.L & Dias, S.M.S. (org.) *Surdez: Abordagem Geral*. FENEIS. Ed. Apta, Curitiba, PR, 1995: 22-23.

Um estudo diacrônico de Verbos da LIBRAS e da ASL. Trabalho que seria apresentado no Encontro da ANPOLL, 1996.

Um estudo diacrônico de Verbos da LIBRAS e da ASL. FENEIS, 1996.

FERREIRA BRITO. L. Classificadores em LSCB. *Anais do IV Encontro Nacional da ANPOLL*, Recife, pp 640-654, 1989.

Uma abordagem fonológica dos Sinais da LSCB. *Revista Espaço*: INES, ano 1, nº 1:20-43, 1990.

Convencionalidade e iconicidade em Língua dos Sinais. *Anais do I Encontro da ASSEL* - Rio, PUC/RJ, 1991.

Correferência em uma Língua de Sinais Brasileira. *Anais do VII Encontro Nacional da ANPOLL*. Vol. 2 - Lingüística. Goiânia. pp. 705-712, 1993.

Integração Social & Educação de Surdos. Rio de Janeiro. Babel Editora. RJ, 1993.

Por uma Gramática de Língua de Sinais. Tempo Brasileiro UFRJ. Rio de Janeiro, 1995. Língua Brasileira de Sinais - Brasília, 1996.

FERREIRA BRITO & LANGEVIN, R. Negacão em uma Língua de Sinais Brasileira. Revista *Delta,* Vol. 10, nº 2:309-327, PUC/SP, São Paulo, 1994 .

FISCHER, Susan. Verb Inflections in American Sign Language and Their Acquisition by the Deaf Child. Paper presented at the *Winter Meeting of the Linguistic Society of America*. [s.l.,s.n.]. 1973.

GAMA, F. J. Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos. Rio de Janeiro, Typographia Uni-versal de E. & H. Laemmenrt.

HOFFMEISTER, Robert James. *The Development Pronoums Locatives and Personal Pronoums in the Acquisition of American Sign Language by Deaf Children of Deaf Parents*. Doctural Thesis. University of Minnesota. 1978.

KARNOPP, Lodenir Becker. Aquisição do parâmetro. *Configuração de mão na língua brasileira dos sinais (LIBRAS): estudo sobre quatro crianças surdas, filhas de pais surdos.* Dissertação de Mestrado em Letras. PUCRS. Porto Alegre, 1994.

LILLO-MARTIN, D. C. *Parameter setting: evidence from use, acquisition, and breakdown in American Sign Language*. Doctoral Dissertation. University of California, San Diego. University Microfilms International, Ann Arbor, Michigan. 1986.

LOEW, Ruth C. Learning American Sign Language as a First Language: *Roles* and Reference. In: *Proceedings of the third national symposium on sign language research and teaching.* Silver Spring. Md. National Association of the Deaf, 1980.

MEIER, R. *A cross-linguistic perspective on the acquisition of inflection morphology in American Sign Language.* University of California, San Diego and The Salk Institute for Bi-ological Studies. April. 1980.

Person deixis in ASL. In *Theorical Issues in Sign Language Research*. v.1: Linguistics. University of Chicago Press. Chicago and London. 1990. (175-190).

PETITTO, L. On the Autonomy of Language and Gesture: Evidence from the Acquisition of Personal Pronoums in American Sign Language. In *Cognition*. Elsevier Science Publisher B.V. vol. 27. 1987. (1-52).

PETITTO & Marentette. Babbling in the Manual Mode: Evidence for the Ontonegy of Language. In *Science.* v.251. American Association for the Advancement of Science. 1991. p.1397-1556.

PETITTO, L. & BELLUGI, U. Spatial Cognition and Brain Organization: Clues from the Acquisition of a Language in Space. In *Spatial Cognition: Brain Bases and Development* Siles-Davis, Mark Krijchevsky & Ursula Bellugi (Eds.) Hillsdale, NJ:Lawrence Erlbaum 1988. (299-325).

QUADROS, R. M. de. *As categorias vazias pronominais:uma análise alternativa com base na LIBRAS e reflexos no processo de aquisição.* Dissertação de Mestrado. PUCRS. Porto Alegre. (1995).(*Aquisição da Linguagem em crianças surdas*) - 1996.

RODRIGUES, N. Bases Neurológicas da Linguagem. Conferência apresentada no *Simpósio Internacional de Língua de Sinais e Educação do Surdo.* 05 a 09 de maio de 1993. São Paulo.

Avaliação da Aprendizagem

I. MARQUE UM X NA RESPOSTA CERTA:

1. A estrutura lingüística da LIBRAS envolve:

( ) O léxico ou vocabulário de LIBRAS.
( ) A estruturação de sentenças em LIBRAS.
( ) A aquisição da linguagem.
( ) n.r.a.

2. A estrutura sublexical dos sinais deve ser estudada no item relativo à:

( ) formação de palavras
( ) classificadores
( ) léxico
( ) aspecto verbal

3. Assinale a alternativa INCORRETA.

O estudo sobre a formação dos itens lexicais ou sinais a partir de morfemas inclui:

( ) morfemas lexicais e morfemas gramaticais.
( ) formação de palavras por derivação e por composição.
( ) aspecto verbal.
( ) itens lexicais para tempo e marca de tempo.
( ) estruturação de sentenças em LIBRAS.

II. ASSINALE V OU F:

4. A aquisição de linguagem por crianças surdas passa por estágios:

( ) pré-lingüístico.
( ) estágio de um sinal.
( ) estágio das primeiras combinações.
( ) estágio de múltiplas combinações.

III. ASSINALE A ALTERNATIVA CORRETA:

5. Na estrutura das Línguas de Sinais há dois aspectos fundamentais:

( ) a concordância verbal e o aspecto verbal;
( ) o estabelecimento nominal e a pronominalização;
( ) a pronominalização e a concordância verbal;
( ) o aspecto verbal e o estabelecimento nominal.

6. A LIBRAS distingue-se do Português porque:

( ) a LIBRAS não possui todos níveis de uma língua: fonológico, estrutural, semântico, pragmático;
( ) a LIBRAS é visual-espacial e o Português é oral-auditivo;
( ) a Língua Portuguesa possui universais lingüísticos e a LIBRAS não possui.

IV. ASSINALE V OU F:

7. ( ) As estruturas lingüísticas básicas da Língua Portuguesa são praticamente as mesmas da LIBRAS.

( ) As línguas de sinais são tão naturais quanto as línguas orais.

( ) Os itens lexicais são os sinais.

( ) O alfabeto digital é utilizado como veiculação da ortografia de uma palavra em Português.

8. ( ) O movimento das mãos, braço ou pulso faz parte do nível fonológico.

( ) A direcionalidade estabelece as relações características das preposições e conjunções em Português.

( ) A incoporação é um item relativo ao aspecto morfológico.

( ) A negação do sintagma verbal é relativo ao aspecto morfológico.

Chave de Correção

---

1. O léxico ou vocabulário de LIBRAS.
2. Léxico.
3. Estruturação de sentenças em LIBRAS.
4. Todas são verdadeiras.
5. O estabelecimento nominal e a pronominalização.
6. A LIBRAS é visual-espacial e o Português é oral-auditivo.
7. Todas são verdadeiras.
8. V,V,V,F.

GRAMÁTICA COMPLETA DA LÍNGUA PORTUGUESA

Resumo de Português

Assunto:

GRAMÁTICA COMPLETA DA LÍNGUA PORTUGUESA

Autor:

CARLOS ALBERTO SUZAM BAPTISTA

I. ACENTUAÇÃO GRÁFICA

A Acentuação Gráfica tem como pré-requisito o conhecimento da pronúncia dos vocábulos em que fica claro a presença do acento tônico.

Desse modo, podemos aplicar, de início, uma regra geral que já facilita o emprego do acento gráfico.

REGRA GERAL: Acentuam-se graficamente aqueles vocábulos que sem acento poderiam ser lidos ou então interpretados de outra forma.

Exemplos: secretária/secretaria - ambrósia/ambrosia - sábia/sabia/sabiá

DICAS PARA UMA CONSULTA RÁPIDA

Se você tem alguma dúvida sobre a acentuação gráfica de uma palavra, siga as seguintes etapas:

1. Pronuncie a palavra bem devagar, procurando sentir onde se localiza o seu acento tônico, isto é, a sua sílaba mais forte.

2. Se a sílaba tônica estiver na última sílaba da palavra, esta será considerada uma palavra **OXÍTONA**; exemplos: caPUZ, uruBU, aMOR, etc.

3. Já se a sílaba tônica cair na penúltima sílaba, a palavra será **PAROXÍTONA**; exemplos: CAsa, cerTEza, GAlo, coRAgem, etc.

4. Por fim, estando a sílaba tônica na antepenúltima sílaba da palavra, esta se denominará **PROPAROXÍTONA**; exemplos: arquiPÉlago, reLÂMpago, CÔNcavo, etc.

5. Classificada a palavra quanto à posição de sua sílaba tônica, procure então nas regras abaixo se ela deverá receber um acento gráfico ou não, para a sua correta representação.

REGRAS BÁSICAS

➔ Devem ser acentuados os **MONOSSÍLABOS** (palavras de uma só sílaba) **TÔNICOS** terminados em **"a", "e", "o"**, seguidos ou não de **S**: pá, pé, nó, pás, pés, nós, etc.

Observação: Os monossílabos tônicos terminados em "z", assim como todas as outras palavras da língua portuguesa terminadas com essa mesma letra, não são acentuados: luz, giz, dez... (compare os seguintes parônimos: nós/noz, pás/paz, vês/vez).

Também os monossílabos tônicos, terminados em "i" e "u", não recebem acento gráfico: pai, vai, boi, mau, pau, etc.

OXÍTONAS

Acentuam-se as palavras oxítonas terminadas em **"a", "e", "o"**, seguidas ou não de **S**; e também com as terminações **"em"** e **"ens":** cajá, café, jiló, bebê, robô, armazém, alguém, reféns, etc.

Observações:

1. As formas verbais terminadas em **"a", "e" e "o",** seguidas dos pronomes **la(s)** ou **lo(s)** devem ser acentuadas. Exemplos: encontrá-lo, recebê-la, dispô-los, amá-lo-ia, vendê-la-ia, etc.

2. Não se acentuam as oxítonas terminadas em:

_ **az, ez, iz, oz** - capaz, tenaz, talvez, altivez, juiz, raiz, feroz...
_ **i(s)** - Anhembi, Parati, anis, barris, dividi-lo, adquiri-las...;
_ **u(s)** - caju, pitu, zebu, Caxambu, Bauru, Iguaçu, Bangu, compus...;
_ **or** - ator, diretor, detetor, condor, impor, compor, compositor...;
_ **im** - ruim, capim, assim, aipim, folhetim, boletim, espadachim...;

PAROXÍTONAS

Não são acentuadas as paroxítonas terminadas em **"a", "e", "o",** seguidas ou não de **S**; e também as finalizadas com **"em"** e **"ens":** cama, seda, flecha, rede, sede, pote, ovo, coco, bolo, garagem, ferrugem, idem, item, nuvens, imagens, viagens, etc.

São acentuadas as **paroxítonas** terminadas em:
_ **r / x / n / l** (**Dica**: Lembre-se das consoantes da palavra RouXiNoL)

Exemplos: mártir, fêmur, fácil, útil, elétron, tórax, córtex, etc.

Observação: Entretanto, palavras como PÓLEN, HÍFEN, quando no plural (POLENS, HIFENS), não recebem o acento gráfico, porque nesta forma elas são regidas pela regra anterior. A palavra HÍFEN possui ainda um outro plural que no caso é acentuado por ser proparoxítono: HÍFENES.

_ i / is
Exemplos: júri, cáqui (cor), lápis, miosótis, íris, tênis, cútis, etc.
Observação: Os prefixos paroxítonos, mesmo terminados em "i" ou "r", não são acentuados.
Exemplos: semi, anti, hiper, super, etc.

_ ã / ão (seguidas ou não de S)
Observação: O til não é considerado acento gráfico, e sim uma marca de nasalidade.
Exemplos: ímã (ímãs), órfã (órfãs), órfão (órfãos), bênção (bênçãos) etc.

_ ôo / ôos
Exemplos: vôo, enjôo, abençôo, perdôo, etc.

_ ps
Exemplos: bíceps, fórceps, etc.

_ us / um / uns
Exemplos: vírus, bônus, álbum, álbuns, etc.

_ ditongos orais, crescentes ou decrescentes, seguidos ou não de s.
Exemplos: água, mágoa, ódio, jóquei, férteis, fósseis, fôsseis, túneis, úteis, variáveis, área, série, sábio, etc.

PROPAROXÍTONAS

Todas as palavras proparoxítonas são acentuadas.

Exemplos: lâmpada, côncavo, lêvedo, pássaro, relâmpago, máscara, árabe, gótico, límpido, louvaríamos, devêssemos, pêndulo, fôlego, recôndito, cândido, etc.

REGRAS GENÉRICAS

Além dessas regras vistas acima, que se baseiam na posição da sílaba tônica e na terminação, existem outras que levam em conta aspectos específicos da sonoridade das palavras.

Assim, são acentuadas as palavras com as seguintes características:

A) Quando possuírem ditongos abertos em sílaba tônica como **"ei", "eu", "oi",** seguidos ou não de **S**.
Exemplos: anéis, geléia, céu, chapéu, herói, heróico, anzóis, etc.

Observações:
1. Atente-se que se esses ditongos abertos não estiverem na sílaba tônica da palavra, eles não serão acentuados. Exemplos: pasteiZInhos, chapeuZInho, anzoiZInhos, etc.

2. Se o ditongo apresentar timbre fechado, não haverá acento como em azeite, manteiga, judeu, hebreu, apoio, arroio, comboio, etc. Isso só vale para os ditongos **"ei", "eu"** e **"oi",** porque só com esses três ditongos pode haver a variação aberto/fechado. O ditongo **"au",** por exemplo, é sempre aberto (grau, nau, degrau, pau); por isso nunca será necessário diferenciá-lo de nada, ou seja, não será necessário acentuá-lo.

B) Quando a segunda vogal do hiato for **"i"** ou **"u"** tônicos, acompanhados ou não de **S**, haverá acento: saída, proíbo, faísca, caíste, saúva, viúva, balaústre, país, baú, Gravataí, Grajaú, juízes, raízes, etc.

Esta regra aplica-se também às formas verbais seguidas de **lo(s)** ou **la(s):** possuí-lo, distribuí-lo, substituí-lo, atraí-la, construí-los...

Observações:

1. Quando a vogal **"i"** ou a vogal **"u"** forem acompanhadas de outra letra que não seja **S**, não haverá acento: paul, Raul, cairmos, contribuinte...;

2. Se o **"i"** for seguido de **"nh",** não haverá acento como em: rainha, moinho, tainha, campainha, etc;

3. As formas verbais "possui", "sai", "cai", por exemplo, podem ou não aparecer acentuadas. Se forem a terceira pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos possuir, sair, cair, elas não levarão acento: Ele/Ela possui, sai, cai. Se, no entanto, forem a primeira pessoa do singular do pretérito perfeito, as formas serão acentuadas: Eu possuí, saí, caí.

C) Quando certas palavras possuírem as formas **"gue", "gui", "que", "qui",** onde o **"u"** é pronunciado (sem constituir, porém, um hiato) como no caso de "averigüemos, agüentar, lingüiça, seqüestro, eqüino, eqüilátero, freqüente, conseqüentemente, delinqüente, tranqüilo, tranqüilidade, qüinquagésimo, qüinqüenal, enxágüem, pingüim, argüição, ambigüidade", esse **U**, que é átono, receberá o trema. No entanto, quando o **U** for tônico, ele levará um acento agudo como em "averigúe, argúe, obliqúe", etc.

D) Existem ainda palavras com a possibilidade de dupla pronúncia, possuindo assim dupla possibilidade de acentuação, são elas: liquidificador/liqüidificador, líquido/líqüido, liquidação /liqüidação, sanguíneo/sangüíneo, sanguinário/sangüinário, equidistante/eqüidistante, antiguidade/antigüidade, antiquíssimo/antiqüíssimo, equidade/eqüidade, equivalente/eqüivalente.

ACENTO DIFERENCIAL

Apesar deste tipo de acento ter sido abolido pela lei 5.765, de 1971, existe ainda um único caso remanescente desse tipo de acento. Trata-se das formas do verbo **PODER**, onde no presente do indicativo não recebe acento gráfico: "Ele pode estudar sozinho"; mas no pretérito perfeito é acentuada: "Ela não pôde sair ontem à noite".

Há ainda algumas palavras que recebem acento diferencial de tonicidade, ou seja, são palavras que se escrevem com as mesmas letras (homografia), mas têm oposição tônica (tônica/átona).

Exemplos:

pôr (verbo)
por (preposição)

pára (forma do verbo parar, também presente em algumas palavras compostas: pára-brisa, pára-quedas, pára-raios, pára-lama)
para (preposição)

côas, côa (formas do presente do indicativo do verbo coar)
coas, côa (preposição com + artigo a e as, respectivamente; essas formas são comuns em poesia)

péla, pélas (formas do verbo pelar, ou substantivo=bola de brinquedo)
pela, pelas (contrações de preposição e artigo)

pêlo, pêlos (substantivo)
pélo (forma do verbo pelar)
pelo, pelos (contrações de preposição e artigo)

pêra, peras (substantivo=fruta)
péra, péras (substantivo, ant.=pedra)
pera, peras (preposição arcaica)
pêro, Pêro (substantivos=maçã doce e oblonga, e denominação dada pelos índios aos portugueses nos primeiros anos da colonização)
pero (conjunção arcaica=porém, mas, ainda que)

pôla (substantivo=ramo novo de árvore)
póla (substantivo=surra)
pola (contração arcaica de preposição e artigo)

pôlo (substantivo=falcão ou gavião)
pólo substantivo=extremidade do eixo da Terra)
polo (contração arcaica de preposição e artigo)

Já o acento grave assinala a contração da preposição "a" com o artigo "a" e com os pronomes demonstrativos "aquele, aquela, aquilo".

Exemplos:
Irei à Bahia amanhã.
Assistiremos àquele filme juntos.
Ela não deu importância àquilo que você falou.

VERBOS QUE POSSUEM COMPORTAMENTO PECULIAR QUANTO À ACENTUAÇÃO GRÁFICA

Os verbos **"crer, ler** e **ver",** na terceira pessoa do singular do presente do indicativo (e o verbo **dar** no presente do subjuntivo), são monossílabos tônicos acentuados, tendo na terceira pessoa do plural o **"e"** dobrado e recebem acento no primeiro **"e".**

Exemplos:
Ela crê em Deus fervorosamente / Elas crêem em Deus fervorosamente
Ana vê televisão o dia todo / Ana e suas amigas vêem televisão o dia todo
Carlos lê jornal diariamente / Carlos e seu pai lêem jornal diariamente
Todos esperam que Bruno dê o melhor de si no próximo jogo / Todos esperam que os jogadores dêem o melhor de si no próximo jogo

Observação: O aspecto do **"e"** dobrado e do primeiro **"e"** ser acentuado na terceira pessoa do plural dos verbos mencionados acima também ocorre em seus compostos como descrer, rever, reler, etc.

Exemplos:
Eles descrêem na vida em outros planetas.
À noite, muitas pessoas revêem suas ações durante o dia.
Os escritores relêem várias vezes seus livros antes de publicá-los.

Os verbos **"vir** e **ter",** na terceira pessoa do singular, não são acentuados; entretanto, na terceira do plural recebem o acento circunflexo.

Exemplos:
João vem de Brasília amanhã.
Os deputados vêm de Brasília amanhã.
Ela tem um bom coração.
Os jovens têm a vida em suas mãos.

Observação: Atente-se, no entanto, para os compostos desses verbos que recebem um acento agudo na terceira pessoa do singular, mas continuam com o acento circunflexo na terceira do plural.

Exemplos:
O Banco Central normalmente intervém em bancos com dificuldades financeiras.
Os EUA intervêm a todo momento em assuntos que só dizem respeito a outros países.
Xuxa entretém as crianças sempre com muito carinho.
Os palhaços entretêm a platéia que se diverte a valer.

II. PRINCIPAIS SUBSTANTIVOS E SUAS FORMAS COLETIVAS

abelha	- enxame, cortiço, colméia;
abutre	- bando;
acompanhante	- comitiva, cortejo, séqüito (ou séquito);
alho	- (quando entrelaçados) réstia, enfiada, cambada;
aluno	- classe;
amigo	- (quando em assembléia) tertúlia;
animal	- (em geral) piara, pandilha, (todos de uma região) fauna, (manada de cavalgaduras) récua, récova, (de carga) tropa, (de carga, menos de 10) lote, (de raça, para reprodução) plantel, (ferozes ou selvagens) alcatéia;
anjo	- chusma, coro, falange, legião, teoria;
apetrecho	- (quando de profissionais) ferramenta, instrumental;
aplaudidor	- (quando pagos) claque;
arcabuzeiro	- batalhão, manga, regimento;
argumento	- carrada, monte, montão, multidão;
arma	- (quando tomadas dos inimigos) troféu;
arroz	- batelada;
artista	- (quando trabalham juntos) companhia, elenco;
árvore	- (quando em linha) alameda, carreira, rua, souto, (quando constituem maciço) arvoredo, bosque, (quando altas, de troncos retos a aparentar parque artificial) malhada;
asneira	- acervo, chorrilho, enfiada, monte;
asno	- manada, récova, récua;
assassino	- choldra, choldraboldra;
assistente	- assistência;
astro	- (quando reunidos a outros do mesmo grupo) constelação;
ator	- elenco;
autógrafo	- (quando em lista especial de coleção) álbum;
ave	- (quando em grande quantidade) bando, nuvem;
avião	- esquadrão, esquadra, esquadrilha;
bala	- saraiva, saraivada;
bandoleiro	- caterva, corja, horda, malta, súcia, turba;
bêbado	- corja, súcia, farândola;
boi	- boiada, abesana, armento, cingel, jugada, jugo, junta, manada, rebanho, tropa;
bomba	- bateria;
borboleta	- boana, panapaná;
botão	- (de qualquer peça de vestuário) abotoadura, (quando em fileira) carreira;
brinquedo	- choldra;
burro	- (em geral) lote, manada, récua, tropa, (quando carregado) comboio;
busto	- (quando em coleção) galeria;

cabelo	- (em geral) chumaço, guedelha, madeixa, (conforme a separação) marrafa, trança;
cabo	- cordame, cordoalha, enxárcia;
cabra	- fato, malhada, rebanho;
cadeira	- (quando dispostas em linha) carreira, fileira, linha, renque;
cálice	- baixela;
cameleiro	- caravana;
camelo	- (quando em comboio) cáfila;
caminhão	- frota;
canção	- (quando reunidas em livro) cancioneiro, (quando populares de uma região) folclore;
canhão	- bateria;
cantilena	- salsada;
cão	- adua, cainçalha, canzoada, chusma, matilha;
capim	- feixe, braçada, paveia;
cardeal	- (em geral) sacro colégio, (quando reunidos para a eleição do papa) conclave, (quando reunidos sob a direção do papa) consistório;
carneiro	- chafardel, grei, malhada, oviário, rebanho;
carro	- (quando unidos para o mesmo destino) comboio, composição, (quando em desfile) corso;
carta	- (em geral) correspondência;
casa	- (quando unidas em forma de quadrados) quarteirão, quadra;
castanha	- (quando assadas em fogueira) magusto;
cavalariano	- (de cavalaria militar) piquete;
cavaleiro	- cavalgada, cavalhada, tropel;
cavalgadura	- cáfila, manada, piara, récova, récua, tropa, tropilha;
cavalo	- manada, tropa;
cebola	- (quando entrelaçadas pelas hastes) cambada, enfiada, réstia;
cédula	- bolada, bolaço;
chave	- (quando num cordel ou argola) molho, penca;
célula	- (quando diferenciadas igualmente) tecido;
cereal	- (em geral) fartadela, fartão, fartura, (quando em feixes) meda, moréia;
cigano	- bando, cabilda, pandilha;
cliente	- clientela, freguesia;
coisa	- (em geral) coisada, coisarada, ajuntamento, chusma, coleção, cópia, enfiada, (quando antigas e em coleção ordenada) museu, (quando em lista de anotação) rol, relação, (em quantidade que se pode abranger com os braços) braçada, (quando em série) seqüência, série, seqüela, coleção, (quando reunidas e sobrepostas) monte, montão, cúmulo;
coluna	- colunata, renque;
cônego	- cabido;
copo	- baixela;
corda	- (em geral) cordoalha, (quando no mesmo liame) maço, (de navio) enxárcia, cordame, massame, cordagem;
correia	- (em geral) correame, (de montaria) apeiragem;

credor	- junta, assembléia;
crença	- (quando populares) folclore;
crente	- grei, rebanho;
depredador	- horda;
deputado	- (quando oficialmente reunidos) câmara, assembléia;
desordeiro	- caterva, corja, malta, pandilha, súcia, troça, turba;
diabo	- legião;
dinheiro	- bolada, bolaço, disparate;
disco	- discoteca;
doze	- (coisas ou animais) dúzia;
ébrio	- Ver bêbado;
égua	- Ver cavalo;
elefante	- manada;
erro	- barda;
escravo	- (quando da mesma morada) senzala, (quando para o mesmo destino) comboio, (quando aglomerados) bando;
escrito	- (quando em homenagem a homem ilustre) poliantéia, (quando literários) analectos, antologia, coletânea, crestomatia, espicilégio, florilégio, seleta;
espectador	- (em geral) assistência, auditório, platéia, (quando contratados para aplaudir) claque;
espiga	- (quando atadas) amarrilho, arregaçada, atado, atilho, braçada, fascal, feixe, gavela, lio, molho, paveia;
estaca	- (quando fincadas em forma de cerca) paliçada;
estado	- (quando unidos em nação) federação, confederação, república;
estampa	- (quando selecionadas) iconoteca, (quando explicativas) atlas;
estátua	- (quando selecionadas) galeria;
estrela	- (quando cientificamente agrupadas) constelação, (quando em quantidade) acervo, (quando em grande quantidade) miríade;
estudante	- (quando da mesma escola) classe, turma, (quando em grupo cantam ou tocam) estudantina, (quando em excursão dão concertos) tuna, (quando vivem na mesma casa) república;
fazenda	- (quando comerciáveis) sortimento;
feiticeiro	- (quando em assembléia secreta) conciliábulo;
feno	- braçada, braçado;
filme	- filmoteca, cinemoteca;
fio	- (quando dobrado) meada, mecha, (quando metálicos e reunidos em feixe) cabo;
flecha	- (quando caem do ar, em porção) saraiva, saraivada;
flor	- (quando atadas) antologia, arregaçada, braçada, fascículo, feixe, festão, capela, grinalda, ramalhete, buquê, (quando no mesmo pedúnculo) cacho;
foguete	- (quando agrupados em roda ou num travessão) girândola;
força naval	- armada;
força terrestre	- exército;
formiga	- cordão, correição, formigueiro;

frade	- (quanto ao local em que moram) comunidade, convento;
frase	- (quando desconexas) apontoado;
freguês	- clientela, freguesia;
fruta	- (quando ligadas ao mesmo pedúnculo) cacho, (quanto à totalidade das colhidas num ano) colheita, safra;
fumo	- malhada;
gafanhoto	- nuvem, praga;
garoto	- cambada, bando, chusma;
gato	- cambada, gatarrada, gataria;
gente	- (em geral) chusma, grupo, multidão, (quando indivíduos reles) magote, patuléia, poviléu;
grão	- manípulo, manelo, manhuço, manojo, manolho, maunça, mão, punhado;
graveto	- (quando amarrados) feixe;
gravura	- (quando selecionadas) iconoteca;
habitante	- (em geral) povo, população, (quando de aldeia, de lugarejo) povoação;
herói	- falange;
hiena	- alcatéia;
hino	- hinário;
ilha	- arquipélago;
imigrante	- (quando em trânsito) leva, (quando radicados) colônia;
índio	- (quando formam bando) maloca, (quando em nação) tribo;
instrumento	- (quando em coleção ou série) jogo, (quando cirúrgicos) aparelho, (quando de artes e ofícios) ferramenta, (quando de trabalho grosseiro, modesto) tralha;
inseto	- (quando nocivos) praga, (quando em grande quantidade) miríade, nuvem, (quando se deslocam em sucessão) correição;
javali	- alcatéia, malhada, vara;
jornal	- hemeroteca;
jumento	- récova, récua;
jurado	- júri, conselho de sentença, corpo de jurados;
ladrão	- bando, cáfila, malta, quadrilha, tropa, pandilha;
lâmpada	- (quando em fileira) carreira, (quando dispostas numa espécie de lustre) lampadário;
leão	- alcatéia;
lei	- (quando reunidas cientificamente) código, consolidação, corpo, (quando colhidas aqui e ali) compilação;
leitão	- (quando nascidos de um só parto) leitegada;
livro	- (quando amontoados) chusma, pilha, ruma, (quando heterogêneos) choldraboldra, salgalhada, (quando reunidos para consulta) biblioteca, (quando reunidos para venda) livraria, (quando em lista metódica) catálogo;
lobo	- alcatéia, caterva;
macaco	- bando, capela;
malfeitor	- (em geral) bando, canalha, choldra, corja, hoste, joldra, malta, matilha, matula, pandilha, (quando organizados) quadrilha, seqüela, súcia, tropa;

maltrapilho	- farândola, grupo;
mantimento	- (em geral) sortimento, provisão, (quando em saco, em alforge) matula, farnel, (quando em cômodo especial) despensa;
mapa	- (quando ordenados num volume) atlas, (quando selecionados) mapoteca;
máquina	- maquinaria, maquinismo;
marinheiro	- marujada, marinhagem, companha, equipagem, tripulação;
médico	- (quando em conferência sobre o estado de um enfermo) junta;
menino	- (em geral) grupo, bando, (depreciativamente) chusma, cambada;
mentira	- (quando em seqüência) enfiada;
mercadoria	- sortimento, provisão;
mercenário	- mesnada;
metal	- (quando entra na construção de uma obra ou artefato) ferragem;
ministro	- (quando de um mesmo governo) ministério, (quando reunidos oficialmente) conselho;
montanha	- cordilheira, serra, serrania;
mosca	- moscaria, mosquedo;
móvel	- mobília, aparelho, trem;
música	- (quanto a quem a conhece) repertório;
músico	- (quando com instrumento) banda, charanga, filarmônica, orquestra;
nação	- (quando unidas para o mesmo fim) aliança, coligação, confederação, federação, liga, união;
navio	- (em geral) frota, (quando de guerra) frota, flotilha, esquadra, armada, marinha, (quando reunidos para o mesmo destino) comboio;
nome	- lista, rol;
nota	- (na acepção de dinheiro) bolada, bolaço, maço, pacote, (na acepção de produção literária, científica) comentário;
objeto	- Ver coisa;
onda	- (quando grandes e encapeladas) marouço;
órgão	- (quando concorrem para uma mesma função) aparelho, sistema;
orquídea	- (quando em viveiro) orquidário;
osso	- (em geral) ossada, ossaria, ossama, (quando de um cadáver) esqueleto;
ouvinte	- auditório;
ovelha	- (em geral) rebanho, grei, chafardel, malhada, oviário;
ovo	- (os postos por uma ave durante certo tempo) postura, (quando no ninho) ninhada;
padre	- clero, clerezia;
palavra	- (em geral) vocabulário, (quando em ordem alfabética e seguida de significação) dicionário, léxico, (quando proferidas sem nexo) palavrório;
pancada	- pancadaria;
pantera	- alcatéia;

papel	- (quando no mesmo liame) bloco, maço, (em sentido lato, de folhas ligadas e em sentido estrito, de 5 folhas) caderno, (5 cadernos) mão, (20 mãos) resma, (10 resmas) bala;
parente	- (em geral) família, parentela, parentalha, (em reunião) tertúlia;
partidário	- facção, partido, torcida;
partido político	- (quando unidos para um mesmo fim) coligação, aliança, coalizão, liga;
pássaro	- passaredo, passarada;
passarinho	- nuvem, bando;
pau	- (quando amarrados) feixe, (quando amontoados) pilha, (quando fincados ou unidos em cerca) bastida, paliçada;
peça	- (quando devem aparecer juntas na mesa) baixela, serviço, (quando artigos comerciáveis, em volume para transporte) fardo, (em grande quantidade) magote, (quando pertencentes à artilharia) bateria, (de roupas, quando enroladas) trouxa, (quando pequenas e cosidas umas às outras para não se extraviarem na lavagem) apontoado, (quando literárias) antologia, florilégio, seleta, silva, crestomatia, coletânea, miscelânea;
peixe	- (em geral e quando na água) cardume, (quando miúdos) boana, (quando em viveiro) aquário, (quando em fileira) cambada, espicha, enfiada, (quando à tona) banco, manta;
pena	- (quando de ave) plumagem;
pessoa	- (em geral) aglomeração, banda, bando, chusma, colméia, gente, legião, leva, maré, massa, mó, mole, multidão, pessoal, roda, rolo, troço, tropel, turba, turma, (quando reles) corja, caterva, choldra, farândola, récua, súcia, (quando em serviço, em navio ou avião) tripulação, (quando em acompanhamento solene) comitiva, cortejo, préstito, procissão, séquito, teoria, (quando ilustres) plêiade, pugilo, punhado, (quando em promiscuidade) cortiço, (quando em passeio) caravana, (quando em assembléia popular) comício, (quando reunidas para tratar de um assunto) comissão, conselho, congresso, conclave, convênio, corporação, seminário, (quando sujeitas ao mesmo estatuto) agremiação, associação, centro, clube, grêmio, liga, sindicato, sociedade;
pilha	- (quando elétricas) bateria;
planta	- (quando frutíferas) pomar, (quando hortaliças, legumes) horta, (quando novas, para replanta) viveiro, alfobre, tabuleiro, (quando de uma região) flora, (quando secas, para classificação) herbário;
ponto	- (de costura) apontoado;
porco	- (em geral) manada, persigal, piara, vara, (quando do pasto) vezeira;
povo	- (nação) aliança, coligação, confederação, liga;
prato	- baixela, serviço, prataria;
prelado	- (quando em reunião oficial) sínodo;
prisioneiro	- (quando em conjunto) leva, (quando a caminho para o mesmo destino) comboio;

professor	- corpo docente, professorado, congregação;
quadro	- (quando em exposição) pinacoteca, galeria;
querubim	- coro, falange, legião;
recruta	- leva, magote;
religioso	- clero regular;
roupa	- (quando de cama, mesa e uso pessoal) enxoval, (quando envoltas para lavagem) trouxa;
salteador	- caterva, corja, horda, quadrilha;
selo	- coleção;
serra	- (acidente geográfico) cordilheira;
soldado	- tropa, legião;
trabalhador	- (quando reunidos para um trabalho braçal) rancho, (quando em trânsito) leva;
tripulante	- equipagem, guarnição, tripulação;
utensílio	- (quando de cozinha) bateria, trem, (quando de mesa) aparelho, baixela;
vadio	- cambada, caterva, corja, mamparra, matula, súcia;
vara	- (quando amarradas) feixe, ruma;
velhaco	- súcia, velhacada.

OBSERVAÇÃO: Na maioria dos casos, a forma coletiva se constrói mediante a adaptação do sufixo conveniente: arvoredo (de árvores), cabeleira (de cabelos), freguesia (de fregueses), palavratório (de palavras), professorado (de professores), tapeçaria (de tapetes), etc.

III. COLOCAÇÃO PRONOMINAL

1. EMPREGO DE "EU e TU" / "TI e MIM"
2. COLOCAÇÃO DOS PRONOMES OBLÍQUOS ÁTONOS (ÊNCLISE, PRÓCLISE, MESÓCLISE)
3. EMPREGO DO PRONOME ÁTONO EM LOCUÇÕES VERBAIS PERFEITAS E EM TEMPOS COMPOSTOS
4. TEMPOS COMPOSTOS
5. EMPREGO DOS PRONOMES ESTE/ESSE/AQUELE

1. EMPREGO DE "EU e TU" / "TI e MIM".

Os pronomes **"eu"** e **"tu"** só podem figurar como sujeito de uma oração. Assim, não podem vir precedidos de preposição funcionando como complemento. Para exercer esta função, deve-se empregar as formas **"mim"** e **"ti".**

Exemplos:

Nunca houve brigas entre eu e ela.	(errado)
Nunca houve brigas entre mim e ela.	(certo)
Todas as dívidas entre eu e tu foram sanadas.	(errado)
Todas as dívidas entre mim e ti foram sanadas.	(certo)
Sem você e eu, aquela obra não acaba.	(errado)
Sem você e mim, aquela obra não acaba.	(certo)
A festa não será a mesma sem tu e elas.	(errado)
A festa não será a mesma sem ti e elas.	(certo)
Perante eu e vós, aquelas criaturas são bem mais infelizes.	(errado)
Perante mim e vós, aquelas criaturas são bem mais infelizes.	(certo)
Levantaram calúnias contra os alunos e eu.	(errado)
Levantaram calúnias contra os alunos e mim.	(certo)

Observação: Os pronomes "eu" e "tu", no entanto, podem aparecer como sujeito de um verbo no infinitivo, embora precedidos de preposição.

Exemplos:
Não vais sem eu mandar.
Pedi para tu comprares o carro.
Esta regra é para eu não esquecer.

2. COLOCAÇÃO DOS PRONOMES OBLÍQUOS ÁTONOS.

REGRAS PRÁTICAS PARA A COLOCAÇÃO DOS PRONOMES ÁTONOS:
Os pronomes átonos são geralmente empregados depois do verbo **(ÊNCLISE),** muitas vezes antes**(PRÓCLISE)** e, mais raramente, no meio **(MESÓCLISE).**

.ÊNCLISE

As formas verbais do infinitivo impessoal (precedido ou não da preposição **"a"**), do gerúndio e do imperativo afirmativo pedem a ênclise pronominal.

Exemplos:
Urge obedecer-se às leis.
Obrigou-me a dizer-lhe tudo.
Bete pediu licença, afastando-se do grupo.
Aqueles livros raros? Compra-os imediatamente!

Observação: Se o gerúndio vier precedido da preposição **"em",** deve-se empregar a próclise.
Exemplo: "Nesta terra, em se plantando, tudo dá."

Não se inicia um período pelo pronome átono nem a oração principal precedida de pausa, assim como as orações coordenadas assindéticas, isto é, sem conjunções.
Exemplos:

Me contaram sua aventura em Salvador.	(errado)
Contaram-me sua aventura em Salvador.	(certo)
Permanecendo aqui, se corre o risco de ser assaltado.	(errado)
Permanecendo aqui, corre-se o risco de ser assaltado.	(certo)
Segui-o pela rua, o chamei, lhe pedi que parasse.	(errado)
Segui-o pela rua, chamei-o, pedi-lhe que parasse.	(certo)

Observação: A ênclise não pode ser empregada com verbos no futuro e no particípio passado.

.PRÓCLISE

Deve-se colocar o pronome átono antes do verbo, quando antes dele houver uma palavra pertencente a um dos seguintes grupos:

A) palavras ou expressões negativas;
Exemplos:
Não me deixe sozinho esta noite!
Nunca se recuse ajudar a quem precise.
Nem nos conte porque voce fez isso.
Nenhum deles me prestou a informação correta.
Ninguém lhe deve nada.
De modo algum (Em hipótese alguma) nos esqueceremos disso.

B) pronomes relativos;
Exemplos:
O livro que me emprestaste é muito bom.
Este é o senhor de quem lhe contei a vida.
Esta é a casa da qual vos falei.
O ministro, cujo filho lhe causou tantos problemas, está aqui.
Aquela rua, onde me assaltaram, foi melhor iluminada.
Pagarei hoje tudo quanto lhe devo.

C) pronomes indefinidos;
Exemplos:
Alguém me disse que você vai viajar.
Quem lhe disse essas bobagens?
Dos vários candidatos entrevistados, alguns (diversos) nos pareceram bastante inteligentes.
Entre os dez pares de sapato, qualquer um me serve para ir a festa no sábado.
Quem quer que me traga uma flor, conquistará meu coração.

D) conjunções subordinativas;
Exemplos:
Deixarei você sair, quando me disser a verdade.
Posso ajudar-te na obra, se me levares contigo.
Faça todo esse trabalho, como lhe ensinei.
Entramos no palácio, porque nos deram permissão.
Fiquem em nossa casa, enquanto vos pareça agradável.
Continuo a gostar de ti, embora me magoasse muito.
Confiei neles, logo que os conheci.

E) advérbios;
Exemplos:
Talvez nos seja fácil fazer esta tarefa.
Ontem os vi no cinema.
Aqui me agrada estar todos os dias.
Agora vos contarei um conto de fadas.
Pouco a pouco te revelarei o mistério.
De vez em quando me pego falando sozinho.
De súbito nos assustamos com os tiros.

Observação: O pronome átono pode ser colocado antes ou depois do infinitivo impessoal, se antecedendo o infinitivo vier uma das palavras ou expressões mencionadas acima.
Exemplos:
"Tudo faço para não a perturbar naqueles dias difíceis";
ou
"Tudo faço para não perturbá-la..."

.MESÓCLISE.
Emprega-se o pronome átono no meio da forma verbal, quando esta estiver no futuro simples do presente ou no futuro simples do pretérito do indicativo.

Exemplos:
Chamar-te-ei, quando ele chegar.
Se houver tempo, contar-vos-emos nossa aventura.
Dar-te-ia essas informações, se soubesse.

Observação: Se antes dessas formas verbais houver uma palavra ou expressão que provocam a próclise, não se empregará, conseqüentemente, o pronome átono na posição mesoclítica.

Exemplos:
Nada lhe direi sobre este assunto.
Livrar-te-ei dessas tarefas, porque te daria muito trabalho.

3. EMPREGO DO PRONOME ÁTONO EM LOCUÇÕES VERBAIS PERFEITAS E EM TEMPOS COMPOSTOS.

São locuções verbais perfeitas aquelas formadas de um verbo auxiliar modal **(QUERER, DEVER, SABER, PODER, ou TER DE, HAVER DE)**, seguido de um verbo principal no infinitivo impessoal. Neste caso, o pronome átono pode ser colocado antes ou depois do primeiro verbo, ou ainda depois do infinitivo.

Exemplos:
Nós lhe devemos dizer a verdade.
Nós devemos lhe dizer a verdade.
Nós devemos dizer-lhe a verdade.

Observação: No entanto, se no caso acima mencionado as locuções verbais vierem precedidas de palavra ou expressão que exija a próclise, só duas posições serão possíveis para empregar-se o pronome átono: antes do auxiliar ou depois do infinitivo.

Exemplos:
Não lhe devemos dizer a verdade.
Não devemos dizer-lhe a verdade.

4. TEMPOS COMPOSTOS.

Nos tempos compostos, formados de um verbo auxiliar **(TER ou HAVER)** mais um verbo principal no particípio, o pronome átono se liga ao verbo auxiliar, nunca ao particípio.

Exemplos:
Tinha-me envolvido sem querer com aquela garota.
Nós nos havíamos assustado com o trovão.
O advogado não lhe tinha dito a verdade.

Observação: Quando houver qualquer fator de próclise, esta será a única posição possível do pronome átono na frase, ou seja, antes do verbo auxiliar.

5. EMPREGO DOS PRONOMES ESTE/ESSE/AQUELE.

Os pronomes **"este, esta, isto"** devem ser empregados referindo-se ao âmbito da pessoa que fala (1ª pessoa do singular e do plural - eu e nós), e quando se quer indicar o que se vai dizer logo em seguida (referência ao "tempo presente). Relacionam-se com o advérbio "aqui" e com os pronomes possessivos "meu, minha, nosso, nossa".

Exemplos:
Este meu carro só me dá problemas.
Esta casa é nossa há dez anos.
Isto aqui são as minhas encomendas.
Ainda me soam aos ouvidos estas palavras do Divino Mestre: "Amai ao próximo como a vós mesmos."
Espero que por estas linhas... (no começo de uma carta, por exemplo)
Neste momento, está chovendo no Rio de Janeiro. (= agora)
Ele deve entregar a proposta nesta semana. (= na semana em que estamos)
Não haverá futebol neste domingo. (= hoje)
O pagamento deverá ser feito neste mês. (= mês em que estamos)

Empregam-se os pronomes **"esse, essa, isso",** com relação ao âmbito da pessoa com quem se fala (2ª do singular e do plural - tu e vós; e também com "você, vocês"); e quando se quer indicar o que se acabou imediatamente de dizer (referência ao "tempo passado").

Relacionam-se com o advérbio "aí" e com os pronomes possessivos "teu, tua, vosso, vossa, seu, sua (igual a "de você").

Exemplos:
Essa sua blusa não lhe fica bem.
Quem jogou esse lixo aí na tua calçada?
Isso aí que você está fazendo tem futuro?
Esses vossos planos não darão certo.
Esses exemplos devem ser bem fixados.
Despeço-me, desejando que essas palavras... (no final de uma carta)
Tudo ia bem com Rubinho até a 57ª volta; nesse momento, acabou o combustível.
Ele pouco se dedicava ao trabalho, por isso foi dispensado.

Os pronomes **"aquele, aquela, aquilo"** devem ser empregados com referência ao que está no âmbito da pessoa ou da coisa de quem ou de que se fala (3ª pessoa do singular e do plural - ele, ela, eles, elas). Relacionam-se com o advérbio "lá" e com os possessivos "seu, sua (igual a "dele, dela").

Exemplos:
Aquele carro, lá no estacionamento, é do professor Paulo.
Aquela garota bonita é da sua turma?
Eu disse ao diretor aquilo que me mandaste dizer.

Observação: Numa enumeração, empregamos os pronomes **"este, esta, isto"** para nos referir ao elemento mais próximo, e "aquele, aquela, aquilo" para os anteriores.
Exemplo: Em 96, adquiri duas coisas muito importantes para mim: uma casa e um computador. Este no início do ano e aquela no fim.

DICAS.

COM A GENTE / CONOSCO / COM NÓS
A expressão **"com a gente"** é típica da linguagem coloquial brasileira. Só pode ser usada em textos informais.

Exemplos:
A outra turma vai se reunir com a gente às 10h.
A sua irmã vai com a gente ao clube hoje.

Em textos formais, que exijam uma linguagem mais cuidada, devemos usar a forma **"conosco".**

Exemplos:
Os pais dos alunos querem uma reunião conosco.
Os diretores irão conosco ver o prefeito.

Devemos usar **"com nós"** antes de algumas palavras: Antes de **"todos, mesmos, dois"**

Exemplos:
O presidente deixou a decisão com nós todos.
O presidente deixou a decisão com nós mesmos.
O presidente deixou a decisão com nós dois.

O PRONOME VOCÊ

O pronome **você(s),** a rigor, é usado como 3ª pessoa do singular/plural, conforme atestam as 3ªs. pessoas do modo imperativo. Na prática, ele funciona como 2ª pessoa, uma vez que é usado para se referir à pessoa com quem se fala e não à pessoa de quem se fala.

A explicação está na origem do pronome. **Você** se deriva da expressão "Vossa Mercê", que se transformou com o tempo até chegar ao atual você. Isso significa que, pela sua origem, **você** é um pronome de tratamento. O problema é que todos os pronomes de tratamento (=Vossa Senhoria, Vossa Excelência, Vossa Majestade, Vossa Santidade...) são de 3ª pessoa. Assim sendo, o pronome **você** é de 3ª pessoa, mas é usado em substituição ao **tu** (2ª pessoa = com quem se fala).

IV. CONCORDÂNCIA NOMINAL

REGRA GERAL: O **adjetivo**, o **artigo**, o **numeral** e o **pronome adjetivo** concordam com o **substantivo** em GÊNERO (masculino ou feminino) e NÚMERO (singular ou plural).

Exemplos:
O aluno atencioso / A aluna atenciosa
Uns alunos estudiosos / Umas alunas estudiosas
Este clip está enferrujado / Estes clips estão enferrujados
Eles saíram juntos / Elas saíram juntas

Atenção, porém, para a concordância com as palavras **"anexo", "quite"** e com a locução prepositiva **"junto de".**

Exemplos:
O documento segue anexo / Os documentos seguem anexos
(São possíveis também as construções:
O documento segue em anexo / Os documentos seguem em anexo)
O rapaz está quite com o serviço militar
Os rapazes estão quites com o serviço militar
Eles ficaram junto da mãe / Elas ficaram junto da mãe

REGRAS ESPECÍFICAS:

➔ Quando o adjetivo vem depois de dois ou mais substantivos no singular e do mesmo gênero, pode ir para o singular (concordância atrativa) ou plural (concordância lógica ou gramatical). No entanto, quando o adjetivo se referir claramente ao último substantivo, a concordância com este será obrigatória.

Exemplos:
A consciência e a dignidade humana(humanas) valem muito.
Ela tem marido e filho dedicado(dedicados).
O casaco e o chapéu redondo eram dele.
Ela ganhou um livro e um disco orquestrado.

➔ Quando o adjetivo vem depois de dois ou mais substantivos no singular e de gêneros diferentes, vai para o plural masculino ou concorda com o substantivo mais próximo.

Exemplos:
Ela tem testa, nariz e boca deformados (deformada)
Enviamos jornais e revistas ilustrados (ilustradas)
Ele vestia camisa e paletó escuros (escuro)

Observação: A concordância do adjetivo com o último substantivo será obrigatória quando:

1. o sentido assim o exigir;
Exemplos:
Traga-me um livro e uma fruta fresca.
No Shopping, comprei roupas e um rádio elétrico.

2. os substantivos forem sinônimos;
Exemplos:
Falta mais coragem ao povo e à gente brasileira.
Ele passou por dor e sofrimento demasiado.

3. os substantivos estiverem no plural;
Exemplo:
Eles estão sempre com os corações e as casas abertas.

➔ Quando o adjetivo estiver antecedendo substantivos do mesmo gênero e número ou não, ele concordará necessariamente com o substantivo mais próximo. Caso, porém, o adjetivo venha após os substantivos, irá para o plural do mesmo gênero deles.

Exemplos:
Sua mãe e filhas podem ficar aqui.
Você escolheu má hora e lugar para dizer isto.
(Você escolheu mau lugar e hora...)
Fiquei encantado com as serras e a gente mineiras.

Observação: Quando os substantivos expressarem nomes próprios ou grau de parentesco, o adjetivo irá obrigatoriamente para o plural.
Exemplos:
Haverá uma homenagem aos ilustres Drumond e Bandeira.
Encontrei ontem seus simpáticos sogro e sogra.

➔ No caso de mais de um adjetivo qualificar ou determinar o mesmo substantivo, podem ser dadas à frase várias formas.

Exemplos:
O primeiro e o segundo turno foram anulados.
Primeiro e segundo turnos foram anulados.
O primeiro turno e o segundo foram anulados.
Convidamos os alunos da primeira e da segunda série.
Convidamos os alunos da primeira e segunda séries.
Gosto das Literaturas brasileira e portuguesa.
Gosto da Literatura brasileira e da portuguesa.
Gosto da Literatura brasileira e portuguesa.

(Estilisticamente, as duas primeiras construções são preferíveis, pois a terceira pode trazer um pouco de incerteza: gosta-se de duas Literaturas distintas ou de uma Literatura luso-brasileira?)

➔ O adjetivo irá para o plural quando o substantivo, mesmo no singular, vier precedido das expressões "um e outro", ou "nem um nem outro".

Exemplos:
Não posso fazer um e outro trabalho cansativos.
Nem um nem outro aluno doentes fizeram a prova.

➔ Caso o adjetivo venha antecedido das expressões "alguma coisa" ou "qualquer coisa", mais a preposição "de", vai para o masculino. Caso contrário, vai para o feminino.

Exemplos:
Alguma coisa de aterrador aconteceu ontem.
Alguma coisa aterradora aconteceu ontem.
Há qualquer coisa de errado com esse computador.
Há qualquer coisa errada com esse computador.

CONCORDÂNCIA DO PREDICATIVO E DO PARTICÍPIO COM O SUJEITO

REGRA GERAL: O predicativo concorda com o sujeito em gênero e número.

Exemplos:
Pedro É GENEROSO / as irmãs SÃO GENEROSAS

REGRAS ESPECÍFICAS:

➔ Quando o sujeito vier sem nenhum determinante, adquirirá um sentido amplo, vago, equivalente a **"isso", "isto", "aquilo";** e o adjetivo do predicativo assumirá aparentemente uma forma masculina, mas, na verdade, será neutra.

Exemplos:
Cachaça não é bom para a saúde. (sem determinante)
Esta cachaça não é boa. (com determinante = Esta)

É necessário paciência de todos.
É necessária a paciência de todos.

É proibido entrada de pessoas sem autorização.
É proibida a entrada de pessoas sem autorização.

- És professora?
- Sim, sou-o.
(sem determinante, sentido mais genérico; o = pronome neutro)
- És a professora daquele menino?
- Sim, sou-a.
(com determinante, sentido específico; a = pronome pessoal)

➔ Quando o adjetivo que antecede os substantivos for um predicativo do objeto, ele deverá preferivelmente ficar no plural. Quando, porém, o predicativo do sujeito composto estiver anteposto a este, poderá concordar também com o núcleo mais próximo (o que acontece igualmente com o verbo da oração).

Exemplos:
Considero inteligentes o rapaz e a moça.
Julgamos insensatos a sua idéia e o seu gesto.
São vergonhosos a fome e o analfabetismo no Brasil.
É vergonhosa a fome e o analfabetismo no Brasil.

➔ O particípio sempre concordará com o sujeito em gênero e número quando empregado nas orações reduzidas.

Exemplos:
Realizado o trabalho, todos saíram.
Realizados os trabalhos, todos saíram.
Realizada a tarefa, todos saíram.
Realizadas as tarefas, todos saíram.
Cumprida a exigência, ela pode fazer a prova.
Cumpridas as exigências, ela pode fazer a prova.

➔ Apesar de os pronomes de tratamento estarem todos no feminino, poderão, no entanto, se referir a pessoas de ambos os sexos, permitindo que o adjetivo do predicativo faça uma concordância ideológica (**silepse**) com o sexo da pessoa a quem nos dirigimos.

Exemplos:
Vossa Alteza é muito bondoso (dirigindo-se a um príncipe)
Vossa Alteza é muito bondosa (dirigindo-se a uma princesa)

Outros casos de **silepse:**

➔ Quando tratamos nosso interlocutor com certa cerimônia, empregando a segunda pessoa do plural em vez da segunda do singular;

Exemplo:
Sois injusto comigo.

➔ Quando queremos nos referir a nós mesmos, empregando, porém, a segunda pessoa do plural (plural de modéstia);

Exemplos:
Seremos breve em nossa exposição.
Esperamos que esta nossa página o ajude em suas dúvidas sobre Língua Portuguesa.

PLURAL DOS SUBSTANTIVOS E ADJETIVOS COMPOSTOS

➔ Como uma primeira dica, **MEMORIZE:** se os termos que compõem um substantivo composto forem, isoladamente, substantivos, adjetivos ou numerais, todos eles vão para o plural.

Exemplos:
couve-flor / couves-flores
guarda-noturno / guardas-noturnos
amor-perfeito / amores-perfeitos
primeiro-ministro / primeiros-ministros
obra-prima / obras-primas

➔ No entanto, se os substantivos compostos tiverem como elementos de sua composição um verbo, um advérbio ou uma preposição, esses termos deverão ficar no singular.

Exemplos:
guarda-chuva / guarda-chuvas
guarda-roupa / guarda-roupas
sempre-viva / sempre-vivas
contra-ataque / contra-ataques

➔ No caso do substantivo composto possuir duas palavras repetidas, somente a segunda irá para o plural. Entretanto, se forem dois verbos idênticos, os dois também poderão ser pluralizados.

Exemplos:
tico-tico / tico-ticos
corre-corre / corre-corres (corres-corres)
pisca-pisca / pisca-piscas (piscas-piscas)
quebra-quebra / quebra-quebras (quebras-quebras)

Observação: Não se pluraliza o substantivo composto formado por dois verbos de sentidos opostos. Exemplo: Marli e Dora são duas leva-e-traz.

➔ Já quando os dois elementos do substantivo composto forem ligados por uma preposição, somente o primeiro irá para o plural.

Exemplos:
pé-de-moleque / pés-de-moleque
mula-sem-cabeça / mulas-sem-cabeça

➔ Os substantivos compostos onomatopaicos, ou seja, aqueles formados por termos que em sua pronúncia lembram o som da coisa significada, têm apenas seu segundo elemento pluralizado.

Exemplos:
tique-taque / tique-taques
reco-reco / reco-recos
bem-te-vi / bem-te-vis

CASOS ESPECIAIS

➔ As formas compostas "arco-íris" e "louva-a-deus" não possuem plural. Assim, por serem formas invariáveis, têm apenas os seus determinantes pluralizados.

Exemplos:
O arco-íris / Os arco-íris
Aquele louva-a-Deus / Aqueles louva-a-Deus

➔ O substantivo composto "joão-ninguém" faz o plural "joões-ninguém".

➔ Os adjetivos compostos, normalmente, têm (como na flexão de gênero masculino/feminino) apenas o seu segundo elemento alterado, o qual concordará com o substantivo que está modificando.

Exemplos:
política econômico-financeira
políticas econômico-financeiras

país social-democrata
países social-democratas
aliança luso-brasileira
alianças luso-brasileiras

➔ Existe um caso em que o adjetivo composto é invariável.Trata-se de alguns nomes de cores, nos quais o segundo elemento é um substantivo.

Exemplos:
camisas amarelo-limão
vestidos azul-piscina
saias verde-garrafa

➔ Apesar de não se incluírem na regra acima, as cores "azul-marinho", "azul-celeste", "cor-de-rosa", "cor-de-carne" e as palavras adjetivadas "ultravioleta", "infravermelho", "turquesa" e "pastel" também se apresentam invariáveis.

Exemplos:
meias azul-marinho
olhos azul-celeste
blusas cor-de-rosa
biquínis cor-de-carne
raios ultravioleta
raios infravermelho
maiôs turquesa
tons pastel

➔ Os advérbios apresentam-se sempre invariáveis.

Exemplos:
O mundo precisa de MENOS preconceito e de MENOS corrupção.
Todos ficaram ALERTA.

CURIOSIDADE
A concordância na frase "não existe ninguém mais calma do que eu", quando falada por uma mulher, estaria certa? Depende. A tendência seria dizer "não existe ninguém mais calmo do que eu", mesmo vindo a frase de uma mulher, já que a palavra "ninguém" teoricamente é neutra e, em conseqüência, pede o adjetivo "calmo" no masculino. No entanto, podemos dizer também que está acontecendo aqui um fenômeno lingüístico chamado **silepse**, ou seja, uma concordância ideológica. Neste sentido, a concordância se faria com a idéia do universo feminino ao qual a mulher, que pronunciou a frase, pertence.

V. CONCORDÂNCIA VERBAL

REGRA GERAL:
O **verbo** concorda com o **sujeito** em NÚMERO (singular e plural) e PESSOA (1ª, 2ª, 3ª).

Exemplos:
Eu amo
Tu amas
Ele ama
Nós amamos
Vós amais
Eles amam
O menino é estudioso.
As meninas são estudiosas.

CASOS PARTICULARES:

➔ **SUJEITO COLETIVO** - é singular na forma, mas expressa idéia de pluralidade.

Exemplos:
povo, exército, grupo, turma, multidão, etc.

Assim:

1. O verbo ficará no singular se estiver junto do sujeito coletivo.
Exemplos:
O povo aplaudiu o prefeito com entusiasmo.
O exército argentino foi derrotado na guerra das Malvinas.
A turma estava agitada no dia da prova.

2. Se o verbo estiver distante do sujeito coletivo, ou se este vier seguido de palavra que mencione os elementos nele contidos, poderá o verbo ir para o singular ou para o plural, conforme se queira destacar mais a idéia de todo ou a presença dos elementos que compõem o sujeito coletivo.
Exemplos:
O Conselho Universitário se reuniu e decidiu (ou decidiram) recomeçar os trabalhos.
O grupo de pivetes fugiu correndo, mais adiante, porém, foi preso (ou foram presos).
Um bando de pardais pousou (ou pousaram) naquela árvore ali.
Nesses dias modernos, uma imensidade de problemas nos aflige (ou nos afligem).
Uma turma de meninas cantava (ou cantavam) alegremente no clube.
Um milhão de jovens participou (ou participaram) da passeata.

➔ É possível também que o sujeito seja formado por expressões de natureza partitiva como **"grande parte de", "o resto de", "a maioria de", "uma porção de", "metade de", "a maior parte de",** etc., seguidas de um substantivo ou pronome no plural. Neste caso, igualmente poderá haver dois tipos de concordância.

Exemplos:
Grande parte das pessoas chegou (chegaram) cedo à festa.
A maioria delas estava (estavam) bem vestida(s).
Metade dos candidatos não apresentou (apresentaram) nenhuma proposta interessante.

➔ Quando o sujeito é formado por uma expressão que denota quantidade aproximada como **"mais de...", "menos de...", "cerca de...", "perto de...",** seguida de um número no plural, o verbo deve ficar no plural. Porém, se estas expressões vierem seguidas do numeral **"um",** o verbo obrigatoriamente vai para o singular.

Exemplos:
Mais de um jornal estrangeiro fez alusão ao Brasil.
Mais de dois jornais foram fechados em um ano.
Cerca de vinte pessoas estiveram no jantar.
Perto de dez carros envolveram-se no acidente.

Observação: Deve-se empregar o verbo sempre no plural quando este expressar idéia de reciprocidade ou quando a expressão "mais de um" vier repetida na frase.

Exemplos:
Mais de um sócio se insultaram.
Mais de um político agrediram-se no plenário.
Mais de um aluno, mais de um professor emocionaram-se com o discurso do diretor.

➔ Quando se tratar de nomes próprios, a concordância deverá ser feita levando-se em conta a ausência ou presença de artigo. Não havendo artigo, o verbo deverá ficar no singular; quando houver artigo no plural, o verbo ficará no plural.

Exemplos:
Estados Unidos cria e Brasil imita.
Os Estados Unidos determinam o fluxo da atividade econômica no mundo.
As Minas Gerais são inesquecíveis.
Minas Gerais produz queijo e poesia de primeira.
As Alagoas nos revelam muitas mulheres bonitas.
Alagoas impressiona pela beleza das praias e pela pobreza da população.

PRONOMES RELATIVOS QUEM E QUE.

➔ O pronome relativo **"quem",** normalmente, pede o verbo que o tem como sujeito, na terceira pessoa do singular. No entanto, o verbo pode concordar com a pessoa do sujeito antecedente, quando se quer fazer uma concordância enfática.

Exemplos:
Nunca te esqueças de que fui eu quem te apresentou ao presidente.
"Mais tarde você descobrirá se fui eu quem menti."
Fui eu quem pagou a conta.
"Fui eu quem paguei aquela dívida enorme ."

➔ Se o sujeito é o pronome relativo **"que",** o verbo concorda com o antecedente do relativo.

Exemplos:
Nós que ficamos e vocês que partem seremos sempre amigos.
Fui eu que falei a verdade naquela hora.
Foram eles que fizeram isso.
Fui aquela que morou na casa velha.

➔ Quando o sujeito é o relativo **"que",** precedido das expressões **"um dos...", "uma das...",** o verbo deve concordar na terceira pessoa do plural.

Exemplos:
Eliane era uma das que mais desconfiavam de nossa administração.
Um dos homens que mais lutaram pela soberania de nossa pátria foi Barbosa Lima Sobrinho.

Observação: Por exigência lógica, existirão casos em que o singular será obrigatório.
Exemplo:
Chama-se "Gota d' Água" uma das peças teatrais de Chico Buarque que será encenada amanhã.

PRONOMES INDEFINIDOS OU INTERROGATIVOS NO PLURAL + DE NÓS, DE VÓS.

➔ Quando o sujeito é formado de expressões constituídas de pronome indefinido ou interrogativo no plural, mais os termos **"de nós", "de vós",** o verbo vai para a terceira pessoa do plural (concordância mais lógica, na medida em que ela incide sobre o núcleo do sujeito, no caso o pronome da expressão). É possível, no entanto, o verbo concordar com os pronomes pessoais **"nós e vós".**

Exemplos:
Quais de nós (concluiremos) concluirão a faculdade?
Alguns de vós (viestes) vieram de bem longe.
Muitos de nós (deixamos) deixam a vida passar sem produzir nada.
Quantos de vós (contribuístes) contribuíram para a melhoria de vosso país?

Observação: Com o pronome indefinido ou interrogativo no singular, é claro que o verbo ficará na terceira pessoa do singular.
Exemplo:
Um de nós te levará em casa após a festa.

SUJEITO DA VOZ PASSIVA PRONOMINAL E INDETERMINADO

➔ O verbo apassivado pelo pronome "se" deve concordar com o sujeito que, no caso, está sempre expresso.

Exemplos:
Vendem-se casas (casas são vendidas)
Os planos desenvolvem-se (são desenvolvidos) satisfatoriamente.

Observação: Quando os verbos **"poder"** e **"dever"** aparecerem na voz passiva sintética, como auxiliares de um infinitivo, duas construções serão possíveis, porque duas análises sintáticas também são possíveis.

Exemplos:
Não se podem cortar essas árvores.
(sujeito = ESSAS ÁRVORES; PODEM CORTAR = locução verbal, concordância do verbo auxiliar PODER com o sujeito plural.)

Não se pode cortar essas árvores.
(sujeito oracional = CORTAR ESSAS ÁRVORES - oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo - sujeito do verbo PODER que deve ficar na 3ª pessoa do singular.)

➔ Se o verbo for transitivo indireto, ficará na 3ª pessoa do singular, pois o "se", neste caso, não será pronome apassivador, mas sim partícula indeterminante do sujeito.

Exemplos:
Precisa-se de operários (e não precisam-se de operários)
Assiste-se a filmes bons naquele cinema.
Obedeça-se às leis.

CONCORDÂNCIA COM O SUJEITO COMPOSTO

➔ Quando o sujeito de um verbo vier depois dele e for composto de vários elementos, o verbo concordará com o elemento mais próximo (concordância atrativa), podendo ficar no singular, ou poderá ir para o plural (Concordância lógica).

Exemplos:
De repente ouviu-se um estouro, um gemido, um grito de triunfo.
A minha alma é maior do que supõe: cabem nela amor de mulher, afetos de filha e amizade de irmã.

➔ Se os elementos do sujeito composto forem sinônimos ou formarem uma unidade de idéia, um todo no sentido, ou ainda estiverem organizados numa gradação, o verbo pode ficar na 3ª pessoa do singular para realçar a unidade de sentido ou o último elemento da série gradativa.

Exemplos:
A sua família, o seu lar era aquele em que fora recolhida.
A mágoa e a dor lhe ressuscitou o entendimento.
Somente o elogio e o incentivo constrói.
"Triste ventura e negro fado o chama." (Camões)
"Mas permite, Deus, que a maldade e a malícia ande encoberta." (Vieira)
A mesma idéia, o mesmo gesto, a mesma fala revelava a personalidade daquela mulher.
Um grito, uma palavra, um movimento, um simples olhar causava-lhe medo.

➔ Sendo os núcleos do sujeito composto formados de verbos no infinitivo, o verbo da oração ficará no singular se esses núcleos não vierem acompanhados de elementos determinantes. Caso contrário, o verbo irá para o plural.

Exemplos:
Correr, cair e levantar foi um só movimento.
Comer e beber é necessário.
O comer e o beber são necessários.

➔ Entretanto, se os núcleos infinitivos forem termos antônimos, o verbo da oração irá para o plural, mesmo que não possuam determinantes.

Exemplos:
Amar e odiar são sentimentos muito fortes.
Sorrir e Chorar fazem parte do show da vida.

➔ Quando um sujeito composto é resumido por um aposto, o verbo concordará com esse aposto, estando ele no singular ou no plural.

Exemplos:
Carinhos, abraços, palavras de amor, NADA o consolava.
Alunos, professores, funcionários da escola, todos foram homenageados.
"TUDO, os pastos, as várzeas, a caatinga, o mar milheiral esquelético, era de um cinzento de borralho." (Rachel de Queiroz)
Capitão, marinheiros e passageiros, ninguém escapou com vida daquele naufrágio.
Pai, mulher, filhos, cada um seguia seu caminho calado.

Observação: Se os núcleos do sujeito composto vierem antecedidos pelo pronome indefinido **"cada",** o verbo permanecerá no singular.

Exemplo:
Cada professor, cada aluno, cada funcionário tinha sua reivindicação.

➔ Se os elementos do sujeito forem de pessoas gramaticais diferentes, o verbo vai para o plural e deve ser flexionado na pessoa que tiver prioridade: a primeira sobre a segunda e esta sobre a terceira.

Exemplos:
Eu, tu e João somos amigos. (Eu, tu e João = nós)
Desejo que tu e teu marido sejais felizes. (tu e teu marido = vós)

Observação: Quando o sujeito composto é constituído de elementos da segunda e terceira pessoas, também é correto que o verbo vá para a terceira pessoa do plural.

Exemplos:
Desejo que tu e teu marido sejam felizes.
Estou torcendo para que tu e ele passem no concurso.
Acredito que tu e Ana passarão no vestibular.

➔ Quando ocorre idéia de reciprocidade, a concordância deve ser feita obrigatoriamente no plural.

Exemplos:
Abraçaram-se vencedor e vencido.
Ofenderam-se o jogador e o árbitro.

➔ Quando os núcleos do sujeito composto forem ligados pelas conjunções **"ou"** ou **"nem",** o verbo poderá:

1. Ficar no singular se estiver se referindo a apenas um dos núcleos do sujeito, apresentando uma idéia de equivalência ou de exclusão;

Exemplos:
João ou Miguel ocupará o cargo de presidente daquela empresa.
Nem Ana nem Márcia foi escolhida para ser a rainha do grêmio.

2. Irá para o plural quando a ação verbal incidir diretamente sobre os núcleos do sujeito e quando a conjunção "ou" tiver um caráter corretivo.

Exemplos:
Nenhum gesto ou palavra do orador ofenderam a platéia.
Nem Pedro nem Paulo fizeram boa prova.
O culpado ou os culpados pelo crime serão punidos.
A parte ou as partes contrárias entrarão em acordo.

Observações:
A) Se o sujeito da oração for a expressão **"um ou outro",** normalmente o verbo permanecerá no singular;

Exemplos:
Um ou outro chapéu lhe ficava bem.
Um ou outro fato sairá amanhã nos jornais.

B) No entanto, se a expressão for **"um e outro",** o verbo irá preferencial- mente para o plural, sendo rara a concordância no singular;
Exemplos:
Um e outro chegaram cedo ao colégio.
Um e outro aluno entraram (entrou) na sala depois do diretor.

C) A expressão **"nem um nem outro"** determina, geralmente, o verbo no singular.
Exemplo: Nem um nem outro candidato às próximas eleições compareceu ao debate na TV.

Atenção! Em verdade, não há uniformidade no tratamento dado a essas expressões por gramáticos e escritores.

➔ Quando os núcleos do sujeito são unidos por expressões correlativas como "não só... mas também"; "não só... como também"; "não só... mas ainda"; "não somente... mas ainda"; "não apenas... mas também"; "tanto... quanto", o verbo concorda de preferência no plural.

Exemplos:
Não só a seca mas também o pouco-caso castigam o Nordeste.
Tanto a mãe quanto o filho ficaram surpresos com a notícia.

CASOS ESPECÍFICOS

VERBO SER.

O verbo ser apresenta-se impessoal quando empregado em frases que se referem a horas, datas ou distâncias. Nestes casos, o verbo ser concorda com o seu complemento. No caso das datas, entretanto, a concordância será facultativa, se a palavra **"dia"** não estiver expressa.

Exemplos:
Que horas são?
É uma hora.
São duas horas.
É meio-dia e meia.

Que dia é hoje? (ou quantos são hoje?)
Hoje é (ou são) 31 de julho.
Hoje é dia 31 de julho.
É um quilômetro até minha escola.
São 400 km do Rio até São Paulo.

Observações:
A) Quando o verbo ser, nas expressões que se referem às horas, vem acompanhado por uma das seguintes locuções: **"perto de", "cerca de", "mais de",** tanto podemos empregá-lo na terceira pessoa do singular como do plural.

Exemplos:
Era perto de dez horas / Eram perto de dez horas

B) Os verbos dar, soar e bater, em relação às horas, obedecem à regra geral da Concordância Verbal, isto é, estes verbos concordarão natural- mente com seu sujeito, em número e pessoa.
Exemplos:
Davam seis horas no relógio da Central. (seis horas = sujeito do verbo dar)
Soaram dez horas quando saí do baile.
Bateu Meia-noite na torre da igreja.

Quando sujeito e predicativo têm números diferentes, existem duas tendências para a concordância do **verbo ser:**

1. empregar o verbo no plural (tendência mais freqüente);

2. no singular, quando se quiser dar ênfase ao sujeito.
Exemplos:
A Pátria são todos os seus cidadãos.
Meu destino eram estradas que tinha de palmilhar.

Quando o sujeito é nome de pessoa e o predicativo é substantivo comum, o verbo **SER** concorda no singular com o nome de pessoa.
Exemplos:
Chico Anísio era as duas coisas: ator e diretor.
Fernando Pessoa é vários poetas.

Observação: Quando, no entanto, se deseja dar ênfase aos elementos constitutivos do predicativo, o verbo **SER** poderá concordar com ele.

Exemplo:
"Santinha eram dois olhos míopes, quatro incisivos claros a flor da boca." - Machado de Assis.

Quando o sujeito ou o predicativo forem pronome pessoal, com ele concordará o verbo; porém, se ambos forem representados por pronomes pessoais, o verbo concordará obrigatoriamente com o sujeito.

Exemplos:
O Brasil somos nós.
O Estado sou eu.
Eu não sou eles / Eles não são eu.

➔ Quando o sujeito é um dos pronomes neutros **"tudo", "isso", "aquilo"** ou palavra de sentido coletivo ou partitivo, o verbo concorda com o predicativo.

Exemplos:
Tudo são flores.
Aquilo não eram atitudes de um homem.
Isso serão previsões sem sentido.
A maioria eram rapazes.
O resto são bobagens.
O mais eram sacrifícios.

Observação: A concordância do verbo no singular é rara, mas não é incorreta.
Exemplos:
"Tudo é flores no presente." (Gonçalves Dias)
"E tudo é chuvas que orvalham, folhas caídas que secam." (Fernando Pessoa)

Nas frases em que o sujeito sem nenhum determinante vem expressando preço, medida, quantidade, com o qual o verbo ser pode formar também um todo com as palavras **"muito", "pouco", "tanto", "demais", "mais de", "mais que", "menos de",** etc., o verbo fica no singular.
Exemplos:
Cinco anos era muito.
Cem reais por mês é pouco para um trabalhador.
Dez metros de fio é mais (menos) do que preciso.
Sessenta litros de chope será demais para a festa.
Bebidas é coisa fundamental em festas.
Trinta anos é a idade de minha irmã.

Os pronomes interrogativos quem, que, o que, em frases com o verbo ser, normalmente exercem a função de predicativo e não de sujeito. Neste caso, o verbo ser não concorda com os pronomes e sim com o sujeito.
Exemplos:
Quem seriam aquelas meninas?
Que eram os ruídos que ouvimos?
O que são impostos compulsórios?

VERBO PARECER.

Existem duas possibilidades de concordância quando o verbo parecer vem seguido de um outro verbo no infinitivo.

Exemplos:
As estrelas pareciam caminhar no céu. (verbo parecer, como verbo auxiliar, concorda com o sujeito, e o infinitivo não se flexiona, formando assim uma locução verbal)

"As estrelas parecia caminharem no céu." - Graça Aranha. (parecer, aqui como verbo intransitivo, fica na 3ª pessoa do singular, e o infinitivo se flexiona, formando com "As estrelas" um sujeito oracional: 'AS ESTRELAS CAMINHAREM parecia' - Oração Subordinada Substantiva Subjetiva Reduzida de Infinitivo)

"Mesmo os doentes parece que são mais felizes." - Cecília Meirelles. (parece=verbo intransitivo; QUE OS DOENTES SÃO MAIS FELIZES =Sujeito Oracional: Oração Substantiva Subjetiva Desenvolvida)

VERBO HAVER.

Quando significa **"existir, ocorrer",** o verbo haver fica na terceira pessoa do singular, já que ele se torna impessoal, não tendo sujeito.

Exemplos:

Houve fatos marcantes em nossa vida.
Havia milhares de candidatos naquele concurso.
Sempre houve graves problemas sociais no país.
Deve ter havido muitas vítimas naquele acidente.

No entanto, se empregarmos no lugar de haver os verbos existir ou ocorrer, eles concordarão com os seus respectivos sujeitos.

Exemplos:

Existiam milhares de candidatos naquele concurso.
("milhares de candidatos" = sujeito de existir)
Ocorreram fatos marcantes em nossa vida.
("fatos marcantes" = sujeito de ocorrer)

VERBO FAZER.

Este verbo, assim como o verbo haver, indicando tempo decorrido ou fenômeno meteorológico, também são impessoais e, por isso, ficam na 3ª pessoa do singular.

Exemplos:

Faz dois anos que estive em Portugal. ("dois anos" = objeto direto)
Faz invernos terríveis na Europa. ("invernos terríveis" = objeto direto)
Há anos não procuro meu primo.
Havia anos que não nos encontrávamos.

Observação: A impessoalidade também ocorre com todos os verbos que expressam fenômenos da natureza como chover, ventar, nevar etc. Contudo, se empregarmos qualquer um desses verbos em seu sentido figurado, eles passam a fazer a concordância com a regra geral.

Exemplos:

Choveu vários dias em São Paulo no mês passado.
Quando eu era jovem, choviam convites para festas. (Aqui, "choviam" tem como sujeito "convites", por isso a razão da concordância.)

PRONOMES DE TRATAMENTO.

Os verbos que acompanham pronomes de tratamento apresentam-se sempre na terceira pessoa do singular ou do plural.

Exemplos de pronomes de tratamento: você (originário da forma antiga Vossa Mercê), Vossa Excelência, Vossa Senhoria, Vossa Majestade, Vossa Alteza, etc.
Vossa Excelência está satisfeito?
Vossas Excelências estão satisfeitos?
(Concordância ideológica por se estar dirigindo a uma pessoa do sexo masculino)

CONCORDÂNCIA COM SUJEITO REPRESENTADO POR UM NÚMERO PERCENTUAL.

Quando se tem um número percentual sem o seu especificador, ou seja, quando ele não possui um complemento, o verbo deve concordar com o número da porcentagem.

Exemplos:
Apesar das enchentes, apenas 10% querem mudar de casa.
Somente 22% disseram "sim" ao plebiscito, enquanto 77% optaram pelo "não" e 1% não compareceu às urnas.

Assim, se esse número for inferior a dois, o verbo deve ficar no singular. Ex.: Apenas 1,65% votou naquele candidato; 0,7% achava o candidato honesto; Apenas 1% votaria novamente neste candidato.
Quando a porcentagem vem acompanhada de especificador, ou seja, quando se diz "x% de algo", o verbo passa a concordar com esse especificador, independentemente do número percentual.

Exemplos:
15% do ELEITORADO REPROVOU O PROGRAMA DAQUELE PARTIDO.
1% dos ELEITORES optaram pelo voto em branco.
40% dos lavradores estão preocupados com a falta de chuvas.
30% da lavoura de café foi perdida.

Se o número percentual vier acompanhado de um determinante (pronomes, artigos, etc.), o verbo deverá ir sempre para o plural.

Exemplos:
Esses 5% das ações já me são suficientes.
Os 40% da produção de laranja serão exportados para os EUA.
Uns 15% da população estão desempregados.

Já no caso das frações, as gramáticas dizem que o verbo deve concordar com o numerador da fração, ou seja, com o número de cima. Então, quando se diz "2/3 do eleitorado", o verbo concorda com o número "2", numerador da fração. Ex.: 2/3 do eleitorado recusaram-se a votar em qualquer candidato. Se, porém, tivermos "1/3 dos eleitores", deveremos fazer o verbo concordar com o número "1". Ex.: 1/3 dos eleitores recusou-se a votar em qualquer candidato.

Observação: Notadamente, é esse o padrão adotado pelos grandes e mais conceituados jornais e revistas brasileiros.

VI. DIVISÃO SILÁBICA

REGRAS:

➔ Não se separam os elementos dos grupos consonantais que iniciam uma sílaba nem os dos dígrafos **"ch, lh, nh".**

Exemplos:
a-blu-ção,
a-bra-sar,
a-che-gar,
fi-lho,
ma-nhã,
con-tri-bu-ir,
a-fri-ca-no,
a-plai-nar,
en-gra-ça-do,
re-fle-tir,
su-bli-me.

Observação: Nem sempre formam grupos consonantais os elementos **bl** e **br**. No caso de o **l** e o **r** serem pronunciados separadamente, poderá haver a partição da palavra. Exemplos: sub-lin-gual, sub-li-nhar, sub-ro-gar, ab-rup-to.

➔ O **"s"** dos prefixos **bis, cis, des, dis, trans** e o **x** do prefixo ex não se separam quando a sílaba seguinte começar por consoante. Todavia, se iniciar-se por vogal, formam sílaba com esta e separam-se do prefixo.

Exemplos:
bis-ne-to,
cis-pla-ti-no,
des-li-gar,
dis-tra-ção,
trans-por-tar,
ex-tra-ir,
bi-sa-vó,
ci-san-di-no,
de-ses-pe-rar,
di-sen-te-ri-a,
tran-sa-tlân-ti-co,
e-xér-ci-to.

➔ As letras "**cc, cç, sc, rr, ss"** e as vogais idênticas separam-se quando da partição do vocábulo, ficando cada uma delas em sílabas diferentes.

Exemplos:
oc-cip-tal,
te-lec-ção,
pror-ro-gar,
res-sur-gir,
a-do-les-cen-te,
con-va-les-cer,
des-cer,
pres-cin-dir,
res-ci-são,
ca-a-tin-ga,
co-or-de-nar,
ge-e-na.

Observação: As vogais de hiatos, mesmo diferentes uma da outra, também se separam. Exemplos: a-ta-ú-de, ca-í-eis, do-er, du-e-lo, fi-el, flu-iu, gra-ú-na, je-su-í-ta, le-al, mi-ú-do, po-ei-ra, ra-i-nha, vô-o.

➔ Não se separam as vogais dos ditongos crescentes e decrescentes nem as dos tritongos.

Exemplos:
ai-ro-so,
a-ni-mais,
au-ro-ra,
a-ve-ri-güei,
ca-iu,
cru-éis,
re-jei-tar,
fo-ga-réu,
gló-ria,
i-guais,
ó-dio,
jói-a,
sa-guão,
vá-rios.

Observação: Não se separa do **"u",** precedido de **"g"** ou **"q",** a vogal que o segue, acompanhada ou não de consoante. Exemplos: am-bí-guo, u-bí-quo, lín-gua, Gua-te-ma-la, de-lin-qüen-te.

Além das regras vistas anteriormente, toda consoante que não vem seguida de vogal fica na sílaba anterior, na divisão silábica.

Exemplos:
sub-me-ter,
sub-por,

ab-so-lu-to,
ad-vo-ga-do,
ad-no-mi-nal,
ad-vir,
af-ta,
mag-ma,
cog-no-me,
al-fai-a-te,
nos-tal-gi-a,
e-gíp-cio,
re-cep-ção,
ap-to,
ar-far,
ex-su-dar,
ex-ce-ção,
tungs-tê-nio,
pers-pi-cá-cia,
sols-tí-cio,
ab-di-car,
ac-ne,
drac-ma,
Daf-ne,
ét-ni-co,
nup-ci-al,
abs-tra-ir,
ins-pe-tor,
ins-tru-ir,
in-ters-tí-cio.

Observação: Ainda pelo mesmo caso acima, se a consoante for inicial, ela não se separa.Exemplos: Pto-lo-meu, psi-co-se, pneu-má-ti-co, gno-mo, mne-mô-ni-ca.

VII. EMPREGO DA CRASE

CONCEITO:

Fusão ou contração de dois **"a"** (a+a) num só (**à**, marcado pelo acento grave), sendo um deles preposição e o outro artigo feminino ou pronome demonstrativo.

CASOS DE EMPREGO DA CRASE

➔ Emprega-se a crase quando houver uma palavra de sentido incompleto que venha seguida da preposição **"a",** mais o artigo feminino **"a"** no singular ou plural, antes de substantivo feminino determinado.

Exemplos:

Pedro dirigiu-se a (preposição) + a (artigo) praça.
Pedro dirigiu-se à praça.

Ana dedica-se a+a igreja todo o tempo.
Ana dedica-se à igreja todo o tempo.

Meu tio era fiel a+a disciplina militar.
Meu tio era fiel à disciplina militar.

Todos estamos sujeitos a+as leis de Deus.
Todos estamos sujeitos às leis de Deus.

O rei ficava indiferente a+as súplicas do povo.
O rei ficava indiferente às súplicas do povo.

Você deve obedecer a+as normas do colégio.
Você deve obedecer às normas do colégio.

➔ Em função de só poder haver crase quando da contração da preposição **"a"** com o artigo feminino **"a",** conseqüentemente não haverá crase antes de nomes masculinos, verbos, pronomes indefinidos.

Exemplos:

Os camponeses iam a pé para o trabalho, mas o capataz ia a cavalo.
O baile será promovido a partir das 20 horas.
Tenho muito a receber de indenização.
Com essa blusa não irei a nenhuma festa.
Ela lançava olhares maliciosos a certo rapaz no restaurante.

➔ Também não acontecerá a crase antes de nomes próprios de cidade e da palavra **"casa",** a não ser que venham determinados.

Exemplos:
Amanhã regressarei a Brasília.
Amanhã regressarei à Brasília de meus sonhos.

Cansado, chegou tarde a casa. (Não há artigo definido antes da palavra casa quando se refere a sua própria casa: "Fiquei em casa", "Venho de casa".)
Cansado, chegou tarde à casa de seus pais.

➔ Igualmente, não haverá crase antes dos vocábulos **"cuja", "quem", "ela", "esta", "essa", "mim", "você", "vossa senhoria", "vossa excelência",** etc.

Exemplos:
Este é o policial a quem devo minha vida.
Hoje foi empossada a nova diretoria a cuja determinação devemos de agora em diante obedecer.
Dei a ela uma bela flor e ela ofereceu a mim um lindo sorriso.
Darei a esta criança abandonada todo meu carinho.
Falarei a você todos os detalhes do filme.

➔ Entretanto, existem alguns pronomes demonstrativos e de tratamento (como os pronomes referentes às mulheres) que aceitam a anteposição do artigo feminino, favorecendo, assim, o surgimento do fenômeno da crase.

Exemplos:
Contarei tudo à senhora (à senhorita, à madame, à dona, à dama, etc.)
Darei todos esses livros à mesma pessoa.
Só devolverei o dinheiro à própria dona.

Observação: Quando somente acontecer um simples "a" antes de um substantivo feminino plural, não ocorrerá a crase logicamente por falta do artigo.

Exemplos:
Esta lei se destina a casadas e solteiras.
Neste Congresso, falarei apenas a mulheres.

Note-se, no entanto, uma pequena alteração semântica na frase, se houver a presença do artigo feminino, passando-se de um sentido mais genérico (como no caso dos exemplos acima), para um sentido mais restrito.

Exemplo:
Neste Congresso sobre sexualidade, falarei em especial às mulheres. (Aqui, pressupõe-se um grupo, uma platéia, onde as mulheres configuram uma parte desse grupo.)

➔ Nas **locuções adverbiais** (expressões que indicam circunstâncias de tempo, lugar, modo, etc.), recomenda-se o emprego do acento grave nas formadas de "a" mais palavra feminina no singular.

Exemplos:
Rita disse que chegaria **à noite**. (tempo)
Paulinho só comia **à força.** (modo)
A canoa estava **à margem do rio**. (lugar)
Miguel adora **viver à toa**.
(Como locução adverbial de modo, significando "a esmo, ao acaso, sem fazer nada, em vão" referindo-se ao verbo, à toa não leva hífen: "Passou a vida à toa"; "Anda à toa pelas ruas"; no entanto, quando aparece como adjetivo junto a um substantivo, significando "inútil, desprezível, desocupado, insignificante", à-toa deve ser escrito com hífen: "Era uma mulher à-toa"; "Não passava de um sujeitinho à-toa".)
Eles travaram um duelo à espada. (instrumento)
Prefiro escrever cartas à caneta do que à máquina. (instrumentos)
Pedro foi ferido à bala. (instrumento)

Outras locuções adverbiais muito empregadas: **à beça, à deriva, à frente, à luz (dar à luz), À MÃO, à parte, à revelia, à tarde, à última hora, à unha, à vontade, às avessas, às claras, às ordens.**

Incluem-se nessas expressões as indicações de horas especificadas.
Exemplos: à meia-noite, às duas horas, à uma hora, às três e vinte, etc.
Observação: Não confundir com as indicações não especificadas como: "Isso acontece a qualquer hora"; "Estarei lá daqui a uma hora".

➔ Será facultativo o emprego da crase quando também for livre o uso do artigo. Isto acontecerá antes de nomes próprios de pessoas e antes de pronomes possessivos.

Exemplos:
Ofereci um presente a (à) Bruna.
Entregue essa documentação a (à) minha assessora que depois devolverá a (à) sua secretária.

Observação: Note-se que, quando se deseja mostrar mais intimidade com a pessoa de quem se fala, o emprego do artigo feminino junto à preposição é mais aconselhável. Todavia, se o tratamento é puramente formal, ou se a pessoa se tratar de personalidade pública, recomenda-se somente o emprego da preposição, não acontecendo, dessa forma, o fenômeno da crase.

Exemplos:
Contarei tudo à Raquel, minha melhor amiga.
Dedico esta homenagem a Rachel de Queiroz.

➔ Acontecerá a crase nas locuções prepositivas constituídas de um substantivo feminino singular, precedido de **"a"** e seguido de **"de".** E nas **locuções conjuntivas**, onde o substantivo é precedido de **"a"** e seguido de **"que".**
Exemplos:
à maneira de, à moda de,
à custa de, à volta de,
à beira de, à sombra de,
à luz de, à distância de,
à vista de, à espera de,
à força de, à cata de,
à procura de, à medida que,
à proporção que, etc.

Observação: Algumas vezes pode-se omitir parte da expressão (que no caso fica subentendida), ficando o "a" com o acento grave diante de palavra masculina.

Exemplos:
Aquele meu amigo poeta usava cabelos à Carlos Gomes.
(à maneira de Carlos Gomes)
Cláudia decorou sua casa à Luís XIV.
(à moda de Luís XIV)

➔ Quando a palavra **"terra"** for empregada com o sentido de **"em terra firme",** não acontecerá a crase.
Exemplos:
O navio atracou e os passageiros já se dirigiam a terra.
Ao chegarmos ao porto de Santos, não desci a terra.

Em contrapartida: "Os astronautas voltarão à Terra amanhã." (Terra = planeta)
"Em maio irei à terra de meus avós." (O substantivo terra vem determinado pela expressão "DE MEUS AVÓS")

➔ Os pronomes **"aquele(s), aquela(s) e aquilo"** podem vir com o acento grave no **"a",** revelando que ocorreu o fenômeno da crase, quando antes deles vier palavra com sentido incompleto, seguida da preposição **"a".**
Exemplos:
Referiu-se a aquele livro de Camões.
Referiu-se àquele livro de Camões.

Aludi a aquela reunião do mês passado.
Aludi àquela reunião do mês passado.

Tecemos críticas a aquilo tudo que eles fizeram de errado.
Tecemos críticas àquilo tudo que eles fizeram de errado.

➔ Antes dos pronomes relativos **"que, qual, quais",** pode ou não haver a crase, dependendo do seu antecedente. Se ao trocarmos mentalmente o antecedente feminino por um masculino e ocorrer **"ao que, ao qual, aos quais", ENTÃO HAVERÁ A CRASE.**

Exemplos:
Esta é minha terra à qual dedico esta vitória.
(Este é meu país ao qual dedico esta vitória)

Esta é minha terra a qual trago sempre na lembrança.
(Este é meu país o qual trago sempre na lembrança)

Ouvimos uma voz igual à que Ivo fazia quando estava bêbado.
(Ouvimos um grito igual ao que Ivo fazia quando estava bêbado)

Estas são as leis às quais devemos obedecer.
(Estes são os regulamentos aos quais devemos obedecer)

Dou-lhe essas referências as quais entregará ao novo chefe.
(Dou-lhe esses documentos os quais entregará ao novo chefe)

DICAS PARA CONFIRMAR A OCORRÊNCIA DA CRASE

1. Quando se puder substituir o **"à"** pelas formas **"ao", "da"** e **"para a"** (onde fica evidente a presença tanto da preposição quanto do artigo), poderemos confirmar a ocorrência da crase.

Exemplos:
A sentença foi dada à ré.
A sentença foi dada ao réu.
Teus cabelos cheiram a rosa.
Teus cabelos cheiram a cravo.
Amanhã iremos à Bolívia.
Amanhã iremos para a Bolívia.
(Amanhã voltaremos da Bolívia.)
Viajaremos a Madri.
Viajaremos para Madri.
(Voltaremos de Madri.)
Cheguei à Bahia no domingo.
Vou para a Bahia no domingo.
(Cheguei da Bahia no domingo.)
Irei a Brasília hoje.
Irei para Brasília hoje.
(Cheguei de Brasília hoje.)

2. Não haverá a crase em expressões já cristalizadas no idioma como aquelas formadas por palavras repetidas.

Exemplos:
gota a gota, cara a cara, dia a dia, passo a passo, etc.

ALGUNS CASOS ESPECIAIS

ÀS VEZES / AS VEZES

Ocorrerá a crase somente quando **"às vezes"** for uma locução adverbial de tempo (= de vez em quando, em algumas vezes);

Exemplos:
Às vezes, os alunos consultam os dicionários.
O Flamengo, às vezes, ganha do Vasco.

Quando a expressão **"as vezes"** não trouxer o significado acima, não acontecerá a crase.
Exemplos:
Foram raras as vezes em que ela veio ao Rio.
("as vezes" é o sujeito da oração)

Em todas as vezes, ele levou os documentos. (Não há a preposição "a", por isso não ocorre a crase; temos o artigo definido plural "as")

ATÉ A / ATÉ À

Para muitos gramáticos, quando **"até"** for uma preposição, o uso do acento da crase no **"a"** que vem em seguida é facultativo. Na verdade, porém, a presença de **"até",** neste caso, torna desnecessário o uso da preposição **"a",** como igualmente acontece com outras preposições.

Exemplos:
Vou até a igreja depois do café.
Viajou para a França.
Está aqui desde as seis horas.
Chegará só após as vinte horas.

Atente para não confundir a preposição **"até"** com a partícula de inclusão (até = inclusive), em cujo emprego poderá ocorrer ou não a crase.

Exemplos:
Até (inclusive) a diretora (o diretor) compareceu à festinha dos alunos.
O rapaz se referia às colegas e até (inclusive) à amiga mais íntima (ao amigo mais íntimo).

VIII. EMPREGO DO HÍFEN

PREFIXOS MAIS USADOS:

➔ **AUTO, CONTRA, EXTRA, INFRA, INTRA, NEO, PROTO, PSEUDO, SEMI, SUPRA, ULTRA.**

Estes prefixos exigem hífen quando se juntam a palavras iniciadas por vogal, **h, r** e **s.**

Exemplos: auto-análise, auto-escola, auto-estima, auto-retrato, auto-suficiente, contra-almirante, contra-ataque, contra-reforma, contra-regra, contra-senso, extra-humano, extra-oficial, extra-regimental, extra-secular, infra-estrutura, infra-renal, infra-social, intra-ocular, intra-uterino, intra-regional, intra-setorial, neo-humanista, neo-republicano, proto-história, proto-revolucionário, pseudo-herói, pseudo-revolucionário, pseudo-sábio, semi-analfabeto, semi-reta, semi-selvagem, supra-hepático, supra-renal, supra-sumo, ultra-especial, ultra-humano, ultra-realismo, ultra-romântico, ultra-sensível, ultra-som.
Exceção: "extraordinário", não leva hífen.

➔ **ANTI, ANTE, ARQUI, SOBRE.**

Estes prefixos devem ser ligados por hífen a palavras iniciadas por **h, r** ou **s**.
Exemplos: anti-herói, anti-higiênico, anti-rábico, anti-séptico, anti-social, ante-histórico, ante-república, ante-sala, arqui-rabino, arqui-rival, arqui-sacerdote, sobre-humano, sobre-saia, sobre-ser, sobre-sinal.

➔ **INTER, HIPER, SUPER.**

Estes prefixos só exigem hífen quando se juntam a palavras que começam por **h** e **r.**
Exemplos: inter-humano, inter-regional, hiper-raivoso, hiper-hidrose, super-homem, super-rápido, super-requintado.

➔ **SUB.**

Este prefixo só exige hífen quando se associa a palavra que começa por **b** ou **r.**
Exemplos: sub-base, sub-bibliotecário, sub-região, sub-ramo, sub-reino.

ATENÇÃO PARA: **bi, tri, tetra, penta, hexa**.
Palavras com estes elementos não devem levar hífen.
Exemplos: bicampeão, bimensal, bimestral, bienal, tridimensional, trimestral, triênio, tetracampeão, tetraplégico, pentacampeão, pentágono.

Também não se deve usar o hífen após os elementos **"hidro, sócio, micro, macro, multi, mini, mega e tele".** Estes elementos sempre se juntam sem hífen à palavra agregada. Se esta começar com **"r"** ou com **"s",** teremos **"rr"** ou **"ss**".

Exemplos: hidrossanitária, sociopolítico, microempresa, minissérie, minissaia, macrorregião, megaempresa, megashow, multimídia, multirracial, multissecular, telespectador, teleducação, telecomunicação, telessala, telessexo, telessena.

Em relação ao prefixo **"hidro",** em alguns casos, há duas formas possíveis. "Hidroavião" e "hidravião", "hidroenergia" e "hidrenergia", por exemplo, são formas registradas pelo "Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa", da ABL.

Quando se junta o elemento **"mini"** a palavras que começam por **"h",** o "Formulário Ortográfico" não disciplina com clareza esse caso. Com exceção do "Houaiss", os demais dicionários também não tocam no assunto. O "Houaiss" registra: "Nos casos (...) em que o segundo elemento se iniciar por **h**, sugere-se o uso de hífen." É o que ocorre com "mini-hospital", "mini-hotel" etc.
No caso do elemento "sócio", só usamos hífen quando ele é substantivo (= de associado). **Exemplo:** sócio-gerente.

Lista das principais palavras compostas que se ligam por hífen.

ab-reptício	co-produção	mula-sem-cabeça	pró-cardíaco
ab-rogar	côncavo-convexo	navio-cargueiro	puxa-encolhe
abaixo-assinado	copo-de-leite (flor)	navio-negreiro	puxa-puxa
além-mar	corre-corre	navio-tanque	quebra-cabeça
além-túmulo	decreto-lei	ob-rogar	quebra-mola
amor-perfeito	ex-aluno	pan-americano	recém-chegado
arranha-céu	ex-prefeito	pão-de-ló	recém-nascido
baixo-relevo	ganha-perde	pára-choques	reco-reco
banho-maria	gente-de-fora	pára-lamas	ruge-ruge
bate-boca	gentil-homem	pára-quedas	salário-família
bate-bola	guarda-chuva	passa-dez	salário-minimo
bate-papo	guarda-civil	pau-de-arara	sangue-frio
belas-artes	guarda-louça	pau-para-toda-obra	sem-fim
bem-aventurado	guarda-mor	pé-de-moleque	sem-vergonha
bem-me-quer	guarda-municipal	pé-de-valsa	sempre-viva
bem-querer	guarda-noturno	pega-pega	sob-roda
bem-te-vi	leva-e-traz	pisa-mansinho	sob-rojar
bem-vindo	louva-a-deus	pisca-pisca	tico-tico
bom-dia	lugar-comum	político-econômico	treme-treme
boa-tarde	luso-brasileiro	pombo-correio	vai-volta
boa-noite	má-criação	porta-voz	verde-amarelo
bota-fora	mal-agradecido	pós-datar	vice-diretor
carro-dormitório	mal-humorado	pré-alfabetização	vice-presidente
carro-forte	mal-educado	pré-carnavalesco	vice-rei
co-autor	médico-cirúrgico	pré-datado	
co-educação	mil-folhas	prima-dona	

PRINCIPAIS PALAVRAS COMPOSTAS QUE NÃO LEVAM HÍFEM.

abdução	cologarítimo	malandança	sobrecapa
abjurar	contrabando	malcheiroso	sobreface
aguarraz	contracheque	malcriado	sobreloja
alçapão	contradança	malfeitor	sobretaxa
antecâmara	contrafé	malmequer	sobrevôo
antediluviano	contrafilé	mandachuva	subaéreo
anteontem	contramão	neoclássico	subaxilar
antepenúltimo	contraprova	neoliberal	subchefe
anteprojeto	contravento	neozelandês	subdelegado
antiaéreo	extraconjugal	oblongo	subepático
antibiótico	extracurricular	panarmônico	subestimar
anticristo	extrajudicial	pandemônio	subgerente
antiestético	extralegal	passatempo	suborizontal
antiinflacionário	extraordinário	pontapé	subumano
antiinflamatório	girassol	protofonia	suboficial
antiofídico	guardanapo	protoplasma	subsecretário
arquidiocese	hiperacidez	protozoário	subsolo
arquiduque	hiperativo	pseudofobia	subterrâneo
arquiinimigo	hipermercado	pseudopoeta	superamigo
autobiografia	hipersensível	pseudoprofeta	superatleta
autocontrole	infravermelho	reviravolta	supercondutor
autodidata	interação	rodapé	supermercado
autolotação	intercolegial	semiconsoante	supersônico
bancarrota	intercontinental	semideus	supracitado
cantochão	interestadual	semiditongo	supranatural
circumpolar	interestelar	semifinal	suprapartidário
circunscrever	interplanetário	semivogal	ultrademocrático
clarabóia	interurbano	sobalçar	ultramarino
coeficiente	intramuscular	sobestar	ultrapassagem
coessência	intrapulmonar	sobpor	ultravioleta
cohabitar	intravenoso	sobreaviso	vaivém
coirmão	madrepérola		

NOTA: a expressão **"à toa"** pode ser escrita com ou sem hífen, dependendo do seu significado:

1. à toa = "a esmo, ao acaso, sem fazer nada, em vão" (locução adverbial de modo, referindo-se ao verbo): "Passou a vida à toa"; "Anda à toa pelas ruas";

2. à-toa = "inútil, desprezível, desocupado, insignificante" (adjetivo que acompanha um substantivo): "Era uma mulher à-toa"; "Não passava de um sujeitinho à-toa".

IX. EMPREGO DAS INICIAIS MAIÚSCULAS.

Emprega-se a letra inicial maiúscula nos seguintes casos:

a) nos substantivos próprios (nomes de pessoas, topônimos, denominações religiosas e políticas, nomes sagrados e ligados a religiões, entidades mitológicas e astronômicas);
Exemplos: Eduardo, Clara; Ricardo, Coração de Leão; Catarina, a Grande; Rio de Janeiro, São Paulo, Pernambuco; oceano Atlântico, lago Paraná; Igreja Católica Apostólica Romana, Igreja Ortodoxa Russa; Partido dos Trabalhadores, União Democrática Nacional; Deus, Cristo, Buda, Alá; Apolo, Zeus, Afrodite; Terra, Via Láctea, etc.

b) no início de períodos, versos ou citação direta;
Exemplos:
"A AFINIDADE não é o mais brilhante, mas o mais sutil, delicado e penetrante dos sentimentos. O mais independente. Não importa o tempo, a ausência, os adiamentos, as distâncias, as impossibilidades. Quando há AFINIDADE, qualquer reencontro retoma a relação, o diálogo, a conversa, o afeto, no exato ponto em que foi interrompido." (Arthur da Távola)

"Amor é um fogo que arde sem se ver;
É ferida que dói e não se sente;
É um contentamento descontente;
É dor que desatina sem doer;"
(Camões)

Disse Arthur da Távola: "A educação não é finalidade específica da televisão. A educação cabe à escola. A televisão é um eletrodoméstico do século XX, que entre outras finalidades e vocação pode ter - em parte - a educativa".

Observação: No começo de versos que não iniciam período, usa-se normalmente a letra minúscula, como se observa em Cecília Meireles:
"Vive como em sonho,
antes de nascido,
quando a vida e a morte
estavam consigo."

c) nos nomes de períodos históricos, festas religiosas ou datas e fatos políticos importantes;
Exemplos: Idade Média, Renascimento, Natal, Páscoa, Ressurreição de Cristo, Dia do Trabalho, Dia das Mães, Independência do Brasil, Proclamação da República, etc.;

d) nos nomes de logradouros públicos (avenidas, ruas, travessas, praças, largos, viadutos, pontes, etc.);
Exemplos: Avenida Paulista, Rua do Ouvidor, Travessa do Comércio, Praça da República, Largo do Arouche, Viaduto da Liberdade, Ponte Eusébio Matoso, etc.;

e) nos nomes de repartições públicas, agremiações culturais ou esportivas, edifícios e empresas públicas ou privadas;
Exemplos: Ministério da Educação, Delegacia do Trabalho; Academia Brasileira de Letras, Clube de Regatas Vasco da Gama; Edifício Itália, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Editora Melhoramentos, etc.;

f) nos títulos de livros, periódicos, produções artísticas, literárias e científicas;
Exemplos: Grande Sertão: Veredas (de Guimarães Rosa), Veja; Jornal da Tarde ; O Pensador (de Rodin), Os Girassóis (de Van Gogh); O Noviço (de Martins Penna); A Origem das Espécies (de Charles Darwin) etc.;

g) nos nomes de escolas em geral;
Exemplos: Escola Técnica Industrial de São Gonçalo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, Escola de Arte Dramática Cacilda Becker, Universidade Federal do Rio de Janeiro, etc.;

h) nos nomes dos pontos cardeais quando indicam regiões;
Exemplos: os povos do Oriente, o falar do Norte, os mares do Sul, a vegetação do Oeste, etc.;

Observação: Os nomes dos pontos cardeais são grafados com a inicial minúscula quando indicam apenas direções ou limites geográficos;
exemplos: ao sul de Minas Gerais; de norte a sul; de leste a oeste.

i) nas expressões de tratamento;
Exemplos: Vossa Alteza, Vossa Majestade, Vossa Santidade, Vossa Excelência, Vossa Senhoria, Magnífico Reitor, Sr. Diretor, Sra. Coordenadora, etc.;

j) nos nomes comuns sempre que personificados ou individualizados;
Exemplos: o Amor, o Ódio, a Virtude, a Morte, o Lobo, o Cordeiro, a Cigarra, a Formiga, a Capital, a República, a Transamazônica, a Indústria, o Comércio, etc.

X. FIGURAS E VÍCIOS DE LINGUAGEM

FIGURAS DE LINGUAGEM

AMBIGÜIDADE: palavras com duplo sentido.
Manuel Bandeira, poeta maior, escreveu um texto chamado "Poema só para Jayme Ovalle". Para um poema cujo tema é essencialmente a solidão, o título é intencionalmente ambíguo. No poema de Bandeira, **"só"** pode referir-se a "poema" ("poema solitário", por exemplo) ou a "Jayme Ovalle" ("poema feito exclusivamente para Jayme Ovalle", por exemplo).

É importante também destacar o papel da pontuação. Compare a frase "Só você não conseguirá a resposta" com "Só, você não conseguirá a resposta". Parecem iguais. As palavras são as mesmas, a ordem das palavras é a mesma, mas a vírgula faz a diferença.

Na primeira, "só" significa "apenas"; na segunda, "sozinho/a".

Vale lembrar a expressão "a sós", invariável: "Quero ficar a sós"; "Queremos ficar a sós"; "Ele quer ficar a sós"; "Eles querem ficar a sós".

Não faça confusão. Quando "só" significa "sozinho/a", varia, ou seja, tem singular e plural. Quando significa "somente, apenas", não varia, não tem plural. E a expressão "a sós" é fixa, invariável.

Outros exemplos de frases ambíguas:

"Encontrei seu diretor e resolvemos fazer uma reunião em seu escritório às 15h." (O escritório era da pessoa com quem se estava falando ou do chefe dela?)

Ao saber que um sobrinho havia levado uma mordida, minha mulher perguntou: "Afinal, quem mordeu o Pedro?" A resposta foi imediata: "Foi a cachorra da namorada do João neurótica."
(Quem mordeu o Pedro foi:
1. a cachorra, que é neurótica e pertence à namorada do João?
2. a cachorra, que pertence à namorada neurótica do João?
3. a namorada do João, que, além de ser uma "cachorra", é uma neurótica?)

ANACOLUTO: ruptura da ordem lógica da frase. É um recurso muito utilizado nos diálogos, que procuram reproduzir na escrita a língua falada. Também permite a caracterização de estados de confusão mental.
Exemplo:
"Deixe-me ver... É necessário começar por... Não, não, o melhor é tentar novamente o que foi feito ontem."

ANÁFORA: repetição sistemática de termos ou de estruturas sintáticas no princípio de diferentes frases ou de membros da mesma frase. É um recurso de ênfase e coesão.
Exemplo:
Vi uma estrela tão alta,
Vi uma estrela tão fria!
Vi uma estrela luzindo
Na minha vida vazia.
(Manuel Bandeira)

ANTÍTESE: aproximação de palavras de sentidos opostos.
Exemplos:
Na ofuscante CLARIDADE daquela manhã, pensamentos SOMBRIOS o perturbavam.

ASSÍNDETO: é a coordenação de termos ou orações sem utilização de conectivo. Esse recurso costuma imprimir lentidão ao ritmo narrativo.
Exemplo:
"Foi apanhar gravetos, trouxe do chiqueiro das cabras uma braçada de madeira meio ruida pelo cupim, arrancou touceiras de macambira, arrumou tudo para a fogueira." (Graciliano Ramos)

CATACRESE: palavra que perdeu o sentido original.
Exemplos:
salário (= pagamento que era feito em sal)
secretária (= móvel em que se guardavam segredos)
azulejos (= ladrilhos azuis)

ELIPSE: omissão de um ou mais termos de uma oração, o qual se subentende, se presume.
Exemplos:
Ao redor, bons pastos, boa gente, terra boa para se plantar.
(Omissão do verbo HAVER)

Na memorável "Canto triste" (música de Edu Lobo e letra de Vinicius de Moraes), há um belo exemplo de elipse: "Onde a minha namorada? Vai e diz a ela as minhas penas e que eu peço, peço apenas que ela lembre as nossas horas de poesia...". No trecho "Onde a minha namorada?", está subentendido um verbo ("está", "anda" etc.). É bom lembrar que existe um caso específico de elipse, que alguns preferem chamar de **"zeugma".** Trata-se da omissão de termo já citado na frase. É o caso, por exemplo, de "Ele primeiro foi ao cinema, depois, ao teatro". Em "depois, ao teatro", não se repetiu a forma verbal "foi", expressa na primeira oração ("Ele primeiro foi ao cinema").

Há um caso específico de **zeugma,** que ocorre quando a palavra omitida tem flexão diferente da que se verifica no termo expresso anteriormente. É o caso, por exemplo, de "Eu trabalho com fatos; você, com boatos". Que palavra está subentendida? É a forma verbal "trabalha", flexionada na terceira pessoa do singular e deduzida de "trabalho", da primeira pessoa do singular do presente do indicativo de "trabalhar". Esse caso de **zeugma** é chamado por alguns de **"zeugma complexa"** (ou **"zeugma complexo",** já que, para alguns dicionários, a palavra **"zeugma"** é masculina, mas, para outros, feminina; há ainda os que a consideram palavra de dois gêneros, isto é, que pode ser usada indiferentemente no masculino ou no feminino).

EUFEMISMO: o Dicionário "Houaiss" diz que é "palavra, locução ou acepção mais agradável, de que se lança mão para suavizar ou minimizar (...) outra palavra, locução ou acepção menos agradável, mais grosseira...". O "Aurélio" diz que é "ato de suavizar a expressão duma idéia substituindo a palavra ou expressão própria por outra mais agradável, mais polida".

Exemplos:
Ontem, Osvaldo partiu dessa pra melhor (em vez de "morreu")
Este trabalho poderia ser melhor (em vez de "está ruim").

Às vezes, a suavização é feita de um jeito todo particular: pela negação do contrário. Para que não se diga, por exemplo, que determinado indivíduo é burro, diz-se que é pouco inteligente, ou simplesmente que não é inteligente. Esse caso, que contém forte dose de ironia, chama-se "litotes". É bom que se diga que com a litotes não necessariamente se suaviza. Para que se diga que uma pessoa é inteligente, pode-se dizer que não é burra: "Seu primo não é nada burro". Em suma, a litotes é "modo de afirmação por meio da negação do contrário", como define o "Aurélio".

HIPÉRBOLE: é bom observar que no extremo oposto do eufemismo está a "hipérbole". Se com aquele suavizamos, atenuamos, abrandamos, com esta aumentamos, enfatizamos, exageramos.

Exemplos:
Eu já disse um milhão de vezes que não fui eu quem fez isso!
Ela morreu de medo ao assistir aquele filme de suspense.
Hoje está um frio de rachar!
Aquela mãe derramou rios de lágrimas quando seu filho foi preso.
Não convide o João para sua festa, porque ele come até explodir!
Os atletas chegaram MORRENDO DE SEDE.

GALICISMO ou FRANCESISMO : palavra ou expressão francesa usada na língua portuguesa ou em outra língua qualquer.

Exemplos:
vitrine (por vitrina, espécie de caixa com tampa envidraçada, ou armário com vidraça móvel, onde se guardam objetos expostos à venda ou a serem vistos; fetiche (por feitiço); gauche (por desajeitado); ter lugar (por realizar-se); fazer um passeio (por dar um passeio).

GRADAÇÃO: consiste em encadear palavras cujos significados têm efeito cumulativo.

Exemplo:
Os grandes projetos de colonização resultaram em pilhas de papéis velhos, restos de obras inacabadas, hectares de floresta devastada, milhares de famílias abandonadas à própria sorte.

HIBRIDISMO: em língua portuguesa, significa palavras em cuja formação entram elementos de idiomas diferentes.

Exemplos:
"Biologia" - bio (vem do latim e significa vida) + logia (vem do grego e significa estudo ou ciência): ciência que estuda a vida. Em "automóvel", por exemplo, temos o elemento grego "auto" associado a "móvel", que vem do latim. Em "sociologia", temos "socio", do latim, e "logia", do grego.

Em "burocracia", temos "buro", do francês "bureau", que significa "escritório", "repartição", e "cracia", que vem do grego e significa "poder", "autoridade". A burocracia nada mais é do que o poder de quem mexe com papéis.

Repetindo: o processo pelo qual se formam palavras pela união de elementos de línguas diferentes chama-se "hibridismo". São também híbridas palavras como "televisão" (soma do grego "tele", que significa "longe", "distante", com "visão", que vem do latim); "abreugrafia" (que vem de "Abreu", sobrenome do médico brasileiro que criou determinado processo radioscópico, e "grafia", elemento grego, que significa "descrição", "escrita"); "pitangueira" (soma de "pitanga", que vem do tupi, com o sufixo latino "eiro/a"); "sambódromo", que reúne "samba", de origem africana, e "dromo", do grego ("lugar em que se corre"). Quando se pensa que "sambódromo" é formada por um elemento africano e outro grego, mas só faz sentido no português do Brasil, entende-se por que língua e cultura são elementos indissociáveis.

HIPÉRBATO: é a inversão da ordem natural das palavras.

Exemplo:
"De tudo, ao meu amor serei atento antes" (ordem indireta ou inversa)
Em vez de "Serei atento ao meu amor antes de tudo" (ordem direta)

IRONIA: consiste em, aproveitando-se do contexto, utilizar palavras que devem ser compreendidas no sentido oposto do que aparentam transmitir. É um poderoso instrumento para o sarcasmo.

Exemplo:
Muito competente aquele candidato! Construiu viadutos que ligam nenhum lugar a lugar algum.

METÁFORA: palavra empregada fora de seu sentido real, literal, denotativo.

Exemplos:
Eliana não SE DOBROU às desculpas do namorado que a deixou esperando por uma hora.
Ontem à noite choveu CANIVETES!

Na base de toda metáfora está um processo comparativo:
Senti a seda do seu rosto em meus dedos.
(Seda, na frase acima, é uma metáfora. Por trás do uso dessa palavra para indicar uma pele extremamente agradável ao tato, há várias operações de comparação: a pele descrita é tão agradável ao tato quanto a seda; a pele descrita é uma verdadeira seda; a pele descrita pode ser chamada seda.)

METONÍMIA: ocorre quando uma palavra é usada para designar alguma coisa com a qual mantém uma relação de proximidade ou posse.

Exemplo:
Meus olhos estão tristes por que você decidiu partir.
(Olhos, na frase acima, é uma metonímia. Na verdade, essa palavra, que indica uma parte do ser humano, esta sendo usada para designar o ser humano completo.)

ONOMATOPÉIA: emprego de palavras apropriadas na tentativa de se imitar o som de alguma coisa.

Exemplos:
Não conseguia dormir com o TIC-TAC do relógio da sala.

"Lá vem o vaqueiro pelos atalhos, tangendo as reses para os currais. Blem... blem... blem... cantam os chocalhos dos tristes bodes patriarcais. E os guizos finos das ovelhinhas ternas dím... dím... dím... E o sino da igreja velha: bão... bão... bão..." (Ascenso Ferreira)

PERÍFRASE: uso de um dos atributos de um ser ou coisa que servirá para indicá-lo.

Exemplos:
Na floresta, todos sabem quem é o REI DOS ANIMAIS. (REI DOS ANIMAIS = LEÃO)
A CIDADE MARAVILHOSA torce para um dia sediar os Jogos Olímpicos.
(CIDADE MARAVILHOSA = RIO DE JANEIRO)

PLEONASMO: repetição de um termo da oração para se dar ênfase a ele.

Exemplos:
A MIM só me restou a esperança de dias melhores.

Casos de pleonasmos considerados estilísticos:
Camões, em "Os Lusíadas", escreveu "De ambos os dous a fronte coroada". (Esta frase está na ordem inversa. Na ordem direta seria "A fronte de ambos os dous coroada." E "dous" é uma forma, hoje em desuso, equivalente a "dois".

Observação: A palavra "ambos" é da mesma família das palavras "ambivalente", "ambidestro", "ambívio" ("encruzilhada"), "ambígeno" ("proveniente de duas espécies diversas") etc.

"Ver com os próprios olhos". É óbvio que ninguém vê com as orelhas, nem vê com os olhos de outra pessoa. Mas essa combinação é aceita justamente por ser considerada expressiva, sobretudo pela palavra "próprios": "Vi com meus próprios olhos."

Um outro bom exemplo de pleonasmo consagrado é "abismo sem fundo". Pouquíssimas pessoas sabem que, na origem, a palavra "abismo" significa "sem fundo". Ao pé da letra, "abismo" é "lugar sem fundo".

Quando se perde a noção da origem de uma palavra, é natural que ocorram ligeiras mudanças em seu significado, o que justifica certos pleonasmos, como o de "abismo sem fundo". Afinal, hoje em dia, o sentido corrente de "abismo" não é de "lugar sem fundo" e sim de "lugar muito fundo".

Convém lembrar que existe a forma paralela "abisso", hoje pouco usada. É dela que se forma o adjetivo "abissal". Apesar de o substantivo "abisso" estar fora de moda, o adjetivo "abissal" é mais usado que "abismal": "A ignorância dele é abissal/abismal." Ambas as formas são corretas e equivalentes.

POLISSEMIA: é a propriedade que tem a mesma palavra de assumir significados diferentes.

Exemplos:
Lúcia bateu a porta. (fechou)
Roberto bateu o carro. (trombou)
Meu coração bate rápido. (pulsa)

Em uma propaganda da Bradesco Seguros de automóveis vemos, na foto, um pincel de barbeiro, usado para espalhar o creme de barbear no rosto do cliente, e a legenda: "Esta cidade está cheia de barbeiros" (alusão aos maus motoristas)

POLISSÍNDETO: é o uso repetido da conjunção (do conectivo), entre elementos coordenados. Esse recurso costuma acelerar o ritmo narrativo.

Exemplos:
"O amor que a exalta e a pede e a chama e a implora."
(Machado de Assis)
"No aconchego
Do claustro, na paciência e no sossego
Trabalhe, e teima, e lima, e sofre, e sua!"
(Olavo Bilac)

PROSOPOPÉIA ou PERSONIFICAÇÃO (ou ainda **METAGOGE**): consiste em atribuir características de seres animados a seres inanimados ou características humanas a seres não-humanos.

Exemplos:
"A floresta gesticulava nervosamente diante do lago que a devorava. O ipê acenava- lhe brandamente, chamando-o para casa."
As estrelas sorriem quando você também sorri.

SILEPSE: Figura pela qual a concordância das palavras se faz de acordo com o sentido, e não segundo as regras da sintaxe. A Silepse pode ser de pessoa, número ou gênero.

Exemplos:
"Os brasileiros somos roubados todos os dias." Quem diz ou escreve a frase dessa forma põe o verbo na primeira pessoa do plural para deixar claro que é brasileiro e é roubado. Nessa frase, por exemplo, a concordância não foi feita com "os brasileiros", mas com o sentido, com a idéia que se quer enfatizar. É claro que teria sido possível empregar a forma "são" ("Os brasileiros são roubados..."), no entanto, o enfoque mudaria completamente.

No exemplo anterior, ocorre silepse de pessoa, já que se trocou a terceira pessoa pela primeira. A de número ocorre quando se troca o singular pelo plural (ou vice-versa), como se vê neste exemplo: "A turma chegou cedo, mas, depois que foi dado o aviso de que o professor se atrasaria, desistiram de esperar e foram embora". Nessa frase, as formas verbais "desistiram" e "foram" se referem ao termo "turma", mas não concordam com a forma dessa palavra (singular), e sim com a idéia contida em seu significado ("alunos", no caso). A silepse de número é comum com o vocativo representado por coletivo, seguido de verbo no plural: "Turma, turma, venham". De novo, o verbo ("venham") não concorda com a palavra "turma", mas com sua idéia.

A silepse é de gênero quando se troca o masculino pelo feminino (ou vice-versa). Em "São Paulo está assustadíssima com a brutalidade", exemplo clássico, o adjetivo "assustadíssima", no feminino, não concorda com "São Paulo", nome de santo, masculino, mas com "cidade", palavra que não foi dita ou escrita. O mesmo processo se dá quando se diz "Porto Alegre é linda". "Porto" é palavra masculina, mas a concordância de "linda" também se dá com "cidade". Em certos casos, ocorrem, simultaneamente, a silepse de gênero e a de número, como se vê neste exemplo, transcrito do "Dicionário Houaiss": "Que será de nós, com a bandidagem podendo andar soltos por aí". Na frase, o adjetivo "soltos" não concorda com a forma singular e feminina da palavra "bandidagem", mas com sua idéia ("os bandidos").

Observação: É bom lembrar que a Silepse também é chamada de "concordância ideológica".

SINESTESIA: aproximação de sensações diferentes.

Exemplos:
Naquele momento, sentiu um CHEIRO VERMELHO de ódio.
(CHEIRO, olfato - VERMELHO, visão)

ZEUGMA: omissão de um ou mais elementos de uma oração, mas que já foram mencionados em outra. Ver **ELIPSE**.

VÍCIOS DE LINGUAGEM

BARBARISMO: é o emprego de vocábulos, expressões e construções alheias ao idioma. Os estrangeirismos que entram no idioma por um processo natural de assimilação de cultura assumem aspecto de sentimento político-patriótico que, aos olhos dos puristas extremados, trazem o selo da subserviência e da degradação do país. Esquecem-se de que a língua, como produto social, registra, em tais estrangeirismos, os contactos de povos. Este tipo de patriotismo lingüístico (Leo Spitzer lhe dava pejorativamente o nome de "patriotite") é antigo e revela reflexos de antigas dissensões históricas. Bréal lembra que os filólogos gregos que baniam os vocábulos turcos do léxico continuavam, à sua moda, a guerra da independência. Entre nós o repúdio ao francesismo ou galicismo nasceu da repulsa, aliás, justa, dos portugueses aos excessos dos soldados de Juno quando Napoleão ordenou a invasão de Portugal. O que se deve combater é o excesso de importação de línguas estrangeiras, mormente aquela desnecessária por se encontrarem no vernáculo vocábulos equivalentes.

CACÓFATO : palavra de origem grega que significa "mau som", RESULTANTE DA aproximação das sílabas finais de uma palavra com as iniciais de outra, formando uma terceira de "som desagradável".

Exemplos:
Durante a Olimpíada de Atlanta, um repórter afirmou com muita ênfase: "Até hoje, o atletismo era o esporte que havia dado mais medalhas para o Brasil."
Na transmissão do jogo Brasil x Coréia, ouviu-se: "Flávio Conceição pediu a bola e Cafu deu."

Cacófatos mais conhecidos:
"Uma prima minha...", "Na boca dela...", "Na vez passada...", "Eu vi ela...", "Teu time nunca ganha", entre outros.

Segundo o gramático e filólogo Napoleão Mendes de Almeida "Só haverá cacofonia quando a palavra produzida for torpe, obscena ou ridícula. É infundado o exagerado escrúpulo de quem diz haver cacófato em 'por cada', 'ela tinha' e 'só linha'." No mesmo caso podemos incluir "uma mão" e "já tinha".

No meio empresarial, corre uma história muito curiosa. Dizem que uma engenheira química, durante visita a uma indústria, recebeu a seguinte pergunta: "Que a senhora faria se este problema ocorresse em sua fábrica?" Ela respondeu secamente: "Eu mandaria um químico meu." A resposta causou constrangimento. Todos disfarçaram e continuaram a reunião. Lá pelas tantas, nova pergunta: "E neste caso?" Nova resposta: "Eu mandaria um outro químico meu." Foram tantos "químico meu" que um diretor mais preocupado perguntou: "Mas...foi a fábrica toda?" Ela deve ter voltado para casa sem saber o porquê de tanto sucesso.

REDUNDÂNCIA: palavra ou expressão desnecessária, por indicar idéia que já faz parte de outra passagem do texto.

Exemplos:
Você sabe o que significa "elo"? Além de sinônimo de argola, figurativamente elo pode significar "ligação, união". Então "elo de ligação" é outro belíssimo caso de redundância. Basta dizer que alguma coisa funciona como elo, e não que funciona como "elo de ligação".

O mesmo raciocínio se aplica em casos como o de "criar mil novos empregos". Pura redundância. Basta dizer "criar mil empregos".

Se é consenso, é geral. É redundante dizer "Há consenso geral em relação a isso". Basta dizer que há consenso.

Prefiro mais é errado. A força do prefixo (pre) dispensa o advérbio (mais). Diga sempre: prefiro sair sozinha; prefiro comer carne branca. Nada mais!

Outros exemplos de redundância:
"Acabamento final" (O acabamento vem no fim mesmo)
"Criar novas teorias" (O que se cria é necessariamente novo)
"Derradeira última esperança" (Derradeira é sinônimo de última)
"Ele vai escrever a sua própria autobiografia" (Autobiografia é a biografia de si mesmo)
"Houve contatos bilaterais entre as duas partes" (Basta: "bilaterais entre as partes")
"O nível escolar dos alunos está se degenerando para pior" (É impossível degenerar para melhor)
"O concurso foi antecipado para antes da data marcada" (Será que dá para antecipar para depois?)
"Ganhe inteiramente grátis" (Se ganhar só pode ser grátis, imagine inteiramente grátis. Parece que alguém pode ganhar alguma coisa parcialmente grátis)
"Por decisão unânime de toda a diretoria" (Boa foi a decisão unânime só da metade da diretoria!)
"O juiz deferiu favoravelmente" (Se não fosse favoravelmente, o juiz tinha indeferido)
"Não perca neste fim de ano, as previsões para o futuro" (Ainda estamos para ver as previsões para o passado!)

SOLECISMO: colocação inadequada de algum termo, contrariando as regras da norma culta em relação à sintaxe (parte da gramática que trata da disposição das palavras na frase e das frases no período).

Exemplos:
Me esqueci (em lugar de: Esqueci-me).
Não falou-me sobre o assunto (em lugar de: Não me falou sobre o assunto)
Eu lhe abracei (por: Eu o abracei)
A gente vamos (por: A gente vai)
Tu fostes (por: Tu foste)

ALGUMAS MANEIRAS DE FALAR OU ESCREVER ERRADO

A **TAUTOLOGIA** é um dos vícios de linguagem que consiste em dizer ou escrever a mesma coisa, por formas diversas, meio parecida com pleonasmo ou redundância.

É um artifício de linguagem que, raramente, até fica enfático no corpo do texto. Nos processos policiais, certidões e escrituras, além dos milhares de erros cometidos, é muito comum o vicio de repetir com outras palavras o que está fartamente explícito .

Observe a lista abaixo. Se vir alguma que já usou, procure não utilizar mais.

- Habitat natural;	- Criar novos empregos;
- Certeza absoluta;	- Retornar de novo;
- Número exato;	- Freqüentar constantemente;
- Quantia exata;	- Empréstimo temporário;
- Sugiro, conjecturalmente;	- Compartilhar conosco;
- Nos dias , e inclusive;	- Surpresa inesperada;
- Como prêmio extra;	- Completamente vazio;
- Juntamente com;	- Colocar algo em seu respectivo lugar;
- Em caráter esporádico;	- Escolha opcional;
- Expressamente proibido;	- Continua a permanecer;
- Terminantemente proibido;	- Passatempo passageiro;
- Em duas metades iguais;	- Atrás da retaguarda;
- Destaque excepcional;	- Planejar antecipadamente;
- Sintomas indicativos;	- Repetir outra vez / de novo;
- Há anos atrás;	- Sentido significativo;
- Vereador da cidade;	- Voltar atrás;
- Outra alternativa;	- Abertura inaugural;
- Detalhes minuciosos / pequenos detalhes;	- Pode possivelmente ocorrer;
- A razão é porque;	- A partir de agora;
- Interromper de uma vez;	- Última versão definitiva;
- Anexo (a) junto a carta;	- Obra-prima principal;
- De sua livre escolha;	- Gritar/ Bradar bem alto;
- Superávit positivo;	- Propriedade característica;
- Vandalismo criminoso;	- Comparecer em pessoa;
- Palavra de honra;	- Colaborar com uma ajuda / auxílio;
- Conviver junto;	- Matriz cambiante;
- Exultar de alegria;	- Com absoluta correção/ exatidão;
- Encarar de frente;	- Demasiadamente excessivo;
- Comprovadamente certo;	- Individualidade inigualável;
- Fato real;	- A seu critério pessoal;
- Multidão de pessoas;	- Abusar demais;
- Amanhecer o dia;	- Exceder em muito;
- Almirante da Marinha;	- Preconceito intolerante;
(Só existem almirantes na Marinha)	- Medidas extremas de último caso;
- Manter o mesmo time;	- De comum acordo;

- Labaredas de fogo; - Erário público; (Os dicionarios ensinam que erário é o tesouro público, por isso, basta dizer somente erário) - Despesas com gastos; - Monopólio exclusivo; - Ganhar grátis; - Países do mundo; - Viúva do falecido; - Expectativas, planos ou perspectivas para o futuro.	- Inovação recente; - Velha tradição; - Beco sem saída; - Discussão tensa; - Imprensa escrita; - Sua autobiografia; - Sorriso nos lábios; - Goteira no teto; - General do Exército; (Só existem generais no Exército) - Brigadeiro da Aeronáutica; (Só existem brigadeiros na Aeronáutica)

XI. FORMAÇÃO DO PLURAL

REGRAS BÁSICAS

Em substantivos simples, acrescenta-se a desinência **"-s"** aos substantivos terminados em vogal, ditongo oral ou ditongo nasal **"ãe":** casa/casas, peru/perus, pai/pais, lei/leis, herói/heróis, réu/réus, troféu/troféus, fogaréu/fogaréus, degrau/degraus, grau/graus, sarau/saraus, bacalhau/ bacalhaus, maçã/maçãs, mãe/mães...

Observação :

Atente para as formas "avôs" (o avô materno e o paterno) e "avós" (casal formado por avô e avó, ou plural de avó; também indica os antepassados de um modo geral).

A maioria dos substantivos terminados em **"-ão"** forma o plural substituindo essa terminação por **"-ões"** (incluem-se nesse grupo os aumentativos): balão/balões, eleição/eleições, leão/leões, sabichão/sabichões, coração/corações, vozeirão/vozeirões...

Os paroxítonos terminados em **"-ão"** e alguns poucos oxítonos e monossílabos formam o plural pelo simples acréscimo de **"s":** sótão/sótãos, cidadão/cidadãos, chão/chãos, bênção/bênçãos, cristão/cristãos, grão/grãos, órfão/órfãos, irmão/irmãos, mão/mãos...

Alguns substantivos terminados em **"-ão"** formam o plural substituindo essa terminação por **"-ães":** alemão/alemães, capitão/capitães, pão/pães, cão/cães, charlatão/charlatães, sacristão/sacristães, capelão/capelães, escrivão/escrivães, tabelião/tabeliães...

Em alguns casos, há mais do que uma forma aceitável para esses plurais. A tendência da língua portuguesa atual do Brasil é utilizar a forma de plural em **"-ões":**

guardião - guardiões, guardiães;
verão - verões, verãos;
anão - anões, anãos;
cirurgião - cirurgiões, cirurgiães;
corrimão - corrimões, corrimãos;
vilão - vilões, vilãos;
ancião - anciões, anciães, anciãos;
ermitão - ermitões, ermitães, ermitãos;
zangão (substantivo masculino de abelha) zangãos, zangões; que pode ser pronunciada também de duas maneiras: zangão ou zângão (acento colocado para mostrar a pronúncia).

Observação:

ARTESÃOS/ARTESÕES

Quando se refere ao indivíduo que tem por ofício as artes que dependem de habilidade manual, o feminino é "artesã", e o plural é "artesãos". No entanto, a palavra "artesão" também se usa em arquitetura, com o sentido de "adorno que se coloca entre molduras em abóbadas e tetos". Neste caso, o plural é "artesões". Disso se conclui que é possível dizer que "os artesões de determinada igreja foram produzidos por famosos artesãos".

Acrescenta-se a desinência **"-s"** aos substantivos terminados em **"-m".** Essa letra é substituída por **"-n"** na forma do plural: homem/homens, jardim/jardins, som/sons, atum/atuns...

Os substantivos terminados em **"-r"** e **"-z"** formam o plural com o acréscimo **de "-es":** mar/mares, açúcar/açúcares, hambúrguer/hambúrgueres, flor/flores, repórter/repórteres, revólver/revólveres; raiz/raízes, rapaz/rapazes, cruz/cruzes...

Observação:
No caso do plural das palavras "júnior", "sênior" e "caráter", além de acrescentar **"es",** devemos observar a mudança da posição da sílaba tônica: "juni ô res", "seni ô res", "carac té res" (devemos escrever essas palavras sem acento, mas pronunciar com a sílaba tônica nas vogais aqui acentuadas.).

Os substantivos terminados em **"-s"** formam o plural com acréscimo de **"-es";** quando paroxítonos ou proparoxítonos, são invariáveis - o que faz com que a indicação de número passe a depender de um artigo ou outro determinante: gás/gases, obus/obuses, um lápis/dois lápis, mês/meses, o atlas/os atlas, algum ônibus/vários ônibus, país/países, o pires/os pires, o vírus/os vírus...

Os substantivos terminados em **"-al, -el, -ol e -ul"** formam o plural pela transformação do **"-l"** dessas terminações em **"-is":** animal/animais, canal/canais, vogal/vogais, igual/iguais, anel/anéis, pastel/pastéis, álcool/álcoois, anzol/anzóis...

Observação:
O plural de "mal" (males) e de "cônsul" (cônsules) é uma exceção à regra das palavras terminadas em **"l".** Já "mel" admite dois plurais: "meles" ou "méis". Os dicionários e as gramáticas afirmam que "gol" também admite dois plurais: "gois" (com o **"o"** fechado, como o de bois) e "goles" (com o "o" também fechado); exemplo: Ronaldinho fez três goles (ou gois) numa só partida. No entanto, a forma irregular "gols" é a que tem predominado na imprensa em geral.

Os substantivos oxítonos terminados em **"-il"** trocam o **"-l"** pelo **"-s";** os paroxítonos trocam essa terminação por **"-eis":** barril/barris, ardil/ardis, funil/funis, fuzil/fuzis, fóssil/fósseis, projétil/projéteis, réptil/répteis...

Além das formas paroxítonas apresentadas acima, existem as formas oxítonas "projetil" e "reptil", que fazem os plurais "projetis" e "reptis", oxítonos.

Os substantivos terminados em **"-n"** formam o plural pelo acréscimo de **"-s"** ou **"-es":** abdômen/abdomens ou abdômenes, gérmen/germens ou gérmenes, hífen/hifens ou hífenes, líquen/liquens ou líquenes...

No português do Brasil, há acentuada tendência para o uso das formas obtidas pelo acréscimo de **"-s".** Observe que, quando paroxítonas, essas formas de plural não recebem acento gráfico.
Destaque-se cânon, cujo plural é a forma cânones.

Os substantivos terminados em **"-x"** são invariáveis; a indicação de número depende da concordância com algum determinante: o tórax/os tórax, um climax/alguns climax, uma (ou um) xerox/duas (ou dois) xerox...

Existem alguns substantivos terminados em **"-x"** que apresentam formas variantes terminadas em **"-ce";** nesses casos, deve-se utilizar a forma plural da variante: o cálix ou cálice/ os cálices, o códex ou códice/ os códices...

Os diminutivos com o sufixo **"-zinho"** (e mais raramente **"-zito")** fazem o plural da seguinte forma: o plural da palavra original sem o **"s"** + o plural do sufixo (-**zinhos** ou -**zitos).**

Exemplos:
botão + zinho (botõe + zinhos = botõezinhos)
balão + zinho (balõe + zinhos = balõezinhos)
pão + zinho (pãe + zinhos = pãezinhos)
papel + zinho (papei + zinhos = papeizinhos)
anzol + zinho (anzoi + zinhos = anzoizinhos)
colar + zinho (colare + zinhos = colarezinhos)
flor + zinha (flore + zinhas = florezinhas)

Observações:
No caso de diminutivos formados a partir de substantivos terminados em **"-r",** existe acentuada tendência na língua atual do Brasil para limitar-se o plural à terminação da forma derivada: colarzinho/colarzinhos, florzinha/florzinhas, mulherzinha/mulherzinhas. Essa forma de plural, no entanto, é repudiada pela norma culta.

No caso das palavras luzinha e cruzinha, o sufixo para o diminutivo é **"inho"** (a letra **"z"** pertence à raiz da palavra). Não se aplica, portanto, a regra acima. Basta pôr a desinência **"s":** luzinhas e cruzinhas.

METAFONIA

Existem muitos substantivos cuja formação do plural não se manifesta apenas por meio de modificações morfológicas, mas também implica alteração fonológica. Nesses casos, ocorre um fenômeno chamado metafonia, ou seja, a mudança de som entre uma forma e outra.

Trata-se da alternância do timbre da vogal, que é fechado na forma do singular e aberto na forma do plural. Observe os pares abaixo:

singular (ô)	- plural (ó)
aposto	apostos
caroço	caroços
corno	cornos
corpo	corpos
corvo	corvos
esforço	esforços
fogo	fogos
imposto	impostos
miolo	miolos
osso	ossos
poço	poços
porto	portos
povo	povos
socorro	socorros
forno	fornos
jogo	jogos
olho	olhos
ovo	ovos
porco	porcos
posto	postos
reforço	reforços
tijolo	tijolos

É importante que você atente na pronúncia culta desses plurais quando estiver utilizando a língua falada em situações formais.

PLURAL DE PALAVRAS COMPOSTAS

A formação do plural dos substantivos compostos depende da forma como são grafados, do tipo de palavras que formam o composto e da relação que estabelecem entre si. Aqueles que são grafados ligadamente (sem hífen) Comportam-se como os substantivos simples: aguardente/aguardentes, girassol/girassóis, pontapé/pontapés...

Nesse sentido, para fazer o plural de uma palavra composta, é preciso antes verificar em que classe gramatical ela se encaixa. Basicamente, uma palavra composta pode ser um substantivo ou um adjetivo. No caso de "pombo-correio", por exemplo, temos um substantivo composto. Afinal, "pombo-correio" é nome de algo. Se é nome, é substantivo.

O segundo passo é verificar a classe gramatical de cada elemento formador da palavra composta. No caso de "pombo-correio", tanto "pombo" quanto "correio" são substantivos. Dizem as gramáticas que, quando o segundo substantivo indica idéia de semelhança ou finalidade em relação ao primeiro, há duas possibilidades de plural: variam os dois ou varia só o primeiro. "Pombo-correio" se encaixa nesse caso. Um pombo-correio nada mais é do que "variedade de pombo que se utiliza para levar comunicações e correspondência", como

diz o próprio Aurélio. O segundo substantivo ("correio") indica finalidade em relação ao primeiro ("pombo"). Deduz-se, pois, que o plural de "pombo-correio" pode ser "pombos-correio" ou "pombos-correios".

Vejamos outros exemplos de substantivos compostos que se encaixam nesse caso: "carro-bomba", "homem-bomba", "público-alvo", "samba-enredo", "caminhão-tanque", "navio-escola", "couve-flor", "banana-maçã", "saia-balão" e tantos outros de estrutura semelhante (dois substantivos, com o segundo indicando semelhança ou finalidade em relação ao primeiro). Um carro-bomba, por exemplo, é um carro feito com a finalidade específica de explodir; assim como um homem-bomba é um indivíduo (normalmente um terrorista) que amarra explosivos em seu corpo com o mesmo fim. Um público-alvo é uma determinada parcela da população. Um samba-enredo é um samba feito para contar o enredo do desfile de uma escola. Uma couve-flor é uma couve semelhante a uma flor. A saia-balão é uma saia que lembra um balão. E por aí vai.

Sendo assim, o plural de cada um desses substantivos compostos apresenta-se desta maneira:

"carros-bomba" ou "carros-bombas", "homens-bomba" ou "homens-bombas", "públicos-alvo" ou "públicos-alvos", "sambas-enredo" ou "sambas-enredos", "caminhões-tanque" ou "caminhões-tanques", "navios-escola" ou "navios-escolas", "couves-flor" ou "couves-flores", "bananas-maçã" ou "bananas-maçãs", "saias-balão" ou "saias-balões".

Convém aproveitar a ocasião para lembrar que, quando o segundo substantivo não indica semelhança ou finalidade em relação ao primeiro, só há uma possibilidade de plural: flexionam-se os dois elementos. É o que ocorre com "cirurgião-dentista", "tio-avô", "tia-avó", "tenente-coronel", "bicho-papão", "rainha-mãe", "decreto-lei" e tantos outros. Vamos ao plural: "cirurgiões-dentistas" (ou "cirurgiães-dentistas"), "tios-avôs" (ou "tios-avós"), "tias-avós", "tenentes-coronéis", "bichos-papões", "rainhas-mães", "decretos-leis".

Vejamos agora o caso de "cavalo-marinho". Trata-se de substantivo composto formado por um substantivo ("cavalo") e um adjetivo ("marinho"). Aqui não há segredo: variam os dois elementos. O plural, então, só pode ser "cavalos-marinhos".

Esse princípio pode ser aplicado em relação a todos os substantivos compostos formados por duas palavras, das quais uma seja substantivo e a outra, um adjetivo ou numeral. Encaixam-se nesse caso muitas e muitas palavras. Veja algumas: obra-prima, primeira-dama, queixo-duro, primeiro-ministro, amor-perfeito, capitão-mor, cachorro-quente, boa-vida, curta-metragem, quarta-feira, sexta-feira, bóia-fria. O plural de todos esses compostos é feito com a flexão dos dois elementos: obras-primas, primeiras-damas, queixos-duros, primeiros-ministros, amores-perfeitos, capitães-mores, cachorros-quentes, boas-vidas, curtas-metragens, quartas-feiras, sextas-feiras, bóias-frias.

Tome cuidado com o caso de compostos em que entram "grão" e "grã", como "grão-duque", "grã-fina", "grã-fino", "grã-cruz". Só varia o segundo elemento: "grão-duques", "grã-finas", "grã-finos", "grã-cruzes". Merece destaque "terra-nova" (tipo de cão), que, segundo alguns

autores, faz plural excepcional: "terra-novas". Para outros, no entanto, também é possível o plural regular: "terras-novas".

Quando o substantivo composto é formado por três elementos, dos quais o segundo seja uma preposição, só se faz a flexão do primeiro. É esse o caso de mulas-sem-cabeça, pães-de-ló, quedas-d'água, pés-de-moleque, amigos-da-onça, bicos-de-papagaio, dores-de-cotovelo, estrelas-do-mar, generais-de-divisão, grãos-de-bico, joões-de-barro, pais-de-santo, pés-de-cabra, pores-do-sol...

Observação : os fora-da-lei , os fora-de-série ...são invariáveis .

Talvez esteja aí a explicação para o plural de "sem-terra" adotado por todos os órgãos da imprensa: "Sem-terra". Por quê? Porque se supõe que haja uma palavra implícita. Algo como "homem sem terra", que não é propriamente uma palavra composta, mas tem estrutura semelhante: dois substantivos ("homem" e "terra"), ligados por uma preposição ("sem"). O plural dessa expressão seria "homens sem terra", que acaba sendo reduzida para "sem-terra", com hífen, justamente porque nomeia uma categoria específica de pessoas.

O caso de "sem-vergonha" é semelhante. Algo como "pessoa sem vergonha" acaba se transformando em "sem-vergonha", com hífen. Segundo o dicionário "Aurélio" e muitos gramáticos, o plural é "sem-vergonha" mesmo. Alguns discordam e propõem "os sem-vergonhas" e "os sem-terras". O argumento é que se deve proceder com "sem-terra" como se procede com "contra-ataque", cujo plural é "contra-ataques". Ocorre que esse "contra" não é a preposição, mas o elemento de composição, ou prefixo, como o define Caldas Aulete. Os casos de "contra-ataque" e de "sem-terra", na verdade, são distintos.

Se a palavra composta for constituída de um verbo e um substantivo, somente o substantivo irá para o plural: arranha-céus, bate-papos, bate-bocas, bate-bolas, caça-talentos, guarda-chuvas, lança-perfumes, lava-pés, mata-borrões, pára-brisas, pára-choques, pára-lamas, porta-bandeiras, porta-vozes, quebra-cabeças, quebra-molas, salva-vidas, vira-latas...

Observação :
Em guarda-civil , guarda é substantivo e civil é adjetivo. Os dois vão para o plural: guardas-civis , guardas-noturnos, guardas-florestais...

Já em guarda-chuva , guarda é verbo e chuva é substantivo. Só o substantivo vai para o plural: guarda-chuvas , guarda-sóis, guarda-louças, guarda-roupas, guarda-costas...

Se a palavra composta for constituída de dois ou mais adjetivos, somente o último adjetivo irá para o plural: consultórios médico-cirúrgicos ; candidatos social-democratas ; atividades técnico-científicas ; problemas político-econômicos ; questões luso-brasileiras ; camisas rubro-negras ; cabelos castanho-escuros ; olhos verde-claros ...

Observação :
Os adjetivos compostos referentes a cores são invariáveis quando o segundo elemento é um substantivo: verde-garrafa, verde-mar, verde-musgo, verde-oliva, azul-céu, azul-piscina, amarelo-ouro, rosa-choque, vermelho-sangue...

Compare:
Olhos verde-claros = cor + adjetivo (claro ou escuro)
Calças verde-garrafa = cor + substantivo
Também são invariáveis: azul-celeste e azul-marinho .

Se o primeiro elemento for advérbio, preposição ou prefixo, somente o segundo elemento irá para o plural: abaixo-assinados, alto-falantes, ante-salas, anti-semitas, auto-retratos, bel-prazeres, contra-ataques, recém-nascidos, super-homens, todo-poderosos, vice-campeões...

Se a palavra composta for constituída por advérbio + pronome + verbo, somente o último elemento varia: bem-me-queres, bem-te-vis, não-me-toques...

Se a palavra composta for constituída pela repetição das palavras (onomatopéias = reprodução dos sons), o segundo elemento irá para o plural: bangue-bangues, pingue-pongues, reco-recos, teco-tecos, tique-taques, zigue-zagues...

Casos especiais:
Os arco-íris, as ave-marias, os banhos-maria, os joões-ninguém, os louva-a-deus, os lugar-tenentes, os mapas-múndi, os padre-nossos, as salve-rainhas, os surdos-mudos...

São invariáveis :
- compostos de verbo + palavra invariável: os bota-fora, os cola-tudo, os topa-tudo...
- compostos de verbos de sentido oposto: os entre-e-sai, os leva-e-traz, os perde-ganha, os sobe-e-desce, os vai-volta...
- expressões substantivadas: os bumba-meu-boi, os chove-não-molha, os disse-me-disse...

➔ Os estudiosos das coisas indígenas afirmam que os nomes das nações indígenas não apresentam plural na sua forma original. Deveríamos dizer os tupi, os goitacá, os pataxó, os caeté.

Há, entretanto, aqueles que defendem o aportuguesamento e conseqüente respeito às nossas regras gramaticais.

CASOS ESPECIAIS

EXTRA

A forma reduzida "extra" vem do adjetivo "extraordinário". Como "extra" significa "fora de", "extraordinário" significa "fora do ordinário", ou seja, fora do que é comum, normal, ordinário. Por ser grande, a palavra "extraordinário" não fugiu de um processo lingüístico implacável: a redução. Com isso, o prefixo passou a ter também o sentido do adjetivo. Nesse caso, sua flexão é normal, como a de um adjetivo qualquer: "hora extra", "horas extras".

Em tempo: quando usado como prefixo, nada de flexioná-lo. O plural de "extra-oficial" é "extra-oficiais"; o de "extra-sístole" é "extra-sístoles".

SIGLAS

Embora não existam regras rígidas para o plural de siglas, é usual e perfeitamente aceitável o uso do "s": CDs, CEPs, IPVAs, IPTUs, Ufirs...

Cuidado, porém, quanto ao mau uso do apóstrofo. O apóstrofo, em português, é para indicar a omissão de fonema/letra: copo de água = copo d'água; galinha de Angola = galinha d'angola. Não se justifica, portanto, o uso do apóstrofo para indicar o acréscimo da desinência "s" para indicar o plural.

REVÉS

"Reveses", com "s", é o plural de "revés", sinônimo de "insucesso", "derrota". Já "revezes" é a forma da segunda pessoa do singular do presente do subjuntivo do verbo "revezar", que se escreve com "z" porque é da mesma família de "vez". "Revezar" é produto de "re + vez + ar" e significa "substituir alternadamente": "Quero que tu te revezes com o Fernando na prova de natação."

AS CORES LILÁS E GRIS

Apesar da palavra "lilás" ser um substantivo (uma flor), ela empresta a tonalidade de sua cor para virar adjetivo que, pela regra geral, não iria para o plural, como em certos adjetivos compostos, onde o segundo elemento é um substantivo: "calças azul piscina", " vestidos amarelo- -limão". No entanto, muitos dicionários dão como plural de lilás a forma "lilases". O mais interessante é que lilás pode ser também o plural de "lilá". Assim, podemos ter as seguintes combinações: no singular, "camisa lilá", "camisa lilás"; e no plural, "camisas lilás" e "camisas lilases".

Assim também acontece com "gris" que, a princípio, é um animal (substantivo) que empresta a tonalidade da cor de seu pêlo (azul-acinzentado) para se tornar um adjetivo. Dessa forma, gris pode ser singular ou plural, tendo também a forma "grisses" como um segundo plural. Exemplo: "...e tudo nascerá mais belo, o verde faz do azul com o amarelo o elo com todas as cores para enfeitar amores gris (ou grises)" - verso da música NENHUM DIA, de Dijavan.

ESPÉCIMEN

Além do plural "espécimens", a palavra espécimen possui a forma "especímenes".

Cuidado, entretanto, com a pronúncia dessas palavras. São todas proparoxítonas (a sílaba tônica é a antepenúltima) e conseqüentemente acentuadas, o que certamente ajuda a pronunciá-las corretamente.

XII. ORAÇÕES SUBORDINADAS

Você já deve saber que período é uma frase organizada em orações. Já deve saber também que no período simples existe apenas uma oração, chamada "absoluta", e que no período composto existem duas ou mais orações. Essas orações podem se relacionar por meio de dois processos sintáticos diferentes: a subordinação e a coordenação . Na subordinação, um termo atua como determinante de um outro termo. Essa relação se verifica, por exemplo, entre um verbo e seus complementos: os complementos são determinantes do verbo, integrando sua significação. Conseqüentemente, o objeto direto e o objeto indireto são termos subordinados ao verbo, que é o termo subordinante. Outros termos subordinados da oração são os adjuntos adnominais (subordinados ao nome que caracterizam) e os adjuntos adverbiais (subordinados geralmente a um verbo). No período composto, considera-se subordinada a oração que desempenha função de termo de outra oração, o que equivale a dizer que existem orações que atuam como determinantes de outras orações. Observe o seguinte exemplo:

Percebeu que os homens se aproximavam.

Esse período composto é formado por duas orações: a primeira estruturada em torno da forma verbal "percebeu"; a segunda, em torno da forma verbal "aproximavam". A análise da primeira oração permite constatar de imediato que seu verbo é transitivo direto (perceber algo). O complemento desse verbo é, no caso, a oração "que os homens se aproximavam" . Nesse período, a segunda oração funciona como objeto direto do verbo da primeira. Na verdade, o objeto direto de percebeu é "que os homens se aproximavam".

A oração que cumpre papel de um termo sintático de outra é subordinada; a oração que tem um de seus termos na forma de oração subordinada é a principal. No caso do exemplo dado, a oração "Percebeu" é principal; "que os homens se aproximavam" é oração subordinada. Diz-se, então, que esse período é composto por subordinação.

Ocorre coordenação quando termos de mesma função sintática são relacionados entre si. Nesse caso, não se estabelece uma hierarquia entre esses termos, pois eles são sintaticamente equivalentes. Observe:

Brasileiros e portugueses devem agir como irmãos.

Nessa oração, o sujeito composto "brasileiros e portugueses", adjetivos substantivados, apresenta dois núcleos coordenados entre si: os dois substantivos desempenham um mesmo papel sintático na oração.

No período composto, a coordenação ocorre quando orações sintaticamente equivalentes se relacionam. Observe:

Comprei o livro, li os poemas e fiz o trabalho.

Nesse período, há três orações, organizadas a partir das formas verbais "comprei", "li" e "fiz". A análise dessas orações permite perceber que cada uma delas é sintaticamente independente das demais: na primeira, ocorre um verbo transitivo direto (comprar) acompanhado de seu respectivo objeto direto ("o livro"); na segunda, o verbo ler, também transitivo direto, com o objeto direto "os poemas"; na terceira, outro verbo transitivo direto, fazer, com o objeto direto "o trabalho". Nenhuma das três orações desempenha papel de termo de outra. São orações sintaticamente independentes entre si e, por isso, coordenadas. Nesse caso, o período é composto por coordenação. Note que a ordem das orações é fixada por uma questão semântica e não sintática (os fatos indicados pelas orações obedecem à ordem cronológica). Existem períodos compostos em que se verificam esses dois processos de organização sintática, ou seja, a subordinação e a coordenação. Observe:

Percebi que os homens se aproximavam e saí em desabalada carreira.

Nesse período, há três orações, organizadas respectivamente a partir das formas verbais "percebi", "aproximavam" e "saí". A oração organizada em torno de percebi tem como objeto direto a oração "que os homens se aproximavam" (perceber algo); "que os homens se aproximavam", portanto, é oração subordinada a percebi. Entre as orações organizadas em torno de percebi e saí, a relação é de coordenação, já que uma não desempenha papel de termo da outra. O período é composto por coordenação e subordinação.

As orações subordinadas se dividem em três grupos, de acordo com a função sintática que desempenham e a classe de palavras a que equivalem. Podem ser substantivas, adjetivas ou adverbiais. Mais uma vez, valem os conceitos morfossintáticos, que, como você já deve saber, combinam a morfologia e a sintaxe. Para notar as diferenças que existem entre esses três tipos de orações, tome como base a análise de um período simples:

Só depois disso percebi a profundidade das palavras dele.

Nessa oração, o sujeito é "eu", implícito na terminação verbal. "A profundidade das palavras dele" é objeto direto da forma verbal percebi. O núcleo do objeto direto é profundidade. Subordinam-se ao núcleo desse objeto os adjuntos adnominais "a" e "das palavras dele". No adjunto adnominal "das palavras dele", o núcleo é o substantivo palavras, ao qual se prendem os adjuntos adnominais "as" e "dele". "Só depois disso" é adjunto adverbial de tempo.

É possível transformar a expressão "a profundidade das palavras dele", objeto direto, em oração. Observe:

Só depois disso percebi que as palavras dele eram profundas.

Nesse período composto, o complemento da forma verbal percebi é a oração "que as palavras dele eram profundas". Ocorre aqui um período composto por subordinação, em que uma oração desempenha a função de objeto direto do verbo da outra. O objeto direto é uma função substantiva da oração, ou seja, é função desempenhada por substantivos e palavras

de valor substantivo. É natural, portanto, que a oração subordinada que desempenha esse papel seja chamada de oração subordinada substantiva.

Pode-se também modificar o período simples original transformando em oração o adjunto adnominal do núcleo do objeto direto, profundidade. Observe:

Só depois disso percebi a profundidade que as palavras dele continham.

Nesse período, o adjunto adnominal de profundidade passa a ser a oração "que as palavras dele continham". Você já sabe que o adjunto adnominal é uma função adjetiva da oração, ou seja, é função exercida por adjetivos, locuções adjetivas e outras palavras de valor adjetivo. É por isso que são chamadas de subordinadas adjetivas as orações que, nos períodos compostos por subordinação, atuam como adjuntos adnominais de termos das orações principais.

Outra modificação que podemos fazer no período simples original é a transformação do adjunto adverbial de tempo em uma oração. Observe:

Só quando cai em mim, percebi a profundidade das palavras dele.

Nesse período composto, "só quando caí em mim" é uma oração que atua como adjunto adverbial de tempo do verbo da outra oração. O adjunto adverbial é uma função adverbial da oração, ou seja, é função exercida por advérbios e locuções adverbiais. Portanto, são chamadas de subordinadas adverbiais as orações que, num período composto por subordinação, atuam como adjuntos adverbiais do verbo da oração principal.

É fácil perceber, assim, que a classificação das orações subordinadas decorre da combinação da função sintática que exercem com a classe de palavras que representam, ou seja, é a morfossintaxe que determina a classificação de cada oração subordinada. São subordinadas substantivas as que exercem funções substantivas (sujeito, objeto direto e indireto, complemento nominal, aposto, predicativo). São subordinadas adjetivas as que exercem funções adjetivas (atuam como adjuntos adnominais). São subordinadas adverbiais as que exercem funções adverbiais (atuam como adjuntos adverbiais, expressando as mais variadas circunstâncias).

Quanto à forma, as orações subordinadas podem ser desenvolvidas ou reduzidas. Observe:

1. Suponho que seja ela a mulher ideal.
2. Suponho ser ela a mulher ideal.

Nesses dois períodos compostos há orações subordinadas substantivas que atuam como objeto direto da forma verbal suponho. No primeiro período, a oração é "que seja ela a mulher ideal". Essa oração é introduzida por uma conjunção subordinativa (que) e apresenta uma forma verbal do presente do subjuntivo (seja). Trata-se de uma oração subordinada desenvolvida. Assim são chamadas as orações subordinadas que se organizam a partir de

uma forma verbal do modo indicativo ou do subjuntivo e que são introduzidas, na maior parte dos casos, por conjunção subordinativa ou pronome relativo.

No segundo período, a oração subordinada "ser ela a mulher ideal" apresenta o verbo numa de suas formas nominais (no caso, infinitivo) e não é introduzida por conjunção subordinativa ou pronome relativo. Justamente por apresentar uma peça a menos em sua estrutura, essa oração é chamada de reduzida. As orações reduzidas apresentam o verbo numa de suas formas nominais (infinitivo, gerúndio ou particípio) e não apresentam conjunção ou pronome relativo (em alguns casos, são encabeçadas por preposições).

Como você já viu, as orações subordinadas substantivas desempenham funções que no período simples normalmente são desempenhadas por substantivos. As orações substantivas podem atuar como sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, predicativo e aposto. Por isso são chamadas, respectivamente, de subjetivas, objetivas diretas, objetivas indiretas, completivas nominais, predicativas e apositivas. Essas orações podem ser desenvolvidas ou reduzidas. As desenvolvidas normalmente se ligam à oração principal por meio das conjunções subordinativas integrantes "que" e "se". As reduzidas apresentam verbo no infinitivo e podem ou não ser encabeçadas por preposição.

TIPOS DE ORAÇÕES SUBORDINADAS

SUBSTANTIVAS SUBJETIVAS

As orações subordinadas substantivas subjetivas atuam como sujeito do verbo da oração principal**.**

Exemplos:
1. É fundamental o seu comparecimento à reunião.
2. É fundamental que você compareça à reunião.
3. É fundamental você comparecer à reunião.

O primeiro período é simples. Nele, "o seu comparecimento à reunião" é sujeito da forma verbal é. Na ordem direta é mais fácil constatar isso: "O seu comparecimento à reunião é fundamental".

Nos outros dois períodos, que são compostos, a expressão "o seu comparecimento a reunião" foi transformada em oração ("que você compareça a reunião" e "você comparecer à reunião"). Nesses períodos, as orações destacadas são subjetivas, já que desempenham a função de sujeito da forma verbal "é". A oração "você comparecer à reunião", que não é introduzida por conjunção e tem o verbo no infinitivo, é reduzida.

Quando ocorre oração subordinada substantiva subjetiva, o verbo da oração principal sempre fica na terceira pessoa do singular. As estruturas típicas da oração principal nesse caso são:

a) verbo de ligação + predicativo - é bom..., é conveniente..., é melhor..., é claro..., está comprovado..., parece certo..., fica evidente..., etc.

Observe os exemplos:
É preciso que se adotem providências eficazes.
Parece estar provado que soluções mágicas não funcionam.

b) verbo na voz passiva sintética ou analítica - sabe-se..., soube-se..., comenta- se..., dir-se-ia..., foi anunciado..., foi dito..., etc.
Exemplos:
Sabe-se que o país carece de sistema de saúde digno.
Foi dito que tudo seria resolvido por ele.

c) verbos como convir, cumprir, acontecer, importar, ocorrer, suceder, parecer, constar, urgir, conjugados na terceira pessoa do singular.
Exemplos:
Convém que você fique.
Consta que ninguém se interessou pelo cargo.
Parece ser ela a pessoa indicada.

Muitos autores consideram que o relativo "quem" deve ser desdobrado em "aquele que". Tem-se, assim, um relativo (que), que introduz oração adjetiva. Outros autores preferem entender que "Quem usa drogas" é o efetivo sujeito de experimenta. Esta nos parece a melhor solução.

OBJETIVAS DIRETAS

As orações subordinadas substantivas objetivas diretas atuam como objeto direto do verbo da oração principal.
Exemplos:
Todos querem que você compareça.
Suponho ser o Brasil o país de pior distribuição de renda no mundo.

Nas frases interrogativas indiretas, as orações subordinadas substantivas objetivas diretas podem ser introduzidas pela conjunção subordinativa integrante "se" e por pronomes ou advérbios interrogativos.

Exemplos:
Ninguém sabe
/ se ela aceitará a proposta.
/ como a máquina funciona.
/ onde fica o teatro.
/ quanto custa o remédio.
/ quando entra em vigor a nova lei.
/ qual é o assunto da palestra.

Com os verbos "deixar, mandar, fazer" (chamados auxiliares causativos) e "ver, sentir, ouvir, perceber" (chamados auxiliares sensitivos) ocorre um tipo interessante de oração subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo.

Exemplos:
Deixe-ME REPOUSAR.
Mandei-OS SAIR.
Ouvi-O GRITAR.

Nesses casos, as orações destacadas são todas objetivas diretas reduzidas de infinitivo. E, o que é mais interessante, os pronomes oblíquos atuam todos como sujeitos dos infinitivos verbais. Essa é a única situação da língua portuguesa em que um pronome oblíquo pode atuar como sujeito. Para perceber melhor o que ocorre, convém transformar as orações reduzidas em orações desenvolvidas:
Deixe que eu repouse.
Mandei que eles saíssem.
Ouvi que ele gritava.

Nas orações desenvolvidas, os pronomes oblíquos foram substituídos pelas formas retas correspondentes. É fácil perceber agora que se trata, efetivamente, dos sujeitos das formas verbais das orações subordinadas.

OBJETIVAS INDIRETAS

As orações subordinadas substantivas objetivas indiretas atuam como objeto indireto do verbo da oração principal.

Exemplos:
Duvido de que esse prefeito dê prioridade às questões sociais.
Lembre-se de comprar todos os remédios.

COMPLETIVAS NOMINAIS

As orações subordinadas substantivas completivas nominais atuam como complemento de um nome da oração principal.

Exemplos:
Levo a leve impressão de que já vou tarde.
Tenho a impressão de estar sempre no mesmo lugar.

Observe que as objetivas indiretas integram o sentido de um verbo, enquanto as completivas nominais integram o sentido de um nome. Para distinguir uma da outra, é necessário levar em conta o termo complementado. Essa é, aliás, a diferença entre o objeto indireto e o complemento nominal: o primeiro complementa um verbo; o segundo, um nome. Nos exemplos dados acima, as orações subordinadas complementam o nome impressão.

PREDICATIVAS

As orações subordinadas substantivas predicativas atuam como predicativo do sujeito da oração principal.

Exemplos:
A verdade é que ele não passava de um impostor.
Nosso desejo era encontrares o teu caminho.

APOSITIVAS

As orações subordinadas substantivas apositivas atuam como aposto de um termo da oração principal.

Exemplos:
De você espero apenas uma coisa: que me deixe em paz.
Só resta uma alternativa: encontrar o remédio.

PONTUAÇÃO DAS SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS

A pontuação dos períodos compostos em que surgem orações subordinadas substantivas segue os mesmos princípios que se adotam no período simples para as funções sintáticas a que essas orações equivalem:

- A vírgula não deve separar da oração principal as orações subjetivas, objetivas diretas, objetivas indiretas, completivas nominais e predicativas - afinal, sujeitos, complementos verbais e nominais não são separados por vírgula dos termos a que se ligam. O mesmo critério se aplica para o predicativo nos predicados nominais.

- A oração subordinada substantiva apositiva deve ser separada da oração principal por vírgula ou dois-pontos, exatamente como ocorre com o aposto:
O boato, de que o presidente renunciaria, espalhou-se rapidamente.
Imponho-lhe apenas uma tarefa: que administre bem o dinheiro público.

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS

Uma oração adjetiva nada mais é do que um adjetivo em forma de oração. Assim como é possível dizer "redação bem-sucedida", em que o substantivo redação é caracterizado pelo adjetivo bem-sucedida, é possível dizer também "redação que fez sucesso", em que a oração "que fez sucesso" exerce exatamente o mesmo papel do adjetivo bem-sucedida, ou seja, caracteriza o substantivo redação.

Em termos sintáticos, essas orações exercem a função que normalmente cabe a um adjetivo, a de adjunto adnominal.

Exemplos:
Pessoa que mente é pessoa mentirosa. A classe gramatical da palavra "mentirosa" é a dos adjetivos. Qualifica o substantivo "pessoa".

Em vez de se dizer "pessoa mentirosa", é perfeitamente possível se dizer "pessoa que mente". Agora, quem é que qualifica "pessoa"? A oração "que mente", que tem valor de adjetivo e, por isso, é oração subordinada adjetiva.

Esse "que" que introduz a oração adjetiva "que mente" pode ser substituído por "a qual" (pessoa que mente = pessoa a qual mente). E, por fim, esse "que" se chama pronome relativo.

Agora, vamos relacionar tudo isso com o emprego da vírgula. Leia a seguinte passagem: "Não gosto de pessoas mentirosas". Você poria vírgula entre "pessoas" e "mentirosas"? Certamente não. E por quê? Porque o papel da palavra "mentirosas" é limitar o universo de pessoas. Afinal, não é de qualquer pessoa que eu não gosto. Só não gosto das pessoas mentirosas, ou seja, só não gosto das pessoas que mentem.

A oração "que mentem" exerce o mesmo papel do adjetivo "mentirosas", isto é, limita, restringe o universo de pessoas. Essa oração é chamada de "adjetiva restritiva" e, como você deve ter notado, também não é separada da anterior por vírgula.

Agora veja este outro caso: "Os cariocas, que adoram o mar, sempre estão de bem com a vida". A que cariocas se faz referência na frase? Será que a idéia é dividir os cariocas em dois blocos (os que adoram o mar e os que não adoram) e dizer que só os que adoram o mar estão sempre de bem com a vida? É claro que não. O que se quer é fazer uma afirmação de caráter genérico: os cariocas adoram o mar e sempre estão de bem com a vida.

O "que" dessa frase é pronome relativo ("Os cariocas, os quais adoram o mar...") e, por isso mesmo, como você já sabe, introduz oração subordinada adjetiva, que, no caso, não é restritiva. Não restringe, não limita. Generaliza. É chamada de explicativa.

A oração restritiva não é separada da anterior por vírgula, mas a explicativa é.

Agora preste muita atenção. Leia estas duas frases:

1) Ele telefonou para a irmã que mora na Itália;
2) Ele telefonou para a irmã, que mora na Itália.

Elas parecem iguais, mas não são. A vírgula faz a diferença. Em ambos os casos, o "que" pode ser substituído por "a qual". Em ambos os casos, o "que" é pronome relativo e, por isso, introduz oração adjetiva.
A diferença está na extensão do termo que vem antes do "que" ("irmã"). Sem a vírgula ("irmã que mora na Itália"), cria-se um limite. Certamente, ele tem mais de uma irmã. Pelo menos duas, uma das quais mora na Itália. Não fosse assim, não faria sentido a restrição imposta pela oração "que mora na Itália".

Com a vírgula, a oração "que mora na Itália" não restringe. Deixa de ser restritiva e passa a ser explicativa. Nosso amigo só tem uma irmã, e ela mora na Itália.

Veja outro caso: "A empresa tem cem funcionários que moram em Campinas". O que acontece quando se coloca vírgula depois de "funcionários"? Muda tudo. Sem a vírgula, a empresa tem mais de cem funcionários, dos quais cem moram em Campinas.

Com a vírgula depois de "funcionários", a empresa passa a ter exatamente cem funcionários, e todos moram em Campinas.

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS

Uma oração subordinada adverbial exerce a função de adjunto adverbial do verbo da oração principal.

Exemplos:
Naquele momento, senti uma das maiores emoções de minha vida.
Quando vi o mar, senti uma das maiores emoções de minha vida.

No primeiro período, "naquele momento" é um adjunto adverbial de tempo, que modifica a forma verbal senti. No segundo período, esse papel é exercido pela oração "Quando vi o mar", que é, portanto, uma oração subordinada adverbial temporal. Essa oração é desenvolvida, já que é introduzida por uma conjunção subordinativa (quando) e apresenta uma forma verbal do modo indicativo (vi, do pretérito perfeito do indicativo). Seria possível reduzi-la, obtendo algo como: Ao ver o mar, senti uma das maiores emoções de minha vida. "Ao ver o mar" é uma oração reduzida porque apresenta uma das formas nominais do verbo (ver é infinitivo) e não é introduzida por conjunção subordinativa, mas sim por uma preposição (a, combinada com o artigo o).

Se você já estudou os adjuntos adverbiais, você viu que sua classificação é feita com base nas circunstâncias que exprimem. Com as orações subordinadas adverbiais ocorre a mesma coisa. A diferença fica por conta da quantidade: há apenas nove tipos de orações subordinadas adverbiais, enquanto os adjuntos adverbiais são pelo menos quinze. As orações adverbiais adquirem grande importância para a articulação adequada de idéias e fatos e por isso são fundamentais num texto dissertativo. Você terá agora um estudo pormenorizado das circunstâncias expressas pelas orações subordinadas adverbiais. É importante compreender bem essas circunstâncias e observar atentamente as conjunções e locuções conjuntivas utilizadas em cada caso.

TIPOS DE ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS

CAUSA

A idéia de causa está diretamente ligada àquilo que provoca um determinado fato. As orações subordinadas adverbiais que exprimem causa são chamadas causais. A conjunção subordinativa mais utilizada para a expressão dessa circunstância é "porque". Outras conjunções e locuções conjuntivas muito utilizadas são "como" (sempre introduzindo oração adverbial causal anteposta à principal), "pois", "já que", "uma vez que", "visto que".

Exemplos:
As ruas ficaram alagadas porque a chuva foi muito forte.
Como ninguém se interessou pelo projeto, não houve outra alternativa a não ser cancelá-lo.
Já que você não vai, eu não vou.
Por ter muito conhecimento (= Porque/Como tem muito conhecimento), é sempre consultado. (reduzida de infinitivo)

CONSEQÜÊNCIA

A idéia de conseqüência está ligada àquilo que é provocado por um determinado fato. As orações subordinadas adverbiais consecutivas exprimem o efeito, a conseqüência daquilo que se declara na oração principal. Essa circunstância é normalmente introduzida pela conjunção "que", quase sempre precedida, na oração principal, de termos intensivos, como "tão, tal, tanto, tamanho".

Exemplos:
A chuva foi tão forte que em poucos minutos as ruas ficaram alagadas.
Tal era sua indignação que imediatamente se uniu aos manifestantes.
Sua fome era tanta que comeu com casca e tudo.

CONDIÇÃO

Condição é aquilo que se impõe como necessário para a realização ou não de um fato. As orações subordinadas adverbiais condicionais exprimem o que deve ou não ocorrer para que se realize ou deixe de se realizar o fato expresso na oração principal. A conjunção mais utilizada para introduzir essas orações é "se"; além dela, podem-se utilizar "caso, contanto que, desde que, salvo se, exceto se, a menos que, sem que, uma vez que" (seguida do verbo no subjuntivo).

Exemplos:
Uma vez que você aceite a proposta, assinaremos o contrato.
Caso você se case, convide-me para a festa.
Não saia sem que eu permita.
Se o regulamento do campeonato for bem elaborado, certamente o melhor time será o campeão.

CONCESSÃO

A idéia de concessão está diretamente ligada à idéia de contraste, de quebra de expectativa. De fato, quando se faz uma concessão, não se faz o que é esperado, o que é normal. As orações adverbiais que exprimem concessão são chamadas concessivas. A conjunção mais empregada para expressar essa relação é "embora"; além dela, podem ser usadas a conjunção "conquanto" e as locuções "ainda que, ainda quando, mesmo que, se bem que, apesar de que".

Exemplos:
Embora fizesse calor; levei agasalho.
Conquanto a economia tenha crescido, pelo menos metade da população continua à margem do mercado de consumo.
Foi aprovado sem estudar (= sem que estudasse / embora não estudasse). (reduzida de infinitivo)

COMPARAÇÃO

As orações subordinadas adverbiais comparativas contêm fato ou ser comparado a fato ou ser mencionado na oração principal. A conjunção mais empregada para expressar comparação é "como"; além dela, utilizam-se com muita freqüência as estruturas que formam o grau comparativo dos adjetivos e dos advérbios: "tão... como" (quanto), "mais (do) que", "menos (do) que".

Exemplos:
Ele dorme como um urso (dorme).
Sua sensibilidade é tão afinada quanto sua inteligência (é).
Como se pode perceber nos exemplos acima, é comum a omissão do verbo nas orações subordinadas adverbiais comparativas. Isso só não ocorre quando se comparam ações diferentes ("Ela fala mais do que faz." - nesse caso, compara-se o falar e o fazer).

CONFORMIDADE

As orações subordinadas adverbiais conformativas indicam idéia de conformidade, ou seja, exprimem uma regra, um caminho, um modelo adotado para a execução do que se declara na oração principal. A conjunção típica para exprimir essa circunstância é "conforme"; além dela, utilizam-se "como, consoante e segundo" (todas com o mesmo valor de conforme).

Exemplos:
Fiz o bolo conforme ensina a receita.
Consoante reza a Constituição, todos os cidadãos têm direitos iguais.
Segundo atesta recente relatório do Banco Mundial, o Brasil é o campeão mundial de má distribuição de renda.

FINALIDADE

As orações subordinadas adverbiais finais exprimem a intenção, a finalidade do que se declara na oração principal. Essa circunstância é normalmente expressa pela locução conjuntiva "a fim de que"; além dela, utilizam-se a locução "para que" e, mais raramente, as conjunções "que" e "porque" (= para que).

Exemplos:
Vim aqui a fim de que você me explicasse as questões.
Fez tudo porque eu não obtivesse bons resultados. (- para que eu não obtivesse...)
Suportou todo tipo de humilhação para obter o visto americano. (= para que obtivesse...) (reduzida de infinitivo)

PROPORÇÃO

As orações subordinadas adverbiais proporcionais estabelecem relação de proporção ou proporcionalidade entre o processo verbal nelas expresso e aquele declarado na oração principal. Essa circunstância normalmente é indicada pela locução conjuntiva "à proporção que"; além dela, utilizam-se "à medida que" e expressões como "quanto mais", "quanto menos", "tanto mais", "tanto menos".

Exemplos:
Quanto mais se aproxima o fim do mês, mais os bolsos ficam vazios.
Quanto mais te vejo, mais te desejo.
À medida que se aproxima o fim do campeonato, aumenta o interesse da torcida pela competição.
À proporção que se acumulam as dívidas, diminuem as possibilidades de que a empresa sobreviva.

TEMPO

As orações subordinadas adverbiais temporais indicam basicamente idéia de tempo. Exprimem fatos simultâneos, anteriores ou posteriores ao fato expresso na oração principal, marcando o tempo em que se realizam. As conjunções e locuções conjuntivas mais utilizadas são "quando, enquanto, assim que, logo que, mal, sempre que, antes que, depois que, desde que".

Exemplos:
"Quando você foi embora, fez-se noite em meu viver." (Milton Nascimento & Fernando Brant)
"Enquanto os homens exercem seus podres poderes, motos e fuscas avançam os sinais vermelhos e perdem os verdes: somos uns boçais (Caetano Veloso)
Mal você saiu, ela chegou.
Terminada a festa, todos se retiraram. (Quando terminou a festa) (reduzida de particípio)

Observação: Mais importante do que aprender a classificar as orações subordinadas adverbiais é interpretá-las adequadamente e utilizar as conjunções e locuções conjuntivas de maneira eficiente. Por isso, é desaconselhável que você faça o que muita gente costuma indicar como forma de "aprender as orações subordinadas adverbiais": "descabelar-se" para decorar listas de conjunções e, com isso, conseguir dar um rótulo as orações. Essa prática, além de fazer com que você se preocupe mais com nomenclaturas do que com o uso efetivo das estruturas lingüísticas, é inútil quando se consideram casos mais sutis de construção de frases. Observe, nas frases seguintes, o emprego da conjunção como em diversos contextos: em cada um deles, ocorre uma oração subordinada adverbial diferente. Como seria possível reconhecê-las se se partisse de uma lista de conjunções "decoradas"? É melhor procurar compreender o que efetivamente está sendo declarado.

Como dizia o poeta, "a vida é a arte do encontro".
(valor de conformidade)
Como não tenho dinheiro, não poderei participar da viagem.
(valor de causa)
"E cai como uma lágrima de amor." (Antônio Carlos Jobim & Vinicius de Moraes)
(valor de comparação)

Há até casos em que a classificação depende do contexto: "Como o jornal noticiou, o teatro ficou lotado". A oração subordinada adverbial pode ser causal ou conformativa, dependendo do contexto.

AS ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS E A PONTUAÇÃO

A pontuação dos períodos em que há orações subordinadas adverbiais obedece aos mesmos princípios observados em relação aos adjuntos adverbiais. Isso significa que a oração subordinada adverbial sempre pode ser separada por vírgulas da oração principal. Essa separação é optativa quando a oração subordinada está posposta à principal e é obrigatória quando a oração subordinada está intercalada ou anteposta.

Exemplos:
Tudo continuará como está se você não intervier;
ou Tudo continuará como está, se você não intervier.

Disse que, quando chegar, tomará todas as providências.
Quando chegar, tomará todas as providências.

XIV. ORTOEPIA E PROSÓDIA

Ortoepia trata da correta pronúncia das palavras.

Exemplo: "advogado", e não "adevogado" (o **d** é mudo).

Prosódia trata da correta acentuação tônica das palavras.

Exemplo: "rubrica" (palavra paroxítona), e não "rúbrica" (palavra proparoxítona).

Dessa forma, segue abaixo uma lista das principais palavras que normalmente apresentam dúvidas quanto à sua pronúncia e tonicidade corretas.

ACRÓBATA / ACROBATA: esta palavra, COMO MUITAS OUTRAS DE NOSSA LÍNGUA, admite as duas pronúncias: acróbata, com ênfase na sílaba "cró", ou acrobata, com força na sílaba "ba". Também é indiferente dizer Oceânia ou Oceania, transístor ou transistor (com força na sílaba "tor", com o "ô" fechado).

ALGOZ (carrasco): palavra oxítona, cuja pronúncia do "o" deve ser fechada (algôz, = arroz).

AUTÓPSIA / NECROPSIA: apesar de autópsia ter como vogal tônica o "ó", a forma necropsia, que possui o mesmo significado, deve ser pronunciada com ênfase no "i".

AZÁLEA / AZALÉIA: segundo os melhores dicionários, estas duas formas são aceitáveis;

AVARO (indivíduo muito apegado ao dinheiro): deve ser pronunciada como paroxítona (acento tônico na sílaba va), e por terminar em "o", não deve ser acentuada.

BIOTIPO: o Dicionário Novo Aurélio - Século XXI apresenta o termo "biótipo" (proparoxítono/acentuado), mas faz referência a "biotipo" (palavra paroxítona) por ser a pronúncia corrente no Brasil. Já o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa registra tanto a palavra biótipo quanto a palavra biotipo .

BOÊMIA: de origem francesa, relativa à cidade de Boéme, esta palavra tem sua sílaba forte no "ê", e não no "mi".

CARÁTER: paroxítona que apresenta o plural caracteres, tendo o acréscimo da letra c, e o deslocamento do acento tônico da sílaba ra para a sílaba te, sem o emprego de acento gráfico.

CATETER, MISTER e URETER: Todas possuindo sua acentuação tônica na última sílaba (tér), sendo assim oxítonas.

CHICLETE / CHOPE / CLIPE / DROPE: quando se referindo a uma só unidade de cada um destes produtos, deve-se falar "um chiclete, um chope, um clipe, um drope", e não "um chicletes, um chopes, um clipes, um dropes". Existe, ainda, a variante "chiclé" (um chiclé, dois chiclés).

CUPIDO e CÚPIDO: a primeira forma (paroxítona e sem acento) significa o deus alado do amor; a segunda (proparoxítona) tem o sentido de ávido de dinheiro, ambicioso, também pode ser usada como possuído de desejos amorosos.

EXTINGUIR: a sílaba "guir" desta palavra deve ser pronunciada como nas palavras "perseguir", "seguir", "conseguir". Isso também vale para "distinguir".

FLUIDO: pronuncia-se como a forma verbal "cuido", verbo cuidar (com força no u). Assim também GRATUITO, CIRCUITO, INTUITO, fortuito. No entanto, o partiçipio do verbo fluir é "fluído", acontecendo aqui um hiato, onde a vogal tônica agora passa a ser o "í".

IBERO: Pronuncia-se como paroxítona (ênfase na sílaba BE, IBÉRO).

INEXORÁVEL (= austero, rígido, inabalável...): esse "x" lê-se como os de exemplo, exame, exato, exercício, isto é, com o som de "z".

LÁTEX: tendo seu acento tônico na penúltima sílaba e terminando com a letra x, é uma palavra paroxítona, e como tal deve ser pronunciada e acentuada.

MAQUINARIA: o acento tônico deve recair na sílava "ri", e não sobre a sílaba "na".

NÉON: muitos dicionários apresentam esta palavra como paroxítona, sendo acentuada por terminar em "n"; no entanto, o dicionário Michaelis Melhoramentos, recentemente editado, traz as duas grafias: néon (paroxítona) e neon (oxítona).

NOVEL e NOBEL: palavras oxítonas que não devem ser acentuadas.

OBESO: palavra paroxítona que deve ser pronunciada com o "e" aberto (obéso). Também são abertos o "e" de outras paroxítonas como "coeso" (coéso), "obsoleto" (obsoléto), o "o" de "dolo" (dólo), o "e" de "extra" (éxtra) e o "e" de "blefe" (bléfe). Apresentam-se, porém, fechados o "e" de "nesga" (nêsga), o de "destro" (dêstro), e o "o" "torpe" (tôrpe).

OPTAR: ao se conjugar este verbo na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, deve-se pronunciar "ópto", e não "opito". Assim também em relação às formas verbais "capto, adapto, rapto" - todas com força na sílaba que vem antes do "p".

PROJÉTIL / PROJETIL: ambas as formas têm o mesmo significado, apesar de a primeira ser paroxítona e a segunda oxítona. Plurais: PROJÉTEIS / PROJETIS.

PUDICO (aquele que tem pudor, envergonhado): palavra paroxítona (ênfase na sílaba "di").

RECORDE: deve ser pronunciada como paroxítona (recórde).

RÉPTIL / REPTIL: mesmo caso da palavra PROJÉTIL. Plurais. RÉPTEIS / REPTIS.

RUBRICA: palavra paroxítona, e não proparoxítona como se costuma pensar (ênfase na sílaba "bri").

RUIM: palavra oxítona (ruím).

RUPIA / RÚPIA: a primeira forma se refere à moeda utilizada na Indonésia (força no "i") e a segunda é relativa a uma planta aquática (com ênfase no "ú").

SUBSÍDIOS: a pronúncia correta é com som de "ss", e não "z" (subssídios).

SUTIL e SÚTIL: a primeira forma, sendo oxítona, significa "tênue, delicado, hábil"; a segunda, paroxítona, significa "tudo aquilo que é composto de pedaços costurados".

TÓXICO: pronuncia-se com o som de "ks" = tóksico.

XV. PARÔNIMOS

Entre os sons das palavras e também entre as letras que os representam podem ocorrer, muitas vezes, coincidências que normalmente acarretam dificuldades tanto na pronúncia como na grafia de diversos vocábulos. Neste sentido, é bom saber da existência dos seguintes tipos de palavras:

1. **Palavras homônimas** _ apresentam a mesma grafia e a mesma pronúncia. Exemplos: luta (substantivo) e luta (forma do verbo lutar); vela (substantivo) e vela(forma do verbo velar).

2. **Palavras homógrafas** _ possuem a mesma grafia, mas pronúncia diferente. Exemplo: almoço (com o "ô", da sílaba mo, fechado=substantivo, nome de uma refeição) e almoço (com o "ó" aberto=forma do verbo almoçar).

3. **Palavras homófonas** _ possuem a mesma pronúncia, mas grafia diferente. Exemplo: cesta (substantivo) e sexta (numeral ordinal)

4. **Palavras parônimas** _ parecidas quanto à forma ou à pronúncia, mas diferentes quanto à significação.

Vejam a seguir uma relação dos principais homófonos e parônimos da Língua Portuguesa:

ACENDER: iluminar, por fogo em;
ASCENDER: subir, elevar (daí: ASCENSÃO, ASCENSORISTA, ASCENDENTE).

ACIDENTE: ocorrência casual grave;
INCIDENTE: episódio casual sem gravidade, sem importância.

ACESSÓRIO: aquilo que não é essencial;
ASSESSÓRIO: relativo ao assessor.

AFERIR: conferir, comparar ("Os fiscais vão aferir os preços de cinco supermercados.");
AUFERIR: colher, obter ("O rapaz não auferiu bons resultados no concurso para médico").

AMORAL: ausência de moral, que ignora um conjunto de princípios;
IMORAL: Que é contrário, que desobedece a um conjunto de princípios.

ANTE: preposição que significa ESTAR DIANTE, ESTAR NA PRESENÇA DE;
ANTI: prefixo que significa AÇÃO CONTRÁRIA.

ANTICÉ(P)TICO: oposto aos céticos;
ANTISSÉ(p)TICO: desinfetante.

ÁREA: dimensão, espaço;
ÁRIA: peça musical para uma só voz.

ARREAR: colocar arreios em;
ARRIAR: abaixar.

ASAR: guarnecer de asas;
AZAR: má sorte.

ASCETA: pessoa que vive em prática de devoção e penitência;
ASSETA: do verbo ASSETAR, ferir com seta.

ACÉTICO: relativo ao vinagre;
ASCÉTICO: relativo ao Ascetismo;
ASSÉPTICO: relativo à assepsia.

ATUADO: particípio do verbo atuar; exercer atividade, agir ("A seleção de futebol não tem atuado como o técnico quer.");
AUTUADO: particípio do verbo autuar = lavrar um auto contra alguém; reunir em forma de processo; processar. Ser autuado significa fazer parte dos autos - conjunto das peças de um processo ("O líder do movimento dos sem-terra foi preso e autuado em flagrante por desacato à autoridade.").

BOCAL: abertura de vaso, candeeiro, frasco, castiçal, etc;
BUCAL: relativo à boca.

BROCHA: prego curto, de cabeça larga e chata;
BROXA: tipo de pincel.

BUCHO: estômago de animais;
BUXO: arbusto ornamental.

CAÇAR: perseguir, capturar a caça;
CASSAR: anular.

CAICHÃO: borbotão, fervura;
CAIXÃO: caixa grande.

CAICHOLA: cabeça;
CAIXOLA: caixa pequena.

CALDA: doce, xarope;
CAUDA: rabo de animais.

CARTUCHO: canudo de papel, de plástico, ou de metal;
CARTUXO: pertencente à Cartuxa, ordem religiosa fundada por São Bruno.

CAVALEIRO: aquele que anda a cavalo;
CAVALHEIRO: homem de boas maneiras.

CEGAR: tirar a visão de;
SEGAR: ceifar, cortar.

CELA: aposento de religiosos ou de prisioneiros;
SELA: arreio de cavalo, 3ª p. s., pres. ind., v. selar.

CELEIRO: depósito de provisões;
SELEIRO: fabricante de selas.

CENÁRIO: decoração de teatro;
SENÁRIO: que consta de seis unidades.

CENSO: recensseamento;
SENSO: juízo claro.

CENSUAL: relativo ao censo;
SENSUAL: relativo aos sentidos.

CÉ(P)TICO: que ou quem duvida;
SÉ(P)TICO: que causa infecção.

CERRAÇÃO: nevoeiro espesso;
SERRAÇÃO: ato de serrar.

CERRAR: echar;
SERRAR: cortar.

CERVO: veado;
SERVO: servente, escravo.

CESSAÇÃO: ato de cessar (interromper);
SESSAÇÃO: ato de sessar (peneirar).

CESTA: utensílio geralmente de palha para se guardar coisas;
SESTA: hora de descanço, normalmente após o almoço;
SEXTA: ordinal feminino de seis.

CHÁCARA: quinta, sítio;
XÁCARA: narrativa popular em versos.

CHALÉ:	casa campestre de estilo suíço;
XALE;	cobertura para os ombros.
COCHA:	gamela;
COLCHA:	cobertura em tecido para cama;
COXA:	parte da perna.
CICLO:	período;
SICLO:	moeda judaica.
CILÍCIO:	cinto ou cordão de pêlo ou Lã áspera para penitências;
SILÍCIO:	elemento químico.
CINTO:	correia em couro para prender as calças à cintura;
SINTO:	1ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo sentir.
CÍRIO:	vela grande de cêra;
SÍRIO:	relativo à Síria.
COCHO:	vasilha feita com tronco de madeira escavada;
COXO:	pessoa que manca.
COMPRIDO:	longo;
CUMPRIDO:	particípio passado do verbo CUMPRIR.
COMPRIMENTO:	uma das medidas de extensão (+ largura e altura);
CUMPRIMENTO:	ato de cumprimentar alguém, saudação, ou de cumprir algo.
CONCELHO:	jurisdição administrativa, município;
CONSELHO:	opinião, parecer, reunião coletiva superior, tribunal.
CONCERTO:	apresentação ou obra musical, entrar em acordo (do verbo concertar*);
CONSERTO:	ato ou efeito de consertar, reparar algo que está danificado.
CORINGA:	tipo de vela que se coloca em algumas embarcações;
CURINGA:	carta que muda de valor segundo a combinação que o parceiro tem em mão.
CORÇO:	cabrito selvagem;
CORSO:	natural da Córsega, desfile de carros ou carruagens.
COSER:	costurar;
COZER:	cozinhar.

DECENTE: decoroso, limpo;
DESCENTE: que desce, vazante;

DISCENTE: relativo a alunos;
DOCENTE: relativo a professores.

DECERTAR: lutar, pelejar;
DISSERTAR: discorrer.

DEFERIMENTO: concessão, atendimento;
DIFERIMENTO: adiamento.
(Assim também: DEFERIR = CONCEDER; DIFERIR = ADIAR, DIVERGIR.)

DEGRADADO: que está aviltado, diminuído (degradação);
DEGREDADO: aquele que está no degredo, exilado.

DELATAR: denunciar (delação);
DILATAR: retardar, adiar (dilação).

DESCRIÇÃO: ato de descrever, tipo de redação, exposição;
DISCRIÇÃO: reserva ao falar, qualidade daquele que é discreto, prudência.

DESCRIMINAR: inocentar, absolver (DESCRIMINAÇÃO);
DISCRIMINAR: distinguir, diferenciar, separar (DISCRIMINAÇÃO).

DESMITIFICAR: fazer cessar a mitificação (A CONVERSÃO EM mito) existente a respeito de pessoa ou coisa;
DESMISTIFICAR: livrar ou tirar da mistificação (engano, burla, abuso da credulidade).

DESPENSA: compartimento para se guardar alimentos;
DISPENSA: demissão.

DESTRATAR: insultar;
DISTRATAR: romper um trato, desfazer um contrato.
(Obs. Quando um contrato é rompido, o documento que se assina chama-se DISTRATO.)
EMERGIR: vir à tona, subir;
IMERGIR: mergulhar, descer.

EMIGRANTE: pessoa que sai do próprio país (EMIGRAR, EMIGRAÇÃO);
IMIGRANTE: pessoa que entra num país estrangeiro (IMIGRAR, IMIGRAÇÃO).

EMINENTE: que se destaca, excelente, notável;
IMINENTE: que está prestes a ocorrer, pendente.
(Obs. Assim também: EMINÊNCIA = altura, excelência; IMINÊNCIA = proximidade de ocorrência.)

EMITIR: expedir, emanar, enunciar, lançar fora de si;
IMITIR: fazer entrar, investir.

EMPEÇO: empecilho, impedimento, obstáculo, estorvo;
IMPEÇO: primeira pessoa do singular do verbo IMPEDIR.

EMPOÇAR: formar poça;
EMPOSSAR: dar posse a alguém.

ENFESTAR: dobrar ao meio na sua largura, exagerar (entediado _ no sul);
INFESTAR: assolar, invadir, existir em grande quantidade em.

ENTENDER: compreender;
INTENDER: exercer vigilância, administrar.

ESOTÉRICO: diz-se do ensinamento que, em escolas filosóficas da antiguidade grega, era reservado aos discípulos completamente instruídos; todo ensinamento ministrado a círculo restrito e fechado de ouvintes; compreensível apenas por poucos, obscuro, hermético."
EXOTÉRICO: diz-se de ensinamento que, em escolas da antiguidade grega, era transmitido ao público sem restrição, dado o interesse generalizado que suscitava e a forma acessível em que podia ser exposto por se tratar de ensinamento dialético, provável, verossímil.

ESBAFORIDO: ofegante, com a respiração entrecortada pelo cansaço ou pela pressa;
ESPAVORIDO: cheio de pavor, apavorado;

ESPECTADOR: aquele que vê, que assiste a alguma coisa;
EXPECTADOR: o que está na expectativa de, à espera de algo.

ESPERTO: ardiloso, malicioso, sagaz;
EXPERTO: experiente, especialista, perito.

ESPIAR: espreitar, olhar;
EXPIAR: redimir-se, pagar uma culpa.

ESPIRAR: soprar, respirar, estar vivo;
EXPIRAR: expelir o ar, morrer.

ESPRIMIDO: particípio do verbo ESPREMER;
EXPRIMIDO: particípio do verbo EXPRIMIR (também EXPRESSO).

ESTADA: ato de estar, permanência, demora transitória de pessoas em algum lugar;
ESTADIA: prazo concedido de carga ou descarga de um navio em um porto. Também é o prazo que se dá a veículos em um estacionamento ou garagem.

ESTÂNCIA: lugar onde se está ou permanece, morada, paragem, estabelecimento rural, estação de águas minerais;
INSTÂNCIA: qualidade do que é instante, pedido urgente e repetido, jurisdição, série de atos de um processo, ordem ou grau da hierarquia judiciária.

ESTÁTICO: estar parado (como uma estátua);
EXTÁTICO: estar em estado de êxtase.

ESTERNO: osso do peito;
EXTERNO: exterior;
HESTERNO: relativo ao dia de ontem.

ESTRATO: tipo de nuvem, camada (estrato social; sociedade estratificada = dividida em camadas; estratosfera, etc.)
EXTRATO: o que foi extraído de algo (v. extrair), fragmento, resumo, sumo (extrato bancário, extrato de tomate), essência (= perfume).

FLAGRANTE: evidente, fato que se observa no momento em que ocorre;
FRAGRANTE: que exala cheiro agradável, aromático (fragrância).

FLUIR: correr (líquido), passar (tempo);
FRUIR: desfrutar, gozar.

FUZIL: arma de fogo;
FUZÍVEL: condutor elétrico.

INCERTO: relativo à incerteza, duvidoso;
INSERTO: inserido, incluído.

INCIPIENTE: iniciante, inexperiente;
INSIPIENTE: ignorante.

INDEFESO: sem defesa;
INDEFESSO: incansável;
INFENSO: adverso, contrário.

INFLAÇÃO: ato de inflar, aumento de preços;
INFRAÇÃO: desobediência, violação, transgressão.

INFLIGIR: aplicar ou determinar uma punição, um castigo;
INFRINGIR: desobedecer, violar, transgredir.

INQUERIR: apertar com cordas a carga de animais;
INQUIRIR: interrogar, investigar.

INTEMERATO: aquele que é casto, puro, incorruptível;
INTIMORATO: que é valente, destemido.

INTENÇÃO: propósito, finalidade;
INTENSÃO: intensidade, esforço.

INTERCESSÃO: ato de interceder, interferência, intervenção, súplica;
INTERSE(C)ÇÃO: ponto em que duas linhas se cruzam, parte comum a dois conjuntos.

LACTANTE: quem produz o leite, mulher que amamenta (a mãe);
LACTENTE: quem recebe o leite, ser que mama (a criança).

LAÇO: laçada;
LASSO: frouxo, cansado, "dissoluto".

LENIMENTO: suavizante;
LINIMENTO: medicamento para fricções.

LUCHAR: sujar;
LUXAR: deslocar, desconjuntar.

LUSTRE: brilho e, figuradamente, candelabro;
LUSTRO: espaço de 5 anos.

MAL: como um advérbio, isto é, modificando uma ação verbal, este termo deve ser grafado com L. Exemplo: Aquele cantor canta mal. (contrário de BEM) Também grafamos com L Quando esta palavra se apresenta como substantivo ou como conjunção ubordinativa temporal. Exemplos: "O mal da humanidade é o seu grande egoísmo." (sinônimo de doença, problema) "Mal ele entrou em casa, a luz apagou." (igual a "assim que, no momento em que")
MAU: sendo grafado com U, este termo é um adjetivo. Exemplo: Aquele menino era muito mau. (contrário de bom; feminino: má)

MANDADO: ordem emanada de autoridade judicial ou administrativa;
MANDATO: período de missão política.

MAS (conjunção): sinônimo de porém, tldavia, contudo. Exemplo: Ele é inteligente, mas desajeitado.

MAIS: pronome indefinido ou advérbio de intensidade (contrário de menos). Exemplos: Ana precisa ter mais confiança em si mesma. (sinônimo imperfeito de "muita confiança"; pronome modificando o substantivo) Pedro é mais inteligente que Paulo. (contrário de menos; advérbio modificando o adjetivo)

MAÇA: clava;
MASSA: pasta.

MAÇUDO: indigesto, monótono;
MASSUDO: volumoso.

MEAR: dividir ao meio;
MIAR: dar mios (voz dos gatos).

MECHA: pavio, estopim, tufo de cabelo, dreno;
MEXA: forma verbal de MEXER.

MOÇA: mulher jovem, virgem, fem. de moço;
MOSSA: vestígio de uma pancada ou pressão forte, entalho, abalo ou impressão moral.

NORMALIZAR: tornar normal, regularizar, padronizar, fazer voltar à normalidade, submeter à norma;

NORMATIZAR: estabelecer normas para, submeter a normas (neologismo já devidamente registrado).
Observações: Muitas empresas utilizam o verbo "normalizar" no sentido de "tornar normal" e de "estabelecer normas". A maioria, entretanto, prefere estabelecer a diferença acima.
Lembre-se de que existe o adjetivo "normativo", palavra de origem francesa, cujo significado é "que tem a qualidade ou força de norma".

PAÇO: palácio;
PASSO: passada.

PEÃO: trabalhador rural, peça do jogo de xadrez, amansador de cavalos, tocador de boiada (a palavra vem do latim e significa "pedestre", ou seja, aquele que anda a pé. Em Portugal, a palavra aparece em placas que advertem os motoristas, para que tomem cuidado com peões, ou seja, com os pedestres.;)

PIÃO: espécie de brinquedo.

POÇA (com a pronúncia fechada "pôça", substantivo): cova pouco profunda contendo água ou outro líquido qualquer;

POSSA (com a pronúncia aberta "póssa"): primeira e segunda pessoas do singular do Presente do Subjuntivo do verbo PODER.

POCEIRO: homem que cava poços;
POSSEIRO: aquele que se encontra na posse clandestina ou ilegítima de certa área de terras particulares ou devolutas, com a intenção de dono.

POÇO (com a pronúncia fechada "pôço", substantivo): cavidade no solo que contém água, cisterna;
POSSO (com a pronúncia aberta "pósso"): primeira pessoa do singular do presente do indicativo do verbo PODER.

PLEITO: disputa;
PREITO: homenagem.

PREEMINENTE: nobre, distinto, que ocupa lugar mais elevado;
PROEMINENTE: alto, saliente, que se alteia acima do que o circunda.

PRENUNCIAR: anunciar com antecedência;
PRONUNCIAR: exprimir verbalmente, articular.

PREFERIR: querer ou gostar mais, ter preferência por; (Particípio Passado = PREFERIDO)
PRETERIR: não dar importância a, omitir. (Particípio Passado = PRETERIDO)

PRESCREVER: receitar ou perder a validade ("O médico prescreveu este remédio"; "O prazo já prescreveu");
PROSCREVER: banir, expulsar ("Ele foi proscrito da cidade.").

PRESAR: prender, apreender;
PREZAR: ter em consideração.

QUERELA: discussão, pendência;
QUIRELA (ou QUIRERA): milho quebrado que se dá às aves, também em relação ao arroz ou outros cereais.

RATIFICAR: confirmar, corroborar;
RETIFICAR: alterar, corrigir.

REBOLIÇO: que tem forma de rebolo, que rebola;
REBULIÇO: bagunça, grande barulho, agitação, desordem, confusão.

REVEZAR: substituir alternadamente;
REVISAR: rever.

RINGUE: tablado onde se realizam lutas de boxe e outras;
RINQUE: pista de patinação.

RUÇO: grisalho, desbotado (gíria: "difícil");
RUSSO: relativo à Rússia.

SEÇÃO (ou SECÇÃO): parte, divisão, departamento, ato de seccionar;
SESSÃO: espaço de tempo, programa;
CESSÃO: doação, ato de ceder.

SOAR: emitir determinado som;
SUAR: transpirar.

SORTIR: abastecer, prover;
SURTIR: ter como conseqüência, produzir, alcançar efeito.

SUBENTENDER: perceber, entender o que não estava exposto ou bem explicado;
SUBTENDER: estender por baixo.

TACHA: pequeno prego; ou mancha, defeito moral; ou tacho grande;
TAXA: imposto, tributo financeiro.
(**OBs.** Taxativo = que taxa, que limita, restritivo, definitivo. No entanto, não há registro em nossos dicionários da palavra "tachativo".)
Exemplo: O presidente foi taxativo ao afirmar que não aprovaria aquele projeto de lei.

TACHAR*: censurar, acusar, botar defeito em ;
TAXAR: estabelecer um preço, um imposto, tributar.

TENÇÃO: propósito, rixa, má vontade;
TENSÃO: voltagem, rigidez do tecido muscular.

TRÁFEGO: movimento, trânsito de veículos ou de pedestres;
TRÁFICO: comércio ilegal, negócio indecoroso.

TRÁS: parte posterior;
TRAZ: forma do verbo TRAZER.

VENOSO: relativo a veias;
VINOSO: que produz vinho.

VÊS: segunda pessoa do singular do presente do indicativo do verbo VER;
VEZ: ocasião.

VESTIÁRIO: local para trocar de roupa em clubes, colégios, etc;
VESTUÁRIO: é o traje, a indumentária, as roupas que usamos.

VIAGEM (= substantivo): "Fiz uma viagem inesquecível", "Boa Viagem!";
VIAJEM (forma verbal): terceira pessoa do plural do presente do subjuntivo do verbo VIAJAR. Exemplo: "Por favor, viajem amanhã, hoje já está muito tarde."

VULTOSO: de grande vulto, nobre, volumoso;
VULTUOSO: atacado de vultuosidade (estado mórbido em que a face e os lábios se incham e avermelham muito).

USUÁRIO: o que desfruta o direito de usar alguma coisa;
USURÁRIO: o que pratica a usura ou agiotagem.

(*) NOTAS:
Em relação ao verbete "consertar", com "s", no dicionário Aurélio, entre vários sentidos, encontramos os seguintes: "Pôr em boa ordem; dar melhor disposição a; arrumar, arranjar"; com o exemplo: "Antes de entrar na sala, consertou a gravata e penteou o cabelo".

Já "concertar", com "c", significa "harmonizar, conciliar". Entretanto, no mesmo dicionário Aurélio, este verbete, entre vários sentidos, igual- mente apresenta os seguintes: "Pôr em boa ordem; dar melhor disposição a; compor, ajustar, endireitar." Em seguida, um exemplo, retirado de "Histórias românticas", de Machado de Assis: "Examinou as luvas, concertou a gravata."

No Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa, de Caldas Aulete, no Dicionário Universal da Língua Portuguesa, da Texto Editora, de Portugal, e no Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa, da Melhoramentos, entre outros, não se registra essa parcial equivalência entre "consertar" e "concertar". O fato é que, apesar dessa parcial igualdade que se vê entre consertar e concertar, quando se arruma algo que está quebrado, conserta-se, com "s". E, quando uma orquestra atua, ocorre um concerto, com "c".

Outra confusão pode ocorrer com "tachar", com "ch", e "taxar", com "x". Quando se diz que alguém foi considerado covarde, diz-se que esse alguém foi "tachado" de covarde, pois "Tachar", com "ch", é "pôr mancha, defeito, nódoa". O problema é que, se você procurar as duas palavras (tachar e taxar) nos dicionários - e, neste caso, não só no Aurélio, mas nos outros também - vai descobrir que ambas podem significar "qualifi- car", ou seja, "classificar, julgar".
Desta vez, Aurélio se encarrega de desfazer uma possível confusão. Como "tachar" significa "pôr mancha, defeito", só se pode empregá-lo para idéias pejorativas: "Tacharam de ridícula a proposta dele." Já o verbo "taxar", que significa "estipular o preço, o valor de algo", acaba, por analogia, significando também "avaliar, julgar". Pode, por isso, ser usado tanto para os atributos bons como para os ruins:
"Taxaram de exemplar seu comportamento"; "Taxaram de vulgar seu procedimento". Não faria sentido, portanto, dizer que "tacharam de exemplar seu procedimento".

XVI. PRINCIPAIS REGRAS DE ORTOGRAFIA.

"A competência para grafar corretamente as palavras está diretamente ligada ao contato íntimo com essas mesmas palavras. Isso significa que a freqüência do uso é que acaba trazendo a memorização da grafia correta. Além disso, deve-se criar o hábito de esclarecer as dúvidas com as necessárias consultas ao dicionário. Trata-se de um processo constante, que produz resultados a longo prazo."
(Pasquale Cipro Neto & Ulisses Infante, Gramática da Língua Portuguesa)

ORIENTAÇÕES GERAIS.

1) Devemos empregar **"ss"** em todos os substantivos derivados de verbos terminados em **"gredir", "mitir", "ceder"** e **"cutir".**

Exemplos:
AGREDIR / AGRESSÃO
PROGREDIR / PROGRESSÃO
REGREDIR / REGRESSÃO
TRANSGREDIR / TRANSGRESSÃO
ADMITIR / ADMISSÃO
DEMITIR / DEMISSÃO
OMITIR / OMISSÃO
PERMITIR / PERMISSÃO
TRANSMITIR / TRANSMISSÃO
ACEDER / ACESSO
CEDER / CESSÃO
CONCEDER / CONCESSÃO
EXCEDER / EXCESSO, EXCESSIVO
SUCEDER / SUCESSÃO
DISCUTIR / DISCUSSÃO

2) Devemos empregar **"s"** em todos os substantivos derivados de verbos terminados em **"ender", "verter" e "pelir".**

Exemplos:
APREENDER / APREENSÃO
ASCENDER / ASCENSÃO
COMPREENDER / COMPREENSÃO
DISTENDER / DISTENSÃO
ESTENDER / EXTENSÃO
PRETENDER / PRETENSÃO
SUSPENDER / SUSPENSÃO
TENDER / TENSÃO
VERTER / VERSÃO
REVERTER / REVERSÃO

CONVERTER / CONVERSÃO
SUBVERTER / SUBVERSÃO
EXPELIR / EXPULSÃO
REPELIR / REPULSÃO

3) Devemos empregar "ç" em todos os substantivos derivados dos verbos **"TER"** e **"TORCER",** mais seus derivados.

Exemplos:
ABSTER / ABSTENÇÃO
ATER / ATENÇÃO
DETER / DETENÇÃO
MANTER / MANUTENÇÃO
RETER / RETENÇÃO
TORCER / TORÇÃO
DISTORCER / DISTORÇÃO
CONTORCER / CONTORÇÃO

EMPREGO DO S OU DO Z.

1. Os sufixos **"ês"** e **"esa"** são empregados na formação de nomes que designam profissão, títulos honoríficos de posição social, assim como em palavras que indicam origem, nacionalidade.

Exemplos: burguês, camponês, marquês, português, japonês, francês, burguesa, camponesa, marquesa, princesa, portuguesa, japonesa, francesa etc.

2. São grafadas com o sufixo **"isa"** as palavras que indicam ocupações femininas: poetisa, profetisa, papisa, sacerdotisa, pitonisa.

3. Os sufixos **"ez"** e **"eza"** são empregados para formar nomes abstratos que derivam de adjetivos.

Exemplos:
ADJETIVOS / DERIVADOS
agudo / agudez
escasso / escassez
estúpido / estupidez
límpido / limpidez
gago / gaguez
honra / honradez
inválido / invalidez
intrépido / intrepidez
macio / maciez

rígido / rigidez
sensato / sensatez
sisudo / sisudez
surdo / surdez
avaro / avareza
belo / beleza
certo / certeza
duro / dureza
esperto / esperteza
justo / justeza
nobre / nobreza
pobre / pobreza
rico / riqueza
rijo / rijeza
singelo / singeleza

4. Com **"z",** normalmente, são grafadas palavras derivadas de outras em que já existe o **"z",** e verbos terminados pelo sufixo **"izar",** em cujos radicais das palavras que lhes deram origem possuam ou não a letra **z.**

Exemplos: balizado (baliza), arrazoado, razoável (razão), canalizar, finalizar, industrializar, organizar, utilizar, arborizar, dinamizar, regularizar, cicatrizar (cicatriz), envernizar (verniz), enraizar (raiz), deslizar (deslize) etc.

Observação: Os verbos terminados em **"isar",** com **"s",** têm apenas como sufixo as letras "ar", pois as letras "is", neste caso, fazem parte do radical da palavra que deu origem ao verbo.

Exemplos:
análise / analisar
aviso / avisar
improviso / improvisar
pesquisa / pesquisar

EXCEÇÃO: Apesar de originar-se da palavra "catequese", que possui um **"s"** em seu radical, o verbo catequizar deve ser grafado com **"z",** pois a sílaba átona final de catequese foi suprimida para se inserir o sufixo **"izar"** na formação do verbo.

5. Grafam-se com "z" as palavras derivadas com os **sufixos "zada, zal, zarrão, zeiro, zinho, zito, zona, zorra, zudo"**. O **"z",** neste caso, é um infixo.

Exemplos:
pazada, cafezal, canzarrão, açaizeiro, papelzinho, cãozito, mãezona, mãozorra, pezudo etc.

Observação: Em palavras como "asinha, risinho, risada, casinha, caseiro, casebre", o **"s"** pertence ao radical dos vocábulos de origem (asa, riso, casa).

6. Também grafa-se com **"s":**

Após os ditongos;
Exemplos: lousa, coisa, causa, Neusa, ausência, Eusébio, náusea.

Nas formas dos verbos "pôr" (e derivados) e "querer";
Exemplos: pus, pusera, pusesse, puséssemos; repus, repusera, repusesse, repuséssemos; quis, quisera, quisesse, quiséssemos.

EMPREGO DO C E DO QU.
Existem palavras que podemos escrever com **"c"** e também com **"qu".**
Exemplos: catorze / quatorze cociente / quociente cota / quota cotidiano / quotidiano cotizar / quotizar

Observação: As palavras a seguir, porém, possuem uma só grafia: "cinqüenta, cinqüentenário, cinqüentão, cinqüentona."

EMPREGO DO X E DO CH.
Deve-se empregar o **"x"** após os ditongos (encontros vocálicos = vogal + semi-vogal em uma mesma sílaba).
Exemplos: ameixa, feixe, caixa, trouxa, frouxo, gueixa, peixe, peixada, queixo, queixada, eixo, baixo, encaixar, paixão, rebaixar etc.

EXCEÇÃO: recauchutar (mais seus derivados) e caucho (espécie de árvore que produz o látex).

Emprega-se também o x:

➔ Após as sílabas **"en"** e **"me";**
Exemplos: enxada, enxurrada, enxame, enxaqueca, enxerido, enxovalho, enxugar, mexer, mexilhão, mexerico, mexerica, mexicano etc.

Observação: Palavras como "enchente, encharcar, enchiqueirar, enchapelar, enchumaçar", embora se iniciem pela sílaba "en", são grafadas com "ch", porque são palavras formadas por prefixação, ou seja, pelo prefixo en + o radical de palavras que tenham o ch (enchente, encher e seus derivados = prefixo en + radical de cheio; encharcar = en + radical de charco; enchiqueirar = en + radical de chiqueiro; enchapelar = en + radical de chapéu; enchu- maçar = en + radical de chumaço).

EXCEÇÃO: Em relação à regra da sílaba "me", uma exceção é O SUBSTANTIVO "mecha"; não confundir com a forma verbal "mexa" do verbo mexer que deve ser grafada com x.

➔ Nas palavras de origem indígena ou africana e nas palavras inglesas aportuguesadas. Exemplos: xavante, xingar, xique-xique, xará, xerife, xampu.

Outras palavras com X: bexiga, bruxa, caxumba, laxativo, laxante, maxixe, paxá, muxoxo, quixotesco, rixa, xarope, xícara, xucro, xereta, capixaba, faxina, lixo, graxa, praxe, puxar, relaxar, roxo, xaxim, xenofobia.

Outras palavras com CH: charque, chiste, chicória, chimarrão, ficha, cochicho, cochichar, estrebuchar, fantoche, flecha, inchar, pechincha, pechinchar, penacho, salsicha, broche, arrocho, apetrecho, bochecha, brecha, chuchu, cachimbo, comichão, chope, chute, debochar, fachada, fechar, linchar, mochila, piche, pichar, tchau.

Existem vários casos de **palavras homófonas**, isto é, palavras que possuem a mesma pronúncia, mas a grafia diferente. Nelas a grafia se distingue pelo contraste entre o **x** e o **ch**.

Exemplos:
- brocha (pequeno prego)
- broxa (pincel para caiação de paredes)
- chá (planta para preparo de bebida)
- xá (título do antigo soberano do Irã)
- chalé (casa campestre de estilo suíço)
- xale (cobertura para os ombros)
- chácara (propriedade rural)
- xácara (narrativa popular em versos)
- cheque (ordem de pagamento)
- xeque (jogada do xadrez)
- cocho (vasilha para alimentar animais)
- coxo (capenga, imperfeito)
- tacha (mancha, defeito; pequeno prego); daí "tachar": colocar defeito ou nódoa em alguém ou em algo.)
- taxa (imposto, tributo); daí "taxar": cobrar impostos.

[Veja mais palavras homófonas na seção **PARÔNIMOS**]

XVII. PONTUAÇÃO

É o conjunto de sinais gráficos que possui basicamente duas funções: representar, na língua escrita, as pausas e a entoação da língua falada, na tentativa de reconstituir o movimento vivo, recursos rítmicos e melódicos que a oralidade possui e dividir as partes do discurso que não têm entre si uma íntima relação sintática.

EMPREGO DOS SINAIS GRÁFICOS

VÍRGULA (,)

Emprega-se a vírgula nos seguintes casos:

1. para separar termos da mesma função sintática;

Exemplos:
Pedro, João, Mateus e Tiago eram alguns dos apóstolos de Jesus. (Pedro, João, Mateus e Tiago exercem a mesma função sintática nessa oração, ou seja, a de sujeito.)
Ana vendeu um sofá, duas poltronas, uma estante e uma mesinha. (sofá, poltronas, estante e mesinha funcionam, aqui, como objetos diretos da oração.)

Observações: Quando as conjunções **"e", "ou"** e **"nem"** vierem repetidas numa enumeração, dando ênfase ao que se diz, costuma-se separar os termos coordenados.
Exemplos:
Abrem-se lírios, e jasmins, e rosas, e cravos...
Ou você presta atenção à aula, ou você conversa, ou você sai da sala.
Nem eu, nem tu, nem qualquer outra pessoa resolverá este caso.

Quando se usa a conjunção **"ou"** para indicar equivalência entre dois termos, pode-se ou não empregar-se uma vírgula antes da conjunção e outra depois da palavra que indica equivalência.
Exemplos:
Cláudia, ou sua irmã, deverá ser a oradora da turma.
Cláudia ou sua irmã deverá ser a oradora da turma.

Torna-se necessária a vírgula antes da conjunção **"e"** quando servir para separar orações coordenadas que tenham sujeitos diferentes.
Exemplos:
A primavera despertava as flores, e os coqueiros balançavam preguiçosos ao vento. (Neste exemplo, o "e" não está ligando flores a coqueiros, pois este termo é sujeito da forma verbal balançavam, e flores é objeto direto de DESPERTAva que tem como sujeito a palavra primavera.)
Ele dizia muitas coisas, e sua esposa só ouvia.

2. para isolar o objeto direto anteposto ao verbo nas construções em que ele aparece também com sua forma pleonástica;

Exemplos:
A mesa, nós a empurraremos.
(A mesa = objeto direto / pronome a = objeto direto pleonástico)

O homem, fê-lo Deus à sua semelhança.
(O homem = objeto direto / lo = objeto direto pleonástico)

Os sapatos, João os comprou na C&A.
(Os sapatos = objeto direto / os = objeto direto pleonástico)

3. para isolar o aposto explicativo;

Exemplos:
Alice, a diretora, estava muito feliz. (aposto = a diretora)
Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, foi enforcado por lutar pela nossa Independência. (aposto = o Tiradentes)

4. para isolar o vocativo;

Exemplos:
Maria, porque não respondes? (vocativo = Maria)
Ajuda-me, Senhor, neste trabalho. (vocativo = Senhor)

5. para isolar o adjunto adverbial antecipado;

Exemplos:
No campo, a chuva é sempre bem-vinda. (adjunto adverbial = No campo)
Ama, com fé e orgulho, a terra em que nasceste. (adjunto adverbial = com fé e orgulho)
Pela manhã, fui ao sítio de meu avô. (adjunto adverbial = Pela manhã)

No entanto, quando o adjunto for constituído de apenas um advérbio, a vírgula será facultativa.

Exemplos:
Ali várias pessoas discutiam sobre futebol.
Ali, várias pessoas discutiam sobre futebol.
Hoje não comprei o jornal.
Hoje, não comprei o jornal.

6. para se separar a localidade da data, e nos endereços;

Exemplos:
Rio de Janeiro, 31 de julho de 1957.
Rua Barata Ribeiro, 200, ap. 101, Copacabana.

7. para marcar a supressão do verbo numa oração (zeugma);

Exemplos:
Eu fui de ônibus; ela, de avião.
Os valorosos levam as feridas; e os venturosos, os prêmios.

8. para separar orações coordenadas assindéticas, isto é, separar orações que não apresentam conjunções que as interliguem;

Exemplos:
Acendeu um cigarro, cruzou as pernas, estalou os dedos.
Vim, vi, venci.

9. para separar as orações coordenadas sindéticas adversativas, conclusivas e explicativas;

Exemplos:
Não me disseste nada, mas eu vi tudo.
Ana namorava Carlos, entretanto não o amava.
Tu és homem, logo és mortal.
Estou com o mapa no carro, portanto não errarei o caminho.
Venha, que já é tarde.
Não fumes aqui, porque é perigoso.
Volte amanhã, pois o diretor não o atenderá hoje.

10. para isolar certas expressões exemplificativas e de retificação;

Exemplos:
Além disso, por exemplo, isto é, ou seja, a saber, aliás, digo, minto, ou melhor, ou antes, outrossim, com efeito, a meu ver, por assim dizer, por outra, etc.

11. para isolar o predicativo deslocado;

Exemplos:
A mulher, desesperada, correu em socorro do filho.
Desesperada, a mulher correu em socorro do filho.
Cansados, os meninos dormiram mesmo no chão.
Os meninos, cansados, dormiram mesmo no chão.

12. para isolar certas conjunções deslocadas;

Exemplos:
Naquele dia, porém, não pude vir. (todavia, contudo, entretanto, No entanto, etc.)
Observação: Quando a conjunção "pois" for conclusiva, virá sempre depois do verbo da oração a que pertence e, portanto, isolada por vírgulas.
Exemplo: As jóias não eram, pois, tão valiosas assim.

13. para isolar as orações intercaladas;

Exemplos:
Amanhã mesmo vou embora, assegurou Rogério, batendo a porta da rua.
Ele sabia que, mesmo comprometendo a sua segurança, precisava fazer a denúncia.
Observação: Neste caso, também é possível substituir as vírgulas por travessões.

14. para isolar as orações subordinadas adjetivas explicativas;

Exemplos:
Léa, que tem manias estranhas, entrou na sala agora.
O homem, que se considera racional, muitas vezes age animalescamente.

15. para separar as orações subordinadas adverbiais, principalmente quando antepostas à principal (Exceção das comparativas).

Exemplos:
Quando se levantou, os seus olhos tinham uma imensa paz.
Se chover muito, não irei à casa de Paula.
Apesar de ter ido ao passeio, ela não se alegrou.
Ana é tão inteligente como a irmã.

Observações:
_ Pode-se separar as orações adjetivas restritivas quando muito extensas no período ou no encontro dos verbos;

Exemplos:
As famílias que se estabeleceram naquela favela de pequenas e sujas vielas, estão preocupadas com os bandidos.
O homem que falou, representou-me na reunião.

_ São também separadas por vírgulas as orações reduzidas de infinitivo, de gerúndio e de particípio que se antepõem à oração principal.

Exemplos:
Marchar mais e mais, insistia o sargento.
Sendo muitos os problemas, resolva-os sempre um por um.
Incentivado, viajou para Londres.

_ Quando houver um parêntese no período, no lugar em que já exista uma vírgula, esta se coloca depois do parêntese fechado, uma vez que este sempre esclarece o que ficou antes da vírgula, e não o que vem depois dela.

Exemplo:
Estava Mário em sua casa (nenhum prazer sentia fora dela), quando ouviu gritos na rua.

CASOS EM QUE NÃO SE DEVE EMPREGAR A VÍRGULA

A) Não se deve separar por vírgula o sujeito de seu predicado, os verbos de seus complementos e destes os adjuntos adverbiais se vierem na ordem direta.

Ordem direta ➔ SUJEITO + VERBO + COMPLEMENTOS + ADJUNTOS ADVERBIAIS

Exemplos:
Pedro, comprou um livro no sebo. (errado)
Pedro comprou, um livro no sebo. (errado)
Pedro comprou um livro, no sebo. (errado)
Pedro comprou um livro no sebo . (certo)

B) Segundo alguns gramáticos mais antigos, não se deve colocar vírgula antes de **"etc",** pois se trata de letras que abreviam a expressão latina "et cetera", que significa **"e outras coisas", "e o resto", "e assim por diante".** Nesse sentido, também é condenável o uso da conjunção **"e"** antes de ETC.

Exemplos:
Sandra comprou blusas, calças, meias e etc. (condenado)
Sandra comprou blusas, calças, meias etc. (aceito)

No entanto, o Acordo Ortográfico que está vigindo no Brasil determina que se use, obrigatoriamente, a vírgula antes de etc.

Exemplo:
Acordou, tomou café, tomou banho, etc.

Quando a frase termina com **"etc.",** basta colocar um ponto, que acaba tendo duplo papel: o de marcar a abreviatura da expressão e o de encerrar o período. É o que se vê nos dicionários e no "Formulário Ortográfico Oficial" em todos os casos em que se emprega essa abreviatura.

PONTO-E-VÍRGULA (;)

Este sinal serve de intermediário entre o ponto e a vírgula, aproximando-se ora mais de um ora mais de outro, segundo os valores pausais e melódicos que representa no texto. Apesar da imprecisão deste sinal, pode-se estabelecer alguns empregos para ele.

1. Serve para separar orações coordenadas com certa extensão e que possuam a mesma estrutura sintática, sobretudo, se possuem partes já divididas por vírgulas;

Exemplos:
Das graças que há no mundo, as mais sedutoras são as da beleza; as mais picantes, as do espírito; as mais comoventes, as do coração.
Nos dias de hoje, é preciso andar com cautela; antigamente, a vida era mais tranqüila.

2. Para separar orações coordenadas assindéticas de sentido contrário;

Exemplos:
Cláudio é ótimo filho; Júlio, ao contrário, preocupa constantemente seus pais.
Uns se esforçam, lutam, criam; outros vegetam, dormem, desistem.

3. Para separar orações coordenadas adversativas e conclusivas quando se deseja (com o alongamento da pausa) acentuar o sentido adversativo ou conclusivo dessas orações;

Exemplos:
Pode a virtude ser perseguida; mas nunca desprezada.
Estudei muito; não obtive, porém, resultados satisfatórios.
Ele anda muito ocupado; não tem, por isso, respondido às suas cartas.

Observação: Em certos casos, a ênfase dada a essas orações pode pedir o emprego do ponto em lugar do ponto-e-vírgula.
Exemplo:
O exame de física foi bastante difícil. Entretanto, o de português foi bem melhor.

4. Para separar os diversos itens de uma lei, decreto, portaria, regulamento, exposição de motivos, etc;

Exemplo:
Artigo 187
O processo será iniciado:
I - por auto de infração;
II - por petição do contribuinte interessado;

5. Para separar itens diferentes de uma enumeração;

Exemplo:
O Brasil produz café, milho, arroz; cachaça, cerveja, vinho. (Separando gêneros alimentícios de bebidas)

6. Para separar os itens de uma explicação.

Exemplo:
A introdução dos computadores pode acarretar duas conseqüências: uma, de natureza econômica, é a redução de custos; a outra, de implicações sociais, é a demissão de funcionários.

PONTO (.)

O ponto assinala a pausa máxima da voz. Serve para indicar o término de uma oração absoluta ou de um período composto. Quando os períodos simples e compostos mantêm entre si uma seqüência do pensamento, serão separados por um ponto chamado de "ponto simples"; e o período seguinte que expressa uma conseqüência ou uma continuação do período anterior será escrito na mesma linha. Porém, se houver um corte, uma interrupção na seqüência do pensamento, o período seguinte se iniciará na outra linha, sendo o ponto do período anterior chamado de "ponto parágrafo".

Finalmente, quando um ponto encerra um enunciado, dá-se o nome de "ponto final".

O ponto serve ainda para abreviar palavras.

Exemplo: V. S. = Vossa Senhoria; prof. = professor, etc.

DOIS PONTOS (:)

Serve para marcar uma sensível suspensão da voz na melodia de uma frase não concluída. Emprega-se nos seguintes casos:

1. Antes de uma citação;

Exemplos:
Como ele nada dissesse, o pai perguntou:
- Queres ou não queres ir?
Disse Machado de Assis: "A solidão é oficina de idéias."

2. Antes de uma enumeração;

Exemplo:
Tínhamos dezenas de amigos: Pedro, João, Carlos, Luís, mas nenhum deles entendeu nosso problema.

3. Antes de uma explicação, uma síntese ou uma conseqüência do que foi enunciado, ou ainda antes de uma complementação.

Exemplos:
A razão é clara: achava sua conversa menos interessante que a dos outros rapazes.
E a felicidade traduz-se por isto: criarem-se bons hábitos durante toda a vida.
No quartel, quem manda é o sargento: só nos cabe ouvir e obedecer.
Aquela mãe preocupava-se com uma coisa só: o futuro dos filhos.
"Não sou alegre nem sou triste: sou poeta." (C. Meireles)

Observação: Nos vocativos de cartas, ofícios, etc, usa-se vírgula, ponto, dois pontos ou nenhuma pontuação.
Exemplos:
Prezado Senhor,
Prezado Senhor.
Prezado Senhor:
Prezado Senhor

PONTO DE INTERROGAÇÃO (?)

É um sinal que indica uma pausa com entoação ascendente. Emprega-se nos seguintes casos:

1. Nas interrogações diretas;

Exemplos:
Quem vai ao teatro hoje?
Que é Deus?

2. Pode-se combinar o ponto de interrogação com o ponto de exclamação quando a pergunta também expressar uma surpresa;

Exemplo:
- Ana desmanchou o noivado de cinco anos.
- Por quê?!

3. Quando houver dúvida na pergunta, costuma-se colocar reticências após o ponto de interrogação.

Exemplos:
- Então?... Qual o caminho que devemos seguir?...
- E você também não sabe?...

PONTO DE EXCLAMAÇÃO (!)

Neste sinal, a pausa e a entoação não são uniformes, já que somente no contexto em que está inserida a frase exclamativa poderemos interpretar a intensão do escritor, pois são várias as possibilidades da inflexão exclamativa como, por exemplo, as frases que exprimem espanto, surpresa, alegria, entusiasmo, cólera, dor, súplica, etc.

Normalmente se emprega nos seguintes casos:

1. Depois de interjeições ou de termos equivalentes como os vocativos intensos, as apóstrofes;

Exemplos:
- Ai! Ui! - gritava o menino.
- Credo em cruz! - gemeu Raimundo.
- Adeus, Senhor!

"Ó Pátria amada, idolatrada,
Salve! Salve!"

2. Depois de um imperativo;

Exemplos:
- Não vai! Volta, meu filho!
- Direita, volver!

Não matarás!

Observação: Para acentuar a inflexão da voz e a duração das pausas pedidas por certas formas exclamativas, pode-se empregar os seguintes recursos:

A) Combinar-se o ponto de exclamação ao de interrogação quando a entoação numa frase interrogativa for sensivelmente mais exclamativa.

Exemplo:
Para que você veio me contar essas histórias a esta hora da noite!?

B) Emprega-se a combinação acima mais reticências para dar à frase mais um matiz: o da incerteza.

Exemplo:
- Coitado! Envolvido com drogas, quem poderá dizer como acabará!?...

C) Repete-se o ponto de exclamação para marcar um reforço especial na duração, na intensidade ou na altura da voz.

Exemplo:
- Canalhas!!! Não escaparão à Justiça Divina!!!

Observação: Deve-se evitar usar este recurso quando se enviar um texto para uma pessoa cega que utilize computador com ledores de tela (como o do Sistema DOSVOX), que interpretam estes pontos repetidos apenas como sinais de pontuação, não dando à palavra ou à frase antecedidas por eles nenhuma entoação especial. Torna-se, neste sentido, obviamente desnecessária e mesmo inútil o emprego repetitivo dos pontos de interrogação e exclamação, posto que isto causará somente um extremo incômodo aos ouvidos dos leitores/ouvintes cegos.

RETICÊNCIAS (. . .)

Serve para marcar a suspensão da melodia na frase. Emprega-se em casos muito variados como:

1. Para interromper uma idéia, um pensamento, a fim de se fazer ou não, logo após, uma consideração;

Exemplo:
- Quanto ao seu pai... às vezes penso... Mas asseguro-lhe que é verdade quase tudo que se contam por aí sobre homens que enriqueceram facilmente.

2. Para marcar suspensões provocadas por hesitação, surpresa, dúvida ou timidez de quem fala. E ainda, certas inflexões de alegria, tristeza, cólera, ironia, etc.

Exemplos:
- Rapaz, veja lá... pensa bem no que vai fazer... - alertou o amigo.
- Você... aí sozinha... não tem medo de ficar na rua a esta hora?
- Eu... eu... queria... um agasalho - respondeu soluçando o mendigo.
- Há quanto tempo não o via... lágrimas vieram-lhe aos olhos... foi um encontro inesquecível.

3. Para indicar que a idéia contida na frase deve ser completada pela imaginação do leitor;

Exemplos:
"Duas horas te esperei.
Duas mais te esperaria.
Se gostas de mim, não sei...
Algum dia há de ser dia."
(F. Pessoa)

4. Para indicar uma interrupção brusca da frase;

Exemplos:
(Um personagem corta a fala de outro)
- A senhora ia dizer que...
- Nada... Esquece tudo isto.

Observações:

A) Se a fala do personagem continua depois da interrupção, costuma-se colocar reticências no início da frase.

Exemplo:
- Eu pedi que fizesse a lição...
- Que lição? Não há lição alguma.
- ...a lição sobre a vida de Ghandi.

B) As reticências podem formar uma linha inteira de pontos para indicar a supressão de palavras ou de linhas omitidas na cópia ou tradução de uma obra. Podem ainda vir entre parênteses no início e no fim de um trecho selecionado.

PARÊNTESES ( )

São empregados para intercalar, num texto, qualquer indicação ou informação acessória de caráter secundário.

Exemplos em que se empregam os parênteses:

1. Numa explicação;
Beto (tinha esse apelido desde criança) não gostava de viajar.

2. Numa reflexão, num comentário à margem do que se afirma;
Jorge mais uma vez (tinha consciência disso) decidiu seu destino ao optar pela mudança de país.

3. Numa manifestação emocional expressa geralmente em forma exclamativa ou interrogativa;
"Havia escola, que era azul, e tinha um mestre mau, de assustador pigarro... (Meu Deus! Que isto? Que emoção a minha quando estas coisas tão singelas narro?)"

4. Nas referências a datas, indicações bibliográficas, etc;
Kardec revela-nos em "O Livro dos Espíritos" (1857) os mistérios do Mundo Invisível.

5. Numa citação na língua de origem;
Como disse alguém: "A natureza não dá saltos" (natura non saltit).

Observações:
A) Os parênteses podem ser usados também para isolar orações intercaladas, sendo mais freqüentes, no entanto, para este fim, as vírgulas e os travessões.
Exemplo:
Mais uma vez (contaram-me) a policia tinha conseguido deitar a mão naquele perigoso bandido.

B) Os parênteses muito longos devem ser evitados, pois prejudicam a clareza do período. Na leitura, a frase que vem entre parênteses deve ser pronunciada em tom mais baixo. Na escrita, a frase inicia-se por maiúscula somente quando constituir oração à parte, completa, contendo uma consideração ou pensamento independente. Neste caso, é comum se colocar os parênteses depois do ponto final.
Exemplo:
"Existem jovens, por exemplo, que só conseguem crescer se tiverem uma sogra tirana. (É bastante comum Afrodite "surgir" em sogras. A madrasta má é outro exemplo.)"

C) O asterisco entre parênteses chama a atenção do leitor para alguma observação ou nota final da página ou do texto.

ASPAS (“ “)

São empregadas nos seguintes casos:

1. No início e no fim de uma citação ou transcrição literária;

Exemplo:
Fernando Pessoa nos revela em um de seus poemas que Júlio César definiu bem toda a figura da ambição quando disse: "Antes o primeiro na aldeia do que o segundo em Roma".

2. Para fazer sobressair palavra ou expressões que, geralmente, não são comuns à linguagem normal (estrangeirismos, arcaísmos, neologismos, gírias, etc.).

Exemplos:
O Sistema DOSVOX é um "software" especial para cegos.
Os escravos chamavam meu bisavô de "sinhô" ou "nhonhô".
O diretor daquela escola pública, para todos os alunos, era considerado "sangue bom".

3. Para realçar o significado de qualquer palavra ou expressão, ou para marcar um sentido que não seja o usual;

Exemplos:
O vocábulo "que" pode ser analisado de várias maneiras.
Ela deu um "espetáculo" no saguão do prédio. (A palavra ESPETÁCULO aqui tem o sentido de ESCÂNDALO.)

Observação: As aspas também podem ser empregadas no lugar dos travessões em diálogos quando da mudança de interlocutor.

Exemplos:
"Vamos mudar de assunto", disse eu.
"OK, vamos então falar de amor?" replicou Clara.
"Boa idéia!" concordei, sorrindo-lhe.

4. Para fazer sobressair o título de uma obra literária, musical, etc.

Exemplos:
Adorei ler "Nosso Lar", de André Luiz.
Você gostou do disco "Sozinho", do Caetano Veloso?

Observação: Quando as aspas abrangem parte do período, o sinal de pontuação é colocado depois delas:

Na política, ainda são bastante numerosos os "partidários do Brizolismo".
Quando, porém, as aspas abrangem todo o período, o sinal de pontuação é colocado antes delas:
"Nem tudo que reluz é ouro."

Quando já existe aspas numa citação ou numa transcrição, devemos usar a "aspa simples" ('), ou negrito, ou ainda letras de outro tipo para destacar o termo ou expressão desejados:

Aquele crítico de arte declarou assim: "Todos admiravam o 'feeling' daquele artista".

TRAVESSÃO (_)

Emprega-se nos seguintes casos:

1. Para indicar, nos diálogos, a mudança de interlocutor;

Exemplo:
- Você tem religião?
- Sim, a do Amor.

2. Para isolar, num contexto, palavras ou orações intercaladas;

Exemplo:
O presidente declarou - e nem sabemos quanto lhe custou essa decisão - que estava renunciando.

3. Para dar mais realce a uma expressão ou oração, pode-se empregar o travessão em lugar dos dois pontos;

Exemplo:
Era mesmo o meu quarto - a roupa da escola no prego atrás da porta, o quadro da santa na parede...

4. Para substituir um termo já mencionado (uso comum nos dicionários).

Exemplo:
pé, s. m.: parte inferior do corpo humano; - de-moleque: doce feito de amendoim.

ASTERISCO (*)

Serve para chamar a atenção do leitor para alguma nota ao final da página ou do capítulo.

XVIII. REGÊNCIA NOMINAL.

REGÊNCIA NOMINAL é a relação existente entre um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio) e os termos regidos por esse nome. A Regência Nominal determina qual é a preposição que devemos usar. Observe que não há regras específicas, pois a regência de uma palavra é um caso particular. Cada palavra pede seu complemento e rege sua preposição.

Exemplos:
Ela fez referência (substantivo) a este evento (complemento nominal).
(Quem faz referência faz referência a alguma coisa)

Eles tem necessidade (substantivo) de dinheiro (complemento nominal).
(Quem tem necessidade tem necessidade de alguma coisa)

A seguir, você terá vários nomes acompanhados da preposição ou preposições que regem. Procure associar esses nomes entre si ou aos verbos de que derivam.

SUBSTANTIVOS:

admiração a, por; aversão a, para, por; atentado a, contra; bacharel em; capacidade de, para;	devoção a, para com, por; doutor em; dúvida acerca de, em, sobre; horror a; impaciência com;	medo a, de; obediência a; ojeriza a, por; proeminência sobre; respeito a, com, para com, por.

Observação: O substantivo medo rege também a preposição **"a",** mas surge mais freqüentemente acompanhado da preposição **"de".**

ADJETIVOS:

acessível a; contíguo a; generoso com; acostumado a, com; contrário a; grato a, por; afável com, para com; curioso de, por; hábil em; agradável a; descontente com; habituado a; alheio a, de;	desejoso de; idêntico a; análogo a; diferente de; impróprio para; ansioso de, para, por; entendido em; indeciso em; apto a, para; equivalente a; insensível a; ávido de; escasso de;	liberal com; benéfico a; essencial a, para; natural de; capaz de, para; fácil de; necessário a; compatível com; fanático por; nocivo a; contemporâneo a, de; favorável a; paralelo a; parco em, de;	propício a; semelhante a; passível de; próximo a, de; sensível a; preferível a; relacionado com; sito em; prejudicial a; relativo a; suspeito de; prestes a; satisfeito com, de,

ADVÉRBIOS:
longe de; perto de.
Os advérbios terminados em **"-mente"** tendem a seguir o regime dos adjetivos de que são formados:
paralela a, paralelamente a; relativa a, relativamente a.
Quando o complemento de um nome ou verbo tiver a forma de oração reduzida de infinitivo, não se deve fazer a contração da preposição com o eventual sujeito desse infinitivo. A preposição, afinal, introduz toda a oração, e não apenas o sujeito dela. É bom lembrar que o sujeito jamais é introduzido por preposição.

Exemplos:
Existe a possibilidade de eles participarem (e não "deles participarem") do festival de música.
É hora de as noções de civilização contaminarem as mentes e gestos dos brasileiros. (e não "das noções")

A questão consiste em os brasileiros adotarem medidas mais rigorosas contra as infrações de trânsito. (e não "consiste nos ")

XIX. REGÊNCIA VERBAL

REGÊNCIA é a relação necessária que se estabelece entre duas palavras, uma das quais servindo de complemento a outra (dependência gramatical).

TERMO REGENTE ➔ palavra principal a que outra se subordina.

TERMO REGIDO ➔ palavra dependente que serve de complemento e que se subordina ao TERMO REGENTE.

Assim, a relação entre o verbo (termo regente) e o seu complemento (termo regido) chama-se **REGÊNCIA VERBAL**, orientada pela transitividade dos verbos que podem se apresentar diretos ou indiretos, ou seja, exigindo um complemento na forma de objeto direto ou indireto.

Lembrando que o **OBJETO DIRETO** é o complemento do verbo que não possui preposição e que também pode ser representado pelos pronomes oblíquos "o, a, os, as". Já o **OBJETO INDIRETO** vem acrescido de preposição e igualmente pode ser representado pelos pronomes "lhe, lhes". Cuidado, porém, com alguns verbos, como **"ASSISTIR** e **ASPIRAR**", que não admitem o emprego desses pronomes.

Os pronomes **"me, te, se, nos** e **vos"** podem, entretanto, funcionar como objetos diretos ou indiretos.

ATENÇÃO: Muitas vezes alguns verbos podem apresentar diferentes regências sem que seus sentidos sejam alterados ou, ao contrário, acarretando diferentes significados e acepções.

REGÊNCIA DE ALGUNS VERBOS:

- ABRAÇAR.
Pede objeto direto.
Exemplos:
Abracei Michele carinhosamente em seu aniversário.
Pelo meu elogio, Pedro abraçou-me agradecido.

Observação: Este verbo pode aparecer com outras regências que não acarretam mudança no sentido, mas que introduzem matizes especiais de significação.
Exemplos:
Meio tonto, Lucas abraçou-se ao poste.
Para caminhar com mais apoio, Ana abraçou-se em mim.
Comemorando a vitória, Luís abraçava-se com o pai.

- ACONSELHAR.
Pede objeto direto e indireto no sentido de "dar e tomar conselhos, entrar em acordo".
Exemplos:
Aconselho você a não sair de casa hoje por causa da chuva.
Aconselhei à Isabel um bom caminho para ir à praia.
Aconselhamos João sobre os malefícios do fumo.
Aconselhei-me com o juiz sobre o meu processo.
Depois nos aconselharemos no que mais nos convier.
Aconselharam-se para me trair.

- AGRADAR.
Pede objeto direto no sentido de "acariciar, fazer agrados".
Exemplos:
O pai agradava o filho antes de sair para o trabalho.
Sempre agradei minhas namoradas com meus elogios. (agradá-las)

Pede objeto indireto no sentido de "ser agradável, contentar, satisfazer".
Exemplos:
A resposta não agradou ao professor.
Tenho certeza de que este livro não lhe agradará.
A piada não agradou à platéia.

- AGRADECER.
Pede objeto direto e indireto.
Exemplos: (AGRADECER ALGUMA COISA A ALGUÉM)
Agradeci A Deus a cura de minha mãe.
Agradeceu-me comovido o presente.

Observação: Agradecer a alguém "por alguma coisa" é incorrer em italianismo, forma perfeitamente dispensável.

- AJUDAR.
Pede objeto direto e indireto.
Exemplos:
Ajudo meu irmão em seu escritório.
Ajudei-o a resolver aqueles problemas.

- APOIAR-SE.
Pede objeto indireto.
Exemplos:
Para não cair, Carlos apoiou-se ao muro.
Ela apóia-se à mesa para escrever.
Apoiamo-nos em documentos para provar o que dissemos.
Apoiei-me sobre a perna direita ao descer do ônibus.

- ANTIPATIZAR / SIMPATIZAR
Pedem objeto indireto, iniciado pela preposição "com".
Exemplos:
Antipatizei com aquela secretária.
Simpatizo com as idéias daquele partido.

Observação: Esses verbos não são pronominais. Assim, não se deve dizer: "antipatizei-me com ela" ou "simpatizei-me com ela".

- ASPIRAR.
Pede objeto direto quando significa "respirar, sorver, absorver".
Exemplos:
Aspirei muita poeira, limpando aqueles livros velhos.
Ao abrir a janela, aspirei o ar puro da manhã.

Pede objeto indireto no sentido de "ambicionar, pretender, desejar".
Exemplos:
Ele sempre aspirou ao cargo de presidente da República.
Todos aspiram a uma vida melhor.

Observação: Neste caso, não se admite o pronome átono "lhe" que deve ser substituído pelas formas "a ele, a ela", etc.
Exemplo: Aquele aumento de salário?! Aspiro a ele desde o ano passado.

- ASSISTIR.
Pede objeto direto no sentido de "prestar assistência, ajudar, servir, acompanhar".
Exemplos:
O médico assiste a evolução daquele paciente todos os dias.
A Prefeitura assistiu os moradores daquela favela depois dos desabamentos.

Pede objeto indireto quando significa "prestar atenção, estar presente, presenciar".
Exemplos:
Assistimos ao jogo ontem à noite.
Aquele casal assistiu à queda do avião com indiferença.
Observação: Neste caso, também é exigida a forma "a ele/a ela", quando da substituição do complemento por uma forma pronominal.
Exemplo: Quanto ao julgamento, assistimos a ele preocupados.

Também pede objeto indireto no sentido de "pertencer, caber direito ou razão".
Exemplo: Não lhe assiste o direito de reclamar neste momento.
Observação: Nesta acepção, é aceito como objeto indireto o pronome oblíquo "lhe".

- ATENDER
Pede objeto direto com o significado de "servir, escutar e responder".
Exemplos:
O garçom atendia o freguês com simpatia.
Renato atendeu o telefone logo que ele tocou.

Observação: Com o sentido de "escutar e responder", a regência deste verbo pode apresentar a oposição luso-brasileira "atender algo / atender a algo".
Exemplos: Renato atendeu o telefone / Renato atendeu ao telefone

Pede objeto indireto no sentido de "deferir, cuidar de".
Exemplos:
O juiz atendeu ao requerimento do advogado.
Horácio e Vera atendiam às crianças de sua creche com muito carinho e dedicação.
Todo domingo, um grupo de jovens atendia aos mais necessitados de seu bairro com alimentos e roupas doados.

Pede objeto direto ou indireto, indiferentemente, quando significa "dar ou prestar atenção a, dar audiência a".
Exemplos:
O soldado não atendeu as (às) ordens do sargento.
Janete sempre atendia os (aos) conselhos de sua mãe.
O reitor atenderá a (à) comissão de alunos amanhã.

- ATINGIR
Pede objeto direto.
Exemplos:
A despesa atingiu 50 reais.
Atualmente a informática atinge um progresso espantoso.

- ATIRAR
Pede objeto direto quando significa "arremessar, lançar, arrojar".
Exemplos:
"AQUELE QUE ESTIVER SEM PECADO QUE ATIRE A PRIMEIRA PEDRA!"
Mário gosta de atirar pedras no telhado do vizinho.
Observação: Não se deve confundir objeto indireto com adjunto adverbial.

Pede objeto indireto no sentido de "disparar arma de fogo".
Exemplos:
O alvo a que os soldados atiravam ficava a 300 metros.
Atirem nos inimigos quando eu mandar!

- AUMENTAR
Pede objeto indireto com a preposição "em".
Exemplo: A dívida externa brasileira aumentou em tamanho.

- AVISAR (assim como **CERTIFICAR, INFORMAR, NOTIFICAR, PREVENIR**)
Pede objeto direto e indireto.
Exemplos:
(AVISAR ALGUÉM DE ALGUMA COISA - FORMA MAIS ACEITÁVEL)
Eu avisarei Pedro da sua chegada.
Eu o avisarei...
(AVISAR ALGUMA COISA A ALGUÉM)
Eu avisarei sua chegada a Pedro.
Eu lhe avisarei...

- BATER
Pede objeto direto, significando "bater alguma coisa".
Exemplos:
Ao sair, Marco bateu a porta com violência.
Ela machucou seu dedo, batendo pregos na parede.
Sílvio bateu o carro no poste violentamente.

Pede objeto indireto com o sentido de "bater a, na, pelas portas, bater em alguém, bater sobre".
Exemplos:
Alguém bateu à porta quando eu assistia à televisão.
Alguém bateu na porta da sala com uma bengala.
O mendigo batia pelas portas de várias casas a pedir só um prato de comida.
João foi preso ontem por bater em sua mulher.

- CARECER
Pede objeto indireto.
Exemplos:
(Com o sentido de "precisar, necessitar")
Careço de dinheiro para pagar minhas contas.
Careço do carinho de meus avós que já morreram.

- CARREGAR
Pede objeto direto ou indireto.
Exemplos:
Carreguei o menino no colo o dia todo.
Carreguei com o menino deste lugar perigoso.

- CERTIFICAR (Mesma regência de AVISAR)

- CHAMAR
Pede objeto direto ou indireto - com a preposição "por" como posvérbio - quando significa "fazer vir alguém, convocar, invocar, pedir auxílio".
Exemplos:
O presidente chamou os ministros para uma reunião urgente. (Chamou-os)
Em suas preces, Alzira chamou por todos os santos.
O rapaz chamava pelos colegas para empurrarem o carro.
Quando viu os ladrões, Noeli chamou pela polícia.
De longe, notei que alguém chamava por mim.

Ainda com este sentido, o verbo CHAMAR pode tornar-se intransitivo.
Exemplos:
- Chamou? Perguntou o policial.
- Chamei! Respondeu a moça.

Com o significado de "denominar, apelidar", pede objeto direto ou indireto e predicativo, com ou sem preposição.
Exemplos:
Chamavam Jânio, maluco. / Chamavam Jânio de maluco.
Chamavam a Jânio de maluco. / Chamavam a Jânio, maluco.

- CHEGAR
Pede o emprego da preposição "a"; contudo, já é bastante usual na linguagem coloquial brasileira o emprego da preposição "em".
Exemplos:
Ele chegou ao (no) colégio atrasado.
Bete chegou a (em) casa de madrugada.

Observação: Em "Cheguei na hora exata", a preposição "em" está empregada corretamente, porque indica tempo, e não lugar.

- CERTIFICAR (ver **AVISAR**)

- COMUNGAR
Pede objeto direto com o sentido de "dar comunhão.
Exemplo:
O padre comungou meus pais hoje. (Comungou-os)

Com o significado de "estar de acordo, participar", pode vir com preposição, como pósverbio.
Exemplos:
Eles comungavam às (das/nas/com as) mesmas idéias.
Gabeira voltou ao Brasil para comungar das (com as/nas) liberdades e dos direitos e deveres democráticos.

- CONFRATERNIZAR
Pede objeto indireto.
Exemplo:
Os jogadores confraternizaram com a torcida após a conquista do campeonato.

Observação: O verbo confraternizar já indica reciprocidade. Portanto, o pronome "se" é perfeitamente dispensável.

- CONHECER
Pede objeto direto.
Exemplos:
Eu conheço aquela menina de algum lugar. (Eu a conheço)

- CONSTITUIR (-SE)
O verbo constituir é transitivo direto.
Exemplo:
Esses capítulos constituem o núcleo do romance.

O verbo constituir-se rege a preposição "em": Esses capítulos constituem-se no núcleo do romance.

- CONTENTAR
Pede objeto direto quando significa "agradar, satisfazer".
Exemplos:
Fiz o possível para contentar meus filhos neste Natal.
Não consegui contentá-la com meu presente.

Com o sentido de "ficar contente", o verbo é pronominal, apresentando-se com as preposições "com, de, em".
Exemplos:
Contento-me com poucas coisas.
Contentou-se em/de viajar amanhã para a Europa.

- CONTRIBUIR
Quando se usar o verbo "contribuir", a preposição "com" deverá introduzir o meio utilizado para a contribuição (dinheiro, mão-de-obra, mantimentos, roupas, etc.); já a preposição "para" introduzirá o beneficiário da contribuição, ou seja, a quem será destinado o elemento material da contribuição. Deve-se dizer, pois, que alguém contribui com algo para alguém.
Exemplos:
Ele contribuiu com dinheiro para as vítimas das enchentes.
Pedro contribuirá com sua experiência de pedreiro para a reforma da escola.

- CONVIDAR
Pede objeto direto.
Exemplos:
Convidarei Bruna para sairmos hoje.
Cláudia não o convidou para a festa.

- CUSTAR
Pede objeto direto quando significa "valer, ter um preço".
Exemplos:
Este carro esporte custa cem mil dólares.
Quanto custou esse livro?

Quando significa "ser difícil", pede objeto indireto e vem sempre na terceira pessoa, tendo como sujeito uma oração, geralmente reduzida de infinitivo.
Exemplos:
Custa-me ir trabalhar de trem todos os dias.
Custam aos alunos esses exercícios de geometria (Custam-lhes)

Se o verbo vem seguido de um infinitivo, este pode vir ou não precedido da preposição "a".
Exemplos:
Custou-me (a) resolver esses problemas.
Ele há de custar (a) dar o primeiro passo.

Observação: Para valorizar a pessoa a quem um fato apresenta-se difícil, ou ainda tendo o sentido de "tardio, demorado", a linguagem coloquial põe-na como sujeito da oração.
Exemplos:
Custei (a) resolver esses problemas.
Custamos (a) acreditar que aquilo era verdade.

- DEPARAR
Pede objeto direto quando significa "fazer aparecer".
Exemplo:
Qual é o santo que depara as coisas perdidas?

Pede objeto indireto no sentido de "encontrar com alguém de repente".
Exemplo:
Ana deparou com seu pai na rua.

É pronominal, significando "vir, chegar, surgir inesperadamente".
Exemplo:
Deparou-se-lhe uma ótima chance de emprego.

- DESCULPAR
Pede objeto direto e indireto, possuindo os sentidos de "pedir desculpas, perdoar e justificar".
Exemplos:
(PERDOAR ALGUÉM DE OU POR ALGUMA COISA)
Desculpe-me de (por) ter gritado com você.
Ao chegar, Antônio desculpou-se da (pela=por+a) demora.
Desculpei meu irmão de (por) me ter ofendido. (Desculpei-o)
Toda mãe sempre desculpa os erros de seus filhos.

- DIGNAR-SE (pronominal, que no padrão culto rege a preposição "de")
Exemplos:
Ele não se dignou de dizer a verdade.
O deputado nem se dignou de nos responder.

Observações: É comum, em textos formais, encontrar esse verbo com a preposição "de" elíptica.
Ex.:
O Presidente se dignou ouvir nossas reivindicações.

Normalmente, esse verbo, na linguagem corrente, é usado com as preposições "em" ou "a", sendo esse uso inadequado, já que não é aprovado por gramáticos e dicionaristas.

- ENCONTRAR
Pede objeto direto quando significa "achar, avistar".
Exemplo:
Só hoje encontrei o livro que tanto procurava.

Pede objeto indireto no sentido de "deparar com alguém, ter ou marcar um encontro".
Exemplo:
Encontramos com João no cinema.

É pronominal quando significar "estar, achar-se em".
Exemplo:
A secretária disse que seu chefe encontrava-se em reunião.

- ENSINAR
Pede objeto direto e indireto.
Exemplo:
Ensinei português aos alunos a tarde toda.

- ENTRAR
Pede objeto indireto.
Exemplos:
Entrei na sala de aula.
Entrei de cantor no conjunto do colégio.
Entrei para o coro do teatro.

- ESPERAR
Pede objeto direto.
Exemplo:
Na festa, todos esperavam Pelé.

Observação: Pode-se empregar a preposição "por" como posvérbio, marcando interesse: "Todos esperavam por Pelé."

- ESQUECER
Dependendo do matiz de significação que se queira dar ao verbo, este poderá se apresentar transitivo direto ou indireto e pronominal, acompanhado dos pronomes me, te, se, etc.
Exemplos:
Esqueci o livro sobre a mesa.
Esqueci-me do livro...
Não esqueça as suas tarefas.
Não se esqueça das suas tarefas.
Já esqueci totalmente o latim.
Já me esqueci totalmente do latim.

Na língua do Brasil, no entanto, surgiu uma fusão dessas duas possibilidades: esquecer de algo ou de alguém. Essa forma é usadíssima na fala e encontra registro na escrita, sobretudo quando o complemento de "esquecer" é um infinitivo: "Ia esquecendo de fazer uma confidência importante" (Érico Veríssimo); "Ele esqueceu de ir ao banco"; "Não esqueço de você"; "Não esquecia da saúva" (Mário de Andrade).

Atenção: Se participar de um concurso público, de um vestibular, de uma prova tradicional, você deve considerar erradas as construções do parágrafo anterior, apesar de serem comuns na fala e na escrita brasileiras.

Há ainda a possibilidade de o sujeito do verbo "esquecer" não ser uma pessoa, um ser humano. O sujeito é uma coisa, um fato. Mas coisa No caso, "esquecer" passa a significar "cair no esquecimento". Em "Açores: Férias que nunca esquecem" (frase de um anúncio divulgado em Portugal), o sujeito do verbo "esquecer" é "férias". Elas, as férias, nunca caem no esquecimento.

Em Machado de Assis, encontram-se vários casos desse emprego de "esquecer": "Esqueceu-me apresentar-lhe minha mulher", onde o sujeito de "esqueceu-me" é a oração "apresentar-lhe minha mulher", ou seja, esse fato - o ato de apresentar-lhe minha mulher - caiu no meu esquecimento.

Essa mesma regência vale para "lembrar", isto é, há na língua o registro de frases como "Não me lembrou esperá-la", em que "lembrar" significa "vir à lembrança". O sujeito de "lembrou" é "esperá-la", ou seja, esse fato - o ato de esperá-la - não me veio à lembrança.

- ESTIMAR
Pede objeto direto quando significar "ter afeição ou amizade a, apreciar, avaliar, congratular-se por, ser de opinião, achar".
Exemplos:
Estimo meus sobrinhos como filhos.
Estimava bastante os filmes de Chaplin.
Estimo esse anel em mil dólares.
Estimamos suas melhoras.
Estimei o fim da obra para daqui a dez dias.

Com o sentido de "prezar-se", apresenta-se também como pronominal.
Exemplo:
Normalmente, estima-se todos aqueles que fazem o bem.

- FELICITAR
Pede objeto direto e indireto.
Exemplo:
Felicito-o por (de) ter passado no concurso.

- FUGIR (ESCAPAR)
Pede objeto indireto.
Exemplos:
Fugiu-lhe as forças.
Fugiram ao cerco da polícia.
Ele foge de qualquer briga.

- GOSTAR
Quando sinônimo de "apreciar", pede objeto indireto.
Exemplo:
Ele gostou do almoço que lhe servimos.

Quando significa "degustar, provar, experimentar, saborear",pede objeto direto.
Exemplo:
Ele gostou o vinho.

- IMPLICAR
Pede objeto direto quando significa "acarretar, produzir como conseqüência alguma coisa, pressupor".
Exemplos:
Tua atitude implica prejuízos ao colégio.
Acho que esses novos cálculos implicarão mudanças gerais nas obras.

Com o sentido de "envolver, comprometer", pede objeto direto e indireto.
Exemplos:
(IMPLICAR ALGUÉM EM ALGUMA COISA)
P. C. Farias implicou muita gente em suas falcatruas.

Com o sentido de "ter antipatia, irritação em relação a alguém ou a alguma coisa", pede objeto indireto.
Exemplos:
Dona Maria implicava com todas as crianças do bairro.
Paulo implica com sua irmã caçula o dia todo.

- IMPORTAR
Pede objeto direto com o significado de "fazer vir de país estrangeiro, acarretar".
Exemplos:
O Brasil importa muitos automóveis da Europa.
As guerras importam grandes calamidades.

Pede objeto indireto quando significa:
1. ATINGIR O TOTAL DE;
Exemplo: As despesas importaram em vinte mil dólares.

2. REPRESENTAR;
Exemplo: Só eliminei os erros do texto quando eles importavam em erros gramaticais.

3. DIZER RESPEITO, INTERESSAR;
Exemplo: Estas regras importam a todos que desejam escrever bem.

4. PREOCUPAR-SE, INCOMODAR-SE COM OU DE (pronominal);
Exemplos:
Toda mãe importa-se quando seus filhos saem à noite sozinhos.
Você se importa de ficar aqui hoje?

- INDAGAR
Pede objeto direto e indireto.
Exemplo:
Os alunos indagaram as suas notas baixas do professor.

- INFORMAR (ver **AVISAR**)

- INTERESSAR
Pede objeto direto e indireto quando significa "prender a atenção, despertar a curiosidade".
Exemplo:
Por meio desse novo método, consegui interessá-lo em matemática.

Pede objeto indireto e é pronominal com o sentido de "ser proveitoso, útil, empenhar-se".
Exemplos:
Em função do meu trabalho, interessava-me em residir fora do Rio de Janeiro.
Ele não se interessa nas aulas de física.

- IR
Pede objeto indireto ou complemento circunstancial de lugar.
Exemplos:
Vou a São Paulo.
Fui para a França.

- LEMBRAR
Significando "fazer vir à memória por analogia, sugerir", pede objeto direto.
Exemplo:
Depois da chuva, a estrada lembrava um rio.

Pede objeto direto e indireto quando significa "recomendar, advertir".
Exemplos:
este retrato é para lembrá-la a você.
Lembre seu pai de tomar os remédios na hora certa.

Com o sentido de "recordar, vir à memória, trazer à lembrança", é possível duas formas.
Exemplos:
Lembrei o acidente.
Lembrei-me do acidente.

Observação: Quando o objeto indireto vem expresso por uma oração desenvolvida, o uso da preposição "de" é facultativo. Exemplo: Lembrei-me (de) que devo estudar para a prova hoje.

- MEDITAR
Pede objeto indireto. No entanto,Possui duas regências sem mudança em seu significado.
Exemplos:
(MEDITAR SOBRE OU EM ALGUMA COISA)
À noite, sempre medito sobre (em) minha vida.

- MORAR (RESIDIR)
Em dicionários de regência, como os de Celso Luft e de Francisco Fernandes, vemos que o uso da preposição "a" com os verbos morar e residir é mais comum na linguagem burocrática, apesar de também aparecer em textos literários. Mas só há registros disso antes de rua, praça, avenida (palavras femininas). Não há registro, por exemplo, de "Mora ao Largo da Carioca", "Reside ao Beco do Mota", etc. Já a preposição "em" é inquestionavelmente correta em qualquer desses casos: "Mora na Rua Prudente de Morais", "Reside no Largo do Machado", etc.

- NAMORAR
Pede objeto direto em qualquer das acepções em que ele possa ser tomado.
Exemplos:
Marco namorou Denize por cinco anos.
Ele namorava os doces da vitrine.

Observação: É incorreto empregar a preposição "com" no sentido de "namorar com alguém".

- NOTIFICAR (ver **AVISAR**)

- OBEDECER (DESOBEDECER)
Pede objeto indireto.
Exemplos:
Os alunos obedecem ao professor e às leis do Colégio.
Ela sempre lhe obedece.
Muitos brasileiros ainda desobedecem aos sinais de trânsito.

Apesar de transitivos indiretos, estes verbos admitem a voz passiva analítica.
Exemplos:
Leis devem ser obedecidas.
Regras básicas de civilidade não podem ser desobedecidas.

Observação: Para substituir uma pessoa que apareça como complemento desses verbos, pode-se usar "lhe" ou "a ele / a ela": "Obedeço (desobedeço) ao mestre / Obedeço-lhe (desobedeço-lhe); Obedeço a ele (desobedeço a ele)". Para substituir o que não for pessoa, só se pode usar "a ele / a ela": "Obedeço (desobedeço) ao código / Obedeço (desobedeço) a ele".

- PAGAR
Pede objeto direto e indireto, que podem vir implícitos na frase.
Exemplos:
(PAGAR ALGUMA COISA A ALGUÉM)
Paulo pagou suas dívidas ao Banco.
João não paga aos seus fornecedores há dois meses.
Ele já pagou todo o material da obra.

- PERDOAR
Pede objeto direto de coisa perdoada - que pode estar implícita na frase - e indireto de pessoa a quem se perdoa.
Exemplos:
Perdoei-lhe a falta de educação.
"Perdoai-lhes (as ofensas), Pai! Eles não sabem o que fazem."
Deus perdoa aos pecadores.

- PERSUADIR
Quando significa "levar a crer, induzir a acreditar", pede objeto direto e indireto.
Exemplo:
É preciso persuadir João dessas verdades.

Também com o sentido de "instigar", pede objeto direto e indireto.
Exemplos:
Com esta mentira, persuadiu Lúcia à fugir.
Persuadi-os a deixar de fumar.

- PRESIDIR
Pede objeto indireto.
Exemplo:
O juiz presidiu ao tribunal com mão firme.

- PREFERIR
Pede objeto direto - para aquilo de que se gosta mais - e indireto - para aquilo de que menos se gosta. Junto ao seu objeto indireto, pede a preposição "a".
Exemplos:
(PREFERIR ALGUMA COISA A OUTRA COISA)
Prefiro feijoada a macarronada.
(Compare: "Prefiro a feijoada à macarronada." A presença do artigo "a" antes de feijoada exige que também se empregue outro artigo antes de macarronada, acarretando desse modo o surgimento do fenômeno da crase.)
Prefiro o cinema ao teatro.
Preferimos estudar a não fazer nada.

Observação: O uso da expressão "do que" no lugar da preposição "a" é incorreto. TAMBÉM NÃO SE DEVE EMPREGAR ESTE VERBO COM OS ADVÉRBIOS "mais" e "antes". Assim, é errado dizer: "Eu prefiro jogar bola do que estudar"; "Eu prefiro mais esta camisa que aquela"; "Eu prefiro antes tomar banho e depois jantar".

- PREVENIR (ver **AVISAR**)

- PROCEDER
Significando "iniciar, executar alguma coisa", pede objeto indireto com a preposição "a".
Exemplos:
O juiz procedeu ao julgamento.
Eles procederam à entrega dos prêmios.

Com o sentido de "vir, ter uma procedência", é intransitivo; geralmente acompanhado de um adjunto adverbial de lugar.
Exemplo:
Aquele avião procedia de São Paulo.

Significando "ter um determinado procedimento", também é intransitivo e, normalmente, pode vir acompanhado de um adjunto adverbial de modo.
Exemplo:
Naquele caso, o advogado procedeu corretamente.

Com o significado de "ter fundamento", é intransitivo.
Exemplo:
Esta sua denúncia não procede.

- PROPOR
Pede objeto direto e indireto.
Exemplos:
Eu proponho a vocês formarmos um grupo de debates permanente.
Nós lhe propomos um acordo irrecusável.

- QUERER
Pede objeto direto quando significa "ter intenção de, desejar, ordenar, fazer o favor de".
Exemplos:
Queremos fazer uma homenagem ao nosso professor.
Quero um livro que fale sobre esoterismo.
O sargento queria todos os soldados a postos.

Com o sentido de "ter afeição a alguém ou a alguma coisa", pede objeto indireto.
Exemplos:
Queremos muito a nosso país.
A mãe queria especialmente ao filho caçula.
Eu lhe quero muito bem.

- REPARAR
No sentido de observar, pede objeto indireto (reparar em).
Exemplo:
Fernando reparava nas roupas de Carolina sempre que ela entrava na sala de aula.

Quando o verbo reparar for usado no sentido de "consertar", é TRANSITIVO DIRETO, e seu complemento (objeto direto) não precisa de preposição.
Exemplo:
Carlos reparou o carro para ir a Teresópolis.

- RESIGNAR
Com o significado de "renunciar, desistir", pede objeto direto.
Exemplo:
Jorge resignou o cargo de diretor.

Significando "conformar-se", é pronominal.
Exemplos:
Por acreditar na Justiça Divina, resigno-me com minhas dores.
Resignou-se às tarefas que lhe foram dadas.

- RESPONDER
Pede objeto indireto de pessoa ou coisa a que se responde, e objeto direto do que se responde.
Exemplos:
Isabel respondeu sim ao pedido de casamento de Luiz.
Vou responder-lhe todas as cartas.
O acusado responderá a inquérito.

Observações:
1. Com o significado de "ser submetido a", o emprego do artigo definido é facultativo.
Exemplos:
Ele responderá a inquérito (a inquéritos)
Ele responderá ao inquérito (aos inquéritos)

2. Este verbo também admite voz passiva analítica, desde que o sujeito seja aquilo, e não aquele a que se responde. Ex.: "Todas as perguntas foram respondidas satisfatoriamente.

- SATISFAZER
Pede objeto indireto.
Exemplos:
Satisfaremos ao seu pedido.
Eu lhe satisfaço.

É pronominal no sentido de "contentar-se".
Exemplo:
Satisfez-se com os resultados das provas.

- SOCORRER
Significando "prestar socorro a alguém", pede objeto direto.
Exemplos:
Todos correram para socorrer o pedestre atropelado.
Todos correram para socorrê-lo.

No sentido de "valer-se de alguém, tirar proveito de alguma coisa", pede objeto indireto, iniciado pelas preposições "a" ou "de".
Exemplos:
Socorro-me dos amigos nas dificuldades.
Socorreu-se ao (do) empréstimo para comprar o carro.

- SUCEDER
Pede objeto indireto quando significar "substituir, ser o sucessor de".
Exemplos:
D. Pedro I sucedeu a D. João VI.
Eu lhe sucedi na presidência do grêmio estudantil.

É também pronominal no sentido de "acontecer depois, seguir-se".
Exemplo:
O que se sucedeu ao acidente, ninguém sabe.

Observação: Neste último sentido, o verbo apresenta-se defectivo, sendo conjugado apenas na terceira pessoa do singular e do plural.

- VISAR
Significando "mirar, fazer pontaria, pôr visto em, assinar", pede objeto direto.
Exemplos:
Ele visa o alvo.
Ana não visou o cheque ao fazer aquela compra.
O presidente visaria o documento somente depois que o lesse.

Pede objeto indireto quando significa "pretender, almejar".
Exemplo:
Aquele funcionário visava ao cargo de chefia.

Observação: Aqui também não é aceito o pronome "lhe" como complemento, empregando-se assim as formas "a ele" e "a ela".

SENTIDOS ESPECIAIS DE FRASES COM FORMAÇÕES DIFERENTES.

1. Ele esteve fora dois meses.
Ele esteve fora por dois meses. (idéia reforçada de ininterrupção)

2. Esperar alguém.
Esperar por alguém (idéia de ansiedade)

3. Olhar alguém.
Olhar por alguém. (idéia de zelar, interessar-se)

4. Não faças bobagens.
Não me faças bobagens. (Reforço de interesse)

XX. VERBO

1. EMPREGO DO INFINITIVO.

INFINITIVO IMPESSOAL (INVARIÁVEL).
O infinitivo não deve ser flexionado:

1. Quando apresenta uma idéia vaga, genérica, sem se referir a um sujeito determinado.

Exemplos:
VIVER é LUTAR.
QUERER é PODER.
FUMAR prejudica a saúde.
É proibido COLAR cartazes neste muro.
É preciso LUTAR contra as drogas.
Vale a pena TER fé e esperança sempre.

2. Quando tiver o valor de Imperativo.

Exemplos:
ESCREVER o nome três vezes! (= ESCREVA!)
DIREITA VOLVER! (= VOLVEI!)
SOLDADOS, MARCHAR! (= MARCHAI!)

3. Quando vier como complemento de adjetivo (complemento nominal).

Exemplos:
Esta fruta é fácil de DESCASCAR.
Este vinho é bom de BEBER.
Estamos desejosos de ALCANÇAR a vitória.
Conheci muitas pessoas ávidas por APRENDER.
Eram pessoas difíceis de CONTENTAR.
Aqueles remédios são ruins de TOMAR.
Os CDs que você me emprestou são agradáveis de OUVIR.

No entanto, na voz passiva dos verbos **CONTENTAR, TOMAR** e **OUVIR,** por exemplo, o Infinitivo (verbo auxiliar) deve ser flexionado.

Exemplos:
Eram pessoas difíceis de SEREM contentadas.
Aqueles remédios são ruins de SEREM tomados.
Os CDs que você me emprestou são agradáveis de SEREM ouvidos.

4. Nas locuções verbais.

Exemplos:
Queremos ACORDAR bem cedo amanhã.
Eles não podiam RECLAMAR do colégio.
Elas sabem DESENHAR muito bem.

5. Quando o sujeito do infinitivo é o mesmo do verbo da oração anterior.

Exemplos:
Os estudantes fizeram o possível para conseguir a saída do reitor.
Os ladrões usaram explosivos para abrir o cofre do banco.
Eles foram condenados a pagar pesadas multas.
Aquelas máquinas foram feitas para costurar calças de brim.
Trabalhemos em vez de RECLAMAR.
Devemos SORRIR ao invés de CHORAR.
Tenho ainda alguns livros por (para) PUBLICAR.
Existem muitas contas por (para) PAGAR.

Observação: Quando o infinitivo preposicionado, ou não, preceder ou estiver distante do verbo da oração principal (verbo regente), pode ser flexionado para melhor clareza do período e também para se enfatizar o sujeito (agente) da ação verbal.

Exemplos:
Para se aquecerem, os meninos dormiam juntinhos.
Na esperança de sermos atendidos, muito lhe agradecemos.
Foram dois amigos à casa de outro, em Minas Gerais, a fim de jogarem futebol.
Para ESTUDARMOS, estaremos sempre dispostos.
Antes de NASCEREM, já estão condenadas à fome muitas crianças.
Apesar de ESTARMOS com sede, não bebemos daquela água.
Depois de FICAREM em pé por mais de cinco horas, eles desistiram do show.
Além de INCOMODARES a todos, não ajudas a ninguém.

6. Quando o infinitivo é empregado numa oração reduzida que complementa um verbo auxiliar causativo (deixar, mandar, fazer e sinônimos) ou sensitivo (ver, sentir, ouvir, perceber e sinônimos) e tem como sujeito um pronome oblíquo.

Exemplos:
Deixei-os sair cedo hoje.
Deixaram-nos sair.
"Não nos deixeis cair em tentação."
Faça-os ficar.
Não os vi entrar.
Ouvi-as dizer que não iriam à festa.

Observação: A flexão do infinitivo é optativa quando a oração reduzida que complementa um auxiliar causativo ou sensitivo apresentar como sujeito um substantivo.

Exemplos:
Deixe os torcedores assistir (ou assistirem) ao treino.
"Deixai vir (ou virem) a mim as criancinhas!"
O sargento mandou os soldados sair (ou saírem) do pátio.
Mande os meninos entrar. (ou entrarem)
Ouvi os pássaros cantar. (ou cantarem)

Outras observações:

A) É inadequado o emprego da preposição **"para"** antes dos objetos diretos de verbos como **PEDIR, DIZER, FALAR** e sinônimos.

Exemplos:
Pediu para Carlos entrar (errado)
Pediu para que Carlos entrasse (errado)
Pediu que Carlos entrasse (correto)

B) Quando a preposição **"para"** estiver regendo um verbo como na oração "Este trabalho é PARA EU FAZER", pede-se o emprego do pronome pessoal **"eu",** que se revela, neste caso, como sujeito.

Outros exemplos:
Aquele exercício era para eu corrigir.
Esta salada é para eu comer?
Ela me deu um relógio para eu consertar.

C) Já na oração "Esta carta é PARA MIM!", a preposição está ligada somente ao pronome que deve se apresentar oblíquo tônico.

INFINITIVO PESSOAL (FLEXIONADO).
O infinitivo deve ser flexionado nos seguintes casos:

1. Quando o sujeito da oração estiver claramente expresso.

Exemplos:
Se tu não perceberes isto...
Convém vocês IREM primeiro.
O bom é sempre lembrarmos desta regra (sujeito desinencial, sujeito implícito = NÓS)

2. Quando tiver sujeito diferente daquele da oração principal.

Exemplos:
O professor deu um prazo de cinco dias para os alunos ESTUDAREM bastante para a prova.
Perdôo-te por me TRAIRES.
O estudante fez o possível para os professores perdoarem suas faltas.
O hotel preparou tudo para os turistas ficarem à vontade.
O guarda fez sinal para os motoristas pararem.
Conseguimos uma casa para eles passarem a lua-de-mel.
O hospital não oferecia condições para os pacientes ficarem internados por muito tempo.

3. Quando se quiser indeterminar o sujeito (utilizado na terceira pessoa do plural).

Exemplos:
Faço isso para não me ACHAREM inútil.
Temos de agir assim para nos PROMOVEREM.
Ela não sai sozinHa à noite a fim de não FALAREM mal da sua conduta.

4. Quando apresentar reciprocidade ou reflexibilidade de ação.

Exemplos:
Vi os alunos ABRAÇAREM-SE alegremente.
Fizemos os adversários SE CUMPRIMENTAREM com gentileza.
Mandei as meninas OLHAREM-SE no espelho.
Deixem os namorados BEIJAREM-SE como quiserem.

Nota: Como se pode observar, a escolha do Infinitivo Flexionado é feita sempre que se quer enfatizar o agente (sujeito) da ação expressa pelo verbo.

DICAS

- Se o infinitivo de um verbo for escrito com **"j",** esse **"j"** aparecerá em todas as outras formas.

Exemplos:
INFINITIVO / OUTRAS FORMAS
Enferrujar / enferrujou, enferrujaria, enferrujem, enferrujarão, enferrujassem, etc.
(Lembre, contudo, que o substantivo ferrugem é grafado com "g".)

Viajar / viajou, viajaria, viajem (3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo, não confundir com o substantivo VIAGEM) viajarão, viajasses, etc.

- Quando o verbo tem o infinitivo com **"g",** como em **"dirigir"** e **"agir"** este **"g"** deverá ser trocado por um **"j"** apenas na primeira pessoa do presente do indicativo.

Exemplos:
eu dirijo / eu ajo

2. EMPREGO DO PARTICÍPIO.

Emprega-se a forma regular do particípio (terminada em **ADO** ou **IDO**) na voz ativa, formando os tempos compostos com os auxiliares **TER** ou **HAVER**. Já a forma irregular (tendo diversas terminações) é utilizada na voz passiva, ao lado dos auxiliares **SER, ESTAR** ou **FICAR.**

Exemplos:
Corri atrás de Paulo, mas ele já TINHA PEGADO o ônibus.
O ladrão FOI PEGO em flagrante.
Ela me contou que HAVIA ENTREGADO minha carta em mãos.
O pacote FOI ENTREGUE na hora certa pelo Correio.

Observações:

1) No caso de um verbo possuir um só particípio, este poderá ser empregado com qualquer auxiliar.

Exemplos:

Tinha feito, havia feito, está feito, foi feito, tinha aberto, havia aberto, está aberto, foi aberto;

2) Na língua clássica, não há registro da forma "pego" como particípio do verbo **PEGAR**, encontrando-se apenas a forma "pegado", com qualquer auxiliar. No entanto, na chamada língua moderna, parece não haver problema no emprego da forma "pego", com os verbos **SER** e **ESTAR** como auxiliares.

Exemplos:

O ladrão foi pego/está pego.

3) Quanto aos particípios dos verbos **"ganhar"** (ganhado/ganho), **"gastar"** (gastado/gasto) e "**pagar"** (pagado/pago), existem duas opções PARA O SEU EMPREGO: ou você segue a regra acima, usando o particípio regular com **TER e HAVER** (tinha/havia ganhado, tinha/havia gastado, tinha/havia pagado), e o particípio irregular com **SER** e **ESTAR** (foi/está ganho, foi/está gasto, foi/está pago); ou, então, você se vale da Língua moderna para usar sempre o particípio irregular com qualquer auxiliar: tinha/havia ganho, tinha/havia gasto, tinha/havia pago.

LISTA DE ALGUNS VERBOS QUE TÊM DOIS PARTICÍPIOS:

Aceitar	(aceitado e aceito);
Eleger	(elegido e eleito);
Entregar	(entregado e entregue);
Expulsar	(expulsado e expulso);
Extinguir	(extinguido e extinto);
Prender	(prendido e preso);
Salvar	(salvado e salvo);
Soltar	(soltado e solto);
Suspender	(suspendido e suspenso).

ALGUNS VERBOS QUE POSSUEM APENAS UM PARTICÍPIO:

Abrir / aberto
Beber / bebido
Cancelar / cancelado
Chegar / chegado
Escrever / escrito
Esquecer / esquecido
Estudar / estudado
Fazer / feito
Permitir / permitido
Trazer / trazido

3. FLEXÃO VERBAL.

TEMPOS E MODOS.

PRESENTE DO INDICATIVO.

O **MODO INDICATIVO** serve para expressar ações definidas, reais. O **TEMPO PRESENTE**, normalmente, exprime as ações que acontecem no momento em que se fala. Entretanto, este tempo verbal pode ser também empregado em outras circunstâncias.

➔ **PRESENTE MOMENTÂNEO:**
"Não percamos de vista o ardente Sílvio que lá vai, que desce e sobe, escorrega e salta." - M. Assis. (Fato atual, que se dá no momento em que se fala; o narrador, aqui, está presenciando as ações do personagem)

➔ **PRESENTE DURATIVO:**
"A Igreja condena a pílula anticoncepcional e a Ciência a aprova." (Ações ou estados considerados permanentes)

➔ **PRESENTE HABITUAL ou FREQÜENTATIVO:**
"Aqueles jovens estudam na mesma escola."

➔ **PRESENTE HISTÓRICO ou NARRATIVO:**
"Procuram-se e acham-se. Enfim, Sílvio achou Sílvia; viram-se, caíram nos braços um do outro, ofegantes de canseira, mas remidos com a paga. Unem-se, entrelaçam os braços e regressam palpitando da inconsciência para a consciência." - M. Assis. (Verbos no presente para dar mais vivacidade às ações acontecidas no passado)

➔ **PRESENTE COM SENTIDO DE FUTURO MUITO PRÓXIMO:**
"Vou arrumar as malas e, amanhã, embarco para a Europa."
"Vou à Roma, depois sigo para Londres."
(Para se evitar qualquer tipo de ambigüidade, deve-se usar advérbios de tempo que exprimem futuro, junto ao verbo no presente)

IMPERATIVO.

Sendo por excelência o modo que exprime "ordens e mandamentos", o Imperativo também pode expressar outros sentimentos, intenções e interesses do ser humano.
Exemplos:
Saia daqui! (ordem)
Partamos antes que seja tarde. (conselho)
Não se preocupe com isso. (conselho expresso pelo Imperativo Negativo)
Venha a nossa casa hoje à noite. (convite)
Não deixem de comparecer à festa. (convite expresso pelo Imperativo Negativo)

Por favor, espere por mim!
"Perdoai as nossas ofensas..."
"Livrai-nos do mal." (súplicas)
"Não nos deixeis cair em tentação..." (súplica expressa pelo Imperativo Negativo)

O modo Imperativo Afirmativo é formado da seguinte maneira: tu e vós do Presente do Indicativo, sem o s final, e as demais pessoas (você/ele, nós, vocês/eles) do Presente do Subjuntivo. Já o imperativo negativo é formado com todas as pessoas deste tempo. Não se usa a primeira pessoa do singular em ambos os casos.

O sistema de conjugação dos imperativos vale para todos os verbos da língua portuguesa, com exceção do verbo ser. Este verbo só não segue a regra nas duas segundas pessoas do imperativo afirmativo: sê (tu) e sede (vós), esta lida com o primeiro "e" fechado, do mesmo jeito que se lê a palavra que significa vontade de beber.
Exemplo:
"Para ser grande, sê inteiro: nada teu exagera ou exclui. Sê todo em cada coisa. Põe quanto és no mínimo que fazes." (Fernando Pessoa, sob o heterônimo de Ricardo Reis)

MODO SUBJUNTIVO.

Modo que se caracteriza por expressar ações e fatos hipotéticos, isto é, tudo aquilo que está no campo de nossos desejos, de nossas aspirações. É o modo das orações subordinadas por excelência.

TEMPOS:

➔ **Presente.**
Este tempo pode expressar ações tanto no presente quanto no futuro.
Exemplos:
Duvido que ele SEJA rico. (ação presente)
É bom que você VOLTE amanhã. (ação futura)

Observação: A primeira pessoa do singular do presente do indicativo dá origem ao presente do subjuntivo.

Exemplos:
"Eu vejo" dá origem a "que eu veja"; "eu ouço" dá origem a "que eu ouça"; "eu digo" dá origem a "que eu diga". Se a primeira do singular do presente do indicativo é nula, como nos verbos defectivos, todo o presente do subjuntivo é nulo.

➔ **Imperfeito.**

Embora esta seja uma forma do tempo pretérito, pode também expressar fatos no presente e no futuro.

Exemplos:

Fosse verdade o que dizes, e todos estariam felizes. (a correlação com a forma verbal "dizes" dá à forma "fosse" um aspecto também de presente)

Chovesse ou fizesse sol, ele ia ao trabalho.

Pediu-lhe que voltasse na próxima semana. (a expressão adverbial "na próxima semana" traz um matiz de futuro à oração)

➔ **Pretérito.**

Forma verbal sempre no tempo composto, formado pelo auxiliar TER no presente do subjuntivo, acrescido do particípio passado do verbo principal.

Exemplos:

Acredito que ele TENHA PASSADO no exame. (fato passado, supostamente concluído)

Espero que ela TENHA ARRUMADO tudo antes de eu chegar. (fato passado, supostamente terminado antes de outro fato no futuro acontecer)

➔ **Pretérito mais-que-perfeito.**

Também um tempo composto, formado por um auxiliar no Imperfeito do subjuntivo e um verbo principal no particípio passado.

Exemplos:

Não esperava que ela TIVESSE CHEGADO aqui antes de mim. (ação concluída eventualmente antes de outra, ambas no passado)

TIVESSE CHEGADO antes, e o prêmio seria seu. (ação hipotética, ocorrida no passado)

➔ **Futuro (simples).**

Pode ser empregado nas orações adverbiais ou adjetivas.

Exemplos:

SE QUISER, irei vê-lo. (idéia de eventualidade no futuro)

Trarei presentes aos que me ENCOMENDAREM.

_

➔ **Futuro (composto).**

Formado do verbo auxiliar no futuro simples e o particípio passado do verbo principal.

Exemplos:

Quando TIVER ENCONTRADO a resposta, revelarei a todos. (fato futuro eventualmente terminado em relação a outro também no futuro)

4. FORMAÇÃO DO FUTURO DO SUBJUNTIVO.

O futuro do subjuntivo indica um futuro hipotético. É usado principalmente em orações condicionais **(se...)** e temporais **(quando...).** Deriva-se da terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo (troca-se a terminação **"ram"** por **"r").**

Fazer:	Eles fize(-ram) _ fize(+r)	= se eu fizer... / quando eu fizer...;
Trazer:	Eles trouxe(-ram) _ trouxe(+r)	= se eu trouxer... / quando eu trouxer...;
Querer:	Eles quise(-ram) _ quise(+r)	= se eu quiser... / quando eu quiser...;
Dizer:	Eles disse(-ram) _ disse(+r)	= se eu disser... / quando eu disser...;
Pôr:	Eles puse(-ram) _ puse(+r)	= se eu puser... / quando eu puser...;
Ser e Ir:	Eles fo(-ram) _ fo(+r)	= se eu for... / quando eu for...;
Vir:	Eles vie(-ram) _ vie(+r)	= se eu vier... / quando eu vier;
Ver:	Eles vi(-ram) _ vi(+r)	= se eu vir... / quando eu vir...

É por isso que o futuro do subjuntivo do verbo ver fica: "se eu vir o filme"; "quando você vir o resultado do teste"; "quando nos virmos novamente"; "se vocês virem a verdade"...

5. VERBOS ANÔMALOS.

São chamados de **anômalos** os verbos de grandes irregularidades nos seus radicais, que são formados a partir de diferentes verbos.

Verbo **SER** (originário das formas latinas "sedere" e "esse"): sou, és, é, somos, sois, são.

Verbo **IR** (originário das formas latinas "ire", "vadere" e "fugere"): vou, vais, vá... irei, irás, irá... fui, foste, foi...

Observação: Os verbos SER e IR são iguais nos pretéritos Perfeito e Mais-que-Perfeito do Indicativo; no Imperfeito e no Futuro do Subjuntivo.

6. VERBOS DEFECTIVOS.

VERBO DEFECTIVO é aquele de conjugação incompleta, ou seja, aquele que não tem todas as formas.
Exemplos:
➔ Verbo **ABOLIR.**
O presente do indicativo começa na segunda pessoa do singular:
tu aboles, ele abole, nós abolimos, vós abolis, eles abolem.

➔ Verbos **ADEQUAR, FALIR** e **REAVER.**
No presente do indicativo, só é conjugado em duas formas:

Nós adequamos / Nós falimos / Nós reavemos / Vós adequais / Vós falis / Vós reaveis.

Para a maioria dos estudiosos não existe a forma **"adeqúo".** A solução é substituir por um verbo sinônimo ou expressão equivalente: em vez de "eu me adeqúo à atual situação", poderia ser "eu já estou adequado à atual situação" ou "estou me adequando à atual situação".

Assim, também não existem as formas **"eu reavejo ou reavenho**". A solução, aqui, é **"eu estou reavendo"** ou substituir por um sinônimo: **"eu recupero".**

Como **"reaver"** é derivado do verbo **"haver",** lembre-se desta relação: ele houve / ele reouve; nós houvemos / nós reouvemos; eles houveram / eles reouveram; se eu houvesse / se eu reouvesse; quando ele houver / quando ele reouver.

➔ Verbo **VIGER** (estar em vigor, vigorar).
Só é conjugado nas formas que ao **"g"** segue-se **"e". Exemplos:** vige, vigem, vigendo, etc.
Outros verbos:
Carpir, explodir, feder, colorir, demolir, extorquir e banir.

➔ Verbo **PRECAVER.**
Como esse verbo normalmente é pronominal, as formas do presente do indicativo acabam sendo "nós nos precavemos, vós vos precaveis".

Assim, não existem as formas "**precavenho, precavejo, precavenha e precavenham**", como se costuma ouvir no dia-a-dia.

Os verbos defectivos não são incompletos nos pretéritos e nos futuros. Nesses tempos, portanto, o verbo precaver é conjugado em todas as formas: eu me precavi, ele se precaveu, eles se precaveram, se eu me precavesse, se ele se precavesse, se eles se precavessem, etc.

7. VERBOS TERMINADOS EM "EAR".

Os verbos terminados em **"ear"** apresentam, no presente do indicativo, as terminações: **eio, eias, eia, eamos, eais, eiam.**
Exemplo:
FREAR.
Eu freio, tu freias, ele freia, nós freamos, vós freais, eles freiam.

No presente do subjuntivo, as terminações dos verbos terminados em **"ear"** são: **eie, eies, eie, eemos, eeis, eiem.**
Exemplo:
PASSEAR.
É preciso que eu passeie, tu passeies, ele passeie, nós passeemos, vós passeeis, eles passeiem.

E no pretérito perfeito, as terminações são: eei, easte, eou, eamos, eastes, earam.
Exemplo:
PENTEAR.
Eu penteei, tu penteaste, ele penteou, nós penteamos, vós penteastes, eles pentearam.

8. VERBOS TERMINADOS EM "IAR".

Os verbos terminados em **"iar"** são (quase todos) regulares, ou seja, apresentam as terminações consideradas normais: **io, ias, ia, iamos, iais, iam.**
Exemplo:
ANUNCIAR (Presente do Indicativo).
Anuncio, anuncias, anuncia, anunciamos, anunciais, anunciam.

Desta mesma forma, conjugam-se os verbos denunciar, reverenciar, policiar, noticiar, adiar, premiar, variar, etc.; como também o verbo maquiar (originário da forma francesa "maquiller") que normalmente confunde muita gente.
Exemplo:
Eu me maquio, tu te maquias, ele (ela) se maquia, nós nos maquiamos, vós vos maquiais, eles (elas) se maquiam.

Observação: Este verbo possui a forma variante "maquilar", que no presente do indicativo se conjuga: maquilo, maquilas, maquila, maquilamos, maquilais, maquilam.

9. VERBOS IRREGULARES TERMINADOS EM "IAR".

São eles: **MEDIAR, ANSIAR, REMEDIAR, INCENDIAR, ODIAR** (guarde as iniciais de cada verbo que formam a palavra MARIO), além de **INTERMEDIAR**.

Para o presente do indicativo, as terminações são: **eio, eias, eia, iamos, iais, eiam**.
Exemplos:
Eu incendeio, tu incendeias, ele incendeia, nós incendiamos, vós incendiais, eles incendeiam.
Eu anseio, tu anseias, ele anseia, nós ansiamos, vós ansiais, eles anseiam.

No presente do subjuntivo, as terminações destes verbos são: **eie, eies, eie, iemos, ieis, eiem.**
Exemplos:
"Ela quer que eu incendeie tudo."
"Espero que você medeie a discussão."

"Faço questão de que eles remedeiem o mal causado."
"Será necessário que alguém intermedeie a negociação."

10. VERBOS UNIPESSOAIS.

São aqueles que só podem ser conjugados na terceira pessoa do singular ou do plural.
Exemplos:
Verbos **OCORRER, ACONTECER** e que **expressem vozes de animais** (CACAREJAR, MIAR, LATIR, etc.).
Ocorreu um acidente de carro em frente ao meu edifício.
Ocorreram tumultos na manifestação de ontem no centro da cidade.
Acontecerá uma festa no clube.
Coisas boas acontecem de repente.
Aquele gato preto miou a noite inteira.

Outros tipos de verbos unipessoais são os chamados **VERBOS IMPESSOAIS** que não possuem sujeito e, por isso, convencionou-se conjugá-los na terceira pessoa do singular.

Assim temos:

➔ **Verbos que expressam fenômenos da natureza.**
Exemplos:
Choveu muito ontem à noite, mas amanhecerá com sol, disse a Meteorologia.
Relampejou e trovejou durante duas horas.

➔ **Verbo FAZER, indicando temperatura ou tempo decorrido (horas, dias, meses, anos, etc.).**
Exemplos:
Fez muito calor no domingo.
Faz dois anos que não a vejo.

➔ **Verbo HAVER com sentido de EXISTIR ou OCORRER.**
Exemplos:
Houve momentos de muita emoção durante a viagem.
Havia muitas dúvidas com a nova lei.
Haverá muitos interessados em sua casa, caso a venda.
Nunca houve grandes desavenças entre mim e Clara.

Observação: É incorreto empregar-SE o verbo TER com o sentido de EXISTIR, sendo, neste caso, indicado utilizar-se o verbo HAVER.

Exemplos:
Não tem ninguém na sala de aula. (errado)
Não há ninguém na sala de aula. (certo)
Tinham muitos candidatos para aquele concurso. (errado)
Havia muitos candidatos para aquele concurso. (certo)

O verbo **HAVER** também pode ser usado como sinônimo de **FAZER**, na indicação de tempo transcorrido, de intervalo entre dois fatos. Neste caso, os dois se comportam do mesmo modo, isto é, sem variação.
Exemplos:
Moro aqui há dez anos; equivalente a "Moro aqui faz (e não 'fazem') dez anos.

Assim, quando se usa o verbo **HAVER** para indicar idéia de tempo transcorrido, isso quer dizer que o tempo já transcorreu, já passou. Desta feita, não é necessário empregar a palavra "atrás" em frases como "Eu estive em Paris há vinte anos atrás". Isto é redundante como "Entrei para dentro", ou "Saí para fora". Assim como basta dizer "Entrei", ou "Saí", basta dizer "Estive em Paris há vinte anos".

Vejamos alguns dos vários significados do verbo **HAVER.**

1. Como sinônimo de "comportar-se", "sair-se";
Exemplos:
Apesar de ter bebido muito, Miguel não se houve mal na festa.
Os alunos não se houveram bem na prova.

2. Com o significado de "obter", "conseguir";
Exemplos:
Apesar de tudo, elas não houveram o perdão do pai.
Só com muito trabalho eu haverei o sucesso.

3. Com o sentido de "julgar", "considerar";
Exemplo:
O juiz houve por bem anular o julgamento.

4. Com a significação de "entender-se".
Exemplo: Um dia ela terá que haver-se comigo.
Esse verbo pode, ainda, ser empregado como auxiliar na formação dos chamados tempos compostos.
Exemplos:
Haveríamos feito o trabalho se não fosse a chuva.
Ela havia procurado o médico por todo o hospital.

O verbo **HAVER** cabe ainda em expressões como "Hei de conseguir", "Você há de vencer", etc.

CURIOSIDADE:
Consultando os dicionários, poderemos constatar que o verbo **HAVER** traz ainda o significado de "possuir", o qual, no entanto, já caiu em desuso.
Exemplos:
Embora já houvesse (possuísse) numerosa família, ainda sustentava cinco cães e quatro gatos.
Eu hei (possuo) um belo automóvel.

Todavia, na formação de REAVER , o verbo HAVER conserva o sentido de "possuir", já que reaver é "haver de novo", "possuir outra vez".

11. CURIOSIDADES SOBRE ALGUNS VERBOS.

O verbo **"preterir",** que significa "deixar de parte, desprezar, rejeitar", é conjugado como tantos verbos portugueses que terminam em **"erir"** (ferir, conferir, preferir, aderir).
Exemplos:
Eu firo, eu confiro, eu prefiro, eu adiro, eu pretiro.
Lembre-se de que "preterir" é antônimo de "preferir". Se alguém deve escolher para morar entre o Rio de Janeiro e São Paulo e prefere o Rio, acaba preterindo a cidade de São Paulo.

Há ou Havia ?
Qual é a forma correta?
"Ela estava em cena Há mais de uma hora."
ou
"Ela estava em cena havia mais de uma hora."

Segundo o princípio da correspondência dos tempos verbais, devemos dizer que "ela estava em cena havia mais de uma hora", porque o verbo que acompanha a forma "havia" está no pretérito imperfeito (=estava, fazia, era). Assim também se daria se estivesse no pretérito mais-que-perfeito (=estivera, fizera, soubera, tinha estado, havia feito).

Em caso de dúvida, podemos usar o seguinte "macete": substituir o verbo " haver " pelo " fazer ". Se o resultado da troca for " fazia " (e não " faz "), use " havia " (e não " há ").
Exemplos:
" Estava sem comer havia (=fazia) três dias."
" Havia (=fazia) dez anos que o clube não era campeão."
"Ela estivera naquela cidade havia (=fazia) muito tempo."
É importante observar que a ação se encerrou. A forma há (=faz) indica que a ação verbal prossegue. Veja a diferença:

" Havia dez anos que o clube não era campeão."
(=o clube acabou de ganhar o campeonato);

" HÁ dez anos que o clube não é campeão."
(=o clube continua sem ganhar o campeonato).

COMO É CORRETO DIZER?
"Ele disse que chegaria cedo, mas chegou às 5h";
ou
"Ele tinha dito que chegaria cedo, mas chegou às 5h".

A diferença entre disse e tinha dito é o tempo verbal: disse está no pretérito perfeito e tinha dito, no pretérito mais-que-perfeito do indicativo.

O pretérito perfeito indica uma ação concluída no passado: "Ele disse, saiu, fez..."; o pretérito mais-que-perfeito indica uma ação anterior a outra ação que já está no passado: "Quando eu cheguei (pretérito perfeito = ação já passada), ele já tinha dito ou dissera ou havia dito, tinha saído ou saíra ou havia saído, tinha feito ou fizera ou havia feito (pretérito mais-que-perfeito = ação anterior à ação já passada)".

Assim sendo, a frase correta é: "Ele tinha dito que chegaria cedo, mas chegou às 5h". A ação de "dizer" é anterior a ação de "chegar". O pretérito mais-que-perfeito é o passado do passado.

O verbo **"argüir"** não é defectivo. A primeira pessoa do singular do presente do indicativo é "eu arguo". O detalhe é que não há acento agudo na vogal "u", embora a sílaba tônica seja a penúltima (="gu"). Devemos pronunciar e escrever "arguo".

O VERBO **SOER**
Você já ouviu alguém dizer "como sói acontecer"? "Ele chegou atrasado, como sói acontecer." A frase é erudita, e você precisa conhecê-la. "Sói" é a terceira pessoa do singular do presente do indicativo do verbo "soer". E o que significa "soer"? Vamos aos dicionários: "ser comum, freqüente; ocorrer geralmente; costumar". Então "sói" significa "é comum", "ocorre geralmente": "Ele chegou atrasado, como é comum acontecer."

GRAMÁTICA COMPLETA DA LÍNGUA PORTUGUESA

Resumo de Português

Assunto:

GRAMÁTICA COMPLETA DA LÍNGUA PORTUGUESA

Autor:

CARLOS ALBERTO SUZAM BAPTISTA

I. ACENTUAÇÃO GRÁFICA

A Acentuação Gráfica tem como pré-requisito o conhecimento da pronúncia dos vocábulos em que fica claro a presença do acento tônico.

Desse modo, podemos aplicar, de início, uma regra geral que já facilita o emprego do acento gráfico.

REGRA GERAL: Acentuam-se graficamente aqueles vocábulos que sem acento poderiam ser lidos ou então interpretados de outra forma.

Exemplos: secretária/secretaria - ambrósia/ambrosia - sábia/sabia/sabiá

DICAS PARA UMA CONSULTA RÁPIDA

Se você tem alguma dúvida sobre a acentuação gráfica de uma palavra, siga as seguintes etapas:

1. Pronuncie a palavra bem devagar, procurando sentir onde se localiza o seu acento tônico, isto é, a sua sílaba mais forte.

2. Se a sílaba tônica estiver na última sílaba da palavra, esta será considerada uma palavra **OXÍTONA**; exemplos: caPUZ, uruBU, aMOR, etc.

3. Já se a sílaba tônica cair na penúltima sílaba, a palavra será **PAROXÍTONA**; exemplos: CAsa, cerTEza, GAlo, coRAgem, etc.

4. Por fim, estando a sílaba tônica na antepenúltima sílaba da palavra, esta se denominará **PROPAROXÍTONA**; exemplos: arquiPÉlago, reLÂMpago, CÔNcavo, etc.

5. Classificada a palavra quanto à posição de sua sílaba tônica, procure então nas regras abaixo se ela deverá receber um acento gráfico ou não, para a sua correta representação.

REGRAS BÁSICAS

➔ Devem ser acentuados os **MONOSSÍLABOS** (palavras de uma só sílaba) **TÔNICOS** terminados em **"a", "e", "o"**, seguidos ou não de **S**: pá, pé, nó, pás, pés, nós, etc.

Observação: Os monossílabos tônicos terminados em "z", assim como todas as outras palavras da língua portuguesa terminadas com essa mesma letra, não são acentuados: luz, giz, dez... (compare os seguintes parônimos: nós/noz, pás/paz, vês/vez).

Também os monossílabos tônicos, terminados em "i" e "u", não recebem acento gráfico: pai, vai, boi, mau, pau, etc.

OXÍTONAS

Acentuam-se as palavras oxítonas terminadas em **"a", "e", "o"**, seguidas ou não de **S**; e também com as terminações **"em"** e **"ens":** cajá, café, jiló, bebê, robô, armazém, alguém, reféns, etc.

Observações:

1. As formas verbais terminadas em **"a", "e" e "o",** seguidas dos pronomes **la(s)** ou **lo(s)** devem ser acentuadas. Exemplos: encontrá-lo, recebê-la, dispô-los, amá-lo-ia, vendê-la-ia, etc.

2. Não se acentuam as oxítonas terminadas em:

_ **az, ez, iz, oz** - capaz, tenaz, talvez, altivez, juiz, raiz, feroz...
_ **i(s)** - Anhembi, Parati, anis, barris, dividi-lo, adquiri-las...;
_ **u(s)** - caju, pitu, zebu, Caxambu, Bauru, Iguaçu, Bangu, compus...;
_ **or** - ator, diretor, detetor, condor, impor, compor, compositor...;
_ **im** - ruim, capim, assim, aipim, folhetim, boletim, espadachim...;

PAROXÍTONAS

Não são acentuadas as paroxítonas terminadas em **"a", "e", "o",** seguidas ou não de **S**; e também as finalizadas com **"em"** e **"ens":** cama, seda, flecha, rede, sede, pote, ovo, coco, bolo, garagem, ferrugem, idem, item, nuvens, imagens, viagens, etc.

São acentuadas as **paroxítonas** terminadas em:
_ **r / x / n / l** (**Dica**: Lembre-se das consoantes da palavra RouXiNoL)

Exemplos: mártir, fêmur, fácil, útil, elétron, tórax, córtex, etc.

Observação: Entretanto, palavras como PÓLEN, HÍFEN, quando no plural (POLENS, HIFENS), não recebem o acento gráfico, porque nesta forma elas são regidas pela regra anterior. A palavra HÍFEN possui ainda um outro plural que no caso é acentuado por ser proparoxítono: HÍFENES.

_ i / is
Exemplos: júri, cáqui (cor), lápis, miosótis, íris, tênis, cútis, etc.
Observação: Os prefixos paroxítonos, mesmo terminados em "i" ou "r", não são acentuados.
Exemplos: semi, anti, hiper, super, etc.

_ ã / ão (seguidas ou não de S)
Observação: O til não é considerado acento gráfico, e sim uma marca de nasalidade.
Exemplos: ímã (ímãs), órfã (órfãs), órfão (órfãos), bênção (bênçãos) etc.

_ ôo / ôos
Exemplos: vôo, enjôo, abençôo, perdôo, etc.

_ ps
Exemplos: bíceps, fórceps, etc.

_ us / um / uns
Exemplos: vírus, bônus, álbum, álbuns, etc.

_ ditongos orais, crescentes ou decrescentes, seguidos ou não de s.
Exemplos: água, mágoa, ódio, jóquei, férteis, fósseis, fôsseis, túneis, úteis, variáveis, área, série, sábio, etc.

PROPAROXÍTONAS

Todas as palavras proparoxítonas são acentuadas.

Exemplos: lâmpada, côncavo, lêvedo, pássaro, relâmpago, máscara, árabe, gótico, límpido, louvaríamos, devêssemos, pêndulo, fôlego, recôndito, cândido, etc.

REGRAS GENÉRICAS

Além dessas regras vistas acima, que se baseiam na posição da sílaba tônica e na terminação, existem outras que levam em conta aspectos específicos da sonoridade das palavras.

Assim, são acentuadas as palavras com as seguintes características:

A) Quando possuírem ditongos abertos em sílaba tônica como **"ei", "eu", "oi",** seguidos ou não de **S**.
Exemplos: anéis, geléia, céu, chapéu, herói, heróico, anzóis, etc.

Observações:
1. Atente-se que se esses ditongos abertos não estiverem na sílaba tônica da palavra, eles não serão acentuados. Exemplos: pasteiZInhos, chapeuZInho, anzoiZInhos, etc.

2. Se o ditongo apresentar timbre fechado, não haverá acento como em azeite, manteiga, judeu, hebreu, apoio, arroio, comboio, etc. Isso só vale para os ditongos **"ei", "eu"** e **"oi",** porque só com esses três ditongos pode haver a variação aberto/fechado. O ditongo **"au",** por exemplo, é sempre aberto (grau, nau, degrau, pau); por isso nunca será necessário diferenciá-lo de nada, ou seja, não será necessário acentuá-lo.

B) Quando a segunda vogal do hiato for **"i"** ou **"u"** tônicos, acompanhados ou não de **S**, haverá acento: saída, proíbo, faísca, caíste, saúva, viúva, balaústre, país, baú, Gravataí, Grajaú, juízes, raízes, etc.

Esta regra aplica-se também às formas verbais seguidas de **lo(s)** ou **la(s):** possuí-lo, distribuí-lo, substituí-lo, atraí-la, construí-los...

Observações:

1. Quando a vogal **"i"** ou a vogal **"u"** forem acompanhadas de outra letra que não seja **S**, não haverá acento: paul, Raul, cairmos, contribuinte...;

2. Se o **"i"** for seguido de **"nh",** não haverá acento como em: rainha, moinho, tainha, campainha, etc;

3. As formas verbais "possui", "sai", "cai", por exemplo, podem ou não aparecer acentuadas. Se forem a terceira pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos possuir, sair, cair, elas não levarão acento: Ele/Ela possui, sai, cai. Se, no entanto, forem a primeira pessoa do singular do pretérito perfeito, as formas serão acentuadas: Eu possuí, saí, caí.

C) Quando certas palavras possuírem as formas **"gue", "gui", "que", "qui",** onde o **"u"** é pronunciado (sem constituir, porém, um hiato) como no caso de "averigüemos, agüentar, lingüiça, seqüestro, eqüino, eqüilátero, freqüente, conseqüentemente, delinqüente, tranqüilo, tranqüilidade, qüinquagésimo, qüinqüenal, enxágüem, pingüim, argüição, ambigüidade", esse **U**, que é átono, receberá o trema. No entanto, quando o **U** for tônico, ele levará um acento agudo como em "averigúe, argúe, obliqúe", etc.

D) Existem ainda palavras com a possibilidade de dupla pronúncia, possuindo assim dupla possibilidade de acentuação, são elas: liquidificador/liqüidificador, líquido/líqüido, liquidação /liqüidação, sanguíneo/sangüíneo, sanguinário/sangüinário, equidistante/eqüidistante, antiguidade/antigüidade, antiquíssimo/antiqüíssimo, equidade/eqüidade, equivalente/eqüivalente.

ACENTO DIFERENCIAL

Apesar deste tipo de acento ter sido abolido pela lei 5.765, de 1971, existe ainda um único caso remanescente desse tipo de acento. Trata-se das formas do verbo **PODER**, onde no presente do indicativo não recebe acento gráfico: "Ele pode estudar sozinho"; mas no pretérito perfeito é acentuada: "Ela não pôde sair ontem à noite".

Há ainda algumas palavras que recebem acento diferencial de tonicidade, ou seja, são palavras que se escrevem com as mesmas letras (homografia), mas têm oposição tônica (tônica/átona).

Exemplos:

pôr (verbo)
por (preposição)

pára (forma do verbo parar, também presente em algumas palavras compostas: pára-brisa, pára-quedas, pára-raios, pára-lama)
para (preposição)

côas, côa (formas do presente do indicativo do verbo coar)
coas, côa (preposição com + artigo a e as, respectivamente; essas formas são comuns em poesia)

péla, pélas (formas do verbo pelar, ou substantivo=bola de brinquedo)
pela, pelas (contrações de preposição e artigo)

pêlo, pêlos (substantivo)
pélo (forma do verbo pelar)
pelo, pelos (contrações de preposição e artigo)

pêra, peras (substantivo=fruta)
péra, péras (substantivo, ant.=pedra)
pera, peras (preposição arcaica)
pêro, Pêro (substantivos=maçã doce e oblonga, e denominação dada pelos índios aos portugueses nos primeiros anos da colonização)
pero (conjunção arcaica=porém, mas, ainda que)

pôla (substantivo=ramo novo de árvore)
póla (substantivo=surra)
pola (contração arcaica de preposição e artigo)

pôlo (substantivo=falcão ou gavião)
pólo substantivo=extremidade do eixo da Terra)
polo (contração arcaica de preposição e artigo)

Já o acento grave assinala a contração da preposição "a" com o artigo "a" e com os pronomes demonstrativos "aquele, aquela, aquilo".

Exemplos:
Irei à Bahia amanhã.
Assistiremos àquele filme juntos.
Ela não deu importância àquilo que você falou.

VERBOS QUE POSSUEM COMPORTAMENTO PECULIAR QUANTO À ACENTUAÇÃO GRÁFICA

Os verbos **"crer, ler** e **ver",** na terceira pessoa do singular do presente do indicativo (e o verbo **dar** no presente do subjuntivo), são monossílabos tônicos acentuados, tendo na terceira pessoa do plural o **"e"** dobrado e recebem acento no primeiro **"e".**

Exemplos:
Ela crê em Deus fervorosamente / Elas crêem em Deus fervorosamente
Ana vê televisão o dia todo / Ana e suas amigas vêem televisão o dia todo
Carlos lê jornal diariamente / Carlos e seu pai lêem jornal diariamente
Todos esperam que Bruno dê o melhor de si no próximo jogo / Todos esperam que os jogadores dêem o melhor de si no próximo jogo

Observação: O aspecto do **"e"** dobrado e do primeiro **"e"** ser acentuado na terceira pessoa do plural dos verbos mencionados acima também ocorre em seus compostos como descrer, rever, reler, etc.

Exemplos:
Eles descrêem na vida em outros planetas.
À noite, muitas pessoas revêem suas ações durante o dia.
Os escritores relêem várias vezes seus livros antes de publicá-los.

Os verbos **"vir** e **ter",** na terceira pessoa do singular, não são acentuados; entretanto, na terceira do plural recebem o acento circunflexo.

Exemplos:
João vem de Brasília amanhã.
Os deputados vêm de Brasília amanhã.
Ela tem um bom coração.
Os jovens têm a vida em suas mãos.

Observação: Atente-se, no entanto, para os compostos desses verbos que recebem um acento agudo na terceira pessoa do singular, mas continuam com o acento circunflexo na terceira do plural.

Exemplos:
O Banco Central normalmente intervém em bancos com dificuldades financeiras.
Os EUA intervêm a todo momento em assuntos que só dizem respeito a outros países.
Xuxa entretém as crianças sempre com muito carinho.
Os palhaços entretêm a platéia que se diverte a valer.

II. PRINCIPAIS SUBSTANTIVOS E SUAS FORMAS COLETIVAS

abelha	- enxame, cortiço, colméia;
abutre	- bando;
acompanhante	- comitiva, cortejo, séqüito (ou séquito);
alho	- (quando entrelaçados) réstia, enfiada, cambada;
aluno	- classe;
amigo	- (quando em assembléia) tertúlia;
animal	- (em geral) piara, pandilha, (todos de uma região) fauna, (manada de cavalgaduras) récua, récova, (de carga) tropa, (de carga, menos de 10) lote, (de raça, para reprodução) plantel, (ferozes ou selvagens) alcatéia;
anjo	- chusma, coro, falange, legião, teoria;
apetrecho	- (quando de profissionais) ferramenta, instrumental;
aplaudidor	- (quando pagos) claque;
arcabuzeiro	- batalhão, manga, regimento;
argumento	- carrada, monte, montão, multidão;
arma	- (quando tomadas dos inimigos) troféu;
arroz	- batelada;
artista	- (quando trabalham juntos) companhia, elenco;
árvore	- (quando em linha) alameda, carreira, rua, souto, (quando constituem maciço) arvoredo, bosque, (quando altas, de troncos retos a aparentar parque artificial) malhada;
asneira	- acervo, chorrilho, enfiada, monte;
asno	- manada, récova, récua;
assassino	- choldra, choldraboldra;
assistente	- assistência;
astro	- (quando reunidos a outros do mesmo grupo) constelação;
ator	- elenco;
autógrafo	- (quando em lista especial de coleção) álbum;
ave	- (quando em grande quantidade) bando, nuvem;
avião	- esquadrão, esquadra, esquadrilha;
bala	- saraiva, saraivada;
bandoleiro	- caterva, corja, horda, malta, súcia, turba;
bêbado	- corja, súcia, farândola;
boi	- boiada, abesana, armento, cingel, jugada, jugo, junta, manada, rebanho, tropa;
bomba	- bateria;
borboleta	- boana, panapaná;
botão	- (de qualquer peça de vestuário) abotoadura, (quando em fileira) carreira;
brinquedo	- choldra;
burro	- (em geral) lote, manada, récua, tropa, (quando carregado) comboio;
busto	- (quando em coleção) galeria;

cabelo	- (em geral) chumaço, guedelha, madeixa, (conforme a separação) marrafa, trança;
cabo	- cordame, cordoalha, enxárcia;
cabra	- fato, malhada, rebanho;
cadeira	- (quando dispostas em linha) carreira, fileira, linha, renque;
cálice	- baixela;
cameleiro	- caravana;
camelo	- (quando em comboio) cáfila;
caminhão	- frota;
canção	- (quando reunidas em livro) cancioneiro, (quando populares de uma região) folclore;
canhão	- bateria;
cantilena	- salsada;
cão	- adua, cainçalha, canzoada, chusma, matilha;
capim	- feixe, braçada, paveia;
cardeal	- (em geral) sacro colégio, (quando reunidos para a eleição do papa) conclave, (quando reunidos sob a direção do papa) consistório;
carneiro	- chafardel, grei, malhada, oviário, rebanho;
carro	- (quando unidos para o mesmo destino) comboio, composição, (quando em desfile) corso;
carta	- (em geral) correspondência;
casa	- (quando unidas em forma de quadrados) quarteirão, quadra;
castanha	- (quando assadas em fogueira) magusto;
cavalariano	- (de cavalaria militar) piquete;
cavaleiro	- cavalgada, cavalhada, tropel;
cavalgadura	- cáfila, manada, piara, récova, récua, tropa, tropilha;
cavalo	- manada, tropa;
cebola	- (quando entrelaçadas pelas hastes) cambada, enfiada, réstia;
cédula	- bolada, bolaço;
chave	- (quando num cordel ou argola) molho, penca;
célula	- (quando diferenciadas igualmente) tecido;
cereal	- (em geral) fartadela, fartão, fartura, (quando em feixes) meda, moréia;
cigano	- bando, cabilda, pandilha;
cliente	- clientela, freguesia;
coisa	- (em geral) coisada, coisarada, ajuntamento, chusma, coleção, cópia, enfiada, (quando antigas e em coleção ordenada) museu, (quando em lista de anotação) rol, relação, (em quantidade que se pode abranger com os braços) braçada, (quando em série) seqüência, série, seqüela, coleção, (quando reunidas e sobrepostas) monte, montão, cúmulo;
coluna	- colunata, renque;
cônego	- cabido;
copo	- baixela;
corda	- (em geral) cordoalha, (quando no mesmo liame) maço, (de navio) enxárcia, cordame, massame, cordagem;
correia	- (em geral) correame, (de montaria) apeiragem;

credor	- junta, assembléia;
crença	- (quando populares) folclore;
crente	- grei, rebanho;
depredador	- horda;
deputado	- (quando oficialmente reunidos) câmara, assembléia;
desordeiro	- caterva, corja, malta, pandilha, súcia, troça, turba;
diabo	- legião;
dinheiro	- bolada, bolaço, disparate;
disco	- discoteca;
doze	- (coisas ou animais) dúzia;
ébrio	- Ver bêbado;
égua	- Ver cavalo;
elefante	- manada;
erro	- barda;
escravo	- (quando da mesma morada) senzala, (quando para o mesmo destino) comboio, (quando aglomerados) bando;
escrito	- (quando em homenagem a homem ilustre) poliantéia, (quando literários) analectos, antologia, coletânea, crestomatia, espicilégio, florilégio, seleta;
espectador	- (em geral) assistência, auditório, platéia, (quando contratados para aplaudir) claque;
espiga	- (quando atadas) amarrilho, arregaçada, atado, atilho, braçada, fascal, feixe, gavela, lio, molho, paveia;
estaca	- (quando fincadas em forma de cerca) paliçada;
estado	- (quando unidos em nação) federação, confederação, república;
estampa	- (quando selecionadas) iconoteca, (quando explicativas) atlas;
estátua	- (quando selecionadas) galeria;
estrela	- (quando cientificamente agrupadas) constelação, (quando em quantidade) acervo, (quando em grande quantidade) miríade;
estudante	- (quando da mesma escola) classe, turma, (quando em grupo cantam ou tocam) estudantina, (quando em excursão dão concertos) tuna, (quando vivem na mesma casa) república;
fazenda	- (quando comerciáveis) sortimento;
feiticeiro	- (quando em assembléia secreta) conciliábulo;
feno	- braçada, braçado;
filme	- filmoteca, cinemoteca;
fio	- (quando dobrado) meada, mecha, (quando metálicos e reunidos em feixe) cabo;
flecha	- (quando caem do ar, em porção) saraiva, saraivada;
flor	- (quando atadas) antologia, arregaçada, braçada, fascículo, feixe, festão, capela, grinalda, ramalhete, buquê, (quando no mesmo pedúnculo) cacho;
foguete	- (quando agrupados em roda ou num travessão) girândola;
força naval	- armada;
força terrestre	- exército;
formiga	- cordão, correição, formigueiro;

frade	- (quanto ao local em que moram) comunidade, convento;
frase	- (quando desconexas) apontoado;
freguês	- clientela, freguesia;
fruta	- (quando ligadas ao mesmo pedúnculo) cacho, (quanto à totalidade das colhidas num ano) colheita, safra;
fumo	- malhada;
gafanhoto	- nuvem, praga;
garoto	- cambada, bando, chusma;
gato	- cambada, gatarrada, gataria;
gente	- (em geral) chusma, grupo, multidão, (quando indivíduos reles) magote, patuléia, poviléu;
grão	- manípulo, manelo, manhuço, manojo, manolho, maunça, mão, punhado;
graveto	- (quando amarrados) feixe;
gravura	- (quando selecionadas) iconoteca;
habitante	- (em geral) povo, população, (quando de aldeia, de lugarejo) povoação;
herói	- falange;
hiena	- alcatéia;
hino	- hinário;
ilha	- arquipélago;
imigrante	- (quando em trânsito) leva, (quando radicados) colônia;
índio	- (quando formam bando) maloca, (quando em nação) tribo;
instrumento	- (quando em coleção ou série) jogo, (quando cirúrgicos) aparelho, (quando de artes e ofícios) ferramenta, (quando de trabalho grosseiro, modesto) tralha;
inseto	- (quando nocivos) praga, (quando em grande quantidade) miríade, nuvem, (quando se deslocam em sucessão) correição;
javali	- alcatéia, malhada, vara;
jornal	- hemeroteca;
jumento	- récova, récua;
jurado	- júri, conselho de sentença, corpo de jurados;
ladrão	- bando, cáfila, malta, quadrilha, tropa, pandilha;
lâmpada	- (quando em fileira) carreira, (quando dispostas numa espécie de lustre) lampadário;
leão	- alcatéia;
lei	- (quando reunidas cientificamente) código, consolidação, corpo, (quando colhidas aqui e ali) compilação;
leitão	- (quando nascidos de um só parto) leitegada;
livro	- (quando amontoados) chusma, pilha, ruma, (quando heterogêneos) choldraboldra, salgalhada, (quando reunidos para consulta) biblioteca, (quando reunidos para venda) livraria, (quando em lista metódica) catálogo;
lobo	- alcatéia, caterva;
macaco	- bando, capela;
malfeitor	- (em geral) bando, canalha, choldra, corja, hoste, joldra, malta, matilha, matula, pandilha, (quando organizados) quadrilha, seqüela, súcia, tropa;

maltrapilho	- farândola, grupo;
mantimento	- (em geral) sortimento, provisão, (quando em saco, em alforge) matula, farnel, (quando em cômodo especial) despensa;
mapa	- (quando ordenados num volume) atlas, (quando selecionados) mapoteca;
máquina	- maquinaria, maquinismo;
marinheiro	- marujada, marinhagem, companha, equipagem, tripulação;
médico	- (quando em conferência sobre o estado de um enfermo) junta;
menino	- (em geral) grupo, bando, (depreciativamente) chusma, cambada;
mentira	- (quando em seqüência) enfiada;
mercadoria	- sortimento, provisão;
mercenário	- mesnada;
metal	- (quando entra na construção de uma obra ou artefato) ferragem;
ministro	- (quando de um mesmo governo) ministério, (quando reunidos oficialmente) conselho;
montanha	- cordilheira, serra, serrania;
mosca	- moscaria, mosquedo;
móvel	- mobília, aparelho, trem;
música	- (quanto a quem a conhece) repertório;
músico	- (quando com instrumento) banda, charanga, filarmônica, orquestra;
nação	- (quando unidas para o mesmo fim) aliança, coligação, confederação, federação, liga, união;
navio	- (em geral) frota, (quando de guerra) frota, flotilha, esquadra, armada, marinha, (quando reunidos para o mesmo destino) comboio;
nome	- lista, rol;
nota	- (na acepção de dinheiro) bolada, bolaço, maço, pacote, (na acepção de produção literária, científica) comentário;
objeto	- Ver coisa;
onda	- (quando grandes e encapeladas) marouço;
órgão	- (quando concorrem para uma mesma função) aparelho, sistema;
orquídea	- (quando em viveiro) orquidário;
osso	- (em geral) ossada, ossaria, ossama, (quando de um cadáver) esqueleto;
ouvinte	- auditório;
ovelha	- (em geral) rebanho, grei, chafardel, malhada, oviário;
ovo	- (os postos por uma ave durante certo tempo) postura, (quando no ninho) ninhada;
padre	- clero, clerezia;
palavra	- (em geral) vocabulário, (quando em ordem alfabética e seguida de significação) dicionário, léxico, (quando proferidas sem nexo) palavrório;
pancada	- pancadaria;
pantera	- alcatéia;

papel	- (quando no mesmo liame) bloco, maço, (em sentido lato, de folhas ligadas e em sentido estrito, de 5 folhas) caderno, (5 cadernos) mão, (20 mãos) resma, (10 resmas) bala;
parente	- (em geral) família, parentela, parentalha, (em reunião) tertúlia;
partidário	- facção, partido, torcida;
partido político	- (quando unidos para um mesmo fim) coligação, aliança, coalizão, liga;
pássaro	- passaredo, passarada;
passarinho	- nuvem, bando;
pau	- (quando amarrados) feixe, (quando amontoados) pilha, (quando fincados ou unidos em cerca) bastida, paliçada;
peça	- (quando devem aparecer juntas na mesa) baixela, serviço, (quando artigos comerciáveis, em volume para transporte) fardo, (em grande quantidade) magote, (quando pertencentes à artilharia) bateria, (de roupas, quando enroladas) trouxa, (quando pequenas e cosidas umas às outras para não se extraviarem na lavagem) apontoado, (quando literárias) antologia, florilégio, seleta, silva, crestomatia, coletânea, miscelânea;
peixe	- (em geral e quando na água) cardume, (quando miúdos) boana, (quando em viveiro) aquário, (quando em fileira) cambada, espicha, enfiada, (quando à tona) banco, manta;
pena	- (quando de ave) plumagem;
pessoa	- (em geral) aglomeração, banda, bando, chusma, colméia, gente, legião, leva, maré, massa, mó, mole, multidão, pessoal, roda, rolo, troço, tropel, turba, turma, (quando reles) corja, caterva, choldra, farândola, récua, súcia, (quando em serviço, em navio ou avião) tripulação, (quando em acompanhamento solene) comitiva, cortejo, préstito, procissão, séquito, teoria, (quando ilustres) plêiade, pugilo, punhado, (quando em promiscuidade) cortiço, (quando em passeio) caravana, (quando em assembléia popular) comício, (quando reunidas para tratar de um assunto) comissão, conselho, congresso, conclave, convênio, corporação, seminário, (quando sujeitas ao mesmo estatuto) agremiação, associação, centro, clube, grêmio, liga, sindicato, sociedade;
pilha	- (quando elétricas) bateria;
planta	- (quando frutíferas) pomar, (quando hortaliças, legumes) horta, (quando novas, para replanta) viveiro, alfobre, tabuleiro, (quando de uma região) flora, (quando secas, para classificação) herbário;
ponto	- (de costura) apontoado;
porco	- (em geral) manada, persigal, piara, vara, (quando do pasto) vezeira;
povo	- (nação) aliança, coligação, confederação, liga;
prato	- baixela, serviço, prataria;
prelado	- (quando em reunião oficial) sínodo;
prisioneiro	- (quando em conjunto) leva, (quando a caminho para o mesmo destino) comboio;

professor	- corpo docente, professorado, congregação;
quadro	- (quando em exposição) pinacoteca, galeria;
querubim	- coro, falange, legião;
recruta	- leva, magote;
religioso	- clero regular;
roupa	- (quando de cama, mesa e uso pessoal) enxoval, (quando envoltas para lavagem) trouxa;
salteador	- caterva, corja, horda, quadrilha;
selo	- coleção;
serra	- (acidente geográfico) cordilheira;
soldado	- tropa, legião;
trabalhador	- (quando reunidos para um trabalho braçal) rancho, (quando em trânsito) leva;
tripulante	- equipagem, guarnição, tripulação;
utensílio	- (quando de cozinha) bateria, trem, (quando de mesa) aparelho, baixela;
vadio	- cambada, caterva, corja, mamparra, matula, súcia;
vara	- (quando amarradas) feixe, ruma;
velhaco	- súcia, velhacada.

OBSERVAÇÃO: Na maioria dos casos, a forma coletiva se constrói mediante a adaptação do sufixo conveniente: arvoredo (de árvores), cabeleira (de cabelos), freguesia (de fregueses), palavratório (de palavras), professorado (de professores), tapeçaria (de tapetes), etc.

III. COLOCAÇÃO PRONOMINAL

1. EMPREGO DE "EU e TU" / "TI e MIM"
2. COLOCAÇÃO DOS PRONOMES OBLÍQUOS ÁTONOS (ÊNCLISE, PRÓCLISE, MESÓCLISE)
3. EMPREGO DO PRONOME ÁTONO EM LOCUÇÕES VERBAIS PERFEITAS E EM TEMPOS COMPOSTOS
4. TEMPOS COMPOSTOS
5. EMPREGO DOS PRONOMES ESTE/ESSE/AQUELE

1. EMPREGO DE "EU e TU" / "TI e MIM".

Os pronomes **"eu"** e **"tu"** só podem figurar como sujeito de uma oração. Assim, não podem vir precedidos de preposição funcionando como complemento. Para exercer esta função, deve-se empregar as formas **"mim"** e **"ti".**

Exemplos:

Nunca houve brigas entre eu e ela.	(errado)
Nunca houve brigas entre mim e ela.	(certo)
Todas as dívidas entre eu e tu foram sanadas.	(errado)
Todas as dívidas entre mim e ti foram sanadas.	(certo)
Sem você e eu, aquela obra não acaba.	(errado)
Sem você e mim, aquela obra não acaba.	(certo)
A festa não será a mesma sem tu e elas.	(errado)
A festa não será a mesma sem ti e elas.	(certo)
Perante eu e vós, aquelas criaturas são bem mais infelizes.	(errado)
Perante mim e vós, aquelas criaturas são bem mais infelizes.	(certo)
Levantaram calúnias contra os alunos e eu.	(errado)
Levantaram calúnias contra os alunos e mim.	(certo)

Observação: Os pronomes "eu" e "tu", no entanto, podem aparecer como sujeito de um verbo no infinitivo, embora precedidos de preposição.

Exemplos:
Não vais sem eu mandar.
Pedi para tu comprares o carro.
Esta regra é para eu não esquecer.

2. COLOCAÇÃO DOS PRONOMES OBLÍQUOS ÁTONOS.

REGRAS PRÁTICAS PARA A COLOCAÇÃO DOS PRONOMES ÁTONOS:
Os pronomes átonos são geralmente empregados depois do verbo **(ÊNCLISE),** muitas vezes antes**(PRÓCLISE)** e, mais raramente, no meio **(MESÓCLISE).**

.ÊNCLISE

As formas verbais do infinitivo impessoal (precedido ou não da preposição **"a"**), do gerúndio e do imperativo afirmativo pedem a ênclise pronominal.

Exemplos:
Urge obedecer-se às leis.
Obrigou-me a dizer-lhe tudo.
Bete pediu licença, afastando-se do grupo.
Aqueles livros raros? Compra-os imediatamente!

Observação: Se o gerúndio vier precedido da preposição **"em",** deve-se empregar a próclise.
Exemplo: "Nesta terra, em se plantando, tudo dá."

Não se inicia um período pelo pronome átono nem a oração principal precedida de pausa, assim como as orações coordenadas assindéticas, isto é, sem conjunções.
Exemplos:

Me contaram sua aventura em Salvador.	(errado)
Contaram-me sua aventura em Salvador.	(certo)
Permanecendo aqui, se corre o risco de ser assaltado.	(errado)
Permanecendo aqui, corre-se o risco de ser assaltado.	(certo)
Segui-o pela rua, o chamei, lhe pedi que parasse.	(errado)
Segui-o pela rua, chamei-o, pedi-lhe que parasse.	(certo)

Observação: A ênclise não pode ser empregada com verbos no futuro e no particípio passado.

.PRÓCLISE

Deve-se colocar o pronome átono antes do verbo, quando antes dele houver uma palavra pertencente a um dos seguintes grupos:

A) palavras ou expressões negativas;
Exemplos:
Não me deixe sozinho esta noite!
Nunca se recuse ajudar a quem precise.
Nem nos conte porque voce fez isso.
Nenhum deles me prestou a informação correta.
Ninguém lhe deve nada.
De modo algum (Em hipótese alguma) nos esqueceremos disso.

B) pronomes relativos;
Exemplos:
O livro que me emprestaste é muito bom.
Este é o senhor de quem lhe contei a vida.
Esta é a casa da qual vos falei.
O ministro, cujo filho lhe causou tantos problemas, está aqui.
Aquela rua, onde me assaltaram, foi melhor iluminada.
Pagarei hoje tudo quanto lhe devo.

C) pronomes indefinidos;
Exemplos:
Alguém me disse que você vai viajar.
Quem lhe disse essas bobagens?
Dos vários candidatos entrevistados, alguns (diversos) nos pareceram bastante inteligentes.
Entre os dez pares de sapato, qualquer um me serve para ir a festa no sábado.
Quem quer que me traga uma flor, conquistará meu coração.

D) conjunções subordinativas;
Exemplos:
Deixarei você sair, quando me disser a verdade.
Posso ajudar-te na obra, se me levares contigo.
Faça todo esse trabalho, como lhe ensinei.
Entramos no palácio, porque nos deram permissão.
Fiquem em nossa casa, enquanto vos pareça agradável.
Continuo a gostar de ti, embora me magoasse muito.
Confiei neles, logo que os conheci.

E) advérbios;
Exemplos:
Talvez nos seja fácil fazer esta tarefa.
Ontem os vi no cinema.
Aqui me agrada estar todos os dias.
Agora vos contarei um conto de fadas.
Pouco a pouco te revelarei o mistério.
De vez em quando me pego falando sozinho.
De súbito nos assustamos com os tiros.

Observação: O pronome átono pode ser colocado antes ou depois do infinitivo impessoal, se antecedendo o infinitivo vier uma das palavras ou expressões mencionadas acima.
Exemplos:
"Tudo faço para não a perturbar naqueles dias difíceis";
ou
"Tudo faço para não perturbá-la..."

.MESÓCLISE.
Emprega-se o pronome átono no meio da forma verbal, quando esta estiver no futuro simples do presente ou no futuro simples do pretérito do indicativo.

Exemplos:
Chamar-te-ei, quando ele chegar.
Se houver tempo, contar-vos-emos nossa aventura.
Dar-te-ia essas informações, se soubesse.

Observação: Se antes dessas formas verbais houver uma palavra ou expressão que provocam a próclise, não se empregará, conseqüentemente, o pronome átono na posição mesoclítica.

Exemplos:
Nada lhe direi sobre este assunto.
Livrar-te-ei dessas tarefas, porque te daria muito trabalho.

3. EMPREGO DO PRONOME ÁTONO EM LOCUÇÕES VERBAIS PERFEITAS E EM TEMPOS COMPOSTOS.

São locuções verbais perfeitas aquelas formadas de um verbo auxiliar modal **(QUERER, DEVER, SABER, PODER, ou TER DE, HAVER DE)**, seguido de um verbo principal no infinitivo impessoal. Neste caso, o pronome átono pode ser colocado antes ou depois do primeiro verbo, ou ainda depois do infinitivo.

Exemplos:
Nós lhe devemos dizer a verdade.
Nós devemos lhe dizer a verdade.
Nós devemos dizer-lhe a verdade.

Observação: No entanto, se no caso acima mencionado as locuções verbais vierem precedidas de palavra ou expressão que exija a próclise, só duas posições serão possíveis para empregar-se o pronome átono: antes do auxiliar ou depois do infinitivo.

Exemplos:
Não lhe devemos dizer a verdade.
Não devemos dizer-lhe a verdade.

4. TEMPOS COMPOSTOS.

Nos tempos compostos, formados de um verbo auxiliar **(TER ou HAVER)** mais um verbo principal no particípio, o pronome átono se liga ao verbo auxiliar, nunca ao particípio.

Exemplos:
Tinha-me envolvido sem querer com aquela garota.
Nós nos havíamos assustado com o trovão.
O advogado não lhe tinha dito a verdade.

Observação: Quando houver qualquer fator de próclise, esta será a única posição possível do pronome átono na frase, ou seja, antes do verbo auxiliar.

5. EMPREGO DOS PRONOMES ESTE/ESSE/AQUELE.

Os pronomes **"este, esta, isto"** devem ser empregados referindo-se ao âmbito da pessoa que fala (1ª pessoa do singular e do plural - eu e nós), e quando se quer indicar o que se vai dizer logo em seguida (referência ao "tempo presente). Relacionam-se com o advérbio "aqui" e com os pronomes possessivos "meu, minha, nosso, nossa".

Exemplos:
Este meu carro só me dá problemas.
Esta casa é nossa há dez anos.
Isto aqui são as minhas encomendas.
Ainda me soam aos ouvidos estas palavras do Divino Mestre: "Amai ao próximo como a vós mesmos."
Espero que por estas linhas... (no começo de uma carta, por exemplo)
Neste momento, está chovendo no Rio de Janeiro. (= agora)
Ele deve entregar a proposta nesta semana. (= na semana em que estamos)
Não haverá futebol neste domingo. (= hoje)
O pagamento deverá ser feito neste mês. (= mês em que estamos)

Empregam-se os pronomes **"esse, essa, isso",** com relação ao âmbito da pessoa com quem se fala (2ª do singular e do plural - tu e vós; e também com "você, vocês"); e quando se quer indicar o que se acabou imediatamente de dizer (referência ao "tempo passado").

Relacionam-se com o advérbio "aí" e com os pronomes possessivos "teu, tua, vosso, vossa, seu, sua (igual a "de você").

Exemplos:
Essa sua blusa não lhe fica bem.
Quem jogou esse lixo aí na tua calçada?
Isso aí que você está fazendo tem futuro?
Esses vossos planos não darão certo.
Esses exemplos devem ser bem fixados.
Despeço-me, desejando que essas palavras... (no final de uma carta)
Tudo ia bem com Rubinho até a 57ª volta; nesse momento, acabou o combustível.
Ele pouco se dedicava ao trabalho, por isso foi dispensado.

Os pronomes **"aquele, aquela, aquilo"** devem ser empregados com referência ao que está no âmbito da pessoa ou da coisa de quem ou de que se fala (3ª pessoa do singular e do plural - ele, ela, eles, elas). Relacionam-se com o advérbio "lá" e com os possessivos "seu, sua (igual a "dele, dela").

Exemplos:
Aquele carro, lá no estacionamento, é do professor Paulo.
Aquela garota bonita é da sua turma?
Eu disse ao diretor aquilo que me mandaste dizer.

Observação: Numa enumeração, empregamos os pronomes **"este, esta, isto"** para nos referir ao elemento mais próximo, e "aquele, aquela, aquilo" para os anteriores.
Exemplo: Em 96, adquiri duas coisas muito importantes para mim: uma casa e um computador. Este no início do ano e aquela no fim.

DICAS.

COM A GENTE / CONOSCO / COM NÓS
A expressão **"com a gente"** é típica da linguagem coloquial brasileira. Só pode ser usada em textos informais.

Exemplos:
A outra turma vai se reunir com a gente às 10h.
A sua irmã vai com a gente ao clube hoje.

Em textos formais, que exijam uma linguagem mais cuidada, devemos usar a forma **"conosco".**

Exemplos:
Os pais dos alunos querem uma reunião conosco.
Os diretores irão conosco ver o prefeito.

Devemos usar **"com nós"** antes de algumas palavras: Antes de **"todos, mesmos, dois"**

Exemplos:
O presidente deixou a decisão com nós todos.
O presidente deixou a decisão com nós mesmos.
O presidente deixou a decisão com nós dois.

O PRONOME VOCÊ

O pronome **você(s),** a rigor, é usado como 3ª pessoa do singular/plural, conforme atestam as 3ªs. pessoas do modo imperativo. Na prática, ele funciona como 2ª pessoa, uma vez que é usado para se referir à pessoa com quem se fala e não à pessoa de quem se fala.

A explicação está na origem do pronome. **Você** se deriva da expressão "Vossa Mercê", que se transformou com o tempo até chegar ao atual você. Isso significa que, pela sua origem, **você** é um pronome de tratamento. O problema é que todos os pronomes de tratamento (=Vossa Senhoria, Vossa Excelência, Vossa Majestade, Vossa Santidade...) são de 3ª pessoa. Assim sendo, o pronome **você** é de 3ª pessoa, mas é usado em substituição ao **tu** (2ª pessoa = com quem se fala).

IV. CONCORDÂNCIA NOMINAL

REGRA GERAL: O **adjetivo**, o **artigo**, o **numeral** e o **pronome adjetivo** concordam com o **substantivo** em GÊNERO (masculino ou feminino) e NÚMERO (singular ou plural).

Exemplos:
O aluno atencioso / A aluna atenciosa
Uns alunos estudiosos / Umas alunas estudiosas
Este clip está enferrujado / Estes clips estão enferrujados
Eles saíram juntos / Elas saíram juntas

Atenção, porém, para a concordância com as palavras **"anexo", "quite"** e com a locução prepositiva **"junto de".**

Exemplos:
O documento segue anexo / Os documentos seguem anexos
(São possíveis também as construções:
O documento segue em anexo / Os documentos seguem em anexo)
O rapaz está quite com o serviço militar
Os rapazes estão quites com o serviço militar
Eles ficaram junto da mãe / Elas ficaram junto da mãe

REGRAS ESPECÍFICAS:

➔ Quando o adjetivo vem depois de dois ou mais substantivos no singular e do mesmo gênero, pode ir para o singular (concordância atrativa) ou plural (concordância lógica ou gramatical). No entanto, quando o adjetivo se referir claramente ao último substantivo, a concordância com este será obrigatória.

Exemplos:
A consciência e a dignidade humana(humanas) valem muito.
Ela tem marido e filho dedicado(dedicados).
O casaco e o chapéu redondo eram dele.
Ela ganhou um livro e um disco orquestrado.

➔ Quando o adjetivo vem depois de dois ou mais substantivos no singular e de gêneros diferentes, vai para o plural masculino ou concorda com o substantivo mais próximo.

Exemplos:
Ela tem testa, nariz e boca deformados (deformada)
Enviamos jornais e revistas ilustrados (ilustradas)
Ele vestia camisa e paletó escuros (escuro)

Observação: A concordância do adjetivo com o último substantivo será obrigatória quando:

1. o sentido assim o exigir;
Exemplos:
Traga-me um livro e uma fruta fresca.
No Shopping, comprei roupas e um rádio elétrico.

2. os substantivos forem sinônimos;
Exemplos:
Falta mais coragem ao povo e à gente brasileira.
Ele passou por dor e sofrimento demasiado.

3. os substantivos estiverem no plural;
Exemplo:
Eles estão sempre com os corações e as casas abertas.

➔ Quando o adjetivo estiver antecedendo substantivos do mesmo gênero e número ou não, ele concordará necessariamente com o substantivo mais próximo. Caso, porém, o adjetivo venha após os substantivos, irá para o plural do mesmo gênero deles.

Exemplos:
Sua mãe e filhas podem ficar aqui.
Você escolheu má hora e lugar para dizer isto.
(Você escolheu mau lugar e hora...)
Fiquei encantado com as serras e a gente mineiras.

Observação: Quando os substantivos expressarem nomes próprios ou grau de parentesco, o adjetivo irá obrigatoriamente para o plural.
Exemplos:
Haverá uma homenagem aos ilustres Drumond e Bandeira.
Encontrei ontem seus simpáticos sogro e sogra.

➔ No caso de mais de um adjetivo qualificar ou determinar o mesmo substantivo, podem ser dadas à frase várias formas.

Exemplos:
O primeiro e o segundo turno foram anulados.
Primeiro e segundo turnos foram anulados.
O primeiro turno e o segundo foram anulados.
Convidamos os alunos da primeira e da segunda série.
Convidamos os alunos da primeira e segunda séries.
Gosto das Literaturas brasileira e portuguesa.
Gosto da Literatura brasileira e da portuguesa.
Gosto da Literatura brasileira e portuguesa.

(Estilisticamente, as duas primeiras construções são preferíveis, pois a terceira pode trazer um pouco de incerteza: gosta-se de duas Literaturas distintas ou de uma Literatura luso-brasileira?)

➔ O adjetivo irá para o plural quando o substantivo, mesmo no singular, vier precedido das expressões "um e outro", ou "nem um nem outro".

Exemplos:
Não posso fazer um e outro trabalho cansativos.
Nem um nem outro aluno doentes fizeram a prova.

➔ Caso o adjetivo venha antecedido das expressões "alguma coisa" ou "qualquer coisa", mais a preposição "de", vai para o masculino. Caso contrário, vai para o feminino.

Exemplos:
Alguma coisa de aterrador aconteceu ontem.
Alguma coisa aterradora aconteceu ontem.
Há qualquer coisa de errado com esse computador.
Há qualquer coisa errada com esse computador.

CONCORDÂNCIA DO PREDICATIVO E DO PARTICÍPIO COM O SUJEITO

REGRA GERAL: O predicativo concorda com o sujeito em gênero e número.

Exemplos:
Pedro É GENEROSO / as irmãs SÃO GENEROSAS

REGRAS ESPECÍFICAS:

➔ Quando o sujeito vier sem nenhum determinante, adquirirá um sentido amplo, vago, equivalente a **"isso", "isto", "aquilo";** e o adjetivo do predicativo assumirá aparentemente uma forma masculina, mas, na verdade, será neutra.

Exemplos:
Cachaça não é bom para a saúde. (sem determinante)
Esta cachaça não é boa. (com determinante = Esta)

É necessário paciência de todos.
É necessária a paciência de todos.

É proibido entrada de pessoas sem autorização.
É proibida a entrada de pessoas sem autorização.

- És professora?
- Sim, sou-o.
(sem determinante, sentido mais genérico; o = pronome neutro)
- És a professora daquele menino?
- Sim, sou-a.
(com determinante, sentido específico; a = pronome pessoal)

➔ Quando o adjetivo que antecede os substantivos for um predicativo do objeto, ele deverá preferivelmente ficar no plural. Quando, porém, o predicativo do sujeito composto estiver anteposto a este, poderá concordar também com o núcleo mais próximo (o que acontece igualmente com o verbo da oração).

Exemplos:
Considero inteligentes o rapaz e a moça.
Julgamos insensatos a sua idéia e o seu gesto.
São vergonhosos a fome e o analfabetismo no Brasil.
É vergonhosa a fome e o analfabetismo no Brasil.

➔ O particípio sempre concordará com o sujeito em gênero e número quando empregado nas orações reduzidas.

Exemplos:
Realizado o trabalho, todos saíram.
Realizados os trabalhos, todos saíram.
Realizada a tarefa, todos saíram.
Realizadas as tarefas, todos saíram.
Cumprida a exigência, ela pode fazer a prova.
Cumpridas as exigências, ela pode fazer a prova.

➔ Apesar de os pronomes de tratamento estarem todos no feminino, poderão, no entanto, se referir a pessoas de ambos os sexos, permitindo que o adjetivo do predicativo faça uma concordância ideológica (**silepse**) com o sexo da pessoa a quem nos dirigimos.

Exemplos:
Vossa Alteza é muito bondoso (dirigindo-se a um príncipe)
Vossa Alteza é muito bondosa (dirigindo-se a uma princesa)

Outros casos de **silepse:**

➔ Quando tratamos nosso interlocutor com certa cerimônia, empregando a segunda pessoa do plural em vez da segunda do singular;

Exemplo:
Sois injusto comigo.

➔ Quando queremos nos referir a nós mesmos, empregando, porém, a segunda pessoa do plural (plural de modéstia);

Exemplos:
Seremos breve em nossa exposição.
Esperamos que esta nossa página o ajude em suas dúvidas sobre Língua Portuguesa.

PLURAL DOS SUBSTANTIVOS E ADJETIVOS COMPOSTOS

➔ Como uma primeira dica, **MEMORIZE:** se os termos que compõem um substantivo composto forem, isoladamente, substantivos, adjetivos ou numerais, todos eles vão para o plural.

Exemplos:
couve-flor / couves-flores
guarda-noturno / guardas-noturnos
amor-perfeito / amores-perfeitos
primeiro-ministro / primeiros-ministros
obra-prima / obras-primas

➔ No entanto, se os substantivos compostos tiverem como elementos de sua composição um verbo, um advérbio ou uma preposição, esses termos deverão ficar no singular.

Exemplos:
guarda-chuva / guarda-chuvas
guarda-roupa / guarda-roupas
sempre-viva / sempre-vivas
contra-ataque / contra-ataques

➔ No caso do substantivo composto possuir duas palavras repetidas, somente a segunda irá para o plural. Entretanto, se forem dois verbos idênticos, os dois também poderão ser pluralizados.

Exemplos:
tico-tico / tico-ticos
corre-corre / corre-corres (corres-corres)
pisca-pisca / pisca-piscas (piscas-piscas)
quebra-quebra / quebra-quebras (quebras-quebras)

Observação: Não se pluraliza o substantivo composto formado por dois verbos de sentidos opostos. Exemplo: Marli e Dora são duas leva-e-traz.

➔ Já quando os dois elementos do substantivo composto forem ligados por uma preposição, somente o primeiro irá para o plural.

Exemplos:
pé-de-moleque / pés-de-moleque
mula-sem-cabeça / mulas-sem-cabeça

➔ Os substantivos compostos onomatopaicos, ou seja, aqueles formados por termos que em sua pronúncia lembram o som da coisa significada, têm apenas seu segundo elemento pluralizado.

Exemplos:
tique-taque / tique-taques
reco-reco / reco-recos
bem-te-vi / bem-te-vis

CASOS ESPECIAIS

➔ As formas compostas "arco-íris" e "louva-a-deus" não possuem plural. Assim, por serem formas invariáveis, têm apenas os seus determinantes pluralizados.

Exemplos:
O arco-íris / Os arco-íris
Aquele louva-a-Deus / Aqueles louva-a-Deus

➔ O substantivo composto "joão-ninguém" faz o plural "joões-ninguém".

➔ Os adjetivos compostos, normalmente, têm (como na flexão de gênero masculino/feminino) apenas o seu segundo elemento alterado, o qual concordará com o substantivo que está modificando.

Exemplos:
política econômico-financeira
políticas econômico-financeiras

país social-democrata
países social-democratas
aliança luso-brasileira
alianças luso-brasileiras

➔ Existe um caso em que o adjetivo composto é invariável.Trata-se de alguns nomes de cores, nos quais o segundo elemento é um substantivo.

Exemplos:
camisas amarelo-limão
vestidos azul-piscina
saias verde-garrafa

➔ Apesar de não se incluírem na regra acima, as cores "azul-marinho", "azul-celeste", "cor-de-rosa", "cor-de-carne" e as palavras adjetivadas "ultravioleta", "infravermelho", "turquesa" e "pastel" também se apresentam invariáveis.

Exemplos:
meias azul-marinho
olhos azul-celeste
blusas cor-de-rosa
biquínis cor-de-carne
raios ultravioleta
raios infravermelho
maiôs turquesa
tons pastel

➔ Os advérbios apresentam-se sempre invariáveis.

Exemplos:
O mundo precisa de MENOS preconceito e de MENOS corrupção.
Todos ficaram ALERTA.

CURIOSIDADE
A concordância na frase "não existe ninguém mais calma do que eu", quando falada por uma mulher, estaria certa? Depende. A tendência seria dizer "não existe ninguém mais calmo do que eu", mesmo vindo a frase de uma mulher, já que a palavra "ninguém" teoricamente é neutra e, em conseqüência, pede o adjetivo "calmo" no masculino. No entanto, podemos dizer também que está acontecendo aqui um fenômeno lingüístico chamado **silepse**, ou seja, uma concordância ideológica. Neste sentido, a concordância se faria com a idéia do universo feminino ao qual a mulher, que pronunciou a frase, pertence.

V. CONCORDÂNCIA VERBAL

REGRA GERAL:
O **verbo** concorda com o **sujeito** em NÚMERO (singular e plural) e PESSOA (1ª, 2ª, 3ª).

Exemplos:
Eu amo
Tu amas
Ele ama
Nós amamos
Vós amais
Eles amam
O menino é estudioso.
As meninas são estudiosas.

CASOS PARTICULARES:

➔ **SUJEITO COLETIVO** - é singular na forma, mas expressa idéia de pluralidade.

Exemplos:
povo, exército, grupo, turma, multidão, etc.

Assim:

1. O verbo ficará no singular se estiver junto do sujeito coletivo.
Exemplos:
O povo aplaudiu o prefeito com entusiasmo.
O exército argentino foi derrotado na guerra das Malvinas.
A turma estava agitada no dia da prova.

2. Se o verbo estiver distante do sujeito coletivo, ou se este vier seguido de palavra que mencione os elementos nele contidos, poderá o verbo ir para o singular ou para o plural, conforme se queira destacar mais a idéia de todo ou a presença dos elementos que compõem o sujeito coletivo.
Exemplos:
O Conselho Universitário se reuniu e decidiu (ou decidiram) recomeçar os trabalhos.
O grupo de pivetes fugiu correndo, mais adiante, porém, foi preso (ou foram presos).
Um bando de pardais pousou (ou pousaram) naquela árvore ali.
Nesses dias modernos, uma imensidade de problemas nos aflige (ou nos afligem).
Uma turma de meninas cantava (ou cantavam) alegremente no clube.
Um milhão de jovens participou (ou participaram) da passeata.

➔ É possível também que o sujeito seja formado por expressões de natureza partitiva como **"grande parte de", "o resto de", "a maioria de", "uma porção de", "metade de", "a maior parte de",** etc., seguidas de um substantivo ou pronome no plural. Neste caso, igualmente poderá haver dois tipos de concordância.

Exemplos:
Grande parte das pessoas chegou (chegaram) cedo à festa.
A maioria delas estava (estavam) bem vestida(s).
Metade dos candidatos não apresentou (apresentaram) nenhuma proposta interessante.

➔ Quando o sujeito é formado por uma expressão que denota quantidade aproximada como **"mais de...", "menos de...", "cerca de...", "perto de...",** seguida de um número no plural, o verbo deve ficar no plural. Porém, se estas expressões vierem seguidas do numeral **"um",** o verbo obrigatoriamente vai para o singular.

Exemplos:
Mais de um jornal estrangeiro fez alusão ao Brasil.
Mais de dois jornais foram fechados em um ano.
Cerca de vinte pessoas estiveram no jantar.
Perto de dez carros envolveram-se no acidente.

Observação: Deve-se empregar o verbo sempre no plural quando este expressar idéia de reciprocidade ou quando a expressão "mais de um" vier repetida na frase.

Exemplos:
Mais de um sócio se insultaram.
Mais de um político agrediram-se no plenário.
Mais de um aluno, mais de um professor emocionaram-se com o discurso do diretor.

➔ Quando se tratar de nomes próprios, a concordância deverá ser feita levando-se em conta a ausência ou presença de artigo. Não havendo artigo, o verbo deverá ficar no singular; quando houver artigo no plural, o verbo ficará no plural.

Exemplos:
Estados Unidos cria e Brasil imita.
Os Estados Unidos determinam o fluxo da atividade econômica no mundo.
As Minas Gerais são inesquecíveis.
Minas Gerais produz queijo e poesia de primeira.
As Alagoas nos revelam muitas mulheres bonitas.
Alagoas impressiona pela beleza das praias e pela pobreza da população.

PRONOMES RELATIVOS QUEM E QUE.

➔ O pronome relativo **"quem",** normalmente, pede o verbo que o tem como sujeito, na terceira pessoa do singular. No entanto, o verbo pode concordar com a pessoa do sujeito antecedente, quando se quer fazer uma concordância enfática.

Exemplos:
Nunca te esqueças de que fui eu quem te apresentou ao presidente.
"Mais tarde você descobrirá se fui eu quem menti."
Fui eu quem pagou a conta.
"Fui eu quem paguei aquela dívida enorme ."

➔ Se o sujeito é o pronome relativo **"que",** o verbo concorda com o antecedente do relativo.

Exemplos:
Nós que ficamos e vocês que partem seremos sempre amigos.
Fui eu que falei a verdade naquela hora.
Foram eles que fizeram isso.
Fui aquela que morou na casa velha.

➔ Quando o sujeito é o relativo **"que",** precedido das expressões **"um dos...", "uma das...",** o verbo deve concordar na terceira pessoa do plural.

Exemplos:
Eliane era uma das que mais desconfiavam de nossa administração.
Um dos homens que mais lutaram pela soberania de nossa pátria foi Barbosa Lima Sobrinho.

Observação: Por exigência lógica, existirão casos em que o singular será obrigatório.
Exemplo:
Chama-se "Gota d' Água" uma das peças teatrais de Chico Buarque que será encenada amanhã.

PRONOMES INDEFINIDOS OU INTERROGATIVOS NO PLURAL + DE NÓS, DE VÓS.

➔ Quando o sujeito é formado de expressões constituídas de pronome indefinido ou interrogativo no plural, mais os termos **"de nós", "de vós",** o verbo vai para a terceira pessoa do plural (concordância mais lógica, na medida em que ela incide sobre o núcleo do sujeito, no caso o pronome da expressão). É possível, no entanto, o verbo concordar com os pronomes pessoais **"nós e vós".**

Exemplos:
Quais de nós (concluiremos) concluirão a faculdade?
Alguns de vós (viestes) vieram de bem longe.
Muitos de nós (deixamos) deixam a vida passar sem produzir nada.
Quantos de vós (contribuístes) contribuíram para a melhoria de vosso país?

Observação: Com o pronome indefinido ou interrogativo no singular, é claro que o verbo ficará na terceira pessoa do singular.
Exemplo:
Um de nós te levará em casa após a festa.

SUJEITO DA VOZ PASSIVA PRONOMINAL E INDETERMINADO

➔ O verbo apassivado pelo pronome "se" deve concordar com o sujeito que, no caso, está sempre expresso.

Exemplos:
Vendem-se casas (casas são vendidas)
Os planos desenvolvem-se (são desenvolvidos) satisfatoriamente.

Observação: Quando os verbos **"poder"** e **"dever"** aparecerem na voz passiva sintética, como auxiliares de um infinitivo, duas construções serão possíveis, porque duas análises sintáticas também são possíveis.

Exemplos:
Não se podem cortar essas árvores.
(sujeito = ESSAS ÁRVORES; PODEM CORTAR = locução verbal, concordância do verbo auxiliar PODER com o sujeito plural.)

Não se pode cortar essas árvores.
(sujeito oracional = CORTAR ESSAS ÁRVORES - oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo - sujeito do verbo PODER que deve ficar na 3ª pessoa do singular.)

➔ Se o verbo for transitivo indireto, ficará na 3ª pessoa do singular, pois o "se", neste caso, não será pronome apassivador, mas sim partícula indeterminante do sujeito.

Exemplos:
Precisa-se de operários (e não precisam-se de operários)
Assiste-se a filmes bons naquele cinema.
Obedeça-se às leis.

CONCORDÂNCIA COM O SUJEITO COMPOSTO

➔ Quando o sujeito de um verbo vier depois dele e for composto de vários elementos, o verbo concordará com o elemento mais próximo (concordância atrativa), podendo ficar no singular, ou poderá ir para o plural (Concordância lógica).

Exemplos:
De repente ouviu-se um estouro, um gemido, um grito de triunfo.
A minha alma é maior do que supõe: cabem nela amor de mulher, afetos de filha e amizade de irmã.

➔ Se os elementos do sujeito composto forem sinônimos ou formarem uma unidade de idéia, um todo no sentido, ou ainda estiverem organizados numa gradação, o verbo pode ficar na 3ª pessoa do singular para realçar a unidade de sentido ou o último elemento da série gradativa.

Exemplos:
A sua família, o seu lar era aquele em que fora recolhida.
A mágoa e a dor lhe ressuscitou o entendimento.
Somente o elogio e o incentivo constrói.
"Triste ventura e negro fado o chama." (Camões)
"Mas permite, Deus, que a maldade e a malícia ande encoberta." (Vieira)
A mesma idéia, o mesmo gesto, a mesma fala revelava a personalidade daquela mulher.
Um grito, uma palavra, um movimento, um simples olhar causava-lhe medo.

➔ Sendo os núcleos do sujeito composto formados de verbos no infinitivo, o verbo da oração ficará no singular se esses núcleos não vierem acompanhados de elementos determinantes. Caso contrário, o verbo irá para o plural.

Exemplos:
Correr, cair e levantar foi um só movimento.
Comer e beber é necessário.
O comer e o beber são necessários.

➔ Entretanto, se os núcleos infinitivos forem termos antônimos, o verbo da oração irá para o plural, mesmo que não possuam determinantes.

Exemplos:
Amar e odiar são sentimentos muito fortes.
Sorrir e Chorar fazem parte do show da vida.

➔ Quando um sujeito composto é resumido por um aposto, o verbo concordará com esse aposto, estando ele no singular ou no plural.

Exemplos:
Carinhos, abraços, palavras de amor, NADA o consolava.
Alunos, professores, funcionários da escola, todos foram homenageados.
"TUDO, os pastos, as várzeas, a caatinga, o mar milheiral esquelético, era de um cinzento de borralho." (Rachel de Queiroz)
Capitão, marinheiros e passageiros, ninguém escapou com vida daquele naufrágio.
Pai, mulher, filhos, cada um seguia seu caminho calado.

Observação: Se os núcleos do sujeito composto vierem antecedidos pelo pronome indefinido **"cada",** o verbo permanecerá no singular.

Exemplo:
Cada professor, cada aluno, cada funcionário tinha sua reivindicação.

➔ Se os elementos do sujeito forem de pessoas gramaticais diferentes, o verbo vai para o plural e deve ser flexionado na pessoa que tiver prioridade: a primeira sobre a segunda e esta sobre a terceira.

Exemplos:
Eu, tu e João somos amigos. (Eu, tu e João = nós)
Desejo que tu e teu marido sejais felizes. (tu e teu marido = vós)

Observação: Quando o sujeito composto é constituído de elementos da segunda e terceira pessoas, também é correto que o verbo vá para a terceira pessoa do plural.

Exemplos:
Desejo que tu e teu marido sejam felizes.
Estou torcendo para que tu e ele passem no concurso.
Acredito que tu e Ana passarão no vestibular.

➔ Quando ocorre idéia de reciprocidade, a concordância deve ser feita obrigatoriamente no plural.

Exemplos:
Abraçaram-se vencedor e vencido.
Ofenderam-se o jogador e o árbitro.

➔ Quando os núcleos do sujeito composto forem ligados pelas conjunções **"ou"** ou **"nem",** o verbo poderá:

1. Ficar no singular se estiver se referindo a apenas um dos núcleos do sujeito, apresentando uma idéia de equivalência ou de exclusão;

Exemplos:
João ou Miguel ocupará o cargo de presidente daquela empresa.
Nem Ana nem Márcia foi escolhida para ser a rainha do grêmio.

2. Irá para o plural quando a ação verbal incidir diretamente sobre os núcleos do sujeito e quando a conjunção "ou" tiver um caráter corretivo.

Exemplos:
Nenhum gesto ou palavra do orador ofenderam a platéia.
Nem Pedro nem Paulo fizeram boa prova.
O culpado ou os culpados pelo crime serão punidos.
A parte ou as partes contrárias entrarão em acordo.

Observações:
A) Se o sujeito da oração for a expressão **"um ou outro",** normalmente o verbo permanecerá no singular;

Exemplos:
Um ou outro chapéu lhe ficava bem.
Um ou outro fato sairá amanhã nos jornais.

B) No entanto, se a expressão for **"um e outro",** o verbo irá preferencial- mente para o plural, sendo rara a concordância no singular;
Exemplos:
Um e outro chegaram cedo ao colégio.
Um e outro aluno entraram (entrou) na sala depois do diretor.

C) A expressão **"nem um nem outro"** determina, geralmente, o verbo no singular.
Exemplo: Nem um nem outro candidato às próximas eleições compareceu ao debate na TV.

Atenção! Em verdade, não há uniformidade no tratamento dado a essas expressões por gramáticos e escritores.

➔ Quando os núcleos do sujeito são unidos por expressões correlativas como "não só... mas também"; "não só... como também"; "não só... mas ainda"; "não somente... mas ainda"; "não apenas... mas também"; "tanto... quanto", o verbo concorda de preferência no plural.

Exemplos:
Não só a seca mas também o pouco-caso castigam o Nordeste.
Tanto a mãe quanto o filho ficaram surpresos com a notícia.

CASOS ESPECÍFICOS

VERBO SER.

O verbo ser apresenta-se impessoal quando empregado em frases que se referem a horas, datas ou distâncias. Nestes casos, o verbo ser concorda com o seu complemento. No caso das datas, entretanto, a concordância será facultativa, se a palavra **"dia"** não estiver expressa.

Exemplos:
Que horas são?
É uma hora.
São duas horas.
É meio-dia e meia.

Que dia é hoje? (ou quantos são hoje?)
Hoje é (ou são) 31 de julho.
Hoje é dia 31 de julho.
É um quilômetro até minha escola.
São 400 km do Rio até São Paulo.

Observações:
A) Quando o verbo ser, nas expressões que se referem às horas, vem acompanhado por uma das seguintes locuções: **"perto de", "cerca de", "mais de",** tanto podemos empregá-lo na terceira pessoa do singular como do plural.

Exemplos:
Era perto de dez horas / Eram perto de dez horas

B) Os verbos dar, soar e bater, em relação às horas, obedecem à regra geral da Concordância Verbal, isto é, estes verbos concordarão natural- mente com seu sujeito, em número e pessoa.
Exemplos:
Davam seis horas no relógio da Central. (seis horas = sujeito do verbo dar)
Soaram dez horas quando saí do baile.
Bateu Meia-noite na torre da igreja.

Quando sujeito e predicativo têm números diferentes, existem duas tendências para a concordância do **verbo ser:**

1. empregar o verbo no plural (tendência mais freqüente);

2. no singular, quando se quiser dar ênfase ao sujeito.
Exemplos:
A Pátria são todos os seus cidadãos.
Meu destino eram estradas que tinha de palmilhar.

Quando o sujeito é nome de pessoa e o predicativo é substantivo comum, o verbo **SER** concorda no singular com o nome de pessoa.
Exemplos:
Chico Anísio era as duas coisas: ator e diretor.
Fernando Pessoa é vários poetas.

Observação: Quando, no entanto, se deseja dar ênfase aos elementos constitutivos do predicativo, o verbo **SER** poderá concordar com ele.

Exemplo:
"Santinha eram dois olhos míopes, quatro incisivos claros a flor da boca." - Machado de Assis.

Quando o sujeito ou o predicativo forem pronome pessoal, com ele concordará o verbo; porém, se ambos forem representados por pronomes pessoais, o verbo concordará obrigatoriamente com o sujeito.

Exemplos:
O Brasil somos nós.
O Estado sou eu.
Eu não sou eles / Eles não são eu.

➔ Quando o sujeito é um dos pronomes neutros **"tudo", "isso", "aquilo"** ou palavra de sentido coletivo ou partitivo, o verbo concorda com o predicativo.

Exemplos:
Tudo são flores.
Aquilo não eram atitudes de um homem.
Isso serão previsões sem sentido.
A maioria eram rapazes.
O resto são bobagens.
O mais eram sacrifícios.

Observação: A concordância do verbo no singular é rara, mas não é incorreta.
Exemplos:
"Tudo é flores no presente." (Gonçalves Dias)
"E tudo é chuvas que orvalham, folhas caídas que secam." (Fernando Pessoa)

Nas frases em que o sujeito sem nenhum determinante vem expressando preço, medida, quantidade, com o qual o verbo ser pode formar também um todo com as palavras **"muito", "pouco", "tanto", "demais", "mais de", "mais que", "menos de",** etc., o verbo fica no singular.
Exemplos:
Cinco anos era muito.
Cem reais por mês é pouco para um trabalhador.
Dez metros de fio é mais (menos) do que preciso.
Sessenta litros de chope será demais para a festa.
Bebidas é coisa fundamental em festas.
Trinta anos é a idade de minha irmã.

Os pronomes interrogativos quem, que, o que, em frases com o verbo ser, normalmente exercem a função de predicativo e não de sujeito. Neste caso, o verbo ser não concorda com os pronomes e sim com o sujeito.
Exemplos:
Quem seriam aquelas meninas?
Que eram os ruídos que ouvimos?
O que são impostos compulsórios?

VERBO PARECER.

Existem duas possibilidades de concordância quando o verbo parecer vem seguido de um outro verbo no infinitivo.

Exemplos:
As estrelas pareciam caminhar no céu. (verbo parecer, como verbo auxiliar, concorda com o sujeito, e o infinitivo não se flexiona, formando assim uma locução verbal)

"As estrelas parecia caminharem no céu." - Graça Aranha. (parecer, aqui como verbo intransitivo, fica na 3ª pessoa do singular, e o infinitivo se flexiona, formando com "As estrelas" um sujeito oracional: 'AS ESTRELAS CAMINHAREM parecia' - Oração Subordinada Substantiva Subjetiva Reduzida de Infinitivo)

"Mesmo os doentes parece que são mais felizes." - Cecília Meirelles. (parece=verbo intransitivo; QUE OS DOENTES SÃO MAIS FELIZES =Sujeito Oracional: Oração Substantiva Subjetiva Desenvolvida)

VERBO HAVER.

Quando significa **"existir, ocorrer",** o verbo haver fica na terceira pessoa do singular, já que ele se torna impessoal, não tendo sujeito.

Exemplos:

Houve fatos marcantes em nossa vida.
Havia milhares de candidatos naquele concurso.
Sempre houve graves problemas sociais no país.
Deve ter havido muitas vítimas naquele acidente.

No entanto, se empregarmos no lugar de haver os verbos existir ou ocorrer, eles concordarão com os seus respectivos sujeitos.

Exemplos:

Existiam milhares de candidatos naquele concurso.
("milhares de candidatos" = sujeito de existir)
Ocorreram fatos marcantes em nossa vida.
("fatos marcantes" = sujeito de ocorrer)

VERBO FAZER.

Este verbo, assim como o verbo haver, indicando tempo decorrido ou fenômeno meteorológico, também são impessoais e, por isso, ficam na 3ª pessoa do singular.

Exemplos:

Faz dois anos que estive em Portugal. ("dois anos" = objeto direto)
Faz invernos terríveis na Europa. ("invernos terríveis" = objeto direto)
Há anos não procuro meu primo.
Havia anos que não nos encontrávamos.

Observação: A impessoalidade também ocorre com todos os verbos que expressam fenômenos da natureza como chover, ventar, nevar etc. Contudo, se empregarmos qualquer um desses verbos em seu sentido figurado, eles passam a fazer a concordância com a regra geral.

Exemplos:

Choveu vários dias em São Paulo no mês passado.
Quando eu era jovem, choviam convites para festas. (Aqui, "choviam" tem como sujeito "convites", por isso a razão da concordância.)

PRONOMES DE TRATAMENTO.

Os verbos que acompanham pronomes de tratamento apresentam-se sempre na terceira pessoa do singular ou do plural.

Exemplos de pronomes de tratamento: você (originário da forma antiga Vossa Mercê), Vossa Excelência, Vossa Senhoria, Vossa Majestade, Vossa Alteza, etc.
Vossa Excelência está satisfeito?
Vossas Excelências estão satisfeitos?
(Concordância ideológica por se estar dirigindo a uma pessoa do sexo masculino)

CONCORDÂNCIA COM SUJEITO REPRESENTADO POR UM NÚMERO PERCENTUAL.

Quando se tem um número percentual sem o seu especificador, ou seja, quando ele não possui um complemento, o verbo deve concordar com o número da porcentagem.

Exemplos:
Apesar das enchentes, apenas 10% querem mudar de casa.
Somente 22% disseram "sim" ao plebiscito, enquanto 77% optaram pelo "não" e 1% não compareceu às urnas.

Assim, se esse número for inferior a dois, o verbo deve ficar no singular. Ex.: Apenas 1,65% votou naquele candidato; 0,7% achava o candidato honesto; Apenas 1% votaria novamente neste candidato.
Quando a porcentagem vem acompanhada de especificador, ou seja, quando se diz "x% de algo", o verbo passa a concordar com esse especificador, independentemente do número percentual.

Exemplos:
15% do ELEITORADO REPROVOU O PROGRAMA DAQUELE PARTIDO.
1% dos ELEITORES optaram pelo voto em branco.
40% dos lavradores estão preocupados com a falta de chuvas.
30% da lavoura de café foi perdida.

Se o número percentual vier acompanhado de um determinante (pronomes, artigos, etc.), o verbo deverá ir sempre para o plural.

Exemplos:
Esses 5% das ações já me são suficientes.
Os 40% da produção de laranja serão exportados para os EUA.
Uns 15% da população estão desempregados.

Já no caso das frações, as gramáticas dizem que o verbo deve concordar com o numerador da fração, ou seja, com o número de cima. Então, quando se diz "2/3 do eleitorado", o verbo concorda com o número "2", numerador da fração. Ex.: 2/3 do eleitorado recusaram-se a votar em qualquer candidato. Se, porém, tivermos "1/3 dos eleitores", deveremos fazer o verbo concordar com o número "1". Ex.: 1/3 dos eleitores recusou-se a votar em qualquer candidato.

Observação: Notadamente, é esse o padrão adotado pelos grandes e mais conceituados jornais e revistas brasileiros.

VI. DIVISÃO SILÁBICA

REGRAS:

➔ Não se separam os elementos dos grupos consonantais que iniciam uma sílaba nem os dos dígrafos **"ch, lh, nh".**

Exemplos:
a-blu-ção,
a-bra-sar,
a-che-gar,
fi-lho,
ma-nhã,
con-tri-bu-ir,
a-fri-ca-no,
a-plai-nar,
en-gra-ça-do,
re-fle-tir,
su-bli-me.

Observação: Nem sempre formam grupos consonantais os elementos **bl** e **br**. No caso de o **l** e o **r** serem pronunciados separadamente, poderá haver a partição da palavra. Exemplos: sub-lin-gual, sub-li-nhar, sub-ro-gar, ab-rup-to.

➔ O **"s"** dos prefixos **bis, cis, des, dis, trans** e o **x** do prefixo ex não se separam quando a sílaba seguinte começar por consoante. Todavia, se iniciar-se por vogal, formam sílaba com esta e separam-se do prefixo.

Exemplos:
bis-ne-to,
cis-pla-ti-no,
des-li-gar,
dis-tra-ção,
trans-por-tar,
ex-tra-ir,
bi-sa-vó,
ci-san-di-no,
de-ses-pe-rar,
di-sen-te-ri-a,
tran-sa-tlân-ti-co,
e-xér-ci-to.

➔ As letras "**cc, cç, sc, rr, ss"** e as vogais idênticas separam-se quando da partição do vocábulo, ficando cada uma delas em sílabas diferentes.

Exemplos:
oc-cip-tal,
te-lec-ção,
pror-ro-gar,
res-sur-gir,
a-do-les-cen-te,
con-va-les-cer,
des-cer,
pres-cin-dir,
res-ci-são,
ca-a-tin-ga,
co-or-de-nar,
ge-e-na.

Observação: As vogais de hiatos, mesmo diferentes uma da outra, também se separam. Exemplos: a-ta-ú-de, ca-í-eis, do-er, du-e-lo, fi-el, flu-iu, gra-ú-na, je-su-í-ta, le-al, mi-ú-do, po-ei-ra, ra-i-nha, vô-o.

➔ Não se separam as vogais dos ditongos crescentes e decrescentes nem as dos tritongos.

Exemplos:
ai-ro-so,
a-ni-mais,
au-ro-ra,
a-ve-ri-güei,
ca-iu,
cru-éis,
re-jei-tar,
fo-ga-réu,
gló-ria,
i-guais,
ó-dio,
jói-a,
sa-guão,
vá-rios.

Observação: Não se separa do **"u",** precedido de **"g"** ou **"q",** a vogal que o segue, acompanhada ou não de consoante. Exemplos: am-bí-guo, u-bí-quo, lín-gua, Gua-te-ma-la, de-lin-qüen-te.

Além das regras vistas anteriormente, toda consoante que não vem seguida de vogal fica na sílaba anterior, na divisão silábica.

Exemplos:
sub-me-ter,
sub-por,

ab-so-lu-to,
ad-vo-ga-do,
ad-no-mi-nal,
ad-vir,
af-ta,
mag-ma,
cog-no-me,
al-fai-a-te,
nos-tal-gi-a,
e-gíp-cio,
re-cep-ção,
ap-to,
ar-far,
ex-su-dar,
ex-ce-ção,
tungs-tê-nio,
pers-pi-cá-cia,
sols-tí-cio,
ab-di-car,
ac-ne,
drac-ma,
Daf-ne,
ét-ni-co,
nup-ci-al,
abs-tra-ir,
ins-pe-tor,
ins-tru-ir,
in-ters-tí-cio.

Observação: Ainda pelo mesmo caso acima, se a consoante for inicial, ela não se separa.Exemplos: Pto-lo-meu, psi-co-se, pneu-má-ti-co, gno-mo, mne-mô-ni-ca.

VII. EMPREGO DA CRASE

CONCEITO:

Fusão ou contração de dois **"a"** (a+a) num só (**à**, marcado pelo acento grave), sendo um deles preposição e o outro artigo feminino ou pronome demonstrativo.

CASOS DE EMPREGO DA CRASE

➔ Emprega-se a crase quando houver uma palavra de sentido incompleto que venha seguida da preposição **"a",** mais o artigo feminino **"a"** no singular ou plural, antes de substantivo feminino determinado.

Exemplos:

Pedro dirigiu-se a (preposição) + a (artigo) praça.
Pedro dirigiu-se à praça.

Ana dedica-se a+a igreja todo o tempo.
Ana dedica-se à igreja todo o tempo.

Meu tio era fiel a+a disciplina militar.
Meu tio era fiel à disciplina militar.

Todos estamos sujeitos a+as leis de Deus.
Todos estamos sujeitos às leis de Deus.

O rei ficava indiferente a+as súplicas do povo.
O rei ficava indiferente às súplicas do povo.

Você deve obedecer a+as normas do colégio.
Você deve obedecer às normas do colégio.

➔ Em função de só poder haver crase quando da contração da preposição **"a"** com o artigo feminino **"a",** conseqüentemente não haverá crase antes de nomes masculinos, verbos, pronomes indefinidos.

Exemplos:

Os camponeses iam a pé para o trabalho, mas o capataz ia a cavalo.
O baile será promovido a partir das 20 horas.
Tenho muito a receber de indenização.
Com essa blusa não irei a nenhuma festa.
Ela lançava olhares maliciosos a certo rapaz no restaurante.

➔ Também não acontecerá a crase antes de nomes próprios de cidade e da palavra **"casa",** a não ser que venham determinados.

Exemplos:
Amanhã regressarei a Brasília.
Amanhã regressarei à Brasília de meus sonhos.

Cansado, chegou tarde a casa. (Não há artigo definido antes da palavra casa quando se refere a sua própria casa: "Fiquei em casa", "Venho de casa".)
Cansado, chegou tarde à casa de seus pais.

➔ Igualmente, não haverá crase antes dos vocábulos **"cuja", "quem", "ela", "esta", "essa", "mim", "você", "vossa senhoria", "vossa excelência",** etc.

Exemplos:
Este é o policial a quem devo minha vida.
Hoje foi empossada a nova diretoria a cuja determinação devemos de agora em diante obedecer.
Dei a ela uma bela flor e ela ofereceu a mim um lindo sorriso.
Darei a esta criança abandonada todo meu carinho.
Falarei a você todos os detalhes do filme.

➔ Entretanto, existem alguns pronomes demonstrativos e de tratamento (como os pronomes referentes às mulheres) que aceitam a anteposição do artigo feminino, favorecendo, assim, o surgimento do fenômeno da crase.

Exemplos:
Contarei tudo à senhora (à senhorita, à madame, à dona, à dama, etc.)
Darei todos esses livros à mesma pessoa.
Só devolverei o dinheiro à própria dona.

Observação: Quando somente acontecer um simples "a" antes de um substantivo feminino plural, não ocorrerá a crase logicamente por falta do artigo.

Exemplos:
Esta lei se destina a casadas e solteiras.
Neste Congresso, falarei apenas a mulheres.

Note-se, no entanto, uma pequena alteração semântica na frase, se houver a presença do artigo feminino, passando-se de um sentido mais genérico (como no caso dos exemplos acima), para um sentido mais restrito.

Exemplo:
Neste Congresso sobre sexualidade, falarei em especial às mulheres. (Aqui, pressupõe-se um grupo, uma platéia, onde as mulheres configuram uma parte desse grupo.)

➔ Nas **locuções adverbiais** (expressões que indicam circunstâncias de tempo, lugar, modo, etc.), recomenda-se o emprego do acento grave nas formadas de "a" mais palavra feminina no singular.

Exemplos:
Rita disse que chegaria **à noite**. (tempo)
Paulinho só comia **à força.** (modo)
A canoa estava **à margem do rio**. (lugar)
Miguel adora **viver à toa**.
(Como locução adverbial de modo, significando "a esmo, ao acaso, sem fazer nada, em vão" referindo-se ao verbo, à toa não leva hífen: "Passou a vida à toa"; "Anda à toa pelas ruas"; no entanto, quando aparece como adjetivo junto a um substantivo, significando "inútil, desprezível, desocupado, insignificante", à-toa deve ser escrito com hífen: "Era uma mulher à-toa"; "Não passava de um sujeitinho à-toa".)
Eles travaram um duelo à espada. (instrumento)
Prefiro escrever cartas à caneta do que à máquina. (instrumentos)
Pedro foi ferido à bala. (instrumento)

Outras locuções adverbiais muito empregadas: **à beça, à deriva, à frente, à luz (dar à luz), À MÃO, à parte, à revelia, à tarde, à última hora, à unha, à vontade, às avessas, às claras, às ordens.**

Incluem-se nessas expressões as indicações de horas especificadas.
Exemplos: à meia-noite, às duas horas, à uma hora, às três e vinte, etc.
Observação: Não confundir com as indicações não especificadas como: "Isso acontece a qualquer hora"; "Estarei lá daqui a uma hora".

➔ Será facultativo o emprego da crase quando também for livre o uso do artigo. Isto acontecerá antes de nomes próprios de pessoas e antes de pronomes possessivos.

Exemplos:
Ofereci um presente a (à) Bruna.
Entregue essa documentação a (à) minha assessora que depois devolverá a (à) sua secretária.

Observação: Note-se que, quando se deseja mostrar mais intimidade com a pessoa de quem se fala, o emprego do artigo feminino junto à preposição é mais aconselhável. Todavia, se o tratamento é puramente formal, ou se a pessoa se tratar de personalidade pública, recomenda-se somente o emprego da preposição, não acontecendo, dessa forma, o fenômeno da crase.

Exemplos:
Contarei tudo à Raquel, minha melhor amiga.
Dedico esta homenagem a Rachel de Queiroz.

➔ Acontecerá a crase nas locuções prepositivas constituídas de um substantivo feminino singular, precedido de **"a"** e seguido de **"de".** E nas **locuções conjuntivas**, onde o substantivo é precedido de **"a"** e seguido de **"que".**
Exemplos:
à maneira de, à moda de,
à custa de, à volta de,
à beira de, à sombra de,
à luz de, à distância de,
à vista de, à espera de,
à força de, à cata de,
à procura de, à medida que,
à proporção que, etc.

Observação: Algumas vezes pode-se omitir parte da expressão (que no caso fica subentendida), ficando o "a" com o acento grave diante de palavra masculina.

Exemplos:
Aquele meu amigo poeta usava cabelos à Carlos Gomes.
(à maneira de Carlos Gomes)
Cláudia decorou sua casa à Luís XIV.
(à moda de Luís XIV)

➔ Quando a palavra **"terra"** for empregada com o sentido de **"em terra firme",** não acontecerá a crase.
Exemplos:
O navio atracou e os passageiros já se dirigiam a terra.
Ao chegarmos ao porto de Santos, não desci a terra.

Em contrapartida: "Os astronautas voltarão à Terra amanhã." (Terra = planeta)
"Em maio irei à terra de meus avós." (O substantivo terra vem determinado pela expressão "DE MEUS AVÓS")

➔ Os pronomes **"aquele(s), aquela(s) e aquilo"** podem vir com o acento grave no **"a",** revelando que ocorreu o fenômeno da crase, quando antes deles vier palavra com sentido incompleto, seguida da preposição **"a".**
Exemplos:
Referiu-se a aquele livro de Camões.
Referiu-se àquele livro de Camões.

Aludi a aquela reunião do mês passado.
Aludi àquela reunião do mês passado.

Tecemos críticas a aquilo tudo que eles fizeram de errado.
Tecemos críticas àquilo tudo que eles fizeram de errado.

➔ Antes dos pronomes relativos **"que, qual, quais",** pode ou não haver a crase, dependendo do seu antecedente. Se ao trocarmos mentalmente o antecedente feminino por um masculino e ocorrer **"ao que, ao qual, aos quais", ENTÃO HAVERÁ A CRASE.**

Exemplos:
Esta é minha terra à qual dedico esta vitória.
(Este é meu país ao qual dedico esta vitória)

Esta é minha terra a qual trago sempre na lembrança.
(Este é meu país o qual trago sempre na lembrança)

Ouvimos uma voz igual à que Ivo fazia quando estava bêbado.
(Ouvimos um grito igual ao que Ivo fazia quando estava bêbado)

Estas são as leis às quais devemos obedecer.
(Estes são os regulamentos aos quais devemos obedecer)

Dou-lhe essas referências as quais entregará ao novo chefe.
(Dou-lhe esses documentos os quais entregará ao novo chefe)

DICAS PARA CONFIRMAR A OCORRÊNCIA DA CRASE

1. Quando se puder substituir o **"à"** pelas formas **"ao", "da"** e **"para a"** (onde fica evidente a presença tanto da preposição quanto do artigo), poderemos confirmar a ocorrência da crase.

Exemplos:
A sentença foi dada à ré.
A sentença foi dada ao réu.
Teus cabelos cheiram a rosa.
Teus cabelos cheiram a cravo.
Amanhã iremos à Bolívia.
Amanhã iremos para a Bolívia.
(Amanhã voltaremos da Bolívia.)
Viajaremos a Madri.
Viajaremos para Madri.
(Voltaremos de Madri.)
Cheguei à Bahia no domingo.
Vou para a Bahia no domingo.
(Cheguei da Bahia no domingo.)
Irei a Brasília hoje.
Irei para Brasília hoje.
(Cheguei de Brasília hoje.)

2. Não haverá a crase em expressões já cristalizadas no idioma como aquelas formadas por palavras repetidas.

Exemplos:
gota a gota, cara a cara, dia a dia, passo a passo, etc.

ALGUNS CASOS ESPECIAIS

ÀS VEZES / AS VEZES

Ocorrerá a crase somente quando **"às vezes"** for uma locução adverbial de tempo (= de vez em quando, em algumas vezes);

Exemplos:
Às vezes, os alunos consultam os dicionários.
O Flamengo, às vezes, ganha do Vasco.

Quando a expressão **"as vezes"** não trouxer o significado acima, não acontecerá a crase.
Exemplos:
Foram raras as vezes em que ela veio ao Rio.
("as vezes" é o sujeito da oração)

Em todas as vezes, ele levou os documentos. (Não há a preposição "a", por isso não ocorre a crase; temos o artigo definido plural "as")

ATÉ A / ATÉ À

Para muitos gramáticos, quando **"até"** for uma preposição, o uso do acento da crase no **"a"** que vem em seguida é facultativo. Na verdade, porém, a presença de **"até",** neste caso, torna desnecessário o uso da preposição **"a",** como igualmente acontece com outras preposições.

Exemplos:
Vou até a igreja depois do café.
Viajou para a França.
Está aqui desde as seis horas.
Chegará só após as vinte horas.

Atente para não confundir a preposição **"até"** com a partícula de inclusão (até = inclusive), em cujo emprego poderá ocorrer ou não a crase.

Exemplos:
Até (inclusive) a diretora (o diretor) compareceu à festinha dos alunos.
O rapaz se referia às colegas e até (inclusive) à amiga mais íntima (ao amigo mais íntimo).

VIII. EMPREGO DO HÍFEN

PREFIXOS MAIS USADOS:

➔ **AUTO, CONTRA, EXTRA, INFRA, INTRA, NEO, PROTO, PSEUDO, SEMI, SUPRA, ULTRA.**

Estes prefixos exigem hífen quando se juntam a palavras iniciadas por vogal, **h, r** e **s.**

Exemplos: auto-análise, auto-escola, auto-estima, auto-retrato, auto-suficiente, contra-almirante, contra-ataque, contra-reforma, contra-regra, contra-senso, extra-humano, extra-oficial, extra-regimental, extra-secular, infra-estrutura, infra-renal, infra-social, intra-ocular, intra-uterino, intra-regional, intra-setorial, neo-humanista, neo-republicano, proto-história, proto-revolucionário, pseudo-herói, pseudo-revolucionário, pseudo-sábio, semi-analfabeto, semi-reta, semi-selvagem, supra-hepático, supra-renal, supra-sumo, ultra-especial, ultra-humano, ultra-realismo, ultra-romântico, ultra-sensível, ultra-som.
Exceção: "extraordinário", não leva hífen.

➔ **ANTI, ANTE, ARQUI, SOBRE.**

Estes prefixos devem ser ligados por hífen a palavras iniciadas por **h, r** ou **s**.
Exemplos: anti-herói, anti-higiênico, anti-rábico, anti-séptico, anti-social, ante-histórico, ante-república, ante-sala, arqui-rabino, arqui-rival, arqui-sacerdote, sobre-humano, sobre-saia, sobre-ser, sobre-sinal.

➔ **INTER, HIPER, SUPER.**

Estes prefixos só exigem hífen quando se juntam a palavras que começam por **h** e **r.**
Exemplos: inter-humano, inter-regional, hiper-raivoso, hiper-hidrose, super-homem, super-rápido, super-requintado.

➔ **SUB.**

Este prefixo só exige hífen quando se associa a palavra que começa por **b** ou **r.**
Exemplos: sub-base, sub-bibliotecário, sub-região, sub-ramo, sub-reino.

ATENÇÃO PARA: **bi, tri, tetra, penta, hexa**.
Palavras com estes elementos não devem levar hífen.
Exemplos: bicampeão, bimensal, bimestral, bienal, tridimensional, trimestral, triênio, tetracampeão, tetraplégico, pentacampeão, pentágono.

Também não se deve usar o hífen após os elementos **"hidro, sócio, micro, macro, multi, mini, mega e tele".** Estes elementos sempre se juntam sem hífen à palavra agregada. Se esta começar com **"r"** ou com **"s",** teremos **"rr"** ou **"ss**".

Exemplos: hidrossanitária, sociopolítico, microempresa, minissérie, minissaia, macrorregião, megaempresa, megashow, multimídia, multirracial, multissecular, telespectador, teleducação, telecomunicação, telessala, telessexo, telessena.

Em relação ao prefixo **"hidro",** em alguns casos, há duas formas possíveis. "Hidroavião" e "hidravião", "hidroenergia" e "hidrenergia", por exemplo, são formas registradas pelo "Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa", da ABL.

Quando se junta o elemento **"mini"** a palavras que começam por **"h",** o "Formulário Ortográfico" não disciplina com clareza esse caso. Com exceção do "Houaiss", os demais dicionários também não tocam no assunto. O "Houaiss" registra: "Nos casos (...) em que o segundo elemento se iniciar por **h**, sugere-se o uso de hífen." É o que ocorre com "mini-hospital", "mini-hotel" etc.
No caso do elemento "sócio", só usamos hífen quando ele é substantivo (= de associado). **Exemplo:** sócio-gerente.

Lista das principais palavras compostas que se ligam por hífen.

ab-reptício	co-produção	mula-sem-cabeça	pró-cardíaco
ab-rogar	côncavo-convexo	navio-cargueiro	puxa-encolhe
abaixo-assinado	copo-de-leite (flor)	navio-negreiro	puxa-puxa
além-mar	corre-corre	navio-tanque	quebra-cabeça
além-túmulo	decreto-lei	ob-rogar	quebra-mola
amor-perfeito	ex-aluno	pan-americano	recém-chegado
arranha-céu	ex-prefeito	pão-de-ló	recém-nascido
baixo-relevo	ganha-perde	pára-choques	reco-reco
banho-maria	gente-de-fora	pára-lamas	ruge-ruge
bate-boca	gentil-homem	pára-quedas	salário-família
bate-bola	guarda-chuva	passa-dez	salário-minimo
bate-papo	guarda-civil	pau-de-arara	sangue-frio
belas-artes	guarda-louça	pau-para-toda-obra	sem-fim
bem-aventurado	guarda-mor	pé-de-moleque	sem-vergonha
bem-me-quer	guarda-municipal	pé-de-valsa	sempre-viva
bem-querer	guarda-noturno	pega-pega	sob-roda
bem-te-vi	leva-e-traz	pisa-mansinho	sob-rojar
bem-vindo	louva-a-deus	pisca-pisca	tico-tico
bom-dia	lugar-comum	político-econômico	treme-treme
boa-tarde	luso-brasileiro	pombo-correio	vai-volta
boa-noite	má-criação	porta-voz	verde-amarelo
bota-fora	mal-agradecido	pós-datar	vice-diretor
carro-dormitório	mal-humorado	pré-alfabetização	vice-presidente
carro-forte	mal-educado	pré-carnavalesco	vice-rei
co-autor	médico-cirúrgico	pré-datado	
co-educação	mil-folhas	prima-dona	

PRINCIPAIS PALAVRAS COMPOSTAS QUE NÃO LEVAM HÍFEM.

abdução	cologarítimo	malandança	sobrecapa
abjurar	contrabando	malcheiroso	sobreface
aguarraz	contracheque	malcriado	sobreloja
alçapão	contradança	malfeitor	sobretaxa
antecâmara	contrafé	malmequer	sobrevôo
antediluviano	contrafilé	mandachuva	subaéreo
anteontem	contramão	neoclássico	subaxilar
antepenúltimo	contraprova	neoliberal	subchefe
anteprojeto	contravento	neozelandês	subdelegado
antiaéreo	extraconjugal	oblongo	subepático
antibiótico	extracurricular	panarmônico	subestimar
anticristo	extrajudicial	pandemônio	subgerente
antiestético	extralegal	passatempo	suborizontal
antiinflacionário	extraordinário	pontapé	subumano
antiinflamatório	girassol	protofonia	suboficial
antiofídico	guardanapo	protoplasma	subsecretário
arquidiocese	hiperacidez	protozoário	subsolo
arquiduque	hiperativo	pseudofobia	subterrâneo
arquiinimigo	hipermercado	pseudopoeta	superamigo
autobiografia	hipersensível	pseudoprofeta	superatleta
autocontrole	infravermelho	reviravolta	supercondutor
autodidata	interação	rodapé	supermercado
autolotação	intercolegial	semiconsoante	supersônico
bancarrota	intercontinental	semideus	supracitado
cantochão	interestadual	semiditongo	supranatural
circumpolar	interestelar	semifinal	suprapartidário
circunscrever	interplanetário	semivogal	ultrademocrático
clarabóia	interurbano	sobalçar	ultramarino
coeficiente	intramuscular	sobestar	ultrapassagem
coessência	intrapulmonar	sobpor	ultravioleta
cohabitar	intravenoso	sobreaviso	vaivém
coirmão	madrepérola		

NOTA: a expressão **"à toa"** pode ser escrita com ou sem hífen, dependendo do seu significado:

1. à toa = "a esmo, ao acaso, sem fazer nada, em vão" (locução adverbial de modo, referindo-se ao verbo): "Passou a vida à toa"; "Anda à toa pelas ruas";

2. à-toa = "inútil, desprezível, desocupado, insignificante" (adjetivo que acompanha um substantivo): "Era uma mulher à-toa"; "Não passava de um sujeitinho à-toa".

IX. EMPREGO DAS INICIAIS MAIÚSCULAS.

Emprega-se a letra inicial maiúscula nos seguintes casos:

a) nos substantivos próprios (nomes de pessoas, topônimos, denominações religiosas e políticas, nomes sagrados e ligados a religiões, entidades mitológicas e astronômicas);
Exemplos: Eduardo, Clara; Ricardo, Coração de Leão; Catarina, a Grande; Rio de Janeiro, São Paulo, Pernambuco; oceano Atlântico, lago Paraná; Igreja Católica Apostólica Romana, Igreja Ortodoxa Russa; Partido dos Trabalhadores, União Democrática Nacional; Deus, Cristo, Buda, Alá; Apolo, Zeus, Afrodite; Terra, Via Láctea, etc.

b) no início de períodos, versos ou citação direta;
Exemplos:
"A AFINIDADE não é o mais brilhante, mas o mais sutil, delicado e penetrante dos sentimentos. O mais independente. Não importa o tempo, a ausência, os adiamentos, as distâncias, as impossibilidades. Quando há AFINIDADE, qualquer reencontro retoma a relação, o diálogo, a conversa, o afeto, no exato ponto em que foi interrompido." (Arthur da Távola)

"Amor é um fogo que arde sem se ver;
É ferida que dói e não se sente;
É um contentamento descontente;
É dor que desatina sem doer;"
(Camões)

Disse Arthur da Távola: "A educação não é finalidade específica da televisão. A educação cabe à escola. A televisão é um eletrodoméstico do século XX, que entre outras finalidades e vocação pode ter - em parte - a educativa".

Observação: No começo de versos que não iniciam período, usa-se normalmente a letra minúscula, como se observa em Cecília Meireles:
"Vive como em sonho,
antes de nascido,
quando a vida e a morte
estavam consigo."

c) nos nomes de períodos históricos, festas religiosas ou datas e fatos políticos importantes;
Exemplos: Idade Média, Renascimento, Natal, Páscoa, Ressurreição de Cristo, Dia do Trabalho, Dia das Mães, Independência do Brasil, Proclamação da República, etc.;

d) nos nomes de logradouros públicos (avenidas, ruas, travessas, praças, largos, viadutos, pontes, etc.);
Exemplos: Avenida Paulista, Rua do Ouvidor, Travessa do Comércio, Praça da República, Largo do Arouche, Viaduto da Liberdade, Ponte Eusébio Matoso, etc.;

e) nos nomes de repartições públicas, agremiações culturais ou esportivas, edifícios e empresas públicas ou privadas;
Exemplos: Ministério da Educação, Delegacia do Trabalho; Academia Brasileira de Letras, Clube de Regatas Vasco da Gama; Edifício Itália, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Editora Melhoramentos, etc.;

f) nos títulos de livros, periódicos, produções artísticas, literárias e científicas;
Exemplos: Grande Sertão: Veredas (de Guimarães Rosa), Veja; Jornal da Tarde ; O Pensador (de Rodin), Os Girassóis (de Van Gogh); O Noviço (de Martins Penna); A Origem das Espécies (de Charles Darwin) etc.;

g) nos nomes de escolas em geral;
Exemplos: Escola Técnica Industrial de São Gonçalo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, Escola de Arte Dramática Cacilda Becker, Universidade Federal do Rio de Janeiro, etc.;

h) nos nomes dos pontos cardeais quando indicam regiões;
Exemplos: os povos do Oriente, o falar do Norte, os mares do Sul, a vegetação do Oeste, etc.;

Observação: Os nomes dos pontos cardeais são grafados com a inicial minúscula quando indicam apenas direções ou limites geográficos;
exemplos: ao sul de Minas Gerais; de norte a sul; de leste a oeste.

i) nas expressões de tratamento;
Exemplos: Vossa Alteza, Vossa Majestade, Vossa Santidade, Vossa Excelência, Vossa Senhoria, Magnífico Reitor, Sr. Diretor, Sra. Coordenadora, etc.;

j) nos nomes comuns sempre que personificados ou individualizados;
Exemplos: o Amor, o Ódio, a Virtude, a Morte, o Lobo, o Cordeiro, a Cigarra, a Formiga, a Capital, a República, a Transamazônica, a Indústria, o Comércio, etc.

X. FIGURAS E VÍCIOS DE LINGUAGEM

FIGURAS DE LINGUAGEM

AMBIGÜIDADE: palavras com duplo sentido.
Manuel Bandeira, poeta maior, escreveu um texto chamado "Poema só para Jayme Ovalle". Para um poema cujo tema é essencialmente a solidão, o título é intencionalmente ambíguo. No poema de Bandeira, **"só"** pode referir-se a "poema" ("poema solitário", por exemplo) ou a "Jayme Ovalle" ("poema feito exclusivamente para Jayme Ovalle", por exemplo).

É importante também destacar o papel da pontuação. Compare a frase "Só você não conseguirá a resposta" com "Só, você não conseguirá a resposta". Parecem iguais. As palavras são as mesmas, a ordem das palavras é a mesma, mas a vírgula faz a diferença.

Na primeira, "só" significa "apenas"; na segunda, "sozinho/a".

Vale lembrar a expressão "a sós", invariável: "Quero ficar a sós"; "Queremos ficar a sós"; "Ele quer ficar a sós"; "Eles querem ficar a sós".

Não faça confusão. Quando "só" significa "sozinho/a", varia, ou seja, tem singular e plural. Quando significa "somente, apenas", não varia, não tem plural. E a expressão "a sós" é fixa, invariável.

Outros exemplos de frases ambíguas:

"Encontrei seu diretor e resolvemos fazer uma reunião em seu escritório às 15h." (O escritório era da pessoa com quem se estava falando ou do chefe dela?)

Ao saber que um sobrinho havia levado uma mordida, minha mulher perguntou: "Afinal, quem mordeu o Pedro?" A resposta foi imediata: "Foi a cachorra da namorada do João neurótica."
(Quem mordeu o Pedro foi:
1. a cachorra, que é neurótica e pertence à namorada do João?
2. a cachorra, que pertence à namorada neurótica do João?
3. a namorada do João, que, além de ser uma "cachorra", é uma neurótica?)

ANACOLUTO: ruptura da ordem lógica da frase. É um recurso muito utilizado nos diálogos, que procuram reproduzir na escrita a língua falada. Também permite a caracterização de estados de confusão mental.
Exemplo:
"Deixe-me ver... É necessário começar por... Não, não, o melhor é tentar novamente o que foi feito ontem."

ANÁFORA: repetição sistemática de termos ou de estruturas sintáticas no princípio de diferentes frases ou de membros da mesma frase. É um recurso de ênfase e coesão.
Exemplo:
Vi uma estrela tão alta,
Vi uma estrela tão fria!
Vi uma estrela luzindo
Na minha vida vazia.
(Manuel Bandeira)

ANTÍTESE: aproximação de palavras de sentidos opostos.
Exemplos:
Na ofuscante CLARIDADE daquela manhã, pensamentos SOMBRIOS o perturbavam.

ASSÍNDETO: é a coordenação de termos ou orações sem utilização de conectivo. Esse recurso costuma imprimir lentidão ao ritmo narrativo.
Exemplo:
"Foi apanhar gravetos, trouxe do chiqueiro das cabras uma braçada de madeira meio ruida pelo cupim, arrancou touceiras de macambira, arrumou tudo para a fogueira." (Graciliano Ramos)

CATACRESE: palavra que perdeu o sentido original.
Exemplos:
salário (= pagamento que era feito em sal)
secretária (= móvel em que se guardavam segredos)
azulejos (= ladrilhos azuis)

ELIPSE: omissão de um ou mais termos de uma oração, o qual se subentende, se presume.
Exemplos:
Ao redor, bons pastos, boa gente, terra boa para se plantar.
(Omissão do verbo HAVER)

Na memorável "Canto triste" (música de Edu Lobo e letra de Vinicius de Moraes), há um belo exemplo de elipse: "Onde a minha namorada? Vai e diz a ela as minhas penas e que eu peço, peço apenas que ela lembre as nossas horas de poesia...". No trecho "Onde a minha namorada?", está subentendido um verbo ("está", "anda" etc.). É bom lembrar que existe um caso específico de elipse, que alguns preferem chamar de **"zeugma".** Trata-se da omissão de termo já citado na frase. É o caso, por exemplo, de "Ele primeiro foi ao cinema, depois, ao teatro". Em "depois, ao teatro", não se repetiu a forma verbal "foi", expressa na primeira oração ("Ele primeiro foi ao cinema").

Há um caso específico de **zeugma,** que ocorre quando a palavra omitida tem flexão diferente da que se verifica no termo expresso anteriormente. É o caso, por exemplo, de "Eu trabalho com fatos; você, com boatos". Que palavra está subentendida? É a forma verbal "trabalha", flexionada na terceira pessoa do singular e deduzida de "trabalho", da primeira pessoa do singular do presente do indicativo de "trabalhar". Esse caso de **zeugma** é chamado por alguns de **"zeugma complexa"** (ou **"zeugma complexo",** já que, para alguns dicionários, a palavra **"zeugma"** é masculina, mas, para outros, feminina; há ainda os que a consideram palavra de dois gêneros, isto é, que pode ser usada indiferentemente no masculino ou no feminino).

EUFEMISMO: o Dicionário "Houaiss" diz que é "palavra, locução ou acepção mais agradável, de que se lança mão para suavizar ou minimizar (...) outra palavra, locução ou acepção menos agradável, mais grosseira...". O "Aurélio" diz que é "ato de suavizar a expressão duma idéia substituindo a palavra ou expressão própria por outra mais agradável, mais polida".

Exemplos:
Ontem, Osvaldo partiu dessa pra melhor (em vez de "morreu")
Este trabalho poderia ser melhor (em vez de "está ruim").

Às vezes, a suavização é feita de um jeito todo particular: pela negação do contrário. Para que não se diga, por exemplo, que determinado indivíduo é burro, diz-se que é pouco inteligente, ou simplesmente que não é inteligente. Esse caso, que contém forte dose de ironia, chama-se "litotes". É bom que se diga que com a litotes não necessariamente se suaviza. Para que se diga que uma pessoa é inteligente, pode-se dizer que não é burra: "Seu primo não é nada burro". Em suma, a litotes é "modo de afirmação por meio da negação do contrário", como define o "Aurélio".

HIPÉRBOLE: é bom observar que no extremo oposto do eufemismo está a "hipérbole". Se com aquele suavizamos, atenuamos, abrandamos, com esta aumentamos, enfatizamos, exageramos.

Exemplos:
Eu já disse um milhão de vezes que não fui eu quem fez isso!
Ela morreu de medo ao assistir aquele filme de suspense.
Hoje está um frio de rachar!
Aquela mãe derramou rios de lágrimas quando seu filho foi preso.
Não convide o João para sua festa, porque ele come até explodir!
Os atletas chegaram MORRENDO DE SEDE.

GALICISMO ou FRANCESISMO : palavra ou expressão francesa usada na língua portuguesa ou em outra língua qualquer.

Exemplos:
vitrine (por vitrina, espécie de caixa com tampa envidraçada, ou armário com vidraça móvel, onde se guardam objetos expostos à venda ou a serem vistos; fetiche (por feitiço); gauche (por desajeitado); ter lugar (por realizar-se); fazer um passeio (por dar um passeio).

GRADAÇÃO: consiste em encadear palavras cujos significados têm efeito cumulativo.

Exemplo:
Os grandes projetos de colonização resultaram em pilhas de papéis velhos, restos de obras inacabadas, hectares de floresta devastada, milhares de famílias abandonadas à própria sorte.

HIBRIDISMO: em língua portuguesa, significa palavras em cuja formação entram elementos de idiomas diferentes.

Exemplos:
"Biologia" - bio (vem do latim e significa vida) + logia (vem do grego e significa estudo ou ciência): ciência que estuda a vida. Em "automóvel", por exemplo, temos o elemento grego "auto" associado a "móvel", que vem do latim. Em "sociologia", temos "socio", do latim, e "logia", do grego.

Em "burocracia", temos "buro", do francês "bureau", que significa "escritório", "repartição", e "cracia", que vem do grego e significa "poder", "autoridade". A burocracia nada mais é do que o poder de quem mexe com papéis.

Repetindo: o processo pelo qual se formam palavras pela união de elementos de línguas diferentes chama-se "hibridismo". São também híbridas palavras como "televisão" (soma do grego "tele", que significa "longe", "distante", com "visão", que vem do latim); "abreugrafia" (que vem de "Abreu", sobrenome do médico brasileiro que criou determinado processo radioscópico, e "grafia", elemento grego, que significa "descrição", "escrita"); "pitangueira" (soma de "pitanga", que vem do tupi, com o sufixo latino "eiro/a"); "sambódromo", que reúne "samba", de origem africana, e "dromo", do grego ("lugar em que se corre"). Quando se pensa que "sambódromo" é formada por um elemento africano e outro grego, mas só faz sentido no português do Brasil, entende-se por que língua e cultura são elementos indissociáveis.

HIPÉRBATO: é a inversão da ordem natural das palavras.

Exemplo:
"De tudo, ao meu amor serei atento antes" (ordem indireta ou inversa)
Em vez de "Serei atento ao meu amor antes de tudo" (ordem direta)

IRONIA: consiste em, aproveitando-se do contexto, utilizar palavras que devem ser compreendidas no sentido oposto do que aparentam transmitir. É um poderoso instrumento para o sarcasmo.

Exemplo:
Muito competente aquele candidato! Construiu viadutos que ligam nenhum lugar a lugar algum.

METÁFORA: palavra empregada fora de seu sentido real, literal, denotativo.

Exemplos:
Eliana não SE DOBROU às desculpas do namorado que a deixou esperando por uma hora.
Ontem à noite choveu CANIVETES!

Na base de toda metáfora está um processo comparativo:
Senti a seda do seu rosto em meus dedos.
(Seda, na frase acima, é uma metáfora. Por trás do uso dessa palavra para indicar uma pele extremamente agradável ao tato, há várias operações de comparação: a pele descrita é tão agradável ao tato quanto a seda; a pele descrita é uma verdadeira seda; a pele descrita pode ser chamada seda.)

METONÍMIA: ocorre quando uma palavra é usada para designar alguma coisa com a qual mantém uma relação de proximidade ou posse.

Exemplo:
Meus olhos estão tristes por que você decidiu partir.
(Olhos, na frase acima, é uma metonímia. Na verdade, essa palavra, que indica uma parte do ser humano, esta sendo usada para designar o ser humano completo.)

ONOMATOPÉIA: emprego de palavras apropriadas na tentativa de se imitar o som de alguma coisa.

Exemplos:
Não conseguia dormir com o TIC-TAC do relógio da sala.

"Lá vem o vaqueiro pelos atalhos, tangendo as reses para os currais. Blem... blem... blem... cantam os chocalhos dos tristes bodes patriarcais. E os guizos finos das ovelhinhas ternas dím... dím... dím... E o sino da igreja velha: bão... bão... bão..." (Ascenso Ferreira)

PERÍFRASE: uso de um dos atributos de um ser ou coisa que servirá para indicá-lo.

Exemplos:
Na floresta, todos sabem quem é o REI DOS ANIMAIS. (REI DOS ANIMAIS = LEÃO)
A CIDADE MARAVILHOSA torce para um dia sediar os Jogos Olímpicos.
(CIDADE MARAVILHOSA = RIO DE JANEIRO)

PLEONASMO: repetição de um termo da oração para se dar ênfase a ele.

Exemplos:
A MIM só me restou a esperança de dias melhores.

Casos de pleonasmos considerados estilísticos:
Camões, em "Os Lusíadas", escreveu "De ambos os dous a fronte coroada". (Esta frase está na ordem inversa. Na ordem direta seria "A fronte de ambos os dous coroada." E "dous" é uma forma, hoje em desuso, equivalente a "dois".

Observação: A palavra "ambos" é da mesma família das palavras "ambivalente", "ambidestro", "ambívio" ("encruzilhada"), "ambígeno" ("proveniente de duas espécies diversas") etc.

"Ver com os próprios olhos". É óbvio que ninguém vê com as orelhas, nem vê com os olhos de outra pessoa. Mas essa combinação é aceita justamente por ser considerada expressiva, sobretudo pela palavra "próprios": "Vi com meus próprios olhos."

Um outro bom exemplo de pleonasmo consagrado é "abismo sem fundo". Pouquíssimas pessoas sabem que, na origem, a palavra "abismo" significa "sem fundo". Ao pé da letra, "abismo" é "lugar sem fundo".

Quando se perde a noção da origem de uma palavra, é natural que ocorram ligeiras mudanças em seu significado, o que justifica certos pleonasmos, como o de "abismo sem fundo". Afinal, hoje em dia, o sentido corrente de "abismo" não é de "lugar sem fundo" e sim de "lugar muito fundo".

Convém lembrar que existe a forma paralela "abisso", hoje pouco usada. É dela que se forma o adjetivo "abissal". Apesar de o substantivo "abisso" estar fora de moda, o adjetivo "abissal" é mais usado que "abismal": "A ignorância dele é abissal/abismal." Ambas as formas são corretas e equivalentes.

POLISSEMIA: é a propriedade que tem a mesma palavra de assumir significados diferentes.

Exemplos:
Lúcia bateu a porta. (fechou)
Roberto bateu o carro. (trombou)
Meu coração bate rápido. (pulsa)

Em uma propaganda da Bradesco Seguros de automóveis vemos, na foto, um pincel de barbeiro, usado para espalhar o creme de barbear no rosto do cliente, e a legenda: "Esta cidade está cheia de barbeiros" (alusão aos maus motoristas)

POLISSÍNDETO: é o uso repetido da conjunção (do conectivo), entre elementos coordenados. Esse recurso costuma acelerar o ritmo narrativo.

Exemplos:
"O amor que a exalta e a pede e a chama e a implora."
(Machado de Assis)
"No aconchego
Do claustro, na paciência e no sossego
Trabalhe, e teima, e lima, e sofre, e sua!"
(Olavo Bilac)

PROSOPOPÉIA ou PERSONIFICAÇÃO (ou ainda **METAGOGE**): consiste em atribuir características de seres animados a seres inanimados ou características humanas a seres não-humanos.

Exemplos:
"A floresta gesticulava nervosamente diante do lago que a devorava. O ipê acenava- lhe brandamente, chamando-o para casa."
As estrelas sorriem quando você também sorri.

SILEPSE: Figura pela qual a concordância das palavras se faz de acordo com o sentido, e não segundo as regras da sintaxe. A Silepse pode ser de pessoa, número ou gênero.

Exemplos:
"Os brasileiros somos roubados todos os dias." Quem diz ou escreve a frase dessa forma põe o verbo na primeira pessoa do plural para deixar claro que é brasileiro e é roubado. Nessa frase, por exemplo, a concordância não foi feita com "os brasileiros", mas com o sentido, com a idéia que se quer enfatizar. É claro que teria sido possível empregar a forma "são" ("Os brasileiros são roubados..."), no entanto, o enfoque mudaria completamente.

No exemplo anterior, ocorre silepse de pessoa, já que se trocou a terceira pessoa pela primeira. A de número ocorre quando se troca o singular pelo plural (ou vice-versa), como se vê neste exemplo: "A turma chegou cedo, mas, depois que foi dado o aviso de que o professor se atrasaria, desistiram de esperar e foram embora". Nessa frase, as formas verbais "desistiram" e "foram" se referem ao termo "turma", mas não concordam com a forma dessa palavra (singular), e sim com a idéia contida em seu significado ("alunos", no caso). A silepse de número é comum com o vocativo representado por coletivo, seguido de verbo no plural: "Turma, turma, venham". De novo, o verbo ("venham") não concorda com a palavra "turma", mas com sua idéia.

A silepse é de gênero quando se troca o masculino pelo feminino (ou vice-versa). Em "São Paulo está assustadíssima com a brutalidade", exemplo clássico, o adjetivo "assustadíssima", no feminino, não concorda com "São Paulo", nome de santo, masculino, mas com "cidade", palavra que não foi dita ou escrita. O mesmo processo se dá quando se diz "Porto Alegre é linda". "Porto" é palavra masculina, mas a concordância de "linda" também se dá com "cidade". Em certos casos, ocorrem, simultaneamente, a silepse de gênero e a de número, como se vê neste exemplo, transcrito do "Dicionário Houaiss": "Que será de nós, com a bandidagem podendo andar soltos por aí". Na frase, o adjetivo "soltos" não concorda com a forma singular e feminina da palavra "bandidagem", mas com sua idéia ("os bandidos").

Observação: É bom lembrar que a Silepse também é chamada de "concordância ideológica".

SINESTESIA: aproximação de sensações diferentes.

Exemplos:
Naquele momento, sentiu um CHEIRO VERMELHO de ódio.
(CHEIRO, olfato - VERMELHO, visão)

ZEUGMA: omissão de um ou mais elementos de uma oração, mas que já foram mencionados em outra. Ver **ELIPSE**.

VÍCIOS DE LINGUAGEM

BARBARISMO: é o emprego de vocábulos, expressões e construções alheias ao idioma. Os estrangeirismos que entram no idioma por um processo natural de assimilação de cultura assumem aspecto de sentimento político-patriótico que, aos olhos dos puristas extremados, trazem o selo da subserviência e da degradação do país. Esquecem-se de que a língua, como produto social, registra, em tais estrangeirismos, os contactos de povos. Este tipo de patriotismo lingüístico (Leo Spitzer lhe dava pejorativamente o nome de "patriotite") é antigo e revela reflexos de antigas dissensões históricas. Bréal lembra que os filólogos gregos que baniam os vocábulos turcos do léxico continuavam, à sua moda, a guerra da independência. Entre nós o repúdio ao francesismo ou galicismo nasceu da repulsa, aliás, justa, dos portugueses aos excessos dos soldados de Juno quando Napoleão ordenou a invasão de Portugal. O que se deve combater é o excesso de importação de línguas estrangeiras, mormente aquela desnecessária por se encontrarem no vernáculo vocábulos equivalentes.

CACÓFATO : palavra de origem grega que significa "mau som", RESULTANTE DA aproximação das sílabas finais de uma palavra com as iniciais de outra, formando uma terceira de "som desagradável".

Exemplos:
Durante a Olimpíada de Atlanta, um repórter afirmou com muita ênfase: "Até hoje, o atletismo era o esporte que havia dado mais medalhas para o Brasil."
Na transmissão do jogo Brasil x Coréia, ouviu-se: "Flávio Conceição pediu a bola e Cafu deu."

Cacófatos mais conhecidos:
"Uma prima minha...", "Na boca dela...", "Na vez passada...", "Eu vi ela...", "Teu time nunca ganha", entre outros.

Segundo o gramático e filólogo Napoleão Mendes de Almeida "Só haverá cacofonia quando a palavra produzida for torpe, obscena ou ridícula. É infundado o exagerado escrúpulo de quem diz haver cacófato em 'por cada', 'ela tinha' e 'só linha'." No mesmo caso podemos incluir "uma mão" e "já tinha".

No meio empresarial, corre uma história muito curiosa. Dizem que uma engenheira química, durante visita a uma indústria, recebeu a seguinte pergunta: "Que a senhora faria se este problema ocorresse em sua fábrica?" Ela respondeu secamente: "Eu mandaria um químico meu." A resposta causou constrangimento. Todos disfarçaram e continuaram a reunião. Lá pelas tantas, nova pergunta: "E neste caso?" Nova resposta: "Eu mandaria um outro químico meu." Foram tantos "químico meu" que um diretor mais preocupado perguntou: "Mas...foi a fábrica toda?" Ela deve ter voltado para casa sem saber o porquê de tanto sucesso.

REDUNDÂNCIA: palavra ou expressão desnecessária, por indicar idéia que já faz parte de outra passagem do texto.

Exemplos:
Você sabe o que significa "elo"? Além de sinônimo de argola, figurativamente elo pode significar "ligação, união". Então "elo de ligação" é outro belíssimo caso de redundância. Basta dizer que alguma coisa funciona como elo, e não que funciona como "elo de ligação".

O mesmo raciocínio se aplica em casos como o de "criar mil novos empregos". Pura redundância. Basta dizer "criar mil empregos".

Se é consenso, é geral. É redundante dizer "Há consenso geral em relação a isso". Basta dizer que há consenso.

Prefiro mais é errado. A força do prefixo (pre) dispensa o advérbio (mais). Diga sempre: prefiro sair sozinha; prefiro comer carne branca. Nada mais!

Outros exemplos de redundância:
"Acabamento final" (O acabamento vem no fim mesmo)
"Criar novas teorias" (O que se cria é necessariamente novo)
"Derradeira última esperança" (Derradeira é sinônimo de última)
"Ele vai escrever a sua própria autobiografia" (Autobiografia é a biografia de si mesmo)
"Houve contatos bilaterais entre as duas partes" (Basta: "bilaterais entre as partes")
"O nível escolar dos alunos está se degenerando para pior" (É impossível degenerar para melhor)
"O concurso foi antecipado para antes da data marcada" (Será que dá para antecipar para depois?)
"Ganhe inteiramente grátis" (Se ganhar só pode ser grátis, imagine inteiramente grátis. Parece que alguém pode ganhar alguma coisa parcialmente grátis)
"Por decisão unânime de toda a diretoria" (Boa foi a decisão unânime só da metade da diretoria!)
"O juiz deferiu favoravelmente" (Se não fosse favoravelmente, o juiz tinha indeferido)
"Não perca neste fim de ano, as previsões para o futuro" (Ainda estamos para ver as previsões para o passado!)

SOLECISMO: colocação inadequada de algum termo, contrariando as regras da norma culta em relação à sintaxe (parte da gramática que trata da disposição das palavras na frase e das frases no período).

Exemplos:
Me esqueci (em lugar de: Esqueci-me).
Não falou-me sobre o assunto (em lugar de: Não me falou sobre o assunto)
Eu lhe abracei (por: Eu o abracei)
A gente vamos (por: A gente vai)
Tu fostes (por: Tu foste)

ALGUMAS MANEIRAS DE FALAR OU ESCREVER ERRADO

A **TAUTOLOGIA** é um dos vícios de linguagem que consiste em dizer ou escrever a mesma coisa, por formas diversas, meio parecida com pleonasmo ou redundância.

É um artifício de linguagem que, raramente, até fica enfático no corpo do texto. Nos processos policiais, certidões e escrituras, além dos milhares de erros cometidos, é muito comum o vicio de repetir com outras palavras o que está fartamente explícito .

Observe a lista abaixo. Se vir alguma que já usou, procure não utilizar mais.

- Habitat natural;	- Criar novos empregos;
- Certeza absoluta;	- Retornar de novo;
- Número exato;	- Freqüentar constantemente;
- Quantia exata;	- Empréstimo temporário;
- Sugiro, conjecturalmente;	- Compartilhar conosco;
- Nos dias , e inclusive;	- Surpresa inesperada;
- Como prêmio extra;	- Completamente vazio;
- Juntamente com;	- Colocar algo em seu respectivo lugar;
- Em caráter esporádico;	- Escolha opcional;
- Expressamente proibido;	- Continua a permanecer;
- Terminantemente proibido;	- Passatempo passageiro;
- Em duas metades iguais;	- Atrás da retaguarda;
- Destaque excepcional;	- Planejar antecipadamente;
- Sintomas indicativos;	- Repetir outra vez / de novo;
- Há anos atrás;	- Sentido significativo;
- Vereador da cidade;	- Voltar atrás;
- Outra alternativa;	- Abertura inaugural;
- Detalhes minuciosos / pequenos detalhes;	- Pode possivelmente ocorrer;
- A razão é porque;	- A partir de agora;
- Interromper de uma vez;	- Última versão definitiva;
- Anexo (a) junto a carta;	- Obra-prima principal;
- De sua livre escolha;	- Gritar/ Bradar bem alto;
- Superávit positivo;	- Propriedade característica;
- Vandalismo criminoso;	- Comparecer em pessoa;
- Palavra de honra;	- Colaborar com uma ajuda / auxílio;
- Conviver junto;	- Matriz cambiante;
- Exultar de alegria;	- Com absoluta correção/ exatidão;
- Encarar de frente;	- Demasiadamente excessivo;
- Comprovadamente certo;	- Individualidade inigualável;
- Fato real;	- A seu critério pessoal;
- Multidão de pessoas;	- Abusar demais;
- Amanhecer o dia;	- Exceder em muito;
- Almirante da Marinha;	- Preconceito intolerante;
(Só existem almirantes na Marinha)	- Medidas extremas de último caso;
- Manter o mesmo time;	- De comum acordo;

- Labaredas de fogo; - Erário público; (Os dicionarios ensinam que erário é o tesouro público, por isso, basta dizer somente erário) - Despesas com gastos; - Monopólio exclusivo; - Ganhar grátis; - Países do mundo; - Viúva do falecido; - Expectativas, planos ou perspectivas para o futuro.	- Inovação recente; - Velha tradição; - Beco sem saída; - Discussão tensa; - Imprensa escrita; - Sua autobiografia; - Sorriso nos lábios; - Goteira no teto; - General do Exército; (Só existem generais no Exército) - Brigadeiro da Aeronáutica; (Só existem brigadeiros na Aeronáutica)

XI. FORMAÇÃO DO PLURAL

REGRAS BÁSICAS

Em substantivos simples, acrescenta-se a desinência **"-s"** aos substantivos terminados em vogal, ditongo oral ou ditongo nasal **"ãe":** casa/casas, peru/perus, pai/pais, lei/leis, herói/heróis, réu/réus, troféu/troféus, fogaréu/fogaréus, degrau/degraus, grau/graus, sarau/saraus, bacalhau/ bacalhaus, maçã/maçãs, mãe/mães...

Observação :

Atente para as formas "avôs" (o avô materno e o paterno) e "avós" (casal formado por avô e avó, ou plural de avó; também indica os antepassados de um modo geral).

A maioria dos substantivos terminados em **"-ão"** forma o plural substituindo essa terminação por **"-ões"** (incluem-se nesse grupo os aumentativos): balão/balões, eleição/eleições, leão/leões, sabichão/sabichões, coração/corações, vozeirão/vozeirões...

Os paroxítonos terminados em **"-ão"** e alguns poucos oxítonos e monossílabos formam o plural pelo simples acréscimo de **"s":** sótão/sótãos, cidadão/cidadãos, chão/chãos, bênção/bênçãos, cristão/cristãos, grão/grãos, órfão/órfãos, irmão/irmãos, mão/mãos...

Alguns substantivos terminados em **"-ão"** formam o plural substituindo essa terminação por **"-ães":** alemão/alemães, capitão/capitães, pão/pães, cão/cães, charlatão/charlatães, sacristão/sacristães, capelão/capelães, escrivão/escrivães, tabelião/tabeliães...

Em alguns casos, há mais do que uma forma aceitável para esses plurais. A tendência da língua portuguesa atual do Brasil é utilizar a forma de plural em **"-ões":**

guardião - guardiões, guardiães;
verão - verões, verãos;
anão - anões, anãos;
cirurgião - cirurgiões, cirurgiães;
corrimão - corrimões, corrimãos;
vilão - vilões, vilãos;
ancião - anciões, anciães, anciãos;
ermitão - ermitões, ermitães, ermitãos;
zangão (substantivo masculino de abelha) zangãos, zangões; que pode ser pronunciada também de duas maneiras: zangão ou zângão (acento colocado para mostrar a pronúncia).

Observação:

ARTESÃOS/ARTESÕES

Quando se refere ao indivíduo que tem por ofício as artes que dependem de habilidade manual, o feminino é "artesã", e o plural é "artesãos". No entanto, a palavra "artesão" também se usa em arquitetura, com o sentido de "adorno que se coloca entre molduras em abóbadas e tetos". Neste caso, o plural é "artesões". Disso se conclui que é possível dizer que "os artesões de determinada igreja foram produzidos por famosos artesãos".

Acrescenta-se a desinência **"-s"** aos substantivos terminados em **"-m".** Essa letra é substituída por **"-n"** na forma do plural: homem/homens, jardim/jardins, som/sons, atum/atuns...

Os substantivos terminados em **"-r"** e **"-z"** formam o plural com o acréscimo **de "-es":** mar/mares, açúcar/açúcares, hambúrguer/hambúrgueres, flor/flores, repórter/repórteres, revólver/revólveres; raiz/raízes, rapaz/rapazes, cruz/cruzes...

Observação:
No caso do plural das palavras "júnior", "sênior" e "caráter", além de acrescentar **"es",** devemos observar a mudança da posição da sílaba tônica: "juni ô res", "seni ô res", "carac té res" (devemos escrever essas palavras sem acento, mas pronunciar com a sílaba tônica nas vogais aqui acentuadas.).

Os substantivos terminados em **"-s"** formam o plural com acréscimo de **"-es";** quando paroxítonos ou proparoxítonos, são invariáveis - o que faz com que a indicação de número passe a depender de um artigo ou outro determinante: gás/gases, obus/obuses, um lápis/dois lápis, mês/meses, o atlas/os atlas, algum ônibus/vários ônibus, país/países, o pires/os pires, o vírus/os vírus...

Os substantivos terminados em **"-al, -el, -ol e -ul"** formam o plural pela transformação do **"-l"** dessas terminações em **"-is":** animal/animais, canal/canais, vogal/vogais, igual/iguais, anel/anéis, pastel/pastéis, álcool/álcoois, anzol/anzóis...

Observação:
O plural de "mal" (males) e de "cônsul" (cônsules) é uma exceção à regra das palavras terminadas em **"l".** Já "mel" admite dois plurais: "meles" ou "méis". Os dicionários e as gramáticas afirmam que "gol" também admite dois plurais: "gois" (com o **"o"** fechado, como o de bois) e "goles" (com o "o" também fechado); exemplo: Ronaldinho fez três goles (ou gois) numa só partida. No entanto, a forma irregular "gols" é a que tem predominado na imprensa em geral.

Os substantivos oxítonos terminados em **"-il"** trocam o **"-l"** pelo **"-s";** os paroxítonos trocam essa terminação por **"-eis":** barril/barris, ardil/ardis, funil/funis, fuzil/fuzis, fóssil/fósseis, projétil/projéteis, réptil/répteis...

Além das formas paroxítonas apresentadas acima, existem as formas oxítonas "projetil" e "reptil", que fazem os plurais "projetis" e "reptis", oxítonos.

Os substantivos terminados em **"-n"** formam o plural pelo acréscimo de **"-s"** ou **"-es":** abdômen/abdomens ou abdômenes, gérmen/germens ou gérmenes, hífen/hifens ou hífenes, líquen/liquens ou líquenes...

No português do Brasil, há acentuada tendência para o uso das formas obtidas pelo acréscimo de **"-s".** Observe que, quando paroxítonas, essas formas de plural não recebem acento gráfico.
Destaque-se cânon, cujo plural é a forma cânones.

Os substantivos terminados em **"-x"** são invariáveis; a indicação de número depende da concordância com algum determinante: o tórax/os tórax, um climax/alguns climax, uma (ou um) xerox/duas (ou dois) xerox...

Existem alguns substantivos terminados em **"-x"** que apresentam formas variantes terminadas em **"-ce";** nesses casos, deve-se utilizar a forma plural da variante: o cálix ou cálice/ os cálices, o códex ou códice/ os códices...

Os diminutivos com o sufixo **"-zinho"** (e mais raramente **"-zito")** fazem o plural da seguinte forma: o plural da palavra original sem o **"s"** + o plural do sufixo (-**zinhos** ou -**zitos).**

Exemplos:
botão + zinho (botõe + zinhos = botõezinhos)
balão + zinho (balõe + zinhos = balõezinhos)
pão + zinho (pãe + zinhos = pãezinhos)
papel + zinho (papei + zinhos = papeizinhos)
anzol + zinho (anzoi + zinhos = anzoizinhos)
colar + zinho (colare + zinhos = colarezinhos)
flor + zinha (flore + zinhas = florezinhas)

Observações:
No caso de diminutivos formados a partir de substantivos terminados em **"-r",** existe acentuada tendência na língua atual do Brasil para limitar-se o plural à terminação da forma derivada: colarzinho/colarzinhos, florzinha/florzinhas, mulherzinha/mulherzinhas. Essa forma de plural, no entanto, é repudiada pela norma culta.

No caso das palavras luzinha e cruzinha, o sufixo para o diminutivo é **"inho"** (a letra **"z"** pertence à raiz da palavra). Não se aplica, portanto, a regra acima. Basta pôr a desinência **"s":** luzinhas e cruzinhas.

METAFONIA

Existem muitos substantivos cuja formação do plural não se manifesta apenas por meio de modificações morfológicas, mas também implica alteração fonológica. Nesses casos, ocorre um fenômeno chamado metafonia, ou seja, a mudança de som entre uma forma e outra.

Trata-se da alternância do timbre da vogal, que é fechado na forma do singular e aberto na forma do plural. Observe os pares abaixo:

singular (ô)	- plural (ó)
aposto	apostos
caroço	caroços
corno	cornos
corpo	corpos
corvo	corvos
esforço	esforços
fogo	fogos
imposto	impostos
miolo	miolos
osso	ossos
poço	poços
porto	portos
povo	povos
socorro	socorros
forno	fornos
jogo	jogos
olho	olhos
ovo	ovos
porco	porcos
posto	postos
reforço	reforços
tijolo	tijolos

É importante que você atente na pronúncia culta desses plurais quando estiver utilizando a língua falada em situações formais.

PLURAL DE PALAVRAS COMPOSTAS

A formação do plural dos substantivos compostos depende da forma como são grafados, do tipo de palavras que formam o composto e da relação que estabelecem entre si. Aqueles que são grafados ligadamente (sem hífen) Comportam-se como os substantivos simples: aguardente/aguardentes, girassol/girassóis, pontapé/pontapés...

Nesse sentido, para fazer o plural de uma palavra composta, é preciso antes verificar em que classe gramatical ela se encaixa. Basicamente, uma palavra composta pode ser um substantivo ou um adjetivo. No caso de "pombo-correio", por exemplo, temos um substantivo composto. Afinal, "pombo-correio" é nome de algo. Se é nome, é substantivo.

O segundo passo é verificar a classe gramatical de cada elemento formador da palavra composta. No caso de "pombo-correio", tanto "pombo" quanto "correio" são substantivos. Dizem as gramáticas que, quando o segundo substantivo indica idéia de semelhança ou finalidade em relação ao primeiro, há duas possibilidades de plural: variam os dois ou varia só o primeiro. "Pombo-correio" se encaixa nesse caso. Um pombo-correio nada mais é do que "variedade de pombo que se utiliza para levar comunicações e correspondência", como

diz o próprio Aurélio. O segundo substantivo ("correio") indica finalidade em relação ao primeiro ("pombo"). Deduz-se, pois, que o plural de "pombo-correio" pode ser "pombos-correio" ou "pombos-correios".

Vejamos outros exemplos de substantivos compostos que se encaixam nesse caso: "carro-bomba", "homem-bomba", "público-alvo", "samba-enredo", "caminhão-tanque", "navio-escola", "couve-flor", "banana-maçã", "saia-balão" e tantos outros de estrutura semelhante (dois substantivos, com o segundo indicando semelhança ou finalidade em relação ao primeiro). Um carro-bomba, por exemplo, é um carro feito com a finalidade específica de explodir; assim como um homem-bomba é um indivíduo (normalmente um terrorista) que amarra explosivos em seu corpo com o mesmo fim. Um público-alvo é uma determinada parcela da população. Um samba-enredo é um samba feito para contar o enredo do desfile de uma escola. Uma couve-flor é uma couve semelhante a uma flor. A saia-balão é uma saia que lembra um balão. E por aí vai.

Sendo assim, o plural de cada um desses substantivos compostos apresenta-se desta maneira:

"carros-bomba" ou "carros-bombas", "homens-bomba" ou "homens-bombas", "públicos-alvo" ou "públicos-alvos", "sambas-enredo" ou "sambas-enredos", "caminhões-tanque" ou "caminhões-tanques", "navios-escola" ou "navios-escolas", "couves-flor" ou "couves-flores", "bananas-maçã" ou "bananas-maçãs", "saias-balão" ou "saias-balões".

Convém aproveitar a ocasião para lembrar que, quando o segundo substantivo não indica semelhança ou finalidade em relação ao primeiro, só há uma possibilidade de plural: flexionam-se os dois elementos. É o que ocorre com "cirurgião-dentista", "tio-avô", "tia-avó", "tenente-coronel", "bicho-papão", "rainha-mãe", "decreto-lei" e tantos outros. Vamos ao plural: "cirurgiões-dentistas" (ou "cirurgiães-dentistas"), "tios-avôs" (ou "tios-avós"), "tias-avós", "tenentes-coronéis", "bichos-papões", "rainhas-mães", "decretos-leis".

Vejamos agora o caso de "cavalo-marinho". Trata-se de substantivo composto formado por um substantivo ("cavalo") e um adjetivo ("marinho"). Aqui não há segredo: variam os dois elementos. O plural, então, só pode ser "cavalos-marinhos".

Esse princípio pode ser aplicado em relação a todos os substantivos compostos formados por duas palavras, das quais uma seja substantivo e a outra, um adjetivo ou numeral. Encaixam-se nesse caso muitas e muitas palavras. Veja algumas: obra-prima, primeira-dama, queixo-duro, primeiro-ministro, amor-perfeito, capitão-mor, cachorro-quente, boa-vida, curta-metragem, quarta-feira, sexta-feira, bóia-fria. O plural de todos esses compostos é feito com a flexão dos dois elementos: obras-primas, primeiras-damas, queixos-duros, primeiros-ministros, amores-perfeitos, capitães-mores, cachorros-quentes, boas-vidas, curtas-metragens, quartas-feiras, sextas-feiras, bóias-frias.

Tome cuidado com o caso de compostos em que entram "grão" e "grã", como "grão-duque", "grã-fina", "grã-fino", "grã-cruz". Só varia o segundo elemento: "grão-duques", "grã-finas", "grã-finos", "grã-cruzes". Merece destaque "terra-nova" (tipo de cão), que, segundo alguns

autores, faz plural excepcional: "terra-novas". Para outros, no entanto, também é possível o plural regular: "terras-novas".

Quando o substantivo composto é formado por três elementos, dos quais o segundo seja uma preposição, só se faz a flexão do primeiro. É esse o caso de mulas-sem-cabeça, pães-de-ló, quedas-d'água, pés-de-moleque, amigos-da-onça, bicos-de-papagaio, dores-de-cotovelo, estrelas-do-mar, generais-de-divisão, grãos-de-bico, joões-de-barro, pais-de-santo, pés-de-cabra, pores-do-sol...

Observação : os fora-da-lei , os fora-de-série ...são invariáveis .

Talvez esteja aí a explicação para o plural de "sem-terra" adotado por todos os órgãos da imprensa: "Sem-terra". Por quê? Porque se supõe que haja uma palavra implícita. Algo como "homem sem terra", que não é propriamente uma palavra composta, mas tem estrutura semelhante: dois substantivos ("homem" e "terra"), ligados por uma preposição ("sem"). O plural dessa expressão seria "homens sem terra", que acaba sendo reduzida para "sem-terra", com hífen, justamente porque nomeia uma categoria específica de pessoas.

O caso de "sem-vergonha" é semelhante. Algo como "pessoa sem vergonha" acaba se transformando em "sem-vergonha", com hífen. Segundo o dicionário "Aurélio" e muitos gramáticos, o plural é "sem-vergonha" mesmo. Alguns discordam e propõem "os sem-vergonhas" e "os sem-terras". O argumento é que se deve proceder com "sem-terra" como se procede com "contra-ataque", cujo plural é "contra-ataques". Ocorre que esse "contra" não é a preposição, mas o elemento de composição, ou prefixo, como o define Caldas Aulete. Os casos de "contra-ataque" e de "sem-terra", na verdade, são distintos.

Se a palavra composta for constituída de um verbo e um substantivo, somente o substantivo irá para o plural: arranha-céus, bate-papos, bate-bocas, bate-bolas, caça-talentos, guarda-chuvas, lança-perfumes, lava-pés, mata-borrões, pára-brisas, pára-choques, pára-lamas, porta-bandeiras, porta-vozes, quebra-cabeças, quebra-molas, salva-vidas, vira-latas...

Observação :
Em guarda-civil , guarda é substantivo e civil é adjetivo. Os dois vão para o plural: guardas-civis , guardas-noturnos, guardas-florestais...

Já em guarda-chuva , guarda é verbo e chuva é substantivo. Só o substantivo vai para o plural: guarda-chuvas , guarda-sóis, guarda-louças, guarda-roupas, guarda-costas...

Se a palavra composta for constituída de dois ou mais adjetivos, somente o último adjetivo irá para o plural: consultórios médico-cirúrgicos ; candidatos social-democratas ; atividades técnico-científicas ; problemas político-econômicos ; questões luso-brasileiras ; camisas rubro-negras ; cabelos castanho-escuros ; olhos verde-claros ...

Observação :
Os adjetivos compostos referentes a cores são invariáveis quando o segundo elemento é um substantivo: verde-garrafa, verde-mar, verde-musgo, verde-oliva, azul-céu, azul-piscina, amarelo-ouro, rosa-choque, vermelho-sangue...

Compare:
Olhos verde-claros = cor + adjetivo (claro ou escuro)
Calças verde-garrafa = cor + substantivo
Também são invariáveis: azul-celeste e azul-marinho .

Se o primeiro elemento for advérbio, preposição ou prefixo, somente o segundo elemento irá para o plural: abaixo-assinados, alto-falantes, ante-salas, anti-semitas, auto-retratos, bel-prazeres, contra-ataques, recém-nascidos, super-homens, todo-poderosos, vice-campeões...

Se a palavra composta for constituída por advérbio + pronome + verbo, somente o último elemento varia: bem-me-queres, bem-te-vis, não-me-toques...

Se a palavra composta for constituída pela repetição das palavras (onomatopéias = reprodução dos sons), o segundo elemento irá para o plural: bangue-bangues, pingue-pongues, reco-recos, teco-tecos, tique-taques, zigue-zagues...

Casos especiais:
Os arco-íris, as ave-marias, os banhos-maria, os joões-ninguém, os louva-a-deus, os lugar-tenentes, os mapas-múndi, os padre-nossos, as salve-rainhas, os surdos-mudos...

São invariáveis :
- compostos de verbo + palavra invariável: os bota-fora, os cola-tudo, os topa-tudo...
- compostos de verbos de sentido oposto: os entre-e-sai, os leva-e-traz, os perde-ganha, os sobe-e-desce, os vai-volta...
- expressões substantivadas: os bumba-meu-boi, os chove-não-molha, os disse-me-disse...

➔ Os estudiosos das coisas indígenas afirmam que os nomes das nações indígenas não apresentam plural na sua forma original. Deveríamos dizer os tupi, os goitacá, os pataxó, os caeté.

Há, entretanto, aqueles que defendem o aportuguesamento e conseqüente respeito às nossas regras gramaticais.

CASOS ESPECIAIS

EXTRA

A forma reduzida "extra" vem do adjetivo "extraordinário". Como "extra" significa "fora de", "extraordinário" significa "fora do ordinário", ou seja, fora do que é comum, normal, ordinário. Por ser grande, a palavra "extraordinário" não fugiu de um processo lingüístico implacável: a redução. Com isso, o prefixo passou a ter também o sentido do adjetivo. Nesse caso, sua flexão é normal, como a de um adjetivo qualquer: "hora extra", "horas extras".

Em tempo: quando usado como prefixo, nada de flexioná-lo. O plural de "extra-oficial" é "extra-oficiais"; o de "extra-sístole" é "extra-sístoles".

SIGLAS

Embora não existam regras rígidas para o plural de siglas, é usual e perfeitamente aceitável o uso do "s": CDs, CEPs, IPVAs, IPTUs, Ufirs...

Cuidado, porém, quanto ao mau uso do apóstrofo. O apóstrofo, em português, é para indicar a omissão de fonema/letra: copo de água = copo d'água; galinha de Angola = galinha d'angola. Não se justifica, portanto, o uso do apóstrofo para indicar o acréscimo da desinência "s" para indicar o plural.

REVÉS

"Reveses", com "s", é o plural de "revés", sinônimo de "insucesso", "derrota". Já "revezes" é a forma da segunda pessoa do singular do presente do subjuntivo do verbo "revezar", que se escreve com "z" porque é da mesma família de "vez". "Revezar" é produto de "re + vez + ar" e significa "substituir alternadamente": "Quero que tu te revezes com o Fernando na prova de natação."

AS CORES LILÁS E GRIS

Apesar da palavra "lilás" ser um substantivo (uma flor), ela empresta a tonalidade de sua cor para virar adjetivo que, pela regra geral, não iria para o plural, como em certos adjetivos compostos, onde o segundo elemento é um substantivo: "calças azul piscina", " vestidos amarelo- -limão". No entanto, muitos dicionários dão como plural de lilás a forma "lilases". O mais interessante é que lilás pode ser também o plural de "lilá". Assim, podemos ter as seguintes combinações: no singular, "camisa lilá", "camisa lilás"; e no plural, "camisas lilás" e "camisas lilases".

Assim também acontece com "gris" que, a princípio, é um animal (substantivo) que empresta a tonalidade da cor de seu pêlo (azul-acinzentado) para se tornar um adjetivo. Dessa forma, gris pode ser singular ou plural, tendo também a forma "grisses" como um segundo plural. Exemplo: "...e tudo nascerá mais belo, o verde faz do azul com o amarelo o elo com todas as cores para enfeitar amores gris (ou grises)" - verso da música NENHUM DIA, de Dijavan.

ESPÉCIMEN

Além do plural "espécimens", a palavra espécimen possui a forma "especímenes".

Cuidado, entretanto, com a pronúncia dessas palavras. São todas proparoxítonas (a sílaba tônica é a antepenúltima) e conseqüentemente acentuadas, o que certamente ajuda a pronunciá-las corretamente.

XII. ORAÇÕES SUBORDINADAS

Você já deve saber que período é uma frase organizada em orações. Já deve saber também que no período simples existe apenas uma oração, chamada "absoluta", e que no período composto existem duas ou mais orações. Essas orações podem se relacionar por meio de dois processos sintáticos diferentes: a subordinação e a coordenação . Na subordinação, um termo atua como determinante de um outro termo. Essa relação se verifica, por exemplo, entre um verbo e seus complementos: os complementos são determinantes do verbo, integrando sua significação. Conseqüentemente, o objeto direto e o objeto indireto são termos subordinados ao verbo, que é o termo subordinante. Outros termos subordinados da oração são os adjuntos adnominais (subordinados ao nome que caracterizam) e os adjuntos adverbiais (subordinados geralmente a um verbo). No período composto, considera-se subordinada a oração que desempenha função de termo de outra oração, o que equivale a dizer que existem orações que atuam como determinantes de outras orações. Observe o seguinte exemplo:

Percebeu que os homens se aproximavam.

Esse período composto é formado por duas orações: a primeira estruturada em torno da forma verbal "percebeu"; a segunda, em torno da forma verbal "aproximavam". A análise da primeira oração permite constatar de imediato que seu verbo é transitivo direto (perceber algo). O complemento desse verbo é, no caso, a oração "que os homens se aproximavam" . Nesse período, a segunda oração funciona como objeto direto do verbo da primeira. Na verdade, o objeto direto de percebeu é "que os homens se aproximavam".

A oração que cumpre papel de um termo sintático de outra é subordinada; a oração que tem um de seus termos na forma de oração subordinada é a principal. No caso do exemplo dado, a oração "Percebeu" é principal; "que os homens se aproximavam" é oração subordinada. Diz-se, então, que esse período é composto por subordinação.

Ocorre coordenação quando termos de mesma função sintática são relacionados entre si. Nesse caso, não se estabelece uma hierarquia entre esses termos, pois eles são sintaticamente equivalentes. Observe:

Brasileiros e portugueses devem agir como irmãos.

Nessa oração, o sujeito composto "brasileiros e portugueses", adjetivos substantivados, apresenta dois núcleos coordenados entre si: os dois substantivos desempenham um mesmo papel sintático na oração.

No período composto, a coordenação ocorre quando orações sintaticamente equivalentes se relacionam. Observe:

Comprei o livro, li os poemas e fiz o trabalho.

Nesse período, há três orações, organizadas a partir das formas verbais "comprei", "li" e "fiz". A análise dessas orações permite perceber que cada uma delas é sintaticamente independente das demais: na primeira, ocorre um verbo transitivo direto (comprar) acompanhado de seu respectivo objeto direto ("o livro"); na segunda, o verbo ler, também transitivo direto, com o objeto direto "os poemas"; na terceira, outro verbo transitivo direto, fazer, com o objeto direto "o trabalho". Nenhuma das três orações desempenha papel de termo de outra. São orações sintaticamente independentes entre si e, por isso, coordenadas. Nesse caso, o período é composto por coordenação. Note que a ordem das orações é fixada por uma questão semântica e não sintática (os fatos indicados pelas orações obedecem à ordem cronológica). Existem períodos compostos em que se verificam esses dois processos de organização sintática, ou seja, a subordinação e a coordenação. Observe:

Percebi que os homens se aproximavam e saí em desabalada carreira.

Nesse período, há três orações, organizadas respectivamente a partir das formas verbais "percebi", "aproximavam" e "saí". A oração organizada em torno de percebi tem como objeto direto a oração "que os homens se aproximavam" (perceber algo); "que os homens se aproximavam", portanto, é oração subordinada a percebi. Entre as orações organizadas em torno de percebi e saí, a relação é de coordenação, já que uma não desempenha papel de termo da outra. O período é composto por coordenação e subordinação.

As orações subordinadas se dividem em três grupos, de acordo com a função sintática que desempenham e a classe de palavras a que equivalem. Podem ser substantivas, adjetivas ou adverbiais. Mais uma vez, valem os conceitos morfossintáticos, que, como você já deve saber, combinam a morfologia e a sintaxe. Para notar as diferenças que existem entre esses três tipos de orações, tome como base a análise de um período simples:

Só depois disso percebi a profundidade das palavras dele.

Nessa oração, o sujeito é "eu", implícito na terminação verbal. "A profundidade das palavras dele" é objeto direto da forma verbal percebi. O núcleo do objeto direto é profundidade. Subordinam-se ao núcleo desse objeto os adjuntos adnominais "a" e "das palavras dele". No adjunto adnominal "das palavras dele", o núcleo é o substantivo palavras, ao qual se prendem os adjuntos adnominais "as" e "dele". "Só depois disso" é adjunto adverbial de tempo.

É possível transformar a expressão "a profundidade das palavras dele", objeto direto, em oração. Observe:

Só depois disso percebi que as palavras dele eram profundas.

Nesse período composto, o complemento da forma verbal percebi é a oração "que as palavras dele eram profundas". Ocorre aqui um período composto por subordinação, em que uma oração desempenha a função de objeto direto do verbo da outra. O objeto direto é uma função substantiva da oração, ou seja, é função desempenhada por substantivos e palavras

de valor substantivo. É natural, portanto, que a oração subordinada que desempenha esse papel seja chamada de oração subordinada substantiva.

Pode-se também modificar o período simples original transformando em oração o adjunto adnominal do núcleo do objeto direto, profundidade. Observe:

Só depois disso percebi a profundidade que as palavras dele continham.

Nesse período, o adjunto adnominal de profundidade passa a ser a oração "que as palavras dele continham". Você já sabe que o adjunto adnominal é uma função adjetiva da oração, ou seja, é função exercida por adjetivos, locuções adjetivas e outras palavras de valor adjetivo. É por isso que são chamadas de subordinadas adjetivas as orações que, nos períodos compostos por subordinação, atuam como adjuntos adnominais de termos das orações principais.

Outra modificação que podemos fazer no período simples original é a transformação do adjunto adverbial de tempo em uma oração. Observe:

Só quando cai em mim, percebi a profundidade das palavras dele.

Nesse período composto, "só quando caí em mim" é uma oração que atua como adjunto adverbial de tempo do verbo da outra oração. O adjunto adverbial é uma função adverbial da oração, ou seja, é função exercida por advérbios e locuções adverbiais. Portanto, são chamadas de subordinadas adverbiais as orações que, num período composto por subordinação, atuam como adjuntos adverbiais do verbo da oração principal.

É fácil perceber, assim, que a classificação das orações subordinadas decorre da combinação da função sintática que exercem com a classe de palavras que representam, ou seja, é a morfossintaxe que determina a classificação de cada oração subordinada. São subordinadas substantivas as que exercem funções substantivas (sujeito, objeto direto e indireto, complemento nominal, aposto, predicativo). São subordinadas adjetivas as que exercem funções adjetivas (atuam como adjuntos adnominais). São subordinadas adverbiais as que exercem funções adverbiais (atuam como adjuntos adverbiais, expressando as mais variadas circunstâncias).

Quanto à forma, as orações subordinadas podem ser desenvolvidas ou reduzidas. Observe:

1. Suponho que seja ela a mulher ideal.
2. Suponho ser ela a mulher ideal.

Nesses dois períodos compostos há orações subordinadas substantivas que atuam como objeto direto da forma verbal suponho. No primeiro período, a oração é "que seja ela a mulher ideal". Essa oração é introduzida por uma conjunção subordinativa (que) e apresenta uma forma verbal do presente do subjuntivo (seja). Trata-se de uma oração subordinada desenvolvida. Assim são chamadas as orações subordinadas que se organizam a partir de

uma forma verbal do modo indicativo ou do subjuntivo e que são introduzidas, na maior parte dos casos, por conjunção subordinativa ou pronome relativo.

No segundo período, a oração subordinada "ser ela a mulher ideal" apresenta o verbo numa de suas formas nominais (no caso, infinitivo) e não é introduzida por conjunção subordinativa ou pronome relativo. Justamente por apresentar uma peça a menos em sua estrutura, essa oração é chamada de reduzida. As orações reduzidas apresentam o verbo numa de suas formas nominais (infinitivo, gerúndio ou particípio) e não apresentam conjunção ou pronome relativo (em alguns casos, são encabeçadas por preposições).

Como você já viu, as orações subordinadas substantivas desempenham funções que no período simples normalmente são desempenhadas por substantivos. As orações substantivas podem atuar como sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, predicativo e aposto. Por isso são chamadas, respectivamente, de subjetivas, objetivas diretas, objetivas indiretas, completivas nominais, predicativas e apositivas. Essas orações podem ser desenvolvidas ou reduzidas. As desenvolvidas normalmente se ligam à oração principal por meio das conjunções subordinativas integrantes "que" e "se". As reduzidas apresentam verbo no infinitivo e podem ou não ser encabeçadas por preposição.

TIPOS DE ORAÇÕES SUBORDINADAS

SUBSTANTIVAS SUBJETIVAS

As orações subordinadas substantivas subjetivas atuam como sujeito do verbo da oração principal**.**

Exemplos:
1. É fundamental o seu comparecimento à reunião.
2. É fundamental que você compareça à reunião.
3. É fundamental você comparecer à reunião.

O primeiro período é simples. Nele, "o seu comparecimento à reunião" é sujeito da forma verbal é. Na ordem direta é mais fácil constatar isso: "O seu comparecimento à reunião é fundamental".

Nos outros dois períodos, que são compostos, a expressão "o seu comparecimento a reunião" foi transformada em oração ("que você compareça a reunião" e "você comparecer à reunião"). Nesses períodos, as orações destacadas são subjetivas, já que desempenham a função de sujeito da forma verbal "é". A oração "você comparecer à reunião", que não é introduzida por conjunção e tem o verbo no infinitivo, é reduzida.

Quando ocorre oração subordinada substantiva subjetiva, o verbo da oração principal sempre fica na terceira pessoa do singular. As estruturas típicas da oração principal nesse caso são:

a) verbo de ligação + predicativo - é bom..., é conveniente..., é melhor..., é claro..., está comprovado..., parece certo..., fica evidente..., etc.

Observe os exemplos:
É preciso que se adotem providências eficazes.
Parece estar provado que soluções mágicas não funcionam.

b) verbo na voz passiva sintética ou analítica - sabe-se..., soube-se..., comenta- se..., dir-se-ia..., foi anunciado..., foi dito..., etc.
Exemplos:
Sabe-se que o país carece de sistema de saúde digno.
Foi dito que tudo seria resolvido por ele.

c) verbos como convir, cumprir, acontecer, importar, ocorrer, suceder, parecer, constar, urgir, conjugados na terceira pessoa do singular.
Exemplos:
Convém que você fique.
Consta que ninguém se interessou pelo cargo.
Parece ser ela a pessoa indicada.

Muitos autores consideram que o relativo "quem" deve ser desdobrado em "aquele que". Tem-se, assim, um relativo (que), que introduz oração adjetiva. Outros autores preferem entender que "Quem usa drogas" é o efetivo sujeito de experimenta. Esta nos parece a melhor solução.

OBJETIVAS DIRETAS

As orações subordinadas substantivas objetivas diretas atuam como objeto direto do verbo da oração principal.
Exemplos:
Todos querem que você compareça.
Suponho ser o Brasil o país de pior distribuição de renda no mundo.

Nas frases interrogativas indiretas, as orações subordinadas substantivas objetivas diretas podem ser introduzidas pela conjunção subordinativa integrante "se" e por pronomes ou advérbios interrogativos.

Exemplos:
Ninguém sabe
/ se ela aceitará a proposta.
/ como a máquina funciona.
/ onde fica o teatro.
/ quanto custa o remédio.
/ quando entra em vigor a nova lei.
/ qual é o assunto da palestra.

Com os verbos "deixar, mandar, fazer" (chamados auxiliares causativos) e "ver, sentir, ouvir, perceber" (chamados auxiliares sensitivos) ocorre um tipo interessante de oração subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo.

Exemplos:
Deixe-ME REPOUSAR.
Mandei-OS SAIR.
Ouvi-O GRITAR.

Nesses casos, as orações destacadas são todas objetivas diretas reduzidas de infinitivo. E, o que é mais interessante, os pronomes oblíquos atuam todos como sujeitos dos infinitivos verbais. Essa é a única situação da língua portuguesa em que um pronome oblíquo pode atuar como sujeito. Para perceber melhor o que ocorre, convém transformar as orações reduzidas em orações desenvolvidas:
Deixe que eu repouse.
Mandei que eles saíssem.
Ouvi que ele gritava.

Nas orações desenvolvidas, os pronomes oblíquos foram substituídos pelas formas retas correspondentes. É fácil perceber agora que se trata, efetivamente, dos sujeitos das formas verbais das orações subordinadas.

OBJETIVAS INDIRETAS

As orações subordinadas substantivas objetivas indiretas atuam como objeto indireto do verbo da oração principal.

Exemplos:
Duvido de que esse prefeito dê prioridade às questões sociais.
Lembre-se de comprar todos os remédios.

COMPLETIVAS NOMINAIS

As orações subordinadas substantivas completivas nominais atuam como complemento de um nome da oração principal.

Exemplos:
Levo a leve impressão de que já vou tarde.
Tenho a impressão de estar sempre no mesmo lugar.

Observe que as objetivas indiretas integram o sentido de um verbo, enquanto as completivas nominais integram o sentido de um nome. Para distinguir uma da outra, é necessário levar em conta o termo complementado. Essa é, aliás, a diferença entre o objeto indireto e o complemento nominal: o primeiro complementa um verbo; o segundo, um nome. Nos exemplos dados acima, as orações subordinadas complementam o nome impressão.

PREDICATIVAS

As orações subordinadas substantivas predicativas atuam como predicativo do sujeito da oração principal.

Exemplos:
A verdade é que ele não passava de um impostor.
Nosso desejo era encontrares o teu caminho.

APOSITIVAS

As orações subordinadas substantivas apositivas atuam como aposto de um termo da oração principal.

Exemplos:
De você espero apenas uma coisa: que me deixe em paz.
Só resta uma alternativa: encontrar o remédio.

PONTUAÇÃO DAS SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS

A pontuação dos períodos compostos em que surgem orações subordinadas substantivas segue os mesmos princípios que se adotam no período simples para as funções sintáticas a que essas orações equivalem:

- A vírgula não deve separar da oração principal as orações subjetivas, objetivas diretas, objetivas indiretas, completivas nominais e predicativas - afinal, sujeitos, complementos verbais e nominais não são separados por vírgula dos termos a que se ligam. O mesmo critério se aplica para o predicativo nos predicados nominais.

- A oração subordinada substantiva apositiva deve ser separada da oração principal por vírgula ou dois-pontos, exatamente como ocorre com o aposto:
O boato, de que o presidente renunciaria, espalhou-se rapidamente.
Imponho-lhe apenas uma tarefa: que administre bem o dinheiro público.

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS

Uma oração adjetiva nada mais é do que um adjetivo em forma de oração. Assim como é possível dizer "redação bem-sucedida", em que o substantivo redação é caracterizado pelo adjetivo bem-sucedida, é possível dizer também "redação que fez sucesso", em que a oração "que fez sucesso" exerce exatamente o mesmo papel do adjetivo bem-sucedida, ou seja, caracteriza o substantivo redação.

Em termos sintáticos, essas orações exercem a função que normalmente cabe a um adjetivo, a de adjunto adnominal.

Exemplos:
Pessoa que mente é pessoa mentirosa. A classe gramatical da palavra "mentirosa" é a dos adjetivos. Qualifica o substantivo "pessoa".

Em vez de se dizer "pessoa mentirosa", é perfeitamente possível se dizer "pessoa que mente". Agora, quem é que qualifica "pessoa"? A oração "que mente", que tem valor de adjetivo e, por isso, é oração subordinada adjetiva.

Esse "que" que introduz a oração adjetiva "que mente" pode ser substituído por "a qual" (pessoa que mente = pessoa a qual mente). E, por fim, esse "que" se chama pronome relativo.

Agora, vamos relacionar tudo isso com o emprego da vírgula. Leia a seguinte passagem: "Não gosto de pessoas mentirosas". Você poria vírgula entre "pessoas" e "mentirosas"? Certamente não. E por quê? Porque o papel da palavra "mentirosas" é limitar o universo de pessoas. Afinal, não é de qualquer pessoa que eu não gosto. Só não gosto das pessoas mentirosas, ou seja, só não gosto das pessoas que mentem.

A oração "que mentem" exerce o mesmo papel do adjetivo "mentirosas", isto é, limita, restringe o universo de pessoas. Essa oração é chamada de "adjetiva restritiva" e, como você deve ter notado, também não é separada da anterior por vírgula.

Agora veja este outro caso: "Os cariocas, que adoram o mar, sempre estão de bem com a vida". A que cariocas se faz referência na frase? Será que a idéia é dividir os cariocas em dois blocos (os que adoram o mar e os que não adoram) e dizer que só os que adoram o mar estão sempre de bem com a vida? É claro que não. O que se quer é fazer uma afirmação de caráter genérico: os cariocas adoram o mar e sempre estão de bem com a vida.

O "que" dessa frase é pronome relativo ("Os cariocas, os quais adoram o mar...") e, por isso mesmo, como você já sabe, introduz oração subordinada adjetiva, que, no caso, não é restritiva. Não restringe, não limita. Generaliza. É chamada de explicativa.

A oração restritiva não é separada da anterior por vírgula, mas a explicativa é.

Agora preste muita atenção. Leia estas duas frases:

1) Ele telefonou para a irmã que mora na Itália;
2) Ele telefonou para a irmã, que mora na Itália.

Elas parecem iguais, mas não são. A vírgula faz a diferença. Em ambos os casos, o "que" pode ser substituído por "a qual". Em ambos os casos, o "que" é pronome relativo e, por isso, introduz oração adjetiva.
A diferença está na extensão do termo que vem antes do "que" ("irmã"). Sem a vírgula ("irmã que mora na Itália"), cria-se um limite. Certamente, ele tem mais de uma irmã. Pelo menos duas, uma das quais mora na Itália. Não fosse assim, não faria sentido a restrição imposta pela oração "que mora na Itália".

Com a vírgula, a oração "que mora na Itália" não restringe. Deixa de ser restritiva e passa a ser explicativa. Nosso amigo só tem uma irmã, e ela mora na Itália.

Veja outro caso: "A empresa tem cem funcionários que moram em Campinas". O que acontece quando se coloca vírgula depois de "funcionários"? Muda tudo. Sem a vírgula, a empresa tem mais de cem funcionários, dos quais cem moram em Campinas.

Com a vírgula depois de "funcionários", a empresa passa a ter exatamente cem funcionários, e todos moram em Campinas.

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS

Uma oração subordinada adverbial exerce a função de adjunto adverbial do verbo da oração principal.

Exemplos:
Naquele momento, senti uma das maiores emoções de minha vida.
Quando vi o mar, senti uma das maiores emoções de minha vida.

No primeiro período, "naquele momento" é um adjunto adverbial de tempo, que modifica a forma verbal senti. No segundo período, esse papel é exercido pela oração "Quando vi o mar", que é, portanto, uma oração subordinada adverbial temporal. Essa oração é desenvolvida, já que é introduzida por uma conjunção subordinativa (quando) e apresenta uma forma verbal do modo indicativo (vi, do pretérito perfeito do indicativo). Seria possível reduzi-la, obtendo algo como: Ao ver o mar, senti uma das maiores emoções de minha vida. "Ao ver o mar" é uma oração reduzida porque apresenta uma das formas nominais do verbo (ver é infinitivo) e não é introduzida por conjunção subordinativa, mas sim por uma preposição (a, combinada com o artigo o).

Se você já estudou os adjuntos adverbiais, você viu que sua classificação é feita com base nas circunstâncias que exprimem. Com as orações subordinadas adverbiais ocorre a mesma coisa. A diferença fica por conta da quantidade: há apenas nove tipos de orações subordinadas adverbiais, enquanto os adjuntos adverbiais são pelo menos quinze. As orações adverbiais adquirem grande importância para a articulação adequada de idéias e fatos e por isso são fundamentais num texto dissertativo. Você terá agora um estudo pormenorizado das circunstâncias expressas pelas orações subordinadas adverbiais. É importante compreender bem essas circunstâncias e observar atentamente as conjunções e locuções conjuntivas utilizadas em cada caso.

TIPOS DE ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS

CAUSA

A idéia de causa está diretamente ligada àquilo que provoca um determinado fato. As orações subordinadas adverbiais que exprimem causa são chamadas causais. A conjunção subordinativa mais utilizada para a expressão dessa circunstância é "porque". Outras conjunções e locuções conjuntivas muito utilizadas são "como" (sempre introduzindo oração adverbial causal anteposta à principal), "pois", "já que", "uma vez que", "visto que".

Exemplos:
As ruas ficaram alagadas porque a chuva foi muito forte.
Como ninguém se interessou pelo projeto, não houve outra alternativa a não ser cancelá-lo.
Já que você não vai, eu não vou.
Por ter muito conhecimento (= Porque/Como tem muito conhecimento), é sempre consultado. (reduzida de infinitivo)

CONSEQÜÊNCIA

A idéia de conseqüência está ligada àquilo que é provocado por um determinado fato. As orações subordinadas adverbiais consecutivas exprimem o efeito, a conseqüência daquilo que se declara na oração principal. Essa circunstância é normalmente introduzida pela conjunção "que", quase sempre precedida, na oração principal, de termos intensivos, como "tão, tal, tanto, tamanho".

Exemplos:
A chuva foi tão forte que em poucos minutos as ruas ficaram alagadas.
Tal era sua indignação que imediatamente se uniu aos manifestantes.
Sua fome era tanta que comeu com casca e tudo.

CONDIÇÃO

Condição é aquilo que se impõe como necessário para a realização ou não de um fato. As orações subordinadas adverbiais condicionais exprimem o que deve ou não ocorrer para que se realize ou deixe de se realizar o fato expresso na oração principal. A conjunção mais utilizada para introduzir essas orações é "se"; além dela, podem-se utilizar "caso, contanto que, desde que, salvo se, exceto se, a menos que, sem que, uma vez que" (seguida do verbo no subjuntivo).

Exemplos:
Uma vez que você aceite a proposta, assinaremos o contrato.
Caso você se case, convide-me para a festa.
Não saia sem que eu permita.
Se o regulamento do campeonato for bem elaborado, certamente o melhor time será o campeão.

CONCESSÃO

A idéia de concessão está diretamente ligada à idéia de contraste, de quebra de expectativa. De fato, quando se faz uma concessão, não se faz o que é esperado, o que é normal. As orações adverbiais que exprimem concessão são chamadas concessivas. A conjunção mais empregada para expressar essa relação é "embora"; além dela, podem ser usadas a conjunção "conquanto" e as locuções "ainda que, ainda quando, mesmo que, se bem que, apesar de que".

Exemplos:
Embora fizesse calor; levei agasalho.
Conquanto a economia tenha crescido, pelo menos metade da população continua à margem do mercado de consumo.
Foi aprovado sem estudar (= sem que estudasse / embora não estudasse). (reduzida de infinitivo)

COMPARAÇÃO

As orações subordinadas adverbiais comparativas contêm fato ou ser comparado a fato ou ser mencionado na oração principal. A conjunção mais empregada para expressar comparação é "como"; além dela, utilizam-se com muita freqüência as estruturas que formam o grau comparativo dos adjetivos e dos advérbios: "tão... como" (quanto), "mais (do) que", "menos (do) que".

Exemplos:
Ele dorme como um urso (dorme).
Sua sensibilidade é tão afinada quanto sua inteligência (é).
Como se pode perceber nos exemplos acima, é comum a omissão do verbo nas orações subordinadas adverbiais comparativas. Isso só não ocorre quando se comparam ações diferentes ("Ela fala mais do que faz." - nesse caso, compara-se o falar e o fazer).

CONFORMIDADE

As orações subordinadas adverbiais conformativas indicam idéia de conformidade, ou seja, exprimem uma regra, um caminho, um modelo adotado para a execução do que se declara na oração principal. A conjunção típica para exprimir essa circunstância é "conforme"; além dela, utilizam-se "como, consoante e segundo" (todas com o mesmo valor de conforme).

Exemplos:
Fiz o bolo conforme ensina a receita.
Consoante reza a Constituição, todos os cidadãos têm direitos iguais.
Segundo atesta recente relatório do Banco Mundial, o Brasil é o campeão mundial de má distribuição de renda.

FINALIDADE

As orações subordinadas adverbiais finais exprimem a intenção, a finalidade do que se declara na oração principal. Essa circunstância é normalmente expressa pela locução conjuntiva "a fim de que"; além dela, utilizam-se a locução "para que" e, mais raramente, as conjunções "que" e "porque" (= para que).

Exemplos:
Vim aqui a fim de que você me explicasse as questões.
Fez tudo porque eu não obtivesse bons resultados. (- para que eu não obtivesse...)
Suportou todo tipo de humilhação para obter o visto americano. (= para que obtivesse...) (reduzida de infinitivo)

PROPORÇÃO

As orações subordinadas adverbiais proporcionais estabelecem relação de proporção ou proporcionalidade entre o processo verbal nelas expresso e aquele declarado na oração principal. Essa circunstância normalmente é indicada pela locução conjuntiva "à proporção que"; além dela, utilizam-se "à medida que" e expressões como "quanto mais", "quanto menos", "tanto mais", "tanto menos".

Exemplos:
Quanto mais se aproxima o fim do mês, mais os bolsos ficam vazios.
Quanto mais te vejo, mais te desejo.
À medida que se aproxima o fim do campeonato, aumenta o interesse da torcida pela competição.
À proporção que se acumulam as dívidas, diminuem as possibilidades de que a empresa sobreviva.

TEMPO

As orações subordinadas adverbiais temporais indicam basicamente idéia de tempo. Exprimem fatos simultâneos, anteriores ou posteriores ao fato expresso na oração principal, marcando o tempo em que se realizam. As conjunções e locuções conjuntivas mais utilizadas são "quando, enquanto, assim que, logo que, mal, sempre que, antes que, depois que, desde que".

Exemplos:
"Quando você foi embora, fez-se noite em meu viver." (Milton Nascimento & Fernando Brant)
"Enquanto os homens exercem seus podres poderes, motos e fuscas avançam os sinais vermelhos e perdem os verdes: somos uns boçais (Caetano Veloso)
Mal você saiu, ela chegou.
Terminada a festa, todos se retiraram. (Quando terminou a festa) (reduzida de particípio)

Observação: Mais importante do que aprender a classificar as orações subordinadas adverbiais é interpretá-las adequadamente e utilizar as conjunções e locuções conjuntivas de maneira eficiente. Por isso, é desaconselhável que você faça o que muita gente costuma indicar como forma de "aprender as orações subordinadas adverbiais": "descabelar-se" para decorar listas de conjunções e, com isso, conseguir dar um rótulo as orações. Essa prática, além de fazer com que você se preocupe mais com nomenclaturas do que com o uso efetivo das estruturas lingüísticas, é inútil quando se consideram casos mais sutis de construção de frases. Observe, nas frases seguintes, o emprego da conjunção como em diversos contextos: em cada um deles, ocorre uma oração subordinada adverbial diferente. Como seria possível reconhecê-las se se partisse de uma lista de conjunções "decoradas"? É melhor procurar compreender o que efetivamente está sendo declarado.

Como dizia o poeta, "a vida é a arte do encontro".
(valor de conformidade)
Como não tenho dinheiro, não poderei participar da viagem.
(valor de causa)
"E cai como uma lágrima de amor." (Antônio Carlos Jobim & Vinicius de Moraes)
(valor de comparação)

Há até casos em que a classificação depende do contexto: "Como o jornal noticiou, o teatro ficou lotado". A oração subordinada adverbial pode ser causal ou conformativa, dependendo do contexto.

AS ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS E A PONTUAÇÃO

A pontuação dos períodos em que há orações subordinadas adverbiais obedece aos mesmos princípios observados em relação aos adjuntos adverbiais. Isso significa que a oração subordinada adverbial sempre pode ser separada por vírgulas da oração principal. Essa separação é optativa quando a oração subordinada está posposta à principal e é obrigatória quando a oração subordinada está intercalada ou anteposta.

Exemplos:
Tudo continuará como está se você não intervier;
ou Tudo continuará como está, se você não intervier.

Disse que, quando chegar, tomará todas as providências.
Quando chegar, tomará todas as providências.

XIV. ORTOEPIA E PROSÓDIA

Ortoepia trata da correta pronúncia das palavras.

Exemplo: "advogado", e não "adevogado" (o **d** é mudo).

Prosódia trata da correta acentuação tônica das palavras.

Exemplo: "rubrica" (palavra paroxítona), e não "rúbrica" (palavra proparoxítona).

Dessa forma, segue abaixo uma lista das principais palavras que normalmente apresentam dúvidas quanto à sua pronúncia e tonicidade corretas.

ACRÓBATA / ACROBATA: esta palavra, COMO MUITAS OUTRAS DE NOSSA LÍNGUA, admite as duas pronúncias: acróbata, com ênfase na sílaba "cró", ou acrobata, com força na sílaba "ba". Também é indiferente dizer Oceânia ou Oceania, transístor ou transistor (com força na sílaba "tor", com o "ô" fechado).

ALGOZ (carrasco): palavra oxítona, cuja pronúncia do "o" deve ser fechada (algôz, = arroz).

AUTÓPSIA / NECROPSIA: apesar de autópsia ter como vogal tônica o "ó", a forma necropsia, que possui o mesmo significado, deve ser pronunciada com ênfase no "i".

AZÁLEA / AZALÉIA: segundo os melhores dicionários, estas duas formas são aceitáveis;

AVARO (indivíduo muito apegado ao dinheiro): deve ser pronunciada como paroxítona (acento tônico na sílaba va), e por terminar em "o", não deve ser acentuada.

BIOTIPO: o Dicionário Novo Aurélio - Século XXI apresenta o termo "biótipo" (proparoxítono/acentuado), mas faz referência a "biotipo" (palavra paroxítona) por ser a pronúncia corrente no Brasil. Já o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa registra tanto a palavra biótipo quanto a palavra biotipo .

BOÊMIA: de origem francesa, relativa à cidade de Boéme, esta palavra tem sua sílaba forte no "ê", e não no "mi".

CARÁTER: paroxítona que apresenta o plural caracteres, tendo o acréscimo da letra c, e o deslocamento do acento tônico da sílaba ra para a sílaba te, sem o emprego de acento gráfico.

CATETER, MISTER e URETER: Todas possuindo sua acentuação tônica na última sílaba (tér), sendo assim oxítonas.

CHICLETE / CHOPE / CLIPE / DROPE: quando se referindo a uma só unidade de cada um destes produtos, deve-se falar "um chiclete, um chope, um clipe, um drope", e não "um chicletes, um chopes, um clipes, um dropes". Existe, ainda, a variante "chiclé" (um chiclé, dois chiclés).

CUPIDO e CÚPIDO: a primeira forma (paroxítona e sem acento) significa o deus alado do amor; a segunda (proparoxítona) tem o sentido de ávido de dinheiro, ambicioso, também pode ser usada como possuído de desejos amorosos.

EXTINGUIR: a sílaba "guir" desta palavra deve ser pronunciada como nas palavras "perseguir", "seguir", "conseguir". Isso também vale para "distinguir".

FLUIDO: pronuncia-se como a forma verbal "cuido", verbo cuidar (com força no u). Assim também GRATUITO, CIRCUITO, INTUITO, fortuito. No entanto, o partiçipio do verbo fluir é "fluído", acontecendo aqui um hiato, onde a vogal tônica agora passa a ser o "í".

IBERO: Pronuncia-se como paroxítona (ênfase na sílaba BE, IBÉRO).

INEXORÁVEL (= austero, rígido, inabalável...): esse "x" lê-se como os de exemplo, exame, exato, exercício, isto é, com o som de "z".

LÁTEX: tendo seu acento tônico na penúltima sílaba e terminando com a letra x, é uma palavra paroxítona, e como tal deve ser pronunciada e acentuada.

MAQUINARIA: o acento tônico deve recair na sílava "ri", e não sobre a sílaba "na".

NÉON: muitos dicionários apresentam esta palavra como paroxítona, sendo acentuada por terminar em "n"; no entanto, o dicionário Michaelis Melhoramentos, recentemente editado, traz as duas grafias: néon (paroxítona) e neon (oxítona).

NOVEL e NOBEL: palavras oxítonas que não devem ser acentuadas.

OBESO: palavra paroxítona que deve ser pronunciada com o "e" aberto (obéso). Também são abertos o "e" de outras paroxítonas como "coeso" (coéso), "obsoleto" (obsoléto), o "o" de "dolo" (dólo), o "e" de "extra" (éxtra) e o "e" de "blefe" (bléfe). Apresentam-se, porém, fechados o "e" de "nesga" (nêsga), o de "destro" (dêstro), e o "o" "torpe" (tôrpe).

OPTAR: ao se conjugar este verbo na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, deve-se pronunciar "ópto", e não "opito". Assim também em relação às formas verbais "capto, adapto, rapto" - todas com força na sílaba que vem antes do "p".

PROJÉTIL / PROJETIL: ambas as formas têm o mesmo significado, apesar de a primeira ser paroxítona e a segunda oxítona. Plurais: PROJÉTEIS / PROJETIS.

PUDICO (aquele que tem pudor, envergonhado): palavra paroxítona (ênfase na sílaba "di").

RECORDE: deve ser pronunciada como paroxítona (recórde).

RÉPTIL / REPTIL: mesmo caso da palavra PROJÉTIL. Plurais. RÉPTEIS / REPTIS.

RUBRICA: palavra paroxítona, e não proparoxítona como se costuma pensar (ênfase na sílaba "bri").

RUIM: palavra oxítona (ruím).

RUPIA / RÚPIA: a primeira forma se refere à moeda utilizada na Indonésia (força no "i") e a segunda é relativa a uma planta aquática (com ênfase no "ú").

SUBSÍDIOS: a pronúncia correta é com som de "ss", e não "z" (subssídios).

SUTIL e SÚTIL: a primeira forma, sendo oxítona, significa "tênue, delicado, hábil"; a segunda, paroxítona, significa "tudo aquilo que é composto de pedaços costurados".

TÓXICO: pronuncia-se com o som de "ks" = tóksico.

XV. PARÔNIMOS

Entre os sons das palavras e também entre as letras que os representam podem ocorrer, muitas vezes, coincidências que normalmente acarretam dificuldades tanto na pronúncia como na grafia de diversos vocábulos. Neste sentido, é bom saber da existência dos seguintes tipos de palavras:

1. **Palavras homônimas** _ apresentam a mesma grafia e a mesma pronúncia. Exemplos: luta (substantivo) e luta (forma do verbo lutar); vela (substantivo) e vela(forma do verbo velar).

2. **Palavras homógrafas** _ possuem a mesma grafia, mas pronúncia diferente. Exemplo: almoço (com o "ô", da sílaba mo, fechado=substantivo, nome de uma refeição) e almoço (com o "ó" aberto=forma do verbo almoçar).

3. **Palavras homófonas** _ possuem a mesma pronúncia, mas grafia diferente. Exemplo: cesta (substantivo) e sexta (numeral ordinal)

4. **Palavras parônimas** _ parecidas quanto à forma ou à pronúncia, mas diferentes quanto à significação.

Vejam a seguir uma relação dos principais homófonos e parônimos da Língua Portuguesa:

ACENDER: iluminar, por fogo em;
ASCENDER: subir, elevar (daí: ASCENSÃO, ASCENSORISTA, ASCENDENTE).

ACIDENTE: ocorrência casual grave;
INCIDENTE: episódio casual sem gravidade, sem importância.

ACESSÓRIO: aquilo que não é essencial;
ASSESSÓRIO: relativo ao assessor.

AFERIR: conferir, comparar ("Os fiscais vão aferir os preços de cinco supermercados.");
AUFERIR: colher, obter ("O rapaz não auferiu bons resultados no concurso para médico").

AMORAL: ausência de moral, que ignora um conjunto de princípios;
IMORAL: Que é contrário, que desobedece a um conjunto de princípios.

ANTE: preposição que significa ESTAR DIANTE, ESTAR NA PRESENÇA DE;
ANTI: prefixo que significa AÇÃO CONTRÁRIA.

ANTICÉ(P)TICO: oposto aos céticos;
ANTISSÉ(p)TICO: desinfetante.

ÁREA: dimensão, espaço;
ÁRIA: peça musical para uma só voz.

ARREAR: colocar arreios em;
ARRIAR: abaixar.

ASAR: guarnecer de asas;
AZAR: má sorte.

ASCETA: pessoa que vive em prática de devoção e penitência;
ASSETA: do verbo ASSETAR, ferir com seta.

ACÉTICO: relativo ao vinagre;
ASCÉTICO: relativo ao Ascetismo;
ASSÉPTICO: relativo à assepsia.

ATUADO: particípio do verbo atuar; exercer atividade, agir ("A seleção de futebol não tem atuado como o técnico quer.");
AUTUADO: particípio do verbo autuar = lavrar um auto contra alguém; reunir em forma de processo; processar. Ser autuado significa fazer parte dos autos - conjunto das peças de um processo ("O líder do movimento dos sem-terra foi preso e autuado em flagrante por desacato à autoridade.").

BOCAL: abertura de vaso, candeeiro, frasco, castiçal, etc;
BUCAL: relativo à boca.

BROCHA: prego curto, de cabeça larga e chata;
BROXA: tipo de pincel.

BUCHO: estômago de animais;
BUXO: arbusto ornamental.

CAÇAR: perseguir, capturar a caça;
CASSAR: anular.

CAICHÃO: borbotão, fervura;
CAIXÃO: caixa grande.

CAICHOLA: cabeça;
CAIXOLA: caixa pequena.

CALDA: doce, xarope;
CAUDA: rabo de animais.

CARTUCHO: canudo de papel, de plástico, ou de metal;
CARTUXO: pertencente à Cartuxa, ordem religiosa fundada por São Bruno.

CAVALEIRO: aquele que anda a cavalo;
CAVALHEIRO: homem de boas maneiras.

CEGAR: tirar a visão de;
SEGAR: ceifar, cortar.

CELA: aposento de religiosos ou de prisioneiros;
SELA: arreio de cavalo, 3ª p. s., pres. ind., v. selar.

CELEIRO: depósito de provisões;
SELEIRO: fabricante de selas.

CENÁRIO: decoração de teatro;
SENÁRIO: que consta de seis unidades.

CENSO: recensseamento;
SENSO: juízo claro.

CENSUAL: relativo ao censo;
SENSUAL: relativo aos sentidos.

CÉ(P)TICO: que ou quem duvida;
SÉ(P)TICO: que causa infecção.

CERRAÇÃO: nevoeiro espesso;
SERRAÇÃO: ato de serrar.

CERRAR: echar;
SERRAR: cortar.

CERVO: veado;
SERVO: servente, escravo.

CESSAÇÃO: ato de cessar (interromper);
SESSAÇÃO: ato de sessar (peneirar).

CESTA: utensílio geralmente de palha para se guardar coisas;
SESTA: hora de descanço, normalmente após o almoço;
SEXTA: ordinal feminino de seis.

CHÁCARA: quinta, sítio;
XÁCARA: narrativa popular em versos.

CHALÉ:	casa campestre de estilo suíço;
XALE;	cobertura para os ombros.
COCHA:	gamela;
COLCHA:	cobertura em tecido para cama;
COXA:	parte da perna.
CICLO:	período;
SICLO:	moeda judaica.
CILÍCIO:	cinto ou cordão de pêlo ou Lã áspera para penitências;
SILÍCIO:	elemento químico.
CINTO:	correia em couro para prender as calças à cintura;
SINTO:	1ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo sentir.
CÍRIO:	vela grande de cêra;
SÍRIO:	relativo à Síria.
COCHO:	vasilha feita com tronco de madeira escavada;
COXO:	pessoa que manca.
COMPRIDO:	longo;
CUMPRIDO:	particípio passado do verbo CUMPRIR.
COMPRIMENTO:	uma das medidas de extensão (+ largura e altura);
CUMPRIMENTO:	ato de cumprimentar alguém, saudação, ou de cumprir algo.
CONCELHO:	jurisdição administrativa, município;
CONSELHO:	opinião, parecer, reunião coletiva superior, tribunal.
CONCERTO:	apresentação ou obra musical, entrar em acordo (do verbo concertar*);
CONSERTO:	ato ou efeito de consertar, reparar algo que está danificado.
CORINGA:	tipo de vela que se coloca em algumas embarcações;
CURINGA:	carta que muda de valor segundo a combinação que o parceiro tem em mão.
CORÇO:	cabrito selvagem;
CORSO:	natural da Córsega, desfile de carros ou carruagens.
COSER:	costurar;
COZER:	cozinhar.

DECENTE: decoroso, limpo;
DESCENTE: que desce, vazante;

DISCENTE: relativo a alunos;
DOCENTE: relativo a professores.

DECERTAR: lutar, pelejar;
DISSERTAR: discorrer.

DEFERIMENTO: concessão, atendimento;
DIFERIMENTO: adiamento.
(Assim também: DEFERIR = CONCEDER; DIFERIR = ADIAR, DIVERGIR.)

DEGRADADO: que está aviltado, diminuído (degradação);
DEGREDADO: aquele que está no degredo, exilado.

DELATAR: denunciar (delação);
DILATAR: retardar, adiar (dilação).

DESCRIÇÃO: ato de descrever, tipo de redação, exposição;
DISCRIÇÃO: reserva ao falar, qualidade daquele que é discreto, prudência.

DESCRIMINAR: inocentar, absolver (DESCRIMINAÇÃO);
DISCRIMINAR: distinguir, diferenciar, separar (DISCRIMINAÇÃO).

DESMITIFICAR: fazer cessar a mitificação (A CONVERSÃO EM mito) existente a respeito de pessoa ou coisa;
DESMISTIFICAR: livrar ou tirar da mistificação (engano, burla, abuso da credulidade).

DESPENSA: compartimento para se guardar alimentos;
DISPENSA: demissão.

DESTRATAR: insultar;
DISTRATAR: romper um trato, desfazer um contrato.
(Obs. Quando um contrato é rompido, o documento que se assina chama-se DISTRATO.)
EMERGIR: vir à tona, subir;
IMERGIR: mergulhar, descer.

EMIGRANTE: pessoa que sai do próprio país (EMIGRAR, EMIGRAÇÃO);
IMIGRANTE: pessoa que entra num país estrangeiro (IMIGRAR, IMIGRAÇÃO).

EMINENTE: que se destaca, excelente, notável;
IMINENTE: que está prestes a ocorrer, pendente.
(Obs. Assim também: EMINÊNCIA = altura, excelência; IMINÊNCIA = proximidade de ocorrência.)

EMITIR: expedir, emanar, enunciar, lançar fora de si;
IMITIR: fazer entrar, investir.

EMPEÇO: empecilho, impedimento, obstáculo, estorvo;
IMPEÇO: primeira pessoa do singular do verbo IMPEDIR.

EMPOÇAR: formar poça;
EMPOSSAR: dar posse a alguém.

ENFESTAR: dobrar ao meio na sua largura, exagerar (entediado _ no sul);
INFESTAR: assolar, invadir, existir em grande quantidade em.

ENTENDER: compreender;
INTENDER: exercer vigilância, administrar.

ESOTÉRICO: diz-se do ensinamento que, em escolas filosóficas da antiguidade grega, era reservado aos discípulos completamente instruídos; todo ensinamento ministrado a círculo restrito e fechado de ouvintes; compreensível apenas por poucos, obscuro, hermético."
EXOTÉRICO: diz-se de ensinamento que, em escolas da antiguidade grega, era transmitido ao público sem restrição, dado o interesse generalizado que suscitava e a forma acessível em que podia ser exposto por se tratar de ensinamento dialético, provável, verossímil.

ESBAFORIDO: ofegante, com a respiração entrecortada pelo cansaço ou pela pressa;
ESPAVORIDO: cheio de pavor, apavorado;

ESPECTADOR: aquele que vê, que assiste a alguma coisa;
EXPECTADOR: o que está na expectativa de, à espera de algo.

ESPERTO: ardiloso, malicioso, sagaz;
EXPERTO: experiente, especialista, perito.

ESPIAR: espreitar, olhar;
EXPIAR: redimir-se, pagar uma culpa.

ESPIRAR: soprar, respirar, estar vivo;
EXPIRAR: expelir o ar, morrer.

ESPRIMIDO: particípio do verbo ESPREMER;
EXPRIMIDO: particípio do verbo EXPRIMIR (também EXPRESSO).

ESTADA: ato de estar, permanência, demora transitória de pessoas em algum lugar;
ESTADIA: prazo concedido de carga ou descarga de um navio em um porto. Também é o prazo que se dá a veículos em um estacionamento ou garagem.

ESTÂNCIA: lugar onde se está ou permanece, morada, paragem, estabelecimento rural, estação de águas minerais;
INSTÂNCIA: qualidade do que é instante, pedido urgente e repetido, jurisdição, série de atos de um processo, ordem ou grau da hierarquia judiciária.

ESTÁTICO: estar parado (como uma estátua);
EXTÁTICO: estar em estado de êxtase.

ESTERNO: osso do peito;
EXTERNO: exterior;
HESTERNO: relativo ao dia de ontem.

ESTRATO: tipo de nuvem, camada (estrato social; sociedade estratificada = dividida em camadas; estratosfera, etc.)
EXTRATO: o que foi extraído de algo (v. extrair), fragmento, resumo, sumo (extrato bancário, extrato de tomate), essência (= perfume).

FLAGRANTE: evidente, fato que se observa no momento em que ocorre;
FRAGRANTE: que exala cheiro agradável, aromático (fragrância).

FLUIR: correr (líquido), passar (tempo);
FRUIR: desfrutar, gozar.

FUZIL: arma de fogo;
FUZÍVEL: condutor elétrico.

INCERTO: relativo à incerteza, duvidoso;
INSERTO: inserido, incluído.

INCIPIENTE: iniciante, inexperiente;
INSIPIENTE: ignorante.

INDEFESO: sem defesa;
INDEFESSO: incansável;
INFENSO: adverso, contrário.

INFLAÇÃO: ato de inflar, aumento de preços;
INFRAÇÃO: desobediência, violação, transgressão.

INFLIGIR: aplicar ou determinar uma punição, um castigo;
INFRINGIR: desobedecer, violar, transgredir.

INQUERIR: apertar com cordas a carga de animais;
INQUIRIR: interrogar, investigar.

INTEMERATO: aquele que é casto, puro, incorruptível;
INTIMORATO: que é valente, destemido.

INTENÇÃO: propósito, finalidade;
INTENSÃO: intensidade, esforço.

INTERCESSÃO: ato de interceder, interferência, intervenção, súplica;
INTERSE(C)ÇÃO: ponto em que duas linhas se cruzam, parte comum a dois conjuntos.

LACTANTE: quem produz o leite, mulher que amamenta (a mãe);
LACTENTE: quem recebe o leite, ser que mama (a criança).

LAÇO: laçada;
LASSO: frouxo, cansado, "dissoluto".

LENIMENTO: suavizante;
LINIMENTO: medicamento para fricções.

LUCHAR: sujar;
LUXAR: deslocar, desconjuntar.

LUSTRE: brilho e, figuradamente, candelabro;
LUSTRO: espaço de 5 anos.

MAL: como um advérbio, isto é, modificando uma ação verbal, este termo deve ser grafado com L. Exemplo: Aquele cantor canta mal. (contrário de BEM) Também grafamos com L Quando esta palavra se apresenta como substantivo ou como conjunção ubordinativa temporal. Exemplos: "O mal da humanidade é o seu grande egoísmo." (sinônimo de doença, problema) "Mal ele entrou em casa, a luz apagou." (igual a "assim que, no momento em que")
MAU: sendo grafado com U, este termo é um adjetivo. Exemplo: Aquele menino era muito mau. (contrário de bom; feminino: má)

MANDADO: ordem emanada de autoridade judicial ou administrativa;
MANDATO: período de missão política.

MAS (conjunção): sinônimo de porém, tldavia, contudo. Exemplo: Ele é inteligente, mas desajeitado.

MAIS: pronome indefinido ou advérbio de intensidade (contrário de menos). Exemplos: Ana precisa ter mais confiança em si mesma. (sinônimo imperfeito de "muita confiança"; pronome modificando o substantivo) Pedro é mais inteligente que Paulo. (contrário de menos; advérbio modificando o adjetivo)

MAÇA: clava;
MASSA: pasta.

MAÇUDO: indigesto, monótono;
MASSUDO: volumoso.

MEAR: dividir ao meio;
MIAR: dar mios (voz dos gatos).

MECHA: pavio, estopim, tufo de cabelo, dreno;
MEXA: forma verbal de MEXER.

MOÇA: mulher jovem, virgem, fem. de moço;
MOSSA: vestígio de uma pancada ou pressão forte, entalho, abalo ou impressão moral.

NORMALIZAR: tornar normal, regularizar, padronizar, fazer voltar à normalidade, submeter à norma;

NORMATIZAR: estabelecer normas para, submeter a normas (neologismo já devidamente registrado).
Observações: Muitas empresas utilizam o verbo "normalizar" no sentido de "tornar normal" e de "estabelecer normas". A maioria, entretanto, prefere estabelecer a diferença acima.
Lembre-se de que existe o adjetivo "normativo", palavra de origem francesa, cujo significado é "que tem a qualidade ou força de norma".

PAÇO: palácio;
PASSO: passada.

PEÃO: trabalhador rural, peça do jogo de xadrez, amansador de cavalos, tocador de boiada (a palavra vem do latim e significa "pedestre", ou seja, aquele que anda a pé. Em Portugal, a palavra aparece em placas que advertem os motoristas, para que tomem cuidado com peões, ou seja, com os pedestres.;)

PIÃO: espécie de brinquedo.

POÇA (com a pronúncia fechada "pôça", substantivo): cova pouco profunda contendo água ou outro líquido qualquer;

POSSA (com a pronúncia aberta "póssa"): primeira e segunda pessoas do singular do Presente do Subjuntivo do verbo PODER.

POCEIRO: homem que cava poços;
POSSEIRO: aquele que se encontra na posse clandestina ou ilegítima de certa área de terras particulares ou devolutas, com a intenção de dono.

POÇO (com a pronúncia fechada "pôço", substantivo): cavidade no solo que contém água, cisterna;
POSSO (com a pronúncia aberta "pósso"): primeira pessoa do singular do presente do indicativo do verbo PODER.

PLEITO: disputa;
PREITO: homenagem.

PREEMINENTE: nobre, distinto, que ocupa lugar mais elevado;
PROEMINENTE: alto, saliente, que se alteia acima do que o circunda.

PRENUNCIAR: anunciar com antecedência;
PRONUNCIAR: exprimir verbalmente, articular.

PREFERIR: querer ou gostar mais, ter preferência por; (Particípio Passado = PREFERIDO)
PRETERIR: não dar importância a, omitir. (Particípio Passado = PRETERIDO)

PRESCREVER: receitar ou perder a validade ("O médico prescreveu este remédio"; "O prazo já prescreveu");
PROSCREVER: banir, expulsar ("Ele foi proscrito da cidade.").

PRESAR: prender, apreender;
PREZAR: ter em consideração.

QUERELA: discussão, pendência;
QUIRELA (ou QUIRERA): milho quebrado que se dá às aves, também em relação ao arroz ou outros cereais.

RATIFICAR: confirmar, corroborar;
RETIFICAR: alterar, corrigir.

REBOLIÇO: que tem forma de rebolo, que rebola;
REBULIÇO: bagunça, grande barulho, agitação, desordem, confusão.

REVEZAR: substituir alternadamente;
REVISAR: rever.

RINGUE: tablado onde se realizam lutas de boxe e outras;
RINQUE: pista de patinação.

RUÇO: grisalho, desbotado (gíria: "difícil");
RUSSO: relativo à Rússia.

SEÇÃO (ou SECÇÃO): parte, divisão, departamento, ato de seccionar;
SESSÃO: espaço de tempo, programa;
CESSÃO: doação, ato de ceder.

SOAR: emitir determinado som;
SUAR: transpirar.

SORTIR: abastecer, prover;
SURTIR: ter como conseqüência, produzir, alcançar efeito.

SUBENTENDER: perceber, entender o que não estava exposto ou bem explicado;
SUBTENDER: estender por baixo.

TACHA: pequeno prego; ou mancha, defeito moral; ou tacho grande;
TAXA: imposto, tributo financeiro.
(**OBs.** Taxativo = que taxa, que limita, restritivo, definitivo. No entanto, não há registro em nossos dicionários da palavra "tachativo".)
Exemplo: O presidente foi taxativo ao afirmar que não aprovaria aquele projeto de lei.

TACHAR*: censurar, acusar, botar defeito em ;
TAXAR: estabelecer um preço, um imposto, tributar.

TENÇÃO: propósito, rixa, má vontade;
TENSÃO: voltagem, rigidez do tecido muscular.

TRÁFEGO: movimento, trânsito de veículos ou de pedestres;
TRÁFICO: comércio ilegal, negócio indecoroso.

TRÁS: parte posterior;
TRAZ: forma do verbo TRAZER.

VENOSO: relativo a veias;
VINOSO: que produz vinho.

VÊS: segunda pessoa do singular do presente do indicativo do verbo VER;
VEZ: ocasião.

VESTIÁRIO: local para trocar de roupa em clubes, colégios, etc;
VESTUÁRIO: é o traje, a indumentária, as roupas que usamos.

VIAGEM (= substantivo): "Fiz uma viagem inesquecível", "Boa Viagem!";
VIAJEM (forma verbal): terceira pessoa do plural do presente do subjuntivo do verbo VIAJAR. Exemplo: "Por favor, viajem amanhã, hoje já está muito tarde."

VULTOSO: de grande vulto, nobre, volumoso;
VULTUOSO: atacado de vultuosidade (estado mórbido em que a face e os lábios se incham e avermelham muito).

USUÁRIO: o que desfruta o direito de usar alguma coisa;
USURÁRIO: o que pratica a usura ou agiotagem.

(*) NOTAS:
Em relação ao verbete "consertar", com "s", no dicionário Aurélio, entre vários sentidos, encontramos os seguintes: "Pôr em boa ordem; dar melhor disposição a; arrumar, arranjar"; com o exemplo: "Antes de entrar na sala, consertou a gravata e penteou o cabelo".

Já "concertar", com "c", significa "harmonizar, conciliar". Entretanto, no mesmo dicionário Aurélio, este verbete, entre vários sentidos, igual- mente apresenta os seguintes: "Pôr em boa ordem; dar melhor disposição a; compor, ajustar, endireitar." Em seguida, um exemplo, retirado de "Histórias românticas", de Machado de Assis: "Examinou as luvas, concertou a gravata."

No Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa, de Caldas Aulete, no Dicionário Universal da Língua Portuguesa, da Texto Editora, de Portugal, e no Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa, da Melhoramentos, entre outros, não se registra essa parcial equivalência entre "consertar" e "concertar". O fato é que, apesar dessa parcial igualdade que se vê entre consertar e concertar, quando se arruma algo que está quebrado, conserta-se, com "s". E, quando uma orquestra atua, ocorre um concerto, com "c".

Outra confusão pode ocorrer com "tachar", com "ch", e "taxar", com "x". Quando se diz que alguém foi considerado covarde, diz-se que esse alguém foi "tachado" de covarde, pois "Tachar", com "ch", é "pôr mancha, defeito, nódoa". O problema é que, se você procurar as duas palavras (tachar e taxar) nos dicionários - e, neste caso, não só no Aurélio, mas nos outros também - vai descobrir que ambas podem significar "qualifi- car", ou seja, "classificar, julgar".
Desta vez, Aurélio se encarrega de desfazer uma possível confusão. Como "tachar" significa "pôr mancha, defeito", só se pode empregá-lo para idéias pejorativas: "Tacharam de ridícula a proposta dele." Já o verbo "taxar", que significa "estipular o preço, o valor de algo", acaba, por analogia, significando também "avaliar, julgar". Pode, por isso, ser usado tanto para os atributos bons como para os ruins:
"Taxaram de exemplar seu comportamento"; "Taxaram de vulgar seu procedimento". Não faria sentido, portanto, dizer que "tacharam de exemplar seu procedimento".

XVI. PRINCIPAIS REGRAS DE ORTOGRAFIA.

"A competência para grafar corretamente as palavras está diretamente ligada ao contato íntimo com essas mesmas palavras. Isso significa que a freqüência do uso é que acaba trazendo a memorização da grafia correta. Além disso, deve-se criar o hábito de esclarecer as dúvidas com as necessárias consultas ao dicionário. Trata-se de um processo constante, que produz resultados a longo prazo."
(Pasquale Cipro Neto & Ulisses Infante, Gramática da Língua Portuguesa)

ORIENTAÇÕES GERAIS.

1) Devemos empregar **"ss"** em todos os substantivos derivados de verbos terminados em **"gredir", "mitir", "ceder"** e **"cutir".**

Exemplos:
AGREDIR / AGRESSÃO
PROGREDIR / PROGRESSÃO
REGREDIR / REGRESSÃO
TRANSGREDIR / TRANSGRESSÃO
ADMITIR / ADMISSÃO
DEMITIR / DEMISSÃO
OMITIR / OMISSÃO
PERMITIR / PERMISSÃO
TRANSMITIR / TRANSMISSÃO
ACEDER / ACESSO
CEDER / CESSÃO
CONCEDER / CONCESSÃO
EXCEDER / EXCESSO, EXCESSIVO
SUCEDER / SUCESSÃO
DISCUTIR / DISCUSSÃO

2) Devemos empregar **"s"** em todos os substantivos derivados de verbos terminados em **"ender", "verter" e "pelir".**

Exemplos:
APREENDER / APREENSÃO
ASCENDER / ASCENSÃO
COMPREENDER / COMPREENSÃO
DISTENDER / DISTENSÃO
ESTENDER / EXTENSÃO
PRETENDER / PRETENSÃO
SUSPENDER / SUSPENSÃO
TENDER / TENSÃO
VERTER / VERSÃO
REVERTER / REVERSÃO

CONVERTER / CONVERSÃO
SUBVERTER / SUBVERSÃO
EXPELIR / EXPULSÃO
REPELIR / REPULSÃO

3) Devemos empregar "ç" em todos os substantivos derivados dos verbos **"TER"** e **"TORCER",** mais seus derivados.

Exemplos:
ABSTER / ABSTENÇÃO
ATER / ATENÇÃO
DETER / DETENÇÃO
MANTER / MANUTENÇÃO
RETER / RETENÇÃO
TORCER / TORÇÃO
DISTORCER / DISTORÇÃO
CONTORCER / CONTORÇÃO

EMPREGO DO S OU DO Z.

1. Os sufixos **"ês"** e **"esa"** são empregados na formação de nomes que designam profissão, títulos honoríficos de posição social, assim como em palavras que indicam origem, nacionalidade.

Exemplos: burguês, camponês, marquês, português, japonês, francês, burguesa, camponesa, marquesa, princesa, portuguesa, japonesa, francesa etc.

2. São grafadas com o sufixo **"isa"** as palavras que indicam ocupações femininas: poetisa, profetisa, papisa, sacerdotisa, pitonisa.

3. Os sufixos **"ez"** e **"eza"** são empregados para formar nomes abstratos que derivam de adjetivos.

Exemplos:
ADJETIVOS / DERIVADOS
agudo / agudez
escasso / escassez
estúpido / estupidez
límpido / limpidez
gago / gaguez
honra / honradez
inválido / invalidez
intrépido / intrepidez
macio / maciez

rígido / rigidez
sensato / sensatez
sisudo / sisudez
surdo / surdez
avaro / avareza
belo / beleza
certo / certeza
duro / dureza
esperto / esperteza
justo / justeza
nobre / nobreza
pobre / pobreza
rico / riqueza
rijo / rijeza
singelo / singeleza

4. Com **"z",** normalmente, são grafadas palavras derivadas de outras em que já existe o **"z",** e verbos terminados pelo sufixo **"izar",** em cujos radicais das palavras que lhes deram origem possuam ou não a letra **z.**

Exemplos: balizado (baliza), arrazoado, razoável (razão), canalizar, finalizar, industrializar, organizar, utilizar, arborizar, dinamizar, regularizar, cicatrizar (cicatriz), envernizar (verniz), enraizar (raiz), deslizar (deslize) etc.

Observação: Os verbos terminados em **"isar",** com **"s",** têm apenas como sufixo as letras "ar", pois as letras "is", neste caso, fazem parte do radical da palavra que deu origem ao verbo.

Exemplos:
análise / analisar
aviso / avisar
improviso / improvisar
pesquisa / pesquisar

EXCEÇÃO: Apesar de originar-se da palavra "catequese", que possui um **"s"** em seu radical, o verbo catequizar deve ser grafado com **"z",** pois a sílaba átona final de catequese foi suprimida para se inserir o sufixo **"izar"** na formação do verbo.

5. Grafam-se com "z" as palavras derivadas com os **sufixos "zada, zal, zarrão, zeiro, zinho, zito, zona, zorra, zudo"**. O **"z",** neste caso, é um infixo.

Exemplos:
pazada, cafezal, canzarrão, açaizeiro, papelzinho, cãozito, mãezona, mãozorra, pezudo etc.

Observação: Em palavras como "asinha, risinho, risada, casinha, caseiro, casebre", o **"s"** pertence ao radical dos vocábulos de origem (asa, riso, casa).

6. Também grafa-se com **"s":**

Após os ditongos;
Exemplos: lousa, coisa, causa, Neusa, ausência, Eusébio, náusea.

Nas formas dos verbos "pôr" (e derivados) e "querer";
Exemplos: pus, pusera, pusesse, puséssemos; repus, repusera, repusesse, repuséssemos; quis, quisera, quisesse, quiséssemos.

EMPREGO DO C E DO QU.
Existem palavras que podemos escrever com **"c"** e também com **"qu".**
Exemplos: catorze / quatorze cociente / quociente cota / quota cotidiano / quotidiano cotizar / quotizar

Observação: As palavras a seguir, porém, possuem uma só grafia: "cinqüenta, cinqüentenário, cinqüentão, cinqüentona."

EMPREGO DO X E DO CH.
Deve-se empregar o **"x"** após os ditongos (encontros vocálicos = vogal + semi-vogal em uma mesma sílaba).
Exemplos: ameixa, feixe, caixa, trouxa, frouxo, gueixa, peixe, peixada, queixo, queixada, eixo, baixo, encaixar, paixão, rebaixar etc.

EXCEÇÃO: recauchutar (mais seus derivados) e caucho (espécie de árvore que produz o látex).

Emprega-se também o x:

➔ Após as sílabas **"en"** e **"me";**
Exemplos: enxada, enxurrada, enxame, enxaqueca, enxerido, enxovalho, enxugar, mexer, mexilhão, mexerico, mexerica, mexicano etc.

Observação: Palavras como "enchente, encharcar, enchiqueirar, enchapelar, enchumaçar", embora se iniciem pela sílaba "en", são grafadas com "ch", porque são palavras formadas por prefixação, ou seja, pelo prefixo en + o radical de palavras que tenham o ch (enchente, encher e seus derivados = prefixo en + radical de cheio; encharcar = en + radical de charco; enchiqueirar = en + radical de chiqueiro; enchapelar = en + radical de chapéu; enchu- maçar = en + radical de chumaço).

EXCEÇÃO: Em relação à regra da sílaba "me", uma exceção é O SUBSTANTIVO "mecha"; não confundir com a forma verbal "mexa" do verbo mexer que deve ser grafada com x.

➔ Nas palavras de origem indígena ou africana e nas palavras inglesas aportuguesadas. Exemplos: xavante, xingar, xique-xique, xará, xerife, xampu.

Outras palavras com X: bexiga, bruxa, caxumba, laxativo, laxante, maxixe, paxá, muxoxo, quixotesco, rixa, xarope, xícara, xucro, xereta, capixaba, faxina, lixo, graxa, praxe, puxar, relaxar, roxo, xaxim, xenofobia.

Outras palavras com CH: charque, chiste, chicória, chimarrão, ficha, cochicho, cochichar, estrebuchar, fantoche, flecha, inchar, pechincha, pechinchar, penacho, salsicha, broche, arrocho, apetrecho, bochecha, brecha, chuchu, cachimbo, comichão, chope, chute, debochar, fachada, fechar, linchar, mochila, piche, pichar, tchau.

Existem vários casos de **palavras homófonas**, isto é, palavras que possuem a mesma pronúncia, mas a grafia diferente. Nelas a grafia se distingue pelo contraste entre o **x** e o **ch**.

Exemplos:
- brocha (pequeno prego)
- broxa (pincel para caiação de paredes)
- chá (planta para preparo de bebida)
- xá (título do antigo soberano do Irã)
- chalé (casa campestre de estilo suíço)
- xale (cobertura para os ombros)
- chácara (propriedade rural)
- xácara (narrativa popular em versos)
- cheque (ordem de pagamento)
- xeque (jogada do xadrez)
- cocho (vasilha para alimentar animais)
- coxo (capenga, imperfeito)
- tacha (mancha, defeito; pequeno prego); daí "tachar": colocar defeito ou nódoa em alguém ou em algo.)
- taxa (imposto, tributo); daí "taxar": cobrar impostos.

[Veja mais palavras homófonas na seção **PARÔNIMOS**]

XVII. PONTUAÇÃO

É o conjunto de sinais gráficos que possui basicamente duas funções: representar, na língua escrita, as pausas e a entoação da língua falada, na tentativa de reconstituir o movimento vivo, recursos rítmicos e melódicos que a oralidade possui e dividir as partes do discurso que não têm entre si uma íntima relação sintática.

EMPREGO DOS SINAIS GRÁFICOS

VÍRGULA (,)

Emprega-se a vírgula nos seguintes casos:

1. para separar termos da mesma função sintática;

Exemplos:
Pedro, João, Mateus e Tiago eram alguns dos apóstolos de Jesus. (Pedro, João, Mateus e Tiago exercem a mesma função sintática nessa oração, ou seja, a de sujeito.)
Ana vendeu um sofá, duas poltronas, uma estante e uma mesinha. (sofá, poltronas, estante e mesinha funcionam, aqui, como objetos diretos da oração.)

Observações: Quando as conjunções **"e", "ou"** e **"nem"** vierem repetidas numa enumeração, dando ênfase ao que se diz, costuma-se separar os termos coordenados.
Exemplos:
Abrem-se lírios, e jasmins, e rosas, e cravos...
Ou você presta atenção à aula, ou você conversa, ou você sai da sala.
Nem eu, nem tu, nem qualquer outra pessoa resolverá este caso.

Quando se usa a conjunção **"ou"** para indicar equivalência entre dois termos, pode-se ou não empregar-se uma vírgula antes da conjunção e outra depois da palavra que indica equivalência.
Exemplos:
Cláudia, ou sua irmã, deverá ser a oradora da turma.
Cláudia ou sua irmã deverá ser a oradora da turma.

Torna-se necessária a vírgula antes da conjunção **"e"** quando servir para separar orações coordenadas que tenham sujeitos diferentes.
Exemplos:
A primavera despertava as flores, e os coqueiros balançavam preguiçosos ao vento. (Neste exemplo, o "e" não está ligando flores a coqueiros, pois este termo é sujeito da forma verbal balançavam, e flores é objeto direto de DESPERTAva que tem como sujeito a palavra primavera.)
Ele dizia muitas coisas, e sua esposa só ouvia.

2. para isolar o objeto direto anteposto ao verbo nas construções em que ele aparece também com sua forma pleonástica;

Exemplos:
A mesa, nós a empurraremos.
(A mesa = objeto direto / pronome a = objeto direto pleonástico)

O homem, fê-lo Deus à sua semelhança.
(O homem = objeto direto / lo = objeto direto pleonástico)

Os sapatos, João os comprou na C&A.
(Os sapatos = objeto direto / os = objeto direto pleonástico)

3. para isolar o aposto explicativo;

Exemplos:
Alice, a diretora, estava muito feliz. (aposto = a diretora)
Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, foi enforcado por lutar pela nossa Independência. (aposto = o Tiradentes)

4. para isolar o vocativo;

Exemplos:
Maria, porque não respondes? (vocativo = Maria)
Ajuda-me, Senhor, neste trabalho. (vocativo = Senhor)

5. para isolar o adjunto adverbial antecipado;

Exemplos:
No campo, a chuva é sempre bem-vinda. (adjunto adverbial = No campo)
Ama, com fé e orgulho, a terra em que nasceste. (adjunto adverbial = com fé e orgulho)
Pela manhã, fui ao sítio de meu avô. (adjunto adverbial = Pela manhã)

No entanto, quando o adjunto for constituído de apenas um advérbio, a vírgula será facultativa.

Exemplos:
Ali várias pessoas discutiam sobre futebol.
Ali, várias pessoas discutiam sobre futebol.
Hoje não comprei o jornal.
Hoje, não comprei o jornal.

6. para se separar a localidade da data, e nos endereços;

Exemplos:
Rio de Janeiro, 31 de julho de 1957.
Rua Barata Ribeiro, 200, ap. 101, Copacabana.

7. para marcar a supressão do verbo numa oração (zeugma);

Exemplos:
Eu fui de ônibus; ela, de avião.
Os valorosos levam as feridas; e os venturosos, os prêmios.

8. para separar orações coordenadas assindéticas, isto é, separar orações que não apresentam conjunções que as interliguem;

Exemplos:
Acendeu um cigarro, cruzou as pernas, estalou os dedos.
Vim, vi, venci.

9. para separar as orações coordenadas sindéticas adversativas, conclusivas e explicativas;

Exemplos:
Não me disseste nada, mas eu vi tudo.
Ana namorava Carlos, entretanto não o amava.
Tu és homem, logo és mortal.
Estou com o mapa no carro, portanto não errarei o caminho.
Venha, que já é tarde.
Não fumes aqui, porque é perigoso.
Volte amanhã, pois o diretor não o atenderá hoje.

10. para isolar certas expressões exemplificativas e de retificação;

Exemplos:
Além disso, por exemplo, isto é, ou seja, a saber, aliás, digo, minto, ou melhor, ou antes, outrossim, com efeito, a meu ver, por assim dizer, por outra, etc.

11. para isolar o predicativo deslocado;

Exemplos:
A mulher, desesperada, correu em socorro do filho.
Desesperada, a mulher correu em socorro do filho.
Cansados, os meninos dormiram mesmo no chão.
Os meninos, cansados, dormiram mesmo no chão.

12. para isolar certas conjunções deslocadas;

Exemplos:
Naquele dia, porém, não pude vir. (todavia, contudo, entretanto, No entanto, etc.)
Observação: Quando a conjunção "pois" for conclusiva, virá sempre depois do verbo da oração a que pertence e, portanto, isolada por vírgulas.
Exemplo: As jóias não eram, pois, tão valiosas assim.

13. para isolar as orações intercaladas;

Exemplos:
Amanhã mesmo vou embora, assegurou Rogério, batendo a porta da rua.
Ele sabia que, mesmo comprometendo a sua segurança, precisava fazer a denúncia.
Observação: Neste caso, também é possível substituir as vírgulas por travessões.

14. para isolar as orações subordinadas adjetivas explicativas;

Exemplos:
Léa, que tem manias estranhas, entrou na sala agora.
O homem, que se considera racional, muitas vezes age animalescamente.

15. para separar as orações subordinadas adverbiais, principalmente quando antepostas à principal (Exceção das comparativas).

Exemplos:
Quando se levantou, os seus olhos tinham uma imensa paz.
Se chover muito, não irei à casa de Paula.
Apesar de ter ido ao passeio, ela não se alegrou.
Ana é tão inteligente como a irmã.

Observações:
_ Pode-se separar as orações adjetivas restritivas quando muito extensas no período ou no encontro dos verbos;

Exemplos:
As famílias que se estabeleceram naquela favela de pequenas e sujas vielas, estão preocupadas com os bandidos.
O homem que falou, representou-me na reunião.

_ São também separadas por vírgulas as orações reduzidas de infinitivo, de gerúndio e de particípio que se antepõem à oração principal.

Exemplos:
Marchar mais e mais, insistia o sargento.
Sendo muitos os problemas, resolva-os sempre um por um.
Incentivado, viajou para Londres.

_ Quando houver um parêntese no período, no lugar em que já exista uma vírgula, esta se coloca depois do parêntese fechado, uma vez que este sempre esclarece o que ficou antes da vírgula, e não o que vem depois dela.

Exemplo:
Estava Mário em sua casa (nenhum prazer sentia fora dela), quando ouviu gritos na rua.

CASOS EM QUE NÃO SE DEVE EMPREGAR A VÍRGULA

A) Não se deve separar por vírgula o sujeito de seu predicado, os verbos de seus complementos e destes os adjuntos adverbiais se vierem na ordem direta.

Ordem direta ➔ SUJEITO + VERBO + COMPLEMENTOS + ADJUNTOS ADVERBIAIS

Exemplos:
Pedro, comprou um livro no sebo. (errado)
Pedro comprou, um livro no sebo. (errado)
Pedro comprou um livro, no sebo. (errado)
Pedro comprou um livro no sebo . (certo)

B) Segundo alguns gramáticos mais antigos, não se deve colocar vírgula antes de **"etc",** pois se trata de letras que abreviam a expressão latina "et cetera", que significa **"e outras coisas", "e o resto", "e assim por diante".** Nesse sentido, também é condenável o uso da conjunção **"e"** antes de ETC.

Exemplos:
Sandra comprou blusas, calças, meias e etc. (condenado)
Sandra comprou blusas, calças, meias etc. (aceito)

No entanto, o Acordo Ortográfico que está vigindo no Brasil determina que se use, obrigatoriamente, a vírgula antes de etc.

Exemplo:
Acordou, tomou café, tomou banho, etc.

Quando a frase termina com **"etc.",** basta colocar um ponto, que acaba tendo duplo papel: o de marcar a abreviatura da expressão e o de encerrar o período. É o que se vê nos dicionários e no "Formulário Ortográfico Oficial" em todos os casos em que se emprega essa abreviatura.

PONTO-E-VÍRGULA (;)

Este sinal serve de intermediário entre o ponto e a vírgula, aproximando-se ora mais de um ora mais de outro, segundo os valores pausais e melódicos que representa no texto. Apesar da imprecisão deste sinal, pode-se estabelecer alguns empregos para ele.

1. Serve para separar orações coordenadas com certa extensão e que possuam a mesma estrutura sintática, sobretudo, se possuem partes já divididas por vírgulas;

Exemplos:
Das graças que há no mundo, as mais sedutoras são as da beleza; as mais picantes, as do espírito; as mais comoventes, as do coração.
Nos dias de hoje, é preciso andar com cautela; antigamente, a vida era mais tranqüila.

2. Para separar orações coordenadas assindéticas de sentido contrário;

Exemplos:
Cláudio é ótimo filho; Júlio, ao contrário, preocupa constantemente seus pais.
Uns se esforçam, lutam, criam; outros vegetam, dormem, desistem.

3. Para separar orações coordenadas adversativas e conclusivas quando se deseja (com o alongamento da pausa) acentuar o sentido adversativo ou conclusivo dessas orações;

Exemplos:
Pode a virtude ser perseguida; mas nunca desprezada.
Estudei muito; não obtive, porém, resultados satisfatórios.
Ele anda muito ocupado; não tem, por isso, respondido às suas cartas.

Observação: Em certos casos, a ênfase dada a essas orações pode pedir o emprego do ponto em lugar do ponto-e-vírgula.
Exemplo:
O exame de física foi bastante difícil. Entretanto, o de português foi bem melhor.

4. Para separar os diversos itens de uma lei, decreto, portaria, regulamento, exposição de motivos, etc;

Exemplo:
Artigo 187
O processo será iniciado:
I - por auto de infração;
II - por petição do contribuinte interessado;

5. Para separar itens diferentes de uma enumeração;

Exemplo:
O Brasil produz café, milho, arroz; cachaça, cerveja, vinho. (Separando gêneros alimentícios de bebidas)

6. Para separar os itens de uma explicação.

Exemplo:
A introdução dos computadores pode acarretar duas conseqüências: uma, de natureza econômica, é a redução de custos; a outra, de implicações sociais, é a demissão de funcionários.

PONTO (.)

O ponto assinala a pausa máxima da voz. Serve para indicar o término de uma oração absoluta ou de um período composto. Quando os períodos simples e compostos mantêm entre si uma seqüência do pensamento, serão separados por um ponto chamado de "ponto simples"; e o período seguinte que expressa uma conseqüência ou uma continuação do período anterior será escrito na mesma linha. Porém, se houver um corte, uma interrupção na seqüência do pensamento, o período seguinte se iniciará na outra linha, sendo o ponto do período anterior chamado de "ponto parágrafo".

Finalmente, quando um ponto encerra um enunciado, dá-se o nome de "ponto final".

O ponto serve ainda para abreviar palavras.

Exemplo: V. S. = Vossa Senhoria; prof. = professor, etc.

DOIS PONTOS (:)

Serve para marcar uma sensível suspensão da voz na melodia de uma frase não concluída. Emprega-se nos seguintes casos:

1. Antes de uma citação;

Exemplos:
Como ele nada dissesse, o pai perguntou:
- Queres ou não queres ir?
Disse Machado de Assis: "A solidão é oficina de idéias."

2. Antes de uma enumeração;

Exemplo:
Tínhamos dezenas de amigos: Pedro, João, Carlos, Luís, mas nenhum deles entendeu nosso problema.

3. Antes de uma explicação, uma síntese ou uma conseqüência do que foi enunciado, ou ainda antes de uma complementação.

Exemplos:
A razão é clara: achava sua conversa menos interessante que a dos outros rapazes.
E a felicidade traduz-se por isto: criarem-se bons hábitos durante toda a vida.
No quartel, quem manda é o sargento: só nos cabe ouvir e obedecer.
Aquela mãe preocupava-se com uma coisa só: o futuro dos filhos.
"Não sou alegre nem sou triste: sou poeta." (C. Meireles)

Observação: Nos vocativos de cartas, ofícios, etc, usa-se vírgula, ponto, dois pontos ou nenhuma pontuação.
Exemplos:
Prezado Senhor,
Prezado Senhor.
Prezado Senhor:
Prezado Senhor

PONTO DE INTERROGAÇÃO (?)

É um sinal que indica uma pausa com entoação ascendente. Emprega-se nos seguintes casos:

1. Nas interrogações diretas;

Exemplos:
Quem vai ao teatro hoje?
Que é Deus?

2. Pode-se combinar o ponto de interrogação com o ponto de exclamação quando a pergunta também expressar uma surpresa;

Exemplo:
- Ana desmanchou o noivado de cinco anos.
- Por quê?!

3. Quando houver dúvida na pergunta, costuma-se colocar reticências após o ponto de interrogação.

Exemplos:
- Então?... Qual o caminho que devemos seguir?...
- E você também não sabe?...

PONTO DE EXCLAMAÇÃO (!)

Neste sinal, a pausa e a entoação não são uniformes, já que somente no contexto em que está inserida a frase exclamativa poderemos interpretar a intensão do escritor, pois são várias as possibilidades da inflexão exclamativa como, por exemplo, as frases que exprimem espanto, surpresa, alegria, entusiasmo, cólera, dor, súplica, etc.

Normalmente se emprega nos seguintes casos:

1. Depois de interjeições ou de termos equivalentes como os vocativos intensos, as apóstrofes;

Exemplos:
- Ai! Ui! - gritava o menino.
- Credo em cruz! - gemeu Raimundo.
- Adeus, Senhor!

"Ó Pátria amada, idolatrada,
Salve! Salve!"

2. Depois de um imperativo;

Exemplos:
- Não vai! Volta, meu filho!
- Direita, volver!

Não matarás!

Observação: Para acentuar a inflexão da voz e a duração das pausas pedidas por certas formas exclamativas, pode-se empregar os seguintes recursos:

A) Combinar-se o ponto de exclamação ao de interrogação quando a entoação numa frase interrogativa for sensivelmente mais exclamativa.

Exemplo:
Para que você veio me contar essas histórias a esta hora da noite!?

B) Emprega-se a combinação acima mais reticências para dar à frase mais um matiz: o da incerteza.

Exemplo:
- Coitado! Envolvido com drogas, quem poderá dizer como acabará!?...

C) Repete-se o ponto de exclamação para marcar um reforço especial na duração, na intensidade ou na altura da voz.

Exemplo:
- Canalhas!!! Não escaparão à Justiça Divina!!!

Observação: Deve-se evitar usar este recurso quando se enviar um texto para uma pessoa cega que utilize computador com ledores de tela (como o do Sistema DOSVOX), que interpretam estes pontos repetidos apenas como sinais de pontuação, não dando à palavra ou à frase antecedidas por eles nenhuma entoação especial. Torna-se, neste sentido, obviamente desnecessária e mesmo inútil o emprego repetitivo dos pontos de interrogação e exclamação, posto que isto causará somente um extremo incômodo aos ouvidos dos leitores/ouvintes cegos.

RETICÊNCIAS (. . .)

Serve para marcar a suspensão da melodia na frase. Emprega-se em casos muito variados como:

1. Para interromper uma idéia, um pensamento, a fim de se fazer ou não, logo após, uma consideração;

Exemplo:
- Quanto ao seu pai... às vezes penso... Mas asseguro-lhe que é verdade quase tudo que se contam por aí sobre homens que enriqueceram facilmente.

2. Para marcar suspensões provocadas por hesitação, surpresa, dúvida ou timidez de quem fala. E ainda, certas inflexões de alegria, tristeza, cólera, ironia, etc.

Exemplos:
- Rapaz, veja lá... pensa bem no que vai fazer... - alertou o amigo.
- Você... aí sozinha... não tem medo de ficar na rua a esta hora?
- Eu... eu... queria... um agasalho - respondeu soluçando o mendigo.
- Há quanto tempo não o via... lágrimas vieram-lhe aos olhos... foi um encontro inesquecível.

3. Para indicar que a idéia contida na frase deve ser completada pela imaginação do leitor;

Exemplos:
"Duas horas te esperei.
Duas mais te esperaria.
Se gostas de mim, não sei...
Algum dia há de ser dia."
(F. Pessoa)

4. Para indicar uma interrupção brusca da frase;

Exemplos:
(Um personagem corta a fala de outro)
- A senhora ia dizer que...
- Nada... Esquece tudo isto.

Observações:

A) Se a fala do personagem continua depois da interrupção, costuma-se colocar reticências no início da frase.

Exemplo:
- Eu pedi que fizesse a lição...
- Que lição? Não há lição alguma.
- ...a lição sobre a vida de Ghandi.

B) As reticências podem formar uma linha inteira de pontos para indicar a supressão de palavras ou de linhas omitidas na cópia ou tradução de uma obra. Podem ainda vir entre parênteses no início e no fim de um trecho selecionado.

PARÊNTESES ( )

São empregados para intercalar, num texto, qualquer indicação ou informação acessória de caráter secundário.

Exemplos em que se empregam os parênteses:

1. Numa explicação;
Beto (tinha esse apelido desde criança) não gostava de viajar.

2. Numa reflexão, num comentário à margem do que se afirma;
Jorge mais uma vez (tinha consciência disso) decidiu seu destino ao optar pela mudança de país.

3. Numa manifestação emocional expressa geralmente em forma exclamativa ou interrogativa;
"Havia escola, que era azul, e tinha um mestre mau, de assustador pigarro... (Meu Deus! Que isto? Que emoção a minha quando estas coisas tão singelas narro?)"

4. Nas referências a datas, indicações bibliográficas, etc;
Kardec revela-nos em "O Livro dos Espíritos" (1857) os mistérios do Mundo Invisível.

5. Numa citação na língua de origem;
Como disse alguém: "A natureza não dá saltos" (natura non saltit).

Observações:
A) Os parênteses podem ser usados também para isolar orações intercaladas, sendo mais freqüentes, no entanto, para este fim, as vírgulas e os travessões.
Exemplo:
Mais uma vez (contaram-me) a policia tinha conseguido deitar a mão naquele perigoso bandido.

B) Os parênteses muito longos devem ser evitados, pois prejudicam a clareza do período. Na leitura, a frase que vem entre parênteses deve ser pronunciada em tom mais baixo. Na escrita, a frase inicia-se por maiúscula somente quando constituir oração à parte, completa, contendo uma consideração ou pensamento independente. Neste caso, é comum se colocar os parênteses depois do ponto final.
Exemplo:
"Existem jovens, por exemplo, que só conseguem crescer se tiverem uma sogra tirana. (É bastante comum Afrodite "surgir" em sogras. A madrasta má é outro exemplo.)"

C) O asterisco entre parênteses chama a atenção do leitor para alguma observação ou nota final da página ou do texto.

ASPAS (“ “)

São empregadas nos seguintes casos:

1. No início e no fim de uma citação ou transcrição literária;

Exemplo:
Fernando Pessoa nos revela em um de seus poemas que Júlio César definiu bem toda a figura da ambição quando disse: "Antes o primeiro na aldeia do que o segundo em Roma".

2. Para fazer sobressair palavra ou expressões que, geralmente, não são comuns à linguagem normal (estrangeirismos, arcaísmos, neologismos, gírias, etc.).

Exemplos:
O Sistema DOSVOX é um "software" especial para cegos.
Os escravos chamavam meu bisavô de "sinhô" ou "nhonhô".
O diretor daquela escola pública, para todos os alunos, era considerado "sangue bom".

3. Para realçar o significado de qualquer palavra ou expressão, ou para marcar um sentido que não seja o usual;

Exemplos:
O vocábulo "que" pode ser analisado de várias maneiras.
Ela deu um "espetáculo" no saguão do prédio. (A palavra ESPETÁCULO aqui tem o sentido de ESCÂNDALO.)

Observação: As aspas também podem ser empregadas no lugar dos travessões em diálogos quando da mudança de interlocutor.

Exemplos:
"Vamos mudar de assunto", disse eu.
"OK, vamos então falar de amor?" replicou Clara.
"Boa idéia!" concordei, sorrindo-lhe.

4. Para fazer sobressair o título de uma obra literária, musical, etc.

Exemplos:
Adorei ler "Nosso Lar", de André Luiz.
Você gostou do disco "Sozinho", do Caetano Veloso?

Observação: Quando as aspas abrangem parte do período, o sinal de pontuação é colocado depois delas:

Na política, ainda são bastante numerosos os "partidários do Brizolismo".
Quando, porém, as aspas abrangem todo o período, o sinal de pontuação é colocado antes delas:
"Nem tudo que reluz é ouro."

Quando já existe aspas numa citação ou numa transcrição, devemos usar a "aspa simples" ('), ou negrito, ou ainda letras de outro tipo para destacar o termo ou expressão desejados:

Aquele crítico de arte declarou assim: "Todos admiravam o 'feeling' daquele artista".

TRAVESSÃO (_)

Emprega-se nos seguintes casos:

1. Para indicar, nos diálogos, a mudança de interlocutor;

Exemplo:
- Você tem religião?
- Sim, a do Amor.

2. Para isolar, num contexto, palavras ou orações intercaladas;

Exemplo:
O presidente declarou - e nem sabemos quanto lhe custou essa decisão - que estava renunciando.

3. Para dar mais realce a uma expressão ou oração, pode-se empregar o travessão em lugar dos dois pontos;

Exemplo:
Era mesmo o meu quarto - a roupa da escola no prego atrás da porta, o quadro da santa na parede...

4. Para substituir um termo já mencionado (uso comum nos dicionários).

Exemplo:
pé, s. m.: parte inferior do corpo humano; - de-moleque: doce feito de amendoim.

ASTERISCO (*)

Serve para chamar a atenção do leitor para alguma nota ao final da página ou do capítulo.

XVIII. REGÊNCIA NOMINAL.

REGÊNCIA NOMINAL é a relação existente entre um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio) e os termos regidos por esse nome. A Regência Nominal determina qual é a preposição que devemos usar. Observe que não há regras específicas, pois a regência de uma palavra é um caso particular. Cada palavra pede seu complemento e rege sua preposição.

Exemplos:
Ela fez referência (substantivo) a este evento (complemento nominal).
(Quem faz referência faz referência a alguma coisa)

Eles tem necessidade (substantivo) de dinheiro (complemento nominal).
(Quem tem necessidade tem necessidade de alguma coisa)

A seguir, você terá vários nomes acompanhados da preposição ou preposições que regem. Procure associar esses nomes entre si ou aos verbos de que derivam.

SUBSTANTIVOS:

admiração a, por; aversão a, para, por; atentado a, contra; bacharel em; capacidade de, para;	devoção a, para com, por; doutor em; dúvida acerca de, em, sobre; horror a; impaciência com;	medo a, de; obediência a; ojeriza a, por; proeminência sobre; respeito a, com, para com, por.

Observação: O substantivo medo rege também a preposição **"a",** mas surge mais freqüentemente acompanhado da preposição **"de".**

ADJETIVOS:

acessível a; contíguo a; generoso com; acostumado a, com; contrário a; grato a, por; afável com, para com; curioso de, por; hábil em; agradável a; descontente com; habituado a; alheio a, de;	desejoso de; idêntico a; análogo a; diferente de; impróprio para; ansioso de, para, por; entendido em; indeciso em; apto a, para; equivalente a; insensível a; ávido de; escasso de;	liberal com; benéfico a; essencial a, para; natural de; capaz de, para; fácil de; necessário a; compatível com; fanático por; nocivo a; contemporâneo a, de; favorável a; paralelo a; parco em, de;	propício a; semelhante a; passível de; próximo a, de; sensível a; preferível a; relacionado com; sito em; prejudicial a; relativo a; suspeito de; prestes a; satisfeito com, de,

ADVÉRBIOS:
longe de; perto de.
Os advérbios terminados em **"-mente"** tendem a seguir o regime dos adjetivos de que são formados:
paralela a, paralelamente a; relativa a, relativamente a.
Quando o complemento de um nome ou verbo tiver a forma de oração reduzida de infinitivo, não se deve fazer a contração da preposição com o eventual sujeito desse infinitivo. A preposição, afinal, introduz toda a oração, e não apenas o sujeito dela. É bom lembrar que o sujeito jamais é introduzido por preposição.

Exemplos:
Existe a possibilidade de eles participarem (e não "deles participarem") do festival de música.
É hora de as noções de civilização contaminarem as mentes e gestos dos brasileiros. (e não "das noções")

A questão consiste em os brasileiros adotarem medidas mais rigorosas contra as infrações de trânsito. (e não "consiste nos ")

XIX. REGÊNCIA VERBAL

REGÊNCIA é a relação necessária que se estabelece entre duas palavras, uma das quais servindo de complemento a outra (dependência gramatical).

TERMO REGENTE ➔ palavra principal a que outra se subordina.

TERMO REGIDO ➔ palavra dependente que serve de complemento e que se subordina ao TERMO REGENTE.

Assim, a relação entre o verbo (termo regente) e o seu complemento (termo regido) chama-se **REGÊNCIA VERBAL**, orientada pela transitividade dos verbos que podem se apresentar diretos ou indiretos, ou seja, exigindo um complemento na forma de objeto direto ou indireto.

Lembrando que o **OBJETO DIRETO** é o complemento do verbo que não possui preposição e que também pode ser representado pelos pronomes oblíquos "o, a, os, as". Já o **OBJETO INDIRETO** vem acrescido de preposição e igualmente pode ser representado pelos pronomes "lhe, lhes". Cuidado, porém, com alguns verbos, como **"ASSISTIR** e **ASPIRAR**", que não admitem o emprego desses pronomes.

Os pronomes **"me, te, se, nos** e **vos"** podem, entretanto, funcionar como objetos diretos ou indiretos.

ATENÇÃO: Muitas vezes alguns verbos podem apresentar diferentes regências sem que seus sentidos sejam alterados ou, ao contrário, acarretando diferentes significados e acepções.

REGÊNCIA DE ALGUNS VERBOS:

- ABRAÇAR.
Pede objeto direto.
Exemplos:
Abracei Michele carinhosamente em seu aniversário.
Pelo meu elogio, Pedro abraçou-me agradecido.

Observação: Este verbo pode aparecer com outras regências que não acarretam mudança no sentido, mas que introduzem matizes especiais de significação.
Exemplos:
Meio tonto, Lucas abraçou-se ao poste.
Para caminhar com mais apoio, Ana abraçou-se em mim.
Comemorando a vitória, Luís abraçava-se com o pai.

- ACONSELHAR.
Pede objeto direto e indireto no sentido de "dar e tomar conselhos, entrar em acordo".
Exemplos:
Aconselho você a não sair de casa hoje por causa da chuva.
Aconselhei à Isabel um bom caminho para ir à praia.
Aconselhamos João sobre os malefícios do fumo.
Aconselhei-me com o juiz sobre o meu processo.
Depois nos aconselharemos no que mais nos convier.
Aconselharam-se para me trair.

- AGRADAR.
Pede objeto direto no sentido de "acariciar, fazer agrados".
Exemplos:
O pai agradava o filho antes de sair para o trabalho.
Sempre agradei minhas namoradas com meus elogios. (agradá-las)

Pede objeto indireto no sentido de "ser agradável, contentar, satisfazer".
Exemplos:
A resposta não agradou ao professor.
Tenho certeza de que este livro não lhe agradará.
A piada não agradou à platéia.

- AGRADECER.
Pede objeto direto e indireto.
Exemplos: (AGRADECER ALGUMA COISA A ALGUÉM)
Agradeci A Deus a cura de minha mãe.
Agradeceu-me comovido o presente.

Observação: Agradecer a alguém "por alguma coisa" é incorrer em italianismo, forma perfeitamente dispensável.

- AJUDAR.
Pede objeto direto e indireto.
Exemplos:
Ajudo meu irmão em seu escritório.
Ajudei-o a resolver aqueles problemas.

- APOIAR-SE.
Pede objeto indireto.
Exemplos:
Para não cair, Carlos apoiou-se ao muro.
Ela apóia-se à mesa para escrever.
Apoiamo-nos em documentos para provar o que dissemos.
Apoiei-me sobre a perna direita ao descer do ônibus.

- ANTIPATIZAR / SIMPATIZAR
Pedem objeto indireto, iniciado pela preposição "com".
Exemplos:
Antipatizei com aquela secretária.
Simpatizo com as idéias daquele partido.

Observação: Esses verbos não são pronominais. Assim, não se deve dizer: "antipatizei-me com ela" ou "simpatizei-me com ela".

- ASPIRAR.
Pede objeto direto quando significa "respirar, sorver, absorver".
Exemplos:
Aspirei muita poeira, limpando aqueles livros velhos.
Ao abrir a janela, aspirei o ar puro da manhã.

Pede objeto indireto no sentido de "ambicionar, pretender, desejar".
Exemplos:
Ele sempre aspirou ao cargo de presidente da República.
Todos aspiram a uma vida melhor.

Observação: Neste caso, não se admite o pronome átono "lhe" que deve ser substituído pelas formas "a ele, a ela", etc.
Exemplo: Aquele aumento de salário?! Aspiro a ele desde o ano passado.

- ASSISTIR.
Pede objeto direto no sentido de "prestar assistência, ajudar, servir, acompanhar".
Exemplos:
O médico assiste a evolução daquele paciente todos os dias.
A Prefeitura assistiu os moradores daquela favela depois dos desabamentos.

Pede objeto indireto quando significa "prestar atenção, estar presente, presenciar".
Exemplos:
Assistimos ao jogo ontem à noite.
Aquele casal assistiu à queda do avião com indiferença.
Observação: Neste caso, também é exigida a forma "a ele/a ela", quando da substituição do complemento por uma forma pronominal.
Exemplo: Quanto ao julgamento, assistimos a ele preocupados.

Também pede objeto indireto no sentido de "pertencer, caber direito ou razão".
Exemplo: Não lhe assiste o direito de reclamar neste momento.
Observação: Nesta acepção, é aceito como objeto indireto o pronome oblíquo "lhe".

- ATENDER
Pede objeto direto com o significado de "servir, escutar e responder".
Exemplos:
O garçom atendia o freguês com simpatia.
Renato atendeu o telefone logo que ele tocou.

Observação: Com o sentido de "escutar e responder", a regência deste verbo pode apresentar a oposição luso-brasileira "atender algo / atender a algo".
Exemplos: Renato atendeu o telefone / Renato atendeu ao telefone

Pede objeto indireto no sentido de "deferir, cuidar de".
Exemplos:
O juiz atendeu ao requerimento do advogado.
Horácio e Vera atendiam às crianças de sua creche com muito carinho e dedicação.
Todo domingo, um grupo de jovens atendia aos mais necessitados de seu bairro com alimentos e roupas doados.

Pede objeto direto ou indireto, indiferentemente, quando significa "dar ou prestar atenção a, dar audiência a".
Exemplos:
O soldado não atendeu as (às) ordens do sargento.
Janete sempre atendia os (aos) conselhos de sua mãe.
O reitor atenderá a (à) comissão de alunos amanhã.

- ATINGIR
Pede objeto direto.
Exemplos:
A despesa atingiu 50 reais.
Atualmente a informática atinge um progresso espantoso.

- ATIRAR
Pede objeto direto quando significa "arremessar, lançar, arrojar".
Exemplos:
"AQUELE QUE ESTIVER SEM PECADO QUE ATIRE A PRIMEIRA PEDRA!"
Mário gosta de atirar pedras no telhado do vizinho.
Observação: Não se deve confundir objeto indireto com adjunto adverbial.

Pede objeto indireto no sentido de "disparar arma de fogo".
Exemplos:
O alvo a que os soldados atiravam ficava a 300 metros.
Atirem nos inimigos quando eu mandar!

- AUMENTAR
Pede objeto indireto com a preposição "em".
Exemplo: A dívida externa brasileira aumentou em tamanho.

- AVISAR (assim como **CERTIFICAR, INFORMAR, NOTIFICAR, PREVENIR**)
Pede objeto direto e indireto.
Exemplos:
(AVISAR ALGUÉM DE ALGUMA COISA - FORMA MAIS ACEITÁVEL)
Eu avisarei Pedro da sua chegada.
Eu o avisarei...
(AVISAR ALGUMA COISA A ALGUÉM)
Eu avisarei sua chegada a Pedro.
Eu lhe avisarei...

- BATER
Pede objeto direto, significando "bater alguma coisa".
Exemplos:
Ao sair, Marco bateu a porta com violência.
Ela machucou seu dedo, batendo pregos na parede.
Sílvio bateu o carro no poste violentamente.

Pede objeto indireto com o sentido de "bater a, na, pelas portas, bater em alguém, bater sobre".
Exemplos:
Alguém bateu à porta quando eu assistia à televisão.
Alguém bateu na porta da sala com uma bengala.
O mendigo batia pelas portas de várias casas a pedir só um prato de comida.
João foi preso ontem por bater em sua mulher.

- CARECER
Pede objeto indireto.
Exemplos:
(Com o sentido de "precisar, necessitar")
Careço de dinheiro para pagar minhas contas.
Careço do carinho de meus avós que já morreram.

- CARREGAR
Pede objeto direto ou indireto.
Exemplos:
Carreguei o menino no colo o dia todo.
Carreguei com o menino deste lugar perigoso.

- CERTIFICAR (Mesma regência de AVISAR)

- CHAMAR
Pede objeto direto ou indireto - com a preposição "por" como posvérbio - quando significa "fazer vir alguém, convocar, invocar, pedir auxílio".
Exemplos:
O presidente chamou os ministros para uma reunião urgente. (Chamou-os)
Em suas preces, Alzira chamou por todos os santos.
O rapaz chamava pelos colegas para empurrarem o carro.
Quando viu os ladrões, Noeli chamou pela polícia.
De longe, notei que alguém chamava por mim.

Ainda com este sentido, o verbo CHAMAR pode tornar-se intransitivo.
Exemplos:
- Chamou? Perguntou o policial.
- Chamei! Respondeu a moça.

Com o significado de "denominar, apelidar", pede objeto direto ou indireto e predicativo, com ou sem preposição.
Exemplos:
Chamavam Jânio, maluco. / Chamavam Jânio de maluco.
Chamavam a Jânio de maluco. / Chamavam a Jânio, maluco.

- CHEGAR
Pede o emprego da preposição "a"; contudo, já é bastante usual na linguagem coloquial brasileira o emprego da preposição "em".
Exemplos:
Ele chegou ao (no) colégio atrasado.
Bete chegou a (em) casa de madrugada.

Observação: Em "Cheguei na hora exata", a preposição "em" está empregada corretamente, porque indica tempo, e não lugar.

- CERTIFICAR (ver **AVISAR**)

- COMUNGAR
Pede objeto direto com o sentido de "dar comunhão.
Exemplo:
O padre comungou meus pais hoje. (Comungou-os)

Com o significado de "estar de acordo, participar", pode vir com preposição, como pósverbio.
Exemplos:
Eles comungavam às (das/nas/com as) mesmas idéias.
Gabeira voltou ao Brasil para comungar das (com as/nas) liberdades e dos direitos e deveres democráticos.

- CONFRATERNIZAR
Pede objeto indireto.
Exemplo:
Os jogadores confraternizaram com a torcida após a conquista do campeonato.

Observação: O verbo confraternizar já indica reciprocidade. Portanto, o pronome "se" é perfeitamente dispensável.

- CONHECER
Pede objeto direto.
Exemplos:
Eu conheço aquela menina de algum lugar. (Eu a conheço)

- CONSTITUIR (-SE)
O verbo constituir é transitivo direto.
Exemplo:
Esses capítulos constituem o núcleo do romance.

O verbo constituir-se rege a preposição "em": Esses capítulos constituem-se no núcleo do romance.

- CONTENTAR
Pede objeto direto quando significa "agradar, satisfazer".
Exemplos:
Fiz o possível para contentar meus filhos neste Natal.
Não consegui contentá-la com meu presente.

Com o sentido de "ficar contente", o verbo é pronominal, apresentando-se com as preposições "com, de, em".
Exemplos:
Contento-me com poucas coisas.
Contentou-se em/de viajar amanhã para a Europa.

- CONTRIBUIR
Quando se usar o verbo "contribuir", a preposição "com" deverá introduzir o meio utilizado para a contribuição (dinheiro, mão-de-obra, mantimentos, roupas, etc.); já a preposição "para" introduzirá o beneficiário da contribuição, ou seja, a quem será destinado o elemento material da contribuição. Deve-se dizer, pois, que alguém contribui com algo para alguém.
Exemplos:
Ele contribuiu com dinheiro para as vítimas das enchentes.
Pedro contribuirá com sua experiência de pedreiro para a reforma da escola.

- CONVIDAR
Pede objeto direto.
Exemplos:
Convidarei Bruna para sairmos hoje.
Cláudia não o convidou para a festa.

- CUSTAR
Pede objeto direto quando significa "valer, ter um preço".
Exemplos:
Este carro esporte custa cem mil dólares.
Quanto custou esse livro?

Quando significa "ser difícil", pede objeto indireto e vem sempre na terceira pessoa, tendo como sujeito uma oração, geralmente reduzida de infinitivo.
Exemplos:
Custa-me ir trabalhar de trem todos os dias.
Custam aos alunos esses exercícios de geometria (Custam-lhes)

Se o verbo vem seguido de um infinitivo, este pode vir ou não precedido da preposição "a".
Exemplos:
Custou-me (a) resolver esses problemas.
Ele há de custar (a) dar o primeiro passo.

Observação: Para valorizar a pessoa a quem um fato apresenta-se difícil, ou ainda tendo o sentido de "tardio, demorado", a linguagem coloquial põe-na como sujeito da oração.
Exemplos:
Custei (a) resolver esses problemas.
Custamos (a) acreditar que aquilo era verdade.

- DEPARAR
Pede objeto direto quando significa "fazer aparecer".
Exemplo:
Qual é o santo que depara as coisas perdidas?

Pede objeto indireto no sentido de "encontrar com alguém de repente".
Exemplo:
Ana deparou com seu pai na rua.

É pronominal, significando "vir, chegar, surgir inesperadamente".
Exemplo:
Deparou-se-lhe uma ótima chance de emprego.

- DESCULPAR
Pede objeto direto e indireto, possuindo os sentidos de "pedir desculpas, perdoar e justificar".
Exemplos:
(PERDOAR ALGUÉM DE OU POR ALGUMA COISA)
Desculpe-me de (por) ter gritado com você.
Ao chegar, Antônio desculpou-se da (pela=por+a) demora.
Desculpei meu irmão de (por) me ter ofendido. (Desculpei-o)
Toda mãe sempre desculpa os erros de seus filhos.

- DIGNAR-SE (pronominal, que no padrão culto rege a preposição "de")
Exemplos:
Ele não se dignou de dizer a verdade.
O deputado nem se dignou de nos responder.

Observações: É comum, em textos formais, encontrar esse verbo com a preposição "de" elíptica.
Ex.:
O Presidente se dignou ouvir nossas reivindicações.

Normalmente, esse verbo, na linguagem corrente, é usado com as preposições "em" ou "a", sendo esse uso inadequado, já que não é aprovado por gramáticos e dicionaristas.

- ENCONTRAR
Pede objeto direto quando significa "achar, avistar".
Exemplo:
Só hoje encontrei o livro que tanto procurava.

Pede objeto indireto no sentido de "deparar com alguém, ter ou marcar um encontro".
Exemplo:
Encontramos com João no cinema.

É pronominal quando significar "estar, achar-se em".
Exemplo:
A secretária disse que seu chefe encontrava-se em reunião.

- ENSINAR
Pede objeto direto e indireto.
Exemplo:
Ensinei português aos alunos a tarde toda.

- ENTRAR
Pede objeto indireto.
Exemplos:
Entrei na sala de aula.
Entrei de cantor no conjunto do colégio.
Entrei para o coro do teatro.

- ESPERAR
Pede objeto direto.
Exemplo:
Na festa, todos esperavam Pelé.

Observação: Pode-se empregar a preposição "por" como posvérbio, marcando interesse: "Todos esperavam por Pelé."

- ESQUECER
Dependendo do matiz de significação que se queira dar ao verbo, este poderá se apresentar transitivo direto ou indireto e pronominal, acompanhado dos pronomes me, te, se, etc.
Exemplos:
Esqueci o livro sobre a mesa.
Esqueci-me do livro...
Não esqueça as suas tarefas.
Não se esqueça das suas tarefas.
Já esqueci totalmente o latim.
Já me esqueci totalmente do latim.

Na língua do Brasil, no entanto, surgiu uma fusão dessas duas possibilidades: esquecer de algo ou de alguém. Essa forma é usadíssima na fala e encontra registro na escrita, sobretudo quando o complemento de "esquecer" é um infinitivo: "Ia esquecendo de fazer uma confidência importante" (Érico Veríssimo); "Ele esqueceu de ir ao banco"; "Não esqueço de você"; "Não esquecia da saúva" (Mário de Andrade).

Atenção: Se participar de um concurso público, de um vestibular, de uma prova tradicional, você deve considerar erradas as construções do parágrafo anterior, apesar de serem comuns na fala e na escrita brasileiras.

Há ainda a possibilidade de o sujeito do verbo "esquecer" não ser uma pessoa, um ser humano. O sujeito é uma coisa, um fato. Mas coisa No caso, "esquecer" passa a significar "cair no esquecimento". Em "Açores: Férias que nunca esquecem" (frase de um anúncio divulgado em Portugal), o sujeito do verbo "esquecer" é "férias". Elas, as férias, nunca caem no esquecimento.

Em Machado de Assis, encontram-se vários casos desse emprego de "esquecer": "Esqueceu-me apresentar-lhe minha mulher", onde o sujeito de "esqueceu-me" é a oração "apresentar-lhe minha mulher", ou seja, esse fato - o ato de apresentar-lhe minha mulher - caiu no meu esquecimento.

Essa mesma regência vale para "lembrar", isto é, há na língua o registro de frases como "Não me lembrou esperá-la", em que "lembrar" significa "vir à lembrança". O sujeito de "lembrou" é "esperá-la", ou seja, esse fato - o ato de esperá-la - não me veio à lembrança.

- ESTIMAR
Pede objeto direto quando significar "ter afeição ou amizade a, apreciar, avaliar, congratular-se por, ser de opinião, achar".
Exemplos:
Estimo meus sobrinhos como filhos.
Estimava bastante os filmes de Chaplin.
Estimo esse anel em mil dólares.
Estimamos suas melhoras.
Estimei o fim da obra para daqui a dez dias.

Com o sentido de "prezar-se", apresenta-se também como pronominal.
Exemplo:
Normalmente, estima-se todos aqueles que fazem o bem.

- FELICITAR
Pede objeto direto e indireto.
Exemplo:
Felicito-o por (de) ter passado no concurso.

- FUGIR (ESCAPAR)
Pede objeto indireto.
Exemplos:
Fugiu-lhe as forças.
Fugiram ao cerco da polícia.
Ele foge de qualquer briga.

- GOSTAR
Quando sinônimo de "apreciar", pede objeto indireto.
Exemplo:
Ele gostou do almoço que lhe servimos.

Quando significa "degustar, provar, experimentar, saborear",pede objeto direto.
Exemplo:
Ele gostou o vinho.

- IMPLICAR
Pede objeto direto quando significa "acarretar, produzir como conseqüência alguma coisa, pressupor".
Exemplos:
Tua atitude implica prejuízos ao colégio.
Acho que esses novos cálculos implicarão mudanças gerais nas obras.

Com o sentido de "envolver, comprometer", pede objeto direto e indireto.
Exemplos:
(IMPLICAR ALGUÉM EM ALGUMA COISA)
P. C. Farias implicou muita gente em suas falcatruas.

Com o sentido de "ter antipatia, irritação em relação a alguém ou a alguma coisa", pede objeto indireto.
Exemplos:
Dona Maria implicava com todas as crianças do bairro.
Paulo implica com sua irmã caçula o dia todo.

- IMPORTAR
Pede objeto direto com o significado de "fazer vir de país estrangeiro, acarretar".
Exemplos:
O Brasil importa muitos automóveis da Europa.
As guerras importam grandes calamidades.

Pede objeto indireto quando significa:
1. ATINGIR O TOTAL DE;
Exemplo: As despesas importaram em vinte mil dólares.

2. REPRESENTAR;
Exemplo: Só eliminei os erros do texto quando eles importavam em erros gramaticais.

3. DIZER RESPEITO, INTERESSAR;
Exemplo: Estas regras importam a todos que desejam escrever bem.

4. PREOCUPAR-SE, INCOMODAR-SE COM OU DE (pronominal);
Exemplos:
Toda mãe importa-se quando seus filhos saem à noite sozinhos.
Você se importa de ficar aqui hoje?

- INDAGAR
Pede objeto direto e indireto.
Exemplo:
Os alunos indagaram as suas notas baixas do professor.

- INFORMAR (ver **AVISAR**)

- INTERESSAR
Pede objeto direto e indireto quando significa "prender a atenção, despertar a curiosidade".
Exemplo:
Por meio desse novo método, consegui interessá-lo em matemática.

Pede objeto indireto e é pronominal com o sentido de "ser proveitoso, útil, empenhar-se".
Exemplos:
Em função do meu trabalho, interessava-me em residir fora do Rio de Janeiro.
Ele não se interessa nas aulas de física.

- IR
Pede objeto indireto ou complemento circunstancial de lugar.
Exemplos:
Vou a São Paulo.
Fui para a França.

- LEMBRAR
Significando "fazer vir à memória por analogia, sugerir", pede objeto direto.
Exemplo:
Depois da chuva, a estrada lembrava um rio.

Pede objeto direto e indireto quando significa "recomendar, advertir".
Exemplos:
este retrato é para lembrá-la a você.
Lembre seu pai de tomar os remédios na hora certa.

Com o sentido de "recordar, vir à memória, trazer à lembrança", é possível duas formas.
Exemplos:
Lembrei o acidente.
Lembrei-me do acidente.

Observação: Quando o objeto indireto vem expresso por uma oração desenvolvida, o uso da preposição "de" é facultativo. Exemplo: Lembrei-me (de) que devo estudar para a prova hoje.

- MEDITAR
Pede objeto indireto. No entanto,Possui duas regências sem mudança em seu significado.
Exemplos:
(MEDITAR SOBRE OU EM ALGUMA COISA)
À noite, sempre medito sobre (em) minha vida.

- MORAR (RESIDIR)
Em dicionários de regência, como os de Celso Luft e de Francisco Fernandes, vemos que o uso da preposição "a" com os verbos morar e residir é mais comum na linguagem burocrática, apesar de também aparecer em textos literários. Mas só há registros disso antes de rua, praça, avenida (palavras femininas). Não há registro, por exemplo, de "Mora ao Largo da Carioca", "Reside ao Beco do Mota", etc. Já a preposição "em" é inquestionavelmente correta em qualquer desses casos: "Mora na Rua Prudente de Morais", "Reside no Largo do Machado", etc.

- NAMORAR
Pede objeto direto em qualquer das acepções em que ele possa ser tomado.
Exemplos:
Marco namorou Denize por cinco anos.
Ele namorava os doces da vitrine.

Observação: É incorreto empregar a preposição "com" no sentido de "namorar com alguém".

- NOTIFICAR (ver **AVISAR**)

- OBEDECER (DESOBEDECER)
Pede objeto indireto.
Exemplos:
Os alunos obedecem ao professor e às leis do Colégio.
Ela sempre lhe obedece.
Muitos brasileiros ainda desobedecem aos sinais de trânsito.

Apesar de transitivos indiretos, estes verbos admitem a voz passiva analítica.
Exemplos:
Leis devem ser obedecidas.
Regras básicas de civilidade não podem ser desobedecidas.

Observação: Para substituir uma pessoa que apareça como complemento desses verbos, pode-se usar "lhe" ou "a ele / a ela": "Obedeço (desobedeço) ao mestre / Obedeço-lhe (desobedeço-lhe); Obedeço a ele (desobedeço a ele)". Para substituir o que não for pessoa, só se pode usar "a ele / a ela": "Obedeço (desobedeço) ao código / Obedeço (desobedeço) a ele".

- PAGAR
Pede objeto direto e indireto, que podem vir implícitos na frase.
Exemplos:
(PAGAR ALGUMA COISA A ALGUÉM)
Paulo pagou suas dívidas ao Banco.
João não paga aos seus fornecedores há dois meses.
Ele já pagou todo o material da obra.

- PERDOAR
Pede objeto direto de coisa perdoada - que pode estar implícita na frase - e indireto de pessoa a quem se perdoa.
Exemplos:
Perdoei-lhe a falta de educação.
"Perdoai-lhes (as ofensas), Pai! Eles não sabem o que fazem."
Deus perdoa aos pecadores.

- PERSUADIR
Quando significa "levar a crer, induzir a acreditar", pede objeto direto e indireto.
Exemplo:
É preciso persuadir João dessas verdades.

Também com o sentido de "instigar", pede objeto direto e indireto.
Exemplos:
Com esta mentira, persuadiu Lúcia à fugir.
Persuadi-os a deixar de fumar.

- PRESIDIR
Pede objeto indireto.
Exemplo:
O juiz presidiu ao tribunal com mão firme.

- PREFERIR
Pede objeto direto - para aquilo de que se gosta mais - e indireto - para aquilo de que menos se gosta. Junto ao seu objeto indireto, pede a preposição "a".
Exemplos:
(PREFERIR ALGUMA COISA A OUTRA COISA)
Prefiro feijoada a macarronada.
(Compare: "Prefiro a feijoada à macarronada." A presença do artigo "a" antes de feijoada exige que também se empregue outro artigo antes de macarronada, acarretando desse modo o surgimento do fenômeno da crase.)
Prefiro o cinema ao teatro.
Preferimos estudar a não fazer nada.

Observação: O uso da expressão "do que" no lugar da preposição "a" é incorreto. TAMBÉM NÃO SE DEVE EMPREGAR ESTE VERBO COM OS ADVÉRBIOS "mais" e "antes". Assim, é errado dizer: "Eu prefiro jogar bola do que estudar"; "Eu prefiro mais esta camisa que aquela"; "Eu prefiro antes tomar banho e depois jantar".

- PREVENIR (ver **AVISAR**)

- PROCEDER
Significando "iniciar, executar alguma coisa", pede objeto indireto com a preposição "a".
Exemplos:
O juiz procedeu ao julgamento.
Eles procederam à entrega dos prêmios.

Com o sentido de "vir, ter uma procedência", é intransitivo; geralmente acompanhado de um adjunto adverbial de lugar.
Exemplo:
Aquele avião procedia de São Paulo.

Significando "ter um determinado procedimento", também é intransitivo e, normalmente, pode vir acompanhado de um adjunto adverbial de modo.
Exemplo:
Naquele caso, o advogado procedeu corretamente.

Com o significado de "ter fundamento", é intransitivo.
Exemplo:
Esta sua denúncia não procede.

- PROPOR
Pede objeto direto e indireto.
Exemplos:
Eu proponho a vocês formarmos um grupo de debates permanente.
Nós lhe propomos um acordo irrecusável.

- QUERER
Pede objeto direto quando significa "ter intenção de, desejar, ordenar, fazer o favor de".
Exemplos:
Queremos fazer uma homenagem ao nosso professor.
Quero um livro que fale sobre esoterismo.
O sargento queria todos os soldados a postos.

Com o sentido de "ter afeição a alguém ou a alguma coisa", pede objeto indireto.
Exemplos:
Queremos muito a nosso país.
A mãe queria especialmente ao filho caçula.
Eu lhe quero muito bem.

- REPARAR
No sentido de observar, pede objeto indireto (reparar em).
Exemplo:
Fernando reparava nas roupas de Carolina sempre que ela entrava na sala de aula.

Quando o verbo reparar for usado no sentido de "consertar", é TRANSITIVO DIRETO, e seu complemento (objeto direto) não precisa de preposição.
Exemplo:
Carlos reparou o carro para ir a Teresópolis.

- RESIGNAR
Com o significado de "renunciar, desistir", pede objeto direto.
Exemplo:
Jorge resignou o cargo de diretor.

Significando "conformar-se", é pronominal.
Exemplos:
Por acreditar na Justiça Divina, resigno-me com minhas dores.
Resignou-se às tarefas que lhe foram dadas.

- RESPONDER
Pede objeto indireto de pessoa ou coisa a que se responde, e objeto direto do que se responde.
Exemplos:
Isabel respondeu sim ao pedido de casamento de Luiz.
Vou responder-lhe todas as cartas.
O acusado responderá a inquérito.

Observações:
1. Com o significado de "ser submetido a", o emprego do artigo definido é facultativo.
Exemplos:
Ele responderá a inquérito (a inquéritos)
Ele responderá ao inquérito (aos inquéritos)

2. Este verbo também admite voz passiva analítica, desde que o sujeito seja aquilo, e não aquele a que se responde. Ex.: "Todas as perguntas foram respondidas satisfatoriamente.

- SATISFAZER
Pede objeto indireto.
Exemplos:
Satisfaremos ao seu pedido.
Eu lhe satisfaço.

É pronominal no sentido de "contentar-se".
Exemplo:
Satisfez-se com os resultados das provas.

- SOCORRER
Significando "prestar socorro a alguém", pede objeto direto.
Exemplos:
Todos correram para socorrer o pedestre atropelado.
Todos correram para socorrê-lo.

No sentido de "valer-se de alguém, tirar proveito de alguma coisa", pede objeto indireto, iniciado pelas preposições "a" ou "de".
Exemplos:
Socorro-me dos amigos nas dificuldades.
Socorreu-se ao (do) empréstimo para comprar o carro.

- SUCEDER
Pede objeto indireto quando significar "substituir, ser o sucessor de".
Exemplos:
D. Pedro I sucedeu a D. João VI.
Eu lhe sucedi na presidência do grêmio estudantil.

É também pronominal no sentido de "acontecer depois, seguir-se".
Exemplo:
O que se sucedeu ao acidente, ninguém sabe.

Observação: Neste último sentido, o verbo apresenta-se defectivo, sendo conjugado apenas na terceira pessoa do singular e do plural.

- VISAR
Significando "mirar, fazer pontaria, pôr visto em, assinar", pede objeto direto.
Exemplos:
Ele visa o alvo.
Ana não visou o cheque ao fazer aquela compra.
O presidente visaria o documento somente depois que o lesse.

Pede objeto indireto quando significa "pretender, almejar".
Exemplo:
Aquele funcionário visava ao cargo de chefia.

Observação: Aqui também não é aceito o pronome "lhe" como complemento, empregando-se assim as formas "a ele" e "a ela".

SENTIDOS ESPECIAIS DE FRASES COM FORMAÇÕES DIFERENTES.

1. Ele esteve fora dois meses.
Ele esteve fora por dois meses. (idéia reforçada de ininterrupção)

2. Esperar alguém.
Esperar por alguém (idéia de ansiedade)

3. Olhar alguém.
Olhar por alguém. (idéia de zelar, interessar-se)

4. Não faças bobagens.
Não me faças bobagens. (Reforço de interesse)

XX. VERBO

1. EMPREGO DO INFINITIVO.

INFINITIVO IMPESSOAL (INVARIÁVEL).
O infinitivo não deve ser flexionado:

1. Quando apresenta uma idéia vaga, genérica, sem se referir a um sujeito determinado.

Exemplos:
VIVER é LUTAR.
QUERER é PODER.
FUMAR prejudica a saúde.
É proibido COLAR cartazes neste muro.
É preciso LUTAR contra as drogas.
Vale a pena TER fé e esperança sempre.

2. Quando tiver o valor de Imperativo.

Exemplos:
ESCREVER o nome três vezes! (= ESCREVA!)
DIREITA VOLVER! (= VOLVEI!)
SOLDADOS, MARCHAR! (= MARCHAI!)

3. Quando vier como complemento de adjetivo (complemento nominal).

Exemplos:
Esta fruta é fácil de DESCASCAR.
Este vinho é bom de BEBER.
Estamos desejosos de ALCANÇAR a vitória.
Conheci muitas pessoas ávidas por APRENDER.
Eram pessoas difíceis de CONTENTAR.
Aqueles remédios são ruins de TOMAR.
Os CDs que você me emprestou são agradáveis de OUVIR.

No entanto, na voz passiva dos verbos **CONTENTAR, TOMAR** e **OUVIR,** por exemplo, o Infinitivo (verbo auxiliar) deve ser flexionado.

Exemplos:
Eram pessoas difíceis de SEREM contentadas.
Aqueles remédios são ruins de SEREM tomados.
Os CDs que você me emprestou são agradáveis de SEREM ouvidos.

4. Nas locuções verbais.

Exemplos:
Queremos ACORDAR bem cedo amanhã.
Eles não podiam RECLAMAR do colégio.
Elas sabem DESENHAR muito bem.

5. Quando o sujeito do infinitivo é o mesmo do verbo da oração anterior.

Exemplos:
Os estudantes fizeram o possível para conseguir a saída do reitor.
Os ladrões usaram explosivos para abrir o cofre do banco.
Eles foram condenados a pagar pesadas multas.
Aquelas máquinas foram feitas para costurar calças de brim.
Trabalhemos em vez de RECLAMAR.
Devemos SORRIR ao invés de CHORAR.
Tenho ainda alguns livros por (para) PUBLICAR.
Existem muitas contas por (para) PAGAR.

Observação: Quando o infinitivo preposicionado, ou não, preceder ou estiver distante do verbo da oração principal (verbo regente), pode ser flexionado para melhor clareza do período e também para se enfatizar o sujeito (agente) da ação verbal.

Exemplos:
Para se aquecerem, os meninos dormiam juntinhos.
Na esperança de sermos atendidos, muito lhe agradecemos.
Foram dois amigos à casa de outro, em Minas Gerais, a fim de jogarem futebol.
Para ESTUDARMOS, estaremos sempre dispostos.
Antes de NASCEREM, já estão condenadas à fome muitas crianças.
Apesar de ESTARMOS com sede, não bebemos daquela água.
Depois de FICAREM em pé por mais de cinco horas, eles desistiram do show.
Além de INCOMODARES a todos, não ajudas a ninguém.

6. Quando o infinitivo é empregado numa oração reduzida que complementa um verbo auxiliar causativo (deixar, mandar, fazer e sinônimos) ou sensitivo (ver, sentir, ouvir, perceber e sinônimos) e tem como sujeito um pronome oblíquo.

Exemplos:
Deixei-os sair cedo hoje.
Deixaram-nos sair.
"Não nos deixeis cair em tentação."
Faça-os ficar.
Não os vi entrar.
Ouvi-as dizer que não iriam à festa.

Observação: A flexão do infinitivo é optativa quando a oração reduzida que complementa um auxiliar causativo ou sensitivo apresentar como sujeito um substantivo.

Exemplos:
Deixe os torcedores assistir (ou assistirem) ao treino.
"Deixai vir (ou virem) a mim as criancinhas!"
O sargento mandou os soldados sair (ou saírem) do pátio.
Mande os meninos entrar. (ou entrarem)
Ouvi os pássaros cantar. (ou cantarem)

Outras observações:

A) É inadequado o emprego da preposição **"para"** antes dos objetos diretos de verbos como **PEDIR, DIZER, FALAR** e sinônimos.

Exemplos:
Pediu para Carlos entrar (errado)
Pediu para que Carlos entrasse (errado)
Pediu que Carlos entrasse (correto)

B) Quando a preposição **"para"** estiver regendo um verbo como na oração "Este trabalho é PARA EU FAZER", pede-se o emprego do pronome pessoal **"eu",** que se revela, neste caso, como sujeito.

Outros exemplos:
Aquele exercício era para eu corrigir.
Esta salada é para eu comer?
Ela me deu um relógio para eu consertar.

C) Já na oração "Esta carta é PARA MIM!", a preposição está ligada somente ao pronome que deve se apresentar oblíquo tônico.

INFINITIVO PESSOAL (FLEXIONADO).
O infinitivo deve ser flexionado nos seguintes casos:

1. Quando o sujeito da oração estiver claramente expresso.

Exemplos:
Se tu não perceberes isto...
Convém vocês IREM primeiro.
O bom é sempre lembrarmos desta regra (sujeito desinencial, sujeito implícito = NÓS)

2. Quando tiver sujeito diferente daquele da oração principal.

Exemplos:
O professor deu um prazo de cinco dias para os alunos ESTUDAREM bastante para a prova.
Perdôo-te por me TRAIRES.
O estudante fez o possível para os professores perdoarem suas faltas.
O hotel preparou tudo para os turistas ficarem à vontade.
O guarda fez sinal para os motoristas pararem.
Conseguimos uma casa para eles passarem a lua-de-mel.
O hospital não oferecia condições para os pacientes ficarem internados por muito tempo.

3. Quando se quiser indeterminar o sujeito (utilizado na terceira pessoa do plural).

Exemplos:
Faço isso para não me ACHAREM inútil.
Temos de agir assim para nos PROMOVEREM.
Ela não sai sozinHa à noite a fim de não FALAREM mal da sua conduta.

4. Quando apresentar reciprocidade ou reflexibilidade de ação.

Exemplos:
Vi os alunos ABRAÇAREM-SE alegremente.
Fizemos os adversários SE CUMPRIMENTAREM com gentileza.
Mandei as meninas OLHAREM-SE no espelho.
Deixem os namorados BEIJAREM-SE como quiserem.

Nota: Como se pode observar, a escolha do Infinitivo Flexionado é feita sempre que se quer enfatizar o agente (sujeito) da ação expressa pelo verbo.

DICAS

- Se o infinitivo de um verbo for escrito com **"j",** esse **"j"** aparecerá em todas as outras formas.

Exemplos:
INFINITIVO / OUTRAS FORMAS
Enferrujar / enferrujou, enferrujaria, enferrujem, enferrujarão, enferrujassem, etc.
(Lembre, contudo, que o substantivo ferrugem é grafado com "g".)

Viajar / viajou, viajaria, viajem (3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo, não confundir com o substantivo VIAGEM) viajarão, viajasses, etc.

- Quando o verbo tem o infinitivo com **"g",** como em **"dirigir"** e **"agir"** este **"g"** deverá ser trocado por um **"j"** apenas na primeira pessoa do presente do indicativo.

Exemplos:
eu dirijo / eu ajo

2. EMPREGO DO PARTICÍPIO.

Emprega-se a forma regular do particípio (terminada em **ADO** ou **IDO**) na voz ativa, formando os tempos compostos com os auxiliares **TER** ou **HAVER**. Já a forma irregular (tendo diversas terminações) é utilizada na voz passiva, ao lado dos auxiliares **SER, ESTAR** ou **FICAR.**

Exemplos:
Corri atrás de Paulo, mas ele já TINHA PEGADO o ônibus.
O ladrão FOI PEGO em flagrante.
Ela me contou que HAVIA ENTREGADO minha carta em mãos.
O pacote FOI ENTREGUE na hora certa pelo Correio.

Observações:

1) No caso de um verbo possuir um só particípio, este poderá ser empregado com qualquer auxiliar.

Exemplos:

Tinha feito, havia feito, está feito, foi feito, tinha aberto, havia aberto, está aberto, foi aberto;

2) Na língua clássica, não há registro da forma "pego" como particípio do verbo **PEGAR**, encontrando-se apenas a forma "pegado", com qualquer auxiliar. No entanto, na chamada língua moderna, parece não haver problema no emprego da forma "pego", com os verbos **SER** e **ESTAR** como auxiliares.

Exemplos:

O ladrão foi pego/está pego.

3) Quanto aos particípios dos verbos **"ganhar"** (ganhado/ganho), **"gastar"** (gastado/gasto) e "**pagar"** (pagado/pago), existem duas opções PARA O SEU EMPREGO: ou você segue a regra acima, usando o particípio regular com **TER e HAVER** (tinha/havia ganhado, tinha/havia gastado, tinha/havia pagado), e o particípio irregular com **SER** e **ESTAR** (foi/está ganho, foi/está gasto, foi/está pago); ou, então, você se vale da Língua moderna para usar sempre o particípio irregular com qualquer auxiliar: tinha/havia ganho, tinha/havia gasto, tinha/havia pago.

LISTA DE ALGUNS VERBOS QUE TÊM DOIS PARTICÍPIOS:

Aceitar	(aceitado e aceito);
Eleger	(elegido e eleito);
Entregar	(entregado e entregue);
Expulsar	(expulsado e expulso);
Extinguir	(extinguido e extinto);
Prender	(prendido e preso);
Salvar	(salvado e salvo);
Soltar	(soltado e solto);
Suspender	(suspendido e suspenso).

ALGUNS VERBOS QUE POSSUEM APENAS UM PARTICÍPIO:

Abrir / aberto
Beber / bebido
Cancelar / cancelado
Chegar / chegado
Escrever / escrito
Esquecer / esquecido
Estudar / estudado
Fazer / feito
Permitir / permitido
Trazer / trazido

3. FLEXÃO VERBAL.

TEMPOS E MODOS.

PRESENTE DO INDICATIVO.

O **MODO INDICATIVO** serve para expressar ações definidas, reais. O **TEMPO PRESENTE**, normalmente, exprime as ações que acontecem no momento em que se fala. Entretanto, este tempo verbal pode ser também empregado em outras circunstâncias.

➔ **PRESENTE MOMENTÂNEO:**
"Não percamos de vista o ardente Sílvio que lá vai, que desce e sobe, escorrega e salta." - M. Assis. (Fato atual, que se dá no momento em que se fala; o narrador, aqui, está presenciando as ações do personagem)

➔ **PRESENTE DURATIVO:**
"A Igreja condena a pílula anticoncepcional e a Ciência a aprova." (Ações ou estados considerados permanentes)

➔ **PRESENTE HABITUAL ou FREQÜENTATIVO:**
"Aqueles jovens estudam na mesma escola."

➔ **PRESENTE HISTÓRICO ou NARRATIVO:**
"Procuram-se e acham-se. Enfim, Sílvio achou Sílvia; viram-se, caíram nos braços um do outro, ofegantes de canseira, mas remidos com a paga. Unem-se, entrelaçam os braços e regressam palpitando da inconsciência para a consciência." - M. Assis. (Verbos no presente para dar mais vivacidade às ações acontecidas no passado)

➔ **PRESENTE COM SENTIDO DE FUTURO MUITO PRÓXIMO:**
"Vou arrumar as malas e, amanhã, embarco para a Europa."
"Vou à Roma, depois sigo para Londres."
(Para se evitar qualquer tipo de ambigüidade, deve-se usar advérbios de tempo que exprimem futuro, junto ao verbo no presente)

IMPERATIVO.

Sendo por excelência o modo que exprime "ordens e mandamentos", o Imperativo também pode expressar outros sentimentos, intenções e interesses do ser humano.
Exemplos:
Saia daqui! (ordem)
Partamos antes que seja tarde. (conselho)
Não se preocupe com isso. (conselho expresso pelo Imperativo Negativo)
Venha a nossa casa hoje à noite. (convite)
Não deixem de comparecer à festa. (convite expresso pelo Imperativo Negativo)

Por favor, espere por mim!
"Perdoai as nossas ofensas..."
"Livrai-nos do mal." (súplicas)
"Não nos deixeis cair em tentação..." (súplica expressa pelo Imperativo Negativo)

O modo Imperativo Afirmativo é formado da seguinte maneira: tu e vós do Presente do Indicativo, sem o s final, e as demais pessoas (você/ele, nós, vocês/eles) do Presente do Subjuntivo. Já o imperativo negativo é formado com todas as pessoas deste tempo. Não se usa a primeira pessoa do singular em ambos os casos.

O sistema de conjugação dos imperativos vale para todos os verbos da língua portuguesa, com exceção do verbo ser. Este verbo só não segue a regra nas duas segundas pessoas do imperativo afirmativo: sê (tu) e sede (vós), esta lida com o primeiro "e" fechado, do mesmo jeito que se lê a palavra que significa vontade de beber.
Exemplo:
"Para ser grande, sê inteiro: nada teu exagera ou exclui. Sê todo em cada coisa. Põe quanto és no mínimo que fazes." (Fernando Pessoa, sob o heterônimo de Ricardo Reis)

MODO SUBJUNTIVO.

Modo que se caracteriza por expressar ações e fatos hipotéticos, isto é, tudo aquilo que está no campo de nossos desejos, de nossas aspirações. É o modo das orações subordinadas por excelência.

TEMPOS:

➔ **Presente.**
Este tempo pode expressar ações tanto no presente quanto no futuro.
Exemplos:
Duvido que ele SEJA rico. (ação presente)
É bom que você VOLTE amanhã. (ação futura)

Observação: A primeira pessoa do singular do presente do indicativo dá origem ao presente do subjuntivo.

Exemplos:
"Eu vejo" dá origem a "que eu veja"; "eu ouço" dá origem a "que eu ouça"; "eu digo" dá origem a "que eu diga". Se a primeira do singular do presente do indicativo é nula, como nos verbos defectivos, todo o presente do subjuntivo é nulo.

➔ **Imperfeito.**

Embora esta seja uma forma do tempo pretérito, pode também expressar fatos no presente e no futuro.

Exemplos:

Fosse verdade o que dizes, e todos estariam felizes. (a correlação com a forma verbal "dizes" dá à forma "fosse" um aspecto também de presente)

Chovesse ou fizesse sol, ele ia ao trabalho.

Pediu-lhe que voltasse na próxima semana. (a expressão adverbial "na próxima semana" traz um matiz de futuro à oração)

➔ **Pretérito.**

Forma verbal sempre no tempo composto, formado pelo auxiliar TER no presente do subjuntivo, acrescido do particípio passado do verbo principal.

Exemplos:

Acredito que ele TENHA PASSADO no exame. (fato passado, supostamente concluído)

Espero que ela TENHA ARRUMADO tudo antes de eu chegar. (fato passado, supostamente terminado antes de outro fato no futuro acontecer)

➔ **Pretérito mais-que-perfeito.**

Também um tempo composto, formado por um auxiliar no Imperfeito do subjuntivo e um verbo principal no particípio passado.

Exemplos:

Não esperava que ela TIVESSE CHEGADO aqui antes de mim. (ação concluída eventualmente antes de outra, ambas no passado)

TIVESSE CHEGADO antes, e o prêmio seria seu. (ação hipotética, ocorrida no passado)

➔ **Futuro (simples).**

Pode ser empregado nas orações adverbiais ou adjetivas.

Exemplos:

SE QUISER, irei vê-lo. (idéia de eventualidade no futuro)

Trarei presentes aos que me ENCOMENDAREM.

_

➔ **Futuro (composto).**

Formado do verbo auxiliar no futuro simples e o particípio passado do verbo principal.

Exemplos:

Quando TIVER ENCONTRADO a resposta, revelarei a todos. (fato futuro eventualmente terminado em relação a outro também no futuro)

4. FORMAÇÃO DO FUTURO DO SUBJUNTIVO.

O futuro do subjuntivo indica um futuro hipotético. É usado principalmente em orações condicionais **(se...)** e temporais **(quando...).** Deriva-se da terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo (troca-se a terminação **"ram"** por **"r").**

Fazer:	Eles fize(-ram) _ fize(+r)	= se eu fizer... / quando eu fizer...;
Trazer:	Eles trouxe(-ram) _ trouxe(+r)	= se eu trouxer... / quando eu trouxer...;
Querer:	Eles quise(-ram) _ quise(+r)	= se eu quiser... / quando eu quiser...;
Dizer:	Eles disse(-ram) _ disse(+r)	= se eu disser... / quando eu disser...;
Pôr:	Eles puse(-ram) _ puse(+r)	= se eu puser... / quando eu puser...;
Ser e Ir:	Eles fo(-ram) _ fo(+r)	= se eu for... / quando eu for...;
Vir:	Eles vie(-ram) _ vie(+r)	= se eu vier... / quando eu vier;
Ver:	Eles vi(-ram) _ vi(+r)	= se eu vir... / quando eu vir...

É por isso que o futuro do subjuntivo do verbo ver fica: "se eu vir o filme"; "quando você vir o resultado do teste"; "quando nos virmos novamente"; "se vocês virem a verdade"...

5. VERBOS ANÔMALOS.

São chamados de **anômalos** os verbos de grandes irregularidades nos seus radicais, que são formados a partir de diferentes verbos.

Verbo **SER** (originário das formas latinas "sedere" e "esse"): sou, és, é, somos, sois, são.

Verbo **IR** (originário das formas latinas "ire", "vadere" e "fugere"): vou, vais, vá... irei, irás, irá... fui, foste, foi...

Observação: Os verbos SER e IR são iguais nos pretéritos Perfeito e Mais-que-Perfeito do Indicativo; no Imperfeito e no Futuro do Subjuntivo.

6. VERBOS DEFECTIVOS.

VERBO DEFECTIVO é aquele de conjugação incompleta, ou seja, aquele que não tem todas as formas.
Exemplos:
➔ Verbo **ABOLIR.**
O presente do indicativo começa na segunda pessoa do singular:
tu aboles, ele abole, nós abolimos, vós abolis, eles abolem.

➔ Verbos **ADEQUAR, FALIR** e **REAVER.**
No presente do indicativo, só é conjugado em duas formas:

Nós adequamos / Nós falimos / Nós reavemos / Vós adequais / Vós falis / Vós reaveis.

Para a maioria dos estudiosos não existe a forma **"adeqúo".** A solução é substituir por um verbo sinônimo ou expressão equivalente: em vez de "eu me adeqúo à atual situação", poderia ser "eu já estou adequado à atual situação" ou "estou me adequando à atual situação".

Assim, também não existem as formas **"eu reavejo ou reavenho**". A solução, aqui, é **"eu estou reavendo"** ou substituir por um sinônimo: **"eu recupero".**

Como **"reaver"** é derivado do verbo **"haver",** lembre-se desta relação: ele houve / ele reouve; nós houvemos / nós reouvemos; eles houveram / eles reouveram; se eu houvesse / se eu reouvesse; quando ele houver / quando ele reouver.

➔ Verbo **VIGER** (estar em vigor, vigorar).
Só é conjugado nas formas que ao **"g"** segue-se **"e". Exemplos:** vige, vigem, vigendo, etc.
Outros verbos:
Carpir, explodir, feder, colorir, demolir, extorquir e banir.

➔ Verbo **PRECAVER.**
Como esse verbo normalmente é pronominal, as formas do presente do indicativo acabam sendo "nós nos precavemos, vós vos precaveis".

Assim, não existem as formas "**precavenho, precavejo, precavenha e precavenham**", como se costuma ouvir no dia-a-dia.

Os verbos defectivos não são incompletos nos pretéritos e nos futuros. Nesses tempos, portanto, o verbo precaver é conjugado em todas as formas: eu me precavi, ele se precaveu, eles se precaveram, se eu me precavesse, se ele se precavesse, se eles se precavessem, etc.

7. VERBOS TERMINADOS EM "EAR".

Os verbos terminados em **"ear"** apresentam, no presente do indicativo, as terminações: **eio, eias, eia, eamos, eais, eiam.**
Exemplo:
FREAR.
Eu freio, tu freias, ele freia, nós freamos, vós freais, eles freiam.

No presente do subjuntivo, as terminações dos verbos terminados em **"ear"** são: **eie, eies, eie, eemos, eeis, eiem.**
Exemplo:
PASSEAR.
É preciso que eu passeie, tu passeies, ele passeie, nós passeemos, vós passeeis, eles passeiem.

E no pretérito perfeito, as terminações são: eei, easte, eou, eamos, eastes, earam.
Exemplo:
PENTEAR.
Eu penteei, tu penteaste, ele penteou, nós penteamos, vós penteastes, eles pentearam.

8. VERBOS TERMINADOS EM "IAR".

Os verbos terminados em **"iar"** são (quase todos) regulares, ou seja, apresentam as terminações consideradas normais: **io, ias, ia, iamos, iais, iam.**
Exemplo:
ANUNCIAR (Presente do Indicativo).
Anuncio, anuncias, anuncia, anunciamos, anunciais, anunciam.

Desta mesma forma, conjugam-se os verbos denunciar, reverenciar, policiar, noticiar, adiar, premiar, variar, etc.; como também o verbo maquiar (originário da forma francesa "maquiller") que normalmente confunde muita gente.
Exemplo:
Eu me maquio, tu te maquias, ele (ela) se maquia, nós nos maquiamos, vós vos maquiais, eles (elas) se maquiam.

Observação: Este verbo possui a forma variante "maquilar", que no presente do indicativo se conjuga: maquilo, maquilas, maquila, maquilamos, maquilais, maquilam.

9. VERBOS IRREGULARES TERMINADOS EM "IAR".

São eles: **MEDIAR, ANSIAR, REMEDIAR, INCENDIAR, ODIAR** (guarde as iniciais de cada verbo que formam a palavra MARIO), além de **INTERMEDIAR**.

Para o presente do indicativo, as terminações são: **eio, eias, eia, iamos, iais, eiam**.
Exemplos:
Eu incendeio, tu incendeias, ele incendeia, nós incendiamos, vós incendiais, eles incendeiam.
Eu anseio, tu anseias, ele anseia, nós ansiamos, vós ansiais, eles anseiam.

No presente do subjuntivo, as terminações destes verbos são: **eie, eies, eie, iemos, ieis, eiem.**
Exemplos:
"Ela quer que eu incendeie tudo."
"Espero que você medeie a discussão."

"Faço questão de que eles remedeiem o mal causado."
"Será necessário que alguém intermedeie a negociação."

10. VERBOS UNIPESSOAIS.

São aqueles que só podem ser conjugados na terceira pessoa do singular ou do plural.
Exemplos:
Verbos **OCORRER, ACONTECER** e que **expressem vozes de animais** (CACAREJAR, MIAR, LATIR, etc.).
Ocorreu um acidente de carro em frente ao meu edifício.
Ocorreram tumultos na manifestação de ontem no centro da cidade.
Acontecerá uma festa no clube.
Coisas boas acontecem de repente.
Aquele gato preto miou a noite inteira.

Outros tipos de verbos unipessoais são os chamados **VERBOS IMPESSOAIS** que não possuem sujeito e, por isso, convencionou-se conjugá-los na terceira pessoa do singular.

Assim temos:

➔ **Verbos que expressam fenômenos da natureza.**
Exemplos:
Choveu muito ontem à noite, mas amanhecerá com sol, disse a Meteorologia.
Relampejou e trovejou durante duas horas.

➔ **Verbo FAZER, indicando temperatura ou tempo decorrido (horas, dias, meses, anos, etc.).**
Exemplos:
Fez muito calor no domingo.
Faz dois anos que não a vejo.

➔ **Verbo HAVER com sentido de EXISTIR ou OCORRER.**
Exemplos:
Houve momentos de muita emoção durante a viagem.
Havia muitas dúvidas com a nova lei.
Haverá muitos interessados em sua casa, caso a venda.
Nunca houve grandes desavenças entre mim e Clara.

Observação: É incorreto empregar-SE o verbo TER com o sentido de EXISTIR, sendo, neste caso, indicado utilizar-se o verbo HAVER.

Exemplos:
Não tem ninguém na sala de aula. (errado)
Não há ninguém na sala de aula. (certo)
Tinham muitos candidatos para aquele concurso. (errado)
Havia muitos candidatos para aquele concurso. (certo)

O verbo **HAVER** também pode ser usado como sinônimo de **FAZER**, na indicação de tempo transcorrido, de intervalo entre dois fatos. Neste caso, os dois se comportam do mesmo modo, isto é, sem variação.
Exemplos:
Moro aqui há dez anos; equivalente a "Moro aqui faz (e não 'fazem') dez anos.

Assim, quando se usa o verbo **HAVER** para indicar idéia de tempo transcorrido, isso quer dizer que o tempo já transcorreu, já passou. Desta feita, não é necessário empregar a palavra "atrás" em frases como "Eu estive em Paris há vinte anos atrás". Isto é redundante como "Entrei para dentro", ou "Saí para fora". Assim como basta dizer "Entrei", ou "Saí", basta dizer "Estive em Paris há vinte anos".

Vejamos alguns dos vários significados do verbo **HAVER.**

1. Como sinônimo de "comportar-se", "sair-se";
Exemplos:
Apesar de ter bebido muito, Miguel não se houve mal na festa.
Os alunos não se houveram bem na prova.

2. Com o significado de "obter", "conseguir";
Exemplos:
Apesar de tudo, elas não houveram o perdão do pai.
Só com muito trabalho eu haverei o sucesso.

3. Com o sentido de "julgar", "considerar";
Exemplo:
O juiz houve por bem anular o julgamento.

4. Com a significação de "entender-se".
Exemplo: Um dia ela terá que haver-se comigo.
Esse verbo pode, ainda, ser empregado como auxiliar na formação dos chamados tempos compostos.
Exemplos:
Haveríamos feito o trabalho se não fosse a chuva.
Ela havia procurado o médico por todo o hospital.

O verbo **HAVER** cabe ainda em expressões como "Hei de conseguir", "Você há de vencer", etc.

CURIOSIDADE:
Consultando os dicionários, poderemos constatar que o verbo **HAVER** traz ainda o significado de "possuir", o qual, no entanto, já caiu em desuso.
Exemplos:
Embora já houvesse (possuísse) numerosa família, ainda sustentava cinco cães e quatro gatos.
Eu hei (possuo) um belo automóvel.

Todavia, na formação de REAVER , o verbo HAVER conserva o sentido de "possuir", já que reaver é "haver de novo", "possuir outra vez".

11. CURIOSIDADES SOBRE ALGUNS VERBOS.

O verbo **"preterir",** que significa "deixar de parte, desprezar, rejeitar", é conjugado como tantos verbos portugueses que terminam em **"erir"** (ferir, conferir, preferir, aderir).
Exemplos:
Eu firo, eu confiro, eu prefiro, eu adiro, eu pretiro.
Lembre-se de que "preterir" é antônimo de "preferir". Se alguém deve escolher para morar entre o Rio de Janeiro e São Paulo e prefere o Rio, acaba preterindo a cidade de São Paulo.

Há ou Havia ?
Qual é a forma correta?
"Ela estava em cena Há mais de uma hora."
ou
"Ela estava em cena havia mais de uma hora."

Segundo o princípio da correspondência dos tempos verbais, devemos dizer que "ela estava em cena havia mais de uma hora", porque o verbo que acompanha a forma "havia" está no pretérito imperfeito (=estava, fazia, era). Assim também se daria se estivesse no pretérito mais-que-perfeito (=estivera, fizera, soubera, tinha estado, havia feito).

Em caso de dúvida, podemos usar o seguinte "macete": substituir o verbo " haver " pelo " fazer ". Se o resultado da troca for " fazia " (e não " faz "), use " havia " (e não " há ").
Exemplos:
" Estava sem comer havia (=fazia) três dias."
" Havia (=fazia) dez anos que o clube não era campeão."
"Ela estivera naquela cidade havia (=fazia) muito tempo."
É importante observar que a ação se encerrou. A forma há (=faz) indica que a ação verbal prossegue. Veja a diferença:

" Havia dez anos que o clube não era campeão."
(=o clube acabou de ganhar o campeonato);

" HÁ dez anos que o clube não é campeão."
(=o clube continua sem ganhar o campeonato).

COMO É CORRETO DIZER?
"Ele disse que chegaria cedo, mas chegou às 5h";
ou
"Ele tinha dito que chegaria cedo, mas chegou às 5h".

A diferença entre disse e tinha dito é o tempo verbal: disse está no pretérito perfeito e tinha dito, no pretérito mais-que-perfeito do indicativo.

O pretérito perfeito indica uma ação concluída no passado: "Ele disse, saiu, fez..."; o pretérito mais-que-perfeito indica uma ação anterior a outra ação que já está no passado: "Quando eu cheguei (pretérito perfeito = ação já passada), ele já tinha dito ou dissera ou havia dito, tinha saído ou saíra ou havia saído, tinha feito ou fizera ou havia feito (pretérito mais-que-perfeito = ação anterior à ação já passada)".

Assim sendo, a frase correta é: "Ele tinha dito que chegaria cedo, mas chegou às 5h". A ação de "dizer" é anterior a ação de "chegar". O pretérito mais-que-perfeito é o passado do passado.

O verbo **"argüir"** não é defectivo. A primeira pessoa do singular do presente do indicativo é "eu arguo". O detalhe é que não há acento agudo na vogal "u", embora a sílaba tônica seja a penúltima (="gu"). Devemos pronunciar e escrever "arguo".

O VERBO **SOER**
Você já ouviu alguém dizer "como sói acontecer"? "Ele chegou atrasado, como sói acontecer." A frase é erudita, e você precisa conhecê-la. "Sói" é a terceira pessoa do singular do presente do indicativo do verbo "soer". E o que significa "soer"? Vamos aos dicionários: "ser comum, freqüente; ocorrer geralmente; costumar". Então "sói" significa "é comum", "ocorre geralmente": "Ele chegou atrasado, como é comum acontecer."

GRAMÁTICA COMPLETA DA LÍNGUA PORTUGUESA

Resumo de Português

Assunto:

GRAMÁTICA COMPLETA DA LÍNGUA PORTUGUESA

Autor:

CARLOS ALBERTO SUZAM BAPTISTA

I. ACENTUAÇÃO GRÁFICA

A Acentuação Gráfica tem como pré-requisito o conhecimento da pronúncia dos vocábulos em que fica claro a presença do acento tônico.

Desse modo, podemos aplicar, de início, uma regra geral que já facilita o emprego do acento gráfico.

REGRA GERAL: Acentuam-se graficamente aqueles vocábulos que sem acento poderiam ser lidos ou então interpretados de outra forma.

Exemplos: secretária/secretaria - ambrósia/ambrosia - sábia/sabia/sabiá

DICAS PARA UMA CONSULTA RÁPIDA

Se você tem alguma dúvida sobre a acentuação gráfica de uma palavra, siga as seguintes etapas:

1. Pronuncie a palavra bem devagar, procurando sentir onde se localiza o seu acento tônico, isto é, a sua sílaba mais forte.

2. Se a sílaba tônica estiver na última sílaba da palavra, esta será considerada uma palavra **OXÍTONA**; exemplos: caPUZ, uruBU, aMOR, etc.

3. Já se a sílaba tônica cair na penúltima sílaba, a palavra será **PAROXÍTONA**; exemplos: CAsa, cerTEza, GAlo, coRAgem, etc.

4. Por fim, estando a sílaba tônica na antepenúltima sílaba da palavra, esta se denominará **PROPAROXÍTONA**; exemplos: arquiPÉlago, reLÂMpago, CÔNcavo, etc.

5. Classificada a palavra quanto à posição de sua sílaba tônica, procure então nas regras abaixo se ela deverá receber um acento gráfico ou não, para a sua correta representação.

REGRAS BÁSICAS

➔ Devem ser acentuados os **MONOSSÍLABOS** (palavras de uma só sílaba) **TÔNICOS** terminados em **"a", "e", "o"**, seguidos ou não de **S**: pá, pé, nó, pás, pés, nós, etc.

Observação: Os monossílabos tônicos terminados em "z", assim como todas as outras palavras da língua portuguesa terminadas com essa mesma letra, não são acentuados: luz, giz, dez... (compare os seguintes parônimos: nós/noz, pás/paz, vês/vez).

Também os monossílabos tônicos, terminados em "i" e "u", não recebem acento gráfico: pai, vai, boi, mau, pau, etc.

OXÍTONAS

Acentuam-se as palavras oxítonas terminadas em **"a", "e", "o"**, seguidas ou não de **S**; e também com as terminações **"em"** e **"ens":** cajá, café, jiló, bebê, robô, armazém, alguém, reféns, etc.

Observações:

1. As formas verbais terminadas em **"a", "e" e "o",** seguidas dos pronomes **la(s)** ou **lo(s)** devem ser acentuadas. Exemplos: encontrá-lo, recebê-la, dispô-los, amá-lo-ia, vendê-la-ia, etc.

2. Não se acentuam as oxítonas terminadas em:

_ **az, ez, iz, oz** - capaz, tenaz, talvez, altivez, juiz, raiz, feroz...
_ **i(s)** - Anhembi, Parati, anis, barris, dividi-lo, adquiri-las...;
_ **u(s)** - caju, pitu, zebu, Caxambu, Bauru, Iguaçu, Bangu, compus...;
_ **or** - ator, diretor, detetor, condor, impor, compor, compositor...;
_ **im** - ruim, capim, assim, aipim, folhetim, boletim, espadachim...;

PAROXÍTONAS

Não são acentuadas as paroxítonas terminadas em **"a", "e", "o",** seguidas ou não de **S**; e também as finalizadas com **"em"** e **"ens":** cama, seda, flecha, rede, sede, pote, ovo, coco, bolo, garagem, ferrugem, idem, item, nuvens, imagens, viagens, etc.

São acentuadas as **paroxítonas** terminadas em:
_ **r / x / n / l** (**Dica**: Lembre-se das consoantes da palavra RouXiNoL)

Exemplos: mártir, fêmur, fácil, útil, elétron, tórax, córtex, etc.

Observação: Entretanto, palavras como PÓLEN, HÍFEN, quando no plural (POLENS, HIFENS), não recebem o acento gráfico, porque nesta forma elas são regidas pela regra anterior. A palavra HÍFEN possui ainda um outro plural que no caso é acentuado por ser proparoxítono: HÍFENES.

_ i / is
Exemplos: júri, cáqui (cor), lápis, miosótis, íris, tênis, cútis, etc.
Observação: Os prefixos paroxítonos, mesmo terminados em "i" ou "r", não são acentuados.
Exemplos: semi, anti, hiper, super, etc.

_ ã / ão (seguidas ou não de S)
Observação: O til não é considerado acento gráfico, e sim uma marca de nasalidade.
Exemplos: ímã (ímãs), órfã (órfãs), órfão (órfãos), bênção (bênçãos) etc.

_ ôo / ôos
Exemplos: vôo, enjôo, abençôo, perdôo, etc.

_ ps
Exemplos: bíceps, fórceps, etc.

_ us / um / uns
Exemplos: vírus, bônus, álbum, álbuns, etc.

_ ditongos orais, crescentes ou decrescentes, seguidos ou não de s.
Exemplos: água, mágoa, ódio, jóquei, férteis, fósseis, fôsseis, túneis, úteis, variáveis, área, série, sábio, etc.

PROPAROXÍTONAS

Todas as palavras proparoxítonas são acentuadas.

Exemplos: lâmpada, côncavo, lêvedo, pássaro, relâmpago, máscara, árabe, gótico, límpido, louvaríamos, devêssemos, pêndulo, fôlego, recôndito, cândido, etc.

REGRAS GENÉRICAS

Além dessas regras vistas acima, que se baseiam na posição da sílaba tônica e na terminação, existem outras que levam em conta aspectos específicos da sonoridade das palavras.

Assim, são acentuadas as palavras com as seguintes características:

A) Quando possuírem ditongos abertos em sílaba tônica como **"ei", "eu", "oi",** seguidos ou não de **S**.
Exemplos: anéis, geléia, céu, chapéu, herói, heróico, anzóis, etc.

Observações:
1. Atente-se que se esses ditongos abertos não estiverem na sílaba tônica da palavra, eles não serão acentuados. Exemplos: pasteiZInhos, chapeuZInho, anzoiZInhos, etc.

2. Se o ditongo apresentar timbre fechado, não haverá acento como em azeite, manteiga, judeu, hebreu, apoio, arroio, comboio, etc. Isso só vale para os ditongos **"ei", "eu"** e **"oi",** porque só com esses três ditongos pode haver a variação aberto/fechado. O ditongo **"au",** por exemplo, é sempre aberto (grau, nau, degrau, pau); por isso nunca será necessário diferenciá-lo de nada, ou seja, não será necessário acentuá-lo.

B) Quando a segunda vogal do hiato for **"i"** ou **"u"** tônicos, acompanhados ou não de **S**, haverá acento: saída, proíbo, faísca, caíste, saúva, viúva, balaústre, país, baú, Gravataí, Grajaú, juízes, raízes, etc.

Esta regra aplica-se também às formas verbais seguidas de **lo(s)** ou **la(s):** possuí-lo, distribuí-lo, substituí-lo, atraí-la, construí-los...

Observações:

1. Quando a vogal **"i"** ou a vogal **"u"** forem acompanhadas de outra letra que não seja **S**, não haverá acento: paul, Raul, cairmos, contribuinte...;

2. Se o **"i"** for seguido de **"nh",** não haverá acento como em: rainha, moinho, tainha, campainha, etc;

3. As formas verbais "possui", "sai", "cai", por exemplo, podem ou não aparecer acentuadas. Se forem a terceira pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos possuir, sair, cair, elas não levarão acento: Ele/Ela possui, sai, cai. Se, no entanto, forem a primeira pessoa do singular do pretérito perfeito, as formas serão acentuadas: Eu possuí, saí, caí.

C) Quando certas palavras possuírem as formas **"gue", "gui", "que", "qui",** onde o **"u"** é pronunciado (sem constituir, porém, um hiato) como no caso de "averigüemos, agüentar, lingüiça, seqüestro, eqüino, eqüilátero, freqüente, conseqüentemente, delinqüente, tranqüilo, tranqüilidade, qüinquagésimo, qüinqüenal, enxágüem, pingüim, argüição, ambigüidade", esse **U**, que é átono, receberá o trema. No entanto, quando o **U** for tônico, ele levará um acento agudo como em "averigúe, argúe, obliqúe", etc.

D) Existem ainda palavras com a possibilidade de dupla pronúncia, possuindo assim dupla possibilidade de acentuação, são elas: liquidificador/liqüidificador, líquido/líqüido, liquidação /liqüidação, sanguíneo/sangüíneo, sanguinário/sangüinário, equidistante/eqüidistante, antiguidade/antigüidade, antiquíssimo/antiqüíssimo, equidade/eqüidade, equivalente/eqüivalente.

ACENTO DIFERENCIAL

Apesar deste tipo de acento ter sido abolido pela lei 5.765, de 1971, existe ainda um único caso remanescente desse tipo de acento. Trata-se das formas do verbo **PODER**, onde no presente do indicativo não recebe acento gráfico: "Ele pode estudar sozinho"; mas no pretérito perfeito é acentuada: "Ela não pôde sair ontem à noite".

Há ainda algumas palavras que recebem acento diferencial de tonicidade, ou seja, são palavras que se escrevem com as mesmas letras (homografia), mas têm oposição tônica (tônica/átona).

Exemplos:

pôr (verbo)
por (preposição)

pára (forma do verbo parar, também presente em algumas palavras compostas: pára-brisa, pára-quedas, pára-raios, pára-lama)
para (preposição)

côas, côa (formas do presente do indicativo do verbo coar)
coas, côa (preposição com + artigo a e as, respectivamente; essas formas são comuns em poesia)

péla, pélas (formas do verbo pelar, ou substantivo=bola de brinquedo)
pela, pelas (contrações de preposição e artigo)

pêlo, pêlos (substantivo)
pélo (forma do verbo pelar)
pelo, pelos (contrações de preposição e artigo)

pêra, peras (substantivo=fruta)
péra, péras (substantivo, ant.=pedra)
pera, peras (preposição arcaica)
pêro, Pêro (substantivos=maçã doce e oblonga, e denominação dada pelos índios aos portugueses nos primeiros anos da colonização)
pero (conjunção arcaica=porém, mas, ainda que)

pôla (substantivo=ramo novo de árvore)
póla (substantivo=surra)
pola (contração arcaica de preposição e artigo)

pôlo (substantivo=falcão ou gavião)
pólo substantivo=extremidade do eixo da Terra)
polo (contração arcaica de preposição e artigo)

Já o acento grave assinala a contração da preposição "a" com o artigo "a" e com os pronomes demonstrativos "aquele, aquela, aquilo".

Exemplos:
Irei à Bahia amanhã.
Assistiremos àquele filme juntos.
Ela não deu importância àquilo que você falou.

VERBOS QUE POSSUEM COMPORTAMENTO PECULIAR QUANTO À ACENTUAÇÃO GRÁFICA

Os verbos **"crer, ler** e **ver",** na terceira pessoa do singular do presente do indicativo (e o verbo **dar** no presente do subjuntivo), são monossílabos tônicos acentuados, tendo na terceira pessoa do plural o **"e"** dobrado e recebem acento no primeiro **"e".**

Exemplos:
Ela crê em Deus fervorosamente / Elas crêem em Deus fervorosamente
Ana vê televisão o dia todo / Ana e suas amigas vêem televisão o dia todo
Carlos lê jornal diariamente / Carlos e seu pai lêem jornal diariamente
Todos esperam que Bruno dê o melhor de si no próximo jogo / Todos esperam que os jogadores dêem o melhor de si no próximo jogo

Observação: O aspecto do **"e"** dobrado e do primeiro **"e"** ser acentuado na terceira pessoa do plural dos verbos mencionados acima também ocorre em seus compostos como descrer, rever, reler, etc.

Exemplos:
Eles descrêem na vida em outros planetas.
À noite, muitas pessoas revêem suas ações durante o dia.
Os escritores relêem várias vezes seus livros antes de publicá-los.

Os verbos **"vir** e **ter",** na terceira pessoa do singular, não são acentuados; entretanto, na terceira do plural recebem o acento circunflexo.

Exemplos:
João vem de Brasília amanhã.
Os deputados vêm de Brasília amanhã.
Ela tem um bom coração.
Os jovens têm a vida em suas mãos.

Observação: Atente-se, no entanto, para os compostos desses verbos que recebem um acento agudo na terceira pessoa do singular, mas continuam com o acento circunflexo na terceira do plural.

Exemplos:
O Banco Central normalmente intervém em bancos com dificuldades financeiras.
Os EUA intervêm a todo momento em assuntos que só dizem respeito a outros países.
Xuxa entretém as crianças sempre com muito carinho.
Os palhaços entretêm a platéia que se diverte a valer.

II. PRINCIPAIS SUBSTANTIVOS E SUAS FORMAS COLETIVAS

abelha	- enxame, cortiço, colméia;
abutre	- bando;
acompanhante	- comitiva, cortejo, séqüito (ou séquito);
alho	- (quando entrelaçados) réstia, enfiada, cambada;
aluno	- classe;
amigo	- (quando em assembléia) tertúlia;
animal	- (em geral) piara, pandilha, (todos de uma região) fauna, (manada de cavalgaduras) récua, récova, (de carga) tropa, (de carga, menos de 10) lote, (de raça, para reprodução) plantel, (ferozes ou selvagens) alcatéia;
anjo	- chusma, coro, falange, legião, teoria;
apetrecho	- (quando de profissionais) ferramenta, instrumental;
aplaudidor	- (quando pagos) claque;
arcabuzeiro	- batalhão, manga, regimento;
argumento	- carrada, monte, montão, multidão;
arma	- (quando tomadas dos inimigos) troféu;
arroz	- batelada;
artista	- (quando trabalham juntos) companhia, elenco;
árvore	- (quando em linha) alameda, carreira, rua, souto, (quando constituem maciço) arvoredo, bosque, (quando altas, de troncos retos a aparentar parque artificial) malhada;
asneira	- acervo, chorrilho, enfiada, monte;
asno	- manada, récova, récua;
assassino	- choldra, choldraboldra;
assistente	- assistência;
astro	- (quando reunidos a outros do mesmo grupo) constelação;
ator	- elenco;
autógrafo	- (quando em lista especial de coleção) álbum;
ave	- (quando em grande quantidade) bando, nuvem;
avião	- esquadrão, esquadra, esquadrilha;
bala	- saraiva, saraivada;
bandoleiro	- caterva, corja, horda, malta, súcia, turba;
bêbado	- corja, súcia, farândola;
boi	- boiada, abesana, armento, cingel, jugada, jugo, junta, manada, rebanho, tropa;
bomba	- bateria;
borboleta	- boana, panapaná;
botão	- (de qualquer peça de vestuário) abotoadura, (quando em fileira) carreira;
brinquedo	- choldra;
burro	- (em geral) lote, manada, récua, tropa, (quando carregado) comboio;
busto	- (quando em coleção) galeria;

cabelo	- (em geral) chumaço, guedelha, madeixa, (conforme a separação) marrafa, trança;
cabo	- cordame, cordoalha, enxárcia;
cabra	- fato, malhada, rebanho;
cadeira	- (quando dispostas em linha) carreira, fileira, linha, renque;
cálice	- baixela;
cameleiro	- caravana;
camelo	- (quando em comboio) cáfila;
caminhão	- frota;
canção	- (quando reunidas em livro) cancioneiro, (quando populares de uma região) folclore;
canhão	- bateria;
cantilena	- salsada;
cão	- adua, cainçalha, canzoada, chusma, matilha;
capim	- feixe, braçada, paveia;
cardeal	- (em geral) sacro colégio, (quando reunidos para a eleição do papa) conclave, (quando reunidos sob a direção do papa) consistório;
carneiro	- chafardel, grei, malhada, oviário, rebanho;
carro	- (quando unidos para o mesmo destino) comboio, composição, (quando em desfile) corso;
carta	- (em geral) correspondência;
casa	- (quando unidas em forma de quadrados) quarteirão, quadra;
castanha	- (quando assadas em fogueira) magusto;
cavalariano	- (de cavalaria militar) piquete;
cavaleiro	- cavalgada, cavalhada, tropel;
cavalgadura	- cáfila, manada, piara, récova, récua, tropa, tropilha;
cavalo	- manada, tropa;
cebola	- (quando entrelaçadas pelas hastes) cambada, enfiada, réstia;
cédula	- bolada, bolaço;
chave	- (quando num cordel ou argola) molho, penca;
célula	- (quando diferenciadas igualmente) tecido;
cereal	- (em geral) fartadela, fartão, fartura, (quando em feixes) meda, moréia;
cigano	- bando, cabilda, pandilha;
cliente	- clientela, freguesia;
coisa	- (em geral) coisada, coisarada, ajuntamento, chusma, coleção, cópia, enfiada, (quando antigas e em coleção ordenada) museu, (quando em lista de anotação) rol, relação, (em quantidade que se pode abranger com os braços) braçada, (quando em série) seqüência, série, seqüela, coleção, (quando reunidas e sobrepostas) monte, montão, cúmulo;
coluna	- colunata, renque;
cônego	- cabido;
copo	- baixela;
corda	- (em geral) cordoalha, (quando no mesmo liame) maço, (de navio) enxárcia, cordame, massame, cordagem;
correia	- (em geral) correame, (de montaria) apeiragem;

credor	- junta, assembléia;
crença	- (quando populares) folclore;
crente	- grei, rebanho;
depredador	- horda;
deputado	- (quando oficialmente reunidos) câmara, assembléia;
desordeiro	- caterva, corja, malta, pandilha, súcia, troça, turba;
diabo	- legião;
dinheiro	- bolada, bolaço, disparate;
disco	- discoteca;
doze	- (coisas ou animais) dúzia;
ébrio	- Ver bêbado;
égua	- Ver cavalo;
elefante	- manada;
erro	- barda;
escravo	- (quando da mesma morada) senzala, (quando para o mesmo destino) comboio, (quando aglomerados) bando;
escrito	- (quando em homenagem a homem ilustre) poliantéia, (quando literários) analectos, antologia, coletânea, crestomatia, espicilégio, florilégio, seleta;
espectador	- (em geral) assistência, auditório, platéia, (quando contratados para aplaudir) claque;
espiga	- (quando atadas) amarrilho, arregaçada, atado, atilho, braçada, fascal, feixe, gavela, lio, molho, paveia;
estaca	- (quando fincadas em forma de cerca) paliçada;
estado	- (quando unidos em nação) federação, confederação, república;
estampa	- (quando selecionadas) iconoteca, (quando explicativas) atlas;
estátua	- (quando selecionadas) galeria;
estrela	- (quando cientificamente agrupadas) constelação, (quando em quantidade) acervo, (quando em grande quantidade) miríade;
estudante	- (quando da mesma escola) classe, turma, (quando em grupo cantam ou tocam) estudantina, (quando em excursão dão concertos) tuna, (quando vivem na mesma casa) república;
fazenda	- (quando comerciáveis) sortimento;
feiticeiro	- (quando em assembléia secreta) conciliábulo;
feno	- braçada, braçado;
filme	- filmoteca, cinemoteca;
fio	- (quando dobrado) meada, mecha, (quando metálicos e reunidos em feixe) cabo;
flecha	- (quando caem do ar, em porção) saraiva, saraivada;
flor	- (quando atadas) antologia, arregaçada, braçada, fascículo, feixe, festão, capela, grinalda, ramalhete, buquê, (quando no mesmo pedúnculo) cacho;
foguete	- (quando agrupados em roda ou num travessão) girândola;
força naval	- armada;
força terrestre	- exército;
formiga	- cordão, correição, formigueiro;

frade	- (quanto ao local em que moram) comunidade, convento;
frase	- (quando desconexas) apontoado;
freguês	- clientela, freguesia;
fruta	- (quando ligadas ao mesmo pedúnculo) cacho, (quanto à totalidade das colhidas num ano) colheita, safra;
fumo	- malhada;
gafanhoto	- nuvem, praga;
garoto	- cambada, bando, chusma;
gato	- cambada, gatarrada, gataria;
gente	- (em geral) chusma, grupo, multidão, (quando indivíduos reles) magote, patuléia, poviléu;
grão	- manípulo, manelo, manhuço, manojo, manolho, maunça, mão, punhado;
graveto	- (quando amarrados) feixe;
gravura	- (quando selecionadas) iconoteca;
habitante	- (em geral) povo, população, (quando de aldeia, de lugarejo) povoação;
herói	- falange;
hiena	- alcatéia;
hino	- hinário;
ilha	- arquipélago;
imigrante	- (quando em trânsito) leva, (quando radicados) colônia;
índio	- (quando formam bando) maloca, (quando em nação) tribo;
instrumento	- (quando em coleção ou série) jogo, (quando cirúrgicos) aparelho, (quando de artes e ofícios) ferramenta, (quando de trabalho grosseiro, modesto) tralha;
inseto	- (quando nocivos) praga, (quando em grande quantidade) miríade, nuvem, (quando se deslocam em sucessão) correição;
javali	- alcatéia, malhada, vara;
jornal	- hemeroteca;
jumento	- récova, récua;
jurado	- júri, conselho de sentença, corpo de jurados;
ladrão	- bando, cáfila, malta, quadrilha, tropa, pandilha;
lâmpada	- (quando em fileira) carreira, (quando dispostas numa espécie de lustre) lampadário;
leão	- alcatéia;
lei	- (quando reunidas cientificamente) código, consolidação, corpo, (quando colhidas aqui e ali) compilação;
leitão	- (quando nascidos de um só parto) leitegada;
livro	- (quando amontoados) chusma, pilha, ruma, (quando heterogêneos) choldraboldra, salgalhada, (quando reunidos para consulta) biblioteca, (quando reunidos para venda) livraria, (quando em lista metódica) catálogo;
lobo	- alcatéia, caterva;
macaco	- bando, capela;
malfeitor	- (em geral) bando, canalha, choldra, corja, hoste, joldra, malta, matilha, matula, pandilha, (quando organizados) quadrilha, seqüela, súcia, tropa;

maltrapilho	- farândola, grupo;
mantimento	- (em geral) sortimento, provisão, (quando em saco, em alforge) matula, farnel, (quando em cômodo especial) despensa;
mapa	- (quando ordenados num volume) atlas, (quando selecionados) mapoteca;
máquina	- maquinaria, maquinismo;
marinheiro	- marujada, marinhagem, companha, equipagem, tripulação;
médico	- (quando em conferência sobre o estado de um enfermo) junta;
menino	- (em geral) grupo, bando, (depreciativamente) chusma, cambada;
mentira	- (quando em seqüência) enfiada;
mercadoria	- sortimento, provisão;
mercenário	- mesnada;
metal	- (quando entra na construção de uma obra ou artefato) ferragem;
ministro	- (quando de um mesmo governo) ministério, (quando reunidos oficialmente) conselho;
montanha	- cordilheira, serra, serrania;
mosca	- moscaria, mosquedo;
móvel	- mobília, aparelho, trem;
música	- (quanto a quem a conhece) repertório;
músico	- (quando com instrumento) banda, charanga, filarmônica, orquestra;
nação	- (quando unidas para o mesmo fim) aliança, coligação, confederação, federação, liga, união;
navio	- (em geral) frota, (quando de guerra) frota, flotilha, esquadra, armada, marinha, (quando reunidos para o mesmo destino) comboio;
nome	- lista, rol;
nota	- (na acepção de dinheiro) bolada, bolaço, maço, pacote, (na acepção de produção literária, científica) comentário;
objeto	- Ver coisa;
onda	- (quando grandes e encapeladas) marouço;
órgão	- (quando concorrem para uma mesma função) aparelho, sistema;
orquídea	- (quando em viveiro) orquidário;
osso	- (em geral) ossada, ossaria, ossama, (quando de um cadáver) esqueleto;
ouvinte	- auditório;
ovelha	- (em geral) rebanho, grei, chafardel, malhada, oviário;
ovo	- (os postos por uma ave durante certo tempo) postura, (quando no ninho) ninhada;
padre	- clero, clerezia;
palavra	- (em geral) vocabulário, (quando em ordem alfabética e seguida de significação) dicionário, léxico, (quando proferidas sem nexo) palavrório;
pancada	- pancadaria;
pantera	- alcatéia;

papel	- (quando no mesmo liame) bloco, maço, (em sentido lato, de folhas ligadas e em sentido estrito, de 5 folhas) caderno, (5 cadernos) mão, (20 mãos) resma, (10 resmas) bala;
parente	- (em geral) família, parentela, parentalha, (em reunião) tertúlia;
partidário	- facção, partido, torcida;
partido político	- (quando unidos para um mesmo fim) coligação, aliança, coalizão, liga;
pássaro	- passaredo, passarada;
passarinho	- nuvem, bando;
pau	- (quando amarrados) feixe, (quando amontoados) pilha, (quando fincados ou unidos em cerca) bastida, paliçada;
peça	- (quando devem aparecer juntas na mesa) baixela, serviço, (quando artigos comerciáveis, em volume para transporte) fardo, (em grande quantidade) magote, (quando pertencentes à artilharia) bateria, (de roupas, quando enroladas) trouxa, (quando pequenas e cosidas umas às outras para não se extraviarem na lavagem) apontoado, (quando literárias) antologia, florilégio, seleta, silva, crestomatia, coletânea, miscelânea;
peixe	- (em geral e quando na água) cardume, (quando miúdos) boana, (quando em viveiro) aquário, (quando em fileira) cambada, espicha, enfiada, (quando à tona) banco, manta;
pena	- (quando de ave) plumagem;
pessoa	- (em geral) aglomeração, banda, bando, chusma, colméia, gente, legião, leva, maré, massa, mó, mole, multidão, pessoal, roda, rolo, troço, tropel, turba, turma, (quando reles) corja, caterva, choldra, farândola, récua, súcia, (quando em serviço, em navio ou avião) tripulação, (quando em acompanhamento solene) comitiva, cortejo, préstito, procissão, séquito, teoria, (quando ilustres) plêiade, pugilo, punhado, (quando em promiscuidade) cortiço, (quando em passeio) caravana, (quando em assembléia popular) comício, (quando reunidas para tratar de um assunto) comissão, conselho, congresso, conclave, convênio, corporação, seminário, (quando sujeitas ao mesmo estatuto) agremiação, associação, centro, clube, grêmio, liga, sindicato, sociedade;
pilha	- (quando elétricas) bateria;
planta	- (quando frutíferas) pomar, (quando hortaliças, legumes) horta, (quando novas, para replanta) viveiro, alfobre, tabuleiro, (quando de uma região) flora, (quando secas, para classificação) herbário;
ponto	- (de costura) apontoado;
porco	- (em geral) manada, persigal, piara, vara, (quando do pasto) vezeira;
povo	- (nação) aliança, coligação, confederação, liga;
prato	- baixela, serviço, prataria;
prelado	- (quando em reunião oficial) sínodo;
prisioneiro	- (quando em conjunto) leva, (quando a caminho para o mesmo destino) comboio;

professor	- corpo docente, professorado, congregação;
quadro	- (quando em exposição) pinacoteca, galeria;
querubim	- coro, falange, legião;
recruta	- leva, magote;
religioso	- clero regular;
roupa	- (quando de cama, mesa e uso pessoal) enxoval, (quando envoltas para lavagem) trouxa;
salteador	- caterva, corja, horda, quadrilha;
selo	- coleção;
serra	- (acidente geográfico) cordilheira;
soldado	- tropa, legião;
trabalhador	- (quando reunidos para um trabalho braçal) rancho, (quando em trânsito) leva;
tripulante	- equipagem, guarnição, tripulação;
utensílio	- (quando de cozinha) bateria, trem, (quando de mesa) aparelho, baixela;
vadio	- cambada, caterva, corja, mamparra, matula, súcia;
vara	- (quando amarradas) feixe, ruma;
velhaco	- súcia, velhacada.

OBSERVAÇÃO: Na maioria dos casos, a forma coletiva se constrói mediante a adaptação do sufixo conveniente: arvoredo (de árvores), cabeleira (de cabelos), freguesia (de fregueses), palavratório (de palavras), professorado (de professores), tapeçaria (de tapetes), etc.

III. COLOCAÇÃO PRONOMINAL

1. EMPREGO DE "EU e TU" / "TI e MIM"
2. COLOCAÇÃO DOS PRONOMES OBLÍQUOS ÁTONOS (ÊNCLISE, PRÓCLISE, MESÓCLISE)
3. EMPREGO DO PRONOME ÁTONO EM LOCUÇÕES VERBAIS PERFEITAS E EM TEMPOS COMPOSTOS
4. TEMPOS COMPOSTOS
5. EMPREGO DOS PRONOMES ESTE/ESSE/AQUELE

1. EMPREGO DE "EU e TU" / "TI e MIM".

Os pronomes **"eu"** e **"tu"** só podem figurar como sujeito de uma oração. Assim, não podem vir precedidos de preposição funcionando como complemento. Para exercer esta função, deve-se empregar as formas **"mim"** e **"ti".**

Exemplos:

Nunca houve brigas entre eu e ela.	(errado)
Nunca houve brigas entre mim e ela.	(certo)
Todas as dívidas entre eu e tu foram sanadas.	(errado)
Todas as dívidas entre mim e ti foram sanadas.	(certo)
Sem você e eu, aquela obra não acaba.	(errado)
Sem você e mim, aquela obra não acaba.	(certo)
A festa não será a mesma sem tu e elas.	(errado)
A festa não será a mesma sem ti e elas.	(certo)
Perante eu e vós, aquelas criaturas são bem mais infelizes.	(errado)
Perante mim e vós, aquelas criaturas são bem mais infelizes.	(certo)
Levantaram calúnias contra os alunos e eu.	(errado)
Levantaram calúnias contra os alunos e mim.	(certo)

Observação: Os pronomes "eu" e "tu", no entanto, podem aparecer como sujeito de um verbo no infinitivo, embora precedidos de preposição.

Exemplos:
Não vais sem eu mandar.
Pedi para tu comprares o carro.
Esta regra é para eu não esquecer.

2. COLOCAÇÃO DOS PRONOMES OBLÍQUOS ÁTONOS.

REGRAS PRÁTICAS PARA A COLOCAÇÃO DOS PRONOMES ÁTONOS:
Os pronomes átonos são geralmente empregados depois do verbo **(ÊNCLISE),** muitas vezes antes**(PRÓCLISE)** e, mais raramente, no meio **(MESÓCLISE).**

.ÊNCLISE

As formas verbais do infinitivo impessoal (precedido ou não da preposição **"a"**), do gerúndio e do imperativo afirmativo pedem a ênclise pronominal.

Exemplos:
Urge obedecer-se às leis.
Obrigou-me a dizer-lhe tudo.
Bete pediu licença, afastando-se do grupo.
Aqueles livros raros? Compra-os imediatamente!

Observação: Se o gerúndio vier precedido da preposição **"em",** deve-se empregar a próclise.
Exemplo: "Nesta terra, em se plantando, tudo dá."

Não se inicia um período pelo pronome átono nem a oração principal precedida de pausa, assim como as orações coordenadas assindéticas, isto é, sem conjunções.
Exemplos:

Me contaram sua aventura em Salvador.	(errado)
Contaram-me sua aventura em Salvador.	(certo)
Permanecendo aqui, se corre o risco de ser assaltado.	(errado)
Permanecendo aqui, corre-se o risco de ser assaltado.	(certo)
Segui-o pela rua, o chamei, lhe pedi que parasse.	(errado)
Segui-o pela rua, chamei-o, pedi-lhe que parasse.	(certo)

Observação: A ênclise não pode ser empregada com verbos no futuro e no particípio passado.

.PRÓCLISE

Deve-se colocar o pronome átono antes do verbo, quando antes dele houver uma palavra pertencente a um dos seguintes grupos:

A) palavras ou expressões negativas;
Exemplos:
Não me deixe sozinho esta noite!
Nunca se recuse ajudar a quem precise.
Nem nos conte porque voce fez isso.
Nenhum deles me prestou a informação correta.
Ninguém lhe deve nada.
De modo algum (Em hipótese alguma) nos esqueceremos disso.

B) pronomes relativos;
Exemplos:
O livro que me emprestaste é muito bom.
Este é o senhor de quem lhe contei a vida.
Esta é a casa da qual vos falei.
O ministro, cujo filho lhe causou tantos problemas, está aqui.
Aquela rua, onde me assaltaram, foi melhor iluminada.
Pagarei hoje tudo quanto lhe devo.

C) pronomes indefinidos;
Exemplos:
Alguém me disse que você vai viajar.
Quem lhe disse essas bobagens?
Dos vários candidatos entrevistados, alguns (diversos) nos pareceram bastante inteligentes.
Entre os dez pares de sapato, qualquer um me serve para ir a festa no sábado.
Quem quer que me traga uma flor, conquistará meu coração.

D) conjunções subordinativas;
Exemplos:
Deixarei você sair, quando me disser a verdade.
Posso ajudar-te na obra, se me levares contigo.
Faça todo esse trabalho, como lhe ensinei.
Entramos no palácio, porque nos deram permissão.
Fiquem em nossa casa, enquanto vos pareça agradável.
Continuo a gostar de ti, embora me magoasse muito.
Confiei neles, logo que os conheci.

E) advérbios;
Exemplos:
Talvez nos seja fácil fazer esta tarefa.
Ontem os vi no cinema.
Aqui me agrada estar todos os dias.
Agora vos contarei um conto de fadas.
Pouco a pouco te revelarei o mistério.
De vez em quando me pego falando sozinho.
De súbito nos assustamos com os tiros.

Observação: O pronome átono pode ser colocado antes ou depois do infinitivo impessoal, se antecedendo o infinitivo vier uma das palavras ou expressões mencionadas acima.
Exemplos:
"Tudo faço para não a perturbar naqueles dias difíceis";
ou
"Tudo faço para não perturbá-la..."

.MESÓCLISE.
Emprega-se o pronome átono no meio da forma verbal, quando esta estiver no futuro simples do presente ou no futuro simples do pretérito do indicativo.

Exemplos:
Chamar-te-ei, quando ele chegar.
Se houver tempo, contar-vos-emos nossa aventura.
Dar-te-ia essas informações, se soubesse.

Observação: Se antes dessas formas verbais houver uma palavra ou expressão que provocam a próclise, não se empregará, conseqüentemente, o pronome átono na posição mesoclítica.

Exemplos:
Nada lhe direi sobre este assunto.
Livrar-te-ei dessas tarefas, porque te daria muito trabalho.

3. EMPREGO DO PRONOME ÁTONO EM LOCUÇÕES VERBAIS PERFEITAS E EM TEMPOS COMPOSTOS.

São locuções verbais perfeitas aquelas formadas de um verbo auxiliar modal **(QUERER, DEVER, SABER, PODER, ou TER DE, HAVER DE)**, seguido de um verbo principal no infinitivo impessoal. Neste caso, o pronome átono pode ser colocado antes ou depois do primeiro verbo, ou ainda depois do infinitivo.

Exemplos:
Nós lhe devemos dizer a verdade.
Nós devemos lhe dizer a verdade.
Nós devemos dizer-lhe a verdade.

Observação: No entanto, se no caso acima mencionado as locuções verbais vierem precedidas de palavra ou expressão que exija a próclise, só duas posições serão possíveis para empregar-se o pronome átono: antes do auxiliar ou depois do infinitivo.

Exemplos:
Não lhe devemos dizer a verdade.
Não devemos dizer-lhe a verdade.

4. TEMPOS COMPOSTOS.

Nos tempos compostos, formados de um verbo auxiliar **(TER ou HAVER)** mais um verbo principal no particípio, o pronome átono se liga ao verbo auxiliar, nunca ao particípio.

Exemplos:
Tinha-me envolvido sem querer com aquela garota.
Nós nos havíamos assustado com o trovão.
O advogado não lhe tinha dito a verdade.

Observação: Quando houver qualquer fator de próclise, esta será a única posição possível do pronome átono na frase, ou seja, antes do verbo auxiliar.

5. EMPREGO DOS PRONOMES ESTE/ESSE/AQUELE.

Os pronomes **"este, esta, isto"** devem ser empregados referindo-se ao âmbito da pessoa que fala (1ª pessoa do singular e do plural - eu e nós), e quando se quer indicar o que se vai dizer logo em seguida (referência ao "tempo presente). Relacionam-se com o advérbio "aqui" e com os pronomes possessivos "meu, minha, nosso, nossa".

Exemplos:
Este meu carro só me dá problemas.
Esta casa é nossa há dez anos.
Isto aqui são as minhas encomendas.
Ainda me soam aos ouvidos estas palavras do Divino Mestre: "Amai ao próximo como a vós mesmos."
Espero que por estas linhas... (no começo de uma carta, por exemplo)
Neste momento, está chovendo no Rio de Janeiro. (= agora)
Ele deve entregar a proposta nesta semana. (= na semana em que estamos)
Não haverá futebol neste domingo. (= hoje)
O pagamento deverá ser feito neste mês. (= mês em que estamos)

Empregam-se os pronomes **"esse, essa, isso",** com relação ao âmbito da pessoa com quem se fala (2ª do singular e do plural - tu e vós; e também com "você, vocês"); e quando se quer indicar o que se acabou imediatamente de dizer (referência ao "tempo passado").

Relacionam-se com o advérbio "aí" e com os pronomes possessivos "teu, tua, vosso, vossa, seu, sua (igual a "de você").

Exemplos:
Essa sua blusa não lhe fica bem.
Quem jogou esse lixo aí na tua calçada?
Isso aí que você está fazendo tem futuro?
Esses vossos planos não darão certo.
Esses exemplos devem ser bem fixados.
Despeço-me, desejando que essas palavras... (no final de uma carta)
Tudo ia bem com Rubinho até a 57ª volta; nesse momento, acabou o combustível.
Ele pouco se dedicava ao trabalho, por isso foi dispensado.

Os pronomes **"aquele, aquela, aquilo"** devem ser empregados com referência ao que está no âmbito da pessoa ou da coisa de quem ou de que se fala (3ª pessoa do singular e do plural - ele, ela, eles, elas). Relacionam-se com o advérbio "lá" e com os possessivos "seu, sua (igual a "dele, dela").

Exemplos:
Aquele carro, lá no estacionamento, é do professor Paulo.
Aquela garota bonita é da sua turma?
Eu disse ao diretor aquilo que me mandaste dizer.

Observação: Numa enumeração, empregamos os pronomes **"este, esta, isto"** para nos referir ao elemento mais próximo, e "aquele, aquela, aquilo" para os anteriores.
Exemplo: Em 96, adquiri duas coisas muito importantes para mim: uma casa e um computador. Este no início do ano e aquela no fim.

DICAS.

COM A GENTE / CONOSCO / COM NÓS
A expressão **"com a gente"** é típica da linguagem coloquial brasileira. Só pode ser usada em textos informais.

Exemplos:
A outra turma vai se reunir com a gente às 10h.
A sua irmã vai com a gente ao clube hoje.

Em textos formais, que exijam uma linguagem mais cuidada, devemos usar a forma **"conosco".**

Exemplos:
Os pais dos alunos querem uma reunião conosco.
Os diretores irão conosco ver o prefeito.

Devemos usar **"com nós"** antes de algumas palavras: Antes de **"todos, mesmos, dois"**

Exemplos:
O presidente deixou a decisão com nós todos.
O presidente deixou a decisão com nós mesmos.
O presidente deixou a decisão com nós dois.

O PRONOME VOCÊ

O pronome **você(s),** a rigor, é usado como 3ª pessoa do singular/plural, conforme atestam as 3ªs. pessoas do modo imperativo. Na prática, ele funciona como 2ª pessoa, uma vez que é usado para se referir à pessoa com quem se fala e não à pessoa de quem se fala.

A explicação está na origem do pronome. **Você** se deriva da expressão "Vossa Mercê", que se transformou com o tempo até chegar ao atual você. Isso significa que, pela sua origem, **você** é um pronome de tratamento. O problema é que todos os pronomes de tratamento (=Vossa Senhoria, Vossa Excelência, Vossa Majestade, Vossa Santidade...) são de 3ª pessoa. Assim sendo, o pronome **você** é de 3ª pessoa, mas é usado em substituição ao **tu** (2ª pessoa = com quem se fala).

IV. CONCORDÂNCIA NOMINAL

REGRA GERAL: O **adjetivo**, o **artigo**, o **numeral** e o **pronome adjetivo** concordam com o **substantivo** em GÊNERO (masculino ou feminino) e NÚMERO (singular ou plural).

Exemplos:
O aluno atencioso / A aluna atenciosa
Uns alunos estudiosos / Umas alunas estudiosas
Este clip está enferrujado / Estes clips estão enferrujados
Eles saíram juntos / Elas saíram juntas

Atenção, porém, para a concordância com as palavras **"anexo", "quite"** e com a locução prepositiva **"junto de".**

Exemplos:
O documento segue anexo / Os documentos seguem anexos
(São possíveis também as construções:
O documento segue em anexo / Os documentos seguem em anexo)
O rapaz está quite com o serviço militar
Os rapazes estão quites com o serviço militar
Eles ficaram junto da mãe / Elas ficaram junto da mãe

REGRAS ESPECÍFICAS:

➔ Quando o adjetivo vem depois de dois ou mais substantivos no singular e do mesmo gênero, pode ir para o singular (concordância atrativa) ou plural (concordância lógica ou gramatical). No entanto, quando o adjetivo se referir claramente ao último substantivo, a concordância com este será obrigatória.

Exemplos:
A consciência e a dignidade humana(humanas) valem muito.
Ela tem marido e filho dedicado(dedicados).
O casaco e o chapéu redondo eram dele.
Ela ganhou um livro e um disco orquestrado.

➔ Quando o adjetivo vem depois de dois ou mais substantivos no singular e de gêneros diferentes, vai para o plural masculino ou concorda com o substantivo mais próximo.

Exemplos:
Ela tem testa, nariz e boca deformados (deformada)
Enviamos jornais e revistas ilustrados (ilustradas)
Ele vestia camisa e paletó escuros (escuro)

Observação: A concordância do adjetivo com o último substantivo será obrigatória quando:

1. o sentido assim o exigir;
Exemplos:
Traga-me um livro e uma fruta fresca.
No Shopping, comprei roupas e um rádio elétrico.

2. os substantivos forem sinônimos;
Exemplos:
Falta mais coragem ao povo e à gente brasileira.
Ele passou por dor e sofrimento demasiado.

3. os substantivos estiverem no plural;
Exemplo:
Eles estão sempre com os corações e as casas abertas.

➔ Quando o adjetivo estiver antecedendo substantivos do mesmo gênero e número ou não, ele concordará necessariamente com o substantivo mais próximo. Caso, porém, o adjetivo venha após os substantivos, irá para o plural do mesmo gênero deles.

Exemplos:
Sua mãe e filhas podem ficar aqui.
Você escolheu má hora e lugar para dizer isto.
(Você escolheu mau lugar e hora...)
Fiquei encantado com as serras e a gente mineiras.

Observação: Quando os substantivos expressarem nomes próprios ou grau de parentesco, o adjetivo irá obrigatoriamente para o plural.
Exemplos:
Haverá uma homenagem aos ilustres Drumond e Bandeira.
Encontrei ontem seus simpáticos sogro e sogra.

➔ No caso de mais de um adjetivo qualificar ou determinar o mesmo substantivo, podem ser dadas à frase várias formas.

Exemplos:
O primeiro e o segundo turno foram anulados.
Primeiro e segundo turnos foram anulados.
O primeiro turno e o segundo foram anulados.
Convidamos os alunos da primeira e da segunda série.
Convidamos os alunos da primeira e segunda séries.
Gosto das Literaturas brasileira e portuguesa.
Gosto da Literatura brasileira e da portuguesa.
Gosto da Literatura brasileira e portuguesa.

(Estilisticamente, as duas primeiras construções são preferíveis, pois a terceira pode trazer um pouco de incerteza: gosta-se de duas Literaturas distintas ou de uma Literatura luso-brasileira?)

➔ O adjetivo irá para o plural quando o substantivo, mesmo no singular, vier precedido das expressões "um e outro", ou "nem um nem outro".

Exemplos:
Não posso fazer um e outro trabalho cansativos.
Nem um nem outro aluno doentes fizeram a prova.

➔ Caso o adjetivo venha antecedido das expressões "alguma coisa" ou "qualquer coisa", mais a preposição "de", vai para o masculino. Caso contrário, vai para o feminino.

Exemplos:
Alguma coisa de aterrador aconteceu ontem.
Alguma coisa aterradora aconteceu ontem.
Há qualquer coisa de errado com esse computador.
Há qualquer coisa errada com esse computador.

CONCORDÂNCIA DO PREDICATIVO E DO PARTICÍPIO COM O SUJEITO

REGRA GERAL: O predicativo concorda com o sujeito em gênero e número.

Exemplos:
Pedro É GENEROSO / as irmãs SÃO GENEROSAS

REGRAS ESPECÍFICAS:

➔ Quando o sujeito vier sem nenhum determinante, adquirirá um sentido amplo, vago, equivalente a **"isso", "isto", "aquilo";** e o adjetivo do predicativo assumirá aparentemente uma forma masculina, mas, na verdade, será neutra.

Exemplos:
Cachaça não é bom para a saúde. (sem determinante)
Esta cachaça não é boa. (com determinante = Esta)

É necessário paciência de todos.
É necessária a paciência de todos.

É proibido entrada de pessoas sem autorização.
É proibida a entrada de pessoas sem autorização.

- És professora?
- Sim, sou-o.
(sem determinante, sentido mais genérico; o = pronome neutro)
- És a professora daquele menino?
- Sim, sou-a.
(com determinante, sentido específico; a = pronome pessoal)

➔ Quando o adjetivo que antecede os substantivos for um predicativo do objeto, ele deverá preferivelmente ficar no plural. Quando, porém, o predicativo do sujeito composto estiver anteposto a este, poderá concordar também com o núcleo mais próximo (o que acontece igualmente com o verbo da oração).

Exemplos:
Considero inteligentes o rapaz e a moça.
Julgamos insensatos a sua idéia e o seu gesto.
São vergonhosos a fome e o analfabetismo no Brasil.
É vergonhosa a fome e o analfabetismo no Brasil.

➔ O particípio sempre concordará com o sujeito em gênero e número quando empregado nas orações reduzidas.

Exemplos:
Realizado o trabalho, todos saíram.
Realizados os trabalhos, todos saíram.
Realizada a tarefa, todos saíram.
Realizadas as tarefas, todos saíram.
Cumprida a exigência, ela pode fazer a prova.
Cumpridas as exigências, ela pode fazer a prova.

➔ Apesar de os pronomes de tratamento estarem todos no feminino, poderão, no entanto, se referir a pessoas de ambos os sexos, permitindo que o adjetivo do predicativo faça uma concordância ideológica (**silepse**) com o sexo da pessoa a quem nos dirigimos.

Exemplos:
Vossa Alteza é muito bondoso (dirigindo-se a um príncipe)
Vossa Alteza é muito bondosa (dirigindo-se a uma princesa)

Outros casos de **silepse:**

➔ Quando tratamos nosso interlocutor com certa cerimônia, empregando a segunda pessoa do plural em vez da segunda do singular;

Exemplo:
Sois injusto comigo.

➔ Quando queremos nos referir a nós mesmos, empregando, porém, a segunda pessoa do plural (plural de modéstia);

Exemplos:
Seremos breve em nossa exposição.
Esperamos que esta nossa página o ajude em suas dúvidas sobre Língua Portuguesa.

PLURAL DOS SUBSTANTIVOS E ADJETIVOS COMPOSTOS

➔ Como uma primeira dica, **MEMORIZE:** se os termos que compõem um substantivo composto forem, isoladamente, substantivos, adjetivos ou numerais, todos eles vão para o plural.

Exemplos:
couve-flor / couves-flores
guarda-noturno / guardas-noturnos
amor-perfeito / amores-perfeitos
primeiro-ministro / primeiros-ministros
obra-prima / obras-primas

➔ No entanto, se os substantivos compostos tiverem como elementos de sua composição um verbo, um advérbio ou uma preposição, esses termos deverão ficar no singular.

Exemplos:
guarda-chuva / guarda-chuvas
guarda-roupa / guarda-roupas
sempre-viva / sempre-vivas
contra-ataque / contra-ataques

➔ No caso do substantivo composto possuir duas palavras repetidas, somente a segunda irá para o plural. Entretanto, se forem dois verbos idênticos, os dois também poderão ser pluralizados.

Exemplos:
tico-tico / tico-ticos
corre-corre / corre-corres (corres-corres)
pisca-pisca / pisca-piscas (piscas-piscas)
quebra-quebra / quebra-quebras (quebras-quebras)

Observação: Não se pluraliza o substantivo composto formado por dois verbos de sentidos opostos. Exemplo: Marli e Dora são duas leva-e-traz.

➔ Já quando os dois elementos do substantivo composto forem ligados por uma preposição, somente o primeiro irá para o plural.

Exemplos:
pé-de-moleque / pés-de-moleque
mula-sem-cabeça / mulas-sem-cabeça

➔ Os substantivos compostos onomatopaicos, ou seja, aqueles formados por termos que em sua pronúncia lembram o som da coisa significada, têm apenas seu segundo elemento pluralizado.

Exemplos:
tique-taque / tique-taques
reco-reco / reco-recos
bem-te-vi / bem-te-vis

CASOS ESPECIAIS

➔ As formas compostas "arco-íris" e "louva-a-deus" não possuem plural. Assim, por serem formas invariáveis, têm apenas os seus determinantes pluralizados.

Exemplos:
O arco-íris / Os arco-íris
Aquele louva-a-Deus / Aqueles louva-a-Deus

➔ O substantivo composto "joão-ninguém" faz o plural "joões-ninguém".

➔ Os adjetivos compostos, normalmente, têm (como na flexão de gênero masculino/feminino) apenas o seu segundo elemento alterado, o qual concordará com o substantivo que está modificando.

Exemplos:
política econômico-financeira
políticas econômico-financeiras

país social-democrata
países social-democratas
aliança luso-brasileira
alianças luso-brasileiras

➔ Existe um caso em que o adjetivo composto é invariável.Trata-se de alguns nomes de cores, nos quais o segundo elemento é um substantivo.

Exemplos:
camisas amarelo-limão
vestidos azul-piscina
saias verde-garrafa

➔ Apesar de não se incluírem na regra acima, as cores "azul-marinho", "azul-celeste", "cor-de-rosa", "cor-de-carne" e as palavras adjetivadas "ultravioleta", "infravermelho", "turquesa" e "pastel" também se apresentam invariáveis.

Exemplos:
meias azul-marinho
olhos azul-celeste
blusas cor-de-rosa
biquínis cor-de-carne
raios ultravioleta
raios infravermelho
maiôs turquesa
tons pastel

➔ Os advérbios apresentam-se sempre invariáveis.

Exemplos:
O mundo precisa de MENOS preconceito e de MENOS corrupção.
Todos ficaram ALERTA.

CURIOSIDADE
A concordância na frase "não existe ninguém mais calma do que eu", quando falada por uma mulher, estaria certa? Depende. A tendência seria dizer "não existe ninguém mais calmo do que eu", mesmo vindo a frase de uma mulher, já que a palavra "ninguém" teoricamente é neutra e, em conseqüência, pede o adjetivo "calmo" no masculino. No entanto, podemos dizer também que está acontecendo aqui um fenômeno lingüístico chamado **silepse**, ou seja, uma concordância ideológica. Neste sentido, a concordância se faria com a idéia do universo feminino ao qual a mulher, que pronunciou a frase, pertence.

V. CONCORDÂNCIA VERBAL

REGRA GERAL:
O **verbo** concorda com o **sujeito** em NÚMERO (singular e plural) e PESSOA (1ª, 2ª, 3ª).

Exemplos:
Eu amo
Tu amas
Ele ama
Nós amamos
Vós amais
Eles amam
O menino é estudioso.
As meninas são estudiosas.

CASOS PARTICULARES:

➔ **SUJEITO COLETIVO** - é singular na forma, mas expressa idéia de pluralidade.

Exemplos:
povo, exército, grupo, turma, multidão, etc.

Assim:

1. O verbo ficará no singular se estiver junto do sujeito coletivo.
Exemplos:
O povo aplaudiu o prefeito com entusiasmo.
O exército argentino foi derrotado na guerra das Malvinas.
A turma estava agitada no dia da prova.

2. Se o verbo estiver distante do sujeito coletivo, ou se este vier seguido de palavra que mencione os elementos nele contidos, poderá o verbo ir para o singular ou para o plural, conforme se queira destacar mais a idéia de todo ou a presença dos elementos que compõem o sujeito coletivo.
Exemplos:
O Conselho Universitário se reuniu e decidiu (ou decidiram) recomeçar os trabalhos.
O grupo de pivetes fugiu correndo, mais adiante, porém, foi preso (ou foram presos).
Um bando de pardais pousou (ou pousaram) naquela árvore ali.
Nesses dias modernos, uma imensidade de problemas nos aflige (ou nos afligem).
Uma turma de meninas cantava (ou cantavam) alegremente no clube.
Um milhão de jovens participou (ou participaram) da passeata.

➔ É possível também que o sujeito seja formado por expressões de natureza partitiva como **"grande parte de", "o resto de", "a maioria de", "uma porção de", "metade de", "a maior parte de",** etc., seguidas de um substantivo ou pronome no plural. Neste caso, igualmente poderá haver dois tipos de concordância.

Exemplos:
Grande parte das pessoas chegou (chegaram) cedo à festa.
A maioria delas estava (estavam) bem vestida(s).
Metade dos candidatos não apresentou (apresentaram) nenhuma proposta interessante.

➔ Quando o sujeito é formado por uma expressão que denota quantidade aproximada como **"mais de...", "menos de...", "cerca de...", "perto de...",** seguida de um número no plural, o verbo deve ficar no plural. Porém, se estas expressões vierem seguidas do numeral **"um",** o verbo obrigatoriamente vai para o singular.

Exemplos:
Mais de um jornal estrangeiro fez alusão ao Brasil.
Mais de dois jornais foram fechados em um ano.
Cerca de vinte pessoas estiveram no jantar.
Perto de dez carros envolveram-se no acidente.

Observação: Deve-se empregar o verbo sempre no plural quando este expressar idéia de reciprocidade ou quando a expressão "mais de um" vier repetida na frase.

Exemplos:
Mais de um sócio se insultaram.
Mais de um político agrediram-se no plenário.
Mais de um aluno, mais de um professor emocionaram-se com o discurso do diretor.

➔ Quando se tratar de nomes próprios, a concordância deverá ser feita levando-se em conta a ausência ou presença de artigo. Não havendo artigo, o verbo deverá ficar no singular; quando houver artigo no plural, o verbo ficará no plural.

Exemplos:
Estados Unidos cria e Brasil imita.
Os Estados Unidos determinam o fluxo da atividade econômica no mundo.
As Minas Gerais são inesquecíveis.
Minas Gerais produz queijo e poesia de primeira.
As Alagoas nos revelam muitas mulheres bonitas.
Alagoas impressiona pela beleza das praias e pela pobreza da população.

PRONOMES RELATIVOS QUEM E QUE.

➔ O pronome relativo **"quem",** normalmente, pede o verbo que o tem como sujeito, na terceira pessoa do singular. No entanto, o verbo pode concordar com a pessoa do sujeito antecedente, quando se quer fazer uma concordância enfática.

Exemplos:
Nunca te esqueças de que fui eu quem te apresentou ao presidente.
"Mais tarde você descobrirá se fui eu quem menti."
Fui eu quem pagou a conta.
"Fui eu quem paguei aquela dívida enorme ."

➔ Se o sujeito é o pronome relativo **"que",** o verbo concorda com o antecedente do relativo.

Exemplos:
Nós que ficamos e vocês que partem seremos sempre amigos.
Fui eu que falei a verdade naquela hora.
Foram eles que fizeram isso.
Fui aquela que morou na casa velha.

➔ Quando o sujeito é o relativo **"que",** precedido das expressões **"um dos...", "uma das...",** o verbo deve concordar na terceira pessoa do plural.

Exemplos:
Eliane era uma das que mais desconfiavam de nossa administração.
Um dos homens que mais lutaram pela soberania de nossa pátria foi Barbosa Lima Sobrinho.

Observação: Por exigência lógica, existirão casos em que o singular será obrigatório.
Exemplo:
Chama-se "Gota d' Água" uma das peças teatrais de Chico Buarque que será encenada amanhã.

PRONOMES INDEFINIDOS OU INTERROGATIVOS NO PLURAL + DE NÓS, DE VÓS.

➔ Quando o sujeito é formado de expressões constituídas de pronome indefinido ou interrogativo no plural, mais os termos **"de nós", "de vós",** o verbo vai para a terceira pessoa do plural (concordância mais lógica, na medida em que ela incide sobre o núcleo do sujeito, no caso o pronome da expressão). É possível, no entanto, o verbo concordar com os pronomes pessoais **"nós e vós".**

Exemplos:
Quais de nós (concluiremos) concluirão a faculdade?
Alguns de vós (viestes) vieram de bem longe.
Muitos de nós (deixamos) deixam a vida passar sem produzir nada.
Quantos de vós (contribuístes) contribuíram para a melhoria de vosso país?

Observação: Com o pronome indefinido ou interrogativo no singular, é claro que o verbo ficará na terceira pessoa do singular.
Exemplo:
Um de nós te levará em casa após a festa.

SUJEITO DA VOZ PASSIVA PRONOMINAL E INDETERMINADO

➔ O verbo apassivado pelo pronome "se" deve concordar com o sujeito que, no caso, está sempre expresso.

Exemplos:
Vendem-se casas (casas são vendidas)
Os planos desenvolvem-se (são desenvolvidos) satisfatoriamente.

Observação: Quando os verbos **"poder"** e **"dever"** aparecerem na voz passiva sintética, como auxiliares de um infinitivo, duas construções serão possíveis, porque duas análises sintáticas também são possíveis.

Exemplos:
Não se podem cortar essas árvores.
(sujeito = ESSAS ÁRVORES; PODEM CORTAR = locução verbal, concordância do verbo auxiliar PODER com o sujeito plural.)

Não se pode cortar essas árvores.
(sujeito oracional = CORTAR ESSAS ÁRVORES - oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo - sujeito do verbo PODER que deve ficar na 3ª pessoa do singular.)

➔ Se o verbo for transitivo indireto, ficará na 3ª pessoa do singular, pois o "se", neste caso, não será pronome apassivador, mas sim partícula indeterminante do sujeito.

Exemplos:
Precisa-se de operários (e não precisam-se de operários)
Assiste-se a filmes bons naquele cinema.
Obedeça-se às leis.

CONCORDÂNCIA COM O SUJEITO COMPOSTO

➔ Quando o sujeito de um verbo vier depois dele e for composto de vários elementos, o verbo concordará com o elemento mais próximo (concordância atrativa), podendo ficar no singular, ou poderá ir para o plural (Concordância lógica).

Exemplos:
De repente ouviu-se um estouro, um gemido, um grito de triunfo.
A minha alma é maior do que supõe: cabem nela amor de mulher, afetos de filha e amizade de irmã.

➔ Se os elementos do sujeito composto forem sinônimos ou formarem uma unidade de idéia, um todo no sentido, ou ainda estiverem organizados numa gradação, o verbo pode ficar na 3ª pessoa do singular para realçar a unidade de sentido ou o último elemento da série gradativa.

Exemplos:
A sua família, o seu lar era aquele em que fora recolhida.
A mágoa e a dor lhe ressuscitou o entendimento.
Somente o elogio e o incentivo constrói.
"Triste ventura e negro fado o chama." (Camões)
"Mas permite, Deus, que a maldade e a malícia ande encoberta." (Vieira)
A mesma idéia, o mesmo gesto, a mesma fala revelava a personalidade daquela mulher.
Um grito, uma palavra, um movimento, um simples olhar causava-lhe medo.

➔ Sendo os núcleos do sujeito composto formados de verbos no infinitivo, o verbo da oração ficará no singular se esses núcleos não vierem acompanhados de elementos determinantes. Caso contrário, o verbo irá para o plural.

Exemplos:
Correr, cair e levantar foi um só movimento.
Comer e beber é necessário.
O comer e o beber são necessários.

➔ Entretanto, se os núcleos infinitivos forem termos antônimos, o verbo da oração irá para o plural, mesmo que não possuam determinantes.

Exemplos:
Amar e odiar são sentimentos muito fortes.
Sorrir e Chorar fazem parte do show da vida.

➔ Quando um sujeito composto é resumido por um aposto, o verbo concordará com esse aposto, estando ele no singular ou no plural.

Exemplos:
Carinhos, abraços, palavras de amor, NADA o consolava.
Alunos, professores, funcionários da escola, todos foram homenageados.
"TUDO, os pastos, as várzeas, a caatinga, o mar milheiral esquelético, era de um cinzento de borralho." (Rachel de Queiroz)
Capitão, marinheiros e passageiros, ninguém escapou com vida daquele naufrágio.
Pai, mulher, filhos, cada um seguia seu caminho calado.

Observação: Se os núcleos do sujeito composto vierem antecedidos pelo pronome indefinido **"cada",** o verbo permanecerá no singular.

Exemplo:
Cada professor, cada aluno, cada funcionário tinha sua reivindicação.

➔ Se os elementos do sujeito forem de pessoas gramaticais diferentes, o verbo vai para o plural e deve ser flexionado na pessoa que tiver prioridade: a primeira sobre a segunda e esta sobre a terceira.

Exemplos:
Eu, tu e João somos amigos. (Eu, tu e João = nós)
Desejo que tu e teu marido sejais felizes. (tu e teu marido = vós)

Observação: Quando o sujeito composto é constituído de elementos da segunda e terceira pessoas, também é correto que o verbo vá para a terceira pessoa do plural.

Exemplos:
Desejo que tu e teu marido sejam felizes.
Estou torcendo para que tu e ele passem no concurso.
Acredito que tu e Ana passarão no vestibular.

➔ Quando ocorre idéia de reciprocidade, a concordância deve ser feita obrigatoriamente no plural.

Exemplos:
Abraçaram-se vencedor e vencido.
Ofenderam-se o jogador e o árbitro.

➔ Quando os núcleos do sujeito composto forem ligados pelas conjunções **"ou"** ou **"nem",** o verbo poderá:

1. Ficar no singular se estiver se referindo a apenas um dos núcleos do sujeito, apresentando uma idéia de equivalência ou de exclusão;

Exemplos:
João ou Miguel ocupará o cargo de presidente daquela empresa.
Nem Ana nem Márcia foi escolhida para ser a rainha do grêmio.

2. Irá para o plural quando a ação verbal incidir diretamente sobre os núcleos do sujeito e quando a conjunção "ou" tiver um caráter corretivo.

Exemplos:
Nenhum gesto ou palavra do orador ofenderam a platéia.
Nem Pedro nem Paulo fizeram boa prova.
O culpado ou os culpados pelo crime serão punidos.
A parte ou as partes contrárias entrarão em acordo.

Observações:
A) Se o sujeito da oração for a expressão **"um ou outro",** normalmente o verbo permanecerá no singular;

Exemplos:
Um ou outro chapéu lhe ficava bem.
Um ou outro fato sairá amanhã nos jornais.

B) No entanto, se a expressão for **"um e outro",** o verbo irá preferencial- mente para o plural, sendo rara a concordância no singular;
Exemplos:
Um e outro chegaram cedo ao colégio.
Um e outro aluno entraram (entrou) na sala depois do diretor.

C) A expressão **"nem um nem outro"** determina, geralmente, o verbo no singular.
Exemplo: Nem um nem outro candidato às próximas eleições compareceu ao debate na TV.

Atenção! Em verdade, não há uniformidade no tratamento dado a essas expressões por gramáticos e escritores.

➔ Quando os núcleos do sujeito são unidos por expressões correlativas como "não só... mas também"; "não só... como também"; "não só... mas ainda"; "não somente... mas ainda"; "não apenas... mas também"; "tanto... quanto", o verbo concorda de preferência no plural.

Exemplos:
Não só a seca mas também o pouco-caso castigam o Nordeste.
Tanto a mãe quanto o filho ficaram surpresos com a notícia.

CASOS ESPECÍFICOS

VERBO SER.

O verbo ser apresenta-se impessoal quando empregado em frases que se referem a horas, datas ou distâncias. Nestes casos, o verbo ser concorda com o seu complemento. No caso das datas, entretanto, a concordância será facultativa, se a palavra **"dia"** não estiver expressa.

Exemplos:
Que horas são?
É uma hora.
São duas horas.
É meio-dia e meia.

Que dia é hoje? (ou quantos são hoje?)
Hoje é (ou são) 31 de julho.
Hoje é dia 31 de julho.
É um quilômetro até minha escola.
São 400 km do Rio até São Paulo.

Observações:
A) Quando o verbo ser, nas expressões que se referem às horas, vem acompanhado por uma das seguintes locuções: **"perto de", "cerca de", "mais de",** tanto podemos empregá-lo na terceira pessoa do singular como do plural.

Exemplos:
Era perto de dez horas / Eram perto de dez horas

B) Os verbos dar, soar e bater, em relação às horas, obedecem à regra geral da Concordância Verbal, isto é, estes verbos concordarão natural- mente com seu sujeito, em número e pessoa.
Exemplos:
Davam seis horas no relógio da Central. (seis horas = sujeito do verbo dar)
Soaram dez horas quando saí do baile.
Bateu Meia-noite na torre da igreja.

Quando sujeito e predicativo têm números diferentes, existem duas tendências para a concordância do **verbo ser:**

1. empregar o verbo no plural (tendência mais freqüente);

2. no singular, quando se quiser dar ênfase ao sujeito.
Exemplos:
A Pátria são todos os seus cidadãos.
Meu destino eram estradas que tinha de palmilhar.

Quando o sujeito é nome de pessoa e o predicativo é substantivo comum, o verbo **SER** concorda no singular com o nome de pessoa.
Exemplos:
Chico Anísio era as duas coisas: ator e diretor.
Fernando Pessoa é vários poetas.

Observação: Quando, no entanto, se deseja dar ênfase aos elementos constitutivos do predicativo, o verbo **SER** poderá concordar com ele.

Exemplo:
"Santinha eram dois olhos míopes, quatro incisivos claros a flor da boca." - Machado de Assis.

Quando o sujeito ou o predicativo forem pronome pessoal, com ele concordará o verbo; porém, se ambos forem representados por pronomes pessoais, o verbo concordará obrigatoriamente com o sujeito.

Exemplos:
O Brasil somos nós.
O Estado sou eu.
Eu não sou eles / Eles não são eu.

➔ Quando o sujeito é um dos pronomes neutros **"tudo", "isso", "aquilo"** ou palavra de sentido coletivo ou partitivo, o verbo concorda com o predicativo.

Exemplos:
Tudo são flores.
Aquilo não eram atitudes de um homem.
Isso serão previsões sem sentido.
A maioria eram rapazes.
O resto são bobagens.
O mais eram sacrifícios.

Observação: A concordância do verbo no singular é rara, mas não é incorreta.
Exemplos:
"Tudo é flores no presente." (Gonçalves Dias)
"E tudo é chuvas que orvalham, folhas caídas que secam." (Fernando Pessoa)

Nas frases em que o sujeito sem nenhum determinante vem expressando preço, medida, quantidade, com o qual o verbo ser pode formar também um todo com as palavras **"muito", "pouco", "tanto", "demais", "mais de", "mais que", "menos de",** etc., o verbo fica no singular.
Exemplos:
Cinco anos era muito.
Cem reais por mês é pouco para um trabalhador.
Dez metros de fio é mais (menos) do que preciso.
Sessenta litros de chope será demais para a festa.
Bebidas é coisa fundamental em festas.
Trinta anos é a idade de minha irmã.

Os pronomes interrogativos quem, que, o que, em frases com o verbo ser, normalmente exercem a função de predicativo e não de sujeito. Neste caso, o verbo ser não concorda com os pronomes e sim com o sujeito.
Exemplos:
Quem seriam aquelas meninas?
Que eram os ruídos que ouvimos?
O que são impostos compulsórios?

VERBO PARECER.

Existem duas possibilidades de concordância quando o verbo parecer vem seguido de um outro verbo no infinitivo.

Exemplos:
As estrelas pareciam caminhar no céu. (verbo parecer, como verbo auxiliar, concorda com o sujeito, e o infinitivo não se flexiona, formando assim uma locução verbal)

"As estrelas parecia caminharem no céu." - Graça Aranha. (parecer, aqui como verbo intransitivo, fica na 3ª pessoa do singular, e o infinitivo se flexiona, formando com "As estrelas" um sujeito oracional: 'AS ESTRELAS CAMINHAREM parecia' - Oração Subordinada Substantiva Subjetiva Reduzida de Infinitivo)

"Mesmo os doentes parece que são mais felizes." - Cecília Meirelles. (parece=verbo intransitivo; QUE OS DOENTES SÃO MAIS FELIZES =Sujeito Oracional: Oração Substantiva Subjetiva Desenvolvida)

VERBO HAVER.

Quando significa **"existir, ocorrer",** o verbo haver fica na terceira pessoa do singular, já que ele se torna impessoal, não tendo sujeito.

Exemplos:

Houve fatos marcantes em nossa vida.
Havia milhares de candidatos naquele concurso.
Sempre houve graves problemas sociais no país.
Deve ter havido muitas vítimas naquele acidente.

No entanto, se empregarmos no lugar de haver os verbos existir ou ocorrer, eles concordarão com os seus respectivos sujeitos.

Exemplos:

Existiam milhares de candidatos naquele concurso.
("milhares de candidatos" = sujeito de existir)
Ocorreram fatos marcantes em nossa vida.
("fatos marcantes" = sujeito de ocorrer)

VERBO FAZER.

Este verbo, assim como o verbo haver, indicando tempo decorrido ou fenômeno meteorológico, também são impessoais e, por isso, ficam na 3ª pessoa do singular.

Exemplos:

Faz dois anos que estive em Portugal. ("dois anos" = objeto direto)
Faz invernos terríveis na Europa. ("invernos terríveis" = objeto direto)
Há anos não procuro meu primo.
Havia anos que não nos encontrávamos.

Observação: A impessoalidade também ocorre com todos os verbos que expressam fenômenos da natureza como chover, ventar, nevar etc. Contudo, se empregarmos qualquer um desses verbos em seu sentido figurado, eles passam a fazer a concordância com a regra geral.

Exemplos:

Choveu vários dias em São Paulo no mês passado.
Quando eu era jovem, choviam convites para festas. (Aqui, "choviam" tem como sujeito "convites", por isso a razão da concordância.)

PRONOMES DE TRATAMENTO.

Os verbos que acompanham pronomes de tratamento apresentam-se sempre na terceira pessoa do singular ou do plural.

Exemplos de pronomes de tratamento: você (originário da forma antiga Vossa Mercê), Vossa Excelência, Vossa Senhoria, Vossa Majestade, Vossa Alteza, etc.
Vossa Excelência está satisfeito?
Vossas Excelências estão satisfeitos?
(Concordância ideológica por se estar dirigindo a uma pessoa do sexo masculino)

CONCORDÂNCIA COM SUJEITO REPRESENTADO POR UM NÚMERO PERCENTUAL.

Quando se tem um número percentual sem o seu especificador, ou seja, quando ele não possui um complemento, o verbo deve concordar com o número da porcentagem.

Exemplos:
Apesar das enchentes, apenas 10% querem mudar de casa.
Somente 22% disseram "sim" ao plebiscito, enquanto 77% optaram pelo "não" e 1% não compareceu às urnas.

Assim, se esse número for inferior a dois, o verbo deve ficar no singular. Ex.: Apenas 1,65% votou naquele candidato; 0,7% achava o candidato honesto; Apenas 1% votaria novamente neste candidato.
Quando a porcentagem vem acompanhada de especificador, ou seja, quando se diz "x% de algo", o verbo passa a concordar com esse especificador, independentemente do número percentual.

Exemplos:
15% do ELEITORADO REPROVOU O PROGRAMA DAQUELE PARTIDO.
1% dos ELEITORES optaram pelo voto em branco.
40% dos lavradores estão preocupados com a falta de chuvas.
30% da lavoura de café foi perdida.

Se o número percentual vier acompanhado de um determinante (pronomes, artigos, etc.), o verbo deverá ir sempre para o plural.

Exemplos:
Esses 5% das ações já me são suficientes.
Os 40% da produção de laranja serão exportados para os EUA.
Uns 15% da população estão desempregados.

Já no caso das frações, as gramáticas dizem que o verbo deve concordar com o numerador da fração, ou seja, com o número de cima. Então, quando se diz "2/3 do eleitorado", o verbo concorda com o número "2", numerador da fração. Ex.: 2/3 do eleitorado recusaram-se a votar em qualquer candidato. Se, porém, tivermos "1/3 dos eleitores", deveremos fazer o verbo concordar com o número "1". Ex.: 1/3 dos eleitores recusou-se a votar em qualquer candidato.

Observação: Notadamente, é esse o padrão adotado pelos grandes e mais conceituados jornais e revistas brasileiros.

VI. DIVISÃO SILÁBICA

REGRAS:

➔ Não se separam os elementos dos grupos consonantais que iniciam uma sílaba nem os dos dígrafos **"ch, lh, nh".**

Exemplos:
a-blu-ção,
a-bra-sar,
a-che-gar,
fi-lho,
ma-nhã,
con-tri-bu-ir,
a-fri-ca-no,
a-plai-nar,
en-gra-ça-do,
re-fle-tir,
su-bli-me.

Observação: Nem sempre formam grupos consonantais os elementos **bl** e **br**. No caso de o **l** e o **r** serem pronunciados separadamente, poderá haver a partição da palavra. Exemplos: sub-lin-gual, sub-li-nhar, sub-ro-gar, ab-rup-to.

➔ O **"s"** dos prefixos **bis, cis, des, dis, trans** e o **x** do prefixo ex não se separam quando a sílaba seguinte começar por consoante. Todavia, se iniciar-se por vogal, formam sílaba com esta e separam-se do prefixo.

Exemplos:
bis-ne-to,
cis-pla-ti-no,
des-li-gar,
dis-tra-ção,
trans-por-tar,
ex-tra-ir,
bi-sa-vó,
ci-san-di-no,
de-ses-pe-rar,
di-sen-te-ri-a,
tran-sa-tlân-ti-co,
e-xér-ci-to.

➔ As letras "**cc, cç, sc, rr, ss"** e as vogais idênticas separam-se quando da partição do vocábulo, ficando cada uma delas em sílabas diferentes.

Exemplos:
oc-cip-tal,
te-lec-ção,
pror-ro-gar,
res-sur-gir,
a-do-les-cen-te,
con-va-les-cer,
des-cer,
pres-cin-dir,
res-ci-são,
ca-a-tin-ga,
co-or-de-nar,
ge-e-na.

Observação: As vogais de hiatos, mesmo diferentes uma da outra, também se separam. Exemplos: a-ta-ú-de, ca-í-eis, do-er, du-e-lo, fi-el, flu-iu, gra-ú-na, je-su-í-ta, le-al, mi-ú-do, po-ei-ra, ra-i-nha, vô-o.

➔ Não se separam as vogais dos ditongos crescentes e decrescentes nem as dos tritongos.

Exemplos:
ai-ro-so,
a-ni-mais,
au-ro-ra,
a-ve-ri-güei,
ca-iu,
cru-éis,
re-jei-tar,
fo-ga-réu,
gló-ria,
i-guais,
ó-dio,
jói-a,
sa-guão,
vá-rios.

Observação: Não se separa do **"u",** precedido de **"g"** ou **"q",** a vogal que o segue, acompanhada ou não de consoante. Exemplos: am-bí-guo, u-bí-quo, lín-gua, Gua-te-ma-la, de-lin-qüen-te.

Além das regras vistas anteriormente, toda consoante que não vem seguida de vogal fica na sílaba anterior, na divisão silábica.

Exemplos:
sub-me-ter,
sub-por,

ab-so-lu-to,
ad-vo-ga-do,
ad-no-mi-nal,
ad-vir,
af-ta,
mag-ma,
cog-no-me,
al-fai-a-te,
nos-tal-gi-a,
e-gíp-cio,
re-cep-ção,
ap-to,
ar-far,
ex-su-dar,
ex-ce-ção,
tungs-tê-nio,
pers-pi-cá-cia,
sols-tí-cio,
ab-di-car,
ac-ne,
drac-ma,
Daf-ne,
ét-ni-co,
nup-ci-al,
abs-tra-ir,
ins-pe-tor,
ins-tru-ir,
in-ters-tí-cio.

Observação: Ainda pelo mesmo caso acima, se a consoante for inicial, ela não se separa.Exemplos: Pto-lo-meu, psi-co-se, pneu-má-ti-co, gno-mo, mne-mô-ni-ca.

VII. EMPREGO DA CRASE

CONCEITO:

Fusão ou contração de dois **"a"** (a+a) num só (**à**, marcado pelo acento grave), sendo um deles preposição e o outro artigo feminino ou pronome demonstrativo.

CASOS DE EMPREGO DA CRASE

➔ Emprega-se a crase quando houver uma palavra de sentido incompleto que venha seguida da preposição **"a",** mais o artigo feminino **"a"** no singular ou plural, antes de substantivo feminino determinado.

Exemplos:

Pedro dirigiu-se a (preposição) + a (artigo) praça.
Pedro dirigiu-se à praça.

Ana dedica-se a+a igreja todo o tempo.
Ana dedica-se à igreja todo o tempo.

Meu tio era fiel a+a disciplina militar.
Meu tio era fiel à disciplina militar.

Todos estamos sujeitos a+as leis de Deus.
Todos estamos sujeitos às leis de Deus.

O rei ficava indiferente a+as súplicas do povo.
O rei ficava indiferente às súplicas do povo.

Você deve obedecer a+as normas do colégio.
Você deve obedecer às normas do colégio.

➔ Em função de só poder haver crase quando da contração da preposição **"a"** com o artigo feminino **"a",** conseqüentemente não haverá crase antes de nomes masculinos, verbos, pronomes indefinidos.

Exemplos:

Os camponeses iam a pé para o trabalho, mas o capataz ia a cavalo.
O baile será promovido a partir das 20 horas.
Tenho muito a receber de indenização.
Com essa blusa não irei a nenhuma festa.
Ela lançava olhares maliciosos a certo rapaz no restaurante.

➔ Também não acontecerá a crase antes de nomes próprios de cidade e da palavra **"casa",** a não ser que venham determinados.

Exemplos:
Amanhã regressarei a Brasília.
Amanhã regressarei à Brasília de meus sonhos.

Cansado, chegou tarde a casa. (Não há artigo definido antes da palavra casa quando se refere a sua própria casa: "Fiquei em casa", "Venho de casa".)
Cansado, chegou tarde à casa de seus pais.

➔ Igualmente, não haverá crase antes dos vocábulos **"cuja", "quem", "ela", "esta", "essa", "mim", "você", "vossa senhoria", "vossa excelência",** etc.

Exemplos:
Este é o policial a quem devo minha vida.
Hoje foi empossada a nova diretoria a cuja determinação devemos de agora em diante obedecer.
Dei a ela uma bela flor e ela ofereceu a mim um lindo sorriso.
Darei a esta criança abandonada todo meu carinho.
Falarei a você todos os detalhes do filme.

➔ Entretanto, existem alguns pronomes demonstrativos e de tratamento (como os pronomes referentes às mulheres) que aceitam a anteposição do artigo feminino, favorecendo, assim, o surgimento do fenômeno da crase.

Exemplos:
Contarei tudo à senhora (à senhorita, à madame, à dona, à dama, etc.)
Darei todos esses livros à mesma pessoa.
Só devolverei o dinheiro à própria dona.

Observação: Quando somente acontecer um simples "a" antes de um substantivo feminino plural, não ocorrerá a crase logicamente por falta do artigo.

Exemplos:
Esta lei se destina a casadas e solteiras.
Neste Congresso, falarei apenas a mulheres.

Note-se, no entanto, uma pequena alteração semântica na frase, se houver a presença do artigo feminino, passando-se de um sentido mais genérico (como no caso dos exemplos acima), para um sentido mais restrito.

Exemplo:
Neste Congresso sobre sexualidade, falarei em especial às mulheres. (Aqui, pressupõe-se um grupo, uma platéia, onde as mulheres configuram uma parte desse grupo.)

➔ Nas **locuções adverbiais** (expressões que indicam circunstâncias de tempo, lugar, modo, etc.), recomenda-se o emprego do acento grave nas formadas de "a" mais palavra feminina no singular.

Exemplos:
Rita disse que chegaria **à noite**. (tempo)
Paulinho só comia **à força.** (modo)
A canoa estava **à margem do rio**. (lugar)
Miguel adora **viver à toa**.
(Como locução adverbial de modo, significando "a esmo, ao acaso, sem fazer nada, em vão" referindo-se ao verbo, à toa não leva hífen: "Passou a vida à toa"; "Anda à toa pelas ruas"; no entanto, quando aparece como adjetivo junto a um substantivo, significando "inútil, desprezível, desocupado, insignificante", à-toa deve ser escrito com hífen: "Era uma mulher à-toa"; "Não passava de um sujeitinho à-toa".)
Eles travaram um duelo à espada. (instrumento)
Prefiro escrever cartas à caneta do que à máquina. (instrumentos)
Pedro foi ferido à bala. (instrumento)

Outras locuções adverbiais muito empregadas: **à beça, à deriva, à frente, à luz (dar à luz), À MÃO, à parte, à revelia, à tarde, à última hora, à unha, à vontade, às avessas, às claras, às ordens.**

Incluem-se nessas expressões as indicações de horas especificadas.
Exemplos: à meia-noite, às duas horas, à uma hora, às três e vinte, etc.
Observação: Não confundir com as indicações não especificadas como: "Isso acontece a qualquer hora"; "Estarei lá daqui a uma hora".

➔ Será facultativo o emprego da crase quando também for livre o uso do artigo. Isto acontecerá antes de nomes próprios de pessoas e antes de pronomes possessivos.

Exemplos:
Ofereci um presente a (à) Bruna.
Entregue essa documentação a (à) minha assessora que depois devolverá a (à) sua secretária.

Observação: Note-se que, quando se deseja mostrar mais intimidade com a pessoa de quem se fala, o emprego do artigo feminino junto à preposição é mais aconselhável. Todavia, se o tratamento é puramente formal, ou se a pessoa se tratar de personalidade pública, recomenda-se somente o emprego da preposição, não acontecendo, dessa forma, o fenômeno da crase.

Exemplos:
Contarei tudo à Raquel, minha melhor amiga.
Dedico esta homenagem a Rachel de Queiroz.

➔ Acontecerá a crase nas locuções prepositivas constituídas de um substantivo feminino singular, precedido de **"a"** e seguido de **"de".** E nas **locuções conjuntivas**, onde o substantivo é precedido de **"a"** e seguido de **"que".**
Exemplos:
à maneira de, à moda de,
à custa de, à volta de,
à beira de, à sombra de,
à luz de, à distância de,
à vista de, à espera de,
à força de, à cata de,
à procura de, à medida que,
à proporção que, etc.

Observação: Algumas vezes pode-se omitir parte da expressão (que no caso fica subentendida), ficando o "a" com o acento grave diante de palavra masculina.

Exemplos:
Aquele meu amigo poeta usava cabelos à Carlos Gomes.
(à maneira de Carlos Gomes)
Cláudia decorou sua casa à Luís XIV.
(à moda de Luís XIV)

➔ Quando a palavra **"terra"** for empregada com o sentido de **"em terra firme",** não acontecerá a crase.
Exemplos:
O navio atracou e os passageiros já se dirigiam a terra.
Ao chegarmos ao porto de Santos, não desci a terra.

Em contrapartida: "Os astronautas voltarão à Terra amanhã." (Terra = planeta)
"Em maio irei à terra de meus avós." (O substantivo terra vem determinado pela expressão "DE MEUS AVÓS")

➔ Os pronomes **"aquele(s), aquela(s) e aquilo"** podem vir com o acento grave no **"a",** revelando que ocorreu o fenômeno da crase, quando antes deles vier palavra com sentido incompleto, seguida da preposição **"a".**
Exemplos:
Referiu-se a aquele livro de Camões.
Referiu-se àquele livro de Camões.

Aludi a aquela reunião do mês passado.
Aludi àquela reunião do mês passado.

Tecemos críticas a aquilo tudo que eles fizeram de errado.
Tecemos críticas àquilo tudo que eles fizeram de errado.

➔ Antes dos pronomes relativos **"que, qual, quais",** pode ou não haver a crase, dependendo do seu antecedente. Se ao trocarmos mentalmente o antecedente feminino por um masculino e ocorrer **"ao que, ao qual, aos quais", ENTÃO HAVERÁ A CRASE.**

Exemplos:
Esta é minha terra à qual dedico esta vitória.
(Este é meu país ao qual dedico esta vitória)

Esta é minha terra a qual trago sempre na lembrança.
(Este é meu país o qual trago sempre na lembrança)

Ouvimos uma voz igual à que Ivo fazia quando estava bêbado.
(Ouvimos um grito igual ao que Ivo fazia quando estava bêbado)

Estas são as leis às quais devemos obedecer.
(Estes são os regulamentos aos quais devemos obedecer)

Dou-lhe essas referências as quais entregará ao novo chefe.
(Dou-lhe esses documentos os quais entregará ao novo chefe)

DICAS PARA CONFIRMAR A OCORRÊNCIA DA CRASE

1. Quando se puder substituir o **"à"** pelas formas **"ao", "da"** e **"para a"** (onde fica evidente a presença tanto da preposição quanto do artigo), poderemos confirmar a ocorrência da crase.

Exemplos:
A sentença foi dada à ré.
A sentença foi dada ao réu.
Teus cabelos cheiram a rosa.
Teus cabelos cheiram a cravo.
Amanhã iremos à Bolívia.
Amanhã iremos para a Bolívia.
(Amanhã voltaremos da Bolívia.)
Viajaremos a Madri.
Viajaremos para Madri.
(Voltaremos de Madri.)
Cheguei à Bahia no domingo.
Vou para a Bahia no domingo.
(Cheguei da Bahia no domingo.)
Irei a Brasília hoje.
Irei para Brasília hoje.
(Cheguei de Brasília hoje.)

2. Não haverá a crase em expressões já cristalizadas no idioma como aquelas formadas por palavras repetidas.

Exemplos:
gota a gota, cara a cara, dia a dia, passo a passo, etc.

ALGUNS CASOS ESPECIAIS

ÀS VEZES / AS VEZES

Ocorrerá a crase somente quando **"às vezes"** for uma locução adverbial de tempo (= de vez em quando, em algumas vezes);

Exemplos:
Às vezes, os alunos consultam os dicionários.
O Flamengo, às vezes, ganha do Vasco.

Quando a expressão **"as vezes"** não trouxer o significado acima, não acontecerá a crase.
Exemplos:
Foram raras as vezes em que ela veio ao Rio.
("as vezes" é o sujeito da oração)

Em todas as vezes, ele levou os documentos. (Não há a preposição "a", por isso não ocorre a crase; temos o artigo definido plural "as")

ATÉ A / ATÉ À

Para muitos gramáticos, quando **"até"** for uma preposição, o uso do acento da crase no **"a"** que vem em seguida é facultativo. Na verdade, porém, a presença de **"até",** neste caso, torna desnecessário o uso da preposição **"a",** como igualmente acontece com outras preposições.

Exemplos:
Vou até a igreja depois do café.
Viajou para a França.
Está aqui desde as seis horas.
Chegará só após as vinte horas.

Atente para não confundir a preposição **"até"** com a partícula de inclusão (até = inclusive), em cujo emprego poderá ocorrer ou não a crase.

Exemplos:
Até (inclusive) a diretora (o diretor) compareceu à festinha dos alunos.
O rapaz se referia às colegas e até (inclusive) à amiga mais íntima (ao amigo mais íntimo).

VIII. EMPREGO DO HÍFEN

PREFIXOS MAIS USADOS:

➔ **AUTO, CONTRA, EXTRA, INFRA, INTRA, NEO, PROTO, PSEUDO, SEMI, SUPRA, ULTRA.**

Estes prefixos exigem hífen quando se juntam a palavras iniciadas por vogal, **h, r** e **s.**

Exemplos: auto-análise, auto-escola, auto-estima, auto-retrato, auto-suficiente, contra-almirante, contra-ataque, contra-reforma, contra-regra, contra-senso, extra-humano, extra-oficial, extra-regimental, extra-secular, infra-estrutura, infra-renal, infra-social, intra-ocular, intra-uterino, intra-regional, intra-setorial, neo-humanista, neo-republicano, proto-história, proto-revolucionário, pseudo-herói, pseudo-revolucionário, pseudo-sábio, semi-analfabeto, semi-reta, semi-selvagem, supra-hepático, supra-renal, supra-sumo, ultra-especial, ultra-humano, ultra-realismo, ultra-romântico, ultra-sensível, ultra-som.
Exceção: "extraordinário", não leva hífen.

➔ **ANTI, ANTE, ARQUI, SOBRE.**

Estes prefixos devem ser ligados por hífen a palavras iniciadas por **h, r** ou **s**.
Exemplos: anti-herói, anti-higiênico, anti-rábico, anti-séptico, anti-social, ante-histórico, ante-república, ante-sala, arqui-rabino, arqui-rival, arqui-sacerdote, sobre-humano, sobre-saia, sobre-ser, sobre-sinal.

➔ **INTER, HIPER, SUPER.**

Estes prefixos só exigem hífen quando se juntam a palavras que começam por **h** e **r.**
Exemplos: inter-humano, inter-regional, hiper-raivoso, hiper-hidrose, super-homem, super-rápido, super-requintado.

➔ **SUB.**

Este prefixo só exige hífen quando se associa a palavra que começa por **b** ou **r.**
Exemplos: sub-base, sub-bibliotecário, sub-região, sub-ramo, sub-reino.

ATENÇÃO PARA: **bi, tri, tetra, penta, hexa**.
Palavras com estes elementos não devem levar hífen.
Exemplos: bicampeão, bimensal, bimestral, bienal, tridimensional, trimestral, triênio, tetracampeão, tetraplégico, pentacampeão, pentágono.

Também não se deve usar o hífen após os elementos **"hidro, sócio, micro, macro, multi, mini, mega e tele".** Estes elementos sempre se juntam sem hífen à palavra agregada. Se esta começar com **"r"** ou com **"s",** teremos **"rr"** ou **"ss**".

Exemplos: hidrossanitária, sociopolítico, microempresa, minissérie, minissaia, macrorregião, megaempresa, megashow, multimídia, multirracial, multissecular, telespectador, teleducação, telecomunicação, telessala, telessexo, telessena.

Em relação ao prefixo **"hidro",** em alguns casos, há duas formas possíveis. "Hidroavião" e "hidravião", "hidroenergia" e "hidrenergia", por exemplo, são formas registradas pelo "Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa", da ABL.

Quando se junta o elemento **"mini"** a palavras que começam por **"h",** o "Formulário Ortográfico" não disciplina com clareza esse caso. Com exceção do "Houaiss", os demais dicionários também não tocam no assunto. O "Houaiss" registra: "Nos casos (...) em que o segundo elemento se iniciar por **h**, sugere-se o uso de hífen." É o que ocorre com "mini-hospital", "mini-hotel" etc.
No caso do elemento "sócio", só usamos hífen quando ele é substantivo (= de associado). **Exemplo:** sócio-gerente.

Lista das principais palavras compostas que se ligam por hífen.

ab-reptício	co-produção	mula-sem-cabeça	pró-cardíaco
ab-rogar	côncavo-convexo	navio-cargueiro	puxa-encolhe
abaixo-assinado	copo-de-leite (flor)	navio-negreiro	puxa-puxa
além-mar	corre-corre	navio-tanque	quebra-cabeça
além-túmulo	decreto-lei	ob-rogar	quebra-mola
amor-perfeito	ex-aluno	pan-americano	recém-chegado
arranha-céu	ex-prefeito	pão-de-ló	recém-nascido
baixo-relevo	ganha-perde	pára-choques	reco-reco
banho-maria	gente-de-fora	pára-lamas	ruge-ruge
bate-boca	gentil-homem	pára-quedas	salário-família
bate-bola	guarda-chuva	passa-dez	salário-minimo
bate-papo	guarda-civil	pau-de-arara	sangue-frio
belas-artes	guarda-louça	pau-para-toda-obra	sem-fim
bem-aventurado	guarda-mor	pé-de-moleque	sem-vergonha
bem-me-quer	guarda-municipal	pé-de-valsa	sempre-viva
bem-querer	guarda-noturno	pega-pega	sob-roda
bem-te-vi	leva-e-traz	pisa-mansinho	sob-rojar
bem-vindo	louva-a-deus	pisca-pisca	tico-tico
bom-dia	lugar-comum	político-econômico	treme-treme
boa-tarde	luso-brasileiro	pombo-correio	vai-volta
boa-noite	má-criação	porta-voz	verde-amarelo
bota-fora	mal-agradecido	pós-datar	vice-diretor
carro-dormitório	mal-humorado	pré-alfabetização	vice-presidente
carro-forte	mal-educado	pré-carnavalesco	vice-rei
co-autor	médico-cirúrgico	pré-datado	
co-educação	mil-folhas	prima-dona	

PRINCIPAIS PALAVRAS COMPOSTAS QUE NÃO LEVAM HÍFEM.

abdução	cologarítimo	malandança	sobrecapa
abjurar	contrabando	malcheiroso	sobreface
aguarraz	contracheque	malcriado	sobreloja
alçapão	contradança	malfeitor	sobretaxa
antecâmara	contrafé	malmequer	sobrevôo
antediluviano	contrafilé	mandachuva	subaéreo
anteontem	contramão	neoclássico	subaxilar
antepenúltimo	contraprova	neoliberal	subchefe
anteprojeto	contravento	neozelandês	subdelegado
antiaéreo	extraconjugal	oblongo	subepático
antibiótico	extracurricular	panarmônico	subestimar
anticristo	extrajudicial	pandemônio	subgerente
antiestético	extralegal	passatempo	suborizontal
antiinflacionário	extraordinário	pontapé	subumano
antiinflamatório	girassol	protofonia	suboficial
antiofídico	guardanapo	protoplasma	subsecretário
arquidiocese	hiperacidez	protozoário	subsolo
arquiduque	hiperativo	pseudofobia	subterrâneo
arquiinimigo	hipermercado	pseudopoeta	superamigo
autobiografia	hipersensível	pseudoprofeta	superatleta
autocontrole	infravermelho	reviravolta	supercondutor
autodidata	interação	rodapé	supermercado
autolotação	intercolegial	semiconsoante	supersônico
bancarrota	intercontinental	semideus	supracitado
cantochão	interestadual	semiditongo	supranatural
circumpolar	interestelar	semifinal	suprapartidário
circunscrever	interplanetário	semivogal	ultrademocrático
clarabóia	interurbano	sobalçar	ultramarino
coeficiente	intramuscular	sobestar	ultrapassagem
coessência	intrapulmonar	sobpor	ultravioleta
cohabitar	intravenoso	sobreaviso	vaivém
coirmão	madrepérola		

NOTA: a expressão **"à toa"** pode ser escrita com ou sem hífen, dependendo do seu significado:

1. à toa = "a esmo, ao acaso, sem fazer nada, em vão" (locução adverbial de modo, referindo-se ao verbo): "Passou a vida à toa"; "Anda à toa pelas ruas";

2. à-toa = "inútil, desprezível, desocupado, insignificante" (adjetivo que acompanha um substantivo): "Era uma mulher à-toa"; "Não passava de um sujeitinho à-toa".

IX. EMPREGO DAS INICIAIS MAIÚSCULAS.

Emprega-se a letra inicial maiúscula nos seguintes casos:

a) nos substantivos próprios (nomes de pessoas, topônimos, denominações religiosas e políticas, nomes sagrados e ligados a religiões, entidades mitológicas e astronômicas);
Exemplos: Eduardo, Clara; Ricardo, Coração de Leão; Catarina, a Grande; Rio de Janeiro, São Paulo, Pernambuco; oceano Atlântico, lago Paraná; Igreja Católica Apostólica Romana, Igreja Ortodoxa Russa; Partido dos Trabalhadores, União Democrática Nacional; Deus, Cristo, Buda, Alá; Apolo, Zeus, Afrodite; Terra, Via Láctea, etc.

b) no início de períodos, versos ou citação direta;
Exemplos:
"A AFINIDADE não é o mais brilhante, mas o mais sutil, delicado e penetrante dos sentimentos. O mais independente. Não importa o tempo, a ausência, os adiamentos, as distâncias, as impossibilidades. Quando há AFINIDADE, qualquer reencontro retoma a relação, o diálogo, a conversa, o afeto, no exato ponto em que foi interrompido." (Arthur da Távola)

"Amor é um fogo que arde sem se ver;
É ferida que dói e não se sente;
É um contentamento descontente;
É dor que desatina sem doer;"
(Camões)

Disse Arthur da Távola: "A educação não é finalidade específica da televisão. A educação cabe à escola. A televisão é um eletrodoméstico do século XX, que entre outras finalidades e vocação pode ter - em parte - a educativa".

Observação: No começo de versos que não iniciam período, usa-se normalmente a letra minúscula, como se observa em Cecília Meireles:
"Vive como em sonho,
antes de nascido,
quando a vida e a morte
estavam consigo."

c) nos nomes de períodos históricos, festas religiosas ou datas e fatos políticos importantes;
Exemplos: Idade Média, Renascimento, Natal, Páscoa, Ressurreição de Cristo, Dia do Trabalho, Dia das Mães, Independência do Brasil, Proclamação da República, etc.;

d) nos nomes de logradouros públicos (avenidas, ruas, travessas, praças, largos, viadutos, pontes, etc.);
Exemplos: Avenida Paulista, Rua do Ouvidor, Travessa do Comércio, Praça da República, Largo do Arouche, Viaduto da Liberdade, Ponte Eusébio Matoso, etc.;

e) nos nomes de repartições públicas, agremiações culturais ou esportivas, edifícios e empresas públicas ou privadas;
Exemplos: Ministério da Educação, Delegacia do Trabalho; Academia Brasileira de Letras, Clube de Regatas Vasco da Gama; Edifício Itália, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Editora Melhoramentos, etc.;

f) nos títulos de livros, periódicos, produções artísticas, literárias e científicas;
Exemplos: Grande Sertão: Veredas (de Guimarães Rosa), Veja; Jornal da Tarde ; O Pensador (de Rodin), Os Girassóis (de Van Gogh); O Noviço (de Martins Penna); A Origem das Espécies (de Charles Darwin) etc.;

g) nos nomes de escolas em geral;
Exemplos: Escola Técnica Industrial de São Gonçalo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, Escola de Arte Dramática Cacilda Becker, Universidade Federal do Rio de Janeiro, etc.;

h) nos nomes dos pontos cardeais quando indicam regiões;
Exemplos: os povos do Oriente, o falar do Norte, os mares do Sul, a vegetação do Oeste, etc.;

Observação: Os nomes dos pontos cardeais são grafados com a inicial minúscula quando indicam apenas direções ou limites geográficos;
exemplos: ao sul de Minas Gerais; de norte a sul; de leste a oeste.

i) nas expressões de tratamento;
Exemplos: Vossa Alteza, Vossa Majestade, Vossa Santidade, Vossa Excelência, Vossa Senhoria, Magnífico Reitor, Sr. Diretor, Sra. Coordenadora, etc.;

j) nos nomes comuns sempre que personificados ou individualizados;
Exemplos: o Amor, o Ódio, a Virtude, a Morte, o Lobo, o Cordeiro, a Cigarra, a Formiga, a Capital, a República, a Transamazônica, a Indústria, o Comércio, etc.

X. FIGURAS E VÍCIOS DE LINGUAGEM

FIGURAS DE LINGUAGEM

AMBIGÜIDADE: palavras com duplo sentido.
Manuel Bandeira, poeta maior, escreveu um texto chamado "Poema só para Jayme Ovalle". Para um poema cujo tema é essencialmente a solidão, o título é intencionalmente ambíguo. No poema de Bandeira, **"só"** pode referir-se a "poema" ("poema solitário", por exemplo) ou a "Jayme Ovalle" ("poema feito exclusivamente para Jayme Ovalle", por exemplo).

É importante também destacar o papel da pontuação. Compare a frase "Só você não conseguirá a resposta" com "Só, você não conseguirá a resposta". Parecem iguais. As palavras são as mesmas, a ordem das palavras é a mesma, mas a vírgula faz a diferença.

Na primeira, "só" significa "apenas"; na segunda, "sozinho/a".

Vale lembrar a expressão "a sós", invariável: "Quero ficar a sós"; "Queremos ficar a sós"; "Ele quer ficar a sós"; "Eles querem ficar a sós".

Não faça confusão. Quando "só" significa "sozinho/a", varia, ou seja, tem singular e plural. Quando significa "somente, apenas", não varia, não tem plural. E a expressão "a sós" é fixa, invariável.

Outros exemplos de frases ambíguas:

"Encontrei seu diretor e resolvemos fazer uma reunião em seu escritório às 15h." (O escritório era da pessoa com quem se estava falando ou do chefe dela?)

Ao saber que um sobrinho havia levado uma mordida, minha mulher perguntou: "Afinal, quem mordeu o Pedro?" A resposta foi imediata: "Foi a cachorra da namorada do João neurótica."
(Quem mordeu o Pedro foi:
1. a cachorra, que é neurótica e pertence à namorada do João?
2. a cachorra, que pertence à namorada neurótica do João?
3. a namorada do João, que, além de ser uma "cachorra", é uma neurótica?)

ANACOLUTO: ruptura da ordem lógica da frase. É um recurso muito utilizado nos diálogos, que procuram reproduzir na escrita a língua falada. Também permite a caracterização de estados de confusão mental.
Exemplo:
"Deixe-me ver... É necessário começar por... Não, não, o melhor é tentar novamente o que foi feito ontem."

ANÁFORA: repetição sistemática de termos ou de estruturas sintáticas no princípio de diferentes frases ou de membros da mesma frase. É um recurso de ênfase e coesão.
Exemplo:
Vi uma estrela tão alta,
Vi uma estrela tão fria!
Vi uma estrela luzindo
Na minha vida vazia.
(Manuel Bandeira)

ANTÍTESE: aproximação de palavras de sentidos opostos.
Exemplos:
Na ofuscante CLARIDADE daquela manhã, pensamentos SOMBRIOS o perturbavam.

ASSÍNDETO: é a coordenação de termos ou orações sem utilização de conectivo. Esse recurso costuma imprimir lentidão ao ritmo narrativo.
Exemplo:
"Foi apanhar gravetos, trouxe do chiqueiro das cabras uma braçada de madeira meio ruida pelo cupim, arrancou touceiras de macambira, arrumou tudo para a fogueira." (Graciliano Ramos)

CATACRESE: palavra que perdeu o sentido original.
Exemplos:
salário (= pagamento que era feito em sal)
secretária (= móvel em que se guardavam segredos)
azulejos (= ladrilhos azuis)

ELIPSE: omissão de um ou mais termos de uma oração, o qual se subentende, se presume.
Exemplos:
Ao redor, bons pastos, boa gente, terra boa para se plantar.
(Omissão do verbo HAVER)

Na memorável "Canto triste" (música de Edu Lobo e letra de Vinicius de Moraes), há um belo exemplo de elipse: "Onde a minha namorada? Vai e diz a ela as minhas penas e que eu peço, peço apenas que ela lembre as nossas horas de poesia...". No trecho "Onde a minha namorada?", está subentendido um verbo ("está", "anda" etc.). É bom lembrar que existe um caso específico de elipse, que alguns preferem chamar de **"zeugma".** Trata-se da omissão de termo já citado na frase. É o caso, por exemplo, de "Ele primeiro foi ao cinema, depois, ao teatro". Em "depois, ao teatro", não se repetiu a forma verbal "foi", expressa na primeira oração ("Ele primeiro foi ao cinema").

Há um caso específico de **zeugma,** que ocorre quando a palavra omitida tem flexão diferente da que se verifica no termo expresso anteriormente. É o caso, por exemplo, de "Eu trabalho com fatos; você, com boatos". Que palavra está subentendida? É a forma verbal "trabalha", flexionada na terceira pessoa do singular e deduzida de "trabalho", da primeira pessoa do singular do presente do indicativo de "trabalhar". Esse caso de **zeugma** é chamado por alguns de **"zeugma complexa"** (ou **"zeugma complexo",** já que, para alguns dicionários, a palavra **"zeugma"** é masculina, mas, para outros, feminina; há ainda os que a consideram palavra de dois gêneros, isto é, que pode ser usada indiferentemente no masculino ou no feminino).

EUFEMISMO: o Dicionário "Houaiss" diz que é "palavra, locução ou acepção mais agradável, de que se lança mão para suavizar ou minimizar (...) outra palavra, locução ou acepção menos agradável, mais grosseira...". O "Aurélio" diz que é "ato de suavizar a expressão duma idéia substituindo a palavra ou expressão própria por outra mais agradável, mais polida".

Exemplos:
Ontem, Osvaldo partiu dessa pra melhor (em vez de "morreu")
Este trabalho poderia ser melhor (em vez de "está ruim").

Às vezes, a suavização é feita de um jeito todo particular: pela negação do contrário. Para que não se diga, por exemplo, que determinado indivíduo é burro, diz-se que é pouco inteligente, ou simplesmente que não é inteligente. Esse caso, que contém forte dose de ironia, chama-se "litotes". É bom que se diga que com a litotes não necessariamente se suaviza. Para que se diga que uma pessoa é inteligente, pode-se dizer que não é burra: "Seu primo não é nada burro". Em suma, a litotes é "modo de afirmação por meio da negação do contrário", como define o "Aurélio".

HIPÉRBOLE: é bom observar que no extremo oposto do eufemismo está a "hipérbole". Se com aquele suavizamos, atenuamos, abrandamos, com esta aumentamos, enfatizamos, exageramos.

Exemplos:
Eu já disse um milhão de vezes que não fui eu quem fez isso!
Ela morreu de medo ao assistir aquele filme de suspense.
Hoje está um frio de rachar!
Aquela mãe derramou rios de lágrimas quando seu filho foi preso.
Não convide o João para sua festa, porque ele come até explodir!
Os atletas chegaram MORRENDO DE SEDE.

GALICISMO ou FRANCESISMO : palavra ou expressão francesa usada na língua portuguesa ou em outra língua qualquer.

Exemplos:
vitrine (por vitrina, espécie de caixa com tampa envidraçada, ou armário com vidraça móvel, onde se guardam objetos expostos à venda ou a serem vistos; fetiche (por feitiço); gauche (por desajeitado); ter lugar (por realizar-se); fazer um passeio (por dar um passeio).

GRADAÇÃO: consiste em encadear palavras cujos significados têm efeito cumulativo.

Exemplo:
Os grandes projetos de colonização resultaram em pilhas de papéis velhos, restos de obras inacabadas, hectares de floresta devastada, milhares de famílias abandonadas à própria sorte.

HIBRIDISMO: em língua portuguesa, significa palavras em cuja formação entram elementos de idiomas diferentes.

Exemplos:
"Biologia" - bio (vem do latim e significa vida) + logia (vem do grego e significa estudo ou ciência): ciência que estuda a vida. Em "automóvel", por exemplo, temos o elemento grego "auto" associado a "móvel", que vem do latim. Em "sociologia", temos "socio", do latim, e "logia", do grego.

Em "burocracia", temos "buro", do francês "bureau", que significa "escritório", "repartição", e "cracia", que vem do grego e significa "poder", "autoridade". A burocracia nada mais é do que o poder de quem mexe com papéis.

Repetindo: o processo pelo qual se formam palavras pela união de elementos de línguas diferentes chama-se "hibridismo". São também híbridas palavras como "televisão" (soma do grego "tele", que significa "longe", "distante", com "visão", que vem do latim); "abreugrafia" (que vem de "Abreu", sobrenome do médico brasileiro que criou determinado processo radioscópico, e "grafia", elemento grego, que significa "descrição", "escrita"); "pitangueira" (soma de "pitanga", que vem do tupi, com o sufixo latino "eiro/a"); "sambódromo", que reúne "samba", de origem africana, e "dromo", do grego ("lugar em que se corre"). Quando se pensa que "sambódromo" é formada por um elemento africano e outro grego, mas só faz sentido no português do Brasil, entende-se por que língua e cultura são elementos indissociáveis.

HIPÉRBATO: é a inversão da ordem natural das palavras.

Exemplo:
"De tudo, ao meu amor serei atento antes" (ordem indireta ou inversa)
Em vez de "Serei atento ao meu amor antes de tudo" (ordem direta)

IRONIA: consiste em, aproveitando-se do contexto, utilizar palavras que devem ser compreendidas no sentido oposto do que aparentam transmitir. É um poderoso instrumento para o sarcasmo.

Exemplo:
Muito competente aquele candidato! Construiu viadutos que ligam nenhum lugar a lugar algum.

METÁFORA: palavra empregada fora de seu sentido real, literal, denotativo.

Exemplos:
Eliana não SE DOBROU às desculpas do namorado que a deixou esperando por uma hora.
Ontem à noite choveu CANIVETES!

Na base de toda metáfora está um processo comparativo:
Senti a seda do seu rosto em meus dedos.
(Seda, na frase acima, é uma metáfora. Por trás do uso dessa palavra para indicar uma pele extremamente agradável ao tato, há várias operações de comparação: a pele descrita é tão agradável ao tato quanto a seda; a pele descrita é uma verdadeira seda; a pele descrita pode ser chamada seda.)

METONÍMIA: ocorre quando uma palavra é usada para designar alguma coisa com a qual mantém uma relação de proximidade ou posse.

Exemplo:
Meus olhos estão tristes por que você decidiu partir.
(Olhos, na frase acima, é uma metonímia. Na verdade, essa palavra, que indica uma parte do ser humano, esta sendo usada para designar o ser humano completo.)

ONOMATOPÉIA: emprego de palavras apropriadas na tentativa de se imitar o som de alguma coisa.

Exemplos:
Não conseguia dormir com o TIC-TAC do relógio da sala.

"Lá vem o vaqueiro pelos atalhos, tangendo as reses para os currais. Blem... blem... blem... cantam os chocalhos dos tristes bodes patriarcais. E os guizos finos das ovelhinhas ternas dím... dím... dím... E o sino da igreja velha: bão... bão... bão..." (Ascenso Ferreira)

PERÍFRASE: uso de um dos atributos de um ser ou coisa que servirá para indicá-lo.

Exemplos:
Na floresta, todos sabem quem é o REI DOS ANIMAIS. (REI DOS ANIMAIS = LEÃO)
A CIDADE MARAVILHOSA torce para um dia sediar os Jogos Olímpicos.
(CIDADE MARAVILHOSA = RIO DE JANEIRO)

PLEONASMO: repetição de um termo da oração para se dar ênfase a ele.

Exemplos:
A MIM só me restou a esperança de dias melhores.

Casos de pleonasmos considerados estilísticos:
Camões, em "Os Lusíadas", escreveu "De ambos os dous a fronte coroada". (Esta frase está na ordem inversa. Na ordem direta seria "A fronte de ambos os dous coroada." E "dous" é uma forma, hoje em desuso, equivalente a "dois".

Observação: A palavra "ambos" é da mesma família das palavras "ambivalente", "ambidestro", "ambívio" ("encruzilhada"), "ambígeno" ("proveniente de duas espécies diversas") etc.

"Ver com os próprios olhos". É óbvio que ninguém vê com as orelhas, nem vê com os olhos de outra pessoa. Mas essa combinação é aceita justamente por ser considerada expressiva, sobretudo pela palavra "próprios": "Vi com meus próprios olhos."

Um outro bom exemplo de pleonasmo consagrado é "abismo sem fundo". Pouquíssimas pessoas sabem que, na origem, a palavra "abismo" significa "sem fundo". Ao pé da letra, "abismo" é "lugar sem fundo".

Quando se perde a noção da origem de uma palavra, é natural que ocorram ligeiras mudanças em seu significado, o que justifica certos pleonasmos, como o de "abismo sem fundo". Afinal, hoje em dia, o sentido corrente de "abismo" não é de "lugar sem fundo" e sim de "lugar muito fundo".

Convém lembrar que existe a forma paralela "abisso", hoje pouco usada. É dela que se forma o adjetivo "abissal". Apesar de o substantivo "abisso" estar fora de moda, o adjetivo "abissal" é mais usado que "abismal": "A ignorância dele é abissal/abismal." Ambas as formas são corretas e equivalentes.

POLISSEMIA: é a propriedade que tem a mesma palavra de assumir significados diferentes.

Exemplos:
Lúcia bateu a porta. (fechou)
Roberto bateu o carro. (trombou)
Meu coração bate rápido. (pulsa)

Em uma propaganda da Bradesco Seguros de automóveis vemos, na foto, um pincel de barbeiro, usado para espalhar o creme de barbear no rosto do cliente, e a legenda: "Esta cidade está cheia de barbeiros" (alusão aos maus motoristas)

POLISSÍNDETO: é o uso repetido da conjunção (do conectivo), entre elementos coordenados. Esse recurso costuma acelerar o ritmo narrativo.

Exemplos:
"O amor que a exalta e a pede e a chama e a implora."
(Machado de Assis)
"No aconchego
Do claustro, na paciência e no sossego
Trabalhe, e teima, e lima, e sofre, e sua!"
(Olavo Bilac)

PROSOPOPÉIA ou PERSONIFICAÇÃO (ou ainda **METAGOGE**): consiste em atribuir características de seres animados a seres inanimados ou características humanas a seres não-humanos.

Exemplos:
"A floresta gesticulava nervosamente diante do lago que a devorava. O ipê acenava- lhe brandamente, chamando-o para casa."
As estrelas sorriem quando você também sorri.

SILEPSE: Figura pela qual a concordância das palavras se faz de acordo com o sentido, e não segundo as regras da sintaxe. A Silepse pode ser de pessoa, número ou gênero.

Exemplos:
"Os brasileiros somos roubados todos os dias." Quem diz ou escreve a frase dessa forma põe o verbo na primeira pessoa do plural para deixar claro que é brasileiro e é roubado. Nessa frase, por exemplo, a concordância não foi feita com "os brasileiros", mas com o sentido, com a idéia que se quer enfatizar. É claro que teria sido possível empregar a forma "são" ("Os brasileiros são roubados..."), no entanto, o enfoque mudaria completamente.

No exemplo anterior, ocorre silepse de pessoa, já que se trocou a terceira pessoa pela primeira. A de número ocorre quando se troca o singular pelo plural (ou vice-versa), como se vê neste exemplo: "A turma chegou cedo, mas, depois que foi dado o aviso de que o professor se atrasaria, desistiram de esperar e foram embora". Nessa frase, as formas verbais "desistiram" e "foram" se referem ao termo "turma", mas não concordam com a forma dessa palavra (singular), e sim com a idéia contida em seu significado ("alunos", no caso). A silepse de número é comum com o vocativo representado por coletivo, seguido de verbo no plural: "Turma, turma, venham". De novo, o verbo ("venham") não concorda com a palavra "turma", mas com sua idéia.

A silepse é de gênero quando se troca o masculino pelo feminino (ou vice-versa). Em "São Paulo está assustadíssima com a brutalidade", exemplo clássico, o adjetivo "assustadíssima", no feminino, não concorda com "São Paulo", nome de santo, masculino, mas com "cidade", palavra que não foi dita ou escrita. O mesmo processo se dá quando se diz "Porto Alegre é linda". "Porto" é palavra masculina, mas a concordância de "linda" também se dá com "cidade". Em certos casos, ocorrem, simultaneamente, a silepse de gênero e a de número, como se vê neste exemplo, transcrito do "Dicionário Houaiss": "Que será de nós, com a bandidagem podendo andar soltos por aí". Na frase, o adjetivo "soltos" não concorda com a forma singular e feminina da palavra "bandidagem", mas com sua idéia ("os bandidos").

Observação: É bom lembrar que a Silepse também é chamada de "concordância ideológica".

SINESTESIA: aproximação de sensações diferentes.

Exemplos:
Naquele momento, sentiu um CHEIRO VERMELHO de ódio.
(CHEIRO, olfato - VERMELHO, visão)

ZEUGMA: omissão de um ou mais elementos de uma oração, mas que já foram mencionados em outra. Ver **ELIPSE**.

VÍCIOS DE LINGUAGEM

BARBARISMO: é o emprego de vocábulos, expressões e construções alheias ao idioma. Os estrangeirismos que entram no idioma por um processo natural de assimilação de cultura assumem aspecto de sentimento político-patriótico que, aos olhos dos puristas extremados, trazem o selo da subserviência e da degradação do país. Esquecem-se de que a língua, como produto social, registra, em tais estrangeirismos, os contactos de povos. Este tipo de patriotismo lingüístico (Leo Spitzer lhe dava pejorativamente o nome de "patriotite") é antigo e revela reflexos de antigas dissensões históricas. Bréal lembra que os filólogos gregos que baniam os vocábulos turcos do léxico continuavam, à sua moda, a guerra da independência. Entre nós o repúdio ao francesismo ou galicismo nasceu da repulsa, aliás, justa, dos portugueses aos excessos dos soldados de Juno quando Napoleão ordenou a invasão de Portugal. O que se deve combater é o excesso de importação de línguas estrangeiras, mormente aquela desnecessária por se encontrarem no vernáculo vocábulos equivalentes.

CACÓFATO : palavra de origem grega que significa "mau som", RESULTANTE DA aproximação das sílabas finais de uma palavra com as iniciais de outra, formando uma terceira de "som desagradável".

Exemplos:
Durante a Olimpíada de Atlanta, um repórter afirmou com muita ênfase: "Até hoje, o atletismo era o esporte que havia dado mais medalhas para o Brasil."
Na transmissão do jogo Brasil x Coréia, ouviu-se: "Flávio Conceição pediu a bola e Cafu deu."

Cacófatos mais conhecidos:
"Uma prima minha...", "Na boca dela...", "Na vez passada...", "Eu vi ela...", "Teu time nunca ganha", entre outros.

Segundo o gramático e filólogo Napoleão Mendes de Almeida "Só haverá cacofonia quando a palavra produzida for torpe, obscena ou ridícula. É infundado o exagerado escrúpulo de quem diz haver cacófato em 'por cada', 'ela tinha' e 'só linha'." No mesmo caso podemos incluir "uma mão" e "já tinha".

No meio empresarial, corre uma história muito curiosa. Dizem que uma engenheira química, durante visita a uma indústria, recebeu a seguinte pergunta: "Que a senhora faria se este problema ocorresse em sua fábrica?" Ela respondeu secamente: "Eu mandaria um químico meu." A resposta causou constrangimento. Todos disfarçaram e continuaram a reunião. Lá pelas tantas, nova pergunta: "E neste caso?" Nova resposta: "Eu mandaria um outro químico meu." Foram tantos "químico meu" que um diretor mais preocupado perguntou: "Mas...foi a fábrica toda?" Ela deve ter voltado para casa sem saber o porquê de tanto sucesso.

REDUNDÂNCIA: palavra ou expressão desnecessária, por indicar idéia que já faz parte de outra passagem do texto.

Exemplos:
Você sabe o que significa "elo"? Além de sinônimo de argola, figurativamente elo pode significar "ligação, união". Então "elo de ligação" é outro belíssimo caso de redundância. Basta dizer que alguma coisa funciona como elo, e não que funciona como "elo de ligação".

O mesmo raciocínio se aplica em casos como o de "criar mil novos empregos". Pura redundância. Basta dizer "criar mil empregos".

Se é consenso, é geral. É redundante dizer "Há consenso geral em relação a isso". Basta dizer que há consenso.

Prefiro mais é errado. A força do prefixo (pre) dispensa o advérbio (mais). Diga sempre: prefiro sair sozinha; prefiro comer carne branca. Nada mais!

Outros exemplos de redundância:
"Acabamento final" (O acabamento vem no fim mesmo)
"Criar novas teorias" (O que se cria é necessariamente novo)
"Derradeira última esperança" (Derradeira é sinônimo de última)
"Ele vai escrever a sua própria autobiografia" (Autobiografia é a biografia de si mesmo)
"Houve contatos bilaterais entre as duas partes" (Basta: "bilaterais entre as partes")
"O nível escolar dos alunos está se degenerando para pior" (É impossível degenerar para melhor)
"O concurso foi antecipado para antes da data marcada" (Será que dá para antecipar para depois?)
"Ganhe inteiramente grátis" (Se ganhar só pode ser grátis, imagine inteiramente grátis. Parece que alguém pode ganhar alguma coisa parcialmente grátis)
"Por decisão unânime de toda a diretoria" (Boa foi a decisão unânime só da metade da diretoria!)
"O juiz deferiu favoravelmente" (Se não fosse favoravelmente, o juiz tinha indeferido)
"Não perca neste fim de ano, as previsões para o futuro" (Ainda estamos para ver as previsões para o passado!)

SOLECISMO: colocação inadequada de algum termo, contrariando as regras da norma culta em relação à sintaxe (parte da gramática que trata da disposição das palavras na frase e das frases no período).

Exemplos:
Me esqueci (em lugar de: Esqueci-me).
Não falou-me sobre o assunto (em lugar de: Não me falou sobre o assunto)
Eu lhe abracei (por: Eu o abracei)
A gente vamos (por: A gente vai)
Tu fostes (por: Tu foste)

ALGUMAS MANEIRAS DE FALAR OU ESCREVER ERRADO

A **TAUTOLOGIA** é um dos vícios de linguagem que consiste em dizer ou escrever a mesma coisa, por formas diversas, meio parecida com pleonasmo ou redundância.

É um artifício de linguagem que, raramente, até fica enfático no corpo do texto. Nos processos policiais, certidões e escrituras, além dos milhares de erros cometidos, é muito comum o vicio de repetir com outras palavras o que está fartamente explícito .

Observe a lista abaixo. Se vir alguma que já usou, procure não utilizar mais.

- Habitat natural;	- Criar novos empregos;
- Certeza absoluta;	- Retornar de novo;
- Número exato;	- Freqüentar constantemente;
- Quantia exata;	- Empréstimo temporário;
- Sugiro, conjecturalmente;	- Compartilhar conosco;
- Nos dias , e inclusive;	- Surpresa inesperada;
- Como prêmio extra;	- Completamente vazio;
- Juntamente com;	- Colocar algo em seu respectivo lugar;
- Em caráter esporádico;	- Escolha opcional;
- Expressamente proibido;	- Continua a permanecer;
- Terminantemente proibido;	- Passatempo passageiro;
- Em duas metades iguais;	- Atrás da retaguarda;
- Destaque excepcional;	- Planejar antecipadamente;
- Sintomas indicativos;	- Repetir outra vez / de novo;
- Há anos atrás;	- Sentido significativo;
- Vereador da cidade;	- Voltar atrás;
- Outra alternativa;	- Abertura inaugural;
- Detalhes minuciosos / pequenos detalhes;	- Pode possivelmente ocorrer;
- A razão é porque;	- A partir de agora;
- Interromper de uma vez;	- Última versão definitiva;
- Anexo (a) junto a carta;	- Obra-prima principal;
- De sua livre escolha;	- Gritar/ Bradar bem alto;
- Superávit positivo;	- Propriedade característica;
- Vandalismo criminoso;	- Comparecer em pessoa;
- Palavra de honra;	- Colaborar com uma ajuda / auxílio;
- Conviver junto;	- Matriz cambiante;
- Exultar de alegria;	- Com absoluta correção/ exatidão;
- Encarar de frente;	- Demasiadamente excessivo;
- Comprovadamente certo;	- Individualidade inigualável;
- Fato real;	- A seu critério pessoal;
- Multidão de pessoas;	- Abusar demais;
- Amanhecer o dia;	- Exceder em muito;
- Almirante da Marinha;	- Preconceito intolerante;
(Só existem almirantes na Marinha)	- Medidas extremas de último caso;
- Manter o mesmo time;	- De comum acordo;

- Labaredas de fogo; - Erário público; (Os dicionarios ensinam que erário é o tesouro público, por isso, basta dizer somente erário) - Despesas com gastos; - Monopólio exclusivo; - Ganhar grátis; - Países do mundo; - Viúva do falecido; - Expectativas, planos ou perspectivas para o futuro.	- Inovação recente; - Velha tradição; - Beco sem saída; - Discussão tensa; - Imprensa escrita; - Sua autobiografia; - Sorriso nos lábios; - Goteira no teto; - General do Exército; (Só existem generais no Exército) - Brigadeiro da Aeronáutica; (Só existem brigadeiros na Aeronáutica)

XI. FORMAÇÃO DO PLURAL

REGRAS BÁSICAS

Em substantivos simples, acrescenta-se a desinência **"-s"** aos substantivos terminados em vogal, ditongo oral ou ditongo nasal **"ãe":** casa/casas, peru/perus, pai/pais, lei/leis, herói/heróis, réu/réus, troféu/troféus, fogaréu/fogaréus, degrau/degraus, grau/graus, sarau/saraus, bacalhau/ bacalhaus, maçã/maçãs, mãe/mães...

Observação :

Atente para as formas "avôs" (o avô materno e o paterno) e "avós" (casal formado por avô e avó, ou plural de avó; também indica os antepassados de um modo geral).

A maioria dos substantivos terminados em **"-ão"** forma o plural substituindo essa terminação por **"-ões"** (incluem-se nesse grupo os aumentativos): balão/balões, eleição/eleições, leão/leões, sabichão/sabichões, coração/corações, vozeirão/vozeirões...

Os paroxítonos terminados em **"-ão"** e alguns poucos oxítonos e monossílabos formam o plural pelo simples acréscimo de **"s":** sótão/sótãos, cidadão/cidadãos, chão/chãos, bênção/bênçãos, cristão/cristãos, grão/grãos, órfão/órfãos, irmão/irmãos, mão/mãos...

Alguns substantivos terminados em **"-ão"** formam o plural substituindo essa terminação por **"-ães":** alemão/alemães, capitão/capitães, pão/pães, cão/cães, charlatão/charlatães, sacristão/sacristães, capelão/capelães, escrivão/escrivães, tabelião/tabeliães...

Em alguns casos, há mais do que uma forma aceitável para esses plurais. A tendência da língua portuguesa atual do Brasil é utilizar a forma de plural em **"-ões":**

guardião - guardiões, guardiães;
verão - verões, verãos;
anão - anões, anãos;
cirurgião - cirurgiões, cirurgiães;
corrimão - corrimões, corrimãos;
vilão - vilões, vilãos;
ancião - anciões, anciães, anciãos;
ermitão - ermitões, ermitães, ermitãos;
zangão (substantivo masculino de abelha) zangãos, zangões; que pode ser pronunciada também de duas maneiras: zangão ou zângão (acento colocado para mostrar a pronúncia).

Observação:

ARTESÃOS/ARTESÕES

Quando se refere ao indivíduo que tem por ofício as artes que dependem de habilidade manual, o feminino é "artesã", e o plural é "artesãos". No entanto, a palavra "artesão" também se usa em arquitetura, com o sentido de "adorno que se coloca entre molduras em abóbadas e tetos". Neste caso, o plural é "artesões". Disso se conclui que é possível dizer que "os artesões de determinada igreja foram produzidos por famosos artesãos".

Acrescenta-se a desinência **"-s"** aos substantivos terminados em **"-m".** Essa letra é substituída por **"-n"** na forma do plural: homem/homens, jardim/jardins, som/sons, atum/atuns...

Os substantivos terminados em **"-r"** e **"-z"** formam o plural com o acréscimo **de "-es":** mar/mares, açúcar/açúcares, hambúrguer/hambúrgueres, flor/flores, repórter/repórteres, revólver/revólveres; raiz/raízes, rapaz/rapazes, cruz/cruzes...

Observação:
No caso do plural das palavras "júnior", "sênior" e "caráter", além de acrescentar **"es",** devemos observar a mudança da posição da sílaba tônica: "juni ô res", "seni ô res", "carac té res" (devemos escrever essas palavras sem acento, mas pronunciar com a sílaba tônica nas vogais aqui acentuadas.).

Os substantivos terminados em **"-s"** formam o plural com acréscimo de **"-es";** quando paroxítonos ou proparoxítonos, são invariáveis - o que faz com que a indicação de número passe a depender de um artigo ou outro determinante: gás/gases, obus/obuses, um lápis/dois lápis, mês/meses, o atlas/os atlas, algum ônibus/vários ônibus, país/países, o pires/os pires, o vírus/os vírus...

Os substantivos terminados em **"-al, -el, -ol e -ul"** formam o plural pela transformação do **"-l"** dessas terminações em **"-is":** animal/animais, canal/canais, vogal/vogais, igual/iguais, anel/anéis, pastel/pastéis, álcool/álcoois, anzol/anzóis...

Observação:
O plural de "mal" (males) e de "cônsul" (cônsules) é uma exceção à regra das palavras terminadas em **"l".** Já "mel" admite dois plurais: "meles" ou "méis". Os dicionários e as gramáticas afirmam que "gol" também admite dois plurais: "gois" (com o **"o"** fechado, como o de bois) e "goles" (com o "o" também fechado); exemplo: Ronaldinho fez três goles (ou gois) numa só partida. No entanto, a forma irregular "gols" é a que tem predominado na imprensa em geral.

Os substantivos oxítonos terminados em **"-il"** trocam o **"-l"** pelo **"-s";** os paroxítonos trocam essa terminação por **"-eis":** barril/barris, ardil/ardis, funil/funis, fuzil/fuzis, fóssil/fósseis, projétil/projéteis, réptil/répteis...

Além das formas paroxítonas apresentadas acima, existem as formas oxítonas "projetil" e "reptil", que fazem os plurais "projetis" e "reptis", oxítonos.

Os substantivos terminados em **"-n"** formam o plural pelo acréscimo de **"-s"** ou **"-es":** abdômen/abdomens ou abdômenes, gérmen/germens ou gérmenes, hífen/hifens ou hífenes, líquen/liquens ou líquenes...

No português do Brasil, há acentuada tendência para o uso das formas obtidas pelo acréscimo de **"-s".** Observe que, quando paroxítonas, essas formas de plural não recebem acento gráfico.
Destaque-se cânon, cujo plural é a forma cânones.

Os substantivos terminados em **"-x"** são invariáveis; a indicação de número depende da concordância com algum determinante: o tórax/os tórax, um climax/alguns climax, uma (ou um) xerox/duas (ou dois) xerox...

Existem alguns substantivos terminados em **"-x"** que apresentam formas variantes terminadas em **"-ce";** nesses casos, deve-se utilizar a forma plural da variante: o cálix ou cálice/ os cálices, o códex ou códice/ os códices...

Os diminutivos com o sufixo **"-zinho"** (e mais raramente **"-zito")** fazem o plural da seguinte forma: o plural da palavra original sem o **"s"** + o plural do sufixo (-**zinhos** ou -**zitos).**

Exemplos:
botão + zinho (botõe + zinhos = botõezinhos)
balão + zinho (balõe + zinhos = balõezinhos)
pão + zinho (pãe + zinhos = pãezinhos)
papel + zinho (papei + zinhos = papeizinhos)
anzol + zinho (anzoi + zinhos = anzoizinhos)
colar + zinho (colare + zinhos = colarezinhos)
flor + zinha (flore + zinhas = florezinhas)

Observações:
No caso de diminutivos formados a partir de substantivos terminados em **"-r",** existe acentuada tendência na língua atual do Brasil para limitar-se o plural à terminação da forma derivada: colarzinho/colarzinhos, florzinha/florzinhas, mulherzinha/mulherzinhas. Essa forma de plural, no entanto, é repudiada pela norma culta.

No caso das palavras luzinha e cruzinha, o sufixo para o diminutivo é **"inho"** (a letra **"z"** pertence à raiz da palavra). Não se aplica, portanto, a regra acima. Basta pôr a desinência **"s":** luzinhas e cruzinhas.

METAFONIA

Existem muitos substantivos cuja formação do plural não se manifesta apenas por meio de modificações morfológicas, mas também implica alteração fonológica. Nesses casos, ocorre um fenômeno chamado metafonia, ou seja, a mudança de som entre uma forma e outra.

Trata-se da alternância do timbre da vogal, que é fechado na forma do singular e aberto na forma do plural. Observe os pares abaixo:

singular (ô)	- plural (ó)
aposto	apostos
caroço	caroços
corno	cornos
corpo	corpos
corvo	corvos
esforço	esforços
fogo	fogos
imposto	impostos
miolo	miolos
osso	ossos
poço	poços
porto	portos
povo	povos
socorro	socorros
forno	fornos
jogo	jogos
olho	olhos
ovo	ovos
porco	porcos
posto	postos
reforço	reforços
tijolo	tijolos

É importante que você atente na pronúncia culta desses plurais quando estiver utilizando a língua falada em situações formais.

PLURAL DE PALAVRAS COMPOSTAS

A formação do plural dos substantivos compostos depende da forma como são grafados, do tipo de palavras que formam o composto e da relação que estabelecem entre si. Aqueles que são grafados ligadamente (sem hífen) Comportam-se como os substantivos simples: aguardente/aguardentes, girassol/girassóis, pontapé/pontapés...

Nesse sentido, para fazer o plural de uma palavra composta, é preciso antes verificar em que classe gramatical ela se encaixa. Basicamente, uma palavra composta pode ser um substantivo ou um adjetivo. No caso de "pombo-correio", por exemplo, temos um substantivo composto. Afinal, "pombo-correio" é nome de algo. Se é nome, é substantivo.

O segundo passo é verificar a classe gramatical de cada elemento formador da palavra composta. No caso de "pombo-correio", tanto "pombo" quanto "correio" são substantivos. Dizem as gramáticas que, quando o segundo substantivo indica idéia de semelhança ou finalidade em relação ao primeiro, há duas possibilidades de plural: variam os dois ou varia só o primeiro. "Pombo-correio" se encaixa nesse caso. Um pombo-correio nada mais é do que "variedade de pombo que se utiliza para levar comunicações e correspondência", como

diz o próprio Aurélio. O segundo substantivo ("correio") indica finalidade em relação ao primeiro ("pombo"). Deduz-se, pois, que o plural de "pombo-correio" pode ser "pombos-correio" ou "pombos-correios".

Vejamos outros exemplos de substantivos compostos que se encaixam nesse caso: "carro-bomba", "homem-bomba", "público-alvo", "samba-enredo", "caminhão-tanque", "navio-escola", "couve-flor", "banana-maçã", "saia-balão" e tantos outros de estrutura semelhante (dois substantivos, com o segundo indicando semelhança ou finalidade em relação ao primeiro). Um carro-bomba, por exemplo, é um carro feito com a finalidade específica de explodir; assim como um homem-bomba é um indivíduo (normalmente um terrorista) que amarra explosivos em seu corpo com o mesmo fim. Um público-alvo é uma determinada parcela da população. Um samba-enredo é um samba feito para contar o enredo do desfile de uma escola. Uma couve-flor é uma couve semelhante a uma flor. A saia-balão é uma saia que lembra um balão. E por aí vai.

Sendo assim, o plural de cada um desses substantivos compostos apresenta-se desta maneira:

"carros-bomba" ou "carros-bombas", "homens-bomba" ou "homens-bombas", "públicos-alvo" ou "públicos-alvos", "sambas-enredo" ou "sambas-enredos", "caminhões-tanque" ou "caminhões-tanques", "navios-escola" ou "navios-escolas", "couves-flor" ou "couves-flores", "bananas-maçã" ou "bananas-maçãs", "saias-balão" ou "saias-balões".

Convém aproveitar a ocasião para lembrar que, quando o segundo substantivo não indica semelhança ou finalidade em relação ao primeiro, só há uma possibilidade de plural: flexionam-se os dois elementos. É o que ocorre com "cirurgião-dentista", "tio-avô", "tia-avó", "tenente-coronel", "bicho-papão", "rainha-mãe", "decreto-lei" e tantos outros. Vamos ao plural: "cirurgiões-dentistas" (ou "cirurgiães-dentistas"), "tios-avôs" (ou "tios-avós"), "tias-avós", "tenentes-coronéis", "bichos-papões", "rainhas-mães", "decretos-leis".

Vejamos agora o caso de "cavalo-marinho". Trata-se de substantivo composto formado por um substantivo ("cavalo") e um adjetivo ("marinho"). Aqui não há segredo: variam os dois elementos. O plural, então, só pode ser "cavalos-marinhos".

Esse princípio pode ser aplicado em relação a todos os substantivos compostos formados por duas palavras, das quais uma seja substantivo e a outra, um adjetivo ou numeral. Encaixam-se nesse caso muitas e muitas palavras. Veja algumas: obra-prima, primeira-dama, queixo-duro, primeiro-ministro, amor-perfeito, capitão-mor, cachorro-quente, boa-vida, curta-metragem, quarta-feira, sexta-feira, bóia-fria. O plural de todos esses compostos é feito com a flexão dos dois elementos: obras-primas, primeiras-damas, queixos-duros, primeiros-ministros, amores-perfeitos, capitães-mores, cachorros-quentes, boas-vidas, curtas-metragens, quartas-feiras, sextas-feiras, bóias-frias.

Tome cuidado com o caso de compostos em que entram "grão" e "grã", como "grão-duque", "grã-fina", "grã-fino", "grã-cruz". Só varia o segundo elemento: "grão-duques", "grã-finas", "grã-finos", "grã-cruzes". Merece destaque "terra-nova" (tipo de cão), que, segundo alguns

autores, faz plural excepcional: "terra-novas". Para outros, no entanto, também é possível o plural regular: "terras-novas".

Quando o substantivo composto é formado por três elementos, dos quais o segundo seja uma preposição, só se faz a flexão do primeiro. É esse o caso de mulas-sem-cabeça, pães-de-ló, quedas-d'água, pés-de-moleque, amigos-da-onça, bicos-de-papagaio, dores-de-cotovelo, estrelas-do-mar, generais-de-divisão, grãos-de-bico, joões-de-barro, pais-de-santo, pés-de-cabra, pores-do-sol...

Observação : os fora-da-lei , os fora-de-série ...são invariáveis .

Talvez esteja aí a explicação para o plural de "sem-terra" adotado por todos os órgãos da imprensa: "Sem-terra". Por quê? Porque se supõe que haja uma palavra implícita. Algo como "homem sem terra", que não é propriamente uma palavra composta, mas tem estrutura semelhante: dois substantivos ("homem" e "terra"), ligados por uma preposição ("sem"). O plural dessa expressão seria "homens sem terra", que acaba sendo reduzida para "sem-terra", com hífen, justamente porque nomeia uma categoria específica de pessoas.

O caso de "sem-vergonha" é semelhante. Algo como "pessoa sem vergonha" acaba se transformando em "sem-vergonha", com hífen. Segundo o dicionário "Aurélio" e muitos gramáticos, o plural é "sem-vergonha" mesmo. Alguns discordam e propõem "os sem-vergonhas" e "os sem-terras". O argumento é que se deve proceder com "sem-terra" como se procede com "contra-ataque", cujo plural é "contra-ataques". Ocorre que esse "contra" não é a preposição, mas o elemento de composição, ou prefixo, como o define Caldas Aulete. Os casos de "contra-ataque" e de "sem-terra", na verdade, são distintos.

Se a palavra composta for constituída de um verbo e um substantivo, somente o substantivo irá para o plural: arranha-céus, bate-papos, bate-bocas, bate-bolas, caça-talentos, guarda-chuvas, lança-perfumes, lava-pés, mata-borrões, pára-brisas, pára-choques, pára-lamas, porta-bandeiras, porta-vozes, quebra-cabeças, quebra-molas, salva-vidas, vira-latas...

Observação :
Em guarda-civil , guarda é substantivo e civil é adjetivo. Os dois vão para o plural: guardas-civis , guardas-noturnos, guardas-florestais...

Já em guarda-chuva , guarda é verbo e chuva é substantivo. Só o substantivo vai para o plural: guarda-chuvas , guarda-sóis, guarda-louças, guarda-roupas, guarda-costas...

Se a palavra composta for constituída de dois ou mais adjetivos, somente o último adjetivo irá para o plural: consultórios médico-cirúrgicos ; candidatos social-democratas ; atividades técnico-científicas ; problemas político-econômicos ; questões luso-brasileiras ; camisas rubro-negras ; cabelos castanho-escuros ; olhos verde-claros ...

Observação :
Os adjetivos compostos referentes a cores são invariáveis quando o segundo elemento é um substantivo: verde-garrafa, verde-mar, verde-musgo, verde-oliva, azul-céu, azul-piscina, amarelo-ouro, rosa-choque, vermelho-sangue...

Compare:
Olhos verde-claros = cor + adjetivo (claro ou escuro)
Calças verde-garrafa = cor + substantivo
Também são invariáveis: azul-celeste e azul-marinho .

Se o primeiro elemento for advérbio, preposição ou prefixo, somente o segundo elemento irá para o plural: abaixo-assinados, alto-falantes, ante-salas, anti-semitas, auto-retratos, bel-prazeres, contra-ataques, recém-nascidos, super-homens, todo-poderosos, vice-campeões...

Se a palavra composta for constituída por advérbio + pronome + verbo, somente o último elemento varia: bem-me-queres, bem-te-vis, não-me-toques...

Se a palavra composta for constituída pela repetição das palavras (onomatopéias = reprodução dos sons), o segundo elemento irá para o plural: bangue-bangues, pingue-pongues, reco-recos, teco-tecos, tique-taques, zigue-zagues...

Casos especiais:
Os arco-íris, as ave-marias, os banhos-maria, os joões-ninguém, os louva-a-deus, os lugar-tenentes, os mapas-múndi, os padre-nossos, as salve-rainhas, os surdos-mudos...

São invariáveis :
- compostos de verbo + palavra invariável: os bota-fora, os cola-tudo, os topa-tudo...
- compostos de verbos de sentido oposto: os entre-e-sai, os leva-e-traz, os perde-ganha, os sobe-e-desce, os vai-volta...
- expressões substantivadas: os bumba-meu-boi, os chove-não-molha, os disse-me-disse...

➔ Os estudiosos das coisas indígenas afirmam que os nomes das nações indígenas não apresentam plural na sua forma original. Deveríamos dizer os tupi, os goitacá, os pataxó, os caeté.

Há, entretanto, aqueles que defendem o aportuguesamento e conseqüente respeito às nossas regras gramaticais.

CASOS ESPECIAIS

EXTRA

A forma reduzida "extra" vem do adjetivo "extraordinário". Como "extra" significa "fora de", "extraordinário" significa "fora do ordinário", ou seja, fora do que é comum, normal, ordinário. Por ser grande, a palavra "extraordinário" não fugiu de um processo lingüístico implacável: a redução. Com isso, o prefixo passou a ter também o sentido do adjetivo. Nesse caso, sua flexão é normal, como a de um adjetivo qualquer: "hora extra", "horas extras".

Em tempo: quando usado como prefixo, nada de flexioná-lo. O plural de "extra-oficial" é "extra-oficiais"; o de "extra-sístole" é "extra-sístoles".

SIGLAS

Embora não existam regras rígidas para o plural de siglas, é usual e perfeitamente aceitável o uso do "s": CDs, CEPs, IPVAs, IPTUs, Ufirs...

Cuidado, porém, quanto ao mau uso do apóstrofo. O apóstrofo, em português, é para indicar a omissão de fonema/letra: copo de água = copo d'água; galinha de Angola = galinha d'angola. Não se justifica, portanto, o uso do apóstrofo para indicar o acréscimo da desinência "s" para indicar o plural.

REVÉS

"Reveses", com "s", é o plural de "revés", sinônimo de "insucesso", "derrota". Já "revezes" é a forma da segunda pessoa do singular do presente do subjuntivo do verbo "revezar", que se escreve com "z" porque é da mesma família de "vez". "Revezar" é produto de "re + vez + ar" e significa "substituir alternadamente": "Quero que tu te revezes com o Fernando na prova de natação."

AS CORES LILÁS E GRIS

Apesar da palavra "lilás" ser um substantivo (uma flor), ela empresta a tonalidade de sua cor para virar adjetivo que, pela regra geral, não iria para o plural, como em certos adjetivos compostos, onde o segundo elemento é um substantivo: "calças azul piscina", " vestidos amarelo- -limão". No entanto, muitos dicionários dão como plural de lilás a forma "lilases". O mais interessante é que lilás pode ser também o plural de "lilá". Assim, podemos ter as seguintes combinações: no singular, "camisa lilá", "camisa lilás"; e no plural, "camisas lilás" e "camisas lilases".

Assim também acontece com "gris" que, a princípio, é um animal (substantivo) que empresta a tonalidade da cor de seu pêlo (azul-acinzentado) para se tornar um adjetivo. Dessa forma, gris pode ser singular ou plural, tendo também a forma "grisses" como um segundo plural. Exemplo: "...e tudo nascerá mais belo, o verde faz do azul com o amarelo o elo com todas as cores para enfeitar amores gris (ou grises)" - verso da música NENHUM DIA, de Dijavan.

ESPÉCIMEN

Além do plural "espécimens", a palavra espécimen possui a forma "especímenes".

Cuidado, entretanto, com a pronúncia dessas palavras. São todas proparoxítonas (a sílaba tônica é a antepenúltima) e conseqüentemente acentuadas, o que certamente ajuda a pronunciá-las corretamente.

XII. ORAÇÕES SUBORDINADAS

Você já deve saber que período é uma frase organizada em orações. Já deve saber também que no período simples existe apenas uma oração, chamada "absoluta", e que no período composto existem duas ou mais orações. Essas orações podem se relacionar por meio de dois processos sintáticos diferentes: a subordinação e a coordenação . Na subordinação, um termo atua como determinante de um outro termo. Essa relação se verifica, por exemplo, entre um verbo e seus complementos: os complementos são determinantes do verbo, integrando sua significação. Conseqüentemente, o objeto direto e o objeto indireto são termos subordinados ao verbo, que é o termo subordinante. Outros termos subordinados da oração são os adjuntos adnominais (subordinados ao nome que caracterizam) e os adjuntos adverbiais (subordinados geralmente a um verbo). No período composto, considera-se subordinada a oração que desempenha função de termo de outra oração, o que equivale a dizer que existem orações que atuam como determinantes de outras orações. Observe o seguinte exemplo:

Percebeu que os homens se aproximavam.

Esse período composto é formado por duas orações: a primeira estruturada em torno da forma verbal "percebeu"; a segunda, em torno da forma verbal "aproximavam". A análise da primeira oração permite constatar de imediato que seu verbo é transitivo direto (perceber algo). O complemento desse verbo é, no caso, a oração "que os homens se aproximavam" . Nesse período, a segunda oração funciona como objeto direto do verbo da primeira. Na verdade, o objeto direto de percebeu é "que os homens se aproximavam".

A oração que cumpre papel de um termo sintático de outra é subordinada; a oração que tem um de seus termos na forma de oração subordinada é a principal. No caso do exemplo dado, a oração "Percebeu" é principal; "que os homens se aproximavam" é oração subordinada. Diz-se, então, que esse período é composto por subordinação.

Ocorre coordenação quando termos de mesma função sintática são relacionados entre si. Nesse caso, não se estabelece uma hierarquia entre esses termos, pois eles são sintaticamente equivalentes. Observe:

Brasileiros e portugueses devem agir como irmãos.

Nessa oração, o sujeito composto "brasileiros e portugueses", adjetivos substantivados, apresenta dois núcleos coordenados entre si: os dois substantivos desempenham um mesmo papel sintático na oração.

No período composto, a coordenação ocorre quando orações sintaticamente equivalentes se relacionam. Observe:

Comprei o livro, li os poemas e fiz o trabalho.

Nesse período, há três orações, organizadas a partir das formas verbais "comprei", "li" e "fiz". A análise dessas orações permite perceber que cada uma delas é sintaticamente independente das demais: na primeira, ocorre um verbo transitivo direto (comprar) acompanhado de seu respectivo objeto direto ("o livro"); na segunda, o verbo ler, também transitivo direto, com o objeto direto "os poemas"; na terceira, outro verbo transitivo direto, fazer, com o objeto direto "o trabalho". Nenhuma das três orações desempenha papel de termo de outra. São orações sintaticamente independentes entre si e, por isso, coordenadas. Nesse caso, o período é composto por coordenação. Note que a ordem das orações é fixada por uma questão semântica e não sintática (os fatos indicados pelas orações obedecem à ordem cronológica). Existem períodos compostos em que se verificam esses dois processos de organização sintática, ou seja, a subordinação e a coordenação. Observe:

Percebi que os homens se aproximavam e saí em desabalada carreira.

Nesse período, há três orações, organizadas respectivamente a partir das formas verbais "percebi", "aproximavam" e "saí". A oração organizada em torno de percebi tem como objeto direto a oração "que os homens se aproximavam" (perceber algo); "que os homens se aproximavam", portanto, é oração subordinada a percebi. Entre as orações organizadas em torno de percebi e saí, a relação é de coordenação, já que uma não desempenha papel de termo da outra. O período é composto por coordenação e subordinação.

As orações subordinadas se dividem em três grupos, de acordo com a função sintática que desempenham e a classe de palavras a que equivalem. Podem ser substantivas, adjetivas ou adverbiais. Mais uma vez, valem os conceitos morfossintáticos, que, como você já deve saber, combinam a morfologia e a sintaxe. Para notar as diferenças que existem entre esses três tipos de orações, tome como base a análise de um período simples:

Só depois disso percebi a profundidade das palavras dele.

Nessa oração, o sujeito é "eu", implícito na terminação verbal. "A profundidade das palavras dele" é objeto direto da forma verbal percebi. O núcleo do objeto direto é profundidade. Subordinam-se ao núcleo desse objeto os adjuntos adnominais "a" e "das palavras dele". No adjunto adnominal "das palavras dele", o núcleo é o substantivo palavras, ao qual se prendem os adjuntos adnominais "as" e "dele". "Só depois disso" é adjunto adverbial de tempo.

É possível transformar a expressão "a profundidade das palavras dele", objeto direto, em oração. Observe:

Só depois disso percebi que as palavras dele eram profundas.

Nesse período composto, o complemento da forma verbal percebi é a oração "que as palavras dele eram profundas". Ocorre aqui um período composto por subordinação, em que uma oração desempenha a função de objeto direto do verbo da outra. O objeto direto é uma função substantiva da oração, ou seja, é função desempenhada por substantivos e palavras

de valor substantivo. É natural, portanto, que a oração subordinada que desempenha esse papel seja chamada de oração subordinada substantiva.

Pode-se também modificar o período simples original transformando em oração o adjunto adnominal do núcleo do objeto direto, profundidade. Observe:

Só depois disso percebi a profundidade que as palavras dele continham.

Nesse período, o adjunto adnominal de profundidade passa a ser a oração "que as palavras dele continham". Você já sabe que o adjunto adnominal é uma função adjetiva da oração, ou seja, é função exercida por adjetivos, locuções adjetivas e outras palavras de valor adjetivo. É por isso que são chamadas de subordinadas adjetivas as orações que, nos períodos compostos por subordinação, atuam como adjuntos adnominais de termos das orações principais.

Outra modificação que podemos fazer no período simples original é a transformação do adjunto adverbial de tempo em uma oração. Observe:

Só quando cai em mim, percebi a profundidade das palavras dele.

Nesse período composto, "só quando caí em mim" é uma oração que atua como adjunto adverbial de tempo do verbo da outra oração. O adjunto adverbial é uma função adverbial da oração, ou seja, é função exercida por advérbios e locuções adverbiais. Portanto, são chamadas de subordinadas adverbiais as orações que, num período composto por subordinação, atuam como adjuntos adverbiais do verbo da oração principal.

É fácil perceber, assim, que a classificação das orações subordinadas decorre da combinação da função sintática que exercem com a classe de palavras que representam, ou seja, é a morfossintaxe que determina a classificação de cada oração subordinada. São subordinadas substantivas as que exercem funções substantivas (sujeito, objeto direto e indireto, complemento nominal, aposto, predicativo). São subordinadas adjetivas as que exercem funções adjetivas (atuam como adjuntos adnominais). São subordinadas adverbiais as que exercem funções adverbiais (atuam como adjuntos adverbiais, expressando as mais variadas circunstâncias).

Quanto à forma, as orações subordinadas podem ser desenvolvidas ou reduzidas. Observe:

1. Suponho que seja ela a mulher ideal.
2. Suponho ser ela a mulher ideal.

Nesses dois períodos compostos há orações subordinadas substantivas que atuam como objeto direto da forma verbal suponho. No primeiro período, a oração é "que seja ela a mulher ideal". Essa oração é introduzida por uma conjunção subordinativa (que) e apresenta uma forma verbal do presente do subjuntivo (seja). Trata-se de uma oração subordinada desenvolvida. Assim são chamadas as orações subordinadas que se organizam a partir de

uma forma verbal do modo indicativo ou do subjuntivo e que são introduzidas, na maior parte dos casos, por conjunção subordinativa ou pronome relativo.

No segundo período, a oração subordinada "ser ela a mulher ideal" apresenta o verbo numa de suas formas nominais (no caso, infinitivo) e não é introduzida por conjunção subordinativa ou pronome relativo. Justamente por apresentar uma peça a menos em sua estrutura, essa oração é chamada de reduzida. As orações reduzidas apresentam o verbo numa de suas formas nominais (infinitivo, gerúndio ou particípio) e não apresentam conjunção ou pronome relativo (em alguns casos, são encabeçadas por preposições).

Como você já viu, as orações subordinadas substantivas desempenham funções que no período simples normalmente são desempenhadas por substantivos. As orações substantivas podem atuar como sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, predicativo e aposto. Por isso são chamadas, respectivamente, de subjetivas, objetivas diretas, objetivas indiretas, completivas nominais, predicativas e apositivas. Essas orações podem ser desenvolvidas ou reduzidas. As desenvolvidas normalmente se ligam à oração principal por meio das conjunções subordinativas integrantes "que" e "se". As reduzidas apresentam verbo no infinitivo e podem ou não ser encabeçadas por preposição.

TIPOS DE ORAÇÕES SUBORDINADAS

SUBSTANTIVAS SUBJETIVAS

As orações subordinadas substantivas subjetivas atuam como sujeito do verbo da oração principal**.**

Exemplos:
1. É fundamental o seu comparecimento à reunião.
2. É fundamental que você compareça à reunião.
3. É fundamental você comparecer à reunião.

O primeiro período é simples. Nele, "o seu comparecimento à reunião" é sujeito da forma verbal é. Na ordem direta é mais fácil constatar isso: "O seu comparecimento à reunião é fundamental".

Nos outros dois períodos, que são compostos, a expressão "o seu comparecimento a reunião" foi transformada em oração ("que você compareça a reunião" e "você comparecer à reunião"). Nesses períodos, as orações destacadas são subjetivas, já que desempenham a função de sujeito da forma verbal "é". A oração "você comparecer à reunião", que não é introduzida por conjunção e tem o verbo no infinitivo, é reduzida.

Quando ocorre oração subordinada substantiva subjetiva, o verbo da oração principal sempre fica na terceira pessoa do singular. As estruturas típicas da oração principal nesse caso são:

a) verbo de ligação + predicativo - é bom..., é conveniente..., é melhor..., é claro..., está comprovado..., parece certo..., fica evidente..., etc.

Observe os exemplos:
É preciso que se adotem providências eficazes.
Parece estar provado que soluções mágicas não funcionam.

b) verbo na voz passiva sintética ou analítica - sabe-se..., soube-se..., comenta- se..., dir-se-ia..., foi anunciado..., foi dito..., etc.
Exemplos:
Sabe-se que o país carece de sistema de saúde digno.
Foi dito que tudo seria resolvido por ele.

c) verbos como convir, cumprir, acontecer, importar, ocorrer, suceder, parecer, constar, urgir, conjugados na terceira pessoa do singular.
Exemplos:
Convém que você fique.
Consta que ninguém se interessou pelo cargo.
Parece ser ela a pessoa indicada.

Muitos autores consideram que o relativo "quem" deve ser desdobrado em "aquele que". Tem-se, assim, um relativo (que), que introduz oração adjetiva. Outros autores preferem entender que "Quem usa drogas" é o efetivo sujeito de experimenta. Esta nos parece a melhor solução.

OBJETIVAS DIRETAS

As orações subordinadas substantivas objetivas diretas atuam como objeto direto do verbo da oração principal.
Exemplos:
Todos querem que você compareça.
Suponho ser o Brasil o país de pior distribuição de renda no mundo.

Nas frases interrogativas indiretas, as orações subordinadas substantivas objetivas diretas podem ser introduzidas pela conjunção subordinativa integrante "se" e por pronomes ou advérbios interrogativos.

Exemplos:
Ninguém sabe
/ se ela aceitará a proposta.
/ como a máquina funciona.
/ onde fica o teatro.
/ quanto custa o remédio.
/ quando entra em vigor a nova lei.
/ qual é o assunto da palestra.

Com os verbos "deixar, mandar, fazer" (chamados auxiliares causativos) e "ver, sentir, ouvir, perceber" (chamados auxiliares sensitivos) ocorre um tipo interessante de oração subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo.

Exemplos:
Deixe-ME REPOUSAR.
Mandei-OS SAIR.
Ouvi-O GRITAR.

Nesses casos, as orações destacadas são todas objetivas diretas reduzidas de infinitivo. E, o que é mais interessante, os pronomes oblíquos atuam todos como sujeitos dos infinitivos verbais. Essa é a única situação da língua portuguesa em que um pronome oblíquo pode atuar como sujeito. Para perceber melhor o que ocorre, convém transformar as orações reduzidas em orações desenvolvidas:
Deixe que eu repouse.
Mandei que eles saíssem.
Ouvi que ele gritava.

Nas orações desenvolvidas, os pronomes oblíquos foram substituídos pelas formas retas correspondentes. É fácil perceber agora que se trata, efetivamente, dos sujeitos das formas verbais das orações subordinadas.

OBJETIVAS INDIRETAS

As orações subordinadas substantivas objetivas indiretas atuam como objeto indireto do verbo da oração principal.

Exemplos:
Duvido de que esse prefeito dê prioridade às questões sociais.
Lembre-se de comprar todos os remédios.

COMPLETIVAS NOMINAIS

As orações subordinadas substantivas completivas nominais atuam como complemento de um nome da oração principal.

Exemplos:
Levo a leve impressão de que já vou tarde.
Tenho a impressão de estar sempre no mesmo lugar.

Observe que as objetivas indiretas integram o sentido de um verbo, enquanto as completivas nominais integram o sentido de um nome. Para distinguir uma da outra, é necessário levar em conta o termo complementado. Essa é, aliás, a diferença entre o objeto indireto e o complemento nominal: o primeiro complementa um verbo; o segundo, um nome. Nos exemplos dados acima, as orações subordinadas complementam o nome impressão.

PREDICATIVAS

As orações subordinadas substantivas predicativas atuam como predicativo do sujeito da oração principal.

Exemplos:
A verdade é que ele não passava de um impostor.
Nosso desejo era encontrares o teu caminho.

APOSITIVAS

As orações subordinadas substantivas apositivas atuam como aposto de um termo da oração principal.

Exemplos:
De você espero apenas uma coisa: que me deixe em paz.
Só resta uma alternativa: encontrar o remédio.

PONTUAÇÃO DAS SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS

A pontuação dos períodos compostos em que surgem orações subordinadas substantivas segue os mesmos princípios que se adotam no período simples para as funções sintáticas a que essas orações equivalem:

- A vírgula não deve separar da oração principal as orações subjetivas, objetivas diretas, objetivas indiretas, completivas nominais e predicativas - afinal, sujeitos, complementos verbais e nominais não são separados por vírgula dos termos a que se ligam. O mesmo critério se aplica para o predicativo nos predicados nominais.

- A oração subordinada substantiva apositiva deve ser separada da oração principal por vírgula ou dois-pontos, exatamente como ocorre com o aposto:
O boato, de que o presidente renunciaria, espalhou-se rapidamente.
Imponho-lhe apenas uma tarefa: que administre bem o dinheiro público.

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS

Uma oração adjetiva nada mais é do que um adjetivo em forma de oração. Assim como é possível dizer "redação bem-sucedida", em que o substantivo redação é caracterizado pelo adjetivo bem-sucedida, é possível dizer também "redação que fez sucesso", em que a oração "que fez sucesso" exerce exatamente o mesmo papel do adjetivo bem-sucedida, ou seja, caracteriza o substantivo redação.

Em termos sintáticos, essas orações exercem a função que normalmente cabe a um adjetivo, a de adjunto adnominal.

Exemplos:
Pessoa que mente é pessoa mentirosa. A classe gramatical da palavra "mentirosa" é a dos adjetivos. Qualifica o substantivo "pessoa".

Em vez de se dizer "pessoa mentirosa", é perfeitamente possível se dizer "pessoa que mente". Agora, quem é que qualifica "pessoa"? A oração "que mente", que tem valor de adjetivo e, por isso, é oração subordinada adjetiva.

Esse "que" que introduz a oração adjetiva "que mente" pode ser substituído por "a qual" (pessoa que mente = pessoa a qual mente). E, por fim, esse "que" se chama pronome relativo.

Agora, vamos relacionar tudo isso com o emprego da vírgula. Leia a seguinte passagem: "Não gosto de pessoas mentirosas". Você poria vírgula entre "pessoas" e "mentirosas"? Certamente não. E por quê? Porque o papel da palavra "mentirosas" é limitar o universo de pessoas. Afinal, não é de qualquer pessoa que eu não gosto. Só não gosto das pessoas mentirosas, ou seja, só não gosto das pessoas que mentem.

A oração "que mentem" exerce o mesmo papel do adjetivo "mentirosas", isto é, limita, restringe o universo de pessoas. Essa oração é chamada de "adjetiva restritiva" e, como você deve ter notado, também não é separada da anterior por vírgula.

Agora veja este outro caso: "Os cariocas, que adoram o mar, sempre estão de bem com a vida". A que cariocas se faz referência na frase? Será que a idéia é dividir os cariocas em dois blocos (os que adoram o mar e os que não adoram) e dizer que só os que adoram o mar estão sempre de bem com a vida? É claro que não. O que se quer é fazer uma afirmação de caráter genérico: os cariocas adoram o mar e sempre estão de bem com a vida.

O "que" dessa frase é pronome relativo ("Os cariocas, os quais adoram o mar...") e, por isso mesmo, como você já sabe, introduz oração subordinada adjetiva, que, no caso, não é restritiva. Não restringe, não limita. Generaliza. É chamada de explicativa.

A oração restritiva não é separada da anterior por vírgula, mas a explicativa é.

Agora preste muita atenção. Leia estas duas frases:

1) Ele telefonou para a irmã que mora na Itália;
2) Ele telefonou para a irmã, que mora na Itália.

Elas parecem iguais, mas não são. A vírgula faz a diferença. Em ambos os casos, o "que" pode ser substituído por "a qual". Em ambos os casos, o "que" é pronome relativo e, por isso, introduz oração adjetiva.
A diferença está na extensão do termo que vem antes do "que" ("irmã"). Sem a vírgula ("irmã que mora na Itália"), cria-se um limite. Certamente, ele tem mais de uma irmã. Pelo menos duas, uma das quais mora na Itália. Não fosse assim, não faria sentido a restrição imposta pela oração "que mora na Itália".

Com a vírgula, a oração "que mora na Itália" não restringe. Deixa de ser restritiva e passa a ser explicativa. Nosso amigo só tem uma irmã, e ela mora na Itália.

Veja outro caso: "A empresa tem cem funcionários que moram em Campinas". O que acontece quando se coloca vírgula depois de "funcionários"? Muda tudo. Sem a vírgula, a empresa tem mais de cem funcionários, dos quais cem moram em Campinas.

Com a vírgula depois de "funcionários", a empresa passa a ter exatamente cem funcionários, e todos moram em Campinas.

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS

Uma oração subordinada adverbial exerce a função de adjunto adverbial do verbo da oração principal.

Exemplos:
Naquele momento, senti uma das maiores emoções de minha vida.
Quando vi o mar, senti uma das maiores emoções de minha vida.

No primeiro período, "naquele momento" é um adjunto adverbial de tempo, que modifica a forma verbal senti. No segundo período, esse papel é exercido pela oração "Quando vi o mar", que é, portanto, uma oração subordinada adverbial temporal. Essa oração é desenvolvida, já que é introduzida por uma conjunção subordinativa (quando) e apresenta uma forma verbal do modo indicativo (vi, do pretérito perfeito do indicativo). Seria possível reduzi-la, obtendo algo como: Ao ver o mar, senti uma das maiores emoções de minha vida. "Ao ver o mar" é uma oração reduzida porque apresenta uma das formas nominais do verbo (ver é infinitivo) e não é introduzida por conjunção subordinativa, mas sim por uma preposição (a, combinada com o artigo o).

Se você já estudou os adjuntos adverbiais, você viu que sua classificação é feita com base nas circunstâncias que exprimem. Com as orações subordinadas adverbiais ocorre a mesma coisa. A diferença fica por conta da quantidade: há apenas nove tipos de orações subordinadas adverbiais, enquanto os adjuntos adverbiais são pelo menos quinze. As orações adverbiais adquirem grande importância para a articulação adequada de idéias e fatos e por isso são fundamentais num texto dissertativo. Você terá agora um estudo pormenorizado das circunstâncias expressas pelas orações subordinadas adverbiais. É importante compreender bem essas circunstâncias e observar atentamente as conjunções e locuções conjuntivas utilizadas em cada caso.

TIPOS DE ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS

CAUSA

A idéia de causa está diretamente ligada àquilo que provoca um determinado fato. As orações subordinadas adverbiais que exprimem causa são chamadas causais. A conjunção subordinativa mais utilizada para a expressão dessa circunstância é "porque". Outras conjunções e locuções conjuntivas muito utilizadas são "como" (sempre introduzindo oração adverbial causal anteposta à principal), "pois", "já que", "uma vez que", "visto que".

Exemplos:
As ruas ficaram alagadas porque a chuva foi muito forte.
Como ninguém se interessou pelo projeto, não houve outra alternativa a não ser cancelá-lo.
Já que você não vai, eu não vou.
Por ter muito conhecimento (= Porque/Como tem muito conhecimento), é sempre consultado. (reduzida de infinitivo)

CONSEQÜÊNCIA

A idéia de conseqüência está ligada àquilo que é provocado por um determinado fato. As orações subordinadas adverbiais consecutivas exprimem o efeito, a conseqüência daquilo que se declara na oração principal. Essa circunstância é normalmente introduzida pela conjunção "que", quase sempre precedida, na oração principal, de termos intensivos, como "tão, tal, tanto, tamanho".

Exemplos:
A chuva foi tão forte que em poucos minutos as ruas ficaram alagadas.
Tal era sua indignação que imediatamente se uniu aos manifestantes.
Sua fome era tanta que comeu com casca e tudo.

CONDIÇÃO

Condição é aquilo que se impõe como necessário para a realização ou não de um fato. As orações subordinadas adverbiais condicionais exprimem o que deve ou não ocorrer para que se realize ou deixe de se realizar o fato expresso na oração principal. A conjunção mais utilizada para introduzir essas orações é "se"; além dela, podem-se utilizar "caso, contanto que, desde que, salvo se, exceto se, a menos que, sem que, uma vez que" (seguida do verbo no subjuntivo).

Exemplos:
Uma vez que você aceite a proposta, assinaremos o contrato.
Caso você se case, convide-me para a festa.
Não saia sem que eu permita.
Se o regulamento do campeonato for bem elaborado, certamente o melhor time será o campeão.

CONCESSÃO

A idéia de concessão está diretamente ligada à idéia de contraste, de quebra de expectativa. De fato, quando se faz uma concessão, não se faz o que é esperado, o que é normal. As orações adverbiais que exprimem concessão são chamadas concessivas. A conjunção mais empregada para expressar essa relação é "embora"; além dela, podem ser usadas a conjunção "conquanto" e as locuções "ainda que, ainda quando, mesmo que, se bem que, apesar de que".

Exemplos:
Embora fizesse calor; levei agasalho.
Conquanto a economia tenha crescido, pelo menos metade da população continua à margem do mercado de consumo.
Foi aprovado sem estudar (= sem que estudasse / embora não estudasse). (reduzida de infinitivo)

COMPARAÇÃO

As orações subordinadas adverbiais comparativas contêm fato ou ser comparado a fato ou ser mencionado na oração principal. A conjunção mais empregada para expressar comparação é "como"; além dela, utilizam-se com muita freqüência as estruturas que formam o grau comparativo dos adjetivos e dos advérbios: "tão... como" (quanto), "mais (do) que", "menos (do) que".

Exemplos:
Ele dorme como um urso (dorme).
Sua sensibilidade é tão afinada quanto sua inteligência (é).
Como se pode perceber nos exemplos acima, é comum a omissão do verbo nas orações subordinadas adverbiais comparativas. Isso só não ocorre quando se comparam ações diferentes ("Ela fala mais do que faz." - nesse caso, compara-se o falar e o fazer).

CONFORMIDADE

As orações subordinadas adverbiais conformativas indicam idéia de conformidade, ou seja, exprimem uma regra, um caminho, um modelo adotado para a execução do que se declara na oração principal. A conjunção típica para exprimir essa circunstância é "conforme"; além dela, utilizam-se "como, consoante e segundo" (todas com o mesmo valor de conforme).

Exemplos:
Fiz o bolo conforme ensina a receita.
Consoante reza a Constituição, todos os cidadãos têm direitos iguais.
Segundo atesta recente relatório do Banco Mundial, o Brasil é o campeão mundial de má distribuição de renda.

FINALIDADE

As orações subordinadas adverbiais finais exprimem a intenção, a finalidade do que se declara na oração principal. Essa circunstância é normalmente expressa pela locução conjuntiva "a fim de que"; além dela, utilizam-se a locução "para que" e, mais raramente, as conjunções "que" e "porque" (= para que).

Exemplos:
Vim aqui a fim de que você me explicasse as questões.
Fez tudo porque eu não obtivesse bons resultados. (- para que eu não obtivesse...)
Suportou todo tipo de humilhação para obter o visto americano. (= para que obtivesse...) (reduzida de infinitivo)

PROPORÇÃO

As orações subordinadas adverbiais proporcionais estabelecem relação de proporção ou proporcionalidade entre o processo verbal nelas expresso e aquele declarado na oração principal. Essa circunstância normalmente é indicada pela locução conjuntiva "à proporção que"; além dela, utilizam-se "à medida que" e expressões como "quanto mais", "quanto menos", "tanto mais", "tanto menos".

Exemplos:
Quanto mais se aproxima o fim do mês, mais os bolsos ficam vazios.
Quanto mais te vejo, mais te desejo.
À medida que se aproxima o fim do campeonato, aumenta o interesse da torcida pela competição.
À proporção que se acumulam as dívidas, diminuem as possibilidades de que a empresa sobreviva.

TEMPO

As orações subordinadas adverbiais temporais indicam basicamente idéia de tempo. Exprimem fatos simultâneos, anteriores ou posteriores ao fato expresso na oração principal, marcando o tempo em que se realizam. As conjunções e locuções conjuntivas mais utilizadas são "quando, enquanto, assim que, logo que, mal, sempre que, antes que, depois que, desde que".

Exemplos:
"Quando você foi embora, fez-se noite em meu viver." (Milton Nascimento & Fernando Brant)
"Enquanto os homens exercem seus podres poderes, motos e fuscas avançam os sinais vermelhos e perdem os verdes: somos uns boçais (Caetano Veloso)
Mal você saiu, ela chegou.
Terminada a festa, todos se retiraram. (Quando terminou a festa) (reduzida de particípio)

Observação: Mais importante do que aprender a classificar as orações subordinadas adverbiais é interpretá-las adequadamente e utilizar as conjunções e locuções conjuntivas de maneira eficiente. Por isso, é desaconselhável que você faça o que muita gente costuma indicar como forma de "aprender as orações subordinadas adverbiais": "descabelar-se" para decorar listas de conjunções e, com isso, conseguir dar um rótulo as orações. Essa prática, além de fazer com que você se preocupe mais com nomenclaturas do que com o uso efetivo das estruturas lingüísticas, é inútil quando se consideram casos mais sutis de construção de frases. Observe, nas frases seguintes, o emprego da conjunção como em diversos contextos: em cada um deles, ocorre uma oração subordinada adverbial diferente. Como seria possível reconhecê-las se se partisse de uma lista de conjunções "decoradas"? É melhor procurar compreender o que efetivamente está sendo declarado.

Como dizia o poeta, "a vida é a arte do encontro".
(valor de conformidade)
Como não tenho dinheiro, não poderei participar da viagem.
(valor de causa)
"E cai como uma lágrima de amor." (Antônio Carlos Jobim & Vinicius de Moraes)
(valor de comparação)

Há até casos em que a classificação depende do contexto: "Como o jornal noticiou, o teatro ficou lotado". A oração subordinada adverbial pode ser causal ou conformativa, dependendo do contexto.

AS ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS E A PONTUAÇÃO

A pontuação dos períodos em que há orações subordinadas adverbiais obedece aos mesmos princípios observados em relação aos adjuntos adverbiais. Isso significa que a oração subordinada adverbial sempre pode ser separada por vírgulas da oração principal. Essa separação é optativa quando a oração subordinada está posposta à principal e é obrigatória quando a oração subordinada está intercalada ou anteposta.

Exemplos:
Tudo continuará como está se você não intervier;
ou Tudo continuará como está, se você não intervier.

Disse que, quando chegar, tomará todas as providências.
Quando chegar, tomará todas as providências.

XIV. ORTOEPIA E PROSÓDIA

Ortoepia trata da correta pronúncia das palavras.

Exemplo: "advogado", e não "adevogado" (o **d** é mudo).

Prosódia trata da correta acentuação tônica das palavras.

Exemplo: "rubrica" (palavra paroxítona), e não "rúbrica" (palavra proparoxítona).

Dessa forma, segue abaixo uma lista das principais palavras que normalmente apresentam dúvidas quanto à sua pronúncia e tonicidade corretas.

ACRÓBATA / ACROBATA: esta palavra, COMO MUITAS OUTRAS DE NOSSA LÍNGUA, admite as duas pronúncias: acróbata, com ênfase na sílaba "cró", ou acrobata, com força na sílaba "ba". Também é indiferente dizer Oceânia ou Oceania, transístor ou transistor (com força na sílaba "tor", com o "ô" fechado).

ALGOZ (carrasco): palavra oxítona, cuja pronúncia do "o" deve ser fechada (algôz, = arroz).

AUTÓPSIA / NECROPSIA: apesar de autópsia ter como vogal tônica o "ó", a forma necropsia, que possui o mesmo significado, deve ser pronunciada com ênfase no "i".

AZÁLEA / AZALÉIA: segundo os melhores dicionários, estas duas formas são aceitáveis;

AVARO (indivíduo muito apegado ao dinheiro): deve ser pronunciada como paroxítona (acento tônico na sílaba va), e por terminar em "o", não deve ser acentuada.

BIOTIPO: o Dicionário Novo Aurélio - Século XXI apresenta o termo "biótipo" (proparoxítono/acentuado), mas faz referência a "biotipo" (palavra paroxítona) por ser a pronúncia corrente no Brasil. Já o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa registra tanto a palavra biótipo quanto a palavra biotipo .

BOÊMIA: de origem francesa, relativa à cidade de Boéme, esta palavra tem sua sílaba forte no "ê", e não no "mi".

CARÁTER: paroxítona que apresenta o plural caracteres, tendo o acréscimo da letra c, e o deslocamento do acento tônico da sílaba ra para a sílaba te, sem o emprego de acento gráfico.

CATETER, MISTER e URETER: Todas possuindo sua acentuação tônica na última sílaba (tér), sendo assim oxítonas.

CHICLETE / CHOPE / CLIPE / DROPE: quando se referindo a uma só unidade de cada um destes produtos, deve-se falar "um chiclete, um chope, um clipe, um drope", e não "um chicletes, um chopes, um clipes, um dropes". Existe, ainda, a variante "chiclé" (um chiclé, dois chiclés).

CUPIDO e CÚPIDO: a primeira forma (paroxítona e sem acento) significa o deus alado do amor; a segunda (proparoxítona) tem o sentido de ávido de dinheiro, ambicioso, também pode ser usada como possuído de desejos amorosos.

EXTINGUIR: a sílaba "guir" desta palavra deve ser pronunciada como nas palavras "perseguir", "seguir", "conseguir". Isso também vale para "distinguir".

FLUIDO: pronuncia-se como a forma verbal "cuido", verbo cuidar (com força no u). Assim também GRATUITO, CIRCUITO, INTUITO, fortuito. No entanto, o partiçipio do verbo fluir é "fluído", acontecendo aqui um hiato, onde a vogal tônica agora passa a ser o "í".

IBERO: Pronuncia-se como paroxítona (ênfase na sílaba BE, IBÉRO).

INEXORÁVEL (= austero, rígido, inabalável...): esse "x" lê-se como os de exemplo, exame, exato, exercício, isto é, com o som de "z".

LÁTEX: tendo seu acento tônico na penúltima sílaba e terminando com a letra x, é uma palavra paroxítona, e como tal deve ser pronunciada e acentuada.

MAQUINARIA: o acento tônico deve recair na sílava "ri", e não sobre a sílaba "na".

NÉON: muitos dicionários apresentam esta palavra como paroxítona, sendo acentuada por terminar em "n"; no entanto, o dicionário Michaelis Melhoramentos, recentemente editado, traz as duas grafias: néon (paroxítona) e neon (oxítona).

NOVEL e NOBEL: palavras oxítonas que não devem ser acentuadas.

OBESO: palavra paroxítona que deve ser pronunciada com o "e" aberto (obéso). Também são abertos o "e" de outras paroxítonas como "coeso" (coéso), "obsoleto" (obsoléto), o "o" de "dolo" (dólo), o "e" de "extra" (éxtra) e o "e" de "blefe" (bléfe). Apresentam-se, porém, fechados o "e" de "nesga" (nêsga), o de "destro" (dêstro), e o "o" "torpe" (tôrpe).

OPTAR: ao se conjugar este verbo na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, deve-se pronunciar "ópto", e não "opito". Assim também em relação às formas verbais "capto, adapto, rapto" - todas com força na sílaba que vem antes do "p".

PROJÉTIL / PROJETIL: ambas as formas têm o mesmo significado, apesar de a primeira ser paroxítona e a segunda oxítona. Plurais: PROJÉTEIS / PROJETIS.

PUDICO (aquele que tem pudor, envergonhado): palavra paroxítona (ênfase na sílaba "di").

RECORDE: deve ser pronunciada como paroxítona (recórde).

RÉPTIL / REPTIL: mesmo caso da palavra PROJÉTIL. Plurais. RÉPTEIS / REPTIS.

RUBRICA: palavra paroxítona, e não proparoxítona como se costuma pensar (ênfase na sílaba "bri").

RUIM: palavra oxítona (ruím).

RUPIA / RÚPIA: a primeira forma se refere à moeda utilizada na Indonésia (força no "i") e a segunda é relativa a uma planta aquática (com ênfase no "ú").

SUBSÍDIOS: a pronúncia correta é com som de "ss", e não "z" (subssídios).

SUTIL e SÚTIL: a primeira forma, sendo oxítona, significa "tênue, delicado, hábil"; a segunda, paroxítona, significa "tudo aquilo que é composto de pedaços costurados".

TÓXICO: pronuncia-se com o som de "ks" = tóksico.

XV. PARÔNIMOS

Entre os sons das palavras e também entre as letras que os representam podem ocorrer, muitas vezes, coincidências que normalmente acarretam dificuldades tanto na pronúncia como na grafia de diversos vocábulos. Neste sentido, é bom saber da existência dos seguintes tipos de palavras:

1. **Palavras homônimas** _ apresentam a mesma grafia e a mesma pronúncia. Exemplos: luta (substantivo) e luta (forma do verbo lutar); vela (substantivo) e vela(forma do verbo velar).

2. **Palavras homógrafas** _ possuem a mesma grafia, mas pronúncia diferente. Exemplo: almoço (com o "ô", da sílaba mo, fechado=substantivo, nome de uma refeição) e almoço (com o "ó" aberto=forma do verbo almoçar).

3. **Palavras homófonas** _ possuem a mesma pronúncia, mas grafia diferente. Exemplo: cesta (substantivo) e sexta (numeral ordinal)

4. **Palavras parônimas** _ parecidas quanto à forma ou à pronúncia, mas diferentes quanto à significação.

Vejam a seguir uma relação dos principais homófonos e parônimos da Língua Portuguesa:

ACENDER: iluminar, por fogo em;
ASCENDER: subir, elevar (daí: ASCENSÃO, ASCENSORISTA, ASCENDENTE).

ACIDENTE: ocorrência casual grave;
INCIDENTE: episódio casual sem gravidade, sem importância.

ACESSÓRIO: aquilo que não é essencial;
ASSESSÓRIO: relativo ao assessor.

AFERIR: conferir, comparar ("Os fiscais vão aferir os preços de cinco supermercados.");
AUFERIR: colher, obter ("O rapaz não auferiu bons resultados no concurso para médico").

AMORAL: ausência de moral, que ignora um conjunto de princípios;
IMORAL: Que é contrário, que desobedece a um conjunto de princípios.

ANTE: preposição que significa ESTAR DIANTE, ESTAR NA PRESENÇA DE;
ANTI: prefixo que significa AÇÃO CONTRÁRIA.

ANTICÉ(P)TICO: oposto aos céticos;
ANTISSÉ(p)TICO: desinfetante.

ÁREA: dimensão, espaço;
ÁRIA: peça musical para uma só voz.

ARREAR: colocar arreios em;
ARRIAR: abaixar.

ASAR: guarnecer de asas;
AZAR: má sorte.

ASCETA: pessoa que vive em prática de devoção e penitência;
ASSETA: do verbo ASSETAR, ferir com seta.

ACÉTICO: relativo ao vinagre;
ASCÉTICO: relativo ao Ascetismo;
ASSÉPTICO: relativo à assepsia.

ATUADO: particípio do verbo atuar; exercer atividade, agir ("A seleção de futebol não tem atuado como o técnico quer.");
AUTUADO: particípio do verbo autuar = lavrar um auto contra alguém; reunir em forma de processo; processar. Ser autuado significa fazer parte dos autos - conjunto das peças de um processo ("O líder do movimento dos sem-terra foi preso e autuado em flagrante por desacato à autoridade.").

BOCAL: abertura de vaso, candeeiro, frasco, castiçal, etc;
BUCAL: relativo à boca.

BROCHA: prego curto, de cabeça larga e chata;
BROXA: tipo de pincel.

BUCHO: estômago de animais;
BUXO: arbusto ornamental.

CAÇAR: perseguir, capturar a caça;
CASSAR: anular.

CAICHÃO: borbotão, fervura;
CAIXÃO: caixa grande.

CAICHOLA: cabeça;
CAIXOLA: caixa pequena.

CALDA: doce, xarope;
CAUDA: rabo de animais.

CARTUCHO: canudo de papel, de plástico, ou de metal;
CARTUXO: pertencente à Cartuxa, ordem religiosa fundada por São Bruno.

CAVALEIRO: aquele que anda a cavalo;
CAVALHEIRO: homem de boas maneiras.

CEGAR: tirar a visão de;
SEGAR: ceifar, cortar.

CELA: aposento de religiosos ou de prisioneiros;
SELA: arreio de cavalo, 3ª p. s., pres. ind., v. selar.

CELEIRO: depósito de provisões;
SELEIRO: fabricante de selas.

CENÁRIO: decoração de teatro;
SENÁRIO: que consta de seis unidades.

CENSO: recensseamento;
SENSO: juízo claro.

CENSUAL: relativo ao censo;
SENSUAL: relativo aos sentidos.

CÉ(P)TICO: que ou quem duvida;
SÉ(P)TICO: que causa infecção.

CERRAÇÃO: nevoeiro espesso;
SERRAÇÃO: ato de serrar.

CERRAR: echar;
SERRAR: cortar.

CERVO: veado;
SERVO: servente, escravo.

CESSAÇÃO: ato de cessar (interromper);
SESSAÇÃO: ato de sessar (peneirar).

CESTA: utensílio geralmente de palha para se guardar coisas;
SESTA: hora de descanço, normalmente após o almoço;
SEXTA: ordinal feminino de seis.

CHÁCARA: quinta, sítio;
XÁCARA: narrativa popular em versos.

CHALÉ:	casa campestre de estilo suíço;
XALE;	cobertura para os ombros.
COCHA:	gamela;
COLCHA:	cobertura em tecido para cama;
COXA:	parte da perna.
CICLO:	período;
SICLO:	moeda judaica.
CILÍCIO:	cinto ou cordão de pêlo ou Lã áspera para penitências;
SILÍCIO:	elemento químico.
CINTO:	correia em couro para prender as calças à cintura;
SINTO:	1ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo sentir.
CÍRIO:	vela grande de cêra;
SÍRIO:	relativo à Síria.
COCHO:	vasilha feita com tronco de madeira escavada;
COXO:	pessoa que manca.
COMPRIDO:	longo;
CUMPRIDO:	particípio passado do verbo CUMPRIR.
COMPRIMENTO:	uma das medidas de extensão (+ largura e altura);
CUMPRIMENTO:	ato de cumprimentar alguém, saudação, ou de cumprir algo.
CONCELHO:	jurisdição administrativa, município;
CONSELHO:	opinião, parecer, reunião coletiva superior, tribunal.
CONCERTO:	apresentação ou obra musical, entrar em acordo (do verbo concertar*);
CONSERTO:	ato ou efeito de consertar, reparar algo que está danificado.
CORINGA:	tipo de vela que se coloca em algumas embarcações;
CURINGA:	carta que muda de valor segundo a combinação que o parceiro tem em mão.
CORÇO:	cabrito selvagem;
CORSO:	natural da Córsega, desfile de carros ou carruagens.
COSER:	costurar;
COZER:	cozinhar.

DECENTE: decoroso, limpo;
DESCENTE: que desce, vazante;

DISCENTE: relativo a alunos;
DOCENTE: relativo a professores.

DECERTAR: lutar, pelejar;
DISSERTAR: discorrer.

DEFERIMENTO: concessão, atendimento;
DIFERIMENTO: adiamento.
(Assim também: DEFERIR = CONCEDER; DIFERIR = ADIAR, DIVERGIR.)

DEGRADADO: que está aviltado, diminuído (degradação);
DEGREDADO: aquele que está no degredo, exilado.

DELATAR: denunciar (delação);
DILATAR: retardar, adiar (dilação).

DESCRIÇÃO: ato de descrever, tipo de redação, exposição;
DISCRIÇÃO: reserva ao falar, qualidade daquele que é discreto, prudência.

DESCRIMINAR: inocentar, absolver (DESCRIMINAÇÃO);
DISCRIMINAR: distinguir, diferenciar, separar (DISCRIMINAÇÃO).

DESMITIFICAR: fazer cessar a mitificação (A CONVERSÃO EM mito) existente a respeito de pessoa ou coisa;
DESMISTIFICAR: livrar ou tirar da mistificação (engano, burla, abuso da credulidade).

DESPENSA: compartimento para se guardar alimentos;
DISPENSA: demissão.

DESTRATAR: insultar;
DISTRATAR: romper um trato, desfazer um contrato.
(Obs. Quando um contrato é rompido, o documento que se assina chama-se DISTRATO.)
EMERGIR: vir à tona, subir;
IMERGIR: mergulhar, descer.

EMIGRANTE: pessoa que sai do próprio país (EMIGRAR, EMIGRAÇÃO);
IMIGRANTE: pessoa que entra num país estrangeiro (IMIGRAR, IMIGRAÇÃO).

EMINENTE: que se destaca, excelente, notável;
IMINENTE: que está prestes a ocorrer, pendente.
(Obs. Assim também: EMINÊNCIA = altura, excelência; IMINÊNCIA = proximidade de ocorrência.)

EMITIR: expedir, emanar, enunciar, lançar fora de si;
IMITIR: fazer entrar, investir.

EMPEÇO: empecilho, impedimento, obstáculo, estorvo;
IMPEÇO: primeira pessoa do singular do verbo IMPEDIR.

EMPOÇAR: formar poça;
EMPOSSAR: dar posse a alguém.

ENFESTAR: dobrar ao meio na sua largura, exagerar (entediado _ no sul);
INFESTAR: assolar, invadir, existir em grande quantidade em.

ENTENDER: compreender;
INTENDER: exercer vigilância, administrar.

ESOTÉRICO: diz-se do ensinamento que, em escolas filosóficas da antiguidade grega, era reservado aos discípulos completamente instruídos; todo ensinamento ministrado a círculo restrito e fechado de ouvintes; compreensível apenas por poucos, obscuro, hermético."
EXOTÉRICO: diz-se de ensinamento que, em escolas da antiguidade grega, era transmitido ao público sem restrição, dado o interesse generalizado que suscitava e a forma acessível em que podia ser exposto por se tratar de ensinamento dialético, provável, verossímil.

ESBAFORIDO: ofegante, com a respiração entrecortada pelo cansaço ou pela pressa;
ESPAVORIDO: cheio de pavor, apavorado;

ESPECTADOR: aquele que vê, que assiste a alguma coisa;
EXPECTADOR: o que está na expectativa de, à espera de algo.

ESPERTO: ardiloso, malicioso, sagaz;
EXPERTO: experiente, especialista, perito.

ESPIAR: espreitar, olhar;
EXPIAR: redimir-se, pagar uma culpa.

ESPIRAR: soprar, respirar, estar vivo;
EXPIRAR: expelir o ar, morrer.

ESPRIMIDO: particípio do verbo ESPREMER;
EXPRIMIDO: particípio do verbo EXPRIMIR (também EXPRESSO).

ESTADA: ato de estar, permanência, demora transitória de pessoas em algum lugar;
ESTADIA: prazo concedido de carga ou descarga de um navio em um porto. Também é o prazo que se dá a veículos em um estacionamento ou garagem.

ESTÂNCIA: lugar onde se está ou permanece, morada, paragem, estabelecimento rural, estação de águas minerais;
INSTÂNCIA: qualidade do que é instante, pedido urgente e repetido, jurisdição, série de atos de um processo, ordem ou grau da hierarquia judiciária.

ESTÁTICO: estar parado (como uma estátua);
EXTÁTICO: estar em estado de êxtase.

ESTERNO: osso do peito;
EXTERNO: exterior;
HESTERNO: relativo ao dia de ontem.

ESTRATO: tipo de nuvem, camada (estrato social; sociedade estratificada = dividida em camadas; estratosfera, etc.)
EXTRATO: o que foi extraído de algo (v. extrair), fragmento, resumo, sumo (extrato bancário, extrato de tomate), essência (= perfume).

FLAGRANTE: evidente, fato que se observa no momento em que ocorre;
FRAGRANTE: que exala cheiro agradável, aromático (fragrância).

FLUIR: correr (líquido), passar (tempo);
FRUIR: desfrutar, gozar.

FUZIL: arma de fogo;
FUZÍVEL: condutor elétrico.

INCERTO: relativo à incerteza, duvidoso;
INSERTO: inserido, incluído.

INCIPIENTE: iniciante, inexperiente;
INSIPIENTE: ignorante.

INDEFESO: sem defesa;
INDEFESSO: incansável;
INFENSO: adverso, contrário.

INFLAÇÃO: ato de inflar, aumento de preços;
INFRAÇÃO: desobediência, violação, transgressão.

INFLIGIR: aplicar ou determinar uma punição, um castigo;
INFRINGIR: desobedecer, violar, transgredir.

INQUERIR: apertar com cordas a carga de animais;
INQUIRIR: interrogar, investigar.

INTEMERATO: aquele que é casto, puro, incorruptível;
INTIMORATO: que é valente, destemido.

INTENÇÃO: propósito, finalidade;
INTENSÃO: intensidade, esforço.

INTERCESSÃO: ato de interceder, interferência, intervenção, súplica;
INTERSE(C)ÇÃO: ponto em que duas linhas se cruzam, parte comum a dois conjuntos.

LACTANTE: quem produz o leite, mulher que amamenta (a mãe);
LACTENTE: quem recebe o leite, ser que mama (a criança).

LAÇO: laçada;
LASSO: frouxo, cansado, "dissoluto".

LENIMENTO: suavizante;
LINIMENTO: medicamento para fricções.

LUCHAR: sujar;
LUXAR: deslocar, desconjuntar.

LUSTRE: brilho e, figuradamente, candelabro;
LUSTRO: espaço de 5 anos.

MAL: como um advérbio, isto é, modificando uma ação verbal, este termo deve ser grafado com L. Exemplo: Aquele cantor canta mal. (contrário de BEM) Também grafamos com L Quando esta palavra se apresenta como substantivo ou como conjunção ubordinativa temporal. Exemplos: "O mal da humanidade é o seu grande egoísmo." (sinônimo de doença, problema) "Mal ele entrou em casa, a luz apagou." (igual a "assim que, no momento em que")
MAU: sendo grafado com U, este termo é um adjetivo. Exemplo: Aquele menino era muito mau. (contrário de bom; feminino: má)

MANDADO: ordem emanada de autoridade judicial ou administrativa;
MANDATO: período de missão política.

MAS (conjunção): sinônimo de porém, tldavia, contudo. Exemplo: Ele é inteligente, mas desajeitado.

MAIS: pronome indefinido ou advérbio de intensidade (contrário de menos). Exemplos: Ana precisa ter mais confiança em si mesma. (sinônimo imperfeito de "muita confiança"; pronome modificando o substantivo) Pedro é mais inteligente que Paulo. (contrário de menos; advérbio modificando o adjetivo)

MAÇA: clava;
MASSA: pasta.

MAÇUDO: indigesto, monótono;
MASSUDO: volumoso.

MEAR: dividir ao meio;
MIAR: dar mios (voz dos gatos).

MECHA: pavio, estopim, tufo de cabelo, dreno;
MEXA: forma verbal de MEXER.

MOÇA: mulher jovem, virgem, fem. de moço;
MOSSA: vestígio de uma pancada ou pressão forte, entalho, abalo ou impressão moral.

NORMALIZAR: tornar normal, regularizar, padronizar, fazer voltar à normalidade, submeter à norma;

NORMATIZAR: estabelecer normas para, submeter a normas (neologismo já devidamente registrado).
Observações: Muitas empresas utilizam o verbo "normalizar" no sentido de "tornar normal" e de "estabelecer normas". A maioria, entretanto, prefere estabelecer a diferença acima.
Lembre-se de que existe o adjetivo "normativo", palavra de origem francesa, cujo significado é "que tem a qualidade ou força de norma".

PAÇO: palácio;
PASSO: passada.

PEÃO: trabalhador rural, peça do jogo de xadrez, amansador de cavalos, tocador de boiada (a palavra vem do latim e significa "pedestre", ou seja, aquele que anda a pé. Em Portugal, a palavra aparece em placas que advertem os motoristas, para que tomem cuidado com peões, ou seja, com os pedestres.;)

PIÃO: espécie de brinquedo.

POÇA (com a pronúncia fechada "pôça", substantivo): cova pouco profunda contendo água ou outro líquido qualquer;

POSSA (com a pronúncia aberta "póssa"): primeira e segunda pessoas do singular do Presente do Subjuntivo do verbo PODER.

POCEIRO: homem que cava poços;
POSSEIRO: aquele que se encontra na posse clandestina ou ilegítima de certa área de terras particulares ou devolutas, com a intenção de dono.

POÇO (com a pronúncia fechada "pôço", substantivo): cavidade no solo que contém água, cisterna;
POSSO (com a pronúncia aberta "pósso"): primeira pessoa do singular do presente do indicativo do verbo PODER.

PLEITO: disputa;
PREITO: homenagem.

PREEMINENTE: nobre, distinto, que ocupa lugar mais elevado;
PROEMINENTE: alto, saliente, que se alteia acima do que o circunda.

PRENUNCIAR: anunciar com antecedência;
PRONUNCIAR: exprimir verbalmente, articular.

PREFERIR: querer ou gostar mais, ter preferência por; (Particípio Passado = PREFERIDO)
PRETERIR: não dar importância a, omitir. (Particípio Passado = PRETERIDO)

PRESCREVER: receitar ou perder a validade ("O médico prescreveu este remédio"; "O prazo já prescreveu");
PROSCREVER: banir, expulsar ("Ele foi proscrito da cidade.").

PRESAR: prender, apreender;
PREZAR: ter em consideração.

QUERELA: discussão, pendência;
QUIRELA (ou QUIRERA): milho quebrado que se dá às aves, também em relação ao arroz ou outros cereais.

RATIFICAR: confirmar, corroborar;
RETIFICAR: alterar, corrigir.

REBOLIÇO: que tem forma de rebolo, que rebola;
REBULIÇO: bagunça, grande barulho, agitação, desordem, confusão.

REVEZAR: substituir alternadamente;
REVISAR: rever.

RINGUE: tablado onde se realizam lutas de boxe e outras;
RINQUE: pista de patinação.

RUÇO: grisalho, desbotado (gíria: "difícil");
RUSSO: relativo à Rússia.

SEÇÃO (ou SECÇÃO): parte, divisão, departamento, ato de seccionar;
SESSÃO: espaço de tempo, programa;
CESSÃO: doação, ato de ceder.

SOAR: emitir determinado som;
SUAR: transpirar.

SORTIR: abastecer, prover;
SURTIR: ter como conseqüência, produzir, alcançar efeito.

SUBENTENDER: perceber, entender o que não estava exposto ou bem explicado;
SUBTENDER: estender por baixo.

TACHA: pequeno prego; ou mancha, defeito moral; ou tacho grande;
TAXA: imposto, tributo financeiro.
(**OBs.** Taxativo = que taxa, que limita, restritivo, definitivo. No entanto, não há registro em nossos dicionários da palavra "tachativo".)
Exemplo: O presidente foi taxativo ao afirmar que não aprovaria aquele projeto de lei.

TACHAR*: censurar, acusar, botar defeito em ;
TAXAR: estabelecer um preço, um imposto, tributar.

TENÇÃO: propósito, rixa, má vontade;
TENSÃO: voltagem, rigidez do tecido muscular.

TRÁFEGO: movimento, trânsito de veículos ou de pedestres;
TRÁFICO: comércio ilegal, negócio indecoroso.

TRÁS: parte posterior;
TRAZ: forma do verbo TRAZER.

VENOSO: relativo a veias;
VINOSO: que produz vinho.

VÊS: segunda pessoa do singular do presente do indicativo do verbo VER;
VEZ: ocasião.

VESTIÁRIO: local para trocar de roupa em clubes, colégios, etc;
VESTUÁRIO: é o traje, a indumentária, as roupas que usamos.

VIAGEM (= substantivo): "Fiz uma viagem inesquecível", "Boa Viagem!";
VIAJEM (forma verbal): terceira pessoa do plural do presente do subjuntivo do verbo VIAJAR. Exemplo: "Por favor, viajem amanhã, hoje já está muito tarde."

VULTOSO: de grande vulto, nobre, volumoso;
VULTUOSO: atacado de vultuosidade (estado mórbido em que a face e os lábios se incham e avermelham muito).

USUÁRIO: o que desfruta o direito de usar alguma coisa;
USURÁRIO: o que pratica a usura ou agiotagem.

(*) NOTAS:
Em relação ao verbete "consertar", com "s", no dicionário Aurélio, entre vários sentidos, encontramos os seguintes: "Pôr em boa ordem; dar melhor disposição a; arrumar, arranjar"; com o exemplo: "Antes de entrar na sala, consertou a gravata e penteou o cabelo".

Já "concertar", com "c", significa "harmonizar, conciliar". Entretanto, no mesmo dicionário Aurélio, este verbete, entre vários sentidos, igual- mente apresenta os seguintes: "Pôr em boa ordem; dar melhor disposição a; compor, ajustar, endireitar." Em seguida, um exemplo, retirado de "Histórias românticas", de Machado de Assis: "Examinou as luvas, concertou a gravata."

No Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa, de Caldas Aulete, no Dicionário Universal da Língua Portuguesa, da Texto Editora, de Portugal, e no Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa, da Melhoramentos, entre outros, não se registra essa parcial equivalência entre "consertar" e "concertar". O fato é que, apesar dessa parcial igualdade que se vê entre consertar e concertar, quando se arruma algo que está quebrado, conserta-se, com "s". E, quando uma orquestra atua, ocorre um concerto, com "c".

Outra confusão pode ocorrer com "tachar", com "ch", e "taxar", com "x". Quando se diz que alguém foi considerado covarde, diz-se que esse alguém foi "tachado" de covarde, pois "Tachar", com "ch", é "pôr mancha, defeito, nódoa". O problema é que, se você procurar as duas palavras (tachar e taxar) nos dicionários - e, neste caso, não só no Aurélio, mas nos outros também - vai descobrir que ambas podem significar "qualifi- car", ou seja, "classificar, julgar".
Desta vez, Aurélio se encarrega de desfazer uma possível confusão. Como "tachar" significa "pôr mancha, defeito", só se pode empregá-lo para idéias pejorativas: "Tacharam de ridícula a proposta dele." Já o verbo "taxar", que significa "estipular o preço, o valor de algo", acaba, por analogia, significando também "avaliar, julgar". Pode, por isso, ser usado tanto para os atributos bons como para os ruins:
"Taxaram de exemplar seu comportamento"; "Taxaram de vulgar seu procedimento". Não faria sentido, portanto, dizer que "tacharam de exemplar seu procedimento".

XVI. PRINCIPAIS REGRAS DE ORTOGRAFIA.

"A competência para grafar corretamente as palavras está diretamente ligada ao contato íntimo com essas mesmas palavras. Isso significa que a freqüência do uso é que acaba trazendo a memorização da grafia correta. Além disso, deve-se criar o hábito de esclarecer as dúvidas com as necessárias consultas ao dicionário. Trata-se de um processo constante, que produz resultados a longo prazo."
(Pasquale Cipro Neto & Ulisses Infante, Gramática da Língua Portuguesa)

ORIENTAÇÕES GERAIS.

1) Devemos empregar **"ss"** em todos os substantivos derivados de verbos terminados em **"gredir", "mitir", "ceder"** e **"cutir".**

Exemplos:
AGREDIR / AGRESSÃO
PROGREDIR / PROGRESSÃO
REGREDIR / REGRESSÃO
TRANSGREDIR / TRANSGRESSÃO
ADMITIR / ADMISSÃO
DEMITIR / DEMISSÃO
OMITIR / OMISSÃO
PERMITIR / PERMISSÃO
TRANSMITIR / TRANSMISSÃO
ACEDER / ACESSO
CEDER / CESSÃO
CONCEDER / CONCESSÃO
EXCEDER / EXCESSO, EXCESSIVO
SUCEDER / SUCESSÃO
DISCUTIR / DISCUSSÃO

2) Devemos empregar **"s"** em todos os substantivos derivados de verbos terminados em **"ender", "verter" e "pelir".**

Exemplos:
APREENDER / APREENSÃO
ASCENDER / ASCENSÃO
COMPREENDER / COMPREENSÃO
DISTENDER / DISTENSÃO
ESTENDER / EXTENSÃO
PRETENDER / PRETENSÃO
SUSPENDER / SUSPENSÃO
TENDER / TENSÃO
VERTER / VERSÃO
REVERTER / REVERSÃO

CONVERTER / CONVERSÃO
SUBVERTER / SUBVERSÃO
EXPELIR / EXPULSÃO
REPELIR / REPULSÃO

3) Devemos empregar "ç" em todos os substantivos derivados dos verbos **"TER"** e **"TORCER",** mais seus derivados.

Exemplos:
ABSTER / ABSTENÇÃO
ATER / ATENÇÃO
DETER / DETENÇÃO
MANTER / MANUTENÇÃO
RETER / RETENÇÃO
TORCER / TORÇÃO
DISTORCER / DISTORÇÃO
CONTORCER / CONTORÇÃO

EMPREGO DO S OU DO Z.

1. Os sufixos **"ês"** e **"esa"** são empregados na formação de nomes que designam profissão, títulos honoríficos de posição social, assim como em palavras que indicam origem, nacionalidade.

Exemplos: burguês, camponês, marquês, português, japonês, francês, burguesa, camponesa, marquesa, princesa, portuguesa, japonesa, francesa etc.

2. São grafadas com o sufixo **"isa"** as palavras que indicam ocupações femininas: poetisa, profetisa, papisa, sacerdotisa, pitonisa.

3. Os sufixos **"ez"** e **"eza"** são empregados para formar nomes abstratos que derivam de adjetivos.

Exemplos:
ADJETIVOS / DERIVADOS
agudo / agudez
escasso / escassez
estúpido / estupidez
límpido / limpidez
gago / gaguez
honra / honradez
inválido / invalidez
intrépido / intrepidez
macio / maciez

rígido / rigidez
sensato / sensatez
sisudo / sisudez
surdo / surdez
avaro / avareza
belo / beleza
certo / certeza
duro / dureza
esperto / esperteza
justo / justeza
nobre / nobreza
pobre / pobreza
rico / riqueza
rijo / rijeza
singelo / singeleza

4. Com **"z",** normalmente, são grafadas palavras derivadas de outras em que já existe o **"z",** e verbos terminados pelo sufixo **"izar",** em cujos radicais das palavras que lhes deram origem possuam ou não a letra **z.**

Exemplos: balizado (baliza), arrazoado, razoável (razão), canalizar, finalizar, industrializar, organizar, utilizar, arborizar, dinamizar, regularizar, cicatrizar (cicatriz), envernizar (verniz), enraizar (raiz), deslizar (deslize) etc.

Observação: Os verbos terminados em **"isar",** com **"s",** têm apenas como sufixo as letras "ar", pois as letras "is", neste caso, fazem parte do radical da palavra que deu origem ao verbo.

Exemplos:
análise / analisar
aviso / avisar
improviso / improvisar
pesquisa / pesquisar

EXCEÇÃO: Apesar de originar-se da palavra "catequese", que possui um **"s"** em seu radical, o verbo catequizar deve ser grafado com **"z",** pois a sílaba átona final de catequese foi suprimida para se inserir o sufixo **"izar"** na formação do verbo.

5. Grafam-se com "z" as palavras derivadas com os **sufixos "zada, zal, zarrão, zeiro, zinho, zito, zona, zorra, zudo"**. O **"z",** neste caso, é um infixo.

Exemplos:
pazada, cafezal, canzarrão, açaizeiro, papelzinho, cãozito, mãezona, mãozorra, pezudo etc.

Observação: Em palavras como "asinha, risinho, risada, casinha, caseiro, casebre", o **"s"** pertence ao radical dos vocábulos de origem (asa, riso, casa).

6. Também grafa-se com **"s":**

Após os ditongos;
Exemplos: lousa, coisa, causa, Neusa, ausência, Eusébio, náusea.

Nas formas dos verbos "pôr" (e derivados) e "querer";
Exemplos: pus, pusera, pusesse, puséssemos; repus, repusera, repusesse, repuséssemos; quis, quisera, quisesse, quiséssemos.

EMPREGO DO C E DO QU.
Existem palavras que podemos escrever com **"c"** e também com **"qu".**
Exemplos: catorze / quatorze cociente / quociente cota / quota cotidiano / quotidiano cotizar / quotizar

Observação: As palavras a seguir, porém, possuem uma só grafia: "cinqüenta, cinqüentenário, cinqüentão, cinqüentona."

EMPREGO DO X E DO CH.
Deve-se empregar o **"x"** após os ditongos (encontros vocálicos = vogal + semi-vogal em uma mesma sílaba).
Exemplos: ameixa, feixe, caixa, trouxa, frouxo, gueixa, peixe, peixada, queixo, queixada, eixo, baixo, encaixar, paixão, rebaixar etc.

EXCEÇÃO: recauchutar (mais seus derivados) e caucho (espécie de árvore que produz o látex).

Emprega-se também o x:

➔ Após as sílabas **"en"** e **"me";**
Exemplos: enxada, enxurrada, enxame, enxaqueca, enxerido, enxovalho, enxugar, mexer, mexilhão, mexerico, mexerica, mexicano etc.

Observação: Palavras como "enchente, encharcar, enchiqueirar, enchapelar, enchumaçar", embora se iniciem pela sílaba "en", são grafadas com "ch", porque são palavras formadas por prefixação, ou seja, pelo prefixo en + o radical de palavras que tenham o ch (enchente, encher e seus derivados = prefixo en + radical de cheio; encharcar = en + radical de charco; enchiqueirar = en + radical de chiqueiro; enchapelar = en + radical de chapéu; enchu- maçar = en + radical de chumaço).

EXCEÇÃO: Em relação à regra da sílaba "me", uma exceção é O SUBSTANTIVO "mecha"; não confundir com a forma verbal "mexa" do verbo mexer que deve ser grafada com x.

➔ Nas palavras de origem indígena ou africana e nas palavras inglesas aportuguesadas. Exemplos: xavante, xingar, xique-xique, xará, xerife, xampu.

Outras palavras com X: bexiga, bruxa, caxumba, laxativo, laxante, maxixe, paxá, muxoxo, quixotesco, rixa, xarope, xícara, xucro, xereta, capixaba, faxina, lixo, graxa, praxe, puxar, relaxar, roxo, xaxim, xenofobia.

Outras palavras com CH: charque, chiste, chicória, chimarrão, ficha, cochicho, cochichar, estrebuchar, fantoche, flecha, inchar, pechincha, pechinchar, penacho, salsicha, broche, arrocho, apetrecho, bochecha, brecha, chuchu, cachimbo, comichão, chope, chute, debochar, fachada, fechar, linchar, mochila, piche, pichar, tchau.

Existem vários casos de **palavras homófonas**, isto é, palavras que possuem a mesma pronúncia, mas a grafia diferente. Nelas a grafia se distingue pelo contraste entre o **x** e o **ch**.

Exemplos:
- brocha (pequeno prego)
- broxa (pincel para caiação de paredes)
- chá (planta para preparo de bebida)
- xá (título do antigo soberano do Irã)
- chalé (casa campestre de estilo suíço)
- xale (cobertura para os ombros)
- chácara (propriedade rural)
- xácara (narrativa popular em versos)
- cheque (ordem de pagamento)
- xeque (jogada do xadrez)
- cocho (vasilha para alimentar animais)
- coxo (capenga, imperfeito)
- tacha (mancha, defeito; pequeno prego); daí "tachar": colocar defeito ou nódoa em alguém ou em algo.)
- taxa (imposto, tributo); daí "taxar": cobrar impostos.

[Veja mais palavras homófonas na seção **PARÔNIMOS**]

XVII. PONTUAÇÃO

É o conjunto de sinais gráficos que possui basicamente duas funções: representar, na língua escrita, as pausas e a entoação da língua falada, na tentativa de reconstituir o movimento vivo, recursos rítmicos e melódicos que a oralidade possui e dividir as partes do discurso que não têm entre si uma íntima relação sintática.

EMPREGO DOS SINAIS GRÁFICOS

VÍRGULA (,)

Emprega-se a vírgula nos seguintes casos:

1. para separar termos da mesma função sintática;

Exemplos:
Pedro, João, Mateus e Tiago eram alguns dos apóstolos de Jesus. (Pedro, João, Mateus e Tiago exercem a mesma função sintática nessa oração, ou seja, a de sujeito.)
Ana vendeu um sofá, duas poltronas, uma estante e uma mesinha. (sofá, poltronas, estante e mesinha funcionam, aqui, como objetos diretos da oração.)

Observações: Quando as conjunções **"e", "ou"** e **"nem"** vierem repetidas numa enumeração, dando ênfase ao que se diz, costuma-se separar os termos coordenados.
Exemplos:
Abrem-se lírios, e jasmins, e rosas, e cravos...
Ou você presta atenção à aula, ou você conversa, ou você sai da sala.
Nem eu, nem tu, nem qualquer outra pessoa resolverá este caso.

Quando se usa a conjunção **"ou"** para indicar equivalência entre dois termos, pode-se ou não empregar-se uma vírgula antes da conjunção e outra depois da palavra que indica equivalência.
Exemplos:
Cláudia, ou sua irmã, deverá ser a oradora da turma.
Cláudia ou sua irmã deverá ser a oradora da turma.

Torna-se necessária a vírgula antes da conjunção **"e"** quando servir para separar orações coordenadas que tenham sujeitos diferentes.
Exemplos:
A primavera despertava as flores, e os coqueiros balançavam preguiçosos ao vento. (Neste exemplo, o "e" não está ligando flores a coqueiros, pois este termo é sujeito da forma verbal balançavam, e flores é objeto direto de DESPERTAva que tem como sujeito a palavra primavera.)
Ele dizia muitas coisas, e sua esposa só ouvia.

2. para isolar o objeto direto anteposto ao verbo nas construções em que ele aparece também com sua forma pleonástica;

Exemplos:
A mesa, nós a empurraremos.
(A mesa = objeto direto / pronome a = objeto direto pleonástico)

O homem, fê-lo Deus à sua semelhança.
(O homem = objeto direto / lo = objeto direto pleonástico)

Os sapatos, João os comprou na C&A.
(Os sapatos = objeto direto / os = objeto direto pleonástico)

3. para isolar o aposto explicativo;

Exemplos:
Alice, a diretora, estava muito feliz. (aposto = a diretora)
Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, foi enforcado por lutar pela nossa Independência. (aposto = o Tiradentes)

4. para isolar o vocativo;

Exemplos:
Maria, porque não respondes? (vocativo = Maria)
Ajuda-me, Senhor, neste trabalho. (vocativo = Senhor)

5. para isolar o adjunto adverbial antecipado;

Exemplos:
No campo, a chuva é sempre bem-vinda. (adjunto adverbial = No campo)
Ama, com fé e orgulho, a terra em que nasceste. (adjunto adverbial = com fé e orgulho)
Pela manhã, fui ao sítio de meu avô. (adjunto adverbial = Pela manhã)

No entanto, quando o adjunto for constituído de apenas um advérbio, a vírgula será facultativa.

Exemplos:
Ali várias pessoas discutiam sobre futebol.
Ali, várias pessoas discutiam sobre futebol.
Hoje não comprei o jornal.
Hoje, não comprei o jornal.

6. para se separar a localidade da data, e nos endereços;

Exemplos:
Rio de Janeiro, 31 de julho de 1957.
Rua Barata Ribeiro, 200, ap. 101, Copacabana.

7. para marcar a supressão do verbo numa oração (zeugma);

Exemplos:
Eu fui de ônibus; ela, de avião.
Os valorosos levam as feridas; e os venturosos, os prêmios.

8. para separar orações coordenadas assindéticas, isto é, separar orações que não apresentam conjunções que as interliguem;

Exemplos:
Acendeu um cigarro, cruzou as pernas, estalou os dedos.
Vim, vi, venci.

9. para separar as orações coordenadas sindéticas adversativas, conclusivas e explicativas;

Exemplos:
Não me disseste nada, mas eu vi tudo.
Ana namorava Carlos, entretanto não o amava.
Tu és homem, logo és mortal.
Estou com o mapa no carro, portanto não errarei o caminho.
Venha, que já é tarde.
Não fumes aqui, porque é perigoso.
Volte amanhã, pois o diretor não o atenderá hoje.

10. para isolar certas expressões exemplificativas e de retificação;

Exemplos:
Além disso, por exemplo, isto é, ou seja, a saber, aliás, digo, minto, ou melhor, ou antes, outrossim, com efeito, a meu ver, por assim dizer, por outra, etc.

11. para isolar o predicativo deslocado;

Exemplos:
A mulher, desesperada, correu em socorro do filho.
Desesperada, a mulher correu em socorro do filho.
Cansados, os meninos dormiram mesmo no chão.
Os meninos, cansados, dormiram mesmo no chão.

12. para isolar certas conjunções deslocadas;

Exemplos:
Naquele dia, porém, não pude vir. (todavia, contudo, entretanto, No entanto, etc.)
Observação: Quando a conjunção "pois" for conclusiva, virá sempre depois do verbo da oração a que pertence e, portanto, isolada por vírgulas.
Exemplo: As jóias não eram, pois, tão valiosas assim.

13. para isolar as orações intercaladas;

Exemplos:
Amanhã mesmo vou embora, assegurou Rogério, batendo a porta da rua.
Ele sabia que, mesmo comprometendo a sua segurança, precisava fazer a denúncia.
Observação: Neste caso, também é possível substituir as vírgulas por travessões.

14. para isolar as orações subordinadas adjetivas explicativas;

Exemplos:
Léa, que tem manias estranhas, entrou na sala agora.
O homem, que se considera racional, muitas vezes age animalescamente.

15. para separar as orações subordinadas adverbiais, principalmente quando antepostas à principal (Exceção das comparativas).

Exemplos:
Quando se levantou, os seus olhos tinham uma imensa paz.
Se chover muito, não irei à casa de Paula.
Apesar de ter ido ao passeio, ela não se alegrou.
Ana é tão inteligente como a irmã.

Observações:
_ Pode-se separar as orações adjetivas restritivas quando muito extensas no período ou no encontro dos verbos;

Exemplos:
As famílias que se estabeleceram naquela favela de pequenas e sujas vielas, estão preocupadas com os bandidos.
O homem que falou, representou-me na reunião.

_ São também separadas por vírgulas as orações reduzidas de infinitivo, de gerúndio e de particípio que se antepõem à oração principal.

Exemplos:
Marchar mais e mais, insistia o sargento.
Sendo muitos os problemas, resolva-os sempre um por um.
Incentivado, viajou para Londres.

_ Quando houver um parêntese no período, no lugar em que já exista uma vírgula, esta se coloca depois do parêntese fechado, uma vez que este sempre esclarece o que ficou antes da vírgula, e não o que vem depois dela.

Exemplo:
Estava Mário em sua casa (nenhum prazer sentia fora dela), quando ouviu gritos na rua.

CASOS EM QUE NÃO SE DEVE EMPREGAR A VÍRGULA

A) Não se deve separar por vírgula o sujeito de seu predicado, os verbos de seus complementos e destes os adjuntos adverbiais se vierem na ordem direta.

Ordem direta ➔ SUJEITO + VERBO + COMPLEMENTOS + ADJUNTOS ADVERBIAIS

Exemplos:
Pedro, comprou um livro no sebo. (errado)
Pedro comprou, um livro no sebo. (errado)
Pedro comprou um livro, no sebo. (errado)
Pedro comprou um livro no sebo . (certo)

B) Segundo alguns gramáticos mais antigos, não se deve colocar vírgula antes de **"etc",** pois se trata de letras que abreviam a expressão latina "et cetera", que significa **"e outras coisas", "e o resto", "e assim por diante".** Nesse sentido, também é condenável o uso da conjunção **"e"** antes de ETC.

Exemplos:
Sandra comprou blusas, calças, meias e etc. (condenado)
Sandra comprou blusas, calças, meias etc. (aceito)

No entanto, o Acordo Ortográfico que está vigindo no Brasil determina que se use, obrigatoriamente, a vírgula antes de etc.

Exemplo:
Acordou, tomou café, tomou banho, etc.

Quando a frase termina com **"etc.",** basta colocar um ponto, que acaba tendo duplo papel: o de marcar a abreviatura da expressão e o de encerrar o período. É o que se vê nos dicionários e no "Formulário Ortográfico Oficial" em todos os casos em que se emprega essa abreviatura.

PONTO-E-VÍRGULA (;)

Este sinal serve de intermediário entre o ponto e a vírgula, aproximando-se ora mais de um ora mais de outro, segundo os valores pausais e melódicos que representa no texto. Apesar da imprecisão deste sinal, pode-se estabelecer alguns empregos para ele.

1. Serve para separar orações coordenadas com certa extensão e que possuam a mesma estrutura sintática, sobretudo, se possuem partes já divididas por vírgulas;

Exemplos:
Das graças que há no mundo, as mais sedutoras são as da beleza; as mais picantes, as do espírito; as mais comoventes, as do coração.
Nos dias de hoje, é preciso andar com cautela; antigamente, a vida era mais tranqüila.

2. Para separar orações coordenadas assindéticas de sentido contrário;

Exemplos:
Cláudio é ótimo filho; Júlio, ao contrário, preocupa constantemente seus pais.
Uns se esforçam, lutam, criam; outros vegetam, dormem, desistem.

3. Para separar orações coordenadas adversativas e conclusivas quando se deseja (com o alongamento da pausa) acentuar o sentido adversativo ou conclusivo dessas orações;

Exemplos:
Pode a virtude ser perseguida; mas nunca desprezada.
Estudei muito; não obtive, porém, resultados satisfatórios.
Ele anda muito ocupado; não tem, por isso, respondido às suas cartas.

Observação: Em certos casos, a ênfase dada a essas orações pode pedir o emprego do ponto em lugar do ponto-e-vírgula.
Exemplo:
O exame de física foi bastante difícil. Entretanto, o de português foi bem melhor.

4. Para separar os diversos itens de uma lei, decreto, portaria, regulamento, exposição de motivos, etc;

Exemplo:
Artigo 187
O processo será iniciado:
I - por auto de infração;
II - por petição do contribuinte interessado;

5. Para separar itens diferentes de uma enumeração;

Exemplo:
O Brasil produz café, milho, arroz; cachaça, cerveja, vinho. (Separando gêneros alimentícios de bebidas)

6. Para separar os itens de uma explicação.

Exemplo:
A introdução dos computadores pode acarretar duas conseqüências: uma, de natureza econômica, é a redução de custos; a outra, de implicações sociais, é a demissão de funcionários.

PONTO (.)

O ponto assinala a pausa máxima da voz. Serve para indicar o término de uma oração absoluta ou de um período composto. Quando os períodos simples e compostos mantêm entre si uma seqüência do pensamento, serão separados por um ponto chamado de "ponto simples"; e o período seguinte que expressa uma conseqüência ou uma continuação do período anterior será escrito na mesma linha. Porém, se houver um corte, uma interrupção na seqüência do pensamento, o período seguinte se iniciará na outra linha, sendo o ponto do período anterior chamado de "ponto parágrafo".

Finalmente, quando um ponto encerra um enunciado, dá-se o nome de "ponto final".

O ponto serve ainda para abreviar palavras.

Exemplo: V. S. = Vossa Senhoria; prof. = professor, etc.

DOIS PONTOS (:)

Serve para marcar uma sensível suspensão da voz na melodia de uma frase não concluída. Emprega-se nos seguintes casos:

1. Antes de uma citação;

Exemplos:
Como ele nada dissesse, o pai perguntou:
- Queres ou não queres ir?
Disse Machado de Assis: "A solidão é oficina de idéias."

2. Antes de uma enumeração;

Exemplo:
Tínhamos dezenas de amigos: Pedro, João, Carlos, Luís, mas nenhum deles entendeu nosso problema.

3. Antes de uma explicação, uma síntese ou uma conseqüência do que foi enunciado, ou ainda antes de uma complementação.

Exemplos:
A razão é clara: achava sua conversa menos interessante que a dos outros rapazes.
E a felicidade traduz-se por isto: criarem-se bons hábitos durante toda a vida.
No quartel, quem manda é o sargento: só nos cabe ouvir e obedecer.
Aquela mãe preocupava-se com uma coisa só: o futuro dos filhos.
"Não sou alegre nem sou triste: sou poeta." (C. Meireles)

Observação: Nos vocativos de cartas, ofícios, etc, usa-se vírgula, ponto, dois pontos ou nenhuma pontuação.
Exemplos:
Prezado Senhor,
Prezado Senhor.
Prezado Senhor:
Prezado Senhor

PONTO DE INTERROGAÇÃO (?)

É um sinal que indica uma pausa com entoação ascendente. Emprega-se nos seguintes casos:

1. Nas interrogações diretas;

Exemplos:
Quem vai ao teatro hoje?
Que é Deus?

2. Pode-se combinar o ponto de interrogação com o ponto de exclamação quando a pergunta também expressar uma surpresa;

Exemplo:
- Ana desmanchou o noivado de cinco anos.
- Por quê?!

3. Quando houver dúvida na pergunta, costuma-se colocar reticências após o ponto de interrogação.

Exemplos:
- Então?... Qual o caminho que devemos seguir?...
- E você também não sabe?...

PONTO DE EXCLAMAÇÃO (!)

Neste sinal, a pausa e a entoação não são uniformes, já que somente no contexto em que está inserida a frase exclamativa poderemos interpretar a intensão do escritor, pois são várias as possibilidades da inflexão exclamativa como, por exemplo, as frases que exprimem espanto, surpresa, alegria, entusiasmo, cólera, dor, súplica, etc.

Normalmente se emprega nos seguintes casos:

1. Depois de interjeições ou de termos equivalentes como os vocativos intensos, as apóstrofes;

Exemplos:
- Ai! Ui! - gritava o menino.
- Credo em cruz! - gemeu Raimundo.
- Adeus, Senhor!

"Ó Pátria amada, idolatrada,
Salve! Salve!"

2. Depois de um imperativo;

Exemplos:
- Não vai! Volta, meu filho!
- Direita, volver!

Não matarás!

Observação: Para acentuar a inflexão da voz e a duração das pausas pedidas por certas formas exclamativas, pode-se empregar os seguintes recursos:

A) Combinar-se o ponto de exclamação ao de interrogação quando a entoação numa frase interrogativa for sensivelmente mais exclamativa.

Exemplo:
Para que você veio me contar essas histórias a esta hora da noite!?

B) Emprega-se a combinação acima mais reticências para dar à frase mais um matiz: o da incerteza.

Exemplo:
- Coitado! Envolvido com drogas, quem poderá dizer como acabará!?...

C) Repete-se o ponto de exclamação para marcar um reforço especial na duração, na intensidade ou na altura da voz.

Exemplo:
- Canalhas!!! Não escaparão à Justiça Divina!!!

Observação: Deve-se evitar usar este recurso quando se enviar um texto para uma pessoa cega que utilize computador com ledores de tela (como o do Sistema DOSVOX), que interpretam estes pontos repetidos apenas como sinais de pontuação, não dando à palavra ou à frase antecedidas por eles nenhuma entoação especial. Torna-se, neste sentido, obviamente desnecessária e mesmo inútil o emprego repetitivo dos pontos de interrogação e exclamação, posto que isto causará somente um extremo incômodo aos ouvidos dos leitores/ouvintes cegos.

RETICÊNCIAS (. . .)

Serve para marcar a suspensão da melodia na frase. Emprega-se em casos muito variados como:

1. Para interromper uma idéia, um pensamento, a fim de se fazer ou não, logo após, uma consideração;

Exemplo:
- Quanto ao seu pai... às vezes penso... Mas asseguro-lhe que é verdade quase tudo que se contam por aí sobre homens que enriqueceram facilmente.

2. Para marcar suspensões provocadas por hesitação, surpresa, dúvida ou timidez de quem fala. E ainda, certas inflexões de alegria, tristeza, cólera, ironia, etc.

Exemplos:
- Rapaz, veja lá... pensa bem no que vai fazer... - alertou o amigo.
- Você... aí sozinha... não tem medo de ficar na rua a esta hora?
- Eu... eu... queria... um agasalho - respondeu soluçando o mendigo.
- Há quanto tempo não o via... lágrimas vieram-lhe aos olhos... foi um encontro inesquecível.

3. Para indicar que a idéia contida na frase deve ser completada pela imaginação do leitor;

Exemplos:
"Duas horas te esperei.
Duas mais te esperaria.
Se gostas de mim, não sei...
Algum dia há de ser dia."
(F. Pessoa)

4. Para indicar uma interrupção brusca da frase;

Exemplos:
(Um personagem corta a fala de outro)
- A senhora ia dizer que...
- Nada... Esquece tudo isto.

Observações:

A) Se a fala do personagem continua depois da interrupção, costuma-se colocar reticências no início da frase.

Exemplo:
- Eu pedi que fizesse a lição...
- Que lição? Não há lição alguma.
- ...a lição sobre a vida de Ghandi.

B) As reticências podem formar uma linha inteira de pontos para indicar a supressão de palavras ou de linhas omitidas na cópia ou tradução de uma obra. Podem ainda vir entre parênteses no início e no fim de um trecho selecionado.

PARÊNTESES ( )

São empregados para intercalar, num texto, qualquer indicação ou informação acessória de caráter secundário.

Exemplos em que se empregam os parênteses:

1. Numa explicação;
Beto (tinha esse apelido desde criança) não gostava de viajar.

2. Numa reflexão, num comentário à margem do que se afirma;
Jorge mais uma vez (tinha consciência disso) decidiu seu destino ao optar pela mudança de país.

3. Numa manifestação emocional expressa geralmente em forma exclamativa ou interrogativa;
"Havia escola, que era azul, e tinha um mestre mau, de assustador pigarro... (Meu Deus! Que isto? Que emoção a minha quando estas coisas tão singelas narro?)"

4. Nas referências a datas, indicações bibliográficas, etc;
Kardec revela-nos em "O Livro dos Espíritos" (1857) os mistérios do Mundo Invisível.

5. Numa citação na língua de origem;
Como disse alguém: "A natureza não dá saltos" (natura non saltit).

Observações:
A) Os parênteses podem ser usados também para isolar orações intercaladas, sendo mais freqüentes, no entanto, para este fim, as vírgulas e os travessões.
Exemplo:
Mais uma vez (contaram-me) a policia tinha conseguido deitar a mão naquele perigoso bandido.

B) Os parênteses muito longos devem ser evitados, pois prejudicam a clareza do período. Na leitura, a frase que vem entre parênteses deve ser pronunciada em tom mais baixo. Na escrita, a frase inicia-se por maiúscula somente quando constituir oração à parte, completa, contendo uma consideração ou pensamento independente. Neste caso, é comum se colocar os parênteses depois do ponto final.
Exemplo:
"Existem jovens, por exemplo, que só conseguem crescer se tiverem uma sogra tirana. (É bastante comum Afrodite "surgir" em sogras. A madrasta má é outro exemplo.)"

C) O asterisco entre parênteses chama a atenção do leitor para alguma observação ou nota final da página ou do texto.

ASPAS (“ “)

São empregadas nos seguintes casos:

1. No início e no fim de uma citação ou transcrição literária;

Exemplo:
Fernando Pessoa nos revela em um de seus poemas que Júlio César definiu bem toda a figura da ambição quando disse: "Antes o primeiro na aldeia do que o segundo em Roma".

2. Para fazer sobressair palavra ou expressões que, geralmente, não são comuns à linguagem normal (estrangeirismos, arcaísmos, neologismos, gírias, etc.).

Exemplos:
O Sistema DOSVOX é um "software" especial para cegos.
Os escravos chamavam meu bisavô de "sinhô" ou "nhonhô".
O diretor daquela escola pública, para todos os alunos, era considerado "sangue bom".

3. Para realçar o significado de qualquer palavra ou expressão, ou para marcar um sentido que não seja o usual;

Exemplos:
O vocábulo "que" pode ser analisado de várias maneiras.
Ela deu um "espetáculo" no saguão do prédio. (A palavra ESPETÁCULO aqui tem o sentido de ESCÂNDALO.)

Observação: As aspas também podem ser empregadas no lugar dos travessões em diálogos quando da mudança de interlocutor.

Exemplos:
"Vamos mudar de assunto", disse eu.
"OK, vamos então falar de amor?" replicou Clara.
"Boa idéia!" concordei, sorrindo-lhe.

4. Para fazer sobressair o título de uma obra literária, musical, etc.

Exemplos:
Adorei ler "Nosso Lar", de André Luiz.
Você gostou do disco "Sozinho", do Caetano Veloso?

Observação: Quando as aspas abrangem parte do período, o sinal de pontuação é colocado depois delas:

Na política, ainda são bastante numerosos os "partidários do Brizolismo".
Quando, porém, as aspas abrangem todo o período, o sinal de pontuação é colocado antes delas:
"Nem tudo que reluz é ouro."

Quando já existe aspas numa citação ou numa transcrição, devemos usar a "aspa simples" ('), ou negrito, ou ainda letras de outro tipo para destacar o termo ou expressão desejados:

Aquele crítico de arte declarou assim: "Todos admiravam o 'feeling' daquele artista".

TRAVESSÃO (_)

Emprega-se nos seguintes casos:

1. Para indicar, nos diálogos, a mudança de interlocutor;

Exemplo:
- Você tem religião?
- Sim, a do Amor.

2. Para isolar, num contexto, palavras ou orações intercaladas;

Exemplo:
O presidente declarou - e nem sabemos quanto lhe custou essa decisão - que estava renunciando.

3. Para dar mais realce a uma expressão ou oração, pode-se empregar o travessão em lugar dos dois pontos;

Exemplo:
Era mesmo o meu quarto - a roupa da escola no prego atrás da porta, o quadro da santa na parede...

4. Para substituir um termo já mencionado (uso comum nos dicionários).

Exemplo:
pé, s. m.: parte inferior do corpo humano; - de-moleque: doce feito de amendoim.

ASTERISCO (*)

Serve para chamar a atenção do leitor para alguma nota ao final da página ou do capítulo.

XVIII. REGÊNCIA NOMINAL.

REGÊNCIA NOMINAL é a relação existente entre um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio) e os termos regidos por esse nome. A Regência Nominal determina qual é a preposição que devemos usar. Observe que não há regras específicas, pois a regência de uma palavra é um caso particular. Cada palavra pede seu complemento e rege sua preposição.

Exemplos:
Ela fez referência (substantivo) a este evento (complemento nominal).
(Quem faz referência faz referência a alguma coisa)

Eles tem necessidade (substantivo) de dinheiro (complemento nominal).
(Quem tem necessidade tem necessidade de alguma coisa)

A seguir, você terá vários nomes acompanhados da preposição ou preposições que regem. Procure associar esses nomes entre si ou aos verbos de que derivam.

SUBSTANTIVOS:

admiração a, por; aversão a, para, por; atentado a, contra; bacharel em; capacidade de, para;	devoção a, para com, por; doutor em; dúvida acerca de, em, sobre; horror a; impaciência com;	medo a, de; obediência a; ojeriza a, por; proeminência sobre; respeito a, com, para com, por.

Observação: O substantivo medo rege também a preposição **"a",** mas surge mais freqüentemente acompanhado da preposição **"de".**

ADJETIVOS:

acessível a; contíguo a; generoso com; acostumado a, com; contrário a; grato a, por; afável com, para com; curioso de, por; hábil em; agradável a; descontente com; habituado a; alheio a, de;	desejoso de; idêntico a; análogo a; diferente de; impróprio para; ansioso de, para, por; entendido em; indeciso em; apto a, para; equivalente a; insensível a; ávido de; escasso de;	liberal com; benéfico a; essencial a, para; natural de; capaz de, para; fácil de; necessário a; compatível com; fanático por; nocivo a; contemporâneo a, de; favorável a; paralelo a; parco em, de;	propício a; semelhante a; passível de; próximo a, de; sensível a; preferível a; relacionado com; sito em; prejudicial a; relativo a; suspeito de; prestes a; satisfeito com, de,

ADVÉRBIOS:
longe de; perto de.
Os advérbios terminados em **"-mente"** tendem a seguir o regime dos adjetivos de que são formados:
paralela a, paralelamente a; relativa a, relativamente a.
Quando o complemento de um nome ou verbo tiver a forma de oração reduzida de infinitivo, não se deve fazer a contração da preposição com o eventual sujeito desse infinitivo. A preposição, afinal, introduz toda a oração, e não apenas o sujeito dela. É bom lembrar que o sujeito jamais é introduzido por preposição.

Exemplos:
Existe a possibilidade de eles participarem (e não "deles participarem") do festival de música.
É hora de as noções de civilização contaminarem as mentes e gestos dos brasileiros. (e não "das noções")

A questão consiste em os brasileiros adotarem medidas mais rigorosas contra as infrações de trânsito. (e não "consiste nos ")

XIX. REGÊNCIA VERBAL

REGÊNCIA é a relação necessária que se estabelece entre duas palavras, uma das quais servindo de complemento a outra (dependência gramatical).

TERMO REGENTE ➔ palavra principal a que outra se subordina.

TERMO REGIDO ➔ palavra dependente que serve de complemento e que se subordina ao TERMO REGENTE.

Assim, a relação entre o verbo (termo regente) e o seu complemento (termo regido) chama-se **REGÊNCIA VERBAL**, orientada pela transitividade dos verbos que podem se apresentar diretos ou indiretos, ou seja, exigindo um complemento na forma de objeto direto ou indireto.

Lembrando que o **OBJETO DIRETO** é o complemento do verbo que não possui preposição e que também pode ser representado pelos pronomes oblíquos "o, a, os, as". Já o **OBJETO INDIRETO** vem acrescido de preposição e igualmente pode ser representado pelos pronomes "lhe, lhes". Cuidado, porém, com alguns verbos, como **"ASSISTIR** e **ASPIRAR**", que não admitem o emprego desses pronomes.

Os pronomes **"me, te, se, nos** e **vos"** podem, entretanto, funcionar como objetos diretos ou indiretos.

ATENÇÃO: Muitas vezes alguns verbos podem apresentar diferentes regências sem que seus sentidos sejam alterados ou, ao contrário, acarretando diferentes significados e acepções.

REGÊNCIA DE ALGUNS VERBOS:

- ABRAÇAR.
Pede objeto direto.
Exemplos:
Abracei Michele carinhosamente em seu aniversário.
Pelo meu elogio, Pedro abraçou-me agradecido.

Observação: Este verbo pode aparecer com outras regências que não acarretam mudança no sentido, mas que introduzem matizes especiais de significação.
Exemplos:
Meio tonto, Lucas abraçou-se ao poste.
Para caminhar com mais apoio, Ana abraçou-se em mim.
Comemorando a vitória, Luís abraçava-se com o pai.

- ACONSELHAR.
Pede objeto direto e indireto no sentido de "dar e tomar conselhos, entrar em acordo".
Exemplos:
Aconselho você a não sair de casa hoje por causa da chuva.
Aconselhei à Isabel um bom caminho para ir à praia.
Aconselhamos João sobre os malefícios do fumo.
Aconselhei-me com o juiz sobre o meu processo.
Depois nos aconselharemos no que mais nos convier.
Aconselharam-se para me trair.

- AGRADAR.
Pede objeto direto no sentido de "acariciar, fazer agrados".
Exemplos:
O pai agradava o filho antes de sair para o trabalho.
Sempre agradei minhas namoradas com meus elogios. (agradá-las)

Pede objeto indireto no sentido de "ser agradável, contentar, satisfazer".
Exemplos:
A resposta não agradou ao professor.
Tenho certeza de que este livro não lhe agradará.
A piada não agradou à platéia.

- AGRADECER.
Pede objeto direto e indireto.
Exemplos: (AGRADECER ALGUMA COISA A ALGUÉM)
Agradeci A Deus a cura de minha mãe.
Agradeceu-me comovido o presente.

Observação: Agradecer a alguém "por alguma coisa" é incorrer em italianismo, forma perfeitamente dispensável.

- AJUDAR.
Pede objeto direto e indireto.
Exemplos:
Ajudo meu irmão em seu escritório.
Ajudei-o a resolver aqueles problemas.

- APOIAR-SE.
Pede objeto indireto.
Exemplos:
Para não cair, Carlos apoiou-se ao muro.
Ela apóia-se à mesa para escrever.
Apoiamo-nos em documentos para provar o que dissemos.
Apoiei-me sobre a perna direita ao descer do ônibus.

- ANTIPATIZAR / SIMPATIZAR
Pedem objeto indireto, iniciado pela preposição "com".
Exemplos:
Antipatizei com aquela secretária.
Simpatizo com as idéias daquele partido.

Observação: Esses verbos não são pronominais. Assim, não se deve dizer: "antipatizei-me com ela" ou "simpatizei-me com ela".

- ASPIRAR.
Pede objeto direto quando significa "respirar, sorver, absorver".
Exemplos:
Aspirei muita poeira, limpando aqueles livros velhos.
Ao abrir a janela, aspirei o ar puro da manhã.

Pede objeto indireto no sentido de "ambicionar, pretender, desejar".
Exemplos:
Ele sempre aspirou ao cargo de presidente da República.
Todos aspiram a uma vida melhor.

Observação: Neste caso, não se admite o pronome átono "lhe" que deve ser substituído pelas formas "a ele, a ela", etc.
Exemplo: Aquele aumento de salário?! Aspiro a ele desde o ano passado.

- ASSISTIR.
Pede objeto direto no sentido de "prestar assistência, ajudar, servir, acompanhar".
Exemplos:
O médico assiste a evolução daquele paciente todos os dias.
A Prefeitura assistiu os moradores daquela favela depois dos desabamentos.

Pede objeto indireto quando significa "prestar atenção, estar presente, presenciar".
Exemplos:
Assistimos ao jogo ontem à noite.
Aquele casal assistiu à queda do avião com indiferença.
Observação: Neste caso, também é exigida a forma "a ele/a ela", quando da substituição do complemento por uma forma pronominal.
Exemplo: Quanto ao julgamento, assistimos a ele preocupados.

Também pede objeto indireto no sentido de "pertencer, caber direito ou razão".
Exemplo: Não lhe assiste o direito de reclamar neste momento.
Observação: Nesta acepção, é aceito como objeto indireto o pronome oblíquo "lhe".

- ATENDER
Pede objeto direto com o significado de "servir, escutar e responder".
Exemplos:
O garçom atendia o freguês com simpatia.
Renato atendeu o telefone logo que ele tocou.

Observação: Com o sentido de "escutar e responder", a regência deste verbo pode apresentar a oposição luso-brasileira "atender algo / atender a algo".
Exemplos: Renato atendeu o telefone / Renato atendeu ao telefone

Pede objeto indireto no sentido de "deferir, cuidar de".
Exemplos:
O juiz atendeu ao requerimento do advogado.
Horácio e Vera atendiam às crianças de sua creche com muito carinho e dedicação.
Todo domingo, um grupo de jovens atendia aos mais necessitados de seu bairro com alimentos e roupas doados.

Pede objeto direto ou indireto, indiferentemente, quando significa "dar ou prestar atenção a, dar audiência a".
Exemplos:
O soldado não atendeu as (às) ordens do sargento.
Janete sempre atendia os (aos) conselhos de sua mãe.
O reitor atenderá a (à) comissão de alunos amanhã.

- ATINGIR
Pede objeto direto.
Exemplos:
A despesa atingiu 50 reais.
Atualmente a informática atinge um progresso espantoso.

- ATIRAR
Pede objeto direto quando significa "arremessar, lançar, arrojar".
Exemplos:
"AQUELE QUE ESTIVER SEM PECADO QUE ATIRE A PRIMEIRA PEDRA!"
Mário gosta de atirar pedras no telhado do vizinho.
Observação: Não se deve confundir objeto indireto com adjunto adverbial.

Pede objeto indireto no sentido de "disparar arma de fogo".
Exemplos:
O alvo a que os soldados atiravam ficava a 300 metros.
Atirem nos inimigos quando eu mandar!

- AUMENTAR
Pede objeto indireto com a preposição "em".
Exemplo: A dívida externa brasileira aumentou em tamanho.

- AVISAR (assim como **CERTIFICAR, INFORMAR, NOTIFICAR, PREVENIR**)
Pede objeto direto e indireto.
Exemplos:
(AVISAR ALGUÉM DE ALGUMA COISA - FORMA MAIS ACEITÁVEL)
Eu avisarei Pedro da sua chegada.
Eu o avisarei...
(AVISAR ALGUMA COISA A ALGUÉM)
Eu avisarei sua chegada a Pedro.
Eu lhe avisarei...

- BATER
Pede objeto direto, significando "bater alguma coisa".
Exemplos:
Ao sair, Marco bateu a porta com violência.
Ela machucou seu dedo, batendo pregos na parede.
Sílvio bateu o carro no poste violentamente.

Pede objeto indireto com o sentido de "bater a, na, pelas portas, bater em alguém, bater sobre".
Exemplos:
Alguém bateu à porta quando eu assistia à televisão.
Alguém bateu na porta da sala com uma bengala.
O mendigo batia pelas portas de várias casas a pedir só um prato de comida.
João foi preso ontem por bater em sua mulher.

- CARECER
Pede objeto indireto.
Exemplos:
(Com o sentido de "precisar, necessitar")
Careço de dinheiro para pagar minhas contas.
Careço do carinho de meus avós que já morreram.

- CARREGAR
Pede objeto direto ou indireto.
Exemplos:
Carreguei o menino no colo o dia todo.
Carreguei com o menino deste lugar perigoso.

- CERTIFICAR (Mesma regência de AVISAR)

- CHAMAR
Pede objeto direto ou indireto - com a preposição "por" como posvérbio - quando significa "fazer vir alguém, convocar, invocar, pedir auxílio".
Exemplos:
O presidente chamou os ministros para uma reunião urgente. (Chamou-os)
Em suas preces, Alzira chamou por todos os santos.
O rapaz chamava pelos colegas para empurrarem o carro.
Quando viu os ladrões, Noeli chamou pela polícia.
De longe, notei que alguém chamava por mim.

Ainda com este sentido, o verbo CHAMAR pode tornar-se intransitivo.
Exemplos:
- Chamou? Perguntou o policial.
- Chamei! Respondeu a moça.

Com o significado de "denominar, apelidar", pede objeto direto ou indireto e predicativo, com ou sem preposição.
Exemplos:
Chamavam Jânio, maluco. / Chamavam Jânio de maluco.
Chamavam a Jânio de maluco. / Chamavam a Jânio, maluco.

- CHEGAR
Pede o emprego da preposição "a"; contudo, já é bastante usual na linguagem coloquial brasileira o emprego da preposição "em".
Exemplos:
Ele chegou ao (no) colégio atrasado.
Bete chegou a (em) casa de madrugada.

Observação: Em "Cheguei na hora exata", a preposição "em" está empregada corretamente, porque indica tempo, e não lugar.

- CERTIFICAR (ver **AVISAR**)

- COMUNGAR
Pede objeto direto com o sentido de "dar comunhão.
Exemplo:
O padre comungou meus pais hoje. (Comungou-os)

Com o significado de "estar de acordo, participar", pode vir com preposição, como pósverbio.
Exemplos:
Eles comungavam às (das/nas/com as) mesmas idéias.
Gabeira voltou ao Brasil para comungar das (com as/nas) liberdades e dos direitos e deveres democráticos.

- CONFRATERNIZAR
Pede objeto indireto.
Exemplo:
Os jogadores confraternizaram com a torcida após a conquista do campeonato.

Observação: O verbo confraternizar já indica reciprocidade. Portanto, o pronome "se" é perfeitamente dispensável.

- CONHECER
Pede objeto direto.
Exemplos:
Eu conheço aquela menina de algum lugar. (Eu a conheço)

- CONSTITUIR (-SE)
O verbo constituir é transitivo direto.
Exemplo:
Esses capítulos constituem o núcleo do romance.

O verbo constituir-se rege a preposição "em": Esses capítulos constituem-se no núcleo do romance.

- CONTENTAR
Pede objeto direto quando significa "agradar, satisfazer".
Exemplos:
Fiz o possível para contentar meus filhos neste Natal.
Não consegui contentá-la com meu presente.

Com o sentido de "ficar contente", o verbo é pronominal, apresentando-se com as preposições "com, de, em".
Exemplos:
Contento-me com poucas coisas.
Contentou-se em/de viajar amanhã para a Europa.

- CONTRIBUIR
Quando se usar o verbo "contribuir", a preposição "com" deverá introduzir o meio utilizado para a contribuição (dinheiro, mão-de-obra, mantimentos, roupas, etc.); já a preposição "para" introduzirá o beneficiário da contribuição, ou seja, a quem será destinado o elemento material da contribuição. Deve-se dizer, pois, que alguém contribui com algo para alguém.
Exemplos:
Ele contribuiu com dinheiro para as vítimas das enchentes.
Pedro contribuirá com sua experiência de pedreiro para a reforma da escola.

- CONVIDAR
Pede objeto direto.
Exemplos:
Convidarei Bruna para sairmos hoje.
Cláudia não o convidou para a festa.

- CUSTAR
Pede objeto direto quando significa "valer, ter um preço".
Exemplos:
Este carro esporte custa cem mil dólares.
Quanto custou esse livro?

Quando significa "ser difícil", pede objeto indireto e vem sempre na terceira pessoa, tendo como sujeito uma oração, geralmente reduzida de infinitivo.
Exemplos:
Custa-me ir trabalhar de trem todos os dias.
Custam aos alunos esses exercícios de geometria (Custam-lhes)

Se o verbo vem seguido de um infinitivo, este pode vir ou não precedido da preposição "a".
Exemplos:
Custou-me (a) resolver esses problemas.
Ele há de custar (a) dar o primeiro passo.

Observação: Para valorizar a pessoa a quem um fato apresenta-se difícil, ou ainda tendo o sentido de "tardio, demorado", a linguagem coloquial põe-na como sujeito da oração.
Exemplos:
Custei (a) resolver esses problemas.
Custamos (a) acreditar que aquilo era verdade.

- DEPARAR
Pede objeto direto quando significa "fazer aparecer".
Exemplo:
Qual é o santo que depara as coisas perdidas?

Pede objeto indireto no sentido de "encontrar com alguém de repente".
Exemplo:
Ana deparou com seu pai na rua.

É pronominal, significando "vir, chegar, surgir inesperadamente".
Exemplo:
Deparou-se-lhe uma ótima chance de emprego.

- DESCULPAR
Pede objeto direto e indireto, possuindo os sentidos de "pedir desculpas, perdoar e justificar".
Exemplos:
(PERDOAR ALGUÉM DE OU POR ALGUMA COISA)
Desculpe-me de (por) ter gritado com você.
Ao chegar, Antônio desculpou-se da (pela=por+a) demora.
Desculpei meu irmão de (por) me ter ofendido. (Desculpei-o)
Toda mãe sempre desculpa os erros de seus filhos.

- DIGNAR-SE (pronominal, que no padrão culto rege a preposição "de")
Exemplos:
Ele não se dignou de dizer a verdade.
O deputado nem se dignou de nos responder.

Observações: É comum, em textos formais, encontrar esse verbo com a preposição "de" elíptica.
Ex.:
O Presidente se dignou ouvir nossas reivindicações.

Normalmente, esse verbo, na linguagem corrente, é usado com as preposições "em" ou "a", sendo esse uso inadequado, já que não é aprovado por gramáticos e dicionaristas.

- ENCONTRAR
Pede objeto direto quando significa "achar, avistar".
Exemplo:
Só hoje encontrei o livro que tanto procurava.

Pede objeto indireto no sentido de "deparar com alguém, ter ou marcar um encontro".
Exemplo:
Encontramos com João no cinema.

É pronominal quando significar "estar, achar-se em".
Exemplo:
A secretária disse que seu chefe encontrava-se em reunião.

- ENSINAR
Pede objeto direto e indireto.
Exemplo:
Ensinei português aos alunos a tarde toda.

- ENTRAR
Pede objeto indireto.
Exemplos:
Entrei na sala de aula.
Entrei de cantor no conjunto do colégio.
Entrei para o coro do teatro.

- ESPERAR
Pede objeto direto.
Exemplo:
Na festa, todos esperavam Pelé.

Observação: Pode-se empregar a preposição "por" como posvérbio, marcando interesse: "Todos esperavam por Pelé."

- ESQUECER
Dependendo do matiz de significação que se queira dar ao verbo, este poderá se apresentar transitivo direto ou indireto e pronominal, acompanhado dos pronomes me, te, se, etc.
Exemplos:
Esqueci o livro sobre a mesa.
Esqueci-me do livro...
Não esqueça as suas tarefas.
Não se esqueça das suas tarefas.
Já esqueci totalmente o latim.
Já me esqueci totalmente do latim.

Na língua do Brasil, no entanto, surgiu uma fusão dessas duas possibilidades: esquecer de algo ou de alguém. Essa forma é usadíssima na fala e encontra registro na escrita, sobretudo quando o complemento de "esquecer" é um infinitivo: "Ia esquecendo de fazer uma confidência importante" (Érico Veríssimo); "Ele esqueceu de ir ao banco"; "Não esqueço de você"; "Não esquecia da saúva" (Mário de Andrade).

Atenção: Se participar de um concurso público, de um vestibular, de uma prova tradicional, você deve considerar erradas as construções do parágrafo anterior, apesar de serem comuns na fala e na escrita brasileiras.

Há ainda a possibilidade de o sujeito do verbo "esquecer" não ser uma pessoa, um ser humano. O sujeito é uma coisa, um fato. Mas coisa No caso, "esquecer" passa a significar "cair no esquecimento". Em "Açores: Férias que nunca esquecem" (frase de um anúncio divulgado em Portugal), o sujeito do verbo "esquecer" é "férias". Elas, as férias, nunca caem no esquecimento.

Em Machado de Assis, encontram-se vários casos desse emprego de "esquecer": "Esqueceu-me apresentar-lhe minha mulher", onde o sujeito de "esqueceu-me" é a oração "apresentar-lhe minha mulher", ou seja, esse fato - o ato de apresentar-lhe minha mulher - caiu no meu esquecimento.

Essa mesma regência vale para "lembrar", isto é, há na língua o registro de frases como "Não me lembrou esperá-la", em que "lembrar" significa "vir à lembrança". O sujeito de "lembrou" é "esperá-la", ou seja, esse fato - o ato de esperá-la - não me veio à lembrança.

- ESTIMAR
Pede objeto direto quando significar "ter afeição ou amizade a, apreciar, avaliar, congratular-se por, ser de opinião, achar".
Exemplos:
Estimo meus sobrinhos como filhos.
Estimava bastante os filmes de Chaplin.
Estimo esse anel em mil dólares.
Estimamos suas melhoras.
Estimei o fim da obra para daqui a dez dias.

Com o sentido de "prezar-se", apresenta-se também como pronominal.
Exemplo:
Normalmente, estima-se todos aqueles que fazem o bem.

- FELICITAR
Pede objeto direto e indireto.
Exemplo:
Felicito-o por (de) ter passado no concurso.

- FUGIR (ESCAPAR)
Pede objeto indireto.
Exemplos:
Fugiu-lhe as forças.
Fugiram ao cerco da polícia.
Ele foge de qualquer briga.

- GOSTAR
Quando sinônimo de "apreciar", pede objeto indireto.
Exemplo:
Ele gostou do almoço que lhe servimos.

Quando significa "degustar, provar, experimentar, saborear",pede objeto direto.
Exemplo:
Ele gostou o vinho.

- IMPLICAR
Pede objeto direto quando significa "acarretar, produzir como conseqüência alguma coisa, pressupor".
Exemplos:
Tua atitude implica prejuízos ao colégio.
Acho que esses novos cálculos implicarão mudanças gerais nas obras.

Com o sentido de "envolver, comprometer", pede objeto direto e indireto.
Exemplos:
(IMPLICAR ALGUÉM EM ALGUMA COISA)
P. C. Farias implicou muita gente em suas falcatruas.

Com o sentido de "ter antipatia, irritação em relação a alguém ou a alguma coisa", pede objeto indireto.
Exemplos:
Dona Maria implicava com todas as crianças do bairro.
Paulo implica com sua irmã caçula o dia todo.

- IMPORTAR
Pede objeto direto com o significado de "fazer vir de país estrangeiro, acarretar".
Exemplos:
O Brasil importa muitos automóveis da Europa.
As guerras importam grandes calamidades.

Pede objeto indireto quando significa:
1. ATINGIR O TOTAL DE;
Exemplo: As despesas importaram em vinte mil dólares.

2. REPRESENTAR;
Exemplo: Só eliminei os erros do texto quando eles importavam em erros gramaticais.

3. DIZER RESPEITO, INTERESSAR;
Exemplo: Estas regras importam a todos que desejam escrever bem.

4. PREOCUPAR-SE, INCOMODAR-SE COM OU DE (pronominal);
Exemplos:
Toda mãe importa-se quando seus filhos saem à noite sozinhos.
Você se importa de ficar aqui hoje?

- INDAGAR
Pede objeto direto e indireto.
Exemplo:
Os alunos indagaram as suas notas baixas do professor.

- INFORMAR (ver **AVISAR**)

- INTERESSAR
Pede objeto direto e indireto quando significa "prender a atenção, despertar a curiosidade".
Exemplo:
Por meio desse novo método, consegui interessá-lo em matemática.

Pede objeto indireto e é pronominal com o sentido de "ser proveitoso, útil, empenhar-se".
Exemplos:
Em função do meu trabalho, interessava-me em residir fora do Rio de Janeiro.
Ele não se interessa nas aulas de física.

- IR
Pede objeto indireto ou complemento circunstancial de lugar.
Exemplos:
Vou a São Paulo.
Fui para a França.

- LEMBRAR
Significando "fazer vir à memória por analogia, sugerir", pede objeto direto.
Exemplo:
Depois da chuva, a estrada lembrava um rio.

Pede objeto direto e indireto quando significa "recomendar, advertir".
Exemplos:
este retrato é para lembrá-la a você.
Lembre seu pai de tomar os remédios na hora certa.

Com o sentido de "recordar, vir à memória, trazer à lembrança", é possível duas formas.
Exemplos:
Lembrei o acidente.
Lembrei-me do acidente.

Observação: Quando o objeto indireto vem expresso por uma oração desenvolvida, o uso da preposição "de" é facultativo. Exemplo: Lembrei-me (de) que devo estudar para a prova hoje.

- MEDITAR
Pede objeto indireto. No entanto,Possui duas regências sem mudança em seu significado.
Exemplos:
(MEDITAR SOBRE OU EM ALGUMA COISA)
À noite, sempre medito sobre (em) minha vida.

- MORAR (RESIDIR)
Em dicionários de regência, como os de Celso Luft e de Francisco Fernandes, vemos que o uso da preposição "a" com os verbos morar e residir é mais comum na linguagem burocrática, apesar de também aparecer em textos literários. Mas só há registros disso antes de rua, praça, avenida (palavras femininas). Não há registro, por exemplo, de "Mora ao Largo da Carioca", "Reside ao Beco do Mota", etc. Já a preposição "em" é inquestionavelmente correta em qualquer desses casos: "Mora na Rua Prudente de Morais", "Reside no Largo do Machado", etc.

- NAMORAR
Pede objeto direto em qualquer das acepções em que ele possa ser tomado.
Exemplos:
Marco namorou Denize por cinco anos.
Ele namorava os doces da vitrine.

Observação: É incorreto empregar a preposição "com" no sentido de "namorar com alguém".

- NOTIFICAR (ver **AVISAR**)

- OBEDECER (DESOBEDECER)
Pede objeto indireto.
Exemplos:
Os alunos obedecem ao professor e às leis do Colégio.
Ela sempre lhe obedece.
Muitos brasileiros ainda desobedecem aos sinais de trânsito.

Apesar de transitivos indiretos, estes verbos admitem a voz passiva analítica.
Exemplos:
Leis devem ser obedecidas.
Regras básicas de civilidade não podem ser desobedecidas.

Observação: Para substituir uma pessoa que apareça como complemento desses verbos, pode-se usar "lhe" ou "a ele / a ela": "Obedeço (desobedeço) ao mestre / Obedeço-lhe (desobedeço-lhe); Obedeço a ele (desobedeço a ele)". Para substituir o que não for pessoa, só se pode usar "a ele / a ela": "Obedeço (desobedeço) ao código / Obedeço (desobedeço) a ele".

- PAGAR
Pede objeto direto e indireto, que podem vir implícitos na frase.
Exemplos:
(PAGAR ALGUMA COISA A ALGUÉM)
Paulo pagou suas dívidas ao Banco.
João não paga aos seus fornecedores há dois meses.
Ele já pagou todo o material da obra.

- PERDOAR
Pede objeto direto de coisa perdoada - que pode estar implícita na frase - e indireto de pessoa a quem se perdoa.
Exemplos:
Perdoei-lhe a falta de educação.
"Perdoai-lhes (as ofensas), Pai! Eles não sabem o que fazem."
Deus perdoa aos pecadores.

- PERSUADIR
Quando significa "levar a crer, induzir a acreditar", pede objeto direto e indireto.
Exemplo:
É preciso persuadir João dessas verdades.

Também com o sentido de "instigar", pede objeto direto e indireto.
Exemplos:
Com esta mentira, persuadiu Lúcia à fugir.
Persuadi-os a deixar de fumar.

- PRESIDIR
Pede objeto indireto.
Exemplo:
O juiz presidiu ao tribunal com mão firme.

- PREFERIR
Pede objeto direto - para aquilo de que se gosta mais - e indireto - para aquilo de que menos se gosta. Junto ao seu objeto indireto, pede a preposição "a".
Exemplos:
(PREFERIR ALGUMA COISA A OUTRA COISA)
Prefiro feijoada a macarronada.
(Compare: "Prefiro a feijoada à macarronada." A presença do artigo "a" antes de feijoada exige que também se empregue outro artigo antes de macarronada, acarretando desse modo o surgimento do fenômeno da crase.)
Prefiro o cinema ao teatro.
Preferimos estudar a não fazer nada.

Observação: O uso da expressão "do que" no lugar da preposição "a" é incorreto. TAMBÉM NÃO SE DEVE EMPREGAR ESTE VERBO COM OS ADVÉRBIOS "mais" e "antes". Assim, é errado dizer: "Eu prefiro jogar bola do que estudar"; "Eu prefiro mais esta camisa que aquela"; "Eu prefiro antes tomar banho e depois jantar".

- PREVENIR (ver **AVISAR**)

- PROCEDER
Significando "iniciar, executar alguma coisa", pede objeto indireto com a preposição "a".
Exemplos:
O juiz procedeu ao julgamento.
Eles procederam à entrega dos prêmios.

Com o sentido de "vir, ter uma procedência", é intransitivo; geralmente acompanhado de um adjunto adverbial de lugar.
Exemplo:
Aquele avião procedia de São Paulo.

Significando "ter um determinado procedimento", também é intransitivo e, normalmente, pode vir acompanhado de um adjunto adverbial de modo.
Exemplo:
Naquele caso, o advogado procedeu corretamente.

Com o significado de "ter fundamento", é intransitivo.
Exemplo:
Esta sua denúncia não procede.

- PROPOR
Pede objeto direto e indireto.
Exemplos:
Eu proponho a vocês formarmos um grupo de debates permanente.
Nós lhe propomos um acordo irrecusável.

- QUERER
Pede objeto direto quando significa "ter intenção de, desejar, ordenar, fazer o favor de".
Exemplos:
Queremos fazer uma homenagem ao nosso professor.
Quero um livro que fale sobre esoterismo.
O sargento queria todos os soldados a postos.

Com o sentido de "ter afeição a alguém ou a alguma coisa", pede objeto indireto.
Exemplos:
Queremos muito a nosso país.
A mãe queria especialmente ao filho caçula.
Eu lhe quero muito bem.

- REPARAR
No sentido de observar, pede objeto indireto (reparar em).
Exemplo:
Fernando reparava nas roupas de Carolina sempre que ela entrava na sala de aula.

Quando o verbo reparar for usado no sentido de "consertar", é TRANSITIVO DIRETO, e seu complemento (objeto direto) não precisa de preposição.
Exemplo:
Carlos reparou o carro para ir a Teresópolis.

- RESIGNAR
Com o significado de "renunciar, desistir", pede objeto direto.
Exemplo:
Jorge resignou o cargo de diretor.

Significando "conformar-se", é pronominal.
Exemplos:
Por acreditar na Justiça Divina, resigno-me com minhas dores.
Resignou-se às tarefas que lhe foram dadas.

- RESPONDER
Pede objeto indireto de pessoa ou coisa a que se responde, e objeto direto do que se responde.
Exemplos:
Isabel respondeu sim ao pedido de casamento de Luiz.
Vou responder-lhe todas as cartas.
O acusado responderá a inquérito.

Observações:
1. Com o significado de "ser submetido a", o emprego do artigo definido é facultativo.
Exemplos:
Ele responderá a inquérito (a inquéritos)
Ele responderá ao inquérito (aos inquéritos)

2. Este verbo também admite voz passiva analítica, desde que o sujeito seja aquilo, e não aquele a que se responde. Ex.: "Todas as perguntas foram respondidas satisfatoriamente.

- SATISFAZER
Pede objeto indireto.
Exemplos:
Satisfaremos ao seu pedido.
Eu lhe satisfaço.

É pronominal no sentido de "contentar-se".
Exemplo:
Satisfez-se com os resultados das provas.

- SOCORRER
Significando "prestar socorro a alguém", pede objeto direto.
Exemplos:
Todos correram para socorrer o pedestre atropelado.
Todos correram para socorrê-lo.

No sentido de "valer-se de alguém, tirar proveito de alguma coisa", pede objeto indireto, iniciado pelas preposições "a" ou "de".
Exemplos:
Socorro-me dos amigos nas dificuldades.
Socorreu-se ao (do) empréstimo para comprar o carro.

- SUCEDER
Pede objeto indireto quando significar "substituir, ser o sucessor de".
Exemplos:
D. Pedro I sucedeu a D. João VI.
Eu lhe sucedi na presidência do grêmio estudantil.

É também pronominal no sentido de "acontecer depois, seguir-se".
Exemplo:
O que se sucedeu ao acidente, ninguém sabe.

Observação: Neste último sentido, o verbo apresenta-se defectivo, sendo conjugado apenas na terceira pessoa do singular e do plural.

- VISAR
Significando "mirar, fazer pontaria, pôr visto em, assinar", pede objeto direto.
Exemplos:
Ele visa o alvo.
Ana não visou o cheque ao fazer aquela compra.
O presidente visaria o documento somente depois que o lesse.

Pede objeto indireto quando significa "pretender, almejar".
Exemplo:
Aquele funcionário visava ao cargo de chefia.

Observação: Aqui também não é aceito o pronome "lhe" como complemento, empregando-se assim as formas "a ele" e "a ela".

SENTIDOS ESPECIAIS DE FRASES COM FORMAÇÕES DIFERENTES.

1. Ele esteve fora dois meses.
Ele esteve fora por dois meses. (idéia reforçada de ininterrupção)

2. Esperar alguém.
Esperar por alguém (idéia de ansiedade)

3. Olhar alguém.
Olhar por alguém. (idéia de zelar, interessar-se)

4. Não faças bobagens.
Não me faças bobagens. (Reforço de interesse)

XX. VERBO

1. EMPREGO DO INFINITIVO.

INFINITIVO IMPESSOAL (INVARIÁVEL).
O infinitivo não deve ser flexionado:

1. Quando apresenta uma idéia vaga, genérica, sem se referir a um sujeito determinado.

Exemplos:
VIVER é LUTAR.
QUERER é PODER.
FUMAR prejudica a saúde.
É proibido COLAR cartazes neste muro.
É preciso LUTAR contra as drogas.
Vale a pena TER fé e esperança sempre.

2. Quando tiver o valor de Imperativo.

Exemplos:
ESCREVER o nome três vezes! (= ESCREVA!)
DIREITA VOLVER! (= VOLVEI!)
SOLDADOS, MARCHAR! (= MARCHAI!)

3. Quando vier como complemento de adjetivo (complemento nominal).

Exemplos:
Esta fruta é fácil de DESCASCAR.
Este vinho é bom de BEBER.
Estamos desejosos de ALCANÇAR a vitória.
Conheci muitas pessoas ávidas por APRENDER.
Eram pessoas difíceis de CONTENTAR.
Aqueles remédios são ruins de TOMAR.
Os CDs que você me emprestou são agradáveis de OUVIR.

No entanto, na voz passiva dos verbos **CONTENTAR, TOMAR** e **OUVIR,** por exemplo, o Infinitivo (verbo auxiliar) deve ser flexionado.

Exemplos:
Eram pessoas difíceis de SEREM contentadas.
Aqueles remédios são ruins de SEREM tomados.
Os CDs que você me emprestou são agradáveis de SEREM ouvidos.

4. Nas locuções verbais.

Exemplos:
Queremos ACORDAR bem cedo amanhã.
Eles não podiam RECLAMAR do colégio.
Elas sabem DESENHAR muito bem.

5. Quando o sujeito do infinitivo é o mesmo do verbo da oração anterior.

Exemplos:
Os estudantes fizeram o possível para conseguir a saída do reitor.
Os ladrões usaram explosivos para abrir o cofre do banco.
Eles foram condenados a pagar pesadas multas.
Aquelas máquinas foram feitas para costurar calças de brim.
Trabalhemos em vez de RECLAMAR.
Devemos SORRIR ao invés de CHORAR.
Tenho ainda alguns livros por (para) PUBLICAR.
Existem muitas contas por (para) PAGAR.

Observação: Quando o infinitivo preposicionado, ou não, preceder ou estiver distante do verbo da oração principal (verbo regente), pode ser flexionado para melhor clareza do período e também para se enfatizar o sujeito (agente) da ação verbal.

Exemplos:
Para se aquecerem, os meninos dormiam juntinhos.
Na esperança de sermos atendidos, muito lhe agradecemos.
Foram dois amigos à casa de outro, em Minas Gerais, a fim de jogarem futebol.
Para ESTUDARMOS, estaremos sempre dispostos.
Antes de NASCEREM, já estão condenadas à fome muitas crianças.
Apesar de ESTARMOS com sede, não bebemos daquela água.
Depois de FICAREM em pé por mais de cinco horas, eles desistiram do show.
Além de INCOMODARES a todos, não ajudas a ninguém.

6. Quando o infinitivo é empregado numa oração reduzida que complementa um verbo auxiliar causativo (deixar, mandar, fazer e sinônimos) ou sensitivo (ver, sentir, ouvir, perceber e sinônimos) e tem como sujeito um pronome oblíquo.

Exemplos:
Deixei-os sair cedo hoje.
Deixaram-nos sair.
"Não nos deixeis cair em tentação."
Faça-os ficar.
Não os vi entrar.
Ouvi-as dizer que não iriam à festa.

Observação: A flexão do infinitivo é optativa quando a oração reduzida que complementa um auxiliar causativo ou sensitivo apresentar como sujeito um substantivo.

Exemplos:
Deixe os torcedores assistir (ou assistirem) ao treino.
"Deixai vir (ou virem) a mim as criancinhas!"
O sargento mandou os soldados sair (ou saírem) do pátio.
Mande os meninos entrar. (ou entrarem)
Ouvi os pássaros cantar. (ou cantarem)

Outras observações:

A) É inadequado o emprego da preposição **"para"** antes dos objetos diretos de verbos como **PEDIR, DIZER, FALAR** e sinônimos.

Exemplos:
Pediu para Carlos entrar (errado)
Pediu para que Carlos entrasse (errado)
Pediu que Carlos entrasse (correto)

B) Quando a preposição **"para"** estiver regendo um verbo como na oração "Este trabalho é PARA EU FAZER", pede-se o emprego do pronome pessoal **"eu",** que se revela, neste caso, como sujeito.

Outros exemplos:
Aquele exercício era para eu corrigir.
Esta salada é para eu comer?
Ela me deu um relógio para eu consertar.

C) Já na oração "Esta carta é PARA MIM!", a preposição está ligada somente ao pronome que deve se apresentar oblíquo tônico.

INFINITIVO PESSOAL (FLEXIONADO).
O infinitivo deve ser flexionado nos seguintes casos:

1. Quando o sujeito da oração estiver claramente expresso.

Exemplos:
Se tu não perceberes isto...
Convém vocês IREM primeiro.
O bom é sempre lembrarmos desta regra (sujeito desinencial, sujeito implícito = NÓS)

2. Quando tiver sujeito diferente daquele da oração principal.

Exemplos:
O professor deu um prazo de cinco dias para os alunos ESTUDAREM bastante para a prova.
Perdôo-te por me TRAIRES.
O estudante fez o possível para os professores perdoarem suas faltas.
O hotel preparou tudo para os turistas ficarem à vontade.
O guarda fez sinal para os motoristas pararem.
Conseguimos uma casa para eles passarem a lua-de-mel.
O hospital não oferecia condições para os pacientes ficarem internados por muito tempo.

3. Quando se quiser indeterminar o sujeito (utilizado na terceira pessoa do plural).

Exemplos:
Faço isso para não me ACHAREM inútil.
Temos de agir assim para nos PROMOVEREM.
Ela não sai sozinHa à noite a fim de não FALAREM mal da sua conduta.

4. Quando apresentar reciprocidade ou reflexibilidade de ação.

Exemplos:
Vi os alunos ABRAÇAREM-SE alegremente.
Fizemos os adversários SE CUMPRIMENTAREM com gentileza.
Mandei as meninas OLHAREM-SE no espelho.
Deixem os namorados BEIJAREM-SE como quiserem.

Nota: Como se pode observar, a escolha do Infinitivo Flexionado é feita sempre que se quer enfatizar o agente (sujeito) da ação expressa pelo verbo.

DICAS

- Se o infinitivo de um verbo for escrito com **"j",** esse **"j"** aparecerá em todas as outras formas.

Exemplos:
INFINITIVO / OUTRAS FORMAS
Enferrujar / enferrujou, enferrujaria, enferrujem, enferrujarão, enferrujassem, etc.
(Lembre, contudo, que o substantivo ferrugem é grafado com "g".)

Viajar / viajou, viajaria, viajem (3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo, não confundir com o substantivo VIAGEM) viajarão, viajasses, etc.

- Quando o verbo tem o infinitivo com **"g",** como em **"dirigir"** e **"agir"** este **"g"** deverá ser trocado por um **"j"** apenas na primeira pessoa do presente do indicativo.

Exemplos:
eu dirijo / eu ajo

2. EMPREGO DO PARTICÍPIO.

Emprega-se a forma regular do particípio (terminada em **ADO** ou **IDO**) na voz ativa, formando os tempos compostos com os auxiliares **TER** ou **HAVER**. Já a forma irregular (tendo diversas terminações) é utilizada na voz passiva, ao lado dos auxiliares **SER, ESTAR** ou **FICAR.**

Exemplos:
Corri atrás de Paulo, mas ele já TINHA PEGADO o ônibus.
O ladrão FOI PEGO em flagrante.
Ela me contou que HAVIA ENTREGADO minha carta em mãos.
O pacote FOI ENTREGUE na hora certa pelo Correio.

Observações:

1) No caso de um verbo possuir um só particípio, este poderá ser empregado com qualquer auxiliar.

Exemplos:

Tinha feito, havia feito, está feito, foi feito, tinha aberto, havia aberto, está aberto, foi aberto;

2) Na língua clássica, não há registro da forma "pego" como particípio do verbo **PEGAR**, encontrando-se apenas a forma "pegado", com qualquer auxiliar. No entanto, na chamada língua moderna, parece não haver problema no emprego da forma "pego", com os verbos **SER** e **ESTAR** como auxiliares.

Exemplos:

O ladrão foi pego/está pego.

3) Quanto aos particípios dos verbos **"ganhar"** (ganhado/ganho), **"gastar"** (gastado/gasto) e "**pagar"** (pagado/pago), existem duas opções PARA O SEU EMPREGO: ou você segue a regra acima, usando o particípio regular com **TER e HAVER** (tinha/havia ganhado, tinha/havia gastado, tinha/havia pagado), e o particípio irregular com **SER** e **ESTAR** (foi/está ganho, foi/está gasto, foi/está pago); ou, então, você se vale da Língua moderna para usar sempre o particípio irregular com qualquer auxiliar: tinha/havia ganho, tinha/havia gasto, tinha/havia pago.

LISTA DE ALGUNS VERBOS QUE TÊM DOIS PARTICÍPIOS:

Aceitar	(aceitado e aceito);
Eleger	(elegido e eleito);
Entregar	(entregado e entregue);
Expulsar	(expulsado e expulso);
Extinguir	(extinguido e extinto);
Prender	(prendido e preso);
Salvar	(salvado e salvo);
Soltar	(soltado e solto);
Suspender	(suspendido e suspenso).

ALGUNS VERBOS QUE POSSUEM APENAS UM PARTICÍPIO:

Abrir / aberto
Beber / bebido
Cancelar / cancelado
Chegar / chegado
Escrever / escrito
Esquecer / esquecido
Estudar / estudado
Fazer / feito
Permitir / permitido
Trazer / trazido

3. FLEXÃO VERBAL.

TEMPOS E MODOS.

PRESENTE DO INDICATIVO.

O **MODO INDICATIVO** serve para expressar ações definidas, reais. O **TEMPO PRESENTE**, normalmente, exprime as ações que acontecem no momento em que se fala. Entretanto, este tempo verbal pode ser também empregado em outras circunstâncias.

➔ **PRESENTE MOMENTÂNEO:**
"Não percamos de vista o ardente Sílvio que lá vai, que desce e sobe, escorrega e salta." - M. Assis. (Fato atual, que se dá no momento em que se fala; o narrador, aqui, está presenciando as ações do personagem)

➔ **PRESENTE DURATIVO:**
"A Igreja condena a pílula anticoncepcional e a Ciência a aprova." (Ações ou estados considerados permanentes)

➔ **PRESENTE HABITUAL ou FREQÜENTATIVO:**
"Aqueles jovens estudam na mesma escola."

➔ **PRESENTE HISTÓRICO ou NARRATIVO:**
"Procuram-se e acham-se. Enfim, Sílvio achou Sílvia; viram-se, caíram nos braços um do outro, ofegantes de canseira, mas remidos com a paga. Unem-se, entrelaçam os braços e regressam palpitando da inconsciência para a consciência." - M. Assis. (Verbos no presente para dar mais vivacidade às ações acontecidas no passado)

➔ **PRESENTE COM SENTIDO DE FUTURO MUITO PRÓXIMO:**
"Vou arrumar as malas e, amanhã, embarco para a Europa."
"Vou à Roma, depois sigo para Londres."
(Para se evitar qualquer tipo de ambigüidade, deve-se usar advérbios de tempo que exprimem futuro, junto ao verbo no presente)

IMPERATIVO.

Sendo por excelência o modo que exprime "ordens e mandamentos", o Imperativo também pode expressar outros sentimentos, intenções e interesses do ser humano.
Exemplos:
Saia daqui! (ordem)
Partamos antes que seja tarde. (conselho)
Não se preocupe com isso. (conselho expresso pelo Imperativo Negativo)
Venha a nossa casa hoje à noite. (convite)
Não deixem de comparecer à festa. (convite expresso pelo Imperativo Negativo)

Por favor, espere por mim!
"Perdoai as nossas ofensas..."
"Livrai-nos do mal." (súplicas)
"Não nos deixeis cair em tentação..." (súplica expressa pelo Imperativo Negativo)

O modo Imperativo Afirmativo é formado da seguinte maneira: tu e vós do Presente do Indicativo, sem o s final, e as demais pessoas (você/ele, nós, vocês/eles) do Presente do Subjuntivo. Já o imperativo negativo é formado com todas as pessoas deste tempo. Não se usa a primeira pessoa do singular em ambos os casos.

O sistema de conjugação dos imperativos vale para todos os verbos da língua portuguesa, com exceção do verbo ser. Este verbo só não segue a regra nas duas segundas pessoas do imperativo afirmativo: sê (tu) e sede (vós), esta lida com o primeiro "e" fechado, do mesmo jeito que se lê a palavra que significa vontade de beber.
Exemplo:
"Para ser grande, sê inteiro: nada teu exagera ou exclui. Sê todo em cada coisa. Põe quanto és no mínimo que fazes." (Fernando Pessoa, sob o heterônimo de Ricardo Reis)

MODO SUBJUNTIVO.

Modo que se caracteriza por expressar ações e fatos hipotéticos, isto é, tudo aquilo que está no campo de nossos desejos, de nossas aspirações. É o modo das orações subordinadas por excelência.

TEMPOS:

➔ **Presente.**
Este tempo pode expressar ações tanto no presente quanto no futuro.
Exemplos:
Duvido que ele SEJA rico. (ação presente)
É bom que você VOLTE amanhã. (ação futura)

Observação: A primeira pessoa do singular do presente do indicativo dá origem ao presente do subjuntivo.

Exemplos:
"Eu vejo" dá origem a "que eu veja"; "eu ouço" dá origem a "que eu ouça"; "eu digo" dá origem a "que eu diga". Se a primeira do singular do presente do indicativo é nula, como nos verbos defectivos, todo o presente do subjuntivo é nulo.

➔ **Imperfeito.**

Embora esta seja uma forma do tempo pretérito, pode também expressar fatos no presente e no futuro.

Exemplos:

Fosse verdade o que dizes, e todos estariam felizes. (a correlação com a forma verbal "dizes" dá à forma "fosse" um aspecto também de presente)

Chovesse ou fizesse sol, ele ia ao trabalho.

Pediu-lhe que voltasse na próxima semana. (a expressão adverbial "na próxima semana" traz um matiz de futuro à oração)

➔ **Pretérito.**

Forma verbal sempre no tempo composto, formado pelo auxiliar TER no presente do subjuntivo, acrescido do particípio passado do verbo principal.

Exemplos:

Acredito que ele TENHA PASSADO no exame. (fato passado, supostamente concluído)

Espero que ela TENHA ARRUMADO tudo antes de eu chegar. (fato passado, supostamente terminado antes de outro fato no futuro acontecer)

➔ **Pretérito mais-que-perfeito.**

Também um tempo composto, formado por um auxiliar no Imperfeito do subjuntivo e um verbo principal no particípio passado.

Exemplos:

Não esperava que ela TIVESSE CHEGADO aqui antes de mim. (ação concluída eventualmente antes de outra, ambas no passado)

TIVESSE CHEGADO antes, e o prêmio seria seu. (ação hipotética, ocorrida no passado)

➔ **Futuro (simples).**

Pode ser empregado nas orações adverbiais ou adjetivas.

Exemplos:

SE QUISER, irei vê-lo. (idéia de eventualidade no futuro)

Trarei presentes aos que me ENCOMENDAREM.

_

➔ **Futuro (composto).**

Formado do verbo auxiliar no futuro simples e o particípio passado do verbo principal.

Exemplos:

Quando TIVER ENCONTRADO a resposta, revelarei a todos. (fato futuro eventualmente terminado em relação a outro também no futuro)

4. FORMAÇÃO DO FUTURO DO SUBJUNTIVO.

O futuro do subjuntivo indica um futuro hipotético. É usado principalmente em orações condicionais **(se...)** e temporais **(quando...).** Deriva-se da terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo (troca-se a terminação **"ram"** por **"r").**

Fazer:	Eles fize(-ram) _ fize(+r)	= se eu fizer... / quando eu fizer...;
Trazer:	Eles trouxe(-ram) _ trouxe(+r)	= se eu trouxer... / quando eu trouxer...;
Querer:	Eles quise(-ram) _ quise(+r)	= se eu quiser... / quando eu quiser...;
Dizer:	Eles disse(-ram) _ disse(+r)	= se eu disser... / quando eu disser...;
Pôr:	Eles puse(-ram) _ puse(+r)	= se eu puser... / quando eu puser...;
Ser e Ir:	Eles fo(-ram) _ fo(+r)	= se eu for... / quando eu for...;
Vir:	Eles vie(-ram) _ vie(+r)	= se eu vier... / quando eu vier;
Ver:	Eles vi(-ram) _ vi(+r)	= se eu vir... / quando eu vir...

É por isso que o futuro do subjuntivo do verbo ver fica: "se eu vir o filme"; "quando você vir o resultado do teste"; "quando nos virmos novamente"; "se vocês virem a verdade"...

5. VERBOS ANÔMALOS.

São chamados de **anômalos** os verbos de grandes irregularidades nos seus radicais, que são formados a partir de diferentes verbos.

Verbo **SER** (originário das formas latinas "sedere" e "esse"): sou, és, é, somos, sois, são.

Verbo **IR** (originário das formas latinas "ire", "vadere" e "fugere"): vou, vais, vá... irei, irás, irá... fui, foste, foi...

Observação: Os verbos SER e IR são iguais nos pretéritos Perfeito e Mais-que-Perfeito do Indicativo; no Imperfeito e no Futuro do Subjuntivo.

6. VERBOS DEFECTIVOS.

VERBO DEFECTIVO é aquele de conjugação incompleta, ou seja, aquele que não tem todas as formas.
Exemplos:
➔ Verbo **ABOLIR.**
O presente do indicativo começa na segunda pessoa do singular:
tu aboles, ele abole, nós abolimos, vós abolis, eles abolem.

➔ Verbos **ADEQUAR, FALIR** e **REAVER.**
No presente do indicativo, só é conjugado em duas formas:

Nós adequamos / Nós falimos / Nós reavemos / Vós adequais / Vós falis / Vós reaveis.

Para a maioria dos estudiosos não existe a forma **"adeqúo".** A solução é substituir por um verbo sinônimo ou expressão equivalente: em vez de "eu me adeqúo à atual situação", poderia ser "eu já estou adequado à atual situação" ou "estou me adequando à atual situação".

Assim, também não existem as formas **"eu reavejo ou reavenho**". A solução, aqui, é **"eu estou reavendo"** ou substituir por um sinônimo: **"eu recupero".**

Como **"reaver"** é derivado do verbo **"haver",** lembre-se desta relação: ele houve / ele reouve; nós houvemos / nós reouvemos; eles houveram / eles reouveram; se eu houvesse / se eu reouvesse; quando ele houver / quando ele reouver.

➔ Verbo **VIGER** (estar em vigor, vigorar).
Só é conjugado nas formas que ao **"g"** segue-se **"e". Exemplos:** vige, vigem, vigendo, etc.
Outros verbos:
Carpir, explodir, feder, colorir, demolir, extorquir e banir.

➔ Verbo **PRECAVER.**
Como esse verbo normalmente é pronominal, as formas do presente do indicativo acabam sendo "nós nos precavemos, vós vos precaveis".

Assim, não existem as formas "**precavenho, precavejo, precavenha e precavenham**", como se costuma ouvir no dia-a-dia.

Os verbos defectivos não são incompletos nos pretéritos e nos futuros. Nesses tempos, portanto, o verbo precaver é conjugado em todas as formas: eu me precavi, ele se precaveu, eles se precaveram, se eu me precavesse, se ele se precavesse, se eles se precavessem, etc.

7. VERBOS TERMINADOS EM "EAR".

Os verbos terminados em **"ear"** apresentam, no presente do indicativo, as terminações: **eio, eias, eia, eamos, eais, eiam.**
Exemplo:
FREAR.
Eu freio, tu freias, ele freia, nós freamos, vós freais, eles freiam.

No presente do subjuntivo, as terminações dos verbos terminados em **"ear"** são: **eie, eies, eie, eemos, eeis, eiem.**
Exemplo:
PASSEAR.
É preciso que eu passeie, tu passeies, ele passeie, nós passeemos, vós passeeis, eles passeiem.

E no pretérito perfeito, as terminações são: eei, easte, eou, eamos, eastes, earam.
Exemplo:
PENTEAR.
Eu penteei, tu penteaste, ele penteou, nós penteamos, vós penteastes, eles pentearam.

8. VERBOS TERMINADOS EM "IAR".

Os verbos terminados em **"iar"** são (quase todos) regulares, ou seja, apresentam as terminações consideradas normais: **io, ias, ia, iamos, iais, iam.**
Exemplo:
ANUNCIAR (Presente do Indicativo).
Anuncio, anuncias, anuncia, anunciamos, anunciais, anunciam.

Desta mesma forma, conjugam-se os verbos denunciar, reverenciar, policiar, noticiar, adiar, premiar, variar, etc.; como também o verbo maquiar (originário da forma francesa "maquiller") que normalmente confunde muita gente.
Exemplo:
Eu me maquio, tu te maquias, ele (ela) se maquia, nós nos maquiamos, vós vos maquiais, eles (elas) se maquiam.

Observação: Este verbo possui a forma variante "maquilar", que no presente do indicativo se conjuga: maquilo, maquilas, maquila, maquilamos, maquilais, maquilam.

9. VERBOS IRREGULARES TERMINADOS EM "IAR".

São eles: **MEDIAR, ANSIAR, REMEDIAR, INCENDIAR, ODIAR** (guarde as iniciais de cada verbo que formam a palavra MARIO), além de **INTERMEDIAR**.

Para o presente do indicativo, as terminações são: **eio, eias, eia, iamos, iais, eiam**.
Exemplos:
Eu incendeio, tu incendeias, ele incendeia, nós incendiamos, vós incendiais, eles incendeiam.
Eu anseio, tu anseias, ele anseia, nós ansiamos, vós ansiais, eles anseiam.

No presente do subjuntivo, as terminações destes verbos são: **eie, eies, eie, iemos, ieis, eiem.**
Exemplos:
"Ela quer que eu incendeie tudo."
"Espero que você medeie a discussão."

"Faço questão de que eles remedeiem o mal causado."
"Será necessário que alguém intermedeie a negociação."

10. VERBOS UNIPESSOAIS.

São aqueles que só podem ser conjugados na terceira pessoa do singular ou do plural.
Exemplos:
Verbos **OCORRER, ACONTECER** e que **expressem vozes de animais** (CACAREJAR, MIAR, LATIR, etc.).
Ocorreu um acidente de carro em frente ao meu edifício.
Ocorreram tumultos na manifestação de ontem no centro da cidade.
Acontecerá uma festa no clube.
Coisas boas acontecem de repente.
Aquele gato preto miou a noite inteira.

Outros tipos de verbos unipessoais são os chamados **VERBOS IMPESSOAIS** que não possuem sujeito e, por isso, convencionou-se conjugá-los na terceira pessoa do singular.

Assim temos:

➔ **Verbos que expressam fenômenos da natureza.**
Exemplos:
Choveu muito ontem à noite, mas amanhecerá com sol, disse a Meteorologia.
Relampejou e trovejou durante duas horas.

➔ **Verbo FAZER, indicando temperatura ou tempo decorrido (horas, dias, meses, anos, etc.).**
Exemplos:
Fez muito calor no domingo.
Faz dois anos que não a vejo.

➔ **Verbo HAVER com sentido de EXISTIR ou OCORRER.**
Exemplos:
Houve momentos de muita emoção durante a viagem.
Havia muitas dúvidas com a nova lei.
Haverá muitos interessados em sua casa, caso a venda.
Nunca houve grandes desavenças entre mim e Clara.

Observação: É incorreto empregar-SE o verbo TER com o sentido de EXISTIR, sendo, neste caso, indicado utilizar-se o verbo HAVER.

Exemplos:
Não tem ninguém na sala de aula. (errado)
Não há ninguém na sala de aula. (certo)
Tinham muitos candidatos para aquele concurso. (errado)
Havia muitos candidatos para aquele concurso. (certo)

O verbo **HAVER** também pode ser usado como sinônimo de **FAZER**, na indicação de tempo transcorrido, de intervalo entre dois fatos. Neste caso, os dois se comportam do mesmo modo, isto é, sem variação.
Exemplos:
Moro aqui há dez anos; equivalente a "Moro aqui faz (e não 'fazem') dez anos.

Assim, quando se usa o verbo **HAVER** para indicar idéia de tempo transcorrido, isso quer dizer que o tempo já transcorreu, já passou. Desta feita, não é necessário empregar a palavra "atrás" em frases como "Eu estive em Paris há vinte anos atrás". Isto é redundante como "Entrei para dentro", ou "Saí para fora". Assim como basta dizer "Entrei", ou "Saí", basta dizer "Estive em Paris há vinte anos".

Vejamos alguns dos vários significados do verbo **HAVER.**

1. Como sinônimo de "comportar-se", "sair-se";
Exemplos:
Apesar de ter bebido muito, Miguel não se houve mal na festa.
Os alunos não se houveram bem na prova.

2. Com o significado de "obter", "conseguir";
Exemplos:
Apesar de tudo, elas não houveram o perdão do pai.
Só com muito trabalho eu haverei o sucesso.

3. Com o sentido de "julgar", "considerar";
Exemplo:
O juiz houve por bem anular o julgamento.

4. Com a significação de "entender-se".
Exemplo: Um dia ela terá que haver-se comigo.
Esse verbo pode, ainda, ser empregado como auxiliar na formação dos chamados tempos compostos.
Exemplos:
Haveríamos feito o trabalho se não fosse a chuva.
Ela havia procurado o médico por todo o hospital.

O verbo **HAVER** cabe ainda em expressões como "Hei de conseguir", "Você há de vencer", etc.

CURIOSIDADE:
Consultando os dicionários, poderemos constatar que o verbo **HAVER** traz ainda o significado de "possuir", o qual, no entanto, já caiu em desuso.
Exemplos:
Embora já houvesse (possuísse) numerosa família, ainda sustentava cinco cães e quatro gatos.
Eu hei (possuo) um belo automóvel.

Todavia, na formação de REAVER , o verbo HAVER conserva o sentido de "possuir", já que reaver é "haver de novo", "possuir outra vez".

11. CURIOSIDADES SOBRE ALGUNS VERBOS.

O verbo **"preterir",** que significa "deixar de parte, desprezar, rejeitar", é conjugado como tantos verbos portugueses que terminam em **"erir"** (ferir, conferir, preferir, aderir).
Exemplos:
Eu firo, eu confiro, eu prefiro, eu adiro, eu pretiro.
Lembre-se de que "preterir" é antônimo de "preferir". Se alguém deve escolher para morar entre o Rio de Janeiro e São Paulo e prefere o Rio, acaba preterindo a cidade de São Paulo.

Há ou Havia ?
Qual é a forma correta?
"Ela estava em cena Há mais de uma hora."
ou
"Ela estava em cena havia mais de uma hora."

Segundo o princípio da correspondência dos tempos verbais, devemos dizer que "ela estava em cena havia mais de uma hora", porque o verbo que acompanha a forma "havia" está no pretérito imperfeito (=estava, fazia, era). Assim também se daria se estivesse no pretérito mais-que-perfeito (=estivera, fizera, soubera, tinha estado, havia feito).

Em caso de dúvida, podemos usar o seguinte "macete": substituir o verbo " haver " pelo " fazer ". Se o resultado da troca for " fazia " (e não " faz "), use " havia " (e não " há ").
Exemplos:
" Estava sem comer havia (=fazia) três dias."
" Havia (=fazia) dez anos que o clube não era campeão."
"Ela estivera naquela cidade havia (=fazia) muito tempo."
É importante observar que a ação se encerrou. A forma há (=faz) indica que a ação verbal prossegue. Veja a diferença:

" Havia dez anos que o clube não era campeão."
(=o clube acabou de ganhar o campeonato);

" HÁ dez anos que o clube não é campeão."
(=o clube continua sem ganhar o campeonato).

COMO É CORRETO DIZER?
"Ele disse que chegaria cedo, mas chegou às 5h";
ou
"Ele tinha dito que chegaria cedo, mas chegou às 5h".

A diferença entre disse e tinha dito é o tempo verbal: disse está no pretérito perfeito e tinha dito, no pretérito mais-que-perfeito do indicativo.

O pretérito perfeito indica uma ação concluída no passado: "Ele disse, saiu, fez..."; o pretérito mais-que-perfeito indica uma ação anterior a outra ação que já está no passado: "Quando eu cheguei (pretérito perfeito = ação já passada), ele já tinha dito ou dissera ou havia dito, tinha saído ou saíra ou havia saído, tinha feito ou fizera ou havia feito (pretérito mais-que-perfeito = ação anterior à ação já passada)".

Assim sendo, a frase correta é: "Ele tinha dito que chegaria cedo, mas chegou às 5h". A ação de "dizer" é anterior a ação de "chegar". O pretérito mais-que-perfeito é o passado do passado.

O verbo **"argüir"** não é defectivo. A primeira pessoa do singular do presente do indicativo é "eu arguo". O detalhe é que não há acento agudo na vogal "u", embora a sílaba tônica seja a penúltima (="gu"). Devemos pronunciar e escrever "arguo".

O VERBO **SOER**
Você já ouviu alguém dizer "como sói acontecer"? "Ele chegou atrasado, como sói acontecer." A frase é erudita, e você precisa conhecê-la. "Sói" é a terceira pessoa do singular do presente do indicativo do verbo "soer". E o que significa "soer"? Vamos aos dicionários: "ser comum, freqüente; ocorrer geralmente; costumar". Então "sói" significa "é comum", "ocorre geralmente": "Ele chegou atrasado, como é comum acontecer."

"GRÁTIS
VIDEOAULAS
COM RESOLUÇÃO
DE QUESTÕES"

GRAMÁTICA COMENTADA COM INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS para concursos

Adriana Figueiredo

4ª edição

Indicado em 2014 pelo portal CONCURSOS PÚBLICOS da Revista Exame como um dos 10 LIVROS DE PORTUGUÊS INDISPENSÁVEIS PARA CONCURSEIROS

100 ANOS
Saraiva

ISBN 978850262785-7

Figueiredo, Adriana
Gramática comentada com interpretação de textos para concursos / Adriana Figueiredo. – 4. ed. – São Paulo : Saraiva, 2015.
1. Português - Concursos 2. Português - Exames, questões etc. 3. Português - Gramática 4. Português - Gramática (Vestibular) 5. Português - Gramática - Estudo e ensino 6. Textos - Interpretação I. Título.
15-01756 CDD-469.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Gramática : Português : Linguística 469.5

Diretor editorial Luiz Roberto Curia
Gerente editorial Thaís de Camargo Rodrigues
Gerência de concursos Roberto Navarro
Assistente editorial Thiago Fraga
Coordenação geral Clarissa Boraschi Maria
Preparação de originais Maria Izabel Barreiros Bitencourt Bressan e Ana Cristina Garcia (coords.)
Arte, diagramação e revisão Perfekta Soluções Editoriais
Conversão para E-pub Guilherme Henrique Martins Salvador
Serviços editoriais Elaine Cristina da Silva | Kelli Priscila Pinto | Tiago Dela Rosa
Capa Guilherme P. Pinto

Data de fechamento da edição: 24-4-2015

Dúvidas?

Acesse www.editorasaraiva.com.br/direito

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Saraiva. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei n. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Sumário

Agradecimentos

Prefácio

Apresentação

Parte I - Ortografia e semântica

1 Estudo da Sílaba

1.1. Teoria e Exemplos Comentados

1.1.1. Sílaba tônica

1.1.2. Encontros vocálicos

1.1.3. Encontros consonantais

1.1.4. Dígrafo

1.2. Questões de concursos PROPOSTAS (COM gabarito no final)

2 Acentuação Gráfica (sob o Novo Acordo Ortográfico)

2.1. Teoria e Exemplos Comentados

2.1.1. Regra geral

2.1.2. Outros casos

2.2. Questões de concursos propostas (com gabarito no final)

2.3. Resumo

3 Hífen

3.1. Teoria e Exemplos Comentados

3.1.1. Prefixos

3.1.2. Sufixos

3.1.3. Nomes compostos

4 Homônimos e Parônimos

4.1. Teoria e Exemplos Comentados

4.2. Questões de concursos propostas (com gabarito no final)

5 Uso de por que, por quê, porque e porquê
5.1. Teoria e Exemplos Comentados
6 Uso de expressões cotidianas
6.1. Teoria e Exemplos Comentados
6.1.1. Uso de há e a
6.1.2. Outras expressões que costumam suscitar dúvidas
6.2. Questões de concursos comentadas
6.3. Questões de Concursos Propostas (com gabarito no final)
Parte II - Morfologia
7 Classes Gramaticais
7.1. Teoria e Exemplos Comentados
7.1.1. Artigo
7.1.2. Substantivo
7.1.3. Adjetivo
7.1.4. Advérbio
7.1.5. Plural dos nomes compostos
7.2. Exercícios de Fixação (COM GABARITO nO FINAL)
7.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS
7.4. Questões de Concursos Propostas (Com Gabarito no Final)
7.5. Resumo
8 FLEXÃO VERBAL
8.1. Principais verbos que se conjugam a partir de outros
8.1.1. Pôr (líder)
8.1.2. Ter (líder)
8.1.3. Ver (líder)
8.1.4. Vir (líder)
8.1.5. Dizer (líder)

8.1.6. Fazer (líder)
8.1.7. Querer (líder)
8.1.8. Valer (líder)
8.2. Falsos Amigos Conjugados
8.2.1. Prover
8.2.2. Requerer
8.3. Verbos Defectivos
8.3.1. Reaver
8.3.2. Precaver
8.4. Outros verbos irregulares que merecem um cuidado especial
8.4.1. Agredir
8.4.2. Ferir
8.4.3. Fugir
8.4.4. Crer
8.4.5. Ir
8.4.6. Haver
8.5. Verbos em -EAR
8.6. Verbos em -IAR
8.7. Tempos Compostos
8.8. Formação do Imperativo
8.9. Formas Nominais
8.10. A semântica dos verbos
8.10.1. Modo Indicativo
8.10.2. Modo Subjuntivo
8.11. Exercícios de Fixação (com gabarito No final)
8.12. Questões de Concursos Comentadas
8.13. QUESTÕES DE CONCURSOS propostas (com gabarito no final)

9 Pronomes
9.1. Pronomes Pessoais
9.1.1. Retos
9.1.2. Oblíquos
9.2. Pronomes de Tratamento
9.3. Pronomes Possessivos
9.4. Pronomes Indefinidos
9.5. Pronomes Interrogativos
9.6. Pronomes Demonstrativos
9.7. As funções textuais dos pronomes
9.8. Pronomes Relativos
9.9. Exercícios de Fixação (COM Gabarito No Final)
9.10. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS
9.11. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (com gabarito no final)
9.12. RESUMO
10 Preposição
10.1. Teoria e Exemplos Comentados
10.2. Valor relacional e nocional da preposição
10.3. Questões de concursos comentadas
11 Conjunções
11.1. Teoria e Exemplos Comentados
11.1.1. Conjunções coordenativas
11.1.2. Conjunções subordinativas
11.1.3. Valores semânticos das principais conjunções
11.1.4. Como estudar as conjunções
11.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)
11.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

11.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (com gabarito no final)
11.5. RESUMO

Parte III - Sintaxe

12 Predicação Verbal
12.1. Teoria e Exemplos Comentados
12.1.1. Verbo intransitivo
12.1.2. Verbo transitivo
12.1.3. Verbo de ligação
12.1.4. Tipos de predicado
12.2. Exercícios de Fixação (com gabarito no final)
12.3. Questões de Concursos Comentadas
13 Termos da Oração
13.1. Teoria e Exemplos Comentados
13.1.1. Termos integrantes
13.1.2. Termos acessórios
13.2. Exercícios de Fixação (Com Gabarito No Final)
13.3. Questões de Concursos Comentadas
13.4. QUESTÕES DE CONCURSOS propostas (com gabarito no final)
13.5. Resumo
14 Vozes Verbais
14.1. Teoria e Exemplos Comentados
14.2. Reescritura de Frases (Como passar uma frase de uma voz à outra)
14.3. Exercícios de Fixação (COM Gabarito No Final)
14.4. Questões que perguntam se a frase admite transportação para a voz passiva
14.5. Questões que pedem para passar de uma voz à outra
14.6. Questões para se identificar a voz da frase
14.6. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (com gabarito no final)

14.7. Resumo
15 Período Composto
15.1. Teoria e Exemplos Comentados
15.2. Orações Coordenadas X Orações Subordinadas
15.2.1. Orações coordenadas
15.2.2. Orações subordinadas
15.3. As funções sintáticas do pronome relativo
15.4. Orações reduzidas
15.5. Exercícios de Fixação (COM Gabarito No Final)
15.6. Questões de concursos comentadas
15.7. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM gabarito No final)
15.8. RESUMO
16 Concordância Nominal
16.1. Teoria e Exemplos comentados
16.1.1. Introdução
16.1.2. Concordância nominal: Parte I – As funções sintáticas do adjetivo
16.1.3. Concordância nominal: Parte II – Casos especiais
16.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (com gabarito no final)
16.3. QUESTÕES DE CONCURSOs COMENTADAS
16.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM Gabarito No Final)
16.5. RESUMO
17 Concordância Verbal
17.1. Teoria e Exemplos Comentados
17.1.1. Concordância verbal: Parte I – Tipos de sujeito
17.1.2. Concordância verbal: Parte II – Casos especiais
17.2. Exemplos comentados
17.3. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (com gabarito no final)

17.4. QUESTÕES DE CONCURSOs COMENTADAS
17.5. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (com gabarito no final)
17.6. RESUMO
18 Regência Verbal
18.1. Teoria e Exemplos comentados
18.1.1. Regência dos verbos mais pedidos em provas
18.2. Regência com Pronome Relativo
18.2.1. Uso de preposição que antecede o pronome relativo
18.2.2. Uso de onde, aonde, donde
18.3. Exercícios de Fixação (com gabarito no final)
18.4. Questões de Concursos Comentadas
18.5. Questões de Concursos Propostas (com gabarito No final)
19 Crase
19.1. Teoria e Exemplos comentados
19.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (com gabarito no final)
19.3. QUESTÕES DE CONCURSOs COMENTADAS
19.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (com gabarito No final)
19.5. RESUMO
20 Pontuação
20.1. Teoria e Exemplos Comentados
20.1.1. Vírgula
20.1.2. Ponto e vírgula
20.1.3. Dois-pontos
20.1.4. Aspas
20.1.5. Travessões
20.1.6. Parênteses
20.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (com gabarito no final)

20.3. Questões de Concursos Comentadas
20.4. Questões de Concursos Propostas (com gabarito no final)
20.5. RESUMO
21 As Palavras Que e Se
21.1. Teoria e Exemplos comentados
21.1.1. A palavra que
21.1.2. A palavra se
21.2. Exercícios de fixação (com gabarito no final)
21.3. Questões de Concursos Propostas (com gabarito no final)
21.4. RESUMO
22 Figuras de Linguagem
22.1. Teoria sucinta
22.1.1. Figuras de palavras
22.1.2. Figuras de sintaxe
22.1.3. Figuras de pensamento
22.2. Questões de concursoS Propostas (com gabarito no final)
Parte IV - Interpretação de textos
23 Tipologia Textual
23.1. Teoria e Exemplos comentados
23.1.1. Os modos e os tipos de texto
23.1.2. A narração
23.1.3. A narração e os tempos verbais
23.1.4. A narração e a descrição
23.1.5. A descrição
23.1.6. A dissertação
23.1.7. Tipologia textual – esquema
23.1.8. Enunciados de tipologia textual

23.2. Exemplos comentados
23.3. Questões de Concursos Comentadas
23.4. Questões de ConcursoS Propostas (com Gabarito no final)
24 Estruturação Argumentativa
24.1. Teoria Resumida
24.1.1. O parágrafo argumentativo
24.1.2. O tópico frasal
24.1.3. A estruturação do parágrafo argumentativo
24.1.4. Análise da estruturação do parágrafo
24.1.5. Como expandir o parágrafo
24.2. Exemplos Comentados
24.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS
24.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)
25 Coesão e Coerência
25.1. Teoria e Exemplos Comentados
25.2. questões de concursoS Comentadas
25.3. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)
Referências

ADRIANA FIGUEIREDO

Graduada em Letras (Português-Inglês) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com especialização em Leitura e Produção textual. Ex-Analista Judiciária do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro. Tem experiência de mais de quinze anos na área de concursos públicos, lecionando em diversos cursos preparatórios. Atualmente trabalha com Turmas Básicas e de Exercícios, além de cursos de Redação e Interpretação de Textos, nas modalidades ao vivo e *on-line*, nos cursos do Núcleo de Estudos Alessandro Ferraz (NEAF), entre outros.

Quase sempre o apego é a causa do insucesso.

Mokiti Okada

Agradecimentos

Ao meu amado marido, Marcelo, amigo, parceiro, meu maior incentivador.

Aos meus filhos, Fernanda, Guilherme e Nicholas, luzes da minha vida.

Aos meus alunos amigos, que sempre foram a razão da minha constante busca pela melhor maneira de ensinar.

Prefácio

Altíloqua, **b**enévola, **c**élebre, **d**escomunal, **e**minente... **z**elosa – mesmo buscando todas as letras do alfabeto ainda continua impossível encontrar aquele vocábulo que sintetize todas as características de Adriana Figueiredo. Mas encontramos ao menos uma palavra perfeita para adjetivar a **f**abulosa e **g**enerosa mestre: **h**eroica, na conjugação da maternidade com o magistério.

Ao longo de vinte anos de magistério, Adriana foi seguidas vezes **l**aureada pelos alunos, sendo que vários se tornaram seus discípulos, consagrando-se, ela, sem exagero, a **m**elhor professora de Língua Portuguesa do segmento de concursos públicos e, como consequência natural, **n**otável autora.

Paulo Freire frisa que todo professor, ao passar pela vida de um aluno, deixa sua marca. A marca de Adriana é fazer crer que todos são capazes de aprender e compreender a Língua Portuguesa, que não existe mistério, fórmula mágica ou estrutura pré-moldada. O que há: compreensão. Adriana transforma cada aluno em protagonista do aprendizado – técnica dominada por poucos – propiciando o raciocínio para a descoberta dos segredos da Língua Portuguesa. Issc se materializa nesta obra.

É muito difícil a um professor não desejar ensinar. Peço licença, portanto, para uma singela lição. Fórmulas, bússolas, macetes, nada disso é eficaz e perpétuo. A preparação para concursos públicos sofre uma profunda transformação nos últimos anos. As bancas, cada vez mais, exploram questões valorativas do raciocínio. A famigerada decoreba desacompanhada da compreensão perde espaço com celeridade. É preciso que o candidato tenha materiais propiciadores do aprendizado profundo, com qualidade e objetividade. Desse modo, *Gramática comentada com interpretação de textos para concursos* cumpre sua função com maestria, sendo **o**portuna e **p**recisa.

Afirmo, sem receio, que a **q**uerida Adriana, no exercício do magistério e nesta obra, une a morfologia com a sintaxe de forma reluzente, desmitificando a Língua Portuguesa, tornando-a acessível a todos e, com isso, aniquilando todas as dificuldades.

Gramática comentada com interpretação de textos para concursos é, nesse sentido, um marco no segmento de concursos públicos, transformando a Língua Portuguesa, uma das disciplinas temidas pelos candidatos e explorada com afinco pelas bancas, uma matéria acessível e, por

conseguinte, fácil de ser compreendida.

A obra compõe-se de 25 capítulos, estruturados em três etapas. A primeira, destinada à teoria, apresentada de forma objetiva e profunda, não causando perda de tempo ao candidato. A segunda etapa destina-se aos exercícios de fixação. São testes diretos e sucintos, todos comentados. Dessa maneira, o aluno revê a teoria e a fixa, estando, ao final, apto a encarar a última etapa, que são as questões de concursos anteriores. É o método ideal, que deveria ser utilizado em todas as disciplinas: teoria, fixação por meio de exercício e provas anteriores.

Ao cumprir todos os ciclos nos diversos capítulos, o leitor verificará ser o livro **s**imples – dom dos sábios –, **t**eórico – raridade no mundo contemporâneo – e, por conseguinte, **ú**nico.

Atualmente, o candidato não pode perder tempo com materiais complexos e oblíquos – características inexistentes nesta obra. *Gramática comentada com interpretação de textos para concursos* propicia ao leitor aquilo de que ele mais necessita: um aprendizado **v**ertiginoso da Língua Portuguesa num ritmo **w**agneriano. A dualidade simplicidade/aprofundamento teórico conduz ao **X** da questão. A união de estruturas opostas é algo difícil; para muitos, impossível e, contudo, perfeita. Utilizando-se dos ensinamentos orientais, Adriana realizou uma obra ***yin-yang***.

Ao final do livro, o leitor verificará que este trabalho não agrada apenas a Fernanda, Guilherme, Nicholas, Marcelo, alunos, discípulos e amigos da Adriana, mas a todos.

Caro leitor, uma excelente obra está em suas mãos. Delicie-se.

Rio de Janeiro, fevereiro de 2015.

Carlos Eduardo Guerra de Moraes
Professor da Faculdade de Direito da Universidade
do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e do
Centro de Estudos Guerra de Moraes (CEGM).
Diretor da Faculdade de Direito da Universidade
do Estado do Rio de Janeiro (UERJ),
quadriênio março de 2012 a março de 2016.
Advogado.

Apresentação

Esta obra, com uma metodologia resultante de anos de experiência em sala de aula, compreende as **três etapas** que consideramos essenciais para assegurar uma abordagem prática e objetiva do aprendizado:

A **primeira** é a apresentação de teoria, que é desenvolvida de forma lógica, para que o leitor não se perca em meio a uma série de informações amontoadas. Dicas essenciais são sinalizadas durante a apresentação do conteúdo. Além disso, em cada tópico, há os exemplos comentados, que ajudarão no esclarecimento dos conceitos. São frases, seguidas de sua explicação.

Na **segunda etapa**, expandem-se os conceitos aprendidos com questões de concursos, referentes a todos os tópicos do capítulo, detalhadamente comentadas. Nos comentários de cada questão, contrapõe-se a alternativa certa às erradas, explicando-se item por item.

O objetivo da **terceira etapa** é aprofundar o aprendizado. Para isso, nos tópicos mais complexos, você vai treinar à exaustão, com uma bateria de exercícios de fixação: frases simples selecionadas para praticar a essência da teoria e os fundamentos-chave aprendidos. Por fim, ao final de cada capítulo, selecionamos questões, com gabarito, das principais instituições organizadoras de concursos público, para que o leitor tenha uma preparação completa. Quem sabe Português se prepara para qualquer concurso.

Além disso, um benefício: para os tópicos mais frequentes em concursos, há um resumo, essencial para sistematizar o conteúdo apreendido e facilitar a resolução de questões de provas.

Quanto aos assuntos, esta gramática está dividida em quatro partes: **Ortografia e semântica; Morfologia; Sintaxe;** e **Interpretação de textos.**

Procurei, sempre que possível, utilizar uma linguagem informal, que facilitasse seus estudos. Esta é a gramática que elaborei para você: com uma linguagem simples e lógica, como deve ser o aprendizado da nossa língua.

Tudo isso faz com que esta gramática tenha este diferencial no mercado: ela é completa. Gramática com interpretação de textos. E comentada. Tudo isso em um só livro.

A Autora

Parte I

Ortografia e semântica

1 ESTUDO DA SÍLABA

1.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

1.1.1. Sílaba tônica

Para começar, faremos uma revisão de **ortografia**. Você sabe o que significa sílaba tônica? **Sílaba tônica** é a sílaba da palavra que é pronunciada com maior intensidade. Quanto à posição da sílaba tônica, as palavras classificam-se em:

a) oxítonas – a sílaba tônica é a última da palavra:

maracu**já**, ca**fé**, recom**por**

b) paroxítonas – a sílaba tônica é a penúltima da palavra:

ca**dei**ra, ca**rá**ter, **me**sa

c) proparoxítonas – a sílaba tônica é a antepenúltima da palavra:

sílaba, meta**fí**sica, **lâm**pada

Para o estudo das regras de acentuação gráfica, também será preciso que você entenda a diferença de um monossílabo átono para um monossílabo tônico. **Monossílabos átonos** são aqueles que são pronunciados com pouca intensidade no interior da frase. Veja um exemplo:

O menino **me** perguntou quando **lhe** entregarei **o** pedido.

Observe que os monossílabos grifados acima são pronunciados de forma tão fraca, que muitos, por exemplo, pronunciariam o **me** como /**mi**/, o **lhe** como /**lhi**/, o **o** como /**u**/. São tão *fracos* que se descaracterizam ao serem pronunciados.

Já os **monossílabos tônicos** são aqueles que são pronunciados com bastante intensidade no interior da frase. Veja:

No **mês** passado, **tu** disseste a **mim** que sentias **dor** de dente.

1.1.2. Encontros vocálicos

Você sabe a diferença entre encontros vocálicos, encontros consonantais e dígrafos? **Encontros vocálicos** são agrupamentos de vogais ou de vogais e semivogais sem consoante intermediária. Há três tipos de encontros vocálicos: o ditongo, o tritongo e o hiato. **Ditongo** é o encontro de uma vogal e uma semivogal, ou vice-versa, na mesma sílaba. Há quatro tipos de ditongo: no ditongo **crescente**, a semivogal vem antes da vogal (lír**io**, q**ua**ndo, freq**ue**nte). É quando se vai do som mais

fraco para o mais forte. Há também o ditongo **decrescente**, em que a vogal vem antes da semivogal (p**ai**, p**õe**). Aqui, ocorre o contrário: vai-se do som mais forte para o mais fraco, por isso, ele é *decrescente.* Além desses dois tipos, o ditongo pode ser **oral**, quando a vogal é oral (mág**oa**) ou **nasal**, quando a vogal é nasal (m**ão**).

Além do ditongo, há outros dois tipos de encontros vocálicos: o **tritongo**, que é o encontro de semivogal+vogal+semivogal, nessa ordem, na mesma sílaba. Veja:

Parag**uai**, q**uão**.

E, por fim, o **hiato**, que é o encontro imediato de duas vogais, em sílabas distintas. Assim:

R**ai**z, s**aú**de.

1.1.3. Encontros consonantais

Além dos encontros vocálicos, existem os **encontros consonantais**, que são grupos formados por mais de uma consoante sem vogal intermediária. Observe:

Blusa, **pr**ata, a**ft**a, a**pn**eia.

Repare que as consoantes vêm uma seguida da outra, na mesma sílaba, ou em sílabas distintas. Separe as sílabas e você verá: **bl**u-sa, **pr**a-ta, a**f-t**a, a**p-n**eia.

1.1.4. Dígrafo

Agora, o grande cuidado que você deve ter é para não confundir encontro consonantal com dígrafo. No encontro consonantal, as duas consoantes são pronunciadas, já no dígrafo, as duas letras possuem um único som: ou seja, uma delas não é pronunciada. Observe atentamente o conceito de dígrafo:

Dígrafo é o encontro de duas letras para representar um único fonema. Podem ser consonantais ou vocálicos. **Dígrafos consonantais** são aqueles em que as duas consoantes representam um único som (ch, lh, nh, rr, sc, sç, ss, xc, gu, qu). As gramáticas dizem que são dois grafemas para um único fonema. Veja os exemplos:

Chave, te**lh**a, ni**nh**o, ca**rr**o, cre**sc**er, na**sç**o, e**xc**eto, **gu**e**rr**a, **qu**ilo.

Entenda que aqui não temos um encontro consonantal *porque uma das consoantes não é pronunciada.* Trata-se, portanto, de dígrafo consonantal.

Já os **dígrafos vocálicos** são aqueles em que a vogal é nasalizada por um **m** ou um **n** que venha

na sequência (am, an, em, en, im, in, om, on, um, un). Observe:

T**am**pa, t**em**po, t**in**ta, b**om**ba, c**on**ta, b**um**bo, f**un**do.

Atenção: As letras m e n não representam consoantes, apenas indicam que a vogal anterior é nasal.

Devidamente entendidos quanto à diferença entre encontros vocálicos, encontros consonantais e dígrafos? Vamos fazer um exercício para cada conceito, antes de estudarmos as regras de acentuação gráfica. Aproveitaremos os exercícios também para você relembrar como se separam as sílabas das palavras. Tempos bons aqueles...

1. Identifique os encontros vocálicos das palavras a seguir.

a) saguão

Resposta: sa-g**uão** – **tritongo**

b) ruim

Resposta: r**u-i**m – **hiato**

c) séria

Resposta: sé-r**ia** – **ditongo crescente**

d) seria

Resposta: se-r**i-a** – **hiato**

e) enxaguais

Resposta: en-xa-g**uais** – **tritongo**

en-xa-guais – **dígrafo vocálico**

f) álcoois

Resposta: ál-c**o-o**is – **hiato**

ál-co-**oi**s – **ditongo decrescente**

g) minguou

Resposta: min-g**uou** – **tritongo**

m**in**-guou – **dígrafo vocálico**

h) quieto

Resposta: q**ui**-e-to – **dígrafo**

qu**i-e**-to – **hiato**

i) voo

Resposta: v**o-o** – **hiato**

2. Identifique os encontros consonantais a seguir.

a) Castro

Resposta: Cas-**tr**o

b) flecha

Resposta: **fl**e-cha

c) ritmo

Resposta: ri**t-m**o

d) trabalho

Resposta: **tr**a-ba-lho

3. Reconheça os dígrafos.

a) prorromper

Respostas: pro**rr*om***per (**rr** / **om**)

b) digníssimo

Resposta: digní**ss**imo (**ss**)

c) aquele

Resposta: a**qu**ele (**qu**)

d) triunfo

Resposta: tri**un**fo (**un**)

e) quem

Resposta: **qu**em (**qu**)

1.2. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (Banco do Brasil) Noite:

a) hiato.

b) ditongo.

c) tritongo.
d) dígrafo.
e) encontro consonantal.

2. (ITA) Dadas as palavras:
1. tung-stê-nio
2. bis-a-vô
3. du-e-lo
Constatamos que a separação silábica está correta:
a) apenas na palavra n. 1.
b) apenas na palavra n. 2.
c) apenas na palavra n. 3.
d) em todas as palavras.
e) n.d.a.

3. (ITA) Dadas as palavras:
1. des-a-len-to
2. sub-es-ti-mar
3. trans-tor-no,
Constatamos que a separação silábica está correta:
a) apenas na número 1.
b) apenas na número 2.
c) apenas na número 3.
d) em todas as palavras.
e) n.d.a.

4. (Aman) Assinale a opção em que a divisão silábica não está corretamente feita:
a) a-bai-xa-do
b) si-me-tria
c) es-fi-a-pa-da
d) ba-i-nhas
e) ha-vi-a

5. (Imes) Assinale a alternativa em que a palavra não tem as suas sílabas corretamente separadas:
a) in-te-lec-ção
b) cons-ci-ên-cia
c) oc-ci-pi-tal
d) psi-co-lo-gia
e) ca-a-tin-ga

6. (Furg-RS) A sequência de palavras cujas sílabas estão separadas corretamente é:
a) a-dje-ti-va-ção / im-per-do-á-vel / bo-ia-dei-ro
b) in-ter-ve-io / tec-no-lo-gi-a / su-bli-nhar
c) in-tu-i-to / co-ro-i-nha / pers-pec-ti-va

d) co-ro-lá-rio / subs-tan-ti-vo / bis-a-vó
e) flui-do / at-mos-fe-ra / in-ter-vei-o

7. (Furg-RS) Assinale a sequência em que todas as palavras estão partidas corretamente:
a) trans-a-tlân-ti-co, fi-el, sub-ro-gar
b) bis-a-vô, du-e-lo, fo-ga-réu
c) sub-lin-gual, bis-ne-to, de-ses-pe-rar
d) des-li-gar, sub-ju-gar, sub-scre-ver
e) cis-an-di-no, es-pé-cie, a-teu

8. (UFV-MG) As sílabas das palavras psicossocial e traído estão corretamente separadas em:
a) psi-cos-so-ci-al / tra-í-do
b) p-si-cos-so-cial / tra-í-do
c) psi-co-sso-ci-al / traí-do
d) p-si-co-sso-cial / tra-í-do
e) psi-co-sso-cial / tra-í-do

9. (Acafe-SC) Na frase "No restaurante, onde entrei arrastando os cascos como um dromedário, resolvi-me ver livre das galochas", existem:
a) dois ditongos, sendo um crescente e um decrescente.
b) três ditongos, sendo dois crescentes e um decrescente.
c) três ditongos, sendo um crescente e dois decrescentes.
d) quatro ditongos, sendo dois crescentes e dois decrescentes.
e) quatro ditongos, sendo três crescentes e um decrescente.

10. (UEPG-PR) Nesta relação, as sílabas tônicas estão sublinhadas. Uma delas, porém, está sublinhada incorretamente. Assinale-a:
a) in-te-<u>rim</u>
b) pu-<u>di</u>-co
c) ru-<u>bri</u>-ca
d) gra-<u>tui</u>-to
e) i-nau-<u>di</u>-to

11. (Unirio) "O bom tempo passou e vieram as chuvas. Os animais todos, arrepiados, passavam os dias cochilando." No trecho, temos:
a) dois ditongos e três hiatos.
b) cinco ditongos e dois hiatos.
c) quatro ditongos e três hiatos.
d) três ditongos e três hiatos.
e) quatro ditongos e dois hiatos.

12. (Unirio) Assinale a melhor resposta. Em papagaio, temos:
a) um ditongo.
b) um trissílabo.
c) um dígrafo.

d) um proparoxítono.
e) um tritongo.

13. (Esaf) Indique a alternativa em que há erro(s) de divisão silábica:
a) res-sur-gir, a-ve-ri-güeis, vô-o, quais-quer
b) ca-í-ram, co-o-pe-rar, pig-meu, op-ção, cons-ti-tuin-tes
c) tu-a, ai-ro-so, e-gí-pcio, su-bs-tan-ti-vo, pneu-má-ti-co
d) ab-di-ca-ção, o-ci-den-tal, sor-rin-do, sou-bes-te, mne-mô-ni-ca
e) a-do-les-cen-te, mai-o-res, sub-ju-gar, me-lan-co-li-a, cir-cui-to

14. (ESPCEX) Assinale a alternativa correta quanto à divisão silábica das palavras dadas:
a) sa-gu-ão, mín-guam, a-bs-tra-to, de-lin-qüi-u, plúm-beo
b) fric-ção, rit-mo, pneu-má-ti-co, cai-ais, bo-ê-mia
c) mag-ne-tis-mo, en-xa-güei, ni-nha-ri-a, res-pe-i-to, mei-os
d) su-blo-car, ca-iu, re-ce-pção, a-cces-sí-vel, subs-cre-ver
e) coi-ta-do, trans-a-tlân-ti-co, pis-ci-na, suas, põem

15. (PUC-RS) Aponte o único conjunto onde há erro na divisão silábica:
a) flui-do, sa-guão, dig-no
b) cir-cuns-cre-ver, trans-cen-den-tal, tran-sal-pi-no
c) con-vic-ção, tung-stê-nio, rit-mo
d) ins-tru-ir, an-te-pas-sa-do, se-cre-ta-ri-a
e) co-o-pe-rar, dis-tân-cia, bi-sa-vô

16. (UFF) Apenas num dos seguintes casos a divisão silábica não está feita de acordo com as normas vigentes. Assinale-o:
a) tran-sa-tlân-ti-co
b) ab-di-ca-ção
c) subs-ta-be-le-cer
d) fri-ís-si-mo
e) cis-an-di-no

17. (TRE-MG) Assinale a palavra que contém exemplo de ditongo decrescente e dígrafo:
a) companhia
b) exceção
c) répteis
d) cãimbra
e) gratuito

18. (TRE-MT) A separação de sílabas está incorreta na alternativa:
a) mi-nis-té-rio
b) ab-so-lu-tas
c) ne-nhu-ma
d) té-cni-co
e) res-sen-ti-men-tos

19. (TRE-MG) Ambas as palavras contêm exemplo de hiato em:
a) árduo / mãe
b) área / chapéu
c) diário / quota
d) pavio / moer
e) luar / anzóis

20. (TTN) Marque a alternativa correta quanto à divisão silábica:
a) fi-a-do, flui-do, ru-im
b) se-cre-ta-ri-a, ins-tru-ir, né-ctar
c) co-o-pe-rar, tung-stê-nio, i-guais
d) cir-cui-to, subs-cre-ver, a-po-te-ose
e) abs-ces-so, ri-tmo, sub-ju-gar

21. (Unirio) Assinale a opção em que o vocábulo apresenta ao mesmo tempo um encontro consonantal, um dígrafo consonantal e um ditongo fonético:
a) ninguém
b) coalhou
c) iam
d) nenhum
e) murcham

22. (TRT-ES) Leia o texto e assinale o item que apresenta correta divisão silábica: Atualmente, as plantas medicinais voltam a suscitar grande interesse, tanto na área dos profissionais da saúde como na própria sociedade.
a) mui-to / su-sci-tar
b) saú-de / so-cie-da-de
c) me-di-ci-na-is / sa-ú-de
d) sus-ci-tar / me-di-ci-nais
e) in-te-res-se / a-tual-men-te

Gabarito: 1. b; 2. c; 3. c; 4. b; 5. d; 6. e; 7. c; 8. a; 9. c; 10. a; 11. a; 12. a; 13. c; 14. b; 15. c; 16. e; 17. b; 18. d; 19. d; 20. a; 21. e; 22. d.

Finalmente, vamos às regras de acentuação gráfica. Destacamos aquelas que mudaram com o Novo Acordo Ortográfico no que se refere à acentuação gráfica, mantendo aquelas em que não houve alteração. Toda vez que apresentarmos uma regra que foi modificada segundo o Novo Acordo, vamos avisar, ok? Assim, você aprende as regras de acentuação ao mesmo tempo em que fica por dentro de tudo que mudou desde então.

2 ACENTUAÇÃO GRÁFICA (SOB O NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO)

2.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

2.1.1. Regra geral

1. Oxítonos: são acentuados os terminados em **a(s), e(s), o(s), em(ens)**.

Exs.: sofá(s), cajá(s), encontrá-lo, café(s), obtê-lo, avô, avó, dispô-lo, alguém, também, ele contém, ele intervém, armazéns, tu intervéns...

2. Paroxítonos: são acentuados os não terminados em **a(s), e(s), o(s), em(ens)** e os terminados em **ditongo**.

Exs.: cáqui, ônix, túnel, hífen, açúcar, bônus, ímã, Méier, destróier, bênção, órfão, túneis...

3. Proparoxítonos: todos são acentuados.

Exs.: lâmpada, médico, álibi, ínterim, álcool, alcoólicos...

Atenção: Pelo Novo Acordo, entram na regra dos proparoxítonos os chamados ocasionais, terminados em ditongo crescente (história, série...).

4. Monossílabos tônicos: terminados em **a(s), e(s), o(s)**.

Exs.: pá, gás, fé, mês, dó, pôs, pô-lo...

Para fixarmos essas regras iniciais, procure testar seus conhecimentos resolvendo esta questão do Cespe/UnB:

1. Em relação à acentuação gráfica, julgue os itens seguintes:

1) "Previsíveis" e "úteis" acentuam-se pela mesma razão.

2) Em "más", há emprego de acento diferencial.

3) Em "biquíni" e "ônus" o emprego do acento nas duas palavras tem a mesma justificativa.

4) Em "mantém", o acento se justifica para estabelecer a diferença com a forma da 3ª pessoa do plural.

Comentários:

Em (1), os dois vocábulos são paroxítonos terminados em ditongo.

Resposta: assertiva certa.

Em (2), o acento ocorre por ser palavra monossílaba terminada em *a(s)*, e não acento diferencial.

Resposta: assertiva errada.

Em (3), as duas palavras são paroxítonas e terminam em *i* e *us*.

Resposta: assertiva certa.

Em (4), o acento aparece por esse vocábulo ser oxítono terminado em *em*. Na 3ª pessoa do plural é que seria acentuado para estabelecer diferença com o singular (eles mantêm).

Resposta: assertiva errada.

2.1.2. Outros casos

1. Ditongos abertos (éi, éu, ói): acento agudo nas palavras **oxítonas** e **monossílabos tônicos**.

Ex.: anéis, papéis, hotéis, pastéis, troféu, céu, réu, herói, dói, mói...

Atenção: Pelo Novo Acordo, não são acentuados os ditongos ei e oi de palavras paroxítonas terminadas em a, o.
Exs.: assembleia, heroico, ideia.

2. Quando a **2a vogal do hiato** for **"i" ou "u", tônica.**

Ex.: saída, saíste, caí, juíza, reúno, saúde, baú, Grajaú...

Observação 1: Se após a 2a vogal do hiato aparecer nh ou outra letra, sem ser o **s**, na mesma sílaba, não haverá acento:
Exs.: rainha, bainha, juiz, cairdes.

Observação 2: Não se acentua a 2a vogal do hiato em letras repetidas; não se acentua o primeiro o de palavras paroxítonas terminadas em oo:
Exs.: vadiice; voo, perdoo, abençoo.

Atenção 1: Pelo Novo Acordo, não se acentua o primeiro e das formas verbais terminadas em eem (verbos ler, ver, crer, dar e derivados).
Observe: Eles veem, reveem, leem, releem, creem, deem.

Atenção 2: Pelo Novo Acordo, não se acentuam i e u quando formam hiato com um ditongo anterior.
Exs.: feiura, baiuca...
Exceção: as vogais tônicas i e u, em posição final, das palavras oxítonas precedidas de ditongo levam acento. Ex.: Piauí, teiú...

3. Acentos diferenciais: quanto aos acentos diferenciais, após o Novo Acordo Ortográfico, só permaneceram os seguintes:

a) ter, vir e derivados na **3ª pessoa do plural** do presente do indicativo.

Exs.: eles têm, retêm, vêm, intervêm;

b) de intensidade (que é o acento que diferencia um vocábulo átono do tônico): pôr (verbo no infinitivo), para diferenciar da preposição por;

c) de timbre, que é o acento que diferencia o timbre fechado do timbre aberto: pôde (3a pessoa do singular do pretérito perfeito), para diferenciar da forma pode (3ª pessoa do singular do presente do indicativo).

Observação: O Novo Acordo Ortográfico determinou também que o acento do substantivo *fôrma* seria facultativo, para diferenciar tal vocábulo do substantivo *forma*. Assim, o que se entende é que ele só seria utilizado nas situações em que se pudesse encontrar alguma dificuldade de intelecção. Por exemplo:

A *forma* da *fôrma* do bolo é criativa.

Aqui, se não usássemos o acento, o leitor poderia ter dificuldades para entender a essência da informação.

Veja agora duas questões do NCE/UFRJ que trata desses outros casos de acentuação. Procuramos aqui, adaptá-la ao Novo Acordo.

1. Assinale a frase incorreta quanto à acentuação gráfica.

a) A funcionária remeterá os formulários até o início do próximo mês.

b) Ninguém poderia prever que a catástrofe traria tamanho ônus para o país.

c) Este vôo está atrasado: os senhores tem que embarcar pela ponte aerea e fazer conexão no Rio para Florianópolis.

d) O pronunciamento feito pelo diretor na assembleia revestia-se de caráter inadiável.

e) Segundo o regulamento em vigor, o órgão competente tomará as providências cabíveis.

Comentários: Na letra A, *funcionária*, *formulários* e *início* estariam na mesma regra. Pelo Novo Acordo, a tendência seria incluir essas palavras terminadas em ditongo crescente (*ia*, *io(s)*) na regra dos proparoxítonos. *Remeterá* e *até* seriam exemplos de oxítonos terminados em *a* e *e*. A palavra *próximo* é acentuada por ser proparoxítona. Em *mês*, teríamos um caso de monossílabo tônico terminado em *es*.

Na letra B, a palavra *ninguém* é acentuada por ser oxítono terminado em *em*; *catástrofe* é proparoxítona; *ônus* é paroxítono terminado em *us* e *país* entra na justificativa da 2ª vogal do hiato, *i*, tônica, seguida ou não de *s*.

Na letra C, pelo Novo Acordo, paroxítonas que dobram a vogal *o* não recebem mais acento. O verbo *ter*, na 3ª pessoal do plural, recebe acento circunflexo ("Este voo está atrasado: os senhores têm...").

Na letra D, o ditongo *ei*, em palavras paroxítonas terminadas em *a*, não recebe mais acento agudo. Em *caráter* e *inadiável*, temos palavras paroxítonas terminadas em *r* e *l*.

Na letra E, *órgão* e *cabíveis* estariam na justificativa dos paroxítonos terminados em ditongo (ór--gão; ca-bí-veis). *Tomará*, oxítono terminado em *a,* e *providências*, pelo Novo Acordo, seria proparoxítona em ditongo crescente (proparoxítonas aparentes).

Resposta: C.

2. Quanto à acentuação, marque a(s) forma(s) correta(s):

a) Itaipú / Icaraí

Comentários: Não se acentua oxítono terminado em **u**. Em Icaraí, temos a vogal **i** como 2ª do hiato, tônica, acentuada.

Resposta: Icaraí.

b) Bocaiúva / chapéu

Comentários: A palavra Bocaiuva não recebe acento porque, embora a vogal **u** seja a 2a do hiato, vem antecedida de ditongo (regra 3 – obs.: c). Os ditongos **éi**, **éu** e **ói** continuam a receber acento quando forem **oxítonos** e **monossílabos**.

Resposta: chapéu.

c) pôr (verbo) / pára (verbo)

Comentários: Dos acentos diferenciais de intensidade, só o verbo **pôr** será acentuado, para diferir da preposição **por**. Os outros caíram (para, pelo, polo, pera...).

Resposta: pôr.

d) gratuíto / eu traí

Comentários: Embora na oralidade algumas pessoas pronunciem **gratuito** com o *i* tônico, isso

não ocorre. A pronúncia correta é como ditongo (gra-tui-to) e não grã-tu-í-to. **Traí** recebe acento porque o **i** aparece como 2ª vogal do hiato, tônica.

Resposta: traí.

e) enjôo / eles provêm

Comentários: O acento no 1º **o** de vocábulos paroxítonos em **oo** caiu. Já nos verbos *ter*, *vir* e *derivados*, na **3ª pessoa do plural** do presente do indicativo, o acento se mantém, não houve alteração dessa regra (eles têm, retêm, vêm, intervêm...).

Resposta: eles provêm (= provir, derivado de *vir*) .

f) eles prevêem / ele prevê

Comentários: O acento no primeiro **e** dos verbos *ler*, *ver*, *crer*, *dar* e *derivados* não se usa mais. Agora fica: eles leem, veem, creem, deem etc. Em **ele prevê** temos a regra do oxítono terminado em **e**.

Resposta: ele prevê.

g) destróier / heróico

Comentários: Os ditongos **ei** e **oi**, em palavras **paroxítonas** com pronúncia aberta, não recebem mais acento, à exceção dos terminados em *r*, pois entram na regra geral (paroxítono terminado em **r** é acentuado: açúcar, caráter, destróier...). Em **heroico** temos paroxítono terminado em *o*, daí não receber acento.

Resposta: destróier.

h) eu apóio / o apoio

Comentários: Os ditongos *oi* e *ei*, paroxítonos com pronúncia aberta, deixam de receber acento quando terminam em *o(s)*, *a(s)* (heroico, europeia, ideia...). Em *o apoio*, este *o* tem pronuncia fechada, é o substantivo.

Resposta: o apoio.

i) ele detém / eles detêem

Comentários: O verbo **deter** na 3ª pessoa do singular recebe acento por ser um oxítono terminado em **em** (armazém, ninguém, ele detém...). Esse verbo, na 3ª pessoa do plural, **não** dobra a letra **e**: eles detêm (verbos **ter**, **vir** e **derivados**, na 3ª pessoa do plural, um **e** e acento

circunflexo).

Resposta: ele detém.

j) pêra (subst.) / pôneis

Comentários: O substantivo **pera**, com a nova reforma, perdeu o acento circunflexo. Em **pôneis**, o acento se dá por ser esse vocábulo um paroxítono terminado em ditongo.

Resposta: pôneis.

k) "Ele reconstrói a imagem colocando sobre ela elementos de uso cotidiano, como molho de tomate, geleia de amora e soldadinho de plástico em forma de mosaico."

Comentários: Nessa frase, aparecem os ditongos **oi** e **ei**. Em *reconstrói*, usaremos o acento, pois esse vocábulo é oxítono. Já em *geleia* isso não ocorrerá, já que essa palavra é paroxítona, casos em que esse ditongo não é mais acentuado. Plástico é proparoxítono.

Resposta: geleia / reconstrói / plástico.

E o **trema?** Foi totalmente abolido. A pronúncia, porém, continua a mesma. Ninguém por aí vai deixar de falar **linguiça** e **pinguim** como falava anteriormente, só porque o trema desapareceu.

Ex.: questão, tranquilo, iniquidade, consequência, pinguim, sequestro, frequência, cinquenta, aguentar, arguir, averiguemos, quinquênio, antiguidade, liquidação, sanguíneo...

2.2. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (Vunesp - TJ-SP - Escrevente Técnico Judiciário) Assinale a alternativa com as palavras acentuadas segundo as regras de acentuação, respectivamente, de *intercâmbio* e *antropológico*.

a) distúrbio e acórdão.
b) máquina e jiló.
c) alvará e vândalo.
d) consciência e características.
e) órgão e órfãs.

2. (Vunesp – TJ-SP – Analista de Sistemas) "Justiça absolve frentista acusado de participação em furto

O juiz Luiz Fernando Migliori Prestes, da 22ª Vara Criminal Central da Capital, julgou improcedente ação penal proposta contra frentista acusado de furto em seu local de trabalho.

Segundo consta da denúncia, A. L. A. R. teria permitido que W. F. O., cliente do posto de gasolina, usasse a máquina de cartões de crédito do local para fazer saques, mesmo sabendo que o cartão era roubado. Ele afirmou que desconhecia a origem ilícita do cartão.

Ao ser interrogado, W. F. O. caiu em contradição quando perguntado sobre a quantia paga ao funcionário para permitir as operações, fato que, no entendimento do magistrado, tornou o conjunto

probatório frágil para embasar uma condenação. “Daí, insuficientes as provas produzidas para um decreto condenatório ante a falta de demonstração suficiente de que A. L. A. R. agiu com dolo, no que a improcedência da ação penal se impõe.”

Com base nessa fundamentação, absolveu o frentista da acusação de furto qualificado.

Seguem a mesma regra de acentuação gráfica relativa às palavras paroxítonas:

a) probatório; condenatório; crédito.

b) máquina; denúncia; ilícita.

c) denúncia; funcionário; improcedência.

d) máquina; improcedência; probatório.

e) condenatório; funcionário; frágil.

3. (Vunesp – TJ-SP – Assistente Social) Observe as palavras acentuadas, em destaque no seguinte texto:

A **Itália** empreende atualmente uma revolução em sua indústria **vinícola**, apresentando modernos e dinâmicos vinhos, não abandonando seu **inigualável** caráter gastronômico.

Assinale a alternativa cujas palavras são acentuadas, respectivamente, segundo as regras que determinam a acentuação das palavras destacadas no texto.

a) saída; mostrará; hífen.

b) comprá-la; político; nível.

c) ócio; fenômeno; inútil.

d) dá-lo; anônima; estéril.

e) eólica; órfã; ninguém.

4. (Vunesp - TJ-MT - Técnico Judiciário) Assinale a alternativa em que, de acordo com a norma culta, todas as palavras estão corretamente escritas e acentuadas graficamente.

a) A principal finalidade de um assistênte digital pessoal (PDA) é atuar como um organisador eletrônico ou agenda portatil de planejamento diário.

b) O PDA permite o compartiliamento de informações com o PC, ele deve ser uma extenção do PC não um subistituto.

c) E ainda mais, os fabricantes combinaram os PDAs com telefones celulares, reprodutores multimídia e outros equipamentos eletrônicos.

d) Os PDAs, também chamados de palmtops, definitivamente evoluiram ao longo dos anos; eles não sómente gerenciam informações pessoais, como contatos, compromiços e listas de coisas a fazer.

e) Os dispozitivos de hoje também podem se conectar à internet, atuar como aparelhos de posicionamento global (GPS) e ezecutar software multimídia.

5. (Fundatec) Analise as afirmações abaixo, assinalando V, se verdadeiras, ou F, se falsas.

( ) Em bastasse, ocorre um dígrafo.

( ) Na palavra vizinhança, há mais fonemas que letras.

( ) No vocábulo interesse, há 9 letras e 7 fonemas.

( ) Na palavra etiqueta, ocorre dígrafo.

( ) Em trabalha, há dois encontros consonantais.

A ordem correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:

a) V – V – V – V – V

b) V – F – V – V – F
c) F – V – F – V – F
d) V – F – V – F – V
e) F – F – F – F – F

6. (Fundatec) Sobre o uso de acentos gráficos em palavras do texto, afirma-se que:
I. impróprias e escritório são acentuadas em virtude da mesma regra.
II. A palavra é recebe acento gráfico para diferenciá-la de sua parônima e.
III. As palavras difícil e provável são acentuadas em razão de regras distintas.
Quais estão INCORRETAS?
a) Apenas I.
b) Apenas II.
c) Apenas I e II.
d) Apenas II e III.
e) I, II e III.

7. (Fundatec) Analise as afirmações que são feitas em relação a palavras retiradas do texto.
I. Nas palavras "utilizam" e "exigiam", as letras sublinhadas representam o mesmo fonema.
II. "conhecimento" e "erguida" possuem mais fonemas que letras.
III. Ambas as palavras "filhos" e "tecnologia" possuem dígrafos que representam consoantes. Quais estão INCORRETAS?
a) Apenas I.
b) Apenas II.
c) Apenas III.
d) Apenas I e II.
e) Apenas II e III.

Leia o texto a seguir para responder à questão 8.

Cochilo reparador

Você acordou cedo, trabalhou a manhã toda e, depois do almoço, é acometido aquela bobeira_____, capaz de roubar toda a sua energia ou transformar sua habitual disposição em preguiça. Nessa hora, tudo o que você deseja é se entregar à _____ e restabelecer seu estado de ânimo com uma simples e despretensiosa sonequinha. Mas será que 10 minutinhos adiantam?

Os especialistas garantem que esse tempo destinado descanso já é válido. O período ideal recomendado, no entanto, é de 30 minutos, em média. Uma soneca com mais de uma hora já faz o ciclo completo do sono. "Pesquisas evidenciaram que, considerando adultos saudáveis, um cochilo de até 30 minutos pode melhorar a capacidade cognitiva, a memória e o aprendizado no restante do dia" – ressalta o neurologista Alan Christmann Fröhlich, especialista em medicina do sono. O médico lembra, entretanto, que sonecas mais prolongadas podem causar um efeito chamado inércia do sono, em que ocorre uma piora temporária da performance cognitiva e do humor após o despertar.

Visto com resistência por gestores mais conservadores e com simpatia pelos mais liberais, o cochilo durante o expediente pode devolver parte da qualidade de vida perdida em meio à correria cotidiana.

– A população está dormindo menos. A privação de sono pode causar vários problemas de saúde, cognitivos, de aprendizado, de memória e alterações no humor. O ideal é se organizar para dormir mais, mas quando não dá, a soneca ajuda muito – diz Fábio Haggstram, pneumologista do Hospital São Lucas da PUCRS e da clínica PneumoSono.

Para um repouso tranquilo, algumas medidas são importantes. Consultora do sono, Renata Federighi explica que manter o quarto arejado, escuro e silencioso, usar travesseiros adequados e fazer refeições leves colaboram o bom descanso.

Hábito comum em países como Espanha, Itália e Argentina, a _____ é quase um luxo no Brasil Por aqui, são raros os sortudos com flexibilidade de horário que têm o privilégio de dormir alguns minutos depois do almoço. Em terras espanholas, o comércio fecha ao meio-dia e só reabre perto das 15h, hábito que permite aos moradores descansarem antes do segundo turno de trabalho.

Mesmo na terra da "siesta", nem todos são adeptos da prática. Por incrível que pareça, há quem reclame intervalo prolongado para a preguiça. O executivo espanhol Joan Gratacos, 43 anos, é um exemplo. Quando morava em Barcelona, não costumava fazer a pausa, como seus _____. Morando no Brasil há um ano e meio, ele comemora que o hábito não faça parte da cultura local:

– Adoro o horário comercial aqui, permite organizar melhor as necessidades de todo mundo.

(FONTE: texto adaptado – Zero Hora, 01/02/2014)

8. (Fundatec) Assinale a alternativa que completa, correta e respectivamente, as lacunas pontilhadas das linhas 01, 03, 21 e 27.

a) avaçaladora – lezeira – sesta – coterrâneos
b) avaçaladora – lezeira – sesta – conterrâneos
c) avassaladora – lezeira – cesta – coterrâneos
d) avassaladora – leseira – cesta – coterrâneos
e) avassaladora – leseira – sesta – conterrâneos

9. (Semcas – Psicólogo) Assinale a alternativa que contém afirmação correta, considerando a acentuação das palavras histórias, dicionários e cemitérios.

a) Não deveriam estar acentuadas, pois, não se acentuam proparoxítonas eventuais.
b) A maioria das oxítonas terminadas em "e" são acentuadas.
c) Ainda recebem acento as paroxítonas terminadas em ditongos crescentes.
d) Todas as palavras de duas ou mais sílabas possuem uma sílaba tônica, sobre a qual recai o acento prosódico.
e) Os ditongos, sempre que tiverem pronúncia aberta, são acentuados.

10. (Fundatec) Relativamente à palavra conexão, é correto afirmar que

a) possui dígrafo.
b) não possuiu ditongo.
c) o número de fonemas é menor que o número de letras.
d) possui tantas letras quanto fonemas.
e) possui mais fonemas que letras.

11. (IBGE) Assinale a opção cuja palavra não deve ser acentuada:

a) Todo ensino deveria ser gratuito.

b) Não ves que eu não tenho tempo?
c) É difícil lidar com pessoas sem carater.
d) Saberias dizer o conteudo da carta?
e) Veranópolis é uma cidade que não para de crescer.

12. (IBGE) Assinale a opção que contenha três palavras que devem receber acento gráfico:
a) Eles tem de, sozinhos, escolher os marmores da sala e prepara-la para a exposiçao.
b) A estrategia utilizada pelo jogador pos a rainha em perigo em tempo recorde.
c) Saimos do tribunal mas, por causa do tumulto, não conseguimos a rubrica dos juizes.
d) A quimica vem produzindo novas cores para as industrias de tecido.
e) Eles não veem o apoio que se da a qualquer pessoa que aqui vem pedir ajuda.

13. (Banco do Brasil) "Alem do trem, voces tem onibus, taxis e aviões."
a) 5 acentos
b) 4 acentos
c) 3 acentos
d) 2 acentos
e) 1 acento

14. (Banco do Brasil) Monossílabo tônico:
a) o
b) lhe
c) e
d) luz
e) com

15. (Banco do Brasil) Não leva acento:
a) atrai-la
b) supo-la
c) conduzi-la
d) vende-la
e) revista-la

16. (UF-PR) Assinale a alternativa em que todos os vocábulos são acentuados por serem oxítonos:
a) paletó, avô, pajé, café, jiló
b) parabéns, vêm, hífen, saí, oásis
c) você, capilé, Paraná, lápis, régua
d) amém, amável, filó, porém, além
e) caí, aí, ímã, ipê, abricó

17. (FGV-RJ) Assinale a alternativa que completa as frases:
I – Cada qual faz como melhor lhe ..... .
II – O que ..... estes frascos?
III – Nestes momentos os teóricos ..... os conceitos.
IV – Eles ..... a casa do necessário.

a) convém, contêm, reveem, proveem
b) convém, contém, reveem, provém
c) convém, contém, revêm, provém
d) convêm, contém, reveem, proveem
e) convêm, contêm, reveem, proveem

18. (Cesgranrio) Assinale a opção em que os vocábulos obedecem à mesma regra de acentuação gráfica:
a) pés, hóspedes
b) sulfúrea, distância
c) fosforescência, provém
d) últimos, terrível
e) satânico, porém

19. (Santa Casa) As palavras após e órgãos são acentuadas por serem respectivamente:
a) paroxítona terminada em s e proparoxítona.
b) oxítona terminada em o e paroxítona terminada em ditongo.
c) proparoxítona e paroxítona terminada em s.
d) monossílabo tônico e oxítona terminada em o, seguida de s.
e) proparoxítona e proparoxítona.

20. (Mack) Indique a alternativa em que nenhuma palavra é acentuada graficamente:
a) lapis, canoa, abacaxi, jovens
b) ruim, sozinho, aquele, traiu
c) saudade, onix, grau, orquidea
d) voo, legua, assim, tenis
e) flores, açucar, album, virus

21. (FGV-RJ) Assinale a alternativa em que todas as palavras estão corretamente grafadas:
a) raiz, raízes, sai, apóio, Grajau
b) carretéis, funis, índio, hifens, atrás
c) buriti, ápto, âmbar, dificil, almoço
d) órfão, afável, cândido, caráter, Cristovão
e) chapéu, rainha, tatu, fossil, conteúdo

22. (Viçosa) Todas as palavras abaixo obedecem à mesma regra de acentuação, exceto:
a) já
b) nós
c) pés
d) dói
e) há

23. (Eng. Itajubá) Nenhum dos vocábulos abaixo deve receber acento gráfico, exceto:
a) maligno
b) gratuito

c) degrau
d) improbo
e) item

24. (Banco do Brasil) Afirmativa falsa:
a) Dôce é acentuada graficamente.
b) Há acento indevido em raíz.
c) Falta acento em ruina.
d) Têm está acentuada por indicar plural.
e) Funil não deve ser acentuada graficamente.

25. (Banco do Brasil) Opção com as duas palavras grafadas incorretamente:
a) repôr, ítem
b) contínuo, órgão
c) atribuía, alô
d) revólver, parabéns
e) apóio, jaburú

26. (TRT) Assinale a alternativa em que todas as palavras são paroxítonas (foram omitidos os acentos):
a) rubrica – avaro – pegada – acrobata
b) mister – filantropo – misantropo – condor
c) pegaso – prototipo – arquetipo – rubrica
d) necromancia – quiromancia – ibero – nobel
e) nenhuma das anteriores

27. (TRE-MT) Segue a mesma regra de acentuação de país a palavra:
a) saúde
b) aliás
c) táxi
d) grêmios
e) heróis

28. (TRE-ES) "Aí" é acentuada pelo mesmo motivo de:
a) aquí
b) dá
c) é
d) baú
e) porém

29. (Liceu) Acentue as palavras abaixo e encontre a alternativa que corresponda, respectivamente, a róseo, tímida e encontrará:
a) Nobel, interim, papeis
b) condor, avaro, alguem
c) ruim, filantropo, condor

d) pudico, palida, mister
e) levedo, libido, ruim

30. (TRE-RJ) A alternativa que apresenta erro quanto à acentuação em um dos vocábulos é:
a) lápis – júri
b) bônus – hífen
c) ânsia – série
d) raízes – amável
e) Anhangabaú – bambú

31. (PUC-RJ) Aponte a opção em que as duas palavras são acentuadas devido à mesma regra:
a) saí – dói
b) relógio – própria
c) só – sóis
d) dá – custará
e) até – pé

Gabarito: 1. d; 2. c; 3. c; 4. c; 5. b; 6. d; 7. e; 8. e; 9. c; 10. e; 11. a; 12. a; 13. a; 14. d; 15. c; 16. a; 17. a; 18. b; 19. b; 20. b; 21. b; 22. d; 23. d; 24. a; 25. a; 26. a; 27. a; 28. d; 29. d; 30. e; 31. b.

Para memorizar as regras de acentuação gráfica é necessário... Vamos resumir o que você estudou?

2.3. RESUMO

- Em acentuação gráfica, temos quatro regras gerais (monossílabos, oxítonos, paroxítonos e proparoxítonos), dois casos especiais ("i"e "u" como segunda vogal do hiato e os ditongos abertos éi, éu e ói) e três acentos diferenciais.
- Memorize que a regra geral de acentuação das paroxítonas é o contrário das oxítonas, finais a(s), e(s), o(s), em(ens)
- O acento diferencial dos verbos ter, vir e derivados é o circunflexo (de plural).
- O Novo Acordo Ortográfico aboliu o acento dos ditongos ei, oi nas paroxítonas, os acentos dc hiato oo e dos verbos crer, dar, ler, ver e derivados.

3 HÍFEN

3.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Agora, vamos ao estudo do hífen. Como muita coisa não se explica, procuramos preparar um material bem prático, principalmente para que você possa consultá-lo, já que a maioria dos materiais que temos visto por aí não agrupa as regras, dificultando, assim, até a consulta por parte do usuário da língua. Após observar as novas orientações, faça o exercício, consultando-as e, aos poucos, você irá internalizá-las. Vamos lá?

3.1.1. Prefixos

1. Com os prefixos **ante, anti, arqui, auto, circum, contra, entre, extra, hiper, infra, intra, semi, sobre, sub, ultra...;** ou falsos prefixos **aero, agro, anfi, audio, bio, eletro, foto, geo, hidro, macro, maxi, mega, micro, mini, multi, neo, orto, proto, pseudo, poli, retro, tele...:**

Emprega-se o hífen quando o 1º elemento termina por **vogal igual à que inicia o 2º elemento** e nas formações em que o 2º elemento começa por **h**:

Ex.: anti-inflamatório, arqui-inimigo, semi-interno, poli-insaturado, pseudo-occipital, eletro-óptico, sobre-estimar, auto-observação, contra-arrazoado, bio-história, poli-hidroxila, sub-horizonte, ultra-hiperbólico, neo-helênico etc.

Mas: coobrigação, coerdeiro (com o prefixo **co**, este se aglutina em geral com o 2º elemento).

Observação 1:
a) Se o 1o elemento terminar por vogal diferente daquela que inicia o 2o elemento, escreve-se junto, sem hífen.
Exs.: antiético, anteontem, agroindustrial, aeroespacial, eletroemissão, extraescolar, coeducação...
b) Quando o 1o elemento terminar por vogal e o 2o elemento começa por r ou s, devemos dobrar as consoantes, sem hífen.
Ex.: biorritmo, infrassom, microssistema, antessala, antirrepublicano, contrarréplica, minissubmarino, cossenhor...
c) Com os prefixos hiper, inter e super, usaremos hífen se o 2o elemento iniciar por h ou r.
Exs.: hiper-hedonista, inter-hemisfério, super-homem, hiper-requintado, inter-resistente, super-revista...
d) Haverá hífen com os prefixos circum e pan, quando o 2o elemento começar por vogal, m ou n (além de h, como aparece na regra 1).
Exs.: circum-escolar, circum-navegação, pan-africano, pan-negritude, pan-helenismo...

As mudanças que ocorreram relativas ao uso do hífen se concentram, em sua quase totalidade, nessa 1ª regra e nas observações ***a*** e ***b***. No restante, as regras são aquelas que já existiam. Daí a intenção de começar logo por elas, para efeito de memorização, já que, infelizmente, esse assunto requer muita prática para assimilar todas as regras.

Observação 2:
a) Se não houver perda do som da vogal final do 1o elemento, e o elemento seguinte começar com h, serão usadas as duas formas gráficas:
Exs.: cardi-hepático ou cardiepático; aero-hidropatia ou aeroidropatia.
b) Havendo perda do som da vogal do 1o elemento ou se as palavras já são de uso consagrado, deve ser escrita sem hífen.
Exs.: clorídrico, reidratar, reumanizar, reabilitar, reaver...
c) Com os prefixos des e in não se emprega o hífen quando o 2o elemento perde o h inicial; se a palavra não aparecer com função prefixal, não se emprega o hífen.
Exs.: desumano, desidratar, inábil, inumanidade; não violência, não alinhado...

2. Emprega-se o hífen nos compostos em que o 1º elemento é representado pelas formas **além**, **aquém**, **bem**, **ex, recém**, **sem**, **grão**, **grã**, **bel**, **soto**, **sota**, **vice**, **vizo**, **pré**, **pró**, **pós** (tônicos).

Exs.: além-mar, aquém-mar, bem-querer, bem-humorado(mas, benfazejo, benfeitor), recém--casado, sem-número, grã-cruz, ex-presidente, sota-capitão, sota-vento, vice-cônsul, vizo-rei, pré-escolar, pós-graduação, pró-germânico...

Obs.: a) **pre**, **pro**, **pos**, átonos, se aglutinam com o 2º elemento.

Exs.: precondicionamento, propor, pospor...

b) Emprega-se o hífen com a forma **mal**, quando forma com o 2º elemento uma unidade semântica e tal elemento começa por **vogal** ou **h**.

Exs.: mal-estar, mal-humorado etc.

3. Com os prefixos **ab**, **ob**, **sob**, **sub**, se o 2º elemento iniciar por **r** ou **b**, será empregado o hífen.

Exs.: sub-base, ab-reptício, ob-rogar, sub-reitor...

Obs.: com o prefixo **ad**, se o 2º elemento começar por **r** ou **d**, usaremos o hífen.

Ex.: ad-referendar, ad-digital...

3.1.2. Sufixos

O hífen emprega-se nos vocábulos terminados pelos sufixos **açu**, **guaçu**, **mirim**.

Exs.: capim-açu, Ceará-mirim...

3.1.3. Nomes compostos

Emprega-se o hífen nos compostos representados por substantivos, adjetivos, numerais e verbos; elementos repetidos; reduções; gentílicos derivados de topônimos compostos; compostos que designam espécies botânicas, zoológicas.

Exs.: decreto-lei, primeiro-ministro, alto-relevo, porta-aviões, tico-tico, grão-mestre, belo-horizontino, erva-doce, couve-flor, bem-me-quer...

Observação: Em geral, nas locuções de qualquer tipo não se usa o hífen, exceto em alguns casos que o uso já legitimou. Aqui é que mora um problema: o Novo Acordo fala que o hífen permanece os vocábulos que o uso validou, mas até você memorizar todos aqueles consagrados pelo uso...

Exs.: café com leite, sala de jantar, pé de chinelo, disse me disse, bumba meu boi, dia a dia, comum de dois, ponto e vírgula...

Mas (consagrados pelo uso): água-de-colônia, cor-de-rosa, à queima-roupa, pé-de-meia, dois-pontos, mais-que-perfeito...

Vamos treinar?

I. Marque a forma correta.

1. contra-atacar / contraatacar

Comentários: Com o prefixo **contra**, usaremos hífen se a vogal inicial do 2º elemento iniciar por essa mesma vogal.

Resposta: contra-atacar.

2. anti-sociável / antissociável

Comentários: Ainda com relação à 1ª regra, o prefixo **anti** receberá hífen se a palavra seguinte começar pela mesma letra com que esse prefixo termina **i** ou começar por **h**. Logo, não recebe hífen. Se as letras que iniciarem o 2º elemento forem **s** ou **r**, dobramos essas consoantes (Obs.: b).

Resposta: antissociável.

3. mini-saia / minissaia

Comentários: O mesmo comentário. O prefixo termina por vogal e a palavra seguinte começa por **s**. Dobra-se essa letra.

Resposta: minissaia.

4. contra-balançar / contrabalançar

Comentários: Esse prefixo (**contra**) pertence à regra 1. Se o 2º elemento não começa pela mesma vogal com que esse prefixo termina (**a**), não há hífen.

Resposta: contrabalançar.

5. contra-regra / contrarregra

Comentários: Agora, esse mesmo prefixo vem seguido de palavra que começa por **r** (regra 1, obs.: b). Dobra-se essa consoante.

Resposta: contrarregra.

6. anti-imperialismo / antiimperialismo

Comentários: O prefixo **anti** termina em **i**. O 2º elemento (imperialismo) inicia por **i** (pela mesma vogal). Quando isso acontece, pelo Novo Acordo, hífen.

Resposta: anti-imperialismo.

7. anti-horário / antiorário

Comentários: A regra 1 mostra o uso do hífen em alguns prefixos que terminarem na mesma letra com que se inicia o 2º elemento ou se este começar por **h**.

Resposta: anti-horário.

8. mini-retrospectiva / minirretrospectiva

Comentários: Ainda a regra 1. O 2º elemento começa por **r**. Dobra-se essa consoante.

Resposta: minirretrospectiva.

9. co-seno / cosseno

Comentários: Prefixo **co** seguido da palavra que inicia por **s** (regra 1, obs.: b).

Resposta: cosseno.

10. micro-onda / microonda

Comentários: O prefixo **micro** termina em **o** e a palavra **onda** inicia por **o**, hífen.

Resposta: micro-onda.

11. hiper-realista / hiperrealista

Comentários: Agora, temos o prefixo **hiper**. A regra 1, obs.: c, diz que os prefixos **hiper**, **inter** e **super** recebem hífen se o 2º elemento começar por **h** ou **r**.

Resposta: hiper-realista.

12. sub-região / subrregião

13. sub-braquial / subraquial

Comentários: Na regra 3, aparece o prefixo **sub**. Será empregado o hífen se o 2º elemento iniciar por **r** ou **b**.

Respostas: sub-região / sub-braquial.

14. pré-gravação / pregravação

15. pré-estabelecido / preestabelecido

16. pré-eminente / preemininte

17. pró-britânico / probritânico

18. pró-romper / prorromper

19. pré-fixado / prefixado

Comentários:

Com os prefixos **pré**, **pró** e **pós**, haverá o uso do hífen se esses prefixos forem tônicos (acentuados). Se forem átonos, eles se aglutinam com o 2º elemento. O que ocorre é que, em relação à pronúncia de algumas palavras com esses prefixos, ocorrem vacilações. Afinal é pré-fixado ou prefixado? Vamos então às pronúncias corretas de alguns desses vocábulos:

Respostas: pré-gravação (tônica) / preestabelecido (átona) / preeminente (átona) / pró-britânico (tônica) / prorromper (átono) / prefixado (átono).

20. poli-híbrido / poliíbrido

Comentários: Voltando à regra 1, o prefixo **poli** receberá hífen se a palavra seguinte começar por **i** ou por **h.**

Resposta: poli-híbrido.

21. contra-indicação / contraindicação

Comentários: O prefixo **contra** termina em **a**, mas o 2º elemento não inicia por **a**, mas sim por outra vogal (regra 1, obs.: a).

Resposta: contraindicação.

22. contra-senso / contrassenso

Comentários: Se aparecerem as letras **r** ou **s** após os prefixos da regra 1, dobram-se essas consoantes.

Resposta: contrassenso.

23. infra-estrutura / infraestrutura

Comentários: Após o prefixo **infra**, usaremos o hífen se o 2º elemento iniciar por **a** ou **h**. Como a palavra **estrutura** inicia por **e**, o correto é sem hífen.

Resposta: infraestrutura.

24. auto-análise / autoanálise

Comentários: A explicação da anterior vale também para essa palavra. O prefixo **auto** termina em **o** e **análise** se inicia por **a**. Sem hífen, portanto.

Resposta: autoanálise.

25. ante-estreia / anteestreia

Comentários: Agora, a vogal que inicia o 2º elemento (**e**) é a mesma que finaliza o prefixo (**e**). Pelo Novo Acordo, hífen.

Resposta: ante-estreia.

26. ante-sala / antessala

Comentários: Após o prefixo **ante**, se o 2º elemento iniciar por **r** ou **s**, dobram-se essas consoantes. Se o 2º elemento iniciar por **e** ou **h**, hífen.

Respostas: antessala / ante-histórico.

27. mal-assombrado / malassombrado

Comentários: Com o prefixo **mal**, se o 2º elemento iniciar por **vogal** ou **h**, formando uma unidade semântica, hífen.

Resposta: mal-assombrado.

28. multi-racial / multirracial

Comentários: O prefixo **multi** é seguido de palavra iniciada por **r**. Dobra-se essa consoante.

Resposta: multirracial.

29. vice-imperador / viceimperador

Comentários: A regra 2 fala desse prefixo. Com as formas **além**, **aquém**, **bem**, **ex...vice...**, emprega-se o hífen, independentemente da vogal que inicia o 2º elemento.

Resposta: vice-imperador.

4 HOMÔNIMOS E PARÔNIMOS

4.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Vamos falar de semântica?

Antes de tudo, é preciso que você entenda a diferença entre homônimos e parônimos. **Homônimos** são vocábulos iguais (na pronúncia, na grafia ou em ambos), mas de sentido diferente. Subdividem-se em:

a) **homônimos homógrafos**: a grafia é igual, mas a pronúncia é diferente:

colher (verbo) / colher (substantivo)

b) **homônimos homófonos**: a pronúncia é igual, mas a grafia é diferente:

seção / sessão / cessão etc.

c) **homônimos perfeitos**: a pronúncia e a grafia são iguais:

lima (fruta) / lima (ferramenta)

Já os **Parônimos** são vocábulos semelhantes na pronúncia e na grafia, mas de sentidos diferentes. Ex.: eminente ≠ iminente; inflação ≠ infração etc.

Segue agora uma lista das palavras que mais geram dúvidas sobre seu significado. Achamos melhor sistematizar aqueles vocábulos que aparecem nas provas de concursos públicos e depois levar você logo aos exercícios, para que memorize os principais naturalmente, sem muito esforço, ok?

Quadro 4.1 – Homônimos e parônimos

Acender (pôr fogo)	Ascender (elevar-se, subir)
Acessório (secundário)	Assessório (relativo a assessor)
Apreçar (colocar o preço)	Apressar (correr, acelerar)
Arrear (pôr os arreios)	Arriar (abaixar, descer)
Asado (que tem asas, alado)	Azado (marcado, determinado)
Brocha (prego de cabeça larga e chata)	Broxa (pincel grande)
Caçar (perseguir animais)	Cassar (anular)
Cela (quarto pequeno)	Sela (arreio)

Cerrar (fechar)	Serrar (cortar)
Cesta (guarda objetos)	Sesta (descanso após o almoço)
Chá (bebida)	Xá (soberano do Irã)
Coser (costurar)	Cozer (cozinhar)
Deferir (despachar)	Diferir (divergir, discordar)
Descrição (enumeração)	Discrição (prudência, recato)
Descriminar (inocentar)	Discriminar (separar, distinguir)
Despercebido (sem ser notado)	Desapercebido (desatento)
Destratar (maltratar)	Distratar (anular, rescindir)
Discente (relativo a alunos)	Docente (que ensina, professor)
Eminente (elevado, sublime)	Iminente (ameaça acontecer)
Esbaforido (ofegante)	Espavorido (apavorado)
Esperto (inteligente, ativo)	Experto (experiente)
Espiar (observar)	Expiar (cumprir pena)
Esterno (osso do peito)	Externo (lado de fora)
Estrato (nuvem, camada)	Extrato (resumo)
Incerto (impreciso)	Inserto (introduzido)
Incipiente (inexperiente)	Insipiente (ignorante)
Infestado (invadido)	Enfestado (empinado, dobrado)
Infringir (transgredir, violar)	Infligir (aplicar a pena)
Intercessão (intervenção)	Interseção (corte, cruzamento)
Intimorato (destemido)	Intemerato (íntegro, puro)
Mandado (ordem judicial)	Mandato (procuração, incumbência)
Pleito (eleição, debate)	Preito (homenagem)
Prescrever (determinar, ordenar)	Proscrever (banir, expulsar)
Remissão (perdão, clemência)	Remição (libertação, resgate)
Retificar (corrigir)	Ratificar (confirmar)
Vultoso (volumoso)	Vultuoso (congestão na face)

4.2. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. Complete as lacunas com a expressão correta (entre parênteses):

"O _____ (cervo – servo) prendia-se nos arbustos, fugindo dos _____ (cartuchos – cartuxos) que pipocavam por toda a _____ (área – aria);

a) cervo – cartuxos – área
b) servo – cartuchos – aria
c) cervo – cartuchos – área
d) servo – cartuchos – área
e) servo – cartuchos – aria

2. Complete as lacunas, com a expressão necessária, que consta nos parênteses:

É necessário _____ (cegar-segar) os galhos salientes do _____ (bucho-buxo), de modo a que se possa fazer _____ (xá-chá) com as folhas mais novas."

a) segar – buxo – chá
b) segar – bucho – xá
c) cegar – buxo – xá
d) cegar – bucha – chá
e) segar – bucha – xá

3. O _____ (emérito-imérito) causídico _____ (dilatou-delatou) o plano de fuga do meliante, que se encontrava na _____(eminência-iminência) de escapar da prisão:

a) emérito – delatou – iminência
b) imérito – dilatou – eminência
c) emérito – dilatou – iminência
d) imérito – delatou – iminência
e) emérito – dilatou – eminência

4. O _____ (extrato-estrato) da conta bancária é, por si só, insuficiente para cobrir o _____(cheque-xeque), ainda que haja algum capital (incerto-inserto).

a) extrato – xeque – inserto
b) estrato – cheque – incerto
c) extrato – cheque – inserto
d) estrato – xeque – incerto
e) extrato – xeque – incerto

5. Complete as lacunas usando adequadamente (mas / mais / mal / mau):

"Pedro e João ____ entraram em casa, perceberam que as coisas não iam bem,pois sua irmã caçula escolhera um ____ momento para comunicar aos pais que iria viajar nas férias; _____ seus dois irmãos deixaram os pais _____ sossegados quando disseram que a jovem iria com os primos e a tia."

a) mau – mal – mais – mas
b) mal – mal – mais – mais
c) mal – mau – mas – mais
d) mal – mau – mas – mas

e) mau – mau – mas – mais

6. Marque a alternativa que completa corretamente as lacunas:

"Estou _____ de que tais _____ deveriam ser _____ a bem da moralidade do serviço público."

a) cônscio – privilégios – extintos
b) côncio – privilégios – estintos
c) cônscio – privilégios – estintos
d) côncio – previlégios – estintos
e) cônscio – previlégios – extintos

7. Observe as orações seguintes:

I – Por que não apontas a vendedora por que foste ludibriado?
II – A secretária não informa por que linha, de ônibus chega-se ao escritório.
III – Por que será que o governo não divulga o porquê da inflação.

Há erro na grafia:

a) na I apenas.
b) em duas apenas.
c) na II apenas.
d) na III apenas.
e) em nenhuma.

8. Complete as lacunas com (estada / estadia /onde / aonde):

"_____ quer que eu me hospede, procuro logo saber o preço da _____, quanto custa a _____de um carro alugado, bem como _____ se possa ir à noite."

a) aonde – estadia – estada – onde
b) onde – estada – estadia – aonde
c) onde – estadia – estada – aonde
d) aonde – estada – estadia – onde
e) onde – estadia – estadia – aonde

9. Leia as frases abaixo:

1 – Assisti ao _____ do balé Bolshoi;
2 – Daqui _____ pouco vão dizer que _____ vida em Marte.
3 – As _____ da câmara são verdadeiros programas de humor.
4 – _____ dias que não falo com Alfredo.

Escolha a alternativa que oferece a seqüência correta de vocábulos para as lacunas existentes:

a) concerto – há – a – cessões – há
b) conserto – a – há – sessões – há
c) concerto – a – há – seções – a
d) concerto – a – há – sessões – há
e) conserto – há – a – sessões – a

10. Indique a alternativa que contém a seqüência necessária para completar as lacunas abaixo:

“A _____ de uma guerra nuclear provoca uma grande _____ na humanidade e a deixa _____com relação ao futuro da vida na terra.”

a) espectativa – tensão – exitante
b) espectativa – tenção – hesitante
c) expectativa – tensão – hesitante
d) expectativa – tensão – hezitante
e) espectativa – tenção – exitante

Gabarito:1. c; 2. a; 3. a; 4. c; 5. c; 6. a; 7. e; 8. b; 9. d; 10. c.

5 USO DE POR QUE, POR QUÊ, PORQUE E PORQUÊ

5.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

As frases de 1 a 6 a seguir mostram as diferentes formas do "porquê". Antes de resolvermos os exercícios, vamos à explicação do uso deste vocábulo.

Em linhas gerais, podemos afirmar que "por que", separado sem acento, é usado em frases interrogativas, diretas ou indiretas (com ou sem ponto de interrogação), ou quando equivale a *pelo qual*, *pela qual* (nesse caso, o que será pronome relativo).
Se vier em final de período, sendo pronunciado, portanto, com tonicidade, será separado e com acento ("por quê").
O uso do "porque", junto sem acento, se dá quando se introduz uma explicação ou causa da oração anterior (= conjunção explicativa ou causal). Já o "porquê", junto com acento, é substantivo, vem determinado (antecedido de artigo ou de qualquer outro determinante).

Visto isso, seguem as frases.

1. _____ chegas sempre atrasado? (Por que / Por quê / Porque)

Comentários: A frase é interrogativa direta, vem com o ponto de interrogação.

Resposta: Por que.

2. As dificuldades _____ passamos são muitas. (por que / por quê / porque)

Comentários: Nessa frase, o "por que" equivale a *pelas quais* (As dificuldades pelas quais passamos...).

Resposta: por que.

3. Você saiu _____? (por que / por quê / porque)

Comentários: Agora, a frase é interrogativa e aparece em *final* de período. Separado com acento.

Resposta: por quê.

4. Não entendi o _____ de tua bronca. (por que / porque / porquê)

Comentários: A presença do artigo antecedendo essa palavra tem a finalidade de substantivá-la.

Resposta: porquê.

5. Não sabemos _____ ele sai tão cedo. (por que / porque / por quê)

Comentários: Talvez essa construção seja a mais sutil no caso do uso dos "porquês". A frase é interrogativa *indireta*. Uma forma prática é transformá-la em direta. (Por que ele sai tão cedo? Não sabemos). Com isso você comprovou que a frase é interrogativa.

Resposta: por que.

6. Faltei _____ estava com febre (por que / porque / por quê)

Comentários: Nesse período, esse vocábulo vai funcionar como conectivo causal (Faltei por este motivo, por esta razão). É conjunção.

Resposta: porque.

6 USO DE EXPRESSÕES COTIDIANAS

6.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

6.1.1. Uso de *há* e *a*

Usaremos **há** quando houver ideia de **tempo passado** ou com sentido de **existir**. Já a preposição **a** ocorre quando aparece ideia de **distância** ou **futuro**.

Para praticar, complete as frases a seguir.

1. Não o via _____ três semanas. (há / a)

Comentários: Nessa construção, percebe-se a ideia de *tempo passado*, *decorrido*.

Resposta: há.

2. _____ muitas pessoas na sala. (Há / A)

Comentários: Aqui, o sentido é de *existir* (Existem muitas pessoas na sala).

Resposta: Há.

3. Daqui _____ três semanas estarei chegando. (há / a)

Comentários: Percebe-se, agora, que não há ideia de *tempo decorrido* nem de *existir*. O sentido é de tempo futuro.

Resposta: a.

6.1.2. Outras expressões que costumam suscitar dúvidas

4. Conversávamos _____ música. (acerca de / há cerca de)

5. _____ cem alunos na sala. (Acerca de / Há cerca de)

6. _____ cinquenta mil candidatos se inscreveram no concurso. (Há cerca de / Cerca de)

Comentários:

A expressão **acerca de** equivale a **a respeito de**, **sobre**. **Há cerca de** indica tempo transcorrido e **cerca de** equivale a **aproximadamente**.

Respostas: 4. acerca de; 5. Há cerca de; 6. Cerca de.

7. _____ houver engarrafamento, chegarei na hora. (Senão / Se não)

8. Entregue o trabalho no prazo _____ cancelo o contrato. (se não / senão)

9. Ninguém, _____ um santo, seria capaz de tamanho sacrifício. (se não / senão)

Comentários: Usamos **senão** como conjunção (alternativa ou adversativa) e também com o valor de **exceto**.

Se não é conjunção condicional ou integrante **se** seguida de advérbio de negação.

Na frase 7, há ideia de condição ("Caso não haja engarrafamento..."). Na 8, a ideia é de alternância ("Entregue o trabalho no prazo *ou* cancelo o contrato"). Na frase 9, temos o valor de **exceto**, **a não ser** ("Ninguém, exceto/a não ser um santo...").

Respostas: 7. Se não; 8. senão; 9. senão.

10. Assim que chegou, foi _____ pais. (ao encontro dos / de encontro aos).

11. O seu _____ é não prestar atenção nas coisas. (mal / mau).

Comentários: A expressão **ao encontro de** significa **a favor de**, **na direção de.** Já **de encontro a** indica **contrariedade**, **em oposição**.

Respostas: 10. ao encontro de; 11. **Mal** pode aparecer como substantivo (como é o caso), advérbio e conjunção. **Mau** é adjetivo.

12. _____ de ficar triste, alegrou-se com a notícia. (Ao invés de / Em vez de)

13. _____ irmos ao jogo, fomos ao cinema. (Ao invés de / Em vez de)

Comentários:

Usaremos *ao invés de* para indicar *ao contrário de* e *em vez de* no sentido de no *lugar de*.

Respostas: 12. Ao invés de; 13. Em vez de.

Agora, para ver se você aprendeu mesmo, só resolvendo algumas questões de concursos.

6.2. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

1. (TRT – ES) Assinale a opção em que a palavra sublinhada está mal empregada:

a) Durma cedo, <u>senão</u> acordará tarde amanhã.

b) <u>Mal</u> começou a chover, o barraco deslizou.

c) Disse que <u>há</u> cinco anos ganhou na loteria.

d) Estava <u>mau</u> informado, por isso equivocou-se.

e) De hoje <u>a</u> dois meses pedirei novo empréstimo.

Comentários:

A letra A mostra o *senão* como conjunção alternativa (ou dorme cedo, ou acordará tarde). Na letra B, temos a palavra *mal* usada como conjunção temporal (Assim que começou a chover...). Esse vocábulo pode também aparecer como *substantivo* (O mal que causaste foi grande) e como *advérbio* (Dormi mal essa noite).

Na letra C, o verbo *haver* aparece indicando tempo passado ("Ganhou há cinco anos" / faz cinco anos).

Na letra D, a palavra correta seria *mal*, já que modifica o adjetivo *informado*. Se modifica adjetivo é advérbio (mal). *Mau* é adjetivo, se refere a substantivo (Homem mau).

Na letra E, a ideia é de tempo *futuro*, portanto, se usa a preposição *a*, e não o verbo *haver*.

Resposta: D.

2. (Telerj) Apenas em uma das opções abaixo é **inadequado** preencher a lacuna com a respectiva palavra ou expressão entre parênteses. Marque-a.

a) A mensagem enviada pelo fax não chegou a tempo, _____ o telegrama. (tampouco)

b) As novas funcionárias trabalhavam ali _____ de duas semanas. (há cerca)

c) Chegou finalmente o momento _____ todos esperavam. (por que)

d) O funcionário veterano não esqueceu o _____ aos companheiros recém-chegados. (cumprimento)

e) As chuvas causaram _____ prejuízo aos aparelhos telefônicos. (vultuoso)

Comentários:

Na letra A, *tampouco* equivale ao conectivo *nem*, correto, portanto, o seu uso. Essa palavra funciona como conectivo aditivo, usado em frases negativas (não...tampouco).

Na letra B, há ideia de tempo decorrido ("faz duas semanas que elas trabalhavam ali").

Na alternativa C, o uso do *por que* separado se justifica, já que equivale a *pela qual* ("Todas esperavam pelo momento"). Na letra D, *cumprimento* é do verbo *cumprimentar*, que é o sentido usado nesta frase.

Já a letra E troca *vultoso* por *vultuoso*. Pelo sentido da frase, quer se usar *vultoso* (de grande

volume) e não *vultuoso* (congestão na face, colérico)

Resposta: E.

3. (TTN) Assinale o item que contém erro de ortografia.

a) Na cultura oriental, fica desonrado para sempre quem inflinge as regras da hospitalidade.

b) Não conseguindo adivinhar o resultado a que chegariam, sentiu-se frustrado.

c) A digressão ocorreu por excesso de fatos ilustrativos em seu discurso.

d) Sentimentos indescritíveis, porventura, seriam rememorados durante a sessão de julgamento.

e) Ao contrário de outros, trazia consigo autoconhecimento e autoafirmação.

Comentários:

A letra A mostra a forma inadequada de *inflige*. Pelo sentido da frase, é *infringe* (transgride, viola). Além disso, o verbo é *infligir* (castigar, aplicar) e não *inflingir*, não existe a segunda letra *n*. Resumindo: tudo errado – sentido e grafia.

A letra B mostra a forma correta do verbo *adivinhar*, com a letra *i*.

A letra C traz a palavra *digressão* também escrita corretamente.

Na D, a palavra *sessão* equivale a *espaço de tempo que dura uma reunião*, adequada, portanto, ao sentido da frase. *Seção* quer dizer *divisão* e *cessão* é relativo ao verbo *ceder*.

A letra E mostra a palavra *consigo* no sentido correto (com ele mesmo, valor reflexivo). Além disso, pela Nova Ortografia, *autoconhecimento* e *autoafirmação* se escrevem junto, sem hífen.

Resposta: A.

4. (PGJ) A palavra **tráfico** não deve ser confundida com **tráfego**, seu parônimo.

Em que item a seguir o par de vocábulos é exemplo de homonímia e não de paronímia?

a) estrato/extrato.

b) flagrante/fragrante.

c) eminente/iminente.

d) inflação/infração.

e) cavaleiro/cavalheiro.

Comentários:

Homônimos são vocábulos *iguais* (na pronúncia, na grafia ou em ambos), mas de sentidos

diferentes.

Na letra A, a *pronúncia* é a mesma, são homônimos homófonos (*mesma pronúncia*), as grafias diferentes. As outras opções são exemplos de parônimos (vocábulos parecidos na pronúncia e na grafia, de sentidos diferentes).

Resposta: A.

Na questão de nº 5, o texto contém um erro, que pode ser de natureza gramatical, de propriedade vocabular ou de adequação ao estilo culto e formal da língua. Identifique, entre os itens sublinhados, aquele que deve ser corrigido para que a sentença onde ele ocorre se torne correta e adequada.

5. (TRF/Esaf) A(1) **cerca**(2) de uma dezena de matérias jornalísticas, **só**(3) na última edição do matutino de circulação nacional, **acerca**(4) das suspeitas de corrupção nas **adjacências**(5) do Governo.

a) 1.

b) 2.

c) 3.

d) 4.

e) 5.

Comentários:

A expressão **A**(1) **cerca**(2) equivale a *aproximadamente*. Nesse trecho, a ideia não é de quantidade aproximada, e sim "*Existe* cerca de uma dezena de matérias...". A palavra *só* (3) equivale a somente. Em (4), **acerca** tem o sentido da preposição <u>sobre</u>, correto, pois. Na palavra **adjacências** (5), a grafia está também correta.

Resposta: (1) *Há* cerca de.

6.3. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. Marque a frase em que deve ser empregada a primeira das duas palavras que aparecem entre parênteses.

a) Essas hipóteses _____ das circunstâncias (emergem – imergem).
b) Nunca o encontro na _____ em que trabalha (sessão – seção).
c) Já era decorrido um _____ que ela havia partido, (lustre – lustro).
d) O prazo já estava _____ (prescrito – proscrito).

e) O fato passou completamente _____ (desapercebido – despercebido).

2. Marque a frase que se completa com o segundo elemento do parênteses:

a) A recessão econômica do país faz com que muitos _____ (emigrem – imigrem).
b) Antes de ser promulgada, a Constituição já pedia muitos _____ (consertos – concertos).
c) A ditadura _____ muitos políticos de oposição (caçou – cassou).
d) Ao sair do barco, o assaltante foi preso em_____ (flagrante – fragrante).
e) O juiz _____ expulsou o atleta violento (incontinenti – incontinente).

3. Marque a alternativa que se completa corretamente com o segundo elemento do parênteses:

a) O sapato velho foi restaurado com a aplicação de algumas _____ (tachas – taxas).
b) Sílvio _____ na floresta para caçar macacos (imergiu – emergiu).
c) Para impedir a corrente de ar, Luís _____ a porta (cerrou – serrou).
d) Bonifácio _____ pelo buraco da fechadura (expiava – espiava).
e) Quando foi realizado o último _____ ? (censo – senso).

4. Marque a alternativa que se completa com o primeiro elemento do parênteses:

a) A polícia federal combate o _____ de cocaína (tráfego – tráfico).
b) No Brasil é vedada a _____ racial; embora haja quem a pratique (discriminação – descriminação).
c) Você precisa melhorar seu _____ de humor (censo – senso).
d) O presidente _____ antecipou a queda do muro de Berlim (ruço – russo).
e) O balão, tremelizindo _____ para o céu estrelado (acendeu – ascendeu).

5. Em "o prefeito **deferiu** o requerimento do contribuinte", o termo destacado poderia perfeitamente ser substituído por:

a) apreciou
b) arquivou
c) despachou favoravelmente
d) invalidou
e) despachou negativamente

6. As ideias liberais saíram **incólumes**, ainda que se pensasse que seriam **dilapidadas**, completamente. Os termos grifados são antônimos, respectivamente de:

a) arrasadas – dilaceradas
b) intactas – arrasadas
c) intactas – dilaceradas
d) depauperadas – prestigiadas
e) n.r.a.

7. Complete as lacunas com a expressão correta (entre parênteses):

"O _____ (cervo – servo) prendia-se nos arbustos, fugindo dos _____ (cartuchos – cartuxos) que pipocavam por toda a _____ (área – aria)."

a) cervo – cartuxos – área
b) servo – cartuchos – aria

c) cervo – cartuchos – área
d) servo – cartuchos – área
e) servo – cartuchos – aria

8. Complete as lacunas, com a expressão necessária, que consta nos parênteses:
É necessário _____ (cegar – segar) os galhos salientes do _____ (bucho – buxo), de modo a que se possa fazer _____ (xá – chá) com as folhas mais novas.
a) segar – buxo – chá
b) segar – bucho – xá
c) cegar – buxo – xá
d) cegar – bucha – chá
e) segar – bucha – xá

9. O _____ (emérito-imérito) causídico _____ (dilatou-delatou) o plano de fuga do meliante, que se encontrava na _____(eminência-iminência) de escapar da prisão:
a) emérito – delatou – iminência
b) imérito – dilatou – eminência
c) emérito – dilatou – iminência
d) imérito – delatou – iminência
e) emérito – dilatou – eminência

10. O _____ (extrato-estrato) da conta bancária é, por si só, insuficiente para cobrir o _____ (cheque-xeque), ainda que haja algum capital _____ (incerto-inserto).
a) extrato – xeque – inserto
b) estrato – cheque – incerto
c) extrato – cheque – inserto
d) estrato – xeque – incerto
e) extrato – xeque – incerto

11. Complete as lacunas usando adequadamente (mas / mais / mal / mau):
"Pedro e João ____ entraram em casa, perceberam que as coisas não iam bem,pois sua irmã caçula escolhera um ____ momento para comunicar aos pais que iria viajar nas férias; _____ seus, dois irmãos deixaram os pais _____ sossegados quando disseram que a jovem iria com os primos e a tia."
a) mau – mal – mais – mas
b) mal – mal – mais – mais
c) mal – mau – mas – mais
d) mal – mau – mas – mas
e) mau – mau – mas – mais

12. Marque a alternativa que completa corretamente as lacunas:
"Estou _____ de que tais _____ deveriam ser _____ a bem da moralidade do serviço público."
a) cônscio – privilégios – extintos
b) côncio – privilégios – estintos

c) cônscio – privilégios – estintos
d) côncio – previlégios – estintos
e) cônscio – previlégios – extintos

13. Observe as orações seguintes:
I. Por que não apontas a vendedora por que foste ludibriado?
II. A secretária não informa por que linha, de ônibus chega-se ao escritório.
III. Por que será que o governo não divulga o porquê da inflação.
Há erro na grafia:
a) na I apenas.
b) em duas apenas.
c) na II apenas.
d) na III apenas.
e) em nenhuma.

14. Complete as lacunas com (estada / estadia /onde / aonde):
"_____ quer que eu me hospede, procuro logo saber o preço da _____, quanto custa a _____de um carro alugado, bem como _____ se possa ir à noite."
a) aonde – estadia – estada – onde
b) onde – estada – estadia – aonde
c) onde – estadia – estada – aonde
d) aonde – estada – estadia – onde
e) onde – estadia – estadia – aonde

15. Leia as frases abaixo:
I. Assisti ao _____ do balé Bolshoi;
II. Daqui _____ pouco vão dizer que _____ vida em Marte.
III. As _____ da câmara são verdadeiros programas de humor.
IV. _____ dias que não falo com Alfredo.
Escolha a alternativa que oferece a sequência correta de vocábulos para as lacunas existentes:
a) concerto – há – a – cessões – há
b) conserto – a – há – sessões – há
c) concerto – a – há – seções – a
d) concerto – a – há – sessões – há
e) conserto – há – a – sessões – a

16. Indique a alternativa que contém a seqüência necessária para completar as lacunas abaixo:
"A _____ de uma guerra nuclear provoca uma grande _____ na humanidade e a deixa _____com relação ao futuro da vida na terra."
a) espectativa – tensão – exitante
b) espectativa – tenção – hesitante
c) expectativa – tensão – hesitante
d) expectativa – tensão – hezitante
e) espectativa – tenção – exitante

17. Complete corretamente as lacunas:

"O _____ de veículos de grande porte, em vias urbanas, provoca _____ no trânsito; forçando a que os motoristas dos carros menores _____, muitas delas, completamente sem _____.

a) tráfico – infrações – inflijam – concerto
b) tráfego – infrações – inflijam – conserto
c) tráfego – inflações – infrinjam – conserto
d) tráfego – infrações – infrações – conserto
e) tráfico – infrações – infrações – concerto

Gabarito: 1. a; 2. a; 3. d; 4. b; 5. c; 6. b; 7. c; 8. a; 9. a; 10. c; 11. c; 12. a; 13. e; 14. b; 15. d; 16. c; 17. d.

Parte II

Morfologia

7 CLASSES GRAMATICAIS

7.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

7.1.1. Artigo

São as palavras **o** e **um**, com suas flexões, que sempre antecedem os substantivos, designando seres determinados ou indeterminados.

Exs.: O homem, um homem, a mulher, as mulheres, uma mulher etc.

O artigo, em português, tem grande importância na indicação do gênero, permitindo, também, distinguir os substantivos homônimos.

Exs.: a mão, o pão, o/a artista, o/a cabeça etc.

7.1.2. Substantivo

É o nome com que designamos os seres em geral (pessoas, animais e coisas) flexionando-se em **gênero** e **número**. O substantivo é classe de palavra que sempre pode ser antecedida de artigo.

7.1.3. Adjetivo

"É a expressão modificadora do substantivo que denota **qualidade**, **condição** ou **estado** de um ***ser***." (Evanildo Bechara)

Veja o exemplo:

"... era feito aquela gente *honesta, boa e comovida*

que caminha para a morte

pensando em vencer na vida."

Aqui, os adjetivos *honesta*, *boa* e *comovida* referem-se ao substantivo *gente*, qualificando-o.

Locução adjetiva: formada, geralmente, de preposição + substantivo com valor de adjetivo.

Observe o exemplo:

"... eu quero que o meu caixão

tenha uma forma bizarra

a forma *de coração*

a forma *de guitarra"*

As expressões *de coração* e *de guitarra*, embora sejam formadas de preposição e substantivo,

têm valor de adjetivo, pois fazem o papel de um adjetivo modificam o substantivo.

Vamos treinar?

Classifique as palavras destacadas em destaque como substantivo ou adjetivo.

1. Recebeu uma vaia **monstro**.

Comentários: Refere-se ao substantivo *vaia*, qualificando-o.

Resposta: Adjetivo.

2. Veio fantasiado de **monstro**.

Comentários: Agora, a palavra monstro nomeia. É *o monstro*.

Resposta: Substantivo.

3. O seu **viver** é um exemplo para todos.

Comentários: O verbo *viver* foi substantivado por meio do artigo definido *o*.

Resposta: Substantivo.

4. O **orgulhoso** não se deu por vencido.

Comentários: *Orgulhoso*, aqui, foi substantivado, está nomeando.

Resposta: Substantivo.

5. Era um homem muito **orgulhoso**.

Comentários: Nesta frase, *orgulhoso* qualifica o substantivo *homem*.

Resposta: Adjetivo.

6. Possuía muita **confiança**.

Comentários: *A confiança* que possuía.

Resposta: Substantivo.

7. Estava antes do jogo pouco **confiante**.

Comentários: Confiante qualifica o sujeito implícito *eu* ou *ele*.

Resposta: Adjetivo.

8. “Não sou propriamente um **autor** defunto,

Comentários: Trata-se de um autor que é defunto.

Resposta: *Autor* é substantivo e *defunto* é adjetivo.

9. ... mas um defunto **autor**." (Machado de Assis)

Comentários: Agora, tem-se um *defunto* que é *autor*.

Resposta: *Defunto* passou a ser substantivo e *autor*, adjetivo.

10. Teve muita **calma**.

Comentários: *A calma* que ele teve. A palavra *calma* nomeia e pode ser antecedida de artigo.

Resposta: Substantivo.

11. Extasiou-se com o **azul** do céu.

Comentários: *Azul*, que é uma cor representada pelo adjetivo, aqui está nomeando. Observe o poder que o artigo tem de substantivar palavras.

Resposta: Substantivo.

12. O bicho **homem** precisa evoluir mais.

Comentários: *Homem* qualifica *bicho*. É o bicho que é homem.

Resposta: Adjetivo.

13. Deu um drible **moleque** no guarda.

Comentários: Trata-se de um *drible* que foi *moleque*. *Moleque* qualifica *drible*.

Resposta: Adjetivo.

Resumindo:
Substantivo é classe que dá nome. É variável. Pode vir sempre antecedida de artigo.
Adjetivo é classe que se refere ao substantivo. É variável, acompanha a flexão do substantivo.

Agora que você sabe diferenciar um substantivo de um adjetivo, vamos conhecer o advérbio.

7.1.4. Advérbio

Palavra invariável que, fundamentalmente, modifica o verbo exprimindo uma circunstância (tempo, lugar, modo etc.). Pode ainda o advérbio modificar o adjetivo ou outro advérbio. Observe os exemplos:

Trabalhamos **muito**.

Aqui, o advérbio modifica um verbo, indicando-lhe ideia de intensidade. É o advérbio de intensidade.

Homem **muito** bom.

Nesse caso, o advérbio também traz valor de intensidade, só que, desta vez, modificando o adjetivo bom.

Fala **muito** bem.

Por fim, um exemplo de advérbio que modifica outro advérbio (*bem*), também com valor de intensidade.

Conclusão: embora na maioria das vezes o advérbio modifique um verbo, ele pode também se referir a um adjetivo ou a um advérbio.

Locução adverbial:

Formada, normalmente, de preposição mais substantivo com valor e emprego de advérbio.

Exemplo:

Ele saiu **às pressas**.

Nesse caso, a expressão às pressas refere-se ao verbo *sair* indicando circunstância de *modo*: é a locução adverbial de modo.

Atenção! Não confunda a locução adjetiva com a locução adverbial. Embora as duas tenham, em geral, a mesma estrutura (substantivo + adjetivo), a primeira se refere a um substantivo e a segunda, a um verbo.

Veja os exemplos a seguir:

A casa *de madeira* foi construída.

A casa foi construída *de madeira*.

A locução *de madeira*, na primeira frase, modifica o substantivo *casa* e, no segundo, a locução verbal *foi construída*. Daí, na primeira frase, ela ser locução adjetiva e na segunda, locução adverbial.

Vamos treinar?

Classifique as expressões em destaque como **adjetivo/locução adjetiva ou advérbio/locução**

adverbial.

1. As mulheres ganharam dos homens **disparado**.

   Comentários: *Disparado* é o modo como as mulheres ganharam. Refere-se ao verbo. Observe a não variação. Se fosse adjetivo, concordaria com o substantivo.

   Resposta: Advérbio.

2. Ele é muito **melhor** que você.

   Comentários: *Melhor* refere-se ao pronome *ele*, qualificando-o. Na dúvida, procure jogar a frase para o plural (*Eles são melhores*). Se for advérbio, a tendência é não ir ao plural.

   Resposta: Adjetivo.

3. Você fala **grosso**, mas na hora de mostrar coragem...

   Comentários: *Grosso* é o modo como se fala. Se a frase fosse ao plural, teríamos: "Vocês falam grosso".

   Resposta: Advérbio.

4. O professor saiu **sério** da sala.

   Comentários: *Sério* é o estado do professor e não o modo de sair. Se a frase fosse ao plural, teríamos "os professores saíram sérios".

   Resposta: Adjetivo.

5. O professor falou **sério**, não falou brincando, não.

   Comentários: Aqui, *sério* é o modo como o professor falou, não o estado do professor. Pluralizando a frase, teríamos: "os professores falaram sério".

   Resposta: A não variação é uma dica de que é advérbio.

6. Os corintianos entravam **duro** nos palmeirenses, que reclamavam.

   Comentários: *Duro* é o modo como os corintianos entravam.

   Resposta: Advérbio.

7. Ela se mostrava como uma mulher **à toa**.

   Comentários: À toa qualifica o substantivo *mulher*.

   Resposta: Locução adjetiva.

8. Trabalhou **à toa** nos últimos anos.

Comentários: À toa refere-se ao verbo *trabalhou*, dando-lhe circunstância de modo.

Resposta: Locução adverbial.

9. As festas **de dezembro** já iniciarão.

Comentários: *De dezembro* refere-se ao substantivo *festas*, caracterizando-o.

Resposta: Locução adjetiva.

10. As festas iniciarão **em dezembro**.

Comentários: *Em dezembro* refere-se ao verbo *iniciarão*, indicando circunstância de tempo.

Resposta: Locução adverbial.

11. Nosso tio vagava pelas ruas **com fome.**

Comentários: Cuidado! *Com fome* não é modo, jeito, forma de uma pessoa andar pelas ruas. É o estado do tio. Equivale ao adjetivo *faminto*.

Resposta: Locução adjetiva.

Resumindo:
Adjetivo é classe que se refere a substantivo. Qualifica, caracteriza. É classe variável.
Advérbio é classe que modifica verbo, adjetivo ou outro advérbio. Indica circunstância (tempo, lugar, intensidade...). É invariável.
Na dúvida, tente flexionar a palavra, mandá-la ao plural ou ao feminino. Se for advérbio, não variará. Só não proceda assim para diferenciar as locuções adjetivas das adverbiais. A tendência é a de as locuções, de um modo geral, não variarem.

7.1.5. Plural dos nomes compostos

7.1.5.1. Plural dos substantivos compostos

subst. + subst. subst. + adj. adj. + subst.	☐ ☐ ☐	variáveis		prefixo	☐ ☐ ☐	invariáveis

Exs.: cirurgiões-dentistas, guardas-civis, altos-relevos, segundas-feiras, contra-ataques, vice-diretores, alto-falantes, abaixo-assinados.

Obs.:

1. O verbo, aqui, não recebe **s**: guarda-roupas, guarda-chuvas, beija-flores, arranha-céus, os leva-e-traz.

2. Varia o primeiro elemento: se houver preposição, clara ou oculta, ou se o segundo elemento exprimir fim, semelhança, qualidade: pés-de-meia, cavalos-vapor, saias-balão, bananas--maçã...
3. Varia o último elemento: com as formas reduzidas **grão**, **grã**, **bel**; palavras repetidas; nos compostos de três ou mais elementos, não sendo o segundo uma preposição: grão-duques, grã-cruzes, bel-prazeres, reco-recos, tique-taques, bem-te-vis...

Obs.: corre-corres ou corres-corres (verbos repetidos: varia o último ou os dois vão ao plural).

7.1.5.2. Plural dos adjetivos compostos

1. Somente o último se flexiona quando formado de adjetivo + adjetivo ou palavra invariável + adjetivo: amizades luso-brasileiras, unidades médico-veterinárias, parcerias público-privadas, crianças recém-nascidas.
2. Não variam os compostos formados de cor + substantivo: camisas verde-garrafa, vestidos vermelho-sangue, faixas amarelo-ouro.

Obs.:

1. azul-marinho e azul-celeste: são invariáveis
2. surdo-mudo: variam os dois
3. tecidos palha, sapatos cinza, blusas abóbora, esmaltes gelo: cor, representada por substantivo, não varia.

7.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

1. Dê o plural dos substantivos compostos.

criado-mudo:	coautor:	arranha-céu:
escola-modelo:	lança-perfume:	primeira-dama:
guarda-noturno:	amor-perfeito:	contra-ataque:
pão de ló:	obra-prima:	abaixo-assinado:
mal-estar:	grão-mestre:	leva e traz:
pisca-pisca:	tico-tico:	papel-moeda:
segunda-feira:	couve-flor:	vice-diretor:

salvo-conduto:	mula sem cabeça:	batata-doce:
salário-família:	samba-enredo:	caminhão-tanque:
banana-prata:	porta-luvas:	homem-rã:
saca-rolha:	manga-rosa:	salário-mínimo:
guarda-comida:	peixe-espada:	mestre-sala:
quebra-cabeça:	puro-sangue:	porta-bandeira
sempre-viva:	lugar-comum:	

2. Dê o plural dos adjetivos compostos.

grupo hispano-argentino:

disputa sino-soviética:

obra lítero-musical:

remédio anglo-francês:

autoridade administrativo-tributária:

informação econômico-financeira:

menino surdo-mudo:

menina surda-muda:

olho azul-claro:

terno cinza-chumbo:

céu azul-topázio:

blusa amarelo-ouro:

blusa amarelo-dourada:

livro ibero-americano:

poema herói-cômico:

acordo luso-franco-brasileiro:

gravata verde-oliva:

camisa azul-piscina:

Gabarito 1: criados-mudos; escolas-modelo; guardas-noturnos; pães-de-ló; mal-estares; pisca-piscas ou piscas-piscas; segundas-feiras; salvo-condutos ou salvos-condutos; salários-família;

bananas-prata; saca-rolhas; guarda-comidas; quebra-cabeças; sempre-vivas; coautores; lança-perfumes; amores-perfeitos; obras-primas; grão-mestres; tico-ticos; couves-flores; mulas-sem-cabeça; sambas-enredo; porta-luvas; mangas-rosa; peixes-espada; puros-sangues; lugares-comuns; arranha-céus; primeiras-damas; contra-ataques; abaixo-assinados; os leva-e-traz; papéis-moeda; vice-diretores; batatas-doces; caminhões-tanque; homens--rã; salários-mínimos; mestres-sala; porta-bandeiras.

Gabarito 2: grupos hispano-argentinos; disputas sino-soviéticas; obras lítero-musicais; remédios anglo-franceses; autoridades administrativo-tributárias; informações econômico-financeiras; meninos surdos-mudos; meninas surdas-mudas; olhos azul-claros; ternos cinza-chumbo; céus azul-topázio; blusas amarelo-ouro; blusas amarelo-douradas; livros ibero-americanos; poemas heróicômicos; acordos luso-franco-brasileiros; gravatas verde-oliva; camisas azul-piscina.

7.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Agora, treinando com questões de concursos.

1. (Sen. Federal / Anal. Leg.) Assinale a alternativa em que a palavra indicada se classifica como advérbio.

a) ... funcionam de maneira mais <u>livre</u>...

b) ... lançar o mundo numa <u>profunda</u> recessão.

c) ... na promoção de uma <u>melhor</u> operação...

d) ... essas frases devem nos deixar <u>algo</u> perplexos.

e) ... <u>após</u> algumas décadas...

Comentários:

Na letra A, *livre* se refere a *maneira* (substantivo). É adjetivo (classe modificadora de substantivo que denota *qualidade*, *condição*, *estado*, *característica*), o que também ocorre nas alternativas B e C (*profunda* e *melhor* modificam os substantivos *recessão* e *operação*, respectivamente). Na D, *algo* se refere a *perplexos* (adjetivo). Se modifica adjetivo é *advérbio* (no caso, de intensidade).

Na E, *após* é preposição.

Resposta: D.

2. (Sen. Fed. / Técn. Leg.) Assinale a alternativa em que se encontre um advérbio.

a) Os <u>terríveis</u> efeitos...

b) E, a <u>partir</u> de 1934,...

c) Menos de 18% do empréstimo foi amortizado...

d) ... declarando possuir não mais 7, mas 12 apólices...

e) ... os mercados desabaram no mundo inteiro.

Comentários:

Na letra A, *terríveis* se refere a efeitos (substantivo), com valor de adjetivo. Na B, *partir* é verbo. Na C, *menos* modifica a expressão que indica a porcentagem (numeral substantivo), com valor de indefinição (pronome indefinido).

Já na opção D, a palavra *mais* se refere ao verbo *possuir*, é advérbio com ideia de tempo.

Na E, *inteiro* modifica *mundo* (substantivo), é adjetivo.

Resposta: D.

3. (Min. Educ.) "Trata-se da construção de uma alternativa à lógica dominante, ao ajustamento de todas as sociedades..."

No trecho acima há:

a) Quatro adjetivos.

b) Três adjetivos.

c) Dois adjetivos.

d) Um adjetivo.

e) Nenhum adjetivo.

Comentários:

Nesta questão, as opções mostram a quantidade de *adjetivos*, e não de palavra com *valor* de adjetivo, que é diferente, como iremos ver a seguir.

Neste trecho, só a palavra *dominante* aparece como adjetivo, modificando o substantivo *lógica*. Vocábulos como *construção*, *alternativa*, *lógica*, *ajustamento* e *sociedades* são substantivos.

Resposta: D.

4. (Sen. Fed. / Técn. Leg.)"... existe a percepção de que algo tem que ser feito a mais para de fato levar a saúde a toda a população."

A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:

I. Em *levar a saúde a toda a população*, há uma preposição e dois artigos.

II. Em*levar a saúde a toda a população*, a última ocorrência da palavra **a** poderia ser suprimida sem provocar grave alteração de sentido.

III. Em<u>levar a saúde a toda a população</u>, a primeira ocorrência da palavra **a** poderia ser suprimida sem provocar grave alteração de sentido.

Assinale:

a) Se somente os itens II e III estiverem corretos.

b) Se todos os itens estiverem corretos.

c) Se nenhum item estiver correto.

d) Se somente os itens I e II estiverem corretos.

e) Se somente os itens I e III estiverem corretos.

Comentários:

No item I, *levar* é verbo transitivo direto e indireto. A expressão *a saúde* é objeto direto, logo esse *a* é artigo e *a toda a população* é objeto indireto, sendo o primeiro *a* preposição (levar saúde *a*...) e o segundo, artigo de *população*. Correto.

No item II, temos a expressão *toda a*, que é diferente de *toda*. A primeira tem valor de *inteira*, *completa*. A segunda, valor de indefinição: *qualquer*, *cada*. Observem que há alteração de sentido.

No item III, a ausência do artigo não provoca "grave alteração de sentido", pois em*levar saúde* o u *levar a saúde* o *objetivo* continua o mesmo, independentemente da definição ou da indeterminação.

Resposta: E.

5. (Pol. Fed. / Anal. Leg.) "Atinge toda a região e a si mesmo, pois o Equador é credor no âmbito do CCR, e a efetiva realização da ameaça de não honrar compromisso assumido o impedirá de receber aquilo que lhe é devido."

No trecho acima há:

a) Sete artigos.

b) Seis artigos.

c) Cinco artigos.

d) Quatro artigos.

e) Três artigos.

Comentários:

Artigo são as palavras *o(s)*, *a(s)*, *um*, *uma*, *uns*, *umas* que antecedem os **substantivos**. Então, vamos lá!

O primeiro artigo aparece antes do substantivo *região*, o segundo, antes de *Equador*. Lembre que, nas contrações *no*, *na*, *do*, *da* etc., aparece *artigo* contraído à preposição.

Logo, em "... n*o* âmbito d*o* CCR..." os termos destacados são *artigo* dos substantivos que se seguem. Em "... *a* efetiva realização...", aquele *a* é artigo de *realização*. Na sequência, mais uma contração (*da*), prep. *de* + art. def. fem. *a*. Teríamos, assim, *seis artigos*.

Resposta: B.

6. (Inspetor Pol. Civil) "Ora, as mazelas da imigração só podem ser resolvidas com a integração dos estrangeiros às sociedades, associada a uma enfática cooperação internacional, a fim de extrair da miséria e da desesperança a larga franja demográfica em que nascerá o futuro ser humano a expulsar."

No trecho acima, há:

a) 9 artigos definidos e 4 ocorrências da preposição a.

b) 8 artigos definidos e 4 ocorrências da preposição a.

c) 7 artigos definidos e 3 ocorrências da preposição a.

d) 9 artigos definidos e 3 ocorrências da preposição a.

e) 8 artigos definidos e 2 ocorrências da preposição a.

Comentários:

Agora, além de identificar os artigos no texto, repare que as opções só falam de artigo *definido*, pede-se também a quantidade de preposições (que aparecem por exigência de um *nome* – regência nominal – ou de um *verbo* – regência verbal).

Assim sendo, os *artigos* seriam, pela ordem de aparecimento:

1º ... *as* mazelas

2º ... d*a* imigração

3º ... *a* integração

4º ... d*os* estrangeiros

5º ... às sociedades (prep. *a* + art. *as*)

6º ... d*a* miséria

7º ... d*a* desesperança

8º ... *a* larga franja

9º ... *o* futuro

As preposições seriam:

1ª ... integração (que pede preposição *a*) ... às sociedades...

2ª ... associada (que pede preposição *a*) *a* uma enfática...

3ª ... *a* fim de (*fim* é palavra masculina, logo esse *a* só pode ser prep.)

4ª ... *a* expulsar (verbo, o *a*, com certeza, não é artigo)

Resposta: A.

7. (Inspetor Pol. Civil) "Somando-se essa possibilidade à fresca barbárie do governo republicano dos EUA, o mundo desenvolvido desgasta aguda e paulatinamente sua autoridade moral para cobrar valores humanistas de outros governos."

A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:

I. O pronome *essa* tem valor anafórico.

II. A palavra aguda classifica-se como advérbio.

III. Há, no trecho, oito substantivos.

Assinale:

a) Se todos os itens estiverem corretos.

b) Se somente os itens I e III estiverem corretos.

c) Se nenhum item estiver correto.

d) Se somente os itens II e III estiverem corretos.

e) Se somente os itens I e II estiverem corretos.

Comentários:

No item I, o pronome *essa*, independentemente de aparecer o texto ou não, remete à *possibilidade*

que *já apareceu*. Quando o pronome remete o leitor a alguma informação que veio *antes*, tem valor *anafórico*. No item II, *aguda* se refere ao verbo (*desgosta*), é advérbio. Repare que o conectivo *e* adiciona termos de mesma função. No caso de esse conectivo adicionar dois advérbios terminados em *mente*, pede-se usar essa terminação apenas após o último deles (para não termos agudamente e paulatinamente).

No item III, os *substantivos* seriam:

1. possibilidade 5. mundo

2. barbárie 6. autoridade

3. governo 7. valores

4. EUA 8. governo

Resposta: A.

8. (Sen. Fed. / Anal. Leg.) Assinale a alternativa em que o termo indicado **não** tenha valor adjetivo.

a) ... Poder Legislativo, cujas competências foram <u>ampliadas</u>.

b) ... configura <u>alguns</u> desafios.

c) ... a existência de <u>muitos</u> dispositivos.

d) <u>Esse</u> pacto...

e) ... resolvidos na <u>atual</u> Constituição...

Comentários:

Atente, nesta questão, ao enunciado: termo que não tenha **valor** adjetivo. Com essa palavra, além do próprio *adjetivo*, o *numeral*, o *pronome*, quando vêm junto ao substantivo, têm *valor* adjetivo.

Agora, sim, vamos às questões, já que o mesmo enunciado se repete nas questões seguintes.

Na letra A, *ampliadas* **não** tem valor adjetivo, pois pertence a uma estrutura de *voz passiva analítica* (verbo *ser* + *particípio*). Logo, nessa frase, *ampliada* é verbo no *particípio*. Em B, *alguns* é pronome indefinido que se refere a substantivo, pronome adjetivo – *valor* adjetivo, pois. Na C e na D, *muitos* – pronome indefinido – e *esse* – pronome demonstrativo se referem, respectivamente, a *dispositivos*, *pacto*. Na E, *atual* é adjetivo de *Constituição*.

Resposta: A.

9. (TRT / Anal. Jud.) Assinale a alternativa em que o termo indicado não tenha valor adjetivo.

a) ... dividido em dois sistemas.

b) ... o custo de todo o petróleo.

c) ... o muro foi erguido pelos holandeses e derrubado pelos ingleses.

d) ... sistemas capitalista e socialista.

e) Se a queda ... trouxe mais liberdade.

Comentários:

Na opção A, o numeral *dois* se refere a *sistemas* (substantivo), numeral adjetivo. Na B, o pronome indefinido *todo* vem junto ao substantivo *petróleo*. Na letra C, a tal da *estrutura de voz passiva analítica* (ser + particípio): "... o muro *foi erguido* pelos holandeses e (*foi*) *derrubado* pelos ingleses". Verbo no particípio. Na D, *socialista,* assim como *capitalista* são adjetivos de *sistemas*. Na E, *mais* é pronome indefinido adjetivo, pois aparece junto ao substantivo *liberdade*.

Resposta: C.

10. (Inspetor Pol. Civil) Assinale a alternativa em que o termo, na canção de Chico Buarque, não exerça papel adjetivo.

a) Aliso teus seios...

b) Aeromoça nervosa pede calma.

c) Aeromoça nervosa pede calma.

d) ... avisto alguma salvação.

e) Qual esquina dobrei...

Comentários:

Já sabemos que este enunciado é abrangente, pois *papel* adjetivo pode ser representado por pronome, numeral e o próprio adjetivo. Na letra A, o pronome *teus* se refere ao substantivo *seios*, exerce papel adjetivo. Na B, a palavra *calma* é substantivo, não qualifica nem caracteriza nenhum substantivo, na C, *nervosa* acrescenta ao substantivo *aeromoça* um estado, adjetivo, portanto. Na opção D, *alguma* é pronome indefinido que se refere a *salvação*. Na E, o pronome *qual* modifica o substantivo *esquina*.

Resposta: B.

11. (Sen. Fed. / Anal. Leg.) Assinale a alternativa em que o termo indicado *não* tenha valor adjetivo.

a) O voto deixa claro que o respeito ao voto e à Constituição...

b) ... não faz mais sentido opor...

c) ... entre as diversas etnias...

d) ... direito inalienável dos índios.

e) Dois pontos merecem...

Comentários:

Na letra A, a palavra *claro*, embora esteja ao lado do verbo *deixa* (e, por esse motivo, possa parecer um advérbio), refere-se à oração que vem logo a seguir, iniciada pela conjunção integrante *que*. Trata-se de uma oração substantiva. Sendo assim, na ordem direta, teríamos a seguinte estrutura: "O voto deixa *isto* claro". É por isso que *claro* é adjetivo, e não advérbio.

Já na letra B, a palavra *mais*, embora anteceda o substantivo *sentido*, está ligada ao verbo *fazer*, indicando circunstância de tempo. É como se disséssemos *não faz sentido agora*, *antes fazia, agora não mais*. Trata-se, portanto, de advérbio de tempo.

Na letra C, *diversas* é adjetivo de *etnias*.

Na letra D, o substantivo *direito* tem duas adjetivações: *inalienável* (adjetivo) e *dos índios* (locução adjetiva).

E na letra E temos um numeral adjetivo, junto ao substantivo *pontos*.

Resposta: B.

12. (Pol. Civil / Perito Crim.) Assinale a alternativa em que a palavra indicada *não* tenha valor adjetivo.

a) ... criaram condições para essa consolidação.

b) ... essa era a primeira coisa...

c) ... o código tem de ser preservado e respeitado para que a disputa...

d) ... deixar de ser um texto abstrato e distante.

e) ... escrever com bico de pena...

Comentários:

Na letra A, temos um pronome demonstrativo em função adjetiva, por acompanhar o substantivo *consolidação*.

Na letra B, observa-se um numeral ordinal também em função adjetiva, que se refere ao substantivo *coisa*.

No entanto, o que se vê na letra C é um verbo no particípio que é verbo principal de uma locução verbal. Uma dica, aqui, seria que você observasse os verbos auxiliares que os antecedem: *tem de ser*. E, toda vez que o particípio fizer parte de uma locução verbal, será verbo, e não adjetivo. É claro que se disséssemos *código respeitado* é o ideal, por exemplo, o vocábulo *respeitado* seria adjetivo, e não verbo. Mas não foi o caso.

Na letra D, temos um adjetivo *distante*.

E, na letra E, uma locução adjetiva, que vem se referindo ao substantivo antecedente *bico*.

Resposta: C.

13. (Pol. Civil / Perito Crim.) Assinale a alternativa em que, no texto, o termo não tenha valor adjetivo.

a) Com <u>alguma</u> frequência...

b) <u>Seus</u> governantes.

c) <u>Tal</u> tipo de dívida...

d) Tal tipo de dívida foi <u>contraída</u>...

e) Empresa de capital <u>nacional</u>...

Comentários:

Na letra A, temos um pronome indefinido com função adjetiva, por acompanhar o substantivo *frequência*.

Na letra B, o pronome possessivo *seus* também está em função adjetiva, junto ao substantivo *governantes*.

Na letra C, o que se vê é um pronome demonstrativo, que se refere ao substantivo *tipo*, estando, portanto, em função adjetiva.

Já, na letra D, o particípio *contraída*, por fazer parte de uma locução verbal (observe só o auxiliar que o antecede: *foi*), é verbo, e não adjetivo.

E, na letra E, *nacional* é adjetivo de *capital*.

Resposta: D.

7.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (Ofic. Just.) O item abaixo em que NÃO ocorre qualquer forma de intensificação é:

a) ... pois os homens são geralmente incapazes de utilizar perfeitamente mais que uma língua...
b) Sentimos que aqueles que mais nos conhecem...
c) ... são também capazes de ignorar o que de melhor trazemos conosco.
d) ... não podemos compreender integralmente quem está muito próximo de nós.
e) ... o novo ou o desconhecido parece, pelo menos durante algum tempo, mais belo e atraente do que o velho...

2. (Magistério) "Todos estamos nos tornando, hoje, mais desconfiados..."; o item em que o vocábulo **mais** expressa ideia diferente da de "aumento" ou "intensidade" é:

a) Hoje estamos mais céticos que antes.
b) Não queremos mais saber de negativismos.
c) Treinou e ganhou mais esperança de jogar.
d) Eu me sinto mais ou menos.
e) A controvérsia entre filósofos é mais acirrada.

3. (Magistério) O item abaixo que apresenta uma característica dos adjetivos e não dos substantivos é:

a) designação dos seres.
b) papel sintático de atributo.
c) função de núcleo de sujeito.
d) invariabilidade mórfica.
e) variabilidade em gênero e número.

4. (Magistério) Todos os substantivos indicados nas frases a seguir encontram-se adjetivados; o item cujo tipo de adjetivação está indicado de forma correta é:

a) Casa de ferreiro, espeto de pau. – locução adjetiva.
b) Relógio que atrasa não adianta. – termo comparativo.
c) Para bom entendedor, meia palavra basta. – oração adjetiva.
d) Em tempos de crise, urubu vira frango. – adjetivo qualificativo.
e) Em casa sem dinheiro, a felicidade desaparece. – sufixação.

5. (Aux. Necropsia / NCE-UFRJ) Há um **erro** na construção do seguinte segmento do texto abaixo:

a) "as milhares de crianças que trabalham revirando lixo nos lixões".
b) "Os brasileiros produzem todos os dias mais de 125.000 toneladas de lixo".
c) "Recente documento, elaborado pelo IBGE".
d) "e apenas poucos municípios fazem coleta seletiva de lixo".
e) "O destino inadequado de todo esse lixo e esgoto".

6. "O Bolsa Família" tem uma forma estranha, pois o artigo é masculino e o substantivo é feminino,

o que se explica pela omissão do termo "programa". O mesmo ocorre em:
a) o (time do) Vasco.
b) o (navio a) vapor.
c) o (funcionário da) caixa.
d) o (relógio) despertador.
e) o (teatro) Municipal.

7. (Aux. Oper. / Docas-SP) "*Santos **poema**, jardins pela praia...*"

Santos Poema é o hino de Santos. Em relação à palavra poema, no primeiro verso do hino, é correto afirmar que é, gramaticalmente:
a) um substantivo, que funciona no texto como adjetivo.
b) um adjetivo, que funciona no texto como substantivo.
c) um substantivo, que se mantém com esse papel no texto.
d) um adjetivo, que se mantém com esse papel no texto.
e) um substantivo que deveria vir no plural para concordar com Santos.

8. (Assist. Técn. Adm. / Docas-BA)*Além de uma **melhor** infraestrutura para o turista, a reforma garante também **mais** leitos durante a Copa do Mundo da FIFA Brasil 2014.*

As palavras *melhor* e *mais*, no trecho acima, classificam-se, respectivamente, como:
a) advérbio e advérbio.
b) adjetivo e advérbio.
c) adjetivo e pronome.
d) advérbio e pronome.
e) advérbio e adjetivo.

9. (Fiscal / ICMS) Assinale a alternativa em que o termo indicado seja classificado como advérbio.
a) "... dispõe de mais recursos..."
b) "... sem nenhum sentimento..."
c) "... ao menos conforme admite o senso comum..."
d) "Nada diferente do que ocorre em relação à acepção da ética..."
e) "... auferir vantagens em relação aos demais contribuintes..."

10. (Fiscal / ICMS) Assinale a palavra que, no texto, **não** tenha valor adverbial.
a) "... ganhem cada vez mais espaço..."
b) "... de forma bastante tímida..."
c) "...serem responsabilizados penal e criminalmente..."
d) "...ganham importância não só das empresas..."
e) "... pretendem implementar, o quanto antes, práticas..."

11. (Aux. Oper. / Docas-SP) Assinale a palavra que, no hino, **não** tenha valor adjetivo.
a) "O verde reduto".
b) "As tuas belezas".
c) "Santos, cuidado, menina".
d) "... varandas alegres suspensas no arvoredo".

e) “nos velhos canais...”.

12. (Guarda Port. / Docas-BA) Assinale a palavra que **não** tenha, no texto, valor adjetivo.

a) dividido (“O plano é dividido entre os módulos básico e avançado...”).
b) primeiro (“No primeiro módulo...”).
c) essa (“liberação da parte de armas para essa categoria profissional...”).
d) básico (“... entre os módulos básico e avançado...”).
e) horária (“... com carga horária total de 76 horas.”).

13. (Téc. Judic. / PA) Assinale a palavra que, no texto, **não** tenha valor adjetivo.

a) melhor (“Aliás, o melhor para a democracia...”.).
b) muitas (“... as máquinas partidárias muitas vezes se tornam...”).
c) extraordinária (“... aumentar de forma tão extraordinária...”).
d) minhas (“... minhas propostas...”.).
e) nove (“... foi aprovado a nove dias do fim do ano...”).

14. Assinale a palavra que, no texto, **não** tenha valor adjetivo.

a) Nossos (“Nossos pais conduziste...”).
b) avançada (“És, Senhor, sentinela avançada...”).
c) cem (“... que, há cem anos...”).
d) nos (“Aos teus pés que nos deste...”).
e) imortal (“És a guarda imortal...”).

15. (Guarda Port. / BA) *Esses raios infravermelhos acabam absorvidos pelos gases liberados principalmente pelos combustíveis fósseis (metano, gás carbônico, óxido nitroso e outros), que deixaram de ser removidos da atmosfera por causa do desmatamento e da produção excessiva.*

No período acima, foi feita a concordância nominal correta com a palavra infravermelho. Assinale a alternativa em que **não** se tenha obedecido às regras de concordância nominal.

a) Buscou proteção contra raios ultravioleta.
b) Compraremos camisas cinza.
c) Usaremos nossos uniformes azul-claros.
d) Gostamos de carros vermelhos-sangue.
e) Não sabemos onde foram parar as folhas rosa.

16. (Taq. / Assemb. Leg.) “com o passar dos anos”; nesse segmento do texto, o verbo *passar* está substantivado (derivação imprópria); a frase abaixo em que aparece um outro vocábulo substantivado é:

a) “VEJA traz uma reportagem sobre um aspecto fascinante do capitalismo americano”.
b) “o segundo homem mais rico do mundo”.
c) “mais pessoas doam a projetos sociais do que votam em eleições”.
d) “Calcula-se que 89% dos americanos façam algum tipo de contribuição”.
e) “restrições legais quase intransponíveis dificultam a doação individual”.

17. (Arquivo Nac. / Ag. Adm.) Em todos os advérbios terminados em –mente, retirados do texto, vê-se claramente a sua formação a partir da forma feminina do adjetivo, **exceto** em:

a) predominantemente
b) basicamente
c) negativamente
d) diariamente
e) humanamente

18. (Pol. Federal / Agente) As gramáticas normativas de língua portuguesa ensinam que alguns advérbios de modo são resultantes da junção da forma feminina do adjetivo com o sufixo -mente. O advérbio derivado de adjetivos do texto em que isso se pode constatar claramente é:

a) nacionalmente
b) fascinantemente
c) religiosamente
d) internacionalmente
e) ineficazmente

19. (MPE) "...por que passam milhões de crianças brasileiras..."; observe as formas abaixo:

I. as milhões de crianças brasileiras;
II. os milhões de crianças brasileiras;
III. as milhares de crianças brasileiras;
IV. os milhares de crianças brasileiras.

As formas corretas são somente:

a) I – II
b) I – III
c) II – IV
d) III – IV
e) I – II – III – IV

20. (Eletronuclear-NCE) *"algo vai **mal** no organismo"*; a frase abaixo em que houve a troca indevida entre mal/mau é:

a) Todo mal do organismo deve ser combatido.
b) Um mal hábito pode provocar doenças.
c) A febre não é um mal em si.
d) Foi para o hospital, mal a febre começou.
e) O sistema do organismo combate qualquer mal que nele se instale.

21. (Ager-NCE) "OS JOVENS ainda estão em fase de crescimento..."; "Ser contra esse projeto nã é ser contra os JOVENS"; "...quando um JOVEM morre ou fica inválido"; "...em relação ao trânsit e aos JOVENS brasileiros". Pode-se dizer sobre o emprego do vocábulo em destaque que:

a) alguns são substantivos e outros são adjetivos.
b) todos são adjetivos.
c) todos são substantivos adjetivados.
d) todos são adjetivos substantivados.
e) representam diferentes classes gramaticais.

22. (Ager-NCE) Em "a boa parte dos jovens", a palavra "jovens" mudou de classe gramatical (de

adjetivo para substantivo); o item em que ocorre o mesmo com a palavra sublinhada é:
a) “um dos tantos indicadores da chegada da velhice”.
b) “a morte dos ídolos”.
c) “a formação de nosso caráter”.
d) “telefone celular”.
e) “o significado de palavras”.

23. (Ofic. Just.) Entre os itens abaixo, aquele que apresenta uma composição estrutural de substantivos e adjetivos diferente dos demais é:
a) “carga tributária extorsiva e crescente”.
b) “uma burocracia sufocante e cada vez maior”.
c) “ação humana objetiva e subjetiva”.
d) “Legislativo desacreditado e alheio aos males”.
e) “antigos desejos e aspirações”.

24. (TJ / Técn. Jud.) A alternativa abaixo em que ocorre a presença de um só adjetivo que se refere a um só substantivo é:
a) “hierarquias, estruturas nem códigos canônicos”.
b) “lutas sociais e políticas”.
c) “disciplina mental e espiritual”.
d) “diferentes tradições religiosas”.
e) “vaidades e ambições desmedidas”.

25. (Cepel / NCE) A palavra abaixo que **não** admite a mesma forma de plural de guarda-livros é:
a) guarda-pó.
b) guarda-sol.
c) guarda-noturno.
d) guarda-chuva.
e) guarda-comida.

26. (INPI) O plural correto de *porta-voz* é:
a) os porta-voz.
b) porta-vozes.
c) portas-vozes.
d) portam-vozes.
e) portas-voz.

27. (Eletronuclear / PNC) *Norte-americano* e *matéria-prima*, fazem corretamente como plural:
a) norte-americanos / matéria-primas
b) norte-americanos / matérias-primas
c) nortes-americanos / matérias-primas
d) nortes-americanos / matérias-prima
e) nortes-americanos / matéria-primas

28. (Sefaz-NCE) Numa seção de jornal cujo assunto é a saúde, um leitor escreve: “Não sofro mais.

Considero-me uma pessoa normal. Esqueci do passado, quero viver o presente. Agora, minha alimentação é totalmente saudável. Não tomo mais bebidas alcoólicas e evito comer doces". O comentário correto sobre os componentes desse texto é:

a) o advérbio "mais" reforça a ideia do advérbio "não"
b) os adjetivos "normal", "saudável" e "alcoólicas" têm valor subjetivo
c) "passado" e "presente" são substantivos funcionando como adjetivos
d) o adjetivo "saudável" está explicado no texto
e) as duas ocorrências do advérbio "mais" têm valor semântico distinto

29. (Taq. / Assemb. Leg.). A alternativa em que a palavra MAIS tem valor distinto do das demais frases é:

a) "o segundo homem mais rico do mundo"
b) "em sua forma mais avançada"
c) "mais pessoas doam a projetos sociais"
d) "o coração dos brasileiros seriam bem mais generoso"
e) "o cérebro dos governantes fosse mais ventilado"

30. (MPE / Técn. Sup.) "Dos três irmãos, dois fazem parte de um grupo cada vez mais comum na família brasileira contemporânea".

Assinale a única opção em que a palavra "mais" está empregada com o mesmo valor gramatical da frase acima:

a) Eu espero por você o tempo que for, nós vamos estar juntos mais uma vez.
b) Não tenho mais dinheiro, atraso o aluguel, não compro alimento.
c) Estou tão cansado, mas não pra dizer que não acredito mais em você.
d) Espero que aquela jura não tenha ido para mais ninguém.
e) E quando o inverno tristonho chegar mais amor eu vou ter pra lhe dar.

31. (Docas Sant.) As ocorrências da palavra *futuro* no texto são três: "... ocupação constante com algo futuro."; "...significa realizar um futuro?"; "...senão em função do futuro."; sobre essas ocorrências pode-se dizer que:

a) todas pertencem à mesma classe gramatical.
b) cada uma delas possui classe gramatical diferente das demais.
c) só a primeira é adjetivo.
d) só a última é substantivo.
e) a segunda e a terceira são adjetivos.

32. (MPE / Técn. Sup.)"Os jovens tiveram acesso ao crédito fácil demais nos últimos dois anos." Sobre o trecho transcrito, é correto afirmar que o sintagma "fácil demais":

a) se relaciona com o substantivo "crédito", mas gera ambiguidade por também poder se relacionar com o substantivo "acesso".
b) se relaciona com o substantivo "acesso", mas seu posicionamento gera ambiguidade por também poder se relacionar com o substantivo "crédito".
c) se relaciona com o substantivo "crédito", mas seu posicionamento gera polissemia por também poder se relacionar com o substantivo "acesso".

d) se relaciona com o substantivo “acesso”, mas seu posicionamento gera polissemia por também poder se relacionar com o substantivo “crédito”.
e) se relaciona igualmente com os substantivos “crédito” e “acesso”, sem que seu posicionamento gere ambiguidade ou polissemia.

33. (MPE) Entre os segmentos abaixo, aqueles cujos adjetivos mostram uma opinião de quem fala são:

I. a triste situação;
II. milhões de crianças brasileiras;
III. futuro incerto e infeliz;
IV. grave problema social.

a) I – III – IV
b) I – III
c) I – IV
d) III – IV
e) II – III

34. (Taq. / Assemb. Leg.) “Essa nova fase da filantropia americana”; nesse segmento do texto, a posição do adjetivo *nova* é importante para a construção do sentido, já que, se posposto, o adjetivo ganharia um novo sentido. A alternativa abaixo que mostra um termo que modifica seu sentido conforme sua posição em relação ao termo determinado é:

a) recentes doações
b) bondosas pessoas
c) eficazes medidas
d) pobres habitantes
e) abnegados milionários

35. (TRT / Anal. Jud.) Os adjetivos são palavras que, entre outras funções, indicam uma opinião do enunciador do texto sobre o substantivo adjetivado; o adjetivo abaixo que está nesse caso é:

a) aspecto fascinante
b) capitalismo americano
c) filantropia bilionária
d) potência filantrópica
e) proporções inéditas

36. (Eletrobrás) Em todos os itens abaixo há uma junção de um substantivo com um adjetivo; o par em que o adjetivo **não** representa uma opinião do autor do texto é:

a) atitude sensata
b) teste definitivo
c) absurdo medo
d) mundo moderno
e) gravador estranho

37. (Finep / Técn.) Na junção de *golpistas venezuelanos*, caso haja troca de posição de termos – *venezuelanos golpistas*:

a) mantém-se o sentido original.
b) mantêm-se as classes de palavras originais.
c) só no primeiro caso *venezuelanos* indica nacionalidade.
d) só no segundo caso *venezuelano* indica nacionalidade.
e) ocorre mudança de sentido.

Gabarito: 1. a; 2. b; 3. b; 4. a; 5. a; 6. c; 7. a; 8. c; 9. d; 10. a; 11. c; 12. a; 13. a; 14. d; 15. d; 16. d; 17. a; 18. c; 19. c; 20. b; 21. d; 22. a; 23. e; 24. a; 25. c; 26. b; 27. b; 28. d; 29. c; 30. c; 31. c; 32. b; 33. a; 34. d; 35. a; 36. d; 37. e.

Artigo, substantivo, adjetivo e advérbio... A diferenciação entre essas classes é assunto que vem sendo explorado muito nas provas. Vamos sistematizar?

7.5. RESUMO

- Artigo é classe que se refere sempre a substantivo.
- Substantivo nomeia. Sempre pode vir antecedido de artigo.
- Adjetivo sempre se refere a substantivo. É classe variável.
- Advérbio é classe que modifica verbo, adjetivo ou outro advérbio. É invariável.

8 FLEXÃO VERBAL

A seguir, um quadro de todos os tempos verbais existentes e a 1ª pessoa do singular de cada um deles. O quadro é bom por dois motivos: toda vez que você não souber como começa cada tempo verbal, você recorrerá a ele. Além disso, ajuda você a entender os tempos verbais. É uma boa sistematização.

Verbos de 1ª conjugação – vogal temática **a** (amar, cantar);

Verbos de 2ª conjugação – vogal temática **e** (beber, vender);

Verbos de 3ª conjugação – vogal temática **i** (partir, digerir).

(Não existe 4ª conjugação. Por exemplo, *pôr* é um verbo de 2ª conjugação.)

I – Indicativo		presente – eu falo...		
		pretérito		imperfeito – eu falava... perfeito – eu falei... mais-que-perfeito – eu falara...
		futuro		do presente – eu falarei... do pretérito – eu falaria...

II – Subjuntivo		presente – que eu fale... pretérito imperfeito – se eu falasse... futuro – quando eu falar...

III – Imperativo		afirmativo – fala tu, fale você, falemos nós, falai vós, falem vocês. negativo – não fales tu, não fale você, não falemos nós, não faleis vós, não falem vocês.

Observe que são três os modos verbais:

1. Indicativo: é o modo que assegura algo.

2. Subjuntivo: é o modo que indica possibilidade, hipótese.

3. Imperativo: é o modo que apresenta ideias de ordem, pedido, convite, súplica.

No indicativo e no subjuntivo, temos, então, os tempos do presente, pretérito e futuro.

Após se ter uma visão panorâmica do quadro de conjugação verbal, é necessário conhecer o paradigma da conjugação verbal. Com esse paradigma, você aprende que não precisa saber

conjugar todos os tempos que existem. O quadro mostra que existe uma relação entre tempos primitivos e derivados e diz como se sai de um primitivo e se chega a um derivado. É simples: se a banca pede o presente do subjuntivo do verbo *digerir*, basta que você acesse o presente do indicativo do verbo e você terá o que se pede. Sim, porque o presente do subjuntivo *deriva* do presente do indicativo. A notícia boa é que você não precisa saber conjugar os tempos derivados. A notícia ruim é que sem os primitivos não se chega a lugar algum. Mas eles são apenas três. Assim, você, para fazer prova, precisa conhecer os tempos primitivos dos verbos que são comuns em concursos. Vamos, então, conhecer o paradigma da conjugação verbal?

PRIMITIVOS 1) Presente do indicativo (Radical da 1ª pessoa do sing.) agredir_____	DERIVADOS Presente do subjuntivo (**-e**, **-a**) _____

Nesse caso, vai-se à 1ª pessoa do singular (eu) do presente do indicativo, extrai-se o "o", e, com o radical, chega-se à 1ª pessoa do singular do presente do subjuntivo, acrescentando-se a desinência (para verbos de 1ª conjugação – *e*; verbos de 2ª e 3ª conjugação, – *a*). Vale lembrar que o presente do subjuntivo é aquele em que, na escola, utilizávamos o *que* antes do verbo: *que eu agrida*.

Assim, teríamos:

Eu agrido que eu agrida

Depois, é só continuar, utilizando-se o radical que você adquiriu ao acessar o presente do indicativo, mantendo-se a D.M.T. (desinência modo-temporal) – *a* – e acrescentando-se as D.N.P. (desinências número-pessoais), características de cada pessoa: *que eu agrid**a**, que tu agrid**a**s, que ele agrid**a**, que nós agrid**a**mos, que vós agrid**a**is, que eles agrid**a**m.*

A seguir, o 2º bloco de primitivos e derivados. Observe cada tempo derivado com sua desinência característica (D.M.T. – desinência modo-temporal), entre os parênteses.

2) Pretérito perfeito		Pret. mais-que-perfeito (-ra)
		Imperfeito do subjuntivo (-sse)
		Futuro do subjuntivo (-r)

Acesse a 3ª pessoa do plural – *eles* –, elimine a desinência *-ram* e fique com o radical. Partindo dele, acrescente as novas desinências dos tempos derivados.

Assim, teríamos:

Eles couber*ram* coube**ra**, coube**sse**, coube**r**

Nosso último bloco de primitivos e derivados:

3) Infinitivo Impessoal		Futuro do presente (-re, -ra) Futuro do pretérito (-ria)
		Imperfeito do indicativo (-va, -a)

Nesse caso, extrai-se o "R" do infinitivo impessoal (que é o nome do verbo –*falar, beber, partir*...), acrescentando-se as novas desinências. Observe que no **pretérito imperfeito** do indicativo temos duas possibilidades de D.M.T.: **-va** para verbos de 1ª conjugação e –**a** para verbos de 2ª e 3ª conjugação (ex.: *fal**ar** – fala**va**; beb**er** – bebi**a**; part**ir** – parti**a***).

Assim, teríamos:

digeri*r* digeri**rei**, digeri**ria**, digeri**a**.

Importante: o quadro que organiza os tempos verbais em dois grupos (primitivos e derivados) ajudará você a conjugar a maioria dos verbos em Língua Portuguesa, porém há exceções, como os verbos pôr, ser, ir, haver, entre outros, que estudaremos separadamente ao final.

A seguir, algumas questões que tratam de modos e tempos verbais.

1. (FCC/TRF – 2ª Região) A segunda novidade **apontava** os pesticidas e herbicidas químicos...

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o verbo em destaque acima está na frase:

a) Mas Ehrlich *errou*.

b) ... não *existia* terra suficiente para alimentar todas elas.

c) ... com o que *cresce* em 2 mil metros quadrados...

d) As algas se *multiplicam* a rodo...

e) Diante disso, muitos consumidores *partiram* para uma alternativa...

Comentários:

O verbo da frase no enunciado está no pretérito imperfeito do indicativo (desinência -*va*). As letras A e E trazem o verbo no pretérito perfeito do indicativo. A letra B apresenta o verbo no pretérito imperfeito do indicativo, mas, como o verbo é de 3ª conjugação, a desinência é -*a*. A letra C mostra um verbo no presente do indicativo, bem como a letra D.

Resposta: B.

2. (FCC/TRF – 2ª Região) Considere a flexão verbal em *viviam – vivem – viverão*. A mesma sequência está corretamente reproduzida nas formas:

a) queriam – querem – quiserão.

b) davam – dão – dariam.

c) exigiram – exigem – exigerão.

d) permitiam – permitem – permitirão.

e) criam – criavam – criarão.

Comentários:

A sequência de verbos do enunciado está, respectivamente, no pretérito imperfeito, presente e futuro do presente do indicativo.

A letra A tem erro só na forma *quiserão*, que não existe: o verbo *querer* no futuro do presente é *quererão* (é só você se lembrar do quadro: o futuro do presente deriva do infinitivo).

Na letra B, há erro só na forma *dariam*, que corresponde ao futuro do pretérito, e não futuro do presente do indicativo.

Na letra C há dois erros: no primeiro verbo (*exigiram* é pretérito perfeito; no imperfeito seria *exigiam*) e no último (*exigerão* não existe: é *exigirão* – lembre-se: o futuro do presente deriva do infinitivo *exigir* e não *exiger*).

A letra D traz a sequência correta: pretérito imperfeito do indicativo, presente do indicativo e futuro do presente.

Já a letra E erra na 1ª forma (*criam* é presente do indicativo e não pretérito imperfeito – *criavam*) e na 2ª forma (*criavam*, como já vimos, é pretérito imperfeito, e não presente do indicativo).

Resposta: D.

Fechamos nossa 1ª parte do assunto: agora você já sabe como sair de um tempo primitivo e

chegar a um derivado. Então, estamos combinados: você precisa saber como conjugar os tempos primitivos dos verbos que mais aparecem nas provas.

Você deve estar se perguntando: quantos verbos terei de saber para fazer uma boa prova? Fique tranquilo: não são muitos. Na verdade, você precisa saber conjugar alguns verbos que são *líderes* de outros comuns em concursos. Por exemplo: se aparecer o verbo *advir* em uma questão, basta você conhecer o *vir*, que apresenta o mesmo radical. Daí, o verbo *vir* ser um *líder*. Da mesma forma, o *depor*, que vem do *pôr*; o *abster*, que vem do *ter*, e assim sucessivamente.

Preparamos uma lista de verbos conjugados, que servirá como consulta para os exercícios que faremos a seguir. Dividimos essa lista em três partes:

8.1. PRINCIPAIS VERBOS QUE SE CONJUGAM A PARTIR DE OUTROS

8.1.1. Pôr (líder)

Modo Indicativo:

Presente: ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem; **pretérito perfeito:** pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram; **pretérito imperfeito:** punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham; **pretérito mais-que-perfeito:** pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram; **futuro do presente:** porei, porás, porá, poremos, poreis, porão; **futuro do pretérito:** poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham; **pretérito imperfeito:** pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, puséssseis, pusessem; **futuro:** puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem.

Como o verbo pôr, conjugam-se antepor, apor, compor, contrapor, decompor, depor, dispor, entrepor, expor, impor, interpor, justapor, opor, pospor, predispor, pressupor, propor, recompor, repor, sobrepor, supor.

8.1.2. Ter (*líder*)

Modo Indicativo:

Presente: tenho, tens, tem, temos, tendes, têm; **pretérito perfeito:** tive, tiveste, teve, tivemos, tivestes, tiveram; **pretérito imperfeito:** tinha, tinhas, tinha, tínhamos, tínheis, tinham; **pretérito**

mais-que-perfeito: tivera, tiveras, tivera, tivéramos, tivéreis, tiveram**; futuro do presente:** terei, terás, terá, teremos, tereis, terão; **futuro do pretérito:** teria, terias, teria, teríamos, teríeis, teriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: tenha, tenhas, tenha, tenhamos, tenhais, tenham; **pretérito imperfeito:** tivesse, tivesses, tivesse, tivéssemos, tivésseis, tivessem; **futuro:** tiver, tiveres, tiver, tivermos, tiverdes, tiverem.

Como o verbo ter, conjugam-se abster-se, ater-se, conter, deter, entreter, manter, obter, reter, suster.

8.1.3. Ver (*líder*)

Modo Indicativo:

Presente: vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem; **pretérito perfeito:** vi, viste, viu, vimos, vistes, viram; **pretérito imperfeito:** via, vias, via, víamos, víeis, viam; **pretérito mais-que-perfeito:** vira, viras, vira, víramos, víreis, viram; **futuro do presente:** verei, verás, verá, veremos, vereis, verão; **futuro do pretérito:** veria, verias, veria, veríamos, veríeis, veriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam; **pretérito imperfeito:** visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem; **futuro:** vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.

Como o verbo ver, conjugam-se entrever, antever, prever, rever.

8.1.4. Vir (*líder*)

Modo Indicativo:

Presente: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm; **pretérito perfeito:** vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram; **pretérito imperfeito:** vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham; **pretérito mais-que-perfeito:** viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram; **futuro do presente:** virei, virás, virá, viremos, vireis, virão; **futuro do pretérito:** viria, virias, viria, viríamos, viríeis, viriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham; **pretérito imperfeito:** viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem; **futuro:** vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.

Como o verbo vir, conjugam-se advir, avir-se, convir, desavir-se, intervir, provir, sobrevir.

8.1.5. Dizer (*líder*)

Modo Indicativo:

Presente: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem; **pretérito perfeito:** disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram; **pretérito imperfeito:** dizia, dizias, dizia, dizíamos, dizíeis, diziam; **pretérito mais-que-perfeito:** dissera, disseras, dissera, disséramos, disséreis, disseram; **futuro do presente:** direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão; **futuro do pretérito:** diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: diga, digas, diga, digamos, digais, digam; **pretérito imperfeito:** dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem; **futuro:** disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem.

Como o verbo dizer, conjugam-se bendizer, condizer, contradizer, desdizer (assim, se é *eu digo*, será eu *bendigo*...).

8.1.6. Fazer (*líder*)

Modo Indicativo:

Presente: faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem; **pretérito perfeito:** fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram; **pretérito imperfeito:** fazia, fazias, fazia, fazíamos, fazíeis, faziam; **pretérito mais-que-perfeito:** fizera, fizeras, fizera, fizéramos, fizéreis, fizeram; **futuro do presente:** farei, farás, fará, faremos, fareis, farão; **futuro do pretérito:** faria, farias, faria, faríamos, faríeis, fariam.

Modo Subjuntivo:

Presente: faça, faças, faça, façamos, façais, façam; **Pretérito imperfeito:** fizesse, fizesses, fizesse, fizéssemos, fizésseis, fizessem; **futuro:** fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem.

Como o verbo fazer, conjugam-se afazer, benfazer, desfazer, refazer, satisfazer (assim, se é *eu faço*, será eu *benfaço*...).

8.1.7. Querer (*líder*)

Modo Indicativo:

Presente: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem; **Pretérito perfeito:** quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram; **pretérito imperfeito:** queria, querias, queria, queríamos,

queríeis, queriam; **pretérito mais-que-perfeito:** quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram; **futuro do presente:** quererei, quererás, quererá, quereremos, querereis, quererão; **futuro do pretérito:** quereria, quererias, quereria, quereríamos, quereríeis, quereriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram; **pretérito imperfeito:** quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem; **futuro:** quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem.

Como o verbo querer, conjugam-se bem-querer, desquerer, mal-querer (assim, se é *eu quero*, será eu *bem-quero*).

8.1.8. Valer (*líder*)

Modo Indicativo:

Presente: valho, vales, vale, valemos, valeis, valem; **pretérito perfeito:** vali, valeste, valeu, valemos, valestes, valeram; **pretérito imperfeito:** valia, valias, valia, valíamos, valíeis, valiam; **pretérito mais-que-perfeito:** valera, valeras, valera, valêramos, valêreis, valeram; **futuro do presente:** valerei, valerás, valerá, valeremos, valereis, valerão; **futuro do pretérito:** valeria, valerias, valeria, valeríamos, valeríeis, valeriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham; **pretérito imperfeito:** valesse, valesses, valesse, valêssemos, valêsseis, valessem; **futuro:** valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valerem.

Como o verbo valer, conjugam-se desvaler, equivaler (assim, se é *eu valho*, será eu *equivalho*).

Como já dissemos anteriormente, as bancas costumam pedir ao aluno, além da conjugação desses líderes, a dos seus derivados. Um bom exercício seria que você conjugasse os verbos derivados, partindo dos líderes. Exemplo: treine a conjugação do *interpor*, a partir da conjugação do *pôr*.

A seguir, a conjugação de verbos nos quais não se pode confiar. Isso porque, ao conjugar o *requerer,* por exemplo, é muito comum que o aluno faça analogia com o *querer*, não é mesmo? Mas o *requerer* não se conjuga como o *querer*. Da mesma forma, o verbo *prover* não vai seguir o paradigma do verbo *ver* em todos os tempos, só no presente. Daí, a importância de sistematizá-los.

8.2. FALSOS AMIGOS CONJUGADOS

8.2.1. Prover

Modo Indicativo:

Presente: provejo, provês, provê, provemos, provedes, proveem; **pretérito perfeito:** provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram; **pretérito imperfeito:** provia, provias, provia, províamos, províeis, proviam; **pretérito mais-que-perfeito:** provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram; **futuro do presente:** proverei, proverás, proverá, proveremos, provereis, proverão; **futuro do pretérito**: proveria, proverias, proveria, proveríamos, proveríeis, proveriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam; **pretérito imperfeito:** provesse, provesses, provesse, provêssemos, provêsseis, provessem; **futuro:** prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.

Resumindo: Basta que você pense no PROVER da seguinte forma: ele se conjuga como o VER só nos tempos do presente – presente do indicativo e presente do subjuntivo; nos outros tempos, é regular, como o BEBER. Assim, o grande cuidado que se deve ter é para não conjugá-lo como o VER o tempo inteiro. No pretérito imperfeito do subjuntivo, por exemplo, se ele se conjugasse como o VER seria se eu provisse, enquanto o correto é se eu provesse (tal qual o BEBER – se eu bebesse).

8.2.2. Requerer

Modo Indicativo:

Presente: requeiro, requeres, requer, requeremos, requereis, requerem; **pretérito perfeito:** requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram; **pretérito imperfeito:** requeria, requerias, requeria, requeríamos, requeríeis, requeriam; **pretérito mais-que-perfeito:** requerera, requereras, requerera, requerêramos, requerêreis, requereram; **futuro do presente:** requererei, requererás, requererá, requereremos, requerereis, requererão; **futuro do pretérito:** requereria, requererias, requereria, requereríamos, requereríeis, requereriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram; **pretérito imperfeito:** requeresse, requeresses, requeresse, requerêssemos, requerêsseis, requeressem;

futuro: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.

Resumindo: Quanto ao REQUERER, pense da seguinte forma: ele recebe a vogal i, após o 2º e do radical, apenas na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo. O mesmo ocorre em todo o presente do subjuntivo, que dela deriva. Nos outros tempos, é regular e conjuga-se como o BEBER. Não pense no QUERER. Assim, por exemplo, se ele fosse como o QUERER, no pretérito perfeito do indicativo seria eu requis e não eu requeri (tal qual o BEBER: eu bebi).

A seguir, apresentamos os verbos defectivos que são campeões em concursos públicos: os verbos REAVER e PRECAVER. Partindo do conceito de que um verbo defectivo é um verbo qu não se conjuga em todos os tempos e em todas as pessoas, o 1º cuidado que você deve tomar é em não conjugá-los nos tempos em que eles não existem. Assim, você não deve, por exemplo, dizer *eu me precavejo contra esse tipo de problema*, simplesmente porque essa forma verbal não existe. O jeito é falar *eu tomo as minhas precauções*... Além disso, é preciso sistematizá-los para que você não cometa nenhuma imprudência na flexão das formas em que tais verbos se conjugam. Vamos a eles!

8.3. VERBOS DEFECTIVOS

8.3.1. Reaver

Modo Indicativo:

No presente do indicativo só possui *nós* e *vós (reavemos* e *reaveis*). Em função disso, também não possui o presente do subjuntivo. Nos outros tempos do Indicativo: **pretérito perfeito:** reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram; **pretérito imperfeito:** reavia, reavias, reavia, reavíamos, reavíeis, reaviam; **pretérito mais-que-perfeito:** reouvera, reouveras, reouvera, reouvéramos, reouvéreis, reouveram; **futuro do presente:** reaverei, reaverás, reaverá, reaveremos, reavereis, reaverão; **futuro do pretérito:** reaveria, reaverias, reaveria, reaveríamos, reaveríeis, reaveriam.

Modo Subjuntivo:

Pretérito imperfeito: reouvesse, reouvesses, reouvesse, reouvéssemos, reouvésseis, reouvessem; **futuro:** reouver, reouveres, reouver, reouvermos, reouverdes, reouverem.

Resumindo: Com o REAVER, basta pensar da seguinte forma: memorizar em que tempos aparece a sua defectividade – presente do indicativo e presente do subjuntivo; nos outros tempos, lembrar que ele se conjuga como o verbo HAVER.

8.3.2. Precaver

Modo Indicativo:

No presente do indicativo só possui *nós* e *vós (precavemos* e *precaveis*). Em função disso, também não possui o presente do subjuntivo. Nos outros tempos do Indicativo: **pretérito perfeito:** precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram; **pretérito imperfeito:** precavia, precavias, precavia, precavíamos, precavíeis, precaviam; **pretérito mais-que-perfeito:** precavera, precaveras, precavera, precavêramos, precavêreis, precaveram; **futuro do presente:** precaverei, precaverás, precaverá, precaveremos, precavereis, precaverão; **futuro do pretérito:** precaveria, precaverias, precaveria, precaveríamos, precaveríeis, precaveriam.

Modo Subjuntivo:

Pretérito imperfeito: precavesse, precavesses, precavesse, precavêssemos, precavêsseis, precavessem; **futuro:** precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.

Resumindo: O PRECAVER é ainda mais fácil que o REAVER: memorize em que tempos ele é defectivo (presente do indicativo e presente do subjuntivo) e nos outros tempos, observe que ele é um verbo regular. Logo, pense em outro regular: BEBER. Só não confunda o PRECAVER com o VER! Logo, no imperfeito do subjuntivo, por exemplo, será se eu me precavesse (como se eu bebesse), e não se eu me precavisse (seria assim se ele se conjugasse como o verbo VER).

Por fim, imaginamos que seria mais prático para o aluno se ele obtivesse uma lista de outros verbos irregulares que aparecem muito nas provas. Aconselhamos que você os conjugue da seguinte forma:

1. Comece pelo presente do indicativo e vá ao presente do subjuntivo, lembrando que o segundo deriva da primeira pessoa do singular do primeiro.
2. Depois vá ao pretérito perfeito. Partindo da 3ª pessoa do plural, chegue ao pretérito mais--que-perfeito, imperfeito do subjuntivo e futuro do subjuntivo.
3. Por fim, conjugue os que faltaram: pretérito imperfeito do indicativo, futuro do presente e futuro do pretérito. Lembre-se de que eles derivam do infinitivo. Como os verbos que você vai conjugar são os irregulares, vale observar que esses três tempos, ao saírem do infinitivo, apresentarão irregularidades. Quero dizer que muitos deles não apresentarão os radicais exatamente como eram no infinitivo. Mas então aproveite essas dicas: para conjugar o imperfeito do indicativo, use o advérbio *antigamente* (*antigamente eu dizia*, *antigamente eu valia...*); para

conjugar o futuro do presente, use o advérbio *amanhã* (*amanhã eu direi*, *amanhã eu valerei*); quanto ao futuro do pretérito, lembre-se de acrescentar a desinência *–ria* (*eu diria*, *eu valeria*...).

Vamos à lista.

8.4. OUTROS VERBOS IRREGULARES QUE MERECEM UM CUIDADO ESPECIAL

8.4.1. Agredir

Modo Indicativo:

Presente: agrido, agrides, agride, agredimos, agredis, agridem; **pretérito perfeito:** agredi, agrediste, agrediu, agredimos, agredistes, agrediram; **pretérito imperfeito:** agredia, agredias, agredia, agredíamos, agredíeis, agrediam; **pretérito mais-que-perfeito:** agredira, agrediras, agredira, agredíramos, agredíreis, agrediram; **futuro do presente:** agredirei, agredirás, agredirá, agrediremos, agredireis, agredirão**: futuro do pretérito:** agrediria, agredirias, agrediria, agrediríamos, agrediríeis, agrediriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: agrida, agridas, agrida, agridamos, agridais, agridam; **pretérito imperfeito:** agredisse, agredisses, agredisse, agredíssemos, agredísseis, agredissem; **futuro:** agredir, agredires, agredir, agredirmos, agredirdes, agredirem.

Como o verbo agredir, conjugam-se – apesar de não se parecerem com ele – cerzir, denegrir, prevenir, progredir, regredir, transgredir (assim, se é *eu agr**i**do*, será eu *c**i**rzo, den**i**gro, prev**i**no, progr**i**do, regr**i**do, transgr**i**do.* Observe que, nesses verbos, o *e* do radical vira *i,* em todas as pessoas do presente do indicativo, exceto em *nós* e *vós*, e em todo o presente do subjuntivo. Nos outros tempos, esses verbos são regulares).

8.4.2. Ferir

Modo Indicativo:

Presente: firo, feres, fere, ferimos, feris, ferem; **pretérito perfeito:** feri feriste, feriu, ferimos, feristes, feriram; **pretérito imperfeito:** feria, ferias, feria, feríamos, feríeis, feriam; **pretérito mais-que-perfeito:** ferira, feriras, ferira, feríramos, feríreis, feriram; **futuro do presente:** ferirei, ferirás, ferirá, feriremos, ferireis, ferirão; **futuro do pretérito:** feriria, feririas, feriria, feriríamos, feriríeis,

feririam.

Modo Subjuntivo:

Presente: fira, firas, fira, firamos, firais, firam; **pretérito imperfeito:** ferisse, ferisses, ferisse, feríssemos, ferísseis, ferissem; **futuro:** ferir, ferires, ferir, ferirmos, ferirdes, ferirem.

Como o verbo ferir, conjugam-se – apesar de não se parecerem com ele – aderir, advertir, aferir, aspergir, assentir, auferir, compelir, competir, consentir, deferir, digerir, discernir, divergir, expelir, preferir, prosseguir, vestir, referir, repelir, repetir, ressentir. Assim, se é *eu firo*, será *eu adiro, advirto, afiro, aspirjo, assinto, aufiro, compilo, compito, consinto, defiro, digiro, discirno*... Observe que, com esses verbos, o *e* do radical vira *i,* somente na 1ª pessoa do presente do indicativo e em todo o presente do subjuntivo. Nos outros tempos, esses verbos são regulares.

8.4.3. Fugir

Modo Indicativo:

Presente: fujo, foges, foge, fugimos, fugis, fogem; **pretérito perfeito:** fugi, fugiste, fugiu, fugimos, fugistes, fugiram; **pretérito imperfeito:** fugia, fugias, fugia, fugíamos, fugíeis, fugiam; **pretérito mais-que-perfeito:** fugira, fugiras, fugira, fugíramos, fugíreis, fugiram; **futuro do presente:** fugirei, fugirás, fugirá, fugiremos, fugireis, fugirão; **futuro do pretérito:** fugiria, fugirias, fugiria, fugiríamos, fugiríeis, fugiriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: fuja, fujas, fuja, fujamos, fujais, fujam; **pretérito imperfeito:** fugisse, fugisses, fugisse, fugíssemos, fugísseis, fugissem; **futuro:** fugir, fugires, fugir, fugirmos, fugirdes, fugirem.

Como o verbo fugir, conjugam-se – apesar de também não se parecerem com ele – acudir, bulir, consumir, cuspir, desentupir, entupir, escapulir, sacudir, subir, sumir. Assim, se é *eu fujo*, será *eu acudo, eu bulo, eu consumo, eu cuspo*... Observe que, com esses verbos, o *u* do radical vira *o,* somente nas 2ª e 3ª pessoas do singular e 3ª pessoa do plural do presente do indicativo; nos outros tempos, esses verbos são regulares.

8.4.4. Crer

Modo Indicativo:

Presente: creio, crês, crê, cremos, credes, creem; **pretérito perfeito**: cri, creste, creu, cremos,

crestes, creram; **pretérito imperfeito:** cria, crias, cria, críamos, críeis, criam; **pretérito mais-que-perfeito**: crera, creras, crera, crêramos, crêreis, creram; **futuro do presente:** crerei, crerás, crerá, creremos, crereis, crerão; **futuro do pretérito**: creria, crerias, creria, creríamos, creríeis, creriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: creia, creias, creia, creiamos, creiais, creiam; **pretérito imperfeito:** cresse, cresses, cresse, crêssemos, crêsseis, cressem; **futuro:** crer, creres, crermos, crerdes, crerem.

Como o verbo crer, conjugam-se os verbos descrer, ler e reler. Assim, se é *eu creio*, será *eu descreio, eu leio, eu releio*... Observe o pretérito perfeito do verbo *crer*, alguns alunos estranham as formas *eu cri* e *ele creu*.

8.4.5. Ir

Modo Indicativo:

Presente: vou, vais, vai, vamos, ides, vão; **pretérito perfeito:** fui, foste, foi, fomos, fostes, foram; **pretérito imperfeito:** ia, ias, ia, íamos, íeis, iam; **pretérito mais-que-perfeito:** fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram; **futuro do presente:** irei, irás, irá, iremos, ireis, irão; **futuro do pretérito:** iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: vá, vás, vá, vamos, vades, vão; **pretérito imperfeito:** fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem; futuro: for, fores, for, formos, fordes, forem.

O verbo ir é chamado de anômalo, pois possui mais de um radical quando é conjugado. Daí, ele necessitar de um estudo isolado. Quanto a esse verbo, valem três recados: 1. No presente do indicativo e no presente do subjuntivo, nós e eles possuem formas idênticas: não estranhe. Assim, no presente do indicativo teríamos uma frase do tipo: nós *sempre* vamos *à biblioteca*. Da mesma forma, no presente do subjuntivo, seria nossos pais querem que nós vamos à biblioteca. 2. Não confunda a forma vós ides no presente do indicativo com vós vades no presente do subjuntivo. Assim, teríamos: vós ides à biblioteca sempre? (presente do indicativo); e desejo que vós vades à biblioteca com mais frequência (presente do subjuntivo).
3. Atenção também com o verbo VIR, para não confundir a 1ª pessoa do plural do presente do indicativo (nós vimos) com a 1ª pessoa do plural do pretérito perfeito (nós viemos). A troca de uma forma pela outra é muito comum, como em frases do tipo: hoje nós "viemos" aqui, e não hoje nós vimos aqui.

8.4.6. Haver

Modo Indicativo:

Presente: hei, hás, há, havemos ou hemos, haveis ou heis, hão; **pretérito perfeito:** houve, houveste, houve, houvemos, houvestes, houveram; **pretérito imperfeito:** havia, havias, havia,

havíamos, havíeis, haviam; **pretérito mais-que-perfeito:** houvera, houveras, houvera, houvéramos, houvéreis, houveram; **futuro do presente:** haverei, haverás, haverá, haveremos, havereis, haverão; **futuro do pretérito:** haveria, haverias, haveria, haveríamos, haveríeis, haveriam.

Modo do Subjuntivo:

Presente: haja, hajas, haja, hajamos, hajais, hajam; **pretérito imperfeito:** houvesse, houvesses, houvesse, houvéssemos, houvésseis, houvessem; **futuro:** houver, houveres, houver, houvermos, houverdes, houverem.

Muitos estranham a conjugação do verbo HAVER, pois não estão acostumados a conjugá-lo. Isso ocorre porque esse verbo é muito usado com o sentido de existir e, com esse sentido, de fato, ele só se conjuga na 3ª pessoa do singular (há, houve, havia, haverá). Assim, teríamos: havia muitas pessoas na festa (haver com sentido de existir).
Entretanto, ele se conjugará normalmente se apresentar outros sentidos. Observe: "Houvemos por bem convidar os amigos para o jantar" (aqui, o haver significa dignar-se, julgar oportuno); "Elas se houveram bem sem empregada" (nesse caso, haver é pronominal e tem sentido de portar-se); "Eles haviam estudado todo o assunto" (aqui, o haver é auxiliar de uma locução verbal, conjugando-se normalmente em todas as pessoas).

Vamos exercitar e juntar todos os conceitos para conjugar os verbos a seguir.

Complete as frases abaixo, com os verbos solicitados entre os parênteses.

1. Para que todos _____ bem confortáveis, alugaremos um ônibus. (VIAJAR, presente do subjuntivo)

   Comentários: Vá à 1ª pessoa do presente do indicativo: *eu viajo*, extraia o ***o***, utilize o radical para acrescentar as novas desinências: *que eu viaje*, *que tu viajes*, *que ele viaje*...

   Resposta: viajem.

2. Ontem eles _____ todo o dinheiro roubado. (REAVER, pretérito perfeito do indicativo)

   Comentários: Lembre-se de que no pretérito perfeito o REAVER se conjuga como o HAVER. Assim, se é *eles houveram*, será *eles reouveram*, e não "*reaveram*".

   Resposta: reouveram.

3. O juiz não _____ na briga entre os jogadores. (INTERVIR, pretérito perfeito do indicativo)

   Comentários: O verbo intervir é derivado de vir. Portanto, se é ele veio, será ele interveio, e não interviu!

Resposta: interveio.

4. Quando ele nos _____, poderá entregar-nos a encomenda. (VER, futuro do subjuntivo)

Comentários: Aqui, todo mundo fica na dúvida: quando *ele ver* ou quando *ele vir*? Ora, é só lembrar que o futuro do subjuntivo deriva do pretérito perfeito. O pretérito perfeito é *eu vi*, *tu viste...*, *eles viram*; logo, o futuro do subjuntivo será *quando eu vir*, *quando tu vires*, *quando ele vir...*

Resposta: vir.

5. Eles ficarão felizes quando nós _____ esta reformulação. (PROPOR, futuro do subjuntivo)

Comentários: propor vem do pôr. Logo, se é quando *eu puser*, *quando tu puseres*, *quando ele puser*, será *quando eu propuser*, *quando tu propuseres*, *quando ele propuser*, e não *quando eu "propor", quando tu "propores", quando ele "propor"...*

Resposta: propusermos.

6. Eles não _____ os fugitivos. (DETER, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: deter vem do ter. Assim, se é *eu tive, tu tiveste, ele teve*, será *eu detive, tu detiveste, ele deteve,* e não *ele "deteu"*.

Resposta: detiveram.

7. O aluno _____ o adiantamento das provas. (REQUERER, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: Não pense no querer! requerer, no pretérito perfeito, se conjuga como o BEBER *ele bebeu = ele requereu*, e não *ele "requis"*.

Resposta: requereu.

8. Eles só _____ paciência com os mais velhos. (TER, presente do indicativo)

Comentários: Aqui, é só lembrar: no singular, é sem acento – ele tem –, mas o plural, para diferenciar do singular, é com acento circunflexo: o acento diferencial de número.

Resposta: têm.

9. Eu não _____ tanto. (VALER, presente do indicativo)

Comentários: O verbo valer na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo apresenta uma irregularidade: o ***l*** vira ***lh*** (eu valho). O presente do subjuntivo, por ser derivado, herdará a mesma irregularidade (*que eu valha, que tu valhas, que ele valha*...

Resposta: valho.

10. Estes homens _____ de um lugar distante. (PROVIR, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: O verbo provir deriva do vir. Logo, se é *eu vim, tu vieste, ele veio*, será *eu provim, tu provieste, ele proveio.*

Resposta: provieram.

11. Ele só virá, quando nós lhe _____ a verdade. (DIZER, futuro do subjuntivo)

Comentários: Caso você não saiba como é o futuro do subjuntivo do verbo dizer, basta ir ao pretérito perfeito, seu tempo primitivo. Assim, no pretérito perfeito, temos *eles disseram*, logo teremos no futuro do *subjuntivo quando eu disser*, *quando tu disseres, quando ele disser*...

Resposta: dissermos.

12. Seria necessário que eles _____ o mesmo ritmo. (MANTER, pretérito imperfeito do subjuntivo)

Comentários: O verbo manter deriva do ter. Assim, o imperfeito do subjuntivo *é se eu tivesse, se tu tivesses, se ele tivesse*, então, com o *manter*, será *se eu mantivesse, se tu mantivesses, se ele mantivesse*...

Resposta: mantivessem.

13. Só entendi o que os brasileiros _____ (EXPOR, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: O verbo expor deriva do pôr. Logo, se o pretérito perfeito do pôr é *eu pus, tu puseste, ele pôs*..., o pretérito perfeito do expor será *eu expus, tu expuseste, ele expôs*.

Resposta: expuseram.

14. Preciso que tu _____ até a minha casa. (IR, presente do subjuntivo)

Comentários: Lembre-se: *que eu vá, que tu vás, que ele vá*...

Resposta: vás.

15. Aqui eu não _____ (CABER, presente do indicativo)

Comentários: O verbo caber possui uma irregularidade na 1ª pessoa do presente do indicativo e em todo o presente do subjuntivo: o ***a*** do radical recebe um ***i***. Assim, temos: *eu caibo, tu cabes, ele cabe... que eu caiba, que tu caibas, que ele caiba...*

Resposta: caibo.

16. Ele quer que nós _____ outro livro. (LER, presente do subjuntivo)

Comentários: O verbo ler conjuga-se como o crer: *que eu creia, que tu creias, que ele creia = que eu leia, que tu leias, que ele leia...*

Resposta: leiamos.

17. Eu _____ que todos viriam à reunião. (SUPOR, pretérito imperfeito do indicativo)

Comentários: supor conjuga-se como o pôr. Como o que se quer é o pretérito imperfeito do indicativo do verbo *supor*, basta conjugarmos o *pôr*: "antigamente" *eu punha, tu punhas, ele punha*. Logo, será "antigamente" *eu supunha, tu supunhas, ele supunha...*

Resposta: supunha.

18. Nós _____ até aqui hoje, pois ontem não foi possível. (VIR, presente do indicativo)

Comentários: Lembre-se: *hoje nós vimos*, *ontem nós viemos*. Parece confuso, porque é idêntico ao verbo ver no pretérito perfeito! Veja só: *hoje nós vimos à sua casa* – **vir** no presente do indicativo; *ontem nós vimos o seu irmão na rua* – **ver** no pretérito perfeito.

Resposta: vimos.

19. Ontem nós não _____ à aula. (VIR, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: Não confundir o presente do indicativo do verbo *vir* (vimos) com o pretérito perfeito do verbo *vir* (viemos).

Resposta: viemos.

20. Se eles _____ e não te _____, retornarão chateados. (VIR e VER, presente do indicativo)

Comentários: O verbo vir na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo é *ele vem*, e a 3ª pessoa do plural recebe acento circunflexo: *eles vêm*. Já o verbo ver no presente do indicativo é

ele vê, *eles veem* – a 3ª pessoa do plural perdeu o acento circunflexo – antes era *vêem* – em função do Novo Acordo Ortográfico.

Resposta: vêm/veem.

21. Vós _____ com quem desejais. (IR, presente do indicativo)

Comentários: Não confundir o presente do indicativo do verbo *ir* (vós ides) com o presente do subjuntivo do verbo *ir* (vós vades).

Resposta: ides.

22. Todos esperamos que vós _____ conosco. (IR, presente do subjuntivo)

Comentários: Lembre-se de não confundir o presente do indicativo – *hoje vós ides pelo bom caminho* – com o presente do subjuntivo – *espero que vós vades pelo bom caminho*.

Resposta: vades.

23. Esperava-se que eles _____ a casa com o necessário. (PROVER, imperfeito do subjuntivo)

Comentários: Atenção, o prover só se conjuga como o ver nos tempos do presente. Nos outros tempos, ele é como o beber. Logo, se é *esperava-se que eles bebessem*, será *esperava-se que eles provessem*, e não "*provissem"*, se ele seguisse o verbo *ver*.

Resposta: provessem.

Agora, algumas questões de concursos comentadas:

1. (FGV/Oficial de Cartório/2008)"Se interviessem, implodiriam as contas públicas". Assinale a alternativa que apresente erro em uma das formas verbais.

a) Se o comando reouvesse o prestígio, os criminosos desistiriam.

b) Se os policiais requisessem maiores salários, tudo se arrumaria.

c) Se os criminosos se acovardassem, a polícia os deteria.

d) Se os jornais proviessem de fora, as notícias entreteriam mais.

e) Se as autoridades quisessem, nada disso se faria.

Comentários:

Na letra A, temos o verbo **reaver**, que nos tempos em que é conjugado, segue o verbo **haver**. Ora, se fosse o **haver**, seria *se o comando houvesse*, logo, será *se o comando reouvesse*.

A letra B traz o verbo **requerer**, que não segue o **querer**, e sim um verbo regular como o **beber**. Logo, não é *se os policiais requisessem* – seria assim se fosse como o **querer** – e sim *se os policiais requeressem*.

A letra C apresenta um verbo regular – **acovardar-se** – no imperfeito do subjuntivo, 3ª pessoa do plural, corretamente conjugado.

A letra D apresenta o verbo **provir**, que se conjuga como o **vir**. Ora, se fosse o **vir**, seria *se os jornais viessem*; como é o **provir**, será *se os jornais proviessem.*

A letra E apresenta o verbo **querer**, um verbo irregular, corretamente conjugado no imperfeito do subjuntivo, 3ª pessoa do plural.

Resposta: B.

2. (Cesgranrio/Petrobras) O verbo grifado está corretamente flexionado na frase:

a) Empresários do agronegócio <u>manteram-se</u> atentos às previsões de escassez de chuvas.

b) Técnicos do governo <u>creem</u> que serão resolvidos os conflitos entre investidores e ambientalistas.

c) O governo, atento às instáveis condições do mercado, <u>interviu</u> na cotação do dólar.

d) Como <u>sobreviram</u> contratempos, foi inevitável a quebra da safra de grãos no ano passado.

e) Técnicos <u>preveram</u> queda na arrecadação, devido às elevadas taxas de juros.

Comentários:

A letra A está errada. O verbo **manter** conjuga-se como o **ter**. Ora, se fosse o **ter**, seria *os empresários tiveram*, logo deve ser *os empresários mantiveram-se*.

A letra B está correta. Segundo o Novo Acordo Ortográfico, o 1º **e** dos verbos **crer, dar, ler e ver** perde o acento circunflexo.

A letra C traz o verbo **intervir**, que se conjuga como o **vir**, e não como o **ver.** Logo, é *interveio* e não *interviu*.

A letra D apresenta o verbo **sobrevir**, que também se conjuga como o **vir** e não como o **ver**. Por isso, o correto é *sobrevieram* e não *sobreviram*.

Na letra E, tem-se o verbo **prever**, que se conjuga como o **ver** – *previram*, e não *preveram*.

Resposta: B.

3. (Cesgranrio/Petrobras) “Para que se DIGA...”,“que o governo GARANTA...”. Se em lugar do verbos destacados, tivéssemos, respectivamente, os verbos PROVER e INTERVIR, as forma correspondentes seriam:

a) proveja / intervinha

b) prove / interveja

c) provenha / intervisse

d) proveja / intervenha

e) provenha / interveja

Comentários:

Nesta questão, busca-se a conjugação dos verbos **prover** e **intervir** no presente do subjuntivo. Ora, neste tempo verbal em questão, o verbo **prover** se conjuga como o **ver**. Se fosse o verbo **ver**, seria *que se veja*; logo, com o **prover** será *que se proveja*. Já o verbo **intervir** conjuga-se como o **vir** em todos os tempos. Assim, se fosse o **vir**, seria *que o governo venha*, logo, com o **intervir**, será *que o governo intervenha*.

Resposta: D.

Agora que você já aprendeu a correlação entre tempos primitivos e derivados, bem como a lógica de verbos que se conjugam como outros, precisamos dar uma especial atenção aos verbos de terminação -ear/-iar, que aparecem muito em concursos. Eles ensejam dúvidas do tipo: eu maqueio ou eu maquio? Eu penteio ou eu pentio? Ele freiou ou freou o carro?

8.5. VERBOS EM -EAR

Todos os verbos terminados em **-ear** são **irregulares**, pois recebem um ***i*** nas formas da 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular e 3ª pessoa do plural do **presente do indicativo** e do **presente do subjuntivo.** Nos outros tempos, a conjugação desses verbos terminados em **-ear** é regular.

Exemplo: ARREAR (= pôr os arreios)

• Presente do indicativo: arre**i**o, arre**i**as, arre**i**a, arreamos, arreais, arre**i**am.

• Presente do subjuntivo: arre**i**e, arre**i**es, arre**i**e, arreemos, arreeis, arre**i**em.

Repare que nas formas **nós** e **vós** não há a presença do **i**.

Por esse modelo conjugam-se cear, passear, recear, semear, macaquear, estrear...

O verbo estrear, **pelo Novo Acordo Ortográfico**, perdeu o acento agudo: estre**i**o, estre**i**as, estre**i**a, estreamos, estreais, estre**i**am. / estre**i**e, estre**i**es, estre**i**e, estreemos, estreeis, estre**i**em.

8.6. VERBOS EM -IAR

Os verbos terminados em **-iar** são regulares.

Exemplo: arriar (= abaixar-se)

• Presente do indicativo: arrio, arrias, arria, arriamos, arriais, arriam.

• Presente do subjuntivo: arrie, arries, arrie, arriemos, arrieis, arriem.

Por esse modelo, conjugam-se copiar, adiar, maquiar, negligenciar, premiar...

Há, porém, cinco verbos em -iar que recebem a letra ***e*** nas formas da 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular e 3ª pessoa do plural do **presente do indicativo** e do **presente do subjuntivo.** São eles: **m**ediar, **a**nsiar, **r**emediar, **i**ncendiar, **o**diar.

As letras iniciais desses verbos formam o nome Mario.

O verbo INTERMEDIAR é derivado de MEDIAR, portanto, se conjuga por este.

Exemplo: mediar

• Presente do indicativo: med**e**io, med**e**ias, med**e**ia, mediamos, mediais, med**e**iam.

• Presente do subjuntivo: med**e**ie, med**e**ies, med**e**ie, mediemos, medieis, med**e**iem.

Nas formas **nós** e **vós** não há a presença do **e**.

Por esse modelo conjugam-se intermediar, ansiar, remediar, incendiar e odiar.

Resumindo: Todos os verbos terminados em -ear e os cincos verbos em -iar recebem um (EI) nas formas da 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular e da 3ª pessoa do plural nos tempos do PRESENTE.

A seguir, algumas questões de concursos comentadas:

1. **(Fundação Euclides da Cunha/TRF)** Na oração "como o que Bush experimentou ao **nomear** Harvey Pitt", o verbo **nomear** foi usado na forma do infinitivo. Se usado em uma forma finita, este verbo e todos os outros terminados em **-ear**, bem como alguns terminados em **-iar**, apresentam formas ditongadas e não ditongadas, segundo a norma culta da língua. Considerando essa característica de flexão, está incorreta a forma usada na frase:

a) É conveniente que hasteemos a bandeira da moralidade nos negócios públicos.

b) Um dirigente que demonstre competência não receia enfrentar problemas de gerenciamento.

c) As sociedades anseiam por dirigentes que primem pela competência e moralidade.

d) O presidente Bush freiou a iniciativa espúria de Harvey Pitt.

e) Uma ação sensata do presidente sempre remedeia possíveis situações constrangedoras.

Comentários:

Nas letras A e B, os verbos hastear e recear possuem a terminação -ear. O verbo hastear, por estar na 1ª pessoa do plural do presente do subjuntivo, não recebe a letra ***i***. Já o verbo recear, por estar na 3ª pessoa do singular, recebe essa mesma letra.

Nas letras C e E, aparecem os verbos ansiar e remediar, que terminam em -iar. Esses verbos fazem parte do Mario. Como estão conjugados, respectivamente, na 3ª pessoa do plural e 3ª pessoa do singular do presente do indicativo recebem a letra ***e***.

Na letra D, o verbo frear não está conjugado nos tempos do presente, logo não recebe a letra ***i***. O verbo frear, no pretérito perfeito, se conjuga da seguinte forma: freei, freaste, freou, freamos, freastes, frearam.

Resposta: D.

2. (NCE-UFRJ/Oficial de Justiça)"Para outras, é apenas o prazer de saber que a distância não mais **cerceia** a comunicação, por boba que seja."; a frase abaixo em que há uma forma, ligada aos verbos terminados em -ear, grafada erradamente é:

a) É perigoso que passeiemos à noite.

b) A civilização sofre freadas em seu progresso.

c) O homem receoso não luta pela liberdade.

d) Todos nós ceamos no Natal.

e) É injusto que os países totalitários cerceiem a comunicação.

Comentários:

A letra A apresenta o verbo passear flexionado na 1ª pessoa do plural do presente do subjuntivo. Nessa forma, vimos que não há a presença da letra ***i***. A forma correta seria passeemos.

Na letra B, o verbo frear não aparece conjugado nos tempos do presente, e sim na forma de particípio. Daí não receber a letra **i**.

Na letra C, receoso é adjetivo. Não confundir com RECEIO, substantivo.

Na letra D, o verbo cear aparece na 1ª pessoa do plural, que não recebe a letra ***i***. Já na letra E, o verbo cercear está flexionado na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo, que recebe a letra ***i***. Formas corretas, portanto.

Resposta: A.

3. (Cesgranrio/Petrobras) A forma verbal em negrito não está conjugada corretamente em:

a) A natureza **premia** com felicidade ou infelicidade.

b) É importante que **nomeiem** logo o diretor.

c) Chegue cedo para que **principiemos** a reunião na hora.

d) O ser humano **anseia** por uma felicidade perene.

e) O professor **incendia** o debate com perguntas polêmicas.

Comentários:

Nas letras A, C, D e E, aparecem verbos em -iar. Com essa terminação, vimos que são cinco os verbos que recebem a letra ***e*** nas formas da 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular e 3ª pessoa do plural nos tempos do presente (do indicativo e do subjuntivo). Os verbos premiar e principiar não pertencem ao Mario, portanto, não recebem a letra ***e***.

Nas opções D e E, os verbos ansiar e incendiar pertencem a esse grupo. Logo, o verbo INCENDIAR, na 3ª pessoa do singular, é *incendeia*.

Na letra B, o verbo nomear pertence à terminação -ear, recebendo um ***i*** na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo.

Resposta: E.

Ainda em conjugação verbal, é necessário que se aprenda a identificar os tempos compostos. Aprender a conjugá-los é simples, pois o que se memoriza para os tempos compostos do indicativo vale também para o subjuntivo. Vamos a eles.

8.7. TEMPOS COMPOSTOS

Formam-se com os auxiliares **TER** ou **HAVER** mais **Particípio**.

Na maioria dos casos, o nome do tempo composto quem determina é o verbo auxiliar.

No Indicativo:

Terei falado. **(futuro do presente composto)**

Teria falado. **(futuro do pretérito composto)**

Ter falado. **(infinito composto)**

Tendo falado. **(gerúndio composto)**

No Subjuntivo:

Tiver falado. **(futuro composto)**

No entanto, merecem atenção especial duas formas:

1. Pretérito perfeito composto: verbo auxiliar no presente mais o particípio.

Indica a repetição ou continuidade de um fato iniciado no passado até o presente.

Tem falado, **tenho** contado...

2. Pretérito mais-que-perfeito composto: verbo auxiliar no imperfeito mais particípio.

É empregado como o simples, para expressar um fato já concluído antes de outro também no passado.

Tinha falado, **havia** falado, **tinha** contado...

Repare que, nessas formas, o nome do tempo composto não corresponde ao verbo auxiliar. Em concurso, quando o assunto é tempo composto, esses são os tempos mais pedidos.

Vamos a três questões de concurso que falam do assunto:

1. (Técnico Judiciário/TJ)"... que realmente **havia levado** a máquina para casa..."; a forma verbal em destaque equivale a:

a) levava

b) levou

c) leva

d) levara

e) levasse

Comentários:

A forma verbal havia levado traz o verbo auxiliar (haver) no pretérito imperfeito, caracterizando, assim, o pretérito mais-que-perfeito do indicativo, que equivale à forma simples desse mesmo tempo.

Resposta: D.

2. **(Auxiliar Judiciário/TJ)** "Publicidade oficial **tem sido**, quase sempre...". O emprego do tempo verbal destacado expressa:

a) uma ação ou estados permanentes ou assim considerados.

b) um fato futuro, mas próximo.

c) uma ação passada habitual ou repetida.

d) uma ação produzida em certo momento do passado.

e) a continuidade de um ato até o presente.

Comentários:

A forma destacada no enunciado tem o verbo auxiliar (ter) no presente do indicativo, o que caracteriza o pretérito perfeito do indicativo. Embora o auxiliar esteja no presente, repare que a ideia tem início no passado e vem até o momento presente. Se "Publicidade oficial tem sido, quase sempre...", é porque essa ação *vem ocorrendo*, ou seja, não terminou no passado, se prolonga até o presente.

Resposta: E.

3. **(FGV/Perito Criminal da Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro/2008)** "O público brasileiro tem ouvido, com alguma frequência, notícias a respeito de possível rebelião de países vizinhos contra aquilo que seus governantes chamam de dívidas ilegítimas."

No trecho acima, as formas verbais estão, respectivamente, no:

a) presente do indicativo e presente do indicativo.

b) presente do indicativo e presente do subjuntivo.

c) presente do subjuntivo e presente do indicativo.

d) pretérito perfeito do indicativo e presente do subjuntivo.

e) pretérito perfeito do indicativo e presente do indicativo.

Comentários:

Trata-se de uma questão que busca a identificação dos tempos das formas verbais *tem ouvido* e *chamam.* Muitos alunos que erraram a questão marcaram a letra A, pois não perceberam que o verbo *ter* vinha seguido de particípio, formando, assim, um tempo composto. Ora, se o auxiliar

vem no presente do indicativo mais particípio, estamos diante do pretérito perfeito composto do indicativo, enquanto a forma *chamam* está no presente do indicativo. Atente ao fato de que a banca também não menciona pretérito perfeito *composto*, e sim pretérito perfeito, o que torna a questão mais difícil.

Resposta: E.

Hoje, é muito comum que as provas contenham questões que requerem do aluno a conjugação de verbos no imperativo. Vamos recordar?

8.8. FORMAÇÃO DO IMPERATIVO

Quando aparecem verbos que denotam *ordem, pedido, desejo, súplica,* temos o modo **imperativo**, que se forma da seguinte maneira:

1. Afirmativo:

• **tu** e **vós**: retiradas do presente do indicativo com a supressão do ***S*** final.

Fala (tu), falai (vós).

• **você, nós e vocês*:*** retiradas do presente do subjuntivo sem alteração.

Fale (você), falemos (nós), falem (vocês).

Obs.:

1) Verbo ser: Sê tu / Sede vós;

2) Terminação -zer / -zir: faze ou faz tu;

Conduze ou conduz tu.

2. Negativo: conjugação igual à do presente do subjuntivo, acrescentando-se a negativa antes da forma verbal.

Não fales tu, não fale você, não falemos nós, não faleis vós, não falem vocês.

Simples, não é? Então, vamos às questões. Há aquelas que só pedem que o candidato reconheça o modo imperativo nas frases, como a que se tem a seguir:

1. (FCC/TRF – 5ª Região) ... **respeite** pai e mãe...

O verbo flexionado de modo idêntico ao do destaque acima está também grifado na frase:

a) Todos desejavam que o recém-chegado se <u>comportasse</u> de acordo com os costumes locais.

b) Esperava-se aceitação bem maior das novas determinações estabelecidas pela instituição.

c) Leia este manual com bastante atenção, para conhecimento das normas de convivência da empresa.

d) Sempre se soube que a organização de um grupo depende de regras, respeitadas por seus integrantes.

e) É preciso que se observem as normas, para garantir uma convivência agradável em qualquer ambiente.

Comentários:

Na frase retirada do texto, observamos a presença do verbo respeitar (respeite) que denota uma ordem, um pedido. Temos aí a forma do imperativo afirmativo. Quando aparecem verbos no imperativo, o primeiro passo é observar **a pessoa**, porque, como vimos na teoria, as formas tu e vós são retiradas do presente do indicativo sem o S final. As outras formas (você, nós e vocês) são retiradas integralmente do presente do subjuntivo. Isso posto, na frase retirada do texto, o verbo (*respeite*) aparece flexionado na 3ª pessoa do singular (você). Na letra A, o verbo comportar--se está flexionado no pretérito imperfeito do subjuntivo. Na letra B, o verbo esperar aparece no pretérito imperfeito do indicativo. Na letra C, o verbo ler aparece com esse mesmo tom de imperativo (*Leia este manual...*) na 3ª pessoa do singular. Na D, o verbo depender aparece no presente do indicativo e, na E, no presente do subjuntivo.

Resposta: C.

Ainda quanto ao imperativo, há aquelas questões que trabalham na mesma frase a forma afirmativa e a negativa. Eis um exemplo:

2. (NCE-UFRJ/Ministério Público)"Recuse o convite e não troque o Brasil pela Itália."; se, em lugar da terceira pessoa, o autor do texto empregasse a segunda pessoa do singular, as formas convenientes dos verbos seriam:

a) recusa / não troca

b) recusas / não trocas

c) recusa / não troques

d) recuse / não troca

e) recuses / não trocas

Comentários:

Na frase retirada do texto, o verbo recusar aparece no imperativo afirmativo (3ª pessoa do singular) e o verbo trocar no imperativo negativo, antecedido do advérbio de negação *não*. O comando da questão pede para empregar a 2ª pessoa do singular. No imperativo afirmativo, as segundas pessoas (tu e vós) são retiradas do **presente do indicativo** sem o S final. Com o verbo recusar, então, ficaria recusa. Como o imperativo negativo é retirado integralmente do **presente do subjuntivo**, a 2ª pessoa do singular seria troques.

Resposta: C.

3. (FGV) Quase Nada

(Fábio Moon e Gabriel Bá. *Folha de São Paulo*, 28 de dezembro de 2008.)

Assinale a alternativa com correta passagem da fala do segundo quadrinho para o plural.

a) Acordais, gatos.

b) Acordai, gatos.

c) Acordem, gatos.

d) Acordeis, gatos.

e) Acordei, gatos.

Comentários:

Inicialmente, é preciso descobrir em que pessoa foi conjugada a forma de imperativo "acorda", presente no 2º quadrinho. Ora, *acorda* é 2ª pessoa do singular – tu – presente do indicativo, sem o s. Assim, como o enunciado pede que se transponha a fala para o plural – vós, temos que ir também ao presente do indicativo e extrair o s: *acordai*.

Resposta: B.

4. (FGV/Senado Federal – Analista Legislativo – Tradução e Interpretação/2008)"Mudar para vencer! *Muda, Brasil!*', grita entusiasmado."

Assinale a alternativa em que se tenha a correta passagem para o plural e para a negativa da forma verbal do trecho grifado acima.

a) Não mudas, Brasil!

b) Não mudais, Brasil!

c) Não mudai, Brasil!

d) Não mudeis, Brasil!

Comentários:

A forma verbal em destaque no enunciado está no imperativo afirmativo (2ª pessoa do singular – tu). Ao se transportar ao plural – vós, no imperativo negativo (todo ele retirado do presente do subjuntivo), teremos a forma *não mudeis, Brasil!*

Resposta: D.

8.9. FORMAS NOMINAIS

Ao estudar conjugação verbal, é preciso que se dê especial atenção às **formas nominais** do verbo: infinitivo, gerúndio e particípio. São chamados de formas nominais tais tempos, porque, ao lado do seu valor verbal, podem desempenhar função de nomes (substantivo, adjetivo e advérbio).

Assim, teríamos:

Fumar é proibido.

Aqui, o infinitivo exerce papel de substantivo, pois é sujeito do verbo *ser*.

Tempo **perdido**.

Nesse caso, o particípio exerce papel de adjetivo do substantivo *tempo*.

Amanhecendo, partiremos.

Aqui, o gerúndio apresenta um valor adverbial, pois indica circunstância de tempo à forma verbal *partiremos*.

Vamos, então, estudar as formas nominais do verbo. Aproveite para observar as desinências características dessas formas, destacadas a seguir:

Infinitivo – Gerúndio – Particípio

Infinitivo: fala**r**, bebe**r**, parti**r**

Gerúndio: fala**ndo**, bebe**ndo**, parti**ndo**

Particípio: fala**do**, bebi**do**, parti**do**

Importante: O infinitivo pode ser **pessoal** ou **impessoal**.

O infinitivo **pessoal** é dividido em **flexionado** e **não flexionado**.

Infinitivo flexionado: indica o agente da ação – falar, falares, falar, falarmos, falardes, falarem.

Assim, teríamos:

Para **passares** em concurso, é preciso estudo.

Aqui, a desinência do infinitivo – **res** – indica que o agente da ação é **tu**. É um caso de infinitivo com desinência, com flexão.

Infinitivo não flexionado: apresenta uma só forma para as seis pessoas (falar).

É importante que estudemos para **passar** em concurso.

Aqui, não há desinência para a forma de infinitivo, mas inferimos pelo verbo da oração anterior – *estudemos* – que o agente do infinitivo é **nós**. Logo, tem-se um infinitivo pessoal, com sujeito, mas sem flexão. Vale lembrar que a opção por não flexão é apenas uma forma de enfatizar a ação verbal, tendo em vista que o sujeito está claramente identificado na forma verbal *estudemos*.

Observação: A flexão do infinitivo é assunto que deve ser estudado com mais profundidade em concordância verbal.

O infinitivo **impessoal** enuncia uma ação vaga, indeterminada:

É preciso **acabar** com a miséria no país.

Repare que nessa forma do verbo não há a intenção de se mostrar o agente da ação. É o infinitivo com sujeito indeterminado: o infinitivo impessoal.

Atenção: Em relação a esse assunto, o que se vê nas provas é o infinitivo em confronto com o futuro do subjuntivo. Nos verbos regulares, essas formas são idênticas. Exemplo: Infinitivo pessoal do verbo amar: amar, amares, amar, amarmos, amardes, amarem. Futuro do subjuntivo do verbo amar: amar, amares, amar, amarmos, amardes, amarem.

Logo, vem a pergunta: como não confundi-los?

Dicas:
1. Com conjunção, será sempre futuro do subjuntivo. Com preposição ou sem conectivo algum, será infinitivo.
2. Na dúvida, troque o verbo em questão por um outro irregular, que não apresente tal semelhança. Use, por exemplo, o verbo FAZER, que tem como infinitivo a forma fazer e como futuro do subjuntivo fizer.

A seguir, veremos uma questão, com um índice de erro bastante acentuado, que buscava a distinção entre as duas formas: **futuro do subjuntivo x infinitivo pessoal.**

1. (NCE/Psicólogo) ... não se deve *dizer* mal de ninguém...; a frase em que a forma verbal destacada está no mesmo tempo e modo do verbo sublinhado é:

a) Quando sair para a cidade, irei de táxi.

b) Ao chegar à exposição, ficarei deslumbrado.

c) Assim que lanchar, partirei.

d) Se viajar, será de avião.

e) Logo que puder, dormirei.

Comentários:

A forma *dizer* está no infinitivo impessoal, até porque, se estivesse no futuro do subjuntivo, seria *disser*.

Nas letras A, C, D e E, os verbos estão no futuro do subjuntivo: observe a presença de conjunções *quando* (letra A) e *se* (letra D), bem como das locuções conjuntivas *assim que* (letra C) e *logo que* (letra E). Substitua mentalmente tais formas verbais por *fizer* (*quando fizer, assim que fizer, se fizer, logo que fizer*), e você terá a certeza de que elas estão no futuro do subjuntivo. Já na letra B, vemos a preposição **a** em *ao chegar*, o que indica que o verbo está no infinitivo. Basta trocar a forma verbal *chegar* por *fazer* e você terá certeza de que é infinitivo (*ao fazer*).

Resposta: B.

Além do infinitivo, convém darmos especial atenção ao uso do gerúndio, assunto muito comum nas provas de concursos públicos. Nesse caso, vale observar que o bom uso do gerúndio aconselha que o utilizemos para indicar uma ação que ocorra simultaneamente a outra, a fim de que não produza ambiguidade. Assim, teríamos:

Andava pelas ruas sorrindo.

Aqui, temos duas ações – andar e sorrir – que ocorrem ao mesmo tempo: bom uso do gerúndio.

No entanto, devemos evitar construções do tipo:

Escreveu o relatório, enviando-o ao gerente.

Nesse caso, o gerúndio está sendo utilizado para indicar uma ação posterior a outra, o que é inadequado, por suscitar a seguinte dúvida: escreveu o relatório e, ao mesmo tempo, o enviou ao gerente, ou escreveu e depois o enviou ao gerente? O melhor seria não usar o gerúndio, e sim o pretérito perfeito: *escreveu o relatório e o enviou ao gerente*.

Tal inadequação vem sendo trabalhada em algumas provas. Eis uma questão que nos servirá como exemplo:

2. (NCE/Corregedoria) "... que a roubou, ameaçando cortar a garganta do garoto". O bom uso do gerúndio requer que sua ação seja simultânea à do verbo principal, como ocorre nesse segmento do texto. Assim, é exemplo de mau uso do gerúndio a frase:

a) O assaltante gritou, abrindo a porta...".

b) O motorista acovardou-se, abaixando o vidro.

c) O assaltante entrou, sentando-se no banco traseiro.

d) O marginal ameaçou-o, mostrando a arma.

e) O motorista obedeceu, acelerando o carro.

Comentários:

Nas letras A, B, D e E, observa-se o uso do gerúndio que indica uma ação concomitante a outra Na letra A, o assaltante grita e abre a porta ao mesmo tempo; na letra B, o motorista se acovarda e abaixa o vidro simultaneamente; na letra D, ao mesmo tempo em que o marginal ameaça, ele mostra a arma; e na letra E o motorista obedece e acelera o carro simultaneamente. Todas elas indicam um bom uso do gerúndio. Já a letra C apresenta a ação de *sentar* no gerúndio, que não é concomitante e sim posterior à ação de *entrar*: temos um uso inadequado do gerúndio. Melhor seria dizer: *o assaltante entrou e se sentou no banco traseiro*.

Resposta: C.

Para finalizar o estudo das formas nominais do verbo, vamos falar sobre o particípio. Quanto a esse assunto, vale focar dois pontos importantes:

a) Há verbos que possuem duas formas de particípio: o regular (de terminação *-do*) e o irregular

(que não possui terminação -*do*). Eis alguns exemplos:

aceitar: aceitado, aceito;

entregar: entregado, entregue;

limpar: limpado, limpo;

inserir: inserido, inserto;

suspender: suspendido, suspenso;

prender: prendido, preso;

imprimir: imprimido, impresso.

O que se convém é usar a forma regular do particípio com os verbos auxiliares *ter* e *haver* e a forma irregular com os auxiliares *ser* e *estar* ou em qualquer outra hipótese. Assim, teríamos como exemplo:

Verbo aceitar: **Duplo particípio** regular (ter ou haver / tenho aceitado)

irregular (ser ou estar / foi aceito)

b) Em algumas questões, cobra-se o verbo vir e derivados nas formas do gerúndio e do particípio. Isso porque é o único verbo que tem gerúndio e particípio idênticos. Assim, teríamos:

Eu estou vindo para casa.

O verbo *vir* está no gerúndio. Basta substituí-lo por chegar: *eu estou chegando*.

Eu tenho vindo muito a este lugar.

Aqui, o verbo *vir* está no particípio. A troca por outro verbo no particípio pode ajudar você a chegar a tal constatação: *eu tenho chegado*.

Essa coincidência de formas do verbo vir no gerúndio e particípio já foi trabalhada em algumas questões de provas. Observe:

3. (NCE-UFRJ/Ministério Público) *Noticiando* é forma do gerúndio do verbo *noticiar;* a frase em que a forma verbal destacada pode não estar no gerúndio é:

a) As notícias estão <u>chegando</u> da Itália cada vez mais rapidamente.

b) <u>Transformando</u>-se o ódio em amor, acabam-se as guerras.

c) <u>Vindo</u> o resultado, os clientes começaram a protestar.

d) Os jogadores italianos estão reclamando dos estrangeiros.

e) O atleta viajou, completando sua missão.

Comentários:

Em todas as alternativas, exceto em uma, temos verbos que estão no gerúndio: chegando, transformando, reclamando e completando. Na letra C, vê-se o caso do verbo vir que, na frase em que se encontra, tanto pode estar no gerúndio ("Chegando o resultado...") como pode estar no particípio ("Chegado o resultado..."). Observe que, no enunciado, houve o cuidado de se afirmar que se trata de uma forma que *pode* não estar no gerúndio: a própria frase é ambígua.

Resposta: C.

Agora, vamos a uma questão que não permite ambiguidade e ilustra bem a semelhança das formas de gerúndio e particípio do verbo vir:

4. (NCE-UFRJ/Auxiliar de Cartório) Como sabemos, o morfema -NDO forma gerúndios, de que *fazendo* é um exemplo. O item em que a forma em maiúscula não corresponde a um gerúndio é:

a) CHEGANDO os corpos, será feita a autópsia.

b) Os médicos estiveram REALIZANDO exames.

c) Os poetas tinham VINDO ao sepultamento do colega.

d) TENDO tempo, todos participarão do exame.

e) Ganhará dinheiro, VENDENDO bugigangas.

Comentários:

As letras A, B, D e E apresentam verbos no gerúndio: *chegando*, *realizando*, *tendo* e *vendendo*. Na letra C, temos o verbo vir no particípio: basta substituí-lo por **chegar** – *os poetas tinham chegado*...

Resposta: C.

Bem, agora que você já aprendeu a conjugar verbos em seus tempos simples e compostos; estudou os verbos terminados em -ear/-iar; entendeu como se conjuga o imperativo; e conheceu as formas nominais do verbo (ufa...), vale complementar seus estudos com um breve passeio pela semântica dos verbos. É nesse assunto que vamos aprender como se utilizam os principais tempos verbais e perceber como as bancas trabalham esses conceitos nas provas.

8.10. A SEMÂNTICA DOS VERBOS

8.10.1. Modo Indicativo

Expressa um fato real, de maneira definida. Divide-se nos seguintes tempos:

a) Presente

É empregado para expressar um fato que ocorre no momento em que se fala.

Ex.: Guilherme **está** cansado.

É algo que ocorre no momento em que se fala.

Pode ser usado também para exprimir outras ideias:

• descrever um fato permanente.

Ex.: A Terra **gira** em torno do Sol.

• expressar um hábito.

Ex.: Fernanda **estuda** aos domingos.

• conferir realidade a fatos passados.

Ex.: Em 1.500 Cabral **descobre** o Brasil.

• indicar futuro próximo.

Ex.: **Vou** amanhã para Búzios.

b) Pretérito imperfeito

Pode ser utilizado para expressar:

• fatos repetidos, frequentes, habituais no passado.

Ex.: Quando **era** pequena, **brincava** de boneca.

Observe que as duas ações que estão no pretérito imperfeito indicam fatos frequentes no passado.

• uma ação que estava ocorrendo quando outra, geralmente no pretérito perfeito, aconteceu. Ex.: Pedro **tomava** banho quando o telefone tocou.

Temos aqui duas ações pretéritas: a ação de *tomar banho* é durativa, enquanto a ação de *o telefone tocar* é instantânea, estando, pois, no pretérito perfeito.

• uma ação planejada, esperada, e não realizada.

Ex.: **Pretendíamos** ir até sua casa, mas não foi possível.

c) Pretérito perfeito simples

Expressa um fato que **começou e terminou** no passado, próximo ou distante.

Ex.: Conversei com Andreia hoje (passado próximo)

em 1990 (passado distante).

d) Pretérito mais-que-perfeito

É utilizado, em geral, para expressar um fato já terminado antes de outro no passado. Gosto de dizer que ele é o **passado anterior** ao pretérito perfeito.

Ex.: Ele já **estudara** quando sua namorada ligou.

Observe que há duas ações no passado: a ação de *estudar* ocorre antes da ação de *ligar*, daí ela vir no pretérito mais-que-perfeito.

e) Futuro do presente

Em geral, é usado para indicar um fato futuro em relação ao momento em que se fala. É um fato futuro, posterior ao presente.

Ex.: **Viajarei** na próxima semana.

Pode indicar também incerteza, dúvida:

Ex.: **Estaremos** aqui juntos futuramente?

f) Futuro do pretérito

É utilizado nas seguintes situações:

• para indicar um fato futuro em relação a **outro no passado**.

Ex.: Ele disse que **faria** todos os deveres.

Esse é o uso mais comum do futuro do pretérito: ele aqui vem combinado ao pretérito perfeito – *disse* – e indica uma ação futura, posterior a outra no passado.

• para expressar dúvida, incerteza.

Ex.: Quem **estaria** lá?

Perceba que tanto o futuro do presente quanto o futuro do pretérito podem, portanto, indicar dúvida, incerteza.

• para denotar desejo, em tom polido.

Ex.: **Gostaria** de um café?

Observe que, nesse caso, poderíamos até usar um verbo no presente do indicativo – *aceita um café?* – mas a frase perderia seu tom polido, educado.

8.10.2. Modo Subjuntivo

Expressa um fato incerto, duvidoso ou até irreal. Suas principais subdivisões são:

a) Presente

Pode indicar semanticamente presente ou futuro.

Exs.: É pena que eles **estejam** doentes. (possibilidade no presente)

Espero que **chova**. (hipótese no futuro)

b) Pretérito imperfeito

Expressa uma ação posterior a outro fato na oração principal.

Exs.: Duvidei que ele **terminasse** o trabalho.

Gostaria que você **trouxesse** as crianças.

Pode expressar também ideia de condição ou desejo.

Ex.: Se ele **viesse** ao clube participaria do campeonato.

c) Futuro

Indica uma ação eventual (que pode ocorrer ou não) em um momento futuro.

Ex.: Quando ele **vier** à loja, levará as encomendas.

8.11. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

Complete as frases com a forma verbal solicitada entre parênteses

1. Se _____ verdadeiro em tuas pinturas... (IR – futuro do subjuntivo)

2. Se _____ verdadeiro em vossas pinturas... (IR – futuro do subjuntivo)

3. Os pais não _____ onde deixar suas crianças. (TER – presente do indicativo)

4. Os pais só _____ as crianças quando se dispõem a brincar com elas. (ENTRETER – present do indicativo)

5. Os pais só _____ as crianças quando voltam para casa. (REVER – presente do indicativo)

6. Os pais _____ as crianças depois que se _____ a voltar para casa. (REAVER – pretérito perfeito do indicativo / DISPOR – pretérito perfeito do indicativo)

7. Os pais não se _____ a ficar com as crianças quando estas lhes _____. (DISPOR – pretérito imperfeito do indicativo / CONTRADIZER – pretérito imperfeito do indicativo)

8. Os pais _____ as crianças quando _____ em seus maus costumes. (DESDIZER – pretérito perfeito do indicativo / INTERVIR – pretérito perfeito do indicativo)

9. Talvez no elevador do prédio não _____ mais do que cinco pessoas. (CABER – presente do subjuntivo)

10. Se outra pessoa _____ o mesmo mar, fará outra descrição. (VER – futuro do subjuntivo)

11. O motor do elevador _____ de São Paulo. (PROVIR – pretérito perfeito do indicativo)

12. Os economistas já _____ ao Governo os mais diversos planos de ação. (PROPOR – pretérito perfeito do indicativo)

13. O gerente só deve procurar-nos quando _____ seus conceitos sobre o mercado. (REVER – futuro do subjuntivo)

14. Ele não trabalhava; apenas se _____ lendo o futuro nas mãos dos amigos. (ENTRETER – pretérito imperfeito do indicativo)

15. Se _____ uma outra crônica, argumente que não há espaço nesta edição. (PROPOR – futuro do subjuntivo.)

16. Com a cooperação de todos, o jornalista _____ que havia condição de escrever a reportagem. (CRER – pretérito perfeito do indicativo)

17. Os candidatos só poderão se inscrever no concurso de crônicas se o _____. (REQUERER – futuro do subjuntivo)

18. Os alunos da minha escola jamais _____ incentivo para redigir textos em crônicas. (OBTER – pretérito perfeito do indicativo)

19. Se o autor _____ na questão, não ocorrerão críticas. (INTERVIR – futuro do subjuntivo)

20. Os burgueses só deixarão o poder quando isto lhes _____. (CONVIR – futuro do subjuntivo)

21. Quem se _____ ao regime não sobreviverá. (CONTRAPOR – futuro do subjuntivo)

22. Se a burguesia não _____ seu modo de vida, acabará arruinada. (REVER – futuro do subjuntivo)

23. Todas trabalhavam para que os nobres se _____ no ócio. (ENTRETER – pretérito imperfeito do subjuntivo)

24. Seria bom que a Igreja _____ o poder que detinha. (REAVER – pretérito Imperfeito do subjuntivo)

25. Essa necessidade _____ da atual carência de recursos nessa área. (ADVIR – presente do indicativo)

26. Essas caixas _____ objetos quebráveis. (CONTER – presente do indicativo)

27. Elas _____ aqui sempre que podem. (VIR – presente do indicativo)

28. Eles se _____ como os donos da verdade. (VER – presente do indicativo)

29. Se o país _____ o clima cultural dos anos 60... (REAVER – futuro do subjuntivo)

30. Se lhe _____ reunir o grupo para discutir, ficaremos contentes. (APRAZER – futuro do subjuntivo)

31. Se os jovens se _____ de votar, perderemos uma chance de mudar o atual quadro. (ABSTER – futuro do subjuntivo)

Gabarito: 1. fores; 2. fordes; 3. têm; 4. entretêm; 5. reveem; 6. reouveram / dispuseram; 7. dispunham / contradiziam; 8. desdisseram / intervieram; 9. caibam; 10. vir; 11. proveio; 12. propuseram; 13. revir; 14. entretinha; 15. propuser; 16. creu; 17. requerer; 18. obtiveram; 19. intervier; 20. convier; 21. contrapuser; 22. revir; 23. entretivessem; 24. reouvesse; 25. advém; 26. contêm; 27. vêm; 28. veem; 29. reouver; 30. aprouver; 31. abstiverem.

8.12. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Vamos às questões de concursos que tratam desse tema? A seguir, uma sequência de questões de **semântica dos tempos e modos verbais** e seus respectivos comentários.

1. (NCE-UFRJ / Ministério Público) A imprensa brasileira vem noticiando uma proposta

milionária do Lazio da Itália, que pretende adquirir o passe do zagueiro Juan por 10 milhões de dólares. Este é o time cuja torcida já agrediu o jogador brasileiro Antonio Carlos, do Roma, e perdeu o mando de campo por incitamento racista em pleno estádio.

Considerando que a ação de agredir o jogador brasileiro Antonio Carlos ocorreu antes de o Lazio perder o mando de campo, ação também passada, o verbo agredir deveria estar no:

a) mais-que-perfeito do indicativo.

b) imperfeito do indicativo.

c) futuro do pretérito.

d) imperfeito do subjuntivo.

e) presente do subjuntivo.

Comentários:

Vale notar que se trata de duas ações no passado: a ação de a torcida *agredir* o jogador e a ação de o time *perder* o mando de campo. Considerando-se que a agressão ocorreu antes da perda do mando de campo, o verbo agredir deveria estar no pretérito mais-que-perfeito e não no pretérito perfeito, por indicar um passado anterior ao pretérito perfeito. Assim, a frase deveria ser:

"Este é o time cuja torcida já **agredira** o jogador brasileiro Antonio Carlos, do Roma, e **perdeu** o mando de campo por incitamento racista em pleno estádio".

Resposta: A.

2. (TRT / Técn. Judic.) No período "Em contrapartida, o corajoso que se aventure, hoje, a ler os tratados morais de Santo Agostinho cogitará que a única felicidade possível vem com o assentimento do homem a uma moral objetiva, a qual respeita a natureza de todas as coisas criadas – e que o mal é, sempre, parasitário de algum bem que o transcende...", a forma verbal flexionada para exprimir fato que deve ser entendido como uma conjectura é:

a) aventure

b) cogitará

c) vem

d) respeita

e) transcende

Comentários:

Nas letras B, C, D e E, as formas verbais indicam fatos, pois os verbos estão no modo indicativo Como a banca pedia uma forma verbal que indicasse conjectura, teríamos de achar uma que se apresentasse no modo subjuntivo, o que ocorreu com a forma *aventure.*

Resposta: A.

3. (TRF) A opção em que a explicação dada para o sentido da forma verbal grifada está incorreta é:

a) No século III a.C. chega o latim à Península Ibérica: presente histórico.

b) Furacão mata 20 adultos e 3 crianças na Califórnia (manchete de jornal); presente com valor de pretérito.

c) Eu aceitaria um cafezinho: futuro do pretérito indicando momento posterior a um tempo passado.

d) Eu aceitava um cafezinho: pretérito imperfeito para indicar polidez.

e) Eu aceito um cafezinho: presente simultâneo ao ato de fala.

Comentários:

Observe que a questão não trata de flexão verbal – aqui, não temos que julgar as formas verbais e verificar se vieram corretamente flexionadas. A questão espera que se julgue a **explicação** para o sentido da forma verbal grifada: trata-se de semântica dos tempos verbais.

Na letra A, temos o presente do indicativo utilizado no lugar do pretérito perfeito, para atualizar acontecimentos históricos: é o chamado presente histórico.

Na letra B, tem-se o presente do indicativo também substituindo o pretérito perfeito: é o presente no lugar do pretérito. Aqui, também estaria certo dizer "Furacão matou 20 adultos...".

Veja que interessante: é comum, principalmente na linguagem informal, usarmos um tempo em lugar de outro, o que não configura erro.

Nas letras C e D, vemos uma intenção de se fazer um pedido utilizando-se de tom polido, o que nos faz perceber que tanto o futuro do pretérito quanto o pretérito imperfeito podem indicar polidez. Só que a letra C apresentou uma **explicação** errada para o uso do futuro do pretérito.

A letra E apresenta o presente do indicativo indicando uma ação que ocorre no momento em que

se fala.

Resposta: C.

4. (TRF) Considerando as formas verbais grifadas nas cinco frases abaixo, assinale a afirmativa falsa:

(1) Saiu o doente de quem Vanessa **tomava** conta.

(2) Chegou o doente de quem Vanessa **tomou** conta.

(3) Estamos afirmando hoje que amanhã **viajaremos**.

(4) Afirmamos anteontem que ontem **viajaríamos**.

(5) Afirmamos ontem que anteontem **viajáramos**.

a) em 1, o verbo dá ideia de uma ação habitual de valor durativo.

b) em 2, o verbo refere-se a um fato que ocorreu uma vez no passado.

c) em 3, o verbo refere-se a um fato posterior ao presente.

d) em 4, o verbo refere-se a uma ação posterior a um fato passado.

e) em 5, o verbo refere-se a uma ação posterior a um momento passado.

Comentários:

Trata-se de uma questão de semântica dos tempos verbais. O que se busca é a explicação para cada forma verbal utilizada nas alternativas.

Na letra A, tem-se o pretérito imperfeito indicando uma ação de continuidade, de repetição no passado.

Na letra B, o verbo está no pretérito perfeito, indicando uma ação que começou e acabou no passado.

Na letra C, observa-se o futuro do presente, que é uma ação futura, posterior à afirmação feita no presente: <u>hoje</u> *afirmamos* que <u>amanhã</u> *viajaremos*.

Na letra D, tem-se o uso tradicional do futuro do pretérito: uma ação futura em relação ao pretérito perfeito – <u>anteontem</u> *afirmamos* que <u>ontem</u> *viajaríamos*.

A letra E traz o pretérito mais-que-perfeito que, como vimos na teoria da nossa aula, indica uma ação anterior e não posterior a outra no pretérito perfeito: a ação de *viajar* ocorreu antes da ação de *afirmar*, na linha do tempo.

Resposta: E.

5. (TRE / Anal. Judic.) Os tempos e os modos verbais apresentam-se adequadamente articulados na frase:

a) Fôssemos todos atores, o culto das aparências será a chave que nos libertasse do nosso destino.

b) Os atores sempre nos enganarão, a cada vez que encarnarem os personagens de que costumam se fantasiar.

c) Enquanto o culto das aparências for a chave do sucesso, estaríamos todos preocupados com o papel que desempenhemos.

d) Desde idos tempos os atores gozariam de uma admiração que só não será maior por conta da desconfiança que temos de todo fingimento.

e) O autor estaria convencido de que nosso vizinho seja capaz de fingir tão bem quanto um ator, quando tivesse desfilado com um carro que não é seu.

Comentários:

Letra A: o primeiro verbo traz ideia de pretérito (está no imperfeito do subjuntivo). Logo, o segundo deve traduzir o mesmo valor semântico, ficando no futuro do pretérito, e não futuro do presente. Logo, a frase, para estar correta, deve ficar *Fôssemos todos atores, o culto das aparência seria a chave que nos libertasse do destino*.

Letra B: o verbo *enganarão* está no futuro do presente. Logo, está mesmo correta a forma *encarnarem*, que é futuro do subjuntivo. Da mesma forma, está correta a construção *costumam se fantasiar*, cujo verbo auxiliar está no presente do indicativo, tempo correlato semanticamente ao futuro do *presente*.

Letra C: o primeiro verbo da frase está no futuro do subjuntivo (*for*). Logo, o outro verbo, que está a ele correlato, deveria vir futuro do presente, não no futuro do pretérito, que é um futuro para o passado. Observe que não há problema algum quanto ao último verbo da frase (*desempenhemos*), que está no presente do subjuntivo, mas traz ideia de hipótese no futuro. Assim, uma sugestão de reescritura para essa frase seria: *Enquanto o culto das aparências for a chave do sucesso, estaremos todos preocupados com o papel que desempenhemos*.

Letra D: nesse caso, o que temos de mudar mesmo é o tempo do primeiro verbo da frase... Não faz

sentido dizer *Desde idos tempos os atores gozariam...* O jeito é colocar o primeiro verbo no presente do indicativo *Desde idos tempos os atores gozam de uma admiração que só não é maior por conta da desconfiança que temos de todo fingimento.*

Letra E: mantendo o primeiro verbo no futuro do pretérito (*estaria*), uma boa sugestão seria modificar o segundo (*seja*), que está no presente do subjuntivo, mas deveria ficar no *imperfeito* do subjuntivo (*fosse*). Aí, não haveria problema em manter-se o terceiro verbo da forma como está. Entenda que o que oferecemos aqui é *uma opção* de reescritura para a frase, mas muitas vezes há outras formas de se corrigir a mesma informação.

Resposta: B.

6. (TRT / Anal. Judic.) Está inteiramente adequada a articulação entre os tempos e os modos verbais na frase:

a) Se a liberdade da imprensa fosse um direito apenas dos jornalistas, cada vez que se desrespeite a liberdade de imprensa a sociedade não terá como reclamar.

b) Enquanto os jornalistas pensarem apenas em seus próprios interesses, não haveria como resguardar o direito da sociedade à livre informação.

c) No caso de vir a ser desrespeitado o direito social à livre informação, jogar-se fora uma das principais características das democracias modernas.

d) Espera-se que dos três grandes debates promovidos pela RDLI resultem propostas práticas que venham a reforçar o direito à liberdade de imprensa.

e) Ainda que houvesse uma absoluta liberdade para a circulação de idéias e de informações, será necessário lutar para que nada a ameaçasse.

Comentários:

Letra A: observe o primeiro verbo (*fosse*). Ele está no pretérito imperfeito do subjuntivo, ou seja, começa-se um período com um verbo com valor semântico de passado. Daí o erro nas formas verbais que vêm logo depois: *desrespeite*, *terá*. O certo seria dizer *desrespeitasse* (pretérito imperfeito do subjuntivo) e *teria* (futuro do pretérito). Ora, se o objetivo é falar do passado, não faz sentido utilizar verbos no presente do subjuntivo (*desrespeite*) e futuro do presente (*terá*).

Letra B: o primeiro verbo está no futuro do subjuntivo (*pensarem*). Logo, não há sentido em se

manter o verbo seguinte (*haveria*) no futuro do *pretérito*, já que não está se falando do passado, e sim do futuro. Adequada seria a substituição de *haveria* por *haverá*.

Letra C: a locução verbal que inicia a frase (*vir a ser desrespeitado*) expressa valor semântico de futuro. Logo, correto seria dizer *jogar-se-á fora...,* e não o que se vê na frase.

Letra D: o primeiro verbo do período está no presente do indicativo (*Espera-se*). Assim, os verbos seguintes também vieram no presente, só que do subjuntivo, pois expressam valor semântico de hipótese (*resultem/venham*). Construção correta, semanticamente simétrica.

Letra E: *houvesse* é pretérito imperfeito do subjuntivo. Assim, o que se espera, na sequência, é futuro do pretérito (*seria*), e não futuro do presente (*será*). Falta, portanto, paralelismo semântico entre os tempos verbais.

Resposta: D.

7. (TRT/AL – Técn. Adm.) Considere o emprego das formas verbais nas frases **não produzem riqueza** e **que produzam riqueza**.

É correto afirmar:

a) Ambas as frases apresentam o mesmo sentido, já que se emprega o mesmo verbo, com flexão idêntica.

b) Na 2ª frase, o emprego da forma verbal indica uma possibilidade, enquanto na 1ª, o fato é real e concreto.

c) A mudança de flexão entre *produzem* e *produzam* deve-se ao fato de uma forma ser negativa e outra, positiva.

d) Houve equívoco na flexão do verbo, que admite apenas a forma *produzem*, registrada na 1ª frase.

e) Ambas as formas encontram-se na voz ativa e não aceitam ser transpostas para a voz passiva.

Comentários:

Em semântica dos *modos* verbais, vimos que o *modo Indicativo* exprime, em geral, um fato certo, real. O *Subjuntivo*, um fato possível, provável. E o *imperativo*, ordem, convite, pedido, súplica.

Em *produzem*, temos a forma do Indicativo e em *produzam*, Subjuntivo, o que faz que o sentido não seja o mesmo pela teoria exposta sobre a semântica dos modos verbais.

Com isso, eliminamos as opções A, C e D.

Na opção E, é incorreta a afirmação, pois os verbos que *não* admitem transposição de voz ativa para passiva seriam os *intransitivos*, *transitivo indireto* e de *ligação*. Como o verbo *produzir*, nas frases em que aparece, é transitivo direto, aceita voz passiva.

Resposta: B.

8. *Não* há a devida correlação temporal das formas verbais em:

a) Seria conveniente que o time ficasse sem saber quem era o adversário.

b) É conveniente que o time ficaria sem saber quem é o adversário.

c) Era conveniente que o time ficasse sem saber quem foi o adversário.

d) Será conveniente que o time fique sem saber quem é o adversário.

e) Foi conveniente que o time ficasse sem saber quem era o adversário.

Comentários:

Letra A: *Seria* é verbo *ser* no futuro do pretérito. Logo, faz todo sentido que o verbo correlato a esse esteja no pretérito imperfeito do subjuntivo (*ficasse*). Está adequada a correlação semântica entre os tempos verbais. Além disso, observe o verbo *ser* no final do período (*era*), que também tem valor semântico de *passado* (pretérito imperfeito do indicativo).

Letra B: o primeiro verbo (é) está no presente do indicativo. Logo, não é coerente utilizar-se um verbo no futuro do *pretérito* na sequência do período (*ficaria*). Melhor teria sido dizer: É conveniente que o time fique sem saber quem é o adversário.

Letra C: *Era* é pretérito imperfeito do indicativo. Assim, é semanticamente adequado utilizar-se o imperfeito do subjuntivo (*ficasse*) e o pretérito perfeito do indicativo (*foi*) na continuidade da frase.

Letra D: o primeiro verbo do período está no futuro do presente (*Será*). Logo, é coerente utilizar-se o *presente* do subjuntivo (*fique*) logo depois. Afinal, o presente do subjuntivo, nessa frase, também apresenta valor semântico de futuro.

Letra E: *Foi* é pretérito perfeito do indicativo. Assim, está correta a forma *ficasse* (imperfeito do subjuntivo), bem como a construção *era* (imperfeito do indicativo). Perceba que todas giram em torno do passado.

Resposta: B.

9. (TRF da 5ª Região) Não _____ nos surpreender se a minoria econômica dominante _____ de prestar contas a quem mais _____

Preenche corretamente as lacunas da frase acima a seguinte sequência de formas verbais:

a) deveremos – deixou – venha a prejudicar

b) devemos – deixa – esteja prejudicando

c) deveríamos – deixou – prejudicaria

d) deveríamos – deixe – prejudicaria

e) devamos – deixasse – prejudicaria

Comentários:

Na letra A, para manter a ideia de futuro iniciada por *deveremos*, seria *deixar* e *vier*.

Na B, repare que todas as formas estão no tempo presente (*devemos*, *deixa* e *esteja*), mantendo correlação entre os tempos verbais.

Nas letras C e D, o futuro do pretérito (*deveríamos*) levaria os verbos, na sequência, ao imperfeito do subjetivo (*deixasse, prejudicasse*).

Na letra E, seguindo a forma *devamos* (presente do subjuntivo), teríamos *deixa, prejudique*.

Resposta: B.

8.13. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (FCC) Assinale a alternativa em que a flexão verbal está correta.

a) Ontem me entreti muito no circo.
b) Aliás, o circo sempre entreteu todo mundo.
c) O domador interviu numa briga entre leões.
d) Se vocês virem que o circo é bom, vão logo lá.
e) O palhaço entretia a criançada com alegria.

2. (FCC) Mesmo com prejuízo, o gerente ... a palavra e ... as condições do contrato, para que o cliente não se ... com ele.

a) manteu – reviu – desavisse
b) manteu – reveu – desaviesse
c) manteve – reviu – desaviesse
d) manteve – reviu – desavisse
e) manteu – reveu – desavisse

3. (FCC) Como a alta ... de especulação, as autoridades monetárias não se ... a um papel apenas

regulamentador e ... diretamente no mercado.

a) proviu – ateram – interviram
b) proveio – ativeram – interveram
c) proveio – ateram – intervieram
d) proviu – ativeram – intervieram
e) proveio – ativeram – intervieram

4. (FCC) Sem que ninguém tivesse ___ o próprio menino ___ -se contra os falsos amigos.

a) intervindo – precaviu
b) intervindo – precaveio
c) intervido – precaveu
d) intervido – precaveio
e) intervindo – precaveu

5. (FCC) A expressão verbal não está de acordo com as normas gramaticais.

a) Os dois amigos desavieram-se por uma bagatela.
b) A natureza proveu os animais por meios de defesa.
c) Ela sempre creu nas minhas palavras.
d) A polícia interviu naquela algazarra.
e) Precavemo-nos contra as intempéries.

6. (FGV / Pol. Civil) Assinale o exemplo em que há erro na conjugação da forma verbal.

a) O regulamento dizia: nunca odeies teus inimigos mortais!
b) Hoje remedeio o que ontem não pude remediar.
c) Ela sempre arria o jogo antes de o parceiro arriar o dele.
d) Ocorreu o choque dos trens porque não freiaram a tempo.
e) Passeastes com vossos primos pela praia?

7. (BNDES / Cesgranrio)A flexão do verbo **macaquear** está em desacordo com a norma culta na opção:

a) Nós macaqueiamos a visão do português.
b) O brasileiro macaqueia a visão do português.
c) Talvez macaqueemos a visão do português.
d) É possível que os brasileiros macaqueiem a visão do português.
e) Os brasileiros macaqueiam a visão do português.

8. (TRT / Técn. Judic.) Reescrevendo o período "*Vem até aqui, saúda teus pais; depois vai ao encontro de teus amigos*", na segunda pessoa do plural, tem-se:

a) Venhai até aqui, saudai vossos pais; depois ide ao encontro de vossos amigos.
b) Vinde até aqui, saudai vossos pais; depois vade ao encontro de vossos amigos.
c) Vinde até aqui, saudai vossos pais; depois ide ao encontro de vossos amigos.
d) Vem até aqui, saudais vossos pais; depois ide ao encontro de vossos amigos.

9. (Cesgranrio) No período "Fecha os olhos e esquece", os verbos estão na segunda pessoa do singular do imperativo afirmativo. Damos a seguir algumas variações desse mesmo período,

mudando ora o tratamento, ora a forma do imperativo; uma delas é incorreta. Assinale-a:

a) Não feches os olhos, nem esqueças.
b) Fechai os olhos e esquecei.
c) Feche V.Exª. os olhos e esqueça.
d) Não fecheis os olhos, nem esqueçais.
e) Não fechai os olhos, nem esquecei.

Texto

A imprensa brasileira vem noticiando uma proposta milionária do Lazio da Itália, que pretende adquirir o passe do zagueiro Juan por 10 milhões de dólares. Este é o time cuja torcida já agrediu o jogador brasileiro Antonio Carlos, do Roma, e perdeu o mando de campo por incitamento racista em pleno estádio.

10. (Minist. Públ. / NCE-UFRJ) Considerando que a ação de agredir o jogador brasileiro Antonio Carlos ocorreu antes de o Lazio perder o mando de campo, ação também passada, o verbo agredir deveria estar no:

a) mais-que-perfeito do indicativo.
b) imperfeito do indicativo.
c) futuro do pretérito.
d) imperfeito do subjuntivo.
e) presente do subjuntivo.

11. (TRT / Anal. Judic.) "... que realmente **havia levado** a máquina para casa..."; a forma verbal sublinhada equivale a:

a) levava
b) levou
c) leva
d) levara
e) levasse

12. (TJ / Of. Just.) Atentando-se para a adequada articulação entre os tempos e os modos verbais, completa-se a frase *Caso não fossem necessárias as instituições* com o seguinte segmento:

a) haverão os homens de tê-las criado?
b) por que os homens as haverão de criar?
c) tê-las-íamos criado?
d) ainda assim as teremos criado?
e) tê-las-emos criado?

13. (TRE / Anal. Judic.) Está inteiramente adequada a articulação entre os tempos e os modos verbais na frase:

a) Se a liberdade da imprensa fosse um direito apenas dos jornalistas, cada vez que se desrespeite a liberdade de imprensa a sociedade não terá como reclamar.
b) Enquanto os jornalistas pensarem apenas em seus próprios interesses, não haveria como resguardar o direito da sociedade à livre informação.
c) No caso de vir a ser desrespeitado o direito social à livre informação, jogar-se fora uma das

principais características das democracias modernas.

d) Espera-se que dos três grandes debates promovidos pela RDLI resultem propostas práticas, que venham a reforçar o direito à liberdade de imprensa.

e) Ainda que houvesse uma absoluta liberdade para a circulação de ideias e de informações, será necessário lutar para que nada a ameaçasse.

14. (Vunesp – Assistente Social) Assinale a alternativa em que todos os verbos estão conjugados segundo a norma-padrão.

a) Absteu-se do álcool durante anos; agora, voltou ao vício.

b) Perderam seus documentos durante a viagem, mas já os reaveram.

c) Avisem-me, se vocês verem que estão ocorrendo conflitos.

d) Só haverá acordo se nós propormos uma boa indenização.

e) Antes do jantar, a criançada se entretinha com jogos eletrônicos.

15. (Vunesp TJ-MT – Técnico Judiciário) Indique a alternativa que preenche, correta e respectivamente, as lacunas do trecho.

Enquanto algumas pessoas _____ que o BlackBerry possibilitou que_____do escritório e passassem mais tempo com os amigos e a família, outras o acusaram de permitir que o trabalho se _____ em momentos de seu tempo livre.

a) disseram, saíssem, infiltrasse

b) diziam, saírem, infiltrar

c) dizem, sairiam, infiltrasse

d) dissessem, sairiam, infiltre

e) diriam, saíssem, infiltraria

16. (Vunesp – TJ-SP – Analista de Sistemas) Considere o texto a seguir para responder à questão:

Justiça absolve frentista acusado de participação em furto

O juiz Luiz Fernando Migliori Prestes, da 22ª Vara Criminal Central da Capital, julgou improcedente ação penal proposta contra frentista acusado de furto em seu local de trabalho.

Segundo consta da denúncia, A. L. A. R. teria permitido que W. F. O., cliente do posto de gasolina, usasse a máquina de cartões de crédito do local para fazer saques, mesmo sabendo que o cartão era roubado. Ele afirmou que desconhecia a origem ilícita do cartão.

Ao ser interrogado, W. F. O. **caiu em contradição** quando perguntado sobre a quantia paga ao funcionário para permitir as operações, fato que, no entendimento do magistrado, tornou o conjunto probatório frágil para embasar uma condenação. "Daí, insuficientes as provas produzidas para um decreto condenatório ante a falta de demonstração suficiente de que A. L. A. R. agiu com dolo, no que a improcedência da ação penal se impõe."

Com base nessa fundamentação, absolveu o frentista da acusação de furto qualificado.

Considerado o contexto, assinale a alternativa em que a expressão destacada no 3º parágrafo é substituída, sem alteração do tempo verbal, por correta forma verbal e adequada colocação pronominal.

a) contradiz-se

b) contraditou-se

c) se contradizeu

d) se contraditou
e) se contradisse

17. (Vunesp – 2013 – TJ-SP – Escrevente Técnico Judiciário) Assinale a alternativa em que todos os verbos estão empregados de acordo com a norma-padrão.

a) Enviaram o texto, para que o revíssemos antes da impressão definitiva.
b) Não haverá prova do crime se o réu se manter em silêncio.
c) Vão pagar horas-extras aos que se disporem a trabalhar no feriado.
d) Ficarão surpresos quando o verem com a toga...
e) Se você quer a promoção, é necessário que a requera a seu superior.

18. (Vunesp – TJ-SP – Escrevente Técnico Judiciário) Na frase – … os níveis de pessoas sem emprego **estão apresentando** quedas sucessivas de 2005 para cá. –, a locução verbal em destaque expressa ação

a) concluída.
b) hipotética.
c) futura.
d) atemporal.
e) contínua.

19. (Vunesp – Policia Civil – Aux. Necropsia)

À televisão

Teu boletim meteorológico
me diz aqui e agora
se chove ou se faz sol.
Para que ir lá fora?
A comida suculenta
que pões à minha frente
como-a toda com os olhos.
Aposentei os dentes.
Nos dramalhões que encenas
há tamanho poder
de vida que eu próprio
Nem me canso em viver.
Guerra, sexo, esporte
– me dás tudo, tudo.
Vou pregar minha porta:
já não preciso do mundo.

(José Paulo Paes, Prosas seguidas de Odes mínimas. Companhia das Letras, 1992)

Assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, as lacunas de trecho adaptado da segunda estrofe, de tal forma que seja expressa a ideia de possibilidade, hipótese.

A comida suculenta
que eles _____ à nossa frente
nós a _____ toda com os olhos.

a) puseram / comemos
b) põem / comíamos
c) punham / comêramos
d) punham / comíamos
e) pusessem / comeríamos

20. (Vunesp – TJ-SP - Técnico em Informática) Assinale a alternativa em que a forma verbal destacada está no modo imperativo, assim como em: Sorria!.
a) ... passeie pelo Facebook... (primeiro parágrafo)
b) ... os retratos pintados pediam poses longas... (segundo parágrafo)
c) Mas resta que nossos antepassados recentes... (terceiro parágrafo)
d) Em tese, a valorização ajuda a alcançar o que é valorizado... (penúltimo parágrafo)
e) De que se trata? (último parágrafo)

21. (Vunesp – TJ-SP – Advogado) Como executivo de um fundo de hedge, ele havia apostado contra as ações da Berkshire.
No contexto em que está empregada, a oração – … ele havia apostado contra as ações da Berkshire. – pode ser correta- mente substituída por:
a) … ele apostara contra as ações da Berkshire.
b) … contra as ações da Berkshire foi apostado por ele.
c) … as ações da Berkshire tinham sido apostadas por ele.
d) … ele apostaria contra as ações da Berkshire.
e) … ele teria apostado contra as ações da Berkshire.

22. (Técn. Judic. / PA) Caso a professora tratasse o aluno por *tu*, sua fala seria, corretamente:
a) Escrevas na lousa a palavra Ética!
b) Escrevei na lousa a palavra Ética!
c) Escreveis na lousa a palavra Ética!
d) Escrevais na lousa a palavra Ética!
e) Escreve na lousa a palavra Ética!

23. (Fiscal / ICMS) Na frase do texto "A liberdade supõe a operação sobre alternativas", o verbo irregular foi flexionado corretamente.
Assinale a alternativa em que se apresenta flexão **incorreta** da forma verbal.
a) Eles impunham condições para que o acordo fosse assinado.
b) O julgador interveio na polêmica sobre os critérios de seleção.
c) Não foi confirmado se a banca quereria dar à redação caráter eliminatório.
d) Se os autores se disporem a ratear o valor, a publicação da revista será certa.
e) É necessário que atentemos para a questão da mudança de paradigma científico.

24. (Aux. Oper. / Docas-SP)
Oh! Santos
És linda demais!
Caso o tratamento dado à cidade de Santos fosse vós, o verso seria:
a) És lindas demais!

b) Sois lindas demais!
c) Sois linda demais!
d) Eres linda demais!
e) Eres lindas demais!

25. (Guarda Port. / Docas-BA)
Assinale a alternativa em que o tratamento *tu* tenha se construído em concordância com a norma culta.
a) Querido, venhas ver a novela.
b) Querido, vem ver a novela.
c) Querido, vens ver a novela.
d) Querido, vinde ver a novela.
e) Querido, vindes ver a novela.

26. (Economista / Docas) Assinale a alternativa em que, **não** se manteve adequação à norma culta.
a) Vós não conseguis fazer nada como vos solicito?!
b) Tu não consegues fazer nada como te oriento?!
c) Você não consegue fazer nada como lhe solicito?!
d) Você não consegue fazer nada como o oriento?!
e) Você não consegue fazer nada como o peço?!

27. (Economista / Docas) *Dai-nos a Graça Divina.*
Assinale a alternativa em que se fez corretamente a passagem do verso acima para a forma negativa.
a) Não nos deis a Graça Divina.
b) Não nos dês a Graça Divina.
c) Não nos dai a Graça Divina.
d) Não nos dê a Graça Divina.
e) Não nos dais a Graça Divina.

28. (Fiscal / ICMS)"Tá bom, então quando você voltar, traga um copo de água bem gelada para mim." Assinale a alternativa em que a alteração da fala do homem **NÃO** tenha sido feita com adequação à norma culta. Não leve em conta possível alteração de sentido.
a) Quando tu voltares, traz um copo de água bem gelada para mim!
b) Quando vós voltardes, trazei um copo de água bem gelada para mim!
c) Quando tu voltares, não tragas um copo de água bem gelada para mim!
d) Quando vós voltardes, não tragais um copo de água bem gelada para mim!
e) Quando vós voltardes, não trazeis um copo de água bem gelada para mim!

29. (Cepel / NCE) Sabemos que verbos são uma classe de palavras que apresenta variações em pessoa, número, tempo e modo; as formas verbais "elaborou" e "está distribuindo" são semelhantes somente em:
a) pessoa, número, tempo e modo.
b) pessoa, número e tempo.
c) pessoa, número e modo.

d) número, tempo e modo.
e) pessoa e número.

30. (Minc / NCE) "...e de impedir que se consume o desastre..."; a forma verbal *consume* é cognata de:
a) consumismo
b) consumidor
c) consumação
d) consumo
e) consumista

31. (Eletrobrás / NCE) "E tantas vezes vim aqui..."; a frase abaixo que apresenta uma forma INADEQUADA do verbo VIR é:
a) Hoje vimos aqui para visitar a velha casa.
b) Amanhã virão outros a visitar a mesma casa antiga.
c) Quando virem outros, a casa não será a mesma.
d) Antigamente vinha muito a esta casa.
e) Eles não têm vindo a esta casa.

32. (CVM) "Se ele lesse, eu também leria"; a alternativa que apresenta uma frase com essa mesma estrutura, mas com forma verbal EQUIVOCADA é:
a) Se ele trouxesse, eu também traria.
b) Se ele aprovasse, eu também aprovaria.
c) Se ele pusesse, eu também poria.
d) Se ele viesse, eu também viria.
e) Se ele mantesse, eu também manteria.

33. (CVM) A alternativa que completa corretamente as lacunas da seguinte frase é:
"Quando _____ mais barato, o carro _____ um bem muito mais popular."
a) estivesse – era
b) estiver – será
c) esteja – era
d) estivesse – será
e) estiver – seria

34. (Docas Sant.) "...com o que sobrevém."; a alternativa em que se encontra uma forma ERRADA do verbo *vir* ou de um de seus compostos é:
a) Essas imagens não convêm à nossa campanha.
b) Os filósofos intervieram na ideia de futuro paradisíaco.
c) Essa concepção de futuro adveio da filosofia clássica.
d) Todos esses dados proviram de uma pesquisa governamental.
e) Vimos todos os dias a essas reuniões.

35. (Eletrobrás) "Medo de que a máquina nos telefone de volta e nos xingue..."; a forma verbal abaixo que, por não apresentar uma forma correta de presente de subjuntivo, NÃO poderia

substituir as formas *telefone* ou *xingue é*:

a) requeira – requerer
b) provenha – provir
c) proveja – prover
d) intervinha – intervir
e) refaça – refazer

36. (AGU) Em "não **desmereçam** valores sociais ou **provoquem** discriminação", as formas verbais destacadas estão no presente do subjuntivo. O item em que há um erro na forma de presente do subjuntivo do verbo indicado é:

a) averigue (averiguar) – traga (trazer)
b) provenha (provir) – mantenha (manter)
c) requeira (requerer) – intervenha (intervir)
d) reaveja (reaver) – atue (atuar)
e) detenha (deter) – caiba (caber)

37. (Comiss. Inf. Juv. / NCE)"Até lá, que o menos abandonado não chateie..."; se colocarmos o verbo sublinhado na primeira pessoa do plural, do mesmo tempo verbal, a forma correta é:

a) chateiemos
b) chatiemos
c) chateemos
d) chatiamos
e) chateiamos

38. (CEPL / NCE) Extinto é uma das formas de particípio do verbo extinguir; o verbo abaixo que NÃO possui duas formas possíveis de particípio é:

a) escrever
b) matar
c) morrer
d) gastar
e) pegar

39. (Finep / NCE) Na frase "O autor do texto pensa que a Terra se tornará inviável", criada a partir do tema do texto, a correspondência de tempos verbais INADEQUADA correspondente respectivamente, a *pensa* e *se tornará* é:

a) pensou / se tornaria
b) tinha pensado / se tornaria
c) pensava / tornará
d) pensará / se tornará
e) teria pensado / se tornaria

40. (Antt / NCE) "Onde havia estado anteriormente e morara algum tempo"; se quiséssemos substituir a primeira forma verbal sublinhada a fim de que tivesse a mesma forma simples da segunda, deveríamos escrever:

a) estava

b) estaria
c) esteve
d) estivera
e) tinha estado

41. (CVM) Entre as mensagens abaixo, a única que está de acordo com a norma escrita culta é:
a) Veja os celulares fantásticos reservados para você. Telefona já!
b) Mostra que você trabalha com a cabeça. Invista em ações!
c) Pensa primeiro em ti mesmo e seja feliz!
d) Não desconsidere o inimigo. Trate sempre de sua proteção.
e) Em caso de dirigir, não beba. Fala com um amigo para te levar em casa.

42. (Eletronorte / NCE) A oração abaixo em que a forma sublinhada **NÃO** corresponde ao gerúndio é:
a) A hipocrisia vem crescendo no seio das elites.
b) Falando sobre qualquer coisa, os homens querem parecer mais do que são.
c) Nem todos os exemplos de hipocrisia têm vindo das elites.
d) Partindo dos argumentos apresentados, o autor se posiciona contra a hipocrisia.
e) Nem todos os artigos deste livro estão tratando de problemas sociais.

43. (Técn. Judic.) "...não se sabendo onde acaba a administração pública e começa a sociedade."; o verbo *saber* é verbo irregular, com alterações no radical e nas desinências, em comparação com os parâmetros de sua conjunção. O item cuja forma é de formação regular é:
a) soubermos.
b) sabido.
c) saiba.
d) soubesse.
e) sei.

44. (Cetro / Prefeitura de Campinas - Administrador) Leia as orações abaixo e, em seguida, assinale a alternativa que preenche correta e respectivamente as lacunas.
I. Não se _____ e contou a surpresa para o aniversariante.
II. O chefe _____ na discussão dos colegas de departamento.
III. Se eu quisesse desta forma, eu mesma _____ feito.
IV. Depois de muita balburdia, a mulher _____ seus pertences.
a) conteu / interviu / tinha / reaveu.
b) conteve / interviu / tinha / reaviu.
c) conteve / interveio / teria / reouve.
d) conteve / interveio / teria / reaveu.

45. (MPE / Técn. Sup.) Os verbos da frase "Se eles se casarem e vierem para cá com os filhos, serão bem-vindos", estão no futuro simples. Uma das opções abaixo transpõe corretamente os três verbos para suas formas compostas equivalentes. Assinale-a:
a) tiverem casado – houverem vindo – terão sido
b) tivessem casado – houvessem vindo – hão sido

c) houverem casado – tiverem vindo – serão tidos
d) estiverem casados – forem vindos – ficarão sendo
e) houvessem casado – tivessem vindo – teriam sido

46. (MPE) Uma das regras do emprego do gerúndio recomenda que ele seja empregado quando indicar "contemporaneidade entre a ação expressa pelo verbo principal e o gerúndio"; observe as seguintes frases:

I. "Quero registrar a triste situação por que passam milhões de crianças brasileiras, em sua maioria desassistidas, desnutridas, sem educação básica, CAMINHANDO rumo a um futuro incerto infeliz."

II. "Os menores do Brasil, desassistidos em seus lares, ganham as ruas em busca de uma forma de vida, CAINDO nas malhas da prostituição..."

III. "Mesmo assim, tal atividade deve ser reconhecidamente leve, EXCLUINDO-se, por exemplo, trabalho exercido nas indústrias, nas oficinas e na agricultura."

A(s) frase(s) em que essa norma foi desrespeitada é (são):

a) I – III
b) I – II
c) II – III
d) I
e) II

(Cespe-UnB) Julgue as alternativas a seguir, com C (certo) ou E (errado).

Acredita-se, também, que exista somente uma língua de sinais no mundo, mas há várias. Brasil e Portugal, por exemplo, possuem línguas de sinais diferentes.

47. Em "Acredita-se, também, que exista somente uma língua de sinais no mundo, mas há várias" a substituição da forma verbal "exista", no presente do subjuntivo, pela forma verbal "existe", no presente do indicativo, manteria a correção gramatical do período.

O mundo do trabalho tem mudado numa velocidade vertiginosa e, se os empregos diminuem, isso não quer dizer que o trabalho também.
Só que ele está mudando de cara. Como também está mudando o perfil de quem acaba de sair da universidade, da mesma forma que as exigências da sociedade e – por que não? – do mercado, cada vez mais globalizado e competitivo.

48. A opção pelo emprego das formas verbais "tem mudado" e "está mudando" indica que a argumentação do texto mostra as mudanças do "trabalho" como durativas, estendidas no tempo.

O crescimento mundial da consciência ambiental está aumentando na sociedade o desejo de consumir produtos ambientalmente saudáveis.

49. Na linha 2, a forma verbal "consumir" poderia estar flexionada no plural – consumirem –, sem prejuízo para a correção gramatical do texto.

Do ponto de vista do "pai de família pobre" da década de 1920 ou 1930, o Estado aparece como aquele que deve prover os cidadãos do conforto material mínimo à sobrevivência, na forma de emprego ou de outras condições mais diretas, como moradia, saúde ou educação. Não se trata de <u>emitir</u> *um juízo de valor sobre esta concepção, mas de constatar sua existência.*

50. O infinitivo verbal “emitir” não admite emprego na flexão plural por concordar com “um juízo”.

Gabarito: 1. d; 2. c; 3. e; 4. e; 5. d; 6. d; 7. a; 8. c; 9. e; 10. a; 11. d; 12. c; 13. d; 14. e; 15. e; 16. e; 17. a; 18. e; 19. d; 20. a; 21. a; 22. e; 23. d; 24. c; 25. b; 26. e; 27. a; 28. e; 29. c; 30. c; 31. c; 32. e; 33. b; 34. d; 35. d; 36. d; 37. c; 38. a; 39. c; 40. d; 41. d; 42. c; 43. b; 44. c; 45. a; 46. e; 47. errado; 48. certo; 49. errado; 50. errado.

9 PRONOMES

O primeiro conceito importante que se deve saber sobre pronomes é que eles podem desempenhar funções adjetivas, quando se referirem a substantivos (pronomes adjetivos), ou funções substantivas, quando ocuparem o lugar do substantivo (pronomes substantivos). É exatamente assim: um pronome, além de ser classificado como relativo, demonstrativo, possessivo etc., pode ser substantivo ou adjetivo.

Exemplo:

Este produto é importado_____**Isto** é importado

pronome adjetivo_____pronome substantivo

Observe uma questão de concurso que trabalhou essa nomenclatura.

1. (TRT/RJ) A alternativa em que o pronome indefinido exerce função substantiva é:

a) de uma etnia e de uma cultura.

b) que exterminassem as demais.

c) depois de vários séculos.

d) marcada muitas vezes.

e) nenhum grupo pode.

Comentários:

Na letra A, **uma** refere-se a **etnia** e **cultura, sendo artigo indefinido;** na letra C, **vários** acompanha o substantivo **séculos, classificando-se como pronome indefinido em função adjetiva;** na letra D, **muitas** se refere a **vezes, é pronome indefinido adjetivo também**; na letra E, o pronome indefinido **nenhum** se refere ao substantivo **grupo, e exerce, portanto, função adjetiva.** Apenas na letra B, o pronome indefinido **demais** não acompanha substantivo: aparece no lugar dele, antecedido pelo artigo **as.** Daí exerce uma função substantiva.

Resposta: B.

Os pronomes podem ser: pessoais, possessivos, demonstrativos, indefinidos, interrogativos e relativos.

9.1. PRONOMES PESSOAIS

Designam as três pessoas do discurso. Classificam-se em **retos** e **oblíquos.**

Pessoa	Caso reto	Caso oblíquo	
		Átono	**Tônico**
1ª	eu	me	mim, comigo
2ª	tu	te	ti, contigo
3ª	ele	se, o, a, lhe	si, consigo, ele, ela*
1ª	nós	nos	* nós, conosco
2ª	vós	vos	* vós, convosco
3ª	eles	se,os, as, lhes	si, eles, elas*

***Ele, nós, vós, eles:** quando oblíquos sempre preposicionados.

Ex.: Ora se dirigia a nós, ora a eles.

Observação: Quando os verbos terminam em **r, s, z** e os pronomes pedidos são **o(s), a(s),** ocorre a queda daquelas terminações, acrescentando-se o **l (lo(s), la(s));** quando os verbos terminarem em som nasal (**m** ou **til**), acrescenta-se o **n** (no(s), na(s)).

Ex.: Quero comprá-**las.** (= comprar + as) / Expusemo-**la**. (Expusemos + a) / Fê-**los** com rapidez. (Fez + os) / Trouxeram-**no** (Trouxeram + o)**.**

9.1.1. Retos

Funcionam, na maior parte dos casos, como sujeito ou predicativo.

Ex.: **Tu** não és **eu**. / O fato de **ele** reconhecer o erro...

suj. p.s. suj.

9.1.2. Oblíquos

Funcionam, geralmente, como complemento (objeto direto, objeto indireto, complemento nominal).

Ex.: Vi – **o** na rua. / Obedeci-**lhe**. / A decisão **lhe** foi favorável.

o.d. o.i. c.n

Agora vamos a alguns exercícios de fixação para apreender a teoria exposta sobre os pronomes pessoais retos e oblíquos. Nas questões de prova, observamos que esse assunto aparece por meio

de reescritura, daí a importância de se associar a classe à função que ela desempenha na frase.

Lembre-se: os pronomes pessoais retos funcionam, em geral, como sujeito, e os oblíquos como complementos de verbo ou de nome.

I. Use eu/tu, mim/ti.

1. Você só sairá se _____ permitir.

Comentários: aqui aparecem dois verbos. Para todo verbo, temos de achar um sujeito. O sujeito de *sairá* é *Você*. Fica faltando o sujeito para o verbo *permitir*, daí o uso do pronome pessoal reto *eu*.

Resposta: eu.

2. Nenhum problema surgiu entre _____ e o teu chefe.

Comentários: nesta frase observamos que aparece apenas um verbo – *surgiu* – com seu respectivo sujeito *Nenhum problema*. Logo, teremos de usar o complemento *mim*.

Resposta: mim.

3. Entre _____ pedir e você atender...

Comentários: neste período aparecem dois verbos: *pedir* e *atender*. O sujeito de *atender* é *você*. Ficaria faltando o sujeito do verbo *pedir*, por isso, teremos de completar a lacuna com o pronome pessoal reto *eu*.

Resposta: eu.

4. Houve muitos desentendimentos entre _____ e _____.

Comentários: aqui aparece apenas o verbo *Houve*, com o sentido de *existir*. Quando o verbo *haver* aparece com esse sentido, temos um caso de **oração sem sujeito**, logo não poderemos completar as lacunas com sujeito, e sim com complementos *mim* e *ti*.

Respostas: mim e ti.

II. Substitua o termo em destaque pelo pronome correspondente.

1. O movimento visa encontrar **soluções**.

Comentários: o termo destacado exerce a função de objeto direto de *encontrar*. Ao se reescrever

a frase, o objeto, que é um complemento de verbo, será substituído por um pronome oblíquo correspondente – *las*. Lembre-se de que quando o verbo termina em *r*, *s* ou *z* e os pronomes pedidos são *o(s), a(s)*, cortam-se aquelas terminações e acrescenta-se o *l*.

Resposta: encontrá-las.

2. Deixaram **as chaves** no carro.

Comentários: outra vez o termo destacado funciona como **complemento** de verbo, portanto, usaremos o pronome oblíquo átono correspondente. Como a terminação é em som nasal, acrescenta-se o *n*.

Resposta: Deixaram-nas.

3. Faltaram **os aplausos** no fim do espetáculo.

Comentários: repare que nesta frase a expressão destacada funciona como sujeito do verbo *faltar*. Por isso, o uso do pronome reto correspondente – *eles* – na função de sujeito.

Resposta: Faltaram eles ou, na ordem direta, Eles faltaram.

4. **A violência** começa a gerar **expectativas**.

Comentários: nesta frase as expressões destacadas funcionam, respectivamente, como *sujeito* e *objeto direto*. Reescrevendo o sujeito *A violência*, temos o pronome reto *ela*; reescrevendo o objeto direto *expectativas*, o pronome oblíquo correspondente -*las*.

Respostas: Ela e gerá-las.

9.1.2.1. Colocação dos pronomes oblíquos átonos

me – te – se – o(s) – a(s) – lhe(s) – nos – vos

Próclise: quando o pronome átono aparece **antes** do verbo.

Ex.: Eu **o** ajudei naquela difícil tarefa.

Mesóclise: quando o pronome átono aparece no **meio** do verbo.

Ex.: Ajudá-**lo**-ei naquela difícil tarefa.

Ênclise: quando o pronome átono aparece **após** o verbo.

Ex.: Ajudei-**o** naquela difícil tarefa.

Observamos que a possibilidade de se usar o oblíquo átono é muito maior do que a proibição. Portanto, estudaremos aqui os casos em que o uso do pronome átono é proibido.

É proibido:

a) iniciar **oração** com oblíquo átono;

Exs.: **Me** espere hoje às seis horas. (errado)

Espere-**me** hoje às seis horas. (certo)

b) colocá-los **após** futuros e particípio.

Exs.: Direi-**te** a verdade. (errado)

Havia falado-**me** a verdade. (errado)

Dir-**te**-ei a verdade. (certo)

Havia-**me** falado a verdade. (certo)

Observações:

1. Havendo palavra **invariável** (palavra que não tem feminino nem plural – que, quem, caso, se, em, ninguém, alguém, tudo...) antes do verbo, próclise.

   Ex.: **Para** me responder... / **Não** te ouvi.

   Na locução verbal, se aparecer palavra **invariável** e o pronome vier preso ao auxiliar por hífen, estará **errada** a construção.

   Ex.: **Ninguém** queria-**me** ouvir. (errado)

   Ninguém me queria ouvir. (certo)

   Ninguém queria me ouvir. (certo: mesmo havendo palavra indefinida, o pronome pode ficar proclítico ao verbo principal)

2. Após infinitivo, sempre certo o uso do pronome átono.

   Ex.: Para responder-me...

   Ninguém queria ouvir-me.

3. Com conjunção coordenativa (*e, ou, mas, ...*): próclise ou ênclise.

   Ex.: Chegou e se deitou ou Chegou e deitou-se.

   Antes das questões de concursos, vamos fixar as regras de colocação pronominal.

Use o pronome oblíquo átono entre parênteses em todas as posições possíveis. Quando houver caso de mesóclise, escreva ao lado a forma correta.

1. _____ dize _____ com quem andas, _____ direi _____ quem és. (me/te)

Comentários: observe que nas duas passagens os verbos dão início às orações. Como não podemos iniciar oração com pronome oblíquo átono, usaremos a ênclise no primeiro caso e a mesóclise no segundo.

Resposta: Dize-me e dir-te-ei.

2. _____ caberia _____ mostrar patriotismo (lhe).

Comentários: neste caso, não podemos usar a próclise por ser início de oração, mas também não podemos usar a ênclise já que o verbo aparece no futuro, o que, nos dois casos, consistiria erro. Aqui a única possibilidade é a mesóclise.

Resposta: Caber-lhe-ia.

3. O dinheiro que _____ entreguei _____ era meu. (lhe)

Comentários: nesta frase, a palavra *que*, invariável, atrai o pronome oblíquo átono.

Resposta: que lhe entreguei.

4. Os falantes de português _____ tornaram _____ maioria no litoral brasileiro. (se)

Comentários: aqui as duas formas estão corretas porque não há nenhuma proibição. Não é início de oração, o verbo não está no futuro nem há palavra invariável antes do verbo que obrigaria uso da próclise. Portanto, próclise ou ênclise.

Resposta: se tornaram ou tornaram-se.

Agora, algumas questões de concursos anteriores comentadas.

1. (FCC/TRF-SP) Devaneios, quem não **tem devaneios**? **Têm devaneios** as crianças e os jovens, **dão aos devaneios** menos crédito os adultos, mas é impossível **abolir os devaneios** completamente.

Evitam-se as indesejáveis repetições da frase anterior substituindo-se os elementos em destaque, na ordem dada, por:

a) os tem – Têm-lhes – dão-lhes – abolir-lhes

b) tem eles – Têm-nos – dão-lhes – abolir-lhes

c) os tem – Têm eles – dão-nos – aboli-los

d) tem a eles – Os têm – dão a eles – abolir a eles

e) os tem – Têm-nos – dão-lhes – aboli-los

Comentários:

Vimos na teoria que questões de reescritura por meio de pronome pessoal obedecem a um padrão: o **sujeito** é substituído por pronome pessoal **reto** e o **complemento**, por pronome pessoal **oblíquo**. Além disso, quando os pronomes pedidos são o(s), a(s) (objetos diretos), dependendo das terminações, viram lo(s), la(s) ou no(s), na(s).

Nesta questão, *devaneios*, em todas as passagens, funciona como objeto dos respectivos verbos. Nas 1ª e 2ª ocorrências, é objeto direto de **tem**. Na 3ª, é objeto indireto de **dão** (veja a presença da preposição) e na 4ª, objeto direto de **abolir**. Como os pronomes usados são os oblíquos átonos, além do uso, temos de atentar para a **colocação**. No primeiro caso, o **não** atrai o pronome (*não os tem*). Nos segundo e terceiro casos, iniciam oração (Têm-nos) e (dão-lhes). Na quarta ocorrência, nada proíbe o uso da próclise ou da ênclise (... *impossível os abolir* ou *aboli-los*).

Resposta: E.

2. (FCC/TRT – 18ª Região) As eleições são importantes, mas não **se empreste às eleições** um valor absoluto, ainda que muitos ainda **vejam as eleições** como finalidade última do processo democrático, sem falar nos que **consideram as eleições** uma aborrecida obrigação.

Evitam-se as viciosas repetições do texto acima substituindo-se os elementos destacados, respectivamente, por:

a) se lhes empreste – as vejam – as consideram

b) se as empresta – as vejam – lhes consideram

c) se empreste-lhes – vejam-nas – lhes consideram

d) se empreste a elas – lhes vejam – as consideram

e) se lhes empreste – vejam-lhes – consideram elas

Comentários:

Aqui, logo pela primeira passagem, ao usar o oblíquo átono, por causa da palavra invariável **se**, ficaríamos apenas com duas opções: A e E. Lembre que o pronome átono **lhe**, como complemento de verbo, substitui o **objeto indireto** (*emprestar um valor absoluto às eleições*). Nas outras

ocorrências, *eleições* funciona como objeto direto dos respectivos verbos.

Quanto à colocação, próclise nos dois casos, pois as palavras invariáveis **ainda** e **que** atraem os pronomes átonos.

Na letra D, estaria correto o uso do oblíquo tônico **a elas**, já que substitui o objeto indireto, com preposição, pois. Mas a passagem *lhes vejam* estaria errada.

Resposta: A.

3. (FCC/PMSAL – Guarda Municipal) O autor explica ao leitor mais jovem quem eram os guardas-noturnos, como a população **admirava os guardas-noturnos**, como **confiava aos guardas-noturnos** a tarefa de velar pelo sono de todos, como **tomava os guardas-noturnos** como exemplo de dedicação profissional.

Evita-se o uso abusivo de repetições na frase acima substituindo-se os elementos destacados, respectivamente, por:

a) admirava eles – confiava neles – os tomava

b) os admirava – lhes confiava – os tomava

c) lhes admirava – os confiava – tomava a estes

d) admirava-os – confiava-lhes – tomava-lhes

e) admirava-lhes – lhes confiava – lhes tomava

Comentários:

Nas primeira e terceira passagens, *guardas-noturnos* aparece como objeto direto (sem preposição) dos verbos **admirar** e **tomar**. Na primeira, como nada proíbe (veja a teoria) a próclise ou a ênclise, caberiam *"... a população os admirava"* ou *"... a população admirava-os"*, mas na terceira a palavra **como** (invariável) atrai o pronome átono (*como os tomava*). Na segunda ocorrência, esse mesmo vocábulo aparece como **objeto indireto**, daí a substituição por **lhe**. A próclise se dá por causa da presença da palavra **como** (invariável).

Resposta: B.

9.1.2.2. Reflexivos

Referem-se à mesma pessoa, correspondendo a **a mim mesmo, a si mesmo** etc.

Exs.: Eu **me** cortei. / Ele **se** feriu. / Olhou-**se** no espelho. / Trazia **consigo** as lembranças do

passado.

9.1.2.3. Recíprocos

Indicam ideia mútua, recíproca, correspondendo a **um ao outro.**

Exs.: Eles **se** abraçaram.

Os namorados olhavam-**se** apaixonadamente.

Vejamos um exemplo de questão.

1. (NCE/TJ – Analista Judiciário) "As verdades filosóficas se contradizem..."

O item a seguir em que o SE apresenta valor idêntico àquele que possui nesse segmento da frase acima:

a) Procura-se um meio de fazer o homem menos cético.

b) Os homens modernos esconderam-se da verdade.

c) Pascal se declarou irracionalista.

d) A ciência e a fé se digladiam.

e) As doutrinas filosóficas queixam-se do ceticismo moderno.

Comentários:

A partícula **se** do enunciado funciona como *pronome recíproco* (**uma** verdade contradiz **a outra**).

Na letra A, o **se** é pronome *apassivador* (um meio é procurado). Em vozes verbais falaremos sobre ele. Nas opções B e C, o pronome funciona como *reflexivo* ("esconderam **a si mesmos**" e "declarou **ele mesmo** irracionalista"). Na opção D, é *recíproco*, pois **uma** se digladia com **a outra**. Na E, o verbo em questão é *queixar-se* (pronominal), sendo o pronome parte integrante do verbo.

Resposta: D.

9.2. PRONOMES DE TRATAMENTO

Certos vocábulos ou locuções valem por pronomes pessoais. São os **pronomes pessoais de tratamento.** Referem-se à segunda pessoa, mas o verbo e os pronomes correspondentes vão para a 3ª pessoa.

Exs.: Você, Senhor, Senhora, Vossa Excelência, Vossa Eminência etc.

Vejamos um exemplo de questão.

1. (FCC/TRT – 2ª Região – Téc. Judic.) Considere o final de uma reivindicação dos moradores de um bairro, dirigida ao prefeito da cidade:

"Esperamos que _____, senhor prefeito, _____ verificar as condições por nós apontadas, e que sejam tomadas as medidas necessárias no sentido de solucionar tais problemas...

A _____ dispor, atentos às providências,

Os moradores."

As lacunas estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:

a) V.Sa. – mandeis – vosso

b) V.Exa. – mande – seu

c) V.Exa. – mandeis – seu

d) V.Sa. – mande – vosso

e) V.Exa. – mande – vosso

Comentários:

Esta é uma questão que trata do emprego dos pronomes de tratamento. Usamos *V.Exa* para altas autoridades (presidentes, governadores, ministros, prefeitos...). Além disso, os verbos e os pronomes correspondentes vão para a 3ª pessoa (mande e seu).

Resposta: B.

9.3. PRONOMES POSSESSIVOS

São aqueles que indicam a posse em referência às três pessoas do discurso:

1ª pessoa: meu(s), minha(s), nosso(s), nossa(s)

2ª pessoa: teu(s), tua(s), vosso(s), vossa(s)

3ª pessoa: seu(s), sua(s)

Quanto aos pronomes possessivos, atenção:

Há duas maneiras de indicar a posse no discurso: utilizando-se de um pronome possessivo ou por meio de um pronome oblíquo átono com valor possessivo. Assim, teríamos:

Beijou-**lhe** a face. (Beijou a **sua** face)

Beijou-**me** a face. (Beijou a **minha** face)

À noite, apareceram-**lhe** em casa alguns amigos. (em **sua** casa)

É exatamente isso: um pronome oblíquo átono pode ter o mesmo valor semântico que um pronome possessivo. A seguir, alguns exemplos.

Assinale as opções em que o pronome lhe apresenta o mesmo valor significativo que possui em "uma espécie de riso sardônico e feroz contraía-lhe as negras mandíbulas.":

Observe que aqui o que se pede é o pronome oblíquo átono com valor de posse. Nesse caso, ele irá sempre se referir a um substantivo e poderá ser substituído por um outro pronome possessivo.

a) A mãe apalpava-lhe o coração.

(Isso é o mesmo que a mãe apalpava o seu coração, o coração dele.)

b) Aconteceu-lhe uma desgraça.

(Aconteceu uma desgraça a ele, e não dele.)

c) Tudo lhe era indiferente.

(Tudo era indiferente a ele.)

d) Afastou-lhe os cabelos.

(Afastou os seus cabelos, os cabelos dele.)

e) Ao inimigo, não lhe nego perdão.

(Não nego perdão a ele, e não o perdão dele.)

f) Não lhe contei o segredo.

(Não contei o segredo a ele.)

g) Apertou-lhe gentilmente a mão.

(Apertou a sua mão, a mão dele.)

Resposta: as alternativas que apresentam pronomes oblíquos com valor possessivo são A, D e G.

Vejamos como esse assunto aparece nas provas.

1. (Cespe/UnB/MTE) Assinale a opção em que o pronome "lhe" não tem o mesmo sentido que em: "O tempo arrebata-lhe a garganta".

a) Afagou-lhe os cabelos com amor.

b) A luz sempre lhe afugenta o sono.

c) O marido sempre lhe nega a resposta.

d) Ajeitou-lhe o colar e saiu mansamente.

Comentários:

O pronome oblíquo da frase do enunciado possui valor possessivo – pode ser trocado por outro possessivo ("O tempo arrebata a *sua* garganta").

Na letra A, o pronome *lhe* equivale a *seus* ("Afagou os *seus* cabelos com amor").

Na letra B, o pronome oblíquo *lhe* pode também ser substituído por um possessivo ("O tempo afugenta o *seu* sono").

A letra C traz um pronome oblíquo que funciona como complemento do verbo, e não possui valor possessivo ("O marido sempre nega a resposta *a ela*").

Já a letra D apresenta um pronome oblíquo com valor possessivo: ajeitou o *seu* colar e saiu...

Resposta: C.

2. (Cespe-UnB) Assinale a única frase em que o pronome *lhe* **NÃO** tem sentido possessivo.

a) O tempo mudou-lhe o rosto.

b) Não lhe pude conhecer a generosidade.

c) O sabor das balas de tangerina encheu-lhe a boca.

d) O entusiasmo abriu-lhe os olhos.

e) Deram-lhe um emprego perto de casa.

Comentários:

Nas letras A, B, C e D, os pronomes oblíquos têm valor possessivo: referem-se a substantivos e podem ser substituídos por outros possessivos. Assim, teríamos: o tempo mudou o *seu* rosto; não pude conhecer a *sua* generosidade; o sabor das balas de tangerina encheu a *sua* boca; o entusiasmo abriu os *seus* olhos. Apenas na letra E o pronome oblíquo não tem sentido possessivo, ele é complemento do verbo: "deram um emprego *a ele* – e não um emprego *dele* – perto de casa".

Resposta: E.

9.4. PRONOMES INDEFINIDOS

Agora, vamos falar sobre os pronomes indefinidos. Estes têm sentido vago ou indeterminado. Aplicam-se à 3ª pessoa: algum, nenhum, todo, outro, muito, certo, vários, tanto, quanto, qualquer, alguém, ninguém, tudo, outrem, nada, cada, algo, mais, menos, que, quem. Veja os exemplos:

"**Todo** dia ela faz tudo sempre igual." (Chico Buarque)

Havia **muita** preocupação no Congresso.

Chegarão **mais** livros na próxima semana.

Observe que os pronomes indefinidos referem-se a substantivos, como todos os pronomes fazem, indicando ideia vaga, generalizando: essa é a função de um pronome indefinido. Além dos pronomes indefinidos, existem também **as locuções pronominais indefinidas**, que são um grupo de vocábulos com valor de pronome indefinido: cada um, cada qual, qualquer um etc. Os pronomes indefinidos, muitas vezes, interrogam e, nesse caso, são chamados de pronomes indefinidos interrogativos ou, simplesmente, pronomes interrogativos. Vamos conhecê-los?

9.5. PRONOMES INTERROGATIVOS

São os pronomes indefinidos **que**, **quem**, **qual**, e **quanto**, usados nas interrogações (diretas ou indiretas). Exemplos:

Quem precisa de um novo Fidel?

Nesse caso, o pronome indefinido *quem* está inserido em uma frase interrogativa direta: com ponto de interrogação.

Desconheço **quem** organizou a festa.

Observe que, aqui, o pronome também é interrogativo, mas se insere em uma frase interrogativa indireta, sem ponto de interrogação.

Aqui, vale um recado:

Frase interrogativa indireta é aquela que vem sem ponto de interrogação, mas que também espera uma resposta. São as conjecturas. Utilizam-se de informações do tipo: *desconheço, gostaria de saber, não sei...*

Os pronomes indefinidos e interrogativos podem se confundir com adjetivos ou advérbios. Isso porque eles também se referem a substantivos – como os adjetivos fazem. Além disso, muitas palavras que aparecem como adjetivos ou advérbios também podem ser pronomes indefinidos: *muito*, *vários*, *todo*...

Falaremos do substantivo, adjetivo e advérbio em concordância, mas já podemos definir essas classes agora, a fim de não confundi-las com os pronomes indefinidos.

Adjetivo é a classe de palavra que se refere ao substantivo, indicando-lhe qualidade, condição ou estado. É classe de palavra variável.

Advérbio é a classe de palavra que modifica verbo, adjetivo ou o próprio advérbio. Indica circunstância (tempo, intensidade, lugar etc.) e é normalmente invariável.

Pronome indefinido modifica substantivo ou entra no lugar dele. Semanticamente, indica ideia vaga. Na maioria das vezes, é classe de palavra variável (algum, qualquer, todo...), ainda que alguns pronomes indefinidos não variem (alguém, ninguém...).

Atenção: Dizer que uma classe de palavra é variável significa dizer que ela se flexiona em gênero (masculino/feminino) e número (singular/plural).

Vamos treinar?

Complete as lacunas de acordo com o código abaixo:

(1) Adjetivo ou locução adjetiva

(2) Advérbio ou locução adverbial

(3) Pronome indefinido

a) ( ) Maria é muito calma.

Aqui, a palavra *muito* se refere a *calma*; *calma* é adjetivo; *muito* é advérbio. Observe que ele não se flexionou; o que ratifica que é um advérbio, classe de palavra invariável.

b) ( ) Precisou de muita calma para resolver o impasse.

Calma agora é substantivo. Ora, se *muita* se refere a um substantivo, indicando ideia vaga, é pronome indefinido.

c) ( ) Precisou de muito dinheiro para comprar a casa.

Muito se refere ao substantivo *dinheiro*, indicando sentido vago, indeterminado. É pronome indefinido.

d) ( ) Beijo pouco, falo menos ainda.

Menos modifica o verbo falo, indicando intensidade. É advérbio.

e) ( ) Hoje disponho de pouco tempo para diversão; e o que é pior, de menos disposição.

Pouco se refere a *tempo*, substantivo; *menos* se refere a *disposição*, também um substantivo.

Ambos indicam ideia vaga, generalizam. São pronomes indefinidos.

f) ( ) Cantava bem baixo para ninguém ouvi-lo.

Baixo modifica o verbo *cantava*, indicando ideia de modo. É advérbio.

g) ( ) Tinha bastante orgulho da irmã.

Bastante se refere ao substantivo *orgulho*. É o mesmo que *muito orgulho*. Indica valor vago: pronome indefinido.

h) ( ) Era uma pessoa bastante orgulhosa.

Bastante refere-se ao adjetivo *orgulhosa*, intensificando esse adjetivo. É advérbio de intensidade; tanto é advérbio que, se flexionássemos as informações para o plural, essa palavra se manteria invariável: *eram pessoas bastante orgulhosas*.

i) ( ) Depositava confiança bastante no bom senso da filha.

Agora, *bastante*, que se refere a um substantivo, está o qualificando. É o mesmo que *suficiente*. É, portanto, adjetivo.

j) ( ) Tenha mais paciência.

Mais se refere ao substantivo *paciência*, indicando ideia vaga, indeterminada. É o mesmo que *muita paciência*. É pronome indefinido.

k) ( ) Seja mais paciente.

Mais se refere a *paciente*, que é adjetivo, intensificando-o. É advérbio de intensidade.

l) ( ) Sempre leio os jornais da manhã.

Essa expressão se refere ao substantivo jornal, caracterizando-o. É uma locução adjetiva. Nesse caso, poderíamos inclusive trocar essa locução por outro adjetivo: *matutinos*.

m) ( ) Sempre leio os jornais de manhã.

A expressão se refere ao verbo, dando-lhe ideia de tempo: *leio de manhã, pela manhã*. É locução adverbial de tempo.

Gabarito: a) 2; b) 3; c) 3; d) 2; e) 3; f) 2; g) 3; h) 2; i) 1; j) 3; k) 2; l) 2; m) 1 e 2.

Tendo visto os pronomes indefinidos e em que eles diferem dos advérbios e adjetivos, resta-nos falar dos pronomes demonstrativos. É neste assunto que vamos aprender a diferenciá-los e a detectar as funções que eles desempenham no texto.

9.6. PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Antes de tudo, é preciso entender que os pronomes demonstrativos podem indicar a posição dos elementos em relação a três hipóteses distintas: tempo, espaço, texto. Assim:

O pronome demonstrativo pode apontar para objetos localizados no **espaço**, perto ou distante do falante.

O pronome demonstrativo pode fazer referência ao **tempo** presente, passado ou futuro.

O demonstrativo pode também retomar informações já mencionadas no **texto** ou que virão a seguir na sequência textual.

Para cada situação, existem regras que farão você optar por qual demonstrativo utilizar. Preparamos um quadro resumido que irá ajudá-lo a organizar esses conceitos:

	No espaço	No tempo	No texto
Isto / este(s) / esta(s)	Apontam para o que está perto do falante. Ex.: Este material aqui é meu.	Momento presente. Ex.: Estes dias têm sido agradáveis. Momento futuro próximo. Ex.: Nestas férias viajarei.	Apontam para uma informação que virá adiante no texto. Ex.: Este número é a dica do teste – sete.
Isso / esse(s) / essa(s)	Apontam para o que está perto do ouvinte. Ex.: Esse material aí é meu.	Passado não distante. Ex.: Nesse domingo fui ao Maracanã.	Indicam uma informação que já apareceu no texto. Atenção: se a informação já foi mencionada e está próxima, modernamente, costuma se utilizar Isto/Este/Esta. Ex.: "Dois" – Esse/Este número é a dica do teste.
Aquilo / aquele(s) aquela(s)	Apontam ao que está distante de ambos. Ex.: Aquele material ali é meu.	Passado ou futuro distante. Ex.: Aquelas férias de 2000/2020 foram/serão maravilhosas.	Com dois antecedentes: "este" para o mais próximo; "aquele" para o mais distante. "Esse" traria ambiguidade. Ex.: José e João estudaram. Este (João)/Aquele (José) foi aprovado.

Lembre-se: para estabelecer a distinção entre duas coisas ou pessoas anteriormente citadas, usamos este(s), esta(s), isto para o termo mais próximo e aquele(s), aquela(s), aquilo para o mais distante. Veja um exemplo:
"Há que se fazer a distinção entre acidentes do trabalho e doença do trabalho. Enquanto esta é inerente a determinados ramos de atividade, aqueles ocorrem pelo exercício do trabalho, provocando lesão corporal."

Mais treinamento?

Complete as lacunas com os demonstrativos adequados.

1. _____ livro que estás lendo é infantil?

Comentários: Espaço: perto do ouvinte.

Resposta: Esse.

2. Não. _____ livro que estou lendo é sobre política.

Comentários: Espaço: perto do falante.

Resposta: Este.

3. Guilherme, traga-me _____ CD que ficou lá no seu quarto.

Comentários: Espaço: distante de ambos.

Resposta: Aquele.

4. Um dia _____ visitarei o seu pai.

Comentários: Tempo: futuro não distante.

Resposta: destes.

5. Guilherme, dê-me _____ CD que está aí.

Comentários: Espaço: perto do ouvinte.

Resposta: Esse.

6. "Qual é a relação entre dialética e retórica? A _____ pergunta Aristóteles responde desde a primeira frase do seu livro."

Comentários: Texto: retomando o que foi dito anteriormente.

Resposta: Essa.

7. _____ é a pergunta que Aristóteles responde desde a primeira frase do seu livro: qual é a relação entre dialética e retórica?

Comentários: Texto: apontando para o que será dito adiante.

Resposta: Esta.

8. Luísa, _____ é o Eduardo?

Comentários: Espaço: perto do ouvinte.

Resposta: Esse.

9. _____ ano que passou foi muito proveitoso para mim.

Comentários: Tempo: passado não distante.

Resposta: Esse.

10. _____ mês que passou choveu muito. Para _____ mês que começa, porém, a previsão é de tempo bom.

Comentários: Tempo: passado não distante e futuro próximo.

Resposta: Nesse / este.

11. _____ aqui são meus primos.

Comentários: Espaço: perto do falante.

Resposta: Estes.

12. Ao comparar os diversos rios do mundo com o Amazonas, defendia com azedume e paixão a proeminência _____ sobre cada um _____.

Comentários: Texto: fazendo distinção entre o mais próximo e o mais distante.

Resposta: deste / daqueles.

13. Atentem para _____: o que se guarda no coração jamais se esquece.

Comentários: Texto: apresentando o que será dito a seguir.

Resposta: Isto.

14. Homens e mulheres participaram das festividades. _____, simpáticas e elegantes. _____, sérios e tímidos.

Comentários: Texto: diferenciando o elemento mais próximo – *mulheres* – do mais distante – *homens*.

Resposta: Estas e aqueles.

15. O que foi combinado aqui não pode sair _____ sala.

Comentários: Espaço: perto do falante.

Resposta: desta.

Observações:

a) O pronome **o** (a, os, as) é demonstrativo quando equivale a **aquele(s)**, **aquela(s)**, **aquilo, isso**. Veja o exemplo:

Alguém, antes que Wilson **o** fizesse, teve vontade de falar **o** que foi dito.

Nesse caso, a palavra **o**, em suas duas ocorrências, pode ser substituída por um outro

demonstrativo.

b) Aparecem ainda como demonstrativos os vocábulos **tal**, **mesmo**, **próprio** e **semelhante**. Veja exemplos:

Tal atitude não se esperava dele. / Ele **mesmo/próprio** fez o pedido.

Aqui, vale mais um recado: A palavra o – e suas variações – pode ser:
1. Artigo (quando anteceder um substantivo): "O menino chegou".
2. Pronome pessoal oblíquo (quando puder ser substituído por outro pronome pessoal): "Cumprimentei-o na festa". (É o mesmo que se dizer "cumprimentei a ele").
3. Pronome demonstrativo (quando puder ser substituído por outro demonstrativo, normalmente antes do pronome relativo QUE ou da preposição DE): "Quero o que você comprou"/"Prefiro a de tampa azul".

Veja uma questão de prova que abordou tal assunto:

1. (Cespe-UnB/TJ – Analista) Assinale a opção em que a partícula "o" sublinhada aparece com o mesmo emprego que se apresenta no seguinte trecho do texto:

"A primeira é **o** que queremos dizer."

a) Eles devem realizar logo <u>o</u> projeto do grupo.

b) Responda-me: <u>o</u> que você tem com isso?

c) Seu sucesso depende de <u>o</u> livro ser aceito.

d) É preciso conhecer a rotina <u>do</u> laboratório.

e) Este livro foi <u>o</u> que você indicou.

Comentários:

Preliminarmente, a palavra *o* do enunciado classifica-se como pronome demonstrativo ("A primeira é *aquilo* que queremos dizer"). Nas letras A, C e D, a palavra *o* está antecedendo substantivos, funcionando, portanto, como artigos. Logo, restam as alternativas B e E. Na letra B observamos um pronome interrogativo antecedido de um artigo perfeitamente dispensável – poderíamos simplesmente perguntar: "que você tem com isso?". No entanto, na letra E, observamos a presença de um *o* que pode ser trocado por outro demonstrativo ("Este livro foi *aquele* que você indicou").

Resposta: E.

9.7. AS FUNÇÕES TEXTUAIS DOS PRONOMES

Os pronomes podem apontar para algo que já foi ou que ainda vai ser mencionado no texto. Trata-se de uma característica que todos os pronomes têm (pronomes pessoais, possessivos etc.) Com relação aos demonstrativos, como forma mais adequada, pede-se usar **esse(s)/essa(s)/isso** para o que já foi mencionado anteriormente **(anafórico)** e **este(s)/esta(s)/isto** para algo que vai ser mencionado **(catafórico)**. Veja exemplos:

"A previsão do tempo não era muito favorável. O vento aumentara um pouco e decidi reduzir as velas para o primeiro rizo. Conversávamos no convés sobre **esses** problemas."

Nesse caso, o pronome *esses* tem a função de retomar informações que foram citadas anteriormente: **função anafórica**.

Isto é o que mais incomoda os homens honestos: o ciúme.

Aqui, o pronome exerce o papel de apontar para uma informação que será dita a seguir no texto. Diz-se que ele tem, portanto, **função catafórica**.

Tanto a função anafórica quanto a catafórica indicam, portanto, informações que foram ou serão mencionadas *dentro do texto*, informações que fazem parte do corpo textual. Daí, ambas também ser chamadas de **funções endofóricas**. Cada banca organizadora utiliza a nomenclatura que melhor lhe convém.

No entanto, se o pronome se referir a uma informação que não foi mencionada no texto, mas que pode ser deduzida a partir do que foi lido, diz-se que ele tem **função exofórica** (o que, para algumas bancas organizadoras de concursos, é sinônimo de **função dêitica**). O pronome que tem função exofórica, para ser compreendido na sua totalidade, necessita de informações que estão vinculadas à **situação de produção textual**: o local de produção textual, o momento de produção do texto ou o enunciador textual. Observe exemplos:

"**Nesta** casa todos são felizes."

Aqui, o pronome demonstrativo está vinculado ao **local** onde o texto foi produzido.

"**Nessas** férias, encontramos velhos amigos na praia."

Nesse caso, o leitor, para saber de que férias se trata, precisa conhecer o **momento** em que o texto foi produzido.

"**Meu** filho fez algumas tatuagens pelo corpo."

O pronome possessivo em destaque está vinculado ao enunciador do texto: para saber de quem é o filho, é preciso identificar a pessoa que produziu o texto. Ora, se anteriormente no texto o autor tivesse se identificado, o pronome deixaria de ter função exofórica, para ter função endofórica/anafórica: "Sou Maria. Meu filho fez algumas tatuagens pelo corpo".

Resumindo: O pronome terá função exofórica toda vez que buscar informações que devem ser deduzidas a partir do texto:
Quem? (autor do texto)
Quando? (quando o texto foi produzido)
Onde? (onde se produziu o texto)

Antes de resolvermos algumas questões de concursos anteriores, vamos fixar os conceitos estudados. Classifique os pronomes em destaque segundo a função textual que eles desempenham, com a ajuda do código abaixo:

(a) função anafórica

(b) função catafórica

(c) função exofórica

1. "[...] a habitação conjugal, e a **essa** se recusa a voltar." (Art. 234 – Código Civil)

Comentários: O pronome retoma informação que foi dita anteriormente – a habitação conjugal.

Resposta: função anafórica.

2. **Este** sempre foi seu objetivo – a aprovação.

Comentários: O pronome menciona uma informação que virá adiante no texto – *a aprovação*.

Resposta: função catafórica.

3. "Salvo disposição especial **deste** código e não tendo sido ajustado da época para o pagamento, o credor pode exigi-lo imediatamente."

Comentários: A palavra **deste** está vinculada ao código onde se encontra tal artigo – depende de informação que está fora do texto: função exofórica. Já o pronome **o** (-lo) remete ao vocábulo <u>pagamento</u>.

Resposta: função anafórica.

4. "A cessão de crédito não vale em relação ao devedor, senão quando a este notificada [...]"

Comentários: O pronome retoma o que foi dito anteriormente – *o devedor*.

Resposta: função anafórica.

5. Este país não tem mais jeito, é o que repetem usualmente nossos conterrâneos.

Comentários: O pronome depende do local de produção do texto.

Resposta: função exofórica.

6. "Cabe ao juiz suprir a outorga da mulher, quando esta a denegue sem motivo justo, ou lhe seja impossível dá-la (arts. 235, 238 e 239)." (Art. 237 – Código Civil)

Comentários: O pronome retoma informação do texto – a mulher.

Resposta: função anafórica.

7. "... o alerta do Departamento de Estado americano a agências de turismo dos Estados Unidos divulgado no início deste mês..."

Comentários: A palavra *deste* está vinculada ao momento em que o texto foi produzido.

Resposta: função exofórica.

9.8. PRONOMES RELATIVOS

Os pronomes relativos referem-se a um termo anterior chamado antecedente (um substantivo ou pronome substantivo). Dão início às orações adjetivas – restritivas ou explicativas, assunto que estudaremos mais detalhadamente no Capítulo 12 (Predicação verbal).

Ex.: O livro **que você ganhou** é novo.

Oração subordinada adjetiva restritiva

"O homem, **que é mortal**, tem alma imortal."

Oração subordinada adjetiva explicativa

Aparecem como pronomes relativos:

- **Que**, **o qual** (e flexões): quando o antecedente for *coisa* ou *pessoa;*
- **Quem**: quando o antecedente for *pessoa*. Sempre antecedido de preposição;
- **Cujo** (e flexões): entre dois substantivos indicando ideia de *posse*; não deve vir seguido de artigo;
- **Onde**: quando o antecedente indica *lugar*;

• **Como**: quando o antecedente forem as palavras *modo*, *maneira*...

• **Quando**: quando o antecedente dá ideia de *tempo*;

• **Quanto**: quando o antecedente dá ideia de *quantidade*.

Importante:

Ao usar os relativos, devemos observar dois pontos importantes:

a) quando usar os relativos *que, quem, cujo* etc. (veja acima);

b) reparar se o termo que vem **após** o relativo pede preposição.

Este é o livro **que** ganhei. (que = o livro; eu ganhei o livro)

Este é o livro **a que** me referi. (que = ao livro; eu me referi ao livro)

Vamos fixar as regras de uso dos pronomes relativos?

Sublinhe a(s) forma(s) que completa(m) a lacuna:

1. O assunto _____ me referi não foi este. (que – a que – ao qual – o qual – a quem)

Comentários: O relativo *que* é usado para coisa ou pessoa: "o assunto que...". Como o verbo *referir-se* pede preposição *a*, temos "O assunto **a que me referi**". Lembre-se: *que* e *quem* podem ser trocados por *o qual*, *a qual*, *os quais*, *as quais*. Como o **antecedente** do relativo é masculino singular (*assunto*), usaremos *o qual*. Com a preposição do *referir-se*, **a**o qual. As duas formas estão corretas.

Resposta: a que, ao qual.

2. Aí está a pessoa _____ me apaixonei. (quem – por quem – pela qual – que – a quem)

Comentários: Como o **antecedente** é pessoa, de preferência usa-se **quem**. O verbo *apaixonar--se* rege preposição *por:* eu me apaixonei **pela** pessoa, **por** alguém.

Resposta: por quem, pela qual.

3. Chegou o diretor _____ relatório ninguém gostou. (que – de que – cujo – o qual – de cujo)

Comentários: Aqui, aparecem dois substantivos (*diretor* e *relatório*). Há, entre eles, uma ideia de **posse** (o relatório **do** diretor). Com isso, o relativo a ser usado **só pode** ser *cujo*. Como o verbo da oração (*gostar*) pede preposição *de*, temos a forma **de cujo**.

Resposta: de cujo.

4. Esta é a cidade _____ eu morei. (onde – aonde – em que – na qual – donde)

Comentários: A palavra *cidade* indica o **lugar**. De preferência usaremos *onde*, mas, como esse vocábulo também pode se encaixar em "coisa" e não "pessoa", *que* e *a qual* também respondem à questão. Quanto à regência, o verbo *morar* pede preposição *em.* Nesses casos, quando o relativo a ser usado for *onde* e o verbo da oração pedir essa preposição, usaremos *onde* e não *aonde*. Repare que, com os relativos *que* e *a qual,* teremos *em que* e *na qual*, já que com esses pronomes o procedimento é igual ao dos exercícios anteriores.

Resposta: onde, em que, na qual

5. Esta é a cidade _____ gosto de ir sempre. (onde – aonde – a qual)

Comentários: Agora, o verbo *ir* pede preposição *a* (gosto de ir sempre *a*). Como o **antecedente** indica lugar, usaremos *onde* (*a* + *onde* = *aonde*).

Resposta: aonde.

6. Esta é a cidade _____ vêm os visitantes. (onde – aonde – donde – em que)

Comentários: Nessa construção, teríamos, na ordem direta, "Os visitantes vêm *de*..." (*de* + *onde* = *donde*).

Resposta: donde.

Uso de onde, aonde e donde:
Onde: usaremos esse conectivo se a preposição exigida for em.
Aonde: usaremos esse conectivo se a preposição exigida for a.
Donde ou de onde: usaremos esse conectivo se a preposição exigida for de.

9.9. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Substitua os termos sublinhados pelos pronomes pessoais adequados. Lembre-se: o pronome **reto** substitui o **sujeito**. Já o **oblíquo** substitui o **complemento**.

1. Entregou os documentos necessários? (os / eles / lhes)
2. Continuam as acusações ao Judiciário. (nas / elas)
3. Os processos muito demorados constituem afastamento da regra geral. (no / ele)
4. De seu esforço e força de vontade emergem os trabalhadores. (nos / eles)

5. Pagaram ao funcionário as suas férias? (lhe / a ele / ele)

6. Encontrou um grupo de desconhecidos. (o / ele / lhe)

7. Pusemos o livro na estante. (lo / ele)

8. Brotam as flores por toda parte. (nas / elas / lhes)

9. É necessário fechar suas fronteiras. (las / elas)

10. O país toma medidas protecionistas. (as / elas)

11. É fundamental defender o contribuinte. (lo / ele / lhe)

12. Estamos obrigados a liquidar a fatura. (la / ela / lhe)

13. A enorme variedade de canções de Noel, quase todas produzidas em cerca de seis anos, havia conferido genialidade ao artista. (ela / a ela)

14. Uma vez que tal medida implica transformações lesivas ao egoísmo do "establishment". (as / elas)

15. Pobre é a vida de um homem. (ela / a ela)

16. Na favela, tal como está organizada, reproduz-se semelhante estrutura. (na / lhe / ela)

17. Foi então que surgiu o problema. (o / ele / lhe)

18. Esses momentos históricos apresentam facetas negativas. (nas / elas / lhes)

19. Mandei o mordomo entrar. (ele / o)

20. Fez o amigo pagar a conta. (lo / ele)

II. Complete com eu / mim / tu / ti.

1. Para _____ nada mais interessa.

2. Para _____ chegar a tempo, peguei um táxi.

3. Por _____ todos hão de se classificar.

4. Aquele livro é para _____ leres.

5. Entre _____ e você tudo acabou.

6. Entre _____ e os teus amigos, já não há divergências.

7. Entre _____ pedir e você acatar, que distância!

8. Ela é mais aplicada do que _____.

9. Ele chegou antes de _____ sair.

10. Não sei se ela sentiu a mesma estranheza que _____.

11. Isto não é trabalho para _____ fazer.

12. É difícil para _____ acreditar em tuas palavras.

13. As reivindicações chegaram até _____.

14. Até _____ acreditei nas palavras do nosso ministro.

15. Para _____, arranjar patrocinador não será difícil.

16. Para _____ compreender o filme, tive de assistir a uma nova sessão.

III. Supondo-se que você queira se dirigir a um juiz, utilizando uma linguagem correta e adequada, faça as devidas alterações nos trechos a seguir:

1. Meritíssimo Juiz, Sua Excelência deveis saber que o réu é pessoa que goza de merecido prestígio entre empresários, pois já tomastes conhecimento pelos órgãos da imprensa de seus inúmeros empreendimentos.

_____

_____

_____

2. Pelo que dizeis em vossa bem escrita sentença, foram os meus atos que vos deram o discernimento que manifestastes em vossa decisão.

_____

_____

IV. Classifique os pronomes em destaque como reflexivos ou recíprocos.

1. Olhou-**se** no espelho e assustou-**se** com seu olhar doentio.

2. Os namorados olhavam-**se** apaixonadamente.

3. Eles **se** vestiram rapidamente.

4. Eles **se** cumprimentaram na rua.

5. As mulheres **se** afastaram das mesas.

6. O médico vê-**se** estendido no chão.

7. Os meninos sempre **se** ajudam.

V. Use o pronome oblíquo entre parênteses de todas as formas possíveis. Havendo caso de mesóclise, escreva ao lado a forma correta.

1. A torcida _____ aplaudiu _____ com entusiasmo. (o)
2. Ele _____ trancou _____ no quarto. (se)
3. _____ explicarei _____ todo o serviço. (te)
4. _____ seria _____ muito útil usar esse argumento. (me)
5. Gritei para _____ alertar _____. (os)
6. Não _____ vá _____ tão cedo; _____ custa _____ ficar mais? (se / lhe)
7. Quem _____ chamou _____? (te)
8. Se você chegar agora, _____ encontrará _____ satisfeito. (me)
9. Deus _____ pague _____! (lhe)
10. Se ninguém _____ disse _____ a verdade, e se precisei lutar para _____ encontrar _____, nada _____ falou _____ a respeito. (me / a / se)
11. Maria, _____ diga _____ a verdade. (me)
12. _____ Informaram _____ da decisão.(me)
13. _____ Revelarias _____ o sonho de Maria? (nos)
14. _____ Encontraremos _____ com Maria. (nos)
15. Ninguém _____ falou _____ de Maria. (nos)
16. Quem _____ teria _____ contado _____ o segredo? (lhe)
17. _____ Teriam _____ contado _____ o segredo? (lhe)
18. Se _____ reporta _____ a crimes comuns, o *impeachment* _____ reduz _____ a uma espécie de licença para o julgamento do presidente pelo Supremo Tribunal Federal. (se / se)
19. Não é o PT que _____ vai _____ ensinar _____ oposição. (me)
20. Se eu vou lá na comissão, de visita, garanto que _____ não _____ transmitem _____ informações. (me)
21. No caso do motorista, o senhor não _____ está julgando _____? (o)
22. _____ Diriam _____ vocês a verdade, se _____ perguntasse _____ sobre o

procedimento de certos políticos? (me / lhes)

23. Já o mesmo não _____ pode _____ dizer _____ de um serviço de bondes. (se)

24. Já o mesmo não _____ deveria _____ dizer _____ de um serviço de bondes. (se)

25. Ninguém _____ daria _____ bem naquele emprego. (se)

VI. Identifique nas frases a seguir os antecedentes dos pronomes relativos em destaque:

1. Agora mesmo está nas telas uma risonha Regina Duarte grata à confiança **que** a população deposita nos Correios. (_____)
2. O festival de autocongratulação consumiu boa parte dos 120 milhões de reais **que** o governo (só a administração direta) gastou no ano passado. (_____)
3. Há muitas comparações **que** não deixam dúvidas sobre o que produz melhores resultados. (_____)
4. ... ou muito menos para anunciar a existência de uma Ouvidoria **que** acolhe queixas da população contra barbaridades policiais? (_____)
5. Basta dar uma espiada no panorama nacional, em **que** pululam temas para campanhas... (_____)
6. Canudos nasceu com o nome de Belo Monte, fundada por Antônio Conselheiro, a **quem** os sertanejos de toda a região atribuíam poderes de cura, poderes divinos. (_____)
7. A cidade, **cuja** infraestrutura de saneamento era quase inexistente, chegou a abrigar 25 mil pessoas em 5.200 casas, segundo o levantamento do Exército, feito após a guerra. (_____)
8. Formou-se ao seu redor um importante e complexo polo religioso e comercial **que** atraía gente de todas as partes. (_____)
9. "A televisão é a amiga dos entrevados, dos abandonados, dos **que** a vida esqueceu para um canto." (_____)
10. Os fonemas de uma língua costumam ser representados por uma série de sinais gráficos denominados letras, **cujo** conjunto forma a palavra. (_____)
11. "... há no meu corpo um incêndio **que** queima sem esperança / a própria terra **que** piso vira um abismo e me come / corre em meu sangue um veneno, veneno **que** tem teu nome." (Ferreira

Gullar)

1o que – _____

2o que – _____

3o que – _____

12. Noel Rosa procurou escrever sobre tudo **quanto** expressasse o jeito de ser carioca. (_____)

13. Não se pode transmitir o **que** a mente não criou. (_____)

VII. Sublinhe a(s) forma(s) que completa(m) a lacuna.

1. "Existe alguém esperando por você _____ vai comprar sua juventude." (que – a que – ao qual – o qual – a quem)
2. "Recebia em casa dois jornais locais, _____ leitura demorava mais de uma hora." (cuja – em cuja – em que)
3. "O que lhe movia o coração era o amor, a quase obsessão pelo Brasil e seu povo, _____ futuro sempre acreditou com veemência e combatividade..." (que – em que – cujo – em cujo – onde)
4. "Tudo é belo naquilo _____ amamos. Tudo o _____ amamos tem espírito." (que – quem – quanto – como – cujo) (que – onde – como – quando)
5. Compreendo a maneira _____ ele se mostra. (em que – onde – quando – cujos – como)
6. "Estava sentado numa mesa _____ havia uma pilha de livros." (que – onde – sobre a qual – à qual – aonde)
7. Marcelo é o professor _____ sempre admirei. (que – quem – a quem – a qual – a que)
8. "Na casa dela mora um quadro _____ eu pintei." (quem – por quem – pela qual – que – a quem)
9. "Tinha entre os dentes um alvíssimo palito _____ ponta mastigava." (que – de que – cuja – o qual – de cujo)
10. Foi demitido o analista _____ ideias não concordava. (cujo – cujas – com cujas – cujas as – com cuja as)

11. Aquela é a livraria _____ Ana trabalhava e _____ sou cliente. (onde – aonde – em que – na qual – donde) (onde – de que – da qual – cujo)

12. Búzios é a cidade _____ gosto sempre de ir. (onde – aonde – a qual – para a qual – que)

13. Não se descobriu o esconderijo _____ os sequestradores escaparam. (onde – aonde – donde – em que – do qual)

14. "O caso que vou relatar comprova, como disse alguém _____ nome não recordo, que a verdade é mais estranha que a ficção." (onde – o qual – cujo – de cujo)

15. "O caso que vou relatar comprova, como disse alguém _____ nome não lembro, que a verdade é mais estranha que a ficção." (onde – o qual – cujo – de cujo)

16. "O caso que vou relatar comprova, como disse alguém _____ nome não me esqueci, que a verdade é mais estranha que a ficção." (onde – o qual – cujo – de cujo)

17. "O crime para Forrester é o silêncio ou o 'discurso lacunar' _____ se valem os donos do poder para preservar suas riquezas." (de que – de quem – cujo – de cujo)

18. "A prioridade não é o bem-estar ou a sobrevivência das populações, mas sim o 'andamento dos mercados', o lucro e seu horror, _____ só interessa ou só é 'útil' o homem que for rentável." (no qual – em que – ao qual – onde)

19. Deram-me ontem um novo endereço da loja, _____ referências não foram boas. (que – cujas – cujas as – a que)

20. "... como em Santa Marta, _____ quadra ministros das várias religiões e líderes comunitários vão estar reunidos..." (onde – aonde – cuja – em cuja – com cuja)

Gabarito: I – 1. Entregou-os; 2. Continuam elas, ou, na ordem, Elas continuam; 3. constituem-no; 4. emergem eles ou Eles emergem; 5. Pagaram-lhe ou Pagaram a ele; 6. Encontrou-o; 7. Pusemo-lo; 8 Brotam elas ou Elas brotam; 9. fechá-las; 10. tomas-as; 11. defendê-lo; 12. liquidá-la; 13. Ela; 14. Implica-as; 15. Ela; 16. reproduz-se ela ou ela se reproduz; 17. surgiu ele ou ele surgiu; 18. apresentam-nas; 19. Mandei-o; 20. Fê-lo. **II** – 1. mim; 2. eu; 3. mim; 4. tu; 5. mim; 6. ti ou mim; 7. eu; 8. eu; 9. eu; 10. eu; 11. eu; 12. mim; 13. mim; 14. eu; 15. mim; 16. eu. **III** – 1. Vossa Excelência <u>deve</u> saber... já <u>tomou</u>; 2. Pelo que <u>diz</u> em <u>sua</u>... que <u>lhe</u> deram... <u>manifesta</u> em <u>sua</u>. **IV** – 1. pron. reflexivo / pron. reflexivo; 2. pron. recíproco; 3. pron. reflexivo ou recíproco (depende do contexto); 4. pron. recíproco; 5. pron. reflexivo; 6. pron. reflexivo; 7. pron. recíproco. **V** – 1. o aplaudiu ou aplaudiu-o; 2. se trancou (mais adequado. ou... trancou-se; 3. Explicar-te-ei; 4. Ser-me-ia; 5. para os alertar ou alertá-los; 6. Não se vá; custa-lhe; 7. Quem te chamou?; 8. encontrar-me-á;

9. Deus lhe pague! (próclise com expressões que indicam desejo); 10. me disse / para a encontrar ou encontrá-la / nada se falou...; 11. diga-me; 12. Informaram-me; 13. Revelar-nos-ias; 14. Encontrar-nos-emos; 15. Ninguém nos falou; 16. Quem lhe teria ou Quem teria lhe contado; 17. Ter-lhe-iam ou Teriam lhe contado; 18. Se se reporta... / se reduz ou reduz-se; 19. que me vai ou que vai me ensinar ou que vai ensinar-me; 20. que me não ou que não me transmitem; 21. não o está ou não está julgando-o; 22. Dir-me-iam / se lhes perguntasse...; 23. não se pode ou não pode se dizer ou não pode dizer-se; 24. não se deveria ou não deveria se dizer ou não deveria dizer-se; 25. Ninguém se daria. **VI** – 1. confiança; 2. milhões; 3. comparações; 4. Ouvidoria; 5. panorama; 6. Antônio Conselheiro; 7. cidade; 8. polo; 9. os (= pron. demonstrativo); 10. sinais; 11. incêndio / terra / veneno; 12. tudo; 13. o (= pron. demonstrativo). **VII** – 1. que / o qual; 2. em cuja; 3. em cujo; 4. que / que; 5. como; 6. sobre a qual; 7. que / a quem; 8. que; 9. cuja; 10. com cujas; 11. onde / em que / na qual; de que /da qual; 12. aonde / para a qual; 13. donde / do qual; 14. cujo; 15. cujo; 16. de cujo; 17. de que; 18. ao qual; 19. cujas; 20. em cuja.

9.10. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

1. (Cesgranrio) Na oração: '**Certos** amigos não chegaram a ser jamais amigos **certos**.' Os termos em destaque são respectivamente:

a) adjetivo e pronome adjetivo.

b) pronome adjetivo e adjetivo.

c) pronome substantivo e pronome adjetivo.

d) pronome adjetivo e pronome indefinido.

e) adjetivo anteposto e adjetivo posposto.

Comentários:

Em sua primeira ocorrência, a palavra *certos* se refere a um substantivo, indicando ideia vaga, generalizando. É o mesmo que *alguns amigos*. Logo, é um pronome adjetivo indefinido (*adjetivo* porque vem ao lado do substantivo). Na sua segunda ocorrência, a palavra *certos* continua se referindo a um substantivo, só que vem qualificando-o: é o mesmo que *amigos corretos*, *verdadeiros*. É, portanto, adjetivo.

Resposta: B. (Observe que, na letra B, a banca teve a "maldade" de não dizer pronome adjetivo indefinido, e sim pronome adjetivo, o que dá no mesmo...)

2. (Cesgranrio) Considere as afirmações a seguir sobre o emprego dos pronomes nas frases.

I. "O vento da noite cortava-**lhes** o lombo." – Pronome pessoal com sentido possessivo.

II. "Os pescadores de largo curso olhavam para eles com**certo** desprezo." – Pronome indefinido

atenuando o sentido do substantivo **desprezo**.

III. "Era como se **todo** o mundo se aproximasse para aconchegá-los." – Pronome indefinido **todo** equivalendo a **qualquer**.

É(São) verdadeira(s), **APENAS**, a(s) afirmação(ões):

a) I

b) II

c) III

d) I e II

e) II e III

Comentários:

No item I, o pronome oblíquo refere-se ao substantivo *lombo*, indicando valor de posse. É o mesmo que "O vento da noite cortava o *seu* lombo". No item II, o pronome *certo* tem valor de *algum*, indica ideia vaga e, semanticamente, dá leveza ao substantivo *desprezo*, atenuando seu valor negativo. Já no item III, o pronome *todo* não equivale a *qualquer*, e sim a *inteiro*. O que se quer afirmar na frase é que *o mundo inteiro se aproximava para aconchegá-los*, e não *qualquer pessoa se aproximava para aconchegá-los*. O pronome *todo* teria sentido de *qualquer* se não fosse seguido do artigo o ("todo mundo se aproximasse para aconchegá-los").

Resposta: D.

Atenção: Não confunda todo mundo com todo o mundo. Nesse caso, a inserção do artigo muda o sentido da frase! Todo o mundo quer dizer o mundo inteiro e todo mundo quer dizer qualquer pessoa.

3. (TRT) A colocação das palavras e das expressões na construção frasal leva o leitor a perceber, em alguns casos, significados diversos. É o caso das expressões assinaladas, nas frases abaixo.

O candidato leu todo o Edital do concurso.

Todo Edital de concursos deve ser lido pelos candidatos.

O significado correto, respectivamente, dessas expressões está em:

a) O Edital inteiro/parte do Edital.

b) Parte do Edital/o Edital inteiro.

c) Qualquer Edital/parte do Edital.

d) O Edital inteiro/qualquer Edital.

e) Parte do Edital/o Edital inteiro.

Comentários:

Conforme o enunciado, a inserção de palavras na frase é capaz de modificar por completo o seu sentido. Foi o que ocorreu nas frases do enunciado, em que a inserção do artigo implicou alteração semântica na frase.

Resposta: D.

4. (Petrobras) "em todas as épocas e em todo o mundo"; a alternativa em que houve troca indevida entre as expressões "todo mundo" e "todo o mundo" é:

a) O jogador percorreu todo o mundo.

b) O atleta falou com todo mundo para pedir desculpas.

c) Ele conhecia todo o mundo na festa.

d) Via todo o mundo em seus filmes.

e) Todo o mundo está poluído.

Comentários:

Como vimos, *todo o mundo* quer dizer *o mundo inteiro* e *todo mundo* é o mesmo que *todas as pessoas*. Na letra A, diz-se que o jogador percorreu o mundo inteiro. Na letra B, o atleta falou com todas as pessoas para se desculpar. Já na letra C, não é possível conhecer o mundo inteiro em uma única festa, e sim qualquer pessoa. Na letra D, vê-se o mundo inteiro nos filmes e, na letra E, diz-se que o mundo todo está poluído.

Resposta: C.

5. (NCE/TJ) "O hábito arraigado de separar o econômico do social, do político, do ético e do legal, de que é o exemplo de contrapor o 'mercado' ao 'social' – quase sempre denegrindo o **primeiro** e enaltecendo o **segundo** – é uma das causas..."; mantendo-se o sentido original, os termos sublinhados poderiam ser corretamente substituídos, respectivamente, por:

a) este / aquele

b) este / esse

c) aquele / este

d) aquele / esse

e) esse / este

Comentários:

O numeral ordinal **primeiro** retoma o substantivo **mercado**, que é o elemento mais distante no texto. Já o numeral **segundo** refere-se ao substantivo **social**, que é o elemento mais próximo. Lembre-se de que **esse**, com dois elementos, para fazer diferenciação entre o mais próximo e o mais distante, nunca deve ser utilizado!

Resposta: C.

Violência no Campo

José Saramago

No dia 17 de abril de 1996, no estado brasileiro do Pará, perto de uma povoação chamada Eldorado dos Carajás (Eldorado: como pode ser sarcástico o destino de certas palavras...), 155 soldados da polícia militarizada, armados de espingardas e metralhadoras, abriram fogo contra uma manifestação de camponeses que bloqueavam a estrada em ação de protesto pelo atraso dos procedimentos legais de expropriação de terras, como parte do esboço ou simulacro de uma suposta reforma agrária na qual, entre avanços mínimos e dramáticos recuos, se gastaram já cinquenta anos, sem que alguma vez tivesse sido dada suficiente satisfação aos gravíssimos problemas de subsistência (seria mais rigoroso dizer sobrevivência) dos trabalhadores do campo. *Naquele dia*, no chão de Eldorado dos Carajás ficaram 19 mortos, além de umas quantas dezenas de pessoas feridas. (...)

"Naquele dia, no chão de Eldorado dos Carajás...".

6. O emprego de *naquele*, neste contexto:

a) indica que o dia referido na frase não deve ser confundido com outro.

b) mostra que o dia referido está distante no tempo.

c) assinala uma distância de lugar.

d) identifica o dia como algo a ser esquecido.

e) refere-se a um dia que o leitor desconhece.

Comentários:

Trata-se de uso do pronome demonstrativo que faz referência a uma informação, que está distante no tempo (dia 17 de abril de 1996). Logo, *naquele* está sendo usado para indicar um passado distante. Muitos alunos, ao errar, marcariam a letra A, que só caberia se houvesse dois dias anteriormente referidos no texto, o que não foi o caso.

Resposta: B.

7. (FCC/ANS – Técnico)... *os peixes morrem e boiam na superfície. Quem chega muito perto fica com os olhos ardendo e algumas pessoas têm dificuldade para respirar. Esses são alguns dos efeitos das marés vermelhas...*

Ao introduzir a frase transcrita acima, o pronome demonstrativo grifado:

a) antecipa a conceituação necessária para o fenômeno que é o assunto do texto.

b) estabelece uma repetição enfática, porém desnecessária, dos fenômenos já citados.

c) especifica o tempo e o espaço em que ocorrem os fenômenos antes citados.

d) indica a retomada dos fenômenos antes relacionados, em uma referência única.

e) redistribui as consequências dos fenômenos assinalados, acentuando seu efeito nas pessoas.

Comentários:

Trata-se de uso do pronome demonstrativo que se refere a informações citadas anteriormente no texto. Assim, eliminam-se automaticamente as letras C e E. A letra B apresenta erro quando menciona que a repetição dos fenômenos citados é desnecessária – ela é um recurso coesivo bastante útil no texto.

Resposta: D.

8. (FCC / TRT – Técn. Judic.) Assinale, entre as frases abaixo, elaboradas a partir do tema do texto, aquela em que se deveria usar ESTE(A) ou NESTE(A), em vez de ESSE(A) ou NESSE(A):

a) Li a regulamentação publicitária. E, nesse instante, compreendi-a melhor.

b) Ainda repercute aqui, nesse cérebro, a culpa de ter feito o anúncio prejudicial.

c) As leis foram publicadas e contra essa publicação se voltaram os anunciantes.

d) Se vocês, publicitários, conhecessem melhor essa regulamentação que está diante de seus olhos, não teriam errado.

e) As recomendações aí estão e são essas a que devemos obedecer.

Comentários:

Na letra A, o pronome demonstrativo *nesse* está adequadamente retomando o que foi dito anteriormente no texto. Já na letra B, o pronome, por apontar para algo que está perto do falante – trata-se do *seu cérebro* – deveria ser *neste* e não *nesse*. Na letra C, o pronome está adequadamente retomando o que foi dito anteriormente, daí utilizar-se *essa*. Na letra D, o pronome aponta para o que está perto do ouvinte – *essa regulamentação...diante de seus olhos* e, na letra E, a mesma situação se repete – *as recomendações aí estão*.

Resposta: B.

9. (NCE / TJ) O vocábulo *atual*, presente na primeira frase do texto, tem seu significado dependente do momento de produção do texto; a frase em que NÃO aparece um elemento do mesmo tipo é:

a) "Recentemente, porém, trata-se da independência da ciência e da técnica."

b) "Agora, esta realidade se estende a todo o Terceiro Mundo."

c) "Agora mundializado, o espaço geográfico redefine-se pela combinação desses signos."

d) "é frequentemente chamada de período técnico-científico."

e) "De um lado, o período atual vem marcado por uma verdadeira unicidade técnica..."

Comentários:

Pela leitura do enunciado, percebe-se que a banca busca um vocábulo com função exofórica, quando diz que tal vocábulo *tem seu significado dependente do momento de produção do texto*. Ora, o que se quer é a única frase que não apresente um vocábulo do mesmo tipo. Na letra A, o advérbio *recentemente* está vinculado ao momento em que o texto foi produzido. Nas letras B e C, o mesmo ocorre com o advérbio *agora*: ele possui, em ambas, função exofórica. Na letra D, o advérbio *frequentemente* não depende de quando se produziu o texto – trata-se de algo que ocorre com bastante frequência, independentemente do tempo. No entanto, a letra E apresenta o adjetivo *atual*, vinculado à época de produção do texto.

Resposta: D.

10. (FGV / Pol. Civil) Em texto da *Folha de São Paulo*, um morador das margens de uma grande

rodovia declarava o seguinte: “Hoje já passaram por aqui milhares de caminhões e automóveis, mas eu e minha família já estamos habituados com isso; os garotos até brincam, jogando pedra nos pneus.”

Há, nesse texto, um conjunto de palavras cujo significado depende da enunciação, ou seja, da situação em que o texto foi produzido. Entre as alternativas abaixo, aquela que indica um termo que não está nesse caso é:

a) hoje

b) aqui

c) eu

d) minha família

e) isso

Comentários:

Pelo que se depreende do enunciado, todas as alternativas – exceto uma – apresentam vocábulos com função exofórica. Na letra A, o advérbio *hoje* depende do momento de produção textual. Na letra B, o advérbio *aqui* está vinculado ao local onde o texto foi produzido. Nas letras C e D, *eu* e *minha família* dependem do enunciador do texto, logo possuem também função exofórica. Já a letra E apresenta o pronome demonstrativo *isso* que retoma informação anteriormente mencionada no texto – “hoje já passaram por aqui milhares de caminhões e automóveis”, possuindo, portanto, função anafórica, e não exofórica.

Resposta: E.

11. (FCC / Anac) O segmento do texto em que o termo destacado se refere textualmente a um elemento anteriormente expresso, e não a um elemento posterior, é:

a) Parece possível distinguir duas tendências fundamentais na reação ao grupo estranho: uma de admiração e aceitação, outra de desprezo e recusa. Aparentemente, quase todos os seres humanos apresentam <u>essas</u> duas tendências fundamentais.

b) ... pois supomos entender que <u>os</u> que falam a nossa língua têm um passado comum conosco ...

c) e também sabem <u>o</u> que esperar de nós...

d) Sentimos que <u>aqueles</u> que mais nos conhecem...

e) ... capazes de ignorar o que de melhor trazemos.

Comentários:

Podemos observar, pelo enunciado, que a banca busca um vocábulo com função anafórica (*um elemento anteriormente expresso*), e não catafórica (*um elemento posterior*). A letra A apresenta um demonstrativo que retoma as *duas tendências* citadas na primeira linha do trecho, tendo, portanto, função anafórica. Nas alternativas seguintes, os pronomes demonstrativos destacados apontam para informações que vêm logo a seguir no texto: *os* aponta para *que falam a nossa língua*; *o* indica *que esperar de nós*; *aqueles* aponta para *que mais nos conhecem* e *o*, para *que de melhor trazemos*. Todos, exceto um, têm função catafórica.

Resposta: A.

12. (TRF – Analista Judiciário) Dentre as frases a seguir, aquela em que o pronome relativo está mal-empregado é:

a) A pesquisa histórica é tarefa cuja realização se deve aos grandes historiadores.

b) O estudo das fontes históricas, o qual tanto atrai os historiadores, é tão importante quanto o da própria História.

c) Analisou tantos fatos quantos pudessem interessar à pesquisa histórica.

d) Às vezes, verificam-se fatos históricos que os historiadores não conseguem determinar suas causas.

e) O modo como a pesquisa histórica evolui às vezes surpreende o próprio historiador.

Comentários:

Ao se usar o pronome relativo devemos, antes de tudo, observar o **antecedente**, como vimos na teoria. Na letra A, o relativo *cuja* aparece entre dois substantivos indicando posse (realização da tarefa). Na B, o pronome relativo *o qual* vem antecedido do núcleo *estudo* (coisa). Na letra C, o pronome relativo *quantos* vem antecedido de *tantos* (indicando quantidade). Na letra D, o pronome relativo *que* não está adequado ao sentido da frase. Nela observamos a ideia de posse (causas dos fatos). Logo, a frase correta seria: "Às vezes, verificam-se fatos históricos **cujas causas** os historiadores não conseguem determinar". Na letra E, o **antecedente** do relativo *como* é a palavra *modo*. Nesses casos, quando os antecedentes são as palavras *modo*, *maneira*, *forma*, o

relativo adequado é *como*.

Resposta: D.

9.11. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (FGV / Anal. Leg.) Outra dificuldade encontrada por quem lida com a língua diariamente é o emprego dos pronomes, uma vez que o uso popular consolidou formas que não têm respaldo na gramática.

Assinale a alternativa em que ocorra erro no uso do pronome.

a) Para mim, é difícil entender a gramática.
b) Essa gramática não é para eu estudar.
c) Ele sempre carrega a gramática consigo.
d) Entre mim e ti não há diferenças.
e) Vou dividir os produtos entre eu e você.

2. (FCC / TRT) Considere as afirmações a seguir sobre o emprego dos pronomes nas frases.

I. "O vento da noite cortava-**lhes** o lombo" – Pronome pessoal com sentido possessivo.
II. "Os pescadores de largo curso olhavam para eles com**certo** desprezo" – Pronome indefinido atenuando o sentido do substantivo **desprezo**.
III. "Era como se**todo** o mundo se aproximasse para aconchegá-los" – Pronome indefinido **todo** equivalendo a **qualquer**.

É(São) verdadeira(s), **apenas**, a(s) afirmação(ões):

a) I
b) II
c) III
d) I e II
e) II e III

3. (FCC / TRT) Assinale a única frase em que o pronome **lhe** NÃO tem sentido possessivo.

a) O tempo mudou-lhe o rosto.
b) Não lhe pude conhecer a generosidade.
c) O sabor das balas de tangerina encheu-lhe a boca.
d) O entusiasmo abriu-lhe os olhos.
e) Deram-lhe um emprego perto de casa.

4. (FCC / TRT) As palavras em destaque não podem ser substituídas pelos pronomes à direita em:

a) José suspendeu o **envio da correspondência**. (suspendeu-o)
b) João viu **o relatório** antes da reunião. (viu-o)
c) A concessionária vendeu **os carros** em poucas horas. (vendeu-os)
d) Os congestionamentos trazem danos **para os empresários**. (trazem-lhes)
e) O diretor convidou **os funcionários** para um evento. (convidou-lhes)

5. (FCC / Anal. Jud.) Indique a opção em que a expressão em destaque pode ser substituída por "lhe", assim como em "... uma parte do mérito lhe cabe".

a) O economista chamou **o colega** de benfeitor da natureza.

b) A Fundação convidou **o professor** para o cargo de diretor.
c) O projeto pertence **ao renomado cientista**.
d) O governo criou recentemente o **Bolsa-Floresta**.
e) A diretora gosta muito **de sua assistente**.

6. (FCC / TRE) A alternativa abaixo em que não se realiza de forma conveniente a junção do verbo com o pronome pessoal enclítico é:
a) "traz uma reportagem" = trá-la
b) "doar 85% de sua fortuna" = doá-los
c) "indicam um caminho" = indicam-lo
d) "estimula a filantropia" = estimula-a
e) "fazer filantropia" – fazê-la

7. (FCC / TRT) "É quase impossível enxergá-lo".
Na frase, foi empregado corretamente o pronome oblíquo "o". A frase que não se completa com esse pronome é:
a) Abracei- _____ com entusiasmo.
b) Vi- _____ ontem na esquina da rua.
c) Felicitei- _____ pela aprovação.
d) A ele, devolvi- _____ o documento.
e) O livro, entreguei- _____ ao aluno.

8. (FCC / TRT) Conforme determina o padrão culto da Língua Portuguesa, a frase "ou a empresa ouve ele ou não" deveria ter a forma:
a) ou a empresa ouve ou não.
b) ou a empresa o ouve, ou não.
c) ou a empresa lhe ouve ou não.
d) ou a empresa lhe ouve, ou não.

9. (FCC / TRE) A substituição do termo destacado pelo pronome está incorreta em:
a) Viram <u>a moça</u>./ Viram-na.
b) Pedi <u>a elas</u> o material./Pedi-lhes o material.
c) Tocou <u>o hino</u> completo. / Tocou-o completo.
d) Parti em pedaços <u>o bolo</u>. / Parti-lo em pedaços.
e) Deixou para o filho <u>a herança</u>./ Deixou-a para o filho.

10. (NCE / Assemb. Leg.) Nos itens abaixo, dando continuidade ao que se diz na primeira frase, empregou-se com erro o pronome átono em:
a) Os nobres intensificavam suas atividades predominantemente ociosas. Eles intensificavam-nas quase sempre, depois que...
b) Os artesãos e os camponeses seguiam o ritmo da natureza. Eles o seguiam obrigatoriamente, uma vez que...
c) A deficiente iluminação não permitia aos artesãos e camponeses outra escolha. Ela não lhes permitia outra escolha, sobretudo quando...
d) A semente exige o tempo de plantio. Se ela o exige, é claro que não se podia...

e) A diminuição da jornada de trabalho acabou por criar o *tempo liberado*. Ao criar-lhe, tornou mais fácil para todos...

11. (NCE / UFRJ) Observe os pronomes oblíquos destacados no texto abaixo.

Como já **se** sabia, o ser humano adapta-**se** rapidamente a novas condições de vida. O que a pesquisa da felicidade nos ensinou foi o fato de a nossa capacidade de adaptação ser ainda maior do que **se** imaginava. Acostumamo-**nos** a quase tudo e há coisas das quais nunca **nos** enfadamos.

Segundo a norma culta, é possível inverter a colocação do pronome apenas em:

a) sabia-se
b) se adapta
c) imaginava-se
d) nos acostumamos
e) enfadamo-nos

12. (NCE / UFRJ) Observe as mudanças de colocação de pronomes propostas abaixo.

I. Só 46 delegados compareceram ao Parlamento, o que os tinha deixado em minoria – o que tinha deixado-os.
II. Um historiador acredita que o Brasil poderia ter se desintegrado em três diferentes países – se poderia ter desintegrado.
III. Antes da mudança da corte portuguesa, os conflitos regionais da colônia estavam se aprofundando – se estavam aprofundando.
IV. As colônias no Brasil estariam perdidas para Portugal, pois os ingleses queriam ocupá-las – os ingleses as queriam ocupar.

Tais mudanças são possíveis **apenas** em:

a) I e II
b) II e IV
c) I, II e III
d) I, III e IV
e) II, III e IV

13. (FGV / Anal. Leg.) Das alterações feitas abaixo na posição do pronome pessoal átono, é INCORRETA, de acordo com a norma culta da língua, a que foi feita na opção:

a) "... e o jogo dos rapazes elegantes transformara-<u>se</u>, então em um grande fenômeno de massas." / ... e o jogo dos rapazes elegantes <u>se</u> transformara, então, em um grande fenômeno de massas.
b) "... que desde os primeiros anos do século vinha <u>se</u> difundindo rapidamente pela cidade..." / ... que desde os primeiros anos do século vinha difundindo-<u>se</u> rapidamente pela cidade...
c) "... onde <u>se</u> realizavam os jogos em honra a Apolo..." / ... onde realizavam-<u>se</u> os jogos em honra a Apolo...
d) "... nos quais pudessem reunir-<u>se</u> e praticar o esporte." / ... nos quais <u>se</u> pudessem reunir e praticar o esporte.
e) "... Paulo Barreto mostrava a grandiosa impressão que a popularização do futebol <u>lhe</u> causava." / Paulo Barreto mostrava a grandiosa impressão que a popularização do futebol causava-<u>lhe</u>.

14. (TCU) Na oração "(...) embora se trate, por exemplo, de um expediente assinado (...)" foi

aplicado o seguinte princípio de colocação pronominal:

a) não se pospõe pronome átono a verbo, modificado por advérbio.
b) não se inicia período por pronome átono.
c) não se inicia período por ênclise.
d) não se pospõe pronome átono em locuções.
e) não se pospõe pronome átono a verbo flexionado em oração subordinada.

15. (TRT / Anal. Jud.) O segmento do texto em que o termo destacado se refere textualmente a um elemento anteriormente expresso, e não a um elemento posterior, é:

a) Parece possível distinguir duas tendências fundamentais na reação ao grupo estranho: uma de admiração e aceitação, outra de desprezo e recusa. Aparentemente, quase todos os seres humanos apresentam essas duas tendências fundamentais.
b) ... pois supomos entender que os que falam a nossa língua têm um passado comum conosco...
c) e também sabem o que esperar de nós...
d) Sentimos que aqueles que mais nos conhecem...
e) ... capazes de ignorar o que de melhor trazemos.

16. (FCC / Téc. Jud.) Em 1970 e 1971, houve, no Nordeste brasileiro, uma enorme procura por sapos, que eram caçados para que **suas** peles fossem exportadas para os Estados Unidos. **Lá elas** eram usadas para fazer bolsas, cintos e sapatos. **Isso** levou a uma drástica diminuição da população de sapos **nessa região**. Nesse primeiro parágrafo do texto os elementos em destaque se referem a outros elementos do mesmo parágrafo; assinale a correspondência errada:

a) suas – dos sapos;
b) Lá – Estados Unidos;
c) elas – as peles dos sapos;
d) Isso – bolsas, cintos e sapatos;
e) nessa região – Nordeste brasileiro.

17. (FCC / Anal. Jud.) O pronome *que* faz referência exófora, isto é, referência a elemento pertencente ao universo extratextual, encontra-se destacado em:

a) "mas permito-me fazer algumas ponderações e reflexões".
b) "Existem situações clínicas em que a morte é claramente inevitável".
c) "Nesses casos, o médico tem de conviver com incertezas".
d) "No meu íntimo, é como se eu quisesse entendê-la".
e) "Procuro respeitar sua vontade".

18. (FCC / Téc. Jud.) Assinale a opção em que é possível substituir, de acordo com a norma culta, a expressão grifada pela palavra "onde".

a) O cinema **em que** nos encontramos passa bons filmes.
b) Vejo você às 11 horas, **quando** iremos almoçar.
c) Se o tempo melhorar, **então** vamos à praia.
d) A situação **que** ele criou não é aceitável.
e) Lembrei-me do tempo **no qual** íamos juntos trabalhar.

19. (ANS – Técnico) *Sua ideia de que as espécies variam...*

O segmento grifado acima preenche corretamente a lacuna da frase:

a) Não havia ainda poderosos instrumentos _____ a ciência pudesse basear-se e desenvolver-se, como ocorre atualmente.

b) Os dados _____ se reportavam alguns cientistas permitiram o nascimento de teorias interessantes a respeito da vida no planeta.

c) Nem sempre as informações _____ dispõem os pesquisadores são suficientes para justificar complexas teorias científicas.

d) Durante muito tempo as explicações para a origem da vida, _____ todos sonhavam, eram fornecidas pela religião.

e) É necessário considerar-se _____ o desenvolvimento tecnológico atual foi o grande passo na descoberta de fatos biológicos.

20. (PM – BA) Está correto o emprego da expressão sublinhada na frase:

a) A aversão <u>com que</u> alguns demonstram pela preservação é incompreensível.

b) A prevenção é uma medida <u>de cujos</u> bons efeitos todos devem apoiar.

c) É injustificável a má vontade <u>de que</u> muitos manifestam diante da prevenção.

d) A prevenção, <u>em que</u> muitos fazem questão de ignorar, é imprescindível.

e) Medidas preventivas provocam efeitos <u>de cuja</u> eficácia ninguém duvide.

21. (FCC) Está correto o emprego de **ambos** os elementos sublinhados na frase:

a) A diferenciação entre profissionais, <u>à que</u> o autor faz referência, tem como critério um padrão ético, <u>de cujo</u> depende o rumo do processo civilizatório.

b) Se há apenas avanço técnico, numa época <u>onde</u> impera a globalização, as demandas sociais ficarão sem o atendimento <u>a que</u> são carentes.

c) As razões <u>porque</u> a globalização não distribui a riqueza prendem-se à relação mecânica entre oferta e demanda, <u>cuja a</u> crueldade é notória.

d) Os tecnocratas maliciosos imputam <u>para o</u> exercício da democracia os desajustes econômicos <u>em que</u> assolam os excluídos da globalização.

e) O aumento da produção, <u>de cuja</u> necessidade não há quem discorde, deve prever qualquer impacto ecológico, <u>para o qual</u> se deve estar sempre alerta.

22. (FCC) As palavras em destaque pertencem à mesma classe gramatical **exceto** na opção:

a) "Não seria isso **que** falta hoje a todos nós nas empresas?"

b) "... palestras **que** estão acontecendo neste exato momento."

c) "... já dizia o poeta **que** o tempo não para..."

d) "... aos padrões **que** nos impedem de crescer, ampliar e inovar."

e) "Acreditar naquilo **que** nossa voz interior diz..."

23. (FGV) Os pronomes relativos destacados substituem a palavra ou expressão que se encontra ao final de cada opção, **exceto** em:

a) "Está aí uma coisa **que** eu não sabia..." – coisa;

b) "Chefe de um país ou de um exército **que** preside..." – exército;

c) "E sempre desconfiei que 'esdrúxulo' foi inventada por um antigo dicionarista **que** sentia falta de uma palavra..." – antigo dicionarista;

d) "... sentia falta de uma palavra **que** descrevesse coisas" – uma palavra;
e) "figuras históricas **que** nunca foram" – figuras históricas.

24. (FGV) Em "O não marca **que** a decisão era reativa", a palavra negritada pertence à mesma classe gramatical da destacada em:
a) "... reveja os caminhos **que** você percorreu...".
b) "... para defender-se de algo **que** ameaça a integridade física...".
c) "Então, muitas das decisões **que** tomamos...".
d) "Entenda **que** o mapa da infância...".
e) "A pergunta **que** tanto fazem...".

25. (NCE) Indique a opção na qual a palavra **que**, destacada na coluna da esquerda, não substitui a palavra que a antecede, transcrita na coluna da direita.
a) "um quinto da energia **que** ingerimos..." energia
b) "Sem carne, **que** é uma fonte..." carne
c) "... conhecemos vegetais **que** substituem a carne..." vegetais
d) "... ir atrás da caça **que** estava no quintal..." caça
e) "É fato **que** somos onívoros" fato

(Cespe/UnB) Julgue as alternativas a seguir, com base no texto:

Efeitos da ameaça, no bem e no mal. Enquanto os nimbos da guerra toldam o horizonte, a vigília sugere pensamentos esparsos, de calibre diverso no bem e no mal. Por exemplo, transparece, com veemência dolorosa, o fato de que a arma atômica é o mais eficaz instrumento de poder. A unidade de medida. A prova.

Quem não tem arma atômica não se estabelece, está fora do grande jogo. Donde a conclusão grave, atemorizante: só a bomba é a última e definitiva garantia de segurança. E **aqui** trafegamos pelo domínio do mal.

Há compensações. Por exemplo, as marchas a favor da paz, a apinhar avenidas e praças ocidentais. Comovem o mundo islâmico. Porta-vozes muçulmanos celebram a resistência cristã à **ameaça da guerra**. E a interpretam no melhor sentido, como demonstração de que o Ocidente não quer, antes ainda do ataque ao Iraque de Saddam, um confronto entre civilizações.

Mino Carta. *Carta Capital*, 19/03/2003 (com adaptações).

26. Mantém-se a coerência do texto e a sua correção gramatical ao substituir o pronome "Quem" por Países.

27. O advérbio "aqui" remete, no texto, ao lugar, ao país onde o autor está ao escrever.

28. A inserção de *qualquer* antes de "ameaça da guerra" preserva a coerência e a correção gramatical do texto.

Nossos projetos de vida dependem muito do futuro do país **no qual** vivemos. E o futuro de um país não é obra do acaso ou da fatalidade. Uma nação se constrói. E constrói-se no meio de embates muito intensos – e, às vezes, até violentos – entre grupos com visões de futuro, concepções de desenvolvimento e interesses distintos e conflitantes.

Para **muitos**, os carros de luxo que trafegam pelos bairros elegantes das capitais ou os telefones celulares não constituem indicadores de modernidade.

Modernidade seria assegurar a todos os habitantes do país um padrão de vida compatível com o pleno exercício dos direitos democráticos. Por isso, **dão mais valor a um modelo de desenvolvimento** que assegure a toda a população alimentação, moradia, escola, hospital, transporte coletivo, bibliotecas, parques públicos. Modernidade, para **os que pensam assim**, é sistema judiciário eficiente, com aplicação rápida e democrática da justiça; são instituições públicas sólidas e eficazes; é o controle nacional das decisões econômicas.

Plínio Arruda Sampaio. O Brasil em construção. In: Márcia Kupstas (Org.). *Identidade nacional em debate*. São Paulo: Moderna, 1997, p. 27-9 (com adaptações).

29. Na linha 1, mantendo-se a correção gramatical do texto, pode-se empregar *em que* ou *onde* em lugar de "no qual".

30. O trecho "os que pensam assim" retoma, por coesão, o referente de "muitos", bem como o sujeito implícito da oração "dão mais valor a um modelo de desenvolvimento".

(Cespe/UnB) O texto é para as questões 31 e 32.

A visão do sujeito indivíduo – indivisível – pressupõe um caráter singular, único, racional e pensante em cada um de nós. Mas não há como pensar que existimos previamente a nossas relações sociais: nós nos fazemos em teias e tensões relacionais que conformarão nossas capacidades, de acordo com a sociedade em que vivemos. A sociologia trabalha com a concepção dessa relação entre o que é "meu" e o que é "nosso". A pergunta que propõe é: como nos fazemos e nos refazemos em nossas relações com as instituições e nas relações que estabelecemos com os outros? Não há, assim, uma visão de homem como uma unidade fechada em si mesma, como *Homo clausus*. Estaríamos envolvidos, constantemente, em tramas complexas de internalização do "exterior" e, também, de rejeição ou negociação **próprias e singulares** do "exterior". As experiências que o homem vai adquirindo na relação com os outros são as que determinarão as suas aptidões, os seus gostos, as suas formas de agir.

Flávia Schilling. Perspectivas sociológicas. Educação & psicologia. In: *Revista Educação*, vol. 1, p. 47 (com adaptações).

31. Na linha 3, para se evitar a sequência "nós nos", o pronome átono poderia ser colocado depois da forma verbal "fazemos", sem que a correção gramatical do trecho fosse prejudicada, prescindindo-se de outras alterações gráficas.

32. Na linha 10, a flexão de plural em "próprias e singulares" estabelece relações de coesão tanto com "rejeição" quanto com "negociação" e indica que esses substantivos têm referentes distintos e não podem ser tomados como sinônimos.

A **lenda urbana** surge com a oportunidade do inusitado, do espetacular, do fantasioso. É o momento em que **se pode** romper com a realidade e crer que existe algo além do que **se conhece**. Em primeiro lugar, a lenda urbana apresenta personagens quase sempre construídos em busca do indivíduo comum: **desperta-se** o interesse do ouvinte. Também **se espalha** por meios muito próximos dos simples mortais, seja oralmente, seja por e-mail, seja até em jornais sensacionalistas. As lendas urbanas se inserem no fenômeno chamado folkcomunicação, segundo o qual a expressão das classes mais baixas ou marginalizadas encontra vazão na produção de cultura popular e, muitas vezes, na cultura de massa. Esse folclore – em seu sentido mais amplo – traz à luz a compreensão de determinados povos sobre o meio que os cerca, mas de maneira bastante particular. As manifestações populares trazem tanto seus medos cotidianos quanto as influências sofridas por aquela população. As lendas urbanas são, assim, resultantes da criação contemporânea,

modernamente adaptadas ao universo do século XXI e seus problemas. Hoje o homem comum conhece a ciência (ou a pseudociência, como diz Carl Sagan) e **se utiliza** dela em seu cotidiano. Também por isso, as representações mais fantásticas ganham, muitas vezes, aspectos científicos. Surgem assim narrativas completas, em certa medida críveis, sobre o universo urbano moderno.

Andréa Neiva e Luciano R. Segura. *Sem mistério: discutindo língua portuguesa*, ano 2, nº 12, p. 26-32 (com adaptações).

33. (Cespe/UnB) O pronome "se" refere-se a "lenda urbana" em:

a) "se pode"
b) "se conhece"
c) "desperta-se"
d) "se espalha"
e) "se utiliza"

Gabarito: 1. e; 2. d; 3. e; 4. e; 5. c; 6. c; 7. d; 8. b; 9. d; 10. e; 11. b; 12. e; 13. c; 14. e; 15. a; 16. d; 17. a; 18. a; 19. c; 20. e; 21. e; 22. c; 23. b; 24. d; 25. e; 26. errado; 27. errado; 28. errado; 29. certo; 30. certo; 31. errado; 32. certo; 33. d.

9.12. RESUMO

São muitos os pronomes... Pessoais, possessivos, indefinidos, relativos... Vamos resumir tudo que é mais relevante sobre pronomes?

- Pronome indefinido é classe que se refere a substantivo. Indica ideia vaga, generaliza.
- Tanto o pronome indefinido quanto o adjetivo referem-se a substantivo. A diferença entre eles é semântica: o adjetivo qualifica o substantivo e o pronome indefinido indica ideia indefinida, vaga.

Atenção aos vocábulos "certo", "vários", "bastante": quando se referem ao substantivo e vêm antes, são pronomes indefinidos; quando vêm depois do substantivo, são adjetivos.

- Pronome pessoal reto substitui sujeito. Para substituir complementos, use o pronome pessoal oblíquo.
- Os pronomes oblíquos **o, a, os, as** substituem objetos diretos, complementos sem preposição. Os pronomes oblíquos **lhe** e **lhes** substituem objetos indiretos, complementos com preposição.
- Já os curingas (**me, te, se, nos, vos**) podem ser objetos diretos ou indiretos. Tudo vai depender da regência do verbo.
- Pronomes de tratamento são pronomes de 2ª pessoa do discurso (com quem se fala), mas carrega o verbo e os demais pronomes para a 3ª pessoa do discurso (= você).

- Em colocação pronominal, lembre-se de que há 3 proibições, 1 regra e 2 exceções. Ao julgar uma frase como certa ou errada, comece pensando nas proibições. Parta do princípio de que o que não é proibido está correto
- Ao utilizar os demonstrativos em frases, não se esqueça de perguntar primeiramente se ele se refere ao espaço/tempo/texto.
- Quando o pronome remete o leitor para uma informação que está dentro do texto, diz-se que ele tem função endofórica. Tal função pode se subdividir em anafórica (o pronome retoma) ou catafórica (o pronome avança no texto).
- O pronome terá função exofórica quando remeter o leitor para uma informação fora do texto: algo que tem de se deduzido. É a função do "onde", "quando", "quem.
- Pronomes relativos têm sempre função anafórica. Lembre-se de que o pronome cujo não pode ser substituído por nenhum outro relativo.
- Para saber a preposição que antecederá o relativo, basta colocar a oração que vem após o relativo na ordem direta, verificando se há ali verbo ou nome que peça preposição.

10 PREPOSIÇÃO

10.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

É palavra invariável que liga vocábulos ou orações, subordinando um ao outro. Caracteriza-se, assim, por ser um conectivo. Veja os exemplos:

Casa **de** José

Nesse caso, a preposição liga dois termos, dois substantivos.

Correu **para** chegar a tempo.

Já nesse exemplo, a preposição liga duas orações. É exatamente isso: preposição é conectivo que pode ligar termos ou orações.

Classificam-se as preposições em:

a) essenciais: apresentam-se sempre como preposição: a, ante, até, após, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por, sem, sob, sobre, trás.

b) acidentais: são aquelas que originalmente pertencem a outra classe gramatical (conjunções, advérbios...), mas, em determinadas frases, passam a usar-se como preposição.

como (= na qualidade de), durante (= por), conforme, segundo (= de acordo com) etc. Veja os exemplos:

Tinha-o **como** amigo.

Nesse exemplo, a palavra **como**, que, normalmente é conjunção, funciona como **preposição acidental**, pois equivale a uma outra preposição ("na qualidade de").

Segundo as previsões, teremos sol neste domingo.

Aqui, a palavra **segundo**, que pode ser numeral ou conjunção, funciona como **preposição acidental**. Basta trocá-la por uma locução prepositiva ("de acordo com") e você verá o valor de preposição que ela possui na frase.

Locução prepositiva: conjunto de palavras que funciona como preposição. Termina sempre por preposição.

Exs.: abaixo de, antes de, de acordo com, a respeito de, devido a, apesar de, a despeito de, em virtude de, em razão de, graças a etc.

10.2. VALOR RELACIONAL E NOCIONAL DA PREPOSIÇÃO

Diz-se que a preposição pode apresentar valor relacional ou nocional. A preposição possui valor relacional quando aparece na frase por uma exigência gramatical do termo anterior. Nesse caso, ela é resultado de regência verbal ou nominal.

Necessito **de** sua ajuda imediata.

Aqui, a preposição aparece na frase em função do verbo *necessitar*, que a exigiu: regência verbal.

Tenho necessidade **de** sua ajuda imediata.

Nesse caso, a preposição veio à frase por solicitação gramatical do substantivo que a antecede. Trata-se de regência nominal (regência do nome).

O que os dois exemplos anteriores têm em comum é o fato de a preposição ter aparecido na frase por exigência gramatical. É o **valor relacional** da preposição, ou, como muitas vezes é chamado nas provas, **valor gramatical**.

No entanto, as preposições, ao ligarem vocábulos ou orações, podem estabelecer valor semântico. Nesse caso, elas aparecem na frase, não por serem exigidas gramaticalmente pelo termo anterior, mas para indicar uma nova noção. É o chamado **valor nocional** ou **semântico**. Nos exemplos a seguir, as preposições estabelecem valores semânticos:

Desenho a lápis. (instrumento)

Chegou com a namorada. (companhia)

Estremeceu com a notícia. (causa)

Falar de futebol. (assunto)

Viver de renda. (meio)

Correr de medo. (causa)

Ir para a rua. (direção)

Treina muito para vencer. (finalidade)

Como o valor gramatical será estudado em regência, ficaremos neste capítulo apenas com os valores semânticos que as preposições podem estabelecer. É preciso treinar muito para se habituar à nomenclatura utilizada nas provas. Vamos apresentar uma ampla lista de valores nocionais das

preposições e, ao longo dos exercícios, você irá se deparar também com outros. Vamos lá?

Numere os parênteses abaixo de acordo com as relações semânticas que as preposições ou locuções prepositivas estabelecem.

1. causa	7. posse	13. tempo
2. companhia	8. assunto	14. acréscimo
3. finalidade	9. direção	15. concessão
4. origem	10. instrumento	16. ausência
5. lugar	11. matéria	17. conteúdo
6. meio	12. modo	

1. ( ) "Para seres amado, ama."

Comentários: É o mesmo que "*a fim de* seres amado".

Resposta: 3.

2. ( ) Viemos de Brasília de avião.

Comentários: Brasília é a *origem* de onde viemos e avião é o *meio* de transporte utilizado.

Resposta: 4 e 6.

3. ( ) Foi direto para a casa de Maria.

Comentários: Foi *em direção à* casa de Maria; Maria *possui* a casa.

Resposta: 9 e 7.

4. ( ) É preciso que além de uma sólida base filosófica de valores exista a parceria com os pais.

Comentários: Precisa-se não só de base filosófica; precisa-se *também* de parceria com os pais.

Resposta: 14.

5. ( ) Devido à falta de luz, não haverá aula hoje.

Comentários: Não haverá aula *em função*, *por causa da* falta de luz.

Resposta: 1.

6. ( ) Fez de tudo para não ser olhado com medo.

Comentários: Não queria ser olhado *deste modo*, *desta forma*: com medo.

Resposta: 12.

7. ( ) Abriu a porta com a chave.

Comentários: A chave foi o *instrumento* utilizado para abrir a porta.

Resposta: 10.

8. ( ) À tardinha, voltamos ao local combinado.

Comentários: Voltamos ao local combinado *durante* a tardinha.

Resposta: 13.

9. ( ) Conversamos muito sobre política.

Comentários: Política é o *assunto* sobre o qual conversamos.

Resposta: 8.

10. ( ) Para quem mora na favela, o medo é constante.

Comentários: Favela é *onde* se mora, o *local*.

Resposta: 5.

11. ( ) Foi detido por desacato.

Comentários: Desacato foi a *causa* para sua detenção.

Resposta: 1.

12. ( ) "Muitas vezes você é obrigado a amar o Botafogo, apesar do Botafogo."

Comentários: Amar o Botafogo é uma *concessão* aos problemas que o time traz, é algo *contraditório*.

Resposta: 15.

13. ( ) Gostei da sala de visitas.

Comentários: É uma sala com a *finalidade de* receber visitas.

Resposta: 3.

14. ( ) Ela se afastou com um súbito choro.

Comentários: Chorando foi a *forma*, o *modo* como ela se afastou.

Resposta: 12.

15. ( ) Tinha empobrecido com a seca.

Comentários: A seca foi a *causa* para a sua pobreza.

Resposta: 1.

16. ( ) Deve-se rir com alguém, não de alguém.

Comentários: Deve-se rir *em companhia de* alguém.

Resposta: 2.

17. ( ) Ele se confundiu com a minha resposta.

Comentários: A minha resposta foi a *causa* para a confusão dele, ela fez com que ele se confundisse.

Resposta: 1.

18. ( ) Copo de vinho.

Comentários: Aqui, aceitam-se duas respostas, dependendo do contexto em que essa frase esteja inserida. Ou o vinho é o *conteúdo* do copo, ou se trata de um copo *para* servir vinho, com a *finalidade de*.

Resposta: 17 ou 3.

19. ( ) Comprou um chapéu de palha.

Comentários: Palha é a *matéria* com que é feito o chapéu, seu *material*.

Resposta: 11.

20. ( ) A árvore caiu com o vento.

Comentários: O vento é a *causa* para a queda da árvore.

Resposta: 1.

21. ( ) O coração batia de alegria.

Comentários: A alegria fazia com que o coração batesse, era a *causa* para tal.

Resposta: 1.

22. ( ) Óculos sem aro.

Comentários: São óculos que *não possuem* aro: o aro é ausente nos óculos.

Resposta: 16.

Vamos treinar esse assunto em questões de concursos anteriores.

10.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

1. (FCC) A substituição da locução em destaque pela que se encontra à direita alteraria sensivelmente o sentido do enunciado no trecho:

a) "declino minha solidariedade em relação a sua preocupação" / no que concerne a.

b) "o médico tem [...] de administrar seu posicionamento em função das características da doença" / sem embargo de.

c) "Tento entender a posição do paciente diante de sua doença" / em face de.

d) "Procuro respeitar sua vontade, colocando-a à frente da tecnologia" / adiante de.

e) "devem também participar do encaminhamento das soluções médicas, em prol de posições mais humanas" / em favor de.

Comentários:

Na letra A, ambas as locuções prepositivas apresentam valor semântico de *assunto*. Na letra C, o valor semântico é de *causa*; na letra D, a noção que se expressa é de *lugar*, *posicionamento*. Na letra E, as locuções estão com valor semântico de *favor* e se reescrevem. Apenas na letra B as expressões não se substituem: *em função das* indica causa e *sem embargo de* indicaria concessão.

Resposta: B.

2. (NCE) O valor relacional da preposição em destaque está indicado com erro na alternativa:

a) "prolongar vidas de pacientes de forma inacreditável" / modo.

b) "conviver com incertezas" / companhia.

c) "discutir os inerentes aspectos técnicos sem desvinculá-los do lado emocional" / motivo.

d) "refletir sobre o sentido da vida" / assunto.

e) "preparar para a viagem final" / fim.

Comentários:

Mais uma vez, o que a banca espera é que o aluno identifique os valores semânticos das preposições e assinale o único que esteja incorretamente identificado. Na letra A, prolongam-se vidas de pacientes de determinada *forma*, *modo*; na letra B, convive-se *na companhia de* incertezas. Já na letra C, o valor é de *modo* e não *motivo*: discutem-se os aspectos técnicos *dessa*

forma – sem desvinculá-los do lado emocional. Na letra D, o sentido da vida é o *assunto* sobre o qual se discute e, na letra E, a viagem final é a *finalidade* da preparação.

Resposta: C.

3. (NCE) Em "Procuro respeitar sua vontade, colocando-a à frente da tecnologia, **por** entender que a morte, assim como a vida, merece dignidade", a preposição **por** está empregada com o mesmo valor relacional que em:

a) Inês, dama de rara beleza, morreu por amor.

b) Examinaremos toda a questão, mas por partes.

c) Vagamos, distraídos, por toda a cidade.

d) A casa tem dois pavimentos, ligados por uma escada.

e) Ele sempre lutou por conseguir um bom emprego.

Comentários:

Na frase do enunciado, a preposição possui valor semântico de *causa* (é o mesmo que "*porque* entendo que a morte, assim como a vida..."). Na letra A, Inês morreu *por causa do* amor: o valor semântico é de *causa*. Na letra B, a questão será examinada deste *modo*: por partes; na letra C, a cidade é o *lugar* por onde vagamos distraídos; na letra D, a escada é o *meio* de ligação entre os dois pavimentos e, na letra E, a conquista de um bom emprego é a *finalidade* da luta dele.

Resposta: A.

4. (NCE/Ministério Público) A frase abaixo em que a preposição DE tem seu valor corretamente indicado é:

a) pulseira de plástico = qualidade

b) morreu de cansaço = causa

c) rosto de anjo = origem

d) tampa da panela = matéria

e) viagem de longe = parte

Comentários:

Na letra A, o valor semântico da preposição é de *matéria*: plástico é o material com que foi feita a pulseira. Na letra B, o valor é mesmo de *causa*: o cansaço foi a causa para a morte. Na letra C,

anjo não é a *origem* do rosto, o valor é de *semelhança*: tem-se um rosto à semelhança de um anjo; na letra D, o valor semântico é de *posse*: a panela é *da* tampa e, na letra E, o valor é de *origem*, e não de parte.

Resposta: B.

5. (FCC/TRF) Alterou-se sensivelmente o sentido do trecho a seguir na opção: "O Mercosul (...) é, no momento, o mais notável bloco do Sul, devido ao peso específico das economias nele contidas e pelo seu rápido avanço".

a) O Mercosul é, no momento, o mais notável bloco do Sul, em virtude do peso específico das economias nele contidas e pelo seu rápido avanço.

b) Pelo peso específico das economias nele contidas e pelo seu rápido avanço, o Mercosul é, no momento, o mais notável bloco do Sul.

c) O Mercosul é, no momento, o mais notável bloco do Sul, por causa do peso específico das economias nele contidas e do seu rápido avanço.

d) Devido ao peso específico das economias nele contidas e pelo seu rápido avanço, o Mercosul é, no momento, o mais notável bloco do Sul.

e) O Mercosul é, no momento, o mais notável bloco do Sul, apesar do peso específico das economias nele contidas e pelo seu rápido avanço.

Comentários:

A locução prepositiva que aparece na frase do enunciado (*devido a*) tem valor de causa. Na letra A, tem-se a locução *em virtude de* com o mesmo valor causal. Na letra B, as duas ocorrências da preposição *pelo* indicam também causa. Na letra C, mais uma locução com valor causal: *por causa de*. Na letra D, duas preposições com valor de causa: *devido a* e *pelo*. Somente na letra E, a locução *apesar de* não indica causa, e sim concessão.

Resposta: E.

6. (FCC) Em "**Por** ser antes de tudo uma máquina de vender e, mais que isso, de vender o prazer do consumo e o consumo do prazer, ela atira contra nós mesmos o nosso desejo de consumir ao máximo...", a preposição sublinhada expressa uma relação com o sentido de:

a) causa

b) condição

c) consequência

d) concessão

e) posse

Comentários:

Tem-se, na frase do enunciado, uma relação de *causa e consequência*: o fato de ser uma máquina de vender o prazer e o consumo é a *causa* para se atirar contra nós mesmos o nosso desejo de consumir muito. Logo, a preposição tem o valor semântico de causa.

Resposta: A.

11 CONJUNÇÕES

11.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

11.1.1. Conjunções coordenativas

As **conjunções coordenativas** são aquelas que ligam orações de sentido completo, independente, que não exercem função sintática entre si: uma não é sujeito, objeto direto... da outra. Essa é a principal diferença entre as conjunções coordenativas e as subordinativas: a relação sintática que não existe entre as primeiras ocorre com as últimas. Mas você deve estar se perguntando: vou ter de pensar nisso tudo na hora de classificar as conjunções? Fique tranquilo, a resposta é não. Para identificar as conjunções, não será preciso pensar em análise sintática. Basta entender o que cada conjunção indica: o que é adicionar, opor, o que é causa, concessão, efeito etc.

Assim, comecemos pelas coordenativas, que integram o primeiro bloco, entendendo cada ideia que elas iniciam, aproveitando também para conhecer as conjunções e, se possível, memorizar, ao menos, meia dúzia de cada uma delas, para poupar futuramente seu tempo de resolução de prova. As conjunções coordenativas podem ser: aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas ou explicativas.

As **conjunções aditivas** são aquelas que ligam orações ou palavras, expressando ideia de acrescentamento ou adição. São elas: *e, nem* (= e não), além das expressões correlativas, que vêm em pares e também somam: *não só... mas também, não só... como também, bem como, não só... mas ainda.* Veja a frase:

A sua pesquisa é clara *e* objetiva.

Aqui, a conjunção aditiva liga termos (adjetivos) e não orações (sim, porque não se engane achando que a conjunção só pode ligar orações). Tais informações se adicionam, acrescentam.

Observe ainda:

Ele *não só* entrou na sala *como também* dirigiu-se aos pais.

Nesse caso, temos as expressões correlativas, que ligam duas orações, indicando ações que se somam.

As **conjunções adversativas** são aquelas que ligam duas orações ou palavras, expressando ideia de contraste ou compensação. São elas*: mas, porém, todavia, contudo, entretanto, no entanto, não*

obstante. Em relação às conjunções adversativas, é interessante frisar que elas nem sempre opõem, mas podem também compensam, ressalvam.

Veja:

Tentei chegar mais cedo, *porém* não consegui.

Aqui, a conjunção adversativa opõe, o que podemos observar pelas expressões "tentei chegar" e "não consegui". Logo, esse exemplo nos traz uma conjunção adversativa com valor de oposição, contraste.

Agora, observe:

Seu discurso foi breve, *mas* violento.

Nesse caso, temos palavras que não se contrastam: *breve* não é contrário de *violento*, mas é sua compensação. Logo, temos aqui conjunção adversativa com valor de ressalva, compensação.

As **conjunções alternativas** são aquelas que ligam orações ou palavras, expressando ideia de alternância ou escolha, indicando fatos que se realizam separadamente. São elas: *ou, ou... ou, ora... ora, já... já, quer... quer, seja... seja.* O que é interessante evidenciar nesse conceito é que elas podem, então, indicar, basicamente, duas ideias:

Ou saio eu, *ou* sai ele desta sala. (exclusão, escolha)

O cavalo avançava *ora* para a esquerda, *ora* para a direita. (alternância)

Você deve estar se perguntando: por que é preciso saber que a conjunção alternativa indica duas ideias (alternância ou exclusão)? Por dois motivos: primeiro, porque assim você não se engana achando que, se a conjunção é alternativa, só pode indicar alternância. Depois porque, em algumas questões, o examinador pode exigir um conhecimento mais específico: não que se diga apenas o nome da conjunção, mas que se explique o valor semântico que ela traz.

As **conjunções conclusivas** são aquelas que ligam à anterior uma oração que expressa ideia de conclusão ou consequência. São elas: *logo, pois* (dica importante: quando deslocado na oração, depois do verbo)*, portanto, por conseguinte, por isso, assim.*

Veja um exemplo:

Ele estava bem preparado para o teste, *portanto*, não ficou nervoso.

Aqui, o fato de *não ficar nervoso* é o resultado de *ele ter se preparado bem para o teste*. É a

sua conclusão.

As **conjunções explicativas** são aquelas que justificam a ideia da oração a que se referem. São elas: *que*, *porque*, *pois* (dica importante: quando iniciar a oração, antes do verbo), *porquanto*.

Assim, temos:

Venha para casa, *pois* está começando a chover.

Não demore, *que* o filme vai começar.

Interessante observar que as conjunções explicativas normalmente vêm ligadas a orações com verbos no imperativo – ordem, pedido, conselho ("*venha* para casa", "não *demore*"). Isso ocorre porque é uma questão de educação dar a ordem e, na sequência, explicar, justificar o porquê daquele comando. Essa é uma boa dica para reconhecer as conjunções explicativas com mais rapidez nas frases. Eis uma notícia boa: ao ver uma oração com verbo no imperativo, ligada a um *porque, pois, porquanto*, normalmente a conjunção será explicativa. A notícia ruim é que a conjunção explicativa pode vir também ligada a oração sem verbo no imperativo. Mas aí, para identificá-la facilmente, é só se lembrar do seu conceito: ela indica a explicação, a justificativa para o que foi dito anteriormente. Assim,

"Fazia tudo para ser agradável, *pois* não deixava uma pergunta sem respostas." (E. Bechara)

Aqui, a segunda oração explica, justifica aquilo que se disse na primeira. A conjunção é, então, explicativa.

Uma prova que tratou da conjunção explicativa ligada a verbo no imperativo foi a de Perito Criminal da Polícia Civil, Fundação Getulio Vargas, realizada em 2009. Veja:

Quase Nada

(Fábio Moon e Gabriel Bá. *Folha de São Paulo*, 28 de dezembro de 2008.)

1. No quarto quadrinho, a palavra **que** introduz uma:

a) causa.

b) consequência.

c) explicação.

d) condição.

e) concessão.

Comentários:

A conjunção *que* aparece ligada a verbo no imperativo – acorda – indicando uma explicação para o que se disse na outra oração. Poderíamos até trocar o *que* por outra conjunção explicativa – *porque*, *pois*. Observe que a banca não se preocupa tanto se a conjunção é coordenativa ou subordinativa, e sim com o valor semântico que ela indica – *explicação*. É uma tendência das bancas atuais: não cobrar do aluno memorização da nomenclatura, mas compreensão das ideias expressas pelos conectores.

Resposta: C.

Antes de partirmos à análise de outras questões de concursos, vamos fixar os conceitos por meio de frases curtas, para verificar se você entendeu a teoria.

Classifique as conjunções coordenativas das frases abaixo.

1. Fale baixo, **porque** todos estão dormindo.

Comentários: Ordem seguida da explicação.

Resposta: conjunção explicativa.

2. **Não só** passeia, **mas ainda** cumpre a obrigação.

Comentários: As duas ações se somam, *ele passeia* e *cumpre a obrigação*: "não só, mas ainda".

Resposta: conjunções aditivas.

3. Estudou muito **e** não foi aprovado.

Comentários: Apesar de a conjunção "e" ser normalmente aditiva, aqui ela contrasta, não segue o esperado: o que se esperava seria *estudar* e *ser aprovado*.

Resposta: conjunção adversativa.

4. Estudou muito **e** foi aprovado.

Comentários: Nesse caso, a conjunção não soma nem opõe, ela indica o resultado, a conclusão.

Resposta: conjunção conclusiva.

5. Você leu as cláusulas do contrato; não reclame, **pois**, das dificuldades que surgirem.

Comentários: Observe bem: a conjunção *pois* veio após o verbo, entre vírgulas, o que indica o seu deslocamento; além do mais, traz ideia de resultado.

Resposta: conjunção conclusiva.

6. **Nem** estuda **nem** deixa os outros estudarem.

Comentários: Dizer que *nem estuda nem deixa os outros estudarem* é o mesmo que dizer que não se fazem as *duas* coisas: não estuda *e* não deixa os outros estudarem.

Resposta: conjunção aditiva. Cuidado para não confundir com as alternativas: não são ações que se alternam e sim que se somam.

7. Analisamos o projeto com muita atenção, estamos, **pois**, aptos a executá-lo.

Comentários: Novamente, o *pois* deslocado. As vírgulas são uma preciosa dica. Ideia de resultado, conclusão.

Resposta: conjunção conclusiva.

8. O regulamento era bastante claro a esse respeito; **no entanto**, muitas pessoas teimavam em fingir que não sabiam de nada.

Apesar da *clareza do regulamento*, pessoas *fingiam não saber de nada*: oposição, contraste.

Resposta: conjunção adversativa. Além do mais, as conjunções *entretanto, porém, no entanto* serão sempre adversativas!

9. **Ou** não entendeu, **ou** fingiu-se de tolo.

Comentários: Duas opções que se excluem.

Resposta: as conjunções são alternativas e o valor semântico é de exclusão, escolha: uma coisa ou outra.

10. As autoridades levantaram-se **e** aplaudiram o velho professor.

Comentários: Finalmente um *e* que soma: duas ações que se adicionam.

Resposta: conjunção aditiva.

11. Saia da varanda, **que** está muito frio.

Comentários: Aproveite a estruturação da frase: temos a ordem (verbo no imperativo), seguida da explicação.

Resposta: conjunção explicativa.

12. Ele agradeceu a mim **bem como** a todos os presentes pela ajuda recebida.

Comentários: Ele agradeceu a mim *e* a todos.

Resposta: conjunção aditiva.

Vamos resolver algumas questões? Mas antes uma dica importante: nas provas atuais de concursos públicos, podemos observar duas tendências de questões em relação ao assunto que estamos abordando. Entenda:

Existem as questões que retiram um trecho do texto e pedem que você classifique a conjunção destacada ou, simplesmente, indique o valor semântico que ela representa.

Há também as questões de reescritura, em que se retira um trecho de um texto, com determinada conjunção em destaque, para que o aluno julgue que outras conjunções seriam capazes de substituí-la, mantendo-se o sentido original da frase.

Para resolver as questões do primeiro tipo, é preciso que você identifique a conjunção na frase em destaque, analisando a ideia que ela indica. Eis um exemplo:

1. (FCC/TRF – 2ª Região) No texto, o segmento "... podem ora ser consideradas como orientação geral, ora como disposição..." expressa ideias de ações:

a) opostas.

b) repetidas.

c) alternadas.

d) simultâneas.

e) concomitantes.

Comentários:

O que temos na frase são ações que se alternam. Os próprios conectivos *ora, ora* confirmam essa

ideia. A letra A seria a resposta, caso se tratasse de conjunção adversativa. Quanto à letra B, imaginamos que a banca esteja tratando de ações que se somam (aditivas). Já as letras D e E referem-se às conjunções temporais, que podem indicar ações que ocorrem ao mesmo tempo (simultâneas, concomitantes).

Conclusão: para resolver uma questão como essa, basta que você leia a frase com cuidado para entender o valor semântico indicado pela conjunção.

Resposta: C.

2. (FCC/TRF-SP) O emprego do elemento sublinhado compromete a coerência da frase:

a) Cada época tem os adolescentes que merece, pois estes são influenciados pelos valores socialmente dominantes.

b) Os jovens perderam a capacidade de sonhar alto, por conseguinte alguns ainda resistem ao pragmatismo moderno.

c) Nos tempos modernos, sonhar faz muita falta ao adolescente, bem como alimentar a confiança em sua própria capacidade criativa.

d) A menos que se mudem alguns paradigmas culturais, as gerações seguintes serão tão conformistas quanto a atual.

e) Há quem fique desanimado com os jovens de hoje, porquanto parece faltar-lhes a capacidade de sonhar mais alto.

Comentários:

O enunciado busca a alternativa que apresente uma conjunção mal escolhida, ou seja, que não expresse a ideia que ela deveria indicar.

A alternativa B traz o conectivo *por conseguinte*, cuja ideia é de conclusão. No entanto, esse conectivo está introduzindo uma oposição: *os jovens perderam a capacidade de sonhar alto, mas alguns ainda resistem ao pragmatismo moderno*. Assim, a conjunção que deveria unir essas duas orações deveria ser adversativa (*mas, porém, contudo, todavia* etc.), e não conclusiva. A letra A apresenta uma afirmativa seguida de sua explicação, confirmada pelo conectivo *pois*. A letra C apresenta duas informações que adicionam, o que se percebe pela conjunção aditiva *bem como*. A letra D introduz uma condição para que a outra oração ocorra, o que estudaremos nas conjunções

adverbiais condicionais. Finalmente, a letra E traz um *porquanto*, que estabelece uma explicação para a outra oração.

Resposta: B.

Atenção: não confunda a conjunção porquanto com portanto. Porquanto é o mesmo que porque.

Conclusão: nesse tipo de questão, além de entender a ideia que cada conjunção está veiculando, é necessário ter memorizado uma lista básica de conjunções para cada classificação. Isso agiliza o tempo de resolução da questão. De outra forma, além de ler cada frase e entender a sua mensagem, o aluno teria de fazer um certo esforço para lembrar o que cada uma das conjunções normalmente indica. Aqui, então, você precisaria entender a ideia estabelecida por cada conjunção e memorizar uma lista mínima de conectores.

São duas questões que necessitam que detectemos em cada frase o valor semântico que a conjunção expressa (oposição, ressalva, explicação etc.).

Há também as questões que buscam reescritura de frases, ou seja substituições de conjunções por outras que expressem a mesma ideia, entendemos que a memorização da lista das conjunções seja mais importante do que a compreensão do que está escrito na frase.

Veja um item de uma prova para o Ministério das Relações Exteriores, da banca organizadora Cespe/UnB, ocorrida no ano de 2009. Nela, esperava-se que o candidato julgasse a assertiva como certa ou errada.

1. "Essas disputas, contudo, podem ter mais relação com o perfil de potência regional do Brasil, **uma vez que** suas empresas multinacionais competem de modo mais agressivo por negócios além das fronteiras brasileiras."

a) A expressão "uma vez que" pode, sem prejuízo para a correção gramatical do período e sem alteração das informações originais, ser substituída por qualquer uma das seguintes: visto que, já que, pois, porque, porquanto.

Comentários:

Nesse caso, o mais importante não era entender a frase do texto, e sim ter memorizado as conjunções. Consulte a lista de conjunções explicativas que você possui e veja se não estão todas

lá. Simples, não é? Já para o aluno que não memorizou...

Resposta: certa.

Mais uma questão do mesmo concurso: pedia-se o de sempre, ou seja, julgar a alternativa como certa ou errada.

2. "Com isso, a partir de janeiro de 2009, a produção terá redução total de 4,2 milhões de barris diários. A medida, que foi acompanhada por países fora do cartel, não conseguiu, **no entanto**, segurar o preço da *commodity*, que caiu abaixo dos US$ 40." (O Globo, 18/12/2008.)

a) O termo "no entanto" pode, sem prejuízo para a correção gramatical do período e sem alteração das informações originais, ser substituído por qualquer um dos seguintes: porém, contudo, conquanto, contanto que.

Comentários: A conjunção *no entanto* é adversativa. Na lista das coordenativas adversativas só aparecem as duas primeiras: *porém* e *contudo*.

Conquanto é uma conjunção concessiva, que, apesar de indicar a mesma ideia de contrariedade, levaria o verbo para o subjuntivo. Logo, tal conjunção até manteria a ideia da adversativa "no entanto", mas prejudicaria a correção gramatical do período.

Contanto que é conjunção condicional, que nada tem de semelhança com a conjunção adversativa do texto.

Resposta: errada.

Você deve estar se perguntando: então, para resolver as questões de conjunções, basta que eu decore a lista de cada uma delas? Infelizmente, não. Ainda que para algumas questões a memorização baste, entender as relações semânticas que as conjunções estabelecem nas frases é fundamental por alguns motivos:

1. Algumas conjunções estabelecem mais de uma ideia, aparecem em mais de uma lista. Você vai aprender que um *porque* pode ser causal, explicativo ou final. Um *pois* pode ser conclusivo, explicativo ou causal. Além dessas conjunções, há outras que podem ter mais de uma classificação (*desde que*, *que*, *se*...). Assim, só uma leitura cuidadosa da frase permitiria a classificação da conjunção. Nesse caso, ter memorizado as conjunções ajuda, mas não resolve a questão.

2. Há questões que pedem que se identifique o valor semântico da conjunção, e não simplesmente que dê a sua classificação. Vimos, por exemplo, que a conjunção adversativa *mas* pode indicar adversidade ou ressalva: haverá questões que vão buscar que você identifique qual das duas ideias a conjunção indica. Decorar a lista, aqui, resolveria o seu problema?

11.1.2. Conjunções subordinativas

Vamos agora ao estudo das conjunções adverbiais, que estatisticamente são aquelas que mais aparecem nas provas de concursos públicos de variadas bancas.

Conjunção subordinativa é a palavra ou locução conjuntiva que liga duas orações, sendo uma delas dependente da outra. A oração dependente, introduzida pelas conjunções subordinativas, recebe o nome de oração subordinada.

Ex.: O baile já tinha começado quando ele chegou.

or. principal ↑ or. subordinada

conj. subord.

As conjunções subordinativas subdividem-se em **adverbiais** e **integrantes**. Vamos a elas...

A s **conjunções adverbiais** são aquelas que indicam circunstâncias. Lembre-se de que circunstância é uma ideia que se adiciona à frase sem ser necessária. É a história do fofoqueiro: onde?, como?, por quê?, para quê?... Certa vez, o professor Evanildo Bechara comentou, em uma palestra, que *circunstância é algo que a frase não pede, só a nossa curiosidade*... Pois bem, cabe ao aluno conhecer as ideias circunstanciais que se acrescentam à ideia principal de um texto, desenvolvendo-a. Podem ser causais, consecutivas, concessivas, condicionais, comparativas, conformativas, finais, temporais e proporcionais.

Primeiramente, temos as **conjunções causais** (*porque, que, como (= porque), pois que, uma vez que, visto que, porquanto, já que* etc.), que são aquelas que indicam *um fato que faz com que o outro ocorra*. Logo, para cada causa haverá um efeito. Se você não achar o efeito, então não havia causa. Daí, o exemplo:

Ele não fez a pesquisa *porque* não dispunha de meios.

O fato de *ele não dispor de meios* é que fez com que *ele não fizesse a pesquisa*. Agora, cuidado! Não confunda a causa com o efeito. Antes de classificar a conjunção, lembre-se de que **a conjunção recebe o nome da ideia que vem depois dela, não antes**. Se o que vem depois do *porque* é que fez

com que *ele não fizesse a pesquisa*, então *porque* é uma conjunção causal.

Aqui, valem dois recados:

Atenção:
1. Tenha em mente, ao resolver a questão, o conceito de causa: ela é um fato que faz com que o outro ocorra.
2. Antes de classificar a conjunção, cuidado para não olhar para o lugar errado: a conjunção recebe a classificação do que ela inicia, não do que veio antes dela.

Você deve estar perguntando: e se a conjunção iniciasse a oração *ele não fez a pesquisa* e não a outra oração? Aí, ela seria *consecutiva*, pois estaria iniciando o efeito, a consequência.

Assim, surge a **conjunção consecutiva**, que é aquela que introduz uma oração que expressa a consequência da principal. São elas: *de sorte que, de modo que, de forma que, sem que (= que não), que* (tendo como antecedente na oração principal uma palavra como *tal, tão, cada, tanto, tamanho)* etc.

Portanto, temos a frase:

Estudou tanto durante a noite *que* dormiu na hora do exame.

O primeiro passo é reconhecer que há, nessa frase, **uma relação de causa e efeito**. Triste é quando a gente sequer enxerga isso no texto...

Em seguida, organizar, na frase, o que é causa e o que é o efeito.

Lembre-se de que:
1. Na linha do tempo, a causa antecede o efeito: acontece antes.
2. A conjunção recebe o nome da ideia que ela inicia.

Assim, temos:

O fato de *estudar tanto durante a noite* aconteceu antes de *ter dormido na hora do exame*: estudar muito **fez com que** dormisse na prova. Logo, *estudar* é a causa e *dormir* é o efeito. Ora, se a conjunção inicia o fato de *ter dormido na hora do exame*, que é a consequência, ela é consecutiva e não causal.

As conjunções concessivas introduzem uma oração que expressa ideia contrária à da principal, sem, no entanto, impedir sua realização. São elas: *ainda que, apesar de que, embora, mesmo que, conquanto, se bem que, por mais que, posto que* etc. Observe:

Embora fosse tarde, fomos visitá-lo.

O fato de *ser tarde* não impediu que *fôssemos visitá-lo*. São informações contrárias, que não se excluem. Além do mais, o verbo está no subjuntivo (*fosse*), o que acaba sendo uma característica marcante das conjunções concessivas.

Atenção:
1. As conjunções concessivas indicam contrariedade, oposição.
2. A fim de não confundi-las com as coordenativas adversativas, que também contrastam, não deixe de memorizar as conjunções de cada lista e de lembrar que a conjunção concessiva, normalmente, leva o verbo para o subjuntivo, o que não ocorre com as adversativas.

Mais um exemplo para você fixar: Eu não desistirei desse plano *mesmo que* todos me abandonem.

O fato de *todos me abandonarem* não impedirá que *eu desista desse plano*: ideia de concessão. Atenção ao verbo "abandonem", que está no presente do subjuntivo.

As **conjunções condicionais** introduzem uma oração que indica a hipótese ou a condição para a ocorrência da principal. São elas: *se, contanto que, salvo se, desde que, a menos que, a não ser que, caso* etc.

Veja o exemplo:

Se precisar de minha ajuda, telefone-me.

A ação de me telefonar só ocorrerá *caso seja necessária a minha ajuda*. É a **hipótese** para a ocorrência da outra oração. Observe que o verbo está no subjuntivo – *precisar*, o que enfatiza a ideia hipotética que a oração traz.

As **conjunções conformativas** introduzem uma oração em que se exprime a conformidade de um fato com outro. São elas: *conforme, como (= conforme), segundo, consoante* etc. Pense sempre assim: a conjunção conformativa indica um fato que se realiza *de acordo com outro*, *em conformidade com outro*. Assim:

Arrume a exposição *segundo* as ordens do professor.

A exposição será arrumada *em conformidade*, *de acordo com* o que o professor ordenar.

As **conjunções finais** introduzem uma oração que expressa a finalidade ou o objetivo com que se realiza a principal. São elas: *para que, a fim de que, porque (= para que), que* etc. É mais uma conjunção que, por também indicar hipótese, apresenta, em geral, o verbo no subjuntivo. Veja:

Toque o sinal *para que* todos entrem no salão.

A finalidade, o objetivo da primeira oração ("toque o sinal") é de que *todos entrem no salão*. Veja como *a finalidade é uma consequência desejada, almejada, hipotética*.

A s **conjunções proporcionais** introduzem uma oração que expressa um fato relacionado proporcionalmente à ocorrência principal. São elas: *à medida que, à proporção que, ao passo que* e as combinações *quanto mais...* (mais), *quanto mais...* (menos), *quanto menos...* (mais), *quanto menos...* (menos) etc. É simples: uma ideia que se realiza proporcionalmente à outra. Assim:

O preço fica mais caro *à medida que* os produtos escasseiam.

Eis o que a conjunção proporcional indica*: quanto mais o preço fica caro, mais os produtos escasseiam*. São ações diretamente proporcionais. Podemos ter até ações inversamente proporcionais:

Quanto mais reclamava, menos atenção recebia.

Na sequência, temos as **conjunções temporais**, que são aquelas que introduzem uma oração que acrescenta uma circunstância de tempo ao fato expresso na oração principal. São elas: *quando, enquanto, assim que, logo que, todas as vezes que, desde que, depois que, sempre que, mal (= assim que)* etc. Essa ideia de tempo pode iniciar um tempo simultâneo, concomitante:

A briga começou *assim que* saímos da festa.

As duas ações ocorrem ao mesmo tempo. É conjunção temporal que indica *tempo simultâneo*. Mas não será sempre assim. Veja:

A cidade ficou mais triste *depois que* ele partiu.

A conjunção é temporal, indicando tempo anterior. Que interessante: a locução conjuntiva *depois que* está iniciando uma oração com valor de anterioridade (*ele partiu* aconteceu antes de *a cidade ficar mais triste*) e não de posterioridade. Por isso, é tão importante você se adestrar e, antes de classificar a conjunção, olhar para a oração que **vem depois dela**, não antes!

Agora, vêm as que consideramos mais fáceis: as conjunções comparativas. As **conjunções comparativas** introduzem uma oração que expressa ideia de comparação com referência à oração principal. São elas: *como, assim como, tal como, como se, (tão)... como, tanto como, tanto quanto, tal, qual, tal qual, que* (combinado com *menos* ou *mais*) etc. Assim, temos:

O jogo de hoje será mais difícil *que* o de ontem.

Vemos aqui *ações que se comparam*. Observe: o verbo das orações comparativas normalmente vem implícito, por ser o mesmo da outra oração. É como se eu dissesse: o jogo de hoje será difícil como o de ontem *foi difícil*. Observe mais um exemplo:

Ele é preguiçoso *tal como* o irmão.

É como se disséssemos: *ele é preguiçoso como o irmão é preguiçoso*.

Atenção: A oração comparativa vem com verbo implícito, contando, portanto, como uma oração. Se houver uma questão que pergunte quantos verbos há no período, não deixe de contar com o verbo da oração comparativa, embora ele não esteja explícito.

Por fim, temos as **conjunções integrantes**. Deixamos essas conjunções para o final, porque elas não integram o bloco das adverbiais, **não trazem ideia circunstancial**. O seu papel é iniciar oração substantiva, a oração que vale por um substantivo. Lá na escola, a professora nos aconselhava a substituir a oração substantiva por **isto**, que é um pronome substantivo, só para ter certeza de que ela é substantiva. Assim, teríamos:

Espero *que* ele traga os documentos necessários.

A conjunção integrante *que* integra a oração substantiva (*que ele traga os documentos necessários*), oração que vale por um substantivo, que pode ser trocada por **isto**. Veja que ela não tem nenhum dos valores semânticos que estudamos anteriormente (causa, condição, concessão...), apenas inicia uma oração substantiva. Mais um exemplo:

Não sei *se* José foi aprovado.

Eis um exemplo de conjunção integrante *se:* ela inicia uma oração que vale por um substantivo (*aprovação de João*). É a conjunção integrante.

Atenção:
1. As conjunções subordinativas dividem-se em dois blocos: integrantes (sem valor semântico) e adverbiais (que indicam ideia circunstancial, apresentando os valores de causa, condição, concessão etc.)
2. Reconhecer a conjunção integrante é simples: basta trocar a oração que ela inicia por um substantivo, ou, simplesmente, por isto.

Que tal treinarmos um pouco antes de encararmos as questões de concursos? A seguir, apresentamos algumas frases para fixarmos os conceitos.

Classifique as conjunções subordinativas destacadas nas frases a seguir:

1. Não vieram **porque** chovia muito.

Comentários: O fato de *chover muito* fez com que *não viessem*: inicia a causa.

Resposta: conjunção causal.

2. **Por mais qu**e estude, corre o risco de ser reprovado.

Comentários: O esperado seria que, *estudando muito, fosse aprovado*. Tem-se a ideia de oposição.

Resposta: conjunção concessiva. Atenção ao verbo no subjuntivo.

3. **Como** todos sabem, tenho um nome respeitado.

Comentários: A conjunção *como* tem valor de *conforme*, *de acordo com*.

Resposta: conjunção conformativa.

4. Ninguém sabe **se** ele está vivo ou morto.

Comentários: Ninguém sabe *isto*.

Resposta: a conjunção inicia oração substantiva, integrante.

5. Estava tão cansado, **que** adormeceu na poltrona.

Comentários: Lá vem ela: a relação de causa e efeito. Organize o seu raciocínio: o fato de *estar cansado* fez com que *ele adormecesse na poltrona*. A causa é *o cansaço*, o efeito é *adormecer na poltrona*.

Resposta: a conjunção *que* inicia o efeito, ela é consecutiva. Além do mais, quem já memorizou sabe que um *que* antecedido de *tão* normalmente é consecutivo.

6. Menti **porque** precisava.

Comentários: O fato de *precisar* fez com que *eu mentisse*. *Precisar* é a causa, *mentir* é a consequência.

Resposta: a conjunção inicia a causa: ela é causal.

7. Menti **porque** não fosses punido.

Comentários: Esse *porque* pode ser trocado por *para que*, *a fim de que*. O verbo, além disso, está no subjuntivo, indicando hipótese.

Resposta: conjunção final.

8. **Ainda que** me ameaces, nada revelarei.

Comentários: Relação de oposição, contrariedade, um fato que não impede que o outro ocorra: o fato de *me ameaçar* não vai impedir que *eu nada revele*. E o verbo no subjuntivo.

Resposta: conjunção concessiva.

9. **Como** ele se despedisse, acompanhamo-lo à porta.

Comentários: Relação de causa e efeito: o fato de *ele se despedir* fez com que *o acompanhássemos até a porta*.

Resposta: inicia a causa, a conjunção é causal.

10. **Sempre que** estou estudando, não gosto que façam barulho.

Comentários: Indica ideia de tempo. Não gosto que façam barulho *quando* estou estudando.

Resposta: conjunção temporal.

11. **Caso** ela me beije, pensarei no caso.

Comentários: A ação de *pensar no caso* só ocorrerá *se ela me beijar*. Valor de hipótese, condição. E verbo no subjuntivo – *beije*.

Resposta: conjunção condicional.

12. **Quanto mais** trabalho, **menos** tempo tenho para ganhar dinheiro.

Comentários: Ações inversamente proporcionais: quanto mais *se trabalha*, menos *se ganha dinheiro*.

Resposta: conjunção proporcional.

13. **Se bem que** estude muito, não aprende tudo.

Comentários: O verbo no subjuntivo – estude – e uma ideia de oposição: o fato de *estudar muito* não garante *o aprendizado da matéria*.

Resposta: conjunção concessiva.

14. **Desde que** saiu, não consigo raciocinar direito.

Comentários: A ação de *não raciocinar direito* ocorre desde o momento em que *alguém saiu*.

Ideia de tempo anterior.

Resposta: conjunção temporal.

15. **Como** seu irmão, Mariana sabia se comportar.

Comentários: A conjunção *como* equivale a *do mesmo modo que*. É como se disséssemos: Mariana sabe se comportar *do mesmo modo que* seu irmão sabe se comportar. O verbo vem implícito, por ser o mesmo da outra oração. São ideias que se comparam.

Resposta: conjunção comparativa.

Devidamente treinados em relação às conjunções subordinativas? Esperamos que sim. Agora, chegamos ao momento mais importante deste capítulo: a mistura das conjunções coordenativas e subordinativas. O aluno que sabe mesmo não se confunde quando vêm todas juntas. As dicas são muito simples:

Não se preocupe com a nomenclatura *coordenativa* ou *subordinativa*. O mais importante é a ideia que cada conjunção traz. Exemplo: se a conjunção iniciar uma ideia de explicação e não de causa, será coordenativa, e não subordinativa. O mais importante é identificar o valor semântico da oração que a conjunção inicia.

Não deixe de memorizar uma lista mínima para cada bloco de conjunções: isso poupará tempo de resolução de prova. Exemplo: o aluno que não memoriza que *conquanto* será sempre conjunção concessiva, pode perder muito tempo pensando sobre as outras ideias (causal, explicativa, conformativa...).

Não deixe de olhar para o que vem depois da conjunção, não para o que vem antes. Na dúvida, procure também substituir a conjunção por outras que tenham o mesmo sentido, para ter certeza da resposta certa.

E o mais importante: procure lidar com a frase da forma como ela está no texto. Não imagine situações, não extrapole o que está escrito. Exemplo: diante de uma *conjunção condicional*, que é a *hipótese* para a ocorrência da outra oração, não fique imaginando um contexto em que essa hipótese viesse a ocorrer. Se fosse assim, ela seria *causal* e não *condicional*. Dessa forma, você acaba errando porque pensou em outra coisa.

Classifique as conjunções a seguir:

1. Convém **que** tomes cuidado.

Comentários: Convém *isto*. A conjunção inicia oração substantiva.

Resposta: conjunção subordinativa integrante.

2. **Mesmo que** me peça, não atenderei.

Comentários: Algo que não se espera, contraditório. Verbo no subjuntivo. É o mesmo que *embora, ainda que*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial concessiva.

3. Nem canta **nem** assovia.

Comentários: Não realiza as duas ações: cantar e assoviar. *Nem* é o mesmo que *e não*.

Resposta: conjunção coordenativa aditiva.

4. **Ora** canta, **ora** assovia.

Comentários: Ações que se alternam: algumas vezes canta, outras assovia.

Resposta: conjunções coordenativas alternativas.

5. **Quanto mais** canta, mais feliz fica.

Comentários: Ações diretamente proporcionais. É o mesmo que *à medida que*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial proporcional.

6. Vai logo, **que** chegarás atrasado.

Comentários: Ordem seguida da sua explicação. Atente ao verbo da primeira oração no imperativo. *Que*, aqui, equivale a *pois*.

Resposta: conjunção coordenativa explicativa.

7. Ele se complicou, **por isso** foi repreendido.

Comentários: Ser repreendido é a conclusão de ele ter se complicado. Não confunda com a subordinativa consecutiva: *por isso* pertence à lista das conclusivas. É o mesmo que *logo*, *portanto*.

Resposta: conjunção coordenativa conclusiva.

8. Ele falou tanto **que** foi repreendido.

Comentários: O fato de muito ter falado fez com que ele fosse repreendido. Atenção ao *que*

antecedido de *tanto*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial consecutiva.

9. Vem, **que** eu te abraçarei.

Comentários: Pedido seguido de sua explicação. O *que*, aqui, equivale ao *pois*.

Resposta: conjunção coordenativa explicativa.

10. Conversa mais **que** trabalha.

Comentários: Comparam-se as ações de conversar e trabalhar.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial comparativa.

11. Estudou, **logo** foi aprovado.

Comentários: Ser aprovado é a conclusão de ter estudado. É o mesmo que *por isso*, *por conseguinte*, *portanto*.

Resposta: conjunção coordenativa conclusiva.

12. Estava tão cansado, **que** adormeceu na poltrona.

Comentários: *Que* antecedido de *tão*. Adormecer na poltrona é a consequência de estar muito cansado.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial consecutiva.

13. **Que** eu saiba, Luís não é casado.

Comentários: É o mesmo que *conforme eu saiba*, *de acordo com o que eu sei*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial conformativa.

14. **Sem que** eu tenha este documento nas mãos, nada poderei fazer.

Comentários: Ter o documento nas mãos é a condição para que eu faça algo. Atenção ao verbo *tenha*, no presente do subjuntivo.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial condicional.

15. Comprei as mangas, verdes **que** estivessem.

Comentários: O fato de as mangas estarem verdes não impediu que as comprasse. É o mesmo que *embora, ainda que estivessem verdes*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial concessiva.

16. No elogio há sempre menos sinceridade **que** na censura.

Comentários: Ações que se comparam. Observe que o verbo da segunda oração está implícito: "No elogio há sempre menos sinceridade que *há sinceridade* na censura".

Resposta: conjunção subordinativa adverbial comparativa.

17. Entre em silêncio **que** as crianças não acordem.

Comentários: As crianças não acordarem é a finalidade de se entrar em silêncio. Veja o verbo *acordem* no subjuntivo. É o mesmo *que a fim de que, para que as crianças não acordem*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial final.

18. Foi ao clube, **porém** não tinha ânimo.

Comentários: Ideia de adversidade, oposição. É o mesmo que *mas, contudo, todavia*. Não confunda com a conjunção concessiva, que possui a mesma ideia de contrariedade, mas leva o verbo para o subjuntivo.

Resposta: conjunção coordenativa adversativa.

19. **Embora** não tivesse ânimo, foi ao clube.

Comentários: Agora sim: o verbo está no subjuntivo. Ideia de oposição, contrariedade. Um fato (*não ter ânimo*) que não impede que o outro (*ir ao clube*) ocorra. É o mesmo que *ainda que não tivesse ânimo*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial concessiva.

11.1.3. Valores semânticos das principais conjunções

Antes de treinarmos as questões de concursos, uma pausa para uma boa sistematização. Pelos exercícios anteriores, você já deve ter percebido que determinadas conjunções aparecem em mais de uma lista. Exemplo: o conector *porque*, que você conhecia como causal ou explicativo, pode ser também final. Assim, pensamos que seria didático sistematizar as conjunções que aparecem em mais de uma lista, de modo que você saiba tudo que cada uma pode ser. Fica mais fácil na hora de estudar. Vamos lá?

- **E:** A conjunção **e** pode indicar as seguintes ideias:

Ele trabalha **e** estuda. (aditiva)

Estudou, **e** não passou. (= mas: adversativa)

Estudou, **e** passou em 1º lugar. (= logo: conclusiva)

- **POIS:** Quando inicia a oração pode ser causal ou explicativa. Se deslocada, será sempre conclusiva.

Estude bastante, **pois** tudo correrá bem. (explicativa)

Ele passou em 1º lugar, **pois** muito se esforçou. (causal)

Ele muito se esforçou; passou, **pois**, em 1º lugar. (conclusiva)

- **OU:** Como conjunção alternativa, pode excluir ou retificar. Pode ser também conjunção aditiva.

João **ou** José casará com Maria. (*um ou outro*; alternativa com valor de exclusão)

O professor **ou** os professores dirigiram-se ao departamento. ("os professores" corrige a informação anterior; alternativa com valor de retificação)

O fumo **ou** a bebida fazem mal à saúde. (= *e*: aditiva)

- **DESDE QUE**

Desde que acordou, não parou de estudar. (= *desde que*: temporal)

Desde que se esforce, tudo correrá bem. (= *caso*: condicional)

- **QUE**

Fala, **que** fala, **que** fala, **que** fala. (= *e*: aditiva)

Entre, **que** estamos atrasados. (= *pois*: explicativa)

Sei **que** serei aprovado. (*Sei isto*: integrante)

Choveu, **que** o dia foi muito quente. (= *porque*; causal)

O dia foi tão quente, **que** choveu. (*que* antecedido de *tão*: consecutiva)

Que ele insistisse, eu não iria à festa. (= *embora*: concessiva)

Esforce-se **que** tudo corra bem. (= *para que*: final)

- **SE**

Não sei **se** ele foi aprovado. (*Não sei isto*: integrante)

Se ele foi aprovado, não sei. (*Não sei isto*: só houve mudança da ordem da frase: integrante)

Se ele for aprovado, seus pais ficarão contentes. (= *caso ele seja*: condicional)

Se vocês já estão aqui, então, vamos começar a reunião. (= *já que*: causal)

Se eles eram felizes, não demonstravam contentamento. (= *embora*: concessiva)

• **COMO**

Ele fala **como** o irmão. (= *do mesmo modo que*: comparativa)

Como morava perto do amigo, resolveu visitá-lo. (= *já que*: causal)

Viajaremos **como** combinamos. (= *conforme*: conformativa)

11.1.4. Como estudar as conjunções

Sabemos que estudar as conjunções é tarefa que compreende as seguintes etapas:

• Entender o valor semântico que cada conjunção expressa: saber o que é adição, alternância, adversidade etc.

• Sistematizar as conjunções que podem apresentar mais de uma ideia. A conjunção alternativa, por exemplo, não indica só alternância, pode indicar também escolha ou exclusão.

• Memorizar uma lista básica de conjunções para cada grupo (aditivas, explicativas...).

• Apresentar as conjunções que podem aparecer em mais de uma lista. A conjunção *e*, por exemplo, pode ser aditiva, adversativa ou conclusiva. Sistematizar essas conjunções poupará ao aluno tempo de raciocínio para resolução da questão.

• Treinar, treinar e treinar.

11.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Classifique as conjunções coordenativas seguindo este código.

(1) aditiva

(2) adversativa

(3) alternativa

(4) conclusiva

(5) explicativa

1. ( ) Foi transferido, logo não nos veremos com muita frequência.

2. ( ) Agora verificamos um trabalho mais efetivo com a palavra não apenas como meta para o desenvolvimento, mas como um trabalho de resgate do próprio homem.

3. ( ) Podem me acusar, pois estou com a consciência tranquila.

4. ( ) “Esforço-me para aproximá-lo de Jesus, no entanto o senhor acerca-se do Papa.”

5. ( ) O atleta teve um ótimo desempenho e não conseguiu vencer a prova.

6. ( ) O futebol já é o quarto maior mercado de capitais do mundo, todavia só agora a Receita começa a prestar atenção nos jogadores.

7. ( ) “Tente não se tornar um homem de sucesso, e sim um homem de valores.”

8. ( ) Eles merecem perdão ou reparação total?

9. ( ) Sente aqui, que precisamos conversar.

10. ( ) “A água lhe bate nos olhos. Percebe, entretanto, que a água o está levando para o lado das pedras.”

11. ( ) Você participou do debate; diga-me, pois, as novidades.

12. ( ) “Já não era a flor do bairro, senão de toda a cidade.”

13. ( ) “Você não entendeu meu bilhete, portanto não cumprirá minhas orientações.”

14. ( ) “Tanto ele como o irmão são meus amigos.”

15. ( ) “Não achou os documentos nem as fotocópias.”

16. ( ) Queria estar atento à palestra, contudo o sono chegou.

17. ( ) Peguei um táxi e fui à casa do Wilson.

18. ( ) Conhecemos pessoas materialmente ricas, porém pobres espiritualmente.

19. ( ) “Você se prepara para o futuro corretamente ou fica metade do tempo se preocupando e nada mais?”

20. ( ) Não insista, porque não irei ao jogo.

II. Classifique as conjunções ou locuções subordinativas destacadas usando este código.

(1) causal

(2) concessiva

(3) condicional

(4) conformativa

(5) final

(6) proporcional

(7) temporal

(8) comparativa

(9) consecutiva

(10) integrante

1. ( ) ( ) A crise mostra que o Brasil progride enquanto dorme.
2. ( ) Não sabia se voltaria para casa.
3. ( ) “Se você sentir saudade, por favor não dê na vista.”
4. ( ) “Como escreveu o divino Dante: ‘Percam todas as esperanças. Estamos todos no inferno’.”
5. ( ) Como estivesse doente faltei à escola.
6. ( ) Ainda que chova, sairei de casa.
7. ( ) Serás aprovado desde que estudes.
8. ( ) “Como nas novelas, vemos que o Brasil está se dividindo entre babacas e psicopatas.”
9. ( ) “A crise ensina que nossa política é tão medíocre, que nos últimos anos bastou a economia.”
10. ( ) “Quando terminei a inspeção do que estava feito, eu não me senti bem.”
11. ( ) “A roupa tinha certa decência, posto que não fosse absolutamente nova.”
12. ( ) “Escrevi este texto enquanto assistia à morte do papa na TV.”
13. ( ) Ao perceber o que tinham feito com seus livros, gritou que parecia um louco.
14. ( ) ( ) “O poeta é um fingidor. Finge tão completamente que chega a fingir que é dor a dor que deveras sente.”
15. ( ) Conquanto os cavalos fossem a trote largo, longa pareceu a viagem ao doutor.”
16. ( ) “Os ricos são tão pobres que não percebem a triste pobreza em que usufruem suas malditas riquezas.”
17. ( ) “Uma vez que o ser humano olha só a aparência fica preso apenas à forma.”
18. ( ) “Ninguém ignora que a corrupção é geral em todos os setores.”
19. ( ) “Quanto mais juntamos dinheiro, mais difícil se torna a sua entrada.”
20. ( ) Mal a novela teve início, iniciou-se a polêmica.
21. ( ) São dilemas tão rotineiros quanto escolher o que comer.
22. ( ) Oremos porque tudo termine bem.

23. ( ) Foram feitas algumas exigências para que obtivesse crédito.

24. ( ) “A sordidez do que acontece no Brasil é tal que até criticar o governo só serve para legitimá-lo.”

25. ( ) “Os olhos de uma pessoa se iluminarem quando ela tem uma percepção nova não é um clichê literário, é a luz deste alvorecer saindo pelos olhos.”

26. ( ) “Se permitirmos que o preconceito nos domine, seremos em breve o mais atrasado no círculo dos povos atrasados.”

27. ( ) A vida dos deficientes físicos é mais difícil do que a vida da maioria de nós.

28. ( ) “Os lampiões acendiam à medida que a noite aos poucos se acentuava.”

29. ( ) Recebemos a notícia de que o melhor jogador do mundo virou espanhol.

30. ( ) A língua, como os costumes, segue uma evolução.

III. Complete as lacunas com o conectivo (conjunção ou locução conjuntiva, preposição ou locuçãc prepositiva) mais adequado.

1. O Botafogo foi o time que fez a melhor campanha do campeonato. Teria, _____, que ser o campeão este ano. (no entanto / portanto / isto é)

2. _____ Sabesp estar tratando a água da represa de Guarapiranga, o gosto da água nas regiões sul e oeste não melhorou. (Pela / Apesar de a / Devido a)

3. _____ não saia de casa, você pode dar grande contribuição à preservação ambiental. (Contanto que / Mesmo que / Uma vez que)

4. Ele não merece crédito _____ suas mentiras. (apesar de / devido a / não obstante)

5. _____ os deputados deponham na CPI e ajudem a elucidar os episódios obscuros dc caso dos precatórios, a confiança na instituição foi abalada. (Uma vez que / Para que / Mesmc que)

6. _____ recursos públicos investidos na área, nas últimas décadas vem se formando ali um cinturão de prosperidade. (Graças aos / Apesar dos / De acordo com os)

7. Todo texto está aberto a uma atribuição de significados, que depende da experiência prévia de leitura de quem o lê._____, qualquer significado que seja atribuído ao texto, independentemente de quão ambíguo ou provisório, é sempre adequado, _____ vai ao

encontro das expectativas de um leitor específico. (Portanto / No entanto / E) (porém / pois / e)

8. A negociação de acordos bilaterais é suficientemente importante para justificar uma abertura do governo com vistas a discutir essa questão com o setor privado, sobretudo agora, diante da perspectiva da desaceleração das economias desenvolvidas e do crescimento do comércio mundial, _____ crise de crédito que vem dos Estados Unidos. (apesar da / não obstante a / em consequência da)

Gabarito: I – 1. (4); 2. (1); 3. (5); 4. (2); 5. (2); 6. (2); 7. (2); 8. (3); 9. (5); 10. (2); 11. (4); 12. (2); 13. (4); 14. (1); 15. (1); 16. (2); 17. (1); 18. (2); 19. (3); 20. (5). **II** – 1. (10) (7); 2. (10); 3. (3); 4. (4); 5. (1); 6. (2); 7. (3); 8. (8); 9. (9); 10. (7); 11. (2); 12. (7); 13. (9); 14. (9) (10); 15. (2); 16. (9); 17. (1); 18. (10); 19. (6); 20. (7); 21. (8); 22. (5); 23. (5); 24. (9); 25. (7); 26. (3); 27. (8); 28. (6); 29. (10); 30. (8). **III** – 1. portanto; 2. Apesar de a; 3. Mesmo que; 4. devido a; 5. Mesmo que; 6. Graças aos; 7. Portanto / pois; 8. em consequência da.

11.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Vejamos questões de concursos anteriores.

1. (FCC/CADEP) Na frase "mudamos de vontade como muda de cor o camaleão", o autor:

a) estabelece uma comparação entre seres, sendo a volubilidade o termo comum.

b) se vale de duas formas do mesmo verbo para estabelecer uma oposição de sentido entre as ações representadas.

c) estabelece uma relação de *causa e efeito* entre duas ações.

d) emprega as palavras *vontade* e *cor* de modo *estranho* ao seu sentido literal.

e) emprega a palavra *como* para acentuar a ideia de uma proporção.

Comentários:

Na frase retirada do texto, temos o conectivo *como* para estabelecer uma relação de comparação ("*mudamos de vontade* como *o camaleão muda de cor"*, ou seja, compara-se a mudança da nossa vontade com a mudança de cor do camaleão). Observe que, em quatro opções, a linguagem usada é a seguinte: comparação na letra A, oposição na B, causa e efeito na C e proporção na E. A letra D fala dos valores semânticos (sentido) das palavras *vontade* e *cor* de forma errada, pois os sentidos não são estranhos ao que representam esses vocábulos.

Resposta: A.

2. (FCC/TRT – 18ª Região) Pensador consequente, a Cícero não importavam as questões

secundárias, interessavam-lhe os valores essenciais da conduta humana.

O sentido da frase acima permanecerá inalterado caso ela seja introduzida por:

a) conquanto fosse.

b) muito embora sendo.

c) ainda quando fosse.

d) por ter sido.

e) mesmo que tenha sido.

Comentários:

Nesta questão, pede-se usar um conectivo no início do período. Repare que, embora não haja elemento coesivo na frase, temos uma relação de *causa* e *consequência* ("as questões secundárias não lhe interessavam porque Cícero era um pensador consequente, coerente, racional. Interessavam-lhe os valores essenciais"*)*. Nesta aula, vimos que as preposições também podem estabelecer valores semânticos de **modo**, **companhia**, **causa** etc. Em quatro opções (A, B, C e E) os conectivos expressam ideia de *concessão*. Na letra D, a preposição *por*, na forma reduzida *por ter sido*, confirma a ideia de *causa*.

Resposta: D.

3. (FCC/TRF) Um deles é o tipo A, que acelera o envelhecimento da pele, **por penetrar em camadas mais profundas**. O trecho destacado indica, em relação ao restante do período, valor semântico de:

a) causa.

b) condição.

c) consequência.

d) finalidade.

e) temporalidade.

Comentários:

Apresentamos mais uma questão em que aparece a relação de *causa* e *consequência* ("acelera o envelhecimento porque penetra em camadas mais profundas"*)*. Aqui, também, a preposição *por* confirma essa ideia. Lembre-se: o mais importante é guardar os **nomes das relações** existentes no

texto – causa, condição, consequência, concessão, conclusão, explicação etc. –, já que a **mesma** preposição pode estabelecer vários sentidos.

Resposta: A.

4. (FCC/TRF) O estudo do cérebro conheceu avanços sem precedentes nas últimas duas décadas, **com o surgimento de tecnologias** que permitem observar o que acontece durante atividades.

A frase destacada acima introduz, no contexto, noção de:

a) causa.

b) conclusão.

c) ressalva.

d) temporalidade.

e) finalidade.

Comentários:

Esta questão reforça os **Comentários** feitos na anterior. A preposição *com* só confirma a relação de causa que se estabelece com a oração "O estudo do cérebro conheceu avanços sem precedentes nas últimas duas décadas". Ou seja, foi **por causa** do *surgimento de tecnologias que permitem observar o que acontece durante atividades...*, é que o *estudo do cérebro conheceu avanços sem precedentes*.

Resposta: A.

5. (FCC/TRF) Mas, passada a crise do petróleo, as pressões dos produtores por reajustes voltaram.

O sentido do segmento destacado acima está transposto corretamente, em outras palavras, em:

a) No entanto, conforme se passava a crise de petróleo...

b) Caso, contudo, se passasse a crise de petróleo...

c) Senão, enquanto se passava a crise de petróleo...

d) À medida, conquanto, que se passava a crise de petróleo...

e) Porém, depois que passou a crise de petróleo...

Comentários:

Antes de olhar as opções, observe as relações existentes nesta frase, na ordem direta: "Mas as

pressões dos produtores por reajustes voltaram, passada a crise do petróleo". A conjunção *mas* introduz, em relação ao que foi dito no texto, uma ideia de *adversidade* (aqui não há necessidade de conhecermos a oração que antecede esse período). Logo, só poderíamos considerar as opções A e E (no entanto e porém são *adversativas*).

Na última oração ("passada a crise") temos a ideia de *tempo posterior* (as pressões voltaram *quando/depois que* a crise do petróleo passou).

Resposta: E.

6. (FCC/METRO) *... ainda que à custa do sacrifício das finanças das estradas.*

A última frase do texto introduz, no período, noção de:

a) temporalidade.

b) consequência.

c) proporcionalidade.

d) ressalva.

e) causa.

Comentários:

Nesta frase retirada do texto, não haveria necessidade de se retornar a ele, pois a locução conjuntiva *ainda que* é concessiva, portanto, a ideia que se tem é de *ressalva*, *exceção*. Lembre-se de que a memorização de alguns conectivos é essencial para a resolução de algumas questões que buscam exatamente o conhecimento de tal assunto por parte do candidato.

Resposta: D.

7. (FCC/TCE-AL) *Nossa história e nosso passado não são nem cargas indesejadas, nem determinações absolutas.*

Mantêm-se o sentido e a correção da frase acima substituindo-se o segmento sublinhado por:

a) nem tanto cargas indesejadas quanto determinações absolutas;

b) cargas indesejadas, nem ao menos determinações absolutas;

c) cargas indesejadas, assim como não são determinações absolutas;

d) nem cargas indesejadas, quando não determinações absolutas;

e) nem mesmo cargas indesejadas, quanto mais determinações absolutas.

Comentários:

Neste período, se "nossa história e nosso passado não são nem cargas indesejadas, nem determinações absolutas" é porque não são as **duas coisas,** adição, portanto. Nas letras A e D, são só *determinações absolutas*, pois as expressões *nem tanto* e *nem* retiram o valor aditivo de *cargas indesejadas*. Na letra B, *nem ao menos* exclui as *determinações absolutas*. Na letra C, *são cargas indesejadas* ***e*** *determinações absolutas*, adição. Na letra E, a palavra *mesmo* denota uma ideia de inclusão que não aparece na frase original, cuja finalidade é apenas *somar*, *adicionar*.

Resposta: C.

8. (FCC/METRO) *Não apenas a construção, mas também a operação das ferrovias dependeu de subsídios estatais.*

O sentido correto da afirmativa acima está, em outras palavras, em:

a) Não apenas a construção, nem também a operação das ferrovias dependeram de subsídios estatais.

b) Tanto a construção quanto a operação das ferrovias dependeram de subsídios estatais.

c) Não era apenas a construção, mas somente a operação das ferrovias que dependeu de subsídios estatais.

d) Não foi apenas a construção, nem a operação das ferrovias, que dependeram de subsídios estatais.

e) Apenas a construção, e não somente a operação das ferrovias, dependeu de subsídios estatais.

Comentários:

Nas conjunções coordenativas *aditivas*, vimos que uma delas é a expressão *não apenas...mas também*, chamada *correlativa*. Na frase em questão, entendemos, pois, que **as duas coisas** dependeram de *subsídios estatais*. Nas letras A e D, não há soma e sim *exclusão* das duas. Na letra C, a palavra *somente* produz incoerência, pois a intenção é a de *somar* e não de excluir. Na letra E, diz-se que *apenas* a *construção dependeu de subsídios estatais.*

Resposta: B.

9. (FCC/TRT – 2ª Região – Tec. Judic.) Identifica-se relação de causa e consequência em:

a) A população rural ainda deve aumentar nos próximos dez anos, antes de entrar em declínio gradativo.

b) Desde cedo, a cidade teve o mérito de dar ao homem a possibilidade de evoluir além da luta pela sobrevivência pura e simples.

c) Sua primeira função foi de local de proteção, de armazenagem de alimentos e de entreposto de trocas.

d) praticamente todo o crescimento populacional do planeta ocorrerá nas cidades, nas quais viverão sete em cada dez pessoas em 2050.

e) mas o trânsito pode ser tão congestionado que se torna difícil usufruir as ofertas.

Comentários:

Nas opções A e B, os conectivos *antes de* e *desde* estabelecem uma relação de *tempo*. Na letra C, temos a conjunção *e* adicionando termos na oração (conjunção aditiva). Na letra D, o conectivo que aparece é o pronome relativo *as quais* antecedido de preposição (*nas quais*). Sabemos que o pronome relativo dá início às orações adjetivas. Temos aqui, portanto, uma oração adjetiva explicativa, já que vem antecedida de vírgula. Na letra E, a relação entre as orações é de causa e consequência (o fato de o trânsito ser congestionado leva à dificuldade de se usufruírem as ofertas).

Resposta: E.

10. (FCC/TRF – 2ª Região – Aux. Adm.) ... os alimentos orgânicos, que ignoram os pesticidas e fertilizantes químicos **em nome de integrar a lavoura à natureza**.

O segmento grifado está reescrito com outras palavras e sem alteração do sentido original em:

a) de modo que as plantações estejam bem cuidadas.

b) com escolha de terras naturalmente férteis para a lavoura.

c) sem que se cultivem alguns produtos com adubos naturais.

d) visto que os produtos tóxicos podem surgir no ambiente natural.

e) para que se façam plantações com respeito e proteção ao meio ambiente.

Comentários:

Esta é a típica questão que valoriza a ideia e não a memorização dos conectivos. Devemos

entender dessa afirmação que *os alimentos orgânicos que não contêm pesticidas e fertilizantes químicos integram a lavoura à natureza,* ou seja, *fazem isso com a finalidade de integrar a lavoura à natureza.* Na letra A, *de modo que* é consecutivo. Na B, a preposição *com* levaria à ideia de causa. Na letra C, *sem que* é condicional. Na D, *visto que* é causal. Na letra E, *para que* é uma locução conjuntiva que estabelece ideia de finalidade.

Resposta: E.

11. (FCC/TRF – 2ª Região – Aux. Adm.) Eles **não** são terríveis só contra os insetos que destroem lavouras, **mas também** contra borboletas, pássaros e outras formas de vida.

A sequência grifada na frase acima assinala, considerando-se o contexto, a noção de:

a) oposição, já que os pesticidas destroem insetos prejudiciais à lavoura, preservando as borboletas, pássaros e outras formas de vida.

b) alternativa, tendo em vista que os pesticidas destroem apenas os insetos, ou ainda, somente as borboletas, pássaros e outras formas de vida.

c) adição, pois os pesticidas, além de destruir os insetos prejudiciais às lavouras, destroem ainda borboletas, pássaros e outras formas de vida.

d) conclusão, por informar o emprego específico das substâncias referidas, como solução final dos problemas das lavouras.

e) explicação, pois insiste no sentido da palavra pesticidas, como destruidores apenas das pragas das lavouras.

Comentários:

Mais uma vez uma questão que traz a expressão correlativa *não só... mas também*, que denota *adição* (*elas são terríveis contra os insetos* ***e*** *contra borboletas, pássaros e outras formas de vida*).

Resposta: C.

12. (FCC/TRF – 5ª Região) "Naquele período era preciso definir quem pertencia à família ou não, e com quem se deveriam compartilhar os alimentos. **Portanto** era necessário criar regras específicas".

O sentido que a conjunção destacada acima introduz no contexto é o de:

a) temporalidade, que caracteriza as ações humanas na época abordada.

b) restrição, acerca da época em que tais fatos ocorreram.

c) condição, que vai justificar determinadas ações dos homens nessa época.

d) causa, que determina certo tipo de comportamento da humanidade.

e) conclusão, adequada e coerente, diante da situação exposta.

Comentários:

A conjunção destacada nesta frase indica *conclusão* (*portanto, por conseguinte, logo...*). As opções trazem os valores de *tempo*, *restrição*, *condição, causa* e *conclusão*. Essa é mais uma questão que resolvemos pelo conhecimento dos conectivos. A conjunção negritada no texto indica *conclusão.*

Resposta: E.

11.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (FCC) O valor relacional da preposição em destaque está indicado com ERRO na alternativa:

a) "prolongar vidas de pacientes de forma inacreditável" – modo.
b) "conviver com incertezas" – companhia.
c) "discutir os inerentes aspectos técnicos sem desvinculá-los do lado emocional" – motivo.
d) "refletir sobre o sentido da vida" – assunto.
e) "preparar para a viagem final" – fim.

2. (FCC) A conjunção e a preposição, sublinhadas no período "Para uns, o objeto final, a mira de todo esforço, o ponto de chegada, assume relevância tão capital, **que** chega a dispensar, **por** secundários, quase supérfluos, todos os processos intermediários." Foram usadas em valores semânticos que correspondem, respectivamente, aos valores de uso nas frases:

a) Não esqueçam os seus ideais, que são eles que impulsionam o homem em seu trabalho / Passar por vexames para obter resultados, é determinação de poucos.
b) Tamanho era o esforço dos aventureiros que os obstáculos viraram trampolim / Por ser do interesse das grandes corporações, o governo autorizou o projeto.
c) A sociedade espera que todos cumpram seus deveres profissionais e humanitários / Deixou de ganhar muito dinheiro por lhe faltar celebridade.
d) Era tal desafio que esperava o aventureiro, que ele esteve a ponto de desistir / O cidadão era aguardado por um grupo de pesquisadores.
e) Havia no porto de embarque muitos estrangeiros que aguardavam o navio / não abandono meus ideais por nada desse mundo.

3. (FCC) O período que pode ser introduzido por **à medida que**, sem que o sentido fundamental do enunciado se altere, encontra-se em:

a) "Mas os mitos são misteriosos, contêm segredos insondáveis."

b) “A celebração é mais importante que o conteúdo.”
c) “Cada ato mágico é singular, único, devendo ser meticulosamente encenado.”
d) “Para que as coisas dêem certo, é necessário realizá-lo da maneira mais adequada possível.”
e) “Quanto mais os planos sucumbem, mais acreditamos no seu encantamento.”

4. (FCC) Dentre as frases abaixo, a que é transformada com perda da noção semântica de finalidade é:

a) E começaram a preparar o cavalheiro para enfrentar o dragão.
E começaram a preparar o cavalheiro porque enfrentasse o dragão.
b) O cavalheiro foi preparado para responder à altura.
O cavalheiro iria equipado a fim de que respondesse à altura.
c) O cavalheiro iria equipado para resistir ao fogo.
O cavalheiro iria equipado de tal sorte que resistisse ao fogo.
d) Precisavam de alguém para enfrentar o dragão.
Precisavam de alguém que enfrentasse o dragão.

5. (FCC) *Eles não são terríveis só contra os insetos que destroem lavouras, mas também contra borboletas, pássaros e outras formas de vida.*

A sequência grifada na frase acima assinala, considerando-se o contexto, a noção de:

a) oposição, já que os pesticidas destroem insetos prejudiciais à lavoura, preservando as borboletas, pássaros e outras formas de vida.
b) alternativa, tendo em vista que os pesticidas destroem apenas os insetos, ou ainda, somente as borboletas, pássaros e outras formas de vida.
c) adição, pois os pesticidas, além de destruir os insetos prejudiciais às lavouras, destroem ainda borboletas, pássaros e outras formas de vida.
d) conclusão, por informar o emprego específico das substâncias referidas, como solução final dos problemas das lavouras.
e) explicação, pois insiste no sentido da palavra pesticidas, como destruidores apenas das pragas das lavouras.

6. (FCC) “Acontece que este clima de desconfiança, insatisfação e pavor não se nota só entre cientistas e sábios...”; após um segmento textual em que está presente a expressão “não só”, pode-se prever um segmento seguinte com valor de:

a) oposição.
b) concessão.
c) causa.
d) adição.
e) comparação.

7. (Aux. Adm. / Câm. Mun.) Tomando-se a frase “Poucos ramos da ciência avançaram tão rápido nos últimos anos **quanto** a astronomia”, pode-se afirmar que a conjunção destacada está empregada com o mesmo valor que em:

a) Quanto mais se estuda o céu, mais se descobrem novidades.
b) Tanto quanto Galileu, os cientistas brasileiros se esforçam para revolucionar a astronomia.

c) Tudo quanto já se estudou sobre os planetas é pouco em relação ao que ainda se desconhece.
d) Quantas descobertas novas no ramo da astronomia impressionam o homem.
e) Não se pode negar que quanto mais o homem penetra nos segredos do universo mais se impressiona com a sua insignificância.

8. (FCC) "Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material..."; a presença do segmento "não são apenas de ordem material" indica que, na continuidade do texto, haverá:

a) um termo de valor aditivo e pertencente a uma outra ordem.
b) um termo de valor adversativo e pertencente a uma ordem diferente da citada.
c) um termo de valor explicativo e pertencente à mesma ordem já referida.
d) um termo de valor concessivo e pertencente a uma ordem diversa.
e) um termo de valor conclusivo e pertencente à ordem citada anteriormente.

9. (FCC) "As mulheres envolvidas nesses crimes têm distúrbios psíquicos / e tratam as crianças como objetos descartáveis." A segunda oração desse período, em relação à primeira, expressa uma circunstância de:

a) adição.
b) causa.
c) comparação.
d) consequência.
e) explicação.

10. (FCC) Em todas as alternativas abaixo aparecem dois elementos ligados pela conjunção E; a alternativa em que o segundo elemento mostra uma evolução temporal em relação ao primeiro é:

a) "A evolução de suas armas começa pelos <u>dentes e punhos</u>."
b) "<u>Indumentária e casas</u> são extensões..."
c) "<u>O acocorar-se e sentar-se</u> no chão..."
d) "... lentes, televisão, <u>telefones e livros</u>..."
e) "... através do <u>tempo e do espaço</u>..."

11. (FCC) "Se o acesso à escola melhorou muito na última década, a qualidade de ensino do nosso país vem se mostrando muito aquém das nossas exigências."; a primeira oração em relação à segunda tem valor de:

a) condição.
b) temporalidade.
c) comparação.
d) modo.
e) concessão.

12. (Aux. Judic.) Vocábulos que iniciam parágrafos como "mas","para que" colaboram para que se mantenha no texto:

a) a coerência argumentativa.
b) a coesão formal.
c) a argumentação lógica.

d) a organização narrativa.
e) a estruturação enunciativa.

13. (FCC) A frase em que a conjunção estabelece, entre as orações, uma relação de sentido coerente é:

a) O homem se afastou de Deus, embora tenha se tornado materialista.
b) O homem atual é materialista, no entanto só acredita naquilo que vê.
c) Como o homem se afastou das leis de Deus, tornou-se profundamente infeliz.
d) O homem se afastou da Lei do Universo, por isso almeja a felicidade.
e) O homem tornou-se prisioneiro da ambição, ainda que tenha se afastado de Deus.

Assinale a opção que altera fundamentalmente o seu sentido:

14. (FCC) "Se eles entram nos trilhos, rodam que é uma beleza."

a) Caso eles entrem nos trilhos.
b) Desde que eles entrem nos trilhos.
c) Uma vez que eles entrem nos trilhos.
d) Contanto que eles entrem nos trilhos.
e) Mal eles entrem nos trilhos.

15. (FCC) "O marido não veio; não queria ver os irmãos":

a) Como não queria ver os irmãos, o marido não veio.
b) Por não querer ver os irmãos, o marido não veio.
c) Não querendo ver os irmãos, o marido não veio.
d) O marido não veio, por isso não queria ver os irmãos.
e) O marido não veio, já que não queria ver os irmãos.

16. (FCC) "Pouco a pouco, foram aparecendo as desvantagens do uso de inseticidas industriais, embora seu consumo continue alcançando cifras impressionantes."

a) Apesar de seu consumo continuar alcançando cifras impressionantes.
b) Desde que seu consumo continue alcançando cifras impressionantes.
c) Ainda que seu consumo continue alcançando cifras impressionantes.
d) Não obstante seu consumo continuar alcançando cifras impressionantes.
e) Conquanto seu consumo continue alcançando cifras impressionantes.

17. (FCC) "Uma observação mais cuidadosa revela, porém(A), que Ciência e Tecnologia não se comportam como(B) mercadorias, mas(C) como bens culturais; é por isso, talvez, que toda tentativa de transferência de tecnologia fracasse e resulta no(D) que não passa de alguma(E) forma efêmera de prestação de serviço.":

a) "porém" / (portanto).
b) "como" / (do mesmo modo que).
c) "mas" / (e sim).
d) "no" / (naquilo).
e) "alguma" / (uma).

18. (FCC) No trecho a seguir, assinale, em relação ao termo destacado, aquele que poderia

substituí-lo, sem alteração de sentido: "Avançamos muito na tecnologia, **mas** a perplexidade fundamental é a mesma."

a) por conseguinte
b) ainda assim
c) portanto
d) logo
e) pois

19. (FCC) Texto – A aventura pode ser louca, **mas** o aventureiro tem que ser lúcido. (Chesterton)

a) Já que a aventura é louca, o aventureiro tem que ser lúcido.
b) Visto que a aventura é louca, o aventureiro tem que ser lúcido.
c) Caso a aventura seja louca, o aventureiro tem que ser lúcido.
d) Embora a aventura seja louca, o aventureiro tem que ser lúcido.
e) Se a aventura é louca, o aventureiro tem que ser lúcido.

20. (FCC) A nota do Brasil, **embora** mude de ano para ano, sempre oscila entre dois e três,...

a) Mesmo que a nota do Brasil mude de ano para ano permanece entre dois e três.
b) A nota do Brasil sempre oscila entre dois e três, já que as notas sempre mudam de ano para ano.
c) Visto que a nota do Brasil muda de ano para ano, oscila sempre entre dois e três.
d) A nota do Brasil, contanto que mude de ano para ano, oscila sempre entre dois e três.
e) O Brasil sempre tem sua nota oscilando entre dois e três, no entretanto elas mudam de ano para ano.

21. (Aux. Oper./Docas-SP)

"Santos das ruas antigas
À beira do cais
Que escondem segredos".

A palavra **Que** classifica-se como:

a) conjunção integrante.
b) conjunção coordenativa.
c) preposição.
d) pronome relativo.
e) pronome interrogativo.

22. (Aux. Oper./Docas-SP)

"Pô! Eu vi, você fingiu..."

Pô! se classifica como:

a) preposição.
b) adjetivo.
c) advérbio.
d) conjunção.
e) interjeição.

23. (Técn. Oper./Docas-SP) *Na comparação com o primeiro trimestre do ano passado, a*

variação foi melhor do que a do País (30,65%), que somou US$ 77,56 bilhões.

As duas ocorrências da palavra QUE no período acima classificam-se, respectivamente, como:

a) conjunção e conjunção.
b) pronome relativo e conjunção.
c) pronome relativo e pronome relativo.
d) substantivo e pronome adjetivo.
e) conjunção e pronome relativo.

24. (Assist. Técn. Adm./Docas-BA) *"Eu queria que essa fantasia fosse eterna..."*

A palavra *que* classifica-se como:

a) pronome relativo.
b) conjunção integrante.
c) substantivo.
d) pronome indefinido.
e) conjunção subordinativa final.

25. (Guarda Port./Docas-BA)*No primeiro módulo, que termina no dia 19/11, foram repassadas noções de primeiros socorros, defesa pessoal, relações humanas e segurança.*

A palavra QUE no período acima classifica-se como:

a) preposição.
b) conjunção integrante.
c) conjunção subordinativa.
d) pronome relativo.
e) adjetivo.

26. (Economista/Docas)

Aos teus pés que nos deste o Direito.
Aos teus pés que nos deste a Verdade.

A palavra QUE classifica-se como:

a) pronome relativo.
b) conjunção subordinativa.
c) partícula expletiva.
d) preposição.
e) conjunção integrante.

27. (Fiscal/ICMS) É certo *que a mudança do enfoque sobre o tema, no âmbito das empresas – principalmente as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos de postura administrativa decorrentes da adoção de critérios de responsabilização penal da pessoa jurídica em seus países de origem. Tais mudanças, inevitavelmente, terão que abranger as práticas administrativas de suas congêneres espalhadas pelo mundo, a fim de evitar respingos de responsabilização em sua matriz.*

No trecho acima, as ocorrências da palavra QUE classificam-se, respectivamente, como:

a) pronome relativo e preposição.
b) conjunção integrante e preposição.

c) conjunção integrante e conjunção integrante.
d) pronome relativo e conjunção integrante.
e) preposição e pronome relativo.

28. (Técn. Op. Port.) A economia sul-africana varia da agricultura de subsistência até a moderna atividade industrial e mineral, tornando-a a mais forte economia do continente, com Produto Interno Bruto na ordem de US$ 255 bilhões.

No período acima, há:
a) cinco preposições.
b) oito preposições.
c) seis preposições.
d) sete preposições.
e) quatro preposições.

29. (Técn. Op. Port.) No caso da Baixada Santista, os números são amplificados naturalmente devido à proximidade com o Porto de Santos, pelo qual empresas e órgãos públicos de cada município podem promover despachos e desembaraços de mercadorias, conforme suas necessidades e contando com maior facilidade.

No período acima, há quantos verbos em forma nominal?
a) Cinco.
b) Quatro.
c) Dois.
d) Seis.
e) Três.

30. (Guarda Port./Docas-BA) O treinamento com armas será realizado nos estandes de tiro da Cactos, empresa vencedora da licitação.

No período acima há:
a) 1 artigo e 3 preposições.
b) 4 artigos e 3 preposições.
c) 3 artigos e 4 preposições.
d) 3 artigos e 4 preposições.
e) 4 artigos e 5 preposições.

31. (Téc. Judic./PA) Aliás, o melhor para a democracia seria separar os fundos partidários dos destinados às campanhas eleitorais.

A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. Há três preposições.
II. Há quatro artigos.
III. Há um pronome demonstrativo.
Assinale:
a) se todas as afirmativas estiverem corretas.
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
c) se nenhuma afirmativa estiver corretas.

d) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
e) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

32. (Fiscal/ICMS)

Diga que você me adora
Que você lamenta e chora
A nossa separação
Às pessoas que eu detesto
Diga sempre que eu não presto.

No trecho acima há quantas ocorrências, respectivamente, de pronomes e conjunções?
a) Sete e cinco.
b) Cinco e cinco.
c) Seis e cinco.
d) Sete e quatro.
e) Seis e quatro.

(Cespe-UnB) Julgue as alternativas a seguir:

Com a pressão vinda de todos os lados, é natural que, em um dado momento ou em outro, passe pela cabeça da maioria das pessoas a ambição de largar tudo e ir viver uma vida tranquila em outro lugar. Mudar de vida pode ser uma excelente solução para a tensão, dependendo evidentemente da vida que se leva. Qualquer decisão nesse sentido, porém, deve levar em conta um fato da natureza: ninguém pode evitar completamente situações estressantes. O estresse não é doença, e, sim, uma reação instintiva ao perigo real ou imaginário ou a uma situação de desafio. "Uma cascata bioquímica que prepara o corpo para lutar ou fugir", na definição do manual de técnicas para aliviar o estresse, elaborado pela Escola de Medicina de Harvard, um centro de excelência nos Estados Unidos da América.

Veja, fev./2004 (com adaptações).

33. Preservam-se a coerência textual e a correção gramatical ao substituir "porém" por "mas".

34. O valor adversativo da conjunção "e" permite sua substituição por "mas", sem que a argumentação do texto seja prejudicada.

Embora não se possa falar de supressão do trabalho assalariado, a verdade é que a posição do trabalhador se enfraquece, tendo em vista que o trabalho humano tende a tornar-se cada vez menos necessário para o funcionamento do sistema produtivo.

35. Caso se substituísse "Embora" por "Apesar de", a ideia de concessão atribuída a essa oração seria mantida, assim como a correção gramatical do período.

Hoje o sistema isola, atomiza o indivíduo. Por isso seria importante pensar as novas formas de comunicação. Mas o sistema também nega o indivíduo. Na economia, por exemplo, mudam-se os valores de uso concreto e qualitativo para os valores de troca geral e quantitativa. Na filosofia aparece o sujeito geral, não o indivíduo. **Então**, a diferença é uma forma de crítica.

36. O conectivo "Então" estabelece uma relação de tempo entre as ideias expressas em duas orações.

À medida que assimila criticamente os conteúdos (momento em que entra em ação a diretividade

do professor, selecionando, sistematizando e apresentando os conteúdos), o aluno realiza o diálogo cognitivo com seu objeto. A assimilação crítica ocorre quando os conteúdos são confrontados com os dados da realidade empírica, quando são historicizados, relativizados no contexto que os gerou, remetidos às suas condições de produção, quando são apreendidos através da relação, tão conhecida na obra de Freire, entre leitura da palavra e leitura do mundo.
Aparecida de Fátima Tiradentes dos Santos. *Desigualdade social e dualidade escolar: conhecimento e poder em Paulo Freire e Gramsci*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 89.

37. O conectivo "À medida que" liga orações e estabelece entre elas relação semântica que poderia ser expressa pelo conectivo **Enquanto**.
Segundo dados da ONU, dois terços da população mundial não se sente representada por seus governos e tem uma péssima opinião sobre a honestidade e sentido público dos políticos, muitas vezes sendo o voto uma manifestação "mais contra o que se teme, do que a favor do que se espera".

38. A conjunção "e", além de ter o valor semântico de adicionar uma ideia a outra, tem, no texto, também o valor de introduzir uma consequência para a oração anterior.

Gabarito: 1. c; 2. b; 3. e; 4. d; 5. c; 6. d; 7. b; 8. a; 9. d; 10. c; 11. e; 12. b; 13. c; 14. e; 15. d; 16. b; 17. a; 18. b; 19. d; 20. a; 21. d; 22. e; 23. e; 24. b; 25. d; 26. c; 27. b; 28. d; 29. e; 30. e; 31. a; 32. d; 33. errado; 34. certo; 35. errado; 36. errado; 37. certo; 38. certo.

Conjunções é assunto certo em qualquer que seja a prova. É importante também para a interpretação e produção textual, pois dá ao texto coesão e coerência. Vamos resumir o que foi estudado no capítulo?

11.5. RESUMO

- Conjunções coordenativas relacionam orações, podendo indicar cinco ideias: aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas e explicativas.
- Conjunções subordinativas podem ser integrantes – sem valor adverbial (=isto) ou adverbiais (com valor semântico).
- Conjunções subordinativas adverbiais podem indicar nove valores semânticos (6 Cs + FTP) causais, concessivas, condicionais, conformativas, consecutivas, comparativas, finais, temporais, proporcionais.
- Na hora de classificar a conjunção, lembre-se de olhar a oração que vem após ela, não antes.
- A causa e o efeito são ideias que sempre caminham juntas. Se a conjunção iniciar a causa, será causal. Se iniciar a consequência, será consecutiva. Lembre-se de que, na linha do tempo, a causa antecede a consequência.
- As conjunções consecutivas e conclusivas, bem como as adversativas e concessivas são

paráfrases: indicam a mesma ideia. Para não confundi-las, é essencial memorizar suas listas.

Parte III

Sintaxe

12 PREDICAÇÃO VERBAL

12.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

É a relação de dependência entre o verbo e seus complementos.

Os verbos *transitivos* e *intransitivos* exprimem, normalmente, *ação*, *fenômeno* e *movimento*.

12.1.1. Verbo intransitivo

Não necessita de um termo (objeto) que complete o seu sentido.

Exs.: a) Correm os dias, os meses, os anos.

b) O outono chegou.

c) O marido desapareceu entre as ruelas.

d) O rapaz chegou gravemente ferido ao hospital.

e) Falei bastante ontem.

f) Estudou bastante.

Comentários:

Em A, a frase está invertida. Na ordem, seria: "Os dias, os meses, os anos correm". O verbo não pede complemento (= objeto). Na B, o verbo encerra o período, também sem pedir *objeto*.

Nas frases de C a F, aparecem adjuntos adverbiais e predicativo após os respectivos verbos, e não objeto:

c) "entre as ruelas" (= adjunto adverbial de lugar);

d) "ferido" (= predicativo do sujeito); "ao hospital" (= adjunto adverbial de lugar);

e) "bastante" (= adjunto adverbial de intensidade); "ontem" (= adjunto adnominal de tempo);

f) "bastante" (= adjunto adverbial de intensidade).

Portanto, para a gramática, verbo **intransitivo** é aquele que denota *ação*, *movimento*, e não pede *complemento* (= objeto).

12.1.2. Verbo transitivo

O sentido do verbo é completado por um termo (objeto).

O objeto direto completa o verbo sem preposição obrigatória (amar, ajudar, adorar, namorar etc.).

Exs.: a) Essa atitude implicou sua demissão.

b) Falei a verdade.

Comentários:

Agora, aparecem verbos que pedem complemento direto (= objeto direto), *sem preposição* (*verbos transitivos diretos*):

"sua demissão" (= objeto direto)

"a verdade" (= objeto direto)

Já o objeto indireto completa o verbo com preposição obrigatória (obedecer, desobedecer, aludir, anuir, referir-se etc.).

Exs.: a) Obedece **a**os mais velhos.

b) Gostava **de** música.

c) Falei **a**os filhos.

Comentários:

Verbos como *obedecer* e *gostar* regem, obrigatoriamente, preposição. São *transitivos indiretos*.

Em "Falei aos filhos", o verbo falar, nessa frase, pede preposição a. Não teria sentido dizer "Falei os filhos".

"Obedecia aos mais velhos." (= objeto indireto)

"Gostava de música." (= objeto indireto)

"Falei aos filhos." (= objeto indireto)

O verbo pode pedir dois complementos. Trata-se do objeto direto e indireto. Um sem preposição e o outro com preposição (avisar, comunicar, certificar, informar, proibir etc.).

Exs.: a) Comuniquei o ocorrido aos pais.

b) Falei a verdade aos filhos.

Comentários:

Quando o verbo pede dois complementos, é chamado de *transitivo direto e indireto* (um termo sem preposição, o outro, com preposição):

"*o ocorrido* (= objeto direto) *aos pais* (= objeto indireto)"

"*a verdade* (= objeto direto) *aos filhos* (= objeto indireto)"

12.1.3. Verbo de ligação

O verbo estabelece uma ligação entre o sujeito e seu atributo ou característica (= predicativo).

Exs.: a) Eu sou **feliz**. (predicativo do sujeito)

b) Estava **cansado**. (predicativo do sujeito)

c) Ele acha-se **triste**. (predicativo do sujeito)

Comentários:

O *verbo de ligação*, que, diferentemente dos transitivos e intransitivos – que denotam *ação*, *movimento* – traz uma ideia de *estado*. Geralmente são os verbos *ser*, *estar*, *ficar*, *parecer*, *continuar*, *achar-se* etc.

Fundamentalmente, o seu papel é o de ligar o sujeito a sua *característica*, *qualidade*, a seu *atributo* (= predicativo do sujeito). Logo, *se o verbo é de ligação*, não temos objeto na frase, e sim *predicativo do sujeito*.

Nas frases A, B, C,*feliz*, *cansado* e *triste* são adjetivos que caracterizam o sujeito, e os verbos ser, estar e achar-se, indicam estado, de ligação.

Importante: Na maioria das vezes, a predicação do verbo só pode ser determinada na frase, e não isoladamente. O mesmo verbo que em um contexto possui uma determinada transitividade, em outro vem com transitividade diferente.
Observe que mostramos isso com o verbo falar:
Falei bastante ontem. (verbo intransitivo)
Falei a verdade. (verbo transitivo direto)
Falei aos filhos. (verbo transitivo indireto)
Falei a verdade aos filhos. (verbo transitivo direto e indireto)

Vamos fixar os conceitos? Dê a predicação dos verbos nas frases seguintes.

1. As crianças **brincavam** alegremente no pátio.

Comentários: O verbo *brincar*, nesta frase, não pede complemento. Após esse verbo aparecem circunstâncias (adjuntos adverbiais) de modo – *alegremente* – e de lugar – *no pátio*.

Resposta: verbo intransitivo.

2. Muitos amigos **chegaram** cedo.

Comentários: A palavra cedo indica o tempo da chegada, adjunto adverbial. Não há objeto (= complemento).

Resposta: verbo intransitivo.

3. O salão **estava** todo pintado.

Comentários: O verbo *estar* liga o sujeito (*salão*) a seu predicativo (*pintado*), indicando *estado*.

Resposta: verbo de ligação.

4. Márcia **deu** um brinde a cada participante.

Comentários: Nessa frase, o verbo dar pede dois complementos:

"... deu um brinde..." (sem preposição – objeto direto)

"... deu a cada participante (com preposição – objeto indireto)

"Márcia deu um brinde a cada participante."

Resposta: verbo transitivo direto e indireto.

5. Muitas pessoas **receberam** donativos.

Comentários: O vocábulo *donativos* completa o sentido do verbo sem preposição, é objeto direto.

Resposta: verbo transitivo direto.

6. **Confiei** em suas palavras.

Comentários: Repare que, nesse período, se retirarmos a preposição *em*, a frase fica sem sentido. É porque o verbo *confiar* pede obrigatoriamente essa preposição ("Confiei em suas palavras").

Resposta: verbo transitivo indireto.

7. **Ficamos** contentes com seu retorno.

Comentários: Em "Ficamos contentes", o termo destacado não é objeto, porque mostra um estado do sujeito (*Nós*). Palavra que indica *estado*, *qualidade*, *característica* do sujeito é *predicativo*. Além disso, o verbo *ficar* mostra uma *mudança de estado* e não uma *ação*, um *movimento*.

Resposta: verbo de ligação.

8. **Ofereci** uma recompensa aos funcionários.

Comentários: Mais um verbo que pede, na frase em que se encontra, dois complementos: um sem preposição, o outro com preposição:

"Ofereci uma recompensa..." (sem preposição – objeto direto)

"Ofereci aos funcionários..." (com preposição – objeto indireto)

Resposta: verbo transitivo direto e indireto.

9. **Pedi** a conta e **saí** do restaurante.

Comentários: Esse período traz dois verbos com transitividades diferentes: "Pedi a conta...", "... saí do restaurante". Na primeira passagem, o complemento do verbo aparece sem preposição (*a conta* – objeto direto); na segunda, temos uma ideia circunstancial (*do restaurante* – adjunto adverbial de lugar), e não objeto indireto.

Resposta: verbo transitivo direto e verbo intransitivo.

10. O mar **parecia** traiçoeiro naquela manhã.

Comentários: Mais um verbo cuja finalidade é ligar o sujeito a sua característica (predicativo). O vocábulo *traiçoeiro* é um adjetivo que se refere ao sujeito, é, portanto, um predicativo do sujeito. Como o verbo não indica ação nem movimento, não pode ser transitivo nem intransitivo.

Resposta: verbo de ligação.

11. **Trouxe** a lembrança de Natal.

Comentários: Aqui, temos um complemento do verbo *trazer* sem preposição (*a lembrança*) e uma locução que indica o lugar, a origem (*de Natal*), que funciona como adjunto adverbial.

Resposta: verbo transitivo direto.

12. Não **existem** mais sentimentos verdadeiros.

Comentários: Observe, primeiro, que a frase está invertida. Na ordem, teríamos: "Sentimentos verdadeiros não existem mais". Com isso, nos certificamos de que o verbo *existir* não pede complemento (= objeto), já que *mais* acrescenta ao verbo uma ideia de tempo, adjunto adverbial, pois.

Resposta: verbo intransitivo.

13. A moça **vivia** preocupada.

Comentários: O verbo *vivia*, nesta construção, indica um *estado* permanente, ligando o sujeito (*A moça*) ao seu predicativo (*preocupada*).

Resposta: verbo de ligação.

14. Ela **ficou** esperançosa.

Comentários: Mais um verbo que tem o papel de *ligar* o sujeito a seu estado, característica, qualidade (predicativo).

Resposta: verbo de ligação.

15. Ela **ficou** no escritório.

Comentários: Veja agora a diferença: *no escritório* indica o *lugar* onde *ela ficou*. Nesse caso, o verbo não *liga* nada. Não há predicativo nem objeto, e sim adjunto adverbial de lugar.

Resposta: verbo intransitivo.

16. **Fomos** a Fortaleza.

Comentários: Outra frase que mostra uma expressão (*a Fortaleza*) cuja finalidade é se referir ao verbo indicando uma circunstância (adjunto adverbial).

Resposta: verbo intransitivo.

17. **Lembrou-se** dos amigos.

18. **Lembrei** a data do seu aniversário.

Comentários: Em regência, vimos que o verbo *lembrar* pode aparecer com ou sem o pronome. Se vier *com* o pronome (*lembrar-se*) pede preposição; *sem* o pronome (*lembrar*), não pede preposição.

Respostas: 17. verbo transitivo indireto; 18. verbo transitivo direto.

19. **Surgem** os primeiros raios de sol.

Comentários: Assim como na frase 12, essa também mostra uma inversão dos termos. Na ordem, seria: "Os primeiros raios de sol surgem". Logo, não pede nenhum tipo de complemento, o sentido fica completo.

Resposta: verbo intransitivo.

20. Ninguém **reparou** nos maus modos daquela menina.

21. O pedreiro **reparou** o muro parcialmente destruído.

Comentários: Esses períodos são exemplos de verbos que, dependendo do sentido, mudam a predicação. Na frase 20, o *reparar* (= *dar atenção*, *dar importância*), pede preposição.

Já na 21, esse mesmo verbo equivale a *restaurar*, *fazer conserto*. Nesse caso, não pede

preposição.

Respostas: 20. verbo transitivo indireto; 21. verbo transitivo direto.

Já que você consegue detectar a classificação de um verbo, o próximo passo é aprender os tipos de predicado.

12.1.4. Tipos de predicado

Predicado: é o que se declara acerca do sujeito. Divide-se em **verbal**, **nominal** e **verbo--nominal**.

Verbal: não tem predicativo. O verbo **não** indica estado.

Ex.: O funcionário chegou.

Nominal: tem **predicativo**. O verbo indica **estado**.

Ex.: O funcionário estava contente.

Verbo-nominal: o verbo **não** indica estado. Tem **predicativo** (do sujeito ou do objeto).

Ex.: O funcionário chegou contente.

Vamos treinar?

Separar o sujeito e classificar o predicado.

1. Os jovens cantavam uma bela canção.

Sujeito: Os jovens

Predicado: cantavam uma bela canção

Comentários: O predicado não possui predicativo. Quando isso ocorre o predicado só pode ser verbal.

Resposta: predicado verbal.

2. Os jovens pareciam felizes.

Sujeito: Os jovens

Predicado: pareciam felizes

Comentários: Agora, temos no predicado a presença de um verbo de ligação (indica estado) e de predicativo (*felizes*).

Resposta: predicado nominal.

3. Os jovens cantavam uma bela canção felizes.

Sujeito: Os jovens

Predicado: cantavam uma bela canção felizes

Comentários: Nesse período, há um verbo que não indica estado (*cantavam*) e predicativo (*felizes*). Se o verbo *não* indica estado, o predicado é *verbal*; se há predicativo, o predicado é *nominal*. Como nessa construção há as duas ocorrências, o predicado é verbo-nominal.

Resposta: predicado verbo-nominal.

4. Achei-o competente.

Sujeito: (*Eu*)

Predicado: Achei-o competente

Comentários: Observe que o adjetivo *competente* se refere ao objeto direto (*o*), qualificando-o. Esse adjetivo, sintaticamente, funciona como *predicativo do objeto*. Aparecendo predicativo do objeto no predicado, só pode ser classificado como verbo-nominal.

Resposta: predicado verbo-nominal.

5. O desenvolvimento depende da produtividade.

Sujeito: O desenvolvimento

Predicado: depende da produtividade

Comentários: O verbo *depende não* indica estado e *não há predicativo* na frase.

Resposta: predicado verbal.

6. O desenvolvimento é um processo complexo.

Sujeito: O desenvolvimento

Predicado: é um processo complexo

Comentários: Agora temos um verbo de *ligação* (*é* – indicando estado) e predicativo do sujeito.

Resposta: predicado nominal.

12.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

Dê a predicação dos verbos sublinhados seguindo este código:

(1) verbo intransitivo (4) verbo transitivo direto e indireto

(2) verbo transitivo direto (5) verbo auxiliar (usado na locução verbal)

(3) verbo transitivo indireto (6) verbo de ligação:

(6a) estado permanente

(6b) estado passageiro

(6c) mudança de estado

(6d) continuidade de estado

(6e) aparência

1. ( ) Ela ligou o ferro silenciosa.
2. ( ) Impecável, transitava o marido pelo tempo.
3. ( ) Paulo está adoentado.
4. ( ) Paulo está no hospital.
5. ( ) As discussões continuaram pela noite.
6. ( ) Permaneciam abertas as listas de adesão às emendas.
7. ( ) Um congressista compareceu à sessão preocupado.
8. ( ) Deve chover bastante.
9. ( ) Eu sou sempre a estrela matutina.
10. ( ) Surgiu, pela esquina, assobiando.
11. ( ) Os operários perfuravam a rocha com suas brocas e picaretas.
12. ( ) Existe em Nova Lima uma importante mina de ouro.
13. ( ) Contou-me um amigo uma história exemplar.
14. ( ) Uma das janelas vivia aberta.
15. ( ) Estava, naquele dia, em Friburgo.
16. ( ) Ela parece triste.
17. ( ) Distribuímos as cartas na mesa.
18. ( ) Chegamos alegres.
19. ( ) José caiu doente.
20. ( ) "Aquela estrela no peito é uma predestinação, símbolo ao mesmo tempo de fulgor e solidão."

Gabarito: 1. (2) ferro: objeto direto / silenciosa: predicativo do sujeito; 2. (1) impecável: predicativo do sujeito / pelo tempo: adjunto adverbial; 3. (6b) adoentado: predicativo do sujeito; 4. (1) no hospital: adjunto adverbial; 5. (1) pela noite: adjunto adverbial; 6. (6d) abertas: predicativo do sujeito; 7. (1) à sessão: adjunto adverbial / preocupado: predicativo do sujeito; 8. (5); 9. (6a) estrela: predicativo do sujeito; 10. (5); 11. (2) rocha: objeto direto / com suas brocas e picaretas: adjunto adverbial (instrumento); 12. (1) em Nova Lima: adjunto adverbial; 13. (4) história: objeto direto / me: objeto indireto; 14. (6a) aberta: predicativo do sujeito; 15. (1) naquele dia: adjunto adverbial / em Friburgo: adjunto adverbial; 16. (6e) triste: predicativo do sujeito; 17. (2) as cartas: objeto direto / na mesa: adjunto adverbial; 18. (1) alegres: predicativo do sujeito; 19. (6c) doente: predicativo do sujeito; 20. (6a) predestinação/símbolo: predicativo do sujeito.

12.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

A seguir, observe como são trabalhadas as questões de predicação verbal nas provas de concursos públicos.

1. (MPU – FCC) *... elas também causam impactos significativos na agricultura e na saúde humana.*

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o do grifado acima está na frase:

a) ... grandes pinheiros brotam por toda parte.

b) ... mas que chegaram ao Brasil...

c) ... e aqui encontraram espaço...

d) ...o búfalo e o pinus são apenas espécies exóticas.

e) ... e competindo com elas por alimento.

Comentários:

O verbo da frase do enunciado é transitivo direto, vem seguido de seu objeto direto *impactos significativos*. Observe que a expressão *na agricultura e na saúde humana* não pode ser considerada objeto do verbo, é seu adjunto adverbial de lugar (responde à pergunta *onde?*).

Na letra A, tem-se um verbo intransitivo, seguido de um adjunto adverbial de lugar (*por toda parte*). Na letra B, o mesmo acontece: o verbo *chegar* é intransitivo, porque não vem seguido de complemento, e sim de circunstância lugar (*ao Brasil*), que, na sintaxe, é chamada de adjunto adverbial de lugar. É na letra C que encontramos um outro verbo transitivo direto, seguido de seu objeto direto *espaço.* Na letra D, temos um verbo de ligação, que liga o sujeito *o búfalo e o pinus* ao seu predicativo *espécies exóticas*. Por fim, a letra E, que traz um verbo transitivo indireto, com

seu objeto indireto *com elas* e seu adjunto adverbial de causa *por alimento.*

Resposta: C.

2. (Cesgranrio) O verbo virar foi usado da mesma maneira que em "... o trabalho vira dinheiro." Em:

a) O pintor tropeça e vira a lata de tinta.

b) O mar, que estava de ressaca, virou o barco.

c) O petróleo, depois de devidamente processado, vira gasolina.

d) O mecânico, quando faz uma boa revisão, vira o carro do avesso.

e) Os policiais viraram todo o carro à procura de novas pistas.

Comentários:

A transitividade de um verbo é algo relativo, depende da frase. O verbo da frase do enunciado indica mudança de estado: o trabalho *se transforma* em dinheiro; é, portanto, verbo de ligação. Nas letras A, B, D e E, o verbo*virar* indica ação, movimento, sendo, nas quatro frases, transitivo direto. Apenas na letra C, o verbo *virar* vem indicar, mais uma vez, mudança de estado, sendo, portanto, classificado como verbo de ligação, com seu predicativo *gasolina*.

Resposta: C.

13 TERMOS DA ORAÇÃO

13.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Primeiramente, vamos conhecer os termos **integrantes** da oração. E, logo depois, os acessórios.

13.1.1. Termos integrantes

a) Objeto direto: complemento que integra a significação do verbo **sem o auxílio de preposição obrigatória.**

Ex.: A crise financeira estimulou a crença no intervencionismo do Estado. (estimulou-a)

b) Objeto indireto: complemento que integra a significação do verbo, ligando-se a este por meio de **preposição obrigatória**.

Ex.: As alunas responderam ao professor. (responderam-lhe)

c) Complemento nominal: complemento **preposicionado** de um substantivo, de um adjetivo ou de um advérbio.

Obs.: Quando esse termo preposicionado completa o substantivo, tem valor passivo. Se o termo preposicionado completar adjetivo ou advérbio, só pode ser complemento nominal.

Ex.: Venda de armas.

(subst. abstr.) (ideia passiva – as armas foram vendidas)

Estou certo da vitória.

(adj.)

Favoravelmente aos empresários.

(adv.)

d) Agente da passiva: termo preposicionado que **exerce a ação verbal** na voz passiva.

Ex.: Ele foi reconhecido pela mulher.

Só fixando, mesmo, para ver o assunto ficou claro: vamos misturar todos os termos integrantes...

Importante!
Lembre sempre que objeto (direto – sem preposição – ou indireto – com preposição) é complemento de verbo; complemento nominal é complemento preposicionado de nome substantivo, adjetivo ou advérbio; o agente da passiva é o termo preposicionado que pratica a ação verbal na voz passiva.

Classifique os termos sublinhados usando (1) para objeto direto; (2) objeto indireto; (3) complemento nominal; e (4) agente da passiva.

1. ( ) Precisávamos de tua ajuda.

Comentários: A expressão *preposicionada* completa o sentido do *verbo* transitivo indireto.

Resposta: 2.

2. ( ) Tinha certeza de sua chegada.

Comentários: O vocábulo certeza é substantivo (nome) seguido de expressão preposicionada.

Resposta: 3.

3. ( ) Estava certo de sua chegada.

Comentários: A expressão destacada completa um adjetivo (nome) com preposição.

Resposta: 3.

4. ( ) Comemoramos a sua promoção.

Comentários: Agora, o *complemento do verbo* vem sem preposição.

Resposta: 1.

5. ( ) Sua promoção foi comemorada pelos familiares.

Comentários: Observe que nesse período o sujeito recebe a ação verbal ("A promoção *foi comemorada*"), é um sujeito paciente. A expressão sublinhada é o termo que age na voz passiva.

Resposta: 4.

6. ( ) Necessito de um favor seu.

Comentários: Mais uma frase em que a preposição aparece por exigência de um verbo.

Resposta: 2.

7. ( ) Tinha necessidade de sua presença.

Comentários:

Confronte essa frase com a anterior. Aqui, o termo preposicionado completa um *nome substantivo* (necessidade), e não um verbo.

Resposta: 3.

8. ( ) Demoliram aquele prédio antigo.

Comentários: O verbo *demolir* não pede preposição, é transitivo direto. Logo, no complemento, não aparece preposição.

Resposta: 1.

Por fim, os termos **acessórios**, aqueles que a gramática classifica como dispensáveis na frase:

13.1.2. Termos acessórios

a) Adjunto adnominal: "termo que limita, individua a significação de um substantivo."

Ex.: Dois alunos; O / Um aluno; Aluno inteligente / de inteligência.

(num.) (art.) (adj.) (loc.adj.)

Meu aluno; Invasão dos mosquitos.

(pron.) (loc.adj.)

b) Adjunto adverbial: vocábulo ou expressão que denota alguma circunstância (tempo, lugar, modo...) do fato expresso pelo verbo. Pode ainda modificar o adjetivo ou o próprio advérbio.

Ex.: Falavam muito; Homem muito bom; Saíram muito cedo.

(verbo) (adj.) (adv.)

Falava sobre música; Correu de medo; Estava em casa.

(verbo) (verbo) (verbo)

c) Aposto: "termo de natureza substantiva ou pronominal que se acrescenta a outro substantivo ou pronome." Os tipos de aposto são:

1. explicativo: Machado de Assis, um dos maiores nomes da nossa literatura, escreveu livros inesquecíveis.

2. enumerativo: Naquele instante, recorri a dois amigos: Gilson e Itamar.

3. distributivo: Érico Veríssimo e José de Alencar foram grandes escritores brasileiros, este do Romantismo e aquele do Modernismo.

4. resumitivo: Empresários, trabalhadores, ninguém confia em nossos governantes.

5. especificativo: A cidade de Paris é encantadora.

6. *em referência a uma oração: Ele agora trabalhava com dedicação, o que é elogiável.

*Obs.: Esse tipo de aposto é representado, normalmente, pelo pronome demonstrativo o ou

pelos substantivos coisa, razão, motivo etc.

d) Vocativo: termo que se usa para chamar por alguém ou coisa personificada.

Ex.: José, venha cá.

e) Predicativo: qualidade atribuída ao sujeito ou ao objeto.

Ex.: Todos voltaram satisfeitos.

(suj.) (predicativo do sujeito)

Considero-o apto.

(o.d.) (predicativo do objeto)

Vejamos alguns exercícios de fixação.

Classifique os termos sublinhados usando (1) para adjunto adnominal; (2) adjunto adverbial; (3) aposto; (4) vocativo; (5) predicativo do sujeito; e (6) predicativo do objeto.

1. ( ) Bom dia, meu caro senhor!

Comentários: Quando chamamos por alguém, ou coisa personificada, tem-se o vocativo.

Resposta: 4.

2. ( ) Chegou ao escritório às nove horas.

Comentários: Nesse período, os termos preposicionados se referem ao *verbo* indicando, respectivamente, *circunstâncias* de lugar e tempo.

Resposta: 2.

3. ( ) Fernanda, a representante da turma, saiu neste instante.

Comentários: Quando um substantivo (*representante*) ou pronome se refere a outro substantivo (*Fernanda*), temos o aposto. Como a finalidade é explicar, esclarecer o termo anterior, o aposto é chamado de explicativo.

Resposta: 3.

4. ( ) Cinema, rádio, televisão, nada o distraía.

Comentários: Agora, o pronome *nada* se refere aos substantivos com a intenção de resumir a informação prestada por esses termos. O aposto é resumitivo.

Resposta: 3.

5. ( ) ( ) Ao longe, uma nuvem surgiu carregada.

Comentários: A expressão *Ao longe* remete ao *lugar* onde *surgia* a nuvem. Na segunda ocorrência, o adjetivo *carregada* se refere ao sujeito *nuvem*.

Respostas: 2 e 5.

6. ( ) Chamou o amigo de ingrato.

Comentários: Temos em *de ingrato* uma característica atribuída ao objeto direto *amigo*.

Resposta: 6.

7. ( ) ( ) ( ) As minhas sugestões eram simples.

Comentários: Repare que o substantivo *sugestão* vem delimitado pelo artigo (*As*) e pelo pronome (*minhas*). Essas palavras vêm *junto* ao nome substantivo. Já o adjetivo *simples* se refere ao substantivo *sugestões*, que funciona como sujeito, e vem *separado* por um verbo, e não junto.

Respostas: 1, 1 e 5.

8. ( ) ( ) Coração sem amor é um campo minado.

Comentários: A locução *sem amor*, preposicionada, vem junto ao substantivo *coração*, assim como o adjetivo *minado* vem *junto* ao substantivo *campo*.

Respostas: 1 e 1.

9. ( ) ( ) As suas mãos tremiam de medo.

Comentários: O pronome *suas*, ao lado do substantivo, delimita as *mãos*, já a expressão *de medo* se refere ao *verbo* indicando circunstância de causa.

Respostas: 1 e 2.

10. ( ) ( ) O velho ranzinza arquejava cansado.

Comentários: O adjetivo *ranzinza* vem *junto* ao substantivo *velho* e o adjetivo *cansado*, separado pelo verbo, se refere ao sujeito.

Respostas: 1 e 5.

Resumindo: Cuidado com os termos **preposicionados**!

objeto indireto x adjunto adverbial
Objeto indireto
Completa o sentido de um verbo transitivo indireto (com preposição obrigatória). Não há ideia circunstancial.

Ex.: Lembrou-se do ocorrido.
Adjunto adverbial
Refere-se ao verbo acrescentando a ele uma ideia circunstancial (tempo, lugar, modo, causa, intensidade...).
Ex.: Chegamos ao anoitecer (ideia de tempo).

complemento nominal x adjunto
Complemento nominal
Sempre preposicionado.
Completa um substantivo, um adjetivo ou um advérbio. Quando completa um substantivo, a expressão preposicionada tem valor passivo.
Ex.: Reforma da praça.
(subst.) (ideia passiva = a praça foi reformada)
Adjunto adnominal
Aparecendo preposição, a ideia é ativa.
Ex.: Construção do arquiteto.
(subst.) (ideia ativa = o arquiteto construiu)
Obs.: essa dúvida é mais frequente quando o termo preposicionado completa substantivo abstrato (indica ação, sentimento, qualidade – protesto, viagem, amor, tristeza, reforma, construção...)

adjunto adnominal x predicativo do objeto
Adjunto adnominal
Termo acessório, pode ser retirado da frase sem prejuízo do seu sentido.
Ex.: Fizeram perguntas tolas.
Predicativo do objeto
Aparece por extensão semântica do verbo. Sua retirada prejudica o perfeito entendimento da frase.
Ex.: Julguei as suas perguntas tolas.

Mais questões para exercitar.

Use os seguintes códigos para classificar as frases.

(1) objeto indireto

(2) adjunto adverbial

(3) adjunto adnominal

(4) predicativo do sujeito

(5) predicativo do objeto

(6) aposto

(7) complemento nominal

(8) agente da passiva

1. ( ) Os profissionais competentes enfrentaram muitas dificuldades.

Comentários: Adjetivo que vem *junto* ao substantivo é adjunto adnominal.

Resposta: 3.

2. ( ) Os profissionais eram muito competentes.

Comentários: Agora, o mesmo adjetivo vem separado por um verbo e se refere ao sujeito.

Resposta: 4.

3. ( ) Consideramos aqueles profissionais competentes.

Comentários: Repare que, embora o adjetivo venha junto ao substantivo, que funciona como objeto direto, a retirada desse vocábulo prejudica o entendimento da frase (consideramos aqueles profissionais...?). Qual é a consideração sobre eles? Logo, não pode ser classificado como adjunto adnominal.

Resposta: 5.

4. ( ) O rapaz foi preso pelo detetive.

Comentários: O termo sublinhado *exerce a ação verbal* na voz passiva (o detetive age, prende o ladrão).

Resposta: 8.

5. ( ) Tinha grande amor à humanidade.

Comentários: A expressão sublinhada completa o sentido de um nome substantivo com preposição. Há ideia passiva (a humanidade *recebe* a ação do *amor*, a humanidade não ama, não é ativa).

Resposta: 7.

6. ( ) O coração não resistiu à emoção.

Comentários: O verbo *resistir* pede preposição obrigatória (*à emoção* completa o sentido de um verbo transitivo indireto).

Resposta: 1.

7. ( ) Existe, nesta cidade, um clima de paz.

Comentários: A expressão sublinhada indica o *lugar* onde *existe* um clima de paz.

Resposta: 2.

8. ( ) Rui, o orador, logo se pronunciou.

Comentários: Um substantivo (*orador*) que determina, explica outro substantivo (Rui).

Resposta: 6.

9. ( ) Beber demais é prejudicial à saúde.

Comentários: Nesse período, *à saúde* completa o sentido do *nome adjetivo* (*prejudicial*) com preposição.

Resposta: 7.

10. ( ) A felicidade dos candidatos contagiava o ambiente.

Comentários: A expressão destacada se refere ao substantivo, vem junto. Repare que em construções como essa é comum confundir adjunto adnominal com complemento nominal. Nesse caso, verifique a ideia do *termo preposicionado*: se for ativa, será adjunto adnominal; se for passiva, complemento nominal.

Em "A felicidade dos candidatos", eles estavam felizes, ideia ativa, portanto.

Resposta: 3.

11. ( ) Tinha necessidade de afeto.

Comentários: Mais um termo preposicionado em relação ao nome, só que com ideia passiva (*o afeto* recebe a ação do nome, é uma necessidade voltada *ao afeto*, e não *o afeto* necessita de algo).

Resposta: 7.

12. ( ) ( ) Os candidatos chegaram apressados ao local da prova.

Comentários: O adjetivo *apressados*, separado por um verbo, se refere ao *sujeito*; *ao local da prova* indica *o lugar* a que chegaram.

Respostas: 4 e 2.

13.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Classifique os termos acessórios sublinhados usando o seguinte código:

(1) adjunto adnominal (3) aposto

(2) adjunto adverbial (4) vocativo

1. ( ) Na ausência do marido, a mulher responderá pela dívida.
2. ( ) Para quem mora na cidade existem dois espaços bem diferenciados: o morro e a rua.
3. ( ) Evento realizado nesta semana em São Paulo.
4. ( ) A cidade de Florianópolis é encantadora.

5. ( ) Os cidadãos de Florianópolis estão mais confiantes no governo.

6. ( ) Eram habitantes daquele lugar onde se matam pobres.

7. ( ) A pobre Antônia tem, nos olhos grandes, uma tristeza milenar.

8. ( ) "Brasil, mostra a tua cara."

9. ( ) Os meninos correram de medo.

10. ( ) Era esposa descuidada.

11. ( ) Um dia notou a mulher um leve afrouxar-se das pálpebras.

12. ( ) Realizaram ações de vulto.

13. ( ) ( ) ( ) "Uma língua é uma coisa bela, mutável e misteriosa como um arco-íris."

14. ( ) Se a reforma é tão pequena, para que fazê-la?

15. ( ) Ele agora trabalhava com dedicação, o que é elogiável.

II. Distinga o adjunto adnominal (1) do complemento nominal (2).

Obs.: Aqui, trataremos apenas dos termos preposicionados.

1. ( ) Era um homem de juízo.

2. ( ) Tinha horror à pasteurização.

3. ( ) Ninguém fica indiferente à publicidade.

4. ( ) O código de trânsito vai ser incluído no currículo escolar.

5. ( ) A imaginação das agências é inesgotável.

6. ( ) Estamos no país da "solucionática".

7. ( ) Gastava rios de dinheiro com regozijo.

8. ( ) Este ano haverá treinamento de professores.

9. ( ) As palmas do público ecoavam por todo o teatro.

10. ( ) Tinham certeza da vitória.

III. Use (1) adjunto adverbial; (2) objeto indireto; (3) objeto direto; (4) objeto direto preposicionado; (5) adjunto adnominal; e (6) predicativo do objeto para classificar os termos sublinhados.

1. ( ) Tratou do assunto com calma.

2. ( ) Aludiu às conquistas do avô.

3. ( ) Agora esperava por uma oferta.

4. ( ) Vi ontem um filme.

5. ( ) Transmitiu aos rapazes segurança.

6. ( ) Apesar das dificuldades, venceremos.

7. ( ) Chamam-no de artista.

8. ( ) Não consideraram os votos em branco.

9. ( ) Agora o tinham por ídolo.

10. ( ) ( ) Aquele amor impossível deixava-o impaciente.

11. ( ) Duvidei de suas palavras.

12. ( ) Amou aos pais com grandeza de alma.

13. ( ) Enfrentava as dificuldades sem reclamar.

14. ( ) Ele entrou pela porta da frente.

15. ( ) Ele entrou pela porta da frente.

IV. Use: (1) predicativo do sujeito; (2) agente da passiva; (3) aposto; (4) adjunto adverbial; (5) complemento nominal; e (6) adjunto adnominal para classificar os termos em destaque nas seguintes frases.

1. ( ) Recuperadas, as antigas fazendas de café do Rio de Janeiro abrem as portas a visitantes.

2. ( ) "Naquele casal aliava-se tudo que é nobre: o amor e a confiança. É este o segredo dos casamentos felizes."

3. ( ) A felicidade do filho era contagiante.

4. ( ) "Por maior que seja a tranquilidade de um homem quando resolve abandonar a vida, é-lhe sempre agradável achar um pretexto para prolongá-la um pouco mais."

5. ( ) A cidade do Rio de Janeiro continua linda.

6. ( ) O povo do Rio de Janeiro demonstra o seu inconformismo diante da violência.

7. ( ) "Um dia se descobriu num gesto longo e demorado olhando a esquife longamente."

8. ( ) As salas de aula estão cheias de crianças e jovens.

9. ( ) As ruas foram lavadas pela chuva.

10. ( ) ( ) "Se é para o bem de todos e felicidade geral da nação, diga ao povo que fico!" (D.

Pedro I)

11. ( ) Fumar é prejudicial à saúde.

12. ( ) Vivia cercado de amigos sinceros.

13. ( ) ( ) Os meios de comunicação e as novas tecnologias mudaram a vida das pessoas.

14. ( ) O amor ao próximo era a sua maior virtude.

15. ( ) Pegou um pano úmido e, silenciosa, ligou o ferro.

16. ( ) Qualquer forma de violência deve ser desprezada.

17. ( ) A difusão da violência é iminente.

18. ( ) Percebe-se com frequência a sabotagem do idioma.

19. ( ) O significado das palavras, em geral, se dá no contexto.

20. ( ) As crianças saíram do cinema apressadas.

21. ( ) Montes, rios, ervas, árvores, terra – tudo é manifestação da vida de Deus.

Gabarito: I – 1. (1); 2. (3); 3. (2); 4. (3); 5. (1); 6. (1); 7. (2); 8. (4); 9. (2); 10. (1); 11. (2); 12. (1); 13. (1)(1)(1); 14. (2); 15. (3). **II** – 1. (1); 2. (2); 3. (2); 4. (1); 5. (1); 6. (1); 7. (1); 8. (2); 9. (1); 10. (2). **III** – 1. (1); 2. (2); 3. (4); 4. (3); 5. (2); 6. (1); 7. (6); 8. (5); 9. (6); 10. (5)(6); 11. (2); 12. (4); 13. (3); 14. (5); 15. (1). **IV** – 1. (1); 2. (3); 3. (6); 4. (5); 5. (3); 6. (6); 7. (4); 8. (5); 9. (2); 10. (6)(6); 11. (5); 12. (2); 13. (6)(6); 14. (5); 15. (1); 16. (6); 17. (5); 18. (5); 19. (6); 20. (1); 21. (3).

13.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Algumas questões de concursos para você treinar:

1. (FCC) A alternativa em que o elemento sublinhado indica o agente e não o paciente do termo anterior é:

a) "A utilização de qualquer um deles."

b) "A queima do petróleo."

c) "Inundação de vastas áreas."

d) "A fauna aquática dos rios."

e) "Construção de barragem."

Comentários:

Ora, ao se pedir o elemento agente e não paciente, excluem-se as hipóteses de ser o termo um objeto indireto ou um complemento nominal: tanto um quanto outro, por serem complementos, o

primeiro de verbo e o segundo de nome, possuem valor passivo.

Na letra A, temos um substantivo abstrato *utilização*, seguido de uma expressão preposicionada com valor passivo (*de qualquer um deles*). Basta reescrever a frase e você verá tal valor passivo: *qualquer um deles é utilizado*. É, portanto, complemento nominal. Nas letras B, C e E, a história se repete: temos substantivos abstratos (*queima, inundação* e *construção*), seguidos de seus complementos, todos com valor passivo. Como dissemos anteriormente, procure reescrever as frases e você verá o valor passivo: *o petróleo é queimado* (letra B); *vastas áreas são inundadas* (letra C) e *a barragem é construída* (letra E). Todas as três alternativas sendo, portanto, complementos nominais.

Somente na letra D encontramos uma expressão preposicionada que se refere a um substantivo concreto (*fauna*). Veja também a ideia de posse que essa expressão traz: *os rios possuem a fauna aquática*. O adjunto adnominal, que as gramáticas mencionam ter um valor ativo, pode também trazer, quando junto ao substantivo concreto, um valor de posse. E isso pode ajudar você a identificá-lo mais facilmente na frase.

Resposta: D.

2. (TJ – NCE) O item a seguir em que o termo destacado representa um agente e não um paciente do termo anterior é:

a) código <u>de trânsito</u>.

b) educação <u>para o trânsito</u>.

c) formação <u>do magistério</u>.

d) treinamento <u>de professores</u>.

e) atender <u>a mais esta nova exigência</u>.

Comentários:

Mais uma vez: em todas as alternativas haverá elementos sintáticos com valor passivo (objetos indiretos ou complementos nominais), só em uma frase isso não ocorrerá.

Na letra A, o termo preposicionado não traz ideia passiva. A expressão **de trânsito** especifica o substantivo, ideia ativa.

Na letra B, tem-se um substantivo abstrato (*educação*), seguido de uma expressão com valor

passivo (o trânsito não forma, ele é *alvo* da "formação", *recebe* essa "formação"). Na letra C, mais um substantivo abstrato seguido de uma expressão com valor passivo. Reescreva a frase e verá: *o magistério é formado*. O mesmo ocorre na letra D: substantivo abstrato (*treinamento*), seguido de expressão com valor passivo (*professores são treinados*). Letras B, C e D, portanto com a mesma função sintática: todos os termos são complementos nominais.

A letra E traz um complemento, como as letras B, C e D trouxeram, mas, desta vez,*complemento de um verbo*: trata-se de um verbo transitivo indireto (*atender*), seguido de um objeto indireto (*a mais esta nova exigência*). Ora, como comentamos anteriormente, tanto o objeto indireto como o complemento nominal, por serem complementos, possuem valor passivo.

Resposta: A.

3. (FCC) A função sintática da palavra sublinhada em: "Parecia muito preso à vida de rei" é a mesma de:

a) Duvido <u>de sua capacidade</u> profissional.

b) Apenas <u>nos</u> víamos em festas rurais.

c) Ficaria <u>encantado</u> com a novidade.

d) Achava-se apto <u>para o trabalho</u>.

Comentários:

Complemento nominal completa adjetivo, advérbio e substantivo abstrato. Na frase do enunciado, temos uma expressão que completa um adjetivo (*preso*): só pode ser, então, complemento nominal.

Na letra A, a expressão grifada completa um verbo transitivo indireto (*duvidar*). Trata-se de objeto indireto.

Na letra B, o pronome oblíquo completa um verbo transitivo direto (*ver*): é, portanto, objeto direto. Na letra C, o verbo é de ligação, indica *estado*: a expressão grifada é predicativo do sujeito.

Apenas na letra D, tem-se uma expressão que completa o adjetivo *apto*: trata-se, portanto, de um complemento nominal, tal qual o da frase do enunciado.

Resposta: D.

13.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (NCE) O verbo virar foi usado da mesma maneira que em "...vira dinheiro" em:

a) O pintor tropeça e vira a lata de tinta.
b) O mar, que estava de ressaca, virou o barco
c) O petróleo, depois de devidamente processado, vira gasolina.
d) O mecânico, quando faz uma boa revisão, vira o carro do avesso.
e) Os policiais viraram todo o carro à procura de novas pistas.

2. (MPU) ... *elas também causam impactos significativos na agricultura e na saúde humana.*

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o do grifado acima está na frase:

a) ... grandes pinheiros brotam por toda parte.
b) ... mas que chegaram ao Brasil...
c) ... e aqui encontraram espaço...
d) ... o búfalo e o pinus são apenas espécies exóticas.
e) ... e competindo com elas por alimento.

3. (NCE) *Afinal, o verdadeiro tradutor precisa de formação teórico-prática sólida...*

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o do grifado acima está na frase:

a) O tradutor é um dos principais responsáveis pelo intercâmbio cultural entre as nações.
b) ... pois espelha textos numa língua diferente...
c) ... para tomar a melhor decisão diante de uma expressão nova...
d) O reconhecimento de seu trabalho levaria a cursos superiores...
e) ... para contabilizar sua importância...

4. (NCE) "A esse crime ela não tinha o direito de dar o seu perdão"; a forma de ordem direta desta mesma frase é:

a) Ela não tinha o direito de dar o seu perdão a esse crime.
b) O direito de dar o seu perdão a esse crime ela não tinha.
c) Ela não tinha o direito de dar, a esse crime, o seu perdão.
d) A esse crime, o seu perdão ela não tinha o direito de dar.
e) A esse crime não tinha ela o direito de dar o seu perdão.

5. (NCE) O termo sublinhado que corresponde a um complemento nominal e não a um adjunto adnominal é:

a) "necessidades <u>do país</u>".
b) "atividades <u>de exploração</u>".
c) "empresas <u>do setor</u>".
d) "parcerias <u>com outras grandes empresas</u>".
e) "nos <u>outros três</u> continentes em que atua".

6. O termo sublinhado que funciona como adjunto adnominal, entre as frases abaixo é:

a) "... trazer o cigarro para mais perto <u>do adolescente</u>, mas...".
b) "Penso que o cigarro é atraente <u>para o adolescente</u>...".
c) "... como sugerem as propagandas <u>de cigarro</u>...".

d) "... e abre um canal de comunicação numa linguagem comum...".
e) "... é uma fase carregada de situações estressantes".

7. "Tráfico de drogas"; nesse segmento, o termo sublinhado representa um paciente do termo anterior, o que também ocorre em:
a) jovens de 15 a 24 anos.
b) Estatuto do Desarmamento.
c) fase de regulamentação.
d) endurecimento da legislação.
e) número de homicídios.

8. (NCE/UFRJ) A discussão **sobre os limites do domínio público e do domínio privado**... Em qual das frases a seguir o termo destacado exerce a mesma função sintática do termo **sobre os limites do domínio público e do privado**?
a) ... ocupou um lugar quase inusitado nos debates da atualidade.
b) ... atribuir esse interesse à perspectiva...
c) ... a possibilidade de redefinição do papel do Estado,...
d) ... chamar de sociedade civil.
e) ... para tornar esse debate tão atual.

9. (NCE/UFRJ) O termo sublinhado que tem função diferente da dos demais é:
a) objetos do seu cotidiano.
b) modelo do carro.
c) objetos do seu quarto.
d) estampa do seu lençol.
e) transformação do gosto.

10. (BNDES/NCE) Os adjetivos mostram qualidades, características ou especificações dos substantivos; a alternativa abaixo em que o termo em negrito NÃO funciona como adjetivo é:
a) difícil aprendizado.
b) sensação de dificuldade.
c) trabalho que é difícil.
d) tarefa dificílima.
e) acesso difícil.

11. O termo que funciona como um complemento do termo anterior:
a) "Soube de tudo isso...".
b) "Amanhece na ilha de Heron".
c) "Sobre a imensa faixa de areia...".
d) "... os tufos de algas...".
e) "Alguns grãos de areia...".

12. (Cadep) Atente para estas duas frases:
O arqueiro precisa antes escolher o alvo.
O arqueiro determina antes a escolha do alvo.

É correto afirmar, em relação a essas frases, que:
a) a palavra alvo tem idêntica função sintática em ambas.
b) em uma delas ocorre o emprego da voz passiva.
c) o alvo e a escolha do alvo são complementos verbais.
d) ambas são períodos compostos.
e) a palavra antes não exerce em ambas a mesma função sintática.

13. (TCE/AL) É a liberdade que dá à vida uma direção.
O termo sublinhado na frase acima exerce a mesma função sintática do termo sublinhado em:
a) Sem passado e sem história, poderíamos ser livres?
b) Liberdade seria, a meu ver, um sinônimo de decisão.
c) Somos livres a cada vez que, agindo, recomeçamos.
d) Liberdade seria, pois, começar o improvável.
e) A liberdade nos liberta, o passado é argila que nos molda.

14. (TRT – 18ª Região) Os outros privilégios da vida a que as pessoas aspiram só existem em função de uma única forma de utilização (...)
No período acima, são exemplos de uma mesma função sintática:
a) vida e pessoas.
b) privilégios e utilização.
c) privilégios e pessoas.
d) existem e utilização.
e) a que e única.

15. (Caipemes/Tecnólogo Construção Civil) "Acho-**a muito chata**." Os termos destacados são, respectivamente:
a) objeto indireto e objeto direto.
b) objeto direto e predicativo do objeto.
c) objeto direto e objeto indireto.
d) objeto direto e objeto direto.

16. O termo da oração em destaque está identificado de acordo com a sintaxe em:
a) "Cantavam tristes" - adjunto adverbial de modo.
b) "De manhã, chegavam ao mercado do peixe..." – adjunto adverbial de lugar.
c) "Viam-se cercados pelos fregueses" – objeto indireto.
d) "Vínham cozinheiras, homens de importância da terra" – núcleos do sujeito composto.
e) "Pareciam quietos, de noite bem dormida" – objeto direto.

17. A função sintática (entre parênteses) corresponde à palavra ou expressão destacada, EXCETC em:
a) "morava na Rua da União, Bairro da Boa Vista". (aposto)
b) "a casa de meu avô era a última". (predicativo)
c) "na funda ribanceira, corria o rio". (sujeito)
d) "marcando com toquinhos de pau o progresso das águas...". (objeto direto)

e) “que entrava a esmagar o milho verde cozido”. (adjunto adverbial de modo)

18. “Em silêncio, o povo do Rio de Janeiro demonstra o seu inconformismo diante da violência.

Que termo sintático destacado a seguir apresenta classificação inadequada?

a) O povo do Rio de Janeiro – sujeito.
b) O seu inconformismo – objeto direto.
c) Do Rio de Janeiro – adjunto adverbial.
d) Em silêncio – adjunto adverbial de modo.
e) Seu – adjunto adnominal.

19. (Anal. Judic./TRF) O pronome “LHES” tem com o verbo a que se prende na frase “tampouco deve, como os políticos, se amoldar aos desejos de seus eleitores para ganhar-**lhes** os votos” as mesmas relações sintáticas e de sentido que se encontra no exemplo da opção:

a) Se seus irmãos quiserem, posso emprestar-lhes meu carro durante o fim de semana.
b) Os uniformes das crianças já estão desbotados, mas só lhes posso comprar outros no mês que vem.
c) Eles são nossos amigos; não podemos negar-lhes ajuda em um momento tão difícil.
d) Os Romanos crendo-se superiores aos povos germânicos, chamavam-lhes de “bárbaros”.
e) O policial ameaçava os detidos a fim de arrancar-lhes uma confissão.

20. (AOCP/Ministério da Agricultura) Assinale a opção em que o termo sublinhado NÃO está corretamente analisado:

a) “... quando dois terços da reforma agrária eram feitos na Amazônia...” (núcleo do sujeito composto)
b) “... esperava uma regulamentação demorada...” (adjunto adnominal)
c) “O processo que tinha era o reconhecimento de posse.” (predicativo do sujeito)
d) “... a implementação da lei exigia uma série de consultas às entidades...” (complemento nominal)
e) “Organizações ambientais que apóiam a lei reclamam da lentidão da sua aplicação.” (objeto indireto)

21. (TCE/AL) O elemento sublinhado tem o valor causal em:

a) Os propósitos nos devolvem a autoria da vida.
b) Liberdade seria, portanto, sinônimo de decisão.
c) Talvez seja isso que torna tão difícil cumprir propósitos de Ano Novo.
d) Sem história e sem passado, quem seríamos?
e) Somos livres quando, ao agir, recomeçamos.

22. (Comiss. Just. Inf. e Juv.) O segmento sublinhado a seguir que tem uma relação estrutural distinta das demais em relação ao termo anterior é:

a) A origem desta famosa frase latina...
b) ... em tempos de perseguições políticas...
c) ... levam à perda das liberdades individuais...
d) ... primeiras palavras de uma célebre lei inglesa.
e) O objetivo deste preceito...

23. (Perito - Pol. Civil) No segmento "Na doença é que descobrimos que não vivemos sozinhos...":

a) o sujeito de *descobrimos* é diferente do sujeito de *vivemos*.
b) a expressão *é que* atua como expressão de realce.
c) *Na doença* indica uma idéia circunstancial de lugar.
d) *que não vivemos sozinhos* é complemento do verbo *ser*.
e) *não* é advérbio de negação ligado a *sozinhos*.

24. "Mas hoje **ele** fez um negócio que **me** deixou **encucado**." Os termos sublinhados são, respectivamente:

a) sujeito / objeto direto / predicativo do objeto direto.
b) objeto direto / sujeito / predicativo do objeto direto.
c) adjunto adnominal / objeto indireto / predicativo do sujeito.
d) sujeito / objeto direto / adjunto adnominal.

25. Assinale a alternativa que apresente caso de aposto:

a) ... bairro Chico Mendes.
b) ... uma casa tem cerca, canteiros verdes...
c) ... uma varanda aberta, acolhedora...
d) ... olhos ávidos, curiosos.
e) ... troncos, sentados lado a lado em esteiras de palha de bananeira.

26. Assinale a alternativa em que o termo destacado não exerça a mesma função sintática que os demais:

a) A adolescente ... vai florescendo estabanada.
b) ... um nadador principiante.
c) ... tem algo de orquídea que brota exclusiva.
d) ... ela mesma saiu sozinha.
e) ... as sereias se banham e saem perfumadas.

27. Em "seus mecanismos de controle do exercício da profissão", *de controle*, *do exercício* e *da profissão* exercem, respectivamente, função sintática de:

a) adjunto adnominal – complemento nominal – adjunto adnominal.
b) adjunto adnominal – complemento nominal – complemento nominal.
c) complemento nominal – adjunto adnominal – complemento nominal.
d) complemento nominal – adjunto adnominal – adjunto adnominal.
e) adjunto adnominal – adjunto adnominal – adjunto adnominal.

Se é para o bem de todos e felicidade geral da Nação, diga ao povo que fico! (D. Pedro I)

28. (NCE/UFRJ) De todos e **da Nação** são termos que:

a) determinam o mesmo nome;
b) exercem funções sintáticas diferentes;
c) têm a função de complementos nominais;
d) funcionam como advérbios;
e) funcionam como adjuntos adnominais.

29. (TRT – 2ª Região – Técn. Judic.) Para observadores atentos, é uma forte ameaça *à democracia*...

O mesmo tipo de complemento grifado acima SÓ NÃO se repete na expressão também grifada em:

a) ... é o desmonte do conceito de segurança alimentar...

b) ... alimentos indispensáveis ao sustento da população...

c) ... que muitos países da África e da América Latina desenvolvessem sua agricultura...

d) ... na busca da garantia do abastecimento interno.

e) ... associado a políticas demográficas e ambientais.

Gabarito: 1. c; 2. c; 3. d; 4. a; 5. d; 6. c; 7. d; 8. c; 9. e; 10. b; 11. a; 12. c; 13. d; 14. c; 15. b; 16. d; 17. e; 18. c; 19. e; 20. a; 21. e; 22. c; 23. b; 24. a; 25. a; 26. b; 27. b; 28. e; 29. c.

13.5. RESUMO

Bem, agora que já vimos todos os termos da oração, faz-se necessário organizá-los... Vamos lá?

- Objetos direto e indireto são chamados de **complementos verbais.**
- A diferença entre objeto indireto e objeto direto preposicionado está na **regência do verbo**. No objeto direto preposicionado, a preposição não é solicitada pelo verbo.
- **Complemento nominal** é termo substantivo que pode completar outro substantivo, um adjetivo ou um advérbio.
- **Adjunto adnominal** sempre se liga a substantivo. Pode ser artigo, numeral, pronome, adjetivo ou locução adjetiva. É termo que especifica o substantivo e pode aparecer em qualquer lugar da frase.
- **Adjunto adverbial** normalmente se liga a verbo, mas pode também se conectar a um adjetivo ou a outro advérbio. Indica sempre circunstância e pode ser retirado da frase. Na morfologia, pode vir representado pelo advérbio ou pela locução adverbial.
- **Nem tudo** que vem com preposição e se liga a verbo é objeto indireto. Se indicar circunstância, será adjunto adverbial.
- **Agente da passiva** não é termo obrigatório na frase. Vem sempre na voz passiva analítica e antecedido de preposição.
- O predicativo do sujeito vem sempre no predicado. O adjunto adnominal vem junto ao substantivo, em qualquer lugar da frase.
- Toda vez que um **adjetivo** se referir a um objeto, só será predicativo do objeto, **se o verbo pedir sua presença na frase**.

- **Aposto** é termo de **natureza substantiva**, nunca adjetiva. Toda vez que você estiver diante de um nome (de rua, de praça, de cidade...), será aposto, e não adjunto adnominal.
- **Vocativo é chamamento**. Não deve ser confundido com sujeito, que normalmente vem implícito na desinência do verbo no imperativo.
- Se o termo se refere a um substantivo concreto, é A.A. Se completa adjetivo ou advérbio, é C.N. Caso ele se refira a um substantivo abstrato, procure reescrever a frase e verificar se o valor da expressão é ativo (A.A.) ou passivo (C.N.).

14 VOZES VERBAIS

14.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Vamos, então, à próxima etapa: o estudo das vozes do verbo. É neste capítulo que você vai se preparar para as questões que hoje aparecem em grande quantidade nas provas, as que buscam reescritura de frases: a substituição de uma frase na voz ativa pela equivalente na passiva e vice-versa.

Voz verbal é aquela que indica a forma em que o verbo se encontra para mostrar a relação entre ele e o sujeito. Daí serem três os tipos de vozes verbais. Quando o sujeito age, pratica a ação verbal, tem-se a **voz ativa**. Veja um exemplo:

O professor recomendou a leitura deste livro.

Aqui, *o professor* exerce a ação de recomendar, ele é agente: a voz é ativa. No entanto, o sujeito pode receber a ação verbal, ser paciente do verbo. Nesse caso, tem-se a **voz passiva**. Veja:

A leitura deste livro foi recomendada pelo professor.

Agora, o sujeito *a leitura deste livro* não exerce a ação de recomendar, é seu alvo, elemento paciente. Veja que, comparando os dois exemplos, o segundo insere mais informações: enquanto o primeiro exemplo só continha um verbo (*recomendou*), o outro acrescentou mais um (*foi recomendada*). É uma forma de se reescrever a frase com mais palavras: é a **voz passiva analítica** ou **voz passiva com auxiliar**. Ela recebe este nome – analítica – porque acrescenta um verbo: diz o que se disse na voz ativa, só que com mais informações. Pense assim: toda vez que queremos *analisar* um problema, não aumentamos esse problema? A voz passiva analítica também aumenta, acrescentando um verbo... Por outro lado:

Vendeu-se o apartamento.

Nesse caso, o sujeito *o apartamento* também sofre a ação de ser vendido, é sujeito paciente, a voz é passiva. Só que, nesta frase, o que se tem é uma síntese de informações: diz-se que o apartamento foi vendido, sem se querer mencionar quem o vendeu. É a **voz passiva sintética**: nela, a tendência é a de não se mencionar o agente da passiva. Daí ela ser econômica, sintética. É uma forma de se impessoalizar, indeterminar o agente, o elemento que exerce a ação.

Ainda:

O rapaz se vestiu.

Aqui, o sujeito (o rapaz) exerce e sofre a ação do verbo. O sujeito e o objeto, representados pelo pronome reflexivo *se,* são a mesma pessoa. Diz-se que a voz é **reflexiva**.

Resumindo: • Quando o sujeito exerce a ação, a voz é ativa. • Quando o sujeito sofre a ação, a voz é passiva. Será voz passiva analítica se vier com o verbo auxiliar de voz passiva (ser/estar/ficar+ particípio). Será passiva sintética se apresentar o pronome se, chamado de pronome apassivador ou partícula apassivadora.
• Quando o sujeito exerce e sofre a ação, tem-se a voz reflexiva. Nesse caso, o pronome oblíquo se será chamado de pronome reflexivo.

14.2. REESCRITURA DE FRASES (COMO PASSAR UMA FRASE DE UMA VO OUTRA)

Vamos às questões de reescritura de frases (que pedem transposição da ativa para a passiva ou da passiva para a ativa):

Na passagem da ativa para a passiva, só interessam três termos: o objeto direto, o verbo e o sujeito. Isso ocorre porque:

1. O objeto direto da ativa vira sujeito paciente na passiva.

   O professor recomendou **o livro**. (objeto direto: o livro)

   O livro foi recomendado pelo professor. (sujeito paciente: o livro)

   Se o objeto direto vier representado por um pronome pessoal oblíquo, ao virar sujeito, o pronome oblíquo virará pronome reto:

   O professor **o** recomendou.

   Ele foi recomendado pelo professor.

2. O verbo da voz ativa ganhará um verbo auxiliar (*ser/estar/ficar*), que ficará no mesmo tempo e modo, seguido do verbo principal no particípio.

   O professor **recomendou** o livro.

   *verbo *recomendar* no pretérito perfeito do indicativo

   O livro **foi recomendado** pelo professor.

   *locução verbal: verbo *ser* no pretérito perfeito seguido de *recomendar* no particípio

   Se, na voz ativa, o tempo é composto, na passagem para a passiva, mantenha o auxiliar do tempo

composto e acrescente apenas o auxiliar de passiva *sido*:

O professor **tem recomendado** o livro.

*locução verbal de tempo composto

O livro **tem sido recomendado** pelo professor.

*Agora, você tem dois auxiliares: um, de tempo composto (*tem*) e outro, de voz passiva (*sido*).

3. O sujeito da voz ativa transforma-se em agente da passiva.

O professor recomendou o livro. (sujeito: o professor)

O livro foi recomendado **pelo professor**. (agente da passiva: pelo professor)

Se, na voz ativa, o verbo estiver na 3ª pessoa do plural, sem sujeito expresso na frase, o sujeito será indeterminado. Aí, na passiva, o agente não será mencionado:

Recomendaram o livro (verbo na 3ª p. pl.: sujeito indeterminado).

O livro foi recomendado (agente da passiva também indeterminado).

Passando uma frase da voz ativa para a passiva:

a) O objeto direto vira sujeito.

b) O verbo ganha um auxiliar (ser/estar/ficar), no mesmo tempo e modo do verbo da voz ativa.

c) O sujeito da ativa vira agente da passiva.

Agora, vamos fazer o contrário? Na passagem da passiva analítica para a ativa, precisamos nos preocupar com o agente da passiva, o verbo e o sujeito. Isso porque:

4. O agente da passiva volta a ser sujeito na ativa.

O aluno foi elogiado **pelo professor**. (agente da passiva: pelo professor)

O professor elogiou o aluno. (sujeito agente: o professor)

Se, na voz passiva, não houver agente da passiva, o verbo na voz ativa ficará na 3ª pessoa do plural, para marcar um sujeito indeterminado:

O aluno foi elogiado. (agente da passiva não mencionado)

Elogiaram o aluno. (verbo na 3ª p. pl.: sujeito indeterminado)

5. A locução verbal de voz passiva perde o auxiliar de passiva (normalmente o verbo *ser*). O verbo da voz ativa ficará no mesmo tempo do auxiliar da passiva.

O aluno **foi** elogiado pelo professor. (verbo auxiliar *ser* no pret. perf.)

O professor **elogiou** o aluno. (verbo *elogiar* no pret. perf.)

Se a frase na voz passiva possuir, além do auxiliar de voz passiva, outro verbo auxiliar, ele continuará a existir na voz ativa; lembre-se: você só retirará o auxiliar de voz passiva, não tente se livrar de todos os verbos!:

O aluno **tem sido elogiado** pelo professor.

locução verbal com dois auxiliares: um de tempo composto – *tem* – e outro de passiva – *sido*; lembre-se de só retirar o auxiliar de passiva.

O professor **tem elogiado** o aluno.

locução verbal com apenas um auxiliar, que é o do tempo composto.

6. O sujeito da voz passiva volta a ser objeto direto na ativa:

O aluno foi elogiado pelo professor. (sujeito paciente: o aluno)

O professor elogiou **o aluno**. (objeto direto: o aluno)

Já está ficando zonzo com tanta informação? Então, vamos sistematizar...

Passando uma frase da voz passiva analítica para a voz ativa:

a) O agente da passiva vira sujeito agente na ativa.

b) A locução verbal perde o auxiliar de voz passiva, que transmite o tempo verbal ao verbo da voz ativa.

c) O sujeito da voz passiva vira objeto direto na ativa.

Bem, para entender de fato todo esse raciocínio, só fazendo questões de concursos. Como dissemos anteriormente, as questões que mais aparecem em relação ao assunto de vozes verbais são aquelas que buscam reescrituras – passagem da ativa para a passiva e vice-versa. O assunto, em si, não é tão complexo, mas você deve se preocupar com o tempo de resolução da questão. É preciso ser rápido e, para isso, é preciso ter método. Por isso, resolvemos separar esse tipo de questão em dois blocos, para treinar você de forma mais eficaz. O primeiro tipo de questão é aquela em que se busca a **reescritura da voz ativa para a passiva analítica**.

Atenção!
1. Destacar, na frase, o *núcleo* do objeto direto, que virará sujeito. Com ele, o verbo deverá concordar.
2. Detectar o tempo do verbo na voz ativa. O auxiliar da passiva que será acrescentado à frase deverá estar nesse tempo verbal. Lembre-se sempre de somar um verbo: se há um verbo na frase, então serão dois; se há dois, serão três, e assim por diante.
3. O sujeito vira agente antecedido da preposição por, mas normalmente as bancas nem se preocupam tanto com a identificação do agente da

passiva.
4. Os outros termos sintáticos que eventualmente existirem na frase (adjuntos adverbiais, predicativos etc.) ficarão intactos: não se preocupe com eles, para não perder tempo de resolução da questão.
5. Faça mentalmente a transposição da ativa para a passiva: evite olhar cada alternativa, pois você pode se perder em meio a tantas opções.

Vamos, então, aprender a sair da passiva sintética e ir à ativa? Nesse caso, o sujeito da passiva (casas) volta a ser objeto direto; a partícula apassivadora é extraída da frase e o verbo fica na 3ª pessoa do plural para marcar a indeterminação do sujeito. De uma forma mais prática, teríamos:

Reescritura da voz passiva sintética para voz ativa
a) Retire o pronome apassivador da frase.
b) Passe o verbo para a 3ª pessoa do plural, se ele já não estiver, mantendo o tempo.

Seguindo o mesmo raciocínio, podemos realizar a reescritura da passiva sintética para a passiva analítica. Nesse caso, lembre-se de que, já que você está indo para a passiva analítica, é preciso *acrescentar* um verbo auxiliar (normalmente *ser*), que ficará no mesmo tempo verbal.

Reescritura da voz passiva sintética para a voz passiva analítica
a) O sujeito paciente da voz passiva sintética permanecerá sendo sujeito na voz passiva analítica.
b) Acrescente o verbo auxiliar *ser*, que ficará no mesmo tempo e modo da frase original.

Vamos ver se funciona? Veja uma questão de prova resolvida como exemplo.

1. (TRT-SP – Ag. Fisc. Fin.) ... de que as reservas de gás de Bahia Blanca, ao sul de Buenos Aires, **se estão esgotando**.

A forma verbal destacada acima pode ser corretamente substituída, sem prejuízo do sentido original, por:

a) está para esgotar.

b) vai ser esgotado.

c) estão sendo esgotadas.

d) vinham sendo esgotadas.

e) vem esgotando.

Comentários:

A frase que aparece no enunciado está na voz passiva sintética e podemos perceber pelas opções

oferecidas pela banca que o que se quer é que o aluno transponha a frase para a passiva analítica. Logo, detecte o sujeito (*as reservas de gás de Bahia Blanca*) e o tempo do verbo (nesse caso, como se tem uma locução verbal, não deixe de olhar para o último verbo, que é o principal – *esgotando*). É nesse tempo que ficará o auxiliar da voz passiva analítica. Assim, teríamos: "As reservas de gás... estão sendo esgotadas"). Observe que, como você foi para a passiva analítica, você ganhou um verbo: se havia dois (*estão esgotando*), ficamos com três (*estão sendo esgotadas*).

E não esqueça: evite olhar para as outras alternativas, caso contrário você se apaixona pela errada e acaba marcando...

Resposta: C.

14.3. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Identifique as vozes verbais.

1. A cozinha era antiga e escura.

_____

2. A cozinha era reformada aos poucos.

_____

3. Uma senhora foi assaltada por um adolescente.

_____

4. Assaltou-se uma senhora.

_____

5. Arrumou-se para o jantar.

_____

6. Recebeu-se o projeto com ceticismo.

_____

7. A comunidade científica recebeu o projeto com ceticismo.

_____

8. O projeto foi recebido com ceticismo pela comunidade científica.

_____

9. Fazendeiros brasileiros ajudam a equipar a polícia.

_____

10. Os resultados foram divulgados via TV.

_____

11. “A Bíblia é uma coleção de lendas veneráveis, mas primitivas e infantis.” (Albert Einstein)

_____

II. Nas frases a seguir, transforme a voz ativa em passiva analítica.

1. Algumas pessoas colecionam moedas e selos antigos.

_____

2. O pessoal não vê o autoritarismo como alternativa.

_____

3. “O Governo de nosso Estado combate e denuncia todas as formas de violência.”

_____

4. “O escândalo do Orçamento expôs definitivamente a indústria da miséria.”

_____

5. “O Brasil não resolverá os problemas da miséria.”

_____

6. “O irmão pobre, se morre e apodrece, leva o irmão rico de cambulhada.”

_____

7. “No Brasil, matam crianças à bala.”

_____

8. “O Governo havia transferido tarefas e recursos aos municípios.”

_____

9. Obedeceu-se às ordens.

_____

10. Muitos cientistas não acreditam em Deus.

_____

III. Nas frases a seguir, passe para a voz passiva sintética.

1. Os presos eram proibidos de usar barbas e cabelos longos.

_____

2. Contaram a verdade.

_____

3. Aqui são dadas aulas inesquecíveis.

_____

4. Esconderam armas de destruição maciça.

_____

5. O projeto foi recebido com ceticismo.

_____

IV. Nas frases a seguir, transforme a voz passiva em ativa.

1. Os presos eram proibidos de usar barbas e cabelos longos.

_____

2. Com verba do Estado, dezoito composições já estão sendo reformadas.

_____

3. Esperavam-se resultados mais animadores.

_____

4. As palavras precisavam ser interpretadas.

_____

5. A cidade era sacudida e inquietada por uma trovoada surda e cava.

_____

6. Para não ser olhado com medo, resolveu ceder.

_____

7. No nosso país, deveriam ser instituídas leis mais rigorosas.

_____

8. Recusou-se o convite.

_____

9. As negociações deverão ser concluídas até outubro.

10. A história do Brasil pode ser contada de vários modos e sob vários ângulos.

Gabarito: I – 1. voz ativa (antiga/ escura: predicativos do sujeito); 2. voz passiva analítica; 3. voz passiva analítica; 4. voz passiva sintética; 5. voz reflexiva; 6. voz passiva sintética; 7. voz ativa; 8. voz passiva analítica; 9. voz ativa; 10. voz passiva analítica; 11. voz ativa. **II** – 1. Moedas e selos antigos são colecionados por algumas pessoas. 2. O autoritarismo não é visto pelo pessoal como alternativa. 3. Todas as formas de violência são combatidas e denunciadas pelo Governo de nosso Estado. 4. A indústria da miséria foi exposta definitivamente pelo escândalo do orçamento. 5. Os problemas da miséria não serão resolvidos pelo Brasil. 6. O irmão rico é levado de cambulhada pelo irmão pobre. 7. No Brasil, crianças são mortas à bala. 8. Tarefas e recursos haviam sido transferidos pelo Governo aos municípios. 9. As ordens foram obedecidas. (Ver observação (b) da p. 13). 10. Esta frase não pode ser transformada em voz passiva, pois o verbo é transitivo indireto. **III** – 1. Proibiam-se os presos...; 2. Contou-se a verdade; 3. Aqui dão-se aulas...; 4. Esconderam-se armas...; 5. Recebeu-se o projeto... **IV** – 1. Proibiam os presos... 2. Com verba do Estado, estão reformando dezoito composições. 3. Esperavam resultados mais animadores. 4. Precisavam interpretar as palavras. 5. Uma trovoada surda e cava sacudia e inquietava a cidade. 6. Para não o olharem com medo... 7. No nosso país, deveriam instituir leis... 8. Recusaram o convite. 9. Deverão concluir as negociações... 10. Podem contar a história do Brasil...

Nas provas de concursos públicos, quanto a vozes verbais, costuma-se trabalhar com três tipos de questões. Vamos sistematizar:

- O primeiro tipo de questão é aquela em que a banca quer saber se a frase admite transportação da voz ativa para a passiva.
- O segundo tipo, que é a mais comum a todas as bancas, pede que o aluno reescreva da ativa para a passiva ou vice-versa.
- Há ainda as questões que pedem apenas que o candidato identifique a voz do verbo (ativa/passiva/reflexiva).

É com base nesses três tipos de questões que vamos organizar este capítulo sobre vozes verbais. E, para cada assunto estudado, questões de concursos para você resolver. Vamos lá?

14.4. QUESTÕES QUE PERGUNTAM SE A FRASE ADMITE TRANSPORTAÇÃO PA A VOZ PASSIVA

Uma frase na voz ativa admitirá a passagem para a voz passiva se possuir objeto direto que possa virar sujeito. Isso porque a voz passiva, em geral, representa a reescritura da ativa, só que dá

ênfase ao objeto direto da ativa, que passa a funcionar como sujeito. Ora, então é preciso que a voz ativa apresente objeto direto, o que ocorre com os verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos. Por isso, nas questões em que se perguntar se há ou não possibilidade de transportação para a passiva, vá correndo procurar na frase, que está na voz ativa, um objeto direto. Se houver, em geral, ela admitirá transportação. Bancas como a Fundação Carlos Chagas e a Cesgranrio elaboram muitas questões desse tipo. Veja algumas delas:

1. (FCC – TRF 4ª Região – Anal. Judic.) A seguinte construção não admite transposição para a voz passiva:

a) Isso esclarece um pouco a razão das tensões (...)

b) (...) detestamos a hipocrisia e a falsidade (...)

c) Vivemos, assim, sobre esse fio de navalha entre a verdade e o disfarce.

d) As chamadas "regras de convívio" supõem, sempre, algum "mascaramento".

e) (...) que nos olhe nos olhos (...)

Comentários:

Na letra A, o verbo *esclarecer* é transitivo direto e vem seguido de seu objeto direto *a razão das tensões*. Admite, portanto, transportação. Na letra B, o verbo *detestar* também é transitivo direto, seguido de seu objeto direto composto *a hipocrisia e a falsidade*. Na letra D, o mesmo ocorre: o verbo *supor* é verbo transitivo direto e vem seguido de seu objeto direto *algum mascaramento*. E, na letra E, a história se repete: o verbo *olhar* é transitivo direto e vem seguido de seu objeto direto *nos*. A única frase que não traz um verbo transitivo direto é a letra C, que apresenta um verbo intransitivo – *vivemos* – seguido de um adjunto adverbial de lugar *sobre esse fio de navalha entre a verdade e o disfarce*. É o único verbo que não permite a transportação para a voz passiva.

Resposta: C.

2. (Cesgranrio) A frase que admite transposição para a voz passiva é:

a) A prova de que não somos uma coisa só está em cada dia que amanhece.

b) Outro dia recortei da internet este fragmento de um blog (...).

c) A humanidade não tem jeito.

d) O pessimista não é inimigo das idealizações, muito pelo contrário.

e) Nem tudo está perdido.

Comentários:

A letra A apresenta dois verbos que não são transitivos diretos: *somos*, que é verbo de ligação e vem seguido de um predicativo do sujeito *uma coisa só*, e o *está*, que é intransitivo, vindo seguido de um adjunto adverbial *em cada dia que amanhece*.

A letra B traz o verbo *recortar*, transitivo direto, com seu objeto direto *este fragmento de um blog*.

A letra C, embora apresente verbo transitivo direto, trata-se de um verbo que não admite transportação por impedimento semântico. Tente passar essa frase mentalmente para a voz passiva: "Jeito não é tido pela humanidade" por impedimento semântico. Faz sentido isso?

As letras D e E apresentam verbos de ligação, não admitindo, portanto, transportação para a passiva.

Resposta: B.

Aqui, vale um recado:

De fato, só admite passagem para a passiva um verbo que tenha transitividade direta.

Fernanda elogiou duas colegas. (voz ativa)

Duas colegas foram elogiadas por Fernanda. (voz passiva)

Pelo que podemos observar, o objeto direto da ativa – *duas colegas* – virou sujeito paciente na voz passiva, e o sujeito *Fernanda* transformou-se em agente da passiva (*por Fernanda*).

Entretanto, o contrário não se afirma: nem todo verbo transitivo direto pode ser construído na voz passiva. Veja as frases:

Guilherme quer um presente.

Fernanda pode tudo.

Arthur tem bons modos.

Há crianças na sala.

Tente passar essas frases para a passiva. Teríamos aberrações do tipo: *Um presente é querido por Guilherme; Tudo é podido por Fernanda* e *Bons modos são tidos por Arthur; Crianças são*

havidas na sala. Fazem sentido essas frases?

Ainda que só verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos admitam voz passiva, há verbos transitivos indiretos que admitem passiva. O uso coloquial acabou consagrando em textos cultos construções do tipo:

Os empregados foram pagos.

Os pais devem ser obedecidos.

O jogo foi assistido por todos.

A carta foi respondida.

Os verbos *pagar, obedecer, assistir* (= ver, presenciar) e *responder* são transitivos indiretos, mas admitem voz passiva. São frases consagradas do uso coloquial, mas que já aparecem em algumas provas. Mas cuidado: é sempre bom, diante das questões, analisar cada alternativa a fim de ver se a banca admitiu ou considerou errado esse tipo de construção, pois há divergências em relação a isso.

Resumindo:
- Em princípio, só verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos admitem voz passiva.
- Há verbos transitivos diretos que *não* admitem voz passiva (*ter, haver, poder, querer...*).
- Há verbos transitivos *indiretos* que admitem voz passiva (*obedecer, pagar, responder, assistir...*).

Mais questões:

3. (FCC/TRF – 2ª Região – Téc. Adm.) A construção que admite transposição para a voz passiva é:

a) São inúmeras as consequências dessa idolatria.

b) As leis do mercado favorecem esse culto da juventude.

c) A juventude deixou de ser uma fase da vida.

d) Resulta disso tudo uma espécie de código comportamental.

e) Cresce a olhos vistos a oferta de produtos associados à juventude.

Comentários:

A banca busca a única frase que apresente um verbo com transitividade direta. A letra A apresenta verbo de ligação (seu sujeito é *as consequências dessa idolatria* e seu predicativo é

inúmeras). Ora, verbo de ligação não admite transposição para a passiva. A letra B, por sua vez, apresenta um verbo transitivo direto, *favorecem*, seguido de seu objeto direto *esse culto da juventude*. Na letra C, o verbo principal da locução verbal é um verbo de ligação, *ser*, que vem seguido de seu predicativo *uma fase da vida*. A letra D está fora de ordem, procure organizá-la antes de classificar o verbo: *Uma espécie de código fundamental resulta disso tudo*. O verbo *resultar* é transitivo indireto, não admitindo, portanto, passagem para a passiva. Na letra E, temos o verbo *crescer*, que é intransitivo. Portanto, a única frase que apresenta um verbo com transitividade direta será a que permitirá transposição para a passiva.

Resposta: B.

4. (FCC/TRF – 2ª Região – Téc. Adm.) Essa situação **é agravada** pelo fato de quinze desses gigantes estarem localizados em países pobres ou emergentes.

O verbo que admite o mesmo tipo de transposição ocorrida no exemplo destacado acima está também grifado na frase:

a) Em todo o mundo muitas cidades <u>crescem</u> sem nenhum planejamento.

b) A maior parte da população do planeta já <u>mora</u> em cidades.

c) A vida em cidades <u>depende</u> de normas comuns de comportamento.

d) A população das grandes cidades <u>está</u> sujeita a problemas de trânsito e de violência.

e) Neste ano a população urbana <u>ultrapassará</u> o número de moradores das áreas rurais.

Comentários:

A frase que aparece no enunciado está na passiva analítica: o sujeito (*essa situação*) sofre a ação. Além disso, ela apresenta uma locução verbal de voz passiva (*é agravada*). A banca procura aqui uma frase que esteja na voz ativa, mas que admita transposição para a passiva. Nas letras A e B, os verbos *crescer* e *morar* são intransitivos. Na letra C, mais um verbo que não admite transportação – *depende* – por ser transitivo indireto (seguido de seu objeto indireto *de normas comuns de comportamento*). A letra D, por sua vez, traz um verbo de ligação *está* (seguido de seu predicativo *sujeita*). Só a letra E apresenta um verbo transitivo direto – *ultrapassará* – seguido de seu objeto direto *o número de moradores das áreas rurais*.

Resposta: E.

5. (FCC/TRF – 18ª Região) Não admite transposição para a voz passiva o seguinte segmento:

a) Resolvi bem esse problema (...).

b) É preciso, pois, desenvolver o ethos da nação (...).

c) Ele precisa valorizar essa convivência (...).

d) (...) está na ética uma garantia para um pleno convívio social.

e) (...) que as ações dos outros encontrem nele plena aprovação.

Comentários:

Em todas as frases haverá um verbo com transitividade direta, exceto em uma. Na letra A, o verbo *resolver* é transitivo direto e vem seguido de seu objeto direto *esse problema*. Na letra B, o verbo *desenvolver* é transitivo direto e vem seguido de seu objeto *o ethos da nação*, o mesmo ocorrendo com o *valorizar* na letra C, que tem como objeto direto *essa convivência*. Quanto à letra D, procure organizá-la antes de analisar o verbo: *Uma garantia para um pleno convívio social está na ética*. O sujeito, aqui, é *uma garantia para um pleno convívio social* e o verbo *estar* é intransitivo e vem seguido de seu adjunto adverbial de lugar *na ética*. Com a letra E, o perigo é o mesmo – é preciso colocá-la na ordem direta antes de analisar o verbo. Teríamos, portanto: *Que as ações dos outros encontrem plena aprovação nele*. Veja se agora não ficou mais fácil: *as ações dos outros* é sujeito, o verbo *encontrar* é transitivo direto e indireto, *plena aprovação* é objeto direto e *nele*, objeto indireto. Ora, o único verbo que não admite transportação para a passiva é o *estar*, da letra D.

Resposta: D.

Você já percebeu que a tendência das bancas é trabalhar com frases fora da ordem direta, para confundir o aluno? Por isso, não se esqueça de, nas frases mais complexas, desenvolver um passo a passo para a organização do período, procedendo da seguinte forma:

Ordem direta no período simples
1. Vá ao verbo e pergunte pelo sujeito.
2. Depois de detectar o sujeito, pergunte por seus complementos: objetos diretos ou indiretos.
3. Se a frase possuir predicativo, esse deverá ficar após os complementos verbais.
4. Os adjuntos adverbiais ficarão sempre ao final.

6. (TCE/AL) A transposição para a voz passiva é possível apenas em:

a) Novos gestos incutem à nossa vida um novo sentido.

b) A liberdade aposta, sempre, em novas possibilidades.

c) Na nossa capacidade de escolha estaria a nossa liberdade.

d) A resolução desse dilema depende de uma grave decisão.

e) As ideias fatalistas conspiram contra as ações libertárias.

Comentários:

A letra A traz um verbo transitivo direto e indireto: *um novo sentido* é objeto direto e *à nossa vida* é objeto indireto. As letras B, D e E apresentam verbos transitivos indiretos: *apostar* tem como objeto indireto *em novas possibilidades*, *depender* vem com o objeto indireto *de uma grave decisão* e *conspirar*, com objeto indireto *contra as ações libertárias*. Já a letra C, colocando-a na ordem, temos: "A nossa liberdade estaria na nossa capacidade de escolha". O verbo *estar* é intransitivo e vem seguido de adjunto adverbial de lugar *na nossa capacidade de escolha*. Como a questão pedia a única alternativa que admitisse a passagem para a passiva, tem-se apenas a letra A com um verbo de transitividade direta.

Resposta: A.

7. (Cesgranrio/Biocombustível) O indiscutível êxito do produto demonstra que as dúvidas foram dissipadas...

O verbo que admite transformação em voz passiva, tal como o grifado acima, está também grifado na frase:

a) A economia nacional <u>parece</u> hoje mais estável.

b) O carro bicombustível <u>chegou</u> ao mercado brasileiro há pouco tempo.

c) A indústria brasileira já <u>vendeu</u> 5 milhões de carros bicombustíveis.

d) O álcool combustível <u>permanece</u> mais barato do que a gasolina.

e) O Proálcool <u>foi</u> a resposta brasileira às crises do petróleo.

Comentários:

A frase do enunciado está na passiva analítica: o sujeito *as dúvidas* sofre a ação e aparece uma locução verbal de voz passiva (*foram dissipadas*). A banca buscava uma frase que admitisse tal transformação, ou seja, uma frase com verbo de transitividade direta.

As letras A, D e E apresentam verbos de ligação: na letra A, tem-se o verbo *parecer*, seguido de seu predicativo *mais estável*; na letra D, observa-se o verbo *permanece*, seguido de seu predicativo *mais barato*; na letra E, tem-se o verbo de ligação *ser*, com seu predicativo *a resposta brasileira*. Se todas as três apresentam verbos de ligação, elas não admitem a passagem para a passiva.

A letra B traz um verbo intransitivo, *chegou*, seguido de dois adjuntos adverbiais: *ao mercado brasileiro*, que indica lugar e *há pouco tempo*, que é adjunto adverbial de tempo. Ora, verbo intransitivo também não admite transportação.

Só a letra C apresenta verbo transitivo direto – *vender* – seguido de seu objeto direto, que é *5 milhões de carros biocombustíveis*.

Resposta: C.

14.5. QUESTÕES QUE PEDEM PARA PASSAR DE UMA VOZ À OUTRA

Vamos ao segundo tipo de questão, aquela em que se pede para passar de uma voz à outra? São as questões de reescritura de frases.

1. (TRE – AP) Transpondo-se para a voz passiva a frase *Ele gasta dinheiro que nem água*, a forma verbal resultante será:

a) será gasta.

b) foi gasta.

c) está sendo gasto.

d) será gasto.

e) é gasto.

Comentários:

O núcleo do objeto direto é *dinheiro*. O verbo na voz ativa (*gasta*) está no presente do indicativo, portanto, o auxiliar da passiva ficará também no presente do indicativo (*é*). Lembre-se de que o particípio, na voz passiva, concorda com o seu sujeito em gênero e número. Portanto, teremos: "*dinheiro* é *gasto* que nem água". Observe que nós nem olhamos para as outras opções: com o devido raciocínio, você irá diretamente à resposta.

Resposta: E.

2. (TRF – 4ª Região – Anal. Judic.) Transpondo-se para a voz passiva a frase *transmiti o respeito de meus pais pelas ficções*, a forma verbal resultante será:

a) terá sido transmitido.

b) transmitiram-me.

c) fora transmitido.

d) transmitiram-se.

e) foi transmitido.

Comentários:

O núcleo do objeto direto é *respeito*: destacando o núcleo, você fará a concordância do verbo com mais rapidez. O verbo na voz ativa está no pretérito perfeito do indicativo: assim ficará o verbo *ser*, auxiliar de voz passiva (*foi*). Assim, teríamos: *O respeito de meus pais pelas ficções foi transmitido por mim.*

Resposta: letra E.

3. (PMSAL) ... a literatura carioca já **registrava** com frequência o termo samba.

Transpondo para a voz passiva, a forma verbal destacada passa a ser, corretamente:

a) registrou.

b) devia registrar.

c) fora registrado.

d) era registrado.

e) seria registrada.

Comentários:

O objeto direto, *o termo samba*, tem como núcleo o substantivo *termo*. O verbo na voz ativa está no pretérito imperfeito do indicativo, portanto, o verbo *ser* ficará também no pretérito imperfeito: *era*. O sujeito *a literatura carioca* vira agente da passiva, mas observe que a banca nem se preocupa com isso. Os outros termos sintáticos permanecem inalterados. Assim, teríamos: *O termo samba era registrado com frequência pela literatura carioca*.

Resposta: D.

4. (TRT – 2ª Região) Transpondo-se para a voz passiva o segmento *ninguém descobre sua*

timidez, a forma verbal resultante será:

a) não terá descoberto.

b) não será descoberta.

c) não terá sido descoberta.

d) não é descoberta.

e) não tem descoberto.

Comentários:

O objeto direto é *sua timidez*. O verbo na voz ativa está no presente do indicativo, logo o auxiliar de passiva ficará no mesmo tempo (*é*). O verbo da voz ativa vai para o particípio, concordando em gênero e número com o sujeito. Assim, teremos: *Sua timidez não é descoberta por ninguém.*

Resposta: D.

5. (TRT – 2ª Região – Anal. Judic.) Transpondo-se para a voz passiva a construção *a voz do futuro nos acorda*, a forma verbal resultante será:

a) temos sido acordados.

b) temos acordado.

c) teremos acordado.

d) seremos acordados.

e) somos acordados.

Comentários:

O objeto direto vem representado pelo pronome oblíquo *nos*, portanto, na voz passiva, ao virar sujeito, virá representado por um pronome reto (*nós*). O verbo da voz ativa – *acorda* – está no presente do indicativo: assim ficará o auxiliar da passiva. Sempre se lembre de somar um verbo: se possuímos um verbo na voz ativa, na passiva analítica, serão dois. Assim, teremos: *(Nós) somos acordados pela voz do futuro.* Observe o que a banca fez nas letras B e C: usou auxiliar (*ter*) que nem é de voz passiva. Na letra A, mais uma maldade: acrescentou mais um verbo, o que não é permitido: se temos um verbo na voz ativa, ficaremos apenas com dois na passiva analítica, não com três.

Resposta: E.

6. (TRF – Taquigrafia) Transpondo a frase *os extraordinários acontecimentos pareciam dividir nitidamente o mundo entre os defensores e os inimigos da liberdade e do progresso social* para a voz passiva, a forma verbal corretamente obtida é:

a) parecia ser dividido.

b) pareciam ter sido divididos.

c) tinha sido dividido.

d) tinha parecido dividir.

e) pareciam dividirem.

Comentários:

O objeto direto da voz ativa é *o mundo*. Mas desta vez tenha mais cuidado: temos uma locução verbal na voz ativa composta de um verbo auxiliar (*pareciam*) e um principal (*dividir*). Lembre-se de somar um auxiliar a essa locução verbal, que será o verbo *ser* e ficará no tempo verbal do *dividir*. Com o tempo verbal do auxiliar *pareciam,* você não irá mexer. Logo, se temos dois verbos, ficaremos com três. Assim: *O mundo parecia ser dividido nitidamente entre os defensores e os inimigos da liberdade e do progresso social pelos extraordinários acontecimentos*. Não se preocupe com os outros termos sintáticos, enfoque atentamente apenas o objeto direto e a locução verbal da ativa, antes de passar a frase para a passiva analítica.

Resposta: A.

Agora está na hora de você conhecer a voz passiva sintética ou pronominal. Ela recebe esse nome por espécie de síntese de informações: ela normalmente não menciona o agente da passiva nem apresenta o verbo auxiliar da voz passiva analítica. Observe:

Alugam-se casas.

Nessa frase, *casas* é o sujeito, que vem posposto ao verbo, **por isso, cuidado para não confundi-lo com o objeto direto**. O pronome se que aparece na frase é a chamada partícula apassivadora ou pronome apassivador.

Bom de treinar, não é? Agora, vamos ao terceiro tipo de questão: aquela em que se quer a identificação da voz da frase.

14.6. QUESTÕES PARA SE IDENTIFICAR A VOZ DA FRASE

Antes de irmos a elas, vale lembrar:

1. Voz ativa: os homens dirão a verdade. (sujeito agente: *os homens*; objeto direto: *a verdade*)
2. Voz passiva analítica: sujeito paciente + verbo auxiliar *ser, estar, ficar* + particípio (verbo principal) + agente da passiva (caso exista na frase): A verdade será dita pelos homens.
3. Voz passiva pronominal: verbo transitivo direto + pronome apassivador se + sujeito (o agente da passiva, em geral, não é mencionado): Dir-se-á a verdade.
4. Voz reflexiva: sujeito + verbo + pronome se reflexivo: Ela se enganava. (= Ela enganava *a si mesma*)

1. (NCE/Minist. Saúde) Muitas vezes no texto, como em "se a mãe for bem alimentada", se utiliza a voz passiva; a alternativa em que isso também ocorre é:

a) "O corpo humano necessita de alimentos".

b) "para se manter ativo".

c) "a fim de que tenha energia suficiente".

d) "se não for atendida essa necessidade".

e) "para se desenvolver fisicamente".

Comentários:

Na letra A, temos um verbo que, embora tenha um sentido passivo (chamamos isso de *passividade*), está na voz ativa: *o corpo humano* exerce a ação de necessitar de alimentos.

Na letra B, o pronome *se* é reflexivo, tem o valor de *a si mesmo*: a frase está na voz reflexiva. O mesmo ocorre na letra E, cuja frase equivale a *para desenvolver a si mesmo fisicamente.* Assim, excluem-se as letras B e E.

Na letra C, o sujeito exerce a ação de *ter*: a voz é ativa. Apenas na letra D, o sujeito é paciente: a frase está na voz passiva analítica, compõe-se de uma locução verbal *for atendida*.

Resposta: D.

Quanto à letra A desta questão, vale um recado:

Não confunda voz passiva com passividade. Na voz passiva, o verbo ou vem com auxiliar de passiva (voz passiva analítica) ou com o pronome apassivador *se* (voz passiva sintética), ou seja, há uma forma especial para se indicar que algo ou alguém recebe a ação do verbo.
Passividade tem a ver com o sentido da frase: o verbo tem *valor passivo*. E isso pode ocorrer inclusive com frases na voz ativa. Exemplos:
Esperei por você a vida inteira.
A criança *recebeu* o merecido castigo.
Essas frases estão na voz ativa, embora seus verbos tenham sentido passivo. Portanto, nem sempre a passividade corresponde à voz passiva!

2. (NCE) A frase abaixo que se encontra em voz passiva é:

a) “Quantos morreram pela liberdade de sua pátria?”

b) “Quantos foram presos ou espancados pela liberdade de dizer o que pensam?”

c) “Quantos lutaram pela libertação dos escravos?”

d) “O primeiro templo da liberdade burguesa é o supermercado.”

e) “a maioria já não sofre agressões a essas liberdades tão vitais...”

Comentários:

Na letra A, o sujeito exerce a ação de *morrer*: voz ativa. Na letra C, o mesmo acontece: o sujeito exerce a ação de *lutar*: voz ativa. Na letra D, o sujeito *o primeiro templo da liberdade burguesa* é agente do verbo *ser*, a frase está na voz ativa. Na letra E, embora o verbo tenha sentido passivo (passividade, lembra?), a frase está na voz ativa: o sujeito *a maioria* exerce a ação de sofrer. Somente na letra B o sujeito é paciente: a frase está na voz passiva e possui duas locuções verbais de passiva (*foram presos*/(*foram*) *espancados*).

Resposta: B.

14.6. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (TRT – 4ª Região – Técn. Judic.) ... que a mudança de comportamento se deve ao colapso da estrutura familiar dos elefantes...

A forma verbal correta e de sentido equivalente ao da que se encontra grifada na frase acima é:

a) tinha sido devido.
b) deveria ser devida.
c) será devida.
d) foi devido.
e) é devida.

2. (TRT – 4ª Região) ... onde são degradadas por bactérias.

Transpondo-se a frase para a voz ativa, a forma verbal passa a ser, corretamente:

a) degradou.
b) degradam.
c) seriam degradadas.
d) tinham degradado.
e) está sendo degradada.

3. (FCC) Na oração grifada “Profissões desaparecem, outras são criadas” ocorre voz passiva. Passando-se para a voz ativa, obtém-se a oração:

a) criam outras.
b) cria-se outras.
c) criam-se outras.

d) elas criam outras.

4. (FCC) Assinale a alternativa em que o termo destacado desempenhe a mesma função sintática que "fica muito claro quando se analisa **o resultado da evolução do PIB**":

a) ... as exportações puxaram o crescimento.

b) A queda de renda do cidadão é, claramente, a maior causa de tal desempenho.

c) A inadimplência do comprador está num nível baixo, como revelam os dados da Serasa e do SPC.

d) ... a recuperação econômica será lenta e desigual.

e) ... e este 2003 que termina deverá mostrar um movimento parecido com o de 2002.

5. (FCC) Na oração destacada "Profissões desaparecem, *outras são criadas*" ocorre voz passiva. Passando-se para a voz ativa, obtém-se a oração:

a) criam outras.

b) cria-se outras.

c) criam-se outras.

d) elas criam outras.

6. (FCC) Assinale a frase em que se encontra uma estrutura correspondente à evidenciada em "Tempos atrás era tido como legítimo espancarem-se crianças".

a) Na sociedade, a todo momento fala-se de ética.

b) A ética faz com que os indivíduos se respeitem.

c) Em algumas sociedades, autoriza-se a pena de morte.

d) Respeitar-se é o princípio da dignidade.

e) Se falha a ética, falha a solidariedade.

7. (NCE-UFRJ / Inspetor de Polícia) "Nem todo hábito de consumo é ditado pela publicidade." Colocando-se esse segmento do texto na voz ativa, temos como forma adequada:

a) A publicidade não dita todo hábito de consumo.

b) A publicidade dita todo hábito de consumo.

c) O hábito de consumo dita a publicidade.

d) O hábito de consumo não dita a publicidade.

e) Nem toda publicidade dita todo hábito de consumo.

8. (NCE-UFRJ / Técnico Necropsia) "O projeto foi recebido com ceticismo pela comunidade científica." Colocando-se esse segmento do texto na voz ativa, tem-se como forma correta:

a) Recebeu-se o projeto com ceticismo.

b) Receberam o projeto com ceticismo.

c) A comunidade científica recebeu o projeto com ceticismo.

d) A comunidade científica foi recebida com ceticismo pelo projeto.

e) Receberam-se com ceticismo o projeto pela comunidade científica.

9. (NCE-UFRJ / Oficial de Justiça) A frase a seguir que se encontra na voz passiva é:

a) "Quantos morreram pela liberdade de sua pátria?"

b) "Quantos foram presos ou espancados pela liberdade de dizer o que pensam?"

c) “Quantos lutaram pela libertação dos escravos?”
d) “O primeiro templo da sociedade burguesa é o supermercado.”
e) “...a maioria já não sofre agressões a essas liberdades tão vitais...”

10. (FCC / TRT) Redigida na voz ativa, a frase “Por outro lado, as energias e esforços que se dirigem a uma recompensa imediata são enaltecidos pelos aventureiros” terá a forma:

a) Por outro lado, enaltecem-se pelos aventureiros as energias e esforços que se dirigem a uma recompensa imediata.
b) As energias e esforços que, por outro lado, se dirigem a uma recompensa imediata são pelos aventureiros enaltecidos.
c) Pelos aventureiros, por outro lado, enaltecem-se as energias e esforços que se dirigem a uma recompensa imediata.
d) A uma recompensa imediata, por outro lado, enaltecemos as energias e esforços que se dirigem pelos aventureiros.
e) Por outro lado, os aventureiros enaltecem as energias e esforços que se dirigem a uma recompensa imediata.

11. (FCC / TRE) A frase passiva “O mesmo software pode ser comprado no site do seu desenvolvedor”, se for expressa na voz ativa, terá a forma:

a) Pode-se comprar o mesmo software no site do seu desenvolvedor.
b) Pode ser comprado no site do seu desenvolvedor o mesmo software.
c) No site do seu desenvolvedor o mesmo software pode-se comprar.
d) O mesmo software no site do seu desenvolvedor pode ser comprado.
e) No site do seu desenvolvedor podem comprar o mesmo software.

12. (FCC) Os enunciados a seguir foram convertidos da voz passiva analítica para a voz passiva sintética ou pronominal. Cometeu-se uma importante impropriedade na conversão em:

a) “A colheita deve ser feita na época certa.” / A colheita deve fazer-se na época certa.
b) “Exigem que o trabalho seja cronometrado.” / Exigem que se cronometre o trabalho.
c) “A partir de 1850 é restabelecido o descanso semanal.” / A partir de 1850 se restabelece o descanso semanal.
d) “Em 1919 é votada a lei das oito horas.” / Em 1919 votou-se a lei das oito horas.
e) “Que não pode ser confundido ainda com o tempo propriamente *livre*.” / Que não se pode confundir ainda com o tempo propriamente livre.

13. (FCC) Passando-se para a voz ativa e mantendo-se o sentido original, a oração “embora esse trabalho, muitas vezes, seja condicionado pela origem do dinheiro” tem de ser redigida na forma da opção:

a) conquanto, muitas vezes, a origem do dinheiro condicione esse trabalho.
b) ainda que pela origem do dinheiro, muitas vezes, esse trabalho seja condicionado.
c) apesar de ser condicionado esse trabalho, muitas vezes, pela origem do dinheiro.
d) visto que condicione a origem do dinheiro, muitas vezes, esse trabalho.
e) porquanto esse trabalho condicione, muitas vezes, a origem do dinheiro.

14. (FCC) Há incorreção da transformação da voz passiva pronominal em analítica em:

a) “A expansão de empregos se faz às custas do aumento do que o presidente Clinton chamou de ‘working poors’.” / A expansão é feita às custas do aumento do que o presidente Clinton chamou de “working poors”.

b) “Somente os operários bem remunerados têm condições de se converterem em consumidores dos produtos das fábricas.” / Somente os operários bem remunerados têm condições de serem convertidos em consumidores dos produtos das fábricas.

c) “O que se deve buscar é o trabalho produtivo, com remuneração adequada.” / O que deve ser buscado é o trabalho produtivo, com remuneração adequada.

d) “Há no mundo 180 milhões de desempregados, cifra multiplicada por três quando se consideram os ‘working poors’.” / Há no mundo 180 milhões de desempregados, cifra multiplicada por três quando são considerados os “working poors”.

e) “O produtor torna-se um mero acessório da máquina, só se exigindo dele a operação mais simples e monótona.” / O produtor torna-se um mero acessório da máquina, só sendo exigido dele a operação mais simples e monótona.

15. (TRF) Das frases a seguir, a única expressa na voz ativa é:

a) Viaja-se de trem melhor que de ônibus.

b) Esse autor não se conhece.

c) Revoguem-se as disposições em contrário.

d) “Seja feita a Vossa vontade” (Oração do Pai-Nosso).

e) Publique-se.

16. (TRF) A respeito da frase “As negociações deverão ser concluídas até outubro”, pode-se dizer que:

a) está na voz passiva analítica, e na ativa ficaria “As negociações deverão concluir-se até outubro”.

b) está na voz passiva sintética, e na passiva analítica ficaria “Deverão concluir as negociações até outubro”.

c) está na voz passiva sintética, e na passiva analítica ficaria “As negociações deverão concluir-se até outubro.

d) está na voz passiva analítica, e na passiva sintética ficaria “Dever-se-ão concluir as negociações até outubro.

e) está na voz passiva analítica, e na voz reflexiva ficaria “As negociações deverão concluir-se até outubro.

17. (Redator e Revisor / Câmara Municipal) A oração que pode ser reescrita na voz passiva analítica é:

a) “O novíssimo cinema nacional insiste nos dramas do período”.

b) “especiais de TV remetem ao Tropicalismo”.

c) “A redução da cultura a sua dimensão mercadológica não é privilégio nacional, obviamente”.

d) “reinventam-se os anos de rebeldia segundo os padrões estéticos hegemônicos da televisão”.

e) “De quebra, há sempre uma emergente assumida, do tipo Vera Loyolla”.

18. “Tamanha revolução foi ajudada pelos holofotes acesos pela CPI dos medicamentos.” Essa mesma frase, na voz ativa, seria:

a) a CPI dos medicamentos acendeu os holofotes e ajudou a revolução.
b) tamanha revolução ajudou a CPI dos medicamentos a acender os holofotes.
c) os holofotes acesos pela CPI dos medicamentos ajudaram tamanha revolução.
d) os holofotes acesos pela CPI dos medicamentos fez com que tamanha revolução fosse ajudada.
e) tamanha revolução ajudou a acender os holofotes na CPI dos medicamentos.

(Cespe-UnB) Julgue as alternativas a seguir, de acordo com o respectivo texto:

TEXTO

No mundo, a instituição previdenciária está em crise. A esperança de vida da população tem-se elevado, aumentando o número de aposentados e a sua permanência como tal; as mudanças tecnológicas diminuíram a quantidade de empregos e, por consequência, de contribuintes, elevando os gastos com auxílio-desemprego. Aumenta-se a despesa, diminuem-se as receitas. A previdência social, não só aqui, mas em toda a parte, está em crise e continuará nesse estado, permanentemente. O seu equilíbrio será instável, necessitando de reparos emergenciais todos os dias.

Aqui, a situação agravou-se. Nunca se fizeram, com seriedade, as reservas necessárias que a ciência atuarial exige, recolhendo hoje e preservando para atender ao compromisso no futuro. Foram concedidas aposentadorias para trabalhadores que nunca contribuíram, pensões para idosos sem fonte de recursos, e dezenas de desvios de recursos destinados a gastos futuros. Literalmente, predominou o saque.

Osíris de Azevedo Lopes Filho. *Correio Braziliense*, 29/01/2003, p. 5 (com adaptação).

19. Os segmentos "Nunca se fizeram" (l. 7) e "Foram concedidas" (l. 8), na voz passiva, têm como correspondentes na voz ativa as formas **Nunca foram feitas e concederam-se**.

20. O texto utiliza o recurso da voz passiva para apresentar as informações com imparcialidade, especialmente no segundo parágrafo, em que as estruturas "a situação agravou-se" "Nunca se fizeram" e "Foram concedidas" são usadas pelo autor para não assumir uma posição acerca do assunto.

21. Contextualmente, seria correto introduzir a forma verbal **houve** imediatamente antes de "dezenas" (l. 10).

Gabarito: 1. e; 2. b; 3. a; 4. c; 5. a; 6. c; 7. a; 8. c; 9. b; 10. e; 11. e; 12. d; 13. a; 14. e; 15. a; 16. d; 17. d; 18. c; 19. errado; 20. certo; 21. certo.

14.7. RESUMO

Bem, chegamos ao final deste tópico... Vamos sistematizar?

- Uma frase que admite transposição da ativa para a passiva é aquela que possui **VDT ou VTDI.**
- Diante de um "se" na frase, verifique a transitividade do verbo e tente **transportar tal frase para a passiva analítica. Em caso positivo, você estará diante de voz** passiva sintética e o "se" será pronome apassivador.
- **A voz passiva reescreve a ativa, com a diferença** de que a primeira enfatiza o objeto direto da segunda, que passa a funcionar como sujeito paciente.

- Na voz passiva, **não existe, portanto, objeto direto, e sim sujeito paciente, apesar de o verbo ter** transitividade direta. Por isso, atenção à concordância verbal na voz passiva sintética.

15 PERÍODO COMPOSTO

15.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Antes de tudo, vamos colocar uns pingos nos is... Você sabe a diferença entre frase, oração e período? Frase é qualquer enunciado que produza sentido. Pode ser **nominal** ("Oi!") ou **verbal** ("Cheguei!"). Já oração precisa possuir verbo: **oração é a frase verbal**. Lembra que, na escola, contávamos as orações pelo número de verbos: para cada verbo, uma oração... E o **período é a composição de orações**. Pode ser simples (nesse caso, a única oração que ele possui é a chamada oração absoluta) ou composto (com duas ou mais orações).

Observe uma assertiva, do estilo certo ou errado, de uma prova do Cespe-UnB, que buscava exatamente esse conceito:

> *Um Brasil com desemprego zero. Um Brasil bem distante das estatísticas que apontam para uma taxa de desocupação em torno de 9%.*
> 1) O primeiro período do texto tem natureza nominal.

O que é, portanto, ter natureza nominal? É não ter verbo. A assertiva é, portanto, verdadeira. Agora, caso se dissesse "O Brasil *possui* desemprego zero", aí seria uma frase verbal, e não nominal.

O período composto se subdivide em dois blocos: por **coordenação** e por **subordinação**. Lembra que, na escola, tínhamos o péssimo hábito de, para saber se o período era composto por coordenação ou subordinação, retirar uma das orações da frase para verificar se a sua ausência fazia realmente falta ao período? Se a oração saísse da frase e tudo ficasse bonito, então, ela era coordenada; no entanto, se retirada e fizesse falta, seria subordinada... Isso, por si só, não é muito estranho? Hoje, já não se deve ensinar assim. Observe:

15.2. ORAÇÕES COORDENADAS X ORAÇÕES SUBORDINADAS

> A diferença entre o período composto por coordenação e o período composto por subordinação é que as orações coordenadas só se relacionam entre si semanticamente, não sintaticamente. São independentes sob o ponto de vista sintático. Já as subordinadas recebem essa classificação por se subordinarem sintaticamente entre si.

Parece confuso? É simples: as orações coordenadas só possuem valor semântico entre si:

adição, adversidade, explicação... No entanto, as subordinadas exercem função sintática (uma é sujeito da outra, objeto direto, adjunto adverbial...). Mas não é somente com base nesse critério que você vai classificar as orações. Existem outras formas ainda mais simples de você pensar. As conjunções, por exemplo, vão ajudar bastante na classificação das orações. Vamos então organizar esses conceitos?

No **período composto por coordenação**, tem-se, portanto, uma sequência de orações em que uma não exerce função sintática da outra, ou seja: uma oração *não* é sujeito, objeto, complemento nominal, adjunto da outra. Veja um exemplo:

Encontrei meu amigo/ e cumprimentei-o.

Repare que há uma *independência* sintática, já que, ao analisarmos a primeira oração, verificamos que todos os seus *termos* (sujeito, objeto...) estão dentro dela mesmo, o mesmo ocorrendo com a segunda oração:

(Eu) – *sujeito* – encontrei – *verbo* – meu amigo – *objeto direto* / (Eu – *sujeito* – cumprimentei – *verbo* – o – *objeto direto*.)

No **período composto por subordinação**, o que se vê é uma sequência de orações em que uma é termo sintático da outra, ou seja: uma oração *é* sujeito, objeto, complemento nominal, adjunto da outra. Aqui, os termos da oração (sujeito, objeto, complemento nominal, adjuntos...) aparecem sob *forma de oração* – sujeito oracional, objeto oracional etc. Observe:

Desejo / que sejas feliz.

Nesse exemplo, há uma *dependência* sintática, pois o objeto direto do verbo *desejo* não se encontra na primeira oração, e sim na segunda.

(Eu – *sujeito* – desejo – *verbo* – (o quê?) / que sejas feliz – *objeto direto.)*

Vamos agora à divisão dessas orações. Em um quadro sucinto, teríamos:

– aditivas

– alternativas

• Orações coordenadas – adversativas

– conclusivas

– explicativas

• Orações subordinadas

– subjetivas

– objetivas diretas

– objetivas indiretas

– substantivas – completivas nominais

– predicativas

– apostivas

– agente da passiva

– causais

– comparativas

– concessivas

– adverbiais – condicionais

– conformativas

– consecutivas

– finais

– proporcionais

– temporais

– adjetivas – restritivas

– explicativas

Obs.: As orações coordenadas e as subordinadas podem aparecer sob forma *desenvolvida* – quando são introduzidas por *conjunção* ou *pronome relativo* – ou *reduzida* – quando aparecem verbos no *infinitivo*, no *gerúndio* ou no *particípio*.

15.2.1. Orações coordenadas

a) Assindéticas (sem conectivo):

Ex.: Não corra, não mate, não morra.

As orações coordenadas *assindéticas* não vêm com conectivo, com conjunção: Não corra, não mate, não morra.

b) Sindéticas (conectivas – vêm com conjunção e se dividem em):

• aditivas – exprimem ideia de soma, adição.

Ex.: Chegou [e se divertiu.]

A segunda oração *acrescenta* uma ação à ocorrida na primeira oração.

As principais conjunções são: e, nem, não só...mas também etc.

• adversativas – exprimem ideia de oposição, contraste, ressalva.

Ex.: Saiu cedo de casa, [mas chegou atrasado ao trabalho.]

A segunda oração contrasta com a informação da primeira. Se ele saiu cedo de casa, o normal seria *não* chegar atrasado.

As principais conjunções são: mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto etc.

• alternativas – exprimem ideia de alternância, escolha.

Ex.: Ora chovia, [ora fazia sol.] alternância

Fale agora, [ou se cale para sempre.] escolha

As principais conjunções são: ou, ou... ou, ora...ora, já...já, quer... quer etc.

• conclusivas – exprimem ideia de conclusão.

Ex.: Trabalhou muito, [logo foi recompensado.]

A segunda oração conclui algo mais ou menos esperado do que se afirmou na primeira.

As principais conjunções são: logo, portanto, por conseguinte, pois (quando vem posposto ao verbo) etc.

• explicativas – exprimem uma justificativa para o que se disse na outra oração.

Ex.: Aguarde um instante [pois estou chegando.]

A segunda oração explica, justifica o pedido feito na primeira.

As principais conjunções são: que, pois (antes do verbo), porque, porquanto etc.

Pelo que você deve estar percebendo, tudo isso nada mais é do que uma revisão do que estudamos lá no capítulo de conjunções. Por isso, vale sistematizar:

Para classificar uma oração coordenada, basta verificar a relação semântica entre as orações. Ela se subdivide em cinco tipos: aditiva, adversativa, alternativa, conclusiva e explicativa.

Antes de passarmos à classificação das orações subordinadas, vamos fixar um pouco esses conceitos?

Use o seguinte código para classificar as orações coordenadas destacadas abaixo:

(1) oração coordenada assindética;

(2) oração coordenada sindética aditiva;

(3) oração coordenada sindética alternativa;

(4) oração coordenada sindética adversativa;

(5) oração coordenada sindética conclusiva;

(6) oração coordenada sindética explicativa.

1. ( ) "Foi até a esquina, parou, tomou fôlego."

Comentários: Aparecem, aqui, três orações sem estarem ligadas por conjunções. Todas são coordenadas assindéticas.

Resposta: 1.

2. ( ) Penso, *logo existo*.

Comentários: A segunda oração conclui uma afirmação feita na oração anterior.

Resposta: 5.

3. ( ) Comprou os ingressos, *porém não conseguiu assistir ao jogo.*

Comentários: O que se esperava na segunda oração era que ele conseguisse assistir ao jogo, já que comprou os ingressos. No entanto, isso *não* ocorreu.

Resposta: 4.

4. ( ) Venha *e fique à vontade*.

Comentários: Aqui, *dois* pedidos são feitos: *venha* e *fique*, um se soma ao outro.

Resposta: 2.

5. ( ) Chore, *porque alivia a dor.*

Comentários: A segunda oração *justifica* o pedido feito na anterior. Observe que a outra oração está com verbo no imperativo: isso pode ajudar a entender que a outra oração é a explicação para o conselho inicial.

Resposta: 6.

6. ( ) Ora falava sem parar, *ora se calava demoradamente*.

Comentários: As ações vão se alternando no tempo.

Resposta: 3.

7. ( ) O filho chegou *e a mãe nem notou.*

Comentários: O normal seria a mãe notar a chegada do filho, porém isso não ocorreu.

Resposta: 4.

Obs.: Essa última frase é um bom exemplo do que já mostramos na aula de conjunções: mais importante que decorar algumas conjunções é enxergar a *ideia* que se estabelece entre as orações. O *e* deste exemplo introduz um valor de *adversidade* em relação ao que se disse antes, e não adição.

15.2.2. Orações subordinadas

Agora, vamos às orações subordinadas. A oração que não possui o conectivo será chamada de oração *principal* e a outra que se relaciona com ela será a *subordinada* (lembre-se de que, no período composto por coordenação, a oração que não tinha o conectivo era chamada de **coordenada assindética**? Aqui, em subordinação, o nome é **principal**). Quanto às subordinadas, elas se subdividem em três blocos:

a) Substantivas (equivalem a um substantivo, exercendo as funções próprias do substantivo)

Apresentam-se em forma *desenvolvida* (introduzidas pelas **conjunções integrantes que** ou **se** ou por **pronome indefinido**, **pronome** ou **advérbio interrogativo**) e em forma *reduzida* (infinitivo).

• **Subjetivas:** exercem a função sintática do sujeito.

Verbo na 3ª pessoa do singular (*convir, cumprir, importar, urgir, acontecer, parecer etc.*) seguidos de *que, se* ou de *infinitivo*.

Ex.: Urge [que chegues no horário.]

Expressões na voz passiva: *sabe-se, soube-se, diz-se, conta-se, é sabido, estava decidido etc.*

Ex.: Diz-se [que ela mentiu.]

Verbo de ligação mais predicativo: *é bom, é conveniente, está claro etc.*

Ex.: Está claro [que ela mentiu.]

Aqui vale uma dica:

Atenção: Quando o sujeito aparece sob forma de oração, normalmente aparecem essas construções (convém, importa, sabe-se, é sabido, é bom, está claro) na oração principal. A oração subordinada é sujeito da oração principal quando não se acha o sujeito da oração principal na oração principal.

Veja:

Ex.: Urge / que chegues no horário.

(or. princ.) (or. subord. subst. subjetiva)

A segunda oração é sujeito da primeira porque, ao se analisar a oração principal, não encontramos o sujeito de *urge* nessa oração: Ele urge? Alguém urge? Não tem sentido. O que se entende é: Urge isto (que chegues no horário). Na ordem, teríamos: Isto (= que chegues no horário) urge. O mesmo ocorre com os outros exemplos:

Ex.: Diz-se / que ela mentiu.

(or. princ.) (or. subord. subst. subjetiva)

Ele diz-se? Alguém diz-se?

Ou: Diz-se isto (= que ela mentiu) Na ordem:

Isto (= que ela mentiu) se diz.

Mais um exemplo:

Ex.: Está claro / que ela mentiu.

(or. princ.) (or. subord. subst. subjetiva)

Ou: Está claro isto (= que ela mentiu). Na ordem direta, teríamos:

Ex.: Isto (= que ela mentiu) está claro.

• **Objetivas diretas:** exercem a função de objeto direto.

Ex.: Espero [que ela volte logo.]

Não sei [se volto amanhã.]

Os **verbos** *espero* e *sei* são transitivos diretos. O complemento é o objeto direto.

Ex.: (Eu) Espero / que ela volte logo.

(or. princ.) (or. subord. subst. objetiva direta)

Ex.: (Eu) Não sei / se volto amanhã.

(or. princ.) (or. subord. subst. objetiva direta)

• **Objetivas indiretas**: exercem a função de objeto indireto.

Ex.: Necessito [de que me ajudem nesta tarefa.]

(or. princ.) (or. subord. subst. objetiva indireta)

O **verbo** *necessito* pede preposição obrigatória, é transitivo indireto. O complemento é o objeto indireto.

• **Completivas nominais**: exercem a função de complemento nominal.

Ex.: Tenho necessidade [de que me auxilies.]

(or. princ.) (or. subord. subst. completiva nominal)

Ex.: Tinha esperança [de que revelasses o segredo.]

(or. princ.) (or. subord. subst. completiva nominal)

Agora o que temos são os **nomes**, *necessidade* e *esperança*, que pedem preposição. O complemento de nome substantivo é complemento nominal.

• **Predicativas**: exercem a função de predicativo.

Ex.: Minha esperança é [que consiga esse emprego.]

(or. princ.) (or. subord. subst. predicativa)

Atenção: A oração subordinada é predicativa quando vem após um verbo de ligação.

• **Apositivas**: exercem a função de aposto.

Ex.: Havia uma esperança: [que contasse a verdade.]

(or. princ.) (or. subord. subst. apositiva)

A oração subordinada "que contasse a verdade" **explica** a *esperança* que havia. Aposto sob

forma de oração.

• **Agente da passiva**: aparecem sem conjunção e são introduzidas por pronome indefinido, seguido de **por** ou **de**.

Ex.: Foi substituído [por quem o criticava.]

(or. princ.) (or. subord. subst. agente da passiva)

Foi substituído [por quem o criticava.]

A oração subordinada é o termo que **age** nesse período: *quem o criticava* é que o substitui.

Vamos sistematizar?

Uma boa dica para identificar facilmente uma oração substantiva é trocá-la por um substantivo ou por isto (pronome substantivo). Após verificar que ela é subordinada substantiva, faça a análise sintática da oração principal: comece pelo verbo, pergunte por seu sujeito, seus objetos...

Vamos fixar os conceitos apreendidos?

Use o seguinte código para classificar as orações subordinadas substantivas destacadas:

(1) subjetiva;

(2) objetiva direta;

(3) objetiva indireta;

(4) completiva nominal;

(5) predicativa;

(6) apositiva;

(7) agente da passiva.

1. ( ) Reafirmo meu desejo: *que todos tenham boa sorte*.

Comentários: A oração destacada explica, esclarece o *desejo* apresentado na oração principal.

Resposta: 6.

2. ( ) Lembrou-se *de que a reunião fora adiada*.

Comentários: A oração subordinada completa um verbo transitivo indireto, vem com preposição obrigatória.

Resposta: 3.

3. ( ) É indispensável *que todos entendam o problema*.

Comentários: O sujeito do verbo da oração principal (*É*) não aparece na oração principal (Ele é indispensável?). Logo, o sujeito é toda a oração que se segue: "que todos entendam o problema". Isto é, "É indispensável isto (= que todos entendam o problema). Na ordem: Isto é indispensável.

(suj.)

Resposta: 1.

4. ( ) Tenho a impressão *de que mentiste para mim*.

Comentários: Observe que agora o termo preposicionado completa um substantivo (*impressão*), e não um verbo. Quem completa verbo é objeto; quem completa nome é complemento nominal.

Resposta: 4.

5. ( ) O pai esperava *que o filho reagisse*.

Comentários: A oração em destaque completa o sentido de um verbo transitivo direto, *não* pede preposição.

Resposta: 2.

6. ( ) O desejo da família era *que se formasse logo.*

Comentários: Temos neste período uma oração subordinada que se segue a um *verbo de ligação.* Aparecendo esse tipo de verbo, o que temos não é um objeto, e sim predicativo.

Resposta: 5.

7. ( ) Parece *que a decisão foi justa*.

Comentários: Agora, o que aparece após o verbo é o seu sujeito, pois na oração principal não encontramos o seu sujeito (Ele parece? Alguém?). Portanto, o sujeito do *parece* é toda a oração subordinada: *"Parece isto*. Na ordem: *"Isto parece"*.

(suj.)

Resposta: 1.

8. ( ) Peço a todos *que não se atrasem*.

Comentários: O verbo, nessa frase, pede dois complementos: um com preposição, objeto indireto (*a todos*) e outro sem preposição, objeto direto (*que não se atrasem*) sob forma de oração.

Resposta: 2.

b) Adverbiais: modificam o verbo, como um advérbio. Equivalem a um adjunto adverbial. São introduzidas pelas **conjunções subordinativas adverbiais** (= orações desenvolvidas). Podem aparecer sob forma *reduzida* (de infinitivo, de gerúndio ou de particípio).

• **Causais**: indicam o *motivo*, a *razão* do que ocorre na oração principal.

Ex.: *Como chovia muito*, não fui à escola.

"Chover muito" foi o *motivo* que fez ele "não ir à escola".

As principais conjunções são: porque, como, já que, visto que, uma vez que...

• **Consecutivas**: indicam o *resultado* de uma ação.

Ex.: Gritou tanto *que perdeu a voz*.

Agora, "perder a voz" e o *resultado* de ter "gritado tanto", ou seja, a consequência.

As principais conjunções são: que (precedido de tão, tanto, tal), de modo que, de sorte que...

• **Concessivas**: exprimem sentido de *oposição, exceção*, *aceitar uma ideia oposta*.

Ex.: Foi à escola, *embora chovesse muito*.

Observe que o fato de "chover muito" não evitou a "ida à escola". Havia adversidade, mas não impediu que um fato ocorresse.

As principais conjunções são: embora, conquanto, mesmo que, ainda que, por mais que... Lembre-se de que, com elas, o verbo vem no subjuntivo.

• **Condicionais**: indicam uma *hipótese* para a realização de um fato.

Ex.: *Se vieres*, darei a festa.

Eu só "darei a festa" na *condição*, na *hipótese* de "vires".

As principais conjunções são: se, caso, desde que, contanto que...

• **Comparativas**: exprimem uma ideia de *comparação* entre dois termos.

Ex.: É inteligente *como o pai*.

Nesse período, a intenção é *comparar* a "inteligência do filho" com a "do pai". Nas comparativas, normalmente o verbo vem subentendido: "É inteligente como o pai (é)".

As principais conjunções são: como, que (antecedido de mais, menos), quanto, assim como...

• **Conformativas**: indicam a *conformidade* de um fato com outro.

Ex.: Não compareceu, *conforme se previa*.

De acordo com a previsão, ele *não compareceu.* Ou seja, não há contradição, já era algo esperado.

As principais conjunções são: como, conforme, consoante...

• **Finais**: indicam a *finalidade*, o *objetivo*.

Ex.: Comportaram-se *para que não fossem castigados*.

Aqui, havia um *objetivo*: "não ser castigado", por isso se comportaram.

As principais são: a fim de que, que, para que, porque...

• **Proporcionais**: relação entre duas ações em que uma delas acarreta *mudança* na outra.

Ex.: *À medida que o tempo passava*, ia ficando mais preocupado.

Nessa frase, observamos que "a preocupação ia aumentando" na mesma proporção que o "tempo passava".

As principais conjunções são: à medida que, à proporção que, ao passo que...

• **Temporais**: indicam o *momento* em que ocorre um fato.

Ex.: *Quando chegou*, todos o aplaudiram.

Os "aplausos" aconteceram no *momento* de sua chegada, indicando um tempo simultâneo.

As principais conjunções: quando, mal, enquanto, desde que, logo que...

Vale sistematizar:
As orações subordinadas adverbiais são aquelas que indicam circunstâncias ao verbo da oração principal (tempo, causa, finalidade etc.)
Uma forma simples de classificá-las é se guiar pelas conjunções que as iniciam: são as conjunções subordinativas adverbiais.

Antes de treinarmos, vamos falar do último bloco das orações subordinadas: **as orações subordinadas adjetivas**.

c) Adjetivas

Quanto às orações adjetivas, entenda que:

As orações adjetivas, por terem um valor adjetivo, referem-se ao substantivo da oração principal.
Quando desenvolvidas, iniciam-se por um pronome relativo, que é conectivo que retoma o substantivo ou o pronome substantivo da oração principal. Podem aparecer sob forma reduzida (de infinitivo, de gerúndio ou de particípio).

Fácil reconhecê-las, não é? Saiba ainda que a oração adjetiva funciona como adjunto adnominal de um substantivo ou pronome da oração principal, ora tendo **função restritiva** (sem vírgulas), outras vezes com **função explicativa** (entre vírgulas). Assim:

"O homem / *que trabalha* / perde tempo precioso."

or. sub. adj. restritiva

Aqui, a oração em destaque refere-se ao substantivo *homem*, é seu adjunto adnominal e tem valor semântico de restrição: está-se falando aqui de um homem específico – o homem *que trabalha*, e não de qualquer homem. Agora, perceba a diferença para este outro exemplo:

Fernanda / *que é ótima aluna*, / obedece aos pais.

or. sub. adj. explicativa

Entenda que, nesse caso, a oração destacada também é adjunto adnominal do seu substantivo antecedente *Fernanda*, só que, agora, tem valor de explicação, é uma *informação adicional*, e não uma restrição. Por isso, a oração veio entre vírgulas.

A essa altura, você pode estar um pouco confuso com tantas informações: qual seria, então, a diferença entre a oração adjetiva restritiva e a explicativa? As duas têm, sintaticamente, a mesma

função: são adjuntos adnominais, só que, *quanto ao sentido* são diferentes: uma restringe, a outra explica. Ou seja, a primeira se refere ao antecedente particularizando-o. A segunda se refere ao antecedente de maneira geral.

Após ter entendido bem o conceito de oração adjetiva, vale sistematizar:

Oração adjetiva é aquela que se inicia com pronome relativo (que, quem, o qual etc.). Sintaticamente, ela será sempre um adjunto adnominal do substantivo antecedente. Semanticamente, ela pode restringir (sem vírgulas) ou explicar (entre vírgulas, ou, se vier ao final do período, com uma vírgula e um ponto) esse substantivo. Daí, poder ser chamada de restritiva ou explicativa.

Agora sim, vamos treinar.

Use o código abaixo para classificar as orações subordinas adverbiais ou adjetivas destacadas:

(1) oração subordinada adverbial causal;

(2) oração subordinada adverbial consecutiva;

(3) oração subordinada adverbial concessiva;

(4) oração subordinada adverbial condicional;

(5) oração subordinada adverbial comparativa;

(6) oração subordinada adverbial conformativa;

(7) oração subordinada adverbial final;

(8) oração subordinada adverbial proporcional;

(9) oração subordinada adverbial temporal;

(10) oração subordinada adjetiva restritiva;

(11) oração subordinada adjetiva explicativa.

1. ( ) O que você faria *se ela entrasse por aquela porta*?

Comentários: A oração subordinada estabelece uma *condição* para o que se questiona na principal.

Resposta: 4.

2. ( ) *Antes que essa coluna fosse publicada*, tomei a decisão.

Comentários: A "tomada de decisão" se deu *antes* da publicação da coluna.

Resposta: 9.

3. ( ) “Coisas *que passaram* e pessoas *que perdi* estão comigo, nas belas memórias.”

Comentários: Agora, o conectivo *que*, nas duas passagens, *retoma um antecedente*, é pronome relativo. Como não aparece vírgula antecedendo esses conectivos, restringem, particularizam os antecedentes.

Resposta: 10.

4. ( ) “Nossa aventura existencial terá mais ou menos chance *à medida que esse chão for confiável*.”

Comentários: Ao se usarem os conectivos *à medida que*, *à proporção que*, *ao passo que*, o que se quer é estabelecer uma ideia de proporção.

Resposta: 8.

5. ( ) “Eu, *que ia escrever sobre viagens*, acabo escrevendo sobre música ruim.”

Comentários: Mais um exemplo em que o conectivo *que* retoma um antecedente. Mas, ao se usarem as vírgulas, a finalidade é a de *explicar* o que “eu iria escrever”.

Resposta: 11.

6. ( ) *Conquanto estivesse descontente*, não desistia do plano.

Comentários: O fato de “ele estar descontente” não impediu que insistisse no plano, ou seja, o obstáculo não impediu que um fato ocorresse.

Resposta: 3.

7. ( ) *Segundo previu o economista*, o mercado se estabilizou.

Comentários: O “mercado se estabilizou” *de acordo com* a previsão do economista.

Resposta: 6.

8. ( ) As vendas subirão, *uma vez que os juros baixaram*.

Comentários: É por *causa* de “os juros terem baixado” que as vendas subirão, relação de causa e efeito.

Resposta: 1.

9. ( ) A comida era tão boa *que todos silenciaram em volta da mesa*.

Comentários: O “silêncio” é a consequência de “a comida estar saborosa”, ou seja, foi por causa

disso que todos silenciaram.

Resposta: 2.

10. ( ) As mulheres sempre são mais maldosas *que os homens*.

Comentários: Entre essas duas orações, há a intenção de se *comparar* a *maldade* das mulheres com a dos homens, em um grau de superioridade.

Resposta: 5.

11. ( ) Faremos esforço, *para que não haja conflitos*.

Comentários: O "esforço" vai ser feito com a *finalidade* de "não haver conflitos."

Resposta: 7.

12. ( ) *Mal se sentou na cadeira presidencial*, passou a ver conspirações em tudo.

Comentários: A oração destacada mostra o *momento* em que "passou a ver conspirações": quando se sentou na cadeira presidencial.

Resposta: 9.

13. ( ) Os juros custam caro para o governo, *que é o maior devedor do país*.

Comentários: Mais um período em que o conectivo *que* retoma um *antecedente*, antecedido de vírgula.

Resposta: 11.

14. ( ) *Mesmo que insista no pedido*, não irei à posse do prefeito.

Comentários: O fato de "insistir no pedido" deveria ser suficiente para ele "ir à posse", porém isso *não* ocorre.

Resposta: 3.

15.3. AS FUNÇÕES SINTÁTICAS DO PRONOME RELATIVO

Como concursando é o cara que não tem paz nunca, vamos à próxima etapa: diante de uma oração adjetiva, é comum que as bancas perguntem ao aluno a função sintática do pronome relativo que a inicia. É exatamente isso: o pronome relativo pode ser sujeito, objeto direto, complemento nominal etc., na oração adjetiva a que ele pertence. Para descobrir sua função, basta substituir o pronome relativo por seu antecedente e colocar a oração adjetiva na ordem direta. Observe:

"A verdade é tudo aquilo / que os políticos negam."

(= aquilo)

Organizando a frase: Os políticos negam aquilo. (= objeto direto)

Logo, o *que* será objeto direto.

Sabemos que não parece tão simples assim. Se análise sintática, por si só, já é um assunto muitas vezes complicado para o aluno, podemos imaginar o quanto pareça complexo ter de detectar a função sintática de um *que, cujo* etc.

Por isso, achamos melhor criar um passo a passo para você chegar à classificação do relativo, sem o risco de se confundir com as muitas informações que, na maioria das vezes, o período apresenta. Assim, leia com atenção nossas orientações:

Instruções para a classificação da função sintática do pronome relativo:
1. Isolar a oração adjetiva.
2. Destacar o pronome relativo presente na oração adjetiva e substituí-lo por seu antecedente na oração principal.
3. Colocar a oração adjetiva na ordem direta (sujeito → verbo → complementos).
4. Não confundir a função sintática do pronome relativo com a função do seu antecedente na oração principal.

Vamos treinar? Nas frases a seguir, classifique as orações adjetivas destacadas e dê a função sintática dos pronomes relativos que as iniciam:

1. "As pessoas que a gente ama deviam morrer com todas as suas coisas."

Comentários: Antecedente do relativo: *pessoas*. Colocando a oração adjetiva na ordem direta, teríamos: "a gente ama as pessoas". *Pessoas* é objeto direto do verbo *amar*. Logo, o *que* é objeto direto. Atenção para não confundir a função do *que* com a função sintática do substantivo *pessoas* na oração principal, que é sujeito da locução verbal *deviam morrer*. Por isso, é tão importante isolar a oração adjetiva: de outra forma, você poderia se perder na sua leitura e acabar por fazer a análise sintática da oração principal *As pessoas deviam morrer com todas as suas coisas*.

Resposta: que = objeto direto.

2. Aquele era o lugar onde as pessoas tomavam chá.

Comentários: O pronome relativo *onde* retoma o substantivo *lugar*. Na ordem direta, a oração adjetiva deve ficar: "as pessoas tomavam chá **no lugar**". Ora, *no lugar* traz ideia circunstancial ao verbo, sendo, portanto, seu adjunto adverbial de lugar. Aliás, como o pronome relativo *onde*

indica circunstância de lugar, ele será sempre adjunto adverbial de lugar.

Resposta: onde = adjunto adverbial de lugar.

3. As roupas que ia vestir já estavam passadas.

Comentários: O pronome relativo *que* retoma o substantivo *roupas*. A oração adjetiva, na ordem direta, ficaria: "ia vestir *as roupas*". A expressão destacada é objeto direto do verbo *vestir*.

Resposta: que = objeto direto.

4. "Aqueles que aceitam ceder liberdades essenciais em troca de segurança temporária não merecem nem segurança nem liberdade."

Comentários: O pronome relativo retoma o pronome demonstrativo antecedente *aqueles*. A oração adjetiva já está na ordem direta. Substituindo o relativo por seu antecedente, teríamos: "*Aqueles* aceitam ceder liberdades essenciais...". *Aqueles* é sujeito do verbo *aceitam*. Logo, o pronome *que* tem a mesma função.

Resposta: que = sujeito.

5. Pelas alamedas, o que se ouvia era música americana.

Comentários: A palavra *que* retoma o demonstrativo *o* (= *aquilo*). Na ordem direta, a oração adjetiva ficaria "*Aquilo* se ouvia", que é o mesmo que "aquilo era ouvido" (voz passiva analítica). *Aquilo* é sujeito de ouvia, portanto, o *que* é sujeito. Cuidado com o pronome **se** apassivador, passe a frase para a passiva analítica, o que torna mais fácil a análise dos termos.

Resposta: que = sujeito.

6. É singular o grau de desinteresse que os alunos mostram pelo livro didático.

Comentários: O pronome *que* retoma o substantivo *grau* da expressão *grau de desinteresse*. Na ordem direta, teríamos: "os alunos mostram *o grau de desinteresse* pelo livro didático". O verbo *mostrar* é transitivo direto nessa frase. Logo, o *que* é objeto direto.

Resposta: que = objeto direto.

7. Prefiro o que ele foi ao que ele é.

Comentários: Muita calma agora... Vamos analisar cada oração adjetiva: na primeira, o *que* retoma o pronome demonstrativo *o* (= *aquilo*). Assim, na ordem direta, teríamos: "ele foi *aquilo*".

Ora, diante do verbo de ligação *foi*, temos a certeza de que o *que* é predicativo do sujeito.

Verifique que o mesmo ocorre na outra oração adjetiva: o pronome *que* retoma o pronome demonstrativo *o* da combinação *ao*. Dessa forma, na ordem direta, a segunda oração adjetiva deve ficar assim: "ele é *aquilo*". De novo, um verbo de ligação (*é*): o pronome relativo é, novamente, predicativo do sujeito.

Resposta: 1º que = predicativo do sujeito./2º que = predicativo do sujeito.

8. A morte é a única coisa de que tenho medo.

Comentários: O pronome relativo *que* retoma *coisa*. Colocando a oração adjetiva na ordem direta, teríamos: "tenho medo *da coisa*". A expressão destacada refere-se ao substantivo *medo*, completa esse termo e tem valor passivo, é *seu complemento nominal*.

Resposta: que = complemento nominal.

9. "Aqueles a quem os deuses amam morrem jovens."

Comentários: O pronome relativo *quem* retoma o pronome demonstrativo *aqueles*. Na ordem direta, a oração adjetiva fica: "Os deuses amam *àqueles*." Você observou que o pronome *quem* veio antecedido da preposição *a*? Veja também que o verbo *amar* é *transitivo direto*, não pede preposição, mas ainda assim ela apareceu. É o objeto direto preposicionado: a preposição aparece para dar ênfase ao verbo.

Resposta: quem = objeto direto preposicionado.

10. A amiga com quem andas não é muito confiável.

Comentários: O pronome relativo *quem* retoma o substantivo *amiga*. Assim, a frase destacada, na ordem direta, ficaria: "Andas *com a amiga*". A expressão *com a amiga* indica circunstância de companhia para o verbo a qual se refere *andas*.

Resposta: quem = adjunto adverbial de companhia.

11. Chegou a pessoa por quem fui representado.

Comentários: O pronome *quem* retoma o substantivo *pessoa.* Na ordem direta, teríamos: "fui apresentado *pela pessoa*". Percebeu que a locução verbal *fui apresentado* indica que a frase está na voz passiva analítica (o sujeito *eu* sofre a ação, é paciente)? O termo *pela pessoa* é o elemento que age, que *exerce a ação na voz passiva*. É, portanto, o agente da passiva. Lembre-se de que

você só substituiu o pronome *quem* pelo substantivo *pessoa* para saber a função sintática do relativo, e não do substantivo *pessoa.* Só estamos falando isso para lembrar que o relativo *quem* é que é o agente da passiva, e o substantivo *pessoa* é sujeito da oração principal "Chegou a pessoa". **Cada um terá a sua função sintática na oração a que pertence.**

Resposta: quem = agente da passiva.

12. A música de Noel, cuja repercussão vara os tempos, é dotada de grande variedade melódica.

Comentários: *Cuja* está substituindo o substantivo *música*, da expressão *A música de Noel*. Na ordem direta, teríamos: A repercussão *da música de Noel* vara os tempos. Perceba a ideia de posse que existe no termo *da música de Noel*, que se refere ao substantivo *repercussão*. Trata-se, portanto, de *adjunto adnominal*. Nas provas de concursos públicos, o pronome relativo *cujo* e suas variações (*cuja, cujos, cujas*) normalmente são adjuntos adnominais, pois indicam valor semântico de posse.

Resposta: cuja = adjunto adnominal.

13. Invento novas dificuldades a que dedico horas.

Comentários: A palavra *que* retoma o substantivo *dificuldades*. Na ordem direta, teríamos: "Dedico horas *às novas dificuldades*". Perceba a regência do verbo *dedicar:* quem dedica, nessa frase, dedica algo a alguém ou a alguma coisa; ele é transitivo direto e indireto. Seu objeto direto é o substantivo *horas* e seu objeto indireto, o pronome relativo *a que*.

Resposta: que = objeto indireto.

15.4. ORAÇÕES REDUZIDAS

Vamos concluir este capítulo com as **orações reduzidas**, que são aquelas que apresentam o seu verbo (principal ou auxiliar, este último nas locuções verbais) no **infinitivo**, **gerúndio** ou **particípio**. Elas recebem este nome – reduzidas – porque perderam a conjunção ou o pronome relativo. Observe:

É preciso seguir em frente. (reduzido de infinitivo)

Precisando de ajuda, chamou-me. (reduzido de gerúndio)

Chegada a hora, saiu rapidamente. (reduzida de particípio)

Precisando chegar na hora marcada, saiu voando. (reduzida de gerúndio, locução verbal)

Obs.: Em geral, uma oração reduzida pode ser reescrita em desenvolvida. (iniciada por conjunção ou pronome relativo)

Ex.: É preciso seguir em frente. (= É preciso que você siga em frente.)

Precisando de ajuda, chamou-me. (= Como precisava de ajuda, chamou-me.)

Chegada a hora, saiu rapidamente (= Quando chegou a hora, saiu rapidamente.)

Vamos ver isso na prática? Para cada frase a seguir, proceda da seguinte forma:

a) Desenvolva a oração reduzida.

Lembre-se de que *desenvolver uma oração* é acrescentar a conjunção ou o pronome relativo. Antes de escolher o conector adequado, verifique se ela é substantiva, adjetiva (referindo-se a um substantivo ou pronome antecedente na oração principal) ou adverbial (com ideia circunstancial).

b) Classifique a oração reduzida.

Não se esqueça de olhar para o verbo antes de classificar: ele virá na forma nominal (infinitivo/gerúndio/particípio). Se a oração apresentar locução verbal, é para o verbo auxiliar que você deverá olhar a fim de saber se a oração é reduzida de infinitivo, gerúndio ou particípio.

1. Sua palavra foi a primeira a perder o significado.

Comentários: A oração se refere ao termo antecedente (*primeira*), restringindo esse termo. Trata-se, portanto, de oração adjetiva; para desenvolvê-la, basta acrescentar o pronome relativo. Assim, teríamos: "Sua palavra foi a primeira *que perdeu o significado*".

Resposta: oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de infinitivo.

2. Nada conseguindo, a mais nova fugiu.

Comentários: Veja que a oração em destaque indica circunstância de causa para aquela a que ela se refere. Assim, desenvolver essa oração significa acrescentar qualquer conjunção subordinativa adverbial causal (como, já que, visto que...). Uma sugestão: "Já que nada conseguira, a mais nova fugiu".

Resposta: oração subordinada adverbial causal reduzida de gerúndio.

3. "Se dependesse de mim, teria vetado a roda por não se parecer nada com o pé."

Comentários: Mais uma vez, um valor semântico de causa. Utilize, portanto, qualquer conjunção

causal. Uma possível resposta: "Se dependesse de mim, teria vetado a roda, porque não se parece nada com o pé".

Resposta: oração subordinada adverbial causal reduzida de infinitivo.

4. "O liberalismo pensa estar defendendo o indivíduo ao negar a primazia do social ou ao dizer que uma sociedade é apenas um conjunto de ambições autônomas."

Comentários: A combinação *ao* normalmente indica tempo (= *quando*). Veja que as orações, de fato, indicam circunstância de tempo. Desenvolvendo-as, teríamos: "O liberalismo pensa estar defendendo o indivíduo quando nega a primazia do social ou quando diz que uma sociedade é apenas um conjunto de ambições autônomas".

Resposta: orações adverbiais temporais reduzidas de infinitivo.

5. Peço-te saíres da minha vida!

Comentários: Veja que a oração em destaque vale por um substantivo (= "Peço-te *isto*."). Ao desenvolvê-la, portanto, basta acrescentar a conjunção integrante *que*. Assim, teríamos: "Peço-te que saias da minha vida!"

Percebeu que o verbo *pedir* é transitivo direto e indireto e que a oração é o seu objeto direto?

Resposta: oração subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo.

6. Terminada a aula, todos se retiraram.

Comentários: A oração destacada indica circunstância de tempo à oração principal. Portanto, desenvolva-a acrescentando uma conjunção temporal (*quando, assim que, logo que* etc.). Uma sugestão: Assim que terminou a aula, todos se retiraram.

Resposta: oração subordinada adverbial temporal reduzida de particípio.

7. É preciso diminuir as distâncias sociais.

Comentários: Não é o mesmo que dizer "É preciso *isto*"? A oração em destaque é, portanto, substantiva. Desenvolva-a acrescentando uma conjunção integrante (*que*). Assim, teríamos: É preciso que diminuam as distâncias sociais.

Percebeu que ela é *sujeito* da oração principal ("*Isto* é preciso")?

Resposta: Oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo.

8. Há muitos alunos estudando com afinco.

Comentários: A oração destacada tem valor adjetivo: refere-se ao substantivo *alunos* da oração principal. Quando desenvolvida, deve-se iniciar, portanto, com pronome relativo. Dessa forma, teríamos: "Há muitos alunos que estudam com afinco".

Como ela vem sem vírgulas, restringe o substantivo antecedente, sendo, portanto, restritiva.

Resposta: oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de gerúndio.

9. Apesar de ser torcedor fanático, não vai aos estádios.

Comentários: *Apesar de* é locução prepositiva com valor de oposição, concessão. Lembre-se de que desenvolver a oração é substituir a preposição por uma conjunção de mesmo valor semântico. Caberia, aqui, qualquer conjunção subordinativa adverbial concessiva (*embora, conquanto, ainda que, se bem que* etc.). Assim, a oração desenvolvida poderia ser: Embora seja torcedor fanático, não vai aos estádios.

O valor semântico da oração não é de concessão? Então, ela é subordinada adverbial concessiva.

Resposta: oração subordinada adverbial concessiva reduzida de infinitivo.

15.5. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Classifique as orações coordenadas em destaque.

1. "Não desejo nada, não temo nada. Sou livre."

_____

2. Sente aqui, que precisamos conversar.

_____

3. "Dario abre a boca, move os lábios, não se ouve resposta."

_____

4. "Apaguei as luzes do carro e acelerei."

_____

5. Três quartos da população do Afeganistão não sabem ler nem escrever.

_____

6. A irmã mais nova dominava perfeitamente o inglês, pois estudara em escolas americanas.

_____

7. Eu odeio telefone celular, mas acabei tendo um, como todo mundo.

_____

8. Trabalhou com afinco durante anos naquela empresa e não obteve reconhecimento.

_____

9. Ora estava alegre, ora ficava calado em um canto.

_____

10. Eles se admiravam, contudo não se falavam.

_____

11. "As provas intrínsecas são criadas pelo orador; dependem, pois, de seu método e de seu talento pessoal."

_____

II. Classifique as orações subordinadas substantivas em destaque.

1. Quem fala em flor não diz tudo.

_____

2. Sou favorável a que o aprovem.

_____

3. Meu desejo é que você passe nos exames.

_____

4. Desejo-te isto: que sejas feliz.

_____

5. Lembre-se de que sonhos sem riscos produzem conquistas sem méritos.

_____

6. Parece claro que os juros falam mais alto.

_____

7. Não se sabe se ele agiu conforme as normas da empresa.

_____

8. Os indicadores econômicos mostram que não houve nenhuma catástrofe.

_____

9. “Muito acerta quem suspeita que sempre erra.”

10. O Banco Central calcula que algumas dezenas de novas instituições poderão gerir mais fundos de aposentadoria.

11. Tenho necessidade de me apoiares nesta complicada situação.

12. Ninguém nega que o país passou a viver um sério quadro de déficit público, a partir da crise asiática.

13. Vejam como é bom ser feliz.

14. Viu chegarem os convidados.

15. “Lembre-se de que Deus está do lado.”

16. Não sei se a história é verdadeira.

17. Naquele momento, teve a intuição de que entrara em uma aeronave errada.

18. “Ainda nos é impossível estimar a importância de Saramago para o idioma português.”

19. Não imaginava onde estava entrando.

20. Tem certeza de que essa é a sua casa?

III. Classifique as orações subordinadas adjetivas e dê a função sintática do pronome relativo.

1. É melhor uma verdade que dói do que uma mentira que conforta.

2. Os juros custam caro para o governo, que é o maior devedor do país.

3. "Todo país onde não me entedio é um país que nada me ensina."

4. "O contato com esse mundo de perfeição, beleza, coerência e racionalidade, que é o mundo da boa literatura, torna os leitores muito mais conscientes do mundo em que vivem."

5. Noel Rosa procurou escrever sobre tudo quanto expressasse o jeito de ser carioca.

6. Diga-me a hora em que ele virá para cá.

7. Sabemos perfeitamente o que lhe acontece.

IV. Classifique as orações subordinadas adverbiais destacadas.

1. As previsões de crescimento continuam mais baixas que as do ano passado.

2. Se o cenário externo permitir, o governo ousará mais.

3. Conforme previu o economista, o mercado estabilizou-se.

4. O consumidor ficou inadimplente porque gastou mais do que podia.

5. Eles compunham uma grande coleção, que foi se dispersando à medida que seus filhos se casavam.

6. Era tal sua generosidade, que ouvia a todos.

7. Falou alto para que todos escutassem.

_____

8. Conquanto estivesse descontente, não desistia do plano.

_____

9. "O ar da tia era tão jovem, a exortação tão meiga e cheia de um perdão antecipado, que ela achou ali uma confidente e amiga."

_____

V. Classifique as orações subordinadas (substantivas, adjetivas ou adverbiais) destacadas.

1. É urgente reconhecer a necessidade de um trabalho mais efetivo com a palavra.

_____

2. Quem tem a palavra detém o poder.

_____

3. Mudar a sociedade é mudar o homem.

_____

4. Sei que esperavas desde o início que eu te dissesse hoje o meu canto solene.

_____

5. Sei que a única alma que eu possuo é mais numerosa que os cardumes do mar.

_____

6. Basta que ele tenha existido para que a memória o corrompa com lembranças superpostas.

_____

7. Não sei no que pensa.

_____

8. A escola não está vencendo o desafio de alfabetizar funcionalmente a parcela da população que consegue chegar a ela.

_____

9. Entende-se bem que D. Tonica observasse a contemplação dos dois.

_____

10. Ao analisar o desempenho da economia brasileira, os empresários afirmaram que os

resultados eram bastante razoáveis.

---

11. Se quiserem, serão beneficiados com a comenda.

---

12. Todos aqui sabem se eles virão ao culto esta noite?

---

13. É certo que as coisas melhorarão daqui em diante.

---

14. Alguém percebeu, logo, que tudo era uma farsa.

---

15. Dê-me a caixa que está sobre a mesa.

---

16. "Para amamentar o próprio filho, até que este complete seis meses de idade, terá a mulher direito, durante a jornada, a dois descansos especiais, de meia hora cada um."

---

17. Pergunte hoje a uma pessoa qualquer o que o Brasil precisa fazer para sair da crise.

---

18. Não me esquecerei de que, vigorando a lei, estará perdido.

---

19. A verdade é que preciso deste emprego.

---

20. "Devagar se vai ao longe, mas, quando se chega lá, não se encontra mais ninguém."

---

21. "Pensei que todas as pessoas deveriam sair por aí sem rumo, para poder achar o elo perdido em seu interior."

---

22. "Quem determina a maciez da cama é o nível de ansiedade da nossa mente."

VI. Classifique as orações reduzidas em destaque e desenvolva-as.

1. Criticar as viagens internacionais do Presidente da República ou de outros dirigentes parece despropositado.

_____

2. "O Estado moderno, não obstante apresentar-se como um Estado minimalista, é potencialmente um Estado maximalista."

_____

Gabarito: I – 1. oração coordenada assindética/oração coordenada assindética/oração coordenada assindética; 2. oração coordenada sindética explicativa; 3. oração coord. assindética, oração coord. assindética, oração coord. assindética; 4. oração coordenada sindética aditiva; 5. oração coordenada sindética aditiva; 6. oração coordenada sindética explicativa; 7. oração coordenada sindética adversativa; 8. oração coordenada sindética adversativa; 9. oração coordenada sindética alternativa; 10. oração coordenada sindética adversativa; 11. oração coordenada sindética conclusiva.

II – 1. oração subordinada substantiva subjetiva; 2. oração subordinada substantiva completiva nominal; 3. oração subordinada substantiva predicativa; 4. oração subordinada substantiva apositiva; 5. oração subordinada substantiva objetiva indireta; 6. oração subordinada substantiva subjetiva; 7. oração subordinada substantiva subjetiva; 8. oração subordinada substantiva objetiva direta; 9. oração subordinada substantiva subjetiva; 10. oração subordinada substantiva objetiva direta; 11. oração subordinada substantiva completiva nominal (reduzida de infinitivo); 12. oração subordinada substantiva objetiva direta; 13. oração subordinada substantiva subjetiva (reduzida de infinitivo); 14. oração subordinada substantiva objetiva direta (reduzida de infinitivo = Viu / que os convidados chegavam); 15. oração subordinada substantiva objetiva indireta (o uso da preposição, no objeto indireto sob forma de oração é facultativo); 16. oração subordinada substantiva objetiva direta; 17. oração subordinada substantiva completiva nominal; 18. oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo; 19. oração subordinada substantiva objetiva direta; 20. oração subordinada substantiva completiva nominal.

III

1. oração subordinada adjetiva restritiva / oração subordinada adjetiva restritiva

• função sintática do pronome relativo que: que = verdade / que = mentira.

Organizando: A verdade dói. Logo, o que = sujeito.

(sujeito)

A mentira conforta. Logo, o que = sujeito.

2. oração subordinada adjetiva explicativa

• função sintática do pronome relativo que: que = o governo.

Organizando: O governo é o maior devedor do país. Logo, o que = sujeito.

(sujeito)

3. oração subordinada adjetiva restritiva

• função sintática do pronome relativo onde: onde = país.

Organizando: (Eu) não me entedio no país. Logo, o onde = ajunto adverbial de lugar.

(adj.adv.)

4. oração subordinada adjetiva explicativa / oração subordinada adjetiva restritiva

• função sintática do pronome relativo que: que = esse mundo / que = o mundo

Organizando: Esse mundo é o mundo da boa leitura. Logo, o que = sujeito.

(sujeito)

(os leitores) vivem no mundo. Logo, o que = adjunto adverbial.

(adj.adv.)

5. oração subordinada adjetiva restritiva

• função sintática do pronome relativo quanto: quanto = tudo.

Organizando: Tudo expressava... Logo, o quanto = sujeito.

(sujeito)

6. oração subordinada adjetiva restritiva

• função sintática do pronome relativo que: (em)que = na hora.

Organizando: Ele virá para cá na hora. Logo, o que = adjunto adverbial de tempo.

(adj. adv.)

7. oração subordinada adjetiva restritiva

• função sintática do pronome relativo que: que = o (= aquilo).

Organizando: Aquilo lhe acontece. Logo, o que = sujeito.

(sujeito)

IV – 1. oração subordinada adverbial comparativa; 2. oração subordinada adverbial condicional; 3. oração subordinada adverbial conformativa; 4. oração subordinada adverbial causal; 5. oração subordinada adverbial proporcional; 6. oração subordinada adverbial

consecutiva; 7. oração subordinada adverbial final; 8. oração subordinada adverbial concessiva; 9. oração subordinada adverbial consecutiva.

V – 1. oração subordinada substantiva subjetiva (reduzida de infinitivo); 2. oração subordinada substantiva subjetiva; 3. oração subordinada substantiva predicativa (reduzida de infinitivo); 4. oração subordinada substantiva objetiva direta / objetiva direta; 5. oração subord. adjetiva restritiva / oração subord. adverbial comparativa; 6. oração subordinada substantiva subjetiva / oração subordinada adverbial final; 7. oração subordinada adjetiva restritiva (que = o(=aquilo). Pensa naquilo); 8. oração subordinada adjetiva restritiva; 9. oração subordinada substantiva subjetiva; 10. oração subordinada adverbial temporal (reduzida de infinitivo) / oração subordinada substantiva objetiva direta; 11. oração subordinada adverbial condicional; 12. oração subordinada substantiva objetiva direta; 13. oração subordinada substantiva subjetiva; 14. oração subordinada substantiva objetiva direta; 15. oração subordinada adjetiva restritiva; 16. oração subordinada adverbial final (reduzida de infinitivo) / oração subordinada adverbial temporal; 17. oração subordinada adjetiva restritiva (que = o(=aquilo)) / oração subordinada adverbial final (reduzida de infinitivo); 18. oração subordinada substantiva objetiva indireta (de que estará perdido) / oração subordinada adverbial temporal (reduzida de gerúndio – vigorando a lei); 19. oração subordinada substantiva predicativa; 20. oração subordinada adverbial temporal; 21. oração subordinada substantiva objetiva direta/oração subordinada adverbial final; 22. oração subordinada substantiva subjetiva.

VI

1. oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo

A crítica às viagens internacionais do Presidente da República ou de outros dirigentes parece despropositada.

2. oração subordinada adverbial concessiva reduzida de infinitivo

O Estado moderno, embora se apresente como um Estado minimalista, ...

15.6. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Vamos, então, apreciar algumas questões de concursos comentadas?

1. (NCE/Eletrobras) "Felipe lembrou-se da história do Rei do Oriente que, desejando conhecer a história da humanidade, recebeu de um sábio quinhentos volumes; ocupado com negócios de Estado, pediu-lhe que a condensasse"; os vocábulos sublinhados exercem, respectivamente, as funções de:

a) sujeito / sujeito.

b) sujeito / objeto direto.

c) objeto direto / objeto direto.

d) objeto direto / sujeito.

e) objeto direto / objeto indireto.

Comentários:

Antes de tudo, lembre-se de isolar a oração adjetiva: *que recebeu de um sábio quinhentos volumes*. Para a sua leitura ficar mais fácil, pule a oração intercalada "desejando conhecer a história da humanidade". Assim, você olha somente para a oração adjetiva.

O próximo passo é substituir o pronome relativo *que* por seu antecedente, que é o substantivo *Rei* da expressão *o Rei do Oriente*. Agora, coloque a oração adjetiva na ordem direta: "*O Rei do Oriente* recebeu de um sábio quinhentos volumes". Vá ao verbo e pergunte por seu sujeito: "Quem recebeu quinhentos volumes de um sábio"? A resposta não é *o Rei do Oriente*? O pronome relativo *que* é, portanto, sujeito do verbo *receber*.

Já o pronome oblíquo *a* refere-se ao verbo *condensar*, que é transitivo direto. Trata-se, portanto, de seu objeto direto.

Resposta: B.

2. (Cesgranrio/Petrobras) Indique a frase a seguir em que o pronome relativo destacado não tem seu antecedente ou sua função sintática corretamente indicados.

a) "... 1994 entrará para a história como o ano em que o Brasil mostrou a sua cara..." – ano / adjunto adverbial.

b) "... deu-se conta da existência de um irmão siamês do Terceiro Mundo que, se morre e apodrece, leva o outro irmão consigo"... – Terceiro Mundo / sujeito.

c) "... habitante daquele lugar onde se matam pobres de fome e crianças à bala." – lugar / adjunto adverbial.

d) "Mas a espoleta final, que ajudou simbolicamente a desfraldar a bandeira da cidadania no País..." – espoleta / sujeito.

e) "... é esse desabrochar da cidadania que, a médio prazo, se transformará em pressão irresistível..." – desabrochar / sujeito.

Comentários:

Na letra A, o pronome relativo *que* retoma o substantivo *ano*. A frase na ordem direta, seria "O Brasil mostrou a sua cara *no ano*". A expressão em destaque indica circunstância de tempo ao verbo. É, de fato, adjunto adverbial de tempo.

Na letra B, o pronome relativo *que* retoma o substantivo *irmão*, que é núcleo da expressão *um irmão siamês do Terceiro Mundo.* Mais uma vez, siga o nosso conselho: para detectar a função sintática do relativo *que,* pule a oração intercalada que vem após esse relativo e coloque a oração adjetiva na ordem direta. Assim, teríamos "O irmão siamês do Terceiro Mundo leva o outro irmão consigo". O pronome relativo *que* é, portanto, sujeito do verbo *leva*. Mas não retoma a expressão *Terceiro Mundo,* e sim *um irmão siamês* do Terceiro Mundo. Quanto à função sintática, a alternativa está correta, mas quanto ao antecedente do relativo, não.

Quanto à letra C, nem perca tempo: o pronome relativo *onde* retoma, de fato, o substantivo antecedente *lugar.* Quanto à função sintática que esse relativo exerce, você já sabe que *onde* indica lugar. É, de fato, adjunto adverbial de lugar.

Na letra D, tanto o antecedente do relativo como a sua função sintática estão corretamente identificados: o pronome relativo *que* retoma o substantivo *espoleta*, que é núcleo da expressão *espoleta final.* Na ordem direta, a oração adjetiva ficaria: "*A espoleta final* ajudou simbolicamente a desfraldar a bandeira...". Logo, a expressão é sujeito do verbo *ajudar.*

A letra E está igualmente correta: o pronome *que* retoma *desabrochar,* que é o núcleo da expressão *o desabrochar da cidadania*. Colocando a oração adjetiva na ordem direta, teríamos: "O desabrochar da cidadania se transformará em pressão irresistível". A expressão grifada é, portanto, sujeito do verbo *transformar.*

Resposta: B.

3. (TRF) A opção em que melhor se justifica a vírgula empregada no trecho a seguir é: "O acordo visa à criação da Área de Livre Comércio Sul-Americana (ALCSA), que estaria plenament constituída em 2005." (GUTIÉRREZ, Estella, O livre mercado sul-americano.)

a) Separa oração subordinada adjetiva explicativa.

b) Separa oração subordinada adverbial consecutiva.

c) Separa oração subordinada adjetiva restritiva.

d) Separa oração subordinada substantiva apositiva.

e) Separa oração coordenada sindética explicativa.

Comentários:

Observe que a oração a ser classificada iniciou-se com um pronome relativo (*que*) que retoma o substantivo antecedente *Área,* da expressão *Área de Livre Comércio Sul-Americana (ALCSA)* Ora, se a oração se inicia com pronome relativo e também retoma um substantivo antecedente, ela é uma oração adjetiva, e, se vem antecedida de vírgula, ela deve ser classificada como <u>oração subordinada adjetiva explicativa</u>. Muitos marcaram a letra D na prova, achando que tudo que vem entre vírgulas é aposto, mas não esqueça: se a oração se inicia com pronome relativo, ela é adjetiva, jamais poderia ser substantiva apositiva.

Resposta: A.

4. (Cespe-UnB – Inca/2010) *Sua metodologia é simples – por meio de conversas frequentes com a família, o voluntário receita cuidados básicos para evitar que a criança morra por falta de conhecimento, como os hábitos de higiene, a administração do soro caseiro e a adoção da farinha de multimistura na alimentação,* **que se tornou uma solução simples e emblemática contra a desnutrição**. *Mas o seu segredo é um só: a persistência.*

Julgue a assertiva a seguir de acordo com o texto acima:

O trecho "que se tornou uma solução simples e emblemática contra a desnutrição" está precedido por vírgula porque se trata de um trecho com função restritiva.

Comentários:

Mais uma oração que se inicia com pronome relativo e se refere ao substantivo *farinha*, que é núcleo da expressão *farinha de multimistura*. Como ela se refere a um substantivo antecedente, deve ser classificada como adjetiva, e, por vir iniciada por vírgula, é explicativa, e não restritiva como a banca sugere.

Resposta: errada.

A seguir, algumas assertivas retiradas de provas aleatórias do Cespe-UnB para você perceber a forma como a banca apresenta esse tipo de questão. Cada alternativa vem antecedida por seu respectivo texto. Resolvi numerá-las para tornar mais fácil a correção:

A sentença determina, entre outras 7 medidas, que as penitenciárias somente acolham presos que residam em um raio de 200 km. Segundo o juiz, as medidas que tomou são previstas pela Lei de Execução Penal e objetivam acabar com a violação dos direitos humanos da população carcerária e "abrir o debate a respeito da regionalização dos presídios".

Ele alega que muitos presos das penitenciárias da região são de famílias pobres da Grande São Paulo, que não dispõem de condições financeiras para visitá-los semanalmente, o que prejudica o trabalho de reeducação e de ressocialização. Sua sentença foi muito elogiada. Contudo, o governo estadual anunciou que irá recorrer ao Tribunal de Justiça, sob a alegação de que, se os estabelecimentos penais não puderem receber mais presos, os juízes das varas de execuções não poderão julgar réus acusados de crimes violentos, como homicídio, latrocínio, sequestro ou estupro.

1. As orações subordinadas "que as penitenciárias somente acolham presos", "que tomou" e "que irá recorrer ao Tribunal de Justiça" desempenham a função de complemento do verbo.

Falara com voz sincera, exaltando a beleza da paisagem e revelando que, se dependesse só dele, passaria o resto da vida ali, morreria na varanda, abraçado à visão do rio e da floresta. Era isso o que mais queria, se Alícia estivesse ao seu lado.

2. As orações "se dependesse só dele" e "se Alicia estivesse ao seu lado" estabelecem circunstância de condição em relação às orações às quais se subordinam.

Se a humanidade quiser a paz efetiva, deve estar disposta a remover tudo aquilo que a impede. E a buscar tudo aquilo que a possibilita. Antes de tudo, remover a falsa paz: A paz concordista que aceita, com tolerância descabida, situações injustas.

3. A oração "Se a humanidade quiser a paz efetiva" estabelece uma relação de condição.

Sua sentença foi muito elogiada. Contudo, o governo estadual anunciou que recorrerá ao Tribunal de Justiça, sob a alegação de que, se os estabelecimentos penais não puderem receber mais presos, os juízes das varas de execuções não poderão julgar réus acusados de crimes violentos, como homicídio, latrocínio, sequestro ou estupro.

4. Na linha 1, o emprego da conjunção "Contudo" estabelece uma relação de causa e efeito entre as orações.

Não parecia estar no iate, e sim em sua casa, em Manaus: sentado, pernas e pés juntos, tronco ereto, a cabeça oscilando, como se fizesse um não em câmera lenta.

5. A oração "como se fizesse um não em câmera lenta" expressa uma comparação estabelecida pelo narrador.

Com os olhos pestanejando de curiosidade, no começo de sua miopia, ele se indagava por que uma vez conseguia mover a família, e outra vez não.

6. No trecho "ele se indagava", o termo "se" estabelece uma condição à realização da ação.

O fogo começa com pequenas queimadas feitas para abrir pastagens e acaba atingindo áreas de preservação. Os bombeiros levaram 11 dias para controlar o fogo no Parque Nacional da Chapada dos Guimarães.

7. Em suas duas ocorrências, a preposição "para" introduz orações que têm o sentido de finalidade.

Comentários:

Assertiva n. 1: Em "A sentença determina que as penitenciárias somente acolham presos", observe que a oração sublinhada é objeto direto do verbo determinar, que é transitivo direto. Quanto à segunda oração, verifique que ela se inicia com um pronome relativo *que*, o qual está retomando o substantivo antecedente *medidas* ("as medidas que tomou"). Trata-se, portanto, de uma oração subordinada adjetiva restritiva, que é adjunto adnominal do substantivo, e não complemento do verbo como a banca sugere. A terceira oração, por sua vez, faz o mesmo que a primeira: é objeto direto do verbo *anunciar* ("... o governo estadual anunciou que irá recorrer ao Tribunal de Justiça"). Dessa forma, a primeira e a terceira orações são, de fato, complementos de verbos (objetos diretos), mas a segunda não.

Resposta: errada.

Assertiva n. 2: A classificação das orações está diretamente ligada à classificação das conjunções que as iniciam. Nesse caso, ambas as conjunções são subordinativas adverbiais condicionais, o que faz com que as orações que elas iniciam sejam subordinadas adverbiais condicionais.

Resposta: certa.

Assertiva n. 3: Mais uma vez, uma conjunção condicional. Veja como o próprio verbo no

subjuntivo (*quiser*) contribui para que você perceba o valor de condição da oração. Observe que a banca nem se preocupou com o nome completo da oração (oração subordinada adverbial condicional), e sim com o valor semântico que ela indica (*relação de condição*).

Resposta: certa.

Assertiva n. 4: Causa e efeito só haveria se a conjunção fosse adverbial *causal* ou adverbial *consecutiva*. *Contudo* é conjunção coordenativa adversativa, que indica oposição, ressalva. Logo, o valor semântico que se estabelece entre as informações não é de causa e efeito, e sim de oposição.

Resposta: errada.

Assertiva n. 5: Mais uma vez, a conjunção ajudando você a classificar a oração. Observe que o conector *como* tem o mesmo valor que *do mesmo modo que*, *da mesma forma que*: ele estabelece *comparação* entre as informações. A oração que ele inicia é, portanto, oração subordinada adverbial comparativa.

Resposta: certa.

Assertiva n. 6: Desta vez, o *se* nem é conjunção. Observe como ele tem valor semântico de *a si mesmo*: "Ele se indagava (= ele indagava a si mesmo)". Não há ideia de condição. Trata-se de um pronome reflexivo.

Resposta: errada.

Assertiva n. 7: Ambas as preposições têm valor semântico de *a fim de*, *com a finalidade de*, sendo, de fato, finais. As orações que elas iniciam são orações subordinadas adverbiais finais.

Resposta: certa.

15.7. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (TRT – 2ª Região – Técn. Judic.) Desde cedo, a cidade teve o mérito de dar ao homem a possibilidade de evoluir além da luta pela sobrevivência pura e simples.

Considerando-se a estrutura sintática do período acima, é incorreto afirmar:

a) O sujeito comum a todas as orações do período é a cidade.

b) O termo luta exige um complemento nominal, expresso em *pela sobrevivência pura e simples*.

c) Há duas orações subordinadas, equivalentes a substantivos, com seus verbos no infinitivo.

d) O verbo dar exige dois tipos de complementos, ambos expressos na oração em que ele se encontra.

e) Têm a mesma função sintática, nas orações em que se encontram, os termos *o mérito* e *a*

possibilidade.

2. (TRT – 2ª Região – Técn. Jud. Adm.) Não há dúvida de que leitores, ouvintes e espectadores seguem suas preferências ao fazer uso dos meios de comunicação: querem se divertir ou se distrair, querem se informar ou tomar parte em debates públicos.

Considerando-se o trecho acima, é incorreto afirmar:

a) A oração principal do período é *Não há dúvida*.

b) A oração subordinada *de que leitores, ouvintes e espectadores seguem suas preferências* tem função sintática de objeto indireto.

c) As orações que se seguem aos dois-pontos constituem um conjunto de quatro orações coordenadas, formando dois grupos de orações de sentido alternativo.

d) A oração *ao fazer uso dos meios de comunicação* denota noção de tempo, sendo equivalente a quando fazem uso.

e) O sujeito de *querem* – verbo repetido nas orações após os dois-pontos – está anteriormente expresso numa das orações subordinadas do período.

3. (TCE/AL) Ser livre é tomar a iniciativa de principiar novas possibilidades. Desamarrar. Abrir novos tempos.

No trecho acima, entende-se que *Desamarrar* e *Abrir novos tempos* exercem a mesma função sintática de:

a) a iniciativa de principiar (...)

b) tomar a iniciativa (...)

c) ser livre.

d) de principiar novas possibilidades.

e) novas possibilidades.

4. "Eu não acabava de crer que o riozinho manso onde eu me banhava sem medo todos os dias se pudesse converter naquele caudal furioso de águas sujas."

A oração cujo núcleo verbal é *pudesse converter* classifica-se como:

a) coordenada assindética.

b) coordenada sindética.

c) subordinada substantiva.

d) subordinada adjetiva.

e) subordinada adverbial.

5. (NCE-UFRJ) Indique a opção em que a reescritura do período "Somos todos corredores naturais, apesar de boa parte de nós ter se esquecido desse fato'' NÃO mantém o mesmo sentido com que ocorre no texto.

a) Somos todos corredores naturais, embora boa parte de nós tenha se esquecido desse fato.

b) Somos todos corredores naturais, mesmo que boa parte de nós tenha se esquecido desse fato.

c) Somos todos corredores naturais, já que boa parte de nós se esqueceu desse fato.

d) Somos todos corredores naturais, mas boa parte de nós se esqueceu desse fato.

e) Somos todos corredores naturais, porém boa parte de nós se esqueceu desse fato.

6. Indique a opção em que a reescritura apresentada NÃO mantém o mesmo sentido do trecho

original:

a) Uma área equivalente – uma área que equivale.
b) Trabalhar duro – trabalhar duramente.
c) Forma de compensação pelos serviços – forma de compensar os serviços.
d) Incentivos de proteção – incentivos protegidos.
e) Recentemente desmatada – recém-desmatada.

7. (NCE-UFRJ/Secr. Min. Educ) Sobre as alterações feitas abaixo nas redações da parte sublinhada no período "**Débora Marques e Luíza Naslausky, alunas do 5º período de nutrição, reclamam que as plataformas para candidatos a reitor não foram bem divulgadas**", pode-se afirmar que houve alteração de sentido em:

a) ... reclamam não terem sido bem divulgadas as plataformas dos candidatos a reitor.
b) ... reclamam que não divulgaram bem as plataformas dos candidatos a reitor.
c) ... reclamam da falta de divulgação das plataformas dos candidatos a reitor.
d) ... reclamam não ter havido boa divulgação das plataformas dos candidatos a reitor.
e) ... reclamam que não se divulgaram bem as plataformas dos candidatos a reitor.

8. (NCE-UFRJ/Inspetor de Polícia) "Há poucos dias, assistindo a um desses debates universitários que a gente pensa que não vão dar em nada, ouvi um raciocínio que não me saiu mais da cabeça." O comentário correto sobre esse segmento do texto é:

a) Os três *quês* do texto pertencem à idêntica classe gramatical.
b) A expressão a *gente*, por dar ideia de quantidade, deve levar o verbo para o plural.
c) A forma verbal *vão* deveria ser substituída pela forma *vai*.
d) A forma verbal *vão dar* transmite ideia de possibilidade.
e) A última oração do texto restringe o sentido do substantivo *raciocínio*.

9. (NCE-UFRJ/Eletrobras) O item que mostra um desenvolvimento inadequado do segmento sublinhado é:

a) "O teste definitivo <u>para você saber</u>..." = o teste definitivo para que você saiba.
b) "<u>Ao saber</u> que estão sendo gravados..." = quando sabem que estão sendo gravados.
c) "<u>Para regravar</u> a mensagem" = para que regrave a mensagem.
d) "Seguem instruções <u>para esperar o bip</u>" = seguem instruções para que se espere o bip.
e) "Como aqueles livros que a gente gosta <u>de ler</u>" = como aqueles livros que a gente gosta que se leiam.

10. (Aux. Cart) Das seguintes transformações de passagens de texto, aquela em que o pronome relativo **que** passa de **objeto direto** a **sujeito** é:

a) "E eu vou ao encontro do <u>que</u> me espera." / E eu vou ao encontro do <u>que</u> sempre esperei.
b) "Não posso perder um minuto do tempo <u>que</u> faz minha vida." / Não posso perder um minuto do tempo com <u>que</u> é feita minha vida.
c) "Amar os outros é a única salvação individual <u>que</u> eu "conheço." / Amar os outros é a única salvação individual <u>que</u> é conhecida.
d) "Essa capacidade (...) é o que eu chamo de viver e escrever." / Essa capacidade (...) é o <u>que</u> chamam de viver e escrever.

e) “Escrever é alguma coisa extremamente forte mas que pode me trair e me abandonar.” / Escrever é alguma coisa extremamente forte mas que posso trair e abandonar.

11. (Anal. Judic./TRF) Os pronomes relativos que introduzem as orações a seguir destacadas – “*o primeiro problema que as árvores parecem propor-nos”, “Num mundo em que todos os seres têm pressa” e “Uma composição social que talvez se lhe afigure monstruosamente indiscreta*” – desempenham, respectivamente, as funções sintáticas de:

a) sujeito – complemento nominal – sujeito.
b) objeto direto – adjunto adverbial – sujeito.
c) predicativo – objeto indireto – sujeito.
d) predicativo – adjunto adverbial – objeto direto.
e) sujeito – objeto indireto – sujeito.

12. (NCE-UFRJ) Se se quisesse reescrever a parte inicial do período “Dada a limitação de recursos de que tanto reclama o Ministro da Educação, como pagar bem aos professores?”, sem se alterar o sentido original do texto, não poderia ser usada a forma:

a) com a limitação de recursos...
b) considerando-se a limitação de recursos...
c) se existe a tal limitação de recursos...
d) a despeito da limitação de recursos...
e) em se reconhecendo a limitação de recursos...

13. (NCE-UFRJ / Ministério Público)“recuse o convite e não troque o Brasil pela Itália, pois moedas não resgatam a dignidade.” Reescrevendo-se esse segmento do texto, mantendo-se o seu sentido original, a única forma inadequada é:

a) visto que a dignidade não é resgatada por moedas.
b) porque moedas não são o resgate da dignidade.
c) porquanto a dignidade não se resgata com moedas.
d) já que por moedas não é resgatada a dignidade.
e) pela razão de que a dignidade não é resgatada por moedas.

14. (Redator e Revisor / Câmara Municipal) O período em que as orações guardam entre si a mesma relação sintático-semântica que em “manteve suas reuniões anuais, mesmo que em condições precárias” é:

a) tivesse chovido, as ruas estariam inundadas.
b) choveu a ponto de inundar as ruas.
c) as ruas ficaram inundadas: choveu demais.
d) por muito que chova, as ruas não serão inundadas.
e) as ruas ficavam inundadas à medida que chovia.

15. (NCE-UFRJ)A oração “sendo global, planetário, encontra-se em todos os lugares”, reduzida de gerúndio, exprime a mesma circunstância que a subordinada adverbial que se lê em:

a) se precisar de ajuda, procure-me.
b) como ficou na miséria, matou-se.
c) quando chegou ao trabalho, foi despedido.

d) para que todos vivessem satisfeitos, sacrificava-se.
e) embora não fosse médico, costumava operar.

16. (Fundec / Analista de Sistemas / TRT) Dentre as mudanças feitas a seguir na oração sublinhada no período "A análise da genealogia das famílias dos cortadores de cana, <u>considerando pelo menos três a quatro gerações</u>, demonstra que a reprodução social deste segmento da força de trabalho se orienta por três perspectivas", aquela em que se alterou o seu sentido original é:

a) consideradas pelo menos três a quatro gerações.
b) desde que se considerem pelo menos três a quatro gerações.
c) quando se consideram pelo menos três a quatro gerações.
d) caso sejam consideradas pelo menos três a quatro gerações.
e) por serem consideradas pelo menos três a quatro gerações.

17. (NCE-UFRJ) No período "Ao detectar uma presa, o morcego geralmente diminui o intervalo entre os sinais emitidos, para que os ecos produzidos tragam mais informações em menos tempo", a primeira e a última orações exprimem, respectivamente, os sentidos de:

a) tempo e finalidade.
b) tempo e consequência.
c) causa e tempo.
d) causa e consequência.
e) causa e finalidade.

18. (NCE-UFRJ)É ambíguo o sentido da oração destacada em "<u>Adicionando as perdas devido a doenças ocupacionais</u>, chega-se ao número espantoso de 1 milhão de mortos por ano". A ambiguidade é decorrente do fato de, no texto, poderem ser interpretadas as circunstâncias de:

a) condição, tempo.
b) tempo, comparação.
c) comparação, modo.
d) modo, proporção.
e) proporção, condição.

19. (Redator e Revisor / Câmara Municipal)A oração desenvolvida que substitui, sem alteração fundamental de sentido, a reduzida de gerúndio em "A reunião da SBPC sendo um lugar de diálogo apresenta divergências e polêmicas" é:

a) como a reunião da SBPC é um lugar de diálogo.
b) sempre que a reunião da SBPC é um lugar de diálogo.
c) se a reunião da SBPC é um lugar de diálogo.
d) à medida que a reunião da SBPC é um lugar de diálogo.
e) por mais que a reunião da SBPC seja um lugar de diálogo.

20. (NCE-UFRJ / Inspetor de Polícia)"Há poucos dias, assistindo a um desses debates universitários, ouvi de um professor..." Se desenvolvermos a forma do gerúndio *assistindo* de forma adequada ao texto, teremos:

a) depois de assistir.
b) assim que assisti.

c) enquanto assistia.
d) logo que assisti.
e) porque assisti.

Gabarito: 1. a; 2. b; 3. b; 4. c; 5. c; 6. d; 7. c; 8. e; 9. e; 10. c; 11. b; 12. d; 13. c; 14. d; 15. b; 16. e; 17. a; 18. a; 19. a; 20. c.

15.8. RESUMO

Classificar orações é sempre um grande desafio! Até porque, nas provas, elas vêm misturadas, o mais difícil sempre é não confundi-las... Vamos às dicas finais?

- Orações devem ser contadas pelo número de verbos: para cada verbo, uma oração.
- No período composto por coordenação, a oração sem conectivo é chamada de assindética. Já no período composto por subordinação, a oração sem conectivo é chamada de principal.
- As orações coordenadas não possuem relação sintática entre si, apenas semântica. As orações subordinadas relacionam-se sintaticamente (uma é sujeito da outra, ou objeto direto etc.).
- Ao classificar as orações, você deverá pensar em quatro tipos: coordenadas ou subordinadas adverbiais (que podem ser identificadas pelo valor semântico que suas conjunções apresentam); subordinadas substantivas (que podem ser substituídas por "isto") ou subordinadas adjetivas (que se iniciam com pronome relativo, ligando-se a um substantivo antecedente).

16 CONCORDÂNCIA NOMINAL

16.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Concordância nominal é assunto que será dividido em duas partes: no primeiro segmento, apresentaremos os casos em que, antes de se fazer a concordância do adjetivo, é preciso detectar a função sintática que ele desempenha na frase. Por exemplo:

Tiradentes possuía cabelos e barba longos/longa.

Nessa frase, antes de fazer a flexão do adjetivo *longo*, você precisaria identificar sua função sintática. O fato de ele ser um adjunto adnominal posposto aos substantivos permite as duas opções: ele pode concordar com todos os substantivos ou apenas com o mais próximo. É na primeira parte do assunto, portanto, que vamos ensinar a você a identificação das funções sintáticas do adjetivo e todas as possibilidades de concordância que tais funções permitem.

No segundo segmento do assunto, você conhecerá os casos especiais da concordância nominal. São casos bastante explorados nas provas de concursos: a flexão de palavras como *bastante*, *anexo*, *quite*, *leso*, *junto*... Nessas situações, você não precisará perder tanto tempo raciocinando na frase: não será preciso identificar a função sintática do adjetivo, basta identificar a classe gramatical da palavra na frase. Se for uma classe variável (pronome, adjetivo, numeral etc.), a tendência será a variação; se for uma classe de palavra invariável (advérbio, palavra denotativa etc.), não poderá ir ao feminino nem ao plural.

De qualquer forma, nossa meta é a de que você não tenha de decorar uma série de regrinhas, mas aprenda a raciocinar de acordo com a frase.

Vamos começar? Então, entenda: são dois grandes blocos de concordância nominal. A primeira parte abordará os casos 1, 2, 3 e 4 e a segunda, do caso 5 até o final. Para cada regra, procuramos apresentar frases que vão servir de exemplo, devidamente comentadas. Ao final de cada segmento, elaboramos exercícios de fixação para você internalizar o raciocínio.

16.1.1. Introdução

A concordância pode ser:

a) Rígida ou gramatical: total ou parcial

- Atitude e caráter *apropriados*/*apropriado* (total: o adjetivo concorda em gênero e número

com todos os substantivos ou com o mais próximo).

• *Apropriada* atitude e caráter (parcial: concorda em gênero e número com o substantivo mais próximo).

b) Ideológica: silepse

• Vossa Senhoria é generos**o.** (silepse de gênero)

O pronome de tratamento está no feminino e o adjetivo no masculino.

• A *meninada* se divertia. *Risonhas*, elas cantavam. (silepse de número)

O substantivo coletivo está no singular e o adjetivo no plural.

16.1.2. Concordância nominal: Parte I – As funções sintáticas do adjetivo

Aqui, veremos os casos em que o adjetivo, dependendo de sua **função sintática**, poderá concordar com dois ou mais substantivos ou apenas com um deles. Nesse caso, é fundamental conhecermos as funções que o adjetivo exerce na frase. Vamos a elas!

Revisando:

1. Adjunto adnominal

(especifica o substantivo)

Adjetivo

2. Predicativo (atributo dado ao sujeito ou ao objeto)

Subdivide-se em: do sujeito e do objeto

Exemplos:

Olhos <u>negros</u> (adjunto adnominal)

Rua <u>silenciosa</u> (adjunto adnominal)

Seus olhos são <u>negros</u>. (predicativo do sujeito)

(sujeito)

A rua estava <u>silenciosa</u>. (predicativo do sujeito)

(sujeito)

O povo achou os governantes <u>incompetentes</u>.

(objeto direto) (predicativo do objeto)

Aqui vale um recado!

Atenção: O adjunto adnominal vem junto ao nome substantivo (*olhos* negros). O predicativo do sujeito vem separado por um verbo (seus olhos são negros). Já o predicativo do objeto vai se referir ao objeto (O povo achou os governantes incompetentes.) É aqui que poderá ocorrer dúvida. Se a palavra incompetente vem junto ao substantivo *governantes*, por que não classificá-la como adjunto adnominal?

Qual é a diferença entre adjunto adnominal e predicativo do objeto?

Uma maneira prática de se fazer essa distinção é retirar o adjetivo da frase e observar se há ou não sentido. Se ficar faltando informação, é predicativo do objeto, se não, adjunto adnominal.

Exemplo:

O povo achou os governantes? (Tem sentido? Não. Então, incompetentes é predicativo do objeto).

Tinha um único vício: a mentira. (Tinha um vício: a mentira. Tem sentido? Sim. Então é adjunto adnominal).

Visto isso, vamos aos casos de concordância nominal que envolvem a identificação da função sintática do adjetivo e suas posições.

16.1.2.1. Adjetivo na função de adjunto adnominal posposto aos substantivos

a) Adjetivo na função de adjunto adnominal posposto a dois ou mais substantivos do mesmo gênero: vai para o plural do gênero comum ou concorda com o mais próximo.

b) Adjetivo na função de adjunto adnominal posposto a dois ou mais substantivos de genêros diferentes: vai para o plural masculino ou concorda com o mais próximo.

* O adjetivo concordará apenas com o último substantivo se o sentido exigir.

Exs.:

1. Prédio e apartamento *antigos* ou *antigo*
2. Documentação e bagagem *intactas* ou *intacta*
3. Comprei calça e camisa *novas*/*nova*

Comentários:

Na frase 1, prédio e apartamento são masculinos. Ao concordar, em gênero e número, com os dois substantivos, masculino plural (*antigos*), com o mais próximo – apartamento, masculino singular – *antigo*.

Nas frases 2 e 3, os dois substantivos são femininos (*documentação/bagagem; calça/camisa*). Concordando com os dois, feminino plural (*intactas; novas*), com o mais próximo, feminino

singular (*intacta; nova*).

4. Defeitos e virtudes *verdadeiros*/*verdadeiras.*

5. Ação e julgamento *éticos*/*ético.*

6. Uvas e pêssegos *deliciosos*.

Comentários:

Nas frases 4 e 5 temos substantivos de gêneros diferentes – defeitos, masculino, virtudes, feminino; ação, feminino, julgamento, masculino. Quando isso ocorre, concordando com os dois em gênero e número, masculino plural (*verdadeiros*/*éticos*). Com o mais próximo – virtudes *verdadeiras*, julgamento *ético*. Na frase 6, só pode ser deliciosos, pois, concordando com os dois substantivos (*uvas* – feminino e *pêssegos* – masculino), masculino plural. Como o substantivo mais próximo está no masculino plural (*pêssegos*), só há uma resposta – *deliciosos*.

16.1.2.2. Adjetivo na função de adjunto adnominal anteposto aos substantivos

a) Adjetivo *anteposto*, na função de *adj. adn.*, a dois ou mais substantivos:

A concordância se faz com o substantivo mais próximo.

b) Adjetivo *anteposto* a nome de pessoas ilustres:

O adjetivo vai para o plural dos substantivos.

Exs.:

7. *Antigas* revistas e jornais.

8. Os *ilustres* Drummond e Cecília Meireles.

Comentários:

Na frase 7, o adjetivo, na função de adjunto adnominal, vem anteposto a dois substantivos. Quando isso ocorre, as gramáticas recomendam a concordância em gênero e número com o substantivo mais próximo. Já na frase 8, por se tratar de nomes de pessoa, concorda com os dois substantivos em gênero e número.

16.1.2.3. Adjetivo na função de predicativo

a) Adjetivo na função de *predicativo* (do sujeito ou do objeto):

Concorda com o substantivo a que se refere.

b) Adjetivo na função de *predicativo do sujeito composto*:

Quando vier posposto ao sujeito composto concorda com todos os núcleos. Se vier anteposto, pode concordar com o mais próximo, se o verbo também o fizer. Se o verbo estiver no plural, o predicativo ficará no plural.

c) Adjetivo na função de *predicativo do objeto composto*:

Vai para o plural dos substantivos.

Exs.:

9. Sua reivindicação é *justa*.

10. É um relógio que torna *inesquecíveis* todas as horas.

Comentários:

Vimos no caso 3 (a) que tanto o predicativo do sujeito quanto o predicativo do objeto concordam com os respectivos termos (o sujeito e o objeto). Como o adjetivo é uma classe variável (flexiona-se em gênero e número), *justa* – feminino singular – concorda com o sujeito – *reivindicação* – e *inesquecíveis* – adjetivo que só se flexiona em número – concorda com o objeto *horas*. É o que ocorre nas frases 9 e 10.

Nota:
Em Língua Portuguesa, alguns adjetivos não têm flexão de gênero (adjetivos uniformes, só uma forma para os dois gêneros, masculino ou feminino). Por exemplo:
Homem *triste* / mulher *triste*
Homens *tristes* / mulheres *tristes*
O adjetivo *triste* varia em número, mas não em gênero, assim como o adjetivo *inesquecíveis*.

11. A assistência técnica e o ensino eram *gratuitos*.

12. Eram *gratuitos* a assistência técnica e o ensino.

13. Era *gratuita* a assistência técnica e o ensino.

Comentários:

As frases 11, 12 e 13 exemplificam o caso 3 (b). Se o sujeito é composto, o predicativo do sujeito concorda em gênero e número com <u>todos</u> os núcleos (*assistência* e *ensino*, feminino e masculino).

Na frase 11, o adjetivo *gratuitos* ficou no masculino plural, portanto, para concordar com *assistência* e *ensino*. Nas frases 12 e 13, a concordância do predicativo do sujeito depende da concordância do verbo de ligação, que vem <u>anteposto</u>. Nesses casos, o <u>verbo</u> indica se o

predicativo do sujeito concorda com todos os núcleos ou com o mais próximo. Se o verbo aparecer no plural (concordando com todos os núcleos – *assistência* e *ensino*), o predicativo também o fará (*Eram gratuit**os***). Se o verbo estiver no singular (concordando com o núcleo mais próximo – *assistência*), o predicativo do sujeito concorda em gênero e número com o mais próximo (*Era gratuita*).

14. Acho a proposta e o trabalho *irrecusáveis*/*irrecusável*.

15. Encontrei *abertos*/*aberta* a janela e o portão.

Comentários:

Agora, temos exemplos de adjetivos que se referem ao objeto composto. Observamos que, quando isso ocorre, o predicativo do objeto, anteposto ou posposto, pode concordar com todos os núcleos do objeto em gênero e número ou com o núcleo mais próximo em gênero e número.

Vamos aos exemplos comentados.

Complete com a(s) forma(s) adequada(s):

1. Gestos e atitudes _____. (belicoso)

Comentários: Adjetivo posposto na função de adjunto adnominal – concorda com todos os substantivos em gênero e número ou com o mais próximo.

Resposta: belicosos ou belicosas.

2. _____ atitudes e gestos. (belicoso)

Comentários: Adjetivo anteposto na função de adjunto adnominal – concorda em gênero e número com o substantivo mais próximo.

Resposta: Belicosas.

3. Aprecio a cultura e a história _____ . (europeia)

Comentários: Mais uma frase em que temos adjunto posposto na função de adjunto adnominal, como na frase 1. Como os dois substantivos são femininos, plural feminino – concordância total – ou singular feminino – concordância atrativa.

Resposta: europeias ou europeia.

4. O ministro mostrou _____ cultura e talento. (belo)

Comentários: Como na frase 2, temos adjetivo anteposto na função de adjunto adnominal concorda com o substantivo mais próximo em gênero e número.

Resposta: bela.

5. A área e os meios de atuação dos funcionários tornam-se _____. (limitado)

Comentários: Aqui, o adjetivo vem separado dos substantivos por um verbo, funcionando como predicativo do sujeito – termo que, mesmo de longe, determina o sujeito. Nesse caso, só pode concordar com todos os núcleos em gênero e número. Como o sujeito composto é representado por substantivos de gêneros diferentes, masculino plural.

Resposta: limitados.

6. Tornam-se _____ a área e os meios de atuação dos funcionários. (limitado)

Comentários: Agora, o adjetivo, na função de predicativo do sujeito, vem anteposto ao sujeito – esta frase é a mesma que a anterior, só que invertida, logo a análise é a mesma. Quando isso ocorre, o verbo é que determina a flexão do adjetivo. Como o verbo anteposto está concordando com todos os núcleos, o adjetivo predicativo do sujeito concorda em gênero e número com todos eles.

Resposta: limitados.

7. Torna-se _____ a área e os meios de atuação dos funcionários. (limitado)

Comentários: Nesta frase, o verbo (*torna-se*) vem anteposto ao sujeito composto concordando com o núcleo mais próximo – *área*; singular. Por isso, o adjetivo na função de predicativo do sujeito concorda com o substantivo área, feminino singular.

Resposta: limitada.

8. Deixei _____ para o leitor meus pontos de vista sobre o assunto. (claro)

Comentários: O adjetivo *claro* aparece na função de predicativo do objeto ("Deixei meus pontos de vista..."), já que "claros" são os pontos de vista, ou seja, na ordem direta, a frase ficaria assim: "Deixei meus pontos de vista claros para o leitor."

Resposta: claros.

9. Comprou frutas, ovos e carne _____ . (bovino)

Comentários: O adjetivo bovino vem posposto na função de adjunto adnominal. Só que, nessa construção, razões semânticas fazem com que o termo bovino só possa concordar com o substantivo mais próximo – *carne* –, pois seria impossível você comprar *ovos* e *frutas* de boi.

Resposta: bovina.

10. Essa professora contou-nos _____ lendas e contos. (antigo)

Comentários: Aqui, o adjetivo, na função de adjunto adnominal, vem anteposto. A recomendação das gramáticas, nesses casos, é a de que o adjetivo concorde, em gênero e número, com o substantivo mais próximo (*lendas*).

Resposta: antigas.

16.1.3. Concordância nominal: Parte II – Casos especiais

Agora que você já estudou a concordância nominal que varia de acordo com a função do adjetivo na frase, vamos conhecer os casos especiais, que são muito explorados em provas.

16.1.3.1. As expressões é bom, é proibido...

a) Se o sujeito não vier determinado: O predicativo fica invariável.

b) Se houver determinação do sujeito: A concordância será normal.

Exemplos:

16. Vitamina é *bom* para a saúde.

17. Entrada é *proibido.*

18. Esta cerveja é *deliciosa*.

19. A entrada é *proibida*.

Comentários:

Nas frases 16 a 19, temos um caso especial de concordância nominal: as expressões *é bom*, *é proibido*, *é deliciosa*..., representadas por verbo de ligação ser mais predicativo. Se o substantivo na função de sujeito vier determinado (acompanhado de artigo, pronome) o adjetivo concorda com o sujeito – frases 18 e 19. Se não vier determinado, fica invariável (masculino singular) – frases 16 e 17.

16.1.3.2. Plural do adjetivo composto

a) Adjetivo composto formado de *adjetivo* + *adjetivo*:

O primeiro elemento fica invariável, e o último concorda com o substantivo a que se refere.

Obs.: 1) azul-marinho, azul-celeste, ultravioleta: são invariáveis.

2) surdo-mudo: variam os dois elementos.

b) Adjetivo composto formado de *adjetivo* + *substantivo*:

Os dois elementos ficam invariáveis. Quando a cor vier representada por substantivo não varia.

Exs.:

20. Amizades *luso-brasileiras*.

21. Todas usavam saias *vermelho-claras*.

22. Assisti a reuniões *político-sociais*.

23. Descobertas *médico-científicas* contribuem para o bem da humanidade.

24. Comprou dois ternos *azul-marinho*.

25. Raios *ultravioleta*.

26. Meninos *surdos-mudos*.

Comentários:

A maioria dos exemplos de adjetivos compostos em Língua Portuguesa é aquela cuja formação é de dois adjetivos. Como vimos na teoria, só o último elemento se flexiona em gênero e número, exceções feitas a: *azul-marinho*, *azul-celeste* e *ultravioleta*, que não se flexionam. Em *surdo-mudo*, embora seja um adjetivo composto formado por dois adjetivos, a gramática determina que os dois elementos variem em gênero e número (*surdos-mudos*, *surdas-mudas*).

27. Adorava tecidos *verde-limão*.

28. Bermudas *amarelo-ouro*.

Comentários:

Se aparecer substantivo no adjetivo composto, nenhum elemento se flexiona, ficam invariáveis.

29. Blusas *laranja*.

30. Sapatos *cinza*.

31. Calças *gelo*.

Comentários:

Em português, observa-se que o adjetivo é a classe que denota cor (*blusas azuis*, *vermelhas*,

amarelas, *brancas*...). Quando a cor vem representada por substantivo (*laranja*, *cinza, gelo*, *abóbora*...), não varia, já que não é papel de substantivo denotar cor.

16.1.3.3. Expressões mesmo, próprio, obrigado, anexo...

As expressões mesmo, próprio, anexo, quite, obrigado, incluso, leso, junto, tal concordam com o nome ou pronome a que se referem.

Obs.: *Em anexo*: fica invariável.

Exs.:

32. Elas *mesmas* não sabiam a questão.

33. Ela *própria* escreveu o bilhete.

34. Enviou-lhe *anexas*/*em anexo* neste envelope as duplicatas necessárias.

35. Vinham *inclusas* na pasta a carta e a procuração.

36. Estamos *quites* com todos vocês.

37. Muito *obrigada*, respondeu a moça.

38. Cometeram-se crimes de *leso*-idioma./ *lesa*-pátria.

39. Os filhos são *tais qual* o pai./ O filho é *tal quais* os pais.

40. Ana e Rosa saem sempre *juntas*.

41. Fernanda chegou *junto com* Lúcia à escola.

Comentários:

Nas frases 32 e 33, *mesmas* refere-se a *elas* e *própria*, a *ela*. Na frase 34, o adjetivo *anexas* está se referindo a duplicatas. Na ordem direta, teríamos: "Enviou-lhe as duplicatas necessárias anexas". Uma outra forma de se dizer o mesmo seria com a expressão *em anexo*, que é invariável e está sempre certa. Na frase 35, *inclusas* é adjetivo de *carta e procuração*. Na ordem direta, teríamos: "A carta e a procuração vinham inclusas". Na frase 36, *quites* é adjetivo de *nós*, é o mesmo que *desobrigados*. Vem do verbo *quitar*, é seu particípio irregular, mas, aqui, tem valor de adjetivo e concorda com o pronome (nós) a que se refere. *Obrigada*, na frase 37, é adjetivo e concorda com o substantivo *moça*. É por isso que meninos dizem *obrigado* e meninas, *obrigada*. Na frase 38, *leso* é adjetivo: é o mesmo que *lesado*, *prejudicado*. Daí ele concordar em gênero e número com o substantivo com o qual forma uma composição (*idioma* e *pátria*). Na frase 39, *tal*

e *qual* concordam com o nome ou pronome que determinam: *tal* concorda com o antecedente e *qual*, com o elemento seguinte. No primeiro exemplo, *tais* concordou com *filhos* e *qual*, com *pai*. No segundo exemplo, *tal* concordou com *filho* e *quais*, com *pais*. Na frase 40, *juntas* é adjetivo que se refere aos substantivos *Ana* e Rosa. Já na frase 41, tem-se a locução prepositiva *junto com* invariável.

16.1.3.4. Expressões *menos, pseudo, alerta, um e outro, um ou outro*...

a) Monstro (como adjetivo), menos, pseudo, alerta:

Ficam invariáveis

b) Um e outro, nem um nem outro, um ou outro:

Com essas expressões o **substantivo** não se flexiona.

Exs.:

42. Compareceram *menos* pessoas que o esperado.

43. Se você quiser manter a elegância, coma *menos*.

44. Ainda existem alguns *pseudo*-heróis.

45. Os soldados continuavam *alerta.*

46. São duas criaturas *monstro*.

47. Um e outro *remédio* eram necessários.

48. Nem um nem outro *namorado* a entendia.

Comentários:

Na frase 42, *menos*, apesar de ser pronome adjetivo indefinido, que é uma classe, na maioria das vezes, variável, refere-se ao substantivo *pessoas*, mas não varia. Já na frase 43, ele é advérbio e, por isso mesmo, invariável. *Menos* não varia nem como pronome indefinido, nem como advérbio: não varia nunca!

Pseudo é elemento grego que significa *falso*, ligando-se ao elemento seguinte, mas mantendo--se sempre invariável. É o que se observa na frase 44.

Alerta é rigorosamente advérbio, ainda que muitos tentem usar tal vocábulo como adjetivo, o que se deve evitar: daí na frase 45 não aparecer flexionado. *Alerta* só deve assumir papel de adjetivo se vier junto ao substantivo, como na frase: "Naquele momento, todos tinham os sentidos

alertas".

Aqui, ele é adjetivo e concorda com o substantivo *sentidos*, fato que não ocorreu na frase 45: ali *alerta* era advérbio e se referia ao verbo *continuavam*.

Na frase 46, *monstro*, apesar de ser adjetivo de *criaturas*, não admite variação.

Frases 47 e 48: *um e outro*, *um ou outro* e *nem um nem outro* levam obrigatoriamente o substantivo para o singular. O que poderá se flexionar, em algumas situações, será o verbo, assunto de que vamos tratar no capítulo sobre concordância verbal.

16.1.3.5. Expressões *só, meio, bastante, caro, barato*...

As expressões concordam com o substantivo a que se referem. Se aparecerem como advérbios ou palavras denotativas, ficam invariáveis.

Obs.: *A sós*: fica invariável.

Exemplos:

49. *Só* eles compareceram à cerimônia de posse.

50. Eles se encontravam *sós/só* naquele lugar deserto.

51. Percebi que eles *só* desejam o nosso bem.

52. As moças jamais ficarão *sós*.

Comentários:

Na frase 49, *só* equivale a *somente* ("*somente* eles compareceram à cerimônia de posse"): é palavra denotativa de exclusão, sendo, portanto, invariável. Já na frase 50, em um primeiro momento, o que se quis dizer é que "eles se encontravam *sozinhos* naquele lugar deserto": *só* seria adjetivo e concordaria com o pronome *eles*. No entanto, podemos ler tal frase de uma outra forma:

Eles se encontravam só (= somente) naquele lugar deserto.

Teríamos, aqui, outra leitura: "eles se encontravam *apenas* naquele lugar deserto, em nenhum outro lugar". Por isso, as duas opções estariam corretas na frase 50.

Já na frase 51, não há ambiguidade: *só* equivale a *somente*, *apenas*, sendo, portanto, invariável.

Na frase 52, *sós* é adjetivo que se refere a *moças*. É claro que também estaria certa a expressão *a sós*, que é invariável e está sempre certa!

53. Traga-me *meia* caneca de café.

54. Ela andava *meio* esquisita.

Comentários:

Meia, na frase 53, é numeral fracionário. Refere-se ao substantivo *caneca* e, já que é numeral, trata-se de classe variável. Já na frase 54, é advérbio, referindo-se ao adjetivo *esquisita*, mantendo-se, assim, sem se flexionar.

55. Eu não o vejo há *bastantes* dias.

56. Havia livros *bastantes* naquela estante.

57. Conhecemos pessoas *bastante* agradáveis.

58. Trabalharam *bastante* para entregar o serviço no prazo.

Comentários:

Bastante, na frase 55, equivale a *muitos*, refere-se a *dias*: é pronome indefinido, sendo, portanto, variável. Na frase 56, é adjetivo, equivalendo a *suficientes*: qualifica o substantivo *livros* e concorda com ele. Já nas frases 57 e 58, *bastante* funciona como advérbio, referindo-se ao adjetivo *agradáveis* e ao verbo *trabalharam*, respectivamente. E, como já vimos, sendo advérbio, será invariável.

Só pode ser adjetivo (= *sozinho*) ou palavra denotativa de exclusão (= *somente*). Se for adjetivo, irá variar. Como palavra denotativa de exclusão, não varia.
Meio pode ser numeral (= *metade*) ou advérbio (= *um pouco*). Quando for numeral, concordará com o substantivo a que se referir. Quando for advérbio, permanecerá invariável.
Bastante, quando se referir a substantivo, poderá ser pronome indefinido ou adjetivo (= *suficiente*). Nos dois casos, concordará com o substantivo a que se referir. Só será invariável quando funcionar como advérbio, referindo-se a verbo/adjetivo/advérbio.

59. Aquelas roupas estão *caras*/ *baratas*. (caro/barato)

60. Os gêneros alimentícios permanecem *caros*/*baratos*.

61. Os gêneros alimentícios custam *caro*/*barato* ou *caros*/*baratos*.

Comentários:

Caro e *barato* podem atuar como adjetivos ou advérbios. Se adjetivos, irão variar. Se forem advérbios, permanecerão invariáveis. Na frase 59, são adjetivos que se referem ao substantivo *roupas*. O mesmo acontece na frase 60: são adjetivos do substantivo *gêneros*. No entanto, pode-se ler a frase 61 de duas maneiras:

Os gêneros alimentícios custam caro/barato.

(Aqui, *caro*/*barato* seriam advérbios de preço do verbo *custar*, sendo, por isso, invariáveis).

Os gêneros alimentícios custam caros/baratos.

(Nesse caso, *caros*/*baratos* seriam adjetivos de *gêneros*, concordando com esse substantivo).

Repare que nas frases 59 e 60 esses adjetivos aparecem com verbo de ligação na frase (*estar*, *permanecer*). Nesse caso, serão sempre adjetivos, na função de predicativos do sujeito, e irão variar. Já na frase 61, o verbo **não** é de ligação, o que permite dupla possibilidade de concordância: os vocábulos *caro*/*barato* poderão se referir ao substantivo ou ao verbo.

16.1.3.6. Expressões *o mais possível, a olhos visto, haja vist*a...

a) O adjetivo **possível** concordará com o determinante.

b) A expressão **a olhos vistos** fica invariável ou a palavra *visto* concorda com o substantivo ou pronome a que se refere.

c) em **haja vista**, o substantivo **vista** fica invariável. Essa expressão (haja vista) estará **sempre** certa.

62. Comportamentos o mais insensatos *possível.*

63. Comportamentos os mais insensatos *possíveis.*

Comentários:

Com *o mais*, *o menos*, *o melhor*, *o pior possível*: o adjetivo *possível* concorda com o artigo "o", ficando, portanto, no singular. Foi o que aconteceu na frase 62. Porém:

Gestos *os* mais carinhosos *possíveis.*

Atitudes *as* mais modestas *possíveis.*

Com o plural *os*/*as mais*, *os*/*as menos* etc., o adjetivo *possível* vai ao plural, seguindo a flexão do artigo. Foi o caso da frase 63.

Portanto, as duas respostas estão igualmente corretas.

64. Ela tem piorado a olhos *vistos*/ a olhos *vista*.

Comentários:

Vistos concorda normalmente com *olhos*. Mas existe uma outra opção, ainda que desusada, que é a de o vocábulo *visto* concordar com aquilo que se vê (sujeito da frase). Na frase acima, têm--se,

então, as duas opções: *vistos* concordando com *olhos* ou *vista* concordando com *ela*. Se fosse *elas*, seria *elas têm piorado a olhos vistos/vistas* etc.

65. *Haja vista* o resultado.

66. *Haja vista*/*Hajam vista* os resultados.

67. *Haja vista* dos resultados.

68. *Haja vista*/*Hajam vista* as dificuldades por que passamos.

Comentários:

Haja vista será uma construção **sempre** certa, é o que se vê nas frases 65 a 68. O que seria erro, segundo a norma culta da língua, seria "*Haja vist**o*** o resultado". Na frase 66, além de *haja vista*, tem-se uma outra possibilidade, que é a de se considerar *os resultados* como sujeito e fazer a flexão do verbo. É uma construção desusada nos dias de hoje, porém correta e possível de aparecer em prova. Observe que na frase 67 já não se pode ter o mesmo raciocínio: iniciado por preposição, "dos resultados" não pode ser considerado sujeito, e sim objeto indireto. Daí o verbo não se flexionar. A frase 68 apresenta a mesma lógica da 66: pode-se considerar *as dificuldades* objeto direto, e não se flexionar o verbo, ou sujeito, fazendo a concordância do verbo.

16.1.3.7. Um substantivo modificado por dois ou mais adjetivos

Um substantivo modificado por dois ou mais adjetivos:

Os adjetivos ficam no singular.

69. As <u>literaturas</u> *portuguesa* e *brasileira*.

70. Comunica-se nas <u>línguas</u> *inglesa*, *francesa* e *alemã*.

71. A <u>literatura</u> *portuguesa* e a *brasileira*.

Comentários:

Quando há um só núcleo seguido de dois ou mais adjuntos, o substantivo pode ficar no singular ou ir para o plural. Nas frases 69 e 70, os substantivos ficaram no plural e os adjetivos, no singular. Já na frase 71, observa-se a outra possibilidade: o substantivo *literatura* ficou no singular, bem como seus adjetivos, com a repetição do artigo no singular antes de brasileira. Nesses casos, os adjetivos, com a repetição do artigo, ficam no singular porque o sentido da frase exige.

Aproveite a seguir os exemplos comentados.

Julgue os casos de concordância a seguir. Nas situações de erro de concordância, indique a forma que melhor se adequaria à norma culta.

1. Anexa àquela carta destinada ao pai da moça, foram remetidas as joias.

Comentários: *Anexa* é adjetivo que se refere a *joias*: precisa concordar com ele.

Resposta: errada a assertiva. O certo seria *anexas*. Na ordem direta, teríamos a seguinte frase: "As joias foram remetidas anexas àquela carta".

2. Naquelas bagagens havia joias bastante preciosas.

Comentários: *Bastante* é advérbio que modifica o adjetivo *preciosas*, daí não poder variar.

Resposta: a frase está correta.

3. Fica instituído no Quadro de Pessoal a classe de Técnico de Tributação.

Comentários: *Instituído* é adjetivo particípio que se refere ao substantivo *classe*. Na ordem direta, teríamos "A classe de Técnico de Tributação fica *instituída* no Quadro de Pessoal." Por isso, o certo seria *instituída*.

Resposta: assertiva errada.

4. O professor qualificou de inaceitável aquelas gírias.

Comentários: *Inaceitável* é adjetivo que se refere a *gírias*. Basta organizar a frase e você verá: "O professor qualificou aquelas gírias de inaceitáveis".

Resposta: assertiva errada.

5. Pagando cem mil-réis, ele estaria quite com o velho.

Comentários: *Quite* é adjetivo que se refere a *ele*, por isso está no singular.

Resposta: a frase está certa.

6. O Tribunal qualificou de ilegal aquelas nomeações.

Comentários: Mais uma vez, a frase fora de ordem pode causar problemas: *ilegal* refere-se a *nomeações* ("O Tribunal qualificou aquelas nomeações de ilegais").

Resposta: frase errada.

7. Segue anexa a documentação pedida sobre a linguagem dos estudantes.

Comentários: *Anexa* é adjetivo que caracteriza *documentação*.

Resposta: a frase está certa. Também se poderia utilizar a locução *em anexo*.

8. Houve crime de leso-humanidade.

Comentários: *Leso* é adjetivo que se refere a *humanidade*, portanto, deve concordar com este substantivo.

Resposta: frase errada. O certo seria dizer *lesa-humanidade*.

9. Parecia meio aborrecida a mulher do mestre Amaro.

Comentários: *Meio* é advérbio que modifica o adjetivo *aborrecida*.

Resposta: como advérbio, não deve variar, a frase está certa.

10. Não usem de meio palavras, já que estamos meio desconfiadas.

Comentários: *Meio* agora é numeral que se refere a *palavras*. Numeral é classe de palavra variável.

Resposta: a frase está errada. O certo seria dizer *meias palavras*.

11. As gírias ouvidas neste colégio são tais quais as que podemos observar em qualquer grupo de jovens.

Comentários: *Tais* é pronome que se refere a *gírias* e *quais*, ao pronome *as* (= aquelas).

Resposta: a frase está certa.

12. As garotas chegaram juntas, mas depois cada uma foi embora junto com o namorado.

Comentários: *Juntas* é adjetivo que se refere a *garotas*. Observe na mesma frase a locução prepositiva *junto com*, que é invariável.

Resposta: assertiva certa.

13. Encerrado os debates, bastantes deputados ainda pediam a palavra.

Comentários: *Encerrado* é adjetivo particípio que se refere a *debates*, por isso deve concordar com ele. O certo seria dizer *encerrados os debates*. Já o vocábulo *bastantes*, por ser pronome indefinido (= muitos) está adequadamente concordando com o substantivo *deputados*.

Resposta: parcialmente errada, portanto, a frase.

14. As pessoas pareciam meio distraídas durante a palestra.

Comentários: *Meio* é advérbio que se refere a *distraídas*. Deve ficar invariável.

Resposta: frase certa.

15. Aquela loja fazia ofertas o mais tentador possível.

Comentários: O adjetivo *possível* está no singular, em função do artigo *o*. Quanto a isso, a frase está correta. Mas o adjetivo *tentador*, que se refere a *ofertas*, deveria com este substantivo concordar. O certo seria dizer: "Aquela loja fazia ofertas o mais tentadoras possível."

Resposta: frase errada.

16. Os operários fizeram duas horas extra.

Comentários: *Extra* é adjetivo que se refere a *horas*. Por isso, deve concordar com tal substantivo.

Resposta: frase errada. O certo seria dizer *duas horas extras*.

17. Eu lhes peço que as deixem sós.

Comentários: *Sós* é adjetivo que se refere ao pronome oblíquo átono *as*. Daí a flexão.

Resposta: a frase está certa. Também seria certo utilizar a locução *a sós*.

18. Só alunos são admitidos na reunião.

Comentários: *Só*, aqui, equivale a *somente*. É palavra denotativa de exclusão. Portanto, deve ficar invariável, como está.

Resposta: frase certa.

19. As questões serão tais qual o programa.

Comentários: *Tais* está adequadamente concordando com *questões* e *qual* com *programa*.

Resposta: frase certa.

20. Estando pronto os preparativos para o início da corrida, foi dada a largada.

Comentários: *Pronto* é adjetivo que se refere a *preparativos*, por isso deveria estar no plural.

Resposta: frase errada. O certo seria dizer *estando prontos os preparativos*...

21. Estejamos sempre alerta para evitar contratempos maiores.

Comentários: *Alerta* aqui é advérbio. Portanto, invariável.

Resposta: frase certa.

22. É um relógio que torna inesquecível todas as horas.

Comentários: Basta organizar a frase e você verá o erro: "É um relógio que torna todas as horas *inesquecíveis*" . *Inesquecível* é adjetivo que se refere a *horas* e deve concordar com este substantivo.

Resposta: a frase está errada.

23. Era a mim mesmo que ele se referia – disse a moça.

Comentários: *Mesmo* é pronome que se refere ao substantivo *moça*. Deve concordar com ele.

Resposta: frase errada: o certo seria dizer "era a mim mesma que ele se referia".

24. Os fatos falam por si só.

Comentários: *Só*, aqui, é adjetivo que modifica *fatos*. É o mesmo que *sozinhos*: "Os fatos falam por si sozinhos".

Resposta: a frase está errada. O certo seria dizer "Os fatos falam por si sós".

25. Eles próprios entenderão a matéria.

Comentários: *Próprios* refere-se a *eles* e está adequadamente concordando com o pronome.

Resposta: frase certa.

26. Vai incluso à carta meu documento.

Comentários: Organize a frase: "Meu documento vai incluso à carta". *Incluso* refere-se a *documento*, por isso, está no masculino singular.

Resposta: a frase está certa.

27. Nenhuns obstáculos conseguirão impedir nossa vitória.

Comentários: *Nenhuns* é pronome indefinido que se refere a *obstáculos*, por isso está no masculino plural. Estranha a frase, não é? Se fosse o pronome *alguns* você também não o colocaria no masculino singular?

Resposta: a frase está correta.

28. Todos os soldados do quartel estavam alertas.

Comentários: Mais uma vez, *alerta* apareceu como advérbio: não deve variar.

Resposta: a frase está errada. O certo seria dizer "Todos os soldados do quartel estavam alerta".

29. Foi iniciado com meia hora de atraso a votação no Congresso.

Comentários: *Iniciado* refere-se a *votação*, por isso deveria estar no feminino singular. Na ordem direta, teríamos a seguinte frase: "A votação no Congresso foi iniciada com meia hora de atraso".

Resposta: frase errada.

30. Parece possíveis distinguir duas tendências fundamentais.

Comentários: *Possível* é adjetivo que está modificando a oração "distinguir duas tendências fundamentais". Por isso, não deve se flexionar. Observe que o próprio verbo não se flexionou.

Resposta: a frase está errada. Basta colocá-la na ordem e você verá: "Distinguir duas tendências fundamentais parece *possível*".

16.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

Agora, é a sua vez! Vamos fixar tudo o que você aprendeu?

I. Complete as frases a seguir com a expressão entre parênteses.

1. Faca e navalha _____ / _____. (afiado)
2. Aquele quadro era um símbolo de uma estética e época _____ / _____. (tedioso)
3. Amor e agradecimento _____ / _____. (eterno)
4. Códigos e senhas _____ / _____. (alterado)
5. Mãe e pai _____ / _____. (moderno)
6. Argumentos e justificativas _____ / _____. (pífio)
7. Rio consome frutas e legumes _____. (contaminado)
8. Supermercado Y: qualidade e preço _____. (baixo)
9. Comprou legumes, frutas e carne _____ (bovino)
10. Vendia pães e frutas _____. (maduro)
11. _____ clima e terra. (desconhecido)

12. _____ faca e navalha. (afiado)

13. _____ atitudes e gestos. (belicoso)

14. _____ cores e tamanhos. (variado)

15. Os _____ Gil e Caetano. (famoso)

16. As _____ mãe e filha. (corajoso)

17. As meninas vieram _____. (acompanhado)

18. Sua reivindicação é _____. (justo)

19. A crise financeira deixou _____ os cofres do clube. (vazio)

20. É um relógio que torna _____ todas as horas. (inesquecível)

21. A neve e o jardim eram _____. (branco)

22. Eram _____ a neve e o jardim. (branco)

23. Era _____ a neve e o jardim. (branco)

24. Encontrei a janela e o portão _____ / _____. (aberto)

25. Encontrei _____ / _____ a janela e o portão. (aberto)

26. As culturas _____, _____ e _____. (indígena, negro e europeu)

27. A cultura _____, a _____ e a _____. (indígena, negro e europeu)

28. As gramáticas _____ e _____. (inglês e alemão)

29. A gramática _____ e a _____. (inglês e alemão)

30. Conselhos _____ e _____ de engenharia. (federal e regional)

31. Fé é _____. (necessário)

32. É _____ entrada de pessoas estranhas ao serviço. (proibido)

33. A fé é _____. (necessário)

34. É _____ a entrada de pessoas estranhas ao serviço. (proibido)

35. As verdades descobertas são as mais variadas _____. (possível)

36. As verdades descobertas são o mais variadas _____. (possível)

37. Deve ser um bom livro, _____ as suas edições sucessivas. (haja vista)

38. Suas forças definhavam a olhos _____. (visto)

39. Um e outro _____ serão promovidos. (funcionário)

40. Nem um nem outro _____ conseguiu aprovação. (aluno)

41. Conheço uma ou outra _____. (hipótese)

42. Os filhos são _____ _____ a mãe. (tal qual)

43. _____ ao presente documento, encaminhamos a fotocópia do decreto x. (anexo)

44. Vão _____ à carta meus documentos. (anexo)

45. Vão _____ à carta meus documentos. (em anexo)

46. Estou _____ com todos vocês. (quite)

47. Estamos _____ com todos vocês. (quite)

48. Muito _____, respondeu a tia. (obrigado)

49. Seguem _____ aos documentos as fotografias. (incluso)

50. Sua opinião é um crime de _____-inteligência. (leso)

51. Ana e Rosa saem sempre _____. (junto)

52. Elas _____ entenderão o recado. (próprio)

53. Trabalhas _____ que eu. (menos)

54. Havia, naquela festa, _____ mulheres que homens. (menos)

55. Os candidatos estavam _____. (alerta)

56. Ficou _____ portão. (junto a)

57. Fernanda chegou _____ Guilherme ao colégio. (junto com)

58. Entrou em casa e deixou _____ os dois jovens debaixo das amendoeiras do portal. (só)

59. Os fatos falam por si _____. (só)

60. _____ alunos são admitidos na reunião. (só)

61. Bebeu sozinho _____ caneca de vinho. (meio)

62. Eram pessoas _____ estranhas. (meio)

63. Há _____ exemplos neste livro. (bastante)

64. Comprou livros _____. (bastante)

65. Comprou livros _____ antigos. (bastante)

66. Só dois atos seus não pareciam _____ a esta imagem. (conforme)

67. Elas _____ entenderão o recado. (mesmo)

68. _____ as crianças entenderão o recado. (mesmo)

69. As canetas eram _____. (caro; barato)

70. O camelô vendia _____ as canetas. (caro; barato)

71. Processos _____. (administrativo-fiscal)

72. Parcerias _____. (público-privado)

73. Grupos _____. (hispano-argentino)

74. Crianças _____. (recém-nascido)

75. Ternos _____. (azul-marinho; azul-celeste)

76. Jovens _____. (surdo-mudo)

77. Crianças _____. (surdo-mudo)

78. Blusas _____. (verde-garrafa)

79. Vestidos _____. (vermelho-sangue)

80. Calças _____. (cinza-chumbo)

81. Tecidos _____. (palha; cinza; laranja; rosa)

II. Levando em consideração as regras de concordância nominal, marque certo (C) ou errado (E).

1. ( ) Estava com baixo autoestima.

2. ( ) Estas foram as sós palavras que ele disse.

3. ( ) Os setores público e privado devem estar integrados.

4. ( ) Aquela menina nada tem de engraçado.

5. ( ) Perdi meu óculos escuros.

6. ( ) Nenhuns obstáculos conseguirão impedir nossa vitória.

7. ( ) As milhares de pessoas que assistiram àquele espetáculo saíram felizes.

8. ( ) As cópias estavam conformes com as originais.

9. ( ) Anexa àquela carta destinada ao pai da moça, foram remetidas as joias.

10. ( ) Naquelas bagagens havia joias bastantes preciosas.

11. ( ) O Tribunal qualificou de ilegal aquelas nomeações.

12. ( ) Vossa Senhoria é muito competente e qualificado.

13. ( ) Fica instituído no Quadro de Pessoal a classe de Técnico de Tributação.

14. ( ) Existem meios para tudo.

15. ( ) O relógio bateu meio-dia e meio.

16. ( ) O professor qualificou de inaceitável aquelas gírias.

17. ( ) As gírias ouvidas neste colégio são tais quais as que podemos observar em qualquer grupo de jovens.

18. ( ) Os partidos de cana mostravam tonalidades verde-esmeraldas.

19. ( ) Pagando cem reais, ele estaria quites com o velho.

20. ( ) Os famosos Machado e Alencar.

21. ( ) Seguem em anexo as fotos.

22. ( ) Seguem anexas as fotos.

23. ( ) Os candidatos não eram nenhum bobocas.

24. ( ) Não votaram em candidato nenhum.

25. ( ) Persistência é necessário para obtermos um bom resultado.

26. ( ) As questões serão tais qual o programa.

27. ( ) Anexo à correspondência vão documentos importantes.

28. ( ) Estejamos sempre alertas para evitar contratempos maiores.

29. ( ) Os alertas foram dados. As pessoas alertas correram.

30. ( ) Ela era considerada um monstro por seus inimigos.

31. ( ) O primeiro e o segundo atos.

III. Complete as lacunas com a(s) forma(s) adequada(s).

1. Elas _____ providenciaram os atestados, que enviaram _____ às procurações, como instrumentos _____ para os fins colimados. (mesmo/anexo/bastante)

2. São bastante _____ tais ideias e opiniões sobre o computador. (difundido)

3. Serão _____ tanto os técnicos quanto as pessoas menos qualificadas.

(promovido)

4. Tornam-se muito _____ a área e os meios de atuação dos funcionários. (limitado)

5. Torna-se muito _____ a área e os meios de atuação dos funcionários. (limitado)

6. Podem ser neste ponto _____ a tarefa dos antigos artesãos e a dos modernos operários. (comparado)

7. Pode ser neste ponto _____ a tarefa dos antigos artesãos e a dos modernos operários. (comparado)

8. Ficam _____ nas mãos de poucos todos os conhecimentos e habilidades. (concentrado)

9. _____ montes e várzeas se sucediam na paisagem. (florido)

10. Aprecio a cultura e a história _____. (europeu)

11. Comprou jornais e revistas _____. (brasileiro)

12. Os meninos estavam com os pés e as mãos _____. (sujo)

13. Encontrei _____ as cadeiras e o sofá. (reformado)

14. A professora contou-nos _____ lendas e contos. (antigo)

15. Não houve chuvas _____ para resolver o problema da agricultura. (bastante)

16. Tinha _____ chances de conseguir o emprego. (bastante)

17. As novas tecnologias eram _____ prejudiciais aos trabalhadores. (bastante)

18. Esses diretores não costumam aceitar nossas reivindicações, _____ que sejam elas. (qualquer)

19. Pode-se ver do alto daquele prédio as bandeiras _____. (brasileiro e português)

20. Veio _____ ao requerimento a planta da casa reformada. (anexo)

21. Aquela loja fazia ofertas o mais _____ possível. (tentador)

22. As observações do autor do texto foram as mais pertinentes _____. (possível)

23. Julgamos _____ ao espírito humano as indagações constantes sobre o que é verdade. Ocorre porém que, em nosso presente estágio evolutivo, as verdades descobertas são o mais variadas _____. (natural/possível)

24. O uso de certas máquinas deixa mais _____ os legumes. (barato)

25. Com o uso de certas máquinas, os legumes estão ficando muito mais _____. (caro)

26. O uso de certas máquinas faz com que custem mais _____ as batatas. (barato)

27. O filósofo alemão Jügen Habermas vem insistindo: o fim do Estado Nacional como instância reguladora do mercado também torna _____ as formas tradicionais do exercício da cidadania. (obsoleto)

28. O seleiro sentiu o papel e a nota _____ no bolso. (novo)

29. O Direito e o fato social não existem por si _____ no seio da sociedade. (só)

30. Por mais _____ que lhes pareça a resolução desses exercícios, apliquem-se, e verão quão menos _____ na verdade o são. (difícil/complicado)

31. Corriam _____ nossa imaginação e nosso pensamento, naquele tempo em que quaisquer ameaças à nossa felicidade pareciam _____. (solto/impossível)

32. Seria _____, numa hora como esta, contar com a ajuda de pessoas que nunca buscaram estar minimamente _____ de mim? (oportuno/próximo)

33. O mais duvidoso, em meio às tuas propostas, é que _____ uma delas obtenha o consenso há tantos dias inutilmente _____. (qualquer/perseguido)

34. Aqueles papéis, que sempre lhes pareceu _____ guardar, revelaram-se de importância absolutamente _____ para eles. (inútil/vital)

35. _____ está a carta, os recibos e os documentos pedidos. (anexo)

Gabarito: I – 1. afiadas / afiada; 2. tediosas / tediosa; 3. eternos / eterno; 4. alterados / alteradas; 5. modernos / moderno; 6. pífios / pífias; 7. contaminados; 8. baixo; 9. bovina; 10. maduras. Obs.: Nas frases 8, 9 e 10, o sentido exige a concordância atrativa; 11. Desconhecido; 12. Afiada; 13. Belicosas; 14. Variadas; 15. famosos; 16. corajosas; 17. acompanhadas; 18. justa; 19. vazios; 20. inesquecíveis; 21. brancos; 22. brancos; 23. branca; 24. abertos / aberto; 25. abertos /aberta; 26. indígena / negra e europeia; 27. indígena / negra e europeia; 28. inglesa / alemã; 29. inglesa / alemã; 30. federal / regional; 31. necessário; 32. proibido; 33. necessária; 34. proibida; 35. possíveis; 36. possível; 37. haja vista; 38. vistos. Obs.: As expressões "haja vista" e "olhos vistos" podem concordar com seus respectivos sujeitos (... hajam vista suas edições e suas forças vistas aos olhos definhavam); 39. funcionário; 40. aluno; 41. hipótese; 42. tais qual; 43. Anexa; 44. anexos; 45. em anexo; 46. quite; 47. quites; 48. obrigada; 49. inclusas; 50. lesa; 51. juntas; 52. próprias; 53. menos (advérbio); 54. menos (pronome); 55. alerta. Obs.: A palavra **menos** é invariável,

independentemente de sua classificação morfológica. O vocábulo “alerta”, como está empregado na frase 55, é advérbio, portanto invariável. Conforme a frase, “alerta” pode aparecer como adjetivo (homens alertas) ou substantivo (Os alertas foram dados), variando, pois; 56. junto ao; 57. junto com; 58. sós; 59. sós; 60. Só; 61. meia; 62. meio; 63. bastantes (pronome); 64. bastantes (adjetivo); 65. bastante (advérbio); 66. conformes (adjetivo); 67. mesmas (pronome); 68. Mesmo (palavra denotativa de inclusão); 69. caras / baratas (adjetivos); 70. caro / barato (advérbio); 71. administrativo-fiscais; 72. público-privadas; 73. hispano-argentinos; 74. recém-nascidas; 75. azul-marinho / azul-celeste; 76. surdos-mudos; 77. surdas-mudas; 78. verde-garrafa; 79. vermelho-sangue; 80. cinza-chumbo; 81. palha; cinza; laranja; rosa.

II – 1. E; 2. c; 3. c; 4. c (Com expressões constituídos por nada, algo... + preposição + adjetivo, a tendência é não flexionar o adjetivo. Algumas gramáticas, porém, aceitam a flexão do adjetivo.); 5. e (“Óculos” leva o determinante ao plural – meus óculos.); 6. c; 7. e (“Milhar” é palavra masculina.); 8. c (“Conformes”, nesta frase, equivale a *idênticas*, adjetivo, pois.); 9. e (“Anexas”. Refere-se a “joias”.); 10. e (“Bastante” modifica “preciosas”, advérbio, pois.); 11. e (“Ilegais”. Refere-se a “nomeações”.); 12. c (Silepse.); 13. e (Instituída.); 14. c; 15. e (“Meia” é numeral, concorda com a palavra “hora”, subentendida.); 16. e (“Inaceitáveis” são as “gírias”.); 17. c; 18. e; 19. e; 20. c; 21. c; 22. c; 23. e (Nenhuns.); 24. c; 25. c; 26. c; 27. E (“Anexos” vão os “documentos”.); 28. E; 29. C; 30. C (“Monstro”, como adjetivo, não varia.); 31. C (Quando numerais ordinais modificam um substantivo, este poderá ficar no singular ou plural – **ato** ou **atos** – se os numerais vierem antecedidos de artigo, como é o caso. Usaremos o substantivo no plural se não houver a repetição do artigo – **O primeiro e segundo atos** – ou se vier antes dos numerais – **Os atos primeiro e segundo**.).

III – 1. mesmas / anexos / bastantes; 2. difundidas; 3. promovidos; 4. limitados; 5. limitada; 6. comparadas; 7. comparada; 8. concentrados; 9. Floridos; 10. europeias / europeia; 11. brasileiros / brasileiras; 12. sujos / sujas; 13. reformados / reformadas (predicativo do objeto – caso 3 (c)); 14. antigas (adjunto adnominal anteposto – caso 2 (A)); 15. bastantes (adjetivo); 16. bastantes (pronome indefinido); 17. bastante (advérbio); 18. quaisquer; 19. brasileira e portuguesa; 20. anexa; 21. tentadoras (“ofertas tentadoras”); 22. possíveis; 23. naturais / possível; 24. baratos; 25. caros; 26. barato (Nesta frase, a tendência é considerar como advérbio.); 27. obsoletas (Predicativo do objeto.); 28. novos / nova; 29. sós; 30. difícil / complicados; 31. soltos / impossíveis; 32. oportuno / próximas; 33. qualquer / perseguido; 34. inútil / vital; 35. Anexa.

16.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

1. (Cesgranrio) “para ela mesma se alimentar”; a alternativa que mostra uma construção errada com o vocábulo mesmo é:

a) Nós mesmos fomos até lá.

b) Mesmo ela não compreendeu a questão.

c) Os mesmos carros foram vendidos.

d) Elas mesmas ficaram doentes após o contato.

e) Ela falava consigo mesmo o dia inteiro.

Comentários:

A concordância nominal, basicamente, é dividida em duas partes: os casos que envolvem a identificação das classes gramaticais – variáveis ou invariáveis – e os casos que mostram o adjetivo e suas funções.

Esta questão trata dos valores do vocábulo mesmo, que pode ser pronome ou adjetivo (classes variáveis) ou palavra denotativa que indica inclusão (classe invariável).

Nas opções A, D e E, aparecem com o valor de pronomes.

Na C, o valor é de adjetivo. Na opção B, o sentido é de inclusão, não variando. Como o pronome é uma classe variável, a letra E ficaria "Ela falava consigo mesma".

Resposta: E.

2. (Petrobras) A opção em que a concordância nominal está correta, segundo o registro culto e formal da língua, é:

a) Eu mesmo, disse a senhora, providenciarei a água filtrada para o gari.

b) No condomínio em frente, havia menas gente cuidadosa.

c) Haja visto o seu bom humor, pedi-lhe que me ajudasse nas tarefas.

d) Ao recolher os sacos de lixo, eles estavam feliz.

e) No verão, água gelada é bom para minimizar o calor.

Comentários:

A letra A apresenta o termo mesmo se referindo a "senhora", erro, portanto. A letra B traz uma palavra que não existe (menos é palavra invariável).

Na letra C, "Haja visto" está errado, pois o termo é "vista", sempre. A letra D mostra o adjetivo "feliz" no singular se referindo a "eles" no plural.

A opção E mostra o caso das expressões é bom, é proibido, é permitido... que não se flexionam se o substantivo não vier determinado. Só haverá a concordância se o substantivo vier acompanhado de artigo, pronome.

Resposta: E.

3. (Petrobras) Na passagem "...somos responsáveis por nós mesmos", o vocábulo destacado é

variável. Em qual das frases abaixo há uma transgressão ao registro culto e formal da língua, quanto à flexão dos vocábulos destacados?

a) Felizmente, bastantes pessoas foram corajosas para enfrentar seus problemas emocionais.

b) Alguns ficaram meio irritados por não entenderem a sutil diferença entre dar a mão e acorrentar uma alma.

c) Os seus atos e temperamento custaram caro para você.

d) Haja visto o resultado final, começou a entender melhor suas derrotas.

e) Acredito que só as verdadeiras amizades se mantêm para toda a vida.

Comentários:

A letra A mostra a palavra "bastante" se referindo a "pessoas", que é substantivo com a ideia de muitas, ou seja, pronome indefinido, classe variável.

Nas opções B e C, "meio" e "caro" são advérbios (não variam), já que modificam adjetivo e verbo, respectivamente.

A letra E traz o vocábulo "só" com o valor semântico de exclusão, palavra denotativa (invariável).

A letra D apresenta "visto" de uma forma errada, pois na expressão "Haja vista" essa palavra não varia.

Resposta: D.

4. (FCC / TRT) No segmento "os povos egípcio e israelita", o substantivo aparece no plural e os dois adjetivos no singular. O item abaixo em que os adjetivos poderiam ocorrer no plural é:

a) as atuais bandeiras brasileira e portuguesa;

b) as séries primeira e segunda do ensino médio;

c) os idiomas francês e inglês;

d) os jornais paulista e carioca da atualidade;

e) os territórios brasileiro e argentino.

Comentários:

Esta questão exemplifica o caso de concordância em que temos um substantivo modificado por dois adjetivos, em que, pelo sentido exigir, os adjetivos têm de ficar no singular ("povos" existem

vários, mas só um é egípcio, só um israelita).

Essa explicação serve para as opções A, B, C e E.

Na letra D, há possibilidade de os adjetivos aparecerem no plural, uma vez que existe mais de um jornal paulista e carioca.

Resposta: D.

5. (FCC / TRT) O item em que concordância é aceitável na norma culta é:

a) O filósofo considerou estranho a pesquisa dos universitários.

b) Está difícil a quitação do empréstimo bancário feita no ano passado.

c) Uma pequena parte do texto é compreendido.

d) Os livros traziam 30 páginas de textos rasgados.

e) Tornou-se clara para o leitor minha posição sobre o assunto.

Comentários:

Na letra A, "estranho" se refere a "pesquisa", então estaria errado ("...considero a pesquisa dos universitários estranha"). Na B, o "empréstimo" é que foi "feito". Na C, a "parte" do texto foi "compreendida". A letra D traz o adjetivo "rasgados" concordando com "textos", o que também caracteriza um erro, pois "rasgadas" seriam as "páginas". Na opção E, "clara" é a "posição", concordância correta.

Resposta: E.

16.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (NCE-UFRJ) Única frase errada:

a) Já estou quite das minhas obrigações.
b) Aquelas crianças nada têm de bonitas.
c) As cópias estavam conformes com os originais.
d) Os vigias estavam alerta por causa dos balões.
e) As crianças surdo-mudas merecem nosso amparo.

2. (NCE-UFRJ) De acordo com a NORMA CULTA, qual das concordâncias indicadas entre parênteses é INACEITÁVEL?

a) Gosto muito de estudar os períodos (barroco e árcade) de nossa literatura.
b) Sr. Ministro, V. Exª tem sido (atencioso) com seus subordinados.
c) Com aquele incidente, ficaram (desprestigiadas) as estagiárias e os funcionários.
d) Ela (mesmo) resolveu que o melhor era apresentar o relatório no dia seguinte.
e) Os memorandos e as petições foram (arquivados), apesar dos protestos dos grupos envolvidos

com o problema.

3. (NCE-UFRJ) A alternativa em que a concordância está correta é:

a) A bandeira brasileira e inglesa foram hasteadas no mesmo mastro.
b) Todos nos movíamos cautelosamente, alertas a qualquer perigo.
c) Ao longo desta estrada avista-se muitas paisagens interessantes.
d) Os apartes do nosso líder eram sempre os mais oportunos possível.
e) A aeronáutica e o exército brasileiro ajudam na integração nacional.

4. (NCE-UFRJ) Única frase errada:

a) Estavam abandonadas a casa, o templo e a vila.
b) Ele chegou com o rosto e as mãos feridas.
c) Decorrido um ano e alguns meses, lá voltamos.
d) Decorridos um ano e alguns meses, lá voltamos.
e) Ela comprou dois vestidos cinza.

5. (NCE-UFRJ) HÁ ERRO de concordância nominal, segundo a norma culta, em:

a) Ele pulou **longos** capítulos e páginas.
b) Considerou **perigosos** o argumento e a decisão.
c) Remeto-lhe **anexo** as duplicatas.
d) **Bastantes** alunos foram aprovados.
e) Pedro e Teresa partiram **sós**.

6. (NCE-UFRJ) A alternativa era que a lacuna pode ser preenchida, de acordo com a norma culta, por qualquer uma das duas formas nominais indicadas entre parênteses é:

a) Encontrei _____ as portas e o portão. (abertos/abertas)
b) Julguei-as as _____ alunas. (melhor/melhores)
c) As cartas e os telegramas seguem _____. (anexos/anexas)
d) Ganhei _____ livros. (bastante/bastantes)
e) Ficarão _____ a tua face e os teus lábios. (rubra/rubras)

7. (NCE-UFRJ) Indique a opção em que a substituição do termo grifado pelo termo entre parênteses **não** desrespeita a norma culta.

a) Neste recinto, a entrada de pessoas estranhas ao serviço é **proibida**. (proibido)
b) Com **contundente** gesto e palavras, o político lançou suas críticas ao adversário. (contundentes)
c) **Anexa** ao presente documento, encaminhamos a fotocópia do Decreto X. (anexo)
d) João chegou tão perto que não quis jantar e preferiu ficar a **sós**. (só)
e) Os admiradores costumam considerar ofensa de **leso-governo** qualquer posição contrária à sua. (lesa-governo)

8. (Minist. Públ. / NCE-UFRJ)"O Brasil tem hoje grande força e grande fraqueza;" observe a seguir diversas formas de reescrever a frase inicial do texto, sem a repetição do adjetivo *grande*:

I. O Brasil tem hoje força e fraqueza grandes.
II. O Brasil tem hoje força e fraqueza grande.
III. O Brasil tem hoje grande força e fraqueza.

IV. O Brasil tem hoje grandes força e fraqueza.

As frases que têm forma adequada são somente:

a) I – II – III – IV

b) I – II – III

c) I – IV

d) II – III

e) I – III

9. (FCC) A concordância nominal destoa da norma prescrita nas nossas gramáticas em:

a) Lotaram sindicatos e universidades brasileiras.

b) Adquiriram computadores e fibras óticas sofisticados.

c) Revelaram inteligência e autopercepção desmedidas.

d) Superaram graves inflação e desvalorização monetária.

e) Reviram antigas metas e planos.

10. (FCC) A frase em que se infringe a norma de concordância nominal prescrita pela língua culta é:

a) O tempo livre era gasto com asseio e alimentação necessárias.

b) Os trabalhadores assistiam semanalmente a práticas e rituais religiosos.

c) Os trabalhadores não tinham direito a descanso e férias remuneradas.

d) Viviam no lazer a nobreza e a burguesia ociosas.

e) As leis não protegiam o artesão e o camponês sofridos.

11. (FCC) Das frases abaixo, aquela em que se incorreu em erro de concordância nominal é:

a) Os ratos sofriam perseguição e maus-tratos injuriosos do gato.

b) Os ratos sofriam maus-tratos e perseguição e injuriosa do gato.

c) Os ratos sofriam injuriosa perseguição e maus-tratos do gato.

d) Os ratos sofriam maus-tratos e perseguição injuriosas do gato.

e) Os ratos sofriam injuriosos maus-tratos e perseguição do gato.

12. (FCC) No período "Já nos anos seguintes, porém, surgiam outros clubes, como o Botafogo, que ajudariam a definir junto com eles uma feição de elegância e distinção para o futebol", a palavra junto é membro de uma locução, razão por que se mantém invariável. A opção em que a palavra junto foi INCORRETAMENTE flexionada, por ser também invariável, é:

a) Transformei-lhes a posição, de juntos a separados.

b) Vejo-as sempre juntas pela manhã.

c) Creio que, juntos, estaremos mais próximos da vitória.

d) Eram tantos jogadores que poderiam juntos formar vários times de futebol.

e) Encontrei-as juntas ao portão de entrada do clube.

13. Considerando-se as possibilidades de concordância nominal, a opção em que as duas frases são gramaticalmente corretas é:

a) Trata-se de atitudes e hábitos geralmente questionados. / Trata-se de atitudes e hábitos geralmente questionadas.

b) É um grupo com vocabulário e fraseologia restritamente utilizados. / É um grupo com

vocabulário e fraseologia restritamente utilizadas.

c) Tecia crítica e objeções inteiramente infundados. / Tecia crítica e objeções inteiramente infundadas.

d) Aqui há grupos de pessoas linguisticamente diferenciados. / Aqui há grupos de pessoas linguisticamente diferenciadas.

e) Desfrutava de prestígio e capacidade igualmente desejados. / Desfrutava de prestígio e capacidade igualmente desejadas.

14. (FCC) Dentre as modificações impostas ao trecho "A época predispunha aos gestos e façanhas audaciosos...", a que incorre em erro gramatical é:

a) A época predispunha às façanhas e gestos audaciosos...

b) A época predispunha aos audaciosos gestos e façanhas...

c) A época predispunha a gesto e façanha audaciosas...

d) A época predispunha aos gestos audaciosos e às façanhas...

e) A época predispunha a audaciosas façanhas a gestos...

15. (FCC) Das frases abaixo, a que está INCORRETA do ponto de vista da concordância é:

a) O tipo trabalhador considera inevitável no longo processo de colonização os laços com a terra conquistada.

b) Distúrbios e alterações de personalidade são comuns nos tipos trabalhador e aventureiro.

c) As colonizações por si sós já definem certos tipos humanos que implementam a vida no novo mundo.

d) Um e outro tipo podem deixar marcas profundas de sua personalidade nos locais por onde passam.

e) Decerto que o aventureiro é dos que mais se esforça por fazer da vida uma eterna busca de novos prazeres.

16. (Aux. de Cartório / NCE / UFRJ)"...respiração e circulação sanguínea."; na *Nova gramática do português do português contemporâneo*, p. 265, o prof. Celso Cunha diz: "(Quando o adjetivo vem depois dos substantivos), se os substantivos são do mesmo gênero e do singular, o adjetivo toma o gênero dos substantivos e, quanto ao número, vai: para o singular (concordância mais comum) ou para o plural (concordância mais rara)." Assim sendo:

a) o adjetivo *sanguínea* poderia também aparecer com a forma *sanguíneas*.

b) o autor preferiu a concordância mais rara à mais comum.

c) o autor do texto cometeu um erro de concordância.

d) razões semânticas fazem que a única forma possível do adjetivo seja *sanguínea*.

e) a única forma correta do adjetivo é *sanguíneas*.

17. (Téc. Judic. / NCE / UFRJ)"O terceiro e o quarto objetivos..."; o caso de concordância nominal presente neste segmento do texto encontra-se referido no item:

a) o adjetivo, quer em função de adjunto adnominal, quer em função de predicativo, desde que se refira a um único substantivo, com ele concorda em gênero e número.

b) quando o adjetivo se associa a mais de um substantivo, o adjetivo concorda em gênero e número com o substantivo mais próximo.

c) se os substantivos são de gêneros diferentes e do singular, o adjetivo pode concordar com o substantivo mais próximo.
d) é possível que o adjetivo predicativo concorde com o sujeito mais próximo se estiver anteposto aos substantivos.
e) no caso de uma só palavra determinada e mais de uma determinante, a palavra determinada irá para o plural ou ficará no singular.

18. (Emgeprom / NCE / UFRJ)"...a destruição e o desperdício desnecessários..."; a forma *desnecessários* do adjetivo:
a) está erradamente empregada.
b) concorda com o último dos substantivos.
c) concorda com o primeiro dos substantivos.
d) é a única forma possível como concordância correta.
e) concorda com os dois substantivos.

19. (CNEN / NCE / UFRJ)"cabelos e barbas longas"; o fato de o adjetivo *longas* estar no feminino plural:
a) é um erro, já que se refere não só às barbas como também aos cabelos.
b) mostra que o adjetivo só se refere às barbas.
c) indica que o autor preferiu a concordância com o termo mais próximo.
d) é a única concordância possível.
e) demonstra que este adjetivo só se pode aplicar semanticamente a *barbas*.

20. (Anal. Judiciário / TRF / Fundec) Está INCORRETA a forma como se fez a concordância nominal na frase:
a) Os trens e as estações foram reformadas.
b) Os engenheiros construíram um viaduto e uma passarela nova.
c) Pela ferrovia trafegavam vagões e locomotivas refrigerados.
d) Os planos previam projetos e estruturas recém-idealizadas.
e) Os índices social e econômico de desenvolvimento da Região Metropolitana são baixíssimos.

Gabarito: 1. e; 2. c; 3. e; 4. a; 5. c; 6. a; 7. b; 8. b; 9. d; 10. a; 11. d; 12. e; 13. d; 14. c; 15. a; 16. d; 17. e; 18. e; 19. c; 20. a.

Depois de se estudarem as regras de concordância nominal, tem-se a sensação de que é muito a decorar... Mas é simples, vamos sistematizá-las e tudo ficará mais fácil!

16.5. RESUMO

O adjetivo pode ter três funções sintáticas na frase:

• adjunto adnominal;

• predicativo do sujeito (com ou sem verbo de ligação);

• predicativo do objeto (se retirado, muda o sentido da frase, é solicitado pelo verbo).

Adjetivo na função de:	Posposto ao substantivo	Anteposto ao substantivo
Adjunto adnominal	Concordância pode ser: TOTAL ou PARCIAL	A melhor é a concordância PARCIAL
Predicativo do sujeito	Concordância é: TOTAL	Segue a concordância verbal
Predicativo do objeto	Concordância é: TOTAL	Concordância pode ser: TOTAL (melhor opção) ou PARCIAL (mais moderna)

17 CONCORDÂNCIA VERBAL

17.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

O princípio básico na concordância verbal é o de que, para todo verbo, temos de achar um sujeito. Pensando nisso, esta gramática dividirá este tópico em duas partes: Parte I (Concordância verbal e os tipos de sujeito) e Parte II (Casos especiais de concordância verbal).

17.1.1. Concordância verbal: Parte I – Tipos de sujeito

Nesta Parte I, você vai aprender a flexionar o verbo partindo da classificação do sujeito. Quem sabe achar sujeito faz a concordância verbal adequada.

Os tipos de sujeito, basicamente, são quatro:

1. Simples: quando há apenas um núcleo. Lembre-se de que o núcleo do sujeito é representado por um substantivo ou pronome substantivo.

Ex.: O economista fez uma intervenção. / Os economistas fizeram uma intervenção.

2. Composto: aparecem dois ou mais núcleos.

Ex.: O diretor e o chefe compareceram à reunião.

3. Indeterminado: representado de duas formas:

a) verbo na 3ª pessoa do plural, sem sujeito expresso na frase.

Ex.: Pediram silêncio.

b) verbo na 3ª pessoa do singular + pronome indeterminador SE. Em geral o verbo não é transitivo direto.

Ex.: Trabalha-se muito aqui.

(verbo intransitivo)

Observe que, quando a intenção é não mencionar o sujeito, há essas possibilidades para indeterminá-lo.

4. Oração sem sujeito: quando o verbo é impessoal (não se refere a nenhuma pessoa gramatical, uma vez que o sentido do verbo não permite).

Os casos mais comuns:

• expressões que indicam fenômenos da natureza;

• verbo haver (= existir, ocorrer);

• verbos que indicam tempo decorrido.

O verbo, nesses casos, fica na 3ª pessoa do singular.

Antes de mostrarmos os casos de concordância verbal, vamos reconhecer e classificar os sujeitos das frases abaixo.

Importante: O sujeito é o responsável pela flexão verbal. Essa teoria serve para os casos de sujeito simples e composto.

a) Começava a cair a noite.

Na ordem direta, teríamos: "*A noite começava a cair*". O responsável pela flexão da locução verbal *"começava a cair"* é a ***"noite"*** – sujeito simples.

b) Os professores e os funcionários daquela escola decidiram pela greve.

Aparecem dois núcleos como agentes do verbo *"decidiram"* – professores/funcionários – sujeito composto.

c) Naquele instante, bateram à porta.

O verbo na 3ª pessoa do plural, nesta frase, não traz nenhum agente claro. A intenção é, pois, a de indeterminar o sujeito – sujeito indeterminado.

d) Assistiu-se a jogos importantes.

O emprego de *"se"* junto ao verbo transitivo indireto – assistir **a** – obriga o uso do verbo na 3ª pessoa do singular – sujeito indeterminado.

e) Amanheceu rapidamente.

Qualquer verbo que indica fenômenos naturais – amanhecer, chover, nevar... – caracteriza um caso de oração sem sujeito, é um verbo impessoal.

f) Havia dúvidas frequentes sobre aquele ponto da matéria.

Quando o verbo "haver" aparece com o sentido de existir, não há possibilidade, por causa do valor semântico do verbo, de se identificar sujeito na frase – verbo impessoal, 3ª pessoa do singular, oração sem sujeito.

g) Fez dois anos de sua morte.

Mais um exemplo de verbo impessoal: verbo "fazer" indicando tempo passado, decorrido.

Novamente, é impossível identificar-se o agente dessa ação verbal – oração sem sujeito.

Agora que você já sabe achar e classificar sujeito, vamos às regras.

17.1.1.1. Concordância verbal com o sujeito simples

Sujeito simples: representado por apenas um núcleo. O verbo concordará com ele em número e pessoa.

1. Faltaram, durante a posse do prefeito, os aplausos.

2. Deram/Bateram/Soaram três horas no relógio da igreja.

3. O relógio da igreja deu/bateu/soou três horas.

Comentários:

Como vimos na teoria inicial, o sujeito é o responsável pela flexão verbal. Na frase 1, entendemos que "os aplausos" é que "faltaram". Nas frases 2 e 3, quando aparecem os verbos dar, bater e soar, normalmente existem duas possibilidades: o sujeito pode ser o número de horas ou o vocábulo relógio. Na 2, "três horas deram/bateram/soaram no relógio", ou seja, o sujeito é o número de horas. Já na frase 3, "O relógio deu/bateu/soou três horas".

4. Hão de existir limites justos.

5. Podem ocorrer novos deslizamentos.

Comentários:

As frases 4 e 5 são exemplos de locuções verbais com seus respectivos sujeitos (*limites*/*deslizamentos*) no plural. Nas locuções, o verbo auxiliar é que se flexiona (*limites hão de existir*/*deslizamentos podem ocorrer*).

6. Preencheram-se as requisições.

7. Verificou-se, entre indivíduos tensos ou agitados, a queima de até 800 calorias diárias.

Comentários:

Agora temos frases em que aparece a partícula **se**. Nas frases 6 e 7, o **se** é apassivador, porque as frases podem ser reescritas, identificando-se, com isso, o sujeito. A frase 6 ("Preencheram-se as requisições" equivale a "As requisições foram preenchidas") traz um sujeito paciente, o que se confirma com a troca da voz passiva sintética – *Preencheram-**se*** – por "foram preenchidas", voz passiva analítica. Na 7, "verificou-se a queima" equivale a "a queima foi verificada". Para nós,

essa é a maneira mais direta, objetiva de se identificar o **se** apassivador. E quando o **se** é apassivador há sujeito na frase, daí o verbo poder ficar no singular ou no plural, de acordo com o seu sujeito.

Resumindo: Quando aparece pronome se (= apassivador): o verbo concorda com o sujeito expresso na frase.

17.1.1.2. Concordância verbal com o sujeito composto

Sujeito composto: representado por dois ou mais núcleos.

a) Anteposto ao verbo: verbo no plural.

b) Posposto ao verbo: o verbo ficará no plural ou concordará com o núcleo mais próximo.

Obs.: Havendo ideia de reciprocidade, verbo no plural.

Exemplos:

8. O pai e a mãe compareceram à reunião.

9. Compareceu ou compareceram à reunião o pai e a mãe.

10. Tu, ela e eu saímos.

11. Abraçaram-se o poeta e o músico.

Comentários:

O sujeito composto impõe verbo no plural, vindo posposto ou anteposto a este (frases 8 e 9). O que ocorre é que, quando o verbo vem anteposto a um sujeito composto (frase 9), pode concordar com todos os núcleos – plural – ou com o mais próximo – *pai*, no singular. Na frase 10, o sujeito composto é representado por pronomes pessoais retos. Nesse caso, dá-se preferência à 1ª pessoa (*eu*). Plural da 1ª pessoa do singular é nós, 1ª pessoa do plural, saímos. Na frase 11, a ideia é de reciprocidade. O sentido obriga o verbo no plural – *um se abraçou ao outro.*

17.1.1.3. Concordância verbal com o sujeito indeterminado

a) **Sujeito indeterminado pela partícula se:** o verbo ficará, obrigatoriamente, na 3ª pessoa do singular.

b) **Oração sem sujeito:** com verbos impessoais (verbos que indicam fenômenos naturais, haver (= existir, ocorrer), verbo com ideia de tempo decorrido...): não possuem sujeito. Ficam também na 3ª pessoa do singular.

Ex.:

12. Obedeceu-se às ordens.

13. Havia vantagens para o índio no contato com o civilizado.

14. Deve haver limites justos.

15. Há vários séculos as línguas indígenas têm tradições apenas oral.

16. Vai para cinco anos de sua partida.

Comentários:

A frase 12 mostra um **se** indeterminador. Repare que agora não podemos reescrever a frase (Às ordens foi obedecida?). O **se**, quando é **índice de indeterminação do sujeito**, aparece, na quase totalidade dos casos, junto a verbo **intransitivo** ou **transitivo indireto**. "Obedecer a". Logo, o sujeito é indeterminado, verbo na **3ª pessoa do singular.**

Nas frases 13 a 16, os verbos são **impessoais** (ficam na 3ª pessoa do singular). Temos, portanto, oração sem sujeito. Na 13, *haver* com sentido de *existir* não varia. Na frase 14, há uma locução verbal. Como o verbo principal – é sempre o **último** verbo da locução – é o *haver* (= existir), o auxiliar **não pode variar**. *Deve* haver limites...)

As frases 15 e 16 exemplificam a oração sem sujeito com verbos que indicam **tempo passado** (Há vários séculos.../Vai para...). Repare que nesses casos de oração sem sujeito **o sentido do verbo** impede a identificação do sujeito.

17.1.1.4. Concordância verbal com o sujeito oracional

Sujeito oracional: aparece em certas construções como:

a) Verbos do tipo convém, basta, falta, parece, importa...

b) Verbo de ligação + predicativo do sujeito: é bom, está claro...

c) Expressões na Voz Passiva: sabe-se, é sabido, conta-se...

Quando o sujeito aparece sob forma de oração, o verbo ou a expressão da oração principal **não varia.**

Exs.:

17. Parece/que ela chega hoje.

or. princ. or. subjetiva

18. Convém/insistir no pedido.

or. princ. or. subjetiva (reduzida de infinitivo)

19. Está claro/que todos reconhecerão o erro.

or. princ. or. subjetiva

20. Sabe-se/que eles mentiram.

or. princ. or. subjetiva

Comentários:

Temos agora um caso muito especial de concordância verbal. Até agora vimos que o sujeito era representado por substantivo ou pronome substantivo (sujeito simples ou composto). Quando o sujeito era indeterminado ou aparecia verbo impessoal (oração sem sujeito), havia impedimento semântico para se identificar o sujeito. Com o sujeito oracional devemos considerar toda a oração e não um substantivo ou pronome. Na frase 17, "Parece que ela chega hoje", não é ela ou alguém que parece, e sim toda a oração que se segue (Isto – *que ela chega hoje* – parece). Na frase 18, "Convém insistir no pedido", temos o mesmo raciocínio: não é ele ou alguém que convém insistir e sim "Insistir no pedido convém" (= Isto convém). Lembre-se: pense o que a frase quer dizer, coloque a frase na ordem direta e descobrirá o sujeito. Na frase 19, o que *está claro* é o fato de que todos reconhecerão o erro, ou seja, "Isto está claro".

Na frase 20, o **se** é apassivador, a frase pode ser reescrita (Isto – *que todos mentiram* – é sabido). Observe que quando o sujeito é toda a oração, o verbo da oração principal não varia.

Vamos treinar concordância verbal – Parte I?

Complete a lacuna com a forma adequada.

1. Nos últimos 50 anos, _____ fatos que aumentaram o nosso índice de felicidade. (ocorreu/ocorreram)

Comentários: Entendemos, nessa frase, que "fatos ocorreram", sujeito simples no plural, verbo no plural.

Resposta: ocorreram.

2. _____ 50 anos que os índices de felicidade _____ aumentando gradativamente. (Há/Hão; vem/vêm)

Comentários: O verbo "haver", nesse caso tem ideia de tempo passado, não se flexionando. Na 2ª lacuna "índices" é sujeito da locução verbal "vêm aumentando". Vimos que, quando aparece locução verbal, quem se flexiona é o verbo auxiliar.

Resposta: Há e vêm.

3. Nos últimos 50 anos, _____ as possibilidades de maior felicidade. (acentuou-se/acentuaram-se)

Comentários: Essa frase traz o verbo com a partícula **se**. Aqui, o **se** é apassivador, há sujeito na frase, pois equivaleria a "As possibilidades foram acentuadas", voz passiva analítica.

Resposta: acentuaram-se.

4. Daqui a 50 anos, _____ que as pessoas encontrem a felicidade. (é possível/são possíveis)

Comentários: Aqui, o sujeito vem representado por uma oração – "que as pessoas encontrem a felicidade é possível", ou seja, "Isto é possível". Quando o sujeito é oracional, a expressão da oração principal não varia.

Resposta: é possível.

5. _____ de viagem meu irmão e meu sobrinho. (Chegou/Chegaram)

Comentários: O sujeito composto "meu irmão e meu sobrinho" aparece após o verbo, ou seja, o verbo vem **anteposto** a um sujeito composto. Nesse caso, o verbo vai ao plural, já que o sujeito é composto, mas pode também concordar com o núcleo mais próximo – **irmão**, no singular.

Resposta: Chegou ou Chegaram.

6. A crescente disseminação de instituições que trabalham contra os interesses populares _____ um verdadeiro flagelo dos tempos modernos. (constitui/constituem)

Comentários: Vimos desde o início que, na quase totalidade dos casos, o verbo concorda com o **núcleo** do sujeito. A frase acima já está na ordem direta e o núcleo do sujeito é "disseminação".

Resposta: constitui.

7. Aquilo _____ manias de mulher. (é/são)

Comentários: O verbo **ser** pode ficar no singular ou no plural quando o sujeito vier representado

por **coisa** no singular ou **pronomes** – tudo, isto, aquilo etc. – e o predicativo estiver no plural.

Resposta: é ou **são**.

8. Os representantes _____ nós. (são/somos)

Comentários: Aparecendo pronome reto, o verbo **ser** só pode concordar com o pronome reto.

Resposta: somos.

9. Dois anos _____ muito tempo. (é/são)

Comentários: Verbo **ser** em expressões de **tempo**, **medida** ou **quantidade** não varia.

Resposta: é.

10. _____ meio-dia e meia quando ela chegou. (Era/Eram)

11. _____ duas horas quando ela chegou. (Era/Eram)

Comentários: Nas expressões de **horas**, o verbo **ser** vai concordar com essas expressões. Logo, se vierem no singular, verbo **ser** no singular. Caso a expressão de horas apareça no plural, verbo **ser** no plural.

Respostas: 10. Era; 11. Eram.

17.1.2. Concordância verbal: Parte II – Casos especiais

17.1.2.1. Concordância do verbo SER

a) Quando o sujeito for nome de **coisa** ou um dos pronomes **tudo**, **nada**, **isso**, **isto**, **aquilo** + predicativo no plural: o verbo ser concorda com o sujeito ou com o predicativo (mais comum).

1. A casa era/eram ruínas.
2. Isto é/são alegrias.

b) Quando aparecer **pessoa**: o verbo **ser** concorda sempre com a **pessoa**. No entanto, se aparecer pronome pessoal do caso **reto**, a concordância se fará com o pronome.

3. Maria era as alegrias da casa.
4. Meu orgulho são os meus filhos.
5. Ela era os meus sonhos.
6. O médico aqui sou eu.

Com os pronomes interrogativos **que**, **quem**, **o que**: o verbo **ser** concorda com o nome ou pronome que vem após.

7. Quem são os interessados?

8. O que são asteroides?

Comentários:

A concordância do verbo SER, basicamente, divide-se em duas partes: a primeira parte, que tem as frases de 1 a 8 como exemplos, mostra a concordância do verbo **ser** com **nome** (representado por **coisa** ou **pessoa**) e **pronome**.

Como vimos na teoria, o verbo **ser** pode concordar com o sujeito ou com o predicativo, quando o sujeito vier representado por coisa ou **pronomes** (tudo isto...), frases 1 e 2.

Se aparecer **pessoa**, como sujeito ou predicativo – frases 3 e 4 –, o verbo **ser** só pode concordar com a pessoa. Agora, se o sujeito ou o predicativo for um **pronome reto** (frases 5 e 6) esse verbo **só pode concordar** com o pronome.

Já com os pronomes interrogativos (frases 7 e 8), o verbo **ser** tem de concordar com o nome ou pronome que se segue.

d) Com as expressões **é muito**, **é pouco**, **é bastante**, **é mais de** etc: o verbo **ser** ficará no singular quando essas expressões denotarem ideia de **preço**, **medida** ou **quantidade**.

9. Dez mil dólares é pouco.

10. Cinco metros é mais do que preciso.

e) Nas expressões de **horas**, **datas** ou **distâncias**: o verbo **ser** concorda com essas expressões.

11. Eram nove horas quando ele chegou.

12. É uma hora e quinze.

13. Hoje são 12 de abril.

14. Daqui a minha casa são cinco quilômetros.

Comentários:

As frases de 9 a 14 exemplificam a segunda parte da concordância do verbo SER: são as expressões.

Nas frases 9 e 10, o verbo **ser** <u>não varia</u> com expressões que trazem ideia de preço, medida, quantidade. Já nas frases de 11 a 14, se as expressões de <u>horas</u>, <u>datas</u> ou <u>distâncias</u> vierem no **plural**, verbo **ser** no **plural** (frases 11, 13 e 14). Se aparecerem no singular, verbo ser no singular

(frase 12). Na frase "Hoje são 12 de abril" há a possibilidade de o verbo ficar no singular se aparecer a palavra dia: "Hoje é dia 12 de abril".

17.1.2.2. Concordância com a preposição COM

Sujeito composto ligado por **com**: Verbo no plural.

Observações: 1. Quando se quiser realçar um dos núcleos (= sujeito simples), com ele concordará o verbo. 2. Se a expressão iniciada por com vier entre vírgulas, o verbo concorda com o termo que antecede essa expressão. (= sujeito simples)

Exs.:

1. A carta com o anexo *está extraviada*/*estão extraviados*.

2. O guarda, **com** os transeuntes, *prendeu* o ladrão.

Comentários:

Diante de sujeitos ligados pela preposição **com**, podem-se utilizar duas opções: a primeira – que é a mais comum – seria o verbo no plural, por se considerar o sujeito como composto. Assim, na frase "A carta **com** o anexo estão extraviados", a preposição **com** tem valor de **e**. É como se fosse "A carta **e** o anexo estão extraviados". É exatamente isso: a preposição **com** teria, aqui, valor de adição.

A segunda opção seria o verbo no singular, por uma questão de ênfase no primeiro núcleo. Assim, na frase "A carta com o anexo está extraviada", o que se quer é realçar o núcleo "a carta". A preposição teria, então, um valor de companhia. É como se eu dissesse "A carta, em companhia do anexo, está extraviada".

Mas atenção: essas duas opções (de o verbo concordar com os dois núcleos ou só com o primeiro) só valem se a expressão iniciada pela preposição **com não** vier entre vírgulas. Porque, se ela vier isolada pelas vírgulas, o verbo só poderá concordar com o primeiro núcleo. Assim, na frase "O guarda, com os transeuntes, prendeu o ladrão", o verbo deverá necessariamente ficar no singular concordando com *guarda*. A expressão *com os transeuntes* seria um adjunto adverbial de companhia deslocado na frase. Na ordem direta, essa frase ficaria assim: "O guarda prendeu o ladrão com os transeuntes" (Você vai aprender no capítulo de análise sintática que na ordem direta o adjunto adverbial fica no final da frase). Já que é adjunto adverbial, e não sujeito, o verbo

só pode concordar com o primeiro núcleo.

Resumindo: Com substantivos ligados pela preposição com, pense da seguinte forma: A expressão iniciada pela preposição com não vem entre vírgulas: cabem as duas opções (o verbo concorda com os dois núcleos ou só com o primeiro). A expressão iniciada pela preposição com vem entre vírgulas: o verbo só concorda com o primeiro núcleo.

17.1.2.3. Concordância com pronomes indefinidos

a) Sujeito composto resumido por um pronome indefinido: o verbo concorda com o pronome indefinido (na função de aposto resumitivo).

b) Sujeito composto modificado pelo pronome **cada**: verbo no singular.

Exs.:

3. Jovens, trabalhadores, empresários, **ninguém** *acredita* em nossos parlamentares.

Comentários:

Eis um caso especialíssimo de concordância: o verbo deixa de concordar com o sujeito para concordar com o aposto. Se alguém perguntar se o pronome indefinido *ninguém* é sujeito do verbo, cuidado para não se distrair e dizer que sim! O sujeito da frase é composto ("jovens, trabalhadores, empresários"), mas o verbo *acredita* concorda com o aposto resumitivo *ninguém*.

4. **Cada** criança, **cada** homem, **cada** mulher *ajudava* os flagelados.

Comentários:

Mais uma vez, algo atípico na concordância verbal: apesar de o sujeito ser composto de três núcleos, o verbo fica no singular. Isso ocorre por causa da palavra **cada**, *que enfatiza individualmente os núcleos*. É isto mesmo: o sujeito é composto, mas, se o verbo fosse ao plural, a frase estaria errada!

17.1.2.4. Concordância com a conjunção OU

Sujeito composto ligado por **ou**:

a) Com ideia de exclusão ou retificação: o verbo concordará com o núcleo mais próximo.

b) Se a ideia se refere a todo o sujeito: verbo no plural.

Exs.:

5. Pedro **ou** João *casará* com Joana.

Comentários:

O sujeito tem dois núcleos, mas a conjunção **ou** tem valor de exclusão: *só um* vai casar com *Joana*. O verbo fica no singular.

6. O responsável **ou** os responsáveis *cuidarão* da festa.

Comentários:

A conjunção **ou** tem valor corretivo, de retificação: o verbo concorda com o núcleo mais próximo. É como se eu dissesse: "O responsável, *ou melhor*, ou responsáveis *cuidarão* da festa". *Ou*, aqui, é o mesmo que *ou melhor*, *digo*.

7. Cigarro ou charuto prejudicam igualmente a saúde.

Comentários:

Nesse caso, não há ideia de exclusão: a conjunção *ou* tem valor aditivo. É o mesmo que: "O cigarro e o charuto prejudicam igualmente a saúde".

17.1.2.5. Concordância com as expressões *um ou outro, um e outro, nem um nem outro*

a) Sujeito formado pela expressão um ou outro: verbo no singular.

b) Sujeito formado pelas expressões *um e outro, nem um nem outro, nem ... nem...*: verbo no singular ou no plural.

8. **Um ou outro estilo** *agrada*.

Comentários:

Aqui, mais uma vez a conjunção **ou** tem valor de exclusão: só um dos estilos agrada.

9. **Uma e outra forma** me *fascinam*/*fascina*.

Comentários:

Nesse caso, as duas opções estão corretas. O verbo no plural enfatiza o *todo*: *as duas formas me fascinam*. O verbo no singular enfatiza as *partes* que compõem o sujeito. É como se eu dissesse "uma forma me fascina e outra também me fascina".

10. **Nem um nem outro** *comentou*/*comentaram* o ocorrido.

Comentários:

Manter o verbo no singular é a opção que soa melhor aos nossos ouvidos, e é, mesmo, a mais adequada. Afinal, quando se diz *nem um nem outro*, o que se quer dizer é que *ninguém comentou o ocorrido*.

Entretanto, embora alguns gramáticos discordem quanto a este aspecto, ao se dizer *nem um nem outro*, pode-se pensar que *um não e outro também não comentaram o ocorrido*. Ou seja: pensar no valor de adição que a conjunção *nem* possui. Então a flexão do verbo no plural também estaria correta – ainda que não seja essa a forma mais adequada.

Resumindo:
Um ou outro: verbo no singular.
Um e outro: verbo no plural ou no singular.
Nem um nem outro: verbo no singular (mais adequada) ou no plural (menos comum).

17.1.2.6. Concordância com palavras sinônimas ou em gradação e com verbos no infinitivo

a) Sujeito composto de palavras sinônimas ou em gradação de ideias: o verbo, de preferência, concorda com o núcleo mais próximo.

b) Sujeito composto formado de verbos substantivados no infinitivo: verbo no singular.

Se forem **antônimos** ou vierem **determinados**, o verbo fica no plural.

11. Um olhar, um sorriso, um gesto *serviu/serviram* como alerta para ele.

Comentários:

Apesar de o sujeito ser composto por mais de um núcleo (*olhar*, *sorriso*, *gesto*), a concordância mais adequada é a que enfatiza o valor de gradação que esses núcleos apresentam – verbo no singular. Entretanto, o plural também está correto, até porque o sujeito é composto.

12. Estudar e trabalhar *engrandece* o homem.

13. Rir e chorar *fazem* parte da vida.

14. O falar e o escrever *caracterizam* homens dinâmicos.

Comentários:

Na frase 12, apesar de o sujeito ser composto, seus núcleos são verbos. Por isso, o verbo tem de ficar no singular. Mas na frase 13 os núcleos são antônimos: *rir* é o oposto de *chorar*; até para enfatizar a oposição entre os núcleos do sujeito (*rir/chorar*), o verbo fica no plural. Na frase 14, os artigos determinam, especificam os núcleos: o verbo ficará também no plural. Se não houvesse tais artigos, voltaríamos à situação da frase 12: o verbo ficaria no singular.

17.1.2.7. Concordância com o sujeito coletivo, com porcentagem e expressões a maioria de, grande parte de…

a) Sujeito coletivo: o verbo concorda com o sujeito coletivo.

b) O sujeito é representado pelas expressões: a maioria de, grande parte de, grande número de etc. + nome no plural = o verbo fica no **singular** ou no **plural**.

c) Sujeito formado por número percentual: o verbo concorda com o numeral ou com o termo posposto.

15. O bando *desapareceu*.

Comentários:

Ainda que *bando* dê uma ideia de pluralidade, coletivo, trata-se de um substantivo no singular: daí o verbo ficar no singular. Também que coisa horrível seria dizer *o bando desapareceram*!

16. A maioria das pessoas *gostou/gostaram* do espetáculo.

Comentários:

Com as expressões *a maioria de*, *grande parte de* etc., o verbo pode concordar com o núcleo do sujeito – que é a forma mais adequada – ou concordar com o termo posposto a ele (adjunto adnominal). Assim, teríamos duas opções: *gostou*, concordando com *maioria*, ou *gostaram*, concordando com *pessoas*. Repito: a melhor opção é a do verbo no singular, concordando com o núcleo.

Pense sempre assim: Quando houver duas opções de concordância, a melhor (a ser utilizada nas redações, em textos mais formais) será sempre aquela com o núcleo.

17. Oitenta por cento da população *acreditam/acredita* na moeda.

18. Os 30% da produção de arroz *estragaram*.

Comentários:

Para a frase 17, utilize o mesmo raciocínio da frase 16: o verbo pode ficar no plural, concordando com o núcleo, que é o numeral *oitenta*; **ou** pode concordar com o termo posposto a ele – *população* – ficando no singular. Mais uma vez, a melhor opção aqui é a concordância com o núcleo *oitenta*: verbo no plural.

Já na frase 18, o artigo aparece, e o verbo só poderá ficar no plural, concordando com esse determinante. Por isso, seria erro dizer *os 30% da produção de arroz estragou*: aqui, o verbo não

poderia concordar com o termo posposto ao núcleo (*produção de arroz*).

Na concordância com numerais, tenha cuidado de observar que até o algarismo 2, o verbo ficará no singular. Só de 2 em diante, o verbo irá ao plural. Assim, teríamos:

O 1,36 kg de queijo que comprei **está** sobre a mesa.

Seu 1,92 m **chama** a atenção de quem a vê.

Seus 2,20 m **impõem** respeito.

17.1.2.8. Concordância com as expressões qual de nós, quais de vós…

a) Sujeito constituído por **qual de nós**, **qual de vós**, **algum de nós** etc.: o verbo fica no singular.

b) Sujeito constituído por **quais de nós**, **quais de vós**, **alguns de nós** etc.: o verbo concorda com os pronomes nós/vós ou vai para a 3ª pessoa do plural.

19. **Qual de vós** *encontrará* a solução?

20. **Quais de nós** *votaram/votamos* conscientemente?

21. **Nenhum de nós** *foi* capaz de resolver o programa.

Comentários:

Ao se perguntar, na frase 19, *qual de vós encontrará a solução*, subentende-se que *somente uma pessoa* vai encontrar a solução. É por isso que o verbo concorda com o núcleo *qual*, ficando no singular, e não pode concordar com o pronome posposto ao núcleo, *vós*.

Já na frase 20, entende-se que *mais de uma pessoa* votou conscientemente. Nesse caso, o verbo pode concordar com o núcleo ou com o termo a ele posposto. Assim, teríamos: *votaram* concordando com *quais* ou *votamos* concordando com *nós*.

A frase 21 segue a mesma lógica da frase 20: ao se dizer que *nenhum foi capaz*, o pronome *nenhum* no singular exige que o verbo também fique no singular, concordando com esse pronome. É a única opção de concordância.

17.1.2.9. Concordância com as expressões mais de, cerca de…

a) O sujeito é a expressão **mais de um**: verbo no singular. se a expressão vier **repetida** ou houver ideia de **reciprocidade**, verbo no plural.

b) Com as expressões **mais de**, **perto de**, **cerca de** etc.: o verbo concorda com o termo que vem após essas expressões.

22. **Mais de um** aluno *obteve* boa nota.

23. **Mais de um** policial, **mais de um** bandido *foram mortos*.

24. **Mais de um** torcedor se *agrediram*.

Comentários:

A frase 22 mostra-nos que a lógica da língua portuguesa não é a mesma lógica da matemática. Ainda que, segundo a matemática, *mais de um aluno* sejam *dois, três* etc., o verbo deverá ficar no singular, pois o núcleo do sujeito (*aluno*) está no singular.

Já a frase 23 apresenta dois núcleos do sujeito: *policial* e *bandido*. Então, faz todo sentido manter o verbo no plural. Nesse caso, o sujeito é composto.

A frase 24 apresenta um pronome recíproco *se*, que indica pluralidade (= *um ao outro*). É por isso que, apesar de o núcleo do sujeito (*torcedor*) estar no singular, o verbo ficará obrigatoriamente no plural. É a ideia de reciprocidade do pronome que impõe isso.

25. Cerca de três alunos chegaram.

26. Perto de cem pessoas chegaram.

Comentários:

Em relação às frases 25 e 26, pense da seguinte forma: os núcleos são, respectivamente, *alunos* e *pessoas*. Logo, não há outra opção, a não ser a de o verbo concordar com esses núcleos.

17.1.2.10. Concordância com as expressões que, quem, um dos que

a) Sujeito constituído pelos pronomes **que** e **quem**: com o relativo **que** na função de sujeito, o verbo concorda com o antecedente desse pronome, com o pronome **quem**, o verbo fica na 3ª pessoa do singular ou concorda com o antecedente.

b) Expressão *um dos que*: verbo no singular ou plural.

27. Fui eu **que** *li* a carta.

28. Fomos nós **quem** *lemos/leu* a carta.

29. Aquele romance foi **um dos que** mais me *agradou/agradaram*.

Comentários:

Antes de qualquer explicação, vamos organizar a frase 27: nela há dois verbos, duas orações. Dividindo o período, teríamos:

Fui eu /que li a carta.

A 1ª oração é *fui eu*, que tem como verbo *fui* e sujeito *eu*. A 2ª oração, que restringe a 1ª, é *que li a carta*: seu verbo "*li*" tem como sujeito o pronome relativo *que*. Vamos estudar esse assunto de forma mais aprofundada no tópico sobre período composto. O fato é que o sujeito do verbo *ler* é o pronome relativo *que*, mas, como o *que* é pronome relativo (e todo relativo, como já vimos, retoma um antecedente), o verbo não concordará com o pronome em si, mas com o antecedente que ele retoma. No caso da frase 27, o antecedente do relativo é o pronome *eu*. Leia a frase como se o relativo não existisse e você não errará a concordância:

... **eu** (que) **li** a carta.

Já na frase 28, temos também duas orações:

Fomos nós /quem *lemos* (ou *leu*) a carta.

Só que aqui se trata do pronome *quem*. Com ele, há duas possibilidades de concordância. Observe:

1. Podemos considerar o pronome *quem* também como relativo (como o *que* da frase 27). Nesse caso, o verbo também concordaria com o antecedente do *quem*:

Fomos **nós** (quem) **lemos** a carta.

2. Ou podemos classificar o *quem* como pronome indefinido (= alguém). Nesse caso, o verbo concordaria com o próprio pronome *quem*:

Fomos nós **quem leu** a carta.

Construção estranha, não é? Então, coloque na ordem direta e ela lhe parecerá mais sonora:

Quem leu fomos nós.

Resumindo (frases 27 e 28):
Concordância com a palavra QUE: o pronome é classificado como relativo, e o verbo concorda com o antecedente desse relativo.
Concordância com a palavra QUEM: o verbo concordará com o antecedente do quem (nesse caso, quem é pronome relativo); ou o verbo concorda com o próprio pronome quem (aí, quem será classificado como pronome indefinido).

Vamos dividir o período da frase 29?

Aquele romance foi um dos/**que** mais me agradou (ou agradaram).

Para cada verbo, um sujeito. O sujeito da primeira oração é aquele romance. Já o sujeito da

segunda oração é o pronome relativo *que*. Temos aqui um raciocínio muito parecido com o da frase 27: o que é pronome relativo na função de sujeito do verbo agradar. O verbo deverá, portanto, concordar com o antecedente do relativo. Só que, nesse caso, têm-se dois possíveis antecedentes do que: *um* ou *dos*. É por isso que se aceitam as duas opções: a de singular (nesse caso, o pronome relativo estaria retomando o antecedente *um*) ou a de plural (e, então, o pronome relativo retomaria o pronome demonstrativo *os*, da contração *dos*).

Assim, seriam duas as possibilidades de leitura:

Aquele romance foi **um** (que) me **agradou**.

Dos (que) me **agradaram**, aquele romance foi um.

Resumindo: Com a expressão um dos que, o verbo pode ficar no singular (nesse caso, o que retomaria um, que é o núcleo da expressão); ou no plural (se o antecedente do que for o pronome os).

Caso perguntem a você qual das duas opções é a melhor, diga o de sempre: a melhor é com o núcleo da expressão. Portanto, a melhor é aquela com **verbo no singular**, concordando com **um,** núcleo da expressão **um dos que**.

17.1.2.11. Concordância ideológica (silepse)

A concordância ideológica, ou silepse, difere dos casos de concordância que vínhamos estudando, por se desviar da norma rígida, por ser uma concordância com o sentido. Então, entenda: os casos que vimos anteriormente são de concordância rígida. Os que vamos ver agora são de concordância ideológica ou psicológica. É simples: basta você conhecer as três situações em que tal desvio pode ocorrer. Vamos a elas?

1. "V. Exª. é muito simpático."

Veja que o sujeito é representado por uma palavra feminina ("excelência"), mas o adjetivo "simpático" ficou no masculino. A concordância deixou de se fazer com o vocábulo e passou a ser feita com a ideia: trata-se de homem. Do feminino ao masculino: é a **silepse de gênero**.

2. "A criançada chegou. *Alegres*, *brincavam* por todos os lados."

Observe que o adjetivo e o verbo da 2ª oração foram ao plural, apesar de *criançada* ser palavra no singular; isso ocorre em função da ideia de coletivo que a palavra *criançada* apresenta. Do singular ao plural: é a **silepse de número**.

3. “Todos somos brasileiros”.

Nem parece silepse, não é? Mas houve, sim, um desvio da concordância rígida: o sujeito *todos* é 3ª pessoa do plural (*eles*), mas o verbo foi para a 1ª pessoa do plural (*nós*). Esse recurso é muito utilizado em textos argumentativos, quando o autor quer se incluir na frase. Da 3ª pessoa à 1ª: é a **silepse de pessoa**.

Portanto, entenda que silepse é um desvio das regras rígidas de concordância. Deixa-se de concordar gramaticalmente, para se fazer uma concordância ideológica.

17.1.2.12. Concordância com verbos no infinitivo

Em nossa língua há dois infinitivos:

• **Infinitivo impessoal** – ação verbal de modo vago, indeterminado;

• **Infinitivo pessoal** – não flexionado (uma só forma para todas as pessoas)

flexionado (falar, falares, falar, falarmos...)

Falamos sobre infinitivo impessoal em sujeito indeterminado. Em relação à flexão do infinitivo, podemos sintetizar da seguinte forma:

a) **não se flexiona o infinitivo:** como verbo principal de uma locução ou quando o sujeito do infinitivo for um pronome oblíquo, antecedido dos verbos *mandar, deixar, fazer, ver, sentir, ouvir*. A flexão, no entanto, pode ocorrer se o sujeito for um substantivo.

b) **não se flexiona o infinitivo:** quando este aparecer em oração reduzida com sujeito idêntico ao do verbo da oração principal.

c) **flexiona-se o infinitivo:** quando o infinitivo tem sujeito próprio ou quando o sujeito do infinitivo está claro na frase, regido ou não de preposição (flexão facultativa).

d) **com os verbos *dever, poder, costumar* + *se* + *infinitivo* + *nome no plural*:** esses verbos ficam no singular (= sujeito oracional) ou concordam com o nome no plural.

17.2. EXEMPLOS COMENTADOS

Bem, teoria encerrada. Vamos aos exemplos comentados?

Quanto à concordância verbal, julgue as alternativas abaixo como certas ou erradas, corrigindo as frases com erro. Caso haja mais uma possibilidade de concordância, indique-a.

1. **Choveu** garrafas na cabeça do árbitro; aliás, **estava** chovendo até pilhas de rádio.

Comentários: O que é que choveu? *Garrafas choveram*. *Pilhas estavam chovendo*.

Resposta: Frase errada: O certo é *choveram* e *estavam chovendo*.

2. **Deu** dez horas o relógio da matriz, mas no meu já **deu** onze.

Comentários: *O relógio é que deu dez horas*. A primeira oração está certa. Mas a segunda oração não: o sujeito passa a ser *onze* e *no meu*, adjunto adverbial de lugar (= "no meu relógio").

Resposta: o certo é "Deu dez horas o relógio da matriz, mas no meu já *deram* onze".

3. Não **existe** nas cidades próximas nenhum posto de gasolina aberto.

Comentários: O que é que não existe nas cidades próximas? *Nenhum posto de gasolina aberto.* Ora, o núcleo do sujeito é *posto*.

Resposta: a frase está correta.

4. Não **deve** existir ciúmes em um relacionamento sincero e sadio.

Comentários: Atenção: na locução verbal, olhe para o último verbo (verbo principal), pergunte por seu sujeito, mas não se esqueça de que quem irá se flexionar ou não é o verbo auxiliar. Portanto, qual é o sujeito de *existir*? *Ciúmes*. Logo, o auxiliar deverá ficar no plural.

Resposta: a frase está errada. O certo seria dizer "Não *devem* existir ciúmes..."

5. **Acabou** as aulas, **começou** as férias.

Comentários: O que é que acabou? *As aulas.* O que é começou? *As férias.* Ambos os sujeitos estão no plural, logo os verbos deverão ficar no plural.

Resposta: o certo é: "Acabaram as aulas, começaram as férias".

6. Não **pode** faltar nas indústrias tanta matéria-prima quanto se diz.

Comentários: O que é que não pode faltar nas indústrias? *Matéria-prima*. O núcleo é singular, por isso, o verbo auxiliar deve mesmo ficar no singular.

Resposta: frase correta.

7. **Faz** dez dias que não durmo direito; **faz** cinco que não trabalho.

Comentários: Eis, nas duas orações, o verbo *fazer* com sentido de tempo decorrido. Ele é impessoal, a oração não possui sujeito. Por isso, os verbos devem mesmo ficar no singular.

Resposta: frase certa.

8. **Costuma** haver abalos de terra nesta região.

Comentários: Mais uma vez, locução verbal. Observe o último verbo: principal. Ele tem sujeito? Não, pois é *haver* com sentido de *existir*. Por isso, seu auxiliar não se flexiona, deve ficar na 3ª pessoa do singular. Cuidado: *abalos* não é sujeito, é objeto direto.

Resposta: frase certa.

9. A maioria das garrafas vazias **estão jogadas** ali no lixão.

Comentários: A locução verbal está adequadamente concordando com a expressão *garrafas vazias que, sintaticamente, é adjunto adnominal do substantivo "maioria"*. A frase está certa, mas haveria uma outra possibilidade de concordância, que, inclusive seria a mais adequada em uma redação: "A maioria das garrafas vazias está jogada...". Nesse caso, **está jogada** estaria concordando com o núcleo do sujeito **maioria**. E a concordância com o núcleo é sempre a melhor...

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de flexão.

10. Vassouras **ficam** no Estado do Rio; Campinas fica em São Paulo.

Comentários: Nome de lugar ou de obra no plural, o verbo fica no singular, a não ser que o nome seja antecedido de artigo.

Resposta: a frase está parcialmente errada. O certo é *Vassouras fica*. Quanto à segunda oração, tudo certo.

11. Os Estados Unidos **são** um país capitalista.

Comentários: Nome de lugar no plural antecedido de artigo. O verbo deverá ficar no plural, seguindo o artigo.

Resposta: frase certa.

12. Grande parte dos melões vendidos **está** madura.

Comentários: O sujeito é *grande parte dos melões*; o núcleo é *parte* e *dos melões* é o adjunto adnominal. Nessa frase, o verbo está concordando com o núcleo do sujeito. Mas poderia concordar com *melões*, que é o termo posposto. Também estaria certo dizer "Grande parte dos melões estão maduros".

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de concordância.

13. Cinco por cento da produção **se perdeu** com as chuvas, mas esses 5% não **significam** muito prejuízo.

Comentários: *Cinco por cento da produção se perdeu* ou *se perderam*: as duas estariam certas. No singular, o verbo concorda com *produção*; no plural, com o núcleo *cinco*. Quanto à segunda metade da frase, tudo certo: o verbo está adequadamente concordando com o sujeito *esses 5%*.

Resposta: frase certa.

14. 1% dos alunos daquele colégio **passaram** no vestibular.

Comentários: Aqui, haveria duas possibilidades: *passaram* concordando com *alunos* e *passou*, com *1%*.

Resposta: a frase está certa, e haveria mais uma opção de flexão do verbo.

15. Os 15% de comissão **foram** para Hersílio, e não para mim.

Comentários: Já que a porcentagem vem antecedida de determinante (artigo), o verbo só pode concordar com o numeral 15%.

Resposta: frase certa.

16. Foram eles que **pagaram** as despesas; fomos nós que **comemos**.

Comentários: Quando o sujeito é *que*, o verbo concorda com o antecedente do relativo. Nas orações acima, os antecedentes eram *eles* e *nós*.

Resposta: frase correta.

17. Foram eles quem **pagou** as despesas; fomos nós quem **comeu**.

Comentários: Com *quem*: o verbo fica no singular ou concorda com o termo que vem antes do *quem*. Poderíamos também dizer *foram eles quem pagaram, fomos nós quem comemos*.

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de flexão.

18. Algum de nós **morrerá** antes do ano 2030.

Comentários: O núcleo da expressão é singular, o verbo só pode concordar com ele.

Resposta: frase certa.

19. Alguns de nós **morrerão** antes do ano 2030.

Comentários: O núcleo da expressão é plural (*alguns*): o verbo pode concordar com o núcleo ou com o termo que vem posposto (*nós*). Logo, estaria também certo dizer *alguns de nós morreremos*.

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de flexão.

20. Cada um de nós seis **compraremos** um livro.

Comentários: Com a palavra *cada*, o verbo deverá ficar no singular. Lembre-se: a palavra *cada* individualiza o núcleo. O certo seria dizer "Cada um de nós seis comprará...".

Resposta: frase errada.

21. V. Exª. **ireis** viajar amanhã?

Comentários: Com pronome de tratamento, o verbo fica na 3ª pessoa do singular. O certo seria dizer "V. Exª. *irá* viajar amanhã?"

Resposta: frase errada.

22. Mais de um abacate **apodreceram**, menos de duas peras **foi comida**.

Comentários: O núcleo do 1º sujeito é *abacate* e do 2º, *peras*. Por isso, certo seria dizer "Mais de um abacate apodreceu..., menos de duas peras foram comidas".

Resposta: frase errada.

23. Fui um dos que não **disse** nada na reunião.

Comentários: *Disse* concordando com *um*; *disseram* concordando com **dos**. Por isso, tanto faz dizer *fui um dos que disse*, como *fui um dos que disseram*.

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de flexão.

24. Perto de três crianças **se perderam** na praia.

Comentários: O núcleo do sujeito é *crianças*. Por isso, o verbo está no plural.

Resposta: frase certa.

25. **Bastará** três pessoas para erguer esse peso.

Comentários: Organize a frase: *três pessoas bastarão*.

Resposta: frase errada.

26. **Passará** logo meu interesse e minha esperança.

Comentários: Sujeito composto posposto. Tanto faz: o verbo ficou no singular concordando com o núcleo mais próximo, mas também poderia ter ido ao plural, concordando com todos os núcleos.

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de concordância ("passarão").

27. **Abraçaram-se** o rapaz e a garota.

Comentários: Com o pronome *se* recíproco, o verbo deverá ficar apenas no plural.

Resposta: frase certa.

28. Luís e Manuel vadiaram o ano todo; um e outro rapaz, mesmo assim, **passou**.

Comentários: Um e outro: verbo no singular ou no plural.

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de concordância ("passaram").

29. Nem um nem outro caçador **conhecem** esta região.

Comentários: Embora não seja comum, essa construção não está errada. O mais correto, entretanto, seria dizer "Nem um nem outro caçador conhece...".

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de flexão.

30. Um dia, uma hora, um minuto, **bastam** para acontecer uma tragédia.

Comentários: Sujeito composto de núcleos em gradação: singular (mais adequada) ou plural.

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de flexão *(basta)*.

31. Comer e dormir em seguida **engorda**.

Comentários: Núcleos do sujeito composto com verbos no infinitivo: o verbo fica no singular.

Resposta: frase certa.

32. O comer bem e o dormir bastante **engordam**.

Comentários: Agora, os verbos estão antecedidos de artigo. O verbo deve ficar no plural.

Resposta: frase certa.

33. Céu, mar, terra, rios, sol, planetas, animais, tudo se **constitui** dos mesmos elementos.

Comentários: O pronome *tudo* resume as informações anteriores. O verbo deve concordar com o pronome, ficando no singular.

Resposta: frase certa.

34. O príncipe com a princesa **estiveram** na festa.

Comentários: Tanto faz: plural ou singular. O plural enfatiza os dois núcleos; o singular enfatiza o primeiro.

Resposta: f frase está certa e teria outra possibilidade de concordância ("esteve").

35. Filipe ou Virgílio **dirigirá** o automóvel.

Comentários: *Só um vai dirigir*: *ou* com valor de exclusão. O verbo deverá ficar no singular.

Resposta: frase certa.

36. A vida ou a morte eternas não **existe**.

Comentários: Agora, *ou* com valor de adição. O que se quer dizer é que a vida *e* a morte eternas não *existem*.

Resposta: frase errada.

17.3. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Complete com as formas verbais adequadas.

1. Altamente irreais, suas palavras só _____ valores supérfluos. (contém/contêm)
2. "A ordem social e humana nem sempre se _____ sem o grotesco." (alcança/alcançam)
3. _____ muito barulho aqueles meninos. (Faz/Fazem)
4. _____ vinte minutos para as dez horas. (Falta/Faltam)
5. _____ duas palavras de incentivo. (Basta/Bastam)
6. Vossa Excelência _____ triste com a repercussão do caso. (ficou/ficastes)
7. Vossas Excelências _____ tristes com a repercussão (ficaram/ficastes)
8. _____ propostas de trabalho para ele. (Choveu/Choveram)
9. _____ existir dúvidas sobre aquele ponto da matéria. (Deve/Devem)
10. _____ ocorrer novas rebeliões. (Poderá/Poderão)
11. Embora _____ ocorrido alguns distúrbios, ele não se inteirava da condição do mundo. (tivesse/tivessem)
12. Eles _____ entender o problema (parecia/pareciam)

13. _____ sala comercial. (Aluga-se/Alugam-se)

14. _____ salas comerciais. (Aluga-se/Alugam-se)

15. _____ medidas para baratear os produtos editoriais. (Impõe-se/Impõem-se)

16. _____ cinco horas no relógio da sala. (Deu/Deram)

17. _____ cinco horas o relógio da sala. (Deu/Deram)

18. _____ uma hora. (Soou/Soaram)

19. _____ seis horas no relógio da igreja. (Bateu/Bateram)

20. Mais de um caso _____. (foi analisado/foram analisados)

21. Mais de um amigo se _____. (abraçou/abraçaram)

22. Mais de dois casos _____. (foi analisado/foram analisados)

23. Cerca de trinta pessoas _____ mudanças. (exigia/exigiam)

24. Qual de nós _____ do caso? (cuidará/cuidaremos)

25. Algum de nós _____ a tempo. (chegará/chegaremos)

26. Quais de nós _____ do caso? (cuidarão/cuidaremos)

27. Alguns de nós _____ a tempo. (chegarão/chegaremos)

28. A maioria dos professores _____ à cerimônia de posse do novo reitor. (compareceu/compareceram)

29. A maior parte da turma _____ ao primeiro dia de aula. (faltou/faltaram)

30. Setenta por cento da turma _____ de ano. (passou/passaram) / Os setenta por cento da turma _____ de ano. (passou/passaram)

31. Setenta por cento dos eleitores não _____ nos governantes. (confia/confiam)

32. Um por cento do eleitorado _____ o voto. (anulou/anularam)

33. Um por cento dos eleitores _____ o voto. (anulou/anularam)

34. Os Estados Unidos _____ perversamente _____ em 11 de setembro. (foi; atacado/foram; atacados)

35. Minas Gerais _____ a visita de dois ministros. (recebeu/receberam)

36. Os Lusíadas _____ uma epopeia. (conta/contam)

37. Fernanda e Guilherme _____ aqui agora há pouco. (estava/estavam)

38. _____ aqui agora há pouco Fernando e Guilherme. (Estava/ Estavam)

39. Acordava de manhã e lá _____ o meu pão torrado, o meu chá e o meu ovo cozido. (estava/estavam)

40. O diretor e o chefe _____ entender o problema. (parecia/pareciam)

41. Ela e eu _____ para jantar. (saíram/saímos)

42. _____ ela e eu para jantar. (Saímos/Saiu)

43. _____ irmão e irmã. (Abraçou-se/Abraçaram-se)

44. Chás, política, escândalos, nada _____ a sua concentração. (atrapalhava/atrapalhavam)

45. Engenheiros, técnicos, secretárias, todos _____. (foi demitido/foram demitidos)

46. O funcionário com o chefe _____ cedo. (chegou/chegaram)

47. O funcionário, com o chefe, _____ cedo. (chegou/chegaram)

48. Wilson ou Ricardo _____ o novo presidente do conselho fiscal. (será/serão)

49. O funcionário ou os funcionários _____ o novo representante. (anunciará/anunciarão)

50. O riso ou a lágrima _____ parte da minha vida. (faz/fazem)

51. A competição, a disputa não o _____. (seduzia/seduziam)

52. A paixão, o devotamento, a alma não _____ àquele homem. (falta/faltam)

53. Correr e nadar _____ parte do treinamento diário daquele atleta. (faz/fazem)

54. Agora, calar e falar já não _____ nada. (adianta/adiantam)

55. O falar e o escrever _____ dele um aluno especial. (fazia/faziam)

56. _____ bastante por aqui. (Trabalha-se/Trabalham-se)

57. _____ às ordens. (Obedeceu-se/Obedeceram-se)

58. _____ aos levantamentos. (Procedeu-se/Procederam-se)

59. Nunca se _____ totalmente pessimista. (é/são)

60. É preciso _____ com a impunidade no país. (acabar/acabarem)

61. _____ bastante em alguns bairros. (Choveu/Choveram)

62. _____ dúvidas sobre aquele ponto da matéria. (Havia/Haviam)

63. _____ vantagens para o índio no contato com o civilizado. (Havia/Haviam)

64. _____ haver vantagens para o índio no contato com o civilizado. (Devia/Deviam)

65. _____ haver novas rebeliões. (Poderá/Poderão)

66. Falei da angústia que _____ dias me devorava. (havia/haviam)

67. _____ dez meses que não recebo notícias dele. (Faz/Fazem)

68. _____ para dois anos de sua partida. (Vai/Vão)

69. _____ reclamações. (Chega de/Chegam de)

70. _____ duas horas. (Passa de/Passam de)

71. _____ que estejas aqui na hora marcada. (Convém/Convêm)

72. _____ mudar as regras. (Convém/Convêm)

73. _____ que as reações não podem ser diferentes. (Está claro/Estão claros)

74. Os dois _____ que haviam acabado de comer a maçã proibida. (parecia/pareciam)

75. Os dois _____ entenderem o problema. (parecia/pareciam)

76. _____ agora que tudo era mentira. (Sabe-se/Sabem-se)

77. Um e outro tipo _____ marcas profundas. (deixou/deixaram)

78. Nem o pai nem a mãe _____ o problema. (resolveu/resolveram)

79. Não só o funcionário mas também o diretor se _____ para a reunião. (atrasou/atrasaram)

80. Um ou outro estilo _____. (agrada/agradam)

81. Nem um nem outro trabalho _____ elogio. (recebeu/receberam)

82. Fui eu que _____ a verdade. (falei/falou)

83. Fomos nós que _____ a verdade. (falou/falamos)

84. Era árdua a tarefa que os _____ juntos. (mantinha/mantinham)

85. Fui eu quem _____ a verdade. (falei/falou)

86. Sou eu quem _____ a conta. (paga/pago)

87. Fomos nós quem _____ a verdade. (falou/falamos)

88. Ele é um dos jovens que _____ esse moderno sistema de telefonia. (usa/usam)

89. Aquele escritor foi um dos brasileiros que mais _____ no futuro do país. (acreditou/acreditaram)

90. "Napoleão foi um dos guerreiros de fama que _____ na ilha de Santa Helena." (morreu/morreram) (Ivan Alves)

91. O prédio _____ ruínas. (era/eram)

92. Tudo _____ ilusões. (é/são)

93. Guilherme _____ as preocupações da família. (era/eram)

94. O responsável _____ eu. / Eu _____ o responsável. (é/sou)

95. Os responsáveis_____ nós. / Nós _____ os responsáveis. (são/somos)

96. Quem _____ os representantes da turma? (era/eram)

97. O que _____ conectores? (é/são)

98. Os homens _____ complicam as coisas. (é que/são que)

99. _____ aquelas palavras que me serviram como estímulo. (Foi/Foram)

100. Vinte quilos _____. (é muito/são muito)

101. Cinco pessoas _____. (é suficiente/são suficientes)

102. _____ dez horas. (É/São)

103. _____ uma hora e vinte. (Era/Eram)

104. Hoje _____ seis de dezembro. (é/são)

105. Daqui a minha casa _____ três quilômetros. (é/são)

106. As pessoas pareciam _____ o problema. (entender/entenderem)

107. Resolvemos _____ rapidamente. (agir/agirem)

108. Mandei-os _____ os ingressos. (devolver/devolverem)

109. Viu-os _____ imóvel. (chegar/chegarem)

110. Fê-los _____. (chorar/chorarem)

111. Fez os ouvintes _____. (chorar/chorarem)

112. Minha filha chegou sem _____. (perceber/percebermos)

113. Os empresários falaram no preço que pagam para _____ negócio no Brasil. (fazer/fazerem)

114. Não se _____ proibir manifestações do povo. (deve/devem)

115. Os cariocas _____ um povo alegre. (verbo SER, silepse de pessoa)

116. A multidão não se continha. _____ justiça. (verbo PEDIR, silepse de número)

II. Levando em consideração as regras de concordância verbal, marque certo (C) ou errado (E).

1. ( ) A presença de pessoas estranhas, num momento como este, poderiam perturbar a atenção das candidatas, até aqui inteiramente dirigida para as questões da prova.
2. ( ) Quando se aplicam a todos os seres de uma espécie ou quando designam abstrações, o substantivo é chamado "comum".
3. ( ) Os peregrinos, que em longa caravana caminhavam respeitosos, mostravam-se dispostos a enfrentar qualquer adversidade que se lhes apresentasse.
4. ( ) Já era quase nove horas, nenhum dos meninos pareciam querer se levantar, nada faziam os pais imaginarem os rumores da véspera.
5. ( ) Com a canção popular, hoje, costuma ocorrer frequentemente fatos diversos.
6. ( ) Com a canção popular, hoje, podem haver fatos diversos.
7. ( ) Há uma série de outras motivações que não cabe aqui mencionar.
8. ( ) É uma cidade onde falta verdade, honra e vergonha.
9. ( ) Os fatos que houveram causaram espanto, por ter sido os carros-bomba lançados contra um grupo de crianças inocentes.
10. ( ) Na discussão do assunto, lança-se mão de dois recursos, com base em dados socioeconômicos.
11. ( ) Tratam-se, talvez, das referências mais citadas para defender valores mais expressivos para os salários-família.
12. ( ) Não se apanha moscas com vinagre.
13. ( ) Com o projeto, fornecer-se-ão dados estatísticos sobre a propagação da Aids no país.
14. ( ) Alterou-se cerca de 600 palavras.
15. ( ) Indenizar-se-á em dinheiro as benfeitorias úteis e necessárias.

16. ( ) Não se poderiam esquecer tantas emoções.

17. ( ) Em outros campos, despreza-se palavras que dão o seu recado com eficiente simplicidade.

18. ( ) Havia um templo em que se cultuavam aos deuses.

19. ( ) No fim do mês, feitas as contas, veem-se que os gastos foram absurdos.

20. ( ) Ao se tomar conhecimento dos números dessas pesquisas, fica-se perplexo.

21. Esperam-se que não surjam, no atual cenário latino-americano, os aventureiros de sempre.

22. ( ) Um por cento da população brasileira buscam profissionalizar-se.

23. ( ) Quarenta por cento da população brasileira busca profissionalizar-se.

24. ( ) 1,13% morreu em acidentes de trânsito.

25. ( ) 1,20% dos jovens morreram por outras razões.

26. ( ) 12,49% dos jovens morrem em acidentes.

27. ( ) Trinta por cento da conta de energia correspondem ao consumo gerado por chuveiro elétrico e geladeira.

28. ( ) Se o consumo é muito alto, umas poucas providências em casa já o reduz.

29. ( ) Vários voluntários procuram os Centros de Testagem Anônima; quinze por cento, aproximadamente, apresenta resultado positivo.

30. ( ) O grande responsável pelo reequilíbrio das reservas foi o povo, a quem coube muitos sacrifícios.

31. ( ) Sempre existirão os que aceitam a economia de mercado, como sempre haverão os que lhe são contrários.

32. ( ) Quantos dias faz que não o vemos? Há de haver bem uns dez.

33. ( ) Não me haviam alertado para o perigo os técnicos do laboratório.

34. ( ) Refaria esses trabalhos e quantos mais houvessem para refazer.

35. ( ) Pouco mais de mil pessoas havia nas salas de aula.

36. ( ) Houveram por bem sair mais cedo os professores.

37. ( ) É provável que hajam falhas graves nesse projeto.

38. ( ) Os Estados Unidos não tinha a necessária infraestrutura para recrutar voluntários.

39. ( ) A Fundação Instituto Oswaldo Cruz com a Universidade Federal de Minas Gerai

iniciaram um projeto de verificação da incidência de HIV em homossexuais e bissexuais.

40. ( ) O Hospital Clementino Fraga Filho é um dos que selecionarão pessoas para determinar a incidência de HIV em homossexuais e bissexuais entre 18 e 35 anos.
41. ( ) Os Lusíadas são o grande poema épico de Portugal.
42. ( ) Na juventude tudo são alegrias.
43. ( ) Convêm descobrir as fórmulas secretas.
44. ( ) São atitudes como essa que te convém evitar.
45. ( ) Pensou-se que faltava algumas modificações.
46. ( ) Podiam haver divergências entre pronúncia e grafia.
47. ( ) Não podia haver mais complicações.
48. ( ) Já vai fazer dez anos que me radiquei em Fortaleza.
49. ( ) Falta-nos a paixão, o devotamento, a alma.
50. ( ) Houve erros de previsão grosseiros.
51. ( ) Não haverão de mim nada com ameaças.

III. Complete as lacunas com a(s) forma(s) adequada(s).

1. _____ ele, você e eu esperando o chefe. (Ficamos/Ficou)
2. Brasileiros e latino-americanos _____ constantemente a crítica da prevalência. (fazem/fazemos)
3. _____ nas classes trabalhadoras o desejo de ter acesso à leitura. (Aumenta/Aumentam)
4. A maioria dos nossos produtos editoriais não _____ ao orçamento doméstico do trabalhador. (é acessível/são acessíveis)
5. _____ um estudo mais acurado as ideias de baratear a comercialização dos produtos editoriais. (Merece/Merecem)
6. Vislumbra-se um mundo em que tudo _____ botões de computador. (é/são)
7. Tudo, carrinhos, robôs e bonecas, _____ adquirir nova forma e valor nas mãos da criança. (pode/podem)
8. Nem a criança nem o adulto _____ deixar de continuamente exercer o poder de

criar. (deve/devem)

9. Grande parte dos objetos hoje utilizados numa casa _____ do processo de industrialização. (resulta/resultam)

10. Tu e eu _____ convencidos de que _____ em erro. (seremos/sereis; andamos/andais)

11. A maioria das pessoas aqui não _____ do que está falando. (sabe/sabem)

12. Um e outro ecologista _____ contra a derrubada de eucaliptos. (protestou/protestaram)

13. _____ dar quatro horas no relógio da praça. (Ia/Iam)

14. _____ o meio ambiente a comunidade e o vigário. (Defendia/Defendiam)

15. A história que vou referir só a _____, em toda esta cidade, minha mulher e eu. (sabe/sabemos)

16. Não _____ falta nenhuma o eucalipto e os cupins. (faz/fazem)

17. O perito e assistente técnico _____ de todos os meios necessários para o desempenho de suas funções. (utilizou-se/utilizaram-se)

18. Os Estados Unidos _____ uma grande potência. (é/são)

19. Alagoas _____ um belo estado. (é/são)

20. Os Lusíadas _____ o grande poema épico da literatura portuguesa. (é/são)

21. Vinte reais _____ suficiente. (é/são)

22. Já _____ uma hora da tarde e ele ainda não chegou. (é/são)

23. "E quanto enfim cuidava e quanto via, _____ tudo memórias de alegria." (Camões) – (era/eram)

24. _____ V. Exª os meus votos de distinta consideração. (Aceita/Aceitais)

25. Cada um dos jogadores daquele quadro já _____ um prêmio. (ganhou/ganharam)

26. Qual de vocês _____ o rio? (atravessará/atravessarão)

27. Qual dos três cientistas _____ o prêmio este ano? (ganhará/ganharão)

28. Quanto de nós _____ realmente dispostos a ajudar o próximo? (estarão/estaremos)

29. _____ três anos que ele viajara para Belém. (Fazia/Faziam)

30. Na reunião só _____ cinco representantes do sindicato. (havia/haviam)

31. _____ árvores derrubadas perto do rio. (Havia/Haviam)

32. "Os sentenciados _____ do poder público a comutação da pena." (G. Góis) – (houve/houveram)

33. _____ existir pelo menos mais de três documentos guardados. (Deve/Devem)

34. _____ haver campanhas educativas sobre o trânsito de nossa cidade. (Deveria/Deveriam)

35. O projeto de integração que _____ realizando as frágeis democracias _____, _____ e _____ é um esforço inegavelmente significativo para o cone sul. (vem/vêm; uruguaia, argentina e brasileira/uruguaias, argentinas e brasileiras)

36. _____ as regras de mera convenção ser menosprezadas. (Pode/Podem)

37. No caso não _____, nem jamais _____, asseguro-lhe, prevenções de ordem pessoal. (existe/existem; existiu/existiram)

38. Não se _____ esquecer tantas atenções. (poderia/poderiam)

39. _____ todos os ritmos da metrificação portuguesa. (Adotou-se/Adotaram-se)

40. A forma de morte em questão é a seguinte: inicialmente _____ as mãos de uma pessoa. (amarra-se/amarram-se)

41. Oitenta por cento dos alunos _____ preparados. (está/estão)

42. Está acertado que 1% dos recursos _____ para a educação, e os 99% restantes _____ em obras de saneamento básico do município. (irá/irão; será empregado/serão empregados)

43. Grande parte das poesias não _____ uniformidade nas estrofes. (tem/têm)

44. Grande número de programas _____ sido _____, nos EUA, para áreas consideradas prioritárias pelo Estado, como matemática e ciências. (tem/têm; direcionado/direcionados)

45. A maioria dos jovens _____ acompanhando pelos jornais as notícias sobre a

Croácia. (vem/vêm)

46. Foi o prefeito César Maia quem _____ a pregar a solução. (correu/correram)

47. As sardinhas fomos nós quem _____. (pescou/pescamos)

48. Fui eu quem _____ um manifesto contra irregularidades dessa repartição. (encabeçou/encabecei)

49. Não fui a que _____ primeiro. (cheguei/chegou)

50. "Um dos soldadinhos que me _____ chorava como um desgraçado." (G. Ramos) – (acompanhava/acompanhavam)

51. Ele é um dos que mais _____ o meio ambiente. (defende/defendem)

52. Mais de um nativo _____ o problema. (entendeu/entenderam)

53. "Aqui _____ a burguesia, o mercador, a população." (Eça de Queiroz) – (habita/habitam)

54. Naquela guerra entre quadrilhas, _____ um dos chefes e alguns moradores das proximidades. (morreu/morreram)

55. O certo e que o orgulho, a soberba _____ verdades supremas. (cobre/cobrem)

56. Quando chove, as árvores _____ que ficam verdes. (parece/parecem)

57. Eram casos fortuitos que não _____ em seu poder prevenir. (estava/estavam)

58. Os ritmos utilizados me pareceu _____ melhor com o que eu pretendia exprimir. (quadrar/quadrarem)

59. _____-lhes aclarar muitos pontos importantes. (Falta/Faltam)

60. São atitudes como essa que _____ evitar. (convém/convêm)

61. "O conselho se reuniu, e _____ recomeçar a guerra." (B. Guimarães) – (decidiu/decidiram)

62. Não _____ nexos lógicos entre "tom de documentário" e "convenção de novela", por se _____ de assuntos diferentes. (ocorre/ocorrem; tratar/tratarem)

63. A premissa é a de que de uma quantidade menor de línguas _____ menos maneiras diferentes de pensar, menos chances para desentendimentos e conflitos. (decorrerá/decorrerão)

64. “Mas não _____ o governo, o sistema, o modelo social os únicos responsáveis (ou irresponsáveis) nessa situação.” (E. Franchi) – (é/são)

65. “Mas, para Adélia, nem tudo _____ elogios e, de vez em quando, até um grande poeta tem que conviver com o amargor da faca afiada da crítica.” (é/são)

66. Nas conversas dos parlamentares e juristas, no Congresso, o assunto _____ sempre as trapalhadas do governo para conter a inflação e a base monetária. (era/eram)

67. Nas conversas de sindicalistas e economistas, no DIEESE, o assunto _____ sempre as altas taxas de desemprego e o arrocho salarial. (era/eram)

68. Nada mal para as empresas que, mesmo sem capital de giro e sem condições de vender, por falta de compradores, _____ de se ajustar, demitindo pessoal. (haverá/haverão)

69. Ninguém sabe se _____ haver ou não novas inscrições para o concurso anunciado há duas semanas. (vai/vão)

70. Todas as opiniões que _____ entre os participantes do encontro seriam debatidas democraticamente. (houvesse/houvessem)

71. Embora muitas dificuldades _____ surgido, os trabalhos foram concluídos em tempo hábil. (houvesse/houvessem)

72. Se _____ desistências, as vagas não poderão ser preenchidas por candidatos sem habilitação legal. (houver/houverem)

73. _____, entre os meses de outubro e dezembro, ocorrido pancadas de chuva tão violentas que as estradas estavam em péssimas condições. (Havia/Haviam)

74. “Mas _____ livros que, lidos no momento certo, fizeram de mim a pessoa que sou.” (houve/houveram)

75. “Nem os olhos nem o gesto _____ poesia nenhuma.” (Machado de Assis) – (tinha/tinham)

76. Tudo mal para os trabalhadores que, com a demissão batendo à porta, devido à crise recessiva, _____ de se contentar com o rebaixamento do poder aquisitivo. (terá/terão)

77. As condições concretas, sociais, políticas e econômicas em que foram executados os planos

de estabilização de economias em estado de crise, durante o nosso século, _____ cética nossa visão sobre o futuro. (torna/tornam)

78. Para completar o elenco de "Uma relação tão delicada" foi chamado o ator R. Adruim, a quem _____ dois papéis ingratos – o de namorado de Charlotte e o de marido de Jeanne... (coube/couberam)

79. Desta forma, solicito que nos _____ mais alguns dias para entregar o material. (seja concedido/sejam concedidos)

80. Estamos encaminhando, para _____ em reunião da comissão tripartite, as normas para eleição do novo chefe do Departamento. (ser apreciado/serem apreciadas)

81. É sabido que de uma maneira geral a qualidade dos Sistemas de Informação desenvolvidos _____ muito longe das satisfações e necessidades de seus usuários. (está/estão)

Gabarito: I – 1. contêm; 2. alcança; 3. Fazem; 4. Faltam; 5. Bastam; 6. ficou; 7. ficaram. Obs.: Pronome de tratamento leva o verbo para a 3ª pessoa; 8. Choveram (o verbo "chover", aqui, não é impessoal, pois aparece com sentido figurado. Seu sujeito é "propostas"); 9. Devem; 10. Poderão (na locução verbal, quem se flexiona é o verbo auxiliar: se o sujeito aparecer no plural, o verbo auxiliar ficará no plural); 11. tivessem; 12. pareciam; 13. Aluga-se (sujeito: sala / Sala comercial é alugada.); 14. Alugam-se (sujeito: salas / Salas comerciais são alugadas.); 15. Impõem-se (sujeito: medidas /Medidas são impostas.); 16. Deram; 17. Deu; 18. Soou; 19. Bateram; 20. foi analisado 21. abraçaram (nesse caso, com pronome recíproco, verbo no plural); 22. foram analisados; 23. exigiam; 24. cuidará; 25. chegará; 26. cuidarão ou cuidaremos; 27. chegarão ou chegaremos; 28. compareceu ou compareceram; 29. faltou; 30. passaram ou passou / passaram; 31. confiam; 32. anulou; 33. anulou ou anularam; 34. foram atacados; 35. recebeu; 36. conta ou contam (com nome de "obra", aceita-se a concordância com a ideia, no singular.); 37. estavam; 38. Estava ou Estavam; 39. Estava ou estavam; 40. pareciam; 41. Saímos [3ª pessoa (ela) + 1ª pessoa (eu) = 1ª pessoa do plural (nós)]: com sujeito composto representado por pessoas diferentes, o verbo vai ao plural da pessoa que tiver preferência – a 1ª pessoa prevalece sobre a 2ª pessoa e a 3ª pessoa; a 2ª pessoa prevalece sobre a 3ª: Tu e ela chegastes ou chegaram. Nesse caso, aceita-se a 3ª pessoa do plural – chegaram – , pois o "vós" está em desuso; 42. Saímos ou Saiu (Verbo anteposto a sujeito composto: concorda com todos os núcleos ou com o mais próximo.); 43. Abraçaram-se ("se" recíproco – verbo na 3ª pessoa do plural); 44. atrapalhava (caso 2 – b); 45. foram demitidos (idem); 46. chegaram ou chegou; 47. chegou (É a melhor concordância. Algumas gramáticas, porém, aceitam o plural nesse tipo de construção.); 48. será; 49. anunciarão; 50. fazem; 51. seduzia ou seduziam; 52. falta ou faltam; 53. faz; 54. adiantam; 55. faziam; 56. Trabalha-se; 57. Obedeceu-se; 58. Procedeu-se; 59. é; 60. acabar; 61. Choveu; 62. Havia; 63. Havia; 64. Devia; 65. Poderá; 66. havia; 67. Faz 68. Vai; 69. Chega de; 70. Passa de; 71. Convém; 72. Convém; 73. Está claro; 74. parecia (= Parecia/que os dois haviam acabado de comer a maçã proibida); 75. parecia (= Parecia/ que os dois entenderam o problema); 76. Sabe-se; 77. deixou ou deixaram; 78. resolveu ou resolveram; 79.

atrasaram (é a preferência); 80. agrada; 81. recebeu ou receberam; 82. falei; 83. falamos; 84. mantinha; 85. falei ou falou; 86. paga ou pago; 87. falou ou falamos; 88. usa ou usam; 89. acreditou ou acreditaram; 90. morreu (o sentido exige o singular); 91. era ou eram; 92. é ou são; 93. era; 94. sou/sou; 95. somos/somos; 96. eram; 97. são; 98. é que; 99. Foram; 100. é muito; 101. é suficiente; 102. São; 103. Era; 104. são; 105. são; 106. entender; 107. agir; 108. devolver; 109. chegar; 110. chorar; 111. chorar ou chorarem; 112. percebermos (sujeito próprio); 113. fazer ou fazerem; 114. deve ou devem; 115. somos; 116. Pediam.

II – 1. E – A presença ... poderia perturbar; 2. E – Quando se aplica ... o substantivo ...; 3. C; 4. E - Já eram ... nove horas ; nenhum dos meninos parecia ... ; nada fazia ...; 5. E – ...costumam ocorrer ... fatos; 6. E – pode haver; 7. C; 8. C; 9. E – houve ; terem sido lançados; 10. C; 11. E – Trata-se - Sujeito indeterminado, o "se" é indeterminador; 12. E – apanham – O "se" é apassivador, o sujeito é "moscas"; 13. C; 14. E – Alteram-se ... palavras – O "se" é apassivador; 15. E – Indenizar-se-ão ... as benfeitorias – O "se" é apassivador; 16. C – caberia também "poderia" – Ver "Flexão do Infinitivo" d); 17. E – desprezam-se palavras ... A explicação é a mesma das frases 12 a 15.); 18. E – se cultuava – Sujeito indeterminado, "se" indeterminador; 19. E – vê-se – Sujeito oracional "que os gastos foram absurdos", verbo da oração principal no singular; 20. C; 21. E – – A mesma explicação da frase 19 Espera-se/que...); 22. E – Um por cento da população busca...; 23. C – ou buscam; 24. C; 25. C – ou morreu; 26. C; 27. C – ou corresponde; 28. E – ... providências .. reduzem; 29. E – apresentam; 30. E – ... a quem couberam muitos sacrifícios; 31. E – haverá; 32. C 33. C; 34. E – houvesse; 35. C; 36. C – o "haver", aqui, não é impessoal; 37. E – haja; 38. E - tinham; 39. C – ou iniciou; 40. C – ou selecionará; 41. C – ou é; 42. C – ou é; 43. E - Convém/descobrir... sujeito oracional); 44. C; 45. E – ... faltavam ... modificações; 46. E – Podia haver; 47. C; 48. C; 49. C; 50. C; 51. C – o "haver", aqui, não é impessoal.

III – 1. Ficamos ou Ficou; 2. fazem ou fazemos (silepse); 3. Aumenta; 4. é acessível ou são acessíveis; 5. Merecem; 6. é ou são; 7. pode; 8. deve ou devem; 9. resulta ou resultam; 10. seremos/andamos; 11. sabe ou sabem; 12. protestou ou protestaram; 13. Iam; 14. Defendia ou Defendiam (verbo anteposto a sujeito composto); 15. sabe ou sabemos (idem); 16. faz ou fazem (idem); 17. utilizou-se (é uma pessoa só: Ele é perito e assistente); 18. são; 19. é; 20. é ou são; 21. é; 22. é; 23. era ou eram; 24. Aceita; 25. ganhou; 26. atravessará; 27. ganhará; 28. estarão ou estaremos; 29. Fazia; 30. havia; 31. Havia; 32. houveram; 33. Devem; 34. Deveria; 35 vêm/uruguaia, argentina e brasileira; 36. Podem; 37. existem/existiram; 38. poderiam ou poderia; 39. Adotaram-se; 40. amarram-se; 41. estão; 42. irá ou irão/serão empregados; 43. tem ou têm; 44. tem sido direcionado ou têm sido direcionados; 45. vem ou vêm; 46. correu; 47. pescou ou pescamos; 48. encabeçou ou encabecei; 49. chegou; 50. acompanhava ou acompanhavam; 51. defende ou defendem; 52. entendeu; 53. habita ou habitam; 54. morreu ou morreram; 55. cobre ou cobrem (núcleos sinônimos); 56. parece (Parece/que as árvores...). or.princ. or.subjetiva; 57. estava (prevenir casos não estava em seu poder); 58. quadrarem (Pareceu-me/que os ritmos quadravam melhor). or.princ. or.subjetiva; 59. Falta-lhes/aclarar... or.princ. or.subjetiva (reduzida de infinitivo); 60. Convém/evitar (idem); 61. decidiu ou decidiram (silepse); 62. ocorrem/tratar; 63. decorrerão; 64. é ou são; 65. é ou são; 66. era ou eram; 67. era ou eram; 68. haverão; 69. vai; 70. houvesse; 71. houvessem; 72. houver; 73. Haviam; 74. houve; 75. tinha ou tinham; 76. terão; 77. tornam; 78. couberam; 79. sejam concedidos; 80. serem apreciadas; 81. está.

17.4. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Por fim, vamos às questões. FCC, Vunesp, Cespe-UnB e Cesgranrio são algumas das bancas qu mais trabalham questões de concordância verbal em suas provas. Aproveite cada alternativa, procurando explicar a regra de concordância utilizada na frase.

1. (FCC/TRE-AP) As normas de concordância verbal estão inteiramente respeitadas na frase:

a) Sempre houve quem esbanjassem os recursos naturais.

b) Se não houverem trabalho nem produção, não haverá atividade econômica.

c) Alimentava-se muitas ilusões quanto ao custo e à disponibilidade da água.

d) Nenhuma saída a curto prazo se avistam em nossos horizontes.

e) Poderão vir a faltar outros recursos naturais, se não os pouparmos.

Comentários:

A letra A traz o pronome "quem" como sujeito do verbo esbanjar, portanto, verbo no singular (... *quem esbanjasse...*). Na B, o verbo "haver" é impessoal (sentido de existir, não varia). Na letra C, o pronome é apassivador ("Alimentavam-se muitas ilusões" é o mesmo que "Muitas ilusões eram alimentadas", verbo no plural). Na opção D, o núcleo do sujeito (saída) está no singular, verbo no singular. A letra E, está correta, pois o núcleo do sujeito está no plural (recursos). Vimos que, na locução verbal, quem se flexiona é o verbo auxiliar.

Resposta: E.

2. (Cesgranrio) Entre os que observavam os acontecimentos _____ muitos gritos.

De acordo com a norma culta da língua, a forma verbal que deve ser usada para preencher a lacuna acima é:

a) aconteceu

b) houve

c) houveram

d) ouviu-se

e) percebeu-se

Comentários:

Nesta questão, há três opções que trazem verbos pessoais, que possuem sujeito (letras A, D e E).

Como o sujeito é "muitos gritos", esses verbos viriam no plural (aconteceram, ouviram-se, perceberam-se). Nas letras B e C, o verbo "haver" é impessoal, equivale a "ocorrer", por isso **não pode se flexionar**.

Resposta: B.

3. (FCC) Em qual das frases a seguir a concordância verbal segue a norma culta?

a) Mais de um jornal comentaram o lançamento do novo dicionário.

b) Ontem foi lançado, com um grande evento, mais dois volumes da Enciclopédia.

c) Tanto o Aurélio quanto o Houaiss passam por atualizações periódicas.

d) O Aurélio ou o Houaiss receberam o prêmio de melhor dicionário do ano.

e) Trinta por cento dos dicionários apresenta algum verbete falso.

Comentários:

Na opção A, o sujeito é "Mais de um jornal", cujo núcleo é "jornal", verbo no singular. ("Mais de um jornal comentou..."). Na letra B, a ordem direta da frase seria "Mais de dois volumes da Enciclopédia foram lançados ontem", verbo no plural, pois o sujeito é composto (Aurélio/Houaiss) com verbo posposto, plural. Correta a frase. A letra D traz dois núcleos ligados por **ou** com valor de <u>exclusão</u> (só um receberá o prêmio). Verbo no singular. Na opção E, tanto a porcentagem (*Trinta por cento*) quanto o substantivo que se segue (*dicionários*) levam o verbo ao plural – apresentam. Já a letra C apresenta a expressão "tanto... quanto...", que indica soma, por isso, está correta a forma "passam".

Resposta: C.

4. (FCC) Na passagem "A maioria dos profissionais já viveu uma sensação de impasse na carreira", a concordância verbal está de acordo com a norma culta. Assinale a opção cuja concordância verbal está, segundo essa mesma norma, correta.

a) Sempre houveram impasses na sua vida profissional.

b) A reparação dos erros cometidos são possíveis.

c) Investiga-se, nesse momento, as falhas ocorridas.

d) Faz alguns meses que iniciamos o trabalho.

e) Soou oito horas no relógio da sala.

Comentários:

Nesta questão, vale a pena explicar a frase retirada do texto "A maioria dos profissionais já viveu...". Na teoria, vimos que os chamados coletivos partitivos (a maioria de, grande parte de...) e as porcentagens (um por cento de, trinta por cento de...) seguem o mesmo padrão: o verbo pode concordar com o núcleo (maioria, parte; um, trinta) ou com o termo que se segue. Portanto, nessa frase, além de "viveu" – concordando com o núcleo "maioria" – poderia vir "viveram" – concordando com "profissionais".

As letras A e D trazem verbos impessoais (haver = existir; fazer = tempo passado), não podendo, por isso, se flexionar. Portanto, a letra A está errada e a D correta. Na letra B, o núcleo do sujeito é "reparação", singular ("A reparação... é possível"). Na C, "as falhas são investigadas" ("Investigam-se as falhas"). Na letra E, o sujeito é o número de horas ("Oito horas soaram no relógio").

Resposta: D.

5. (FCC) Indique a única frase em que o verbo está flexionado corretamente.

a) 95% das televisões está diariamente em uso no país.

b) Para o consumo industrial, 17. 578 watts não representa nada.

c) Considera-se que até mesmo 1% de economia de água é bom para a Terra.

d) A imprensa noticia que menos de 10% dos cidadãos se preocupa com o meio ambiente.

e) Milhares de árvores da Floresta Amazônica é abatida mensalmente.

Comentários:

As letras A, C e D mostram o caso das porcentagens, em que o verbo ou concorda com elas ou com o termo seguinte. As letras A e D só podem vir com verbo no plural, já que tanto as porcentagens quanto os substantivos que se seguem estão no plural (*95% das televisões estão...*) e (*10% dos cidadãos se preocupam*). Na letra C, tanto a porcentagem quanto o substantivo estão no singular, verbo no singular (*1% da economia de água é bom...*). Correta a frase. Nas letras B e E os verbos teriam de aparecer no plural (*representam/são abatidos ou são abatidas, já que as duas leituras podem ser feitas: milhares de árvores são abatidos ou milhares de árvores são abatidas*).

Resposta: C.

17.5. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. Única frase errada:

a) Já estou quite das minhas obrigações.
b) Aquelas crianças nada têm de bonitas.
c) As cópias estavam conformes com os originais.
d) Os vigias estavam alerta por causa dos balões.
e) As crianças surdo-mudas merecem nosso amparo.

2. "A perda do dinheiro ou quaisquer ônus decorrente do extravio dos documentos anexo será de responsabilidade do transportador."

Se reescrevemos essa frase fazendo as correções necessárias, teremos:

a) A perda do dinheiro ou qualquer ônus decorrente do extravio dos documentos anexo será de responsabilidade do transportador.
b) A perda do dinheiro ou quaisquer ônus decorrentes do extravio dos documentos anexos serão de responsabilidade do transportador.
c) A perda do dinheiro ou quaisquer ônus decorrentes do extravio dos documentos anexo serão de responsabilidade do transportador.
d) A perda do dinheiro ou qualquer ônus decorrentes do extravio dos documentos em anexo será de responsabilidade do transportador.
e) A perda do dinheiro ou quaisquer ônus decorrentes do extravio dos documentos anexos será de responsabilidade do transportador.

3. O item em que a concordância é aceitável na norma culta é:

a) O filósofo considerou estranho a pesquisa dos universitários.
b) Está difícil a quitação do empréstimo bancário feita no ano passado.
c) Uma pequena parte do texto é compreendido.
d) Os livros traziam 30 páginas de textos rasgados.
e) Os filósofos parece condenarem o ceticismo.

4. No segmento "os povos egípcio e israelita", o substantivo aparece no plural e os dois adjetivos no singular. O item abaixo em que os adjetivos poderiam ocorrer no plural é:

a) as atuais bandeiras brasileira e portuguesa.
b) as séries primeira e segunda do ensino médio.
c) os idiomas francês e inglês.
d) os jornais paulista e carioca da atualidade.
e) os territórios brasileiro e argentino.

5. A língua portuguesa e os conhecimentos matemáticos nem sempre estão de acordo. A frase abaixo em que a concordância verbal contraria a lógica matemática é:

a) Cinquenta por cento da torcida brasileira gosta da seleção.
b) Mais de três jornalistas participaram da entrevista.
c) Menos de dois turistas deixaram de participar do passeio.

d) São 16 de outubro.
e) Participaram do congresso um e outro professor.

6. "Para ela mesma se alimentar"; a alternativa que mostra uma construção ERRADA com o vocábulo MESMO é:

a) Nós mesmos fomos até lá.
b) Mesmo ela não compreendeu a questão.
c) Os mesmos carros foram vendidos.
d) Elas mesmas ficaram doentes após o contato.
e) Ela falava consigo mesmo o dia inteiro.

7. (TC/PB) ... *analisa medidas para proteger os altos-mares...*

A palavra composta que faz o plural da mesma forma que a grifada acima está também grifada na frase:

a) Ave oceânica e migradora, o albatroz-de-nariz-amarelo é encontrado no litoral do Sudeste e do Sul do Brasil.
b) O leão-marinho é uma das várias espécies ameaçadas de extinção, por danos provocados a seu habitat.
c) O peixe-boi-da-amazônia é um mamífero encontrado em rios e lagoas dessa região brasileira.
d) Andorinha-do-mar é o nome dado a uma espécie de aves marinhas, conhecida popularmente por trinta-réis.
e) Temida pelos efeitos de seu ataque, a arraia-de-fogo aparece tanto no Brasil quanto no Paraguai.

8. (ANS – Especialista) Está correta a concordância estabelecida em:

a) Será necessário análises mais detidas de cada uma das óperas mencionada.
b) Diante das potências estrangeiras que nada lhes poderiam facilitar, a Itália deixa manifesto na *Norma* sua ânsia por liberdade.
c) Nas óperas românticas, servem de pesos inconscientes, postos que até então desconhecidos, laços, geralmente ocultados, de naturezas mais pessoais.
d) Deveriam haver argumentos para sustentar que a *Traviata* procede do mesmo modo que a *Norma*.
e) Sempre se desejaram pátrias livres, fossem elas Gália e Itália ou quaisquer outras.

9. (TRF – 4ª Região) A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:

a) Sistemas integrados de arrecadação e controle da visitação pública deve ser instalada em todos os parques nacionais.
b) Nações, mesmo de extensão menor que a do Brasil, está se tornando um dos destinos preferidos de turismo internacional.
c) O Brasil exibe um enorme potencial turístico, com suas belezas naturais, que não se encontra devidamente explorado.
d) A presença de turistas em áreas protegidas pelo Ibama, que permanece sem planos de conservação, são irregulares.
e) O Brasil tem vários parques nacionais, mas é poucos os que estão oficialmente abertos à visitação de turistas, nacional ou internacional.

10. (TC/PB) A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:

a) A observação do movimento que os astros descrevem no céu permitiram aos povos antigos prever alguns fenômenos climáticos.

b) Estatuetas muito antigas, como a descoberta na Alemanha, permite comprovar o conhecimento do homem primitivo a respeito dos astros.

c) Observações e predições aparentemente simples, com o passar do tempo, foram dando lugar a um sistema padronizado que dividia o céu em doze signos do Zodíaco.

d) Os conhecimentos que o homem primitivo tinha do céu permitiu-lhes plantar e colher alimentos no tempo certo destinado para isso.

e) O trajeto dos astros no céu estabelecem as estações do ano, conhecimento necessário para o desenvolvimento da agricultura.

11. (TRF – 4ª Região – Técn. Judic.) A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:

a) Em todas as épocas, ocorreram ataques de elefantes em várias regiões, porém a média de pessoas expostas a eles era quase insignificante.

b) O sentimento familiar entre manadas de elefantes são intensos, e muitas vezes os ataques de um animal constitui reação a uma iniciativa humana.

c) Elefantes que desenvolvem comportamento agressivo acaba abatidos a tiro para que se evite os ataques a pessoas e a propriedades.

d) Imagens do cérebro de elefantes apresentadas em estudo recente apontou a importância do convívio com animais mais velhos durante a infância.

e) Nos últimos anos, na Índia, foi morta mais de 500 pessoas, atacadas por elefantes em fúria, aparentemente explicáveis por stress pós-traumático.

12. (MPU) A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:

a) O prejuízo econômico decorrente de problemas ambientais causado por espécies invasoras ultrapassam cifras enormes, em vários países.

b) Os pinheiros, que veio da Austrália para o litoral, para servir de sombra e de quebra-vento, ocupou o espaço de espécies nativas da Mata Atlântica.

c) Espécies exóticas comportam-se como um hóspede que invade uma residência, alimenta-se do que encontra e acaba expulsando o próprio dono.

d) Entre as gramíneas trazidas da África para a formação de pasto para os rebanhos, estão o capim-annoni, resistentes às geadas, e que inibem o crescimento de outras plantas.

e) A abelha-africana foi importada na década de 50 para melhoramento genético da apicultura, mas escapou algumas rainhas e se espalhou por todo o continente.

13. (TC/PB) A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:

a) Nesse ecossistema pode ser encontrado algumas espécies de mamíferos que vão lá em busca de alimento e também na época do acasalamento.

b) Algumas espécies de peixes, que vem para o manguezal para se reproduzir, volta para o mar ou para os rios quando atinge a idade adulta.

c) Os caranguejos são a espécie mais comum nos manguezais, pois passam grande parte de sua vida em troncos e nas raízes, ou escondidos na lama.

d) Muitas espécies de aves, como a garça, utiliza os manguezais para alimento e reprodução, assim como as aves migratórias, como local de descanso.

e) Quando os camarões crescem, após sua fase larval e juvenil, aproveita o vaivém das águas das marés para se deslocar rumo ao oceano.

14. (ANS – Técnico) A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:

a) O desenvolvimento de técnicas de produção e de distribuição de alimentos permitiu a expansão da espécie humana em todo o planeta.

b) Ocorreu mudanças expressivas, ao longo dos tempos, na relação do homem com os alimentos, que foi se tornando mais variados e disponíveis.

c) Os hábitos alimentares, parte significativa da cultura de cada país, tornou-se uma das principais atividades econômicas do homem.

d) Com o início da agricultura, a tarefa de conseguir alimentos passaram a exigir menos esforço e os períodos de escassez de comida foi menos frequente.

e) A visão de uma cesta repleta de pães quentinhos são tão apetitosos que fica difícil resistir à tentação de comer mais que o necessário.

15. As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na frase:

a) Incluem-se entre as responsabilidades dos jornalistas o respeito que devem estes às suas fontes.

b) Ainda que hajam interesses particulares em jogo, os jornalistas devem considerar o interesse público das notícias.

c) Debateu-se três grandes temas, na RDLI, referentes aos direitos de todo e qualquer jornalista responsável.

d) A esperança de que circulam livremente todas as ideias e informações devem alimentar todo jornalista responsável.

e) Não compete aos homens públicos tratar as informações de interesse social como se fossem de interesse privado.

16. A frase inteiramente correta quanto ao emprego, à concordância e à flexão dos verbos é:

a) Não são muitas as opções a que todo economista ético se abrem, uma vez que já se exclue qualquer uma que contrarie algum valor de princípio.

b) Algumas medidas técnicas, que às vezes se fazem necessárias adotar, podem acarretar graves consequências para o desenvolvimento social.

c) Para os economistas éticos, não devem haver hesitações na hora em que for preciso ir de encontro às medidas que favoreçam o desenvolvimento social.

d) Se à relação entre a demanda e a oferta não vierem se agregar imperativos valores éticos, perder-se-á a dimensão humana das estratégias econômicas.

e) Toda e qualquer reorientação do processo civilizatório implicam providências drásticas, que não pode.

17. As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na frase:

a) Compreenda-se as lições de O Príncipe não como exercícios de cinismo, mas como exemplos de análises a que não se devem furtar toda gente interessada na lógica do poder, seja para exercê-lo, seja pra criticá-lo.

b) A problemática divisão da Itália em principados, que tanto preocupavam Maquiavel, fizeram com que ele se dedicasse à ciência política, em cujos fundamentos espelha-se, até hoje, aqueles que se preocupam com o poder.

c) Integrava as qualidades morais a da virtude, tomada num sentido essencialmente religioso, até que Maquiavel, recusando esse plano de valores em que a inseriam, deslocou seu sentido para o campo da política.

d) Todas as acepções de virtude, até o momento em que surgiu Maquiavel, compunha-se no campo da moral e da religião, e estendia-se à esfera da política, como se tudo fosse essencialmente um mesmo fenômeno.

e) Nunca faltaram aos "príncipes" de ontem, de hoje e de sempre a ambição desmedida pelo poder e pela glória pessoal, mas couberam a poucos discernir as sutilezas da política, em que Maquiavel foi um mestre.

18. (TRF 4ª Região – Analista) As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na frase:

a) Para além das diferenças étnicas que pode um ensaio revelar, há aquela semelhança humana que somente às ficções cabe dar viva expressão.

b) O respeito pelas ficções, que o autor reconhece na formação que lhe deram seus pais, viriam a inspirá-lo na educação de seus filhos.

c) A nem todos os pais são dados reconhecer que filmes e romances constituem elementos vitais para a formação dos filhos.

d) Ainda que não tivesse outros méritos, as ficções sempre apresentariam a diversidade do mundo e constituiriam um repertório do possível.

e) Sejam num ensaio ou num documentário, a caracterização de valores étnicos representam-se de modo distinto do das ficções.

19. (TRF 4ª Região – Anal. Judic.) Há plena observância das normas de concordância verbal na frase:

a) Reconhece-se nos loucos e nos bêbados aqueles impulsos que fogem a qualquer tipo de mascaramento.

b) Vivemos assaltados por tensões, e não são sem razão que elas se associam às máscaras de que nos valemos.

c) Acabaram encontrando repercussões nos versos de Manuel Bandeira o desassombro libertário dos loucos e dos bêbados.

d) Na linguagem das crianças encontra-se, como na dos loucos e na dos bêbados, índices de uma irresponsabilidade que faz inveja aos adultos.

e) Entre os profissionais de quem mais se exige sistemático uso de máscaras está o responsável pelo atendimento do público.

20. (TER / AP) As normas de concordância verbal estão inteiramente respeitadas na frase:

a) Sempre houve quem esbanjassem os recursos naturais.

b) Se não houverem trabalho nem produção, não haverá atividade econômica.

c) Alimentava-se muitas ilusões quanto ao custo e à disponibilidade da água.

d) Nenhuma saída a curto prazo se avistam em nossos horizontes.

e) Poderão vir a faltar outros recursos naturais, se não os pouparmos.

21. (PM / BA) As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na frase:

a) Todo aquele que se previne, quaisquer que sejam os problemas a enfrentar, têm mais aptidão para solucioná-los.

b) A reação a manifestações localizadas de extrema violência não implicam o emprego de uma violência proporcional e indiscriminada.

c) É preciso que se valorize na justa medida os laços de confiança que devem haver entre os policiais e a população.

d) Que aos nossos olhos não represente o outro uma permanente ameaça, mas um desejável aliado.

e) Os resultados que se obtém com a prevenção são, comprovadamente, os mais eficazes.

22. (TRT – Anal. Judic.) Há plena observância das normas de concordância verbal na frase:

a) Sempre haverá os que lucram com quaisquer iniciativas de que resulte algum ônus para a imagem de confiabilidade de quem carecem as instituições públicas.

b) A crescente disseminação de instituições que trabalham contra os interesses populares constituem um verdadeiro flagelo dos tempos modernos.

c) É curioso chamarem crime organizado a um tipo de iniciativas que investe, exatamente, contra a ordem social.

d) Não aprouvessem aos homens criar instituições certamente viveríamos todos sob o signo da violência e da barbárie.

e) Tudo o que tem mostrado as sucessivas civilizações faz concluir que as instituições servem tanto aos bons quanto aos maus propósitos humanos.

Gabarito: 1. e; 2. b; 3. e; 4. d; 5. c; 6. e; 7. b; 8. e; 9. c; 10. c; 11. a; 12. c; 13. c; 14. a; 15. e; 16. e; 17. d; 18. e; 19. e; 20. a; 21. d; 22. a.

Estudar concordância verbal é uma questão de lógica... As regras estão relacionadas à classificação do sujeito: quem sabe achar sujeito na frase consegue fazer a concordância correta!

Vamos resumir, então?

17.6. RESUMO

Simples	O verbo concorda com o único núcleo
Composto	Anteposto ao verbo – concordância total Posposto ao verbo – concordância → total parcial
Indeterminado com se (pis)	O verbo fica na 3ª pessoa do singular
Oração sem sujeito	O verbo fica na 3ª pessoa do singular
Sujeito oracional	O verbo fica na 3ª pessoa do singular

18 REGÊNCIA VERBAL

18.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

18.1.1. Regência dos verbos mais pedidos em provas

Regência a relação de dependência entre o verbo e seus complementos. A seguir, alguns verbos que oferecem dúvida quanto à sua predicação.

Atenção! Lembre-se de que este assunto requer, infelizmente, **memorização** da regência de alguns verbos. Para facilitar o seu estudo, sistematizamos os principais verbos em três grupos. A cada grupo de verbos, trouxemos frases para fixar os conceitos e algumas questões de concursos. Trata-se de assunto que você só aprenderá fazendo muitas questões. Evite memorizar os verbos sem os exercícios. É no treinamento constante que você adquirirá domínio de conteúdo. Portanto, aproveite as frases que preparamos e, no final deste capítulo, você perceberá que domina os principais verbos que são apresentados pelas provas de concursos públicos. Vamos a eles!

1º grupo: verbos que, quanto à predicação, normalmente não oferecem dúvida.
• Verbos transitivos diretos – v.t.d. (não regem preposição obrigatória); ajudar, adorar, abraçar, amar, atingir, esperar, namorar, referir (= relatar)... • Verbos transitivos indiretos – v.t.i. (regem preposição obrigatória); agradar (= ser agradável), obedecer, desobedecer, proceder (= dar início), referir-se, suceder (= substituir). Esses verbos regem preposição A. • Verbos que admitem dois complementos – v.t.d.i. (com e sem preposição); avisar, comunicar, certificar, cientificar, informar, proibir, preferir (não aceita mais, (do) que, antes)...

Exemplos de exercícios:

Use (C) para Certo e (E) para Errado nas frases abaixo.

1. Meu filho foi embora e eu não lhe abracei.

2. Você está namorando a Beatriz?

3. Todos esperavam Guilherme.

4. Todos esperavam por Guilherme.

5. Referiu os últimos acontecimentos.

6. Referiu o caso à mãe.

Comentários:

Na frase 1, o pronome lhe é complemento do verbo abraçar. Como vimos no tópico sobre

Pronomes, os oblíquos átonos o(s), a(s) funcionam como complemento de verbos transitivos diretos e lhe(s) de verbos transitivos indiretos. **Abraçar** é V.T.D., logo o oblíquo usado seria o pronome o.

Resposta: E.

Na frase 2, o verbo **namorar** é T.D., não pede preposição (namorar com é considerado erro).

Resposta: C.

Nas frases 3 e 4, o verbo **esperar** (v.t.d.) aceita o uso da preposição *por*, quando se quer mostrar *desejo intenso*. Por isso, as duas formas estão corretas: *todos esperavam Guilherme* ou *todos esperavam por Guilherme*.

Resposta: Ambas estão certas.

Nas frases 5 e 6, o verbo **referir** (= relatar, contar) é T.D. Atenção: não confundir com **referir-se**, pronominal (= fazer referência), que é T.I. Na frase 5, é T.D. e na frase 6, T.D.I. (referir algo a alguém).

Respostas: Ambas estão certas.

7. Agradava os clientes mais próximos.

8. Costumo obedecer parceiros éticos.

9. É necessário que todos obedeçam às diretrizes estabelecidas.

10. Artur procederá a leitura da página oito.

11. O chefe procedeu ao levantamento das necessidades da seção.

12. Sucedeu o professor.

Comentários:

Essas frases tratam dos **verbos transitivos indiretos** do 1º grupo:

Na frase 7, **agradar** (= ser agradável) pede preposição a (*Agradava aos clientes*).

Resposta: E.

A frase 8 traz o verbo **obedecer**, transitivo indireto, pede preposição a, sem esta preposição.

Resposta: E.

Já a frase 9, "... obedeçam às diretrizes", é uma construção correta, já que o verbo pede preposição. Como a palavra feminina que se segue aceita artigo, crase.

Resposta: C.

Em relação ao verbo **proceder** 10 e 11, achamos por bem chamar atenção apenas para o sentido de dar início, pois, com esse valor semântico, o **proceder** pode gerar dúvidas.

Esse verbo, nesta acepção, rege preposição a. Na frase 10, como a palavra seguinte é feminina, aceita artigo, teríamos "Artur procederá à leitura...".

Resposta: E.

Já na frase 11, a preposição a aparece ("... procedeu ao levantamento...").

Resposta: C.

Outro verbo que pede preposição a é **suceder** (= substituir), frase 12. Teríamos, então, "Sucedeu ao professor".

Resposta: E.

13. Avisaram-no de que a reunião começaria no horário.

14. Certifiquei-lhe de que uma pessoa muito querida aniversariava neste mês.

15. Informou ao cliente de que o aviso chegara.

16. Cientificaram-no de que o cheque foi pago.

17. Proibiu ao filho que o visitasse.

18. Prefiro mais a cidade do que o campo.

19. Prefiro a democracia ao totalitarismo.

20. Prefiro combater os males que intimidar as próprias emoções.

Comentários:

Em questões de concurso público, quando a intenção é a de confundir o candidato, esses verbos (V.T.D.I.) aparecem com duas preposições, por exemplo, "**informar**/**avisar** a alguém de alguma coisa", o que é inaceitável, pois, se esses verbos são T.D.I., um complemento vem sem preposição, e o outro com.

Assim, as frases 14 e 15 estão erradas e a 13, correta. Poderíamos dizer na 14: "*Certifiquei-lhe* (objeto indireto) *que uma pessoa...* (objeto direto)" – certificar a alguém algo – ou "*Certifiquei-o* (objeto direto) *de que uma pessoa...* (objeto indireto)" – certificar alguém de alguma coisa.

Obs.: Lembre-se: **o(s), a(s)**, como complementos verbais, são *objetos diretos* e **lhe(s)**, *objetos*

indiretos.

Na frase 13, um complemento é direto e outro indireto (avisar alguém de algo), seguindo a regência do verbo.

Respostas: 13 C; 14 E; 15 E.

As frases 16 e 17 seguem o modelo de regência desses verbos: T.D.I.: "certificar alguém de algo"; "proibir a alguém algo" ou "proibir algo a alguém".

Respostas: 16 C; 17 C.

Importante: Para esses verbos – avisar, certificar, informar, cientificar, proibir –, é indiferente usar coisa ou pessoa como objeto direto ou objeto indireto. Podemos dizer: *Avisar/certificar/informar/cientificar/proibir algo* a alguém ou alguém de algo. O mais importante é lembrar que se o verbo vem com dois complementos: um é o objeto direto e o outro objeto indireto, independentemente se for coisa ou pessoa.

O verbo **preferir**, como T.D.I., não aceita nenhum termo intensificativo (mais, mil vezes...) ou comparativo (que, do que). Rege preposição a. Na frase 18, portanto, teríamos "Prefiro a cidade ao campo", como a estrutura da frase (19) mostra. Na (20), ficaria "Prefiro combater os males a intimidar as próprias emoções".

Respostas: 18 E; 19 C; 20 E.

2º grupo: verbos que exigem preposição. Com eles, o aluno costuma ter dúvidas quanto à preposição utilizada.
• CHEGAR e IR (preposição A + adjunto adverbial de lugar) • MORAR, RESIDIR, SITUAR (preposição EM) • PRESIDIR (transitivo direto ou indireto, seguido de preposição A) • SATISFAZER (transitivo direto ou indireto, com preposição A) • USUFRUIR e DESFRUTAR (transitivo direto ou indireto, com preposição DE)

21. Fomos na cidade pela manhã.

22. Chegou ao alto da colina.

23. Cheguei no colégio atrasado.

24. Cheguei na hora marcada.

Comentários:

Na oralidade, é comum usarmos a preposição **em** com os verbos **chegar** e **ir**. No entanto, segundo a norma culta, esses verbos regem preposição **a** quando vêm seguidos de expressões indicando

lugar. Logo, na frase 21, a forma correta seria "Fomos à cidade..." (preposição a + artigo feminino a da palavra cidade.) A frase 22 está correta (chegar a). Na frase 23, seria "Cheguei ao colégio...".

Repare agora que na frase 24 o verbo **chegar** traz a preposição EM, no entanto, não vem seguido de expressão que indica lugar, e sim **tempo**.

Respostas: 21 E; 22 C; 23 E; 24 C.

25. Moro à rua dos Lírios.

26. O Colégio São Martins, sito à rua da União, encerrou suas atividades.

27. Resido na rua dos Lírios.

Comentários:

Esses verbos regem preposição **em** e não a preposição **a**, uso comum na oralidade. Logo, nas frases 25 e 26 teríamos; "Moro na rua dos Lírios" e " O colégio São Martins, sito na rua da União...".

A frase 27 segue a norma padrão: "Resido na rua..."

Respostas: 25 E; 26 E; 27 C.

Atenção: Se o verbo indicar direção, destino, deverá vir seguido da preposição A:
Fui ao cinema. / Cheguei a casa. / Dirigi-me ao escritório.
Se o verbo ou o nome indicar posicionamento, localização, deverá vir seguido da preposição EM:
Estou em casa. / Moro no bairro. / Escritório situado na rua México.

28. Carlos presidiu a reunião.

29. Carlos presidiu à reunião.

30. Satisfez os desejos de sua mãe.

31. Usufruiu as coisas boas da vida.

Comentários:

Os verbos **presidir**, **satisfazer**, **usufruir** e **desfrutar** podem vir com ou sem preposição. Por isso, nas frases 28 e 29, "presidir a ..." e "presidir à..." estão corretas, assim como as frases 30 e 31. Nessas duas últimas, pela teoria apresentada, poderíamos ter também como formas corretas, "Satisfez aos desejos..." e "Usufruiu das coisas..". Com o **desfrutar** ocorreria o mesmo: "Desfrutou as coisas..." ou "Desfrutou das coisas...".

3º grupo: verbos que mudam a regência conforme a mudança de sentido.
ASPIRAR T.D. (= inspirar, sorver) T.I. (= almejar, desejar) T.I. (= ver, presenciar, caber, competir) ASSISTIR T.D. ou T.I. (= socorrer, dar assistência) Intransitivo (= morar) ATENDER T.D. ou T.I. (para coisa ou pessoa) T.D. (pedir presença, convocar)
CHAMAR T.I. (pedir ajuda) T.D. ou T.I. (apelidar, qualificar) T.I. (ser difícil) CUSTAR Intransitivo (ideia de preço) T.D. (não pronominais) ESQUECER /LEMBRAR T.I. (pronominais) T.D. (= acarretar) IMPLICAR T.I. (= aborrecer, importunar) Pronominal (prep. em) T.D. (= coisa) PAGAR/PERDOAR T.I. (= pessoa) T.D.I. T.D. (= ter vontade de, desejar) QUERER T.I. (= amar, estimar) T.I. (para pessoa ou coisa a que se responde) RESPONDER T.D.I. (objeto direto para coisa e indireto para pessoa) T.D. (= estar a serviço de alguém, prestar serviço) SERVIR T.I. (= ser útil, convir) T.D.I. (oferecer algo a alguém) Intransitivo (= prestar serviços militares) T.D. (= mirar, apontar, pôr o visto) VISAR T. I. (= pretender, desejar)

32. Quando era pequeno, todos implicavam comigo.

33. Pelo que diz o assessor, isso implica em gastar mais dinheiro.

34. Um novo congelamento de salário implicará uma reação dos trabalhadores.

35. O banqueiro implicou-se em negócios escusos.

36. Tal fato não implicará dificuldades.

Comentários:

Vamos agora aos comentários do 3º grupo, mais extenso, que trata de verbos especiais.

Aqui, observe que, na quase totalidade dos casos, o sentido do verbo vai determinar a transitividade.

Nas frases 32 a 36, o verbo é **implicar**. Na 32, **implicar** tem o sentido de aborrecer, importunar (transitivo indireto – "implicar com"). Em 33, 34 e 36, esse verbo traz a ideia de acarreta (transitivo direto – "implica gastar.."). A frase 35 mostra o verbo **implica** pronominal (implicar-

se), que rege preposição EM.

Respostas: 32 C; 33 E; 34 C; 35 C; 36 C.

Importante: Em algumas provas elaboradas pela Esaf (Escola de Administração Fazendária), já apareceu questão que trazia o verbo implicar (= acarretar), que, segundo a norma culta, é transitivo direto, portanto, não pede preposição, seguido de preposição em (isso implica em aumentos diários) e a banca considerou a frase como certa. Infelizmente, nesses casos, devem-se observar as outras opções e procurar uma alternativa, um erro indiscutível. Em regência, a Esaf e a UnB costumam ter uma visão mais liberal em relação a esse assunto.

37. Chamei Antônio de desonesto.

38. Chamei-lhe de ignorante.

Comentários:

O verbo **chamar**, como transitivo direto (= pedir a presença, convocar – "chamei o funcionário") ou como transitivo indireto (= pedir ajuda, clamar – "chamou por Deus"), não oferece dificuldade quanto à regência.

Agora, com o sentido de apelidar, qualificar, pode haver dúvidas. Primeiramente, o verbo **chamar** nesta acepção pode aparecer com ou sem preposição (T.D. ou T.I.) – "chamei a Antônio..." ou "chamei Antônio..."). Além disso, o uso da preposição de após o complemento é facultativo. Com isso, podemos ter as seguintes construções com o **chamar** neste sentido nas frases 37 e 38:

Frase 37:

1. Chamei Antônio desonesto. (pouco usual)
2. Chamei Antônio de desonesto.
3. Chamei a Antônio desonesto.
4. Chamei a Antônio de desonesto.

Frase 38:

1. Chamei-o ignorante.
2. Chamei-o de ignorante.
3. Chamei-lhe ignorante.
4. Chamei-lhe de ignorante.

Atenção: *"desonesto"*, *"de desonesto"*, *"ignorante"*, *"de ignorante"* não são objetos. São termos que qualificam, caracterizam o objeto

(predicativos do objeto), e podem vir ou não antecedidos de preposição.

Respostas: 37 C; 38 C.

39. Não assistimos nenhum programa.

40. Esse direito não assiste ao servidor.

41. A enfermeira assistia o doente.

42. Assisto em Niterói.

Comentários:

O verbo **assistir**, na frase 39, com o sentido de ver, presenciar, e na 40 com o sentido de caber, competir, rege preposição a ("Não assistimos a nenhum programa" e "Esse direito não assiste ao servidor").

Na frase 41, pode ser transitivo direto ou indireto com a ideia de dar assistência, socorrer ("A enfermeira assistia o doente ou ao doente"). Na 42, embora desusado, com o sentido de morar pede preposição **em**.

Respostas: 39 E; 40 C; 41 C; 42 C.

43. Esqueci a aparência dela./Lembrei a aparência dela.

44. Esqueci-me da aparência dela./Lembrei-me da aparência dela.

45. Esqueceu-se da aparência dela./Lembrou-se da aparência dela.

46. Lembrei ao amigo que já era tarde.

Comentários:

Os verbos **lembrar** e **esquecer** podem aparecer com ou sem o pronome. Sem pronome, sem preposição (T.D.). Com pronome, com preposição (T.I.). Portanto, o que **não** cabe é "Esqueci/Lembrei da aparência" ou "Esqueci-me/Lembrei-me a aparência dela".

Na frase 46, o verbo **lembrar** é transitivo direto e indireto ("lembrar a alguém alguma coisa").

Respostas: 43 C; 44 C; 45 C; 46 C.

47. Respondeu à carta no mesmo dia.

48. Respondeu o diretor.

49. Respondeu a carta ao diretor.

Comentários:

O verbo **responder** é transitivo indireto para coisa ou pessoa. Na frase 47, aparece a preposição a ("Respondeu à carta"), mas na 48 isso não ocorre. Não é "respondeu o diretor" e sim ("Respondeu ao diretor"). Quando aparecem coisa **e** pessoa, transitivo direto e indireto ("Respondeu a carta ao diretor").

Respostas: 47 C; 48 E; 49 C.

50. Ainda não paguei o médico.

51. Pagou os impostos. / Perdoou a dívida.

52. Perdoou o inimigo. / Pagou o empregado.

53. Pagou o salário ao empregado.

Comentários:

Na frase 50, médico é pessoa, o verbo **pagar** pede preposição ("paguei ao médico"). Na 51, temos coisa como complemento, o **pagar** e **perdoar**, nesse caso, não pedem preposição. Já na 52, o objeto é representado por pessoa, transitivo indireto ("Perdoou ao inimigo" e "Pagou ao empregado"). Na 53, o **pagar** aparece como transitivo direto e indireto.

Respostas: 50 E; 51 C; 52 E; 53 C.

54. O secretário não atendeu ao pedido dos grevistas.

55. Não gostava de atender o telefone.

Comentários:

Apresentamos na teoria, em relação ao verbo **atender**, o que se vê em questões elaboradas por bancas como Esaf e Cespe/UnB: independentemente de se referir a coisa ou pessoa, aceita as duas transitividades (T.D. ou T.I.). Nas gramáticas, quando o complemento é representado por coisa, pede-se usar a transitividade indireta. Resumindo:

– O secretário não atendeu ao pedido... Certo.

– Não gostava de atender o telefone. Certo.

– Não gostava de atender ao telefone [é a preferência]. Certo.

Respostas: 54 C; 55 C.

56. Ia para a montanha para aspirar o ar puro.

57. Aspirava a um cargo público.

Comentários:

O verbo **aspirar** só pede preposição com o sentido de almejar, desejar ("Aspirava a um cargo público"). No sentido de inspirar, sorver é transitivo direto ("Ia para a montanha para aspirar o ar puro").

Respostas: 56 C; 57 C.

58. Eu custei a acreditar na tua história.

59. Custou-me acreditar na tua história.

60. O livro custa trinta reais.

Comentários:

A frase 58 mostra a regência do verbo **custar** usada na oralidade: "Eu custo a...". No entanto, para a norma culta, formal, essa forma estaria errada, pois "eu não custo nada", não tem sentido.

A forma considerada correta é "Custou-me acreditar..." ou, usando um nome no lugar do pronome, "Custou ao pai acreditar na tua história", já que o que custa, é difícil, é "acreditar na tua história", ou seja, "Acreditar na tua história custou a mim papai".

Já na frase 60, com a ideia de preço, não há preposição ("O livro custa trinta reais").

Respostas: 58 E; 59 C; 60 C.

61. O filho queria muito ao pai.

Comentários:

Em relação à regência do verbo **querer**, deve-se destacar o sentido de amar, gostar, querer bem, desse verbo, pois pede preposição a ("... queria ao pai").

Resposta: 61 C.

62. O empregado serviu o almoço.

63. Serviu-me uma bebida.

64. É uma solução que não lhe serve.

Comentários:

Na frase 62, **servir** (= prestar serviço) não pede preposição (T.D.). Em 63, com o sentido de "oferecer algo a alguém", é T.D.I., na 64, "É uma solução que não **lhe** (objeto direto) serve" traz esse verbo com o valor de convir, ser útil, transitivo indireto.

Respostas: 62 C; 63 C; 64 C.

65. O diretor visou os cheques.

66. O policial visou o alvo.

67. Esta medida visa o bem de todos.

Comentários:

O verbo **visar**, com os sentidos de dar o visto ou mirar, frases 65 e 66, respectivamente, não regem preposição (T.D.). Na 67, no sentido de almejar, pretender, a tendência é vir com a preposição a ("Esta medida visa ao bem de todos"), embora já se aceite a forma desse verbo nesta acepção sem preposição ("... visa ao bem..." ou "visa o bem..."), principalmente em provas elaboradas pela Esaf e Cespe/UnB.

Respostas: 65 C; 66 C; 67 E.

68. O escravo ama e obedece a seu senhor.

69. Até pouco tempo todos podiam consultar e aplicar nos fundos de aplicação financeira.

Comentários:

As frases 68 e 69 ilustram um caso de regência de dois verbos em coordenação. Quando isso ocorre, se os verbos forem de regências distintas (um é transitivo direto e o outro é transitivo indireto), deve-se fazer a distribuição:

– O escravo ama (T.D.) seu senhor e obedece (T.I.) a ele.

– Até pouco tempo, todos podiam consultar (T.D.) os fundos de aplicação financeira e aplicar (T.I.) neles.

Respostas: 68 E; 69 E.

Atenção: Quando os verbos possuem a mesma transitividade, mas pedem preposições diferentes, eles não devem compartilhar o mesmo objeto: cada um deve ter o seu. Exemplo:
Assisti e gostei do filme E.
(Assisti a ... gostei de)
Por isso, o certo é dizer:
"Assisti ao filme e gostei dele."

18.2. REGÊNCIA COM PRONOME RELATIVO

18.2.1. Uso de preposição que antecede o pronome relativo

O pronome relativo dá início às orações adjetivas. Se, nessa oração, o verbo ou um nome exigir a

preposição, esta será deslocada para antes do pronome relativo.

Exs.:

A canção de que/da qual gosto foi premiada. (= eu gosto(de) da canção)

A canção com que/com a qual simpatizo foi premiada. (= eu simpatizo com a canção)

A mulher em quem pensas partiu ontem. (= tu pensas(em) na mulher)

Este é o livro a cujo autor aludi. (= aludi(a) ao autor)

A rua aonde queriam ir era deserta. (queriam ir a)

A rua donde vens é deserta. (vens de)

Obs.: Os conectivos que aparecem como pronome relativo são: que, o qual, a qual, os quais, as quais, quem, cujo(s), cuja(s), onde, como, quando e quanto.

18.2.2. Uso de onde, aonde, donde

O emprego desses vocábulos segue as noções de regência. Se a preposição exigida for **em**, usa--se **onde**.

Ex.: O bairro onde moras é tranquilo. (moras em)

Se a preposição exigida for **a**, usa-se **aonde**. Se a preposição for **de**, **donde** ou **de onde**.

Ex.: O bairro aonde vais é tranquilo. (vais a)

O bairro donde vens é tranquilo. (vens de)

18.3. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Levando em consideração as regras de regência verbal, marque certo (C) ou errado (E).

1. ( ) Mais do que uma simplificação, a adaptação de uma obra implica uma intervenção inadmissível em seu conteúdo.
2. ( ) Quem desobedece ao regulamento demonstra que não é disciplinado.
3. ( ) Aproveitamos para lembrá-la que essa conduta é prevista na Consolidação das Leis Trabalhistas.
4. ( ) Aspiro ao cargo de analista judiciário.
5. ( ) Essas medidas visam à reabilitação de nossa imagem.
6. ( ) Procedeu-se a leitura dos autos.
7. ( ) Adverti-lhes de que o número de vagas não era elevado.

8. ( ) Ele me perguntou se o espetáculo fora interessante e eu o respondi que sim.

9. ( ) Prefiro uísque a cerveja.

10. ( ) O suicida prefere a morte à vida.

11. ( ) Uma dor não pode causar a morte, mas os mecanismos psicológicos que se associam a ela podem levar nesse resultado.

12. ( ) O desmatamento implica em destruição e fome.

13. ( ) Avisei-o de que devia partir.

14. ( ) Júlia mora à rua do Passeio.

15. ( ) Chegamos na cidade antes do anoitecer.

16. ( ) Esqueceu-me o desejo discreto de conhecer as coisas de coração.

17. ( ) Perdoou ao nosso atraso.

18. ( ) Prefiro os casos que a inteligência discute a formas tecnocráticas da resolução dos problemas.

19. ( ) O pai perdoou ao filho.

20. ( ) Aqui se jogam as sementes para informar-lhes de que a cultura não deve ser acadêmica.

21. ( ) Lembrou ao amigo que já era tarde.

22. ( ) Procede-se com brandura quando querem detectar falhas no relacionamento humano.

23. ( ) Na verdade, não me simpatizo com suas ideias inovadoras.

24. ( ) Se todos chegam à mesma conclusão, devem estar certos.

25. ( ) Para trabalhar, muitos preferem a empresa privada ao serviço público.

26. ( ) Custa-me crer em tais injustiças.

27. ( ) A terra custou aos lavradores a vida.

28. ( ) Informamos a V.Sª. sobre os prazos de entrega das novas propostas, às quais devem ser respondidas com urgência.

29. ( ) Entrou e saiu da sala.

30. ( ) Repete que puni e premiei professores que discordavam ou concordavam com minhas ideias.

II. Use **o(s)/a(s)** ou **lhe(s)**.

1. Só não _____ chamei de louco, porque _____ quero muito bem. (o/lhe; o/lhe)

2. A reincidência poderá acarretar-_____ penalidades severas. (lo/lhe)

3. Não _____ desobedecerei jamais. (o/lhe)

4. Algumas ideias vinham ao encontro das reivindicações dos funcionários, contentando-_____, outras não. (os/lhes)

5. Eles se sentiam tão onerados com descontos, que intentaram uma reação conjunta: procuraram os responsáveis pela empresa e _____ inteiraram de sua decisão de _____ o andamento. (os/lhes; estorvá-lo/estorvar-lhe)

6. Queríamos _____ para a festa. (convidá-lo/convidar-lhe)

7. A verdade é que nós _____ queremos muito. (o/lhe)

8. Vi-_____ os olhos na festa. (os/lhes)

9. A minha resposta não _____ satisfez. (o/lhe)

10. Eu _____ ajudei naquela árdua tarefa. (o/lhe)

11. Teve um desempenho tão extraordinário que _____ consagraram merecidamente o maior jogador do mundo. (o/lhe)

12. No momento em que a linguística procurou o *status* de ciência, que desde Saussure _____ tem acompanhado, passou-se a discutir sua relação com outras ciências. (a/lhe)

13. Seu pai, que é libanês e tem uma loja de roupas no Brás, _____ presenteou com o Maverick 74 da família. (o/lhe)

14. Ele poderá escolher outros dois técnicos para _____ assessorar. (o/lhe)

15. Por que um mendigo dormindo incomodou-_____ tanto? (os/lhes)

16. Os que se propuseram a trabalhar nessa área tão difícil têm de compreender que sua convicção da necessidade de executar essa tarefa ninguém neles a incutiu, é - _____ inata. (os/lhes)

III. Complete as lacunas com a(s) forma(s) adequada(s).

1. Eis a ordem _____ nos insurgimos. (de que/contra a qual)

2. Há fatos _____ nunca esquecemos. (que/de que)

3. Há fatos _____ nunca nos esquecemos. (que/de que)

4. Aludiram a incidentes _____ já ninguém se lembrava. (que/de que)

5. Há casos _____ a dor, tornando-se insuportável, leva o indivíduo à morte. (que/em que)

6. Este autor tem ideias _____ todos simpatizamos. (de que/com que)

7. Qual o cargo _____ aspiras? (que/a que)

8. Surgiu uma mulher _____ figura os mais velhos se comoviam. (cuja/com cuja)

9. Surgiu uma mulher _____ figura já nos referimos. (cuja/a cuja)

10. Surgiu uma mulher _____ figura havia um ar de grande dama decadente. (cuja/em cuja)

11. Surgiu uma mulher _____ figura andara todo o regimento apaixonado. (cuja/por cuja)

12. O homem possui um inimigo que o aterroriza e _____ prefere nem pensar: a dor. (do qual/no qual)

13. A ideia de sofrimento intenso e intolerável, _____ está associado o conceito de dor, torna-a um flagelo _____ é necessário escapar de qualquer maneira. (a qual/à qual; no qual/do qual)

14. Esse foi o lugar _____ ele chegara com dificuldade. (onde/aonde/donde)

15. Esse foi o lugar _____ ele se estabelecera com a família (onde/aonde/donde)

16. Os deuses mantêm seus protetores nas casas _____ residem. (onde/aonde/donde)

17. A rua _____ gosto de correr foi asfaltada. (em que/onde/aonde/donde)

18. Foi essa a situação _____ ele encontrara. (que/em que)

19. Muitos foram os problemas _____ ele passara. (por que/pelo qual/que)

20. Poucos eram os recursos _____ ele podia dispor. (que/de que/com que)

21. O projeto, _____ também se incluirão mulheres e crianças, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde. (que/de que/em que)

22. O projeto, _____ também terão participação mulheres e crianças, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde. (que/ao qual/no qual)

23. O projeto, _____ também se vincularão mulheres e crianças, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde. (que/a que/ao qual/em que)

24. O projeto, _____ também participarão mulheres e crianças, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde. (que/de que/em que/no qual)

25. O projeto, _____ extensão também atingirá mulheres e crianças, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde. (cuja/em cuja/de cuja)

26. O exemplo mais brilhante dessa vocação deu-o anos atrás cavalheiro _____ nome não sei. (cujo/de cujo/a cujo)

27. O exemplo mais brilhante dessa vocação deu-o anos atrás cavalheiro _____ nome não tenha a menor confiança. (cujo/em cujo/de cujo)

28. O exemplo mais brilhante dessa vocação deu-o anos atrás cavalheiro _____ nome não consigo simpatizar. (cujo/de cujo/com cujo)

29. O exemplo mais brilhante dessa vocação deu-o anos atrás cavalheiro _____ nome pretendo não referir. (cujo/a cujo/de cujo)

30. O exemplo mais brilhante dessa vocação deu-o anos atrás cavalheiro _____ nome não está associado esse fato. (cujo/a cujo/em cujo)

31. Conquista é quando você pula da cama de manhã e vai dormir à noite. E entre uma coisa e outra, só faz aquilo _____ gosta. (que/de que/por que)

32. O Banco Central investiu-se de um poder _____ as nações soberanas, ou quase isso, não abrem mão. (que/de que/por que)

33. É grande o dilema _____ vem experimentando a opinião pública brasileira. (que/a que/de que)

34. Não procuremos neles a beleza _____ dirigimos logo o olhar. (que/a que/em que)

35. É grande a perplexidade _____ estão tomados os latino-americanos. (que/de que/de quem/de cujos)

36. Esta é a única solução _____ podemos contar. (que/quem/com que/de quem)

37. Algumas pessoas costumam exorbitar da autoridade _____ se acham investidos. (que/a que/de que)

38. O texto legal _____ nos remeteu o professor para consulta exigia a cessão imediata dos direitos autorais à editora. (que/a que/para o qual)

39. Cético de gestos heroicos, confirmou ponto a ponto as críticas _____ se orgulhava de ter feito ao pretenso filantropo. (que/de que/a que)

40. O crime fora decorrente da crise _____ passava seu casamento. (que/em que/por que)

41. "A presença das enfermeiras devia lhe trazer lembranças de prazeres _____ agora não podia mais desfrutar." (que/de que/com que)

42. "Com o tempo, irás sabendo _____ leis, casos e fenômenos responde toda essa terminologia." (que/a que/de que)

Gabarito: I – 1. C; 2. C; 3. E; 4. C; 5. C; 6. E; 7. E; 8. E – lhe respondi; 9. C; 10. C; 11. E; 12. E 13. C; 14. E; 15. E; 16. C; 17. E; 18. C; 19. C; 20. E; 21. C; 22. C; 23. E; 24. C; 25. C; 26. C; 27. C 28. E; 29. E – Entrou na sala e saiu dela; 30. E – discordavam das minhas ideias ou concordavam com elas. **II** – 1. o ou lhe; lhe; 2. lhe; 3. lhe; 4. os; 5. os; estorvar-lhe; 6. convidá-lo; 7. lhe; 8. lhes; 9. o ou lhe; 10. o; 11. o; 12. a; 13. o; 14. o; 15. os; 16. lhes. **III** – 1. contra a qual; 2. que; 3. de que; 4. de que; 5. em que; 6. com que; 7. a que; 8. com cuja; 9. a cuja; 10. em cuja; 11. por cuja; 12. no qual; 13. à qual; do qual; 14. aonde; 15. onde; 16. onde; 17. onde; 18. que; 19. por que; 20. de que; 21. em que; 22. no qual; 23. a que ou ao qual; 24. de que; 25. cuja; 26. cujo; 27. em cujo; 28. com cujo; 29. cujo; 30. a cujo; 31. de que; 32. de que; 33. que; 34. a que; 35. de que; 36. com que; 37. de que; 38. que; 39. que; 40. por que; 41. de que ou que; 42. a que.

Vamos agora treinar com questões de concursos anteriores? Português se aprende pelas mãos...

18.4. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

1. (Cesgranrio/Banco do Brasil) Regência imprópria:

a) Não o via desde o ano passado.

b) Fomos à cidade pela manhã.

c) Informou ao cliente que o aviso chegara.

d) Respondeu à carta no mesmo dia.

e) Avisamos-lhe de que o cheque foi pago.

Comentários:

A letra A está correta: o verbo ver é v.t.d. e tem como o.d. o pronome oblíquo **o**. A letra B apresenta o verbo *ir*, que indica direção, por isso, deve vir seguido da preposição A. Na letra C, tem-se o verbo *informar*, que é direto e indireto e teve, mesmo, dois objetos: o direto, que é a oração *que o aviso chegara,* e o indireto, que é *ao cliente* (nessa frase, quem informa informa alguma coisa a alguém). O verbo *responder*, na letra D, vem adequadamente complementado por

seu o.i. *à carta*: aqui, quem responde responde a alguma coisa. Já a letra E apresenta o verbo *avisar* com dupla transitividade, mas com dois objetos indiretos: um sob a forma pronominal (*lhe*); o outro sob a forma oracional (*de que o cheque foi pago*). Para a correção da frase, teríamos, portanto, duas opções: *avisamo-lo de que o cheque foi pago* ou *avisamos-lhe que o cheque foi pago*.

Resposta: E.

2. (FGV) Em qual das alternativas ocorre erro de regência verbal?

a) Esqueceu-me o desejo discreto de conhecer as coisas do coração.

b) Lembrou-me a inusitada transformação por que passa a universidade brasileira.

c) Prefiro os casos que a inteligência discute a formas tecnocráticas da resolução dos problemas.

d) Aqui se jogam as sementes para informar-lhes de que a cultura não deve ser acadêmica.

e) Procede-se com brandura quando querem detectar falhas no relacionamento humano.

Comentários:

Muitos que erraram a questão marcaram a letra A. Trata-se de uma construção em desuso, porém correta do verbo *esquecer* (o que também pode ocorrer com o verbo *lembrar*). A coisa esquecida passa a ser o sujeito do verbo, o que se pode perceber pela desinência verbal (*esqueceu-me*): nessa frase, *o desejo discreto de conhecer as coisas do coração* é que é o sujeito do verbo *esquecer*. Na ordem direta, a frase ficaria assim:

O desejo discreto de conhecer as coisas do coração esqueceu-me (= a mim).

Você deve estar se perguntando: mas como uma coisa pode esquecer alguém? Nesse caso, a coisa esquecida passa a ser responsabilizada pelo esquecimento da pessoa. Talvez seja uma forma de se esquivar da responsabilidade... O fato é que haveria três formas de se dizer o mesmo:

Esqueci o desejo discreto de conhecer as coisas do coração.

(aqui, o verbo é *esquecer*, v.t.d., que tem como sujeito *eu* e objeto direto *o desejo discreto de conhecer as coisas do coração*).

Esqueci-me do desejo discreto de conhecer as coisas do coração.

(trata-se, agora, do verbo *esquecer-se*, que é v.t.i. e apresenta como sujeito *eu* e o.i. *do desejo discreto de conhecer as coisas do coração*).

Esqueceu-me o desejo discreto de conhecer as coisas do coração.

(essa foi a forma escolhida pela banca: *o desejo discreto de conhecer as coisas do coração* é o sujeito do verbo *esquecer*, que é v.t.i. e tem como o.i. o pronome oblíquo *me*).

Observe a letra B da questão: o verbo *lembrar* aparece aqui da mesma forma que o verbo *esquecer* apareceu na letra A. Veja que o verbo ficou na 3ª pessoa do singular, o que prova que o sujeito não é o pronome *eu,* e sim a informação que vem depois na frase (*a inusitada transformação por que passa a universidade brasileira*). O que dissemos, portanto, na letra A para o verbo *esquecer* vale também para o verbo *lembrar* na letra B. Haveria aqui, também, três formas de se reescrever a frase: Lembrei a inusitada transformação por que passa a universidade brasileira. / Lembrei-me da inusitada transformação por que passa a universidade brasileira. / Lembrou-me a inusitada transformação por que passa a universidade brasileira. Portanto, a letra B também está correta.

A letra C traz o verbo *preferir*, v.t.d.i., de forma adequada com dois objetos: *os casos que a inteligência discute*, que é o o.d., e *a formas tecnocratas da resolução dos problemas* que é o o.i.

Já a letra D, que apresenta o verbo *informar* como v.t.d.i., pecou por apresentar dois objetos indiretos: um sob a forma pronominal *lhes* e o outro oracional *de que a cultura não deve ser acadêmica*. O certo seria dizer "... para informar-lhes que a cultura não deve ser acadêmica" ou "... para informá-los de que a cultura não deve ser acadêmica".

A letra E está correta: apresenta o verbo *proceder* como intransitivo, com o sentido de agir.

Resposta: D.

3. (Cesgranrio) Assinale a única alternativa incorreta quanto à regência do verbo.

a) Perdoou nosso atraso no imposto.

b) Meu pai perdoou ao pai.

c) Lembrou ao amigo que já era tarde.

d) Vi-lhes os olhos na festa.

e) Era grande a mesa da sala a qual nos sentamos.

Comentários:

Eis uma boa questão para treinarmos a regência do verbo *perdoar*: *aquilo que se perdoa* é o objeto direto e *a quem se perdoa* é o objeto indireto. Daí, na letra A, o verbo *perdoar* está adequadamente colocado: ele é v.t.d. e vem seguido do o.d. *nosso atraso no imposto*. Já na letra B, o verbo *perdoar* vem seguido de um objeto indireto: trata-se de um objeto pessoa (*ao pai*). Nas duas alternativas, portanto, ele foi bem utilizado.

Na letra C, o verbo *lembrar* vem adequadamente seguido de dois objetos, um direto (*que já era tarde*) e outro indireto (*ao amigo*).

Na letra D, o verbo *ver* é v.t.d.: seu objeto direto é *os olhos*. Observe que o pronome *lhe,* apesar de vir ligado ao verbo por meio do hífen, não é o seu objeto: é pronome oblíquo com valor possessivo que se refere ao substantivo *olhos* (= seus olhos). Por isso, a frase está certa.

Já a letra E traz um erro na regência com relativo. Organizando a oração adjetiva, que vem após o pronome relativo, teríamos "nós nos sentamos à mesa". O verbo *sentar*, aqui, deve vir seguido da preposição *a*, com valor semântico de proximidade. Por isso, o certo seria dizer: "Era grande a mesa da sala à qual nos sentamos".

Resposta: E.

4. (Fundação João Goulart) No trecho "Nós nos entendíamos e amávamos mudamente (...)" o complemento serve a dois verbos de mesma regência. Das frases abaixo, aquela em que o complemento serve a verbos de regências diferentes é:

a) Poucos nos reconheceram e cumprimentaram.

b) O indivíduo nos perseguia e ameaçava.

c) Não nos admirava ou obedecia.

d) Ele nos avistara e evitara.

Comentários:

Na frase do enunciado, tem-se um pronome *nos* que é objeto direto de dois verbos com mesma regência *entender e amar*, que são verbos transitivos diretos. O mesmo ocorre com a letra A: os verbos *reconhecer* e *cumprimentar* são transitivos diretos.

Na letra B, o raciocínio se repete: o pronome *nos* é objeto direto de *perseguir* e *ameaçar*, que são transitivos diretos.

No entanto, a letra C apresenta um complemento *nos*, que é ao mesmo tempo objeto direto de *admirar* e indireto de *obedecer*: o que não é um problema, já que, como estudamos em pronomes, os pronomes oblíquos *me, te, se, nos* e *vos* são verdadeiros curingas, podem ser O.D. ou O.I.

Na letra D, temos novamente o raciocínio do exemplo que consta no enunciado: os dois verbos possuem a mesma regência, são transitivos diretos, que têm como complemento o pronome *nos*.

Resposta: C.

5. (Vunesp/Fiscal de Rendas-SP) O único texto que obedece rigorosamente aos princípios de regência da língua culta escrita é:

a) Repete que puni e premiei professores que discordavam ou concordavam com minhas ideias.

b) Conquista é quando você pula da cama de manhã e vai dormir à noite. E entre uma coisa e outra, só faz o que gosta.

c) ... eis que o nosso Banco Central, que mal e porcamente cuida da nossa vida bancária cheia de abrolhos e escândalos, investiu-se de um poder que as nações soberanas, ou quase isso, não abrem mão.

d) ... os deuses mantêm seus protetores nas casas onde residem, o que implica que os soberanos dos céus e da terra tributam por sua vez um culto a seus pequenos deuses domésticos.

e) Temos por princípio não representar e nem formular Queixa perante o Tribunal de Ética da O.A.B., porém reservamo-nos no direito de aconselhá-lo a leitura do Código de Ética, do Estatuto da Ordem dos Advogados do Brasil.

Comentários:

A letra A apresenta, por duas vezes, verbos em coordenação que compartilham o mesmo complemento. Na primeira passagem, *punir* e *premiar* são transitivos diretos e possuem o mesmo objeto, *professores*, o que não caracteriza erro. Na segunda passagem, entretanto, aparecem os verbos *discordar* e *concordar* que, embora sejam transitivos indiretos, regem preposições distintas (*discordar de* e *concordar com*). Daí o erro: eles compartilharam o mesmo objeto. O certo seria dizer:

... que discordavam *das minhas ideias* ou concordavam *com elas*. A letra B também apresenta um erro: quem gosta gosta de, por isso o certo seria dizer: ... só o faz o (= aquilo) de que gosta. A

letra C apresenta um erro de regência com pronome relativo, no final do período. Colocando a frase na ordem direta, teríamos: *as nações soberanas não abrem mão do poder*. Por isso, o correto seria dizer: ... um poder de que as nações soberanas não abrem mão. A letra D trouxe o verbo *implicar* corretamente utilizado: seguido do objeto direto oracional *que os soberanos dos céus e da terra tributam...* A letra E apresenta os verbos *representar* e *formular*, transitivos diretos, coordenados com o mesmo complemento *Queixa*, estando, quanto a isso, correta. Entretanto, trouxe um erro com o verbo *reservar*: *reservamo-nos o direito* e não *no direito*. Ou seja: *reservamos o direito (o.d.) a nós (o.i.)*.

Resposta: D.

6. (FGV) Indique a opção em que o verbo responder está usado incorretamente, no que tange à regência.

a) Respondeu com mau humor à mãe.

b) O injustiçado responde às calúnias.

c) Os soldados responderam às balas.

d) Ninguém responde o juiz daquele jeito.

e) Respondi o que podia e o que não devia.

Comentários:

Questão boa para trabalhar o verbo *responder*: lembre-se de que *aquilo que se responde* (complemento coisa) é o objeto direto e *a quem ou a que se responde* (complemento pessoa ou coisa a que se responde) é o objeto indireto. Na letra A, *à mãe* é a pessoa a quem se respondeu. Nas letras B e C, tem-se novamente o *responder* como transitivo indireto: trata-se de objeto indireto *coisa a que se responde*. Nos dois casos, o verbo *responder* é transitivo indireto e vem seguido de objeto indireto *às calúnias* e *às balas*, respectivamente. O erro está na letra D: *o juiz* deveria ser objeto indireto. Nessa frase, quem responde responde *a alguém* e não alguém. Por isso, o certo seria dizer "Ninguém responde *ao juiz* daquele jeito". A letra E está correta: o verbo *responder* aparece como transitivo direto, com objeto direto, que é *aquilo que se responde*. Assim, temos um objeto direto *composto*: *o que podia e o que não devia*. A frase, portanto, está correta.

Resposta: D.

7. (Fundação Carlos Chagas) Em qual das alternativas o uso de **CUJO** não está conforme a norma culta?

a) Tenho um amigo cujos filhos vivem na Europa.

b) Rico é o livro cujas páginas há lições de vida.

c) Naquela sociedade havia um mito cuja memória não se apagava.

d) Eis o poeta cujo valor exaltamos.

e) Afirmam-se muitos fatos de cuja veracidade se deve desconfiar.

Comentários:

Esta questão trata do uso do pronome relativo cujo e da regência com esse conectivo. Vimos que o pronome cujo e variantes é usado entre dois substantivos com ideia de posse. Em todas as opções isso ocorre. O problema está, então, na falta da preposição. Na opção A ("... vivem **n**a Europa"), ela aparece – *vivem **em***. Na B, organizando, teríamos: "Há lições de vida **n**as páginas do livro". Portanto, a frase correta seria "Rico é o livro **em** cujas páginas...". Nas letras C e D, os verbos não pedem preposição ("... a memória não se *apagava*" e "*exaltamos* o valor"). Na letra E, o uso da preposição **de** se explica pela presença do verbo *desconfiar* ("Deve-se desconfiar **d**a veracidade dos fatos"). Lembre-se sempre de organizar a frase – **ordem direta** (sujeito + verbo + complementos).

Resposta: B.

8. (Vunesp) Assinale a opção cuja lacuna não pode ser preenchida pela preposição entre parênteses:

a) A alfabetização funcional, _____ cuja aquisição a escola deve preocupar-se. (com)

b) A alfabetização funcional, _____ cuja aquisição a escola deve refletir. (sobre)

c) A alfabetização funcional, _____ cuja aquisição a escola deve ser responsável. (a)

d) A alfabetização funcional, _____ cuja aquisição a escola deve cuidar. (de)

e) A alfabetização funcional, _____ cuja aquisição a escola deve estar preparada. (para)

Comentários:

Mais uma questão que envolve o uso da preposição antes do relativo. Organizando as orações

adjetivas (iniciadas pelo pronome relativo):

... a escola deve-se preocupar com.

... a escola deve refletir sobre.

... a escola deve ser responsável **por**.

... a escola deve cuidar de.

... a escola deve estar preparada para.

Resposta: C.

9. (Esaf) Assinale o item que apresenta **erro** de regência verbal:

a) O espetáculo do grande desastre, sempre implícito na loucura das corridas de automóvel, esconde e omite o essencial, que apenas se adivinha com os recursos da imaginação: o ser humano que viaja dentro daquela cápsula em vias de se desmanchar com a fragilidade de uma casquinha de sorvete.

b) Cumpriu-se com Ayrton Senna mais um ritual de sacrifício consumado no altar da modernidade que, ao comercializar a velocidade, transformou o esporte do automobilismo em negócio.

c) Atingimos o ideal supremo do capitalismo: velocidade cada vez maior nos lucros. As firmas que patrocinam as corridas são sólidas empresas privadas que tocam os seus negócios com fervor apostolar e o autódromo de Ímola, antessala do além, é uma empresa privada.

d) O carro cheio de rótulos comerciais é hoje apenas a visão do fracasso tecnológico, da lamentável falência de uma máquina que se pretende perfeita, mas é tão precária como qualquer outra diante do menor obstáculo.

e) As letras impressas se acumulam, promovendo os generosos mecenas do esporte que cedem uma migalha dos seus lucros aos pilotos, assim seduzidos com mais um argumento para o jogo perigoso que se entregam apaixonadamente.

Comentários:

Aqui, observamos que, em quatro opções, não há a intenção de se apresentar nenhum caso especial de regência. Na letra A, "esconde e omite o essencial" (os dois verbos são transitivos diretos). Na B, "consumado no" e "transformar o esporte... em negócio" seguem o padrão da norma culta. Na letra C, **atingir** é transitivo direto ("atingimos o ideal..."). Na D, não há nenhuma

particularidade sobre regência: a frase está totalmente correta. Porém, na letra E, na penúltima linha, aparece o pronome relativo **que**. Ao organizar a oração que ele introduz, teríamos: "(Eles) se entregam **a**o jogo perigoso". Por isso, o certo seria dizer: "... para o jogo perigoso **a** que se entregam".

Resposta: E.

10. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a regência do verbo destacado está correta, segundo o registro culto e formal da língua.

a) Informei-a que o período turbulento havia terminado.

b) Assistia a derrota daqueles que não acreditaram na oportunidade.

c) Diante de tamanha pressão, chegou no seu limite.

d) Neste momento, diante do ocorrido, todos reivindicam por tranquilidade de vida.

e) A constatação de que aquilo era verdadeiro custou-lhe dias difíceis.

Comentários:

O verbo **informar**, na letra A, pede dois complementos, é v.t.d.i. ("Informei-a de que o período..."). Na B, o verbo **assistir** com a ideia de *presenciar* é transitivo indireto ("Assistia **à** derrota..."). Na letra C, **chegar** rege preposição **a** ("... chegou **a**o seu limite"). Na letra D, **reivindicar** é transitivo direto ("... todos reivindicam tranquilidade"). Na letra E, o verbo **custar** (= ser difícil) é transitivo direto e indireto ("A constatação... custou **dias difíceis** – O.D. – **a ele** – O.I.).

Resposta: E.

11. (Petrobras) Segundo o registro culto e formal da língua, a regência do verbo destacado está correta em:

a) O homem **lembrou-se** a infância ao ver a criança.

b) Depois de algum tempo, **pagou** o seu amigo o que devia.

c) Boas ações **implicam** benefícios futuros.

d) Os inimigos **aspiravam** a derrota de alguém vulnerável.

e) De um modo geral, **respeitava** aos princípios básicos da ética.

Comentários:

Na teoria, vimos que os verbos **lembrar** e **esquecer** podem aparecer com ou sem o pronome. **Lembrar** e **esquecer** são transitivos diretos; **lembrar-se** e **esquecer-se** são transitivos indiretos. Na letra A, se o verbo é pronominal, usaremos a preposição ("... lembrou-se **d**a infância..."). Na B, **pagar**, em relação a *pessoa*, é transitivo indireto ("... pagou **a**o seu amigo..."). A letra C mostra o **implicar** (= acarretar), de acordo com o padrão culto da língua, como transitivo direto ("...implicam benefícios futuros"). Na D, **aspirar** (= *pretender*) é transitivo indireto ("... aspiravam **à** derrota..."). Na opção E, **respeitar** é transitivo direto ("... respeitaria os princípios...").

Resposta: C.

Aqui, vale um recado:

Atenção: Não confunda a regência do verbo respeitar com a regência do verbo obedecer. Quem respeita (v.t.d.), respeita alguém, mas quem obedece (v.t.i.), obedece a alguém. Assim: Respeite os seus pais e obedeça a eles.

12. (Banco Central) A imprensa internacional foi convidada para assistir os debates em Copenhague.

De acordo com a norma escrita padrão da língua, na frase acima há um DESVIO de:

a) regência nominal.

b) regência verbal.

c) concordância nominal.

d) concordância verbal.

e) pontuação.

Comentários:

A regência trata da dependência entre o nome e seu complemento (regência nominal) e do verbo e seu complemento (regência verbal). A concordância nominal estuda as flexões de gênero e número entre os nomes (substantivo, adjetivo, pronome, numeral e advérbio). A concordância verbal trata da flexão de número e pessoa entre o sujeito e o verbo da oração.

Na frase dada, observamos que o problema se dá entre o verbo e seu complemento na passagem "... assistir os debates...", porque **assistir** (= ver, presenciar) é transitivo indireto. Portanto, há um

desvio quanto à *regência verbal*.

Resposta: B.

Agora, é a sua vez...

18.5. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (FGV) A frase que apresenta erro de regência é:
a) O padrinho queria-lhe como a seu próprio filho.
b) Ígor está namorando com Ivone.
c) Era uma aprendizagem útil para todos.
d) Prefiro ficar em casa a andar por aí.
e) Sucesso, eu aspiro a ele.

2. (FGV) Regência imprópria:
a) Não o via desde o ano passado.
b) Fomos à cidade pela manhã.
c) Informou ao cliente que o aviso chegara.
d) Respondeu à carta no mesmo dia.
e) Avisamos-lhe de que o cheque foi pago.

3. (FGV) Quanto à regência verbal, escreva (1) nas orações corretas e (2) nas incorretas:
( ) Logo que chegou, eu o ajudei como pude.
( ) Preferia remar do que voar de asa delta.
( ) Naquela época, eu não visava o cargo de diretor.
( ) Sem esperar, deparei com ela bem perto de mim.
( ) Nós tentamos convencê-lo que tudo era imaginação.
a) 1, 1, 1, 2, 2.
b) 2, 2, 2, 1, 1.
c) 2, 1, 1, 2, 1.
d) 1, 2, 2, 1, 2.
e) 1, 2, 1, 2, 1.

4. (FGV) Assinale a afirmativa em que há erro de regência verbal.
a) Este documento visa ao estabelecimento de normas para avaliação dos técnicos.
b) O estabelecimento dessas normas implicou em demorado estudo das atribuições e tarefas dos técnicos.
c) O Setor Jurídico assistiu a Comissão que estudou o assunto.
d) Este documento constitui o resultado de minuciosa análise do assunto.

5. (FGV) A regência verbal está CORRETA apenas na opção:
a) Procedeu-se às ligações recomendadas pelo chefe do departamento.
b) A aprovação que aspiram se concretizará para um número considerável de candidatos.
c) Proibiram o porteiro em ausentar-se durante a tarde.
d) O regulamento da Companhia, obedeci-o integralmente.

e) Alguns preferem antes usar o telefone convencional, com fio, do que o moderno celular.

6. (FGV) No trecho "Nós nos entendíamos e amávamos mudamente (...)" o complemento serva a dois verbos de mesma regência. Das frases abaixo, aquela em que o complemento serve a verbos de regência diferentes é:

a) Pouco nos reconheceram e cumprimentaram.
b) O indivíduo nos perseguia e ameaçava.
c) Não nos admirava ou obedecia.
d) Ele nos avistara e evitara.

7. (FGV) Empregou-se indevidamente o pronome oblíquo, em relação ao uso culto da língua, na opção:

a) Aconselhei-o a subir com mais cuidado nos elevadores.
b) Os livros faziam-lhe companhia naquela altura.
c) Após reencontrar a própria mãe, o jovem abraçou-a afetuosamente.
d) Ao se dirigir aos moradores, o engenheiro queria lembrar-lhes uma outra coisa.
e) O síndico estava preocupado: espantavam-lhes as reclamações dos moradores.

8. (FGV) Se se quisesse passar o pronome sublinhado na frase "E me ensinava a tomar a bênção à lua nova" para a 3ª pessoa, a forma seria "E o ensinava a tomar a bênção à lua nova". Nos itens abaixo repetiu-se esta operação, observando-se as normas de emprego dos pronomes pessoais, EXCETO em:

a) O professor me perdoou as bobagens que falei. / O professor lhe perdoou as bobagens que falou.
b) Um colega orientou-se quanto à melhor maneira de estudar. / Um colega orientouo quanto à melhor maneira de estudar.
c) A direção certificou-me de que não haveria aula. / A direção certificou-lhe de que não haveria aula.
d) Os pais me entregaram a guarda do filho. / Os pais lhe entregaram a guarda do filho.
e) O inspetor me aconselhou a esperar o término da aula. / O inspetor o aconselhou a esperar o término da aula.

9. (FGV) Na oração interrogativa "como pagar bem aos professores?", o verbo pagar foi empregado de acordo com a norma gramatical, regendo a preposição a, na relação com o complemento indireto, "a pessoa a quem se paga". Nas frases abaixo, os verbos também estão empregados de acordo com as normas de regência, EXCETO em:

a) O professor não teve alternativa: acabou perdoando aos alunos as faltas que tinham cometido.
b) O diretor cientificou à comunidade que iria fechar a escola para as obras.
c) O estado, com essa política de baixa remuneração, parece preferir um professor pouco qualificado do que um profissional de melhor competência.
d) A Secretaria informou todos os professores das providências para requerer-se a averbação do tempo de serviço.
e) Iniciada a aula, o professor procedeu à chamada dos alunos presentes.

10. (FCC) Como na frase "O nível de complexidade do Deep Fritz reside nas linhas de código que o constituem", também as frases abaixo estão corretas quanto ao emprego do pronome o, menos em

uma, em que o correto seria empregar o pronome lhe. Esta frase está na opção:

a) Procurei um técnico para cientificá-lo de que havia um problema para resolver.
b) Embora o problema fosse de difícil solução, o computador o resolveu.
c) Vou procurar o técnico para certificá-lo que o problema já foi resolvido.
d) O cientista comentou que a empresa o contratou para resolver problemas complexos.
e) A empresa que construiu o computador resolveu doá-Io para um museu.

11. (FCC) "Torna-se perfeitamente impossível usar-se, com honradez, o conceito generalizador de 'povo', sem levar em conta as contradições e brutais desigualdades que ele implica." Das alterações processadas na parte sublinhada da passagem acima, aquela em que a regência está em descordo com a norma culta é:

a) ...as contradições e brutais desigualdades que tal conceito envolve.
b) ...as contradições e brutais desigualdades a que tal conceito acarreta.
c) ...as contradições e brutais desigualdades em que tal conceito importa.
d) ...as contradições e brutais desigualdades de que tal conceito se aproxima.
e) ...as contradições e brutais desigualdades com que tal conceito se identifica.

12. (FCC) Assinale a alternativa **incorreta** quanto à regência.

a) Creio que os trabalhadores estão muito conscientes de suas obrigações para com a Pátria.
b) O filme a que me refiro aborda corajosamente a problemática dos direitos humanos.
c) Esta nova adaptação teatral do grande romance não está agradando ao público; eu, porém, prefiro esta àquela.
d) O trabalho inovador de Gláuber que lhe falei chama-se Deus e o Diabo na Terra do Sol.
e) José crê que a classe operária está em condições de desempenhar um papel importante na condução dos problemas nacionais.

13. (FCC) Das alterações feitas na redação da frase "Esses dois princípios encarnam-se nos tipos do aventureiro e do trabalhador.", mediante o emprego do pronome relativo, a que se apresenta INCORRETA é:

a) São esses os dois princípios cujos parâmetros delineiam os tipos do aventureiro e do trabalhador.
b) São esses os dois princípios a que se refere como os tipos do aventureiro e do trabalhador.
c) São esses os dois princípios em que se fundamentam os tipos do aventureiro e do trabalhador.
d) São esses os dois princípios de que se alude nos tipos do aventureiro e do trabalhador.
e) São esses os dois princípios por que se definem os tipos do aventureiro e do trabalhador.

14. (FCC) A frase INCORRETA quanto à regência verbal, de acordo com a norma culta da língua é:

a) O cronista em que tenho ciência é aquele que escreveu duas crônicas no jornal de bairro.
b) O cronista a que me refiro não precisa entender de nada com profundidade.
c) O cronista a que aludo é aquele que não precisa entender de tudo.
d) O cronista sobre cujo texto fiz um comentário é aquele que não precisa entender de nada ao falar de tudo.
e) O cronista de cujos textos retirei estes exemplos é especializado em temas políticos.

15. (FCC) Das alterações processadas no trecho "O futebol, que desde os primeiros anos do século vinha se difundindo rapidamente pela cidade...", a que implica erro de regência verbal, de acordo com as normas da língua culta, é:

a) O futebol, por que aludiam os cronistas da época desde os primeiros anos do século...
b) O futebol, a que se atribuía o interesse dos jovens desde os primeiros anos do século...
c) O futebol, de que se ouvia falar desde os primeiros anos do século...
d) O futebol, em que residia o interesse dos jovens desde os primeiros anos do século...
e) O futebol, que desde os primeiros anos do século era praticado em clubes...

16. (Anal. Judic./TRF) No trecho "Grave e solitário, o tronco vive num estado de impermeabilidade ao som, a que os humanos só atingem por alguns instantes", é opcional a ocorrência da preposição "a" antes do complemento do verbo ATINGIR, pois este verbo pode ser transitivo direto ou transitivo indireto no padrão culto escrito. A mesma dupla regência é admissível em:

a) Ele era um escritor que desdenhava a fama a que aspiravam seus compatriotas.
b) A solução a que os médicos recorreram produziu resultados animadores.
c) A igreja a que me refiro foi construída no século XVII.
d) A unificação do objeto a que visaram seus integrantes explica o sucesso da equipe.
e) Esta é uma tese a que muitas pessoas preferem aderir por pura comodidade.

17. (Téc. Carp. Marc. / TRT-Fundec) Como texto jornalístico, cujo objetivo é levar a notícia de forma simples e clara ao leitor, notam-se, em sua redação, formas que o aproximam da língua oral, por exemplo, "mais chega em casa tão cansado...", com o verbo **chegar** regendo a preposição **em**. Dentre as frases abaixo, a que apresenta uma forma de regência que também é considerada própria da língua oral e, portanto, INCORRETA para a língua escrita padrão, é:

a) Quando o pai de Jefferson o viu, aproximou-se dele e lhe abraçou.
b) Eram crianças que nunca podiam usufruir o que a vida deveria reservar-lhes nessa idade.
c) Elas dependiam dos pais e, por isso, deveriam obedecer-lhes em todas as ordens.
d) Os menores trabalhadores, a população os encontra nas áreas urbanas, com a polícia importunando-os a toda hora.
e) Na atividade agrícola e na indústria calçadista não lhes sobra nenhuma oportunidade, por isso as crianças optam por viver nas ruas.

18. (TCE / SP - Ag. Fis. Fin.) O mundo está **sedento** por gasolina e diesel especiais... O mesmo tipo de regência exigido pelo termo grifado acima encontra-se na expressão:

a) notícia auspiciosa para todos os brasileiros.
b) de reservas expressivas de petróleo leve de boa qualidade.
c) no restrito clube das megaempresas mundiais de petróleo e energia.
d) as reservas de gás de Bahia Blanca.
e) resinas termoplásticas para toda a região.

19. (TRF / 5ª Região) Admite-se a permanência do elemento sublinhado na frase *Esse pequeno grupo (...) goza de enorme influência sobre o governo* no caso de substituição da forma verbal *goza* pela forma verbal:

a) usufrui.
b) atribui-se.
c) empenha-se.
d) Favorece.
e) alça-se.

20. (TRT / 18ª Região) Está correta a construção da seguinte frase:
a) Seu vizinho de poltrona acha preferível ouvir música do que se concentrar num filme.
b) A mulher ao lado prefere mais um filme em vez de ouvir música.
c) Tenho mais preferência a desfrutar do silêncio que de ouvir intimidades alheias.
d) O jovem prefere concentrar-se na música a ficar com os olhos num monitor de TV.
e) É mais preferível entreter-se com ideias próprias a que distrair com as tolices de um filme.

21. (TCE / AL) A autora poderia ter optado, corretamente, pela seguinte redação da frase em que formula sua preferência.
a) Prefiro muito a interpretação destes pensadores do que àqueles.
b) A minha preferência é mais da interpretação destes pensadores que a daqueles.
c) À interpretação daqueles pensadores não tenho como deixar de preferir a destes.
d) Prefiro à destes, em vez da interpretação daqueles pensadores.
e) É para mim preferível, em vez da interpretação daqueles pensadores, à que defendem estes.

22. (TCE / AL) Numa outra redação de um segmento do texto, estará correta e coerente com o sentido original a seguinte construção:
Sem nossa história e nosso passado, não teríamos
a) de onde prover, nem aonde nos inclinarmos.
b) por onde começar, nem espaço para nos expandirmos.
c) aonde começar, nem aonde alcançarmos projeção.
d) por onde provermos, nem lugar aonde nos fixarmos.
e) onde dar início, nem aonde progredirmos.

23. (TRT / 2ª Região – Anal. Judic.) Está inteiramente correta a construção da seguinte frase:
a) O futuro com que já não se conta implica esvaziamento de sentido do presente.
b) Para nós acaba sendo mais preferível a agenda do dia do que as utopias.
c) George Steiner insiste de que somos uns nostálgicos de antigos futuros.
d) O futuro com que almeja funciona enquanto árbitro moral do presente.
e) Já não há utopias aonde nos impulsionamos para construir o futuro.

24. (MPRSD / Ass. Adm.)(...) *o vinho (...) propiciava um deleite físico e espiritual de que seria incapaz uma borboleta*.
O elemento sublinhado no segmento acima deve ser mantido caso se substitua incapaz por:
a) indiferente.
b) insensível.
c) inepta.
d) imprópria.

e) desprovida.

25. (PMSAL – Guarda Munic.)A expressão **com que** preenche corretamente a lacuna da seguinte frase:

a) A violência urbana, ... tanto se preocupa a população, deve ser combatida por uma guarda municipal bem aparelhada.

b) As razões da violência urbana, ... tantos especialistas têm debatido, são complexas e profundas.

c) Os apitos dos guardas, ... todos esperavam ouvir duramente a noite, tranquilizavam a população.

d) Não se sabe ..... recursos serão necessários para garantir o novo sistema de policiamento.

e) A melhor das iniciativas .... se pode tomar, desde o início, é conquistar a confiança da população.

26. (TCE / AL) Está correto o emprego de **ambos** os elementos sublinhados na frase:

a) Aquele que deseja cumprir novos propósitos não podem faltar iniciativas em que levem a alguma ação.

b) O passado, em cujo nos moldamos, é como a argila, à qual forma os bonecos se submetem.

c) A trama do destino, em que tantos atribuem o peso da fatalidade, esvaziaria qualquer iniciativa de que viéssemos a tomar.

d) A capacidade de escolher, da qual muitos identificam o livre-arbítrio, não tem a mesma relevância com que se reveste a iniciativa de uma ação.

e) Os mesmos fatos do passado a que estamos atrelados podem nos incitar a um recomeço, de que sempre temos tanta necessidade.

27. (PMSAL – Guarda Munic.) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:

a) Os guardas-noturnos, cuja a única arma era um apito, garantiam a tranquilidade dos que dormiam em suas casas.

b) A intranquilidade das ruas, de cuja somos todos vítimas, só vem crescendo nos últimos tempos.

c) O código de apitos, do qual os guardas-noturnos antigamente recorriam, seria hoje um expediente inteiramente inócuo?

d) A violência urbana, da qual se deve dar duro combate, ganhou aspectos dramáticos em nossos dias.

e) O direito à segurança, ao qual todos deveriam ter acesso, está cada vez mais ameaçado nos grandes centros urbanos.

28. (TRF / SP) Está correto o emprego de ambas as expressões sublinhadas em:

a) As áreas aonde os homens se concentravam exibiam edifícios em cujos não havia arejamento.

b) Em cortiços de cimento, a que faltavam espaço e arejamento, comprimiam-se milhões de indivíduos para quem a natureza parecia representar uma ameaça.

c) Esse texto, de cujo o autor era também poeta, promove um típico exercício de imaginação em que muitos autores de ficção são tentados.

d) Os mistérios porque somos atraídos na ficção costumam impressionar os leitores em cujos também não falta a liberdade da imaginação.

e) Os espaços urbanos pelos quais se espanta o imaginário narrador seriam testemunho de uma civilização à qual eram frouxos os laços com a natureza.

29. (TRF / SP) Considere as seguintes frases:

I. É muito restritivo o aspecto da «razoabilidade» dos sonhos, de que o autor do texto analisa no segundo parágrafo.

II. Talvez um dos "dragões" a que se deva dar combate em nossos dias seja o império dos interesses materiais.

III. Os sonhos em cuja perseguição efetivamente nos lançamos podem transformar-se em conquistas objetivas.

Está correto o emprego do elemento sublinhado APENAS em:

a) I.
b) II.
c) III.
d) II e III.
e) I e III.

30. (TRT / 2ª Região) Está adequado o emprego do elemento sublinhado na frase:

a) Meu amigo juiz escrevia poemas que o estilo de linguagem era muito depurado.
b) Expressava-se numa linguagem poética em que ele se obrigara a ser contido e disciplinado.
c) Logo recebi o livro de poemas nos quais o grande valor expressivo eu sequer desconfiava.
d) Surpreendeu-me que tivesse escrito poemas em cujos não havia vestígio de academicismos.
e) Meu amigo deu-me uma explicação à qual pude aproveitar uma lição muito original.

31. (TRF / 2ª Região – Técn. Adm.) A juventude é um tempo que se imagina poder prolongar indefinidamente.

É possível uma nova redação da frase acima, em que persista a correção formal e a coerência das ideias, substituindo-se o segmento sublinhado por:

a) do qual se imagina poder um prolongamento indefinido.
b) cuja imaginação se pode prolongar indefinidamente.
c) em cujo prolongamento indefinível se pode imaginar.
d) pelo qual imagina-se uma prolongação indefinida.
e) que nos é dado imaginar como indefinidamente prolongável.

32. (TRF / 2ª Região – Técn. Adm.) Conforme a lenda, haveria em algum lugar a Fonte da Juventude, cujas águas garantiriam pleno rejuvenescimento a quem delas bebesse.

Pode-se substituir corretamente o segmento sublinhado, sem prejuízo para o sentido da frase acima, por:

a) onde suas águas garantiriam pleno rejuvenescimento a quem lhes bebesse.
b) de cujas águas se garantiria pleno rejuvenescimento a quem nelas bebesse.
c) em que suas águas garantiriam pleno rejuvenescimento quem delas bebesse.
d) em cujas águas estaria a garantia de pleno rejuvenescimento para quem delas bebesse.
e) de cujas águas estaria a garantia de pleno rejuvenescimento para quem lhes bebesse.

33. Está correto o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

a) O moralizador está carregado de imperfeições de que não costuma acusar em si mesmo.
b) Um homem moral empenha-se numa conduta cujo o padrão moral ele não costuma impingir na

dos outros.

c) Os pecados aos quais insiste reincidir o moralizador são os mesmos em que ele acusa seus semelhantes.

d) Respeitar um padrão moral das ações é uma qualidade da qual não abrem mão os homens a quem não se pode acusar de hipócritas.

e) Quando um moralizador julga os outros segundo um padrão moral de cujo ele próprio não respeita, demonstra toda a hipocrisia em que é capaz.

34. (TRF / 5ª Região) Está correto o emprego de ambas as expressões sublinhadas na frase:

a) As pessoas com quem devemos prestar contas são aquelas cujos direitos os setores dominantes não costumam dar atenção.

b) Nem sempre conseguem os homens sobrepor-se diante de suas circunstâncias ou redimir-se perante seus fracassos.

c) Os direitos em cuja defesa devemos nos empenhar são os membros pelos quais os acumuladores de capital demonstram desprezo.

d) O alerta de Einstein de que nos mantenhamos em guarda é, de fato, um imperativo moral do qual não podemos deixar de atender.

e) Os métodos legais de cujos se valem os detentores do poder econômico reforçam a má distribuição de renda em que os trabalhadores são vítimas.

35. (TRT / 5ª Região) A frase totalmente de acordo com as normas da gramática prescrita, no que se refere à regência, é:

a) Eles estão hesitantes por como apresentar o projeto, pois pensaram, inicialmente, em fazer painel explicativo à maneira como funciona a engrenagem.

b) Nem bem chegou o rapaz, ela divisou-lhe, e, aproximando-se a ele rapidamente, entregou as pastas de cujo conteúdo ele já estava a par.

c) A harmonia do homem e a natureza é algo que todos dependem, embora muitos revelem má vontade para com as coisas naturais simplesmente porque não as conhecem bem.

d) Na sua genuína acepção, a cultura nunca se limitou a reproduzir os desejos dos homens, mas sempre ergueu a sua voz contra as duras condições em que se desenrola a vida.

e) Desde o momento que as formas culturais constituíram em ganha-pão dos seus criadores, o mercado começou a agir para ficar propício com elas.

36. (CET-RIO / FJG)"Não procuremos neles a beleza que arrebata logo o olhar." Em cada alternativa abaixo, substitui-se o verbo em destaque. A nova construção apresenta impropriedade quanto à regência verbal em:

a) Não procuremos neles a beleza que dirigimos logo o olhar.

b) Não procuremos neles a beleza que absorve logo o olhar.

c) Não procuremos neles a beleza que cativa logo o olhar.

d) Não procuremos neles a beleza que atrai logo o olhar.

37. (Fiscal / DF) Está correto o emprego da expressão sublinhada na frase:

a) É preferível de que haja menos autoritarismo.

b) A alternativa a cuja jamais se deveria recorrer é a do autoritarismo.

c) É grande a perplexidade de que estão tomados os latino-americanos.
d) É formidável a avenida por cuja podem trilhar os aventureiros de sempre.
e) Grande é o dilema com o qual vem experimentando a opinião pública brasileira.

38. (Fiscal / DF) A expressão sublinhada na frase "É a inescapável conclusão *a que se chega*" preenche corretamente a lacuna de:
a) É a imprescindível medida ..... se deve adotar.
b) É o último recurso ..... devemos nos agarrar.
c) É a única solução ..... podemos contar.
d) É o caminho compulsório ..... deveremos percorrer.
e) É a alternativa última ..... por ora nos defrontamos.

39. (Ag. Tribt. Estad. / MS / Esaf) Assinale a opção que foi transcrita com erro de sintaxe:
a) O processo de globalização significa que uma rede de dependências chega aos mais remotos cantos do planeta. Mas, hoje, essa rede ainda não atingiu seus limites.
b) Seria muito prematuro falar de uma sociedade global ou de uma cultura global, e mais ainda de uma política ou de um direito global.
c) Está surgindo um sistema social global neste extremo último do processo de globalização? Se tal sistema existe, não se assemelha aos sistemas sociais que costumamos considerar normativos.
d) Costumávamos pensar em sistemas sociais como uma totalidade de que coordenava e adaptava os aspectos da existência humana por meio de mecanismos econômicos, poder político e padrões culturais.
e) Hoje em dia, no entanto, aquele sistema que costumava coordenar tudo no mesmo nível e dentro de uma mesma totalidade foi separado e situado em níveis radicalmente diferentes.

40. (Funcab / Aux. Enferm.) Observe o seguinte trecho:
"O projeto, **que será estendido a mulheres e crianças**, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde..."
A substituição da oração em destaque resulta inaceitável, segundo o padrão culto vigente, na seguinte alternativa:
a) a que também se vincularão mulheres e crianças.
b) de que também participarão mulheres e crianças.
c) em que também se incluirão mulheres e crianças.
d) cuja extensão também atingirá mulheres e crianças.
e) ao qual também terão a participação mulheres e crianças.

41. (Anal. Judic. / TRF / Fundec) Sobre a regência do verbo assistir na oração "a Região Metropolitana finalmente assistia ao início de um capítulo bom da novela protagonizada por mais de 3 milhões de pessoas", pode-se afirmar que:
a) está correta, porque o verbo foi empregado como transitivo indireto, no sentido de ser do direito.
b) é semelhante à regência do verbo amar em frases como «Deve-se amar ao próximo".
c) admite a construção passiva, que seria: "O início de um capítulo bom da novela protagonizada por mais de 3 milhões de pessoas era assistido finalmente pela Região Metropolitana".
d) está consoante com a língua escrita padrão, mas diverge dos hábitos da língua falada no Brasil.

e) é a recomendada pela norma culta da língua, mas não é a habitualmente praticada pelos escritores contemporâneos.

Gabarito: 1. b; 2. e; 3. d; 4. b; 5. a; 6. c; 7. e; 8. c; 9. c; 10. c; 11. b; 12. d; 13. d; 14. a; 15. a; 16. d; 17. a; 18. a; 19. a; 20. d; 21. c; 22. b; 23. a; 24. e; 25. a; 26. e; 27. e; 28. b; 29. d; 30. b; 31. e; 32. d; 33. d; 34. c; 35. d; 36. a; 37. c; 38. b; 39. d; 40. e; 41. d.

19 CRASE

19.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

A crase é a fusão de duas vogais iguais. Na escrita, esse fenômeno vem marcado com o acento grave.

As **justificativas** para o uso do acento grave **são duas**:

1ª justificativa: casos de contração
a) preposição a + artigo definido a (a + a(s) = à(s)).
b) preposição a + pronomes demonstrativos a(s)(= aquela(s)), aquele(s), aquela(s), aquilo.
c) preposição a + pronome relativo a qual/as quais.

Importante: No caso de contração de preposição ***A*** com artigo feminino A, a preposição aparece por exigência de um verbo (regência verbal) ou de um nome (regência nominal). O artigo, por exigência de um substantivo feminino. Veja o modelo:
"*Os universitários leem como se assistissem* [a] à [a] televisão com um controle remoto."

Uma maneira prática de saber se a palavra feminina aceita ou não artigo é usá-la na função de sujeito. Na **ordem direta**, você diria "A televisão nos diverte" ou "Televisão nos diverte"? Com certeza, usaria a primeira forma. Portanto, a palavra "televisão" aceita artigo feminino. Se o verbo ou o nome não pedir preposição **A** ou se a palavra seguinte não aceitar artigo feminino, não ocorrerá o fenômeno da crase.

Essa explicação vai servir para mostrar os casos **em que há** o acento grave, **em que não há** e quando o uso do acento é **facultativo**.

Vejamos alguns exercícios comentados.

Complete as lacunas das frases usando a, à, as, às.

1. Cheguei cedo ( ) ___ ( ) repartição.
2. Pediram ( ) ___ ( ) jovem que comparecesse ( ) ___ ( ) secretaria.
3. Fiz alusão ( ) ____ ( ) crianças.
4. Fui ( ) ____ ( ) Grécia ano passado.
5. Fui ( ) ____ ( ) Brasília de minha infância.
6. Obedeça ( ) ____ ( ) senhorita/senhora/madame.

Comentários:

Nas frases de 1 a 6, observa-se a presença da preposição **a** exigida por "chegar [a]", "Pediram [a]... comparecessem [a]", "alusão [a]", "Fui [a] e "Obedeça [a]". Como as palavras femininas que se seguem aceitam **artigo feminino** ("a [a] repartição", "[a] jovem... [a] secretaria", " [as] crianças, "[a] Grécia", " [a] Brasília de minha infância" e [a] senhorita/senhora/madame", ocorre o fenômeno da crase. Portanto, temos a fusão da preposição a com artigo definido a.

Aqui, vale um recado sobre as frases 4 e 5:

Atenção nas frases 4 e 5: Quando aparece nome de lugar (Grécia, Brasília...), para saber se aceita ou não artigo, procedemos da mesma maneira como foi apresentado na teoria: se, na função de sujeito, pudermos usar o artigo é porque o nome do lugar aceita. Caso contrário, só aparece a preposição a. Por exemplo:
– A Grécia é um país que me encanta. (aceita artigo)
(suj.)
– Brasília é a capital do Brasil (e não *A Brasília é...*; logo, Brasília não aceita artigo). No entanto, se o nome do lugar vier determinado, usaremos o artigo.

Na frase 6, o verbo "obedecer" pede preposição A e os pronomes de tratamento "senhorita", "senhora" e "madame" aceitam o artigo A. Mais à frente, veremos os pronomes de tratamento que não aceitam o artigo A.

As frases de 1 a 6 são exemplos de contração de preposição **a** + artigo feminino **a.**

Respostas: 1. à; 2. à; 3. às; 4. à; 5. à; 6. à.

7. Fiz referência ( ) ___ que gesticulava freneticamente.

8. Emprestei o livro ( ) aquela velha amiga.

9. Emprestei o livro ( ) aquele velho amigo.

Comentários:

Nas frases 7, 8 e 9, há contração de preposição **a** com **pronomes demonstrativos**: "Fiz referência [a] + a (= aquela) que gesticulava", "Emprestei o livro [a] + aquela" e "Emprestei o livro [a] + aquele".

Na frase 7, aparece o **a** como pronome demonstrativo. Aqui, vale um recado:

O pronome demonstrativo a(s) aparece, geralmente, antes de que relativo ou de preposição de, quando fica claro o valor semântico de demonstrativo. Observe:
"Refiro-me à (= àquela) da direita."
"Refiro-me à (= àquela) que chegou de branco."

Respostas: 7. à; 8. àquela; 9. àquele.

10. A moça a qual me referi [ ] era uma velha amiga.

Comentários:

A frase 10 mostra o pronome relativo a qual, que introduz oração adjetiva e já possui a letra a. Com esse conectivo, haverá acento no a do a qual se, dentro da oração adjetiva, algum termo pedir preposição a. Observe:

... a qual me referi (*Eu me referi a*). Logo, a preposição *a* do verbo *referir-se* encontra-se com o *a* de *a qual*: *... à qual me referi...*

Resposta: 10. à qual.

Crase obrigatória:
– preposição a + artigo definido a(s) (frases 1 a 6)
– preposição a + pronomes demonstrativos a(s), aquela(s), aquele(s), aquilo (frases 7 a 9)
– preposição a + pronome relativo a qual/as quais (frase 10)

11. Falou ( ) ___ ( ) João.

12. Começou ( ) ___ ( ) ventar.

13. Aludiu ( ) ___ ( ) V.Exª/você.

14. Fui ( ) ___ ( ) Brasília.

15. Ofereci ajuda ( ) ___ ( ) esta/essa/uma/qualquer pessoa.

16. Dedicou o prêmio ( ) ___ ( ) ela.

Comentários:

Importante: usaremos o código [x] para mostrar que não se usa **a**.

Nas frases de 11 a 16, ocorre apenas a presença da preposição **a**, pois *João*, nome próprio masculino, não aceita artigo feminino (*Falou* [a] [x] João); *ventar* é verbo, não vem com artigo ("Começou [a] [x] ventar"); pronomes de tratamento não aceitam artigo, exceção feita aos tratamentos senhorita, senhora e madame da frase 6.

E por que esses tratamentos aceitam artigo e V. Exª e você não aceitam? No início desse assunto mostramos uma maneira prática de saber se substantivos ou pronomes aceitam ou não artigo: iniciar uma frase na **ordem direta** (sujeito + verbo + complemento). Por exemplo:

A *senhorita*/*senhora*/*madame* aceita minhas desculpas?

Agora, você diria "A V. Exª/você aceita minhas desculpas?" ou "V.Exª/você aceita minhas desculpas?". Certamente é a última que seria usada.

Aqui, vale um recado:

Atenção: Os pronomes de tratamento não aceitam artigo, com exceção a senhorita, senhora e madame.

Teríamos, portanto, na frase 13, só a preposição ("Aludiu [a] [x] V. Exª (você)").

Na 14, seguindo o mesmo princípio, Brasília não aceita artigo – *Brasília é a capital do Brasil* ("Fui [a] [x] Brasília"). Na frase 15, os pronomes esta, essa, qualquer e o pronome indefinido uma também não aceitam artigo (forme uma frase, na **ordem direta,** usando esses pronomes na função de sujeito e verá que não vêm com artigo – *Esta*/*Essa*/*Qualquer pessoa inteligente*). *Uma pessoa esteve procurando*, e não A esta/essa/qualquer/uma pessoa esteve te procurando. Só preposição ("Ofereci ajuda [a] [x] esta...")

Na frase 16, a mesma explicação ("Dedicou o prêmio [a] [x] ela"), já que os pronomes pessoais também não aceitam artigo. Logo, se aparece apenas um **a**, não ocorrerá o fenômeno de crase.

Respostas: 11. a; 12. a; 13. a; 14. a; 15. a; 16. a.

17. A diretora ( ) que me referi chegou.

18. A diretora ( ) quem me referi chegou.

19. A escritora ( ) cuja obra me referi ganhou um prêmio.

20. A escritora ( ) a qual admiro ganhou um prêmio.

Comentários:

As frases 17, 18 e 19 exemplificam o uso de pronomes relativos antecedidos de preposição **a**, porque também esses conectivos não admitem a presença de artigo.

Na frase 20, *a qual* não recebe acento grave porque o verbo **admirar** não pede preposição **a** (confronte com a frase **10**, em que o **a** do a qual recebe acento porque o verbo referir-se rege preposição **a**).

Respostas: 17. a; 18. a; 19. a; 20. a qual.

Atenção: Antes do pronome relativo que só haverá acento no a quando o termo anterior pedir preposição a e aparecer um a com valor de demonstrativo, o que dá para perceber com certa facilidade. Veja a frase 7 ("Fiz referência à que gesticulava freneticamente"). Na 17 isso não ocorre ("A diretora aquela que me referi?"). Certamente, numa redação, você não usaria essa construção.

Portanto, vale sistematizar:

Os pronomes relativos e a crase:
1. Ocorrerá crase nos relativos a qual, as quais, se esses pronomes vierem antecedidos de preposição, exigida por um termo (verbo ou nome) que vem após esses relativos. (frase 10)
2. Diante do pronome relativo que, normalmente não há crase, pois esse pronome não admite artigo. O a que vem antes do que é apenas preposição. (frase 17). Entretanto, o pronome relativo que poderá vir antecedido de a acentuado, quando o a(s) for demonstrativo (= aquela). (frase 7)
3. Antes de quem, cujo, cuja, cujos, cujas, jamais ocorrerá crase, pois esses pronomes não aceitam artigo. O a que os anteceder será apenas preposição. (frases 18 e 19)

21. Perdeu o gol cara ( ) cara.

Comentários:

Na frase 21, mais um caso em que nunca se usa acento grave: entre palavras repetidas. Esse a é apenas preposição.

Resposta: 21. a.

Crase proibida:
1. antes de palavra masculina;
2. antes de verbos;
3. antes de pronomes de tratamento, como V.Exª, você, Sua Excelência...; exceto com madame, senhora e senhorita;
4. com nomes de lugar que não aceitam artigo *a*;
5. antes de pronomes demonstrativos *este, esta, esse, essa*;
6. com pronomes indefinidos (*alguém, nenhum...*);
7. antes de artigo indefinido (*um, uma*);
8. entre palavras repetidas.

22. Ofereci ajuda ( ) __ ( ) Maria.

23. Fez menção ( ) ___ ( ) Cecília Meireles.

24. Ofereci ajuda ( ) ___ ( ) minha/sua/nossa amiga.

25. Ofereci ajuda ( ) ___ ( ) minha amiga e não ( ) ___ ( ) sua.

26. Corri até ( ) ___ ( ) sala.

Comentários:

Nas frases de 22 a 26, temos exemplos de uso facultativo do acento grave. São três os casos de uso facultativo:

1º) Antes de nome próprio feminino: podemos usar o artigo ou não.

"A Maria esteve te procurando" ou "Maria esteve te procurando" ("Ofereci ajuda [a] [a] ou [x] Maria")

Antes de nomes ilustres, porém, não aparece artigo.

("Fez menção [a] [x] Cecília Meireles")

2º) Antes de pronome possessivo feminino singular: podemos usar o artigo ou não.

"A minha/sua/nossa amiga chegou" ou "Minha/Sua/Nossa amiga chegou" ("Ofereci ajuda [a] [a] ou [x] minha/sua/nossa amiga").

Todavia, antes de possessivo feminino singular com substantivo feminino subentendido, acento obrigatório. Veja:

"Ofereci ajuda [a] [a] ou [x] minha amiga e não [a] [a] sua (amiga)".

3º) Após a preposição até, é facultativo o uso do acento grave, uma vez que existe até (preposição) e até a (locução prepositiva que termina em a).

Respostas: 22. à ou a; 23. a; 24. à ou a; 25. à ou a; 26. à ou a.

Crase facultativa:
1. antes de nome próprio feminino;
2. antes de pronome possessivo feminino no singular;
3. após a preposição até.

2ª justificativa: casos de locuções femininas
• adverbiais: às vezes, às pressas, à toa, à beça, às duas horas, à mingua...
• prepositivas: à beira de, à espera de, às expensas de, à moda de, à procura de...
• conjuntivas: à medida que, à proporção que.

No início deste capítulo, dissemos que as justificativas para o uso do acento grave são duas. A primeira trata da **contração** da preposição **a** mais artigo definido feminino, pronomes demonstrativos e relativo a qual.

Agora, vamos ao segundo caso: **as locuções femininas.**

Diferentemente do primeiro, aqui não temos de achar dois as. Nas locuções, a questão é semântica, ou seja, aparecem expressões femininas com ideia de tempo, intensidade, modo, lugar, proporção etc.

A sistematização em adverbiais, prepositivas e conjuntivas é por causa da forma: as prepositivas terminam em preposição (à beira de, à moda de, à espera de, à procura de...); as conjuntivas, em conjunção (à medida que e à proporção que).

Já as adverbiais não têm uma terminação característica. Sabemos que são locuções adverbiais por causa dos valores circunstanciais próprios do advérbio (tempo, lugar, intensidade...).

Seguem alguns exercícios comentados.

Use o acento grave nas locuções femininas, quando se exigir.

1. Compro sempre _____ vista, nunca _____ prazo.

2. Gostava de churrasco _____ Osvaldo Aranha.

3. Queria tudo _____ claras.

Comentários:

Não custa nada lembrar: acento nas locuções só se for feminina.

Na frase 1, só a primeira (*à vista*) é locução feminina, pois prazo é vocábulo masculino.

Na 2, embora Osvaldo seja palavra masculina, subentende-se a locução prepositiva feminina à moda de.

Em 3, às claras é uma locução adverbial feminina de modo.

Respostas: 1. à vista/a prazo; 2. à Osvaldo Aranha; 3. às claras.

4. Vivia _____ espera de um milagre.

5. Saiu _____ cinco horas _____ fim de ver um filme.

Comentários:

Na frase 4, a locução prepositiva (*à espera de*) é formada por palavra feminina. Em 5, na primeira ocorrência, a locução adverbial é feminina indicando tempo, mas na segunda ocorrência há uma locução prepositiva representada por palavra masculina – *fim*.

Respostas: 4. à espera de; 5. às cinco horas/a fim de.

6. Chegou _____ uma hora e saiu _____ oito.

7. Estou aqui desde _____ três horas.

Comentários:

Na frase 6, as locuções são representadas por palavra feminina – *hora*. No entanto, se as

expressões de hora vierem antecedidas de preposição (após, desde), não haverá acento (frase 7).

Respostas: 6. à uma hora/às oito (horas); 7. desde as três horas.

8. Sentia-se mais _____ vontade _____ medida que ia se aproximando da reta final.

9. _____ medida que tomaste desagradou a todos.

Comentários:

Na frase 8, temos, respectivamente, uma locução adverbial feminina e uma locução conjuntiva feminina com ideia de proporção.

Repare que na frase 9 não há mais a ideia de proporção. Temos aí medida funcionando como sujeito de desagradou:

"A medida que tomaste desagradou a todos".

(suj.) or. adjetiva

Respostas: 8. à vontade/à medida que; 9. A medida.

10. _____ vezes, ela faz _____ vezes do professor.

11. Fez a prova _____ lápis.

12. Andei _____ cavalo pela fazenda.

13. _____ beira do rio, admirava o quadro _____ óleo que acabara de pintar.

14. Comia, _____ pressas, um angu _____ baiana.

Comentários:

Na frase 10, só na primeira ocorrência é que há ideia circunstancial de tempo (às vezes = de vez em quando).

Na segunda passagem, essa expressão funciona como objeto direto de **faz** ("ela faz as vezes"), não possui valor adverbial, *"ela faz algo* (= as vezes)*"*

Nas frases 11 e 12, as locuções são masculinas (lápis, cavalo). Na 13, a locução prepositiva é feminina (beira), mas a palavra *óleo*, na segunda passagem, é masculina.

Na frase 14, as duas locuções são adverbiais femininas.

Respostas: 10. Às vezes/as vezes; 11. a lápis; 12. a cavalo; 13. À beira de/a óleo; 14. às pressas/à baiana.

Observações finais:

a) Antes das palavras CASA e TERRA (em oposição a *bordo*) não ocorrerá o acento.
Exemplos:
Retornaram rapidamente a casa.
Quando o navio atracou pudemos ir a terra.
No entanto, se vierem determinadas, haverá o acento:
Retornaram rapidamente à casa dos pais.
Iria à terra dos avós.
b) Não se usa o acento grave no a antes de palavras tomadas em sentido geral.
Exemplos:
Este pano cheira a gasolina. (Este pano cheira a álcool.)
Ela se candidatou a deputada. (Ele se candidatou a deputado.)

Repare que ao trocar por palavra masculina não aparece artigo ("cheira a álcool e não ao álcool/se candidatou a deputado e não ao deputado"), logo não aparecerá artigo antes do nome feminino.

Reconhecemos que esse caso não é de fácil percepção, mas a boa notícia é que raríssimas são as questões de concurso público que exploram esse caso. Mais um exemplo:

Viso a melhores condições de trabalho.

Esse é o caso mais comum de palavra tomada em sentido geral: usar a preposição a antes de substantivo no plural. A ausência do artigo definido *as* confirma essa indeterminação.

Marque V ou F para os casos de crase abaixo. Nas situações de crase, indique a justificativa para o acento.

1. ( ) Ele fez referência a tarefa feita por nós.

Comentários: O substantivo *referência* pede preposição *a*. A palavra *tarefa* aceita artigo.

Resposta: a frase está errada, falta o acento.

2. ( ) Traçou uma reta oblíqua a do centro.

Comentários: O adjetivo *oblíqua* exige a preposição *a*. E essa preposição vai-se encontrar com o pronome demonstrativo *a* (= *aquela*) que vem antes de *do centro* (Traçou uma reta oblíqua *a* + *a do centro*).

Resposta: a frase está errada. Falta o acento.

3. ( ) Não conheço as que saíram.

Comentários: O verbo *conhecer* é transitivo direto, não pede preposição. A palavra *as* é só pronome demonstrativo (= *aquelas*).

Resposta: a frase está certa, não há fenômeno da crase.

4. ( ) Ele se referia as que saíram.

Comentários: O verbo *referir-se* é transitivo indireto, pede preposição *a*. E essa preposição vai-se encontrar com o pronome demonstrativo *as* (= *aquelas*), que vem antes da oração *que saíram* (Ele se referia *a* + *as que saíram*).

Resposta: a frase está errada, falta o acento.

5. ( ) Apresentou-lhe a esposa.

Comentários: O verbo *apresentar*, aqui, é transitivo direto e indireto e vem seguido de dois objetos: o indireto, sob a forma de pronome (*lhe*) e o direto (*a esposa*). Ora, se *a esposa* é objeto direto, não há que se iniciar com preposição e, sem ela, não ocorre o fenômeno da crase. O *a* que aparece na frase é artigo.

Resposta: a frase está certa.

6. ( ) Era uma camisa semelhante a que o diretor usava.

Comentários: O adjetivo *semelhante* exige a preposição *a*. E essa preposição encontra-se com o pronome demonstrativo *a (= aquela)*, antes do relativo *que* (*Era uma camisa semelhante a* + *a que o diretor usava*).

Resposta: falta o acento.

7. ( ) Ele não obedecia aquele regulamento.

Comentários: *Quem obedece, obedece a alguém,* ou *a alguma coisa*. O verbo *obedecer* é transitivo indireto e vem acompanhado da preposição *a*. E essa preposição encontra-se com o *a* que inicia o pronome demonstrativo *aquele*.

Resposta: a frase está errada, deveria vir com o acento.

8. ( ) Ele desconhecia aquele regulamento.

Comentários: O verbo *desconhecer* é transitivo direto, não exige preposição. Daí o fato de o pronome demonstrativo *aquele* não ter de vir com o acento grave.

Resposta: a frase está certa.

9. ( ) Não me refiro aquilo.

Comentários: *Referir-se* é transitivo indireto, e vem acompanhado da preposição *a*. E essa

preposição *a* encontra-se com o *a* do demonstrativo *aquilo*. Falta o acento de *aquilo*.

Resposta: a frase está errada.

10. ( ) Esta é a lei a qual fiz alusão.

Comentários: Atenção: trata-se de regência com pronome relativo. Organize a frase que vem após o pronome relativo. Colocando-a na ordem direta, teremos: "(Eu) fiz alusão a + a qual". Ora, daí o erro.

Resposta: falta o acento do relativo a qual.

11. ( ) Esta é a lei a qual desconhecia.

Comentários: Agora, temos só o pronome relativo *a qual*. O verbo *desconhecer* não exige preposição, é transitivo direto.

Resposta: a frase está certa. Não há crase.

12. ( ) Esta é a mulher a quem fiz referência.

Comentários: Organizando a frase que vem após o relativo, teríamos "(Eu) fiz referência a". Só que essa preposição que o substantivo *referência* exige não se encontra com nenhum outro *a*, pois o pronome relativo *quem* não aceita artigo.

Resposta: a frase está certa, o a de *a* quem é só preposição.

13. ( ) Ele se dedica a empresa, respeita a hierarquia e obedece as leis.

Comentários: Observe que o grande segredo do uso da crase é saber regência. O verbo *dedicar-se* é transitivo indireto. Logo, exige a preposição *a*, que vai-se encontrar com o artigo *a* de empresa. Por isso, o primeiro erro: falta o acento. Já o verbo *respeitar* é transitivo direto, não pede preposição: o *a* que vem antes de *hierarquia* é só artigo. Quanto a isso, a frase está certa. Já o verbo *obedecer* exige preposição *a*, é transitivo indireto. E a preposição *a* encontra-se com o artigo *as* que antecede *leis*. Mais uma vez, falta o acento.

Resposta: a frase reescrita de forma correta ficaria assim: *Ele se dedica à empresa, respeita a hierarquia e obedece às leis*.

14. ( ) Nas próximas férias, iremos a Suécia, a Bélgica e a Portugal.

Comentários: Com nome de lugar, mais uma dica: utilize o verbo *voltar* seguido do nome do

lugar para ver se o artigo aparece. Assim, teríamos: *voltei da Suécia, da Bélgica e de Portugal*. Ora, *Suécia* e *Bélgica* admitem artigo a, mas *Portugal* não.

Resposta: a frase está errada, faltam dois acentos graves. Reescrita de forma correta, a frase ficaria assim: "Nas próximas férias, iremos à Suécia, à Bélgica e a Portugal".

15. ( ) Viajaremos a Londres e a Roma do Coliseu.

Comentários: *Londres* não admite artigo *a*: "Voltei de Londres". A palavra *Roma*, se estivesse sozinha na frase também não admitiria ("Voltei de Roma"); só que aqui se fala *da Roma do Coliseu*. O nome de lugar está seguido de determinante, por isso deve vir antecedido de artigo. Faltou o acento grave antes de *Roma*.

Resposta: a frase está errada.

16. ( ) As vezes, o pessoal sai as escondidas.

Comentários: Duas locuções femininas: uma adverbial de tempo (*às vezes*) e outra adverbial de modo (*às escondidas*). As duas, portanto, deveriam vir acentuadas.

Resposta: a frase está errada.

17. ( ) A reunião vai das cinco as seis horas.

Comentários: Observe o paralelismo estrutural que se criou na frase: antes da palavra *cinco*, tem-se a contração da preposição *de* e o artigo *as*. Antes da palavra *seis*, o mesmo não ocorreu: a preposição *a* deveria ter-se contraído ao artigo *as*. Está faltando, portanto, o acento. O certo seria dizer: "A reunião vai das cinco às seis horas".

Resposta: frase errada.

18. ( ) A reunião vai durar de cinco a seis horas.

Comentários: Trata-se de intervalo de tempo. Antes da palavra *cinco* só aparece a preposição *de*. Antes da palavra *seis*, então, só deve aparecer a preposição *a*.

Resposta: a frase está certa.

19. ( ) Só as primeiras horas da noite pôde assistir a cerimônia.

Comentários: Falta o acento da locução adverbial de tempo *às primeiras horas da noite*. Além disso, o verbo *assistir*, que é transitivo indireto, exige a preposição *a*, que se encontra com o

artigo que antecede o substantivo *cerimônia*. Falta também o acento.

Resposta: a frase, reescrita de forma correta, seria: "Só às primeiras horas da noite pôde assistir à cerimônia".

20. ( ) Ao sair, bata a porta.

Comentários: O verbo *bater*, aqui, é o mesmo que *fechar*, é transitivo direto. Logo, não vem seguido da preposição **a**. O **a** que aparece antes do substantivo porta é só artigo.

Resposta: a frase está certa.

21. ( ) Ele só chegará a uma hora.

Comentários: Trata-se de locução feminina adverbial de tempo. Assim como às duas horas, às três horas, à zero hora etc. Falta o acento.

Resposta: frase errada.

22. ( ) Você deve correr até à árvore.

Comentários: Crase facultativa. Após a preposição *até*, a preposição *a* é facultativa.

Resposta: a frase está certa e poderia ter vindo também sem acento.

23. ( ) Ele está aqui desde às dez horas.

Comentários: A locução adverbial de tempo já foi iniciada com uma preposição *desde*, por isso, não aceita outra preposição *a*.

Resposta: a frase está errada, o que deveria ter vindo após a preposição *desde* é apenas o artigo *as*.

24. ( ) O diretor fazia alusão a aluna alguma.

Comentários: O substantivo *alusão* pede preposição, mas o substantivo *aluna* vem seguido de um pronome indefinido *alguma*, que lhe dá um sentido vago, indefinido. Por isso, o artigo é proibido.

Resposta: a frase está certa. O a que aparece antes de *aluna* é preposição.

25. ( ) Meu médico me proibiu de ir à festa, batizado, casamento.

Comentários: O verbo *ir* veio adequadamente seguido da preposição *a*, indicando destino, lugar. Mas a palavra *festa* está tomada em sentido geral. Observe que, na sequência, vieram outros substantivos com sentido genérico (*todo tipo de festa, batizado, casamento*...). O artigo, portanto,

é proibido.

Resposta: a frase está errada.

19.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

Vamos fixar? Após fazer os exercícios, confira seu gabarito!

I. Complete com a, à, as ou às.

1. Estava habituada ____ insondável capacidade de assombro do marido.
2. Os universitários leem como se assistissem ____ televisão com um controle remoto.
3. Os bancos oferecem linhas de crédito direto ao consumidor com taxas bem inferiores ____ do comércio.
4. ____ essa hora estou dormindo, respondeu-me ela.
5. ____ uma da tarde estava solucionado o problema.
6. O aceno antigo era por uma adesão equivocada, mas movida ____ utopia.
7. Uma torneira pingando pode deixar escoar 150 litros de água ____ cada 24 horas.
8. Quem recicla ajuda ____ diminuir a montanha de lixo.
9. Não se referiram ____ qualquer reforma mas ____ de 1971.
10. ____ língua deve-se querer como ____ pátria.
11. Tudo se recolhe: lata ____ lata vai-se juntando material reutilizável.
12. A discussão era ____ propósito de reformas ortográficas.
13. Supermercados que recebem embalagens plásticas dão em troca roupas para serem doadas ____ instituições de caridade.
14. ____ semelhança do que ocorre em outros países, o Brasil ainda não tem infraestrutura para testes em larga escala.
15. Os voluntários necessários serão escolhidos ____ critério das instituições envolvidas no projeto.
16. Proponho ____ Vossa Senhoria dar, àqueles que se destacarem, oportunidades de promoção; porém espero que tal promoção não se restrinja ____ pessoas do primeiro escalão, mas aplique-se ____ todos os funcionários da casa.
17. Os voluntários deverão responder ____ perguntas de um questionário sobre seu

comportamento sexual.

18. As normas jurídicas devem corroborar ____ manifestações do povo.

19. As normas jurídicas devem anuir ____ manifestações do povo.

20. O voluntário deverá informar ____ pessoas responsáveis pela pesquisa todas as reações surgidas em decorrência do tratamento.

21. Ela deve dar ____ luz em junho.

22. Mulher: todos os dias elas dão ____ luz um mundo melhor.

23. A prova teve início após ____ oito horas.

24. Saí de casa ____ uma hora ____ fim de ir ____ praia.

25. São serviços essenciais ____ essa população.

26. São serviços essenciais ____ toda e qualquer população.

27. São serviços essenciais ____ nossa população.

28. São serviços essenciais ____ nossas cidades.

29. Um jornal noticiou há dois meses que dali ____ três semanas os cidadãos teriam acesso ____ novas tecnologias que ligariam ____ América ____ Europa ____ uma velocidade equivalente ____ da luz.

30. Está em exame na Casa Civil anteprojeto de lei que instituirá um sistema de incentivo ____ redução dos acidentes e de punição das empresas que submetem seus trabalhadores ____ risco. ____ intenção é reduzir pela metade ou dobrar ____ alíquotas de contribuição para cobertura de acidentes trabalhistas, dependendo do caso. Uma empresa que esteja abaixo da média nacional de acidentes, por exemplo, pode vir ____ pagar menos. O contrário acontecerá ____ empresa que tiver registrado número de acidentes muito acima da média do seu setor. Ela poderá ter ____ alíquota duplicada.

31. Completamente excluídos das engrenagens de desenvolvimento da sociedade, os miseráveis são reduzidos ____ uma condição subumana. Seu único horizonte passa ____ ser ____ luta feroz pela sobrevivência. No lixão de Valparaíso, ____ poucos quilômetros de Brasília, há gente disputando os restos com os animais.

Gabarito: 1. à; 2. à; 3. às; 4. A; 5. À; 6. A(1); 7. a; 8. a; 9. a; à; 10. À; à; 11. a; 12. a; 13. a ou às; 14. À; 15. a; 16. a; a ou às; a; 17. a ou às; 18. as; 19. às; 20. às; 21. à(2); 22. à(2); 23. as(3); 24. à; a;

à; 25. a; 26. a; 27. a ou à (facultativo); 28. às; 29. a; às ou a; a; à; a; à; 30. à; a; A; as; a; à; a; 31. a; a; a; a.

19.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Finalmente, as questões de concursos comentadas.

1. (Fundec/Técnico – TRT) No trecho "entidade vinculada à Delegacia Regional do Trabalho do Rio Grande do Sul", está corretamente empregado o acento indicativo da crase, fato que não ocorre em:

a) Os trabalhadores recorreram à todas as instâncias para garantir seu direito.

b) Proibiam sempre às mesmas crianças que permanecessem nas ruas.

c) Só era permitido às crianças trabalhar durante o dia.

d) O governo deixava as crianças jogadas à própria sorte.

e) À falta do que fazer, os menores invadiam as ruas da cidade.

Comentários:

Na letra A, além de *todas* estar no plural e o *a* aparecer no singular, esse pronome é *indefinido*, o que proíbe o uso do acento no *a* por não se usar artigo definido *a* antes de pronomes indefinidos.

Em B, C e D, os termos *proibiam, permitido* e *jogadas* regem preposição *a* e as palavras femininas que se seguem *(crianças* e *sorte*) aceitam artigo feminino *a*. Na opção E, o acento ocorre por *à falta de* ser locução prepositiva feminina. Repare: em B, C e D, há exemplos de **contração** de preposição *a* + artigo feminino *a*; em E, caso de **locução feminina.**

Resposta: A.

2. (Fundec) A alternativa em que NÃO pode ocorrer o fenômeno da crase é:

a) Ninguém respondeu até hoje <u>as</u> perguntas sobre o assunto.

b) Só mesmo um deus perdoaria <u>a</u> seus flagelados.

c) Ele acabou obedecendo <u>a</u> vontade de seus pais.

d) Tais medidas visam <u>a</u> segurança de todos.

e) Cheguei <u>a</u> Itália em plena primavera!

Comentários:

O comando da questão pede para se assinalar a alternativa em que **não** se deve usar o acento

grave. Na opção A, teríamos em "responder às perguntas", o encontro da preposição *a* (*respondeu a*) com o artigo feminino *as* (*as perguntas*). Em B, não haveria acento, pois aquele *a* não pode receber acento, já que *flagelados*, além de ser vocábulo masculino, está no plural. Portanto, o *a* em "a seus flagelados" é apenas preposição.

Em C, D e E, os verbos *obedecer*, *visar* e *chegar* regem preposição *a* e as palavras *vontade*, *segurança* e *Itália* aceitam artigo *a*.

Resposta: B.

3. (FCC) A crase deverá ser empregada na seguinte alternativa:

a) As cidades as quais me refiro são estâncias turísticas.

b) Os alunos a quem me dirijo são inteligentes.

c) Encaminharei o discurso a Vossa Senhoria.

d) O documento visava a elucidar dúvidas.

e) Trata-se de pintura a óleo.

Comentários:

Na letra A, aparece o relativo *as quais*. Como vimos na teoria, com esse pronome, se na sequência, algum termo pedir preposição *a*, haverá o acento (em "às quais me refiro", o verbo *referir-se* pede preposição *a*).

Nas outras opções, só aparece a preposição *a,* pois *quem, Vossa Senhoria, elucidar* e *óleo* não pedem artigo definido feminino.

Resposta: A.

4. (FCC) _____ beira do leito, assistiu _____amiga. Hora _____hora, minuto _____minuto, sempre _____espera de um milagre.

a) A – à – à – a – à

b) À – a – a – a – à

c) A – a – a – a – à

d) A – a – à – à – à

Comentários:

Na passagem *à beira do leito*, temos uma locução prepositiva feminina. Em *assistiu à/a amiga*,

como o verbo *assistir* (= dar assistência) pode ser transitivo direto ou indireto, a preposição *a* poderia aparecer ou não ("assistiu à amiga" ou "assistiu a amiga").

Entre palavras repetidas, não haverá jamais acento no *a* (*hora a hora/minuto a minuto)*. Por fim, em *à espera de*, tem-se mais uma locução prepositiva feminina.

Resposta: B.

5. (FCC) O poeta aspirava _____ felicidade, mas sem _____ volta da amada ele não _____ obteria. A afirmativa que completa corretamente as lacunas da frase acima é:

a) A – À – A

b) À – A – A

c) A – À – À

d) À – A – À

e) À – À – À

Comentários:

Na passagem *aspirava à felicidade*, o verbo *aspirar* (= desejar, almejar) pede preposição *a* e *felicidade* é palavra feminina que aceita artigo *a*. Em *sem a volta*, esse *a* é apenas artigo, já que nenhuma palavra anterior pede preposição *a*, o que aparece é a preposição *sem*. Já o *a* de *ele não a obteria* é pronome pessoal oblíquo, que retoma o substantivo *felicidade*.

Resposta: B.

6. (FCC) Disposto _____ recomeçar, o auxiliar judiciário referiu-se _____ palavras de apoio que ouviu, _____ entrada do serviço.

a) à – às – a

b) à – às – à

c) a – as – a

d) a – às – à

e) a – as – à

Comentários:

Em *Disposto a recomeçar*, *recomeçar* é verbo, portanto, não aceita artigo. Já em *referiu-se às palavras*, *referir-se* rege preposição *a* e *palavras,* substantivo feminino, aceita artigo feminino

plural. Na expressão *à entrada do serviço*, há uma locução prepositiva feminina *à entrada de.*

Resposta: D.

7. (FCC) Ele aprendeu ____tempo que a obediência ____ leis dignifica o cidadão devotado ____ pátria.

a) há – as – a

b) a – às – a

c) há – as – à

d) à – às – à

e) há – às – à

Comentários:

No início do período, temos uma passagem em que aparece uma expressão que indica tempo decorrido, passado. Logo, não usaremos a preposição *a*, e sim o verbo *haver*, para mostrar essa ideia. Em *obediência às leis*, o nome *obediência* pede preposição *a* e *leis* aceita artigo feminino plural *as,* o que também ocorre em *devotado à pátria* (*devotado a + a pátria*).

Resposta: E.

8. (Senado – Analista) "É sabido que a terra não pertence aos índios; antes, são eles que pertencem à terra." No período acima, utilizou-se corretamente o acento indicativo de crase antes da palavra terra. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.

a) Voltarei à terra natal.

b) A sonda espacial retornará em breve à Terra.

c) Quando chegamos à terra, ainda sentíamos em nosso corpo o balanço do mar.

d) Eu me referia à terra dos meus antepassados.

e) Havendo descuido, a areia será misturada à terra.

Comentários:

Sabemos que *terra*, com o sentido de *chão firme*, fazendo oposição a *bordo,* não aceita artigo, por isso não pode vir antecedida de *a* com acento indicativo de crase, mas, em todos os outros sentidos, a palavra *terra* poderá vir antecedida de crase (se vier seguida de expressão determinante, se for o planeta Terra etc.).

Na frase do enunciado, *terra* não vem com esse sentido de oposição a bordo, tem o sentido de *solo*, *território*. Por isso, como o verbo *pertencer* é transitivo indireto e a palavra *terra* aceita artigo, houve a crase. A banca pedia a única alternativa com erro.

Nas letras A e D, a palavra *terra* vem especificada, seguida respectivamente dos determinantes *natal* e *dos meus antepassados*. Por isso, nas duas alternativas, *terra* aceita artigo e veio antecedida de *a* com acento indicativo de crase.

A letra B também está correta, já que o verbo *retornar* pede a preposição *a* indicando direção e o substantivo *Terra* (planeta) aceita artigo a.

Na letra C, *terra* vem com o sentido contrário a bordo, o que se pode perceber pela continuidade da frase ("... o balanço do mar"). Logo, embora o verbo *chegar* deva vir seguido da preposição *a* indicando direção, destino, o substantivo *terra* não aceita artigo. Por isso, o acento veio de forma indevida.

Na letra E, o verbo *misturar* vem seguido da preposição *a* e a palavra *terra* aceita artigo, já que não vem com o sentido contrário a bordo, como ocorreu na alternativa C.

Resposta: C.

9. (Cesgranrio/Petrobras – Bio) O sinal indicativo de crase deve ser usado somente no **a** presente em:

a) Mas a dor de dente pode passar a ser um problema.

b) Os pais costumam levar a seus filhos a obrigação de serem felizes.

c) Não se deve dar importância a chamada da capa da revista.

d) Os livros publicados por universidades devem ser levados a sério.

e) O dinheiro não traz a felicidade que se imagina, quando se luta por ele.

Comentários:

Na letra A, não há crase em nenhuma das ocorrências do vocábulo *a:* o primeiro *a* é artigo do substantivo *dor* e o segundo *a* é preposição que liga verbos de uma locução verbal (já que verbo não pode vir antecedido de artigo *a*).

Na letra B, o verbo levar é transitivo direto e indireto: vem com o objeto direto (*a obrigação de serem felizes*) e indireto (*a seus filhos*). Apesar de o verbo pedir a preposição *a*, o pronome

possessivo masculino *seus* não admite artigo feminino. Daí na letra B não ocorrer a crase. Além disso, o outro *a* que aparece na frase é artigo de *obrigação*.

Já na letra C, o verbo *dar* pede dois complementos: um objeto direto (*importância*) e outro indireto (*à chamada da capa de revista*). Além disso, o substantivo *chamada* aceita artigo *a*. Portanto, o sinal indicativo de crase deveria estar presente na frase.

Na letra D, *a sério* é locução adverbial masculina, portanto, não aceita crase. E, na letra E, o verbo *trazer* é transitivo direto e não pede a preposição *a*. O *a* que aparece antes de *felicidade* é apenas artigo.

Resposta: C.

10. (FCC/PGE) Uma floresta secundária apresenta, segundo estudo recente, biodiversidade semelhante ____ da floresta original, embora haja especialistas que contestam o fato de que as matas da segunda geração evoluam de modo ____ garantir as condições ideais de sobrevivência ____ cada uma das espécies.

As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas por:

a) à – a – à

b) à – a – a

c) a – à – a

d) à – à – a

e) a – à – à

Comentários:

O adjetivo *semelhante* rege preposição *a*. E essa preposição se encontra com o pronome demonstrativo *a* (= aquela) em *da floresta original*. Assim, o que temos é *biodiversidade semelhante a + a da floresta original*. Logo, o primeiro *a* é com acento.

A locução prepositiva *de modo a* termina com a preposição *a,* mas o verbo garantir não aceita artigo feminino *a.* Portanto, o segundo *a* não vem com acento grave.

O verbo *garantir* nessa frase é transitivo direto e indireto, e vem seguido do objeto direto *as condições ideais de sobrevivência* e do objeto indireto *a cada uma das espécies.* Ora, ainda que o verbo peça a preposição *a*, antes do seu objeto indireto, o pronome indefinido *cada* não aceita

artigo definido *a*. Por isso, o terceiro *a* do período também não vem com acento grave.

Resposta: B.

11. (FCC/DPE – SP – Superior) A presença do sinal indicativo de crase ou sua ausência estão inteiramente corretas na frase:

a) A publicidade, destinada a convencer pessoas à consumir determinados produtos, deve respeitar às normas morais vigentes na sociedade.

b) Peças publicitárias, vistas como obras de arte, não deveriam estar sujeitas à certos padrões sociais de comportamento.

c) A publicidade objetiva atingir à um público consumidor, a quem uma marca deverá ser ou parecer mais atraente do que a outra.

d) Destinadas as pessoas que tenham poder aquisitivo, algumas propagandas apelam à estilos de vida mais elegantes e charmosos.

e) A propaganda destina-se a convencer pessoas à escolha de um determinado produto, percebido como superior a outro.

Comentários:

Segundo o enunciado, a banca quer a alternativa correta, ou seja: todas as alternativas, exceto uma, possuem erro, ou quanto ao *uso* da crase ou quanto à sua *omissão*.

A letra A apresenta um erro por *uso* do sinal indicativo da crase. O verbo *convencer* é transitivo direto e indireto e pede a preposição *a*, mas o verbo *consumir* não aceita artigo feminino *a*. Por isso, o uso do acento foi indevido.

A letra B também está errada: o adjetivo *sujeitas* rege preposição *a*, mas o pronome indefinido *certos*, além do fato de ser um pronome indefinido, está no masculino plural e, por tudo isso, não aceita artigo definido feminino singular *a*. A letra B tem, portanto, erro pela *presença* da crase.

A letra C apresenta o verbo *atingir* seguido da preposição *a*, mas *público consumidor* vem antecedido de artigo indefinido *um*, não aceitando, portanto, artigo feminino singular *a*. Erro na alternativa pelo *uso* indevido do acento indicativo de crase.

Já a letra D apresenta erro por um motivo diverso das demais alternativas: o adjetivo *destinadas* rege preposição *a* e o substantivo *pessoas* aceita artigo *as*. Falta, portanto, o acento em *as*

(*Destinadas a + as pessoas*): o erro aqui é pela *ausência* do acento. Além disso, logo a seguir vem outro erro: o verbo *apelar* nessa frase é transitivo indireto e vem seguido da preposição *a*, mas o substantivo *estilos* não aceita artigo *a*. Mais um erro, dessa vez pelo *uso* indevido. Dois erros, portanto, na letra D: pela omissão do acento em *as pessoas* e pelo uso inadequado em *à estilos de vida*.

A letra E está correta: o verbo *destinar-se* é transitivo indireto, mas o verbo *convencer* não aceita artigo *a*. Na continuidade da frase, mais um acerto: o verbo *convencer* é transitivo direto e indireto; vem com o objeto direto (*pessoas*) e indireto (*à escolha de um determinado produto*). Já que ele pede a preposição *a* e o substantivo *escolha* aceita artigo *a,* o acento indicativo de crase foi corretamente utilizado. Além disso, o adjetivo *superior*, embora exigisse a preposição *a,* o pronome indefinido *outro* não aceitava artigo *a*. Por isso, em *superior a outro* a ausência do sinal indicativo da crase foi correta. Na alternativa E, as três ocorrências do vocábulo *a* estavam corretas.

Resposta: E.

12. (Esaf) Assinale o item cujas lacunas devem ser preenchidas pela sequência Há-A-À.

a) Daqui _____ alguns dias, _____ diretora apresentará _____ algumas pessoas o programa.

b) _____ vários exemplares de livros _____ disposição dos que _____ secretaria indicar.

c) _____ melhor colocação receberá _____ recompensa _____ que tem direito.

d) _____ dois dias, _____ prova chega _____ banca.

e) _____ tempos, vem _____ jovem visando _____ colocação digna de seus méritos.

Comentários:

Letra A: locução prepositiva *daqui a + alguns dias*. O pronome indefinido *alguns* não aceita artigo definido *a*. Em *a diretora*, esse *a* é só artigo (*a diretora* é sujeito do verbo *apresentar*). Em *a algumas pessoas*, o *a* é preposição que rege o verbo *apresentar*, já que o pronome indefinido *algumas* também não aceita artigo. Logo, a sequência correta dessa alternativa é A-A-A;

Letra B: em *há vários exemplares de livros*, tem-se o verbo *haver*. Em *à disposição dos que*,

tem-se a locução prepositiva *à disposição de*, que, por ser feminina, deve vir acentuada. Já em *a secretaria indicar*, esse *a* é artigo, já que *a secretaria* é sujeito de indicar e, por isso mesmo, não pede preposição. A sequência correta aqui seria: HÁ-À-A.

Letra C: em *A melhor colocação* o *a* é artigo, pois *a melhor colocação* é sujeito do verbo *receberá*. O *a* de *a recompensa* também é artigo já que o verbo *receber* é transitivo direto e não rege preposição. Em *a que tem direito*, esse *a* é preposição exigida pelo substantivo *direito*. Como o pronome relativo *que* não aceita artigo *a,* esse *a* é sem acento. Aqui, teríamos: A-A-A.

Letra D: o verbo *chegar* está no presente do indicativo, mas tem valor de futuro. Logo, a expressão *a dois dias* indica tempo futuro e não tempo decorrido, como muitos que fizeram a prova pensaram. Se fosse tempo decorrido, seria o verbo *haver*, mas como é tempo futuro, deve-se usar a preposição *a*. Já o *a* de *a prova* é artigo definido, pois *a prova* é sujeito do verbo *chegar*. Por fim, em *chega à banca*, tem-se a contração da preposição *a* do verbo *chegar* com o artigo *a* do substantivo *banca*. Sequência correta da letra D: A-A-À.

Letra E: agora sim, tem-se ideia de tempo decorrido. A expressão *há dois dias* deve vir com o verbo *haver*. Em *a jovem*, o *a* é artigo definido do sujeito *a jovem*. Já em *visando à colocação*, o verbo *visar* (= almejar) rege preposição *a* e o substantivo *colocação* aceita artigo feminino *a*. Sequência para a letra E: HÁ-A-À.

Resposta: E.

13. (AFC-Esaf) Indique a sequência que preenche corretamente as lacunas indicadas com (____).

De uma forma mais genérica, _____ que substituir _____ imagem centralizada e que tende _____ uniformidade de indivíduo cidadão possuidor de alguns direitos e submetido _____ deveres igualmente abstratos, isto é, desligados das circunstâncias sociais e culturais reais, o que reduz a vida social _____ relações do indivíduo e do Estado, pela imagem invertida de uma relação _____ mais direta possível entre a identidade pessoal ou coletiva e o universo aberto da técnica, das redes de comunicações e dos mercados.

a) há, a, à, a, às, a.

b) à, à, a, à, as, a.

c) há, à, a, à, às, a.

d) a, à, à, a, às, a.

e) a, há, à, a, as, a.

Comentários:

Na expressão *há que substituir*, temos o verbo *haver*, que compõe uma locução verbal junto ao verbo *substituir* (é o mesmo que *deve substituir*). Em *a imagem centralizada*, o *a* é apenas artigo definido de *imagem,* pois o verbo *substituir* não rege preposição, é transitivo direto. Em *tende à uniformidade*, tem-se o encontro da preposição do verbo *tender* com o artigo definido *a* de *uniformidade.* O adjetivo *submetido,* no entanto, pede preposição *a,* mas o substantivo masculino plural *deveres* não aceita artigo definido *a.* Já em *reduz a vida social às relações*, tem-se o encontro da preposição *a*, exigida pelo verbo *reduzir*, que é transitivo direto e indireto, com o artigo *as* de *as relações* (*reduz a + as relações*). No trecho *uma relação a mais direta possível*, o *a* é artigo definido da expressão *a mais possível,* que estudamos em concordância nominal: por isso, não deve receber acento grave.

Resposta: A.

14. (NCE/TRF)... não seguem a instrução à risca...; o item abaixo que mostra o acento grave indicativo da crase pela mesma razão da que o justifica no segmento destacado é:

a) As crianças não devem dormir à noite com luz acesa.

b) O pediatra recomenda às mães que apaguem a luz.

c) A criança não tem direito à luz no corredor.

d) O pai deve ficar atento à miopia dos filhos.

e) A pesquisa e útil à pediatria.

Comentários:

Eis uma questão que não busca erro nem acerto quanto ao uso do sinal indicativo de crase, apenas quer que o candidato explique o porquê da utilização do acento. Ora, na teoria, vimos que só existem duas justificativas para o uso do acento grave: pelo fenômeno (o encontro de um *a* com outro *a*) ou pela locução (o acento das locuções femininas).

O acento da expressão *à risca*, do exemplo que consta no enunciado, justifica-se por ser ela uma locução adverbial feminina. Assim, o candidato deveria buscar uma frase que apresentasse a

mesma explicação para o acento indicativo de crase.

Na letra A, *à noite* é locução adverbial feminina, por isso veio acentuada. Na letra B, tem-se o encontro da preposição *a* exigida pelo verbo transitivo direto e indireto *recomendar* com o artigo *as* de *as mães*. Na letra C, o substantivo *direito* rege preposição *a* e o substantivo *luz* aceita artigo *a*. Na letra D, é o adjetivo *atento* que rege a preposição *a* e a palavra *miopia* aceita artigo *a*. Na letra E, também ocorre o encontro da preposição *a*, exigida pelo adjetivo *útil*, com o artigo *a* do substantivo *pediatria*.

Logo, as letras B, C, D e E apresentam acento indicativo de crase em função de fenômeno fonético. Apenas a letra A apresenta uma locução feminina acentuada.

Resposta: A.

A seguir, questões da banca Cespe-UnB sobre regência e crase. Julgue cada assertiva como certa ou errada. Os comentários vêm abaixo de cada item. Vamos lá!

(MTE – Cespe) Julgue as alternativas a seguir, de acordo com seus respectivos textos:

Assim, poderemos assegurar seu maior acesso à terra, às fontes de trabalho, à melhor qualidade de vida, à educação, à saúde, à habitação e a outros serviços básicos.

15. Na enumeração feita, o trecho "a outros serviços básicos" poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: *à outros serviços básicos*, ou seja, com sinal indicativo de crase.

Comentários:

Ainda que o substantivo *acesso* exija a preposição *a*, o pronome indefinido *outros* não aceita artigo *a,* por ser indefinido e por estar no masculino plural.

Resposta: por isso, a assertiva está errada.

"Não conseguia dormir direito por não conseguir juntar dinheiro sequer para retornar à minha cidade e rever a família", relatou.

16. O sinal indicativo de crase em "retornar à minha cidade" é facultativo e a sua omissão preservaria os sentidos do texto e a correção das estruturas linguísticas.

Comentários:

O verbo *retornar*, de fato, deve vir seguido da preposição *a*, indicando direção, destino, e o pronome possessivo singular *minha* tem artigo facultativo. Logo, o acento grave é facultativo: sua

presença ou sua ausência não implicaria erro gramatical nem mudança de sentido da frase.

Resposta: a assertiva está certa.

Em 2009, a economia brasileira deverá crescer 2,59%, resultado bem abaixo do esperado para a alta do PIB em 2008, de 5,6%. Esta é a projeção da mais recente pesquisa de projeções macroeconômicas e expectativas de mercado, feita mensalmente pela Federação Brasileira de Bancos (Febraban) junto a analistas de 33 instituições.

17. No trecho "junto a analistas de 33 instituições", poderia ter sido empregado o sinal indicativo de crase em "a", pois se trata de caso em que esse emprego é facultativo.

Comentários:

Em *junto a analistas*, tem-se a locução prepositiva *junto a* que, por sua vez, vem seguida de substantivo masculino plural, que não aceita artigo *a*. Por isso, o sinal indicativo de crase é proibido. O *a* que antecede *analistas* é preposição.

Resposta: assertiva errada.

(IPAJM – Advogado) Julgue as alternativas a seguir, de acordo com seus respectivos textos:

Nada vemos de semelhante ao que aconteceu, no plano das ideias, em outro momento de grandes transformações da técnica e também de grandes descobertas — o século XVI —, com o renascimento de um mundo esquecido e das doutrinas dos velhos filósofos da Grécia e do Oriente, e, com elas, a crítica e a dissolução de antigas crenças que davam ao homem "a certeza do saber e a segurança da ação".

18. As relações de regência entre "semelhante" e "aconteceu" permitem que o trecho "ao que" seja substituído por **àquilo que**, sem prejudicar a coerência nem a correção gramatical do texto.

Comentários:

De fato, o adjetivo *semelhante* rege preposição *a*, que, no caso do texto, encontrou-se com o demonstrativo *o*, que antecede o relativo *que*. Ora, o que a banca propõe é a substituição de *ao* por *àquilo*, ou seja, a troca de um demonstrativo *o* por outro demonstrativo *aquilo,* acrescentando-se o acento indicativo de crase. Seria uma reescritura perfeita, não acarretaria erro gramatical nem mudança de sentido da frase.

Resposta: a assertiva está correta.

19.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

A seguir, questões de provas anteriores, para você testar seus conhecimentos. Confira o gabarito ao final!

1. (Anal. Sist. / TRT–FUNDEC) Se fosse dada ao trecho "...internos e externos ao sistema de produção da cana-de-açúcar..." a redação "...internos e externos à estrutura de produção de cana-de-açúcar...", haveria necessidade de usar-se o acento indicativo da crase. Nas frases abaixo o acento da crase também foi usado corretamente, EXCETO em:

a) Decerto que à falta de investimentos foram criadas novas formas de alocação da mão de obra no campo.
b) Já não se atribui à inflação a principal causa dos problemas econômicos no campo.
c) A pauta do Congresso aludia tanto à redução das horas de trabalho no campo quanto à nova sistemática de reajuste do salário mínimo.
d) Cumpre à Câmara dos Deputados editar leis que regulamentem o trabalho braçal no campo.
e) Os trabalhadores rurais desempregados viviam à expensas da solidariedade humana.

2. (NCE-UFRJ) "A percentagem de 1% dos mais ricos, em nosso país, participa da renda nacional numa proporção igual à dos 50% mais pobres." Das alterações feitas na passagem acima, aquela em que a lacuna não deve ser preenchida com à (acentuado) é:

a) ...próxima _____ dos 50% mais pobres.
b) ...idêntica _____ dos 50% mais pobres.
c) ...semelhante _____ dos 50% mais pobres.
d) ...quase superior _____ dos 50% mais pobres.
e) ...quase maior que _____ dos 50% mais pobres.

3. (NCE-UFRJ) Assinale a frase em que o acento indicador da crase foi usado incorretamente:

a) A obstinação à qual sacrificou a juventude não o persegue mais.
b) Sentavam-se nas pedras do caminho à espera da comitiva do peão.
c) Na imaginação, porém, ele voltava àquele mundo de sonho e fantasia.
d) Depois de refletir, dirigi-me, decididamente, à casa do meu amigo.
e) Tenho certeza de que os documentos não fazem referência à nada do que dizes.

4. (NCE-UFRJ) A alternativa em que é facultativo o uso do acento indicativo de crase, na palavra sublinhada em passagens do texto, é:

a) "Eu tive desde a infância várias vocações."
b) "Ao passo que amar eu posso até a hora de morrer."
c) "Há três coisas (...) para as quais eu dou a minha vida."
d) "Quanto a meus filhos, o nascimento deles não foi casual."
e) "Sei que um dia abrirão as asas para o voo necessário, e eu ficarei sozinha."

5. (FCC) A frase em que falta o acento indicativo da crase é:

a) Prefiro a língua inglesa a portuguesa.
b) Ela fez as vezes de intérprete no Encontro.
c) Escreveu a lápis frases bem significativas.
d) Nenhum escritor da língua se iguala a Camões.

e) A língua portuguesa é comparável a qualquer outra.

6. (FCC) Devemos atribuir _____ campanhas e _____ medidas contra o fumo _____ importantes reclamações dos nossos profissionais da saúde que, corajosamente, enfrentam _____ críticas dos tabagistas e, humanamente, devotam-se _____ causas em favor da salubridade dos brasileiros.

a) às – às – as – às – as
b) as – as – as – às – às
c) às – às – às – as – às
d) às – as – as – às – as
e) as – as – às – as – às

7. (FCC) Preencha as lacunas da frase abaixo e assinale a alternativa correta:

Comunicamos _____ V. S.ª que encaminhamos _____ petição anexa _____ Divisão de Fiscalização que está apta _____ prestar _____ informações solicitadas.

a) a – a – à – a – as
b) à – a – à – a – às
c) a – à – a – à – as
d) à – à – a – à – às
e) à – a – à – à – as

8. (FCC) Marque a letra cuja sequência preenche corretamente, pela ordem de aparecimento, as lacunas do trecho abaixo.

O exame das propostas de reforma fiscal, _____ primeira abordagem, leva _____ conclusão de que _____ carga tributária continuará _____ incidir mais sobre salários e menos sobre lucros de grandes fortunas.

a) à – à – a – a
b) à – a – à – a
c) a – a – a – à
d) a – à – a – a
e) a – a – à – a

9. (FCC) "É fácil atribuir todos os problemas à falta de verbas"; nessa frase, o acento grave indicativo da crase resulta da união de uma preposição com um artigo, o mesmo que ocorre em:

a) servir à francesa.
b) ir àquela praia.
c) entregar o prêmio à de vestido verde.
d) dar àquele homem a condecoração.
e) atribui a culpa à que está armada.

10. (FCC) Na expressão "direito à vida", substituindo-se o termo destacado pelas opções abaixo, a única em que se manterá o acento indicativo da crase é:

a) viver dignamente.
b) diferentes formas de mídia.
c) uma escolha profissional.

d) toda assistência médica.
e) segurança pública.

11. (FCC) No período "A Eva coube o 'trabalho' do parto", os autores do texto optaram por não usar o acento indicativo da crase no *a* inicial, por se tratar de um caso de crase facultativa. É igualmente facultativo o uso do acento da crase em:
a) O trabalho levava o homem até à discriminação social.
b) O patrão deixava às suas empregadas os trabalhos domésticos.
c) Santo Tomás de Aquino era favorável às tarefas manuais.
d) Todos os dias o operário dirigia-se às oficinas bem cedo.
e) A cruz à qual estava atado o condenado era de madeira.

12. (FCC) O uso do acento grave é facultativo em:
a) Ninguém escapa à sua origem.
b) A voracidade era extensiva à espacialidade da modernidade-mundo.
c) Uma casta à parte traduz, assim, a vontade divina.
d) Cada ato mágico encenado deve respeito às fases da lua.
e) O mesmo feiticeiro pode voltar à carga.

13. (Psicólogo) *...é uma instituição necessária à ordem e à vida da cidade.*; frase em que o emprego do acento grave indicativo da crase está no mesmo caso sintático da frase acima é:
a) As greves são prejudiciais à ordem pública.
b) A polícia dirigiu-se às vítimas assaltadas.
c) Foram à Bélgica para o congresso de pedagogos.
d) Indicaram os assaltantes à polícia.
e) Entregaram os prêmios às atrizes escolhidas.

14. (Comiss. Just. Inf. e Juvent.) *Cedeu lugar à televisão...* a frase a seguir em que o acento grave indicativo da crase é empregado exatamente pelas mesmas razões do segmento dado é:
a) Deu um rádio à cozinheira.
b) Ouvia rádio à noite.
c) O rádio é indispensável à velhice.
d) Às cozinheiras, agrada-lhes o rádio.
e) Nada é superior à televisão.

15. (Aux. Cart. / TJ) *...no que se refere a instalações e à quantidade e qualidade dos professores.*; nas duas ocorrências do vocábulo *a*, só a segunda vem com o acento grave indicativo da crase, o que se deve ao fato de que:
a) só a segunda precede um nome feminino.
b) só a segunda segue a regência do verbo referir-se.
c) só no segundo caso ocorre a junção da preposição + artigo.
d) no primeiro caso, o nome feminino está no plural.
e) no primeiro caso, só há ocorrência de artigo definido feminino singular.

16. (Técn. Judic. / TRT) Assinale o item que indica um caso de crase decorrente de uma situação

sintática distinta das demais:

a) “nos locais ou serviços prejudiciais à sua moralidade, ...”

b) “ou quaisquer objetos ofensivos à moralidade ...”

c) “que não permitam a frequência à escola.”

d) “for indispensável à própria subsistência ...”

e) “a ocupação foi indispensável à própria subsistência ou à de seus ascendentes ou irmãos.”

17. (Ag. Telec. Eletric. / TRT) “... destinados à distribuição por via telefônica...”; justifica-se o emprego do acento grave indicativo de crase porque:

a) ocorre união de uma preposição com um pronome.

b) aparecem simultaneamente um artigo e uma palavra feminina.

c) é um caso de presença de uma preposição e de um artigo definido feminino.

d) é uma exigência do adjetivo “destinados”.

e) indica a existência de um objeto indireto formado por uma palavra feminina.

18. (Magistério) “... efeitos favoráveis à liberdade espiritual dos indivíduos...”; o acento grave indicativo da crase está presente porque:

a) todos os adjuntos adverbiais são introduzidos por preposição;

b) à liberdade está servindo de objeto indireto;

c) marca a contração do demonstrativo *a* com a preposição *a*;

d) marca a união da preposição *a* que rege o adjetivo anterior com o artigo *a*;

e) se trata de um adjunto cujo núcleo é feminino e determinado pelo artigo.

19. (Aux. Judic.) “... necessidade de se ajudarem umas às outras,... “; o acento grave indicativo da crase, neste caso, é resultante da:

a) presença simultânea de uma preposição e de um artigo definido feminino.

b) necessidade de se indicar a presença de um complemento diferente do anterior.

c) combinação de uma preposição com um pronome indefinido.

d) contração de uma preposição com um pronome demonstrativo.

e) obrigação de evitar-se a ambiguidade.

20. (Antt) Em vários países, pesquisadores ligados _____ universidades tentam apontar os motivos que induzem os jovens _____ criminalidade, submetendo-os _____ uma série de exames por imagem.

As lacunas estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:

a) à – à – a

b) a – à – a

c) a – a – à

d) à – à – à

e) à – a – a

21. (PMSAL) A exposição aos raios solares dá _____ pessoas uma cor bronzeada, além de fazer bem _____ saúde, desde que se tomem os cuidados necessários _____ cada tipo de pele.

As lacunas estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:

a) às – a – a

b) às – à – à
c) as – à – à
d) às – à – a
e) as – a – a

22. (Metro) Estradas de ferro foram construídas em regiões propícias _____ malária e _____ outras doenças tropicais, fato que levou _____ morte grande número de trabalhadores.

As lacunas estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:

a) à – a – à
b) a – à – à
c) a – a – a
d) a – à – a
e) à – à – à

23. (TRF / SP) É preciso suprimir um ou mais sinais de crase em:

a) À falta de coisa melhor para fazer, muita gente assiste à televisão sem sequer atentar para o que está vendo.
b) Cabe à juventude de hoje dedicar-se à substituição dos apelos do mercado por impulsos que, em sua verdade natural, façam jus à capacidade humana de sonhar.
c) Os sonhos não se adquirem à vista: custa tempo para se elaborar dentro de nós a matéria de que são feitos, às vezes, à revelia de nós mesmos.
d) Compreenda-se quem aspira à estabilidade de um emprego, mas prestem-se todas as homenagens àquele que cultiva seus sonhos.
e) Quem acha que agracia à juventude de hoje com elogios ao seu pragmatismo não está à salvo de ser o responsável pela frustração de toda uma geração.

24. (TRT / 2ª Região – Técn. Jud. Adm.) O emprego ou não do sinal indicativo de crase está inteiramente correto na frase:

a) O jornal oferece matéria peculiar quanto a informação política, pois à um só tempo atende e transforma às preferências dos leitores.
b) Apesar da concorrência digital, a leitura de jornais oferece ainda hoje informações diversificadas a um público atento à mudanças.
c) Nem sempre a imprensa voltada a formação de opiniões é capaz de agradar à todos os leitores com visões de mundo opostas.
d) O estímulo à conflitos de opiniões entre as pessoas leva a formação de grupos de discussão democrática de opiniões divergentes.
e) Atender à demanda por informação deve ser o objetivo de um veículo de comunicação como o jornal, a depender da opinião de seus leitores.

25. O emprego ou não do sinal indicativo de crase está inteiramente correto na frase:

a) Às metrópoles cabe o papel de eixo da economia, especialmente porque a densidade populacional ajuda a reduzir os custos da produção.
b) Muitos moradores das grandes cidades estão sujeitos à um transporte público que nem sempre atende à suas necessidades de deslocamento.

c) As áreas urbanas no mundo todo abrigam uma população que desfruta à vida nas cidades, que oferece benefícios à todos.

d) A população das cidades representa um mercado consumidor atraente às empresas, destacando-se às de oferta de serviços.

26. Atente para as seguintes frases:

I. Não é possível estabelecer à medida que distancia um notório tímido de um notório extrovertido.

II. Não assiste às pessoas extrovertidas o privilégio exclusivo de se fazerem notar, também as tímidas chamam a atenção.

III. Ainda que com isso não se sintam à vontade, os tímidos costumam captar a atenção de todos.

Justifica-se o uso do sinal de crase SOMENTE em:

a) II e III

b) I e II

c) I e Ill

d) I

e) III

27. (TRT / 2ª Região – Anal. Judic.) Justificam-se ambos os usos do sinal de crase em:

a) O fato de estarmos sempre às voltas com as leis do mercado não significa que devamos nos submeter às suas determinações.

b) Muitos ficam à vontade diante da televisão, à despeito de por ela serem manipulados.

c) Deve-se poupar à criança do risco que representa assistir à televisão durante horas seguidas.

d) Os recursos tecnológicos, à princípio, não têm valor em si mesmos; alcançam-no à medida que sejam utilizados.

e) Não é o caso de mandar a tecnologia às favas, pelo contrário: trata-se de bem aproveitá-la à cada vez que se faz necessária.

28. (Petrobras / Cesgranrio) Há rigorosa observância das normas que determinam o uso do sinal de crase em:

a) A medida que afere o otimismo pode também avaliar o pessimismo, pois àquela ou à esta sensação corresponde alguma dose de idealismo.

b) O texto não nos leva à paradoxos gratuitos, mas à necessidade de reconhecer uma intersecção entre o otimismo e o pessimismo.

c) Cabe às pessoas decidir, à cada experiência, se lhes convém entregar-se à determinada sensação, a determinado humor.

d) O otimismo não fica à léguas do pessimismo; tendem ambos a convergir, conforme comprovam nossas próprias experiências.

e) Não assiste às ciências positivas o direito de aspirar à definição cabal da fronteira entre o pessimismo e o otimismo.

29. (TRF / 5ª Região) O respeito _____ uma série de regras foi fundamental _____ organização dos grupos sociais, permitindo, dessa forma, _____ evolução da humanidade.

As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:

a) a – à – a

b) a – à – à
c) à – a – a
d) a – a – à
e) à – à – a

30. (TRF / 4ª Região – Técn. Judic.) Os elefantes apresentam necessidades parecidas com _____ dos seres humanos e, para oferecer _____ eles os cuidados exigidos, os especialistas têm recorrido até mesmo _____ táticas inovadoras.

As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) as – a – à
b) as – a – a
c) as – à – à
d) às – à – a
e) às – a – a

31. (TRF / 4ª Região) A presença de núcleos habitacionais próximos _____ regiões costeiras oferece riscos _____ manutenção do ecossistema marinho, com prejuízos incalculáveis _____ diversas espécies.

As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) as – à – à
b) as – a – a
c) às – à – à
d) às – a – a
e) às – à – a

32. (TCIPB) Quando as águas invadem o lamaçal, peixes e camarões se juntam _____ aves e caranguejos, _____ procura de alimento fácil e abundante e de refúgio necessário _____ reprodução.

As lacunas da frase acima estão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) à – à – à
b) a – à – à
c) a – a – à
d) à – a – a
e) a – à – a

Gabarito: 1. e; 2. e; 3. e; 4. b; 5. a; 6. e; 7. a; 8. a; 9. a; 10. e; 11. a; 12. a; 13. a; 14. a; 15. c; 16. c; 17. c; 18. d; 19. a; 20. b; 21. d; 22. a; 23. e; 24. e; 25. a; 26. a; 27. a; 28. e; 29. a; 30. a; 31. e; 32. b.

Muitos fazem desse tópico um verdadeiro “bicho de sete cabeças”, mas é simples não é? Vamos resumi-lo então?

19.5. RESUMO

Em crase, memorize que há duas regras (fenômeno fonético e locuções femininas), três casos de crase facultativa (pronome possessivo feminino singular seguido de substantivo; nome próprio

feminino; depois da preposição até) e três casos de crase proibida (antes de palavras tomadas em sentido geral, antes de CASA e TERRA, se vierem sem determinantes).

20 PONTUAÇÃO

20.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

20.1.1. Vírgula

Vamos começar este capítulo por **uso da vírgula**. A vírgula indica pausa de pequena duração. Primeiramente, você precisa saber que **constitui erro grave separar *sujeito* do *verbo e verbo* do *complemento* (sujeito + verbo + complemento)**. Em frases simples, curtas, sabemos que você não teria problemas. Você jamais diria *João, comeu o bolo* ou *A menina estudava, o assunto*. Mas conhecer essa regra ajudará você a não errar inclusive as questões mais rebuscadas, com trechos mais complexos. Observe como isso pode ser explorado em uma questão de concurso público:

1. (TRT-AJ/adaptado) Há erro no emprego da vírgula na frase:

a) Deixe-me, senhora.

b) Dallas, 9 de julho de 1994.

c) Aliás, isto é conhecido de todos.

d) Espero, que ele venha.

e) "O alferes continuava a dominar em mim, embora a vida fosse menos intensa, e a consciência mais débil."

Comentários:

Embora ainda não tenhamos estudado as regras para uso das vírgulas, vamos resolver esta questão item por item. Até chegarmos ao erro, que é o que agora nos interessa. Na letra A, utilizou--se a vírgula para isolar o vocativo *senhora* do restante da oração. Na letra B, a vírgula foi usada para separar, na data, o nome do lugar (*Dallas*) do restante das informações (*9 de julho de 1994*). Na letra C, a palavra de retificação *aliás* deve, mesmo, vir isolada por vírgula. A letra E apresenta a oração adverbial concessiva intercalada (*embora a vida fosse menos intensa*), e, exatamente por ter saído da ordem direta (que seria ao final da frase), veio entre vírgulas. Portanto, todas as alternativas estavam corretas, exceto a letra D: nela, separou-se o verbo (*espero*) do seu objeto direto, que veio sob forma de oração (*que ele venha*). Interessante perceber que a banca não se utilizou de um objeto direto simples, sob forma de substantivo, e sim um objeto direto oracional.

Assim, ficaria mais difícil o aluno perceber o erro da frase.

Vamos, então, conhecer as regras de utilização das vírgulas? Resolvemos trabalhar da seguinte forma: a cada regra, vamos trazer frases para você treinar seus conhecimentos e algumas questões de concursos em que essas regras tenham sido utilizadas. Dividimos o uso da vírgula em *sete casos*. Para que você não tenha de decorar uma série de regras que a gramática oferece, agrupamos tudo em apenas sete situações. Vamos lá?

Caso 1 – A vírgula separa o *aposto* e o *vocativo*

1. Pedro o gerente do banco ligou e deixou um recado.
2. Xapuri importante município a 150 quilômetros da capital do Acre Rio Branco foi o principal cenário de atuação de Chico Mendes.

Comentários:

Na frase 1, *o gerente do banco* é um termo explicativo de Pedro, aposto explicativo. Como vem intercalado, entre vírgulas: *Pedro, o gerente do banco*, ligou e deixou um recado.

Na frase 2, aparecem dois apostos explicativos: *importante município a 150 quilômetros da capital* explica o termo *Xapuri*; *Rio Branco* explica a *capital* do Acre. Lembre-se da teoria do *aposto*: termo de natureza substantiva ou pronominal que se refere a outro substantivo ou pronome. Pontuada corretamente, a frase ficaria assim: Xapuri, importante município a 150 quilômetros da capital do Acre, Rio Branco, foi o principal cenário de atuação de Chico Mendes.

3. Muito bom dia senhora!
4. Pedro o gerente do banco ligou e deixou um recado.

Comentários:

Nas frases 3 e 4, temos a presença do *vocativo* (é a pessoa ou coisa personificada a quem se chama). As frases, se pontuadas corretamente, ficariam assim:

Muito bom dia, *senhora*!

Pedro, o gerente do banco ligou e deixou um recado.

Repare como uma vírgula pode mudar tudo. Confronte as frases 1 e 4:

Pedro, o gerente do banco, ligou e deixou um recado.

Pedro, o gerente do banco ligou e deixou um recado.

Na frase 1, ao se usarem as vírgulas que isolam "o gerente do banco" você tem um sentido: quer deixar claro que o termo entre vírgulas (*gerente do banco*) explica quem é Pedro; na frase 4, ao se colocar uma vírgula após *Pedro*, tem-se a intenção de *chamar* essa pessoa, e não a de explicar quem é o Pedro. Portanto, as duas frases estão corretas, cada uma com seu sentido.

Caso 2 – A vírgula separa as *enumerações* (= termos de mesma função) e certas *repetições*

5. O Brasil é o centro de origem do abacaxi do açaí do amendoim do cacau da castanha do cupuaçu do maracujá.
6. Recitava versos discursos trechos latinos e uma antologia em trinta volumes.
7. A garotada nadou nadou nadou e veio morrer na praia da ingratidão nacional.

Observe como essas frases ficariam se pontuadas corretamente:

Na frase 5, as enumerações têm a função de *adjuntos adnominais* do substantivo *origem*.

"O Brasil é o centro de origem do abacaxi, do açaí, do amendoim, do cacau, da castanha, do cupuaçu, do maracujá."

As enumerações da frase 6 são *objetos diretos* do verbo *recitava*.

"Recitava versos, discursos, trechos latinos e uma antologia em trinta volumes."

A frase 7 é um exemplo de termos repetidos:

"A garotada nadou, nadou, nadou e veio morrer na praia da ingratidão nacional."

Importante!

Confronte as frases 5 e 6:

"O Brasil é o centro de origem do abacaxi, do açaí, do amendoim, do cacau, da castanha, do cupuaçu, do maracujá."

"Recitava versos, discursos, trechos latinos e uma antologia em trinta volumes."

Você deve estar se perguntando o seguinte: por que na frase 6 aparece o conectivo *e* fechando a enumeração e na 5 não?

Vamos lá. O normal é usarmos o conectivo *e* antes do último termo da enumeração para mostrar que são *apenas* esses elementos da enumeração, que não cabe mais nenhum (frase 6).

Entretanto, quando a intenção é a de deixar em aberto esses elementos, que existem outros além dos citados, não se utiliza o conectivo *e* antes do último elemento da enumeração (frase 5). Não é

muito comum não ver o *e* antes do último elemento da enumeração, não é mesmo? O que ocorre é que, nesse tipo de construção, há uma tendência de se usar o *etc*. ("... da castanha, do cupuaçu, do maracujá etc."), o que seria uma forma também aceita. É questão de preferência, de estilo.

Para finalizar, mais uma dica:

Uso da vírgula antes de etc. O uso da vírgula antes de etc. é facultativo ("... do maracujá etc."... do maracujá, etc."), mas o uso do ponto após etc. é obrigatório.

O uso das vírgulas nas enumerações é questão muito comum em provas de concursos públicos. O Cespe-UnB é uma banca que comumente retira trechos de textos que apresentaram vírgulas em enumerações perguntando ao aluno a justificativa dessas vírgulas. Observe:

Sua metodologia é simples – por meio de conversas frequentes com a família, <u>o voluntário receita cuidados básicos para evitar que a criança morra por falta de conhecimento, como os hábitos de higiene, a administração do soro caseiro e a adoção da farinha de multimistura na alimentação</u>, que se tornou uma solução simples e emblemática contra a desnutrição. Mas o seu segredo é um só: a persistência.

1. O emprego de vírgula após "higiene" justifica-se porque isola o elemento adverbial deslocado.

Comentários:

Observe que a vírgula utilizada após *higiene* se justifica em função da enumeração *dos cuidados básicos* de que o texto falava: *hábitos de higiene, a administração do soro caseiro* e *a adoção da farinha de multimistura na alimentação*. Logo, é importante que você tenha entendido no texto que houve uma sequência de elementos enumerados, de mesma função sintática (todos eram apostos explicativos de *cuidados básicos*).

Resposta: errada.

Como era de se esperar, com <u>porto</u>, <u>aeroporto e estradas arruinados ou semidestruídos</u>, com a escassez <u>de água</u>, <u>alimentos e remédios</u>, iniciaram-se ondas de saques, e o próprio governo local transferiu a administração da crise para outros países e instituições.

2. As vírgulas após "porto" e "água" têm a mesma justificativa gramatical.

Comentários:

Em ambas as situações, o que encontramos são enumerações. Todos os termos destacados têm a mesma função sintática: a preposição *com* que inicia a expressão *com porto, aeroporto e estradas* tem valor semântico de causa. Trata-se de adjuntos adverbiais de causa enumerados. Basta colocar o período na ordem direta e você entenderá: *Iniciaram-se ondas de saques... com porto, aeroporto e estradas... com a escassez de água, alimentos e remédios...* Na verdade, o que se quer dizer é que *os saques se iniciaram por causa de portos, aeroportos e estradas arruinados e por causa da escassez de água, alimentos e remédios.* Portanto, temos uma enumeração de termos de mesma função sintática.

Resposta: certa.

Caso 3 – A vírgula marca a *omissão* da palavra; é o que chamamos de **elipse**

8. Os jovens buscam a felicidade na novidade; os velhos nos hábitos.

9. Você pretende cursar Medicina; ela Odontologia.

Comentários:

As frases 8 e 9 são exemplos da vírgula que aparece para mostrar uma palavra facilmente subentendida, independentemente de esse vocábulo já ter aparecido no texto ou não. Observe como essas frases ficariam com as vírgulas marcando a omissão dos verbos:

"Os jovens buscam a felicidade na novidade; os velhos, nos hábitos. (elipse de *buscam*)

"Você pretende cursar Medicina; ela, Odontologia. (elipse de *pretende cursar*)

Caso 4 – Separa termos *explicativos*, *retificativos*, *de situação*

10. Sua redação por exemplo tem várias frases longas que prejudicam a clareza.

11. O bêbado andava isto é cambaleava.

12. Afinal o que tens a dizer?

Comentários:

As frases 10, 11 e 12 são exemplos de expressões que denotam explicação (*por exemplo, isto é, ou melhor*...), retificação (*isto é, ou melhor*...) e situação (*afinal, então*...)

Vêm sempre separadas por vírgula – no início ou no final do período – ou vírgulas – intercalada. Assim, teríamos:

"Sua redação, por exemplo, tem várias frases longas que prejudicam a clareza."

“O bêbado andava, isto é, cambaleava.”

“Afinal, o que tens a dizer?”

Caso 5 – A vírgula é utilizada para separar as *orações coordenadas* (assindéticas ou sindéticas)

13. Arrumou as malas saiu lançou-se na vida.
14. Gostava da sociedade mas não amava os sócios.
15. Não conseguiu terminar o trabalho logo sairá tarde.
16. Saia imediatamente pois quero descansar.
17. “As pessoas desejam ascender em linguagem porém insisto na verdade linguística de que os alunos sabem a língua antes mesmo de entrarem na escola.”
18. “As pessoas desejam ascender em linguagem; insisto porém na verdade linguística de que os alunos sabem a língua antes mesmo de entrarem na escola.”
19. Permita-me portanto cumprimentá-lo por brilhante desempenho.
20. A cada momento entravam alunos e o diretor os recebia afavelmente.

Comentários:

Na frase 13, as vírgulas separam as orações coordenadas assindéticas, orações que vêm sem conectivo:

“Arrumou as malas, saiu, lançou-se na vida.”

Nas frases de 14 a 17, aparecem as conjunções coordenativas. A vírgula, nesses casos, antecede as conjunções. Veja como ficam as orações com suas devidas vírgulas:

“Gostava da sociedade, mas não amava os sócios.”

“Não conseguiu terminar o trabalho, logo sairá tarde.”

“Saia imediatamente, pois quero descansar.”

“As pessoas desejam ascender em linguagem, porém insisto na verdade linguística de que os alunos sabem a língua antes mesmo de entrarem na escola.”

Sistematizando: As orações coordenadas assindéticas devem vir separadas por vírgulas. As orações coordenadas sindéticas também: nesse caso, a vírgula virá *antes* da conjunção que inicia a oração.

Observe novamente as frases 18 e 19:

“As pessoas desejam ascender em linguagem; insisto, porém, na verdade linguística de que os alunos sabem a língua antes mesmo de entrarem na escola.”

Permita-me, portanto, cumprimentá-lo por brilhante desempenho.

As frases 18 e 19 mostram os conectivos deslocados para o meio do período, após o verbo. Isso pode ocorrer com as conjunções *adversativas* e *conclusivas*. Quando isso acontece, a tendência é de que elas venham entre vírgulas.

Atenção: As conjunções adversativas (*porém, contudo, entretanto, no entanto*) e conclusivas (*por isso, portanto, por conseguinte, assim*) podem vir deslocadas na frase e, quando isso ocorrer, ficam entre vírgulas.

Observe, agora, as frases 18 e 19, que apresentaram conjunções deslocadas, devidamente pontuadas:

“As pessoas desejam ascender em linguagem; insisto, porém, na verdade linguística de que os alunos sabem a língua antes mesmo de entrarem na escola.”

“Permita-me, portanto, cumprimentá-lo por brilhante desempenho.”

Caso 6 – Separa *termos deslocados* e *orações intercaladas*

Observações:
1. Ordem direta no período simples: sujeito + verbo + complemento + (adj. adv.)
Quando alguns deslocamentos, sobretudo no período simples, não
2. comprometem o sentido essencial da frase, o uso da(s) vírgula(s) é facultativo.

Procure pontuar as frases a seguir:

21. Surpreso o garoto procura o lugar de onde vem o comando.

22. Nos tempos atuais não existe país do primeiro mundo.

23. Existe no meio rural uma violência estrutural.

24. Geralmente as oposições não gostam dos governos.

Comentários:

Na frase 21, *surpreso* é predicativo que aparece deslocado para o início do período.

“Surpreso, o garoto procura o lugar de onde vem o comando.”

Nas frases 22, 23 e 24, os adjuntos adverbiais *Nos tempos atuais*, *no meio rural* e *geralmente*

vêm deslocados de sua posição original, que é no final do período.

Como são expressões curtas, de fácil entendimento, que – com a(s) vírgulas(s) ou sem – não comprometem o sentido original da frase, o uso da(s) vírgula(s) é *facultativo*, ou seja, você pode usar ou não. Entretanto, numa *redação*, ao deslocar um termo de sua posição original, use sempre a(s) vírgulas(s). Nunca se sabe se o professor que vai corrigir sua redação possui ou não um posicionamento mais tradicional. Assim, em relação às frases 22, 23 e 24, teríamos:

"Nos tempos atuais(,) não existe país de primeiro mundo."

"Existe(,) no meio rural(,) uma violência estrutural."

"Geralmente(,) as oposições não gostam dos governos."

Sistematizando: Os advérbios e as locuções adverbiais deslocados, por serem termos curtos, simples, de fácil entendimento, apresentarão vírgulas facultativas.

Agora, procure pontuar adequadamente as frases a seguir:

25. Eles quando todos chegaram puderam iniciar os trabalhos.
26. O Mercosul é uma experiência que ao mexer com posturas arraigadas impõe uma nova estratégia para o conjunto da sociedade.
27. Considerando as razões apresentadas penso que a solicitação será deferida.
28. Preciso ouvir disse a mãe ao menino a causa da briga.

Comentários:

As frases 25, 26 e 27 são exemplos de *orações* deslocadas, para o início ou para o meio do período, desenvolvidas (com conjunção) ou reduzidas (infinitivo, gerúndio, particípio). Nesses casos, não teríamos mais o uso facultativo: o uso da(s) vírgula(s) é obrigatório. Assim, as frases, pontuadas corretamente, ficariam:

"Eles, quando todos chegaram, puderam iniciar os trabalhos." (oração adverbial temporal desenvolvida)

"O Mercosul é uma experiência que, ao mexer com posturas arraigadas, impõe uma nova estratégia para o conjunto da sociedade." (oração adverbial temporal reduzida de infinitivo)

"Considerando as razões apresentadas, penso que a solicitação será deferida." (oração adverbial

temporal reduzida de gerúndio)

Agora, voltemos à frase 28:

Preciso ouvir disse a mãe ao menino a causa da briga.

Nela, as vírgulas devem ser utilizadas, para mostrar a intercalação de uma oração, que corresponde à fala do interlocutor.

"Preciso ouvir, disse a mãe ao menino, a causa da briga."

Sistematizando: Com as orações adverbiais deslocadas (ou seja, retiradas do final do período), bem como com as orações intercaladas, o uso das vírgulas será obrigatório.

Veja como o Cespe-UnB lida com esse tipo de questão. A seguir, duas assertivas para você julgar como certas ou erradas.

1. O emprego de vírgula após "anos", em "Nos próximos anos, a questão da melhoria da qualidade do ensino deve ser uma obrigação dos governantes", justifica-se por isolar termo adverbial, com noção de tempo, deslocado do final para o começo do período.

Comentários:

Ora, temos aqui um adjunto adverbial de tempo (*nos próximos anos*) antecipado: na ordem direta ficaria ao final do período.

Resposta: assertiva correta.

Ao estabelecer a obrigatoriedade na realização dos exames pré-admissional, periódico e demissional do trabalhador, criou recursos médico-periciais voltados à identificação do nexo da causalidade entre os danos sofridos e a ocupação desempenhada.

2. A vírgula logo depois de "trabalhador" é opcional e sua retirada preservaria a correção gramatical do texto, pois os três termos da enumeração que ela tem função de marcar já estão separados pela conjunção "e": "exames pré-admissional, periódico e demissional do trabalhador".

Comentários:

Atenção para não confundir a vírgula que vem após *pré-admissional* com a vírgula que vem após *trabalhador:* a primeira se justifica por separar termos de uma enumeração, mas a segunda deve

ser explicada por isolar a oração antecipada, que começa em *Ao estabelecer a obrigatoriedade...* e termina no vocábulo *trabalhador*. Trata-se de uma oração adverbial temporal reduzida de infinitivo, que foi deslocada do final para o início do período. A vírgula, nesse caso, é obrigatória.

Resposta: assertiva errada.

Caso 7 – A vírgula separa as orações adjetivas explicativas

Pontue as frases a seguir:

29. O Tejo que é o maior rio de Portugal nasce na Espanha.

30. João que é um grande homem ajuda a todos.

Comentários:

As frases 29 e 30 são exemplos de *meros comentários*, *termos explicativos*. O *que* das duas frases é pronome relativo, já que retoma os substantivos "Tejo" e "João". Se a oração adjetiva é *explicativa*, o uso das vírgulas é obrigatório.

"O Tejo, que é o maior rio de Portugal, nasce na Espanha."

"João, que é um grande homem, ajuda a todos."

Entretanto, se a oração é restritiva, o uso das vírgulas é proibido. Perceba:

"Só sairão mais cedo os alunos que terminaram o dever de casa."

Ora, a oração adjetiva *que terminaram o dever de casa* delimita, restringe o substantivo antecedente. Sendo assim, ela não pode ser retirada da frase, devendo, portanto, vir <u>sem vírgulas</u>.

Observe esta assertiva retirada de uma prova do Cespe-UnB:

Sua metodologia é simples — por meio de conversas frequentes com a família, o voluntário receita cuidados básicos para evitar que a criança morra por falta de conhecimento, como os hábitos de higiene, a administração do soro caseiro e a adoção da farinha de multimistura na alimentação, <u>que se tornou uma solução simples e emblemática contra a desnutrição</u>.

1. O trecho "que se tornou uma solução simples e emblemática contra a desnutrição" está precedido por vírgula porque se trata de um trecho com função restritiva.

Comentários:

Perceba que a oração destacada inicia-se com pronome relativo *que*, tratando-se, portanto, de

oração subordinada adjetiva. Entretanto, como se caracteriza por ser uma informação adicional, vem isolada por vírgula. Assim, ela deve ser classificada como oração subordinada adjetiva explicativa, e não como oração adjetiva restritiva, como a banca sugere.

Resposta: assertiva errada.

Sistematizando: As orações subordinadas adjetivas são aquelas que se iniciam com pronome relativo. Se restringirem, delimitarem o sentido do substantivo antecedente, virão sem vírgulas. Se forem uma informação adicional, acessória, virão entre vírgulas.

20.1.2. Ponto e vírgula

Vamos, agora, falar do ponto e vírgula? O **ponto e vírgula** é uma pausa mais longa que a vírgula e menor que o ponto. Basicamente, pode ser utilizado em duas situações:

Caso 1 – Separa orações coordenadas

31. Esforçou-se bastante; não obteve, entretanto, o reconhecimento merecido.

32. Uns estudam; outros trabalham.

Caso 2 – Separa os itens de leis, decretos, regulamentos

33. Art. 1º O núcleo... abrangerá as seguintes matérias:

a) comunicação e expressão;

b) estudos sociais;

c) ciências.

Resolução nº...art. da Lei...

Comentários:

O ponto e vírgula pode separar também orações coordenadas. É o que vemos nas frases 31 e 32.

Na 33, temos um exemplo do ponto e vírgula separando enumerações.

20.1.3. Dois-pontos

E quanto aos **dois-pontos**? Você sabe utilizá-los? Este sinal pode, basicamente, ser utilizado em duas situações. Pode dar início a fala ou citação de outrem:

34. O professor disse:

– Eu sou a razão.

Os dois-pontos podem também introduzir uma explicação, enumeração, esclarecimento:

35. Encontrei um motivo para não encontrá-lo: uma viagem de última hora.

36. São três os autores a estudar: Machado, Alencar e Drummond.

Comentários:

A frase 34 exemplifica o início da fala de outrem.

Na frase 35, os dois-pontos introduzem uma explicação, um esclarecimento da afirmação anterior.

Na frase 36, os dois-pontos dão início a uma enumeração explicativa.

20.1.4. Aspas

As **aspas** são utilizadas, normalmente, em quatro situações:

Caso 1 – Isolam uma citação

37. Algum sábio já afirmou: "Agir na paixão é embarcar durante a tempestade".

Caso 2 – Isolam estrangeirismos, arcaísmos, neologismos, gírias

38. Estamos no "hall" do hotel.

39. Ele era considerado "persona-non-grata".

40. Qual a "solucionática" desta problemática?

41. Achei-o muito "careta".

Comentários:

As "aspas" da frase 37 mostram as palavras de outra pessoa, e não do autor do texto.

Já nas frases 38, 39, 40 e 41 temos, respectivamente, exemplos de estrangeirismo, arcaísmo (expressão que deixou de ser usada) e neologismo (palavras novas derivadas de outras já existentes, geralmente não registradas nos dicionários) e gíria.

Caso 3 – Dar destaque a uma palavra ou expressão

42. Diga-me "como" direi isso a ela.

Comentários:

A frase traz um exemplo de uma palavra que se quer destacar, dar expressividade. Na oralidade, diríamos: *coooomo*!

Caso 4 – Mostrar uma palavra com sentido irônico ou uma palavra em sentido diverso do usual

43. Você foi "brilhante" ao dizer aquela asneira.

Comentários:

Na frase 43, temos um exemplo de *ironia* (diz-se o contrário do que se pensa). Se o que ele disse

foi uma *asneira*, não há brilhantismo nisso.

20.1.5. Travessões

E os travessões? Empregam-se os travessões para marcar a mudança de interlocutor nos diálogos e para dar destaque ou ênfase a determinados termos. Observe as frases a seguir:

44. Apontou para Luísa e disse: – Conheces aquele ali?

45. Machado de Assis – grande romancista brasileiro – também escreveu contos.

Comentários:

A frase 44 mostra o uso do travessão marcando a mudança do interlocutor.

A frase 45 é o caso de uso mais frequente do travessão: quando se quer dar destaque ou enfatizar certas palavras ou expressões. É comum, nas questões de concurso, reescreverem trechos do texto que estão separados por travessão substituindo-o por vírgulas, o que mantém correta a construção, pois os travessões, em geral, podem ser substituídos por vírgulas.

A utilização dos travessões para dar ênfase a uma explicação do texto é um recurso muito comum na escrita e bastante explorado pelas bancas. O Cespe-UnB tem elaborado algumas questões de reescritura de frases, que sugerem ao candidato a troca dos travessões por outro sinal de pontuação. Observe:

Em uma empresa socialmente responsável, pode-se catalisar a inteligência instalada e lhe dar uma direção e um sentido. Isso fortalece a empresa, torna-a mais competitiva, aumenta a autoestima e a dedicação dos funcionários, amplia o sentimento de pertencimento — a vida das pessoas, em vez de ser ameaçada pelo trabalho, é fortalecida por ele. Essas empresas têm melhores condições de desempenho e, portanto, de prolongar sua vida.

1. Preservam-se tanto a coerência da argumentação quanto a correção gramatical do período caso se substitua o travessão antes de "a vida" pelo sinal de dois-pontos ou pelo de ponto e vírgula.

Comentários:

Observe que o travessão foi utilizado para enfatizar uma explicação para o que o autor quis dizer com *sentimento de pertencimento*. Trata-se de um segmento explicativo enfatizado pelo travessão. Ora, a troca pelos dois-pontos ou pelo ponto e vírgula não geraria erro gramatical nem mudança de sentido da frase: só se optaria pela perda da ênfase que o travessão confere à

informação.

Resposta: assertiva certa.

Nos anos 90 do século passado, o país derrotou a inflação – que corroía salários, causava instabilidade política e irracionalidade econômica. Na primeira década deste século, os avanços deram-se em direção a uma agenda social, voltada para a redução da pobreza e da desigualdade estrutural.

2. A substituição do travessão por vírgula, em "derrotou a inflação – que corroía salários", prejudica a correção gramatical do período.

Comentários:

Mais uma vez, o travessão introduz uma explicação, dando-lhe ênfase. Trata-se de uma oração adjetiva explicativa (*que corroía salários...*), que se refere ao substantivo *inflação* antecedente. Portanto, a troca do travessão pela vírgula *não* geraria erro gramatical algum à frase (a banca diz que a substituição *prejudica* a correção gramatical do período).

Resposta: assertiva errada.

20.1.6. Parênteses

Parênteses são geralmente utilizados para isolar comentários acessórios. Observe:

46. "Bem sei que só matarei alguém (que Deus me livre e guarde) se for obrigado."

Atenção: De modo geral, os parênteses são usados quando se quer acrescentar uma informação acessória, uma interferência do autor do texto.

Será que é possível, então, em um texto, substituir os parênteses pelos travessões ou vice-versa? O que queremos saber é: diante de um segmento explicativo, que vem evidenciado no texto pelo uso dos travessões, a substituição desse sinal de pontuação pelos parênteses geraria erro gramatical ou mudança de sentido da frase?

O Cespe-UnB tem feito esse tipo de pergunta em prova. Veja uma questão:

Tão logo a catástrofe do terremoto no Haiti requisitou uma ação coletiva mundial, com inúmeros atores envolvidos na ajuda humanitária – países, organizações não governamentais, empresas e os milhares de anônimos e famosos –, a situação caótica do país devastado impôs um desafio: a quem caberá a organização das próximas etapas de reconstrução do país mais pobre do Ocidente?

Mantém-se a correção gramatical do período substituindo-se os travessões (ℓ. 2 e 3) por parênteses.

Comentários:

Ora, a informação que o autor quis evidenciar no texto (*países, organizações não governamentais, empresas e os milhares de anônimos e famosos*) pelo uso dos travessões poderia ser isolada pelo uso dos parênteses. O texto continuaria gramaticalmente correto.

Resposta: assertiva correta.

Antes de concluirmos este capítulo, achamos prudente treinar mais com você, por meio de frases que fixarão os conceitos ensinados. Vamos lá?

I. Pontue as frases, quando necessário.

1. Os candidatos aguardavam ansiosos o resultado do concurso.

Comentários: O adjetivo *ansiosos*, na função de predicativo do sujeito, aparece deslocado para o meio do período, intercalado.

Lembre-se sempre da ordem direta dos termos no período simples: sujeito + verbo + complemento + adjunto adverbial.

O predicativo, aqui, aparece entre o verbo e o seu objeto (= complemento).

Resposta: Os candidatos aguardavam, ansiosos, o resultado do concurso.

***Importante*!**

O uso das vírgulas, *nessa frase*, seria facultativo. Por quê? Nunca se esqueça do princípio básico do uso facultativo da(s) vírgula(s): se com ou sem a(s) vírgula(s) o sentido continua o mesmo, há clareza, pode-se usar ou não a(s) vírgula(s). Repare nessa frase:

Os candidatos aguardavam ansiosos o resultado do concurso.

Os candidatos aguardavam, ansiosos, o resultado do concurso.

Não há truncamento de ideia, é uma frase curta de perfeito entendimento com ou sem a(s) vírgula(s).

Isso normalmente acontece com termos curtos deslocados (advérbios ou locuções adverbiais, predicativos).

Agora, você já sabe. Todo comentário em que aparecer *uso facultativo*, a explicação será a

mesma:

Se você puder fazer a dupla leitura (com a pausa ou sem a pausa), e isso não alterar o sentido da frase, nem houver truncamento sintático, o uso da(s) vírgula(s) será facultativo.

2. Deixe-me senhora.

Comentários: *Senhora* é a pessoa com quem se fala, vocativo.

Resposta: Deixe-me, senhora.

3. Dallas 9 de julho de 1994.

Comentários: Esse caso é um exemplo da vírgula que se usa para separar a data do nome do lugar.

Resposta: Dallas, 9 de julho de 1994.

4. Aliás isto é conhecido de todos.

Comentários: A vírgula também separa certas expressões de explicação, retificação, situação.

Resposta: Aliás, isto é conhecido de todos.

5. Espero que ela venha.

Comentários: Aqui não há justificativa para o uso da vírgula, pois os termos já estão na ordem – sujeito + verbo + complemento: "(Eu) *Espero* (verbo) *que ele venha* (objeto direto).

Resposta: Espero que ele venha.

Lembre-se: não se usa vírgula entre sujeito e verbo e entre verbo e complemento.

6. O Brasil produz café milho arroz ouro ferro.

Comentários: Nesta frase, temos um exemplo das vírgulas que separam termos de mesma função sintática (= enumerações), são objetos diretos.

Resposta: O Brasil produz café, milho, arroz, ouro, ferro.

7. "Papai do céu dá-me uma namorada linda fiel gentil e tarada."

Comentários: Aqui temos duas justificativas: a primeira vírgula separa o vocativo e as outras, termos de mesma função (= enumerações), são adjuntos adnominais.

Resposta: “Papai do céu, dá-me uma namorada linda, fiel, gentil e tarada.”

8. “O homem sensato se adapta ao mundo o insensato insiste em tentar adaptar o mundo a ele. Todo progresso depende portanto do homem insensato.”

Comentários: Na primeira ocorrência, a vírgula separa orações coordenadas. Nesse caso, poderia ser substituída por ponto e vírgula, já que esse sinal de pontuação também pode separar orações coordenadas. Na segunda e terceira ocorrências, as vírgulas intercalam a conjunção conclusiva deslocada.

Resposta: “O homem sensato se adapta ao mundo, ou; o insensato insiste em tentar adaptar o mundo a ele. Todo progresso depende, portanto, do homem insensato.”

9. “Não te enganes. A vida vai tratar-te mal. Portanto se queres viver tua vida vai e toma-a.”

Comentários: Aqui temos uma oração adverbial condicional (“se queres viver tua vida”) *intercalada*, entre vírgulas.

Resposta: “Não te enganes. A vida vai tratar-te mal. Portanto, se queres viver tua vida, vai e toma-a.”

10. Se o Brasil se tornasse independente dos empréstimos externos poderia voltar a crescer no mesmo ritmo de desenvolvimento das décadas anteriores.

Comentários: Mais uma oração adverbial condicional deslocada, só que agora para o *início* do período, uma vírgula.

Resposta: Se o Brasil se tornasse independente dos empréstimos externos, poderia voltar a crescer no mesmo ritmo de desenvolvimento das décadas anteriores.

11. Todos os candidatos publicaram os jornais devem chegar no momento azado.

Comentários: Esta frase é um exemplo de oração intercalada, um comentário acessório.

Resposta: Todos os candidatos, publicaram os jornais, devem chegar no momento azado.

12. Na Suíça delegados de 103 países grande parte com vestes africanas determinaram a proibição total da caça aos elefantes.

Comentários: A primeira vírgula é de uso facultativo, pois temos um adjunto adverbial deslocado de curta extensão, não alterando o sentido original da frase.

As outras duas vírgulas vão intercalar o aposto explicativo.

Resposta: Na Suíça(,) delegados de 103 países, grande parte com vestes africanas, determinaram a proibição total da caça aos elefantes.

20.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

Vamos fixar? Faça os exercícios a seguir e verifique o gabarito ao final!

I. Pontue as frases, quando necessário.

1. "Depois de suportar Figueiredo Sarney Collor e Itamar o brasileiro passou a duvidar até da existência de Deus."
2. Em verdade a palavra da mendiga tinha um som místico uma espécie de melodia e fazia bem fitar-lhe os olhos encarquilhados a mão trêmula segurando o dinheiro.
3. Solicitamos a Vossa Senhoria o obséquio de verificar o valor das mercadorias recebidas.
4. "O alferes continuava a dominar em mim embora a vida fosse menos intensa e a consciência mais débil."
5. Na década de 1970 o Brasil chegou a ser o país que mais crescia no mundo. Na década perdida dos anos 80 no entanto a economia brasileira se atolou no descontrole das contas públicas.
6. "O governador do Ceará Cid Gomes é muito família. Ele não agrada apenas à sogra mas também ao sogro aos irmãos aos sobrinhos..."
7. Se dirigir não beba se beber não dirija.
8. Inscreveram-se para aquele concurso oito mil seiscentos e trinta e cinco candidatos.
9. Participaram do sorteio dois milhões quinhentos e treze mil trezentos e quinze telespectadores.

II. Coloque C (certo) ou E (errado) nas frases que se seguem em relação aos sinais de pontuação.

1. ( ) A hospitalidade tem dois aspectos: um, geral, que se refere à convivência em sociedade e se confunde com o cerimonial e a etiqueta de cada povo; o outro, específico, que estabelece relações especiais entre anfitriões e convidados.
2. ( ) Baseadas no código de honra do deserto, as relações de hospitalidade árabe, dão ao hóspede direitos exorbitantes.
3. ( ) Os poetas árabes, que tanto cantaram as virtudes do perfeito anfitrião não dizem quase nada, a respeito dos hóspedes.

4. ( ) Aquele que recebe a hospitalidade é, ao mesmo tempo, um emir, um prisioneiro e um poeta, dizem os beduínos.
5. ( ) A hospitalidade no entanto, não é medida pela abundância da comida, mas particularmente, apreciada quando se pratica apesar dos meios limitados.
6. ( ) O traço todo da vida é para muitos um desenho de criança esquecido pelo homem, e ao qual este terá sempre de se cingir sem o saber.
7. ( ) Os primeiros anos de vida foram portanto, os de minha formação instintiva ou moral, definitiva.
8. ( ) Passei esse período inicial tão remoto e tão presente, em um engenho de Pernambuco, minha província natal.
9. ( ) A população do pequeno domínio, inteiramente fechado a qualquer ingerência de fora, como todos os outros feudos da escravidão, compunha-se de escravos, distribuídos pelos compartimentos da senzala, o grande pombal negro ao lado da casa de morada, e de rendeiros, ligados ao proprietário pelo benefício da casa de barro que os agasalhava ou de pequena cultura que ele lhes consentia em suas terras.
10. ( ) No centro do pequeno cantão de escravos levantava-se a residência do senhor, olhando para os edifícios da moagem, e tendo por trás, em uma ondulação de terreno a capela sob a invocação de São Mateus.
11. ( ) O ex-presidente do Banco Central, Gustavo Franco, afirmou que o Brasil precisa ser mais assumidamente capitalista, globalizado e moderno.
12. ( ) O presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, recebeu o presidente brasileiro em Camp David.
13. ( ) Os estabelecimentos fundados por portugueses, lá pelos anos de 1618, começavam no Pará, quase sob o Equador, e terminavam em Cananéia, além do trópico.
14. ( ) Entre uma e outra capitania havia longos espaços desertos, de dezenas de léguas de extensão. A população de língua europeia, cabia folgadamente em cinco algarismos.
15. ( ) A camada ínfima da população era formada por escravos, filhos da terra, africanos ou seus descendentes.

16. ( ) Os filhos da terra eram menos numerosos pela pouca densidade originária da população indígena, pelos grandes êxodos que os afastaram da costa, pelas constantes epidemias que os dizimaram, pelos embaraços, nem sempre inúteis, opostos ao seu escravizamento.

17. ( ) Acima desta população, sem terra e sem liberdade, seguiam-se os portugueses de nascimento ou origem, sem terra, porém livres: feitores, mestres-de-açúcar oficiais-mecânicos, vivendo dos seus salários ou do feitio de obras encomendadas.

18. ( ) "É através da dinâmica institucional que se fabrica, quase sempre, o delinquente juvenil. A instituição, ao invés de recuperar, perverte; ao invés de reintegrar e ressocializar, exclui e marginaliza; ao invés de proteger, estigmatiza." *(Vicente Faleiros)*

19. ( ) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis, que, num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.

20. ( ) "... ela novamente, encheu os pulmões de ar o máximo que pôde, e seu corpo acabou arrebentando como uma bola de soprar que se enche em excesso."

21. ( ) Comprei frutas, legumes, verduras, etc.

22. ( ) "O acordo visa à criação da Área de Livre Comércio Sul-Americana (ALCSA), que estari plenamente constituída em 2005."

Gabarito: I – 1. Depois ... Figueiredo, Sarney, Collor e Itamar, ...; 2. Em verdade, a palavra .. místico, uma espécie de melodia, e fazia ... encarquilhados, a mão...; 3. Sem vírgula; 4. Os alferes ... em mim, embora ... intensa, e a consciência...; 5. uso facultativo (Na década de 70, o Brasil ...) / (,)no entanto(,); 6. ... do Ceará, Cid Gomes, é ... à sogra, mas também ao sogro, aos irmãos, aos sobrinhos...; 7. ..., não beba; se beber, não dirija; 8. Sem vírgula (não se usa vírgula entre o milhar e as centenas. Já o milhão é separado do milhar por vírgula, e também entre o bilhão e o milhão: três milhões, quinhentos e doze mil trezentos e quinze); 9. ... dois milhões, quinhentos e treze mil trezentos e quinze ...

II – 1. C; 2. E – Após "árabe". Separa sujeito do verbo. 3. E – Falta a vírgula após "anfitrião", para intercalar a oração adjetiva explicativa. A vírgula após "nada" é outro erro. 4. C; 5. E – Falta a vírgula após "hospitalidade", para intercalar "no entanto". Em "particularmente" temos outra intercalação. Ou usamos duas vírgulas (antes e depois de particularmente) ou nenhuma (mas particularmente apreciada...). 6. C – O uso das vírgulas em "para muitos" é facultativo. 7. E – "portanto", deslocado, entre vírgulas (, portanto,), que seria a forma mais adequada, ou nenhuma (portanto). 8. E – ... inicial, tão remoto e tão presente, ...; 9. C; 10. E – ... por trás, em uma ondulação de terreno, ...; 11. E; 12. C. Obs.: Vírgula com nomes próprios: Em (11), não podem ocorrer aquelas vírgulas, já que ex-presidente existem vários, específico, pois. Em (12), presidente há um só, explicativo, pois. Essa explicação serve para qualquer outra construção que traga estrutura semelhante: explicativa / restritiva (diretor / ex-diretor, deputado / ex-deputado...). 13. C;

14. E – A vírgula após “europeia” separa o sujeito do verbo. 15. C; 16. C; 17. E – Falta a vírgula da enumeração após “mestres-de-açúcar”. 18. C; 19. C; 20. E – “Novamente” entre vírgulas ou sem vírgula alguma. 21. C. Obs.1: Nas enumerações que se encerram com “etc.”, a tendência é usar vírgula antes do “etc.” (ou ponto-e-vírgula ou ponto, se os elementos da enumeração vierem separados por esses sinais de pontuação). Porém, se não aparecer esse sinal antes do “etc”, a frase continua certa. Obs.2: Após o “etc.” devemos sempre usar o ponto. 22. C

20.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

1. (FCC/TC-PB) Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:

a) Toda vez que é pronunciada, a palavra progresso, parece abrir a porta para um mundo, mágico de prosperidade garantida.

b) Por mínimas que pareçam, há providências inadiáveis, ações aparentemente irrisórias, cuja execução cotidiana é, no entanto, importantíssima.

c) O prestígio da palavra progresso, deve-se em grande parte ao modo irrefletido, com que usamos e abusamos, dessa palavrinha mágica.

d) Ainda que traga muitos benefícios, a construção de enormes represas, costuma trazer também uma série de consequências ambientais que, nem sempre, foram avaliadas.

e) Não há dúvida, de que o autor do texto aderiu a teses ambientalistas segundo as quais, o conceito de progresso está sujeito a uma permanente avaliação.

Comentários:

Na letra A, a primeira vírgula está correta: ela se justifica por isolar uma oração adverbial temporal (*Toda vez que é pronunciada*) antecipada. Já a segunda vírgula está errada: ela separa o sujeito (*a palavra progresso*) do verbo (*parece abrir*). Quanto à terceira vírgula, também se observa um erro: não se deveria separar um adjunto adnominal (*mágico*) do substantivo que ele restringe (*mundo*).

A letra B apresenta a primeira vírgula correta: oração adverbial concessiva antecipada (*por mínimas que pareçam*); uma segunda vírgula que se justifica por uma enumeração de termos (*providências inadiáveis* e *ações aparentemente irrisórias*); uma terceira vírgula que inicia uma oração explicativa (*cuja execução cotidiana é... importantíssima)* e duas outras vírgulas pelo motivo que acabamos de explicar: a conjunção adversativa *no entanto* veio deslocada e, por isso, entre vírgulas.

A letra C apresenta três vírgulas indevidamente utilizadas: a primeira separa o sujeito (*o prestígio da palavra progresso*) do verbo (*deve-se*). A segunda vírgula separa uma oração adjetiva *restritiva* (*com que usamos e abusamos*...) do seu substantivo antecedente (*modo*). Ora, você já viu que só a oração adjetiva explicativa é que deve vir isolada por vírgula. A terceira vírgula também está errada por separar o verbo (*abusamos*) do seu complemento (*dessa palavrinha mágica*).

Na letra D, a primeira vírgula foi devidamente utilizada: ela isola a oração adverbial concessiva antecipada (*Ainda que traga muitos benefícios*). Entretanto, a segunda vírgula está errada: ela separa sujeito (*a construção de enormes represas*) de verbo (*costuma trazer*). As duas últimas vírgulas estão corretas: elas isolam o adjunto adverbial deslocado (*nem sempre*).

Na letra E, já percebemos um erro na primeira vírgula: ela separa o substantivo *dúvida* do seu complemento nominal oracional (*de que o autor do texto*...). Ora, não se separam termos integrantes por vírgulas (verbo de objeto, nome de complemento etc.). Observa-se outro erro na segunda vírgula: não faz sentido separar o pronome relativo *as quais* do restante da oração adjetiva.

Resposta: B.

2. (TRT / 3ª Região) O modo de produção capitalista não tem vocação suicida, e nada indica que ele esteja a ponto de morrer de morte natural.

No trecho acima, utilizou-se corretamente a vírgula antes da conjunção E. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.

a) Você deve sair antes de anoitecer, e antes de acenderem as luzes, e antes de fecharem o comércio.

b) Ele muito se esforçou para a realização daquele projeto, e acabou não sendo bem-sucedido.

c) Os irmãos compreendiam-se mutuamente, e, portanto, respeitavam-se.

d) A expedição encontrou um grupo perdido, e todos voltaram juntos.

e) A maioria dos estudantes aprovou a proposta, e seus pais acataram a decisão.

Comentários:

Vamos falar da vírgula antes da conjunção **e**? Analise novamente a frase a seguir:

A cada momento entravam alunos, e o diretor os recebia afavelmente.

Nela, a vírgula se justifica por separar orações coordenadas com sujeitos diferentes (alunos/diretor). Em relação ao conectivo *e*, aditivo, algumas gramáticas afirmam que o uso da vírgula pode ocorrer se esse conectivo ligar orações com sujeitos diferentes. Caso o sujeito dos verbos das duas orações seja o mesmo, não se usará a vírgula.

Assim, segundo a gramática tradicional, teríamos:

O uso da vírgula antes do E
Se a conjunção coordenativa unir orações com sujeitos diferentes, o uso da vírgula é facultativo. Se o E unir orações com sujeitos iguais, o uso da vírgula é proibido.

Agora, tenha cuidado! Esta é uma questão polêmica, pois em provas de concurso público já vimos de tudo: algumas questões que aceitavam o uso da vírgula antes do **E** com orações de sujeitos iguais e outras questões que consideravam tal utilização da vírgula como errada. Bancas como Esaf e Cespe/UnB já trouxeram questões de vírgula antecedendo o*e*, em que as duas orações tinham o mesmo sujeito, e não consideraram erro. Nesses casos, teríamos de verificar as outras opções.

Nesta questão, observe que o exemplo do enunciado apresenta orações com sujeitos diferentes (*modo de produção* é o sujeito da primeira oração e *nada*, o sujeito da segunda). Daí a correta colocação da vírgula antes do **e**. Entenda que, nesse caso, a vírgula é facultativa: ela também poderia não ter aparecido.

Na letra A, não houve erro quanto ao uso das vírgulas antes das duas ocorrências do **e**: os sujeitos das orações são diferentes (o sujeito da primeira oração é *você* e das outras duas, indeterminado). A essa repetição dá-se o nome de polissíndeto.

Na letra B, apesar de as orações terem sujeitos iguais (*ele*), o conectivo *e* tem valor adversativo: nesse caso, a vírgula é facultativa.

Observe com cuidado a letra C: as duas últimas vírgulas se justificam pela conjunção conclusiva deslocada (*portanto*). Mas quanto à vírgula antes do **e**? Será que a banca considerará essa vírgula errada pelo fato de ela ligar orações com sujeitos iguais (*ele*)? Observe as outras alternativas

antes de marcar essa como a resposta.

A letra D está indiscutivelmente certa: o conectivo **e** une orações com sujeitos diferentes (*expedição* é o sujeito da primeira oração e *todos* é o sujeito da segunda). Daí, a vírgula estar correta (como poderia também não ter aparecido na frase).

A letra E repete o raciocínio da letra D: o sujeito da primeira oração é *a maioria dos estudantes* e o da segunda oração é *seus pais*. Se os sujeitos são diferentes, a vírgula é facultativa.

Percebeu que só nos restou como possível resposta a letra C? Como a Fundação Getulio Vargas é uma banca tradicional, seguiu a gramática ao pé da letra: considerou errado o uso da vírgula antes do aditivo *e* que une orações de sujeitos iguais.

Resposta: C.

Antes de irmos a outra questão de concurso, mais um detalhe: você reparou que, na letra B desta questão, o conectivo **e**, embora unisse orações de mesmo sujeito, veio antecedido de vírgula, **por possuir valor adversativo**? Pois é: isso pode ocorrer também se ele trouxer um valor conclusivo. Veja:

O menino estudou muito para a prova, **e** não passou.

O menino estudou muito para a prova, **e** passou em 1º lugar.

No primeiro exemplo, o conectivo **e** tem valor adversativo (= mas, porém) e, no segundo exemplo, tem valor conclusivo (= logo, portanto). Nos dois casos, os sujeitos eram iguais e a vírgula foi utilizada.

Sistematizando: Se o conectivo e apresentar valor adversativo ou conclusivo, ainda que una orações com sujeitos iguais, a vírgula será facultativa em frases curtas que não provoquem truncamento de ideias. Em frases mais longas, o mais adequado é usar a vírgula.

Agora, observe uma outra questão, retirada de uma prova para o TSE, elaborada pelo Cespe-UnB:

3. (Cespe-UnB/TSE – Analista Judiciário) Assinale a opção que apresenta erro de pontuação:

a) Pela primeira vez, a população de Belo Horizonte vai poder escolher, por meio da Internet, as obras que serão executadas na cidade. Disponível no período de 1º a 30 de novembro, a nova modalidade, conhecida por Orçamento Participativo Digital, tem parceria entre a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte (PBH) e o Tribunal Regional Eleitoral de Minas Gerais (TRE

MG).

b) O novo sistema baseia-se em dados fornecidos pelo TRE-MG à PBH (quantitativo de eleitores, número do título de eleitor etc.), e foi solicitado pelo prefeito de BH, Fernando Pimentel, há cerca de seis meses, ao então presidente da instituição, Armando Pinheiro Lago.

c) O voto via Internet será permitido apenas para aqueles com domicílio eleitoral na capital (aproximadamente 1,7 milhão de pessoas), que poderão decidir pelo conjunto de nove obras (quatro em cada regional) que serão feitas no município em um prazo máximo de dois anos.

d) Para votar, o cidadão deve entrar no sítio da PBH. Quem não tiver acesso à Internet em casa pode ir até um dos 175 postos públicos montados, pela PBH onde haverá monitores para ajudar aqueles que não estão acostumados a lidar com computador.

Comentários:

Todas as vírgulas da letra A estão corretas: a primeira isola o adjunto adverbial de tempo *pela primeira vez* antecipado. As outras duas isolam o adjunto adverbial de meio intercalado (*por meio da Internet*). Logo na sequência observam-se mais três vírgulas corretas: a primeira, que se justifica por isolar termo antecipado (*disponível no período de 1º a 30 de novembro*) e as outras duas que isolam uma explicação (*conhecida por Orçamento Participativo Digital*). As vírgulas da letra A foram corretamente utilizadas, portanto.

Observe com cuidado a letra B: a primeira vírgula antecede **e** que une orações de mesmo sujeito (*o novo sistema*). Será que a banca vai considerar essa vírgula errada? As outras vírgulas da letra B estão todas corretas: a que vem depois de *prefeito de BH* se justifica por anteceder o aposto *Fernando Pimentel*; as outras duas, por isolarem um adjunto adverbial de tempo intercalado (*há cerca de seis meses*) e a última vírgula está correta por isolar o também aposto *Armando Pinheiro Lago*. Lembre-se de que ainda não sabemos se a letra B é a resposta: precisamos ver se há um erro ainda mais grave em outra alternativa.

A única vírgula presente na letra C também está correta: ela antecede oração adjetiva explicativa (*que poderão decidir pelo conjunto...*).

Na letra D, a primeira vírgula está correta: ela separa oração adverbial final antecipada. Entretanto, a letra D traz um erro gravíssimo: apresenta uma vírgula que separa o complemento nominal *pela PBH* do adjetivo a que ele se refere (*montados*). Vimos que não devemos separar

termos integrantes por vírgulas.

Assim, percebemos que a banca considerou como correta a letra B, embora sua primeira vírgula separasse orações coordenadas de mesmo sujeito. Como dissemos anteriormente, bancas como Cespe e Esaf têm um posicionamento mais *liberal* quanto a esse caso: para elas a vírgula antes do *e* que une orações de mesmo sujeito seria possível. Só evite fazer isso em uma redação!

Resposta: D.

Vejamos como esses conceitos vêm sendo trabalhados nas provas.

4. (Inspetor de Polícia/NCE-UFRJ) "A favor da mesma tese, poderíamos dizer que, muitas vezes, a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público."; a segunda e terceira vírgulas desse segmento:

a) destacam um esclarecimento do autor.

b) separam o aposto do resto da frase.

c) mostram uma alteração na ordem direta dos termos.

d) indicam fala do autor com o leitor.

e) separam orações.

Comentários:

Muitos que fizeram a prova marcaram a letra B. Por acharem que tudo que vem entre vírgulas nesta vida é aposto... É claro que erraram... O que temos aqui é um adjunto adverbial de tempo (*muitas vezes*), que, na ordem direta, ficaria ao final do período e, na frase, veio intercalado. Vale lembrar que as vírgulas aqui seriam facultativas: o termo deslocado é curto, simples, de fácil entendimento.

Resposta: C.

5. (Anal. Judic.) "Vamos, por um momento que seja, cair na real..."; a regra abaixo que justifica o emprego das vírgulas nesse segmento do texto é:

a) separar elementos que exercem a mesma função sintática.

b) isolar o aposto.

c) isolar o adjunto adnominal antecipado.

d) indicar a supressão de uma palavra.

e) marcar a intercalação de elementos.

Comentários:

Tem-se aqui uma oração adverbial concessiva intercalada. Na ordem direta, o período deveria ficar assim: "Vamos cair na real por um momento que seja". Nem preciso dizer que muitos erraram quando marcaram a letra B, não é?

Resposta: E.

Veja uma questão de concurso, retirada de uma prova da Fundação Getulio Vargas. Observe as situações em que o ponto e vírgula pode aparecer:

6. No 6º parágrafo o autor utilizou o sinal de pontuação ponto e vírgula de acordo com as normas gramaticais. Nas frases abaixo as normas gramaticais também foram observadas na utilização do ponto e vírgula, exceto em:

a) Os professores compareceram à festa de formatura trajados a rigor; os alunos, trajados esportivamente.

b) Um dos alunos obteve nota suficiente para ser apenas aprovado; o outro, apesar de não ter a mesma capacidade de estudo, classificou-se em segundo lugar.

c) A iniciativa segura e coerente da direção; o esforço de alunos e professores; bem como a participação de pais e responsáveis nas atividades da escola dinamizaram-na e tornaram-na uma verdadeira casa de educação.

d) Investir em educação só traz retorno para a nação a longo prazo; mas os resultados são, normalmente, satisfatórios.

e) Não há como resolver os problemas da educação com soluções paliativas, de pouco alcance; há de se investir, de forma planejada, em projetos de longo prazo que priorizem o profissional da educação.

Comentários:

Na letra A, o ponto e vírgula separa orações coordenadas. Perceba que, se houvesse necessidade de se dar uma pausa discursiva ainda maior, ter-se-ia optado pelo ponto, e não pelo ponto e vírgula. Na letra B, o ponto e vírgula separa itens de uma enumeração (*Um dos alunos... O outro...)*, tendo sido, portanto, corretamente utilizado.

Observe que, na letra C, o ponto e vírgula separa núcleos de um sujeito composto (*A iniciativa...; o esforço...; bem como a participação...*). É como se construíssemos uma frase do tipo "João; José; Antônio chegaram." Faz sentido isso?

Na letra D, o ponto e vírgula separa uma oração coordenada assindética da sua oração coordenada sindética adversativa. Foi, portanto, adequadamente usado.

Na letra E, ele separa orações coordenadas assindéticas.

Resposta: C.

7. ... graças a algumas características: eles possuem objetivos claros, vários modos de atingir o sucesso e feedback rápido, ou seja, o jogador recebe uma consequência imediata após cada ação.

Os dois pontos introduzem no contexto:

a) um segmento enumerativo, com intenção explicativa.

b) um comentário pessoal, de caráter opinativo.

c) uma repetição enfática para atrair a atenção do leitor.

d) uma ressalva ao que vem sendo desenvolvido no parágrafo.

e) a retomada da ideia mais importante do texto.

Comentários:

Perceba que o que vem após o sinal de dois-pontos é uma enumeração do que o autor chamou de *características*. Trata-se de uma oração apositiva, que nada mais é do que um segmento enumerativo que tem a intenção de explicar um substantivo anteriormente citado.

Resposta: A.

O Cespe-UnB, por sua vez, comumente elabora questões que esperam do candidato a*explicação* para o uso dos dois-pontos. Observe algumas assertivas, julgando cada uma delas como certa ou errada:

Repitamos: o sertanejo emigrante realiza, ali, uma anomalia sobre a qual nunca é demasiado insistir: é o homem que trabalha para escravizar-se.

8. Na linha 1, o autor emprega o sinal de dois pontos, para indicar que pretende dar ênfase a uma assertiva e, na linha 2, para introduzir uma explicação do que considera ser "uma anomalia".

Comentários:

De fato, na linha 1 do texto, o que se quer é enfatizar o que se disse antes: isso você pode inclusive perceber pelo próprio vocábulo *Repitamos*. Na linha 2, os dois-pontos introduzem uma oração apositiva que explica o substantivo antecedente *anomalia*.

Resposta: assertiva correta.

A importância da Pastoral é palpável: a média nacional de mortalidade infantil para crianças de até 1 ano, que é de 22 indivíduos por mil nascidos vivos, cai para 12 por mil nos lugares atendidos pela instituição.

9. O emprego do sinal de dois-pontos em "é palpável:" justifica-se porque o trecho subsequente a esse sinal apresenta argumento comprobatório da afirmativa anterior.

Comentários:

Veja que o autor afirma que a *importância da Pastoral é palpável*, para, logo na sequência, explicar o que ele quis dizer com o uso do adjetivo *palpável*. Trata-se, portanto, de uma explicação, uma informação que *comprova* o que se disse anteriormente.

Resposta: assertiva correta.

Agora, uma questão sobre aspas:

10. O emprego das aspas em algumas palavras do texto:

Algumas são exóticas também no sentido de "diferentes" ou "esquisitas"...

Nenhuma delas é nativa do Brasil. Dependendo das circunstâncias, podem ser "imigrantes" inofensivas...

... muitas vezes tornam-se organismos nocivos aos ecossistemas "naturais".

a) chama a atenção do leitor para a importância de seu sentido no contexto.

b) indica uso específico de termos técnicos para esclarecer alguns conceitos.

c) aponta para o sentido particular de certas palavras de uso comum na gíria.

d) mostra a inclusão de opiniões alheias, como um novo interlocutor no contexto.

e) atesta a participação de palavras de origem estrangeira no vocabulário nacional.

Comentários:

Essas provas dão um *show* de teoria, não é mesmo? Passeando pelas alternativas, percebemos que, em cada uma delas, fala-se de uma das regras de utilização das aspas. Só lendo as frases

destacadas, portanto, você descobrirá a resposta.

Trata-se do uso das aspas para destacar palavras ou expressões no texto. Evidenciar informações.

Resposta: A.

20.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (Oficial Judiciário / TJ) *Aparentemente, quase todos os seres humanos*... O emprego da vírgula nesse segmento é justificado pela mesma razão de um outro segmento do texto, que é:

a) ...uma de admiração e aceitação, outra de desprezo e recusa.
b) ...provoca sentimentos de segurança e bem-estar, pois supomos entender...
c) Mesmo quando nos desentendemos, sabemos por que isso ocorre...
d) ...o estrangeiro provoca a nossa desconfiança, às vezes o nosso medo.
e) Ele não se veste como nós, a sua fisionomia pode ser diferente da nossa...

2. (Ag. Telec. Eletric. / TRT) "... acaba de inaugurar em Boston, EUA, um avançado laboratório..." O emprego das vírgulas nesse segmento se justifica por:

a) necessidade de destacar o termo mais importante.
b) obrigatoriedade de separar as siglas.
c) mostrar uma explicitação do termo anterior.
d) destacar o vocativo.
e) indicar um termo intercalado.

3. (Técnico Judiciário / TRT) "O salário pode ser estipulado com base no tempo, na produção, na tarefa e no lucro." As vírgulas empregadas na frase se justificam pela necessidade de:

a) indicar a presença de um aposto explicativo.
b) destacar termos importantes do enunciado.
c) separar os termos de uma enumeração.
d) mostrar que os termos citados não são sinônimos.
e) desmanchar uma ambiguidade do texto.

4. (Comissário de Justiça – Infância e Juventude / TRT) "Creio no governo pelo povo; creio, porém, que o governo do povo..." As vírgulas que separam a conjunção *porém* se devem a(ao):

a) deslocamento da conjunção para o meio da frase.
b) necessidade de destacar uma ideia essencial ao texto.
c) fato de uma conjunção adversativa vir sempre entre vírgulas.
d) presença de um sujeito posposto.
e) uma característica estilística de Rui Barbosa.

5. (Auxiliar Judiciário / TJ) "... fazendo propaganda do Banespa, um banco quebrado, ou muito menos..." O item a seguir em que o emprego das vírgulas é justificado pelo mesmo motivo que as faz estar presentes no segmento é:

a) Sumiram, é verdade, as placas estandartes perenes...
b) Publicidade oficial tem sido, quase sempre, uma maneira...
c) No mais, a proibição não pegou.

d) ...a sanha empreendedora de prefeitos, governadores e presidentes.
e) Parodiando Dario, o Dadá Maravilha, goleador histrião...

6. (Analista Judiciário) "Vamos, por um momento que seja, cair na real..." A regra a seguir que justifica o emprego das vírgulas nesse segmento do texto é:
a) separar elementos que exercem a mesma função sintática.
b) isolar o aposto.
c) isolar o adjunto adnominal antecipado.
d) indicar a supressão de uma palavra.
e) marcar a intercalação de elementos.

7. (Ag. Telec. Eletric. / TRT)
"...batizado de News in the Future (As notícias no Futuro)."
"...gerações mais jovens (ou seja, o público com menos de 35 anos)."
O uso dos parênteses no primeiro e no segundo parágrafos do texto se deve a um(a):
a) retificação.
b) esclarecimento.
c) tradução.
d) destaque.
e) alteração.
Texto
No país das medidas provisórias, o cidadão acorda tolhido, dia após dia, com e sem "apagões" e "caladões".
Para que a sociedade possa ser tida como justa, é necessário diminuir as distâncias sociais, com pobres menos pobres.

8. (Técnico Judiciário / TRT) Os vocábulos "apagões" e "caladões", presentes no texto, aparecem grafados entre aspas porque são:
a) termos de cunho popular.
b) neologismos.
c) vocábulos que perderam velhos sentidos.
d) de presença comum na mídia.
e) referentes a acontecimentos recentes.

9. (Técnico Judiciário / TRT) "A Carta proíbe a discriminação entre o homem e a mulher (art. 5º, I, e art. 226, § 5º), contra as liberdades fundamentais, e a prática do racismo (art. 5º, incisos XLI e XLII)." Os primeiros parênteses empregados nesse segmento foram utilizados para:
a) explicitar a ideia anterior.
b) localizar a proibição citada.
c) acrescentar informações ao texto.
d) documentar o artigo com textos de autoridade.
e) comprovar a opinião do jornalista.

10. (Oficial de Cartório Policial) "É lugar comum a afirmação de que a Justiça é lenta, de que os processos judiciais demoram excessivamente. Afirma-se isso a todo instante. Os meios de

comunicação de massa (imprensa escrita, rádio e televisão) repetem a observação, sem qualquer ressalva, e contribuem para tornar a lentidão judicial uma 'verdade'". O fato de usarem-se aspas na palavra *verdade*, ao final desse segmento do texto, indica que:

a) a palavra está empregada com valor humorístico.
b) o autor pretende dar ao termo um novo significado.
c) o autor não concorda totalmente que a lentidão judicial seja uma realidade.
d) o texto quer destacar o termo, valorizando o seu sentido original.
e) o vocábulo é empregado com valor pejorativo.

11. (IBGE) No trecho "Ignoram que a coisa bela é simples por depuração, e não originariamente...", a vírgula antes da conjunção *e*:

a) está correta, por separar no período orações com termos sujeitos distintos.
b) tem emprego facultativo, porque separa termos em coordenação aditiva.
c) constitui um desvio de natureza estilística, com o objetivo de realçar o termo final da coordenação.
d) justifica-se, porque marca uma pausa entre pensamentos em oposição.
e) estaria melhor colocada se precedesse e sucedesse a partícula negativa.

12. (IBGE) "Eldorado: como pode ser sarcástico o destino de certas palavras..." As reticências, nesse fragmento de texto:

a) indicam que o narrador ou personagem interrompe uma ideia que começou a exprimir, e passa a considerações acessórias.
b) marcam suspensões provocadas por hesitação, surpresa, dúvida ou timidez de quem fala.
c) assinalam certas inflexões de natureza emocional (de alegria, de tristeza, de cólera, de sarcasmo etc.).
d) indicam que a ideia que se pretende exprimir não se completa com o término gramatical da frase, e que deve ser suprida com a imaginação do leitor.
e) reproduzem, no texto, uma suspensão do tom de voz, a fim de que outro personagem expresse o seu pensamento.

13. (TC / PB) Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:

a) Toda vez que é pronunciada, a palavra progresso, parece abrir a porta para um mundo, mágico de prosperidade garantida.
b) Por mínimas que pareçam, há providências inadiáveis, ações aparentemente irrisórias, cuja execução cotidiana é, no entanto, importantíssima.
c) O prestígio da palavra progresso, deve-se em grande parte ao modo irrefletido, com que usamos e abusamos, dessa palavrinha mágica.
d) Ainda que traga muitos benefícios, a construção de enormes represas, costuma trazer também uma série de consequências ambientais que, nem sempre, foram avaliadas.
e) Não há dúvida, de que o autor do texto aderiu a teses ambientalistas segundo as quais, o conceito de progresso está sujeito a uma permanente avaliação.

14. (TC / PB) A frase corretamente pontuada é:

a) Nas situações, em que há perigo de derrapagem um sistema, chamado controle eletrônico de

estabilidade freia o carro, automaticamente e corrige sua trajetória.

b) Nas situações em que, há perigo de derrapagem um sistema chamado controle eletrônico de estabilidade freia, o carro automaticamente e corrige sua trajetória.

c) Nas situações em que há perigo de derrapagem, um sistema chamado controle eletrônico de estabilidade freia o carro automaticamente e corrige sua trajetória.

d) Nas situações, em que há perigo de derrapagem um sistema chamado, controle eletrônico de estabilidade freia o carro, automaticamente e corrige sua trajetória.

e) Nas situações em que há perigo de derrapagem um sistema chamado controle eletrônico de estabilidade freia, o carro automaticamente e, corrige sua trajetória.

15. (TRF / Analista / 4ª Região) Está inteiramente correta a pontuação da seguinte frase:

a) O exemplo de "O Caçador de Pipas", tomado pelo autor do texto, serviu-lhe, sem dúvida, como argumento em favor da universalidade da condição humana.

b) Não são muitos os filhos, que podem se entregar às ficções, não apenas com a aprovação dos pais mas, ainda, recebendo deles todos os incentivos.

c) Lá em casa não era preciso me trancar no banheiro, ou me valer, de qualquer outro expediente, para ler um romance.

d) É verdade sim, que meus pais me pediam para organizar meu horário, mas nem por isso faziam qualquer restrição, a minhas leituras de romances.

e) Para muita gente ler romances significa, quando muito uma distração, mas em minha família imperava o respeito pelas altas virtudes da boa ficção.

16. (PM / BA) Está inteiramente correta a pontuação da seguinte frase:

a) Ao longo do tempo, verificou-se que o homem é capaz de se valer de suas experiências, sobretudo as mais marcantes, para se prevenir contra tudo o que possa vir a representar uma ameaça para ele.

b) Ao longo do tempo verificou-se, que o homem, é capaz de se valer de suas experiências, sobretudo as mais marcantes para se prevenir contra tudo, o que possa vir a representar uma ameaça para ele.

c) Ao longo do tempo, verificou-se que o homem é capaz, de se valer de suas experiências, sobretudo, as mais marcantes, para se prevenir, contra tudo o que possa vir a representar, uma ameaça para ele.

d) Ao longo do tempo verificou-se que, o homem, é capaz de se valer, de suas experiências, sobretudo as mais marcantes para se prevenir contra tudo o que possa vir a representar: uma ameaça para ele.

e) Ao longo do tempo, verificou-se, que o homem é capaz de se valer de suas experiências, sobretudo as mais marcantes para se prevenir contra tudo o que possa vir a representar: uma ameaça para ele.

17. (TRF / Analista Judiciário / 4ª Região) Atente para as seguintes frases:

I. O poeta Manuel Bandeira referido no texto é um artista que preza a liberdade absoluta.

II. Tanto os loucos como os bêbados são apontados como exemplos de uma irracionalidade que dispensa o artifício das máscaras.

III. Não fossem as máscaras quem sabe quantos inimigos não faríamos a cada dia?

Há exigência do emprego de vírgula(s) em:

a) I, II e III.

b) I e II, somente.

c) II e III, somente.

d) I e III, somente.

e) III, somente.

18. (Fiscal de Rendas / SP) Alterando-se a pontuação de um segmento do texto, ela permanecerá defensável e coerente, considerado o contexto, em:

a) A busca de distinção, entre o que é "do bem", e o que é "do mal", traz consigo, um dilema.

b) Não, não, são crianças comentando um filme de mocinho e bandido, são frases – de adultos, reiteradas a propósito, das mais diferentes pessoas.

c) A escolha do critério de julgamento, é, sempre, crítica e sofrida quando responsável.

d) Tal busca de discernimento é antiga e, em princípio, é legítima.

e) Interesses estratégicos e econômicos são assim mascarados, pela suposta preservação, de princípios da civilização.

19. (Analista Judiciário / TRT) Atente para as seguintes frases:

I. O homem aplica-se em criar instituições, que podem lhe acarretar graves dissabores.

II. Os regimes autoritários, que decorrem diretamente do desvirtuamento das instituições, são os mais nefastos.

III. Não se impute defeito às instituições, cujo propósito essencial é permitir que os homens se organizem.

A *supressão* da(s) vírgula(s) acarretará alteração de sentido em:

a) I e II, apenas.

b) I e III, apenas.

c) II, apenas.

d) II e III, apenas.

e) I, II e III.

20. Leia o texto com a finalidade de pontuá-lo corretamente.

"Diz a sabedoria popular chinesa (1) que toda marcha (2) por mais longa (3) e importante que seja (4) começa (5) com o primeiro passo. Dar (6) esse primeiro passo (7) às vezes (8) exige (9) grande determinação (10) esforço monumental e (11) muita coragem. Principalmente se o passo (12) for em direção (13) a um caminho desconhecido (14) com o qual (15) não estamos acostumados lidar por conta dos vícios adquiridos."

Revista Veja

Os números que devem ser substituídos por vírgula são:

a) 2, 4, 7, 8, 10, 14.

b) 1, 4, 5, 9, 11, 14.

c) 3, 5, 6, 8, 10, 12.

d) 1, 2, 3, 4, 7, 10, 12.

e) 2, 3, 4, 7, 9, 13, 15.

21. Aponte o trecho pontuado corretamente.

a) Juiz, de resto, não legisla. Tão só aplica a lei, boa ou má existente.
b) Juiz, de resto não legisla. Tão só aplica a lei, boa ou má existente.
c) Juiz de resto, não legisla. Tão só aplica a lei boa ou má, existente.
d) Juiz, de resto, não legisla. Tão só aplica a lei, boa ou má, existente.
e) Juiz de resto não legisla. Tão só aplica a lei boa ou má existente.

22. Assinale o item que apresenta pontuação correta.

a) Embora aos sete anos, Joan Miró já ensaiasse naturezas-mortas e autorretratos, os pais não c deixavam pintar. A resistência só foi vencida quando, empregado como guarda-livros em uma farmácia, por imposição familiar, caiu de cama com crise nervosa e tifo.
b) Embora, aos sete anos Joan Miró já ensaiasse, naturezas-mortas e autorretratos, os pais não c deixavam pintar. A resistência só foi vencida, quando, empregado como guarda-livros em uma farmácia por imposição familiar, caiu de cama com crise nervosa e tifo.
c) Embora aos sete anos Joan Miró já ensaiasse naturezas-mortas e autorretratos os pais não c deixavam pintar. A resistência só foi vencida quando, empregado, como guarda-livros, em uma farmácia por imposição familiar, caiu de cama com crise nervosa e tifo.
d) Embora aos sete anos Joan Miró já ensaiasse naturezas-mortas e autorretratos, os pais não c deixavam pintar. A resistência só foi vencida quando, empregado como guarda-livros em uma farmácia por imposição familiar, caiu de cama com crise nervosa e tifo.
e) Embora aos sete anos Joan Miró já ensaiasse, naturezas-mortas e autorretratos, os pais, não c deixavam pintar. A resistência, só foi vencida quando, empregado como guarda-livros em uma farmácia; por imposição familiar, caiu de cama, com crise nervosa e tifo.

23. (NCE-UFRJ / Inspetor de Polícia)"A favor da mesma tese, poderíamos dizer que, muitas vezes, a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público." A segunda e terceira vírgulas desse segmento:

a) destacam um esclarecimento do autor.
b) separam o aposto do resto da frase.
c) mostram uma alteração na ordem direta dos termos.
d) indicam fala do autor com o leitor.
e) separam orações.

24. (NCE-UFRJ / Papiloscopista Policial)O item a seguir em que as aspas são empregadas por motivo idêntico ao que leva a estarem presentes em "Odisseia" (O passeio literário começa na "Odisseia" de Homero):

a) Ela me contou, com naturalidade, que, algum tempo antes, estivera bem próximo da morte, "acompanhado pela Virgem Maria".
b) Era melhor que fosse "clown".
c) É verdade que desde esses tempos remotos o "senhor" se adoçou em "sinhô".
d) No Alentejo, *fazenda* significa "rebanho de gado macho".
e) Velázquez, no séc. XVII, pintava quadros como as "Hilanderas".

25. (NCE-UFRJ / Auxiliar Necropsia) "...o chorume, líquido contaminado pelo lixo em

decomposição, atinge rios, lagos...” As vírgulas, nesse segmento, são usadas respectivamente, para:

a) separar aposto e marcar enumeração.
b) indicar inversão na frase e separar termo intercalado.
c) marcar enumeração e destacar um elemento.
d) indicar inversão e separar aposto.
e) marcar uma explicação e dar realce a termos.

26. (NCE-UFRJ / Auxiliar Necropsia) O uso de dois-pontos em “um país mergulhado na sujeira: metade dos municípios não têm serviço de esgoto sanitário, 70% do lixo da cidade são jogados em lixões e alagados e apenas poucos municípios fazem coleta seletiva de lixo” indica a futura presença de um(a):

a) enumeração.
b) explicação.
c) comparação.
d) retificação.
e) citação.

27. (NCE-UFRJ / Oficial de Justiça) “Há uma última liberdade, mais nova, ainda elitizada...” O item a seguir em que as vírgulas são empregadas pelo mesmo motivo das que aparecem nesse segmento destacado do texto é:

a) “O que é percebido como liberdade para um pacato cidadão contemporâneo que vota, fala o que quer, vive sob o manto da lei...”.
b) “Logo depois da queda do muro de Berlim, comer uma banana virou ícone da liberdade no Leste Europeu.”.
c) “A segunda liberdade moderna é o transporte próprio, BMW ou bicicleta, o que conta é a sensação de poder sentar-se ao veículo...”.
d) “É estar próximo de reis, heróis, criminosos, superatletas ou cafajestes...”.
e) “Para outras, é apenas o prazer de saber que a distância não mais cerceia a comunicação, por boba que seja.”.

28. (TRF / Anal. Judic.) Está incorreto o emprego da vírgula na frase:

a) você, por exemplo, está convocado para o esforço cívico.
b) o cidadão tem não só o direito de eleger os seus governantes, mas também de filiar-se a um partido político e candidatar-se.
c) direitos, deveres e obrigações são inerentes a todos.
d) os cidadãos e seus governantes, são responsáveis pelos destinos do país.
e) um governante honesto, que faça obras e cuide do serviço público, sempre é reconhecido pelo povo.

29. (Banco do Brasil) Das alterações feitas na pontuação das frases do texto a seguir, constitui erro a alteração feita em:

a) “Diz-se dele que tem ‘humores’...” / Diz-se, dele, que tem “humores”...
b) “Cada transação, comercial, cultural ou científica, atesta sua existência...” / Cada transação comercial, cultural ou científica atesta sua existência...

c) “Mas os mitos são misteriosos, contêm segredos insondáveis.” / Mas os mitos são misteriosos: contêm segredos insondáveis.

d) “Eles, e apenas eles, conseguem sondar o oculto...” / Eles (e apenas eles) conseguem sondar o oculto...

e) “Cada um desses termos encobre um buraco negro...” / Cada um desses termos, encobre um buraco negro...

30. Das alterações feitas a seguir na pontuação da frase “O futebol, que desde os primeiros anos do século vinha se difundindo rapidamente pela cidade, alcançava no fim da década de 1910 uma popularidade ímpar.”, está incorreta a que foi feita na opção:

a) O futebol, que, desde os primeiros anos do século, vinha se difundindo rapidamente pela cidade, alcançava no fim da década de 1910 uma popularidade ímpar.

b) O futebol, que desde os primeiros anos do século vinha se difundindo rapidamente pela cidade, alcançava, no fim da década de 1910, uma popularidade ímpar.

c) O futebol, que, desde os primeiros anos do século, vinha se difundindo rapidamente pela cidade, alcançava, no fim da década de 1910, uma popularidade ímpar.

d) O futebol, que, desde os primeiros anos do século vinha se difundindo, rapidamente pela cidade, alcançava no fim da década de 1910 uma popularidade ímpar.

e) O futebol que, desde os primeiros anos do século, vinha se difundindo rapidamente pela cidade alcançava no fim da década de 1910 uma popularidade ímpar.

Gabarito: 1. c; 2. e; 3. c; 4. a; 5. e; 6. e; 7. b; 8. b; 9. b; 10. c; 11. d; 12. d; 13. b; 14. c; 15. a; 16. a; 17. d; 18. d; 19. e; 20. a; 21. d; 22. d; 23. c; 24. e; 25. a; 26. a; 27. c; 28. d; 29. e; 30. d.

Agora que chegamos ao final deste capítulo tão importante, vamos resumir? A seguir, um resumo sobre o uso das vírgulas.

20.5. RESUMO

USO DA VÍRGULA – REGRAS PRÁTICAS:

- Emprega-se a vírgula para isolar vocativo. (“João, entre já!”)
- Emprega-se a vírgula para isolar aposto. (“João, o professor, chegou”)
- Usa-se a vírgula para separar elementos de mesma função sintática (enumerações). (“Comprou banana, uva, pera e maçã”)
- Separa-se na data o nome do lugar e para indicar supressão de uma palavra. (“Brasília, 30 de dezembro de 2010”/”João comprou as bebidas; Maria, o jantar”).
- Separa as orações coordenadas assindéticas. (“Acordou, banhou-se e foi ao trabalho”).
- Usa-se a vírgula para separar orações coordenadas sindéticas. As conjunções adversativas (mas, porém, contudo, todavia,...) e conclusivas (logo, portanto, por conseguinte,...), se

deslocadas, devem ficar entre vírgulas. ("João chegou tarde, porém saiu cedo."/ "João chegou tarde; saiu, porém, cedo.")

Obs.: Quando a conjunção **e** unir sujeitos diferentes ou se apresentar com valor adversativo: vírgulas facultativas. ("João saiu cedo, e Maria chegou em seguida"/"João estudou, e não passou") Caso una orações com sujeitos iguais, vírgula proibida ("João chegou e ligou para sua mãe").

- O uso da vírgula é facultativo nos advérbios e locuções deslocados. ("Ontem, meu tio veio, com a família, me visitar" ou "Ontem meu tio veio com a família me visitar")
- As expressões deslocadas na frase (isto é, ou melhor, digo, aliás, por exemplo,...) devem vir separadas por vírgulas. ("Meu pai, ou melhor, meu irmão chegou")
- A vírgula é usada para separar as orações adverbiais deslocadas ("Se chegar cedo, ligue-me") e as orações adjetivas explicativas ("O homem, que é um ser mortal, tem alma imortal").

21 AS PALAVRAS QUE E SE

21.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

21.1.1. A palavra que

Todos sabemos como é difícil classificar essa palavra... Isso acontece porque ela pode ter muitas classificações, na verdade, é um resumo de tudo o que você estudou...

Uma boa maneira de estudar essa palavra é entendendo de fato cada classificação. Sem decoreba... Você vai perceber que todas estas classificações fazem sentido, tudo tem uma lógica. Assim, fica bem mais fácil.

Vamos lá então? Primeiro, vamos ver tudo o que o QUE pode ser...

1. Pronome

Quando substitui ou determina um substantivo.

a) Indefinido – tem um sentido vago.

Que felicidade!

Que diferença de preço!

b) Interrogativo – aparece em orações interrogativas.

Que professor me substituirá? (interrogativa direta)

Não sei que professor me substituirá. (interrogativa indireta)

c) Relativo – retoma um antecedente, evitando sua repetição.

"Eu preparo uma canção que faça acordar os homens e adormecer as crianças." (Carlos Drummond de Andrade)

2. Preposição

Quando equivale à preposição de. Aparece no meio de uma locução verbal.

"A gente não tem que fazer tudo o que a gente tem que fazer."

3. Interjeição

Aparece em construções que denotam admiração, espanto.

Quê! Ela te contou isso?

4. Advérbio

Modifica um adjetivo ou um advérbio, denotando intensidade.

Que simpático é Guilherme!

5. Conjunção

É um conectivo que dá início às orações coordenadas (conjunções coordenativas) ou às subordinadas (conjunções subordinativas).

Coordenativa

• Aditiva: Grita que grita.

• Explicativa: Vá dormir, que já é tarde.

Algumas gramáticas dão exemplos ainda do que como alternativo e adversativo.

Subordinativa

• Integrante – dá início às orações substantivas.

"A crise mostra que a velha esquerda não tem programa."

– consecutiva: Estava tão emocionado que chorava a cada homenagem que recebia.

• Adverbial (dá início – comparativa: Esforçava-se mais que o irmão.

às orações adverbiais) – concessiva: Que trouxesse o presente mais caro, não o perdoaria

– causal: Chegarei tarde, que tenho trabalho a fazer.

– final: Emprestei-lhe o casaco que não sentisse frio.

Há também registros do que como temporal e condicional.

6. Partícula expletiva ou de realce

Serve para dar expressividade ao que se quer enunciar. Pode ser retirada da frase, sem prejuízo sintático ou semântico.

Quase que caí da árvore.

Nós é que chegamos primeiro. (expressão de realce é que)

7. Substantivo

Quando vem determinado (geralmente por artigo ou pronome). Sempre acentuado.

Este quê tem a função de sujeito.

21.1.2. A palavra *se*

Agora vamos ao SE?

1. Pronome reflexivo

Quando equivale a a si mesmo.

Pedi a ela que se afastasse da cadeira.

2. Pronome recíproco

Quando equivale a um ao outro.

Os amigos se abraçaram na despedida.

3. Pronome apassivador

Partícula que se liga ao verbo para tornar o sujeito paciente. Esse verbo será transitivo direto ou transitivo direto e indireto. A frase pode ser transformada em voz passiva analítica.

Nunca se viram tantos suicídios. (= Tantos suicídios nunca foram vistos.)

4. Índice de indeterminação do sujeito

Sua função é tornar o sujeito indeterminado. O verbo, em geral, não será transitivo direto.

Trabalha-se muito naquela seção.

5. Parte integrante do verbo

Aparece nos verbos pronominais.

Queixavam-se da vida sem razão.

6. Conjunção

Estabelece ligação entre duas orações.

a) Conjunção subordinativa integrante – dá início à oração subordinada substantiva.

Perguntei se precisavam de ajuda.

b) Conjunção subordinativa condicional – dá início à oração subordinada adverbial condicional.

Se quiseres, voltarei mais tarde.

c) conjunção subordinativa causal – dá início à oração subordinada adverbial causal.

Se você depende desse emprego, não arrume confusão. (= já que)

d) Conjunção subordinativa concessiva – dá início à oração adverbial concessiva.

Se o acesso à escola melhorou muito, a qualidade de ensino tem se mostrado aquém do esperado.

Há também registros do se como comparativo.

7. Substantivo

Quando vem determinado por artigo ou pronome.

O sê desta frase é uma conjunção.

8. Partícula expletiva (ou de realce)

Pode ser retirado da frase sem prejuízo semântico. Não há alteração na estruturação sintática da frase.

Foi-se embora de manhã.

Próximo passo: classificar os "quês" e os "sês" em textos. Quem sabe de fato, consegue classificar nos textos... Então, teste seus conhecimentos!

21.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Classifique o *que* e o *se* dos textos a seguir.

Texto I

Defendo a ideia de que deveria haver porte de celular como há porte de arma, e não só para evitar – está bem, dificultar um pouco – que caia na mão dos bandidos. Acho que o celular se juntará ao cigarro como um divisor da Humanidade. Com o cigarro pegamos o câncer dos outros, com o celular somos atacados pela intimidade dos outros, sem qualquer possibilidade de defesa. Você fica indeciso entre dois impulsos, o de sair de perto para não ouvir mais detalhes sobre o furúnculo da Adalgisa e chegar mais perto para ouvir os dois lados da conversa e ter, pelo menos, o consolo da bisbilhotice total. Em geral não pode fazer nem uma coisa nem outra. Fica ali, semi-imerso na vida de outro e fingindo ser surdo. Um agravante é que as pessoas parecem adquirir, junto com o celular, uma desinibição de penitentes. Dizem tudo com furor confessional e para serem ouvidas no céu. Cresce uma rejeição ao celular parecida com a que o cigarro provoca nos não fumantes e logo haverá a segregação, setores só para os com-celular e avisos oficiais que o celular pode causar problemas de saúde para quem usa, com a defenestração. Mas desconfio que, do jeito que vai, nós, os sem-celular, é que acabaremos discriminados, reunidos em pequenos oásis de silêncio e recato enquanto todos à nossa volta se comunicam o tempo todo sem parar.

Luís Fernando Veríssimo

que (l.1) _____

1º que (l.2) _____

2º que (l.2) _____

que (l.8) _____

que (l.10) _____

que (l.12) _____

1º que (l.13) _____

2º que (l.13) _____

Texto II

Costuma-se ouvir que as universidades públicas estão sendo "sucateadas". Trata-se de uma comprovação cabal da injunção de Goebbels de que uma mentira repetida à exaustão torna-se verdade.

1º se (l.1) _____

2º se (l.1) _____

se (l.2) _____

Texto III

Nas cidades brasileiras, o comum é aumentar os espaços de circulação dos carros. Diminuem-se as calçadas. Constroem-se viadutos, túneis e passagens de nível para seu uso exclusivo. Na Paris de Delanoë, trabalha-se no sentido contrário. Corredores de ônibus, ciclovias, calçadões para pedestres e reservas para novas áreas verdes formam uma combinação que avança com ímpeto sobre os espaços onde antes o carro reinava.

se (l.1) _____

se (l.2) _____

se (l.3) _____

que (l.4) _____

Texto IV

Ignorância e preconceito

Lya Luft

(...) O preconceito, doença que turva nosso olhar e entorta nossa alma, que nos diminui e nos emburrece, é uma das enfermidades mais sérias deste nosso mundo. E, atenção, não falo apenas do preconceito contra deficientes nem do preconceito contra muçulmanos, cristãos, negros, índios ou brancos. Não me refiro apenas ao preconceito contra pobres ou ricos, mas também ao lamentável preconceito contra a classe média. Contra isso que os promotores do ódio de classes chamam indiscriminadamente "as elites". Que incluem bancários, professores, auxiliares de escritório, motoristas, domésticas, balconistas, trabalhadores em geral. Isto é, os que não dependem totalmente da ajuda dos governos.

Essa postura criminosa tanto perturba a mente das pessoas que numa manifestação de parentes de vítimas dos dois acidentes aéreos recentes, que envergonham este país, houve quem gritasse que aquela era uma manifestação "da elite". Tal intervenção, movida pelo ódio insensato e nascida da brutalidade, mostra que estamos seguindo um caminho muito perigoso. Estamos chegando a um ponto em que os que perderam mãe, pai, filho, marido ou esposa, por não serem realmente pobres, não têm direito nem de sofrer.

Quem sabe acabaremos como uma sociedade em que bancários, médicos, professores, balconistas, operários devem se esconder de vergonha por não pedir esmola na rua ou não viver de doações públicas? Alguém começa a acreditar que a classe média hoje tachada de "elite", os que com seu trabalho conseguem comer, morar, estudar, é exploradora e quer a desgraça dos demais? Se for assim, estamos tragicamente desorientados por aqui, confundindo perigosamente as coisas. Há no ar um tipo de estímulo a esse ódio de classes destrutivo e antidemocrático. Que censura até os que, às vezes com incalculável sacrifício, entram numa universidade, fazem seu mestrado, quem sabe seu doutorado no exterior – com bolsa de estudos, sim, porque com isso ajudam grandemente a melhorar as condições de vida dos mais desprotegidos em nosso país.

Se permitirmos que essa doença maligna – o preconceito, pai do ódio e filho da ignorância – nos domine, seremos em breve o mais atrasado no círculo dos povos atrasados, uma manada confusa obedecendo a qualquer chibata ideológica.

1º que (l.1) _____

2º que (l.1) _____

que (l.5) _____

Que (l.6) _____

que (l.7) _____

que (l.9) _____

que (l.10) _____

que (l.11) _____

que (l.12) _____

1º que (l.13) _____

2º que (l.13) _____

que (l.15) _____

se (l.16) _____

1º que (l.17) _____

2º que (l.17) _____

Se (l.19) _____

Que (l.20) _____

que (l.21) _____

Se (l.24) _____

Gabarito: Texto I – conjunção integrante; conjunção integrante; conjunção integrante; conjunção integrante; pronome relativo; conjunção integrante (Inicia oração subordinada substantiva completiva nominal. O uso da preposição "de" é facultativo.); conjunção integrante (Inicia oração subordinada substantiva objetiva indireta. Quando o objeto indireto aparece sob forma de oração, o uso da preposição é facultativo.); palavra de realce (= expletiva). A expressão de realce na linha 14 é "é que".

Texto II – pronome apassivador; índice de indeterminação do sujeito; parte integrante do verbo.
Texto III – pronome apassivador; pronome apassivador; índice de indeterminação do sujeito; pronome relativo.
Texto IV – pronome relativo; pronome relativo; pronome relativo; pronome relativo; pronome relativo; conjunção subordinada adverbial consecutiva; pronome relativo; conjunção integrante; conjunção integrante; pronome relativo; pronome relativo; pronome relativo; pronome reflexivo; conjunção integrante; pronome relativo; conjunção adverbial condicional; pronome relativo; pronome relativo; conjunção adverbial condicional.

21.3. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (NCE-UFRJ / Ministério Público)"...enquanto que no continente europeu marcha-se a passos largos na direção de conflitos raciais..." O item a seguir em que o SE tem o mesmo valor sintático

que apresenta no segmento em destaque é:
a) a história se repete na Europa.
b) o líder declarou que, se levado ao poder, deportará imigrantes.
c) as manifestações contra imigrantes se transformaram em praga internacional.
d) encontram-se muitas injustiças nas relações com os imigrantes.
e) precisa-se de novos imigrantes para a lavoura brasileira.

2. (NCE-UFRJ / Oficial de Justiça) O item a seguir em que o vocábulo SE desempenha o mesmo papel sintático do que exerce no segmento "onde quer que SE esteja" é:
a) "como as liberdades essenciais SE transformam em direito do cidadão?"
b) "nosso apetite pela liberdade SE aburguesou."
c) "...e tem o direito de mover-SE livremente?"
d) "...o que conta é a sensação de poder sentar-SE ao veículo."
e) "e acoplado a ele vem a Web..., onde SE compra e vende, consomem-se filosofia e pornografia..."

3. (NCE-UFRJ / Auxiliar de Cartório) "...autópsia dos que se mataram de amor". A função do pronome SE neste segmento se repete exatamente em:
a) os poetas se abraçaram no aeroporto.
b) os suicidas queixaram-se da vida.
c) os sentimentais se martirizam diariamente.
d) nunca se viram tantos suicídios.
e) elas se aborreceram com a notícia.

4. (Magistério) "... uma sociedade que pretende construir-se..." A frase a seguir em que o se apresenta o mesmo valor sintático é:
a) a ciência se considera infalível.
b) ciência e técnica se auxiliam.
c) não se conhece uma só ciência completa.
d) viram-se os resultados da pesquisa.
e) os jovens se abraçaram na passeata.

Gabarito: 1. e; 2. e; 3. c; 4. a.

21.4. RESUMO

Vamos às dicas finais?

A palavra que

O **QUE** que retoma um substantivo é pronome relativo. Nesse caso, pode ser substituído por outro relativo.

Atenção à palavra de realce QUE. Pode vir sozinha ou pode compor a expressão "é que".

Há duas formas de se interrogar: direta e indiretamente.

Nem todo QUE que inicia oração substantiva é conjunção integrante. Se estiver se referindo a un substantivo, será pronome.

A palavra se

Diante de um SE, primeiro pergunte se ele é pronome apassivador.

Caso não seja pronome apassivador, verifique se ele é pronome indeterminador do sujeito.

Não pergunte de imediato se ele é palavra de realce: você sempre vai achar que é.

Memorize os verbos pronominais que mais aparecem nas provas de concursos públicos: nesses casos, o SE será parte integrante do verbo.

22 FIGURAS DE LINGUAGEM

As figuras de linguagem são divididas em três tipos, que serão estudados neste capítulo: figuras de palavras; figuras de sintaxe; e figuras de pensamento.

22.1. TEORIA SUCINTA

22.1.1. Figuras de palavras

1. **Metáfora**: emprego de palavra fora do seu sentido normal, por analogia.

   Ex.: A Amazônia é o pulmão do mundo.

   Na sua mente povoa só maldade.

   Obs.: quando há um confronto direto, temos o **Símile** ou **Comparação** (caracterizada pela presença de conjunções comparativas – *como, tal qual, assim como* ...).

   Ex.: Ele é rápido como a lebre.

2. **Sinestesia**: quando se cruzam sensações diferentes.

   Ex.: Doce esperança. (paladar *x* sentimento)

3. **Catacrese**: emprego impróprio de uma palavra, por não se dispor de palavra própria para designar certas ações.

   Ex.: Embarcar num trem. (trem não é barco)

   "Enterrar uma agulha na pele." (pele não é terra)

4. **Metonímia**: substituição de um nome por outro em virtude de uma semelhança (autor pela obra, concreto pelo abstrato, continente pelo conteúdo, causa pelo efeito e vice-versa...).

   Ex.: A juventude (= jovens) brasileira.

   Ler Machado de Assis.

22.1.2. Figuras de sintaxe

1. **Hipérbato** (= inversão): alteração da ordem direta dos termos.

   Ex.: Morreu o presidente.

   Obs.: quando há anteposição de um termo preposicionado, temos a **anástrofe.**

   Ex.: Tão bela dos seus anos na flor. (Tão bela na flor dos seus anos.)

2. **Pleonasmo**: repetição de significação do vocábulo ou termos oracionais com finalidade

expressiva.

Ex.: Ver com os próprios olhos.

A mim ninguém me engana.

3. **Anacoluto**: quebra de estruturação sintática.

Ex.: O meu cunhado, você se entende com ele.

A expressão *O meu cunhado* não exerce nenhuma função sintática na frase.

4. **Elipse**: omissão de um termo facilmente subentendido.

Ex.: Na praça, crianças brincando. (havia)

Obs.: **Zeugma** é um tipo de elipse. Consiste na supressão de um termo já expresso anteriormente.

Ex.: Alguns estudam, outros não. (estudam)

5. **Silepse**: concordância ideológica.

Ex.: **V. Exª** é compreensiv**o**. (silepse de gênero)

Todos fomos à festa. (silepse de pessoa)

6. **Hipálage**: aplica-se a um substantivo um adjetivo que corresponde a outro substantivo.

Ex.: Maria fumava um cigarro lânguido. (Quem estava lânguida – sensual – era Maria, e não o cigarro.)

7. **Quiasmo**: os elementos se cruzam em X.

Ex.: "No meio do caminho tinha uma pedra

Tinha uma pedra no meio do caminho."

8. **Anáfora**: repetição de palavra no início de cada membro da frase.

Ex.: Tudo era silencioso, tudo nebuloso, tudo confuso.

22.1.3. Figuras de pensamento

1. **Antítese**: oposição entre duas palavras ou pensamentos.

Ex.: Não há no mundo alegria sem sobressalto, riqueza sem miséria.

2. **Enálage:** uso de um tempo verbal no lugar de outro.

Ex.: Você me emprestaria a sua caneta? (Uso, por polidez, do futuro do pretérito em lugar do presente – empresta.)

3. **Oxímoro**: os vocábulos opostos formam um paradoxo (ideias aparentemente contraditórias).

Ex.: Viver só na multidão.

4. **Hipérbole**: exagero na mensagem.

Ex.: Repetir um milhão de vezes.

5 . **Eufemismo**: emprego de palavras ou expressões agradáveis em substituição às que têm sentido desagradável.

Ex.: Faltou com a verdade. (=mentir)

Deu o último suspiro. (= morrer)

6. **Ironia**: declarar o oposto do que se pensa.

Ex.: Era fino como um hipopótamo.

7 . **Prosopopeia** (= personificação): atribuição de ações ou qualidades humanas a seres inanimados.

Ex.: "Os pinheiros pensavam coisas longas..."

22.2. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (Vunesp) "Na laranja e na couve
picada – as cores brasileiras
da feijoada. (...)" (Luiz Bacellar)
No excerto acima, ocorre a figura de sintaxe a que se denomina:
a) zeugma.
b) pleonasmo.
c) anáfora.
d) elipse.
e) anacoluto.

2. (Banco do Brasil) Na oração "Por sua cabeça passam **mil e uma** questões", o numeral tem seu sentido original modificado, pois uma quantidade certa está empregada para expressar uma indeterminação exagerada. Recorde-se, agora, de que a exageração de uma ideia dá origem a uma conhecida figura de linguagem. Assinale a alternativa em que se utiliza tal figura:
a) Lemos Machado de Assis nas aulas de literatura brasileira.
b) Por estar com sede, bebeu três copos.
c) Eu, parece-me que vou mal.
d) A liberdade concedida não deixa de ser uma forma de prisão.
e) A cidade amanheceu debaixo d'água.

3. (Vunesp) Em "Rios te correrão dos olhos, se chorares." (Olavo Bilac), identifica-se a figura de linguagem:

a) hipérbato.
b) hipérbole.
c) eufemismo.
d) metonímia.
e) paradoxo.

4. (NCE-UFRJ) Ao estabelecer uma comparação entre a ação da águia e a dos homens, o texto compõe uma:

a) anástrofe.
b) metáfora.
c) hipérbole.
d) metonímia.
e) silepse.

5. (Cesgranrio) "Sofreu inutilmente por mais dois dias antes de tocar de novo o acorde final", no fragmento ocorre um(a):

a) personificação.
b) onomatopeia.
c) eufemismo.
d) comparação.
e) metonímia.

6. (Cesgranrio) A propósito do emprego da linguagem figurada presente no poema de Vinícius de Moraes, é correto afirmar que, nos versos "Sendo a sua liberdade/Era a sua escravidão", há:

a) antítese.
b) comparação.
c) eufemismo.
d) metáfora.
e) metonímia.

7. (Cesgranrio) "Nike renova com a CBF até 2018."

Sem alarde, a Nike renovou seu contrato com a CBF até 2018.

(Revista Veja)

Podemos afirmar que nesse trecho há uma figura de linguagem conhecida como:

a) metonímia.
b) hipérbole.
c) metáfora.
d) hipérbato.
e) comparação.

8. (Cesgranrio) No trecho "A obra-prima da agressão sonora são uns automóveis cujos porta-malas se abrem revelando uma bateria de alto-falantes, terrível usina de decibéis.", observa-se um exagero do articulista, o qual se justifica pela sua indignação ao que está expondo. A esse recurso estilístico denomina-se:

a) antítese.

b) eufemismo.
c) metonímia.
d) hipérbole.
e) personificação.

9. (Cesgranrio) “Mas a **mim** é que não **me** escardincham (...)”
Há entre os vocábulos grifados uma relação:
a) pleonástica.
b) irônica.
c) metafórica.
d) antitética.
e) eufemística.

Gabarito: 1. d; 2. e; 3. b; 4. b; 5. c; 6. a; 7. a; 8. d; 9. a.

Parte IV

Interpretação de textos

23 TIPOLOGIA TEXTUAL

23.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

23.1.1. Os modos e os tipos de texto

Não se pode falar em compreensão e intelecção textual sem que se aprenda a diferenciar os modos de texto. Ao aprender a classificar um texto, o aluno não só se prepara para as questões que versam sobre tipologia textual, como também estabelece o primeiro contato com o seu objeto de estudo.

Podemos destacar quatro maneiras de organizar um discurso: por meio da **narração**, **descrição**, **dissertação** e **argumentação**. Muitas vezes, é importante ressaltar, utilizamo-nos de mais de um recurso na elaboração de um único texto.

23.1.2. A narração

É a modalidade de texto que se relaciona com objetos do mundo real. Na narração, o objetivo do autor é contar um fato, relatar acontecimentos, reais ou imaginários.

23.1.2.1. As modalidades da narração

O texto narrativo apresenta-se em diversas modalidades; entre as principais, pode-se citar:

1. **Romance:** narrativa longa que não se compõe apenas de uma trama – além do núcleo principal, outras tramas se desenrolam em paralelo. É composição que pode vir escrita em prosa ou em verso.
2. **Crônica:** é o relato de acontecimentos do quotidiano, do nosso dia a dia, que se desenrolam em uma sucessão cronológica. Reflete a vida social, a política, os costumes de uma época.
3. **Conto:** narrativa curta e concisa que se desenvolve em torno de um único núcleo. Pode ter características reais ou ser apenas fruto da imaginação do autor.
4. **Fábula:** uma espécie de conto, em forma de prosa ou verso. Tem como objetivo uma lição de aprendizado, o ensinamento de uma moral. Utiliza-se de personagens animais, mas com características humanas.
5. **Anedota:** narrativa que tem como objetivo provocar humor. É breve e pode se apresentar também na linguagem oral.
6. **Lenda:** história fictícia que se utiliza de lugares ou personagens reais. Mistura realidade e

fantasia. Seu registro escrito normalmente é precedido de uma tradição oral.

7. **Parábola:** narrativa alegórica. Texto cujo objetivo é veicular uma mensagem, um ensinamento, por meio de uma comparação ou analogia. É a versão da fábula com personagens humanas.

23.1.2.2. Os elementos da narração

No texto narrativo, não se deve deixar de lado a análise do aspecto temporal: os acontecimentos se sucedem na linha cronológica, existindo, portanto, uma relação de anterioridade e posterioridade, que acabam por compor uma história que nos é contada por um narrador. Tem-se assim a composição de três elementos:

AÇÕES X PERSONAGENS X NARRADOR.

23.1.2.2.1. As ações

As ações são relatadas numa narrativa obedecendo à seguinte ordenação:

1. **Introdução**

Apresenta a ideia-núcleo ou ideia principal, podendo surgir ideias secundárias. Representa um estado de harmonia inicial, de equilíbrio.

Ex.1: Texto 1

"O índio da Transamazônica todo dia passava pelas obras, com um menino nas mãos e um livro debaixo do braço."

2. **Desenvolvimento**

O fato narrativo propriamente dito (uma série de ações que levam os personagens a sofrerem diversas transformações). No desenvolvimento, observamos o enredo da história, a ocorrência da desarmonia. No desenrolar de uma narrativa, o(s) personagem(ns), em busca de soluções para a carência apresentada na introdução, passa(m) por uma série de transformações, que culminarão em um resultado final. Há nesse momento do texto, portanto, um conflito, um ponto extremo de tensão, que só será solucionado no desfecho da narração.

Exemplo: continuação Texto 1

"Um dia, o engenheiro perguntou a ele:

– *Onde vai com estes livros?*

– *Pra escola!*

O engenheiro ficou maravilhado!

– *Que coisa edificante ver um índio brasileiro levar uma criança para a escola.*

– *Não é criança, não. Quem vai à escola é índio mesmo*!"

Importante ressaltar que, no gênero narrativo, ao relatar as ações através de uma evolução cronológica, faz-se necessário o uso de verbos de ação que encadeiam os fatos ("A mulher foi passear na capital. Após um tempo, o marido dela recebeu um telegrama.") e de conectivos temporais, que organizam os fatos da narrativa, situando-os uns em relação aos outros. ("O crime ocorreu no domingo. Dias depois, os jornais já noticiavam.")

3. **Conclusão**

A conclusão pode ser ideia sucinta do fato narrado, um comentário pessoal do autor ou uma simples generalização. Representa também a resolução da carência, isto é, um resultado, sob a forma de uma melhora, de uma permanência ou de uma degradação do estado inicial. É o desfecho do texto, que tanto pode ser a volta ao equilíbrio inicial como o aparecimento de uma nova, uma outra situação de equilíbrio não apresentada no início do texto.

Ex.: fechamento Texto 1

– *Ah... que empolgante – falou o engenheiro. Aí, deu uma paradinha, uma pensadinha e perguntou: – E o menino?*

– *Ah! – falou o índio – menino é merenda!"*

23.1.2.2.2. Os personagens

Os personagens são elementos fundamentais na narrativa, possuindo cada um o seu papel para a evolução da história. Interessante observar que o vocábulo "personagem" se origina do grego (persona = máscara): é por meio dos personagens que o autor transmite as mensagens que deseja.

Há os personagens principais – o antagonista e o protagonista – e os secundários – constrói-se entre eles uma hierarquia de valor.

23.1.2.2.3. O narrador

O narrador é o organizador da história contada, podendo ser o próprio autor do texto narrativo ou até mesmo um personagem criado pelo autor. Contando a história para o leitor, ele poderá interferir no texto através de pronomes ("nós podemos concluir o que ela poderia estar

pensando...”), do uso do presente genérico (“sabíamos que ele poderia não estar dizendo a verdade”), comentários sobre o fato narrado (“descrevendo-a desta maneira, é fácil imaginar por que ele a amava”) ou até interpelando diretamente o leitor (“Preste atenção, minha cara leitora, a este artista que temos”). Podemos ainda caracterizar o narrador como o de primeira (“Já contei algumas vezes esta história”) ou de terceira pessoa (“A mulher estendeu-lhe a mão e sorriu”).

De uma forma prática, teríamos:

a) ***Narrador personagem****: é aquele que conta a história e dela participa. A história é contada em 1ª pessoa.*

Ex.: “Percebi que minha avó não me olhava. A princípio, achei inexplicável ela fizesse isso, pois costumava fitar-me, longamente, com uma ternura que incomodava. Tive raiva do que me parecia um capricho e, como represália, fui para a cama.”

b) ***Narrador observador****: caracteriza-se como o narrador que relata acontecimentos na qualidade de alguém que observa e transmite suas impressões ao leitor. Conta-se a história em 3ª pessoa.*

Ex.: “O menino pisou com o calcanhar a procissão de formigas atarantadas. Só então percebeu que lhe escorria do joelho esfolado um filete de sangue.”

c) ***Narrador onisciente****: é aquele que não só observa os acontecimentos, mas também sabe tudo sobre os personagens, inclusive seus sentimentos e pensamentos. A narração se desenrola em 3ª pessoa, mas muitas vezes a fala do narrador se mistura às dos personagens, o que caracteriza o discurso indireto livre.*

Ex.: “No fundo, Ana sempre tivera necessidade de sentir a raiz firme das coisas. E isso um lar lhe dera. Por caminhos tortos, viera a cair num destino de mulher, com a surpresa de nele caber como se o tivesse inventado. O homem com quem casara era verdadeiro, os filhos que tivera eram filhos verdadeiros. Sua juventude anterior parecia-lhe estranha como uma doença de vida.”

23.1.2.2.4. O narrador e os tipos de discurso

No texto narrativo, os personagens dialogam entre si, manifestando, assim, o seu discurso. Cabe ao narrador a reprodução desses discursos ao longo da narração. Assim, podemos citar três formas de reprodução do discurso alheio – **discurso direto, discurso indireto** e **discurso indireto livre**. A

seguir, a análise de cada um deles:

 Discurso direto

Nesse caso, o narrador reproduz as falas dos personagens por meio das próprias palavras deles. A reprodução do discurso ocorre como se o leitor ouvisse literalmente o que os personagens disseram.

Algumas marcas linguísticas são evidenciadas: uso dos dois pontos e travessão; aparecimento de verbos que anunciam a fala do personagem

("disse", "falou"...) – são os chamados verbos de elocução ou verbos dicendi e a presença de palavras que se vinculam à situação de produção textual em que se proferiu o discurso.

Ex.: "– O rio já encheu mais? – perguntou a *mãe*.

– Chi, ta um mar d'água! Qué vê, espia, – apontou o menino com o dedo para fora do rancho."

 Discurso indireto

Nesse tipo de discurso, o narrador reproduz as palavras dos personagens sem priorizar sua forma linguística e sim seu conteúdo. Aqui, o que se pretende não é reproduzir literalmente o que o personagem falou, mas reescrever tal fala por meio das palavras do narrador.

As marcas linguísticas desse tipo de discurso incluem também verbos que reproduzem as falas dos personagens ("dizer", "afirmar", "perguntar", "responder" etc.); a fala do narrador não é isolada por sinal de pontuação, mas por partículas introdutórias (normalmente, as conjunções integrantes que e se); os pronomes, os verbos e outros vocábulos da fala do personagem são substituídos por outros que se vinculem ao tempo em que se situa o narrador.

Ex.: "Assim que a encontrei, perguntei se nós poderíamos nos encontrar naquela noite."

 Discurso indireto livre

Essa é a forma mais sutil de se reproduzir a fala de um personagem – não *há* indicadores muito evidentes de limites entre a fala do narrador e a fala do personagem. Nesse caso, é preciso que o leitor pressuponha que aquelas palavras não pertencem ao narrador e sim a um personagem da narrativa. É o discurso que aproxima ambos, dando-nos a impressão de que falam em uma só voz.

Ex.: "Toda a fascinação da vida o golpeou, uma tão profunda delícia e gosto de viver, uma tão ardente e comovida saudade, que retesou os músculos do corpo, esticou as pernas, sentiu um leve

ardor nos olhos. Não quero morrer!”

Transposição do discurso direto para o indireto

Discurso direto	Discurso indireto
→ pronomes e flexão verbal em 1ª ou 2ª pessoa: – Quero dormir – disse a menina.	→ pronomes e flexão verbal em 3ª pessoa: A menina disse que queria dormir.
→ Tempos verbais (ordenados em relação ao momento da fala) a) Presente do Indicativo – A situação é a mesma – afirmou o policial.	→ Tempos verbais (em correlação com o tempo em que se situa o narrador) a) Pretérito Imperfeito O policial afirmou que a situação era a mesma.
b) Pretérito Perfeito – Tudo permaneceu com antes – lembrou o rapaz. c) Futuro do Presente – Tudo estará acabado em breve – sentenciou a mulher. d) Modo Imperativo – Não entre aí, disse a mãe.	b) Pretérito Mais-que-perfeito O rapaz lembrou que tudo permanecera como antes. c) Futuro do Pretérito A mulher sentenciou que tudo estaria acabado em pouco tempo. d) Modo Subjuntivo A mãe mandou que não entrasse ali.
→ Frases interrogativas diretas – Tudo bem aí? – perguntou a mulher.	→ Frases interrogativas indiretas A mulher perguntou se estava tudo bem ali.
→ Pronomes demonstrativos de 1ª e 2ª pessoa (esta/este/isto; esse/essa/isso) – Essa sua atitude não é educada – repreendeu o pai.	→ Pronomes demonstrativos de 3ª pessoa (aquele/aquela/aquilo) O pai lhe falou que aquela atitude não era educada.

23.1.3. A narração e os tempos verbais

Quanto aos tempos verbais, pode-se afirmar que nesse gênero de texto há predominância de verbos no pretérito perfeito, já que o que se pretende é relatar acontecimentos que ocorreram em um momento passado.

Ex.: “Tudo quieto, o primeiro cururu surgiu na margem, molhado, reluzente na semi-escuridão. Engoliu um mosquito; baixou a cabeçorra; tragou um cascudinho; mergulhou de novo, e bum-bum! Soou uma nota soturna do concerto interrompido.” (Lima, Jorge de. *Calunga; O anjo*.)

Nesse texto, o que se observa são ações no pretérito perfeito que se sucedem na linha do tempo – surgiu, engoliu, mergulhou, baixou, tragou, mergulhou, soou.

Entretanto, é comum também a presença da troca dos tempos verbais na narração – do pretérito perfeito para o presente do indicativo –, quando o que se pretende é aproximar os acontecimentos que ocorreram no passado do momento em que se os narra. É a utilização do *Presente do Indicativo* no lugar do *Pretérito Perfeito*.

Ex.: “A moça chega com sapatinho baixo, saia curta, cabelos lisos castanhos arrumados em rabo-

de-cavalo, sorri dentes branquinhos muito pequenos, como de primeira dentição, e fala o senhor me deixa telefonar? de maneira inescapável." (Ângelo, Ivan. Bar. – Adaptado)

De uma forma prática, pode-se observar na narração a articulação dos seguintes elementos:

1. Quem? → os personagens que se envolvem na trama.
2. Quê? → o enredo – os fatos em si, a trama, os acontecimentos.
3. Onde? → o local onde se desenvolve o enredo.
4. Quando? → o momento em que se desenrolou a trama.
5. Como? → a forma como se desenvolveram os acontecimentos.
6. Por quê? → as causas, os motivos que suscitaram os eventos.
7. Para quê? → possíveis finalidades, consequências desejadas pelos personagens da trama.

23.1.4. A narração e a descrição

Vale lembrar que é muito comum que a narração contenha aspectos descritivos. No texto narrativo, observa-se a presença constante não apenas da caracterização das cenas em que se desenrola a trama, mas também a qualificação dos personagens que dela participam.

Ex.: "Ouvi primeiro o ruído de cascos pisando a grama, mas continuei deitado de bruços na esteira que havia estendido ao lado da barraca. Senti nitidamente o cheiro acre muito próximo. Virei-me devagar, abri os olhos. O cavalo erguia-se interminável à minha frente. Em cima dele havia uma espingarda apontada para mim e atrás da espingarda um velhinho de chapéu de palha, que disse logo o seguinte:

– Filhos de uma puta." (Piroli, Wander. *Crítica da razão pura*.)

Neste trecho, que inicia uma narração, o que se percebe é o comprometimento inicial do autor em caracterizar não só a cena como também os personagens da história que se inicia.

23.1.5. A descrição

É a modalidade de texto que trata das características de uma pessoa, de um objeto, de uma paisagem ou de uma simples situação, em determinado período de tempo. Em uma modalidade abstrata, a descrição pode caracterizar sentimentos, sensações. É o tipo de texto que lida com detalhamentos, pormenores do elemento que retrata.

Ex.: "O amor estava de chambre verde, recostado na cama cheia de almofadas. As mãos branquíssimas descansando entrelaçadas na altura do peito. Ao lado, um livro aberto e cujo

título deixei para ler depois e não fiquei sabendo." (Telles, Lygia Fagundes. *A estrutura da bolha de sabão*.)

23.1.5.1. A passagem do tempo na descrição

Importante lembrar que se torna quase impossível desenvolver uma descrição pura, onde não apareçam trechos de narração ou até de dissertação. A descrição consiste não em fazer progredir uma história (tarefa da narração), mas em interrompê-la, detendo-se em um personagem, um objeto, um lugar etc. Na descrição, não existe relação de anterioridade e de posterioridade entre os enunciados, os movimentos ocorrem ao mesmo tempo, sem haver progressão de um estado a outro. As ações reproduzidas na descrição são simultâneas. Ao ocorrer progressão cronológica, tem-se o texto narrativo.

Ex.: "Cheguei em casa carregando a pasta cheia de papéis, relatórios, estudos, pesquisas, propostas, contratos. Minha mulher, jogando paciência na cama, um copo de uísque na mesa da cabeceira. (...) Os sons da casa: minha filha no quarto dela treinando empostação de voz, a música quadrafônica do quarto do meu filho. (...) A copeira servia à francesa, meus filhos tinham crescido, eu e a minha mulher estávamos gordos." (Fonseca, Rubem. *Passeio noturno*.)

O trecho inicia-se com uma narração – ações evoluindo em uma sequência cronológica ("Cheguei em casa..."). Entretanto, logo a seguir, o autor interrompe sua sequência narrativa para caracterizar uma cena – tem-se uma pausa na narração para um trecho descritivo. Na descrição, as ações são concomitantes ("minha mulher jogando paciência", "minha filha no quarto treinando empostação de voz", "a copeira servia à francesa").

23.1.5.2. Os tipos de descrição

Basicamente, o texto descritivo pode se voltar para objetos, assuntos científicos, seres humanos ou paisagens.

23.1.5.2.1. Descrição de objetos

Os objetos podem ser caracterizados de forma objetiva, com linguagem denotativa; ou de maneira subjetiva, com a intervenção do ponto de vista do observador.

Ex.:

- Descrição objetiva

“A cachorra Baleia estava para morrer. Tinha emagrecido, o pêlo caíra-lhe em vários pontos, as costelas avultavam num fundo róseo, onde manchas escuras supuravam e sangravam, cobertas de moscas. As chagas da boca e a inchação dos beiços dificultavam-lhe a comida e a bebida.” (Ramos, Graciliano. *Baleia*.)

 Descrição subjetiva

“Se me falam em virtude, em moralidade ou imoralidade, em condutas, enfim, em tudo que se relacione com o bem e o mal, eu vejo Mamãe em minha ideia. Mamãe – não. O pescoço de Mamãe a sua garganta branca e tremente, quando gozava a sua risadinha como quem bebe café no pires. (...) Ela não se pintava nunca, mas não sei como fazia para ficar com aquela lisura de louça lavada. Nela, até a transpiração era como vidraça molhada: escorregadia, mas não suja.” (Queiroz, Dinah Silveira de. *A moralista*.)

23.1.5.2.2. Descrição de fatos científicos

Nesse tipo de descrição, podemos inserir a descrição de fato da ciência, em que o objeto retratado caracteriza-se como do âmbito científico. Aqui, o objetivo maior do observador é o de informar o leitor sobre as características do elemento descrito. O discurso científico destaca o conteúdo das informações feitas, não priorizando, portanto, a subjetividade daquele que produz o texto.

Ex.: “Genoma é o conjunto simples de cromossomos de uma célula (cariótipo). É o conjunto formado por apenas um cromossomo de cada tipo, na espécie estudada. No ser humano o genoma é constituído de 23 cromossomos diferentes.”

23.1.5.2.3. Descrição de seres humanos

Nesse caso, o tema-núcleo da descrição é uma pessoa. Nesse texto descritivo, o autor pode tanto se voltar para os aspectos físicos do ser retratado, como para suas características psicológicas, psíquicas.

Ex.: “A família foi pouco a pouco chegando. Os que vieram de Olaria estavam muito bem vestidos porque a visita significava ao mesmo tempo um passeio a Copacabana. A nora de Olaria apareceu de azul-marinho, com enfeites de paetês e um drapejado disfarçando a barriga sem cinta. O marido não veio por razões óbvias – não queria ver os irmãos. Mas mandara sua

mulher para que nem todos os laços fossem cortados – e esta vinha com o seu melhor vestido para mostrar que não precisava de nenhum deles, acompanhada dos três filhos: duas meninas já de peito nascendo, infantilizadas em babados cor-de-rosa e anáguas engomadas, e o menino acovardado pelo terno novo e pela gravata." (Lispector, Clarice. *Feliz Aniversário*.)

23.1.5.2.4. Descrição de paisagens

Ao descrever paisagens, o autor tanto pode ter a simples intenção de localizar o leitor em relação ao espaço em que se desenvolve o texto narrativo, como pode pretender seduzir o leitor sobre as qualidades da paisagem observada, com o intuito de apresentar seu julgamento sobre o espaço retratado. A descrição pode ser panorâmica, abrangente ou pode se ater a detalhamentos, pormenores do seu tema-núcleo.

Ex.: "Agradável na manhã seguinte o percurso numa rodovia que não era de seu tempo. Ônibus e caminhões escureciam as estradas de poeira. Ao pé de uma serra calcárea,que conhecera intacta, as chaminés de uma fábrica de cimento emitiam rolos de uma fumaça escura. Mais adiante, os fornos de uma siderúrgica." (Machado, Aníbal. *Viagem aos seios de Duília*.)

23.1.6. A dissertação

Aquilo que chamamos didaticamente de dissertação consiste na exposição de ideias, razões. Se, por um lado, na descrição e narração predominam termos concretos, que se referem a pessoas do mundo, ao menos presumidamente, real, na dissertação, predominam os conceitos abstratos, muitas vezes fora das esferas do tempo e do espaço. Não há, portanto, em princípio, uma progressão temporal entre os enunciados, mas relações de natureza lógica (causa e efeito, uma premissa e uma conclusão...).

Em textos de concursos públicos, costuma-se subdividir os textos dissertativos em duas modalidades – o texto dissertativo expositivo e o texto dissertativo opinativo-argumentativo. O primeiro tem por objetivo discutir um assunto, expor o que se sabe sobre ele sem defesa de ponto de vista do autor. Já a segunda modalidade tem como meta a persuasão, o convencimento – neste tipo de texto o autor utiliza estratégias argumentativas que visam defender sua tese.

23.1.6.1. O texto dissertativo expositivo

É o texto que expõe ideias, explana, discute, revela o que o autor sabe sobre determinado assunto. Sua linguagem é objetiva, clara, impessoal. Traz abordagem abrangente sobre um tema,

permitindo que o leitor desenvolva sua própria opinião sobre o assunto. Nesse texto, o autor não manifesta, ao menos explicitamente, suas opiniões sobre o tema tratado. Ainda que em alguns momentos do texto ele opine, sua intenção não é defender seu ponto de vista sobre o tema em questão.

Ex.*:* Desde o final do século XV, com a invenção de novos equipamentos de navegação e as grandes descobertas, a Globalização se espalhou por todo o planeta, ao mesmo tempo em que aumentava a influência européia no mundo. No século XIX, o telégrafo submarino reduziu o tempo com que as informações, as ordens e as diversas decisões importantes chegavam a diversos lugares do mundo – em pontos específicos, em quantidades limitadas e com alguma defasagem de tempo. (Buarque, Cristovam. *Admirável mundo atual* – Adaptado)

Como se vê, nesse tipo de texto, o autor expõe aquilo que sabe sobre determinado assunto, sem a preocupação de julgar, emitir opinião em relação ao assunto sobre o qual discorre.

Há textos expositivos que apresentam informações sobre um objeto ou fato específico, sua descrição, a enumeração de suas características, com o objetivo de aumentar o conhecimento do leitor sobre determinado assunto. É o texto informativo. Com linguagem objetiva e impessoal, este tipo de texto pressupõe acréscimo de informação para quem o lê. O texto dissertativo informativo é o tipo de texto que procura tratar de assunto de interesse do leitor e busca a novidade – algo que, ao menos presumidamente, seja desconhecido do público ao qual é veiculado.

Ex.: "Recente documento, elaborado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) revela que o Brasil é um país mergulhado na sujeira: metade dos municípios não têm serviço de esgoto sanitário, 70% do lixo das cidades são jogados em lixões e alagados (rios, lagos, mar, etc.) e apenas poucos municípios fazem coleta seletiva de lixo."

Nesse caso, o objetivo do texto é aumentar o número de informações do leitor sobre o assunto do lixo. Por meio de dados estatísticos e exemplos e de uma linguagem objetiva, o autor atinge seu objetivo – apresentar possíveis novidades ao seu leitor.

23.1.6.2. O texto dissertativo opinativo

Também chamado de argumentativo. Esse texto difere do dissertativo expositivo, pois, além de expor o que se sabe sobre um assunto – e, muitas vezes, também informar –, o texto dissertativo argumentativo tem por finalidade principal persuadir o leitor sobre determinado assunto, modificar

seu comportamento.

Ex.: "Viver 'plugado' a uma corrente de pessoas e informações pode ser divertido e útil. Mas agride o que o ser humano tem de melhor e mais insubstituível: o seu gosto, o seu erro, a sua miséria e sua glória."

Aqui, o autor emite sua opinião, por meio do auxílio de adjetivos com valor subjetivo ("melhor", "insubstituível"). Assim, a mensagem transmitida ao autor deixa de ser fato, para ser julgamento – característica do texto opinativo.

Muitas vezes, o autor, com o intuito de transparecer seu posicionamento, utiliza-se de algumas marcas linguísticas capazes de persuadir o leitor, tais como verbos na 1ª pessoa do singular ou plural e expressões de modalidade – os modalizadores (vocábulos indicativos da opinião do autor). É o que se observa no seguinte texto:

"O dever do Estado é proteger a propriedade de todos da sanha de cada um e a propriedade de cada um da sanha de todos. A pichação dos bens públicos ou particulares viola ambos os princípios e, portanto, é dever da autoridade competente tomar medidas coercitivas. Eu, como milhões de cidadãos, gosto de ver a minha cidade limpa. Faço minha parte, de um lado mantendo meu muro pintado e de outro pagando impostos para que a Prefeitura faça o mesmo com os nossos monumentos. Se os pichadores têm seus "direitos" de expressarem-se livremente, eu também tenho os meus de querer minha cidade em ordem e bonita. Com uma diferença: eu pago impostos para exercer a minha cidadania e eles, tão-somente, adquirem uma lata de aerossol."

Por meio de pronomes da 1ª pessoa do singular ("Eu", "minha", "meu") ou da 1ª pessoa do plural ("nossos"), aquele que redige emite seu juízo de valor acerca do assunto abordado. Além disso, expressões, como "viola", "faço minha parte", "cidade em ordem e bonita", demonstram comprometimento com o assunto retratado – são os modalizadores textuais. Assim, todos esses recursos estão sendo utilizados a favor de um único objetivo: o de o autor demonstrar a validade de seus argumentos, de suas opiniões sobre o tema discutido.

23.1.6.3. A estruturação argumentativa

Ao argumentarmos, expomos o assunto de modo pessoal (nosso ponto de vista ou tese), podendo também utilizar outros pontos de vista a respeito do mesmo tema (ideia principal). Assim, no intuito

de defendermos nossa tese, oferecemos argumentos que a apoiem. Para isso, estruturamos nossas ideias em uma sequência lógica, progressiva e correta.

Um plano de dissertação deve conter três partes: introdução, desenvolvimento e conclusão. A seguir, uma análise dos segmentos que constituem uma dissertação.

1. **Introdução**

Inicialmente se faz a introdução, que determinará o desenrolar do desenvolvimento. É neste momento em que se apresenta o tema a ser discutido, a ideia-núcleo ou ideia principal, a tese.

2. **Desenvolvimento**

Na segunda fase do texto argumentativo, faz-se a análise crítica dos argumentos usados de apoio para sua tese. Cada argumento é exposto em um parágrafo próprio. Dois a três parágrafos é o padrão do desenvolvimento de um texto argumentativo. Ao argumento que normalmente inicia o parágrafo de desenvolvimento dá-se o nome de **tópico frasal**.

Inicia-se, portanto, cada parágrafo do desenvolvimento com o que denominamos de tópico frasal – que se constitui na ideia que irá direcionar o parágrafo, sendo, portanto, sua base. A seguir, desenvolve-se a discussão iniciada pelo tópico frasal, na qual são utilizados diversos recursos que servirão de apoio para o argumento defendido – exemplos, comparações, narrativas, descrições, opiniões próprias – de forma coerente e organizada.

3. **Conclusão**

O parágrafo final é reservado à conclusão, na qual o autor retoma a ideia-núcleo, reescrevendo-a e acrescentado-lhe, em geral, um juízo crítico, de forma a enriquecer os argumentos defendidos. É o momento em que o autor opina, critica e, muitas vezes, oferece soluções concretas ao problema discutido ao longo da argumentação.

Ex.: *Texto retirado de uma prova elaborada pela Cespe/UnB* para análise de um texto argumentativo.

O leitor é personagem da modernidade, produto da sociedade burguesa e capitalista, livre dos laços de dependência da aristocracia feudal e do estreitamento corporativista das ligas medievais. A emancipação do leitor encena, de certo modo, o processo de libertação de que se originou a sociedade moderna. <u>Nesse sentido, narrar a formação da leitura no Brasil significa também narrar,</u>

sob esse viés, a história da modernização de nossa sociedade.

Vários fatores criaram o espaço social necessário para transformar certo número de pessoas associadas a certas práticas sociais em leitores: o individualismo da sociedade burguesa, a visão de mundo antropocêntrica estimulada pela Renascença e difundida pela filosofia humanista, o progresso tecnológico que facultou o desenvolvimento da imprensa, a expansão da escola e do pensamento pedagógico apoiado na alfabetização, o fortalecimento de instituições culturais como as universidades, as bibliotecas e as academias de escritores.

Disso resultaram duas noções: de um lado, a noção de público, massa coletiva e anônima que, não obstante o anonimato, pode ter vontade própria e direção definida, incidindo em linhas de ação que a literatura, em parte ou no todo, acata ou não; de outro, a noção de leitor, indivíduo habilitado à leitura, com preferências demarcadas, figura que o escritor busca seduzir, lançando mão de técnicas e de artifícios contabilizados pela crítica e história da literatura.

Mesmo sendo presença suficientemente poderosa para influenciar os mecanismos literários, o leitor não se mostra figura unidimensional nem unidirecional. E exatamente o que é fugidio em sua história desdobra-se nos ângulos diferenciados que o leitor e a leitura foram assumindo ao longo do tempo.

Não que a leitura seja prática sólida no Brasil; nem que as instituições culturais e pedagógicas encarregadas de sua difusão tenham consistência ou estejam a salvo de críticas que, desde o século XIX, a elas são dirigidas. Desde a separação de Portugal,reclama-se (e com razão) uma atuação mais positiva e competente do Estado, no sentido de melhorar a educação e a cultura do país; nada indica que hoje essas reivindicações tenham perdido legitimidade e razão de ser.

Marisa Dajolo e Regina Zilberman. A formação da leitura no Brasil.
São Paulo: Ática, 1998, p. 9-10 (com adaptações)

– ***Introdução com apresentação do tema****: o objetivo das autoras é discorrer sobre a formação da leitura brasileira sob um viés cronológico – a história da modernização da sociedade no Brasil.*

– ***1º parágrafo de desenvolvimento****: as autoras se propõem a discorrer sobre as causas que contribuíram para a formação dos leitores. O parágrafo segue a estruturação padrão: apresenta-se o tópico frasal logo no início para, na sequência, desenvolvê-lo.*

– ***2º parágrafo de desenvolvimento****: já no início do parágrafo, depreende-se seu tópico frasal*

– o objetivo é apresentar as consequências, as noções que resultaram dos fatores explicitados no parágrafo anterior.

– ***3º parágrafo de desenvolvimento**: as autoras iniciam o parágrafo utilizando-se de um recurso coesivo ("mesmo sendo presença suficientemente poderosa para influenciar os mecanismos literários"), por meio do qual ele retoma o parágrafo anterior. Logo a seguir, apresenta-se o tópico frasal que originou o parágrafo: "o leitor não é figura unidimensional nem unidirecional", que será desenvolvido posteriormente.*

– ***Conclusão do texto**: aqui, as autoras retomam o tema do texto – a formação dos leitores no contexto brasileiro, veiculando seu ponto de vista acerca do assunto ("reclama-se e com razão uma atuação mais positiva e competente do Estado"). É a conclusão também o momento de se apresentarem sugestões acerca do tema discutido – "no sentido de melhorar a educação e a cultura do país".*

A argumentação caracteriza-se como um procedimento do autor para fazer o leitor aderir às suas teses defendidas em um texto. Ao argumentarmos, construímos ideias, justificamo-las ordenando-as, buscando também seduzir o leitor, dirigindo os argumentos de modo a atingir nossa meta de persuasão.

Eis algumas características do texto argumentativo:

1. *O texto dissertativo argumentativo volta-se para uma única ideia, que é a tese do texto. Tudo o que se afirma ao longo da argumentação se volta para essa ideia.*
2. *O bom texto argumentativo evita a redundância. Todos os argumentos devem ser variados, entretanto, devem se voltar para o tema central, buscando, assim, a variedade, sem fugir do objeto da argumentação.*
3. *Um bom recurso que normalmente é explorado pelo argumentador para conferir maior veracidade ao seu texto é a utilização de citações autorizadas de outros escritores, que tratem do mesmo tema.*
4. *É comum encontrar no texto argumentativo a utilização de relações de causa e efeito para as afirmações produzidas, estabelecendo uma correlação lógica entre os fatos.*
5. *O bom texto argumentativo é coeso, com cada uma de suas partes amarradas em torno de*

um tema central, e coerente, com articulação lógica entre seus segmentos.

6 . *O uso de exemplos é estratégia comumente utilizada pelo argumentador e confere confiabilidade ao que se lê, na medida em que concretiza as ideias, em geral abstratas, expostas na argumentação.*

23.1.6.4. Outras modalidades do texto dissertativo

Além dos textos dissertativos expositivos e opinativos, observam-se nas provas outras modalidades de textos. Entre elas, podemos citar as seguintes:

23.1.6.4.1. Texto didático

É aquele que transmite conhecimentos com o objetivo de ensinar. Apresenta riqueza de detalhes e utiliza linguagem clara e objetiva. São os livros escolares, os textos de congressos.

Ex.: "A entrevista consiste em inquirir tecnicamente, de forma hábil, dentro de um plano e sequência previamente estudados, levando o interrogado ou entrevistado a se pronunciar sobre aquilo que desejamos saber e a emitir sua opinião, muitas vezes sem que formulemos a pergunta diretamente. É a maneira racional de levar alguém a fornecer os informes e as informações que possui em determinada área.

É uma técnica de comunicação direta entre duas pessoas que possuem alguns interesses em comum. Forma de pesquisa realizada através de diálogo estudado e preparado dentro de um plano e sequência previamente analisados, levando, sutilmente, o entrevistado a se manifestar sobre assuntos de seu conhecimento." (Nogueira, A. *Processamento da entrevista*.)

Como se pode observar, o texto didático apresenta definições, detalhes do tema tratado. Nesse caso, o que o autor pretende é que o leitor aprenda a realizar uma entrevista.

23.1.6.4.2. Texto preditivo

É o texto que se utiliza de deduções com base em informações prévias. O texto preditivo lida com probabilidades, não com certezas. São as previsões meteorológicas, os textos de astrologia, as previsões na economia.

Ex.: "Noventa e sete por cento das espécies vivas, 80.000 proteínas produzidas pelo corpo e bilhões de galáxias ainda não foram identificados. Quase nada sabemos da natureza do Universo, da origem da Vida, do funcionamento dos climas, do desenvolvimento do embrião e do cérebro.

Provavelmente não se descobrirá ainda no século XXI de onde surgiu o Universo, nem como começou a vida na Terra, nem como o cérebro engendra o pensamento e a consciência, nem se outras formas de vida existem em outros lugares. Em compensação, outras questões que hoje não são formuladas serão resolvidas, pois se descobrirá que certas respostas consideradas definitivas estavam totalmente equivocadas."

Aqui, o autor parte de dados sobre o assunto – "Noventa e sete por cento das espécies vivas, 80.000 proteínas produzidas pelo corpo e bilhões de galáxias" – para, na sequência, estabelecer um discurso preditivo – "... pois se descobrirá que certas respostas consideradas definitivas estavam totalmente equivocadas". Eis a marca do texto preditivo: informação aliada a previsão.

23.1.6.4.3. Texto polêmico

Neste texto, o objetivo do autor é demonstrar ao leitor mais de um ponto de vista sobre um assunto, mesmo que em alguns textos se observe claramente a opinião do autor. O texto polêmico permite ao leitor o contato com mais de um posicionamento sobre o tema explorado, o que normalmente não ocorre no texto argumentativo.

Ex.: "O budismo faz tanto sucesso no Ocidente porque possui características que correspondem às tendências da pós-modernidade neoliberal. Num mundo em que muitas religiões se sustentam em estruturas autoritárias e apresentam desvios fundamentalistas, o budismo apresenta-se como uma não religião, uma filosofia de vida que não possui hierarquias, estruturas nem códigos canônicos. No budismo não há a ideia de Deus, nem de pecado. Centrado no indivíduo e baseado na prática da yoga e da meditação, o budismo não exige compromissos sociais de seus adeptos, nem submissão a uma comunidade ou crença em verdades reveladas. Há, contudo, muitos budistas engajados em lutas sociais e políticas. Nessa cultura do elixir da eterna juventude, em que o envelhecimento e morte são encarados, não como destinos, mas como fatalidades, o budismo oferece a crença na reencarnação." (Betto, Frei. Por que o Budismo encanta o Ocidente?)

Ainda que o autor emita seu juízo de valor ao longo do texto, seu objetivo é contrapor o budismo às outras religiões, utilizando-se de uma comparação baseada no contraste entre as características de ambos os elementos.

23.1.6.4.4. Texto injuntivo

É o texto que exprime instruções ao leitor com a finalidade de que ele execute ou não determinada tarefa. Apresenta normalmente verbos no imperativo e pressupõe uma ação por parte do interlocutor.

Ex.: "Quer manter a postura sempre perfeita? De manhã, antes de se vestir, amarre um fio de linha em volta da cintura, sem deixar folga. Ele não deve apertar, mas precisa estar justo. Ao longo do dia, ao sentir a presença do fio, coloque a barriga para dentro e endireite as costas."

Esse texto é retirado de uma revista sobre saúde e bem-estar. Logo no início, apresenta-se o tema – a busca de uma postura perfeita. Na sequência, enumeram-se ações que deverão ser realizadas pelo leitor ("amarre", "coloque", "endireite"). Tem-se, portanto, o perfil do texto injuntivo – apresentar instruções, em uma linguagem imperativa, que pressupõe consequentes ações por parte do leitor.

23.1.7. Tipologia textual – esquema

Quanto às modalidades textuais e os diferentes tipos de textos, podemos sistematizar as seguintes características:

23.1.7.1. Modos de texto: estrutura/organização do texto

Narrativo	Relatar acontecimentos.	SIM. Antes e depois. Marca fundamental.	Verbos de ação. Conectores temporais.
Descritivo	Caracterizar, qualificar cenas, personagens etc.	NÃO. Tempo congela. Fatos ocorrem ao mesmo tempo.	Substantivos. Adjetivos.
Dissertativo	Discutir, abstrair, discorrer, conceituar. Não descrever.	Não é relevante.	Relações de subordinação. (Causa e Efeito). Aparecimento de testemunhos de autoridade, dados estatísticos, exemplos.

23.1.7.2. Tipos de textos: finalidade do texto

1. **Informativo:** Informar, veicular conhecimento que o leitor desconhece. É mais específico do que expositivo. Exs.: jornal, bula de remédio, etc. Tem por marcas linguísticas frequentes a clareza e a precisão. Procura meios de atrair a atenção do leitor para o que é veiculado. Traz implícita a ideia de que o conteúdo do texto é de interesse dos leitores.
2. **Didático:** Ensinar, também são informações que o leitor desconhece. Ex.: livros didáticos.
3. **Expositivo:** Expõe o que se sabe, sem opinar. Ex.: questões discursivas em concursos

públicos.

4. **Opinativo:** Também chamado de **Argumentativo**. Diferente do expositivo. Há a colocação da opinião do autor. Ex.: os editoriais dos jornais.
5. **Polêmico:** Neste texto aparecem, ao menos, dois pontos de vista sobre um assunto. Ex.: artigos que tratam de temas polêmicos – aborto, o sistema de reserva de quotas para negros nas universidades etc.
6. **Injuntivo:** Tem por objetivo instruir em vista de uma ação. Ex.: manuais.

23.1.8. Enunciados de tipologia textual

A seguir, os enunciados mais comuns de provas de concursos públicos sobre o assunto:

"O texto deve ser classificado de forma mais adequada..."; "Os textos narrativos/ informativos/ didáticos caracterizam-se por..."; "O texto lido poderia ser classificado como..."; "Quanto ao modo de organização do discurso, pode-se afirmar que o texto lido é..."; "O texto lido deve ser considerado prioritariamente como..."; "A finalidade principal desse texto é a de..."; "O objeto maior do texto é...", entre outros.

23.2. EXEMPLOS COMENTADOS

I. Reconheça o tipo de discurso das frases a seguir.

1. Tô morrendo de fome, disse Pereba.

   Resposta: Discurso direto.

2. – Você é menor e eles estão precisando evitar escândalos.

   Resposta: Discurso direto.

3. Perguntei se tudo estava solucionado.

   Resposta: Discurso indireto.

4. Mande que todos se comportem de forma adequada.

   Resposta: Discurso indireto.

5. Para mim esta é a melhor hora do dia – Ema disse, voltando do quarto dos meninos. – Com as crianças na cama, a casa fica tão sossegada.

   Resposta: Discurso direto.

6. Bárbara estranhou a amiga. O que está se passando nessa cabecinha?

Resposta: Discurso indireto livre.

7. "É força de expressão, sua boba. O dia acaba quando eu vou dormir, isto é, o dia tem vinte e quatro horas e a semana tem sete dias, não está certo?"

Resposta: Discurso direto.

8. Gritou, se ajoelhou e se pôs a chorar – macaco é quase como gente – a mulher implorando que não maltratasse o bicho.

Resposta: Discurso direto.

II. Faça transposição do discurso direto para o indireto e vice-versa.

1. Entre imediatamente – gritei sem paciência.

Resposta: Ordenei que entrasse imediatamente.

2. O que você quer para o café?

Resposta: Perguntei o que ele(a) queria para o café.

3. Disse-lhe que naquele momento aquela conversa não me interessava.

Resposta: Nesse momento, essa conversa não me interessa – eu disse.

4. A governanta perguntou se o casal voltaria para o jantar.

Resposta: *Vocês voltarão para o jantar*? – perguntou a *governanta ao casal*.

5. A nossa reunião se reduziu a dois minutos de diálogo – reclamou o estagiário.

Resposta: O estagiário lamentou que sua reunião se reduzira a dois minutos de diálogo.

6. Mande que as crianças entrem imediatamente.

Resposta: "Entrem imediatamente!"

7. Eu me chamo João. E você?

Resposta: Disse que meu nome era João e perguntei o seu nome.

8. O professor pediu que o aluno anotasse todas as suas dúvidas.

Resposta: Anote todas as suas dúvidas – o professor disse ao aluno.

III. Analise os trechos a seguir, classificando-os quanto ao modo de organização do discurso (NARRAÇÃO, DESCRIÇÃO, DISSERTAÇÃO).

1. *Na manhã seguinte o seu primeiro desejo foi voltar à casa; mas não teve coragem; via o rosto colérico da mãe, faces contraídas, narinas dilatadas pelo ódio, o olho direito saliente, a penetrar-lhe até o fundo do coração.*

   Comentários: O autor começa o seu texto por uma narração, mas logo em seguida se atém à descrição, objetivo maior do texto. Predominância de caracterizações (faces contraídas, narinas dilatadas pelo ódio).

   Resposta: texto descritivo.

2. *Uma das maiores manifestações linguísticas na fronteira entre os séculos XX e XXI é a ideia de globalização como um processo de internacionalização. O fato é que existe um vasto mercado para exportação na América do Sul que não pode ser desconsiderado. Politicamente, esse é o mercado do Brasil, e o Brasil é o mercado para sua viabilização.*

   Comentários: O autor deixa clara a sua intenção de discutir um assunto – a globalização.

   Resposta: texto dissertativo.

3. *"No Antigo Egito, o gato foi honrado e enaltecido. Sendo considerado como um animal santo. Nesta mesma época, a gata transformou-se na representação da deusa Bastef, fêmea do deus sol Rá. [...] Na Europa, o gato se desenvolveu com as conquistas romanas. Ele foi admirado por sua beleza e dupla personalidade (ora um selvagem independente, ora um animal doce e afável), e apreciado ainda no século XI quando o rato negro invadiu a Europa. No século XII desenvolveram-se as superstições e o gato passou de criatura adorada a infernal, associada aos cultos pagãos e a feitiçaria. A Igreja lhe virou as costas. [...] No Século XVIII ele voltou majestoso e em perfeito acordo com os poetas, pintores e escritores que prestam homenagem à sua graça e à beleza de seu corpo."*

   Comentários: O autor discute um assunto – as relações comerciais entre o Brasil e o restante da América do Sul.

   Resposta: texto dissertativo.

4. *Há poucos dias, assistindo a um desses debates universitários que a gente pensa que não vão*

dar em nada, ouvi um raciocínio que não me saiu mais da cabeça. Ouvi-o de um professor – um professor brilhante, é bom que se diga.

Comentários: O conector temporal – há poucos dias –, além da presença de verbos no pretérito perfeito (ouvi, saiu) indicam que o autor pretende relatar acontecimentos. Entretanto, com a caracterização do professor (um professor brilhante) percebe-se a presença de características descritivas no texto.

Resposta: texto narrativo, com aspectos descritivos.

5 . *Vários historiadores têm procurado entender a originalidade da monarquia brasileira vinculando-a à chegada da família real ao Brasil em 1808. De fato, é no mínimo inusitado pensar numa colônia sediando a capital de um império.*

Comentários: O autor anuncia a análise de um tema: a originalidade da monarquia brasileira. Trata-se, portanto, de discussão, dissertação.

Resposta: texto dissertativo.

6. *"Para um modesto país de Terceiro Mundo, temos algumas realizações na tecnologia. Nossos aviões voltam a vender bem. Há ônibus da empresa brasileira Marcopolo rodando em Washington. O último número da revista Shooting Times mostra uma nova pistola Taurus que vai dar trabalho aos concorrentes. Exportamos insulina. Continuamos a exportar máquinas-ferramentas e agora exportamos parte da programação de robôs da Brown Boveri. Provavelmente construiremos com êxito algum pedacinho da nova estação espacial (quem sabe, a churrasqueira). Tudo isso vai na direção certa, mas precisamos de mais. E, acima de tudo, não podemos esmorecer nesse esforço de inventar modas, tão próximas quanto possível da fronteira tecnológica. Mas quando focalizamos a tecnologia do cotidiano descobrimos que a situação é calamitosa. O botão salta da camisa. A calça encolhe ou desbota. A saia justa rasga, o tijolo esfarinha na mão, a torneira vaza e a laje infiltra. A água limpa mareja no meio da parede, a água usada não vai a lugar nenhum. A fechadura trava. O fio dá choque. A cadeira desaba, o verniz se desgasta. O pastel dá dor de barriga. E o maldito envelope não fecha com a cola que vem de fábrica. [...] É preciso que se ponha inteligência e atenção na tecnologia do cotidiano. É essa tecnologia que permite aumentar a qualidade de vida do povão. Temos um*

programa espacial. Quando tentamos, a coisa anda. [...]"

Comentários: Observa-se como intenção maior do texto a defesa de um julgamento do autor: "é preciso que se ponha inteligência e atenção na tecnologia do cotidiano." E para a defesa de sua tese, o autor se utiliza de caracterizações da nossa rotina (O botão salta da camisa, a saia justa rasga, a cadeira desaba), o que confere ao texto aspectos descritivos.

Resposta: texto dissertativo, com características descritivas.

7. *Toda interação pressupõe uma relação de reciprocidade, uma relação mútua entre dois ou mais objetos, entre duas ou mais pessoas. Multiplicam-se, atualmente, os programas interativos nos espetáculos de variedades da TV, surgem os primeiros filmes e as primeiras peças de teatro interativas, exigindo do espectador uma atitude crítica ao lidar com as diversas questões apresentadas e uma postura mais ativa ao intervir no desdobramento do que é visto nas telas, nos palcos e nos salões.*

Comentários: O autor se propõe a defender uma tese – a multiplicidade de relações que a arte pode estabelecer. E, para defender sua tese, utiliza-se da exposição de exemplos de manifestações artísticas, o que garante ao texto características descritivas.

Resposta: texto dissertativo, com aspectos descritivos.

8. *Tente imaginar esta cena: homens, animais e florestas convivendo em harmonia. Os homens retiram das plantas apenas os frutos necessários e cuidam para que elas continuem frutificando; não matam animais sem motivo, não sujam as águas de seus rios e não enchem de fumaça seu ar. Em outras palavras: as relações entre os seres vivos e o ambiente em que vivem, bem como as influências que uns exercem sobre os outros, estão em equilíbrio. (...)*

Comentários: O objetivo do autor é de fato caracterizar uma cena, como ele mesmo propõe no início do texto. Por meio de suas impressões (Os homens retiram das plantas apenas os frutos necessários, não sujam as águas de seus rios), fica evidente sua intenção de descrição. Deve-se atentar ao fato de que as ações que ocorrem são simultâneas, daí não podermos considerar esse texto narrativo.

Resposta: texto descritivo.

9. *Uma ideia muito difundida atualmente é a associação da violência à pobreza. Justificando ou*

acusando, acredita-se que são as pessoas mais pobres que praticam os crimes, elas são os suspeitos em potencial. Tal associação revela a concepção de criminalidade e os mecanismos de criminalização presentes na nossa sociedade. É esse o assunto que vamos discutir agora.

Comentários: O autor abstrai, trata de ideias, conceitos (a associação da violência à pobreza). Vale observar que ao final do trecho, o próprio autor deixa evidente sua intenção de dissertar, ao anunciar: É esse o assunto que vamos discutir agora.

Resposta: texto dissertativo.

10. *"Durante os piores momentos do apartheid, a África do Sul teve uma única moeda, tanto para os brancos como para os negros. O Brasil, durante algumas décadas, teve duas moedas, uma para os pobres e outra para os ricos e pessoas de classe média. A primeira desvalorizava enquanto a outra era corrigida diariamente. A correção monetária é um monumento à brutalidade da elite brasileira, capaz de imaginar com genialidade a possibilidade de uma nação ter duas moedas, separando suas classes sociais. Graças a ela, sucessivos governos puderam investir mais do que arrecadavam em subsídios para investimentos, exportações, infraestrutura, provocando inflação e jogando o seu peso concentrado sobre a parcela pobre que não tinha acesso aos mecanismos de correção da poupança ou do salário."*

Comentários: O autor inicia seu texto por uma narração entremeada de descrições ("Durante os piores momentos do apartheid, a África do Sul teve uma única moeda, tanto para os brancos como para os negros. O Brasil, durante algumas décadas, teve duas moedas, uma para os pobres e outra para os ricos e pessoas de classe média. A primeira desvalorizava enquanto a outra era corrigida diariamente"). Entretanto, logo a seguir deixa claro que sua intenção é a de defender a tese de que "A correção monetária é um monumento à brutalidade da elite brasileira". Daí, poder-se afirmar que a narração inicial serviu apenas como ponto de partida para a discussão que iria se desenrolar no texto.

Resposta: texto dissertativo, com aspectos narrativos/descritivos.

11. *"Como uma ilha azul que se avista a distância, pouco a pouco ela ia ganhando contorno e detalhes, e, já próxima, revelava formas originais e intrigantes – a silhueta elegante, forte, que eu já vira outras vezes. Um certo ar de quem percorreu grandes distâncias em paz, e marcas de*

beleza que só as viagens e o tempo trazem. Não era íntima conhecida mas uma paixão que me perseguia havia um bom tempo. A escuna azul, um veleiro viajante de dois mastros que de tempos em tempos aparecia no Brasil, e que eu nunca deixava escapar sem uma pequena abordagem. Rapa Nui, nome polinésio da Ilha da Páscoa, lindo nome para um barco azul e cheio de histórias."

Comentários: Observa-se que o autor tem como objetivo textual a caracterização de um barco. Por meio de muitos substantivos e adjetivos ("A escuna azul, uma espécie de máquina de viajar por mar, lindo nome para um barco azul e cheio de histórias"), o texto gira em torno de uma única intenção – a de qualificar, caracterizar um objeto.

Resposta: texto descritivo.

12. *"A exigência da perfeição física para as modelos profissionais é apenas o sintoma mais visível de uma ansiedade que também massacra a mulher e o homem comuns. Para onde quer que se olhe – televisão, publicidade, revistas femininas –, a pessoa vê rostos perfeitos e corpos deslumbrantes, magros e nos lugares certos. Nem na rua a dona-de-casa pode andar em paz. Do alto dos outdoors, moças e rapazes impecáveis estão olhando para ela. Pouco a pouco cria-se um sentimento de insatisfação com o próprio corpo. [...] Não espanta que 90% das mulheres e 60% dos homens se confessem tão aborrecidos com o rosto ou o corpo que não hesitariam em recorrer a uma cirurgia embelezadora."*

Comentários: Ainda que o texto apresente descrições ("rostos perfeitos e corpos deslumbrantes, magros e nos lugares certos"), constata-se que seu objetivo maior foi o de discutir um assunto, claramente delineado no início do texto – "A exigência da perfeição física para as modelos profissionais é apenas o sintoma mais visível de uma ansiedade que também massacra a mulher e o homem comuns".

Resposta: texto dissertativo, com aspectos descritivos.

13. *Na manhã seguinte o seu primeiro desejo foi voltar à casa; mas não teve coragem; via o rosto colérico da mãe, faces contraídas, narinas dilatadas pelo ódio, o olho direito saliente, a penetrar-lhe até o fundo do coração.*

Comentários: O texto inicia-se por uma narração – "Na manhã seguinte, o seu primeiro desejo foi

voltar à casa" – mas se atém à descrição da personagem (o rosto colérico da mãe, faces contraídas, narinas dilatadas pelo ódio, o olho direito saliente). Fica evidente que o objetivo maior do texto era a caracterização de uma pessoa.

Resposta: texto descritivo, com aspectos narrativos.

14. *Quando começa a modernidade? A escolha de uma data ou de um evento não é indiferente. O momento que elegemos como originário depende certamente da ideia de nós mesmos que preferimos, hoje, contemplar. E vice-versa: a visão de nosso presente decide das origens que confessamos (ou até inventamos). Assim acontece com as histórias de nossas vidas que contamos para os amigos e para o espelho: os inícios estão sempre em função da imagem de nós mesmos de que gostamos e que queremos divulgar. As coisas funcionam do mesmo jeito para os tempos que consideramos "nossos", ou seja, para a modernidade.*

Comentários: A intenção única do autor é a de defender sua linha de raciocínio – o momento que elegemos como data de início da modernidade está relacionado à ideia de nós mesmos que preferimos, contemplar. E, para defender sua tese, utiliza-se inclusive da estratégia de comparação ("Assim acontece com as histórias de nossas vidas que contamos para os amigos e para o espelho").

Resposta: texto dissertativo.

15. *A chuva caía meticulosamente, sem pressa de cessar. A palha do rancho porejava água, fedia a podre, derrubando dentro da casa uma infinidade de bichos que a sua podridão gerava.*

Comentários: As ações ("A chuva caía meticulosamente, A palha do rancho porejava água, fedia a podre") são simultâneas, não vêm caracterizar uma narração. A intenção do autor é a de caracterizar uma cena, uma paisagem.

Resposta: texto descritivo.

16. *Perdoar alguém é renunciar ao ressentimento, à ira ou a outras reações justificadas por algo que essa pessoa tenha feito. Isso levanta um problema filosófico: essa pessoa é tratada de forma melhor do que ela merece; mas como pode exigir-se, ou mesmo como permitir-se, tratar alguém de uma maneira que não merece? Santo Agostinho aconselhava-nos a detestar o pecado, mas não o pecador, o que também indica uma atitude objetiva ou impessoal para com o*

pecador, como se o caráter do agente estivesse apenas acidentalmente ligado ao caráter detestável de suas ações.

Comentários: O autor, por meio de uma frase interrogativa – mas como pode exigir-se, ou mesmo como permitir-se, tratar alguém de uma maneira que não merece? –, anuncia seu objetivo de discutir um assunto, abstrair, discorrer. Vale observar o recurso de utilização de um testemunho de autoridade para embasar tal discussão – as palavras de Santo Agostinho.

Resposta: texto dissertativo.

17. *"Há muito tempo, os deuses navajos organizaram uma grande cerimônia de cura. 'Que caminhemos na beleza', cantavam todos, pedindo que estivessem em harmonia com a terra onde viviam. Mas alguma coisa andava errada: duas canções soavam ao mesmo tempo, duas canções em idiomas diferentes. Ao perceber o que acontecia, a Mãe-Terra resolveu congelar a cerimônia. Transformou todos os deuses em rochas e os aprisionou para sempre no espaço e no tempo. E tudo caiu no silêncio."*

Comentários: A intenção textual é evidentemente a de relatar acontecimentos ("os deuses navajos organizaram uma grande cerimônia de cura/ a Mãe-Terra resolveu congelar a cerimônia/ transformou todos os deuses em rochas"). Os verbos no pretérito perfeito, a evolução cronológica – as ações se sucederam no tempo – marcam o objetivo da narração. Vale observar que ao longo do relato pôde-se observar caracterizações (duas canções soavam ao mesmo tempo, duas canções em idiomas diferentes), o que confere aspectos também descritivos ao texto.

Resposta: texto narrativo, com aspectos descritivos.

18. *Embora não vejamos um comercial promovendo explicitamente o consumo de cocaína, ou de maconha, ou de crack, a verdade é que os meios de comunicação nos bombardeiam, durante 24 horas por dia, com a propaganda não de drogas, mas do efeito das drogas.*

Comentários: O autor externa suas opiniões em torno da defesa de uma tese – "a verdade é que os meios de comunicação nos bombardeiam ...com a propaganda ... do efeito das drogas".

Resposta: texto dissertativo.

19. *As novas descobertas e as novas invenções demonstram a incapacidade da ciência de atingir a verdade, pois estão sempre corrigindo o caminho percorrido.*

Comentários: O autor se utiliza de constatações ("as novas descobertas e as novas invenções demonstram...") para defender seu ponto de vista – "a incapacidade da ciência de atingir a verdade".

Resposta: texto dissertativo.

20. *Aqui até os mais pobres moram de rosto voltado para a maravilha da natureza que a incúria dos governos ainda não conseguiu desfigurar. As favelas têm por fundo a Serra dos Órgãos.*

Comentários: O texto tem como meta a caracterização de uma paisagem – a da cidade do Rio de Janeiro. Ainda que ele opine, vale observar que não se trata de uma dissertação – o autor não pretende defender uma tese. Sua intenção é a de descrever o Rio de Janeiro, externando sua opinião.

Resposta: texto descritivo.

21. *Boaventura lembra a incapacidade de redistribuição da riqueza, permitindo que o capitalismo opere contra o pobre e não a favor dele. Chama essa situação de fascismo social.*

Comentários: Por meio da exposição da opinião de outro autor sobre um assunto, o texto vem discutir a questão da má distribuição de renda do capitalismo.

Resposta: texto dissertativo.

22. *"As águas do Oceano Pacífico cobrem um terço do planeta. No meio dessa vastidão azul, nos mares da Polinésia, desponta uma pequena ilha conhecida como Ofu. Embora formada por imponentes blocos de rochas vulcânicas, Ofu é recoberta pelo verde intenso de uma exuberante vegetação tropical. Os contornos da ilha são um tanto suavizados pelas brumas que rondam o alto das montanhas, de onde rompem cataratas em direção ao mar. [...]"*

Comentários: O objetivo do autor é caracterizar uma ilha de nome Ofu. Por meio de grande quantidade de substantivos e adjetivos (verde intenso/exuberante vegetação tropical), torna-se evidente a intenção do autor de descrever. Vale observar que as ações que ocorrem são simultâneas (brumas que rondam o alto das montanhas/de onde rompem cataratas em direção ao mar), não caracterizando, assim, uma narração.

Resposta: texto descritivo.

23. *Deita-se com a cabeça na areia e confusamente ouve a conversa de uma barraca perto, gente*

discutindo uma fita de cinema. Murmura, baixo, um palavrão para eles.

Comentários: Ainda que se apresentem características descritivas (barraca perto/ gente discutindo uma fita de cinema), observa-se que a intenção do autor do texto é a de relatar acontecimentos que se desenrolam em um lapso temporal (Deita-se/ouve a conversa/murmura um palavrão).

Resposta: texto narrativo, com aspectos descritivos.

24. *"Quando a democracia surgiu na Grécia, por volta de 500 a.C., os atenienses fizeram questão de traçar uma linha nítida entre as esferas pública e privada. O poder do Estado terminava onde começava a privacidade do lar. No âmbito doméstico, reinava a vontade do patriarca, que tinha o poder de determinar os direitos e deveres de seus filhos, mulher e escravos. Para os gregos, não havia atividade mais apaixonante e gloriosa do que participar da condução da pólis. A política era a maneira civilizada de decidir os destinos da nação por meio do diálogo e da persuasão. O cidadão revelava sua grandeza de espírito e sua importância para a comunidade no debate de ideias, na defesa de proposições e nas vitórias no âmbito público. Um homem que levasse uma vida exclusivamente privada não passava de um insignificante animal doméstico, incapaz de participar da elaboração das decisões políticas que afetavam os destinos da nação. Se Aristóteles ressuscitasse no final do século XX, ficaria horrorizado com a interferência do Estado na privacidade do cidadão. A sociedade moderna sequestrou a intimidade do indivíduo. É inimaginável uma atividade pública ou privada que não seja regulamentada por lei, por estatuto ou por norma. (...)"*

Comentários: O autor inicia seu texto com a utilização de um relato sobre o surgimento da democracia, com características descritivas (atividade mais apaixonante e gloriosa, o cidadão revelava sua grandeza de espírito e sua importância). Entretanto, ao longo do texto, induz-se o leitor a descobrir sua verdadeira intenção – criticar a interferência do Estado na privacidade do indivíduo. Em termos argumentativos, a narração serviu como estratégia de defesa da tese do autor.

Resposta: texto dissertativo, com características narrativas e descritivas.

25. *Vovô Tomé era um desses casos raros do artista que passa veloz e diretamente da primeira à*

terceira categoria. Atribuem a sua proeza e a sua maestria no ofício ao sofrimento, que é uma das vias para se atingir o absoluto e a glória.

Comentários: A intenção do autor do texto é a descrever Vovô Tomé, por meio de qualificações (um desses casos raros do artista/a sua proeza e a sua maestria no ofício).

Resposta: texto descritivo.

26. *A solidariedade proclamada no texto constitucional deve ser espontânea, colhida na consciência de cada um e, pelo menos, da população mais aquinhoada em favor dos que têm pouco.*

Comentários: O autor procura defender sua linha argumentativa no texto – a de que a solidariedade prevista na Constituição deve vir espontaneamente do povo.

Resposta: texto dissertativo. Defesa de tese.

27. *O processo atual de globalização se diferencia do iniciado há centenas de milhares de anos porque o mundo se tornou um só e instantâneo.*

Comentários: O objetivo do texto é analisar a globalização em suas feições atuais. Estabelecimento de relação de causa e efeito porque o mundo se tornou um só e instantâneo.

Resposta: texto dissertativo. Análise de um tema.

28. *O estrangeiro provoca a nossa desconfiança, às vezes o nosso medo. Nem sempre entendemos os seus gestos e certamente não compreendemos a sua língua. Ele não se veste como nós, a sua fisionomia pode ser diferente da nossa e não adora os nossos deuses.*

Comentários: O objetivo do trecho é caracterizar, qualificar, descrever o estrangeiro. Trata-se de descrever o estrangeiro. Trata-se de uma descrição subjetiva, em que o autor qualifica o estrangeiro com base em suas impressões pessoais. Importante não confundir essa descrição subjetiva com o texto dissertativo.

Resposta: texto descritivo.

29. *A loja de antiguidades tinha o cheiro de uma arca de sacristia com seus panos embolorados e livros comidos de traça. Com as pontas dos dedos, o homem tocou numa pilha de quadros. Uma mariposa levantou voo e foi chocar-se contra uma imagem de mãos decepadas.*

Comentários: O texto inicia-se com uma descrição ("A loja de antiguidades tinha o cheiro de

uma arca de sacristia com seus panos embolorados e livros comidos de traça"). Entretanto, logo na sequência, observam-se ações que evoluem em um lapso de tempo (o homem tocou numa pilha de quadros/ uma mariposa levantou voo e foi chocar-se contra uma imagem). Assim, ainda que apareçam trechos descritivos, o objetivo do autor é evidentemente relatar o que aconteceu em uma loja de antiguidades.

Resposta: texto narrativo, com aspectos descritivos.

30. *Para psicanalistas, o projeto que propõe acabar com a prisão de usuários e dependentes de drogas é um avanço. O psicanalista Eduardo Losicer diz que a nova resolução não restringe a liberdade do cidadão de usar pequenas quantidades de drogas – em muitos casos para fins medicinais, como a maconha para glaucoma e certas dores – e reduz as relações de corrupção entre a polícia e o usuário. – O projeto ainda não retira o consumo de drogas do âmbito policial. O consumidor ainda é flagrado pela polícia e deve ser apresentado a um juiz. Mas, pelo menos, não vai preso. A indicação de um tratamento, se ele for um usuário compulsivo, é sem dúvida melhor que a exclusão social numa prisão – diz Losicer.*

Comentários: Por meio de uma linguagem objetiva, o autor trata de um assunto de forma neutra, sem opinar. Seu objetivo é informar o leitor sobre o projeto que pretende acabar com a prisão de usuários e dependentes de drogas.

Resposta: texto dissertativo.

31. *Rádio é mesmo uma coisa misteriosa. Começou fazendo sucesso na sala de visitas, acabou na cozinha. Cedeu lugar à televisão, que já vai pelo mesmo caminho.*

Comentários: A intenção do autor do texto é de contar a história do rádio. Ainda que ele se inicie com uma descrição ("Rádio é mesmo uma coisa misteriosa"), observa-se que a predominância é da narração. Destaquem-se os verbos no pretérito perfeito (começou fazendo sucesso, acabou na cozinha, cedeu lugar à televisão), que caracterizam a estrutura narrativa.

Resposta: texto narrativo, com aspectos descritivos.

32. *Uma entrevista de Jean-Claude Carrière a propósito da morte de dois grandes cineastas, o sueco Ingmar Berman e o italiano Michelangelo Antonioni, coincidentemente mortos no mesmo dia 30 de julho inspira este comentário. São desaparecimentos que acentuam os paralelismos*

de concepção de vida, pois tanto Bergman quanto Antonioni fizeram filmes sobre a inevitável solidão, os permanentes recomeços, a dolorosa consciência de finitude e o orgulho humano de enfrentar a morte a cada dia...

Comentários: Iniciando o texto com um breve relato de acontecimentos (a morte de dois grandes cineastas), o autor volta sua atenção para a análise de uma questão – os paralelismos de concepção de vida. Trata-se, portanto, de ênfase ao objetivo dissertativo.

Resposta: texto dissertativo, com aspectos narrativos.

33. *A primeira liberdade moderna é o transporte próprio. BMW ou bicicleta, o que conta é a sensação de poder sentar-se ao veículo e resolver em que direção partir.*

Comentários: Por meio da apresentação de sua opinião, o autor desenvolve o seguinte tema: os objetos de consumo e a liberdade moderna.

Resposta: texto dissertativo.

34. *Mas nesse ínterim chegava suado, gordo e ofegante ao recinto uma personagem bastante próxima da realidade... Vinha imbuído de formalismo, dignidade e prerrogativas do seu cargo, além de premido pelo medo de perdê-lo.*

Comentários: Embora esse texto inicie-se por passagem narrativa (mas nesse ínterim, chegava...), o que indica que ele se origina de uma narração, o que se observa neste caso é ênfase à descrição. O objetivo do autor do texto é o de qualificar um personagem, por meio de grande quantidade de substantivos e adjetivos (suado, gordo e ofegante, ..., imbuído de formalismo, dignidade e prerrogativas)

Resposta: texto descritivo, com aspectos narrativos.

35. *Uma desconfiança incômoda me obrigou a olhar melhor e então deparei com um sujeito igual a mim mesmo, apenas um pouco mais novo. Sacudido por uma espécie de insulto, experimentei o tremor de estar sendo sorrateiramente substituído.*

Comentários: Transparece-se o relato de acontecimentos (Uma desconfiança me obrigou a olhar/ e então deparei com um sujeito / experimentei o tremor). Ênfase aos verbos no pretérito perfeito e às ações que evoluem no tempo. Importa observar também que o autor entremeia sua narrativa com passagens descritivas (um sujeito igual a mim mesmo/ um pouco mais novo).

Resposta: texto predominantemente narrativo, com características descritivas.

36. *O farol dos automóveis apagava nas águas da Lagoa o reflexo das últimas estrelas. Um casal abraçava-se debaixo de uma amendoeira. Sentia-se só. A vida era para os outros.*

Comentários: Ações que ocorrem ao mesmo tempo (o farol dos automóveis apagava/um casal abraçava-se/sentia-se só). Impressões do autor em relação a uma paisagem – a Lagoa Rodrigo de Freitas.

Resposta: texto descritivo.

37. *O combate à fome e à pobreza foi adotado pelo governo federal, a partir de 2003, como política de governo. Dentro dessa política, por exemplo, foi criado o Programa Bolsa-Família que beneficia mais da metade das famílias pobres do país. O programa é de responsabilidade do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, que tem hoje o maior orçamento já investido no Brasil para combater a fome e promover o desenvolvimento Social – R$ 17 bilhões.*

Comentários: Ainda que o autor inicie seu texto por meio de um relato (o combate à fome e à pobreza foi adotado pelo governo federal, a partir de 2003), observa-se que sua intenção é a de expor o que se sabe sobre um assunto – o Programa Bolsa-Família. Trata-se, portanto, de uma dissertação que se desenvolve por meio de uma linguagem simples e objetiva.

Resposta: texto dissertativo, com características narrativas.

38. *Quando alguém começa a frase com "Eu não sou racista, mas...", você pode estar certo de que o que se segue será uma declaração racista que desmentirá espetacularmente o seu preâmbulo. Ninguém é mais racista do que quem começa dizendo que não é.*

Comentários: Importa ao autor, nesse caso, defender sua tese de que "Ninguém é mais racista do que quem começa dizendo que não é". Presença de expressões que indicam a opinião do autor (você pode estar certo/ espetacularmente).

Resposta: texto dissertativo.

39. *O Estatuto do Desarmamento, aprovado no fim do ano, e ainda em fase de regulamentação, surgiu por uma questão de sobrevivência. O contexto que deflagrou o movimento político pelo endurecimento da legislação sobre armas é no mínimo dramático. Em 20 anos, de 1980 a 2000,*

conforme estudo do IBGE, 600 mil brasileiros foram assassinados, uma média de 30 mil por ano.

Comentários: Observa-se a exposição do contexto social que deflagrou a aprovação do Estatuto do Desarmamento. O autor discorre sobre o assunto transparecendo também ao leitor sua opinião (o contexto...é no mínimo dramático).

Resposta: texto dissertativo.

40. *O meu pai dizia não saber bem o porquê da existência e vivia mudando de trabalho, de mulher e de cidade. A característica mais marcante do meu pai era a sua rotatividade. Dizia-se filósofo sem livros, com uma única fortuna: o pensamento.*

Comentários: A intenção do autor é a de caracterizar um personagem – vivia mudando de trabalho, a sua rotatividade, Dizia-se filósofo sem livros.

Resposta: texto descritivo.

41. *Eu olhava para a janela e tinha a impressão de que jamais na vida chegaríamos a Nhuporã. Que pedaço brabo. O camaleão se esfregava no chassi e o pai praguejava.*

Comentários: Presença de ações que ocorrem ao mesmo tempo (eu olhava para a janela/o camaleão se esfregava/o pai praguejava), o que se destaca é a intenção do autor de caracterizar uma paisagem. Destaque à frase nominal – Que pedaço brabo – que acaba por enfatizar ainda mais a descrição.

Resposta: texto descritivo.

42. *Mas o caminho era do diabo, ele mesmo tinha dito. A pouco mais de légua de Nhuporã, o caminhão derrapou, deu um solavanco e tombou de ré.*

Comentários: Presença de verbos no pretérito perfeito (o caminhão derrapou/ deu um solavanco/ tombou de ré), que caracterizam a evolução dos acontecimentos no tempo. Relação de anterioridade e posterioridade.

Resposta: texto narrativo.

43. *Eu amo meu marido. De manhã à noite. Mal acordo, ofereço-lhe café. Ele suspira exausto da noite sempre maldormida e começa a barbear-se. Bato-lhe à porta três vezes antes que o café*

esfrie.

Comentários: Ainda que a autora inicie seu texto com a exposição de um ponto de vista, observa-se logo a seguir sua intenção de relatar acontecimentos, que evoluem no tempo ("acordo", "ofereço-lhe café", "ele suspira exausto", "começa a barbear-se").

Resposta: texto narrativo.

44. *Aos poucos, a camada de pintura branca que cobria a casa de Jeffrey entrou em entendimento definitivo com o sol e com a chuva, fundindo sua obediência a ambos numa única tonalidade cinzenta. Começou a descascar.*

Comentários: Ainda que o autor apresente algumas ações que evoluem no tempo ("entrou em entendimento", "começou a descascar"), vê-se que seu objetivo é caracterizar, por meio de uma linguagem figurada, a deterioração da pintura da parede de uma casa.

Resposta: texto descritivo.

45. *Para se fazer uma revista de divulgação científica hoje, três diretrizes devem ser observadas. A primeira é o que queremos dizer e o que temos para dizer em uma revista. A segunda, se temos os meios humanos e financeiros para realizar o projeto. A terceira se refere à necessidade urgente de ampliar a "infraestrutura" de conhecimentos necessários para que a educação encontre raízes profundas em nossa sociedade, nos laboratórios de pesquisa, na natureza e na história que vivemos.*

Comentários: A intenção do autor é a de discutir um assunto – os pré-requisitos necessários para se fazer uma revista de divulgação científica.

Resposta: texto dissertativo.

46. *Calou-se e notei que os olhos do velho se tinham orvalhado. Enxugou discretamente os olhos e perguntou-me se queria ver o tal livro. Respondi-lhe que sim. Chamou o criado, deu-lhe as instruções e explicou-me que perdera todos os filhos, só lhe restando uma filha casada, cuja prole, porém, estava reduzida a um filho, débil de corpo e de saúde frágil e oscilante.*

Comentários: Eis uma característica comum ao texto narrativo: o aparecimento de aspectos descritivos ao longo do relato. Aqui o objetivo do autor é o de reproduzir acontecimentos – "calou-se", "enxugou discretamente os olhos", "chamou o criado". Entretanto, o texto não deixa de

transparecer características descritivas – “os olhos do velho orvalhados”, “um filho débil de corpo e de saúde frágil e oscilante”.

Resposta: texto narrativo.

47. *É engraçado que eu entenda tanto de peixe e quase não pesque, mas entendo. Os peixes miúdos de moqueca são: o carapicu, o garapau, o chicharro e a sardinha.*

Comentários: A intenção do autor é falar sobre um assunto – os tipos de peixe.

Resposta: texto dissertativo.

48. *Na minha cabeça zumbem moscas, não as vejo porque voam internamente, mas as suponho coloridas, são varejeiras, mil, batem na parte interna do crânio, enchem-me a cabeça de som, cascalho e loucura.*

Comentários: Ainda que apresente ações, o texto evidencia sua intenção de caracterizar uma cena imaginária – moscas que zumbem em uma cabeça doente.

Resposta: texto descritivo.

49. *Sempre que se reúnem para lamuriar, os empresários falam no Custo Brasil, no preço que pagam para fazer negócios num país com regras obsoletas e vícios incrustados.*

Comentários: Nesse trecho, pretende-se discorrer sobre um tema – o Custo Brasil.

Resposta: texto dissertativo.

50. *Baleia assustou-se. Que faziam aqueles animais soltos de noite? A obrigação dela era levantar-se, conduzi-los ao bebedouro. Franziu as ventas, procurando distinguir os meninos. Estranhou a ausência deles.*

Comentários: Ações que evoluem no tempo – “assustou-se”, “franziu as ventas”, “estranhou a ausência” – caracterizam esse texto narrativo.

Resposta: texto narrativo.

51. *Baleia respirava depressa, a boca aberta, os queixos desgovernados, a língua pendente e insensível. Não sabia o que tinha se sucedido. O estrondo, a pancada que recebera no quarto, e a viagem difícil do barreiro ao fim do pátio desvaneciam-se no seu espírito.*

Comentários: Interrupção da passagem do tempo. Caracterização do personagem, não só quanto

aos aspectos externos (boca aberta, queixos desgovernados), mas também em relação às suas características psicológicas ("O estrondo, a pancada,..., desvaneciam-se no seu espírito.").

Resposta: texto descritivo.

52. *E enquanto o humilde lavrador sussurra a sua indignação, o homem, que antes era apenas vulto, já avança pela quinta fila, agora de lado, da direção do diretor e de sua assistente, que só o veem quando já está a algumas poltronas deles.*

Comentários: Ainda que haja um breve lapso temporal, a intenção do autor é a de caracterizar uma cena – um humilde lavrador, um diretor e sua assistente, bem como um estranho que deles se aproxima.

Resposta: texto descritivo.

53. *Peri lançou um olhar de desespero para as margens que se destacam alguma distância sobre a corrente plácida do rio. Quebrou o laço que prendia a canoa, impeliu-a para a terra com toda a força do remo que fendeu a água rapidamente.*

Comentários: Ações que se sucedem no decorrer do tempo – "lançou um olhar", "quebrou o laço", "impeliu-a para a terra", "fendeu rapidamente". Presença de características descritivas – "um olhar de desespero", "o laço que prendia a canoa".

Resposta: texto narrativo.

54. *Geminiano era um preto risonho, manso por fora mas espinhento por dentro. Quando alguém lhe dizia alguma coisa que não caía bem, ele parava o riso no meio e virava o avesso do pano.*

Comentários: O objetivo do autor é o de descrever, caracterizar uma personagem – Geminiano. Qualificações não só externas – "preto risonho", "manso por fora" –, mas também psicológicas – "espinhento por dentro".

Resposta: texto descritivo.

55. *O patriotismo é a dedicação a tudo que diz com a sorte do país natal e deve ser sincero como uma religião.*

Comentários: Nesse caso, o que se pretende é discorrer sobre um determinado assunto – o patriotismo. O autor não só discute o assunto como também expõe seu ponto de vista ("deve ser sincero como uma religião.").

Resposta: texto dissertativo.

56. *Somos um povo impetuoso e generoso, capaz de disciplina e de indocilidade. Somos um povo carnavalesco, mas um povo sofrido: um povo com senso de humor e com repentes de ira sagrada.*

Comentários: Intenção de caracterizar – somos um povo impetuoso e generoso. Presença de substantivos e adjetivos.

Resposta: texto descritivo.

57. *O Custo Brasil dos lamentos empresariais existe, como existem empresários responsáveis que pelo menos reconhecem a pilhagem, mas muito mais lamentável e atrasado é o Desperdício Brasil.*

Comentários: O autor tem como intenção argumentar em relação ao Desperdício Brasil. Presença de aspectos opinativos – muito mais lamentável e atrasado.

Resposta: texto dissertativo.

58. *Para entender a sua soberania até os confins da vontade, último termo da evolução mental, para subjugar os corações, há de a religião exercitar as suas forças sublimes no terreno da igualdade e da tolerância...*

Comentários: O autor se posiciona acerca de um tema – a religião. Objetivo de discutir, discorrer sobre determinado assunto.

Resposta: texto dissertativo.

59. *Ela entrou na ponta dos pés. Tirou os sapatos para subir a escada. O terceiro degrau rangia. Pulou-o apoiando-se no corrimão.*

Comentários: O texto trabalha com o tempo: os fatos se sucedem (Ela entrou na ponta dos pés/Tirou os sapatos/Pulou-o...). Aparecimento de características de descrição (O terceiro degrau rangia).

Resposta: texto narrativo.

60. *Quando minha prima e eu descemos do táxi, já era quase noite. Ficamos imóveis diante do velho sobrado de janelas ovaladas, iguais a dois olhos tristes, um deles vazado por uma*

pedrada.

Comentários: Ainda que se inicie com um relato, observa-se que o autor interrompe sua narrativa para se ater à caracterização de um velho sobrado. Presença de substantivos e adjetivos (velho sobrado, janelas ovaladas, olhos tristes).

Resposta: texto descritivo.

61. *A saleta era escura, atulhada de móveis velhos, desparelhados. No sofá de palhinha furada no assento, duas almofadas que pareciam ter sido feitas com os restos de um antigo vestido, os bordados salpicados de ladrilhos.*

Comentários: Não há lapso temporal. Impressões do autor (almofadas que pareciam ter sido feitas com os restos de um vestido antigo). Predominância de substantivos e adjetivos (saleta escura, móveis velhos). Aparecimento de frases nominais, cuja base é de verbo na forma nominal (atulhada de móveis velhos, bordados salpicados de ladrilho).

Resposta: texto descritivo.

62. *Eis o dilema do homem atual: ou se curva à moral e renuncia à felicidade, ou busca a felicidade e deixa de lado a moral.*

Comentários: Discussão de um assunto – o dilema do homem atual, no confronto entre a moral e a felicidade.

Resposta: texto dissertativo.

Selecionamos algumas questões para que você perceba a aplicabilidade desses conceitos em provas de concursos públicos. Aproveite os comentários!

23.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Veja uma questão de concurso, elaborada pela Fundação Euclides da Cunha, que ilustra esse assunto.

A SANTA CRUZ DA ESTIVA

No final do século passado, existia, rodeada por pequeno cemitério, outra igrejinha próxima ao local onde hoje está erguida a Capela de Santa Cruz da Estiva. Junto à estrada que passa diante da Capela, residia, então, um humilde lavrador que trabalhava as terras, auxiliado por sete filhos. Rapagões fortes e destemidos, eram o orgulho do pai.

Foi quando surgiu a febre amarela, ceifando vidas sem piedade. Por ironia, ela foi levando um por um os sete filhos do lavrador, deixando-o sozinho com sua dor.

Passada a epidemia, o desventurado buscou consolo em Deus. E se propôs, apesar de passar por dificuldades econômicas, a construir uma Capela nova junto à antiga, pedindo ao Senhor amparo para as almas de seus sete rapazes, conseguindo-lhes, assim, a absolvição dos pecados possivelmente cometidos.

Obteve com seus rogos que a dona da fazenda fizesse a doação de uma faixa de terreno e, com os amigos e conhecidos, acertou o empreendimento de um mutirão.

Assim foi construída a Capela de Santa Cruz da Estiva, segundo se diz por aí...

(Adaptação de lenda de autor desconhecido)

1. A lenda "A Santa Cruz da Estiva", quanto ao modo de organização textual e à justificativa para a classificação, pode ser considerada um texto:

a) narrativo, porque relata mudanças progressivas de personagens e coisas através do tempo;

b) descritivo, porque transmite imagens positivas ou negativas dos elementos descritos;

c) dissertativo, porque analisa e interpreta dados da realidade por meio de conceitos abstratos;

d) poético, porque utiliza jogos de figuras de modo a ocultar uma visão de mundo subjetiva.

Comentários:

Observe que o objetivo do texto é contar uma história. Atente à passagem do tempo e aos verbos no pretérito perfeito, indicando um antes e um depois (*Foi quando surgiu a febre amarela*/ *Obteve com seus rogos*/ *Assim foi construída*...). Procure analisar o início de cada parágrafo: o que se tem são ações que se organizam em uma relação de anterioridade e posterioridade. Muitos alunos ficariam em dúvida, talvez, em relação à letra B, porque, de fato, o texto traz imagens dos elementos descritos ao longo da narração. Mas será que o *objetivo* do autor é descrever uma cena ou *relatar* uma história? Ainda que haja aspectos descritivos, o texto é predominantemente narrativo.

Você percebeu que este texto apresentava, logo no seu início, uma passagem totalmente descritiva? O seu primeiro parágrafo era descritivo: seu objetivo foi caracterizar uma paisagem (*igrejinha próxima ao local...)* e personagens (*humilde lavrador*/ *rapagões fortes e destemidos*...). É exatamente isso: o texto narrativo pode vir entremeado de aspectos descritivos.

Afinal, você se lembra dos clássicos que líamos na infância? Aquelas histórias eram constantemente interrompidas por descrições.

Predominam na descrição substantivos e adjetivos, bem como verbos na forma nominal (*recostado*, *entrelaçadas*...), porque esta tem como objetivo maior a **caracterização** e os nomes auxiliam o texto nessa tarefa.

Você percebeu que na descrição o tempo não evolui? Lembra que, na escola, a professora nos dizia que, quando descrevemos, é como se tirássemos uma fotografia ou congelássemos uma cena? O tempo para...

Vale uma dica:

Uma boa maneira de diferenciar a narração da descrição é observar o aspecto temporal. Na descrição, não existe relação de anterioridade e de posterioridade entre os enunciados, os movimentos ocorrem ao mesmo tempo, sem haver progressão de um estado a outro. As ações reproduzidas na descrição são simultâneas. Ao ocorrer progressão cronológica, tem-se o texto narrativo.

Os alunos costumam nos relatar que a maior dificuldade, diante de uma questão de prova, ocorre quando existe mais de uma modalidade discursiva em um mesmo texto. Por exemplo, se houver narração e descrição dentro de um mesmo texto, como classificá-lo?

Resposta: A.

Veja a seguir uma prova em que a banca pedia que se identificasse um trecho descritivo.

(BNDES – Técnico – Cesgranrio)

A ERA DO TÔ ME ACHANDO

"Bacanas teus óculos", falei. Leves, classudos, num tom esportivamente escuro, cada lente com uma sombra que subia de baixo para cima, tornavam misterioso o olhar do amigo, um jovem editor. Comentei que nunca o tinha visto de óculos. Ele devolveu: "Pois é, mas eu estava com a vista cada vez mais cansada, até que fui ao oculista e ele me disse que precisava usar. Dois graus de miopia. Excesso de leitura. Fazer o quê...", compungiu-se, o olhar vago, empurrando o par de lentes nariz acima com um charme intelectualmente sofrido. Mês depois, encontrei uma amiga cujo pai é oftalmologista. Entre anedota e outra, ela me contou que um curioso cliente do pai havia pedido um modelo de óculos sem grau. É, era ele mesmo – o editor.

Vivemos tempos curiosos. A cada segundo, e através de todos os meios possíveis, somos

expostos aos corpos mais perfeitos, às biografias mais irretocáveis, à pose generalizada de famosos e anônimos. Vaidade pura. Mas um momento: você já experimentou sair por aí todo mulambento, comparecer despenteado a uma entrevista de emprego, esconder de parentes e amigos aquele êxito nos estudos? Impossível, não? Porque, hoje, não ter vaidade – não ter o hábito de apregoar aos quatro cantos, reais e virtuais, o quanto você pode ser atraente, sensacional e único – parece ser um dos maiores pecados da nossa era, esse tempo em que todo mundo parece estar "se achando".

Por isso, os óculos de araque do meu amigo. No meio altamente intelectualizado em que ele vive, circulando entre Festas Literárias de Paraty e debates seguidos de sessões de autógrafo nas livrarias mais chiques do eixo Rio-São Paulo, ostentar uma armação bacanuda é o equivalente, em termos culturais, às pernas muito bem torneadas – horas de academia – da mocinha da novela das 8. Ou seja: tudo é vaidade.

BRESSANE, Ronaldo. Revista vida simples. out. 2009.

2. Em qual sequência é caracterizada uma descrição?

a) "Leves, classudos, num tom esportivamente escuro, cada lente com uma sombra que subia de baixo para cima,"

b) "'Pois é, mas eu estava com a vista cada vez mais cansada, até que fui ao oculista...'"

c) "Mês depois, encontrei uma amiga cujo pai é oftalmologista."

d) "ela me contou que um curioso cliente do pai havia pedido um modelo de óculos sem grau."

e) "É, era ele mesmo – o editor."

Comentários:

Observe que, nas letras B, C, D e E, o que se vê é a evolução de acontecimentos em uma narrativa. Atente aos verbos no pretérito perfeito (*fui ao oculista*/*encontrei uma amiga*/*ela me contou*). Perceba que a única alternativa que tem como objetivo caracterizar, qualificar é a letra A, que apresenta adjetivos (*leves, classudos*). Seu objetivo não é contar uma história, mas interrompê-la, caracterizando um personagem.

Agora, o mais interessante sobre este texto, a banca não perguntou. Você percebeu que, embora ele apresentasse descrição e narração, seu objetivo não foi o de contar uma história? Sua meta era a de discutir um assunto, a tese de que não ter vaidade é um dos maiores pecados da nossa era? Ora, isso faz com que o texto não seja nem narrativo nem descritivo, mas sim dissertativo. Seu

objetivo é defender uma tese, a opinião do autor, expressa logo no seu título: *A era do tô me achando*. O objetivo da dissertação é só um: discutir um assunto, abstrair.

Resposta: A.

Um texto que considero um clássico de concursos públicos veio de uma prova elaborada pelo NCE e é emblemático de tudo isso sobre que estamos conversando. Além de tudo, é de nosso tão saudoso Saramago. Observe:

VIOLÊNCIA NO CAMPO

José Saramago

No dia 17 de abril de 1996, no estado brasileiro do Pará, perto de uma povoação chamada Eldorado dos Carajás (Eldorado: como pode ser sarcástico o destino de certas palavras...), 155 soldados da polícia militarizada, armados de espingardas e metralhadoras, abriram fogo contra uma manifestação de camponeses que bloqueavam a estrada em ação de protesto pelo atraso dos procedimentos legais de expropriação de terras, como parte do esboço ou simulacro de uma suposta reforma agrária na qual, entre avanços mínimos e dramáticos recuos, se gastaram já cinquenta anos, sem que alguma vez tivesse sido dada suficiente satisfação aos gravíssimos problemas de subsistência (seria mais rigoroso dizer sobrevivência) dos trabalhadores do campo. Naquele dia, no chão de Eldorado dos Carajás ficaram 19 mortos, além de umas quantas dezenas de pessoas feridas.

Passados três meses sobre este sangrento acontecimento, a polícia do estado do Pará, arvorando-se a si mesma em juiz numa causa em que, obviamente, só poderia ser a parte acusada, veio a público declarar inocentes de qualquer culpa os seus 155 soldados, alegando que tinham agido em legítima defesa, e, como se isto lhe parecesse pouco, reclamou procedimento judicial contra três dos camponeses, por desacato, lesões e detenção ilegal de armas. O arsenal bélico dos manifestantes era constituído por três pistolas, pedras e instrumentos de lavoura mais ou menos manejáveis. Demasiado sabemos que, muito antes da invenção das primeiras armas de fogo, já as pedras, as foices e os chuços haviam sido considerados ilegais nas mãos daqueles que, obrigados pela necessidade a reclamar pão para comer e terra para trabalhar, encontraram pela frente a polícia militarizada do tempo, armada de espadas, lanças e albardas. Ao contrário do que geralmente se pretende fazer acreditar, não há nada mais fácil de compreender que a história do

mundo, que muita gente ilustrada ainda teima em afirmar ser complicada demais para o entendimento rude do povo.

3. O texto é mais adequadamente classificado como:

a) descritivo.

b) narrativo.

c) argumentativo.

d) expositivo.

e) informativo.

Comentários:

Veja que o texto começa com uma narração entremeada de descrições. As ações se sucedem no tempo (*155 soldados...abriram fogo*; *Naquele dia, no chão de Eldorado dos Carajás ficaram 19 mortos*...), o que caracteriza o primeiro parágrafo como predominantemente narrativo. Por outro lado, vemos muitos trechos cujo objetivo é caracterizar cenas e personagens (*155 soldados...armados de espingardas e metralhadoras...umas quantas dezenas de pessoas feridas*...). Assim, devemos classificar o primeiro parágrafo como predominantemente narrativo, com aspectos descritivos.

Entretanto, no segundo parágrafo, percebemos que a narração evolui para uma discussão. Sentimos que o autor utilizou-se da história relatada ao longo do texto como pretexto para apresentar sua tese: *não há nada mais fácil de compreender que a história do mundo*. Se você reparar bem é só na segunda metade do segundo parágrafo que o autor deixa transparecer sua real intenção: ele pretende discutir um assunto, abstrair, dissertar. É a defesa de uma tese – o texto é predominantemente dissertativo argumentativo com aspectos narrativos e descritivos. E o mais interessante é que, apesar de a dissertação só ter tomado forma mesmo ao final do texto, é ela que predomina. Porque essa é a *intenção do autor*.

Aqui, vale um recado:

Toda vez que a banca pedir que se classifique um texto em sua predominância, lembre-se de que esse critério não tem a ver com o número de linhas como se, supostamente, forem dez linhas de narração e seis de dissertação, o texto seria predominantemente narrativo??? Se fosse assim, classificar um texto seria algo mais perto da matemática... Classificar um texto significa identificar a intenção do autor, seu objetivo ao produzir o texto.

Veja mais uma prova:

O MEDO SOCIAL

Jurandir Freire Costa

No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado. De repente foi assaltada por um adolescente, que a roubou, ameaçando cortar a garganta do garoto. Dias depois, a mesma senhora reconhece o assaltante na rua. Acelera o carro, atropela-o e mata-o, com a aprovação dos que presenciaram a cena. Verídica ou não, a história é exemplar. Ilustra o que é a cultura da violência, a sua nova feição no Brasil.

Ela segue regras próprias. Ao expor as pessoas a constantes ataques à sua integridade física e moral, a violência começa a gerar expectativas, a fornecer padrões de respostas.Episódios truculentos e situações-limite passam a ser imaginados e repetidos com o fim de caucionar a ideia de que só a força resolve conflitos. A violência torna-se um item obrigatório na visão do mundo que nos é transmitida. Cria a convicção tácita de que o crime e a brutalidade são inevitáveis. O problema, então, é entender como chegamos a esse ponto. Como e por que estamos nos familiarizando com a violência, tornando-a nosso cotidiano.

Em primeiro lugar, é preciso que a violência se torne corriqueira para que a lei deixe de ser concebida como o instrumento de escolha na aplicação da justiça. Sua proliferação indiscriminada mostra que as leis perderam o valor normativo e os meios legais de coerção, a força que deveriam ter. Nesse vácuo, indivíduos e grupos passam a arbitrar o que é justo ou injusto, segundo decisões privadas, dissociadas de princípios éticos válidos para todos. O crime é, assim, relativizado em seu valor de infração. Os criminosos agem com consciências felizes. Não se julgam fora da lei ou da moral, pois conduzem-se de acordo com o que estipulam ser o preceito correto. A imoralidade da cultura da violência consiste justamente na disseminação de sistemas morais particularizados e irredutíveis a ideais comuns, condição prévia para que qualquer atitude criminosa possa ser justificada e legítima.

4. “No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado. De repente foi assaltada por um adolescente...”; a passagem do pretérito imperfeito para o pretérito perfeito marca a mudança de:

a) um texto descritivo para um texto narrativo.

b) a fala do narrador para a fala do personagem.

c) um tempo passado para um tempo presente.

d) um tempo presente para um tempo passado.

e) a mudança de narrador.

5. O texto acima pode ser classificado, de forma mais adequada, como:

a) narrativo moralizante.

b) informativo didático.

c) dissertativo opinativo.

d) normativo regulamentador.

e) dissertativo polêmico.

Comentários:

Questão 4: Observe que o parágrafo começa com uma descrição de uma cena (*No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado*). Logo em seguida, observa-se um conector temporal (*de repente*), que indica uma ruptura: uma passagem da modalidade descritiva para a narrativa. Do conector temporal em diante, o que se observa é a evolução de uma história.

Resposta: A.

Aqui, vale uma dica:

Em geral, a narração utiliza verbos no pretérito perfeito, já que seu objetivo é relatar acontecimentos que evoluem em uma sequência cronológica. Já na descrição, a tendência é a de que os verbos apareçam no pretérito imperfeito.

Questão 5:

Quanto à letra A, o texto seria narrativo moralizante se seu objetivo fosse contar uma história e, ao seu final, apresentasse uma moral, um conselho. Não foi o caso. Se fosse a letra B, o seu objetivo teria sido o de informar o leitor, aumentar seu conhecimento sobre um determinado assunto. Mais do que isso: sendo didático, teria como meta ensinar o leitor.

Normativo regulamentador, que é o que se diz na letra D, ele não é: seu objetivo não é estabelecer

normas, regulamentar relações. Isso é meta dos estatutos, das leis que vocês estudam por aí...

Normalmente, o aluno fica em dúvida entre as letras C e E. Dissertativo polêmico (letra E) ele não é: seria polêmico se o seu objetivo fosse apresentar duas visões a respeito de determinado assunto. Não foi isso que o autor procurou desenvolver – sua meta foi utilizar-se de uma narração, entremeada de aspectos descritivos, que serviria de pretexto para uma discussão. O mote do texto era falar da *cultura da violência, sua nova feição no Brasil*. Ora, se o objetivo do autor era discutir um assunto, sob seu ponto de vista, pode-se dizer que o texto é predominantemente dissertativo opinativo (ou argumentativo), com aspectos narrativos e descritivos.

Você deve estar se perguntando: quantas modalidades de texto dissertativo existem? Qual é a diferença entre texto dissertativo opinativo e expositivo? Texto opinativo é sinônimo de argumentativo? Dizer que um texto é dissertativo informativo é dizer que ele também é expositivo?

Se surgirem essas dúvidas, você pode retomar o conteúdo no decorrer deste capítulo, como o explicado no tópico 23.1.6. Porém, para ajudar e refrescar a memória, segue um resumo a respeito.

Em textos de concursos públicos, costuma-se subdividir os textos dissertativos em duas modalidades – o texto dissertativo expositivo e o texto dissertativo opinativo-argumentativo. O primeiro tem por objetivo discutir um assunto, expor o que se sabe sobre ele sem defesa de ponto de vista do autor. Já a segunda modalidade tem como meta a persuasão, o convencimento – neste tipo de texto o autor utiliza estratégias argumentativas que visam defender sua tese.

O texto dissertativo expositivo expõe ideias, explana, discute, revela o que o autor sabe sobre determinado assunto. Sua linguagem é objetiva, clara, impessoal. Traz abordagem abrangente sobre um tema, permitindo que o leitor desenvolva sua própria opinião sobre o assunto. Nesse texto, o autor não manifesta, ao menos explicitamente, suas opiniões sobre o tema tratado. Ainda que em alguns momentos do texto ele opine, sua intenção não é defender seu ponto de vista sobre o tema em questão.

Neste tipo de texto, o autor simplesmente expõe aquilo que sabe sobre determinada matéria, sem a preocupação de julgar, emitir opinião em relação ao assunto sobre o qual discorre. São fatos, e não julgamentos.

Além de revelar tudo que sabe sobre determinado assunto, você percebeu que o texto tem como objetivo aumentar o *seu* conhecimento sobre o tema? Trazer novidades, acrescentar conhecimento para o leitor?

O texto dissertativo informativo é uma modalidade de texto dissertativo expositivo. É que há textos expositivos que apresentam informações sobre um objeto ou fato específico, sua descrição, a enumeração de suas características, com o objetivo de aumentar o conhecimento do leitor sobre determinado assunto. Esse tipo de texto é chamado de **informativo**. Com linguagem objetiva e impessoal, ele pressupõe acréscimo de informação para quem o lê. O texto dissertativo informativo é o tipo de texto que procura tratar de assunto de interesse do leitor e busca a novidade, algo que o público não conheça.

Por meio de dados estatísticos e exemplos e de uma linguagem objetiva, o autor atinge seu objetivo – apresentar possíveis novidades ao seu leitor. O que se tem é um texto em que o autor não só expõe o que sabe sobre determinado assunto (daí ser chamado de expositivo), mas também acrescenta informações a quem o lê (por isso, é informativo). Assim, poderíamos resumir:

Todo texto informativo é também expositivo, pois o autor expõe o que sabe sobre um assunto com a intenção de aumentar o conhecimento do leitor. Mas nem todo texto expositivo é informativo – o texto será apenas expositivo se o autor pretender unicamente expor o que sabe sobre determinada matéria sem a pretensão de acrescentar informações a quem o lê.

De qualquer forma, sendo o texto unicamente expositivo ou também informativo, o que se observa é que nesses textos não há intenção de se defender uma tese, ou apresentar argumentos do autor. O que se vê são **fatos**. Se o objetivo do texto for defender opinião, julgamentos, ele será dissertativo opinativo – ou argumentativo.

O **texto dissertativo opinativo**, também chamado de argumentativo, difere do dissertativo expositivo, pois, além de expor o que se sabe sobre um assunto – e, muitas vezes, também informar –, o texto dissertativo argumentativo tem por finalidade principal persuadir o leitor sobre determinado assunto, modificar seu comportamento.

Percebe-se, ao longo deste tipo de texto, palavras que indicavam o posicionamento do autor. Muitas vezes, o autor, com o intuito de transparecer sua opinião, utiliza-se de algumas marcas linguísticas capazes de persuadir o leitor, tais como verbos na 1ª pessoa do singular ou plural e

expressões de modalidade – são os chamados modalizadores (vocábulos indicativos da opinião do autor, que podem ajudar você a diferenciar no texto o fato do julgamento).

Veja uma prova elaborada pela Fundação Euclides da Cunha, em que se apresentava uma questão de tipologia textual:

RIO + 10 ... POR CENTO!

APENAS UMA DÉCADA DEPOIS

Encerrada há pouco em Johannesburgo, África do Sul, a Conferência Rio + 10 terminou pateticamente, sob o olhar desalentado de ambientalistas, jornalistas, economistas e políticos.

O Secretário de Estado dos EUA, Collin Powell, foi vaiado por afirmar que os Estados Unido estão, sim, preocupados com a saúde ambiental do planeta. O presidente Fernando Henrique Cardoso viu derrotada – ao som da bem orquestrada banda regida pela Casa Branca e que incluía Rússia, China, Índia e países árabes exportadores de petróleo – a proposta brasileira para que, dentro de oito anos, 10% da matriz energética mundial viesse de fontes renováveis. Inclusive a tecnologia *made in Brazil* ancorada no etanol, *of course*. Ao mesmo tempo, o polêmico chefe de Estado venezuelano, Hugo Chávez, sob tímidos aplausos, dizia que "enquanto nós, governantes, vamos de conferência em conferência, nossos povos vão de abismo em abismo".

De concreto, mesmo, o que se produziu na Rio + 10 foi apenas uma vaga carta de intenções, com frases do tipo "vamos reduzir a perda de espécies", "reconhecemos que países pobres precisarão de ajuda financeira para cumprir os objetivos", e "reconhecemos o princípio da repartição de benefícios obtidos com espécies de países pobres, ou seja, asseguramos que as comunidades locais devem usufruir de benefícios decorrentes da exploração de recursos naturais encontrados em suas terras". Tudo isso pomposamente dito, mas sem metas definidas ou prazos para implementação.

Travestidos de Tomaso de Lampedusa, afirmamos que algo deve mudar para que tudo continue como está. Até quando?

(FAVARETTO, J. A. UNO Notícias. Informativo do Sistema UNO de Ensino, n. 4, outubro de 2002, p. 3.)

6. Considerando-se o modo de organização do discurso, é possível afirmar que o texto acima:

a) tem uma estrutura argumentativa, desenvolvida com elementos que deixam clara a opinião favorável do autor a respeito do fato polêmico abordado.

b) pode ser definido como dissertativo, pois nele o autor realiza uma explanação dos acontecimentos que caracterizaram a Conferência Rio + 10.

c) é narrativo, em estilo jornalístico, com elementos que assinalam a presença do narrador e a sua opinião sobre os resultados da Conferência Rio + 10.

d) foi construído com uma parte narrativa e outra descritiva, sendo forte nesta última a opinião desfavorável do autor sobre os resultados da Conferência Rio + 10.

e) contém uma descrição detalhada das diversas correntes de interesses que se apresentaram na Conferência Rio + 10.

Comentários:

Observe que o objetivo do texto não é dissertar sobre uma conferência realizada, mas apresentar relatos que se organizam em uma sequência cronológica – os acontecimentos da Conferência Rio + 10. Assim, eliminam-se as alternativas A e B.

Quanto à letra D, ainda que ocorram aspectos descritivos (*bem orquestrada banda regida*/*tímidos aplausos*), não se pode afirmar que o texto se divida em uma parte narrativa e outra descritiva. Além disso, quando o autor demonstra sua *opinião desfavorável sobre os resultados da Conferência Rio + 10*, o que se tem é *dissertação*, e não descrição.

Assim, ainda que haja passagens descritivas e opinativas no texto, o que se percebe é que o autor veio relatar acontecimentos de uma conferência, com opiniões ao longo de seu relato. O texto é narrativo, com aspectos descritivos e opinativos.

Resposta: C.

CRITÉRIO ARRISCADO

O exemplo veio da maior economia do mundo: as agências de regulação e desenvolvimento – caso da SEC (Securities Exchange Comission) americana, e da CVM brasileira – têm que se mantidas a salvo da submissão ou das influências políticas. Esta é a melhor forma de preservar a independência de organismos desse tipo cuja eficiência e utilidade para a economia do país são consequência direta de sua credibilidade e da independência de seus dirigentes.

Recentemente, nos Estados Unidos, o presidente da SEC, Harvey Pitt, viu-se compelido a renunciar a seu mandato. Motivo? Ele teria iludido seus colegas de conselho (diretoria da SEC)

para conseguir maioria na escolha de William Webster para a liderança de um novo comitê que supervisionará a indústria da contabilidade no país.

Para conseguir o que pretendia, Pitt deixara de informar os demais membros do conselho da SEC que Webster fora chefe de auditoria de uma das companhias que, recentemente, se envolveram com fraudes contábeis. Pitt havia sido indicado para o cargo por Bush, no ano passado, e deveria cumprir um mandato de quatro anos. Diante dos fatos que envolviam Webster, e que eram parte da onda de escândalos financeiros que assola os Estados Unidos há mais de um ano, Pitt não teve alternativa.

No Brasil, o mandato fixo, de quatro anos, para os diretores e presidente da CVM, existe como forma de preservar sua independência.

Ao serem empossados em seus cargos, o presidente e diretores da Comissão de Valores Mobiliários assumem com o país os compromissos de moralidade e legalidade de seus atos, que são comuns todos os servidores públicos. E tendo em vista a gravidade de sua missão, frequentemente confrontada com interesses do mercado e do próprio governo, têm como forma de defesa de sua independência a duração de seu mandato.

A lição recente dos Estados Unidos, em que o mandato fixo não foi suficiente para amparar a ilegalidade, é boa para americanos e serve para o Brasil. O episódio Pitt mostra que o mandato de quatro anos é bom para preservar a independência dos dirigentes da agência, mas não pode servir de escudo no momento em que o agente público atue contra os superiores interesses da moralidade e da legalidade.

Mostra, também, que a melhor forma de evitar constrangimentos futuros, na escolha de dirigentes com mandatos fixos, ainda é a observância dos critérios de competência técnica e de moralidade. A pura e simples filiação partidária não deve habilitar ninguém a cargos desse tipo. O risco é um eventual constrangimento, como o que Bush experimentou ao nomear Harvey Pitt.

(Jornal do Brasil, 17/11/2002, p. A14.)

7. Do ponto de vista do modo de organização do discurso, pode-se afirmar que os parágrafos do texto são:

a) narrativos, apesar de o objetivo do texto ser essencialmente argumentativo.

b) argumentativos, mas estruturados de acordo com o modelo narrativo.

c) argumentativos, sendo que o segundo e o terceiro parágrafos têm estrutura narrativa.

d) narrativos, sendo que o primeiro, o quarto e o quinto parágrafos têm estrutura argumentativa.

e) descritivos, mas a serviço de um texto cujo objetivo é predominantemente narrativo.

Comentários:

O texto é predominantemente dissertativo argumentativo. Sua meta é defender uma tese explicitada nos dois últimos parágrafos – a de que o mandato de quatro anos "não pode servir de escudo no momento em que o agente público atue contra os superiores interesses de moralidade e legalidade", bem como "a melhor forma de evitar constrangimentos futuros, na escolha de dirigentes com mandatos fixos, ainda é a observância dos critérios de competência técnica e de moralidade".

Resposta: C.

Veja agora este texto de nosso tão saudoso Machado de Assis, retirado de prova elaborada pelo Cespe/UnB, para o Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro:

Há dessas reminiscências que não descansam antes que a pena ou língua as publique. Um antigo dizia arrenegar de conviva que tem memória. A vida é cheia de tais convivas, e eu sou acaso um deles, conquanto a prova de ter a memória fraca seja exatamente não me acudir agora o nome de tal antigo; mas era um antigo, e basta.

Não, não, a minha memória não é boa. Ao contrário, é comparável a alguém que tivesse vivido por hospedarias, sem guardar delas nem caras nem nomes; e somente raras circunstâncias. A quem passe a vida na mesma casa de família, com os seus eternos móveis e costumes, pessoas e afeições, é que se lhe grava tudo pela continuidade e repetição. Como eu invejo os que não esqueceram a cor das primeiras calças que vestiram! Eu não atino com a das que enfiei ontem. Juro só que não eram amarelas porque execro essa cor; mas isso mesmo pode ser olvido e confusão.

E antes seja olvido que confusão; explico-me. Nada se emenda bem nos livros confusos, mas tudo se pode meter nos livros omissos. Eu, quando leio algum desta outra casta, não me aflijo nunca. O que faço, em chegando ao fim, é cerrar os olhos e evocar todas as coisas que não achei nele. Quantas ideias finas me acodem, então! Que de reflexões profundas! Os rios, as montanhas, as igrejas que não vi nas folhas lidas, todos me aparecem agora com as suas águas, as suas árvores, os seus altares; e os generais sacam das espadas que tinham ficado na bainha, e os clarins soltam as

notas que dormiam no metal, e tudo marcha com uma alma imprevista.

É que tudo se acha fora de um livro falho, leitor amigo. Assim preencho as lacunas alheias; assim podes também preencher as minhas.

Machado de Assis. Dom Casmurro. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996, p. 79.

8. Assinale a opção que apresenta uma frase narrativa do texto:

a) "Há dessas reminiscências."

b) "Um antigo dizia arrenegar de conviva que tem memória."

c) "A vida é cheia de tais convivas."

d) "Não, não, a minha memória não é boa."

e) "Quantas ideias finas me acodem, então."

Comentários:

Observe nas letras A, C, D e E, temos exemplos de dissertação: são frases que apresentam conceitos, ideias, abstrações. Veja com especial atenção as letras D e E, que apresentam o uso da 1ª pessoa do singular (*minha*, *me*), como forma de veicular a opinião do autor. Ora, tais recursos podem inclusive ajudar você a perceber que os trechos são argumentativos.

No entanto, observe a letra B: ela indica que, nesse trecho, o autor relata acontecimentos de sua vida, *conta a história de um amigo que se zangava com aqueles que tinham memória* – o que caracteriza o trecho como narrativo.

Resposta: B.

MAIS UM RETIRADO DE PROVA DO CESPE/UNB:

A Revolução Industrial provocou a dissociação entre dois pensamentos: o científico e tecnológico e o humanista. A partir do século XIX, a liberdade do homem começa a ser identificada com a eficiência em dominar e transformar a natureza em bens e serviços. O conceito de liberdade começa a ser sinônimo de consumo. Perde importância a prática das artes e consolidam-se a ciência e a tecnologia. Relega-se a preocupação ética. A procura da liberdade social se faz sem considerar-se sua distribuição. A militância política passa a ser tolerada, mas como opção pessoal de cada um.

Essa ruptura teve o importante papel de contribuir para a revolução do conhecimento científico e tecnológico. A sociedade humana se transformou, com a eficiência técnica e a consequente redução do tempo social necessário à produção dos bens de sobrevivência.

O privilégio da eficiência na dominação da natureza gerou, contudo, as distorções hoje conhecidas: em vez de usar o tempo livre para a prática da liberdade, o homem reorganizou seu projeto e refez seu objetivo no sentido de ampliar o consumo. O avanço técnico e científico, de instrumento da liberdade, adquiriu autonomia e passou a determinar uma estrutura social opressiva, que servisse ao avanço técnico e científico. A liberdade identificou-se com ideia de consumo. Os meios de produção, que surgiram do avanço técnico, visam ampliar o nível dos meios de produção.

Graças a essa especialização e priorização, foi possível obter-se o elevado nível de potencial-de-liberdade que o final do século XX oferece à humanidade. O sistema capitalista permitiu que o homem atingisse as vésperas da liberdade em relação ao trabalho alienado, às doenças e à escassez. Mas não consegue permitir que o potencial criado pela ciência e tecnologia seja usado com a eficiência desejada.

(Cristovam Buarque. Na fronteira do futuro.
Brasília: EDUnB, 1989. p.13 (com adaptações).

9. Quanto à organização do texto, julgue os itens a seguir.

a) A argumentação do texto estrutura-se em três eixos principais: ciência e tecnologia, busca da liberdade e militância política.

b) A tese para esse texto argumentativo pode assim ser resumida: nem todo "potencial-de-liberdade" gera liberdade com a eficiência desejada.

c) Para organizar o texto, predominantemente argumentativo, o autor recorre a ilustrações temáticas e trechos descritivos sobre condições das sociedades.

d) O fragmento a seguir, caso fosse utilizado como continuidade do texto, manteria a coerência da argumentação: Existe, assim, uma ambiguidade entre a ampliação dos horizontes da liberdade e os resultados, de fato, alcançados pelo homem.

A letra A está errada, pois a argumentação do texto não se estrutura em torno de três eixos, mas de dois: um eixo científico e tecnológico e o outro humanista.

Quanto à letra B, de fato essa é a tese, que aparece explicitada no último parágrafo do texto, com as palavras "Mas não consegue permitir que o potencial criado pela ciência e tecnologia seja usado com a eficiência desejada". Assertiva certa, portanto.

Já a letra C está errada: o texto é mesmo predominantemente argumentativo, mas não se utilizam

ilustrações temáticas (que são o mesmo que *exemplos*) nem trechos descritivos para fundamentar-se a tese.

Quanto à letra D, de fato essa frase é uma *reescritura da tese do texto*. Sabendo-se que um fragmento, para que possa representar uma possível continuidade de um texto, só precisa reescrever sua ideia central, vê-se que a frase apresentada pela banca repete a tese do autor. O objetivo do texto era fazer oposição entre *o potencial-de-liberdade que a tecnologia proporciona e as limitações que o consumo impõe à liberdade que o homem tanto almeja.*

Agora é com você! Selecionamos algumas questões para que você verifique se realmente fixou os conteúdos. Ao final, você terá um gabarito com comentários. Boa sorte!

23.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

Texto I (Aux. Cart.-CGJ-UFRJ/02)

O NECROLÓGICO DOS DESILUDIDOS DE AMOR
Carlos Drummond de Andrade
Os médicos estão fazendo autópsia dos que se mataram.
Que grandes corações eles possuíam
Vísceras imensas, tripas sentimentais
e um estômago cheio de poesia.

Texto II (Aux. Cart.-CGJ-UFRJ/02)

INFORMAÇÃO
O Observatório Nacional informou que os brasileiros assistirão no dia 4 de janeiro a um eclipse parcial do sol. No Rio, a luz solar sofrerá uma redução de 69% entre 11 e 12 horas. O fenômeno provocará no meio do dia o aspecto de um entardecer.

1. A oposição INCORRETA entre, respectivamente, os texto I e II é:
a) verso / prosa.
b) poesia / informação.
c) sensibilidade / verdade.
d) vocábulos formais / vocábulos informais.
e) passado / futuro.

Texto III

PROTESTO TÍMIDO
Fernando Sabino
Ainda há pouco eu vinha para casa a pé, feliz da minha vida e faltavam dez minutos para a meia-noite. Perto da praça General Osório, olhei para o lado e vi, junto à parede, antes da esquina, algo que me pareceu uma trouxa de roupa, um saco de lixo. Alguns passos mais e pude ver que era um menino.
Escurinho, de seus seis ou sete anos, não mais. Deitado de lado, braços dobrados como dois

gravetos, as mãos protegendo a cabeça. Tinha os gambitos também encolhidos e enfiados dentro da camisa de meia esburacada, para se defender contra o frio da noite. Estava dormindo, como podia estar morto. Outros, como eu, iam passando, sem tomar conhecimento de sua existência.

Não era um ser humano, era um bicho, um saco de lixo mesmo, um traste inútil, abandonado, sobre a calçada. Um menor abandonado.

Quem nunca viu um menor abandonado? A cinco passos, na casa de sucos de frutas, vários casais de jovens tomavam sucos de frutas, alguns mastigavam sanduíches. Além, na esquina da praça, o carro da radiopatrulha estacionando, dois boinas-pretas conversando do lado de fora. Ninguém tomava conhecimento da existência do menino.

Segundo as estatísticas, como ele existem nada menos que 25 milhões no Brasil, que se pode fazer? Qual seria a reação do menino se eu o acordasse para lhe dar todo o dinheiro que trazia no bolso? Resolveria o seu problema? O problema do menor abandonado? A injustiça social?

(...)

Vinte e cinco milhões de menores – um dado abstrato, que a imaginação não alcança. Um menino sem pai nem mãe, sem o que comer nem onde dormir – isto é um menor abandonado. Para entender, só mesmo imaginando meu filho largado no mundo aos seis, oito ou dez anos de idade, sem ter para onde ir nem para quem apelar. Imagino que ele venha a ser um desses que se esgueiram como ratos em torno aos botequins e lanchonetes e nos importunam cutucando-nos de leve – gesto que nos desperta mal contida irritação – para nos pedir um trocado. Não temos disposição sequer para olhá-lo e simplesmente o atendemos (ou não) para nos livrarmos depressa de sua incômoda presença. Com o sentimento que sufocamos no coração, escreveríamos toda a obra de Dickens. Mas estamos em pleno século XX, vivendo a era do progresso para o Brasil, conquistando um futuro melhor para os nossos filhos. Até lá, que o menor abandonado não chateie, isto é problema para o juizado de menores. Mesmo porque são todos delinquentes, pivetes na escola do crime, cedo terminarão na cadeia ou crivados de balas pelo Esquadrão da Morte.

Pode ser. Mas a verdade é que hoje eu vi meu filho dormindo na rua, exposto ao frio da noite, e além de nada ter feito por ele, ainda o confundi com um monte de lixo.

1. Uma crônica, como a que você acaba de ler, tem como melhor definição:

a) registro de fatos históricos em ordem cronológica.
b) pequeno texto descritivo geralmente baseado em fatos do cotidiano.
c) seção ou coluna de jornal sobre tema especializado.
d) texto narrativo de pequena extensão, de conteúdo e estrutura bastante variados.
e) pequeno conto com comentários, sobre temas atuais.

2. O texto começa com os tempos verbais no pretérito imperfeito – vinha, faltavam – e, depois, ocorre a mudança para o pretérito perfeito – olhei, vi etc; essa mudança marca a passagem:

a) do passado para o presente.
b) da descrição para a narração.
c) do impessoal para o pessoal.
d) do geral para o específico.
e) do positivo para o negativo.

3. O uso da primeira pessoa na crônica tem um efeito de:

a) construir uma narrativa impessoal, já que o cronista é observador neutro.
b) seguir o modelo típico de um texto jornalístico, como este.
c) manifestar no discurso a opinião dos leitores.
d) expressar o ponto de vista do narrador.
e) transformar o texto em algo objetivo e popular.

4. O tom predominante na crônica é o de:
a) comiseração.
b) remorso.
c) revolta.
d) desprezo.
e) tristeza.

5. Dentre as perguntas abaixo, aquela que poderia ser considerada como pergunta retórica é:
a) "Quem nunca viu um menor abandonado?".
b) "Segundo as estatísticas, como ele existem nada menos que 25 milhões no Brasil, que se pode fazer?".
c) "Qual seria a reação do menino se eu o acordasse para lhe dar todo o dinheiro que trazia no bolso?".
d) "Resolveria o seu problema?".
e) "(Resolveria) A injustiça social?".

Texto IV

DA "LIVRE MANIFESTAÇÃO" AO VANDALISMO

João Mellão Neto

[...] Recordo-me de um bar, no centro de São Paulo onde, na década de 60, nos toaletes, aparecia a seguinte inscrição: "Não risque as paredes. Se você acredita que seu pensamento seja tão original a ponto de merecer sua inscrição aqui, não se constranja. Procure a gerência e nós mesmos nos encarregamos de autorizá-lo".

O mesmo raciocínio vale para os pichadores. Se o que eles têm a manifestar tem algum valor artístico ou filosófico, sem dúvida existirão proprietários de muros dispostos a permitir-lhes a inscrição. Agora, pichação de bens públicos ou de muros particulares, à revelia do proprietário, não é manifestação artística, é vandalismo. E, como tal, deve ser coibido.

O dever do Estado é proteger a propriedade de todos da sanha de cada um e a propriedade de cada um da sanha de todos. A pichação dos bens públicos ou particulares viola ambos os princípios e, portanto, é dever da autoridade competente tomar medidas coercitivas. Eu, como milhões de cidadãos, gosto de ver a minha cidade limpa. Faço minha parte, de um lado mantendo meu muro pintado e de outro pagando impostos para que a Prefeitura faça o mesmo com os nossos monumentos. Se os pichadores têm seus "direitos" de expressarem-se livremente, eu também tenho os meus de querer minha cidade em ordem e bonita. Com uma diferença: eu pago impostos para exercer a minha cidadania e eles, tão somente, adquirem uma lata de aerossol.

1. No título do texto IV, a expressão "livre manifestação" aparece entre aspas para:
a) distinguir uma citação do resto do contexto.

b) fazer sobressair termos não peculiares à linguagem normal.
c) acentuar o valor significativo de uma palavra ou expressão.
d) realçar ironicamente uma palavra ou expressão.
e) destacar o termo de maior valor do texto.

2. No título, os termos livre manifestação e vandalismo:
a) representam duas maneiras de encarar o mesmo fato.
b) falam, respectivamente, do aspecto ilegal e legal das pichações.
c) são argumentos favoráveis ao aparecimento de pichações.
d) indicam o pensamento das autoridades sobre as pichações.
e) mostram duas realidades que ocorrem simultaneamente.

3. O texto IV deve ser classificado, de forma mais adequada, como:
a) descritivo.
b) narrativo.
c) dissertativo expositivo.
d) dissertativo polêmico.
e) dissertativo informativo.

Texto V: "As fronteiras políticas das nações-estados são estreitas e limitadas demais para definir o escopo e o alcance da empresa moderna." (J. Spencer)

Texto VI: "As estruturas políticas mundiais são inteiramente obsoletas. Não mudaram em pelo menos cem anos e estão lamentavelmente desafinadas como progresso tecnológico." (J. Maisonrouge)

1. A afirmação correta em relação aos textos V e VI:
a) o texto V é narrativo enquanto o texto VI é dissertativo.
b) o texto V trata de tema menos amplo que o texto VI.
c) ambos os textos mostram que a tecnologia é prejudicial.
d) só o texto 3 defende a alteração das fronteiras políticas atuais.
e) os dois textos têm caráter descritivo.

Texto VII

SAIBA MAIS SOBRE O PROBLEMA

Recente documento, elaborado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), revel que o Brasil é um país mergulhado na sujeira: metade dos municípios não têm serviço de esgoto sanitário, 70% do lixo das cidades são jogados em lixões e alagados (rios, lagos, mar, etc.) e apenas poucos municípios fazem coleta seletiva de lixo.

Os brasileiros produzem todos os dias mais de 125.000 toneladas de lixo, além dos 14,5 milhões de metros cúbicos de esgoto. O destino inadequado de todo esse lixo e esgoto ajuda a explicar por que ainda sofremos com doenças do século XIX, como a febre amarela, as hepatites, as diarreias, os vermes e mesmo as recentes epidemias de Dengue.

Outros fatos preocupantes são:

- o grande volume de lixo encontrado nas ruas, o que segundo a COMLURB demonstra a falta de educação da população que joga lixo de todos os tipos nas vias públicas;

- as milhares de crianças que trabalham revirando lixo nos lixões, disputando com moscas, ratos e urubus, os restos de comida ou objetos que podem ser reaproveitados ou vendidos;
- o chorume, líquido contaminado liberado pelo lixo em decomposição, atinge rios, lagos e a Baía de Guanabara, dentre outros, contaminando peixes, aves e o próprio Homem, gerando graves doenças, problemas sociais e ambientais.

1. Este é um texto retirado de um pequeno jornal de um colégio do Rio de Janeiro e seu valor está no assunto que aborda: o lixo. Para dar valor ao que nele é expresso, o autor procurou destacar dois aspectos, manifestados na primeira linha do texto:

a) atualidade e credibilidade.
b) objetividade e cientificismo.
c) autoridade e sentimentalismo.
d) suspense e negativismo.
e) verdade e nacionalismo.

2. A finalidade principal do texto VII deve ser a de:

a) criticar as autoridades governamentais.
b) denunciar a poluição ambiental.
c) procurar aumentar o conhecimento do assunto.
d) mostrar soluções para o problema do lixo.
e) indicar os principais problemas do país.

3. O documento elaborado pelo IBGE tem valor prioritário de:

a) conselho.
b) denúncia.
c) acusação.
d) crítica.
e) elogio.

Texto VIII

A MARCA DA MORTE NOS CIGARROS

A partir de 1º de fevereiro, começa a circular no Brasil a nova safra de maços de cigarros impressos de acordo com a resolução da Agência Nacional de Vigilância Sanitária. A regra diz que as sessenta marcas vendidas no país devem estampar no verso da embalagem uma entre nove imagens associadas aos malefícios do cigarro. A iniciativa foi copiada de uma experiência bem-sucedida no Canadá. Com imagens explícitas, agressivas até – uma boca com dentes podres e a gengiva inflamada, um coração infartado ou um cérebro com as artérias estouradas – a campanha do Canadá provocou uma primeira reação negativa da sociedade, principalmente entre os não-tabagistas. É que muita gente não queria ser obrigada a conviver com as cenas repugnantes. O saldo final, no entanto, foi ótimo. Uma pesquisa realizada pela Sociedade Canadense do Câncer, com mais de 2000 pessoas, revela que a contrapropaganda surtiu efeitos positivos. Por causa das ilustrações, cerca de 45% dos fumantes ficaram motivados a abandonar o cigarro.

Veja, ed. 1735

1. O título do texto VIII se justifica porque:

a) o vício do fumo provoca doença em milhares de pessoas.
b) a maioria dos fumantes não sabe os riscos que corre.
c) as embalagens de cigarro vão aludir aos males que provoca.
d) fabricantes vão esconder dos fumantes os riscos que correm.
e) o vício do fumo está aumentando os óbitos por câncer.

2. O fato de vir por extenso a denominação "Agência Nacional de Vigilância Sanitária" em lugar da forma abreviada ANVS, mostra que:
a) o texto não pretende apresentar-se em forma resumida.
b) em textos informativos não se usam abreviaturas.
c) o público a que se dirige o texto não é da classe culta.
d) o texto pretende enfatizar o poder legal.
e) para o jornalista, nem sempre as abreviaturas são claras.

3. A resolução da ANVS e o texto-imagem dos maços de cigarros são respectivamente representantes de textos dos tipos:
a) didático/informativo.
b) informativo/normativo.
c) normativo/publicitário.
d) publicitário/expressivo.
e) expressivo/didático.

4. Os textos informativos, como o texto VIII, só NÃO se caracterizam por:
a) objetividade e precisão.
b) abordagem de algo desconhecido do leitor.
c) reduzida participação do autor do texto no enunciado.
d) conteúdo de hipotético interesse de leitores.
e) profunda interação com o leitor.

Texto IX

TENTE LER ESTE ANÚNCIO DIRIGINDO

O anúncio de revista é rico em informações. Pode dar toda a literatura necessária sobre um produto. Explicar o que é, como funciona, a forma de pagamento, enfim, pode dar todos os detalhes tintim por tintim.

Ele é fantástico para um sujeito que dispõe desse tempo que você está tendo agora. Para folhear calmamente, lendo artigos e anúncios.

Já no trânsito, para passar a mensagem a quem está passando, aí o outdoor é imbatível.

Ele é rápido, telegráfico, gigante. Ótimo para anúncios institucionais ou promocionais de qualquer produto ou serviço.

O outdoor também apresenta um dos recalls mais elevados, dentro de uma relação custo/benefício bem atraente.

Dependendo do produto e seu mercado, você pode utilizar o outdoor para cercar o Brasil inteiro, um estado, uma cidade ou simplesmente um bairro. E vender tanto para o Brasil quanto para um bairro com a mesma eficiência, é uma versatilidade que nenhum outro veículo tem.

Além do quê, o outdoor é seu último apelo ao consumidor antes da compra. Porque ele está ali, na rua, bem próximo ao seu ponto de venda. E, você há de concordar, num mercado tão competitivo quanto o nosso, isso pode ser decisivo.

São detalhes como esse que você, anunciante, não pode deixar de levar em conta na hora de programar sua mídia. Principalmente se você quiser atingir um público como esse nosso, dirigido.

1. O anúncio de revista pode ser rico em informações porque:

a) o leitor dispõe de tempo para lê-lo.
b) todo produto a ser anunciado requer isso.
c) o leitor precisa ser convencido a comprar o produto.
d) apela para o gosto estético do leitor.
e) o anunciante exige que isso assim seja.

2. "Explicar o que é, como funciona..."; os dois tipos de textos a que se alude nesse segmento são, respectivamente:

a) jornalístico, publicitário.
b) publicitário, informativo.
c) informativo, instrucional.
d) instrucional, didático.
e) didático, jornalístico.

3. O quarto parágrafo mostra que este texto é:

a) publicitário, pois anuncia o próprio outdoor.
b) informativo, pois explica as qualidades do cartaz de rua.
c) didático, pois ensina o que é um outdoor.
d) jornalístico, pois destaca o surpreendente de um outdoor.
e) poético, pois apela para o bom-gosto do leitor.

4. "O anúncio de revista é rico em informações"; o item abaixo em que a relação expressa pelos elementos sublinhados é INADEQUADA:

a) o horóscopo é rico em previsões.
b) o livro didático é rico em ensinamentos.
c) o dicionário é rico em definições.
d) a bula de remédio é rica em informações.
e) o outdoor é rico em detalhes.

Texto X

PROCESSAMENTO DA ENTREVISTA

A Nogueira de Faria

A entrevista consiste em inquirir tecnicamente, de forma hábil, dentro de um plano e sequência previamente estudados, levando o interrogado ou entrevistado a se pronunciar sobre aquilo que desejamos saber e a emitir sua opinião, muitas vezes sem que formulemos a pergunta diretamente. É a maneira racional de levar alguém a fornecer os informes e as informações que possui em determinada área.

É uma técnica de comunicação direta entre duas pessoas que possuem alguns interesses em comum.

Forma de pesquisa realizada através de diálogo estudado e preparado dentro de um plano e sequência previamente analisados, levando, sutilmente, o entrevistado a se manifestar sobre assuntos de seu conhecimento.

Pode ser entendida como sendo uma conversa planejada, capaz de conduzir à transmissão de uma mensagem, em que o entrevistador orientou a produção e codificação das próprias mensagens por parte do entrevistado, para obter as informações que deseja.

Trata-se de um processo interpessoal de comunicação, com numerosas limitações no tempo e no e no espaço, pois o comportamento das pessoas varia muito. As entrevistas devem ser personalizadas e adaptadas às características do entrevistado, sua cultura, posição social, conhecimento técnico, etc.

Existe uma grande diferença entre a entrevista e a conversa informal entre duas pessoas. É necessário saber distinguir quando o diálogo informal é uma introdução e quando ele perde as características, acabando por se transformar numa palestra inconsistente, tomando tempo e prejudicando o processamento da entrevista propriamente dita.

Organização e métodos. Livros Técnicos e Científicos Edit. RJ, 1982

1. O parágrafo do texto que apresenta uma estrutura distinta da dos demais é o:

a) 1º .
b) 2º .
c) 3º.
d) 4º.
e) 5º.

Texto XI

ÁGUA INSALUBRE

Márcia Peltier. O Globo, 21/10/2002

Estudo do Pacific Institute of Oakland, na Califórnia, prevê que 76 milhões de pessoas morrerão de doenças relacionadas à água até 2020. As crianças serão as mais afetadas por males causados pelo uso e ingestão de água contaminada. No mesmo período, serão registrados 65 milhões de casos fatais em consequência da Aids em todo o mundo.

1. O título dado à notícia é "Água insalubre". Sabendo-se que "insalubre" significa "nocivo à saúde", pode-se dizer que:

a) o título nada esclarece sobre o conteúdo do texto.
b) parte do conteúdo do texto é antecipado pelo título.
c) o adjetivo "insalubre" contradiz o conteúdo do texto.
d) o título pretende atrair o leitor pelo aspecto trágico.
e) a menção da água contaminada introduz o assunto da Aids.

2. O texto lido poderia ser classificado como:

a) didático.
b) informativo.
c) normativo.
d) preditivo.
e) publicitário.

Texto XII

RAÍZES

Heloísa Seixas Domingo, n. 1336

Diante da minha janela havia uma pedra.

Não, não vou fazer imitação de poesia. Nada tem de poética a história que eu vou contar. A pedra de que falo é na verdade uma imensa pedreira, de topo liso, coberto em alguns pontos pela vegetação rasteira, uma espécie de enclave rural em pleno Leblon, onde às vezes cabras pastavam e onde um galo alucinado insistia em cantar na hora errada, no início da madrugada. Era o lugar ideal para, nas tardes de domingo, uma menina se deitar, sentindo nas costas o calor do sol retido pela pedra, enquanto olhava as pipas agitando-se no ar. Eu ia com meus irmãos e seus amigos, quando eles subiam lá para soltar pipa. São só lembranças. Essa pedra não existe mais. Ou pelo menos não existe assim, como a descrevo agora, a pedra da minha infância. Hoje, é uma pedra nua, morta.

Sua base ainda está lá e servirá, pelo que sei, de fundação para um shopping. Mas a superfície foi toda raspada, a vegetação desapareceu, a pedreira foi rebaixada em quatro ou cinco metros, retalhada durante dois anos por uma orquestra de britadeiras, e nela foram erguidos os primeiros andares do que seria um estacionamento.

Assim que começaram a destruir a pedreira, pensei com alarme numa pequena árvore, uma muda de amendoeira cujo crescimento árduo eu vinha acompanhado havia anos. A árvore crescera numa das laterais da pedra e seu tronco se encorpava, equilibrando-se de forma improvável no paredão íngreme. Eu admirava sua bravura, tirando seiva de um lugar onde não havia terra, fazendo um esforço enorme para crescer na ranhura mínima que encontrara. E caminhei um dia até o local onde ela crescia, para ver se, com as obras que tinham começado, a pequena árvore sobreviveria. Mas cheguei tarde demais. Só encontrei o tronco, decepado. Em torno, as raízes, que por anos se haviam agarrado à pedra com tanto esforço, agora condenadas a secar, inúteis.

O tempo passou. E eu não pensei mais no assunto. Até que, outro dia, assistindo a um documentário sobre os talibãs, vi uma inglesa de origem afegã mostrando a foto de um jardim onde brincava na infância e que fora destruído pela guerra civil. O documentário, feito antes da guerra com os Estados Unidos, fora gravado em solo afegão, e a moça conseguira chegar ao local do tal jardim. Mas não encontrou nada. A comparação com a foto que trazia nas mãos era chocante. Todo o verde havia desaparecido. No meio de um descampado monocromático, restara apenas o círculo de pedra de uma velha fonte seca. E a única coisa que não mudara na paisagem eram as montanhas, ao fundo, testemunhas da devastação que hoje sabemos estava apenas no princípio.

Aquela mulher e seu jardim desaparecido me fizeram pensar na pequena amendoeira que crescera na pedra e que também fora decepada. E, com isso em mente, voltei ao ponto do paredão onde ela um dia se agarrara. Com surpresa, descobri que das raízes deixadas na pedra surgiam brotos, com folhas de um verde limpo.

A amendoeira teimava em renascer como talvez fizesse o jardim afegão, apesar da fúria dos homens.

1. "Nada tem de poética a história que vou contar"; a história contada pela autora tem como ponto de partida cronológico:

a) a existência de uma pedra diante da janela da autora.

b) a foto de um jardim onde uma afegã brincara na infância.

c) o crescimento de uma pequena amendoeira na pedra.
d) o fato de a amendoeira ter sido decepada.
e) as lembranças da infância da autora.

Texto XIII

OS NÚMEROS

George Ifrah

Houve um tempo em que o ser humano não sabia contar. A prova: atualmente existem ainda homens incapazes de conceber qualquer número abstrato e que não sabem nem que dois e dois são quatro.

Inúmeras hordas "primitivas" se encontram, ainda hoje, nesse "grau zero" – se assim podemos dizer – quanto ao conhecimento dos números. É, por exemplo, o caso dos zulus e dos pigmeus, da África, dos aranda e dos kamilarai, da Austrália, dos aborígenes das Ilhas Murray e dos botocudos, do Brasil. "Um", "dois" e... "muitos" constituem as únicas grandezas numéricas desses indígenas que ainda vivem na Idade da Pedra.

Eles só conhecem dois "nomes de números" propriamente ditos: um para a unidade e um outro para o par. Dentre eles, os melhores em aritmética chegam certamente a exprimir os números 3 e 4 articulando algo como dois-um e dois-dois. Mas não avançam mais. Além daí é a imprecisão, a confusão: empregam então palavras ou expressões que poderíamos traduzir por muitos, vários, uma multidão. E é tão difícil para eles imaginar um número superior ou igual a 5 quanto é para nós representar quantidades como um trilhão de bilhões. De tal modo que, quando se trata de mais de 3 ou 4, alguns deles se contentam em mostrar a cabeleira, como se dissessem: "É tão inumerável quanto os cabelos da cabeça!"

1. A finalidade principal desse texto é:

a) ensinar.
b) comprovar.
c) informar.
d) contradizer.
e) protestar.

Texto XIV

BRASIL E O MUNDO PODEM PREJUDICAR A SUA SAÚDE

Minha profissão é ver o mal do mundo. Um dia, a depressão bate. Não aguento mais ver a cara do Bush ostentando rugas na testa de preocupação com o nosso destino (que ele azedou), não aguento mais o Lula de boné dançando xaxado, não aguento ver o Sarney feliz, mandando no país, guardando o PT no bolso do jaquetão, enquanto os petistas, comunistas, tucanistas e fascistas discutem para ver quem é mais de esquerda ou de direita, enquanto o país afunda em violência e miséria, com o Estado sendo loteado entre esquerdistas sem emprego; não dá mais para ouvir que há transgênicos de esquerda ou de direita, principalmente quando ninguém consegue impedir as queimadas na Amazônia; passo mal também quando vejo a cara dos oportunistas do MST, com a bênção da Pastoral da Terra, liderando pobres diabos para a revolução contra o capitalismo; não aguento secretários de Segurança falando em forças-tarefa, em presídios perfeitos que não conseguem nem bloquear celulares; não suporto ver que o Exército se recusa a ajudar na repressão ao crime, com generais tão eficazes para arrasar a guerrilha urbana nos anos setenta.

Texto da Internet falsamente atribuído a Arnaldo Jabor

1. A melhor caracterização do texto o define como:

a) narrativo de tema político.
b) expositivo de tom crítico.
c) informativo de base argumentativa.
d) descritivo de situação.
e) argumentativo de tema social.

Texto XV

DO MUNDO VIRTUAL

Carlos Heitor Cony

Insisto em comentar as vantagens e desvantagens do mundo virtual. Não perderei tempo em lembrar as vantagens, elas entram pela cara da gente, tornam-se dia a dia mais indispensáveis e mais fáceis de manuseio.

Fico então com as desvantagens, e uma delas me remete ao processo de pensar, de refletir. Desde que Aristóteles criou o método peripatético, os melhores pensamentos da humanidade vieram quando filósofos, inventores, matemáticos, músicos e poetas obedeciam àquele processo de pensar caminhando, ou de caminhar pensando.

Beethoven passeava na floresta quando voltou correndo, com a Sexta Sinfonia inteira na cabeça. Kant era metódico, todos os dias saía para seu passeio à tarde, os vizinhos podiam acertar o relógio pela hora em que ele percorria o bosque de Konigsberg. E foi assim que ele criou seu monumental sistema dedicado à razão pura.

Strauss compunha suas valsas passeando pelos bosques de Viena e Anchieta escreveu seu poema nas areias de uma praia. Ficar "plugado" a uma tomada pode ser prático, mas não é criador. (...)

Viver "plugado" a uma corrente de pessoas e informações pode ser divertido e útil. Mas agride o que o ser humano tem de melhor e mais insubstituível: o seu gosto, o seu erro, a sua miséria e sua glória.

1. O segmento do texto que mostra interferência do autor no seu conteúdo é:

a) "Mas agride o que o ser humano tem de melhor".
b) "Viver "plugado" a uma corrente de pessoas e informações pode ser divertido e útil".
c) "Strauss compunha as suas valsas passeando pelos bosques de Viena".
d) "Fico então com as desvantagens".
e) "Desde que Aristóteles criou o método peripatético".

2. A melhor classificação do texto lido o enquadra entre os textos:

a) conversacionais.
b) descritivos.
c) narrativos.
d) dissertativos expositivos.
e) dissertativos argumentativos.

Texto XVI

O PIERCING: SER OU NÃO SER

Quando o meu filho Pedro, de 16 anos, falou da vontade de colocar piercing, antes de dizer-lhe um sonoro "não", ponderei o fato de meu filho não ser um veículo para que eu coloque em prática o meu projeto de ser humano. Muito pelo contrário: Ele é um ser independente, com projetos próprios e que tem como orientação básica o respeito ao ser humano e a consciência de que o mundo deve ser mais justo, inteligente, diversificado e saboroso. A partir daí, não me preocupa se ele fará drama ou comédia, com argola no nariz ou gravata no pescoço. O importante não será a sua forma, mais sim o seu conteúdo. (...) O adolescente, pelo menos, faz por festa, para treinar a sua rebeldia. Depois, o tempo passa e todas essas bandeiras pelo corpo vão perdendo a importância e para aqueles que só fazem onda, a coisa ficará no passado. Para os autênticos, a rebeldia fica adulta e muda de lugar. Vai pro olhar.

Texto XVII

ARREPENDIMENTO

Certo dia, no início deste ano, uma moça de 19 anos apareceu no gabinete no deputado Campos Machado na Assembleia Legislativa de São Paulo e contou uma história triste. Ela disse que quando tinha 15 anos se encantou com as tatuagens que viu nas colegas e resolveu entrar na onda da arte corporal. Hoje chora de arrependimento. Ao tentar ingressar na Aeronáutica, ela foi reprovada no exame médico justamente por causa do desenho estampado no corpo. Fez uma cirurgia reparadora, prestou exame e, mais uma vez, foi rejeitada em razão das cicatrizes incriminadoras.

1. O texto XVII mostra, ao final, diante do piercing, as posições do pai e do filho, que são respectivamente, de:

a) aceitação / aprovação.
b) reprovação / aceitação.
c) aprovação / reprovação.
d) indiferença / arrependimento.
e) neutralidade / reprovação.

2. Oposição INCORRETA sobre os dois textos:

a) piercing X tatuagens.
b) realização X arrependimento.
c) aceitação X condenação.
d) primeira pessoa X terceira pessoa.
e) narração X descrição.

Texto XVIII

FRONTEIRAS

Heloísa Seixas

Tenho refletido sobre fronteiras. Sobre a linha tênue e imprecisa que divide realidade e sonho, sanidade e loucura. E me vem à mente história narrada por Otto Friedrich em seu livro Going Crazy (Enlouquecendo). Ele diz que andava um dia pelas ruas de Nova York a caminho do trabalho – como fazia todas as manhãs – quando de repente, diante de um cruzamento, parou, assaltado por uma sensação desconhecida. Era algo avassalador, a impressão exata de que algo se rompera, seguida de uma sensação de impotência e pânico. Ficou ali na calçada, paralisado, sem saber o que se passava. Demorou alguns segundos até compreender. Como fazia o mesmo percurso todos os

dias, costumava andar totalmente desligado, imerso em seus pensamentos, o "piloto automático". Ocorre que, naquele dia, se deparava de repente com um sinal de trânsito quebrado – um elemento estranho à sua rotina. E aquela "ruptura" provocara uma espécie de curto-circuito em seu cérebro, justamente por estar num estágio de semiconsciência, tal a sua disposição. O sinal quebrado provocara uma pane em seu sistema de percepção. Fora coisa rápida, não mais do que alguns segundos. Mas o que perturbava era perceber que, naqueles instantes, vivera numa fronteira: estivera à beira do que se convencionou chamar "loucura".

1. A história narrada no texto da autora tem o papel de:

a) ilustrar um pensamento da autora.
b) demonstrar a correção do pensamento da autora.
c) mostrar que a preocupação da autora é universal.
d) indicar que sua preocupação é válida.
e) testemunhar algo narrado pela própria autora.

Texto XIX

DIAGNÓSTICO

O Globo, 15/10/2004

Em oito anos, o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio – é alarmante esse grau crescente de insegurança. Por maior que tenha sido a indignação manifestada pelo governo federal, são números que reforçam o alerta do Departamento de Estado americano a agências de turismo dos Estados Unidos, divulgado no início do mês, a respeito do perigo que apresentam o Rio e outras grandes cidades brasileiras.

Não é exagero classificar de urgente a tarefa de fazer o turista se sentir mais seguro no Rio, considerando que os visitantes movimentaram 13% da economia da cidade e que dentro de três anos teremos aqui o Pan.

Parte da solução é simples: reforçar o policiamento ostensivo. A Secretaria de Segurança do Estado informa que há quase duas centenas de policiais patrulhando a orla, do Leblon ao Leme, mas não é o que vê – nem é o que percebem os assaltantes.

Muitos destes aliás, são menores de idade com que o poder público simplesmente não sabe lidar, por falta de ação integrada entre autoridades estaduais e municipais, empenhadas num jogo de empurra sobre a responsabilidade por tirá-los das ruas. O que lhes confere uma percepção de impunidade que só faz piorar a situação. Impunidade é também a sensação que resulta do deficiente trabalho de investigação policial: se não se consegue impedir o crime, sua gravação pelas câmeras da orla de pouco serve, pois não há um esquema eficaz de inteligência nem estrutura técnica adequada para seguir pistas. É fácil atribuir todos os problemas à falta de verbas. Mas é mais justo falar em dinheiro mal aplicado. As próprias autoridades anunciam fartos investimentos em aparato tecnológico contra o crime; o retorno que deveria produzir a aplicação eficiente desse dinheiro seria o que não está acontecendo: a redução a níveis mínimos dos assaltos a turistas.

1. O texto, por sua estrutura e características, deve ser prioritariamente classificado como:

a) expositivo.
b) narrativo.
c) informativo.
d) argumentativo.
e) descritivo.

Texto XX

A VIDA COMO ELA SERÁ

Jerônimo Teixeira

Daqui a mais ou menos 1 bilhão de anos, a Terra não será mais habitável. No limite do seu material combustível, o Sol estará se expandindo. A elevação da temperatura no terceiro planeta do sistema solar tornará inviável a sobrevivência de qualquer criatura. Isso significa que a vida em nosso mundo já ultrapassou a meia-idade. Estamos nós, seres vivos, mais perto do fim que do começo. No tempo que resta, que cara terá a vida sobre a Terra? Que espécies surgirão e quais estarão fadadas a desaparecer na trilha das mudanças evolucionárias? E por quanto tempo ainda viveremos nós, seres humanos, para presenciar essas mudanças?

1. Por seu conteúdo e estrutura, o texto lido tem como finalidade prioritária:
a) especular.
b) informar.
c) explicar.
d) ensinar.
e) prever.

Texto XXI

RACISMO, DISCRIMINAÇÃO, PRECONCEITO... COLOCANDO OS PINGOS NOS "IS"

Maria Aparecida da Silva

Recentemente assisti ao programa esportivo Cartão Verde, da TV Cultura, no qual se discutia, de maneira tímida, a discriminação racial que um jogador branco do Palmeiras (Paulo Nunes) teria praticado contra dois jogadores negros, Rincón (Corinthians) e Wagner (São Paulo), em momentos distintos. Havia controvérsias quanto à veracidade dos fatos, quanto à sinceridade dos protagonistas, quanto à oportunidade ou oportunismo das denúncias. Mas o que de fato despertou minha atenção foi a relativização do racismo presente no futebol brasileiro. Os cronistas utilizavam a todo tempo a expressão preconceito, quando as situações em foco constituíam, na verdade, práticas de discriminação racial. Depois de feita essa constatação, procurei explicar para mim mesma porque existe tanta confusão em torno das palavras preconceito, discriminação racial e racismo. É preciso entender exatamente o significado de cada uma dessas expressões.

Estabelecendo diferenças

O preconceito é basicamente um sentimento negativo (é necessário que haja alguma possibilidade de comparação), um estado de espírito negativamente determinado com relação a um grupo ou pessoa. Ele é fruto da ignorância, de opiniões inexatas e de estereótipos. Os preconceitos são muito genéricos e disseminados. Em todas as épocas e em todo o mundo, os grupos humanos alimentaram preconceitos uns em relação aos outros. Diariamente, enfrentamos inúmeros preconceitos. O racial é um deles.

A discriminação é a materialização dos preconceitos. São as atitudes práticas que dão corpo e ação à disposição psicológica dos preconceitos. No caso específico da discriminação racial são as atitudes de vetar, impedir, dificultar, preterir pessoas (predominantemente negras, no caso brasileiro) em seu processo de desenvolvimento pleno como seres humanos.

O racismo. Ah, o racismo... tão presente em nossas vidas, nas instituições, na cultura e nas relações pessoais e tão ausente do rol de preocupações da intelectualidade brasileira e dos veículos formadores de opinião. A dificuldade de defini-lo – e assumir sua existência entre nós – vem do fato de o racismo constituir-se numa prática social negativa, cruel, humanamente repreensível, com a qual, ninguém, em sã consciência (afora os racistas declarados), deseja se identificar.

Revista Raça Brasil. São Paulo: Símbolo, ano 4, n. 39, nov. 1999, p. 51.

1. O texto lido deve ser considerado prioritariamente:

a) narrativo.
b) publicitário.
c) didático.
d) informativo.
e) normativo.

Texto XXII

CONSUMO ENERGÉTICO E IMPACTOS AMBIENTAIS

Demétrio Magnoli e Regina Araújo

Atualmente, os recursos energéticos mais utilizados no mundo são o carvão, o petróleo e o gás natural, à água e os minerais radioativos: juntos, eles correspondem a cerca de 90% do consumo energético mundial. A utilização de qualquer um deles acarreta danos ambientais. As fontes de energias limpas e renováveis, tais como a energia solar, a eólica e a geotérmica, ainda constituem parcelas desprezíveis no balanço energético mundial, em que pese os grandes investimentos em pesquisa realizados para torná-las mais eficientes e menos caras.

A queima do petróleo, do carvão e, em menor escala, do gás natural, libera gases poluentes na atmosfera, inclusive os gases de estufa. No caso do carvão, os impactos ambientais começam já nos procedimentos de extração – a exploração das grandes minas carboníferas devasta a cobertura vegetal. O transporte marítimo do petróleo é outra atividade potencialmente impactante, devido aos riscos de vazamento.

As grandes usinas hidrelétricas exigem a inundação de vastas áreas, causando alterações profundas nos ecossistemas. Também a fauna aquática dos rios pode ser seriamente afetada pela construção de barragens, que muitas vezes impossibilitam a migração sazonal, necessária para a reprodução de muitas espécies de peixes. Nas regiões onde a pesca é uma atividade econômica importante, o problema se torna ainda maior.

A energia nuclear, além do risco de acidentes, gera resíduos com grande poder de contaminação. A água aquecida pelos reatores transfere calor para os rios, mares e depósitos subterrâneos pelos quais circula, causando um tipo especial de poluição térmica capaz de comprometer os ecossistemas.

Certas correntes do pensamento ambientalista sustentam que despoluir o planeta implica diminuir a utilização desses recursos, ou, pelo menos, mantê-la em níveis próximos aos atuais. Entretanto os níveis de consumo vigentes nos países ricos são muitas vezes superiores aos dos países pobres.

Assim, os patamares atuais excluem grande parte da humanidade não apenas da condição de poluidores, mas, principalmente, do consumo de bens e serviços considerados essenciais, e que precisam de energia para ser produzidos e distribuídos. Por isso, outras correntes defendem que a solução mais correta seria a adoção de padrões de consumo compatíveis com a sustentabilidade ambiental dos países ricos.

1. O texto lido pertence ao tipo de texto informativo; pode-se dizer sobre a estrutura desse texto que:

a) os dados fornecidos como informação são totalmente desconhecidos dos leitores.
b) o autor procura despertar interesse, por meio do suspense, nos possíveis leitores.
c) as informações fornecidas são fundamentadas em opiniões pessoais dos autores do texto.
d) os autores partem do pressuposto de que as informações dadas possuem algum interesse para os leitores.
e) a linguagem empregada é a mais coloquial possível, para que o entendimento do texto seja feito por todas as camadas sociais.

Texto XXIII

POR TRÁS DOS LINKS, AS PESSOAS

O matemático suíço Leonhard Euler foi, em 1780, o precursor do pensamento analítico sobre redes. Suas primeiras ideias diziam que eram compostas por nós e links – elos que ligam os nós. Os links são aleatoriamente espalhados entre os nós, formando redes de distribuição aleatória. A teoria de Euler aponta para o caos, ao sustentar que não existem nós centrais e que toda a rede é desprovida de hierarquia.

A palavra rede tem assumido novas conotações, e novas estruturas de comunicação surgiram, potencializando as possibilidades de conversação e circulação da informação. As estruturas matemáticas criadas por Euler para análise das redes passaram a ganhar maior relevância, mas muitas de suas previsões se mostraram sem sentido quando começamos a olhar para as redes sociais, a forma como os seres humanos se organizam – e para como se articulam nossas ações em rede. Se Euler estivesse correto, os quase 6 bilhões de seres humanos (nós) no planeta deveriam ter aproximadamente o mesmo número de amigos (links). No entanto, nos anos 60, Stanley Milgram, um pesquisador da Universidade de Harvard, realizou um experimento que ficou conhecido como "os seis graus de separação".

A compreensão popular do experimento de Milgram aponta que estamos a apenas seis graus de qualquer pessoa no mundo. Exemplo: será que conheço alguém, que conhece outro alguém, que conhece alguém que te conhece? Estar no máximo a seis níveis de separação de qualquer outra pessoa significa que o mundo é pequeno pra caramba. Entretanto, os resultados que Milgram obteve de seus experimentos foram mais radicais. Bem diferentes. Ele descobriu situações como as seguintes:

- três níveis de separação: algumas pessoas possuem links privilegiados, logo conseguem conectar-se com outras por três níveis de separação;
- cem níveis de separação: outras pessoas precisam em torno de cem links para chegarem a outras pessoas. É sinal de que são grupos de pessoas bem mal conectados, mal posicionados na estrutura das redes sociais;
- sem links: muitas pessoas possuem poucos ou nenhum link, restando como verdadeiras ilhas

isoladas dentro da sociedade.

Surge, do experimento de Milgram, uma nova forma de enxergar as redes. O foco está nas experiências sociais. Os nós não seriam conectados aleatoriamente uns aos outros. Alguns deles aglutinam posições estratégicas, como elos. Ou seja, pessoas assumem papéis de protagonismo social a partir de suas possibilidades de conexão com outras pessoas.

Para validar tal premissa, um sociólogo norte-americano, Mark Granovetter, realizou um outro experimento no final dos anos 60. Tinha por objetivo pesquisar a forma como as pessoas procuravam emprego. Granovetter identificou que a sociedade era formada por grupos de pessoas, ou clusters. Ele percebeu que as pessoas que possuíam conexões ou relações distantes com outras fora do círculo familiar tinham duas vezes mais chances de conseguir uma vaga do que pessoas que tinham mais conexões próximas apenas no âmbito da família e dos amigos próximos. A análise de Granovetter era que grupos próximos mais fortemente conectados possuíam interesses similares, logo com menos possibilidades de inserção.

Essas descobertas geraram uma revolução no pensamento da sociologia da época. Novas propostas de como potencializar as conexões entre as redes sociais começaram a surgir. Pensando estrategicamente, o número de conexões era fundamental para ampliar a circulação da informação, seja de ideias, de vagas de emprego ou de experiências compartilhadas.

Coincidentemente ou não, estamos falando da mesma época do surgimento da Internet, as primeiras conexões entre computadores, permitindo que mensagens bastante simples fossem trocadas e que pessoas pudessem estabelecer novos links de conexão entre si.

A tecnologia que vinha sendo desenvolvida parecia permitir uma ampliação nesse potencial de conexão entre as pessoas, criando novas possibilidades de ampliação da capilaridade das redes sociais. Novas formas de conexão, de estabelecimento de links, novas formas de desenharmos nossas próprias redes e os grupos de pessoas organizados em torno da tecnologia. Surgia a dinâmica do virtual, do e-mail, das listas de discussões e das possibilidades de nos linkarmos usando as tecnologias da rede.

De lá para cá, muitas ideias foram implementadas, muitas tecnologias foram desenvolvidas. Surgiram Yahoo, Google, Orkut, MySpace, Facebook, Ning, Blogger, Youtube e tantas outras possibilidades de conversação em rede. Das muitas promessas de ampliação da conexão e do "todos conversando com todos", que as tecnologias da informação trouxeram, ainda observamos os mesmos padrões de comportamento das redes: clusters extremamente influentes nas articulações em rede e grupos isolados, com pouca ou nenhuma conectividade.

Novas tecnologias e novos desafios pela frente. O cenário está montado. Emerge um espaço para construção de um diálogo contínuo por várias lentes e percepções das dinâmicas de conversação, de desenvolvimento e ação que as novas tecnologias permitem a partir da construção de novas formas de redes sociais.

(Dalton Martins e Hernani Dimantas. In: Le Monde Diplomatique Brasil, outubro de 2007)

1. O texto XXIII deve ser classificado como:

a) descritivo, somente.

b) narrativo, somente.

c) narrativo-descritivo.

d) dissertativo.

e) injuntivo.

Texto XXIV

CRITÉRIO ARRISCADO

O exemplo veio da maior economia do mundo: as agências de regulação e desenvolvimento – caso da SEC (Securities Exchange Comission) americana, e da CVM brasileira – têm que ser mantidas salvo da submissão ou das influências políticas. Esta é a melhor forma de preservar a independência de organismos desse tipo cuja eficiência e utilidade para a economia do país são consequência direta de sua credibilidade e da independência de seus dirigentes.

Recentemente, nos Estados Unidos, o presidente da SEC, Harvey Pitt, viu-se compelido a renuncia a seu mandato. Motivo? Ele teria iludido seus colegas de conselho (diretoria da SEC), para conseguir maioria na escolha de William Webster para a liderança de um novo comitê que supervisionará a indústria da contabilidade no país.

Para conseguir o que pretendia, Pitt deixara de informar os demais membros do conselho da SEC que Webster fora chefe de auditoria de uma das companhias que, recentemente, se envolveram com fraudes contábeis. Pitt havia sido indicado para o cargo por Bush, no ano passado, e deveria cumprir um mandato de quatro anos. Diante dos fatos que envolviam Webster, e que eram parte da onda de escândalos financeiros que assola os Estados Unidos há mais de um ano, Pitt não teve alternativa.

No Brasil, o mandato fixo, de quatro anos, para os diretores e presidente da CVM, existe como forma de preservar sua independência.

Ao serem empossados em seus cargos, o presidente e diretores da Comissão de Valores Mobiliários assumem com o país os compromissos de moralidade e legalidade de seus atos, que são comuns todos os servidores públicos. E tendo em vista a gravidade de sua missão, frequentemente confrontada com interesses do mercado e do próprio governo, têm como forma de defesa de sua independência a duração de seu mandato.

A lição recente dos Estados Unidos, em que o mandato fixo não foi suficiente para amparar a ilegalidade, é boa para americanos e serve para o Brasil. O episódio Pitt mostra que o mandato de quatro anos é bom para preservar a independência dos dirigentes da agência, mas não pode servir de escudo no momento em que o agente público atue contra os superiores interesses da moralidade e da legalidade.

Mostra, também, que a melhor forma de evitar constrangimentos futuros, na escolha de dirigentes com mandatos fixos, ainda é a observância dos critérios de competência técnica e de moralidade. A pura e simples filiação partidária não deve habilitar ninguém a cargos desse tipo. O risco é um eventual constrangimento, como o que Bush experimentou ao nomear Harvey Pitt.

(Jornal do Brasil, 17/11/2002, p. A14.)

1. Do ponto de vista do modo de organização do discurso, pode-se afirmar que os parágrafos do texto são:

a) narrativos, apesar de o objetivo do texto ser essencialmente argumentativo.

b) argumentativos, mas estruturados de acordo com o modelo narrativo.

c) argumentativos, sendo que o segundo e o terceiro parágrafos têm estrutura narrativa.

d) narrativos, sendo que o primeiro, o quarto e o quinto parágrafos têm estrutura argumentativa.

e) descritivos, mas a serviço de um texto cujo objetivo é predominantemente narrativo.

Texto XXV

Vários historiadores têm procurado entender a originalidade da monarquia brasileira vinculando-a à chegada da família real ao Brasil em 1808. de fato, é no mínimo inusitado pensar numa colônia sediando a capital de um império. Chamada por Maria Odila Leite da Silva Dias de a "internacionalização da metrópole", a instalação no Brasil da corte portuguesa, que fugia das tropas napoleônicas, significou não apenas um acidente fortuito, mas um momento angular da história nacional e de um processo singular de emancipação. Fuga ou golpe político, o fato é que com D. João e sua família, e contando com a ajuda inglesa, transferiram-se para o país a própria corte portuguesa – cujo número estimado de pessoas chegava a 20 mil, sendo que a cidade do Rio possuía apenas 60 mil almas – e várias instituições metropolitanas. Mas não era só: comerciantes ingleses e franceses, artistas italianos e naturalistas austríacos vinham junto com os baús. Difícil imaginar choque cultural maior.

Transformado em Reino Unido já em 1815, o Brasil passou a distanciar-se, aos poucos, de seu antigo estatuto colonial, ganhando uma autonomia relativa jamais conhecida naquele contexto. A partir de então, o Rio de Janeiro tornou-se capital de Portugal e de suas possessões na África e na Ásia, e os portos brasileiros se abriram ao comércio britânico (seguindo o acerto feito com a Inglaterra, que assegurou o transporte da corte, mas o trocou por esse acordo comercial). Tais fatos alteraram radicalmente a situação da colônia portuguesa na América.

(Adaptado de SCHWARCZ, Lilia Moritz. As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 35-36.)

1. Quanto à organização, afirma-se corretamente que o texto

a) mescla narração e dissertação, mas dá relevo àquela, uma vez que, para a autora, devem ser destacados os acontecimentos e não os comentários avaliativo que eles suscitaram.

b) descreve o modelo administrativo e a organização hierárquica da corte que se transferiu para o Brasil, oferecendo detalhado panorama dos aspectos burocráticos que redundaram no específico feitio da nação brasileira

c) Se restringe à narração do episódio da fuga da família real para a América, destacando suas causas, os meios pelos quais se efetivou e seu impacto sobre a pátria que aqui se formara.

d) Reúne as datas e os acontecimentos tomados como mais relevantes no processo de emancipação do país, para defender a ideia de que, na configuração de um dado quadro político, o mais importante são os antecedentes históricos imediatos.

e) Mobiliza dados históricos e outros trabalhos que se debruçam sobre o tema, com o fito de comprovar a hipótese apresentada sobre a formação da monarquia brasileira.

Texto XXVI

SECRETÁRIA

Luís Fernando Veríssimo

O teste definitivo para você saber se está ou não integrado no mundo moderno é a secretária eletrônica. O que você faz quando liga para alguém e quem atende é uma máquina.

Tem gente que nem pensa nisso. Falam com a secretária eletrônica com a maior naturalidade, qual é o problema? É apenas um gravador estranho com uma função a mais. Mas aí é que está. Não é uma máquina como qualquer outra. É uma máquina de atender telefone. O telefone (que eu não sei como funciona, ainda estou tentando entender o estilingue) pressupõe um contato com alguém e não com

alguma coisa. A secretária eletrônica abre um buraco nesta expectativa estabelecida. É desconcertante. Atendem – e é alguém dizendo que não está lá! Seguem instruções para esperar o bip e gravar a mensagem.

É aí que começa o teste. Como falar com ninguém no telefone? Um telefonema é como aqueles livros que a gente gosta de ler, que só tem diálogos. É travessão você fala,

travessão fala o outro. E de repente você está falando sozinho. Não é nem monólogo. É diálogo só de um.

– Ahn, sim, bom, mmm... olha, eu telefono depois. Tchau.

O "tchau" é para a máquina. Porque temos este absurdo medo de magoá-la. Medo de que a máquina nos telefone de volta e nos xingue, ou pelo menos nos bipe com reprovação.

Sei de gente que muda a voz para falar com secretária eletrônica. Fica formal, cuida a construção da frase. Às vezes precisa resistir à tentação de ligar de novo para regravar a mensagem porque errou a colocação do pronome.

Outros não resistem. Ao saber que estão sendo gravados, limpam a garganta, esperam o bip e anunciam:

– De Augustín Lara...

E gravam um bolero.

Talvez seja a única atitude sensata.

1. Considerando o texto como um todo, podemos classificá-lo predominantemente como:

a) narrativo.
b) descritivo.
c) expositivo.
d) argumentativo.
e) conversacional.

Texto XXVII

A FLOR DO GEÓGRAFO

Dom Marcos Barbosa O.S.B.

Creio que é a terceira vez que venho falar de motoristas. Até parece que vivo andando de táxi. E tenho sempre a sorte de encontrar no volante, ao contrário dos outros, um verdadeiro gentleman.

Para que não me acusem de suspeição e de especial simpatia pela classe, aviso logo que o fato de hoje não se deu comigo,mas com o professor francês Pierre Desfontaines. Jamais esqueci, porém, a frase obscura que o ilustre geógrafo foi colher na trepidante Paulicéia.

Pierre Desfontaines, cujo nome nos fala de pedra e de fonte, não podia ser, realmente um geógrafo como os outros...

Ah, os geógrafos! Eles eram todos, quase todos, como o geógrafo do Petit Prince, que se contentava em anotar as montanhas, os rios e as cidades que os exploradores houvessem visto; mas não as flores, santo Deus! porque as flores eram efêmeras. Também não lhe interessava se os vulcões estavam extintos ou não. Só queria saber da terra, da montanha. Não do risco corrido pelos homens, tão efêmeros quanto a flor. Anotava tudo a lápis. Só depois cobria à tinta, se o explorador se mostrasse fidedigno e trouxesse provas...

Mas felizmente alguns vieram a descobrir a "geografia humana", a geografia em função do homem; e

eu vim a descobrir, por minha vez, a geografia humaníssima de Desfontaines, que me fez lamentar o árido estudo do meu tempo de ginásio e as áridas geografias que ainda hoje vejo nas mãos de tantos alunos.

O professor Desfontaines está longe de desprezar as coisas efêmeras. E por isso me trouxe a frase de quatro pétalas, que guardei como flor ressequida em velho livro, e que o chofer lhe entregara.

Voltara Desfontaines a São Paulo, onde havia estado anteriormente e morara algum tempo. Tendo contratado um carro para levá-lo não sei onde, reconheceu, ao passar, o sítio da sua antiga casa. Pediu ao chofer que parasse, saltou, foi redescobrir a fachada que lhe sorriu entre as outras, e em cujas janelas viu aparecerem a mulher e as filhas ausentes, mais moça aquela, menos crescidas estas... Viu-se a si mesmo como era, como fora, como havia sido. Até que, caindo em si – ou antes caindo de si – deu com o automóvel que largo tempo o esperava.

Subiu depressa ao carro, bateu a porta, pediu ao chofer que corresse. Quando chegou, atrasado, ao término da viagem e perguntou o preço, viu com surpresa que o chofer pedia o mesmo que antes haviam combinado.

– Mas (protestou Desfontaines) o senhor esteve parado muito tempo; não quero causar-lhe prejuízo!

E foi então que o chofer disse lentamente a sua frase, a sua flor: “Saudades não se pagam...”

1. Os quatro últimos parágrafos do texto exemplificam um modo de organização discursiva caracterizado como:

a) argumentativo.
b) informativo.
c) expositivo.
d) descritivo.
e) narrativo.

Texto XXVIII

O MEDO SOCIAL

Jurandir Freire Costa

No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado. De repente foi assaltada por um adolescente, que a roubou, ameaçando cortar a garganta do garoto. Dias depois, a mesma senhora reconhece o assaltante na rua. Acelera o carro, atropela-o e mata-o, com a aprovação dos que presenciaram a cena. Verídica ou não, a história é exemplar. Ilustra o que é a cultura da violência, a sua nova feição no Brasil.

Ela segue regras próprias. Ao expor as pessoas a constantes ataques à sua integridade física e moral, a violência começa a gerar expectativas, a fornecer padrões de respostas.Episódios truculentos e situações-limite passam a ser imaginados e repetidos com o fim de caucionar a ideia de que só a força resolve conflitos. A violência torna-se um item obrigatório na visão do mundo que nos é transmitida. Cria a convicção tácita de que o crime e a brutalidade são inevitáveis. O problema, então, é entender como chegamos a esse ponto. Como e por que estamos nos familiarizando com a violência, tornando-a nosso cotidiano.

Em primeiro lugar, é preciso que a violência se torne corriqueira para que a lei deixe de ser concebida como o instrumento de escolha na aplicação da justiça. Sua proliferação indiscriminada mostra que as leis perderam o valor normativo e os meios legais de coerção, a força que deveriam ter. Nesse vácuo, indivíduos e grupos passam a arbitrar o que é justo ou injusto, segundo decisões

privadas, dissociadas de princípios éticos válidos para todos. O crime é, assim, relativizado em seu valor de infração. Os criminosos agem com consciências felizes. Não se julgam fora da lei ou da moral, pois conduzem-se de acordo com o que estipulam ser o preceito correto. A imoralidade da cultura da violência consiste justamente na disseminação de sistemas morais particularizados e irredutíveis a ideais comuns, condição prévia para que qualquer atitude criminosa possa ser justificada e legítima.

1. "No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado. De repente foi assaltada por um adolescente..."; a passagem do pretérito imperfeito para o pretérito perfeito marca a mudança de:

a) um texto descritivo para um texto narrativo.
b) a fala do narrador para a fala do personagem.
c) um tempo passado para um tempo presente.
d) um tempo presente para um tempo passado.
e) a mudança de narrador.

2. A narrativa contida no primeiro parágrafo tem a função textual de:

a) exemplificar algo que vai ser explicitado depois.
b) justificar a reação social contra a violência.
c) despertar a atenção do leitor para o problema da violência.
d) mostrar a violência nas grandes cidades.
e) relatar algo que vai justificar uma reação social.

3. O texto acima pode ser classificado, de forma mais adequada, como:

a) narrativo moralizante.
b) informativo didático.
c) dissertativo opinativo.
d) normativo regulamentador.
e) dissertativo polêmico.

Texto XXIX

A PUBLICIDADE INFANTIL DEVE SER PROIBIDA POR LEI?

Gilberto C. Leifert

Há um caminho simples: proibir. Há o caminho correto: educar. Pois cidadãos responsáveis e consumidores conscientes se forjam com informação.

Até recentemente, a sociedade entendia ser a educação tarefa exclusiva de pais e professores. Sabiamente, esse conceito evoluiu. Cobra-se, agora, o compromisso de educar também de veículos de comunicação, publicidade, das artes etc. Não poderia haver reivindicação mais justa, dada a importância da educação – desde que não se esqueça o essencial: a responsabilidade de pais e professores continua sendo intransferível.

O Conar aplica o Código Brasileiro, que cuida da publicidade em geral e que acaba de ser atualizado e ampliado em relação aos anúncios de produtos e serviços destinados a crianças e adolescentes. A autorregulamentação recomenda ainda que os anúncios não desmereçam valores sociais ou provoquem discriminação, em particular daqueles que não sejam consumidores do

produto, tampouco associem crianças e adolescentes a situações incompatíveis com sua condição, sejam elas ilegais, perigosas ou socialmente condenáveis.

Mais: a publicidade, entre outras recomendações, não deve: impor a noção de que o consumo do produto proporciona superioridade ou, na sua falta, inferioridade; provocar situação de constrangimento aos pais com o propósito de impingir o consumo; empregar crianças e adolescentes como modelos para vocalizar apelo direto, recomendação ou sugestão de uso ou consumo, tipo "peça para mamãe comprar" ou "faça como eu, use".

Essas recomendações – e outras mais – são, para o Conar, contribuições muito mais efetivas à formação dos futuros consumidores do que a simplista proibição das mensagens.

Lembrando B. Russel: para todo problema complicado há uma solução simples, rápida, de baixo custo e ... errada.

1. O texto é do tipo argumentativo e a tese apresentada por seu autor pode ser resumida do seguinte modo:

a) educar, sim; proibir, não.
b) proibir é melhor que educar.
c) educar é mais fácil que proibir.
d) educar é proibir.
e) proibir, segundo a lei.

Texto XXX

FASCISMO SOCIAL NO PAÍS DO SOCIÓLOGO

Walter Ceneviva – Folha de São Paulo, 16/06/2001

A definição dos objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil está no artigo 3º de nossa Constituição. São todos de grande nobreza e esperança. Valem como pólos de concentração ideal para o povo, como destinos a serem alcançados pelo Brasil, na permanente viagem de nossos sonhos.

O primeiro desses objetivos consiste em realizar uma sociedade livre, justa e solidária. Para ser livre, a sociedade terá liberdades públicas asseguradas a todos. Cidadania livre é cidadania sem intervenção excessiva do poder. No país das medidas provisórias, o cidadão acorda tolhido, dia após dia, com e sem "apagões" e "caladões". Para que a sociedade possa ser tida como justa, é necessário diminuir as distâncias sociais, com pobres menos pobres. Depois que a moeda se estabilizou, durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, honra seja feita, houve melhora nesse campo, mas o Brasil ainda é dos mais atrasados do mundo na satisfação das necessidades sociais do ser humano.

A solidariedade proclamada no texto constitucional deve ser espontânea, colhida na consciência de cada um e, pelo menos, da população mais aquinhoada em favor dos que têm pouco. A solidariedade do artigo 3º da Constituição precisa, porém, ser catalisada pelo Estado para o trabalho espontâneo em favor dos menos favorecidos. O objetivo social exigirá da administração pública e de seus funcionários que atuem em favor dos cidadãos, com eles e não contra eles, como se os considerassem inimigos. O desenvolvimento nacional, segunda das grandes metas do país, tem ido bem no plano econômico. Progredimos em termos materiais, mas não o quanto baste.

O terceiro e o quarto objetivos fundamentais, previstos no artigo 3º, são projetos de um sonho estratosférico. Erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir desigualdades sociais e regionais é

trabalho para séculos. Não há nação do mundo sem faixas de miserabilidades – nem as mais ricas. A promoção do bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação carece de remédio forte, como criminalização das condutas contrárias. Sem a ameaça grave de sanções, a cobra raivosa do preconceito continuará agindo no coração de muitas pessoas.

A Carta proíbe a discriminação entre o homem e a mulher (artigo 5º, I, e artigo 226, parágrafo 5º), contra as liberdades fundamentais, e a prática do racismo (artigo 5º, incisos XLI e XLII). No trabalho, veda distinções quanto ao salário, ao exercício de funções e aos critérios de admissão por motivo de sexo, idade, cor ou estado civil (artigo 7º, inciso XXX). O sociólogo português Boaventura de Souza Santos, professor da faculdade de Economia da Universidade de Coimbra falando recentemente a esta Folha, verberou a polarização da riqueza em muitos países, inclusive no nosso, em condições parecidas com a dos Estados fascistas tradicionais. Exemplificou com grupos criminosos que substituem o Estado em certas regiões (vide o PCC) e com a parte corrupta da polícia, colaboradora do crime organizado, não se sabendo onde acaba a administração pública e começa a sociedade.

Boaventura lembra a incapacidade de redistribuição da riqueza, permitindo que o capitalismo opere contra o pobre, e não a favor dele. Chama essa situação de fascismo social. Neste país, presidido por um sociólogo, precisamos meditar sobre as insuficiências gerais e as do direito em particular, afirmadas pelo sábio sociólogo português. Meditar para corrigi-las.

1. O texto que serve de motivo a esta prova pode ser classificado, de forma mais adequada, como:

a) argumentativo opinativo.
b) narrativo moralizante.
c) expositivo informativo.
d) argumentativo polêmico.
e) expositivo didático.

Texto XXXI

AS RAÍZES DO CARÁTER NACIONAL

Dante Moreira Leite

Parece possível distinguir duas tendências fundamentais na reação ao grupo estranho: uma de admiração e aceitação, outra de desprezo e recusa.

Aparentemente, quase todos os seres humanos apresentam essas duas tendências fundamentais. A participação em nosso grupo provoca sentimentos de segurança e bem-estar, pois supomos entender que os que falam a nossa língua têm um passado em comum conosco, e também sabem o que esperar de nós. Mesmo quando nos desentendemos, sabemos por que isso ocorre, podemos esperar que nosso interlocutor acabe por nos entender e aceitar. E nisso talvez a linguagem desempenhe um papel fundamental, pois os homens geralmente são incapazes de utilizar perfeitamente mais que uma língua, e só naquela aprendida na infância somos capazes de exprimir todas as sutilezas do pensamento, todas as formas de ódio e amor. Além disso, o local em que nascemos e crescemos, a paisagem que conhecemos, tudo isso parece constituir um universo próximo e amigo, cujo reencontro é sempre uma alegria e uma consolação.

No outro extremo, o estrangeiro provoca a nossa desconfiança, às vezes o nosso medo. Nem sempre entendemos os seus gestos e certamente não compreendemos a sua língua. Ele não se veste como

nós, a sua fisionomia pode ser diferente da nossa e não adora nossos deuses. Entre os primitivos, o estrangeiro passava por uma complexa cerimônia, destinada a afastar os malefícios que trouxesse de seus demônios; ao voltar de uma viagem, as pessoas deveriam permanecer isoladas por algum tempo, até que delas se afastassem os demônios estranhos, acaso encontrados pelos caminhos.

E, no entanto, sentimos que o contrário também é verdade. Frequentemente sonhamos com o país distante, a terra prometida onde possamos realizar nossos desejos. Sentimos que aqueles que mais nos conhecem são também capazes de ignorar o que de melhor trazemos conosco. E o provérbio "ninguém é profeta em sua terra" traduz precisamente essa ideia de que não podemos compreender integralmente quem está muito próximo de nós. As situações novas, além disso, são atraentes e provocantes: o novo ou o desconhecido parece, pelo menos durante algum tempo, mais belo e atraente do que o velho; os nossos olhos parecem mais penetrantes ao observar a nova paisagem, ao admirar outras figuras humanas.

O caráter nacional brasileiro, SP. Pioneira, 1976. p.11.

1. O texto pode ser predominantemente classificado como:

a) descritivo.
b) narrativo.
c) argumentativo.
d) conversacional.
e) didático.

Texto XXXII

Um novo fantasma ronda os consultórios pediátricos: as lesões músculo-esqueléticas. O alerta vem do médico Clóvis Artur Almeida da Silva, responsável pela Unidade de Reumatologia Pediátrica do Instituto da Criança, do Hospital das Clínicas (HC), em São Paulo. Segundo o especialista, cada vez maior o número de pacientes com dores e lesões músculo-esqueléticas provocadas pelo uso excessivo de videogames e computadores. Os sintomas da doença são dores nas mãos e nos punhos, fadiga, comportamento agressivo, cefaléia e dores no abdômen, na coluna e no tórax. Além disso, o médico alerta para outros problemas que podem estar associados ao uso de computadores e videogames: a obesidade, o desinteresse pelo alimento (anorexia) e as convulsões por fotoestimulação, que acontecem em crianças já propensas ao problema.

1. Pelo conteúdo e estrutura do texto, pode-se dizer que sua preocupação maior é:

a) ensinar.
b) informar.
c) prever.
d) prevenir.
e) atemorizar.

Texto XXXIII

POR QUE O BUDISMO ENCANTA O OCIDENTE?

Frei Betto

O budismo faz tanto sucesso no Ocidente porque possui características que correspondem às tendências da pós-modernidade neoliberal. Num mundo em que muitas religiões se sustentam em estruturas autoritárias e apresentam desvios fundamentalistas, o budismo apresenta-se como uma

não religião, uma filosofia de vida que não possui hierarquias, estruturas nem códigos canônicos. No budismo não há a ideia de Deus, nem de pecado. Centrado no indivíduo e baseado na prática da yoga e da meditação, o budismo não exige compromissos sociais de seus adeptos, nem submissão a uma comunidade ou crença em verdades reveladas. Há, contudo, muitos budistas engajados em lutas sociais e políticas. Nessa cultura do elixir da eterna juventude, em que o envelhecimento e morte são encarados, não como destinos, mas como fatalidades, o budismo oferece a crença na reencarnação. Acreditar que será possível viver outras vidas além dessa é sempre consolo e esperança para quem se deixa seduzir pela ideia da imortalidade e não se sente plenamente realizado nessa existência.

Outro aspecto do budismo que o torna tão palatável no Ocidente é a sua adequação a qualquer tendência religiosa. Pode-se ser católico ou protestante e abraçar o budismo como disciplina mental e espiritual, sem conflitos. Mesclar diferentes tradições religiosas é uma tendência crescente para quem respira a ideologia pós-moderna do individualismo exacerbado, segundo a qual cada um de nós pode ser seu próprio papa ou pastor, sem necessidade de referências objetivas. Como método espiritual, o budismo é de grande riqueza, pois nos ensina a lidar, sem angústia, com o sofrimento; a limpar a mente de inquietações; a adotar atitudes éticas; a esvaziar o coração de vaidades e ambições desmedidas; a ir ao encontro do mais íntimo de nós mesmos, lá onde habita aquele Outro que funda a nossa verdadeira identidade.

1. Pela estrutura e conteúdo, a melhor definição para esse tipo de texto é:

a) narrativo didático, pois ensina e mostra diferentes aspectos em ordem cronológica.

b) expositivo preditivo, pois antecipa situações futuras das relações entre as crenças.

c) argumentativo polêmico, pois apresenta ideias que defendem uma posição contra outras possíveis.

d) descritivo informativo, pois informa características novas sobre o budismo, que são de interesse geral.

e) dissertativo normativo, pois visa dar normas de conduta aos leitores.

Texto XXXIV

A CIÊNCIA NO SÉCULO XXI

Noventa e sete por cento das espécies vivas, 80.000 proteínas produzidas pelo corpo e bilhões de galáxias ainda não foram identificados. Quase nada sabemos da natureza do Universo, da origem da Vida, do funcionamento dos climas, do desenvolvimento do embrião e do cérebro.

Provavelmente não se descobrirá ainda no século XXI de onde surgiu o Universo, nem como começou a vida na Terra, nem como o cérebro engendra o pensamento e a consciência, nem se outras formas de vida existem em outros lugares. Em compensação, outras questões que hoje não são formuladas serão resolvidas, pois se descobrirá que certas respostas consideradas definitivas estavam totalmente equivocadas.

(Dicionário do século XXI – Jacques Attali)

1. O livro de onde foi retirado esse texto é um dicionário sobre o século XXI, publicado no século XX, o que o mostra como um livro de profecias.

Analise os itens a seguir:

I. “Noventa e sete por cento das espécies vivas, 80.000 proteínas produzidas pelo corpo e bilhões

de galáxias ainda não foram identificados."

II. "Quase nada sabemos da natureza do Universo, da origem da Vida, do funcionamento dos climas do desenvolvimento do embrião e do cérebro."

III. "Provavelmente não se descobrirá ainda no século XXI de onde surgiu o Universo, nem com começou a vida na Terra."

IV. "Em compensação, outras questões que hoje não são formuladas serão resolvidas."

O(s) item(s) que melhor mostra(m) a presença desse discurso preditivo é/são:

a) I – II
b) III – IV
c) IV
d) II – III – IV
e) I – II – III – IV

Texto XXXV

A ARTE NA NOSSA VIDA

Jô Oliveira e Lucília Garcez

Você pode pensar que não conhece arte, que não convive com objetos artísticos, mas estamos todos muito próximos da arte. Nossa vida está cercada dela por todos os lados. Ao acordar pela manhã e olhar o relógio para saber a hora, você tem o primeiro contato do dia com a arte. O relógio, qualquer que seja o seu desenho, passou por um processo de produção que exigiu planejamento visual. Especialistas estudaram e aplicaram noções de arte. A forma do seu relógio é resultado de uma longa história da imaginação humana e das suas preferências. A cor, a forma, o volume, o material que foram escolhidos estão testemunhando o tempo e a transformação do gosto e da técnica. Ao observá-lo, você observa que é um objeto antigo ou moderno, você reconhece que quem o desenhou preferia formas curvas ou retas, ou ainda dourado, e até pedrinhas brilhantes. Quem escolhe um relógio para comprar decide com base em suas preferência pessoais. Alguns preferem os mais elaborados, outros preferem os mais simples. É o gosto pessoal que predomina, e este pode variar infinitamente. Varia porque recebe influências de acordo com a idade, com a época, com o meio social em que a pessoa vive. E, como nos diz a sabedoria popular: "gosto não se discute". Mas, quem sabe, possamos discutir o gosto? Em outros objetos do seu quarto e de seu cotidiano você pode observar a presença da arte: na estampa de seu lençol, no desenho da sua cama, no formato da sua escova de dentes, no desenho da torneira e da pia do banheiro, na xícara que você toma leite, nos talheres, no modelo do carro, no formato do telefone. Em todos os objetos há um pouco de arte aplicada. Esse esforço para produzir objetos bonitos, agradáveis ao olhar atraentes e harmoniosos, está em todas as culturas, em todas as civilizações. E em nosso dia a dia.

1. Pela leitura do texto, podemos classificá-lo como:

a) informativo.
b) didático.
c) publicitário.
d) instrucional.
e) normativo.

Texto XXXVI

AS TARTARUGAS DE HERON

Heloísa Seixas

Amanhece na ilha de Heron. Sobre a imensa faixa de areia, que se estende em curva até desaparecer na bruma da manhã, despeja-se uma lua violácea, que pouco a pouco se encorpa. Mas é somente quando o sol oblíquo já incide sobre as areias e a água, sobre a vegetação rasteira e os tufos de algas que brilham nas pedras com a maré baixa, é só então – nunca antes – que se pode notar o primeiro movimento na praia.

De início, quase imperceptível. Alguns grãos de areia deslocados, apenas. Depois um movimento um pouco mais brusco, mais ousado, pequeno terremoto subterrâneo que suga a areia para dentro de si mesma. Os grãos estremecem, revoltam-se, até que, finalmente, após longa luta, uma forma de cor escura irrompe à superfície. É a cabecinha de uma tartaruga.

Logo, surgem outras. E mais outras, por toda parte. Ao longo de uma enorme extensão de areia, as tartarugas recém-nascidas caminham com seus passos incertos em direção ao mar da Austrália. Nem todas conseguirão alcançá-lo. Muitas morrerão ao longo do caminho até as ondas, levadas por aves predadoras, ou se perderão, confundidas pelo sol. Outras, tenazes, resistirão. Serão mais rápidas ou terão mais sorte – e logo seus pequenos corpos escuros serão apenas uma nódoa no mar de esmeralda líquida. Estarão salvas para cumprir seu destino.

E esse destino é nadar, seguir em frente. As tartarugas de Heron, assim que mergulham no mar, nadam incansavelmente em direção à Nova Zelândia, atravessando as águas do Mar da Tasmânia por anos a fio. Levam praticamente a vida toda nessa travessia, apenas para, um dia, voltar. Então, descrevem uma longa curva e atravessam de volta o oceano, rumo à mesma praia da ilha de Heron onde nasceram. Ali, já adultas, vão pôr seus ovos na areia – para que o ciclo da vida recomece.

Soube de tudo isso ao assistir a um documentário na televisão. E fiquei pensando. As tartarugas de Heron se parecem um pouco conosco.

Elas, como nós, atravessam o longo arco da vida – tão atribulada, tão cheia de batalhas – e, no fim das contas, vão parar no mesmo lugar. São navegantes sem sentido, mas que continuam, sempre e sempre, nadando rumo a seu destino. Nadam com grande afinco, empregando nas braças toda a sua energia, ano após ano, sem saber bem por que o fazem, talvez sem sequer pensar no sentido dessa trajetória. Mas vão em frente, navegam – como nós. Porque é preciso.

1. O texto começa pela descrição da ilha de Heron. Um texto descritivo é caracterizado fundamentalmente por:

a) ações que ocorrem em uma sequência cronológica.

b) reflexões sobre aspectos problemáticos da vida.

c) registro de elementos caracterizadores de uma realidade.

d) citação de informações sobre determinado objeto.

e) conjunto de pensamentos inacabados.

2. Fernando Pessoa, grande poeta português, disse em um de seus poemas que “Navegar é preciso, mas viver não é preciso”; as últimas palavras do texto:

a) demonstram que a autora do texto plagiou o poeta.

b) mostram que Fernando Pessoa conhecia a vida das tartarugas.

c) indicam a presença de um texto em outro.

d) documentam uma paródia das palavras do poeta.
e) ironizam as belas palavras do poema.

Texto XXXVII

PRISÃO DE VENTRE NA ALMA (fragmento)

Leandro Konder

Todos estamos nos tornando, hoje, mais desconfiados do que no passado. Com exceção das pessoas que se dispõem a pagar um preço altíssimo por uma unidade monolítica, somos todos bastante divididos interiormente.

Para o bem ou para o mal, vão rareando as convicções inabaláveis. Uma parte de nós quer acreditar, outra é descrente. Gostaríamos de ter segurança para acreditar em coisas que ninguém pode assegurar que são inteiramente dignas de nossa confiança.

As verdades do crente dependem da fé, enquanto a fé existe. Mas a fé também pode deixar de existir; ela não depende da razão, nem da ciência; depende de Deus, que a deu e pode tirá-la. O filósofo Pascal já no século XVII afirmava que a nossa razão serve, no máximo, para nos ajudar a fazer apostas mais convenientes.

As verdades científicas, por sua vez, dependem da história, são periodicamente revistas, reformuladas. As novas descobertas e as novas invenções não se limitam a complementar os conhecimentos já adquiridos: exigem que eles sejam rediscutidos e às vezes drasticamente modificados.

E as verdades filosóficas? Quanto maiores forem os pensadores que as enunciam, mais acirrada será a controvérsia entre eles. As verdades filosóficas se contradizem, umas questionam as outras.

Somos envolvidos, então, por uma onda de ceticismo. É possível que essa onda já tenha tido alguns efeitos favoráveis à liberdade espiritual dos indivíduos, ao fortalecimento neles do espírito crítico. É possível que ela tenha de algum modo "limpado o terreno" para um diálogo mais desenvolto entre as criaturas, para valores mais comprometidos com o pluralismo, contribuindo para a superação de algumas formas rígidas e dogmáticas de pensar.

Dentro de limites razoáveis, o ceticismo atenua certezas, suaviza conclusões peremptórias e abre brechas no fanatismo. Na medida em que se espraia indefinidamente, contudo, ele traz riscos graves. A própria dinâmica de um ceticismo ilimitado apresenta uma contradição insuperável.

O poeta Brecht expressou esse impasse num poeminha que tem apenas três versos e que não pode deixar de ser reproduzido aqui:

"Só acredite no que seus olhos veem e no que seus ouvidos escutam.
Não acredite nem no que seus olhos veem e seus ouvidos escutam.
E saiba que, afinal, não acreditar ainda é acreditar."

Realmente, quem não acredita, para estar convencido de que não está acreditando, precisa acreditar em seu poder de não acreditar. Aquele que não crê, curiosamente, está crendo na sua descrença.

1. O texto de Leandro Konder deve ser considerado como:

a) didático.
b) informativo.
c) argumentativo.
d) expressivo.

e) narrativo.

2. Característica abaixo que marca predominantemente os textos descritivos é:

a) a atenção às ações ou acontecimentos.
b) a sucessão temporal.
c) uso do pretérito perfeito do indicativo.
d) a presença marcante de substantivos e adjetivos.
e) pretende discutir, informar ou expor.

Texto XXXVIII

DE UMA VIDA A OUTRA

Segundo o Ministério da Saúde, em janeiro de 2003 havia 51.760 pessoas na lista de espera para transplante.

Dado o tamanho do país – e, infelizmente, o grau de violência – seria de se esperar que o auxílio viesse rápido. De certa forma, a população está mais sensibilizada para o problema. O número de doações cresce desde 1997. De lá até o ano passado, saltamos de 3.932 para 8.031 transplantes realizados. As estatísticas mostram que o Brasil é o segundo do mundo em doações em números absolutos, perdendo dos Estados Unidos. Proporcionalmente ao tamanho da população, fica em nono lugar. Ou seja, o brasileiro é generoso, mas precisa fazer mais.

Isto É, fevereiro de 2003.

1. Este é um texto informativo. Sobre esse tipo de texto só *não* se pode dizer que:

a) o informante deve ter um conhecimento que o receptor não possui.
b) o texto deve ter elementos que produzam interesse pela leitura.
c) a informação veiculada pelo texto deve ser comunicada de forma clara.
d) o texto contém informações de interesse para todos.
e) a fonte da informação do texto é dada de forma clara.

* Os textos XXXIX a LIII foram retirados de provas elaboradas pela banca do Cespe/UnB.

Texto XXXIX

Até recentemente, o impacto que as atividades humanas tinham sobre o ambiente que nos cerca era relativamente limitado. Provinha da construção das próprias cidades, de estrada e da expansão da fronteira agrícola, que desmatou a Europa Ocidental nos últimos cinco séculos, como está ocorrendo hoje com a Amazônia.

O grande responsável pela degradação ambiental nos últimos cem anos, contudo, foi o uso crescente de energia. À medida que carvão e petróleo começaram a ser usados em grandes quantidades, os problemas ambientais aumentaram, como ficou evidente em acidentes e outros eventos ligados diretamente ao uso de energia.

As causas da degradação ambiental são muitas e incluem produção e uso de fertilizantes, emissões de mercúrio e de chumbo e outras, resultantes de atividades industriais. Entretanto, a mais importante delas é a queima de combustíveis fósseis (carvão, petróleo e gás). Cerca de 75% das emissões de dióxido de carbono, a principal causa do efeito estufa, provêm dessa queima. Cerca da metade do petróleo derramado nos oceanos vem do seu transporte. Mais de 80% do enxofre (responsável pela chuva ácida) e um terço das emissões de partículas são provenientes das impurezas de carvão e petróleo.

Por essa razão, a solução dos problemas ambientais depende do modo como se produz e consome energia. Será eliminando as causas que se poderão diminuir os efeitos. Soluções existem e elas dependem essencialmente do uso crescente de energias renováveis, como energia hidrelétrica e o uso de biomassa (que é o nome genérico dado à madeira e aos produtos agrícolas, como cana-de-açúcar, da qual se podem produzir combustíveis sofisticados, como álcool). Além dessas, há ainda a energia dos ventos e a transformação direta da luz do Sol em eletricidade.

No mundo todo, a energia renovável representa 16% do consumo, mas a porcentagem é muito maior nos países em desenvolvimento, sobretudo no Brasil, onde atinge 60%.

É claro que o uso de combustível fóssil não vai desaparecer em um futuro próximo, mas é preciso preparar-se, porque as reservas conhecidas de petróleo e gás são finitas e não devem durar mais do que quatro ou cinco décadas. Muito antes disso, haverá escassez desses produtos e custos crescentes. A procura de alternativas energéticas deve começar agora.

(José Goldemberg. O Estado de S. Paulo, 21/03/2000 (com adaptações).

1. Em relação ao texto XXXIX, julgue os itens abaixo:

a) O uso do pronome de primeira pessoa do plural na expressão "nos cerca" (l. 1-2) indica que o autor desenvolve um texto subjetivo, pessoal, opinativo, em que a impessoalidade e a neutralidade científica estão ausentes.

b) Trata-se de um texto em que predomina a modalidade narrativa, pois o essencial é a focalização nos acontecimentos, nos agentes e nos cenários em as ações se desenrolam.

c) Infere-se do texto que o desmatamento da Amazônia tem como causa a expansão da fronteira agrícola.

d) A ideia central do texto está sintetizada no período das linhas 16 e 17 e no último período (l. 28-29).

e) A argumentação do texto desenvolve-se com base na oposição: energia proveniente de combustíveis fósseis e de reservas finitas *versus* energia proveniente de fontes renováveis.

Texto XL

A Revolução Industrial provocou a dissociação entre dois pensamentos: o científico e tecnológico e o humanista. A partir do século XIX, a liberdade do homem começa a ser identificada com a eficiência em dominar e transformar a natureza em bens e serviços. O conceito de liberdade começa a ser sinônimo de consumo. Perde importância a prática das artes e consolidam-se a ciência e a tecnologia. Relega-se a preocupação ética. A procura da liberdade social se faz sem considerar-se sua distribuição. A militância política passa a ser tolerada, mas como opção pessoal de cada um.

Essa ruptura teve o importante papel de contribuir para a revolução do conhecimento científico e tecnológico. A sociedade humana se transformou, com a eficiência técnica e a consequente redução do tempo social necessário à produção dos bens de sobrevivência.

O privilégio da eficiência na dominação da natureza gerou, contudo, as distorções hoje conhecidas: em vez de usar o tempo livre para a prática da liberdade, o homem reorganizou seu projeto e refez seu objetivo no sentido de ampliar o consumo. O avanço técnico e científico, de instrumento da liberdade, adquiriu autonomia e passou a determinar uma estrutura social opressiva, que servisse ao avanço técnico e científico. A liberdade identificou-se com ideia de consumo. Os meios de produção, que surgiram do avanço técnico, visam ampliar o nível dos meios de produção.

Graças a essa especialização e priorização, foi possível obter-se o elevado nível de potencial-de-

liberdade que o final do século XX oferece à humanidade. O sistema capitalista permitiu que o homem atingisse as vésperas da liberdade em relação ao trabalho alienado, às doenças e à escassez. Mas não consegue permitir que o potencial criado pela ciência e tecnologia seja usado com a eficiência desejada.

(Cristovam Buarque. Na fronteira do futuro. Brasília: EDUnB, 1989. p.13) (com adaptações).

1. Quanto à organização do texto XL, julgue os itens a seguir.

a) A argumentação do texto estrutura-se em três eixos principais: ciência e tecnologia, busca da liberdade e militância política.

b) A tese para esse texto argumentativo pode assim ser resumida: nem todo "potencial-de-liberdade" gera liberdade com a eficiência desejada.

c) Para organizar o texto, predominantemente argumentativo, o autor recorre a ilustrações temáticas e trechos descritivos sobre condições das sociedades.

d) O fragmento a seguir, caso fosse utilizado como continuidade do texto, manteria a coerência da argumentação: Existe, assim, uma ambiguidade entre a ampliação dos horizontes da liberdade e os resultados, de fato, alcançados pelo homem.

Texto XLI

MERECEMOS UMA CHANCE

– Até amanhã.

Eram mais de 22 horas de uma segunda-feira quando me despedi de minha amiga e colega M. "Até amanhã", respondeu M. E no amanhã M. não estava mais dando duro em sua cadeira, linda e jovial como a cada dia, cumprindo, compromissos e agendando tarefas. No dia seguinte M. estava num hospital, com hematomas da cabeça aos pés, nariz quebrado, dentes amolecidos e hemorragia interna.

Acontece que entre o até amanhã e o amanhã a juventude e a jovialidade de M. deram de cara com três psicopatas em busca de diversão. Eles a levaram a Osasco, na Grande São Paulo, e bateram nela até cansar. M. foi abandonada numa estrada, seminua e ensanguentada, enquanto seus carrascos procuravam outra vítima, "mais nova que essa". Que tipo de pessoa é capaz de cometer uma brutalidade dessas? Não basta uma classificação psiquiátrica ou sociológica. Tente imaginar a alma de um sujeito assim, e o que se vê é um poço sem fim, o real em estado puro. O horror, o horror.

Certos tipos de crime são independentes da sociedade em que se inserem. Em países ricos ou pobres, em povos cultos ou ignorantes, materialistas ou religiosos, capitalistas ou social-democratas, entre suecos ou tanzanianos, sempre torturadores compulsivos, assassinos seriais, estupradores etc. de alguma maneira, isso faz parte da natureza humana.

Não se trata aqui de uma aposentada na miséria furtando remédios na farmácia (e provavelmente sendo presa). Estamos falando no crime como modo de vida. Existe gente que literalmente vive disso. Se quer dinheiro, rouba. Não para "matar a fome", mas para comprar a melhor cocaína e o último Honda. Se gente assim quer se divertir, junta alguns amigos do mesmo caráter e escolhe mulheres ao acaso no trânsito. Na mesma delegacia onde M. prestou queixa, estavam arquivadas 10 outras ocorrência iguais.

Para casos assim existe essa instituição chamada polícia. Polícia é um serviço público, pago com nossos impostos, e não a encarnação do mal, este papel simplista que intelectuais, jornalistas e

artistas costumam lhe reservar. Seu dever é proteger os não criminosos dos criminosos. Mas a polícia não está cumprindo seu papel. Há uma guerra nas ruas. É um assalto dos marginais ao resto, a tão decantada classe trabalhadora. É na periferia das grandes cidades que esses degenerados fazem suas primeiras vítimas. Assassinatos, crimes sexuais, roubo, tudo acontece primeiro e pior em bairros populares.

Qual a solução? Educação? Sim, mas... Um marmanjo que escolhe suas vítimas ao acaso não precisa exatamente de educação. Aliás, muitos criminosos têm educação esmerada, e até mesmo dinheiro. São violentos porque são.

Policiamento? Óbvio. Mas no Brasil a segurança da população não é prioridade. O salário dos policiais foi enterrado no último prejuízo do Banco do Brasil. A verba das armas foi distribuída entre cabides de empregos de prefeituras falidas. Sem estrutura, paralisada pela burocracia, a polícia brasileira não protege a sociedade de seus criminosos. É o tipo de problema que parece não ter solução. Mas pode ter. Temos que buscar opções, e não apenas chorar o sangue derramado. O importante é que M. não seja mais atacada por psicopatas sem freios. Nem N., nem O., nem P. Nós os não criminosos, merecemos uma chance.

Dagomir Marquezi, Exame, p.126, 17/12/1997 (com adaptações).

1. A compreensão de um texto decorre de vários fatores. Com referência à tipologia textual e ao nível de linguagem utilizado pelo autor, julgue os itens a seguir.

a) O texto é eminentemente dissertativo, apesar de conter trechos narrativos.

b) O primeiro parágrafo reproduz, em discurso direto, as últimas palavras que o autor ouviu de M. na noite anterior à morte de sua amiga.

c) Há, no segundo e no terceiro parágrafos, passagens descritivas relativas à vítima e aos seus assaltantes.

Texto XLII

A CONFLITANTE FORMAÇÃO DE VALORES DAS NOVAS GERAÇÕES

A família tem sido considerada a célula-base da sociedade; ela concebe e desenvolve novos indivíduos, reproduzindo e alterando valores sociais, das mais variadas formas. A ela é confiada a responsabilidade de formar gerações. Questiona-se, entretanto, se a família estaria, realmente, desempenhando esse papel e formando gerações moral e eticamente saudáveis, ou delegando essa responsabilidade a terceiros, arriscando-se a produzir conflitos dessa ordem consigo mesma.

Faz-se necessário verificar que a dinâmica social que enfrentamos impingiu-nos a transferir o papel de criação de nossos filhos às creches e escolas, bem como a diminuirmos nosso tempo de contato com eles, resultando prejudicada a transferência direta de valores de uma para outra geração.

Tende a ocorrer, então, uma padronização nos valores dos novos seres, uma vez que, em cada faixa social, predomina um código ético e moral distinto e bastante definido. Ainda que, por vezes, estes se mesclem, a tendência para uma massificação, quer de grupos ou global, cujo controle nos foge, é inevitável.

A consequência de uma relação social como a descrita, no âmbito da família que carece de tempo de convívio e de ideias comuns, é a suscetibilidade ao rompimento brusco da intimidade familiar, devido a confrontos entre pessoas que, embora ligadas pelo mesmo sangue, não aprenderam juntas os caminhos e o valor da vida. Pode ocorrer, então, o surgimento de uma geração que ficará à mercê de conceitos sociais pluralistas os quais, embora preparem a família para enfrentar e reproduzir a

sociedade, não lhe garantem a transferência dos valores entre as gerações.

André Felipe G. Martins. Desmistificando a redação. Florianópolis: Palloti, 1997. p. 64 (com adaptações).

Texto XLIII

GERAÇÃO LIBERAL – APLAUSO OU DEGOLA?

Às vésperas do terceiro milênio, labirintos misteriosos da ciência e doenças outrora incuráveis vêm sendo desvendados. Mas, à medida que se desenvolve, o século da urgência expõe à guilhotina famílias inocentes, desnorteadas com o constante processo de mudanças sociais por que passamos.

Depois do período de ditadura militar brasileiro, de 1964 a 1979, o excesso de liberdade e a falta de rigidez na instrução dos filhos surgem como consequência da repressão e do autoritarismo que os pais vivenciaram décadas atrás. As não raras cenas de hoje de violência e injustiça também contribuem para a degradação da família. Habituadas ao cotidiano de assaltos, brigas e sequestros, as crianças levam para dentro dos próprios lares atitudes agressivas – espelho do mundo moderno.

Grande parte dessa culpa atribui-se, ainda, à necessidade de nossa era consumista, que mantém os pais longe de casa, pois o trabalho, colocado em primeiro plano, absolve-lhes bastante tempo. Para compensar a carência afetiva a que estão sujeitos seus filhos, os pais tentam, por meio de dinheiro, recuperar a integração em casa; compram-lhes brinquedos, roupas e calçados da moda.

Assim, o progresso tecnológico, com um riso irônico, lega aos homens seus inventos mirabolantes, mas debocha do crescimento desordenado e rápido de uma sociedade contraditória, que se moderniza cientificamente, mas regride no âmbito dos valores morais. É preciso que se descubra o que torna o homem inerme diante de tal situação, para que se possa resgatar a união e a identidade da instituição família, pois ainda há tempo para se evitar a degola da mesma.

Lisiane Schneider. Desmistificando a redação. Florianópolis: Palloti, 1997. p. 75 (com adaptações).

1. Confrontando a tipologia textual e as ideias dos textos XLII e XLIII, julgue os itens a seguir.

a) Os dois textos dissertam acerca do mesmo assunto, qual seja, o conflito familiar na educação das novas gerações.

b) Ambos os textos estruturam-se com um parágrafo introdutório, de âmbito geral, dois blocos em que se enfocam desdobramentos do tema e um parágrafo conclusivo, em que se arrematam as ideias já apresentadas.

c) Enquanto o texto XLII focaliza o assunto sem detalhar o fator temporalidade, o texto XLIII situa problema no tempo e no espaço, circunscrevendo-se à realidade brasileira da segunda metade do século XX.

d) Há em comum aos dois textos o argumento de que a diminuição do tempo de permanência dos pais com os filhos é um dos fatores responsáveis pelo aumento de conflitos.

Texto XLIV

Não se sabia bem onde nascera, mas não fora decerto em São Paulo, nem no Rio Grande do Sul nem no Pará. Errava quem quisesse encontrar nele qualquer regionalismo: Quaresma era antes de tudo brasileiro. Não tinha predileção por esta ou aquela parte de seu país, tanto assim que aquilo que o fazia vibrar de paixão não eram só os pampas do Sul com seu gado, não era o café de São Paulo, não eram o ouro e os diamantes de Minas, não era a beleza da Guanabara, não era a altura da Paulo Afonso, não era o estro de Gonçalves Dias ou o ímpeto de Andrade Neves – era tudo isso

junto, fundido, reunido, sob a bandeira estrelada do Cruzeiro.
Logo aos dezoito anos quis fazer-se militar; mas a junta de saúde julgou-o incapaz. Desgostou-se, sofreu, mas não maldisse a Pátria. O ministério era liberal, ele se fez conservador e continuou mais do que nunca a amar a "terra que o viu nascer". Impossibilitado de evoluir-se sob os dourados do Exército, procurou a administração e dos seus ramos escolheu o militar.
Era onde estava bem. No meio de soldados, de canhões, de veteranos, de papelada inçada de quilos de pólvora, de nomes de fuzis e termos técnicos de artilharia, aspirava diariamente aquele hálito de guerra, de bravura, de vitória, de triunfo, que é bem o hálito da Pátria.
Durante os lazeres burocráticos, estudou, mas estudou a Pátria, nas suas riquezas naturais, na sua história, na sua geografia, na sua literatura e na sua política. Quaresma sabia as espécies de minerais, vegetais e animais, que o Brasil continha; sabia o valor do ouro, dos diamantes exportados por Minas, as guerras holandesas, as batalhas do Paraguai, as nascentes e o curso de todos os rios. Defendia com azedume e paixão a proeminência do Amazonas sobre todos os demais rios do mundo. para isso ia até o crime de amputar alguns quilômetros ao Nilo e era com este rival do "seu" rio que ele mais implicava. Ai de quem o citasse na sua frente! Em geral, calmo e delicado, o major ficava agitado e malcriado, quando se discutia a extensão do Amazonas em face da do Nilo.
Havia um ano a esta parte que se dedicava ao tupi-guarani. Todas as manhãs, antes que a "Aurora, com seus dedos rosados, abrisse caminho ao louro Febo", ele se atracava até ao almoço com o Montoya, Arte y diccionario de la lengua guarani ó más bien tupi, e estudava o jargão caboclo com afinco e paixão. Na repartição, os pequenos empregados, amanuenses e escreventes, tendo notícia desse estudo do idioma tupiniquim, deram não se sabe por que em chamá-lo – Ubirajara. Certa vez, o escrevente Azevedo, ao assinar o ponto, distraído, sem reparar quem lhe estava às costas, disse e tom chocarreiro: "Você já viu que hoje o Ubirajara está tardando?"
Quaresma era considerado no Arsenal: a sua idade, a sua ilustração, a modéstia e honestidade de seu viver impunham-no ao respeito de todos. Sentindo que a alcunha lhe era dirigida, não perdeu a dignidade, não prorrompeu em doestos e insultos. Endireitou-se, concentrou o pince-nez, levantou o dedo indicador no ar e respondeu:
– Senhor Azevedo, não seja leviano. Não queira levar ao ridículo aqueles que trabalham em silêncio, para a grandeza e a emancipação da Pátria.

Lima Barreto. Triste fim de Policarpo Quaresma. Rio de Janeiro: Record, 2ª ed., 1998, p. 17-8.

1. No que diz respeito à tipologia textual, assinale a opção incorreta.

a) Apesar de conter passagens narrativas, o texto é fundamentalmente uma descrição de Policarpo Quaresma.
b) Há, no texto, três ocorrências de discurso direto.
c) Em "do Amazonas em face da do Nilo" (l. 22), o vocábulo extensão é subentendido.
d) Nas linhas 23 e 24, o trecho entre aspas não se identifica com o estilo predominante no texto.
e) A expressão "louro Febo" (l. 24) é uma alusão ao Sol.

Texto XLV

O ANÔNIMO

Tão logo o carteiro entregou a correspondência, Eduardo foi em busca daquilo que, a experiência já lhe ensinara, certamente estaria ali: a carta anônima. De fato, não tardou a encontrar o envelope,

àquela altura familiar, o seu nome e endereço escritos em neutra letra de imprensa, e a nenhuma indicação de remetente (alguns missivistas anônimos usam pseudônimo. Aquele não fazia concessões, nada fornecia que pudesse alimentar especulações com respeito à identidade).

Com dedos um pouco trêmulos – a previsibilidade nem sempre é o antídoto da emoção – Eduardo abriu o envelope. Continha, como de outras vezes, uma única folha de papel ofício manuscrita em letra de imprensa. Como de hábito, começava afirmando: "Descobri teu segredo.". Nova linha, parágrafo, e aí vinha a acusação.

No presente caso: desonestidade. "Todos acham que você é um homem sério, correto", dizia a carta. "mas nós dois sabemos que você não passa de um refinado patife. Você está roubando seu sócio, Eduardo. Há muito tempo. Você vem desviando dinheiro da firma para a sua própria conta bancária. Você disfarça o rombo com supostos prejuízos nos negócios. Seu sócio, que é um homem bom, acredita em você. Mas a mim você não engana, Eduardo. Eu sei de tudo que você está fazendo. Conheço suas trapaças tão bem como você".

Eduardo não pôde deixar de sorrir. Boa tentativa, aquela, do missivista anônimo. Desonestidade na firma, isto não é tão incomum. Com um sócio tão crédulo como era o Ênio, Eduardo de fato não teria qualquer dificuldade em subtrair dinheiro da empresa.

Só que ele não estava fazendo isso. Em termos de negócios, era escrupulosamente honesto. Mais que isto, muitas vezes repassara dinheiro para a conta de Ênio – um trapalhão em matéria de finanças – sem que este soubesse. Honesto – e generoso. Contudo, como certos caçadores tão pertinazes quanto incompetentes, o autor da carta anônima atirara no que vira e acertara no que não vira.

Eduardo enganava Ênio, sim. Mas não na firma. Há meses – em realidade, desde que aquela história das cartas anônimas começara – tinha um caso com a mulher do sócio, Vera: grande mulher. Claro, não poderia garantir que não sentia um certo prazer em passar para trás o amigo que sempre fora mais brilhante e mais bem sucedido do que ele, mas, de qualquer forma, isto nada tinha a ver com a empresa. Desonestidade nos negócios? Não. Tente outra, missivista. Quem sabe na próxima você acerta. Tente. Tente já.

Sentou à mesa, tomou uma folha de papel ofício e escreveu, numa bela mas inconspícua letra de imprensa: "Descobri teu segredo."

Moacyr Scliar. Correio Braziliense, Caderno Dois, p. 2, 21/12/1997 (com adaptações).

1. Com referência à tipologia textual e ao nível de linguagem do texto, julgue os itens seguintes.

a) A história acerca das cartas anônimas, conforme contada pelo autor, apresentando-se na forma de uma narrativa curta, densa, exemplifica o que é conhecido por conto.

b) Os trechos registrados entre aspas no texto estão dispostos na forma de discurso indireto.

c) As passagens descritivas são predominantes nos quatro últimos parágrafos.

Texto XLVI

A OCASIÃO DESFEZ O LADRÃO

Chácaras sempre foram lugares de pequenos furtos. Pás, enxadas, rastelos, galinhas, porcos e cavalos costumam desaparecer mato adentro e como a polícia não dá conta nem mesmo dos crimes contra o patrimônio urbano, a população rural costuma dar por encerrado o assunto.

Mas como nem todo mundo é todo mundo, o caseiro Raimundo das Chagas não se contentou em ver desaparecer do quintal do patrão, no Lago Oeste, um carrinho de mão que usava para carregar

adubo. Era um veículo velho, rodas desgastadas e desajeitado, que costumava ranger quando convocado ao trabalho.

Desapareceu, no mesmo dia, um botijão de gás. Pois carrinho e botijão sumiram entre o entardecer e o dia claro. Com certeza, saíram um furto sobre o outro.

Raimundo foi criado para ver as coisas sempre no lugar, com um sentimento de justeza raro nesses dias. Resolveu sair a esmo, conversando nos botecos, perto das mesas de sinuca, relatando – com falsa ingenuidade – o sumiço do carrinho de mão.

Soube num quiosque bem mais adiante, quase chegando no Poço Azul, que um rapaz de nome João estava vendendo um botijão de gás. O tal não trabalhava, vivia encostado na casa da mãe, na rua de baixo, e era suspeito de vários outros furtos nas proximidades.

Não passou meia hora e Raimundo chegava à casa de João, um barraco descascado, de um rosa pálido e manchado, que um dia foi pintado de cal misturada com um pouquinho de tubo xadrez vermelho. O carro de mão encostara-se perto da porta da cozinha e o botijão podia ser visto do outro lado, quase beirando o poço.

João estava lá ouvindo rádio sentado sobre uma tora de madeira. Raimundo não planejou nem avaliou o risco da empreitada. Aproximou-se do moleque – porque o rapaz era franzino, pouco mais que um menino –, levantou a voz apenas um tom acima do habitual, pegou o garoto pela orelha, como faz um pai à moda antiga, e o obrigou a levar o carrinho de mão e o botijão, sete quilômetros acima, até o lugar de onde havia sido tirado.

Não falou muito, não deu lição de moral, tão inevitável numa situação dessas.

O pequeno ladrão obedeceu, pálido, resmungando alguma coisa bem baixinho – não se sabe o quê.

Muitos os viram passar, subindo a ladeira que margeia o Parque Nacional, na DF-001, mas quase ninguém supôs que ali se aplicava um castigo educativo.

– Nunca mais ele mexe no que é dos outros, repete Raimundo nas poucas vezes em que fala do assunto.

A lição parece ter servido. Desde então não mais se teve notícias de furtos naquelas proximidades.

Caderno Cidades: Coisas da vida Correio Brasiliense, 26/1/1998 (com adaptações).

1. Quanto à tipologia textual apresentada, assinale a opção incorreta.

a) "A OCASIÃO DESFEZ O LADRÃO" é um texto predominantemente narrativo.

b) No primeiro parágrafo, ocorre uma passagem dissertativa: a reflexão acerca dos crimes contra o patrimônio urbano e rural.

c) As indicações "Lago Oeste" (l. 5), "Poço Azul"(l. 13) e "Parque Nacional" (l. 27) não são suficientes para se concluir que o episódio narrado é um fato verídico.

d) A descrição do ladrão, feita pelo autor, encontra-se, principalmente, nos parágrafos quinto e sétimo.

e) O penúltimo parágrafo, iniciado por um travessão, evidencia a presença de um diálogo, ratificando aquele insinuado no parágrafo oitavo.

Texto XLVII

ESTA PROMISSORA AMÉRICA LATINA

Em sua posse no cargo de ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, o embaixador Sérgio Amaral reafirmou o explícito entusiasmo de enfrentar o desafio de incrementar as exportações brasileiras. Ficou claro para todos que ele expressava uma posição de governo,

enfatizada pelo presidente da República, em uma demonstração de que o espírito das autoridades federais está inoculado pela causa e de que a compreensão do que significa uma ação coordenada, visando à inserção do Brasil na economia internacional, começa a se disseminar. Entre outras coisas, o ministro declarou: "Nossa prioridade é o Mercosul".

O governo federal foca seus esforços no aumento das exportações brasileiras e na direção certa, mas há uma agenda aguardando definições e atos, particularmente no que diz respeito aos juros – que precisam ser reduzidos a patamares compatíveis com os praticados nos lugares do mundo onde nossos concorrentes se financiam. Espera-se também uma maior disponibilidade de recursos nos programas de fomento às exportações; uma reforma tributária, que é urgente; um aperfeiçoamento da legislação trabalhista e uma ampliação e melhoria da infraestrutura nacional, principalmente no setor de transportes. Esse conjunto de fatores – enquanto não definidos e implementados – é que torna as empresas brasileiras vulneráveis no jogo do comércio internacional. Mas a questão da América do Sul merece uma análise especial.

Dinheiro é um facilitador das transações, mas não é a única forma de relação comercial. O mundo moderno não pode menosprezar a sabedoria de nossos antepassados, que sobreviveram séculos fazendo trocas. Um bom exemplo de alinhamento entre estratégias empresariais e apoio governamental, que resultou em uma equação, é o caso da Odebrecht em Angola: esta construtora constrói a hidrelétrica de que o país africano necessita, e o governo angolano paga com petróleo, produto abundante naquele país.

O fato é que existe um vasto mercado para exportação na América do Sul que não pode ser desconsiderado. Politicamente, esse é o mercado do Brasil, e o Brasil é o mercado para sua viabilização. O governo federal não deve fechar-se sobre o Mercosul. Precisamos assumir o papel geopolítico de liderança em toda a América do Sul, até porque nossa condição diferenciada no contexto mundial facilita a captação de capitais internacionais, para financiar, aqui, operações dessa natureza. A infraestrutura de transportes, geração de energia e telecomunicações e as riquezas do subsolo estão esperando por investimentos. Se não os fizermos, outros farão.

Emílio Odebrecht. Ícaro Brasil, nov/2001, p. 28-30 (com adaptações).

1. Aplicando conhecimentos acerca de tipologia, estrutura e organização de um texto em parágrafos, julgue os itens a seguir, segundo as ideias desenvolvidas no texto XLVII.

a) No primeiro parágrafo, fica explícita a disposição do governo em enfrentar o desafio do aumento das exportações brasileiras, prioritariamente junto aos países que compõem o Mercosul.

b) No segundo parágrafo, alude-se à ampliação dos limites do mercado, de forma a abranger todo o continente sul-americano, e levantam-se algumas estratégias de ação para viabilizar esse propósito: redução dos juros, aumento da disponibilidade de recursos, reforma tributária, aperfeiçoamento da legislação trabalhista e ampliação e melhoria da infraestrutura de transportes.

c) O terceiro parágrafo, predominantemente narrativo, apresenta o ponto de vista do narrador acerca do dinheiro, da sabedoria dos antepassados e das estratégias empresariais do governo africano para com o petróleo.

d) O quarto parágrafo descreve o vasto mercado para a exportação da América do Sul, além do Mercosul, o papel geopolítico de liderança brasileira na região sul-americana, a condição diferenciada do Brasil no contexto mundial e a infraestrutura brasileira de transportes, de geração de energia, de telecomunicações e de tecnologia.

e) Nesse texto, eminentemente dissertativo, o autor discute o assunto do incremento das exportações

brasileiras na América do Sul, apresentando vários argumentos que teriam, em tese, o intuito de fazer o leitor partilhar do seu ponto de vista, que está resumindo na última ideia do texto: "Se não o fizermos, outros farão".

Texto XLVIII

Há dessas reminiscências que não descansam antes que a pena ou língua as publique. Um antigo dizia arrenegar de conviva que tem memória. A vida é cheia de tais convivas, e eu sou acaso um deles, conquanto a prova de ter a memória fraca seja exatamente não me acudir agora o nome de tal antigo; mas era um antigo, e basta.

Não, não, a minha memória não é boa. Ao contrário, é comparável a alguém que tivesse vivido por hospedarias, sem guardar delas nem caras nem nomes; e somente raras circunstâncias. A quem passe a vida na mesma casa de família, com os seus eternos móveis e costumes, pessoas e afeições, é que se lhe grava tudo pela continuidade e repetição. Como eu invejo os que não esqueceram a cor das primeiras calças que vestiram! Eu não atino com a das que enfiei ontem. Juro só que não eram amarelas porque execro essa cor; mas isso mesmo pode ser olvido e confusão.

E antes seja olvido que confusão; explico-me. Nada se emenda bem nos livros confusos, mas tudo se pode meter nos livros omissos. Eu, quando leio algum desta outra casta, não me aflijo nunca. O que faço, em chegando ao fim, é cerrar os olhos e evocar todas as coisas que não achei nele. Quantas ideias finas me acodem, então! Que de reflexões profundas! Os rios, as montanhas, as igrejas que não vi nas folhas lidas, todos me aparecem agora com as suas águas, as suas árvores, os seus altares; e os generais sacam das espadas que tinham ficado na bainha, e os clarins soltam as notas que dormiam no metal, e tudo marcha com uma alma imprevista.

É que tudo se acha fora de um livro falho, leitor amigo. Assim preencho as lacunas alheias; assim podes também preencher as minhas.

Machado de Assis. Dom Casmurro. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996, p. 79.

1. No segundo parágrafo do texto, o autor usa o exemplo de quem passa a vida "na mesma casa de família" para reforçar sua ideia de que:

a) a convivência rotineira favorece as lembranças de pessoas e fatos.
b) ele próprio poderia ser um conviva de muito boa memória.
c) a vida familiar faz lembrar somente as circunstâncias, e não os fatos.
d) viver em casa de família ou em hospedarias faz mal à memória.
e) viver em família com seus eternos móveis e costumes descansa a mente e estimula a memória.

2. Assinale a opção que apresenta uma frase narrativa do texto.

a) "Há dessas reminiscências".
b) "Um antigo dizia arrenegar de conviva que tem memória".
c) "A vida é cheia de tais convivas".
d) "Não, não, a minha memória não é boa".
e) "Quantas ideias finas me acodem, então".

Texto XLIX

MISS DOLLAR

Era conveniente ao romance que o leitor ficasse muito tempo sem saber quem era Miss Dollar. Mas, por outro lado, sem a apresentação de Miss Dollar, seria o autor obrigado a longas digressões, que

encheriam o papel sem adiantar a ação. Não há hesitação possível: vou apresentar-lhes Miss Dollar.

Se o leitor é rapaz e dado ao gênio melancólico, imagina que Miss Dollar é uma inglesa pálida e delgada, escassa de carnes e de sangue, abrindo à flor do rosto dois grandes olhos azuis e sacudindo ao vento umas longas tranças louras. A moça em questão deve ser vaporosa e ideal como uma criação de Shakespeare; deve ser o contraste do roastbeef britânico, com que se alimenta a liberdade do Reino Unido. (...) O chá e o leite devem ser a alimentação de semelhante criatura, adicionando-se-lhe alguns confeitos e biscoitos para acudir às urgências do estômago. A sua fala deve ser um murmúrio de harpa eólia; o seu amor um desmaio, a sua vida uma contemplação, a sua morte um suspiro. (...). A figura é poética, mas não é a da heroína do romance. (...)

A Miss Dollar do romance não é a menina romântica. (...) Miss Dollar é uma cadelinha galga.

Para algumas pessoas a qualidade da heroína fará perder o interesse do romance. Erro manifesto. Miss Dollar, apesar de não ser mais que uma cadelinha galga, teve as honras de ver o seu nome nos papéis públicos, antes de entrar para este livro. O Jornal do Comércio e o Correio Mercantil publicaram nas colunas dos anúncios as seguintes linhas reverberantes de promessa:

"Desencaminhou-se uma cadelinha galga, na noite de ontem, 30. Acode ao nome de Miss Dollar. Quem a achou e quiser levar à rua de Matacavalos no. ..., receberá duzentos mil-réis de recompensa. Miss Dollar tem uma coleira ao pescoço fechada por um cadeado em que se leem as seguintes palavras: De tout mon coeur."

Todas as pessoas que sentiam necessidade urgente de duzentos mil-réis, e tiveram a felicidade de ler aquele anúncio, andaram nesse dia com extremo cuidado nas ruas do Rio de Janeiro, a ver se davam com a fugitiva Miss Dollar.

Machado de Assis. Contos: uma antologia, v. I, São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 123-5.

1. Considere que parte dos quatro primeiros parágrafos do fragmento desse conto seja retirada, desaparecendo, portanto, as ideias ali expressas e permanecendo desse trecho apenas o período final do quarto parágrafo – "O Jornal do Comércio e o Correio Mercantil publicaram nas colunas dos anúncios as seguintes linhas reverberantes de promessa:". Nesse caso, é correto afirmar que o restante do texto ficará:

a) incompreensível.
b) muito prejudicado por perda de informações sobre o perfil da heroína.
c) sem a apresentação de outras personagens que participam da história.
d) sem a informação de que a cadelinha galga era a heroína da história.
e) mais curto apenas, sem perda de qualquer informação importante para a história.

2. O primeiro parágrafo do texto mostra que o autor pretende:

a) não apresentar a heroína, para criar mistério.
b) fazer longas digressões, para criar suspense.
c) encher o papel de ideias inúteis para a história.
d) apresentar logo a heroína e iniciar a ação.
e) hesitar todo o tempo que for possível.

3. O segundo parágrafo do texto consiste principalmente em uma descrição:

a) de personagem secundária.

b) de personagem principal.
c) de alguém que não é a heroína.
d) do local onde vive a heroína.
e) da vilã da história.

4. O autor do texto manifesta opinião pessoal no(s) trecho(s):
I. "Era conveniente ao romance que o leitor ficasse muito tempo sem saber".
II. "publicaram nas colunas dos anúncios as seguintes linhas reverberantes de promessa".
III. 'Miss Dollar tem uma coleira ao pescoço fechada por um cadeado'.
Assinale a opção correta.
a) Apenas um dos itens está certo.
b) Apenas os itens I e II estão certos.
c) Apenas os itens I e III estão certos.
d) Apenas os itens II e III estão certos.
e) Todos os itens estão certos.

Texto L

GLOBALIZAÇÃO

A globalização começou no dia em que um anônimo primitivo, em alguma parte do continente ainda sem nome, movido por um sentimento de curiosidade, caminhou além dos limites conhecidos por sua tribo e encontrou um grupo de desconhecidos, com o qual entabulou algum tipo de comunicação. A partir daquele momento, os homens nunca mais pararam de caminhar, de olhar ao redor e de integrar-se em um processo de globalização cada vez mais amplo.

Desde o final do século XV, com a invenção de novos equipamentos de navegação e as grandes descobertas, esse processo se espalhou por todo o planeta, ao mesmo tempo em que aumentava a influência européia no mundo. No século XIX, o telégrafo submarino reduziu o tempo com que as informações, as ordens e as diversas decisões importantes chegavam a diversos lugares do mundo – em pontos específicos, em quantidades limitadas e com alguma defasagem de tempo.

O processo atual de globalização se diferencia do iniciado há centenas de milhares de anos porque o mundo se tornou um só e instantâneo. O conhecimento das informações, o acesso às coisas e a influência do poder ficaram internacionais e chegam ao mesmo tempo em todas as partes. Globalização é essa "simultaneidade totalizante", que se instalou sem uma integração entre os homens. Para surpresa de todos que observam o mundo global, a globalização torna iguais os seres, não importa o grupo a que pertençam, mas faz com que dentro de cada grupo as pessoas sejam mais diferentes entre elas do que no passado.

Uma das maiores manifestações linguísticas na fronteira entre os séculos XX e XXI é a ideia de globalização como um processo de internacionalização. A globalização é um processo de disseminação das ideias, da cultura e dos objetivos sociais dos Estados Unidos. No lugar de globalização, há uma ameriglobalização. A melhor prova disso é que esse país defende a abertura comercial, mas fecha suas fronteiras e toma medidas protecionistas sempre que necessário.

Cristovam Buarque. Admirável mundo atual – dicionário pessoal dos horrores e esperanças do mundo globalizado. São Paulo: Geração Editorial, 2001. p. 29 (com adaptações).

1. Analisando a tipologia do texto e a síntese das ideias nele desenvolvidas, assinale a opção incorreta.

a) O primeiro parágrafo apresenta o mais remoto indício da globalização, título do texto, de forma expositiva, sem haver posicionamento explícito do autor frente aos acontecimentos.

b) O segundo parágrafo mostra a evolução do processo, em uma retrospectiva histórica, desde o final do século XV, tempo e, que a influência europeia no mundo se fez marcante, até o século XIX, quando as informações chegavam a diversos lugares do mundo "em quantidades limitadas e com alguma defasagem de tempo".

c) No terceiro parágrafo, o autor, de forma descritiva e privilegiando a apresentação do quadro global em vários pontos do planeta, discorre a respeito do processo de total simultaneidade, instalada sem uma integração entre os homens.

d) No quarto parágrafo, o autor desmistifica a visão corrente de que a globalização é um processo neutro de internacionalização, exemplificando com a atuação da sociedade norte-americana perante o mundo.

e) Em todo o texto predomina a estrutura dissertativa, por meio da qual o assunto é abordado, em linguagem objetiva e referencial, obedecendo a um viés cronológico, do passado ao presente.

Texto LI

O laudo médico-pericial é utilizado como prova técnica, devendo estar isento de tendências, vícios e distorções – condição básica para atingir seu objetivo principal: descrever e interpretar fatos médicos para a correta aplicação da justiça, cumprindo seu papel como um dos principais instrumentos de garantia aos Direitos Universais do Homem.

Não importa se vítima ou agressor: o periciado tem o direito de ser visto e respeitado como homem, sendo examinado em ambiente neutro, sem a presença de estranhos, devendo sentir-se seguro e livre de coações. Enfim, contar com total liberdade para relatar sua versão dos fatos. Por sua vez, o médico-legista deve exercer seu mister livre de constrangimentos, coações ou pressões de quaisquer espécies, mantendo o respeito incondicional pelo homem.

Para deixar mais claro: a própria Resolução CFM n. 1.635, de 9 de maio de 2002, veda ao médico a realização de exames médico-periciais de corpo de delito em seres humanos no interior dos prédios e(ou) dependências de delegacias, seccionais ou sucursais de polícia, unidades militares, casas de detenção e presídios. Proíbe, ainda, exames de corpo de delito em seres humanos contidos por algemas ou por qualquer outro meio – exceto quando o periciado oferecer risco à integridade física do médico-perito.

Como ficaria a posição do legista, trabalhando no interior de delegacias policiais, quartéis ou casas de detenção, repleta de policiais, caso assistisse à violação dos direitos humanos? Seria uma simples testemunha ou um perito médico, com obrigação legal de relatar os fatos? Um legista não é (e não pode ser visto como) testemunha ou cúmplice dos fatos.

Nunca, jamais, devem acontecer ocorrências que levem o periciado a confundir a figura imparcial e isenta do médico-legista (interessado na busca da verdade, por meio da prova técnica) com o aparelho repressor do Estado. Sua função é descrever, por meio da observação atenta e minuciosa, os fatos ocorridos, interpretando-os para a justiça, com seus conhecimentos de medicina.

Internet: <www.bioetica.org.br> (com adaptações).

1. A partir do texto, assinale a opção que resume, corretamente, a ideia do parágrafo correspondente.

a) primeiro parágrafo – apresentação de função, característica e objetivo dos laudos

médicos-periciais.

b) segundo parágrafo – relato da necessidade de agressores e vítimas descreverem as versões dos fatos, responsavelmente.

c) terceiro parágrafo – narrativa sintética dos princípios da Resolução CFM n. 1.635, de 9 de maio de 2002.

d) último parágrafo – argumentação imparcial em defesa da isenção dos médicos-legistas.

Texto LII

TEMPO E ARTISTA

Imagino o artista num anfiteatro
Onde o tempo é a grande estrela
Vejo o tempo obrar a sua arte
Tendo o mesmo artista como tela
Modelando o artista ao seu feitio
O tempo, com seu lápis impreciso
Põe-lhe rugas ao redor da boca
Como contrapesos de um sorriso
Já vestindo a pele do artista
O tempo arrebata-lhe a garganta
O velho cantor subindo ao palco
Apenas abre a voz, e o tempo canta
Dança o tempo sem cessar, montando
O dorso de exausto bailarino
Trêmulo, o ator recita um drama
Que ainda está por ser escrito
No anfiteatro, sob o céu de estrelas
Um concerto eu imagino
Onde, num relance, o tempo alcance a glória
E o artista, o infinito.

Chico Buarque de Holanda. Para todos.
SONOPRESS, BMG, Ariola Discos Ltda.

1. Considerando as ideias do texto, é correto afirmar que o autor:

a) apresenta o tempo como um inimigo implacável da carreira do artista;

b) mostra divergências existentes entre a imaginação do artista e a ação do tempo;

c) relata acontecimentos vividos por um artista através dos tempos;

d) sustenta que, na sua imaginação, a estrela do espetáculo é o tempo, e não o artista.

Texto LIII

Lembrei-me daquele começo de campanha e do seu esforço para conseguir uma notinha. Você, que nunca foi jornalista, acionou a imprensa como nós todos juntos não conseguimos. No início, cheguei a ouvir: “Mais velho do que a fome só o Betinho”. Em pouco tempo, você fez de si novidade e da fome, notícia. Você se impôs e nos pôs a serviço de sua causa.

Algumas pessoas o classificavam como assistencialista, idealista, utópico, querendo dizer que não

passava de um sonhador. Como bom mineiro, você ria. Elas não percebiam que você sabia que não ia abolir a fome nem erradicar a miséria. O que queria era tirar o país do conformismo, passar da indignação à ação, mostrar que a fome e a miséria são um escândalo. O que você quis foi derrotar a razão cínica e substituí-la por uma razão ética.

Zuenir Ventura. Como imaginar que dessa vez era pra valer? In: Crônicas de um fim de século. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999, p. 216 (com adaptações).

1. Com relação às ideias e aos aspectos gramaticais do texto, julgue os itens que se seguem.

a) No primeiro parágrafo do texto, o autor narra o empenho de uma pessoa para instituir uma campanha de combate à fome e à miséria.

b) No segundo parágrafo do texto, o autor estabelece uma oposição entre dois tipos existentes de "razão".

Gabarito comentado:

Textos I e II

1. D. Ambos os textos apresentam linguagem formal, sem apresentarem discurso coloquial.

Texto III

1. D. O texto "Protesto tímido" é um exemplo de crônica, por ser narrativo, com aspectos dissertativos. O autor vem relatar o que lhe aconteceu certo dia ao se deparar com um menor abandonado. Ao longo do texto, ele descreve características do menor, bem como das cenas em que se envolveu, tecendo também comentários sobre o problema que a narração ilustra. A letra A, portanto, é eliminada, já que se trata de narração e não de registros históricos; a letra B não deve ser considerada, já que o estilo a predominar é o narrativo. Quanto à letra C, não se trata necessariamente de uma coluna de jornal. No entanto, a letra D diz que este é um pequeno conto, fato que pode se perceber pela extensão do texto, que não é verdadeiro.
2. B. Os tempos verbais – pretérito imperfeito e pretérito perfeito – são características dos modos descritivo e narrativo, respectivamente. A descrição indica ações contínuas, duradouras – representadas pelo pretérito imperfeito. Já o pretérito perfeito evidencia ações que se sucederam em uma evolução cronológica – característica do texto narrativo.
3. D. O uso da primeira pessoa do plural é uma forma de o narrador se incluir no texto, manifestar sua opinião. Nesse caso, eliminam-se automaticamente as outras opções da questão.
4. B. Ainda que o narrador manifeste comiseração ("escurinho, de seis ou sete anos, não mais"), certa revolta ("vinte e cinco milhões de menores – um dado abstrato, que a imaginação não alcança"), desprezo ("Imagino que ele venha a ser um desses que se esgueiram como ratos em trono aos botequins e lanchonetes e nos importunam cutucando-nos de leve – gesto que nos desperta mal contida irritação") e tristeza ("Para entender, só mesmo imaginando meu filho largado no mundo..."), o tom predominante no texto, que aparece fortemente ao final do texto é o de remorso ("Mas a verdade é que hoje eu vi meu filho dormindo na rua, exposto ao frio da noite, e além de nada ter feito por ele, ainda o confundi com um monte de lixo.").
5. A. Pergunta retórica é aquela que não busca resposta por parte do interlocutor, muitas vezes por ser esta óbvia, que é o que ocorre com a letra A. As outras perguntas não são retóricas por suscitarem reflexão por parte do leitor do texto – suas respostas são importantes para a compreensão da mensagem do texto.

Texto IV

1. D. O título do texto apresenta tom irônico. O autor, com o uso das aspas, já indica sua opinião – o ato de pichar é mais um comportamento vândalo do que um ato de livre manifestação.
2. A. O texto IV é dissertativo polêmico, pois apresenta duas formas de se encarar a mesma questão: o ato de pichar como resultado da liberdade de expressão ou como vandalismo. Quanto à letra B, o que se tem é a inversão das características: a liberdade de expressão é legal e o vandalismo é ilegal. Já a letra C não está correta porque só o primeiro argumento é a favor do aparecimento das pichações, não os dois. No entanto, a letra D extrapola o texto, pois não se tratou do pensamento das autoridades sobre as pichações. E a letra E está errada, pois não são duas realidades que ocorrem simultaneamente: pelo contrário – elas se excluem.
3. D. Ainda que o autor manifeste claramente sua crítica a respeito do tema, o texto é dissertativo polêmico, pois apresenta duas visões do mesmo assunto.

Textos V e VI

Letra A – Ambos os textos são dissertativos. Assertiva errada.

Letra B – Assertiva certa. O primeiro texto fala das fronteiras das nações-estados e as fronteiras da empresa moderna, tema mais específico, menos amplo do que o do segundo texto, que trata das estruturas políticas mundiais.

Letra C – Assertiva errada. Ambos os textos trazem a tecnologia sob uma visão positiva.

Letra D – Assertiva errada. O texto V é que fala da alteração das políticas atuais.

Letra E – Assertiva errada. Ambos os textos são dissertativos. *Das nações-estados* e *o alcance da empresa moderna*. Já o segundo texto trata de um âmbito mais amplo, de nível mundial.

Texto VII

1. A. A primeira linha do texto é reescrita na letra A, pois, ao se falar em "recente documento", está se falando em "atualidade" e ao mencionar "elaborado pelo IBGE", quer-se dizer "credibilidade".
2. C. As letras A e D são eliminadas por falarem em "criticar" e "mostrar soluções", características do texto argumentativo, e não informativo. A letra B extrapola o problema apresentado pelo texto ao mencionar "poluição ambiental". Da mesma forma, a letra E extrapola, pois o texto não trata dos principais problemas do país. Por ser informativo, o texto tem como meta aumentar o conhecimento do leitor sobre o assunto em questão – o lixo.
3. B. O texto é informativo, tem como função prioritária denunciar um grave problema. As outras alternativas devem ser eliminadas, pois o texto não é argumentativo, com valor de conselho, acusação, crítica ou elogio.

Texto VIII

1. C. Ao se falar da "marca da morte", alude-se aos males produzidos pelo fumo; além disso, a expressão "marca nos cigarros" alude às embalagens do cigarro. A letra A omite a informação sobre as embalagens dos cigarros, presente no título. A letra B extrapola o título. A letra D contradiz o texto. A letra E, embora seja condizente com o texto, não é a reescritura do seu título.
2. E. O que se depreende do texto é que o jornalista, ao citar por extenso o significado da forma abreviada ANVS, pretendia esclarecer eventuais dúvidas por parte de algum leitor. A letra A não é verdadeira porque a tradução de uma abreviatura não transforma um texto algo mais ou menos resumido. A letra B é uma generalização excessiva – os textos informativos podem ou não usar

abreviaturas. A letra C é uma extrapolação, pois explicitar uma abreviatura não significa direcionar um texto para uma classe não culta. Já a letra D vai além do objetivo do autor do texto, pois esclarecer uma abreviatura não pode significar a intenção do autor de enfatizar o poder de uma lei.

3. C. A resolução da ANVS é um texto normativo, pois estabelece regulamento, norma. Já o texto-imagem é publicitário, pois procura convencer o leitor a aderir a uma ideia: fumar prejudica a saúde.
4. E. Todas as alternativas representam características do texto informativo, exceto a última: o autor procura ser objetivo e impessoal, daí não serem comuns trechos interativos com o leitor.

Texto IX

1. A. O início do 2º parágrafo é a chave para essa resposta, pois afirma que o anúncio de revista é "fantástico para um sujeito que dispõe desse tempo...". A letra B apresenta uma generalização excessiva. Quanto à letra C, o texto não afirma que somente o texto rico em informações é capaz de convencer o leitor a comprar um produto; no entanto, a letra D confunde quantidade de informações com gosto estético e a letra E extrapola o texto.
2. C. O texto que explica, expõe dados, é o texto informativo. Já aquele que trata do funcionamento de algum objeto é o texto instrucional, que instrui o leitor a realizar algum tipo de ação. Eliminam-se, portanto, as outras alternativas.
3. A. Mais explicitamente no quarto parágrafo, o autor deixa clara a sua intenção de "vender uma ideia" – o outdoor ("Ótimo para anúncios institucionais ou promocionais de qualquer produto ou serviço"). Excluem-se automaticamente as outras opções.
4. E. O horóscopo, por ser um texto preditivo, é rico em previsões; o livro didático possui como meta ensinar; o dicionário é um texto que apresenta definições, conceitos; a bula de remédio, por ser um texto informativo, é rica em informações. Entretanto, o outdoor possui como característica principal a ausência de detalhes. A letra E contradiz o texto.

Texto X

1. E. O texto deve ser classificado como dissertativo didático – seu objetivo é ensinar o leitor como se processa uma entrevista. O único parágrafo que não apresenta tal tom didático, por veicular uma opinião do leitor, é o último: ele é o único parágrafo com características argumentativas.

Texto XI

1. B. Ao se falar em água insalubre, o autor antecipa a conotação negativa da água, que será tratada no texto, daí eliminarmos as letras A e C. Quanto à letra D, o título só anuncia um problema, não tendo, portanto, conteúdo trágico. A letra E é falsa, pois o assunto da Aids é mencionado no texto, não no título.
2. B. O texto tem como meta informar, acrescentar informações ao leitor acerca de um grave problema – a água.

Texto XII

1. B. O texto "Raízes" é um texto narrativo, composto de duas histórias – uma narrativa que se inicia na linha 3, que é secundária, sobre uma pedreira – e uma narrativa principal, que é a base do texto, sobre uma inglesa de origem afegã. É a essa narrativa que o autor alude na 3ª linha, quando anuncia "a história que eu vou contar".

Texto XIII

1. C. O texto XIII é informativo, sua principal finalidade é informar sobre uma época em que o se humano não sabia contar.

Texto XIV

1. B. O texto XIV é expositivo – ele expõe fatos, problemas. Além disso, o autor manifesta, ac longo de sua exposição, um tom de crítica. Entretanto, não podemos considerar o texto argumentativo, pois ele não vem defender uma tese – ele somente expõe evidências.

Texto XV

1. D. Ao solicitar segmento do texto em que o autor interfira no seu conteúdo, o que se pretende é um trecho que seja responsável pela organização da argumentação do texto, que é "fico então com as desvantagens". Aqui, o autor organiza o conteúdo textual, anunciando que a base argumentativa do texto é falar sobre as desvantagens do mundo virtual.
2. E. O texto é dissertativo argumentativo. Sua meta é defender a tese, devidamente explicitada em seu último parágrafo do texto: "Viver plugado a uma corrente de pessoas e informações...agride o que o ser humano tem de melhor e insubstituível...".

Textos XVI e XVII

1. A. Segundo o texto, o pai não chega a aprovar o comportamento do filho, apenas o aceita "ponderei o fato de meu filho não ser um veículo para que eu coloque em prática o meu projeto de ser humano". No entanto, a postura do filho é de aprovação, já que o piercing foi sua escolha.
2. E. Ambos os texto são narrativos – relatam acontecimentos.

Texto XVIII

1. A. O texto é dissertativo – nele o autor utiliza-se de abstrações, conceitos. Sua meta é falar sobre "a linha tênue e imprecisa que divide realidade e sonho, sanidade e loucura". Sendo assim, sua narrativa caracteriza-se como uma estratégia de discurso – seu objetivo é ilustrar o pensamento do autor.

Texto XIX

1. D. Ainda que o texto apresente muitas informações – dados estatísticos resultantes de pesquisas – sua meta é defender a urgência de "fazer o turista se sentir mais seguro no Rio".

Texto XX

1. A. O objetivo do texto é especular, conjecturar sobre a vida daqui a uma grande quantidade de anos. Vale observar que o autor não apresenta tom de certeza, precisão, daí não ser esse texto informativo. Da mesma forma, o texto não prevê o futuro, pelo contrário, ele é finalizado por meio de uma série de perguntas, questionamentos.

Texto XXI

1. C. O objetivo da autora é ensinar a diferença entre racismo, discriminação e preconceito. Atente aos detalhamentos do texto e à apresentação de definições – tudo isso confere um tom didático ao texto lido. Assim, eliminam-se as outras alternativas. A letra D é falsa, pois o texto vai além da tarefa de informar – ele pretende ensinar.

Texto XXII

1. D. A letra A não está correta, pois não se pode afirmar que os dados apresentados pelo texto sejam totalmente desconhecidos pelos leitores. Quanto à letra B, não se pode afirmar que o texto se utilize de suspense – o autor apresenta de imediato as informações ao leitor. Na letra C, não se pode afirmar, tratando-se de um texto informativo, que suas informações são fruto de opiniões do autor. A letra D está correta, pois apresenta uma característica marcante do texto informativo – seu conteúdo deve ter, ao menos presumidamente, conteúdo de interesse para o leitor. Quanto à letra E, o texto não trata de linguagem coloquial – o texto informativo deve ter linguagem simples, mas não informal.

Texto XXIII

1. D.

Texto XXIV

1. C. O texto é predominantemente dissertativo argumentativo. Sua meta é defender uma tese explicitada nos dois últimos parágrafos do texto – a de que o mandato de quatro anos "não pode servir de escudo no momento em que o agente público atue contra os superiores interesses da moralidade e da legalidade", bem como "a melhor forma de evitar constrangimentos futuros, na escolha de dirigentes com mandatos fixos, ainda é a observância dos critérios de competência técnica e de moralidade". Vale observar que, ainda que a argumentação predomine, pode-se observar no texto características expositivas (4º e 5º parágrafos), onde o autor expõe o que sabe sobre o assunto, assim como narrativas (2º e 3º parágrafos), em que o autor relata acontecimentos sobre o episódio Pitt.

Texto XXV

1. E. O texto deve ser classificado como dissertativo, pois discorre sobre um assunto apresentado no início e retomado ao final do texto: a originalidade da monarquia brasileira. Seu objetivo não é contar a história sobre a vinda da família real ao Brasil, mas de apresentar fatos que ilustrem essa hipótese. Dessa forma, eliminam-se as letras A e C. A letra B, ao utilizar o verbo "descreve", a banca insinua que o texto é descritivo, fato que não é verdadeiro. A letra D é falsa, pois o texto não defende a ideia de que "o mais importante são os antecedentes históricos imediatos".

Texto XXVI

1. D. O objetivo do texto é o de discorrer sobre as transformações do mundo moderno e o autor utiliza a secretária eletrônica como um símbolo de modernidade. Sendo assim, o texto deve ser caracterizado como predominantemente dissertativo opinativo. A narração é uma estratégia utilizada para ilustrar sua tese – uma maneira de ilustrar o seu pensamento.

Texto XXVII

1. A. O texto lido deve ser classificado como predominantemente dissertativo argumentativo. Seu objetivo é discorrer sobre as vantagens da geografia humana em detrimento da árida geografia física. Entretanto, os quatro últimos parágrafos apresentam uma narrativa, utilizada para ilustrar o pensamento apresentado pelo texto.

Texto XXVIII

1. A. Na passagem do verbo no pretérito imperfeito ("dirigia") ao pretérito perfeito ("foi assaltada"), assinalou-se uma mudança de um trecho descritivo, em que o autor caracterizava uma

cena, a um texto narrativo, com evolução cronológica.

2. A. O trecho narrativo é utilizado para ilustrar a defesa de tese que será desenvolvida na sequência textual. Conta-se uma história primeiro, para se defender uma tese depois – a banalização da violência.

3. C. O texto deve ser classificado como dissertativo opinativo, ou argumentativo, pois sua intenção é discorrer sobre uma tese, já elucidada ao final do 1º parágrafo ("o que é a cultura da violência, sua nova feição no Brasil") e retomada ao final do texto ("a imoralidade da cultura da violência"). A narração, mesclada com descrição, apresentada no 1º parágrafo serviu apenas para ilustrar a tese do autor.

Texto XXIX

1. A. Esse texto é um bom exemplo de argumentação. Por meio de argumentos apresentados ao longo da dissertação, o autor pretende defender a tese de que o melhor é educar e não proibir ("Há um caminho simples: proibir. Há o caminho correto: educar.").

Texto XXX

1. A. O objetivo do texto é o de defender uma tese – a de que os objetivos fundamentais do art. 3º da Constituição valem como destinos a serem alcançados pelo Brasil. Eliminam-se as outras alternativas. Atente à letra D: a intenção do autor não é a de provocar polêmica, dividir opiniões, mas sim de defender seu posicionamento.

Texto XXXI

1. C. A intenção do autor é a de defender o seguinte argumento central: o ser humano possui atitudes opostas em relação ao estrangeiro – de aceitação e de recusa.

Texto XXXII

1. D. Apesar de apresentar traços informativos, o objetivo do texto é alertar, prevenir o leitor quanto às lesões músculo-esqueléticas.

Texto XXXIII

1. C. O objetivo do texto é apresentar a filosofia budista contrapondo-a às outras religiões – característica do texto polêmico.

Texto XXXIV

1. B. O discurso preditivo é marcado pelos verbos no futuro do presente ("Provavelmente não se descobrirá ainda..."; "... outras questões que hoje não são formuladas serão resolvidas"). Os trechos I e II não são preditivos, são informativos.

Texto XXXV

1. B. A intenção dos autores é nos ensinar a perceber a presença da arte em todos os detalhes da nossa vida. Além da intenção de ensinar, pode-se perceber neste texto a presença de substantivos e adjetivos e o detalhamento nas caracterizações da presença da arte.

Texto XXXVI

1. C. Característica marcante dos textos descritivos é a presença de elementos que caracterizam uma realidade (substantivos e adjetivos). Quanto à letra A, vale observar que o 1º parágrafo não relata acontecimentos, descreve uma cena. O fato de o texto não ser dissertativo elimina as

alternativas B e E. Quanto à letra D, não se pode falar em citação de informações, pois o trecho não é informativo.

2. C. Eis um exemplo de intertextualidade por alusão. O autor faz menção a outro autor em seu texto.

Texto XXXVII

1. C O texto deve ser classificado como dissertativo argumentativo. Seu objetivo é o de defender uma tese – a de que "todos estamos nos tornando, hoje, mais desconfiados do que no passado".
2. D. Como já vimos, o texto descritivo é marcado por uma forte presença de substantivos e adjetivos, pois seu objetivo é o de caracterizar, qualificar. Quanto às letras A, B e C, pode-se observar aí características de textos narrativos. A letra E apresenta perfil de texto dissertativo.

Texto XXXVIII

1. D. Todas as características apresentadas na questão são de um texto informativo, exceto a de que ele apresenta informações que interessarão obrigatoriamente a todos. Trata-se de uma generalização excessiva.

Texto XXXIX

1.

a) Errada. O fato de o autor utilizar-se da 1ª pessoa do plural (nós) é uma forma de ele se incluir no texto, eis que se trata de problema que atinge a todos, mas não pode ser considerado um indício de que o texto seja pessoal, subjetivo.

b) Errada. No texto, há predominância da modalidade dissertativa – ele discorre sobre a questão energética.

c) Certa. Na linha 3 ao mencionar que a expansão agrícola desmatou a Europa Ocidental, indica que o mesmo aconteceu com a Amazônia, como se pode observar pelo trecho "como está ocorrendo hoje com a Amazônia".

d) Certa. De fato, a tese do texto é "a solução dos problemas ambientais depende do modo como se produz e consome energia". Tal informação retorna ao final do texto.

e) Certa. O texto analisa o problema da energia cuja reserva tem fim e sugere o investimento em energias renováveis.

Texto XL

1.

a) Errada. A argumentação do texto não se estrutura em torno de três textos, mas de dois: o eixo científico e tecnológico e o humanista.

b) Certa. De fato, essa é a tese, que aparece explicitada no último parágrafo do texto, com as palavras "Mas não consegue permitir que o potencial criado pela ciência e tecnologia seja usado com a eficiência desejada".

c) Errada. O texto é de fato predominantemente argumentativo, mas não se utilizam ilustrações temáticas (exemplos) nem trechos descritivos para fundamentar-se a tese.

d) Certa. Tal afirmativa reescreve a tese do texto, podendo, portanto, ser sua continuidade.

Texto XLI

1.

a) Certa. Ainda que apareçam trechos narrativos-descritivos, em que se relatam acontecimentos

para ilustrar a tese, o objetivo maior do texto é o de discorrer sobre o crime como modo de vida.

b) Errada. Trata-se de discurso reproduzido de forma direta, por meio da utilização de aspas e de verbo elocucional ("respondeu M."). Entretanto, o texto não indica que tenham sido suas últimas palavras antes de sua morte, mas sim antes de ser hospitalizada.

c) Errada. De fato, há trechos descritivos, mas relativos às vítimas, não aos assaltantes.

Textos XLII e XLIII

1.

a) Certa. Os textos tratam do mesmo tema.

b) Certa. Ambos os textos seguem a estruturação de um texto dissertativo padrão: introdução com apresentação do tema e parágrafos de desenvolvimento seguidos de um parágrafo final conclusivo.

c) Certa. Apenas o texto XLIII trata do tema situando-o em relação ao tempo ("às vésperas do terceiro milênio") e espaço – o Brasil.

d) Certa. Além de os textos tratarem do mesmo assunto, eles o analisam sob o mesmo enfoque – a ausência dos pais e os conflitos por ela gerados.

Texto XLIV

1. B. A letra A está correta – o objetivo maior do texto é caracterizar Policarpo Quaresma. Ainda assim, há passagens narrativas, principalmente nos 2º e 4º parágrafos. A letra C está igualmente correta, eis que a presença do artigo na contração "da" em "em face da do Nilo", pressupõe o substantivo subentendido. A letra D está correta, pois o trecho apresenta uma linguagem mais arcaica, estilo que não predominou no texto. A letra E de fato indica uma alusão ao Sol. Já a letra B está errada, pois não há três ocorrências de discurso direto no texto: há somente duas, uma no antepenúltimo e outra no último.

Texto XLV

1.

a) Certa. De fato, essa é uma narrativa curta e concisa em torno de um único núcleo: a correspondência para Eduardo.

b) Errada. As aspas são o indício de que o discurso utilizado pelo narrador é direto.

c) Errada. Nos quatro últimos parágrafos, o que predomina é a narração.

Texto XLVI

1. E

a) Certa. A intenção maior do texto é relatar acontecimentos: a história do caseiro Raimundo das Chagas.

b) Certa. O autor inicia sua narrativa fazendo considerações, observações pessoais ("como a polícia não dá conta nem mesmo dos crimes contra o patrimônio"), mas do 2º parágrafo em diante inicia o seu relato.

c) Certa. O fato de o autor mencionar localidades que existem não faz de sua narrativa um acontecimento verídico.

d) Certa. Nos parágrafos 5 e 7, o narrador descreve o ladrão ("o rapaz era franzino, pouco mais que um menino"), ("O tal não trabalhava, vivia encostado na casa da mãe, na rua de baixo, e era suspeito de vários outros furtos nas proximidades.").

e) Errada. Não há diálogo, o que se vê aqui é um pensamento do personagem.

Texto XLVII

1.

a) Certa. A alternativa é a reescritura do início do texto ("o explícito entusiasmo de enfrentar o desafio de incrementar as exportações brasileiras"; "Nossa prioridade é o Mercosul".).

b) Certa. De fato, o objetivo do 2º parágrafo é de enumerar a agenda de definições e atos do governo federal, devidamente reescritas na alternativa.

c) Errada. O terceiro parágrafo não narra, ele discorre, discute um assunto por meio de um exemplo.

d) Errada. O quarto parágrafo é dissertativo, ele não descreve, mas sim discute um assunto o vasto mercado da América do Sul.

e) Certa. De fato, a tese do texto vem explicitada no seu final, quando o autor alude à necessidade de se realizarem de imediato ações de incremento às exportações.

Texto XLVIII

1. A. No texto, o autor diz que "A quem passe a vida na mesma casa de família, ... é que se lhe grava tudo pela continuidade e repetição".
2. B. Todas as outras alternativas são exemplos de trechos dissertativos, abstrações, conceitos. Somente a alternativa B relata um acontecimento da vida do narrador.

Texto XLIX

1. D. A supressão dos parágrafos descritivos não prejudicaria a compreensão da história, daí eliminarmos as alternativas A e B. Quanto à letra C, vale observar que os parágrafos descrevem apenas uma personagem – sua heroína. A letra E vai além da realidade, ao julgar que tais parágrafos apresentam informações sem importância para a história. A resposta correta é a letra D, pois o objetivo dos parágrafos era o de descrever a personagem principal do texto.
2. D. Ainda que o autor não apresente de imediato a heroína no texto, percebe-se que sua intenção inicial era a de apresentá-la ("Não há hesitação possível: vou apresentar-lhes Miss Dollar.")
3. B. O objetivo do texto é descrever a personagem Miss Dollar, que é uma cadelinha galga.
4. B. O item I apresenta passagem opinativa, por meio da expressão "era conveniente". O mesmo ocorre com o item II, por meio do trecho "linhas reverberantes de promessa". Já o item III não apresenta opinião, apenas um fato.

Texto L

1. C. Todas as alternativas estão corretas, exceto esta. O terceiro parágrafo é dissertativo; ele discorre sobre um assunto – a globalização como uma "simultaneidade totalizante". Daí a alternativa estar errada: o autor não apresenta o assunto de forma descritiva, mas sim dissertativa.

Texto LI

1. A. A alternativa A é a paráfrase do 1º parágrafo ("O laudo médico-pericial é utilizado como prova técnica, devendo estar isento de tendências, vícios e distorções – condição básica para atingir seu objetivo principal: descrever e interpretar fatos médicos para a correta aplicação da justiça"). Neste parágrafo, apresentam-se as funções (prova técnica), característica (isento de tendências, vícios e distorções) e objetivo (descrever e interpretar fatos médicos). A letra B está errada, pois o 2º parágrafo não relata acontecimentos – ele discorre sobre a necessidade de uma postura respeitosa por parte do médico-legista. Quanto à letra C, encontra-se de imediato um erro

ao se afirmar que o parágrafo 3 narra os princípios da Resolução CFM: não há narrativa, há exposição do que se sabe sobre a Resolução. Já a letra D apresenta erro ao afirmar que a argumentação que finaliza o texto é imparcial: pelo contrário, se o autor opina, suas ideias são apresentadas de forma parcial no texto.

Texto LII

1. D. O texto é dissertativo – nele o autor discorre sobre o tempo como estrela do espetáculo em um anfiteatro do artista ("onde o tempo é a grande estrela"). A letra A extrapola o que o texto afirma, pois não se falou no tempo como "um inimigo implacável" do artista. A letra B erra ao falar sobre a imaginação do artista – trata-se da imaginação do autor e também não há divergências entre ela e a ação do tempo. Quanto à letra C, o erro está no fato de que o texto não objetiva narrar acontecimentos vividos por um artista, mas abstrair sobre um tema – a ação do tempo.

Texto LIII

1.

a) Certa. O objetivo do parágrafo é relatar acontecimentos: a campanha de Betinho contra a fome e a miséria ("Em pouco tempo, você fez de si novidade e da fome, notícia").

b) Certa. O segundo parágrafo tem como objetivo apresentar a dualidade da campanha de Betinho, apresentando características expositivas.

1 Os exemplos utilizados para explicar como se constrói uma narrativa são tirados de um mesmo texto de Ziraldo.

24 ESTRUTURAÇÃO ARGUMENTATIVA

24.1. TEORIA RESUMIDA

Muitas provas de concursos públicos, além de buscarem do aluno seu conhecimento acerca da classificação dos textos, como narrativos, descritivos ou dissertativos, esperam que o candidato esteja apto a achar a tese de um texto dissertativo, resumir seus parágrafos, buscar uma assertiva que seja capaz de concluir tal texto, entre outros conceitos. Para isso, é preciso que o aluno domine as técnicas de estruturação argumentativa. Para esse tipo de questão, é preciso que você esteja apto a desvendar a estruturação de um texto dissertativo: achar sua tese, buscar em cada parágrafo o seu tópico frasal, entender como foram estruturados sua introdução, desenvolvimento e conclusão. Enfim, agregar conhecimentos que ajudarão você inclusive a redigir melhor, pois, ao observar os textos das provas, será possível entender as técnicas que se utilizam em produção textual. **Redigir é ato que deriva da leitura.**

Nosso próximo passo é ensinar você a desvendar as artimanhas de um texto dissertativo, que é a modalidade que mais aparece nas provas de concursos públicos. A partir daí, você estará apto a resolver questões que são as *preferidas* de bancas como Cespe, Esaf e FCC. Vamos lá?

Compreender um texto é muito mais que juntar palavras, frases. É depreender da leitura seu sentido maior, ultrapassando sua superfície. Uma boa maneira de interpretar um texto é buscar nele suas principais ideias, observando como foram estruturadas na argumentação.

Inicialmente, deparamo-nos com o **TEMA** sobre o qual repousa a discussão do texto. Caracteriza-se, portanto, por ser o assunto, o motivo da argumentação. Eis aí a diferença entre tema e tese. **A TESE** caracteriza-se por ser a tomada de posição do autor em relação ao tema e aparece, em um texto padrão, no 1º parágrafo. Será ela não só a ideia central do 1º parágrafo, ou **INTRODUÇÃO**, mas do texto em sua totalidade, o qual terá como compromisso desenvolver argumentos que a comprovem.

Nos parágrafos seguintes – que estruturarão o **DESENVOLVIMENTO** –, observa-se a presença dos **TÓPICOS FRASAIS**, que são os argumentos centrais de cada parágrafo. Serão eles desenvolvidos das mais variadas formas: apresentação de relações de causa e efeito, utilização de exemplos, comparações, analogias, dados estatísticos, testemunhos de autoridade etc.

Por fim, o último parágrafo, ou **CONCLUSÃO**, surge no texto representando a retomada da tese. É neste momento que, em geral, o autor externa suas opiniões, críticas, ou ainda sugestões sobre a discussão desenvolvida em sua dissertação, finalizando-se, assim, o ciclo textual.

Texto comentado

QUALIDADE DE VIDA
Estudo de uma tipologia textual – Educação/UFRJ
É de conhecimento geral que a qualidade de vida nas regiões rurais é, em alguns aspectos, superior à da zona urbana1, porque no campo inexiste a agitação das grandes metrópoles2, há maiores possibilidades de

se obterem alimentos adequados3 e, além do mais, as pessoas dispõem de maior tempo para estabelecer relações humanas mais profundas e duradouras4.
Ninguém desconhece que o ritmo de trabalho de uma metrópole é intenso5. O espírito de concorrência, a busca de se obter uma melhor qualificação profissional, enfim, a conquista de novos espaços lança o ambiente urbano em meio a um turbilhão de constantes solicitações. Esse ritmo excessivamente intenso torna a vida bastante agitada, ao contrário do que se poderia dizer sobre os moradores da zona rural.
Por outro lado, nas áreas campestres há maior qualidade de alimentos saudáveis6. Em contrapartida, o homem da cidade costuma receber gêneros alimentícios colhidos antes do tempo de maturação, para garantir maior durabilidade durante o período de transporte e comercialização.
Ainda convém lembrar a maneira como as pessoas se relacionam nas zonas rurais7. Ela difere da convivência habitual estabelecida pelos habitantes metropolitanos. Os moradores das grandes cidades, pelos fatos já expostos, de pouco tempo dispõem para alimentar relações humanas mais profundas.
Por isso tudo, entendemos que a zona rural proporciona a seus habitantes maiores possibilidades de viver com tranquilidade8. Só nos resta esperar que as dificuldades que afligem os habitantes metropolitanos não venham a se agravar com o passar do tempo9.

24.1.1. O parágrafo argumentativo

Segundo Othon M. Garcia, "o parágrafo é uma unidade de composição constituída por um ou mais de um período, em que se desenvolve determinada ideia central, ou nuclear, a que se agregam outras, secundárias, intimamente relacionadas pelo sentido e logicamente decorrente dela". O parágrafo seria, portanto, uma espécie de minitexto em que se poderia destacar – exatamente como se faz no texto argumentativo padrão – ao menos dois momentos: introdução (apresentação do argumento) e desenvolvimento (fundamentação do argumento), sendo a conclusão, portanto, facultativa.

Conhecer o parágrafo padrão seria fundamental ao leitor, já que diante de um texto curto – de apenas um parágrafo – poder-se-ia analisá-lo como um texto argumentativo padrão. E na hipótese de o aluno estar diante de um texto composto de mais de um parágrafo, analisar cada um separadamente lhe garantiria o método necessário para a intelecção do que está escrito.

24.1.2. O tópico frasal

Inicialmente, vale lembrar que **tópico frasal** é a ideia ou argumento central do parágrafo, apresentada de forma genérica. É a ideia-chave, a síntese do pensamento, a essência do parágrafo.

Tudo que se afirma no parágrafo girará, portanto, em torno da fundamentação do tópico frasal.

No texto padrão, o tópico frasal inicia o parágrafo e na sequência vem a sua fundamentação. Esse é o método dedutivo de raciocínio, em que o autor parte da generalização para o seu detalhamento (GERAL → ESPECÍFICO).

Ex.: Conclui-se, sem esforço e sem exagero, que, **no Brasil, registram-se duas grandes falhas**: a) há um excesso na importação de produtos culturais; b) falta discernimento na escolha, havendo uma preferência, da parte dos empresários e, em consequência, da parte do consumidor – na TV, nos livros, na música – por coisas de nível inferior, pelo lixo cultural da época.

Pode também o parágrafo apresentar seu argumento principal no início ou no fim da argumentação. Aqui, o autor parte das definições, exemplos, comparações, dados estatísticos, para, na sequência, apresentar o tópico frasal. São parágrafos menos comuns, pautados no método indutivo de raciocínio (ESPECÍFICO → GERAL).

Ex.: Pesquisa da CNTE (Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação), realizada em 2003, mostrou que 51,1% dos professores em atividade estavam na faixa dos 40 aos 59 anos, e 38,4% tinham entre 25 e 39 anos. Só 2,9% se encontravam na categoria entre 19 e 24 anos. A pergunta inescapável é: **quem vai substituir os atuais mestres à medida que eles forem se aposentando?**

Além disso, o tópico frasal pode não ser explicitado claramente no texto. Ele pode estar diluído ao longo da argumentação, cabendo ao leitor juntar-lhe os segmentos e dar-lhe forma.

Ex.: As estimativas variam, mas podemos arriscar que há 50 milhões de brasileiros **abaixo da linha da pobreza**, cerca de 21,3 milhões de indigentes (com renda abaixo de R$ 60,00 por mês). Quarenta e cinco por cento deles são menores de 16 anos. E mais de 3 milhões de crianças até 6 anos não contam com alimentação adequada. Trinta e três por cento dos pobres das regiões urbanas têm até quatro anos de idade.

Nesse exemplo, o objetivo do parágrafo era criticar a situação de pobreza em que vive grande parte dos brasileiros. Os dados estatísticos apresentados seriam, portanto, capazes de induzir o leitor a compreender tal mensagem.

24.1.3. A estruturação do parágrafo argumentativo

De modo geral, o parágrafo de dissertação deve ser uma unidade completa de informação, sendo, portanto, constituído de:

1. uma ideia-núcleo (ou tópico frasal) – em geral apresentada no início do parágrafo;
2. desenvolvimento dessa ideia, que é então devidamente especificada, fundamentada, justificada logo a seguir;
3. conclusão, a qual se caracteriza por ser facultativa, representada, em geral, pela retomada do tópico frasal ou a apresentação da ideia-núcleo do parágrafo seguinte.

Ex.: "O governo federal foca seus esforços no aumento das exportações brasileiras e na direção certa, mas há um alvo maior e possível: a América do Sul. **(1)** Há uma agenda aguardando definição e atos, particularmente no que diz respeito aos juros. Espera-se também uma maior disponibilidade de recursos nos programas de fomento às exportações; uma reforma tributária, que é urgente e um aperfeiçoamento da legislação trabalhista. (...) **(2)** Esse conjunto de fatores – enquanto não definidos ou implementados – é que torna as empresas brasileiras vulneráveis no jogo do comércio internacional. Mas a questão da América do Sul merece uma análise especial.**(3)**"

24.1.4. Análise da estruturação do parágrafo

(1) Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal:

O governo federal foca seus esforços no aumento das exportações brasileiras e na direção certa, mas <u>há uma agenda aguardando definições e atos</u>,

(2) Desenvolvimento do parágrafo enumeração de detalhes:

(...) particularmente no que diz respeito aos juros – que precisam ser reduzidos a patamares compatíveis com os praticados nos lugares do mundo onde nossos concorrentes se financiam. Espera-se também uma maior disponibilidade de recursos nos programas de fomento às exportações; uma reforma tributária, que é urgente; um aperfeiçoamento da legislação trabalhista e uma ampliação e melhoria da infraestrutura nacional, principalmente no setor de transportes.

(3) Conclusão do parágrafo com reafirmação do tópico frasal e apresentação de consequências:

Esse conjunto de fatores – enquanto não definidos e implementados – é que torna as empresas

brasileiras vulneráveis no jogo do comércio internacional.

24.1.5. Como expandir o parágrafo

Desenvolver o parágrafo significa expandir sua ideia-núcleo, de modo a torná-lo claro e bem fundamentado. Tal fundamentação pode ocorrer por diversos critérios, lembrando que, em um único parágrafo, o autor pode utilizar mais de um artifício na busca da maneira mais convincente de se expressar.

A seguir, observaremos algumas formas de se desenvolver o tópico frasal (a ideia-núcleo).

1. Enumeração ou descrição de detalhes

Neste caso, a ideia-núcleo é especificada por meio de detalhes, pormenores. Estabelece-se, portanto, uma explanação da ideia-núcleo, que é então desenvolvida, de modo a aprofundar a discussão iniciada pelo tópico frasal.

Ex.: Quem caminha pelos mais de 70 quilômetros de praia da Ilha Comprida, no litoral sul de São Paulo, pode perceber uma paisagem peculiar **(tópico frasal).** Em meio às dunas da restinga, onde deveria existir apenas vegetação rasteira, grandes pinheiros brotam por toda parte. A sombra das árvores é um bem-vindo refresco para os moradores da região, mas a verdade ecológica é que elas não deveriam estar ali – assim como os pombos não deveriam estar nas praças das cidades, nem as tilápias nas águas dos rios, nem o mosquito da dengue picando pessoas dentro de casa ou as moscas varejeiras rondando raspas de frutas nas feiras.

2. Estabelecimento de comparação (paralelo e contraste)

É o estabelecimento de um <u>contraste</u> (que enfoca as diferenças) ou um <u>paralelo</u> (que destaca as semelhanças) entre ideias, seres, fatos etc.

Ex.: Mas os saberes científicos têm uma característica inescapável: os enunciados que produzem são necessariamente provisórios, estão sempre sujeitos à superação e à renovação **(tópico frasal)**. Outros exercícios do espírito humano, como a cogitação filosófica, a inspiração poética ou a exaltação mística poderão talvez aspirar a pronunciar verdades últimas; as ciências só podem pretender formular verdades transitórias, sempre inacabadas.

3. Apresentação de causas e/ou consequências

Aqui, ou o tópico frasal é a causa e seu desenvolvimento expõe suas consequências, ou será ele a

consequência e o restante do parágrafo desenvolverá suas causas.

Ex.: A educação é uma função tão natural e universal da comunidade humana que, pela própria evidência, **(tópico frasal)** leva muito tempo a atingir a plena consciência daqueles que a recebem e praticam, sendo, por isso, relativamente tardio o seu primeiro vestígio na tradição literária **(consequências)**.

4. Apresentação de explicação ou esclarecimento

Neste caso, elucida-se o tópico frasal, quando este apresenta certa obscuridade, uma necessidade de maior clareza.

Ex.: As discussões sobre a liberdade assentam necessariamente e em princípio na negação de suas próprias bases possibilitadoras **(tópico frasal)**. Quero dizer que o único pressuposto histórico viável para que se possa instaurar a inteireza do entendimento da questão está na ausência de liberdade.

5. Utilização de exemplos

Os exemplos caracterizam-se como uma maneira bem elucidativa de concretizar o que há de abstrato no tópico frasal. Seguindo esse critério, o parágrafo se desenvolve por meio da ilustração da ideia-núcleo, constituindo-se em uma das formas mais simples de se demonstrar aquilo que se afirma.

Ex.: Dependendo das circunstâncias, as espécies invasoras podem ser meras "imigrantes" inofensivas ou invasoras altamente nocivas **(tópico frasal).** Dentro do sistema produtivo, por exemplo, o búfalo e o pinus são apenas espécies exóticas. Quando escapam para a natureza, entretanto, muitas vezes tornam-se organismos nocivos aos ecossistemas "naturais".

6. Divisão ou explanação das ideias em cadeia

Nesse tipo de fundamentação de tópico frasal, o autor divide sua ideia inicialmente apresentada em duas ou mais partes, e, na sequência, as explana, cada uma a seu momento. Essa explanação em cadeia pode durar o parágrafo inteiro ou pode avançar ao longo do texto, dependendo da dimensão da discussão.

Ex.: As cidades em processo rápido de crescimento no Brasil indicam pelo menos três modalidades de crescimento dos organismos urbanos **(tópico frasal)**: <u>um crescimento</u>

horizontal por partilha de espaços de antigas chácaras ou glebas congeladas para especulação, de dinâmica similar a uma mancha de óleo em expansão; um crescimento vertical, à custa de edifícios de muitos andares, aproveitando as facilidades aparentes dos espaços centrais e subcentrais das cidades de porte médio, acumulando funções residenciais em uma área de permanência duvidosa para tais funções; e, por fim, mecanismo de maior gravidade, a partilha de glebas situadas em posições descontínuas, a quilômetros de distância da área central, inicialmente semi-isoladas no meio de sítios e fazendas, os quais, por sua vez, são espaços potenciais para loteamentos ulteriores e instalações de unidades industriais, com eliminação quase total das funções agrárias que responderam pelo crescimento e a riqueza iniciais da própria cidade.

Para se ter uma ideia da importância que o tópico frasal possui em relação a tudo que se enuncia no restante do parágrafo, observemos um dos sermões de Padre Antônio Vieira:

(...) O sermão há de ser duma só cor, há de ter um só objeto, um só assunto, uma só matéria.

Há de tomar o pregador uma só matéria, há de defini-la para que se conheça, há de dividi-la para que se distinga, há de prová-la com a Escritura, há de declará-la com a razão, há de confirmá-la com o exemplo, há de amplificá-la com as causas, com os efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências que se hão de seguir, com os inconvenientes que se há de evitar, há de responder às dúvidas, há de satisfazer às dificuldades, há de impugnar e refutar com toda a força da eloquência os argumentos contrários, e depois disto há de colher, há de apertar, há de concluir, há de persuadir, há de acabar. Isto é sermão, isto é pregar, e o que não é isto, é falar de mais alto. Não nego nem quero dizer que o sermão não haja de ter variedade de discursos, mas esses hão de nascer todos da mesma matéria, e continuar e acabar nela.

(Sermão da Sexagésima. In: Os sermões. São Paulo, Difel, 1968. VI, p. 99.)

Ter uma só cor, um só objeto significa abordar a mesma ideia, ter um argumento como central, que em geral se apresenta no início do parágrafo. Posteriormente a essa introdução vem a fase do desenvolvimento em que o autor utiliza artifícios para comprovar seu argumento: definições ("há de defini-la para que se distinga"), testemunhos de autoridade ("há de prová-la com a Escritura"), explicações e esclarecimentos ("há de declará-la com a razão"), utilização de exemplos ("há de confirmá-la com o exemplo"), apresentação de causas ou efeito e outras relações semânticas –

finalidade, tempo, concessão, condição. Por fim, surge a conclusão, em que o autor retoma o argumento que iniciou o parágrafo, optando ou não por acrescentar seu juízo de valor ("e depois disto há de colher, há de apertar, há de concluir, há de persuadir").

Conhecer a estruturação de um texto argumentativo constitui, portanto, uma forma de o aluno ir além da estrutura superficial do texto, compreendendo-o de fato. Com isso, o tempo de resolução de prova também diminui, pois o candidato não precisaria reler todo o texto a cada questão objetiva.

A seguir, as etapas de intelecção de um texto de prova aqui propostas:

1. Ler o texto do início ao fim para saber do que se trata.
2. Ir às questões objetivas, procurando resolver primeiramente aquelas que se refiram exclusivamente à gramática.
3. Voltar ao texto, sublinhando suas principais ideias – tese, argumentos.
4. Evidenciar as relações entre as ideias no texto – vincular por meio de setas cada exemplo, testemunho de autoridade, comparação etc. ao seu tópico frasal.
5. Voltar às questões da prova, agora com as ideias do texto já relacionadas entre si, podendo recorrer a elas com mais rapidez.

Bem, hora de treinar... Vamos verificar se você já consegue analisar os parágrafos, desvendando a forma como foram estruturados na argumentação. Assim, você não só aprenderá a ler os textos dissertativos com mais técnica, como também já estará se preparando para fazer redações. Aproveite os comentários!

24.2. EXEMPLOS COMENTADOS

Os trechos a seguir foram retirados de textos concursos públicos. Constitui cada qual uma única linha de raciocínio que apresenta as frases organizadas em torno de um tópico frasal, voltadas para um único fim: desenvolver ou retomar a ideia-núcleo, aumentando-lhe a compreensão.

Desta forma, destaque suas **ideias-núcleo**, indicando o seu **desenvolvimento** e, caso haja, sua **conclusão**. Analise também a(s) forma(s) como foram desenvolvidos os tópicos frasais ao longo dos parágrafos.

1. Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se

em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos. Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitar e dar afeto.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana". Desenvolvimento do parágrafo com enumeração de exemplos: "Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos". Conclusão do parágrafo com retomada do tópico frasal e acréscimo de consequências: "Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitar e dar afeto".

2. No início deste período, o homem inventou a escrita, graças à qual os conhecimentos venceram o tempo e o espaço. Venceram o tempo, pois, as experiências acumuladas puderam, sob a forma escrita, ser transmitidas com precisão às gerações seguintes. Venceram o espaço, pois os conhecimentos passaram a ser transportados de um lugar para o outro em papiros, papéis e demais materiais desenvolvidos para a fixação da escrita. Com o registro e com a circulação da informação, o homem se beneficiou de um crescente repertório de experiências, as quais lhe permitiram inventar mais, e mais facilmente.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "No início deste período, o homem inventou a escrita, graças à qual os conhecimentos venceram o tempo e o espaço". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de explicações: "Venceram o tempo, pois, as experiências acumuladas puderam, sob a forma escrita, ser transmitidas com precisão às gerações seguintes. Venceram o espaço, pois os conhecimentos passaram a ser transportados de um lugar para o outro em papiros, papéis e demais materiais desenvolvidos para a fixação da escrita". Conclusão do parágrafo com retomada do tópico frasal e acréscimo de consequências:

"Com o registro e com a circulação da informação, o homem se beneficiou de um crescente repertório de experiências, as quais lhe permitiram inventar mais, e mais facilmente".

3. Algumas pessoas refugiam-se nas drogas na tentativa de esquecer seus problemas. Em função disso, acabam tornando-se dependentes dos psicotrópicos dos quais se utilizam e, na maioria das vezes, transformam-se em pessoas inúteis para si mesmas e para a comunidade.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Algumas pessoas refugiam-se nas drogas na tentativa de esquecer seus problemas". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação consequências: "Em função disso, acabam tornando-se dependentes dos psicotrópicos dos quais se utilizam e, na maioria das vezes, transformam-se em pessoas inúteis para si mesmas e para a comunidade". Parágrafo sem conclusão.

4. Só o esforço conjunto de toda a nação brasileira conseguirá vencer os gravíssimos problemas econômicos, por todos há muito conhecidos. Quaisquer medidas econômicas, por si sós, não são capazes de alterar a realidade, se as autoridades que as elaboram não contarem com o apoio da opinião pública, em meio a uma comunidade de cidadãos conscientes.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Só o esforço conjunto de toda a nação brasileira conseguirá vencer os gravíssimos problemas econômicos, por todos há muito conhecidos". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento: "Quaisquer medidas econômicas, por si sós, não são capazes de alterar a realidade, se as autoridades que as elaboram não contarem com o apoio da opinião pública, em meio a uma comunidade de cidadãos conscientes". Parágrafo sem conclusão.

5. Liderança é um aspecto da personalidade, uma característica que alguns indivíduos têm e outros não. Por definição, bons líderes são pessoas diferentes da média. Eles têm mais determinação do que outros. Sua presença é tão marcante que ficam na memória das pessoas. Por isso, liderança não é para qualquer um, é um dom.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Liderança é um aspecto da personalidade, uma característica que alguns indivíduos têm e outros não". Desenvolvimento

do parágrafo com apresentação de definição/esclarecimento: “Por definição, bons líderes são pessoas diferentes da média. Eles têm mais determinação do que outros. Sua presença é tão marcante que ficam na memória das pessoas”. Conclusão do parágrafo com retomada do tópico frasal: “Por isso, liderança não é para qualquer um, é um dom”.

6. Há muitos tipos de líder, e gosto de destacar três. A primeira categoria é dos líderes que marcam diferença por serem grande estrategistas, objetivos e com visão de futuro. O legado deles é o método. O segundo tipo tem forte poder intelectual, mergulha com intensidade nas questões teóricas, disseca e diagnostica problemas como ninguém. São líderes que deixam ideias originais, com marca própria. E um terceiro tipo chamo de líderes inspiradores. Eles entendem as demandas do povo, suas paixões, conseguem entender emocionalmente as pessoas. Os maiores líderes da história têm força porque reúnem método, intelecto e habilidade de tocar nos sentimentos de seus liderados.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: “Há muitos tipos de líder, e gosto de destacar três”. Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de enumeração de detalhes: “A primeira categoria é dos líderes que marcam diferença por serem grande estrategistas, objetivos e com visão de futuro. O legado deles é o método. O segundo tipo tem forte poder intelectual, mergulha com intensidade nas questões teóricas, disseca e diagnostica problemas como ninguém. São líderes que deixam ideias originais, com marca própria. E um terceiro tipo chamo de líderes inspiradores. Eles entendem as demandas do povo, suas paixões, conseguem entender emocionalmente as pessoas”. Conclusão do parágrafo com retomada do tópico frasal e acréscimo de opinião do autor: “Os maiores líderes da história têm força porque reúnem método, intelecto e habilidade de tocar nos sentimentos de seus liderados”.

7. O homem hoje em dia desenvolveu para tudo que costumava fazer com o próprio corpo, extensões ou prolongamentos desse mesmo corpo. A evolução de suas armas começa pelos dentes e punhos e termina com a bomba atômica. Indumentária e casas são extensões dos mecanismos biológicos de controle da temperatura do corpo. A mobília substitui o acocorar-se e sentar-se no chão. Instrumentos mecânicos, lentes, televisão, telefones e livros que levam a voz através do tempo e do espaço constituem exemplos de extensões materiais. Dinheiro é

meio de estender os benefícios e de armazenar trabalho. Nosso sistema de transporte faz agora o que costumávamos fazer com os pés e as costas. De fato, podemos tratar de todas as coisas materiais feitas pelo homem como extensões ou prolongamentos do que ele fazia com o corpo ou com alguma parte especializada do corpo.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "O homem hoje em dia desenvolveu para tudo que costumava fazer com o próprio corpo, extensões ou prolongamentos desse mesmo corpo". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de exemplos: "A evolução de suas armas começa pelos dentes e punhos e termina com a bomba atômica. Indumentária e casas são extensões dos mecanismos biológicos de controle da temperatura do corpo. A mobília substitui o acocorar-se e sentar-se no chão. Instrumentos mecânicos, lentes, televisão, telefones e livros que levam a voz através do tempo e do espaço constituem exemplos de extensões materiais. Dinheiro é meio de estender os benefícios e de armazenar trabalho. Nosso sistema de transporte faz agora o que costumávamos fazer com os pés e as costas". Conclusão do parágrafo com reafirmação do tópico frasal: "De fato, podemos tratar de todas as coisas materiais feitas pelo homem como extensões ou prolongamentos do que ele fazia com o corpo ou com alguma parte especializada do corpo".

8. Existe uma grande diferença entre a entrevista e a conversa informal entre duas pessoas. É necessário saber distinguir quando o diálogo informal é uma introdução e quando ela perde as características, acabando por se transformar numa palestra inconsistente, tomando tempo e prejudicando o processamento da entrevista propriamente dita.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Existe uma grande diferença entre a entrevista e a conversa informal entre duas pessoas". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento: "É necessário saber distinguir quando o diálogo informal é uma introdução e quando ela perde as características". Conclusão do parágrafo com apresentação de consequências: "acabando por se transformar numa palestra inconsistente, tomando tempo e prejudicando o processamento da entrevista propriamente dita".

9. Estudo do Pacific Institute of Oakland, na Califórnia, prevê que 76 milhões de pessoas morrerão de doenças relacionadas à água até 2020. As crianças serão as mais afetadas por males causados pelo uso e ingestão de água contaminada. No mesmo período, serão registrados 65 milhões de casos fatais em consequência da Aids em todo o mundo.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Estudo do Pacific Institute of Oakland, na Califórnia, prevê que 76 milhões de pessoas morrerão de doenças relacionadas à água até 2020". Desenvolvimento do parágrafo com enumeração de detalhes e estabelecimento de comparação: "As crianças serão as mais afetadas por males causados pelo uso e ingestão de água contaminada. No mesmo período, serão registrados 65 milhões de casos fatais em consequência da Aids em todo o mundo". Parágrafo sem conclusão.

10. O Estatuto do Desarmamento, aprovado no fim do ano, e ainda em fase de regulamentação, surgiu por uma questão de sobrevivência. O contexto que deflagrou o movimento político pelo endurecimento da legislação sobre armas é no mínimo dramático. Em 20 anos, de 1980 a 2000, conforme estudo do IBGE, 600 mil brasileiros foram assassinados, uma média de 30 mil por ano.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "O Estatuto do Desarmamento, aprovado no fim do ano, e ainda em fase de regulamentação, surgiu por uma questão de sobrevivência". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento e dados estatísticos: "O contexto que deflagrou o movimento político pelo endurecimento da legislação sobre armas é no mínimo dramático. Em 20 anos, de 1980 a 2000, conforme estudo do IBGE, 600 mil brasileiros foram assassinados, uma média de 30 mil por ano". Parágrafo sem conclusão.

11. O resultado foi a banalização do uso e do porte de armas e, como consequência, milhares de tragédias no cotidiano. Essa banalização impulsionou as estatísticas sobre violência: o número de homicídios, nesse período de vinte anos, aumentou 130%. E pior: a grande maioria das vítimas tem sido de jovens de 15 a 24 anos. Assim, famílias se desestabilizam e o futuro é cortado pela raiz.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "O resultado foi a banalização do uso e do porte de armas e, como consequência, milhares de tragédias no cotidiano". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de dados estatísticos: "O resultado foi a banalização do uso e do porte de armas e, como consequência, milhares de tragédias no cotidiano". Conclusão do parágrafo com apresentação de consequências: "Assim, famílias se desestabilizam e o futuro é cortado pela raiz".

12. Inúmeras hordas "primitivas" se encontram, ainda hoje, nesse "grau zero" – se assim podemos dizer – quanto ao conhecimento dos números. É, por exemplo, o caso dos zulus e dos pigmeus, da África, dos aranda e dos kamilarai, da Austrália, dos aborígenes das Ilhas Murray e dos botocudos, do Brasil. "Um", "dois" e... "muitos" constituem as únicas grandezas numéricas desses indígenas que ainda vivem na Idade da Pedra.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Inúmeras hordas 'primitivas' se encontram, ainda hoje, nesse 'grau zero' – se assim podemos dizer – quanto ao conhecimento dos números". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de exemplos: "É, por exemplo, o caso dos zulus e dos pigmeus, da África, dos aranda e dos kamilarai, da Austrália, dos aborígenes das Ilhas Murray e dos botocudos, do Brasil". Conclusão do parágrafo com correlação entre o exemplo fornecido e o tópico frasal: "'Um', 'dois' e... 'muitos' constituem as únicas grandezas numéricas desses indígenas que ainda vivem na Idade da Pedra".

13. Pois bem. Observemos como se transformou a vida humana. Em 99% desses 500 mil anos, alterou-se relativamente pouco. O homem aprendeu a fazer algumas ferramentas e armas com paus e pedras, a pintar na parede das cavernas e a plantar e colher. A partir de um grito primordial, conseguiu ainda desenvolver a fala, graças à qual pôde conversar, exprimir sentimentos e melhor compartilhar experiências com os membros do grupo. De qualquer modo, foi ainda bem pouco para quase cinco centenas de milhares de anos.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Pois bem. Observemos como se

transformou a vida humana". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de exemplos, bem como relação de causa e efeito: "O homem aprendeu a fazer algumas ferramentas e armas com paus e pedras, a pintar na parede das cavernas e a plantar e colher. A partir de um grito primordial, conseguiu ainda desenvolver a fala, graças à qual pôde conversar, exprimir sentimentos e melhor compartilhar experiências com os membros do grupo". Conclusão do parágrafo com reafirmação do tópico

14. A favor da mesma tese, poderíamos dizer que, muitas vezes, a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público. Inúmeros esforços publicitários não resultam em nada. Continuemos no campo das substancias ilícitas. Existem insistentes campanhas antidrogas nos meios de comunicação, algumas um tanto soporíferas, outras mais terroristas, e todas fracassam. Moral da história? Nem que seja para consumir produtos químicos ilegais, ainda somos minimamente livres diante do poder da mídia. Temos alguma autonomia para formar nossas decisões.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "A favor da mesma tese, poderíamos dizer que, muitas vezes, a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento e exemplos: "Inúmeros esforços publicitários não resultam em nada. Continuemos no campo das substancias ilícitas. Existem insistentes campanhas antidrogas nos meios de comunicação, algumas um tanto soporíferas, outras mais terroristas, e todas fracassam". Conclusão do parágrafo com correlação entre o exemplo fornecido e o tópico frasal: "Moral da história? Nem que seja para consumir produtos químicos ilegais, ainda somos minimamente livres diante do poder da mídia. Temos alguma autonomia para formar nossas decisões".

15. O terceiro e o quarto objetivos fundamentais, previstos no artigo 3º, são projetos de um sonho estratosférico. Erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir desigualdades sociais e regionais é trabalho para séculos. Não há nação do mundo sem faixas de miserabilidades – nem as mais ricas. A promoção do bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação carece de remédio forte, como criminalização das condutas contrárias. Sem a ameaça grave de sanções, a cobra raivosa do preconceito

continuará agindo no coração de muitas pessoas.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "O terceiro e o quarto objetivos fundamentais, previstos no artigo 3º, são projetos de um sonho estratosférico". Desenvolvimento do parágrafo por esclarecimento: 3º objetivo – "Erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir desigualdades sociais e regionais é trabalho para séculos. Não há nação do mundo sem faixas de miserabilidades – nem as mais ricas". 4º objetivo – "A promoção do bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação carece de remédio forte, como criminalização das condutas contrárias. Sem a ameaça grave de sanções, a cobra raivosa do preconceito continuará agindo no coração de muitas pessoas". Parágrafo sem conclusão.

16. No outro extremo, o estrangeiro provoca a nossa desconfiança, às vezes o nosso medo. Nem sempre entendemos os seus gestos e certamente não compreendemos a sua língua. Ele não se veste como nós, a sua fisionomia pode ser diferente da nossa e não adora nossos deuses. Entre os primitivos, o estrangeiro passava por uma complexa cerimônia, destinada a afastar os malefícios que trouxesse de seus demônios; ao voltar de uma viagem, as pessoas deveriam permanecer isoladas por algum tempo, até que delas se afastassem os demônios estranhos, acaso encontrados pelos caminhos.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "No outro extremo, o estrangeiro provoca a nossa desconfiança, às vezes o nosso medo". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento e exemplos: "Nem sempre entendemos os seus gestos e certamente não compreendemos a sua língua. Ele não se veste como nós, a sua fisionomia pode ser diferente da nossa e não adora nossos deuses. Entre os primitivos, o estrangeiro passava por uma complexa cerimônia, destinada a afastar os malefícios que trouxesse de seus demônios; ao voltar de uma viagem, as pessoas deveriam permanecer isoladas por algum tempo, até que delas se afastassem os demônios estranhos, acaso encontrados pelos caminhos". Parágrafo sem conclusão.

17. Vários fatores criaram o espaço social necessário para transformar certo número de pessoas

associadas a certas práticas sociais em leitores: o individualismo da sociedade burguesa, a visão de mundo antropocêntrica estimulada pela Renascença e difundida pela filosofia humanista, o progresso tecnológico que facultou o desenvolvimento da imprensa, a expansão da escola e do pensamento pedagógico apoiado na alfabetização, o fortalecimento de instituições culturais como as universidades, as bibliotecas e as academias de escritores.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Vários fatores criaram o espaço social necessário para transformar certo número de pessoas associadas a certas práticas sociais em leitores". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de exemplos: "o individualismo da sociedade burguesa, a visão de mundo antropocêntrica estimulada pela Renascença e difundida pela filosofia humanista, o progresso tecnológico que facultou o desenvolvimento da imprensa, a expansão da escola e do pensamento pedagógico apoiado na alfabetização, o fortalecimento de instituições culturais como as universidades, as bibliotecas e as academias de escritores".

18. Disso resultaram duas noções: de um lado, a noção de público, massa coletiva e anônima que, não obstante o anonimato, pode ter vontade própria e direção definida, incidindo em linhas de ação que a literatura, em parte ou no todo, acata ou não; de outro, a noção de leitor, indivíduo habilitado à leitura, com preferências demarcadas, figura que o escritor busca seduzir, lançando mão de técnicas e de artifícios contabilizados pela crítica e história da literatura.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Disso resultaram duas noções". Desenvolvimento do parágrafo com enumeração de detalhes: "de um lado, a noção de público, massa coletiva e anônima que, não obstante o anonimato, pode ter vontade própria e direção definida, incidindo em linhas de ação que a literatura, em parte ou no todo, acata ou não; de outro, a noção de leitor, indivíduo habilitado à leitura, com preferências demarcadas, figura que o escritor busca seduzir, lançando mão de técnicas e de artifícios contabilizados pela crítica e história da literatura". Parágrafo sem conclusão.

19. Comemoramos o nosso dia (8 de dezembro) sob o fogo cruzado da má vontade e da desinformação. O Judiciário não pode ser culpabilizado pelo que a mídia chama com exagero de impunidade. A polícia não prende, não investiga e nós, presos à aplicação da lei, pagamos o pato. Além disso, há um cipoal de leis, medidas provisórias e atos normativos que acabam por atravancar nossos corredores.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Comemoramos o nosso dia (8 de dezembro) sob o fogo cruzado da má vontade e da desinformação". Desenvolvimento do parágrafo com enumeração de detalhes: "A desinformação – O Judiciário não pode ser culpabilizado pelo que a mídia chama com exagero de impunidade. A polícia não prende, não investiga e nós, presos à aplicação da lei, pagamos o pato. A má vontade: Além disso, há um cipoal de leis, medidas provisórias e atos normativos que acabam por atravancar nossos corredores". Parágrafo sem conclusão.

20. Dinheiro é um facilitador das transações, mas não é a única forma de relação comercial. O mundo moderno não pode menosprezar a sabedoria de nossos antepassados, que sobreviveram séculos fazendo trocas. Um bom exemplo de alinhamento entre estratégias empresariais e apoio governamental, que resultou em uma equação, é o caso da Odebrecht em Angola: esta construtora constrói a hidrelétrica de que o país africano necessita, e o governo angolano paga com petróleo, produto abundante naquele país.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Dinheiro é um facilitador das transações, mas não é a única forma de relação comercial". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento e exemplos: "O mundo moderno não pode menosprezar a sabedoria de nossos antepassados, que sobreviveram séculos fazendo trocas. Um bom exemplo de alinhamento entre estratégias empresariais e apoio governamental, que resultou em uma equação, é o caso da Odebrecht em Angola: esta construtora constrói a hidrelétrica de que o país africano necessita, e o governo angolano paga com petróleo, produto abundante naquele país". Parágrafo sem conclusão.

21. Em oito anos, o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas

foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio – é alarmante esse grau crescente de insegurança.

Comentários:

Parágrafo indutivo. Fundamentação do tópico frasal com apresentação dos dados estatísticos: "Em oito anos, o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio". Apresentação do tópico frasal: "é alarmante esse grau crescente de insegurança".

22. Quando começa a modernidade? A escolha de uma data ou de um evento não é indiferente. O momento que elegemos como originário depende certamente da ideia de nós mesmos que preferimos, hoje, contemplar. E vice-versa: a visão de nosso presente decide das origens que confessamos (ou até inventamos). Assim acontece com as histórias de nossas vidas que contamos para os amigos e para o espelho: os inícios estão sempre em função da imagem de nós mesmos de que gostamos e que queremos divulgar. As coisas funcionam do mesmo jeito para os tempos que consideramos "nossos", ou seja, para a modernidade.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal, sob forma de pergunta/resposta: "Quando começa a modernidade? A escolha de uma data ou de um evento não é indiferente". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento e comparação por semelhança: "O momento que elegemos como originário depende certamente da ideia de nós mesmos que preferimos, hoje, contemplar. E vice-versa: a visão de nosso presente decide das origens que confessamos (ou até inventamos). Assim acontece com as histórias de nossas vidas que contamos para os amigos e para o espelho: os inícios estão sempre em função da imagem de nós mesmos de que gostamos e que queremos divulgar". Conclusão do parágrafo com

reafirmação do tópico frasal: “As coisas funcionam do mesmo jeito para os tempos que consideramos ‘nossos’, ou seja, para a modernidade”.

23. A consciência universal sobre a importância dos direitos humanos chegou a uma nitidez nunca antes atingida. Entende-se: já comemoramos o cinquentenário da Declaração Universal dos Direitos do Homem (aprovada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, de 10 de dezembro de 1948, em Paris).

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: “A consciência universal sobre a importância dos direitos humanos chegou a uma nitidez nunca antes atingida”. Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento: “Entende-se: já comemoramos o cinquentenário da Declaração Universal dos Direitos do Homem (aprovada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, de 10 de dezembro de 1948, em Paris)”. Parágrafo sem conclusão.

24. Talvez não haja algum fenômeno social que assalte de forma tão brusca os direitos humanos como a pobreza o faz, por desgastar ou anular os direitos econômicos e sociais, como: direito à alimentação, à água potável, à saúde, à educação, à habitação, à segurança pessoal, à justiça e à dignidade. Embora todos esses direitos sejam interligados e interdependentes, observa-se que, para as pessoas que vivem na pobreza, talvez eles não passem de um sonho muito distante de se tornar realidade.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: “Talvez não haja algum fenômeno social que assalte de forma tão brusca os direitos humanos como a pobreza o faz”. Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de causas: “por desgastar ou anular os direitos econômicos e sociais, como: direito à alimentação, à água potável, à saúde, à educação, à habitação, à segurança pessoal, à justiça e à dignidade”. Conclusão do parágrafo com reafirmação do tópico frasal: “Embora todos esses direitos sejam interligados e interdependentes, observa-se que, para as pessoas que vivem na pobreza, talvez eles não passem de um sonho muito distante de se tornar realidade”.

25. Lagartixas são excelentes alpinistas: escalam paredes com uma velocidade que pode atingir um metro por segundo. O mecanismo usado por esses répteis para se fixarem às superfícies foi

descrito pela equipe do biólogo Kellar Autumn, professor em Portland (EUA). Quando a lagartixa sobe pela parede, a geometria especial de seus dedos produz forças de Van der Waals, interações eletromagnéticas fracas que garantem adesão segura entre as patas do réptil e a superfície.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Lagartixas são excelentes alpinistas". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento, seguido de testemunho de autoridade: "escalam paredes com uma velocidade que pode atingir um metro por segundo. O mecanismo usado por esses répteis para se fixarem às superfícies foi descrito pela equipe do biólogo Kellar Autumn, professor em Portland (EUA). Quando a lagartixa sobe pela parede, a geometria especial de seus dedos produz forças de Van der Waals, interações eletromagnéticas fracas que garantem adesão segura entre as patas do réptil e a superfície". Parágrafo sem conclusão.

ANÁLISE DOS ENUNCIADOS DAS PROVAS

No estudo das técnicas de compreensão e interpretação de textos, assim como em outras disciplinas, faz-se necessário estabelecer um método de análise dos enunciados que comumente aparecem em provas de concursos públicos. É importante, por este motivo, que o aluno perceba que há uma técnica por trás da elaboração das questões e que, portanto, será a aplicação desta técnica na resolução de provas que irá garantir uma boa preparação para o seu concurso.

Enunciados mais comuns:

"O texto se estrutura..."; "Os argumentos do autor se fundamentam em..."; "Ao se distribuir o texto adequadamente em parágrafos..."; "O parágrafo que expressa a ideia geral do texto..."; "No texto, o autor defende, sobretudo, a tese de que..."; "O tema do texto é..."; "O trecho a seguir tem a função textual/ a utilidade textual de..."

24.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Nos exercícios de fixação deste capítulo, você já treinou as técnicas de leitura e decodificação de um parágrafo dissertativo. Alguns desses parágrafos você voltará a ver agora nas provas que escolhemos para análise. Nosso intuito é que você perceba como as bancas costumam cobrar tal conhecimento nas questões de concursos.

Primeiramente, veja uma prova elaborada pelo NCE, do concurso para a CVM, que trouxe um único texto. Ele servirá como exemplo do que se chama de texto dissertativo padrão.

"O homem hoje em dia desenvolveu para tudo que costumava fazer com o próprio corpo, extensões ou prolongamentos desse mesmo corpo. A evolução de suas armas começa pelos dentes e punhos e termina com a bomba atômica. Indumentária e casas são extensões dos mecanismos

biológicos de controle de temperatura do corpo. A mobília substitui o acocorar-se e sentar-se no chão. Instrumentos mecânicos, lentes, televisão, telefones e livros que levam a voz através do tempo e do espaço constituem exemplos de extensões materiais. Dinheiro é meio de estender os benefícios e de armazenar trabalho. Nosso sistema de transportes faz agora o que costumávamos fazer com os pés e as costas. De fato, podemos tratar de todas as coisas materiais feitas pelo homem como extensões ou prolongamentos do que ele fazia com o corpo ou com alguma parte especializada do corpo".

(Leslie A. White, *The science of culture*)

1. Entre o primeiro e o último período do texto 1 há uma série de afirmações que têm a finalidade de:

a) dar credibilidade ao que é afirmado, já que as afirmações se apoiam em fatos historicamente comprovados.

b) explicitar o que são as "extensões" ou os "prolongamentos" do próprio corpo, vocábulos citados no primeiro período.

c) desenvolver, explicando, a afirmação feita no período inicial, por meio de exemplos esclarecedores.

d) opor-se a pensamentos contrários ao que é exposto no primeiro período, por tratar-se de um ponto de vista novo.

e) apresentar argumentos que comprovem a sua tese, argumentos esses apoiados em descobertas históricas recentes.

2. "**De fato**, podemos tratar de todas as coisas materiais feitas pelo homem como extensões ou prolongamentos..."; a expressão destacada tem a finalidade de:

a) retificar informações anteriores.

b) ampliar informações já fornecidas.

c) confirmar informação prestada anteriormente.

d) explicar informações pouco claras.

e) acrescentar dados aos já fornecidos.

Comentários:

1. Quanto à letra A, observe que o objetivo do que vem após o primeiro período do texto não é *dar credibilidade* ao que se disse anteriormente: credibilidade seria se o autor optasse pela citação de um *testemunho de autoridade* no assunto (as palavras de outro autor renomado). Não foi o caso.

   A letra B, por sua vez, reduz informações do texto: a fundamentação não fala só das *extensões ou prolongamentos do corpo*, mas também *de tudo que o homem costumava fazer com o próprio corpo*. Reduzir informações do texto também é erro de interpretação.

   Quanto à letra D, veja que contradição: a fundamentação do tópico frasal não apresenta pensamentos que sejam *contrários* ao que foi exposto no primeiro período. É justamente o oposto: ela apresenta *exemplos* que apoiam aquilo que foi dito no primeiro período do texto. Não se trata, portanto, de um *ponto de vista novo*, mas o mesmo ponto de vista.

   A letra E começou perfeita; de fato, trata-se de argumentos que comprovam a tese apresentada no primeiro período do texto, mas eles não se apoiam *em descobertas históricas recentes*. São exemplos que confirmam aquilo que se disse no início do texto.

   Tem-se, portanto, um texto que se inicia pela apresentação da tese (*O homem hoje em dia desenvolveu para tudo que costumava fazer com o próprio corpo, extensões ou prolongamentos desse mesmo corpo)*. Logo a seguir, tem-se sua fundamentação, que é o desenvolvimento do texto, que ocorre por meio da apresentação de exemplos. Por fim, no último período do texto, tem-se sua conclusão, representada pela retomada do tópico frasal apresentado no início do texto (*De fato, podemos tratar de todas as coisas materiais feitas pelo homem como extensões ou prolongamentos do que ele fazia com o corpo ou com alguma parte especializada do corpo*).

   Resposta: C.

2. Como você viu, o último período do texto é a reafirmação do que se disse no primeiro período. Assim, o conectivo *de fato*, que é um adjunto adverbial de afirmação, exerce mesmo essa tarefa de *confirmar* o que se disse anteriormente.

   Dessa forma, elimina-se a letra A: o objetivo do texto não é *retificar*, *corrigir* o que foi dito anteriormente. As letras B e E são muito parecidas: o que se quer não é *dizer mais* do que foi dito, apenas *reafirmar*.

Quanto à letra D, entenda que o último período não *explica* o que foi dito anteriormente, apenas *reescreve*.

Reescrever o que se disse é *confirmar* uma afirmação, que é exatamente o que diz a letra C.

Resposta: C.

Você percebeu pela questão que as bancas buscam também do candidato sua capacidade de descobrir a estratégia utilizada pelo autor para **fundamentar o tópico frasal introdutório do parágrafo**? Na verdade, o que se quer é que o aluno esteja apto a detectar o tipo de fundamentação que o autor utilizou em determinado parágrafo: a estratégia que se escolheu para desenvolver um parágrafo.

Você conhece as formas mais comuns de se desenvolver um parágrafo? Desenvolver o parágrafo significa expandir sua ideia-núcleo, de modo a torná-lo claro e bem fundamentado. Tal fundamentação pode ocorrer por diversos critérios, lembrando que, em um único parágrafo, o autor pode utilizar mais de um artifício na busca da maneira mais convincente de se expressar.

Antes de seguirmos com a análise de textos, é importante que você conheça as formas mais comuns de se desenvolver o tópico frasal (a ideia-núcleo do parágrafo).

Uma forma muito comum de se desenvolver um argumento é por meio de **enumeração ou descrição de detalhes:** nesse caso, a ideia-núcleo é especificada por meio de detalhes, pormenores. Estabelece-se, portanto, uma explanação da ideia-núcleo, que é então desenvolvida, de modo a aprofundar a discussão iniciada pelo tópico frasal. Veja um exemplo, que é um trecho retirado de uma prova elaborada pela Fundação Carlos Chagas, para o MPU:

> *Quem caminha pelos mais de 70 quilômetros de praia da Ilha Comprida, no litoral sul de São Paulo, pode perceber uma paisagem peculiar* ***(tópico frasal).*** *Em meio às dunas da restinga, onde deveria existir apenas vegetação rasteira, grandes pinheiros brotam por toda parte. A sombra das árvores é um bem-vindo refresco para os moradores da região.*

Nesse caso, o tópico frasal foi desenvolvido por meio de detalhamento, descrições: *grandes pinheiros*, *sombra das árvores*...

Além da apresentação de detalhes, enumerações, pode-se desenvolver um parágrafo pelo **estabelecimento de comparação**. Nesse caso, desenvolve-se uma ideia pela apresentação de

contrastes (que enfocam as diferenças) ou paralelos (que destacam as semelhanças) entre ideias, seres, fatos etc.

Observe um trecho retirado de uma prova também da Fundação Carlos Chagas, que se desenvolveu por meio de *contrastes*:

> *Mas os saberes científicos têm uma característica inescapável: os enunciados que produzem são necessariamente provisórios, estão sempre sujeitos à superação e à renovação* ***(tópico frasal)****. Outros exercícios do espírito humano, como a cogitação filosófica, a inspiração poética ou a exaltação mística poderão talvez aspirar a pronunciar verdades últimas; as ciências só podem pretender formular verdades transitórias, sempre inacabadas.*

Nesse trecho, o autor opta por desenvolver um argumento (*a constante transformação das verdades científicas*), por meio da comparação entre a *ciência* e a *filosofia* ou *a poesia*.

Pode-se também desenvolver um argumento por meio da **apresentação de suas causas e/ou consequências**, estratégia, aliás, muito comum nos textos dissertativos. Nesse caso, ou o tópico frasal é a causa e seu desenvolvimento expõe suas consequências, ou será ele a consequência e o restante do parágrafo desenvolverá suas causas. Veja mais um trecho retirado de prova elaborada pela Fundação Carlos Chagas:

> *A educação é uma função tão natural e universal da comunidade humana que, pela própria evidência,* ***(tópico frasal)*** *leva muito tempo a atingir a plena consciência daqueles que a recebem e praticam, sendo, por isso, relativamente tardio o seu primeiro vestígio na tradição literária* ***(consequências)****.*

É um texto filosófico, de difícil compreensão, sabemos disso, mas procure detectar a técnica utilizada pelo autor ao fundamentar seu parágrafo. Após a apresentação do tópico frasal, tem-se a concretização dessa ideia por meio de consequências.

Muitas vezes, o autor, para desenvolver um tópico frasal, opta por sua fundamentação por meio de simples **explicação ou esclarecimento**. É exatamente isto: afirma-se algo e, na sequência do parágrafo, diz-se o que foi dito antes, só que com outras palavras. Veja um exemplo:

> *As discussões sobre a liberdade assentam necessariamente e em princípio na negação de suas próprias bases possibilitadoras* ***(tópico frasal)****. Quero dizer que o único pressuposto histórico viável para que se possa instaurar a inteireza do entendimento da questão está na*

ausência de liberdade.

Percebeu como o autor, no segundo período do parágrafo, diz o que se disse anteriormente, com a utilização de outras palavras? É a fundamentação de uma ideia por meio de *explicação*.

Além da explicação, é muito comum que a fundamentação de um parágrafo ocorra por meio da **apresentação de exemplos**. Os exemplos caracterizam-se como uma maneira bem elucidativa de concretizar o que há de abstrato no tópico frasal. Seguindo esse critério, o parágrafo se desenvolve por meio da ilustração da ideia-núcleo, constituindo-se em uma das formas mais simples de se demonstrar aquilo que se afirma. Observe:

> *Dependendo das circunstâncias, as espécies invasoras podem ser meras "imigrantes" inofensivas ou invasoras altamente nocivas* ***(tópico frasal).*** *Dentro do sistema produtivo, por exemplo, o búfalo e o pinus são apenas espécies exóticas. Quando escapam para a natureza, entretanto, muitas vezes tornam-se organismos nocivos aos ecossistemas "naturais".*

Percebeu como os exemplos facilitam a intelecção do que foi dito? Procure utilizá-los também em suas redações. Eles tornam o texto mais claro, evitando que ele se transforme em um amontoado de conceitos. Os exemplos *concretizam* o texto.

Além dessas estratégias de fundamentação de parágrafo, podemos citar algumas outras: **citação de testemunhos de autoridade** (que são depoimentos de um outro autor respeitado sobre o assunto discutido), **apresentação de dados estatísticos** (que são informações retiradas de pesquisas), **apresentação de narrações** (que são histórias utilizadas para ilustrar o tema discutido), entre outros recursos.

Elaboramos um exercício que tem como meta ensinar você a desvendar a estruturação de um parágrafo argumentativo. Com ele, você, não só aprenderá a ler com mais técnica, como também desenvolverá técnicas de redação. Todos os trechos foram retirados de textos de concursos públicos. Constitui cada qual uma única linha de raciocínio que apresenta as frases organizadas em torno de um tópico frasal, voltadas para um único fim: desenvolver ou retomar a ideia-núcleo, aumentando--lhe a compreensão.

Dessa forma, destaque suas **ideias-núcleo**, indicando o seu **desenvolvimento** e, caso haja, sua **conclusão**. Analise também a(s) forma(s) como foram desenvolvidos os tópicos frasais ao longo

dos parágrafos.

1. “Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos. Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitar e dar afeto.”

Na introdução do parágrafo, tem-se a apresentação do tópico frasal: “Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana.”

A seguir, desenvolve-se o argumento inicial com a enumeração de exemplos: “Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos.”

Observe que, na conclusão, o autor não só retomou o tópico frasal, mas optou também por acrescentar consequências: “Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitar e dar afeto”.

Trata-se, assim, de um parágrafo padrão, com introdução, desenvolvimento e conclusão.

2. “No início deste período, o homem inventou a escrita, graças à qual os conhecimentos venceram o tempo e o espaço. Venceram o tempo, pois, as experiências acumuladas puderam, sob a forma escrita, ser transmitidas com precisão às gerações seguintes. Venceram o espaço, pois os conhecimentos passaram a ser transportados de um lugar para o outro em papiros, papéis e demais materiais desenvolvidos para a fixação da escrita. Com o registro e com a circulação da informação, o homem se beneficiou de um crescente repertório de experiências, as quais lhe permitiram inventar mais, e mais facilmente.”

Mais uma vez, introduz-se o parágrafo por meio da apresentação do tópico frasal: “No início deste período, o homem inventou a escrita, graças à qual *os conhecimentos venceram o tempo e o espaço*.”

A seguir, desenvolve-se o argumento inicial por meio da apresentação de explicações: “*Venceram o tempo*, pois, as experiências acumuladas puderam, sob a forma escrita, ser transmitidas com precisão às gerações seguintes. *Venceram o espaço*, pois os conhecimentos passaram a ser transportados de um lugar para o outro em papiros, papéis e demais materiais desenvolvidos para a fixação da escrita”.

Novamente, conclui-se o parágrafo com a retomada do tópico frasal e acréscimo de consequências: “Com o registro e com a circulação da informação, o homem se beneficiou de um crescente repertório de experiências, as quais lhe permitiram inventar mais, e mais facilmente”.

3. “Liderança é um aspecto da personalidade, uma característica que alguns indivíduos têm e outros não. Por definição, bons líderes são pessoas diferentes da média. Eles têm mais determinação do que outros. Sua presença é tão marcante que ficam na memória das pessoas. Por isso, liderança não é para qualquer um, é um dom.”

Outro parágrafo organizado de forma padrão. Apresenta-se, de início, o tópico frasal: “Liderança é um aspecto da personalidade, uma característica que alguns indivíduos têm e outros não”. A seguir, fundamenta-se o argumento central por meio de sua definição, que, nada mais é que seu *esclarecimento*: “Por definição, bons líderes são pessoas diferentes da média. Eles têm mais determinação do que outros. Sua presença é tão marcante que ficam na memória das pessoas”.

Ao final do parágrafo, o autor retoma o tópico frasal inicial, que vem antecedido de um conector conclusivo: “Por isso, liderança não é para qualquer um, é um dom”.

Bom de ler e de copiar em uma futura redação, não é?

4. “Há muitos tipos de líder, e gosto de destacar três. A primeira categoria é dos líderes que marcam diferença por serem grande estrategistas, objetivos e com visão de futuro. O legado deles é o método. O segundo tipo tem forte poder intelectual, mergulha com intensidade nas questões teóricas, disseca e diagnostica problemas como ninguém. São líderes que deixam ideias originais, com marca própria. E um terceiro tipo chamo de líderes inspiradores. Eles entendem as demandas do povo, suas paixões, conseguem entender emocionalmente as pessoas. Os maiores líderes da história têm força porque reúnem método, intelecto e habilidade de tocar nos sentimentos de seus liderados.”

Introduz-se o parágrafo com apresentação do tópico frasal: “Há muitos tipos de líder, e gosto de destacar três”.

Logo a seguir desenvolve-se o parágrafo com a enumeração dos *três tipos de líder* citados na primeira linha do texto: “A primeira categoria é dos líderes que marcam diferença por serem grande estrategistas, objetivos e com visão de futuro. O legado deles é o método. O segundo tipo tem forte poder intelectual, mergulha com intensidade nas questões teóricas, disseca e diagnostica problemas como ninguém. São líderes que deixam ideias originais, com marca própria. E um terceiro tipo chamo de líderes inspiradores. Eles entendem as demandas do povo, suas paixões, conseguem entender emocionalmente as pessoas”.

Observe que, na conclusão, o autor retoma tópico frasal acrescentando sua opinião: “Os maiores

líderes da história têm força porque reúnem método, intelecto e habilidade de tocar nos sentimentos de seus liderados".

5. "Em oito anos, o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio – é alarmante esse grau crescente de insegurança."

Você consegue perceber que esse parágrafo está estruturado de forma diferente dos parágrafos anteriores? É que ele se inicia pelos dados estatísticos, e não pelo tópico frasal. Esse é o *parágrafo indutivo*, que foge ao padrão: ele vai da fundamentação à ideia, e não o contrário. Vai do concreto ao abstrato. Somente ao final do parágrafo é que se descobre qual é o argumento que o enseja: é alarmante esse grau crescente de insegurança.

Resumindo:
Parágrafo dedutivo é aquele que vai do tópico frasal à sua fundamentação: do abstrato ao concreto. Parágrafo indutivo é aquele que se inicia pela fundamentação do tópico (exemplos, dados estatísticos etc.) e só a seguir é que se apresenta o argumento que motivou o parágrafo.

24.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

Agora é a sua vez. Selecionamos algumas provas que abordam as técnicas do texto dissertativo, para você treinar. Ao final, o gabarito. Bom trabalho!

Texto I

O QUE É CIDADANIA

Gilberto Dimenstein

Cidadania é o direito de ter uma ideia e poder expressá-la. É poder votar em quem quiser sem constrangimento. É processar um médico que cometa um erro. É devolver um produto estragado e receber o dinheiro de volta. É o direito de ser negro sem ser discriminado, de praticar uma religião sem ser perseguido.

Há detalhes que parecem insignificantes, mas revelam estágios de cidadania: respeitar-se o sinal vermelho no trânsito, não jogar papel na rua, não destruir telefones públicos. Por trás desse comportamento, está o respeito à coisa pública.

O direito de ter direitos é uma conquista da humanidade. Da mesma forma que a anestesia, as vacinas, o computador, a máquina de lavar, a pasta de dente, o transplante do coração. Foi uma conquista dura. Muita gente lutou e morreu para que tivéssemos o direito de votar. E outros batalharam para você votar aos dezesseis anos. Lutou-se pela ideia de que todos os homens merecem a liberdade e de que todos são iguais diante da lei.

Pessoas deram a vida combatendo a concepção de que o rei tudo podia porque tinha poderes

divinos e aos outros cabia obedecer. No século XVIII, a rebeldia a essa situação detonou a Revolução Francesa, um marco na história da liberdade do homem.

No mesmo século surgiu um país fundado na ideia da liberdade individual: os Estados Unidos. Foi com esse projeto revolucionário que eles se tornaram independentes da Inglaterra.

Desde então, os direitos foram se alargando, se aprimorando, e a escravidão foi abolida. Alguém consegue hoje imaginar um país defendendo a importância dos escravos para a economia?

Mas esse argumento foi usado durante muito tempo no Brasil. Os donos da terra alegavam que, sem escravos, o país sofreria uma catástrofe. Eles se achavam no direito de bater e até matar os escravos que fugissem. Nessa época, o voto era um privilégio: só podia votar quem tivesse dinheiro. E para se candidatar a deputado, só com muita riqueza em terras.

No mundo, trabalhadores ganharam direitos. Imagine que no século passado, na Europa, crianças chegavam a trabalhar até quinze horas por dia. E não tinham férias.

As mulheres, relegadas a segundo plano, passaram a poder votar, símbolo máximo da cidadania. Até há pouco tempo, justificava-se abertamente o direito do marido de bater na mulher e até de matá-la.

Em 1948, surgiu a Declaração Universal dos Direitos do Homem, aprovada pela Organização das Nações Unidas (ONU), ainda na emoção da vitória contra as forças totalitárias lideradas pelo nazismo, na Europa. Com essa declaração, solidificou-se a visão de que, além da liberdade de votar, de não ser perseguido por suas convicções, o homem tinha direito a uma vida digna. É o direito ao bem-estar. A onda dos direitos mudou a cara e o mapa do mundo neste final de milênio.

Assistimos à derrocada dos regimes comunistas, com a extinção da União Soviética. Os países do Leste europeu converteram-se à democracia.

Na África do Sul, desfez-se o regime de segregação racial. A América Latina, tão viciada em ditadores, viu surgir na década de 80 uma geração de presidentes eleitos democraticamente.

1. Para defender seus pontos de vista o autor só NÃO emprega:

a) exemplificação.
b) citação de fatos históricos.
c) interação com o leitor, questionando-o.
d) apelo a opiniões pessoais.
e) utilização do humor e da ironia.

2. O texto apresenta uma ideia principal que é:

a) a cidadania é uma conquista diária de todos nós.
b) ser cidadão é ter direitos.
c) a América Latina é um local de cidadania plena.
d) a cidadania deve compreender as mulheres.
e) ser cidadão é cuidar do público em detrimento do privado.

3. O autor se refere à cidadania como uma conquista; a palavra do texto que NÃO está relacionada a essa ideia de conquista é:

a) “lutou e morreu”.
b) “batalharam”.
c) “revolucionário”.

d) “respeito”.
e) “lutou-se”.

4. Podemos dividir o texto em cinco partes, que estão indicadas abaixo com a síntese de seu conteúdo; a alternativa em que a indicação do conteúdo NÃO está correta é:

a) do início do texto até “sem ser perseguido” – a definição de cidadania.
b) de “Há detalhes” até “a coisa pública” – exemplos de cidadania.
c) de “O direito a ter direitos” “até diante da lei” – a conquista difícil da cidadania.
d) de “Pessoas deram a vida” até “de matá-la” – fatos históricos na luta pelos direitos humanos.
e) de “Em 1948 surgiu” até o fim do texto – os direitos humanos antes da guerra.

Texto II

ENTREVISTA COM MICHAEL SERMER
(Diretor da ONG contra superstições) – Veja, n. 1733

Repórter: Como o senhor justifica a vantagem do pensamento científico sobre o obscurantismo?

MS –A ciência é o único campo do conhecimento humano com característica progressista. Não digo isso tomando o termo progresso como uma coisa boa, mas sim como um fato. O mesmo não ocorre na arte, por exemplo. Os artistas não melhoram o estilo de seus antecessores, eles simplesmente o mudam. Na religião, padres, rabinos e pastores não pretendem melhorar as pregações de seus mestres. Eles as imitam, interpretam e repetem aos discípulos. Astrólogos, médiuns e místicos não corrigem os erros de seus predecessores, eles os perpetuam. A ciência, não. Tem características de autocorreção que operam como a seleção natural. Para avançar, a ciência se livra dos erros e teorias obsoletas com enorme facilidade. Como a natureza, é capaz de preservar os ganhos e erradicar os erros para continuar a existir.

1. Em termos argumentativos, pode-se dizer que:

a) a argumentação apresentada por MS se apóia em testemunhos de autoridade.
b) a tese apresentada está explícita em “a ciência se livra dos erros e teorias obsoletas com enorme facilidade”.
c) o público-alvo a ser convencido é o conjunto de pessoas ligadas, de uma maneira ou outra, ao obscurantismo.
d) os argumentos apresentados na defesa da tese se fundamentam ora na intimidação, ora na persuasão.
e) por ser de caráter científico, a subjetividade do argumentador é completamente desprezada na argumentação.

2. O segmento do texto que se volta para a própria construção do texto é:

a) “Não digo isso tomando o termo progresso como uma coisa boa, mas sim como um fato.”
b) “O mesmo não ocorre na arte, por exemplo.”
c) “Na religião, padres, rabinos e pastores não pretendem melhorar as pregações de seus mestres.”
d) “Para avançar, a ciência se livra dos erros e teorias obsoletas com enorme facilidade.”
e) “Como a natureza, é capaz de preservar os ganhos e erradicar os erros para continuar a existir”.

Texto III

A FLOR DO GEÓGRAFO

Dom Marcos Barbosa O.S.B.

Creio que é a terceira vez que venho falar de motoristas. Até parece que vivo andando de táxi. E tenho sempre a sorte de encontrar no volante, ao contrário dos outros, um verdadeiro gentleman.

Para que não me acusem de suspeição e de especial simpatia pela classe, aviso logo que o fato de hoje não se deu comigo,mas com o professor francês Pierre Desfontaines. Jamais esqueci, porém, a frase obscura que o ilustre geógrafo foi colher na trepidante Pauliceia.

Pierre Desfontaines, cujo nome nos fala de pedra e de fonte, não podia ser, realmente um geógrafo como os outros...

Ah, os geógrafos! Eles eram todos, quase todos, como o geógrafo do Petit Prince, que se contentava em anotar as montanhas, os rios e as cidades que os exploradores houvessem visto; mas não as flores, santo Deus! porque as flores eram efêmeras. Também não lhe interessava se os vulcões estavam extintos ou não. Só queria saber da terra, da montanha. Não do risco corrido pelos homens, tão efêmeros quanto a flor. Anotava tudo a lápis. Só depois cobria à tinta, se o explorador se mostrasse fidedigno e trouxesse provas...

Mas felizmente alguns vieram a descobrir a "geografia humana", a geografia em função do homem; e eu vim a descobrir, por minha vez, a geografia humaníssima de Desfontaines, que me fez lamentar o árido estudo do meu tempo de ginásio e as áridas geografias que ainda hoje vejo nas mãos de tantos alunos.

(...)

1. A inclusão do personagem do Petit Prince tem a utilidade textual de:

a) opor-se, por seus valores, a Pierre Desfontaines.

b) defender a ideia de uma geografia científica.

c) mostrar uma posição ideal do geógrafo.

d) traçar pontos de semelhança com a geografia atual.

e) dar autoridade ao que é citado no texto.

Texto IV

NÃO

Salomão Rabinovich (Psicólogo)

A adolescência tem características particulares. São próprias dela a prepotência, a luta pela auto-afirmação, a sensação de que se pode tudo. Mas é sabido que, nessa fase da vida, somos inexperientes, inseguros, mais desatentos e um tanto desengonçados. Os jovens ainda estão em fase de crescimento, e o desenvolvimento biológico ainda não está completo. Por todos esses motivos, não é recomendável dar a carteira de motorista a um menor de 18 anos. O Brasil é campeão mundial de acidentes de carro. O trânsito em nossas grandes cidades é caótico e violento. Os motoristas com idade entre 18 e 25 anos são os que mais correm e por isso a incidência de acidentes é maior nessa faixa etária. Desde o início do ano, temos o novo Código de Trânsito Brasileiro que vem sendo criticado por ser rigoroso demais, e é nesse contexto que se deseja dar a carteira de motorista aos maiores de 16 anos. Para quê? Não é possível esperar dois anos para começar a dirigir?

Ser contra esse projeto de lei não é ser contra os jovens. Quando um adolescente vota, ele pode até estar fazendo uma escolha errada, mas ainda assim terá aprendido a exercer sua cidadania. Com um voto, porém, ele não vai morrer nem matar – o que pode acontecer se estiver dirigindo um carro. As vítimas, suas famílias e as pessoas que causaram acidentes sabem como é doloroso conviver com

isso, principalmente quando um jovem morre ou fica inválido. Para ser contra a carteira de motorista para maiores de 16 anos, basta visitar os hospitais das grandes cidades e ver o estrago que a morte de um adolescente causa. Já temos muitos problemas para resolver em relação ao trânsito e aos jovens brasileiros. Não precisamos de mais esse.

1. Entre os argumentos apresentados pelo autor do texto na defesa de seu posicionamento só NÃO está:

a) o número excessivamente grande de acidentes de trânsito no Brasil.
b) a maior insegurança e inexperiência dos mais jovens.
c) o trânsito das grandes cidades ser caótico e violento.
d) o já grande número de problemas com os jovens no trânsito.
e) a velocidade maior de carros dirigidos pelos mais jovens.

2. "Para quê? Não é possível esperar dois anos para se começar a dirigir?"; sobre esse segmento do texto pode-se afirmar que:

a) a segunda pergunta explicita a primeira.
b) as duas perguntas se referem à finalidade da concessão da carteira.
c) as duas perguntas podem ser respondidas com sim ou não.
d) a segunda pergunta se refere à ideia de consequência.
e) as duas perguntas se dirigem a interlocutores diferentes.

Texto V

JOVENS ENDIVIDADOS

Vítimas do consumismo e do crédito fácil, eles gastam mais do que ganham e devem mais do que podem pagar. A conta sobra para os pais.

Camilo Vanuchi e Milton Gamez

A casa dos Vieira, no bairro paulistano Alto de Pinheiros, está sempre cheia. Aos 67 anos, o empresário José Vieira ainda divide o sofá da sala e a conta bancária com seus três filhos homens, todos com mais de 25 anos. Dono de uma fábrica de peças de plástico, ele já se conformou com a ideia de viver para sempre com os rapazes. E, quem sabe, com as futuras noras e netos."Se eles se casarem e vierem para cá com os filhos, serão bem-vindos", diz seu José.

Dos três irmãos, dois fazem parte de um grupo cada vez mais comum na família brasileira contemporânea. São os jovens endividados. Além de adiar a saída de casa, mesmo depois de terminar a faculdade e arrumar trabalho, esses moços e moças não conseguem ajudar nas despesas de casa, nem tampouco pagar as próprias contas. Pior: acumulam dívidas. Muitos estão simplesmente falidos e entram na lista negra das entidades de proteção ao crédito. A fatia dos jovens no universo dos inadimplentes cresce de forma assustadora: 10% deles têm até 20 anos e 39% têm idade entre 21 e 30 anos (sim, os balzaquianos também são considerados jovens nos dias de hoje). Juntos, os consumidores até 30 anos foram responsáveis por 49% dos calotes dados em 2006 junto a bancos, administradoras de cartão de crédito e financeiras. Em 2005 somaram 44%. Os dados foram divulgados pela Telecheque. "Os jovens tiveram acesso ao crédito fácil demais nos últimos dois anos. Ficaram deslumbrados e perderam o controle", diz Antônio Praxedes, vice-presidente da Telecheque.

Revista Isto É, 24/01/2007, p. 64-5 (fragmento)

1. Em sua estrutura discursiva, o texto:

a) analisa primeiro a situação geral para num segundo momento expor casos particulares.
b) apresenta opiniões que se contrapõem e as sustenta com exemplos e relatos.
c) começa sua argumentação apontando as causas do problema para posteriormente dar soluções.
d) narra exemplos da situação em foco para em seguida formular uma hipótese.
e) justifica com dados numéricos um questionamento feito na introdução.

Texto VI

Nos últimos cinquenta anos, a população mundial mais do que dobrou, indo de 2,5 bilhões (1950) para 6 bilhões (2000). Durante esse mesmo período, a industrialização permitiu que o consumo aumentasse exponencialmente; como consequência, a poluição e o lixo também aumentaram. Já faz algum tempo que o planeta vem dando sinais de que não pode suportar o nosso modo de vida, e estudos indicam que hoje, mesmo com grande parte da população mundial excluída, já consumimos 20% por ano a mais de recursos naturais renováveis do que o planeta Terra é capaz de regenerar.

Ainda há uma dificuldade em relacionar os problemas ambientais aos nossos hábitos de consumo cotidianos. Quando compramos uma roupa, não pensamos nos agrotóxicos usados na plantação de algodão ou no trabalho escravo encontrado nas fazendas.

Entretanto, se queremos justiça social e preservação da natureza, vamos ter de mudar nossos hábitos de consumo.

1. A palavra "entretanto", que inicia o 3º parágrafo, foi empregada para introduzir:

a) a exemplificação de uma ideia a partir de um novo argumento.
b) a contraposição a ser estabelecida entre uma solução e um problema.
c) o reforço de uma opinião polêmica anteriormente defendida.
d) a confirmação de uma ideia sugerida no parágrafo anterior.
e) a negação de uma tese contrária à que está sendo defendida.

Texto VII

Há um caminho simples: proibir. Há o caminho correto: educar. Pois cidadãos responsáveis e consumidores conscientes se forjam com informação.

Até recentemente, a sociedade entendia ser a educação tarefa exclusiva de pais e professores. Sabiamente, esse conceito evoluiu. Cobra-se, agora, o compromisso de educar também de veículos de comunicação, publicidade, das artes etc. Não poderia haver reivindicação mais justa, dada a importância da educação – desde que não se esqueça o essencial: a responsabilidade de pais e professores continua sendo intransferível.

1. Na defesa de seu ponto de vista, o autor do texto marca suas opiniões de vários modos; assinale o item em que o termo sublinhado NÃO desempenha essa função textual:

a) "Não poderia haver reivindicação mais justa, dada a importância da educação..."
b) "Sabiamente esse conceito evoluiu."
c) "...a sociedade entendia ser a educação tarefa exclusiva de pais e professores."
d) "Há o caminho correto: educar."
e) "a responsabilidade de pais e professores continua sendo intransferível."

Texto VIII

MAR SANGRENTO

A foca-da-groenlândia é um dos mamíferos marinhos mais caçados do mundo. O Canadá está entre os poucos países que permitem a matança e onde o governo fornece subsídios e estabelece uma cota para a caça. Em 2003, o número foi recorde – 350 mil animais – mas, segundo os ambientalistas, as mortes vão muito além. Várias focas atingidas escapam para morrer logo depois e os filhotes órfãos não conseguem sobreviver.

(Revista Superinteressante, agosto-2003)

1. O texto é composto por um título e 4 períodos; assinale o item em que a correspondência das partes e seu papel textual NÃO é correto:

a) título – referência metafórica ao conteúdo do texto.
b) 1º período – constatação de um fato.
c) 2º período – exceção em relação à afirmação anterior.
d) 3º período – quantificação com valor de protesto.
e) 4º período – apelo sentimental.

Texto IX

COM QUE CORPO EU VOU?

Maria Rita Kehl, Folha de São Paulo, 30/06/2002

O cuidado de si volta-se para a produção da aparência, segundo a crença já muito difundida de que a qualidade do invólucro muscular, a textura da pele e a cor dos cabelos revelam o grau de sucesso de seus "proprietários". Numa praia carioca, escreve Stéphane Malysse, as pessoas parecem "cobertas por um sobrecorpo, como uma vestimenta muscular usada sob a pele fina e esticada..."

São corpos em permanente produtividade, que trabalham a forma física ao mesmo tempo em que exibem os resultados entre os passantes. São corpos-mensagem, que falam pelos sujeitos. O rapaz "sarado", a loira siliconada, a perna musculosa ostentam seus corpos como se fossem aqueles cartazes que os homens sanduíches carregam nas ruas do centro da cidade. "Compra-se ouro". "Vendem-se cartões telefônicos". "Belo espécime humano em exposição". A cultura do corpo não é a cultura da saúde, como quer parecer... É a produção de um sistema fechado, tóxico, claustrofóbico.

Nesse caldo de cultura insalubre, desenvolvem-se os sistemas sociais da drogadição (incluindo o abuso de hormônios e anabolizantes), da violência e da depressão. Sinais claros de que a vida, fechada diante do espelho, fica perigosamente vazia e sem sentido.

1. A loira siliconada, citada no texto, serve de exemplo de:

a) corpos em permanente produtividade.
b) cultura da saúde.
c) sintoma social da drogadição.
d) violência e depressão.
e) despreocupação com a aparência.

2. O texto lido apresenta um conjunto de posicionamentos; o item que mostra um posicionamento que NÃO corresponde a uma opinião do autor é:

a) a cultura do corpo é algo diferente da cultura da saúde.
b) o corpo humano deve ter alguém como recheio.

c) a cultura excessiva do corpo fecha o sujeito em si mesmo.
d) a dedicação exclusiva ao corpo é parte de um caldo cultural nocivo.
e) os corpos sarados escondem seus verdadeiros "proprietários".

3. Os argumentos apresentados pelo autor do texto são predominantemente:
a) depoimentos de autoridades no assunto tratado.
b) exemplos retirados de experiência profissional.
c) pesquisas realizadas na área do combate às drogas.
d) opiniões de caráter pessoal.
e) de base estatística.

Texto X

ECODÚVIDAS

Luc Ferry

Que haja uma dimensão científica na preocupação com o meio ambiente, não se discute, embora os dados objetivos sejam bem mais controversos do que se costuma supor: a dimensão real dos perigos ligados ao "buraco da camada de ozônio" permite debates acirrados, da mesma forma que as causas e a extensão do fenômeno conhecido como "efeito estufa". Quanto ao aquecimento da Terra e à elevação do nível do mar que resultaria do derretimento do gelo nos pólos, as opiniões mais autorizadas estão em perfeita contradição: segundo os dados e os modelos matemáticos de previsão elaborados pela própria Nasa, é possível que o nível baixe, que se eleve ou que se mantenha.

Tudo depende! Seria bom, portanto, dispor de um balanço mais definitivo sobre essas questões e algumas outras que agitam a imprensa com tanto vigor. Pois quanto maior a incerteza científica tanto maior a propagação do dogmatismo entre os profissionais da ecologia política, que aproveitam a indeterminação dos dados para avivar o "grande medo planetário", base da paixão democrática nessa questão.

1. O texto procura demonstrar:
a) a necessidade de maior precisão científica.
b) o descuido do homem com o meio ambiente.
c) a indiferença do homem a problemas graves do planeta.
d) o aproveitamento político de questões ecológicas.
e) a arrogância do conhecimento científico.

2. O buraco na camada de ozônio e as causas e a extensão do efeito estufa são citados no texto como:
a) casos controversos de discussão.
b) exemplos de desprezo do homem pelo meio ambiente.
c) demonstrações de casos com dimensão científica.
d) situações em que se demonstra a preocupação com o meio.
e) problemas criados pelo homem na Terra.

3. "Que haja uma dimensão científica na preocupação com o meio ambiente, não se discute, // embora os dados objetivos sejam bem mais controversos do que se costuma supor"; o que se opõe

entre os dois segmentos dessa parte do texto é:

a) dimensão científica X dados objetivos.
b) precisão X suposição.
c) ciência X dados controversos.
d) preocupação X despreocupação.
e) abstração X dados objetivos.

Texto XI

COMUNICAR É AGIR

José Luiz Fiorin

Quando um enunciador comunica alguma coisa, tem em vista agir no mundo. Ao exercer seu fazer informativo, produz um sentido com a finalidade de influir sobre os outros. Deseja que o enunciatário creia no que ele lhe diz, faça alguma coisa, mude de comportamento ou de opinião etc. Ao comunicar, age no sentido de fazer-fazer. Entretanto, mesmo que não pretenda que o destinatário aja, ao fazê-lo saber alguma coisa, realiza uma ação, pois torna o outro detentor de um certo saber.

Comunicar é também agir num sentido mais amplo. Quando um enunciador reproduz em seu discurso elementos da formação discursiva dominante, de certa forma, contribui para reforçar as estruturas de dominação. Se se vale de outras formações discursivas, ajuda a colocar em xeque as estruturas sociais. No entanto, pode-se estar em oposição às estruturas econômico-sociais de uma maneira reacionária, em que se sonha fazer voltar um mundo que não mais existe, ou de uma maneira progressista, em que se deseja criar um mundo novo. Sem pretender que o discurso possa transformar o mundo, pode-se dizer que a linguagem pode ser instrumento de libertação ou de opressão, de mudança ou de conservação.

1. O segundo parágrafo do texto, em relação ao primeiro, funciona como:

a) oposição.
b) retificação.
c) acréscimo.
d) concessão.
e) explicação.

2. "Comunicar é também agir num sentido mais amplo"; com esta frase inicial do segundo parágrafo, o autor do texto:

a) amplia o significado do verbo "agir", empregado no parágrafo anterior.
b) reforça a mesma ideia de "ação" atribuída anteriormente ao ato de comunicar.
c) corrige o emprego do verbo "agir", utilizado no primeiro parágrafo.
d) quer mostrar que "comunicar" e "agir" são ações equivalentes.
e) mostra certa ironia diante da ação humana de comunicar algo.

Texto XII

O homem hoje em dia desenvolveu para tudo que costumava fazer com o próprio corpo, extensões ou prolongamentos desse mesmo corpo. A evolução de suas armas começa pelos dentes e punhos e termina com a bomba atômica. Indumentária e casas são extensões dos mecanismos biológicos de controle de temperatura do corpo. A mobília substitui o acocorar-se e sentar-se no chão.

Instrumentos mecânicos, lentes, televisão, telefones e livros que levam a voz através do tempo e do espaço constituem exemplos de extensões materiais. Dinheiro é meio de estender os benefícios e de armazenar trabalho. Nosso sistema de transportes faz agora o que costumávamos fazer com os pés e as costas. De fato, podemos tratar de todas as coisas materiais feitas pelo homem como extensões ou prolongamentos do que ele fazia com o corpo ou com alguma parte especializada do corpo.

(Leslie A. White, The science of culture)

1. Entre o primeiro e o último período do texto XII há uma série de afirmações que têm a finalidade de:

a) dar credibilidade ao que é afirmado, já que as afirmações se apóiam em fatos historicamente comprovados.

b) explicitar o que são as "extensões" ou os "prolongamentos" do próprio corpo, vocábulos citados no primeiro período.

c) desenvolver, explicando, a afirmação feita no período inicial, por meio de exemplos esclarecedores.

d) opor-se a pensamentos contrários ao que é exposto no primeiro período, por tratar-se de um ponto de vista novo.

e) apresentar argumentos que comprovem a sua tese, argumentos esses apoiados em descobertas históricas recentes.

2. Segundo o autor do texto XII, todas as coisas materiais são extensões ou prolongamentos do que o homem fazia com o corpo ou com alguma parte especializada do corpo. Entre as alternativas abaixo, aquela que NÃO apresenta um exemplo adequado dessas extensões ou prolongamentos é:

a) os óculos: extensão da vista.

b) a espada: extensão do braço.

c) o navio de carga: extensão das costas.

d) os transportes: extensão dos pés.

e) o perfume: extensão do olfato.

3. "De fato, podemos tratar de todas as coisas materiais feitas pelo homem como extensões ou prolongamentos..."; a expressão sublinhada tem a finalidade de:

a) retificar informações anteriores.

b) ampliar informações já fornecidas.

c) confirmar informação prestada anteriormente.

d) explicar informações pouco claras.

e) acrescentar dados aos já fornecidos.

Texto XIII

CÂNCER

Márcio Bueno – A origem curiosa das palavras

A palavra câncer vem do latim câncer, cancri, que significa "caranguejo". No próprio latim passou a designar também os tumores da mama porque, segundo alguns autores, as veias que partem deles apresentam certa semelhança com as patas do crustáceo. Para outros estudiosos, a metáfora decorre de essas úlceras roerem as carnes como um caranguejo. Com o tempo, o termo foi estendido para qualquer tipo de tumor maligno. Do termo latino derivou também "cancro", que é um sinônimo de

“câncer”. O mais interessante é que a origem do nosso termo “caranguejo” é exatamente a mesma, só que passando pelo espanhol “cangrejo”.

1. “Para outros estudiosos, a metáfora...”; a metáfora a que se refere o texto se prende à semelhança entre:

a) caranguejo e crustáceo.
b) veias e patas.
c) mamas e carnes.
d) latim e português.
e) patas e crustáceo.

2. Após a leitura desse pequeno texto aprendemos que:

a) as palavras portuguesas provêm do antigo latim.
b) algumas palavras latinas desapareceram.
c) alguns significados são extensões do sentido original.
d) alguns idiomas desapareceram com o tempo.
e) as palavras portuguesas são originárias do latim e do espanhol.

3. O texto tem como finalidade principal:

a) justificar a denominação de câncer.
b) homenagear o idioma latino.
c) alertar a população para os perigos da doença.
d) mostrar o progresso da ciência brasileira.
e) indicar os caminhos de prevenção contra o câncer.

Texto XIV

DOENÇA DE CHAGAS

Márcio Bueno – A origem curiosa das palavras

Embora “chaga” seja uma lesão da carne, uma ferida aberta, a doença de Chagas não tem qualquer relação com esse tipo de problema. Trata-se de um mal irreversível, com várias implicações, incluindo problemas cardíacos. Na origem do termo está o nome do médico e cientista brasileiro Carlos Chagas (1879-1934) que, com apenas trinta anos, descobriu o agente causador e descreveu em detalhes tudo o que se relacionava com a doença: “Saibam todos”, resumiu ele, “que o inseto conhecido por barbeiro ou chupão, encontrado nas casas de pau-a-pique dos sertanejos do Brasil, é portador de um parasita que causa febre, anemia, cardiopatias e aumento dos gânglios.” Como “homenagem” ao sanitarista Oswaldo Cruz, com quem trabalhava, o cientista deu o nome ao parasita trypanosoma cruzi. Essa estranha homenagem de doença foi feita também a ele, quando o povo passou a chamar a parasitose de “doença de Chagas”.

1. Das duas homenagens citadas no texto:

a) o nome de Oswaldo Cruz homenageou o parasita.
b) o nome de Oswaldo Cruz homenageou a doença.
c) o nome dado à doença homenageou Carlos Chagas.
d) só a segunda atribui valor à descoberta.
e) só a primeira representa, de fato, uma homenagem.

2. O texto tem como finalidade principal:

a) justificar a denominação da doença de Chagas.
b) homenagear Carlos Chagas.
c) homenagear Oswaldo Cruz.
d) mostrar o progresso da ciência brasileira.
e) ensinar o povo a proteger-se da doença de Chagas.

Texto XV

BRASIL E O MUNDO PODEM PREJUDICAR A SUA SAÚDE

Texto da Internet falsamente atribuído a Arnaldo Jabor

Minha profissão é ver o mal do mundo. Um dia, a depressão bate. Não aguento mais ver a cara do Bush ostentando rugas na testa de preocupação com o nosso destino (que ele azedou), não aguento mais o Lula de boné dançando xaxado, não aguento ver o Sarney feliz, mandando no país, guardando o PT no bolso do jaquetão, enquanto os petistas, comunistas, tucanistas e fascistas discutem para ver quem é mais de esquerda ou de direita, enquanto o país afunda em violência e miséria, com o Estado sendo loteado entre esquerdistas sem emprego; não dá mais para ouvir que há transgênicos de esquerda ou de direita, principalmente quando ninguém consegue impedir as queimadas na Amazônia; passo mal também quando vejo a cara dos oportunistas do MST, com a bênção da Pastoral da Terra, liderando pobres diabos para a revolução contra o capitalismo; não aguento secretários de Segurança falando em forças-tarefa, em presídios perfeitos que não conseguem nem bloquear celulares; não suporto ver que o Exército se recusa a ajudar na repressão ao crime, com generais tão eficazes para arrasar a guerrilha urbana nos anos setenta.

1. Em relação à primeira frase do texto, todo o trecho seguinte do primeiro parágrafo funciona como:

a) contradição.
b) exemplificação.
c) comparação.
d) explicação.
e) conclusão.

2. O trecho entre parênteses – que ele azedou – no primeiro parágrafo do texto:

a) explica uma afirmação anterior.
b) exemplifica um fato citado.
c) corrige algo dito anteriormente.
d) acrescenta algo ao que foi dito.
e) ratifica um pensamento expresso antes.

Texto XVI

FUMAR?

Vera Lúcia Scognamiglio

Um pai ou uma mãe que fumam podem trazer o cigarro para mais perto do adolescente, mas não acredito que esse seja o fator decisivo que faça com que ele comece a fumar. Penso que o cigarro é atraente para o adolescente por ser um símbolo do mundo adulto. Às vezes, do mundo adulto que

“deu certo”, como sugerem as propagandas de cigarro: homens e mulheres independentes, felizes, bem-sucedidos... Mas, neste sentido, acredito que a mídia exerça mais influência que o exemplo dos pais. E o grupo de pares, mais ainda. Fumar é um hábito de uma parte da tribo humana que acolhe os que se identificam com ela e com seus rituais, linguagem, gestos comuns, etc. Se um adolescente frequenta uma turma em que todos fumam, a influência será muito forte para que adote esse hábito do grupo como seu. Nesses momentos, pedir ou dar um cigarro ou fumar coletivamente facilita muito a aproximação com o outro e abre um canal de comunicação numa linguagem comum a todos. O que importa é que o jovem se sinta integrado ao grupo, adotando os mesmos padrões e comportamentos da turma, que nessa etapa da vida é quem dita as normas.

Além disso, o cigarro pode ser muito prazeroso, pois sabemos que ele se relaciona em algum nível com as gratificações orais da infância que podem ser reativadas em qualquer idade. Dessa forma ele pode muito bem funcionar como substituto de alguma coisa ou de alguém que está faltando, uma espécie de companheiro de toda hora. Para alguns adolescentes o cigarro pode aplacar a ansiedade, funcionando como um apoio quando, por exemplo, eles têm de enfrentar uma situação social nova. A adolescência é uma fase carregada de situações estressantes, e o cigarro, a exemplo de outras drogas, lícitas ou ilícitas, tem o poder de relaxar.

Retomando a questão da influência dos pais fumantes no tabagismo dos filhos, me parece que, se ocorre de fato alguma influência, o mais comum é que ela opere no sentido contrário. Os filhos de pais fumantes frequentemente abominam o cigarro, se sentem mal e se irritam quando os pais fumam por perto, e mesmo se preocupam com os riscos que o cigarro representa para a saúde dos pais, tentando persuadi-los para que parem de fumar.

1. Segundo o primeiro parágrafo do texto, o fato de pai e mãe fumarem:

a) é causa necessária e suficiente na iniciação dos filhos no hábito de fumar.
b) é razão determinante na formação, nos filhos, do vício de fumar.
c) é causa necessária, mas não suficiente para que os filhos fumem.
d) não é causa necessária nem suficiente para que o vício do fumo chegue aos filhos.
e) não é causa necessária, mas é suficiente para a iniciação dos filhos no fumo.

2. No último parágrafo do texto, a autora retoma o tema da influência dos pais fumantes no tabagismo dos filhos para:

a) confirmar uma opinião dada anteriormente.
b) acrescentar um dado esclarecedor sobre um aspecto abordado no 1º parágrafo.
c) fazer uma concessão a um pensamento expresso no parágrafo inicial.
d) trazer uma opinião que contradiz algo expresso anteriormente.
e) expressar uma certeza que apóia ideias contrárias ao tabagismo.

Texto XVII

ALIMENTAÇÃO E RENDIMENTO ESCOLAR

Arnaldo Niskier, Educação em primeiro lugar

As crianças brasileiras, em geral, chegam à escola com problemas de desnutrição crônica. Se elas não adquirirem, nos seus primeiros anos de vida, os 10 bilhões de neurônios necessários à constituição adequada do cérebro, com certeza terão dificuldades de passar pela etapa de alfabetização, a partir dos 6 anos de idade.

O cientista pernambucano Nelson Chaves tem uma teoria sobre a criação de uma "geração nanica", que se estaria desenvolvendo no Nordeste, devido à falta de proteínas. Para ele, "o problema da desnutrição é econômico e social. É preciso elevar o nível econômico das populações e isso é um problema geral de governo".

No plano geral, a saúde é da responsabilidade do Estado. E é inadmissível que tenhamos desenvolvido a prática de medicina curativa, a custos altíssimos para os contribuintes, quando a medicina preventiva seria muito mais aconselhável e barata. Essa última relaciona-se com a educação sanitária, envolvendo aspectos sociais, como saneamento básico, vacinações, conhecimento de parasitoses, higiene corporal e outros.

Já a medicina curativa, a mais praticada no Brasil, volta-se para a resolução de problemas de saúde que poderiam não ter surgido se a educação sanitária fosse amplamente praticada.

1. "As crianças brasileiras, em geral,..."; a expressão em geral:

a) indica a totalidade das crianças brasileiras.
b) leva em consideração a minoria pobre.
c) mostra que a afirmação é duvidosa.
d) despreza dados menos significativos.
e) enfatiza problemas que afetam todas as crianças.

2. O segundo período do primeiro parágrafo:

a) mostra uma opinião pessoal do autor do texto.
b) destaca um conhecimento científico estabelecido.
c) indica um problema que justifica a aprovação escolar.
d) comprova uma afirmação anterior do texto.
e) apresenta argumentos do autor a favor da desnutrição.

3. Todas as alternativas a seguir se referem à "geração nanica", referida no segundo parágrafo do texto, exceto:

a) as crianças dessa geração padecem de desnutrição crônica.
b) essa geração é fruto da falta de proteínas na infância.
c) esse mal atinge as crianças brasileiras, em geral.
d) a geração nanica é marca flagrante no Nordeste.
e) as crianças dessa geração não adquiriram 10 bilhões de neurônios.

Texto XVIII

ENTREVISTA

Isto é, novembro de 2005

Revista: É verdade que muitos brasileiros estão voltando a procurar tratamento contra o câncer fora do país?

Roberto Gil: Sem dúvida. Começamos a ter dificuldade de acesso a determinados tratamentos. Não estamos conseguindo aprovar a entrada de medicamentos de ponta lançados no mercado internacional porque não se chega a um acordo de preço. Então, a alternativa de ir para fora aparece como opção para obter melhor tratamento. Isso é muito ruim. Primeiro para quem vai, que terá de se afastar de seus familiares, de seus amigos, de suas referências justamente no momento em que mais

precisa desse apoio. Depois, para quem está doente e fica, resta a sensação de que a terapia que está recebendo é inferior à que receberia se estivesse em outro país, apesar de termos profissionais altamente qualificados. Por fim, isso faz com que alguns hospitais se especializem prioritariamente no atendimento a esse tipo de paciente, de elite. Não temos ainda números, uma estatística de quantos brasileiros estão procurando tratamento fora, mas posso afirmar isso baseado na minha rotina e na de meus colegas.

1. A finalidade da pergunta da revista é:

a) resolver um problema.
b) confirmar uma informação.
c) esclarecer uma dúvida.
d) tomar conhecimento de algo.
e) saber a razão de um fato.

2. Segundo o entrevistado, entre as consequências de muitos pacientes de câncer procurarem tratamento fora do Brasil está:

a) o tratamento diferenciado segundo as classes sociais.
b) a criação de novos hospitais.
c) a valorização de nosso sistema de saúde.
d) a má consideração dos médicos estrangeiros.
e) a perda da relação médico/paciente.

3. A opinião dada pelo médico:

a) tem base estatística.
b) fundamenta-se na experiência.
c) provém das estatísticas hospitalares.
d) é originária do noticiário da imprensa.
e) foi transmitida por profissionais qualificados.

Texto XIX

Posso tomar banho após a refeição?
(Marcelo Duarte – O guia dos curiosos)

Tomar banho frio ou entrar numa piscina depois de ter comido não oferece riscos. O que não se deve fazer é qualquer tipo de exercício físico intenso, como nadar ou surfar. Isso desvia o sangue do estômago para os músculos que estão trabalhando. Após as refeições, boa parte do seu sangue vai para o estômago e o intestino a fim de realizar uma digestão adequada. Ao praticar esportes depois de comer, a pessoa fica com dificuldades na digestão e acaba passando mal (enjoo, suor frio e tontura). Tomar banhos longos e quentes dilata os vasos sanguíneos da pele e também acaba desviando o sangue do estômago.

1. "Posso tomar banho depois de uma refeição?"; segundo o texto, a melhor resposta para essa pergunta é:

a) sim, pois isso nenhum mal faz.
b) sim, pois a digestão se processa normalmente.
c) não, pois isso traz problemas graves.

d) sim, mas é desaconselhável, pois os exercícios físicos prejudicam.
e) sim, desde que não sejam demorados e com água quente.

2. Os atos de nadar e surfar são citados no texto como:
a) exemplos de exercícios que devem ser evitados.
b) atos que em nada prejudicam.
c) atividades que auxiliam na digestão.
d) prejudiciais ao desenvolvimento físico.
e) causadores de problemas nos intestinos.

3. Pela leitura do texto, a resposta dada pelo autor se apoia em:
a) dados resultantes de pesquisas.
b) informações de autoridades médicas.
c) conhecimentos pessoais do autor.
d) opiniões superficiais de caráter popular.
e) depoimentos de autoridades da área da saúde.

Texto XX

A rolinha e o elefante

Ao ver a rolinha carregando em seu bico água do rio até um incêndio que se alastrava na floresta, o elefante perguntou:
– Você está querendo apagar aquele fogaréu com essas gotinhas d'água?
A rolinha respondeu:
– Estou apenas fazendo a minha parte.

1. A mensagem a ser depreendida do texto é:
a) quem tudo quer, tudo perde.
b) deus ajuda a quem cedo madruga.
c) não há bem que sempre dure nem mal que nunca se acabe.
d) a indiferença é o pior de todos os males.
e) de boas intenções o inferno anda cheio.

Texto XXI

PALAVRA DE ESPECIALISTA

Divergência sobre situação do país.

Dois economistas que acompanham a produtividade brasileira têm opiniões contrárias sobre a situação institucional do país. Para Pedro Cavalcanti, professor da Escola de Pós-Graduação em Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV), não há piora no quadro institucional brasileiro que justifique uma queda tão significativa no ranking.
– O fato de a corrupção estar clara hoje não significa que não existia no passado. E o país avançou. Aprovou a lei de falências que deu mais garantias a quem empresta e mudou o crédito imobiliário. A avaliação dessa pesquisa é muito subjetiva.
Cavalcanti afirma, porém, que a alta carga tributária, que subiu de 25% do PIB (Produto Interno Bruto) para 36% em 15 anos sem a contrapartida de melhoria nos serviços é um entrave para aumentar a competitividade.

Fábio Fonseca, professor do Ibmec, vê retrocessos no país, principalmente com a crise política. Outro fator a empurrar para baixo, segundo o economista, foi o desempenho melhor de países como África do Sul, Índia, Indonésia.

– Não há transparência nos gastos do governo. E quando há é somente para iniciados. O regime tributário é caótico e a Receita Federal comemora todo mês a arrecadação recorde como se fosse algo bom.

1. Só NÃO se pode dizer sobre o subtítulo dado ao texto – divergência sobre situação do país – que ele:

a) indica o tema central do texto.
b) antecipa o assunto do texto.
c) resume o que vai ser tratado.
d) indica uma posição do jornalista.
e) mostra ser tema de interesse nacional.

2. O texto diz que as pessoas que expressam opiniões são "dois economistas que acompanham a produtividade brasileira"; a única alternativa que NÃO justifica o fornecimento dessa informação é que:

a) as pessoas consultadas são igualmente competentes.
b) os dois economistas merecem credibilidade.
c) os dois economistas estão bastante atualizados.
d) o assunto tratado é do conhecimento de ambos.
e) o jornal só contrata pessoas de alto gabarito.

3. A aprovação da lei de falências e a mudança do crédito imobiliário foram citadas no texto para mostrar:

a) a deterioração do sistema econômico brasileiro.
b) o progresso do Brasil no setor do crédito.
c) o avanço do Brasil nas conquistas democráticas.
d) o retrocesso político do país.
e) exemplos de medidas que só beneficiam o capital.

4. "A avaliação dessa pesquisa é muito subjetiva"; a pesquisa referida é a que:

a) mostrou o avanço econômico do país.
b) causou a queda do Brasil no ranking.
c) demonstra o acerto das medidas tomadas.
d) confirma a diminuição da corrupção no país.
e) indica o progresso legal do Brasil.

5. No início do terceiro parágrafo aparece a conjunção porém, que mostra uma oposição entre o que foi dito e o que está expresso nesse terceiro parágrafo. A oposição referida se verifica entre:

a) passado X presente.
b) política X economia.
c) governo anterior X governo atual.
d) ditadura X democracia.

e) aspectos positivos X aspectos negativos.

Texto XXII

SOLIDARIEDADE

Betinho, Jornal do Brasil, 12/09/1993

[...] Assim como a miséria foi sendo construída com a indiferença frente à exclusão e à destruição das pessoas, a negação da miséria começa a se realizar com a prática cotidiana, ampla e generosa da solidariedade.

A frieza construiu a miséria. Construiu as cidades cheias de gente e de muros que as separam como estranhos que se ignoram e se temem. A solidariedade vai destruir as bases da existência da miséria. É uma ponte entre as pessoas.

Por isso o gesto de solidariedade, por menor que seja, é tão importante. É um primeiro movimento no sentido oposto a tudo que se produziu até agora. Uma mudança de paradigma, de norte, de eixo, o começo de algo totalmente diferente. Como um olhar novo que questiona todas as relações, teorias, propostas, valores e práticas, restabelecendo as bases de uma reconstrução radical de toda a sociedade. Se a exclusão produziu a miséria, a solidariedade destruirá a produção da miséria, produzirá a cidadania plena, geral e irrestrita. Democrática.

A luta contra a miséria nos obriga a um confronto com a realidade naquilo que nos parece mais brutal: a pessoa desfigurada pela fome, desesperada pela comida ou por qualquer gesto de reconhecimento de sua existência humana. Se a distância perpetua a miséria, a solidariedade interrompe o ciclo que a produz e abre possibilidades imensas para se reconstruir a humanidade destruída em 32 milhões de pessoas e negada em outros milhões de pessoas que vivem na pobreza.

Se a indiferença construiu esse apartheid monstruoso, a solidariedade vai destruir suas bases. E essa energia existe com uma força surpreendente entre nós, uma força capaz de contagiar quem menos se espera e de produzir uma nova cultura, a do reencontro.

Quando o Movimento da Ação da Cidadania começou, ninguém esperava que fosse capaz de andar tão rápido, de se expandir com tanta força, de tocar tantas e tão diferentes pessoas, de encher auditórios e de se espalhar por todos os cantos do país.

Há uma tremenda força de mudança no ar, na terra. Há um movimento poderoso, tecendo a novidade através de milhares de gestos de encontro. Há fome de humanidade entre nós, por sorte ou por virtude de um povo que ainda é capaz de sentir, de mudar e de impedir que se consume o desastre, o suicídio social de um país chamado Brasil.

1. O texto é uma reflexão sobre a solidariedade, motivo de um movimento – o Movimento da Ação da Cidadania – criado por Betinho, autor do texto, alguns anos atrás. O primeiro parágrafo do texto é construído numa estrutura comparativa, em que só NÃO correspondem:

a) a miséria / a negação da miséria

b) foi sendo construída / começa a se realizar

c) indiferença / prática

d) exclusão, destruição / solidariedade

e) das pessoas / ampla e generosa

2. O fato de o texto começar por colchetes com pontos suspensivos – [...] – indica que:

a) havia outros segmentos anteriores que não foram reproduzidos.

b) se trata de um texto reflexivo e que é necessário pensar sobre o que é dito.
c) o texto é cópia de um original já publicado anteriormente.
d) há citações alheias inseridas no corpo do texto.
e) a publicação do texto é matéria paga pelo próprio autor.

3. "A frieza construiu a miséria. Construiu as cidades cheias de gente e de muros que as separam como estranhos que se ignoram e se temem. A solidariedade vai destruir as bases da existência da miséria. É uma ponte entre as pessoas."; entre os problemas referidos nesse segundo parágrafo do texto só NÃO está o(a):

a) egoísmo.
b) violência.
c) indiferença.
d) corrupção.
e) medo.

4. A palavra democrática, ao final do terceiro parágrafo, funciona, em relação aos segmentos anteriores do mesmo parágrafo, como:

a) retificação.
b) síntese.
c) explicação.
d) confirmação.
e) comparação.

Texto XXIII

A ARTE NA NOSSA VIDA

Jô Oliveira e Lucília Garcez

Você pode pensar que não conhece arte, que não convive com objetos artísticos, mas estamos todos muito próximos da arte. Nossa vida está cercada dela por todos os lados.

Ao acordar pela manhã e olhar o relógio para saber a hora, você tem o primeiro contato do dia com a arte. O relógio, qualquer que seja o seu desenho, passou por um processo de produção que exigiu planejamento visual. Especialistas estudaram e aplicaram noções de arte. A forma do seu relógio é resultado de uma longa história da imaginação humana e das suas preferências. A cor, a forma, o volume, o material que foram escolhidos estão testemunhando o tempo e a transformação do gosto e da técnica. Ao observá-lo, você percebe que é um objeto antigo ou moderno, você reconhece que quem o desenhou preferia formas curvas ou retas, ou ainda dourado, e até pedrinhas brilhantes.

Quem escolhe um relógio para comprar, decide com base em suas preferências pessoais. Alguns preferem os mais elaborados, outros preferem os mais simples. É o gosto pessoal que predomina, e este pode variar infinitamente. Varia porque recebe influências de acordo com a idade, com a época, com o meio social em que a pessoa vive. E, como nos diz a sabedoria popular: "gosto não se discute". Mas, quem sabe, possamos discutir o gosto?

Em outros objetos do seu quarto e de seu cotidiano você pode observar a presença da arte: na estampa de seu lençol, no desenho da sua cama, no formato da sua escova de dentes, no desenho da torneira e da pia do banheiro, na xícara que você toma leite, nos talheres, no modelo do carro, no formato do telefone. Em todos os objetos há um pouco de arte aplicada.

Esse esforço para produzir objetos bonitos, agradáveis ao olhar, atraentes e harmoniosos, está em todas as culturas, em todas as civilizações. E em nosso dia a dia.

1. Infere-se do primeiro parágrafo do texto que:

a) o texto é dirigido aos que só conhecem arte tradicional.
b) a finalidade do texto é mostrar que arte é vida.
c) a arte referida no texto é a produzida pelo povo.
d) seu objetivo é atrair leitores não-iniciados em arte.
e) o público-alvo do livro são estudantes de pouca idade.

2. Ao dizer que "nossa vida está cercada dela por todos os lados" a autora do texto faz alusão à definição de "ilha", presente em nossos livros didáticos de geografia. Nesse caso, a equivalência correta para "arte" é:

a) a ilha.
b) a água.
c) a terra.
d) o céu.
e) o vento.

3. O segundo parágrafo do texto só NÃO tem a função de:

a) explicitar a última afirmação do primeiro parágrafo.
b) indicar um exemplo de desconhecimento de arte.
c) mostrar a presença da arte em torno de nós.
d) exemplificar um caso de proximidade da arte.
e) demonstrar que a arte é uma necessidade em nossa vida.

Texto XXIV

CIÊNCIA E NAVEGAÇÃO

Bento Ribeiro Dantas

A história da humanidade contém sagas de extraordinária beleza, mas nenhuma suplanta a história dos descobrimentos marítimos dos séculos XVI e XVII. Foi uma época em que os homens de coragem e de saber, em busca de conhecimento e riquezas, aventuraram-se por mares e oceanos totalmente desconhecidos. Para isso foram necessários avanços técnicos que transformaram e desenvolveram a ciência da construção naval e dos planos vélicos das embarcações, a arte da cartografia e os métodos de aquisição das informações geográficas essenciais à sua precisão, a navegação pela observação astronômica, os instrumentos e a matemática indispensáveis à sua utilização. Enfim, todos os meios que tornaram possível aos portugueses, e mais tarde aos demais europeus, a descoberta de mais de dois terços da Terra – até aquela época, para eles, incógnitos. A chegada ao Brasil foi fruto desse esforço heróico, que não deixou nada ao acaso.

1. O texto corresponde às primeiras linhas de um livro cujo título é Ciência e navegação; o segmento do texto onde NÃO há qualquer referência à ciência é:

a) "Foi numa época em que os homens de coragem e de saber."
b) "Para isso foram necessários avanços técnicos..."
c) "Enfim, todos os meios que tornaram possível aos portugueses,..."

d) "... a história dos descobrimentos marítimos dos séculos XV e XVI."
e) "... transformaram e desenvolveram a ciência da construção naval."

2. O segundo período do texto – Foi uma época em que os homens de coragem e de saber, em busca de conhecimento e riquezas, aventuraram-se por mares e oceanos totalmente desconhecidos – tem a função textual de:

a) causar suspense no leitor para manter seu interesse pela leitura.
b) explicar o porquê de ser essa uma saga de extraordinária beleza.
c) localizar a época sobre a qual o livro vai concentrar suas atenções.
d) antecipar a consequência das grandes navegações portuguesas.
e) valorizar o conhecimento científico da época destacada.

3. O autor do texto coloca suas opiniões no texto, entre outros processos, por meio de adjetivos; os adjetivos abaixo que expressam opinião são:

a) "extraordinária beleza" / "esforço heroico"
b) "esforço heróico" / "planos vélicos"
c) "planos vélicos" / "avanços técnicos"
d) "avanços técnicos" / "descobrimentos marítimos"
e) "descobrimentos marítimos" / "extraordinária beleza"

Texto XXV

FALSA HARMONIA

Wellington Silva

Um dos principais argumentos dos que se opõem à adoção de políticas de ação afirmativas é a pretensa harmonia com que negros e brancos sempre conviveram no Brasil. Os defensores da adoção de cotas nas universidades federais estariam importando um remédio feito sob medida para a racista sociedade americana, o que provoca no doente um efeito colateral grave: o surgimento de conflitos entre negros beneficiados pelas cotas e brancos "excluídos". Diferentemente dos EUA onde ocorreram e ocorrem manifestações explícitas de segregação, no Brasil negros e pardos não são vítimas de preconceito racial: aqui não existem guetos, e negros e brancos circulam livremente em todos os aspectos sociais. A cota seria um perigo, pois poderíamos transformar o país em um barril de pólvora com a criação de um fenômeno até então inexistente: o preconceito racial.

Os defensores dessa tese precisam encontrar outro argumento para bombardear o projeto do governo federal que institui as cotas nas universidades federais. Lamento informar, mas existe segregação racial no Brasil, sim. Claro que, devido às histórias e formações culturais distintas, temos um racismo com nuances diferentes, mas cuja essência é a mesma do americano. Aqui, como nos EUA, existem espaços demarcados, espaços cujos acessos tradicionalmente são vedados para os negros. Talvez os adversários das ações afirmativas não percebam essa realidade pelo simples fato de ela não os afetar, uma vez que são em sua maioria brancos. E uma coisa é analisar o racismo, outra é viver o racismo.

A perspectiva da qual se olha um problema quase sempre faz toda a diferença. A afirmação de que não existe racismo no Brasil só pode ser resultado da experiência de quem vê essa questão da perspectiva do "branco", pois o racismo existe e há muito tempo. Quem é negro sabe, pois convive com ele todo dia, desde a hora em que acorda até hora em que vai dormir.

1. O título do texto – "Falsa harmonia" – se refere à ideia falsa de que:

a) não há racismo no Brasil.
b) brancos e negros são inimigos no Brasil.
c) todos conseguem emprego com facilidade.
d) negros podem viver no mesmo espaço que os brancos.
e) no Brasil há miscigenação.

2. O texto começa:

a) pelos argumentos favoráveis ao estabelecimento de cotas para negros.
b) pelos argumentos contrários ao estabelecimento de cotas para negros.
c) pela defesa do governo federal, ao estabelecer cotas para negros nas universidades.
d) pela oposição ao projeto do governo que matricula negros nas universidades.
e) pela apresentação de um problema, sem tomada de posição.

3. Ao final da leitura do texto constata-se que a posição do jornalista que é autor do texto é a de que:

a) o racismo existe no Brasil e é mais forte que o americano.
b) o racismo não existe no Brasil, onde pretos e brancos convivem em harmonia.
c) o racismo existe no Brasil, mas é diferente do americano.
d) não existe racismo no Brasil, pois as leis não permitem.
e) só existe racismo no Brasil para quem vê o problema da perspectiva branca.

Texto XXVI

Capaz de minar as mais sólidas estruturas econômicas e sociais do País, o contrabando pode ser apontado como um dos principais instrumentos de degradação social, produzindo um sem número de problemas e esgarçando o tecido das relações comerciais e das transações financeiras.

(Adaptado de *www.unafisco.org.br*, 30/10/2000)

1. Assinale a opção em que o argumento apresentado **não** reforça a ideia principal do texto abaixo.

a) Devido ao seu caráter ilegal, marginal e ilegítimo, o contrabando expõe a economia doméstica formal à concorrência desleal.
b) Em última instância, o contrabando atenua a questão do desemprego, pois representa uma forma assistemática de absorção informal de mão de obra.
c) O sistema que mantém o contrabando também propicia e patrocina o crime organizado, pois favorece o tráfico de armas e drogas.
d) Embora não se enfoque sempre essa questão, o contrabando vulnerabiliza a saúde pública e põe em risco a vida das pessoas com a introdução no mercado de produtos sem qualquer controle regulamentar.
e) A entrada ilegal de substâncias químicas fragiliza o meio ambiente pela introdução de produtos perigosos sem qualquer controle e propicia a destruição e a degradação de reservas naturais.

Texto XXVII

"Dizia o sociólogo norte-americano, Robert Merton, que o que há de mais relevante e espantoso com as profecias é que elas se autorrealizam, como um vaticínio, um augúrio."

1. Assinale, entre as opções propostas, aquela que se desvia, ainda que parcialmente, do conceito e

da direção argumentativa expressos no período abaixo.

a) Ao serem concebidas pela imaginação ilimitada dos homens, As profecias potencializam a chance de se transformarem em realidade, projetando e fortalecendo um desejo ou temor coletivo.

b) Pelo simples fato de que foram inventadas por alguém, com ousadia e eficácia simbólica, ganham existência real, criando a probabilidade de serem incorporadas à vida social em futuro imediato ou distante.

c) Quando uma grande (ou pequena) ideia se cristaliza, sua força transformadora entra em ação com os mesmos poderes que comandam as leis da Física.

d) Acima de profetas e messias, está o império da história, que constrói o futuro com seus próprios vetores e forças internas atuando à revelia do desiderato e do fado humanos.

e) A história da humanidade registra fatos que provam a existência de uma simbiose natural entre os grandes sonhos e as grandes mudanças, fruto da magia pessoal e de uma vontade inabalável.

(Com base em artigo de Aspásia Camargo)

Texto XXVIII

A população sertaneja é e será monarquista por muito tempo, porque no estádio inferior da evolução social em que se acha, falece-lhe a precisa capacidade mental para compreender e aceitar a substituição do representante concreto do poder pela abstração que ele encarna, pela lei. Ela carece instintivamente de um rei, de um chefe, de um homem que a dirija, que a conduza e, por muito tempo ainda, o Presidente da República, os presidentes dos Estados, os chefes políticos locais serão o seu rei, como, na sua inferioridade religiosa, o sacerdote e as imagens continuam a ser os seus deuses. Serão monarquistas como são fetichistas, menos por ignorância do que por um desenvolvimento intelectual, ético e religioso, insuficiente ou incompleto.

(Raimundo Nina Rodrigues, As Coletividades Anormais, S. Paulo, 1939)

1. Julgue se as proposições I, II e III expressam a leitura correta do texto, reproduzindo as ideias nele contidas sem distorcer e desvirtuar a significação textual. Marque, a seguir, a opção correta.

I. Dada a situação de repúdio às relações sociais do homem sertanejo, falece-lhe a capacidade mental responsável pelo pensamento abstrato.

II. No aspecto religioso, a população sertaneja padece da mesma inferioridade que demonstra ter em relação à representação política.

III. Menos por ingenuidade e mais por ignorância, a população do interior adere instintivamente e se submete passivamente ao ideário monarquista.

a) Todas as proposições estão corretas.

b) Todas as proposições estão incorretas.

c) Está correta apenas a proposição I.

d) Estão incorretas as proposições I e III.

e) Estão corretas as proposições I e II.

2. Assinale o parágrafo que, ao dar continuidade ao trecho de Raimundo Nina Rodrigues, produz uma **ruptura** na linha de argumentação e de desenvolvimento das ideias do texto.

a) O que não se pode exigir delas é que perfilhem entre os que estão de posse do poder e os que disputam essa posse, capitaneados por verdadeiros régulos de que os jagunços representavam apenas o exército, a força material.

b) O que é pueril é exigir que essas populações compreendam que a federação republicana é a condição, a garantia da futura unidade política de um vasto país que não pode oferecer a centralização governamental da Monarquia.

c) Consequentemente, o que predomina soberana é a vontade, são os sentimentos ou os interesses pessoais dos chefes, régulos ou mandões, diante dos quais as maiores garantias da liberdade individual ou se transformam em recurso de perseguição contra inocentes, se desafetos, ou se anulam em benefício de criminosos quando amigos.

d) Seria ingênuo esperar que pudesse ser outro o sentimento político do sertanejo; seria preciso negar a evolução política e admitir que os povos mais atrasados e incultos podem, sem maior preparo, compreender, aceitar e praticar as formas de governo mais liberais e complicadas.

e) Todas as grandes instituições que, na civilização deste fim de século, garantem a liberdade individual e dão o cunho da igualdade dos cidadãos perante a lei são mal compreendidas, sofismadas e anuladas por essa gente.

Texto XXIX

Questão velha, polêmica e controvertida, que constitui obstáculo à ação das autoridades administrativo-tributárias, mas que sempre viva e exacerbadamente atual, é a do "sigilo bancário", pois frente ao crédito tributário e ao Fisco, aquele como um bem público relevante e indisponível e este na busca de cumprir os objetivos a que se destina de aferir a real capacidade contributiva, arrecadar tributos, promover a igualdade e a justiça fiscal, colocam-se a preservação e a garantia dos direitos fundamentais invioláveis de privacidade e intimidade inerentes às pessoas dos contribuintes.

(Mary Elba G. Q. Maia, "A Inexistência de sigilo bancário frente ao poder-dever de investigação das autoridades fiscais", Tributação em Revista, julho/setembro de 1999)

1. Assinale a proposição nuclear do texto, aquela que contém a ideia-síntese em torno da qual se desenvolve sintática e semanticamente o parágrafo.

a) Questão velha, polêmica e controvertida é a do sigilo bancário frente ao crédito tributário e ao Fisco.

b) Frente ao crédito tributário e ao Fisco, coloca-se a questão do sigilo bancário como um obstáculo à ação das autoridades administrativo-tributárias.

c) Por ser um bem público relevante e indisponível, o crédito tributário deve preservar e garantir o direito de privacidade do contribuinte.

d) A preservação dos direitos fundamentais de privacidade dos contribuintes frente ao crédito tributário e ao Fisco deve ser colocada na discussão do sigilo bancário.

e) Na tarefa de cumprir os objetivos de aferir a capacidade contributiva, arrecadar tributos e promover a igualdade e a justiça fiscal, o Fisco deve preservar e garantir a questão do sigilo bancário dos contribuintes.

Texto XXX

Um jogo, os jogos

Toda interação pressupõe uma relação de reciprocidade, uma relação mútua entre dois ou mais objetos, entre duas ou mais pessoas. Multiplicam-se, atualmente, os programas interativos nos espetáculos de variedades da TV, surgem os primeiros filmes e as primeiras peças de teatro interativas, exigindo do espectador uma atitude crítica ao lidar com as diversas questões

apresentadas e uma postura mais ativa ao intervir no desdobramento do que é visto nas telas, nos palcos e nos salões.

Ao dirigirmos um olhar atento às manifestações mais recentes da arte interacional, verificamos a expressiva tendência à utilização, em uma única obra, da combinação das variadas formas artísticas. É comum, por exemplo, atualmente, ouvir referências não a exposições de trabalho, mas a performances, instalações, instalações multimídias ou termos equivalentes. A eletrônica define o futuro da arte interacional e revela uma nova consciência da evolução da arte, inserida em uma era voltada para a interatividade e a realidade virtual.

A arte contemporânea busca, intencionalmente, uma multiplicação de significados. Em um único livro, o leitor é convidado a conviver com uma pluralidade de histórias, de gêneros e de direções de leitura. Ocorre um movimento de desindividualização dos gêneros de arte. A literatura se associa aos roteiros de TV, à pintura, à escultura, à música, ao cinema, inaugurando, em sua estruturação original, um amplo e inequívoco projeto interativo, não fora esse o seu maior desafio.

(Maria Angélica Alves. Leitura e literatura infantil; a questão do ser, do fazer e do sentir, Brasília, 2000)

1. Julgue as ideias dos períodos a seguir quanto à possibilidade de introduzirem um novo parágrafo final, corretamente grafado, mantendo coerência com o texto acima.

a) Assim, um grande desafio para a literatura, na modernidade, é saber tecer em conjunto os diversos saberes e os diversos códigos em uma visão pluralística e multifacetada do mundo.

b) Em síntese, o narrador e o leitor dos livros interativos reconhecem que, para vencer todos os obstáculos e cumprir a missão proposta no início da narrativa, é preciso utilizar a esperteza e o conhecimento.

c) Finalmente, alguns livros modernos propõem desafios ou tarefas ao leitor para que ele possa vencer as etapas da leitura; outros estimulam a entrada do leitor na obra, por meio de alternativas ou opções propostas pelo narrador.

d) A mudança do comportamento nas formas de interpretação do produto artístico reflete a mudança de comportamento exigida pela vida contemporânea.

e) Vivemos em uma sociedade de opções e alterar a ficção significa tão somente expressar um desejo de alteração da própria realidade; alterar histórias e alterar a História.

Texto XXXI

O leitor é personagem da modernidade, produto da sociedade burguesa e capitalista, livre dos laços de dependência da aristocracia feudal e do estreitamento corporativista das ligas medievais. A emancipação do leitor encena, de certo modo, o processo de libertação de que se originou a sociedade moderna. Nesse sentido, narrar a formação da leitura no Brasil significa também narrar, sob esse viés, a história da modernização de nossa sociedade.

Vários fatores criaram o espaço social necessário para transformar certo número de pessoas associadas a certas práticas sociais em leitores: o individualismo da sociedade burguesa, a visão de mundo antropocêntrica estimulada pela Renascença e difundida pela filosofia humanista, o progresso tecnológico que facultou o desenvolvimento da imprensa, a expansão da escola e do pensamento pedagógico apoiado na alfabetização, o fortalecimento de instituições culturais como as universidades, as bibliotecas e as academias de escritores.

Disso resultaram duas noções: de um lado, a noção de público, massa coletiva e anônima que, não

obstante o anonimato, pode ter vontade própria e direção definida, incidindo em linhas de ação que a literatura, em parte ou no todo, acata ou não; de outro, a noção de leitor, indivíduo habilitado à leitura, com preferências demarcadas, figura que o escritor busca seduzir, lançando mão de técnicas e de artifícios contabilizados pela crítica e história da literatura.

Mesmo sendo presença suficientemente poderosa para influenciar os mecanismos literários, o leitor não se mostra figura unidimensional nem unidirecional. E exatamente o que é fugidio em sua história desdobra-se nos ângulos diferenciados que o leitor e a leitura foram assumindo ao longo do tempo.

Não que a leitura seja prática sólida no Brasil; nem que as instituições culturais e pedagógicas encarregadas de sua difusão tenham consistência ou estejam a salvo de críticas que, desde o século XIX, a elas são dirigidas. Desde a separação de Portugal, reclama-se (e com razão) uma atuação mais positiva e competente do Estado, no sentido de melhorar a educação e a cultura do país; nada indica que hoje essas reivindicações tenham perdido legitimidade e razão de ser.

Marisa Dajolo e Regina Zilberman. A formação da leitura no Brasil.
São Paulo: Ática, 1998, p. 9-10 (com adaptações)

1. Os itens abaixo correspondem, na mesma sequência, aos parágrafos do texto XXXI. Julgue se cada item expressa as ideias centrais do respectivo parágrafo.

a) O leitor é personagem da modernidade só porque sua emancipação traduz o processo de liberação de que se originou a sociedade contemporânea.

b) O individualismo da sociedade burguesa, o antropocentrismo estimulado pelo Renascimento, o desenvolvimento da imprensa e a expansão da escola são alguns dos fatores que criaram o espaço social propício à leitura.

c) Do progresso tecnológico do século XIX resultaram duas noções: de um lado, a de público, que parte da, ou toda a literatura, pode reconhecer ou não; de outro, a de leitor, figura que o escritor busca seduzir com seu texto.

d) O leitor, mesmo sendo presença poderosa, capaz de influenciar os mecanismos literários, não é figura de dimensão única, nem de direção unitária.

e) Talvez porque no Brasil a leitura não seja prática sólida, nem sejam consistentes algumas das instituições culturais encarregadas de sua difusão, reclama-se uma atuação mais produtiva do Estado, no sentido de melhorar a cultura e a educação do país.

Texto XXXII

Inimigos na trincheira

Quando, esporadicamente, um gaúcho aparece em um programa de televisão líder de audiência em nível nacional, julgamos equivocadamente que nos descobriram. Nós nos conscientizamos da ilusão assim que notamos que novamente é um fato isolado. O mesmo acontece com a chamada integração cultural do Mercosul. Algumas investidas sem a mínima programação normalmente não geram fatos com a solidez necessária para o fim. Mas esses não são os maiores problemas gaúchos.

Para alcançarmos ambas as expectativas, temos que calar inimigos na própria trincheira. Quando se fala em integração cultural com os países do Prata, sempre aparece um Padre Rômulo para contestar, apoiado exclusivamente em seu preconceito. Quando alguém fura o bloqueio e brilha na mídia nacional, os caranguejos gaúchos de plantão afiam suas garras.

A integração cultural requer programação, apoio dos governos, boa vontade das partes e muito desprendimento. Da mesma forma, a difusão do gauchismo em todo o território nacional.

Antes de pensarmos em convencer os de fora, temos que procurar mostrar aos daqui que somos capazes de uma convivência pacífica e harmoniosa com o mundo exterior. Necessitamos com urgência quebrar alguns espelhos para que os narcisos passem a avistar outra imagem, verdadeiramente bela, que não seja a própria. Se, apesar desses obstáculos, estamos conseguindo, é porque vislumbramos o objetivo certo.

Paulo de Freitas Mendonça. "Editorial". Jornal de Nativismo, n. 158. nov./2001. p.2 (com adaptações).

1. A partir da leitura interpretativa do texto 32, julgue os itens seguintes.

a) O título do texto aponta para a existência de adversários em campo de guerra; o texto esclarece que os habitantes do Mercosul, nomeados de "caranguejos gaúchos", são adversários dos demais habitantes dos países do Prata, nomeados de "mundo exterior".

b) O texto estrutura-se segundo uma linha de raciocínio que vai do particular para o geral e do concreto para o abstrato, sob o foco de um gaúcho.

c) Para a solução do problema que está em discussão no texto, são empecilhos a falta de programa e de apoio por parte dos governantes, além da má vontade e da vaidade de algumas pessoas.

d) Muda-se o sentido, mas não se alteram as relações sintáticas na reescritura de "os narcisos passem a avistar outra imagem, verdadeiramente bela, que não seja a própria" como os narcisos avistem outra imagem que não seja a própria, verdadeiramente bela.

e) Ao afirmar, no primeiro parágrafo do texto, que o "mesmo acontece com a chamada integração cultural do Mercosul", o autor refere-se ao elevado nível de afinidade existente hoje entre os países-membros do Mercado Comum do Sul no que diz respeito ao comércio, às políticas internas, ao sistema financeiro e, sobretudo, à cultura.

Texto XXXIII

Individualistas e comportados. E daí?

Laura Greenholg. Sociedade dos poetas vivos.

In: Elle, ago./1990. p. 35 (com adaptações).

Cientistas sociais e filósofos de inúmeras correntes garantem: a geração de 90 é ambígua. Explica-se: os adolescentes dessa época buscam o bem-estar individual mas também consideram o conceito "viver dignamente" como um direito da humanidade. Só que eles não pretendem se fatigar nas lutas sociais, nem se sentem atraídos por bandeiras políticas ou cartilhas ideológicas. Em uma pesquisa recente na França, o item "justiça social" foi classificado como um dos menos importantes por moças e rapazes na faixa dos 14 aos 17 anos. Imediatamente, a geração que ouve Madonna, diverte-se com Steven Spielberg e devora sanduíches passou a ser chamada de "novos individualistas". O filósofo e escritor francês Laurent Joffrin, autor do livro Um Toque de Juventude, celebra com otimismo os "moralistas de blue jeans": "eles não são apáticos como se supõe. Seus interesses vão além do prazer imediato e da pura distração", explica Joffrin. Mais cético, seu colega Alain Finkelkraut acredita que os jovens dos anos 90 se apóiam em relacionamentos superficiais e valores distorcidos. "Comportam-se como se a vida fosse um grande videoclip...", lamenta. Enquanto os intelectuais batem boca, os ingleses que cresceram ouvindo a balada conservadora de Margaret Thatcher hoje insistem que a vida comportada é muito melhor. Em uma pesquisa da revista Look Now, moças e rapazes de 15 a 24 anos confessam gostar de boas roupas, querem ser vistos como pessoas sensíveis e responsáveis, pretendem ter uma carreira sólida e fazer fortuna. Desnecessário

dizer que a Dama de Ferro adorou os resultados da pesquisa.

Aplicando conhecimentos acerca de tipologia, estrutura e organização de um texto em parágrafos, julgue os itens a seguir, segundo as ideias desenvolvidas no texto 10.

1. O texto é essencialmente dissertativo, podendo ser distribuído em parágrafos, dos quais o introdutório iria até "cartilhas ideológicas". (l. 4)

2. O primeiro período (l. 1) contempla a ideia geral do texto, resgatando na palavra "ambígua" o comportamento da juventude: apático e superficial.

3. Na linha 6, inicia-se uma passagem narrativa que se estende até "lamenta" (l. 12) e que conta a rotina da juventude francesa da época.

4. A pesquisa relativa aos ingleses, cujos resultados aparecem a partir do antepenúltimo período do texto, agradou a liderança conservadora porque mostra que os jovens britânicos são idealistas, consumistas, alienados e ambiciosos.

5. Ao se distribuir adequadamente em parágrafos, faltaria um fechamento que resgatasse a ideia básica desenvolvida no texto e desse caráter conclusivo ao título proposto.

Texto XXXIV

DO MUNDO VIRTUAL

Carlos Heitor Cony

Insisto em comentar as vantagens e desvantagens do mundo virtual. Não perderei tempo em lembrar as vantagens, elas entram pela cara da gente, tornam-se dia a dia mais indispensáveis e mais fáceis de manuseio.

Fico então com as desvantagens, e uma delas me remete ao processo de pensar, de refletir. Desde que Aristóteles criou o método peripatético, os melhores pensamentos da humanidade vieram quando filósofos, inventores, matemáticos, músicos e poetas obedeciam àquele processo de pensar caminhando, ou de caminhar pensando.

Beethoven passeava na floresta quando voltou correndo, com a Sexta Sinfonia inteira na cabeça. Kant era metódico, todos os dias saía para seu passeio à tarde, os vizinhos podiam acertar o relógio pela hora em que ele percorria o bosque de Konigsberg. E foi assim que ele criou seu monumental sistema dedicado à razão pura.

Strauss compunha suas valsas passeando pelos bosques de Viena e Anchieta escreveu seu poema nas areias de uma praia. Ficar "plugado" a uma tomada pode ser prático, mas não é criador. (...)

Viver "plugado" a uma corrente de pessoas e informações pode ser divertido e útil. Mas agride o que o ser humano tem de melhor e mais insubstituível: o seu gosto, o seu erro, a sua miséria e sua glória.

1. Com a primeira frase do texto – Insisto em comentar as vantagens e desvantagens do mundo virtual – o autor do texto:

a) quer mostrar que esse é um assunto de pouca importância.

b) indica que já explorou esse tema em outros textos.

c) demonstra que seus argumentos foram reprovados por alguns leitores.

d) destaca a existência de novos dados sobre o assunto.

e) deseja alertar os leitores para o perigo de não conhecer-se bem um assunto.

2. Na primeira frase do texto o autor diz que é de seu desejo comentar as vantagens e desvantagens do mundo virtual; lendo integralmente o texto podemos afirmar que o autor:

a) fez exatamente o que desejava.
b) não fez nada que prometeu.
c) só abordou uma desvantagem do mundo virtual.
d) só abordou as vantagens do mundo virtual.
e) na verdade, comparou o mundo virtual com o mundo real.

3. Segundo o texto, a principal desvantagem do mundo virtual é:

a) não permitir o erro.
b) não favorecer a criatividade.
c) impedir o movimento.
d) opor-se ao ato de pensar.
e) facilitar o conformismo.

4. "Insisto em comentar as vantagens e desvantagens do mundo virtual. Não perderei tempo em lembrar as vantagens, elas entram pela cara da gente, tornam-se dia a dia mais indispensáveis e mais fáceis de manuseio. Fico então com as desvantagens, e uma delas me remete ao processo de pensar, de refletir"; com esses segmentos o autor do texto pretende:

a) indicar o ponto de vista sob o qual o tema será tratado.
b) mostrar a estruturação do texto.
c) especificar o assunto a ser tratado.
d) identificar a autoridade de quem fala sobre o tema.
e) demonstrar seriedade no tratamento do tema.

5. "o seu gosto, o seu erro, a sua miséria e sua glória"; com essas marcas, o autor do texto quer destacar uma qualidade do homem que é:

a) a imprevisibilidade.
b) a criatividade.
c) o egoísmo.
d) a religiosidade.
e) a limitação.

6. "E foi assim que ele criou seu monumental sistema dedicado à razão pura"; essa frase, ao final do terceiro parágrafo, mostra a presença, argumentativamente falando, de:

a) uma consequência derivada de uma causa.
b) uma conclusão a partir de um raciocínio anterior.
c) uma simplificação exagerada.
d) uma afirmação sem argumentos de base.
e) uma ideia contrária às premissas.

Texto XXXV

No discurso, tanto o dos políticos como o dos eleitores, a educação é sempre prioridade. Mas basta dar uma espiada nas avaliações internacionais e nacionais de desempenhos de alunos para constatar o desastre que é o ensino brasileiro.

No último Pisa, programa de avaliação da OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico), o Brasil ficou em 37º lugar entre 40 países em compreensão de leitura e em último em matemática. Nas apreciações domésticas, a situação não é muito melhor. Dados do último Saeb (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica), também de 2003, mostram, por exemplo, que 68,8% dos alunos do 3º ano do ensino médio tiveram seu nível de conhecimento classificado entre crítico e muito crítico. É um fracasso.

E a situação tende a piorar no futuro. Como mostrou a reportagem principal do último Sinapse, publicado na terça-feira, a profissão de professor corre risco de extinção no país. Como praticamente não existem estímulos para procurar essa carreira, o cenário poderá ficar crítico nos próximos dez anos.

Pesquisa da CNTE (Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação), realizada em 2003 mostrou que 51,1% dos professores em atividade estavam na faixa dos 40 aos 59 anos, e 38,4% tinham entre 25 e 39 anos. Só 2,9% se encontravam na categoria entre 19 e 24 anos. A pergunta inescapável é: quem vai substituir os atuais mestres à medida que eles forem se aposentando?

A escassez de docentes já é perceptível em vários Estados, em especial nas áreas técnicas (física, química e matemática), cuja formação encontra em outras atividades da iniciativa privada condições profissionais mais convidativas que as oferecidas pelas escolas. E não se fala apenas de salário mas também de prestígio. Até algum tempo atrás, os professores ganhavam mal, mas ainda tinham um alto reconhecimento social.

A situação é grave e não permite tergiversações. Ou o Brasil decide tornar a educação uma prioridade real e não apenas retórica, ou a falta de educação continuará causando grandes danos ao Brasil.

(Folha de São Paulo, 3 de outubro de 2005 – editorial)

1. Ao argumentar, pode o falante valer-se de estratégias variadas, tais como:

I. apoiar-se na autoridade de instituições especializadas em matéria de discussão.

II. ilustrar com narração de fato, real ou não, para tornar mais convincente a proposição que defende.

III. apresentar dados estatísticos precisos, capazes de gerar convicção.

IV. recorrer ao raciocínio indutivo ou a generalizações a partir de fatos específicos, concretos.

No texto, o autor se vale das seguintes estratégias acima mencionadas:

a) I, II, III.
b) I, III, IV.
c) II, III, IV.
d) I, II.
e) apenas IV.

Gabarito: Texto I – 1. e; 2. b; 3. d; 4. e; **Texto II** – 1. c; 2. a; **Texto III** – 1. a; **Texto IV** – 1. d; 2. a; **Texto V** – 1. d; **Texto VI** – 1. b; **Texto VII** – 1. c; **Texto VIII** – 1. c; **Texto IX** – 1. a; 2. e; 3. d; **Texto X** – 1. a; 2. a; 3. c; **Texto XI** – 1. c; 2. a; **Texto XII** – 1. c; 2. e; 3. c; **Texto XIII** – 1. b; 2. c; 3. a; **Texto XIV** – 1. c; 2. a; **Texto XV** – 1. b; 2. d; **Texto XVI** – 1. d; 2. d; **Texto XVII** – 1. d; 2. b; 3. e; **Texto XVIII** – 1. b; 2. a; 3. b; **Texto XIX** – 1. e; 2. a; 3. c; **Texto XX** – 1. d; **Texto XXI** – 1. d; 2. e; 3. b; 4. b; 5. e; **Texto XXII** – 1. e; 2. a; 3. d; 4. b; **Texto XXIII** – 1. d; 2. b; 3. e; 4. b; **Texto XXIV** – 1. d; 2. b; 3. a; **Texto XXV** – 1. a; 2. b; 3. c; **Texto XXVI** – 1. b; **Texto XXVII** – 1. d;

Texto XXVIII – 1. d; 2. a; **Texto XXIX** – 1. d; **Texto XXX** – 1. c; 2. e; 3. e; 4. c; 5. c; **Texto XXXI** – 1. e; 2. c; 3. e; 4. c; 5. c; **Texto XXXII** – 1. e; 2. c; 3. c; 4. c; 5. e; **Texto XXIII** – 1.c; 2. e; 3. e; 4. e; 5. c; **Texto XXXIV** – 1. b; 2. c; 3. b; 4. b; 5. e; 6. c; **Texto XXXV** – 1. b.

25 COESÃO E COERÊNCIA

25.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Agora que você já conhece um parágrafo de dissertação e já consegue ler com mais técnica, vamos falar de coesão e coerência?

Diante de um texto bem construído, percebemos que as informações não se colocam de forma caótica entre si – pelo contrário, um texto de qualidade apresenta suas informações interligadas, conectadas. A essa conexão dá-se o nome de **coesão**. A coesão textual é o resultado da realização de recursos semânticos, por meio dos quais uma informação do texto se conecta à outra. O conceito de coesão textual está, portanto, relacionado aos elementos que estabelecem ligações linguísticas na superfície do texto.

No entanto, para que um texto faça sentido, faz-se necessário que as informações se encaixem de modo que a mensagem não se torne desconexa, ilógica. A essa correlação entre os conceitos de um texto dá-se o nome de **coerência**. Enquanto a coesão se relaciona aos elementos explícitos no texto, a coerência cuida do seu *sentido*, do seu *aspecto conceitual*.

Resumindo:
Coesão → Elementos de ligação explícitos no texto. → Superfície textual
Coerência → Conexão harmônica entre as informações do texto → Lógica textual

Você deve estar se perguntando: é possível haver coerência sem coesão?

Sim. É possível construir um texto coerente sem coesão, um texto cujas informações produzam sentido, mas que não se concatenem por meio de articuladores textuais:

Pedro estudou bastante. Pedro passou em 1º lugar.

Você consegue entender a informação veiculada, mas o texto não tem qualidade: bastaria utilizar-se uma conjunção e o segmento estaria mais bem elaborado (*Pedro estudou bastante, logo passou em 1º lugar*).

Em sentido contrário, é possível haver coesão que não produza coerência?

Sim. Pode-se ter um texto que apresente conectivos, só que mal utilizados, incapazes de produzir lógica, concatenação entre seus enunciados – *um texto com coesão e sem coerência:*

Pedro estudou bastante. Outrossim, o Botafogo ganhou o campeonato.

Utilizou-se um belíssimo conector de acréscimo (*outrossim*), que, no entanto, une orações que não fazem sentido quando relacionadas. Trata-se de *um trecho com coesão, mas sem coerência*.

Agora, você deve estar se fazendo mais uma pergunta: então, por que, quando se fala em coesão, fala-se também de coerência? Porque, para que um texto *seja de fato um texto* – para que ele apresente textualidade – é preciso que ele alie coesão a coerência. A utilização de elementos coesivos fornece ao texto clareza e maior legibilidade e contribui para que ele se torne mais facilmente compreendido pelo leitor. Daí ser a coesão tão desejável à produção de um texto coerente.

Assim:

COESÃO + COERÊNCIA = TEXTUALIDADE

Selecionamos algumas questões de concursos que versam sobre esse assunto. Vamos a elas?

25.2. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Primeiramente, veja esta questão de prova elaborada pelo Cespe/UnB, para o Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro:

> Debruçando-se sobre o estudo do exercício da política, Maquiavel dissecou a anatomia do poder de sua época: dos senhores feudais e da igreja medieval. E, por isso mesmo, por botar o dedo na ferida, foi considerado um autor maldito. Ele se mostra preocupado com o fato de que na política não existem regras fixas. Governar, isto é, tomar atitudes políticas, é um trabalho extremamente criativo e, por isso mesmo, sem parâmetros anteriores. Assim, essa preocupação do filósofo, por incrível que pareça, torna-se um bom instrumento para repensarmos a ética. Hoje, com o fim das garantias tradicionais, estamos todos mais ou menos na posição do príncipe de Maquiavel — isto é, em um mundo de incertezas, dentro do qual temos de inventar nossa melhor posição. É mergulhado nesse mundo de incertezas, de instabilidade social e política, de culto ao individualismo, que construímos nossa identidade, nosso modo de agir. Como seres humanos, nosso fim último é a felicidade. Como indivíduos sociais, precisamos entender que, por melhores que sejam nossos objetivos na vida, os meios para alcançá-los não podem entrar em

contradição com a nobreza dos fins. Desse modo, não basta termos fins nobres, é necessário também que os meios para alcançá-los sejam adequados a essa nobreza.

Planeta, jul./2006, p. 59 (com adaptações).

1. Na organização do texto, os termos que se referem a Maquiavel não incluem:

a) "se" em "Debruçando-se".

b) "autor maldito".

c) "Ele".

d) "filósofo".

e) "príncipe".

Comentários:

Trata-se de uma clássica questão de *coesão e coerência*. O que a banca quer é o único vocábulo que não se refira a Maquiavel. Quando um vocábulo se refere a outro no texto, ambos *possuem o mesmo referente*: representam a mesma realidade semântica textual.

O texto se inicia com uma palavra-chave – Maquiavel – que, por ser palavra importante na argumentação, irá voltar ao longo da estrutura textual de várias maneiras. Cada palavra que retomar "Maquiavel", já que estará sendo sua repetição, possuirá seu mesmo referente. Possuir o mesmo referente seria, portanto, fazer referência ao mesmo objeto no texto. Observe a seguir a análise de cada item da questão:

a) A partícula "se" aqui possui semanticamente o valor de "a si mesmo" e faz referência a Maquiavel, já que é ele que se "debruça sobre o estudo da política".

b) A expressão "autor maldito" é uma qualificação que, de fato, se refere a Maquiavel – é a sua qualificação.

c) O pronome reto "ele" é uma referência direta a Maquiavel.

d) O substantivo "filósofo" é um termo geral, um hiperônimo, que retoma Maquiavel, um termo mais específico; Saiba que hiperônimo é um termo geral, que retoma um outro, mais específico no texto.

e) O "príncipe" seria a única palavra a não fazer referência a Maquiavel, pois diz respeito não ao autor, mas a seu personagem de sua renomada obra "O Príncipe". Por não retomar Maquiavel no texto, não possuiria um mesmo referente.

Resposta: E.

Mais uma da mesma prova:

A crescente escassez de profissionais qualificados no mercado de trabalho doméstico está obrigando a Companhia Vale do Rio Doce a lançar uma campanha global de recrutamento para arregimentar pessoal especializado nos EUA, na Inglaterra, na Austrália e no Canadá. A previsão é de 62 mil contratações nos próximos cinco anos.

O Estado de S. Paulo, 21/03/2008 (com adaptações).

2. Assinale a opção que constitui continuação coesa e coerente para o fragmento de texto acima.

a) Essa disputa se tornou tão acirrada que elevou o nível médio salarial. Um soldador, por exemplo, hoje tem um ordenado inicial entre R$ 1,2 mil e R$ 2,1 mil. Nas escolas do SESI e do SENAC, os formandos são disputados pelos empregadores.

b) Essa é a iniciativa mais audaciosa já tomada por uma empresa brasileira em matéria de oferta de emprego, e é mais uma das consequências da globalização da economia.

c) Entretanto, com o extraordinário crescimento da produção industrial chinesa, nos últimos anos, o preço das commodities no mercado internacional disparou, o que abriu caminho para a expansão dos setores de mineração, siderurgia, petróleo e equipamentos de transporte pesado.

d) Desde então, as empresas mais competitivas desses setores criaram milhares de novos postos de trabalho e, de forma cada vez mais agressiva, vêm disputando trabalhadores preparados para ocupá-los.

e) Todas essas empresas vêm publicando anúncios em inglês, em busca de profissionais qualificados de nível técnico superior. As empresas também vêm contratando trabalhadores aposentados e procurando atrair profissionais qualificados da PETROBRAS.

Comentários:

Primeiramente, aqui vai uma dica:

Avaliar uma possível continuidade para o texto significa que a alternativa a ser julgada deve repetir a ideia central do texto em questão, ainda que eventualmente acrescente informações que não foram antes mencionadas. É repetir a ideia inicial com eventuais acréscimos.

A informação central do texto é a de que a Companhia Vale do Rio Doce, em função de não dispor

da quantidade necessária de profissionais qualificados, recruta tal mão de obra no exterior. Com base nessa direção argumentativa, vamos à análise das alternativas:

a) Alternativa errada. A alternativa utiliza uma expressão "essa disputa" que não possui antecedente lógico no texto. O texto não fala de uma "disputa de formandos por parte de empregadores nas escolas", mas sim da iniciativa de recrutamento do profissional no exterior.

b) Alternativa certa. Com a utilização do recurso coesivo "essa é a iniciativa mais audaciosa", retoma-se a "campanha global de recrutamento" do texto inicial. Além de reforçar a informação central, acresce que tal iniciativa seria "uma das consequências da globalização da economia".

c) Alternativa errada. Há aqui uma fuga ao assunto – passa-se a falar do "extraordinário crescimento da produção industrial chinesa", assunto não enfocado pelo texto.

d) Alternativa errada. Com a utilização do conector "Desde então", o trecho se propõe a apresentar um acontecimento que sucedeu o texto inicial na linha do tempo. Entretanto, esse trecho não reforça a informação central de que uma companhia vem necessitando buscar trabalhador especializado no exterior – aqui apenas se fala da criação de novos postos de trabalho e disputa por mão de obra para ocupá-los.

e) Alternativa errada. Ao utilizar o elemento de coesão "Todas essas empresas", a alternativa apresenta uma incoerência – o texto não menciona mais de uma empresa, apenas a Companhia Vale do Rio Doce.

Resposta: B.

Há cinco anos, sob o comando de George W. Bush, os Estados Unidos da América (EUA invadiam o Iraque. Já se mostrou à exaustão que a aventura foi uma catástrofe humanitária e um fracasso político que encalacrou o Pentágono numa ocupação militar sem perspectiva de solução. Verifica-se, agora, que foi também um desastre financeiro.

Folha de S. Paulo, 20/03/2008 (com adaptações).

3. (Cespe/UnB) Assinale a opção em que o fragmento constitui continuação coesa e coerente para o texto acima.

a) Entretanto, Joseph Stiglitz, Prêmio Nobel de Economia, calcula que a empreitada poderá sai por assombrosos US$ 4 trilhões ou mais, dependendo de quanto tempo a ocupação durar.

b) Mas, agora que o país se encontra numa situação de déficit fiscal, a conta da guerra contribui

para a crescente desvalorização da moeda norte-americana, num movimento que dificulta o combate à crise de crédito nos EUA e agrava suas repercussões globais.

c) Às vésperas da invasão, a Casa Branca estimava que gastaria algo entre US$ 50 bilhões e US$ 60 bilhões para derrubar Saddam Hussein e instalar um novo governo no país. Hoje, a conta está em US$ 600 bilhões e continua subindo.

d) Avaliações mais conservadoras, como a do Escritório de Orçamento do Congresso, órgão que municia o Poder Legislativo com informações técnicas, concluem que a ocupação não atingirá efetivamente a economia norte-americana.

e) Portanto, nada indica que o próximo presidente dos EUA terá condições de colocar um fim rápido à aventura. Fala-se em retirar as tropas até o fim de 2009. Isso, é claro, no melhor cenário. E o problema é que, no Iraque, o melhor cenário nunca se materializa.

Comentários:

Como já falamos anteriormente, buscar-se a continuação coesa e coerente significa encontrar uma alternativa que reafirme a ideia central do texto anterior, dando a ela uma sequência. Vale lembrar que o texto tem como tema central a questão da *invasão do Iraque pelos EUA como um desastre financeiro*.

a) Alternativa errada. O conector "Entretanto" deveria apresentar algo que se opusesse à questão do desastre financeiro, mas o que se tem na continuidade é algo que reforça a ideia inicial.

b) Alternativa errada. A conjunção adversativa também deve introduzir contraste, oposição, e o que se tem é algo que *reforça* a questão do desastre financeiro (*déficit fiscal, desvalorização da moeda...*).

c) Resposta certa. Por meio de informações como "a conta está em US$ 600 bilhões", este trecho reafirma o tema apresentado pelo texto.

d) Alternativa errada. Essa alternativa contradiz o texto ao afirmar que "a ocupação não atingirá efetivamente a economia norte-americana".

e) Alternativa errada. Aqui, apresenta-se evidente fuga ao tema: essa alternativa não fala da questão do desastre financeiro.

Resposta: C.

O conflito do Tibete, que se arrasta desde o século 13, requer solução pacífica pautada pelo

signo da não violência. Invadida pela China em 1950, a província luta pela autonomia há cinco décadas. Pequim resiste. Além de constante desrespeito aos direitos humanos, procede ao que o dalai-lama denomina "genocídio cultural" – sistemático esmagamento das tradições da região.

Com o controle dos meios de comunicação, as autoridades chinesas exercem violenta censura à informação e à livre circulação de pessoas. A tevê só mostra imagens liberadas pelos administradores locais. O mesmo ocorre com as notícias e certos sítios da Internet. Jornalistas e turistas encontram as fronteiras fechadas.

Torna-se difícil, assim, avaliar as dimensões e as consequências dos protestos que eclodiram recentemente. Pequim soma 13 mortos. Os tibetanos falam em mais de 100 e de centenas de prisões de dissidentes. Suspeita-se, com razão, do incremento da repressão.

Correio Braziliense, 20/03/2008 (com adaptações).

4. (Cespe/UnB) Assinale a opção que apresenta as ideias principais do texto acima.

a) Pequim controla os tibetanos, que vivem sob censura, sem possibilidade de livre circulação em sua própria região.

b) A tevê só mostra imagens liberadas pelos administradores locais, e as fronteiras estão fechadas para turistas e jornalistas.

c) Para Pequim, houve treze mortos nos conflitos recentes; para os tibetanos, houve mais de cem mortos e centenas de prisões de dissidentes.

d) A China procede a um genocídio cultural no Tibete, quando esmaga as tradições da região.

e) Embora haja controle dos meios de comunicação e das fronteiras, suspeita-se do aumento da repressão no Tibete, que luta pela autonomia, pois é ocupado pela China há mais de cinquenta anos.

Comentários:

Ao se requerer do candidato uma opção que apresente as ideias principais do texto, o que se quer é uma alternativa que resuma suas informações centrais, que componham sua introdução, seu desenvolvimento e posterior conclusão.

Neste texto, dividido em três parágrafos, o que se deve fazer é reescrever cada parágrafo, por meio de uma informação que resuma cada um deles. Assim, teríamos:

1º parágrafo: China invade Tibete. Conflito entre os países. Esmagamento cultural daquele país sobre esta região.

2º parágrafo: Controle dos meios de comunicação do Tibete, por parte das autoridades chinesas.

3º parágrafo: A repressão parece aumentar.

Após a reescritura dos parágrafos, deve o candidato partir à análise das alternativas, buscando aquela que seja capaz de juntar as três ideias mais importantes do texto.

a) Alternativa errada. Aqui só se mencionam ideias do 2º parágrafo.

b) Alternativa errada. Observa-se o mesmo equívoco da alternativa anterior: só se reescrevem informações do 2º parágrafo.

c) Alternativa errada. Nessa alternativa só se reescreve informação do último parágrafo do texto.

d) Alternativa errada. Assim como as outras, essa opção só menciona um momento do texto, não o resume na sua totalidade. Nesse caso, a alternativa só reescreve o 1º parágrafo.

e) Resposta certa. Essa opção apresenta um resumo das três partes que compõem o texto.

Resposta: E.

5. (Cespe/UnB) Assinale a opção que constitui continuação coesa e coerente para o texto abaixo:

Até aqui o governo se dedicou a expor seu ponto de vista e começou a mover suas pedras no tabuleiro, a partir de sua opção pela prioridade sul-americana e do Mercosul. Estabeleceu, em seguida, uma série de pontes e alianças possíveis com a África e a Ásia, como aconteceu com o G21, na reunião de Cancun da OMC, e como está acontecendo nas negociações do G3, com a África do Sul e com a Índia. Ou ainda, como vem ocorrendo nas novas parcerias tecnológicas com a Ucrânia, a Rússia, a China, ou com os projetos infraestruturais com a Venezuela, a Bolívia, o Peru e a Argentina.

a) Não há dúvida, porquanto, de que essas principais disputas giraram em torno das divergências econômicas entre os Estados Unidos e o Brasil, em particular as negociações da OMC, FMI ALCA.

b) O que se vê é a afirmação de uma nova política externa, ativa, presente, baseada no interesse nacional brasileiro e na afinidade histórica e territorial do Brasil com o resto da América do Sul, bem como na sua afinidade de interesses com os demais grandes países em

desenvolvimento.

c) E do outro lado, naquele momento, estarão os grupos econômicos e as forças sociais, intelectuais e políticas que sempre lutaram por um projeto de desenvolvimento para o Brasil.

d) E aqui, não há como se enganar sobre as forças que esta batalha despertava, dentro e fora do governo: de um lado estarão, como sempre estiveram, os grupos de interesse que defendem uma relação subserviente com os Estados Unidos, em troca de uma acesso mais favorecido ao mercado interno americano.

e) Orientando-se pelos interesses nacionais do povo e não apenas pelos interesses imediatos e particulares do seu *agrobusiness*, e dos seus grupos financeiros defendidos e acobertados pela retórica diletante e pela política escandalosamente subserviente dos "diplomatas descalços".

Comentários:

Nesta questão, o que se busca é um trecho que dê continuidade à seguinte ideia central do texto: "a opção pelo governo brasileiro pela prioridade sul-americana e do Mercosul".

a) A alternativa fala de "disputas", enquanto o texto menciona "parcerias" e "alianças". Alternativa errada, portanto.

b) Resposta correta. Aqui, há um reforço à ideia central do texto ao se mencionar "uma nova política externa, ativa, presente...".

c) Presença de um *conector sem antecedente* lógico no *texto* – "E do outro lado". O texto original não havia apresentado o *primeiro lado*. Além do mais, a alternativa não retoma a ideia central – as parcerias com os países do Sul.

d) Ao mencionar "as forças que esta batalha despertava", o trecho menciona uma batalha, que é o oposto do que se fala no texto original. Não há embates, há alianças.

e) Além de o trecho ter problemas de redação – lança-se uma oração subordinada "Orientando--se pelos interesses..." sem uma oração principal a ela correspondente, ele foge ao assunto por não mencionar a política de alianças.

Resposta: B.

Por fim, uma questão para ordenar fragmentos de um texto. Trata-se de um clássico muito utilizado em provas elaboradas pela Esaf:

6. (Cespe/UnB) Os trechos a seguir constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e aponte a opção correta:

( ) A aguda crise social desdobrou-se, então, em quatro vertentes de alternativa política: o fascismo italiano, o nazismo alemão, a social democracia sueca e o New Deal norte-americano.

( ) O desemprego é uma tragédia social com profundas implicações políticas.

( ) Um dado dessa natureza é importante, pois estabelece a conexão entre a crise social e o efeito político-eleitoral.

( ) A esmagadora maioria dos eleitores nas últimas eleições apontava esse fenômeno como o mais grave problema do país.

( ) Tal conexão apareceu pela primeira vez na História, claramente, há mais de 70 anos, nos principais países capitalistas, na Grande Depressão.

a) 5, 1, 3, 2, 4.

b) 3, 5, 1, 4, 2.

c) 2, 4, 3, 5, 1.

d) 4, 1, 3, 5, 2.

e) 2, 1, 4 5, 3.

Comentários:

O que se busca na questão é a ordenação dos trechos de modo que eles passem a formar um único texto. Nesse caso, a estratégia a ser utilizada consiste basicamente em observar em cada segmento sua ideia central e, na sequência, encontrar o trecho que apresente elemento de conexão que reforce a informação encontrada – procedimento que se repetirá até o último segmento.

O trecho a iniciar o texto não deve possuir nenhum elemento de coesão que retome informações anteriores, afinal ele é o início do texto. Nesta questão específica, o único trecho que é passível de iniciar o texto é:

(1) O desemprego é uma tragédia social com profundas implicações políticas.

O próximo passo consiste em buscar a continuidade desse segmento. Nesse caso, o que se busca é um trecho que fale sobre o problema social que é *o desemprego* e que desdobre também suas *implicações políticas*. Logo, o trecho de continuidade seria:

(2) A esmagadora maioria dos eleitores nas últimas eleições (*implicações políticas*) apontava esse fenômeno como o mais grave problema do país (*tragédia social*).

A seguir, busca-se o trecho que retome também as informações essenciais de (2) mais importantes – *desemprego* e *resultados das últimas eleições*. Assim, teríamos:

(3) Um dado dessa natureza é importante, pois estabelece a conexão entre a crise social (*desemprego*) e o efeito político eleitoral *(últimas eleições*).

Como continuidade da cadeia coesiva que se forma, busca-se na sequência um trecho que mencione a questão da *conexão entre a crise social e seu efeito político eleitoral*. Assim:

(4) Tal conexão *(expressão que retoma "conexão" do trecho anterior)* apareceu pela primeira vez na História, claramente há mais de 70 anos, nos principais países capitalistas, na Grande Depressão.

Da mesma forma, o item que finalizará o texto deverá ser aquele que repise a ideia principal do trecho anterior, que, nesse caso, foi "a conexão ... pela primeira vez na História ... nos países capitalistas". Assim, observa-se o fechamento do texto em:

(5) A aguda crise social (*que se iniciou com o desemprego*) desdobrou-se, então,em quatro vertentes de alternativa política: o fascismo italiano, o nazismo alemão, a social democracia sueca e o New Deal norte-americano. (*principais países capitalistas mencionados no trecho imediatamente anterior*).

Resposta: A (5, 1, 3, 2, 4).

Aqui, vale uma dica:

Um trecho será uma possível continuidade do outro quando retomar aquilo que o anterior teve de essencial: sua informação mais importante.

Muitos concurseiros resolvem uma questão como essa por meio da estratégia de eliminação.

Assim, sabendo-se que somente o 2º trecho seria capaz de iniciar o texto, por não possuir nenhum elemento de conexão com ideias anteriores, o período a receber numeração **1** seria *O desemprego é uma tragédia social com profundas implicações políticas*. Logo, teríamos como possíveis respostas as alternativas A, D ou E, pois são elas que apontam esse trecho como a introdução do texto. A partir daí, bastaria descobrir qual trecho poderia receber a numeração **2**. Nesse caso,

vale a dica de que **2** deverá reforçar aquilo que **1** tinha de essencial: é o trecho *A esmagadora maioria dos eleitores nas últimas eleições apontava esse fenômeno como o mais grave problema do país* que reforça *as implicações políticas do desemprego*. Logo, a alternativa que apresenta essa numeração seria a letra A. É uma outra forma de resolver a mesma questão: a velha tática de eliminação...

Por fim, vamos resolver algumas provas anteriores, abordando com maior ênfase as estratégias de retomada nos textos (anáfora, catáfora, dêixis).

25.3. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

Texto I

O teste definitivo para você saber se você está ou não integrado no mundo moderno é a secretária eletrônica. O que você faz quando liga para alguém e quem atende é uma máquina. Tem gente que nem pensa nisso. Falam com a secretária eletrônica com a maior naturalidade, qual é o problema?

1. "O que você faz quando liga para alguém e quem atende é uma máquina". O comentário correto sobre o vocábulo O, colocado ao início desse período do texto, é que se trata de:

a) um pronome demonstrativo, referindo-se a "teste".
b) um artigo definido, determinando a oração seguinte.
c) um pronome pessoal, equivalendo a "ele".
d) um pronome interrogativo, juntamente com "que".
e) um pronome indefinido, correspondendo a "algum".

2. "Tem gente que nem pensa **nisso**." O pronome sublinhado se refere:

a) à existência de secretárias eletrônicas.
b) ao fato de sermos atendidos por máquinas.
c) ao teste de integração no mundo moderno.
d) à impossibilidade de falar com alguém para quem se ligou.
e) à dificuldade de dialogar com uma máquina.

Texto II

MAQUIAGEM

Nesta época, no ano passado, começou a se constatar nas prateleiras dos supermercados uma "maquiagem" de produtos. Consistia, basicamente, em reduzir a quantidade de mercadoria embalada, mantendo o preço de venda. O assunto despertou celeuma entre associações de consumidores, fábricas e autoridades governamentais. O Ministério da Justiça acabou por reagir, multando empresas que, segundo seu entendimento, haviam ludibriado a boa-fé dos consumidores. Um ano depois, pode-se dizer que houve alguma melhora na situação. Houve alguma confusão acerca do que estava errado na prática da "maquiagem". (...)

Folha de São Paulo, dezembro de 2002.

1. "Nesta época" e "um ano depois", referem-se exata e respectivamente a:

a) dezembro de 2002 e dezembro de 2003.

b) dezembro de 2002 e dezembro de 2002.
c) dezembro de 2001 e dezembro de 2002.
d) dezembro de 2001 e dezembro de 2003.
e) dezembro de 2000 e dezembro de 2002.

2. "...a temperatura corporal elevada ajuda o sistema de defesa do organismo a identificar a causa de uma infecção e combatê-la"; o pronome *la*, ao final da frase, se refere ao seguinte termo anterior:

a) temperatura corporal elevada.
b) sistema orgânico.
c) causa de uma infecção.
d) defesa do organismo.
e) temperatura corporal e defesa do organismo.

3. Na construção de um texto, para sua coesão, alguns termos retomam termos anteriores; o termo em negrito cujo termo anterior NÃO foi corretamente destacado em maiúsculas é:

a) "Até recentemente, a sociedade entendia SER A EDUCAÇÃO TAREFA EXCLUSIVA DE PA E PROFESSORES. Sabiamente esse conceito evoluiu".
b) "COBRA-SE, AGORA, O COMPROMISSO DE EDUCAR TAMBÉM DE VEÍCULOS COMUNICAÇÃO, PUBLICIDADE, DAS ARTES etc. Não poderia haver reivindicação n justa".
c) "O código recomenda ainda que os anúncios não desmereçam valores sociais ou provoquem discriminação, em particular DAQUELES que não sejam consumidores do produto".
d) "tampouco associem crianças e adolescentes a SITUAÇÕES INCOMPATÍVEIS com s condição, sejam elas ilegais, perigosas ou socialmente condenáveis".
e) "a publicidade (...) não deve: IMPOR A NOÇÃO DE QUE O PRODUTO PROPORCIO SUPERIORIDADE (...); PROVOCAR SITUAÇÃO DE CONSTRANGIMENTO AOS PAIS Essas recomendações são, para o Conar, contribuições muito mais efetivas...".

Texto III

Sustentabilidade, Consumo e Publicidade

Nos últimos cinquenta anos, a população mundial mais do que dobrou, indo de 2,5 bilhões (1950) para 6 bilhões (2000). Durante esse mesmo período, a industrialização permitiu que o consumo aumentasse exponencialmente; como consequência, a poluição e o lixo também aumentaram. Já faz algum tempo que o planeta vem dando sinais de que não pode suportar o nosso modo de vida, e estudos indicam que hoje, mesmo com grande parte da população mundial excluída, já consumimos 20% por ano a mais de recursos naturais renováveis do que o planeta Terra é capaz de regenerar.

1. O primeiro parágrafo emprega por duas vezes a palavra "já". Seus valores morfológicos são idênticos, mas semanticamente se distinguem. A frase abaixo em que a palavra "já" está empregada com um terceiro valor semântico é:

a) a sociedade já teve atitudes mais firmes.
b) se houver apagão, já sabemos o motivo.
c) os estudos já estão publicados na imprensa.
d) todos já começam a se preocupar com o futuro.

e) faz já décadas que a poluição é grande.

Texto IV

Dos três irmãos, dois fazem parte de um grupo cada vez mais comum na família brasileira contemporânea. São os jovens endividados. Além de adiar a saída de casa, mesmo depois de terminar a faculdade e arrumar trabalho, esses moços e moças não conseguem ajudar nas despesas de casa, nem tampouco pagar as próprias contas. Pior: acumulam dívidas. Muitos estão simplesmente falidos e entram na lista negra das entidades de proteção ao crédito.

1. "Muitos estão simplesmente falidos". O indefinido empregado nesse trecho serve para retomar o termo:

a) consumidores.
b) balzaquianos.
c) moços e moças.
d) três irmãos.
e) bancos e financeiras.

Texto V

Essa nova fase da filantropia americana surge num contexto em que sobressaem uma virtude e uma falha. A virtude é o estágio atual do próprio sistema capitalista, capaz, em sua forma mais avançada, de gerar excedentes vultosos que retornam à sociedade pela mão de empresários conscientes e abnegados. A falha é dos governos e das instituições internacionais, como o Banco Mundial, que se mostraram ineficazes no combate à pobreza e às endemias do mundo. Pessoas como Buffett e Gates, portanto, indicam um caminho para supri-la.

1. "Pessoas como Buffett e Gates, portanto, indicam um caminho para supri-**la**"; o pronome sublinhado se refere a:

a) pobreza.
b) endemia.
c) falha.
d) filantropia.
e) sociedade.

Texto VI

Estudo do Pacific Institute of Oakland, na Califórnia, prevê que 76 milhões de pessoas morrerão de doenças relacionadas à água até 2020. As crianças serão as mais afetadas por males causados pelo uso e ingestão de água contaminada. No mesmo período, serão registrados 65 milhões de casos fatais em consequência da Aids em todo o mundo.

1. Vocábulos do texto que NÃO apresentam o mesmo referente são:

a) pessoas / as crianças
b) doenças / males
c) água / água contaminada
d) até 2002 / mesmo período
e) morrerão / serão registrados 65 milhões de casos fatais

Texto VII

PETRÓLEO

Eduardo Frieiro

Os fatos desta vez deram razão a Monteiro Lobato. Existe o petróleo. Resta saber, e o grande escritor morreu antes que pudesse observá-lo, resta saber se o cobiçado líquido brindará os brasileiros com uma vida decente, ou fará do país outra Venezuela, onde, há um quarto de século, se põe fora, sem proveito para o povo, a maior fartura petrolífera da América Latina. (1948)

Texto VIII

PETRÓLEO

Monteiro Lobato

Esse produto é o sangue da terra; é a alma da indústria moderna; é a eficiência do poder militar; é a soberania; é a dominação. Tê-lo é ter o sésamo abridor de todas as portas. Não tê-lo é ser escravo.

1. "... resta saber se o cobiçado líquido brindará os brasileiros..."; para evitar a repetição do termo *petróleo*, o autor do texto se utilizou, no segmento em destaque, de um processo que também aparece em:

a) "... e o grande escritor morreu antes que pudesse observá-lo..." (texto VII)

b) "... se põe fora, sem proveito para o povo, a maior fartura petrolífera da América Latina." (texto VII)

c) "... brindará os brasileiros com uma vida decente, ou fará do país outra Venezuela,..." (texto VII)

d) "Esse produto é o sangue da terra; é a alma da indústria moderna;" (texto VIII)

e) "Não tê-lo é ser escravo."

2. A ideia de o petróleo ser uma panaceia universal aparece no texto de Monteiro Lobato (texto VIII), e de forma mais específica no segmento:

a) "Esse produto é o sangue da terra".

b) "é a alma da indústria moderna".

c) "é a eficiência do poder militar".

d) "é a soberania; é a dominação".

e) "tê-lo é ter o sésamo abridor de todas as portas".

Texto IX

VIOLÊNCIA NO CAMPO

José Saramago

No dia 17 de abril de 1996, no estado brasileiro do Pará, perto de uma povoação chamada Eldorado dos Carajás (Eldorado: como pode ser sarcástico o destino de certas palavras...), 155 soldados da polícia militarizada, armados de espingardas e metralhadoras, abriram fogo contra uma manifestação de camponeses que bloqueavam a estrada em ação de protesto pelo atraso dos procedimentos legais de expropriação de terras, como parte do esboço ou simulacro de uma suposta reforma agrária na qual, entre avanços mínimos e dramáticos recuos, se gastaram já cinquenta anos, sem que alguma vez tivesse sido dada suficiente satisfação aos gravíssimos problemas de subsistência (seria mais rigoroso dizer sobrevivência) dos trabalhadores do campo. Naquele dia, no chão de Eldorado dos Carajás ficaram 19 mortos, além de umas quantas dezenas de pessoas feridas.

(...)

1. “Naquele dia, no chão de Eldorado dos Carajás...”; o emprego de naquele, neste contexto:

a) indica que o dia referido na frase não deve ser confundido com outro.
b) mostra que o dia referido está distante no tempo.
c) assinala uma distância de lugar.
d) identifica o dia como algo a ser esquecido.
e) refere-se a um dia que o leitor desconhece.

2. “Há detalhes que parecem insignificantes, mas revelam estágios de cidadania: respeitar-se o sinal vermelho no trânsito, não jogar papel na rua, não destruir telefones públicos. Por trás desse comportamento está o respeito à coisa pública”; nesse parágrafo, a expressão “desse comportamento”:

a) refere-se à última das ações citadas.
b) retoma o conjunto de ações anteriores.
c) alude somente a aspectos negativos.
d) corresponde a um procedimento condenável.
e) traz em si mesma um conteúdo positivo.

Texto X

Infelizmente, a hipocrisia abunda no mundo, principalmente nas elites. Em troca do status de um nobre homem, pessoas vendem a alma ao diabo, traindo escancaradamente sua própria consciência e bom senso. A cretinice assume grau espantoso nos debates, e qualquer um que esteja mais preocupado com a verdade que com as aparências de suas intenções perde a paciência ao notar que está dando murro em ponta de faca. O interesse dessa elite pérfida não é a busca sincera pela verdade e resultados; mas, sim, o conforto psíquico de apresentar ser bem intencionado. O mensageiro que traz a notícia, que destaca os fatos verdadeiros, que demonstra o absurdo das teorias românticas, esse é o culpado, um insensível, egoísta. A hipocrisia, aliada à ignorância de muitos, acaba vencendo a lógica e a verdade. A necessidade da mente humana de acreditar em explicações simplistas, culpar fatores exógenos e bodes expiatórios, e buscar conforto mesmo que na mentira alimenta bastante essa hipocrisia. Esse texto é um apelo para darmos um basta a isso.

1. “Em troca do status de um nobre homem”; a mesma ideia contida nesse segmento do texto aparece repetida em:

a) “vendem a alma ao diabo”.
b) “aparentar ser bem intencionado”.
c) “destaca os fatos verdadeiros”.
d) “culpar fatores exógenos e bodes expiatórios”.
e) “demonstra o absurdo das teorias românticas”.

Texto XI

Mais de cem vezes o presidente George W. Bush ameaçou vetar projetos que fossem aprovados pelo Congresso americano, mas até agora ele nunca tinha cumprido a ameaça, ou precisado cumprir – por ter sido ela suficiente para levar os parlamentares a recuar rapidamente.

1. No primeiro parágrafo do texto ocorrem repetições de termos anteriores; a alternativa em que os

dois termos sublinhados NÃO são exatamente um exemplo de repetição por não possuírem o mesmo referente é:

a) o presidente George W. Bush – ele.
b) projetos – que.
c) ameaçou vetar projetos – a ameaça.
d) a ameaça – ela.
e) Congresso americano – ele.

2. A alternativa em que NÃO há qualquer referência ao momento de ocorrência do fato comentado pela notícia do jornal é:

a) "mas até agora nunca tinha cumprido a ameaça".
b) "Mas ontem ele fez uso do veto".
c) "aprovada por 63 votos a 37 no Senado, terça-feira".
d) "um ano depois de sua aprovação na Câmara dos Representantes".
e) "O projeto, que há tempos seria impensável".

3. E, portanto, comprometidos demais para fazermos um juízo exato a esse respeito. Esse comprometimento inclui vítimas e algozes"; o tipo de relação de coesão exemplificado nesse segmento do texto entre as palavras sublinhadas se repete em:

a) toda a população está atemorizada demais com a violência e esse medo tem causado muitos problemas.
b) os direitos humanos têm sido desprezados pelas autoridades e se os desprezamos, caímos no caos.
c) as autoridades políticas estão bastante atarefadas e esse trabalho exagerado tem impedido que projetos mais importantes sejam discutidos.
d) as leis têm-se mostrado muito permissivas e essa permissividade tem incentivado a criminalidade.
e) são bastante contraditórias as leis dos direitos humanos e essa oposição tem prejudicado a sua discussão.

Texto XII

O PASTOREIO POLÍTICO

Luiz Carlos Lisboa

O século que se orgulha de grandes conquistas no terreno dos direitos humanos e das liberdades públicas é o mesmo em que se desenvolveram as formas mais requintadas e esmagadoras de dominação política e de intimidação coletiva. Essa contradição flagrante, escândalo de nosso tempo, é pouco analisada porque estamos todos muito imersos nela. E, portanto, comprometidos demais para fazermos um juízo exato a seu respeito. Esse comprometimento inclui vítimas e algozes, e cega a ambos da mesma forma.

1. O termo "ambos", presente na última linha do texto, refere-se a:

a) defensores e críticos dos direitos humanos.
b) os que possuem e não possuem liberdades públicas.
c) os que praticam e sofrem injustiças.

d) as vítimas e os que sofrem intimidação coletiva.
e) os que sofrem dominação política e intimidação coletiva.

Texto XIII

UM SENTIDO PARA A EDUCAÇÃO SEXUAL

A proposta de educação sexual nos currículos da escola de ensino médio é uma ideia que surge mais fortemente agora no Brasil. Um dos argumentos a favor da implantação da educação sexual nas escolas é o grande número de gestações na adolescência e o problema da Aids. Entretanto, não se observa redução nem no número de gestações indesejadas nem nas doenças sexualmente transmissíveis onde a educação sexual foi adotada como solução para este problema.

Nos Estados Unidos, a educação sexual foi considerada como a solução e a implantação dos programas aconteceu intensamente; no entanto, os resultados são deploráveis. Por que a educação sexual tal como foi implantada não é a solução? O desastre começa no próprio conceito. A educação sexual apresentada não toma como base valores morais, e se orienta para a informação restrita de contracepção e prevenção de doenças.

Isso não é educação sexual. Educação sexual é parte de algo mais complexo na vida do ser humano, e por isso não se pode restringir à informação sobre anatomia e fisiologia, ensino de meios contraceptivos e prevenção da Aids e outras doenças sexualmente transmissíveis. Educação sexual é antes de tudo educação de valores, educação do verdadeiro amor, amor de doação, incluindo-se a sexualidade. [...]

1. No terceiro parágrafo do texto, a educação sexual referida na primeira linha é:

a) a que já foi anteriormente implantada no Brasil.
b) a que está sendo implantada no Brasil.
c) a que foi implantada nos Estados Unidos e anteriormente implantada no Brasil.
d) a que foi implantada nos Estados Unidos e recentemente implantada no Brasil.
e) a que foi implantada nos Estados Unidos.

Texto XIV

A VERDADE E A FANTASIA

Miguel Pachá – Presidente do TJ/RJ

Um espectro ronda a Justiça brasileira neste final de ano: a Reforma do Judiciário. Espectro porque a realidade do Judiciário e a necessidade da sua reforma foram, nos últimos meses, deformados pelo “manto diáfano da fantasia”.

Comemoramos o nosso dia (8 de dezembro) sob o fogo cruzado da má vontade e da desinformação. O Judiciário não pode ser culpabilizado pelo que a mídia chama com exagero de impunidade. A polícia não prende, não investiga e nós, presos à aplicação da lei, pagamos o pato. Além disso, há um cipoal de leis, medidas provisórias e atos normativos que acabam por atravancar nossos corredores.

Temos oferecido à sociedade ideias e propostas de melhoria da prestação de Justiça. Um exemplo: o julgamento virtual, que acelera a tramitação, elimina papel e dispensa deslocamentos de advogados. Quanto ao apregoado controle do Judiciário, pensamos que deveria antes vir de dentro que de fora, pelo ajuste de normas e práticas processuais, bem como pela supervisão sistemática. A autonomia financeira deu ao nosso Tribunal a possibilidade de ser um dos melhores do país: um dos

mais ágeis e seguros, em condições objetivas de enfrentar o descrédito geral da Justiça.

A autonomia dos poderes – lembremos ainda uma vez – é a única garantia que temos da estabilidade da República e, em última instância, da continuidade do regime democrático – o pior de todos, com exceção dos outros. Falar em cidadania é falar em Judiciário. Em muitas sociedades tradicionais a norma de estabilidade é a do "poder trava poder". Ao invés do controle externo, sempre perigoso, talvez se pudesse confiar mais nesse controle sistêmico. De resto, temos à disposição diversos mecanismos endógenos, eficazes, de controle (os tribunais de conta, as corregedorias etc.).

A sociedade global, estimulada pelos formadores de opinião, não tem sido capaz de captar a verdade do Judiciário. Sob um cerco total de má vontade e desinformação, vemos exageradas as nossas deficiências e erros. "Sobre a nudez forte da verdade, o manto diáfano da fantasia" – parodiemos o slogan do velho Eça de Queiroz. E qual é a nossa verdade? Antes de enunciá-la, reconheçamos nossos erros e dificuldades, algumas conjunturais, de mais fácil correção, outras estruturais, mais difíceis. Recente pesquisa da OAB, mostrou que 55% da população mal conhece o Judiciário. E é ela a segunda instituição menos confiável do país. Nosso programa para o ano que se inicia é, pois, estabelecer a verdade da distribuição de Justiça em nosso Estado e vê-la reconhecida, senão por todos, ao menos pela maioria de nossos concidadãos.

Informativo TJ/RJ e EMERJ, n.12.

1. "De resto, temos à disposição diversos mecanismos endógenos, eficazes, de controle..."; a ideia aqui presente se repete aproximadamente em:

a) "Quanto ao apregoado controle do Judiciário, pensamos que antes deveria vir de dentro que de fora..."

b) "A sociedade global, estimulada pelos formadores de opinião, não tem sido capaz de captar a verdade do Judiciário."

c) "Sobre a nudez forte da verdade, o manto diáfano da fantasia."

d) "A autonomia dos poderes [...] é a única garantia que temos da estabilidade da República..."

e) "Falar em cidadania é falar em Judiciário."

2. Em relação aos "mecanismos endógenos", referidos no 4º parágrafo do texto, analise os itens a seguir:

I. "... antes vir de dentro que de fora, pelo ajuste de normas e práticas processuais,..."

II. "Em muitas sociedades a norma de estabilidade é a do 'poder trava poder'."

III. "Ao invés do controle externo, sempre perigoso, talvez se pudesse confiar mais nesse controle sistêmico."

Os mecanismos referidos no enunciado correspondem a:

a) I – III

b) I – II – III

c) II – III

d) I – II

e) III

Texto XV

ANO NOVO, VELHOS PROBLEMAS

Ubiratan Iorio

A cada início de ano, é costume renovar esperanças e fortalecer confianças em relação ao futuro. Tempo de limpar gavetas, fazer faxinas e vestir cores que – acreditam muitos – ajudem a realizar antigos desejos e aspirações. Nada existe de errado com esses hábitos, descontado o teor de superstição que costuma motivá-los, nem com o fato de se os estender para o campo das relações econômicas. Afinal, também na economia a esperança pode mover montanhas. Mas para tal precisa fundamentar-se em fatos concretos.

Um pouco de realismo sempre faz bem. Os atos econômicos não são praticados em um vazio institucional, já que o homo economicus, aquele robô frio, calculista, pronto a maximizar resultados, sejam lucros, utilidades, taxas de retornos ou quaisquer outros, só existe nos livros de economia. Na vida real, as relações entre economia, política, direito, ética e outros campos da ação humana objetiva e subjetiva, são inevitáveis, sendo a soma dessas inter-relações o que se chama, reverentemente, de sociedade. O hábito arraigado de separar o econômico do social, do político, do ético e do legal, de que é exemplo o discurso de contrapor o "mercado" ao "social" – quase sempre denegrindo o primeiro e enaltecendo o segundo – é uma das causas das repetidas frustrações das esperanças de crescimento econômico sustentado.

1. "Um pouco de realismo sempre faz bem."; a mesma ideia reaparece em:

a) "Afinal, também na economia a esperança pode mover montanhas."
b) "Mas para tal precisa fundamentar-se em fatos concretos."
c) "Os atos econômicos não são praticados em um vazio institucional..."
d) "... pessimistas nada mais são do que otimistas bem informados,..."
e) "uma carga tributária extorsiva e crescente."

2. Na progressão textual, a fim de evitar-se a repetição de palavras idênticas, ocorre a substituição de termos anteriores por uma série de diferentes elementos. O item em que a identificação do termo substituto do segmento sublinhado está INCORRETA é:

a) "Afinal também na economia <u>a esperança pode mover montanhas</u>. Mas para tal precisa fundamentar-se em atos concretos." – pronome demonstrativo
b) "busquemos, apenas, ser realistas e olhemos para <u>as instituições</u> que nos circundam." – pronome relativo
c) "Tempo de <u>limpar gavetas, fazer faxinas e vestir cores</u> que – acreditam muitos – ajudem a realizar antigos desejos e aspirações. Nada existe de errado contra esses hábitos,..." – hiperônimo
d) "Nada existe de errado contra <u>esses hábitos</u>, descontado o teor de superstição que costuma motivá-los,..." – pronome relativo
e) "Nada existe de errado contra <u>esses hábitos</u> [...] nem com o fato de se os estender para o campo das relações econômicas." – pronome pessoal

3. "O hábito arraigado de separar o econômico do social, do político, do ético e do legal, de que é exemplo o discurso de contrapor o "mercado" ao "social" – quase sempre denegrindo **o primeiro** e enaltecendo **o segundo** – é uma das causas..."; mantendo-se o sentido original, os termos sublinhados poderiam ser corretamente substituídos, respectivamente, por:

a) este / aquele
b) este / esse

c) aquele / este
d) aquele / esse
e) esse / este

Texto XVI

O NECROLÓGIO DOS DESILUDIDOS DE AMOR
Carlos Drummond de Andrade
Os médicos estão fazendo a autópsia dos que se mataram.
Que grandes corações eles possuíam
Vísceras imensas, tripas sentimentais
e um estômago cheio de poesia.

1. Os "desiludidos do amor" reaparecem em:
a) "os médicos estão fazendo a autópsia...".
b) "... dos que se mataram".
c) "Que grandes corações eles possuíam".
d) "Vísceras imensas, tripas sentimentais".
e) "estômago cheio de poesia".

2. "Bibliotecas. Vistas de dentro de grandes monumentos, elas parecem indestrutíveis. Mas, de fato, a história mostra que bibliotecas estão sempre sendo destruídas e cada vez que uma delas vem abaixo muito da civilização desaba com ela"; nesse segmento o termo que NÃO apresenta corretamente o termo anterior ao qual se refere ou que substitui é:
a) elas = bibliotecas
b) ela = uma delas
c) grandes monumentos = bibliotecas
d) desaba = vem abaixo
e) delas = das bibliotecas

Texto XVII

"O rádio foi uma tragédia para os surdos. A televisão é uma tragédia para os cegos. É também, de quando em quando, uma tragédia para o espectador sensível, para quem contemplar a mediocridade é uma dolorosa experiência." (Steve Allen)

1. "É também, de quando em quando, uma tragédia para o espectador sensível, para quem contemplar a mediocridade é uma dolorosa experiência."; o pronome *quem* se refere:
a) a qualquer espectador de TV.
b) ao espectador sensível.
c) à pessoa que não participa da dolorosa experiência.
d) ao espectador que contempla a mediocridade.
e) ao espectador de programas medíocres.

Texto XVIII

IMPÉRIO À DERIVA
Patrick Wilcken

Em 1807, no auge das Guerras Napoleônicas, o príncipe regente português D. João VI tomou uma decisão extraordinária. Embora aterrorizado com a ideia de viagens marítimas, optou por transplantar toda a sua corte e seu governo para a maior colônia de Portugal: o Brasil. Com as tropas francesas aproximando-se de Lisboa, aristocratas, ministros, padres e criados – no assombroso total de 10 mil pessoas – embarcaram às pressas na precária frota portuguesa. Após uma turbulenta travessia transatlântica, sob escolta britânica, desembarcaram imundos, cobertos de piolhos e esfarrapados, para espanto de seus súditos no Novo Mundo. Assim se iniciou um período excepcional de treze anos de governo imperial exercido nos trópicos.

1. Em uma outra obra sobre a chegada da família real ao Brasil, que comemorará 200 anos em 2008, o autor (Laurentrino Gomes) escreve na capa do livro: "Como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a história de Portugal e do Brasil". De todas as referências presentes nesse segmento, a única que aparece comprovada no texto principal desta prova é:

a) a rainha de Portugal ser louca.
b) o príncipe regente ser medroso.
c) a corte portuguesa ser corrupta.
d) os portugueses terem enganado Napoleão.
e) a história de Portugal e Brasil ter sido mudada.

Texto XIX

Num dia quente de verão do primeiro semestre do novo milênio, a humanidade atravessou uma ponte rumo a uma nova era de tremenda importância. Ao mundo inteiro foi transmitido um pronunciamento, com destaque em praticamente todos os jornais mais importantes, apregoando que o primeiro rascunho do genoma humano, nosso manual de instruções, havia sido concluído.

(*A linguagem de Deus*, Francis S. Collins)

1. Ao dizer que a humanidade "atravessou uma ponte rumo a uma nova era", o autor do texto expressa simultaneamente um conjunto de ideias; entre elas, NÃO está presente a ideia de:

a) superação de obstáculos.
b) progresso da ciência.
c) conhecimento de novos espaços.
d) comunicação com o novo.
e) abandono do passado.

Texto XX

CIÊNCIA E NAVEGAÇÃO

Bento Ribeiro Dantas

A história da humanidade contém sagas de extraordinária beleza, mas nenhuma suplanta a história dos descobrimentos marítimos dos séculos XVI e XVII. Foi uma época em que os homens de coragem e de saber, em busca de conhecimento e riquezas, aventuraram-se por mares e oceanos totalmente desconhecidos. Para isso foram necessários avanços técnicos que transformaram e desenvolveram a ciência da construção naval e dos planos vélicos das embarcações, a arte da cartografia e os métodos de aquisição das informações geográficas essenciais à sua precisão, a navegação pela observação astronômica, os instrumentos e a matemática indispensáveis à sua

utilização. Enfim, todos os meios que tornaram possível aos portugueses, e mais tarde aos demais europeus, a descoberta de mais de dois terços da Terra – até aquela época, para eles, incógnitos. A chegada ao Brasil foi fruto desse esforço heróico, que não deixou nada ao acaso.

1. Alguns elementos de um texto se referem a termos anteriormente expressos; o elemento do texto cuja referência a termos anteriores está corretamente identificada é:

a) "mas *nenhuma* suplanta..." = extraordinária beleza
b) "Foi *uma época*..." = séculos XV e XVI
c) "Para *isso*..." = homens de coragem e de saber
d) "... essenciais à *sua* precisão,..." = informações geográficas
e) "... até aquela época, para *eles*, incógnitos." = portugueses

Texto XXI

MISTURA PERIGOSA

Revista *Isto É*, 26/09/2007.

Em qualquer idade, o alcoolismo é uma tragédia. Na maioria dos casos, ele destrói o indivíduo, desequilibra a família e traz um custo imenso para a sociedade. Quando atinge pessoas jovens, no entanto, ganha cores ainda mais dramáticas – dá para imaginar, então, quando o álcool se associa à adolescência. Esse é um cenário que se está tornando comum no Brasil: os adolescentes participam de forma cada vez mais expressiva da estatística do alcoolismo no país e já correspondem a 10% da parcela dos brasileiros que bebem muito, somando um total de 3,5 milhões de jovens. Muitos não se preocupam com a dependência nem encaram a bebida como droga. Mas, segundo a Organização Mundial de Saúde, o álcool é a droga mais consumida no mundo, com dois bilhões de usuários.

1. Num texto, vários elementos repetem ou retomam elementos anteriores; a alternativa em que o termo destacado NÃO tem o elemento anterior corretamente identificado é:

a) "Em qualquer idade, o alcoolismo é uma tragédia. Na maioria dos casos, ele destrói o indivíduo, desequilibra a família e traz um custo imenso para a sociedade." – o alcoolismo
b) "Quando atinge pessoas jovens, no entanto, ganha cores ainda mais dramáticas – dá para imaginar, então, quando o álcool se associa à adolescência" – o alcoolismo
c) "Esse é um cenário que se está tornando comum no Brasil: os adolescentes participam de forma cada vez mais expressiva da estatística do alcoolismo no país" – um cenário
d) "... e já correspondem a 10% da parcela dos brasileiros que bebem muito, somando um total de 3,5 milhões de jovens" – 10%
e) "Muitos não se preocupam com a dependência nem encaram a bebida como droga" – brasileiros

Texto XXII

A VIDA COMO ELA SERÁ

Jerônimo Teixeira

Daqui a mais ou menos 1 bilhão de anos, a Terra não será mais habitável. No limite do seu material combustível, o Sol estará se expandindo. A elevação da temperatura no terceiro planeta do sistema solar tornará inviável a sobrevivência de qualquer criatura. Isso significa que a vida em nosso mundo já ultrapassou a meia-idade. Estamos nós, seres vivos, mais perto do fim que do começo. No tempo que resta, que cara terá a vida sobre a Terra? Que espécies surgirão e quais estarão fadadas

a desaparecer na trilha das mudanças evolucionárias? E por quanto tempo ainda viveremos nós, seres humanos, para presenciar essas mudanças?

1. A alternativa em que o termo sublinhado tem seu valor dependente da situação geral de produção do texto é:

a) "Daqui a mais ou menos 1 bilhão de anos."
b) "A elevação da temperatura no terceiro planeta do sistema solar."
c) "Estamos nós, seres vivos..."
d) "E por quanto tempo ainda viveremos nós..."
e) "Isso significa que a vida em nosso mundo..."

2. Se tivéssemos o raciocínio: "A Terra não será mais habitável daqui a 1 bilhão de anos já que o Sol estará se expandindo", o raciocínio apresenta um argumento em que:

a) se troca o efeito pela causa.
b) se troca a causa pela consequência.
c) se apela ao princípio da autoridade.
d) se troca a razão pela intuição.
e) ocorre desvio do assunto.

3. Num texto há muitas palavras anafóricas, ou seja, palavras cuja função é retomar algo que já foi expresso. A alternativa que mostra um termo sublinhado que NÃO é anafórico é:

a) "No limite do seu material combustível, o Sol estará se expandindo."
b) "A elevação da temperatura no terceiro planeta do sistema solar."
c) "Isso significa que a vida em nosso mundo..."
d) "para presenciar essas mudanças?"
e) "Isso significa que a vida em nosso mundo."

Texto XXIII

Tchecov escreveu: "Daqui a duzentos ou trezentos anos, ou mesmo mil anos – não se trata de exatidão – haverá uma vida nova. Nova e feliz. Não tomaremos parte nessa vida, é verdade... Mas é para ela que estamos vivendo hoje. É para ela que trabalhamos e, se bem que a soframos, nós a criamos. É nisso que está o objetivo de nossa existência aqui."

1. Algumas palavras têm sentido dêitico, ou seja, apresentam significado dependente da situação de produção do texto. *Daqui*, por exemplo, tem significado dependente do momento de produção do texto. Assinale o item em que a palavra sublinhada tem valor dêitico:

a) a partir de hoje teremos uma vida nova.
b) os homens nunca irão viver eternamente.
c) a vida na Terra é breve.
d) o futuro sempre está distante.
e) a partir de 1992, o mundo mudou.

2. "Não tomaremos parte **nessa** vida, é verdade..."; o uso do demonstrativo *nessa* se justifica pelo motivo seguinte: emprega-se *esse, essa, esses, essas:*

a) com referência a um termo expresso anteriormente.

b) em referência a um lugar próximo do interlocutor.
c) em relação a um tempo passado, anteriormente definido.
d) em correspondência com um tempo futuro, indeterminado.
e) para indicação de um lugar fictício.

3. Para evitar a repetição do termo *vida*, o autor substituiu-o por:
a) pronomes pessoais e demonstrativos.
b) pronomes pessoais e artigos.
c) artigos e pronomes demonstrativos.
d) pronomes pessoais.
e) pronomes demonstrativos.

Texto XXIV

O Piercing: ser ou não ser

Quando o meu filho Pedro, de 16 anos, falou da vontade de colocar *piercing*, antes de dizer-lhe um sonoro "não", ponderei o fato de meu filho não ser um veículo para que eu coloque em prática o meu projeto de ser humano. Muito pelo contrário: Ele é um ser independente, com projetos próprios e que tem como orientação básica o respeito ao ser humano e a consciência que de o mundo deve ser mais justo, inteligente, diversificado e saboroso. A partir daí, não me preocupa se ele fará drama ou comédia, com argola no nariz ou gravata no pescoço. O importante não será a sua forma, mais sim o seu conteúdo. (...) O adolescente, pelo menos, faz por festa, para treinar a sua rebeldia. Depois, o tempo passa e todas essas bandeiras pelo corpo vão perdendo a importância e para aqueles que só fazem onda, a coisa ficará no passado. Para os autênticos, a rebeldia fica adulta e muda de lugar. Vai pro olhar.

1. O elemento do texto cujo significado é indicado por elementos externos a ele é:
a) "Quando o <u>meu</u> filho Pedro, de 16 anos..."
b) "... antes de dizer-<u>lhe</u> um sonoro não"
c) "Muito pelo contrário, <u>ele</u> é um ser independente..."
d) "A partir <u>daí</u>, não me preocupa..."
e) "Para treinar a <u>sua</u> rebeldia..."

Texto XXV

Quando eu me desespero, lembro-me de que, por toda a história, a verdade e o amor sempre vencem. Existiram assassinos e tiranos e, por um tempo, eles pareceram invencíveis. Mas, no fim, eles sempre caíram. Penso nisso, sempre. (Mahatma Gandhi)

1. Em "penso nisso", o pronome "isso" teria como explicitação mais adequada:
a) que a verdade e o amor sempre vencem.
b) que existiram assassinos e tiranos.
c) que assassinos e tiranos parecem invencíveis.
d) que eles caíram.
e) que, apesar de invencíveis, os tiranos sempre caíram.

Gabarito: Texto I – 1. a; 2. b; **Texto II** – 1. c; 2. c; 3. d; **Texto III** – 1. a; **Texto IV** – 1. c; **Texto V** – 1. c; **Texto VI** – 1. a; **Textos VII e VIII**– 1. a; 2. e; **Texto IX** – 1. b; 2. b; **Texto X** – 1. b;

Texto XI – 1. e; 2. e; 3. d; **Texto XII** – 1. c; **Texto XIII** – 1. d; **Texto XIV** – 1. a; 2. b; **Texto XV** – 1. b; 2. d; 3. c; **Texto XVI** – 1. b; 2. c; **Texto XVII** – 1. b; **Texto XVIII** – 1. b; **Texto XIX** – 1. e; **Texto XX** – 1. b; **Texto XXI** – 1. d; **Texto XXII** – 1. a; 2. a; 3. a; **Texto XXIII** – 1. a; 2. e; 3. d; **Texto XXIV** – 1. a; **Texto XXV** – 1. a.

Referências

BECHARA, Evanildo. *Gramática escolar da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

CARNEIRO, Agostinho Dias. *Redação em construção*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2001.

CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Luís Felipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FÁVERO, Leonor Lopes. *Coesão e coerência textuais*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. *Para entender o texto*. 12. ed. São Paulo: Ática, 1996.

GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna*. 20. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KOCH, Ingedore Villaça. *A coesão textual*. 11. ed. São Paulo: Contexto, 1999.

LUFT, Celso Pedro. *Dicionário prático de regência verbal*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995.

RIBEIRO, Manoel Pinto. *Nova gramática aplicada da Língua Portuguesa*. 16. ed. Rio de Janeiro: Metáfora, 2006.

RYAN, Maria Aparecida. *Conjugação dos verbos em português*. 9. ed. São Paulo: Ática, 1993.

TERRA, Ernani. *Curso prático de gramática*. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2007.

"GRÁTIS
VIDEOAULAS
COM RESOLUÇÃO
DE QUESTÕES"

GRAMÁTICA COMENTADA COM INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS para concursos

Adriana Figueiredo

4ª edição

Indicado em 2014 pelo portal CONCURSOS PÚBLICOS da Revista Exame como um dos 10 LIVROS DE PORTUGUÊS INDISPENSÁVEIS PARA CONCURSEIROS

100 ANOS
Saraiva

ISBN 978850262785-7

Figueiredo, Adriana
Gramática comentada com interpretação de textos para concursos / Adriana Figueiredo. – 4. ed. – São Paulo : Saraiva, 2015.
1. Português - Concursos 2. Português - Exames, questões etc. 3. Português - Gramática 4. Português - Gramática (Vestibular) 5. Português - Gramática - Estudo e ensino 6. Textos - Interpretação I. Título.
15-01756 CDD-469.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Gramática : Português : Linguística 469.5

Diretor editorial Luiz Roberto Curia
Gerente editorial Thaís de Camargo Rodrigues
Gerência de concursos Roberto Navarro
Assistente editorial Thiago Fraga
Coordenação geral Clarissa Boraschi Maria
Preparação de originais Maria Izabel Barreiros Bitencourt Bressan e Ana Cristina Garcia (coords.)
Arte, diagramação e revisão Perfekta Soluções Editoriais
Conversão para E-pub Guilherme Henrique Martins Salvador
Serviços editoriais Elaine Cristina da Silva | Kelli Priscila Pinto | Tiago Dela Rosa
Capa Guilherme P. Pinto

Data de fechamento da edição: 24-4-2015

Dúvidas?

Acesse www.editorasaraiva.com.br/direito

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Saraiva. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei n. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Sumário

Agradecimentos

Prefácio

Apresentação

Parte I - Ortografia e semântica

1 Estudo da Sílaba

1.1. Teoria e Exemplos Comentados

1.1.1. Sílaba tônica

1.1.2. Encontros vocálicos

1.1.3. Encontros consonantais

1.1.4. Dígrafo

1.2. Questões de concursos PROPOSTAS (COM gabarito no final)

2 Acentuação Gráfica (sob o Novo Acordo Ortográfico)

2.1. Teoria e Exemplos Comentados

2.1.1. Regra geral

2.1.2. Outros casos

2.2. Questões de concursos propostas (com gabarito no final)

2.3. Resumo

3 Hífen

3.1. Teoria e Exemplos Comentados

3.1.1. Prefixos

3.1.2. Sufixos

3.1.3. Nomes compostos

4 Homônimos e Parônimos

4.1. Teoria e Exemplos Comentados

4.2. Questões de concursos propostas (com gabarito no final)

5 Uso de por que, por quê, porque e porquê
5.1. Teoria e Exemplos Comentados
6 Uso de expressões cotidianas
6.1. Teoria e Exemplos Comentados
6.1.1. Uso de há e a
6.1.2. Outras expressões que costumam suscitar dúvidas
6.2. Questões de concursos comentadas
6.3. Questões de Concursos Propostas (com gabarito no final)
Parte II - Morfologia
7 Classes Gramaticais
7.1. Teoria e Exemplos Comentados
7.1.1. Artigo
7.1.2. Substantivo
7.1.3. Adjetivo
7.1.4. Advérbio
7.1.5. Plural dos nomes compostos
7.2. Exercícios de Fixação (COM GABARITO nO FINAL)
7.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS
7.4. Questões de Concursos Propostas (Com Gabarito no Final)
7.5. Resumo
8 FLEXÃO VERBAL
8.1. Principais verbos que se conjugam a partir de outros
8.1.1. Pôr (líder)
8.1.2. Ter (líder)
8.1.3. Ver (líder)
8.1.4. Vir (líder)
8.1.5. Dizer (líder)

8.1.6. Fazer (líder)
8.1.7. Querer (líder)
8.1.8. Valer (líder)
8.2. Falsos Amigos Conjugados
8.2.1. Prover
8.2.2. Requerer
8.3. Verbos Defectivos
8.3.1. Reaver
8.3.2. Precaver
8.4. Outros verbos irregulares que merecem um cuidado especial
8.4.1. Agredir
8.4.2. Ferir
8.4.3. Fugir
8.4.4. Crer
8.4.5. Ir
8.4.6. Haver
8.5. Verbos em -EAR
8.6. Verbos em -IAR
8.7. Tempos Compostos
8.8. Formação do Imperativo
8.9. Formas Nominais
8.10. A semântica dos verbos
8.10.1. Modo Indicativo
8.10.2. Modo Subjuntivo
8.11. Exercícios de Fixação (com gabarito No final)
8.12. Questões de Concursos Comentadas
8.13. QUESTÕES DE CONCURSOS propostas (com gabarito no final)

9 Pronomes
9.1. Pronomes Pessoais
9.1.1. Retos
9.1.2. Oblíquos
9.2. Pronomes de Tratamento
9.3. Pronomes Possessivos
9.4. Pronomes Indefinidos
9.5. Pronomes Interrogativos
9.6. Pronomes Demonstrativos
9.7. As funções textuais dos pronomes
9.8. Pronomes Relativos
9.9. Exercícios de Fixação (COM Gabarito No Final)
9.10. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS
9.11. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (com gabarito no final)
9.12. RESUMO
10 Preposição
10.1. Teoria e Exemplos Comentados
10.2. Valor relacional e nocional da preposição
10.3. Questões de concursos comentadas
11 Conjunções
11.1. Teoria e Exemplos Comentados
11.1.1. Conjunções coordenativas
11.1.2. Conjunções subordinativas
11.1.3. Valores semânticos das principais conjunções
11.1.4. Como estudar as conjunções
11.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)
11.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

11.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (com gabarito no final)
11.5. RESUMO

Parte III - Sintaxe

12 Predicação Verbal
12.1. Teoria e Exemplos Comentados
12.1.1. Verbo intransitivo
12.1.2. Verbo transitivo
12.1.3. Verbo de ligação
12.1.4. Tipos de predicado
12.2. Exercícios de Fixação (com gabarito no final)
12.3. Questões de Concursos Comentadas
13 Termos da Oração
13.1. Teoria e Exemplos Comentados
13.1.1. Termos integrantes
13.1.2. Termos acessórios
13.2. Exercícios de Fixação (Com Gabarito No Final)
13.3. Questões de Concursos Comentadas
13.4. QUESTÕES DE CONCURSOS propostas (com gabarito no final)
13.5. Resumo
14 Vozes Verbais
14.1. Teoria e Exemplos Comentados
14.2. Reescritura de Frases (Como passar uma frase de uma voz à outra)
14.3. Exercícios de Fixação (COM Gabarito No Final)
14.4. Questões que perguntam se a frase admite transportação para a voz passiva
14.5. Questões que pedem para passar de uma voz à outra
14.6. Questões para se identificar a voz da frase
14.6. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (com gabarito no final)

14.7. Resumo
15 Período Composto
15.1. Teoria e Exemplos Comentados
15.2. Orações Coordenadas X Orações Subordinadas
15.2.1. Orações coordenadas
15.2.2. Orações subordinadas
15.3. As funções sintáticas do pronome relativo
15.4. Orações reduzidas
15.5. Exercícios de Fixação (COM Gabarito No Final)
15.6. Questões de concursos comentadas
15.7. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM gabarito No final)
15.8. RESUMO
16 Concordância Nominal
16.1. Teoria e Exemplos comentados
16.1.1. Introdução
16.1.2. Concordância nominal: Parte I – As funções sintáticas do adjetivo
16.1.3. Concordância nominal: Parte II – Casos especiais
16.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (com gabarito no final)
16.3. QUESTÕES DE CONCURSOs COMENTADAS
16.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM Gabarito No Final)
16.5. RESUMO
17 Concordância Verbal
17.1. Teoria e Exemplos Comentados
17.1.1. Concordância verbal: Parte I – Tipos de sujeito
17.1.2. Concordância verbal: Parte II – Casos especiais
17.2. Exemplos comentados
17.3. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (com gabarito no final)

17.4. QUESTÕES DE CONCURSOs COMENTADAS
17.5. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (com gabarito no final)
17.6. RESUMO
18 Regência Verbal
18.1. Teoria e Exemplos comentados
18.1.1. Regência dos verbos mais pedidos em provas
18.2. Regência com Pronome Relativo
18.2.1. Uso de preposição que antecede o pronome relativo
18.2.2. Uso de onde, aonde, donde
18.3. Exercícios de Fixação (com gabarito no final)
18.4. Questões de Concursos Comentadas
18.5. Questões de Concursos Propostas (com gabarito No final)
19 Crase
19.1. Teoria e Exemplos comentados
19.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (com gabarito no final)
19.3. QUESTÕES DE CONCURSOs COMENTADAS
19.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (com gabarito No final)
19.5. RESUMO
20 Pontuação
20.1. Teoria e Exemplos Comentados
20.1.1. Vírgula
20.1.2. Ponto e vírgula
20.1.3. Dois-pontos
20.1.4. Aspas
20.1.5. Travessões
20.1.6. Parênteses
20.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (com gabarito no final)

20.3. Questões de Concursos Comentadas
20.4. Questões de Concursos Propostas (com gabarito no final)
20.5. RESUMO
21 As Palavras Que e Se
21.1. Teoria e Exemplos comentados
21.1.1. A palavra que
21.1.2. A palavra se
21.2. Exercícios de fixação (com gabarito no final)
21.3. Questões de Concursos Propostas (com gabarito no final)
21.4. RESUMO
22 Figuras de Linguagem
22.1. Teoria sucinta
22.1.1. Figuras de palavras
22.1.2. Figuras de sintaxe
22.1.3. Figuras de pensamento
22.2. Questões de concursoS Propostas (com gabarito no final)
Parte IV - Interpretação de textos
23 Tipologia Textual
23.1. Teoria e Exemplos comentados
23.1.1. Os modos e os tipos de texto
23.1.2. A narração
23.1.3. A narração e os tempos verbais
23.1.4. A narração e a descrição
23.1.5. A descrição
23.1.6. A dissertação
23.1.7. Tipologia textual – esquema
23.1.8. Enunciados de tipologia textual

23.2. Exemplos comentados
23.3. Questões de Concursos Comentadas
23.4. Questões de ConcursoS Propostas (com Gabarito no final)
24 Estruturação Argumentativa
24.1. Teoria Resumida
24.1.1. O parágrafo argumentativo
24.1.2. O tópico frasal
24.1.3. A estruturação do parágrafo argumentativo
24.1.4. Análise da estruturação do parágrafo
24.1.5. Como expandir o parágrafo
24.2. Exemplos Comentados
24.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS
24.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)
25 Coesão e Coerência
25.1. Teoria e Exemplos Comentados
25.2. questões de concursoS Comentadas
25.3. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)
Referências

ADRIANA FIGUEIREDO

Graduada em Letras (Português-Inglês) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com especialização em Leitura e Produção textual. Ex-Analista Judiciária do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro. Tem experiência de mais de quinze anos na área de concursos públicos, lecionando em diversos cursos preparatórios. Atualmente trabalha com Turmas Básicas e de Exercícios, além de cursos de Redação e Interpretação de Textos, nas modalidades ao vivo e *on-line*, nos cursos do Núcleo de Estudos Alessandro Ferraz (NEAF), entre outros.

Quase sempre o apego é a causa do insucesso.

Mokiti Okada

Agradecimentos

Ao meu amado marido, Marcelo, amigo, parceiro, meu maior incentivador.

Aos meus filhos, Fernanda, Guilherme e Nicholas, luzes da minha vida.

Aos meus alunos amigos, que sempre foram a razão da minha constante busca pela melhor maneira de ensinar.

Prefácio

Altíloqua, **b**enévola, **c**élebre, **d**escomunal, **e**minente... **z**elosa – mesmo buscando todas as letras do alfabeto ainda continua impossível encontrar aquele vocábulo que sintetize todas as características de Adriana Figueiredo. Mas encontramos ao menos uma palavra perfeita para adjetivar a **f**abulosa e **g**enerosa mestre: **h**eroica, na conjugação da maternidade com o magistério.

Ao longo de vinte anos de magistério, Adriana foi seguidas vezes **l**aureada pelos alunos, sendo que vários se tornaram seus discípulos, consagrando-se, ela, sem exagero, a **m**elhor professora de Língua Portuguesa do segmento de concursos públicos e, como consequência natural, **n**otável autora.

Paulo Freire frisa que todo professor, ao passar pela vida de um aluno, deixa sua marca. A marca de Adriana é fazer crer que todos são capazes de aprender e compreender a Língua Portuguesa, que não existe mistério, fórmula mágica ou estrutura pré-moldada. O que há: compreensão. Adriana transforma cada aluno em protagonista do aprendizado – técnica dominada por poucos – propiciando o raciocínio para a descoberta dos segredos da Língua Portuguesa. Issc se materializa nesta obra.

É muito difícil a um professor não desejar ensinar. Peço licença, portanto, para uma singela lição. Fórmulas, bússolas, macetes, nada disso é eficaz e perpétuo. A preparação para concursos públicos sofre uma profunda transformação nos últimos anos. As bancas, cada vez mais, exploram questões valorativas do raciocínio. A famigerada decoreba desacompanhada da compreensão perde espaço com celeridade. É preciso que o candidato tenha materiais propiciadores do aprendizado profundo, com qualidade e objetividade. Desse modo, *Gramática comentada com interpretação de textos para concursos* cumpre sua função com maestria, sendo **o**portuna e **p**recisa.

Afirmo, sem receio, que a **q**uerida Adriana, no exercício do magistério e nesta obra, une a morfologia com a sintaxe de forma reluzente, desmitificando a Língua Portuguesa, tornando-a acessível a todos e, com isso, aniquilando todas as dificuldades.

Gramática comentada com interpretação de textos para concursos é, nesse sentido, um marco no segmento de concursos públicos, transformando a Língua Portuguesa, uma das disciplinas temidas pelos candidatos e explorada com afinco pelas bancas, uma matéria acessível e, por

conseguinte, fácil de ser compreendida.

A obra compõe-se de 25 capítulos, estruturados em três etapas. A primeira, destinada à teoria, apresentada de forma objetiva e profunda, não causando perda de tempo ao candidato. A segunda etapa destina-se aos exercícios de fixação. São testes diretos e sucintos, todos comentados. Dessa maneira, o aluno revê a teoria e a fixa, estando, ao final, apto a encarar a última etapa, que são as questões de concursos anteriores. É o método ideal, que deveria ser utilizado em todas as disciplinas: teoria, fixação por meio de exercício e provas anteriores.

Ao cumprir todos os ciclos nos diversos capítulos, o leitor verificará ser o livro **s**imples – dom dos sábios –, **t**eórico – raridade no mundo contemporâneo – e, por conseguinte, **ú**nico.

Atualmente, o candidato não pode perder tempo com materiais complexos e oblíquos – características inexistentes nesta obra. *Gramática comentada com interpretação de textos para concursos* propicia ao leitor aquilo de que ele mais necessita: um aprendizado **v**ertiginoso da Língua Portuguesa num ritmo **w**agneriano. A dualidade simplicidade/aprofundamento teórico conduz ao **X** da questão. A união de estruturas opostas é algo difícil; para muitos, impossível e, contudo, perfeita. Utilizando-se dos ensinamentos orientais, Adriana realizou uma obra ***yin-yang***.

Ao final do livro, o leitor verificará que este trabalho não agrada apenas a Fernanda, Guilherme, Nicholas, Marcelo, alunos, discípulos e amigos da Adriana, mas a todos.

Caro leitor, uma excelente obra está em suas mãos. Delicie-se.

Rio de Janeiro, fevereiro de 2015.

Carlos Eduardo Guerra de Moraes
Professor da Faculdade de Direito da Universidade
do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e do
Centro de Estudos Guerra de Moraes (CEGM).
Diretor da Faculdade de Direito da Universidade
do Estado do Rio de Janeiro (UERJ),
quadriênio março de 2012 a março de 2016.
Advogado.

Apresentação

Esta obra, com uma metodologia resultante de anos de experiência em sala de aula, compreende as **três etapas** que consideramos essenciais para assegurar uma abordagem prática e objetiva do aprendizado:

A **primeira** é a apresentação de teoria, que é desenvolvida de forma lógica, para que o leitor não se perca em meio a uma série de informações amontoadas. Dicas essenciais são sinalizadas durante a apresentação do conteúdo. Além disso, em cada tópico, há os exemplos comentados, que ajudarão no esclarecimento dos conceitos. São frases, seguidas de sua explicação.

Na **segunda etapa**, expandem-se os conceitos aprendidos com questões de concursos, referentes a todos os tópicos do capítulo, detalhadamente comentadas. Nos comentários de cada questão, contrapõe-se a alternativa certa às erradas, explicando-se item por item.

O objetivo da **terceira etapa** é aprofundar o aprendizado. Para isso, nos tópicos mais complexos, você vai treinar à exaustão, com uma bateria de exercícios de fixação: frases simples selecionadas para praticar a essência da teoria e os fundamentos-chave aprendidos. Por fim, ao final de cada capítulo, selecionamos questões, com gabarito, das principais instituições organizadoras de concursos público, para que o leitor tenha uma preparação completa. Quem sabe Português se prepara para qualquer concurso.

Além disso, um benefício: para os tópicos mais frequentes em concursos, há um resumo, essencial para sistematizar o conteúdo apreendido e facilitar a resolução de questões de provas.

Quanto aos assuntos, esta gramática está dividida em quatro partes: **Ortografia e semântica; Morfologia; Sintaxe;** e **Interpretação de textos.**

Procurei, sempre que possível, utilizar uma linguagem informal, que facilitasse seus estudos. Esta é a gramática que elaborei para você: com uma linguagem simples e lógica, como deve ser o aprendizado da nossa língua.

Tudo isso faz com que esta gramática tenha este diferencial no mercado: ela é completa. Gramática com interpretação de textos. E comentada. Tudo isso em um só livro.

A Autora

Parte I

Ortografia e semântica

1 ESTUDO DA SÍLABA

1.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

1.1.1. Sílaba tônica

Para começar, faremos uma revisão de **ortografia**. Você sabe o que significa sílaba tônica? **Sílaba tônica** é a sílaba da palavra que é pronunciada com maior intensidade. Quanto à posição da sílaba tônica, as palavras classificam-se em:

a) oxítonas – a sílaba tônica é a última da palavra:

maracu**já**, ca**fé**, recom**por**

b) paroxítonas – a sílaba tônica é a penúltima da palavra:

ca**dei**ra, ca**rá**ter, **me**sa

c) proparoxítonas – a sílaba tônica é a antepenúltima da palavra:

sílaba, meta**fí**sica, **lâm**pada

Para o estudo das regras de acentuação gráfica, também será preciso que você entenda a diferença de um monossílabo átono para um monossílabo tônico. **Monossílabos átonos** são aqueles que são pronunciados com pouca intensidade no interior da frase. Veja um exemplo:

O menino **me** perguntou quando **lhe** entregarei **o** pedido.

Observe que os monossílabos grifados acima são pronunciados de forma tão fraca, que muitos, por exemplo, pronunciariam o **me** como /**mi**/, o **lhe** como /**lhi**/, o **o** como /**u**/. São tão *fracos* que se descaracterizam ao serem pronunciados.

Já os **monossílabos tônicos** são aqueles que são pronunciados com bastante intensidade no interior da frase. Veja:

No **mês** passado, **tu** disseste a **mim** que sentias **dor** de dente.

1.1.2. Encontros vocálicos

Você sabe a diferença entre encontros vocálicos, encontros consonantais e dígrafos? **Encontros vocálicos** são agrupamentos de vogais ou de vogais e semivogais sem consoante intermediária. Há três tipos de encontros vocálicos: o ditongo, o tritongo e o hiato. **Ditongo** é o encontro de uma vogal e uma semivogal, ou vice-versa, na mesma sílaba. Há quatro tipos de ditongo: no ditongo **crescente**, a semivogal vem antes da vogal (lír**io**, q**ua**ndo, freq**ue**nte). É quando se vai do som mais

fraco para o mais forte. Há também o ditongo **decrescente**, em que a vogal vem antes da semivogal (p**ai**, p**õe**). Aqui, ocorre o contrário: vai-se do som mais forte para o mais fraco, por isso, ele é *decrescente.* Além desses dois tipos, o ditongo pode ser **oral**, quando a vogal é oral (mág**oa**) ou **nasal**, quando a vogal é nasal (m**ão**).

Além do ditongo, há outros dois tipos de encontros vocálicos: o **tritongo**, que é o encontro de semivogal+vogal+semivogal, nessa ordem, na mesma sílaba. Veja:

Parag**uai**, q**uão**.

E, por fim, o **hiato**, que é o encontro imediato de duas vogais, em sílabas distintas. Assim:

R**ai**z, s**aú**de.

1.1.3. Encontros consonantais

Além dos encontros vocálicos, existem os **encontros consonantais**, que são grupos formados por mais de uma consoante sem vogal intermediária. Observe:

Blusa, **pr**ata, a**ft**a, a**pn**eia.

Repare que as consoantes vêm uma seguida da outra, na mesma sílaba, ou em sílabas distintas. Separe as sílabas e você verá: **bl**u-sa, **pr**a-ta, a**f-t**a, a**p-n**eia.

1.1.4. Dígrafo

Agora, o grande cuidado que você deve ter é para não confundir encontro consonantal com dígrafo. No encontro consonantal, as duas consoantes são pronunciadas, já no dígrafo, as duas letras possuem um único som: ou seja, uma delas não é pronunciada. Observe atentamente o conceito de dígrafo:

Dígrafo é o encontro de duas letras para representar um único fonema. Podem ser consonantais ou vocálicos. **Dígrafos consonantais** são aqueles em que as duas consoantes representam um único som (ch, lh, nh, rr, sc, sç, ss, xc, gu, qu). As gramáticas dizem que são dois grafemas para um único fonema. Veja os exemplos:

Chave, te**lh**a, ni**nh**o, ca**rr**o, cre**sc**er, na**sç**o, e**xc**eto, **gu**e**rr**a, **qu**ilo.

Entenda que aqui não temos um encontro consonantal *porque uma das consoantes não é pronunciada.* Trata-se, portanto, de dígrafo consonantal.

Já os **dígrafos vocálicos** são aqueles em que a vogal é nasalizada por um **m** ou um **n** que venha

na sequência (am, an, em, en, im, in, om, on, um, un). Observe:

T**am**pa, t**em**po, t**in**ta, b**om**ba, c**on**ta, b**um**bo, f**un**do.

Atenção: As letras m e n não representam consoantes, apenas indicam que a vogal anterior é nasal.

Devidamente entendidos quanto à diferença entre encontros vocálicos, encontros consonantais e dígrafos? Vamos fazer um exercício para cada conceito, antes de estudarmos as regras de acentuação gráfica. Aproveitaremos os exercícios também para você relembrar como se separam as sílabas das palavras. Tempos bons aqueles...

1. Identifique os encontros vocálicos das palavras a seguir.

a) saguão

Resposta: sa-g**uão** – **tritongo**

b) ruim

Resposta: r**u-i**m – **hiato**

c) séria

Resposta: sé-r**ia** – **ditongo crescente**

d) seria

Resposta: se-r**i-a** – **hiato**

e) enxaguais

Resposta: en-xa-g**uais** – **tritongo**

en-xa-guais – **dígrafo vocálico**

f) álcoois

Resposta: ál-c**o-o**is – **hiato**

ál-co-**oi**s – **ditongo decrescente**

g) minguou

Resposta: min-g**uou** – **tritongo**

m**in**-guou – **dígrafo vocálico**

h) quieto

Resposta: q**ui**-e-to – **dígrafo**

qu**i-e**-to – **hiato**

i) voo

Resposta: v**o-o** – **hiato**

2. Identifique os encontros consonantais a seguir.

a) Castro

Resposta: Cas-**tr**o

b) flecha

Resposta: **fl**e-cha

c) ritmo

Resposta: ri**t-m**o

d) trabalho

Resposta: **tr**a-ba-lho

3. Reconheça os dígrafos.

a) prorromper

Respostas: pro**rr*om***per (**rr** / **om**)

b) digníssimo

Resposta: digní**ss**imo (**ss**)

c) aquele

Resposta: a**qu**ele (**qu**)

d) triunfo

Resposta: tri**un**fo (**un**)

e) quem

Resposta: **qu**em (**qu**)

1.2. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (Banco do Brasil) Noite:

a) hiato.

b) ditongo.

c) tritongo.
d) dígrafo.
e) encontro consonantal.

2. (ITA) Dadas as palavras:
1. tung-stê-nio
2. bis-a-vô
3. du-e-lo
Constatamos que a separação silábica está correta:
a) apenas na palavra n. 1.
b) apenas na palavra n. 2.
c) apenas na palavra n. 3.
d) em todas as palavras.
e) n.d.a.

3. (ITA) Dadas as palavras:
1. des-a-len-to
2. sub-es-ti-mar
3. trans-tor-no,
Constatamos que a separação silábica está correta:
a) apenas na número 1.
b) apenas na número 2.
c) apenas na número 3.
d) em todas as palavras.
e) n.d.a.

4. (Aman) Assinale a opção em que a divisão silábica não está corretamente feita:
a) a-bai-xa-do
b) si-me-tria
c) es-fi-a-pa-da
d) ba-i-nhas
e) ha-vi-a

5. (Imes) Assinale a alternativa em que a palavra não tem as suas sílabas corretamente separadas:
a) in-te-lec-ção
b) cons-ci-ên-cia
c) oc-ci-pi-tal
d) psi-co-lo-gia
e) ca-a-tin-ga

6. (Furg-RS) A sequência de palavras cujas sílabas estão separadas corretamente é:
a) a-dje-ti-va-ção / im-per-do-á-vel / bo-ia-dei-ro
b) in-ter-ve-io / tec-no-lo-gi-a / su-bli-nhar
c) in-tu-i-to / co-ro-i-nha / pers-pec-ti-va

d) co-ro-lá-rio / subs-tan-ti-vo / bis-a-vó
e) flui-do / at-mos-fe-ra / in-ter-vei-o

7. (Furg-RS) Assinale a sequência em que todas as palavras estão partidas corretamente:
a) trans-a-tlân-ti-co, fi-el, sub-ro-gar
b) bis-a-vô, du-e-lo, fo-ga-réu
c) sub-lin-gual, bis-ne-to, de-ses-pe-rar
d) des-li-gar, sub-ju-gar, sub-scre-ver
e) cis-an-di-no, es-pé-cie, a-teu

8. (UFV-MG) As sílabas das palavras psicossocial e traído estão corretamente separadas em:
a) psi-cos-so-ci-al / tra-í-do
b) p-si-cos-so-cial / tra-í-do
c) psi-co-sso-ci-al / traí-do
d) p-si-co-sso-cial / tra-í-do
e) psi-co-sso-cial / tra-í-do

9. (Acafe-SC) Na frase "No restaurante, onde entrei arrastando os cascos como um dromedário, resolvi-me ver livre das galochas", existem:
a) dois ditongos, sendo um crescente e um decrescente.
b) três ditongos, sendo dois crescentes e um decrescente.
c) três ditongos, sendo um crescente e dois decrescentes.
d) quatro ditongos, sendo dois crescentes e dois decrescentes.
e) quatro ditongos, sendo três crescentes e um decrescente.

10. (UEPG-PR) Nesta relação, as sílabas tônicas estão sublinhadas. Uma delas, porém, está sublinhada incorretamente. Assinale-a:
a) in-te-<u>rim</u>
b) pu-<u>di</u>-co
c) ru-<u>bri</u>-ca
d) gra-<u>tui</u>-to
e) i-nau-<u>di</u>-to

11. (Unirio) "O bom tempo passou e vieram as chuvas. Os animais todos, arrepiados, passavam os dias cochilando." No trecho, temos:
a) dois ditongos e três hiatos.
b) cinco ditongos e dois hiatos.
c) quatro ditongos e três hiatos.
d) três ditongos e três hiatos.
e) quatro ditongos e dois hiatos.

12. (Unirio) Assinale a melhor resposta. Em papagaio, temos:
a) um ditongo.
b) um trissílabo.
c) um dígrafo.

d) um proparoxítono.
e) um tritongo.

13. (Esaf) Indique a alternativa em que há erro(s) de divisão silábica:
a) res-sur-gir, a-ve-ri-güeis, vô-o, quais-quer
b) ca-í-ram, co-o-pe-rar, pig-meu, op-ção, cons-ti-tuin-tes
c) tu-a, ai-ro-so, e-gí-pcio, su-bs-tan-ti-vo, pneu-má-ti-co
d) ab-di-ca-ção, o-ci-den-tal, sor-rin-do, sou-bes-te, mne-mô-ni-ca
e) a-do-les-cen-te, mai-o-res, sub-ju-gar, me-lan-co-li-a, cir-cui-to

14. (ESPCEX) Assinale a alternativa correta quanto à divisão silábica das palavras dadas:
a) sa-gu-ão, mín-guam, a-bs-tra-to, de-lin-qüi-u, plúm-beo
b) fric-ção, rit-mo, pneu-má-ti-co, cai-ais, bo-ê-mia
c) mag-ne-tis-mo, en-xa-güei, ni-nha-ri-a, res-pe-i-to, mei-os
d) su-blo-car, ca-iu, re-ce-pção, a-cces-sí-vel, subs-cre-ver
e) coi-ta-do, trans-a-tlân-ti-co, pis-ci-na, suas, põem

15. (PUC-RS) Aponte o único conjunto onde há erro na divisão silábica:
a) flui-do, sa-guão, dig-no
b) cir-cuns-cre-ver, trans-cen-den-tal, tran-sal-pi-no
c) con-vic-ção, tung-stê-nio, rit-mo
d) ins-tru-ir, an-te-pas-sa-do, se-cre-ta-ri-a
e) co-o-pe-rar, dis-tân-cia, bi-sa-vô

16. (UFF) Apenas num dos seguintes casos a divisão silábica não está feita de acordo com as normas vigentes. Assinale-o:
a) tran-sa-tlân-ti-co
b) ab-di-ca-ção
c) subs-ta-be-le-cer
d) fri-ís-si-mo
e) cis-an-di-no

17. (TRE-MG) Assinale a palavra que contém exemplo de ditongo decrescente e dígrafo:
a) companhia
b) exceção
c) répteis
d) cãimbra
e) gratuito

18. (TRE-MT) A separação de sílabas está incorreta na alternativa:
a) mi-nis-té-rio
b) ab-so-lu-tas
c) ne-nhu-ma
d) té-cni-co
e) res-sen-ti-men-tos

19. (TRE-MG) Ambas as palavras contêm exemplo de hiato em:
a) árduo / mãe
b) área / chapéu
c) diário / quota
d) pavio / moer
e) luar / anzóis

20. (TTN) Marque a alternativa correta quanto à divisão silábica:
a) fi-a-do, flui-do, ru-im
b) se-cre-ta-ri-a, ins-tru-ir, né-ctar
c) co-o-pe-rar, tung-stê-nio, i-guais
d) cir-cui-to, subs-cre-ver, a-po-te-ose
e) abs-ces-so, ri-tmo, sub-ju-gar

21. (Unirio) Assinale a opção em que o vocábulo apresenta ao mesmo tempo um encontro consonantal, um dígrafo consonantal e um ditongo fonético:
a) ninguém
b) coalhou
c) iam
d) nenhum
e) murcham

22. (TRT-ES) Leia o texto e assinale o item que apresenta correta divisão silábica: Atualmente, as plantas medicinais voltam a suscitar grande interesse, tanto na área dos profissionais da saúde como na própria sociedade.
a) mui-to / su-sci-tar
b) saú-de / so-cie-da-de
c) me-di-ci-na-is / sa-ú-de
d) sus-ci-tar / me-di-ci-nais
e) in-te-res-se / a-tual-men-te

Gabarito: 1. b; 2. c; 3. c; 4. b; 5. d; 6. e; 7. c; 8. a; 9. c; 10. a; 11. a; 12. a; 13. c; 14. b; 15. c; 16. e; 17. b; 18. d; 19. d; 20. a; 21. e; 22. d.

Finalmente, vamos às regras de acentuação gráfica. Destacamos aquelas que mudaram com o Novo Acordo Ortográfico no que se refere à acentuação gráfica, mantendo aquelas em que não houve alteração. Toda vez que apresentarmos uma regra que foi modificada segundo o Novo Acordo, vamos avisar, ok? Assim, você aprende as regras de acentuação ao mesmo tempo em que fica por dentro de tudo que mudou desde então.

2 ACENTUAÇÃO GRÁFICA (SOB O NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO)

2.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

2.1.1. Regra geral

1. Oxítonos: são acentuados os terminados em **a(s), e(s), o(s), em(ens)**.

Exs.: sofá(s), cajá(s), encontrá-lo, café(s), obtê-lo, avô, avó, dispô-lo, alguém, também, ele contém, ele intervém, armazéns, tu intervéns...

2. Paroxítonos: são acentuados os não terminados em **a(s), e(s), o(s), em(ens)** e os terminados em **ditongo**.

Exs.: cáqui, ônix, túnel, hífen, açúcar, bônus, ímã, Méier, destróier, bênção, órfão, túneis...

3. Proparoxítonos: todos são acentuados.

Exs.: lâmpada, médico, álibi, ínterim, álcool, alcoólicos...

Atenção: Pelo Novo Acordo, entram na regra dos proparoxítonos os chamados ocasionais, terminados em ditongo crescente (história, série...).

4. Monossílabos tônicos: terminados em **a(s), e(s), o(s)**.

Exs.: pá, gás, fé, mês, dó, pôs, pô-lo...

Para fixarmos essas regras iniciais, procure testar seus conhecimentos resolvendo esta questão do Cespe/UnB:

1. Em relação à acentuação gráfica, julgue os itens seguintes:

1) "Previsíveis" e "úteis" acentuam-se pela mesma razão.

2) Em "más", há emprego de acento diferencial.

3) Em "biquíni" e "ônus" o emprego do acento nas duas palavras tem a mesma justificativa.

4) Em "mantém", o acento se justifica para estabelecer a diferença com a forma da 3ª pessoa do plural.

Comentários:

Em (1), os dois vocábulos são paroxítonos terminados em ditongo.

Resposta: assertiva certa.

Em (2), o acento ocorre por ser palavra monossílaba terminada em *a(s)*, e não acento diferencial.

Resposta: assertiva errada.

Em (3), as duas palavras são paroxítonas e terminam em *i* e *us*.

Resposta: assertiva certa.

Em (4), o acento aparece por esse vocábulo ser oxítono terminado em *em*. Na 3ª pessoa do plural é que seria acentuado para estabelecer diferença com o singular (eles mantêm).

Resposta: assertiva errada.

2.1.2. Outros casos

1. Ditongos abertos (éi, éu, ói): acento agudo nas palavras **oxítonas** e **monossílabos tônicos**.

Ex.: anéis, papéis, hotéis, pastéis, troféu, céu, réu, herói, dói, mói...

Atenção: Pelo Novo Acordo, não são acentuados os ditongos ei e oi de palavras paroxítonas terminadas em a, o.
Exs.: assembleia, heroico, ideia.

2. Quando a **2a vogal do hiato** for **"i" ou "u", tônica.**

Ex.: saída, saíste, caí, juíza, reúno, saúde, baú, Grajaú...

Observação 1: Se após a 2a vogal do hiato aparecer nh ou outra letra, sem ser o **s**, na mesma sílaba, não haverá acento:
Exs.: rainha, bainha, juiz, cairdes.

Observação 2: Não se acentua a 2a vogal do hiato em letras repetidas; não se acentua o primeiro o de palavras paroxítonas terminadas em oo:
Exs.: vadiice; voo, perdoo, abençoo.

Atenção 1: Pelo Novo Acordo, não se acentua o primeiro e das formas verbais terminadas em eem (verbos ler, ver, crer, dar e derivados).
Observe: Eles veem, reveem, leem, releem, creem, deem.

Atenção 2: Pelo Novo Acordo, não se acentuam i e u quando formam hiato com um ditongo anterior.
Exs.: feiura, baiuca...
Exceção: as vogais tônicas i e u, em posição final, das palavras oxítonas precedidas de ditongo levam acento. Ex.: Piauí, teiú...

3. Acentos diferenciais: quanto aos acentos diferenciais, após o Novo Acordo Ortográfico, só permaneceram os seguintes:

a) ter, vir e derivados na **3ª pessoa do plural** do presente do indicativo.

Exs.: eles têm, retêm, vêm, intervêm;

b) de intensidade (que é o acento que diferencia um vocábulo átono do tônico): pôr (verbo no infinitivo), para diferenciar da preposição por;

c) de timbre, que é o acento que diferencia o timbre fechado do timbre aberto: pôde (3a pessoa do singular do pretérito perfeito), para diferenciar da forma pode (3ª pessoa do singular do presente do indicativo).

Observação: O Novo Acordo Ortográfico determinou também que o acento do substantivo *fôrma* seria facultativo, para diferenciar tal vocábulo do substantivo *forma*. Assim, o que se entende é que ele só seria utilizado nas situações em que se pudesse encontrar alguma dificuldade de intelecção. Por exemplo:

A *forma* da *fôrma* do bolo é criativa.

Aqui, se não usássemos o acento, o leitor poderia ter dificuldades para entender a essência da informação.

Veja agora duas questões do NCE/UFRJ que trata desses outros casos de acentuação. Procuramos aqui, adaptá-la ao Novo Acordo.

1. Assinale a frase incorreta quanto à acentuação gráfica.

a) A funcionária remeterá os formulários até o início do próximo mês.

b) Ninguém poderia prever que a catástrofe traria tamanho ônus para o país.

c) Este vôo está atrasado: os senhores tem que embarcar pela ponte aerea e fazer conexão no Rio para Florianópolis.

d) O pronunciamento feito pelo diretor na assembleia revestia-se de caráter inadiável.

e) Segundo o regulamento em vigor, o órgão competente tomará as providências cabíveis.

Comentários: Na letra A, *funcionária*, *formulários* e *início* estariam na mesma regra. Pelo Novo Acordo, a tendência seria incluir essas palavras terminadas em ditongo crescente (*ia*, *io(s)*) na regra dos proparoxítonos. *Remeterá* e *até* seriam exemplos de oxítonos terminados em *a* e *e*. A palavra *próximo* é acentuada por ser proparoxítona. Em *mês*, teríamos um caso de monossílabo tônico terminado em *es*.

Na letra B, a palavra *ninguém* é acentuada por ser oxítono terminado em *em*; *catástrofe* é proparoxítona; *ônus* é paroxítono terminado em *us* e *país* entra na justificativa da 2ª vogal do hiato, *i*, tônica, seguida ou não de *s*.

Na letra C, pelo Novo Acordo, paroxítonas que dobram a vogal *o* não recebem mais acento. O verbo *ter*, na 3ª pessoal do plural, recebe acento circunflexo ("Este voo está atrasado: os senhores têm...").

Na letra D, o ditongo *ei*, em palavras paroxítonas terminadas em *a*, não recebe mais acento agudo. Em *caráter* e *inadiável*, temos palavras paroxítonas terminadas em *r* e *l*.

Na letra E, *órgão* e *cabíveis* estariam na justificativa dos paroxítonos terminados em ditongo (ór--gão; ca-bí-veis). *Tomará*, oxítono terminado em *a,* e *providências*, pelo Novo Acordo, seria proparoxítona em ditongo crescente (proparoxítonas aparentes).

Resposta: C.

2. Quanto à acentuação, marque a(s) forma(s) correta(s):

a) Itaipú / Icaraí

Comentários: Não se acentua oxítono terminado em **u**. Em Icaraí, temos a vogal **i** como 2ª do hiato, tônica, acentuada.

Resposta: Icaraí.

b) Bocaiúva / chapéu

Comentários: A palavra Bocaiuva não recebe acento porque, embora a vogal **u** seja a 2a do hiato, vem antecedida de ditongo (regra 3 – obs.: c). Os ditongos **éi**, **éu** e **ói** continuam a receber acento quando forem **oxítonos** e **monossílabos**.

Resposta: chapéu.

c) pôr (verbo) / pára (verbo)

Comentários: Dos acentos diferenciais de intensidade, só o verbo **pôr** será acentuado, para diferir da preposição **por**. Os outros caíram (para, pelo, polo, pera...).

Resposta: pôr.

d) gratuíto / eu traí

Comentários: Embora na oralidade algumas pessoas pronunciem **gratuito** com o *i* tônico, isso

não ocorre. A pronúncia correta é como ditongo (gra-tui-to) e não grã-tu-í-to. **Traí** recebe acento porque o **i** aparece como 2ª vogal do hiato, tônica.

Resposta: traí.

e) enjôo / eles provêm

Comentários: O acento no 1º **o** de vocábulos paroxítonos em **oo** caiu. Já nos verbos *ter*, *vir* e *derivados*, na **3ª pessoa do plural** do presente do indicativo, o acento se mantém, não houve alteração dessa regra (eles têm, retêm, vêm, intervêm...).

Resposta: eles provêm (= provir, derivado de *vir*) .

f) eles prevêem / ele prevê

Comentários: O acento no primeiro **e** dos verbos *ler*, *ver*, *crer*, *dar* e *derivados* não se usa mais. Agora fica: eles leem, veem, creem, deem etc. Em **ele prevê** temos a regra do oxítono terminado em **e**.

Resposta: ele prevê.

g) destróier / heróico

Comentários: Os ditongos **ei** e **oi**, em palavras **paroxítonas** com pronúncia aberta, não recebem mais acento, à exceção dos terminados em *r*, pois entram na regra geral (paroxítono terminado em **r** é acentuado: açúcar, caráter, destróier...). Em **heroico** temos paroxítono terminado em *o*, daí não receber acento.

Resposta: destróier.

h) eu apóio / o apoio

Comentários: Os ditongos *oi* e *ei*, paroxítonos com pronúncia aberta, deixam de receber acento quando terminam em *o(s)*, *a(s)* (heroico, europeia, ideia...). Em *o apoio*, este *o* tem pronuncia fechada, é o substantivo.

Resposta: o apoio.

i) ele detém / eles detêem

Comentários: O verbo **deter** na 3ª pessoa do singular recebe acento por ser um oxítono terminado em **em** (armazém, ninguém, ele detém...). Esse verbo, na 3ª pessoa do plural, **não** dobra a letra **e**: eles detêm (verbos **ter**, **vir** e **derivados**, na 3ª pessoa do plural, um **e** e acento

circunflexo).

Resposta: ele detém.

j) pêra (subst.) / pôneis

Comentários: O substantivo **pera**, com a nova reforma, perdeu o acento circunflexo. Em **pôneis**, o acento se dá por ser esse vocábulo um paroxítono terminado em ditongo.

Resposta: pôneis.

k) "Ele reconstrói a imagem colocando sobre ela elementos de uso cotidiano, como molho de tomate, geleia de amora e soldadinho de plástico em forma de mosaico."

Comentários: Nessa frase, aparecem os ditongos **oi** e **ei**. Em *reconstrói*, usaremos o acento, pois esse vocábulo é oxítono. Já em *geleia* isso não ocorrerá, já que essa palavra é paroxítona, casos em que esse ditongo não é mais acentuado. Plástico é proparoxítono.

Resposta: geleia / reconstrói / plástico.

E o **trema?** Foi totalmente abolido. A pronúncia, porém, continua a mesma. Ninguém por aí vai deixar de falar **linguiça** e **pinguim** como falava anteriormente, só porque o trema desapareceu.

Ex.: questão, tranquilo, iniquidade, consequência, pinguim, sequestro, frequência, cinquenta, aguentar, arguir, averiguemos, quinquênio, antiguidade, liquidação, sanguíneo...

2.2. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (Vunesp - TJ-SP - Escrevente Técnico Judiciário) Assinale a alternativa com as palavras acentuadas segundo as regras de acentuação, respectivamente, de *intercâmbio* e *antropológico*.

a) distúrbio e acórdão.
b) máquina e jiló.
c) alvará e vândalo.
d) consciência e características.
e) órgão e órfãs.

2. (Vunesp – TJ-SP – Analista de Sistemas) "Justiça absolve frentista acusado de participação em furto

O juiz Luiz Fernando Migliori Prestes, da 22ª Vara Criminal Central da Capital, julgou improcedente ação penal proposta contra frentista acusado de furto em seu local de trabalho.

Segundo consta da denúncia, A. L. A. R. teria permitido que W. F. O., cliente do posto de gasolina, usasse a máquina de cartões de crédito do local para fazer saques, mesmo sabendo que o cartão era roubado. Ele afirmou que desconhecia a origem ilícita do cartão.

Ao ser interrogado, W. F. O. caiu em contradição quando perguntado sobre a quantia paga ao funcionário para permitir as operações, fato que, no entendimento do magistrado, tornou o conjunto

probatório frágil para embasar uma condenação. “Daí, insuficientes as provas produzidas para um decreto condenatório ante a falta de demonstração suficiente de que A. L. A. R. agiu com dolo, no que a improcedência da ação penal se impõe.”

Com base nessa fundamentação, absolveu o frentista da acusação de furto qualificado.

Seguem a mesma regra de acentuação gráfica relativa às palavras paroxítonas:

a) probatório; condenatório; crédito.

b) máquina; denúncia; ilícita.

c) denúncia; funcionário; improcedência.

d) máquina; improcedência; probatório.

e) condenatório; funcionário; frágil.

3. (Vunesp – TJ-SP – Assistente Social) Observe as palavras acentuadas, em destaque no seguinte texto:

A **Itália** empreende atualmente uma revolução em sua indústria **vinícola**, apresentando modernos e dinâmicos vinhos, não abandonando seu **inigualável** caráter gastronômico.

Assinale a alternativa cujas palavras são acentuadas, respectivamente, segundo as regras que determinam a acentuação das palavras destacadas no texto.

a) saída; mostrará; hífen.

b) comprá-la; político; nível.

c) ócio; fenômeno; inútil.

d) dá-lo; anônima; estéril.

e) eólica; órfã; ninguém.

4. (Vunesp - TJ-MT - Técnico Judiciário) Assinale a alternativa em que, de acordo com a norma culta, todas as palavras estão corretamente escritas e acentuadas graficamente.

a) A principal finalidade de um assistênte digital pessoal (PDA) é atuar como um organisador eletrônico ou agenda portatil de planejamento diário.

b) O PDA permite o compartiliamento de informações com o PC, ele deve ser uma extenção do PC não um subistituto.

c) E ainda mais, os fabricantes combinaram os PDAs com telefones celulares, reprodutores multimídia e outros equipamentos eletrônicos.

d) Os PDAs, também chamados de palmtops, definitivamente evoluiram ao longo dos anos; eles não sómente gerenciam informações pessoais, como contatos, compromiços e listas de coisas a fazer.

e) Os dispozitivos de hoje também podem se conectar à internet, atuar como aparelhos de posicionamento global (GPS) e ezecutar software multimídia.

5. (Fundatec) Analise as afirmações abaixo, assinalando V, se verdadeiras, ou F, se falsas.

( ) Em bastasse, ocorre um dígrafo.

( ) Na palavra vizinhança, há mais fonemas que letras.

( ) No vocábulo interesse, há 9 letras e 7 fonemas.

( ) Na palavra etiqueta, ocorre dígrafo.

( ) Em trabalha, há dois encontros consonantais.

A ordem correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:

a) V – V – V – V – V

b) V – F – V – V – F
c) F – V – F – V – F
d) V – F – V – F – V
e) F – F – F – F – F

6. (Fundatec) Sobre o uso de acentos gráficos em palavras do texto, afirma-se que:
I. impróprias e escritório são acentuadas em virtude da mesma regra.
II. A palavra é recebe acento gráfico para diferenciá-la de sua parônima e.
III. As palavras difícil e provável são acentuadas em razão de regras distintas.
Quais estão INCORRETAS?
a) Apenas I.
b) Apenas II.
c) Apenas I e II.
d) Apenas II e III.
e) I, II e III.

7. (Fundatec) Analise as afirmações que são feitas em relação a palavras retiradas do texto.
I. Nas palavras "utilizam" e "exigiam", as letras sublinhadas representam o mesmo fonema.
II. "conhecimento" e "erguida" possuem mais fonemas que letras.
III. Ambas as palavras "filhos" e "tecnologia" possuem dígrafos que representam consoantes. Quais estão INCORRETAS?
a) Apenas I.
b) Apenas II.
c) Apenas III.
d) Apenas I e II.
e) Apenas II e III.

Leia o texto a seguir para responder à questão 8.

Cochilo reparador

Você acordou cedo, trabalhou a manhã toda e, depois do almoço, é acometido aquela bobeira_____, capaz de roubar toda a sua energia ou transformar sua habitual disposição em preguiça. Nessa hora, tudo o que você deseja é se entregar à _____ e restabelecer seu estado de ânimo com uma simples e despretensiosa sonequinha. Mas será que 10 minutinhos adiantam?

Os especialistas garantem que esse tempo destinado descanso já é válido. O período ideal recomendado, no entanto, é de 30 minutos, em média. Uma soneca com mais de uma hora já faz o ciclo completo do sono. "Pesquisas evidenciaram que, considerando adultos saudáveis, um cochilo de até 30 minutos pode melhorar a capacidade cognitiva, a memória e o aprendizado no restante do dia" – ressalta o neurologista Alan Christmann Fröhlich, especialista em medicina do sono. O médico lembra, entretanto, que sonecas mais prolongadas podem causar um efeito chamado inércia do sono, em que ocorre uma piora temporária da performance cognitiva e do humor após o despertar.

Visto com resistência por gestores mais conservadores e com simpatia pelos mais liberais, o cochilo durante o expediente pode devolver parte da qualidade de vida perdida em meio à correria cotidiana.

– A população está dormindo menos. A privação de sono pode causar vários problemas de saúde, cognitivos, de aprendizado, de memória e alterações no humor. O ideal é se organizar para dormir mais, mas quando não dá, a soneca ajuda muito – diz Fábio Haggstram, pneumologista do Hospital São Lucas da PUCRS e da clínica PneumoSono.

Para um repouso tranquilo, algumas medidas são importantes. Consultora do sono, Renata Federighi explica que manter o quarto arejado, escuro e silencioso, usar travesseiros adequados e fazer refeições leves colaboram o bom descanso.

Hábito comum em países como Espanha, Itália e Argentina, a _____ é quase um luxo no Brasil Por aqui, são raros os sortudos com flexibilidade de horário que têm o privilégio de dormir alguns minutos depois do almoço. Em terras espanholas, o comércio fecha ao meio-dia e só reabre perto das 15h, hábito que permite aos moradores descansarem antes do segundo turno de trabalho.

Mesmo na terra da "siesta", nem todos são adeptos da prática. Por incrível que pareça, há quem reclame intervalo prolongado para a preguiça. O executivo espanhol Joan Gratacos, 43 anos, é um exemplo. Quando morava em Barcelona, não costumava fazer a pausa, como seus _____. Morando no Brasil há um ano e meio, ele comemora que o hábito não faça parte da cultura local:

– Adoro o horário comercial aqui, permite organizar melhor as necessidades de todo mundo.

(FONTE: texto adaptado – Zero Hora, 01/02/2014)

8. (Fundatec) Assinale a alternativa que completa, correta e respectivamente, as lacunas pontilhadas das linhas 01, 03, 21 e 27.

a) avaçaladora – lezeira – sesta – coterrâneos
b) avaçaladora – lezeira – sesta – conterrâneos
c) avassaladora – lezeira – cesta – coterrâneos
d) avassaladora – leseira – cesta – coterrâneos
e) avassaladora – leseira – sesta – conterrâneos

9. (Semcas – Psicólogo) Assinale a alternativa que contém afirmação correta, considerando a acentuação das palavras histórias, dicionários e cemitérios.

a) Não deveriam estar acentuadas, pois, não se acentuam proparoxítonas eventuais.
b) A maioria das oxítonas terminadas em "e" são acentuadas.
c) Ainda recebem acento as paroxítonas terminadas em ditongos crescentes.
d) Todas as palavras de duas ou mais sílabas possuem uma sílaba tônica, sobre a qual recai o acento prosódico.
e) Os ditongos, sempre que tiverem pronúncia aberta, são acentuados.

10. (Fundatec) Relativamente à palavra conexão, é correto afirmar que

a) possui dígrafo.
b) não possuiu ditongo.
c) o número de fonemas é menor que o número de letras.
d) possui tantas letras quanto fonemas.
e) possui mais fonemas que letras.

11. (IBGE) Assinale a opção cuja palavra não deve ser acentuada:

a) Todo ensino deveria ser gratuito.

b) Não ves que eu não tenho tempo?
c) É difícil lidar com pessoas sem carater.
d) Saberias dizer o conteudo da carta?
e) Veranópolis é uma cidade que não para de crescer.

12. (IBGE) Assinale a opção que contenha três palavras que devem receber acento gráfico:
a) Eles tem de, sozinhos, escolher os marmores da sala e prepara-la para a exposiçao.
b) A estrategia utilizada pelo jogador pos a rainha em perigo em tempo recorde.
c) Saimos do tribunal mas, por causa do tumulto, não conseguimos a rubrica dos juizes.
d) A quimica vem produzindo novas cores para as industrias de tecido.
e) Eles não veem o apoio que se da a qualquer pessoa que aqui vem pedir ajuda.

13. (Banco do Brasil) "Alem do trem, voces tem onibus, taxis e aviões."
a) 5 acentos
b) 4 acentos
c) 3 acentos
d) 2 acentos
e) 1 acento

14. (Banco do Brasil) Monossílabo tônico:
a) o
b) lhe
c) e
d) luz
e) com

15. (Banco do Brasil) Não leva acento:
a) atrai-la
b) supo-la
c) conduzi-la
d) vende-la
e) revista-la

16. (UF-PR) Assinale a alternativa em que todos os vocábulos são acentuados por serem oxítonos:
a) paletó, avô, pajé, café, jiló
b) parabéns, vêm, hífen, saí, oásis
c) você, capilé, Paraná, lápis, régua
d) amém, amável, filó, porém, além
e) caí, aí, ímã, ipê, abricó

17. (FGV-RJ) Assinale a alternativa que completa as frases:
I – Cada qual faz como melhor lhe ..... .
II – O que ..... estes frascos?
III – Nestes momentos os teóricos ..... os conceitos.
IV – Eles ..... a casa do necessário.

a) convém, contêm, reveem, proveem
b) convém, contém, reveem, provém
c) convém, contém, revêm, provém
d) convêm, contém, reveem, proveem
e) convêm, contêm, reveem, proveem

18. (Cesgranrio) Assinale a opção em que os vocábulos obedecem à mesma regra de acentuação gráfica:
a) pés, hóspedes
b) sulfúrea, distância
c) fosforescência, provém
d) últimos, terrível
e) satânico, porém

19. (Santa Casa) As palavras após e órgãos são acentuadas por serem respectivamente:
a) paroxítona terminada em s e proparoxítona.
b) oxítona terminada em o e paroxítona terminada em ditongo.
c) proparoxítona e paroxítona terminada em s.
d) monossílabo tônico e oxítona terminada em o, seguida de s.
e) proparoxítona e proparoxítona.

20. (Mack) Indique a alternativa em que nenhuma palavra é acentuada graficamente:
a) lapis, canoa, abacaxi, jovens
b) ruim, sozinho, aquele, traiu
c) saudade, onix, grau, orquidea
d) voo, legua, assim, tenis
e) flores, açucar, album, virus

21. (FGV-RJ) Assinale a alternativa em que todas as palavras estão corretamente grafadas:
a) raiz, raízes, sai, apóio, Grajau
b) carretéis, funis, índio, hifens, atrás
c) buriti, ápto, âmbar, dificil, almoço
d) órfão, afável, cândido, caráter, Cristovão
e) chapéu, rainha, tatu, fossil, conteúdo

22. (Viçosa) Todas as palavras abaixo obedecem à mesma regra de acentuação, exceto:
a) já
b) nós
c) pés
d) dói
e) há

23. (Eng. Itajubá) Nenhum dos vocábulos abaixo deve receber acento gráfico, exceto:
a) maligno
b) gratuito

c) degrau
d) improbo
e) item

24. (Banco do Brasil) Afirmativa falsa:
a) Dôce é acentuada graficamente.
b) Há acento indevido em raíz.
c) Falta acento em ruina.
d) Têm está acentuada por indicar plural.
e) Funil não deve ser acentuada graficamente.

25. (Banco do Brasil) Opção com as duas palavras grafadas incorretamente:
a) repôr, ítem
b) contínuo, órgão
c) atribuía, alô
d) revólver, parabéns
e) apóio, jaburú

26. (TRT) Assinale a alternativa em que todas as palavras são paroxítonas (foram omitidos os acentos):
a) rubrica – avaro – pegada – acrobata
b) mister – filantropo – misantropo – condor
c) pegaso – prototipo – arquetipo – rubrica
d) necromancia – quiromancia – ibero – nobel
e) nenhuma das anteriores

27. (TRE-MT) Segue a mesma regra de acentuação de país a palavra:
a) saúde
b) aliás
c) táxi
d) grêmios
e) heróis

28. (TRE-ES) "Aí" é acentuada pelo mesmo motivo de:
a) aquí
b) dá
c) é
d) baú
e) porém

29. (Liceu) Acentue as palavras abaixo e encontre a alternativa que corresponda, respectivamente, a róseo, tímida e encontrará:
a) Nobel, interim, papeis
b) condor, avaro, alguem
c) ruim, filantropo, condor

d) pudico, palida, mister
e) levedo, libido, ruim

30. (TRE-RJ) A alternativa que apresenta erro quanto à acentuação em um dos vocábulos é:
a) lápis – júri
b) bônus – hífen
c) ânsia – série
d) raízes – amável
e) Anhangabaú – bambú

31. (PUC-RJ) Aponte a opção em que as duas palavras são acentuadas devido à mesma regra:
a) saí – dói
b) relógio – própria
c) só – sóis
d) dá – custará
e) até – pé

Gabarito: 1. d; 2. c; 3. c; 4. c; 5. b; 6. d; 7. e; 8. e; 9. c; 10. e; 11. a; 12. a; 13. a; 14. d; 15. c; 16. a; 17. a; 18. b; 19. b; 20. b; 21. b; 22. d; 23. d; 24. a; 25. a; 26. a; 27. a; 28. d; 29. d; 30. e; 31. b.

Para memorizar as regras de acentuação gráfica é necessário... Vamos resumir o que você estudou?

2.3. RESUMO

- Em acentuação gráfica, temos quatro regras gerais (monossílabos, oxítonos, paroxítonos e proparoxítonos), dois casos especiais ("i"e "u" como segunda vogal do hiato e os ditongos abertos éi, éu e ói) e três acentos diferenciais.
- Memorize que a regra geral de acentuação das paroxítonas é o contrário das oxítonas, finais a(s), e(s), o(s), em(ens)
- O acento diferencial dos verbos ter, vir e derivados é o circunflexo (de plural).
- O Novo Acordo Ortográfico aboliu o acento dos ditongos ei, oi nas paroxítonas, os acentos dc hiato oo e dos verbos crer, dar, ler, ver e derivados.

3 HÍFEN

3.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Agora, vamos ao estudo do hífen. Como muita coisa não se explica, procuramos preparar um material bem prático, principalmente para que você possa consultá-lo, já que a maioria dos materiais que temos visto por aí não agrupa as regras, dificultando, assim, até a consulta por parte do usuário da língua. Após observar as novas orientações, faça o exercício, consultando-as e, aos poucos, você irá internalizá-las. Vamos lá?

3.1.1. Prefixos

1. Com os prefixos **ante, anti, arqui, auto, circum, contra, entre, extra, hiper, infra, intra, semi, sobre, sub, ultra...;** ou falsos prefixos **aero, agro, anfi, audio, bio, eletro, foto, geo, hidro, macro, maxi, mega, micro, mini, multi, neo, orto, proto, pseudo, poli, retro, tele...:**

Emprega-se o hífen quando o 1º elemento termina por **vogal igual à que inicia o 2º elemento** e nas formações em que o 2º elemento começa por **h**:

Ex.: anti-inflamatório, arqui-inimigo, semi-interno, poli-insaturado, pseudo-occipital, eletro-óptico, sobre-estimar, auto-observação, contra-arrazoado, bio-história, poli-hidroxila, sub-horizonte, ultra-hiperbólico, neo-helênico etc.

Mas: coobrigação, coerdeiro (com o prefixo **co**, este se aglutina em geral com o 2º elemento).

Observação 1:
a) Se o 1o elemento terminar por vogal diferente daquela que inicia o 2o elemento, escreve-se junto, sem hífen.
Exs.: antiético, anteontem, agroindustrial, aeroespacial, eletroemissão, extraescolar, coeducação...
b) Quando o 1o elemento terminar por vogal e o 2o elemento começa por r ou s, devemos dobrar as consoantes, sem hífen.
Ex.: biorritmo, infrassom, microssistema, antessala, antirrepublicano, contrarréplica, minissubmarino, cossenhor...
c) Com os prefixos hiper, inter e super, usaremos hífen se o 2o elemento iniciar por h ou r.
Exs.: hiper-hedonista, inter-hemisfério, super-homem, hiper-requintado, inter-resistente, super-revista...
d) Haverá hífen com os prefixos circum e pan, quando o 2o elemento começar por vogal, m ou n (além de h, como aparece na regra 1).
Exs.: circum-escolar, circum-navegação, pan-africano, pan-negritude, pan-helenismo...

As mudanças que ocorreram relativas ao uso do hífen se concentram, em sua quase totalidade, nessa 1ª regra e nas observações ***a*** e ***b***. No restante, as regras são aquelas que já existiam. Daí a intenção de começar logo por elas, para efeito de memorização, já que, infelizmente, esse assunto requer muita prática para assimilar todas as regras.

Observação 2:
a) Se não houver perda do som da vogal final do 1o elemento, e o elemento seguinte começar com h, serão usadas as duas formas gráficas:
Exs.: cardi-hepático ou cardiepático; aero-hidropatia ou aeroidropatia.
b) Havendo perda do som da vogal do 1o elemento ou se as palavras já são de uso consagrado, deve ser escrita sem hífen.
Exs.: clorídrico, reidratar, reumanizar, reabilitar, reaver...
c) Com os prefixos des e in não se emprega o hífen quando o 2o elemento perde o h inicial; se a palavra não aparecer com função prefixal, não se emprega o hífen.
Exs.: desumano, desidratar, inábil, inumanidade; não violência, não alinhado...

2. Emprega-se o hífen nos compostos em que o 1º elemento é representado pelas formas **além**, **aquém**, **bem**, **ex, recém**, **sem**, **grão**, **grã**, **bel**, **soto**, **sota**, **vice**, **vizo**, **pré**, **pró**, **pós** (tônicos).

Exs.: além-mar, aquém-mar, bem-querer, bem-humorado(mas, benfazejo, benfeitor), recém--casado, sem-número, grã-cruz, ex-presidente, sota-capitão, sota-vento, vice-cônsul, vizo-rei, pré-escolar, pós-graduação, pró-germânico...

Obs.: a) **pre**, **pro**, **pos**, átonos, se aglutinam com o 2º elemento.

Exs.: precondicionamento, propor, pospor...

b) Emprega-se o hífen com a forma **mal**, quando forma com o 2º elemento uma unidade semântica e tal elemento começa por **vogal** ou **h**.

Exs.: mal-estar, mal-humorado etc.

3. Com os prefixos **ab**, **ob**, **sob**, **sub**, se o 2º elemento iniciar por **r** ou **b**, será empregado o hífen.

Exs.: sub-base, ab-reptício, ob-rogar, sub-reitor...

Obs.: com o prefixo **ad**, se o 2º elemento começar por **r** ou **d**, usaremos o hífen.

Ex.: ad-referendar, ad-digital...

3.1.2. Sufixos

O hífen emprega-se nos vocábulos terminados pelos sufixos **açu**, **guaçu**, **mirim**.

Exs.: capim-açu, Ceará-mirim...

3.1.3. Nomes compostos

Emprega-se o hífen nos compostos representados por substantivos, adjetivos, numerais e verbos; elementos repetidos; reduções; gentílicos derivados de topônimos compostos; compostos que designam espécies botânicas, zoológicas.

Exs.: decreto-lei, primeiro-ministro, alto-relevo, porta-aviões, tico-tico, grão-mestre, belo-horizontino, erva-doce, couve-flor, bem-me-quer...

Observação: Em geral, nas locuções de qualquer tipo não se usa o hífen, exceto em alguns casos que o uso já legitimou. Aqui é que mora um problema: o Novo Acordo fala que o hífen permanece os vocábulos que o uso validou, mas até você memorizar todos aqueles consagrados pelo uso...

Exs.: café com leite, sala de jantar, pé de chinelo, disse me disse, bumba meu boi, dia a dia, comum de dois, ponto e vírgula...

Mas (consagrados pelo uso): água-de-colônia, cor-de-rosa, à queima-roupa, pé-de-meia, dois-pontos, mais-que-perfeito...

Vamos treinar?

I. Marque a forma correta.

1. contra-atacar / contraatacar

Comentários: Com o prefixo **contra**, usaremos hífen se a vogal inicial do 2º elemento iniciar por essa mesma vogal.

Resposta: contra-atacar.

2. anti-sociável / antissociável

Comentários: Ainda com relação à 1ª regra, o prefixo **anti** receberá hífen se a palavra seguinte começar pela mesma letra com que esse prefixo termina **i** ou começar por **h**. Logo, não recebe hífen. Se as letras que iniciarem o 2º elemento forem **s** ou **r**, dobramos essas consoantes (Obs.: b).

Resposta: antissociável.

3. mini-saia / minissaia

Comentários: O mesmo comentário. O prefixo termina por vogal e a palavra seguinte começa por **s**. Dobra-se essa letra.

Resposta: minissaia.

4. contra-balançar / contrabalançar

Comentários: Esse prefixo (**contra**) pertence à regra 1. Se o 2º elemento não começa pela mesma vogal com que esse prefixo termina (**a**), não há hífen.

Resposta: contrabalançar.

5. contra-regra / contrarregra

Comentários: Agora, esse mesmo prefixo vem seguido de palavra que começa por **r** (regra 1, obs.: b). Dobra-se essa consoante.

Resposta: contrarregra.

6. anti-imperialismo / antiimperialismo

Comentários: O prefixo **anti** termina em **i**. O 2º elemento (imperialismo) inicia por **i** (pela mesma vogal). Quando isso acontece, pelo Novo Acordo, hífen.

Resposta: anti-imperialismo.

7. anti-horário / antiorário

Comentários: A regra 1 mostra o uso do hífen em alguns prefixos que terminarem na mesma letra com que se inicia o 2º elemento ou se este começar por **h**.

Resposta: anti-horário.

8. mini-retrospectiva / minirretrospectiva

Comentários: Ainda a regra 1. O 2º elemento começa por **r**. Dobra-se essa consoante.

Resposta: minirretrospectiva.

9. co-seno / cosseno

Comentários: Prefixo **co** seguido da palavra que inicia por **s** (regra 1, obs.: b).

Resposta: cosseno.

10. micro-onda / microonda

Comentários: O prefixo **micro** termina em **o** e a palavra **onda** inicia por **o**, hífen.

Resposta: micro-onda.

11. hiper-realista / hiperrealista

Comentários: Agora, temos o prefixo **hiper**. A regra 1, obs.: c, diz que os prefixos **hiper**, **inter** e **super** recebem hífen se o 2º elemento começar por **h** ou **r**.

Resposta: hiper-realista.

12. sub-região / subrregião

13. sub-braquial / subraquial

Comentários: Na regra 3, aparece o prefixo **sub**. Será empregado o hífen se o 2º elemento iniciar por **r** ou **b**.

Respostas: sub-região / sub-braquial.

14. pré-gravação / pregravação

15. pré-estabelecido / preestabelecido

16. pré-eminente / preemininte

17. pró-britânico / probritânico

18. pró-romper / prorromper

19. pré-fixado / prefixado

Comentários:

Com os prefixos **pré**, **pró** e **pós**, haverá o uso do hífen se esses prefixos forem tônicos (acentuados). Se forem átonos, eles se aglutinam com o 2º elemento. O que ocorre é que, em relação à pronúncia de algumas palavras com esses prefixos, ocorrem vacilações. Afinal é pré-fixado ou prefixado? Vamos então às pronúncias corretas de alguns desses vocábulos:

Respostas: pré-gravação (tônica) / preestabelecido (átona) / preeminente (átona) / pró-britânico (tônica) / prorromper (átono) / prefixado (átono).

20. poli-híbrido / poliíbrido

Comentários: Voltando à regra 1, o prefixo **poli** receberá hífen se a palavra seguinte começar por **i** ou por **h.**

Resposta: poli-híbrido.

21. contra-indicação / contraindicação

Comentários: O prefixo **contra** termina em **a**, mas o 2º elemento não inicia por **a**, mas sim por outra vogal (regra 1, obs.: a).

Resposta: contraindicação.

22. contra-senso / contrassenso

Comentários: Se aparecerem as letras **r** ou **s** após os prefixos da regra 1, dobram-se essas consoantes.

Resposta: contrassenso.

23. infra-estrutura / infraestrutura

Comentários: Após o prefixo **infra**, usaremos o hífen se o 2º elemento iniciar por **a** ou **h**. Como a palavra **estrutura** inicia por **e**, o correto é sem hífen.

Resposta: infraestrutura.

24. auto-análise / autoanálise

Comentários: A explicação da anterior vale também para essa palavra. O prefixo **auto** termina em **o** e **análise** se inicia por **a**. Sem hífen, portanto.

Resposta: autoanálise.

25. ante-estreia / anteestreia

Comentários: Agora, a vogal que inicia o 2º elemento (**e**) é a mesma que finaliza o prefixo (**e**). Pelo Novo Acordo, hífen.

Resposta: ante-estreia.

26. ante-sala / antessala

Comentários: Após o prefixo **ante**, se o 2º elemento iniciar por **r** ou **s**, dobram-se essas consoantes. Se o 2º elemento iniciar por **e** ou **h**, hífen.

Respostas: antessala / ante-histórico.

27. mal-assombrado / malassombrado

Comentários: Com o prefixo **mal**, se o 2º elemento iniciar por **vogal** ou **h**, formando uma unidade semântica, hífen.

Resposta: mal-assombrado.

28. multi-racial / multirracial

Comentários: O prefixo **multi** é seguido de palavra iniciada por **r**. Dobra-se essa consoante.

Resposta: multirracial.

29. vice-imperador / viceimperador

Comentários: A regra 2 fala desse prefixo. Com as formas **além**, **aquém**, **bem**, **ex...vice...**, emprega-se o hífen, independentemente da vogal que inicia o 2º elemento.

Resposta: vice-imperador.

4 HOMÔNIMOS E PARÔNIMOS

4.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Vamos falar de semântica?

Antes de tudo, é preciso que você entenda a diferença entre homônimos e parônimos. **Homônimos** são vocábulos iguais (na pronúncia, na grafia ou em ambos), mas de sentido diferente. Subdividem-se em:

a) **homônimos homógrafos**: a grafia é igual, mas a pronúncia é diferente:

colher (verbo) / colher (substantivo)

b) **homônimos homófonos**: a pronúncia é igual, mas a grafia é diferente:

seção / sessão / cessão etc.

c) **homônimos perfeitos**: a pronúncia e a grafia são iguais:

lima (fruta) / lima (ferramenta)

Já os **Parônimos** são vocábulos semelhantes na pronúncia e na grafia, mas de sentidos diferentes. Ex.: eminente ≠ iminente; inflação ≠ infração etc.

Segue agora uma lista das palavras que mais geram dúvidas sobre seu significado. Achamos melhor sistematizar aqueles vocábulos que aparecem nas provas de concursos públicos e depois levar você logo aos exercícios, para que memorize os principais naturalmente, sem muito esforço, ok?

Quadro 4.1 – Homônimos e parônimos

Acender (pôr fogo)	Ascender (elevar-se, subir)
Acessório (secundário)	Assessório (relativo a assessor)
Apreçar (colocar o preço)	Apressar (correr, acelerar)
Arrear (pôr os arreios)	Arriar (abaixar, descer)
Asado (que tem asas, alado)	Azado (marcado, determinado)
Brocha (prego de cabeça larga e chata)	Broxa (pincel grande)
Caçar (perseguir animais)	Cassar (anular)
Cela (quarto pequeno)	Sela (arreio)

Cerrar (fechar)	Serrar (cortar)
Cesta (guarda objetos)	Sesta (descanso após o almoço)
Chá (bebida)	Xá (soberano do Irã)
Coser (costurar)	Cozer (cozinhar)
Deferir (despachar)	Diferir (divergir, discordar)
Descrição (enumeração)	Discrição (prudência, recato)
Descriminar (inocentar)	Discriminar (separar, distinguir)
Despercebido (sem ser notado)	Desapercebido (desatento)
Destratar (maltratar)	Distratar (anular, rescindir)
Discente (relativo a alunos)	Docente (que ensina, professor)
Eminente (elevado, sublime)	Iminente (ameaça acontecer)
Esbaforido (ofegante)	Espavorido (apavorado)
Esperto (inteligente, ativo)	Experto (experiente)
Espiar (observar)	Expiar (cumprir pena)
Esterno (osso do peito)	Externo (lado de fora)
Estrato (nuvem, camada)	Extrato (resumo)
Incerto (impreciso)	Inserto (introduzido)
Incipiente (inexperiente)	Insipiente (ignorante)
Infestado (invadido)	Enfestado (empinado, dobrado)
Infringir (transgredir, violar)	Infligir (aplicar a pena)
Intercessão (intervenção)	Interseção (corte, cruzamento)
Intimorato (destemido)	Intemerato (íntegro, puro)
Mandado (ordem judicial)	Mandato (procuração, incumbência)
Pleito (eleição, debate)	Preito (homenagem)
Prescrever (determinar, ordenar)	Proscrever (banir, expulsar)
Remissão (perdão, clemência)	Remição (libertação, resgate)
Retificar (corrigir)	Ratificar (confirmar)
Vultoso (volumoso)	Vultuoso (congestão na face)

4.2. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. Complete as lacunas com a expressão correta (entre parênteses):

"O _____ (cervo – servo) prendia-se nos arbustos, fugindo dos _____ (cartuchos – cartuxos) que pipocavam por toda a _____ (área – aria);

a) cervo – cartuxos – área
b) servo – cartuchos – aria
c) cervo – cartuchos – área
d) servo – cartuchos – área
e) servo – cartuchos – aria

2. Complete as lacunas, com a expressão necessária, que consta nos parênteses:

É necessário _____ (cegar-segar) os galhos salientes do _____ (bucho-buxo), de modo a que se possa fazer _____ (xá-chá) com as folhas mais novas."

a) segar – buxo – chá
b) segar – bucho – xá
c) cegar – buxo – xá
d) cegar – bucha – chá
e) segar – bucha – xá

3. O _____ (emérito-imérito) causídico _____ (dilatou-delatou) o plano de fuga do meliante, que se encontrava na _____(eminência-iminência) de escapar da prisão:

a) emérito – delatou – iminência
b) imérito – dilatou – eminência
c) emérito – dilatou – iminência
d) imérito – delatou – iminência
e) emérito – dilatou – eminência

4. O _____ (extrato-estrato) da conta bancária é, por si só, insuficiente para cobrir o _____(cheque-xeque), ainda que haja algum capital (incerto-inserto).

a) extrato – xeque – inserto
b) estrato – cheque – incerto
c) extrato – cheque – inserto
d) estrato – xeque – incerto
e) extrato – xeque – incerto

5. Complete as lacunas usando adequadamente (mas / mais / mal / mau):

"Pedro e João ____ entraram em casa, perceberam que as coisas não iam bem,pois sua irmã caçula escolhera um ____ momento para comunicar aos pais que iria viajar nas férias; _____ seus dois irmãos deixaram os pais _____ sossegados quando disseram que a jovem iria com os primos e a tia."

a) mau – mal – mais – mas
b) mal – mal – mais – mais
c) mal – mau – mas – mais
d) mal – mau – mas – mas

e) mau – mau – mas – mais

6. Marque a alternativa que completa corretamente as lacunas:

"Estou _____ de que tais _____ deveriam ser _____ a bem da moralidade do serviço público."

a) cônscio – privilégios – extintos
b) côncio – privilégios – estintos
c) cônscio – privilégios – estintos
d) côncio – previlégios – estintos
e) cônscio – previlégios – extintos

7. Observe as orações seguintes:

I – Por que não apontas a vendedora por que foste ludibriado?
II – A secretária não informa por que linha, de ônibus chega-se ao escritório.
III – Por que será que o governo não divulga o porquê da inflação.

Há erro na grafia:

a) na I apenas.
b) em duas apenas.
c) na II apenas.
d) na III apenas.
e) em nenhuma.

8. Complete as lacunas com (estada / estadia /onde / aonde):

"_____ quer que eu me hospede, procuro logo saber o preço da _____, quanto custa a _____de um carro alugado, bem como _____ se possa ir à noite."

a) aonde – estadia – estada – onde
b) onde – estada – estadia – aonde
c) onde – estadia – estada – aonde
d) aonde – estada – estadia – onde
e) onde – estadia – estadia – aonde

9. Leia as frases abaixo:

1 – Assisti ao _____ do balé Bolshoi;
2 – Daqui _____ pouco vão dizer que _____ vida em Marte.
3 – As _____ da câmara são verdadeiros programas de humor.
4 – _____ dias que não falo com Alfredo.

Escolha a alternativa que oferece a seqüência correta de vocábulos para as lacunas existentes:

a) concerto – há – a – cessões – há
b) conserto – a – há – sessões – há
c) concerto – a – há – seções – a
d) concerto – a – há – sessões – há
e) conserto – há – a – sessões – a

10. Indique a alternativa que contém a seqüência necessária para completar as lacunas abaixo:

“A _____ de uma guerra nuclear provoca uma grande _____ na humanidade e a deixa _____com relação ao futuro da vida na terra.”

a) espectativa – tensão – exitante
b) espectativa – tenção – hesitante
c) expectativa – tensão – hesitante
d) expectativa – tensão – hezitante
e) espectativa – tenção – exitante

Gabarito:1. c; 2. a; 3. a; 4. c; 5. c; 6. a; 7. e; 8. b; 9. d; 10. c.

5 USO DE POR QUE, POR QUÊ, PORQUE E PORQUÊ

5.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

As frases de 1 a 6 a seguir mostram as diferentes formas do "porquê". Antes de resolvermos os exercícios, vamos à explicação do uso deste vocábulo.

Em linhas gerais, podemos afirmar que "por que", separado sem acento, é usado em frases interrogativas, diretas ou indiretas (com ou sem ponto de interrogação), ou quando equivale a *pelo qual*, *pela qual* (nesse caso, o que será pronome relativo).
Se vier em final de período, sendo pronunciado, portanto, com tonicidade, será separado e com acento ("por quê").
O uso do "porque", junto sem acento, se dá quando se introduz uma explicação ou causa da oração anterior (= conjunção explicativa ou causal). Já o "porquê", junto com acento, é substantivo, vem determinado (antecedido de artigo ou de qualquer outro determinante).

Visto isso, seguem as frases.

1. _____ chegas sempre atrasado? (Por que / Por quê / Porque)

Comentários: A frase é interrogativa direta, vem com o ponto de interrogação.

Resposta: Por que.

2. As dificuldades _____ passamos são muitas. (por que / por quê / porque)

Comentários: Nessa frase, o "por que" equivale a *pelas quais* (As dificuldades pelas quais passamos...).

Resposta: por que.

3. Você saiu _____? (por que / por quê / porque)

Comentários: Agora, a frase é interrogativa e aparece em *final* de período. Separado com acento.

Resposta: por quê.

4. Não entendi o _____ de tua bronca. (por que / porque / porquê)

Comentários: A presença do artigo antecedendo essa palavra tem a finalidade de substantivá-la.

Resposta: porquê.

5. Não sabemos _____ ele sai tão cedo. (por que / porque / por quê)

Comentários: Talvez essa construção seja a mais sutil no caso do uso dos "porquês". A frase é interrogativa *indireta*. Uma forma prática é transformá-la em direta. (Por que ele sai tão cedo? Não sabemos). Com isso você comprovou que a frase é interrogativa.

Resposta: por que.

6. Faltei _____ estava com febre (por que / porque / por quê)

Comentários: Nesse período, esse vocábulo vai funcionar como conectivo causal (Faltei por este motivo, por esta razão). É conjunção.

Resposta: porque.

6 USO DE EXPRESSÕES COTIDIANAS

6.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

6.1.1. Uso de *há* e *a*

Usaremos **há** quando houver ideia de **tempo passado** ou com sentido de **existir**. Já a preposição **a** ocorre quando aparece ideia de **distância** ou **futuro**.

Para praticar, complete as frases a seguir.

1. Não o via _____ três semanas. (há / a)

Comentários: Nessa construção, percebe-se a ideia de *tempo passado*, *decorrido*.

Resposta: há.

2. _____ muitas pessoas na sala. (Há / A)

Comentários: Aqui, o sentido é de *existir* (Existem muitas pessoas na sala).

Resposta: Há.

3. Daqui _____ três semanas estarei chegando. (há / a)

Comentários: Percebe-se, agora, que não há ideia de *tempo decorrido* nem de *existir*. O sentido é de tempo futuro.

Resposta: a.

6.1.2. Outras expressões que costumam suscitar dúvidas

4. Conversávamos _____ música. (acerca de / há cerca de)

5. _____ cem alunos na sala. (Acerca de / Há cerca de)

6. _____ cinquenta mil candidatos se inscreveram no concurso. (Há cerca de / Cerca de)

Comentários:

A expressão **acerca de** equivale a **a respeito de**, **sobre**. **Há cerca de** indica tempo transcorrido e **cerca de** equivale a **aproximadamente**.

Respostas: 4. acerca de; 5. Há cerca de; 6. Cerca de.

7. _____ houver engarrafamento, chegarei na hora. (Senão / Se não)

8. Entregue o trabalho no prazo _____ cancelo o contrato. (se não / senão)

9. Ninguém, _____ um santo, seria capaz de tamanho sacrifício. (se não / senão)

Comentários: Usamos **senão** como conjunção (alternativa ou adversativa) e também com o valor de **exceto**.

Se não é conjunção condicional ou integrante **se** seguida de advérbio de negação.

Na frase 7, há ideia de condição ("Caso não haja engarrafamento..."). Na 8, a ideia é de alternância ("Entregue o trabalho no prazo *ou* cancelo o contrato"). Na frase 9, temos o valor de **exceto**, **a não ser** ("Ninguém, exceto/a não ser um santo...").

Respostas: 7. Se não; 8. senão; 9. senão.

10. Assim que chegou, foi _____ pais. (ao encontro dos / de encontro aos).

11. O seu _____ é não prestar atenção nas coisas. (mal / mau).

Comentários: A expressão **ao encontro de** significa **a favor de**, **na direção de.** Já **de encontro a** indica **contrariedade**, **em oposição**.

Respostas: 10. ao encontro de; 11. **Mal** pode aparecer como substantivo (como é o caso), advérbio e conjunção. **Mau** é adjetivo.

12. _____ de ficar triste, alegrou-se com a notícia. (Ao invés de / Em vez de)

13. _____ irmos ao jogo, fomos ao cinema. (Ao invés de / Em vez de)

Comentários:

Usaremos *ao invés de* para indicar *ao contrário de* e *em vez de* no sentido de no *lugar de*.

Respostas: 12. Ao invés de; 13. Em vez de.

Agora, para ver se você aprendeu mesmo, só resolvendo algumas questões de concursos.

6.2. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

1. (TRT – ES) Assinale a opção em que a palavra sublinhada está mal empregada:

a) Durma cedo, <u>senão</u> acordará tarde amanhã.

b) <u>Mal</u> começou a chover, o barraco deslizou.

c) Disse que <u>há</u> cinco anos ganhou na loteria.

d) Estava <u>mau</u> informado, por isso equivocou-se.

e) De hoje <u>a</u> dois meses pedirei novo empréstimo.

Comentários:

A letra A mostra o *senão* como conjunção alternativa (ou dorme cedo, ou acordará tarde). Na letra B, temos a palavra *mal* usada como conjunção temporal (Assim que começou a chover...). Esse vocábulo pode também aparecer como *substantivo* (O mal que causaste foi grande) e como *advérbio* (Dormi mal essa noite).

Na letra C, o verbo *haver* aparece indicando tempo passado ("Ganhou há cinco anos" / faz cinco anos).

Na letra D, a palavra correta seria *mal*, já que modifica o adjetivo *informado*. Se modifica adjetivo é advérbio (mal). *Mau* é adjetivo, se refere a substantivo (Homem mau).

Na letra E, a ideia é de tempo *futuro*, portanto, se usa a preposição *a*, e não o verbo *haver*.

Resposta: D.

2. (Telerj) Apenas em uma das opções abaixo é **inadequado** preencher a lacuna com a respectiva palavra ou expressão entre parênteses. Marque-a.

a) A mensagem enviada pelo fax não chegou a tempo, _____ o telegrama. (tampouco)

b) As novas funcionárias trabalhavam ali _____ de duas semanas. (há cerca)

c) Chegou finalmente o momento _____ todos esperavam. (por que)

d) O funcionário veterano não esqueceu o _____ aos companheiros recém-chegados. (cumprimento)

e) As chuvas causaram _____ prejuízo aos aparelhos telefônicos. (vultuoso)

Comentários:

Na letra A, *tampouco* equivale ao conectivo *nem*, correto, portanto, o seu uso. Essa palavra funciona como conectivo aditivo, usado em frases negativas (não...tampouco).

Na letra B, há ideia de tempo decorrido ("faz duas semanas que elas trabalhavam ali").

Na alternativa C, o uso do *por que* separado se justifica, já que equivale a *pela qual* ("Todas esperavam pelo momento"). Na letra D, *cumprimento* é do verbo *cumprimentar*, que é o sentido usado nesta frase.

Já a letra E troca *vultoso* por *vultuoso*. Pelo sentido da frase, quer se usar *vultoso* (de grande

volume) e não *vultuoso* (congestão na face, colérico)

Resposta: E.

3. (TTN) Assinale o item que contém erro de ortografia.

a) Na cultura oriental, fica desonrado para sempre quem inflinge as regras da hospitalidade.

b) Não conseguindo adivinhar o resultado a que chegariam, sentiu-se frustrado.

c) A digressão ocorreu por excesso de fatos ilustrativos em seu discurso.

d) Sentimentos indescritíveis, porventura, seriam rememorados durante a sessão de julgamento.

e) Ao contrário de outros, trazia consigo autoconhecimento e autoafirmação.

Comentários:

A letra A mostra a forma inadequada de *inflige*. Pelo sentido da frase, é *infringe* (transgride, viola). Além disso, o verbo é *infligir* (castigar, aplicar) e não *inflingir*, não existe a segunda letra *n*. Resumindo: tudo errado – sentido e grafia.

A letra B mostra a forma correta do verbo *adivinhar*, com a letra *i*.

A letra C traz a palavra *digressão* também escrita corretamente.

Na D, a palavra *sessão* equivale a *espaço de tempo que dura uma reunião*, adequada, portanto, ao sentido da frase. *Seção* quer dizer *divisão* e *cessão* é relativo ao verbo *ceder*.

A letra E mostra a palavra *consigo* no sentido correto (com ele mesmo, valor reflexivo). Além disso, pela Nova Ortografia, *autoconhecimento* e *autoafirmação* se escrevem junto, sem hífen.

Resposta: A.

4. (PGJ) A palavra **tráfico** não deve ser confundida com **tráfego**, seu parônimo.

Em que item a seguir o par de vocábulos é exemplo de homonímia e não de paronímia?

a) estrato/extrato.

b) flagrante/fragrante.

c) eminente/iminente.

d) inflação/infração.

e) cavaleiro/cavalheiro.

Comentários:

Homônimos são vocábulos *iguais* (na pronúncia, na grafia ou em ambos), mas de sentidos

diferentes.

Na letra A, a *pronúncia* é a mesma, são homônimos homófonos (*mesma pronúncia*), as grafias diferentes. As outras opções são exemplos de parônimos (vocábulos parecidos na pronúncia e na grafia, de sentidos diferentes).

Resposta: A.

Na questão de nº 5, o texto contém um erro, que pode ser de natureza gramatical, de propriedade vocabular ou de adequação ao estilo culto e formal da língua. Identifique, entre os itens sublinhados, aquele que deve ser corrigido para que a sentença onde ele ocorre se torne correta e adequada.

5. (TRF/Esaf) A(1) **cerca**(2) de uma dezena de matérias jornalísticas, **só**(3) na última edição do matutino de circulação nacional, **acerca**(4) das suspeitas de corrupção nas **adjacências**(5) do Governo.

a) 1.

b) 2.

c) 3.

d) 4.

e) 5.

Comentários:

A expressão **A**(1) **cerca**(2) equivale a *aproximadamente*. Nesse trecho, a ideia não é de quantidade aproximada, e sim "*Existe* cerca de uma dezena de matérias...". A palavra *só* (3) equivale a somente. Em (4), **acerca** tem o sentido da preposição <u>sobre</u>, correto, pois. Na palavra **adjacências** (5), a grafia está também correta.

Resposta: (1) *Há* cerca de.

6.3. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. Marque a frase em que deve ser empregada a primeira das duas palavras que aparecem entre parênteses.

a) Essas hipóteses _____ das circunstâncias (emergem – imergem).
b) Nunca o encontro na _____ em que trabalha (sessão – seção).
c) Já era decorrido um _____ que ela havia partido, (lustre – lustro).
d) O prazo já estava _____ (prescrito – proscrito).

e) O fato passou completamente _____ (desapercebido – despercebido).

2. Marque a frase que se completa com o segundo elemento do parênteses:

a) A recessão econômica do país faz com que muitos _____ (emigrem – imigrem).
b) Antes de ser promulgada, a Constituição já pedia muitos _____ (consertos – concertos).
c) A ditadura _____ muitos políticos de oposição (caçou – cassou).
d) Ao sair do barco, o assaltante foi preso em_____ (flagrante – fragrante).
e) O juiz _____ expulsou o atleta violento (incontinenti – incontinente).

3. Marque a alternativa que se completa corretamente com o segundo elemento do parênteses:

a) O sapato velho foi restaurado com a aplicação de algumas _____ (tachas – taxas).
b) Sílvio _____ na floresta para caçar macacos (imergiu – emergiu).
c) Para impedir a corrente de ar, Luís _____ a porta (cerrou – serrou).
d) Bonifácio _____ pelo buraco da fechadura (expiava – espiava).
e) Quando foi realizado o último _____ ? (censo – senso).

4. Marque a alternativa que se completa com o primeiro elemento do parênteses:

a) A polícia federal combate o _____ de cocaína (tráfego – tráfico).
b) No Brasil é vedada a _____ racial; embora haja quem a pratique (discriminação – descriminação).
c) Você precisa melhorar seu _____ de humor (censo – senso).
d) O presidente _____ antecipou a queda do muro de Berlim (ruço – russo).
e) O balão, tremelizindo _____ para o céu estrelado (acendeu – ascendeu).

5. Em "o prefeito **deferiu** o requerimento do contribuinte", o termo destacado poderia perfeitamente ser substituído por:

a) apreciou
b) arquivou
c) despachou favoravelmente
d) invalidou
e) despachou negativamente

6. As ideias liberais saíram **incólumes**, ainda que se pensasse que seriam **dilapidadas**, completamente. Os termos grifados são antônimos, respectivamente de:

a) arrasadas – dilaceradas
b) intactas – arrasadas
c) intactas – dilaceradas
d) depauperadas – prestigiadas
e) n.r.a.

7. Complete as lacunas com a expressão correta (entre parênteses):

"O _____ (cervo – servo) prendia-se nos arbustos, fugindo dos _____ (cartuchos – cartuxos) que pipocavam por toda a _____ (área – aria)."

a) cervo – cartuxos – área
b) servo – cartuchos – aria

c) cervo – cartuchos – área
d) servo – cartuchos – área
e) servo – cartuchos – aria

8. Complete as lacunas, com a expressão necessária, que consta nos parênteses:
É necessário _____ (cegar – segar) os galhos salientes do _____ (bucho – buxo), de modo a que se possa fazer _____ (xá – chá) com as folhas mais novas.
a) segar – buxo – chá
b) segar – bucho – xá
c) cegar – buxo – xá
d) cegar – bucha – chá
e) segar – bucha – xá

9. O _____ (emérito-imérito) causídico _____ (dilatou-delatou) o plano de fuga do meliante, que se encontrava na _____(eminência-iminência) de escapar da prisão:
a) emérito – delatou – iminência
b) imérito – dilatou – eminência
c) emérito – dilatou – iminência
d) imérito – delatou – iminência
e) emérito – dilatou – eminência

10. O _____ (extrato-estrato) da conta bancária é, por si só, insuficiente para cobrir o _____ (cheque-xeque), ainda que haja algum capital _____ (incerto-inserto).
a) extrato – xeque – inserto
b) estrato – cheque – incerto
c) extrato – cheque – inserto
d) estrato – xeque – incerto
e) extrato – xeque – incerto

11. Complete as lacunas usando adequadamente (mas / mais / mal / mau):
"Pedro e João ____ entraram em casa, perceberam que as coisas não iam bem,pois sua irmã caçula escolhera um ____ momento para comunicar aos pais que iria viajar nas férias; _____ seus, dois irmãos deixaram os pais _____ sossegados quando disseram que a jovem iria com os primos e a tia."
a) mau – mal – mais – mas
b) mal – mal – mais – mais
c) mal – mau – mas – mais
d) mal – mau – mas – mas
e) mau – mau – mas – mais

12. Marque a alternativa que completa corretamente as lacunas:
"Estou _____ de que tais _____ deveriam ser _____ a bem da moralidade do serviço público."
a) cônscio – privilégios – extintos
b) côncio – privilégios – estintos

c) cônscio – privilégios – estintos
d) côncio – previlégios – estintos
e) cônscio – previlégios – extintos

13. Observe as orações seguintes:
I. Por que não apontas a vendedora por que foste ludibriado?
II. A secretária não informa por que linha, de ônibus chega-se ao escritório.
III. Por que será que o governo não divulga o porquê da inflação.
Há erro na grafia:
a) na I apenas.
b) em duas apenas.
c) na II apenas.
d) na III apenas.
e) em nenhuma.

14. Complete as lacunas com (estada / estadia /onde / aonde):
"_____ quer que eu me hospede, procuro logo saber o preço da _____, quanto custa a _____de um carro alugado, bem como _____ se possa ir à noite."
a) aonde – estadia – estada – onde
b) onde – estada – estadia – aonde
c) onde – estadia – estada – aonde
d) aonde – estada – estadia – onde
e) onde – estadia – estadia – aonde

15. Leia as frases abaixo:
I. Assisti ao _____ do balé Bolshoi;
II. Daqui _____ pouco vão dizer que _____ vida em Marte.
III. As _____ da câmara são verdadeiros programas de humor.
IV. _____ dias que não falo com Alfredo.
Escolha a alternativa que oferece a sequência correta de vocábulos para as lacunas existentes:
a) concerto – há – a – cessões – há
b) conserto – a – há – sessões – há
c) concerto – a – há – seções – a
d) concerto – a – há – sessões – há
e) conserto – há – a – sessões – a

16. Indique a alternativa que contém a seqüência necessária para completar as lacunas abaixo:
"A _____ de uma guerra nuclear provoca uma grande _____ na humanidade e a deixa _____com relação ao futuro da vida na terra."
a) espectativa – tensão – exitante
b) espectativa – tenção – hesitante
c) expectativa – tensão – hesitante
d) expectativa – tensão – hezitante
e) espectativa – tenção – exitante

17. Complete corretamente as lacunas:

"O _____ de veículos de grande porte, em vias urbanas, provoca _____ no trânsito; forçando a que os motoristas dos carros menores _____, muitas delas, completamente sem _____.

a) tráfico – infrações – inflijam – concerto
b) tráfego – infrações – inflijam – conserto
c) tráfego – inflações – infrinjam – conserto
d) tráfego – infrações – infrações – conserto
e) tráfico – infrações – infrações – concerto

Gabarito: 1. a; 2. a; 3. d; 4. b; 5. c; 6. b; 7. c; 8. a; 9. a; 10. c; 11. c; 12. a; 13. e; 14. b; 15. d; 16. c; 17. d.

Parte II

Morfologia

7 CLASSES GRAMATICAIS

7.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

7.1.1. Artigo

São as palavras **o** e **um**, com suas flexões, que sempre antecedem os substantivos, designando seres determinados ou indeterminados.

Exs.: O homem, um homem, a mulher, as mulheres, uma mulher etc.

O artigo, em português, tem grande importância na indicação do gênero, permitindo, também, distinguir os substantivos homônimos.

Exs.: a mão, o pão, o/a artista, o/a cabeça etc.

7.1.2. Substantivo

É o nome com que designamos os seres em geral (pessoas, animais e coisas) flexionando-se em **gênero** e **número**. O substantivo é classe de palavra que sempre pode ser antecedida de artigo.

7.1.3. Adjetivo

"É a expressão modificadora do substantivo que denota **qualidade**, **condição** ou **estado** de um ***ser***." (Evanildo Bechara)

Veja o exemplo:

"... era feito aquela gente *honesta, boa e comovida*

que caminha para a morte

pensando em vencer na vida."

Aqui, os adjetivos *honesta*, *boa* e *comovida* referem-se ao substantivo *gente*, qualificando-o.

Locução adjetiva: formada, geralmente, de preposição + substantivo com valor de adjetivo.

Observe o exemplo:

"... eu quero que o meu caixão

tenha uma forma bizarra

a forma *de coração*

a forma *de guitarra"*

As expressões *de coração* e *de guitarra*, embora sejam formadas de preposição e substantivo,

têm valor de adjetivo, pois fazem o papel de um adjetivo modificam o substantivo.

Vamos treinar?

Classifique as palavras destacadas em destaque como substantivo ou adjetivo.

1. Recebeu uma vaia **monstro**.

Comentários: Refere-se ao substantivo *vaia*, qualificando-o.

Resposta: Adjetivo.

2. Veio fantasiado de **monstro**.

Comentários: Agora, a palavra monstro nomeia. É *o monstro*.

Resposta: Substantivo.

3. O seu **viver** é um exemplo para todos.

Comentários: O verbo *viver* foi substantivado por meio do artigo definido *o*.

Resposta: Substantivo.

4. O **orgulhoso** não se deu por vencido.

Comentários: *Orgulhoso*, aqui, foi substantivado, está nomeando.

Resposta: Substantivo.

5. Era um homem muito **orgulhoso**.

Comentários: Nesta frase, *orgulhoso* qualifica o substantivo *homem*.

Resposta: Adjetivo.

6. Possuía muita **confiança**.

Comentários: *A confiança* que possuía.

Resposta: Substantivo.

7. Estava antes do jogo pouco **confiante**.

Comentários: Confiante qualifica o sujeito implícito *eu* ou *ele*.

Resposta: Adjetivo.

8. “Não sou propriamente um **autor** defunto,

Comentários: Trata-se de um autor que é defunto.

Resposta: *Autor* é substantivo e *defunto* é adjetivo.

9. ... mas um defunto **autor**." (Machado de Assis)

Comentários: Agora, tem-se um *defunto* que é *autor*.

Resposta: *Defunto* passou a ser substantivo e *autor*, adjetivo.

10. Teve muita **calma**.

Comentários: *A calma* que ele teve. A palavra *calma* nomeia e pode ser antecedida de artigo.

Resposta: Substantivo.

11. Extasiou-se com o **azul** do céu.

Comentários: *Azul*, que é uma cor representada pelo adjetivo, aqui está nomeando. Observe o poder que o artigo tem de substantivar palavras.

Resposta: Substantivo.

12. O bicho **homem** precisa evoluir mais.

Comentários: *Homem* qualifica *bicho*. É o bicho que é homem.

Resposta: Adjetivo.

13. Deu um drible **moleque** no guarda.

Comentários: Trata-se de um *drible* que foi *moleque*. *Moleque* qualifica *drible*.

Resposta: Adjetivo.

Resumindo:
Substantivo é classe que dá nome. É variável. Pode vir sempre antecedida de artigo.
Adjetivo é classe que se refere ao substantivo. É variável, acompanha a flexão do substantivo.

Agora que você sabe diferenciar um substantivo de um adjetivo, vamos conhecer o advérbio.

7.1.4. Advérbio

Palavra invariável que, fundamentalmente, modifica o verbo exprimindo uma circunstância (tempo, lugar, modo etc.). Pode ainda o advérbio modificar o adjetivo ou outro advérbio. Observe os exemplos:

Trabalhamos **muito**.

Aqui, o advérbio modifica um verbo, indicando-lhe ideia de intensidade. É o advérbio de intensidade.

Homem **muito** bom.

Nesse caso, o advérbio também traz valor de intensidade, só que, desta vez, modificando o adjetivo bom.

Fala **muito** bem.

Por fim, um exemplo de advérbio que modifica outro advérbio (*bem*), também com valor de intensidade.

Conclusão: embora na maioria das vezes o advérbio modifique um verbo, ele pode também se referir a um adjetivo ou a um advérbio.

Locução adverbial:

Formada, normalmente, de preposição mais substantivo com valor e emprego de advérbio.

Exemplo:

Ele saiu **às pressas**.

Nesse caso, a expressão às pressas refere-se ao verbo *sair* indicando circunstância de *modo*: é a locução adverbial de modo.

Atenção! Não confunda a locução adjetiva com a locução adverbial. Embora as duas tenham, em geral, a mesma estrutura (substantivo + adjetivo), a primeira se refere a um substantivo e a segunda, a um verbo.

Veja os exemplos a seguir:

A casa *de madeira* foi construída.

A casa foi construída *de madeira*.

A locução *de madeira*, na primeira frase, modifica o substantivo *casa* e, no segundo, a locução verbal *foi construída*. Daí, na primeira frase, ela ser locução adjetiva e na segunda, locução adverbial.

Vamos treinar?

Classifique as expressões em destaque como **adjetivo/locução adjetiva ou advérbio/locução**

adverbial.

1. As mulheres ganharam dos homens **disparado**.

   Comentários: *Disparado* é o modo como as mulheres ganharam. Refere-se ao verbo. Observe a não variação. Se fosse adjetivo, concordaria com o substantivo.

   Resposta: Advérbio.

2. Ele é muito **melhor** que você.

   Comentários: *Melhor* refere-se ao pronome *ele*, qualificando-o. Na dúvida, procure jogar a frase para o plural (*Eles são melhores*). Se for advérbio, a tendência é não ir ao plural.

   Resposta: Adjetivo.

3. Você fala **grosso**, mas na hora de mostrar coragem...

   Comentários: *Grosso* é o modo como se fala. Se a frase fosse ao plural, teríamos: "Vocês falam grosso".

   Resposta: Advérbio.

4. O professor saiu **sério** da sala.

   Comentários: *Sério* é o estado do professor e não o modo de sair. Se a frase fosse ao plural, teríamos "os professores saíram sérios".

   Resposta: Adjetivo.

5. O professor falou **sério**, não falou brincando, não.

   Comentários: Aqui, *sério* é o modo como o professor falou, não o estado do professor. Pluralizando a frase, teríamos: "os professores falaram sério".

   Resposta: A não variação é uma dica de que é advérbio.

6. Os corintianos entravam **duro** nos palmeirenses, que reclamavam.

   Comentários: *Duro* é o modo como os corintianos entravam.

   Resposta: Advérbio.

7. Ela se mostrava como uma mulher **à toa**.

   Comentários: À toa qualifica o substantivo *mulher*.

   Resposta: Locução adjetiva.

8. Trabalhou **à toa** nos últimos anos.

Comentários: À toa refere-se ao verbo *trabalhou*, dando-lhe circunstância de modo.

Resposta: Locução adverbial.

9. As festas **de dezembro** já iniciarão.

Comentários: *De dezembro* refere-se ao substantivo *festas*, caracterizando-o.

Resposta: Locução adjetiva.

10. As festas iniciarão **em dezembro**.

Comentários: *Em dezembro* refere-se ao verbo *iniciarão*, indicando circunstância de tempo.

Resposta: Locução adverbial.

11. Nosso tio vagava pelas ruas **com fome.**

Comentários: Cuidado! *Com fome* não é modo, jeito, forma de uma pessoa andar pelas ruas. É o estado do tio. Equivale ao adjetivo *faminto*.

Resposta: Locução adjetiva.

Resumindo:
Adjetivo é classe que se refere a substantivo. Qualifica, caracteriza. É classe variável.
Advérbio é classe que modifica verbo, adjetivo ou outro advérbio. Indica circunstância (tempo, lugar, intensidade...). É invariável.
Na dúvida, tente flexionar a palavra, mandá-la ao plural ou ao feminino. Se for advérbio, não variará. Só não proceda assim para diferenciar as locuções adjetivas das adverbiais. A tendência é a de as locuções, de um modo geral, não variarem.

7.1.5. Plural dos nomes compostos

7.1.5.1. Plural dos substantivos compostos

subst. + subst. subst. + adj. adj. + subst.	☐ ☐ ☐	variáveis		prefixo	☐ ☐ ☐	invariáveis

Exs.: cirurgiões-dentistas, guardas-civis, altos-relevos, segundas-feiras, contra-ataques, vice-diretores, alto-falantes, abaixo-assinados.

Obs.:

1. O verbo, aqui, não recebe **s**: guarda-roupas, guarda-chuvas, beija-flores, arranha-céus, os leva-e-traz.

2. Varia o primeiro elemento: se houver preposição, clara ou oculta, ou se o segundo elemento exprimir fim, semelhança, qualidade: pés-de-meia, cavalos-vapor, saias-balão, bananas--maçã...
3. Varia o último elemento: com as formas reduzidas **grão**, **grã**, **bel**; palavras repetidas; nos compostos de três ou mais elementos, não sendo o segundo uma preposição: grão-duques, grã-cruzes, bel-prazeres, reco-recos, tique-taques, bem-te-vis...

Obs.: corre-corres ou corres-corres (verbos repetidos: varia o último ou os dois vão ao plural).

7.1.5.2. Plural dos adjetivos compostos

1. Somente o último se flexiona quando formado de adjetivo + adjetivo ou palavra invariável + adjetivo: amizades luso-brasileiras, unidades médico-veterinárias, parcerias público-privadas, crianças recém-nascidas.
2. Não variam os compostos formados de cor + substantivo: camisas verde-garrafa, vestidos vermelho-sangue, faixas amarelo-ouro.

Obs.:

1. azul-marinho e azul-celeste: são invariáveis
2. surdo-mudo: variam os dois
3. tecidos palha, sapatos cinza, blusas abóbora, esmaltes gelo: cor, representada por substantivo, não varia.

7.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

1. Dê o plural dos substantivos compostos.

criado-mudo:	coautor:	arranha-céu:
escola-modelo:	lança-perfume:	primeira-dama:
guarda-noturno:	amor-perfeito:	contra-ataque:
pão de ló:	obra-prima:	abaixo-assinado:
mal-estar:	grão-mestre:	leva e traz:
pisca-pisca:	tico-tico:	papel-moeda:
segunda-feira:	couve-flor:	vice-diretor:

salvo-conduto:	mula sem cabeça:	batata-doce:
salário-família:	samba-enredo:	caminhão-tanque:
banana-prata:	porta-luvas:	homem-rã:
saca-rolha:	manga-rosa:	salário-mínimo:
guarda-comida:	peixe-espada:	mestre-sala:
quebra-cabeça:	puro-sangue:	porta-bandeira
sempre-viva:	lugar-comum:	

2. Dê o plural dos adjetivos compostos.

grupo hispano-argentino:

disputa sino-soviética:

obra lítero-musical:

remédio anglo-francês:

autoridade administrativo-tributária:

informação econômico-financeira:

menino surdo-mudo:

menina surda-muda:

olho azul-claro:

terno cinza-chumbo:

céu azul-topázio:

blusa amarelo-ouro:

blusa amarelo-dourada:

livro ibero-americano:

poema herói-cômico:

acordo luso-franco-brasileiro:

gravata verde-oliva:

camisa azul-piscina:

Gabarito 1: criados-mudos; escolas-modelo; guardas-noturnos; pães-de-ló; mal-estares; pisca-piscas ou piscas-piscas; segundas-feiras; salvo-condutos ou salvos-condutos; salários-família;

bananas-prata; saca-rolhas; guarda-comidas; quebra-cabeças; sempre-vivas; coautores; lança-perfumes; amores-perfeitos; obras-primas; grão-mestres; tico-ticos; couves-flores; mulas-sem-cabeça; sambas-enredo; porta-luvas; mangas-rosa; peixes-espada; puros-sangues; lugares-comuns; arranha-céus; primeiras-damas; contra-ataques; abaixo-assinados; os leva-e-traz; papéis-moeda; vice-diretores; batatas-doces; caminhões-tanque; homens--rã; salários-mínimos; mestres-sala; porta-bandeiras.

Gabarito 2: grupos hispano-argentinos; disputas sino-soviéticas; obras lítero-musicais; remédios anglo-franceses; autoridades administrativo-tributárias; informações econômico-financeiras; meninos surdos-mudos; meninas surdas-mudas; olhos azul-claros; ternos cinza-chumbo; céus azul-topázio; blusas amarelo-ouro; blusas amarelo-douradas; livros ibero-americanos; poemas heróicômicos; acordos luso-franco-brasileiros; gravatas verde-oliva; camisas azul-piscina.

7.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Agora, treinando com questões de concursos.

1. (Sen. Federal / Anal. Leg.) Assinale a alternativa em que a palavra indicada se classifica como advérbio.

a) ... funcionam de maneira mais <u>livre</u>...

b) ... lançar o mundo numa <u>profunda</u> recessão.

c) ... na promoção de uma <u>melhor</u> operação...

d) ... essas frases devem nos deixar <u>algo</u> perplexos.

e) ... <u>após</u> algumas décadas...

Comentários:

Na letra A, *livre* se refere a *maneira* (substantivo). É adjetivo (classe modificadora de substantivo que denota *qualidade*, *condição*, *estado*, *característica*), o que também ocorre nas alternativas B e C (*profunda* e *melhor* modificam os substantivos *recessão* e *operação*, respectivamente). Na D, *algo* se refere a *perplexos* (adjetivo). Se modifica adjetivo é *advérbio* (no caso, de intensidade).

Na E, *após* é preposição.

Resposta: D.

2. (Sen. Fed. / Técn. Leg.) Assinale a alternativa em que se encontre um advérbio.

a) Os <u>terríveis</u> efeitos...

b) E, a <u>partir</u> de 1934,...

c) Menos de 18% do empréstimo foi amortizado...

d) ... declarando possuir não mais 7, mas 12 apólices...

e) ... os mercados desabaram no mundo inteiro.

Comentários:

Na letra A, *terríveis* se refere a efeitos (substantivo), com valor de adjetivo. Na B, *partir* é verbo. Na C, *menos* modifica a expressão que indica a porcentagem (numeral substantivo), com valor de indefinição (pronome indefinido).

Já na opção D, a palavra *mais* se refere ao verbo *possuir*, é advérbio com ideia de tempo.

Na E, *inteiro* modifica *mundo* (substantivo), é adjetivo.

Resposta: D.

3. (Min. Educ.) "Trata-se da construção de uma alternativa à lógica dominante, ao ajustamento de todas as sociedades..."

No trecho acima há:

a) Quatro adjetivos.

b) Três adjetivos.

c) Dois adjetivos.

d) Um adjetivo.

e) Nenhum adjetivo.

Comentários:

Nesta questão, as opções mostram a quantidade de *adjetivos*, e não de palavra com *valor* de adjetivo, que é diferente, como iremos ver a seguir.

Neste trecho, só a palavra *dominante* aparece como adjetivo, modificando o substantivo *lógica*. Vocábulos como *construção*, *alternativa*, *lógica*, *ajustamento* e *sociedades* são substantivos.

Resposta: D.

4. (Sen. Fed. / Técn. Leg.)"... existe a percepção de que algo tem que ser feito a mais para de fato levar a saúde a toda a população."

A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:

I. Em *levar a saúde a toda a população*, há uma preposição e dois artigos.

II. Em*levar a saúde a toda a população*, a última ocorrência da palavra **a** poderia ser suprimida sem provocar grave alteração de sentido.

III. Em<u>levar a saúde a toda a população</u>, a primeira ocorrência da palavra **a** poderia ser suprimida sem provocar grave alteração de sentido.

Assinale:

a) Se somente os itens II e III estiverem corretos.

b) Se todos os itens estiverem corretos.

c) Se nenhum item estiver correto.

d) Se somente os itens I e II estiverem corretos.

e) Se somente os itens I e III estiverem corretos.

Comentários:

No item I, *levar* é verbo transitivo direto e indireto. A expressão *a saúde* é objeto direto, logo esse *a* é artigo e *a toda a população* é objeto indireto, sendo o primeiro *a* preposição (levar saúde *a*...) e o segundo, artigo de *população*. Correto.

No item II, temos a expressão *toda a*, que é diferente de *toda*. A primeira tem valor de *inteira*, *completa*. A segunda, valor de indefinição: *qualquer*, *cada*. Observem que há alteração de sentido.

No item III, a ausência do artigo não provoca "grave alteração de sentido", pois em*levar saúde* o u *levar a saúde* o *objetivo* continua o mesmo, independentemente da definição ou da indeterminação.

Resposta: E.

5. (Pol. Fed. / Anal. Leg.) "Atinge toda a região e a si mesmo, pois o Equador é credor no âmbito do CCR, e a efetiva realização da ameaça de não honrar compromisso assumido o impedirá de receber aquilo que lhe é devido."

No trecho acima há:

a) Sete artigos.

b) Seis artigos.

c) Cinco artigos.

d) Quatro artigos.

e) Três artigos.

Comentários:

Artigo são as palavras *o(s)*, *a(s)*, *um*, *uma*, *uns*, *umas* que antecedem os **substantivos**. Então, vamos lá!

O primeiro artigo aparece antes do substantivo *região*, o segundo, antes de *Equador*. Lembre que, nas contrações *no*, *na*, *do*, *da* etc., aparece *artigo* contraído à preposição.

Logo, em "... n*o* âmbito d*o* CCR..." os termos destacados são *artigo* dos substantivos que se seguem. Em "... *a* efetiva realização...", aquele *a* é artigo de *realização*. Na sequência, mais uma contração (*da*), prep. *de* + art. def. fem. *a*. Teríamos, assim, *seis artigos*.

Resposta: B.

6. (Inspetor Pol. Civil) "Ora, as mazelas da imigração só podem ser resolvidas com a integração dos estrangeiros às sociedades, associada a uma enfática cooperação internacional, a fim de extrair da miséria e da desesperança a larga franja demográfica em que nascerá o futuro ser humano a expulsar."

No trecho acima, há:

a) 9 artigos definidos e 4 ocorrências da preposição a.

b) 8 artigos definidos e 4 ocorrências da preposição a.

c) 7 artigos definidos e 3 ocorrências da preposição a.

d) 9 artigos definidos e 3 ocorrências da preposição a.

e) 8 artigos definidos e 2 ocorrências da preposição a.

Comentários:

Agora, além de identificar os artigos no texto, repare que as opções só falam de artigo *definido*, pede-se também a quantidade de preposições (que aparecem por exigência de um *nome* – regência nominal – ou de um *verbo* – regência verbal).

Assim sendo, os *artigos* seriam, pela ordem de aparecimento:

1º ... *as* mazelas

2º ... d*a* imigração

3º ... *a* integração

4º ... d*os* estrangeiros

5º ... às sociedades (prep. *a* + art. *as*)

6º ... d*a* miséria

7º ... d*a* desesperança

8º ... *a* larga franja

9º ... *o* futuro

As preposições seriam:

1ª ... integração (que pede preposição *a*) ... às sociedades...

2ª ... associada (que pede preposição *a*) *a* uma enfática...

3ª ... *a* fim de (*fim* é palavra masculina, logo esse *a* só pode ser prep.)

4ª ... *a* expulsar (verbo, o *a*, com certeza, não é artigo)

Resposta: A.

7. (Inspetor Pol. Civil) "Somando-se essa possibilidade à fresca barbárie do governo republicano dos EUA, o mundo desenvolvido desgasta aguda e paulatinamente sua autoridade moral para cobrar valores humanistas de outros governos."

A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:

I. O pronome *essa* tem valor anafórico.

II. A palavra aguda classifica-se como advérbio.

III. Há, no trecho, oito substantivos.

Assinale:

a) Se todos os itens estiverem corretos.

b) Se somente os itens I e III estiverem corretos.

c) Se nenhum item estiver correto.

d) Se somente os itens II e III estiverem corretos.

e) Se somente os itens I e II estiverem corretos.

Comentários:

No item I, o pronome *essa*, independentemente de aparecer o texto ou não, remete à *possibilidade*

que *já apareceu*. Quando o pronome remete o leitor a alguma informação que veio *antes*, tem valor *anafórico*. No item II, *aguda* se refere ao verbo (*desgosta*), é advérbio. Repare que o conectivo *e* adiciona termos de mesma função. No caso de esse conectivo adicionar dois advérbios terminados em *mente*, pede-se usar essa terminação apenas após o último deles (para não termos agudamente e paulatinamente).

No item III, os *substantivos* seriam:

1. possibilidade 5. mundo

2. barbárie 6. autoridade

3. governo 7. valores

4. EUA 8. governo

Resposta: A.

8. (Sen. Fed. / Anal. Leg.) Assinale a alternativa em que o termo indicado **não** tenha valor adjetivo.

a) ... Poder Legislativo, cujas competências foram <u>ampliadas</u>.

b) ... configura <u>alguns</u> desafios.

c) ... a existência de <u>muitos</u> dispositivos.

d) <u>Esse</u> pacto...

e) ... resolvidos na <u>atual</u> Constituição...

Comentários:

Atente, nesta questão, ao enunciado: termo que não tenha **valor** adjetivo. Com essa palavra, além do próprio *adjetivo*, o *numeral*, o *pronome*, quando vêm junto ao substantivo, têm *valor* adjetivo.

Agora, sim, vamos às questões, já que o mesmo enunciado se repete nas questões seguintes.

Na letra A, *ampliadas* **não** tem valor adjetivo, pois pertence a uma estrutura de *voz passiva analítica* (verbo *ser* + *particípio*). Logo, nessa frase, *ampliada* é verbo no *particípio*. Em B, *alguns* é pronome indefinido que se refere a substantivo, pronome adjetivo – *valor* adjetivo, pois. Na C e na D, *muitos* – pronome indefinido – e *esse* – pronome demonstrativo se referem, respectivamente, a *dispositivos*, *pacto*. Na E, *atual* é adjetivo de *Constituição*.

Resposta: A.

9. (TRT / Anal. Jud.) Assinale a alternativa em que o termo indicado não tenha valor adjetivo.

a) ... dividido em dois sistemas.

b) ... o custo de todo o petróleo.

c) ... o muro foi erguido pelos holandeses e derrubado pelos ingleses.

d) ... sistemas capitalista e socialista.

e) Se a queda ... trouxe mais liberdade.

Comentários:

Na opção A, o numeral *dois* se refere a *sistemas* (substantivo), numeral adjetivo. Na B, o pronome indefinido *todo* vem junto ao substantivo *petróleo*. Na letra C, a tal da *estrutura de voz passiva analítica* (ser + particípio): "... o muro *foi erguido* pelos holandeses e (*foi*) *derrubado* pelos ingleses". Verbo no particípio. Na D, *socialista,* assim como *capitalista* são adjetivos de *sistemas*. Na E, *mais* é pronome indefinido adjetivo, pois aparece junto ao substantivo *liberdade*.

Resposta: C.

10. (Inspetor Pol. Civil) Assinale a alternativa em que o termo, na canção de Chico Buarque, não exerça papel adjetivo.

a) Aliso teus seios...

b) Aeromoça nervosa pede calma.

c) Aeromoça nervosa pede calma.

d) ... avisto alguma salvação.

e) Qual esquina dobrei...

Comentários:

Já sabemos que este enunciado é abrangente, pois *papel* adjetivo pode ser representado por pronome, numeral e o próprio adjetivo. Na letra A, o pronome *teus* se refere ao substantivo *seios*, exerce papel adjetivo. Na B, a palavra *calma* é substantivo, não qualifica nem caracteriza nenhum substantivo, na C, *nervosa* acrescenta ao substantivo *aeromoça* um estado, adjetivo, portanto. Na opção D, *alguma* é pronome indefinido que se refere a *salvação*. Na E, o pronome *qual* modifica o substantivo *esquina*.

Resposta: B.

11. (Sen. Fed. / Anal. Leg.) Assinale a alternativa em que o termo indicado *não* tenha valor adjetivo.

a) O voto deixa claro que o respeito ao voto e à Constituição...

b) ... não faz mais sentido opor...

c) ... entre as diversas etnias...

d) ... direito inalienável dos índios.

e) Dois pontos merecem...

Comentários:

Na letra A, a palavra *claro*, embora esteja ao lado do verbo *deixa* (e, por esse motivo, possa parecer um advérbio), refere-se à oração que vem logo a seguir, iniciada pela conjunção integrante *que*. Trata-se de uma oração substantiva. Sendo assim, na ordem direta, teríamos a seguinte estrutura: "O voto deixa *isto* claro". É por isso que *claro* é adjetivo, e não advérbio.

Já na letra B, a palavra *mais*, embora anteceda o substantivo *sentido*, está ligada ao verbo *fazer*, indicando circunstância de tempo. É como se disséssemos *não faz sentido agora*, *antes fazia, agora não mais*. Trata-se, portanto, de advérbio de tempo.

Na letra C, *diversas* é adjetivo de *etnias*.

Na letra D, o substantivo *direito* tem duas adjetivações: *inalienável* (adjetivo) e *dos índios* (locução adjetiva).

E na letra E temos um numeral adjetivo, junto ao substantivo *pontos*.

Resposta: B.

12. (Pol. Civil / Perito Crim.) Assinale a alternativa em que a palavra indicada *não* tenha valor adjetivo.

a) ... criaram condições para essa consolidação.

b) ... essa era a primeira coisa...

c) ... o código tem de ser preservado e respeitado para que a disputa...

d) ... deixar de ser um texto abstrato e distante.

e) ... escrever com bico de pena...

Comentários:

Na letra A, temos um pronome demonstrativo em função adjetiva, por acompanhar o substantivo *consolidação*.

Na letra B, observa-se um numeral ordinal também em função adjetiva, que se refere ao substantivo *coisa*.

No entanto, o que se vê na letra C é um verbo no particípio que é verbo principal de uma locução verbal. Uma dica, aqui, seria que você observasse os verbos auxiliares que os antecedem: *tem de ser*. E, toda vez que o particípio fizer parte de uma locução verbal, será verbo, e não adjetivo. É claro que se disséssemos *código respeitado* é o ideal, por exemplo, o vocábulo *respeitado* seria adjetivo, e não verbo. Mas não foi o caso.

Na letra D, temos um adjetivo *distante*.

E, na letra E, uma locução adjetiva, que vem se referindo ao substantivo antecedente *bico*.

Resposta: C.

13. (Pol. Civil / Perito Crim.) Assinale a alternativa em que, no texto, o termo não tenha valor adjetivo.

a) Com <u>alguma</u> frequência...

b) <u>Seus</u> governantes.

c) <u>Tal</u> tipo de dívida...

d) Tal tipo de dívida foi <u>contraída</u>...

e) Empresa de capital <u>nacional</u>...

Comentários:

Na letra A, temos um pronome indefinido com função adjetiva, por acompanhar o substantivo *frequência*.

Na letra B, o pronome possessivo *seus* também está em função adjetiva, junto ao substantivo *governantes*.

Na letra C, o que se vê é um pronome demonstrativo, que se refere ao substantivo *tipo*, estando, portanto, em função adjetiva.

Já, na letra D, o particípio *contraída*, por fazer parte de uma locução verbal (observe só o auxiliar que o antecede: *foi*), é verbo, e não adjetivo.

E, na letra E, *nacional* é adjetivo de *capital*.

Resposta: D.

7.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (Ofic. Just.) O item abaixo em que NÃO ocorre qualquer forma de intensificação é:

a) ... pois os homens são geralmente incapazes de utilizar perfeitamente mais que uma língua...
b) Sentimos que aqueles que mais nos conhecem...
c) ... são também capazes de ignorar o que de melhor trazemos conosco.
d) ... não podemos compreender integralmente quem está muito próximo de nós.
e) ... o novo ou o desconhecido parece, pelo menos durante algum tempo, mais belo e atraente do que o velho...

2. (Magistério) "Todos estamos nos tornando, hoje, mais desconfiados..."; o item em que o vocábulo **mais** expressa ideia diferente da de "aumento" ou "intensidade" é:

a) Hoje estamos mais céticos que antes.
b) Não queremos mais saber de negativismos.
c) Treinou e ganhou mais esperança de jogar.
d) Eu me sinto mais ou menos.
e) A controvérsia entre filósofos é mais acirrada.

3. (Magistério) O item abaixo que apresenta uma característica dos adjetivos e não dos substantivos é:

a) designação dos seres.
b) papel sintático de atributo.
c) função de núcleo de sujeito.
d) invariabilidade mórfica.
e) variabilidade em gênero e número.

4. (Magistério) Todos os substantivos indicados nas frases a seguir encontram-se adjetivados; o item cujo tipo de adjetivação está indicado de forma correta é:

a) Casa de ferreiro, espeto de pau. – locução adjetiva.
b) Relógio que atrasa não adianta. – termo comparativo.
c) Para bom entendedor, meia palavra basta. – oração adjetiva.
d) Em tempos de crise, urubu vira frango. – adjetivo qualificativo.
e) Em casa sem dinheiro, a felicidade desaparece. – sufixação.

5. (Aux. Necropsia / NCE-UFRJ) Há um **erro** na construção do seguinte segmento do texto abaixo:

a) "as milhares de crianças que trabalham revirando lixo nos lixões".
b) "Os brasileiros produzem todos os dias mais de 125.000 toneladas de lixo".
c) "Recente documento, elaborado pelo IBGE".
d) "e apenas poucos municípios fazem coleta seletiva de lixo".
e) "O destino inadequado de todo esse lixo e esgoto".

6. "O Bolsa Família" tem uma forma estranha, pois o artigo é masculino e o substantivo é feminino,

o que se explica pela omissão do termo "programa". O mesmo ocorre em:
a) o (time do) Vasco.
b) o (navio a) vapor.
c) o (funcionário da) caixa.
d) o (relógio) despertador.
e) o (teatro) Municipal.

7. (Aux. Oper. / Docas-SP) "*Santos **poema**, jardins pela praia...*"

Santos Poema é o hino de Santos. Em relação à palavra poema, no primeiro verso do hino, é correto afirmar que é, gramaticalmente:
a) um substantivo, que funciona no texto como adjetivo.
b) um adjetivo, que funciona no texto como substantivo.
c) um substantivo, que se mantém com esse papel no texto.
d) um adjetivo, que se mantém com esse papel no texto.
e) um substantivo que deveria vir no plural para concordar com Santos.

8. (Assist. Técn. Adm. / Docas-BA)*Além de uma **melhor** infraestrutura para o turista, a reforma garante também **mais** leitos durante a Copa do Mundo da FIFA Brasil 2014.*

As palavras *melhor* e *mais*, no trecho acima, classificam-se, respectivamente, como:
a) advérbio e advérbio.
b) adjetivo e advérbio.
c) adjetivo e pronome.
d) advérbio e pronome.
e) advérbio e adjetivo.

9. (Fiscal / ICMS) Assinale a alternativa em que o termo indicado seja classificado como advérbio.
a) "... dispõe de mais recursos..."
b) "... sem nenhum sentimento..."
c) "... ao menos conforme admite o senso comum..."
d) "Nada diferente do que ocorre em relação à acepção da ética..."
e) "... auferir vantagens em relação aos demais contribuintes..."

10. (Fiscal / ICMS) Assinale a palavra que, no texto, **não** tenha valor adverbial.
a) "... ganhem cada vez mais espaço..."
b) "... de forma bastante tímida..."
c) "...serem responsabilizados penal e criminalmente..."
d) "...ganham importância não só das empresas..."
e) "... pretendem implementar, o quanto antes, práticas..."

11. (Aux. Oper. / Docas-SP) Assinale a palavra que, no hino, **não** tenha valor adjetivo.
a) "O verde reduto".
b) "As tuas belezas".
c) "Santos, cuidado, menina".
d) "... varandas alegres suspensas no arvoredo".

e) “nos velhos canais...”.

12. (Guarda Port. / Docas-BA) Assinale a palavra que **não** tenha, no texto, valor adjetivo.

a) dividido (“O plano é dividido entre os módulos básico e avançado...”).
b) primeiro (“No primeiro módulo...”).
c) essa (“liberação da parte de armas para essa categoria profissional...”).
d) básico (“... entre os módulos básico e avançado...”).
e) horária (“... com carga horária total de 76 horas.”).

13. (Téc. Judic. / PA) Assinale a palavra que, no texto, **não** tenha valor adjetivo.

a) melhor (“Aliás, o melhor para a democracia...”.).
b) muitas (“... as máquinas partidárias muitas vezes se tornam...”).
c) extraordinária (“... aumentar de forma tão extraordinária...”).
d) minhas (“... minhas propostas...”.).
e) nove (“... foi aprovado a nove dias do fim do ano...”).

14. Assinale a palavra que, no texto, **não** tenha valor adjetivo.

a) Nossos (“Nossos pais conduziste...”).
b) avançada (“És, Senhor, sentinela avançada...”).
c) cem (“... que, há cem anos...”).
d) nos (“Aos teus pés que nos deste...”).
e) imortal (“És a guarda imortal...”).

15. (Guarda Port. / BA) *Esses raios infravermelhos acabam absorvidos pelos gases liberados principalmente pelos combustíveis fósseis (metano, gás carbônico, óxido nitroso e outros), que deixaram de ser removidos da atmosfera por causa do desmatamento e da produção excessiva.*

No período acima, foi feita a concordância nominal correta com a palavra infravermelho. Assinale a alternativa em que **não** se tenha obedecido às regras de concordância nominal.

a) Buscou proteção contra raios ultravioleta.
b) Compraremos camisas cinza.
c) Usaremos nossos uniformes azul-claros.
d) Gostamos de carros vermelhos-sangue.
e) Não sabemos onde foram parar as folhas rosa.

16. (Taq. / Assemb. Leg.) “com o passar dos anos”; nesse segmento do texto, o verbo *passar* está substantivado (derivação imprópria); a frase abaixo em que aparece um outro vocábulo substantivado é:

a) “VEJA traz uma reportagem sobre um aspecto fascinante do capitalismo americano”.
b) “o segundo homem mais rico do mundo”.
c) “mais pessoas doam a projetos sociais do que votam em eleições”.
d) “Calcula-se que 89% dos americanos façam algum tipo de contribuição”.
e) “restrições legais quase intransponíveis dificultam a doação individual”.

17. (Arquivo Nac. / Ag. Adm.) Em todos os advérbios terminados em –mente, retirados do texto, vê-se claramente a sua formação a partir da forma feminina do adjetivo, **exceto** em:

a) predominantemente
b) basicamente
c) negativamente
d) diariamente
e) humanamente

18. (Pol. Federal / Agente) As gramáticas normativas de língua portuguesa ensinam que alguns advérbios de modo são resultantes da junção da forma feminina do adjetivo com o sufixo -mente. O advérbio derivado de adjetivos do texto em que isso se pode constatar claramente é:

a) nacionalmente
b) fascinantemente
c) religiosamente
d) internacionalmente
e) ineficazmente

19. (MPE) "...por que passam milhões de crianças brasileiras..."; observe as formas abaixo:

I. as milhões de crianças brasileiras;
II. os milhões de crianças brasileiras;
III. as milhares de crianças brasileiras;
IV. os milhares de crianças brasileiras.

As formas corretas são somente:

a) I – II
b) I – III
c) II – IV
d) III – IV
e) I – II – III – IV

20. (Eletronuclear-NCE) *"algo vai **mal** no organismo"*; a frase abaixo em que houve a troca indevida entre mal/mau é:

a) Todo mal do organismo deve ser combatido.
b) Um mal hábito pode provocar doenças.
c) A febre não é um mal em si.
d) Foi para o hospital, mal a febre começou.
e) O sistema do organismo combate qualquer mal que nele se instale.

21. (Ager-NCE) "OS JOVENS ainda estão em fase de crescimento..."; "Ser contra esse projeto nã é ser contra os JOVENS"; "...quando um JOVEM morre ou fica inválido"; "...em relação ao trânsit e aos JOVENS brasileiros". Pode-se dizer sobre o emprego do vocábulo em destaque que:

a) alguns são substantivos e outros são adjetivos.
b) todos são adjetivos.
c) todos são substantivos adjetivados.
d) todos são adjetivos substantivados.
e) representam diferentes classes gramaticais.

22. (Ager-NCE) Em "a boa parte dos jovens", a palavra "jovens" mudou de classe gramatical (de

adjetivo para substantivo); o item em que ocorre o mesmo com a palavra sublinhada é:
a) “um dos tantos indicadores da chegada da velhice”.
b) “a morte dos ídolos”.
c) “a formação de nosso caráter”.
d) “telefone celular”.
e) “o significado de palavras”.

23. (Ofic. Just.) Entre os itens abaixo, aquele que apresenta uma composição estrutural de substantivos e adjetivos diferente dos demais é:
a) “carga tributária extorsiva e crescente”.
b) “uma burocracia sufocante e cada vez maior”.
c) “ação humana objetiva e subjetiva”.
d) “Legislativo desacreditado e alheio aos males”.
e) “antigos desejos e aspirações”.

24. (TJ / Técn. Jud.) A alternativa abaixo em que ocorre a presença de um só adjetivo que se refere a um só substantivo é:
a) “hierarquias, estruturas nem códigos canônicos”.
b) “lutas sociais e políticas”.
c) “disciplina mental e espiritual”.
d) “diferentes tradições religiosas”.
e) “vaidades e ambições desmedidas”.

25. (Cepel / NCE) A palavra abaixo que **não** admite a mesma forma de plural de guarda-livros é:
a) guarda-pó.
b) guarda-sol.
c) guarda-noturno.
d) guarda-chuva.
e) guarda-comida.

26. (INPI) O plural correto de *porta-voz* é:
a) os porta-voz.
b) porta-vozes.
c) portas-vozes.
d) portam-vozes.
e) portas-voz.

27. (Eletronuclear / PNC) *Norte-americano* e *matéria-prima*, fazem corretamente como plural:
a) norte-americanos / matéria-primas
b) norte-americanos / matérias-primas
c) nortes-americanos / matérias-primas
d) nortes-americanos / matérias-prima
e) nortes-americanos / matéria-primas

28. (Sefaz-NCE) Numa seção de jornal cujo assunto é a saúde, um leitor escreve: “Não sofro mais.

Considero-me uma pessoa normal. Esqueci do passado, quero viver o presente. Agora, minha alimentação é totalmente saudável. Não tomo mais bebidas alcoólicas e evito comer doces". O comentário correto sobre os componentes desse texto é:

a) o advérbio "mais" reforça a ideia do advérbio "não"
b) os adjetivos "normal", "saudável" e "alcoólicas" têm valor subjetivo
c) "passado" e "presente" são substantivos funcionando como adjetivos
d) o adjetivo "saudável" está explicado no texto
e) as duas ocorrências do advérbio "mais" têm valor semântico distinto

29. (Taq. / Assemb. Leg.). A alternativa em que a palavra MAIS tem valor distinto do das demais frases é:

a) "o segundo homem mais rico do mundo"
b) "em sua forma mais avançada"
c) "mais pessoas doam a projetos sociais"
d) "o coração dos brasileiros seriam bem mais generoso"
e) "o cérebro dos governantes fosse mais ventilado"

30. (MPE / Técn. Sup.) "Dos três irmãos, dois fazem parte de um grupo cada vez mais comum na família brasileira contemporânea".

Assinale a única opção em que a palavra "mais" está empregada com o mesmo valor gramatical da frase acima:

a) Eu espero por você o tempo que for, nós vamos estar juntos mais uma vez.
b) Não tenho mais dinheiro, atraso o aluguel, não compro alimento.
c) Estou tão cansado, mas não pra dizer que não acredito mais em você.
d) Espero que aquela jura não tenha ido para mais ninguém.
e) E quando o inverno tristonho chegar mais amor eu vou ter pra lhe dar.

31. (Docas Sant.) As ocorrências da palavra *futuro* no texto são três: "... ocupação constante com algo futuro."; "...significa realizar um futuro?"; "...senão em função do futuro."; sobre essas ocorrências pode-se dizer que:

a) todas pertencem à mesma classe gramatical.
b) cada uma delas possui classe gramatical diferente das demais.
c) só a primeira é adjetivo.
d) só a última é substantivo.
e) a segunda e a terceira são adjetivos.

32. (MPE / Técn. Sup.)"Os jovens tiveram acesso ao crédito fácil demais nos últimos dois anos." Sobre o trecho transcrito, é correto afirmar que o sintagma "fácil demais":

a) se relaciona com o substantivo "crédito", mas gera ambiguidade por também poder se relacionar com o substantivo "acesso".
b) se relaciona com o substantivo "acesso", mas seu posicionamento gera ambiguidade por também poder se relacionar com o substantivo "crédito".
c) se relaciona com o substantivo "crédito", mas seu posicionamento gera polissemia por também poder se relacionar com o substantivo "acesso".

d) se relaciona com o substantivo “acesso”, mas seu posicionamento gera polissemia por também poder se relacionar com o substantivo “crédito”.
e) se relaciona igualmente com os substantivos “crédito” e “acesso”, sem que seu posicionamento gere ambiguidade ou polissemia.

33. (MPE) Entre os segmentos abaixo, aqueles cujos adjetivos mostram uma opinião de quem fala são:

I. a triste situação;
II. milhões de crianças brasileiras;
III. futuro incerto e infeliz;
IV. grave problema social.

a) I – III – IV
b) I – III
c) I – IV
d) III – IV
e) II – III

34. (Taq. / Assemb. Leg.) “Essa nova fase da filantropia americana”; nesse segmento do texto, a posição do adjetivo *nova* é importante para a construção do sentido, já que, se posposto, o adjetivo ganharia um novo sentido. A alternativa abaixo que mostra um termo que modifica seu sentido conforme sua posição em relação ao termo determinado é:

a) recentes doações
b) bondosas pessoas
c) eficazes medidas
d) pobres habitantes
e) abnegados milionários

35. (TRT / Anal. Jud.) Os adjetivos são palavras que, entre outras funções, indicam uma opinião do enunciador do texto sobre o substantivo adjetivado; o adjetivo abaixo que está nesse caso é:

a) aspecto fascinante
b) capitalismo americano
c) filantropia bilionária
d) potência filantrópica
e) proporções inéditas

36. (Eletrobrás) Em todos os itens abaixo há uma junção de um substantivo com um adjetivo; o par em que o adjetivo **não** representa uma opinião do autor do texto é:

a) atitude sensata
b) teste definitivo
c) absurdo medo
d) mundo moderno
e) gravador estranho

37. (Finep / Técn.) Na junção de *golpistas venezuelanos*, caso haja troca de posição de termos – *venezuelanos golpistas*:

a) mantém-se o sentido original.
b) mantêm-se as classes de palavras originais.
c) só no primeiro caso *venezuelanos* indica nacionalidade.
d) só no segundo caso *venezuelano* indica nacionalidade.
e) ocorre mudança de sentido.

Gabarito: 1. a; 2. b; 3. b; 4. a; 5. a; 6. c; 7. a; 8. c; 9. d; 10. a; 11. c; 12. a; 13. a; 14. d; 15. d; 16. d; 17. a; 18. c; 19. c; 20. b; 21. d; 22. a; 23. e; 24. a; 25. c; 26. b; 27. b; 28. d; 29. c; 30. c; 31. c; 32. b; 33. a; 34. d; 35. a; 36. d; 37. e.

Artigo, substantivo, adjetivo e advérbio... A diferenciação entre essas classes é assunto que vem sendo explorado muito nas provas. Vamos sistematizar?

7.5. RESUMO

- Artigo é classe que se refere sempre a substantivo.
- Substantivo nomeia. Sempre pode vir antecedido de artigo.
- Adjetivo sempre se refere a substantivo. É classe variável.
- Advérbio é classe que modifica verbo, adjetivo ou outro advérbio. É invariável.

8 FLEXÃO VERBAL

A seguir, um quadro de todos os tempos verbais existentes e a 1ª pessoa do singular de cada um deles. O quadro é bom por dois motivos: toda vez que você não souber como começa cada tempo verbal, você recorrerá a ele. Além disso, ajuda você a entender os tempos verbais. É uma boa sistematização.

Verbos de 1ª conjugação – vogal temática **a** (amar, cantar);

Verbos de 2ª conjugação – vogal temática **e** (beber, vender);

Verbos de 3ª conjugação – vogal temática **i** (partir, digerir).

(Não existe 4ª conjugação. Por exemplo, *pôr* é um verbo de 2ª conjugação.)

I – Indicativo		presente – eu falo...		
		pretérito		imperfeito – eu falava... perfeito – eu falei... mais-que-perfeito – eu falara...
		futuro		do presente – eu falarei... do pretérito – eu falaria...

II – Subjuntivo		presente – que eu fale... pretérito imperfeito – se eu falasse... futuro – quando eu falar...

III – Imperativo		afirmativo – fala tu, fale você, falemos nós, falai vós, falem vocês. negativo – não fales tu, não fale você, não falemos nós, não faleis vós, não falem vocês.

Observe que são três os modos verbais:

1. Indicativo: é o modo que assegura algo.

2. Subjuntivo: é o modo que indica possibilidade, hipótese.

3. Imperativo: é o modo que apresenta ideias de ordem, pedido, convite, súplica.

No indicativo e no subjuntivo, temos, então, os tempos do presente, pretérito e futuro.

Após se ter uma visão panorâmica do quadro de conjugação verbal, é necessário conhecer o paradigma da conjugação verbal. Com esse paradigma, você aprende que não precisa saber

conjugar todos os tempos que existem. O quadro mostra que existe uma relação entre tempos primitivos e derivados e diz como se sai de um primitivo e se chega a um derivado. É simples: se a banca pede o presente do subjuntivo do verbo *digerir*, basta que você acesse o presente do indicativo do verbo e você terá o que se pede. Sim, porque o presente do subjuntivo *deriva* do presente do indicativo. A notícia boa é que você não precisa saber conjugar os tempos derivados. A notícia ruim é que sem os primitivos não se chega a lugar algum. Mas eles são apenas três. Assim, você, para fazer prova, precisa conhecer os tempos primitivos dos verbos que são comuns em concursos. Vamos, então, conhecer o paradigma da conjugação verbal?

PRIMITIVOS 1) Presente do indicativo (Radical da 1ª pessoa do sing.) agredir_____	DERIVADOS Presente do subjuntivo (**-e**, **-a**) _____

Nesse caso, vai-se à 1ª pessoa do singular (eu) do presente do indicativo, extrai-se o "o", e, com o radical, chega-se à 1ª pessoa do singular do presente do subjuntivo, acrescentando-se a desinência (para verbos de 1ª conjugação – *e*; verbos de 2ª e 3ª conjugação, – *a*). Vale lembrar que o presente do subjuntivo é aquele em que, na escola, utilizávamos o *que* antes do verbo: *que eu agrida*.

Assim, teríamos:

Eu agrido que eu agrida

Depois, é só continuar, utilizando-se o radical que você adquiriu ao acessar o presente do indicativo, mantendo-se a D.M.T. (desinência modo-temporal) – *a* – e acrescentando-se as D.N.P. (desinências número-pessoais), características de cada pessoa: *que eu agrid**a**, que tu agrid**a**s, que ele agrid**a**, que nós agrid**a**mos, que vós agrid**a**is, que eles agrid**a**m.*

A seguir, o 2º bloco de primitivos e derivados. Observe cada tempo derivado com sua desinência característica (D.M.T. – desinência modo-temporal), entre os parênteses.

2) Pretérito perfeito		Pret. mais-que-perfeito (-ra)
		Imperfeito do subjuntivo (-sse)
		Futuro do subjuntivo (-r)

Acesse a 3ª pessoa do plural – *eles* –, elimine a desinência *-ram* e fique com o radical. Partindo dele, acrescente as novas desinências dos tempos derivados.

Assim, teríamos:

Eles couber*ram* coube**ra**, coube**sse**, coube**r**

Nosso último bloco de primitivos e derivados:

3) Infinitivo Impessoal		Futuro do presente (-re, -ra) Futuro do pretérito (-ria)
		Imperfeito do indicativo (-va, -a)

Nesse caso, extrai-se o "R" do infinitivo impessoal (que é o nome do verbo –*falar, beber, partir*...), acrescentando-se as novas desinências. Observe que no **pretérito imperfeito** do indicativo temos duas possibilidades de D.M.T.: **-va** para verbos de 1ª conjugação e –**a** para verbos de 2ª e 3ª conjugação (ex.: *fal**ar** – fala**va**; beb**er** – bebi**a**; part**ir** – parti**a***).

Assim, teríamos:

digeri*r* digeri**rei**, digeri**ria**, digeri**a**.

Importante: o quadro que organiza os tempos verbais em dois grupos (primitivos e derivados) ajudará você a conjugar a maioria dos verbos em Língua Portuguesa, porém há exceções, como os verbos pôr, ser, ir, haver, entre outros, que estudaremos separadamente ao final.

A seguir, algumas questões que tratam de modos e tempos verbais.

1. (FCC/TRF – 2ª Região) A segunda novidade **apontava** os pesticidas e herbicidas químicos...

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o verbo em destaque acima está na frase:

a) Mas Ehrlich *errou*.

b) ... não *existia* terra suficiente para alimentar todas elas.

c) ... com o que *cresce* em 2 mil metros quadrados...

d) As algas se *multiplicam* a rodo...

e) Diante disso, muitos consumidores *partiram* para uma alternativa...

Comentários:

O verbo da frase no enunciado está no pretérito imperfeito do indicativo (desinência -*va*). As letras A e E trazem o verbo no pretérito perfeito do indicativo. A letra B apresenta o verbo no pretérito imperfeito do indicativo, mas, como o verbo é de 3ª conjugação, a desinência é -*a*. A letra C mostra um verbo no presente do indicativo, bem como a letra D.

Resposta: B.

2. (FCC/TRF – 2ª Região) Considere a flexão verbal em *viviam – vivem – viverão*. A mesma sequência está corretamente reproduzida nas formas:

a) queriam – querem – quiserão.

b) davam – dão – dariam.

c) exigiram – exigem – exigerão.

d) permitiam – permitem – permitirão.

e) criam – criavam – criarão.

Comentários:

A sequência de verbos do enunciado está, respectivamente, no pretérito imperfeito, presente e futuro do presente do indicativo.

A letra A tem erro só na forma *quiserão*, que não existe: o verbo *querer* no futuro do presente é *quererão* (é só você se lembrar do quadro: o futuro do presente deriva do infinitivo).

Na letra B, há erro só na forma *dariam*, que corresponde ao futuro do pretérito, e não futuro do presente do indicativo.

Na letra C há dois erros: no primeiro verbo (*exigiram* é pretérito perfeito; no imperfeito seria *exigiam*) e no último (*exigerão* não existe: é *exigirão* – lembre-se: o futuro do presente deriva do infinitivo *exigir* e não *exiger*).

A letra D traz a sequência correta: pretérito imperfeito do indicativo, presente do indicativo e futuro do presente.

Já a letra E erra na 1ª forma (*criam* é presente do indicativo e não pretérito imperfeito – *criavam*) e na 2ª forma (*criavam*, como já vimos, é pretérito imperfeito, e não presente do indicativo).

Resposta: D.

Fechamos nossa 1ª parte do assunto: agora você já sabe como sair de um tempo primitivo e

chegar a um derivado. Então, estamos combinados: você precisa saber como conjugar os tempos primitivos dos verbos que mais aparecem nas provas.

Você deve estar se perguntando: quantos verbos terei de saber para fazer uma boa prova? Fique tranquilo: não são muitos. Na verdade, você precisa saber conjugar alguns verbos que são *líderes* de outros comuns em concursos. Por exemplo: se aparecer o verbo *advir* em uma questão, basta você conhecer o *vir*, que apresenta o mesmo radical. Daí, o verbo *vir* ser um *líder*. Da mesma forma, o *depor*, que vem do *pôr*; o *abster*, que vem do *ter*, e assim sucessivamente.

Preparamos uma lista de verbos conjugados, que servirá como consulta para os exercícios que faremos a seguir. Dividimos essa lista em três partes:

8.1. PRINCIPAIS VERBOS QUE SE CONJUGAM A PARTIR DE OUTROS

8.1.1. Pôr (líder)

Modo Indicativo:

Presente: ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem; **pretérito perfeito:** pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram; **pretérito imperfeito:** punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham; **pretérito mais-que-perfeito:** pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram; **futuro do presente:** porei, porás, porá, poremos, poreis, porão; **futuro do pretérito:** poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham; **pretérito imperfeito:** pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, puséssseis, pusessem; **futuro:** puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem.

Como o verbo pôr, conjugam-se antepor, apor, compor, contrapor, decompor, depor, dispor, entrepor, expor, impor, interpor, justapor, opor, pospor, predispor, pressupor, propor, recompor, repor, sobrepor, supor.

8.1.2. Ter (*líder*)

Modo Indicativo:

Presente: tenho, tens, tem, temos, tendes, têm; **pretérito perfeito:** tive, tiveste, teve, tivemos, tivestes, tiveram; **pretérito imperfeito:** tinha, tinhas, tinha, tínhamos, tínheis, tinham; **pretérito**

mais-que-perfeito: tivera, tiveras, tivera, tivéramos, tivéreis, tiveram**; futuro do presente:** terei, terás, terá, teremos, tereis, terão; **futuro do pretérito:** teria, terias, teria, teríamos, teríeis, teriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: tenha, tenhas, tenha, tenhamos, tenhais, tenham; **pretérito imperfeito:** tivesse, tivesses, tivesse, tivéssemos, tivésseis, tivessem; **futuro:** tiver, tiveres, tiver, tivermos, tiverdes, tiverem.

Como o verbo ter, conjugam-se abster-se, ater-se, conter, deter, entreter, manter, obter, reter, suster.

8.1.3. Ver (*líder*)

Modo Indicativo:

Presente: vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem; **pretérito perfeito:** vi, viste, viu, vimos, vistes, viram; **pretérito imperfeito:** via, vias, via, víamos, víeis, viam; **pretérito mais-que-perfeito:** vira, viras, vira, víramos, víreis, viram; **futuro do presente:** verei, verás, verá, veremos, vereis, verão; **futuro do pretérito:** veria, verias, veria, veríamos, veríeis, veriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam; **pretérito imperfeito:** visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem; **futuro:** vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.

Como o verbo ver, conjugam-se entrever, antever, prever, rever.

8.1.4. Vir (*líder*)

Modo Indicativo:

Presente: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm; **pretérito perfeito:** vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram; **pretérito imperfeito:** vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham; **pretérito mais-que-perfeito:** viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram; **futuro do presente:** virei, virás, virá, viremos, vireis, virão; **futuro do pretérito:** viria, virias, viria, viríamos, viríeis, viriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham; **pretérito imperfeito:** viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem; **futuro:** vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.

Como o verbo vir, conjugam-se advir, avir-se, convir, desavir-se, intervir, provir, sobrevir.

8.1.5. Dizer (*líder*)

Modo Indicativo:

Presente: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem; **pretérito perfeito:** disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram; **pretérito imperfeito:** dizia, dizias, dizia, dizíamos, dizíeis, diziam; **pretérito mais-que-perfeito:** dissera, disseras, dissera, disséramos, disséreis, disseram; **futuro do presente:** direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão; **futuro do pretérito:** diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: diga, digas, diga, digamos, digais, digam; **pretérito imperfeito:** dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem; **futuro:** disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem.

Como o verbo dizer, conjugam-se bendizer, condizer, contradizer, desdizer (assim, se é *eu digo*, será eu *bendigo*...).

8.1.6. Fazer (*líder*)

Modo Indicativo:

Presente: faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem; **pretérito perfeito:** fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram; **pretérito imperfeito:** fazia, fazias, fazia, fazíamos, fazíeis, faziam; **pretérito mais-que-perfeito:** fizera, fizeras, fizera, fizéramos, fizéreis, fizeram; **futuro do presente:** farei, farás, fará, faremos, fareis, farão; **futuro do pretérito:** faria, farias, faria, faríamos, faríeis, fariam.

Modo Subjuntivo:

Presente: faça, faças, faça, façamos, façais, façam; **Pretérito imperfeito:** fizesse, fizesses, fizesse, fizéssemos, fizésseis, fizessem; **futuro:** fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem.

Como o verbo fazer, conjugam-se afazer, benfazer, desfazer, refazer, satisfazer (assim, se é *eu faço*, será eu *benfaço*...).

8.1.7. Querer (*líder*)

Modo Indicativo:

Presente: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem; **Pretérito perfeito:** quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram; **pretérito imperfeito:** queria, querias, queria, queríamos,

queríeis, queriam; **pretérito mais-que-perfeito:** quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram; **futuro do presente:** quererei, quererás, quererá, quereremos, querereis, quererão; **futuro do pretérito:** quereria, quererias, quereria, quereríamos, quereríeis, quereriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram; **pretérito imperfeito:** quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem; **futuro:** quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem.

Como o verbo querer, conjugam-se bem-querer, desquerer, mal-querer (assim, se é *eu quero*, será eu *bem-quero*).

8.1.8. Valer (*líder*)

Modo Indicativo:

Presente: valho, vales, vale, valemos, valeis, valem; **pretérito perfeito:** vali, valeste, valeu, valemos, valestes, valeram; **pretérito imperfeito:** valia, valias, valia, valíamos, valíeis, valiam; **pretérito mais-que-perfeito:** valera, valeras, valera, valêramos, valêreis, valeram; **futuro do presente:** valerei, valerás, valerá, valeremos, valereis, valerão; **futuro do pretérito:** valeria, valerias, valeria, valeríamos, valeríeis, valeriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham; **pretérito imperfeito:** valesse, valesses, valesse, valêssemos, valêsseis, valessem; **futuro:** valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valerem.

Como o verbo valer, conjugam-se desvaler, equivaler (assim, se é *eu valho*, será eu *equivalho*).

Como já dissemos anteriormente, as bancas costumam pedir ao aluno, além da conjugação desses líderes, a dos seus derivados. Um bom exercício seria que você conjugasse os verbos derivados, partindo dos líderes. Exemplo: treine a conjugação do *interpor*, a partir da conjugação do *pôr*.

A seguir, a conjugação de verbos nos quais não se pode confiar. Isso porque, ao conjugar o *requerer,* por exemplo, é muito comum que o aluno faça analogia com o *querer*, não é mesmo? Mas o *requerer* não se conjuga como o *querer*. Da mesma forma, o verbo *prover* não vai seguir o paradigma do verbo *ver* em todos os tempos, só no presente. Daí, a importância de sistematizá-los.

8.2. FALSOS AMIGOS CONJUGADOS

8.2.1. Prover

Modo Indicativo:

Presente: provejo, provês, provê, provemos, provedes, proveem; **pretérito perfeito:** provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram; **pretérito imperfeito:** provia, provias, provia, províamos, províeis, proviam; **pretérito mais-que-perfeito:** provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram; **futuro do presente:** proverei, proverás, proverá, proveremos, provereis, proverão; **futuro do pretérito**: proveria, proverias, proveria, proveríamos, proveríeis, proveriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam; **pretérito imperfeito:** provesse, provesses, provesse, provêssemos, provêsseis, provessem; **futuro:** prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.

Resumindo: Basta que você pense no PROVER da seguinte forma: ele se conjuga como o VER só nos tempos do presente – presente do indicativo e presente do subjuntivo; nos outros tempos, é regular, como o BEBER. Assim, o grande cuidado que se deve ter é para não conjugá-lo como o VER o tempo inteiro. No pretérito imperfeito do subjuntivo, por exemplo, se ele se conjugasse como o VER seria se eu provisse, enquanto o correto é se eu provesse (tal qual o BEBER – se eu bebesse).

8.2.2. Requerer

Modo Indicativo:

Presente: requeiro, requeres, requer, requeremos, requereis, requerem; **pretérito perfeito:** requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram; **pretérito imperfeito:** requeria, requerias, requeria, requeríamos, requeríeis, requeriam; **pretérito mais-que-perfeito:** requerera, requereras, requerera, requerêramos, requerêreis, requereram; **futuro do presente:** requererei, requererás, requererá, requereremos, requerereis, requererão; **futuro do pretérito:** requereria, requererias, requereria, requereríamos, requereríeis, requereriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram; **pretérito imperfeito:** requeresse, requeresses, requeresse, requerêssemos, requerêsseis, requeressem;

futuro: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.

Resumindo: Quanto ao REQUERER, pense da seguinte forma: ele recebe a vogal i, após o 2º e do radical, apenas na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo. O mesmo ocorre em todo o presente do subjuntivo, que dela deriva. Nos outros tempos, é regular e conjuga-se como o BEBER. Não pense no QUERER. Assim, por exemplo, se ele fosse como o QUERER, no pretérito perfeito do indicativo seria eu requis e não eu requeri (tal qual o BEBER: eu bebi).

A seguir, apresentamos os verbos defectivos que são campeões em concursos públicos: os verbos REAVER e PRECAVER. Partindo do conceito de que um verbo defectivo é um verbo qu não se conjuga em todos os tempos e em todas as pessoas, o 1º cuidado que você deve tomar é em não conjugá-los nos tempos em que eles não existem. Assim, você não deve, por exemplo, dizer *eu me precavejo contra esse tipo de problema*, simplesmente porque essa forma verbal não existe. O jeito é falar *eu tomo as minhas precauções*... Além disso, é preciso sistematizá-los para que você não cometa nenhuma imprudência na flexão das formas em que tais verbos se conjugam. Vamos a eles!

8.3. VERBOS DEFECTIVOS

8.3.1. Reaver

Modo Indicativo:

No presente do indicativo só possui *nós* e *vós (reavemos* e *reaveis*). Em função disso, também não possui o presente do subjuntivo. Nos outros tempos do Indicativo: **pretérito perfeito:** reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram; **pretérito imperfeito:** reavia, reavias, reavia, reavíamos, reavíeis, reaviam; **pretérito mais-que-perfeito:** reouvera, reouveras, reouvera, reouvéramos, reouvéreis, reouveram; **futuro do presente:** reaverei, reaverás, reaverá, reaveremos, reavereis, reaverão; **futuro do pretérito:** reaveria, reaverias, reaveria, reaveríamos, reaveríeis, reaveriam.

Modo Subjuntivo:

Pretérito imperfeito: reouvesse, reouvesses, reouvesse, reouvéssemos, reouvésseis, reouvessem; **futuro:** reouver, reouveres, reouver, reouvermos, reouverdes, reouverem.

Resumindo: Com o REAVER, basta pensar da seguinte forma: memorizar em que tempos aparece a sua defectividade – presente do indicativo e presente do subjuntivo; nos outros tempos, lembrar que ele se conjuga como o verbo HAVER.

8.3.2. Precaver

Modo Indicativo:

No presente do indicativo só possui *nós* e *vós (precavemos* e *precaveis*). Em função disso, também não possui o presente do subjuntivo. Nos outros tempos do Indicativo: **pretérito perfeito:** precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram; **pretérito imperfeito:** precavia, precavias, precavia, precavíamos, precavíeis, precaviam; **pretérito mais-que-perfeito:** precavera, precaveras, precavera, precavêramos, precavêreis, precaveram; **futuro do presente:** precaverei, precaverás, precaverá, precaveremos, precavereis, precaverão; **futuro do pretérito:** precaveria, precaverias, precaveria, precaveríamos, precaveríeis, precaveriam.

Modo Subjuntivo:

Pretérito imperfeito: precavesse, precavesses, precavesse, precavêssemos, precavêsseis, precavessem; **futuro:** precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.

Resumindo: O PRECAVER é ainda mais fácil que o REAVER: memorize em que tempos ele é defectivo (presente do indicativo e presente do subjuntivo) e nos outros tempos, observe que ele é um verbo regular. Logo, pense em outro regular: BEBER. Só não confunda o PRECAVER com o VER! Logo, no imperfeito do subjuntivo, por exemplo, será se eu me precavesse (como se eu bebesse), e não se eu me precavisse (seria assim se ele se conjugasse como o verbo VER).

Por fim, imaginamos que seria mais prático para o aluno se ele obtivesse uma lista de outros verbos irregulares que aparecem muito nas provas. Aconselhamos que você os conjugue da seguinte forma:

1. Comece pelo presente do indicativo e vá ao presente do subjuntivo, lembrando que o segundo deriva da primeira pessoa do singular do primeiro.
2. Depois vá ao pretérito perfeito. Partindo da 3ª pessoa do plural, chegue ao pretérito mais--que-perfeito, imperfeito do subjuntivo e futuro do subjuntivo.
3. Por fim, conjugue os que faltaram: pretérito imperfeito do indicativo, futuro do presente e futuro do pretérito. Lembre-se de que eles derivam do infinitivo. Como os verbos que você vai conjugar são os irregulares, vale observar que esses três tempos, ao saírem do infinitivo, apresentarão irregularidades. Quero dizer que muitos deles não apresentarão os radicais exatamente como eram no infinitivo. Mas então aproveite essas dicas: para conjugar o imperfeito do indicativo, use o advérbio *antigamente* (*antigamente eu dizia*, *antigamente eu valia...*); para

conjugar o futuro do presente, use o advérbio *amanhã* (*amanhã eu direi*, *amanhã eu valerei*); quanto ao futuro do pretérito, lembre-se de acrescentar a desinência *–ria* (*eu diria*, *eu valeria*...).

Vamos à lista.

8.4. OUTROS VERBOS IRREGULARES QUE MERECEM UM CUIDADO ESPECIAL

8.4.1. Agredir

Modo Indicativo:

Presente: agrido, agrides, agride, agredimos, agredis, agridem; **pretérito perfeito:** agredi, agrediste, agrediu, agredimos, agredistes, agrediram; **pretérito imperfeito:** agredia, agredias, agredia, agredíamos, agredíeis, agrediam; **pretérito mais-que-perfeito:** agredira, agrediras, agredira, agredíramos, agredíreis, agrediram; **futuro do presente:** agredirei, agredirás, agredirá, agrediremos, agredireis, agredirão**: futuro do pretérito:** agrediria, agredirias, agrediria, agrediríamos, agrediríeis, agrediriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: agrida, agridas, agrida, agridamos, agridais, agridam; **pretérito imperfeito:** agredisse, agredisses, agredisse, agredíssemos, agredísseis, agredissem; **futuro:** agredir, agredires, agredir, agredirmos, agredirdes, agredirem.

Como o verbo agredir, conjugam-se – apesar de não se parecerem com ele – cerzir, denegrir, prevenir, progredir, regredir, transgredir (assim, se é *eu agr**i**do*, será eu *c**i**rzo, den**i**gro, prev**i**no, progr**i**do, regr**i**do, transgr**i**do.* Observe que, nesses verbos, o *e* do radical vira *i,* em todas as pessoas do presente do indicativo, exceto em *nós* e *vós*, e em todo o presente do subjuntivo. Nos outros tempos, esses verbos são regulares).

8.4.2. Ferir

Modo Indicativo:

Presente: firo, feres, fere, ferimos, feris, ferem; **pretérito perfeito:** feri feriste, feriu, ferimos, feristes, feriram; **pretérito imperfeito:** feria, ferias, feria, feríamos, feríeis, feriam; **pretérito mais-que-perfeito:** ferira, feriras, ferira, feríramos, feríreis, feriram; **futuro do presente:** ferirei, ferirás, ferirá, feriremos, ferireis, ferirão; **futuro do pretérito:** feriria, feririas, feriria, feriríamos, feriríeis,

feririam.

Modo Subjuntivo:

Presente: fira, firas, fira, firamos, firais, firam; **pretérito imperfeito:** ferisse, ferisses, ferisse, feríssemos, ferísseis, ferissem; **futuro:** ferir, ferires, ferir, ferirmos, ferirdes, ferirem.

Como o verbo ferir, conjugam-se – apesar de não se parecerem com ele – aderir, advertir, aferir, aspergir, assentir, auferir, compelir, competir, consentir, deferir, digerir, discernir, divergir, expelir, preferir, prosseguir, vestir, referir, repelir, repetir, ressentir. Assim, se é *eu firo*, será *eu adiro, advirto, afiro, aspirjo, assinto, aufiro, compilo, compito, consinto, defiro, digiro, discirno*... Observe que, com esses verbos, o *e* do radical vira *i,* somente na 1ª pessoa do presente do indicativo e em todo o presente do subjuntivo. Nos outros tempos, esses verbos são regulares.

8.4.3. Fugir

Modo Indicativo:

Presente: fujo, foges, foge, fugimos, fugis, fogem; **pretérito perfeito:** fugi, fugiste, fugiu, fugimos, fugistes, fugiram; **pretérito imperfeito:** fugia, fugias, fugia, fugíamos, fugíeis, fugiam; **pretérito mais-que-perfeito:** fugira, fugiras, fugira, fugíramos, fugíreis, fugiram; **futuro do presente:** fugirei, fugirás, fugirá, fugiremos, fugireis, fugirão; **futuro do pretérito:** fugiria, fugirias, fugiria, fugiríamos, fugiríeis, fugiriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: fuja, fujas, fuja, fujamos, fujais, fujam; **pretérito imperfeito:** fugisse, fugisses, fugisse, fugíssemos, fugísseis, fugissem; **futuro:** fugir, fugires, fugir, fugirmos, fugirdes, fugirem.

Como o verbo fugir, conjugam-se – apesar de também não se parecerem com ele – acudir, bulir, consumir, cuspir, desentupir, entupir, escapulir, sacudir, subir, sumir. Assim, se é *eu fujo*, será *eu acudo, eu bulo, eu consumo, eu cuspo*... Observe que, com esses verbos, o *u* do radical vira *o,* somente nas 2ª e 3ª pessoas do singular e 3ª pessoa do plural do presente do indicativo; nos outros tempos, esses verbos são regulares.

8.4.4. Crer

Modo Indicativo:

Presente: creio, crês, crê, cremos, credes, creem; **pretérito perfeito**: cri, creste, creu, cremos,

crestes, creram; **pretérito imperfeito:** cria, crias, cria, críamos, críeis, criam; **pretérito mais-que-perfeito**: crera, creras, crera, crêramos, crêreis, creram; **futuro do presente:** crerei, crerás, crerá, creremos, crereis, crerão; **futuro do pretérito**: creria, crerias, creria, creríamos, creríeis, creriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: creia, creias, creia, creiamos, creiais, creiam; **pretérito imperfeito:** cresse, cresses, cresse, crêssemos, crêsseis, cressem; **futuro:** crer, creres, crermos, crerdes, crerem.

Como o verbo crer, conjugam-se os verbos descrer, ler e reler. Assim, se é *eu creio*, será *eu descreio, eu leio, eu releio*... Observe o pretérito perfeito do verbo *crer*, alguns alunos estranham as formas *eu cri* e *ele creu*.

8.4.5. Ir

Modo Indicativo:

Presente: vou, vais, vai, vamos, ides, vão; **pretérito perfeito:** fui, foste, foi, fomos, fostes, foram; **pretérito imperfeito:** ia, ias, ia, íamos, íeis, iam; **pretérito mais-que-perfeito:** fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram; **futuro do presente:** irei, irás, irá, iremos, ireis, irão; **futuro do pretérito:** iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: vá, vás, vá, vamos, vades, vão; **pretérito imperfeito:** fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem; futuro: for, fores, for, formos, fordes, forem.

O verbo ir é chamado de anômalo, pois possui mais de um radical quando é conjugado. Daí, ele necessitar de um estudo isolado. Quanto a esse verbo, valem três recados: 1. No presente do indicativo e no presente do subjuntivo, nós e eles possuem formas idênticas: não estranhe. Assim, no presente do indicativo teríamos uma frase do tipo: nós *sempre* vamos *à biblioteca*. Da mesma forma, no presente do subjuntivo, seria nossos pais querem que nós vamos à biblioteca. 2. Não confunda a forma vós ides no presente do indicativo com vós vades no presente do subjuntivo. Assim, teríamos: vós ides à biblioteca sempre? (presente do indicativo); e desejo que vós vades à biblioteca com mais frequência (presente do subjuntivo).
3. Atenção também com o verbo VIR, para não confundir a 1ª pessoa do plural do presente do indicativo (nós vimos) com a 1ª pessoa do plural do pretérito perfeito (nós viemos). A troca de uma forma pela outra é muito comum, como em frases do tipo: hoje nós "viemos" aqui, e não hoje nós vimos aqui.

8.4.6. Haver

Modo Indicativo:

Presente: hei, hás, há, havemos ou hemos, haveis ou heis, hão; **pretérito perfeito:** houve, houveste, houve, houvemos, houvestes, houveram; **pretérito imperfeito:** havia, havias, havia,

havíamos, havíeis, haviam; **pretérito mais-que-perfeito:** houvera, houveras, houvera, houvéramos, houvéreis, houveram; **futuro do presente:** haverei, haverás, haverá, haveremos, havereis, haverão; **futuro do pretérito:** haveria, haverias, haveria, haveríamos, haveríeis, haveriam.

Modo do Subjuntivo:

Presente: haja, hajas, haja, hajamos, hajais, hajam; **pretérito imperfeito:** houvesse, houvesses, houvesse, houvéssemos, houvésseis, houvessem; **futuro:** houver, houveres, houver, houvermos, houverdes, houverem.

Muitos estranham a conjugação do verbo HAVER, pois não estão acostumados a conjugá-lo. Isso ocorre porque esse verbo é muito usado com o sentido de existir e, com esse sentido, de fato, ele só se conjuga na 3ª pessoa do singular (há, houve, havia, haverá). Assim, teríamos: havia muitas pessoas na festa (haver com sentido de existir).
Entretanto, ele se conjugará normalmente se apresentar outros sentidos. Observe: "Houvemos por bem convidar os amigos para o jantar" (aqui, o haver significa dignar-se, julgar oportuno); "Elas se houveram bem sem empregada" (nesse caso, haver é pronominal e tem sentido de portar-se); "Eles haviam estudado todo o assunto" (aqui, o haver é auxiliar de uma locução verbal, conjugando-se normalmente em todas as pessoas).

Vamos exercitar e juntar todos os conceitos para conjugar os verbos a seguir.

Complete as frases abaixo, com os verbos solicitados entre os parênteses.

1. Para que todos _____ bem confortáveis, alugaremos um ônibus. (VIAJAR, presente do subjuntivo)

   Comentários: Vá à 1ª pessoa do presente do indicativo: *eu viajo*, extraia o ***o***, utilize o radical para acrescentar as novas desinências: *que eu viaje*, *que tu viajes*, *que ele viaje*...

   Resposta: viajem.

2. Ontem eles _____ todo o dinheiro roubado. (REAVER, pretérito perfeito do indicativo)

   Comentários: Lembre-se de que no pretérito perfeito o REAVER se conjuga como o HAVER. Assim, se é *eles houveram*, será *eles reouveram*, e não "*reaveram*".

   Resposta: reouveram.

3. O juiz não _____ na briga entre os jogadores. (INTERVIR, pretérito perfeito do indicativo)

   Comentários: O verbo intervir é derivado de vir. Portanto, se é ele veio, será ele interveio, e não interviu!

Resposta: interveio.

4. Quando ele nos _____, poderá entregar-nos a encomenda. (VER, futuro do subjuntivo)

Comentários: Aqui, todo mundo fica na dúvida: quando *ele ver* ou quando *ele vir*? Ora, é só lembrar que o futuro do subjuntivo deriva do pretérito perfeito. O pretérito perfeito é *eu vi*, *tu viste...*, *eles viram*; logo, o futuro do subjuntivo será *quando eu vir*, *quando tu vires*, *quando ele vir...*

Resposta: vir.

5. Eles ficarão felizes quando nós _____ esta reformulação. (PROPOR, futuro do subjuntivo)

Comentários: propor vem do pôr. Logo, se é quando *eu puser*, *quando tu puseres*, *quando ele puser*, será *quando eu propuser*, *quando tu propuseres*, *quando ele propuser*, e não *quando eu "propor", quando tu "propores", quando ele "propor"...*

Resposta: propusermos.

6. Eles não _____ os fugitivos. (DETER, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: deter vem do ter. Assim, se é *eu tive, tu tiveste, ele teve*, será *eu detive, tu detiveste, ele deteve,* e não *ele "deteu"*.

Resposta: detiveram.

7. O aluno _____ o adiantamento das provas. (REQUERER, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: Não pense no querer! requerer, no pretérito perfeito, se conjuga como o BEBER *ele bebeu = ele requereu*, e não *ele "requis"*.

Resposta: requereu.

8. Eles só _____ paciência com os mais velhos. (TER, presente do indicativo)

Comentários: Aqui, é só lembrar: no singular, é sem acento – ele tem –, mas o plural, para diferenciar do singular, é com acento circunflexo: o acento diferencial de número.

Resposta: têm.

9. Eu não _____ tanto. (VALER, presente do indicativo)

Comentários: O verbo valer na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo apresenta uma irregularidade: o ***l*** vira ***lh*** (eu valho). O presente do subjuntivo, por ser derivado, herdará a mesma irregularidade (*que eu valha, que tu valhas, que ele valha*...

Resposta: valho.

10. Estes homens _____ de um lugar distante. (PROVIR, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: O verbo provir deriva do vir. Logo, se é *eu vim, tu vieste, ele veio*, será *eu provim, tu provieste, ele proveio.*

Resposta: provieram.

11. Ele só virá, quando nós lhe _____ a verdade. (DIZER, futuro do subjuntivo)

Comentários: Caso você não saiba como é o futuro do subjuntivo do verbo dizer, basta ir ao pretérito perfeito, seu tempo primitivo. Assim, no pretérito perfeito, temos *eles disseram*, logo teremos no futuro do *subjuntivo quando eu disser*, *quando tu disseres, quando ele disser*...

Resposta: dissermos.

12. Seria necessário que eles _____ o mesmo ritmo. (MANTER, pretérito imperfeito do subjuntivo)

Comentários: O verbo manter deriva do ter. Assim, o imperfeito do subjuntivo *é se eu tivesse, se tu tivesses, se ele tivesse*, então, com o *manter*, será *se eu mantivesse, se tu mantivesses, se ele mantivesse*...

Resposta: mantivessem.

13. Só entendi o que os brasileiros _____ (EXPOR, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: O verbo expor deriva do pôr. Logo, se o pretérito perfeito do pôr é *eu pus, tu puseste, ele pôs*..., o pretérito perfeito do expor será *eu expus, tu expuseste, ele expôs*.

Resposta: expuseram.

14. Preciso que tu _____ até a minha casa. (IR, presente do subjuntivo)

Comentários: Lembre-se: *que eu vá, que tu vás, que ele vá*...

Resposta: vás.

15. Aqui eu não _____ (CABER, presente do indicativo)

Comentários: O verbo caber possui uma irregularidade na 1ª pessoa do presente do indicativo e em todo o presente do subjuntivo: o ***a*** do radical recebe um ***i***. Assim, temos: *eu caibo, tu cabes, ele cabe... que eu caiba, que tu caibas, que ele caiba...*

Resposta: caibo.

16. Ele quer que nós _____ outro livro. (LER, presente do subjuntivo)

Comentários: O verbo ler conjuga-se como o crer: *que eu creia, que tu creias, que ele creia = que eu leia, que tu leias, que ele leia...*

Resposta: leiamos.

17. Eu _____ que todos viriam à reunião. (SUPOR, pretérito imperfeito do indicativo)

Comentários: supor conjuga-se como o pôr. Como o que se quer é o pretérito imperfeito do indicativo do verbo *supor*, basta conjugarmos o *pôr*: "antigamente" *eu punha, tu punhas, ele punha*. Logo, será "antigamente" *eu supunha, tu supunhas, ele supunha...*

Resposta: supunha.

18. Nós _____ até aqui hoje, pois ontem não foi possível. (VIR, presente do indicativo)

Comentários: Lembre-se: *hoje nós vimos*, *ontem nós viemos*. Parece confuso, porque é idêntico ao verbo ver no pretérito perfeito! Veja só: *hoje nós vimos à sua casa* – **vir** no presente do indicativo; *ontem nós vimos o seu irmão na rua* – **ver** no pretérito perfeito.

Resposta: vimos.

19. Ontem nós não _____ à aula. (VIR, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: Não confundir o presente do indicativo do verbo *vir* (vimos) com o pretérito perfeito do verbo *vir* (viemos).

Resposta: viemos.

20. Se eles _____ e não te _____, retornarão chateados. (VIR e VER, presente do indicativo)

Comentários: O verbo vir na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo é *ele vem*, e a 3ª pessoa do plural recebe acento circunflexo: *eles vêm*. Já o verbo ver no presente do indicativo é

ele vê, *eles veem* – a 3ª pessoa do plural perdeu o acento circunflexo – antes era *vêem* – em função do Novo Acordo Ortográfico.

Resposta: vêm/veem.

21. Vós _____ com quem desejais. (IR, presente do indicativo)

Comentários: Não confundir o presente do indicativo do verbo *ir* (vós ides) com o presente do subjuntivo do verbo *ir* (vós vades).

Resposta: ides.

22. Todos esperamos que vós _____ conosco. (IR, presente do subjuntivo)

Comentários: Lembre-se de não confundir o presente do indicativo – *hoje vós ides pelo bom caminho* – com o presente do subjuntivo – *espero que vós vades pelo bom caminho*.

Resposta: vades.

23. Esperava-se que eles _____ a casa com o necessário. (PROVER, imperfeito do subjuntivo)

Comentários: Atenção, o prover só se conjuga como o ver nos tempos do presente. Nos outros tempos, ele é como o beber. Logo, se é *esperava-se que eles bebessem*, será *esperava-se que eles provessem*, e não "*provissem"*, se ele seguisse o verbo *ver*.

Resposta: provessem.

Agora, algumas questões de concursos comentadas:

1. (FGV/Oficial de Cartório/2008)"Se interviessem, implodiriam as contas públicas". Assinale a alternativa que apresente erro em uma das formas verbais.

a) Se o comando reouvesse o prestígio, os criminosos desistiriam.

b) Se os policiais requisessem maiores salários, tudo se arrumaria.

c) Se os criminosos se acovardassem, a polícia os deteria.

d) Se os jornais proviessem de fora, as notícias entreteriam mais.

e) Se as autoridades quisessem, nada disso se faria.

Comentários:

Na letra A, temos o verbo **reaver**, que nos tempos em que é conjugado, segue o verbo **haver**. Ora, se fosse o **haver**, seria *se o comando houvesse*, logo, será *se o comando reouvesse*.

A letra B traz o verbo **requerer**, que não segue o **querer**, e sim um verbo regular como o **beber**. Logo, não é *se os policiais requisessem* – seria assim se fosse como o **querer** – e sim *se os policiais requeressem*.

A letra C apresenta um verbo regular – **acovardar-se** – no imperfeito do subjuntivo, 3ª pessoa do plural, corretamente conjugado.

A letra D apresenta o verbo **provir**, que se conjuga como o **vir**. Ora, se fosse o **vir**, seria *se os jornais viessem*; como é o **provir**, será *se os jornais proviessem.*

A letra E apresenta o verbo **querer**, um verbo irregular, corretamente conjugado no imperfeito do subjuntivo, 3ª pessoa do plural.

Resposta: B.

2. (Cesgranrio/Petrobras) O verbo grifado está corretamente flexionado na frase:

a) Empresários do agronegócio <u>manteram-se</u> atentos às previsões de escassez de chuvas.

b) Técnicos do governo <u>creem</u> que serão resolvidos os conflitos entre investidores e ambientalistas.

c) O governo, atento às instáveis condições do mercado, <u>interviu</u> na cotação do dólar.

d) Como <u>sobreviram</u> contratempos, foi inevitável a quebra da safra de grãos no ano passado.

e) Técnicos <u>preveram</u> queda na arrecadação, devido às elevadas taxas de juros.

Comentários:

A letra A está errada. O verbo **manter** conjuga-se como o **ter**. Ora, se fosse o **ter**, seria *os empresários tiveram*, logo deve ser *os empresários mantiveram-se*.

A letra B está correta. Segundo o Novo Acordo Ortográfico, o 1º **e** dos verbos **crer, dar, ler e ver** perde o acento circunflexo.

A letra C traz o verbo **intervir**, que se conjuga como o **vir**, e não como o **ver.** Logo, é *interveio* e não *interviu*.

A letra D apresenta o verbo **sobrevir**, que também se conjuga como o **vir** e não como o **ver**. Por isso, o correto é *sobrevieram* e não *sobreviram*.

Na letra E, tem-se o verbo **prever**, que se conjuga como o **ver** – *previram*, e não *preveram*.

Resposta: B.

3. (Cesgranrio/Petrobras) “Para que se DIGA...”,“que o governo GARANTA...”. Se em lugar do verbos destacados, tivéssemos, respectivamente, os verbos PROVER e INTERVIR, as forma correspondentes seriam:

a) proveja / intervinha

b) prove / interveja

c) provenha / intervisse

d) proveja / intervenha

e) provenha / interveja

Comentários:

Nesta questão, busca-se a conjugação dos verbos **prover** e **intervir** no presente do subjuntivo. Ora, neste tempo verbal em questão, o verbo **prover** se conjuga como o **ver**. Se fosse o verbo **ver**, seria *que se veja*; logo, com o **prover** será *que se proveja*. Já o verbo **intervir** conjuga-se como o **vir** em todos os tempos. Assim, se fosse o **vir**, seria *que o governo venha*, logo, com o **intervir**, será *que o governo intervenha*.

Resposta: D.

Agora que você já aprendeu a correlação entre tempos primitivos e derivados, bem como a lógica de verbos que se conjugam como outros, precisamos dar uma especial atenção aos verbos de terminação -ear/-iar, que aparecem muito em concursos. Eles ensejam dúvidas do tipo: eu maqueio ou eu maquio? Eu penteio ou eu pentio? Ele freiou ou freou o carro?

8.5. VERBOS EM -EAR

Todos os verbos terminados em **-ear** são **irregulares**, pois recebem um ***i*** nas formas da 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular e 3ª pessoa do plural do **presente do indicativo** e do **presente do subjuntivo.** Nos outros tempos, a conjugação desses verbos terminados em **-ear** é regular.

Exemplo: ARREAR (= pôr os arreios)

• Presente do indicativo: arre**i**o, arre**i**as, arre**i**a, arreamos, arreais, arre**i**am.

• Presente do subjuntivo: arre**i**e, arre**i**es, arre**i**e, arreemos, arreeis, arre**i**em.

Repare que nas formas **nós** e **vós** não há a presença do **i**.

Por esse modelo conjugam-se cear, passear, recear, semear, macaquear, estrear...

O verbo estrear, **pelo Novo Acordo Ortográfico**, perdeu o acento agudo: estre**i**o, estre**i**as, estre**i**a, estreamos, estreais, estre**i**am. / estre**i**e, estre**i**es, estre**i**e, estreemos, estreeis, estre**i**em.

8.6. VERBOS EM -IAR

Os verbos terminados em **-iar** são regulares.

Exemplo: arriar (= abaixar-se)

• Presente do indicativo: arrio, arrias, arria, arriamos, arriais, arriam.

• Presente do subjuntivo: arrie, arries, arrie, arriemos, arrieis, arriem.

Por esse modelo, conjugam-se copiar, adiar, maquiar, negligenciar, premiar...

Há, porém, cinco verbos em -iar que recebem a letra ***e*** nas formas da 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular e 3ª pessoa do plural do **presente do indicativo** e do **presente do subjuntivo.** São eles: **m**ediar, **a**nsiar, **r**emediar, **i**ncendiar, **o**diar.

As letras iniciais desses verbos formam o nome Mario.

O verbo INTERMEDIAR é derivado de MEDIAR, portanto, se conjuga por este.

Exemplo: mediar

• Presente do indicativo: med**e**io, med**e**ias, med**e**ia, mediamos, mediais, med**e**iam.

• Presente do subjuntivo: med**e**ie, med**e**ies, med**e**ie, mediemos, medieis, med**e**iem.

Nas formas **nós** e **vós** não há a presença do **e**.

Por esse modelo conjugam-se intermediar, ansiar, remediar, incendiar e odiar.

Resumindo: Todos os verbos terminados em -ear e os cincos verbos em -iar recebem um (EI) nas formas da 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular e da 3ª pessoa do plural nos tempos do PRESENTE.

A seguir, algumas questões de concursos comentadas:

1. **(Fundação Euclides da Cunha/TRF)** Na oração "como o que Bush experimentou ao **nomear** Harvey Pitt", o verbo **nomear** foi usado na forma do infinitivo. Se usado em uma forma finita, este verbo e todos os outros terminados em **-ear**, bem como alguns terminados em **-iar**, apresentam formas ditongadas e não ditongadas, segundo a norma culta da língua. Considerando essa característica de flexão, está incorreta a forma usada na frase:

a) É conveniente que hasteemos a bandeira da moralidade nos negócios públicos.

b) Um dirigente que demonstre competência não receia enfrentar problemas de gerenciamento.

c) As sociedades anseiam por dirigentes que primem pela competência e moralidade.

d) O presidente Bush freiou a iniciativa espúria de Harvey Pitt.

e) Uma ação sensata do presidente sempre remedeia possíveis situações constrangedoras.

Comentários:

Nas letras A e B, os verbos hastear e recear possuem a terminação -ear. O verbo hastear, por estar na 1ª pessoa do plural do presente do subjuntivo, não recebe a letra ***i***. Já o verbo recear, por estar na 3ª pessoa do singular, recebe essa mesma letra.

Nas letras C e E, aparecem os verbos ansiar e remediar, que terminam em -iar. Esses verbos fazem parte do Mario. Como estão conjugados, respectivamente, na 3ª pessoa do plural e 3ª pessoa do singular do presente do indicativo recebem a letra ***e***.

Na letra D, o verbo frear não está conjugado nos tempos do presente, logo não recebe a letra ***i***. O verbo frear, no pretérito perfeito, se conjuga da seguinte forma: freei, freaste, freou, freamos, freastes, frearam.

Resposta: D.

2. (NCE-UFRJ/Oficial de Justiça)"Para outras, é apenas o prazer de saber que a distância não mais **cerceia** a comunicação, por boba que seja."; a frase abaixo em que há uma forma, ligada aos verbos terminados em -ear, grafada erradamente é:

a) É perigoso que passeiemos à noite.

b) A civilização sofre freadas em seu progresso.

c) O homem receoso não luta pela liberdade.

d) Todos nós ceamos no Natal.

e) É injusto que os países totalitários cerceiem a comunicação.

Comentários:

A letra A apresenta o verbo passear flexionado na 1ª pessoa do plural do presente do subjuntivo. Nessa forma, vimos que não há a presença da letra ***i***. A forma correta seria passeemos.

Na letra B, o verbo frear não aparece conjugado nos tempos do presente, e sim na forma de particípio. Daí não receber a letra **i**.

Na letra C, receoso é adjetivo. Não confundir com RECEIO, substantivo.

Na letra D, o verbo cear aparece na 1ª pessoa do plural, que não recebe a letra ***i***. Já na letra E, o verbo cercear está flexionado na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo, que recebe a letra ***i***. Formas corretas, portanto.

Resposta: A.

3. (Cesgranrio/Petrobras) A forma verbal em negrito não está conjugada corretamente em:

a) A natureza **premia** com felicidade ou infelicidade.

b) É importante que **nomeiem** logo o diretor.

c) Chegue cedo para que **principiemos** a reunião na hora.

d) O ser humano **anseia** por uma felicidade perene.

e) O professor **incendia** o debate com perguntas polêmicas.

Comentários:

Nas letras A, C, D e E, aparecem verbos em -iar. Com essa terminação, vimos que são cinco os verbos que recebem a letra ***e*** nas formas da 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular e 3ª pessoa do plural nos tempos do presente (do indicativo e do subjuntivo). Os verbos premiar e principiar não pertencem ao Mario, portanto, não recebem a letra ***e***.

Nas opções D e E, os verbos ansiar e incendiar pertencem a esse grupo. Logo, o verbo INCENDIAR, na 3ª pessoa do singular, é *incendeia*.

Na letra B, o verbo nomear pertence à terminação -ear, recebendo um ***i*** na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo.

Resposta: E.

Ainda em conjugação verbal, é necessário que se aprenda a identificar os tempos compostos. Aprender a conjugá-los é simples, pois o que se memoriza para os tempos compostos do indicativo vale também para o subjuntivo. Vamos a eles.

8.7. TEMPOS COMPOSTOS

Formam-se com os auxiliares **TER** ou **HAVER** mais **Particípio**.

Na maioria dos casos, o nome do tempo composto quem determina é o verbo auxiliar.

No Indicativo:

Terei falado. **(futuro do presente composto)**

Teria falado. **(futuro do pretérito composto)**

Ter falado. **(infinito composto)**

Tendo falado. **(gerúndio composto)**

No Subjuntivo:

Tiver falado. **(futuro composto)**

No entanto, merecem atenção especial duas formas:

1. Pretérito perfeito composto: verbo auxiliar no presente mais o particípio.

Indica a repetição ou continuidade de um fato iniciado no passado até o presente.

Tem falado, **tenho** contado...

2. Pretérito mais-que-perfeito composto: verbo auxiliar no imperfeito mais particípio.

É empregado como o simples, para expressar um fato já concluído antes de outro também no passado.

Tinha falado, **havia** falado, **tinha** contado...

Repare que, nessas formas, o nome do tempo composto não corresponde ao verbo auxiliar. Em concurso, quando o assunto é tempo composto, esses são os tempos mais pedidos.

Vamos a três questões de concurso que falam do assunto:

1. (Técnico Judiciário/TJ)"... que realmente **havia levado** a máquina para casa..."; a forma verbal em destaque equivale a:

a) levava

b) levou

c) leva

d) levara

e) levasse

Comentários:

A forma verbal havia levado traz o verbo auxiliar (haver) no pretérito imperfeito, caracterizando, assim, o pretérito mais-que-perfeito do indicativo, que equivale à forma simples desse mesmo tempo.

Resposta: D.

2. **(Auxiliar Judiciário/TJ)** "Publicidade oficial **tem sido**, quase sempre...". O emprego do tempo verbal destacado expressa:

a) uma ação ou estados permanentes ou assim considerados.

b) um fato futuro, mas próximo.

c) uma ação passada habitual ou repetida.

d) uma ação produzida em certo momento do passado.

e) a continuidade de um ato até o presente.

Comentários:

A forma destacada no enunciado tem o verbo auxiliar (ter) no presente do indicativo, o que caracteriza o pretérito perfeito do indicativo. Embora o auxiliar esteja no presente, repare que a ideia tem início no passado e vem até o momento presente. Se "Publicidade oficial tem sido, quase sempre...", é porque essa ação *vem ocorrendo*, ou seja, não terminou no passado, se prolonga até o presente.

Resposta: E.

3. **(FGV/Perito Criminal da Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro/2008)** "O público brasileiro tem ouvido, com alguma frequência, notícias a respeito de possível rebelião de países vizinhos contra aquilo que seus governantes chamam de dívidas ilegítimas."

No trecho acima, as formas verbais estão, respectivamente, no:

a) presente do indicativo e presente do indicativo.

b) presente do indicativo e presente do subjuntivo.

c) presente do subjuntivo e presente do indicativo.

d) pretérito perfeito do indicativo e presente do subjuntivo.

e) pretérito perfeito do indicativo e presente do indicativo.

Comentários:

Trata-se de uma questão que busca a identificação dos tempos das formas verbais *tem ouvido* e *chamam.* Muitos alunos que erraram a questão marcaram a letra A, pois não perceberam que o verbo *ter* vinha seguido de particípio, formando, assim, um tempo composto. Ora, se o auxiliar

vem no presente do indicativo mais particípio, estamos diante do pretérito perfeito composto do indicativo, enquanto a forma *chamam* está no presente do indicativo. Atente ao fato de que a banca também não menciona pretérito perfeito *composto*, e sim pretérito perfeito, o que torna a questão mais difícil.

Resposta: E.

Hoje, é muito comum que as provas contenham questões que requerem do aluno a conjugação de verbos no imperativo. Vamos recordar?

8.8. FORMAÇÃO DO IMPERATIVO

Quando aparecem verbos que denotam *ordem, pedido, desejo, súplica,* temos o modo **imperativo**, que se forma da seguinte maneira:

1. Afirmativo:

• **tu** e **vós**: retiradas do presente do indicativo com a supressão do ***S*** final.

Fala (tu), falai (vós).

• **você, nós e vocês*:*** retiradas do presente do subjuntivo sem alteração.

Fale (você), falemos (nós), falem (vocês).

Obs.:

1) Verbo ser: Sê tu / Sede vós;

2) Terminação -zer / -zir: faze ou faz tu;

Conduze ou conduz tu.

2. Negativo: conjugação igual à do presente do subjuntivo, acrescentando-se a negativa antes da forma verbal.

Não fales tu, não fale você, não falemos nós, não faleis vós, não falem vocês.

Simples, não é? Então, vamos às questões. Há aquelas que só pedem que o candidato reconheça o modo imperativo nas frases, como a que se tem a seguir:

1. (FCC/TRF – 5ª Região) ... **respeite** pai e mãe...

O verbo flexionado de modo idêntico ao do destaque acima está também grifado na frase:

a) Todos desejavam que o recém-chegado se <u>comportasse</u> de acordo com os costumes locais.

b) Esperava-se aceitação bem maior das novas determinações estabelecidas pela instituição.

c) Leia este manual com bastante atenção, para conhecimento das normas de convivência da empresa.

d) Sempre se soube que a organização de um grupo depende de regras, respeitadas por seus integrantes.

e) É preciso que se observem as normas, para garantir uma convivência agradável em qualquer ambiente.

Comentários:

Na frase retirada do texto, observamos a presença do verbo respeitar (respeite) que denota uma ordem, um pedido. Temos aí a forma do imperativo afirmativo. Quando aparecem verbos no imperativo, o primeiro passo é observar **a pessoa**, porque, como vimos na teoria, as formas tu e vós são retiradas do presente do indicativo sem o S final. As outras formas (você, nós e vocês) são retiradas integralmente do presente do subjuntivo. Isso posto, na frase retirada do texto, o verbo (*respeite*) aparece flexionado na 3ª pessoa do singular (você). Na letra A, o verbo comportar--se está flexionado no pretérito imperfeito do subjuntivo. Na letra B, o verbo esperar aparece no pretérito imperfeito do indicativo. Na letra C, o verbo ler aparece com esse mesmo tom de imperativo (*Leia este manual...*) na 3ª pessoa do singular. Na D, o verbo depender aparece no presente do indicativo e, na E, no presente do subjuntivo.

Resposta: C.

Ainda quanto ao imperativo, há aquelas questões que trabalham na mesma frase a forma afirmativa e a negativa. Eis um exemplo:

2. (NCE-UFRJ/Ministério Público)"Recuse o convite e não troque o Brasil pela Itália."; se, em lugar da terceira pessoa, o autor do texto empregasse a segunda pessoa do singular, as formas convenientes dos verbos seriam:

a) recusa / não troca

b) recusas / não trocas

c) recusa / não troques

d) recuse / não troca

e) recuses / não trocas

Comentários:

Na frase retirada do texto, o verbo recusar aparece no imperativo afirmativo (3ª pessoa do singular) e o verbo trocar no imperativo negativo, antecedido do advérbio de negação *não*. O comando da questão pede para empregar a 2ª pessoa do singular. No imperativo afirmativo, as segundas pessoas (tu e vós) são retiradas do **presente do indicativo** sem o S final. Com o verbo recusar, então, ficaria recusa. Como o imperativo negativo é retirado integralmente do **presente do subjuntivo**, a 2ª pessoa do singular seria troques.

Resposta: C.

3. (FGV) Quase Nada

(Fábio Moon e Gabriel Bá. *Folha de São Paulo*, 28 de dezembro de 2008.)

Assinale a alternativa com correta passagem da fala do segundo quadrinho para o plural.

a) Acordais, gatos.

b) Acordai, gatos.

c) Acordem, gatos.

d) Acordeis, gatos.

e) Acordei, gatos.

Comentários:

Inicialmente, é preciso descobrir em que pessoa foi conjugada a forma de imperativo "acorda", presente no 2º quadrinho. Ora, *acorda* é 2ª pessoa do singular – tu – presente do indicativo, sem o s. Assim, como o enunciado pede que se transponha a fala para o plural – vós, temos que ir também ao presente do indicativo e extrair o s: *acordai*.

Resposta: B.

4. (FGV/Senado Federal – Analista Legislativo – Tradução e Interpretação/2008)"Mudar para vencer! *Muda, Brasil!*', grita entusiasmado."

Assinale a alternativa em que se tenha a correta passagem para o plural e para a negativa da forma verbal do trecho grifado acima.

a) Não mudas, Brasil!

b) Não mudais, Brasil!

c) Não mudai, Brasil!

d) Não mudeis, Brasil!

Comentários:

A forma verbal em destaque no enunciado está no imperativo afirmativo (2ª pessoa do singular – tu). Ao se transportar ao plural – vós, no imperativo negativo (todo ele retirado do presente do subjuntivo), teremos a forma *não mudeis, Brasil!*

Resposta: D.

8.9. FORMAS NOMINAIS

Ao estudar conjugação verbal, é preciso que se dê especial atenção às **formas nominais** do verbo: infinitivo, gerúndio e particípio. São chamados de formas nominais tais tempos, porque, ao lado do seu valor verbal, podem desempenhar função de nomes (substantivo, adjetivo e advérbio).

Assim, teríamos:

Fumar é proibido.

Aqui, o infinitivo exerce papel de substantivo, pois é sujeito do verbo *ser*.

Tempo **perdido**.

Nesse caso, o particípio exerce papel de adjetivo do substantivo *tempo*.

Amanhecendo, partiremos.

Aqui, o gerúndio apresenta um valor adverbial, pois indica circunstância de tempo à forma verbal *partiremos*.

Vamos, então, estudar as formas nominais do verbo. Aproveite para observar as desinências características dessas formas, destacadas a seguir:

Infinitivo – Gerúndio – Particípio

Infinitivo: fala**r**, bebe**r**, parti**r**

Gerúndio: fala**ndo**, bebe**ndo**, parti**ndo**

Particípio: fala**do**, bebi**do**, parti**do**

Importante: O infinitivo pode ser **pessoal** ou **impessoal**.

O infinitivo **pessoal** é dividido em **flexionado** e **não flexionado**.

Infinitivo flexionado: indica o agente da ação – falar, falares, falar, falarmos, falardes, falarem.

Assim, teríamos:

Para **passares** em concurso, é preciso estudo.

Aqui, a desinência do infinitivo – **res** – indica que o agente da ação é **tu**. É um caso de infinitivo com desinência, com flexão.

Infinitivo não flexionado: apresenta uma só forma para as seis pessoas (falar).

É importante que estudemos para **passar** em concurso.

Aqui, não há desinência para a forma de infinitivo, mas inferimos pelo verbo da oração anterior – *estudemos* – que o agente do infinitivo é **nós**. Logo, tem-se um infinitivo pessoal, com sujeito, mas sem flexão. Vale lembrar que a opção por não flexão é apenas uma forma de enfatizar a ação verbal, tendo em vista que o sujeito está claramente identificado na forma verbal *estudemos*.

Observação: A flexão do infinitivo é assunto que deve ser estudado com mais profundidade em concordância verbal.

O infinitivo **impessoal** enuncia uma ação vaga, indeterminada:

É preciso **acabar** com a miséria no país.

Repare que nessa forma do verbo não há a intenção de se mostrar o agente da ação. É o infinitivo com sujeito indeterminado: o infinitivo impessoal.

Atenção: Em relação a esse assunto, o que se vê nas provas é o infinitivo em confronto com o futuro do subjuntivo. Nos verbos regulares, essas formas são idênticas. Exemplo: Infinitivo pessoal do verbo amar: amar, amares, amar, amarmos, amardes, amarem. Futuro do subjuntivo do verbo amar: amar, amares, amar, amarmos, amardes, amarem.

Logo, vem a pergunta: como não confundi-los?

Dicas:
1. Com conjunção, será sempre futuro do subjuntivo. Com preposição ou sem conectivo algum, será infinitivo.
2. Na dúvida, troque o verbo em questão por um outro irregular, que não apresente tal semelhança. Use, por exemplo, o verbo FAZER, que tem como infinitivo a forma fazer e como futuro do subjuntivo fizer.

A seguir, veremos uma questão, com um índice de erro bastante acentuado, que buscava a distinção entre as duas formas: **futuro do subjuntivo x infinitivo pessoal.**

1. (NCE/Psicólogo) ... não se deve *dizer* mal de ninguém...; a frase em que a forma verbal destacada está no mesmo tempo e modo do verbo sublinhado é:

a) Quando sair para a cidade, irei de táxi.

b) Ao chegar à exposição, ficarei deslumbrado.

c) Assim que lanchar, partirei.

d) Se viajar, será de avião.

e) Logo que puder, dormirei.

Comentários:

A forma *dizer* está no infinitivo impessoal, até porque, se estivesse no futuro do subjuntivo, seria *disser*.

Nas letras A, C, D e E, os verbos estão no futuro do subjuntivo: observe a presença de conjunções *quando* (letra A) e *se* (letra D), bem como das locuções conjuntivas *assim que* (letra C) e *logo que* (letra E). Substitua mentalmente tais formas verbais por *fizer* (*quando fizer, assim que fizer, se fizer, logo que fizer*), e você terá a certeza de que elas estão no futuro do subjuntivo. Já na letra B, vemos a preposição **a** em *ao chegar*, o que indica que o verbo está no infinitivo. Basta trocar a forma verbal *chegar* por *fazer* e você terá certeza de que é infinitivo (*ao fazer*).

Resposta: B.

Além do infinitivo, convém darmos especial atenção ao uso do gerúndio, assunto muito comum nas provas de concursos públicos. Nesse caso, vale observar que o bom uso do gerúndio aconselha que o utilizemos para indicar uma ação que ocorra simultaneamente a outra, a fim de que não produza ambiguidade. Assim, teríamos:

Andava pelas ruas sorrindo.

Aqui, temos duas ações – andar e sorrir – que ocorrem ao mesmo tempo: bom uso do gerúndio.

No entanto, devemos evitar construções do tipo:

Escreveu o relatório, enviando-o ao gerente.

Nesse caso, o gerúndio está sendo utilizado para indicar uma ação posterior a outra, o que é inadequado, por suscitar a seguinte dúvida: escreveu o relatório e, ao mesmo tempo, o enviou ao gerente, ou escreveu e depois o enviou ao gerente? O melhor seria não usar o gerúndio, e sim o pretérito perfeito: *escreveu o relatório e o enviou ao gerente*.

Tal inadequação vem sendo trabalhada em algumas provas. Eis uma questão que nos servirá como exemplo:

2. (NCE/Corregedoria) "... que a roubou, ameaçando cortar a garganta do garoto". O bom uso do gerúndio requer que sua ação seja simultânea à do verbo principal, como ocorre nesse segmento do texto. Assim, é exemplo de mau uso do gerúndio a frase:

a) O assaltante gritou, abrindo a porta...".

b) O motorista acovardou-se, abaixando o vidro.

c) O assaltante entrou, sentando-se no banco traseiro.

d) O marginal ameaçou-o, mostrando a arma.

e) O motorista obedeceu, acelerando o carro.

Comentários:

Nas letras A, B, D e E, observa-se o uso do gerúndio que indica uma ação concomitante a outra Na letra A, o assaltante grita e abre a porta ao mesmo tempo; na letra B, o motorista se acovarda e abaixa o vidro simultaneamente; na letra D, ao mesmo tempo em que o marginal ameaça, ele mostra a arma; e na letra E o motorista obedece e acelera o carro simultaneamente. Todas elas indicam um bom uso do gerúndio. Já a letra C apresenta a ação de *sentar* no gerúndio, que não é concomitante e sim posterior à ação de *entrar*: temos um uso inadequado do gerúndio. Melhor seria dizer: *o assaltante entrou e se sentou no banco traseiro*.

Resposta: C.

Para finalizar o estudo das formas nominais do verbo, vamos falar sobre o particípio. Quanto a esse assunto, vale focar dois pontos importantes:

a) Há verbos que possuem duas formas de particípio: o regular (de terminação *-do*) e o irregular

(que não possui terminação -*do*). Eis alguns exemplos:

aceitar: aceitado, aceito;

entregar: entregado, entregue;

limpar: limpado, limpo;

inserir: inserido, inserto;

suspender: suspendido, suspenso;

prender: prendido, preso;

imprimir: imprimido, impresso.

O que se convém é usar a forma regular do particípio com os verbos auxiliares *ter* e *haver* e a forma irregular com os auxiliares *ser* e *estar* ou em qualquer outra hipótese. Assim, teríamos como exemplo:

Verbo aceitar: **Duplo particípio** regular (ter ou haver / tenho aceitado)

irregular (ser ou estar / foi aceito)

b) Em algumas questões, cobra-se o verbo vir e derivados nas formas do gerúndio e do particípio. Isso porque é o único verbo que tem gerúndio e particípio idênticos. Assim, teríamos:

Eu estou vindo para casa.

O verbo *vir* está no gerúndio. Basta substituí-lo por chegar: *eu estou chegando*.

Eu tenho vindo muito a este lugar.

Aqui, o verbo *vir* está no particípio. A troca por outro verbo no particípio pode ajudar você a chegar a tal constatação: *eu tenho chegado*.

Essa coincidência de formas do verbo vir no gerúndio e particípio já foi trabalhada em algumas questões de provas. Observe:

3. (NCE-UFRJ/Ministério Público) *Noticiando* é forma do gerúndio do verbo *noticiar;* a frase em que a forma verbal destacada pode não estar no gerúndio é:

a) As notícias estão <u>chegando</u> da Itália cada vez mais rapidamente.

b) <u>Transformando</u>-se o ódio em amor, acabam-se as guerras.

c) <u>Vindo</u> o resultado, os clientes começaram a protestar.

d) Os jogadores italianos estão reclamando dos estrangeiros.

e) O atleta viajou, completando sua missão.

Comentários:

Em todas as alternativas, exceto em uma, temos verbos que estão no gerúndio: chegando, transformando, reclamando e completando. Na letra C, vê-se o caso do verbo vir que, na frase em que se encontra, tanto pode estar no gerúndio ("Chegando o resultado...") como pode estar no particípio ("Chegado o resultado..."). Observe que, no enunciado, houve o cuidado de se afirmar que se trata de uma forma que *pode* não estar no gerúndio: a própria frase é ambígua.

Resposta: C.

Agora, vamos a uma questão que não permite ambiguidade e ilustra bem a semelhança das formas de gerúndio e particípio do verbo vir:

4. (NCE-UFRJ/Auxiliar de Cartório) Como sabemos, o morfema -NDO forma gerúndios, de que *fazendo* é um exemplo. O item em que a forma em maiúscula não corresponde a um gerúndio é:

a) CHEGANDO os corpos, será feita a autópsia.

b) Os médicos estiveram REALIZANDO exames.

c) Os poetas tinham VINDO ao sepultamento do colega.

d) TENDO tempo, todos participarão do exame.

e) Ganhará dinheiro, VENDENDO bugigangas.

Comentários:

As letras A, B, D e E apresentam verbos no gerúndio: *chegando*, *realizando*, *tendo* e *vendendo*. Na letra C, temos o verbo vir no particípio: basta substituí-lo por **chegar** – *os poetas tinham chegado*...

Resposta: C.

Bem, agora que você já aprendeu a conjugar verbos em seus tempos simples e compostos; estudou os verbos terminados em -ear/-iar; entendeu como se conjuga o imperativo; e conheceu as formas nominais do verbo (ufa...), vale complementar seus estudos com um breve passeio pela semântica dos verbos. É nesse assunto que vamos aprender como se utilizam os principais tempos verbais e perceber como as bancas trabalham esses conceitos nas provas.

8.10. A SEMÂNTICA DOS VERBOS

8.10.1. Modo Indicativo

Expressa um fato real, de maneira definida. Divide-se nos seguintes tempos:

a) Presente

É empregado para expressar um fato que ocorre no momento em que se fala.

Ex.: Guilherme **está** cansado.

É algo que ocorre no momento em que se fala.

Pode ser usado também para exprimir outras ideias:

• descrever um fato permanente.

Ex.: A Terra **gira** em torno do Sol.

• expressar um hábito.

Ex.: Fernanda **estuda** aos domingos.

• conferir realidade a fatos passados.

Ex.: Em 1.500 Cabral **descobre** o Brasil.

• indicar futuro próximo.

Ex.: **Vou** amanhã para Búzios.

b) Pretérito imperfeito

Pode ser utilizado para expressar:

• fatos repetidos, frequentes, habituais no passado.

Ex.: Quando **era** pequena, **brincava** de boneca.

Observe que as duas ações que estão no pretérito imperfeito indicam fatos frequentes no passado.

• uma ação que estava ocorrendo quando outra, geralmente no pretérito perfeito, aconteceu. Ex.: Pedro **tomava** banho quando o telefone tocou.

Temos aqui duas ações pretéritas: a ação de *tomar banho* é durativa, enquanto a ação de *o telefone tocar* é instantânea, estando, pois, no pretérito perfeito.

• uma ação planejada, esperada, e não realizada.

Ex.: **Pretendíamos** ir até sua casa, mas não foi possível.

c) Pretérito perfeito simples

Expressa um fato que **começou e terminou** no passado, próximo ou distante.

Ex.: Conversei com Andreia hoje (passado próximo)

em 1990 (passado distante).

d) Pretérito mais-que-perfeito

É utilizado, em geral, para expressar um fato já terminado antes de outro no passado. Gosto de dizer que ele é o **passado anterior** ao pretérito perfeito.

Ex.: Ele já **estudara** quando sua namorada ligou.

Observe que há duas ações no passado: a ação de *estudar* ocorre antes da ação de *ligar*, daí ela vir no pretérito mais-que-perfeito.

e) Futuro do presente

Em geral, é usado para indicar um fato futuro em relação ao momento em que se fala. É um fato futuro, posterior ao presente.

Ex.: **Viajarei** na próxima semana.

Pode indicar também incerteza, dúvida:

Ex.: **Estaremos** aqui juntos futuramente?

f) Futuro do pretérito

É utilizado nas seguintes situações:

• para indicar um fato futuro em relação a **outro no passado**.

Ex.: Ele disse que **faria** todos os deveres.

Esse é o uso mais comum do futuro do pretérito: ele aqui vem combinado ao pretérito perfeito – *disse* – e indica uma ação futura, posterior a outra no passado.

• para expressar dúvida, incerteza.

Ex.: Quem **estaria** lá?

Perceba que tanto o futuro do presente quanto o futuro do pretérito podem, portanto, indicar dúvida, incerteza.

• para denotar desejo, em tom polido.

Ex.: **Gostaria** de um café?

Observe que, nesse caso, poderíamos até usar um verbo no presente do indicativo – *aceita um café?* – mas a frase perderia seu tom polido, educado.

8.10.2. Modo Subjuntivo

Expressa um fato incerto, duvidoso ou até irreal. Suas principais subdivisões são:

a) Presente

Pode indicar semanticamente presente ou futuro.

Exs.: É pena que eles **estejam** doentes. (possibilidade no presente)

Espero que **chova**. (hipótese no futuro)

b) Pretérito imperfeito

Expressa uma ação posterior a outro fato na oração principal.

Exs.: Duvidei que ele **terminasse** o trabalho.

Gostaria que você **trouxesse** as crianças.

Pode expressar também ideia de condição ou desejo.

Ex.: Se ele **viesse** ao clube participaria do campeonato.

c) Futuro

Indica uma ação eventual (que pode ocorrer ou não) em um momento futuro.

Ex.: Quando ele **vier** à loja, levará as encomendas.

8.11. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

Complete as frases com a forma verbal solicitada entre parênteses

1. Se _____ verdadeiro em tuas pinturas... (IR – futuro do subjuntivo)

2. Se _____ verdadeiro em vossas pinturas... (IR – futuro do subjuntivo)

3. Os pais não _____ onde deixar suas crianças. (TER – presente do indicativo)

4. Os pais só _____ as crianças quando se dispõem a brincar com elas. (ENTRETER – present do indicativo)

5. Os pais só _____ as crianças quando voltam para casa. (REVER – presente do indicativo)

6. Os pais _____ as crianças depois que se _____ a voltar para casa. (REAVER – pretérito perfeito do indicativo / DISPOR – pretérito perfeito do indicativo)

7. Os pais não se _____ a ficar com as crianças quando estas lhes _____. (DISPOR – pretérito imperfeito do indicativo / CONTRADIZER – pretérito imperfeito do indicativo)

8. Os pais _____ as crianças quando _____ em seus maus costumes. (DESDIZER – pretérito perfeito do indicativo / INTERVIR – pretérito perfeito do indicativo)

9. Talvez no elevador do prédio não _____ mais do que cinco pessoas. (CABER – presente do subjuntivo)

10. Se outra pessoa _____ o mesmo mar, fará outra descrição. (VER – futuro do subjuntivo)

11. O motor do elevador _____ de São Paulo. (PROVIR – pretérito perfeito do indicativo)

12. Os economistas já _____ ao Governo os mais diversos planos de ação. (PROPOR – pretérito perfeito do indicativo)

13. O gerente só deve procurar-nos quando _____ seus conceitos sobre o mercado. (REVER – futuro do subjuntivo)

14. Ele não trabalhava; apenas se _____ lendo o futuro nas mãos dos amigos. (ENTRETER – pretérito imperfeito do indicativo)

15. Se _____ uma outra crônica, argumente que não há espaço nesta edição. (PROPOR – futuro do subjuntivo.)

16. Com a cooperação de todos, o jornalista _____ que havia condição de escrever a reportagem. (CRER – pretérito perfeito do indicativo)

17. Os candidatos só poderão se inscrever no concurso de crônicas se o _____. (REQUERER – futuro do subjuntivo)

18. Os alunos da minha escola jamais _____ incentivo para redigir textos em crônicas. (OBTER – pretérito perfeito do indicativo)

19. Se o autor _____ na questão, não ocorrerão críticas. (INTERVIR – futuro do subjuntivo)

20. Os burgueses só deixarão o poder quando isto lhes _____. (CONVIR – futuro do subjuntivo)

21. Quem se _____ ao regime não sobreviverá. (CONTRAPOR – futuro do subjuntivo)

22. Se a burguesia não _____ seu modo de vida, acabará arruinada. (REVER – futuro do subjuntivo)

23. Todas trabalhavam para que os nobres se _____ no ócio. (ENTRETER – pretérito imperfeito do subjuntivo)

24. Seria bom que a Igreja _____ o poder que detinha. (REAVER – pretérito Imperfeito do subjuntivo)

25. Essa necessidade _____ da atual carência de recursos nessa área. (ADVIR – presente do indicativo)

26. Essas caixas _____ objetos quebráveis. (CONTER – presente do indicativo)

27. Elas _____ aqui sempre que podem. (VIR – presente do indicativo)

28. Eles se _____ como os donos da verdade. (VER – presente do indicativo)

29. Se o país _____ o clima cultural dos anos 60... (REAVER – futuro do subjuntivo)

30. Se lhe _____ reunir o grupo para discutir, ficaremos contentes. (APRAZER – futuro do subjuntivo)

31. Se os jovens se _____ de votar, perderemos uma chance de mudar o atual quadro. (ABSTER – futuro do subjuntivo)

Gabarito: 1. fores; 2. fordes; 3. têm; 4. entretêm; 5. reveem; 6. reouveram / dispuseram; 7. dispunham / contradiziam; 8. desdisseram / intervieram; 9. caibam; 10. vir; 11. proveio; 12. propuseram; 13. revir; 14. entretinha; 15. propuser; 16. creu; 17. requerer; 18. obtiveram; 19. intervier; 20. convier; 21. contrapuser; 22. revir; 23. entretivessem; 24. reouvesse; 25. advém; 26. contêm; 27. vêm; 28. veem; 29. reouver; 30. aprouver; 31. abstiverem.

8.12. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Vamos às questões de concursos que tratam desse tema? A seguir, uma sequência de questões de **semântica dos tempos e modos verbais** e seus respectivos comentários.

1. (NCE-UFRJ / Ministério Público) A imprensa brasileira vem noticiando uma proposta

milionária do Lazio da Itália, que pretende adquirir o passe do zagueiro Juan por 10 milhões de dólares. Este é o time cuja torcida já agrediu o jogador brasileiro Antonio Carlos, do Roma, e perdeu o mando de campo por incitamento racista em pleno estádio.

Considerando que a ação de agredir o jogador brasileiro Antonio Carlos ocorreu antes de o Lazio perder o mando de campo, ação também passada, o verbo agredir deveria estar no:

a) mais-que-perfeito do indicativo.

b) imperfeito do indicativo.

c) futuro do pretérito.

d) imperfeito do subjuntivo.

e) presente do subjuntivo.

Comentários:

Vale notar que se trata de duas ações no passado: a ação de a torcida *agredir* o jogador e a ação de o time *perder* o mando de campo. Considerando-se que a agressão ocorreu antes da perda do mando de campo, o verbo agredir deveria estar no pretérito mais-que-perfeito e não no pretérito perfeito, por indicar um passado anterior ao pretérito perfeito. Assim, a frase deveria ser:

"Este é o time cuja torcida já **agredira** o jogador brasileiro Antonio Carlos, do Roma, e **perdeu** o mando de campo por incitamento racista em pleno estádio".

Resposta: A.

2. (TRT / Técn. Judic.) No período "Em contrapartida, o corajoso que se aventure, hoje, a ler os tratados morais de Santo Agostinho cogitará que a única felicidade possível vem com o assentimento do homem a uma moral objetiva, a qual respeita a natureza de todas as coisas criadas – e que o mal é, sempre, parasitário de algum bem que o transcende...", a forma verbal flexionada para exprimir fato que deve ser entendido como uma conjectura é:

a) aventure

b) cogitará

c) vem

d) respeita

e) transcende

Comentários:

Nas letras B, C, D e E, as formas verbais indicam fatos, pois os verbos estão no modo indicativo Como a banca pedia uma forma verbal que indicasse conjectura, teríamos de achar uma que se apresentasse no modo subjuntivo, o que ocorreu com a forma *aventure.*

Resposta: A.

3. (TRF) A opção em que a explicação dada para o sentido da forma verbal grifada está incorreta é:

a) No século III a.C. chega o latim à Península Ibérica: presente histórico.

b) Furacão mata 20 adultos e 3 crianças na Califórnia (manchete de jornal); presente com valor de pretérito.

c) Eu aceitaria um cafezinho: futuro do pretérito indicando momento posterior a um tempo passado.

d) Eu aceitava um cafezinho: pretérito imperfeito para indicar polidez.

e) Eu aceito um cafezinho: presente simultâneo ao ato de fala.

Comentários:

Observe que a questão não trata de flexão verbal – aqui, não temos que julgar as formas verbais e verificar se vieram corretamente flexionadas. A questão espera que se julgue a **explicação** para o sentido da forma verbal grifada: trata-se de semântica dos tempos verbais.

Na letra A, temos o presente do indicativo utilizado no lugar do pretérito perfeito, para atualizar acontecimentos históricos: é o chamado presente histórico.

Na letra B, tem-se o presente do indicativo também substituindo o pretérito perfeito: é o presente no lugar do pretérito. Aqui, também estaria certo dizer "Furacão matou 20 adultos...".

Veja que interessante: é comum, principalmente na linguagem informal, usarmos um tempo em lugar de outro, o que não configura erro.

Nas letras C e D, vemos uma intenção de se fazer um pedido utilizando-se de tom polido, o que nos faz perceber que tanto o futuro do pretérito quanto o pretérito imperfeito podem indicar polidez. Só que a letra C apresentou uma **explicação** errada para o uso do futuro do pretérito.

A letra E apresenta o presente do indicativo indicando uma ação que ocorre no momento em que

se fala.

Resposta: C.

4. (TRF) Considerando as formas verbais grifadas nas cinco frases abaixo, assinale a afirmativa falsa:

(1) Saiu o doente de quem Vanessa **tomava** conta.

(2) Chegou o doente de quem Vanessa **tomou** conta.

(3) Estamos afirmando hoje que amanhã **viajaremos**.

(4) Afirmamos anteontem que ontem **viajaríamos**.

(5) Afirmamos ontem que anteontem **viajáramos**.

a) em 1, o verbo dá ideia de uma ação habitual de valor durativo.

b) em 2, o verbo refere-se a um fato que ocorreu uma vez no passado.

c) em 3, o verbo refere-se a um fato posterior ao presente.

d) em 4, o verbo refere-se a uma ação posterior a um fato passado.

e) em 5, o verbo refere-se a uma ação posterior a um momento passado.

Comentários:

Trata-se de uma questão de semântica dos tempos verbais. O que se busca é a explicação para cada forma verbal utilizada nas alternativas.

Na letra A, tem-se o pretérito imperfeito indicando uma ação de continuidade, de repetição no passado.

Na letra B, o verbo está no pretérito perfeito, indicando uma ação que começou e acabou no passado.

Na letra C, observa-se o futuro do presente, que é uma ação futura, posterior à afirmação feita no presente: <u>hoje</u> *afirmamos* que <u>amanhã</u> *viajaremos*.

Na letra D, tem-se o uso tradicional do futuro do pretérito: uma ação futura em relação ao pretérito perfeito – <u>anteontem</u> *afirmamos* que <u>ontem</u> *viajaríamos*.

A letra E traz o pretérito mais-que-perfeito que, como vimos na teoria da nossa aula, indica uma ação anterior e não posterior a outra no pretérito perfeito: a ação de *viajar* ocorreu antes da ação de *afirmar*, na linha do tempo.

Resposta: E.

5. (TRE / Anal. Judic.) Os tempos e os modos verbais apresentam-se adequadamente articulados na frase:

a) Fôssemos todos atores, o culto das aparências será a chave que nos libertasse do nosso destino.

b) Os atores sempre nos enganarão, a cada vez que encarnarem os personagens de que costumam se fantasiar.

c) Enquanto o culto das aparências for a chave do sucesso, estaríamos todos preocupados com o papel que desempenhemos.

d) Desde idos tempos os atores gozariam de uma admiração que só não será maior por conta da desconfiança que temos de todo fingimento.

e) O autor estaria convencido de que nosso vizinho seja capaz de fingir tão bem quanto um ator, quando tivesse desfilado com um carro que não é seu.

Comentários:

Letra A: o primeiro verbo traz ideia de pretérito (está no imperfeito do subjuntivo). Logo, o segundo deve traduzir o mesmo valor semântico, ficando no futuro do pretérito, e não futuro do presente. Logo, a frase, para estar correta, deve ficar *Fôssemos todos atores, o culto das aparência seria a chave que nos libertasse do destino*.

Letra B: o verbo *enganarão* está no futuro do presente. Logo, está mesmo correta a forma *encarnarem*, que é futuro do subjuntivo. Da mesma forma, está correta a construção *costumam se fantasiar*, cujo verbo auxiliar está no presente do indicativo, tempo correlato semanticamente ao futuro do *presente*.

Letra C: o primeiro verbo da frase está no futuro do subjuntivo (*for*). Logo, o outro verbo, que está a ele correlato, deveria vir futuro do presente, não no futuro do pretérito, que é um futuro para o passado. Observe que não há problema algum quanto ao último verbo da frase (*desempenhemos*), que está no presente do subjuntivo, mas traz ideia de hipótese no futuro. Assim, uma sugestão de reescritura para essa frase seria: *Enquanto o culto das aparências for a chave do sucesso, estaremos todos preocupados com o papel que desempenhemos*.

Letra D: nesse caso, o que temos de mudar mesmo é o tempo do primeiro verbo da frase... Não faz

sentido dizer *Desde idos tempos os atores gozariam...* O jeito é colocar o primeiro verbo no presente do indicativo *Desde idos tempos os atores gozam de uma admiração que só não é maior por conta da desconfiança que temos de todo fingimento.*

Letra E: mantendo o primeiro verbo no futuro do pretérito (*estaria*), uma boa sugestão seria modificar o segundo (*seja*), que está no presente do subjuntivo, mas deveria ficar no *imperfeito* do subjuntivo (*fosse*). Aí, não haveria problema em manter-se o terceiro verbo da forma como está. Entenda que o que oferecemos aqui é *uma opção* de reescritura para a frase, mas muitas vezes há outras formas de se corrigir a mesma informação.

Resposta: B.

6. (TRT / Anal. Judic.) Está inteiramente adequada a articulação entre os tempos e os modos verbais na frase:

a) Se a liberdade da imprensa fosse um direito apenas dos jornalistas, cada vez que se desrespeite a liberdade de imprensa a sociedade não terá como reclamar.

b) Enquanto os jornalistas pensarem apenas em seus próprios interesses, não haveria como resguardar o direito da sociedade à livre informação.

c) No caso de vir a ser desrespeitado o direito social à livre informação, jogar-se fora uma das principais características das democracias modernas.

d) Espera-se que dos três grandes debates promovidos pela RDLI resultem propostas práticas que venham a reforçar o direito à liberdade de imprensa.

e) Ainda que houvesse uma absoluta liberdade para a circulação de idéias e de informações, será necessário lutar para que nada a ameaçasse.

Comentários:

Letra A: observe o primeiro verbo (*fosse*). Ele está no pretérito imperfeito do subjuntivo, ou seja, começa-se um período com um verbo com valor semântico de passado. Daí o erro nas formas verbais que vêm logo depois: *desrespeite*, *terá*. O certo seria dizer *desrespeitasse* (pretérito imperfeito do subjuntivo) e *teria* (futuro do pretérito). Ora, se o objetivo é falar do passado, não faz sentido utilizar verbos no presente do subjuntivo (*desrespeite*) e futuro do presente (*terá*).

Letra B: o primeiro verbo está no futuro do subjuntivo (*pensarem*). Logo, não há sentido em se

manter o verbo seguinte (*haveria*) no futuro do *pretérito*, já que não está se falando do passado, e sim do futuro. Adequada seria a substituição de *haveria* por *haverá*.

Letra C: a locução verbal que inicia a frase (*vir a ser desrespeitado*) expressa valor semântico de futuro. Logo, correto seria dizer *jogar-se-á fora...,* e não o que se vê na frase.

Letra D: o primeiro verbo do período está no presente do indicativo (*Espera-se*). Assim, os verbos seguintes também vieram no presente, só que do subjuntivo, pois expressam valor semântico de hipótese (*resultem/venham*). Construção correta, semanticamente simétrica.

Letra E: *houvesse* é pretérito imperfeito do subjuntivo. Assim, o que se espera, na sequência, é futuro do pretérito (*seria*), e não futuro do presente (*será*). Falta, portanto, paralelismo semântico entre os tempos verbais.

Resposta: D.

7. (TRT/AL – Técn. Adm.) Considere o emprego das formas verbais nas frases **não produzem riqueza** e **que produzam riqueza**.

É correto afirmar:

a) Ambas as frases apresentam o mesmo sentido, já que se emprega o mesmo verbo, com flexão idêntica.

b) Na 2ª frase, o emprego da forma verbal indica uma possibilidade, enquanto na 1ª, o fato é real e concreto.

c) A mudança de flexão entre *produzem* e *produzam* deve-se ao fato de uma forma ser negativa e outra, positiva.

d) Houve equívoco na flexão do verbo, que admite apenas a forma *produzem*, registrada na 1ª frase.

e) Ambas as formas encontram-se na voz ativa e não aceitam ser transpostas para a voz passiva.

Comentários:

Em semântica dos *modos* verbais, vimos que o *modo Indicativo* exprime, em geral, um fato certo, real. O *Subjuntivo*, um fato possível, provável. E o *imperativo*, ordem, convite, pedido, súplica.

Em *produzem*, temos a forma do Indicativo e em *produzam*, Subjuntivo, o que faz que o sentido não seja o mesmo pela teoria exposta sobre a semântica dos modos verbais.

Com isso, eliminamos as opções A, C e D.

Na opção E, é incorreta a afirmação, pois os verbos que *não* admitem transposição de voz ativa para passiva seriam os *intransitivos*, *transitivo indireto* e de *ligação*. Como o verbo *produzir*, nas frases em que aparece, é transitivo direto, aceita voz passiva.

Resposta: B.

8. *Não* há a devida correlação temporal das formas verbais em:

a) Seria conveniente que o time ficasse sem saber quem era o adversário.

b) É conveniente que o time ficaria sem saber quem é o adversário.

c) Era conveniente que o time ficasse sem saber quem foi o adversário.

d) Será conveniente que o time fique sem saber quem é o adversário.

e) Foi conveniente que o time ficasse sem saber quem era o adversário.

Comentários:

Letra A: *Seria* é verbo *ser* no futuro do pretérito. Logo, faz todo sentido que o verbo correlato a esse esteja no pretérito imperfeito do subjuntivo (*ficasse*). Está adequada a correlação semântica entre os tempos verbais. Além disso, observe o verbo *ser* no final do período (*era*), que também tem valor semântico de *passado* (pretérito imperfeito do indicativo).

Letra B: o primeiro verbo (é) está no presente do indicativo. Logo, não é coerente utilizar-se um verbo no futuro do *pretérito* na sequência do período (*ficaria*). Melhor teria sido dizer: É conveniente que o time fique sem saber quem é o adversário.

Letra C: *Era* é pretérito imperfeito do indicativo. Assim, é semanticamente adequado utilizar-se o imperfeito do subjuntivo (*ficasse*) e o pretérito perfeito do indicativo (*foi*) na continuidade da frase.

Letra D: o primeiro verbo do período está no futuro do presente (*Será*). Logo, é coerente utilizar-se o *presente* do subjuntivo (*fique*) logo depois. Afinal, o presente do subjuntivo, nessa frase, também apresenta valor semântico de futuro.

Letra E: *Foi* é pretérito perfeito do indicativo. Assim, está correta a forma *ficasse* (imperfeito do subjuntivo), bem como a construção *era* (imperfeito do indicativo). Perceba que todas giram em torno do passado.

Resposta: B.

9. (TRF da 5ª Região) Não _____ nos surpreender se a minoria econômica dominante _____ de prestar contas a quem mais _____

Preenche corretamente as lacunas da frase acima a seguinte sequência de formas verbais:

a) deveremos – deixou – venha a prejudicar

b) devemos – deixa – esteja prejudicando

c) deveríamos – deixou – prejudicaria

d) deveríamos – deixe – prejudicaria

e) devamos – deixasse – prejudicaria

Comentários:

Na letra A, para manter a ideia de futuro iniciada por *deveremos*, seria *deixar* e *vier*.

Na B, repare que todas as formas estão no tempo presente (*devemos*, *deixa* e *esteja*), mantendo correlação entre os tempos verbais.

Nas letras C e D, o futuro do pretérito (*deveríamos*) levaria os verbos, na sequência, ao imperfeito do subjetivo (*deixasse, prejudicasse*).

Na letra E, seguindo a forma *devamos* (presente do subjuntivo), teríamos *deixa, prejudique*.

Resposta: B.

8.13. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (FCC) Assinale a alternativa em que a flexão verbal está correta.

a) Ontem me entreti muito no circo.
b) Aliás, o circo sempre entreteu todo mundo.
c) O domador interviu numa briga entre leões.
d) Se vocês virem que o circo é bom, vão logo lá.
e) O palhaço entretia a criançada com alegria.

2. (FCC) Mesmo com prejuízo, o gerente ... a palavra e ... as condições do contrato, para que o cliente não se ... com ele.

a) manteu – reviu – desavisse
b) manteu – reveu – desaviesse
c) manteve – reviu – desaviesse
d) manteve – reviu – desavisse
e) manteu – reveu – desavisse

3. (FCC) Como a alta ... de especulação, as autoridades monetárias não se ... a um papel apenas

regulamentador e ... diretamente no mercado.

a) proviu – ateram – interviram
b) proveio – ativeram – interveram
c) proveio – ateram – intervieram
d) proviu – ativeram – intervieram
e) proveio – ativeram – intervieram

4. (FCC) Sem que ninguém tivesse ___ o próprio menino ___ -se contra os falsos amigos.

a) intervindo – precaviu
b) intervindo – precaveio
c) intervido – precaveu
d) intervido – precaveio
e) intervindo – precaveu

5. (FCC) A expressão verbal não está de acordo com as normas gramaticais.

a) Os dois amigos desavieram-se por uma bagatela.
b) A natureza proveu os animais por meios de defesa.
c) Ela sempre creu nas minhas palavras.
d) A polícia interviu naquela algazarra.
e) Precavemo-nos contra as intempéries.

6. (FGV / Pol. Civil) Assinale o exemplo em que há erro na conjugação da forma verbal.

a) O regulamento dizia: nunca odeies teus inimigos mortais!
b) Hoje remedeio o que ontem não pude remediar.
c) Ela sempre arria o jogo antes de o parceiro arriar o dele.
d) Ocorreu o choque dos trens porque não freiaram a tempo.
e) Passeastes com vossos primos pela praia?

7. (BNDES / Cesgranrio)A flexão do verbo **macaquear** está em desacordo com a norma culta na opção:

a) Nós macaqueiamos a visão do português.
b) O brasileiro macaqueia a visão do português.
c) Talvez macaqueemos a visão do português.
d) É possível que os brasileiros macaqueiem a visão do português.
e) Os brasileiros macaqueiam a visão do português.

8. (TRT / Técn. Judic.) Reescrevendo o período "*Vem até aqui, saúda teus pais; depois vai ao encontro de teus amigos*", na segunda pessoa do plural, tem-se:

a) Venhai até aqui, saudai vossos pais; depois ide ao encontro de vossos amigos.
b) Vinde até aqui, saudai vossos pais; depois vade ao encontro de vossos amigos.
c) Vinde até aqui, saudai vossos pais; depois ide ao encontro de vossos amigos.
d) Vem até aqui, saudais vossos pais; depois ide ao encontro de vossos amigos.

9. (Cesgranrio) No período "Fecha os olhos e esquece", os verbos estão na segunda pessoa do singular do imperativo afirmativo. Damos a seguir algumas variações desse mesmo período,

mudando ora o tratamento, ora a forma do imperativo; uma delas é incorreta. Assinale-a:

a) Não feches os olhos, nem esqueças.
b) Fechai os olhos e esquecei.
c) Feche V.Exª. os olhos e esqueça.
d) Não fecheis os olhos, nem esqueçais.
e) Não fechai os olhos, nem esquecei.

Texto

A imprensa brasileira vem noticiando uma proposta milionária do Lazio da Itália, que pretende adquirir o passe do zagueiro Juan por 10 milhões de dólares. Este é o time cuja torcida já agrediu o jogador brasileiro Antonio Carlos, do Roma, e perdeu o mando de campo por incitamento racista em pleno estádio.

10. (Minist. Públ. / NCE-UFRJ) Considerando que a ação de agredir o jogador brasileiro Antonio Carlos ocorreu antes de o Lazio perder o mando de campo, ação também passada, o verbo agredir deveria estar no:

a) mais-que-perfeito do indicativo.
b) imperfeito do indicativo.
c) futuro do pretérito.
d) imperfeito do subjuntivo.
e) presente do subjuntivo.

11. (TRT / Anal. Judic.) "... que realmente **havia levado** a máquina para casa..."; a forma verbal sublinhada equivale a:

a) levava
b) levou
c) leva
d) levara
e) levasse

12. (TJ / Of. Just.) Atentando-se para a adequada articulação entre os tempos e os modos verbais, completa-se a frase *Caso não fossem necessárias as instituições* com o seguinte segmento:

a) haverão os homens de tê-las criado?
b) por que os homens as haverão de criar?
c) tê-las-íamos criado?
d) ainda assim as teremos criado?
e) tê-las-emos criado?

13. (TRE / Anal. Judic.) Está inteiramente adequada a articulação entre os tempos e os modos verbais na frase:

a) Se a liberdade da imprensa fosse um direito apenas dos jornalistas, cada vez que se desrespeite a liberdade de imprensa a sociedade não terá como reclamar.
b) Enquanto os jornalistas pensarem apenas em seus próprios interesses, não haveria como resguardar o direito da sociedade à livre informação.
c) No caso de vir a ser desrespeitado o direito social à livre informação, jogar-se fora uma das

principais características das democracias modernas.

d) Espera-se que dos três grandes debates promovidos pela RDLI resultem propostas práticas, que venham a reforçar o direito à liberdade de imprensa.

e) Ainda que houvesse uma absoluta liberdade para a circulação de ideias e de informações, será necessário lutar para que nada a ameaçasse.

14. (Vunesp – Assistente Social) Assinale a alternativa em que todos os verbos estão conjugados segundo a norma-padrão.

a) Absteu-se do álcool durante anos; agora, voltou ao vício.

b) Perderam seus documentos durante a viagem, mas já os reaveram.

c) Avisem-me, se vocês verem que estão ocorrendo conflitos.

d) Só haverá acordo se nós propormos uma boa indenização.

e) Antes do jantar, a criançada se entretinha com jogos eletrônicos.

15. (Vunesp TJ-MT – Técnico Judiciário) Indique a alternativa que preenche, correta e respectivamente, as lacunas do trecho.

Enquanto algumas pessoas _____ que o BlackBerry possibilitou que_____do escritório e passassem mais tempo com os amigos e a família, outras o acusaram de permitir que o trabalho se _____ em momentos de seu tempo livre.

a) disseram, saíssem, infiltrasse

b) diziam, saírem, infiltrar

c) dizem, sairiam, infiltrasse

d) dissessem, sairiam, infiltre

e) diriam, saíssem, infiltraria

16. (Vunesp – TJ-SP – Analista de Sistemas) Considere o texto a seguir para responder à questão:

Justiça absolve frentista acusado de participação em furto

O juiz Luiz Fernando Migliori Prestes, da 22ª Vara Criminal Central da Capital, julgou improcedente ação penal proposta contra frentista acusado de furto em seu local de trabalho.

Segundo consta da denúncia, A. L. A. R. teria permitido que W. F. O., cliente do posto de gasolina, usasse a máquina de cartões de crédito do local para fazer saques, mesmo sabendo que o cartão era roubado. Ele afirmou que desconhecia a origem ilícita do cartão.

Ao ser interrogado, W. F. O. **caiu em contradição** quando perguntado sobre a quantia paga ao funcionário para permitir as operações, fato que, no entendimento do magistrado, tornou o conjunto probatório frágil para embasar uma condenação. "Daí, insuficientes as provas produzidas para um decreto condenatório ante a falta de demonstração suficiente de que A. L. A. R. agiu com dolo, no que a improcedência da ação penal se impõe."

Com base nessa fundamentação, absolveu o frentista da acusação de furto qualificado.

Considerado o contexto, assinale a alternativa em que a expressão destacada no 3º parágrafo é substituída, sem alteração do tempo verbal, por correta forma verbal e adequada colocação pronominal.

a) contradiz-se

b) contraditou-se

c) se contradizeu

d) se contraditou
e) se contradisse

17. (Vunesp – 2013 – TJ-SP – Escrevente Técnico Judiciário) Assinale a alternativa em que todos os verbos estão empregados de acordo com a norma-padrão.

a) Enviaram o texto, para que o revíssemos antes da impressão definitiva.
b) Não haverá prova do crime se o réu se manter em silêncio.
c) Vão pagar horas-extras aos que se disporem a trabalhar no feriado.
d) Ficarão surpresos quando o verem com a toga...
e) Se você quer a promoção, é necessário que a requera a seu superior.

18. (Vunesp – TJ-SP – Escrevente Técnico Judiciário) Na frase – … os níveis de pessoas sem emprego **estão apresentando** quedas sucessivas de 2005 para cá. –, a locução verbal em destaque expressa ação

a) concluída.
b) hipotética.
c) futura.
d) atemporal.
e) contínua.

19. (Vunesp – Policia Civil – Aux. Necropsia)

À televisão

Teu boletim meteorológico
me diz aqui e agora
se chove ou se faz sol.
Para que ir lá fora?
A comida suculenta
que pões à minha frente
como-a toda com os olhos.
Aposentei os dentes.
Nos dramalhões que encenas
há tamanho poder
de vida que eu próprio
Nem me canso em viver.
Guerra, sexo, esporte
– me dás tudo, tudo.
Vou pregar minha porta:
já não preciso do mundo.

(José Paulo Paes, Prosas seguidas de Odes mínimas. Companhia das Letras, 1992)

Assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, as lacunas de trecho adaptado da segunda estrofe, de tal forma que seja expressa a ideia de possibilidade, hipótese.

A comida suculenta
que eles _____ à nossa frente
nós a _____ toda com os olhos.

a) puseram / comemos
b) põem / comíamos
c) punham / comêramos
d) punham / comíamos
e) pusessem / comeríamos

20. (Vunesp – TJ-SP - Técnico em Informática) Assinale a alternativa em que a forma verbal destacada está no modo imperativo, assim como em: Sorria!.
a) ... passeie pelo Facebook... (primeiro parágrafo)
b) ... os retratos pintados pediam poses longas... (segundo parágrafo)
c) Mas resta que nossos antepassados recentes... (terceiro parágrafo)
d) Em tese, a valorização ajuda a alcançar o que é valorizado... (penúltimo parágrafo)
e) De que se trata? (último parágrafo)

21. (Vunesp – TJ-SP – Advogado) Como executivo de um fundo de hedge, ele havia apostado contra as ações da Berkshire.
No contexto em que está empregada, a oração – … ele havia apostado contra as ações da Berkshire. – pode ser correta- mente substituída por:
a) … ele apostara contra as ações da Berkshire.
b) … contra as ações da Berkshire foi apostado por ele.
c) … as ações da Berkshire tinham sido apostadas por ele.
d) … ele apostaria contra as ações da Berkshire.
e) … ele teria apostado contra as ações da Berkshire.

22. (Técn. Judic. / PA) Caso a professora tratasse o aluno por *tu*, sua fala seria, corretamente:
a) Escrevas na lousa a palavra Ética!
b) Escrevei na lousa a palavra Ética!
c) Escreveis na lousa a palavra Ética!
d) Escrevais na lousa a palavra Ética!
e) Escreve na lousa a palavra Ética!

23. (Fiscal / ICMS) Na frase do texto "A liberdade supõe a operação sobre alternativas", o verbo irregular foi flexionado corretamente.
Assinale a alternativa em que se apresenta flexão **incorreta** da forma verbal.
a) Eles impunham condições para que o acordo fosse assinado.
b) O julgador interveio na polêmica sobre os critérios de seleção.
c) Não foi confirmado se a banca quereria dar à redação caráter eliminatório.
d) Se os autores se disporem a ratear o valor, a publicação da revista será certa.
e) É necessário que atentemos para a questão da mudança de paradigma científico.

24. (Aux. Oper. / Docas-SP)
Oh! Santos
És linda demais!
Caso o tratamento dado à cidade de Santos fosse vós, o verso seria:
a) És lindas demais!

b) Sois lindas demais!
c) Sois linda demais!
d) Eres linda demais!
e) Eres lindas demais!

25. (Guarda Port. / Docas-BA)
Assinale a alternativa em que o tratamento *tu* tenha se construído em concordância com a norma culta.
a) Querido, venhas ver a novela.
b) Querido, vem ver a novela.
c) Querido, vens ver a novela.
d) Querido, vinde ver a novela.
e) Querido, vindes ver a novela.

26. (Economista / Docas) Assinale a alternativa em que, **não** se manteve adequação à norma culta.
a) Vós não conseguis fazer nada como vos solicito?!
b) Tu não consegues fazer nada como te oriento?!
c) Você não consegue fazer nada como lhe solicito?!
d) Você não consegue fazer nada como o oriento?!
e) Você não consegue fazer nada como o peço?!

27. (Economista / Docas) *Dai-nos a Graça Divina.*
Assinale a alternativa em que se fez corretamente a passagem do verso acima para a forma negativa.
a) Não nos deis a Graça Divina.
b) Não nos dês a Graça Divina.
c) Não nos dai a Graça Divina.
d) Não nos dê a Graça Divina.
e) Não nos dais a Graça Divina.

28. (Fiscal / ICMS)"Tá bom, então quando você voltar, traga um copo de água bem gelada para mim." Assinale a alternativa em que a alteração da fala do homem **NÃO** tenha sido feita com adequação à norma culta. Não leve em conta possível alteração de sentido.
a) Quando tu voltares, traz um copo de água bem gelada para mim!
b) Quando vós voltardes, trazei um copo de água bem gelada para mim!
c) Quando tu voltares, não tragas um copo de água bem gelada para mim!
d) Quando vós voltardes, não tragais um copo de água bem gelada para mim!
e) Quando vós voltardes, não trazeis um copo de água bem gelada para mim!

29. (Cepel / NCE) Sabemos que verbos são uma classe de palavras que apresenta variações em pessoa, número, tempo e modo; as formas verbais "elaborou" e "está distribuindo" são semelhantes somente em:
a) pessoa, número, tempo e modo.
b) pessoa, número e tempo.
c) pessoa, número e modo.

d) número, tempo e modo.
e) pessoa e número.

30. (Minc / NCE) "...e de impedir que se consume o desastre..."; a forma verbal *consume* é cognata de:
a) consumismo
b) consumidor
c) consumação
d) consumo
e) consumista

31. (Eletrobrás / NCE) "E tantas vezes vim aqui..."; a frase abaixo que apresenta uma forma INADEQUADA do verbo VIR é:
a) Hoje vimos aqui para visitar a velha casa.
b) Amanhã virão outros a visitar a mesma casa antiga.
c) Quando virem outros, a casa não será a mesma.
d) Antigamente vinha muito a esta casa.
e) Eles não têm vindo a esta casa.

32. (CVM) "Se ele lesse, eu também leria"; a alternativa que apresenta uma frase com essa mesma estrutura, mas com forma verbal EQUIVOCADA é:
a) Se ele trouxesse, eu também traria.
b) Se ele aprovasse, eu também aprovaria.
c) Se ele pusesse, eu também poria.
d) Se ele viesse, eu também viria.
e) Se ele mantesse, eu também manteria.

33. (CVM) A alternativa que completa corretamente as lacunas da seguinte frase é:
"Quando _____ mais barato, o carro _____ um bem muito mais popular."
a) estivesse – era
b) estiver – será
c) esteja – era
d) estivesse – será
e) estiver – seria

34. (Docas Sant.) "...com o que sobrevém."; a alternativa em que se encontra uma forma ERRADA do verbo *vir* ou de um de seus compostos é:
a) Essas imagens não convêm à nossa campanha.
b) Os filósofos intervieram na ideia de futuro paradisíaco.
c) Essa concepção de futuro adveio da filosofia clássica.
d) Todos esses dados proviram de uma pesquisa governamental.
e) Vimos todos os dias a essas reuniões.

35. (Eletrobrás) "Medo de que a máquina nos telefone de volta e nos xingue..."; a forma verbal abaixo que, por não apresentar uma forma correta de presente de subjuntivo, NÃO poderia

substituir as formas *telefone* ou *xingue é*:

a) requeira – requerer
b) provenha – provir
c) proveja – prover
d) intervinha – intervir
e) refaça – refazer

36. (AGU) Em "não **desmereçam** valores sociais ou **provoquem** discriminação", as formas verbais destacadas estão no presente do subjuntivo. O item em que há um erro na forma de presente do subjuntivo do verbo indicado é:

a) averigue (averiguar) – traga (trazer)
b) provenha (provir) – mantenha (manter)
c) requeira (requerer) – intervenha (intervir)
d) reaveja (reaver) – atue (atuar)
e) detenha (deter) – caiba (caber)

37. (Comiss. Inf. Juv. / NCE)"Até lá, que o menos abandonado não chateie..."; se colocarmos o verbo sublinhado na primeira pessoa do plural, do mesmo tempo verbal, a forma correta é:

a) chateiemos
b) chatiemos
c) chateemos
d) chatiamos
e) chateiamos

38. (CEPL / NCE) Extinto é uma das formas de particípio do verbo extinguir; o verbo abaixo que NÃO possui duas formas possíveis de particípio é:

a) escrever
b) matar
c) morrer
d) gastar
e) pegar

39. (Finep / NCE) Na frase "O autor do texto pensa que a Terra se tornará inviável", criada a partir do tema do texto, a correspondência de tempos verbais INADEQUADA correspondente respectivamente, a *pensa* e *se tornará* é:

a) pensou / se tornaria
b) tinha pensado / se tornaria
c) pensava / tornará
d) pensará / se tornará
e) teria pensado / se tornaria

40. (Antt / NCE) "Onde havia estado anteriormente e morara algum tempo"; se quiséssemos substituir a primeira forma verbal sublinhada a fim de que tivesse a mesma forma simples da segunda, deveríamos escrever:

a) estava

b) estaria
c) esteve
d) estivera
e) tinha estado

41. (CVM) Entre as mensagens abaixo, a única que está de acordo com a norma escrita culta é:
a) Veja os celulares fantásticos reservados para você. Telefona já!
b) Mostra que você trabalha com a cabeça. Invista em ações!
c) Pensa primeiro em ti mesmo e seja feliz!
d) Não desconsidere o inimigo. Trate sempre de sua proteção.
e) Em caso de dirigir, não beba. Fala com um amigo para te levar em casa.

42. (Eletronorte / NCE) A oração abaixo em que a forma sublinhada **NÃO** corresponde ao gerúndio é:
a) A hipocrisia vem crescendo no seio das elites.
b) Falando sobre qualquer coisa, os homens querem parecer mais do que são.
c) Nem todos os exemplos de hipocrisia têm vindo das elites.
d) Partindo dos argumentos apresentados, o autor se posiciona contra a hipocrisia.
e) Nem todos os artigos deste livro estão tratando de problemas sociais.

43. (Técn. Judic.) "...não se sabendo onde acaba a administração pública e começa a sociedade."; o verbo *saber* é verbo irregular, com alterações no radical e nas desinências, em comparação com os parâmetros de sua conjunção. O item cuja forma é de formação regular é:
a) soubermos.
b) sabido.
c) saiba.
d) soubesse.
e) sei.

44. (Cetro / Prefeitura de Campinas - Administrador) Leia as orações abaixo e, em seguida, assinale a alternativa que preenche correta e respectivamente as lacunas.
I. Não se _____ e contou a surpresa para o aniversariante.
II. O chefe _____ na discussão dos colegas de departamento.
III. Se eu quisesse desta forma, eu mesma _____ feito.
IV. Depois de muita balburdia, a mulher _____ seus pertences.
a) conteu / interviu / tinha / reaveu.
b) conteve / interviu / tinha / reaviu.
c) conteve / interveio / teria / reouve.
d) conteve / interveio / teria / reaveu.

45. (MPE / Técn. Sup.) Os verbos da frase "Se eles se casarem e vierem para cá com os filhos, serão bem-vindos", estão no futuro simples. Uma das opções abaixo transpõe corretamente os três verbos para suas formas compostas equivalentes. Assinale-a:
a) tiverem casado – houverem vindo – terão sido
b) tivessem casado – houvessem vindo – hão sido

c) houverem casado – tiverem vindo – serão tidos
d) estiverem casados – forem vindos – ficarão sendo
e) houvessem casado – tivessem vindo – teriam sido

46. (MPE) Uma das regras do emprego do gerúndio recomenda que ele seja empregado quando indicar "contemporaneidade entre a ação expressa pelo verbo principal e o gerúndio"; observe as seguintes frases:

I. "Quero registrar a triste situação por que passam milhões de crianças brasileiras, em sua maioria desassistidas, desnutridas, sem educação básica, CAMINHANDO rumo a um futuro incerto infeliz."

II. "Os menores do Brasil, desassistidos em seus lares, ganham as ruas em busca de uma forma de vida, CAINDO nas malhas da prostituição..."

III. "Mesmo assim, tal atividade deve ser reconhecidamente leve, EXCLUINDO-se, por exemplo, trabalho exercido nas indústrias, nas oficinas e na agricultura."

A(s) frase(s) em que essa norma foi desrespeitada é (são):

a) I – III
b) I – II
c) II – III
d) I
e) II

(Cespe-UnB) Julgue as alternativas a seguir, com C (certo) ou E (errado).

Acredita-se, também, que exista somente uma língua de sinais no mundo, mas há várias. Brasil e Portugal, por exemplo, possuem línguas de sinais diferentes.

47. Em "Acredita-se, também, que exista somente uma língua de sinais no mundo, mas há várias" a substituição da forma verbal "exista", no presente do subjuntivo, pela forma verbal "existe", no presente do indicativo, manteria a correção gramatical do período.

O mundo do trabalho tem mudado numa velocidade vertiginosa e, se os empregos diminuem, isso não quer dizer que o trabalho também.
Só que ele está mudando de cara. Como também está mudando o perfil de quem acaba de sair da universidade, da mesma forma que as exigências da sociedade e – por que não? – do mercado, cada vez mais globalizado e competitivo.

48. A opção pelo emprego das formas verbais "tem mudado" e "está mudando" indica que a argumentação do texto mostra as mudanças do "trabalho" como durativas, estendidas no tempo.

O crescimento mundial da consciência ambiental está aumentando na sociedade o desejo de consumir produtos ambientalmente saudáveis.

49. Na linha 2, a forma verbal "consumir" poderia estar flexionada no plural – consumirem –, sem prejuízo para a correção gramatical do texto.

Do ponto de vista do "pai de família pobre" da década de 1920 ou 1930, o Estado aparece como aquele que deve prover os cidadãos do conforto material mínimo à sobrevivência, na forma de emprego ou de outras condições mais diretas, como moradia, saúde ou educação. Não se trata de <u>emitir</u> *um juízo de valor sobre esta concepção, mas de constatar sua existência.*

50. O infinitivo verbal “emitir” não admite emprego na flexão plural por concordar com “um juízo”.

Gabarito: 1. d; 2. c; 3. e; 4. e; 5. d; 6. d; 7. a; 8. c; 9. e; 10. a; 11. d; 12. c; 13. d; 14. e; 15. e; 16. e; 17. a; 18. e; 19. d; 20. a; 21. a; 22. e; 23. d; 24. c; 25. b; 26. e; 27. a; 28. e; 29. c; 30. c; 31. c; 32. e; 33. b; 34. d; 35. d; 36. d; 37. c; 38. a; 39. c; 40. d; 41. d; 42. c; 43. b; 44. c; 45. a; 46. e; 47. errado; 48. certo; 49. errado; 50. errado.

9 PRONOMES

O primeiro conceito importante que se deve saber sobre pronomes é que eles podem desempenhar funções adjetivas, quando se referirem a substantivos (pronomes adjetivos), ou funções substantivas, quando ocuparem o lugar do substantivo (pronomes substantivos). É exatamente assim: um pronome, além de ser classificado como relativo, demonstrativo, possessivo etc., pode ser substantivo ou adjetivo.

Exemplo:

Este produto é importado_____**Isto** é importado

pronome adjetivo_____pronome substantivo

Observe uma questão de concurso que trabalhou essa nomenclatura.

1. (TRT/RJ) A alternativa em que o pronome indefinido exerce função substantiva é:

a) de uma etnia e de uma cultura.

b) que exterminassem as demais.

c) depois de vários séculos.

d) marcada muitas vezes.

e) nenhum grupo pode.

Comentários:

Na letra A, **uma** refere-se a **etnia** e **cultura, sendo artigo indefinido;** na letra C, **vários** acompanha o substantivo **séculos, classificando-se como pronome indefinido em função adjetiva;** na letra D, **muitas** se refere a **vezes, é pronome indefinido adjetivo também**; na letra E, o pronome indefinido **nenhum** se refere ao substantivo **grupo, e exerce, portanto, função adjetiva.** Apenas na letra B, o pronome indefinido **demais** não acompanha substantivo: aparece no lugar dele, antecedido pelo artigo **as.** Daí exerce uma função substantiva.

Resposta: B.

Os pronomes podem ser: pessoais, possessivos, demonstrativos, indefinidos, interrogativos e relativos.

9.1. PRONOMES PESSOAIS

Designam as três pessoas do discurso. Classificam-se em **retos** e **oblíquos.**

Pessoa	Caso reto	Caso oblíquo	
		Átono	**Tônico**
1ª	eu	me	mim, comigo
2ª	tu	te	ti, contigo
3ª	ele	se, o, a, lhe	si, consigo, ele, ela*
1ª	nós	nos	* nós, conosco
2ª	vós	vos	* vós, convosco
3ª	eles	se,os, as, lhes	si, eles, elas*

***Ele, nós, vós, eles:** quando oblíquos sempre preposicionados.

Ex.: Ora se dirigia a nós, ora a eles.

Observação: Quando os verbos terminam em **r, s, z** e os pronomes pedidos são **o(s), a(s),** ocorre a queda daquelas terminações, acrescentando-se o **l (lo(s), la(s));** quando os verbos terminarem em som nasal (**m** ou **til**), acrescenta-se o **n** (no(s), na(s)).

Ex.: Quero comprá-**las.** (= comprar + as) / Expusemo-**la**. (Expusemos + a) / Fê-**los** com rapidez. (Fez + os) / Trouxeram-**no** (Trouxeram + o)**.**

9.1.1. Retos

Funcionam, na maior parte dos casos, como sujeito ou predicativo.

Ex.: **Tu** não és **eu**. / O fato de **ele** reconhecer o erro...

suj. p.s. suj.

9.1.2. Oblíquos

Funcionam, geralmente, como complemento (objeto direto, objeto indireto, complemento nominal).

Ex.: Vi – **o** na rua. / Obedeci-**lhe**. / A decisão **lhe** foi favorável.

o.d. o.i. c.n

Agora vamos a alguns exercícios de fixação para apreender a teoria exposta sobre os pronomes pessoais retos e oblíquos. Nas questões de prova, observamos que esse assunto aparece por meio

de reescritura, daí a importância de se associar a classe à função que ela desempenha na frase.

Lembre-se: os pronomes pessoais retos funcionam, em geral, como sujeito, e os oblíquos como complementos de verbo ou de nome.

I. Use eu/tu, mim/ti.

1. Você só sairá se _____ permitir.

Comentários: aqui aparecem dois verbos. Para todo verbo, temos de achar um sujeito. O sujeito de *sairá* é *Você*. Fica faltando o sujeito para o verbo *permitir*, daí o uso do pronome pessoal reto *eu*.

Resposta: eu.

2. Nenhum problema surgiu entre _____ e o teu chefe.

Comentários: nesta frase observamos que aparece apenas um verbo – *surgiu* – com seu respectivo sujeito *Nenhum problema*. Logo, teremos de usar o complemento *mim*.

Resposta: mim.

3. Entre _____ pedir e você atender...

Comentários: neste período aparecem dois verbos: *pedir* e *atender*. O sujeito de *atender* é *você*. Ficaria faltando o sujeito do verbo *pedir*, por isso, teremos de completar a lacuna com o pronome pessoal reto *eu*.

Resposta: eu.

4. Houve muitos desentendimentos entre _____ e _____.

Comentários: aqui aparece apenas o verbo *Houve*, com o sentido de *existir*. Quando o verbo *haver* aparece com esse sentido, temos um caso de **oração sem sujeito**, logo não poderemos completar as lacunas com sujeito, e sim com complementos *mim* e *ti*.

Respostas: mim e ti.

II. Substitua o termo em destaque pelo pronome correspondente.

1. O movimento visa encontrar **soluções**.

Comentários: o termo destacado exerce a função de objeto direto de *encontrar*. Ao se reescrever

a frase, o objeto, que é um complemento de verbo, será substituído por um pronome oblíquo correspondente – *las*. Lembre-se de que quando o verbo termina em *r*, *s* ou *z* e os pronomes pedidos são *o(s), a(s)*, cortam-se aquelas terminações e acrescenta-se o *l*.

Resposta: encontrá-las.

2. Deixaram **as chaves** no carro.

Comentários: outra vez o termo destacado funciona como **complemento** de verbo, portanto, usaremos o pronome oblíquo átono correspondente. Como a terminação é em som nasal, acrescenta-se o *n*.

Resposta: Deixaram-nas.

3. Faltaram **os aplausos** no fim do espetáculo.

Comentários: repare que nesta frase a expressão destacada funciona como sujeito do verbo *faltar*. Por isso, o uso do pronome reto correspondente – *eles* – na função de sujeito.

Resposta: Faltaram eles ou, na ordem direta, Eles faltaram.

4. **A violência** começa a gerar **expectativas**.

Comentários: nesta frase as expressões destacadas funcionam, respectivamente, como *sujeito* e *objeto direto*. Reescrevendo o sujeito *A violência*, temos o pronome reto *ela*; reescrevendo o objeto direto *expectativas*, o pronome oblíquo correspondente -*las*.

Respostas: Ela e gerá-las.

9.1.2.1. Colocação dos pronomes oblíquos átonos

me – te – se – o(s) – a(s) – lhe(s) – nos – vos

Próclise: quando o pronome átono aparece **antes** do verbo.

Ex.: Eu **o** ajudei naquela difícil tarefa.

Mesóclise: quando o pronome átono aparece no **meio** do verbo.

Ex.: Ajudá-**lo**-ei naquela difícil tarefa.

Ênclise: quando o pronome átono aparece **após** o verbo.

Ex.: Ajudei-**o** naquela difícil tarefa.

Observamos que a possibilidade de se usar o oblíquo átono é muito maior do que a proibição. Portanto, estudaremos aqui os casos em que o uso do pronome átono é proibido.

É proibido:

a) iniciar **oração** com oblíquo átono;

Exs.: **Me** espere hoje às seis horas. (errado)

Espere-**me** hoje às seis horas. (certo)

b) colocá-los **após** futuros e particípio.

Exs.: Direi-**te** a verdade. (errado)

Havia falado-**me** a verdade. (errado)

Dir-**te**-ei a verdade. (certo)

Havia-**me** falado a verdade. (certo)

Observações:

1. Havendo palavra **invariável** (palavra que não tem feminino nem plural – que, quem, caso, se, em, ninguém, alguém, tudo...) antes do verbo, próclise.

   Ex.: **Para** me responder... / **Não** te ouvi.

   Na locução verbal, se aparecer palavra **invariável** e o pronome vier preso ao auxiliar por hífen, estará **errada** a construção.

   Ex.: **Ninguém** queria-**me** ouvir. (errado)

   Ninguém me queria ouvir. (certo)

   Ninguém queria me ouvir. (certo: mesmo havendo palavra indefinida, o pronome pode ficar proclítico ao verbo principal)

2. Após infinitivo, sempre certo o uso do pronome átono.

   Ex.: Para responder-me...

   Ninguém queria ouvir-me.

3. Com conjunção coordenativa (*e, ou, mas, ...*): próclise ou ênclise.

   Ex.: Chegou e se deitou ou Chegou e deitou-se.

   Antes das questões de concursos, vamos fixar as regras de colocação pronominal.

Use o pronome oblíquo átono entre parênteses em todas as posições possíveis. Quando houver caso de mesóclise, escreva ao lado a forma correta.

1. _____ dize _____ com quem andas, _____ direi _____ quem és. (me/te)

Comentários: observe que nas duas passagens os verbos dão início às orações. Como não podemos iniciar oração com pronome oblíquo átono, usaremos a ênclise no primeiro caso e a mesóclise no segundo.

Resposta: Dize-me e dir-te-ei.

2. _____ caberia _____ mostrar patriotismo (lhe).

Comentários: neste caso, não podemos usar a próclise por ser início de oração, mas também não podemos usar a ênclise já que o verbo aparece no futuro, o que, nos dois casos, consistiria erro. Aqui a única possibilidade é a mesóclise.

Resposta: Caber-lhe-ia.

3. O dinheiro que _____ entreguei _____ era meu. (lhe)

Comentários: nesta frase, a palavra *que*, invariável, atrai o pronome oblíquo átono.

Resposta: que lhe entreguei.

4. Os falantes de português _____ tornaram _____ maioria no litoral brasileiro. (se)

Comentários: aqui as duas formas estão corretas porque não há nenhuma proibição. Não é início de oração, o verbo não está no futuro nem há palavra invariável antes do verbo que obrigaria uso da próclise. Portanto, próclise ou ênclise.

Resposta: se tornaram ou tornaram-se.

Agora, algumas questões de concursos anteriores comentadas.

1. (FCC/TRF-SP) Devaneios, quem não **tem devaneios**? **Têm devaneios** as crianças e os jovens, **dão aos devaneios** menos crédito os adultos, mas é impossível **abolir os devaneios** completamente.

Evitam-se as indesejáveis repetições da frase anterior substituindo-se os elementos em destaque, na ordem dada, por:

a) os tem – Têm-lhes – dão-lhes – abolir-lhes

b) tem eles – Têm-nos – dão-lhes – abolir-lhes

c) os tem – Têm eles – dão-nos – aboli-los

d) tem a eles – Os têm – dão a eles – abolir a eles

e) os tem – Têm-nos – dão-lhes – aboli-los

Comentários:

Vimos na teoria que questões de reescritura por meio de pronome pessoal obedecem a um padrão: o **sujeito** é substituído por pronome pessoal **reto** e o **complemento**, por pronome pessoal **oblíquo**. Além disso, quando os pronomes pedidos são o(s), a(s) (objetos diretos), dependendo das terminações, viram lo(s), la(s) ou no(s), na(s).

Nesta questão, *devaneios*, em todas as passagens, funciona como objeto dos respectivos verbos. Nas 1ª e 2ª ocorrências, é objeto direto de **tem**. Na 3ª, é objeto indireto de **dão** (veja a presença da preposição) e na 4ª, objeto direto de **abolir**. Como os pronomes usados são os oblíquos átonos, além do uso, temos de atentar para a **colocação**. No primeiro caso, o **não** atrai o pronome (*não os tem*). Nos segundo e terceiro casos, iniciam oração (Têm-nos) e (dão-lhes). Na quarta ocorrência, nada proíbe o uso da próclise ou da ênclise (... *impossível os abolir* ou *aboli-los*).

Resposta: E.

2. (FCC/TRT – 18ª Região) As eleições são importantes, mas não **se empreste às eleições** um valor absoluto, ainda que muitos ainda **vejam as eleições** como finalidade última do processo democrático, sem falar nos que **consideram as eleições** uma aborrecida obrigação.

Evitam-se as viciosas repetições do texto acima substituindo-se os elementos destacados, respectivamente, por:

a) se lhes empreste – as vejam – as consideram

b) se as empresta – as vejam – lhes consideram

c) se empreste-lhes – vejam-nas – lhes consideram

d) se empreste a elas – lhes vejam – as consideram

e) se lhes empreste – vejam-lhes – consideram elas

Comentários:

Aqui, logo pela primeira passagem, ao usar o oblíquo átono, por causa da palavra invariável **se**, ficaríamos apenas com duas opções: A e E. Lembre que o pronome átono **lhe**, como complemento de verbo, substitui o **objeto indireto** (*emprestar um valor absoluto às eleições*). Nas outras

ocorrências, *eleições* funciona como objeto direto dos respectivos verbos.

Quanto à colocação, próclise nos dois casos, pois as palavras invariáveis **ainda** e **que** atraem os pronomes átonos.

Na letra D, estaria correto o uso do oblíquo tônico **a elas**, já que substitui o objeto indireto, com preposição, pois. Mas a passagem *lhes vejam* estaria errada.

Resposta: A.

3. (FCC/PMSAL – Guarda Municipal) O autor explica ao leitor mais jovem quem eram os guardas-noturnos, como a população **admirava os guardas-noturnos**, como **confiava aos guardas-noturnos** a tarefa de velar pelo sono de todos, como **tomava os guardas-noturnos** como exemplo de dedicação profissional.

Evita-se o uso abusivo de repetições na frase acima substituindo-se os elementos destacados, respectivamente, por:

a) admirava eles – confiava neles – os tomava

b) os admirava – lhes confiava – os tomava

c) lhes admirava – os confiava – tomava a estes

d) admirava-os – confiava-lhes – tomava-lhes

e) admirava-lhes – lhes confiava – lhes tomava

Comentários:

Nas primeira e terceira passagens, *guardas-noturnos* aparece como objeto direto (sem preposição) dos verbos **admirar** e **tomar**. Na primeira, como nada proíbe (veja a teoria) a próclise ou a ênclise, caberiam *"... a população os admirava"* ou *"... a população admirava-os"*, mas na terceira a palavra **como** (invariável) atrai o pronome átono (*como os tomava*). Na segunda ocorrência, esse mesmo vocábulo aparece como **objeto indireto**, daí a substituição por **lhe**. A próclise se dá por causa da presença da palavra **como** (invariável).

Resposta: B.

9.1.2.2. Reflexivos

Referem-se à mesma pessoa, correspondendo a **a mim mesmo, a si mesmo** etc.

Exs.: Eu **me** cortei. / Ele **se** feriu. / Olhou-**se** no espelho. / Trazia **consigo** as lembranças do

passado.

9.1.2.3. Recíprocos

Indicam ideia mútua, recíproca, correspondendo a **um ao outro.**

Exs.: Eles **se** abraçaram.

Os namorados olhavam-**se** apaixonadamente.

Vejamos um exemplo de questão.

1. (NCE/TJ – Analista Judiciário) "As verdades filosóficas se contradizem..."

O item a seguir em que o SE apresenta valor idêntico àquele que possui nesse segmento da frase acima:

a) Procura-se um meio de fazer o homem menos cético.

b) Os homens modernos esconderam-se da verdade.

c) Pascal se declarou irracionalista.

d) A ciência e a fé se digladiam.

e) As doutrinas filosóficas queixam-se do ceticismo moderno.

Comentários:

A partícula **se** do enunciado funciona como *pronome recíproco* (**uma** verdade contradiz **a outra**).

Na letra A, o **se** é pronome *apassivador* (um meio é procurado). Em vozes verbais falaremos sobre ele. Nas opções B e C, o pronome funciona como *reflexivo* ("esconderam **a si mesmos**" e "declarou **ele mesmo** irracionalista"). Na opção D, é *recíproco*, pois **uma** se digladia com **a outra**. Na E, o verbo em questão é *queixar-se* (pronominal), sendo o pronome parte integrante do verbo.

Resposta: D.

9.2. PRONOMES DE TRATAMENTO

Certos vocábulos ou locuções valem por pronomes pessoais. São os **pronomes pessoais de tratamento.** Referem-se à segunda pessoa, mas o verbo e os pronomes correspondentes vão para a 3ª pessoa.

Exs.: Você, Senhor, Senhora, Vossa Excelência, Vossa Eminência etc.

Vejamos um exemplo de questão.

1. (FCC/TRT – 2ª Região – Téc. Judic.) Considere o final de uma reivindicação dos moradores de um bairro, dirigida ao prefeito da cidade:

"Esperamos que _____, senhor prefeito, _____ verificar as condições por nós apontadas, e que sejam tomadas as medidas necessárias no sentido de solucionar tais problemas...

A _____ dispor, atentos às providências,

Os moradores."

As lacunas estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:

a) V.Sa. – mandeis – vosso

b) V.Exa. – mande – seu

c) V.Exa. – mandeis – seu

d) V.Sa. – mande – vosso

e) V.Exa. – mande – vosso

Comentários:

Esta é uma questão que trata do emprego dos pronomes de tratamento. Usamos *V.Exa* para altas autoridades (presidentes, governadores, ministros, prefeitos...). Além disso, os verbos e os pronomes correspondentes vão para a 3ª pessoa (mande e seu).

Resposta: B.

9.3. PRONOMES POSSESSIVOS

São aqueles que indicam a posse em referência às três pessoas do discurso:

1ª pessoa: meu(s), minha(s), nosso(s), nossa(s)

2ª pessoa: teu(s), tua(s), vosso(s), vossa(s)

3ª pessoa: seu(s), sua(s)

Quanto aos pronomes possessivos, atenção:

Há duas maneiras de indicar a posse no discurso: utilizando-se de um pronome possessivo ou por meio de um pronome oblíquo átono com valor possessivo. Assim, teríamos:

Beijou-**lhe** a face. (Beijou a **sua** face)

Beijou-**me** a face. (Beijou a **minha** face)

À noite, apareceram-**lhe** em casa alguns amigos. (em **sua** casa)

É exatamente isso: um pronome oblíquo átono pode ter o mesmo valor semântico que um pronome possessivo. A seguir, alguns exemplos.

Assinale as opções em que o pronome lhe apresenta o mesmo valor significativo que possui em "uma espécie de riso sardônico e feroz contraía-lhe as negras mandíbulas.":

Observe que aqui o que se pede é o pronome oblíquo átono com valor de posse. Nesse caso, ele irá sempre se referir a um substantivo e poderá ser substituído por um outro pronome possessivo.

a) A mãe apalpava-lhe o coração.

(Isso é o mesmo que a mãe apalpava o seu coração, o coração dele.)

b) Aconteceu-lhe uma desgraça.

(Aconteceu uma desgraça a ele, e não dele.)

c) Tudo lhe era indiferente.

(Tudo era indiferente a ele.)

d) Afastou-lhe os cabelos.

(Afastou os seus cabelos, os cabelos dele.)

e) Ao inimigo, não lhe nego perdão.

(Não nego perdão a ele, e não o perdão dele.)

f) Não lhe contei o segredo.

(Não contei o segredo a ele.)

g) Apertou-lhe gentilmente a mão.

(Apertou a sua mão, a mão dele.)

Resposta: as alternativas que apresentam pronomes oblíquos com valor possessivo são A, D e G.

Vejamos como esse assunto aparece nas provas.

1. (Cespe/UnB/MTE) Assinale a opção em que o pronome "lhe" não tem o mesmo sentido que em: "O tempo arrebata-lhe a garganta".

a) Afagou-lhe os cabelos com amor.

b) A luz sempre lhe afugenta o sono.

c) O marido sempre lhe nega a resposta.

d) Ajeitou-lhe o colar e saiu mansamente.

Comentários:

O pronome oblíquo da frase do enunciado possui valor possessivo – pode ser trocado por outro possessivo ("O tempo arrebata a *sua* garganta").

Na letra A, o pronome *lhe* equivale a *seus* ("Afagou os *seus* cabelos com amor").

Na letra B, o pronome oblíquo *lhe* pode também ser substituído por um possessivo ("O tempo afugenta o *seu* sono").

A letra C traz um pronome oblíquo que funciona como complemento do verbo, e não possui valor possessivo ("O marido sempre nega a resposta *a ela*").

Já a letra D apresenta um pronome oblíquo com valor possessivo: ajeitou o *seu* colar e saiu...

Resposta: C.

2. (Cespe-UnB) Assinale a única frase em que o pronome *lhe* **NÃO** tem sentido possessivo.

a) O tempo mudou-lhe o rosto.

b) Não lhe pude conhecer a generosidade.

c) O sabor das balas de tangerina encheu-lhe a boca.

d) O entusiasmo abriu-lhe os olhos.

e) Deram-lhe um emprego perto de casa.

Comentários:

Nas letras A, B, C e D, os pronomes oblíquos têm valor possessivo: referem-se a substantivos e podem ser substituídos por outros possessivos. Assim, teríamos: o tempo mudou o *seu* rosto; não pude conhecer a *sua* generosidade; o sabor das balas de tangerina encheu a *sua* boca; o entusiasmo abriu os *seus* olhos. Apenas na letra E o pronome oblíquo não tem sentido possessivo, ele é complemento do verbo: "deram um emprego *a ele* – e não um emprego *dele* – perto de casa".

Resposta: E.

9.4. PRONOMES INDEFINIDOS

Agora, vamos falar sobre os pronomes indefinidos. Estes têm sentido vago ou indeterminado. Aplicam-se à 3ª pessoa: algum, nenhum, todo, outro, muito, certo, vários, tanto, quanto, qualquer, alguém, ninguém, tudo, outrem, nada, cada, algo, mais, menos, que, quem. Veja os exemplos:

"**Todo** dia ela faz tudo sempre igual." (Chico Buarque)

Havia **muita** preocupação no Congresso.

Chegarão **mais** livros na próxima semana.

Observe que os pronomes indefinidos referem-se a substantivos, como todos os pronomes fazem, indicando ideia vaga, generalizando: essa é a função de um pronome indefinido. Além dos pronomes indefinidos, existem também **as locuções pronominais indefinidas**, que são um grupo de vocábulos com valor de pronome indefinido: cada um, cada qual, qualquer um etc. Os pronomes indefinidos, muitas vezes, interrogam e, nesse caso, são chamados de pronomes indefinidos interrogativos ou, simplesmente, pronomes interrogativos. Vamos conhecê-los?

9.5. PRONOMES INTERROGATIVOS

São os pronomes indefinidos **que**, **quem**, **qual**, e **quanto**, usados nas interrogações (diretas ou indiretas). Exemplos:

Quem precisa de um novo Fidel?

Nesse caso, o pronome indefinido *quem* está inserido em uma frase interrogativa direta: com ponto de interrogação.

Desconheço **quem** organizou a festa.

Observe que, aqui, o pronome também é interrogativo, mas se insere em uma frase interrogativa indireta, sem ponto de interrogação.

Aqui, vale um recado:

Frase interrogativa indireta é aquela que vem sem ponto de interrogação, mas que também espera uma resposta. São as conjecturas. Utilizam-se de informações do tipo: *desconheço, gostaria de saber, não sei...*

Os pronomes indefinidos e interrogativos podem se confundir com adjetivos ou advérbios. Isso porque eles também se referem a substantivos – como os adjetivos fazem. Além disso, muitas palavras que aparecem como adjetivos ou advérbios também podem ser pronomes indefinidos: *muito*, *vários*, *todo*...

Falaremos do substantivo, adjetivo e advérbio em concordância, mas já podemos definir essas classes agora, a fim de não confundi-las com os pronomes indefinidos.

Adjetivo é a classe de palavra que se refere ao substantivo, indicando-lhe qualidade, condição ou estado. É classe de palavra variável.

Advérbio é a classe de palavra que modifica verbo, adjetivo ou o próprio advérbio. Indica circunstância (tempo, intensidade, lugar etc.) e é normalmente invariável.

Pronome indefinido modifica substantivo ou entra no lugar dele. Semanticamente, indica ideia vaga. Na maioria das vezes, é classe de palavra variável (algum, qualquer, todo...), ainda que alguns pronomes indefinidos não variem (alguém, ninguém...).

Atenção: Dizer que uma classe de palavra é variável significa dizer que ela se flexiona em gênero (masculino/feminino) e número (singular/plural).

Vamos treinar?

Complete as lacunas de acordo com o código abaixo:

(1) Adjetivo ou locução adjetiva

(2) Advérbio ou locução adverbial

(3) Pronome indefinido

a) ( ) Maria é muito calma.

Aqui, a palavra *muito* se refere a *calma*; *calma* é adjetivo; *muito* é advérbio. Observe que ele não se flexionou; o que ratifica que é um advérbio, classe de palavra invariável.

b) ( ) Precisou de muita calma para resolver o impasse.

Calma agora é substantivo. Ora, se *muita* se refere a um substantivo, indicando ideia vaga, é pronome indefinido.

c) ( ) Precisou de muito dinheiro para comprar a casa.

Muito se refere ao substantivo *dinheiro*, indicando sentido vago, indeterminado. É pronome indefinido.

d) ( ) Beijo pouco, falo menos ainda.

Menos modifica o verbo falo, indicando intensidade. É advérbio.

e) ( ) Hoje disponho de pouco tempo para diversão; e o que é pior, de menos disposição.

Pouco se refere a *tempo*, substantivo; *menos* se refere a *disposição*, também um substantivo.

Ambos indicam ideia vaga, generalizam. São pronomes indefinidos.

f) ( ) Cantava bem baixo para ninguém ouvi-lo.

Baixo modifica o verbo *cantava*, indicando ideia de modo. É advérbio.

g) ( ) Tinha bastante orgulho da irmã.

Bastante se refere ao substantivo *orgulho*. É o mesmo que *muito orgulho*. Indica valor vago: pronome indefinido.

h) ( ) Era uma pessoa bastante orgulhosa.

Bastante refere-se ao adjetivo *orgulhosa*, intensificando esse adjetivo. É advérbio de intensidade; tanto é advérbio que, se flexionássemos as informações para o plural, essa palavra se manteria invariável: *eram pessoas bastante orgulhosas*.

i) ( ) Depositava confiança bastante no bom senso da filha.

Agora, *bastante*, que se refere a um substantivo, está o qualificando. É o mesmo que *suficiente*. É, portanto, adjetivo.

j) ( ) Tenha mais paciência.

Mais se refere ao substantivo *paciência*, indicando ideia vaga, indeterminada. É o mesmo que *muita paciência*. É pronome indefinido.

k) ( ) Seja mais paciente.

Mais se refere a *paciente*, que é adjetivo, intensificando-o. É advérbio de intensidade.

l) ( ) Sempre leio os jornais da manhã.

Essa expressão se refere ao substantivo jornal, caracterizando-o. É uma locução adjetiva. Nesse caso, poderíamos inclusive trocar essa locução por outro adjetivo: *matutinos*.

m) ( ) Sempre leio os jornais de manhã.

A expressão se refere ao verbo, dando-lhe ideia de tempo: *leio de manhã, pela manhã*. É locução adverbial de tempo.

Gabarito: a) 2; b) 3; c) 3; d) 2; e) 3; f) 2; g) 3; h) 2; i) 1; j) 3; k) 2; l) 2; m) 1 e 2.

Tendo visto os pronomes indefinidos e em que eles diferem dos advérbios e adjetivos, resta-nos falar dos pronomes demonstrativos. É neste assunto que vamos aprender a diferenciá-los e a detectar as funções que eles desempenham no texto.

9.6. PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Antes de tudo, é preciso entender que os pronomes demonstrativos podem indicar a posição dos elementos em relação a três hipóteses distintas: tempo, espaço, texto. Assim:

O pronome demonstrativo pode apontar para objetos localizados no **espaço**, perto ou distante do falante.

O pronome demonstrativo pode fazer referência ao **tempo** presente, passado ou futuro.

O demonstrativo pode também retomar informações já mencionadas no **texto** ou que virão a seguir na sequência textual.

Para cada situação, existem regras que farão você optar por qual demonstrativo utilizar. Preparamos um quadro resumido que irá ajudá-lo a organizar esses conceitos:

	No espaço	No tempo	No texto
Isto / este(s) / esta(s)	Apontam para o que está perto do falante. Ex.: Este material aqui é meu.	Momento presente. Ex.: Estes dias têm sido agradáveis. Momento futuro próximo. Ex.: Nestas férias viajarei.	Apontam para uma informação que virá adiante no texto. Ex.: Este número é a dica do teste – sete.
Isso / esse(s) / essa(s)	Apontam para o que está perto do ouvinte. Ex.: Esse material aí é meu.	Passado não distante. Ex.: Nesse domingo fui ao Maracanã.	Indicam uma informação que já apareceu no texto. Atenção: se a informação já foi mencionada e está próxima, modernamente, costuma se utilizar Isto/Este/Esta. Ex.: "Dois" – Esse/Este número é a dica do teste.
Aquilo / aquele(s) aquela(s)	Apontam ao que está distante de ambos. Ex.: Aquele material ali é meu.	Passado ou futuro distante. Ex.: Aquelas férias de 2000/2020 foram/serão maravilhosas.	Com dois antecedentes: "este" para o mais próximo; "aquele" para o mais distante. "Esse" traria ambiguidade. Ex.: José e João estudaram. Este (João)/Aquele (José) foi aprovado.

Lembre-se: para estabelecer a distinção entre duas coisas ou pessoas anteriormente citadas, usamos este(s), esta(s), isto para o termo mais próximo e aquele(s), aquela(s), aquilo para o mais distante. Veja um exemplo:
"Há que se fazer a distinção entre acidentes do trabalho e doença do trabalho. Enquanto esta é inerente a determinados ramos de atividade, aqueles ocorrem pelo exercício do trabalho, provocando lesão corporal."

Mais treinamento?

Complete as lacunas com os demonstrativos adequados.

1. _____ livro que estás lendo é infantil?

Comentários: Espaço: perto do ouvinte.

Resposta: Esse.

2. Não. _____ livro que estou lendo é sobre política.

Comentários: Espaço: perto do falante.

Resposta: Este.

3. Guilherme, traga-me _____ CD que ficou lá no seu quarto.

Comentários: Espaço: distante de ambos.

Resposta: Aquele.

4. Um dia _____ visitarei o seu pai.

Comentários: Tempo: futuro não distante.

Resposta: destes.

5. Guilherme, dê-me _____ CD que está aí.

Comentários: Espaço: perto do ouvinte.

Resposta: Esse.

6. "Qual é a relação entre dialética e retórica? A _____ pergunta Aristóteles responde desde a primeira frase do seu livro."

Comentários: Texto: retomando o que foi dito anteriormente.

Resposta: Essa.

7. _____ é a pergunta que Aristóteles responde desde a primeira frase do seu livro: qual é a relação entre dialética e retórica?

Comentários: Texto: apontando para o que será dito adiante.

Resposta: Esta.

8. Luísa, _____ é o Eduardo?

Comentários: Espaço: perto do ouvinte.

Resposta: Esse.

9. _____ ano que passou foi muito proveitoso para mim.

Comentários: Tempo: passado não distante.

Resposta: Esse.

10. _____ mês que passou choveu muito. Para _____ mês que começa, porém, a previsão é de tempo bom.

Comentários: Tempo: passado não distante e futuro próximo.

Resposta: Nesse / este.

11. _____ aqui são meus primos.

Comentários: Espaço: perto do falante.

Resposta: Estes.

12. Ao comparar os diversos rios do mundo com o Amazonas, defendia com azedume e paixão a proeminência _____ sobre cada um _____.

Comentários: Texto: fazendo distinção entre o mais próximo e o mais distante.

Resposta: deste / daqueles.

13. Atentem para _____: o que se guarda no coração jamais se esquece.

Comentários: Texto: apresentando o que será dito a seguir.

Resposta: Isto.

14. Homens e mulheres participaram das festividades. _____, simpáticas e elegantes. _____, sérios e tímidos.

Comentários: Texto: diferenciando o elemento mais próximo – *mulheres* – do mais distante – *homens*.

Resposta: Estas e aqueles.

15. O que foi combinado aqui não pode sair _____ sala.

Comentários: Espaço: perto do falante.

Resposta: desta.

Observações:

a) O pronome **o** (a, os, as) é demonstrativo quando equivale a **aquele(s)**, **aquela(s)**, **aquilo, isso**. Veja o exemplo:

Alguém, antes que Wilson **o** fizesse, teve vontade de falar **o** que foi dito.

Nesse caso, a palavra **o**, em suas duas ocorrências, pode ser substituída por um outro

demonstrativo.

b) Aparecem ainda como demonstrativos os vocábulos **tal**, **mesmo**, **próprio** e **semelhante**. Veja exemplos:

Tal atitude não se esperava dele. / Ele **mesmo/próprio** fez o pedido.

Aqui, vale mais um recado: A palavra o – e suas variações – pode ser:
1. Artigo (quando anteceder um substantivo): "O menino chegou".
2. Pronome pessoal oblíquo (quando puder ser substituído por outro pronome pessoal): "Cumprimentei-o na festa". (É o mesmo que se dizer "cumprimentei a ele").
3. Pronome demonstrativo (quando puder ser substituído por outro demonstrativo, normalmente antes do pronome relativo QUE ou da preposição DE): "Quero o que você comprou"/"Prefiro a de tampa azul".

Veja uma questão de prova que abordou tal assunto:

1. (Cespe-UnB/TJ – Analista) Assinale a opção em que a partícula "o" sublinhada aparece com o mesmo emprego que se apresenta no seguinte trecho do texto:

"A primeira é **o** que queremos dizer."

a) Eles devem realizar logo <u>o</u> projeto do grupo.

b) Responda-me: <u>o</u> que você tem com isso?

c) Seu sucesso depende de <u>o</u> livro ser aceito.

d) É preciso conhecer a rotina <u>do</u> laboratório.

e) Este livro foi <u>o</u> que você indicou.

Comentários:

Preliminarmente, a palavra *o* do enunciado classifica-se como pronome demonstrativo ("A primeira é *aquilo* que queremos dizer"). Nas letras A, C e D, a palavra *o* está antecedendo substantivos, funcionando, portanto, como artigos. Logo, restam as alternativas B e E. Na letra B observamos um pronome interrogativo antecedido de um artigo perfeitamente dispensável – poderíamos simplesmente perguntar: "que você tem com isso?". No entanto, na letra E, observamos a presença de um *o* que pode ser trocado por outro demonstrativo ("Este livro foi *aquele* que você indicou").

Resposta: E.

9.7. AS FUNÇÕES TEXTUAIS DOS PRONOMES

Os pronomes podem apontar para algo que já foi ou que ainda vai ser mencionado no texto. Trata-se de uma característica que todos os pronomes têm (pronomes pessoais, possessivos etc.) Com relação aos demonstrativos, como forma mais adequada, pede-se usar **esse(s)/essa(s)/isso** para o que já foi mencionado anteriormente **(anafórico)** e **este(s)/esta(s)/isto** para algo que vai ser mencionado **(catafórico)**. Veja exemplos:

"A previsão do tempo não era muito favorável. O vento aumentara um pouco e decidi reduzir as velas para o primeiro rizo. Conversávamos no convés sobre **esses** problemas."

Nesse caso, o pronome *esses* tem a função de retomar informações que foram citadas anteriormente: **função anafórica**.

Isto é o que mais incomoda os homens honestos: o ciúme.

Aqui, o pronome exerce o papel de apontar para uma informação que será dita a seguir no texto. Diz-se que ele tem, portanto, **função catafórica**.

Tanto a função anafórica quanto a catafórica indicam, portanto, informações que foram ou serão mencionadas *dentro do texto*, informações que fazem parte do corpo textual. Daí, ambas também ser chamadas de **funções endofóricas**. Cada banca organizadora utiliza a nomenclatura que melhor lhe convém.

No entanto, se o pronome se referir a uma informação que não foi mencionada no texto, mas que pode ser deduzida a partir do que foi lido, diz-se que ele tem **função exofórica** (o que, para algumas bancas organizadoras de concursos, é sinônimo de **função dêitica**). O pronome que tem função exofórica, para ser compreendido na sua totalidade, necessita de informações que estão vinculadas à **situação de produção textual**: o local de produção textual, o momento de produção do texto ou o enunciador textual. Observe exemplos:

"**Nesta** casa todos são felizes."

Aqui, o pronome demonstrativo está vinculado ao **local** onde o texto foi produzido.

"**Nessas** férias, encontramos velhos amigos na praia."

Nesse caso, o leitor, para saber de que férias se trata, precisa conhecer o **momento** em que o texto foi produzido.

"**Meu** filho fez algumas tatuagens pelo corpo."

O pronome possessivo em destaque está vinculado ao enunciador do texto: para saber de quem é o filho, é preciso identificar a pessoa que produziu o texto. Ora, se anteriormente no texto o autor tivesse se identificado, o pronome deixaria de ter função exofórica, para ter função endofórica/anafórica: "Sou Maria. Meu filho fez algumas tatuagens pelo corpo".

Resumindo: O pronome terá função exofórica toda vez que buscar informações que devem ser deduzidas a partir do texto:
Quem? (autor do texto)
Quando? (quando o texto foi produzido)
Onde? (onde se produziu o texto)

Antes de resolvermos algumas questões de concursos anteriores, vamos fixar os conceitos estudados. Classifique os pronomes em destaque segundo a função textual que eles desempenham, com a ajuda do código abaixo:

(a) função anafórica

(b) função catafórica

(c) função exofórica

1. "[...] a habitação conjugal, e a **essa** se recusa a voltar." (Art. 234 – Código Civil)

Comentários: O pronome retoma informação que foi dita anteriormente – a habitação conjugal.

Resposta: função anafórica.

2. **Este** sempre foi seu objetivo – a aprovação.

Comentários: O pronome menciona uma informação que virá adiante no texto – *a aprovação*.

Resposta: função catafórica.

3. "Salvo disposição especial **deste** código e não tendo sido ajustado da época para o pagamento, o credor pode exigi-lo imediatamente."

Comentários: A palavra **deste** está vinculada ao código onde se encontra tal artigo – depende de informação que está fora do texto: função exofórica. Já o pronome **o** (-lo) remete ao vocábulo <u>pagamento</u>.

Resposta: função anafórica.

4. "A cessão de crédito não vale em relação ao devedor, senão quando a este notificada [...]"

Comentários: O pronome retoma o que foi dito anteriormente – *o devedor*.

Resposta: função anafórica.

5. Este país não tem mais jeito, é o que repetem usualmente nossos conterrâneos.

Comentários: O pronome depende do local de produção do texto.

Resposta: função exofórica.

6. "Cabe ao juiz suprir a outorga da mulher, quando esta a denegue sem motivo justo, ou lhe seja impossível dá-la (arts. 235, 238 e 239)." (Art. 237 – Código Civil)

Comentários: O pronome retoma informação do texto – a mulher.

Resposta: função anafórica.

7. "... o alerta do Departamento de Estado americano a agências de turismo dos Estados Unidos divulgado no início deste mês..."

Comentários: A palavra *deste* está vinculada ao momento em que o texto foi produzido.

Resposta: função exofórica.

9.8. PRONOMES RELATIVOS

Os pronomes relativos referem-se a um termo anterior chamado antecedente (um substantivo ou pronome substantivo). Dão início às orações adjetivas – restritivas ou explicativas, assunto que estudaremos mais detalhadamente no Capítulo 12 (Predicação verbal).

Ex.: O livro **que você ganhou** é novo.

Oração subordinada adjetiva restritiva

"O homem, **que é mortal**, tem alma imortal."

Oração subordinada adjetiva explicativa

Aparecem como pronomes relativos:

- **Que**, **o qual** (e flexões): quando o antecedente for *coisa* ou *pessoa;*
- **Quem**: quando o antecedente for *pessoa*. Sempre antecedido de preposição;
- **Cujo** (e flexões): entre dois substantivos indicando ideia de *posse*; não deve vir seguido de artigo;
- **Onde**: quando o antecedente indica *lugar*;

• **Como**: quando o antecedente forem as palavras *modo*, *maneira*...

• **Quando**: quando o antecedente dá ideia de *tempo*;

• **Quanto**: quando o antecedente dá ideia de *quantidade*.

Importante:

Ao usar os relativos, devemos observar dois pontos importantes:

a) quando usar os relativos *que, quem, cujo* etc. (veja acima);

b) reparar se o termo que vem **após** o relativo pede preposição.

Este é o livro **que** ganhei. (que = o livro; eu ganhei o livro)

Este é o livro **a que** me referi. (que = ao livro; eu me referi ao livro)

Vamos fixar as regras de uso dos pronomes relativos?

Sublinhe a(s) forma(s) que completa(m) a lacuna:

1. O assunto _____ me referi não foi este. (que – a que – ao qual – o qual – a quem)

Comentários: O relativo *que* é usado para coisa ou pessoa: "o assunto que...". Como o verbo *referir-se* pede preposição *a*, temos "O assunto **a que me referi**". Lembre-se: *que* e *quem* podem ser trocados por *o qual*, *a qual*, *os quais*, *as quais*. Como o **antecedente** do relativo é masculino singular (*assunto*), usaremos *o qual*. Com a preposição do *referir-se*, **a**o qual. As duas formas estão corretas.

Resposta: a que, ao qual.

2. Aí está a pessoa _____ me apaixonei. (quem – por quem – pela qual – que – a quem)

Comentários: Como o **antecedente** é pessoa, de preferência usa-se **quem**. O verbo *apaixonar--se* rege preposição *por:* eu me apaixonei **pela** pessoa, **por** alguém.

Resposta: por quem, pela qual.

3. Chegou o diretor _____ relatório ninguém gostou. (que – de que – cujo – o qual – de cujo)

Comentários: Aqui, aparecem dois substantivos (*diretor* e *relatório*). Há, entre eles, uma ideia de **posse** (o relatório **do** diretor). Com isso, o relativo a ser usado **só pode** ser *cujo*. Como o verbo da oração (*gostar*) pede preposição *de*, temos a forma **de cujo**.

Resposta: de cujo.

4. Esta é a cidade _____ eu morei. (onde – aonde – em que – na qual – donde)

Comentários: A palavra *cidade* indica o **lugar**. De preferência usaremos *onde*, mas, como esse vocábulo também pode se encaixar em "coisa" e não "pessoa", *que* e *a qual* também respondem à questão. Quanto à regência, o verbo *morar* pede preposição *em.* Nesses casos, quando o relativo a ser usado for *onde* e o verbo da oração pedir essa preposição, usaremos *onde* e não *aonde*. Repare que, com os relativos *que* e *a qual,* teremos *em que* e *na qual*, já que com esses pronomes o procedimento é igual ao dos exercícios anteriores.

Resposta: onde, em que, na qual

5. Esta é a cidade _____ gosto de ir sempre. (onde – aonde – a qual)

Comentários: Agora, o verbo *ir* pede preposição *a* (gosto de ir sempre *a*). Como o **antecedente** indica lugar, usaremos *onde* (*a* + *onde* = *aonde*).

Resposta: aonde.

6. Esta é a cidade _____ vêm os visitantes. (onde – aonde – donde – em que)

Comentários: Nessa construção, teríamos, na ordem direta, "Os visitantes vêm *de*..." (*de* + *onde* = *donde*).

Resposta: donde.

Uso de onde, aonde e donde:
Onde: usaremos esse conectivo se a preposição exigida for em.
Aonde: usaremos esse conectivo se a preposição exigida for a.
Donde ou de onde: usaremos esse conectivo se a preposição exigida for de.

9.9. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Substitua os termos sublinhados pelos pronomes pessoais adequados. Lembre-se: o pronome **reto** substitui o **sujeito**. Já o **oblíquo** substitui o **complemento**.

1. Entregou os documentos necessários? (os / eles / lhes)
2. Continuam as acusações ao Judiciário. (nas / elas)
3. Os processos muito demorados constituem afastamento da regra geral. (no / ele)
4. De seu esforço e força de vontade emergem os trabalhadores. (nos / eles)

5. Pagaram ao funcionário as suas férias? (lhe / a ele / ele)

6. Encontrou um grupo de desconhecidos. (o / ele / lhe)

7. Pusemos o livro na estante. (lo / ele)

8. Brotam as flores por toda parte. (nas / elas / lhes)

9. É necessário fechar suas fronteiras. (las / elas)

10. O país toma medidas protecionistas. (as / elas)

11. É fundamental defender o contribuinte. (lo / ele / lhe)

12. Estamos obrigados a liquidar a fatura. (la / ela / lhe)

13. A enorme variedade de canções de Noel, quase todas produzidas em cerca de seis anos, havia conferido genialidade ao artista. (ela / a ela)

14. Uma vez que tal medida implica transformações lesivas ao egoísmo do "establishment". (as / elas)

15. Pobre é a vida de um homem. (ela / a ela)

16. Na favela, tal como está organizada, reproduz-se semelhante estrutura. (na / lhe / ela)

17. Foi então que surgiu o problema. (o / ele / lhe)

18. Esses momentos históricos apresentam facetas negativas. (nas / elas / lhes)

19. Mandei o mordomo entrar. (ele / o)

20. Fez o amigo pagar a conta. (lo / ele)

II. Complete com eu / mim / tu / ti.

1. Para _____ nada mais interessa.

2. Para _____ chegar a tempo, peguei um táxi.

3. Por _____ todos hão de se classificar.

4. Aquele livro é para _____ leres.

5. Entre _____ e você tudo acabou.

6. Entre _____ e os teus amigos, já não há divergências.

7. Entre _____ pedir e você acatar, que distância!

8. Ela é mais aplicada do que _____.

9. Ele chegou antes de _____ sair.

10. Não sei se ela sentiu a mesma estranheza que _____.

11. Isto não é trabalho para _____ fazer.

12. É difícil para _____ acreditar em tuas palavras.

13. As reivindicações chegaram até _____.

14. Até _____ acreditei nas palavras do nosso ministro.

15. Para _____, arranjar patrocinador não será difícil.

16. Para _____ compreender o filme, tive de assistir a uma nova sessão.

III. Supondo-se que você queira se dirigir a um juiz, utilizando uma linguagem correta e adequada, faça as devidas alterações nos trechos a seguir:

1. Meritíssimo Juiz, Sua Excelência deveis saber que o réu é pessoa que goza de merecido prestígio entre empresários, pois já tomastes conhecimento pelos órgãos da imprensa de seus inúmeros empreendimentos.

_____

_____

_____

2. Pelo que dizeis em vossa bem escrita sentença, foram os meus atos que vos deram o discernimento que manifestastes em vossa decisão.

_____

_____

IV. Classifique os pronomes em destaque como reflexivos ou recíprocos.

1. Olhou-**se** no espelho e assustou-**se** com seu olhar doentio.

2. Os namorados olhavam-**se** apaixonadamente.

3. Eles **se** vestiram rapidamente.

4. Eles **se** cumprimentaram na rua.

5. As mulheres **se** afastaram das mesas.

6. O médico vê-**se** estendido no chão.

7. Os meninos sempre **se** ajudam.

V. Use o pronome oblíquo entre parênteses de todas as formas possíveis. Havendo caso de mesóclise, escreva ao lado a forma correta.

1. A torcida _____ aplaudiu _____ com entusiasmo. (o)
2. Ele _____ trancou _____ no quarto. (se)
3. _____ explicarei _____ todo o serviço. (te)
4. _____ seria _____ muito útil usar esse argumento. (me)
5. Gritei para _____ alertar _____. (os)
6. Não _____ vá _____ tão cedo; _____ custa _____ ficar mais? (se / lhe)
7. Quem _____ chamou _____? (te)
8. Se você chegar agora, _____ encontrará _____ satisfeito. (me)
9. Deus _____ pague _____! (lhe)
10. Se ninguém _____ disse _____ a verdade, e se precisei lutar para _____ encontrar _____, nada _____ falou _____ a respeito. (me / a / se)
11. Maria, _____ diga _____ a verdade. (me)
12. _____ Informaram _____ da decisão.(me)
13. _____ Revelarias _____ o sonho de Maria? (nos)
14. _____ Encontraremos _____ com Maria. (nos)
15. Ninguém _____ falou _____ de Maria. (nos)
16. Quem _____ teria _____ contado _____ o segredo? (lhe)
17. _____ Teriam _____ contado _____ o segredo? (lhe)
18. Se _____ reporta _____ a crimes comuns, o *impeachment* _____ reduz _____ a uma espécie de licença para o julgamento do presidente pelo Supremo Tribunal Federal. (se / se)
19. Não é o PT que _____ vai _____ ensinar _____ oposição. (me)
20. Se eu vou lá na comissão, de visita, garanto que _____ não _____ transmitem _____ informações. (me)
21. No caso do motorista, o senhor não _____ está julgando _____? (o)
22. _____ Diriam _____ vocês a verdade, se _____ perguntasse _____ sobre o

procedimento de certos políticos? (me / lhes)

23. Já o mesmo não _____ pode _____ dizer _____ de um serviço de bondes. (se)

24. Já o mesmo não _____ deveria _____ dizer _____ de um serviço de bondes. (se)

25. Ninguém _____ daria _____ bem naquele emprego. (se)

VI. Identifique nas frases a seguir os antecedentes dos pronomes relativos em destaque:

1. Agora mesmo está nas telas uma risonha Regina Duarte grata à confiança **que** a população deposita nos Correios. (_____)
2. O festival de autocongratulação consumiu boa parte dos 120 milhões de reais **que** o governo (só a administração direta) gastou no ano passado. (_____)
3. Há muitas comparações **que** não deixam dúvidas sobre o que produz melhores resultados. (_____)
4. ... ou muito menos para anunciar a existência de uma Ouvidoria **que** acolhe queixas da população contra barbaridades policiais? (_____)
5. Basta dar uma espiada no panorama nacional, em **que** pululam temas para campanhas... (_____)
6. Canudos nasceu com o nome de Belo Monte, fundada por Antônio Conselheiro, a **quem** os sertanejos de toda a região atribuíam poderes de cura, poderes divinos. (_____)
7. A cidade, **cuja** infraestrutura de saneamento era quase inexistente, chegou a abrigar 25 mil pessoas em 5.200 casas, segundo o levantamento do Exército, feito após a guerra. (_____)
8. Formou-se ao seu redor um importante e complexo polo religioso e comercial **que** atraía gente de todas as partes. (_____)
9. "A televisão é a amiga dos entrevados, dos abandonados, dos **que** a vida esqueceu para um canto." (_____)
10. Os fonemas de uma língua costumam ser representados por uma série de sinais gráficos denominados letras, **cujo** conjunto forma a palavra. (_____)
11. "... há no meu corpo um incêndio **que** queima sem esperança / a própria terra **que** piso vira um abismo e me come / corre em meu sangue um veneno, veneno **que** tem teu nome." (Ferreira

Gullar)

1o que – _____

2o que – _____

3o que – _____

12. Noel Rosa procurou escrever sobre tudo **quanto** expressasse o jeito de ser carioca. (_____)

13. Não se pode transmitir o **que** a mente não criou. (_____)

VII. Sublinhe a(s) forma(s) que completa(m) a lacuna.

1. "Existe alguém esperando por você _____ vai comprar sua juventude." (que – a que – ao qual – o qual – a quem)
2. "Recebia em casa dois jornais locais, _____ leitura demorava mais de uma hora." (cuja – em cuja – em que)
3. "O que lhe movia o coração era o amor, a quase obsessão pelo Brasil e seu povo, _____ futuro sempre acreditou com veemência e combatividade..." (que – em que – cujo – em cujo – onde)
4. "Tudo é belo naquilo _____ amamos. Tudo o _____ amamos tem espírito." (que – quem – quanto – como – cujo) (que – onde – como – quando)
5. Compreendo a maneira _____ ele se mostra. (em que – onde – quando – cujos – como)
6. "Estava sentado numa mesa _____ havia uma pilha de livros." (que – onde – sobre a qual – à qual – aonde)
7. Marcelo é o professor _____ sempre admirei. (que – quem – a quem – a qual – a que)
8. "Na casa dela mora um quadro _____ eu pintei." (quem – por quem – pela qual – que – a quem)
9. "Tinha entre os dentes um alvíssimo palito _____ ponta mastigava." (que – de que – cuja – o qual – de cujo)
10. Foi demitido o analista _____ ideias não concordava. (cujo – cujas – com cujas – cujas as – com cuja as)

11. Aquela é a livraria _____ Ana trabalhava e _____ sou cliente. (onde – aonde – em que – na qual – donde) (onde – de que – da qual – cujo)

12. Búzios é a cidade _____ gosto sempre de ir. (onde – aonde – a qual – para a qual – que)

13. Não se descobriu o esconderijo _____ os sequestradores escaparam. (onde – aonde – donde – em que – do qual)

14. "O caso que vou relatar comprova, como disse alguém _____ nome não recordo, que a verdade é mais estranha que a ficção." (onde – o qual – cujo – de cujo)

15. "O caso que vou relatar comprova, como disse alguém _____ nome não lembro, que a verdade é mais estranha que a ficção." (onde – o qual – cujo – de cujo)

16. "O caso que vou relatar comprova, como disse alguém _____ nome não me esqueci, que a verdade é mais estranha que a ficção." (onde – o qual – cujo – de cujo)

17. "O crime para Forrester é o silêncio ou o 'discurso lacunar' _____ se valem os donos do poder para preservar suas riquezas." (de que – de quem – cujo – de cujo)

18. "A prioridade não é o bem-estar ou a sobrevivência das populações, mas sim o 'andamento dos mercados', o lucro e seu horror, _____ só interessa ou só é 'útil' o homem que for rentável." (no qual – em que – ao qual – onde)

19. Deram-me ontem um novo endereço da loja, _____ referências não foram boas. (que – cujas – cujas as – a que)

20. "... como em Santa Marta, _____ quadra ministros das várias religiões e líderes comunitários vão estar reunidos..." (onde – aonde – cuja – em cuja – com cuja)

Gabarito: I – 1. Entregou-os; 2. Continuam elas, ou, na ordem, Elas continuam; 3. constituem-no; 4. emergem eles ou Eles emergem; 5. Pagaram-lhe ou Pagaram a ele; 6. Encontrou-o; 7. Pusemo-lo; 8 Brotam elas ou Elas brotam; 9. fechá-las; 10. tomas-as; 11. defendê-lo; 12. liquidá-la; 13. Ela; 14. Implica-as; 15. Ela; 16. reproduz-se ela ou ela se reproduz; 17. surgiu ele ou ele surgiu; 18. apresentam-nas; 19. Mandei-o; 20. Fê-lo. **II** – 1. mim; 2. eu; 3. mim; 4. tu; 5. mim; 6. ti ou mim; 7. eu; 8. eu; 9. eu; 10. eu; 11. eu; 12. mim; 13. mim; 14. eu; 15. mim; 16. eu. **III** – 1. Vossa Excelência <u>deve</u> saber... já <u>tomou</u>; 2. Pelo que <u>diz</u> em <u>sua</u>... que <u>lhe</u> deram... <u>manifesta</u> em <u>sua</u>. **IV** – 1. pron. reflexivo / pron. reflexivo; 2. pron. recíproco; 3. pron. reflexivo ou recíproco (depende do contexto); 4. pron. recíproco; 5. pron. reflexivo; 6. pron. reflexivo; 7. pron. recíproco. **V** – 1. o aplaudiu ou aplaudiu-o; 2. se trancou (mais adequado. ou... trancou-se; 3. Explicar-te-ei; 4. Ser-me-ia; 5. para os alertar ou alertá-los; 6. Não se vá; custa-lhe; 7. Quem te chamou?; 8. encontrar-me-á;

9. Deus lhe pague! (próclise com expressões que indicam desejo); 10. me disse / para a encontrar ou encontrá-la / nada se falou...; 11. diga-me; 12. Informaram-me; 13. Revelar-nos-ias; 14. Encontrar-nos-emos; 15. Ninguém nos falou; 16. Quem lhe teria ou Quem teria lhe contado; 17. Ter-lhe-iam ou Teriam lhe contado; 18. Se se reporta... / se reduz ou reduz-se; 19. que me vai ou que vai me ensinar ou que vai ensinar-me; 20. que me não ou que não me transmitem; 21. não o está ou não está julgando-o; 22. Dir-me-iam / se lhes perguntasse...; 23. não se pode ou não pode se dizer ou não pode dizer-se; 24. não se deveria ou não deveria se dizer ou não deveria dizer-se; 25. Ninguém se daria. **VI** – 1. confiança; 2. milhões; 3. comparações; 4. Ouvidoria; 5. panorama; 6. Antônio Conselheiro; 7. cidade; 8. polo; 9. os (= pron. demonstrativo); 10. sinais; 11. incêndio / terra / veneno; 12. tudo; 13. o (= pron. demonstrativo). **VII** – 1. que / o qual; 2. em cuja; 3. em cujo; 4. que / que; 5. como; 6. sobre a qual; 7. que / a quem; 8. que; 9. cuja; 10. com cujas; 11. onde / em que / na qual; de que /da qual; 12. aonde / para a qual; 13. donde / do qual; 14. cujo; 15. cujo; 16. de cujo; 17. de que; 18. ao qual; 19. cujas; 20. em cuja.

9.10. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

1. (Cesgranrio) Na oração: '**Certos** amigos não chegaram a ser jamais amigos **certos**.' Os termos em destaque são respectivamente:

a) adjetivo e pronome adjetivo.

b) pronome adjetivo e adjetivo.

c) pronome substantivo e pronome adjetivo.

d) pronome adjetivo e pronome indefinido.

e) adjetivo anteposto e adjetivo posposto.

Comentários:

Em sua primeira ocorrência, a palavra *certos* se refere a um substantivo, indicando ideia vaga, generalizando. É o mesmo que *alguns amigos*. Logo, é um pronome adjetivo indefinido (*adjetivo* porque vem ao lado do substantivo). Na sua segunda ocorrência, a palavra *certos* continua se referindo a um substantivo, só que vem qualificando-o: é o mesmo que *amigos corretos*, *verdadeiros*. É, portanto, adjetivo.

Resposta: B. (Observe que, na letra B, a banca teve a "maldade" de não dizer pronome adjetivo indefinido, e sim pronome adjetivo, o que dá no mesmo...)

2. (Cesgranrio) Considere as afirmações a seguir sobre o emprego dos pronomes nas frases.

I. "O vento da noite cortava-**lhes** o lombo." – Pronome pessoal com sentido possessivo.

II. "Os pescadores de largo curso olhavam para eles com**certo** desprezo." – Pronome indefinido

atenuando o sentido do substantivo **desprezo**.

III. "Era como se **todo** o mundo se aproximasse para aconchegá-los." – Pronome indefinido **todo** equivalendo a **qualquer**.

É(São) verdadeira(s), **APENAS**, a(s) afirmação(ões):

a) I

b) II

c) III

d) I e II

e) II e III

Comentários:

No item I, o pronome oblíquo refere-se ao substantivo *lombo*, indicando valor de posse. É o mesmo que "O vento da noite cortava o *seu* lombo". No item II, o pronome *certo* tem valor de *algum*, indica ideia vaga e, semanticamente, dá leveza ao substantivo *desprezo*, atenuando seu valor negativo. Já no item III, o pronome *todo* não equivale a *qualquer*, e sim a *inteiro*. O que se quer afirmar na frase é que *o mundo inteiro se aproximava para aconchegá-los*, e não *qualquer pessoa se aproximava para aconchegá-los*. O pronome *todo* teria sentido de *qualquer* se não fosse seguido do artigo o ("todo mundo se aproximasse para aconchegá-los").

Resposta: D.

Atenção: Não confunda todo mundo com todo o mundo. Nesse caso, a inserção do artigo muda o sentido da frase! Todo o mundo quer dizer o mundo inteiro e todo mundo quer dizer qualquer pessoa.

3. (TRT) A colocação das palavras e das expressões na construção frasal leva o leitor a perceber, em alguns casos, significados diversos. É o caso das expressões assinaladas, nas frases abaixo.

O candidato leu todo o Edital do concurso.

Todo Edital de concursos deve ser lido pelos candidatos.

O significado correto, respectivamente, dessas expressões está em:

a) O Edital inteiro/parte do Edital.

b) Parte do Edital/o Edital inteiro.

c) Qualquer Edital/parte do Edital.

d) O Edital inteiro/qualquer Edital.

e) Parte do Edital/o Edital inteiro.

Comentários:

Conforme o enunciado, a inserção de palavras na frase é capaz de modificar por completo o seu sentido. Foi o que ocorreu nas frases do enunciado, em que a inserção do artigo implicou alteração semântica na frase.

Resposta: D.

4. (Petrobras) "em todas as épocas e em todo o mundo"; a alternativa em que houve troca indevida entre as expressões "todo mundo" e "todo o mundo" é:

a) O jogador percorreu todo o mundo.

b) O atleta falou com todo mundo para pedir desculpas.

c) Ele conhecia todo o mundo na festa.

d) Via todo o mundo em seus filmes.

e) Todo o mundo está poluído.

Comentários:

Como vimos, *todo o mundo* quer dizer *o mundo inteiro* e *todo mundo* é o mesmo que *todas as pessoas*. Na letra A, diz-se que o jogador percorreu o mundo inteiro. Na letra B, o atleta falou com todas as pessoas para se desculpar. Já na letra C, não é possível conhecer o mundo inteiro em uma única festa, e sim qualquer pessoa. Na letra D, vê-se o mundo inteiro nos filmes e, na letra E, diz-se que o mundo todo está poluído.

Resposta: C.

5. (NCE/TJ) "O hábito arraigado de separar o econômico do social, do político, do ético e do legal, de que é o exemplo de contrapor o 'mercado' ao 'social' – quase sempre denegrindo o **primeiro** e enaltecendo o **segundo** – é uma das causas..."; mantendo-se o sentido original, os termos sublinhados poderiam ser corretamente substituídos, respectivamente, por:

a) este / aquele

b) este / esse

c) aquele / este

d) aquele / esse

e) esse / este

Comentários:

O numeral ordinal **primeiro** retoma o substantivo **mercado**, que é o elemento mais distante no texto. Já o numeral **segundo** refere-se ao substantivo **social**, que é o elemento mais próximo. Lembre-se de que **esse**, com dois elementos, para fazer diferenciação entre o mais próximo e o mais distante, nunca deve ser utilizado!

Resposta: C.

Violência no Campo

José Saramago

No dia 17 de abril de 1996, no estado brasileiro do Pará, perto de uma povoação chamada Eldorado dos Carajás (Eldorado: como pode ser sarcástico o destino de certas palavras...), 155 soldados da polícia militarizada, armados de espingardas e metralhadoras, abriram fogo contra uma manifestação de camponeses que bloqueavam a estrada em ação de protesto pelo atraso dos procedimentos legais de expropriação de terras, como parte do esboço ou simulacro de uma suposta reforma agrária na qual, entre avanços mínimos e dramáticos recuos, se gastaram já cinquenta anos, sem que alguma vez tivesse sido dada suficiente satisfação aos gravíssimos problemas de subsistência (seria mais rigoroso dizer sobrevivência) dos trabalhadores do campo. *Naquele dia*, no chão de Eldorado dos Carajás ficaram 19 mortos, além de umas quantas dezenas de pessoas feridas. (...)

"Naquele dia, no chão de Eldorado dos Carajás...".

6. O emprego de *naquele*, neste contexto:

a) indica que o dia referido na frase não deve ser confundido com outro.

b) mostra que o dia referido está distante no tempo.

c) assinala uma distância de lugar.

d) identifica o dia como algo a ser esquecido.

e) refere-se a um dia que o leitor desconhece.

Comentários:

Trata-se de uso do pronome demonstrativo que faz referência a uma informação, que está distante no tempo (dia 17 de abril de 1996). Logo, *naquele* está sendo usado para indicar um passado distante. Muitos alunos, ao errar, marcariam a letra A, que só caberia se houvesse dois dias anteriormente referidos no texto, o que não foi o caso.

Resposta: B.

7. (FCC/ANS – Técnico)... *os peixes morrem e boiam na superfície. Quem chega muito perto fica com os olhos ardendo e algumas pessoas têm dificuldade para respirar. Esses são alguns dos efeitos das marés vermelhas...*

Ao introduzir a frase transcrita acima, o pronome demonstrativo grifado:

a) antecipa a conceituação necessária para o fenômeno que é o assunto do texto.

b) estabelece uma repetição enfática, porém desnecessária, dos fenômenos já citados.

c) especifica o tempo e o espaço em que ocorrem os fenômenos antes citados.

d) indica a retomada dos fenômenos antes relacionados, em uma referência única.

e) redistribui as consequências dos fenômenos assinalados, acentuando seu efeito nas pessoas.

Comentários:

Trata-se de uso do pronome demonstrativo que se refere a informações citadas anteriormente no texto. Assim, eliminam-se automaticamente as letras C e E. A letra B apresenta erro quando menciona que a repetição dos fenômenos citados é desnecessária – ela é um recurso coesivo bastante útil no texto.

Resposta: D.

8. (FCC / TRT – Técn. Judic.) Assinale, entre as frases abaixo, elaboradas a partir do tema do texto, aquela em que se deveria usar ESTE(A) ou NESTE(A), em vez de ESSE(A) ou NESSE(A):

a) Li a regulamentação publicitária. E, nesse instante, compreendi-a melhor.

b) Ainda repercute aqui, nesse cérebro, a culpa de ter feito o anúncio prejudicial.

c) As leis foram publicadas e contra essa publicação se voltaram os anunciantes.

d) Se vocês, publicitários, conhecessem melhor essa regulamentação que está diante de seus olhos, não teriam errado.

e) As recomendações aí estão e são essas a que devemos obedecer.

Comentários:

Na letra A, o pronome demonstrativo *nesse* está adequadamente retomando o que foi dito anteriormente no texto. Já na letra B, o pronome, por apontar para algo que está perto do falante – trata-se do *seu cérebro* – deveria ser *neste* e não *nesse*. Na letra C, o pronome está adequadamente retomando o que foi dito anteriormente, daí utilizar-se *essa*. Na letra D, o pronome aponta para o que está perto do ouvinte – *essa regulamentação...diante de seus olhos* e, na letra E, a mesma situação se repete – *as recomendações aí estão*.

Resposta: B.

9. (NCE / TJ) O vocábulo *atual*, presente na primeira frase do texto, tem seu significado dependente do momento de produção do texto; a frase em que NÃO aparece um elemento do mesmo tipo é:

a) "Recentemente, porém, trata-se da independência da ciência e da técnica."

b) "Agora, esta realidade se estende a todo o Terceiro Mundo."

c) "Agora mundializado, o espaço geográfico redefine-se pela combinação desses signos."

d) "é frequentemente chamada de período técnico-científico."

e) "De um lado, o período atual vem marcado por uma verdadeira unicidade técnica..."

Comentários:

Pela leitura do enunciado, percebe-se que a banca busca um vocábulo com função exofórica, quando diz que tal vocábulo *tem seu significado dependente do momento de produção do texto*. Ora, o que se quer é a única frase que não apresente um vocábulo do mesmo tipo. Na letra A, o advérbio *recentemente* está vinculado ao momento em que o texto foi produzido. Nas letras B e C, o mesmo ocorre com o advérbio *agora*: ele possui, em ambas, função exofórica. Na letra D, o advérbio *frequentemente* não depende de quando se produziu o texto – trata-se de algo que ocorre com bastante frequência, independentemente do tempo. No entanto, a letra E apresenta o adjetivo *atual*, vinculado à época de produção do texto.

Resposta: D.

10. (FGV / Pol. Civil) Em texto da *Folha de São Paulo*, um morador das margens de uma grande

rodovia declarava o seguinte: “Hoje já passaram por aqui milhares de caminhões e automóveis, mas eu e minha família já estamos habituados com isso; os garotos até brincam, jogando pedra nos pneus.”

Há, nesse texto, um conjunto de palavras cujo significado depende da enunciação, ou seja, da situação em que o texto foi produzido. Entre as alternativas abaixo, aquela que indica um termo que não está nesse caso é:

a) hoje

b) aqui

c) eu

d) minha família

e) isso

Comentários:

Pelo que se depreende do enunciado, todas as alternativas – exceto uma – apresentam vocábulos com função exofórica. Na letra A, o advérbio *hoje* depende do momento de produção textual. Na letra B, o advérbio *aqui* está vinculado ao local onde o texto foi produzido. Nas letras C e D, *eu* e *minha família* dependem do enunciador do texto, logo possuem também função exofórica. Já a letra E apresenta o pronome demonstrativo *isso* que retoma informação anteriormente mencionada no texto – “hoje já passaram por aqui milhares de caminhões e automóveis”, possuindo, portanto, função anafórica, e não exofórica.

Resposta: E.

11. (FCC / Anac) O segmento do texto em que o termo destacado se refere textualmente a um elemento anteriormente expresso, e não a um elemento posterior, é:

a) Parece possível distinguir duas tendências fundamentais na reação ao grupo estranho: uma de admiração e aceitação, outra de desprezo e recusa. Aparentemente, quase todos os seres humanos apresentam <u>essas</u> duas tendências fundamentais.

b) ... pois supomos entender que <u>os</u> que falam a nossa língua têm um passado comum conosco ...

c) e também sabem <u>o</u> que esperar de nós...

d) Sentimos que <u>aqueles</u> que mais nos conhecem...

e) ... capazes de ignorar o que de melhor trazemos.

Comentários:

Podemos observar, pelo enunciado, que a banca busca um vocábulo com função anafórica (*um elemento anteriormente expresso*), e não catafórica (*um elemento posterior*). A letra A apresenta um demonstrativo que retoma as *duas tendências* citadas na primeira linha do trecho, tendo, portanto, função anafórica. Nas alternativas seguintes, os pronomes demonstrativos destacados apontam para informações que vêm logo a seguir no texto: *os* aponta para *que falam a nossa língua*; *o* indica *que esperar de nós*; *aqueles* aponta para *que mais nos conhecem* e *o*, para *que de melhor trazemos*. Todos, exceto um, têm função catafórica.

Resposta: A.

12. (TRF – Analista Judiciário) Dentre as frases a seguir, aquela em que o pronome relativo está mal-empregado é:

a) A pesquisa histórica é tarefa cuja realização se deve aos grandes historiadores.

b) O estudo das fontes históricas, o qual tanto atrai os historiadores, é tão importante quanto o da própria História.

c) Analisou tantos fatos quantos pudessem interessar à pesquisa histórica.

d) Às vezes, verificam-se fatos históricos que os historiadores não conseguem determinar suas causas.

e) O modo como a pesquisa histórica evolui às vezes surpreende o próprio historiador.

Comentários:

Ao se usar o pronome relativo devemos, antes de tudo, observar o **antecedente**, como vimos na teoria. Na letra A, o relativo *cuja* aparece entre dois substantivos indicando posse (realização da tarefa). Na B, o pronome relativo *o qual* vem antecedido do núcleo *estudo* (coisa). Na letra C, o pronome relativo *quantos* vem antecedido de *tantos* (indicando quantidade). Na letra D, o pronome relativo *que* não está adequado ao sentido da frase. Nela observamos a ideia de posse (causas dos fatos). Logo, a frase correta seria: "Às vezes, verificam-se fatos históricos **cujas causas** os historiadores não conseguem determinar". Na letra E, o **antecedente** do relativo *como* é a palavra *modo*. Nesses casos, quando os antecedentes são as palavras *modo*, *maneira*, *forma*, o

relativo adequado é *como*.

Resposta: D.

9.11. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (FGV / Anal. Leg.) Outra dificuldade encontrada por quem lida com a língua diariamente é o emprego dos pronomes, uma vez que o uso popular consolidou formas que não têm respaldo na gramática.

Assinale a alternativa em que ocorra erro no uso do pronome.

a) Para mim, é difícil entender a gramática.
b) Essa gramática não é para eu estudar.
c) Ele sempre carrega a gramática consigo.
d) Entre mim e ti não há diferenças.
e) Vou dividir os produtos entre eu e você.

2. (FCC / TRT) Considere as afirmações a seguir sobre o emprego dos pronomes nas frases.

I. "O vento da noite cortava-**lhes** o lombo" – Pronome pessoal com sentido possessivo.
II. "Os pescadores de largo curso olhavam para eles com**certo** desprezo" – Pronome indefinido atenuando o sentido do substantivo **desprezo**.
III. "Era como se**todo** o mundo se aproximasse para aconchegá-los" – Pronome indefinido **todo** equivalendo a **qualquer**.

É(São) verdadeira(s), **apenas**, a(s) afirmação(ões):

a) I
b) II
c) III
d) I e II
e) II e III

3. (FCC / TRT) Assinale a única frase em que o pronome **lhe** NÃO tem sentido possessivo.

a) O tempo mudou-lhe o rosto.
b) Não lhe pude conhecer a generosidade.
c) O sabor das balas de tangerina encheu-lhe a boca.
d) O entusiasmo abriu-lhe os olhos.
e) Deram-lhe um emprego perto de casa.

4. (FCC / TRT) As palavras em destaque não podem ser substituídas pelos pronomes à direita em:

a) José suspendeu o **envio da correspondência**. (suspendeu-o)
b) João viu **o relatório** antes da reunião. (viu-o)
c) A concessionária vendeu **os carros** em poucas horas. (vendeu-os)
d) Os congestionamentos trazem danos **para os empresários**. (trazem-lhes)
e) O diretor convidou **os funcionários** para um evento. (convidou-lhes)

5. (FCC / Anal. Jud.) Indique a opção em que a expressão em destaque pode ser substituída por "lhe", assim como em "... uma parte do mérito lhe cabe".

a) O economista chamou **o colega** de benfeitor da natureza.

b) A Fundação convidou **o professor** para o cargo de diretor.
c) O projeto pertence **ao renomado cientista**.
d) O governo criou recentemente o **Bolsa-Floresta**.
e) A diretora gosta muito **de sua assistente**.

6. (FCC / TRE) A alternativa abaixo em que não se realiza de forma conveniente a junção do verbo com o pronome pessoal enclítico é:
a) "traz uma reportagem" = trá-la
b) "doar 85% de sua fortuna" = doá-los
c) "indicam um caminho" = indicam-lo
d) "estimula a filantropia" = estimula-a
e) "fazer filantropia" – fazê-la

7. (FCC / TRT) "É quase impossível enxergá-lo".
Na frase, foi empregado corretamente o pronome oblíquo "o". A frase que não se completa com esse pronome é:
a) Abracei- _____ com entusiasmo.
b) Vi- _____ ontem na esquina da rua.
c) Felicitei- _____ pela aprovação.
d) A ele, devolvi- _____ o documento.
e) O livro, entreguei- _____ ao aluno.

8. (FCC / TRT) Conforme determina o padrão culto da Língua Portuguesa, a frase "ou a empresa ouve ele ou não" deveria ter a forma:
a) ou a empresa ouve ou não.
b) ou a empresa o ouve, ou não.
c) ou a empresa lhe ouve ou não.
d) ou a empresa lhe ouve, ou não.

9. (FCC / TRE) A substituição do termo destacado pelo pronome está incorreta em:
a) Viram <u>a moça</u>./ Viram-na.
b) Pedi <u>a elas</u> o material./Pedi-lhes o material.
c) Tocou <u>o hino</u> completo. / Tocou-o completo.
d) Parti em pedaços <u>o bolo</u>. / Parti-lo em pedaços.
e) Deixou para o filho <u>a herança</u>./ Deixou-a para o filho.

10. (NCE / Assemb. Leg.) Nos itens abaixo, dando continuidade ao que se diz na primeira frase, empregou-se com erro o pronome átono em:
a) Os nobres intensificavam suas atividades predominantemente ociosas. Eles intensificavam-nas quase sempre, depois que...
b) Os artesãos e os camponeses seguiam o ritmo da natureza. Eles o seguiam obrigatoriamente, uma vez que...
c) A deficiente iluminação não permitia aos artesãos e camponeses outra escolha. Ela não lhes permitia outra escolha, sobretudo quando...
d) A semente exige o tempo de plantio. Se ela o exige, é claro que não se podia...

e) A diminuição da jornada de trabalho acabou por criar o *tempo liberado*. Ao criar-lhe, tornou mais fácil para todos...

11. (NCE / UFRJ) Observe os pronomes oblíquos destacados no texto abaixo.

Como já **se** sabia, o ser humano adapta-**se** rapidamente a novas condições de vida. O que a pesquisa da felicidade nos ensinou foi o fato de a nossa capacidade de adaptação ser ainda maior do que **se** imaginava. Acostumamo-**nos** a quase tudo e há coisas das quais nunca **nos** enfadamos.

Segundo a norma culta, é possível inverter a colocação do pronome apenas em:

a) sabia-se
b) se adapta
c) imaginava-se
d) nos acostumamos
e) enfadamo-nos

12. (NCE / UFRJ) Observe as mudanças de colocação de pronomes propostas abaixo.

I. Só 46 delegados compareceram ao Parlamento, o que os tinha deixado em minoria – o que tinha deixado-os.
II. Um historiador acredita que o Brasil poderia ter se desintegrado em três diferentes países – se poderia ter desintegrado.
III. Antes da mudança da corte portuguesa, os conflitos regionais da colônia estavam se aprofundando – se estavam aprofundando.
IV. As colônias no Brasil estariam perdidas para Portugal, pois os ingleses queriam ocupá-las – os ingleses as queriam ocupar.

Tais mudanças são possíveis **apenas** em:

a) I e II
b) II e IV
c) I, II e III
d) I, III e IV
e) II, III e IV

13. (FGV / Anal. Leg.) Das alterações feitas abaixo na posição do pronome pessoal átono, é INCORRETA, de acordo com a norma culta da língua, a que foi feita na opção:

a) "... e o jogo dos rapazes elegantes transformara-<u>se</u>, então em um grande fenômeno de massas." / ... e o jogo dos rapazes elegantes <u>se</u> transformara, então, em um grande fenômeno de massas.
b) "... que desde os primeiros anos do século vinha <u>se</u> difundindo rapidamente pela cidade..." / ... que desde os primeiros anos do século vinha difundindo-<u>se</u> rapidamente pela cidade...
c) "... onde <u>se</u> realizavam os jogos em honra a Apolo..." / ... onde realizavam-<u>se</u> os jogos em honra a Apolo...
d) "... nos quais pudessem reunir-<u>se</u> e praticar o esporte." / ... nos quais <u>se</u> pudessem reunir e praticar o esporte.
e) "... Paulo Barreto mostrava a grandiosa impressão que a popularização do futebol <u>lhe</u> causava." / Paulo Barreto mostrava a grandiosa impressão que a popularização do futebol causava-<u>lhe</u>.

14. (TCU) Na oração "(...) embora se trate, por exemplo, de um expediente assinado (...)" foi

aplicado o seguinte princípio de colocação pronominal:

a) não se pospõe pronome átono a verbo, modificado por advérbio.
b) não se inicia período por pronome átono.
c) não se inicia período por ênclise.
d) não se pospõe pronome átono em locuções.
e) não se pospõe pronome átono a verbo flexionado em oração subordinada.

15. (TRT / Anal. Jud.) O segmento do texto em que o termo destacado se refere textualmente a um elemento anteriormente expresso, e não a um elemento posterior, é:

a) Parece possível distinguir duas tendências fundamentais na reação ao grupo estranho: uma de admiração e aceitação, outra de desprezo e recusa. Aparentemente, quase todos os seres humanos apresentam essas duas tendências fundamentais.
b) ... pois supomos entender que os que falam a nossa língua têm um passado comum conosco...
c) e também sabem o que esperar de nós...
d) Sentimos que aqueles que mais nos conhecem...
e) ... capazes de ignorar o que de melhor trazemos.

16. (FCC / Téc. Jud.) Em 1970 e 1971, houve, no Nordeste brasileiro, uma enorme procura por sapos, que eram caçados para que **suas** peles fossem exportadas para os Estados Unidos. **Lá elas** eram usadas para fazer bolsas, cintos e sapatos. **Isso** levou a uma drástica diminuição da população de sapos **nessa região**. Nesse primeiro parágrafo do texto os elementos em destaque se referem a outros elementos do mesmo parágrafo; assinale a correspondência errada:

a) suas – dos sapos;
b) Lá – Estados Unidos;
c) elas – as peles dos sapos;
d) Isso – bolsas, cintos e sapatos;
e) nessa região – Nordeste brasileiro.

17. (FCC / Anal. Jud.) O pronome *que* faz referência exófora, isto é, referência a elemento pertencente ao universo extratextual, encontra-se destacado em:

a) "mas permito-me fazer algumas ponderações e reflexões".
b) "Existem situações clínicas em que a morte é claramente inevitável".
c) "Nesses casos, o médico tem de conviver com incertezas".
d) "No meu íntimo, é como se eu quisesse entendê-la".
e) "Procuro respeitar sua vontade".

18. (FCC / Téc. Jud.) Assinale a opção em que é possível substituir, de acordo com a norma culta, a expressão grifada pela palavra "onde".

a) O cinema **em que** nos encontramos passa bons filmes.
b) Vejo você às 11 horas, **quando** iremos almoçar.
c) Se o tempo melhorar, **então** vamos à praia.
d) A situação **que** ele criou não é aceitável.
e) Lembrei-me do tempo **no qual** íamos juntos trabalhar.

19. (ANS – Técnico) *Sua ideia de que as espécies variam...*

O segmento grifado acima preenche corretamente a lacuna da frase:

a) Não havia ainda poderosos instrumentos _____ a ciência pudesse basear-se e desenvolver-se, como ocorre atualmente.

b) Os dados _____ se reportavam alguns cientistas permitiram o nascimento de teorias interessantes a respeito da vida no planeta.

c) Nem sempre as informações _____ dispõem os pesquisadores são suficientes para justificar complexas teorias científicas.

d) Durante muito tempo as explicações para a origem da vida, _____ todos sonhavam, eram fornecidas pela religião.

e) É necessário considerar-se _____ o desenvolvimento tecnológico atual foi o grande passo na descoberta de fatos biológicos.

20. (PM – BA) Está correto o emprego da expressão sublinhada na frase:

a) A aversão <u>com que</u> alguns demonstram pela preservação é incompreensível.

b) A prevenção é uma medida <u>de cujos</u> bons efeitos todos devem apoiar.

c) É injustificável a má vontade <u>de que</u> muitos manifestam diante da prevenção.

d) A prevenção, <u>em que</u> muitos fazem questão de ignorar, é imprescindível.

e) Medidas preventivas provocam efeitos <u>de cuja</u> eficácia ninguém duvide.

21. (FCC) Está correto o emprego de **ambos** os elementos sublinhados na frase:

a) A diferenciação entre profissionais, <u>à que</u> o autor faz referência, tem como critério um padrão ético, <u>de cujo</u> depende o rumo do processo civilizatório.

b) Se há apenas avanço técnico, numa época <u>onde</u> impera a globalização, as demandas sociais ficarão sem o atendimento <u>a que</u> são carentes.

c) As razões <u>porque</u> a globalização não distribui a riqueza prendem-se à relação mecânica entre oferta e demanda, <u>cuja a</u> crueldade é notória.

d) Os tecnocratas maliciosos imputam <u>para o</u> exercício da democracia os desajustes econômicos <u>em que</u> assolam os excluídos da globalização.

e) O aumento da produção, <u>de cuja</u> necessidade não há quem discorde, deve prever qualquer impacto ecológico, <u>para o qual</u> se deve estar sempre alerta.

22. (FCC) As palavras em destaque pertencem à mesma classe gramatical **exceto** na opção:

a) "Não seria isso **que** falta hoje a todos nós nas empresas?"

b) "... palestras **que** estão acontecendo neste exato momento."

c) "... já dizia o poeta **que** o tempo não para..."

d) "... aos padrões **que** nos impedem de crescer, ampliar e inovar."

e) "Acreditar naquilo **que** nossa voz interior diz..."

23. (FGV) Os pronomes relativos destacados substituem a palavra ou expressão que se encontra ao final de cada opção, **exceto** em:

a) "Está aí uma coisa **que** eu não sabia..." – coisa;

b) "Chefe de um país ou de um exército **que** preside..." – exército;

c) "E sempre desconfiei que 'esdrúxulo' foi inventada por um antigo dicionarista **que** sentia falta de uma palavra..." – antigo dicionarista;

d) "... sentia falta de uma palavra **que** descrevesse coisas" – uma palavra;
e) "figuras históricas **que** nunca foram" – figuras históricas.

24. (FGV) Em "O não marca **que** a decisão era reativa", a palavra negritada pertence à mesma classe gramatical da destacada em:
a) "... reveja os caminhos **que** você percorreu...".
b) "... para defender-se de algo **que** ameaça a integridade física...".
c) "Então, muitas das decisões **que** tomamos...".
d) "Entenda **que** o mapa da infância...".
e) "A pergunta **que** tanto fazem...".

25. (NCE) Indique a opção na qual a palavra **que**, destacada na coluna da esquerda, não substitui a palavra que a antecede, transcrita na coluna da direita.
a) "um quinto da energia **que** ingerimos..." energia
b) "Sem carne, **que** é uma fonte..." carne
c) "... conhecemos vegetais **que** substituem a carne..." vegetais
d) "... ir atrás da caça **que** estava no quintal..." caça
e) "É fato **que** somos onívoros" fato

(Cespe/UnB) Julgue as alternativas a seguir, com base no texto:

Efeitos da ameaça, no bem e no mal. Enquanto os nimbos da guerra toldam o horizonte, a vigília sugere pensamentos esparsos, de calibre diverso no bem e no mal. Por exemplo, transparece, com veemência dolorosa, o fato de que a arma atômica é o mais eficaz instrumento de poder. A unidade de medida. A prova.

Quem não tem arma atômica não se estabelece, está fora do grande jogo. Donde a conclusão grave, atemorizante: só a bomba é a última e definitiva garantia de segurança. E **aqui** trafegamos pelo domínio do mal.

Há compensações. Por exemplo, as marchas a favor da paz, a apinhar avenidas e praças ocidentais. Comovem o mundo islâmico. Porta-vozes muçulmanos celebram a resistência cristã à **ameaça da guerra**. E a interpretam no melhor sentido, como demonstração de que o Ocidente não quer, antes ainda do ataque ao Iraque de Saddam, um confronto entre civilizações.

Mino Carta. *Carta Capital*, 19/03/2003 (com adaptações).

26. Mantém-se a coerência do texto e a sua correção gramatical ao substituir o pronome "Quem" por Países.

27. O advérbio "aqui" remete, no texto, ao lugar, ao país onde o autor está ao escrever.

28. A inserção de *qualquer* antes de "ameaça da guerra" preserva a coerência e a correção gramatical do texto.

Nossos projetos de vida dependem muito do futuro do país **no qual** vivemos. E o futuro de um país não é obra do acaso ou da fatalidade. Uma nação se constrói. E constrói-se no meio de embates muito intensos – e, às vezes, até violentos – entre grupos com visões de futuro, concepções de desenvolvimento e interesses distintos e conflitantes.

Para **muitos**, os carros de luxo que trafegam pelos bairros elegantes das capitais ou os telefones celulares não constituem indicadores de modernidade.

Modernidade seria assegurar a todos os habitantes do país um padrão de vida compatível com o pleno exercício dos direitos democráticos. Por isso, **dão mais valor a um modelo de desenvolvimento** que assegure a toda a população alimentação, moradia, escola, hospital, transporte coletivo, bibliotecas, parques públicos. Modernidade, para **os que pensam assim**, é sistema judiciário eficiente, com aplicação rápida e democrática da justiça; são instituições públicas sólidas e eficazes; é o controle nacional das decisões econômicas.

Plínio Arruda Sampaio. O Brasil em construção. In: Márcia Kupstas (Org.). *Identidade nacional em debate*. São Paulo: Moderna, 1997, p. 27-9 (com adaptações).

29. Na linha 1, mantendo-se a correção gramatical do texto, pode-se empregar *em que* ou *onde* em lugar de "no qual".

30. O trecho "os que pensam assim" retoma, por coesão, o referente de "muitos", bem como o sujeito implícito da oração "dão mais valor a um modelo de desenvolvimento".

(Cespe/UnB) O texto é para as questões 31 e 32.

A visão do sujeito indivíduo – indivisível – pressupõe um caráter singular, único, racional e pensante em cada um de nós. Mas não há como pensar que existimos previamente a nossas relações sociais: nós nos fazemos em teias e tensões relacionais que conformarão nossas capacidades, de acordo com a sociedade em que vivemos. A sociologia trabalha com a concepção dessa relação entre o que é "meu" e o que é "nosso". A pergunta que propõe é: como nos fazemos e nos refazemos em nossas relações com as instituições e nas relações que estabelecemos com os outros? Não há, assim, uma visão de homem como uma unidade fechada em si mesma, como *Homo clausus*. Estaríamos envolvidos, constantemente, em tramas complexas de internalização do "exterior" e, também, de rejeição ou negociação **próprias e singulares** do "exterior". As experiências que o homem vai adquirindo na relação com os outros são as que determinarão as suas aptidões, os seus gostos, as suas formas de agir.

Flávia Schilling. Perspectivas sociológicas. Educação & psicologia. In: *Revista Educação*, vol. 1, p. 47 (com adaptações).

31. Na linha 3, para se evitar a sequência "nós nos", o pronome átono poderia ser colocado depois da forma verbal "fazemos", sem que a correção gramatical do trecho fosse prejudicada, prescindindo-se de outras alterações gráficas.

32. Na linha 10, a flexão de plural em "próprias e singulares" estabelece relações de coesão tanto com "rejeição" quanto com "negociação" e indica que esses substantivos têm referentes distintos e não podem ser tomados como sinônimos.

A **lenda urbana** surge com a oportunidade do inusitado, do espetacular, do fantasioso. É o momento em que **se pode** romper com a realidade e crer que existe algo além do que **se conhece**. Em primeiro lugar, a lenda urbana apresenta personagens quase sempre construídos em busca do indivíduo comum: **desperta-se** o interesse do ouvinte. Também **se espalha** por meios muito próximos dos simples mortais, seja oralmente, seja por e-mail, seja até em jornais sensacionalistas. As lendas urbanas se inserem no fenômeno chamado folkcomunicação, segundo o qual a expressão das classes mais baixas ou marginalizadas encontra vazão na produção de cultura popular e, muitas vezes, na cultura de massa. Esse folclore – em seu sentido mais amplo – traz à luz a compreensão de determinados povos sobre o meio que os cerca, mas de maneira bastante particular. As manifestações populares trazem tanto seus medos cotidianos quanto as influências sofridas por aquela população. As lendas urbanas são, assim, resultantes da criação contemporânea,

modernamente adaptadas ao universo do século XXI e seus problemas. Hoje o homem comum conhece a ciência (ou a pseudociência, como diz Carl Sagan) e **se utiliza** dela em seu cotidiano. Também por isso, as representações mais fantásticas ganham, muitas vezes, aspectos científicos. Surgem assim narrativas completas, em certa medida críveis, sobre o universo urbano moderno.

Andréa Neiva e Luciano R. Segura. *Sem mistério: discutindo língua portuguesa*, ano 2, nº 12, p. 26-32 (com adaptações).

33. (Cespe/UnB) O pronome "se" refere-se a "lenda urbana" em:

a) "se pode"
b) "se conhece"
c) "desperta-se"
d) "se espalha"
e) "se utiliza"

Gabarito: 1. e; 2. d; 3. e; 4. e; 5. c; 6. c; 7. d; 8. b; 9. d; 10. e; 11. b; 12. e; 13. c; 14. e; 15. a; 16. d; 17. a; 18. a; 19. c; 20. e; 21. e; 22. c; 23. b; 24. d; 25. e; 26. errado; 27. errado; 28. errado; 29. certo; 30. certo; 31. errado; 32. certo; 33. d.

9.12. RESUMO

São muitos os pronomes... Pessoais, possessivos, indefinidos, relativos... Vamos resumir tudo que é mais relevante sobre pronomes?

- Pronome indefinido é classe que se refere a substantivo. Indica ideia vaga, generaliza.
- Tanto o pronome indefinido quanto o adjetivo referem-se a substantivo. A diferença entre eles é semântica: o adjetivo qualifica o substantivo e o pronome indefinido indica ideia indefinida, vaga.

Atenção aos vocábulos "certo", "vários", "bastante": quando se referem ao substantivo e vêm antes, são pronomes indefinidos; quando vêm depois do substantivo, são adjetivos.

- Pronome pessoal reto substitui sujeito. Para substituir complementos, use o pronome pessoal oblíquo.
- Os pronomes oblíquos **o, a, os, as** substituem objetos diretos, complementos sem preposição. Os pronomes oblíquos **lhe** e **lhes** substituem objetos indiretos, complementos com preposição.
- Já os curingas (**me, te, se, nos, vos**) podem ser objetos diretos ou indiretos. Tudo vai depender da regência do verbo.
- Pronomes de tratamento são pronomes de 2ª pessoa do discurso (com quem se fala), mas carrega o verbo e os demais pronomes para a 3ª pessoa do discurso (= você).

- Em colocação pronominal, lembre-se de que há 3 proibições, 1 regra e 2 exceções. Ao julgar uma frase como certa ou errada, comece pensando nas proibições. Parta do princípio de que o que não é proibido está correto
- Ao utilizar os demonstrativos em frases, não se esqueça de perguntar primeiramente se ele se refere ao espaço/tempo/texto.
- Quando o pronome remete o leitor para uma informação que está dentro do texto, diz-se que ele tem função endofórica. Tal função pode se subdividir em anafórica (o pronome retoma) ou catafórica (o pronome avança no texto).
- O pronome terá função exofórica quando remeter o leitor para uma informação fora do texto: algo que tem de se deduzido. É a função do "onde", "quando", "quem.
- Pronomes relativos têm sempre função anafórica. Lembre-se de que o pronome cujo não pode ser substituído por nenhum outro relativo.
- Para saber a preposição que antecederá o relativo, basta colocar a oração que vem após o relativo na ordem direta, verificando se há ali verbo ou nome que peça preposição.

10 PREPOSIÇÃO

10.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

É palavra invariável que liga vocábulos ou orações, subordinando um ao outro. Caracteriza-se, assim, por ser um conectivo. Veja os exemplos:

Casa **de** José

Nesse caso, a preposição liga dois termos, dois substantivos.

Correu **para** chegar a tempo.

Já nesse exemplo, a preposição liga duas orações. É exatamente isso: preposição é conectivo que pode ligar termos ou orações.

Classificam-se as preposições em:

a) essenciais: apresentam-se sempre como preposição: a, ante, até, após, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por, sem, sob, sobre, trás.

b) acidentais: são aquelas que originalmente pertencem a outra classe gramatical (conjunções, advérbios...), mas, em determinadas frases, passam a usar-se como preposição.

como (= na qualidade de), durante (= por), conforme, segundo (= de acordo com) etc. Veja os exemplos:

Tinha-o **como** amigo.

Nesse exemplo, a palavra **como**, que, normalmente é conjunção, funciona como **preposição acidental**, pois equivale a uma outra preposição ("na qualidade de").

Segundo as previsões, teremos sol neste domingo.

Aqui, a palavra **segundo**, que pode ser numeral ou conjunção, funciona como **preposição acidental**. Basta trocá-la por uma locução prepositiva ("de acordo com") e você verá o valor de preposição que ela possui na frase.

Locução prepositiva: conjunto de palavras que funciona como preposição. Termina sempre por preposição.

Exs.: abaixo de, antes de, de acordo com, a respeito de, devido a, apesar de, a despeito de, em virtude de, em razão de, graças a etc.

10.2. VALOR RELACIONAL E NOCIONAL DA PREPOSIÇÃO

Diz-se que a preposição pode apresentar valor relacional ou nocional. A preposição possui valor relacional quando aparece na frase por uma exigência gramatical do termo anterior. Nesse caso, ela é resultado de regência verbal ou nominal.

Necessito **de** sua ajuda imediata.

Aqui, a preposição aparece na frase em função do verbo *necessitar*, que a exigiu: regência verbal.

Tenho necessidade **de** sua ajuda imediata.

Nesse caso, a preposição veio à frase por solicitação gramatical do substantivo que a antecede. Trata-se de regência nominal (regência do nome).

O que os dois exemplos anteriores têm em comum é o fato de a preposição ter aparecido na frase por exigência gramatical. É o **valor relacional** da preposição, ou, como muitas vezes é chamado nas provas, **valor gramatical**.

No entanto, as preposições, ao ligarem vocábulos ou orações, podem estabelecer valor semântico. Nesse caso, elas aparecem na frase, não por serem exigidas gramaticalmente pelo termo anterior, mas para indicar uma nova noção. É o chamado **valor nocional** ou **semântico**. Nos exemplos a seguir, as preposições estabelecem valores semânticos:

Desenho a lápis. (instrumento)

Chegou com a namorada. (companhia)

Estremeceu com a notícia. (causa)

Falar de futebol. (assunto)

Viver de renda. (meio)

Correr de medo. (causa)

Ir para a rua. (direção)

Treina muito para vencer. (finalidade)

Como o valor gramatical será estudado em regência, ficaremos neste capítulo apenas com os valores semânticos que as preposições podem estabelecer. É preciso treinar muito para se habituar à nomenclatura utilizada nas provas. Vamos apresentar uma ampla lista de valores nocionais das

preposições e, ao longo dos exercícios, você irá se deparar também com outros. Vamos lá?

Numere os parênteses abaixo de acordo com as relações semânticas que as preposições ou locuções prepositivas estabelecem.

1. causa	7. posse	13. tempo
2. companhia	8. assunto	14. acréscimo
3. finalidade	9. direção	15. concessão
4. origem	10. instrumento	16. ausência
5. lugar	11. matéria	17. conteúdo
6. meio	12. modo	

1. ( ) "Para seres amado, ama."

Comentários: É o mesmo que "*a fim de* seres amado".

Resposta: 3.

2. ( ) Viemos de Brasília de avião.

Comentários: Brasília é a *origem* de onde viemos e avião é o *meio* de transporte utilizado.

Resposta: 4 e 6.

3. ( ) Foi direto para a casa de Maria.

Comentários: Foi *em direção à* casa de Maria; Maria *possui* a casa.

Resposta: 9 e 7.

4. ( ) É preciso que além de uma sólida base filosófica de valores exista a parceria com os pais.

Comentários: Precisa-se não só de base filosófica; precisa-se *também* de parceria com os pais.

Resposta: 14.

5. ( ) Devido à falta de luz, não haverá aula hoje.

Comentários: Não haverá aula *em função*, *por causa da* falta de luz.

Resposta: 1.

6. ( ) Fez de tudo para não ser olhado com medo.

Comentários: Não queria ser olhado *deste modo*, *desta forma*: com medo.

Resposta: 12.

7. ( ) Abriu a porta com a chave.

Comentários: A chave foi o *instrumento* utilizado para abrir a porta.

Resposta: 10.

8. ( ) À tardinha, voltamos ao local combinado.

Comentários: Voltamos ao local combinado *durante* a tardinha.

Resposta: 13.

9. ( ) Conversamos muito sobre política.

Comentários: Política é o *assunto* sobre o qual conversamos.

Resposta: 8.

10. ( ) Para quem mora na favela, o medo é constante.

Comentários: Favela é *onde* se mora, o *local*.

Resposta: 5.

11. ( ) Foi detido por desacato.

Comentários: Desacato foi a *causa* para sua detenção.

Resposta: 1.

12. ( ) "Muitas vezes você é obrigado a amar o Botafogo, apesar do Botafogo."

Comentários: Amar o Botafogo é uma *concessão* aos problemas que o time traz, é algo *contraditório*.

Resposta: 15.

13. ( ) Gostei da sala de visitas.

Comentários: É uma sala com a *finalidade de* receber visitas.

Resposta: 3.

14. ( ) Ela se afastou com um súbito choro.

Comentários: Chorando foi a *forma*, o *modo* como ela se afastou.

Resposta: 12.

15. ( ) Tinha empobrecido com a seca.

Comentários: A seca foi a *causa* para a sua pobreza.

Resposta: 1.

16. ( ) Deve-se rir com alguém, não de alguém.

Comentários: Deve-se rir *em companhia de* alguém.

Resposta: 2.

17. ( ) Ele se confundiu com a minha resposta.

Comentários: A minha resposta foi a *causa* para a confusão dele, ela fez com que ele se confundisse.

Resposta: 1.

18. ( ) Copo de vinho.

Comentários: Aqui, aceitam-se duas respostas, dependendo do contexto em que essa frase esteja inserida. Ou o vinho é o *conteúdo* do copo, ou se trata de um copo *para* servir vinho, com a *finalidade de*.

Resposta: 17 ou 3.

19. ( ) Comprou um chapéu de palha.

Comentários: Palha é a *matéria* com que é feito o chapéu, seu *material*.

Resposta: 11.

20. ( ) A árvore caiu com o vento.

Comentários: O vento é a *causa* para a queda da árvore.

Resposta: 1.

21. ( ) O coração batia de alegria.

Comentários: A alegria fazia com que o coração batesse, era a *causa* para tal.

Resposta: 1.

22. ( ) Óculos sem aro.

Comentários: São óculos que *não possuem* aro: o aro é ausente nos óculos.

Resposta: 16.

Vamos treinar esse assunto em questões de concursos anteriores.

10.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

1. (FCC) A substituição da locução em destaque pela que se encontra à direita alteraria sensivelmente o sentido do enunciado no trecho:

a) "declino minha solidariedade em relação a sua preocupação" / no que concerne a.

b) "o médico tem [...] de administrar seu posicionamento em função das características da doença" / sem embargo de.

c) "Tento entender a posição do paciente diante de sua doença" / em face de.

d) "Procuro respeitar sua vontade, colocando-a à frente da tecnologia" / adiante de.

e) "devem também participar do encaminhamento das soluções médicas, em prol de posições mais humanas" / em favor de.

Comentários:

Na letra A, ambas as locuções prepositivas apresentam valor semântico de *assunto*. Na letra C, o valor semântico é de *causa*; na letra D, a noção que se expressa é de *lugar*, *posicionamento*. Na letra E, as locuções estão com valor semântico de *favor* e se reescrevem. Apenas na letra B as expressões não se substituem: *em função das* indica causa e *sem embargo de* indicaria concessão.

Resposta: B.

2. (NCE) O valor relacional da preposição em destaque está indicado com erro na alternativa:

a) "prolongar vidas de pacientes de forma inacreditável" / modo.

b) "conviver com incertezas" / companhia.

c) "discutir os inerentes aspectos técnicos sem desvinculá-los do lado emocional" / motivo.

d) "refletir sobre o sentido da vida" / assunto.

e) "preparar para a viagem final" / fim.

Comentários:

Mais uma vez, o que a banca espera é que o aluno identifique os valores semânticos das preposições e assinale o único que esteja incorretamente identificado. Na letra A, prolongam-se vidas de pacientes de determinada *forma*, *modo*; na letra B, convive-se *na companhia de* incertezas. Já na letra C, o valor é de *modo* e não *motivo*: discutem-se os aspectos técnicos *dessa*

forma – sem desvinculá-los do lado emocional. Na letra D, o sentido da vida é o *assunto* sobre o qual se discute e, na letra E, a viagem final é a *finalidade* da preparação.

Resposta: C.

3. (NCE) Em "Procuro respeitar sua vontade, colocando-a à frente da tecnologia, **por** entender que a morte, assim como a vida, merece dignidade", a preposição **por** está empregada com o mesmo valor relacional que em:

a) Inês, dama de rara beleza, morreu por amor.

b) Examinaremos toda a questão, mas por partes.

c) Vagamos, distraídos, por toda a cidade.

d) A casa tem dois pavimentos, ligados por uma escada.

e) Ele sempre lutou por conseguir um bom emprego.

Comentários:

Na frase do enunciado, a preposição possui valor semântico de *causa* (é o mesmo que "*porque* entendo que a morte, assim como a vida..."). Na letra A, Inês morreu *por causa do* amor: o valor semântico é de *causa*. Na letra B, a questão será examinada deste *modo*: por partes; na letra C, a cidade é o *lugar* por onde vagamos distraídos; na letra D, a escada é o *meio* de ligação entre os dois pavimentos e, na letra E, a conquista de um bom emprego é a *finalidade* da luta dele.

Resposta: A.

4. (NCE/Ministério Público) A frase abaixo em que a preposição DE tem seu valor corretamente indicado é:

a) pulseira de plástico = qualidade

b) morreu de cansaço = causa

c) rosto de anjo = origem

d) tampa da panela = matéria

e) viagem de longe = parte

Comentários:

Na letra A, o valor semântico da preposição é de *matéria*: plástico é o material com que foi feita a pulseira. Na letra B, o valor é mesmo de *causa*: o cansaço foi a causa para a morte. Na letra C,

anjo não é a *origem* do rosto, o valor é de *semelhança*: tem-se um rosto à semelhança de um anjo; na letra D, o valor semântico é de *posse*: a panela é *da* tampa e, na letra E, o valor é de *origem*, e não de parte.

Resposta: B.

5. (FCC/TRF) Alterou-se sensivelmente o sentido do trecho a seguir na opção: "O Mercosul (...) é, no momento, o mais notável bloco do Sul, devido ao peso específico das economias nele contidas e pelo seu rápido avanço".

a) O Mercosul é, no momento, o mais notável bloco do Sul, em virtude do peso específico das economias nele contidas e pelo seu rápido avanço.

b) Pelo peso específico das economias nele contidas e pelo seu rápido avanço, o Mercosul é, no momento, o mais notável bloco do Sul.

c) O Mercosul é, no momento, o mais notável bloco do Sul, por causa do peso específico das economias nele contidas e do seu rápido avanço.

d) Devido ao peso específico das economias nele contidas e pelo seu rápido avanço, o Mercosul é, no momento, o mais notável bloco do Sul.

e) O Mercosul é, no momento, o mais notável bloco do Sul, apesar do peso específico das economias nele contidas e pelo seu rápido avanço.

Comentários:

A locução prepositiva que aparece na frase do enunciado (*devido a*) tem valor de causa. Na letra A, tem-se a locução *em virtude de* com o mesmo valor causal. Na letra B, as duas ocorrências da preposição *pelo* indicam também causa. Na letra C, mais uma locução com valor causal: *por causa de*. Na letra D, duas preposições com valor de causa: *devido a* e *pelo*. Somente na letra E, a locução *apesar de* não indica causa, e sim concessão.

Resposta: E.

6. (FCC) Em "**Por** ser antes de tudo uma máquina de vender e, mais que isso, de vender o prazer do consumo e o consumo do prazer, ela atira contra nós mesmos o nosso desejo de consumir ao máximo...", a preposição sublinhada expressa uma relação com o sentido de:

a) causa

b) condição

c) consequência

d) concessão

e) posse

Comentários:

Tem-se, na frase do enunciado, uma relação de *causa e consequência*: o fato de ser uma máquina de vender o prazer e o consumo é a *causa* para se atirar contra nós mesmos o nosso desejo de consumir muito. Logo, a preposição tem o valor semântico de causa.

Resposta: A.

11 CONJUNÇÕES

11.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

11.1.1. Conjunções coordenativas

As **conjunções coordenativas** são aquelas que ligam orações de sentido completo, independente, que não exercem função sintática entre si: uma não é sujeito, objeto direto... da outra. Essa é a principal diferença entre as conjunções coordenativas e as subordinativas: a relação sintática que não existe entre as primeiras ocorre com as últimas. Mas você deve estar se perguntando: vou ter de pensar nisso tudo na hora de classificar as conjunções? Fique tranquilo, a resposta é não. Para identificar as conjunções, não será preciso pensar em análise sintática. Basta entender o que cada conjunção indica: o que é adicionar, opor, o que é causa, concessão, efeito etc.

Assim, comecemos pelas coordenativas, que integram o primeiro bloco, entendendo cada ideia que elas iniciam, aproveitando também para conhecer as conjunções e, se possível, memorizar, ao menos, meia dúzia de cada uma delas, para poupar futuramente seu tempo de resolução de prova. As conjunções coordenativas podem ser: aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas ou explicativas.

As **conjunções aditivas** são aquelas que ligam orações ou palavras, expressando ideia de acrescentamento ou adição. São elas: *e, nem* (= e não), além das expressões correlativas, que vêm em pares e também somam: *não só... mas também, não só... como também, bem como, não só... mas ainda.* Veja a frase:

A sua pesquisa é clara *e* objetiva.

Aqui, a conjunção aditiva liga termos (adjetivos) e não orações (sim, porque não se engane achando que a conjunção só pode ligar orações). Tais informações se adicionam, acrescentam.

Observe ainda:

Ele *não só* entrou na sala *como também* dirigiu-se aos pais.

Nesse caso, temos as expressões correlativas, que ligam duas orações, indicando ações que se somam.

As **conjunções adversativas** são aquelas que ligam duas orações ou palavras, expressando ideia de contraste ou compensação. São elas*: mas, porém, todavia, contudo, entretanto, no entanto, não*

obstante. Em relação às conjunções adversativas, é interessante frisar que elas nem sempre opõem, mas podem também compensam, ressalvam.

Veja:

Tentei chegar mais cedo, *porém* não consegui.

Aqui, a conjunção adversativa opõe, o que podemos observar pelas expressões "tentei chegar" e "não consegui". Logo, esse exemplo nos traz uma conjunção adversativa com valor de oposição, contraste.

Agora, observe:

Seu discurso foi breve, *mas* violento.

Nesse caso, temos palavras que não se contrastam: *breve* não é contrário de *violento*, mas é sua compensação. Logo, temos aqui conjunção adversativa com valor de ressalva, compensação.

As **conjunções alternativas** são aquelas que ligam orações ou palavras, expressando ideia de alternância ou escolha, indicando fatos que se realizam separadamente. São elas: *ou, ou... ou, ora... ora, já... já, quer... quer, seja... seja.* O que é interessante evidenciar nesse conceito é que elas podem, então, indicar, basicamente, duas ideias:

Ou saio eu, *ou* sai ele desta sala. (exclusão, escolha)

O cavalo avançava *ora* para a esquerda, *ora* para a direita. (alternância)

Você deve estar se perguntando: por que é preciso saber que a conjunção alternativa indica duas ideias (alternância ou exclusão)? Por dois motivos: primeiro, porque assim você não se engana achando que, se a conjunção é alternativa, só pode indicar alternância. Depois porque, em algumas questões, o examinador pode exigir um conhecimento mais específico: não que se diga apenas o nome da conjunção, mas que se explique o valor semântico que ela traz.

As **conjunções conclusivas** são aquelas que ligam à anterior uma oração que expressa ideia de conclusão ou consequência. São elas: *logo, pois* (dica importante: quando deslocado na oração, depois do verbo)*, portanto, por conseguinte, por isso, assim.*

Veja um exemplo:

Ele estava bem preparado para o teste, *portanto*, não ficou nervoso.

Aqui, o fato de *não ficar nervoso* é o resultado de *ele ter se preparado bem para o teste*. É a

sua conclusão.

As **conjunções explicativas** são aquelas que justificam a ideia da oração a que se referem. São elas: *que*, *porque*, *pois* (dica importante: quando iniciar a oração, antes do verbo), *porquanto*.

Assim, temos:

Venha para casa, *pois* está começando a chover.

Não demore, *que* o filme vai começar.

Interessante observar que as conjunções explicativas normalmente vêm ligadas a orações com verbos no imperativo – ordem, pedido, conselho ("*venha* para casa", "não *demore*"). Isso ocorre porque é uma questão de educação dar a ordem e, na sequência, explicar, justificar o porquê daquele comando. Essa é uma boa dica para reconhecer as conjunções explicativas com mais rapidez nas frases. Eis uma notícia boa: ao ver uma oração com verbo no imperativo, ligada a um *porque, pois, porquanto*, normalmente a conjunção será explicativa. A notícia ruim é que a conjunção explicativa pode vir também ligada a oração sem verbo no imperativo. Mas aí, para identificá-la facilmente, é só se lembrar do seu conceito: ela indica a explicação, a justificativa para o que foi dito anteriormente. Assim,

"Fazia tudo para ser agradável, *pois* não deixava uma pergunta sem respostas." (E. Bechara)

Aqui, a segunda oração explica, justifica aquilo que se disse na primeira. A conjunção é, então, explicativa.

Uma prova que tratou da conjunção explicativa ligada a verbo no imperativo foi a de Perito Criminal da Polícia Civil, Fundação Getulio Vargas, realizada em 2009. Veja:

Quase Nada

(Fábio Moon e Gabriel Bá. *Folha de São Paulo*, 28 de dezembro de 2008.)

1. No quarto quadrinho, a palavra **que** introduz uma:

a) causa.

b) consequência.

c) explicação.

d) condição.

e) concessão.

Comentários:

A conjunção *que* aparece ligada a verbo no imperativo – acorda – indicando uma explicação para o que se disse na outra oração. Poderíamos até trocar o *que* por outra conjunção explicativa – *porque*, *pois*. Observe que a banca não se preocupa tanto se a conjunção é coordenativa ou subordinativa, e sim com o valor semântico que ela indica – *explicação*. É uma tendência das bancas atuais: não cobrar do aluno memorização da nomenclatura, mas compreensão das ideias expressas pelos conectores.

Resposta: C.

Antes de partirmos à análise de outras questões de concursos, vamos fixar os conceitos por meio de frases curtas, para verificar se você entendeu a teoria.

Classifique as conjunções coordenativas das frases abaixo.

1. Fale baixo, **porque** todos estão dormindo.

Comentários: Ordem seguida da explicação.

Resposta: conjunção explicativa.

2. **Não só** passeia, **mas ainda** cumpre a obrigação.

Comentários: As duas ações se somam, *ele passeia* e *cumpre a obrigação*: "não só, mas ainda".

Resposta: conjunções aditivas.

3. Estudou muito **e** não foi aprovado.

Comentários: Apesar de a conjunção "e" ser normalmente aditiva, aqui ela contrasta, não segue o esperado: o que se esperava seria *estudar* e *ser aprovado*.

Resposta: conjunção adversativa.

4. Estudou muito **e** foi aprovado.

Comentários: Nesse caso, a conjunção não soma nem opõe, ela indica o resultado, a conclusão.

Resposta: conjunção conclusiva.

5. Você leu as cláusulas do contrato; não reclame, **pois**, das dificuldades que surgirem.

Comentários: Observe bem: a conjunção *pois* veio após o verbo, entre vírgulas, o que indica o seu deslocamento; além do mais, traz ideia de resultado.

Resposta: conjunção conclusiva.

6. **Nem** estuda **nem** deixa os outros estudarem.

Comentários: Dizer que *nem estuda nem deixa os outros estudarem* é o mesmo que dizer que não se fazem as *duas* coisas: não estuda *e* não deixa os outros estudarem.

Resposta: conjunção aditiva. Cuidado para não confundir com as alternativas: não são ações que se alternam e sim que se somam.

7. Analisamos o projeto com muita atenção, estamos, **pois**, aptos a executá-lo.

Comentários: Novamente, o *pois* deslocado. As vírgulas são uma preciosa dica. Ideia de resultado, conclusão.

Resposta: conjunção conclusiva.

8. O regulamento era bastante claro a esse respeito; **no entanto**, muitas pessoas teimavam em fingir que não sabiam de nada.

Apesar da *clareza do regulamento*, pessoas *fingiam não saber de nada*: oposição, contraste.

Resposta: conjunção adversativa. Além do mais, as conjunções *entretanto, porém, no entanto* serão sempre adversativas!

9. **Ou** não entendeu, **ou** fingiu-se de tolo.

Comentários: Duas opções que se excluem.

Resposta: as conjunções são alternativas e o valor semântico é de exclusão, escolha: uma coisa ou outra.

10. As autoridades levantaram-se **e** aplaudiram o velho professor.

Comentários: Finalmente um *e* que soma: duas ações que se adicionam.

Resposta: conjunção aditiva.

11. Saia da varanda, **que** está muito frio.

Comentários: Aproveite a estruturação da frase: temos a ordem (verbo no imperativo), seguida da explicação.

Resposta: conjunção explicativa.

12. Ele agradeceu a mim **bem como** a todos os presentes pela ajuda recebida.

Comentários: Ele agradeceu a mim *e* a todos.

Resposta: conjunção aditiva.

Vamos resolver algumas questões? Mas antes uma dica importante: nas provas atuais de concursos públicos, podemos observar duas tendências de questões em relação ao assunto que estamos abordando. Entenda:

Existem as questões que retiram um trecho do texto e pedem que você classifique a conjunção destacada ou, simplesmente, indique o valor semântico que ela representa.

Há também as questões de reescritura, em que se retira um trecho de um texto, com determinada conjunção em destaque, para que o aluno julgue que outras conjunções seriam capazes de substituí-la, mantendo-se o sentido original da frase.

Para resolver as questões do primeiro tipo, é preciso que você identifique a conjunção na frase em destaque, analisando a ideia que ela indica. Eis um exemplo:

1. (FCC/TRF – 2ª Região) No texto, o segmento "... podem ora ser consideradas como orientação geral, ora como disposição..." expressa ideias de ações:

a) opostas.

b) repetidas.

c) alternadas.

d) simultâneas.

e) concomitantes.

Comentários:

O que temos na frase são ações que se alternam. Os próprios conectivos *ora, ora* confirmam essa

ideia. A letra A seria a resposta, caso se tratasse de conjunção adversativa. Quanto à letra B, imaginamos que a banca esteja tratando de ações que se somam (aditivas). Já as letras D e E referem-se às conjunções temporais, que podem indicar ações que ocorrem ao mesmo tempo (simultâneas, concomitantes).

Conclusão: para resolver uma questão como essa, basta que você leia a frase com cuidado para entender o valor semântico indicado pela conjunção.

Resposta: C.

2. (FCC/TRF-SP) O emprego do elemento sublinhado compromete a coerência da frase:

a) Cada época tem os adolescentes que merece, pois estes são influenciados pelos valores socialmente dominantes.

b) Os jovens perderam a capacidade de sonhar alto, por conseguinte alguns ainda resistem ao pragmatismo moderno.

c) Nos tempos modernos, sonhar faz muita falta ao adolescente, bem como alimentar a confiança em sua própria capacidade criativa.

d) A menos que se mudem alguns paradigmas culturais, as gerações seguintes serão tão conformistas quanto a atual.

e) Há quem fique desanimado com os jovens de hoje, porquanto parece faltar-lhes a capacidade de sonhar mais alto.

Comentários:

O enunciado busca a alternativa que apresente uma conjunção mal escolhida, ou seja, que não expresse a ideia que ela deveria indicar.

A alternativa B traz o conectivo *por conseguinte*, cuja ideia é de conclusão. No entanto, esse conectivo está introduzindo uma oposição: *os jovens perderam a capacidade de sonhar alto, mas alguns ainda resistem ao pragmatismo moderno*. Assim, a conjunção que deveria unir essas duas orações deveria ser adversativa (*mas, porém, contudo, todavia* etc.), e não conclusiva. A letra A apresenta uma afirmativa seguida de sua explicação, confirmada pelo conectivo *pois*. A letra C apresenta duas informações que adicionam, o que se percebe pela conjunção aditiva *bem como*. A letra D introduz uma condição para que a outra oração ocorra, o que estudaremos nas conjunções

adverbiais condicionais. Finalmente, a letra E traz um *porquanto*, que estabelece uma explicação para a outra oração.

Resposta: B.

Atenção: não confunda a conjunção porquanto com portanto. Porquanto é o mesmo que porque.

Conclusão: nesse tipo de questão, além de entender a ideia que cada conjunção está veiculando, é necessário ter memorizado uma lista básica de conjunções para cada classificação. Isso agiliza o tempo de resolução da questão. De outra forma, além de ler cada frase e entender a sua mensagem, o aluno teria de fazer um certo esforço para lembrar o que cada uma das conjunções normalmente indica. Aqui, então, você precisaria entender a ideia estabelecida por cada conjunção e memorizar uma lista mínima de conectores.

São duas questões que necessitam que detectemos em cada frase o valor semântico que a conjunção expressa (oposição, ressalva, explicação etc.).

Há também as questões que buscam reescritura de frases, ou seja substituições de conjunções por outras que expressem a mesma ideia, entendemos que a memorização da lista das conjunções seja mais importante do que a compreensão do que está escrito na frase.

Veja um item de uma prova para o Ministério das Relações Exteriores, da banca organizadora Cespe/UnB, ocorrida no ano de 2009. Nela, esperava-se que o candidato julgasse a assertiva como certa ou errada.

1. "Essas disputas, contudo, podem ter mais relação com o perfil de potência regional do Brasil, **uma vez que** suas empresas multinacionais competem de modo mais agressivo por negócios além das fronteiras brasileiras."

a) A expressão "uma vez que" pode, sem prejuízo para a correção gramatical do período e sem alteração das informações originais, ser substituída por qualquer uma das seguintes: visto que, já que, pois, porque, porquanto.

Comentários:

Nesse caso, o mais importante não era entender a frase do texto, e sim ter memorizado as conjunções. Consulte a lista de conjunções explicativas que você possui e veja se não estão todas

lá. Simples, não é? Já para o aluno que não memorizou...

Resposta: certa.

Mais uma questão do mesmo concurso: pedia-se o de sempre, ou seja, julgar a alternativa como certa ou errada.

2. "Com isso, a partir de janeiro de 2009, a produção terá redução total de 4,2 milhões de barris diários. A medida, que foi acompanhada por países fora do cartel, não conseguiu, **no entanto**, segurar o preço da *commodity*, que caiu abaixo dos US$ 40." (O Globo, 18/12/2008.)

a) O termo "no entanto" pode, sem prejuízo para a correção gramatical do período e sem alteração das informações originais, ser substituído por qualquer um dos seguintes: porém, contudo, conquanto, contanto que.

Comentários: A conjunção *no entanto* é adversativa. Na lista das coordenativas adversativas só aparecem as duas primeiras: *porém* e *contudo*.

Conquanto é uma conjunção concessiva, que, apesar de indicar a mesma ideia de contrariedade, levaria o verbo para o subjuntivo. Logo, tal conjunção até manteria a ideia da adversativa "no entanto", mas prejudicaria a correção gramatical do período.

Contanto que é conjunção condicional, que nada tem de semelhança com a conjunção adversativa do texto.

Resposta: errada.

Você deve estar se perguntando: então, para resolver as questões de conjunções, basta que eu decore a lista de cada uma delas? Infelizmente, não. Ainda que para algumas questões a memorização baste, entender as relações semânticas que as conjunções estabelecem nas frases é fundamental por alguns motivos:

1. Algumas conjunções estabelecem mais de uma ideia, aparecem em mais de uma lista. Você vai aprender que um *porque* pode ser causal, explicativo ou final. Um *pois* pode ser conclusivo, explicativo ou causal. Além dessas conjunções, há outras que podem ter mais de uma classificação (*desde que*, *que*, *se*...). Assim, só uma leitura cuidadosa da frase permitiria a classificação da conjunção. Nesse caso, ter memorizado as conjunções ajuda, mas não resolve a questão.

2. Há questões que pedem que se identifique o valor semântico da conjunção, e não simplesmente que dê a sua classificação. Vimos, por exemplo, que a conjunção adversativa *mas* pode indicar adversidade ou ressalva: haverá questões que vão buscar que você identifique qual das duas ideias a conjunção indica. Decorar a lista, aqui, resolveria o seu problema?

11.1.2. Conjunções subordinativas

Vamos agora ao estudo das conjunções adverbiais, que estatisticamente são aquelas que mais aparecem nas provas de concursos públicos de variadas bancas.

Conjunção subordinativa é a palavra ou locução conjuntiva que liga duas orações, sendo uma delas dependente da outra. A oração dependente, introduzida pelas conjunções subordinativas, recebe o nome de oração subordinada.

Ex.: O baile já tinha começado quando ele chegou.

or. principal ↑ or. subordinada

conj. subord.

As conjunções subordinativas subdividem-se em **adverbiais** e **integrantes**. Vamos a elas...

A s **conjunções adverbiais** são aquelas que indicam circunstâncias. Lembre-se de que circunstância é uma ideia que se adiciona à frase sem ser necessária. É a história do fofoqueiro: onde?, como?, por quê?, para quê?... Certa vez, o professor Evanildo Bechara comentou, em uma palestra, que *circunstância é algo que a frase não pede, só a nossa curiosidade*... Pois bem, cabe ao aluno conhecer as ideias circunstanciais que se acrescentam à ideia principal de um texto, desenvolvendo-a. Podem ser causais, consecutivas, concessivas, condicionais, comparativas, conformativas, finais, temporais e proporcionais.

Primeiramente, temos as **conjunções causais** (*porque, que, como (= porque), pois que, uma vez que, visto que, porquanto, já que* etc.), que são aquelas que indicam *um fato que faz com que o outro ocorra*. Logo, para cada causa haverá um efeito. Se você não achar o efeito, então não havia causa. Daí, o exemplo:

Ele não fez a pesquisa *porque* não dispunha de meios.

O fato de *ele não dispor de meios* é que fez com que *ele não fizesse a pesquisa*. Agora, cuidado! Não confunda a causa com o efeito. Antes de classificar a conjunção, lembre-se de que **a conjunção recebe o nome da ideia que vem depois dela, não antes**. Se o que vem depois do *porque* é que fez

com que *ele não fizesse a pesquisa*, então *porque* é uma conjunção causal.

Aqui, valem dois recados:

Atenção:
1. Tenha em mente, ao resolver a questão, o conceito de causa: ela é um fato que faz com que o outro ocorra.
2. Antes de classificar a conjunção, cuidado para não olhar para o lugar errado: a conjunção recebe a classificação do que ela inicia, não do que veio antes dela.

Você deve estar perguntando: e se a conjunção iniciasse a oração *ele não fez a pesquisa* e não a outra oração? Aí, ela seria *consecutiva*, pois estaria iniciando o efeito, a consequência.

Assim, surge a **conjunção consecutiva**, que é aquela que introduz uma oração que expressa a consequência da principal. São elas: *de sorte que, de modo que, de forma que, sem que (= que não), que* (tendo como antecedente na oração principal uma palavra como *tal, tão, cada, tanto, tamanho)* etc.

Portanto, temos a frase:

Estudou tanto durante a noite *que* dormiu na hora do exame.

O primeiro passo é reconhecer que há, nessa frase, **uma relação de causa e efeito**. Triste é quando a gente sequer enxerga isso no texto...

Em seguida, organizar, na frase, o que é causa e o que é o efeito.

Lembre-se de que:
1. Na linha do tempo, a causa antecede o efeito: acontece antes.
2. A conjunção recebe o nome da ideia que ela inicia.

Assim, temos:

O fato de *estudar tanto durante a noite* aconteceu antes de *ter dormido na hora do exame*: estudar muito **fez com que** dormisse na prova. Logo, *estudar* é a causa e *dormir* é o efeito. Ora, se a conjunção inicia o fato de *ter dormido na hora do exame*, que é a consequência, ela é consecutiva e não causal.

As conjunções concessivas introduzem uma oração que expressa ideia contrária à da principal, sem, no entanto, impedir sua realização. São elas: *ainda que, apesar de que, embora, mesmo que, conquanto, se bem que, por mais que, posto que* etc. Observe:

Embora fosse tarde, fomos visitá-lo.

O fato de *ser tarde* não impediu que *fôssemos visitá-lo*. São informações contrárias, que não se excluem. Além do mais, o verbo está no subjuntivo (*fosse*), o que acaba sendo uma característica marcante das conjunções concessivas.

Atenção:
1. As conjunções concessivas indicam contrariedade, oposição.
2. A fim de não confundi-las com as coordenativas adversativas, que também contrastam, não deixe de memorizar as conjunções de cada lista e de lembrar que a conjunção concessiva, normalmente, leva o verbo para o subjuntivo, o que não ocorre com as adversativas.

Mais um exemplo para você fixar: Eu não desistirei desse plano *mesmo que* todos me abandonem.

O fato de *todos me abandonarem* não impedirá que *eu desista desse plano*: ideia de concessão. Atenção ao verbo "abandonem", que está no presente do subjuntivo.

As **conjunções condicionais** introduzem uma oração que indica a hipótese ou a condição para a ocorrência da principal. São elas: *se, contanto que, salvo se, desde que, a menos que, a não ser que, caso* etc.

Veja o exemplo:

Se precisar de minha ajuda, telefone-me.

A ação de me telefonar só ocorrerá *caso seja necessária a minha ajuda*. É a **hipótese** para a ocorrência da outra oração. Observe que o verbo está no subjuntivo – *precisar*, o que enfatiza a ideia hipotética que a oração traz.

As **conjunções conformativas** introduzem uma oração em que se exprime a conformidade de um fato com outro. São elas: *conforme, como (= conforme), segundo, consoante* etc. Pense sempre assim: a conjunção conformativa indica um fato que se realiza *de acordo com outro*, *em conformidade com outro*. Assim:

Arrume a exposição *segundo* as ordens do professor.

A exposição será arrumada *em conformidade*, *de acordo com* o que o professor ordenar.

As **conjunções finais** introduzem uma oração que expressa a finalidade ou o objetivo com que se realiza a principal. São elas: *para que, a fim de que, porque (= para que), que* etc. É mais uma conjunção que, por também indicar hipótese, apresenta, em geral, o verbo no subjuntivo. Veja:

Toque o sinal *para que* todos entrem no salão.

A finalidade, o objetivo da primeira oração ("toque o sinal") é de que *todos entrem no salão*. Veja como *a finalidade é uma consequência desejada, almejada, hipotética*.

A s **conjunções proporcionais** introduzem uma oração que expressa um fato relacionado proporcionalmente à ocorrência principal. São elas: *à medida que, à proporção que, ao passo que* e as combinações *quanto mais...* (mais), *quanto mais...* (menos), *quanto menos...* (mais), *quanto menos...* (menos) etc. É simples: uma ideia que se realiza proporcionalmente à outra. Assim:

O preço fica mais caro *à medida que* os produtos escasseiam.

Eis o que a conjunção proporcional indica*: quanto mais o preço fica caro, mais os produtos escasseiam*. São ações diretamente proporcionais. Podemos ter até ações inversamente proporcionais:

Quanto mais reclamava, menos atenção recebia.

Na sequência, temos as **conjunções temporais**, que são aquelas que introduzem uma oração que acrescenta uma circunstância de tempo ao fato expresso na oração principal. São elas: *quando, enquanto, assim que, logo que, todas as vezes que, desde que, depois que, sempre que, mal (= assim que)* etc. Essa ideia de tempo pode iniciar um tempo simultâneo, concomitante:

A briga começou *assim que* saímos da festa.

As duas ações ocorrem ao mesmo tempo. É conjunção temporal que indica *tempo simultâneo*. Mas não será sempre assim. Veja:

A cidade ficou mais triste *depois que* ele partiu.

A conjunção é temporal, indicando tempo anterior. Que interessante: a locução conjuntiva *depois que* está iniciando uma oração com valor de anterioridade (*ele partiu* aconteceu antes de *a cidade ficar mais triste*) e não de posterioridade. Por isso, é tão importante você se adestrar e, antes de classificar a conjunção, olhar para a oração que **vem depois dela**, não antes!

Agora, vêm as que consideramos mais fáceis: as conjunções comparativas. As **conjunções comparativas** introduzem uma oração que expressa ideia de comparação com referência à oração principal. São elas: *como, assim como, tal como, como se, (tão)... como, tanto como, tanto quanto, tal, qual, tal qual, que* (combinado com *menos* ou *mais*) etc. Assim, temos:

O jogo de hoje será mais difícil *que* o de ontem.

Vemos aqui *ações que se comparam*. Observe: o verbo das orações comparativas normalmente vem implícito, por ser o mesmo da outra oração. É como se eu dissesse: o jogo de hoje será difícil como o de ontem *foi difícil*. Observe mais um exemplo:

Ele é preguiçoso *tal como* o irmão.

É como se disséssemos: *ele é preguiçoso como o irmão é preguiçoso*.

Atenção: A oração comparativa vem com verbo implícito, contando, portanto, como uma oração. Se houver uma questão que pergunte quantos verbos há no período, não deixe de contar com o verbo da oração comparativa, embora ele não esteja explícito.

Por fim, temos as **conjunções integrantes**. Deixamos essas conjunções para o final, porque elas não integram o bloco das adverbiais, **não trazem ideia circunstancial**. O seu papel é iniciar oração substantiva, a oração que vale por um substantivo. Lá na escola, a professora nos aconselhava a substituir a oração substantiva por **isto**, que é um pronome substantivo, só para ter certeza de que ela é substantiva. Assim, teríamos:

Espero *que* ele traga os documentos necessários.

A conjunção integrante *que* integra a oração substantiva (*que ele traga os documentos necessários*), oração que vale por um substantivo, que pode ser trocada por **isto**. Veja que ela não tem nenhum dos valores semânticos que estudamos anteriormente (causa, condição, concessão...), apenas inicia uma oração substantiva. Mais um exemplo:

Não sei *se* José foi aprovado.

Eis um exemplo de conjunção integrante *se:* ela inicia uma oração que vale por um substantivo (*aprovação de João*). É a conjunção integrante.

Atenção:
1. As conjunções subordinativas dividem-se em dois blocos: integrantes (sem valor semântico) e adverbiais (que indicam ideia circunstancial, apresentando os valores de causa, condição, concessão etc.)
2. Reconhecer a conjunção integrante é simples: basta trocar a oração que ela inicia por um substantivo, ou, simplesmente, por isto.

Que tal treinarmos um pouco antes de encararmos as questões de concursos? A seguir, apresentamos algumas frases para fixarmos os conceitos.

Classifique as conjunções subordinativas destacadas nas frases a seguir:

1. Não vieram **porque** chovia muito.

Comentários: O fato de *chover muito* fez com que *não viessem*: inicia a causa.

Resposta: conjunção causal.

2. **Por mais qu**e estude, corre o risco de ser reprovado.

Comentários: O esperado seria que, *estudando muito, fosse aprovado*. Tem-se a ideia de oposição.

Resposta: conjunção concessiva. Atenção ao verbo no subjuntivo.

3. **Como** todos sabem, tenho um nome respeitado.

Comentários: A conjunção *como* tem valor de *conforme*, *de acordo com*.

Resposta: conjunção conformativa.

4. Ninguém sabe **se** ele está vivo ou morto.

Comentários: Ninguém sabe *isto*.

Resposta: a conjunção inicia oração substantiva, integrante.

5. Estava tão cansado, **que** adormeceu na poltrona.

Comentários: Lá vem ela: a relação de causa e efeito. Organize o seu raciocínio: o fato de *estar cansado* fez com que *ele adormecesse na poltrona*. A causa é *o cansaço*, o efeito é *adormecer na poltrona*.

Resposta: a conjunção *que* inicia o efeito, ela é consecutiva. Além do mais, quem já memorizou sabe que um *que* antecedido de *tão* normalmente é consecutivo.

6. Menti **porque** precisava.

Comentários: O fato de *precisar* fez com que *eu mentisse*. *Precisar* é a causa, *mentir* é a consequência.

Resposta: a conjunção inicia a causa: ela é causal.

7. Menti **porque** não fosses punido.

Comentários: Esse *porque* pode ser trocado por *para que*, *a fim de que*. O verbo, além disso, está no subjuntivo, indicando hipótese.

Resposta: conjunção final.

8. **Ainda que** me ameaces, nada revelarei.

Comentários: Relação de oposição, contrariedade, um fato que não impede que o outro ocorra: o fato de *me ameaçar* não vai impedir que *eu nada revele*. E o verbo no subjuntivo.

Resposta: conjunção concessiva.

9. **Como** ele se despedisse, acompanhamo-lo à porta.

Comentários: Relação de causa e efeito: o fato de *ele se despedir* fez com que *o acompanhássemos até a porta*.

Resposta: inicia a causa, a conjunção é causal.

10. **Sempre que** estou estudando, não gosto que façam barulho.

Comentários: Indica ideia de tempo. Não gosto que façam barulho *quando* estou estudando.

Resposta: conjunção temporal.

11. **Caso** ela me beije, pensarei no caso.

Comentários: A ação de *pensar no caso* só ocorrerá *se ela me beijar*. Valor de hipótese, condição. E verbo no subjuntivo – *beije*.

Resposta: conjunção condicional.

12. **Quanto mais** trabalho, **menos** tempo tenho para ganhar dinheiro.

Comentários: Ações inversamente proporcionais: quanto mais *se trabalha*, menos *se ganha dinheiro*.

Resposta: conjunção proporcional.

13. **Se bem que** estude muito, não aprende tudo.

Comentários: O verbo no subjuntivo – estude – e uma ideia de oposição: o fato de *estudar muito* não garante *o aprendizado da matéria*.

Resposta: conjunção concessiva.

14. **Desde que** saiu, não consigo raciocinar direito.

Comentários: A ação de *não raciocinar direito* ocorre desde o momento em que *alguém saiu*.

Ideia de tempo anterior.

Resposta: conjunção temporal.

15. **Como** seu irmão, Mariana sabia se comportar.

Comentários: A conjunção *como* equivale a *do mesmo modo que*. É como se disséssemos: Mariana sabe se comportar *do mesmo modo que* seu irmão sabe se comportar. O verbo vem implícito, por ser o mesmo da outra oração. São ideias que se comparam.

Resposta: conjunção comparativa.

Devidamente treinados em relação às conjunções subordinativas? Esperamos que sim. Agora, chegamos ao momento mais importante deste capítulo: a mistura das conjunções coordenativas e subordinativas. O aluno que sabe mesmo não se confunde quando vêm todas juntas. As dicas são muito simples:

Não se preocupe com a nomenclatura *coordenativa* ou *subordinativa*. O mais importante é a ideia que cada conjunção traz. Exemplo: se a conjunção iniciar uma ideia de explicação e não de causa, será coordenativa, e não subordinativa. O mais importante é identificar o valor semântico da oração que a conjunção inicia.

Não deixe de memorizar uma lista mínima para cada bloco de conjunções: isso poupará tempo de resolução de prova. Exemplo: o aluno que não memoriza que *conquanto* será sempre conjunção concessiva, pode perder muito tempo pensando sobre as outras ideias (causal, explicativa, conformativa...).

Não deixe de olhar para o que vem depois da conjunção, não para o que vem antes. Na dúvida, procure também substituir a conjunção por outras que tenham o mesmo sentido, para ter certeza da resposta certa.

E o mais importante: procure lidar com a frase da forma como ela está no texto. Não imagine situações, não extrapole o que está escrito. Exemplo: diante de uma *conjunção condicional*, que é a *hipótese* para a ocorrência da outra oração, não fique imaginando um contexto em que essa hipótese viesse a ocorrer. Se fosse assim, ela seria *causal* e não *condicional*. Dessa forma, você acaba errando porque pensou em outra coisa.

Classifique as conjunções a seguir:

1. Convém **que** tomes cuidado.

Comentários: Convém *isto*. A conjunção inicia oração substantiva.

Resposta: conjunção subordinativa integrante.

2. **Mesmo que** me peça, não atenderei.

Comentários: Algo que não se espera, contraditório. Verbo no subjuntivo. É o mesmo que *embora, ainda que*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial concessiva.

3. Nem canta **nem** assovia.

Comentários: Não realiza as duas ações: cantar e assoviar. *Nem* é o mesmo que *e não*.

Resposta: conjunção coordenativa aditiva.

4. **Ora** canta, **ora** assovia.

Comentários: Ações que se alternam: algumas vezes canta, outras assovia.

Resposta: conjunções coordenativas alternativas.

5. **Quanto mais** canta, mais feliz fica.

Comentários: Ações diretamente proporcionais. É o mesmo que *à medida que*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial proporcional.

6. Vai logo, **que** chegarás atrasado.

Comentários: Ordem seguida da sua explicação. Atente ao verbo da primeira oração no imperativo. *Que*, aqui, equivale a *pois*.

Resposta: conjunção coordenativa explicativa.

7. Ele se complicou, **por isso** foi repreendido.

Comentários: Ser repreendido é a conclusão de ele ter se complicado. Não confunda com a subordinativa consecutiva: *por isso* pertence à lista das conclusivas. É o mesmo que *logo*, *portanto*.

Resposta: conjunção coordenativa conclusiva.

8. Ele falou tanto **que** foi repreendido.

Comentários: O fato de muito ter falado fez com que ele fosse repreendido. Atenção ao *que*

antecedido de *tanto*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial consecutiva.

9. Vem, **que** eu te abraçarei.

Comentários: Pedido seguido de sua explicação. O *que*, aqui, equivale ao *pois*.

Resposta: conjunção coordenativa explicativa.

10. Conversa mais **que** trabalha.

Comentários: Comparam-se as ações de conversar e trabalhar.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial comparativa.

11. Estudou, **logo** foi aprovado.

Comentários: Ser aprovado é a conclusão de ter estudado. É o mesmo que *por isso*, *por conseguinte*, *portanto*.

Resposta: conjunção coordenativa conclusiva.

12. Estava tão cansado, **que** adormeceu na poltrona.

Comentários: *Que* antecedido de *tão*. Adormecer na poltrona é a consequência de estar muito cansado.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial consecutiva.

13. **Que** eu saiba, Luís não é casado.

Comentários: É o mesmo que *conforme eu saiba*, *de acordo com o que eu sei*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial conformativa.

14. **Sem que** eu tenha este documento nas mãos, nada poderei fazer.

Comentários: Ter o documento nas mãos é a condição para que eu faça algo. Atenção ao verbo *tenha*, no presente do subjuntivo.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial condicional.

15. Comprei as mangas, verdes **que** estivessem.

Comentários: O fato de as mangas estarem verdes não impediu que as comprasse. É o mesmo que *embora, ainda que estivessem verdes*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial concessiva.

16. No elogio há sempre menos sinceridade **que** na censura.

Comentários: Ações que se comparam. Observe que o verbo da segunda oração está implícito: "No elogio há sempre menos sinceridade que *há sinceridade* na censura".

Resposta: conjunção subordinativa adverbial comparativa.

17. Entre em silêncio **que** as crianças não acordem.

Comentários: As crianças não acordarem é a finalidade de se entrar em silêncio. Veja o verbo *acordem* no subjuntivo. É o mesmo *que a fim de que, para que as crianças não acordem*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial final.

18. Foi ao clube, **porém** não tinha ânimo.

Comentários: Ideia de adversidade, oposição. É o mesmo que *mas, contudo, todavia*. Não confunda com a conjunção concessiva, que possui a mesma ideia de contrariedade, mas leva o verbo para o subjuntivo.

Resposta: conjunção coordenativa adversativa.

19. **Embora** não tivesse ânimo, foi ao clube.

Comentários: Agora sim: o verbo está no subjuntivo. Ideia de oposição, contrariedade. Um fato (*não ter ânimo*) que não impede que o outro (*ir ao clube*) ocorra. É o mesmo que *ainda que não tivesse ânimo*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial concessiva.

11.1.3. Valores semânticos das principais conjunções

Antes de treinarmos as questões de concursos, uma pausa para uma boa sistematização. Pelos exercícios anteriores, você já deve ter percebido que determinadas conjunções aparecem em mais de uma lista. Exemplo: o conector *porque*, que você conhecia como causal ou explicativo, pode ser também final. Assim, pensamos que seria didático sistematizar as conjunções que aparecem em mais de uma lista, de modo que você saiba tudo que cada uma pode ser. Fica mais fácil na hora de estudar. Vamos lá?

- **E:** A conjunção **e** pode indicar as seguintes ideias:

Ele trabalha **e** estuda. (aditiva)

Estudou, **e** não passou. (= mas: adversativa)

Estudou, **e** passou em 1º lugar. (= logo: conclusiva)

- **POIS:** Quando inicia a oração pode ser causal ou explicativa. Se deslocada, será sempre conclusiva.

Estude bastante, **pois** tudo correrá bem. (explicativa)

Ele passou em 1º lugar, **pois** muito se esforçou. (causal)

Ele muito se esforçou; passou, **pois**, em 1º lugar. (conclusiva)

- **OU:** Como conjunção alternativa, pode excluir ou retificar. Pode ser também conjunção aditiva.

João **ou** José casará com Maria. (*um ou outro*; alternativa com valor de exclusão)

O professor **ou** os professores dirigiram-se ao departamento. ("os professores" corrige a informação anterior; alternativa com valor de retificação)

O fumo **ou** a bebida fazem mal à saúde. (= *e*: aditiva)

- **DESDE QUE**

Desde que acordou, não parou de estudar. (= *desde que*: temporal)

Desde que se esforce, tudo correrá bem. (= *caso*: condicional)

- **QUE**

Fala, **que** fala, **que** fala, **que** fala. (= *e*: aditiva)

Entre, **que** estamos atrasados. (= *pois*: explicativa)

Sei **que** serei aprovado. (*Sei isto*: integrante)

Choveu, **que** o dia foi muito quente. (= *porque*; causal)

O dia foi tão quente, **que** choveu. (*que* antecedido de *tão*: consecutiva)

Que ele insistisse, eu não iria à festa. (= *embora*: concessiva)

Esforce-se **que** tudo corra bem. (= *para que*: final)

- **SE**

Não sei **se** ele foi aprovado. (*Não sei isto*: integrante)

Se ele foi aprovado, não sei. (*Não sei isto*: só houve mudança da ordem da frase: integrante)

Se ele for aprovado, seus pais ficarão contentes. (= *caso ele seja*: condicional)

Se vocês já estão aqui, então, vamos começar a reunião. (= *já que*: causal)

Se eles eram felizes, não demonstravam contentamento. (= *embora*: concessiva)

• **COMO**

Ele fala **como** o irmão. (= *do mesmo modo que*: comparativa)

Como morava perto do amigo, resolveu visitá-lo. (= *já que*: causal)

Viajaremos **como** combinamos. (= *conforme*: conformativa)

11.1.4. Como estudar as conjunções

Sabemos que estudar as conjunções é tarefa que compreende as seguintes etapas:

• Entender o valor semântico que cada conjunção expressa: saber o que é adição, alternância, adversidade etc.

• Sistematizar as conjunções que podem apresentar mais de uma ideia. A conjunção alternativa, por exemplo, não indica só alternância, pode indicar também escolha ou exclusão.

• Memorizar uma lista básica de conjunções para cada grupo (aditivas, explicativas...).

• Apresentar as conjunções que podem aparecer em mais de uma lista. A conjunção *e*, por exemplo, pode ser aditiva, adversativa ou conclusiva. Sistematizar essas conjunções poupará ao aluno tempo de raciocínio para resolução da questão.

• Treinar, treinar e treinar.

11.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Classifique as conjunções coordenativas seguindo este código.

(1) aditiva

(2) adversativa

(3) alternativa

(4) conclusiva

(5) explicativa

1. ( ) Foi transferido, logo não nos veremos com muita frequência.

2. ( ) Agora verificamos um trabalho mais efetivo com a palavra não apenas como meta para o desenvolvimento, mas como um trabalho de resgate do próprio homem.

3. ( ) Podem me acusar, pois estou com a consciência tranquila.

4. ( ) “Esforço-me para aproximá-lo de Jesus, no entanto o senhor acerca-se do Papa.”

5. ( ) O atleta teve um ótimo desempenho e não conseguiu vencer a prova.

6. ( ) O futebol já é o quarto maior mercado de capitais do mundo, todavia só agora a Receita começa a prestar atenção nos jogadores.

7. ( ) “Tente não se tornar um homem de sucesso, e sim um homem de valores.”

8. ( ) Eles merecem perdão ou reparação total?

9. ( ) Sente aqui, que precisamos conversar.

10. ( ) “A água lhe bate nos olhos. Percebe, entretanto, que a água o está levando para o lado das pedras.”

11. ( ) Você participou do debate; diga-me, pois, as novidades.

12. ( ) “Já não era a flor do bairro, senão de toda a cidade.”

13. ( ) “Você não entendeu meu bilhete, portanto não cumprirá minhas orientações.”

14. ( ) “Tanto ele como o irmão são meus amigos.”

15. ( ) “Não achou os documentos nem as fotocópias.”

16. ( ) Queria estar atento à palestra, contudo o sono chegou.

17. ( ) Peguei um táxi e fui à casa do Wilson.

18. ( ) Conhecemos pessoas materialmente ricas, porém pobres espiritualmente.

19. ( ) “Você se prepara para o futuro corretamente ou fica metade do tempo se preocupando e nada mais?”

20. ( ) Não insista, porque não irei ao jogo.

II. Classifique as conjunções ou locuções subordinativas destacadas usando este código.

(1) causal

(2) concessiva

(3) condicional

(4) conformativa

(5) final

(6) proporcional

(7) temporal

(8) comparativa

(9) consecutiva

(10) integrante

1. ( ) ( ) A crise mostra que o Brasil progride enquanto dorme.
2. ( ) Não sabia se voltaria para casa.
3. ( ) “Se você sentir saudade, por favor não dê na vista.”
4. ( ) “Como escreveu o divino Dante: ‘Percam todas as esperanças. Estamos todos no inferno’.”
5. ( ) Como estivesse doente faltei à escola.
6. ( ) Ainda que chova, sairei de casa.
7. ( ) Serás aprovado desde que estudes.
8. ( ) “Como nas novelas, vemos que o Brasil está se dividindo entre babacas e psicopatas.”
9. ( ) “A crise ensina que nossa política é tão medíocre, que nos últimos anos bastou a economia.”
10. ( ) “Quando terminei a inspeção do que estava feito, eu não me senti bem.”
11. ( ) “A roupa tinha certa decência, posto que não fosse absolutamente nova.”
12. ( ) “Escrevi este texto enquanto assistia à morte do papa na TV.”
13. ( ) Ao perceber o que tinham feito com seus livros, gritou que parecia um louco.
14. ( ) ( ) “O poeta é um fingidor. Finge tão completamente que chega a fingir que é dor a dor que deveras sente.”
15. ( ) Conquanto os cavalos fossem a trote largo, longa pareceu a viagem ao doutor.”
16. ( ) “Os ricos são tão pobres que não percebem a triste pobreza em que usufruem suas malditas riquezas.”
17. ( ) “Uma vez que o ser humano olha só a aparência fica preso apenas à forma.”
18. ( ) “Ninguém ignora que a corrupção é geral em todos os setores.”
19. ( ) “Quanto mais juntamos dinheiro, mais difícil se torna a sua entrada.”
20. ( ) Mal a novela teve início, iniciou-se a polêmica.
21. ( ) São dilemas tão rotineiros quanto escolher o que comer.
22. ( ) Oremos porque tudo termine bem.

23. ( ) Foram feitas algumas exigências para que obtivesse crédito.

24. ( ) “A sordidez do que acontece no Brasil é tal que até criticar o governo só serve para legitimá-lo.”

25. ( ) “Os olhos de uma pessoa se iluminarem quando ela tem uma percepção nova não é um clichê literário, é a luz deste alvorecer saindo pelos olhos.”

26. ( ) “Se permitirmos que o preconceito nos domine, seremos em breve o mais atrasado no círculo dos povos atrasados.”

27. ( ) A vida dos deficientes físicos é mais difícil do que a vida da maioria de nós.

28. ( ) “Os lampiões acendiam à medida que a noite aos poucos se acentuava.”

29. ( ) Recebemos a notícia de que o melhor jogador do mundo virou espanhol.

30. ( ) A língua, como os costumes, segue uma evolução.

III. Complete as lacunas com o conectivo (conjunção ou locução conjuntiva, preposição ou locuçãc prepositiva) mais adequado.

1. O Botafogo foi o time que fez a melhor campanha do campeonato. Teria, _____, que ser o campeão este ano. (no entanto / portanto / isto é)

2. _____ Sabesp estar tratando a água da represa de Guarapiranga, o gosto da água nas regiões sul e oeste não melhorou. (Pela / Apesar de a / Devido a)

3. _____ não saia de casa, você pode dar grande contribuição à preservação ambiental. (Contanto que / Mesmo que / Uma vez que)

4. Ele não merece crédito _____ suas mentiras. (apesar de / devido a / não obstante)

5. _____ os deputados deponham na CPI e ajudem a elucidar os episódios obscuros dc caso dos precatórios, a confiança na instituição foi abalada. (Uma vez que / Para que / Mesmc que)

6. _____ recursos públicos investidos na área, nas últimas décadas vem se formando ali um cinturão de prosperidade. (Graças aos / Apesar dos / De acordo com os)

7. Todo texto está aberto a uma atribuição de significados, que depende da experiência prévia de leitura de quem o lê._____, qualquer significado que seja atribuído ao texto, independentemente de quão ambíguo ou provisório, é sempre adequado, _____ vai ao

encontro das expectativas de um leitor específico. (Portanto / No entanto / E) (porém / pois / e)

8. A negociação de acordos bilaterais é suficientemente importante para justificar uma abertura do governo com vistas a discutir essa questão com o setor privado, sobretudo agora, diante da perspectiva da desaceleração das economias desenvolvidas e do crescimento do comércio mundial, _____ crise de crédito que vem dos Estados Unidos. (apesar da / não obstante a / em consequência da)

Gabarito: I – 1. (4); 2. (1); 3. (5); 4. (2); 5. (2); 6. (2); 7. (2); 8. (3); 9. (5); 10. (2); 11. (4); 12. (2); 13. (4); 14. (1); 15. (1); 16. (2); 17. (1); 18. (2); 19. (3); 20. (5). **II** – 1. (10) (7); 2. (10); 3. (3); 4. (4); 5. (1); 6. (2); 7. (3); 8. (8); 9. (9); 10. (7); 11. (2); 12. (7); 13. (9); 14. (9) (10); 15. (2); 16. (9); 17. (1); 18. (10); 19. (6); 20. (7); 21. (8); 22. (5); 23. (5); 24. (9); 25. (7); 26. (3); 27. (8); 28. (6); 29. (10); 30. (8). **III** – 1. portanto; 2. Apesar de a; 3. Mesmo que; 4. devido a; 5. Mesmo que; 6. Graças aos; 7. Portanto / pois; 8. em consequência da.

11.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Vejamos questões de concursos anteriores.

1. (FCC/CADEP) Na frase "mudamos de vontade como muda de cor o camaleão", o autor:

a) estabelece uma comparação entre seres, sendo a volubilidade o termo comum.

b) se vale de duas formas do mesmo verbo para estabelecer uma oposição de sentido entre as ações representadas.

c) estabelece uma relação de *causa e efeito* entre duas ações.

d) emprega as palavras *vontade* e *cor* de modo *estranho* ao seu sentido literal.

e) emprega a palavra *como* para acentuar a ideia de uma proporção.

Comentários:

Na frase retirada do texto, temos o conectivo *como* para estabelecer uma relação de comparação ("*mudamos de vontade* como *o camaleão muda de cor"*, ou seja, compara-se a mudança da nossa vontade com a mudança de cor do camaleão). Observe que, em quatro opções, a linguagem usada é a seguinte: comparação na letra A, oposição na B, causa e efeito na C e proporção na E. A letra D fala dos valores semânticos (sentido) das palavras *vontade* e *cor* de forma errada, pois os sentidos não são estranhos ao que representam esses vocábulos.

Resposta: A.

2. (FCC/TRT – 18ª Região) Pensador consequente, a Cícero não importavam as questões

secundárias, interessavam-lhe os valores essenciais da conduta humana.

O sentido da frase acima permanecerá inalterado caso ela seja introduzida por:

a) conquanto fosse.

b) muito embora sendo.

c) ainda quando fosse.

d) por ter sido.

e) mesmo que tenha sido.

Comentários:

Nesta questão, pede-se usar um conectivo no início do período. Repare que, embora não haja elemento coesivo na frase, temos uma relação de *causa* e *consequência* ("as questões secundárias não lhe interessavam porque Cícero era um pensador consequente, coerente, racional. Interessavam-lhe os valores essenciais"*)*. Nesta aula, vimos que as preposições também podem estabelecer valores semânticos de **modo**, **companhia**, **causa** etc. Em quatro opções (A, B, C e E) os conectivos expressam ideia de *concessão*. Na letra D, a preposição *por*, na forma reduzida *por ter sido*, confirma a ideia de *causa*.

Resposta: D.

3. (FCC/TRF) Um deles é o tipo A, que acelera o envelhecimento da pele, **por penetrar em camadas mais profundas**. O trecho destacado indica, em relação ao restante do período, valor semântico de:

a) causa.

b) condição.

c) consequência.

d) finalidade.

e) temporalidade.

Comentários:

Apresentamos mais uma questão em que aparece a relação de *causa* e *consequência* ("acelera o envelhecimento porque penetra em camadas mais profundas"*)*. Aqui, também, a preposição *por* confirma essa ideia. Lembre-se: o mais importante é guardar os **nomes das relações** existentes no

texto – causa, condição, consequência, concessão, conclusão, explicação etc. –, já que a **mesma** preposição pode estabelecer vários sentidos.

Resposta: A.

4. (FCC/TRF) O estudo do cérebro conheceu avanços sem precedentes nas últimas duas décadas, **com o surgimento de tecnologias** que permitem observar o que acontece durante atividades.

A frase destacada acima introduz, no contexto, noção de:

a) causa.

b) conclusão.

c) ressalva.

d) temporalidade.

e) finalidade.

Comentários:

Esta questão reforça os **Comentários** feitos na anterior. A preposição *com* só confirma a relação de causa que se estabelece com a oração "O estudo do cérebro conheceu avanços sem precedentes nas últimas duas décadas". Ou seja, foi **por causa** do *surgimento de tecnologias que permitem observar o que acontece durante atividades...*, é que o *estudo do cérebro conheceu avanços sem precedentes*.

Resposta: A.

5. (FCC/TRF) Mas, passada a crise do petróleo, as pressões dos produtores por reajustes voltaram.

O sentido do segmento destacado acima está transposto corretamente, em outras palavras, em:

a) No entanto, conforme se passava a crise de petróleo...

b) Caso, contudo, se passasse a crise de petróleo...

c) Senão, enquanto se passava a crise de petróleo...

d) À medida, conquanto, que se passava a crise de petróleo...

e) Porém, depois que passou a crise de petróleo...

Comentários:

Antes de olhar as opções, observe as relações existentes nesta frase, na ordem direta: "Mas as

pressões dos produtores por reajustes voltaram, passada a crise do petróleo". A conjunção *mas* introduz, em relação ao que foi dito no texto, uma ideia de *adversidade* (aqui não há necessidade de conhecermos a oração que antecede esse período). Logo, só poderíamos considerar as opções A e E (no entanto e porém são *adversativas*).

Na última oração ("passada a crise") temos a ideia de *tempo posterior* (as pressões voltaram *quando/depois que* a crise do petróleo passou).

Resposta: E.

6. (FCC/METRO) *... ainda que à custa do sacrifício das finanças das estradas.*

A última frase do texto introduz, no período, noção de:

a) temporalidade.

b) consequência.

c) proporcionalidade.

d) ressalva.

e) causa.

Comentários:

Nesta frase retirada do texto, não haveria necessidade de se retornar a ele, pois a locução conjuntiva *ainda que* é concessiva, portanto, a ideia que se tem é de *ressalva*, *exceção*. Lembre-se de que a memorização de alguns conectivos é essencial para a resolução de algumas questões que buscam exatamente o conhecimento de tal assunto por parte do candidato.

Resposta: D.

7. (FCC/TCE-AL) *Nossa história e nosso passado não são nem cargas indesejadas, nem determinações absolutas.*

Mantêm-se o sentido e a correção da frase acima substituindo-se o segmento sublinhado por:

a) nem tanto cargas indesejadas quanto determinações absolutas;

b) cargas indesejadas, nem ao menos determinações absolutas;

c) cargas indesejadas, assim como não são determinações absolutas;

d) nem cargas indesejadas, quando não determinações absolutas;

e) nem mesmo cargas indesejadas, quanto mais determinações absolutas.

Comentários:

Neste período, se "nossa história e nosso passado não são nem cargas indesejadas, nem determinações absolutas" é porque não são as **duas coisas,** adição, portanto. Nas letras A e D, são só *determinações absolutas*, pois as expressões *nem tanto* e *nem* retiram o valor aditivo de *cargas indesejadas*. Na letra B, *nem ao menos* exclui as *determinações absolutas*. Na letra C, *são cargas indesejadas* ***e*** *determinações absolutas*, adição. Na letra E, a palavra *mesmo* denota uma ideia de inclusão que não aparece na frase original, cuja finalidade é apenas *somar*, *adicionar*.

Resposta: C.

8. (FCC/METRO) *Não apenas a construção, mas também a operação das ferrovias dependeu de subsídios estatais.*

O sentido correto da afirmativa acima está, em outras palavras, em:

a) Não apenas a construção, nem também a operação das ferrovias dependeram de subsídios estatais.

b) Tanto a construção quanto a operação das ferrovias dependeram de subsídios estatais.

c) Não era apenas a construção, mas somente a operação das ferrovias que dependeu de subsídios estatais.

d) Não foi apenas a construção, nem a operação das ferrovias, que dependeram de subsídios estatais.

e) Apenas a construção, e não somente a operação das ferrovias, dependeu de subsídios estatais.

Comentários:

Nas conjunções coordenativas *aditivas*, vimos que uma delas é a expressão *não apenas...mas também*, chamada *correlativa*. Na frase em questão, entendemos, pois, que **as duas coisas** dependeram de *subsídios estatais*. Nas letras A e D, não há soma e sim *exclusão* das duas. Na letra C, a palavra *somente* produz incoerência, pois a intenção é a de *somar* e não de excluir. Na letra E, diz-se que *apenas* a *construção dependeu de subsídios estatais.*

Resposta: B.

9. (FCC/TRT – 2ª Região – Tec. Judic.) Identifica-se relação de causa e consequência em:

a) A população rural ainda deve aumentar nos próximos dez anos, antes de entrar em declínio gradativo.

b) Desde cedo, a cidade teve o mérito de dar ao homem a possibilidade de evoluir além da luta pela sobrevivência pura e simples.

c) Sua primeira função foi de local de proteção, de armazenagem de alimentos e de entreposto de trocas.

d) praticamente todo o crescimento populacional do planeta ocorrerá nas cidades, nas quais viverão sete em cada dez pessoas em 2050.

e) mas o trânsito pode ser tão congestionado que se torna difícil usufruir as ofertas.

Comentários:

Nas opções A e B, os conectivos *antes de* e *desde* estabelecem uma relação de *tempo*. Na letra C, temos a conjunção *e* adicionando termos na oração (conjunção aditiva). Na letra D, o conectivo que aparece é o pronome relativo *as quais* antecedido de preposição (*nas quais*). Sabemos que o pronome relativo dá início às orações adjetivas. Temos aqui, portanto, uma oração adjetiva explicativa, já que vem antecedida de vírgula. Na letra E, a relação entre as orações é de causa e consequência (o fato de o trânsito ser congestionado leva à dificuldade de se usufruírem as ofertas).

Resposta: E.

10. (FCC/TRF – 2ª Região – Aux. Adm.) ... os alimentos orgânicos, que ignoram os pesticidas e fertilizantes químicos **em nome de integrar a lavoura à natureza**.

O segmento grifado está reescrito com outras palavras e sem alteração do sentido original em:

a) de modo que as plantações estejam bem cuidadas.

b) com escolha de terras naturalmente férteis para a lavoura.

c) sem que se cultivem alguns produtos com adubos naturais.

d) visto que os produtos tóxicos podem surgir no ambiente natural.

e) para que se façam plantações com respeito e proteção ao meio ambiente.

Comentários:

Esta é a típica questão que valoriza a ideia e não a memorização dos conectivos. Devemos

entender dessa afirmação que *os alimentos orgânicos que não contêm pesticidas e fertilizantes químicos integram a lavoura à natureza,* ou seja, *fazem isso com a finalidade de integrar a lavoura à natureza.* Na letra A, *de modo que* é consecutivo. Na B, a preposição *com* levaria à ideia de causa. Na letra C, *sem que* é condicional. Na D, *visto que* é causal. Na letra E, *para que* é uma locução conjuntiva que estabelece ideia de finalidade.

Resposta: E.

11. (FCC/TRF – 2ª Região – Aux. Adm.) Eles **não** são terríveis só contra os insetos que destroem lavouras, **mas também** contra borboletas, pássaros e outras formas de vida.

A sequência grifada na frase acima assinala, considerando-se o contexto, a noção de:

a) oposição, já que os pesticidas destroem insetos prejudiciais à lavoura, preservando as borboletas, pássaros e outras formas de vida.

b) alternativa, tendo em vista que os pesticidas destroem apenas os insetos, ou ainda, somente as borboletas, pássaros e outras formas de vida.

c) adição, pois os pesticidas, além de destruir os insetos prejudiciais às lavouras, destroem ainda borboletas, pássaros e outras formas de vida.

d) conclusão, por informar o emprego específico das substâncias referidas, como solução final dos problemas das lavouras.

e) explicação, pois insiste no sentido da palavra pesticidas, como destruidores apenas das pragas das lavouras.

Comentários:

Mais uma vez uma questão que traz a expressão correlativa *não só... mas também*, que denota *adição* (*elas são terríveis contra os insetos* ***e*** *contra borboletas, pássaros e outras formas de vida*).

Resposta: C.

12. (FCC/TRF – 5ª Região) "Naquele período era preciso definir quem pertencia à família ou não, e com quem se deveriam compartilhar os alimentos. **Portanto** era necessário criar regras específicas".

O sentido que a conjunção destacada acima introduz no contexto é o de:

a) temporalidade, que caracteriza as ações humanas na época abordada.

b) restrição, acerca da época em que tais fatos ocorreram.

c) condição, que vai justificar determinadas ações dos homens nessa época.

d) causa, que determina certo tipo de comportamento da humanidade.

e) conclusão, adequada e coerente, diante da situação exposta.

Comentários:

A conjunção destacada nesta frase indica *conclusão* (*portanto, por conseguinte, logo...*). As opções trazem os valores de *tempo*, *restrição*, *condição, causa* e *conclusão*. Essa é mais uma questão que resolvemos pelo conhecimento dos conectivos. A conjunção negritada no texto indica *conclusão.*

Resposta: E.

11.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (FCC) O valor relacional da preposição em destaque está indicado com ERRO na alternativa:

a) "prolongar vidas de pacientes de forma inacreditável" – modo.
b) "conviver com incertezas" – companhia.
c) "discutir os inerentes aspectos técnicos sem desvinculá-los do lado emocional" – motivo.
d) "refletir sobre o sentido da vida" – assunto.
e) "preparar para a viagem final" – fim.

2. (FCC) A conjunção e a preposição, sublinhadas no período "Para uns, o objeto final, a mira de todo esforço, o ponto de chegada, assume relevância tão capital, **que** chega a dispensar, **por** secundários, quase supérfluos, todos os processos intermediários." Foram usadas em valores semânticos que correspondem, respectivamente, aos valores de uso nas frases:

a) Não esqueçam os seus ideais, que são eles que impulsionam o homem em seu trabalho / Passar por vexames para obter resultados, é determinação de poucos.
b) Tamanho era o esforço dos aventureiros que os obstáculos viraram trampolim / Por ser do interesse das grandes corporações, o governo autorizou o projeto.
c) A sociedade espera que todos cumpram seus deveres profissionais e humanitários / Deixou de ganhar muito dinheiro por lhe faltar celebridade.
d) Era tal desafio que esperava o aventureiro, que ele esteve a ponto de desistir / O cidadão era aguardado por um grupo de pesquisadores.
e) Havia no porto de embarque muitos estrangeiros que aguardavam o navio / não abandono meus ideais por nada desse mundo.

3. (FCC) O período que pode ser introduzido por **à medida que**, sem que o sentido fundamental do enunciado se altere, encontra-se em:

a) "Mas os mitos são misteriosos, contêm segredos insondáveis."

b) “A celebração é mais importante que o conteúdo.”
c) “Cada ato mágico é singular, único, devendo ser meticulosamente encenado.”
d) “Para que as coisas dêem certo, é necessário realizá-lo da maneira mais adequada possível.”
e) “Quanto mais os planos sucumbem, mais acreditamos no seu encantamento.”

4. (FCC) Dentre as frases abaixo, a que é transformada com perda da noção semântica de finalidade é:

a) E começaram a preparar o cavalheiro para enfrentar o dragão.
E começaram a preparar o cavalheiro porque enfrentasse o dragão.
b) O cavalheiro foi preparado para responder à altura.
O cavalheiro iria equipado a fim de que respondesse à altura.
c) O cavalheiro iria equipado para resistir ao fogo.
O cavalheiro iria equipado de tal sorte que resistisse ao fogo.
d) Precisavam de alguém para enfrentar o dragão.
Precisavam de alguém que enfrentasse o dragão.

5. (FCC) *Eles não são terríveis só contra os insetos que destroem lavouras, mas também contra borboletas, pássaros e outras formas de vida.*

A sequência grifada na frase acima assinala, considerando-se o contexto, a noção de:

a) oposição, já que os pesticidas destroem insetos prejudiciais à lavoura, preservando as borboletas, pássaros e outras formas de vida.
b) alternativa, tendo em vista que os pesticidas destroem apenas os insetos, ou ainda, somente as borboletas, pássaros e outras formas de vida.
c) adição, pois os pesticidas, além de destruir os insetos prejudiciais às lavouras, destroem ainda borboletas, pássaros e outras formas de vida.
d) conclusão, por informar o emprego específico das substâncias referidas, como solução final dos problemas das lavouras.
e) explicação, pois insiste no sentido da palavra pesticidas, como destruidores apenas das pragas das lavouras.

6. (FCC) “Acontece que este clima de desconfiança, insatisfação e pavor não se nota só entre cientistas e sábios...”; após um segmento textual em que está presente a expressão “não só”, pode-se prever um segmento seguinte com valor de:

a) oposição.
b) concessão.
c) causa.
d) adição.
e) comparação.

7. (Aux. Adm. / Câm. Mun.) Tomando-se a frase “Poucos ramos da ciência avançaram tão rápido nos últimos anos **quanto** a astronomia”, pode-se afirmar que a conjunção destacada está empregada com o mesmo valor que em:

a) Quanto mais se estuda o céu, mais se descobrem novidades.
b) Tanto quanto Galileu, os cientistas brasileiros se esforçam para revolucionar a astronomia.

c) Tudo quanto já se estudou sobre os planetas é pouco em relação ao que ainda se desconhece.
d) Quantas descobertas novas no ramo da astronomia impressionam o homem.
e) Não se pode negar que quanto mais o homem penetra nos segredos do universo mais se impressiona com a sua insignificância.

8. (FCC) "Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material..."; a presença do segmento "não são apenas de ordem material" indica que, na continuidade do texto, haverá:

a) um termo de valor aditivo e pertencente a uma outra ordem.
b) um termo de valor adversativo e pertencente a uma ordem diferente da citada.
c) um termo de valor explicativo e pertencente à mesma ordem já referida.
d) um termo de valor concessivo e pertencente a uma ordem diversa.
e) um termo de valor conclusivo e pertencente à ordem citada anteriormente.

9. (FCC) "As mulheres envolvidas nesses crimes têm distúrbios psíquicos / e tratam as crianças como objetos descartáveis." A segunda oração desse período, em relação à primeira, expressa uma circunstância de:

a) adição.
b) causa.
c) comparação.
d) consequência.
e) explicação.

10. (FCC) Em todas as alternativas abaixo aparecem dois elementos ligados pela conjunção E; a alternativa em que o segundo elemento mostra uma evolução temporal em relação ao primeiro é:

a) "A evolução de suas armas começa pelos <u>dentes e punhos</u>."
b) "<u>Indumentária e casas</u> são extensões..."
c) "<u>O acocorar-se e sentar-se</u> no chão..."
d) "... lentes, televisão, <u>telefones e livros</u>..."
e) "... através do <u>tempo e do espaço</u>..."

11. (FCC) "Se o acesso à escola melhorou muito na última década, a qualidade de ensino do nosso país vem se mostrando muito aquém das nossas exigências."; a primeira oração em relação à segunda tem valor de:

a) condição.
b) temporalidade.
c) comparação.
d) modo.
e) concessão.

12. (Aux. Judic.) Vocábulos que iniciam parágrafos como "mas","para que" colaboram para que se mantenha no texto:

a) a coerência argumentativa.
b) a coesão formal.
c) a argumentação lógica.

d) a organização narrativa.
e) a estruturação enunciativa.

13. (FCC) A frase em que a conjunção estabelece, entre as orações, uma relação de sentido coerente é:

a) O homem se afastou de Deus, embora tenha se tornado materialista.
b) O homem atual é materialista, no entanto só acredita naquilo que vê.
c) Como o homem se afastou das leis de Deus, tornou-se profundamente infeliz.
d) O homem se afastou da Lei do Universo, por isso almeja a felicidade.
e) O homem tornou-se prisioneiro da ambição, ainda que tenha se afastado de Deus.

Assinale a opção que altera fundamentalmente o seu sentido:

14. (FCC) "Se eles entram nos trilhos, rodam que é uma beleza."

a) Caso eles entrem nos trilhos.
b) Desde que eles entrem nos trilhos.
c) Uma vez que eles entrem nos trilhos.
d) Contanto que eles entrem nos trilhos.
e) Mal eles entrem nos trilhos.

15. (FCC) "O marido não veio; não queria ver os irmãos":

a) Como não queria ver os irmãos, o marido não veio.
b) Por não querer ver os irmãos, o marido não veio.
c) Não querendo ver os irmãos, o marido não veio.
d) O marido não veio, por isso não queria ver os irmãos.
e) O marido não veio, já que não queria ver os irmãos.

16. (FCC) "Pouco a pouco, foram aparecendo as desvantagens do uso de inseticidas industriais, embora seu consumo continue alcançando cifras impressionantes."

a) Apesar de seu consumo continuar alcançando cifras impressionantes.
b) Desde que seu consumo continue alcançando cifras impressionantes.
c) Ainda que seu consumo continue alcançando cifras impressionantes.
d) Não obstante seu consumo continuar alcançando cifras impressionantes.
e) Conquanto seu consumo continue alcançando cifras impressionantes.

17. (FCC) "Uma observação mais cuidadosa revela, porém(A), que Ciência e Tecnologia não se comportam como(B) mercadorias, mas(C) como bens culturais; é por isso, talvez, que toda tentativa de transferência de tecnologia fracasse e resulta no(D) que não passa de alguma(E) forma efêmera de prestação de serviço.":

a) "porém" / (portanto).
b) "como" / (do mesmo modo que).
c) "mas" / (e sim).
d) "no" / (naquilo).
e) "alguma" / (uma).

18. (FCC) No trecho a seguir, assinale, em relação ao termo destacado, aquele que poderia

substituí-lo, sem alteração de sentido: "Avançamos muito na tecnologia, **mas** a perplexidade fundamental é a mesma."

a) por conseguinte
b) ainda assim
c) portanto
d) logo
e) pois

19. (FCC) Texto – A aventura pode ser louca, **mas** o aventureiro tem que ser lúcido. (Chesterton)

a) Já que a aventura é louca, o aventureiro tem que ser lúcido.
b) Visto que a aventura é louca, o aventureiro tem que ser lúcido.
c) Caso a aventura seja louca, o aventureiro tem que ser lúcido.
d) Embora a aventura seja louca, o aventureiro tem que ser lúcido.
e) Se a aventura é louca, o aventureiro tem que ser lúcido.

20. (FCC) A nota do Brasil, **embora** mude de ano para ano, sempre oscila entre dois e três,...

a) Mesmo que a nota do Brasil mude de ano para ano permanece entre dois e três.
b) A nota do Brasil sempre oscila entre dois e três, já que as notas sempre mudam de ano para ano.
c) Visto que a nota do Brasil muda de ano para ano, oscila sempre entre dois e três.
d) A nota do Brasil, contanto que mude de ano para ano, oscila sempre entre dois e três.
e) O Brasil sempre tem sua nota oscilando entre dois e três, no entretanto elas mudam de ano para ano.

21. (Aux. Oper./Docas-SP)

"Santos das ruas antigas
À beira do cais
Que escondem segredos".

A palavra **Que** classifica-se como:

a) conjunção integrante.
b) conjunção coordenativa.
c) preposição.
d) pronome relativo.
e) pronome interrogativo.

22. (Aux. Oper./Docas-SP)

"Pô! Eu vi, você fingiu..."

Pô! se classifica como:

a) preposição.
b) adjetivo.
c) advérbio.
d) conjunção.
e) interjeição.

23. (Técn. Oper./Docas-SP) *Na comparação com o primeiro trimestre do ano passado, a*

variação foi melhor do que a do País (30,65%), que somou US$ 77,56 bilhões.

As duas ocorrências da palavra QUE no período acima classificam-se, respectivamente, como:

a) conjunção e conjunção.
b) pronome relativo e conjunção.
c) pronome relativo e pronome relativo.
d) substantivo e pronome adjetivo.
e) conjunção e pronome relativo.

24. (Assist. Técn. Adm./Docas-BA) *"Eu queria que essa fantasia fosse eterna..."*

A palavra *que* classifica-se como:

a) pronome relativo.
b) conjunção integrante.
c) substantivo.
d) pronome indefinido.
e) conjunção subordinativa final.

25. (Guarda Port./Docas-BA)*No primeiro módulo, que termina no dia 19/11, foram repassadas noções de primeiros socorros, defesa pessoal, relações humanas e segurança.*

A palavra QUE no período acima classifica-se como:

a) preposição.
b) conjunção integrante.
c) conjunção subordinativa.
d) pronome relativo.
e) adjetivo.

26. (Economista/Docas)

Aos teus pés que nos deste o Direito.
Aos teus pés que nos deste a Verdade.

A palavra QUE classifica-se como:

a) pronome relativo.
b) conjunção subordinativa.
c) partícula expletiva.
d) preposição.
e) conjunção integrante.

27. (Fiscal/ICMS) É certo *que a mudança do enfoque sobre o tema, no âmbito das empresas – principalmente as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos de postura administrativa decorrentes da adoção de critérios de responsabilização penal da pessoa jurídica em seus países de origem. Tais mudanças, inevitavelmente, terão que abranger as práticas administrativas de suas congêneres espalhadas pelo mundo, a fim de evitar respingos de responsabilização em sua matriz.*

No trecho acima, as ocorrências da palavra QUE classificam-se, respectivamente, como:

a) pronome relativo e preposição.
b) conjunção integrante e preposição.

c) conjunção integrante e conjunção integrante.
d) pronome relativo e conjunção integrante.
e) preposição e pronome relativo.

28. (Técn. Op. Port.) A economia sul-africana varia da agricultura de subsistência até a moderna atividade industrial e mineral, tornando-a a mais forte economia do continente, com Produto Interno Bruto na ordem de US$ 255 bilhões.

No período acima, há:
a) cinco preposições.
b) oito preposições.
c) seis preposições.
d) sete preposições.
e) quatro preposições.

29. (Técn. Op. Port.) No caso da Baixada Santista, os números são amplificados naturalmente devido à proximidade com o Porto de Santos, pelo qual empresas e órgãos públicos de cada município podem promover despachos e desembaraços de mercadorias, conforme suas necessidades e contando com maior facilidade.

No período acima, há quantos verbos em forma nominal?
a) Cinco.
b) Quatro.
c) Dois.
d) Seis.
e) Três.

30. (Guarda Port./Docas-BA) O treinamento com armas será realizado nos estandes de tiro da Cactos, empresa vencedora da licitação.

No período acima há:
a) 1 artigo e 3 preposições.
b) 4 artigos e 3 preposições.
c) 3 artigos e 4 preposições.
d) 3 artigos e 4 preposições.
e) 4 artigos e 5 preposições.

31. (Téc. Judic./PA) Aliás, o melhor para a democracia seria separar os fundos partidários dos destinados às campanhas eleitorais.

A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. Há três preposições.
II. Há quatro artigos.
III. Há um pronome demonstrativo.
Assinale:
a) se todas as afirmativas estiverem corretas.
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
c) se nenhuma afirmativa estiver corretas.

d) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
e) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

32. (Fiscal/ICMS)

Diga que você me adora
Que você lamenta e chora
A nossa separação
Às pessoas que eu detesto
Diga sempre que eu não presto.

No trecho acima há quantas ocorrências, respectivamente, de pronomes e conjunções?
a) Sete e cinco.
b) Cinco e cinco.
c) Seis e cinco.
d) Sete e quatro.
e) Seis e quatro.

(Cespe-UnB) Julgue as alternativas a seguir:

Com a pressão vinda de todos os lados, é natural que, em um dado momento ou em outro, passe pela cabeça da maioria das pessoas a ambição de largar tudo e ir viver uma vida tranquila em outro lugar. Mudar de vida pode ser uma excelente solução para a tensão, dependendo evidentemente da vida que se leva. Qualquer decisão nesse sentido, porém, deve levar em conta um fato da natureza: ninguém pode evitar completamente situações estressantes. O estresse não é doença, e, sim, uma reação instintiva ao perigo real ou imaginário ou a uma situação de desafio. "Uma cascata bioquímica que prepara o corpo para lutar ou fugir", na definição do manual de técnicas para aliviar o estresse, elaborado pela Escola de Medicina de Harvard, um centro de excelência nos Estados Unidos da América.

Veja, fev./2004 (com adaptações).

33. Preservam-se a coerência textual e a correção gramatical ao substituir "porém" por "mas".

34. O valor adversativo da conjunção "e" permite sua substituição por "mas", sem que a argumentação do texto seja prejudicada.

Embora não se possa falar de supressão do trabalho assalariado, a verdade é que a posição do trabalhador se enfraquece, tendo em vista que o trabalho humano tende a tornar-se cada vez menos necessário para o funcionamento do sistema produtivo.

35. Caso se substituísse "Embora" por "Apesar de", a ideia de concessão atribuída a essa oração seria mantida, assim como a correção gramatical do período.

Hoje o sistema isola, atomiza o indivíduo. Por isso seria importante pensar as novas formas de comunicação. Mas o sistema também nega o indivíduo. Na economia, por exemplo, mudam-se os valores de uso concreto e qualitativo para os valores de troca geral e quantitativa. Na filosofia aparece o sujeito geral, não o indivíduo. **Então**, a diferença é uma forma de crítica.

36. O conectivo "Então" estabelece uma relação de tempo entre as ideias expressas em duas orações.

À medida que assimila criticamente os conteúdos (momento em que entra em ação a diretividade

do professor, selecionando, sistematizando e apresentando os conteúdos), o aluno realiza o diálogo cognitivo com seu objeto. A assimilação crítica ocorre quando os conteúdos são confrontados com os dados da realidade empírica, quando são historicizados, relativizados no contexto que os gerou, remetidos às suas condições de produção, quando são apreendidos através da relação, tão conhecida na obra de Freire, entre leitura da palavra e leitura do mundo.
Aparecida de Fátima Tiradentes dos Santos. *Desigualdade social e dualidade escolar: conhecimento e poder em Paulo Freire e Gramsci*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 89.

37. O conectivo "À medida que" liga orações e estabelece entre elas relação semântica que poderia ser expressa pelo conectivo **Enquanto**.
Segundo dados da ONU, dois terços da população mundial não se sente representada por seus governos e tem uma péssima opinião sobre a honestidade e sentido público dos políticos, muitas vezes sendo o voto uma manifestação "mais contra o que se teme, do que a favor do que se espera".

38. A conjunção "e", além de ter o valor semântico de adicionar uma ideia a outra, tem, no texto, também o valor de introduzir uma consequência para a oração anterior.

Gabarito: 1. c; 2. b; 3. e; 4. d; 5. c; 6. d; 7. b; 8. a; 9. d; 10. c; 11. e; 12. b; 13. c; 14. e; 15. d; 16. b; 17. a; 18. b; 19. d; 20. a; 21. d; 22. e; 23. e; 24. b; 25. d; 26. c; 27. b; 28. d; 29. e; 30. e; 31. a; 32. d; 33. errado; 34. certo; 35. errado; 36. errado; 37. certo; 38. certo.

Conjunções é assunto certo em qualquer que seja a prova. É importante também para a interpretação e produção textual, pois dá ao texto coesão e coerência. Vamos resumir o que foi estudado no capítulo?

11.5. RESUMO

- Conjunções coordenativas relacionam orações, podendo indicar cinco ideias: aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas e explicativas.
- Conjunções subordinativas podem ser integrantes – sem valor adverbial (=isto) ou adverbiais (com valor semântico).
- Conjunções subordinativas adverbiais podem indicar nove valores semânticos (6 Cs + FTP) causais, concessivas, condicionais, conformativas, consecutivas, comparativas, finais, temporais, proporcionais.
- Na hora de classificar a conjunção, lembre-se de olhar a oração que vem após ela, não antes.
- A causa e o efeito são ideias que sempre caminham juntas. Se a conjunção iniciar a causa, será causal. Se iniciar a consequência, será consecutiva. Lembre-se de que, na linha do tempo, a causa antecede a consequência.
- As conjunções consecutivas e conclusivas, bem como as adversativas e concessivas são

paráfrases: indicam a mesma ideia. Para não confundi-las, é essencial memorizar suas listas.

Parte III

Sintaxe

12 PREDICAÇÃO VERBAL

12.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

É a relação de dependência entre o verbo e seus complementos.

Os verbos *transitivos* e *intransitivos* exprimem, normalmente, *ação*, *fenômeno* e *movimento*.

12.1.1. Verbo intransitivo

Não necessita de um termo (objeto) que complete o seu sentido.

Exs.: a) Correm os dias, os meses, os anos.

b) O outono chegou.

c) O marido desapareceu entre as ruelas.

d) O rapaz chegou gravemente ferido ao hospital.

e) Falei bastante ontem.

f) Estudou bastante.

Comentários:

Em A, a frase está invertida. Na ordem, seria: "Os dias, os meses, os anos correm". O verbo não pede complemento (= objeto). Na B, o verbo encerra o período, também sem pedir *objeto*.

Nas frases de C a F, aparecem adjuntos adverbiais e predicativo após os respectivos verbos, e não objeto:

c) "entre as ruelas" (= adjunto adverbial de lugar);

d) "ferido" (= predicativo do sujeito); "ao hospital" (= adjunto adverbial de lugar);

e) "bastante" (= adjunto adverbial de intensidade); "ontem" (= adjunto adnominal de tempo);

f) "bastante" (= adjunto adverbial de intensidade).

Portanto, para a gramática, verbo **intransitivo** é aquele que denota *ação*, *movimento*, e não pede *complemento* (= objeto).

12.1.2. Verbo transitivo

O sentido do verbo é completado por um termo (objeto).

O objeto direto completa o verbo sem preposição obrigatória (amar, ajudar, adorar, namorar etc.).

Exs.: a) Essa atitude implicou sua demissão.

b) Falei a verdade.

Comentários:

Agora, aparecem verbos que pedem complemento direto (= objeto direto), *sem preposição* (*verbos transitivos diretos*):

"sua demissão" (= objeto direto)

"a verdade" (= objeto direto)

Já o objeto indireto completa o verbo com preposição obrigatória (obedecer, desobedecer, aludir, anuir, referir-se etc.).

Exs.: a) Obedece **a**os mais velhos.

b) Gostava **de** música.

c) Falei **a**os filhos.

Comentários:

Verbos como *obedecer* e *gostar* regem, obrigatoriamente, preposição. São *transitivos indiretos*.

Em "Falei aos filhos", o verbo falar, nessa frase, pede preposição a. Não teria sentido dizer "Falei os filhos".

"Obedecia aos mais velhos." (= objeto indireto)

"Gostava de música." (= objeto indireto)

"Falei aos filhos." (= objeto indireto)

O verbo pode pedir dois complementos. Trata-se do objeto direto e indireto. Um sem preposição e o outro com preposição (avisar, comunicar, certificar, informar, proibir etc.).

Exs.: a) Comuniquei o ocorrido aos pais.

b) Falei a verdade aos filhos.

Comentários:

Quando o verbo pede dois complementos, é chamado de *transitivo direto e indireto* (um termo sem preposição, o outro, com preposição):

"*o ocorrido* (= objeto direto) *aos pais* (= objeto indireto)"

"*a verdade* (= objeto direto) *aos filhos* (= objeto indireto)"

12.1.3. Verbo de ligação

O verbo estabelece uma ligação entre o sujeito e seu atributo ou característica (= predicativo).

Exs.: a) Eu sou **feliz**. (predicativo do sujeito)

b) Estava **cansado**. (predicativo do sujeito)

c) Ele acha-se **triste**. (predicativo do sujeito)

Comentários:

O *verbo de ligação*, que, diferentemente dos transitivos e intransitivos – que denotam *ação*, *movimento* – traz uma ideia de *estado*. Geralmente são os verbos *ser*, *estar*, *ficar*, *parecer*, *continuar*, *achar-se* etc.

Fundamentalmente, o seu papel é o de ligar o sujeito a sua *característica*, *qualidade*, a seu *atributo* (= predicativo do sujeito). Logo, *se o verbo é de ligação*, não temos objeto na frase, e sim *predicativo do sujeito*.

Nas frases A, B, C,*feliz*, *cansado* e *triste* são adjetivos que caracterizam o sujeito, e os verbos ser, estar e achar-se, indicam estado, de ligação.

Importante: Na maioria das vezes, a predicação do verbo só pode ser determinada na frase, e não isoladamente. O mesmo verbo que em um contexto possui uma determinada transitividade, em outro vem com transitividade diferente.
Observe que mostramos isso com o verbo falar:
Falei bastante ontem. (verbo intransitivo)
Falei a verdade. (verbo transitivo direto)
Falei aos filhos. (verbo transitivo indireto)
Falei a verdade aos filhos. (verbo transitivo direto e indireto)

Vamos fixar os conceitos? Dê a predicação dos verbos nas frases seguintes.

1. As crianças **brincavam** alegremente no pátio.

Comentários: O verbo *brincar*, nesta frase, não pede complemento. Após esse verbo aparecem circunstâncias (adjuntos adverbiais) de modo – *alegremente* – e de lugar – *no pátio*.

Resposta: verbo intransitivo.

2. Muitos amigos **chegaram** cedo.

Comentários: A palavra cedo indica o tempo da chegada, adjunto adverbial. Não há objeto (= complemento).

Resposta: verbo intransitivo.

3. O salão **estava** todo pintado.

Comentários: O verbo *estar* liga o sujeito (*salão*) a seu predicativo (*pintado*), indicando *estado*.

Resposta: verbo de ligação.

4. Márcia **deu** um brinde a cada participante.

Comentários: Nessa frase, o verbo dar pede dois complementos:

"... deu um brinde..." (sem preposição – objeto direto)

"... deu a cada participante (com preposição – objeto indireto)

"Márcia deu um brinde a cada participante."

Resposta: verbo transitivo direto e indireto.

5. Muitas pessoas **receberam** donativos.

Comentários: O vocábulo *donativos* completa o sentido do verbo sem preposição, é objeto direto.

Resposta: verbo transitivo direto.

6. **Confiei** em suas palavras.

Comentários: Repare que, nesse período, se retirarmos a preposição *em*, a frase fica sem sentido. É porque o verbo *confiar* pede obrigatoriamente essa preposição ("Confiei em suas palavras").

Resposta: verbo transitivo indireto.

7. **Ficamos** contentes com seu retorno.

Comentários: Em "Ficamos contentes", o termo destacado não é objeto, porque mostra um estado do sujeito (*Nós*). Palavra que indica *estado*, *qualidade*, *característica* do sujeito é *predicativo*. Além disso, o verbo *ficar* mostra uma *mudança de estado* e não uma *ação*, um *movimento*.

Resposta: verbo de ligação.

8. **Ofereci** uma recompensa aos funcionários.

Comentários: Mais um verbo que pede, na frase em que se encontra, dois complementos: um sem preposição, o outro com preposição:

"Ofereci uma recompensa..." (sem preposição – objeto direto)

"Ofereci aos funcionários..." (com preposição – objeto indireto)

Resposta: verbo transitivo direto e indireto.

9. **Pedi** a conta e **saí** do restaurante.

Comentários: Esse período traz dois verbos com transitividades diferentes: "Pedi a conta...", "... saí do restaurante". Na primeira passagem, o complemento do verbo aparece sem preposição (*a conta* – objeto direto); na segunda, temos uma ideia circunstancial (*do restaurante* – adjunto adverbial de lugar), e não objeto indireto.

Resposta: verbo transitivo direto e verbo intransitivo.

10. O mar **parecia** traiçoeiro naquela manhã.

Comentários: Mais um verbo cuja finalidade é ligar o sujeito a sua característica (predicativo). O vocábulo *traiçoeiro* é um adjetivo que se refere ao sujeito, é, portanto, um predicativo do sujeito. Como o verbo não indica ação nem movimento, não pode ser transitivo nem intransitivo.

Resposta: verbo de ligação.

11. **Trouxe** a lembrança de Natal.

Comentários: Aqui, temos um complemento do verbo *trazer* sem preposição (*a lembrança*) e uma locução que indica o lugar, a origem (*de Natal*), que funciona como adjunto adverbial.

Resposta: verbo transitivo direto.

12. Não **existem** mais sentimentos verdadeiros.

Comentários: Observe, primeiro, que a frase está invertida. Na ordem, teríamos: "Sentimentos verdadeiros não existem mais". Com isso, nos certificamos de que o verbo *existir* não pede complemento (= objeto), já que *mais* acrescenta ao verbo uma ideia de tempo, adjunto adverbial, pois.

Resposta: verbo intransitivo.

13. A moça **vivia** preocupada.

Comentários: O verbo *vivia*, nesta construção, indica um *estado* permanente, ligando o sujeito (*A moça*) ao seu predicativo (*preocupada*).

Resposta: verbo de ligação.

14. Ela **ficou** esperançosa.

Comentários: Mais um verbo que tem o papel de *ligar* o sujeito a seu estado, característica, qualidade (predicativo).

Resposta: verbo de ligação.

15. Ela **ficou** no escritório.

Comentários: Veja agora a diferença: *no escritório* indica o *lugar* onde *ela ficou*. Nesse caso, o verbo não *liga* nada. Não há predicativo nem objeto, e sim adjunto adverbial de lugar.

Resposta: verbo intransitivo.

16. **Fomos** a Fortaleza.

Comentários: Outra frase que mostra uma expressão (*a Fortaleza*) cuja finalidade é se referir ao verbo indicando uma circunstância (adjunto adverbial).

Resposta: verbo intransitivo.

17. **Lembrou-se** dos amigos.

18. **Lembrei** a data do seu aniversário.

Comentários: Em regência, vimos que o verbo *lembrar* pode aparecer com ou sem o pronome. Se vier *com* o pronome (*lembrar-se*) pede preposição; *sem* o pronome (*lembrar*), não pede preposição.

Respostas: 17. verbo transitivo indireto; 18. verbo transitivo direto.

19. **Surgem** os primeiros raios de sol.

Comentários: Assim como na frase 12, essa também mostra uma inversão dos termos. Na ordem, seria: "Os primeiros raios de sol surgem". Logo, não pede nenhum tipo de complemento, o sentido fica completo.

Resposta: verbo intransitivo.

20. Ninguém **reparou** nos maus modos daquela menina.

21. O pedreiro **reparou** o muro parcialmente destruído.

Comentários: Esses períodos são exemplos de verbos que, dependendo do sentido, mudam a predicação. Na frase 20, o *reparar* (= *dar atenção*, *dar importância*), pede preposição.

Já na 21, esse mesmo verbo equivale a *restaurar*, *fazer conserto*. Nesse caso, não pede

preposição.

Respostas: 20. verbo transitivo indireto; 21. verbo transitivo direto.

Já que você consegue detectar a classificação de um verbo, o próximo passo é aprender os tipos de predicado.

12.1.4. Tipos de predicado

Predicado: é o que se declara acerca do sujeito. Divide-se em **verbal**, **nominal** e **verbo--nominal**.

Verbal: não tem predicativo. O verbo **não** indica estado.

Ex.: O funcionário chegou.

Nominal: tem **predicativo**. O verbo indica **estado**.

Ex.: O funcionário estava contente.

Verbo-nominal: o verbo **não** indica estado. Tem **predicativo** (do sujeito ou do objeto).

Ex.: O funcionário chegou contente.

Vamos treinar?

Separar o sujeito e classificar o predicado.

1. Os jovens cantavam uma bela canção.

Sujeito: Os jovens

Predicado: cantavam uma bela canção

Comentários: O predicado não possui predicativo. Quando isso ocorre o predicado só pode ser verbal.

Resposta: predicado verbal.

2. Os jovens pareciam felizes.

Sujeito: Os jovens

Predicado: pareciam felizes

Comentários: Agora, temos no predicado a presença de um verbo de ligação (indica estado) e de predicativo (*felizes*).

Resposta: predicado nominal.

3. Os jovens cantavam uma bela canção felizes.

Sujeito: Os jovens

Predicado: cantavam uma bela canção felizes

Comentários: Nesse período, há um verbo que não indica estado (*cantavam*) e predicativo (*felizes*). Se o verbo *não* indica estado, o predicado é *verbal*; se há predicativo, o predicado é *nominal*. Como nessa construção há as duas ocorrências, o predicado é verbo-nominal.

Resposta: predicado verbo-nominal.

4. Achei-o competente.

Sujeito: (*Eu*)

Predicado: Achei-o competente

Comentários: Observe que o adjetivo *competente* se refere ao objeto direto (*o*), qualificando-o. Esse adjetivo, sintaticamente, funciona como *predicativo do objeto*. Aparecendo predicativo do objeto no predicado, só pode ser classificado como verbo-nominal.

Resposta: predicado verbo-nominal.

5. O desenvolvimento depende da produtividade.

Sujeito: O desenvolvimento

Predicado: depende da produtividade

Comentários: O verbo *depende não* indica estado e *não há predicativo* na frase.

Resposta: predicado verbal.

6. O desenvolvimento é um processo complexo.

Sujeito: O desenvolvimento

Predicado: é um processo complexo

Comentários: Agora temos um verbo de *ligação* (*é* – indicando estado) e predicativo do sujeito.

Resposta: predicado nominal.

12.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

Dê a predicação dos verbos sublinhados seguindo este código:

(1) verbo intransitivo (4) verbo transitivo direto e indireto

(2) verbo transitivo direto (5) verbo auxiliar (usado na locução verbal)

(3) verbo transitivo indireto (6) verbo de ligação:

(6a) estado permanente

(6b) estado passageiro

(6c) mudança de estado

(6d) continuidade de estado

(6e) aparência

1. ( ) Ela ligou o ferro silenciosa.
2. ( ) Impecável, transitava o marido pelo tempo.
3. ( ) Paulo está adoentado.
4. ( ) Paulo está no hospital.
5. ( ) As discussões continuaram pela noite.
6. ( ) Permaneciam abertas as listas de adesão às emendas.
7. ( ) Um congressista compareceu à sessão preocupado.
8. ( ) Deve chover bastante.
9. ( ) Eu sou sempre a estrela matutina.
10. ( ) Surgiu, pela esquina, assobiando.
11. ( ) Os operários perfuravam a rocha com suas brocas e picaretas.
12. ( ) Existe em Nova Lima uma importante mina de ouro.
13. ( ) Contou-me um amigo uma história exemplar.
14. ( ) Uma das janelas vivia aberta.
15. ( ) Estava, naquele dia, em Friburgo.
16. ( ) Ela parece triste.
17. ( ) Distribuímos as cartas na mesa.
18. ( ) Chegamos alegres.
19. ( ) José caiu doente.
20. ( ) "Aquela estrela no peito é uma predestinação, símbolo ao mesmo tempo de fulgor e solidão."

Gabarito: 1. (2) ferro: objeto direto / silenciosa: predicativo do sujeito; 2. (1) impecável: predicativo do sujeito / pelo tempo: adjunto adverbial; 3. (6b) adoentado: predicativo do sujeito; 4. (1) no hospital: adjunto adverbial; 5. (1) pela noite: adjunto adverbial; 6. (6d) abertas: predicativo do sujeito; 7. (1) à sessão: adjunto adverbial / preocupado: predicativo do sujeito; 8. (5); 9. (6a) estrela: predicativo do sujeito; 10. (5); 11. (2) rocha: objeto direto / com suas brocas e picaretas: adjunto adverbial (instrumento); 12. (1) em Nova Lima: adjunto adverbial; 13. (4) história: objeto direto / me: objeto indireto; 14. (6a) aberta: predicativo do sujeito; 15. (1) naquele dia: adjunto adverbial / em Friburgo: adjunto adverbial; 16. (6e) triste: predicativo do sujeito; 17. (2) as cartas: objeto direto / na mesa: adjunto adverbial; 18. (1) alegres: predicativo do sujeito; 19. (6c) doente: predicativo do sujeito; 20. (6a) predestinação/símbolo: predicativo do sujeito.

12.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

A seguir, observe como são trabalhadas as questões de predicação verbal nas provas de concursos públicos.

1. (MPU – FCC) *... elas também causam impactos significativos na agricultura e na saúde humana.*

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o do grifado acima está na frase:

a) ... grandes pinheiros brotam por toda parte.

b) ... mas que chegaram ao Brasil...

c) ... e aqui encontraram espaço...

d) ...o búfalo e o pinus são apenas espécies exóticas.

e) ... e competindo com elas por alimento.

Comentários:

O verbo da frase do enunciado é transitivo direto, vem seguido de seu objeto direto *impactos significativos*. Observe que a expressão *na agricultura e na saúde humana* não pode ser considerada objeto do verbo, é seu adjunto adverbial de lugar (responde à pergunta *onde?*).

Na letra A, tem-se um verbo intransitivo, seguido de um adjunto adverbial de lugar (*por toda parte*). Na letra B, o mesmo acontece: o verbo *chegar* é intransitivo, porque não vem seguido de complemento, e sim de circunstância lugar (*ao Brasil*), que, na sintaxe, é chamada de adjunto adverbial de lugar. É na letra C que encontramos um outro verbo transitivo direto, seguido de seu objeto direto *espaço.* Na letra D, temos um verbo de ligação, que liga o sujeito *o búfalo e o pinus* ao seu predicativo *espécies exóticas*. Por fim, a letra E, que traz um verbo transitivo indireto, com

seu objeto indireto *com elas* e seu adjunto adverbial de causa *por alimento.*

Resposta: C.

2. (Cesgranrio) O verbo virar foi usado da mesma maneira que em "... o trabalho vira dinheiro." Em:

a) O pintor tropeça e vira a lata de tinta.

b) O mar, que estava de ressaca, virou o barco.

c) O petróleo, depois de devidamente processado, vira gasolina.

d) O mecânico, quando faz uma boa revisão, vira o carro do avesso.

e) Os policiais viraram todo o carro à procura de novas pistas.

Comentários:

A transitividade de um verbo é algo relativo, depende da frase. O verbo da frase do enunciado indica mudança de estado: o trabalho *se transforma* em dinheiro; é, portanto, verbo de ligação. Nas letras A, B, D e E, o verbo*virar* indica ação, movimento, sendo, nas quatro frases, transitivo direto. Apenas na letra C, o verbo *virar* vem indicar, mais uma vez, mudança de estado, sendo, portanto, classificado como verbo de ligação, com seu predicativo *gasolina*.

Resposta: C.

13 TERMOS DA ORAÇÃO

13.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Primeiramente, vamos conhecer os termos **integrantes** da oração. E, logo depois, os acessórios.

13.1.1. Termos integrantes

a) Objeto direto: complemento que integra a significação do verbo **sem o auxílio de preposição obrigatória.**

Ex.: A crise financeira estimulou a crença no intervencionismo do Estado. (estimulou-a)

b) Objeto indireto: complemento que integra a significação do verbo, ligando-se a este por meio de **preposição obrigatória**.

Ex.: As alunas responderam ao professor. (responderam-lhe)

c) Complemento nominal: complemento **preposicionado** de um substantivo, de um adjetivo ou de um advérbio.

Obs.: Quando esse termo preposicionado completa o substantivo, tem valor passivo. Se o termo preposicionado completar adjetivo ou advérbio, só pode ser complemento nominal.

Ex.: Venda de armas.

(subst. abstr.) (ideia passiva – as armas foram vendidas)

Estou certo da vitória.

(adj.)

Favoravelmente aos empresários.

(adv.)

d) Agente da passiva: termo preposicionado que **exerce a ação verbal** na voz passiva.

Ex.: Ele foi reconhecido pela mulher.

Só fixando, mesmo, para ver o assunto ficou claro: vamos misturar todos os termos integrantes...

Importante!
Lembre sempre que objeto (direto – sem preposição – ou indireto – com preposição) é complemento de verbo; complemento nominal é complemento preposicionado de nome substantivo, adjetivo ou advérbio; o agente da passiva é o termo preposicionado que pratica a ação verbal na voz passiva.

Classifique os termos sublinhados usando (1) para objeto direto; (2) objeto indireto; (3) complemento nominal; e (4) agente da passiva.

1. ( ) Precisávamos de tua ajuda.

Comentários: A expressão *preposicionada* completa o sentido do *verbo* transitivo indireto.

Resposta: 2.

2. ( ) Tinha certeza de sua chegada.

Comentários: O vocábulo certeza é substantivo (nome) seguido de expressão preposicionada.

Resposta: 3.

3. ( ) Estava certo de sua chegada.

Comentários: A expressão destacada completa um adjetivo (nome) com preposição.

Resposta: 3.

4. ( ) Comemoramos a sua promoção.

Comentários: Agora, o *complemento do verbo* vem sem preposição.

Resposta: 1.

5. ( ) Sua promoção foi comemorada pelos familiares.

Comentários: Observe que nesse período o sujeito recebe a ação verbal ("A promoção *foi comemorada*"), é um sujeito paciente. A expressão sublinhada é o termo que age na voz passiva.

Resposta: 4.

6. ( ) Necessito de um favor seu.

Comentários: Mais uma frase em que a preposição aparece por exigência de um verbo.

Resposta: 2.

7. ( ) Tinha necessidade de sua presença.

Comentários:

Confronte essa frase com a anterior. Aqui, o termo preposicionado completa um *nome substantivo* (necessidade), e não um verbo.

Resposta: 3.

8. ( ) Demoliram aquele prédio antigo.

Comentários: O verbo *demolir* não pede preposição, é transitivo direto. Logo, no complemento, não aparece preposição.

Resposta: 1.

Por fim, os termos **acessórios**, aqueles que a gramática classifica como dispensáveis na frase:

13.1.2. Termos acessórios

a) Adjunto adnominal: "termo que limita, individua a significação de um substantivo."

Ex.: Dois alunos; O / Um aluno; Aluno inteligente / de inteligência.

(num.) (art.) (adj.) (loc.adj.)

Meu aluno; Invasão dos mosquitos.

(pron.) (loc.adj.)

b) Adjunto adverbial: vocábulo ou expressão que denota alguma circunstância (tempo, lugar, modo...) do fato expresso pelo verbo. Pode ainda modificar o adjetivo ou o próprio advérbio.

Ex.: Falavam muito; Homem muito bom; Saíram muito cedo.

(verbo) (adj.) (adv.)

Falava sobre música; Correu de medo; Estava em casa.

(verbo) (verbo) (verbo)

c) Aposto: "termo de natureza substantiva ou pronominal que se acrescenta a outro substantivo ou pronome." Os tipos de aposto são:

1. explicativo: Machado de Assis, um dos maiores nomes da nossa literatura, escreveu livros inesquecíveis.

2. enumerativo: Naquele instante, recorri a dois amigos: Gilson e Itamar.

3. distributivo: Érico Veríssimo e José de Alencar foram grandes escritores brasileiros, este do Romantismo e aquele do Modernismo.

4. resumitivo: Empresários, trabalhadores, ninguém confia em nossos governantes.

5. especificativo: A cidade de Paris é encantadora.

6. *em referência a uma oração: Ele agora trabalhava com dedicação, o que é elogiável.

*Obs.: Esse tipo de aposto é representado, normalmente, pelo pronome demonstrativo o ou

pelos substantivos coisa, razão, motivo etc.

d) Vocativo: termo que se usa para chamar por alguém ou coisa personificada.

Ex.: José, venha cá.

e) Predicativo: qualidade atribuída ao sujeito ou ao objeto.

Ex.: Todos voltaram satisfeitos.

(suj.) (predicativo do sujeito)

Considero-o apto.

(o.d.) (predicativo do objeto)

Vejamos alguns exercícios de fixação.

Classifique os termos sublinhados usando (1) para adjunto adnominal; (2) adjunto adverbial; (3) aposto; (4) vocativo; (5) predicativo do sujeito; e (6) predicativo do objeto.

1. ( ) Bom dia, meu caro senhor!

Comentários: Quando chamamos por alguém, ou coisa personificada, tem-se o vocativo.

Resposta: 4.

2. ( ) Chegou ao escritório às nove horas.

Comentários: Nesse período, os termos preposicionados se referem ao *verbo* indicando, respectivamente, *circunstâncias* de lugar e tempo.

Resposta: 2.

3. ( ) Fernanda, a representante da turma, saiu neste instante.

Comentários: Quando um substantivo (*representante*) ou pronome se refere a outro substantivo (*Fernanda*), temos o aposto. Como a finalidade é explicar, esclarecer o termo anterior, o aposto é chamado de explicativo.

Resposta: 3.

4. ( ) Cinema, rádio, televisão, nada o distraía.

Comentários: Agora, o pronome *nada* se refere aos substantivos com a intenção de resumir a informação prestada por esses termos. O aposto é resumitivo.

Resposta: 3.

5. ( ) ( ) Ao longe, uma nuvem surgiu carregada.

Comentários: A expressão *Ao longe* remete ao *lugar* onde *surgia* a nuvem. Na segunda ocorrência, o adjetivo *carregada* se refere ao sujeito *nuvem*.

Respostas: 2 e 5.

6. ( ) Chamou o amigo de ingrato.

Comentários: Temos em *de ingrato* uma característica atribuída ao objeto direto *amigo*.

Resposta: 6.

7. ( ) ( ) ( ) As minhas sugestões eram simples.

Comentários: Repare que o substantivo *sugestão* vem delimitado pelo artigo (*As*) e pelo pronome (*minhas*). Essas palavras vêm *junto* ao nome substantivo. Já o adjetivo *simples* se refere ao substantivo *sugestões*, que funciona como sujeito, e vem *separado* por um verbo, e não junto.

Respostas: 1, 1 e 5.

8. ( ) ( ) Coração sem amor é um campo minado.

Comentários: A locução *sem amor*, preposicionada, vem junto ao substantivo *coração*, assim como o adjetivo *minado* vem *junto* ao substantivo *campo*.

Respostas: 1 e 1.

9. ( ) ( ) As suas mãos tremiam de medo.

Comentários: O pronome *suas*, ao lado do substantivo, delimita as *mãos*, já a expressão *de medo* se refere ao *verbo* indicando circunstância de causa.

Respostas: 1 e 2.

10. ( ) ( ) O velho ranzinza arquejava cansado.

Comentários: O adjetivo *ranzinza* vem *junto* ao substantivo *velho* e o adjetivo *cansado*, separado pelo verbo, se refere ao sujeito.

Respostas: 1 e 5.

Resumindo: Cuidado com os termos **preposicionados**!

objeto indireto x adjunto adverbial
Objeto indireto
Completa o sentido de um verbo transitivo indireto (com preposição obrigatória). Não há ideia circunstancial.

Ex.: Lembrou-se do ocorrido.
Adjunto adverbial
Refere-se ao verbo acrescentando a ele uma ideia circunstancial (tempo, lugar, modo, causa, intensidade...).
Ex.: Chegamos ao anoitecer (ideia de tempo).

complemento nominal x adjunto
Complemento nominal
Sempre preposicionado.
Completa um substantivo, um adjetivo ou um advérbio. Quando completa um substantivo, a expressão preposicionada tem valor passivo.
Ex.: Reforma da praça.
(subst.) (ideia passiva = a praça foi reformada)
Adjunto adnominal
Aparecendo preposição, a ideia é ativa.
Ex.: Construção do arquiteto.
(subst.) (ideia ativa = o arquiteto construiu)
Obs.: essa dúvida é mais frequente quando o termo preposicionado completa substantivo abstrato (indica ação, sentimento, qualidade – protesto, viagem, amor, tristeza, reforma, construção...)

adjunto adnominal x predicativo do objeto
Adjunto adnominal
Termo acessório, pode ser retirado da frase sem prejuízo do seu sentido.
Ex.: Fizeram perguntas tolas.
Predicativo do objeto
Aparece por extensão semântica do verbo. Sua retirada prejudica o perfeito entendimento da frase.
Ex.: Julguei as suas perguntas tolas.

Mais questões para exercitar.

Use os seguintes códigos para classificar as frases.

(1) objeto indireto

(2) adjunto adverbial

(3) adjunto adnominal

(4) predicativo do sujeito

(5) predicativo do objeto

(6) aposto

(7) complemento nominal

(8) agente da passiva

1. ( ) Os profissionais competentes enfrentaram muitas dificuldades.

Comentários: Adjetivo que vem *junto* ao substantivo é adjunto adnominal.

Resposta: 3.

2. ( ) Os profissionais eram muito competentes.

Comentários: Agora, o mesmo adjetivo vem separado por um verbo e se refere ao sujeito.

Resposta: 4.

3. ( ) Consideramos aqueles profissionais competentes.

Comentários: Repare que, embora o adjetivo venha junto ao substantivo, que funciona como objeto direto, a retirada desse vocábulo prejudica o entendimento da frase (consideramos aqueles profissionais...?). Qual é a consideração sobre eles? Logo, não pode ser classificado como adjunto adnominal.

Resposta: 5.

4. ( ) O rapaz foi preso pelo detetive.

Comentários: O termo sublinhado *exerce a ação verbal* na voz passiva (o detetive age, prende o ladrão).

Resposta: 8.

5. ( ) Tinha grande amor à humanidade.

Comentários: A expressão sublinhada completa o sentido de um nome substantivo com preposição. Há ideia passiva (a humanidade *recebe* a ação do *amor*, a humanidade não ama, não é ativa).

Resposta: 7.

6. ( ) O coração não resistiu à emoção.

Comentários: O verbo *resistir* pede preposição obrigatória (*à emoção* completa o sentido de um verbo transitivo indireto).

Resposta: 1.

7. ( ) Existe, nesta cidade, um clima de paz.

Comentários: A expressão sublinhada indica o *lugar* onde *existe* um clima de paz.

Resposta: 2.

8. ( ) Rui, o orador, logo se pronunciou.

Comentários: Um substantivo (*orador*) que determina, explica outro substantivo (Rui).

Resposta: 6.

9. ( ) Beber demais é prejudicial à saúde.

Comentários: Nesse período, *à saúde* completa o sentido do *nome adjetivo* (*prejudicial*) com preposição.

Resposta: 7.

10. ( ) A felicidade dos candidatos contagiava o ambiente.

Comentários: A expressão destacada se refere ao substantivo, vem junto. Repare que em construções como essa é comum confundir adjunto adnominal com complemento nominal. Nesse caso, verifique a ideia do *termo preposicionado*: se for ativa, será adjunto adnominal; se for passiva, complemento nominal.

Em "A felicidade dos candidatos", eles estavam felizes, ideia ativa, portanto.

Resposta: 3.

11. ( ) Tinha necessidade de afeto.

Comentários: Mais um termo preposicionado em relação ao nome, só que com ideia passiva (*o afeto* recebe a ação do nome, é uma necessidade voltada *ao afeto*, e não *o afeto* necessita de algo).

Resposta: 7.

12. ( ) ( ) Os candidatos chegaram apressados ao local da prova.

Comentários: O adjetivo *apressados*, separado por um verbo, se refere ao *sujeito*; *ao local da prova* indica *o lugar* a que chegaram.

Respostas: 4 e 2.

13.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Classifique os termos acessórios sublinhados usando o seguinte código:

(1) adjunto adnominal (3) aposto

(2) adjunto adverbial (4) vocativo

1. ( ) Na ausência do marido, a mulher responderá pela dívida.
2. ( ) Para quem mora na cidade existem dois espaços bem diferenciados: o morro e a rua.
3. ( ) Evento realizado nesta semana em São Paulo.
4. ( ) A cidade de Florianópolis é encantadora.

5. ( ) Os cidadãos de Florianópolis estão mais confiantes no governo.

6. ( ) Eram habitantes daquele lugar onde se matam pobres.

7. ( ) A pobre Antônia tem, nos olhos grandes, uma tristeza milenar.

8. ( ) "Brasil, mostra a tua cara."

9. ( ) Os meninos correram de medo.

10. ( ) Era esposa descuidada.

11. ( ) Um dia notou a mulher um leve afrouxar-se das pálpebras.

12. ( ) Realizaram ações de vulto.

13. ( ) ( ) ( ) "Uma língua é uma coisa bela, mutável e misteriosa como um arco-íris."

14. ( ) Se a reforma é tão pequena, para que fazê-la?

15. ( ) Ele agora trabalhava com dedicação, o que é elogiável.

II. Distinga o adjunto adnominal (1) do complemento nominal (2).

Obs.: Aqui, trataremos apenas dos termos preposicionados.

1. ( ) Era um homem de juízo.

2. ( ) Tinha horror à pasteurização.

3. ( ) Ninguém fica indiferente à publicidade.

4. ( ) O código de trânsito vai ser incluído no currículo escolar.

5. ( ) A imaginação das agências é inesgotável.

6. ( ) Estamos no país da "solucionática".

7. ( ) Gastava rios de dinheiro com regozijo.

8. ( ) Este ano haverá treinamento de professores.

9. ( ) As palmas do público ecoavam por todo o teatro.

10. ( ) Tinham certeza da vitória.

III. Use (1) adjunto adverbial; (2) objeto indireto; (3) objeto direto; (4) objeto direto preposicionado; (5) adjunto adnominal; e (6) predicativo do objeto para classificar os termos sublinhados.

1. ( ) Tratou do assunto com calma.

2. ( ) Aludiu às conquistas do avô.

3. ( ) Agora esperava por uma oferta.

4. ( ) Vi ontem um filme.

5. ( ) Transmitiu aos rapazes segurança.

6. ( ) Apesar das dificuldades, venceremos.

7. ( ) Chamam-no de artista.

8. ( ) Não consideraram os votos em branco.

9. ( ) Agora o tinham por ídolo.

10. ( ) ( ) Aquele amor impossível deixava-o impaciente.

11. ( ) Duvidei de suas palavras.

12. ( ) Amou aos pais com grandeza de alma.

13. ( ) Enfrentava as dificuldades sem reclamar.

14. ( ) Ele entrou pela porta da frente.

15. ( ) Ele entrou pela porta da frente.

IV. Use: (1) predicativo do sujeito; (2) agente da passiva; (3) aposto; (4) adjunto adverbial; (5) complemento nominal; e (6) adjunto adnominal para classificar os termos em destaque nas seguintes frases.

1. ( ) Recuperadas, as antigas fazendas de café do Rio de Janeiro abrem as portas a visitantes.

2. ( ) "Naquele casal aliava-se tudo que é nobre: o amor e a confiança. É este o segredo dos casamentos felizes."

3. ( ) A felicidade do filho era contagiante.

4. ( ) "Por maior que seja a tranquilidade de um homem quando resolve abandonar a vida, é-lhe sempre agradável achar um pretexto para prolongá-la um pouco mais."

5. ( ) A cidade do Rio de Janeiro continua linda.

6. ( ) O povo do Rio de Janeiro demonstra o seu inconformismo diante da violência.

7. ( ) "Um dia se descobriu num gesto longo e demorado olhando a esquife longamente."

8. ( ) As salas de aula estão cheias de crianças e jovens.

9. ( ) As ruas foram lavadas pela chuva.

10. ( ) ( ) "Se é para o bem de todos e felicidade geral da nação, diga ao povo que fico!" (D.

Pedro I)

11. ( ) Fumar é prejudicial à saúde.

12. ( ) Vivia cercado de amigos sinceros.

13. ( ) ( ) Os meios de comunicação e as novas tecnologias mudaram a vida das pessoas.

14. ( ) O amor ao próximo era a sua maior virtude.

15. ( ) Pegou um pano úmido e, silenciosa, ligou o ferro.

16. ( ) Qualquer forma de violência deve ser desprezada.

17. ( ) A difusão da violência é iminente.

18. ( ) Percebe-se com frequência a sabotagem do idioma.

19. ( ) O significado das palavras, em geral, se dá no contexto.

20. ( ) As crianças saíram do cinema apressadas.

21. ( ) Montes, rios, ervas, árvores, terra – tudo é manifestação da vida de Deus.

Gabarito: I – 1. (1); 2. (3); 3. (2); 4. (3); 5. (1); 6. (1); 7. (2); 8. (4); 9. (2); 10. (1); 11. (2); 12. (1); 13. (1)(1)(1); 14. (2); 15. (3). **II** – 1. (1); 2. (2); 3. (2); 4. (1); 5. (1); 6. (1); 7. (1); 8. (2); 9. (1); 10. (2). **III** – 1. (1); 2. (2); 3. (4); 4. (3); 5. (2); 6. (1); 7. (6); 8. (5); 9. (6); 10. (5)(6); 11. (2); 12. (4); 13. (3); 14. (5); 15. (1). **IV** – 1. (1); 2. (3); 3. (6); 4. (5); 5. (3); 6. (6); 7. (4); 8. (5); 9. (2); 10. (6)(6); 11. (5); 12. (2); 13. (6)(6); 14. (5); 15. (1); 16. (6); 17. (5); 18. (5); 19. (6); 20. (1); 21. (3).

13.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Algumas questões de concursos para você treinar:

1. (FCC) A alternativa em que o elemento sublinhado indica o agente e não o paciente do termo anterior é:

a) "A utilização de qualquer um deles."

b) "A queima do petróleo."

c) "Inundação de vastas áreas."

d) "A fauna aquática dos rios."

e) "Construção de barragem."

Comentários:

Ora, ao se pedir o elemento agente e não paciente, excluem-se as hipóteses de ser o termo um objeto indireto ou um complemento nominal: tanto um quanto outro, por serem complementos, o

primeiro de verbo e o segundo de nome, possuem valor passivo.

Na letra A, temos um substantivo abstrato *utilização*, seguido de uma expressão preposicionada com valor passivo (*de qualquer um deles*). Basta reescrever a frase e você verá tal valor passivo: *qualquer um deles é utilizado*. É, portanto, complemento nominal. Nas letras B, C e E, a história se repete: temos substantivos abstratos (*queima, inundação* e *construção*), seguidos de seus complementos, todos com valor passivo. Como dissemos anteriormente, procure reescrever as frases e você verá o valor passivo: *o petróleo é queimado* (letra B); *vastas áreas são inundadas* (letra C) e *a barragem é construída* (letra E). Todas as três alternativas sendo, portanto, complementos nominais.

Somente na letra D encontramos uma expressão preposicionada que se refere a um substantivo concreto (*fauna*). Veja também a ideia de posse que essa expressão traz: *os rios possuem a fauna aquática*. O adjunto adnominal, que as gramáticas mencionam ter um valor ativo, pode também trazer, quando junto ao substantivo concreto, um valor de posse. E isso pode ajudar você a identificá-lo mais facilmente na frase.

Resposta: D.

2. (TJ – NCE) O item a seguir em que o termo destacado representa um agente e não um paciente do termo anterior é:

a) código <u>de trânsito</u>.

b) educação <u>para o trânsito</u>.

c) formação <u>do magistério</u>.

d) treinamento <u>de professores</u>.

e) atender <u>a mais esta nova exigência</u>.

Comentários:

Mais uma vez: em todas as alternativas haverá elementos sintáticos com valor passivo (objetos indiretos ou complementos nominais), só em uma frase isso não ocorrerá.

Na letra A, o termo preposicionado não traz ideia passiva. A expressão **de trânsito** especifica o substantivo, ideia ativa.

Na letra B, tem-se um substantivo abstrato (*educação*), seguido de uma expressão com valor

passivo (o trânsito não forma, ele é *alvo* da "formação", *recebe* essa "formação"). Na letra C, mais um substantivo abstrato seguido de uma expressão com valor passivo. Reescreva a frase e verá: *o magistério é formado*. O mesmo ocorre na letra D: substantivo abstrato (*treinamento*), seguido de expressão com valor passivo (*professores são treinados*). Letras B, C e D, portanto com a mesma função sintática: todos os termos são complementos nominais.

A letra E traz um complemento, como as letras B, C e D trouxeram, mas, desta vez,*complemento de um verbo*: trata-se de um verbo transitivo indireto (*atender*), seguido de um objeto indireto (*a mais esta nova exigência*). Ora, como comentamos anteriormente, tanto o objeto indireto como o complemento nominal, por serem complementos, possuem valor passivo.

Resposta: A.

3. (FCC) A função sintática da palavra sublinhada em: "Parecia muito preso à vida de rei" é a mesma de:

a) Duvido <u>de sua capacidade</u> profissional.

b) Apenas <u>nos</u> víamos em festas rurais.

c) Ficaria <u>encantado</u> com a novidade.

d) Achava-se apto <u>para o trabalho</u>.

Comentários:

Complemento nominal completa adjetivo, advérbio e substantivo abstrato. Na frase do enunciado, temos uma expressão que completa um adjetivo (*preso*): só pode ser, então, complemento nominal.

Na letra A, a expressão grifada completa um verbo transitivo indireto (*duvidar*). Trata-se de objeto indireto.

Na letra B, o pronome oblíquo completa um verbo transitivo direto (*ver*): é, portanto, objeto direto. Na letra C, o verbo é de ligação, indica *estado*: a expressão grifada é predicativo do sujeito.

Apenas na letra D, tem-se uma expressão que completa o adjetivo *apto*: trata-se, portanto, de um complemento nominal, tal qual o da frase do enunciado.

Resposta: D.

13.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (NCE) O verbo virar foi usado da mesma maneira que em "...vira dinheiro" em:

a) O pintor tropeça e vira a lata de tinta.
b) O mar, que estava de ressaca, virou o barco
c) O petróleo, depois de devidamente processado, vira gasolina.
d) O mecânico, quando faz uma boa revisão, vira o carro do avesso.
e) Os policiais viraram todo o carro à procura de novas pistas.

2. (MPU) ... *elas também causam impactos significativos na agricultura e na saúde humana.*

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o do grifado acima está na frase:

a) ... grandes pinheiros brotam por toda parte.
b) ... mas que chegaram ao Brasil...
c) ... e aqui encontraram espaço...
d) ... o búfalo e o pinus são apenas espécies exóticas.
e) ... e competindo com elas por alimento.

3. (NCE) *Afinal, o verdadeiro tradutor precisa de formação teórico-prática sólida...*

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o do grifado acima está na frase:

a) O tradutor é um dos principais responsáveis pelo intercâmbio cultural entre as nações.
b) ... pois espelha textos numa língua diferente...
c) ... para tomar a melhor decisão diante de uma expressão nova...
d) O reconhecimento de seu trabalho levaria a cursos superiores...
e) ... para contabilizar sua importância...

4. (NCE) "A esse crime ela não tinha o direito de dar o seu perdão"; a forma de ordem direta desta mesma frase é:

a) Ela não tinha o direito de dar o seu perdão a esse crime.
b) O direito de dar o seu perdão a esse crime ela não tinha.
c) Ela não tinha o direito de dar, a esse crime, o seu perdão.
d) A esse crime, o seu perdão ela não tinha o direito de dar.
e) A esse crime não tinha ela o direito de dar o seu perdão.

5. (NCE) O termo sublinhado que corresponde a um complemento nominal e não a um adjunto adnominal é:

a) "necessidades <u>do país</u>".
b) "atividades <u>de exploração</u>".
c) "empresas <u>do setor</u>".
d) "parcerias <u>com outras grandes empresas</u>".
e) "nos <u>outros três</u> continentes em que atua".

6. O termo sublinhado que funciona como adjunto adnominal, entre as frases abaixo é:

a) "... trazer o cigarro para mais perto <u>do adolescente</u>, mas...".
b) "Penso que o cigarro é atraente <u>para o adolescente</u>...".
c) "... como sugerem as propagandas <u>de cigarro</u>...".

d) "... e abre um canal de comunicação numa linguagem comum...".
e) "... é uma fase carregada de situações estressantes".

7. "Tráfico de drogas"; nesse segmento, o termo sublinhado representa um paciente do termo anterior, o que também ocorre em:
a) jovens de 15 a 24 anos.
b) Estatuto do Desarmamento.
c) fase de regulamentação.
d) endurecimento da legislação.
e) número de homicídios.

8. (NCE/UFRJ) A discussão **sobre os limites do domínio público e do domínio privado**... Em qual das frases a seguir o termo destacado exerce a mesma função sintática do termo **sobre os limites do domínio público e do privado**?
a) ... ocupou um lugar quase inusitado nos debates da atualidade.
b) ... atribuir esse interesse à perspectiva...
c) ... a possibilidade de redefinição do papel do Estado,...
d) ... chamar de sociedade civil.
e) ... para tornar esse debate tão atual.

9. (NCE/UFRJ) O termo sublinhado que tem função diferente da dos demais é:
a) objetos do seu cotidiano.
b) modelo do carro.
c) objetos do seu quarto.
d) estampa do seu lençol.
e) transformação do gosto.

10. (BNDES/NCE) Os adjetivos mostram qualidades, características ou especificações dos substantivos; a alternativa abaixo em que o termo em negrito NÃO funciona como adjetivo é:
a) difícil aprendizado.
b) sensação de dificuldade.
c) trabalho que é difícil.
d) tarefa dificílima.
e) acesso difícil.

11. O termo que funciona como um complemento do termo anterior:
a) "Soube de tudo isso...".
b) "Amanhece na ilha de Heron".
c) "Sobre a imensa faixa de areia...".
d) "... os tufos de algas...".
e) "Alguns grãos de areia...".

12. (Cadep) Atente para estas duas frases:
O arqueiro precisa antes escolher o alvo.
O arqueiro determina antes a escolha do alvo.

É correto afirmar, em relação a essas frases, que:
a) a palavra alvo tem idêntica função sintática em ambas.
b) em uma delas ocorre o emprego da voz passiva.
c) o alvo e a escolha do alvo são complementos verbais.
d) ambas são períodos compostos.
e) a palavra antes não exerce em ambas a mesma função sintática.

13. (TCE/AL) É a liberdade que dá à vida uma direção.
O termo sublinhado na frase acima exerce a mesma função sintática do termo sublinhado em:
a) Sem passado e sem história, poderíamos ser livres?
b) Liberdade seria, a meu ver, um sinônimo de decisão.
c) Somos livres a cada vez que, agindo, recomeçamos.
d) Liberdade seria, pois, começar o improvável.
e) A liberdade nos liberta, o passado é argila que nos molda.

14. (TRT – 18ª Região) Os outros privilégios da vida a que as pessoas aspiram só existem em função de uma única forma de utilização (...)
No período acima, são exemplos de uma mesma função sintática:
a) vida e pessoas.
b) privilégios e utilização.
c) privilégios e pessoas.
d) existem e utilização.
e) a que e única.

15. (Caipemes/Tecnólogo Construção Civil) "Acho-**a muito chata**." Os termos destacados são, respectivamente:
a) objeto indireto e objeto direto.
b) objeto direto e predicativo do objeto.
c) objeto direto e objeto indireto.
d) objeto direto e objeto direto.

16. O termo da oração em destaque está identificado de acordo com a sintaxe em:
a) "Cantavam tristes" - adjunto adverbial de modo.
b) "De manhã, chegavam ao mercado do peixe..." – adjunto adverbial de lugar.
c) "Viam-se cercados pelos fregueses" – objeto indireto.
d) "Vínham cozinheiras, homens de importância da terra" – núcleos do sujeito composto.
e) "Pareciam quietos, de noite bem dormida" – objeto direto.

17. A função sintática (entre parênteses) corresponde à palavra ou expressão destacada, EXCETC em:
a) "morava na Rua da União, Bairro da Boa Vista". (aposto)
b) "a casa de meu avô era a última". (predicativo)
c) "na funda ribanceira, corria o rio". (sujeito)
d) "marcando com toquinhos de pau o progresso das águas...". (objeto direto)

e) “que entrava a esmagar o milho verde cozido”. (adjunto adverbial de modo)

18. “Em silêncio, o povo do Rio de Janeiro demonstra o seu inconformismo diante da violência.

Que termo sintático destacado a seguir apresenta classificação inadequada?

a) O povo do Rio de Janeiro – sujeito.
b) O seu inconformismo – objeto direto.
c) Do Rio de Janeiro – adjunto adverbial.
d) Em silêncio – adjunto adverbial de modo.
e) Seu – adjunto adnominal.

19. (Anal. Judic./TRF) O pronome “LHES” tem com o verbo a que se prende na frase “tampouco deve, como os políticos, se amoldar aos desejos de seus eleitores para ganhar-**lhes** os votos” as mesmas relações sintáticas e de sentido que se encontra no exemplo da opção:

a) Se seus irmãos quiserem, posso emprestar-lhes meu carro durante o fim de semana.
b) Os uniformes das crianças já estão desbotados, mas só lhes posso comprar outros no mês que vem.
c) Eles são nossos amigos; não podemos negar-lhes ajuda em um momento tão difícil.
d) Os Romanos crendo-se superiores aos povos germânicos, chamavam-lhes de “bárbaros”.
e) O policial ameaçava os detidos a fim de arrancar-lhes uma confissão.

20. (AOCP/Ministério da Agricultura) Assinale a opção em que o termo sublinhado NÃO está corretamente analisado:

a) “... quando dois terços da reforma agrária eram feitos na Amazônia...” (núcleo do sujeito composto)
b) “... esperava uma regulamentação demorada...” (adjunto adnominal)
c) “O processo que tinha era o reconhecimento de posse.” (predicativo do sujeito)
d) “... a implementação da lei exigia uma série de consultas às entidades...” (complemento nominal)
e) “Organizações ambientais que apóiam a lei reclamam da lentidão da sua aplicação.” (objeto indireto)

21. (TCE/AL) O elemento sublinhado tem o valor causal em:

a) Os propósitos nos devolvem a autoria da vida.
b) Liberdade seria, portanto, sinônimo de decisão.
c) Talvez seja isso que torna tão difícil cumprir propósitos de Ano Novo.
d) Sem história e sem passado, quem seríamos?
e) Somos livres quando, ao agir, recomeçamos.

22. (Comiss. Just. Inf. e Juv.) O segmento sublinhado a seguir que tem uma relação estrutural distinta das demais em relação ao termo anterior é:

a) A origem desta famosa frase latina...
b) ... em tempos de perseguições políticas...
c) ... levam à perda das liberdades individuais...
d) ... primeiras palavras de uma célebre lei inglesa.
e) O objetivo deste preceito...

23. (Perito - Pol. Civil) No segmento "Na doença é que descobrimos que não vivemos sozinhos...":

a) o sujeito de *descobrimos* é diferente do sujeito de *vivemos*.
b) a expressão *é que* atua como expressão de realce.
c) *Na doença* indica uma idéia circunstancial de lugar.
d) *que não vivemos sozinhos* é complemento do verbo *ser*.
e) *não* é advérbio de negação ligado a *sozinhos*.

24. "Mas hoje **ele** fez um negócio que **me** deixou **encucado**." Os termos sublinhados são, respectivamente:

a) sujeito / objeto direto / predicativo do objeto direto.
b) objeto direto / sujeito / predicativo do objeto direto.
c) adjunto adnominal / objeto indireto / predicativo do sujeito.
d) sujeito / objeto direto / adjunto adnominal.

25. Assinale a alternativa que apresente caso de aposto:

a) ... bairro Chico Mendes.
b) ... uma casa tem cerca, canteiros verdes...
c) ... uma varanda aberta, acolhedora...
d) ... olhos ávidos, curiosos.
e) ... troncos, sentados lado a lado em esteiras de palha de bananeira.

26. Assinale a alternativa em que o termo destacado não exerça a mesma função sintática que os demais:

a) A adolescente ... vai florescendo estabanada.
b) ... um nadador principiante.
c) ... tem algo de orquídea que brota exclusiva.
d) ... ela mesma saiu sozinha.
e) ... as sereias se banham e saem perfumadas.

27. Em "seus mecanismos de controle do exercício da profissão", *de controle*, *do exercício* e *da profissão* exercem, respectivamente, função sintática de:

a) adjunto adnominal – complemento nominal – adjunto adnominal.
b) adjunto adnominal – complemento nominal – complemento nominal.
c) complemento nominal – adjunto adnominal – complemento nominal.
d) complemento nominal – adjunto adnominal – adjunto adnominal.
e) adjunto adnominal – adjunto adnominal – adjunto adnominal.

Se é para o bem de todos e felicidade geral da Nação, diga ao povo que fico! (D. Pedro I)

28. (NCE/UFRJ) De todos e **da Nação** são termos que:

a) determinam o mesmo nome;
b) exercem funções sintáticas diferentes;
c) têm a função de complementos nominais;
d) funcionam como advérbios;
e) funcionam como adjuntos adnominais.

29. (TRT – 2ª Região – Técn. Judic.) Para observadores atentos, é uma forte ameaça *à democracia*...

O mesmo tipo de complemento grifado acima SÓ NÃO se repete na expressão também grifada em:

a) ... é o desmonte do conceito de segurança alimentar...

b) ... alimentos indispensáveis ao sustento da população...

c) ... que muitos países da África e da América Latina desenvolvessem sua agricultura...

d) ... na busca da garantia do abastecimento interno.

e) ... associado a políticas demográficas e ambientais.

Gabarito: 1. c; 2. c; 3. d; 4. a; 5. d; 6. c; 7. d; 8. c; 9. e; 10. b; 11. a; 12. c; 13. d; 14. c; 15. b; 16. d; 17. e; 18. c; 19. e; 20. a; 21. e; 22. c; 23. b; 24. a; 25. a; 26. b; 27. b; 28. e; 29. c.

13.5. RESUMO

Bem, agora que já vimos todos os termos da oração, faz-se necessário organizá-los... Vamos lá?

- Objetos direto e indireto são chamados de **complementos verbais.**
- A diferença entre objeto indireto e objeto direto preposicionado está na **regência do verbo**. No objeto direto preposicionado, a preposição não é solicitada pelo verbo.
- **Complemento nominal** é termo substantivo que pode completar outro substantivo, um adjetivo ou um advérbio.
- **Adjunto adnominal** sempre se liga a substantivo. Pode ser artigo, numeral, pronome, adjetivo ou locução adjetiva. É termo que especifica o substantivo e pode aparecer em qualquer lugar da frase.
- **Adjunto adverbial** normalmente se liga a verbo, mas pode também se conectar a um adjetivo ou a outro advérbio. Indica sempre circunstância e pode ser retirado da frase. Na morfologia, pode vir representado pelo advérbio ou pela locução adverbial.
- **Nem tudo** que vem com preposição e se liga a verbo é objeto indireto. Se indicar circunstância, será adjunto adverbial.
- **Agente da passiva** não é termo obrigatório na frase. Vem sempre na voz passiva analítica e antecedido de preposição.
- O predicativo do sujeito vem sempre no predicado. O adjunto adnominal vem junto ao substantivo, em qualquer lugar da frase.
- Toda vez que um **adjetivo** se referir a um objeto, só será predicativo do objeto, **se o verbo pedir sua presença na frase**.

- **Aposto** é termo de **natureza substantiva**, nunca adjetiva. Toda vez que você estiver diante de um nome (de rua, de praça, de cidade...), será aposto, e não adjunto adnominal.
- **Vocativo é chamamento**. Não deve ser confundido com sujeito, que normalmente vem implícito na desinência do verbo no imperativo.
- Se o termo se refere a um substantivo concreto, é A.A. Se completa adjetivo ou advérbio, é C.N. Caso ele se refira a um substantivo abstrato, procure reescrever a frase e verificar se o valor da expressão é ativo (A.A.) ou passivo (C.N.).

14 VOZES VERBAIS

14.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Vamos, então, à próxima etapa: o estudo das vozes do verbo. É neste capítulo que você vai se preparar para as questões que hoje aparecem em grande quantidade nas provas, as que buscam reescritura de frases: a substituição de uma frase na voz ativa pela equivalente na passiva e vice-versa.

Voz verbal é aquela que indica a forma em que o verbo se encontra para mostrar a relação entre ele e o sujeito. Daí serem três os tipos de vozes verbais. Quando o sujeito age, pratica a ação verbal, tem-se a **voz ativa**. Veja um exemplo:

O professor recomendou a leitura deste livro.

Aqui, *o professor* exerce a ação de recomendar, ele é agente: a voz é ativa. No entanto, o sujeito pode receber a ação verbal, ser paciente do verbo. Nesse caso, tem-se a **voz passiva**. Veja:

A leitura deste livro foi recomendada pelo professor.

Agora, o sujeito *a leitura deste livro* não exerce a ação de recomendar, é seu alvo, elemento paciente. Veja que, comparando os dois exemplos, o segundo insere mais informações: enquanto o primeiro exemplo só continha um verbo (*recomendou*), o outro acrescentou mais um (*foi recomendada*). É uma forma de se reescrever a frase com mais palavras: é a **voz passiva analítica** ou **voz passiva com auxiliar**. Ela recebe este nome – analítica – porque acrescenta um verbo: diz o que se disse na voz ativa, só que com mais informações. Pense assim: toda vez que queremos *analisar* um problema, não aumentamos esse problema? A voz passiva analítica também aumenta, acrescentando um verbo... Por outro lado:

Vendeu-se o apartamento.

Nesse caso, o sujeito *o apartamento* também sofre a ação de ser vendido, é sujeito paciente, a voz é passiva. Só que, nesta frase, o que se tem é uma síntese de informações: diz-se que o apartamento foi vendido, sem se querer mencionar quem o vendeu. É a **voz passiva sintética**: nela, a tendência é a de não se mencionar o agente da passiva. Daí ela ser econômica, sintética. É uma forma de se impessoalizar, indeterminar o agente, o elemento que exerce a ação.

Ainda:

O rapaz se vestiu.

Aqui, o sujeito (o rapaz) exerce e sofre a ação do verbo. O sujeito e o objeto, representados pelo pronome reflexivo *se,* são a mesma pessoa. Diz-se que a voz é **reflexiva**.

Resumindo: • Quando o sujeito exerce a ação, a voz é ativa. • Quando o sujeito sofre a ação, a voz é passiva. Será voz passiva analítica se vier com o verbo auxiliar de voz passiva (ser/estar/ficar+ particípio). Será passiva sintética se apresentar o pronome se, chamado de pronome apassivador ou partícula apassivadora.
• Quando o sujeito exerce e sofre a ação, tem-se a voz reflexiva. Nesse caso, o pronome oblíquo se será chamado de pronome reflexivo.

14.2. REESCRITURA DE FRASES (COMO PASSAR UMA FRASE DE UMA VO OUTRA)

Vamos às questões de reescritura de frases (que pedem transposição da ativa para a passiva ou da passiva para a ativa):

Na passagem da ativa para a passiva, só interessam três termos: o objeto direto, o verbo e o sujeito. Isso ocorre porque:

1. O objeto direto da ativa vira sujeito paciente na passiva.

   O professor recomendou **o livro**. (objeto direto: o livro)

   O livro foi recomendado pelo professor. (sujeito paciente: o livro)

   Se o objeto direto vier representado por um pronome pessoal oblíquo, ao virar sujeito, o pronome oblíquo virará pronome reto:

   O professor **o** recomendou.

   Ele foi recomendado pelo professor.

2. O verbo da voz ativa ganhará um verbo auxiliar (*ser/estar/ficar*), que ficará no mesmo tempo e modo, seguido do verbo principal no particípio.

   O professor **recomendou** o livro.

   *verbo *recomendar* no pretérito perfeito do indicativo

   O livro **foi recomendado** pelo professor.

   *locução verbal: verbo *ser* no pretérito perfeito seguido de *recomendar* no particípio

   Se, na voz ativa, o tempo é composto, na passagem para a passiva, mantenha o auxiliar do tempo

composto e acrescente apenas o auxiliar de passiva *sido*:

O professor **tem recomendado** o livro.

*locução verbal de tempo composto

O livro **tem sido recomendado** pelo professor.

*Agora, você tem dois auxiliares: um, de tempo composto (*tem*) e outro, de voz passiva (*sido*).

3. O sujeito da voz ativa transforma-se em agente da passiva.

O professor recomendou o livro. (sujeito: o professor)

O livro foi recomendado **pelo professor**. (agente da passiva: pelo professor)

Se, na voz ativa, o verbo estiver na 3ª pessoa do plural, sem sujeito expresso na frase, o sujeito será indeterminado. Aí, na passiva, o agente não será mencionado:

Recomendaram o livro (verbo na 3ª p. pl.: sujeito indeterminado).

O livro foi recomendado (agente da passiva também indeterminado).

Passando uma frase da voz ativa para a passiva:

a) O objeto direto vira sujeito.

b) O verbo ganha um auxiliar (ser/estar/ficar), no mesmo tempo e modo do verbo da voz ativa.

c) O sujeito da ativa vira agente da passiva.

Agora, vamos fazer o contrário? Na passagem da passiva analítica para a ativa, precisamos nos preocupar com o agente da passiva, o verbo e o sujeito. Isso porque:

4. O agente da passiva volta a ser sujeito na ativa.

O aluno foi elogiado **pelo professor**. (agente da passiva: pelo professor)

O professor elogiou o aluno. (sujeito agente: o professor)

Se, na voz passiva, não houver agente da passiva, o verbo na voz ativa ficará na 3ª pessoa do plural, para marcar um sujeito indeterminado:

O aluno foi elogiado. (agente da passiva não mencionado)

Elogiaram o aluno. (verbo na 3ª p. pl.: sujeito indeterminado)

5. A locução verbal de voz passiva perde o auxiliar de passiva (normalmente o verbo *ser*). O verbo da voz ativa ficará no mesmo tempo do auxiliar da passiva.

O aluno **foi** elogiado pelo professor. (verbo auxiliar *ser* no pret. perf.)

O professor **elogiou** o aluno. (verbo *elogiar* no pret. perf.)

Se a frase na voz passiva possuir, além do auxiliar de voz passiva, outro verbo auxiliar, ele continuará a existir na voz ativa; lembre-se: você só retirará o auxiliar de voz passiva, não tente se livrar de todos os verbos!:

O aluno **tem sido elogiado** pelo professor.

locução verbal com dois auxiliares: um de tempo composto – *tem* – e outro de passiva – *sido*; lembre-se de só retirar o auxiliar de passiva.

O professor **tem elogiado** o aluno.

locução verbal com apenas um auxiliar, que é o do tempo composto.

6. O sujeito da voz passiva volta a ser objeto direto na ativa:

O aluno foi elogiado pelo professor. (sujeito paciente: o aluno)

O professor elogiou **o aluno**. (objeto direto: o aluno)

Já está ficando zonzo com tanta informação? Então, vamos sistematizar...

Passando uma frase da voz passiva analítica para a voz ativa:

a) O agente da passiva vira sujeito agente na ativa.

b) A locução verbal perde o auxiliar de voz passiva, que transmite o tempo verbal ao verbo da voz ativa.

c) O sujeito da voz passiva vira objeto direto na ativa.

Bem, para entender de fato todo esse raciocínio, só fazendo questões de concursos. Como dissemos anteriormente, as questões que mais aparecem em relação ao assunto de vozes verbais são aquelas que buscam reescrituras – passagem da ativa para a passiva e vice-versa. O assunto, em si, não é tão complexo, mas você deve se preocupar com o tempo de resolução da questão. É preciso ser rápido e, para isso, é preciso ter método. Por isso, resolvemos separar esse tipo de questão em dois blocos, para treinar você de forma mais eficaz. O primeiro tipo de questão é aquela em que se busca a **reescritura da voz ativa para a passiva analítica**.

Atenção!
1. Destacar, na frase, o *núcleo* do objeto direto, que virará sujeito. Com ele, o verbo deverá concordar.
2. Detectar o tempo do verbo na voz ativa. O auxiliar da passiva que será acrescentado à frase deverá estar nesse tempo verbal. Lembre-se sempre de somar um verbo: se há um verbo na frase, então serão dois; se há dois, serão três, e assim por diante.
3. O sujeito vira agente antecedido da preposição por, mas normalmente as bancas nem se preocupam tanto com a identificação do agente da

passiva.
4. Os outros termos sintáticos que eventualmente existirem na frase (adjuntos adverbiais, predicativos etc.) ficarão intactos: não se preocupe com eles, para não perder tempo de resolução da questão.
5. Faça mentalmente a transposição da ativa para a passiva: evite olhar cada alternativa, pois você pode se perder em meio a tantas opções.

Vamos, então, aprender a sair da passiva sintética e ir à ativa? Nesse caso, o sujeito da passiva (casas) volta a ser objeto direto; a partícula apassivadora é extraída da frase e o verbo fica na 3ª pessoa do plural para marcar a indeterminação do sujeito. De uma forma mais prática, teríamos:

Reescritura da voz passiva sintética para voz ativa
a) Retire o pronome apassivador da frase.
b) Passe o verbo para a 3ª pessoa do plural, se ele já não estiver, mantendo o tempo.

Seguindo o mesmo raciocínio, podemos realizar a reescritura da passiva sintética para a passiva analítica. Nesse caso, lembre-se de que, já que você está indo para a passiva analítica, é preciso *acrescentar* um verbo auxiliar (normalmente *ser*), que ficará no mesmo tempo verbal.

Reescritura da voz passiva sintética para a voz passiva analítica
a) O sujeito paciente da voz passiva sintética permanecerá sendo sujeito na voz passiva analítica.
b) Acrescente o verbo auxiliar *ser*, que ficará no mesmo tempo e modo da frase original.

Vamos ver se funciona? Veja uma questão de prova resolvida como exemplo.

1. (TRT-SP – Ag. Fisc. Fin.) ... de que as reservas de gás de Bahia Blanca, ao sul de Buenos Aires, **se estão esgotando**.

A forma verbal destacada acima pode ser corretamente substituída, sem prejuízo do sentido original, por:

a) está para esgotar.

b) vai ser esgotado.

c) estão sendo esgotadas.

d) vinham sendo esgotadas.

e) vem esgotando.

Comentários:

A frase que aparece no enunciado está na voz passiva sintética e podemos perceber pelas opções

oferecidas pela banca que o que se quer é que o aluno transponha a frase para a passiva analítica. Logo, detecte o sujeito (*as reservas de gás de Bahia Blanca*) e o tempo do verbo (nesse caso, como se tem uma locução verbal, não deixe de olhar para o último verbo, que é o principal – *esgotando*). É nesse tempo que ficará o auxiliar da voz passiva analítica. Assim, teríamos: "As reservas de gás... estão sendo esgotadas"). Observe que, como você foi para a passiva analítica, você ganhou um verbo: se havia dois (*estão esgotando*), ficamos com três (*estão sendo esgotadas*).

E não esqueça: evite olhar para as outras alternativas, caso contrário você se apaixona pela errada e acaba marcando...

Resposta: C.

14.3. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Identifique as vozes verbais.

1. A cozinha era antiga e escura.

_____

2. A cozinha era reformada aos poucos.

_____

3. Uma senhora foi assaltada por um adolescente.

_____

4. Assaltou-se uma senhora.

_____

5. Arrumou-se para o jantar.

_____

6. Recebeu-se o projeto com ceticismo.

_____

7. A comunidade científica recebeu o projeto com ceticismo.

_____

8. O projeto foi recebido com ceticismo pela comunidade científica.

_____

9. Fazendeiros brasileiros ajudam a equipar a polícia.

_____

10. Os resultados foram divulgados via TV.

_____

11. “A Bíblia é uma coleção de lendas veneráveis, mas primitivas e infantis.” (Albert Einstein)

_____

II. Nas frases a seguir, transforme a voz ativa em passiva analítica.

1. Algumas pessoas colecionam moedas e selos antigos.

_____

2. O pessoal não vê o autoritarismo como alternativa.

_____

3. “O Governo de nosso Estado combate e denuncia todas as formas de violência.”

_____

4. “O escândalo do Orçamento expôs definitivamente a indústria da miséria.”

_____

5. “O Brasil não resolverá os problemas da miséria.”

_____

6. “O irmão pobre, se morre e apodrece, leva o irmão rico de cambulhada.”

_____

7. “No Brasil, matam crianças à bala.”

_____

8. “O Governo havia transferido tarefas e recursos aos municípios.”

_____

9. Obedeceu-se às ordens.

_____

10. Muitos cientistas não acreditam em Deus.

_____

III. Nas frases a seguir, passe para a voz passiva sintética.

1. Os presos eram proibidos de usar barbas e cabelos longos.

_____

2. Contaram a verdade.

_____

3. Aqui são dadas aulas inesquecíveis.

_____

4. Esconderam armas de destruição maciça.

_____

5. O projeto foi recebido com ceticismo.

_____

IV. Nas frases a seguir, transforme a voz passiva em ativa.

1. Os presos eram proibidos de usar barbas e cabelos longos.

_____

2. Com verba do Estado, dezoito composições já estão sendo reformadas.

_____

3. Esperavam-se resultados mais animadores.

_____

4. As palavras precisavam ser interpretadas.

_____

5. A cidade era sacudida e inquietada por uma trovoada surda e cava.

_____

6. Para não ser olhado com medo, resolveu ceder.

_____

7. No nosso país, deveriam ser instituídas leis mais rigorosas.

_____

8. Recusou-se o convite.

_____

9. As negociações deverão ser concluídas até outubro.

10. A história do Brasil pode ser contada de vários modos e sob vários ângulos.

Gabarito: I – 1. voz ativa (antiga/ escura: predicativos do sujeito); 2. voz passiva analítica; 3. voz passiva analítica; 4. voz passiva sintética; 5. voz reflexiva; 6. voz passiva sintética; 7. voz ativa; 8. voz passiva analítica; 9. voz ativa; 10. voz passiva analítica; 11. voz ativa. **II** – 1. Moedas e selos antigos são colecionados por algumas pessoas. 2. O autoritarismo não é visto pelo pessoal como alternativa. 3. Todas as formas de violência são combatidas e denunciadas pelo Governo de nosso Estado. 4. A indústria da miséria foi exposta definitivamente pelo escândalo do orçamento. 5. Os problemas da miséria não serão resolvidos pelo Brasil. 6. O irmão rico é levado de cambulhada pelo irmão pobre. 7. No Brasil, crianças são mortas à bala. 8. Tarefas e recursos haviam sido transferidos pelo Governo aos municípios. 9. As ordens foram obedecidas. (Ver observação (b) da p. 13). 10. Esta frase não pode ser transformada em voz passiva, pois o verbo é transitivo indireto. **III** – 1. Proibiam-se os presos...; 2. Contou-se a verdade; 3. Aqui dão-se aulas...; 4. Esconderam-se armas...; 5. Recebeu-se o projeto... **IV** – 1. Proibiam os presos... 2. Com verba do Estado, estão reformando dezoito composições. 3. Esperavam resultados mais animadores. 4. Precisavam interpretar as palavras. 5. Uma trovoada surda e cava sacudia e inquietava a cidade. 6. Para não o olharem com medo... 7. No nosso país, deveriam instituir leis... 8. Recusaram o convite. 9. Deverão concluir as negociações... 10. Podem contar a história do Brasil...

Nas provas de concursos públicos, quanto a vozes verbais, costuma-se trabalhar com três tipos de questões. Vamos sistematizar:

- O primeiro tipo de questão é aquela em que a banca quer saber se a frase admite transportação da voz ativa para a passiva.
- O segundo tipo, que é a mais comum a todas as bancas, pede que o aluno reescreva da ativa para a passiva ou vice-versa.
- Há ainda as questões que pedem apenas que o candidato identifique a voz do verbo (ativa/passiva/reflexiva).

É com base nesses três tipos de questões que vamos organizar este capítulo sobre vozes verbais. E, para cada assunto estudado, questões de concursos para você resolver. Vamos lá?

14.4. QUESTÕES QUE PERGUNTAM SE A FRASE ADMITE TRANSPORTAÇÃO PA A VOZ PASSIVA

Uma frase na voz ativa admitirá a passagem para a voz passiva se possuir objeto direto que possa virar sujeito. Isso porque a voz passiva, em geral, representa a reescritura da ativa, só que dá

ênfase ao objeto direto da ativa, que passa a funcionar como sujeito. Ora, então é preciso que a voz ativa apresente objeto direto, o que ocorre com os verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos. Por isso, nas questões em que se perguntar se há ou não possibilidade de transportação para a passiva, vá correndo procurar na frase, que está na voz ativa, um objeto direto. Se houver, em geral, ela admitirá transportação. Bancas como a Fundação Carlos Chagas e a Cesgranrio elaboram muitas questões desse tipo. Veja algumas delas:

1. (FCC – TRF 4ª Região – Anal. Judic.) A seguinte construção não admite transposição para a voz passiva:

a) Isso esclarece um pouco a razão das tensões (...)

b) (...) detestamos a hipocrisia e a falsidade (...)

c) Vivemos, assim, sobre esse fio de navalha entre a verdade e o disfarce.

d) As chamadas "regras de convívio" supõem, sempre, algum "mascaramento".

e) (...) que nos olhe nos olhos (...)

Comentários:

Na letra A, o verbo *esclarecer* é transitivo direto e vem seguido de seu objeto direto *a razão das tensões*. Admite, portanto, transportação. Na letra B, o verbo *detestar* também é transitivo direto, seguido de seu objeto direto composto *a hipocrisia e a falsidade*. Na letra D, o mesmo ocorre: o verbo *supor* é verbo transitivo direto e vem seguido de seu objeto direto *algum mascaramento*. E, na letra E, a história se repete: o verbo *olhar* é transitivo direto e vem seguido de seu objeto direto *nos*. A única frase que não traz um verbo transitivo direto é a letra C, que apresenta um verbo intransitivo – *vivemos* – seguido de um adjunto adverbial de lugar *sobre esse fio de navalha entre a verdade e o disfarce*. É o único verbo que não permite a transportação para a voz passiva.

Resposta: C.

2. (Cesgranrio) A frase que admite transposição para a voz passiva é:

a) A prova de que não somos uma coisa só está em cada dia que amanhece.

b) Outro dia recortei da internet este fragmento de um blog (...).

c) A humanidade não tem jeito.

d) O pessimista não é inimigo das idealizações, muito pelo contrário.

e) Nem tudo está perdido.

Comentários:

A letra A apresenta dois verbos que não são transitivos diretos: *somos*, que é verbo de ligação e vem seguido de um predicativo do sujeito *uma coisa só*, e o *está*, que é intransitivo, vindo seguido de um adjunto adverbial *em cada dia que amanhece*.

A letra B traz o verbo *recortar*, transitivo direto, com seu objeto direto *este fragmento de um blog*.

A letra C, embora apresente verbo transitivo direto, trata-se de um verbo que não admite transportação por impedimento semântico. Tente passar essa frase mentalmente para a voz passiva: "Jeito não é tido pela humanidade" por impedimento semântico. Faz sentido isso?

As letras D e E apresentam verbos de ligação, não admitindo, portanto, transportação para a passiva.

Resposta: B.

Aqui, vale um recado:

De fato, só admite passagem para a passiva um verbo que tenha transitividade direta.

Fernanda elogiou duas colegas. (voz ativa)

Duas colegas foram elogiadas por Fernanda. (voz passiva)

Pelo que podemos observar, o objeto direto da ativa – *duas colegas* – virou sujeito paciente na voz passiva, e o sujeito *Fernanda* transformou-se em agente da passiva (*por Fernanda*).

Entretanto, o contrário não se afirma: nem todo verbo transitivo direto pode ser construído na voz passiva. Veja as frases:

Guilherme quer um presente.

Fernanda pode tudo.

Arthur tem bons modos.

Há crianças na sala.

Tente passar essas frases para a passiva. Teríamos aberrações do tipo: *Um presente é querido por Guilherme; Tudo é podido por Fernanda* e *Bons modos são tidos por Arthur; Crianças são*

havidas na sala. Fazem sentido essas frases?

Ainda que só verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos admitam voz passiva, há verbos transitivos indiretos que admitem passiva. O uso coloquial acabou consagrando em textos cultos construções do tipo:

Os empregados foram pagos.

Os pais devem ser obedecidos.

O jogo foi assistido por todos.

A carta foi respondida.

Os verbos *pagar, obedecer, assistir* (= ver, presenciar) e *responder* são transitivos indiretos, mas admitem voz passiva. São frases consagradas do uso coloquial, mas que já aparecem em algumas provas. Mas cuidado: é sempre bom, diante das questões, analisar cada alternativa a fim de ver se a banca admitiu ou considerou errado esse tipo de construção, pois há divergências em relação a isso.

Resumindo:
- Em princípio, só verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos admitem voz passiva.
- Há verbos transitivos diretos que *não* admitem voz passiva (*ter, haver, poder, querer...*).
- Há verbos transitivos *indiretos* que admitem voz passiva (*obedecer, pagar, responder, assistir...*).

Mais questões:

3. (FCC/TRF – 2ª Região – Téc. Adm.) A construção que admite transposição para a voz passiva é:

a) São inúmeras as consequências dessa idolatria.

b) As leis do mercado favorecem esse culto da juventude.

c) A juventude deixou de ser uma fase da vida.

d) Resulta disso tudo uma espécie de código comportamental.

e) Cresce a olhos vistos a oferta de produtos associados à juventude.

Comentários:

A banca busca a única frase que apresente um verbo com transitividade direta. A letra A apresenta verbo de ligação (seu sujeito é *as consequências dessa idolatria* e seu predicativo é

inúmeras). Ora, verbo de ligação não admite transposição para a passiva. A letra B, por sua vez, apresenta um verbo transitivo direto, *favorecem*, seguido de seu objeto direto *esse culto da juventude*. Na letra C, o verbo principal da locução verbal é um verbo de ligação, *ser*, que vem seguido de seu predicativo *uma fase da vida*. A letra D está fora de ordem, procure organizá-la antes de classificar o verbo: *Uma espécie de código fundamental resulta disso tudo*. O verbo *resultar* é transitivo indireto, não admitindo, portanto, passagem para a passiva. Na letra E, temos o verbo *crescer*, que é intransitivo. Portanto, a única frase que apresenta um verbo com transitividade direta será a que permitirá transposição para a passiva.

Resposta: B.

4. (FCC/TRF – 2ª Região – Téc. Adm.) Essa situação **é agravada** pelo fato de quinze desses gigantes estarem localizados em países pobres ou emergentes.

O verbo que admite o mesmo tipo de transposição ocorrida no exemplo destacado acima está também grifado na frase:

a) Em todo o mundo muitas cidades <u>crescem</u> sem nenhum planejamento.

b) A maior parte da população do planeta já <u>mora</u> em cidades.

c) A vida em cidades <u>depende</u> de normas comuns de comportamento.

d) A população das grandes cidades <u>está</u> sujeita a problemas de trânsito e de violência.

e) Neste ano a população urbana <u>ultrapassará</u> o número de moradores das áreas rurais.

Comentários:

A frase que aparece no enunciado está na passiva analítica: o sujeito (*essa situação*) sofre a ação. Além disso, ela apresenta uma locução verbal de voz passiva (*é agravada*). A banca procura aqui uma frase que esteja na voz ativa, mas que admita transposição para a passiva. Nas letras A e B, os verbos *crescer* e *morar* são intransitivos. Na letra C, mais um verbo que não admite transportação – *depende* – por ser transitivo indireto (seguido de seu objeto indireto *de normas comuns de comportamento*). A letra D, por sua vez, traz um verbo de ligação *está* (seguido de seu predicativo *sujeita*). Só a letra E apresenta um verbo transitivo direto – *ultrapassará* – seguido de seu objeto direto *o número de moradores das áreas rurais*.

Resposta: E.

5. (FCC/TRF – 18ª Região) Não admite transposição para a voz passiva o seguinte segmento:

a) Resolvi bem esse problema (...).

b) É preciso, pois, desenvolver o ethos da nação (...).

c) Ele precisa valorizar essa convivência (...).

d) (...) está na ética uma garantia para um pleno convívio social.

e) (...) que as ações dos outros encontrem nele plena aprovação.

Comentários:

Em todas as frases haverá um verbo com transitividade direta, exceto em uma. Na letra A, o verbo *resolver* é transitivo direto e vem seguido de seu objeto direto *esse problema*. Na letra B, o verbo *desenvolver* é transitivo direto e vem seguido de seu objeto *o ethos da nação*, o mesmo ocorrendo com o *valorizar* na letra C, que tem como objeto direto *essa convivência*. Quanto à letra D, procure organizá-la antes de analisar o verbo: *Uma garantia para um pleno convívio social está na ética*. O sujeito, aqui, é *uma garantia para um pleno convívio social* e o verbo *estar* é intransitivo e vem seguido de seu adjunto adverbial de lugar *na ética*. Com a letra E, o perigo é o mesmo – é preciso colocá-la na ordem direta antes de analisar o verbo. Teríamos, portanto: *Que as ações dos outros encontrem plena aprovação nele*. Veja se agora não ficou mais fácil: *as ações dos outros* é sujeito, o verbo *encontrar* é transitivo direto e indireto, *plena aprovação* é objeto direto e *nele*, objeto indireto. Ora, o único verbo que não admite transportação para a passiva é o *estar*, da letra D.

Resposta: D.

Você já percebeu que a tendência das bancas é trabalhar com frases fora da ordem direta, para confundir o aluno? Por isso, não se esqueça de, nas frases mais complexas, desenvolver um passo a passo para a organização do período, procedendo da seguinte forma:

Ordem direta no período simples
1. Vá ao verbo e pergunte pelo sujeito.
2. Depois de detectar o sujeito, pergunte por seus complementos: objetos diretos ou indiretos.
3. Se a frase possuir predicativo, esse deverá ficar após os complementos verbais.
4. Os adjuntos adverbiais ficarão sempre ao final.

6. (TCE/AL) A transposição para a voz passiva é possível apenas em:

a) Novos gestos incutem à nossa vida um novo sentido.

b) A liberdade aposta, sempre, em novas possibilidades.

c) Na nossa capacidade de escolha estaria a nossa liberdade.

d) A resolução desse dilema depende de uma grave decisão.

e) As ideias fatalistas conspiram contra as ações libertárias.

Comentários:

A letra A traz um verbo transitivo direto e indireto: *um novo sentido* é objeto direto e *à nossa vida* é objeto indireto. As letras B, D e E apresentam verbos transitivos indiretos: *apostar* tem como objeto indireto *em novas possibilidades*, *depender* vem com o objeto indireto *de uma grave decisão* e *conspirar*, com objeto indireto *contra as ações libertárias*. Já a letra C, colocando-a na ordem, temos: "A nossa liberdade estaria na nossa capacidade de escolha". O verbo *estar* é intransitivo e vem seguido de adjunto adverbial de lugar *na nossa capacidade de escolha*. Como a questão pedia a única alternativa que admitisse a passagem para a passiva, tem-se apenas a letra A com um verbo de transitividade direta.

Resposta: A.

7. (Cesgranrio/Biocombustível) O indiscutível êxito do produto demonstra que as dúvidas foram dissipadas...

O verbo que admite transformação em voz passiva, tal como o grifado acima, está também grifado na frase:

a) A economia nacional <u>parece</u> hoje mais estável.

b) O carro bicombustível <u>chegou</u> ao mercado brasileiro há pouco tempo.

c) A indústria brasileira já <u>vendeu</u> 5 milhões de carros bicombustíveis.

d) O álcool combustível <u>permanece</u> mais barato do que a gasolina.

e) O Proálcool <u>foi</u> a resposta brasileira às crises do petróleo.

Comentários:

A frase do enunciado está na passiva analítica: o sujeito *as dúvidas* sofre a ação e aparece uma locução verbal de voz passiva (*foram dissipadas*). A banca buscava uma frase que admitisse tal transformação, ou seja, uma frase com verbo de transitividade direta.

As letras A, D e E apresentam verbos de ligação: na letra A, tem-se o verbo *parecer*, seguido de seu predicativo *mais estável*; na letra D, observa-se o verbo *permanece*, seguido de seu predicativo *mais barato*; na letra E, tem-se o verbo de ligação *ser*, com seu predicativo *a resposta brasileira*. Se todas as três apresentam verbos de ligação, elas não admitem a passagem para a passiva.

A letra B traz um verbo intransitivo, *chegou*, seguido de dois adjuntos adverbiais: *ao mercado brasileiro*, que indica lugar e *há pouco tempo*, que é adjunto adverbial de tempo. Ora, verbo intransitivo também não admite transportação.

Só a letra C apresenta verbo transitivo direto – *vender* – seguido de seu objeto direto, que é *5 milhões de carros biocombustíveis*.

Resposta: C.

14.5. QUESTÕES QUE PEDEM PARA PASSAR DE UMA VOZ À OUTRA

Vamos ao segundo tipo de questão, aquela em que se pede para passar de uma voz à outra? São as questões de reescritura de frases.

1. (TRE – AP) Transpondo-se para a voz passiva a frase *Ele gasta dinheiro que nem água*, a forma verbal resultante será:

a) será gasta.

b) foi gasta.

c) está sendo gasto.

d) será gasto.

e) é gasto.

Comentários:

O núcleo do objeto direto é *dinheiro*. O verbo na voz ativa (*gasta*) está no presente do indicativo, portanto, o auxiliar da passiva ficará também no presente do indicativo (*é*). Lembre-se de que o particípio, na voz passiva, concorda com o seu sujeito em gênero e número. Portanto, teremos: "*dinheiro* é *gasto* que nem água". Observe que nós nem olhamos para as outras opções: com o devido raciocínio, você irá diretamente à resposta.

Resposta: E.

2. (TRF – 4ª Região – Anal. Judic.) Transpondo-se para a voz passiva a frase *transmiti o respeito de meus pais pelas ficções*, a forma verbal resultante será:

a) terá sido transmitido.

b) transmitiram-me.

c) fora transmitido.

d) transmitiram-se.

e) foi transmitido.

Comentários:

O núcleo do objeto direto é *respeito*: destacando o núcleo, você fará a concordância do verbo com mais rapidez. O verbo na voz ativa está no pretérito perfeito do indicativo: assim ficará o verbo *ser*, auxiliar de voz passiva (*foi*). Assim, teríamos: *O respeito de meus pais pelas ficções foi transmitido por mim.*

Resposta: letra E.

3. (PMSAL) ... a literatura carioca já **registrava** com frequência o termo samba.

Transpondo para a voz passiva, a forma verbal destacada passa a ser, corretamente:

a) registrou.

b) devia registrar.

c) fora registrado.

d) era registrado.

e) seria registrada.

Comentários:

O objeto direto, *o termo samba*, tem como núcleo o substantivo *termo*. O verbo na voz ativa está no pretérito imperfeito do indicativo, portanto, o verbo *ser* ficará também no pretérito imperfeito: *era*. O sujeito *a literatura carioca* vira agente da passiva, mas observe que a banca nem se preocupa com isso. Os outros termos sintáticos permanecem inalterados. Assim, teríamos: *O termo samba era registrado com frequência pela literatura carioca*.

Resposta: D.

4. (TRT – 2ª Região) Transpondo-se para a voz passiva o segmento *ninguém descobre sua*

timidez, a forma verbal resultante será:

a) não terá descoberto.

b) não será descoberta.

c) não terá sido descoberta.

d) não é descoberta.

e) não tem descoberto.

Comentários:

O objeto direto é *sua timidez*. O verbo na voz ativa está no presente do indicativo, logo o auxiliar de passiva ficará no mesmo tempo (*é*). O verbo da voz ativa vai para o particípio, concordando em gênero e número com o sujeito. Assim, teremos: *Sua timidez não é descoberta por ninguém.*

Resposta: D.

5. (TRT – 2ª Região – Anal. Judic.) Transpondo-se para a voz passiva a construção *a voz do futuro nos acorda*, a forma verbal resultante será:

a) temos sido acordados.

b) temos acordado.

c) teremos acordado.

d) seremos acordados.

e) somos acordados.

Comentários:

O objeto direto vem representado pelo pronome oblíquo *nos*, portanto, na voz passiva, ao virar sujeito, virá representado por um pronome reto (*nós*). O verbo da voz ativa – *acorda* – está no presente do indicativo: assim ficará o auxiliar da passiva. Sempre se lembre de somar um verbo: se possuímos um verbo na voz ativa, na passiva analítica, serão dois. Assim, teremos: *(Nós) somos acordados pela voz do futuro.* Observe o que a banca fez nas letras B e C: usou auxiliar (*ter*) que nem é de voz passiva. Na letra A, mais uma maldade: acrescentou mais um verbo, o que não é permitido: se temos um verbo na voz ativa, ficaremos apenas com dois na passiva analítica, não com três.

Resposta: E.

6. (TRF – Taquigrafia) Transpondo a frase *os extraordinários acontecimentos pareciam dividir nitidamente o mundo entre os defensores e os inimigos da liberdade e do progresso social* para a voz passiva, a forma verbal corretamente obtida é:

a) parecia ser dividido.

b) pareciam ter sido divididos.

c) tinha sido dividido.

d) tinha parecido dividir.

e) pareciam dividirem.

Comentários:

O objeto direto da voz ativa é *o mundo*. Mas desta vez tenha mais cuidado: temos uma locução verbal na voz ativa composta de um verbo auxiliar (*pareciam*) e um principal (*dividir*). Lembre-se de somar um auxiliar a essa locução verbal, que será o verbo *ser* e ficará no tempo verbal do *dividir*. Com o tempo verbal do auxiliar *pareciam,* você não irá mexer. Logo, se temos dois verbos, ficaremos com três. Assim: *O mundo parecia ser dividido nitidamente entre os defensores e os inimigos da liberdade e do progresso social pelos extraordinários acontecimentos*. Não se preocupe com os outros termos sintáticos, enfoque atentamente apenas o objeto direto e a locução verbal da ativa, antes de passar a frase para a passiva analítica.

Resposta: A.

Agora está na hora de você conhecer a voz passiva sintética ou pronominal. Ela recebe esse nome por espécie de síntese de informações: ela normalmente não menciona o agente da passiva nem apresenta o verbo auxiliar da voz passiva analítica. Observe:

Alugam-se casas.

Nessa frase, *casas* é o sujeito, que vem posposto ao verbo, **por isso, cuidado para não confundi-lo com o objeto direto**. O pronome se que aparece na frase é a chamada partícula apassivadora ou pronome apassivador.

Bom de treinar, não é? Agora, vamos ao terceiro tipo de questão: aquela em que se quer a identificação da voz da frase.

14.6. QUESTÕES PARA SE IDENTIFICAR A VOZ DA FRASE

Antes de irmos a elas, vale lembrar:

1. Voz ativa: os homens dirão a verdade. (sujeito agente: *os homens*; objeto direto: *a verdade*)
2. Voz passiva analítica: sujeito paciente + verbo auxiliar *ser, estar, ficar* + particípio (verbo principal) + agente da passiva (caso exista na frase): A verdade será dita pelos homens.
3. Voz passiva pronominal: verbo transitivo direto + pronome apassivador se + sujeito (o agente da passiva, em geral, não é mencionado): Dir-se-á a verdade.
4. Voz reflexiva: sujeito + verbo + pronome se reflexivo: Ela se enganava. (= Ela enganava *a si mesma*)

1. (NCE/Minist. Saúde) Muitas vezes no texto, como em "se a mãe for bem alimentada", se utiliza a voz passiva; a alternativa em que isso também ocorre é:

a) "O corpo humano necessita de alimentos".

b) "para se manter ativo".

c) "a fim de que tenha energia suficiente".

d) "se não for atendida essa necessidade".

e) "para se desenvolver fisicamente".

Comentários:

Na letra A, temos um verbo que, embora tenha um sentido passivo (chamamos isso de *passividade*), está na voz ativa: *o corpo humano* exerce a ação de necessitar de alimentos.

Na letra B, o pronome *se* é reflexivo, tem o valor de *a si mesmo*: a frase está na voz reflexiva. O mesmo ocorre na letra E, cuja frase equivale a *para desenvolver a si mesmo fisicamente.* Assim, excluem-se as letras B e E.

Na letra C, o sujeito exerce a ação de *ter*: a voz é ativa. Apenas na letra D, o sujeito é paciente: a frase está na voz passiva analítica, compõe-se de uma locução verbal *for atendida*.

Resposta: D.

Quanto à letra A desta questão, vale um recado:

Não confunda voz passiva com passividade. Na voz passiva, o verbo ou vem com auxiliar de passiva (voz passiva analítica) ou com o pronome apassivador *se* (voz passiva sintética), ou seja, há uma forma especial para se indicar que algo ou alguém recebe a ação do verbo.
Passividade tem a ver com o sentido da frase: o verbo tem *valor passivo*. E isso pode ocorrer inclusive com frases na voz ativa. Exemplos:
Esperei por você a vida inteira.
A criança *recebeu* o merecido castigo.
Essas frases estão na voz ativa, embora seus verbos tenham sentido passivo. Portanto, nem sempre a passividade corresponde à voz passiva!

2. (NCE) A frase abaixo que se encontra em voz passiva é:

a) “Quantos morreram pela liberdade de sua pátria?”

b) “Quantos foram presos ou espancados pela liberdade de dizer o que pensam?”

c) “Quantos lutaram pela libertação dos escravos?”

d) “O primeiro templo da liberdade burguesa é o supermercado.”

e) “a maioria já não sofre agressões a essas liberdades tão vitais...”

Comentários:

Na letra A, o sujeito exerce a ação de *morrer*: voz ativa. Na letra C, o mesmo acontece: o sujeito exerce a ação de *lutar*: voz ativa. Na letra D, o sujeito *o primeiro templo da liberdade burguesa* é agente do verbo *ser*, a frase está na voz ativa. Na letra E, embora o verbo tenha sentido passivo (passividade, lembra?), a frase está na voz ativa: o sujeito *a maioria* exerce a ação de sofrer. Somente na letra B o sujeito é paciente: a frase está na voz passiva e possui duas locuções verbais de passiva (*foram presos*/(*foram*) *espancados*).

Resposta: B.

14.6. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (TRT – 4ª Região – Técn. Judic.) ... que a mudança de comportamento se deve ao colapso da estrutura familiar dos elefantes...

A forma verbal correta e de sentido equivalente ao da que se encontra grifada na frase acima é:

a) tinha sido devido.
b) deveria ser devida.
c) será devida.
d) foi devido.
e) é devida.

2. (TRT – 4ª Região) ... onde são degradadas por bactérias.

Transpondo-se a frase para a voz ativa, a forma verbal passa a ser, corretamente:

a) degradou.
b) degradam.
c) seriam degradadas.
d) tinham degradado.
e) está sendo degradada.

3. (FCC) Na oração grifada “Profissões desaparecem, outras são criadas” ocorre voz passiva. Passando-se para a voz ativa, obtém-se a oração:

a) criam outras.
b) cria-se outras.
c) criam-se outras.

d) elas criam outras.

4. (FCC) Assinale a alternativa em que o termo destacado desempenhe a mesma função sintática que "fica muito claro quando se analisa **o resultado da evolução do PIB**":

a) ... as exportações puxaram o crescimento.

b) A queda de renda do cidadão é, claramente, a maior causa de tal desempenho.

c) A inadimplência do comprador está num nível baixo, como revelam os dados da Serasa e do SPC.

d) ... a recuperação econômica será lenta e desigual.

e) ... e este 2003 que termina deverá mostrar um movimento parecido com o de 2002.

5. (FCC) Na oração destacada "Profissões desaparecem, *outras são criadas*" ocorre voz passiva. Passando-se para a voz ativa, obtém-se a oração:

a) criam outras.

b) cria-se outras.

c) criam-se outras.

d) elas criam outras.

6. (FCC) Assinale a frase em que se encontra uma estrutura correspondente à evidenciada em "Tempos atrás era tido como legítimo espancarem-se crianças".

a) Na sociedade, a todo momento fala-se de ética.

b) A ética faz com que os indivíduos se respeitem.

c) Em algumas sociedades, autoriza-se a pena de morte.

d) Respeitar-se é o princípio da dignidade.

e) Se falha a ética, falha a solidariedade.

7. (NCE-UFRJ / Inspetor de Polícia) "Nem todo hábito de consumo é ditado pela publicidade." Colocando-se esse segmento do texto na voz ativa, temos como forma adequada:

a) A publicidade não dita todo hábito de consumo.

b) A publicidade dita todo hábito de consumo.

c) O hábito de consumo dita a publicidade.

d) O hábito de consumo não dita a publicidade.

e) Nem toda publicidade dita todo hábito de consumo.

8. (NCE-UFRJ / Técnico Necropsia) "O projeto foi recebido com ceticismo pela comunidade científica." Colocando-se esse segmento do texto na voz ativa, tem-se como forma correta:

a) Recebeu-se o projeto com ceticismo.

b) Receberam o projeto com ceticismo.

c) A comunidade científica recebeu o projeto com ceticismo.

d) A comunidade científica foi recebida com ceticismo pelo projeto.

e) Receberam-se com ceticismo o projeto pela comunidade científica.

9. (NCE-UFRJ / Oficial de Justiça) A frase a seguir que se encontra na voz passiva é:

a) "Quantos morreram pela liberdade de sua pátria?"

b) "Quantos foram presos ou espancados pela liberdade de dizer o que pensam?"

c) “Quantos lutaram pela libertação dos escravos?”
d) “O primeiro templo da sociedade burguesa é o supermercado.”
e) “...a maioria já não sofre agressões a essas liberdades tão vitais...”

10. (FCC / TRT) Redigida na voz ativa, a frase “Por outro lado, as energias e esforços que se dirigem a uma recompensa imediata são enaltecidos pelos aventureiros” terá a forma:

a) Por outro lado, enaltecem-se pelos aventureiros as energias e esforços que se dirigem a uma recompensa imediata.
b) As energias e esforços que, por outro lado, se dirigem a uma recompensa imediata são pelos aventureiros enaltecidos.
c) Pelos aventureiros, por outro lado, enaltecem-se as energias e esforços que se dirigem a uma recompensa imediata.
d) A uma recompensa imediata, por outro lado, enaltecemos as energias e esforços que se dirigem pelos aventureiros.
e) Por outro lado, os aventureiros enaltecem as energias e esforços que se dirigem a uma recompensa imediata.

11. (FCC / TRE) A frase passiva “O mesmo software pode ser comprado no site do seu desenvolvedor”, se for expressa na voz ativa, terá a forma:

a) Pode-se comprar o mesmo software no site do seu desenvolvedor.
b) Pode ser comprado no site do seu desenvolvedor o mesmo software.
c) No site do seu desenvolvedor o mesmo software pode-se comprar.
d) O mesmo software no site do seu desenvolvedor pode ser comprado.
e) No site do seu desenvolvedor podem comprar o mesmo software.

12. (FCC) Os enunciados a seguir foram convertidos da voz passiva analítica para a voz passiva sintética ou pronominal. Cometeu-se uma importante impropriedade na conversão em:

a) “A colheita deve ser feita na época certa.” / A colheita deve fazer-se na época certa.
b) “Exigem que o trabalho seja cronometrado.” / Exigem que se cronometre o trabalho.
c) “A partir de 1850 é restabelecido o descanso semanal.” / A partir de 1850 se restabelece o descanso semanal.
d) “Em 1919 é votada a lei das oito horas.” / Em 1919 votou-se a lei das oito horas.
e) “Que não pode ser confundido ainda com o tempo propriamente *livre*.” / Que não se pode confundir ainda com o tempo propriamente livre.

13. (FCC) Passando-se para a voz ativa e mantendo-se o sentido original, a oração “embora esse trabalho, muitas vezes, seja condicionado pela origem do dinheiro” tem de ser redigida na forma da opção:

a) conquanto, muitas vezes, a origem do dinheiro condicione esse trabalho.
b) ainda que pela origem do dinheiro, muitas vezes, esse trabalho seja condicionado.
c) apesar de ser condicionado esse trabalho, muitas vezes, pela origem do dinheiro.
d) visto que condicione a origem do dinheiro, muitas vezes, esse trabalho.
e) porquanto esse trabalho condicione, muitas vezes, a origem do dinheiro.

14. (FCC) Há incorreção da transformação da voz passiva pronominal em analítica em:

a) “A expansão de empregos se faz às custas do aumento do que o presidente Clinton chamou de ‘working poors’.” / A expansão é feita às custas do aumento do que o presidente Clinton chamou de “working poors”.

b) “Somente os operários bem remunerados têm condições de se converterem em consumidores dos produtos das fábricas.” / Somente os operários bem remunerados têm condições de serem convertidos em consumidores dos produtos das fábricas.

c) “O que se deve buscar é o trabalho produtivo, com remuneração adequada.” / O que deve ser buscado é o trabalho produtivo, com remuneração adequada.

d) “Há no mundo 180 milhões de desempregados, cifra multiplicada por três quando se consideram os ‘working poors’.” / Há no mundo 180 milhões de desempregados, cifra multiplicada por três quando são considerados os “working poors”.

e) “O produtor torna-se um mero acessório da máquina, só se exigindo dele a operação mais simples e monótona.” / O produtor torna-se um mero acessório da máquina, só sendo exigido dele a operação mais simples e monótona.

15. (TRF) Das frases a seguir, a única expressa na voz ativa é:

a) Viaja-se de trem melhor que de ônibus.

b) Esse autor não se conhece.

c) Revoguem-se as disposições em contrário.

d) “Seja feita a Vossa vontade” (Oração do Pai-Nosso).

e) Publique-se.

16. (TRF) A respeito da frase “As negociações deverão ser concluídas até outubro”, pode-se dizer que:

a) está na voz passiva analítica, e na ativa ficaria “As negociações deverão concluir-se até outubro”.

b) está na voz passiva sintética, e na passiva analítica ficaria “Deverão concluir as negociações até outubro”.

c) está na voz passiva sintética, e na passiva analítica ficaria “As negociações deverão concluir-se até outubro.

d) está na voz passiva analítica, e na passiva sintética ficaria “Dever-se-ão concluir as negociações até outubro.

e) está na voz passiva analítica, e na voz reflexiva ficaria “As negociações deverão concluir-se até outubro.

17. (Redator e Revisor / Câmara Municipal) A oração que pode ser reescrita na voz passiva analítica é:

a) “O novíssimo cinema nacional insiste nos dramas do período”.

b) “especiais de TV remetem ao Tropicalismo”.

c) “A redução da cultura a sua dimensão mercadológica não é privilégio nacional, obviamente”.

d) “reinventam-se os anos de rebeldia segundo os padrões estéticos hegemônicos da televisão”.

e) “De quebra, há sempre uma emergente assumida, do tipo Vera Loyolla”.

18. “Tamanha revolução foi ajudada pelos holofotes acesos pela CPI dos medicamentos.” Essa mesma frase, na voz ativa, seria:

a) a CPI dos medicamentos acendeu os holofotes e ajudou a revolução.
b) tamanha revolução ajudou a CPI dos medicamentos a acender os holofotes.
c) os holofotes acesos pela CPI dos medicamentos ajudaram tamanha revolução.
d) os holofotes acesos pela CPI dos medicamentos fez com que tamanha revolução fosse ajudada.
e) tamanha revolução ajudou a acender os holofotes na CPI dos medicamentos.

(Cespe-UnB) Julgue as alternativas a seguir, de acordo com o respectivo texto:

TEXTO

No mundo, a instituição previdenciária está em crise. A esperança de vida da população tem-se elevado, aumentando o número de aposentados e a sua permanência como tal; as mudanças tecnológicas diminuíram a quantidade de empregos e, por consequência, de contribuintes, elevando os gastos com auxílio-desemprego. Aumenta-se a despesa, diminuem-se as receitas. A previdência social, não só aqui, mas em toda a parte, está em crise e continuará nesse estado, permanentemente. O seu equilíbrio será instável, necessitando de reparos emergenciais todos os dias.

Aqui, a situação agravou-se. Nunca se fizeram, com seriedade, as reservas necessárias que a ciência atuarial exige, recolhendo hoje e preservando para atender ao compromisso no futuro. Foram concedidas aposentadorias para trabalhadores que nunca contribuíram, pensões para idosos sem fonte de recursos, e dezenas de desvios de recursos destinados a gastos futuros. Literalmente, predominou o saque.

Osíris de Azevedo Lopes Filho. *Correio Braziliense*, 29/01/2003, p. 5 (com adaptação).

19. Os segmentos "Nunca se fizeram" (l. 7) e "Foram concedidas" (l. 8), na voz passiva, têm como correspondentes na voz ativa as formas **Nunca foram feitas e concederam-se**.

20. O texto utiliza o recurso da voz passiva para apresentar as informações com imparcialidade, especialmente no segundo parágrafo, em que as estruturas "a situação agravou-se" "Nunca se fizeram" e "Foram concedidas" são usadas pelo autor para não assumir uma posição acerca do assunto.

21. Contextualmente, seria correto introduzir a forma verbal **houve** imediatamente antes de "dezenas" (l. 10).

Gabarito: 1. e; 2. b; 3. a; 4. c; 5. a; 6. c; 7. a; 8. c; 9. b; 10. e; 11. e; 12. d; 13. a; 14. e; 15. a; 16. d; 17. d; 18. c; 19. errado; 20. certo; 21. certo.

14.7. RESUMO

Bem, chegamos ao final deste tópico... Vamos sistematizar?

- Uma frase que admite transposição da ativa para a passiva é aquela que possui **VDT ou VTDI.**
- Diante de um "se" na frase, verifique a transitividade do verbo e tente **transportar tal frase para a passiva analítica. Em caso positivo, você estará diante de voz** passiva sintética e o "se" será pronome apassivador.
- **A voz passiva reescreve a ativa, com a diferença** de que a primeira enfatiza o objeto direto da segunda, que passa a funcionar como sujeito paciente.

- Na voz passiva, **não existe, portanto, objeto direto, e sim sujeito paciente, apesar de o verbo ter** transitividade direta. Por isso, atenção à concordância verbal na voz passiva sintética.

15 PERÍODO COMPOSTO

15.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Antes de tudo, vamos colocar uns pingos nos is... Você sabe a diferença entre frase, oração e período? Frase é qualquer enunciado que produza sentido. Pode ser **nominal** ("Oi!") ou **verbal** ("Cheguei!"). Já oração precisa possuir verbo: **oração é a frase verbal**. Lembra que, na escola, contávamos as orações pelo número de verbos: para cada verbo, uma oração... E o **período é a composição de orações**. Pode ser simples (nesse caso, a única oração que ele possui é a chamada oração absoluta) ou composto (com duas ou mais orações).

Observe uma assertiva, do estilo certo ou errado, de uma prova do Cespe-UnB, que buscava exatamente esse conceito:

> *Um Brasil com desemprego zero. Um Brasil bem distante das estatísticas que apontam para uma taxa de desocupação em torno de 9%.*
> 1) O primeiro período do texto tem natureza nominal.

O que é, portanto, ter natureza nominal? É não ter verbo. A assertiva é, portanto, verdadeira. Agora, caso se dissesse "O Brasil *possui* desemprego zero", aí seria uma frase verbal, e não nominal.

O período composto se subdivide em dois blocos: por **coordenação** e por **subordinação**. Lembra que, na escola, tínhamos o péssimo hábito de, para saber se o período era composto por coordenação ou subordinação, retirar uma das orações da frase para verificar se a sua ausência fazia realmente falta ao período? Se a oração saísse da frase e tudo ficasse bonito, então, ela era coordenada; no entanto, se retirada e fizesse falta, seria subordinada... Isso, por si só, não é muito estranho? Hoje, já não se deve ensinar assim. Observe:

15.2. ORAÇÕES COORDENADAS X ORAÇÕES SUBORDINADAS

> A diferença entre o período composto por coordenação e o período composto por subordinação é que as orações coordenadas só se relacionam entre si semanticamente, não sintaticamente. São independentes sob o ponto de vista sintático. Já as subordinadas recebem essa classificação por se subordinarem sintaticamente entre si.

Parece confuso? É simples: as orações coordenadas só possuem valor semântico entre si:

adição, adversidade, explicação... No entanto, as subordinadas exercem função sintática (uma é sujeito da outra, objeto direto, adjunto adverbial...). Mas não é somente com base nesse critério que você vai classificar as orações. Existem outras formas ainda mais simples de você pensar. As conjunções, por exemplo, vão ajudar bastante na classificação das orações. Vamos então organizar esses conceitos?

No **período composto por coordenação**, tem-se, portanto, uma sequência de orações em que uma não exerce função sintática da outra, ou seja: uma oração *não* é sujeito, objeto, complemento nominal, adjunto da outra. Veja um exemplo:

Encontrei meu amigo/ e cumprimentei-o.

Repare que há uma *independência* sintática, já que, ao analisarmos a primeira oração, verificamos que todos os seus *termos* (sujeito, objeto...) estão dentro dela mesmo, o mesmo ocorrendo com a segunda oração:

(Eu) – *sujeito* – encontrei – *verbo* – meu amigo – *objeto direto* / (Eu – *sujeito* – cumprimentei – *verbo* – o – *objeto direto*.)

No **período composto por subordinação**, o que se vê é uma sequência de orações em que uma é termo sintático da outra, ou seja: uma oração *é* sujeito, objeto, complemento nominal, adjunto da outra. Aqui, os termos da oração (sujeito, objeto, complemento nominal, adjuntos...) aparecem sob *forma de oração* – sujeito oracional, objeto oracional etc. Observe:

Desejo / que sejas feliz.

Nesse exemplo, há uma *dependência* sintática, pois o objeto direto do verbo *desejo* não se encontra na primeira oração, e sim na segunda.

(Eu – *sujeito* – desejo – *verbo* – (o quê?) / que sejas feliz – *objeto direto.)*

Vamos agora à divisão dessas orações. Em um quadro sucinto, teríamos:

– aditivas

– alternativas

• Orações coordenadas – adversativas

– conclusivas

– explicativas

• Orações subordinadas

– subjetivas

– objetivas diretas

– objetivas indiretas

– substantivas – completivas nominais

– predicativas

– apostivas

– agente da passiva

– causais

– comparativas

– concessivas

– adverbiais – condicionais

– conformativas

– consecutivas

– finais

– proporcionais

– temporais

– adjetivas – restritivas

– explicativas

Obs.: As orações coordenadas e as subordinadas podem aparecer sob forma *desenvolvida* – quando são introduzidas por *conjunção* ou *pronome relativo* – ou *reduzida* – quando aparecem verbos no *infinitivo*, no *gerúndio* ou no *particípio*.

15.2.1. Orações coordenadas

a) Assindéticas (sem conectivo):

Ex.: Não corra, não mate, não morra.

As orações coordenadas *assindéticas* não vêm com conectivo, com conjunção: Não corra, não mate, não morra.

b) Sindéticas (conectivas – vêm com conjunção e se dividem em):

• aditivas – exprimem ideia de soma, adição.

Ex.: Chegou [e se divertiu.]

A segunda oração *acrescenta* uma ação à ocorrida na primeira oração.

As principais conjunções são: e, nem, não só...mas também etc.

• adversativas – exprimem ideia de oposição, contraste, ressalva.

Ex.: Saiu cedo de casa, [mas chegou atrasado ao trabalho.]

A segunda oração contrasta com a informação da primeira. Se ele saiu cedo de casa, o normal seria *não* chegar atrasado.

As principais conjunções são: mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto etc.

• alternativas – exprimem ideia de alternância, escolha.

Ex.: Ora chovia, [ora fazia sol.] alternância

Fale agora, [ou se cale para sempre.] escolha

As principais conjunções são: ou, ou... ou, ora...ora, já...já, quer... quer etc.

• conclusivas – exprimem ideia de conclusão.

Ex.: Trabalhou muito, [logo foi recompensado.]

A segunda oração conclui algo mais ou menos esperado do que se afirmou na primeira.

As principais conjunções são: logo, portanto, por conseguinte, pois (quando vem posposto ao verbo) etc.

• explicativas – exprimem uma justificativa para o que se disse na outra oração.

Ex.: Aguarde um instante [pois estou chegando.]

A segunda oração explica, justifica o pedido feito na primeira.

As principais conjunções são: que, pois (antes do verbo), porque, porquanto etc.

Pelo que você deve estar percebendo, tudo isso nada mais é do que uma revisão do que estudamos lá no capítulo de conjunções. Por isso, vale sistematizar:

Para classificar uma oração coordenada, basta verificar a relação semântica entre as orações. Ela se subdivide em cinco tipos: aditiva, adversativa, alternativa, conclusiva e explicativa.

Antes de passarmos à classificação das orações subordinadas, vamos fixar um pouco esses conceitos?

Use o seguinte código para classificar as orações coordenadas destacadas abaixo:

(1) oração coordenada assindética;

(2) oração coordenada sindética aditiva;

(3) oração coordenada sindética alternativa;

(4) oração coordenada sindética adversativa;

(5) oração coordenada sindética conclusiva;

(6) oração coordenada sindética explicativa.

1. ( ) "Foi até a esquina, parou, tomou fôlego."

Comentários: Aparecem, aqui, três orações sem estarem ligadas por conjunções. Todas são coordenadas assindéticas.

Resposta: 1.

2. ( ) Penso, *logo existo*.

Comentários: A segunda oração conclui uma afirmação feita na oração anterior.

Resposta: 5.

3. ( ) Comprou os ingressos, *porém não conseguiu assistir ao jogo.*

Comentários: O que se esperava na segunda oração era que ele conseguisse assistir ao jogo, já que comprou os ingressos. No entanto, isso *não* ocorreu.

Resposta: 4.

4. ( ) Venha *e fique à vontade*.

Comentários: Aqui, *dois* pedidos são feitos: *venha* e *fique*, um se soma ao outro.

Resposta: 2.

5. ( ) Chore, *porque alivia a dor.*

Comentários: A segunda oração *justifica* o pedido feito na anterior. Observe que a outra oração está com verbo no imperativo: isso pode ajudar a entender que a outra oração é a explicação para o conselho inicial.

Resposta: 6.

6. ( ) Ora falava sem parar, *ora se calava demoradamente*.

Comentários: As ações vão se alternando no tempo.

Resposta: 3.

7. ( ) O filho chegou *e a mãe nem notou.*

Comentários: O normal seria a mãe notar a chegada do filho, porém isso não ocorreu.

Resposta: 4.

Obs.: Essa última frase é um bom exemplo do que já mostramos na aula de conjunções: mais importante que decorar algumas conjunções é enxergar a *ideia* que se estabelece entre as orações. O *e* deste exemplo introduz um valor de *adversidade* em relação ao que se disse antes, e não adição.

15.2.2. Orações subordinadas

Agora, vamos às orações subordinadas. A oração que não possui o conectivo será chamada de oração *principal* e a outra que se relaciona com ela será a *subordinada* (lembre-se de que, no período composto por coordenação, a oração que não tinha o conectivo era chamada de **coordenada assindética**? Aqui, em subordinação, o nome é **principal**). Quanto às subordinadas, elas se subdividem em três blocos:

a) Substantivas (equivalem a um substantivo, exercendo as funções próprias do substantivo)

Apresentam-se em forma *desenvolvida* (introduzidas pelas **conjunções integrantes que** ou **se** ou por **pronome indefinido**, **pronome** ou **advérbio interrogativo**) e em forma *reduzida* (infinitivo).

• **Subjetivas:** exercem a função sintática do sujeito.

Verbo na 3ª pessoa do singular (*convir, cumprir, importar, urgir, acontecer, parecer etc.*) seguidos de *que, se* ou de *infinitivo*.

Ex.: Urge [que chegues no horário.]

Expressões na voz passiva: *sabe-se, soube-se, diz-se, conta-se, é sabido, estava decidido etc.*

Ex.: Diz-se [que ela mentiu.]

Verbo de ligação mais predicativo: *é bom, é conveniente, está claro etc.*

Ex.: Está claro [que ela mentiu.]

Aqui vale uma dica:

Atenção: Quando o sujeito aparece sob forma de oração, normalmente aparecem essas construções (convém, importa, sabe-se, é sabido, é bom, está claro) na oração principal. A oração subordinada é sujeito da oração principal quando não se acha o sujeito da oração principal na oração principal.

Veja:

Ex.: Urge / que chegues no horário.

(or. princ.) (or. subord. subst. subjetiva)

A segunda oração é sujeito da primeira porque, ao se analisar a oração principal, não encontramos o sujeito de *urge* nessa oração: Ele urge? Alguém urge? Não tem sentido. O que se entende é: Urge isto (que chegues no horário). Na ordem, teríamos: Isto (= que chegues no horário) urge. O mesmo ocorre com os outros exemplos:

Ex.: Diz-se / que ela mentiu.

(or. princ.) (or. subord. subst. subjetiva)

Ele diz-se? Alguém diz-se?

Ou: Diz-se isto (= que ela mentiu) Na ordem:

Isto (= que ela mentiu) se diz.

Mais um exemplo:

Ex.: Está claro / que ela mentiu.

(or. princ.) (or. subord. subst. subjetiva)

Ou: Está claro isto (= que ela mentiu). Na ordem direta, teríamos:

Ex.: Isto (= que ela mentiu) está claro.

• **Objetivas diretas:** exercem a função de objeto direto.

Ex.: Espero [que ela volte logo.]

Não sei [se volto amanhã.]

Os **verbos** *espero* e *sei* são transitivos diretos. O complemento é o objeto direto.

Ex.: (Eu) Espero / que ela volte logo.

(or. princ.) (or. subord. subst. objetiva direta)

Ex.: (Eu) Não sei / se volto amanhã.

(or. princ.) (or. subord. subst. objetiva direta)

• **Objetivas indiretas**: exercem a função de objeto indireto.

Ex.: Necessito [de que me ajudem nesta tarefa.]

(or. princ.) (or. subord. subst. objetiva indireta)

O **verbo** *necessito* pede preposição obrigatória, é transitivo indireto. O complemento é o objeto indireto.

• **Completivas nominais**: exercem a função de complemento nominal.

Ex.: Tenho necessidade [de que me auxilies.]

(or. princ.) (or. subord. subst. completiva nominal)

Ex.: Tinha esperança [de que revelasses o segredo.]

(or. princ.) (or. subord. subst. completiva nominal)

Agora o que temos são os **nomes**, *necessidade* e *esperança*, que pedem preposição. O complemento de nome substantivo é complemento nominal.

• **Predicativas**: exercem a função de predicativo.

Ex.: Minha esperança é [que consiga esse emprego.]

(or. princ.) (or. subord. subst. predicativa)

Atenção: A oração subordinada é predicativa quando vem após um verbo de ligação.

• **Apositivas**: exercem a função de aposto.

Ex.: Havia uma esperança: [que contasse a verdade.]

(or. princ.) (or. subord. subst. apositiva)

A oração subordinada "que contasse a verdade" **explica** a *esperança* que havia. Aposto sob

forma de oração.

• **Agente da passiva**: aparecem sem conjunção e são introduzidas por pronome indefinido, seguido de **por** ou **de**.

Ex.: Foi substituído [por quem o criticava.]

(or. princ.) (or. subord. subst. agente da passiva)

Foi substituído [por quem o criticava.]

A oração subordinada é o termo que **age** nesse período: *quem o criticava* é que o substitui.

Vamos sistematizar?

Uma boa dica para identificar facilmente uma oração substantiva é trocá-la por um substantivo ou por isto (pronome substantivo). Após verificar que ela é subordinada substantiva, faça a análise sintática da oração principal: comece pelo verbo, pergunte por seu sujeito, seus objetos...

Vamos fixar os conceitos apreendidos?

Use o seguinte código para classificar as orações subordinadas substantivas destacadas:

(1) subjetiva;

(2) objetiva direta;

(3) objetiva indireta;

(4) completiva nominal;

(5) predicativa;

(6) apositiva;

(7) agente da passiva.

1. ( ) Reafirmo meu desejo: *que todos tenham boa sorte*.

Comentários: A oração destacada explica, esclarece o *desejo* apresentado na oração principal.

Resposta: 6.

2. ( ) Lembrou-se *de que a reunião fora adiada*.

Comentários: A oração subordinada completa um verbo transitivo indireto, vem com preposição obrigatória.

Resposta: 3.

3. ( ) É indispensável *que todos entendam o problema*.

Comentários: O sujeito do verbo da oração principal (*É*) não aparece na oração principal (Ele é indispensável?). Logo, o sujeito é toda a oração que se segue: "que todos entendam o problema". Isto é, "É indispensável isto (= que todos entendam o problema). Na ordem: Isto é indispensável.

(suj.)

Resposta: 1.

4. ( ) Tenho a impressão *de que mentiste para mim*.

Comentários: Observe que agora o termo preposicionado completa um substantivo (*impressão*), e não um verbo. Quem completa verbo é objeto; quem completa nome é complemento nominal.

Resposta: 4.

5. ( ) O pai esperava *que o filho reagisse*.

Comentários: A oração em destaque completa o sentido de um verbo transitivo direto, *não* pede preposição.

Resposta: 2.

6. ( ) O desejo da família era *que se formasse logo.*

Comentários: Temos neste período uma oração subordinada que se segue a um *verbo de ligação.* Aparecendo esse tipo de verbo, o que temos não é um objeto, e sim predicativo.

Resposta: 5.

7. ( ) Parece *que a decisão foi justa*.

Comentários: Agora, o que aparece após o verbo é o seu sujeito, pois na oração principal não encontramos o seu sujeito (Ele parece? Alguém?). Portanto, o sujeito do *parece* é toda a oração subordinada: *"Parece isto*. Na ordem: *"Isto parece"*.

(suj.)

Resposta: 1.

8. ( ) Peço a todos *que não se atrasem*.

Comentários: O verbo, nessa frase, pede dois complementos: um com preposição, objeto indireto (*a todos*) e outro sem preposição, objeto direto (*que não se atrasem*) sob forma de oração.

Resposta: 2.

b) Adverbiais: modificam o verbo, como um advérbio. Equivalem a um adjunto adverbial. São introduzidas pelas **conjunções subordinativas adverbiais** (= orações desenvolvidas). Podem aparecer sob forma *reduzida* (de infinitivo, de gerúndio ou de particípio).

• **Causais**: indicam o *motivo*, a *razão* do que ocorre na oração principal.

Ex.: *Como chovia muito*, não fui à escola.

"Chover muito" foi o *motivo* que fez ele "não ir à escola".

As principais conjunções são: porque, como, já que, visto que, uma vez que...

• **Consecutivas**: indicam o *resultado* de uma ação.

Ex.: Gritou tanto *que perdeu a voz*.

Agora, "perder a voz" e o *resultado* de ter "gritado tanto", ou seja, a consequência.

As principais conjunções são: que (precedido de tão, tanto, tal), de modo que, de sorte que...

• **Concessivas**: exprimem sentido de *oposição, exceção*, *aceitar uma ideia oposta*.

Ex.: Foi à escola, *embora chovesse muito*.

Observe que o fato de "chover muito" não evitou a "ida à escola". Havia adversidade, mas não impediu que um fato ocorresse.

As principais conjunções são: embora, conquanto, mesmo que, ainda que, por mais que... Lembre-se de que, com elas, o verbo vem no subjuntivo.

• **Condicionais**: indicam uma *hipótese* para a realização de um fato.

Ex.: *Se vieres*, darei a festa.

Eu só "darei a festa" na *condição*, na *hipótese* de "vires".

As principais conjunções são: se, caso, desde que, contanto que...

• **Comparativas**: exprimem uma ideia de *comparação* entre dois termos.

Ex.: É inteligente *como o pai*.

Nesse período, a intenção é *comparar* a "inteligência do filho" com a "do pai". Nas comparativas, normalmente o verbo vem subentendido: "É inteligente como o pai (é)".

As principais conjunções são: como, que (antecedido de mais, menos), quanto, assim como...

• **Conformativas**: indicam a *conformidade* de um fato com outro.

Ex.: Não compareceu, *conforme se previa*.

De acordo com a previsão, ele *não compareceu.* Ou seja, não há contradição, já era algo esperado.

As principais conjunções são: como, conforme, consoante...

• **Finais**: indicam a *finalidade*, o *objetivo*.

Ex.: Comportaram-se *para que não fossem castigados*.

Aqui, havia um *objetivo*: "não ser castigado", por isso se comportaram.

As principais são: a fim de que, que, para que, porque...

• **Proporcionais**: relação entre duas ações em que uma delas acarreta *mudança* na outra.

Ex.: *À medida que o tempo passava*, ia ficando mais preocupado.

Nessa frase, observamos que "a preocupação ia aumentando" na mesma proporção que o "tempo passava".

As principais conjunções são: à medida que, à proporção que, ao passo que...

• **Temporais**: indicam o *momento* em que ocorre um fato.

Ex.: *Quando chegou*, todos o aplaudiram.

Os "aplausos" aconteceram no *momento* de sua chegada, indicando um tempo simultâneo.

As principais conjunções: quando, mal, enquanto, desde que, logo que...

Vale sistematizar:
As orações subordinadas adverbiais são aquelas que indicam circunstâncias ao verbo da oração principal (tempo, causa, finalidade etc.)
Uma forma simples de classificá-las é se guiar pelas conjunções que as iniciam: são as conjunções subordinativas adverbiais.

Antes de treinarmos, vamos falar do último bloco das orações subordinadas: **as orações subordinadas adjetivas**.

c) Adjetivas

Quanto às orações adjetivas, entenda que:

As orações adjetivas, por terem um valor adjetivo, referem-se ao substantivo da oração principal.
Quando desenvolvidas, iniciam-se por um pronome relativo, que é conectivo que retoma o substantivo ou o pronome substantivo da oração principal. Podem aparecer sob forma reduzida (de infinitivo, de gerúndio ou de particípio).

Fácil reconhecê-las, não é? Saiba ainda que a oração adjetiva funciona como adjunto adnominal de um substantivo ou pronome da oração principal, ora tendo **função restritiva** (sem vírgulas), outras vezes com **função explicativa** (entre vírgulas). Assim:

"O homem / *que trabalha* / perde tempo precioso."

or. sub. adj. restritiva

Aqui, a oração em destaque refere-se ao substantivo *homem*, é seu adjunto adnominal e tem valor semântico de restrição: está-se falando aqui de um homem específico – o homem *que trabalha*, e não de qualquer homem. Agora, perceba a diferença para este outro exemplo:

Fernanda / *que é ótima aluna*, / obedece aos pais.

or. sub. adj. explicativa

Entenda que, nesse caso, a oração destacada também é adjunto adnominal do seu substantivo antecedente *Fernanda*, só que, agora, tem valor de explicação, é uma *informação adicional*, e não uma restrição. Por isso, a oração veio entre vírgulas.

A essa altura, você pode estar um pouco confuso com tantas informações: qual seria, então, a diferença entre a oração adjetiva restritiva e a explicativa? As duas têm, sintaticamente, a mesma

função: são adjuntos adnominais, só que, *quanto ao sentido* são diferentes: uma restringe, a outra explica. Ou seja, a primeira se refere ao antecedente particularizando-o. A segunda se refere ao antecedente de maneira geral.

Após ter entendido bem o conceito de oração adjetiva, vale sistematizar:

Oração adjetiva é aquela que se inicia com pronome relativo (que, quem, o qual etc.). Sintaticamente, ela será sempre um adjunto adnominal do substantivo antecedente. Semanticamente, ela pode restringir (sem vírgulas) ou explicar (entre vírgulas, ou, se vier ao final do período, com uma vírgula e um ponto) esse substantivo. Daí, poder ser chamada de restritiva ou explicativa.

Agora sim, vamos treinar.

Use o código abaixo para classificar as orações subordinas adverbiais ou adjetivas destacadas:

(1) oração subordinada adverbial causal;

(2) oração subordinada adverbial consecutiva;

(3) oração subordinada adverbial concessiva;

(4) oração subordinada adverbial condicional;

(5) oração subordinada adverbial comparativa;

(6) oração subordinada adverbial conformativa;

(7) oração subordinada adverbial final;

(8) oração subordinada adverbial proporcional;

(9) oração subordinada adverbial temporal;

(10) oração subordinada adjetiva restritiva;

(11) oração subordinada adjetiva explicativa.

1. ( ) O que você faria *se ela entrasse por aquela porta*?

Comentários: A oração subordinada estabelece uma *condição* para o que se questiona na principal.

Resposta: 4.

2. ( ) *Antes que essa coluna fosse publicada*, tomei a decisão.

Comentários: A "tomada de decisão" se deu *antes* da publicação da coluna.

Resposta: 9.

3. ( ) “Coisas *que passaram* e pessoas *que perdi* estão comigo, nas belas memórias.”

Comentários: Agora, o conectivo *que*, nas duas passagens, *retoma um antecedente*, é pronome relativo. Como não aparece vírgula antecedendo esses conectivos, restringem, particularizam os antecedentes.

Resposta: 10.

4. ( ) “Nossa aventura existencial terá mais ou menos chance *à medida que esse chão for confiável*.”

Comentários: Ao se usarem os conectivos *à medida que*, *à proporção que*, *ao passo que*, o que se quer é estabelecer uma ideia de proporção.

Resposta: 8.

5. ( ) “Eu, *que ia escrever sobre viagens*, acabo escrevendo sobre música ruim.”

Comentários: Mais um exemplo em que o conectivo *que* retoma um antecedente. Mas, ao se usarem as vírgulas, a finalidade é a de *explicar* o que “eu iria escrever”.

Resposta: 11.

6. ( ) *Conquanto estivesse descontente*, não desistia do plano.

Comentários: O fato de “ele estar descontente” não impediu que insistisse no plano, ou seja, o obstáculo não impediu que um fato ocorresse.

Resposta: 3.

7. ( ) *Segundo previu o economista*, o mercado se estabilizou.

Comentários: O “mercado se estabilizou” *de acordo com* a previsão do economista.

Resposta: 6.

8. ( ) As vendas subirão, *uma vez que os juros baixaram*.

Comentários: É por *causa* de “os juros terem baixado” que as vendas subirão, relação de causa e efeito.

Resposta: 1.

9. ( ) A comida era tão boa *que todos silenciaram em volta da mesa*.

Comentários: O “silêncio” é a consequência de “a comida estar saborosa”, ou seja, foi por causa

disso que todos silenciaram.

Resposta: 2.

10. ( ) As mulheres sempre são mais maldosas *que os homens*.

Comentários: Entre essas duas orações, há a intenção de se *comparar* a *maldade* das mulheres com a dos homens, em um grau de superioridade.

Resposta: 5.

11. ( ) Faremos esforço, *para que não haja conflitos*.

Comentários: O "esforço" vai ser feito com a *finalidade* de "não haver conflitos."

Resposta: 7.

12. ( ) *Mal se sentou na cadeira presidencial*, passou a ver conspirações em tudo.

Comentários: A oração destacada mostra o *momento* em que "passou a ver conspirações": quando se sentou na cadeira presidencial.

Resposta: 9.

13. ( ) Os juros custam caro para o governo, *que é o maior devedor do país*.

Comentários: Mais um período em que o conectivo *que* retoma um *antecedente*, antecedido de vírgula.

Resposta: 11.

14. ( ) *Mesmo que insista no pedido*, não irei à posse do prefeito.

Comentários: O fato de "insistir no pedido" deveria ser suficiente para ele "ir à posse", porém isso *não* ocorre.

Resposta: 3.

15.3. AS FUNÇÕES SINTÁTICAS DO PRONOME RELATIVO

Como concursando é o cara que não tem paz nunca, vamos à próxima etapa: diante de uma oração adjetiva, é comum que as bancas perguntem ao aluno a função sintática do pronome relativo que a inicia. É exatamente isso: o pronome relativo pode ser sujeito, objeto direto, complemento nominal etc., na oração adjetiva a que ele pertence. Para descobrir sua função, basta substituir o pronome relativo por seu antecedente e colocar a oração adjetiva na ordem direta. Observe:

"A verdade é tudo aquilo / que os políticos negam."

(= aquilo)

Organizando a frase: Os políticos negam aquilo. (= objeto direto)

Logo, o *que* será objeto direto.

Sabemos que não parece tão simples assim. Se análise sintática, por si só, já é um assunto muitas vezes complicado para o aluno, podemos imaginar o quanto pareça complexo ter de detectar a função sintática de um *que, cujo* etc.

Por isso, achamos melhor criar um passo a passo para você chegar à classificação do relativo, sem o risco de se confundir com as muitas informações que, na maioria das vezes, o período apresenta. Assim, leia com atenção nossas orientações:

Instruções para a classificação da função sintática do pronome relativo:
1. Isolar a oração adjetiva.
2. Destacar o pronome relativo presente na oração adjetiva e substituí-lo por seu antecedente na oração principal.
3. Colocar a oração adjetiva na ordem direta (sujeito → verbo → complementos).
4. Não confundir a função sintática do pronome relativo com a função do seu antecedente na oração principal.

Vamos treinar? Nas frases a seguir, classifique as orações adjetivas destacadas e dê a função sintática dos pronomes relativos que as iniciam:

1. "As pessoas que a gente ama deviam morrer com todas as suas coisas."

Comentários: Antecedente do relativo: *pessoas*. Colocando a oração adjetiva na ordem direta, teríamos: "a gente ama as pessoas". *Pessoas* é objeto direto do verbo *amar*. Logo, o *que* é objeto direto. Atenção para não confundir a função do *que* com a função sintática do substantivo *pessoas* na oração principal, que é sujeito da locução verbal *deviam morrer*. Por isso, é tão importante isolar a oração adjetiva: de outra forma, você poderia se perder na sua leitura e acabar por fazer a análise sintática da oração principal *As pessoas deviam morrer com todas as suas coisas*.

Resposta: que = objeto direto.

2. Aquele era o lugar onde as pessoas tomavam chá.

Comentários: O pronome relativo *onde* retoma o substantivo *lugar*. Na ordem direta, a oração adjetiva deve ficar: "as pessoas tomavam chá **no lugar**". Ora, *no lugar* traz ideia circunstancial ao verbo, sendo, portanto, seu adjunto adverbial de lugar. Aliás, como o pronome relativo *onde*

indica circunstância de lugar, ele será sempre adjunto adverbial de lugar.

Resposta: onde = adjunto adverbial de lugar.

3. As roupas que ia vestir já estavam passadas.

Comentários: O pronome relativo *que* retoma o substantivo *roupas*. A oração adjetiva, na ordem direta, ficaria: "ia vestir *as roupas*". A expressão destacada é objeto direto do verbo *vestir*.

Resposta: que = objeto direto.

4. "Aqueles que aceitam ceder liberdades essenciais em troca de segurança temporária não merecem nem segurança nem liberdade."

Comentários: O pronome relativo retoma o pronome demonstrativo antecedente *aqueles*. A oração adjetiva já está na ordem direta. Substituindo o relativo por seu antecedente, teríamos: "*Aqueles* aceitam ceder liberdades essenciais...". *Aqueles* é sujeito do verbo *aceitam*. Logo, o pronome *que* tem a mesma função.

Resposta: que = sujeito.

5. Pelas alamedas, o que se ouvia era música americana.

Comentários: A palavra *que* retoma o demonstrativo *o* (= *aquilo*). Na ordem direta, a oração adjetiva ficaria "*Aquilo* se ouvia", que é o mesmo que "aquilo era ouvido" (voz passiva analítica). *Aquilo* é sujeito de ouvia, portanto, o *que* é sujeito. Cuidado com o pronome **se** apassivador, passe a frase para a passiva analítica, o que torna mais fácil a análise dos termos.

Resposta: que = sujeito.

6. É singular o grau de desinteresse que os alunos mostram pelo livro didático.

Comentários: O pronome *que* retoma o substantivo *grau* da expressão *grau de desinteresse*. Na ordem direta, teríamos: "os alunos mostram *o grau de desinteresse* pelo livro didático". O verbo *mostrar* é transitivo direto nessa frase. Logo, o *que* é objeto direto.

Resposta: que = objeto direto.

7. Prefiro o que ele foi ao que ele é.

Comentários: Muita calma agora... Vamos analisar cada oração adjetiva: na primeira, o *que* retoma o pronome demonstrativo *o* (= *aquilo*). Assim, na ordem direta, teríamos: "ele foi *aquilo*".

Ora, diante do verbo de ligação *foi*, temos a certeza de que o *que* é predicativo do sujeito.

Verifique que o mesmo ocorre na outra oração adjetiva: o pronome *que* retoma o pronome demonstrativo *o* da combinação *ao*. Dessa forma, na ordem direta, a segunda oração adjetiva deve ficar assim: "ele é *aquilo*". De novo, um verbo de ligação (*é*): o pronome relativo é, novamente, predicativo do sujeito.

Resposta: 1º que = predicativo do sujeito./2º que = predicativo do sujeito.

8. A morte é a única coisa de que tenho medo.

Comentários: O pronome relativo *que* retoma *coisa*. Colocando a oração adjetiva na ordem direta, teríamos: "tenho medo *da coisa*". A expressão destacada refere-se ao substantivo *medo*, completa esse termo e tem valor passivo, é *seu complemento nominal*.

Resposta: que = complemento nominal.

9. "Aqueles a quem os deuses amam morrem jovens."

Comentários: O pronome relativo *quem* retoma o pronome demonstrativo *aqueles*. Na ordem direta, a oração adjetiva fica: "Os deuses amam *àqueles*." Você observou que o pronome *quem* veio antecedido da preposição *a*? Veja também que o verbo *amar* é *transitivo direto*, não pede preposição, mas ainda assim ela apareceu. É o objeto direto preposicionado: a preposição aparece para dar ênfase ao verbo.

Resposta: quem = objeto direto preposicionado.

10. A amiga com quem andas não é muito confiável.

Comentários: O pronome relativo *quem* retoma o substantivo *amiga*. Assim, a frase destacada, na ordem direta, ficaria: "Andas *com a amiga*". A expressão *com a amiga* indica circunstância de companhia para o verbo a qual se refere *andas*.

Resposta: quem = adjunto adverbial de companhia.

11. Chegou a pessoa por quem fui representado.

Comentários: O pronome *quem* retoma o substantivo *pessoa.* Na ordem direta, teríamos: "fui apresentado *pela pessoa*". Percebeu que a locução verbal *fui apresentado* indica que a frase está na voz passiva analítica (o sujeito *eu* sofre a ação, é paciente)? O termo *pela pessoa* é o elemento que age, que *exerce a ação na voz passiva*. É, portanto, o agente da passiva. Lembre-se de que

você só substituiu o pronome *quem* pelo substantivo *pessoa* para saber a função sintática do relativo, e não do substantivo *pessoa.* Só estamos falando isso para lembrar que o relativo *quem* é que é o agente da passiva, e o substantivo *pessoa* é sujeito da oração principal "Chegou a pessoa". **Cada um terá a sua função sintática na oração a que pertence.**

Resposta: quem = agente da passiva.

12. A música de Noel, cuja repercussão vara os tempos, é dotada de grande variedade melódica.

Comentários: *Cuja* está substituindo o substantivo *música*, da expressão *A música de Noel*. Na ordem direta, teríamos: A repercussão *da música de Noel* vara os tempos. Perceba a ideia de posse que existe no termo *da música de Noel*, que se refere ao substantivo *repercussão*. Trata-se, portanto, de *adjunto adnominal*. Nas provas de concursos públicos, o pronome relativo *cujo* e suas variações (*cuja, cujos, cujas*) normalmente são adjuntos adnominais, pois indicam valor semântico de posse.

Resposta: cuja = adjunto adnominal.

13. Invento novas dificuldades a que dedico horas.

Comentários: A palavra *que* retoma o substantivo *dificuldades*. Na ordem direta, teríamos: "Dedico horas *às novas dificuldades*". Perceba a regência do verbo *dedicar:* quem dedica, nessa frase, dedica algo a alguém ou a alguma coisa; ele é transitivo direto e indireto. Seu objeto direto é o substantivo *horas* e seu objeto indireto, o pronome relativo *a que*.

Resposta: que = objeto indireto.

15.4. ORAÇÕES REDUZIDAS

Vamos concluir este capítulo com as **orações reduzidas**, que são aquelas que apresentam o seu verbo (principal ou auxiliar, este último nas locuções verbais) no **infinitivo**, **gerúndio** ou **particípio**. Elas recebem este nome – reduzidas – porque perderam a conjunção ou o pronome relativo. Observe:

É preciso seguir em frente. (reduzido de infinitivo)

Precisando de ajuda, chamou-me. (reduzido de gerúndio)

Chegada a hora, saiu rapidamente. (reduzida de particípio)

Precisando chegar na hora marcada, saiu voando. (reduzida de gerúndio, locução verbal)

Obs.: Em geral, uma oração reduzida pode ser reescrita em desenvolvida. (iniciada por conjunção ou pronome relativo)

Ex.: É preciso seguir em frente. (= É preciso que você siga em frente.)

Precisando de ajuda, chamou-me. (= Como precisava de ajuda, chamou-me.)

Chegada a hora, saiu rapidamente (= Quando chegou a hora, saiu rapidamente.)

Vamos ver isso na prática? Para cada frase a seguir, proceda da seguinte forma:

a) Desenvolva a oração reduzida.

Lembre-se de que *desenvolver uma oração* é acrescentar a conjunção ou o pronome relativo. Antes de escolher o conector adequado, verifique se ela é substantiva, adjetiva (referindo-se a um substantivo ou pronome antecedente na oração principal) ou adverbial (com ideia circunstancial).

b) Classifique a oração reduzida.

Não se esqueça de olhar para o verbo antes de classificar: ele virá na forma nominal (infinitivo/gerúndio/particípio). Se a oração apresentar locução verbal, é para o verbo auxiliar que você deverá olhar a fim de saber se a oração é reduzida de infinitivo, gerúndio ou particípio.

1. Sua palavra foi a primeira a perder o significado.

Comentários: A oração se refere ao termo antecedente (*primeira*), restringindo esse termo. Trata-se, portanto, de oração adjetiva; para desenvolvê-la, basta acrescentar o pronome relativo. Assim, teríamos: "Sua palavra foi a primeira *que perdeu o significado*".

Resposta: oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de infinitivo.

2. Nada conseguindo, a mais nova fugiu.

Comentários: Veja que a oração em destaque indica circunstância de causa para aquela a que ela se refere. Assim, desenvolver essa oração significa acrescentar qualquer conjunção subordinativa adverbial causal (como, já que, visto que...). Uma sugestão: "Já que nada conseguira, a mais nova fugiu".

Resposta: oração subordinada adverbial causal reduzida de gerúndio.

3. "Se dependesse de mim, teria vetado a roda por não se parecer nada com o pé."

Comentários: Mais uma vez, um valor semântico de causa. Utilize, portanto, qualquer conjunção

causal. Uma possível resposta: "Se dependesse de mim, teria vetado a roda, porque não se parece nada com o pé".

Resposta: oração subordinada adverbial causal reduzida de infinitivo.

4. "O liberalismo pensa estar defendendo o indivíduo ao negar a primazia do social ou ao dizer que uma sociedade é apenas um conjunto de ambições autônomas."

Comentários: A combinação *ao* normalmente indica tempo (= *quando*). Veja que as orações, de fato, indicam circunstância de tempo. Desenvolvendo-as, teríamos: "O liberalismo pensa estar defendendo o indivíduo quando nega a primazia do social ou quando diz que uma sociedade é apenas um conjunto de ambições autônomas".

Resposta: orações adverbiais temporais reduzidas de infinitivo.

5. Peço-te saíres da minha vida!

Comentários: Veja que a oração em destaque vale por um substantivo (= "Peço-te *isto*."). Ao desenvolvê-la, portanto, basta acrescentar a conjunção integrante *que*. Assim, teríamos: "Peço-te que saias da minha vida!"

Percebeu que o verbo *pedir* é transitivo direto e indireto e que a oração é o seu objeto direto?

Resposta: oração subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo.

6. Terminada a aula, todos se retiraram.

Comentários: A oração destacada indica circunstância de tempo à oração principal. Portanto, desenvolva-a acrescentando uma conjunção temporal (*quando, assim que, logo que* etc.). Uma sugestão: Assim que terminou a aula, todos se retiraram.

Resposta: oração subordinada adverbial temporal reduzida de particípio.

7. É preciso diminuir as distâncias sociais.

Comentários: Não é o mesmo que dizer "É preciso *isto*"? A oração em destaque é, portanto, substantiva. Desenvolva-a acrescentando uma conjunção integrante (*que*). Assim, teríamos: É preciso que diminuam as distâncias sociais.

Percebeu que ela é *sujeito* da oração principal ("*Isto* é preciso")?

Resposta: Oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo.

8. Há muitos alunos estudando com afinco.

Comentários: A oração destacada tem valor adjetivo: refere-se ao substantivo *alunos* da oração principal. Quando desenvolvida, deve-se iniciar, portanto, com pronome relativo. Dessa forma, teríamos: "Há muitos alunos que estudam com afinco".

Como ela vem sem vírgulas, restringe o substantivo antecedente, sendo, portanto, restritiva.

Resposta: oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de gerúndio.

9. Apesar de ser torcedor fanático, não vai aos estádios.

Comentários: *Apesar de* é locução prepositiva com valor de oposição, concessão. Lembre-se de que desenvolver a oração é substituir a preposição por uma conjunção de mesmo valor semântico. Caberia, aqui, qualquer conjunção subordinativa adverbial concessiva (*embora, conquanto, ainda que, se bem que* etc.). Assim, a oração desenvolvida poderia ser: Embora seja torcedor fanático, não vai aos estádios.

O valor semântico da oração não é de concessão? Então, ela é subordinada adverbial concessiva.

Resposta: oração subordinada adverbial concessiva reduzida de infinitivo.

15.5. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Classifique as orações coordenadas em destaque.

1. "Não desejo nada, não temo nada. Sou livre."

_____

2. Sente aqui, que precisamos conversar.

_____

3. "Dario abre a boca, move os lábios, não se ouve resposta."

_____

4. "Apaguei as luzes do carro e acelerei."

_____

5. Três quartos da população do Afeganistão não sabem ler nem escrever.

_____

6. A irmã mais nova dominava perfeitamente o inglês, pois estudara em escolas americanas.

_____

7. Eu odeio telefone celular, mas acabei tendo um, como todo mundo.

_____

8. Trabalhou com afinco durante anos naquela empresa e não obteve reconhecimento.

_____

9. Ora estava alegre, ora ficava calado em um canto.

_____

10. Eles se admiravam, contudo não se falavam.

_____

11. "As provas intrínsecas são criadas pelo orador; dependem, pois, de seu método e de seu talento pessoal."

_____

II. Classifique as orações subordinadas substantivas em destaque.

1. Quem fala em flor não diz tudo.

_____

2. Sou favorável a que o aprovem.

_____

3. Meu desejo é que você passe nos exames.

_____

4. Desejo-te isto: que sejas feliz.

_____

5. Lembre-se de que sonhos sem riscos produzem conquistas sem méritos.

_____

6. Parece claro que os juros falam mais alto.

_____

7. Não se sabe se ele agiu conforme as normas da empresa.

_____

8. Os indicadores econômicos mostram que não houve nenhuma catástrofe.

_____

9. “Muito acerta quem suspeita que sempre erra.”

10. O Banco Central calcula que algumas dezenas de novas instituições poderão gerir mais fundos de aposentadoria.

11. Tenho necessidade de me apoiares nesta complicada situação.

12. Ninguém nega que o país passou a viver um sério quadro de déficit público, a partir da crise asiática.

13. Vejam como é bom ser feliz.

14. Viu chegarem os convidados.

15. “Lembre-se de que Deus está do lado.”

16. Não sei se a história é verdadeira.

17. Naquele momento, teve a intuição de que entrara em uma aeronave errada.

18. “Ainda nos é impossível estimar a importância de Saramago para o idioma português.”

19. Não imaginava onde estava entrando.

20. Tem certeza de que essa é a sua casa?

III. Classifique as orações subordinadas adjetivas e dê a função sintática do pronome relativo.

1. É melhor uma verdade que dói do que uma mentira que conforta.

2. Os juros custam caro para o governo, que é o maior devedor do país.

3. "Todo país onde não me entedio é um país que nada me ensina."

4. "O contato com esse mundo de perfeição, beleza, coerência e racionalidade, que é o mundo da boa literatura, torna os leitores muito mais conscientes do mundo em que vivem."

5. Noel Rosa procurou escrever sobre tudo quanto expressasse o jeito de ser carioca.

6. Diga-me a hora em que ele virá para cá.

7. Sabemos perfeitamente o que lhe acontece.

IV. Classifique as orações subordinadas adverbiais destacadas.

1. As previsões de crescimento continuam mais baixas que as do ano passado.

2. Se o cenário externo permitir, o governo ousará mais.

3. Conforme previu o economista, o mercado estabilizou-se.

4. O consumidor ficou inadimplente porque gastou mais do que podia.

5. Eles compunham uma grande coleção, que foi se dispersando à medida que seus filhos se casavam.

6. Era tal sua generosidade, que ouvia a todos.

7. Falou alto para que todos escutassem.

_____

8. Conquanto estivesse descontente, não desistia do plano.

_____

9. "O ar da tia era tão jovem, a exortação tão meiga e cheia de um perdão antecipado, que ela achou ali uma confidente e amiga."

_____

V. Classifique as orações subordinadas (substantivas, adjetivas ou adverbiais) destacadas.

1. É urgente reconhecer a necessidade de um trabalho mais efetivo com a palavra.

_____

2. Quem tem a palavra detém o poder.

_____

3. Mudar a sociedade é mudar o homem.

_____

4. Sei que esperavas desde o início que eu te dissesse hoje o meu canto solene.

_____

5. Sei que a única alma que eu possuo é mais numerosa que os cardumes do mar.

_____

6. Basta que ele tenha existido para que a memória o corrompa com lembranças superpostas.

_____

7. Não sei no que pensa.

_____

8. A escola não está vencendo o desafio de alfabetizar funcionalmente a parcela da população que consegue chegar a ela.

_____

9. Entende-se bem que D. Tonica observasse a contemplação dos dois.

_____

10. Ao analisar o desempenho da economia brasileira, os empresários afirmaram que os

resultados eram bastante razoáveis.

---

11. Se quiserem, serão beneficiados com a comenda.

---

12. Todos aqui sabem se eles virão ao culto esta noite?

---

13. É certo que as coisas melhorarão daqui em diante.

---

14. Alguém percebeu, logo, que tudo era uma farsa.

---

15. Dê-me a caixa que está sobre a mesa.

---

16. "Para amamentar o próprio filho, até que este complete seis meses de idade, terá a mulher direito, durante a jornada, a dois descansos especiais, de meia hora cada um."

---

17. Pergunte hoje a uma pessoa qualquer o que o Brasil precisa fazer para sair da crise.

---

18. Não me esquecerei de que, vigorando a lei, estará perdido.

---

19. A verdade é que preciso deste emprego.

---

20. "Devagar se vai ao longe, mas, quando se chega lá, não se encontra mais ninguém."

---

21. "Pensei que todas as pessoas deveriam sair por aí sem rumo, para poder achar o elo perdido em seu interior."

---

22. "Quem determina a maciez da cama é o nível de ansiedade da nossa mente."

VI. Classifique as orações reduzidas em destaque e desenvolva-as.

1. Criticar as viagens internacionais do Presidente da República ou de outros dirigentes parece despropositado.

_____

2. "O Estado moderno, não obstante apresentar-se como um Estado minimalista, é potencialmente um Estado maximalista."

_____

Gabarito: I – 1. oração coordenada assindética/oração coordenada assindética/oração coordenada assindética; 2. oração coordenada sindética explicativa; 3. oração coord. assindética, oração coord. assindética, oração coord. assindética; 4. oração coordenada sindética aditiva; 5. oração coordenada sindética aditiva; 6. oração coordenada sindética explicativa; 7. oração coordenada sindética adversativa; 8. oração coordenada sindética adversativa; 9. oração coordenada sindética alternativa; 10. oração coordenada sindética adversativa; 11. oração coordenada sindética conclusiva.

II – 1. oração subordinada substantiva subjetiva; 2. oração subordinada substantiva completiva nominal; 3. oração subordinada substantiva predicativa; 4. oração subordinada substantiva apositiva; 5. oração subordinada substantiva objetiva indireta; 6. oração subordinada substantiva subjetiva; 7. oração subordinada substantiva subjetiva; 8. oração subordinada substantiva objetiva direta; 9. oração subordinada substantiva subjetiva; 10. oração subordinada substantiva objetiva direta; 11. oração subordinada substantiva completiva nominal (reduzida de infinitivo); 12. oração subordinada substantiva objetiva direta; 13. oração subordinada substantiva subjetiva (reduzida de infinitivo); 14. oração subordinada substantiva objetiva direta (reduzida de infinitivo = Viu / que os convidados chegavam); 15. oração subordinada substantiva objetiva indireta (o uso da preposição, no objeto indireto sob forma de oração é facultativo); 16. oração subordinada substantiva objetiva direta; 17. oração subordinada substantiva completiva nominal; 18. oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo; 19. oração subordinada substantiva objetiva direta; 20. oração subordinada substantiva completiva nominal.

III

1. oração subordinada adjetiva restritiva / oração subordinada adjetiva restritiva

• função sintática do pronome relativo que: que = verdade / que = mentira.

Organizando: A verdade dói. Logo, o que = sujeito.

(sujeito)

A mentira conforta. Logo, o que = sujeito.

2. oração subordinada adjetiva explicativa

• função sintática do pronome relativo que: que = o governo.

Organizando: O governo é o maior devedor do país. Logo, o que = sujeito.

(sujeito)

3. oração subordinada adjetiva restritiva

• função sintática do pronome relativo onde: onde = país.

Organizando: (Eu) não me entedio no país. Logo, o onde = ajunto adverbial de lugar.

(adj.adv.)

4. oração subordinada adjetiva explicativa / oração subordinada adjetiva restritiva

• função sintática do pronome relativo que: que = esse mundo / que = o mundo

Organizando: Esse mundo é o mundo da boa leitura. Logo, o que = sujeito.

(sujeito)

(os leitores) vivem no mundo. Logo, o que = adjunto adverbial.

(adj.adv.)

5. oração subordinada adjetiva restritiva

• função sintática do pronome relativo quanto: quanto = tudo.

Organizando: Tudo expressava... Logo, o quanto = sujeito.

(sujeito)

6. oração subordinada adjetiva restritiva

• função sintática do pronome relativo que: (em)que = na hora.

Organizando: Ele virá para cá na hora. Logo, o que = adjunto adverbial de tempo.

(adj. adv.)

7. oração subordinada adjetiva restritiva

• função sintática do pronome relativo que: que = o (= aquilo).

Organizando: Aquilo lhe acontece. Logo, o que = sujeito.

(sujeito)

IV – 1. oração subordinada adverbial comparativa; 2. oração subordinada adverbial condicional; 3. oração subordinada adverbial conformativa; 4. oração subordinada adverbial causal; 5. oração subordinada adverbial proporcional; 6. oração subordinada adverbial

consecutiva; 7. oração subordinada adverbial final; 8. oração subordinada adverbial concessiva; 9. oração subordinada adverbial consecutiva.

V – 1. oração subordinada substantiva subjetiva (reduzida de infinitivo); 2. oração subordinada substantiva subjetiva; 3. oração subordinada substantiva predicativa (reduzida de infinitivo); 4. oração subordinada substantiva objetiva direta / objetiva direta; 5. oração subord. adjetiva restritiva / oração subord. adverbial comparativa; 6. oração subordinada substantiva subjetiva / oração subordinada adverbial final; 7. oração subordinada adjetiva restritiva (que = o(=aquilo). Pensa naquilo); 8. oração subordinada adjetiva restritiva; 9. oração subordinada substantiva subjetiva; 10. oração subordinada adverbial temporal (reduzida de infinitivo) / oração subordinada substantiva objetiva direta; 11. oração subordinada adverbial condicional; 12. oração subordinada substantiva objetiva direta; 13. oração subordinada substantiva subjetiva; 14. oração subordinada substantiva objetiva direta; 15. oração subordinada adjetiva restritiva; 16. oração subordinada adverbial final (reduzida de infinitivo) / oração subordinada adverbial temporal; 17. oração subordinada adjetiva restritiva (que = o(=aquilo)) / oração subordinada adverbial final (reduzida de infinitivo); 18. oração subordinada substantiva objetiva indireta (de que estará perdido) / oração subordinada adverbial temporal (reduzida de gerúndio – vigorando a lei); 19. oração subordinada substantiva predicativa; 20. oração subordinada adverbial temporal; 21. oração subordinada substantiva objetiva direta/oração subordinada adverbial final; 22. oração subordinada substantiva subjetiva.

VI

1. oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo

A crítica às viagens internacionais do Presidente da República ou de outros dirigentes parece despropositada.

2. oração subordinada adverbial concessiva reduzida de infinitivo

O Estado moderno, embora se apresente como um Estado minimalista, ...

15.6. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Vamos, então, apreciar algumas questões de concursos comentadas?

1. (NCE/Eletrobras) "Felipe lembrou-se da história do Rei do Oriente que, desejando conhecer a história da humanidade, recebeu de um sábio quinhentos volumes; ocupado com negócios de Estado, pediu-lhe que a condensasse"; os vocábulos sublinhados exercem, respectivamente, as funções de:

a) sujeito / sujeito.

b) sujeito / objeto direto.

c) objeto direto / objeto direto.

d) objeto direto / sujeito.

e) objeto direto / objeto indireto.

Comentários:

Antes de tudo, lembre-se de isolar a oração adjetiva: *que recebeu de um sábio quinhentos volumes*. Para a sua leitura ficar mais fácil, pule a oração intercalada "desejando conhecer a história da humanidade". Assim, você olha somente para a oração adjetiva.

O próximo passo é substituir o pronome relativo *que* por seu antecedente, que é o substantivo *Rei* da expressão *o Rei do Oriente*. Agora, coloque a oração adjetiva na ordem direta: "*O Rei do Oriente* recebeu de um sábio quinhentos volumes". Vá ao verbo e pergunte por seu sujeito: "Quem recebeu quinhentos volumes de um sábio"? A resposta não é *o Rei do Oriente*? O pronome relativo *que* é, portanto, sujeito do verbo *receber*.

Já o pronome oblíquo *a* refere-se ao verbo *condensar*, que é transitivo direto. Trata-se, portanto, de seu objeto direto.

Resposta: B.

2. (Cesgranrio/Petrobras) Indique a frase a seguir em que o pronome relativo destacado não tem seu antecedente ou sua função sintática corretamente indicados.

a) "... 1994 entrará para a história como o ano em que o Brasil mostrou a sua cara..." – ano / adjunto adverbial.

b) "... deu-se conta da existência de um irmão siamês do Terceiro Mundo que, se morre e apodrece, leva o outro irmão consigo"... – Terceiro Mundo / sujeito.

c) "... habitante daquele lugar onde se matam pobres de fome e crianças à bala." – lugar / adjunto adverbial.

d) "Mas a espoleta final, que ajudou simbolicamente a desfraldar a bandeira da cidadania no País..." – espoleta / sujeito.

e) "... é esse desabrochar da cidadania que, a médio prazo, se transformará em pressão irresistível..." – desabrochar / sujeito.

Comentários:

Na letra A, o pronome relativo *que* retoma o substantivo *ano*. A frase na ordem direta, seria "O Brasil mostrou a sua cara *no ano*". A expressão em destaque indica circunstância de tempo ao verbo. É, de fato, adjunto adverbial de tempo.

Na letra B, o pronome relativo *que* retoma o substantivo *irmão*, que é núcleo da expressão *um irmão siamês do Terceiro Mundo.* Mais uma vez, siga o nosso conselho: para detectar a função sintática do relativo *que,* pule a oração intercalada que vem após esse relativo e coloque a oração adjetiva na ordem direta. Assim, teríamos "O irmão siamês do Terceiro Mundo leva o outro irmão consigo". O pronome relativo *que* é, portanto, sujeito do verbo *leva*. Mas não retoma a expressão *Terceiro Mundo,* e sim *um irmão siamês* do Terceiro Mundo. Quanto à função sintática, a alternativa está correta, mas quanto ao antecedente do relativo, não.

Quanto à letra C, nem perca tempo: o pronome relativo *onde* retoma, de fato, o substantivo antecedente *lugar.* Quanto à função sintática que esse relativo exerce, você já sabe que *onde* indica lugar. É, de fato, adjunto adverbial de lugar.

Na letra D, tanto o antecedente do relativo como a sua função sintática estão corretamente identificados: o pronome relativo *que* retoma o substantivo *espoleta*, que é núcleo da expressão *espoleta final.* Na ordem direta, a oração adjetiva ficaria: "*A espoleta final* ajudou simbolicamente a desfraldar a bandeira...". Logo, a expressão é sujeito do verbo *ajudar.*

A letra E está igualmente correta: o pronome *que* retoma *desabrochar,* que é o núcleo da expressão *o desabrochar da cidadania*. Colocando a oração adjetiva na ordem direta, teríamos: "O desabrochar da cidadania se transformará em pressão irresistível". A expressão grifada é, portanto, sujeito do verbo *transformar.*

Resposta: B.

3. (TRF) A opção em que melhor se justifica a vírgula empregada no trecho a seguir é: "O acordo visa à criação da Área de Livre Comércio Sul-Americana (ALCSA), que estaria plenament constituída em 2005." (GUTIÉRREZ, Estella, O livre mercado sul-americano.)

a) Separa oração subordinada adjetiva explicativa.

b) Separa oração subordinada adverbial consecutiva.

c) Separa oração subordinada adjetiva restritiva.

d) Separa oração subordinada substantiva apositiva.

e) Separa oração coordenada sindética explicativa.

Comentários:

Observe que a oração a ser classificada iniciou-se com um pronome relativo (*que*) que retoma o substantivo antecedente *Área,* da expressão *Área de Livre Comércio Sul-Americana (ALCSA)* Ora, se a oração se inicia com pronome relativo e também retoma um substantivo antecedente, ela é uma oração adjetiva, e, se vem antecedida de vírgula, ela deve ser classificada como <u>oração subordinada adjetiva explicativa</u>. Muitos marcaram a letra D na prova, achando que tudo que vem entre vírgulas é aposto, mas não esqueça: se a oração se inicia com pronome relativo, ela é adjetiva, jamais poderia ser substantiva apositiva.

Resposta: A.

4. (Cespe-UnB – Inca/2010) *Sua metodologia é simples – por meio de conversas frequentes com a família, o voluntário receita cuidados básicos para evitar que a criança morra por falta de conhecimento, como os hábitos de higiene, a administração do soro caseiro e a adoção da farinha de multimistura na alimentação,* **que se tornou uma solução simples e emblemática contra a desnutrição**. *Mas o seu segredo é um só: a persistência.*

Julgue a assertiva a seguir de acordo com o texto acima:

O trecho "que se tornou uma solução simples e emblemática contra a desnutrição" está precedido por vírgula porque se trata de um trecho com função restritiva.

Comentários:

Mais uma oração que se inicia com pronome relativo e se refere ao substantivo *farinha*, que é núcleo da expressão *farinha de multimistura*. Como ela se refere a um substantivo antecedente, deve ser classificada como adjetiva, e, por vir iniciada por vírgula, é explicativa, e não restritiva como a banca sugere.

Resposta: errada.

A seguir, algumas assertivas retiradas de provas aleatórias do Cespe-UnB para você perceber a forma como a banca apresenta esse tipo de questão. Cada alternativa vem antecedida por seu respectivo texto. Resolvi numerá-las para tornar mais fácil a correção:

A sentença determina, entre outras 7 medidas, que as penitenciárias somente acolham presos que residam em um raio de 200 km. Segundo o juiz, as medidas que tomou são previstas pela Lei de Execução Penal e objetivam acabar com a violação dos direitos humanos da população carcerária e "abrir o debate a respeito da regionalização dos presídios".

Ele alega que muitos presos das penitenciárias da região são de famílias pobres da Grande São Paulo, que não dispõem de condições financeiras para visitá-los semanalmente, o que prejudica o trabalho de reeducação e de ressocialização. Sua sentença foi muito elogiada. Contudo, o governo estadual anunciou que irá recorrer ao Tribunal de Justiça, sob a alegação de que, se os estabelecimentos penais não puderem receber mais presos, os juízes das varas de execuções não poderão julgar réus acusados de crimes violentos, como homicídio, latrocínio, sequestro ou estupro.

1. As orações subordinadas "que as penitenciárias somente acolham presos", "que tomou" e "que irá recorrer ao Tribunal de Justiça" desempenham a função de complemento do verbo.

Falara com voz sincera, exaltando a beleza da paisagem e revelando que, se dependesse só dele, passaria o resto da vida ali, morreria na varanda, abraçado à visão do rio e da floresta. Era isso o que mais queria, se Alícia estivesse ao seu lado.

2. As orações "se dependesse só dele" e "se Alicia estivesse ao seu lado" estabelecem circunstância de condição em relação às orações às quais se subordinam.

Se a humanidade quiser a paz efetiva, deve estar disposta a remover tudo aquilo que a impede. E a buscar tudo aquilo que a possibilita. Antes de tudo, remover a falsa paz: A paz concordista que aceita, com tolerância descabida, situações injustas.

3. A oração "Se a humanidade quiser a paz efetiva" estabelece uma relação de condição.

Sua sentença foi muito elogiada. Contudo, o governo estadual anunciou que recorrerá ao Tribunal de Justiça, sob a alegação de que, se os estabelecimentos penais não puderem receber mais presos, os juízes das varas de execuções não poderão julgar réus acusados de crimes violentos, como homicídio, latrocínio, sequestro ou estupro.

4. Na linha 1, o emprego da conjunção "Contudo" estabelece uma relação de causa e efeito entre as orações.

Não parecia estar no iate, e sim em sua casa, em Manaus: sentado, pernas e pés juntos, tronco ereto, a cabeça oscilando, como se fizesse um não em câmera lenta.

5. A oração "como se fizesse um não em câmera lenta" expressa uma comparação estabelecida pelo narrador.

Com os olhos pestanejando de curiosidade, no começo de sua miopia, ele se indagava por que uma vez conseguia mover a família, e outra vez não.

6. No trecho "ele se indagava", o termo "se" estabelece uma condição à realização da ação.

O fogo começa com pequenas queimadas feitas para abrir pastagens e acaba atingindo áreas de preservação. Os bombeiros levaram 11 dias para controlar o fogo no Parque Nacional da Chapada dos Guimarães.

7. Em suas duas ocorrências, a preposição "para" introduz orações que têm o sentido de finalidade.

Comentários:

Assertiva n. 1: Em "A sentença determina que as penitenciárias somente acolham presos", observe que a oração sublinhada é objeto direto do verbo determinar, que é transitivo direto. Quanto à segunda oração, verifique que ela se inicia com um pronome relativo *que*, o qual está retomando o substantivo antecedente *medidas* ("as medidas que tomou"). Trata-se, portanto, de uma oração subordinada adjetiva restritiva, que é adjunto adnominal do substantivo, e não complemento do verbo como a banca sugere. A terceira oração, por sua vez, faz o mesmo que a primeira: é objeto direto do verbo *anunciar* ("... o governo estadual anunciou que irá recorrer ao Tribunal de Justiça"). Dessa forma, a primeira e a terceira orações são, de fato, complementos de verbos (objetos diretos), mas a segunda não.

Resposta: errada.

Assertiva n. 2: A classificação das orações está diretamente ligada à classificação das conjunções que as iniciam. Nesse caso, ambas as conjunções são subordinativas adverbiais condicionais, o que faz com que as orações que elas iniciam sejam subordinadas adverbiais condicionais.

Resposta: certa.

Assertiva n. 3: Mais uma vez, uma conjunção condicional. Veja como o próprio verbo no

subjuntivo (*quiser*) contribui para que você perceba o valor de condição da oração. Observe que a banca nem se preocupou com o nome completo da oração (oração subordinada adverbial condicional), e sim com o valor semântico que ela indica (*relação de condição*).

Resposta: certa.

Assertiva n. 4: Causa e efeito só haveria se a conjunção fosse adverbial *causal* ou adverbial *consecutiva*. *Contudo* é conjunção coordenativa adversativa, que indica oposição, ressalva. Logo, o valor semântico que se estabelece entre as informações não é de causa e efeito, e sim de oposição.

Resposta: errada.

Assertiva n. 5: Mais uma vez, a conjunção ajudando você a classificar a oração. Observe que o conector *como* tem o mesmo valor que *do mesmo modo que*, *da mesma forma que*: ele estabelece *comparação* entre as informações. A oração que ele inicia é, portanto, oração subordinada adverbial comparativa.

Resposta: certa.

Assertiva n. 6: Desta vez, o *se* nem é conjunção. Observe como ele tem valor semântico de *a si mesmo*: "Ele se indagava (= ele indagava a si mesmo)". Não há ideia de condição. Trata-se de um pronome reflexivo.

Resposta: errada.

Assertiva n. 7: Ambas as preposições têm valor semântico de *a fim de*, *com a finalidade de*, sendo, de fato, finais. As orações que elas iniciam são orações subordinadas adverbiais finais.

Resposta: certa.

15.7. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (TRT – 2ª Região – Técn. Judic.) Desde cedo, a cidade teve o mérito de dar ao homem a possibilidade de evoluir além da luta pela sobrevivência pura e simples.

Considerando-se a estrutura sintática do período acima, é incorreto afirmar:

a) O sujeito comum a todas as orações do período é a cidade.

b) O termo luta exige um complemento nominal, expresso em *pela sobrevivência pura e simples*.

c) Há duas orações subordinadas, equivalentes a substantivos, com seus verbos no infinitivo.

d) O verbo dar exige dois tipos de complementos, ambos expressos na oração em que ele se encontra.

e) Têm a mesma função sintática, nas orações em que se encontram, os termos *o mérito* e *a*

possibilidade.

2. (TRT – 2ª Região – Técn. Jud. Adm.) Não há dúvida de que leitores, ouvintes e espectadores seguem suas preferências ao fazer uso dos meios de comunicação: querem se divertir ou se distrair, querem se informar ou tomar parte em debates públicos.

Considerando-se o trecho acima, é incorreto afirmar:

a) A oração principal do período é *Não há dúvida*.

b) A oração subordinada *de que leitores, ouvintes e espectadores seguem suas preferências* tem função sintática de objeto indireto.

c) As orações que se seguem aos dois-pontos constituem um conjunto de quatro orações coordenadas, formando dois grupos de orações de sentido alternativo.

d) A oração *ao fazer uso dos meios de comunicação* denota noção de tempo, sendo equivalente a quando fazem uso.

e) O sujeito de *querem* – verbo repetido nas orações após os dois-pontos – está anteriormente expresso numa das orações subordinadas do período.

3. (TCE/AL) Ser livre é tomar a iniciativa de principiar novas possibilidades. Desamarrar. Abrir novos tempos.

No trecho acima, entende-se que *Desamarrar* e *Abrir novos tempos* exercem a mesma função sintática de:

a) a iniciativa de principiar (...)

b) tomar a iniciativa (...)

c) ser livre.

d) de principiar novas possibilidades.

e) novas possibilidades.

4. "Eu não acabava de crer que o riozinho manso onde eu me banhava sem medo todos os dias se pudesse converter naquele caudal furioso de águas sujas."

A oração cujo núcleo verbal é *pudesse converter* classifica-se como:

a) coordenada assindética.

b) coordenada sindética.

c) subordinada substantiva.

d) subordinada adjetiva.

e) subordinada adverbial.

5. (NCE-UFRJ) Indique a opção em que a reescritura do período "Somos todos corredores naturais, apesar de boa parte de nós ter se esquecido desse fato'' NÃO mantém o mesmo sentido com que ocorre no texto.

a) Somos todos corredores naturais, embora boa parte de nós tenha se esquecido desse fato.

b) Somos todos corredores naturais, mesmo que boa parte de nós tenha se esquecido desse fato.

c) Somos todos corredores naturais, já que boa parte de nós se esqueceu desse fato.

d) Somos todos corredores naturais, mas boa parte de nós se esqueceu desse fato.

e) Somos todos corredores naturais, porém boa parte de nós se esqueceu desse fato.

6. Indique a opção em que a reescritura apresentada NÃO mantém o mesmo sentido do trecho

original:

a) Uma área equivalente – uma área que equivale.
b) Trabalhar duro – trabalhar duramente.
c) Forma de compensação pelos serviços – forma de compensar os serviços.
d) Incentivos de proteção – incentivos protegidos.
e) Recentemente desmatada – recém-desmatada.

7. (NCE-UFRJ/Secr. Min. Educ) Sobre as alterações feitas abaixo nas redações da parte sublinhada no período "**Débora Marques e Luíza Naslausky, alunas do 5º período de nutrição, reclamam que as plataformas para candidatos a reitor não foram bem divulgadas**", pode-se afirmar que houve alteração de sentido em:

a) ... reclamam não terem sido bem divulgadas as plataformas dos candidatos a reitor.
b) ... reclamam que não divulgaram bem as plataformas dos candidatos a reitor.
c) ... reclamam da falta de divulgação das plataformas dos candidatos a reitor.
d) ... reclamam não ter havido boa divulgação das plataformas dos candidatos a reitor.
e) ... reclamam que não se divulgaram bem as plataformas dos candidatos a reitor.

8. (NCE-UFRJ/Inspetor de Polícia) "Há poucos dias, assistindo a um desses debates universitários que a gente pensa que não vão dar em nada, ouvi um raciocínio que não me saiu mais da cabeça." O comentário correto sobre esse segmento do texto é:

a) Os três *quês* do texto pertencem à idêntica classe gramatical.
b) A expressão a *gente*, por dar ideia de quantidade, deve levar o verbo para o plural.
c) A forma verbal *vão* deveria ser substituída pela forma *vai*.
d) A forma verbal *vão dar* transmite ideia de possibilidade.
e) A última oração do texto restringe o sentido do substantivo *raciocínio*.

9. (NCE-UFRJ/Eletrobras) O item que mostra um desenvolvimento inadequado do segmento sublinhado é:

a) "O teste definitivo <u>para você saber</u>..." = o teste definitivo para que você saiba.
b) "<u>Ao saber</u> que estão sendo gravados..." = quando sabem que estão sendo gravados.
c) "<u>Para regravar</u> a mensagem" = para que regrave a mensagem.
d) "Seguem instruções <u>para esperar o bip</u>" = seguem instruções para que se espere o bip.
e) "Como aqueles livros que a gente gosta <u>de ler</u>" = como aqueles livros que a gente gosta que se leiam.

10. (Aux. Cart) Das seguintes transformações de passagens de texto, aquela em que o pronome relativo **que** passa de **objeto direto** a **sujeito** é:

a) "E eu vou ao encontro do <u>que</u> me espera." / E eu vou ao encontro do <u>que</u> sempre esperei.
b) "Não posso perder um minuto do tempo <u>que</u> faz minha vida." / Não posso perder um minuto do tempo com <u>que</u> é feita minha vida.
c) "Amar os outros é a única salvação individual <u>que</u> eu "conheço." / Amar os outros é a única salvação individual <u>que</u> é conhecida.
d) "Essa capacidade (...) é o que eu chamo de viver e escrever." / Essa capacidade (...) é o <u>que</u> chamam de viver e escrever.

e) “Escrever é alguma coisa extremamente forte mas que pode me trair e me abandonar.” / Escrever é alguma coisa extremamente forte mas que posso trair e abandonar.

11. (Anal. Judic./TRF) Os pronomes relativos que introduzem as orações a seguir destacadas – “*o primeiro problema que as árvores parecem propor-nos”, “Num mundo em que todos os seres têm pressa” e “Uma composição social que talvez se lhe afigure monstruosamente indiscreta*” – desempenham, respectivamente, as funções sintáticas de:

a) sujeito – complemento nominal – sujeito.
b) objeto direto – adjunto adverbial – sujeito.
c) predicativo – objeto indireto – sujeito.
d) predicativo – adjunto adverbial – objeto direto.
e) sujeito – objeto indireto – sujeito.

12. (NCE-UFRJ) Se se quisesse reescrever a parte inicial do período “Dada a limitação de recursos de que tanto reclama o Ministro da Educação, como pagar bem aos professores?”, sem se alterar o sentido original do texto, não poderia ser usada a forma:

a) com a limitação de recursos...
b) considerando-se a limitação de recursos...
c) se existe a tal limitação de recursos...
d) a despeito da limitação de recursos...
e) em se reconhecendo a limitação de recursos...

13. (NCE-UFRJ / Ministério Público)“recuse o convite e não troque o Brasil pela Itália, pois moedas não resgatam a dignidade.” Reescrevendo-se esse segmento do texto, mantendo-se o seu sentido original, a única forma inadequada é:

a) visto que a dignidade não é resgatada por moedas.
b) porque moedas não são o resgate da dignidade.
c) porquanto a dignidade não se resgata com moedas.
d) já que por moedas não é resgatada a dignidade.
e) pela razão de que a dignidade não é resgatada por moedas.

14. (Redator e Revisor / Câmara Municipal) O período em que as orações guardam entre si a mesma relação sintático-semântica que em “manteve suas reuniões anuais, mesmo que em condições precárias” é:

a) tivesse chovido, as ruas estariam inundadas.
b) choveu a ponto de inundar as ruas.
c) as ruas ficaram inundadas: choveu demais.
d) por muito que chova, as ruas não serão inundadas.
e) as ruas ficavam inundadas à medida que chovia.

15. (NCE-UFRJ)A oração “sendo global, planetário, encontra-se em todos os lugares”, reduzida de gerúndio, exprime a mesma circunstância que a subordinada adverbial que se lê em:

a) se precisar de ajuda, procure-me.
b) como ficou na miséria, matou-se.
c) quando chegou ao trabalho, foi despedido.

d) para que todos vivessem satisfeitos, sacrificava-se.
e) embora não fosse médico, costumava operar.

16. (Fundec / Analista de Sistemas / TRT) Dentre as mudanças feitas a seguir na oração sublinhada no período "A análise da genealogia das famílias dos cortadores de cana, <u>considerando pelo menos três a quatro gerações</u>, demonstra que a reprodução social deste segmento da força de trabalho se orienta por três perspectivas", aquela em que se alterou o seu sentido original é:

a) consideradas pelo menos três a quatro gerações.
b) desde que se considerem pelo menos três a quatro gerações.
c) quando se consideram pelo menos três a quatro gerações.
d) caso sejam consideradas pelo menos três a quatro gerações.
e) por serem consideradas pelo menos três a quatro gerações.

17. (NCE-UFRJ) No período "Ao detectar uma presa, o morcego geralmente diminui o intervalo entre os sinais emitidos, para que os ecos produzidos tragam mais informações em menos tempo", a primeira e a última orações exprimem, respectivamente, os sentidos de:

a) tempo e finalidade.
b) tempo e consequência.
c) causa e tempo.
d) causa e consequência.
e) causa e finalidade.

18. (NCE-UFRJ)É ambíguo o sentido da oração destacada em "<u>Adicionando as perdas devido a doenças ocupacionais</u>, chega-se ao número espantoso de 1 milhão de mortos por ano". A ambiguidade é decorrente do fato de, no texto, poderem ser interpretadas as circunstâncias de:

a) condição, tempo.
b) tempo, comparação.
c) comparação, modo.
d) modo, proporção.
e) proporção, condição.

19. (Redator e Revisor / Câmara Municipal)A oração desenvolvida que substitui, sem alteração fundamental de sentido, a reduzida de gerúndio em "A reunião da SBPC sendo um lugar de diálogo apresenta divergências e polêmicas" é:

a) como a reunião da SBPC é um lugar de diálogo.
b) sempre que a reunião da SBPC é um lugar de diálogo.
c) se a reunião da SBPC é um lugar de diálogo.
d) à medida que a reunião da SBPC é um lugar de diálogo.
e) por mais que a reunião da SBPC seja um lugar de diálogo.

20. (NCE-UFRJ / Inspetor de Polícia)"Há poucos dias, assistindo a um desses debates universitários, ouvi de um professor..." Se desenvolvermos a forma do gerúndio *assistindo* de forma adequada ao texto, teremos:

a) depois de assistir.
b) assim que assisti.

c) enquanto assistia.
d) logo que assisti.
e) porque assisti.

Gabarito: 1. a; 2. b; 3. b; 4. c; 5. c; 6. d; 7. c; 8. e; 9. e; 10. c; 11. b; 12. d; 13. c; 14. d; 15. b; 16. e; 17. a; 18. a; 19. a; 20. c.

15.8. RESUMO

Classificar orações é sempre um grande desafio! Até porque, nas provas, elas vêm misturadas, o mais difícil sempre é não confundi-las... Vamos às dicas finais?

- Orações devem ser contadas pelo número de verbos: para cada verbo, uma oração.
- No período composto por coordenação, a oração sem conectivo é chamada de assindética. Já no período composto por subordinação, a oração sem conectivo é chamada de principal.
- As orações coordenadas não possuem relação sintática entre si, apenas semântica. As orações subordinadas relacionam-se sintaticamente (uma é sujeito da outra, ou objeto direto etc.).
- Ao classificar as orações, você deverá pensar em quatro tipos: coordenadas ou subordinadas adverbiais (que podem ser identificadas pelo valor semântico que suas conjunções apresentam); subordinadas substantivas (que podem ser substituídas por "isto") ou subordinadas adjetivas (que se iniciam com pronome relativo, ligando-se a um substantivo antecedente).

16 CONCORDÂNCIA NOMINAL

16.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Concordância nominal é assunto que será dividido em duas partes: no primeiro segmento, apresentaremos os casos em que, antes de se fazer a concordância do adjetivo, é preciso detectar a função sintática que ele desempenha na frase. Por exemplo:

Tiradentes possuía cabelos e barba longos/longa.

Nessa frase, antes de fazer a flexão do adjetivo *longo*, você precisaria identificar sua função sintática. O fato de ele ser um adjunto adnominal posposto aos substantivos permite as duas opções: ele pode concordar com todos os substantivos ou apenas com o mais próximo. É na primeira parte do assunto, portanto, que vamos ensinar a você a identificação das funções sintáticas do adjetivo e todas as possibilidades de concordância que tais funções permitem.

No segundo segmento do assunto, você conhecerá os casos especiais da concordância nominal. São casos bastante explorados nas provas de concursos: a flexão de palavras como *bastante*, *anexo*, *quite*, *leso*, *junto*... Nessas situações, você não precisará perder tanto tempo raciocinando na frase: não será preciso identificar a função sintática do adjetivo, basta identificar a classe gramatical da palavra na frase. Se for uma classe variável (pronome, adjetivo, numeral etc.), a tendência será a variação; se for uma classe de palavra invariável (advérbio, palavra denotativa etc.), não poderá ir ao feminino nem ao plural.

De qualquer forma, nossa meta é a de que você não tenha de decorar uma série de regrinhas, mas aprenda a raciocinar de acordo com a frase.

Vamos começar? Então, entenda: são dois grandes blocos de concordância nominal. A primeira parte abordará os casos 1, 2, 3 e 4 e a segunda, do caso 5 até o final. Para cada regra, procuramos apresentar frases que vão servir de exemplo, devidamente comentadas. Ao final de cada segmento, elaboramos exercícios de fixação para você internalizar o raciocínio.

16.1.1. Introdução

A concordância pode ser:

a) Rígida ou gramatical: total ou parcial

- Atitude e caráter *apropriados*/*apropriado* (total: o adjetivo concorda em gênero e número

com todos os substantivos ou com o mais próximo).

• *Apropriada* atitude e caráter (parcial: concorda em gênero e número com o substantivo mais próximo).

b) Ideológica: silepse

• Vossa Senhoria é generos**o.** (silepse de gênero)

O pronome de tratamento está no feminino e o adjetivo no masculino.

• A *meninada* se divertia. *Risonhas*, elas cantavam. (silepse de número)

O substantivo coletivo está no singular e o adjetivo no plural.

16.1.2. Concordância nominal: Parte I – As funções sintáticas do adjetivo

Aqui, veremos os casos em que o adjetivo, dependendo de sua **função sintática**, poderá concordar com dois ou mais substantivos ou apenas com um deles. Nesse caso, é fundamental conhecermos as funções que o adjetivo exerce na frase. Vamos a elas!

Revisando:

1. Adjunto adnominal

(especifica o substantivo)

Adjetivo

2. Predicativo (atributo dado ao sujeito ou ao objeto)

Subdivide-se em: do sujeito e do objeto

Exemplos:

Olhos <u>negros</u> (adjunto adnominal)

Rua <u>silenciosa</u> (adjunto adnominal)

Seus olhos são <u>negros</u>. (predicativo do sujeito)

(sujeito)

A rua estava <u>silenciosa</u>. (predicativo do sujeito)

(sujeito)

O povo achou os governantes <u>incompetentes</u>.

(objeto direto) (predicativo do objeto)

Aqui vale um recado!

Atenção: O adjunto adnominal vem junto ao nome substantivo (*olhos* negros). O predicativo do sujeito vem separado por um verbo (seus olhos são negros). Já o predicativo do objeto vai se referir ao objeto (O povo achou os governantes incompetentes.) É aqui que poderá ocorrer dúvida. Se a palavra incompetente vem junto ao substantivo *governantes*, por que não classificá-la como adjunto adnominal?

Qual é a diferença entre adjunto adnominal e predicativo do objeto?

Uma maneira prática de se fazer essa distinção é retirar o adjetivo da frase e observar se há ou não sentido. Se ficar faltando informação, é predicativo do objeto, se não, adjunto adnominal.

Exemplo:

O povo achou os governantes? (Tem sentido? Não. Então, incompetentes é predicativo do objeto).

Tinha um único vício: a mentira. (Tinha um vício: a mentira. Tem sentido? Sim. Então é adjunto adnominal).

Visto isso, vamos aos casos de concordância nominal que envolvem a identificação da função sintática do adjetivo e suas posições.

16.1.2.1. Adjetivo na função de adjunto adnominal posposto aos substantivos

a) Adjetivo na função de adjunto adnominal posposto a dois ou mais substantivos do mesmo gênero: vai para o plural do gênero comum ou concorda com o mais próximo.

b) Adjetivo na função de adjunto adnominal posposto a dois ou mais substantivos de genêros diferentes: vai para o plural masculino ou concorda com o mais próximo.

* O adjetivo concordará apenas com o último substantivo se o sentido exigir.

Exs.:

1. Prédio e apartamento *antigos* ou *antigo*
2. Documentação e bagagem *intactas* ou *intacta*
3. Comprei calça e camisa *novas*/*nova*

Comentários:

Na frase 1, prédio e apartamento são masculinos. Ao concordar, em gênero e número, com os dois substantivos, masculino plural (*antigos*), com o mais próximo – apartamento, masculino singular – *antigo*.

Nas frases 2 e 3, os dois substantivos são femininos (*documentação/bagagem; calça/camisa*). Concordando com os dois, feminino plural (*intactas; novas*), com o mais próximo, feminino

singular (*intacta; nova*).

4. Defeitos e virtudes *verdadeiros*/*verdadeiras.*

5. Ação e julgamento *éticos*/*ético.*

6. Uvas e pêssegos *deliciosos*.

Comentários:

Nas frases 4 e 5 temos substantivos de gêneros diferentes – defeitos, masculino, virtudes, feminino; ação, feminino, julgamento, masculino. Quando isso ocorre, concordando com os dois em gênero e número, masculino plural (*verdadeiros*/*éticos*). Com o mais próximo – virtudes *verdadeiras*, julgamento *ético*. Na frase 6, só pode ser deliciosos, pois, concordando com os dois substantivos (*uvas* – feminino e *pêssegos* – masculino), masculino plural. Como o substantivo mais próximo está no masculino plural (*pêssegos*), só há uma resposta – *deliciosos*.

16.1.2.2. Adjetivo na função de adjunto adnominal anteposto aos substantivos

a) Adjetivo *anteposto*, na função de *adj. adn.*, a dois ou mais substantivos:

A concordância se faz com o substantivo mais próximo.

b) Adjetivo *anteposto* a nome de pessoas ilustres:

O adjetivo vai para o plural dos substantivos.

Exs.:

7. *Antigas* revistas e jornais.

8. Os *ilustres* Drummond e Cecília Meireles.

Comentários:

Na frase 7, o adjetivo, na função de adjunto adnominal, vem anteposto a dois substantivos. Quando isso ocorre, as gramáticas recomendam a concordância em gênero e número com o substantivo mais próximo. Já na frase 8, por se tratar de nomes de pessoa, concorda com os dois substantivos em gênero e número.

16.1.2.3. Adjetivo na função de predicativo

a) Adjetivo na função de *predicativo* (do sujeito ou do objeto):

Concorda com o substantivo a que se refere.

b) Adjetivo na função de *predicativo do sujeito composto*:

Quando vier posposto ao sujeito composto concorda com todos os núcleos. Se vier anteposto, pode concordar com o mais próximo, se o verbo também o fizer. Se o verbo estiver no plural, o predicativo ficará no plural.

c) Adjetivo na função de *predicativo do objeto composto*:

Vai para o plural dos substantivos.

Exs.:

9. Sua reivindicação é *justa*.

10. É um relógio que torna *inesquecíveis* todas as horas.

Comentários:

Vimos no caso 3 (a) que tanto o predicativo do sujeito quanto o predicativo do objeto concordam com os respectivos termos (o sujeito e o objeto). Como o adjetivo é uma classe variável (flexiona-se em gênero e número), *justa* – feminino singular – concorda com o sujeito – *reivindicação* – e *inesquecíveis* – adjetivo que só se flexiona em número – concorda com o objeto *horas*. É o que ocorre nas frases 9 e 10.

Nota:
Em Língua Portuguesa, alguns adjetivos não têm flexão de gênero (adjetivos uniformes, só uma forma para os dois gêneros, masculino ou feminino). Por exemplo:
Homem *triste* / mulher *triste*
Homens *tristes* / mulheres *tristes*
O adjetivo *triste* varia em número, mas não em gênero, assim como o adjetivo *inesquecíveis*.

11. A assistência técnica e o ensino eram *gratuitos*.

12. Eram *gratuitos* a assistência técnica e o ensino.

13. Era *gratuita* a assistência técnica e o ensino.

Comentários:

As frases 11, 12 e 13 exemplificam o caso 3 (b). Se o sujeito é composto, o predicativo do sujeito concorda em gênero e número com <u>todos</u> os núcleos (*assistência* e *ensino*, feminino e masculino).

Na frase 11, o adjetivo *gratuitos* ficou no masculino plural, portanto, para concordar com *assistência* e *ensino*. Nas frases 12 e 13, a concordância do predicativo do sujeito depende da concordância do verbo de ligação, que vem <u>anteposto</u>. Nesses casos, o <u>verbo</u> indica se o

predicativo do sujeito concorda com todos os núcleos ou com o mais próximo. Se o verbo aparecer no plural (concordando com todos os núcleos – *assistência* e *ensino*), o predicativo também o fará (*Eram gratuit**os***). Se o verbo estiver no singular (concordando com o núcleo mais próximo – *assistência*), o predicativo do sujeito concorda em gênero e número com o mais próximo (*Era gratuita*).

14. Acho a proposta e o trabalho *irrecusáveis*/*irrecusável*.

15. Encontrei *abertos*/*aberta* a janela e o portão.

Comentários:

Agora, temos exemplos de adjetivos que se referem ao objeto composto. Observamos que, quando isso ocorre, o predicativo do objeto, anteposto ou posposto, pode concordar com todos os núcleos do objeto em gênero e número ou com o núcleo mais próximo em gênero e número.

Vamos aos exemplos comentados.

Complete com a(s) forma(s) adequada(s):

1. Gestos e atitudes _____. (belicoso)

Comentários: Adjetivo posposto na função de adjunto adnominal – concorda com todos os substantivos em gênero e número ou com o mais próximo.

Resposta: belicosos ou belicosas.

2. _____ atitudes e gestos. (belicoso)

Comentários: Adjetivo anteposto na função de adjunto adnominal – concorda em gênero e número com o substantivo mais próximo.

Resposta: Belicosas.

3. Aprecio a cultura e a história _____ . (europeia)

Comentários: Mais uma frase em que temos adjunto posposto na função de adjunto adnominal, como na frase 1. Como os dois substantivos são femininos, plural feminino – concordância total – ou singular feminino – concordância atrativa.

Resposta: europeias ou europeia.

4. O ministro mostrou _____ cultura e talento. (belo)

Comentários: Como na frase 2, temos adjetivo anteposto na função de adjunto adnominal concorda com o substantivo mais próximo em gênero e número.

Resposta: bela.

5. A área e os meios de atuação dos funcionários tornam-se _____. (limitado)

Comentários: Aqui, o adjetivo vem separado dos substantivos por um verbo, funcionando como predicativo do sujeito – termo que, mesmo de longe, determina o sujeito. Nesse caso, só pode concordar com todos os núcleos em gênero e número. Como o sujeito composto é representado por substantivos de gêneros diferentes, masculino plural.

Resposta: limitados.

6. Tornam-se _____ a área e os meios de atuação dos funcionários. (limitado)

Comentários: Agora, o adjetivo, na função de predicativo do sujeito, vem anteposto ao sujeito – esta frase é a mesma que a anterior, só que invertida, logo a análise é a mesma. Quando isso ocorre, o verbo é que determina a flexão do adjetivo. Como o verbo anteposto está concordando com todos os núcleos, o adjetivo predicativo do sujeito concorda em gênero e número com todos eles.

Resposta: limitados.

7. Torna-se _____ a área e os meios de atuação dos funcionários. (limitado)

Comentários: Nesta frase, o verbo (*torna-se*) vem anteposto ao sujeito composto concordando com o núcleo mais próximo – *área*; singular. Por isso, o adjetivo na função de predicativo do sujeito concorda com o substantivo área, feminino singular.

Resposta: limitada.

8. Deixei _____ para o leitor meus pontos de vista sobre o assunto. (claro)

Comentários: O adjetivo *claro* aparece na função de predicativo do objeto ("Deixei meus pontos de vista..."), já que "claros" são os pontos de vista, ou seja, na ordem direta, a frase ficaria assim: "Deixei meus pontos de vista claros para o leitor."

Resposta: claros.

9. Comprou frutas, ovos e carne _____ . (bovino)

Comentários: O adjetivo bovino vem posposto na função de adjunto adnominal. Só que, nessa construção, razões semânticas fazem com que o termo bovino só possa concordar com o substantivo mais próximo – *carne* –, pois seria impossível você comprar *ovos* e *frutas* de boi.

Resposta: bovina.

10. Essa professora contou-nos _____ lendas e contos. (antigo)

Comentários: Aqui, o adjetivo, na função de adjunto adnominal, vem anteposto. A recomendação das gramáticas, nesses casos, é a de que o adjetivo concorde, em gênero e número, com o substantivo mais próximo (*lendas*).

Resposta: antigas.

16.1.3. Concordância nominal: Parte II – Casos especiais

Agora que você já estudou a concordância nominal que varia de acordo com a função do adjetivo na frase, vamos conhecer os casos especiais, que são muito explorados em provas.

16.1.3.1. As expressões é bom, é proibido...

a) Se o sujeito não vier determinado: O predicativo fica invariável.

b) Se houver determinação do sujeito: A concordância será normal.

Exemplos:

16. Vitamina é *bom* para a saúde.

17. Entrada é *proibido.*

18. Esta cerveja é *deliciosa*.

19. A entrada é *proibida*.

Comentários:

Nas frases 16 a 19, temos um caso especial de concordância nominal: as expressões *é bom*, *é proibido*, *é deliciosa*..., representadas por verbo de ligação ser mais predicativo. Se o substantivo na função de sujeito vier determinado (acompanhado de artigo, pronome) o adjetivo concorda com o sujeito – frases 18 e 19. Se não vier determinado, fica invariável (masculino singular) – frases 16 e 17.

16.1.3.2. Plural do adjetivo composto

a) Adjetivo composto formado de *adjetivo* + *adjetivo*:

O primeiro elemento fica invariável, e o último concorda com o substantivo a que se refere.

Obs.: 1) azul-marinho, azul-celeste, ultravioleta: são invariáveis.

2) surdo-mudo: variam os dois elementos.

b) Adjetivo composto formado de *adjetivo* + *substantivo*:

Os dois elementos ficam invariáveis. Quando a cor vier representada por substantivo não varia.

Exs.:

20. Amizades *luso-brasileiras*.

21. Todas usavam saias *vermelho-claras*.

22. Assisti a reuniões *político-sociais*.

23. Descobertas *médico-científicas* contribuem para o bem da humanidade.

24. Comprou dois ternos *azul-marinho*.

25. Raios *ultravioleta*.

26. Meninos *surdos-mudos*.

Comentários:

A maioria dos exemplos de adjetivos compostos em Língua Portuguesa é aquela cuja formação é de dois adjetivos. Como vimos na teoria, só o último elemento se flexiona em gênero e número, exceções feitas a: *azul-marinho*, *azul-celeste* e *ultravioleta*, que não se flexionam. Em *surdo-mudo*, embora seja um adjetivo composto formado por dois adjetivos, a gramática determina que os dois elementos variem em gênero e número (*surdos-mudos*, *surdas-mudas*).

27. Adorava tecidos *verde-limão*.

28. Bermudas *amarelo-ouro*.

Comentários:

Se aparecer substantivo no adjetivo composto, nenhum elemento se flexiona, ficam invariáveis.

29. Blusas *laranja*.

30. Sapatos *cinza*.

31. Calças *gelo*.

Comentários:

Em português, observa-se que o adjetivo é a classe que denota cor (*blusas azuis*, *vermelhas*,

amarelas, *brancas*...). Quando a cor vem representada por substantivo (*laranja*, *cinza, gelo*, *abóbora*...), não varia, já que não é papel de substantivo denotar cor.

16.1.3.3. Expressões mesmo, próprio, obrigado, anexo...

As expressões mesmo, próprio, anexo, quite, obrigado, incluso, leso, junto, tal concordam com o nome ou pronome a que se referem.

Obs.: *Em anexo*: fica invariável.

Exs.:

32. Elas *mesmas* não sabiam a questão.

33. Ela *própria* escreveu o bilhete.

34. Enviou-lhe *anexas*/*em anexo* neste envelope as duplicatas necessárias.

35. Vinham *inclusas* na pasta a carta e a procuração.

36. Estamos *quites* com todos vocês.

37. Muito *obrigada*, respondeu a moça.

38. Cometeram-se crimes de *leso*-idioma./ *lesa*-pátria.

39. Os filhos são *tais qual* o pai./ O filho é *tal quais* os pais.

40. Ana e Rosa saem sempre *juntas*.

41. Fernanda chegou *junto com* Lúcia à escola.

Comentários:

Nas frases 32 e 33, *mesmas* refere-se a *elas* e *própria*, a *ela*. Na frase 34, o adjetivo *anexas* está se referindo a duplicatas. Na ordem direta, teríamos: "Enviou-lhe as duplicatas necessárias anexas". Uma outra forma de se dizer o mesmo seria com a expressão *em anexo*, que é invariável e está sempre certa. Na frase 35, *inclusas* é adjetivo de *carta e procuração*. Na ordem direta, teríamos: "A carta e a procuração vinham inclusas". Na frase 36, *quites* é adjetivo de *nós*, é o mesmo que *desobrigados*. Vem do verbo *quitar*, é seu particípio irregular, mas, aqui, tem valor de adjetivo e concorda com o pronome (nós) a que se refere. *Obrigada*, na frase 37, é adjetivo e concorda com o substantivo *moça*. É por isso que meninos dizem *obrigado* e meninas, *obrigada*. Na frase 38, *leso* é adjetivo: é o mesmo que *lesado*, *prejudicado*. Daí ele concordar em gênero e número com o substantivo com o qual forma uma composição (*idioma* e *pátria*). Na frase 39, *tal*

e *qual* concordam com o nome ou pronome que determinam: *tal* concorda com o antecedente e *qual*, com o elemento seguinte. No primeiro exemplo, *tais* concordou com *filhos* e *qual*, com *pai*. No segundo exemplo, *tal* concordou com *filho* e *quais*, com *pais*. Na frase 40, *juntas* é adjetivo que se refere aos substantivos *Ana* e Rosa. Já na frase 41, tem-se a locução prepositiva *junto com* invariável.

16.1.3.4. Expressões *menos, pseudo, alerta, um e outro, um ou outro*...

a) Monstro (como adjetivo), menos, pseudo, alerta:

Ficam invariáveis

b) Um e outro, nem um nem outro, um ou outro:

Com essas expressões o **substantivo** não se flexiona.

Exs.:

42. Compareceram *menos* pessoas que o esperado.

43. Se você quiser manter a elegância, coma *menos*.

44. Ainda existem alguns *pseudo*-heróis.

45. Os soldados continuavam *alerta.*

46. São duas criaturas *monstro*.

47. Um e outro *remédio* eram necessários.

48. Nem um nem outro *namorado* a entendia.

Comentários:

Na frase 42, *menos*, apesar de ser pronome adjetivo indefinido, que é uma classe, na maioria das vezes, variável, refere-se ao substantivo *pessoas*, mas não varia. Já na frase 43, ele é advérbio e, por isso mesmo, invariável. *Menos* não varia nem como pronome indefinido, nem como advérbio: não varia nunca!

Pseudo é elemento grego que significa *falso*, ligando-se ao elemento seguinte, mas mantendo--se sempre invariável. É o que se observa na frase 44.

Alerta é rigorosamente advérbio, ainda que muitos tentem usar tal vocábulo como adjetivo, o que se deve evitar: daí na frase 45 não aparecer flexionado. *Alerta* só deve assumir papel de adjetivo se vier junto ao substantivo, como na frase: "Naquele momento, todos tinham os sentidos

alertas".

Aqui, ele é adjetivo e concorda com o substantivo *sentidos*, fato que não ocorreu na frase 45: ali *alerta* era advérbio e se referia ao verbo *continuavam*.

Na frase 46, *monstro*, apesar de ser adjetivo de *criaturas*, não admite variação.

Frases 47 e 48: *um e outro*, *um ou outro* e *nem um nem outro* levam obrigatoriamente o substantivo para o singular. O que poderá se flexionar, em algumas situações, será o verbo, assunto de que vamos tratar no capítulo sobre concordância verbal.

16.1.3.5. Expressões *só, meio, bastante, caro, barato*...

As expressões concordam com o substantivo a que se referem. Se aparecerem como advérbios ou palavras denotativas, ficam invariáveis.

Obs.: *A sós*: fica invariável.

Exemplos:

49. *Só* eles compareceram à cerimônia de posse.

50. Eles se encontravam *sós/só* naquele lugar deserto.

51. Percebi que eles *só* desejam o nosso bem.

52. As moças jamais ficarão *sós*.

Comentários:

Na frase 49, *só* equivale a *somente* ("*somente* eles compareceram à cerimônia de posse"): é palavra denotativa de exclusão, sendo, portanto, invariável. Já na frase 50, em um primeiro momento, o que se quis dizer é que "eles se encontravam *sozinhos* naquele lugar deserto": *só* seria adjetivo e concordaria com o pronome *eles*. No entanto, podemos ler tal frase de uma outra forma:

Eles se encontravam só (= somente) naquele lugar deserto.

Teríamos, aqui, outra leitura: "eles se encontravam *apenas* naquele lugar deserto, em nenhum outro lugar". Por isso, as duas opções estariam corretas na frase 50.

Já na frase 51, não há ambiguidade: *só* equivale a *somente*, *apenas*, sendo, portanto, invariável.

Na frase 52, *sós* é adjetivo que se refere a *moças*. É claro que também estaria certa a expressão *a sós*, que é invariável e está sempre certa!

53. Traga-me *meia* caneca de café.

54. Ela andava *meio* esquisita.

Comentários:

Meia, na frase 53, é numeral fracionário. Refere-se ao substantivo *caneca* e, já que é numeral, trata-se de classe variável. Já na frase 54, é advérbio, referindo-se ao adjetivo *esquisita*, mantendo-se, assim, sem se flexionar.

55. Eu não o vejo há *bastantes* dias.

56. Havia livros *bastantes* naquela estante.

57. Conhecemos pessoas *bastante* agradáveis.

58. Trabalharam *bastante* para entregar o serviço no prazo.

Comentários:

Bastante, na frase 55, equivale a *muitos*, refere-se a *dias*: é pronome indefinido, sendo, portanto, variável. Na frase 56, é adjetivo, equivalendo a *suficientes*: qualifica o substantivo *livros* e concorda com ele. Já nas frases 57 e 58, *bastante* funciona como advérbio, referindo-se ao adjetivo *agradáveis* e ao verbo *trabalharam*, respectivamente. E, como já vimos, sendo advérbio, será invariável.

Só pode ser adjetivo (= *sozinho*) ou palavra denotativa de exclusão (= *somente*). Se for adjetivo, irá variar. Como palavra denotativa de exclusão, não varia.
Meio pode ser numeral (= *metade*) ou advérbio (= *um pouco*). Quando for numeral, concordará com o substantivo a que se referir. Quando for advérbio, permanecerá invariável.
Bastante, quando se referir a substantivo, poderá ser pronome indefinido ou adjetivo (= *suficiente*). Nos dois casos, concordará com o substantivo a que se referir. Só será invariável quando funcionar como advérbio, referindo-se a verbo/adjetivo/advérbio.

59. Aquelas roupas estão *caras*/ *baratas*. (caro/barato)

60. Os gêneros alimentícios permanecem *caros*/*baratos*.

61. Os gêneros alimentícios custam *caro*/*barato* ou *caros*/*baratos*.

Comentários:

Caro e *barato* podem atuar como adjetivos ou advérbios. Se adjetivos, irão variar. Se forem advérbios, permanecerão invariáveis. Na frase 59, são adjetivos que se referem ao substantivo *roupas*. O mesmo acontece na frase 60: são adjetivos do substantivo *gêneros*. No entanto, pode-se ler a frase 61 de duas maneiras:

Os gêneros alimentícios custam caro/barato.

(Aqui, *caro*/*barato* seriam advérbios de preço do verbo *custar*, sendo, por isso, invariáveis).

Os gêneros alimentícios custam caros/baratos.

(Nesse caso, *caros*/*baratos* seriam adjetivos de *gêneros*, concordando com esse substantivo).

Repare que nas frases 59 e 60 esses adjetivos aparecem com verbo de ligação na frase (*estar*, *permanecer*). Nesse caso, serão sempre adjetivos, na função de predicativos do sujeito, e irão variar. Já na frase 61, o verbo **não** é de ligação, o que permite dupla possibilidade de concordância: os vocábulos *caro*/*barato* poderão se referir ao substantivo ou ao verbo.

16.1.3.6. Expressões *o mais possível, a olhos visto, haja vist*a...

a) O adjetivo **possível** concordará com o determinante.

b) A expressão **a olhos vistos** fica invariável ou a palavra *visto* concorda com o substantivo ou pronome a que se refere.

c) em **haja vista**, o substantivo **vista** fica invariável. Essa expressão (haja vista) estará **sempre** certa.

62. Comportamentos o mais insensatos *possível.*

63. Comportamentos os mais insensatos *possíveis.*

Comentários:

Com *o mais*, *o menos*, *o melhor*, *o pior possível*: o adjetivo *possível* concorda com o artigo "o", ficando, portanto, no singular. Foi o que aconteceu na frase 62. Porém:

Gestos *os* mais carinhosos *possíveis.*

Atitudes *as* mais modestas *possíveis.*

Com o plural *os*/*as mais*, *os*/*as menos* etc., o adjetivo *possível* vai ao plural, seguindo a flexão do artigo. Foi o caso da frase 63.

Portanto, as duas respostas estão igualmente corretas.

64. Ela tem piorado a olhos *vistos*/ a olhos *vista*.

Comentários:

Vistos concorda normalmente com *olhos*. Mas existe uma outra opção, ainda que desusada, que é a de o vocábulo *visto* concordar com aquilo que se vê (sujeito da frase). Na frase acima, têm--se,

então, as duas opções: *vistos* concordando com *olhos* ou *vista* concordando com *ela*. Se fosse *elas*, seria *elas têm piorado a olhos vistos/vistas* etc.

65. *Haja vista* o resultado.

66. *Haja vista*/*Hajam vista* os resultados.

67. *Haja vista* dos resultados.

68. *Haja vista*/*Hajam vista* as dificuldades por que passamos.

Comentários:

Haja vista será uma construção **sempre** certa, é o que se vê nas frases 65 a 68. O que seria erro, segundo a norma culta da língua, seria "*Haja vist**o*** o resultado". Na frase 66, além de *haja vista*, tem-se uma outra possibilidade, que é a de se considerar *os resultados* como sujeito e fazer a flexão do verbo. É uma construção desusada nos dias de hoje, porém correta e possível de aparecer em prova. Observe que na frase 67 já não se pode ter o mesmo raciocínio: iniciado por preposição, "dos resultados" não pode ser considerado sujeito, e sim objeto indireto. Daí o verbo não se flexionar. A frase 68 apresenta a mesma lógica da 66: pode-se considerar *as dificuldades* objeto direto, e não se flexionar o verbo, ou sujeito, fazendo a concordância do verbo.

16.1.3.7. Um substantivo modificado por dois ou mais adjetivos

Um substantivo modificado por dois ou mais adjetivos:

Os adjetivos ficam no singular.

69. As <u>literaturas</u> *portuguesa* e *brasileira*.

70. Comunica-se nas <u>línguas</u> *inglesa*, *francesa* e *alemã*.

71. A <u>literatura</u> *portuguesa* e a *brasileira*.

Comentários:

Quando há um só núcleo seguido de dois ou mais adjuntos, o substantivo pode ficar no singular ou ir para o plural. Nas frases 69 e 70, os substantivos ficaram no plural e os adjetivos, no singular. Já na frase 71, observa-se a outra possibilidade: o substantivo *literatura* ficou no singular, bem como seus adjetivos, com a repetição do artigo no singular antes de brasileira. Nesses casos, os adjetivos, com a repetição do artigo, ficam no singular porque o sentido da frase exige.

Aproveite a seguir os exemplos comentados.

Julgue os casos de concordância a seguir. Nas situações de erro de concordância, indique a forma que melhor se adequaria à norma culta.

1. Anexa àquela carta destinada ao pai da moça, foram remetidas as joias.

Comentários: *Anexa* é adjetivo que se refere a *joias*: precisa concordar com ele.

Resposta: errada a assertiva. O certo seria *anexas*. Na ordem direta, teríamos a seguinte frase: "As joias foram remetidas anexas àquela carta".

2. Naquelas bagagens havia joias bastante preciosas.

Comentários: *Bastante* é advérbio que modifica o adjetivo *preciosas*, daí não poder variar.

Resposta: a frase está correta.

3. Fica instituído no Quadro de Pessoal a classe de Técnico de Tributação.

Comentários: *Instituído* é adjetivo particípio que se refere ao substantivo *classe*. Na ordem direta, teríamos "A classe de Técnico de Tributação fica *instituída* no Quadro de Pessoal." Por isso, o certo seria *instituída*.

Resposta: assertiva errada.

4. O professor qualificou de inaceitável aquelas gírias.

Comentários: *Inaceitável* é adjetivo que se refere a *gírias*. Basta organizar a frase e você verá: "O professor qualificou aquelas gírias de inaceitáveis".

Resposta: assertiva errada.

5. Pagando cem mil-réis, ele estaria quite com o velho.

Comentários: *Quite* é adjetivo que se refere a *ele*, por isso está no singular.

Resposta: a frase está certa.

6. O Tribunal qualificou de ilegal aquelas nomeações.

Comentários: Mais uma vez, a frase fora de ordem pode causar problemas: *ilegal* refere-se a *nomeações* ("O Tribunal qualificou aquelas nomeações de ilegais").

Resposta: frase errada.

7. Segue anexa a documentação pedida sobre a linguagem dos estudantes.

Comentários: *Anexa* é adjetivo que caracteriza *documentação*.

Resposta: a frase está certa. Também se poderia utilizar a locução *em anexo*.

8. Houve crime de leso-humanidade.

Comentários: *Leso* é adjetivo que se refere a *humanidade*, portanto, deve concordar com este substantivo.

Resposta: frase errada. O certo seria dizer *lesa-humanidade*.

9. Parecia meio aborrecida a mulher do mestre Amaro.

Comentários: *Meio* é advérbio que modifica o adjetivo *aborrecida*.

Resposta: como advérbio, não deve variar, a frase está certa.

10. Não usem de meio palavras, já que estamos meio desconfiadas.

Comentários: *Meio* agora é numeral que se refere a *palavras*. Numeral é classe de palavra variável.

Resposta: a frase está errada. O certo seria dizer *meias palavras*.

11. As gírias ouvidas neste colégio são tais quais as que podemos observar em qualquer grupo de jovens.

Comentários: *Tais* é pronome que se refere a *gírias* e *quais*, ao pronome *as* (= aquelas).

Resposta: a frase está certa.

12. As garotas chegaram juntas, mas depois cada uma foi embora junto com o namorado.

Comentários: *Juntas* é adjetivo que se refere a *garotas*. Observe na mesma frase a locução prepositiva *junto com*, que é invariável.

Resposta: assertiva certa.

13. Encerrado os debates, bastantes deputados ainda pediam a palavra.

Comentários: *Encerrado* é adjetivo particípio que se refere a *debates*, por isso deve concordar com ele. O certo seria dizer *encerrados os debates*. Já o vocábulo *bastantes*, por ser pronome indefinido (= muitos) está adequadamente concordando com o substantivo *deputados*.

Resposta: parcialmente errada, portanto, a frase.

14. As pessoas pareciam meio distraídas durante a palestra.

Comentários: *Meio* é advérbio que se refere a *distraídas*. Deve ficar invariável.

Resposta: frase certa.

15. Aquela loja fazia ofertas o mais tentador possível.

Comentários: O adjetivo *possível* está no singular, em função do artigo *o*. Quanto a isso, a frase está correta. Mas o adjetivo *tentador*, que se refere a *ofertas*, deveria com este substantivo concordar. O certo seria dizer: "Aquela loja fazia ofertas o mais tentadoras possível."

Resposta: frase errada.

16. Os operários fizeram duas horas extra.

Comentários: *Extra* é adjetivo que se refere a *horas*. Por isso, deve concordar com tal substantivo.

Resposta: frase errada. O certo seria dizer *duas horas extras*.

17. Eu lhes peço que as deixem sós.

Comentários: *Sós* é adjetivo que se refere ao pronome oblíquo átono *as*. Daí a flexão.

Resposta: a frase está certa. Também seria certo utilizar a locução *a sós*.

18. Só alunos são admitidos na reunião.

Comentários: *Só*, aqui, equivale a *somente*. É palavra denotativa de exclusão. Portanto, deve ficar invariável, como está.

Resposta: frase certa.

19. As questões serão tais qual o programa.

Comentários: *Tais* está adequadamente concordando com *questões* e *qual* com *programa*.

Resposta: frase certa.

20. Estando pronto os preparativos para o início da corrida, foi dada a largada.

Comentários: *Pronto* é adjetivo que se refere a *preparativos*, por isso deveria estar no plural.

Resposta: frase errada. O certo seria dizer *estando prontos os preparativos*...

21. Estejamos sempre alerta para evitar contratempos maiores.

Comentários: *Alerta* aqui é advérbio. Portanto, invariável.

Resposta: frase certa.

22. É um relógio que torna inesquecível todas as horas.

Comentários: Basta organizar a frase e você verá o erro: "É um relógio que torna todas as horas *inesquecíveis*" . *Inesquecível* é adjetivo que se refere a *horas* e deve concordar com este substantivo.

Resposta: a frase está errada.

23. Era a mim mesmo que ele se referia – disse a moça.

Comentários: *Mesmo* é pronome que se refere ao substantivo *moça*. Deve concordar com ele.

Resposta: frase errada: o certo seria dizer "era a mim mesma que ele se referia".

24. Os fatos falam por si só.

Comentários: *Só*, aqui, é adjetivo que modifica *fatos*. É o mesmo que *sozinhos*: "Os fatos falam por si sozinhos".

Resposta: a frase está errada. O certo seria dizer "Os fatos falam por si sós".

25. Eles próprios entenderão a matéria.

Comentários: *Próprios* refere-se a *eles* e está adequadamente concordando com o pronome.

Resposta: frase certa.

26. Vai incluso à carta meu documento.

Comentários: Organize a frase: "Meu documento vai incluso à carta". *Incluso* refere-se a *documento*, por isso, está no masculino singular.

Resposta: a frase está certa.

27. Nenhuns obstáculos conseguirão impedir nossa vitória.

Comentários: *Nenhuns* é pronome indefinido que se refere a *obstáculos*, por isso está no masculino plural. Estranha a frase, não é? Se fosse o pronome *alguns* você também não o colocaria no masculino singular?

Resposta: a frase está correta.

28. Todos os soldados do quartel estavam alertas.

Comentários: Mais uma vez, *alerta* apareceu como advérbio: não deve variar.

Resposta: a frase está errada. O certo seria dizer "Todos os soldados do quartel estavam alerta".

29. Foi iniciado com meia hora de atraso a votação no Congresso.

Comentários: *Iniciado* refere-se a *votação*, por isso deveria estar no feminino singular. Na ordem direta, teríamos a seguinte frase: "A votação no Congresso foi iniciada com meia hora de atraso".

Resposta: frase errada.

30. Parece possíveis distinguir duas tendências fundamentais.

Comentários: *Possível* é adjetivo que está modificando a oração "distinguir duas tendências fundamentais". Por isso, não deve se flexionar. Observe que o próprio verbo não se flexionou.

Resposta: a frase está errada. Basta colocá-la na ordem e você verá: "Distinguir duas tendências fundamentais parece *possível*".

16.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

Agora, é a sua vez! Vamos fixar tudo o que você aprendeu?

I. Complete as frases a seguir com a expressão entre parênteses.

1. Faca e navalha _____ / _____. (afiado)
2. Aquele quadro era um símbolo de uma estética e época _____ / _____. (tedioso)
3. Amor e agradecimento _____ / _____. (eterno)
4. Códigos e senhas _____ / _____. (alterado)
5. Mãe e pai _____ / _____. (moderno)
6. Argumentos e justificativas _____ / _____. (pífio)
7. Rio consome frutas e legumes _____. (contaminado)
8. Supermercado Y: qualidade e preço _____. (baixo)
9. Comprou legumes, frutas e carne _____ (bovino)
10. Vendia pães e frutas _____. (maduro)
11. _____ clima e terra. (desconhecido)

12. _____ faca e navalha. (afiado)

13. _____ atitudes e gestos. (belicoso)

14. _____ cores e tamanhos. (variado)

15. Os _____ Gil e Caetano. (famoso)

16. As _____ mãe e filha. (corajoso)

17. As meninas vieram _____. (acompanhado)

18. Sua reivindicação é _____. (justo)

19. A crise financeira deixou _____ os cofres do clube. (vazio)

20. É um relógio que torna _____ todas as horas. (inesquecível)

21. A neve e o jardim eram _____. (branco)

22. Eram _____ a neve e o jardim. (branco)

23. Era _____ a neve e o jardim. (branco)

24. Encontrei a janela e o portão _____ / _____. (aberto)

25. Encontrei _____ / _____ a janela e o portão. (aberto)

26. As culturas _____, _____ e _____. (indígena, negro e europeu)

27. A cultura _____, a _____ e a _____. (indígena, negro e europeu)

28. As gramáticas _____ e _____. (inglês e alemão)

29. A gramática _____ e a _____. (inglês e alemão)

30. Conselhos _____ e _____ de engenharia. (federal e regional)

31. Fé é _____. (necessário)

32. É _____ entrada de pessoas estranhas ao serviço. (proibido)

33. A fé é _____. (necessário)

34. É _____ a entrada de pessoas estranhas ao serviço. (proibido)

35. As verdades descobertas são as mais variadas _____. (possível)

36. As verdades descobertas são o mais variadas _____. (possível)

37. Deve ser um bom livro, _____ as suas edições sucessivas. (haja vista)

38. Suas forças definhavam a olhos _____. (visto)

39. Um e outro _____ serão promovidos. (funcionário)

40. Nem um nem outro _____ conseguiu aprovação. (aluno)

41. Conheço uma ou outra _____. (hipótese)

42. Os filhos são _____ _____ a mãe. (tal qual)

43. _____ ao presente documento, encaminhamos a fotocópia do decreto x. (anexo)

44. Vão _____ à carta meus documentos. (anexo)

45. Vão _____ à carta meus documentos. (em anexo)

46. Estou _____ com todos vocês. (quite)

47. Estamos _____ com todos vocês. (quite)

48. Muito _____, respondeu a tia. (obrigado)

49. Seguem _____ aos documentos as fotografias. (incluso)

50. Sua opinião é um crime de _____-inteligência. (leso)

51. Ana e Rosa saem sempre _____. (junto)

52. Elas _____ entenderão o recado. (próprio)

53. Trabalhas _____ que eu. (menos)

54. Havia, naquela festa, _____ mulheres que homens. (menos)

55. Os candidatos estavam _____. (alerta)

56. Ficou _____ portão. (junto a)

57. Fernanda chegou _____ Guilherme ao colégio. (junto com)

58. Entrou em casa e deixou _____ os dois jovens debaixo das amendoeiras do portal. (só)

59. Os fatos falam por si _____. (só)

60. _____ alunos são admitidos na reunião. (só)

61. Bebeu sozinho _____ caneca de vinho. (meio)

62. Eram pessoas _____ estranhas. (meio)

63. Há _____ exemplos neste livro. (bastante)

64. Comprou livros _____. (bastante)

65. Comprou livros _____ antigos. (bastante)

66. Só dois atos seus não pareciam _____ a esta imagem. (conforme)

67. Elas _____ entenderão o recado. (mesmo)

68. _____ as crianças entenderão o recado. (mesmo)

69. As canetas eram _____. (caro; barato)

70. O camelô vendia _____ as canetas. (caro; barato)

71. Processos _____. (administrativo-fiscal)

72. Parcerias _____. (público-privado)

73. Grupos _____. (hispano-argentino)

74. Crianças _____. (recém-nascido)

75. Ternos _____. (azul-marinho; azul-celeste)

76. Jovens _____. (surdo-mudo)

77. Crianças _____. (surdo-mudo)

78. Blusas _____. (verde-garrafa)

79. Vestidos _____. (vermelho-sangue)

80. Calças _____. (cinza-chumbo)

81. Tecidos _____. (palha; cinza; laranja; rosa)

II. Levando em consideração as regras de concordância nominal, marque certo (C) ou errado (E).

1. ( ) Estava com baixo autoestima.

2. ( ) Estas foram as sós palavras que ele disse.

3. ( ) Os setores público e privado devem estar integrados.

4. ( ) Aquela menina nada tem de engraçado.

5. ( ) Perdi meu óculos escuros.

6. ( ) Nenhuns obstáculos conseguirão impedir nossa vitória.

7. ( ) As milhares de pessoas que assistiram àquele espetáculo saíram felizes.

8. ( ) As cópias estavam conformes com as originais.

9. ( ) Anexa àquela carta destinada ao pai da moça, foram remetidas as joias.

10. ( ) Naquelas bagagens havia joias bastantes preciosas.

11. ( ) O Tribunal qualificou de ilegal aquelas nomeações.

12. ( ) Vossa Senhoria é muito competente e qualificado.

13. ( ) Fica instituído no Quadro de Pessoal a classe de Técnico de Tributação.

14. ( ) Existem meios para tudo.

15. ( ) O relógio bateu meio-dia e meio.

16. ( ) O professor qualificou de inaceitável aquelas gírias.

17. ( ) As gírias ouvidas neste colégio são tais quais as que podemos observar em qualquer grupo de jovens.

18. ( ) Os partidos de cana mostravam tonalidades verde-esmeraldas.

19. ( ) Pagando cem reais, ele estaria quites com o velho.

20. ( ) Os famosos Machado e Alencar.

21. ( ) Seguem em anexo as fotos.

22. ( ) Seguem anexas as fotos.

23. ( ) Os candidatos não eram nenhum bobocas.

24. ( ) Não votaram em candidato nenhum.

25. ( ) Persistência é necessário para obtermos um bom resultado.

26. ( ) As questões serão tais qual o programa.

27. ( ) Anexo à correspondência vão documentos importantes.

28. ( ) Estejamos sempre alertas para evitar contratempos maiores.

29. ( ) Os alertas foram dados. As pessoas alertas correram.

30. ( ) Ela era considerada um monstro por seus inimigos.

31. ( ) O primeiro e o segundo atos.

III. Complete as lacunas com a(s) forma(s) adequada(s).

1. Elas _____ providenciaram os atestados, que enviaram _____ às procurações, como instrumentos _____ para os fins colimados. (mesmo/anexo/bastante)

2. São bastante _____ tais ideias e opiniões sobre o computador. (difundido)

3. Serão _____ tanto os técnicos quanto as pessoas menos qualificadas.

(promovido)

4. Tornam-se muito _____ a área e os meios de atuação dos funcionários. (limitado)

5. Torna-se muito _____ a área e os meios de atuação dos funcionários. (limitado)

6. Podem ser neste ponto _____ a tarefa dos antigos artesãos e a dos modernos operários. (comparado)

7. Pode ser neste ponto _____ a tarefa dos antigos artesãos e a dos modernos operários. (comparado)

8. Ficam _____ nas mãos de poucos todos os conhecimentos e habilidades. (concentrado)

9. _____ montes e várzeas se sucediam na paisagem. (florido)

10. Aprecio a cultura e a história _____. (europeu)

11. Comprou jornais e revistas _____. (brasileiro)

12. Os meninos estavam com os pés e as mãos _____. (sujo)

13. Encontrei _____ as cadeiras e o sofá. (reformado)

14. A professora contou-nos _____ lendas e contos. (antigo)

15. Não houve chuvas _____ para resolver o problema da agricultura. (bastante)

16. Tinha _____ chances de conseguir o emprego. (bastante)

17. As novas tecnologias eram _____ prejudiciais aos trabalhadores. (bastante)

18. Esses diretores não costumam aceitar nossas reivindicações, _____ que sejam elas. (qualquer)

19. Pode-se ver do alto daquele prédio as bandeiras _____. (brasileiro e português)

20. Veio _____ ao requerimento a planta da casa reformada. (anexo)

21. Aquela loja fazia ofertas o mais _____ possível. (tentador)

22. As observações do autor do texto foram as mais pertinentes _____. (possível)

23. Julgamos _____ ao espírito humano as indagações constantes sobre o que é verdade. Ocorre porém que, em nosso presente estágio evolutivo, as verdades descobertas são o mais variadas _____. (natural/possível)

24. O uso de certas máquinas deixa mais _____ os legumes. (barato)

25. Com o uso de certas máquinas, os legumes estão ficando muito mais _____. (caro)

26. O uso de certas máquinas faz com que custem mais _____ as batatas. (barato)

27. O filósofo alemão Jügen Habermas vem insistindo: o fim do Estado Nacional como instância reguladora do mercado também torna _____ as formas tradicionais do exercício da cidadania. (obsoleto)

28. O seleiro sentiu o papel e a nota _____ no bolso. (novo)

29. O Direito e o fato social não existem por si _____ no seio da sociedade. (só)

30. Por mais _____ que lhes pareça a resolução desses exercícios, apliquem-se, e verão quão menos _____ na verdade o são. (difícil/complicado)

31. Corriam _____ nossa imaginação e nosso pensamento, naquele tempo em que quaisquer ameaças à nossa felicidade pareciam _____. (solto/impossível)

32. Seria _____, numa hora como esta, contar com a ajuda de pessoas que nunca buscaram estar minimamente _____ de mim? (oportuno/próximo)

33. O mais duvidoso, em meio às tuas propostas, é que _____ uma delas obtenha o consenso há tantos dias inutilmente _____. (qualquer/perseguido)

34. Aqueles papéis, que sempre lhes pareceu _____ guardar, revelaram-se de importância absolutamente _____ para eles. (inútil/vital)

35. _____ está a carta, os recibos e os documentos pedidos. (anexo)

Gabarito: I – 1. afiadas / afiada; 2. tediosas / tediosa; 3. eternos / eterno; 4. alterados / alteradas; 5. modernos / moderno; 6. pífios / pífias; 7. contaminados; 8. baixo; 9. bovina; 10. maduras. Obs.: Nas frases 8, 9 e 10, o sentido exige a concordância atrativa; 11. Desconhecido; 12. Afiada; 13. Belicosas; 14. Variadas; 15. famosos; 16. corajosas; 17. acompanhadas; 18. justa; 19. vazios; 20. inesquecíveis; 21. brancos; 22. brancos; 23. branca; 24. abertos / aberto; 25. abertos /aberta; 26. indígena / negra e europeia; 27. indígena / negra e europeia; 28. inglesa / alemã; 29. inglesa / alemã; 30. federal / regional; 31. necessário; 32. proibido; 33. necessária; 34. proibida; 35. possíveis; 36. possível; 37. haja vista; 38. vistos. Obs.: As expressões "haja vista" e "olhos vistos" podem concordar com seus respectivos sujeitos (... hajam vista suas edições e suas forças vistas aos olhos definhavam); 39. funcionário; 40. aluno; 41. hipótese; 42. tais qual; 43. Anexa; 44. anexos; 45. em anexo; 46. quite; 47. quites; 48. obrigada; 49. inclusas; 50. lesa; 51. juntas; 52. próprias; 53. menos (advérbio); 54. menos (pronome); 55. alerta. Obs.: A palavra **menos** é invariável,

independentemente de sua classificação morfológica. O vocábulo “alerta”, como está empregado na frase 55, é advérbio, portanto invariável. Conforme a frase, “alerta” pode aparecer como adjetivo (homens alertas) ou substantivo (Os alertas foram dados), variando, pois; 56. junto ao; 57. junto com; 58. sós; 59. sós; 60. Só; 61. meia; 62. meio; 63. bastantes (pronome); 64. bastantes (adjetivo); 65. bastante (advérbio); 66. conformes (adjetivo); 67. mesmas (pronome); 68. Mesmo (palavra denotativa de inclusão); 69. caras / baratas (adjetivos); 70. caro / barato (advérbio); 71. administrativo-fiscais; 72. público-privadas; 73. hispano-argentinos; 74. recém-nascidas; 75. azul-marinho / azul-celeste; 76. surdos-mudos; 77. surdas-mudas; 78. verde-garrafa; 79. vermelho-sangue; 80. cinza-chumbo; 81. palha; cinza; laranja; rosa.

II – 1. E; 2. c; 3. c; 4. c (Com expressões constituídos por nada, algo... + preposição + adjetivo, a tendência é não flexionar o adjetivo. Algumas gramáticas, porém, aceitam a flexão do adjetivo.); 5. e (“Óculos” leva o determinante ao plural – meus óculos.); 6. c; 7. e (“Milhar” é palavra masculina.); 8. c (“Conformes”, nesta frase, equivale a *idênticas*, adjetivo, pois.); 9. e (“Anexas”. Refere-se a “joias”.); 10. e (“Bastante” modifica “preciosas”, advérbio, pois.); 11. e (“Ilegais”. Refere-se a “nomeações”.); 12. c (Silepse.); 13. e (Instituída.); 14. c; 15. e (“Meia” é numeral, concorda com a palavra “hora”, subentendida.); 16. e (“Inaceitáveis” são as “gírias”.); 17. c; 18. e; 19. e; 20. c; 21. c; 22. c; 23. e (Nenhuns.); 24. c; 25. c; 26. c; 27. E (“Anexos” vão os “documentos”.); 28. E; 29. C; 30. C (“Monstro”, como adjetivo, não varia.); 31. C (Quando numerais ordinais modificam um substantivo, este poderá ficar no singular ou plural – **ato** ou **atos** – se os numerais vierem antecedidos de artigo, como é o caso. Usaremos o substantivo no plural se não houver a repetição do artigo – **O primeiro e segundo atos** – ou se vier antes dos numerais – **Os atos primeiro e segundo**.).

III – 1. mesmas / anexos / bastantes; 2. difundidas; 3. promovidos; 4. limitados; 5. limitada; 6. comparadas; 7. comparada; 8. concentrados; 9. Floridos; 10. europeias / europeia; 11. brasileiros / brasileiras; 12. sujos / sujas; 13. reformados / reformadas (predicativo do objeto – caso 3 (c)); 14. antigas (adjunto adnominal anteposto – caso 2 (A)); 15. bastantes (adjetivo); 16. bastantes (pronome indefinido); 17. bastante (advérbio); 18. quaisquer; 19. brasileira e portuguesa; 20. anexa; 21. tentadoras (“ofertas tentadoras”); 22. possíveis; 23. naturais / possível; 24. baratos; 25. caros; 26. barato (Nesta frase, a tendência é considerar como advérbio.); 27. obsoletas (Predicativo do objeto.); 28. novos / nova; 29. sós; 30. difícil / complicados; 31. soltos / impossíveis; 32. oportuno / próximas; 33. qualquer / perseguido; 34. inútil / vital; 35. Anexa.

16.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

1. (Cesgranrio) “para ela mesma se alimentar”; a alternativa que mostra uma construção errada com o vocábulo mesmo é:

a) Nós mesmos fomos até lá.

b) Mesmo ela não compreendeu a questão.

c) Os mesmos carros foram vendidos.

d) Elas mesmas ficaram doentes após o contato.

e) Ela falava consigo mesmo o dia inteiro.

Comentários:

A concordância nominal, basicamente, é dividida em duas partes: os casos que envolvem a identificação das classes gramaticais – variáveis ou invariáveis – e os casos que mostram o adjetivo e suas funções.

Esta questão trata dos valores do vocábulo mesmo, que pode ser pronome ou adjetivo (classes variáveis) ou palavra denotativa que indica inclusão (classe invariável).

Nas opções A, D e E, aparecem com o valor de pronomes.

Na C, o valor é de adjetivo. Na opção B, o sentido é de inclusão, não variando. Como o pronome é uma classe variável, a letra E ficaria "Ela falava consigo mesma".

Resposta: E.

2. (Petrobras) A opção em que a concordância nominal está correta, segundo o registro culto e formal da língua, é:

a) Eu mesmo, disse a senhora, providenciarei a água filtrada para o gari.

b) No condomínio em frente, havia menas gente cuidadosa.

c) Haja visto o seu bom humor, pedi-lhe que me ajudasse nas tarefas.

d) Ao recolher os sacos de lixo, eles estavam feliz.

e) No verão, água gelada é bom para minimizar o calor.

Comentários:

A letra A apresenta o termo mesmo se referindo a "senhora", erro, portanto. A letra B traz uma palavra que não existe (menos é palavra invariável).

Na letra C, "Haja visto" está errado, pois o termo é "vista", sempre. A letra D mostra o adjetivo "feliz" no singular se referindo a "eles" no plural.

A opção E mostra o caso das expressões é bom, é proibido, é permitido... que não se flexionam se o substantivo não vier determinado. Só haverá a concordância se o substantivo vier acompanhado de artigo, pronome.

Resposta: E.

3. (Petrobras) Na passagem "...somos responsáveis por nós mesmos", o vocábulo destacado é

variável. Em qual das frases abaixo há uma transgressão ao registro culto e formal da língua, quanto à flexão dos vocábulos destacados?

a) Felizmente, bastantes pessoas foram corajosas para enfrentar seus problemas emocionais.

b) Alguns ficaram meio irritados por não entenderem a sutil diferença entre dar a mão e acorrentar uma alma.

c) Os seus atos e temperamento custaram caro para você.

d) Haja visto o resultado final, começou a entender melhor suas derrotas.

e) Acredito que só as verdadeiras amizades se mantêm para toda a vida.

Comentários:

A letra A mostra a palavra "bastante" se referindo a "pessoas", que é substantivo com a ideia de muitas, ou seja, pronome indefinido, classe variável.

Nas opções B e C, "meio" e "caro" são advérbios (não variam), já que modificam adjetivo e verbo, respectivamente.

A letra E traz o vocábulo "só" com o valor semântico de exclusão, palavra denotativa (invariável).

A letra D apresenta "visto" de uma forma errada, pois na expressão "Haja vista" essa palavra não varia.

Resposta: D.

4. (FCC / TRT) No segmento "os povos egípcio e israelita", o substantivo aparece no plural e os dois adjetivos no singular. O item abaixo em que os adjetivos poderiam ocorrer no plural é:

a) as atuais bandeiras brasileira e portuguesa;

b) as séries primeira e segunda do ensino médio;

c) os idiomas francês e inglês;

d) os jornais paulista e carioca da atualidade;

e) os territórios brasileiro e argentino.

Comentários:

Esta questão exemplifica o caso de concordância em que temos um substantivo modificado por dois adjetivos, em que, pelo sentido exigir, os adjetivos têm de ficar no singular ("povos" existem

vários, mas só um é egípcio, só um israelita).

Essa explicação serve para as opções A, B, C e E.

Na letra D, há possibilidade de os adjetivos aparecerem no plural, uma vez que existe mais de um jornal paulista e carioca.

Resposta: D.

5. (FCC / TRT) O item em que concordância é aceitável na norma culta é:

a) O filósofo considerou estranho a pesquisa dos universitários.

b) Está difícil a quitação do empréstimo bancário feita no ano passado.

c) Uma pequena parte do texto é compreendido.

d) Os livros traziam 30 páginas de textos rasgados.

e) Tornou-se clara para o leitor minha posição sobre o assunto.

Comentários:

Na letra A, "estranho" se refere a "pesquisa", então estaria errado ("...considero a pesquisa dos universitários estranha"). Na B, o "empréstimo" é que foi "feito". Na C, a "parte" do texto foi "compreendida". A letra D traz o adjetivo "rasgados" concordando com "textos", o que também caracteriza um erro, pois "rasgadas" seriam as "páginas". Na opção E, "clara" é a "posição", concordância correta.

Resposta: E.

16.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (NCE-UFRJ) Única frase errada:

a) Já estou quite das minhas obrigações.
b) Aquelas crianças nada têm de bonitas.
c) As cópias estavam conformes com os originais.
d) Os vigias estavam alerta por causa dos balões.
e) As crianças surdo-mudas merecem nosso amparo.

2. (NCE-UFRJ) De acordo com a NORMA CULTA, qual das concordâncias indicadas entre parênteses é INACEITÁVEL?

a) Gosto muito de estudar os períodos (barroco e árcade) de nossa literatura.
b) Sr. Ministro, V. Exª tem sido (atencioso) com seus subordinados.
c) Com aquele incidente, ficaram (desprestigiadas) as estagiárias e os funcionários.
d) Ela (mesmo) resolveu que o melhor era apresentar o relatório no dia seguinte.
e) Os memorandos e as petições foram (arquivados), apesar dos protestos dos grupos envolvidos

com o problema.

3. (NCE-UFRJ) A alternativa em que a concordância está correta é:

a) A bandeira brasileira e inglesa foram hasteadas no mesmo mastro.
b) Todos nos movíamos cautelosamente, alertas a qualquer perigo.
c) Ao longo desta estrada avista-se muitas paisagens interessantes.
d) Os apartes do nosso líder eram sempre os mais oportunos possível.
e) A aeronáutica e o exército brasileiro ajudam na integração nacional.

4. (NCE-UFRJ) Única frase errada:

a) Estavam abandonadas a casa, o templo e a vila.
b) Ele chegou com o rosto e as mãos feridas.
c) Decorrido um ano e alguns meses, lá voltamos.
d) Decorridos um ano e alguns meses, lá voltamos.
e) Ela comprou dois vestidos cinza.

5. (NCE-UFRJ) HÁ ERRO de concordância nominal, segundo a norma culta, em:

a) Ele pulou **longos** capítulos e páginas.
b) Considerou **perigosos** o argumento e a decisão.
c) Remeto-lhe **anexo** as duplicatas.
d) **Bastantes** alunos foram aprovados.
e) Pedro e Teresa partiram **sós**.

6. (NCE-UFRJ) A alternativa era que a lacuna pode ser preenchida, de acordo com a norma culta, por qualquer uma das duas formas nominais indicadas entre parênteses é:

a) Encontrei _____ as portas e o portão. (abertos/abertas)
b) Julguei-as as _____ alunas. (melhor/melhores)
c) As cartas e os telegramas seguem _____. (anexos/anexas)
d) Ganhei _____ livros. (bastante/bastantes)
e) Ficarão _____ a tua face e os teus lábios. (rubra/rubras)

7. (NCE-UFRJ) Indique a opção em que a substituição do termo grifado pelo termo entre parênteses **não** desrespeita a norma culta.

a) Neste recinto, a entrada de pessoas estranhas ao serviço é **proibida**. (proibido)
b) Com **contundente** gesto e palavras, o político lançou suas críticas ao adversário. (contundentes)
c) **Anexa** ao presente documento, encaminhamos a fotocópia do Decreto X. (anexo)
d) João chegou tão perto que não quis jantar e preferiu ficar a **sós**. (só)
e) Os admiradores costumam considerar ofensa de **leso-governo** qualquer posição contrária à sua. (lesa-governo)

8. (Minist. Públ. / NCE-UFRJ)"O Brasil tem hoje grande força e grande fraqueza;" observe a seguir diversas formas de reescrever a frase inicial do texto, sem a repetição do adjetivo *grande*:

I. O Brasil tem hoje força e fraqueza grandes.
II. O Brasil tem hoje força e fraqueza grande.
III. O Brasil tem hoje grande força e fraqueza.

IV. O Brasil tem hoje grandes força e fraqueza.

As frases que têm forma adequada são somente:

a) I – II – III – IV

b) I – II – III

c) I – IV

d) II – III

e) I – III

9. (FCC) A concordância nominal destoa da norma prescrita nas nossas gramáticas em:

a) Lotaram sindicatos e universidades brasileiras.

b) Adquiriram computadores e fibras óticas sofisticados.

c) Revelaram inteligência e autopercepção desmedidas.

d) Superaram graves inflação e desvalorização monetária.

e) Reviram antigas metas e planos.

10. (FCC) A frase em que se infringe a norma de concordância nominal prescrita pela língua culta é:

a) O tempo livre era gasto com asseio e alimentação necessárias.

b) Os trabalhadores assistiam semanalmente a práticas e rituais religiosos.

c) Os trabalhadores não tinham direito a descanso e férias remuneradas.

d) Viviam no lazer a nobreza e a burguesia ociosas.

e) As leis não protegiam o artesão e o camponês sofridos.

11. (FCC) Das frases abaixo, aquela em que se incorreu em erro de concordância nominal é:

a) Os ratos sofriam perseguição e maus-tratos injuriosos do gato.

b) Os ratos sofriam maus-tratos e perseguição e injuriosa do gato.

c) Os ratos sofriam injuriosa perseguição e maus-tratos do gato.

d) Os ratos sofriam maus-tratos e perseguição injuriosas do gato.

e) Os ratos sofriam injuriosos maus-tratos e perseguição do gato.

12. (FCC) No período "Já nos anos seguintes, porém, surgiam outros clubes, como o Botafogo, que ajudariam a definir junto com eles uma feição de elegância e distinção para o futebol", a palavra junto é membro de uma locução, razão por que se mantém invariável. A opção em que a palavra junto foi INCORRETAMENTE flexionada, por ser também invariável, é:

a) Transformei-lhes a posição, de juntos a separados.

b) Vejo-as sempre juntas pela manhã.

c) Creio que, juntos, estaremos mais próximos da vitória.

d) Eram tantos jogadores que poderiam juntos formar vários times de futebol.

e) Encontrei-as juntas ao portão de entrada do clube.

13. Considerando-se as possibilidades de concordância nominal, a opção em que as duas frases são gramaticalmente corretas é:

a) Trata-se de atitudes e hábitos geralmente questionados. / Trata-se de atitudes e hábitos geralmente questionadas.

b) É um grupo com vocabulário e fraseologia restritamente utilizados. / É um grupo com

vocabulário e fraseologia restritamente utilizadas.

c) Tecia crítica e objeções inteiramente infundados. / Tecia crítica e objeções inteiramente infundadas.

d) Aqui há grupos de pessoas linguisticamente diferenciados. / Aqui há grupos de pessoas linguisticamente diferenciadas.

e) Desfrutava de prestígio e capacidade igualmente desejados. / Desfrutava de prestígio e capacidade igualmente desejadas.

14. (FCC) Dentre as modificações impostas ao trecho "A época predispunha aos gestos e façanhas audaciosos...", a que incorre em erro gramatical é:

a) A época predispunha às façanhas e gestos audaciosos...

b) A época predispunha aos audaciosos gestos e façanhas...

c) A época predispunha a gesto e façanha audaciosas...

d) A época predispunha aos gestos audaciosos e às façanhas...

e) A época predispunha a audaciosas façanhas a gestos...

15. (FCC) Das frases abaixo, a que está INCORRETA do ponto de vista da concordância é:

a) O tipo trabalhador considera inevitável no longo processo de colonização os laços com a terra conquistada.

b) Distúrbios e alterações de personalidade são comuns nos tipos trabalhador e aventureiro.

c) As colonizações por si sós já definem certos tipos humanos que implementam a vida no novo mundo.

d) Um e outro tipo podem deixar marcas profundas de sua personalidade nos locais por onde passam.

e) Decerto que o aventureiro é dos que mais se esforça por fazer da vida uma eterna busca de novos prazeres.

16. (Aux. de Cartório / NCE / UFRJ)"...respiração e circulação sanguínea."; na *Nova gramática do português do português contemporâneo*, p. 265, o prof. Celso Cunha diz: "(Quando o adjetivo vem depois dos substantivos), se os substantivos são do mesmo gênero e do singular, o adjetivo toma o gênero dos substantivos e, quanto ao número, vai: para o singular (concordância mais comum) ou para o plural (concordância mais rara)." Assim sendo:

a) o adjetivo *sanguínea* poderia também aparecer com a forma *sanguíneas*.

b) o autor preferiu a concordância mais rara à mais comum.

c) o autor do texto cometeu um erro de concordância.

d) razões semânticas fazem que a única forma possível do adjetivo seja *sanguínea*.

e) a única forma correta do adjetivo é *sanguíneas*.

17. (Téc. Judic. / NCE / UFRJ)"O terceiro e o quarto objetivos..."; o caso de concordância nominal presente neste segmento do texto encontra-se referido no item:

a) o adjetivo, quer em função de adjunto adnominal, quer em função de predicativo, desde que se refira a um único substantivo, com ele concorda em gênero e número.

b) quando o adjetivo se associa a mais de um substantivo, o adjetivo concorda em gênero e número com o substantivo mais próximo.

c) se os substantivos são de gêneros diferentes e do singular, o adjetivo pode concordar com o substantivo mais próximo.
d) é possível que o adjetivo predicativo concorde com o sujeito mais próximo se estiver anteposto aos substantivos.
e) no caso de uma só palavra determinada e mais de uma determinante, a palavra determinada irá para o plural ou ficará no singular.

18. (Emgeprom / NCE / UFRJ)"...a destruição e o desperdício desnecessários..."; a forma *desnecessários* do adjetivo:
a) está erradamente empregada.
b) concorda com o último dos substantivos.
c) concorda com o primeiro dos substantivos.
d) é a única forma possível como concordância correta.
e) concorda com os dois substantivos.

19. (CNEN / NCE / UFRJ)"cabelos e barbas longas"; o fato de o adjetivo *longas* estar no feminino plural:
a) é um erro, já que se refere não só às barbas como também aos cabelos.
b) mostra que o adjetivo só se refere às barbas.
c) indica que o autor preferiu a concordância com o termo mais próximo.
d) é a única concordância possível.
e) demonstra que este adjetivo só se pode aplicar semanticamente a *barbas*.

20. (Anal. Judiciário / TRF / Fundec) Está INCORRETA a forma como se fez a concordância nominal na frase:
a) Os trens e as estações foram reformadas.
b) Os engenheiros construíram um viaduto e uma passarela nova.
c) Pela ferrovia trafegavam vagões e locomotivas refrigerados.
d) Os planos previam projetos e estruturas recém-idealizadas.
e) Os índices social e econômico de desenvolvimento da Região Metropolitana são baixíssimos.

Gabarito: 1. e; 2. c; 3. e; 4. a; 5. c; 6. a; 7. b; 8. b; 9. d; 10. a; 11. d; 12. e; 13. d; 14. c; 15. a; 16. d; 17. e; 18. e; 19. c; 20. a.

Depois de se estudarem as regras de concordância nominal, tem-se a sensação de que é muito a decorar... Mas é simples, vamos sistematizá-las e tudo ficará mais fácil!

16.5. RESUMO

O adjetivo pode ter três funções sintáticas na frase:

• adjunto adnominal;

• predicativo do sujeito (com ou sem verbo de ligação);

• predicativo do objeto (se retirado, muda o sentido da frase, é solicitado pelo verbo).

Adjetivo na função de:	Posposto ao substantivo	Anteposto ao substantivo
Adjunto adnominal	Concordância pode ser: TOTAL ou PARCIAL	A melhor é a concordância PARCIAL
Predicativo do sujeito	Concordância é: TOTAL	Segue a concordância verbal
Predicativo do objeto	Concordância é: TOTAL	Concordância pode ser: TOTAL (melhor opção) ou PARCIAL (mais moderna)

17 CONCORDÂNCIA VERBAL

17.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

O princípio básico na concordância verbal é o de que, para todo verbo, temos de achar um sujeito. Pensando nisso, esta gramática dividirá este tópico em duas partes: Parte I (Concordância verbal e os tipos de sujeito) e Parte II (Casos especiais de concordância verbal).

17.1.1. Concordância verbal: Parte I – Tipos de sujeito

Nesta Parte I, você vai aprender a flexionar o verbo partindo da classificação do sujeito. Quem sabe achar sujeito faz a concordância verbal adequada.

Os tipos de sujeito, basicamente, são quatro:

1. Simples: quando há apenas um núcleo. Lembre-se de que o núcleo do sujeito é representado por um substantivo ou pronome substantivo.

Ex.: O economista fez uma intervenção. / Os economistas fizeram uma intervenção.

2. Composto: aparecem dois ou mais núcleos.

Ex.: O diretor e o chefe compareceram à reunião.

3. Indeterminado: representado de duas formas:

a) verbo na 3ª pessoa do plural, sem sujeito expresso na frase.

Ex.: Pediram silêncio.

b) verbo na 3ª pessoa do singular + pronome indeterminador SE. Em geral o verbo não é transitivo direto.

Ex.: Trabalha-se muito aqui.

(verbo intransitivo)

Observe que, quando a intenção é não mencionar o sujeito, há essas possibilidades para indeterminá-lo.

4. Oração sem sujeito: quando o verbo é impessoal (não se refere a nenhuma pessoa gramatical, uma vez que o sentido do verbo não permite).

Os casos mais comuns:

• expressões que indicam fenômenos da natureza;

• verbo haver (= existir, ocorrer);

• verbos que indicam tempo decorrido.

O verbo, nesses casos, fica na 3ª pessoa do singular.

Antes de mostrarmos os casos de concordância verbal, vamos reconhecer e classificar os sujeitos das frases abaixo.

Importante: O sujeito é o responsável pela flexão verbal. Essa teoria serve para os casos de sujeito simples e composto.

a) Começava a cair a noite.

Na ordem direta, teríamos: "*A noite começava a cair*". O responsável pela flexão da locução verbal *"começava a cair"* é a ***"noite"*** – sujeito simples.

b) Os professores e os funcionários daquela escola decidiram pela greve.

Aparecem dois núcleos como agentes do verbo *"decidiram"* – professores/funcionários – sujeito composto.

c) Naquele instante, bateram à porta.

O verbo na 3ª pessoa do plural, nesta frase, não traz nenhum agente claro. A intenção é, pois, a de indeterminar o sujeito – sujeito indeterminado.

d) Assistiu-se a jogos importantes.

O emprego de *"se"* junto ao verbo transitivo indireto – assistir **a** – obriga o uso do verbo na 3ª pessoa do singular – sujeito indeterminado.

e) Amanheceu rapidamente.

Qualquer verbo que indica fenômenos naturais – amanhecer, chover, nevar... – caracteriza um caso de oração sem sujeito, é um verbo impessoal.

f) Havia dúvidas frequentes sobre aquele ponto da matéria.

Quando o verbo "haver" aparece com o sentido de existir, não há possibilidade, por causa do valor semântico do verbo, de se identificar sujeito na frase – verbo impessoal, 3ª pessoa do singular, oração sem sujeito.

g) Fez dois anos de sua morte.

Mais um exemplo de verbo impessoal: verbo "fazer" indicando tempo passado, decorrido.

Novamente, é impossível identificar-se o agente dessa ação verbal – oração sem sujeito.

Agora que você já sabe achar e classificar sujeito, vamos às regras.

17.1.1.1. Concordância verbal com o sujeito simples

Sujeito simples: representado por apenas um núcleo. O verbo concordará com ele em número e pessoa.

1. Faltaram, durante a posse do prefeito, os aplausos.

2. Deram/Bateram/Soaram três horas no relógio da igreja.

3. O relógio da igreja deu/bateu/soou três horas.

Comentários:

Como vimos na teoria inicial, o sujeito é o responsável pela flexão verbal. Na frase 1, entendemos que "os aplausos" é que "faltaram". Nas frases 2 e 3, quando aparecem os verbos dar, bater e soar, normalmente existem duas possibilidades: o sujeito pode ser o número de horas ou o vocábulo relógio. Na 2, "três horas deram/bateram/soaram no relógio", ou seja, o sujeito é o número de horas. Já na frase 3, "O relógio deu/bateu/soou três horas".

4. Hão de existir limites justos.

5. Podem ocorrer novos deslizamentos.

Comentários:

As frases 4 e 5 são exemplos de locuções verbais com seus respectivos sujeitos (*limites*/*deslizamentos*) no plural. Nas locuções, o verbo auxiliar é que se flexiona (*limites hão de existir*/*deslizamentos podem ocorrer*).

6. Preencheram-se as requisições.

7. Verificou-se, entre indivíduos tensos ou agitados, a queima de até 800 calorias diárias.

Comentários:

Agora temos frases em que aparece a partícula **se**. Nas frases 6 e 7, o **se** é apassivador, porque as frases podem ser reescritas, identificando-se, com isso, o sujeito. A frase 6 ("Preencheram-se as requisições" equivale a "As requisições foram preenchidas") traz um sujeito paciente, o que se confirma com a troca da voz passiva sintética – *Preencheram-**se*** – por "foram preenchidas", voz passiva analítica. Na 7, "verificou-se a queima" equivale a "a queima foi verificada". Para nós,

essa é a maneira mais direta, objetiva de se identificar o **se** apassivador. E quando o **se** é apassivador há sujeito na frase, daí o verbo poder ficar no singular ou no plural, de acordo com o seu sujeito.

Resumindo: Quando aparece pronome se (= apassivador): o verbo concorda com o sujeito expresso na frase.

17.1.1.2. Concordância verbal com o sujeito composto

Sujeito composto: representado por dois ou mais núcleos.

a) Anteposto ao verbo: verbo no plural.

b) Posposto ao verbo: o verbo ficará no plural ou concordará com o núcleo mais próximo.

Obs.: Havendo ideia de reciprocidade, verbo no plural.

Exemplos:

8. O pai e a mãe compareceram à reunião.

9. Compareceu ou compareceram à reunião o pai e a mãe.

10. Tu, ela e eu saímos.

11. Abraçaram-se o poeta e o músico.

Comentários:

O sujeito composto impõe verbo no plural, vindo posposto ou anteposto a este (frases 8 e 9). O que ocorre é que, quando o verbo vem anteposto a um sujeito composto (frase 9), pode concordar com todos os núcleos – plural – ou com o mais próximo – *pai*, no singular. Na frase 10, o sujeito composto é representado por pronomes pessoais retos. Nesse caso, dá-se preferência à 1ª pessoa (*eu*). Plural da 1ª pessoa do singular é nós, 1ª pessoa do plural, saímos. Na frase 11, a ideia é de reciprocidade. O sentido obriga o verbo no plural – *um se abraçou ao outro.*

17.1.1.3. Concordância verbal com o sujeito indeterminado

a) **Sujeito indeterminado pela partícula se:** o verbo ficará, obrigatoriamente, na 3ª pessoa do singular.

b) **Oração sem sujeito:** com verbos impessoais (verbos que indicam fenômenos naturais, haver (= existir, ocorrer), verbo com ideia de tempo decorrido...): não possuem sujeito. Ficam também na 3ª pessoa do singular.

Ex.:

12. Obedeceu-se às ordens.

13. Havia vantagens para o índio no contato com o civilizado.

14. Deve haver limites justos.

15. Há vários séculos as línguas indígenas têm tradições apenas oral.

16. Vai para cinco anos de sua partida.

Comentários:

A frase 12 mostra um **se** indeterminador. Repare que agora não podemos reescrever a frase (Às ordens foi obedecida?). O **se**, quando é **índice de indeterminação do sujeito**, aparece, na quase totalidade dos casos, junto a verbo **intransitivo** ou **transitivo indireto**. "Obedecer a". Logo, o sujeito é indeterminado, verbo na **3ª pessoa do singular.**

Nas frases 13 a 16, os verbos são **impessoais** (ficam na 3ª pessoa do singular). Temos, portanto, oração sem sujeito. Na 13, *haver* com sentido de *existir* não varia. Na frase 14, há uma locução verbal. Como o verbo principal – é sempre o **último** verbo da locução – é o *haver* (= existir), o auxiliar **não pode variar**. *Deve* haver limites...)

As frases 15 e 16 exemplificam a oração sem sujeito com verbos que indicam **tempo passado** (Há vários séculos.../Vai para...). Repare que nesses casos de oração sem sujeito **o sentido do verbo** impede a identificação do sujeito.

17.1.1.4. Concordância verbal com o sujeito oracional

Sujeito oracional: aparece em certas construções como:

a) Verbos do tipo convém, basta, falta, parece, importa...

b) Verbo de ligação + predicativo do sujeito: é bom, está claro...

c) Expressões na Voz Passiva: sabe-se, é sabido, conta-se...

Quando o sujeito aparece sob forma de oração, o verbo ou a expressão da oração principal **não varia.**

Exs.:

17. Parece/que ela chega hoje.

or. princ. or. subjetiva

18. Convém/insistir no pedido.

or. princ. or. subjetiva (reduzida de infinitivo)

19. Está claro/que todos reconhecerão o erro.

or. princ. or. subjetiva

20. Sabe-se/que eles mentiram.

or. princ. or. subjetiva

Comentários:

Temos agora um caso muito especial de concordância verbal. Até agora vimos que o sujeito era representado por substantivo ou pronome substantivo (sujeito simples ou composto). Quando o sujeito era indeterminado ou aparecia verbo impessoal (oração sem sujeito), havia impedimento semântico para se identificar o sujeito. Com o sujeito oracional devemos considerar toda a oração e não um substantivo ou pronome. Na frase 17, "Parece que ela chega hoje", não é ela ou alguém que parece, e sim toda a oração que se segue (Isto – *que ela chega hoje* – parece). Na frase 18, "Convém insistir no pedido", temos o mesmo raciocínio: não é ele ou alguém que convém insistir e sim "Insistir no pedido convém" (= Isto convém). Lembre-se: pense o que a frase quer dizer, coloque a frase na ordem direta e descobrirá o sujeito. Na frase 19, o que *está claro* é o fato de que todos reconhecerão o erro, ou seja, "Isto está claro".

Na frase 20, o **se** é apassivador, a frase pode ser reescrita (Isto – *que todos mentiram* – é sabido). Observe que quando o sujeito é toda a oração, o verbo da oração principal não varia.

Vamos treinar concordância verbal – Parte I?

Complete a lacuna com a forma adequada.

1. Nos últimos 50 anos, _____ fatos que aumentaram o nosso índice de felicidade. (ocorreu/ocorreram)

Comentários: Entendemos, nessa frase, que "fatos ocorreram", sujeito simples no plural, verbo no plural.

Resposta: ocorreram.

2. _____ 50 anos que os índices de felicidade _____ aumentando gradativamente. (Há/Hão; vem/vêm)

Comentários: O verbo "haver", nesse caso tem ideia de tempo passado, não se flexionando. Na 2ª lacuna "índices" é sujeito da locução verbal "vêm aumentando". Vimos que, quando aparece locução verbal, quem se flexiona é o verbo auxiliar.

Resposta: Há e vêm.

3. Nos últimos 50 anos, _____ as possibilidades de maior felicidade. (acentuou-se/acentuaram-se)

Comentários: Essa frase traz o verbo com a partícula **se**. Aqui, o **se** é apassivador, há sujeito na frase, pois equivaleria a "As possibilidades foram acentuadas", voz passiva analítica.

Resposta: acentuaram-se.

4. Daqui a 50 anos, _____ que as pessoas encontrem a felicidade. (é possível/são possíveis)

Comentários: Aqui, o sujeito vem representado por uma oração – "que as pessoas encontrem a felicidade é possível", ou seja, "Isto é possível". Quando o sujeito é oracional, a expressão da oração principal não varia.

Resposta: é possível.

5. _____ de viagem meu irmão e meu sobrinho. (Chegou/Chegaram)

Comentários: O sujeito composto "meu irmão e meu sobrinho" aparece após o verbo, ou seja, o verbo vem **anteposto** a um sujeito composto. Nesse caso, o verbo vai ao plural, já que o sujeito é composto, mas pode também concordar com o núcleo mais próximo – **irmão**, no singular.

Resposta: Chegou ou Chegaram.

6. A crescente disseminação de instituições que trabalham contra os interesses populares _____ um verdadeiro flagelo dos tempos modernos. (constitui/constituem)

Comentários: Vimos desde o início que, na quase totalidade dos casos, o verbo concorda com o **núcleo** do sujeito. A frase acima já está na ordem direta e o núcleo do sujeito é "disseminação".

Resposta: constitui.

7. Aquilo _____ manias de mulher. (é/são)

Comentários: O verbo **ser** pode ficar no singular ou no plural quando o sujeito vier representado

por **coisa** no singular ou **pronomes** – tudo, isto, aquilo etc. – e o predicativo estiver no plural.

Resposta: é ou **são**.

8. Os representantes _____ nós. (são/somos)

Comentários: Aparecendo pronome reto, o verbo **ser** só pode concordar com o pronome reto.

Resposta: somos.

9. Dois anos _____ muito tempo. (é/são)

Comentários: Verbo **ser** em expressões de **tempo**, **medida** ou **quantidade** não varia.

Resposta: é.

10. _____ meio-dia e meia quando ela chegou. (Era/Eram)

11. _____ duas horas quando ela chegou. (Era/Eram)

Comentários: Nas expressões de **horas**, o verbo **ser** vai concordar com essas expressões. Logo, se vierem no singular, verbo **ser** no singular. Caso a expressão de horas apareça no plural, verbo **ser** no plural.

Respostas: 10. Era; 11. Eram.

17.1.2. Concordância verbal: Parte II – Casos especiais

17.1.2.1. Concordância do verbo SER

a) Quando o sujeito for nome de **coisa** ou um dos pronomes **tudo**, **nada**, **isso**, **isto**, **aquilo** + predicativo no plural: o verbo ser concorda com o sujeito ou com o predicativo (mais comum).

1. A casa era/eram ruínas.
2. Isto é/são alegrias.

b) Quando aparecer **pessoa**: o verbo **ser** concorda sempre com a **pessoa**. No entanto, se aparecer pronome pessoal do caso **reto**, a concordância se fará com o pronome.

3. Maria era as alegrias da casa.
4. Meu orgulho são os meus filhos.
5. Ela era os meus sonhos.
6. O médico aqui sou eu.

Com os pronomes interrogativos **que**, **quem**, **o que**: o verbo **ser** concorda com o nome ou pronome que vem após.

7. Quem são os interessados?

8. O que são asteroides?

Comentários:

A concordância do verbo SER, basicamente, divide-se em duas partes: a primeira parte, que tem as frases de 1 a 8 como exemplos, mostra a concordância do verbo **ser** com **nome** (representado por **coisa** ou **pessoa**) e **pronome**.

Como vimos na teoria, o verbo **ser** pode concordar com o sujeito ou com o predicativo, quando o sujeito vier representado por coisa ou **pronomes** (tudo isto...), frases 1 e 2.

Se aparecer **pessoa**, como sujeito ou predicativo – frases 3 e 4 –, o verbo **ser** só pode concordar com a pessoa. Agora, se o sujeito ou o predicativo for um **pronome reto** (frases 5 e 6) esse verbo **só pode concordar** com o pronome.

Já com os pronomes interrogativos (frases 7 e 8), o verbo **ser** tem de concordar com o nome ou pronome que se segue.

d) Com as expressões **é muito**, **é pouco**, **é bastante**, **é mais de** etc: o verbo **ser** ficará no singular quando essas expressões denotarem ideia de **preço**, **medida** ou **quantidade**.

9. Dez mil dólares é pouco.

10. Cinco metros é mais do que preciso.

e) Nas expressões de **horas**, **datas** ou **distâncias**: o verbo **ser** concorda com essas expressões.

11. Eram nove horas quando ele chegou.

12. É uma hora e quinze.

13. Hoje são 12 de abril.

14. Daqui a minha casa são cinco quilômetros.

Comentários:

As frases de 9 a 14 exemplificam a segunda parte da concordância do verbo SER: são as expressões.

Nas frases 9 e 10, o verbo **ser** <u>não varia</u> com expressões que trazem ideia de preço, medida, quantidade. Já nas frases de 11 a 14, se as expressões de <u>horas</u>, <u>datas</u> ou <u>distâncias</u> vierem no **plural**, verbo **ser** no **plural** (frases 11, 13 e 14). Se aparecerem no singular, verbo ser no singular

(frase 12). Na frase "Hoje são 12 de abril" há a possibilidade de o verbo ficar no singular se aparecer a palavra dia: "Hoje é dia 12 de abril".

17.1.2.2. Concordância com a preposição COM

Sujeito composto ligado por **com**: Verbo no plural.

Observações: 1. Quando se quiser realçar um dos núcleos (= sujeito simples), com ele concordará o verbo. 2. Se a expressão iniciada por com vier entre vírgulas, o verbo concorda com o termo que antecede essa expressão. (= sujeito simples)

Exs.:

1. A carta com o anexo *está extraviada*/*estão extraviados*.

2. O guarda, **com** os transeuntes, *prendeu* o ladrão.

Comentários:

Diante de sujeitos ligados pela preposição **com**, podem-se utilizar duas opções: a primeira – que é a mais comum – seria o verbo no plural, por se considerar o sujeito como composto. Assim, na frase "A carta **com** o anexo estão extraviados", a preposição **com** tem valor de **e**. É como se fosse "A carta **e** o anexo estão extraviados". É exatamente isso: a preposição **com** teria, aqui, valor de adição.

A segunda opção seria o verbo no singular, por uma questão de ênfase no primeiro núcleo. Assim, na frase "A carta com o anexo está extraviada", o que se quer é realçar o núcleo "a carta". A preposição teria, então, um valor de companhia. É como se eu dissesse "A carta, em companhia do anexo, está extraviada".

Mas atenção: essas duas opções (de o verbo concordar com os dois núcleos ou só com o primeiro) só valem se a expressão iniciada pela preposição **com não** vier entre vírgulas. Porque, se ela vier isolada pelas vírgulas, o verbo só poderá concordar com o primeiro núcleo. Assim, na frase "O guarda, com os transeuntes, prendeu o ladrão", o verbo deverá necessariamente ficar no singular concordando com *guarda*. A expressão *com os transeuntes* seria um adjunto adverbial de companhia deslocado na frase. Na ordem direta, essa frase ficaria assim: "O guarda prendeu o ladrão com os transeuntes" (Você vai aprender no capítulo de análise sintática que na ordem direta o adjunto adverbial fica no final da frase). Já que é adjunto adverbial, e não sujeito, o verbo

só pode concordar com o primeiro núcleo.

Resumindo: Com substantivos ligados pela preposição com, pense da seguinte forma: A expressão iniciada pela preposição com não vem entre vírgulas: cabem as duas opções (o verbo concorda com os dois núcleos ou só com o primeiro). A expressão iniciada pela preposição com vem entre vírgulas: o verbo só concorda com o primeiro núcleo.

17.1.2.3. Concordância com pronomes indefinidos

a) Sujeito composto resumido por um pronome indefinido: o verbo concorda com o pronome indefinido (na função de aposto resumitivo).

b) Sujeito composto modificado pelo pronome **cada**: verbo no singular.

Exs.:

3. Jovens, trabalhadores, empresários, **ninguém** *acredita* em nossos parlamentares.

Comentários:

Eis um caso especialíssimo de concordância: o verbo deixa de concordar com o sujeito para concordar com o aposto. Se alguém perguntar se o pronome indefinido *ninguém* é sujeito do verbo, cuidado para não se distrair e dizer que sim! O sujeito da frase é composto ("jovens, trabalhadores, empresários"), mas o verbo *acredita* concorda com o aposto resumitivo *ninguém*.

4. **Cada** criança, **cada** homem, **cada** mulher *ajudava* os flagelados.

Comentários:

Mais uma vez, algo atípico na concordância verbal: apesar de o sujeito ser composto de três núcleos, o verbo fica no singular. Isso ocorre por causa da palavra **cada**, *que enfatiza individualmente os núcleos*. É isto mesmo: o sujeito é composto, mas, se o verbo fosse ao plural, a frase estaria errada!

17.1.2.4. Concordância com a conjunção OU

Sujeito composto ligado por **ou**:

a) Com ideia de exclusão ou retificação: o verbo concordará com o núcleo mais próximo.

b) Se a ideia se refere a todo o sujeito: verbo no plural.

Exs.:

5. Pedro **ou** João *casará* com Joana.

Comentários:

O sujeito tem dois núcleos, mas a conjunção **ou** tem valor de exclusão: *só um* vai casar com *Joana*. O verbo fica no singular.

6. O responsável **ou** os responsáveis *cuidarão* da festa.

Comentários:

A conjunção **ou** tem valor corretivo, de retificação: o verbo concorda com o núcleo mais próximo. É como se eu dissesse: "O responsável, *ou melhor*, ou responsáveis *cuidarão* da festa". *Ou*, aqui, é o mesmo que *ou melhor*, *digo*.

7. Cigarro ou charuto prejudicam igualmente a saúde.

Comentários:

Nesse caso, não há ideia de exclusão: a conjunção *ou* tem valor aditivo. É o mesmo que: "O cigarro e o charuto prejudicam igualmente a saúde".

17.1.2.5. Concordância com as expressões *um ou outro, um e outro, nem um nem outro*

a) Sujeito formado pela expressão um ou outro: verbo no singular.

b) Sujeito formado pelas expressões *um e outro, nem um nem outro, nem ... nem...*: verbo no singular ou no plural.

8. **Um ou outro estilo** *agrada*.

Comentários:

Aqui, mais uma vez a conjunção **ou** tem valor de exclusão: só um dos estilos agrada.

9. **Uma e outra forma** me *fascinam*/*fascina*.

Comentários:

Nesse caso, as duas opções estão corretas. O verbo no plural enfatiza o *todo*: *as duas formas me fascinam*. O verbo no singular enfatiza as *partes* que compõem o sujeito. É como se eu dissesse "uma forma me fascina e outra também me fascina".

10. **Nem um nem outro** *comentou*/*comentaram* o ocorrido.

Comentários:

Manter o verbo no singular é a opção que soa melhor aos nossos ouvidos, e é, mesmo, a mais adequada. Afinal, quando se diz *nem um nem outro*, o que se quer dizer é que *ninguém comentou o ocorrido*.

Entretanto, embora alguns gramáticos discordem quanto a este aspecto, ao se dizer *nem um nem outro*, pode-se pensar que *um não e outro também não comentaram o ocorrido*. Ou seja: pensar no valor de adição que a conjunção *nem* possui. Então a flexão do verbo no plural também estaria correta – ainda que não seja essa a forma mais adequada.

Resumindo:
Um ou outro: verbo no singular.
Um e outro: verbo no plural ou no singular.
Nem um nem outro: verbo no singular (mais adequada) ou no plural (menos comum).

17.1.2.6. Concordância com palavras sinônimas ou em gradação e com verbos no infinitivo

a) Sujeito composto de palavras sinônimas ou em gradação de ideias: o verbo, de preferência, concorda com o núcleo mais próximo.

b) Sujeito composto formado de verbos substantivados no infinitivo: verbo no singular.

Se forem **antônimos** ou vierem **determinados**, o verbo fica no plural.

11. Um olhar, um sorriso, um gesto *serviu/serviram* como alerta para ele.

Comentários:

Apesar de o sujeito ser composto por mais de um núcleo (*olhar*, *sorriso*, *gesto*), a concordância mais adequada é a que enfatiza o valor de gradação que esses núcleos apresentam – verbo no singular. Entretanto, o plural também está correto, até porque o sujeito é composto.

12. Estudar e trabalhar *engrandece* o homem.

13. Rir e chorar *fazem* parte da vida.

14. O falar e o escrever *caracterizam* homens dinâmicos.

Comentários:

Na frase 12, apesar de o sujeito ser composto, seus núcleos são verbos. Por isso, o verbo tem de ficar no singular. Mas na frase 13 os núcleos são antônimos: *rir* é o oposto de *chorar*; até para enfatizar a oposição entre os núcleos do sujeito (*rir/chorar*), o verbo fica no plural. Na frase 14, os artigos determinam, especificam os núcleos: o verbo ficará também no plural. Se não houvesse tais artigos, voltaríamos à situação da frase 12: o verbo ficaria no singular.

17.1.2.7. Concordância com o sujeito coletivo, com porcentagem e expressões a maioria de, grande parte de…

a) Sujeito coletivo: o verbo concorda com o sujeito coletivo.

b) O sujeito é representado pelas expressões: a maioria de, grande parte de, grande número de etc. + nome no plural = o verbo fica no **singular** ou no **plural**.

c) Sujeito formado por número percentual: o verbo concorda com o numeral ou com o termo posposto.

15. O bando *desapareceu*.

Comentários:

Ainda que *bando* dê uma ideia de pluralidade, coletivo, trata-se de um substantivo no singular: daí o verbo ficar no singular. Também que coisa horrível seria dizer *o bando desapareceram*!

16. A maioria das pessoas *gostou/gostaram* do espetáculo.

Comentários:

Com as expressões *a maioria de*, *grande parte de* etc., o verbo pode concordar com o núcleo do sujeito – que é a forma mais adequada – ou concordar com o termo posposto a ele (adjunto adnominal). Assim, teríamos duas opções: *gostou*, concordando com *maioria*, ou *gostaram*, concordando com *pessoas*. Repito: a melhor opção é a do verbo no singular, concordando com o núcleo.

Pense sempre assim: Quando houver duas opções de concordância, a melhor (a ser utilizada nas redações, em textos mais formais) será sempre aquela com o núcleo.

17. Oitenta por cento da população *acreditam/acredita* na moeda.

18. Os 30% da produção de arroz *estragaram*.

Comentários:

Para a frase 17, utilize o mesmo raciocínio da frase 16: o verbo pode ficar no plural, concordando com o núcleo, que é o numeral *oitenta*; **ou** pode concordar com o termo posposto a ele – *população* – ficando no singular. Mais uma vez, a melhor opção aqui é a concordância com o núcleo *oitenta*: verbo no plural.

Já na frase 18, o artigo aparece, e o verbo só poderá ficar no plural, concordando com esse determinante. Por isso, seria erro dizer *os 30% da produção de arroz estragou*: aqui, o verbo não

poderia concordar com o termo posposto ao núcleo (*produção de arroz*).

Na concordância com numerais, tenha cuidado de observar que até o algarismo 2, o verbo ficará no singular. Só de 2 em diante, o verbo irá ao plural. Assim, teríamos:

O 1,36 kg de queijo que comprei **está** sobre a mesa.

Seu 1,92 m **chama** a atenção de quem a vê.

Seus 2,20 m **impõem** respeito.

17.1.2.8. Concordância com as expressões qual de nós, quais de vós…

a) Sujeito constituído por **qual de nós**, **qual de vós**, **algum de nós** etc.: o verbo fica no singular.

b) Sujeito constituído por **quais de nós**, **quais de vós**, **alguns de nós** etc.: o verbo concorda com os pronomes nós/vós ou vai para a 3ª pessoa do plural.

19. **Qual de vós** *encontrará* a solução?

20. **Quais de nós** *votaram/votamos* conscientemente?

21. **Nenhum de nós** *foi* capaz de resolver o programa.

Comentários:

Ao se perguntar, na frase 19, *qual de vós encontrará a solução*, subentende-se que *somente uma pessoa* vai encontrar a solução. É por isso que o verbo concorda com o núcleo *qual*, ficando no singular, e não pode concordar com o pronome posposto ao núcleo, *vós*.

Já na frase 20, entende-se que *mais de uma pessoa* votou conscientemente. Nesse caso, o verbo pode concordar com o núcleo ou com o termo a ele posposto. Assim, teríamos: *votaram* concordando com *quais* ou *votamos* concordando com *nós*.

A frase 21 segue a mesma lógica da frase 20: ao se dizer que *nenhum foi capaz*, o pronome *nenhum* no singular exige que o verbo também fique no singular, concordando com esse pronome. É a única opção de concordância.

17.1.2.9. Concordância com as expressões mais de, cerca de…

a) O sujeito é a expressão **mais de um**: verbo no singular. se a expressão vier **repetida** ou houver ideia de **reciprocidade**, verbo no plural.

b) Com as expressões **mais de**, **perto de**, **cerca de** etc.: o verbo concorda com o termo que vem após essas expressões.

22. **Mais de um** aluno *obteve* boa nota.

23. **Mais de um** policial, **mais de um** bandido *foram mortos*.

24. **Mais de um** torcedor se *agrediram*.

Comentários:

A frase 22 mostra-nos que a lógica da língua portuguesa não é a mesma lógica da matemática. Ainda que, segundo a matemática, *mais de um aluno* sejam *dois, três* etc., o verbo deverá ficar no singular, pois o núcleo do sujeito (*aluno*) está no singular.

Já a frase 23 apresenta dois núcleos do sujeito: *policial* e *bandido*. Então, faz todo sentido manter o verbo no plural. Nesse caso, o sujeito é composto.

A frase 24 apresenta um pronome recíproco *se*, que indica pluralidade (= *um ao outro*). É por isso que, apesar de o núcleo do sujeito (*torcedor*) estar no singular, o verbo ficará obrigatoriamente no plural. É a ideia de reciprocidade do pronome que impõe isso.

25. Cerca de três alunos chegaram.

26. Perto de cem pessoas chegaram.

Comentários:

Em relação às frases 25 e 26, pense da seguinte forma: os núcleos são, respectivamente, *alunos* e *pessoas*. Logo, não há outra opção, a não ser a de o verbo concordar com esses núcleos.

17.1.2.10. Concordância com as expressões que, quem, um dos que

a) Sujeito constituído pelos pronomes **que** e **quem**: com o relativo **que** na função de sujeito, o verbo concorda com o antecedente desse pronome, com o pronome **quem**, o verbo fica na 3ª pessoa do singular ou concorda com o antecedente.

b) Expressão *um dos que*: verbo no singular ou plural.

27. Fui eu **que** *li* a carta.

28. Fomos nós **quem** *lemos/leu* a carta.

29. Aquele romance foi **um dos que** mais me *agradou/agradaram*.

Comentários:

Antes de qualquer explicação, vamos organizar a frase 27: nela há dois verbos, duas orações. Dividindo o período, teríamos:

Fui eu /que li a carta.

A 1ª oração é *fui eu*, que tem como verbo *fui* e sujeito *eu*. A 2ª oração, que restringe a 1ª, é *que li a carta*: seu verbo "*li*" tem como sujeito o pronome relativo *que*. Vamos estudar esse assunto de forma mais aprofundada no tópico sobre período composto. O fato é que o sujeito do verbo *ler* é o pronome relativo *que*, mas, como o *que* é pronome relativo (e todo relativo, como já vimos, retoma um antecedente), o verbo não concordará com o pronome em si, mas com o antecedente que ele retoma. No caso da frase 27, o antecedente do relativo é o pronome *eu*. Leia a frase como se o relativo não existisse e você não errará a concordância:

... **eu** (que) **li** a carta.

Já na frase 28, temos também duas orações:

Fomos nós /quem *lemos* (ou *leu*) a carta.

Só que aqui se trata do pronome *quem*. Com ele, há duas possibilidades de concordância. Observe:

1. Podemos considerar o pronome *quem* também como relativo (como o *que* da frase 27). Nesse caso, o verbo também concordaria com o antecedente do *quem*:

Fomos **nós** (quem) **lemos** a carta.

2. Ou podemos classificar o *quem* como pronome indefinido (= alguém). Nesse caso, o verbo concordaria com o próprio pronome *quem*:

Fomos nós **quem leu** a carta.

Construção estranha, não é? Então, coloque na ordem direta e ela lhe parecerá mais sonora:

Quem leu fomos nós.

Resumindo (frases 27 e 28):
Concordância com a palavra QUE: o pronome é classificado como relativo, e o verbo concorda com o antecedente desse relativo.
Concordância com a palavra QUEM: o verbo concordará com o antecedente do quem (nesse caso, quem é pronome relativo); ou o verbo concorda com o próprio pronome quem (aí, quem será classificado como pronome indefinido).

Vamos dividir o período da frase 29?

Aquele romance foi um dos/**que** mais me agradou (ou agradaram).

Para cada verbo, um sujeito. O sujeito da primeira oração é aquele romance. Já o sujeito da

segunda oração é o pronome relativo *que*. Temos aqui um raciocínio muito parecido com o da frase 27: o que é pronome relativo na função de sujeito do verbo agradar. O verbo deverá, portanto, concordar com o antecedente do relativo. Só que, nesse caso, têm-se dois possíveis antecedentes do que: *um* ou *dos*. É por isso que se aceitam as duas opções: a de singular (nesse caso, o pronome relativo estaria retomando o antecedente *um*) ou a de plural (e, então, o pronome relativo retomaria o pronome demonstrativo *os*, da contração *dos*).

Assim, seriam duas as possibilidades de leitura:

Aquele romance foi **um** (que) me **agradou**.

Dos (que) me **agradaram**, aquele romance foi um.

Resumindo: Com a expressão um dos que, o verbo pode ficar no singular (nesse caso, o que retomaria um, que é o núcleo da expressão); ou no plural (se o antecedente do que for o pronome os).

Caso perguntem a você qual das duas opções é a melhor, diga o de sempre: a melhor é com o núcleo da expressão. Portanto, a melhor é aquela com **verbo no singular**, concordando com **um,** núcleo da expressão **um dos que**.

17.1.2.11. Concordância ideológica (silepse)

A concordância ideológica, ou silepse, difere dos casos de concordância que vínhamos estudando, por se desviar da norma rígida, por ser uma concordância com o sentido. Então, entenda: os casos que vimos anteriormente são de concordância rígida. Os que vamos ver agora são de concordância ideológica ou psicológica. É simples: basta você conhecer as três situações em que tal desvio pode ocorrer. Vamos a elas?

1. "V. Exª. é muito simpático."

Veja que o sujeito é representado por uma palavra feminina ("excelência"), mas o adjetivo "simpático" ficou no masculino. A concordância deixou de se fazer com o vocábulo e passou a ser feita com a ideia: trata-se de homem. Do feminino ao masculino: é a **silepse de gênero**.

2. "A criançada chegou. *Alegres*, *brincavam* por todos os lados."

Observe que o adjetivo e o verbo da 2ª oração foram ao plural, apesar de *criançada* ser palavra no singular; isso ocorre em função da ideia de coletivo que a palavra *criançada* apresenta. Do singular ao plural: é a **silepse de número**.

3. “Todos somos brasileiros”.

Nem parece silepse, não é? Mas houve, sim, um desvio da concordância rígida: o sujeito *todos* é 3ª pessoa do plural (*eles*), mas o verbo foi para a 1ª pessoa do plural (*nós*). Esse recurso é muito utilizado em textos argumentativos, quando o autor quer se incluir na frase. Da 3ª pessoa à 1ª: é a **silepse de pessoa**.

Portanto, entenda que silepse é um desvio das regras rígidas de concordância. Deixa-se de concordar gramaticalmente, para se fazer uma concordância ideológica.

17.1.2.12. Concordância com verbos no infinitivo

Em nossa língua há dois infinitivos:

• **Infinitivo impessoal** – ação verbal de modo vago, indeterminado;

• **Infinitivo pessoal** – não flexionado (uma só forma para todas as pessoas)

flexionado (falar, falares, falar, falarmos...)

Falamos sobre infinitivo impessoal em sujeito indeterminado. Em relação à flexão do infinitivo, podemos sintetizar da seguinte forma:

a) **não se flexiona o infinitivo:** como verbo principal de uma locução ou quando o sujeito do infinitivo for um pronome oblíquo, antecedido dos verbos *mandar, deixar, fazer, ver, sentir, ouvir*. A flexão, no entanto, pode ocorrer se o sujeito for um substantivo.

b) **não se flexiona o infinitivo:** quando este aparecer em oração reduzida com sujeito idêntico ao do verbo da oração principal.

c) **flexiona-se o infinitivo:** quando o infinitivo tem sujeito próprio ou quando o sujeito do infinitivo está claro na frase, regido ou não de preposição (flexão facultativa).

d) **com os verbos *dever, poder, costumar* + *se* + *infinitivo* + *nome no plural*:** esses verbos ficam no singular (= sujeito oracional) ou concordam com o nome no plural.

17.2. EXEMPLOS COMENTADOS

Bem, teoria encerrada. Vamos aos exemplos comentados?

Quanto à concordância verbal, julgue as alternativas abaixo como certas ou erradas, corrigindo as frases com erro. Caso haja mais uma possibilidade de concordância, indique-a.

1. **Choveu** garrafas na cabeça do árbitro; aliás, **estava** chovendo até pilhas de rádio.

Comentários: O que é que choveu? *Garrafas choveram*. *Pilhas estavam chovendo*.

Resposta: Frase errada: O certo é *choveram* e *estavam chovendo*.

2. **Deu** dez horas o relógio da matriz, mas no meu já **deu** onze.

Comentários: *O relógio é que deu dez horas*. A primeira oração está certa. Mas a segunda oração não: o sujeito passa a ser *onze* e *no meu*, adjunto adverbial de lugar (= "no meu relógio").

Resposta: o certo é "Deu dez horas o relógio da matriz, mas no meu já *deram* onze".

3. Não **existe** nas cidades próximas nenhum posto de gasolina aberto.

Comentários: O que é que não existe nas cidades próximas? *Nenhum posto de gasolina aberto.* Ora, o núcleo do sujeito é *posto*.

Resposta: a frase está correta.

4. Não **deve** existir ciúmes em um relacionamento sincero e sadio.

Comentários: Atenção: na locução verbal, olhe para o último verbo (verbo principal), pergunte por seu sujeito, mas não se esqueça de que quem irá se flexionar ou não é o verbo auxiliar. Portanto, qual é o sujeito de *existir*? *Ciúmes*. Logo, o auxiliar deverá ficar no plural.

Resposta: a frase está errada. O certo seria dizer "Não *devem* existir ciúmes..."

5. **Acabou** as aulas, **começou** as férias.

Comentários: O que é que acabou? *As aulas.* O que é começou? *As férias.* Ambos os sujeitos estão no plural, logo os verbos deverão ficar no plural.

Resposta: o certo é: "Acabaram as aulas, começaram as férias".

6. Não **pode** faltar nas indústrias tanta matéria-prima quanto se diz.

Comentários: O que é que não pode faltar nas indústrias? *Matéria-prima*. O núcleo é singular, por isso, o verbo auxiliar deve mesmo ficar no singular.

Resposta: frase correta.

7. **Faz** dez dias que não durmo direito; **faz** cinco que não trabalho.

Comentários: Eis, nas duas orações, o verbo *fazer* com sentido de tempo decorrido. Ele é impessoal, a oração não possui sujeito. Por isso, os verbos devem mesmo ficar no singular.

Resposta: frase certa.

8. **Costuma** haver abalos de terra nesta região.

Comentários: Mais uma vez, locução verbal. Observe o último verbo: principal. Ele tem sujeito? Não, pois é *haver* com sentido de *existir*. Por isso, seu auxiliar não se flexiona, deve ficar na 3ª pessoa do singular. Cuidado: *abalos* não é sujeito, é objeto direto.

Resposta: frase certa.

9. A maioria das garrafas vazias **estão jogadas** ali no lixão.

Comentários: A locução verbal está adequadamente concordando com a expressão *garrafas vazias que, sintaticamente, é adjunto adnominal do substantivo "maioria"*. A frase está certa, mas haveria uma outra possibilidade de concordância, que, inclusive seria a mais adequada em uma redação: "A maioria das garrafas vazias está jogada...". Nesse caso, **está jogada** estaria concordando com o núcleo do sujeito **maioria**. E a concordância com o núcleo é sempre a melhor...

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de flexão.

10. Vassouras **ficam** no Estado do Rio; Campinas fica em São Paulo.

Comentários: Nome de lugar ou de obra no plural, o verbo fica no singular, a não ser que o nome seja antecedido de artigo.

Resposta: a frase está parcialmente errada. O certo é *Vassouras fica*. Quanto à segunda oração, tudo certo.

11. Os Estados Unidos **são** um país capitalista.

Comentários: Nome de lugar no plural antecedido de artigo. O verbo deverá ficar no plural, seguindo o artigo.

Resposta: frase certa.

12. Grande parte dos melões vendidos **está** madura.

Comentários: O sujeito é *grande parte dos melões*; o núcleo é *parte* e *dos melões* é o adjunto adnominal. Nessa frase, o verbo está concordando com o núcleo do sujeito. Mas poderia concordar com *melões*, que é o termo posposto. Também estaria certo dizer "Grande parte dos melões estão maduros".

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de concordância.

13. Cinco por cento da produção **se perdeu** com as chuvas, mas esses 5% não **significam** muito prejuízo.

Comentários: *Cinco por cento da produção se perdeu* ou *se perderam*: as duas estariam certas. No singular, o verbo concorda com *produção*; no plural, com o núcleo *cinco*. Quanto à segunda metade da frase, tudo certo: o verbo está adequadamente concordando com o sujeito *esses 5%*.

Resposta: frase certa.

14. 1% dos alunos daquele colégio **passaram** no vestibular.

Comentários: Aqui, haveria duas possibilidades: *passaram* concordando com *alunos* e *passou*, com *1%*.

Resposta: a frase está certa, e haveria mais uma opção de flexão do verbo.

15. Os 15% de comissão **foram** para Hersílio, e não para mim.

Comentários: Já que a porcentagem vem antecedida de determinante (artigo), o verbo só pode concordar com o numeral 15%.

Resposta: frase certa.

16. Foram eles que **pagaram** as despesas; fomos nós que **comemos**.

Comentários: Quando o sujeito é *que*, o verbo concorda com o antecedente do relativo. Nas orações acima, os antecedentes eram *eles* e *nós*.

Resposta: frase correta.

17. Foram eles quem **pagou** as despesas; fomos nós quem **comeu**.

Comentários: Com *quem*: o verbo fica no singular ou concorda com o termo que vem antes do *quem*. Poderíamos também dizer *foram eles quem pagaram, fomos nós quem comemos*.

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de flexão.

18. Algum de nós **morrerá** antes do ano 2030.

Comentários: O núcleo da expressão é singular, o verbo só pode concordar com ele.

Resposta: frase certa.

19. Alguns de nós **morrerão** antes do ano 2030.

Comentários: O núcleo da expressão é plural (*alguns*): o verbo pode concordar com o núcleo ou com o termo que vem posposto (*nós*). Logo, estaria também certo dizer *alguns de nós morreremos*.

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de flexão.

20. Cada um de nós seis **compraremos** um livro.

Comentários: Com a palavra *cada*, o verbo deverá ficar no singular. Lembre-se: a palavra *cada* individualiza o núcleo. O certo seria dizer "Cada um de nós seis comprará...".

Resposta: frase errada.

21. V. Exª. **ireis** viajar amanhã?

Comentários: Com pronome de tratamento, o verbo fica na 3ª pessoa do singular. O certo seria dizer "V. Exª. *irá* viajar amanhã?"

Resposta: frase errada.

22. Mais de um abacate **apodreceram**, menos de duas peras **foi comida**.

Comentários: O núcleo do 1º sujeito é *abacate* e do 2º, *peras*. Por isso, certo seria dizer "Mais de um abacate apodreceu..., menos de duas peras foram comidas".

Resposta: frase errada.

23. Fui um dos que não **disse** nada na reunião.

Comentários: *Disse* concordando com *um*; *disseram* concordando com **dos**. Por isso, tanto faz dizer *fui um dos que disse*, como *fui um dos que disseram*.

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de flexão.

24. Perto de três crianças **se perderam** na praia.

Comentários: O núcleo do sujeito é *crianças*. Por isso, o verbo está no plural.

Resposta: frase certa.

25. **Bastará** três pessoas para erguer esse peso.

Comentários: Organize a frase: *três pessoas bastarão*.

Resposta: frase errada.

26. **Passará** logo meu interesse e minha esperança.

Comentários: Sujeito composto posposto. Tanto faz: o verbo ficou no singular concordando com o núcleo mais próximo, mas também poderia ter ido ao plural, concordando com todos os núcleos.

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de concordância ("passarão").

27. **Abraçaram-se** o rapaz e a garota.

Comentários: Com o pronome *se* recíproco, o verbo deverá ficar apenas no plural.

Resposta: frase certa.

28. Luís e Manuel vadiaram o ano todo; um e outro rapaz, mesmo assim, **passou**.

Comentários: Um e outro: verbo no singular ou no plural.

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de concordância ("passaram").

29. Nem um nem outro caçador **conhecem** esta região.

Comentários: Embora não seja comum, essa construção não está errada. O mais correto, entretanto, seria dizer "Nem um nem outro caçador conhece...".

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de flexão.

30. Um dia, uma hora, um minuto, **bastam** para acontecer uma tragédia.

Comentários: Sujeito composto de núcleos em gradação: singular (mais adequada) ou plural.

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de flexão *(basta)*.

31. Comer e dormir em seguida **engorda**.

Comentários: Núcleos do sujeito composto com verbos no infinitivo: o verbo fica no singular.

Resposta: frase certa.

32. O comer bem e o dormir bastante **engordam**.

Comentários: Agora, os verbos estão antecedidos de artigo. O verbo deve ficar no plural.

Resposta: frase certa.

33. Céu, mar, terra, rios, sol, planetas, animais, tudo se **constitui** dos mesmos elementos.

Comentários: O pronome *tudo* resume as informações anteriores. O verbo deve concordar com o pronome, ficando no singular.

Resposta: frase certa.

34. O príncipe com a princesa **estiveram** na festa.

Comentários: Tanto faz: plural ou singular. O plural enfatiza os dois núcleos; o singular enfatiza o primeiro.

Resposta: f frase está certa e teria outra possibilidade de concordância ("esteve").

35. Filipe ou Virgílio **dirigirá** o automóvel.

Comentários: *Só um vai dirigir*: *ou* com valor de exclusão. O verbo deverá ficar no singular.

Resposta: frase certa.

36. A vida ou a morte eternas não **existe**.

Comentários: Agora, *ou* com valor de adição. O que se quer dizer é que a vida *e* a morte eternas não *existem*.

Resposta: frase errada.

17.3. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Complete com as formas verbais adequadas.

1. Altamente irreais, suas palavras só _____ valores supérfluos. (contém/contêm)
2. "A ordem social e humana nem sempre se _____ sem o grotesco." (alcança/alcançam)
3. _____ muito barulho aqueles meninos. (Faz/Fazem)
4. _____ vinte minutos para as dez horas. (Falta/Faltam)
5. _____ duas palavras de incentivo. (Basta/Bastam)
6. Vossa Excelência _____ triste com a repercussão do caso. (ficou/ficastes)
7. Vossas Excelências _____ tristes com a repercussão (ficaram/ficastes)
8. _____ propostas de trabalho para ele. (Choveu/Choveram)
9. _____ existir dúvidas sobre aquele ponto da matéria. (Deve/Devem)
10. _____ ocorrer novas rebeliões. (Poderá/Poderão)
11. Embora _____ ocorrido alguns distúrbios, ele não se inteirava da condição do mundo. (tivesse/tivessem)
12. Eles _____ entender o problema (parecia/pareciam)

13. _____ sala comercial. (Aluga-se/Alugam-se)

14. _____ salas comerciais. (Aluga-se/Alugam-se)

15. _____ medidas para baratear os produtos editoriais. (Impõe-se/Impõem-se)

16. _____ cinco horas no relógio da sala. (Deu/Deram)

17. _____ cinco horas o relógio da sala. (Deu/Deram)

18. _____ uma hora. (Soou/Soaram)

19. _____ seis horas no relógio da igreja. (Bateu/Bateram)

20. Mais de um caso _____. (foi analisado/foram analisados)

21. Mais de um amigo se _____. (abraçou/abraçaram)

22. Mais de dois casos _____. (foi analisado/foram analisados)

23. Cerca de trinta pessoas _____ mudanças. (exigia/exigiam)

24. Qual de nós _____ do caso? (cuidará/cuidaremos)

25. Algum de nós _____ a tempo. (chegará/chegaremos)

26. Quais de nós _____ do caso? (cuidarão/cuidaremos)

27. Alguns de nós _____ a tempo. (chegarão/chegaremos)

28. A maioria dos professores _____ à cerimônia de posse do novo reitor. (compareceu/compareceram)

29. A maior parte da turma _____ ao primeiro dia de aula. (faltou/faltaram)

30. Setenta por cento da turma _____ de ano. (passou/passaram) / Os setenta por cento da turma _____ de ano. (passou/passaram)

31. Setenta por cento dos eleitores não _____ nos governantes. (confia/confiam)

32. Um por cento do eleitorado _____ o voto. (anulou/anularam)

33. Um por cento dos eleitores _____ o voto. (anulou/anularam)

34. Os Estados Unidos _____ perversamente _____ em 11 de setembro. (foi; atacado/foram; atacados)

35. Minas Gerais _____ a visita de dois ministros. (recebeu/receberam)

36. Os Lusíadas _____ uma epopeia. (conta/contam)

37. Fernanda e Guilherme _____ aqui agora há pouco. (estava/estavam)

38. _____ aqui agora há pouco Fernando e Guilherme. (Estava/ Estavam)

39. Acordava de manhã e lá _____ o meu pão torrado, o meu chá e o meu ovo cozido. (estava/estavam)

40. O diretor e o chefe _____ entender o problema. (parecia/pareciam)

41. Ela e eu _____ para jantar. (saíram/saímos)

42. _____ ela e eu para jantar. (Saímos/Saiu)

43. _____ irmão e irmã. (Abraçou-se/Abraçaram-se)

44. Chás, política, escândalos, nada _____ a sua concentração. (atrapalhava/atrapalhavam)

45. Engenheiros, técnicos, secretárias, todos _____. (foi demitido/foram demitidos)

46. O funcionário com o chefe _____ cedo. (chegou/chegaram)

47. O funcionário, com o chefe, _____ cedo. (chegou/chegaram)

48. Wilson ou Ricardo _____ o novo presidente do conselho fiscal. (será/serão)

49. O funcionário ou os funcionários _____ o novo representante. (anunciará/anunciarão)

50. O riso ou a lágrima _____ parte da minha vida. (faz/fazem)

51. A competição, a disputa não o _____. (seduzia/seduziam)

52. A paixão, o devotamento, a alma não _____ àquele homem. (falta/faltam)

53. Correr e nadar _____ parte do treinamento diário daquele atleta. (faz/fazem)

54. Agora, calar e falar já não _____ nada. (adianta/adiantam)

55. O falar e o escrever _____ dele um aluno especial. (fazia/faziam)

56. _____ bastante por aqui. (Trabalha-se/Trabalham-se)

57. _____ às ordens. (Obedeceu-se/Obedeceram-se)

58. _____ aos levantamentos. (Procedeu-se/Procederam-se)

59. Nunca se _____ totalmente pessimista. (é/são)

60. É preciso _____ com a impunidade no país. (acabar/acabarem)

61. _____ bastante em alguns bairros. (Choveu/Choveram)

62. _____ dúvidas sobre aquele ponto da matéria. (Havia/Haviam)

63. _____ vantagens para o índio no contato com o civilizado. (Havia/Haviam)

64. _____ haver vantagens para o índio no contato com o civilizado. (Devia/Deviam)

65. _____ haver novas rebeliões. (Poderá/Poderão)

66. Falei da angústia que _____ dias me devorava. (havia/haviam)

67. _____ dez meses que não recebo notícias dele. (Faz/Fazem)

68. _____ para dois anos de sua partida. (Vai/Vão)

69. _____ reclamações. (Chega de/Chegam de)

70. _____ duas horas. (Passa de/Passam de)

71. _____ que estejas aqui na hora marcada. (Convém/Convêm)

72. _____ mudar as regras. (Convém/Convêm)

73. _____ que as reações não podem ser diferentes. (Está claro/Estão claros)

74. Os dois _____ que haviam acabado de comer a maçã proibida. (parecia/pareciam)

75. Os dois _____ entenderem o problema. (parecia/pareciam)

76. _____ agora que tudo era mentira. (Sabe-se/Sabem-se)

77. Um e outro tipo _____ marcas profundas. (deixou/deixaram)

78. Nem o pai nem a mãe _____ o problema. (resolveu/resolveram)

79. Não só o funcionário mas também o diretor se _____ para a reunião. (atrasou/atrasaram)

80. Um ou outro estilo _____. (agrada/agradam)

81. Nem um nem outro trabalho _____ elogio. (recebeu/receberam)

82. Fui eu que _____ a verdade. (falei/falou)

83. Fomos nós que _____ a verdade. (falou/falamos)

84. Era árdua a tarefa que os _____ juntos. (mantinha/mantinham)

85. Fui eu quem _____ a verdade. (falei/falou)

86. Sou eu quem _____ a conta. (paga/pago)

87. Fomos nós quem _____ a verdade. (falou/falamos)

88. Ele é um dos jovens que _____ esse moderno sistema de telefonia. (usa/usam)

89. Aquele escritor foi um dos brasileiros que mais _____ no futuro do país. (acreditou/acreditaram)

90. "Napoleão foi um dos guerreiros de fama que _____ na ilha de Santa Helena." (morreu/morreram) (Ivan Alves)

91. O prédio _____ ruínas. (era/eram)

92. Tudo _____ ilusões. (é/são)

93. Guilherme _____ as preocupações da família. (era/eram)

94. O responsável _____ eu. / Eu _____ o responsável. (é/sou)

95. Os responsáveis_____ nós. / Nós _____ os responsáveis. (são/somos)

96. Quem _____ os representantes da turma? (era/eram)

97. O que _____ conectores? (é/são)

98. Os homens _____ complicam as coisas. (é que/são que)

99. _____ aquelas palavras que me serviram como estímulo. (Foi/Foram)

100. Vinte quilos _____. (é muito/são muito)

101. Cinco pessoas _____. (é suficiente/são suficientes)

102. _____ dez horas. (É/São)

103. _____ uma hora e vinte. (Era/Eram)

104. Hoje _____ seis de dezembro. (é/são)

105. Daqui a minha casa _____ três quilômetros. (é/são)

106. As pessoas pareciam _____ o problema. (entender/entenderem)

107. Resolvemos _____ rapidamente. (agir/agirem)

108. Mandei-os _____ os ingressos. (devolver/devolverem)

109. Viu-os _____ imóvel. (chegar/chegarem)

110. Fê-los _____. (chorar/chorarem)

111. Fez os ouvintes _____. (chorar/chorarem)

112. Minha filha chegou sem _____. (perceber/percebermos)

113. Os empresários falaram no preço que pagam para _____ negócio no Brasil. (fazer/fazerem)

114. Não se _____ proibir manifestações do povo. (deve/devem)

115. Os cariocas _____ um povo alegre. (verbo SER, silepse de pessoa)

116. A multidão não se continha. _____ justiça. (verbo PEDIR, silepse de número)

II. Levando em consideração as regras de concordância verbal, marque certo (C) ou errado (E).

1. ( ) A presença de pessoas estranhas, num momento como este, poderiam perturbar a atenção das candidatas, até aqui inteiramente dirigida para as questões da prova.
2. ( ) Quando se aplicam a todos os seres de uma espécie ou quando designam abstrações, o substantivo é chamado "comum".
3. ( ) Os peregrinos, que em longa caravana caminhavam respeitosos, mostravam-se dispostos a enfrentar qualquer adversidade que se lhes apresentasse.
4. ( ) Já era quase nove horas, nenhum dos meninos pareciam querer se levantar, nada faziam os pais imaginarem os rumores da véspera.
5. ( ) Com a canção popular, hoje, costuma ocorrer frequentemente fatos diversos.
6. ( ) Com a canção popular, hoje, podem haver fatos diversos.
7. ( ) Há uma série de outras motivações que não cabe aqui mencionar.
8. ( ) É uma cidade onde falta verdade, honra e vergonha.
9. ( ) Os fatos que houveram causaram espanto, por ter sido os carros-bomba lançados contra um grupo de crianças inocentes.
10. ( ) Na discussão do assunto, lança-se mão de dois recursos, com base em dados socioeconômicos.
11. ( ) Tratam-se, talvez, das referências mais citadas para defender valores mais expressivos para os salários-família.
12. ( ) Não se apanha moscas com vinagre.
13. ( ) Com o projeto, fornecer-se-ão dados estatísticos sobre a propagação da Aids no país.
14. ( ) Alterou-se cerca de 600 palavras.
15. ( ) Indenizar-se-á em dinheiro as benfeitorias úteis e necessárias.

16. ( ) Não se poderiam esquecer tantas emoções.

17. ( ) Em outros campos, despreza-se palavras que dão o seu recado com eficiente simplicidade.

18. ( ) Havia um templo em que se cultuavam aos deuses.

19. ( ) No fim do mês, feitas as contas, veem-se que os gastos foram absurdos.

20. ( ) Ao se tomar conhecimento dos números dessas pesquisas, fica-se perplexo.

21. Esperam-se que não surjam, no atual cenário latino-americano, os aventureiros de sempre.

22. ( ) Um por cento da população brasileira buscam profissionalizar-se.

23. ( ) Quarenta por cento da população brasileira busca profissionalizar-se.

24. ( ) 1,13% morreu em acidentes de trânsito.

25. ( ) 1,20% dos jovens morreram por outras razões.

26. ( ) 12,49% dos jovens morrem em acidentes.

27. ( ) Trinta por cento da conta de energia correspondem ao consumo gerado por chuveiro elétrico e geladeira.

28. ( ) Se o consumo é muito alto, umas poucas providências em casa já o reduz.

29. ( ) Vários voluntários procuram os Centros de Testagem Anônima; quinze por cento, aproximadamente, apresenta resultado positivo.

30. ( ) O grande responsável pelo reequilíbrio das reservas foi o povo, a quem coube muitos sacrifícios.

31. ( ) Sempre existirão os que aceitam a economia de mercado, como sempre haverão os que lhe são contrários.

32. ( ) Quantos dias faz que não o vemos? Há de haver bem uns dez.

33. ( ) Não me haviam alertado para o perigo os técnicos do laboratório.

34. ( ) Refaria esses trabalhos e quantos mais houvessem para refazer.

35. ( ) Pouco mais de mil pessoas havia nas salas de aula.

36. ( ) Houveram por bem sair mais cedo os professores.

37. ( ) É provável que hajam falhas graves nesse projeto.

38. ( ) Os Estados Unidos não tinha a necessária infraestrutura para recrutar voluntários.

39. ( ) A Fundação Instituto Oswaldo Cruz com a Universidade Federal de Minas Gerai

iniciaram um projeto de verificação da incidência de HIV em homossexuais e bissexuais.

40. ( ) O Hospital Clementino Fraga Filho é um dos que selecionarão pessoas para determinar a incidência de HIV em homossexuais e bissexuais entre 18 e 35 anos.
41. ( ) Os Lusíadas são o grande poema épico de Portugal.
42. ( ) Na juventude tudo são alegrias.
43. ( ) Convêm descobrir as fórmulas secretas.
44. ( ) São atitudes como essa que te convém evitar.
45. ( ) Pensou-se que faltava algumas modificações.
46. ( ) Podiam haver divergências entre pronúncia e grafia.
47. ( ) Não podia haver mais complicações.
48. ( ) Já vai fazer dez anos que me radiquei em Fortaleza.
49. ( ) Falta-nos a paixão, o devotamento, a alma.
50. ( ) Houve erros de previsão grosseiros.
51. ( ) Não haverão de mim nada com ameaças.

III. Complete as lacunas com a(s) forma(s) adequada(s).

1. _____ ele, você e eu esperando o chefe. (Ficamos/Ficou)
2. Brasileiros e latino-americanos _____ constantemente a crítica da prevalência. (fazem/fazemos)
3. _____ nas classes trabalhadoras o desejo de ter acesso à leitura. (Aumenta/Aumentam)
4. A maioria dos nossos produtos editoriais não _____ ao orçamento doméstico do trabalhador. (é acessível/são acessíveis)
5. _____ um estudo mais acurado as ideias de baratear a comercialização dos produtos editoriais. (Merece/Merecem)
6. Vislumbra-se um mundo em que tudo _____ botões de computador. (é/são)
7. Tudo, carrinhos, robôs e bonecas, _____ adquirir nova forma e valor nas mãos da criança. (pode/podem)
8. Nem a criança nem o adulto _____ deixar de continuamente exercer o poder de

criar. (deve/devem)

9. Grande parte dos objetos hoje utilizados numa casa _____ do processo de industrialização. (resulta/resultam)

10. Tu e eu _____ convencidos de que _____ em erro. (seremos/sereis; andamos/andais)

11. A maioria das pessoas aqui não _____ do que está falando. (sabe/sabem)

12. Um e outro ecologista _____ contra a derrubada de eucaliptos. (protestou/protestaram)

13. _____ dar quatro horas no relógio da praça. (Ia/Iam)

14. _____ o meio ambiente a comunidade e o vigário. (Defendia/Defendiam)

15. A história que vou referir só a _____, em toda esta cidade, minha mulher e eu. (sabe/sabemos)

16. Não _____ falta nenhuma o eucalipto e os cupins. (faz/fazem)

17. O perito e assistente técnico _____ de todos os meios necessários para o desempenho de suas funções. (utilizou-se/utilizaram-se)

18. Os Estados Unidos _____ uma grande potência. (é/são)

19. Alagoas _____ um belo estado. (é/são)

20. Os Lusíadas _____ o grande poema épico da literatura portuguesa. (é/são)

21. Vinte reais _____ suficiente. (é/são)

22. Já _____ uma hora da tarde e ele ainda não chegou. (é/são)

23. "E quanto enfim cuidava e quanto via, _____ tudo memórias de alegria." (Camões) – (era/eram)

24. _____ V. Exª os meus votos de distinta consideração. (Aceita/Aceitais)

25. Cada um dos jogadores daquele quadro já _____ um prêmio. (ganhou/ganharam)

26. Qual de vocês _____ o rio? (atravessará/atravessarão)

27. Qual dos três cientistas _____ o prêmio este ano? (ganhará/ganharão)

28. Quanto de nós _____ realmente dispostos a ajudar o próximo? (estarão/estaremos)

29. _____ três anos que ele viajara para Belém. (Fazia/Faziam)

30. Na reunião só _____ cinco representantes do sindicato. (havia/haviam)

31. _____ árvores derrubadas perto do rio. (Havia/Haviam)

32. "Os sentenciados _____ do poder público a comutação da pena." (G. Góis) – (houve/houveram)

33. _____ existir pelo menos mais de três documentos guardados. (Deve/Devem)

34. _____ haver campanhas educativas sobre o trânsito de nossa cidade. (Deveria/Deveriam)

35. O projeto de integração que _____ realizando as frágeis democracias _____, _____ e _____ é um esforço inegavelmente significativo para o cone sul. (vem/vêm; uruguaia, argentina e brasileira/uruguaias, argentinas e brasileiras)

36. _____ as regras de mera convenção ser menosprezadas. (Pode/Podem)

37. No caso não _____, nem jamais _____, asseguro-lhe, prevenções de ordem pessoal. (existe/existem; existiu/existiram)

38. Não se _____ esquecer tantas atenções. (poderia/poderiam)

39. _____ todos os ritmos da metrificação portuguesa. (Adotou-se/Adotaram-se)

40. A forma de morte em questão é a seguinte: inicialmente _____ as mãos de uma pessoa. (amarra-se/amarram-se)

41. Oitenta por cento dos alunos _____ preparados. (está/estão)

42. Está acertado que 1% dos recursos _____ para a educação, e os 99% restantes _____ em obras de saneamento básico do município. (irá/irão; será empregado/serão empregados)

43. Grande parte das poesias não _____ uniformidade nas estrofes. (tem/têm)

44. Grande número de programas _____ sido _____, nos EUA, para áreas consideradas prioritárias pelo Estado, como matemática e ciências. (tem/têm; direcionado/direcionados)

45. A maioria dos jovens _____ acompanhando pelos jornais as notícias sobre a

Croácia. (vem/vêm)

46. Foi o prefeito César Maia quem _____ a pregar a solução. (correu/correram)

47. As sardinhas fomos nós quem _____. (pescou/pescamos)

48. Fui eu quem _____ um manifesto contra irregularidades dessa repartição. (encabeçou/encabecei)

49. Não fui a que _____ primeiro. (cheguei/chegou)

50. "Um dos soldadinhos que me _____ chorava como um desgraçado." (G. Ramos) – (acompanhava/acompanhavam)

51. Ele é um dos que mais _____ o meio ambiente. (defende/defendem)

52. Mais de um nativo _____ o problema. (entendeu/entenderam)

53. "Aqui _____ a burguesia, o mercador, a população." (Eça de Queiroz) – (habita/habitam)

54. Naquela guerra entre quadrilhas, _____ um dos chefes e alguns moradores das proximidades. (morreu/morreram)

55. O certo e que o orgulho, a soberba _____ verdades supremas. (cobre/cobrem)

56. Quando chove, as árvores _____ que ficam verdes. (parece/parecem)

57. Eram casos fortuitos que não _____ em seu poder prevenir. (estava/estavam)

58. Os ritmos utilizados me pareceu _____ melhor com o que eu pretendia exprimir. (quadrar/quadrarem)

59. _____-lhes aclarar muitos pontos importantes. (Falta/Faltam)

60. São atitudes como essa que _____ evitar. (convém/convêm)

61. "O conselho se reuniu, e _____ recomeçar a guerra." (B. Guimarães) – (decidiu/decidiram)

62. Não _____ nexos lógicos entre "tom de documentário" e "convenção de novela", por se _____ de assuntos diferentes. (ocorre/ocorrem; tratar/tratarem)

63. A premissa é a de que de uma quantidade menor de línguas _____ menos maneiras diferentes de pensar, menos chances para desentendimentos e conflitos. (decorrerá/decorrerão)

64. “Mas não _____ o governo, o sistema, o modelo social os únicos responsáveis (ou irresponsáveis) nessa situação.” (E. Franchi) – (é/são)

65. “Mas, para Adélia, nem tudo _____ elogios e, de vez em quando, até um grande poeta tem que conviver com o amargor da faca afiada da crítica.” (é/são)

66. Nas conversas dos parlamentares e juristas, no Congresso, o assunto _____ sempre as trapalhadas do governo para conter a inflação e a base monetária. (era/eram)

67. Nas conversas de sindicalistas e economistas, no DIEESE, o assunto _____ sempre as altas taxas de desemprego e o arrocho salarial. (era/eram)

68. Nada mal para as empresas que, mesmo sem capital de giro e sem condições de vender, por falta de compradores, _____ de se ajustar, demitindo pessoal. (haverá/haverão)

69. Ninguém sabe se _____ haver ou não novas inscrições para o concurso anunciado há duas semanas. (vai/vão)

70. Todas as opiniões que _____ entre os participantes do encontro seriam debatidas democraticamente. (houvesse/houvessem)

71. Embora muitas dificuldades _____ surgido, os trabalhos foram concluídos em tempo hábil. (houvesse/houvessem)

72. Se _____ desistências, as vagas não poderão ser preenchidas por candidatos sem habilitação legal. (houver/houverem)

73. _____, entre os meses de outubro e dezembro, ocorrido pancadas de chuva tão violentas que as estradas estavam em péssimas condições. (Havia/Haviam)

74. “Mas _____ livros que, lidos no momento certo, fizeram de mim a pessoa que sou.” (houve/houveram)

75. “Nem os olhos nem o gesto _____ poesia nenhuma.” (Machado de Assis) – (tinha/tinham)

76. Tudo mal para os trabalhadores que, com a demissão batendo à porta, devido à crise recessiva, _____ de se contentar com o rebaixamento do poder aquisitivo. (terá/terão)

77. As condições concretas, sociais, políticas e econômicas em que foram executados os planos

de estabilização de economias em estado de crise, durante o nosso século, _____ cética nossa visão sobre o futuro. (torna/tornam)

78. Para completar o elenco de "Uma relação tão delicada" foi chamado o ator R. Adruim, a quem _____ dois papéis ingratos – o de namorado de Charlotte e o de marido de Jeanne... (coube/couberam)

79. Desta forma, solicito que nos _____ mais alguns dias para entregar o material. (seja concedido/sejam concedidos)

80. Estamos encaminhando, para _____ em reunião da comissão tripartite, as normas para eleição do novo chefe do Departamento. (ser apreciado/serem apreciadas)

81. É sabido que de uma maneira geral a qualidade dos Sistemas de Informação desenvolvidos _____ muito longe das satisfações e necessidades de seus usuários. (está/estão)

Gabarito: I – 1. contêm; 2. alcança; 3. Fazem; 4. Faltam; 5. Bastam; 6. ficou; 7. ficaram. Obs.: Pronome de tratamento leva o verbo para a 3ª pessoa; 8. Choveram (o verbo "chover", aqui, não é impessoal, pois aparece com sentido figurado. Seu sujeito é "propostas"); 9. Devem; 10. Poderão (na locução verbal, quem se flexiona é o verbo auxiliar: se o sujeito aparecer no plural, o verbo auxiliar ficará no plural); 11. tivessem; 12. pareciam; 13. Aluga-se (sujeito: sala / Sala comercial é alugada.); 14. Alugam-se (sujeito: salas / Salas comerciais são alugadas.); 15. Impõem-se (sujeito: medidas /Medidas são impostas.); 16. Deram; 17. Deu; 18. Soou; 19. Bateram; 20. foi analisado 21. abraçaram (nesse caso, com pronome recíproco, verbo no plural); 22. foram analisados; 23. exigiam; 24. cuidará; 25. chegará; 26. cuidarão ou cuidaremos; 27. chegarão ou chegaremos; 28. compareceu ou compareceram; 29. faltou; 30. passaram ou passou / passaram; 31. confiam; 32. anulou; 33. anulou ou anularam; 34. foram atacados; 35. recebeu; 36. conta ou contam (com nome de "obra", aceita-se a concordância com a ideia, no singular.); 37. estavam; 38. Estava ou Estavam; 39. Estava ou estavam; 40. pareciam; 41. Saímos [3ª pessoa (ela) + 1ª pessoa (eu) = 1ª pessoa do plural (nós)]: com sujeito composto representado por pessoas diferentes, o verbo vai ao plural da pessoa que tiver preferência – a 1ª pessoa prevalece sobre a 2ª pessoa e a 3ª pessoa; a 2ª pessoa prevalece sobre a 3ª: Tu e ela chegastes ou chegaram. Nesse caso, aceita-se a 3ª pessoa do plural – chegaram – , pois o "vós" está em desuso; 42. Saímos ou Saiu (Verbo anteposto a sujeito composto: concorda com todos os núcleos ou com o mais próximo.); 43. Abraçaram-se ("se" recíproco – verbo na 3ª pessoa do plural); 44. atrapalhava (caso 2 – b); 45. foram demitidos (idem); 46. chegaram ou chegou; 47. chegou (É a melhor concordância. Algumas gramáticas, porém, aceitam o plural nesse tipo de construção.); 48. será; 49. anunciarão; 50. fazem; 51. seduzia ou seduziam; 52. falta ou faltam; 53. faz; 54. adiantam; 55. faziam; 56. Trabalha-se; 57. Obedeceu-se; 58. Procedeu-se; 59. é; 60. acabar; 61. Choveu; 62. Havia; 63. Havia; 64. Devia; 65. Poderá; 66. havia; 67. Faz 68. Vai; 69. Chega de; 70. Passa de; 71. Convém; 72. Convém; 73. Está claro; 74. parecia (= Parecia/que os dois haviam acabado de comer a maçã proibida); 75. parecia (= Parecia/ que os dois entenderam o problema); 76. Sabe-se; 77. deixou ou deixaram; 78. resolveu ou resolveram; 79.

atrasaram (é a preferência); 80. agrada; 81. recebeu ou receberam; 82. falei; 83. falamos; 84. mantinha; 85. falei ou falou; 86. paga ou pago; 87. falou ou falamos; 88. usa ou usam; 89. acreditou ou acreditaram; 90. morreu (o sentido exige o singular); 91. era ou eram; 92. é ou são; 93. era; 94. sou/sou; 95. somos/somos; 96. eram; 97. são; 98. é que; 99. Foram; 100. é muito; 101. é suficiente; 102. São; 103. Era; 104. são; 105. são; 106. entender; 107. agir; 108. devolver; 109. chegar; 110. chorar; 111. chorar ou chorarem; 112. percebermos (sujeito próprio); 113. fazer ou fazerem; 114. deve ou devem; 115. somos; 116. Pediam.

II – 1. E – A presença ... poderia perturbar; 2. E – Quando se aplica ... o substantivo ...; 3. C; 4. E - Já eram ... nove horas ; nenhum dos meninos parecia ... ; nada fazia ...; 5. E – ...costumam ocorrer ... fatos; 6. E – pode haver; 7. C; 8. C; 9. E – houve ; terem sido lançados; 10. C; 11. E – Trata-se - Sujeito indeterminado, o "se" é indeterminador; 12. E – apanham – O "se" é apassivador, o sujeito é "moscas"; 13. C; 14. E – Alteram-se ... palavras – O "se" é apassivador; 15. E – Indenizar-se-ão ... as benfeitorias – O "se" é apassivador; 16. C – caberia também "poderia" – Ver "Flexão do Infinitivo" d); 17. E – desprezam-se palavras ... A explicação é a mesma das frases 12 a 15.); 18. E – se cultuava – Sujeito indeterminado, "se" indeterminador; 19. E – vê-se – Sujeito oracional "que os gastos foram absurdos", verbo da oração principal no singular; 20. C; 21. E – – A mesma explicação da frase 19 Espera-se/que...); 22. E – Um por cento da população busca...; 23. C – ou buscam; 24. C; 25. C – ou morreu; 26. C; 27. C – ou corresponde; 28. E – ... providências .. reduzem; 29. E – apresentam; 30. E – ... a quem couberam muitos sacrifícios; 31. E – haverá; 32. C 33. C; 34. E – houvesse; 35. C; 36. C – o "haver", aqui, não é impessoal; 37. E – haja; 38. E - tinham; 39. C – ou iniciou; 40. C – ou selecionará; 41. C – ou é; 42. C – ou é; 43. E - Convém/descobrir... sujeito oracional); 44. C; 45. E – ... faltavam ... modificações; 46. E – Podia haver; 47. C; 48. C; 49. C; 50. C; 51. C – o "haver", aqui, não é impessoal.

III – 1. Ficamos ou Ficou; 2. fazem ou fazemos (silepse); 3. Aumenta; 4. é acessível ou são acessíveis; 5. Merecem; 6. é ou são; 7. pode; 8. deve ou devem; 9. resulta ou resultam; 10. seremos/andamos; 11. sabe ou sabem; 12. protestou ou protestaram; 13. Iam; 14. Defendia ou Defendiam (verbo anteposto a sujeito composto); 15. sabe ou sabemos (idem); 16. faz ou fazem (idem); 17. utilizou-se (é uma pessoa só: Ele é perito e assistente); 18. são; 19. é; 20. é ou são; 21. é; 22. é; 23. era ou eram; 24. Aceita; 25. ganhou; 26. atravessará; 27. ganhará; 28. estarão ou estaremos; 29. Fazia; 30. havia; 31. Havia; 32. houveram; 33. Devem; 34. Deveria; 35 vêm/uruguaia, argentina e brasileira; 36. Podem; 37. existem/existiram; 38. poderiam ou poderia; 39. Adotaram-se; 40. amarram-se; 41. estão; 42. irá ou irão/serão empregados; 43. tem ou têm; 44. tem sido direcionado ou têm sido direcionados; 45. vem ou vêm; 46. correu; 47. pescou ou pescamos; 48. encabeçou ou encabecei; 49. chegou; 50. acompanhava ou acompanhavam; 51. defende ou defendem; 52. entendeu; 53. habita ou habitam; 54. morreu ou morreram; 55. cobre ou cobrem (núcleos sinônimos); 56. parece (Parece/que as árvores...). or.princ. or.subjetiva; 57. estava (prevenir casos não estava em seu poder); 58. quadrarem (Pareceu-me/que os ritmos quadravam melhor). or.princ. or.subjetiva; 59. Falta-lhes/aclarar... or.princ. or.subjetiva (reduzida de infinitivo); 60. Convém/evitar (idem); 61. decidiu ou decidiram (silepse); 62. ocorrem/tratar; 63. decorrerão; 64. é ou são; 65. é ou são; 66. era ou eram; 67. era ou eram; 68. haverão; 69. vai; 70. houvesse; 71. houvessem; 72. houver; 73. Haviam; 74. houve; 75. tinha ou tinham; 76. terão; 77. tornam; 78. couberam; 79. sejam concedidos; 80. serem apreciadas; 81. está.

17.4. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Por fim, vamos às questões. FCC, Vunesp, Cespe-UnB e Cesgranrio são algumas das bancas qu mais trabalham questões de concordância verbal em suas provas. Aproveite cada alternativa, procurando explicar a regra de concordância utilizada na frase.

1. (FCC/TRE-AP) As normas de concordância verbal estão inteiramente respeitadas na frase:

a) Sempre houve quem esbanjassem os recursos naturais.

b) Se não houverem trabalho nem produção, não haverá atividade econômica.

c) Alimentava-se muitas ilusões quanto ao custo e à disponibilidade da água.

d) Nenhuma saída a curto prazo se avistam em nossos horizontes.

e) Poderão vir a faltar outros recursos naturais, se não os pouparmos.

Comentários:

A letra A traz o pronome "quem" como sujeito do verbo esbanjar, portanto, verbo no singular (... *quem esbanjasse...*). Na B, o verbo "haver" é impessoal (sentido de existir, não varia). Na letra C, o pronome é apassivador ("Alimentavam-se muitas ilusões" é o mesmo que "Muitas ilusões eram alimentadas", verbo no plural). Na opção D, o núcleo do sujeito (saída) está no singular, verbo no singular. A letra E, está correta, pois o núcleo do sujeito está no plural (recursos). Vimos que, na locução verbal, quem se flexiona é o verbo auxiliar.

Resposta: E.

2. (Cesgranrio) Entre os que observavam os acontecimentos _____ muitos gritos.

De acordo com a norma culta da língua, a forma verbal que deve ser usada para preencher a lacuna acima é:

a) aconteceu

b) houve

c) houveram

d) ouviu-se

e) percebeu-se

Comentários:

Nesta questão, há três opções que trazem verbos pessoais, que possuem sujeito (letras A, D e E).

Como o sujeito é "muitos gritos", esses verbos viriam no plural (aconteceram, ouviram-se, perceberam-se). Nas letras B e C, o verbo "haver" é impessoal, equivale a "ocorrer", por isso **não pode se flexionar**.

Resposta: B.

3. (FCC) Em qual das frases a seguir a concordância verbal segue a norma culta?

a) Mais de um jornal comentaram o lançamento do novo dicionário.

b) Ontem foi lançado, com um grande evento, mais dois volumes da Enciclopédia.

c) Tanto o Aurélio quanto o Houaiss passam por atualizações periódicas.

d) O Aurélio ou o Houaiss receberam o prêmio de melhor dicionário do ano.

e) Trinta por cento dos dicionários apresenta algum verbete falso.

Comentários:

Na opção A, o sujeito é "Mais de um jornal", cujo núcleo é "jornal", verbo no singular. ("Mais de um jornal comentou..."). Na letra B, a ordem direta da frase seria "Mais de dois volumes da Enciclopédia foram lançados ontem", verbo no plural, pois o sujeito é composto (Aurélio/Houaiss) com verbo posposto, plural. Correta a frase. A letra D traz dois núcleos ligados por **ou** com valor de <u>exclusão</u> (só um receberá o prêmio). Verbo no singular. Na opção E, tanto a porcentagem (*Trinta por cento*) quanto o substantivo que se segue (*dicionários*) levam o verbo ao plural – apresentam. Já a letra C apresenta a expressão "tanto... quanto...", que indica soma, por isso, está correta a forma "passam".

Resposta: C.

4. (FCC) Na passagem "A maioria dos profissionais já viveu uma sensação de impasse na carreira", a concordância verbal está de acordo com a norma culta. Assinale a opção cuja concordância verbal está, segundo essa mesma norma, correta.

a) Sempre houveram impasses na sua vida profissional.

b) A reparação dos erros cometidos são possíveis.

c) Investiga-se, nesse momento, as falhas ocorridas.

d) Faz alguns meses que iniciamos o trabalho.

e) Soou oito horas no relógio da sala.

Comentários:

Nesta questão, vale a pena explicar a frase retirada do texto "A maioria dos profissionais já viveu...". Na teoria, vimos que os chamados coletivos partitivos (a maioria de, grande parte de...) e as porcentagens (um por cento de, trinta por cento de...) seguem o mesmo padrão: o verbo pode concordar com o núcleo (maioria, parte; um, trinta) ou com o termo que se segue. Portanto, nessa frase, além de "viveu" – concordando com o núcleo "maioria" – poderia vir "viveram" – concordando com "profissionais".

As letras A e D trazem verbos impessoais (haver = existir; fazer = tempo passado), não podendo, por isso, se flexionar. Portanto, a letra A está errada e a D correta. Na letra B, o núcleo do sujeito é "reparação", singular ("A reparação... é possível"). Na C, "as falhas são investigadas" ("Investigam-se as falhas"). Na letra E, o sujeito é o número de horas ("Oito horas soaram no relógio").

Resposta: D.

5. (FCC) Indique a única frase em que o verbo está flexionado corretamente.

a) 95% das televisões está diariamente em uso no país.

b) Para o consumo industrial, 17. 578 watts não representa nada.

c) Considera-se que até mesmo 1% de economia de água é bom para a Terra.

d) A imprensa noticia que menos de 10% dos cidadãos se preocupa com o meio ambiente.

e) Milhares de árvores da Floresta Amazônica é abatida mensalmente.

Comentários:

As letras A, C e D mostram o caso das porcentagens, em que o verbo ou concorda com elas ou com o termo seguinte. As letras A e D só podem vir com verbo no plural, já que tanto as porcentagens quanto os substantivos que se seguem estão no plural (*95% das televisões estão...*) e (*10% dos cidadãos se preocupam*). Na letra C, tanto a porcentagem quanto o substantivo estão no singular, verbo no singular (*1% da economia de água é bom...*). Correta a frase. Nas letras B e E os verbos teriam de aparecer no plural (*representam/são abatidos ou são abatidas, já que as duas leituras podem ser feitas: milhares de árvores são abatidos ou milhares de árvores são abatidas*).

Resposta: C.

17.5. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. Única frase errada:

a) Já estou quite das minhas obrigações.
b) Aquelas crianças nada têm de bonitas.
c) As cópias estavam conformes com os originais.
d) Os vigias estavam alerta por causa dos balões.
e) As crianças surdo-mudas merecem nosso amparo.

2. "A perda do dinheiro ou quaisquer ônus decorrente do extravio dos documentos anexo será de responsabilidade do transportador."

Se reescrevemos essa frase fazendo as correções necessárias, teremos:

a) A perda do dinheiro ou qualquer ônus decorrente do extravio dos documentos anexo será de responsabilidade do transportador.
b) A perda do dinheiro ou quaisquer ônus decorrentes do extravio dos documentos anexos serão de responsabilidade do transportador.
c) A perda do dinheiro ou quaisquer ônus decorrentes do extravio dos documentos anexo serão de responsabilidade do transportador.
d) A perda do dinheiro ou qualquer ônus decorrentes do extravio dos documentos em anexo será de responsabilidade do transportador.
e) A perda do dinheiro ou quaisquer ônus decorrentes do extravio dos documentos anexos será de responsabilidade do transportador.

3. O item em que a concordância é aceitável na norma culta é:

a) O filósofo considerou estranho a pesquisa dos universitários.
b) Está difícil a quitação do empréstimo bancário feita no ano passado.
c) Uma pequena parte do texto é compreendido.
d) Os livros traziam 30 páginas de textos rasgados.
e) Os filósofos parece condenarem o ceticismo.

4. No segmento "os povos egípcio e israelita", o substantivo aparece no plural e os dois adjetivos no singular. O item abaixo em que os adjetivos poderiam ocorrer no plural é:

a) as atuais bandeiras brasileira e portuguesa.
b) as séries primeira e segunda do ensino médio.
c) os idiomas francês e inglês.
d) os jornais paulista e carioca da atualidade.
e) os territórios brasileiro e argentino.

5. A língua portuguesa e os conhecimentos matemáticos nem sempre estão de acordo. A frase abaixo em que a concordância verbal contraria a lógica matemática é:

a) Cinquenta por cento da torcida brasileira gosta da seleção.
b) Mais de três jornalistas participaram da entrevista.
c) Menos de dois turistas deixaram de participar do passeio.

d) São 16 de outubro.
e) Participaram do congresso um e outro professor.

6. "Para ela mesma se alimentar"; a alternativa que mostra uma construção ERRADA com o vocábulo MESMO é:

a) Nós mesmos fomos até lá.
b) Mesmo ela não compreendeu a questão.
c) Os mesmos carros foram vendidos.
d) Elas mesmas ficaram doentes após o contato.
e) Ela falava consigo mesmo o dia inteiro.

7. (TC/PB) ... *analisa medidas para proteger os altos-mares...*

A palavra composta que faz o plural da mesma forma que a grifada acima está também grifada na frase:

a) Ave oceânica e migradora, o albatroz-de-nariz-amarelo é encontrado no litoral do Sudeste e do Sul do Brasil.
b) O leão-marinho é uma das várias espécies ameaçadas de extinção, por danos provocados a seu habitat.
c) O peixe-boi-da-amazônia é um mamífero encontrado em rios e lagoas dessa região brasileira.
d) Andorinha-do-mar é o nome dado a uma espécie de aves marinhas, conhecida popularmente por trinta-réis.
e) Temida pelos efeitos de seu ataque, a arraia-de-fogo aparece tanto no Brasil quanto no Paraguai.

8. (ANS – Especialista) Está correta a concordância estabelecida em:

a) Será necessário análises mais detidas de cada uma das óperas mencionada.
b) Diante das potências estrangeiras que nada lhes poderiam facilitar, a Itália deixa manifesto na *Norma* sua ânsia por liberdade.
c) Nas óperas românticas, servem de pesos inconscientes, postos que até então desconhecidos, laços, geralmente ocultados, de naturezas mais pessoais.
d) Deveriam haver argumentos para sustentar que a *Traviata* procede do mesmo modo que a *Norma*.
e) Sempre se desejaram pátrias livres, fossem elas Gália e Itália ou quaisquer outras.

9. (TRF – 4ª Região) A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:

a) Sistemas integrados de arrecadação e controle da visitação pública deve ser instalada em todos os parques nacionais.
b) Nações, mesmo de extensão menor que a do Brasil, está se tornando um dos destinos preferidos de turismo internacional.
c) O Brasil exibe um enorme potencial turístico, com suas belezas naturais, que não se encontra devidamente explorado.
d) A presença de turistas em áreas protegidas pelo Ibama, que permanece sem planos de conservação, são irregulares.
e) O Brasil tem vários parques nacionais, mas é poucos os que estão oficialmente abertos à visitação de turistas, nacional ou internacional.

10. (TC/PB) A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:

a) A observação do movimento que os astros descrevem no céu permitiram aos povos antigos prever alguns fenômenos climáticos.

b) Estatuetas muito antigas, como a descoberta na Alemanha, permite comprovar o conhecimento do homem primitivo a respeito dos astros.

c) Observações e predições aparentemente simples, com o passar do tempo, foram dando lugar a um sistema padronizado que dividia o céu em doze signos do Zodíaco.

d) Os conhecimentos que o homem primitivo tinha do céu permitiu-lhes plantar e colher alimentos no tempo certo destinado para isso.

e) O trajeto dos astros no céu estabelecem as estações do ano, conhecimento necessário para o desenvolvimento da agricultura.

11. (TRF – 4ª Região – Técn. Judic.) A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:

a) Em todas as épocas, ocorreram ataques de elefantes em várias regiões, porém a média de pessoas expostas a eles era quase insignificante.

b) O sentimento familiar entre manadas de elefantes são intensos, e muitas vezes os ataques de um animal constitui reação a uma iniciativa humana.

c) Elefantes que desenvolvem comportamento agressivo acaba abatidos a tiro para que se evite os ataques a pessoas e a propriedades.

d) Imagens do cérebro de elefantes apresentadas em estudo recente apontou a importância do convívio com animais mais velhos durante a infância.

e) Nos últimos anos, na Índia, foi morta mais de 500 pessoas, atacadas por elefantes em fúria, aparentemente explicáveis por stress pós-traumático.

12. (MPU) A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:

a) O prejuízo econômico decorrente de problemas ambientais causado por espécies invasoras ultrapassam cifras enormes, em vários países.

b) Os pinheiros, que veio da Austrália para o litoral, para servir de sombra e de quebra-vento, ocupou o espaço de espécies nativas da Mata Atlântica.

c) Espécies exóticas comportam-se como um hóspede que invade uma residência, alimenta-se do que encontra e acaba expulsando o próprio dono.

d) Entre as gramíneas trazidas da África para a formação de pasto para os rebanhos, estão o capim-annoni, resistentes às geadas, e que inibem o crescimento de outras plantas.

e) A abelha-africana foi importada na década de 50 para melhoramento genético da apicultura, mas escapou algumas rainhas e se espalhou por todo o continente.

13. (TC/PB) A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:

a) Nesse ecossistema pode ser encontrado algumas espécies de mamíferos que vão lá em busca de alimento e também na época do acasalamento.

b) Algumas espécies de peixes, que vem para o manguezal para se reproduzir, volta para o mar ou para os rios quando atinge a idade adulta.

c) Os caranguejos são a espécie mais comum nos manguezais, pois passam grande parte de sua vida em troncos e nas raízes, ou escondidos na lama.

d) Muitas espécies de aves, como a garça, utiliza os manguezais para alimento e reprodução, assim como as aves migratórias, como local de descanso.

e) Quando os camarões crescem, após sua fase larval e juvenil, aproveita o vaivém das águas das marés para se deslocar rumo ao oceano.

14. (ANS – Técnico) A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:

a) O desenvolvimento de técnicas de produção e de distribuição de alimentos permitiu a expansão da espécie humana em todo o planeta.

b) Ocorreu mudanças expressivas, ao longo dos tempos, na relação do homem com os alimentos, que foi se tornando mais variados e disponíveis.

c) Os hábitos alimentares, parte significativa da cultura de cada país, tornou-se uma das principais atividades econômicas do homem.

d) Com o início da agricultura, a tarefa de conseguir alimentos passaram a exigir menos esforço e os períodos de escassez de comida foi menos frequente.

e) A visão de uma cesta repleta de pães quentinhos são tão apetitosos que fica difícil resistir à tentação de comer mais que o necessário.

15. As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na frase:

a) Incluem-se entre as responsabilidades dos jornalistas o respeito que devem estes às suas fontes.

b) Ainda que hajam interesses particulares em jogo, os jornalistas devem considerar o interesse público das notícias.

c) Debateu-se três grandes temas, na RDLI, referentes aos direitos de todo e qualquer jornalista responsável.

d) A esperança de que circulam livremente todas as ideias e informações devem alimentar todo jornalista responsável.

e) Não compete aos homens públicos tratar as informações de interesse social como se fossem de interesse privado.

16. A frase inteiramente correta quanto ao emprego, à concordância e à flexão dos verbos é:

a) Não são muitas as opções a que todo economista ético se abrem, uma vez que já se exclue qualquer uma que contrarie algum valor de princípio.

b) Algumas medidas técnicas, que às vezes se fazem necessárias adotar, podem acarretar graves consequências para o desenvolvimento social.

c) Para os economistas éticos, não devem haver hesitações na hora em que for preciso ir de encontro às medidas que favoreçam o desenvolvimento social.

d) Se à relação entre a demanda e a oferta não vierem se agregar imperativos valores éticos, perder-se-á a dimensão humana das estratégias econômicas.

e) Toda e qualquer reorientação do processo civilizatório implicam providências drásticas, que não pode.

17. As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na frase:

a) Compreenda-se as lições de O Príncipe não como exercícios de cinismo, mas como exemplos de análises a que não se devem furtar toda gente interessada na lógica do poder, seja para exercê-lo, seja pra criticá-lo.

b) A problemática divisão da Itália em principados, que tanto preocupavam Maquiavel, fizeram com que ele se dedicasse à ciência política, em cujos fundamentos espelha-se, até hoje, aqueles que se preocupam com o poder.

c) Integrava as qualidades morais a da virtude, tomada num sentido essencialmente religioso, até que Maquiavel, recusando esse plano de valores em que a inseriam, deslocou seu sentido para o campo da política.

d) Todas as acepções de virtude, até o momento em que surgiu Maquiavel, compunha-se no campo da moral e da religião, e estendia-se à esfera da política, como se tudo fosse essencialmente um mesmo fenômeno.

e) Nunca faltaram aos "príncipes" de ontem, de hoje e de sempre a ambição desmedida pelo poder e pela glória pessoal, mas couberam a poucos discernir as sutilezas da política, em que Maquiavel foi um mestre.

18. (TRF 4ª Região – Analista) As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na frase:

a) Para além das diferenças étnicas que pode um ensaio revelar, há aquela semelhança humana que somente às ficções cabe dar viva expressão.

b) O respeito pelas ficções, que o autor reconhece na formação que lhe deram seus pais, viriam a inspirá-lo na educação de seus filhos.

c) A nem todos os pais são dados reconhecer que filmes e romances constituem elementos vitais para a formação dos filhos.

d) Ainda que não tivesse outros méritos, as ficções sempre apresentariam a diversidade do mundo e constituiriam um repertório do possível.

e) Sejam num ensaio ou num documentário, a caracterização de valores étnicos representam-se de modo distinto do das ficções.

19. (TRF 4ª Região – Anal. Judic.) Há plena observância das normas de concordância verbal na frase:

a) Reconhece-se nos loucos e nos bêbados aqueles impulsos que fogem a qualquer tipo de mascaramento.

b) Vivemos assaltados por tensões, e não são sem razão que elas se associam às máscaras de que nos valemos.

c) Acabaram encontrando repercussões nos versos de Manuel Bandeira o desassombro libertário dos loucos e dos bêbados.

d) Na linguagem das crianças encontra-se, como na dos loucos e na dos bêbados, índices de uma irresponsabilidade que faz inveja aos adultos.

e) Entre os profissionais de quem mais se exige sistemático uso de máscaras está o responsável pelo atendimento do público.

20. (TER / AP) As normas de concordância verbal estão inteiramente respeitadas na frase:

a) Sempre houve quem esbanjassem os recursos naturais.

b) Se não houverem trabalho nem produção, não haverá atividade econômica.

c) Alimentava-se muitas ilusões quanto ao custo e à disponibilidade da água.

d) Nenhuma saída a curto prazo se avistam em nossos horizontes.

e) Poderão vir a faltar outros recursos naturais, se não os pouparmos.

21. (PM / BA) As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na frase:

a) Todo aquele que se previne, quaisquer que sejam os problemas a enfrentar, têm mais aptidão para solucioná-los.

b) A reação a manifestações localizadas de extrema violência não implicam o emprego de uma violência proporcional e indiscriminada.

c) É preciso que se valorize na justa medida os laços de confiança que devem haver entre os policiais e a população.

d) Que aos nossos olhos não represente o outro uma permanente ameaça, mas um desejável aliado.

e) Os resultados que se obtém com a prevenção são, comprovadamente, os mais eficazes.

22. (TRT – Anal. Judic.) Há plena observância das normas de concordância verbal na frase:

a) Sempre haverá os que lucram com quaisquer iniciativas de que resulte algum ônus para a imagem de confiabilidade de quem carecem as instituições públicas.

b) A crescente disseminação de instituições que trabalham contra os interesses populares constituem um verdadeiro flagelo dos tempos modernos.

c) É curioso chamarem crime organizado a um tipo de iniciativas que investe, exatamente, contra a ordem social.

d) Não aprouvessem aos homens criar instituições certamente viveríamos todos sob o signo da violência e da barbárie.

e) Tudo o que tem mostrado as sucessivas civilizações faz concluir que as instituições servem tanto aos bons quanto aos maus propósitos humanos.

Gabarito: 1. e; 2. b; 3. e; 4. d; 5. c; 6. e; 7. b; 8. e; 9. c; 10. c; 11. a; 12. c; 13. c; 14. a; 15. e; 16. e; 17. d; 18. e; 19. e; 20. a; 21. d; 22. a.

Estudar concordância verbal é uma questão de lógica... As regras estão relacionadas à classificação do sujeito: quem sabe achar sujeito na frase consegue fazer a concordância correta!

Vamos resumir, então?

17.6. RESUMO

Simples	O verbo concorda com o único núcleo
Composto	Anteposto ao verbo – concordância total Posposto ao verbo – concordância → total parcial
Indeterminado com se (pis)	O verbo fica na 3ª pessoa do singular
Oração sem sujeito	O verbo fica na 3ª pessoa do singular
Sujeito oracional	O verbo fica na 3ª pessoa do singular

18 REGÊNCIA VERBAL

18.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

18.1.1. Regência dos verbos mais pedidos em provas

Regência a relação de dependência entre o verbo e seus complementos. A seguir, alguns verbos que oferecem dúvida quanto à sua predicação.

Atenção! Lembre-se de que este assunto requer, infelizmente, **memorização** da regência de alguns verbos. Para facilitar o seu estudo, sistematizamos os principais verbos em três grupos. A cada grupo de verbos, trouxemos frases para fixar os conceitos e algumas questões de concursos. Trata-se de assunto que você só aprenderá fazendo muitas questões. Evite memorizar os verbos sem os exercícios. É no treinamento constante que você adquirirá domínio de conteúdo. Portanto, aproveite as frases que preparamos e, no final deste capítulo, você perceberá que domina os principais verbos que são apresentados pelas provas de concursos públicos. Vamos a eles!

1º grupo: verbos que, quanto à predicação, normalmente não oferecem dúvida.
• Verbos transitivos diretos – v.t.d. (não regem preposição obrigatória); ajudar, adorar, abraçar, amar, atingir, esperar, namorar, referir (= relatar)... • Verbos transitivos indiretos – v.t.i. (regem preposição obrigatória); agradar (= ser agradável), obedecer, desobedecer, proceder (= dar início), referir-se, suceder (= substituir). Esses verbos regem preposição A. • Verbos que admitem dois complementos – v.t.d.i. (com e sem preposição); avisar, comunicar, certificar, cientificar, informar, proibir, preferir (não aceita mais, (do) que, antes)...

Exemplos de exercícios:

Use (C) para Certo e (E) para Errado nas frases abaixo.

1. Meu filho foi embora e eu não lhe abracei.

2. Você está namorando a Beatriz?

3. Todos esperavam Guilherme.

4. Todos esperavam por Guilherme.

5. Referiu os últimos acontecimentos.

6. Referiu o caso à mãe.

Comentários:

Na frase 1, o pronome lhe é complemento do verbo abraçar. Como vimos no tópico sobre

Pronomes, os oblíquos átonos o(s), a(s) funcionam como complemento de verbos transitivos diretos e lhe(s) de verbos transitivos indiretos. **Abraçar** é V.T.D., logo o oblíquo usado seria o pronome o.

Resposta: E.

Na frase 2, o verbo **namorar** é T.D., não pede preposição (namorar com é considerado erro).

Resposta: C.

Nas frases 3 e 4, o verbo **esperar** (v.t.d.) aceita o uso da preposição *por*, quando se quer mostrar *desejo intenso*. Por isso, as duas formas estão corretas: *todos esperavam Guilherme* ou *todos esperavam por Guilherme*.

Resposta: Ambas estão certas.

Nas frases 5 e 6, o verbo **referir** (= relatar, contar) é T.D. Atenção: não confundir com **referir-se**, pronominal (= fazer referência), que é T.I. Na frase 5, é T.D. e na frase 6, T.D.I. (referir algo a alguém).

Respostas: Ambas estão certas.

7. Agradava os clientes mais próximos.

8. Costumo obedecer parceiros éticos.

9. É necessário que todos obedeçam às diretrizes estabelecidas.

10. Artur procederá a leitura da página oito.

11. O chefe procedeu ao levantamento das necessidades da seção.

12. Sucedeu o professor.

Comentários:

Essas frases tratam dos **verbos transitivos indiretos** do 1º grupo:

Na frase 7, **agradar** (= ser agradável) pede preposição a (*Agradava aos clientes*).

Resposta: E.

A frase 8 traz o verbo **obedecer**, transitivo indireto, pede preposição a, sem esta preposição.

Resposta: E.

Já a frase 9, "... obedeçam às diretrizes", é uma construção correta, já que o verbo pede preposição. Como a palavra feminina que se segue aceita artigo, crase.

Resposta: C.

Em relação ao verbo **proceder** 10 e 11, achamos por bem chamar atenção apenas para o sentido de dar início, pois, com esse valor semântico, o **proceder** pode gerar dúvidas.

Esse verbo, nesta acepção, rege preposição a. Na frase 10, como a palavra seguinte é feminina, aceita artigo, teríamos "Artur procederá à leitura...".

Resposta: E.

Já na frase 11, a preposição a aparece ("... procedeu ao levantamento...").

Resposta: C.

Outro verbo que pede preposição a é **suceder** (= substituir), frase 12. Teríamos, então, "Sucedeu ao professor".

Resposta: E.

13. Avisaram-no de que a reunião começaria no horário.

14. Certifiquei-lhe de que uma pessoa muito querida aniversariava neste mês.

15. Informou ao cliente de que o aviso chegara.

16. Cientificaram-no de que o cheque foi pago.

17. Proibiu ao filho que o visitasse.

18. Prefiro mais a cidade do que o campo.

19. Prefiro a democracia ao totalitarismo.

20. Prefiro combater os males que intimidar as próprias emoções.

Comentários:

Em questões de concurso público, quando a intenção é a de confundir o candidato, esses verbos (V.T.D.I.) aparecem com duas preposições, por exemplo, "**informar**/**avisar** a alguém de alguma coisa", o que é inaceitável, pois, se esses verbos são T.D.I., um complemento vem sem preposição, e o outro com.

Assim, as frases 14 e 15 estão erradas e a 13, correta. Poderíamos dizer na 14: "*Certifiquei-lhe* (objeto indireto) *que uma pessoa...* (objeto direto)" – certificar a alguém algo – ou "*Certifiquei-o* (objeto direto) *de que uma pessoa...* (objeto indireto)" – certificar alguém de alguma coisa.

Obs.: Lembre-se: **o(s), a(s)**, como complementos verbais, são *objetos diretos* e **lhe(s)**, *objetos*

indiretos.

Na frase 13, um complemento é direto e outro indireto (avisar alguém de algo), seguindo a regência do verbo.

Respostas: 13 C; 14 E; 15 E.

As frases 16 e 17 seguem o modelo de regência desses verbos: T.D.I.: "certificar alguém de algo"; "proibir a alguém algo" ou "proibir algo a alguém".

Respostas: 16 C; 17 C.

Importante: Para esses verbos – avisar, certificar, informar, cientificar, proibir –, é indiferente usar coisa ou pessoa como objeto direto ou objeto indireto. Podemos dizer: *Avisar/certificar/informar/cientificar/proibir algo* a alguém ou alguém de algo. O mais importante é lembrar que se o verbo vem com dois complementos: um é o objeto direto e o outro objeto indireto, independentemente se for coisa ou pessoa.

O verbo **preferir**, como T.D.I., não aceita nenhum termo intensificativo (mais, mil vezes...) ou comparativo (que, do que). Rege preposição a. Na frase 18, portanto, teríamos "Prefiro a cidade ao campo", como a estrutura da frase (19) mostra. Na (20), ficaria "Prefiro combater os males a intimidar as próprias emoções".

Respostas: 18 E; 19 C; 20 E.

2º grupo: verbos que exigem preposição. Com eles, o aluno costuma ter dúvidas quanto à preposição utilizada.
• CHEGAR e IR (preposição A + adjunto adverbial de lugar) • MORAR, RESIDIR, SITUAR (preposição EM) • PRESIDIR (transitivo direto ou indireto, seguido de preposição A) • SATISFAZER (transitivo direto ou indireto, com preposição A) • USUFRUIR e DESFRUTAR (transitivo direto ou indireto, com preposição DE)

21. Fomos na cidade pela manhã.

22. Chegou ao alto da colina.

23. Cheguei no colégio atrasado.

24. Cheguei na hora marcada.

Comentários:

Na oralidade, é comum usarmos a preposição **em** com os verbos **chegar** e **ir**. No entanto, segundo a norma culta, esses verbos regem preposição **a** quando vêm seguidos de expressões indicando

lugar. Logo, na frase 21, a forma correta seria "Fomos à cidade..." (preposição a + artigo feminino a da palavra cidade.) A frase 22 está correta (chegar a). Na frase 23, seria "Cheguei ao colégio...".

Repare agora que na frase 24 o verbo **chegar** traz a preposição EM, no entanto, não vem seguido de expressão que indica lugar, e sim **tempo**.

Respostas: 21 E; 22 C; 23 E; 24 C.

25. Moro à rua dos Lírios.

26. O Colégio São Martins, sito à rua da União, encerrou suas atividades.

27. Resido na rua dos Lírios.

Comentários:

Esses verbos regem preposição **em** e não a preposição **a**, uso comum na oralidade. Logo, nas frases 25 e 26 teríamos; "Moro na rua dos Lírios" e " O colégio São Martins, sito na rua da União...".

A frase 27 segue a norma padrão: "Resido na rua..."

Respostas: 25 E; 26 E; 27 C.

Atenção: Se o verbo indicar direção, destino, deverá vir seguido da preposição A:
Fui ao cinema. / Cheguei a casa. / Dirigi-me ao escritório.
Se o verbo ou o nome indicar posicionamento, localização, deverá vir seguido da preposição EM:
Estou em casa. / Moro no bairro. / Escritório situado na rua México.

28. Carlos presidiu a reunião.

29. Carlos presidiu à reunião.

30. Satisfez os desejos de sua mãe.

31. Usufruiu as coisas boas da vida.

Comentários:

Os verbos **presidir**, **satisfazer**, **usufruir** e **desfrutar** podem vir com ou sem preposição. Por isso, nas frases 28 e 29, "presidir a ..." e "presidir à..." estão corretas, assim como as frases 30 e 31. Nessas duas últimas, pela teoria apresentada, poderíamos ter também como formas corretas, "Satisfez aos desejos..." e "Usufruiu das coisas..". Com o **desfrutar** ocorreria o mesmo: "Desfrutou as coisas..." ou "Desfrutou das coisas...".

3º grupo: verbos que mudam a regência conforme a mudança de sentido.
ASPIRAR T.D. (= inspirar, sorver) T.I. (= almejar, desejar) T.I. (= ver, presenciar, caber, competir) ASSISTIR T.D. ou T.I. (= socorrer, dar assistência) Intransitivo (= morar) ATENDER T.D. ou T.I. (para coisa ou pessoa) T.D. (pedir presença, convocar)
CHAMAR T.I. (pedir ajuda) T.D. ou T.I. (apelidar, qualificar) T.I. (ser difícil) CUSTAR Intransitivo (ideia de preço) T.D. (não pronominais) ESQUECER /LEMBRAR T.I. (pronominais) T.D. (= acarretar) IMPLICAR T.I. (= aborrecer, importunar) Pronominal (prep. em) T.D. (= coisa) PAGAR/PERDOAR T.I. (= pessoa) T.D.I. T.D. (= ter vontade de, desejar) QUERER T.I. (= amar, estimar) T.I. (para pessoa ou coisa a que se responde) RESPONDER T.D.I. (objeto direto para coisa e indireto para pessoa) T.D. (= estar a serviço de alguém, prestar serviço) SERVIR T.I. (= ser útil, convir) T.D.I. (oferecer algo a alguém) Intransitivo (= prestar serviços militares) T.D. (= mirar, apontar, pôr o visto) VISAR T. I. (= pretender, desejar)

32. Quando era pequeno, todos implicavam comigo.

33. Pelo que diz o assessor, isso implica em gastar mais dinheiro.

34. Um novo congelamento de salário implicará uma reação dos trabalhadores.

35. O banqueiro implicou-se em negócios escusos.

36. Tal fato não implicará dificuldades.

Comentários:

Vamos agora aos comentários do 3º grupo, mais extenso, que trata de verbos especiais.

Aqui, observe que, na quase totalidade dos casos, o sentido do verbo vai determinar a transitividade.

Nas frases 32 a 36, o verbo é **implicar**. Na 32, **implicar** tem o sentido de aborrecer, importunar (transitivo indireto – "implicar com"). Em 33, 34 e 36, esse verbo traz a ideia de acarreta (transitivo direto – "implica gastar.."). A frase 35 mostra o verbo **implica** pronominal (implicar-

se), que rege preposição EM.

Respostas: 32 C; 33 E; 34 C; 35 C; 36 C.

Importante: Em algumas provas elaboradas pela Esaf (Escola de Administração Fazendária), já apareceu questão que trazia o verbo implicar (= acarretar), que, segundo a norma culta, é transitivo direto, portanto, não pede preposição, seguido de preposição em (isso implica em aumentos diários) e a banca considerou a frase como certa. Infelizmente, nesses casos, devem-se observar as outras opções e procurar uma alternativa, um erro indiscutível. Em regência, a Esaf e a UnB costumam ter uma visão mais liberal em relação a esse assunto.

37. Chamei Antônio de desonesto.

38. Chamei-lhe de ignorante.

Comentários:

O verbo **chamar**, como transitivo direto (= pedir a presença, convocar – "chamei o funcionário") ou como transitivo indireto (= pedir ajuda, clamar – "chamou por Deus"), não oferece dificuldade quanto à regência.

Agora, com o sentido de apelidar, qualificar, pode haver dúvidas. Primeiramente, o verbo **chamar** nesta acepção pode aparecer com ou sem preposição (T.D. ou T.I.) – "chamei a Antônio..." ou "chamei Antônio..."). Além disso, o uso da preposição de após o complemento é facultativo. Com isso, podemos ter as seguintes construções com o **chamar** neste sentido nas frases 37 e 38:

Frase 37:

1. Chamei Antônio desonesto. (pouco usual)
2. Chamei Antônio de desonesto.
3. Chamei a Antônio desonesto.
4. Chamei a Antônio de desonesto.

Frase 38:

1. Chamei-o ignorante.
2. Chamei-o de ignorante.
3. Chamei-lhe ignorante.
4. Chamei-lhe de ignorante.

Atenção: *"desonesto"*, *"de desonesto"*, *"ignorante"*, *"de ignorante"* não são objetos. São termos que qualificam, caracterizam o objeto

(predicativos do objeto), e podem vir ou não antecedidos de preposição.

Respostas: 37 C; 38 C.

39. Não assistimos nenhum programa.

40. Esse direito não assiste ao servidor.

41. A enfermeira assistia o doente.

42. Assisto em Niterói.

Comentários:

O verbo **assistir**, na frase 39, com o sentido de ver, presenciar, e na 40 com o sentido de caber, competir, rege preposição a ("Não assistimos a nenhum programa" e "Esse direito não assiste ao servidor").

Na frase 41, pode ser transitivo direto ou indireto com a ideia de dar assistência, socorrer ("A enfermeira assistia o doente ou ao doente"). Na 42, embora desusado, com o sentido de morar pede preposição **em**.

Respostas: 39 E; 40 C; 41 C; 42 C.

43. Esqueci a aparência dela./Lembrei a aparência dela.

44. Esqueci-me da aparência dela./Lembrei-me da aparência dela.

45. Esqueceu-se da aparência dela./Lembrou-se da aparência dela.

46. Lembrei ao amigo que já era tarde.

Comentários:

Os verbos **lembrar** e **esquecer** podem aparecer com ou sem o pronome. Sem pronome, sem preposição (T.D.). Com pronome, com preposição (T.I.). Portanto, o que **não** cabe é "Esqueci/Lembrei da aparência" ou "Esqueci-me/Lembrei-me a aparência dela".

Na frase 46, o verbo **lembrar** é transitivo direto e indireto ("lembrar a alguém alguma coisa").

Respostas: 43 C; 44 C; 45 C; 46 C.

47. Respondeu à carta no mesmo dia.

48. Respondeu o diretor.

49. Respondeu a carta ao diretor.

Comentários:

O verbo **responder** é transitivo indireto para coisa ou pessoa. Na frase 47, aparece a preposição a ("Respondeu à carta"), mas na 48 isso não ocorre. Não é "respondeu o diretor" e sim ("Respondeu ao diretor"). Quando aparecem coisa **e** pessoa, transitivo direto e indireto ("Respondeu a carta ao diretor").

Respostas: 47 C; 48 E; 49 C.

50. Ainda não paguei o médico.

51. Pagou os impostos. / Perdoou a dívida.

52. Perdoou o inimigo. / Pagou o empregado.

53. Pagou o salário ao empregado.

Comentários:

Na frase 50, médico é pessoa, o verbo **pagar** pede preposição ("paguei ao médico"). Na 51, temos coisa como complemento, o **pagar** e **perdoar**, nesse caso, não pedem preposição. Já na 52, o objeto é representado por pessoa, transitivo indireto ("Perdoou ao inimigo" e "Pagou ao empregado"). Na 53, o **pagar** aparece como transitivo direto e indireto.

Respostas: 50 E; 51 C; 52 E; 53 C.

54. O secretário não atendeu ao pedido dos grevistas.

55. Não gostava de atender o telefone.

Comentários:

Apresentamos na teoria, em relação ao verbo **atender**, o que se vê em questões elaboradas por bancas como Esaf e Cespe/UnB: independentemente de se referir a coisa ou pessoa, aceita as duas transitividades (T.D. ou T.I.). Nas gramáticas, quando o complemento é representado por coisa, pede-se usar a transitividade indireta. Resumindo:

– O secretário não atendeu ao pedido... Certo.

– Não gostava de atender o telefone. Certo.

– Não gostava de atender ao telefone [é a preferência]. Certo.

Respostas: 54 C; 55 C.

56. Ia para a montanha para aspirar o ar puro.

57. Aspirava a um cargo público.

Comentários:

O verbo **aspirar** só pede preposição com o sentido de almejar, desejar ("Aspirava a um cargo público"). No sentido de inspirar, sorver é transitivo direto ("Ia para a montanha para aspirar o ar puro").

Respostas: 56 C; 57 C.

58. Eu custei a acreditar na tua história.

59. Custou-me acreditar na tua história.

60. O livro custa trinta reais.

Comentários:

A frase 58 mostra a regência do verbo **custar** usada na oralidade: "Eu custo a...". No entanto, para a norma culta, formal, essa forma estaria errada, pois "eu não custo nada", não tem sentido.

A forma considerada correta é "Custou-me acreditar..." ou, usando um nome no lugar do pronome, "Custou ao pai acreditar na tua história", já que o que custa, é difícil, é "acreditar na tua história", ou seja, "Acreditar na tua história custou a mim papai".

Já na frase 60, com a ideia de preço, não há preposição ("O livro custa trinta reais").

Respostas: 58 E; 59 C; 60 C.

61. O filho queria muito ao pai.

Comentários:

Em relação à regência do verbo **querer**, deve-se destacar o sentido de amar, gostar, querer bem, desse verbo, pois pede preposição a ("... queria ao pai").

Resposta: 61 C.

62. O empregado serviu o almoço.

63. Serviu-me uma bebida.

64. É uma solução que não lhe serve.

Comentários:

Na frase 62, **servir** (= prestar serviço) não pede preposição (T.D.). Em 63, com o sentido de "oferecer algo a alguém", é T.D.I., na 64, "É uma solução que não **lhe** (objeto direto) serve" traz esse verbo com o valor de convir, ser útil, transitivo indireto.

Respostas: 62 C; 63 C; 64 C.

65. O diretor visou os cheques.

66. O policial visou o alvo.

67. Esta medida visa o bem de todos.

Comentários:

O verbo **visar**, com os sentidos de dar o visto ou mirar, frases 65 e 66, respectivamente, não regem preposição (T.D.). Na 67, no sentido de almejar, pretender, a tendência é vir com a preposição a ("Esta medida visa ao bem de todos"), embora já se aceite a forma desse verbo nesta acepção sem preposição ("... visa ao bem..." ou "visa o bem..."), principalmente em provas elaboradas pela Esaf e Cespe/UnB.

Respostas: 65 C; 66 C; 67 E.

68. O escravo ama e obedece a seu senhor.

69. Até pouco tempo todos podiam consultar e aplicar nos fundos de aplicação financeira.

Comentários:

As frases 68 e 69 ilustram um caso de regência de dois verbos em coordenação. Quando isso ocorre, se os verbos forem de regências distintas (um é transitivo direto e o outro é transitivo indireto), deve-se fazer a distribuição:

– O escravo ama (T.D.) seu senhor e obedece (T.I.) a ele.

– Até pouco tempo, todos podiam consultar (T.D.) os fundos de aplicação financeira e aplicar (T.I.) neles.

Respostas: 68 E; 69 E.

Atenção: Quando os verbos possuem a mesma transitividade, mas pedem preposições diferentes, eles não devem compartilhar o mesmo objeto: cada um deve ter o seu. Exemplo:
Assisti e gostei do filme E.
(Assisti a ... gostei de)
Por isso, o certo é dizer:
"Assisti ao filme e gostei dele."

18.2. REGÊNCIA COM PRONOME RELATIVO

18.2.1. Uso de preposição que antecede o pronome relativo

O pronome relativo dá início às orações adjetivas. Se, nessa oração, o verbo ou um nome exigir a

preposição, esta será deslocada para antes do pronome relativo.

Exs.:

A canção de que/da qual gosto foi premiada. (= eu gosto(de) da canção)

A canção com que/com a qual simpatizo foi premiada. (= eu simpatizo com a canção)

A mulher em quem pensas partiu ontem. (= tu pensas(em) na mulher)

Este é o livro a cujo autor aludi. (= aludi(a) ao autor)

A rua aonde queriam ir era deserta. (queriam ir a)

A rua donde vens é deserta. (vens de)

Obs.: Os conectivos que aparecem como pronome relativo são: que, o qual, a qual, os quais, as quais, quem, cujo(s), cuja(s), onde, como, quando e quanto.

18.2.2. Uso de onde, aonde, donde

O emprego desses vocábulos segue as noções de regência. Se a preposição exigida for **em**, usa--se **onde**.

Ex.: O bairro onde moras é tranquilo. (moras em)

Se a preposição exigida for **a**, usa-se **aonde**. Se a preposição for **de**, **donde** ou **de onde**.

Ex.: O bairro aonde vais é tranquilo. (vais a)

O bairro donde vens é tranquilo. (vens de)

18.3. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Levando em consideração as regras de regência verbal, marque certo (C) ou errado (E).

1. ( ) Mais do que uma simplificação, a adaptação de uma obra implica uma intervenção inadmissível em seu conteúdo.
2. ( ) Quem desobedece ao regulamento demonstra que não é disciplinado.
3. ( ) Aproveitamos para lembrá-la que essa conduta é prevista na Consolidação das Leis Trabalhistas.
4. ( ) Aspiro ao cargo de analista judiciário.
5. ( ) Essas medidas visam à reabilitação de nossa imagem.
6. ( ) Procedeu-se a leitura dos autos.
7. ( ) Adverti-lhes de que o número de vagas não era elevado.

8. ( ) Ele me perguntou se o espetáculo fora interessante e eu o respondi que sim.

9. ( ) Prefiro uísque a cerveja.

10. ( ) O suicida prefere a morte à vida.

11. ( ) Uma dor não pode causar a morte, mas os mecanismos psicológicos que se associam a ela podem levar nesse resultado.

12. ( ) O desmatamento implica em destruição e fome.

13. ( ) Avisei-o de que devia partir.

14. ( ) Júlia mora à rua do Passeio.

15. ( ) Chegamos na cidade antes do anoitecer.

16. ( ) Esqueceu-me o desejo discreto de conhecer as coisas de coração.

17. ( ) Perdoou ao nosso atraso.

18. ( ) Prefiro os casos que a inteligência discute a formas tecnocráticas da resolução dos problemas.

19. ( ) O pai perdoou ao filho.

20. ( ) Aqui se jogam as sementes para informar-lhes de que a cultura não deve ser acadêmica.

21. ( ) Lembrou ao amigo que já era tarde.

22. ( ) Procede-se com brandura quando querem detectar falhas no relacionamento humano.

23. ( ) Na verdade, não me simpatizo com suas ideias inovadoras.

24. ( ) Se todos chegam à mesma conclusão, devem estar certos.

25. ( ) Para trabalhar, muitos preferem a empresa privada ao serviço público.

26. ( ) Custa-me crer em tais injustiças.

27. ( ) A terra custou aos lavradores a vida.

28. ( ) Informamos a V.Sª. sobre os prazos de entrega das novas propostas, às quais devem ser respondidas com urgência.

29. ( ) Entrou e saiu da sala.

30. ( ) Repete que puni e premiei professores que discordavam ou concordavam com minhas ideias.

II. Use **o(s)/a(s)** ou **lhe(s)**.

1. Só não _____ chamei de louco, porque _____ quero muito bem. (o/lhe; o/lhe)

2. A reincidência poderá acarretar-_____ penalidades severas. (lo/lhe)

3. Não _____ desobedecerei jamais. (o/lhe)

4. Algumas ideias vinham ao encontro das reivindicações dos funcionários, contentando-_____, outras não. (os/lhes)

5. Eles se sentiam tão onerados com descontos, que intentaram uma reação conjunta: procuraram os responsáveis pela empresa e _____ inteiraram de sua decisão de _____ o andamento. (os/lhes; estorvá-lo/estorvar-lhe)

6. Queríamos _____ para a festa. (convidá-lo/convidar-lhe)

7. A verdade é que nós _____ queremos muito. (o/lhe)

8. Vi-_____ os olhos na festa. (os/lhes)

9. A minha resposta não _____ satisfez. (o/lhe)

10. Eu _____ ajudei naquela árdua tarefa. (o/lhe)

11. Teve um desempenho tão extraordinário que _____ consagraram merecidamente o maior jogador do mundo. (o/lhe)

12. No momento em que a linguística procurou o *status* de ciência, que desde Saussure _____ tem acompanhado, passou-se a discutir sua relação com outras ciências. (a/lhe)

13. Seu pai, que é libanês e tem uma loja de roupas no Brás, _____ presenteou com o Maverick 74 da família. (o/lhe)

14. Ele poderá escolher outros dois técnicos para _____ assessorar. (o/lhe)

15. Por que um mendigo dormindo incomodou-_____ tanto? (os/lhes)

16. Os que se propuseram a trabalhar nessa área tão difícil têm de compreender que sua convicção da necessidade de executar essa tarefa ninguém neles a incutiu, é - _____ inata. (os/lhes)

III. Complete as lacunas com a(s) forma(s) adequada(s).

1. Eis a ordem _____ nos insurgimos. (de que/contra a qual)

2. Há fatos _____ nunca esquecemos. (que/de que)

3. Há fatos _____ nunca nos esquecemos. (que/de que)

4. Aludiram a incidentes _____ já ninguém se lembrava. (que/de que)

5. Há casos _____ a dor, tornando-se insuportável, leva o indivíduo à morte. (que/em que)

6. Este autor tem ideias _____ todos simpatizamos. (de que/com que)

7. Qual o cargo _____ aspiras? (que/a que)

8. Surgiu uma mulher _____ figura os mais velhos se comoviam. (cuja/com cuja)

9. Surgiu uma mulher _____ figura já nos referimos. (cuja/a cuja)

10. Surgiu uma mulher _____ figura havia um ar de grande dama decadente. (cuja/em cuja)

11. Surgiu uma mulher _____ figura andara todo o regimento apaixonado. (cuja/por cuja)

12. O homem possui um inimigo que o aterroriza e _____ prefere nem pensar: a dor. (do qual/no qual)

13. A ideia de sofrimento intenso e intolerável, _____ está associado o conceito de dor, torna-a um flagelo _____ é necessário escapar de qualquer maneira. (a qual/à qual; no qual/do qual)

14. Esse foi o lugar _____ ele chegara com dificuldade. (onde/aonde/donde)

15. Esse foi o lugar _____ ele se estabelecera com a família (onde/aonde/donde)

16. Os deuses mantêm seus protetores nas casas _____ residem. (onde/aonde/donde)

17. A rua _____ gosto de correr foi asfaltada. (em que/onde/aonde/donde)

18. Foi essa a situação _____ ele encontrara. (que/em que)

19. Muitos foram os problemas _____ ele passara. (por que/pelo qual/que)

20. Poucos eram os recursos _____ ele podia dispor. (que/de que/com que)

21. O projeto, _____ também se incluirão mulheres e crianças, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde. (que/de que/em que)

22. O projeto, _____ também terão participação mulheres e crianças, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde. (que/ao qual/no qual)

23. O projeto, _____ também se vincularão mulheres e crianças, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde. (que/a que/ao qual/em que)

24. O projeto, _____ também participarão mulheres e crianças, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde. (que/de que/em que/no qual)

25. O projeto, _____ extensão também atingirá mulheres e crianças, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde. (cuja/em cuja/de cuja)

26. O exemplo mais brilhante dessa vocação deu-o anos atrás cavalheiro _____ nome não sei. (cujo/de cujo/a cujo)

27. O exemplo mais brilhante dessa vocação deu-o anos atrás cavalheiro _____ nome não tenha a menor confiança. (cujo/em cujo/de cujo)

28. O exemplo mais brilhante dessa vocação deu-o anos atrás cavalheiro _____ nome não consigo simpatizar. (cujo/de cujo/com cujo)

29. O exemplo mais brilhante dessa vocação deu-o anos atrás cavalheiro _____ nome pretendo não referir. (cujo/a cujo/de cujo)

30. O exemplo mais brilhante dessa vocação deu-o anos atrás cavalheiro _____ nome não está associado esse fato. (cujo/a cujo/em cujo)

31. Conquista é quando você pula da cama de manhã e vai dormir à noite. E entre uma coisa e outra, só faz aquilo _____ gosta. (que/de que/por que)

32. O Banco Central investiu-se de um poder _____ as nações soberanas, ou quase isso, não abrem mão. (que/de que/por que)

33. É grande o dilema _____ vem experimentando a opinião pública brasileira. (que/a que/de que)

34. Não procuremos neles a beleza _____ dirigimos logo o olhar. (que/a que/em que)

35. É grande a perplexidade _____ estão tomados os latino-americanos. (que/de que/de quem/de cujos)

36. Esta é a única solução _____ podemos contar. (que/quem/com que/de quem)

37. Algumas pessoas costumam exorbitar da autoridade _____ se acham investidos. (que/a que/de que)

38. O texto legal _____ nos remeteu o professor para consulta exigia a cessão imediata dos direitos autorais à editora. (que/a que/para o qual)

39. Cético de gestos heroicos, confirmou ponto a ponto as críticas _____ se orgulhava de ter feito ao pretenso filantropo. (que/de que/a que)

40. O crime fora decorrente da crise _____ passava seu casamento. (que/em que/por que)

41. "A presença das enfermeiras devia lhe trazer lembranças de prazeres _____ agora não podia mais desfrutar." (que/de que/com que)

42. "Com o tempo, irás sabendo _____ leis, casos e fenômenos responde toda essa terminologia." (que/a que/de que)

Gabarito: I – 1. C; 2. C; 3. E; 4. C; 5. C; 6. E; 7. E; 8. E – lhe respondi; 9. C; 10. C; 11. E; 12. E 13. C; 14. E; 15. E; 16. C; 17. E; 18. C; 19. C; 20. E; 21. C; 22. C; 23. E; 24. C; 25. C; 26. C; 27. C 28. E; 29. E – Entrou na sala e saiu dela; 30. E – discordavam das minhas ideias ou concordavam com elas. **II** – 1. o ou lhe; lhe; 2. lhe; 3. lhe; 4. os; 5. os; estorvar-lhe; 6. convidá-lo; 7. lhe; 8. lhes; 9. o ou lhe; 10. o; 11. o; 12. a; 13. o; 14. o; 15. os; 16. lhes. **III** – 1. contra a qual; 2. que; 3. de que; 4. de que; 5. em que; 6. com que; 7. a que; 8. com cuja; 9. a cuja; 10. em cuja; 11. por cuja; 12. no qual; 13. à qual; do qual; 14. aonde; 15. onde; 16. onde; 17. onde; 18. que; 19. por que; 20. de que; 21. em que; 22. no qual; 23. a que ou ao qual; 24. de que; 25. cuja; 26. cujo; 27. em cujo; 28. com cujo; 29. cujo; 30. a cujo; 31. de que; 32. de que; 33. que; 34. a que; 35. de que; 36. com que; 37. de que; 38. que; 39. que; 40. por que; 41. de que ou que; 42. a que.

Vamos agora treinar com questões de concursos anteriores? Português se aprende pelas mãos...

18.4. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

1. (Cesgranrio/Banco do Brasil) Regência imprópria:

a) Não o via desde o ano passado.

b) Fomos à cidade pela manhã.

c) Informou ao cliente que o aviso chegara.

d) Respondeu à carta no mesmo dia.

e) Avisamos-lhe de que o cheque foi pago.

Comentários:

A letra A está correta: o verbo ver é v.t.d. e tem como o.d. o pronome oblíquo **o**. A letra B apresenta o verbo *ir*, que indica direção, por isso, deve vir seguido da preposição A. Na letra C, tem-se o verbo *informar*, que é direto e indireto e teve, mesmo, dois objetos: o direto, que é a oração *que o aviso chegara,* e o indireto, que é *ao cliente* (nessa frase, quem informa informa alguma coisa a alguém). O verbo *responder*, na letra D, vem adequadamente complementado por

seu o.i. *à carta*: aqui, quem responde responde a alguma coisa. Já a letra E apresenta o verbo *avisar* com dupla transitividade, mas com dois objetos indiretos: um sob a forma pronominal (*lhe*); o outro sob a forma oracional (*de que o cheque foi pago*). Para a correção da frase, teríamos, portanto, duas opções: *avisamo-lo de que o cheque foi pago* ou *avisamos-lhe que o cheque foi pago*.

Resposta: E.

2. (FGV) Em qual das alternativas ocorre erro de regência verbal?

a) Esqueceu-me o desejo discreto de conhecer as coisas do coração.

b) Lembrou-me a inusitada transformação por que passa a universidade brasileira.

c) Prefiro os casos que a inteligência discute a formas tecnocráticas da resolução dos problemas.

d) Aqui se jogam as sementes para informar-lhes de que a cultura não deve ser acadêmica.

e) Procede-se com brandura quando querem detectar falhas no relacionamento humano.

Comentários:

Muitos que erraram a questão marcaram a letra A. Trata-se de uma construção em desuso, porém correta do verbo *esquecer* (o que também pode ocorrer com o verbo *lembrar*). A coisa esquecida passa a ser o sujeito do verbo, o que se pode perceber pela desinência verbal (*esqueceu-me*): nessa frase, *o desejo discreto de conhecer as coisas do coração* é que é o sujeito do verbo *esquecer*. Na ordem direta, a frase ficaria assim:

O desejo discreto de conhecer as coisas do coração esqueceu-me (= a mim).

Você deve estar se perguntando: mas como uma coisa pode esquecer alguém? Nesse caso, a coisa esquecida passa a ser responsabilizada pelo esquecimento da pessoa. Talvez seja uma forma de se esquivar da responsabilidade... O fato é que haveria três formas de se dizer o mesmo:

Esqueci o desejo discreto de conhecer as coisas do coração.

(aqui, o verbo é *esquecer*, v.t.d., que tem como sujeito *eu* e objeto direto *o desejo discreto de conhecer as coisas do coração*).

Esqueci-me do desejo discreto de conhecer as coisas do coração.

(trata-se, agora, do verbo *esquecer-se*, que é v.t.i. e apresenta como sujeito *eu* e o.i. *do desejo discreto de conhecer as coisas do coração*).

Esqueceu-me o desejo discreto de conhecer as coisas do coração.

(essa foi a forma escolhida pela banca: *o desejo discreto de conhecer as coisas do coração* é o sujeito do verbo *esquecer*, que é v.t.i. e tem como o.i. o pronome oblíquo *me*).

Observe a letra B da questão: o verbo *lembrar* aparece aqui da mesma forma que o verbo *esquecer* apareceu na letra A. Veja que o verbo ficou na 3ª pessoa do singular, o que prova que o sujeito não é o pronome *eu,* e sim a informação que vem depois na frase (*a inusitada transformação por que passa a universidade brasileira*). O que dissemos, portanto, na letra A para o verbo *esquecer* vale também para o verbo *lembrar* na letra B. Haveria aqui, também, três formas de se reescrever a frase: Lembrei a inusitada transformação por que passa a universidade brasileira. / Lembrei-me da inusitada transformação por que passa a universidade brasileira. / Lembrou-me a inusitada transformação por que passa a universidade brasileira. Portanto, a letra B também está correta.

A letra C traz o verbo *preferir*, v.t.d.i., de forma adequada com dois objetos: *os casos que a inteligência discute*, que é o o.d., e *a formas tecnocratas da resolução dos problemas* que é o o.i.

Já a letra D, que apresenta o verbo *informar* como v.t.d.i., pecou por apresentar dois objetos indiretos: um sob a forma pronominal *lhes* e o outro oracional *de que a cultura não deve ser acadêmica*. O certo seria dizer "... para informar-lhes que a cultura não deve ser acadêmica" ou "... para informá-los de que a cultura não deve ser acadêmica".

A letra E está correta: apresenta o verbo *proceder* como intransitivo, com o sentido de agir.

Resposta: D.

3. (Cesgranrio) Assinale a única alternativa incorreta quanto à regência do verbo.

a) Perdoou nosso atraso no imposto.

b) Meu pai perdoou ao pai.

c) Lembrou ao amigo que já era tarde.

d) Vi-lhes os olhos na festa.

e) Era grande a mesa da sala a qual nos sentamos.

Comentários:

Eis uma boa questão para treinarmos a regência do verbo *perdoar*: *aquilo que se perdoa* é o objeto direto e *a quem se perdoa* é o objeto indireto. Daí, na letra A, o verbo *perdoar* está adequadamente colocado: ele é v.t.d. e vem seguido do o.d. *nosso atraso no imposto*. Já na letra B, o verbo *perdoar* vem seguido de um objeto indireto: trata-se de um objeto pessoa (*ao pai*). Nas duas alternativas, portanto, ele foi bem utilizado.

Na letra C, o verbo *lembrar* vem adequadamente seguido de dois objetos, um direto (*que já era tarde*) e outro indireto (*ao amigo*).

Na letra D, o verbo *ver* é v.t.d.: seu objeto direto é *os olhos*. Observe que o pronome *lhe,* apesar de vir ligado ao verbo por meio do hífen, não é o seu objeto: é pronome oblíquo com valor possessivo que se refere ao substantivo *olhos* (= seus olhos). Por isso, a frase está certa.

Já a letra E traz um erro na regência com relativo. Organizando a oração adjetiva, que vem após o pronome relativo, teríamos "nós nos sentamos à mesa". O verbo *sentar*, aqui, deve vir seguido da preposição *a*, com valor semântico de proximidade. Por isso, o certo seria dizer: "Era grande a mesa da sala à qual nos sentamos".

Resposta: E.

4. (Fundação João Goulart) No trecho "Nós nos entendíamos e amávamos mudamente (...)" o complemento serve a dois verbos de mesma regência. Das frases abaixo, aquela em que o complemento serve a verbos de regências diferentes é:

a) Poucos nos reconheceram e cumprimentaram.

b) O indivíduo nos perseguia e ameaçava.

c) Não nos admirava ou obedecia.

d) Ele nos avistara e evitara.

Comentários:

Na frase do enunciado, tem-se um pronome *nos* que é objeto direto de dois verbos com mesma regência *entender e amar*, que são verbos transitivos diretos. O mesmo ocorre com a letra A: os verbos *reconhecer* e *cumprimentar* são transitivos diretos.

Na letra B, o raciocínio se repete: o pronome *nos* é objeto direto de *perseguir* e *ameaçar*, que são transitivos diretos.

No entanto, a letra C apresenta um complemento *nos*, que é ao mesmo tempo objeto direto de *admirar* e indireto de *obedecer*: o que não é um problema, já que, como estudamos em pronomes, os pronomes oblíquos *me, te, se, nos* e *vos* são verdadeiros curingas, podem ser O.D. ou O.I.

Na letra D, temos novamente o raciocínio do exemplo que consta no enunciado: os dois verbos possuem a mesma regência, são transitivos diretos, que têm como complemento o pronome *nos*.

Resposta: C.

5. (Vunesp/Fiscal de Rendas-SP) O único texto que obedece rigorosamente aos princípios de regência da língua culta escrita é:

a) Repete que puni e premiei professores que discordavam ou concordavam com minhas ideias.

b) Conquista é quando você pula da cama de manhã e vai dormir à noite. E entre uma coisa e outra, só faz o que gosta.

c) ... eis que o nosso Banco Central, que mal e porcamente cuida da nossa vida bancária cheia de abrolhos e escândalos, investiu-se de um poder que as nações soberanas, ou quase isso, não abrem mão.

d) ... os deuses mantêm seus protetores nas casas onde residem, o que implica que os soberanos dos céus e da terra tributam por sua vez um culto a seus pequenos deuses domésticos.

e) Temos por princípio não representar e nem formular Queixa perante o Tribunal de Ética da O.A.B., porém reservamo-nos no direito de aconselhá-lo a leitura do Código de Ética, do Estatuto da Ordem dos Advogados do Brasil.

Comentários:

A letra A apresenta, por duas vezes, verbos em coordenação que compartilham o mesmo complemento. Na primeira passagem, *punir* e *premiar* são transitivos diretos e possuem o mesmo objeto, *professores*, o que não caracteriza erro. Na segunda passagem, entretanto, aparecem os verbos *discordar* e *concordar* que, embora sejam transitivos indiretos, regem preposições distintas (*discordar de* e *concordar com*). Daí o erro: eles compartilharam o mesmo objeto. O certo seria dizer:

... que discordavam *das minhas ideias* ou concordavam *com elas*. A letra B também apresenta um erro: quem gosta gosta de, por isso o certo seria dizer: ... só o faz o (= aquilo) de que gosta. A

letra C apresenta um erro de regência com pronome relativo, no final do período. Colocando a frase na ordem direta, teríamos: *as nações soberanas não abrem mão do poder*. Por isso, o correto seria dizer: ... um poder de que as nações soberanas não abrem mão. A letra D trouxe o verbo *implicar* corretamente utilizado: seguido do objeto direto oracional *que os soberanos dos céus e da terra tributam...* A letra E apresenta os verbos *representar* e *formular*, transitivos diretos, coordenados com o mesmo complemento *Queixa*, estando, quanto a isso, correta. Entretanto, trouxe um erro com o verbo *reservar*: *reservamo-nos o direito* e não *no direito*. Ou seja: *reservamos o direito (o.d.) a nós (o.i.)*.

Resposta: D.

6. (FGV) Indique a opção em que o verbo responder está usado incorretamente, no que tange à regência.

a) Respondeu com mau humor à mãe.

b) O injustiçado responde às calúnias.

c) Os soldados responderam às balas.

d) Ninguém responde o juiz daquele jeito.

e) Respondi o que podia e o que não devia.

Comentários:

Questão boa para trabalhar o verbo *responder*: lembre-se de que *aquilo que se responde* (complemento coisa) é o objeto direto e *a quem ou a que se responde* (complemento pessoa ou coisa a que se responde) é o objeto indireto. Na letra A, *à mãe* é a pessoa a quem se respondeu. Nas letras B e C, tem-se novamente o *responder* como transitivo indireto: trata-se de objeto indireto *coisa a que se responde*. Nos dois casos, o verbo *responder* é transitivo indireto e vem seguido de objeto indireto *às calúnias* e *às balas*, respectivamente. O erro está na letra D: *o juiz* deveria ser objeto indireto. Nessa frase, quem responde responde *a alguém* e não alguém. Por isso, o certo seria dizer "Ninguém responde *ao juiz* daquele jeito". A letra E está correta: o verbo *responder* aparece como transitivo direto, com objeto direto, que é *aquilo que se responde*. Assim, temos um objeto direto *composto*: *o que podia e o que não devia*. A frase, portanto, está correta.

Resposta: D.

7. (Fundação Carlos Chagas) Em qual das alternativas o uso de **CUJO** não está conforme a norma culta?

a) Tenho um amigo cujos filhos vivem na Europa.

b) Rico é o livro cujas páginas há lições de vida.

c) Naquela sociedade havia um mito cuja memória não se apagava.

d) Eis o poeta cujo valor exaltamos.

e) Afirmam-se muitos fatos de cuja veracidade se deve desconfiar.

Comentários:

Esta questão trata do uso do pronome relativo cujo e da regência com esse conectivo. Vimos que o pronome cujo e variantes é usado entre dois substantivos com ideia de posse. Em todas as opções isso ocorre. O problema está, então, na falta da preposição. Na opção A ("... vivem **n**a Europa"), ela aparece – *vivem **em***. Na B, organizando, teríamos: "Há lições de vida **n**as páginas do livro". Portanto, a frase correta seria "Rico é o livro **em** cujas páginas...". Nas letras C e D, os verbos não pedem preposição ("... a memória não se *apagava*" e "*exaltamos* o valor"). Na letra E, o uso da preposição **de** se explica pela presença do verbo *desconfiar* ("Deve-se desconfiar **d**a veracidade dos fatos"). Lembre-se sempre de organizar a frase – **ordem direta** (sujeito + verbo + complementos).

Resposta: B.

8. (Vunesp) Assinale a opção cuja lacuna não pode ser preenchida pela preposição entre parênteses:

a) A alfabetização funcional, _____ cuja aquisição a escola deve preocupar-se. (com)

b) A alfabetização funcional, _____ cuja aquisição a escola deve refletir. (sobre)

c) A alfabetização funcional, _____ cuja aquisição a escola deve ser responsável. (a)

d) A alfabetização funcional, _____ cuja aquisição a escola deve cuidar. (de)

e) A alfabetização funcional, _____ cuja aquisição a escola deve estar preparada. (para)

Comentários:

Mais uma questão que envolve o uso da preposição antes do relativo. Organizando as orações

adjetivas (iniciadas pelo pronome relativo):

... a escola deve-se preocupar com.

... a escola deve refletir sobre.

... a escola deve ser responsável **por**.

... a escola deve cuidar de.

... a escola deve estar preparada para.

Resposta: C.

9. (Esaf) Assinale o item que apresenta **erro** de regência verbal:

a) O espetáculo do grande desastre, sempre implícito na loucura das corridas de automóvel, esconde e omite o essencial, que apenas se adivinha com os recursos da imaginação: o ser humano que viaja dentro daquela cápsula em vias de se desmanchar com a fragilidade de uma casquinha de sorvete.

b) Cumpriu-se com Ayrton Senna mais um ritual de sacrifício consumado no altar da modernidade que, ao comercializar a velocidade, transformou o esporte do automobilismo em negócio.

c) Atingimos o ideal supremo do capitalismo: velocidade cada vez maior nos lucros. As firmas que patrocinam as corridas são sólidas empresas privadas que tocam os seus negócios com fervor apostolar e o autódromo de Ímola, antessala do além, é uma empresa privada.

d) O carro cheio de rótulos comerciais é hoje apenas a visão do fracasso tecnológico, da lamentável falência de uma máquina que se pretende perfeita, mas é tão precária como qualquer outra diante do menor obstáculo.

e) As letras impressas se acumulam, promovendo os generosos mecenas do esporte que cedem uma migalha dos seus lucros aos pilotos, assim seduzidos com mais um argumento para o jogo perigoso que se entregam apaixonadamente.

Comentários:

Aqui, observamos que, em quatro opções, não há a intenção de se apresentar nenhum caso especial de regência. Na letra A, "esconde e omite o essencial" (os dois verbos são transitivos diretos). Na B, "consumado no" e "transformar o esporte... em negócio" seguem o padrão da norma culta. Na letra C, **atingir** é transitivo direto ("atingimos o ideal..."). Na D, não há nenhuma

particularidade sobre regência: a frase está totalmente correta. Porém, na letra E, na penúltima linha, aparece o pronome relativo **que**. Ao organizar a oração que ele introduz, teríamos: "(Eles) se entregam **a**o jogo perigoso". Por isso, o certo seria dizer: "... para o jogo perigoso **a** que se entregam".

Resposta: E.

10. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a regência do verbo destacado está correta, segundo o registro culto e formal da língua.

a) Informei-a que o período turbulento havia terminado.

b) Assistia a derrota daqueles que não acreditaram na oportunidade.

c) Diante de tamanha pressão, chegou no seu limite.

d) Neste momento, diante do ocorrido, todos reivindicam por tranquilidade de vida.

e) A constatação de que aquilo era verdadeiro custou-lhe dias difíceis.

Comentários:

O verbo **informar**, na letra A, pede dois complementos, é v.t.d.i. ("Informei-a de que o período..."). Na B, o verbo **assistir** com a ideia de *presenciar* é transitivo indireto ("Assistia **à** derrota..."). Na letra C, **chegar** rege preposição **a** ("... chegou **a**o seu limite"). Na letra D, **reivindicar** é transitivo direto ("... todos reivindicam tranquilidade"). Na letra E, o verbo **custar** (= ser difícil) é transitivo direto e indireto ("A constatação... custou **dias difíceis** – O.D. – **a ele** – O.I.).

Resposta: E.

11. (Petrobras) Segundo o registro culto e formal da língua, a regência do verbo destacado está correta em:

a) O homem **lembrou-se** a infância ao ver a criança.

b) Depois de algum tempo, **pagou** o seu amigo o que devia.

c) Boas ações **implicam** benefícios futuros.

d) Os inimigos **aspiravam** a derrota de alguém vulnerável.

e) De um modo geral, **respeitava** aos princípios básicos da ética.

Comentários:

Na teoria, vimos que os verbos **lembrar** e **esquecer** podem aparecer com ou sem o pronome. **Lembrar** e **esquecer** são transitivos diretos; **lembrar-se** e **esquecer-se** são transitivos indiretos. Na letra A, se o verbo é pronominal, usaremos a preposição ("... lembrou-se **d**a infância..."). Na B, **pagar**, em relação a *pessoa*, é transitivo indireto ("... pagou **a**o seu amigo..."). A letra C mostra o **implicar** (= acarretar), de acordo com o padrão culto da língua, como transitivo direto ("...implicam benefícios futuros"). Na D, **aspirar** (= *pretender*) é transitivo indireto ("... aspiravam **à** derrota..."). Na opção E, **respeitar** é transitivo direto ("... respeitaria os princípios...").

Resposta: C.

Aqui, vale um recado:

Atenção: Não confunda a regência do verbo respeitar com a regência do verbo obedecer. Quem respeita (v.t.d.), respeita alguém, mas quem obedece (v.t.i.), obedece a alguém. Assim: Respeite os seus pais e obedeça a eles.

12. (Banco Central) A imprensa internacional foi convidada para assistir os debates em Copenhague.

De acordo com a norma escrita padrão da língua, na frase acima há um DESVIO de:

a) regência nominal.

b) regência verbal.

c) concordância nominal.

d) concordância verbal.

e) pontuação.

Comentários:

A regência trata da dependência entre o nome e seu complemento (regência nominal) e do verbo e seu complemento (regência verbal). A concordância nominal estuda as flexões de gênero e número entre os nomes (substantivo, adjetivo, pronome, numeral e advérbio). A concordância verbal trata da flexão de número e pessoa entre o sujeito e o verbo da oração.

Na frase dada, observamos que o problema se dá entre o verbo e seu complemento na passagem "... assistir os debates...", porque **assistir** (= ver, presenciar) é transitivo indireto. Portanto, há um

desvio quanto à *regência verbal*.

Resposta: B.

Agora, é a sua vez...

18.5. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (FGV) A frase que apresenta erro de regência é:
a) O padrinho queria-lhe como a seu próprio filho.
b) Ígor está namorando com Ivone.
c) Era uma aprendizagem útil para todos.
d) Prefiro ficar em casa a andar por aí.
e) Sucesso, eu aspiro a ele.

2. (FGV) Regência imprópria:
a) Não o via desde o ano passado.
b) Fomos à cidade pela manhã.
c) Informou ao cliente que o aviso chegara.
d) Respondeu à carta no mesmo dia.
e) Avisamos-lhe de que o cheque foi pago.

3. (FGV) Quanto à regência verbal, escreva (1) nas orações corretas e (2) nas incorretas:
( ) Logo que chegou, eu o ajudei como pude.
( ) Preferia remar do que voar de asa delta.
( ) Naquela época, eu não visava o cargo de diretor.
( ) Sem esperar, deparei com ela bem perto de mim.
( ) Nós tentamos convencê-lo que tudo era imaginação.
a) 1, 1, 1, 2, 2.
b) 2, 2, 2, 1, 1.
c) 2, 1, 1, 2, 1.
d) 1, 2, 2, 1, 2.
e) 1, 2, 1, 2, 1.

4. (FGV) Assinale a afirmativa em que há erro de regência verbal.
a) Este documento visa ao estabelecimento de normas para avaliação dos técnicos.
b) O estabelecimento dessas normas implicou em demorado estudo das atribuições e tarefas dos técnicos.
c) O Setor Jurídico assistiu a Comissão que estudou o assunto.
d) Este documento constitui o resultado de minuciosa análise do assunto.

5. (FGV) A regência verbal está CORRETA apenas na opção:
a) Procedeu-se às ligações recomendadas pelo chefe do departamento.
b) A aprovação que aspiram se concretizará para um número considerável de candidatos.
c) Proibiram o porteiro em ausentar-se durante a tarde.
d) O regulamento da Companhia, obedeci-o integralmente.

e) Alguns preferem antes usar o telefone convencional, com fio, do que o moderno celular.

6. (FGV) No trecho "Nós nos entendíamos e amávamos mudamente (...)" o complemento serva a dois verbos de mesma regência. Das frases abaixo, aquela em que o complemento serve a verbos de regência diferentes é:

a) Pouco nos reconheceram e cumprimentaram.
b) O indivíduo nos perseguia e ameaçava.
c) Não nos admirava ou obedecia.
d) Ele nos avistara e evitara.

7. (FGV) Empregou-se indevidamente o pronome oblíquo, em relação ao uso culto da língua, na opção:

a) Aconselhei-o a subir com mais cuidado nos elevadores.
b) Os livros faziam-lhe companhia naquela altura.
c) Após reencontrar a própria mãe, o jovem abraçou-a afetuosamente.
d) Ao se dirigir aos moradores, o engenheiro queria lembrar-lhes uma outra coisa.
e) O síndico estava preocupado: espantavam-lhes as reclamações dos moradores.

8. (FGV) Se se quisesse passar o pronome sublinhado na frase "E me ensinava a tomar a bênção à lua nova" para a 3ª pessoa, a forma seria "E o ensinava a tomar a bênção à lua nova". Nos itens abaixo repetiu-se esta operação, observando-se as normas de emprego dos pronomes pessoais, EXCETO em:

a) O professor me perdoou as bobagens que falei. / O professor lhe perdoou as bobagens que falou.
b) Um colega orientou-se quanto à melhor maneira de estudar. / Um colega orientouo quanto à melhor maneira de estudar.
c) A direção certificou-me de que não haveria aula. / A direção certificou-lhe de que não haveria aula.
d) Os pais me entregaram a guarda do filho. / Os pais lhe entregaram a guarda do filho.
e) O inspetor me aconselhou a esperar o término da aula. / O inspetor o aconselhou a esperar o término da aula.

9. (FGV) Na oração interrogativa "como pagar bem aos professores?", o verbo pagar foi empregado de acordo com a norma gramatical, regendo a preposição a, na relação com o complemento indireto, "a pessoa a quem se paga". Nas frases abaixo, os verbos também estão empregados de acordo com as normas de regência, EXCETO em:

a) O professor não teve alternativa: acabou perdoando aos alunos as faltas que tinham cometido.
b) O diretor cientificou à comunidade que iria fechar a escola para as obras.
c) O estado, com essa política de baixa remuneração, parece preferir um professor pouco qualificado do que um profissional de melhor competência.
d) A Secretaria informou todos os professores das providências para requerer-se a averbação do tempo de serviço.
e) Iniciada a aula, o professor procedeu à chamada dos alunos presentes.

10. (FCC) Como na frase "O nível de complexidade do Deep Fritz reside nas linhas de código que o constituem", também as frases abaixo estão corretas quanto ao emprego do pronome o, menos em

uma, em que o correto seria empregar o pronome lhe. Esta frase está na opção:

a) Procurei um técnico para cientificá-lo de que havia um problema para resolver.
b) Embora o problema fosse de difícil solução, o computador o resolveu.
c) Vou procurar o técnico para certificá-lo que o problema já foi resolvido.
d) O cientista comentou que a empresa o contratou para resolver problemas complexos.
e) A empresa que construiu o computador resolveu doá-Io para um museu.

11. (FCC) "Torna-se perfeitamente impossível usar-se, com honradez, o conceito generalizador de 'povo', sem levar em conta as contradições e brutais desigualdades que ele implica." Das alterações processadas na parte sublinhada da passagem acima, aquela em que a regência está em descordo com a norma culta é:

a) ...as contradições e brutais desigualdades que tal conceito envolve.
b) ...as contradições e brutais desigualdades a que tal conceito acarreta.
c) ...as contradições e brutais desigualdades em que tal conceito importa.
d) ...as contradições e brutais desigualdades de que tal conceito se aproxima.
e) ...as contradições e brutais desigualdades com que tal conceito se identifica.

12. (FCC) Assinale a alternativa **incorreta** quanto à regência.

a) Creio que os trabalhadores estão muito conscientes de suas obrigações para com a Pátria.
b) O filme a que me refiro aborda corajosamente a problemática dos direitos humanos.
c) Esta nova adaptação teatral do grande romance não está agradando ao público; eu, porém, prefiro esta àquela.
d) O trabalho inovador de Gláuber que lhe falei chama-se Deus e o Diabo na Terra do Sol.
e) José crê que a classe operária está em condições de desempenhar um papel importante na condução dos problemas nacionais.

13. (FCC) Das alterações feitas na redação da frase "Esses dois princípios encarnam-se nos tipos do aventureiro e do trabalhador.", mediante o emprego do pronome relativo, a que se apresenta INCORRETA é:

a) São esses os dois princípios cujos parâmetros delineiam os tipos do aventureiro e do trabalhador.
b) São esses os dois princípios a que se refere como os tipos do aventureiro e do trabalhador.
c) São esses os dois princípios em que se fundamentam os tipos do aventureiro e do trabalhador.
d) São esses os dois princípios de que se alude nos tipos do aventureiro e do trabalhador.
e) São esses os dois princípios por que se definem os tipos do aventureiro e do trabalhador.

14. (FCC) A frase INCORRETA quanto à regência verbal, de acordo com a norma culta da língua é:

a) O cronista em que tenho ciência é aquele que escreveu duas crônicas no jornal de bairro.
b) O cronista a que me refiro não precisa entender de nada com profundidade.
c) O cronista a que aludo é aquele que não precisa entender de tudo.
d) O cronista sobre cujo texto fiz um comentário é aquele que não precisa entender de nada ao falar de tudo.
e) O cronista de cujos textos retirei estes exemplos é especializado em temas políticos.

15. (FCC) Das alterações processadas no trecho "O futebol, que desde os primeiros anos do século vinha se difundindo rapidamente pela cidade...", a que implica erro de regência verbal, de acordo com as normas da língua culta, é:

a) O futebol, por que aludiam os cronistas da época desde os primeiros anos do século...
b) O futebol, a que se atribuía o interesse dos jovens desde os primeiros anos do século...
c) O futebol, de que se ouvia falar desde os primeiros anos do século...
d) O futebol, em que residia o interesse dos jovens desde os primeiros anos do século...
e) O futebol, que desde os primeiros anos do século era praticado em clubes...

16. (Anal. Judic./TRF) No trecho "Grave e solitário, o tronco vive num estado de impermeabilidade ao som, a que os humanos só atingem por alguns instantes", é opcional a ocorrência da preposição "a" antes do complemento do verbo ATINGIR, pois este verbo pode ser transitivo direto ou transitivo indireto no padrão culto escrito. A mesma dupla regência é admissível em:

a) Ele era um escritor que desdenhava a fama a que aspiravam seus compatriotas.
b) A solução a que os médicos recorreram produziu resultados animadores.
c) A igreja a que me refiro foi construída no século XVII.
d) A unificação do objeto a que visaram seus integrantes explica o sucesso da equipe.
e) Esta é uma tese a que muitas pessoas preferem aderir por pura comodidade.

17. (Téc. Carp. Marc. / TRT-Fundec) Como texto jornalístico, cujo objetivo é levar a notícia de forma simples e clara ao leitor, notam-se, em sua redação, formas que o aproximam da língua oral, por exemplo, "mais chega em casa tão cansado...", com o verbo **chegar** regendo a preposição **em**. Dentre as frases abaixo, a que apresenta uma forma de regência que também é considerada própria da língua oral e, portanto, INCORRETA para a língua escrita padrão, é:

a) Quando o pai de Jefferson o viu, aproximou-se dele e lhe abraçou.
b) Eram crianças que nunca podiam usufruir o que a vida deveria reservar-lhes nessa idade.
c) Elas dependiam dos pais e, por isso, deveriam obedecer-lhes em todas as ordens.
d) Os menores trabalhadores, a população os encontra nas áreas urbanas, com a polícia importunando-os a toda hora.
e) Na atividade agrícola e na indústria calçadista não lhes sobra nenhuma oportunidade, por isso as crianças optam por viver nas ruas.

18. (TCE / SP - Ag. Fis. Fin.) O mundo está **sedento** por gasolina e diesel especiais... O mesmo tipo de regência exigido pelo termo grifado acima encontra-se na expressão:

a) notícia auspiciosa para todos os brasileiros.
b) de reservas expressivas de petróleo leve de boa qualidade.
c) no restrito clube das megaempresas mundiais de petróleo e energia.
d) as reservas de gás de Bahia Blanca.
e) resinas termoplásticas para toda a região.

19. (TRF / 5ª Região) Admite-se a permanência do elemento sublinhado na frase *Esse pequeno grupo (...) goza de enorme influência sobre o governo* no caso de substituição da forma verbal *goza* pela forma verbal:

a) usufrui.
b) atribui-se.
c) empenha-se.
d) Favorece.
e) alça-se.

20. (TRT / 18ª Região) Está correta a construção da seguinte frase:
a) Seu vizinho de poltrona acha preferível ouvir música do que se concentrar num filme.
b) A mulher ao lado prefere mais um filme em vez de ouvir música.
c) Tenho mais preferência a desfrutar do silêncio que de ouvir intimidades alheias.
d) O jovem prefere concentrar-se na música a ficar com os olhos num monitor de TV.
e) É mais preferível entreter-se com ideias próprias a que distrair com as tolices de um filme.

21. (TCE / AL) A autora poderia ter optado, corretamente, pela seguinte redação da frase em que formula sua preferência.
a) Prefiro muito a interpretação destes pensadores do que àqueles.
b) A minha preferência é mais da interpretação destes pensadores que a daqueles.
c) À interpretação daqueles pensadores não tenho como deixar de preferir a destes.
d) Prefiro à destes, em vez da interpretação daqueles pensadores.
e) É para mim preferível, em vez da interpretação daqueles pensadores, à que defendem estes.

22. (TCE / AL) Numa outra redação de um segmento do texto, estará correta e coerente com o sentido original a seguinte construção:
Sem nossa história e nosso passado, não teríamos
a) de onde prover, nem aonde nos inclinarmos.
b) por onde começar, nem espaço para nos expandirmos.
c) aonde começar, nem aonde alcançarmos projeção.
d) por onde provermos, nem lugar aonde nos fixarmos.
e) onde dar início, nem aonde progredirmos.

23. (TRT / 2ª Região – Anal. Judic.) Está inteiramente correta a construção da seguinte frase:
a) O futuro com que já não se conta implica esvaziamento de sentido do presente.
b) Para nós acaba sendo mais preferível a agenda do dia do que as utopias.
c) George Steiner insiste de que somos uns nostálgicos de antigos futuros.
d) O futuro com que almeja funciona enquanto árbitro moral do presente.
e) Já não há utopias aonde nos impulsionamos para construir o futuro.

24. (MPRSD / Ass. Adm.)(...) *o vinho (...) propiciava um deleite físico e espiritual de que seria incapaz uma borboleta*.
O elemento sublinhado no segmento acima deve ser mantido caso se substitua incapaz por:
a) indiferente.
b) insensível.
c) inepta.
d) imprópria.

e) desprovida.

25. (PMSAL – Guarda Munic.)A expressão **com que** preenche corretamente a lacuna da seguinte frase:

a) A violência urbana, ... tanto se preocupa a população, deve ser combatida por uma guarda municipal bem aparelhada.

b) As razões da violência urbana, ... tantos especialistas têm debatido, são complexas e profundas.

c) Os apitos dos guardas, ... todos esperavam ouvir duramente a noite, tranquilizavam a população.

d) Não se sabe ..... recursos serão necessários para garantir o novo sistema de policiamento.

e) A melhor das iniciativas .... se pode tomar, desde o início, é conquistar a confiança da população.

26. (TCE / AL) Está correto o emprego de **ambos** os elementos sublinhados na frase:

a) Aquele que deseja cumprir novos propósitos não podem faltar iniciativas em que levem a alguma ação.

b) O passado, em cujo nos moldamos, é como a argila, à qual forma os bonecos se submetem.

c) A trama do destino, em que tantos atribuem o peso da fatalidade, esvaziaria qualquer iniciativa de que viéssemos a tomar.

d) A capacidade de escolher, da qual muitos identificam o livre-arbítrio, não tem a mesma relevância com que se reveste a iniciativa de uma ação.

e) Os mesmos fatos do passado a que estamos atrelados podem nos incitar a um recomeço, de que sempre temos tanta necessidade.

27. (PMSAL – Guarda Munic.) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:

a) Os guardas-noturnos, cuja a única arma era um apito, garantiam a tranquilidade dos que dormiam em suas casas.

b) A intranquilidade das ruas, de cuja somos todos vítimas, só vem crescendo nos últimos tempos.

c) O código de apitos, do qual os guardas-noturnos antigamente recorriam, seria hoje um expediente inteiramente inócuo?

d) A violência urbana, da qual se deve dar duro combate, ganhou aspectos dramáticos em nossos dias.

e) O direito à segurança, ao qual todos deveriam ter acesso, está cada vez mais ameaçado nos grandes centros urbanos.

28. (TRF / SP) Está correto o emprego de ambas as expressões sublinhadas em:

a) As áreas aonde os homens se concentravam exibiam edifícios em cujos não havia arejamento.

b) Em cortiços de cimento, a que faltavam espaço e arejamento, comprimiam-se milhões de indivíduos para quem a natureza parecia representar uma ameaça.

c) Esse texto, de cujo o autor era também poeta, promove um típico exercício de imaginação em que muitos autores de ficção são tentados.

d) Os mistérios porque somos atraídos na ficção costumam impressionar os leitores em cujos também não falta a liberdade da imaginação.

e) Os espaços urbanos pelos quais se espanta o imaginário narrador seriam testemunho de uma civilização à qual eram frouxos os laços com a natureza.

29. (TRF / SP) Considere as seguintes frases:

I. É muito restritivo o aspecto da «razoabilidade» dos sonhos, de que o autor do texto analisa no segundo parágrafo.

II. Talvez um dos "dragões" a que se deva dar combate em nossos dias seja o império dos interesses materiais.

III. Os sonhos em cuja perseguição efetivamente nos lançamos podem transformar-se em conquistas objetivas.

Está correto o emprego do elemento sublinhado APENAS em:

a) I.
b) II.
c) III.
d) II e III.
e) I e III.

30. (TRT / 2ª Região) Está adequado o emprego do elemento sublinhado na frase:

a) Meu amigo juiz escrevia poemas que o estilo de linguagem era muito depurado.
b) Expressava-se numa linguagem poética em que ele se obrigara a ser contido e disciplinado.
c) Logo recebi o livro de poemas nos quais o grande valor expressivo eu sequer desconfiava.
d) Surpreendeu-me que tivesse escrito poemas em cujos não havia vestígio de academicismos.
e) Meu amigo deu-me uma explicação à qual pude aproveitar uma lição muito original.

31. (TRF / 2ª Região – Técn. Adm.) A juventude é um tempo que se imagina poder prolongar indefinidamente.

É possível uma nova redação da frase acima, em que persista a correção formal e a coerência das ideias, substituindo-se o segmento sublinhado por:

a) do qual se imagina poder um prolongamento indefinido.
b) cuja imaginação se pode prolongar indefinidamente.
c) em cujo prolongamento indefinível se pode imaginar.
d) pelo qual imagina-se uma prolongação indefinida.
e) que nos é dado imaginar como indefinidamente prolongável.

32. (TRF / 2ª Região – Técn. Adm.) Conforme a lenda, haveria em algum lugar a Fonte da Juventude, cujas águas garantiriam pleno rejuvenescimento a quem delas bebesse.

Pode-se substituir corretamente o segmento sublinhado, sem prejuízo para o sentido da frase acima, por:

a) onde suas águas garantiriam pleno rejuvenescimento a quem lhes bebesse.
b) de cujas águas se garantiria pleno rejuvenescimento a quem nelas bebesse.
c) em que suas águas garantiriam pleno rejuvenescimento quem delas bebesse.
d) em cujas águas estaria a garantia de pleno rejuvenescimento para quem delas bebesse.
e) de cujas águas estaria a garantia de pleno rejuvenescimento para quem lhes bebesse.

33. Está correto o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

a) O moralizador está carregado de imperfeições de que não costuma acusar em si mesmo.
b) Um homem moral empenha-se numa conduta cujo o padrão moral ele não costuma impingir na

dos outros.

c) Os pecados aos quais insiste reincidir o moralizador são os mesmos em que ele acusa seus semelhantes.

d) Respeitar um padrão moral das ações é uma qualidade da qual não abrem mão os homens a quem não se pode acusar de hipócritas.

e) Quando um moralizador julga os outros segundo um padrão moral de cujo ele próprio não respeita, demonstra toda a hipocrisia em que é capaz.

34. (TRF / 5ª Região) Está correto o emprego de ambas as expressões sublinhadas na frase:

a) As pessoas com quem devemos prestar contas são aquelas cujos direitos os setores dominantes não costumam dar atenção.

b) Nem sempre conseguem os homens sobrepor-se diante de suas circunstâncias ou redimir-se perante seus fracassos.

c) Os direitos em cuja defesa devemos nos empenhar são os membros pelos quais os acumuladores de capital demonstram desprezo.

d) O alerta de Einstein de que nos mantenhamos em guarda é, de fato, um imperativo moral do qual não podemos deixar de atender.

e) Os métodos legais de cujos se valem os detentores do poder econômico reforçam a má distribuição de renda em que os trabalhadores são vítimas.

35. (TRT / 5ª Região) A frase totalmente de acordo com as normas da gramática prescrita, no que se refere à regência, é:

a) Eles estão hesitantes por como apresentar o projeto, pois pensaram, inicialmente, em fazer painel explicativo à maneira como funciona a engrenagem.

b) Nem bem chegou o rapaz, ela divisou-lhe, e, aproximando-se a ele rapidamente, entregou as pastas de cujo conteúdo ele já estava a par.

c) A harmonia do homem e a natureza é algo que todos dependem, embora muitos revelem má vontade para com as coisas naturais simplesmente porque não as conhecem bem.

d) Na sua genuína acepção, a cultura nunca se limitou a reproduzir os desejos dos homens, mas sempre ergueu a sua voz contra as duras condições em que se desenrola a vida.

e) Desde o momento que as formas culturais constituíram em ganha-pão dos seus criadores, o mercado começou a agir para ficar propício com elas.

36. (CET-RIO / FJG)"Não procuremos neles a beleza que arrebata logo o olhar." Em cada alternativa abaixo, substitui-se o verbo em destaque. A nova construção apresenta impropriedade quanto à regência verbal em:

a) Não procuremos neles a beleza que dirigimos logo o olhar.

b) Não procuremos neles a beleza que absorve logo o olhar.

c) Não procuremos neles a beleza que cativa logo o olhar.

d) Não procuremos neles a beleza que atrai logo o olhar.

37. (Fiscal / DF) Está correto o emprego da expressão sublinhada na frase:

a) É preferível de que haja menos autoritarismo.

b) A alternativa a cuja jamais se deveria recorrer é a do autoritarismo.

c) É grande a perplexidade de que estão tomados os latino-americanos.
d) É formidável a avenida por cuja podem trilhar os aventureiros de sempre.
e) Grande é o dilema com o qual vem experimentando a opinião pública brasileira.

38. (Fiscal / DF) A expressão sublinhada na frase "É a inescapável conclusão *a que se chega*" preenche corretamente a lacuna de:
a) É a imprescindível medida ..... se deve adotar.
b) É o último recurso ..... devemos nos agarrar.
c) É a única solução ..... podemos contar.
d) É o caminho compulsório ..... deveremos percorrer.
e) É a alternativa última ..... por ora nos defrontamos.

39. (Ag. Tribt. Estad. / MS / Esaf) Assinale a opção que foi transcrita com erro de sintaxe:
a) O processo de globalização significa que uma rede de dependências chega aos mais remotos cantos do planeta. Mas, hoje, essa rede ainda não atingiu seus limites.
b) Seria muito prematuro falar de uma sociedade global ou de uma cultura global, e mais ainda de uma política ou de um direito global.
c) Está surgindo um sistema social global neste extremo último do processo de globalização? Se tal sistema existe, não se assemelha aos sistemas sociais que costumamos considerar normativos.
d) Costumávamos pensar em sistemas sociais como uma totalidade de que coordenava e adaptava os aspectos da existência humana por meio de mecanismos econômicos, poder político e padrões culturais.
e) Hoje em dia, no entanto, aquele sistema que costumava coordenar tudo no mesmo nível e dentro de uma mesma totalidade foi separado e situado em níveis radicalmente diferentes.

40. (Funcab / Aux. Enferm.) Observe o seguinte trecho:
"O projeto, **que será estendido a mulheres e crianças**, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde..."
A substituição da oração em destaque resulta inaceitável, segundo o padrão culto vigente, na seguinte alternativa:
a) a que também se vincularão mulheres e crianças.
b) de que também participarão mulheres e crianças.
c) em que também se incluirão mulheres e crianças.
d) cuja extensão também atingirá mulheres e crianças.
e) ao qual também terão a participação mulheres e crianças.

41. (Anal. Judic. / TRF / Fundec) Sobre a regência do verbo assistir na oração "a Região Metropolitana finalmente assistia ao início de um capítulo bom da novela protagonizada por mais de 3 milhões de pessoas", pode-se afirmar que:
a) está correta, porque o verbo foi empregado como transitivo indireto, no sentido de ser do direito.
b) é semelhante à regência do verbo amar em frases como «Deve-se amar ao próximo".
c) admite a construção passiva, que seria: "O início de um capítulo bom da novela protagonizada por mais de 3 milhões de pessoas era assistido finalmente pela Região Metropolitana".
d) está consoante com a língua escrita padrão, mas diverge dos hábitos da língua falada no Brasil.

e) é a recomendada pela norma culta da língua, mas não é a habitualmente praticada pelos escritores contemporâneos.

Gabarito: 1. b; 2. e; 3. d; 4. b; 5. a; 6. c; 7. e; 8. c; 9. c; 10. c; 11. b; 12. d; 13. d; 14. a; 15. a; 16. d; 17. a; 18. a; 19. a; 20. d; 21. c; 22. b; 23. a; 24. e; 25. a; 26. e; 27. e; 28. b; 29. d; 30. b; 31. e; 32. d; 33. d; 34. c; 35. d; 36. a; 37. c; 38. b; 39. d; 40. e; 41. d.

19 CRASE

19.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

A crase é a fusão de duas vogais iguais. Na escrita, esse fenômeno vem marcado com o acento grave.

As **justificativas** para o uso do acento grave **são duas**:

1ª justificativa: casos de contração
a) preposição a + artigo definido a (a + a(s) = à(s)).
b) preposição a + pronomes demonstrativos a(s)(= aquela(s)), aquele(s), aquela(s), aquilo.
c) preposição a + pronome relativo a qual/as quais.

Importante: No caso de contração de preposição ***A*** com artigo feminino A, a preposição aparece por exigência de um verbo (regência verbal) ou de um nome (regência nominal). O artigo, por exigência de um substantivo feminino. Veja o modelo:
"*Os universitários leem como se assistissem* [a] à [a] televisão com um controle remoto."

Uma maneira prática de saber se a palavra feminina aceita ou não artigo é usá-la na função de sujeito. Na **ordem direta**, você diria "A televisão nos diverte" ou "Televisão nos diverte"? Com certeza, usaria a primeira forma. Portanto, a palavra "televisão" aceita artigo feminino. Se o verbo ou o nome não pedir preposição **A** ou se a palavra seguinte não aceitar artigo feminino, não ocorrerá o fenômeno da crase.

Essa explicação vai servir para mostrar os casos **em que há** o acento grave, **em que não há** e quando o uso do acento é **facultativo**.

Vejamos alguns exercícios comentados.

Complete as lacunas das frases usando a, à, as, às.

1. Cheguei cedo ( ) ___ ( ) repartição.
2. Pediram ( ) ___ ( ) jovem que comparecesse ( ) ___ ( ) secretaria.
3. Fiz alusão ( ) ____ ( ) crianças.
4. Fui ( ) ____ ( ) Grécia ano passado.
5. Fui ( ) ____ ( ) Brasília de minha infância.
6. Obedeça ( ) ____ ( ) senhorita/senhora/madame.

Comentários:

Nas frases de 1 a 6, observa-se a presença da preposição **a** exigida por "chegar [a]", "Pediram [a]... comparecessem [a]", "alusão [a]", "Fui [a] e "Obedeça [a]". Como as palavras femininas que se seguem aceitam **artigo feminino** ("a [a] repartição", "[a] jovem... [a] secretaria", " [as] crianças, "[a] Grécia", " [a] Brasília de minha infância" e [a] senhorita/senhora/madame", ocorre o fenômeno da crase. Portanto, temos a fusão da preposição a com artigo definido a.

Aqui, vale um recado sobre as frases 4 e 5:

Atenção nas frases 4 e 5: Quando aparece nome de lugar (Grécia, Brasília...), para saber se aceita ou não artigo, procedemos da mesma maneira como foi apresentado na teoria: se, na função de sujeito, pudermos usar o artigo é porque o nome do lugar aceita. Caso contrário, só aparece a preposição a. Por exemplo:
– A Grécia é um país que me encanta. (aceita artigo)
(suj.)
– Brasília é a capital do Brasil (e não *A Brasília é...*; logo, Brasília não aceita artigo). No entanto, se o nome do lugar vier determinado, usaremos o artigo.

Na frase 6, o verbo "obedecer" pede preposição A e os pronomes de tratamento "senhorita", "senhora" e "madame" aceitam o artigo A. Mais à frente, veremos os pronomes de tratamento que não aceitam o artigo A.

As frases de 1 a 6 são exemplos de contração de preposição **a** + artigo feminino **a.**

Respostas: 1. à; 2. à; 3. às; 4. à; 5. à; 6. à.

7. Fiz referência ( ) ___ que gesticulava freneticamente.

8. Emprestei o livro ( ) aquela velha amiga.

9. Emprestei o livro ( ) aquele velho amigo.

Comentários:

Nas frases 7, 8 e 9, há contração de preposição **a** com **pronomes demonstrativos**: "Fiz referência [a] + a (= aquela) que gesticulava", "Emprestei o livro [a] + aquela" e "Emprestei o livro [a] + aquele".

Na frase 7, aparece o **a** como pronome demonstrativo. Aqui, vale um recado:

O pronome demonstrativo a(s) aparece, geralmente, antes de que relativo ou de preposição de, quando fica claro o valor semântico de demonstrativo. Observe:
"Refiro-me à (= àquela) da direita."
"Refiro-me à (= àquela) que chegou de branco."

Respostas: 7. à; 8. àquela; 9. àquele.

10. A moça a qual me referi [ ] era uma velha amiga.

Comentários:

A frase 10 mostra o pronome relativo a qual, que introduz oração adjetiva e já possui a letra a. Com esse conectivo, haverá acento no a do a qual se, dentro da oração adjetiva, algum termo pedir preposição a. Observe:

... a qual me referi (*Eu me referi a*). Logo, a preposição *a* do verbo *referir-se* encontra-se com o *a* de *a qual*: *... à qual me referi...*

Resposta: 10. à qual.

Crase obrigatória:
– preposição a + artigo definido a(s) (frases 1 a 6)
– preposição a + pronomes demonstrativos a(s), aquela(s), aquele(s), aquilo (frases 7 a 9)
– preposição a + pronome relativo a qual/as quais (frase 10)

11. Falou ( ) ___ ( ) João.

12. Começou ( ) ___ ( ) ventar.

13. Aludiu ( ) ___ ( ) V.Exª/você.

14. Fui ( ) ___ ( ) Brasília.

15. Ofereci ajuda ( ) ___ ( ) esta/essa/uma/qualquer pessoa.

16. Dedicou o prêmio ( ) ___ ( ) ela.

Comentários:

Importante: usaremos o código [x] para mostrar que não se usa **a**.

Nas frases de 11 a 16, ocorre apenas a presença da preposição **a**, pois *João*, nome próprio masculino, não aceita artigo feminino (*Falou* [a] [x] João); *ventar* é verbo, não vem com artigo ("Começou [a] [x] ventar"); pronomes de tratamento não aceitam artigo, exceção feita aos tratamentos senhorita, senhora e madame da frase 6.

E por que esses tratamentos aceitam artigo e V. Exª e você não aceitam? No início desse assunto mostramos uma maneira prática de saber se substantivos ou pronomes aceitam ou não artigo: iniciar uma frase na **ordem direta** (sujeito + verbo + complemento). Por exemplo:

A *senhorita*/*senhora*/*madame* aceita minhas desculpas?

Agora, você diria "A V. Exª/você aceita minhas desculpas?" ou "V.Exª/você aceita minhas desculpas?". Certamente é a última que seria usada.

Aqui, vale um recado:

Atenção: Os pronomes de tratamento não aceitam artigo, com exceção a senhorita, senhora e madame.

Teríamos, portanto, na frase 13, só a preposição ("Aludiu [a] [x] V. Exª (você)").

Na 14, seguindo o mesmo princípio, Brasília não aceita artigo – *Brasília é a capital do Brasil* ("Fui [a] [x] Brasília"). Na frase 15, os pronomes esta, essa, qualquer e o pronome indefinido uma também não aceitam artigo (forme uma frase, na **ordem direta,** usando esses pronomes na função de sujeito e verá que não vêm com artigo – *Esta*/*Essa*/*Qualquer pessoa inteligente*). *Uma pessoa esteve procurando*, e não A esta/essa/qualquer/uma pessoa esteve te procurando. Só preposição ("Ofereci ajuda [a] [x] esta...")

Na frase 16, a mesma explicação ("Dedicou o prêmio [a] [x] ela"), já que os pronomes pessoais também não aceitam artigo. Logo, se aparece apenas um **a**, não ocorrerá o fenômeno de crase.

Respostas: 11. a; 12. a; 13. a; 14. a; 15. a; 16. a.

17. A diretora ( ) que me referi chegou.

18. A diretora ( ) quem me referi chegou.

19. A escritora ( ) cuja obra me referi ganhou um prêmio.

20. A escritora ( ) a qual admiro ganhou um prêmio.

Comentários:

As frases 17, 18 e 19 exemplificam o uso de pronomes relativos antecedidos de preposição **a**, porque também esses conectivos não admitem a presença de artigo.

Na frase 20, *a qual* não recebe acento grave porque o verbo **admirar** não pede preposição **a** (confronte com a frase **10**, em que o **a** do a qual recebe acento porque o verbo referir-se rege preposição **a**).

Respostas: 17. a; 18. a; 19. a; 20. a qual.

Atenção: Antes do pronome relativo que só haverá acento no a quando o termo anterior pedir preposição a e aparecer um a com valor de demonstrativo, o que dá para perceber com certa facilidade. Veja a frase 7 ("Fiz referência à que gesticulava freneticamente"). Na 17 isso não ocorre ("A diretora aquela que me referi?"). Certamente, numa redação, você não usaria essa construção.

Portanto, vale sistematizar:

Os pronomes relativos e a crase:
1. Ocorrerá crase nos relativos a qual, as quais, se esses pronomes vierem antecedidos de preposição, exigida por um termo (verbo ou nome) que vem após esses relativos. (frase 10)
2. Diante do pronome relativo que, normalmente não há crase, pois esse pronome não admite artigo. O a que vem antes do que é apenas preposição. (frase 17). Entretanto, o pronome relativo que poderá vir antecedido de a acentuado, quando o a(s) for demonstrativo (= aquela). (frase 7)
3. Antes de quem, cujo, cuja, cujos, cujas, jamais ocorrerá crase, pois esses pronomes não aceitam artigo. O a que os anteceder será apenas preposição. (frases 18 e 19)

21. Perdeu o gol cara ( ) cara.

Comentários:

Na frase 21, mais um caso em que nunca se usa acento grave: entre palavras repetidas. Esse a é apenas preposição.

Resposta: 21. a.

Crase proibida:
1. antes de palavra masculina;
2. antes de verbos;
3. antes de pronomes de tratamento, como V.Exª, você, Sua Excelência...; exceto com madame, senhora e senhorita;
4. com nomes de lugar que não aceitam artigo *a*;
5. antes de pronomes demonstrativos *este, esta, esse, essa*;
6. com pronomes indefinidos (*alguém, nenhum...*);
7. antes de artigo indefinido (*um, uma*);
8. entre palavras repetidas.

22. Ofereci ajuda ( ) __ ( ) Maria.

23. Fez menção ( ) ___ ( ) Cecília Meireles.

24. Ofereci ajuda ( ) ___ ( ) minha/sua/nossa amiga.

25. Ofereci ajuda ( ) ___ ( ) minha amiga e não ( ) ___ ( ) sua.

26. Corri até ( ) ___ ( ) sala.

Comentários:

Nas frases de 22 a 26, temos exemplos de uso facultativo do acento grave. São três os casos de uso facultativo:

1º) Antes de nome próprio feminino: podemos usar o artigo ou não.

"A Maria esteve te procurando" ou "Maria esteve te procurando" ("Ofereci ajuda [a] [a] ou [x] Maria")

Antes de nomes ilustres, porém, não aparece artigo.

("Fez menção [a] [x] Cecília Meireles")

2º) Antes de pronome possessivo feminino singular: podemos usar o artigo ou não.

"A minha/sua/nossa amiga chegou" ou "Minha/Sua/Nossa amiga chegou" ("Ofereci ajuda [a] [a] ou [x] minha/sua/nossa amiga").

Todavia, antes de possessivo feminino singular com substantivo feminino subentendido, acento obrigatório. Veja:

"Ofereci ajuda [a] [a] ou [x] minha amiga e não [a] [a] sua (amiga)".

3º) Após a preposição até, é facultativo o uso do acento grave, uma vez que existe até (preposição) e até a (locução prepositiva que termina em a).

Respostas: 22. à ou a; 23. a; 24. à ou a; 25. à ou a; 26. à ou a.

Crase facultativa:
1. antes de nome próprio feminino;
2. antes de pronome possessivo feminino no singular;
3. após a preposição até.

2ª justificativa: casos de locuções femininas
• adverbiais: às vezes, às pressas, à toa, à beça, às duas horas, à mingua...
• prepositivas: à beira de, à espera de, às expensas de, à moda de, à procura de...
• conjuntivas: à medida que, à proporção que.

No início deste capítulo, dissemos que as justificativas para o uso do acento grave são duas. A primeira trata da **contração** da preposição **a** mais artigo definido feminino, pronomes demonstrativos e relativo a qual.

Agora, vamos ao segundo caso: **as locuções femininas.**

Diferentemente do primeiro, aqui não temos de achar dois as. Nas locuções, a questão é semântica, ou seja, aparecem expressões femininas com ideia de tempo, intensidade, modo, lugar, proporção etc.

A sistematização em adverbiais, prepositivas e conjuntivas é por causa da forma: as prepositivas terminam em preposição (à beira de, à moda de, à espera de, à procura de...); as conjuntivas, em conjunção (à medida que e à proporção que).

Já as adverbiais não têm uma terminação característica. Sabemos que são locuções adverbiais por causa dos valores circunstanciais próprios do advérbio (tempo, lugar, intensidade...).

Seguem alguns exercícios comentados.

Use o acento grave nas locuções femininas, quando se exigir.

1. Compro sempre _____ vista, nunca _____ prazo.

2. Gostava de churrasco _____ Osvaldo Aranha.

3. Queria tudo _____ claras.

Comentários:

Não custa nada lembrar: acento nas locuções só se for feminina.

Na frase 1, só a primeira (*à vista*) é locução feminina, pois prazo é vocábulo masculino.

Na 2, embora Osvaldo seja palavra masculina, subentende-se a locução prepositiva feminina à moda de.

Em 3, às claras é uma locução adverbial feminina de modo.

Respostas: 1. à vista/a prazo; 2. à Osvaldo Aranha; 3. às claras.

4. Vivia _____ espera de um milagre.

5. Saiu _____ cinco horas _____ fim de ver um filme.

Comentários:

Na frase 4, a locução prepositiva (*à espera de*) é formada por palavra feminina. Em 5, na primeira ocorrência, a locução adverbial é feminina indicando tempo, mas na segunda ocorrência há uma locução prepositiva representada por palavra masculina – *fim*.

Respostas: 4. à espera de; 5. às cinco horas/a fim de.

6. Chegou _____ uma hora e saiu _____ oito.

7. Estou aqui desde _____ três horas.

Comentários:

Na frase 6, as locuções são representadas por palavra feminina – *hora*. No entanto, se as

expressões de hora vierem antecedidas de preposição (após, desde), não haverá acento (frase 7).

Respostas: 6. à uma hora/às oito (horas); 7. desde as três horas.

8. Sentia-se mais _____ vontade _____ medida que ia se aproximando da reta final.

9. _____ medida que tomaste desagradou a todos.

Comentários:

Na frase 8, temos, respectivamente, uma locução adverbial feminina e uma locução conjuntiva feminina com ideia de proporção.

Repare que na frase 9 não há mais a ideia de proporção. Temos aí medida funcionando como sujeito de desagradou:

"A medida que tomaste desagradou a todos".

(suj.) or. adjetiva

Respostas: 8. à vontade/à medida que; 9. A medida.

10. _____ vezes, ela faz _____ vezes do professor.

11. Fez a prova _____ lápis.

12. Andei _____ cavalo pela fazenda.

13. _____ beira do rio, admirava o quadro _____ óleo que acabara de pintar.

14. Comia, _____ pressas, um angu _____ baiana.

Comentários:

Na frase 10, só na primeira ocorrência é que há ideia circunstancial de tempo (às vezes = de vez em quando).

Na segunda passagem, essa expressão funciona como objeto direto de **faz** ("ela faz as vezes"), não possui valor adverbial, *"ela faz algo* (= as vezes)*"*

Nas frases 11 e 12, as locuções são masculinas (lápis, cavalo). Na 13, a locução prepositiva é feminina (beira), mas a palavra *óleo*, na segunda passagem, é masculina.

Na frase 14, as duas locuções são adverbiais femininas.

Respostas: 10. Às vezes/as vezes; 11. a lápis; 12. a cavalo; 13. À beira de/a óleo; 14. às pressas/à baiana.

Observações finais:

a) Antes das palavras CASA e TERRA (em oposição a *bordo*) não ocorrerá o acento.
Exemplos:
Retornaram rapidamente a casa.
Quando o navio atracou pudemos ir a terra.
No entanto, se vierem determinadas, haverá o acento:
Retornaram rapidamente à casa dos pais.
Iria à terra dos avós.
b) Não se usa o acento grave no a antes de palavras tomadas em sentido geral.
Exemplos:
Este pano cheira a gasolina. (Este pano cheira a álcool.)
Ela se candidatou a deputada. (Ele se candidatou a deputado.)

Repare que ao trocar por palavra masculina não aparece artigo ("cheira a álcool e não ao álcool/se candidatou a deputado e não ao deputado"), logo não aparecerá artigo antes do nome feminino.

Reconhecemos que esse caso não é de fácil percepção, mas a boa notícia é que raríssimas são as questões de concurso público que exploram esse caso. Mais um exemplo:

Viso a melhores condições de trabalho.

Esse é o caso mais comum de palavra tomada em sentido geral: usar a preposição a antes de substantivo no plural. A ausência do artigo definido *as* confirma essa indeterminação.

Marque V ou F para os casos de crase abaixo. Nas situações de crase, indique a justificativa para o acento.

1. ( ) Ele fez referência a tarefa feita por nós.

Comentários: O substantivo *referência* pede preposição *a*. A palavra *tarefa* aceita artigo.

Resposta: a frase está errada, falta o acento.

2. ( ) Traçou uma reta oblíqua a do centro.

Comentários: O adjetivo *oblíqua* exige a preposição *a*. E essa preposição vai-se encontrar com o pronome demonstrativo *a* (= *aquela*) que vem antes de *do centro* (Traçou uma reta oblíqua *a* + *a do centro*).

Resposta: a frase está errada. Falta o acento.

3. ( ) Não conheço as que saíram.

Comentários: O verbo *conhecer* é transitivo direto, não pede preposição. A palavra *as* é só pronome demonstrativo (= *aquelas*).

Resposta: a frase está certa, não há fenômeno da crase.

4. ( ) Ele se referia as que saíram.

Comentários: O verbo *referir-se* é transitivo indireto, pede preposição *a*. E essa preposição vai-se encontrar com o pronome demonstrativo *as* (= *aquelas*), que vem antes da oração *que saíram* (Ele se referia *a* + *as que saíram*).

Resposta: a frase está errada, falta o acento.

5. ( ) Apresentou-lhe a esposa.

Comentários: O verbo *apresentar*, aqui, é transitivo direto e indireto e vem seguido de dois objetos: o indireto, sob a forma de pronome (*lhe*) e o direto (*a esposa*). Ora, se *a esposa* é objeto direto, não há que se iniciar com preposição e, sem ela, não ocorre o fenômeno da crase. O *a* que aparece na frase é artigo.

Resposta: a frase está certa.

6. ( ) Era uma camisa semelhante a que o diretor usava.

Comentários: O adjetivo *semelhante* exige a preposição *a*. E essa preposição encontra-se com o pronome demonstrativo *a (= aquela)*, antes do relativo *que* (*Era uma camisa semelhante a* + *a que o diretor usava*).

Resposta: falta o acento.

7. ( ) Ele não obedecia aquele regulamento.

Comentários: *Quem obedece, obedece a alguém,* ou *a alguma coisa*. O verbo *obedecer* é transitivo indireto e vem acompanhado da preposição *a*. E essa preposição encontra-se com o *a* que inicia o pronome demonstrativo *aquele*.

Resposta: a frase está errada, deveria vir com o acento.

8. ( ) Ele desconhecia aquele regulamento.

Comentários: O verbo *desconhecer* é transitivo direto, não exige preposição. Daí o fato de o pronome demonstrativo *aquele* não ter de vir com o acento grave.

Resposta: a frase está certa.

9. ( ) Não me refiro aquilo.

Comentários: *Referir-se* é transitivo indireto, e vem acompanhado da preposição *a*. E essa

preposição *a* encontra-se com o *a* do demonstrativo *aquilo*. Falta o acento de *aquilo*.

Resposta: a frase está errada.

10. ( ) Esta é a lei a qual fiz alusão.

Comentários: Atenção: trata-se de regência com pronome relativo. Organize a frase que vem após o pronome relativo. Colocando-a na ordem direta, teremos: "(Eu) fiz alusão a + a qual". Ora, daí o erro.

Resposta: falta o acento do relativo a qual.

11. ( ) Esta é a lei a qual desconhecia.

Comentários: Agora, temos só o pronome relativo *a qual*. O verbo *desconhecer* não exige preposição, é transitivo direto.

Resposta: a frase está certa. Não há crase.

12. ( ) Esta é a mulher a quem fiz referência.

Comentários: Organizando a frase que vem após o relativo, teríamos "(Eu) fiz referência a". Só que essa preposição que o substantivo *referência* exige não se encontra com nenhum outro *a*, pois o pronome relativo *quem* não aceita artigo.

Resposta: a frase está certa, o a de *a* quem é só preposição.

13. ( ) Ele se dedica a empresa, respeita a hierarquia e obedece as leis.

Comentários: Observe que o grande segredo do uso da crase é saber regência. O verbo *dedicar-se* é transitivo indireto. Logo, exige a preposição *a*, que vai-se encontrar com o artigo *a* de empresa. Por isso, o primeiro erro: falta o acento. Já o verbo *respeitar* é transitivo direto, não pede preposição: o *a* que vem antes de *hierarquia* é só artigo. Quanto a isso, a frase está certa. Já o verbo *obedecer* exige preposição *a*, é transitivo indireto. E a preposição *a* encontra-se com o artigo *as* que antecede *leis*. Mais uma vez, falta o acento.

Resposta: a frase reescrita de forma correta ficaria assim: *Ele se dedica à empresa, respeita a hierarquia e obedece às leis*.

14. ( ) Nas próximas férias, iremos a Suécia, a Bélgica e a Portugal.

Comentários: Com nome de lugar, mais uma dica: utilize o verbo *voltar* seguido do nome do

lugar para ver se o artigo aparece. Assim, teríamos: *voltei da Suécia, da Bélgica e de Portugal*. Ora, *Suécia* e *Bélgica* admitem artigo a, mas *Portugal* não.

Resposta: a frase está errada, faltam dois acentos graves. Reescrita de forma correta, a frase ficaria assim: "Nas próximas férias, iremos à Suécia, à Bélgica e a Portugal".

15. ( ) Viajaremos a Londres e a Roma do Coliseu.

Comentários: *Londres* não admite artigo *a*: "Voltei de Londres". A palavra *Roma*, se estivesse sozinha na frase também não admitiria ("Voltei de Roma"); só que aqui se fala *da Roma do Coliseu*. O nome de lugar está seguido de determinante, por isso deve vir antecedido de artigo. Faltou o acento grave antes de *Roma*.

Resposta: a frase está errada.

16. ( ) As vezes, o pessoal sai as escondidas.

Comentários: Duas locuções femininas: uma adverbial de tempo (*às vezes*) e outra adverbial de modo (*às escondidas*). As duas, portanto, deveriam vir acentuadas.

Resposta: a frase está errada.

17. ( ) A reunião vai das cinco as seis horas.

Comentários: Observe o paralelismo estrutural que se criou na frase: antes da palavra *cinco*, tem-se a contração da preposição *de* e o artigo *as*. Antes da palavra *seis*, o mesmo não ocorreu: a preposição *a* deveria ter-se contraído ao artigo *as*. Está faltando, portanto, o acento. O certo seria dizer: "A reunião vai das cinco às seis horas".

Resposta: frase errada.

18. ( ) A reunião vai durar de cinco a seis horas.

Comentários: Trata-se de intervalo de tempo. Antes da palavra *cinco* só aparece a preposição *de*. Antes da palavra *seis*, então, só deve aparecer a preposição *a*.

Resposta: a frase está certa.

19. ( ) Só as primeiras horas da noite pôde assistir a cerimônia.

Comentários: Falta o acento da locução adverbial de tempo *às primeiras horas da noite*. Além disso, o verbo *assistir*, que é transitivo indireto, exige a preposição *a*, que se encontra com o

artigo que antecede o substantivo *cerimônia*. Falta também o acento.

Resposta: a frase, reescrita de forma correta, seria: "Só às primeiras horas da noite pôde assistir à cerimônia".

20. ( ) Ao sair, bata a porta.

Comentários: O verbo *bater*, aqui, é o mesmo que *fechar*, é transitivo direto. Logo, não vem seguido da preposição **a**. O **a** que aparece antes do substantivo porta é só artigo.

Resposta: a frase está certa.

21. ( ) Ele só chegará a uma hora.

Comentários: Trata-se de locução feminina adverbial de tempo. Assim como às duas horas, às três horas, à zero hora etc. Falta o acento.

Resposta: frase errada.

22. ( ) Você deve correr até à árvore.

Comentários: Crase facultativa. Após a preposição *até*, a preposição *a* é facultativa.

Resposta: a frase está certa e poderia ter vindo também sem acento.

23. ( ) Ele está aqui desde às dez horas.

Comentários: A locução adverbial de tempo já foi iniciada com uma preposição *desde*, por isso, não aceita outra preposição *a*.

Resposta: a frase está errada, o que deveria ter vindo após a preposição *desde* é apenas o artigo *as*.

24. ( ) O diretor fazia alusão a aluna alguma.

Comentários: O substantivo *alusão* pede preposição, mas o substantivo *aluna* vem seguido de um pronome indefinido *alguma*, que lhe dá um sentido vago, indefinido. Por isso, o artigo é proibido.

Resposta: a frase está certa. O a que aparece antes de *aluna* é preposição.

25. ( ) Meu médico me proibiu de ir à festa, batizado, casamento.

Comentários: O verbo *ir* veio adequadamente seguido da preposição *a*, indicando destino, lugar. Mas a palavra *festa* está tomada em sentido geral. Observe que, na sequência, vieram outros substantivos com sentido genérico (*todo tipo de festa, batizado, casamento*...). O artigo, portanto,

é proibido.

Resposta: a frase está errada.

19.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

Vamos fixar? Após fazer os exercícios, confira seu gabarito!

I. Complete com a, à, as ou às.

1. Estava habituada ____ insondável capacidade de assombro do marido.
2. Os universitários leem como se assistissem ____ televisão com um controle remoto.
3. Os bancos oferecem linhas de crédito direto ao consumidor com taxas bem inferiores ____ do comércio.
4. ____ essa hora estou dormindo, respondeu-me ela.
5. ____ uma da tarde estava solucionado o problema.
6. O aceno antigo era por uma adesão equivocada, mas movida ____ utopia.
7. Uma torneira pingando pode deixar escoar 150 litros de água ____ cada 24 horas.
8. Quem recicla ajuda ____ diminuir a montanha de lixo.
9. Não se referiram ____ qualquer reforma mas ____ de 1971.
10. ____ língua deve-se querer como ____ pátria.
11. Tudo se recolhe: lata ____ lata vai-se juntando material reutilizável.
12. A discussão era ____ propósito de reformas ortográficas.
13. Supermercados que recebem embalagens plásticas dão em troca roupas para serem doadas ____ instituições de caridade.
14. ____ semelhança do que ocorre em outros países, o Brasil ainda não tem infraestrutura para testes em larga escala.
15. Os voluntários necessários serão escolhidos ____ critério das instituições envolvidas no projeto.
16. Proponho ____ Vossa Senhoria dar, àqueles que se destacarem, oportunidades de promoção; porém espero que tal promoção não se restrinja ____ pessoas do primeiro escalão, mas aplique-se ____ todos os funcionários da casa.
17. Os voluntários deverão responder ____ perguntas de um questionário sobre seu

comportamento sexual.

18. As normas jurídicas devem corroborar ____ manifestações do povo.

19. As normas jurídicas devem anuir ____ manifestações do povo.

20. O voluntário deverá informar ____ pessoas responsáveis pela pesquisa todas as reações surgidas em decorrência do tratamento.

21. Ela deve dar ____ luz em junho.

22. Mulher: todos os dias elas dão ____ luz um mundo melhor.

23. A prova teve início após ____ oito horas.

24. Saí de casa ____ uma hora ____ fim de ir ____ praia.

25. São serviços essenciais ____ essa população.

26. São serviços essenciais ____ toda e qualquer população.

27. São serviços essenciais ____ nossa população.

28. São serviços essenciais ____ nossas cidades.

29. Um jornal noticiou há dois meses que dali ____ três semanas os cidadãos teriam acesso ____ novas tecnologias que ligariam ____ América ____ Europa ____ uma velocidade equivalente ____ da luz.

30. Está em exame na Casa Civil anteprojeto de lei que instituirá um sistema de incentivo ____ redução dos acidentes e de punição das empresas que submetem seus trabalhadores ____ risco. ____ intenção é reduzir pela metade ou dobrar ____ alíquotas de contribuição para cobertura de acidentes trabalhistas, dependendo do caso. Uma empresa que esteja abaixo da média nacional de acidentes, por exemplo, pode vir ____ pagar menos. O contrário acontecerá ____ empresa que tiver registrado número de acidentes muito acima da média do seu setor. Ela poderá ter ____ alíquota duplicada.

31. Completamente excluídos das engrenagens de desenvolvimento da sociedade, os miseráveis são reduzidos ____ uma condição subumana. Seu único horizonte passa ____ ser ____ luta feroz pela sobrevivência. No lixão de Valparaíso, ____ poucos quilômetros de Brasília, há gente disputando os restos com os animais.

Gabarito: 1. à; 2. à; 3. às; 4. A; 5. À; 6. A(1); 7. a; 8. a; 9. a; à; 10. À; à; 11. a; 12. a; 13. a ou às; 14. À; 15. a; 16. a; a ou às; a; 17. a ou às; 18. as; 19. às; 20. às; 21. à(2); 22. à(2); 23. as(3); 24. à; a;

à; 25. a; 26. a; 27. a ou à (facultativo); 28. às; 29. a; às ou a; a; à; a; à; 30. à; a; A; as; a; à; a; 31. a; a; a; a.

19.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Finalmente, as questões de concursos comentadas.

1. (Fundec/Técnico – TRT) No trecho "entidade vinculada à Delegacia Regional do Trabalho do Rio Grande do Sul", está corretamente empregado o acento indicativo da crase, fato que não ocorre em:

a) Os trabalhadores recorreram à todas as instâncias para garantir seu direito.

b) Proibiam sempre às mesmas crianças que permanecessem nas ruas.

c) Só era permitido às crianças trabalhar durante o dia.

d) O governo deixava as crianças jogadas à própria sorte.

e) À falta do que fazer, os menores invadiam as ruas da cidade.

Comentários:

Na letra A, além de *todas* estar no plural e o *a* aparecer no singular, esse pronome é *indefinido*, o que proíbe o uso do acento no *a* por não se usar artigo definido *a* antes de pronomes indefinidos.

Em B, C e D, os termos *proibiam, permitido* e *jogadas* regem preposição *a* e as palavras femininas que se seguem *(crianças* e *sorte*) aceitam artigo feminino *a*. Na opção E, o acento ocorre por *à falta de* ser locução prepositiva feminina. Repare: em B, C e D, há exemplos de **contração** de preposição *a* + artigo feminino *a*; em E, caso de **locução feminina.**

Resposta: A.

2. (Fundec) A alternativa em que NÃO pode ocorrer o fenômeno da crase é:

a) Ninguém respondeu até hoje <u>as</u> perguntas sobre o assunto.

b) Só mesmo um deus perdoaria <u>a</u> seus flagelados.

c) Ele acabou obedecendo <u>a</u> vontade de seus pais.

d) Tais medidas visam <u>a</u> segurança de todos.

e) Cheguei <u>a</u> Itália em plena primavera!

Comentários:

O comando da questão pede para se assinalar a alternativa em que **não** se deve usar o acento

grave. Na opção A, teríamos em "responder às perguntas", o encontro da preposição *a* (*respondeu a*) com o artigo feminino *as* (*as perguntas*). Em B, não haveria acento, pois aquele *a* não pode receber acento, já que *flagelados*, além de ser vocábulo masculino, está no plural. Portanto, o *a* em "a seus flagelados" é apenas preposição.

Em C, D e E, os verbos *obedecer*, *visar* e *chegar* regem preposição *a* e as palavras *vontade*, *segurança* e *Itália* aceitam artigo *a*.

Resposta: B.

3. (FCC) A crase deverá ser empregada na seguinte alternativa:

a) As cidades as quais me refiro são estâncias turísticas.

b) Os alunos a quem me dirijo são inteligentes.

c) Encaminharei o discurso a Vossa Senhoria.

d) O documento visava a elucidar dúvidas.

e) Trata-se de pintura a óleo.

Comentários:

Na letra A, aparece o relativo *as quais*. Como vimos na teoria, com esse pronome, se na sequência, algum termo pedir preposição *a*, haverá o acento (em "às quais me refiro", o verbo *referir-se* pede preposição *a*).

Nas outras opções, só aparece a preposição *a,* pois *quem, Vossa Senhoria, elucidar* e *óleo* não pedem artigo definido feminino.

Resposta: A.

4. (FCC) _____ beira do leito, assistiu _____amiga. Hora _____hora, minuto _____minuto, sempre _____espera de um milagre.

a) A – à – à – a – à

b) À – a – a – a – à

c) A – a – a – a – à

d) A – a – à – à – à

Comentários:

Na passagem *à beira do leito*, temos uma locução prepositiva feminina. Em *assistiu à/a amiga*,

como o verbo *assistir* (= dar assistência) pode ser transitivo direto ou indireto, a preposição *a* poderia aparecer ou não ("assistiu à amiga" ou "assistiu a amiga").

Entre palavras repetidas, não haverá jamais acento no *a* (*hora a hora/minuto a minuto)*. Por fim, em *à espera de*, tem-se mais uma locução prepositiva feminina.

Resposta: B.

5. (FCC) O poeta aspirava _____ felicidade, mas sem _____ volta da amada ele não _____ obteria. A afirmativa que completa corretamente as lacunas da frase acima é:

a) A – À – A

b) À – A – A

c) A – À – À

d) À – A – À

e) À – À – À

Comentários:

Na passagem *aspirava à felicidade*, o verbo *aspirar* (= desejar, almejar) pede preposição *a* e *felicidade* é palavra feminina que aceita artigo *a*. Em *sem a volta*, esse *a* é apenas artigo, já que nenhuma palavra anterior pede preposição *a*, o que aparece é a preposição *sem*. Já o *a* de *ele não a obteria* é pronome pessoal oblíquo, que retoma o substantivo *felicidade*.

Resposta: B.

6. (FCC) Disposto _____ recomeçar, o auxiliar judiciário referiu-se _____ palavras de apoio que ouviu, _____ entrada do serviço.

a) à – às – a

b) à – às – à

c) a – as – a

d) a – às – à

e) a – as – à

Comentários:

Em *Disposto a recomeçar*, *recomeçar* é verbo, portanto, não aceita artigo. Já em *referiu-se às palavras*, *referir-se* rege preposição *a* e *palavras,* substantivo feminino, aceita artigo feminino

plural. Na expressão *à entrada do serviço*, há uma locução prepositiva feminina *à entrada de.*

Resposta: D.

7. (FCC) Ele aprendeu ____tempo que a obediência ____ leis dignifica o cidadão devotado ____ pátria.

a) há – as – a

b) a – às – a

c) há – as – à

d) à – às – à

e) há – às – à

Comentários:

No início do período, temos uma passagem em que aparece uma expressão que indica tempo decorrido, passado. Logo, não usaremos a preposição *a*, e sim o verbo *haver*, para mostrar essa ideia. Em *obediência às leis*, o nome *obediência* pede preposição *a* e *leis* aceita artigo feminino plural *as,* o que também ocorre em *devotado à pátria* (*devotado a + a pátria*).

Resposta: E.

8. (Senado – Analista) "É sabido que a terra não pertence aos índios; antes, são eles que pertencem à terra." No período acima, utilizou-se corretamente o acento indicativo de crase antes da palavra terra. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.

a) Voltarei à terra natal.

b) A sonda espacial retornará em breve à Terra.

c) Quando chegamos à terra, ainda sentíamos em nosso corpo o balanço do mar.

d) Eu me referia à terra dos meus antepassados.

e) Havendo descuido, a areia será misturada à terra.

Comentários:

Sabemos que *terra*, com o sentido de *chão firme*, fazendo oposição a *bordo,* não aceita artigo, por isso não pode vir antecedida de *a* com acento indicativo de crase, mas, em todos os outros sentidos, a palavra *terra* poderá vir antecedida de crase (se vier seguida de expressão determinante, se for o planeta Terra etc.).

Na frase do enunciado, *terra* não vem com esse sentido de oposição a bordo, tem o sentido de *solo*, *território*. Por isso, como o verbo *pertencer* é transitivo indireto e a palavra *terra* aceita artigo, houve a crase. A banca pedia a única alternativa com erro.

Nas letras A e D, a palavra *terra* vem especificada, seguida respectivamente dos determinantes *natal* e *dos meus antepassados*. Por isso, nas duas alternativas, *terra* aceita artigo e veio antecedida de *a* com acento indicativo de crase.

A letra B também está correta, já que o verbo *retornar* pede a preposição *a* indicando direção e o substantivo *Terra* (planeta) aceita artigo a.

Na letra C, *terra* vem com o sentido contrário a bordo, o que se pode perceber pela continuidade da frase ("... o balanço do mar"). Logo, embora o verbo *chegar* deva vir seguido da preposição *a* indicando direção, destino, o substantivo *terra* não aceita artigo. Por isso, o acento veio de forma indevida.

Na letra E, o verbo *misturar* vem seguido da preposição *a* e a palavra *terra* aceita artigo, já que não vem com o sentido contrário a bordo, como ocorreu na alternativa C.

Resposta: C.

9. (Cesgranrio/Petrobras – Bio) O sinal indicativo de crase deve ser usado somente no **a** presente em:

a) Mas a dor de dente pode passar a ser um problema.

b) Os pais costumam levar a seus filhos a obrigação de serem felizes.

c) Não se deve dar importância a chamada da capa da revista.

d) Os livros publicados por universidades devem ser levados a sério.

e) O dinheiro não traz a felicidade que se imagina, quando se luta por ele.

Comentários:

Na letra A, não há crase em nenhuma das ocorrências do vocábulo *a:* o primeiro *a* é artigo do substantivo *dor* e o segundo *a* é preposição que liga verbos de uma locução verbal (já que verbo não pode vir antecedido de artigo *a*).

Na letra B, o verbo levar é transitivo direto e indireto: vem com o objeto direto (*a obrigação de serem felizes*) e indireto (*a seus filhos*). Apesar de o verbo pedir a preposição *a*, o pronome

possessivo masculino *seus* não admite artigo feminino. Daí na letra B não ocorrer a crase. Além disso, o outro *a* que aparece na frase é artigo de *obrigação*.

Já na letra C, o verbo *dar* pede dois complementos: um objeto direto (*importância*) e outro indireto (*à chamada da capa de revista*). Além disso, o substantivo *chamada* aceita artigo *a*. Portanto, o sinal indicativo de crase deveria estar presente na frase.

Na letra D, *a sério* é locução adverbial masculina, portanto, não aceita crase. E, na letra E, o verbo *trazer* é transitivo direto e não pede a preposição *a*. O *a* que aparece antes de *felicidade* é apenas artigo.

Resposta: C.

10. (FCC/PGE) Uma floresta secundária apresenta, segundo estudo recente, biodiversidade semelhante ____ da floresta original, embora haja especialistas que contestam o fato de que as matas da segunda geração evoluam de modo ____ garantir as condições ideais de sobrevivência ____ cada uma das espécies.

As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas por:

a) à – a – à

b) à – a – a

c) a – à – a

d) à – à – a

e) a – à – à

Comentários:

O adjetivo *semelhante* rege preposição *a*. E essa preposição se encontra com o pronome demonstrativo *a* (= aquela) em *da floresta original*. Assim, o que temos é *biodiversidade semelhante a + a da floresta original*. Logo, o primeiro *a* é com acento.

A locução prepositiva *de modo a* termina com a preposição *a,* mas o verbo garantir não aceita artigo feminino *a.* Portanto, o segundo *a* não vem com acento grave.

O verbo *garantir* nessa frase é transitivo direto e indireto, e vem seguido do objeto direto *as condições ideais de sobrevivência* e do objeto indireto *a cada uma das espécies.* Ora, ainda que o verbo peça a preposição *a*, antes do seu objeto indireto, o pronome indefinido *cada* não aceita

artigo definido *a*. Por isso, o terceiro *a* do período também não vem com acento grave.

Resposta: B.

11. (FCC/DPE – SP – Superior) A presença do sinal indicativo de crase ou sua ausência estão inteiramente corretas na frase:

a) A publicidade, destinada a convencer pessoas à consumir determinados produtos, deve respeitar às normas morais vigentes na sociedade.

b) Peças publicitárias, vistas como obras de arte, não deveriam estar sujeitas à certos padrões sociais de comportamento.

c) A publicidade objetiva atingir à um público consumidor, a quem uma marca deverá ser ou parecer mais atraente do que a outra.

d) Destinadas as pessoas que tenham poder aquisitivo, algumas propagandas apelam à estilos de vida mais elegantes e charmosos.

e) A propaganda destina-se a convencer pessoas à escolha de um determinado produto, percebido como superior a outro.

Comentários:

Segundo o enunciado, a banca quer a alternativa correta, ou seja: todas as alternativas, exceto uma, possuem erro, ou quanto ao *uso* da crase ou quanto à sua *omissão*.

A letra A apresenta um erro por *uso* do sinal indicativo da crase. O verbo *convencer* é transitivo direto e indireto e pede a preposição *a*, mas o verbo *consumir* não aceita artigo feminino *a*. Por isso, o uso do acento foi indevido.

A letra B também está errada: o adjetivo *sujeitas* rege preposição *a*, mas o pronome indefinido *certos*, além do fato de ser um pronome indefinido, está no masculino plural e, por tudo isso, não aceita artigo definido feminino singular *a*. A letra B tem, portanto, erro pela *presença* da crase.

A letra C apresenta o verbo *atingir* seguido da preposição *a*, mas *público consumidor* vem antecedido de artigo indefinido *um*, não aceitando, portanto, artigo feminino singular *a*. Erro na alternativa pelo *uso* indevido do acento indicativo de crase.

Já a letra D apresenta erro por um motivo diverso das demais alternativas: o adjetivo *destinadas* rege preposição *a* e o substantivo *pessoas* aceita artigo *as*. Falta, portanto, o acento em *as*

(*Destinadas a + as pessoas*): o erro aqui é pela *ausência* do acento. Além disso, logo a seguir vem outro erro: o verbo *apelar* nessa frase é transitivo indireto e vem seguido da preposição *a*, mas o substantivo *estilos* não aceita artigo *a*. Mais um erro, dessa vez pelo *uso* indevido. Dois erros, portanto, na letra D: pela omissão do acento em *as pessoas* e pelo uso inadequado em *à estilos de vida*.

A letra E está correta: o verbo *destinar-se* é transitivo indireto, mas o verbo *convencer* não aceita artigo *a*. Na continuidade da frase, mais um acerto: o verbo *convencer* é transitivo direto e indireto; vem com o objeto direto (*pessoas*) e indireto (*à escolha de um determinado produto*). Já que ele pede a preposição *a* e o substantivo *escolha* aceita artigo *a,* o acento indicativo de crase foi corretamente utilizado. Além disso, o adjetivo *superior*, embora exigisse a preposição *a,* o pronome indefinido *outro* não aceitava artigo *a*. Por isso, em *superior a outro* a ausência do sinal indicativo da crase foi correta. Na alternativa E, as três ocorrências do vocábulo *a* estavam corretas.

Resposta: E.

12. (Esaf) Assinale o item cujas lacunas devem ser preenchidas pela sequência Há-A-À.

a) Daqui _____ alguns dias, _____ diretora apresentará _____ algumas pessoas o programa.

b) _____ vários exemplares de livros _____ disposição dos que _____ secretaria indicar.

c) _____ melhor colocação receberá _____ recompensa _____ que tem direito.

d) _____ dois dias, _____ prova chega _____ banca.

e) _____ tempos, vem _____ jovem visando _____ colocação digna de seus méritos.

Comentários:

Letra A: locução prepositiva *daqui a + alguns dias*. O pronome indefinido *alguns* não aceita artigo definido *a*. Em *a diretora*, esse *a* é só artigo (*a diretora* é sujeito do verbo *apresentar*). Em *a algumas pessoas*, o *a* é preposição que rege o verbo *apresentar*, já que o pronome indefinido *algumas* também não aceita artigo. Logo, a sequência correta dessa alternativa é A-A-A;

Letra B: em *há vários exemplares de livros*, tem-se o verbo *haver*. Em *à disposição dos que*,

tem-se a locução prepositiva *à disposição de*, que, por ser feminina, deve vir acentuada. Já em *a secretaria indicar*, esse *a* é artigo, já que *a secretaria* é sujeito de indicar e, por isso mesmo, não pede preposição. A sequência correta aqui seria: HÁ-À-A.

Letra C: em *A melhor colocação* o *a* é artigo, pois *a melhor colocação* é sujeito do verbo *receberá*. O *a* de *a recompensa* também é artigo já que o verbo *receber* é transitivo direto e não rege preposição. Em *a que tem direito*, esse *a* é preposição exigida pelo substantivo *direito*. Como o pronome relativo *que* não aceita artigo *a,* esse *a* é sem acento. Aqui, teríamos: A-A-A.

Letra D: o verbo *chegar* está no presente do indicativo, mas tem valor de futuro. Logo, a expressão *a dois dias* indica tempo futuro e não tempo decorrido, como muitos que fizeram a prova pensaram. Se fosse tempo decorrido, seria o verbo *haver*, mas como é tempo futuro, deve-se usar a preposição *a*. Já o *a* de *a prova* é artigo definido, pois *a prova* é sujeito do verbo *chegar*. Por fim, em *chega à banca*, tem-se a contração da preposição *a* do verbo *chegar* com o artigo *a* do substantivo *banca*. Sequência correta da letra D: A-A-À.

Letra E: agora sim, tem-se ideia de tempo decorrido. A expressão *há dois dias* deve vir com o verbo *haver*. Em *a jovem*, o *a* é artigo definido do sujeito *a jovem*. Já em *visando à colocação*, o verbo *visar* (= almejar) rege preposição *a* e o substantivo *colocação* aceita artigo feminino *a*. Sequência para a letra E: HÁ-A-À.

Resposta: E.

13. (AFC-Esaf) Indique a sequência que preenche corretamente as lacunas indicadas com (____).

De uma forma mais genérica, _____ que substituir _____ imagem centralizada e que tende _____ uniformidade de indivíduo cidadão possuidor de alguns direitos e submetido _____ deveres igualmente abstratos, isto é, desligados das circunstâncias sociais e culturais reais, o que reduz a vida social _____ relações do indivíduo e do Estado, pela imagem invertida de uma relação _____ mais direta possível entre a identidade pessoal ou coletiva e o universo aberto da técnica, das redes de comunicações e dos mercados.

a) há, a, à, a, às, a.

b) à, à, a, à, as, a.

c) há, à, a, à, às, a.

d) a, à, à, a, às, a.

e) a, há, à, a, as, a.

Comentários:

Na expressão *há que substituir*, temos o verbo *haver*, que compõe uma locução verbal junto ao verbo *substituir* (é o mesmo que *deve substituir*). Em *a imagem centralizada*, o *a* é apenas artigo definido de *imagem,* pois o verbo *substituir* não rege preposição, é transitivo direto. Em *tende à uniformidade*, tem-se o encontro da preposição do verbo *tender* com o artigo definido *a* de *uniformidade.* O adjetivo *submetido,* no entanto, pede preposição *a,* mas o substantivo masculino plural *deveres* não aceita artigo definido *a.* Já em *reduz a vida social às relações*, tem-se o encontro da preposição *a*, exigida pelo verbo *reduzir*, que é transitivo direto e indireto, com o artigo *as* de *as relações* (*reduz a + as relações*). No trecho *uma relação a mais direta possível*, o *a* é artigo definido da expressão *a mais possível,* que estudamos em concordância nominal: por isso, não deve receber acento grave.

Resposta: A.

14. (NCE/TRF)... não seguem a instrução à risca...; o item abaixo que mostra o acento grave indicativo da crase pela mesma razão da que o justifica no segmento destacado é:

a) As crianças não devem dormir à noite com luz acesa.

b) O pediatra recomenda às mães que apaguem a luz.

c) A criança não tem direito à luz no corredor.

d) O pai deve ficar atento à miopia dos filhos.

e) A pesquisa e útil à pediatria.

Comentários:

Eis uma questão que não busca erro nem acerto quanto ao uso do sinal indicativo de crase, apenas quer que o candidato explique o porquê da utilização do acento. Ora, na teoria, vimos que só existem duas justificativas para o uso do acento grave: pelo fenômeno (o encontro de um *a* com outro *a*) ou pela locução (o acento das locuções femininas).

O acento da expressão *à risca*, do exemplo que consta no enunciado, justifica-se por ser ela uma locução adverbial feminina. Assim, o candidato deveria buscar uma frase que apresentasse a

mesma explicação para o acento indicativo de crase.

Na letra A, *à noite* é locução adverbial feminina, por isso veio acentuada. Na letra B, tem-se o encontro da preposição *a* exigida pelo verbo transitivo direto e indireto *recomendar* com o artigo *as* de *as mães*. Na letra C, o substantivo *direito* rege preposição *a* e o substantivo *luz* aceita artigo *a*. Na letra D, é o adjetivo *atento* que rege a preposição *a* e a palavra *miopia* aceita artigo *a*. Na letra E, também ocorre o encontro da preposição *a*, exigida pelo adjetivo *útil*, com o artigo *a* do substantivo *pediatria*.

Logo, as letras B, C, D e E apresentam acento indicativo de crase em função de fenômeno fonético. Apenas a letra A apresenta uma locução feminina acentuada.

Resposta: A.

A seguir, questões da banca Cespe-UnB sobre regência e crase. Julgue cada assertiva como certa ou errada. Os comentários vêm abaixo de cada item. Vamos lá!

(MTE – Cespe) Julgue as alternativas a seguir, de acordo com seus respectivos textos:

Assim, poderemos assegurar seu maior acesso à terra, às fontes de trabalho, à melhor qualidade de vida, à educação, à saúde, à habitação e a outros serviços básicos.

15. Na enumeração feita, o trecho "a outros serviços básicos" poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: *à outros serviços básicos*, ou seja, com sinal indicativo de crase.

Comentários:

Ainda que o substantivo *acesso* exija a preposição *a*, o pronome indefinido *outros* não aceita artigo *a,* por ser indefinido e por estar no masculino plural.

Resposta: por isso, a assertiva está errada.

"Não conseguia dormir direito por não conseguir juntar dinheiro sequer para retornar à minha cidade e rever a família", relatou.

16. O sinal indicativo de crase em "retornar à minha cidade" é facultativo e a sua omissão preservaria os sentidos do texto e a correção das estruturas linguísticas.

Comentários:

O verbo *retornar*, de fato, deve vir seguido da preposição *a*, indicando direção, destino, e o pronome possessivo singular *minha* tem artigo facultativo. Logo, o acento grave é facultativo: sua

presença ou sua ausência não implicaria erro gramatical nem mudança de sentido da frase.

Resposta: a assertiva está certa.

Em 2009, a economia brasileira deverá crescer 2,59%, resultado bem abaixo do esperado para a alta do PIB em 2008, de 5,6%. Esta é a projeção da mais recente pesquisa de projeções macroeconômicas e expectativas de mercado, feita mensalmente pela Federação Brasileira de Bancos (Febraban) junto a analistas de 33 instituições.

17. No trecho "junto a analistas de 33 instituições", poderia ter sido empregado o sinal indicativo de crase em "a", pois se trata de caso em que esse emprego é facultativo.

Comentários:

Em *junto a analistas*, tem-se a locução prepositiva *junto a* que, por sua vez, vem seguida de substantivo masculino plural, que não aceita artigo *a*. Por isso, o sinal indicativo de crase é proibido. O *a* que antecede *analistas* é preposição.

Resposta: assertiva errada.

(IPAJM – Advogado) Julgue as alternativas a seguir, de acordo com seus respectivos textos:

Nada vemos de semelhante ao que aconteceu, no plano das ideias, em outro momento de grandes transformações da técnica e também de grandes descobertas — o século XVI —, com o renascimento de um mundo esquecido e das doutrinas dos velhos filósofos da Grécia e do Oriente, e, com elas, a crítica e a dissolução de antigas crenças que davam ao homem "a certeza do saber e a segurança da ação".

18. As relações de regência entre "semelhante" e "aconteceu" permitem que o trecho "ao que" seja substituído por **àquilo que**, sem prejudicar a coerência nem a correção gramatical do texto.

Comentários:

De fato, o adjetivo *semelhante* rege preposição *a*, que, no caso do texto, encontrou-se com o demonstrativo *o*, que antecede o relativo *que*. Ora, o que a banca propõe é a substituição de *ao* por *àquilo*, ou seja, a troca de um demonstrativo *o* por outro demonstrativo *aquilo,* acrescentando-se o acento indicativo de crase. Seria uma reescritura perfeita, não acarretaria erro gramatical nem mudança de sentido da frase.

Resposta: a assertiva está correta.

19.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

A seguir, questões de provas anteriores, para você testar seus conhecimentos. Confira o gabarito ao final!

1. (Anal. Sist. / TRT–FUNDEC) Se fosse dada ao trecho "...internos e externos ao sistema de produção da cana-de-açúcar..." a redação "...internos e externos à estrutura de produção de cana-de-açúcar...", haveria necessidade de usar-se o acento indicativo da crase. Nas frases abaixo o acento da crase também foi usado corretamente, EXCETO em:

a) Decerto que à falta de investimentos foram criadas novas formas de alocação da mão de obra no campo.
b) Já não se atribui à inflação a principal causa dos problemas econômicos no campo.
c) A pauta do Congresso aludia tanto à redução das horas de trabalho no campo quanto à nova sistemática de reajuste do salário mínimo.
d) Cumpre à Câmara dos Deputados editar leis que regulamentem o trabalho braçal no campo.
e) Os trabalhadores rurais desempregados viviam à expensas da solidariedade humana.

2. (NCE-UFRJ) "A percentagem de 1% dos mais ricos, em nosso país, participa da renda nacional numa proporção igual à dos 50% mais pobres." Das alterações feitas na passagem acima, aquela em que a lacuna não deve ser preenchida com à (acentuado) é:

a) ...próxima _____ dos 50% mais pobres.
b) ...idêntica _____ dos 50% mais pobres.
c) ...semelhante _____ dos 50% mais pobres.
d) ...quase superior _____ dos 50% mais pobres.
e) ...quase maior que _____ dos 50% mais pobres.

3. (NCE-UFRJ) Assinale a frase em que o acento indicador da crase foi usado incorretamente:

a) A obstinação à qual sacrificou a juventude não o persegue mais.
b) Sentavam-se nas pedras do caminho à espera da comitiva do peão.
c) Na imaginação, porém, ele voltava àquele mundo de sonho e fantasia.
d) Depois de refletir, dirigi-me, decididamente, à casa do meu amigo.
e) Tenho certeza de que os documentos não fazem referência à nada do que dizes.

4. (NCE-UFRJ) A alternativa em que é facultativo o uso do acento indicativo de crase, na palavra sublinhada em passagens do texto, é:

a) "Eu tive desde a infância várias vocações."
b) "Ao passo que amar eu posso até a hora de morrer."
c) "Há três coisas (...) para as quais eu dou a minha vida."
d) "Quanto a meus filhos, o nascimento deles não foi casual."
e) "Sei que um dia abrirão as asas para o voo necessário, e eu ficarei sozinha."

5. (FCC) A frase em que falta o acento indicativo da crase é:

a) Prefiro a língua inglesa a portuguesa.
b) Ela fez as vezes de intérprete no Encontro.
c) Escreveu a lápis frases bem significativas.
d) Nenhum escritor da língua se iguala a Camões.

e) A língua portuguesa é comparável a qualquer outra.

6. (FCC) Devemos atribuir _____ campanhas e _____ medidas contra o fumo _____ importantes reclamações dos nossos profissionais da saúde que, corajosamente, enfrentam _____ críticas dos tabagistas e, humanamente, devotam-se _____ causas em favor da salubridade dos brasileiros.

a) às – às – as – às – as
b) as – as – as – às – às
c) às – às – às – as – às
d) às – as – as – às – as
e) as – as – às – as – às

7. (FCC) Preencha as lacunas da frase abaixo e assinale a alternativa correta:

Comunicamos _____ V. S.ª que encaminhamos _____ petição anexa _____ Divisão de Fiscalização que está apta _____ prestar _____ informações solicitadas.

a) a – a – à – a – as
b) à – a – à – a – às
c) a – à – a – à – as
d) à – à – a – à – às
e) à – a – à – à – as

8. (FCC) Marque a letra cuja sequência preenche corretamente, pela ordem de aparecimento, as lacunas do trecho abaixo.

O exame das propostas de reforma fiscal, _____ primeira abordagem, leva _____ conclusão de que _____ carga tributária continuará _____ incidir mais sobre salários e menos sobre lucros de grandes fortunas.

a) à – à – a – a
b) à – a – à – a
c) a – a – a – à
d) a – à – a – a
e) a – a – à – a

9. (FCC) "É fácil atribuir todos os problemas à falta de verbas"; nessa frase, o acento grave indicativo da crase resulta da união de uma preposição com um artigo, o mesmo que ocorre em:

a) servir à francesa.
b) ir àquela praia.
c) entregar o prêmio à de vestido verde.
d) dar àquele homem a condecoração.
e) atribui a culpa à que está armada.

10. (FCC) Na expressão "direito à vida", substituindo-se o termo destacado pelas opções abaixo, a única em que se manterá o acento indicativo da crase é:

a) viver dignamente.
b) diferentes formas de mídia.
c) uma escolha profissional.

d) toda assistência médica.
e) segurança pública.

11. (FCC) No período "A Eva coube o 'trabalho' do parto", os autores do texto optaram por não usar o acento indicativo da crase no *a* inicial, por se tratar de um caso de crase facultativa. É igualmente facultativo o uso do acento da crase em:
a) O trabalho levava o homem até à discriminação social.
b) O patrão deixava às suas empregadas os trabalhos domésticos.
c) Santo Tomás de Aquino era favorável às tarefas manuais.
d) Todos os dias o operário dirigia-se às oficinas bem cedo.
e) A cruz à qual estava atado o condenado era de madeira.

12. (FCC) O uso do acento grave é facultativo em:
a) Ninguém escapa à sua origem.
b) A voracidade era extensiva à espacialidade da modernidade-mundo.
c) Uma casta à parte traduz, assim, a vontade divina.
d) Cada ato mágico encenado deve respeito às fases da lua.
e) O mesmo feiticeiro pode voltar à carga.

13. (Psicólogo) *...é uma instituição necessária à ordem e à vida da cidade.*; frase em que o emprego do acento grave indicativo da crase está no mesmo caso sintático da frase acima é:
a) As greves são prejudiciais à ordem pública.
b) A polícia dirigiu-se às vítimas assaltadas.
c) Foram à Bélgica para o congresso de pedagogos.
d) Indicaram os assaltantes à polícia.
e) Entregaram os prêmios às atrizes escolhidas.

14. (Comiss. Just. Inf. e Juvent.) *Cedeu lugar à televisão...* a frase a seguir em que o acento grave indicativo da crase é empregado exatamente pelas mesmas razões do segmento dado é:
a) Deu um rádio à cozinheira.
b) Ouvia rádio à noite.
c) O rádio é indispensável à velhice.
d) Às cozinheiras, agrada-lhes o rádio.
e) Nada é superior à televisão.

15. (Aux. Cart. / TJ) *...no que se refere a instalações e à quantidade e qualidade dos professores.*; nas duas ocorrências do vocábulo *a*, só a segunda vem com o acento grave indicativo da crase, o que se deve ao fato de que:
a) só a segunda precede um nome feminino.
b) só a segunda segue a regência do verbo referir-se.
c) só no segundo caso ocorre a junção da preposição + artigo.
d) no primeiro caso, o nome feminino está no plural.
e) no primeiro caso, só há ocorrência de artigo definido feminino singular.

16. (Técn. Judic. / TRT) Assinale o item que indica um caso de crase decorrente de uma situação

sintática distinta das demais:

a) “nos locais ou serviços prejudiciais à sua moralidade, ...”

b) “ou quaisquer objetos ofensivos à moralidade ...”

c) “que não permitam a frequência à escola.”

d) “for indispensável à própria subsistência ...”

e) “a ocupação foi indispensável à própria subsistência ou à de seus ascendentes ou irmãos.”

17. (Ag. Telec. Eletric. / TRT) “... destinados à distribuição por via telefônica...”; justifica-se o emprego do acento grave indicativo de crase porque:

a) ocorre união de uma preposição com um pronome.

b) aparecem simultaneamente um artigo e uma palavra feminina.

c) é um caso de presença de uma preposição e de um artigo definido feminino.

d) é uma exigência do adjetivo “destinados”.

e) indica a existência de um objeto indireto formado por uma palavra feminina.

18. (Magistério) “... efeitos favoráveis à liberdade espiritual dos indivíduos...”; o acento grave indicativo da crase está presente porque:

a) todos os adjuntos adverbiais são introduzidos por preposição;

b) à liberdade está servindo de objeto indireto;

c) marca a contração do demonstrativo *a* com a preposição *a*;

d) marca a união da preposição *a* que rege o adjetivo anterior com o artigo *a*;

e) se trata de um adjunto cujo núcleo é feminino e determinado pelo artigo.

19. (Aux. Judic.) “... necessidade de se ajudarem umas às outras,... “; o acento grave indicativo da crase, neste caso, é resultante da:

a) presença simultânea de uma preposição e de um artigo definido feminino.

b) necessidade de se indicar a presença de um complemento diferente do anterior.

c) combinação de uma preposição com um pronome indefinido.

d) contração de uma preposição com um pronome demonstrativo.

e) obrigação de evitar-se a ambiguidade.

20. (Antt) Em vários países, pesquisadores ligados _____ universidades tentam apontar os motivos que induzem os jovens _____ criminalidade, submetendo-os _____ uma série de exames por imagem.

As lacunas estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:

a) à – à – a

b) a – à – a

c) a – a – à

d) à – à – à

e) à – a – a

21. (PMSAL) A exposição aos raios solares dá _____ pessoas uma cor bronzeada, além de fazer bem _____ saúde, desde que se tomem os cuidados necessários _____ cada tipo de pele.

As lacunas estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:

a) às – a – a

b) às – à – à
c) as – à – à
d) às – à – a
e) as – a – a

22. (Metro) Estradas de ferro foram construídas em regiões propícias _____ malária e _____ outras doenças tropicais, fato que levou _____ morte grande número de trabalhadores.

As lacunas estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:

a) à – a – à
b) a – à – à
c) a – a – a
d) a – à – a
e) à – à – à

23. (TRF / SP) É preciso suprimir um ou mais sinais de crase em:

a) À falta de coisa melhor para fazer, muita gente assiste à televisão sem sequer atentar para o que está vendo.
b) Cabe à juventude de hoje dedicar-se à substituição dos apelos do mercado por impulsos que, em sua verdade natural, façam jus à capacidade humana de sonhar.
c) Os sonhos não se adquirem à vista: custa tempo para se elaborar dentro de nós a matéria de que são feitos, às vezes, à revelia de nós mesmos.
d) Compreenda-se quem aspira à estabilidade de um emprego, mas prestem-se todas as homenagens àquele que cultiva seus sonhos.
e) Quem acha que agracia à juventude de hoje com elogios ao seu pragmatismo não está à salvo de ser o responsável pela frustração de toda uma geração.

24. (TRT / 2ª Região – Técn. Jud. Adm.) O emprego ou não do sinal indicativo de crase está inteiramente correto na frase:

a) O jornal oferece matéria peculiar quanto a informação política, pois à um só tempo atende e transforma às preferências dos leitores.
b) Apesar da concorrência digital, a leitura de jornais oferece ainda hoje informações diversificadas a um público atento à mudanças.
c) Nem sempre a imprensa voltada a formação de opiniões é capaz de agradar à todos os leitores com visões de mundo opostas.
d) O estímulo à conflitos de opiniões entre as pessoas leva a formação de grupos de discussão democrática de opiniões divergentes.
e) Atender à demanda por informação deve ser o objetivo de um veículo de comunicação como o jornal, a depender da opinião de seus leitores.

25. O emprego ou não do sinal indicativo de crase está inteiramente correto na frase:

a) Às metrópoles cabe o papel de eixo da economia, especialmente porque a densidade populacional ajuda a reduzir os custos da produção.
b) Muitos moradores das grandes cidades estão sujeitos à um transporte público que nem sempre atende à suas necessidades de deslocamento.

c) As áreas urbanas no mundo todo abrigam uma população que desfruta à vida nas cidades, que oferece benefícios à todos.

d) A população das cidades representa um mercado consumidor atraente às empresas, destacando-se às de oferta de serviços.

26. Atente para as seguintes frases:

I. Não é possível estabelecer à medida que distancia um notório tímido de um notório extrovertido.

II. Não assiste às pessoas extrovertidas o privilégio exclusivo de se fazerem notar, também as tímidas chamam a atenção.

III. Ainda que com isso não se sintam à vontade, os tímidos costumam captar a atenção de todos.

Justifica-se o uso do sinal de crase SOMENTE em:

a) II e III

b) I e II

c) I e Ill

d) I

e) III

27. (TRT / 2ª Região – Anal. Judic.) Justificam-se ambos os usos do sinal de crase em:

a) O fato de estarmos sempre às voltas com as leis do mercado não significa que devamos nos submeter às suas determinações.

b) Muitos ficam à vontade diante da televisão, à despeito de por ela serem manipulados.

c) Deve-se poupar à criança do risco que representa assistir à televisão durante horas seguidas.

d) Os recursos tecnológicos, à princípio, não têm valor em si mesmos; alcançam-no à medida que sejam utilizados.

e) Não é o caso de mandar a tecnologia às favas, pelo contrário: trata-se de bem aproveitá-la à cada vez que se faz necessária.

28. (Petrobras / Cesgranrio) Há rigorosa observância das normas que determinam o uso do sinal de crase em:

a) A medida que afere o otimismo pode também avaliar o pessimismo, pois àquela ou à esta sensação corresponde alguma dose de idealismo.

b) O texto não nos leva à paradoxos gratuitos, mas à necessidade de reconhecer uma intersecção entre o otimismo e o pessimismo.

c) Cabe às pessoas decidir, à cada experiência, se lhes convém entregar-se à determinada sensação, a determinado humor.

d) O otimismo não fica à léguas do pessimismo; tendem ambos a convergir, conforme comprovam nossas próprias experiências.

e) Não assiste às ciências positivas o direito de aspirar à definição cabal da fronteira entre o pessimismo e o otimismo.

29. (TRF / 5ª Região) O respeito _____ uma série de regras foi fundamental _____ organização dos grupos sociais, permitindo, dessa forma, _____ evolução da humanidade.

As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:

a) a – à – a

b) a – à – à
c) à – a – a
d) a – a – à
e) à – à – a

30. (TRF / 4ª Região – Técn. Judic.) Os elefantes apresentam necessidades parecidas com _____ dos seres humanos e, para oferecer _____ eles os cuidados exigidos, os especialistas têm recorrido até mesmo _____ táticas inovadoras.

As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) as – a – à
b) as – a – a
c) as – à – à
d) às – à – a
e) às – a – a

31. (TRF / 4ª Região) A presença de núcleos habitacionais próximos _____ regiões costeiras oferece riscos _____ manutenção do ecossistema marinho, com prejuízos incalculáveis _____ diversas espécies.

As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) as – à – à
b) as – a – a
c) às – à – à
d) às – a – a
e) às – à – a

32. (TCIPB) Quando as águas invadem o lamaçal, peixes e camarões se juntam _____ aves e caranguejos, _____ procura de alimento fácil e abundante e de refúgio necessário _____ reprodução.

As lacunas da frase acima estão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) à – à – à
b) a – à – à
c) a – a – à
d) à – a – a
e) a – à – a

Gabarito: 1. e; 2. e; 3. e; 4. b; 5. a; 6. e; 7. a; 8. a; 9. a; 10. e; 11. a; 12. a; 13. a; 14. a; 15. c; 16. c; 17. c; 18. d; 19. a; 20. b; 21. d; 22. a; 23. e; 24. e; 25. a; 26. a; 27. a; 28. e; 29. a; 30. a; 31. e; 32. b.

Muitos fazem desse tópico um verdadeiro “bicho de sete cabeças”, mas é simples não é? Vamos resumi-lo então?

19.5. RESUMO

Em crase, memorize que há duas regras (fenômeno fonético e locuções femininas), três casos de crase facultativa (pronome possessivo feminino singular seguido de substantivo; nome próprio

feminino; depois da preposição até) e três casos de crase proibida (antes de palavras tomadas em sentido geral, antes de CASA e TERRA, se vierem sem determinantes).

20 PONTUAÇÃO

20.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

20.1.1. Vírgula

Vamos começar este capítulo por **uso da vírgula**. A vírgula indica pausa de pequena duração. Primeiramente, você precisa saber que **constitui erro grave separar *sujeito* do *verbo e verbo* do *complemento* (sujeito + verbo + complemento)**. Em frases simples, curtas, sabemos que você não teria problemas. Você jamais diria *João, comeu o bolo* ou *A menina estudava, o assunto*. Mas conhecer essa regra ajudará você a não errar inclusive as questões mais rebuscadas, com trechos mais complexos. Observe como isso pode ser explorado em uma questão de concurso público:

1. (TRT-AJ/adaptado) Há erro no emprego da vírgula na frase:

a) Deixe-me, senhora.

b) Dallas, 9 de julho de 1994.

c) Aliás, isto é conhecido de todos.

d) Espero, que ele venha.

e) "O alferes continuava a dominar em mim, embora a vida fosse menos intensa, e a consciência mais débil."

Comentários:

Embora ainda não tenhamos estudado as regras para uso das vírgulas, vamos resolver esta questão item por item. Até chegarmos ao erro, que é o que agora nos interessa. Na letra A, utilizou--se a vírgula para isolar o vocativo *senhora* do restante da oração. Na letra B, a vírgula foi usada para separar, na data, o nome do lugar (*Dallas*) do restante das informações (*9 de julho de 1994*). Na letra C, a palavra de retificação *aliás* deve, mesmo, vir isolada por vírgula. A letra E apresenta a oração adverbial concessiva intercalada (*embora a vida fosse menos intensa*), e, exatamente por ter saído da ordem direta (que seria ao final da frase), veio entre vírgulas. Portanto, todas as alternativas estavam corretas, exceto a letra D: nela, separou-se o verbo (*espero*) do seu objeto direto, que veio sob forma de oração (*que ele venha*). Interessante perceber que a banca não se utilizou de um objeto direto simples, sob forma de substantivo, e sim um objeto direto oracional.

Assim, ficaria mais difícil o aluno perceber o erro da frase.

Vamos, então, conhecer as regras de utilização das vírgulas? Resolvemos trabalhar da seguinte forma: a cada regra, vamos trazer frases para você treinar seus conhecimentos e algumas questões de concursos em que essas regras tenham sido utilizadas. Dividimos o uso da vírgula em *sete casos*. Para que você não tenha de decorar uma série de regras que a gramática oferece, agrupamos tudo em apenas sete situações. Vamos lá?

Caso 1 – A vírgula separa o *aposto* e o *vocativo*

1. Pedro o gerente do banco ligou e deixou um recado.
2. Xapuri importante município a 150 quilômetros da capital do Acre Rio Branco foi o principal cenário de atuação de Chico Mendes.

Comentários:

Na frase 1, *o gerente do banco* é um termo explicativo de Pedro, aposto explicativo. Como vem intercalado, entre vírgulas: *Pedro, o gerente do banco*, ligou e deixou um recado.

Na frase 2, aparecem dois apostos explicativos: *importante município a 150 quilômetros da capital* explica o termo *Xapuri*; *Rio Branco* explica a *capital* do Acre. Lembre-se da teoria do *aposto*: termo de natureza substantiva ou pronominal que se refere a outro substantivo ou pronome. Pontuada corretamente, a frase ficaria assim: Xapuri, importante município a 150 quilômetros da capital do Acre, Rio Branco, foi o principal cenário de atuação de Chico Mendes.

3. Muito bom dia senhora!
4. Pedro o gerente do banco ligou e deixou um recado.

Comentários:

Nas frases 3 e 4, temos a presença do *vocativo* (é a pessoa ou coisa personificada a quem se chama). As frases, se pontuadas corretamente, ficariam assim:

Muito bom dia, *senhora*!

Pedro, o gerente do banco ligou e deixou um recado.

Repare como uma vírgula pode mudar tudo. Confronte as frases 1 e 4:

Pedro, o gerente do banco, ligou e deixou um recado.

Pedro, o gerente do banco ligou e deixou um recado.

Na frase 1, ao se usarem as vírgulas que isolam "o gerente do banco" você tem um sentido: quer deixar claro que o termo entre vírgulas (*gerente do banco*) explica quem é Pedro; na frase 4, ao se colocar uma vírgula após *Pedro*, tem-se a intenção de *chamar* essa pessoa, e não a de explicar quem é o Pedro. Portanto, as duas frases estão corretas, cada uma com seu sentido.

Caso 2 – A vírgula separa as *enumerações* (= termos de mesma função) e certas *repetições*

5. O Brasil é o centro de origem do abacaxi do açaí do amendoim do cacau da castanha do cupuaçu do maracujá.
6. Recitava versos discursos trechos latinos e uma antologia em trinta volumes.
7. A garotada nadou nadou nadou e veio morrer na praia da ingratidão nacional.

Observe como essas frases ficariam se pontuadas corretamente:

Na frase 5, as enumerações têm a função de *adjuntos adnominais* do substantivo *origem*.

"O Brasil é o centro de origem do abacaxi, do açaí, do amendoim, do cacau, da castanha, do cupuaçu, do maracujá."

As enumerações da frase 6 são *objetos diretos* do verbo *recitava*.

"Recitava versos, discursos, trechos latinos e uma antologia em trinta volumes."

A frase 7 é um exemplo de termos repetidos:

"A garotada nadou, nadou, nadou e veio morrer na praia da ingratidão nacional."

Importante!

Confronte as frases 5 e 6:

"O Brasil é o centro de origem do abacaxi, do açaí, do amendoim, do cacau, da castanha, do cupuaçu, do maracujá."

"Recitava versos, discursos, trechos latinos e uma antologia em trinta volumes."

Você deve estar se perguntando o seguinte: por que na frase 6 aparece o conectivo *e* fechando a enumeração e na 5 não?

Vamos lá. O normal é usarmos o conectivo *e* antes do último termo da enumeração para mostrar que são *apenas* esses elementos da enumeração, que não cabe mais nenhum (frase 6).

Entretanto, quando a intenção é a de deixar em aberto esses elementos, que existem outros além dos citados, não se utiliza o conectivo *e* antes do último elemento da enumeração (frase 5). Não é

muito comum não ver o *e* antes do último elemento da enumeração, não é mesmo? O que ocorre é que, nesse tipo de construção, há uma tendência de se usar o *etc*. ("... da castanha, do cupuaçu, do maracujá etc."), o que seria uma forma também aceita. É questão de preferência, de estilo.

Para finalizar, mais uma dica:

Uso da vírgula antes de etc. O uso da vírgula antes de etc. é facultativo ("... do maracujá etc."... do maracujá, etc."), mas o uso do ponto após etc. é obrigatório.

O uso das vírgulas nas enumerações é questão muito comum em provas de concursos públicos. O Cespe-UnB é uma banca que comumente retira trechos de textos que apresentaram vírgulas em enumerações perguntando ao aluno a justificativa dessas vírgulas. Observe:

Sua metodologia é simples – por meio de conversas frequentes com a família, <u>o voluntário receita cuidados básicos para evitar que a criança morra por falta de conhecimento, como os hábitos de higiene, a administração do soro caseiro e a adoção da farinha de multimistura na alimentação</u>, que se tornou uma solução simples e emblemática contra a desnutrição. Mas o seu segredo é um só: a persistência.

1. O emprego de vírgula após "higiene" justifica-se porque isola o elemento adverbial deslocado.

Comentários:

Observe que a vírgula utilizada após *higiene* se justifica em função da enumeração *dos cuidados básicos* de que o texto falava: *hábitos de higiene, a administração do soro caseiro* e *a adoção da farinha de multimistura na alimentação*. Logo, é importante que você tenha entendido no texto que houve uma sequência de elementos enumerados, de mesma função sintática (todos eram apostos explicativos de *cuidados básicos*).

Resposta: errada.

Como era de se esperar, com <u>porto</u>, <u>aeroporto e estradas arruinados ou semidestruídos</u>, com a escassez <u>de água</u>, <u>alimentos e remédios</u>, iniciaram-se ondas de saques, e o próprio governo local transferiu a administração da crise para outros países e instituições.

2. As vírgulas após "porto" e "água" têm a mesma justificativa gramatical.

Comentários:

Em ambas as situações, o que encontramos são enumerações. Todos os termos destacados têm a mesma função sintática: a preposição *com* que inicia a expressão *com porto, aeroporto e estradas* tem valor semântico de causa. Trata-se de adjuntos adverbiais de causa enumerados. Basta colocar o período na ordem direta e você entenderá: *Iniciaram-se ondas de saques... com porto, aeroporto e estradas... com a escassez de água, alimentos e remédios...* Na verdade, o que se quer dizer é que *os saques se iniciaram por causa de portos, aeroportos e estradas arruinados e por causa da escassez de água, alimentos e remédios.* Portanto, temos uma enumeração de termos de mesma função sintática.

Resposta: certa.

Caso 3 – A vírgula marca a *omissão* da palavra; é o que chamamos de **elipse**

8. Os jovens buscam a felicidade na novidade; os velhos nos hábitos.

9. Você pretende cursar Medicina; ela Odontologia.

Comentários:

As frases 8 e 9 são exemplos da vírgula que aparece para mostrar uma palavra facilmente subentendida, independentemente de esse vocábulo já ter aparecido no texto ou não. Observe como essas frases ficariam com as vírgulas marcando a omissão dos verbos:

"Os jovens buscam a felicidade na novidade; os velhos, nos hábitos. (elipse de *buscam*)

"Você pretende cursar Medicina; ela, Odontologia. (elipse de *pretende cursar*)

Caso 4 – Separa termos *explicativos*, *retificativos*, *de situação*

10. Sua redação por exemplo tem várias frases longas que prejudicam a clareza.

11. O bêbado andava isto é cambaleava.

12. Afinal o que tens a dizer?

Comentários:

As frases 10, 11 e 12 são exemplos de expressões que denotam explicação (*por exemplo, isto é, ou melhor*...), retificação (*isto é, ou melhor*...) e situação (*afinal, então*...)

Vêm sempre separadas por vírgula – no início ou no final do período – ou vírgulas – intercalada. Assim, teríamos:

"Sua redação, por exemplo, tem várias frases longas que prejudicam a clareza."

“O bêbado andava, isto é, cambaleava.”

“Afinal, o que tens a dizer?”

Caso 5 – A vírgula é utilizada para separar as *orações coordenadas* (assindéticas ou sindéticas)

13. Arrumou as malas saiu lançou-se na vida.
14. Gostava da sociedade mas não amava os sócios.
15. Não conseguiu terminar o trabalho logo sairá tarde.
16. Saia imediatamente pois quero descansar.
17. “As pessoas desejam ascender em linguagem porém insisto na verdade linguística de que os alunos sabem a língua antes mesmo de entrarem na escola.”
18. “As pessoas desejam ascender em linguagem; insisto porém na verdade linguística de que os alunos sabem a língua antes mesmo de entrarem na escola.”
19. Permita-me portanto cumprimentá-lo por brilhante desempenho.
20. A cada momento entravam alunos e o diretor os recebia afavelmente.

Comentários:

Na frase 13, as vírgulas separam as orações coordenadas assindéticas, orações que vêm sem conectivo:

“Arrumou as malas, saiu, lançou-se na vida.”

Nas frases de 14 a 17, aparecem as conjunções coordenativas. A vírgula, nesses casos, antecede as conjunções. Veja como ficam as orações com suas devidas vírgulas:

“Gostava da sociedade, mas não amava os sócios.”

“Não conseguiu terminar o trabalho, logo sairá tarde.”

“Saia imediatamente, pois quero descansar.”

“As pessoas desejam ascender em linguagem, porém insisto na verdade linguística de que os alunos sabem a língua antes mesmo de entrarem na escola.”

Sistematizando: As orações coordenadas assindéticas devem vir separadas por vírgulas. As orações coordenadas sindéticas também: nesse caso, a vírgula virá *antes* da conjunção que inicia a oração.

Observe novamente as frases 18 e 19:

“As pessoas desejam ascender em linguagem; insisto, porém, na verdade linguística de que os alunos sabem a língua antes mesmo de entrarem na escola.”

Permita-me, portanto, cumprimentá-lo por brilhante desempenho.

As frases 18 e 19 mostram os conectivos deslocados para o meio do período, após o verbo. Isso pode ocorrer com as conjunções *adversativas* e *conclusivas*. Quando isso acontece, a tendência é de que elas venham entre vírgulas.

Atenção: As conjunções adversativas (*porém, contudo, entretanto, no entanto*) e conclusivas (*por isso, portanto, por conseguinte, assim*) podem vir deslocadas na frase e, quando isso ocorrer, ficam entre vírgulas.

Observe, agora, as frases 18 e 19, que apresentaram conjunções deslocadas, devidamente pontuadas:

“As pessoas desejam ascender em linguagem; insisto, porém, na verdade linguística de que os alunos sabem a língua antes mesmo de entrarem na escola.”

“Permita-me, portanto, cumprimentá-lo por brilhante desempenho.”

Caso 6 – Separa *termos deslocados* e *orações intercaladas*

Observações:
1. Ordem direta no período simples: sujeito + verbo + complemento + (adj. adv.)
Quando alguns deslocamentos, sobretudo no período simples, não
2. comprometem o sentido essencial da frase, o uso da(s) vírgula(s) é facultativo.

Procure pontuar as frases a seguir:

21. Surpreso o garoto procura o lugar de onde vem o comando.

22. Nos tempos atuais não existe país do primeiro mundo.

23. Existe no meio rural uma violência estrutural.

24. Geralmente as oposições não gostam dos governos.

Comentários:

Na frase 21, *surpreso* é predicativo que aparece deslocado para o início do período.

“Surpreso, o garoto procura o lugar de onde vem o comando.”

Nas frases 22, 23 e 24, os adjuntos adverbiais *Nos tempos atuais*, *no meio rural* e *geralmente*

vêm deslocados de sua posição original, que é no final do período.

Como são expressões curtas, de fácil entendimento, que – com a(s) vírgulas(s) ou sem – não comprometem o sentido original da frase, o uso da(s) vírgula(s) é *facultativo*, ou seja, você pode usar ou não. Entretanto, numa *redação*, ao deslocar um termo de sua posição original, use sempre a(s) vírgulas(s). Nunca se sabe se o professor que vai corrigir sua redação possui ou não um posicionamento mais tradicional. Assim, em relação às frases 22, 23 e 24, teríamos:

"Nos tempos atuais(,) não existe país de primeiro mundo."

"Existe(,) no meio rural(,) uma violência estrutural."

"Geralmente(,) as oposições não gostam dos governos."

Sistematizando: Os advérbios e as locuções adverbiais deslocados, por serem termos curtos, simples, de fácil entendimento, apresentarão vírgulas facultativas.

Agora, procure pontuar adequadamente as frases a seguir:

25. Eles quando todos chegaram puderam iniciar os trabalhos.
26. O Mercosul é uma experiência que ao mexer com posturas arraigadas impõe uma nova estratégia para o conjunto da sociedade.
27. Considerando as razões apresentadas penso que a solicitação será deferida.
28. Preciso ouvir disse a mãe ao menino a causa da briga.

Comentários:

As frases 25, 26 e 27 são exemplos de *orações* deslocadas, para o início ou para o meio do período, desenvolvidas (com conjunção) ou reduzidas (infinitivo, gerúndio, particípio). Nesses casos, não teríamos mais o uso facultativo: o uso da(s) vírgula(s) é obrigatório. Assim, as frases, pontuadas corretamente, ficariam:

"Eles, quando todos chegaram, puderam iniciar os trabalhos." (oração adverbial temporal desenvolvida)

"O Mercosul é uma experiência que, ao mexer com posturas arraigadas, impõe uma nova estratégia para o conjunto da sociedade." (oração adverbial temporal reduzida de infinitivo)

"Considerando as razões apresentadas, penso que a solicitação será deferida." (oração adverbial

temporal reduzida de gerúndio)

Agora, voltemos à frase 28:

Preciso ouvir disse a mãe ao menino a causa da briga.

Nela, as vírgulas devem ser utilizadas, para mostrar a intercalação de uma oração, que corresponde à fala do interlocutor.

"Preciso ouvir, disse a mãe ao menino, a causa da briga."

Sistematizando: Com as orações adverbiais deslocadas (ou seja, retiradas do final do período), bem como com as orações intercaladas, o uso das vírgulas será obrigatório.

Veja como o Cespe-UnB lida com esse tipo de questão. A seguir, duas assertivas para você julgar como certas ou erradas.

1. O emprego de vírgula após "anos", em "Nos próximos anos, a questão da melhoria da qualidade do ensino deve ser uma obrigação dos governantes", justifica-se por isolar termo adverbial, com noção de tempo, deslocado do final para o começo do período.

Comentários:

Ora, temos aqui um adjunto adverbial de tempo (*nos próximos anos*) antecipado: na ordem direta ficaria ao final do período.

Resposta: assertiva correta.

Ao estabelecer a obrigatoriedade na realização dos exames pré-admissional, periódico e demissional do trabalhador, criou recursos médico-periciais voltados à identificação do nexo da causalidade entre os danos sofridos e a ocupação desempenhada.

2. A vírgula logo depois de "trabalhador" é opcional e sua retirada preservaria a correção gramatical do texto, pois os três termos da enumeração que ela tem função de marcar já estão separados pela conjunção "e": "exames pré-admissional, periódico e demissional do trabalhador".

Comentários:

Atenção para não confundir a vírgula que vem após *pré-admissional* com a vírgula que vem após *trabalhador:* a primeira se justifica por separar termos de uma enumeração, mas a segunda deve

ser explicada por isolar a oração antecipada, que começa em *Ao estabelecer a obrigatoriedade...* e termina no vocábulo *trabalhador*. Trata-se de uma oração adverbial temporal reduzida de infinitivo, que foi deslocada do final para o início do período. A vírgula, nesse caso, é obrigatória.

Resposta: assertiva errada.

Caso 7 – A vírgula separa as orações adjetivas explicativas

Pontue as frases a seguir:

29. O Tejo que é o maior rio de Portugal nasce na Espanha.

30. João que é um grande homem ajuda a todos.

Comentários:

As frases 29 e 30 são exemplos de *meros comentários*, *termos explicativos*. O *que* das duas frases é pronome relativo, já que retoma os substantivos "Tejo" e "João". Se a oração adjetiva é *explicativa*, o uso das vírgulas é obrigatório.

"O Tejo, que é o maior rio de Portugal, nasce na Espanha."

"João, que é um grande homem, ajuda a todos."

Entretanto, se a oração é restritiva, o uso das vírgulas é proibido. Perceba:

"Só sairão mais cedo os alunos que terminaram o dever de casa."

Ora, a oração adjetiva *que terminaram o dever de casa* delimita, restringe o substantivo antecedente. Sendo assim, ela não pode ser retirada da frase, devendo, portanto, vir <u>sem vírgulas</u>.

Observe esta assertiva retirada de uma prova do Cespe-UnB:

Sua metodologia é simples — por meio de conversas frequentes com a família, o voluntário receita cuidados básicos para evitar que a criança morra por falta de conhecimento, como os hábitos de higiene, a administração do soro caseiro e a adoção da farinha de multimistura na alimentação, <u>que se tornou uma solução simples e emblemática contra a desnutrição</u>.

1. O trecho "que se tornou uma solução simples e emblemática contra a desnutrição" está precedido por vírgula porque se trata de um trecho com função restritiva.

Comentários:

Perceba que a oração destacada inicia-se com pronome relativo *que*, tratando-se, portanto, de

oração subordinada adjetiva. Entretanto, como se caracteriza por ser uma informação adicional, vem isolada por vírgula. Assim, ela deve ser classificada como oração subordinada adjetiva explicativa, e não como oração adjetiva restritiva, como a banca sugere.

Resposta: assertiva errada.

Sistematizando: As orações subordinadas adjetivas são aquelas que se iniciam com pronome relativo. Se restringirem, delimitarem o sentido do substantivo antecedente, virão sem vírgulas. Se forem uma informação adicional, acessória, virão entre vírgulas.

20.1.2. Ponto e vírgula

Vamos, agora, falar do ponto e vírgula? O **ponto e vírgula** é uma pausa mais longa que a vírgula e menor que o ponto. Basicamente, pode ser utilizado em duas situações:

Caso 1 – Separa orações coordenadas

31. Esforçou-se bastante; não obteve, entretanto, o reconhecimento merecido.

32. Uns estudam; outros trabalham.

Caso 2 – Separa os itens de leis, decretos, regulamentos

33. Art. 1º O núcleo... abrangerá as seguintes matérias:

a) comunicação e expressão;

b) estudos sociais;

c) ciências.

Resolução nº...art. da Lei...

Comentários:

O ponto e vírgula pode separar também orações coordenadas. É o que vemos nas frases 31 e 32.

Na 33, temos um exemplo do ponto e vírgula separando enumerações.

20.1.3. Dois-pontos

E quanto aos **dois-pontos**? Você sabe utilizá-los? Este sinal pode, basicamente, ser utilizado em duas situações. Pode dar início a fala ou citação de outrem:

34. O professor disse:

– Eu sou a razão.

Os dois-pontos podem também introduzir uma explicação, enumeração, esclarecimento:

35. Encontrei um motivo para não encontrá-lo: uma viagem de última hora.

36. São três os autores a estudar: Machado, Alencar e Drummond.

Comentários:

A frase 34 exemplifica o início da fala de outrem.

Na frase 35, os dois-pontos introduzem uma explicação, um esclarecimento da afirmação anterior.

Na frase 36, os dois-pontos dão início a uma enumeração explicativa.

20.1.4. Aspas

As **aspas** são utilizadas, normalmente, em quatro situações:

Caso 1 – Isolam uma citação

37. Algum sábio já afirmou: "Agir na paixão é embarcar durante a tempestade".

Caso 2 – Isolam estrangeirismos, arcaísmos, neologismos, gírias

38. Estamos no "hall" do hotel.

39. Ele era considerado "persona-non-grata".

40. Qual a "solucionática" desta problemática?

41. Achei-o muito "careta".

Comentários:

As "aspas" da frase 37 mostram as palavras de outra pessoa, e não do autor do texto.

Já nas frases 38, 39, 40 e 41 temos, respectivamente, exemplos de estrangeirismo, arcaísmo (expressão que deixou de ser usada) e neologismo (palavras novas derivadas de outras já existentes, geralmente não registradas nos dicionários) e gíria.

Caso 3 – Dar destaque a uma palavra ou expressão

42. Diga-me "como" direi isso a ela.

Comentários:

A frase traz um exemplo de uma palavra que se quer destacar, dar expressividade. Na oralidade, diríamos: *coooomo*!

Caso 4 – Mostrar uma palavra com sentido irônico ou uma palavra em sentido diverso do usual

43. Você foi "brilhante" ao dizer aquela asneira.

Comentários:

Na frase 43, temos um exemplo de *ironia* (diz-se o contrário do que se pensa). Se o que ele disse

foi uma *asneira*, não há brilhantismo nisso.

20.1.5. Travessões

E os travessões? Empregam-se os travessões para marcar a mudança de interlocutor nos diálogos e para dar destaque ou ênfase a determinados termos. Observe as frases a seguir:

44. Apontou para Luísa e disse: – Conheces aquele ali?

45. Machado de Assis – grande romancista brasileiro – também escreveu contos.

Comentários:

A frase 44 mostra o uso do travessão marcando a mudança do interlocutor.

A frase 45 é o caso de uso mais frequente do travessão: quando se quer dar destaque ou enfatizar certas palavras ou expressões. É comum, nas questões de concurso, reescreverem trechos do texto que estão separados por travessão substituindo-o por vírgulas, o que mantém correta a construção, pois os travessões, em geral, podem ser substituídos por vírgulas.

A utilização dos travessões para dar ênfase a uma explicação do texto é um recurso muito comum na escrita e bastante explorado pelas bancas. O Cespe-UnB tem elaborado algumas questões de reescritura de frases, que sugerem ao candidato a troca dos travessões por outro sinal de pontuação. Observe:

Em uma empresa socialmente responsável, pode-se catalisar a inteligência instalada e lhe dar uma direção e um sentido. Isso fortalece a empresa, torna-a mais competitiva, aumenta a autoestima e a dedicação dos funcionários, amplia o sentimento de pertencimento — a vida das pessoas, em vez de ser ameaçada pelo trabalho, é fortalecida por ele. Essas empresas têm melhores condições de desempenho e, portanto, de prolongar sua vida.

1. Preservam-se tanto a coerência da argumentação quanto a correção gramatical do período caso se substitua o travessão antes de "a vida" pelo sinal de dois-pontos ou pelo de ponto e vírgula.

Comentários:

Observe que o travessão foi utilizado para enfatizar uma explicação para o que o autor quis dizer com *sentimento de pertencimento*. Trata-se de um segmento explicativo enfatizado pelo travessão. Ora, a troca pelos dois-pontos ou pelo ponto e vírgula não geraria erro gramatical nem mudança de sentido da frase: só se optaria pela perda da ênfase que o travessão confere à

informação.

Resposta: assertiva certa.

Nos anos 90 do século passado, o país derrotou a inflação – que corroía salários, causava instabilidade política e irracionalidade econômica. Na primeira década deste século, os avanços deram-se em direção a uma agenda social, voltada para a redução da pobreza e da desigualdade estrutural.

2. A substituição do travessão por vírgula, em "derrotou a inflação – que corroía salários", prejudica a correção gramatical do período.

Comentários:

Mais uma vez, o travessão introduz uma explicação, dando-lhe ênfase. Trata-se de uma oração adjetiva explicativa (*que corroía salários...*), que se refere ao substantivo *inflação* antecedente. Portanto, a troca do travessão pela vírgula *não* geraria erro gramatical algum à frase (a banca diz que a substituição *prejudica* a correção gramatical do período).

Resposta: assertiva errada.

20.1.6. Parênteses

Parênteses são geralmente utilizados para isolar comentários acessórios. Observe:

46. "Bem sei que só matarei alguém (que Deus me livre e guarde) se for obrigado."

Atenção: De modo geral, os parênteses são usados quando se quer acrescentar uma informação acessória, uma interferência do autor do texto.

Será que é possível, então, em um texto, substituir os parênteses pelos travessões ou vice-versa? O que queremos saber é: diante de um segmento explicativo, que vem evidenciado no texto pelo uso dos travessões, a substituição desse sinal de pontuação pelos parênteses geraria erro gramatical ou mudança de sentido da frase?

O Cespe-UnB tem feito esse tipo de pergunta em prova. Veja uma questão:

Tão logo a catástrofe do terremoto no Haiti requisitou uma ação coletiva mundial, com inúmeros atores envolvidos na ajuda humanitária – países, organizações não governamentais, empresas e os milhares de anônimos e famosos –, a situação caótica do país devastado impôs um desafio: a quem caberá a organização das próximas etapas de reconstrução do país mais pobre do Ocidente?

Mantém-se a correção gramatical do período substituindo-se os travessões (ℓ. 2 e 3) por parênteses.

Comentários:

Ora, a informação que o autor quis evidenciar no texto (*países, organizações não governamentais, empresas e os milhares de anônimos e famosos*) pelo uso dos travessões poderia ser isolada pelo uso dos parênteses. O texto continuaria gramaticalmente correto.

Resposta: assertiva correta.

Antes de concluirmos este capítulo, achamos prudente treinar mais com você, por meio de frases que fixarão os conceitos ensinados. Vamos lá?

I. Pontue as frases, quando necessário.

1. Os candidatos aguardavam ansiosos o resultado do concurso.

Comentários: O adjetivo *ansiosos*, na função de predicativo do sujeito, aparece deslocado para o meio do período, intercalado.

Lembre-se sempre da ordem direta dos termos no período simples: sujeito + verbo + complemento + adjunto adverbial.

O predicativo, aqui, aparece entre o verbo e o seu objeto (= complemento).

Resposta: Os candidatos aguardavam, ansiosos, o resultado do concurso.

***Importante*!**

O uso das vírgulas, *nessa frase*, seria facultativo. Por quê? Nunca se esqueça do princípio básico do uso facultativo da(s) vírgula(s): se com ou sem a(s) vírgula(s) o sentido continua o mesmo, há clareza, pode-se usar ou não a(s) vírgula(s). Repare nessa frase:

Os candidatos aguardavam ansiosos o resultado do concurso.

Os candidatos aguardavam, ansiosos, o resultado do concurso.

Não há truncamento de ideia, é uma frase curta de perfeito entendimento com ou sem a(s) vírgula(s).

Isso normalmente acontece com termos curtos deslocados (advérbios ou locuções adverbiais, predicativos).

Agora, você já sabe. Todo comentário em que aparecer *uso facultativo*, a explicação será a

mesma:

Se você puder fazer a dupla leitura (com a pausa ou sem a pausa), e isso não alterar o sentido da frase, nem houver truncamento sintático, o uso da(s) vírgula(s) será facultativo.

2. Deixe-me senhora.

Comentários: *Senhora* é a pessoa com quem se fala, vocativo.

Resposta: Deixe-me, senhora.

3. Dallas 9 de julho de 1994.

Comentários: Esse caso é um exemplo da vírgula que se usa para separar a data do nome do lugar.

Resposta: Dallas, 9 de julho de 1994.

4. Aliás isto é conhecido de todos.

Comentários: A vírgula também separa certas expressões de explicação, retificação, situação.

Resposta: Aliás, isto é conhecido de todos.

5. Espero que ela venha.

Comentários: Aqui não há justificativa para o uso da vírgula, pois os termos já estão na ordem – sujeito + verbo + complemento: "(Eu) *Espero* (verbo) *que ele venha* (objeto direto).

Resposta: Espero que ele venha.

Lembre-se: não se usa vírgula entre sujeito e verbo e entre verbo e complemento.

6. O Brasil produz café milho arroz ouro ferro.

Comentários: Nesta frase, temos um exemplo das vírgulas que separam termos de mesma função sintática (= enumerações), são objetos diretos.

Resposta: O Brasil produz café, milho, arroz, ouro, ferro.

7. "Papai do céu dá-me uma namorada linda fiel gentil e tarada."

Comentários: Aqui temos duas justificativas: a primeira vírgula separa o vocativo e as outras, termos de mesma função (= enumerações), são adjuntos adnominais.

Resposta: “Papai do céu, dá-me uma namorada linda, fiel, gentil e tarada.”

8. “O homem sensato se adapta ao mundo o insensato insiste em tentar adaptar o mundo a ele. Todo progresso depende portanto do homem insensato.”

Comentários: Na primeira ocorrência, a vírgula separa orações coordenadas. Nesse caso, poderia ser substituída por ponto e vírgula, já que esse sinal de pontuação também pode separar orações coordenadas. Na segunda e terceira ocorrências, as vírgulas intercalam a conjunção conclusiva deslocada.

Resposta: “O homem sensato se adapta ao mundo, ou; o insensato insiste em tentar adaptar o mundo a ele. Todo progresso depende, portanto, do homem insensato.”

9. “Não te enganes. A vida vai tratar-te mal. Portanto se queres viver tua vida vai e toma-a.”

Comentários: Aqui temos uma oração adverbial condicional (“se queres viver tua vida”) *intercalada*, entre vírgulas.

Resposta: “Não te enganes. A vida vai tratar-te mal. Portanto, se queres viver tua vida, vai e toma-a.”

10. Se o Brasil se tornasse independente dos empréstimos externos poderia voltar a crescer no mesmo ritmo de desenvolvimento das décadas anteriores.

Comentários: Mais uma oração adverbial condicional deslocada, só que agora para o *início* do período, uma vírgula.

Resposta: Se o Brasil se tornasse independente dos empréstimos externos, poderia voltar a crescer no mesmo ritmo de desenvolvimento das décadas anteriores.

11. Todos os candidatos publicaram os jornais devem chegar no momento azado.

Comentários: Esta frase é um exemplo de oração intercalada, um comentário acessório.

Resposta: Todos os candidatos, publicaram os jornais, devem chegar no momento azado.

12. Na Suíça delegados de 103 países grande parte com vestes africanas determinaram a proibição total da caça aos elefantes.

Comentários: A primeira vírgula é de uso facultativo, pois temos um adjunto adverbial deslocado de curta extensão, não alterando o sentido original da frase.

As outras duas vírgulas vão intercalar o aposto explicativo.

Resposta: Na Suíça(,) delegados de 103 países, grande parte com vestes africanas, determinaram a proibição total da caça aos elefantes.

20.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

Vamos fixar? Faça os exercícios a seguir e verifique o gabarito ao final!

I. Pontue as frases, quando necessário.

1. "Depois de suportar Figueiredo Sarney Collor e Itamar o brasileiro passou a duvidar até da existência de Deus."
2. Em verdade a palavra da mendiga tinha um som místico uma espécie de melodia e fazia bem fitar-lhe os olhos encarquilhados a mão trêmula segurando o dinheiro.
3. Solicitamos a Vossa Senhoria o obséquio de verificar o valor das mercadorias recebidas.
4. "O alferes continuava a dominar em mim embora a vida fosse menos intensa e a consciência mais débil."
5. Na década de 1970 o Brasil chegou a ser o país que mais crescia no mundo. Na década perdida dos anos 80 no entanto a economia brasileira se atolou no descontrole das contas públicas.
6. "O governador do Ceará Cid Gomes é muito família. Ele não agrada apenas à sogra mas também ao sogro aos irmãos aos sobrinhos..."
7. Se dirigir não beba se beber não dirija.
8. Inscreveram-se para aquele concurso oito mil seiscentos e trinta e cinco candidatos.
9. Participaram do sorteio dois milhões quinhentos e treze mil trezentos e quinze telespectadores.

II. Coloque C (certo) ou E (errado) nas frases que se seguem em relação aos sinais de pontuação.

1. ( ) A hospitalidade tem dois aspectos: um, geral, que se refere à convivência em sociedade e se confunde com o cerimonial e a etiqueta de cada povo; o outro, específico, que estabelece relações especiais entre anfitriões e convidados.
2. ( ) Baseadas no código de honra do deserto, as relações de hospitalidade árabe, dão ao hóspede direitos exorbitantes.
3. ( ) Os poetas árabes, que tanto cantaram as virtudes do perfeito anfitrião não dizem quase nada, a respeito dos hóspedes.

4. ( ) Aquele que recebe a hospitalidade é, ao mesmo tempo, um emir, um prisioneiro e um poeta, dizem os beduínos.
5. ( ) A hospitalidade no entanto, não é medida pela abundância da comida, mas particularmente, apreciada quando se pratica apesar dos meios limitados.
6. ( ) O traço todo da vida é para muitos um desenho de criança esquecido pelo homem, e ao qual este terá sempre de se cingir sem o saber.
7. ( ) Os primeiros anos de vida foram portanto, os de minha formação instintiva ou moral, definitiva.
8. ( ) Passei esse período inicial tão remoto e tão presente, em um engenho de Pernambuco, minha província natal.
9. ( ) A população do pequeno domínio, inteiramente fechado a qualquer ingerência de fora, como todos os outros feudos da escravidão, compunha-se de escravos, distribuídos pelos compartimentos da senzala, o grande pombal negro ao lado da casa de morada, e de rendeiros, ligados ao proprietário pelo benefício da casa de barro que os agasalhava ou de pequena cultura que ele lhes consentia em suas terras.
10. ( ) No centro do pequeno cantão de escravos levantava-se a residência do senhor, olhando para os edifícios da moagem, e tendo por trás, em uma ondulação de terreno a capela sob a invocação de São Mateus.
11. ( ) O ex-presidente do Banco Central, Gustavo Franco, afirmou que o Brasil precisa ser mais assumidamente capitalista, globalizado e moderno.
12. ( ) O presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, recebeu o presidente brasileiro em Camp David.
13. ( ) Os estabelecimentos fundados por portugueses, lá pelos anos de 1618, começavam no Pará, quase sob o Equador, e terminavam em Cananéia, além do trópico.
14. ( ) Entre uma e outra capitania havia longos espaços desertos, de dezenas de léguas de extensão. A população de língua europeia, cabia folgadamente em cinco algarismos.
15. ( ) A camada ínfima da população era formada por escravos, filhos da terra, africanos ou seus descendentes.

16. ( ) Os filhos da terra eram menos numerosos pela pouca densidade originária da população indígena, pelos grandes êxodos que os afastaram da costa, pelas constantes epidemias que os dizimaram, pelos embaraços, nem sempre inúteis, opostos ao seu escravizamento.

17. ( ) Acima desta população, sem terra e sem liberdade, seguiam-se os portugueses de nascimento ou origem, sem terra, porém livres: feitores, mestres-de-açúcar oficiais-mecânicos, vivendo dos seus salários ou do feitio de obras encomendadas.

18. ( ) "É através da dinâmica institucional que se fabrica, quase sempre, o delinquente juvenil. A instituição, ao invés de recuperar, perverte; ao invés de reintegrar e ressocializar, exclui e marginaliza; ao invés de proteger, estigmatiza." *(Vicente Faleiros)*

19. ( ) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis, que, num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.

20. ( ) "... ela novamente, encheu os pulmões de ar o máximo que pôde, e seu corpo acabou arrebentando como uma bola de soprar que se enche em excesso."

21. ( ) Comprei frutas, legumes, verduras, etc.

22. ( ) "O acordo visa à criação da Área de Livre Comércio Sul-Americana (ALCSA), que estari plenamente constituída em 2005."

Gabarito: I – 1. Depois ... Figueiredo, Sarney, Collor e Itamar, ...; 2. Em verdade, a palavra .. místico, uma espécie de melodia, e fazia ... encarquilhados, a mão...; 3. Sem vírgula; 4. Os alferes ... em mim, embora ... intensa, e a consciência...; 5. uso facultativo (Na década de 70, o Brasil ...) / (,)no entanto(,); 6. ... do Ceará, Cid Gomes, é ... à sogra, mas também ao sogro, aos irmãos, aos sobrinhos...; 7. ..., não beba; se beber, não dirija; 8. Sem vírgula (não se usa vírgula entre o milhar e as centenas. Já o milhão é separado do milhar por vírgula, e também entre o bilhão e o milhão: três milhões, quinhentos e doze mil trezentos e quinze); 9. ... dois milhões, quinhentos e treze mil trezentos e quinze ...

II – 1. C; 2. E – Após "árabe". Separa sujeito do verbo. 3. E – Falta a vírgula após "anfitrião", para intercalar a oração adjetiva explicativa. A vírgula após "nada" é outro erro. 4. C; 5. E – Falta a vírgula após "hospitalidade", para intercalar "no entanto". Em "particularmente" temos outra intercalação. Ou usamos duas vírgulas (antes e depois de particularmente) ou nenhuma (mas particularmente apreciada...). 6. C – O uso das vírgulas em "para muitos" é facultativo. 7. E – "portanto", deslocado, entre vírgulas (, portanto,), que seria a forma mais adequada, ou nenhuma (portanto). 8. E – ... inicial, tão remoto e tão presente, ...; 9. C; 10. E – ... por trás, em uma ondulação de terreno, ...; 11. E; 12. C. Obs.: Vírgula com nomes próprios: Em (11), não podem ocorrer aquelas vírgulas, já que ex-presidente existem vários, específico, pois. Em (12), presidente há um só, explicativo, pois. Essa explicação serve para qualquer outra construção que traga estrutura semelhante: explicativa / restritiva (diretor / ex-diretor, deputado / ex-deputado...). 13. C;

14. E – A vírgula após “europeia” separa o sujeito do verbo. 15. C; 16. C; 17. E – Falta a vírgula da enumeração após “mestres-de-açúcar”. 18. C; 19. C; 20. E – “Novamente” entre vírgulas ou sem vírgula alguma. 21. C. Obs.1: Nas enumerações que se encerram com “etc.”, a tendência é usar vírgula antes do “etc.” (ou ponto-e-vírgula ou ponto, se os elementos da enumeração vierem separados por esses sinais de pontuação). Porém, se não aparecer esse sinal antes do “etc”, a frase continua certa. Obs.2: Após o “etc.” devemos sempre usar o ponto. 22. C

20.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

1. (FCC/TC-PB) Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:

a) Toda vez que é pronunciada, a palavra progresso, parece abrir a porta para um mundo, mágico de prosperidade garantida.

b) Por mínimas que pareçam, há providências inadiáveis, ações aparentemente irrisórias, cuja execução cotidiana é, no entanto, importantíssima.

c) O prestígio da palavra progresso, deve-se em grande parte ao modo irrefletido, com que usamos e abusamos, dessa palavrinha mágica.

d) Ainda que traga muitos benefícios, a construção de enormes represas, costuma trazer também uma série de consequências ambientais que, nem sempre, foram avaliadas.

e) Não há dúvida, de que o autor do texto aderiu a teses ambientalistas segundo as quais, o conceito de progresso está sujeito a uma permanente avaliação.

Comentários:

Na letra A, a primeira vírgula está correta: ela se justifica por isolar uma oração adverbial temporal (*Toda vez que é pronunciada*) antecipada. Já a segunda vírgula está errada: ela separa o sujeito (*a palavra progresso*) do verbo (*parece abrir*). Quanto à terceira vírgula, também se observa um erro: não se deveria separar um adjunto adnominal (*mágico*) do substantivo que ele restringe (*mundo*).

A letra B apresenta a primeira vírgula correta: oração adverbial concessiva antecipada (*por mínimas que pareçam*); uma segunda vírgula que se justifica por uma enumeração de termos (*providências inadiáveis* e *ações aparentemente irrisórias*); uma terceira vírgula que inicia uma oração explicativa (*cuja execução cotidiana é... importantíssima)* e duas outras vírgulas pelo motivo que acabamos de explicar: a conjunção adversativa *no entanto* veio deslocada e, por isso, entre vírgulas.

A letra C apresenta três vírgulas indevidamente utilizadas: a primeira separa o sujeito (*o prestígio da palavra progresso*) do verbo (*deve-se*). A segunda vírgula separa uma oração adjetiva *restritiva* (*com que usamos e abusamos*...) do seu substantivo antecedente (*modo*). Ora, você já viu que só a oração adjetiva explicativa é que deve vir isolada por vírgula. A terceira vírgula também está errada por separar o verbo (*abusamos*) do seu complemento (*dessa palavrinha mágica*).

Na letra D, a primeira vírgula foi devidamente utilizada: ela isola a oração adverbial concessiva antecipada (*Ainda que traga muitos benefícios*). Entretanto, a segunda vírgula está errada: ela separa sujeito (*a construção de enormes represas*) de verbo (*costuma trazer*). As duas últimas vírgulas estão corretas: elas isolam o adjunto adverbial deslocado (*nem sempre*).

Na letra E, já percebemos um erro na primeira vírgula: ela separa o substantivo *dúvida* do seu complemento nominal oracional (*de que o autor do texto*...). Ora, não se separam termos integrantes por vírgulas (verbo de objeto, nome de complemento etc.). Observa-se outro erro na segunda vírgula: não faz sentido separar o pronome relativo *as quais* do restante da oração adjetiva.

Resposta: B.

2. (TRT / 3ª Região) O modo de produção capitalista não tem vocação suicida, e nada indica que ele esteja a ponto de morrer de morte natural.

No trecho acima, utilizou-se corretamente a vírgula antes da conjunção E. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.

a) Você deve sair antes de anoitecer, e antes de acenderem as luzes, e antes de fecharem o comércio.

b) Ele muito se esforçou para a realização daquele projeto, e acabou não sendo bem-sucedido.

c) Os irmãos compreendiam-se mutuamente, e, portanto, respeitavam-se.

d) A expedição encontrou um grupo perdido, e todos voltaram juntos.

e) A maioria dos estudantes aprovou a proposta, e seus pais acataram a decisão.

Comentários:

Vamos falar da vírgula antes da conjunção **e**? Analise novamente a frase a seguir:

A cada momento entravam alunos, e o diretor os recebia afavelmente.

Nela, a vírgula se justifica por separar orações coordenadas com sujeitos diferentes (alunos/diretor). Em relação ao conectivo *e*, aditivo, algumas gramáticas afirmam que o uso da vírgula pode ocorrer se esse conectivo ligar orações com sujeitos diferentes. Caso o sujeito dos verbos das duas orações seja o mesmo, não se usará a vírgula.

Assim, segundo a gramática tradicional, teríamos:

O uso da vírgula antes do E
Se a conjunção coordenativa unir orações com sujeitos diferentes, o uso da vírgula é facultativo. Se o E unir orações com sujeitos iguais, o uso da vírgula é proibido.

Agora, tenha cuidado! Esta é uma questão polêmica, pois em provas de concurso público já vimos de tudo: algumas questões que aceitavam o uso da vírgula antes do **E** com orações de sujeitos iguais e outras questões que consideravam tal utilização da vírgula como errada. Bancas como Esaf e Cespe/UnB já trouxeram questões de vírgula antecedendo o*e*, em que as duas orações tinham o mesmo sujeito, e não consideraram erro. Nesses casos, teríamos de verificar as outras opções.

Nesta questão, observe que o exemplo do enunciado apresenta orações com sujeitos diferentes (*modo de produção* é o sujeito da primeira oração e *nada*, o sujeito da segunda). Daí a correta colocação da vírgula antes do **e**. Entenda que, nesse caso, a vírgula é facultativa: ela também poderia não ter aparecido.

Na letra A, não houve erro quanto ao uso das vírgulas antes das duas ocorrências do **e**: os sujeitos das orações são diferentes (o sujeito da primeira oração é *você* e das outras duas, indeterminado). A essa repetição dá-se o nome de polissíndeto.

Na letra B, apesar de as orações terem sujeitos iguais (*ele*), o conectivo *e* tem valor adversativo: nesse caso, a vírgula é facultativa.

Observe com cuidado a letra C: as duas últimas vírgulas se justificam pela conjunção conclusiva deslocada (*portanto*). Mas quanto à vírgula antes do **e**? Será que a banca considerará essa vírgula errada pelo fato de ela ligar orações com sujeitos iguais (*ele*)? Observe as outras alternativas

antes de marcar essa como a resposta.

A letra D está indiscutivelmente certa: o conectivo **e** une orações com sujeitos diferentes (*expedição* é o sujeito da primeira oração e *todos* é o sujeito da segunda). Daí, a vírgula estar correta (como poderia também não ter aparecido na frase).

A letra E repete o raciocínio da letra D: o sujeito da primeira oração é *a maioria dos estudantes* e o da segunda oração é *seus pais*. Se os sujeitos são diferentes, a vírgula é facultativa.

Percebeu que só nos restou como possível resposta a letra C? Como a Fundação Getulio Vargas é uma banca tradicional, seguiu a gramática ao pé da letra: considerou errado o uso da vírgula antes do aditivo *e* que une orações de sujeitos iguais.

Resposta: C.

Antes de irmos a outra questão de concurso, mais um detalhe: você reparou que, na letra B desta questão, o conectivo **e**, embora unisse orações de mesmo sujeito, veio antecedido de vírgula, **por possuir valor adversativo**? Pois é: isso pode ocorrer também se ele trouxer um valor conclusivo. Veja:

O menino estudou muito para a prova, **e** não passou.

O menino estudou muito para a prova, **e** passou em 1º lugar.

No primeiro exemplo, o conectivo **e** tem valor adversativo (= mas, porém) e, no segundo exemplo, tem valor conclusivo (= logo, portanto). Nos dois casos, os sujeitos eram iguais e a vírgula foi utilizada.

Sistematizando: Se o conectivo e apresentar valor adversativo ou conclusivo, ainda que una orações com sujeitos iguais, a vírgula será facultativa em frases curtas que não provoquem truncamento de ideias. Em frases mais longas, o mais adequado é usar a vírgula.

Agora, observe uma outra questão, retirada de uma prova para o TSE, elaborada pelo Cespe-UnB:

3. (Cespe-UnB/TSE – Analista Judiciário) Assinale a opção que apresenta erro de pontuação:

a) Pela primeira vez, a população de Belo Horizonte vai poder escolher, por meio da Internet, as obras que serão executadas na cidade. Disponível no período de 1º a 30 de novembro, a nova modalidade, conhecida por Orçamento Participativo Digital, tem parceria entre a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte (PBH) e o Tribunal Regional Eleitoral de Minas Gerais (TRE

MG).

b) O novo sistema baseia-se em dados fornecidos pelo TRE-MG à PBH (quantitativo de eleitores, número do título de eleitor etc.), e foi solicitado pelo prefeito de BH, Fernando Pimentel, há cerca de seis meses, ao então presidente da instituição, Armando Pinheiro Lago.

c) O voto via Internet será permitido apenas para aqueles com domicílio eleitoral na capital (aproximadamente 1,7 milhão de pessoas), que poderão decidir pelo conjunto de nove obras (quatro em cada regional) que serão feitas no município em um prazo máximo de dois anos.

d) Para votar, o cidadão deve entrar no sítio da PBH. Quem não tiver acesso à Internet em casa pode ir até um dos 175 postos públicos montados, pela PBH onde haverá monitores para ajudar aqueles que não estão acostumados a lidar com computador.

Comentários:

Todas as vírgulas da letra A estão corretas: a primeira isola o adjunto adverbial de tempo *pela primeira vez* antecipado. As outras duas isolam o adjunto adverbial de meio intercalado (*por meio da Internet*). Logo na sequência observam-se mais três vírgulas corretas: a primeira, que se justifica por isolar termo antecipado (*disponível no período de 1º a 30 de novembro*) e as outras duas que isolam uma explicação (*conhecida por Orçamento Participativo Digital*). As vírgulas da letra A foram corretamente utilizadas, portanto.

Observe com cuidado a letra B: a primeira vírgula antecede **e** que une orações de mesmo sujeito (*o novo sistema*). Será que a banca vai considerar essa vírgula errada? As outras vírgulas da letra B estão todas corretas: a que vem depois de *prefeito de BH* se justifica por anteceder o aposto *Fernando Pimentel*; as outras duas, por isolarem um adjunto adverbial de tempo intercalado (*há cerca de seis meses*) e a última vírgula está correta por isolar o também aposto *Armando Pinheiro Lago*. Lembre-se de que ainda não sabemos se a letra B é a resposta: precisamos ver se há um erro ainda mais grave em outra alternativa.

A única vírgula presente na letra C também está correta: ela antecede oração adjetiva explicativa (*que poderão decidir pelo conjunto...*).

Na letra D, a primeira vírgula está correta: ela separa oração adverbial final antecipada. Entretanto, a letra D traz um erro gravíssimo: apresenta uma vírgula que separa o complemento nominal *pela PBH* do adjetivo a que ele se refere (*montados*). Vimos que não devemos separar

termos integrantes por vírgulas.

Assim, percebemos que a banca considerou como correta a letra B, embora sua primeira vírgula separasse orações coordenadas de mesmo sujeito. Como dissemos anteriormente, bancas como Cespe e Esaf têm um posicionamento mais *liberal* quanto a esse caso: para elas a vírgula antes do *e* que une orações de mesmo sujeito seria possível. Só evite fazer isso em uma redação!

Resposta: D.

Vejamos como esses conceitos vêm sendo trabalhados nas provas.

4. (Inspetor de Polícia/NCE-UFRJ) "A favor da mesma tese, poderíamos dizer que, muitas vezes, a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público."; a segunda e terceira vírgulas desse segmento:

a) destacam um esclarecimento do autor.

b) separam o aposto do resto da frase.

c) mostram uma alteração na ordem direta dos termos.

d) indicam fala do autor com o leitor.

e) separam orações.

Comentários:

Muitos que fizeram a prova marcaram a letra B. Por acharem que tudo que vem entre vírgulas nesta vida é aposto... É claro que erraram... O que temos aqui é um adjunto adverbial de tempo (*muitas vezes*), que, na ordem direta, ficaria ao final do período e, na frase, veio intercalado. Vale lembrar que as vírgulas aqui seriam facultativas: o termo deslocado é curto, simples, de fácil entendimento.

Resposta: C.

5. (Anal. Judic.) "Vamos, por um momento que seja, cair na real..."; a regra abaixo que justifica o emprego das vírgulas nesse segmento do texto é:

a) separar elementos que exercem a mesma função sintática.

b) isolar o aposto.

c) isolar o adjunto adnominal antecipado.

d) indicar a supressão de uma palavra.

e) marcar a intercalação de elementos.

Comentários:

Tem-se aqui uma oração adverbial concessiva intercalada. Na ordem direta, o período deveria ficar assim: "Vamos cair na real por um momento que seja". Nem preciso dizer que muitos erraram quando marcaram a letra B, não é?

Resposta: E.

Veja uma questão de concurso, retirada de uma prova da Fundação Getulio Vargas. Observe as situações em que o ponto e vírgula pode aparecer:

6. No 6º parágrafo o autor utilizou o sinal de pontuação ponto e vírgula de acordo com as normas gramaticais. Nas frases abaixo as normas gramaticais também foram observadas na utilização do ponto e vírgula, exceto em:

a) Os professores compareceram à festa de formatura trajados a rigor; os alunos, trajados esportivamente.

b) Um dos alunos obteve nota suficiente para ser apenas aprovado; o outro, apesar de não ter a mesma capacidade de estudo, classificou-se em segundo lugar.

c) A iniciativa segura e coerente da direção; o esforço de alunos e professores; bem como a participação de pais e responsáveis nas atividades da escola dinamizaram-na e tornaram-na uma verdadeira casa de educação.

d) Investir em educação só traz retorno para a nação a longo prazo; mas os resultados são, normalmente, satisfatórios.

e) Não há como resolver os problemas da educação com soluções paliativas, de pouco alcance; há de se investir, de forma planejada, em projetos de longo prazo que priorizem o profissional da educação.

Comentários:

Na letra A, o ponto e vírgula separa orações coordenadas. Perceba que, se houvesse necessidade de se dar uma pausa discursiva ainda maior, ter-se-ia optado pelo ponto, e não pelo ponto e vírgula. Na letra B, o ponto e vírgula separa itens de uma enumeração (*Um dos alunos... O outro...)*, tendo sido, portanto, corretamente utilizado.

Observe que, na letra C, o ponto e vírgula separa núcleos de um sujeito composto (*A iniciativa...; o esforço...; bem como a participação...*). É como se construíssemos uma frase do tipo "João; José; Antônio chegaram." Faz sentido isso?

Na letra D, o ponto e vírgula separa uma oração coordenada assindética da sua oração coordenada sindética adversativa. Foi, portanto, adequadamente usado.

Na letra E, ele separa orações coordenadas assindéticas.

Resposta: C.

7. ... graças a algumas características: eles possuem objetivos claros, vários modos de atingir o sucesso e feedback rápido, ou seja, o jogador recebe uma consequência imediata após cada ação.

Os dois pontos introduzem no contexto:

a) um segmento enumerativo, com intenção explicativa.

b) um comentário pessoal, de caráter opinativo.

c) uma repetição enfática para atrair a atenção do leitor.

d) uma ressalva ao que vem sendo desenvolvido no parágrafo.

e) a retomada da ideia mais importante do texto.

Comentários:

Perceba que o que vem após o sinal de dois-pontos é uma enumeração do que o autor chamou de *características*. Trata-se de uma oração apositiva, que nada mais é do que um segmento enumerativo que tem a intenção de explicar um substantivo anteriormente citado.

Resposta: A.

O Cespe-UnB, por sua vez, comumente elabora questões que esperam do candidato a*explicação* para o uso dos dois-pontos. Observe algumas assertivas, julgando cada uma delas como certa ou errada:

Repitamos: o sertanejo emigrante realiza, ali, uma anomalia sobre a qual nunca é demasiado insistir: é o homem que trabalha para escravizar-se.

8. Na linha 1, o autor emprega o sinal de dois pontos, para indicar que pretende dar ênfase a uma assertiva e, na linha 2, para introduzir uma explicação do que considera ser "uma anomalia".

Comentários:

De fato, na linha 1 do texto, o que se quer é enfatizar o que se disse antes: isso você pode inclusive perceber pelo próprio vocábulo *Repitamos*. Na linha 2, os dois-pontos introduzem uma oração apositiva que explica o substantivo antecedente *anomalia*.

Resposta: assertiva correta.

A importância da Pastoral é palpável: a média nacional de mortalidade infantil para crianças de até 1 ano, que é de 22 indivíduos por mil nascidos vivos, cai para 12 por mil nos lugares atendidos pela instituição.

9. O emprego do sinal de dois-pontos em "é palpável:" justifica-se porque o trecho subsequente a esse sinal apresenta argumento comprobatório da afirmativa anterior.

Comentários:

Veja que o autor afirma que a *importância da Pastoral é palpável*, para, logo na sequência, explicar o que ele quis dizer com o uso do adjetivo *palpável*. Trata-se, portanto, de uma explicação, uma informação que *comprova* o que se disse anteriormente.

Resposta: assertiva correta.

Agora, uma questão sobre aspas:

10. O emprego das aspas em algumas palavras do texto:

Algumas são exóticas também no sentido de "diferentes" ou "esquisitas"...

Nenhuma delas é nativa do Brasil. Dependendo das circunstâncias, podem ser "imigrantes" inofensivas...

... muitas vezes tornam-se organismos nocivos aos ecossistemas "naturais".

a) chama a atenção do leitor para a importância de seu sentido no contexto.

b) indica uso específico de termos técnicos para esclarecer alguns conceitos.

c) aponta para o sentido particular de certas palavras de uso comum na gíria.

d) mostra a inclusão de opiniões alheias, como um novo interlocutor no contexto.

e) atesta a participação de palavras de origem estrangeira no vocabulário nacional.

Comentários:

Essas provas dão um *show* de teoria, não é mesmo? Passeando pelas alternativas, percebemos que, em cada uma delas, fala-se de uma das regras de utilização das aspas. Só lendo as frases

destacadas, portanto, você descobrirá a resposta.

Trata-se do uso das aspas para destacar palavras ou expressões no texto. Evidenciar informações.

Resposta: A.

20.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (Oficial Judiciário / TJ) *Aparentemente, quase todos os seres humanos*... O emprego da vírgula nesse segmento é justificado pela mesma razão de um outro segmento do texto, que é:

a) ...uma de admiração e aceitação, outra de desprezo e recusa.
b) ...provoca sentimentos de segurança e bem-estar, pois supomos entender...
c) Mesmo quando nos desentendemos, sabemos por que isso ocorre...
d) ...o estrangeiro provoca a nossa desconfiança, às vezes o nosso medo.
e) Ele não se veste como nós, a sua fisionomia pode ser diferente da nossa...

2. (Ag. Telec. Eletric. / TRT) "... acaba de inaugurar em Boston, EUA, um avançado laboratório..." O emprego das vírgulas nesse segmento se justifica por:

a) necessidade de destacar o termo mais importante.
b) obrigatoriedade de separar as siglas.
c) mostrar uma explicitação do termo anterior.
d) destacar o vocativo.
e) indicar um termo intercalado.

3. (Técnico Judiciário / TRT) "O salário pode ser estipulado com base no tempo, na produção, na tarefa e no lucro." As vírgulas empregadas na frase se justificam pela necessidade de:

a) indicar a presença de um aposto explicativo.
b) destacar termos importantes do enunciado.
c) separar os termos de uma enumeração.
d) mostrar que os termos citados não são sinônimos.
e) desmanchar uma ambiguidade do texto.

4. (Comissário de Justiça – Infância e Juventude / TRT) "Creio no governo pelo povo; creio, porém, que o governo do povo..." As vírgulas que separam a conjunção *porém* se devem a(ao):

a) deslocamento da conjunção para o meio da frase.
b) necessidade de destacar uma ideia essencial ao texto.
c) fato de uma conjunção adversativa vir sempre entre vírgulas.
d) presença de um sujeito posposto.
e) uma característica estilística de Rui Barbosa.

5. (Auxiliar Judiciário / TJ) "... fazendo propaganda do Banespa, um banco quebrado, ou muito menos..." O item a seguir em que o emprego das vírgulas é justificado pelo mesmo motivo que as faz estar presentes no segmento é:

a) Sumiram, é verdade, as placas estandartes perenes...
b) Publicidade oficial tem sido, quase sempre, uma maneira...
c) No mais, a proibição não pegou.

d) ...a sanha empreendedora de prefeitos, governadores e presidentes.
e) Parodiando Dario, o Dadá Maravilha, goleador histrião...

6. (Analista Judiciário) "Vamos, por um momento que seja, cair na real..." A regra a seguir que justifica o emprego das vírgulas nesse segmento do texto é:
a) separar elementos que exercem a mesma função sintática.
b) isolar o aposto.
c) isolar o adjunto adnominal antecipado.
d) indicar a supressão de uma palavra.
e) marcar a intercalação de elementos.

7. (Ag. Telec. Eletric. / TRT)
"...batizado de News in the Future (As notícias no Futuro)."
"...gerações mais jovens (ou seja, o público com menos de 35 anos)."
O uso dos parênteses no primeiro e no segundo parágrafos do texto se deve a um(a):
a) retificação.
b) esclarecimento.
c) tradução.
d) destaque.
e) alteração.
Texto
No país das medidas provisórias, o cidadão acorda tolhido, dia após dia, com e sem "apagões" e "caladões".
Para que a sociedade possa ser tida como justa, é necessário diminuir as distâncias sociais, com pobres menos pobres.

8. (Técnico Judiciário / TRT) Os vocábulos "apagões" e "caladões", presentes no texto, aparecem grafados entre aspas porque são:
a) termos de cunho popular.
b) neologismos.
c) vocábulos que perderam velhos sentidos.
d) de presença comum na mídia.
e) referentes a acontecimentos recentes.

9. (Técnico Judiciário / TRT) "A Carta proíbe a discriminação entre o homem e a mulher (art. 5º, I, e art. 226, § 5º), contra as liberdades fundamentais, e a prática do racismo (art. 5º, incisos XLI e XLII)." Os primeiros parênteses empregados nesse segmento foram utilizados para:
a) explicitar a ideia anterior.
b) localizar a proibição citada.
c) acrescentar informações ao texto.
d) documentar o artigo com textos de autoridade.
e) comprovar a opinião do jornalista.

10. (Oficial de Cartório Policial) "É lugar comum a afirmação de que a Justiça é lenta, de que os processos judiciais demoram excessivamente. Afirma-se isso a todo instante. Os meios de

comunicação de massa (imprensa escrita, rádio e televisão) repetem a observação, sem qualquer ressalva, e contribuem para tornar a lentidão judicial uma 'verdade'". O fato de usarem-se aspas na palavra *verdade*, ao final desse segmento do texto, indica que:

a) a palavra está empregada com valor humorístico.
b) o autor pretende dar ao termo um novo significado.
c) o autor não concorda totalmente que a lentidão judicial seja uma realidade.
d) o texto quer destacar o termo, valorizando o seu sentido original.
e) o vocábulo é empregado com valor pejorativo.

11. (IBGE) No trecho "Ignoram que a coisa bela é simples por depuração, e não originariamente...", a vírgula antes da conjunção *e*:

a) está correta, por separar no período orações com termos sujeitos distintos.
b) tem emprego facultativo, porque separa termos em coordenação aditiva.
c) constitui um desvio de natureza estilística, com o objetivo de realçar o termo final da coordenação.
d) justifica-se, porque marca uma pausa entre pensamentos em oposição.
e) estaria melhor colocada se precedesse e sucedesse a partícula negativa.

12. (IBGE) "Eldorado: como pode ser sarcástico o destino de certas palavras..." As reticências, nesse fragmento de texto:

a) indicam que o narrador ou personagem interrompe uma ideia que começou a exprimir, e passa a considerações acessórias.
b) marcam suspensões provocadas por hesitação, surpresa, dúvida ou timidez de quem fala.
c) assinalam certas inflexões de natureza emocional (de alegria, de tristeza, de cólera, de sarcasmo etc.).
d) indicam que a ideia que se pretende exprimir não se completa com o término gramatical da frase, e que deve ser suprida com a imaginação do leitor.
e) reproduzem, no texto, uma suspensão do tom de voz, a fim de que outro personagem expresse o seu pensamento.

13. (TC / PB) Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:

a) Toda vez que é pronunciada, a palavra progresso, parece abrir a porta para um mundo, mágico de prosperidade garantida.
b) Por mínimas que pareçam, há providências inadiáveis, ações aparentemente irrisórias, cuja execução cotidiana é, no entanto, importantíssima.
c) O prestígio da palavra progresso, deve-se em grande parte ao modo irrefletido, com que usamos e abusamos, dessa palavrinha mágica.
d) Ainda que traga muitos benefícios, a construção de enormes represas, costuma trazer também uma série de consequências ambientais que, nem sempre, foram avaliadas.
e) Não há dúvida, de que o autor do texto aderiu a teses ambientalistas segundo as quais, o conceito de progresso está sujeito a uma permanente avaliação.

14. (TC / PB) A frase corretamente pontuada é:

a) Nas situações, em que há perigo de derrapagem um sistema, chamado controle eletrônico de

estabilidade freia o carro, automaticamente e corrige sua trajetória.

b) Nas situações em que, há perigo de derrapagem um sistema chamado controle eletrônico de estabilidade freia, o carro automaticamente e corrige sua trajetória.

c) Nas situações em que há perigo de derrapagem, um sistema chamado controle eletrônico de estabilidade freia o carro automaticamente e corrige sua trajetória.

d) Nas situações, em que há perigo de derrapagem um sistema chamado, controle eletrônico de estabilidade freia o carro, automaticamente e corrige sua trajetória.

e) Nas situações em que há perigo de derrapagem um sistema chamado controle eletrônico de estabilidade freia, o carro automaticamente e, corrige sua trajetória.

15. (TRF / Analista / 4ª Região) Está inteiramente correta a pontuação da seguinte frase:

a) O exemplo de "O Caçador de Pipas", tomado pelo autor do texto, serviu-lhe, sem dúvida, como argumento em favor da universalidade da condição humana.

b) Não são muitos os filhos, que podem se entregar às ficções, não apenas com a aprovação dos pais mas, ainda, recebendo deles todos os incentivos.

c) Lá em casa não era preciso me trancar no banheiro, ou me valer, de qualquer outro expediente, para ler um romance.

d) É verdade sim, que meus pais me pediam para organizar meu horário, mas nem por isso faziam qualquer restrição, a minhas leituras de romances.

e) Para muita gente ler romances significa, quando muito uma distração, mas em minha família imperava o respeito pelas altas virtudes da boa ficção.

16. (PM / BA) Está inteiramente correta a pontuação da seguinte frase:

a) Ao longo do tempo, verificou-se que o homem é capaz de se valer de suas experiências, sobretudo as mais marcantes, para se prevenir contra tudo o que possa vir a representar uma ameaça para ele.

b) Ao longo do tempo verificou-se, que o homem, é capaz de se valer de suas experiências, sobretudo as mais marcantes para se prevenir contra tudo, o que possa vir a representar uma ameaça para ele.

c) Ao longo do tempo, verificou-se que o homem é capaz, de se valer de suas experiências, sobretudo, as mais marcantes, para se prevenir, contra tudo o que possa vir a representar, uma ameaça para ele.

d) Ao longo do tempo verificou-se que, o homem, é capaz de se valer, de suas experiências, sobretudo as mais marcantes para se prevenir contra tudo o que possa vir a representar: uma ameaça para ele.

e) Ao longo do tempo, verificou-se, que o homem é capaz de se valer de suas experiências, sobretudo as mais marcantes para se prevenir contra tudo o que possa vir a representar: uma ameaça para ele.

17. (TRF / Analista Judiciário / 4ª Região) Atente para as seguintes frases:

I. O poeta Manuel Bandeira referido no texto é um artista que preza a liberdade absoluta.

II. Tanto os loucos como os bêbados são apontados como exemplos de uma irracionalidade que dispensa o artifício das máscaras.

III. Não fossem as máscaras quem sabe quantos inimigos não faríamos a cada dia?

Há exigência do emprego de vírgula(s) em:

a) I, II e III.

b) I e II, somente.

c) II e III, somente.

d) I e III, somente.

e) III, somente.

18. (Fiscal de Rendas / SP) Alterando-se a pontuação de um segmento do texto, ela permanecerá defensável e coerente, considerado o contexto, em:

a) A busca de distinção, entre o que é "do bem", e o que é "do mal", traz consigo, um dilema.

b) Não, não, são crianças comentando um filme de mocinho e bandido, são frases – de adultos, reiteradas a propósito, das mais diferentes pessoas.

c) A escolha do critério de julgamento, é, sempre, crítica e sofrida quando responsável.

d) Tal busca de discernimento é antiga e, em princípio, é legítima.

e) Interesses estratégicos e econômicos são assim mascarados, pela suposta preservação, de princípios da civilização.

19. (Analista Judiciário / TRT) Atente para as seguintes frases:

I. O homem aplica-se em criar instituições, que podem lhe acarretar graves dissabores.

II. Os regimes autoritários, que decorrem diretamente do desvirtuamento das instituições, são os mais nefastos.

III. Não se impute defeito às instituições, cujo propósito essencial é permitir que os homens se organizem.

A *supressão* da(s) vírgula(s) acarretará alteração de sentido em:

a) I e II, apenas.

b) I e III, apenas.

c) II, apenas.

d) II e III, apenas.

e) I, II e III.

20. Leia o texto com a finalidade de pontuá-lo corretamente.

"Diz a sabedoria popular chinesa (1) que toda marcha (2) por mais longa (3) e importante que seja (4) começa (5) com o primeiro passo. Dar (6) esse primeiro passo (7) às vezes (8) exige (9) grande determinação (10) esforço monumental e (11) muita coragem. Principalmente se o passo (12) for em direção (13) a um caminho desconhecido (14) com o qual (15) não estamos acostumados lidar por conta dos vícios adquiridos."

Revista Veja

Os números que devem ser substituídos por vírgula são:

a) 2, 4, 7, 8, 10, 14.

b) 1, 4, 5, 9, 11, 14.

c) 3, 5, 6, 8, 10, 12.

d) 1, 2, 3, 4, 7, 10, 12.

e) 2, 3, 4, 7, 9, 13, 15.

21. Aponte o trecho pontuado corretamente.

a) Juiz, de resto, não legisla. Tão só aplica a lei, boa ou má existente.
b) Juiz, de resto não legisla. Tão só aplica a lei, boa ou má existente.
c) Juiz de resto, não legisla. Tão só aplica a lei boa ou má, existente.
d) Juiz, de resto, não legisla. Tão só aplica a lei, boa ou má, existente.
e) Juiz de resto não legisla. Tão só aplica a lei boa ou má existente.

22. Assinale o item que apresenta pontuação correta.

a) Embora aos sete anos, Joan Miró já ensaiasse naturezas-mortas e autorretratos, os pais não c deixavam pintar. A resistência só foi vencida quando, empregado como guarda-livros em uma farmácia, por imposição familiar, caiu de cama com crise nervosa e tifo.
b) Embora, aos sete anos Joan Miró já ensaiasse, naturezas-mortas e autorretratos, os pais não c deixavam pintar. A resistência só foi vencida, quando, empregado como guarda-livros em uma farmácia por imposição familiar, caiu de cama com crise nervosa e tifo.
c) Embora aos sete anos Joan Miró já ensaiasse naturezas-mortas e autorretratos os pais não c deixavam pintar. A resistência só foi vencida quando, empregado, como guarda-livros, em uma farmácia por imposição familiar, caiu de cama com crise nervosa e tifo.
d) Embora aos sete anos Joan Miró já ensaiasse naturezas-mortas e autorretratos, os pais não c deixavam pintar. A resistência só foi vencida quando, empregado como guarda-livros em uma farmácia por imposição familiar, caiu de cama com crise nervosa e tifo.
e) Embora aos sete anos Joan Miró já ensaiasse, naturezas-mortas e autorretratos, os pais, não c deixavam pintar. A resistência, só foi vencida quando, empregado como guarda-livros em uma farmácia; por imposição familiar, caiu de cama, com crise nervosa e tifo.

23. (NCE-UFRJ / Inspetor de Polícia)"A favor da mesma tese, poderíamos dizer que, muitas vezes, a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público." A segunda e terceira vírgulas desse segmento:

a) destacam um esclarecimento do autor.
b) separam o aposto do resto da frase.
c) mostram uma alteração na ordem direta dos termos.
d) indicam fala do autor com o leitor.
e) separam orações.

24. (NCE-UFRJ / Papiloscopista Policial)O item a seguir em que as aspas são empregadas por motivo idêntico ao que leva a estarem presentes em "Odisseia" (O passeio literário começa na "Odisseia" de Homero):

a) Ela me contou, com naturalidade, que, algum tempo antes, estivera bem próximo da morte, "acompanhado pela Virgem Maria".
b) Era melhor que fosse "clown".
c) É verdade que desde esses tempos remotos o "senhor" se adoçou em "sinhô".
d) No Alentejo, *fazenda* significa "rebanho de gado macho".
e) Velázquez, no séc. XVII, pintava quadros como as "Hilanderas".

25. (NCE-UFRJ / Auxiliar Necropsia) "...o chorume, líquido contaminado pelo lixo em

decomposição, atinge rios, lagos...” As vírgulas, nesse segmento, são usadas respectivamente, para:

a) separar aposto e marcar enumeração.
b) indicar inversão na frase e separar termo intercalado.
c) marcar enumeração e destacar um elemento.
d) indicar inversão e separar aposto.
e) marcar uma explicação e dar realce a termos.

26. (NCE-UFRJ / Auxiliar Necropsia) O uso de dois-pontos em “um país mergulhado na sujeira: metade dos municípios não têm serviço de esgoto sanitário, 70% do lixo da cidade são jogados em lixões e alagados e apenas poucos municípios fazem coleta seletiva de lixo” indica a futura presença de um(a):

a) enumeração.
b) explicação.
c) comparação.
d) retificação.
e) citação.

27. (NCE-UFRJ / Oficial de Justiça) “Há uma última liberdade, mais nova, ainda elitizada...” O item a seguir em que as vírgulas são empregadas pelo mesmo motivo das que aparecem nesse segmento destacado do texto é:

a) “O que é percebido como liberdade para um pacato cidadão contemporâneo que vota, fala o que quer, vive sob o manto da lei...”.
b) “Logo depois da queda do muro de Berlim, comer uma banana virou ícone da liberdade no Leste Europeu.”.
c) “A segunda liberdade moderna é o transporte próprio, BMW ou bicicleta, o que conta é a sensação de poder sentar-se ao veículo...”.
d) “É estar próximo de reis, heróis, criminosos, superatletas ou cafajestes...”.
e) “Para outras, é apenas o prazer de saber que a distância não mais cerceia a comunicação, por boba que seja.”.

28. (TRF / Anal. Judic.) Está incorreto o emprego da vírgula na frase:

a) você, por exemplo, está convocado para o esforço cívico.
b) o cidadão tem não só o direito de eleger os seus governantes, mas também de filiar-se a um partido político e candidatar-se.
c) direitos, deveres e obrigações são inerentes a todos.
d) os cidadãos e seus governantes, são responsáveis pelos destinos do país.
e) um governante honesto, que faça obras e cuide do serviço público, sempre é reconhecido pelo povo.

29. (Banco do Brasil) Das alterações feitas na pontuação das frases do texto a seguir, constitui erro a alteração feita em:

a) “Diz-se dele que tem ‘humores’...” / Diz-se, dele, que tem “humores”...
b) “Cada transação, comercial, cultural ou científica, atesta sua existência...” / Cada transação comercial, cultural ou científica atesta sua existência...

c) “Mas os mitos são misteriosos, contêm segredos insondáveis.” / Mas os mitos são misteriosos: contêm segredos insondáveis.

d) “Eles, e apenas eles, conseguem sondar o oculto...” / Eles (e apenas eles) conseguem sondar o oculto...

e) “Cada um desses termos encobre um buraco negro...” / Cada um desses termos, encobre um buraco negro...

30. Das alterações feitas a seguir na pontuação da frase “O futebol, que desde os primeiros anos do século vinha se difundindo rapidamente pela cidade, alcançava no fim da década de 1910 uma popularidade ímpar.”, está incorreta a que foi feita na opção:

a) O futebol, que, desde os primeiros anos do século, vinha se difundindo rapidamente pela cidade, alcançava no fim da década de 1910 uma popularidade ímpar.

b) O futebol, que desde os primeiros anos do século vinha se difundindo rapidamente pela cidade, alcançava, no fim da década de 1910, uma popularidade ímpar.

c) O futebol, que, desde os primeiros anos do século, vinha se difundindo rapidamente pela cidade, alcançava, no fim da década de 1910, uma popularidade ímpar.

d) O futebol, que, desde os primeiros anos do século vinha se difundindo, rapidamente pela cidade, alcançava no fim da década de 1910 uma popularidade ímpar.

e) O futebol que, desde os primeiros anos do século, vinha se difundindo rapidamente pela cidade alcançava no fim da década de 1910 uma popularidade ímpar.

Gabarito: 1. c; 2. e; 3. c; 4. a; 5. e; 6. e; 7. b; 8. b; 9. b; 10. c; 11. d; 12. d; 13. b; 14. c; 15. a; 16. a; 17. d; 18. d; 19. e; 20. a; 21. d; 22. d; 23. c; 24. e; 25. a; 26. a; 27. c; 28. d; 29. e; 30. d.

Agora que chegamos ao final deste capítulo tão importante, vamos resumir? A seguir, um resumo sobre o uso das vírgulas.

20.5. RESUMO

USO DA VÍRGULA – REGRAS PRÁTICAS:

- Emprega-se a vírgula para isolar vocativo. (“João, entre já!”)
- Emprega-se a vírgula para isolar aposto. (“João, o professor, chegou”)
- Usa-se a vírgula para separar elementos de mesma função sintática (enumerações). (“Comprou banana, uva, pera e maçã”)
- Separa-se na data o nome do lugar e para indicar supressão de uma palavra. (“Brasília, 30 de dezembro de 2010”/”João comprou as bebidas; Maria, o jantar”).
- Separa as orações coordenadas assindéticas. (“Acordou, banhou-se e foi ao trabalho”).
- Usa-se a vírgula para separar orações coordenadas sindéticas. As conjunções adversativas (mas, porém, contudo, todavia,...) e conclusivas (logo, portanto, por conseguinte,...), se

deslocadas, devem ficar entre vírgulas. ("João chegou tarde, porém saiu cedo."/ "João chegou tarde; saiu, porém, cedo.")

Obs.: Quando a conjunção **e** unir sujeitos diferentes ou se apresentar com valor adversativo: vírgulas facultativas. ("João saiu cedo, e Maria chegou em seguida"/"João estudou, e não passou") Caso una orações com sujeitos iguais, vírgula proibida ("João chegou e ligou para sua mãe").

- O uso da vírgula é facultativo nos advérbios e locuções deslocados. ("Ontem, meu tio veio, com a família, me visitar" ou "Ontem meu tio veio com a família me visitar")
- As expressões deslocadas na frase (isto é, ou melhor, digo, aliás, por exemplo,...) devem vir separadas por vírgulas. ("Meu pai, ou melhor, meu irmão chegou")
- A vírgula é usada para separar as orações adverbiais deslocadas ("Se chegar cedo, ligue-me") e as orações adjetivas explicativas ("O homem, que é um ser mortal, tem alma imortal").

21 AS PALAVRAS QUE E SE

21.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

21.1.1. A palavra que

Todos sabemos como é difícil classificar essa palavra... Isso acontece porque ela pode ter muitas classificações, na verdade, é um resumo de tudo o que você estudou...

Uma boa maneira de estudar essa palavra é entendendo de fato cada classificação. Sem decoreba... Você vai perceber que todas estas classificações fazem sentido, tudo tem uma lógica. Assim, fica bem mais fácil.

Vamos lá então? Primeiro, vamos ver tudo o que o QUE pode ser...

1. Pronome

Quando substitui ou determina um substantivo.

a) Indefinido – tem um sentido vago.

Que felicidade!

Que diferença de preço!

b) Interrogativo – aparece em orações interrogativas.

Que professor me substituirá? (interrogativa direta)

Não sei que professor me substituirá. (interrogativa indireta)

c) Relativo – retoma um antecedente, evitando sua repetição.

"Eu preparo uma canção que faça acordar os homens e adormecer as crianças." (Carlos Drummond de Andrade)

2. Preposição

Quando equivale à preposição de. Aparece no meio de uma locução verbal.

"A gente não tem que fazer tudo o que a gente tem que fazer."

3. Interjeição

Aparece em construções que denotam admiração, espanto.

Quê! Ela te contou isso?

4. Advérbio

Modifica um adjetivo ou um advérbio, denotando intensidade.

Que simpático é Guilherme!

5. Conjunção

É um conectivo que dá início às orações coordenadas (conjunções coordenativas) ou às subordinadas (conjunções subordinativas).

Coordenativa

• Aditiva: Grita que grita.

• Explicativa: Vá dormir, que já é tarde.

Algumas gramáticas dão exemplos ainda do que como alternativo e adversativo.

Subordinativa

• Integrante – dá início às orações substantivas.

"A crise mostra que a velha esquerda não tem programa."

– consecutiva: Estava tão emocionado que chorava a cada homenagem que recebia.

• Adverbial (dá início – comparativa: Esforçava-se mais que o irmão.

às orações adverbiais) – concessiva: Que trouxesse o presente mais caro, não o perdoaria

– causal: Chegarei tarde, que tenho trabalho a fazer.

– final: Emprestei-lhe o casaco que não sentisse frio.

Há também registros do que como temporal e condicional.

6. Partícula expletiva ou de realce

Serve para dar expressividade ao que se quer enunciar. Pode ser retirada da frase, sem prejuízo sintático ou semântico.

Quase que caí da árvore.

Nós é que chegamos primeiro. (expressão de realce é que)

7. Substantivo

Quando vem determinado (geralmente por artigo ou pronome). Sempre acentuado.

Este quê tem a função de sujeito.

21.1.2. A palavra *se*

Agora vamos ao SE?

1. Pronome reflexivo

Quando equivale a a si mesmo.

Pedi a ela que se afastasse da cadeira.

2. Pronome recíproco

Quando equivale a um ao outro.

Os amigos se abraçaram na despedida.

3. Pronome apassivador

Partícula que se liga ao verbo para tornar o sujeito paciente. Esse verbo será transitivo direto ou transitivo direto e indireto. A frase pode ser transformada em voz passiva analítica.

Nunca se viram tantos suicídios. (= Tantos suicídios nunca foram vistos.)

4. Índice de indeterminação do sujeito

Sua função é tornar o sujeito indeterminado. O verbo, em geral, não será transitivo direto.

Trabalha-se muito naquela seção.

5. Parte integrante do verbo

Aparece nos verbos pronominais.

Queixavam-se da vida sem razão.

6. Conjunção

Estabelece ligação entre duas orações.

a) Conjunção subordinativa integrante – dá início à oração subordinada substantiva.

Perguntei se precisavam de ajuda.

b) Conjunção subordinativa condicional – dá início à oração subordinada adverbial condicional.

Se quiseres, voltarei mais tarde.

c) conjunção subordinativa causal – dá início à oração subordinada adverbial causal.

Se você depende desse emprego, não arrume confusão. (= já que)

d) Conjunção subordinativa concessiva – dá início à oração adverbial concessiva.

Se o acesso à escola melhorou muito, a qualidade de ensino tem se mostrado aquém do esperado.

Há também registros do se como comparativo.

7. Substantivo

Quando vem determinado por artigo ou pronome.

O sê desta frase é uma conjunção.

8. Partícula expletiva (ou de realce)

Pode ser retirado da frase sem prejuízo semântico. Não há alteração na estruturação sintática da frase.

Foi-se embora de manhã.

Próximo passo: classificar os "quês" e os "sês" em textos. Quem sabe de fato, consegue classificar nos textos... Então, teste seus conhecimentos!

21.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Classifique o *que* e o *se* dos textos a seguir.

Texto I

Defendo a ideia de que deveria haver porte de celular como há porte de arma, e não só para evitar – está bem, dificultar um pouco – que caia na mão dos bandidos. Acho que o celular se juntará ao cigarro como um divisor da Humanidade. Com o cigarro pegamos o câncer dos outros, com o celular somos atacados pela intimidade dos outros, sem qualquer possibilidade de defesa. Você fica indeciso entre dois impulsos, o de sair de perto para não ouvir mais detalhes sobre o furúnculo da Adalgisa e chegar mais perto para ouvir os dois lados da conversa e ter, pelo menos, o consolo da bisbilhotice total. Em geral não pode fazer nem uma coisa nem outra. Fica ali, semi-imerso na vida de outro e fingindo ser surdo. Um agravante é que as pessoas parecem adquirir, junto com o celular, uma desinibição de penitentes. Dizem tudo com furor confessional e para serem ouvidas no céu. Cresce uma rejeição ao celular parecida com a que o cigarro provoca nos não fumantes e logo haverá a segregação, setores só para os com-celular e avisos oficiais que o celular pode causar problemas de saúde para quem usa, com a defenestração. Mas desconfio que, do jeito que vai, nós, os sem-celular, é que acabaremos discriminados, reunidos em pequenos oásis de silêncio e recato enquanto todos à nossa volta se comunicam o tempo todo sem parar.

Luís Fernando Veríssimo

que (l.1) _____

1º que (l.2) _____

2º que (l.2) _____

que (l.8) _____

que (l.10) _____

que (l.12) _____

1º que (l.13) _____

2º que (l.13) _____

Texto II

Costuma-se ouvir que as universidades públicas estão sendo "sucateadas". Trata-se de uma comprovação cabal da injunção de Goebbels de que uma mentira repetida à exaustão torna-se verdade.

1º se (l.1) _____

2º se (l.1) _____

se (l.2) _____

Texto III

Nas cidades brasileiras, o comum é aumentar os espaços de circulação dos carros. Diminuem-se as calçadas. Constroem-se viadutos, túneis e passagens de nível para seu uso exclusivo. Na Paris de Delanoë, trabalha-se no sentido contrário. Corredores de ônibus, ciclovias, calçadões para pedestres e reservas para novas áreas verdes formam uma combinação que avança com ímpeto sobre os espaços onde antes o carro reinava.

se (l.1) _____

se (l.2) _____

se (l.3) _____

que (l.4) _____

Texto IV

Ignorância e preconceito

Lya Luft

(...) O preconceito, doença que turva nosso olhar e entorta nossa alma, que nos diminui e nos emburrece, é uma das enfermidades mais sérias deste nosso mundo. E, atenção, não falo apenas do preconceito contra deficientes nem do preconceito contra muçulmanos, cristãos, negros, índios ou brancos. Não me refiro apenas ao preconceito contra pobres ou ricos, mas também ao lamentável preconceito contra a classe média. Contra isso que os promotores do ódio de classes chamam indiscriminadamente "as elites". Que incluem bancários, professores, auxiliares de escritório, motoristas, domésticas, balconistas, trabalhadores em geral. Isto é, os que não dependem totalmente da ajuda dos governos.

Essa postura criminosa tanto perturba a mente das pessoas que numa manifestação de parentes de vítimas dos dois acidentes aéreos recentes, que envergonham este país, houve quem gritasse que aquela era uma manifestação "da elite". Tal intervenção, movida pelo ódio insensato e nascida da brutalidade, mostra que estamos seguindo um caminho muito perigoso. Estamos chegando a um ponto em que os que perderam mãe, pai, filho, marido ou esposa, por não serem realmente pobres, não têm direito nem de sofrer.

Quem sabe acabaremos como uma sociedade em que bancários, médicos, professores, balconistas, operários devem se esconder de vergonha por não pedir esmola na rua ou não viver de doações públicas? Alguém começa a acreditar que a classe média hoje tachada de "elite", os que com seu trabalho conseguem comer, morar, estudar, é exploradora e quer a desgraça dos demais? Se for assim, estamos tragicamente desorientados por aqui, confundindo perigosamente as coisas. Há no ar um tipo de estímulo a esse ódio de classes destrutivo e antidemocrático. Que censura até os que, às vezes com incalculável sacrifício, entram numa universidade, fazem seu mestrado, quem sabe seu doutorado no exterior – com bolsa de estudos, sim, porque com isso ajudam grandemente a melhorar as condições de vida dos mais desprotegidos em nosso país.

Se permitirmos que essa doença maligna – o preconceito, pai do ódio e filho da ignorância – nos domine, seremos em breve o mais atrasado no círculo dos povos atrasados, uma manada confusa obedecendo a qualquer chibata ideológica.

1º que (l.1) _____

2º que (l.1) _____

que (l.5) _____

Que (l.6) _____

que (l.7) _____

que (l.9) _____

que (l.10) _____

que (l.11) _____

que (l.12) _____

1º que (l.13) _____

2º que (l.13) _____

que (l.15) _____

se (l.16) _____

1º que (l.17) _____

2º que (l.17) _____

Se (l.19) _____

Que (l.20) _____

que (l.21) _____

Se (l.24) _____

Gabarito: Texto I – conjunção integrante; conjunção integrante; conjunção integrante; conjunção integrante; pronome relativo; conjunção integrante (Inicia oração subordinada substantiva completiva nominal. O uso da preposição "de" é facultativo.); conjunção integrante (Inicia oração subordinada substantiva objetiva indireta. Quando o objeto indireto aparece sob forma de oração, o uso da preposição é facultativo.); palavra de realce (= expletiva). A expressão de realce na linha 14 é "é que".

Texto II – pronome apassivador; índice de indeterminação do sujeito; parte integrante do verbo.
Texto III – pronome apassivador; pronome apassivador; índice de indeterminação do sujeito; pronome relativo.
Texto IV – pronome relativo; pronome relativo; pronome relativo; pronome relativo; pronome relativo; conjunção subordinada adverbial consecutiva; pronome relativo; conjunção integrante; conjunção integrante; pronome relativo; pronome relativo; pronome relativo; pronome reflexivo; conjunção integrante; pronome relativo; conjunção adverbial condicional; pronome relativo; pronome relativo; conjunção adverbial condicional.

21.3. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (NCE-UFRJ / Ministério Público)"...enquanto que no continente europeu marcha-se a passos largos na direção de conflitos raciais..." O item a seguir em que o SE tem o mesmo valor sintático

que apresenta no segmento em destaque é:
a) a história se repete na Europa.
b) o líder declarou que, se levado ao poder, deportará imigrantes.
c) as manifestações contra imigrantes se transformaram em praga internacional.
d) encontram-se muitas injustiças nas relações com os imigrantes.
e) precisa-se de novos imigrantes para a lavoura brasileira.

2. (NCE-UFRJ / Oficial de Justiça) O item a seguir em que o vocábulo SE desempenha o mesmo papel sintático do que exerce no segmento "onde quer que SE esteja" é:
a) "como as liberdades essenciais SE transformam em direito do cidadão?"
b) "nosso apetite pela liberdade SE aburguesou."
c) "...e tem o direito de mover-SE livremente?"
d) "...o que conta é a sensação de poder sentar-SE ao veículo."
e) "e acoplado a ele vem a Web..., onde SE compra e vende, consomem-se filosofia e pornografia..."

3. (NCE-UFRJ / Auxiliar de Cartório) "...autópsia dos que se mataram de amor". A função do pronome SE neste segmento se repete exatamente em:
a) os poetas se abraçaram no aeroporto.
b) os suicidas queixaram-se da vida.
c) os sentimentais se martirizam diariamente.
d) nunca se viram tantos suicídios.
e) elas se aborreceram com a notícia.

4. (Magistério) "... uma sociedade que pretende construir-se..." A frase a seguir em que o se apresenta o mesmo valor sintático é:
a) a ciência se considera infalível.
b) ciência e técnica se auxiliam.
c) não se conhece uma só ciência completa.
d) viram-se os resultados da pesquisa.
e) os jovens se abraçaram na passeata.

Gabarito: 1. e; 2. e; 3. c; 4. a.

21.4. RESUMO

Vamos às dicas finais?

A palavra que

O **QUE** que retoma um substantivo é pronome relativo. Nesse caso, pode ser substituído por outro relativo.

Atenção à palavra de realce QUE. Pode vir sozinha ou pode compor a expressão "é que".

Há duas formas de se interrogar: direta e indiretamente.

Nem todo QUE que inicia oração substantiva é conjunção integrante. Se estiver se referindo a un substantivo, será pronome.

A palavra se

Diante de um SE, primeiro pergunte se ele é pronome apassivador.

Caso não seja pronome apassivador, verifique se ele é pronome indeterminador do sujeito.

Não pergunte de imediato se ele é palavra de realce: você sempre vai achar que é.

Memorize os verbos pronominais que mais aparecem nas provas de concursos públicos: nesses casos, o SE será parte integrante do verbo.

22 FIGURAS DE LINGUAGEM

As figuras de linguagem são divididas em três tipos, que serão estudados neste capítulo: figuras de palavras; figuras de sintaxe; e figuras de pensamento.

22.1. TEORIA SUCINTA

22.1.1. Figuras de palavras

1. **Metáfora**: emprego de palavra fora do seu sentido normal, por analogia.

   Ex.: A Amazônia é o pulmão do mundo.

   Na sua mente povoa só maldade.

   Obs.: quando há um confronto direto, temos o **Símile** ou **Comparação** (caracterizada pela presença de conjunções comparativas – *como, tal qual, assim como* ...).

   Ex.: Ele é rápido como a lebre.

2. **Sinestesia**: quando se cruzam sensações diferentes.

   Ex.: Doce esperança. (paladar *x* sentimento)

3. **Catacrese**: emprego impróprio de uma palavra, por não se dispor de palavra própria para designar certas ações.

   Ex.: Embarcar num trem. (trem não é barco)

   "Enterrar uma agulha na pele." (pele não é terra)

4. **Metonímia**: substituição de um nome por outro em virtude de uma semelhança (autor pela obra, concreto pelo abstrato, continente pelo conteúdo, causa pelo efeito e vice-versa...).

   Ex.: A juventude (= jovens) brasileira.

   Ler Machado de Assis.

22.1.2. Figuras de sintaxe

1. **Hipérbato** (= inversão): alteração da ordem direta dos termos.

   Ex.: Morreu o presidente.

   Obs.: quando há anteposição de um termo preposicionado, temos a **anástrofe.**

   Ex.: Tão bela dos seus anos na flor. (Tão bela na flor dos seus anos.)

2. **Pleonasmo**: repetição de significação do vocábulo ou termos oracionais com finalidade

expressiva.

Ex.: Ver com os próprios olhos.

A mim ninguém me engana.

3. **Anacoluto**: quebra de estruturação sintática.

Ex.: O meu cunhado, você se entende com ele.

A expressão *O meu cunhado* não exerce nenhuma função sintática na frase.

4. **Elipse**: omissão de um termo facilmente subentendido.

Ex.: Na praça, crianças brincando. (havia)

Obs.: **Zeugma** é um tipo de elipse. Consiste na supressão de um termo já expresso anteriormente.

Ex.: Alguns estudam, outros não. (estudam)

5. **Silepse**: concordância ideológica.

Ex.: **V. Exª** é compreensiv**o**. (silepse de gênero)

Todos fomos à festa. (silepse de pessoa)

6. **Hipálage**: aplica-se a um substantivo um adjetivo que corresponde a outro substantivo.

Ex.: Maria fumava um cigarro lânguido. (Quem estava lânguida – sensual – era Maria, e não o cigarro.)

7. **Quiasmo**: os elementos se cruzam em X.

Ex.: "No meio do caminho tinha uma pedra

Tinha uma pedra no meio do caminho."

8. **Anáfora**: repetição de palavra no início de cada membro da frase.

Ex.: Tudo era silencioso, tudo nebuloso, tudo confuso.

22.1.3. Figuras de pensamento

1. **Antítese**: oposição entre duas palavras ou pensamentos.

Ex.: Não há no mundo alegria sem sobressalto, riqueza sem miséria.

2. **Enálage:** uso de um tempo verbal no lugar de outro.

Ex.: Você me emprestaria a sua caneta? (Uso, por polidez, do futuro do pretérito em lugar do presente – empresta.)

3. **Oxímoro**: os vocábulos opostos formam um paradoxo (ideias aparentemente contraditórias).

Ex.: Viver só na multidão.

4. **Hipérbole**: exagero na mensagem.

Ex.: Repetir um milhão de vezes.

5 . **Eufemismo**: emprego de palavras ou expressões agradáveis em substituição às que têm sentido desagradável.

Ex.: Faltou com a verdade. (=mentir)

Deu o último suspiro. (= morrer)

6. **Ironia**: declarar o oposto do que se pensa.

Ex.: Era fino como um hipopótamo.

7 . **Prosopopeia** (= personificação): atribuição de ações ou qualidades humanas a seres inanimados.

Ex.: "Os pinheiros pensavam coisas longas..."

22.2. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (Vunesp) "Na laranja e na couve
picada – as cores brasileiras
da feijoada. (...)" (Luiz Bacellar)
No excerto acima, ocorre a figura de sintaxe a que se denomina:
a) zeugma.
b) pleonasmo.
c) anáfora.
d) elipse.
e) anacoluto.

2. (Banco do Brasil) Na oração "Por sua cabeça passam **mil e uma** questões", o numeral tem seu sentido original modificado, pois uma quantidade certa está empregada para expressar uma indeterminação exagerada. Recorde-se, agora, de que a exageração de uma ideia dá origem a uma conhecida figura de linguagem. Assinale a alternativa em que se utiliza tal figura:
a) Lemos Machado de Assis nas aulas de literatura brasileira.
b) Por estar com sede, bebeu três copos.
c) Eu, parece-me que vou mal.
d) A liberdade concedida não deixa de ser uma forma de prisão.
e) A cidade amanheceu debaixo d'água.

3. (Vunesp) Em "Rios te correrão dos olhos, se chorares." (Olavo Bilac), identifica-se a figura de linguagem:

a) hipérbato.
b) hipérbole.
c) eufemismo.
d) metonímia.
e) paradoxo.

4. (NCE-UFRJ) Ao estabelecer uma comparação entre a ação da águia e a dos homens, o texto compõe uma:

a) anástrofe.
b) metáfora.
c) hipérbole.
d) metonímia.
e) silepse.

5. (Cesgranrio) "Sofreu inutilmente por mais dois dias antes de tocar de novo o acorde final", no fragmento ocorre um(a):

a) personificação.
b) onomatopeia.
c) eufemismo.
d) comparação.
e) metonímia.

6. (Cesgranrio) A propósito do emprego da linguagem figurada presente no poema de Vinícius de Moraes, é correto afirmar que, nos versos "Sendo a sua liberdade/Era a sua escravidão", há:

a) antítese.
b) comparação.
c) eufemismo.
d) metáfora.
e) metonímia.

7. (Cesgranrio) "Nike renova com a CBF até 2018."

Sem alarde, a Nike renovou seu contrato com a CBF até 2018.

(Revista Veja)

Podemos afirmar que nesse trecho há uma figura de linguagem conhecida como:

a) metonímia.
b) hipérbole.
c) metáfora.
d) hipérbato.
e) comparação.

8. (Cesgranrio) No trecho "A obra-prima da agressão sonora são uns automóveis cujos porta-malas se abrem revelando uma bateria de alto-falantes, terrível usina de decibéis.", observa-se um exagero do articulista, o qual se justifica pela sua indignação ao que está expondo. A esse recurso estilístico denomina-se:

a) antítese.

b) eufemismo.
c) metonímia.
d) hipérbole.
e) personificação.

9. (Cesgranrio) “Mas a **mim** é que não **me** escardincham (...)”
Há entre os vocábulos grifados uma relação:
a) pleonástica.
b) irônica.
c) metafórica.
d) antitética.
e) eufemística.

Gabarito: 1. d; 2. e; 3. b; 4. b; 5. c; 6. a; 7. a; 8. d; 9. a.

Parte IV

Interpretação de textos

23 TIPOLOGIA TEXTUAL

23.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

23.1.1. Os modos e os tipos de texto

Não se pode falar em compreensão e intelecção textual sem que se aprenda a diferenciar os modos de texto. Ao aprender a classificar um texto, o aluno não só se prepara para as questões que versam sobre tipologia textual, como também estabelece o primeiro contato com o seu objeto de estudo.

Podemos destacar quatro maneiras de organizar um discurso: por meio da **narração**, **descrição**, **dissertação** e **argumentação**. Muitas vezes, é importante ressaltar, utilizamo-nos de mais de um recurso na elaboração de um único texto.

23.1.2. A narração

É a modalidade de texto que se relaciona com objetos do mundo real. Na narração, o objetivo do autor é contar um fato, relatar acontecimentos, reais ou imaginários.

23.1.2.1. As modalidades da narração

O texto narrativo apresenta-se em diversas modalidades; entre as principais, pode-se citar:

1. **Romance:** narrativa longa que não se compõe apenas de uma trama – além do núcleo principal, outras tramas se desenrolam em paralelo. É composição que pode vir escrita em prosa ou em verso.
2. **Crônica:** é o relato de acontecimentos do quotidiano, do nosso dia a dia, que se desenrolam em uma sucessão cronológica. Reflete a vida social, a política, os costumes de uma época.
3. **Conto:** narrativa curta e concisa que se desenvolve em torno de um único núcleo. Pode ter características reais ou ser apenas fruto da imaginação do autor.
4. **Fábula:** uma espécie de conto, em forma de prosa ou verso. Tem como objetivo uma lição de aprendizado, o ensinamento de uma moral. Utiliza-se de personagens animais, mas com características humanas.
5. **Anedota:** narrativa que tem como objetivo provocar humor. É breve e pode se apresentar também na linguagem oral.
6. **Lenda:** história fictícia que se utiliza de lugares ou personagens reais. Mistura realidade e

fantasia. Seu registro escrito normalmente é precedido de uma tradição oral.

7. **Parábola:** narrativa alegórica. Texto cujo objetivo é veicular uma mensagem, um ensinamento, por meio de uma comparação ou analogia. É a versão da fábula com personagens humanas.

23.1.2.2. Os elementos da narração

No texto narrativo, não se deve deixar de lado a análise do aspecto temporal: os acontecimentos se sucedem na linha cronológica, existindo, portanto, uma relação de anterioridade e posterioridade, que acabam por compor uma história que nos é contada por um narrador. Tem-se assim a composição de três elementos:

AÇÕES X PERSONAGENS X NARRADOR.

23.1.2.2.1. As ações

As ações são relatadas numa narrativa obedecendo à seguinte ordenação:

1. **Introdução**

Apresenta a ideia-núcleo ou ideia principal, podendo surgir ideias secundárias. Representa um estado de harmonia inicial, de equilíbrio.

Ex.1: Texto 1

"O índio da Transamazônica todo dia passava pelas obras, com um menino nas mãos e um livro debaixo do braço."

2. **Desenvolvimento**

O fato narrativo propriamente dito (uma série de ações que levam os personagens a sofrerem diversas transformações). No desenvolvimento, observamos o enredo da história, a ocorrência da desarmonia. No desenrolar de uma narrativa, o(s) personagem(ns), em busca de soluções para a carência apresentada na introdução, passa(m) por uma série de transformações, que culminarão em um resultado final. Há nesse momento do texto, portanto, um conflito, um ponto extremo de tensão, que só será solucionado no desfecho da narração.

Exemplo: continuação Texto 1

"Um dia, o engenheiro perguntou a ele:

– *Onde vai com estes livros?*

– *Pra escola!*

O engenheiro ficou maravilhado!

– *Que coisa edificante ver um índio brasileiro levar uma criança para a escola.*

– *Não é criança, não. Quem vai à escola é índio mesmo*!"

Importante ressaltar que, no gênero narrativo, ao relatar as ações através de uma evolução cronológica, faz-se necessário o uso de verbos de ação que encadeiam os fatos ("A mulher foi passear na capital. Após um tempo, o marido dela recebeu um telegrama.") e de conectivos temporais, que organizam os fatos da narrativa, situando-os uns em relação aos outros. ("O crime ocorreu no domingo. Dias depois, os jornais já noticiavam.")

3. **Conclusão**

A conclusão pode ser ideia sucinta do fato narrado, um comentário pessoal do autor ou uma simples generalização. Representa também a resolução da carência, isto é, um resultado, sob a forma de uma melhora, de uma permanência ou de uma degradação do estado inicial. É o desfecho do texto, que tanto pode ser a volta ao equilíbrio inicial como o aparecimento de uma nova, uma outra situação de equilíbrio não apresentada no início do texto.

Ex.: fechamento Texto 1

– *Ah... que empolgante – falou o engenheiro. Aí, deu uma paradinha, uma pensadinha e perguntou: – E o menino?*

– *Ah! – falou o índio – menino é merenda!"*

23.1.2.2.2. Os personagens

Os personagens são elementos fundamentais na narrativa, possuindo cada um o seu papel para a evolução da história. Interessante observar que o vocábulo "personagem" se origina do grego (persona = máscara): é por meio dos personagens que o autor transmite as mensagens que deseja.

Há os personagens principais – o antagonista e o protagonista – e os secundários – constrói-se entre eles uma hierarquia de valor.

23.1.2.2.3. O narrador

O narrador é o organizador da história contada, podendo ser o próprio autor do texto narrativo ou até mesmo um personagem criado pelo autor. Contando a história para o leitor, ele poderá interferir no texto através de pronomes ("nós podemos concluir o que ela poderia estar

pensando...”), do uso do presente genérico (“sabíamos que ele poderia não estar dizendo a verdade”), comentários sobre o fato narrado (“descrevendo-a desta maneira, é fácil imaginar por que ele a amava”) ou até interpelando diretamente o leitor (“Preste atenção, minha cara leitora, a este artista que temos”). Podemos ainda caracterizar o narrador como o de primeira (“Já contei algumas vezes esta história”) ou de terceira pessoa (“A mulher estendeu-lhe a mão e sorriu”).

De uma forma prática, teríamos:

a) ***Narrador personagem****: é aquele que conta a história e dela participa. A história é contada em 1ª pessoa.*

Ex.: “Percebi que minha avó não me olhava. A princípio, achei inexplicável ela fizesse isso, pois costumava fitar-me, longamente, com uma ternura que incomodava. Tive raiva do que me parecia um capricho e, como represália, fui para a cama.”

b) ***Narrador observador****: caracteriza-se como o narrador que relata acontecimentos na qualidade de alguém que observa e transmite suas impressões ao leitor. Conta-se a história em 3ª pessoa.*

Ex.: “O menino pisou com o calcanhar a procissão de formigas atarantadas. Só então percebeu que lhe escorria do joelho esfolado um filete de sangue.”

c) ***Narrador onisciente****: é aquele que não só observa os acontecimentos, mas também sabe tudo sobre os personagens, inclusive seus sentimentos e pensamentos. A narração se desenrola em 3ª pessoa, mas muitas vezes a fala do narrador se mistura às dos personagens, o que caracteriza o discurso indireto livre.*

Ex.: “No fundo, Ana sempre tivera necessidade de sentir a raiz firme das coisas. E isso um lar lhe dera. Por caminhos tortos, viera a cair num destino de mulher, com a surpresa de nele caber como se o tivesse inventado. O homem com quem casara era verdadeiro, os filhos que tivera eram filhos verdadeiros. Sua juventude anterior parecia-lhe estranha como uma doença de vida.”

23.1.2.2.4. O narrador e os tipos de discurso

No texto narrativo, os personagens dialogam entre si, manifestando, assim, o seu discurso. Cabe ao narrador a reprodução desses discursos ao longo da narração. Assim, podemos citar três formas de reprodução do discurso alheio – **discurso direto, discurso indireto** e **discurso indireto livre**. A

seguir, a análise de cada um deles:

 Discurso direto

Nesse caso, o narrador reproduz as falas dos personagens por meio das próprias palavras deles. A reprodução do discurso ocorre como se o leitor ouvisse literalmente o que os personagens disseram.

Algumas marcas linguísticas são evidenciadas: uso dos dois pontos e travessão; aparecimento de verbos que anunciam a fala do personagem

("disse", "falou"...) – são os chamados verbos de elocução ou verbos dicendi e a presença de palavras que se vinculam à situação de produção textual em que se proferiu o discurso.

Ex.: "– O rio já encheu mais? – perguntou a *mãe*.

– Chi, ta um mar d'água! Qué vê, espia, – apontou o menino com o dedo para fora do rancho."

 Discurso indireto

Nesse tipo de discurso, o narrador reproduz as palavras dos personagens sem priorizar sua forma linguística e sim seu conteúdo. Aqui, o que se pretende não é reproduzir literalmente o que o personagem falou, mas reescrever tal fala por meio das palavras do narrador.

As marcas linguísticas desse tipo de discurso incluem também verbos que reproduzem as falas dos personagens ("dizer", "afirmar", "perguntar", "responder" etc.); a fala do narrador não é isolada por sinal de pontuação, mas por partículas introdutórias (normalmente, as conjunções integrantes que e se); os pronomes, os verbos e outros vocábulos da fala do personagem são substituídos por outros que se vinculem ao tempo em que se situa o narrador.

Ex.: "Assim que a encontrei, perguntei se nós poderíamos nos encontrar naquela noite."

 Discurso indireto livre

Essa é a forma mais sutil de se reproduzir a fala de um personagem – não *há* indicadores muito evidentes de limites entre a fala do narrador e a fala do personagem. Nesse caso, é preciso que o leitor pressuponha que aquelas palavras não pertencem ao narrador e sim a um personagem da narrativa. É o discurso que aproxima ambos, dando-nos a impressão de que falam em uma só voz.

Ex.: "Toda a fascinação da vida o golpeou, uma tão profunda delícia e gosto de viver, uma tão ardente e comovida saudade, que retesou os músculos do corpo, esticou as pernas, sentiu um leve

ardor nos olhos. Não quero morrer!”

Transposição do discurso direto para o indireto

Discurso direto	Discurso indireto
→ pronomes e flexão verbal em 1ª ou 2ª pessoa: – Quero dormir – disse a menina.	→ pronomes e flexão verbal em 3ª pessoa: A menina disse que queria dormir.
→ Tempos verbais (ordenados em relação ao momento da fala) a) Presente do Indicativo – A situação é a mesma – afirmou o policial.	→ Tempos verbais (em correlação com o tempo em que se situa o narrador) a) Pretérito Imperfeito O policial afirmou que a situação era a mesma.
b) Pretérito Perfeito – Tudo permaneceu com antes – lembrou o rapaz. c) Futuro do Presente – Tudo estará acabado em breve – sentenciou a mulher. d) Modo Imperativo – Não entre aí, disse a mãe.	b) Pretérito Mais-que-perfeito O rapaz lembrou que tudo permanecera como antes. c) Futuro do Pretérito A mulher sentenciou que tudo estaria acabado em pouco tempo. d) Modo Subjuntivo A mãe mandou que não entrasse ali.
→ Frases interrogativas diretas – Tudo bem aí? – perguntou a mulher.	→ Frases interrogativas indiretas A mulher perguntou se estava tudo bem ali.
→ Pronomes demonstrativos de 1ª e 2ª pessoa (esta/este/isto; esse/essa/isso) – Essa sua atitude não é educada – repreendeu o pai.	→ Pronomes demonstrativos de 3ª pessoa (aquele/aquela/aquilo) O pai lhe falou que aquela atitude não era educada.

23.1.3. A narração e os tempos verbais

Quanto aos tempos verbais, pode-se afirmar que nesse gênero de texto há predominância de verbos no pretérito perfeito, já que o que se pretende é relatar acontecimentos que ocorreram em um momento passado.

Ex.: “Tudo quieto, o primeiro cururu surgiu na margem, molhado, reluzente na semi-escuridão. Engoliu um mosquito; baixou a cabeçorra; tragou um cascudinho; mergulhou de novo, e bum-bum! Soou uma nota soturna do concerto interrompido.” (Lima, Jorge de. *Calunga; O anjo*.)

Nesse texto, o que se observa são ações no pretérito perfeito que se sucedem na linha do tempo – surgiu, engoliu, mergulhou, baixou, tragou, mergulhou, soou.

Entretanto, é comum também a presença da troca dos tempos verbais na narração – do pretérito perfeito para o presente do indicativo –, quando o que se pretende é aproximar os acontecimentos que ocorreram no passado do momento em que se os narra. É a utilização do *Presente do Indicativo* no lugar do *Pretérito Perfeito*.

Ex.: “A moça chega com sapatinho baixo, saia curta, cabelos lisos castanhos arrumados em rabo-

de-cavalo, sorri dentes branquinhos muito pequenos, como de primeira dentição, e fala o senhor me deixa telefonar? de maneira inescapável." (Ângelo, Ivan. Bar. – Adaptado)

De uma forma prática, pode-se observar na narração a articulação dos seguintes elementos:

1. Quem? → os personagens que se envolvem na trama.
2. Quê? → o enredo – os fatos em si, a trama, os acontecimentos.
3. Onde? → o local onde se desenvolve o enredo.
4. Quando? → o momento em que se desenrolou a trama.
5. Como? → a forma como se desenvolveram os acontecimentos.
6. Por quê? → as causas, os motivos que suscitaram os eventos.
7. Para quê? → possíveis finalidades, consequências desejadas pelos personagens da trama.

23.1.4. A narração e a descrição

Vale lembrar que é muito comum que a narração contenha aspectos descritivos. No texto narrativo, observa-se a presença constante não apenas da caracterização das cenas em que se desenrola a trama, mas também a qualificação dos personagens que dela participam.

Ex.: "Ouvi primeiro o ruído de cascos pisando a grama, mas continuei deitado de bruços na esteira que havia estendido ao lado da barraca. Senti nitidamente o cheiro acre muito próximo. Virei-me devagar, abri os olhos. O cavalo erguia-se interminável à minha frente. Em cima dele havia uma espingarda apontada para mim e atrás da espingarda um velhinho de chapéu de palha, que disse logo o seguinte:

– Filhos de uma puta." (Piroli, Wander. *Crítica da razão pura*.)

Neste trecho, que inicia uma narração, o que se percebe é o comprometimento inicial do autor em caracterizar não só a cena como também os personagens da história que se inicia.

23.1.5. A descrição

É a modalidade de texto que trata das características de uma pessoa, de um objeto, de uma paisagem ou de uma simples situação, em determinado período de tempo. Em uma modalidade abstrata, a descrição pode caracterizar sentimentos, sensações. É o tipo de texto que lida com detalhamentos, pormenores do elemento que retrata.

Ex.: "O amor estava de chambre verde, recostado na cama cheia de almofadas. As mãos branquíssimas descansando entrelaçadas na altura do peito. Ao lado, um livro aberto e cujo

título deixei para ler depois e não fiquei sabendo." (Telles, Lygia Fagundes. *A estrutura da bolha de sabão*.)

23.1.5.1. A passagem do tempo na descrição

Importante lembrar que se torna quase impossível desenvolver uma descrição pura, onde não apareçam trechos de narração ou até de dissertação. A descrição consiste não em fazer progredir uma história (tarefa da narração), mas em interrompê-la, detendo-se em um personagem, um objeto, um lugar etc. Na descrição, não existe relação de anterioridade e de posterioridade entre os enunciados, os movimentos ocorrem ao mesmo tempo, sem haver progressão de um estado a outro. As ações reproduzidas na descrição são simultâneas. Ao ocorrer progressão cronológica, tem-se o texto narrativo.

Ex.: "Cheguei em casa carregando a pasta cheia de papéis, relatórios, estudos, pesquisas, propostas, contratos. Minha mulher, jogando paciência na cama, um copo de uísque na mesa da cabeceira. (...) Os sons da casa: minha filha no quarto dela treinando empostação de voz, a música quadrafônica do quarto do meu filho. (...) A copeira servia à francesa, meus filhos tinham crescido, eu e a minha mulher estávamos gordos." (Fonseca, Rubem. *Passeio noturno*.)

O trecho inicia-se com uma narração – ações evoluindo em uma sequência cronológica ("Cheguei em casa..."). Entretanto, logo a seguir, o autor interrompe sua sequência narrativa para caracterizar uma cena – tem-se uma pausa na narração para um trecho descritivo. Na descrição, as ações são concomitantes ("minha mulher jogando paciência", "minha filha no quarto treinando empostação de voz", "a copeira servia à francesa").

23.1.5.2. Os tipos de descrição

Basicamente, o texto descritivo pode se voltar para objetos, assuntos científicos, seres humanos ou paisagens.

23.1.5.2.1. Descrição de objetos

Os objetos podem ser caracterizados de forma objetiva, com linguagem denotativa; ou de maneira subjetiva, com a intervenção do ponto de vista do observador.

Ex.:

- Descrição objetiva

“A cachorra Baleia estava para morrer. Tinha emagrecido, o pêlo caíra-lhe em vários pontos, as costelas avultavam num fundo róseo, onde manchas escuras supuravam e sangravam, cobertas de moscas. As chagas da boca e a inchação dos beiços dificultavam-lhe a comida e a bebida.” (Ramos, Graciliano. *Baleia*.)

 Descrição subjetiva

“Se me falam em virtude, em moralidade ou imoralidade, em condutas, enfim, em tudo que se relacione com o bem e o mal, eu vejo Mamãe em minha ideia. Mamãe – não. O pescoço de Mamãe a sua garganta branca e tremente, quando gozava a sua risadinha como quem bebe café no pires. (...) Ela não se pintava nunca, mas não sei como fazia para ficar com aquela lisura de louça lavada. Nela, até a transpiração era como vidraça molhada: escorregadia, mas não suja.” (Queiroz, Dinah Silveira de. *A moralista*.)

23.1.5.2.2. Descrição de fatos científicos

Nesse tipo de descrição, podemos inserir a descrição de fato da ciência, em que o objeto retratado caracteriza-se como do âmbito científico. Aqui, o objetivo maior do observador é o de informar o leitor sobre as características do elemento descrito. O discurso científico destaca o conteúdo das informações feitas, não priorizando, portanto, a subjetividade daquele que produz o texto.

Ex.: “Genoma é o conjunto simples de cromossomos de uma célula (cariótipo). É o conjunto formado por apenas um cromossomo de cada tipo, na espécie estudada. No ser humano o genoma é constituído de 23 cromossomos diferentes.”

23.1.5.2.3. Descrição de seres humanos

Nesse caso, o tema-núcleo da descrição é uma pessoa. Nesse texto descritivo, o autor pode tanto se voltar para os aspectos físicos do ser retratado, como para suas características psicológicas, psíquicas.

Ex.: “A família foi pouco a pouco chegando. Os que vieram de Olaria estavam muito bem vestidos porque a visita significava ao mesmo tempo um passeio a Copacabana. A nora de Olaria apareceu de azul-marinho, com enfeites de paetês e um drapejado disfarçando a barriga sem cinta. O marido não veio por razões óbvias – não queria ver os irmãos. Mas mandara sua

mulher para que nem todos os laços fossem cortados – e esta vinha com o seu melhor vestido para mostrar que não precisava de nenhum deles, acompanhada dos três filhos: duas meninas já de peito nascendo, infantilizadas em babados cor-de-rosa e anáguas engomadas, e o menino acovardado pelo terno novo e pela gravata." (Lispector, Clarice. *Feliz Aniversário*.)

23.1.5.2.4. Descrição de paisagens

Ao descrever paisagens, o autor tanto pode ter a simples intenção de localizar o leitor em relação ao espaço em que se desenvolve o texto narrativo, como pode pretender seduzir o leitor sobre as qualidades da paisagem observada, com o intuito de apresentar seu julgamento sobre o espaço retratado. A descrição pode ser panorâmica, abrangente ou pode se ater a detalhamentos, pormenores do seu tema-núcleo.

Ex.: "Agradável na manhã seguinte o percurso numa rodovia que não era de seu tempo. Ônibus e caminhões escureciam as estradas de poeira. Ao pé de uma serra calcárea,que conhecera intacta, as chaminés de uma fábrica de cimento emitiam rolos de uma fumaça escura. Mais adiante, os fornos de uma siderúrgica." (Machado, Aníbal. *Viagem aos seios de Duília*.)

23.1.6. A dissertação

Aquilo que chamamos didaticamente de dissertação consiste na exposição de ideias, razões. Se, por um lado, na descrição e narração predominam termos concretos, que se referem a pessoas do mundo, ao menos presumidamente, real, na dissertação, predominam os conceitos abstratos, muitas vezes fora das esferas do tempo e do espaço. Não há, portanto, em princípio, uma progressão temporal entre os enunciados, mas relações de natureza lógica (causa e efeito, uma premissa e uma conclusão...).

Em textos de concursos públicos, costuma-se subdividir os textos dissertativos em duas modalidades – o texto dissertativo expositivo e o texto dissertativo opinativo-argumentativo. O primeiro tem por objetivo discutir um assunto, expor o que se sabe sobre ele sem defesa de ponto de vista do autor. Já a segunda modalidade tem como meta a persuasão, o convencimento – neste tipo de texto o autor utiliza estratégias argumentativas que visam defender sua tese.

23.1.6.1. O texto dissertativo expositivo

É o texto que expõe ideias, explana, discute, revela o que o autor sabe sobre determinado assunto. Sua linguagem é objetiva, clara, impessoal. Traz abordagem abrangente sobre um tema,

permitindo que o leitor desenvolva sua própria opinião sobre o assunto. Nesse texto, o autor não manifesta, ao menos explicitamente, suas opiniões sobre o tema tratado. Ainda que em alguns momentos do texto ele opine, sua intenção não é defender seu ponto de vista sobre o tema em questão.

Ex.*:* Desde o final do século XV, com a invenção de novos equipamentos de navegação e as grandes descobertas, a Globalização se espalhou por todo o planeta, ao mesmo tempo em que aumentava a influência européia no mundo. No século XIX, o telégrafo submarino reduziu o tempo com que as informações, as ordens e as diversas decisões importantes chegavam a diversos lugares do mundo – em pontos específicos, em quantidades limitadas e com alguma defasagem de tempo. (Buarque, Cristovam. *Admirável mundo atual* – Adaptado)

Como se vê, nesse tipo de texto, o autor expõe aquilo que sabe sobre determinado assunto, sem a preocupação de julgar, emitir opinião em relação ao assunto sobre o qual discorre.

Há textos expositivos que apresentam informações sobre um objeto ou fato específico, sua descrição, a enumeração de suas características, com o objetivo de aumentar o conhecimento do leitor sobre determinado assunto. É o texto informativo. Com linguagem objetiva e impessoal, este tipo de texto pressupõe acréscimo de informação para quem o lê. O texto dissertativo informativo é o tipo de texto que procura tratar de assunto de interesse do leitor e busca a novidade – algo que, ao menos presumidamente, seja desconhecido do público ao qual é veiculado.

Ex.: "Recente documento, elaborado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) revela que o Brasil é um país mergulhado na sujeira: metade dos municípios não têm serviço de esgoto sanitário, 70% do lixo das cidades são jogados em lixões e alagados (rios, lagos, mar, etc.) e apenas poucos municípios fazem coleta seletiva de lixo."

Nesse caso, o objetivo do texto é aumentar o número de informações do leitor sobre o assunto do lixo. Por meio de dados estatísticos e exemplos e de uma linguagem objetiva, o autor atinge seu objetivo – apresentar possíveis novidades ao seu leitor.

23.1.6.2. O texto dissertativo opinativo

Também chamado de argumentativo. Esse texto difere do dissertativo expositivo, pois, além de expor o que se sabe sobre um assunto – e, muitas vezes, também informar –, o texto dissertativo argumentativo tem por finalidade principal persuadir o leitor sobre determinado assunto, modificar

seu comportamento.

Ex.: "Viver 'plugado' a uma corrente de pessoas e informações pode ser divertido e útil. Mas agride o que o ser humano tem de melhor e mais insubstituível: o seu gosto, o seu erro, a sua miséria e sua glória."

Aqui, o autor emite sua opinião, por meio do auxílio de adjetivos com valor subjetivo ("melhor", "insubstituível"). Assim, a mensagem transmitida ao autor deixa de ser fato, para ser julgamento – característica do texto opinativo.

Muitas vezes, o autor, com o intuito de transparecer seu posicionamento, utiliza-se de algumas marcas linguísticas capazes de persuadir o leitor, tais como verbos na 1ª pessoa do singular ou plural e expressões de modalidade – os modalizadores (vocábulos indicativos da opinião do autor). É o que se observa no seguinte texto:

"O dever do Estado é proteger a propriedade de todos da sanha de cada um e a propriedade de cada um da sanha de todos. A pichação dos bens públicos ou particulares viola ambos os princípios e, portanto, é dever da autoridade competente tomar medidas coercitivas. Eu, como milhões de cidadãos, gosto de ver a minha cidade limpa. Faço minha parte, de um lado mantendo meu muro pintado e de outro pagando impostos para que a Prefeitura faça o mesmo com os nossos monumentos. Se os pichadores têm seus "direitos" de expressarem-se livremente, eu também tenho os meus de querer minha cidade em ordem e bonita. Com uma diferença: eu pago impostos para exercer a minha cidadania e eles, tão-somente, adquirem uma lata de aerossol."

Por meio de pronomes da 1ª pessoa do singular ("Eu", "minha", "meu") ou da 1ª pessoa do plural ("nossos"), aquele que redige emite seu juízo de valor acerca do assunto abordado. Além disso, expressões, como "viola", "faço minha parte", "cidade em ordem e bonita", demonstram comprometimento com o assunto retratado – são os modalizadores textuais. Assim, todos esses recursos estão sendo utilizados a favor de um único objetivo: o de o autor demonstrar a validade de seus argumentos, de suas opiniões sobre o tema discutido.

23.1.6.3. A estruturação argumentativa

Ao argumentarmos, expomos o assunto de modo pessoal (nosso ponto de vista ou tese), podendo também utilizar outros pontos de vista a respeito do mesmo tema (ideia principal). Assim, no intuito

de defendermos nossa tese, oferecemos argumentos que a apoiem. Para isso, estruturamos nossas ideias em uma sequência lógica, progressiva e correta.

Um plano de dissertação deve conter três partes: introdução, desenvolvimento e conclusão. A seguir, uma análise dos segmentos que constituem uma dissertação.

1. **Introdução**

Inicialmente se faz a introdução, que determinará o desenrolar do desenvolvimento. É neste momento em que se apresenta o tema a ser discutido, a ideia-núcleo ou ideia principal, a tese.

2. **Desenvolvimento**

Na segunda fase do texto argumentativo, faz-se a análise crítica dos argumentos usados de apoio para sua tese. Cada argumento é exposto em um parágrafo próprio. Dois a três parágrafos é o padrão do desenvolvimento de um texto argumentativo. Ao argumento que normalmente inicia o parágrafo de desenvolvimento dá-se o nome de **tópico frasal**.

Inicia-se, portanto, cada parágrafo do desenvolvimento com o que denominamos de tópico frasal – que se constitui na ideia que irá direcionar o parágrafo, sendo, portanto, sua base. A seguir, desenvolve-se a discussão iniciada pelo tópico frasal, na qual são utilizados diversos recursos que servirão de apoio para o argumento defendido – exemplos, comparações, narrativas, descrições, opiniões próprias – de forma coerente e organizada.

3. **Conclusão**

O parágrafo final é reservado à conclusão, na qual o autor retoma a ideia-núcleo, reescrevendo-a e acrescentado-lhe, em geral, um juízo crítico, de forma a enriquecer os argumentos defendidos. É o momento em que o autor opina, critica e, muitas vezes, oferece soluções concretas ao problema discutido ao longo da argumentação.

Ex.: *Texto retirado de uma prova elaborada pela Cespe/UnB* para análise de um texto argumentativo.

O leitor é personagem da modernidade, produto da sociedade burguesa e capitalista, livre dos laços de dependência da aristocracia feudal e do estreitamento corporativista das ligas medievais. A emancipação do leitor encena, de certo modo, o processo de libertação de que se originou a sociedade moderna. <u>Nesse sentido, narrar a formação da leitura no Brasil significa também narrar,</u>

sob esse viés, a história da modernização de nossa sociedade.

Vários fatores criaram o espaço social necessário para transformar certo número de pessoas associadas a certas práticas sociais em leitores: o individualismo da sociedade burguesa, a visão de mundo antropocêntrica estimulada pela Renascença e difundida pela filosofia humanista, o progresso tecnológico que facultou o desenvolvimento da imprensa, a expansão da escola e do pensamento pedagógico apoiado na alfabetização, o fortalecimento de instituições culturais como as universidades, as bibliotecas e as academias de escritores.

Disso resultaram duas noções: de um lado, a noção de público, massa coletiva e anônima que, não obstante o anonimato, pode ter vontade própria e direção definida, incidindo em linhas de ação que a literatura, em parte ou no todo, acata ou não; de outro, a noção de leitor, indivíduo habilitado à leitura, com preferências demarcadas, figura que o escritor busca seduzir, lançando mão de técnicas e de artifícios contabilizados pela crítica e história da literatura.

Mesmo sendo presença suficientemente poderosa para influenciar os mecanismos literários, o leitor não se mostra figura unidimensional nem unidirecional. E exatamente o que é fugidio em sua história desdobra-se nos ângulos diferenciados que o leitor e a leitura foram assumindo ao longo do tempo.

Não que a leitura seja prática sólida no Brasil; nem que as instituições culturais e pedagógicas encarregadas de sua difusão tenham consistência ou estejam a salvo de críticas que, desde o século XIX, a elas são dirigidas. Desde a separação de Portugal,reclama-se (e com razão) uma atuação mais positiva e competente do Estado, no sentido de melhorar a educação e a cultura do país; nada indica que hoje essas reivindicações tenham perdido legitimidade e razão de ser.

Marisa Dajolo e Regina Zilberman. A formação da leitura no Brasil.
São Paulo: Ática, 1998, p. 9-10 (com adaptações)

– ***Introdução com apresentação do tema****: o objetivo das autoras é discorrer sobre a formação da leitura brasileira sob um viés cronológico – a história da modernização da sociedade no Brasil.*

– ***1º parágrafo de desenvolvimento****: as autoras se propõem a discorrer sobre as causas que contribuíram para a formação dos leitores. O parágrafo segue a estruturação padrão: apresenta-se o tópico frasal logo no início para, na sequência, desenvolvê-lo.*

– ***2º parágrafo de desenvolvimento****: já no início do parágrafo, depreende-se seu tópico frasal*

– o objetivo é apresentar as consequências, as noções que resultaram dos fatores explicitados no parágrafo anterior.

– ***3º parágrafo de desenvolvimento**: as autoras iniciam o parágrafo utilizando-se de um recurso coesivo ("mesmo sendo presença suficientemente poderosa para influenciar os mecanismos literários"), por meio do qual ele retoma o parágrafo anterior. Logo a seguir, apresenta-se o tópico frasal que originou o parágrafo: "o leitor não é figura unidimensional nem unidirecional", que será desenvolvido posteriormente.*

– ***Conclusão do texto**: aqui, as autoras retomam o tema do texto – a formação dos leitores no contexto brasileiro, veiculando seu ponto de vista acerca do assunto ("reclama-se e com razão uma atuação mais positiva e competente do Estado"). É a conclusão também o momento de se apresentarem sugestões acerca do tema discutido – "no sentido de melhorar a educação e a cultura do país".*

A argumentação caracteriza-se como um procedimento do autor para fazer o leitor aderir às suas teses defendidas em um texto. Ao argumentarmos, construímos ideias, justificamo-las ordenando-as, buscando também seduzir o leitor, dirigindo os argumentos de modo a atingir nossa meta de persuasão.

Eis algumas características do texto argumentativo:

1. *O texto dissertativo argumentativo volta-se para uma única ideia, que é a tese do texto. Tudo o que se afirma ao longo da argumentação se volta para essa ideia.*
2. *O bom texto argumentativo evita a redundância. Todos os argumentos devem ser variados, entretanto, devem se voltar para o tema central, buscando, assim, a variedade, sem fugir do objeto da argumentação.*
3. *Um bom recurso que normalmente é explorado pelo argumentador para conferir maior veracidade ao seu texto é a utilização de citações autorizadas de outros escritores, que tratem do mesmo tema.*
4. *É comum encontrar no texto argumentativo a utilização de relações de causa e efeito para as afirmações produzidas, estabelecendo uma correlação lógica entre os fatos.*
5. *O bom texto argumentativo é coeso, com cada uma de suas partes amarradas em torno de*

um tema central, e coerente, com articulação lógica entre seus segmentos.

6 . *O uso de exemplos é estratégia comumente utilizada pelo argumentador e confere confiabilidade ao que se lê, na medida em que concretiza as ideias, em geral abstratas, expostas na argumentação.*

23.1.6.4. Outras modalidades do texto dissertativo

Além dos textos dissertativos expositivos e opinativos, observam-se nas provas outras modalidades de textos. Entre elas, podemos citar as seguintes:

23.1.6.4.1. Texto didático

É aquele que transmite conhecimentos com o objetivo de ensinar. Apresenta riqueza de detalhes e utiliza linguagem clara e objetiva. São os livros escolares, os textos de congressos.

Ex.: "A entrevista consiste em inquirir tecnicamente, de forma hábil, dentro de um plano e sequência previamente estudados, levando o interrogado ou entrevistado a se pronunciar sobre aquilo que desejamos saber e a emitir sua opinião, muitas vezes sem que formulemos a pergunta diretamente. É a maneira racional de levar alguém a fornecer os informes e as informações que possui em determinada área.

É uma técnica de comunicação direta entre duas pessoas que possuem alguns interesses em comum. Forma de pesquisa realizada através de diálogo estudado e preparado dentro de um plano e sequência previamente analisados, levando, sutilmente, o entrevistado a se manifestar sobre assuntos de seu conhecimento." (Nogueira, A. *Processamento da entrevista*.)

Como se pode observar, o texto didático apresenta definições, detalhes do tema tratado. Nesse caso, o que o autor pretende é que o leitor aprenda a realizar uma entrevista.

23.1.6.4.2. Texto preditivo

É o texto que se utiliza de deduções com base em informações prévias. O texto preditivo lida com probabilidades, não com certezas. São as previsões meteorológicas, os textos de astrologia, as previsões na economia.

Ex.: "Noventa e sete por cento das espécies vivas, 80.000 proteínas produzidas pelo corpo e bilhões de galáxias ainda não foram identificados. Quase nada sabemos da natureza do Universo, da origem da Vida, do funcionamento dos climas, do desenvolvimento do embrião e do cérebro.

Provavelmente não se descobrirá ainda no século XXI de onde surgiu o Universo, nem como começou a vida na Terra, nem como o cérebro engendra o pensamento e a consciência, nem se outras formas de vida existem em outros lugares. Em compensação, outras questões que hoje não são formuladas serão resolvidas, pois se descobrirá que certas respostas consideradas definitivas estavam totalmente equivocadas."

Aqui, o autor parte de dados sobre o assunto – "Noventa e sete por cento das espécies vivas, 80.000 proteínas produzidas pelo corpo e bilhões de galáxias" – para, na sequência, estabelecer um discurso preditivo – "... pois se descobrirá que certas respostas consideradas definitivas estavam totalmente equivocadas". Eis a marca do texto preditivo: informação aliada a previsão.

23.1.6.4.3. Texto polêmico

Neste texto, o objetivo do autor é demonstrar ao leitor mais de um ponto de vista sobre um assunto, mesmo que em alguns textos se observe claramente a opinião do autor. O texto polêmico permite ao leitor o contato com mais de um posicionamento sobre o tema explorado, o que normalmente não ocorre no texto argumentativo.

Ex.: "O budismo faz tanto sucesso no Ocidente porque possui características que correspondem às tendências da pós-modernidade neoliberal. Num mundo em que muitas religiões se sustentam em estruturas autoritárias e apresentam desvios fundamentalistas, o budismo apresenta-se como uma não religião, uma filosofia de vida que não possui hierarquias, estruturas nem códigos canônicos. No budismo não há a ideia de Deus, nem de pecado. Centrado no indivíduo e baseado na prática da yoga e da meditação, o budismo não exige compromissos sociais de seus adeptos, nem submissão a uma comunidade ou crença em verdades reveladas. Há, contudo, muitos budistas engajados em lutas sociais e políticas. Nessa cultura do elixir da eterna juventude, em que o envelhecimento e morte são encarados, não como destinos, mas como fatalidades, o budismo oferece a crença na reencarnação." (Betto, Frei. Por que o Budismo encanta o Ocidente?)

Ainda que o autor emita seu juízo de valor ao longo do texto, seu objetivo é contrapor o budismo às outras religiões, utilizando-se de uma comparação baseada no contraste entre as características de ambos os elementos.

23.1.6.4.4. Texto injuntivo

É o texto que exprime instruções ao leitor com a finalidade de que ele execute ou não determinada tarefa. Apresenta normalmente verbos no imperativo e pressupõe uma ação por parte do interlocutor.

Ex.: "Quer manter a postura sempre perfeita? De manhã, antes de se vestir, amarre um fio de linha em volta da cintura, sem deixar folga. Ele não deve apertar, mas precisa estar justo. Ao longo do dia, ao sentir a presença do fio, coloque a barriga para dentro e endireite as costas."

Esse texto é retirado de uma revista sobre saúde e bem-estar. Logo no início, apresenta-se o tema – a busca de uma postura perfeita. Na sequência, enumeram-se ações que deverão ser realizadas pelo leitor ("amarre", "coloque", "endireite"). Tem-se, portanto, o perfil do texto injuntivo – apresentar instruções, em uma linguagem imperativa, que pressupõe consequentes ações por parte do leitor.

23.1.7. Tipologia textual – esquema

Quanto às modalidades textuais e os diferentes tipos de textos, podemos sistematizar as seguintes características:

23.1.7.1. Modos de texto: estrutura/organização do texto

Narrativo	Relatar acontecimentos.	SIM. Antes e depois. Marca fundamental.	Verbos de ação. Conectores temporais.
Descritivo	Caracterizar, qualificar cenas, personagens etc.	NÃO. Tempo congela. Fatos ocorrem ao mesmo tempo.	Substantivos. Adjetivos.
Dissertativo	Discutir, abstrair, discorrer, conceituar. Não descrever.	Não é relevante.	Relações de subordinação. (Causa e Efeito). Aparecimento de testemunhos de autoridade, dados estatísticos, exemplos.

23.1.7.2. Tipos de textos: finalidade do texto

1. **Informativo:** Informar, veicular conhecimento que o leitor desconhece. É mais específico do que expositivo. Exs.: jornal, bula de remédio, etc. Tem por marcas linguísticas frequentes a clareza e a precisão. Procura meios de atrair a atenção do leitor para o que é veiculado. Traz implícita a ideia de que o conteúdo do texto é de interesse dos leitores.
2. **Didático:** Ensinar, também são informações que o leitor desconhece. Ex.: livros didáticos.
3. **Expositivo:** Expõe o que se sabe, sem opinar. Ex.: questões discursivas em concursos

públicos.

4. **Opinativo:** Também chamado de **Argumentativo**. Diferente do expositivo. Há a colocação da opinião do autor. Ex.: os editoriais dos jornais.
5. **Polêmico:** Neste texto aparecem, ao menos, dois pontos de vista sobre um assunto. Ex.: artigos que tratam de temas polêmicos – aborto, o sistema de reserva de quotas para negros nas universidades etc.
6. **Injuntivo:** Tem por objetivo instruir em vista de uma ação. Ex.: manuais.

23.1.8. Enunciados de tipologia textual

A seguir, os enunciados mais comuns de provas de concursos públicos sobre o assunto:

"O texto deve ser classificado de forma mais adequada..."; "Os textos narrativos/ informativos/ didáticos caracterizam-se por..."; "O texto lido poderia ser classificado como..."; "Quanto ao modo de organização do discurso, pode-se afirmar que o texto lido é..."; "O texto lido deve ser considerado prioritariamente como..."; "A finalidade principal desse texto é a de..."; "O objeto maior do texto é...", entre outros.

23.2. EXEMPLOS COMENTADOS

I. Reconheça o tipo de discurso das frases a seguir.

1. Tô morrendo de fome, disse Pereba.

   Resposta: Discurso direto.

2. – Você é menor e eles estão precisando evitar escândalos.

   Resposta: Discurso direto.

3. Perguntei se tudo estava solucionado.

   Resposta: Discurso indireto.

4. Mande que todos se comportem de forma adequada.

   Resposta: Discurso indireto.

5. Para mim esta é a melhor hora do dia – Ema disse, voltando do quarto dos meninos. – Com as crianças na cama, a casa fica tão sossegada.

   Resposta: Discurso direto.

6. Bárbara estranhou a amiga. O que está se passando nessa cabecinha?

Resposta: Discurso indireto livre.

7. "É força de expressão, sua boba. O dia acaba quando eu vou dormir, isto é, o dia tem vinte e quatro horas e a semana tem sete dias, não está certo?"

Resposta: Discurso direto.

8. Gritou, se ajoelhou e se pôs a chorar – macaco é quase como gente – a mulher implorando que não maltratasse o bicho.

Resposta: Discurso direto.

II. Faça transposição do discurso direto para o indireto e vice-versa.

1. Entre imediatamente – gritei sem paciência.

Resposta: Ordenei que entrasse imediatamente.

2. O que você quer para o café?

Resposta: Perguntei o que ele(a) queria para o café.

3. Disse-lhe que naquele momento aquela conversa não me interessava.

Resposta: Nesse momento, essa conversa não me interessa – eu disse.

4. A governanta perguntou se o casal voltaria para o jantar.

Resposta: *Vocês voltarão para o jantar*? – perguntou a *governanta ao casal*.

5. A nossa reunião se reduziu a dois minutos de diálogo – reclamou o estagiário.

Resposta: O estagiário lamentou que sua reunião se reduzira a dois minutos de diálogo.

6. Mande que as crianças entrem imediatamente.

Resposta: "Entrem imediatamente!"

7. Eu me chamo João. E você?

Resposta: Disse que meu nome era João e perguntei o seu nome.

8. O professor pediu que o aluno anotasse todas as suas dúvidas.

Resposta: Anote todas as suas dúvidas – o professor disse ao aluno.

III. Analise os trechos a seguir, classificando-os quanto ao modo de organização do discurso (NARRAÇÃO, DESCRIÇÃO, DISSERTAÇÃO).

1. *Na manhã seguinte o seu primeiro desejo foi voltar à casa; mas não teve coragem; via o rosto colérico da mãe, faces contraídas, narinas dilatadas pelo ódio, o olho direito saliente, a penetrar-lhe até o fundo do coração.*

   Comentários: O autor começa o seu texto por uma narração, mas logo em seguida se atém à descrição, objetivo maior do texto. Predominância de caracterizações (faces contraídas, narinas dilatadas pelo ódio).

   Resposta: texto descritivo.

2. *Uma das maiores manifestações linguísticas na fronteira entre os séculos XX e XXI é a ideia de globalização como um processo de internacionalização. O fato é que existe um vasto mercado para exportação na América do Sul que não pode ser desconsiderado. Politicamente, esse é o mercado do Brasil, e o Brasil é o mercado para sua viabilização.*

   Comentários: O autor deixa clara a sua intenção de discutir um assunto – a globalização.

   Resposta: texto dissertativo.

3. *"No Antigo Egito, o gato foi honrado e enaltecido. Sendo considerado como um animal santo. Nesta mesma época, a gata transformou-se na representação da deusa Bastef, fêmea do deus sol Rá. [...] Na Europa, o gato se desenvolveu com as conquistas romanas. Ele foi admirado por sua beleza e dupla personalidade (ora um selvagem independente, ora um animal doce e afável), e apreciado ainda no século XI quando o rato negro invadiu a Europa. No século XII desenvolveram-se as superstições e o gato passou de criatura adorada a infernal, associada aos cultos pagãos e a feitiçaria. A Igreja lhe virou as costas. [...] No Século XVIII ele voltou majestoso e em perfeito acordo com os poetas, pintores e escritores que prestam homenagem à sua graça e à beleza de seu corpo."*

   Comentários: O autor discute um assunto – as relações comerciais entre o Brasil e o restante da América do Sul.

   Resposta: texto dissertativo.

4. *Há poucos dias, assistindo a um desses debates universitários que a gente pensa que não vão*

dar em nada, ouvi um raciocínio que não me saiu mais da cabeça. Ouvi-o de um professor – um professor brilhante, é bom que se diga.

Comentários: O conector temporal – há poucos dias –, além da presença de verbos no pretérito perfeito (ouvi, saiu) indicam que o autor pretende relatar acontecimentos. Entretanto, com a caracterização do professor (um professor brilhante) percebe-se a presença de características descritivas no texto.

Resposta: texto narrativo, com aspectos descritivos.

5 . *Vários historiadores têm procurado entender a originalidade da monarquia brasileira vinculando-a à chegada da família real ao Brasil em 1808. De fato, é no mínimo inusitado pensar numa colônia sediando a capital de um império.*

Comentários: O autor anuncia a análise de um tema: a originalidade da monarquia brasileira. Trata-se, portanto, de discussão, dissertação.

Resposta: texto dissertativo.

6. *"Para um modesto país de Terceiro Mundo, temos algumas realizações na tecnologia. Nossos aviões voltam a vender bem. Há ônibus da empresa brasileira Marcopolo rodando em Washington. O último número da revista Shooting Times mostra uma nova pistola Taurus que vai dar trabalho aos concorrentes. Exportamos insulina. Continuamos a exportar máquinas-ferramentas e agora exportamos parte da programação de robôs da Brown Boveri. Provavelmente construiremos com êxito algum pedacinho da nova estação espacial (quem sabe, a churrasqueira). Tudo isso vai na direção certa, mas precisamos de mais. E, acima de tudo, não podemos esmorecer nesse esforço de inventar modas, tão próximas quanto possível da fronteira tecnológica. Mas quando focalizamos a tecnologia do cotidiano descobrimos que a situação é calamitosa. O botão salta da camisa. A calça encolhe ou desbota. A saia justa rasga, o tijolo esfarinha na mão, a torneira vaza e a laje infiltra. A água limpa mareja no meio da parede, a água usada não vai a lugar nenhum. A fechadura trava. O fio dá choque. A cadeira desaba, o verniz se desgasta. O pastel dá dor de barriga. E o maldito envelope não fecha com a cola que vem de fábrica. [...] É preciso que se ponha inteligência e atenção na tecnologia do cotidiano. É essa tecnologia que permite aumentar a qualidade de vida do povão. Temos um*

programa espacial. Quando tentamos, a coisa anda. [...]"

Comentários: Observa-se como intenção maior do texto a defesa de um julgamento do autor: "é preciso que se ponha inteligência e atenção na tecnologia do cotidiano." E para a defesa de sua tese, o autor se utiliza de caracterizações da nossa rotina (O botão salta da camisa, a saia justa rasga, a cadeira desaba), o que confere ao texto aspectos descritivos.

Resposta: texto dissertativo, com características descritivas.

7. *Toda interação pressupõe uma relação de reciprocidade, uma relação mútua entre dois ou mais objetos, entre duas ou mais pessoas. Multiplicam-se, atualmente, os programas interativos nos espetáculos de variedades da TV, surgem os primeiros filmes e as primeiras peças de teatro interativas, exigindo do espectador uma atitude crítica ao lidar com as diversas questões apresentadas e uma postura mais ativa ao intervir no desdobramento do que é visto nas telas, nos palcos e nos salões.*

Comentários: O autor se propõe a defender uma tese – a multiplicidade de relações que a arte pode estabelecer. E, para defender sua tese, utiliza-se da exposição de exemplos de manifestações artísticas, o que garante ao texto características descritivas.

Resposta: texto dissertativo, com aspectos descritivos.

8. *Tente imaginar esta cena: homens, animais e florestas convivendo em harmonia. Os homens retiram das plantas apenas os frutos necessários e cuidam para que elas continuem frutificando; não matam animais sem motivo, não sujam as águas de seus rios e não enchem de fumaça seu ar. Em outras palavras: as relações entre os seres vivos e o ambiente em que vivem, bem como as influências que uns exercem sobre os outros, estão em equilíbrio. (...)*

Comentários: O objetivo do autor é de fato caracterizar uma cena, como ele mesmo propõe no início do texto. Por meio de suas impressões (Os homens retiram das plantas apenas os frutos necessários, não sujam as águas de seus rios), fica evidente sua intenção de descrição. Deve-se atentar ao fato de que as ações que ocorrem são simultâneas, daí não podermos considerar esse texto narrativo.

Resposta: texto descritivo.

9. *Uma ideia muito difundida atualmente é a associação da violência à pobreza. Justificando ou*

acusando, acredita-se que são as pessoas mais pobres que praticam os crimes, elas são os suspeitos em potencial. Tal associação revela a concepção de criminalidade e os mecanismos de criminalização presentes na nossa sociedade. É esse o assunto que vamos discutir agora.

Comentários: O autor abstrai, trata de ideias, conceitos (a associação da violência à pobreza). Vale observar que ao final do trecho, o próprio autor deixa evidente sua intenção de dissertar, ao anunciar: É esse o assunto que vamos discutir agora.

Resposta: texto dissertativo.

10. *"Durante os piores momentos do apartheid, a África do Sul teve uma única moeda, tanto para os brancos como para os negros. O Brasil, durante algumas décadas, teve duas moedas, uma para os pobres e outra para os ricos e pessoas de classe média. A primeira desvalorizava enquanto a outra era corrigida diariamente. A correção monetária é um monumento à brutalidade da elite brasileira, capaz de imaginar com genialidade a possibilidade de uma nação ter duas moedas, separando suas classes sociais. Graças a ela, sucessivos governos puderam investir mais do que arrecadavam em subsídios para investimentos, exportações, infraestrutura, provocando inflação e jogando o seu peso concentrado sobre a parcela pobre que não tinha acesso aos mecanismos de correção da poupança ou do salário."*

Comentários: O autor inicia seu texto por uma narração entremeada de descrições ("Durante os piores momentos do apartheid, a África do Sul teve uma única moeda, tanto para os brancos como para os negros. O Brasil, durante algumas décadas, teve duas moedas, uma para os pobres e outra para os ricos e pessoas de classe média. A primeira desvalorizava enquanto a outra era corrigida diariamente"). Entretanto, logo a seguir deixa claro que sua intenção é a de defender a tese de que "A correção monetária é um monumento à brutalidade da elite brasileira". Daí, poder-se afirmar que a narração inicial serviu apenas como ponto de partida para a discussão que iria se desenrolar no texto.

Resposta: texto dissertativo, com aspectos narrativos/descritivos.

11. *"Como uma ilha azul que se avista a distância, pouco a pouco ela ia ganhando contorno e detalhes, e, já próxima, revelava formas originais e intrigantes – a silhueta elegante, forte, que eu já vira outras vezes. Um certo ar de quem percorreu grandes distâncias em paz, e marcas de*

beleza que só as viagens e o tempo trazem. Não era íntima conhecida mas uma paixão que me perseguia havia um bom tempo. A escuna azul, um veleiro viajante de dois mastros que de tempos em tempos aparecia no Brasil, e que eu nunca deixava escapar sem uma pequena abordagem. Rapa Nui, nome polinésio da Ilha da Páscoa, lindo nome para um barco azul e cheio de histórias."

Comentários: Observa-se que o autor tem como objetivo textual a caracterização de um barco. Por meio de muitos substantivos e adjetivos ("A escuna azul, uma espécie de máquina de viajar por mar, lindo nome para um barco azul e cheio de histórias"), o texto gira em torno de uma única intenção – a de qualificar, caracterizar um objeto.

Resposta: texto descritivo.

12. *"A exigência da perfeição física para as modelos profissionais é apenas o sintoma mais visível de uma ansiedade que também massacra a mulher e o homem comuns. Para onde quer que se olhe – televisão, publicidade, revistas femininas –, a pessoa vê rostos perfeitos e corpos deslumbrantes, magros e nos lugares certos. Nem na rua a dona-de-casa pode andar em paz. Do alto dos outdoors, moças e rapazes impecáveis estão olhando para ela. Pouco a pouco cria-se um sentimento de insatisfação com o próprio corpo. [...] Não espanta que 90% das mulheres e 60% dos homens se confessem tão aborrecidos com o rosto ou o corpo que não hesitariam em recorrer a uma cirurgia embelezadora."*

Comentários: Ainda que o texto apresente descrições ("rostos perfeitos e corpos deslumbrantes, magros e nos lugares certos"), constata-se que seu objetivo maior foi o de discutir um assunto, claramente delineado no início do texto – "A exigência da perfeição física para as modelos profissionais é apenas o sintoma mais visível de uma ansiedade que também massacra a mulher e o homem comuns".

Resposta: texto dissertativo, com aspectos descritivos.

13. *Na manhã seguinte o seu primeiro desejo foi voltar à casa; mas não teve coragem; via o rosto colérico da mãe, faces contraídas, narinas dilatadas pelo ódio, o olho direito saliente, a penetrar-lhe até o fundo do coração.*

Comentários: O texto inicia-se por uma narração – "Na manhã seguinte, o seu primeiro desejo foi

voltar à casa" – mas se atém à descrição da personagem (o rosto colérico da mãe, faces contraídas, narinas dilatadas pelo ódio, o olho direito saliente). Fica evidente que o objetivo maior do texto era a caracterização de uma pessoa.

Resposta: texto descritivo, com aspectos narrativos.

14. *Quando começa a modernidade? A escolha de uma data ou de um evento não é indiferente. O momento que elegemos como originário depende certamente da ideia de nós mesmos que preferimos, hoje, contemplar. E vice-versa: a visão de nosso presente decide das origens que confessamos (ou até inventamos). Assim acontece com as histórias de nossas vidas que contamos para os amigos e para o espelho: os inícios estão sempre em função da imagem de nós mesmos de que gostamos e que queremos divulgar. As coisas funcionam do mesmo jeito para os tempos que consideramos "nossos", ou seja, para a modernidade.*

Comentários: A intenção única do autor é a de defender sua linha de raciocínio – o momento que elegemos como data de início da modernidade está relacionado à ideia de nós mesmos que preferimos, contemplar. E, para defender sua tese, utiliza-se inclusive da estratégia de comparação ("Assim acontece com as histórias de nossas vidas que contamos para os amigos e para o espelho").

Resposta: texto dissertativo.

15. *A chuva caía meticulosamente, sem pressa de cessar. A palha do rancho porejava água, fedia a podre, derrubando dentro da casa uma infinidade de bichos que a sua podridão gerava.*

Comentários: As ações ("A chuva caía meticulosamente, A palha do rancho porejava água, fedia a podre") são simultâneas, não vêm caracterizar uma narração. A intenção do autor é a de caracterizar uma cena, uma paisagem.

Resposta: texto descritivo.

16. *Perdoar alguém é renunciar ao ressentimento, à ira ou a outras reações justificadas por algo que essa pessoa tenha feito. Isso levanta um problema filosófico: essa pessoa é tratada de forma melhor do que ela merece; mas como pode exigir-se, ou mesmo como permitir-se, tratar alguém de uma maneira que não merece? Santo Agostinho aconselhava-nos a detestar o pecado, mas não o pecador, o que também indica uma atitude objetiva ou impessoal para com o*

pecador, como se o caráter do agente estivesse apenas acidentalmente ligado ao caráter detestável de suas ações.

Comentários: O autor, por meio de uma frase interrogativa – mas como pode exigir-se, ou mesmo como permitir-se, tratar alguém de uma maneira que não merece? –, anuncia seu objetivo de discutir um assunto, abstrair, discorrer. Vale observar o recurso de utilização de um testemunho de autoridade para embasar tal discussão – as palavras de Santo Agostinho.

Resposta: texto dissertativo.

17. *"Há muito tempo, os deuses navajos organizaram uma grande cerimônia de cura. 'Que caminhemos na beleza', cantavam todos, pedindo que estivessem em harmonia com a terra onde viviam. Mas alguma coisa andava errada: duas canções soavam ao mesmo tempo, duas canções em idiomas diferentes. Ao perceber o que acontecia, a Mãe-Terra resolveu congelar a cerimônia. Transformou todos os deuses em rochas e os aprisionou para sempre no espaço e no tempo. E tudo caiu no silêncio."*

Comentários: A intenção textual é evidentemente a de relatar acontecimentos ("os deuses navajos organizaram uma grande cerimônia de cura/ a Mãe-Terra resolveu congelar a cerimônia/ transformou todos os deuses em rochas"). Os verbos no pretérito perfeito, a evolução cronológica – as ações se sucederam no tempo – marcam o objetivo da narração. Vale observar que ao longo do relato pôde-se observar caracterizações (duas canções soavam ao mesmo tempo, duas canções em idiomas diferentes), o que confere aspectos também descritivos ao texto.

Resposta: texto narrativo, com aspectos descritivos.

18. *Embora não vejamos um comercial promovendo explicitamente o consumo de cocaína, ou de maconha, ou de crack, a verdade é que os meios de comunicação nos bombardeiam, durante 24 horas por dia, com a propaganda não de drogas, mas do efeito das drogas.*

Comentários: O autor externa suas opiniões em torno da defesa de uma tese – "a verdade é que os meios de comunicação nos bombardeiam ...com a propaganda ... do efeito das drogas".

Resposta: texto dissertativo.

19. *As novas descobertas e as novas invenções demonstram a incapacidade da ciência de atingir a verdade, pois estão sempre corrigindo o caminho percorrido.*

Comentários: O autor se utiliza de constatações ("as novas descobertas e as novas invenções demonstram...") para defender seu ponto de vista – "a incapacidade da ciência de atingir a verdade".

Resposta: texto dissertativo.

20. *Aqui até os mais pobres moram de rosto voltado para a maravilha da natureza que a incúria dos governos ainda não conseguiu desfigurar. As favelas têm por fundo a Serra dos Órgãos.*

Comentários: O texto tem como meta a caracterização de uma paisagem – a da cidade do Rio de Janeiro. Ainda que ele opine, vale observar que não se trata de uma dissertação – o autor não pretende defender uma tese. Sua intenção é a de descrever o Rio de Janeiro, externando sua opinião.

Resposta: texto descritivo.

21. *Boaventura lembra a incapacidade de redistribuição da riqueza, permitindo que o capitalismo opere contra o pobre e não a favor dele. Chama essa situação de fascismo social.*

Comentários: Por meio da exposição da opinião de outro autor sobre um assunto, o texto vem discutir a questão da má distribuição de renda do capitalismo.

Resposta: texto dissertativo.

22. *"As águas do Oceano Pacífico cobrem um terço do planeta. No meio dessa vastidão azul, nos mares da Polinésia, desponta uma pequena ilha conhecida como Ofu. Embora formada por imponentes blocos de rochas vulcânicas, Ofu é recoberta pelo verde intenso de uma exuberante vegetação tropical. Os contornos da ilha são um tanto suavizados pelas brumas que rondam o alto das montanhas, de onde rompem cataratas em direção ao mar. [...]"*

Comentários: O objetivo do autor é caracterizar uma ilha de nome Ofu. Por meio de grande quantidade de substantivos e adjetivos (verde intenso/exuberante vegetação tropical), torna-se evidente a intenção do autor de descrever. Vale observar que as ações que ocorrem são simultâneas (brumas que rondam o alto das montanhas/de onde rompem cataratas em direção ao mar), não caracterizando, assim, uma narração.

Resposta: texto descritivo.

23. *Deita-se com a cabeça na areia e confusamente ouve a conversa de uma barraca perto, gente*

discutindo uma fita de cinema. Murmura, baixo, um palavrão para eles.

Comentários: Ainda que se apresentem características descritivas (barraca perto/ gente discutindo uma fita de cinema), observa-se que a intenção do autor do texto é a de relatar acontecimentos que se desenrolam em um lapso temporal (Deita-se/ouve a conversa/murmura um palavrão).

Resposta: texto narrativo, com aspectos descritivos.

24. *"Quando a democracia surgiu na Grécia, por volta de 500 a.C., os atenienses fizeram questão de traçar uma linha nítida entre as esferas pública e privada. O poder do Estado terminava onde começava a privacidade do lar. No âmbito doméstico, reinava a vontade do patriarca, que tinha o poder de determinar os direitos e deveres de seus filhos, mulher e escravos. Para os gregos, não havia atividade mais apaixonante e gloriosa do que participar da condução da pólis. A política era a maneira civilizada de decidir os destinos da nação por meio do diálogo e da persuasão. O cidadão revelava sua grandeza de espírito e sua importância para a comunidade no debate de ideias, na defesa de proposições e nas vitórias no âmbito público. Um homem que levasse uma vida exclusivamente privada não passava de um insignificante animal doméstico, incapaz de participar da elaboração das decisões políticas que afetavam os destinos da nação. Se Aristóteles ressuscitasse no final do século XX, ficaria horrorizado com a interferência do Estado na privacidade do cidadão. A sociedade moderna sequestrou a intimidade do indivíduo. É inimaginável uma atividade pública ou privada que não seja regulamentada por lei, por estatuto ou por norma. (...)"*

Comentários: O autor inicia seu texto com a utilização de um relato sobre o surgimento da democracia, com características descritivas (atividade mais apaixonante e gloriosa, o cidadão revelava sua grandeza de espírito e sua importância). Entretanto, ao longo do texto, induz-se o leitor a descobrir sua verdadeira intenção – criticar a interferência do Estado na privacidade do indivíduo. Em termos argumentativos, a narração serviu como estratégia de defesa da tese do autor.

Resposta: texto dissertativo, com características narrativas e descritivas.

25. *Vovô Tomé era um desses casos raros do artista que passa veloz e diretamente da primeira à*

terceira categoria. Atribuem a sua proeza e a sua maestria no ofício ao sofrimento, que é uma das vias para se atingir o absoluto e a glória.

Comentários: A intenção do autor do texto é a descrever Vovô Tomé, por meio de qualificações (um desses casos raros do artista/a sua proeza e a sua maestria no ofício).

Resposta: texto descritivo.

26. *A solidariedade proclamada no texto constitucional deve ser espontânea, colhida na consciência de cada um e, pelo menos, da população mais aquinhoada em favor dos que têm pouco.*

Comentários: O autor procura defender sua linha argumentativa no texto – a de que a solidariedade prevista na Constituição deve vir espontaneamente do povo.

Resposta: texto dissertativo. Defesa de tese.

27. *O processo atual de globalização se diferencia do iniciado há centenas de milhares de anos porque o mundo se tornou um só e instantâneo.*

Comentários: O objetivo do texto é analisar a globalização em suas feições atuais. Estabelecimento de relação de causa e efeito porque o mundo se tornou um só e instantâneo.

Resposta: texto dissertativo. Análise de um tema.

28. *O estrangeiro provoca a nossa desconfiança, às vezes o nosso medo. Nem sempre entendemos os seus gestos e certamente não compreendemos a sua língua. Ele não se veste como nós, a sua fisionomia pode ser diferente da nossa e não adora os nossos deuses.*

Comentários: O objetivo do trecho é caracterizar, qualificar, descrever o estrangeiro. Trata-se de descrever o estrangeiro. Trata-se de uma descrição subjetiva, em que o autor qualifica o estrangeiro com base em suas impressões pessoais. Importante não confundir essa descrição subjetiva com o texto dissertativo.

Resposta: texto descritivo.

29. *A loja de antiguidades tinha o cheiro de uma arca de sacristia com seus panos embolorados e livros comidos de traça. Com as pontas dos dedos, o homem tocou numa pilha de quadros. Uma mariposa levantou voo e foi chocar-se contra uma imagem de mãos decepadas.*

Comentários: O texto inicia-se com uma descrição ("A loja de antiguidades tinha o cheiro de

uma arca de sacristia com seus panos embolorados e livros comidos de traça"). Entretanto, logo na sequência, observam-se ações que evoluem em um lapso de tempo (o homem tocou numa pilha de quadros/ uma mariposa levantou voo e foi chocar-se contra uma imagem). Assim, ainda que apareçam trechos descritivos, o objetivo do autor é evidentemente relatar o que aconteceu em uma loja de antiguidades.

Resposta: texto narrativo, com aspectos descritivos.

30. *Para psicanalistas, o projeto que propõe acabar com a prisão de usuários e dependentes de drogas é um avanço. O psicanalista Eduardo Losicer diz que a nova resolução não restringe a liberdade do cidadão de usar pequenas quantidades de drogas – em muitos casos para fins medicinais, como a maconha para glaucoma e certas dores – e reduz as relações de corrupção entre a polícia e o usuário. – O projeto ainda não retira o consumo de drogas do âmbito policial. O consumidor ainda é flagrado pela polícia e deve ser apresentado a um juiz. Mas, pelo menos, não vai preso. A indicação de um tratamento, se ele for um usuário compulsivo, é sem dúvida melhor que a exclusão social numa prisão – diz Losicer.*

Comentários: Por meio de uma linguagem objetiva, o autor trata de um assunto de forma neutra, sem opinar. Seu objetivo é informar o leitor sobre o projeto que pretende acabar com a prisão de usuários e dependentes de drogas.

Resposta: texto dissertativo.

31. *Rádio é mesmo uma coisa misteriosa. Começou fazendo sucesso na sala de visitas, acabou na cozinha. Cedeu lugar à televisão, que já vai pelo mesmo caminho.*

Comentários: A intenção do autor do texto é de contar a história do rádio. Ainda que ele se inicie com uma descrição ("Rádio é mesmo uma coisa misteriosa"), observa-se que a predominância é da narração. Destaquem-se os verbos no pretérito perfeito (começou fazendo sucesso, acabou na cozinha, cedeu lugar à televisão), que caracterizam a estrutura narrativa.

Resposta: texto narrativo, com aspectos descritivos.

32. *Uma entrevista de Jean-Claude Carrière a propósito da morte de dois grandes cineastas, o sueco Ingmar Berman e o italiano Michelangelo Antonioni, coincidentemente mortos no mesmo dia 30 de julho inspira este comentário. São desaparecimentos que acentuam os paralelismos*

de concepção de vida, pois tanto Bergman quanto Antonioni fizeram filmes sobre a inevitável solidão, os permanentes recomeços, a dolorosa consciência de finitude e o orgulho humano de enfrentar a morte a cada dia...

Comentários: Iniciando o texto com um breve relato de acontecimentos (a morte de dois grandes cineastas), o autor volta sua atenção para a análise de uma questão – os paralelismos de concepção de vida. Trata-se, portanto, de ênfase ao objetivo dissertativo.

Resposta: texto dissertativo, com aspectos narrativos.

33. *A primeira liberdade moderna é o transporte próprio. BMW ou bicicleta, o que conta é a sensação de poder sentar-se ao veículo e resolver em que direção partir.*

Comentários: Por meio da apresentação de sua opinião, o autor desenvolve o seguinte tema: os objetos de consumo e a liberdade moderna.

Resposta: texto dissertativo.

34. *Mas nesse ínterim chegava suado, gordo e ofegante ao recinto uma personagem bastante próxima da realidade... Vinha imbuído de formalismo, dignidade e prerrogativas do seu cargo, além de premido pelo medo de perdê-lo.*

Comentários: Embora esse texto inicie-se por passagem narrativa (mas nesse ínterim, chegava...), o que indica que ele se origina de uma narração, o que se observa neste caso é ênfase à descrição. O objetivo do autor do texto é o de qualificar um personagem, por meio de grande quantidade de substantivos e adjetivos (suado, gordo e ofegante, ..., imbuído de formalismo, dignidade e prerrogativas)

Resposta: texto descritivo, com aspectos narrativos.

35. *Uma desconfiança incômoda me obrigou a olhar melhor e então deparei com um sujeito igual a mim mesmo, apenas um pouco mais novo. Sacudido por uma espécie de insulto, experimentei o tremor de estar sendo sorrateiramente substituído.*

Comentários: Transparece-se o relato de acontecimentos (Uma desconfiança me obrigou a olhar/ e então deparei com um sujeito / experimentei o tremor). Ênfase aos verbos no pretérito perfeito e às ações que evoluem no tempo. Importa observar também que o autor entremeia sua narrativa com passagens descritivas (um sujeito igual a mim mesmo/ um pouco mais novo).

Resposta: texto predominantemente narrativo, com características descritivas.

36. *O farol dos automóveis apagava nas águas da Lagoa o reflexo das últimas estrelas. Um casal abraçava-se debaixo de uma amendoeira. Sentia-se só. A vida era para os outros.*

Comentários: Ações que ocorrem ao mesmo tempo (o farol dos automóveis apagava/um casal abraçava-se/sentia-se só). Impressões do autor em relação a uma paisagem – a Lagoa Rodrigo de Freitas.

Resposta: texto descritivo.

37. *O combate à fome e à pobreza foi adotado pelo governo federal, a partir de 2003, como política de governo. Dentro dessa política, por exemplo, foi criado o Programa Bolsa-Família que beneficia mais da metade das famílias pobres do país. O programa é de responsabilidade do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, que tem hoje o maior orçamento já investido no Brasil para combater a fome e promover o desenvolvimento Social – R$ 17 bilhões.*

Comentários: Ainda que o autor inicie seu texto por meio de um relato (o combate à fome e à pobreza foi adotado pelo governo federal, a partir de 2003), observa-se que sua intenção é a de expor o que se sabe sobre um assunto – o Programa Bolsa-Família. Trata-se, portanto, de uma dissertação que se desenvolve por meio de uma linguagem simples e objetiva.

Resposta: texto dissertativo, com características narrativas.

38. *Quando alguém começa a frase com "Eu não sou racista, mas...", você pode estar certo de que o que se segue será uma declaração racista que desmentirá espetacularmente o seu preâmbulo. Ninguém é mais racista do que quem começa dizendo que não é.*

Comentários: Importa ao autor, nesse caso, defender sua tese de que "Ninguém é mais racista do que quem começa dizendo que não é". Presença de expressões que indicam a opinião do autor (você pode estar certo/ espetacularmente).

Resposta: texto dissertativo.

39. *O Estatuto do Desarmamento, aprovado no fim do ano, e ainda em fase de regulamentação, surgiu por uma questão de sobrevivência. O contexto que deflagrou o movimento político pelo endurecimento da legislação sobre armas é no mínimo dramático. Em 20 anos, de 1980 a 2000,*

conforme estudo do IBGE, 600 mil brasileiros foram assassinados, uma média de 30 mil por ano.

Comentários: Observa-se a exposição do contexto social que deflagrou a aprovação do Estatuto do Desarmamento. O autor discorre sobre o assunto transparecendo também ao leitor sua opinião (o contexto...é no mínimo dramático).

Resposta: texto dissertativo.

40. *O meu pai dizia não saber bem o porquê da existência e vivia mudando de trabalho, de mulher e de cidade. A característica mais marcante do meu pai era a sua rotatividade. Dizia-se filósofo sem livros, com uma única fortuna: o pensamento.*

Comentários: A intenção do autor é a de caracterizar um personagem – vivia mudando de trabalho, a sua rotatividade, Dizia-se filósofo sem livros.

Resposta: texto descritivo.

41. *Eu olhava para a janela e tinha a impressão de que jamais na vida chegaríamos a Nhuporã. Que pedaço brabo. O camaleão se esfregava no chassi e o pai praguejava.*

Comentários: Presença de ações que ocorrem ao mesmo tempo (eu olhava para a janela/o camaleão se esfregava/o pai praguejava), o que se destaca é a intenção do autor de caracterizar uma paisagem. Destaque à frase nominal – Que pedaço brabo – que acaba por enfatizar ainda mais a descrição.

Resposta: texto descritivo.

42. *Mas o caminho era do diabo, ele mesmo tinha dito. A pouco mais de légua de Nhuporã, o caminhão derrapou, deu um solavanco e tombou de ré.*

Comentários: Presença de verbos no pretérito perfeito (o caminhão derrapou/ deu um solavanco/ tombou de ré), que caracterizam a evolução dos acontecimentos no tempo. Relação de anterioridade e posterioridade.

Resposta: texto narrativo.

43. *Eu amo meu marido. De manhã à noite. Mal acordo, ofereço-lhe café. Ele suspira exausto da noite sempre maldormida e começa a barbear-se. Bato-lhe à porta três vezes antes que o café*

esfrie.

Comentários: Ainda que a autora inicie seu texto com a exposição de um ponto de vista, observa-se logo a seguir sua intenção de relatar acontecimentos, que evoluem no tempo ("acordo", "ofereço-lhe café", "ele suspira exausto", "começa a barbear-se").

Resposta: texto narrativo.

44. *Aos poucos, a camada de pintura branca que cobria a casa de Jeffrey entrou em entendimento definitivo com o sol e com a chuva, fundindo sua obediência a ambos numa única tonalidade cinzenta. Começou a descascar.*

Comentários: Ainda que o autor apresente algumas ações que evoluem no tempo ("entrou em entendimento", "começou a descascar"), vê-se que seu objetivo é caracterizar, por meio de uma linguagem figurada, a deterioração da pintura da parede de uma casa.

Resposta: texto descritivo.

45. *Para se fazer uma revista de divulgação científica hoje, três diretrizes devem ser observadas. A primeira é o que queremos dizer e o que temos para dizer em uma revista. A segunda, se temos os meios humanos e financeiros para realizar o projeto. A terceira se refere à necessidade urgente de ampliar a "infraestrutura" de conhecimentos necessários para que a educação encontre raízes profundas em nossa sociedade, nos laboratórios de pesquisa, na natureza e na história que vivemos.*

Comentários: A intenção do autor é a de discutir um assunto – os pré-requisitos necessários para se fazer uma revista de divulgação científica.

Resposta: texto dissertativo.

46. *Calou-se e notei que os olhos do velho se tinham orvalhado. Enxugou discretamente os olhos e perguntou-me se queria ver o tal livro. Respondi-lhe que sim. Chamou o criado, deu-lhe as instruções e explicou-me que perdera todos os filhos, só lhe restando uma filha casada, cuja prole, porém, estava reduzida a um filho, débil de corpo e de saúde frágil e oscilante.*

Comentários: Eis uma característica comum ao texto narrativo: o aparecimento de aspectos descritivos ao longo do relato. Aqui o objetivo do autor é o de reproduzir acontecimentos – "calou-se", "enxugou discretamente os olhos", "chamou o criado". Entretanto, o texto não deixa de

transparecer características descritivas – “os olhos do velho orvalhados”, “um filho débil de corpo e de saúde frágil e oscilante”.

Resposta: texto narrativo.

47. *É engraçado que eu entenda tanto de peixe e quase não pesque, mas entendo. Os peixes miúdos de moqueca são: o carapicu, o garapau, o chicharro e a sardinha.*

Comentários: A intenção do autor é falar sobre um assunto – os tipos de peixe.

Resposta: texto dissertativo.

48. *Na minha cabeça zumbem moscas, não as vejo porque voam internamente, mas as suponho coloridas, são varejeiras, mil, batem na parte interna do crânio, enchem-me a cabeça de som, cascalho e loucura.*

Comentários: Ainda que apresente ações, o texto evidencia sua intenção de caracterizar uma cena imaginária – moscas que zumbem em uma cabeça doente.

Resposta: texto descritivo.

49. *Sempre que se reúnem para lamuriar, os empresários falam no Custo Brasil, no preço que pagam para fazer negócios num país com regras obsoletas e vícios incrustados.*

Comentários: Nesse trecho, pretende-se discorrer sobre um tema – o Custo Brasil.

Resposta: texto dissertativo.

50. *Baleia assustou-se. Que faziam aqueles animais soltos de noite? A obrigação dela era levantar-se, conduzi-los ao bebedouro. Franziu as ventas, procurando distinguir os meninos. Estranhou a ausência deles.*

Comentários: Ações que evoluem no tempo – “assustou-se”, “franziu as ventas”, “estranhou a ausência” – caracterizam esse texto narrativo.

Resposta: texto narrativo.

51. *Baleia respirava depressa, a boca aberta, os queixos desgovernados, a língua pendente e insensível. Não sabia o que tinha se sucedido. O estrondo, a pancada que recebera no quarto, e a viagem difícil do barreiro ao fim do pátio desvaneciam-se no seu espírito.*

Comentários: Interrupção da passagem do tempo. Caracterização do personagem, não só quanto

aos aspectos externos (boca aberta, queixos desgovernados), mas também em relação às suas características psicológicas ("O estrondo, a pancada,..., desvaneciam-se no seu espírito.").

Resposta: texto descritivo.

52. *E enquanto o humilde lavrador sussurra a sua indignação, o homem, que antes era apenas vulto, já avança pela quinta fila, agora de lado, da direção do diretor e de sua assistente, que só o veem quando já está a algumas poltronas deles.*

Comentários: Ainda que haja um breve lapso temporal, a intenção do autor é a de caracterizar uma cena – um humilde lavrador, um diretor e sua assistente, bem como um estranho que deles se aproxima.

Resposta: texto descritivo.

53. *Peri lançou um olhar de desespero para as margens que se destacam alguma distância sobre a corrente plácida do rio. Quebrou o laço que prendia a canoa, impeliu-a para a terra com toda a força do remo que fendeu a água rapidamente.*

Comentários: Ações que se sucedem no decorrer do tempo – "lançou um olhar", "quebrou o laço", "impeliu-a para a terra", "fendeu rapidamente". Presença de características descritivas – "um olhar de desespero", "o laço que prendia a canoa".

Resposta: texto narrativo.

54. *Geminiano era um preto risonho, manso por fora mas espinhento por dentro. Quando alguém lhe dizia alguma coisa que não caía bem, ele parava o riso no meio e virava o avesso do pano.*

Comentários: O objetivo do autor é o de descrever, caracterizar uma personagem – Geminiano. Qualificações não só externas – "preto risonho", "manso por fora" –, mas também psicológicas – "espinhento por dentro".

Resposta: texto descritivo.

55. *O patriotismo é a dedicação a tudo que diz com a sorte do país natal e deve ser sincero como uma religião.*

Comentários: Nesse caso, o que se pretende é discorrer sobre um determinado assunto – o patriotismo. O autor não só discute o assunto como também expõe seu ponto de vista ("deve ser sincero como uma religião.").

Resposta: texto dissertativo.

56. *Somos um povo impetuoso e generoso, capaz de disciplina e de indocilidade. Somos um povo carnavalesco, mas um povo sofrido: um povo com senso de humor e com repentes de ira sagrada.*

Comentários: Intenção de caracterizar – somos um povo impetuoso e generoso. Presença de substantivos e adjetivos.

Resposta: texto descritivo.

57. *O Custo Brasil dos lamentos empresariais existe, como existem empresários responsáveis que pelo menos reconhecem a pilhagem, mas muito mais lamentável e atrasado é o Desperdício Brasil.*

Comentários: O autor tem como intenção argumentar em relação ao Desperdício Brasil. Presença de aspectos opinativos – muito mais lamentável e atrasado.

Resposta: texto dissertativo.

58. *Para entender a sua soberania até os confins da vontade, último termo da evolução mental, para subjugar os corações, há de a religião exercitar as suas forças sublimes no terreno da igualdade e da tolerância...*

Comentários: O autor se posiciona acerca de um tema – a religião. Objetivo de discutir, discorrer sobre determinado assunto.

Resposta: texto dissertativo.

59. *Ela entrou na ponta dos pés. Tirou os sapatos para subir a escada. O terceiro degrau rangia. Pulou-o apoiando-se no corrimão.*

Comentários: O texto trabalha com o tempo: os fatos se sucedem (Ela entrou na ponta dos pés/Tirou os sapatos/Pulou-o...). Aparecimento de características de descrição (O terceiro degrau rangia).

Resposta: texto narrativo.

60. *Quando minha prima e eu descemos do táxi, já era quase noite. Ficamos imóveis diante do velho sobrado de janelas ovaladas, iguais a dois olhos tristes, um deles vazado por uma*

pedrada.

Comentários: Ainda que se inicie com um relato, observa-se que o autor interrompe sua narrativa para se ater à caracterização de um velho sobrado. Presença de substantivos e adjetivos (velho sobrado, janelas ovaladas, olhos tristes).

Resposta: texto descritivo.

61. *A saleta era escura, atulhada de móveis velhos, desparelhados. No sofá de palhinha furada no assento, duas almofadas que pareciam ter sido feitas com os restos de um antigo vestido, os bordados salpicados de ladrilhos.*

Comentários: Não há lapso temporal. Impressões do autor (almofadas que pareciam ter sido feitas com os restos de um vestido antigo). Predominância de substantivos e adjetivos (saleta escura, móveis velhos). Aparecimento de frases nominais, cuja base é de verbo na forma nominal (atulhada de móveis velhos, bordados salpicados de ladrilho).

Resposta: texto descritivo.

62. *Eis o dilema do homem atual: ou se curva à moral e renuncia à felicidade, ou busca a felicidade e deixa de lado a moral.*

Comentários: Discussão de um assunto – o dilema do homem atual, no confronto entre a moral e a felicidade.

Resposta: texto dissertativo.

Selecionamos algumas questões para que você perceba a aplicabilidade desses conceitos em provas de concursos públicos. Aproveite os comentários!

23.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Veja uma questão de concurso, elaborada pela Fundação Euclides da Cunha, que ilustra esse assunto.

A SANTA CRUZ DA ESTIVA

No final do século passado, existia, rodeada por pequeno cemitério, outra igrejinha próxima ao local onde hoje está erguida a Capela de Santa Cruz da Estiva. Junto à estrada que passa diante da Capela, residia, então, um humilde lavrador que trabalhava as terras, auxiliado por sete filhos. Rapagões fortes e destemidos, eram o orgulho do pai.

Foi quando surgiu a febre amarela, ceifando vidas sem piedade. Por ironia, ela foi levando um por um os sete filhos do lavrador, deixando-o sozinho com sua dor.

Passada a epidemia, o desventurado buscou consolo em Deus. E se propôs, apesar de passar por dificuldades econômicas, a construir uma Capela nova junto à antiga, pedindo ao Senhor amparo para as almas de seus sete rapazes, conseguindo-lhes, assim, a absolvição dos pecados possivelmente cometidos.

Obteve com seus rogos que a dona da fazenda fizesse a doação de uma faixa de terreno e, com os amigos e conhecidos, acertou o empreendimento de um mutirão.

Assim foi construída a Capela de Santa Cruz da Estiva, segundo se diz por aí...

(Adaptação de lenda de autor desconhecido)

1. A lenda "A Santa Cruz da Estiva", quanto ao modo de organização textual e à justificativa para a classificação, pode ser considerada um texto:

a) narrativo, porque relata mudanças progressivas de personagens e coisas através do tempo;

b) descritivo, porque transmite imagens positivas ou negativas dos elementos descritos;

c) dissertativo, porque analisa e interpreta dados da realidade por meio de conceitos abstratos;

d) poético, porque utiliza jogos de figuras de modo a ocultar uma visão de mundo subjetiva.

Comentários:

Observe que o objetivo do texto é contar uma história. Atente à passagem do tempo e aos verbos no pretérito perfeito, indicando um antes e um depois (*Foi quando surgiu a febre amarela*/ *Obteve com seus rogos*/ *Assim foi construída*...). Procure analisar o início de cada parágrafo: o que se tem são ações que se organizam em uma relação de anterioridade e posterioridade. Muitos alunos ficariam em dúvida, talvez, em relação à letra B, porque, de fato, o texto traz imagens dos elementos descritos ao longo da narração. Mas será que o *objetivo* do autor é descrever uma cena ou *relatar* uma história? Ainda que haja aspectos descritivos, o texto é predominantemente narrativo.

Você percebeu que este texto apresentava, logo no seu início, uma passagem totalmente descritiva? O seu primeiro parágrafo era descritivo: seu objetivo foi caracterizar uma paisagem (*igrejinha próxima ao local...)* e personagens (*humilde lavrador*/ *rapagões fortes e destemidos*...). É exatamente isso: o texto narrativo pode vir entremeado de aspectos descritivos.

Afinal, você se lembra dos clássicos que líamos na infância? Aquelas histórias eram constantemente interrompidas por descrições.

Predominam na descrição substantivos e adjetivos, bem como verbos na forma nominal (*recostado*, *entrelaçadas*...), porque esta tem como objetivo maior a **caracterização** e os nomes auxiliam o texto nessa tarefa.

Você percebeu que na descrição o tempo não evolui? Lembra que, na escola, a professora nos dizia que, quando descrevemos, é como se tirássemos uma fotografia ou congelássemos uma cena? O tempo para...

Vale uma dica:

Uma boa maneira de diferenciar a narração da descrição é observar o aspecto temporal. Na descrição, não existe relação de anterioridade e de posterioridade entre os enunciados, os movimentos ocorrem ao mesmo tempo, sem haver progressão de um estado a outro. As ações reproduzidas na descrição são simultâneas. Ao ocorrer progressão cronológica, tem-se o texto narrativo.

Os alunos costumam nos relatar que a maior dificuldade, diante de uma questão de prova, ocorre quando existe mais de uma modalidade discursiva em um mesmo texto. Por exemplo, se houver narração e descrição dentro de um mesmo texto, como classificá-lo?

Resposta: A.

Veja a seguir uma prova em que a banca pedia que se identificasse um trecho descritivo.

(BNDES – Técnico – Cesgranrio)

A ERA DO TÔ ME ACHANDO

"Bacanas teus óculos", falei. Leves, classudos, num tom esportivamente escuro, cada lente com uma sombra que subia de baixo para cima, tornavam misterioso o olhar do amigo, um jovem editor. Comentei que nunca o tinha visto de óculos. Ele devolveu: "Pois é, mas eu estava com a vista cada vez mais cansada, até que fui ao oculista e ele me disse que precisava usar. Dois graus de miopia. Excesso de leitura. Fazer o quê...", compungiu-se, o olhar vago, empurrando o par de lentes nariz acima com um charme intelectualmente sofrido. Mês depois, encontrei uma amiga cujo pai é oftalmologista. Entre anedota e outra, ela me contou que um curioso cliente do pai havia pedido um modelo de óculos sem grau. É, era ele mesmo – o editor.

Vivemos tempos curiosos. A cada segundo, e através de todos os meios possíveis, somos

expostos aos corpos mais perfeitos, às biografias mais irretocáveis, à pose generalizada de famosos e anônimos. Vaidade pura. Mas um momento: você já experimentou sair por aí todo mulambento, comparecer despenteado a uma entrevista de emprego, esconder de parentes e amigos aquele êxito nos estudos? Impossível, não? Porque, hoje, não ter vaidade – não ter o hábito de apregoar aos quatro cantos, reais e virtuais, o quanto você pode ser atraente, sensacional e único – parece ser um dos maiores pecados da nossa era, esse tempo em que todo mundo parece estar "se achando".

Por isso, os óculos de araque do meu amigo. No meio altamente intelectualizado em que ele vive, circulando entre Festas Literárias de Paraty e debates seguidos de sessões de autógrafo nas livrarias mais chiques do eixo Rio-São Paulo, ostentar uma armação bacanuda é o equivalente, em termos culturais, às pernas muito bem torneadas – horas de academia – da mocinha da novela das 8. Ou seja: tudo é vaidade.

BRESSANE, Ronaldo. Revista vida simples. out. 2009.

2. Em qual sequência é caracterizada uma descrição?

a) "Leves, classudos, num tom esportivamente escuro, cada lente com uma sombra que subia de baixo para cima,"

b) "'Pois é, mas eu estava com a vista cada vez mais cansada, até que fui ao oculista...'"

c) "Mês depois, encontrei uma amiga cujo pai é oftalmologista."

d) "ela me contou que um curioso cliente do pai havia pedido um modelo de óculos sem grau."

e) "É, era ele mesmo – o editor."

Comentários:

Observe que, nas letras B, C, D e E, o que se vê é a evolução de acontecimentos em uma narrativa. Atente aos verbos no pretérito perfeito (*fui ao oculista*/*encontrei uma amiga*/*ela me contou*). Perceba que a única alternativa que tem como objetivo caracterizar, qualificar é a letra A, que apresenta adjetivos (*leves, classudos*). Seu objetivo não é contar uma história, mas interrompê-la, caracterizando um personagem.

Agora, o mais interessante sobre este texto, a banca não perguntou. Você percebeu que, embora ele apresentasse descrição e narração, seu objetivo não foi o de contar uma história? Sua meta era a de discutir um assunto, a tese de que não ter vaidade é um dos maiores pecados da nossa era? Ora, isso faz com que o texto não seja nem narrativo nem descritivo, mas sim dissertativo. Seu

objetivo é defender uma tese, a opinião do autor, expressa logo no seu título: *A era do tô me achando*. O objetivo da dissertação é só um: discutir um assunto, abstrair.

Resposta: A.

Um texto que considero um clássico de concursos públicos veio de uma prova elaborada pelo NCE e é emblemático de tudo isso sobre que estamos conversando. Além de tudo, é de nosso tão saudoso Saramago. Observe:

VIOLÊNCIA NO CAMPO

José Saramago

No dia 17 de abril de 1996, no estado brasileiro do Pará, perto de uma povoação chamada Eldorado dos Carajás (Eldorado: como pode ser sarcástico o destino de certas palavras...), 155 soldados da polícia militarizada, armados de espingardas e metralhadoras, abriram fogo contra uma manifestação de camponeses que bloqueavam a estrada em ação de protesto pelo atraso dos procedimentos legais de expropriação de terras, como parte do esboço ou simulacro de uma suposta reforma agrária na qual, entre avanços mínimos e dramáticos recuos, se gastaram já cinquenta anos, sem que alguma vez tivesse sido dada suficiente satisfação aos gravíssimos problemas de subsistência (seria mais rigoroso dizer sobrevivência) dos trabalhadores do campo. Naquele dia, no chão de Eldorado dos Carajás ficaram 19 mortos, além de umas quantas dezenas de pessoas feridas.

Passados três meses sobre este sangrento acontecimento, a polícia do estado do Pará, arvorando-se a si mesma em juiz numa causa em que, obviamente, só poderia ser a parte acusada, veio a público declarar inocentes de qualquer culpa os seus 155 soldados, alegando que tinham agido em legítima defesa, e, como se isto lhe parecesse pouco, reclamou procedimento judicial contra três dos camponeses, por desacato, lesões e detenção ilegal de armas. O arsenal bélico dos manifestantes era constituído por três pistolas, pedras e instrumentos de lavoura mais ou menos manejáveis. Demasiado sabemos que, muito antes da invenção das primeiras armas de fogo, já as pedras, as foices e os chuços haviam sido considerados ilegais nas mãos daqueles que, obrigados pela necessidade a reclamar pão para comer e terra para trabalhar, encontraram pela frente a polícia militarizada do tempo, armada de espadas, lanças e albardas. Ao contrário do que geralmente se pretende fazer acreditar, não há nada mais fácil de compreender que a história do

mundo, que muita gente ilustrada ainda teima em afirmar ser complicada demais para o entendimento rude do povo.

3. O texto é mais adequadamente classificado como:

a) descritivo.

b) narrativo.

c) argumentativo.

d) expositivo.

e) informativo.

Comentários:

Veja que o texto começa com uma narração entremeada de descrições. As ações se sucedem no tempo (*155 soldados...abriram fogo*; *Naquele dia, no chão de Eldorado dos Carajás ficaram 19 mortos*...), o que caracteriza o primeiro parágrafo como predominantemente narrativo. Por outro lado, vemos muitos trechos cujo objetivo é caracterizar cenas e personagens (*155 soldados...armados de espingardas e metralhadoras...umas quantas dezenas de pessoas feridas*...). Assim, devemos classificar o primeiro parágrafo como predominantemente narrativo, com aspectos descritivos.

Entretanto, no segundo parágrafo, percebemos que a narração evolui para uma discussão. Sentimos que o autor utilizou-se da história relatada ao longo do texto como pretexto para apresentar sua tese: *não há nada mais fácil de compreender que a história do mundo*. Se você reparar bem é só na segunda metade do segundo parágrafo que o autor deixa transparecer sua real intenção: ele pretende discutir um assunto, abstrair, dissertar. É a defesa de uma tese – o texto é predominantemente dissertativo argumentativo com aspectos narrativos e descritivos. E o mais interessante é que, apesar de a dissertação só ter tomado forma mesmo ao final do texto, é ela que predomina. Porque essa é a *intenção do autor*.

Aqui, vale um recado:

Toda vez que a banca pedir que se classifique um texto em sua predominância, lembre-se de que esse critério não tem a ver com o número de linhas como se, supostamente, forem dez linhas de narração e seis de dissertação, o texto seria predominantemente narrativo??? Se fosse assim, classificar um texto seria algo mais perto da matemática... Classificar um texto significa identificar a intenção do autor, seu objetivo ao produzir o texto.

Veja mais uma prova:

O MEDO SOCIAL

Jurandir Freire Costa

No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado. De repente foi assaltada por um adolescente, que a roubou, ameaçando cortar a garganta do garoto. Dias depois, a mesma senhora reconhece o assaltante na rua. Acelera o carro, atropela-o e mata-o, com a aprovação dos que presenciaram a cena. Verídica ou não, a história é exemplar. Ilustra o que é a cultura da violência, a sua nova feição no Brasil.

Ela segue regras próprias. Ao expor as pessoas a constantes ataques à sua integridade física e moral, a violência começa a gerar expectativas, a fornecer padrões de respostas.Episódios truculentos e situações-limite passam a ser imaginados e repetidos com o fim de caucionar a ideia de que só a força resolve conflitos. A violência torna-se um item obrigatório na visão do mundo que nos é transmitida. Cria a convicção tácita de que o crime e a brutalidade são inevitáveis. O problema, então, é entender como chegamos a esse ponto. Como e por que estamos nos familiarizando com a violência, tornando-a nosso cotidiano.

Em primeiro lugar, é preciso que a violência se torne corriqueira para que a lei deixe de ser concebida como o instrumento de escolha na aplicação da justiça. Sua proliferação indiscriminada mostra que as leis perderam o valor normativo e os meios legais de coerção, a força que deveriam ter. Nesse vácuo, indivíduos e grupos passam a arbitrar o que é justo ou injusto, segundo decisões privadas, dissociadas de princípios éticos válidos para todos. O crime é, assim, relativizado em seu valor de infração. Os criminosos agem com consciências felizes. Não se julgam fora da lei ou da moral, pois conduzem-se de acordo com o que estipulam ser o preceito correto. A imoralidade da cultura da violência consiste justamente na disseminação de sistemas morais particularizados e irredutíveis a ideais comuns, condição prévia para que qualquer atitude criminosa possa ser justificada e legítima.

4. “No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado. De repente foi assaltada por um adolescente...”; a passagem do pretérito imperfeito para o pretérito perfeito marca a mudança de:

a) um texto descritivo para um texto narrativo.

b) a fala do narrador para a fala do personagem.

c) um tempo passado para um tempo presente.

d) um tempo presente para um tempo passado.

e) a mudança de narrador.

5. O texto acima pode ser classificado, de forma mais adequada, como:

a) narrativo moralizante.

b) informativo didático.

c) dissertativo opinativo.

d) normativo regulamentador.

e) dissertativo polêmico.

Comentários:

Questão 4: Observe que o parágrafo começa com uma descrição de uma cena (*No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado*). Logo em seguida, observa-se um conector temporal (*de repente*), que indica uma ruptura: uma passagem da modalidade descritiva para a narrativa. Do conector temporal em diante, o que se observa é a evolução de uma história.

Resposta: A.

Aqui, vale uma dica:

Em geral, a narração utiliza verbos no pretérito perfeito, já que seu objetivo é relatar acontecimentos que evoluem em uma sequência cronológica. Já na descrição, a tendência é a de que os verbos apareçam no pretérito imperfeito.

Questão 5:

Quanto à letra A, o texto seria narrativo moralizante se seu objetivo fosse contar uma história e, ao seu final, apresentasse uma moral, um conselho. Não foi o caso. Se fosse a letra B, o seu objetivo teria sido o de informar o leitor, aumentar seu conhecimento sobre um determinado assunto. Mais do que isso: sendo didático, teria como meta ensinar o leitor.

Normativo regulamentador, que é o que se diz na letra D, ele não é: seu objetivo não é estabelecer

normas, regulamentar relações. Isso é meta dos estatutos, das leis que vocês estudam por aí...

Normalmente, o aluno fica em dúvida entre as letras C e E. Dissertativo polêmico (letra E) ele não é: seria polêmico se o seu objetivo fosse apresentar duas visões a respeito de determinado assunto. Não foi isso que o autor procurou desenvolver – sua meta foi utilizar-se de uma narração, entremeada de aspectos descritivos, que serviria de pretexto para uma discussão. O mote do texto era falar da *cultura da violência, sua nova feição no Brasil*. Ora, se o objetivo do autor era discutir um assunto, sob seu ponto de vista, pode-se dizer que o texto é predominantemente dissertativo opinativo (ou argumentativo), com aspectos narrativos e descritivos.

Você deve estar se perguntando: quantas modalidades de texto dissertativo existem? Qual é a diferença entre texto dissertativo opinativo e expositivo? Texto opinativo é sinônimo de argumentativo? Dizer que um texto é dissertativo informativo é dizer que ele também é expositivo?

Se surgirem essas dúvidas, você pode retomar o conteúdo no decorrer deste capítulo, como o explicado no tópico 23.1.6. Porém, para ajudar e refrescar a memória, segue um resumo a respeito.

Em textos de concursos públicos, costuma-se subdividir os textos dissertativos em duas modalidades – o texto dissertativo expositivo e o texto dissertativo opinativo-argumentativo. O primeiro tem por objetivo discutir um assunto, expor o que se sabe sobre ele sem defesa de ponto de vista do autor. Já a segunda modalidade tem como meta a persuasão, o convencimento – neste tipo de texto o autor utiliza estratégias argumentativas que visam defender sua tese.

O texto dissertativo expositivo expõe ideias, explana, discute, revela o que o autor sabe sobre determinado assunto. Sua linguagem é objetiva, clara, impessoal. Traz abordagem abrangente sobre um tema, permitindo que o leitor desenvolva sua própria opinião sobre o assunto. Nesse texto, o autor não manifesta, ao menos explicitamente, suas opiniões sobre o tema tratado. Ainda que em alguns momentos do texto ele opine, sua intenção não é defender seu ponto de vista sobre o tema em questão.

Neste tipo de texto, o autor simplesmente expõe aquilo que sabe sobre determinada matéria, sem a preocupação de julgar, emitir opinião em relação ao assunto sobre o qual discorre. São fatos, e não julgamentos.

Além de revelar tudo que sabe sobre determinado assunto, você percebeu que o texto tem como objetivo aumentar o *seu* conhecimento sobre o tema? Trazer novidades, acrescentar conhecimento para o leitor?

O texto dissertativo informativo é uma modalidade de texto dissertativo expositivo. É que há textos expositivos que apresentam informações sobre um objeto ou fato específico, sua descrição, a enumeração de suas características, com o objetivo de aumentar o conhecimento do leitor sobre determinado assunto. Esse tipo de texto é chamado de **informativo**. Com linguagem objetiva e impessoal, ele pressupõe acréscimo de informação para quem o lê. O texto dissertativo informativo é o tipo de texto que procura tratar de assunto de interesse do leitor e busca a novidade, algo que o público não conheça.

Por meio de dados estatísticos e exemplos e de uma linguagem objetiva, o autor atinge seu objetivo – apresentar possíveis novidades ao seu leitor. O que se tem é um texto em que o autor não só expõe o que sabe sobre determinado assunto (daí ser chamado de expositivo), mas também acrescenta informações a quem o lê (por isso, é informativo). Assim, poderíamos resumir:

Todo texto informativo é também expositivo, pois o autor expõe o que sabe sobre um assunto com a intenção de aumentar o conhecimento do leitor. Mas nem todo texto expositivo é informativo – o texto será apenas expositivo se o autor pretender unicamente expor o que sabe sobre determinada matéria sem a pretensão de acrescentar informações a quem o lê.

De qualquer forma, sendo o texto unicamente expositivo ou também informativo, o que se observa é que nesses textos não há intenção de se defender uma tese, ou apresentar argumentos do autor. O que se vê são **fatos**. Se o objetivo do texto for defender opinião, julgamentos, ele será dissertativo opinativo – ou argumentativo.

O **texto dissertativo opinativo**, também chamado de argumentativo, difere do dissertativo expositivo, pois, além de expor o que se sabe sobre um assunto – e, muitas vezes, também informar –, o texto dissertativo argumentativo tem por finalidade principal persuadir o leitor sobre determinado assunto, modificar seu comportamento.

Percebe-se, ao longo deste tipo de texto, palavras que indicavam o posicionamento do autor. Muitas vezes, o autor, com o intuito de transparecer sua opinião, utiliza-se de algumas marcas linguísticas capazes de persuadir o leitor, tais como verbos na 1ª pessoa do singular ou plural e

expressões de modalidade – são os chamados modalizadores (vocábulos indicativos da opinião do autor, que podem ajudar você a diferenciar no texto o fato do julgamento).

Veja uma prova elaborada pela Fundação Euclides da Cunha, em que se apresentava uma questão de tipologia textual:

RIO + 10 ... POR CENTO!

APENAS UMA DÉCADA DEPOIS

Encerrada há pouco em Johannesburgo, África do Sul, a Conferência Rio + 10 terminou pateticamente, sob o olhar desalentado de ambientalistas, jornalistas, economistas e políticos.

O Secretário de Estado dos EUA, Collin Powell, foi vaiado por afirmar que os Estados Unido estão, sim, preocupados com a saúde ambiental do planeta. O presidente Fernando Henrique Cardoso viu derrotada – ao som da bem orquestrada banda regida pela Casa Branca e que incluía Rússia, China, Índia e países árabes exportadores de petróleo – a proposta brasileira para que, dentro de oito anos, 10% da matriz energética mundial viesse de fontes renováveis. Inclusive a tecnologia *made in Brazil* ancorada no etanol, *of course*. Ao mesmo tempo, o polêmico chefe de Estado venezuelano, Hugo Chávez, sob tímidos aplausos, dizia que "enquanto nós, governantes, vamos de conferência em conferência, nossos povos vão de abismo em abismo".

De concreto, mesmo, o que se produziu na Rio + 10 foi apenas uma vaga carta de intenções, com frases do tipo "vamos reduzir a perda de espécies", "reconhecemos que países pobres precisarão de ajuda financeira para cumprir os objetivos", e "reconhecemos o princípio da repartição de benefícios obtidos com espécies de países pobres, ou seja, asseguramos que as comunidades locais devem usufruir de benefícios decorrentes da exploração de recursos naturais encontrados em suas terras". Tudo isso pomposamente dito, mas sem metas definidas ou prazos para implementação.

Travestidos de Tomaso de Lampedusa, afirmamos que algo deve mudar para que tudo continue como está. Até quando?

(FAVARETTO, J. A. UNO Notícias. Informativo do Sistema UNO de Ensino, n. 4, outubro de 2002, p. 3.)

6. Considerando-se o modo de organização do discurso, é possível afirmar que o texto acima:

a) tem uma estrutura argumentativa, desenvolvida com elementos que deixam clara a opinião favorável do autor a respeito do fato polêmico abordado.

b) pode ser definido como dissertativo, pois nele o autor realiza uma explanação dos acontecimentos que caracterizaram a Conferência Rio + 10.

c) é narrativo, em estilo jornalístico, com elementos que assinalam a presença do narrador e a sua opinião sobre os resultados da Conferência Rio + 10.

d) foi construído com uma parte narrativa e outra descritiva, sendo forte nesta última a opinião desfavorável do autor sobre os resultados da Conferência Rio + 10.

e) contém uma descrição detalhada das diversas correntes de interesses que se apresentaram na Conferência Rio + 10.

Comentários:

Observe que o objetivo do texto não é dissertar sobre uma conferência realizada, mas apresentar relatos que se organizam em uma sequência cronológica – os acontecimentos da Conferência Rio + 10. Assim, eliminam-se as alternativas A e B.

Quanto à letra D, ainda que ocorram aspectos descritivos (*bem orquestrada banda regida*/*tímidos aplausos*), não se pode afirmar que o texto se divida em uma parte narrativa e outra descritiva. Além disso, quando o autor demonstra sua *opinião desfavorável sobre os resultados da Conferência Rio + 10*, o que se tem é *dissertação*, e não descrição.

Assim, ainda que haja passagens descritivas e opinativas no texto, o que se percebe é que o autor veio relatar acontecimentos de uma conferência, com opiniões ao longo de seu relato. O texto é narrativo, com aspectos descritivos e opinativos.

Resposta: C.

CRITÉRIO ARRISCADO

O exemplo veio da maior economia do mundo: as agências de regulação e desenvolvimento – caso da SEC (Securities Exchange Comission) americana, e da CVM brasileira – têm que se mantidas a salvo da submissão ou das influências políticas. Esta é a melhor forma de preservar a independência de organismos desse tipo cuja eficiência e utilidade para a economia do país são consequência direta de sua credibilidade e da independência de seus dirigentes.

Recentemente, nos Estados Unidos, o presidente da SEC, Harvey Pitt, viu-se compelido a renunciar a seu mandato. Motivo? Ele teria iludido seus colegas de conselho (diretoria da SEC)

para conseguir maioria na escolha de William Webster para a liderança de um novo comitê que supervisionará a indústria da contabilidade no país.

Para conseguir o que pretendia, Pitt deixara de informar os demais membros do conselho da SEC que Webster fora chefe de auditoria de uma das companhias que, recentemente, se envolveram com fraudes contábeis. Pitt havia sido indicado para o cargo por Bush, no ano passado, e deveria cumprir um mandato de quatro anos. Diante dos fatos que envolviam Webster, e que eram parte da onda de escândalos financeiros que assola os Estados Unidos há mais de um ano, Pitt não teve alternativa.

No Brasil, o mandato fixo, de quatro anos, para os diretores e presidente da CVM, existe como forma de preservar sua independência.

Ao serem empossados em seus cargos, o presidente e diretores da Comissão de Valores Mobiliários assumem com o país os compromissos de moralidade e legalidade de seus atos, que são comuns todos os servidores públicos. E tendo em vista a gravidade de sua missão, frequentemente confrontada com interesses do mercado e do próprio governo, têm como forma de defesa de sua independência a duração de seu mandato.

A lição recente dos Estados Unidos, em que o mandato fixo não foi suficiente para amparar a ilegalidade, é boa para americanos e serve para o Brasil. O episódio Pitt mostra que o mandato de quatro anos é bom para preservar a independência dos dirigentes da agência, mas não pode servir de escudo no momento em que o agente público atue contra os superiores interesses da moralidade e da legalidade.

Mostra, também, que a melhor forma de evitar constrangimentos futuros, na escolha de dirigentes com mandatos fixos, ainda é a observância dos critérios de competência técnica e de moralidade. A pura e simples filiação partidária não deve habilitar ninguém a cargos desse tipo. O risco é um eventual constrangimento, como o que Bush experimentou ao nomear Harvey Pitt.

(Jornal do Brasil, 17/11/2002, p. A14.)

7. Do ponto de vista do modo de organização do discurso, pode-se afirmar que os parágrafos do texto são:

a) narrativos, apesar de o objetivo do texto ser essencialmente argumentativo.

b) argumentativos, mas estruturados de acordo com o modelo narrativo.

c) argumentativos, sendo que o segundo e o terceiro parágrafos têm estrutura narrativa.

d) narrativos, sendo que o primeiro, o quarto e o quinto parágrafos têm estrutura argumentativa.

e) descritivos, mas a serviço de um texto cujo objetivo é predominantemente narrativo.

Comentários:

O texto é predominantemente dissertativo argumentativo. Sua meta é defender uma tese explicitada nos dois últimos parágrafos – a de que o mandato de quatro anos "não pode servir de escudo no momento em que o agente público atue contra os superiores interesses de moralidade e legalidade", bem como "a melhor forma de evitar constrangimentos futuros, na escolha de dirigentes com mandatos fixos, ainda é a observância dos critérios de competência técnica e de moralidade".

Resposta: C.

Veja agora este texto de nosso tão saudoso Machado de Assis, retirado de prova elaborada pelo Cespe/UnB, para o Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro:

Há dessas reminiscências que não descansam antes que a pena ou língua as publique. Um antigo dizia arrenegar de conviva que tem memória. A vida é cheia de tais convivas, e eu sou acaso um deles, conquanto a prova de ter a memória fraca seja exatamente não me acudir agora o nome de tal antigo; mas era um antigo, e basta.

Não, não, a minha memória não é boa. Ao contrário, é comparável a alguém que tivesse vivido por hospedarias, sem guardar delas nem caras nem nomes; e somente raras circunstâncias. A quem passe a vida na mesma casa de família, com os seus eternos móveis e costumes, pessoas e afeições, é que se lhe grava tudo pela continuidade e repetição. Como eu invejo os que não esqueceram a cor das primeiras calças que vestiram! Eu não atino com a das que enfiei ontem. Juro só que não eram amarelas porque execro essa cor; mas isso mesmo pode ser olvido e confusão.

E antes seja olvido que confusão; explico-me. Nada se emenda bem nos livros confusos, mas tudo se pode meter nos livros omissos. Eu, quando leio algum desta outra casta, não me aflijo nunca. O que faço, em chegando ao fim, é cerrar os olhos e evocar todas as coisas que não achei nele. Quantas ideias finas me acodem, então! Que de reflexões profundas! Os rios, as montanhas, as igrejas que não vi nas folhas lidas, todos me aparecem agora com as suas águas, as suas árvores, os seus altares; e os generais sacam das espadas que tinham ficado na bainha, e os clarins soltam as

notas que dormiam no metal, e tudo marcha com uma alma imprevista.

É que tudo se acha fora de um livro falho, leitor amigo. Assim preencho as lacunas alheias; assim podes também preencher as minhas.

Machado de Assis. Dom Casmurro. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996, p. 79.

8. Assinale a opção que apresenta uma frase narrativa do texto:

a) "Há dessas reminiscências."

b) "Um antigo dizia arrenegar de conviva que tem memória."

c) "A vida é cheia de tais convivas."

d) "Não, não, a minha memória não é boa."

e) "Quantas ideias finas me acodem, então."

Comentários:

Observe nas letras A, C, D e E, temos exemplos de dissertação: são frases que apresentam conceitos, ideias, abstrações. Veja com especial atenção as letras D e E, que apresentam o uso da 1ª pessoa do singular (*minha*, *me*), como forma de veicular a opinião do autor. Ora, tais recursos podem inclusive ajudar você a perceber que os trechos são argumentativos.

No entanto, observe a letra B: ela indica que, nesse trecho, o autor relata acontecimentos de sua vida, *conta a história de um amigo que se zangava com aqueles que tinham memória* – o que caracteriza o trecho como narrativo.

Resposta: B.

MAIS UM RETIRADO DE PROVA DO CESPE/UNB:

A Revolução Industrial provocou a dissociação entre dois pensamentos: o científico e tecnológico e o humanista. A partir do século XIX, a liberdade do homem começa a ser identificada com a eficiência em dominar e transformar a natureza em bens e serviços. O conceito de liberdade começa a ser sinônimo de consumo. Perde importância a prática das artes e consolidam-se a ciência e a tecnologia. Relega-se a preocupação ética. A procura da liberdade social se faz sem considerar-se sua distribuição. A militância política passa a ser tolerada, mas como opção pessoal de cada um.

Essa ruptura teve o importante papel de contribuir para a revolução do conhecimento científico e tecnológico. A sociedade humana se transformou, com a eficiência técnica e a consequente redução do tempo social necessário à produção dos bens de sobrevivência.

O privilégio da eficiência na dominação da natureza gerou, contudo, as distorções hoje conhecidas: em vez de usar o tempo livre para a prática da liberdade, o homem reorganizou seu projeto e refez seu objetivo no sentido de ampliar o consumo. O avanço técnico e científico, de instrumento da liberdade, adquiriu autonomia e passou a determinar uma estrutura social opressiva, que servisse ao avanço técnico e científico. A liberdade identificou-se com ideia de consumo. Os meios de produção, que surgiram do avanço técnico, visam ampliar o nível dos meios de produção.

Graças a essa especialização e priorização, foi possível obter-se o elevado nível de potencial-de-liberdade que o final do século XX oferece à humanidade. O sistema capitalista permitiu que o homem atingisse as vésperas da liberdade em relação ao trabalho alienado, às doenças e à escassez. Mas não consegue permitir que o potencial criado pela ciência e tecnologia seja usado com a eficiência desejada.

(Cristovam Buarque. Na fronteira do futuro.
Brasília: EDUnB, 1989. p.13 (com adaptações).

9. Quanto à organização do texto, julgue os itens a seguir.

a) A argumentação do texto estrutura-se em três eixos principais: ciência e tecnologia, busca da liberdade e militância política.

b) A tese para esse texto argumentativo pode assim ser resumida: nem todo "potencial-de-liberdade" gera liberdade com a eficiência desejada.

c) Para organizar o texto, predominantemente argumentativo, o autor recorre a ilustrações temáticas e trechos descritivos sobre condições das sociedades.

d) O fragmento a seguir, caso fosse utilizado como continuidade do texto, manteria a coerência da argumentação: Existe, assim, uma ambiguidade entre a ampliação dos horizontes da liberdade e os resultados, de fato, alcançados pelo homem.

A letra A está errada, pois a argumentação do texto não se estrutura em torno de três eixos, mas de dois: um eixo científico e tecnológico e o outro humanista.

Quanto à letra B, de fato essa é a tese, que aparece explicitada no último parágrafo do texto, com as palavras "Mas não consegue permitir que o potencial criado pela ciência e tecnologia seja usado com a eficiência desejada". Assertiva certa, portanto.

Já a letra C está errada: o texto é mesmo predominantemente argumentativo, mas não se utilizam

ilustrações temáticas (que são o mesmo que *exemplos*) nem trechos descritivos para fundamentar-se a tese.

Quanto à letra D, de fato essa frase é uma *reescritura da tese do texto*. Sabendo-se que um fragmento, para que possa representar uma possível continuidade de um texto, só precisa reescrever sua ideia central, vê-se que a frase apresentada pela banca repete a tese do autor. O objetivo do texto era fazer oposição entre *o potencial-de-liberdade que a tecnologia proporciona e as limitações que o consumo impõe à liberdade que o homem tanto almeja.*

Agora é com você! Selecionamos algumas questões para que você verifique se realmente fixou os conteúdos. Ao final, você terá um gabarito com comentários. Boa sorte!

23.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

Texto I (Aux. Cart.-CGJ-UFRJ/02)

O NECROLÓGICO DOS DESILUDIDOS DE AMOR
Carlos Drummond de Andrade
Os médicos estão fazendo autópsia dos que se mataram.
Que grandes corações eles possuíam
Vísceras imensas, tripas sentimentais
e um estômago cheio de poesia.

Texto II (Aux. Cart.-CGJ-UFRJ/02)

INFORMAÇÃO
O Observatório Nacional informou que os brasileiros assistirão no dia 4 de janeiro a um eclipse parcial do sol. No Rio, a luz solar sofrerá uma redução de 69% entre 11 e 12 horas. O fenômeno provocará no meio do dia o aspecto de um entardecer.

1. A oposição INCORRETA entre, respectivamente, os texto I e II é:
a) verso / prosa.
b) poesia / informação.
c) sensibilidade / verdade.
d) vocábulos formais / vocábulos informais.
e) passado / futuro.

Texto III

PROTESTO TÍMIDO
Fernando Sabino
Ainda há pouco eu vinha para casa a pé, feliz da minha vida e faltavam dez minutos para a meia-noite. Perto da praça General Osório, olhei para o lado e vi, junto à parede, antes da esquina, algo que me pareceu uma trouxa de roupa, um saco de lixo. Alguns passos mais e pude ver que era um menino.
Escurinho, de seus seis ou sete anos, não mais. Deitado de lado, braços dobrados como dois

gravetos, as mãos protegendo a cabeça. Tinha os gambitos também encolhidos e enfiados dentro da camisa de meia esburacada, para se defender contra o frio da noite. Estava dormindo, como podia estar morto. Outros, como eu, iam passando, sem tomar conhecimento de sua existência.

Não era um ser humano, era um bicho, um saco de lixo mesmo, um traste inútil, abandonado, sobre a calçada. Um menor abandonado.

Quem nunca viu um menor abandonado? A cinco passos, na casa de sucos de frutas, vários casais de jovens tomavam sucos de frutas, alguns mastigavam sanduíches. Além, na esquina da praça, o carro da radiopatrulha estacionando, dois boinas-pretas conversando do lado de fora. Ninguém tomava conhecimento da existência do menino.

Segundo as estatísticas, como ele existem nada menos que 25 milhões no Brasil, que se pode fazer? Qual seria a reação do menino se eu o acordasse para lhe dar todo o dinheiro que trazia no bolso? Resolveria o seu problema? O problema do menor abandonado? A injustiça social?

(...)

Vinte e cinco milhões de menores – um dado abstrato, que a imaginação não alcança. Um menino sem pai nem mãe, sem o que comer nem onde dormir – isto é um menor abandonado. Para entender, só mesmo imaginando meu filho largado no mundo aos seis, oito ou dez anos de idade, sem ter para onde ir nem para quem apelar. Imagino que ele venha a ser um desses que se esgueiram como ratos em torno aos botequins e lanchonetes e nos importunam cutucando-nos de leve – gesto que nos desperta mal contida irritação – para nos pedir um trocado. Não temos disposição sequer para olhá-lo e simplesmente o atendemos (ou não) para nos livrarmos depressa de sua incômoda presença. Com o sentimento que sufocamos no coração, escreveríamos toda a obra de Dickens. Mas estamos em pleno século XX, vivendo a era do progresso para o Brasil, conquistando um futuro melhor para os nossos filhos. Até lá, que o menor abandonado não chateie, isto é problema para o juizado de menores. Mesmo porque são todos delinquentes, pivetes na escola do crime, cedo terminarão na cadeia ou crivados de balas pelo Esquadrão da Morte.

Pode ser. Mas a verdade é que hoje eu vi meu filho dormindo na rua, exposto ao frio da noite, e além de nada ter feito por ele, ainda o confundi com um monte de lixo.

1. Uma crônica, como a que você acaba de ler, tem como melhor definição:

a) registro de fatos históricos em ordem cronológica.
b) pequeno texto descritivo geralmente baseado em fatos do cotidiano.
c) seção ou coluna de jornal sobre tema especializado.
d) texto narrativo de pequena extensão, de conteúdo e estrutura bastante variados.
e) pequeno conto com comentários, sobre temas atuais.

2. O texto começa com os tempos verbais no pretérito imperfeito – vinha, faltavam – e, depois, ocorre a mudança para o pretérito perfeito – olhei, vi etc; essa mudança marca a passagem:

a) do passado para o presente.
b) da descrição para a narração.
c) do impessoal para o pessoal.
d) do geral para o específico.
e) do positivo para o negativo.

3. O uso da primeira pessoa na crônica tem um efeito de:

a) construir uma narrativa impessoal, já que o cronista é observador neutro.
b) seguir o modelo típico de um texto jornalístico, como este.
c) manifestar no discurso a opinião dos leitores.
d) expressar o ponto de vista do narrador.
e) transformar o texto em algo objetivo e popular.

4. O tom predominante na crônica é o de:
a) comiseração.
b) remorso.
c) revolta.
d) desprezo.
e) tristeza.

5. Dentre as perguntas abaixo, aquela que poderia ser considerada como pergunta retórica é:
a) "Quem nunca viu um menor abandonado?".
b) "Segundo as estatísticas, como ele existem nada menos que 25 milhões no Brasil, que se pode fazer?".
c) "Qual seria a reação do menino se eu o acordasse para lhe dar todo o dinheiro que trazia no bolso?".
d) "Resolveria o seu problema?".
e) "(Resolveria) A injustiça social?".

Texto IV

DA "LIVRE MANIFESTAÇÃO" AO VANDALISMO

João Mellão Neto

[...] Recordo-me de um bar, no centro de São Paulo onde, na década de 60, nos toaletes, aparecia a seguinte inscrição: "Não risque as paredes. Se você acredita que seu pensamento seja tão original a ponto de merecer sua inscrição aqui, não se constranja. Procure a gerência e nós mesmos nos encarregamos de autorizá-lo".

O mesmo raciocínio vale para os pichadores. Se o que eles têm a manifestar tem algum valor artístico ou filosófico, sem dúvida existirão proprietários de muros dispostos a permitir-lhes a inscrição. Agora, pichação de bens públicos ou de muros particulares, à revelia do proprietário, não é manifestação artística, é vandalismo. E, como tal, deve ser coibido.

O dever do Estado é proteger a propriedade de todos da sanha de cada um e a propriedade de cada um da sanha de todos. A pichação dos bens públicos ou particulares viola ambos os princípios e, portanto, é dever da autoridade competente tomar medidas coercitivas. Eu, como milhões de cidadãos, gosto de ver a minha cidade limpa. Faço minha parte, de um lado mantendo meu muro pintado e de outro pagando impostos para que a Prefeitura faça o mesmo com os nossos monumentos. Se os pichadores têm seus "direitos" de expressarem-se livremente, eu também tenho os meus de querer minha cidade em ordem e bonita. Com uma diferença: eu pago impostos para exercer a minha cidadania e eles, tão somente, adquirem uma lata de aerossol.

1. No título do texto IV, a expressão "livre manifestação" aparece entre aspas para:
a) distinguir uma citação do resto do contexto.

b) fazer sobressair termos não peculiares à linguagem normal.
c) acentuar o valor significativo de uma palavra ou expressão.
d) realçar ironicamente uma palavra ou expressão.
e) destacar o termo de maior valor do texto.

2. No título, os termos livre manifestação e vandalismo:
a) representam duas maneiras de encarar o mesmo fato.
b) falam, respectivamente, do aspecto ilegal e legal das pichações.
c) são argumentos favoráveis ao aparecimento de pichações.
d) indicam o pensamento das autoridades sobre as pichações.
e) mostram duas realidades que ocorrem simultaneamente.

3. O texto IV deve ser classificado, de forma mais adequada, como:
a) descritivo.
b) narrativo.
c) dissertativo expositivo.
d) dissertativo polêmico.
e) dissertativo informativo.

Texto V: "As fronteiras políticas das nações-estados são estreitas e limitadas demais para definir o escopo e o alcance da empresa moderna." (J. Spencer)

Texto VI: "As estruturas políticas mundiais são inteiramente obsoletas. Não mudaram em pelo menos cem anos e estão lamentavelmente desafinadas como progresso tecnológico." (J. Maisonrouge)

1. A afirmação correta em relação aos textos V e VI:
a) o texto V é narrativo enquanto o texto VI é dissertativo.
b) o texto V trata de tema menos amplo que o texto VI.
c) ambos os textos mostram que a tecnologia é prejudicial.
d) só o texto 3 defende a alteração das fronteiras políticas atuais.
e) os dois textos têm caráter descritivo.

Texto VII

SAIBA MAIS SOBRE O PROBLEMA

Recente documento, elaborado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), revel que o Brasil é um país mergulhado na sujeira: metade dos municípios não têm serviço de esgoto sanitário, 70% do lixo das cidades são jogados em lixões e alagados (rios, lagos, mar, etc.) e apenas poucos municípios fazem coleta seletiva de lixo.

Os brasileiros produzem todos os dias mais de 125.000 toneladas de lixo, além dos 14,5 milhões de metros cúbicos de esgoto. O destino inadequado de todo esse lixo e esgoto ajuda a explicar por que ainda sofremos com doenças do século XIX, como a febre amarela, as hepatites, as diarreias, os vermes e mesmo as recentes epidemias de Dengue.

Outros fatos preocupantes são:

- o grande volume de lixo encontrado nas ruas, o que segundo a COMLURB demonstra a falta de educação da população que joga lixo de todos os tipos nas vias públicas;

- as milhares de crianças que trabalham revirando lixo nos lixões, disputando com moscas, ratos e urubus, os restos de comida ou objetos que podem ser reaproveitados ou vendidos;
- o chorume, líquido contaminado liberado pelo lixo em decomposição, atinge rios, lagos e a Baía de Guanabara, dentre outros, contaminando peixes, aves e o próprio Homem, gerando graves doenças, problemas sociais e ambientais.

1. Este é um texto retirado de um pequeno jornal de um colégio do Rio de Janeiro e seu valor está no assunto que aborda: o lixo. Para dar valor ao que nele é expresso, o autor procurou destacar dois aspectos, manifestados na primeira linha do texto:

a) atualidade e credibilidade.
b) objetividade e cientificismo.
c) autoridade e sentimentalismo.
d) suspense e negativismo.
e) verdade e nacionalismo.

2. A finalidade principal do texto VII deve ser a de:

a) criticar as autoridades governamentais.
b) denunciar a poluição ambiental.
c) procurar aumentar o conhecimento do assunto.
d) mostrar soluções para o problema do lixo.
e) indicar os principais problemas do país.

3. O documento elaborado pelo IBGE tem valor prioritário de:

a) conselho.
b) denúncia.
c) acusação.
d) crítica.
e) elogio.

Texto VIII

A MARCA DA MORTE NOS CIGARROS

A partir de 1º de fevereiro, começa a circular no Brasil a nova safra de maços de cigarros impressos de acordo com a resolução da Agência Nacional de Vigilância Sanitária. A regra diz que as sessenta marcas vendidas no país devem estampar no verso da embalagem uma entre nove imagens associadas aos malefícios do cigarro. A iniciativa foi copiada de uma experiência bem-sucedida no Canadá. Com imagens explícitas, agressivas até – uma boca com dentes podres e a gengiva inflamada, um coração infartado ou um cérebro com as artérias estouradas – a campanha do Canadá provocou uma primeira reação negativa da sociedade, principalmente entre os não-tabagistas. É que muita gente não queria ser obrigada a conviver com as cenas repugnantes. O saldo final, no entanto, foi ótimo. Uma pesquisa realizada pela Sociedade Canadense do Câncer, com mais de 2000 pessoas, revela que a contrapropaganda surtiu efeitos positivos. Por causa das ilustrações, cerca de 45% dos fumantes ficaram motivados a abandonar o cigarro.

Veja, ed. 1735

1. O título do texto VIII se justifica porque:

a) o vício do fumo provoca doença em milhares de pessoas.
b) a maioria dos fumantes não sabe os riscos que corre.
c) as embalagens de cigarro vão aludir aos males que provoca.
d) fabricantes vão esconder dos fumantes os riscos que correm.
e) o vício do fumo está aumentando os óbitos por câncer.

2. O fato de vir por extenso a denominação "Agência Nacional de Vigilância Sanitária" em lugar da forma abreviada ANVS, mostra que:
a) o texto não pretende apresentar-se em forma resumida.
b) em textos informativos não se usam abreviaturas.
c) o público a que se dirige o texto não é da classe culta.
d) o texto pretende enfatizar o poder legal.
e) para o jornalista, nem sempre as abreviaturas são claras.

3. A resolução da ANVS e o texto-imagem dos maços de cigarros são respectivamente representantes de textos dos tipos:
a) didático/informativo.
b) informativo/normativo.
c) normativo/publicitário.
d) publicitário/expressivo.
e) expressivo/didático.

4. Os textos informativos, como o texto VIII, só NÃO se caracterizam por:
a) objetividade e precisão.
b) abordagem de algo desconhecido do leitor.
c) reduzida participação do autor do texto no enunciado.
d) conteúdo de hipotético interesse de leitores.
e) profunda interação com o leitor.

Texto IX

TENTE LER ESTE ANÚNCIO DIRIGINDO

O anúncio de revista é rico em informações. Pode dar toda a literatura necessária sobre um produto. Explicar o que é, como funciona, a forma de pagamento, enfim, pode dar todos os detalhes tintim por tintim.

Ele é fantástico para um sujeito que dispõe desse tempo que você está tendo agora. Para folhear calmamente, lendo artigos e anúncios.

Já no trânsito, para passar a mensagem a quem está passando, aí o outdoor é imbatível.

Ele é rápido, telegráfico, gigante. Ótimo para anúncios institucionais ou promocionais de qualquer produto ou serviço.

O outdoor também apresenta um dos recalls mais elevados, dentro de uma relação custo/benefício bem atraente.

Dependendo do produto e seu mercado, você pode utilizar o outdoor para cercar o Brasil inteiro, um estado, uma cidade ou simplesmente um bairro. E vender tanto para o Brasil quanto para um bairro com a mesma eficiência, é uma versatilidade que nenhum outro veículo tem.

Além do quê, o outdoor é seu último apelo ao consumidor antes da compra. Porque ele está ali, na rua, bem próximo ao seu ponto de venda. E, você há de concordar, num mercado tão competitivo quanto o nosso, isso pode ser decisivo.

São detalhes como esse que você, anunciante, não pode deixar de levar em conta na hora de programar sua mídia. Principalmente se você quiser atingir um público como esse nosso, dirigido.

1. O anúncio de revista pode ser rico em informações porque:

a) o leitor dispõe de tempo para lê-lo.
b) todo produto a ser anunciado requer isso.
c) o leitor precisa ser convencido a comprar o produto.
d) apela para o gosto estético do leitor.
e) o anunciante exige que isso assim seja.

2. "Explicar o que é, como funciona..."; os dois tipos de textos a que se alude nesse segmento são, respectivamente:

a) jornalístico, publicitário.
b) publicitário, informativo.
c) informativo, instrucional.
d) instrucional, didático.
e) didático, jornalístico.

3. O quarto parágrafo mostra que este texto é:

a) publicitário, pois anuncia o próprio outdoor.
b) informativo, pois explica as qualidades do cartaz de rua.
c) didático, pois ensina o que é um outdoor.
d) jornalístico, pois destaca o surpreendente de um outdoor.
e) poético, pois apela para o bom-gosto do leitor.

4. "O anúncio de revista é rico em informações"; o item abaixo em que a relação expressa pelos elementos sublinhados é INADEQUADA:

a) o horóscopo é rico em previsões.
b) o livro didático é rico em ensinamentos.
c) o dicionário é rico em definições.
d) a bula de remédio é rica em informações.
e) o outdoor é rico em detalhes.

Texto X

PROCESSAMENTO DA ENTREVISTA

A Nogueira de Faria

A entrevista consiste em inquirir tecnicamente, de forma hábil, dentro de um plano e sequência previamente estudados, levando o interrogado ou entrevistado a se pronunciar sobre aquilo que desejamos saber e a emitir sua opinião, muitas vezes sem que formulemos a pergunta diretamente. É a maneira racional de levar alguém a fornecer os informes e as informações que possui em determinada área.

É uma técnica de comunicação direta entre duas pessoas que possuem alguns interesses em comum.

Forma de pesquisa realizada através de diálogo estudado e preparado dentro de um plano e sequência previamente analisados, levando, sutilmente, o entrevistado a se manifestar sobre assuntos de seu conhecimento.

Pode ser entendida como sendo uma conversa planejada, capaz de conduzir à transmissão de uma mensagem, em que o entrevistador orientou a produção e codificação das próprias mensagens por parte do entrevistado, para obter as informações que deseja.

Trata-se de um processo interpessoal de comunicação, com numerosas limitações no tempo e no e no espaço, pois o comportamento das pessoas varia muito. As entrevistas devem ser personalizadas e adaptadas às características do entrevistado, sua cultura, posição social, conhecimento técnico, etc.

Existe uma grande diferença entre a entrevista e a conversa informal entre duas pessoas. É necessário saber distinguir quando o diálogo informal é uma introdução e quando ele perde as características, acabando por se transformar numa palestra inconsistente, tomando tempo e prejudicando o processamento da entrevista propriamente dita.

Organização e métodos. Livros Técnicos e Científicos Edit. RJ, 1982

1. O parágrafo do texto que apresenta uma estrutura distinta da dos demais é o:

a) 1º .
b) 2º .
c) 3º.
d) 4º.
e) 5º.

Texto XI

ÁGUA INSALUBRE

Márcia Peltier. O Globo, 21/10/2002

Estudo do Pacific Institute of Oakland, na Califórnia, prevê que 76 milhões de pessoas morrerão de doenças relacionadas à água até 2020. As crianças serão as mais afetadas por males causados pelo uso e ingestão de água contaminada. No mesmo período, serão registrados 65 milhões de casos fatais em consequência da Aids em todo o mundo.

1. O título dado à notícia é "Água insalubre". Sabendo-se que "insalubre" significa "nocivo à saúde", pode-se dizer que:

a) o título nada esclarece sobre o conteúdo do texto.
b) parte do conteúdo do texto é antecipado pelo título.
c) o adjetivo "insalubre" contradiz o conteúdo do texto.
d) o título pretende atrair o leitor pelo aspecto trágico.
e) a menção da água contaminada introduz o assunto da Aids.

2. O texto lido poderia ser classificado como:

a) didático.
b) informativo.
c) normativo.
d) preditivo.
e) publicitário.

Texto XII

RAÍZES

Heloísa Seixas Domingo, n. 1336

Diante da minha janela havia uma pedra.

Não, não vou fazer imitação de poesia. Nada tem de poética a história que eu vou contar. A pedra de que falo é na verdade uma imensa pedreira, de topo liso, coberto em alguns pontos pela vegetação rasteira, uma espécie de enclave rural em pleno Leblon, onde às vezes cabras pastavam e onde um galo alucinado insistia em cantar na hora errada, no início da madrugada. Era o lugar ideal para, nas tardes de domingo, uma menina se deitar, sentindo nas costas o calor do sol retido pela pedra, enquanto olhava as pipas agitando-se no ar. Eu ia com meus irmãos e seus amigos, quando eles subiam lá para soltar pipa. São só lembranças. Essa pedra não existe mais. Ou pelo menos não existe assim, como a descrevo agora, a pedra da minha infância. Hoje, é uma pedra nua, morta.

Sua base ainda está lá e servirá, pelo que sei, de fundação para um shopping. Mas a superfície foi toda raspada, a vegetação desapareceu, a pedreira foi rebaixada em quatro ou cinco metros, retalhada durante dois anos por uma orquestra de britadeiras, e nela foram erguidos os primeiros andares do que seria um estacionamento.

Assim que começaram a destruir a pedreira, pensei com alarme numa pequena árvore, uma muda de amendoeira cujo crescimento árduo eu vinha acompanhado havia anos. A árvore crescera numa das laterais da pedra e seu tronco se encorpava, equilibrando-se de forma improvável no paredão íngreme. Eu admirava sua bravura, tirando seiva de um lugar onde não havia terra, fazendo um esforço enorme para crescer na ranhura mínima que encontrara. E caminhei um dia até o local onde ela crescia, para ver se, com as obras que tinham começado, a pequena árvore sobreviveria. Mas cheguei tarde demais. Só encontrei o tronco, decepado. Em torno, as raízes, que por anos se haviam agarrado à pedra com tanto esforço, agora condenadas a secar, inúteis.

O tempo passou. E eu não pensei mais no assunto. Até que, outro dia, assistindo a um documentário sobre os talibãs, vi uma inglesa de origem afegã mostrando a foto de um jardim onde brincava na infância e que fora destruído pela guerra civil. O documentário, feito antes da guerra com os Estados Unidos, fora gravado em solo afegão, e a moça conseguira chegar ao local do tal jardim. Mas não encontrou nada. A comparação com a foto que trazia nas mãos era chocante. Todo o verde havia desaparecido. No meio de um descampado monocromático, restara apenas o círculo de pedra de uma velha fonte seca. E a única coisa que não mudara na paisagem eram as montanhas, ao fundo, testemunhas da devastação que hoje sabemos estava apenas no princípio.

Aquela mulher e seu jardim desaparecido me fizeram pensar na pequena amendoeira que crescera na pedra e que também fora decepada. E, com isso em mente, voltei ao ponto do paredão onde ela um dia se agarrara. Com surpresa, descobri que das raízes deixadas na pedra surgiam brotos, com folhas de um verde limpo.

A amendoeira teimava em renascer como talvez fizesse o jardim afegão, apesar da fúria dos homens.

1. "Nada tem de poética a história que vou contar"; a história contada pela autora tem como ponto de partida cronológico:

a) a existência de uma pedra diante da janela da autora.

b) a foto de um jardim onde uma afegã brincara na infância.

c) o crescimento de uma pequena amendoeira na pedra.
d) o fato de a amendoeira ter sido decepada.
e) as lembranças da infância da autora.

Texto XIII

OS NÚMEROS

George Ifrah

Houve um tempo em que o ser humano não sabia contar. A prova: atualmente existem ainda homens incapazes de conceber qualquer número abstrato e que não sabem nem que dois e dois são quatro.

Inúmeras hordas "primitivas" se encontram, ainda hoje, nesse "grau zero" – se assim podemos dizer – quanto ao conhecimento dos números. É, por exemplo, o caso dos zulus e dos pigmeus, da África, dos aranda e dos kamilarai, da Austrália, dos aborígenes das Ilhas Murray e dos botocudos, do Brasil. "Um", "dois" e... "muitos" constituem as únicas grandezas numéricas desses indígenas que ainda vivem na Idade da Pedra.

Eles só conhecem dois "nomes de números" propriamente ditos: um para a unidade e um outro para o par. Dentre eles, os melhores em aritmética chegam certamente a exprimir os números 3 e 4 articulando algo como dois-um e dois-dois. Mas não avançam mais. Além daí é a imprecisão, a confusão: empregam então palavras ou expressões que poderíamos traduzir por muitos, vários, uma multidão. E é tão difícil para eles imaginar um número superior ou igual a 5 quanto é para nós representar quantidades como um trilhão de bilhões. De tal modo que, quando se trata de mais de 3 ou 4, alguns deles se contentam em mostrar a cabeleira, como se dissessem: "É tão inumerável quanto os cabelos da cabeça!"

1. A finalidade principal desse texto é:

a) ensinar.
b) comprovar.
c) informar.
d) contradizer.
e) protestar.

Texto XIV

BRASIL E O MUNDO PODEM PREJUDICAR A SUA SAÚDE

Minha profissão é ver o mal do mundo. Um dia, a depressão bate. Não aguento mais ver a cara do Bush ostentando rugas na testa de preocupação com o nosso destino (que ele azedou), não aguento mais o Lula de boné dançando xaxado, não aguento ver o Sarney feliz, mandando no país, guardando o PT no bolso do jaquetão, enquanto os petistas, comunistas, tucanistas e fascistas discutem para ver quem é mais de esquerda ou de direita, enquanto o país afunda em violência e miséria, com o Estado sendo loteado entre esquerdistas sem emprego; não dá mais para ouvir que há transgênicos de esquerda ou de direita, principalmente quando ninguém consegue impedir as queimadas na Amazônia; passo mal também quando vejo a cara dos oportunistas do MST, com a bênção da Pastoral da Terra, liderando pobres diabos para a revolução contra o capitalismo; não aguento secretários de Segurança falando em forças-tarefa, em presídios perfeitos que não conseguem nem bloquear celulares; não suporto ver que o Exército se recusa a ajudar na repressão ao crime, com generais tão eficazes para arrasar a guerrilha urbana nos anos setenta.

Texto da Internet falsamente atribuído a Arnaldo Jabor

1. A melhor caracterização do texto o define como:

a) narrativo de tema político.
b) expositivo de tom crítico.
c) informativo de base argumentativa.
d) descritivo de situação.
e) argumentativo de tema social.

Texto XV

DO MUNDO VIRTUAL

Carlos Heitor Cony

Insisto em comentar as vantagens e desvantagens do mundo virtual. Não perderei tempo em lembrar as vantagens, elas entram pela cara da gente, tornam-se dia a dia mais indispensáveis e mais fáceis de manuseio.

Fico então com as desvantagens, e uma delas me remete ao processo de pensar, de refletir. Desde que Aristóteles criou o método peripatético, os melhores pensamentos da humanidade vieram quando filósofos, inventores, matemáticos, músicos e poetas obedeciam àquele processo de pensar caminhando, ou de caminhar pensando.

Beethoven passeava na floresta quando voltou correndo, com a Sexta Sinfonia inteira na cabeça. Kant era metódico, todos os dias saía para seu passeio à tarde, os vizinhos podiam acertar o relógio pela hora em que ele percorria o bosque de Konigsberg. E foi assim que ele criou seu monumental sistema dedicado à razão pura.

Strauss compunha suas valsas passeando pelos bosques de Viena e Anchieta escreveu seu poema nas areias de uma praia. Ficar "plugado" a uma tomada pode ser prático, mas não é criador. (...)

Viver "plugado" a uma corrente de pessoas e informações pode ser divertido e útil. Mas agride o que o ser humano tem de melhor e mais insubstituível: o seu gosto, o seu erro, a sua miséria e sua glória.

1. O segmento do texto que mostra interferência do autor no seu conteúdo é:

a) "Mas agride o que o ser humano tem de melhor".
b) "Viver "plugado" a uma corrente de pessoas e informações pode ser divertido e útil".
c) "Strauss compunha as suas valsas passeando pelos bosques de Viena".
d) "Fico então com as desvantagens".
e) "Desde que Aristóteles criou o método peripatético".

2. A melhor classificação do texto lido o enquadra entre os textos:

a) conversacionais.
b) descritivos.
c) narrativos.
d) dissertativos expositivos.
e) dissertativos argumentativos.

Texto XVI

O PIERCING: SER OU NÃO SER

Quando o meu filho Pedro, de 16 anos, falou da vontade de colocar piercing, antes de dizer-lhe um sonoro "não", ponderei o fato de meu filho não ser um veículo para que eu coloque em prática o meu projeto de ser humano. Muito pelo contrário: Ele é um ser independente, com projetos próprios e que tem como orientação básica o respeito ao ser humano e a consciência de que o mundo deve ser mais justo, inteligente, diversificado e saboroso. A partir daí, não me preocupa se ele fará drama ou comédia, com argola no nariz ou gravata no pescoço. O importante não será a sua forma, mais sim o seu conteúdo. (...) O adolescente, pelo menos, faz por festa, para treinar a sua rebeldia. Depois, o tempo passa e todas essas bandeiras pelo corpo vão perdendo a importância e para aqueles que só fazem onda, a coisa ficará no passado. Para os autênticos, a rebeldia fica adulta e muda de lugar. Vai pro olhar.

Texto XVII

ARREPENDIMENTO

Certo dia, no início deste ano, uma moça de 19 anos apareceu no gabinete no deputado Campos Machado na Assembleia Legislativa de São Paulo e contou uma história triste. Ela disse que quando tinha 15 anos se encantou com as tatuagens que viu nas colegas e resolveu entrar na onda da arte corporal. Hoje chora de arrependimento. Ao tentar ingressar na Aeronáutica, ela foi reprovada no exame médico justamente por causa do desenho estampado no corpo. Fez uma cirurgia reparadora, prestou exame e, mais uma vez, foi rejeitada em razão das cicatrizes incriminadoras.

1. O texto XVII mostra, ao final, diante do piercing, as posições do pai e do filho, que são respectivamente, de:

a) aceitação / aprovação.
b) reprovação / aceitação.
c) aprovação / reprovação.
d) indiferença / arrependimento.
e) neutralidade / reprovação.

2. Oposição INCORRETA sobre os dois textos:

a) piercing X tatuagens.
b) realização X arrependimento.
c) aceitação X condenação.
d) primeira pessoa X terceira pessoa.
e) narração X descrição.

Texto XVIII

FRONTEIRAS

Heloísa Seixas

Tenho refletido sobre fronteiras. Sobre a linha tênue e imprecisa que divide realidade e sonho, sanidade e loucura. E me vem à mente história narrada por Otto Friedrich em seu livro Going Crazy (Enlouquecendo). Ele diz que andava um dia pelas ruas de Nova York a caminho do trabalho – como fazia todas as manhãs – quando de repente, diante de um cruzamento, parou, assaltado por uma sensação desconhecida. Era algo avassalador, a impressão exata de que algo se rompera, seguida de uma sensação de impotência e pânico. Ficou ali na calçada, paralisado, sem saber o que se passava. Demorou alguns segundos até compreender. Como fazia o mesmo percurso todos os

dias, costumava andar totalmente desligado, imerso em seus pensamentos, o "piloto automático". Ocorre que, naquele dia, se deparava de repente com um sinal de trânsito quebrado – um elemento estranho à sua rotina. E aquela "ruptura" provocara uma espécie de curto-circuito em seu cérebro, justamente por estar num estágio de semiconsciência, tal a sua disposição. O sinal quebrado provocara uma pane em seu sistema de percepção. Fora coisa rápida, não mais do que alguns segundos. Mas o que perturbava era perceber que, naqueles instantes, vivera numa fronteira: estivera à beira do que se convencionou chamar "loucura".

1. A história narrada no texto da autora tem o papel de:

a) ilustrar um pensamento da autora.
b) demonstrar a correção do pensamento da autora.
c) mostrar que a preocupação da autora é universal.
d) indicar que sua preocupação é válida.
e) testemunhar algo narrado pela própria autora.

Texto XIX

DIAGNÓSTICO

O Globo, 15/10/2004

Em oito anos, o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio – é alarmante esse grau crescente de insegurança. Por maior que tenha sido a indignação manifestada pelo governo federal, são números que reforçam o alerta do Departamento de Estado americano a agências de turismo dos Estados Unidos, divulgado no início do mês, a respeito do perigo que apresentam o Rio e outras grandes cidades brasileiras.

Não é exagero classificar de urgente a tarefa de fazer o turista se sentir mais seguro no Rio, considerando que os visitantes movimentaram 13% da economia da cidade e que dentro de três anos teremos aqui o Pan.

Parte da solução é simples: reforçar o policiamento ostensivo. A Secretaria de Segurança do Estado informa que há quase duas centenas de policiais patrulhando a orla, do Leblon ao Leme, mas não é o que vê – nem é o que percebem os assaltantes.

Muitos destes aliás, são menores de idade com que o poder público simplesmente não sabe lidar, por falta de ação integrada entre autoridades estaduais e municipais, empenhadas num jogo de empurra sobre a responsabilidade por tirá-los das ruas. O que lhes confere uma percepção de impunidade que só faz piorar a situação. Impunidade é também a sensação que resulta do deficiente trabalho de investigação policial: se não se consegue impedir o crime, sua gravação pelas câmeras da orla de pouco serve, pois não há um esquema eficaz de inteligência nem estrutura técnica adequada para seguir pistas. É fácil atribuir todos os problemas à falta de verbas. Mas é mais justo falar em dinheiro mal aplicado. As próprias autoridades anunciam fartos investimentos em aparato tecnológico contra o crime; o retorno que deveria produzir a aplicação eficiente desse dinheiro seria o que não está acontecendo: a redução a níveis mínimos dos assaltos a turistas.

1. O texto, por sua estrutura e características, deve ser prioritariamente classificado como:

a) expositivo.
b) narrativo.
c) informativo.
d) argumentativo.
e) descritivo.

Texto XX

A VIDA COMO ELA SERÁ

Jerônimo Teixeira

Daqui a mais ou menos 1 bilhão de anos, a Terra não será mais habitável. No limite do seu material combustível, o Sol estará se expandindo. A elevação da temperatura no terceiro planeta do sistema solar tornará inviável a sobrevivência de qualquer criatura. Isso significa que a vida em nosso mundo já ultrapassou a meia-idade. Estamos nós, seres vivos, mais perto do fim que do começo. No tempo que resta, que cara terá a vida sobre a Terra? Que espécies surgirão e quais estarão fadadas a desaparecer na trilha das mudanças evolucionárias? E por quanto tempo ainda viveremos nós, seres humanos, para presenciar essas mudanças?

1. Por seu conteúdo e estrutura, o texto lido tem como finalidade prioritária:
a) especular.
b) informar.
c) explicar.
d) ensinar.
e) prever.

Texto XXI

RACISMO, DISCRIMINAÇÃO, PRECONCEITO... COLOCANDO OS PINGOS NOS "IS"

Maria Aparecida da Silva

Recentemente assisti ao programa esportivo Cartão Verde, da TV Cultura, no qual se discutia, de maneira tímida, a discriminação racial que um jogador branco do Palmeiras (Paulo Nunes) teria praticado contra dois jogadores negros, Rincón (Corinthians) e Wagner (São Paulo), em momentos distintos. Havia controvérsias quanto à veracidade dos fatos, quanto à sinceridade dos protagonistas, quanto à oportunidade ou oportunismo das denúncias. Mas o que de fato despertou minha atenção foi a relativização do racismo presente no futebol brasileiro. Os cronistas utilizavam a todo tempo a expressão preconceito, quando as situações em foco constituíam, na verdade, práticas de discriminação racial. Depois de feita essa constatação, procurei explicar para mim mesma porque existe tanta confusão em torno das palavras preconceito, discriminação racial e racismo. É preciso entender exatamente o significado de cada uma dessas expressões.

Estabelecendo diferenças

O preconceito é basicamente um sentimento negativo (é necessário que haja alguma possibilidade de comparação), um estado de espírito negativamente determinado com relação a um grupo ou pessoa. Ele é fruto da ignorância, de opiniões inexatas e de estereótipos. Os preconceitos são muito genéricos e disseminados. Em todas as épocas e em todo o mundo, os grupos humanos alimentaram preconceitos uns em relação aos outros. Diariamente, enfrentamos inúmeros preconceitos. O racial é um deles.

A discriminação é a materialização dos preconceitos. São as atitudes práticas que dão corpo e ação à disposição psicológica dos preconceitos. No caso específico da discriminação racial são as atitudes de vetar, impedir, dificultar, preterir pessoas (predominantemente negras, no caso brasileiro) em seu processo de desenvolvimento pleno como seres humanos.

O racismo. Ah, o racismo... tão presente em nossas vidas, nas instituições, na cultura e nas relações pessoais e tão ausente do rol de preocupações da intelectualidade brasileira e dos veículos formadores de opinião. A dificuldade de defini-lo – e assumir sua existência entre nós – vem do fato de o racismo constituir-se numa prática social negativa, cruel, humanamente repreensível, com a qual, ninguém, em sã consciência (afora os racistas declarados), deseja se identificar.

Revista Raça Brasil. São Paulo: Símbolo, ano 4, n. 39, nov. 1999, p. 51.

1. O texto lido deve ser considerado prioritariamente:

a) narrativo.
b) publicitário.
c) didático.
d) informativo.
e) normativo.

Texto XXII

CONSUMO ENERGÉTICO E IMPACTOS AMBIENTAIS

Demétrio Magnoli e Regina Araújo

Atualmente, os recursos energéticos mais utilizados no mundo são o carvão, o petróleo e o gás natural, à água e os minerais radioativos: juntos, eles correspondem a cerca de 90% do consumo energético mundial. A utilização de qualquer um deles acarreta danos ambientais. As fontes de energias limpas e renováveis, tais como a energia solar, a eólica e a geotérmica, ainda constituem parcelas desprezíveis no balanço energético mundial, em que pese os grandes investimentos em pesquisa realizados para torná-las mais eficientes e menos caras.

A queima do petróleo, do carvão e, em menor escala, do gás natural, libera gases poluentes na atmosfera, inclusive os gases de estufa. No caso do carvão, os impactos ambientais começam já nos procedimentos de extração – a exploração das grandes minas carboníferas devasta a cobertura vegetal. O transporte marítimo do petróleo é outra atividade potencialmente impactante, devido aos riscos de vazamento.

As grandes usinas hidrelétricas exigem a inundação de vastas áreas, causando alterações profundas nos ecossistemas. Também a fauna aquática dos rios pode ser seriamente afetada pela construção de barragens, que muitas vezes impossibilitam a migração sazonal, necessária para a reprodução de muitas espécies de peixes. Nas regiões onde a pesca é uma atividade econômica importante, o problema se torna ainda maior.

A energia nuclear, além do risco de acidentes, gera resíduos com grande poder de contaminação. A água aquecida pelos reatores transfere calor para os rios, mares e depósitos subterrâneos pelos quais circula, causando um tipo especial de poluição térmica capaz de comprometer os ecossistemas.

Certas correntes do pensamento ambientalista sustentam que despoluir o planeta implica diminuir a utilização desses recursos, ou, pelo menos, mantê-la em níveis próximos aos atuais. Entretanto os níveis de consumo vigentes nos países ricos são muitas vezes superiores aos dos países pobres.

Assim, os patamares atuais excluem grande parte da humanidade não apenas da condição de poluidores, mas, principalmente, do consumo de bens e serviços considerados essenciais, e que precisam de energia para ser produzidos e distribuídos. Por isso, outras correntes defendem que a solução mais correta seria a adoção de padrões de consumo compatíveis com a sustentabilidade ambiental dos países ricos.

1. O texto lido pertence ao tipo de texto informativo; pode-se dizer sobre a estrutura desse texto que:

a) os dados fornecidos como informação são totalmente desconhecidos dos leitores.
b) o autor procura despertar interesse, por meio do suspense, nos possíveis leitores.
c) as informações fornecidas são fundamentadas em opiniões pessoais dos autores do texto.
d) os autores partem do pressuposto de que as informações dadas possuem algum interesse para os leitores.
e) a linguagem empregada é a mais coloquial possível, para que o entendimento do texto seja feito por todas as camadas sociais.

Texto XXIII

POR TRÁS DOS LINKS, AS PESSOAS

O matemático suíço Leonhard Euler foi, em 1780, o precursor do pensamento analítico sobre redes. Suas primeiras ideias diziam que eram compostas por nós e links – elos que ligam os nós. Os links são aleatoriamente espalhados entre os nós, formando redes de distribuição aleatória. A teoria de Euler aponta para o caos, ao sustentar que não existem nós centrais e que toda a rede é desprovida de hierarquia.

A palavra rede tem assumido novas conotações, e novas estruturas de comunicação surgiram, potencializando as possibilidades de conversação e circulação da informação. As estruturas matemáticas criadas por Euler para análise das redes passaram a ganhar maior relevância, mas muitas de suas previsões se mostraram sem sentido quando começamos a olhar para as redes sociais, a forma como os seres humanos se organizam – e para como se articulam nossas ações em rede. Se Euler estivesse correto, os quase 6 bilhões de seres humanos (nós) no planeta deveriam ter aproximadamente o mesmo número de amigos (links). No entanto, nos anos 60, Stanley Milgram, um pesquisador da Universidade de Harvard, realizou um experimento que ficou conhecido como "os seis graus de separação".

A compreensão popular do experimento de Milgram aponta que estamos a apenas seis graus de qualquer pessoa no mundo. Exemplo: será que conheço alguém, que conhece outro alguém, que conhece alguém que te conhece? Estar no máximo a seis níveis de separação de qualquer outra pessoa significa que o mundo é pequeno pra caramba. Entretanto, os resultados que Milgram obteve de seus experimentos foram mais radicais. Bem diferentes. Ele descobriu situações como as seguintes:

- três níveis de separação: algumas pessoas possuem links privilegiados, logo conseguem conectar-se com outras por três níveis de separação;
- cem níveis de separação: outras pessoas precisam em torno de cem links para chegarem a outras pessoas. É sinal de que são grupos de pessoas bem mal conectados, mal posicionados na estrutura das redes sociais;
- sem links: muitas pessoas possuem poucos ou nenhum link, restando como verdadeiras ilhas

isoladas dentro da sociedade.

Surge, do experimento de Milgram, uma nova forma de enxergar as redes. O foco está nas experiências sociais. Os nós não seriam conectados aleatoriamente uns aos outros. Alguns deles aglutinam posições estratégicas, como elos. Ou seja, pessoas assumem papéis de protagonismo social a partir de suas possibilidades de conexão com outras pessoas.

Para validar tal premissa, um sociólogo norte-americano, Mark Granovetter, realizou um outro experimento no final dos anos 60. Tinha por objetivo pesquisar a forma como as pessoas procuravam emprego. Granovetter identificou que a sociedade era formada por grupos de pessoas, ou clusters. Ele percebeu que as pessoas que possuíam conexões ou relações distantes com outras fora do círculo familiar tinham duas vezes mais chances de conseguir uma vaga do que pessoas que tinham mais conexões próximas apenas no âmbito da família e dos amigos próximos. A análise de Granovetter era que grupos próximos mais fortemente conectados possuíam interesses similares, logo com menos possibilidades de inserção.

Essas descobertas geraram uma revolução no pensamento da sociologia da época. Novas propostas de como potencializar as conexões entre as redes sociais começaram a surgir. Pensando estrategicamente, o número de conexões era fundamental para ampliar a circulação da informação, seja de ideias, de vagas de emprego ou de experiências compartilhadas.

Coincidentemente ou não, estamos falando da mesma época do surgimento da Internet, as primeiras conexões entre computadores, permitindo que mensagens bastante simples fossem trocadas e que pessoas pudessem estabelecer novos links de conexão entre si.

A tecnologia que vinha sendo desenvolvida parecia permitir uma ampliação nesse potencial de conexão entre as pessoas, criando novas possibilidades de ampliação da capilaridade das redes sociais. Novas formas de conexão, de estabelecimento de links, novas formas de desenharmos nossas próprias redes e os grupos de pessoas organizados em torno da tecnologia. Surgia a dinâmica do virtual, do e-mail, das listas de discussões e das possibilidades de nos linkarmos usando as tecnologias da rede.

De lá para cá, muitas ideias foram implementadas, muitas tecnologias foram desenvolvidas. Surgiram Yahoo, Google, Orkut, MySpace, Facebook, Ning, Blogger, Youtube e tantas outras possibilidades de conversação em rede. Das muitas promessas de ampliação da conexão e do "todos conversando com todos", que as tecnologias da informação trouxeram, ainda observamos os mesmos padrões de comportamento das redes: clusters extremamente influentes nas articulações em rede e grupos isolados, com pouca ou nenhuma conectividade.

Novas tecnologias e novos desafios pela frente. O cenário está montado. Emerge um espaço para construção de um diálogo contínuo por várias lentes e percepções das dinâmicas de conversação, de desenvolvimento e ação que as novas tecnologias permitem a partir da construção de novas formas de redes sociais.

(Dalton Martins e Hernani Dimantas. In: Le Monde Diplomatique Brasil, outubro de 2007)

1. O texto XXIII deve ser classificado como:

a) descritivo, somente.

b) narrativo, somente.

c) narrativo-descritivo.

d) dissertativo.

e) injuntivo.

Texto XXIV

CRITÉRIO ARRISCADO

O exemplo veio da maior economia do mundo: as agências de regulação e desenvolvimento – caso da SEC (Securities Exchange Comission) americana, e da CVM brasileira – têm que ser mantidas salvo da submissão ou das influências políticas. Esta é a melhor forma de preservar a independência de organismos desse tipo cuja eficiência e utilidade para a economia do país são consequência direta de sua credibilidade e da independência de seus dirigentes.

Recentemente, nos Estados Unidos, o presidente da SEC, Harvey Pitt, viu-se compelido a renuncia a seu mandato. Motivo? Ele teria iludido seus colegas de conselho (diretoria da SEC), para conseguir maioria na escolha de William Webster para a liderança de um novo comitê que supervisionará a indústria da contabilidade no país.

Para conseguir o que pretendia, Pitt deixara de informar os demais membros do conselho da SEC que Webster fora chefe de auditoria de uma das companhias que, recentemente, se envolveram com fraudes contábeis. Pitt havia sido indicado para o cargo por Bush, no ano passado, e deveria cumprir um mandato de quatro anos. Diante dos fatos que envolviam Webster, e que eram parte da onda de escândalos financeiros que assola os Estados Unidos há mais de um ano, Pitt não teve alternativa.

No Brasil, o mandato fixo, de quatro anos, para os diretores e presidente da CVM, existe como forma de preservar sua independência.

Ao serem empossados em seus cargos, o presidente e diretores da Comissão de Valores Mobiliários assumem com o país os compromissos de moralidade e legalidade de seus atos, que são comuns todos os servidores públicos. E tendo em vista a gravidade de sua missão, frequentemente confrontada com interesses do mercado e do próprio governo, têm como forma de defesa de sua independência a duração de seu mandato.

A lição recente dos Estados Unidos, em que o mandato fixo não foi suficiente para amparar a ilegalidade, é boa para americanos e serve para o Brasil. O episódio Pitt mostra que o mandato de quatro anos é bom para preservar a independência dos dirigentes da agência, mas não pode servir de escudo no momento em que o agente público atue contra os superiores interesses da moralidade e da legalidade.

Mostra, também, que a melhor forma de evitar constrangimentos futuros, na escolha de dirigentes com mandatos fixos, ainda é a observância dos critérios de competência técnica e de moralidade. A pura e simples filiação partidária não deve habilitar ninguém a cargos desse tipo. O risco é um eventual constrangimento, como o que Bush experimentou ao nomear Harvey Pitt.

(Jornal do Brasil, 17/11/2002, p. A14.)

1. Do ponto de vista do modo de organização do discurso, pode-se afirmar que os parágrafos do texto são:

a) narrativos, apesar de o objetivo do texto ser essencialmente argumentativo.

b) argumentativos, mas estruturados de acordo com o modelo narrativo.

c) argumentativos, sendo que o segundo e o terceiro parágrafos têm estrutura narrativa.

d) narrativos, sendo que o primeiro, o quarto e o quinto parágrafos têm estrutura argumentativa.

e) descritivos, mas a serviço de um texto cujo objetivo é predominantemente narrativo.

Texto XXV

Vários historiadores têm procurado entender a originalidade da monarquia brasileira vinculando-a à chegada da família real ao Brasil em 1808. de fato, é no mínimo inusitado pensar numa colônia sediando a capital de um império. Chamada por Maria Odila Leite da Silva Dias de a "internacionalização da metrópole", a instalação no Brasil da corte portuguesa, que fugia das tropas napoleônicas, significou não apenas um acidente fortuito, mas um momento angular da história nacional e de um processo singular de emancipação. Fuga ou golpe político, o fato é que com D. João e sua família, e contando com a ajuda inglesa, transferiram-se para o país a própria corte portuguesa – cujo número estimado de pessoas chegava a 20 mil, sendo que a cidade do Rio possuía apenas 60 mil almas – e várias instituições metropolitanas. Mas não era só: comerciantes ingleses e franceses, artistas italianos e naturalistas austríacos vinham junto com os baús. Difícil imaginar choque cultural maior.

Transformado em Reino Unido já em 1815, o Brasil passou a distanciar-se, aos poucos, de seu antigo estatuto colonial, ganhando uma autonomia relativa jamais conhecida naquele contexto. A partir de então, o Rio de Janeiro tornou-se capital de Portugal e de suas possessões na África e na Ásia, e os portos brasileiros se abriram ao comércio britânico (seguindo o acerto feito com a Inglaterra, que assegurou o transporte da corte, mas o trocou por esse acordo comercial). Tais fatos alteraram radicalmente a situação da colônia portuguesa na América.

(Adaptado de SCHWARCZ, Lilia Moritz. As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 35-36.)

1. Quanto à organização, afirma-se corretamente que o texto

a) mescla narração e dissertação, mas dá relevo àquela, uma vez que, para a autora, devem ser destacados os acontecimentos e não os comentários avaliativo que eles suscitaram.

b) descreve o modelo administrativo e a organização hierárquica da corte que se transferiu para o Brasil, oferecendo detalhado panorama dos aspectos burocráticos que redundaram no específico feitio da nação brasileira

c) Se restringe à narração do episódio da fuga da família real para a América, destacando suas causas, os meios pelos quais se efetivou e seu impacto sobre a pátria que aqui se formara.

d) Reúne as datas e os acontecimentos tomados como mais relevantes no processo de emancipação do país, para defender a ideia de que, na configuração de um dado quadro político, o mais importante são os antecedentes históricos imediatos.

e) Mobiliza dados históricos e outros trabalhos que se debruçam sobre o tema, com o fito de comprovar a hipótese apresentada sobre a formação da monarquia brasileira.

Texto XXVI

SECRETÁRIA

Luís Fernando Veríssimo

O teste definitivo para você saber se está ou não integrado no mundo moderno é a secretária eletrônica. O que você faz quando liga para alguém e quem atende é uma máquina.

Tem gente que nem pensa nisso. Falam com a secretária eletrônica com a maior naturalidade, qual é o problema? É apenas um gravador estranho com uma função a mais. Mas aí é que está. Não é uma máquina como qualquer outra. É uma máquina de atender telefone. O telefone (que eu não sei como funciona, ainda estou tentando entender o estilingue) pressupõe um contato com alguém e não com

alguma coisa. A secretária eletrônica abre um buraco nesta expectativa estabelecida. É desconcertante. Atendem – e é alguém dizendo que não está lá! Seguem instruções para esperar o bip e gravar a mensagem.

É aí que começa o teste. Como falar com ninguém no telefone? Um telefonema é como aqueles livros que a gente gosta de ler, que só tem diálogos. É travessão você fala,

travessão fala o outro. E de repente você está falando sozinho. Não é nem monólogo. É diálogo só de um.

– Ahn, sim, bom, mmm... olha, eu telefono depois. Tchau.

O "tchau" é para a máquina. Porque temos este absurdo medo de magoá-la. Medo de que a máquina nos telefone de volta e nos xingue, ou pelo menos nos bipe com reprovação.

Sei de gente que muda a voz para falar com secretária eletrônica. Fica formal, cuida a construção da frase. Às vezes precisa resistir à tentação de ligar de novo para regravar a mensagem porque errou a colocação do pronome.

Outros não resistem. Ao saber que estão sendo gravados, limpam a garganta, esperam o bip e anunciam:

– De Augustín Lara...

E gravam um bolero.

Talvez seja a única atitude sensata.

1. Considerando o texto como um todo, podemos classificá-lo predominantemente como:

a) narrativo.
b) descritivo.
c) expositivo.
d) argumentativo.
e) conversacional.

Texto XXVII

A FLOR DO GEÓGRAFO

Dom Marcos Barbosa O.S.B.

Creio que é a terceira vez que venho falar de motoristas. Até parece que vivo andando de táxi. E tenho sempre a sorte de encontrar no volante, ao contrário dos outros, um verdadeiro gentleman.

Para que não me acusem de suspeição e de especial simpatia pela classe, aviso logo que o fato de hoje não se deu comigo,mas com o professor francês Pierre Desfontaines. Jamais esqueci, porém, a frase obscura que o ilustre geógrafo foi colher na trepidante Paulicéia.

Pierre Desfontaines, cujo nome nos fala de pedra e de fonte, não podia ser, realmente um geógrafo como os outros...

Ah, os geógrafos! Eles eram todos, quase todos, como o geógrafo do Petit Prince, que se contentava em anotar as montanhas, os rios e as cidades que os exploradores houvessem visto; mas não as flores, santo Deus! porque as flores eram efêmeras. Também não lhe interessava se os vulcões estavam extintos ou não. Só queria saber da terra, da montanha. Não do risco corrido pelos homens, tão efêmeros quanto a flor. Anotava tudo a lápis. Só depois cobria à tinta, se o explorador se mostrasse fidedigno e trouxesse provas...

Mas felizmente alguns vieram a descobrir a "geografia humana", a geografia em função do homem; e

eu vim a descobrir, por minha vez, a geografia humaníssima de Desfontaines, que me fez lamentar o árido estudo do meu tempo de ginásio e as áridas geografias que ainda hoje vejo nas mãos de tantos alunos.

O professor Desfontaines está longe de desprezar as coisas efêmeras. E por isso me trouxe a frase de quatro pétalas, que guardei como flor ressequida em velho livro, e que o chofer lhe entregara.

Voltara Desfontaines a São Paulo, onde havia estado anteriormente e morara algum tempo. Tendo contratado um carro para levá-lo não sei onde, reconheceu, ao passar, o sítio da sua antiga casa. Pediu ao chofer que parasse, saltou, foi redescobrir a fachada que lhe sorriu entre as outras, e em cujas janelas viu aparecerem a mulher e as filhas ausentes, mais moça aquela, menos crescidas estas... Viu-se a si mesmo como era, como fora, como havia sido. Até que, caindo em si – ou antes caindo de si – deu com o automóvel que largo tempo o esperava.

Subiu depressa ao carro, bateu a porta, pediu ao chofer que corresse. Quando chegou, atrasado, ao término da viagem e perguntou o preço, viu com surpresa que o chofer pedia o mesmo que antes haviam combinado.

– Mas (protestou Desfontaines) o senhor esteve parado muito tempo; não quero causar-lhe prejuízo!

E foi então que o chofer disse lentamente a sua frase, a sua flor: “Saudades não se pagam...”

1. Os quatro últimos parágrafos do texto exemplificam um modo de organização discursiva caracterizado como:

a) argumentativo.
b) informativo.
c) expositivo.
d) descritivo.
e) narrativo.

Texto XXVIII

O MEDO SOCIAL

Jurandir Freire Costa

No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado. De repente foi assaltada por um adolescente, que a roubou, ameaçando cortar a garganta do garoto. Dias depois, a mesma senhora reconhece o assaltante na rua. Acelera o carro, atropela-o e mata-o, com a aprovação dos que presenciaram a cena. Verídica ou não, a história é exemplar. Ilustra o que é a cultura da violência, a sua nova feição no Brasil.

Ela segue regras próprias. Ao expor as pessoas a constantes ataques à sua integridade física e moral, a violência começa a gerar expectativas, a fornecer padrões de respostas.Episódios truculentos e situações-limite passam a ser imaginados e repetidos com o fim de caucionar a ideia de que só a força resolve conflitos. A violência torna-se um item obrigatório na visão do mundo que nos é transmitida. Cria a convicção tácita de que o crime e a brutalidade são inevitáveis. O problema, então, é entender como chegamos a esse ponto. Como e por que estamos nos familiarizando com a violência, tornando-a nosso cotidiano.

Em primeiro lugar, é preciso que a violência se torne corriqueira para que a lei deixe de ser concebida como o instrumento de escolha na aplicação da justiça. Sua proliferação indiscriminada mostra que as leis perderam o valor normativo e os meios legais de coerção, a força que deveriam ter. Nesse vácuo, indivíduos e grupos passam a arbitrar o que é justo ou injusto, segundo decisões

privadas, dissociadas de princípios éticos válidos para todos. O crime é, assim, relativizado em seu valor de infração. Os criminosos agem com consciências felizes. Não se julgam fora da lei ou da moral, pois conduzem-se de acordo com o que estipulam ser o preceito correto. A imoralidade da cultura da violência consiste justamente na disseminação de sistemas morais particularizados e irredutíveis a ideais comuns, condição prévia para que qualquer atitude criminosa possa ser justificada e legítima.

1. "No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado. De repente foi assaltada por um adolescente..."; a passagem do pretérito imperfeito para o pretérito perfeito marca a mudança de:

a) um texto descritivo para um texto narrativo.
b) a fala do narrador para a fala do personagem.
c) um tempo passado para um tempo presente.
d) um tempo presente para um tempo passado.
e) a mudança de narrador.

2. A narrativa contida no primeiro parágrafo tem a função textual de:

a) exemplificar algo que vai ser explicitado depois.
b) justificar a reação social contra a violência.
c) despertar a atenção do leitor para o problema da violência.
d) mostrar a violência nas grandes cidades.
e) relatar algo que vai justificar uma reação social.

3. O texto acima pode ser classificado, de forma mais adequada, como:

a) narrativo moralizante.
b) informativo didático.
c) dissertativo opinativo.
d) normativo regulamentador.
e) dissertativo polêmico.

Texto XXIX

A PUBLICIDADE INFANTIL DEVE SER PROIBIDA POR LEI?

Gilberto C. Leifert

Há um caminho simples: proibir. Há o caminho correto: educar. Pois cidadãos responsáveis e consumidores conscientes se forjam com informação.

Até recentemente, a sociedade entendia ser a educação tarefa exclusiva de pais e professores. Sabiamente, esse conceito evoluiu. Cobra-se, agora, o compromisso de educar também de veículos de comunicação, publicidade, das artes etc. Não poderia haver reivindicação mais justa, dada a importância da educação – desde que não se esqueça o essencial: a responsabilidade de pais e professores continua sendo intransferível.

O Conar aplica o Código Brasileiro, que cuida da publicidade em geral e que acaba de ser atualizado e ampliado em relação aos anúncios de produtos e serviços destinados a crianças e adolescentes. A autorregulamentação recomenda ainda que os anúncios não desmereçam valores sociais ou provoquem discriminação, em particular daqueles que não sejam consumidores do

produto, tampouco associem crianças e adolescentes a situações incompatíveis com sua condição, sejam elas ilegais, perigosas ou socialmente condenáveis.

Mais: a publicidade, entre outras recomendações, não deve: impor a noção de que o consumo do produto proporciona superioridade ou, na sua falta, inferioridade; provocar situação de constrangimento aos pais com o propósito de impingir o consumo; empregar crianças e adolescentes como modelos para vocalizar apelo direto, recomendação ou sugestão de uso ou consumo, tipo "peça para mamãe comprar" ou "faça como eu, use".

Essas recomendações – e outras mais – são, para o Conar, contribuições muito mais efetivas à formação dos futuros consumidores do que a simplista proibição das mensagens.

Lembrando B. Russel: para todo problema complicado há uma solução simples, rápida, de baixo custo e ... errada.

1. O texto é do tipo argumentativo e a tese apresentada por seu autor pode ser resumida do seguinte modo:

a) educar, sim; proibir, não.
b) proibir é melhor que educar.
c) educar é mais fácil que proibir.
d) educar é proibir.
e) proibir, segundo a lei.

Texto XXX

FASCISMO SOCIAL NO PAÍS DO SOCIÓLOGO

Walter Ceneviva – Folha de São Paulo, 16/06/2001

A definição dos objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil está no artigo 3º de nossa Constituição. São todos de grande nobreza e esperança. Valem como pólos de concentração ideal para o povo, como destinos a serem alcançados pelo Brasil, na permanente viagem de nossos sonhos.

O primeiro desses objetivos consiste em realizar uma sociedade livre, justa e solidária. Para ser livre, a sociedade terá liberdades públicas asseguradas a todos. Cidadania livre é cidadania sem intervenção excessiva do poder. No país das medidas provisórias, o cidadão acorda tolhido, dia após dia, com e sem "apagões" e "caladões". Para que a sociedade possa ser tida como justa, é necessário diminuir as distâncias sociais, com pobres menos pobres. Depois que a moeda se estabilizou, durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, honra seja feita, houve melhora nesse campo, mas o Brasil ainda é dos mais atrasados do mundo na satisfação das necessidades sociais do ser humano.

A solidariedade proclamada no texto constitucional deve ser espontânea, colhida na consciência de cada um e, pelo menos, da população mais aquinhoada em favor dos que têm pouco. A solidariedade do artigo 3º da Constituição precisa, porém, ser catalisada pelo Estado para o trabalho espontâneo em favor dos menos favorecidos. O objetivo social exigirá da administração pública e de seus funcionários que atuem em favor dos cidadãos, com eles e não contra eles, como se os considerassem inimigos. O desenvolvimento nacional, segunda das grandes metas do país, tem ido bem no plano econômico. Progredimos em termos materiais, mas não o quanto baste.

O terceiro e o quarto objetivos fundamentais, previstos no artigo 3º, são projetos de um sonho estratosférico. Erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir desigualdades sociais e regionais é

trabalho para séculos. Não há nação do mundo sem faixas de miserabilidades – nem as mais ricas. A promoção do bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação carece de remédio forte, como criminalização das condutas contrárias. Sem a ameaça grave de sanções, a cobra raivosa do preconceito continuará agindo no coração de muitas pessoas.

A Carta proíbe a discriminação entre o homem e a mulher (artigo 5º, I, e artigo 226, parágrafo 5º), contra as liberdades fundamentais, e a prática do racismo (artigo 5º, incisos XLI e XLII). No trabalho, veda distinções quanto ao salário, ao exercício de funções e aos critérios de admissão por motivo de sexo, idade, cor ou estado civil (artigo 7º, inciso XXX). O sociólogo português Boaventura de Souza Santos, professor da faculdade de Economia da Universidade de Coimbra falando recentemente a esta Folha, verberou a polarização da riqueza em muitos países, inclusive no nosso, em condições parecidas com a dos Estados fascistas tradicionais. Exemplificou com grupos criminosos que substituem o Estado em certas regiões (vide o PCC) e com a parte corrupta da polícia, colaboradora do crime organizado, não se sabendo onde acaba a administração pública e começa a sociedade.

Boaventura lembra a incapacidade de redistribuição da riqueza, permitindo que o capitalismo opere contra o pobre, e não a favor dele. Chama essa situação de fascismo social. Neste país, presidido por um sociólogo, precisamos meditar sobre as insuficiências gerais e as do direito em particular, afirmadas pelo sábio sociólogo português. Meditar para corrigi-las.

1. O texto que serve de motivo a esta prova pode ser classificado, de forma mais adequada, como:

a) argumentativo opinativo.
b) narrativo moralizante.
c) expositivo informativo.
d) argumentativo polêmico.
e) expositivo didático.

Texto XXXI

AS RAÍZES DO CARÁTER NACIONAL

Dante Moreira Leite

Parece possível distinguir duas tendências fundamentais na reação ao grupo estranho: uma de admiração e aceitação, outra de desprezo e recusa.

Aparentemente, quase todos os seres humanos apresentam essas duas tendências fundamentais. A participação em nosso grupo provoca sentimentos de segurança e bem-estar, pois supomos entender que os que falam a nossa língua têm um passado em comum conosco, e também sabem o que esperar de nós. Mesmo quando nos desentendemos, sabemos por que isso ocorre, podemos esperar que nosso interlocutor acabe por nos entender e aceitar. E nisso talvez a linguagem desempenhe um papel fundamental, pois os homens geralmente são incapazes de utilizar perfeitamente mais que uma língua, e só naquela aprendida na infância somos capazes de exprimir todas as sutilezas do pensamento, todas as formas de ódio e amor. Além disso, o local em que nascemos e crescemos, a paisagem que conhecemos, tudo isso parece constituir um universo próximo e amigo, cujo reencontro é sempre uma alegria e uma consolação.

No outro extremo, o estrangeiro provoca a nossa desconfiança, às vezes o nosso medo. Nem sempre entendemos os seus gestos e certamente não compreendemos a sua língua. Ele não se veste como

nós, a sua fisionomia pode ser diferente da nossa e não adora nossos deuses. Entre os primitivos, o estrangeiro passava por uma complexa cerimônia, destinada a afastar os malefícios que trouxesse de seus demônios; ao voltar de uma viagem, as pessoas deveriam permanecer isoladas por algum tempo, até que delas se afastassem os demônios estranhos, acaso encontrados pelos caminhos.

E, no entanto, sentimos que o contrário também é verdade. Frequentemente sonhamos com o país distante, a terra prometida onde possamos realizar nossos desejos. Sentimos que aqueles que mais nos conhecem são também capazes de ignorar o que de melhor trazemos conosco. E o provérbio "ninguém é profeta em sua terra" traduz precisamente essa ideia de que não podemos compreender integralmente quem está muito próximo de nós. As situações novas, além disso, são atraentes e provocantes: o novo ou o desconhecido parece, pelo menos durante algum tempo, mais belo e atraente do que o velho; os nossos olhos parecem mais penetrantes ao observar a nova paisagem, ao admirar outras figuras humanas.

O caráter nacional brasileiro, SP. Pioneira, 1976. p.11.

1. O texto pode ser predominantemente classificado como:

a) descritivo.
b) narrativo.
c) argumentativo.
d) conversacional.
e) didático.

Texto XXXII

Um novo fantasma ronda os consultórios pediátricos: as lesões músculo-esqueléticas. O alerta vem do médico Clóvis Artur Almeida da Silva, responsável pela Unidade de Reumatologia Pediátrica do Instituto da Criança, do Hospital das Clínicas (HC), em São Paulo. Segundo o especialista, cada vez maior o número de pacientes com dores e lesões músculo-esqueléticas provocadas pelo uso excessivo de videogames e computadores. Os sintomas da doença são dores nas mãos e nos punhos, fadiga, comportamento agressivo, cefaléia e dores no abdômen, na coluna e no tórax. Além disso, o médico alerta para outros problemas que podem estar associados ao uso de computadores e videogames: a obesidade, o desinteresse pelo alimento (anorexia) e as convulsões por fotoestimulação, que acontecem em crianças já propensas ao problema.

1. Pelo conteúdo e estrutura do texto, pode-se dizer que sua preocupação maior é:

a) ensinar.
b) informar.
c) prever.
d) prevenir.
e) atemorizar.

Texto XXXIII

POR QUE O BUDISMO ENCANTA O OCIDENTE?

Frei Betto

O budismo faz tanto sucesso no Ocidente porque possui características que correspondem às tendências da pós-modernidade neoliberal. Num mundo em que muitas religiões se sustentam em estruturas autoritárias e apresentam desvios fundamentalistas, o budismo apresenta-se como uma

não religião, uma filosofia de vida que não possui hierarquias, estruturas nem códigos canônicos. No budismo não há a ideia de Deus, nem de pecado. Centrado no indivíduo e baseado na prática da yoga e da meditação, o budismo não exige compromissos sociais de seus adeptos, nem submissão a uma comunidade ou crença em verdades reveladas. Há, contudo, muitos budistas engajados em lutas sociais e políticas. Nessa cultura do elixir da eterna juventude, em que o envelhecimento e morte são encarados, não como destinos, mas como fatalidades, o budismo oferece a crença na reencarnação. Acreditar que será possível viver outras vidas além dessa é sempre consolo e esperança para quem se deixa seduzir pela ideia da imortalidade e não se sente plenamente realizado nessa existência.

Outro aspecto do budismo que o torna tão palatável no Ocidente é a sua adequação a qualquer tendência religiosa. Pode-se ser católico ou protestante e abraçar o budismo como disciplina mental e espiritual, sem conflitos. Mesclar diferentes tradições religiosas é uma tendência crescente para quem respira a ideologia pós-moderna do individualismo exacerbado, segundo a qual cada um de nós pode ser seu próprio papa ou pastor, sem necessidade de referências objetivas. Como método espiritual, o budismo é de grande riqueza, pois nos ensina a lidar, sem angústia, com o sofrimento; a limpar a mente de inquietações; a adotar atitudes éticas; a esvaziar o coração de vaidades e ambições desmedidas; a ir ao encontro do mais íntimo de nós mesmos, lá onde habita aquele Outro que funda a nossa verdadeira identidade.

1. Pela estrutura e conteúdo, a melhor definição para esse tipo de texto é:

a) narrativo didático, pois ensina e mostra diferentes aspectos em ordem cronológica.

b) expositivo preditivo, pois antecipa situações futuras das relações entre as crenças.

c) argumentativo polêmico, pois apresenta ideias que defendem uma posição contra outras possíveis.

d) descritivo informativo, pois informa características novas sobre o budismo, que são de interesse geral.

e) dissertativo normativo, pois visa dar normas de conduta aos leitores.

Texto XXXIV

A CIÊNCIA NO SÉCULO XXI

Noventa e sete por cento das espécies vivas, 80.000 proteínas produzidas pelo corpo e bilhões de galáxias ainda não foram identificados. Quase nada sabemos da natureza do Universo, da origem da Vida, do funcionamento dos climas, do desenvolvimento do embrião e do cérebro.

Provavelmente não se descobrirá ainda no século XXI de onde surgiu o Universo, nem como começou a vida na Terra, nem como o cérebro engendra o pensamento e a consciência, nem se outras formas de vida existem em outros lugares. Em compensação, outras questões que hoje não são formuladas serão resolvidas, pois se descobrirá que certas respostas consideradas definitivas estavam totalmente equivocadas.

(Dicionário do século XXI – Jacques Attali)

1. O livro de onde foi retirado esse texto é um dicionário sobre o século XXI, publicado no século XX, o que o mostra como um livro de profecias.

Analise os itens a seguir:

I. “Noventa e sete por cento das espécies vivas, 80.000 proteínas produzidas pelo corpo e bilhões

de galáxias ainda não foram identificados."

II. "Quase nada sabemos da natureza do Universo, da origem da Vida, do funcionamento dos climas do desenvolvimento do embrião e do cérebro."

III. "Provavelmente não se descobrirá ainda no século XXI de onde surgiu o Universo, nem com começou a vida na Terra."

IV. "Em compensação, outras questões que hoje não são formuladas serão resolvidas."

O(s) item(s) que melhor mostra(m) a presença desse discurso preditivo é/são:

a) I – II
b) III – IV
c) IV
d) II – III – IV
e) I – II – III – IV

Texto XXXV

A ARTE NA NOSSA VIDA

Jô Oliveira e Lucília Garcez

Você pode pensar que não conhece arte, que não convive com objetos artísticos, mas estamos todos muito próximos da arte. Nossa vida está cercada dela por todos os lados. Ao acordar pela manhã e olhar o relógio para saber a hora, você tem o primeiro contato do dia com a arte. O relógio, qualquer que seja o seu desenho, passou por um processo de produção que exigiu planejamento visual. Especialistas estudaram e aplicaram noções de arte. A forma do seu relógio é resultado de uma longa história da imaginação humana e das suas preferências. A cor, a forma, o volume, o material que foram escolhidos estão testemunhando o tempo e a transformação do gosto e da técnica. Ao observá-lo, você observa que é um objeto antigo ou moderno, você reconhece que quem o desenhou preferia formas curvas ou retas, ou ainda dourado, e até pedrinhas brilhantes. Quem escolhe um relógio para comprar decide com base em suas preferência pessoais. Alguns preferem os mais elaborados, outros preferem os mais simples. É o gosto pessoal que predomina, e este pode variar infinitamente. Varia porque recebe influências de acordo com a idade, com a época, com o meio social em que a pessoa vive. E, como nos diz a sabedoria popular: "gosto não se discute". Mas, quem sabe, possamos discutir o gosto? Em outros objetos do seu quarto e de seu cotidiano você pode observar a presença da arte: na estampa de seu lençol, no desenho da sua cama, no formato da sua escova de dentes, no desenho da torneira e da pia do banheiro, na xícara que você toma leite, nos talheres, no modelo do carro, no formato do telefone. Em todos os objetos há um pouco de arte aplicada. Esse esforço para produzir objetos bonitos, agradáveis ao olhar atraentes e harmoniosos, está em todas as culturas, em todas as civilizações. E em nosso dia a dia.

1. Pela leitura do texto, podemos classificá-lo como:

a) informativo.
b) didático.
c) publicitário.
d) instrucional.
e) normativo.

Texto XXXVI

AS TARTARUGAS DE HERON

Heloísa Seixas

Amanhece na ilha de Heron. Sobre a imensa faixa de areia, que se estende em curva até desaparecer na bruma da manhã, despeja-se uma lua violácea, que pouco a pouco se encorpa. Mas é somente quando o sol oblíquo já incide sobre as areias e a água, sobre a vegetação rasteira e os tufos de algas que brilham nas pedras com a maré baixa, é só então – nunca antes – que se pode notar o primeiro movimento na praia.

De início, quase imperceptível. Alguns grãos de areia deslocados, apenas. Depois um movimento um pouco mais brusco, mais ousado, pequeno terremoto subterrâneo que suga a areia para dentro de si mesma. Os grãos estremecem, revoltam-se, até que, finalmente, após longa luta, uma forma de cor escura irrompe à superfície. É a cabecinha de uma tartaruga.

Logo, surgem outras. E mais outras, por toda parte. Ao longo de uma enorme extensão de areia, as tartarugas recém-nascidas caminham com seus passos incertos em direção ao mar da Austrália. Nem todas conseguirão alcançá-lo. Muitas morrerão ao longo do caminho até as ondas, levadas por aves predadoras, ou se perderão, confundidas pelo sol. Outras, tenazes, resistirão. Serão mais rápidas ou terão mais sorte – e logo seus pequenos corpos escuros serão apenas uma nódoa no mar de esmeralda líquida. Estarão salvas para cumprir seu destino.

E esse destino é nadar, seguir em frente. As tartarugas de Heron, assim que mergulham no mar, nadam incansavelmente em direção à Nova Zelândia, atravessando as águas do Mar da Tasmânia por anos a fio. Levam praticamente a vida toda nessa travessia, apenas para, um dia, voltar. Então, descrevem uma longa curva e atravessam de volta o oceano, rumo à mesma praia da ilha de Heron onde nasceram. Ali, já adultas, vão pôr seus ovos na areia – para que o ciclo da vida recomece.

Soube de tudo isso ao assistir a um documentário na televisão. E fiquei pensando. As tartarugas de Heron se parecem um pouco conosco.

Elas, como nós, atravessam o longo arco da vida – tão atribulada, tão cheia de batalhas – e, no fim das contas, vão parar no mesmo lugar. São navegantes sem sentido, mas que continuam, sempre e sempre, nadando rumo a seu destino. Nadam com grande afinco, empregando nas braças toda a sua energia, ano após ano, sem saber bem por que o fazem, talvez sem sequer pensar no sentido dessa trajetória. Mas vão em frente, navegam – como nós. Porque é preciso.

1. O texto começa pela descrição da ilha de Heron. Um texto descritivo é caracterizado fundamentalmente por:

a) ações que ocorrem em uma sequência cronológica.

b) reflexões sobre aspectos problemáticos da vida.

c) registro de elementos caracterizadores de uma realidade.

d) citação de informações sobre determinado objeto.

e) conjunto de pensamentos inacabados.

2. Fernando Pessoa, grande poeta português, disse em um de seus poemas que “Navegar é preciso, mas viver não é preciso”; as últimas palavras do texto:

a) demonstram que a autora do texto plagiou o poeta.

b) mostram que Fernando Pessoa conhecia a vida das tartarugas.

c) indicam a presença de um texto em outro.

d) documentam uma paródia das palavras do poeta.
e) ironizam as belas palavras do poema.

Texto XXXVII

PRISÃO DE VENTRE NA ALMA (fragmento)

Leandro Konder

Todos estamos nos tornando, hoje, mais desconfiados do que no passado. Com exceção das pessoas que se dispõem a pagar um preço altíssimo por uma unidade monolítica, somos todos bastante divididos interiormente.

Para o bem ou para o mal, vão rareando as convicções inabaláveis. Uma parte de nós quer acreditar, outra é descrente. Gostaríamos de ter segurança para acreditar em coisas que ninguém pode assegurar que são inteiramente dignas de nossa confiança.

As verdades do crente dependem da fé, enquanto a fé existe. Mas a fé também pode deixar de existir; ela não depende da razão, nem da ciência; depende de Deus, que a deu e pode tirá-la. O filósofo Pascal já no século XVII afirmava que a nossa razão serve, no máximo, para nos ajudar a fazer apostas mais convenientes.

As verdades científicas, por sua vez, dependem da história, são periodicamente revistas, reformuladas. As novas descobertas e as novas invenções não se limitam a complementar os conhecimentos já adquiridos: exigem que eles sejam rediscutidos e às vezes drasticamente modificados.

E as verdades filosóficas? Quanto maiores forem os pensadores que as enunciam, mais acirrada será a controvérsia entre eles. As verdades filosóficas se contradizem, umas questionam as outras.

Somos envolvidos, então, por uma onda de ceticismo. É possível que essa onda já tenha tido alguns efeitos favoráveis à liberdade espiritual dos indivíduos, ao fortalecimento neles do espírito crítico. É possível que ela tenha de algum modo "limpado o terreno" para um diálogo mais desenvolto entre as criaturas, para valores mais comprometidos com o pluralismo, contribuindo para a superação de algumas formas rígidas e dogmáticas de pensar.

Dentro de limites razoáveis, o ceticismo atenua certezas, suaviza conclusões peremptórias e abre brechas no fanatismo. Na medida em que se espraia indefinidamente, contudo, ele traz riscos graves. A própria dinâmica de um ceticismo ilimitado apresenta uma contradição insuperável.

O poeta Brecht expressou esse impasse num poeminha que tem apenas três versos e que não pode deixar de ser reproduzido aqui:

"Só acredite no que seus olhos veem e no que seus ouvidos escutam.
Não acredite nem no que seus olhos veem e seus ouvidos escutam.
E saiba que, afinal, não acreditar ainda é acreditar."

Realmente, quem não acredita, para estar convencido de que não está acreditando, precisa acreditar em seu poder de não acreditar. Aquele que não crê, curiosamente, está crendo na sua descrença.

1. O texto de Leandro Konder deve ser considerado como:

a) didático.
b) informativo.
c) argumentativo.
d) expressivo.

e) narrativo.

2. Característica abaixo que marca predominantemente os textos descritivos é:

a) a atenção às ações ou acontecimentos.
b) a sucessão temporal.
c) uso do pretérito perfeito do indicativo.
d) a presença marcante de substantivos e adjetivos.
e) pretende discutir, informar ou expor.

Texto XXXVIII

DE UMA VIDA A OUTRA

Segundo o Ministério da Saúde, em janeiro de 2003 havia 51.760 pessoas na lista de espera para transplante.

Dado o tamanho do país – e, infelizmente, o grau de violência – seria de se esperar que o auxílio viesse rápido. De certa forma, a população está mais sensibilizada para o problema. O número de doações cresce desde 1997. De lá até o ano passado, saltamos de 3.932 para 8.031 transplantes realizados. As estatísticas mostram que o Brasil é o segundo do mundo em doações em números absolutos, perdendo dos Estados Unidos. Proporcionalmente ao tamanho da população, fica em nono lugar. Ou seja, o brasileiro é generoso, mas precisa fazer mais.

Isto É, fevereiro de 2003.

1. Este é um texto informativo. Sobre esse tipo de texto só *não* se pode dizer que:

a) o informante deve ter um conhecimento que o receptor não possui.
b) o texto deve ter elementos que produzam interesse pela leitura.
c) a informação veiculada pelo texto deve ser comunicada de forma clara.
d) o texto contém informações de interesse para todos.
e) a fonte da informação do texto é dada de forma clara.

* Os textos XXXIX a LIII foram retirados de provas elaboradas pela banca do Cespe/UnB.

Texto XXXIX

Até recentemente, o impacto que as atividades humanas tinham sobre o ambiente que nos cerca era relativamente limitado. Provinha da construção das próprias cidades, de estrada e da expansão da fronteira agrícola, que desmatou a Europa Ocidental nos últimos cinco séculos, como está ocorrendo hoje com a Amazônia.

O grande responsável pela degradação ambiental nos últimos cem anos, contudo, foi o uso crescente de energia. À medida que carvão e petróleo começaram a ser usados em grandes quantidades, os problemas ambientais aumentaram, como ficou evidente em acidentes e outros eventos ligados diretamente ao uso de energia.

As causas da degradação ambiental são muitas e incluem produção e uso de fertilizantes, emissões de mercúrio e de chumbo e outras, resultantes de atividades industriais. Entretanto, a mais importante delas é a queima de combustíveis fósseis (carvão, petróleo e gás). Cerca de 75% das emissões de dióxido de carbono, a principal causa do efeito estufa, provêm dessa queima. Cerca da metade do petróleo derramado nos oceanos vem do seu transporte. Mais de 80% do enxofre (responsável pela chuva ácida) e um terço das emissões de partículas são provenientes das impurezas de carvão e petróleo.

Por essa razão, a solução dos problemas ambientais depende do modo como se produz e consome energia. Será eliminando as causas que se poderão diminuir os efeitos. Soluções existem e elas dependem essencialmente do uso crescente de energias renováveis, como energia hidrelétrica e o uso de biomassa (que é o nome genérico dado à madeira e aos produtos agrícolas, como cana-de-açúcar, da qual se podem produzir combustíveis sofisticados, como álcool). Além dessas, há ainda a energia dos ventos e a transformação direta da luz do Sol em eletricidade.

No mundo todo, a energia renovável representa 16% do consumo, mas a porcentagem é muito maior nos países em desenvolvimento, sobretudo no Brasil, onde atinge 60%.

É claro que o uso de combustível fóssil não vai desaparecer em um futuro próximo, mas é preciso preparar-se, porque as reservas conhecidas de petróleo e gás são finitas e não devem durar mais do que quatro ou cinco décadas. Muito antes disso, haverá escassez desses produtos e custos crescentes. A procura de alternativas energéticas deve começar agora.

(José Goldemberg. O Estado de S. Paulo, 21/03/2000 (com adaptações).

1. Em relação ao texto XXXIX, julgue os itens abaixo:

a) O uso do pronome de primeira pessoa do plural na expressão "nos cerca" (l. 1-2) indica que o autor desenvolve um texto subjetivo, pessoal, opinativo, em que a impessoalidade e a neutralidade científica estão ausentes.

b) Trata-se de um texto em que predomina a modalidade narrativa, pois o essencial é a focalização nos acontecimentos, nos agentes e nos cenários em as ações se desenrolam.

c) Infere-se do texto que o desmatamento da Amazônia tem como causa a expansão da fronteira agrícola.

d) A ideia central do texto está sintetizada no período das linhas 16 e 17 e no último período (l. 28-29).

e) A argumentação do texto desenvolve-se com base na oposição: energia proveniente de combustíveis fósseis e de reservas finitas *versus* energia proveniente de fontes renováveis.

Texto XL

A Revolução Industrial provocou a dissociação entre dois pensamentos: o científico e tecnológico e o humanista. A partir do século XIX, a liberdade do homem começa a ser identificada com a eficiência em dominar e transformar a natureza em bens e serviços. O conceito de liberdade começa a ser sinônimo de consumo. Perde importância a prática das artes e consolidam-se a ciência e a tecnologia. Relega-se a preocupação ética. A procura da liberdade social se faz sem considerar-se sua distribuição. A militância política passa a ser tolerada, mas como opção pessoal de cada um.

Essa ruptura teve o importante papel de contribuir para a revolução do conhecimento científico e tecnológico. A sociedade humana se transformou, com a eficiência técnica e a consequente redução do tempo social necessário à produção dos bens de sobrevivência.

O privilégio da eficiência na dominação da natureza gerou, contudo, as distorções hoje conhecidas: em vez de usar o tempo livre para a prática da liberdade, o homem reorganizou seu projeto e refez seu objetivo no sentido de ampliar o consumo. O avanço técnico e científico, de instrumento da liberdade, adquiriu autonomia e passou a determinar uma estrutura social opressiva, que servisse ao avanço técnico e científico. A liberdade identificou-se com ideia de consumo. Os meios de produção, que surgiram do avanço técnico, visam ampliar o nível dos meios de produção.

Graças a essa especialização e priorização, foi possível obter-se o elevado nível de potencial-de-

liberdade que o final do século XX oferece à humanidade. O sistema capitalista permitiu que o homem atingisse as vésperas da liberdade em relação ao trabalho alienado, às doenças e à escassez. Mas não consegue permitir que o potencial criado pela ciência e tecnologia seja usado com a eficiência desejada.

(Cristovam Buarque. Na fronteira do futuro. Brasília: EDUnB, 1989. p.13) (com adaptações).

1. Quanto à organização do texto XL, julgue os itens a seguir.

a) A argumentação do texto estrutura-se em três eixos principais: ciência e tecnologia, busca da liberdade e militância política.

b) A tese para esse texto argumentativo pode assim ser resumida: nem todo "potencial-de-liberdade" gera liberdade com a eficiência desejada.

c) Para organizar o texto, predominantemente argumentativo, o autor recorre a ilustrações temáticas e trechos descritivos sobre condições das sociedades.

d) O fragmento a seguir, caso fosse utilizado como continuidade do texto, manteria a coerência da argumentação: Existe, assim, uma ambiguidade entre a ampliação dos horizontes da liberdade e os resultados, de fato, alcançados pelo homem.

Texto XLI

MERECEMOS UMA CHANCE

– Até amanhã.

Eram mais de 22 horas de uma segunda-feira quando me despedi de minha amiga e colega M. "Até amanhã", respondeu M. E no amanhã M. não estava mais dando duro em sua cadeira, linda e jovial como a cada dia, cumprindo, compromissos e agendando tarefas. No dia seguinte M. estava num hospital, com hematomas da cabeça aos pés, nariz quebrado, dentes amolecidos e hemorragia interna.

Acontece que entre o até amanhã e o amanhã a juventude e a jovialidade de M. deram de cara com três psicopatas em busca de diversão. Eles a levaram a Osasco, na Grande São Paulo, e bateram nela até cansar. M. foi abandonada numa estrada, seminua e ensanguentada, enquanto seus carrascos procuravam outra vítima, "mais nova que essa". Que tipo de pessoa é capaz de cometer uma brutalidade dessas? Não basta uma classificação psiquiátrica ou sociológica. Tente imaginar a alma de um sujeito assim, e o que se vê é um poço sem fim, o real em estado puro. O horror, o horror.

Certos tipos de crime são independentes da sociedade em que se inserem. Em países ricos ou pobres, em povos cultos ou ignorantes, materialistas ou religiosos, capitalistas ou social-democratas, entre suecos ou tanzanianos, sempre torturadores compulsivos, assassinos seriais, estupradores etc. de alguma maneira, isso faz parte da natureza humana.

Não se trata aqui de uma aposentada na miséria furtando remédios na farmácia (e provavelmente sendo presa). Estamos falando no crime como modo de vida. Existe gente que literalmente vive disso. Se quer dinheiro, rouba. Não para "matar a fome", mas para comprar a melhor cocaína e o último Honda. Se gente assim quer se divertir, junta alguns amigos do mesmo caráter e escolhe mulheres ao acaso no trânsito. Na mesma delegacia onde M. prestou queixa, estavam arquivadas 10 outras ocorrência iguais.

Para casos assim existe essa instituição chamada polícia. Polícia é um serviço público, pago com nossos impostos, e não a encarnação do mal, este papel simplista que intelectuais, jornalistas e

artistas costumam lhe reservar. Seu dever é proteger os não criminosos dos criminosos. Mas a polícia não está cumprindo seu papel. Há uma guerra nas ruas. É um assalto dos marginais ao resto, a tão decantada classe trabalhadora. É na periferia das grandes cidades que esses degenerados fazem suas primeiras vítimas. Assassinatos, crimes sexuais, roubo, tudo acontece primeiro e pior em bairros populares.

Qual a solução? Educação? Sim, mas... Um marmanjo que escolhe suas vítimas ao acaso não precisa exatamente de educação. Aliás, muitos criminosos têm educação esmerada, e até mesmo dinheiro. São violentos porque são.

Policiamento? Óbvio. Mas no Brasil a segurança da população não é prioridade. O salário dos policiais foi enterrado no último prejuízo do Banco do Brasil. A verba das armas foi distribuída entre cabides de empregos de prefeituras falidas. Sem estrutura, paralisada pela burocracia, a polícia brasileira não protege a sociedade de seus criminosos. É o tipo de problema que parece não ter solução. Mas pode ter. Temos que buscar opções, e não apenas chorar o sangue derramado. O importante é que M. não seja mais atacada por psicopatas sem freios. Nem N., nem O., nem P. Nós os não criminosos, merecemos uma chance.

Dagomir Marquezi, Exame, p.126, 17/12/1997 (com adaptações).

1. A compreensão de um texto decorre de vários fatores. Com referência à tipologia textual e ao nível de linguagem utilizado pelo autor, julgue os itens a seguir.

a) O texto é eminentemente dissertativo, apesar de conter trechos narrativos.

b) O primeiro parágrafo reproduz, em discurso direto, as últimas palavras que o autor ouviu de M. na noite anterior à morte de sua amiga.

c) Há, no segundo e no terceiro parágrafos, passagens descritivas relativas à vítima e aos seus assaltantes.

Texto XLII

A CONFLITANTE FORMAÇÃO DE VALORES DAS NOVAS GERAÇÕES

A família tem sido considerada a célula-base da sociedade; ela concebe e desenvolve novos indivíduos, reproduzindo e alterando valores sociais, das mais variadas formas. A ela é confiada a responsabilidade de formar gerações. Questiona-se, entretanto, se a família estaria, realmente, desempenhando esse papel e formando gerações moral e eticamente saudáveis, ou delegando essa responsabilidade a terceiros, arriscando-se a produzir conflitos dessa ordem consigo mesma.

Faz-se necessário verificar que a dinâmica social que enfrentamos impingiu-nos a transferir o papel de criação de nossos filhos às creches e escolas, bem como a diminuirmos nosso tempo de contato com eles, resultando prejudicada a transferência direta de valores de uma para outra geração.

Tende a ocorrer, então, uma padronização nos valores dos novos seres, uma vez que, em cada faixa social, predomina um código ético e moral distinto e bastante definido. Ainda que, por vezes, estes se mesclem, a tendência para uma massificação, quer de grupos ou global, cujo controle nos foge, é inevitável.

A consequência de uma relação social como a descrita, no âmbito da família que carece de tempo de convívio e de ideias comuns, é a suscetibilidade ao rompimento brusco da intimidade familiar, devido a confrontos entre pessoas que, embora ligadas pelo mesmo sangue, não aprenderam juntas os caminhos e o valor da vida. Pode ocorrer, então, o surgimento de uma geração que ficará à mercê de conceitos sociais pluralistas os quais, embora preparem a família para enfrentar e reproduzir a

sociedade, não lhe garantem a transferência dos valores entre as gerações.

André Felipe G. Martins. Desmistificando a redação. Florianópolis: Palloti, 1997. p. 64 (com adaptações).

Texto XLIII

GERAÇÃO LIBERAL – APLAUSO OU DEGOLA?

Às vésperas do terceiro milênio, labirintos misteriosos da ciência e doenças outrora incuráveis vêm sendo desvendados. Mas, à medida que se desenvolve, o século da urgência expõe à guilhotina famílias inocentes, desnorteadas com o constante processo de mudanças sociais por que passamos.

Depois do período de ditadura militar brasileiro, de 1964 a 1979, o excesso de liberdade e a falta de rigidez na instrução dos filhos surgem como consequência da repressão e do autoritarismo que os pais vivenciaram décadas atrás. As não raras cenas de hoje de violência e injustiça também contribuem para a degradação da família. Habituadas ao cotidiano de assaltos, brigas e sequestros, as crianças levam para dentro dos próprios lares atitudes agressivas – espelho do mundo moderno.

Grande parte dessa culpa atribui-se, ainda, à necessidade de nossa era consumista, que mantém os pais longe de casa, pois o trabalho, colocado em primeiro plano, absolve-lhes bastante tempo. Para compensar a carência afetiva a que estão sujeitos seus filhos, os pais tentam, por meio de dinheiro, recuperar a integração em casa; compram-lhes brinquedos, roupas e calçados da moda.

Assim, o progresso tecnológico, com um riso irônico, lega aos homens seus inventos mirabolantes, mas debocha do crescimento desordenado e rápido de uma sociedade contraditória, que se moderniza cientificamente, mas regride no âmbito dos valores morais. É preciso que se descubra o que torna o homem inerme diante de tal situação, para que se possa resgatar a união e a identidade da instituição família, pois ainda há tempo para se evitar a degola da mesma.

Lisiane Schneider. Desmistificando a redação. Florianópolis: Palloti, 1997. p. 75 (com adaptações).

1. Confrontando a tipologia textual e as ideias dos textos XLII e XLIII, julgue os itens a seguir.

a) Os dois textos dissertam acerca do mesmo assunto, qual seja, o conflito familiar na educação das novas gerações.

b) Ambos os textos estruturam-se com um parágrafo introdutório, de âmbito geral, dois blocos em que se enfocam desdobramentos do tema e um parágrafo conclusivo, em que se arrematam as ideias já apresentadas.

c) Enquanto o texto XLII focaliza o assunto sem detalhar o fator temporalidade, o texto XLIII situa problema no tempo e no espaço, circunscrevendo-se à realidade brasileira da segunda metade do século XX.

d) Há em comum aos dois textos o argumento de que a diminuição do tempo de permanência dos pais com os filhos é um dos fatores responsáveis pelo aumento de conflitos.

Texto XLIV

Não se sabia bem onde nascera, mas não fora decerto em São Paulo, nem no Rio Grande do Sul nem no Pará. Errava quem quisesse encontrar nele qualquer regionalismo: Quaresma era antes de tudo brasileiro. Não tinha predileção por esta ou aquela parte de seu país, tanto assim que aquilo que o fazia vibrar de paixão não eram só os pampas do Sul com seu gado, não era o café de São Paulo, não eram o ouro e os diamantes de Minas, não era a beleza da Guanabara, não era a altura da Paulo Afonso, não era o estro de Gonçalves Dias ou o ímpeto de Andrade Neves – era tudo isso

junto, fundido, reunido, sob a bandeira estrelada do Cruzeiro.
Logo aos dezoito anos quis fazer-se militar; mas a junta de saúde julgou-o incapaz. Desgostou-se, sofreu, mas não maldisse a Pátria. O ministério era liberal, ele se fez conservador e continuou mais do que nunca a amar a "terra que o viu nascer". Impossibilitado de evoluir-se sob os dourados do Exército, procurou a administração e dos seus ramos escolheu o militar.
Era onde estava bem. No meio de soldados, de canhões, de veteranos, de papelada inçada de quilos de pólvora, de nomes de fuzis e termos técnicos de artilharia, aspirava diariamente aquele hálito de guerra, de bravura, de vitória, de triunfo, que é bem o hálito da Pátria.
Durante os lazeres burocráticos, estudou, mas estudou a Pátria, nas suas riquezas naturais, na sua história, na sua geografia, na sua literatura e na sua política. Quaresma sabia as espécies de minerais, vegetais e animais, que o Brasil continha; sabia o valor do ouro, dos diamantes exportados por Minas, as guerras holandesas, as batalhas do Paraguai, as nascentes e o curso de todos os rios. Defendia com azedume e paixão a proeminência do Amazonas sobre todos os demais rios do mundo. para isso ia até o crime de amputar alguns quilômetros ao Nilo e era com este rival do "seu" rio que ele mais implicava. Ai de quem o citasse na sua frente! Em geral, calmo e delicado, o major ficava agitado e malcriado, quando se discutia a extensão do Amazonas em face da do Nilo.
Havia um ano a esta parte que se dedicava ao tupi-guarani. Todas as manhãs, antes que a "Aurora, com seus dedos rosados, abrisse caminho ao louro Febo", ele se atracava até ao almoço com o Montoya, Arte y diccionario de la lengua guarani ó más bien tupi, e estudava o jargão caboclo com afinco e paixão. Na repartição, os pequenos empregados, amanuenses e escreventes, tendo notícia desse estudo do idioma tupiniquim, deram não se sabe por que em chamá-lo – Ubirajara. Certa vez, o escrevente Azevedo, ao assinar o ponto, distraído, sem reparar quem lhe estava às costas, disse e tom chocarreiro: "Você já viu que hoje o Ubirajara está tardando?"
Quaresma era considerado no Arsenal: a sua idade, a sua ilustração, a modéstia e honestidade de seu viver impunham-no ao respeito de todos. Sentindo que a alcunha lhe era dirigida, não perdeu a dignidade, não prorrompeu em doestos e insultos. Endireitou-se, concentrou o pince-nez, levantou o dedo indicador no ar e respondeu:
– Senhor Azevedo, não seja leviano. Não queira levar ao ridículo aqueles que trabalham em silêncio, para a grandeza e a emancipação da Pátria.

Lima Barreto. Triste fim de Policarpo Quaresma. Rio de Janeiro: Record, 2ª ed., 1998, p. 17-8.

1. No que diz respeito à tipologia textual, assinale a opção incorreta.

a) Apesar de conter passagens narrativas, o texto é fundamentalmente uma descrição de Policarpo Quaresma.
b) Há, no texto, três ocorrências de discurso direto.
c) Em "do Amazonas em face da do Nilo" (l. 22), o vocábulo extensão é subentendido.
d) Nas linhas 23 e 24, o trecho entre aspas não se identifica com o estilo predominante no texto.
e) A expressão "louro Febo" (l. 24) é uma alusão ao Sol.

Texto XLV

O ANÔNIMO

Tão logo o carteiro entregou a correspondência, Eduardo foi em busca daquilo que, a experiência já lhe ensinara, certamente estaria ali: a carta anônima. De fato, não tardou a encontrar o envelope,

àquela altura familiar, o seu nome e endereço escritos em neutra letra de imprensa, e a nenhuma indicação de remetente (alguns missivistas anônimos usam pseudônimo. Aquele não fazia concessões, nada fornecia que pudesse alimentar especulações com respeito à identidade).

Com dedos um pouco trêmulos – a previsibilidade nem sempre é o antídoto da emoção – Eduardo abriu o envelope. Continha, como de outras vezes, uma única folha de papel ofício manuscrita em letra de imprensa. Como de hábito, começava afirmando: "Descobri teu segredo.". Nova linha, parágrafo, e aí vinha a acusação.

No presente caso: desonestidade. "Todos acham que você é um homem sério, correto", dizia a carta. "mas nós dois sabemos que você não passa de um refinado patife. Você está roubando seu sócio, Eduardo. Há muito tempo. Você vem desviando dinheiro da firma para a sua própria conta bancária. Você disfarça o rombo com supostos prejuízos nos negócios. Seu sócio, que é um homem bom, acredita em você. Mas a mim você não engana, Eduardo. Eu sei de tudo que você está fazendo. Conheço suas trapaças tão bem como você".

Eduardo não pôde deixar de sorrir. Boa tentativa, aquela, do missivista anônimo. Desonestidade na firma, isto não é tão incomum. Com um sócio tão crédulo como era o Ênio, Eduardo de fato não teria qualquer dificuldade em subtrair dinheiro da empresa.

Só que ele não estava fazendo isso. Em termos de negócios, era escrupulosamente honesto. Mais que isto, muitas vezes repassara dinheiro para a conta de Ênio – um trapalhão em matéria de finanças – sem que este soubesse. Honesto – e generoso. Contudo, como certos caçadores tão pertinazes quanto incompetentes, o autor da carta anônima atirara no que vira e acertara no que não vira.

Eduardo enganava Ênio, sim. Mas não na firma. Há meses – em realidade, desde que aquela história das cartas anônimas começara – tinha um caso com a mulher do sócio, Vera: grande mulher. Claro, não poderia garantir que não sentia um certo prazer em passar para trás o amigo que sempre fora mais brilhante e mais bem sucedido do que ele, mas, de qualquer forma, isto nada tinha a ver com a empresa. Desonestidade nos negócios? Não. Tente outra, missivista. Quem sabe na próxima você acerta. Tente. Tente já.

Sentou à mesa, tomou uma folha de papel ofício e escreveu, numa bela mas inconspícua letra de imprensa: "Descobri teu segredo."

Moacyr Scliar. Correio Braziliense, Caderno Dois, p. 2, 21/12/1997 (com adaptações).

1. Com referência à tipologia textual e ao nível de linguagem do texto, julgue os itens seguintes.

a) A história acerca das cartas anônimas, conforme contada pelo autor, apresentando-se na forma de uma narrativa curta, densa, exemplifica o que é conhecido por conto.

b) Os trechos registrados entre aspas no texto estão dispostos na forma de discurso indireto.

c) As passagens descritivas são predominantes nos quatro últimos parágrafos.

Texto XLVI

A OCASIÃO DESFEZ O LADRÃO

Chácaras sempre foram lugares de pequenos furtos. Pás, enxadas, rastelos, galinhas, porcos e cavalos costumam desaparecer mato adentro e como a polícia não dá conta nem mesmo dos crimes contra o patrimônio urbano, a população rural costuma dar por encerrado o assunto.

Mas como nem todo mundo é todo mundo, o caseiro Raimundo das Chagas não se contentou em ver desaparecer do quintal do patrão, no Lago Oeste, um carrinho de mão que usava para carregar

adubo. Era um veículo velho, rodas desgastadas e desajeitado, que costumava ranger quando convocado ao trabalho.

Desapareceu, no mesmo dia, um botijão de gás. Pois carrinho e botijão sumiram entre o entardecer e o dia claro. Com certeza, saíram um furto sobre o outro.

Raimundo foi criado para ver as coisas sempre no lugar, com um sentimento de justeza raro nesses dias. Resolveu sair a esmo, conversando nos botecos, perto das mesas de sinuca, relatando – com falsa ingenuidade – o sumiço do carrinho de mão.

Soube num quiosque bem mais adiante, quase chegando no Poço Azul, que um rapaz de nome João estava vendendo um botijão de gás. O tal não trabalhava, vivia encostado na casa da mãe, na rua de baixo, e era suspeito de vários outros furtos nas proximidades.

Não passou meia hora e Raimundo chegava à casa de João, um barraco descascado, de um rosa pálido e manchado, que um dia foi pintado de cal misturada com um pouquinho de tubo xadrez vermelho. O carro de mão encostara-se perto da porta da cozinha e o botijão podia ser visto do outro lado, quase beirando o poço.

João estava lá ouvindo rádio sentado sobre uma tora de madeira. Raimundo não planejou nem avaliou o risco da empreitada. Aproximou-se do moleque – porque o rapaz era franzino, pouco mais que um menino –, levantou a voz apenas um tom acima do habitual, pegou o garoto pela orelha, como faz um pai à moda antiga, e o obrigou a levar o carrinho de mão e o botijão, sete quilômetros acima, até o lugar de onde havia sido tirado.

Não falou muito, não deu lição de moral, tão inevitável numa situação dessas.

O pequeno ladrão obedeceu, pálido, resmungando alguma coisa bem baixinho – não se sabe o quê.

Muitos os viram passar, subindo a ladeira que margeia o Parque Nacional, na DF-001, mas quase ninguém supôs que ali se aplicava um castigo educativo.

– Nunca mais ele mexe no que é dos outros, repete Raimundo nas poucas vezes em que fala do assunto.

A lição parece ter servido. Desde então não mais se teve notícias de furtos naquelas proximidades.

Caderno Cidades: Coisas da vida Correio Brasiliense, 26/1/1998 (com adaptações).

1. Quanto à tipologia textual apresentada, assinale a opção incorreta.

a) "A OCASIÃO DESFEZ O LADRÃO" é um texto predominantemente narrativo.

b) No primeiro parágrafo, ocorre uma passagem dissertativa: a reflexão acerca dos crimes contra o patrimônio urbano e rural.

c) As indicações "Lago Oeste" (l. 5), "Poço Azul"(l. 13) e "Parque Nacional" (l. 27) não são suficientes para se concluir que o episódio narrado é um fato verídico.

d) A descrição do ladrão, feita pelo autor, encontra-se, principalmente, nos parágrafos quinto e sétimo.

e) O penúltimo parágrafo, iniciado por um travessão, evidencia a presença de um diálogo, ratificando aquele insinuado no parágrafo oitavo.

Texto XLVII

ESTA PROMISSORA AMÉRICA LATINA

Em sua posse no cargo de ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, o embaixador Sérgio Amaral reafirmou o explícito entusiasmo de enfrentar o desafio de incrementar as exportações brasileiras. Ficou claro para todos que ele expressava uma posição de governo,

enfatizada pelo presidente da República, em uma demonstração de que o espírito das autoridades federais está inoculado pela causa e de que a compreensão do que significa uma ação coordenada, visando à inserção do Brasil na economia internacional, começa a se disseminar. Entre outras coisas, o ministro declarou: "Nossa prioridade é o Mercosul".

O governo federal foca seus esforços no aumento das exportações brasileiras e na direção certa, mas há uma agenda aguardando definições e atos, particularmente no que diz respeito aos juros – que precisam ser reduzidos a patamares compatíveis com os praticados nos lugares do mundo onde nossos concorrentes se financiam. Espera-se também uma maior disponibilidade de recursos nos programas de fomento às exportações; uma reforma tributária, que é urgente; um aperfeiçoamento da legislação trabalhista e uma ampliação e melhoria da infraestrutura nacional, principalmente no setor de transportes. Esse conjunto de fatores – enquanto não definidos e implementados – é que torna as empresas brasileiras vulneráveis no jogo do comércio internacional. Mas a questão da América do Sul merece uma análise especial.

Dinheiro é um facilitador das transações, mas não é a única forma de relação comercial. O mundo moderno não pode menosprezar a sabedoria de nossos antepassados, que sobreviveram séculos fazendo trocas. Um bom exemplo de alinhamento entre estratégias empresariais e apoio governamental, que resultou em uma equação, é o caso da Odebrecht em Angola: esta construtora constrói a hidrelétrica de que o país africano necessita, e o governo angolano paga com petróleo, produto abundante naquele país.

O fato é que existe um vasto mercado para exportação na América do Sul que não pode ser desconsiderado. Politicamente, esse é o mercado do Brasil, e o Brasil é o mercado para sua viabilização. O governo federal não deve fechar-se sobre o Mercosul. Precisamos assumir o papel geopolítico de liderança em toda a América do Sul, até porque nossa condição diferenciada no contexto mundial facilita a captação de capitais internacionais, para financiar, aqui, operações dessa natureza. A infraestrutura de transportes, geração de energia e telecomunicações e as riquezas do subsolo estão esperando por investimentos. Se não os fizermos, outros farão.

Emílio Odebrecht. Ícaro Brasil, nov/2001, p. 28-30 (com adaptações).

1. Aplicando conhecimentos acerca de tipologia, estrutura e organização de um texto em parágrafos, julgue os itens a seguir, segundo as ideias desenvolvidas no texto XLVII.

a) No primeiro parágrafo, fica explícita a disposição do governo em enfrentar o desafio do aumento das exportações brasileiras, prioritariamente junto aos países que compõem o Mercosul.

b) No segundo parágrafo, alude-se à ampliação dos limites do mercado, de forma a abranger todo o continente sul-americano, e levantam-se algumas estratégias de ação para viabilizar esse propósito: redução dos juros, aumento da disponibilidade de recursos, reforma tributária, aperfeiçoamento da legislação trabalhista e ampliação e melhoria da infraestrutura de transportes.

c) O terceiro parágrafo, predominantemente narrativo, apresenta o ponto de vista do narrador acerca do dinheiro, da sabedoria dos antepassados e das estratégias empresariais do governo africano para com o petróleo.

d) O quarto parágrafo descreve o vasto mercado para a exportação da América do Sul, além do Mercosul, o papel geopolítico de liderança brasileira na região sul-americana, a condição diferenciada do Brasil no contexto mundial e a infraestrutura brasileira de transportes, de geração de energia, de telecomunicações e de tecnologia.

e) Nesse texto, eminentemente dissertativo, o autor discute o assunto do incremento das exportações

brasileiras na América do Sul, apresentando vários argumentos que teriam, em tese, o intuito de fazer o leitor partilhar do seu ponto de vista, que está resumindo na última ideia do texto: "Se não o fizermos, outros farão".

Texto XLVIII

Há dessas reminiscências que não descansam antes que a pena ou língua as publique. Um antigo dizia arrenegar de conviva que tem memória. A vida é cheia de tais convivas, e eu sou acaso um deles, conquanto a prova de ter a memória fraca seja exatamente não me acudir agora o nome de tal antigo; mas era um antigo, e basta.

Não, não, a minha memória não é boa. Ao contrário, é comparável a alguém que tivesse vivido por hospedarias, sem guardar delas nem caras nem nomes; e somente raras circunstâncias. A quem passe a vida na mesma casa de família, com os seus eternos móveis e costumes, pessoas e afeições, é que se lhe grava tudo pela continuidade e repetição. Como eu invejo os que não esqueceram a cor das primeiras calças que vestiram! Eu não atino com a das que enfiei ontem. Juro só que não eram amarelas porque execro essa cor; mas isso mesmo pode ser olvido e confusão.

E antes seja olvido que confusão; explico-me. Nada se emenda bem nos livros confusos, mas tudo se pode meter nos livros omissos. Eu, quando leio algum desta outra casta, não me aflijo nunca. O que faço, em chegando ao fim, é cerrar os olhos e evocar todas as coisas que não achei nele. Quantas ideias finas me acodem, então! Que de reflexões profundas! Os rios, as montanhas, as igrejas que não vi nas folhas lidas, todos me aparecem agora com as suas águas, as suas árvores, os seus altares; e os generais sacam das espadas que tinham ficado na bainha, e os clarins soltam as notas que dormiam no metal, e tudo marcha com uma alma imprevista.

É que tudo se acha fora de um livro falho, leitor amigo. Assim preencho as lacunas alheias; assim podes também preencher as minhas.

Machado de Assis. Dom Casmurro. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996, p. 79.

1. No segundo parágrafo do texto, o autor usa o exemplo de quem passa a vida "na mesma casa de família" para reforçar sua ideia de que:

a) a convivência rotineira favorece as lembranças de pessoas e fatos.
b) ele próprio poderia ser um conviva de muito boa memória.
c) a vida familiar faz lembrar somente as circunstâncias, e não os fatos.
d) viver em casa de família ou em hospedarias faz mal à memória.
e) viver em família com seus eternos móveis e costumes descansa a mente e estimula a memória.

2. Assinale a opção que apresenta uma frase narrativa do texto.

a) "Há dessas reminiscências".
b) "Um antigo dizia arrenegar de conviva que tem memória".
c) "A vida é cheia de tais convivas".
d) "Não, não, a minha memória não é boa".
e) "Quantas ideias finas me acodem, então".

Texto XLIX

MISS DOLLAR

Era conveniente ao romance que o leitor ficasse muito tempo sem saber quem era Miss Dollar. Mas, por outro lado, sem a apresentação de Miss Dollar, seria o autor obrigado a longas digressões, que

encheriam o papel sem adiantar a ação. Não há hesitação possível: vou apresentar-lhes Miss Dollar.

Se o leitor é rapaz e dado ao gênio melancólico, imagina que Miss Dollar é uma inglesa pálida e delgada, escassa de carnes e de sangue, abrindo à flor do rosto dois grandes olhos azuis e sacudindo ao vento umas longas tranças louras. A moça em questão deve ser vaporosa e ideal como uma criação de Shakespeare; deve ser o contraste do roastbeef britânico, com que se alimenta a liberdade do Reino Unido. (...) O chá e o leite devem ser a alimentação de semelhante criatura, adicionando-se-lhe alguns confeitos e biscoitos para acudir às urgências do estômago. A sua fala deve ser um murmúrio de harpa eólia; o seu amor um desmaio, a sua vida uma contemplação, a sua morte um suspiro. (...). A figura é poética, mas não é a da heroína do romance. (...)

A Miss Dollar do romance não é a menina romântica. (...) Miss Dollar é uma cadelinha galga.

Para algumas pessoas a qualidade da heroína fará perder o interesse do romance. Erro manifesto. Miss Dollar, apesar de não ser mais que uma cadelinha galga, teve as honras de ver o seu nome nos papéis públicos, antes de entrar para este livro. O Jornal do Comércio e o Correio Mercantil publicaram nas colunas dos anúncios as seguintes linhas reverberantes de promessa:

"Desencaminhou-se uma cadelinha galga, na noite de ontem, 30. Acode ao nome de Miss Dollar. Quem a achou e quiser levar à rua de Matacavalos no. ..., receberá duzentos mil-réis de recompensa. Miss Dollar tem uma coleira ao pescoço fechada por um cadeado em que se leem as seguintes palavras: De tout mon coeur."

Todas as pessoas que sentiam necessidade urgente de duzentos mil-réis, e tiveram a felicidade de ler aquele anúncio, andaram nesse dia com extremo cuidado nas ruas do Rio de Janeiro, a ver se davam com a fugitiva Miss Dollar.

Machado de Assis. Contos: uma antologia, v. I, São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 123-5.

1. Considere que parte dos quatro primeiros parágrafos do fragmento desse conto seja retirada, desaparecendo, portanto, as ideias ali expressas e permanecendo desse trecho apenas o período final do quarto parágrafo – "O Jornal do Comércio e o Correio Mercantil publicaram nas colunas dos anúncios as seguintes linhas reverberantes de promessa:". Nesse caso, é correto afirmar que o restante do texto ficará:

a) incompreensível.
b) muito prejudicado por perda de informações sobre o perfil da heroína.
c) sem a apresentação de outras personagens que participam da história.
d) sem a informação de que a cadelinha galga era a heroína da história.
e) mais curto apenas, sem perda de qualquer informação importante para a história.

2. O primeiro parágrafo do texto mostra que o autor pretende:

a) não apresentar a heroína, para criar mistério.
b) fazer longas digressões, para criar suspense.
c) encher o papel de ideias inúteis para a história.
d) apresentar logo a heroína e iniciar a ação.
e) hesitar todo o tempo que for possível.

3. O segundo parágrafo do texto consiste principalmente em uma descrição:

a) de personagem secundária.

b) de personagem principal.
c) de alguém que não é a heroína.
d) do local onde vive a heroína.
e) da vilã da história.

4. O autor do texto manifesta opinião pessoal no(s) trecho(s):
I. "Era conveniente ao romance que o leitor ficasse muito tempo sem saber".
II. "publicaram nas colunas dos anúncios as seguintes linhas reverberantes de promessa".
III. 'Miss Dollar tem uma coleira ao pescoço fechada por um cadeado'.
Assinale a opção correta.
a) Apenas um dos itens está certo.
b) Apenas os itens I e II estão certos.
c) Apenas os itens I e III estão certos.
d) Apenas os itens II e III estão certos.
e) Todos os itens estão certos.

Texto L

GLOBALIZAÇÃO

A globalização começou no dia em que um anônimo primitivo, em alguma parte do continente ainda sem nome, movido por um sentimento de curiosidade, caminhou além dos limites conhecidos por sua tribo e encontrou um grupo de desconhecidos, com o qual entabulou algum tipo de comunicação. A partir daquele momento, os homens nunca mais pararam de caminhar, de olhar ao redor e de integrar-se em um processo de globalização cada vez mais amplo.

Desde o final do século XV, com a invenção de novos equipamentos de navegação e as grandes descobertas, esse processo se espalhou por todo o planeta, ao mesmo tempo em que aumentava a influência européia no mundo. No século XIX, o telégrafo submarino reduziu o tempo com que as informações, as ordens e as diversas decisões importantes chegavam a diversos lugares do mundo – em pontos específicos, em quantidades limitadas e com alguma defasagem de tempo.

O processo atual de globalização se diferencia do iniciado há centenas de milhares de anos porque o mundo se tornou um só e instantâneo. O conhecimento das informações, o acesso às coisas e a influência do poder ficaram internacionais e chegam ao mesmo tempo em todas as partes. Globalização é essa "simultaneidade totalizante", que se instalou sem uma integração entre os homens. Para surpresa de todos que observam o mundo global, a globalização torna iguais os seres, não importa o grupo a que pertençam, mas faz com que dentro de cada grupo as pessoas sejam mais diferentes entre elas do que no passado.

Uma das maiores manifestações linguísticas na fronteira entre os séculos XX e XXI é a ideia de globalização como um processo de internacionalização. A globalização é um processo de disseminação das ideias, da cultura e dos objetivos sociais dos Estados Unidos. No lugar de globalização, há uma ameriglobalização. A melhor prova disso é que esse país defende a abertura comercial, mas fecha suas fronteiras e toma medidas protecionistas sempre que necessário.

Cristovam Buarque. Admirável mundo atual – dicionário pessoal dos horrores e esperanças do mundo globalizado. São Paulo: Geração Editorial, 2001. p. 29 (com adaptações).

1. Analisando a tipologia do texto e a síntese das ideias nele desenvolvidas, assinale a opção incorreta.

a) O primeiro parágrafo apresenta o mais remoto indício da globalização, título do texto, de forma expositiva, sem haver posicionamento explícito do autor frente aos acontecimentos.

b) O segundo parágrafo mostra a evolução do processo, em uma retrospectiva histórica, desde o final do século XV, tempo e, que a influência europeia no mundo se fez marcante, até o século XIX, quando as informações chegavam a diversos lugares do mundo "em quantidades limitadas e com alguma defasagem de tempo".

c) No terceiro parágrafo, o autor, de forma descritiva e privilegiando a apresentação do quadro global em vários pontos do planeta, discorre a respeito do processo de total simultaneidade, instalada sem uma integração entre os homens.

d) No quarto parágrafo, o autor desmistifica a visão corrente de que a globalização é um processo neutro de internacionalização, exemplificando com a atuação da sociedade norte-americana perante o mundo.

e) Em todo o texto predomina a estrutura dissertativa, por meio da qual o assunto é abordado, em linguagem objetiva e referencial, obedecendo a um viés cronológico, do passado ao presente.

Texto LI

O laudo médico-pericial é utilizado como prova técnica, devendo estar isento de tendências, vícios e distorções – condição básica para atingir seu objetivo principal: descrever e interpretar fatos médicos para a correta aplicação da justiça, cumprindo seu papel como um dos principais instrumentos de garantia aos Direitos Universais do Homem.

Não importa se vítima ou agressor: o periciado tem o direito de ser visto e respeitado como homem, sendo examinado em ambiente neutro, sem a presença de estranhos, devendo sentir-se seguro e livre de coações. Enfim, contar com total liberdade para relatar sua versão dos fatos. Por sua vez, o médico-legista deve exercer seu mister livre de constrangimentos, coações ou pressões de quaisquer espécies, mantendo o respeito incondicional pelo homem.

Para deixar mais claro: a própria Resolução CFM n. 1.635, de 9 de maio de 2002, veda ao médico a realização de exames médico-periciais de corpo de delito em seres humanos no interior dos prédios e(ou) dependências de delegacias, seccionais ou sucursais de polícia, unidades militares, casas de detenção e presídios. Proíbe, ainda, exames de corpo de delito em seres humanos contidos por algemas ou por qualquer outro meio – exceto quando o periciado oferecer risco à integridade física do médico-perito.

Como ficaria a posição do legista, trabalhando no interior de delegacias policiais, quartéis ou casas de detenção, repleta de policiais, caso assistisse à violação dos direitos humanos? Seria uma simples testemunha ou um perito médico, com obrigação legal de relatar os fatos? Um legista não é (e não pode ser visto como) testemunha ou cúmplice dos fatos.

Nunca, jamais, devem acontecer ocorrências que levem o periciado a confundir a figura imparcial e isenta do médico-legista (interessado na busca da verdade, por meio da prova técnica) com o aparelho repressor do Estado. Sua função é descrever, por meio da observação atenta e minuciosa, os fatos ocorridos, interpretando-os para a justiça, com seus conhecimentos de medicina.

Internet: <www.bioetica.org.br> (com adaptações).

1. A partir do texto, assinale a opção que resume, corretamente, a ideia do parágrafo correspondente.

a) primeiro parágrafo – apresentação de função, característica e objetivo dos laudos

médicos-periciais.

b) segundo parágrafo – relato da necessidade de agressores e vítimas descreverem as versões dos fatos, responsavelmente.

c) terceiro parágrafo – narrativa sintética dos princípios da Resolução CFM n. 1.635, de 9 de maio de 2002.

d) último parágrafo – argumentação imparcial em defesa da isenção dos médicos-legistas.

Texto LII

TEMPO E ARTISTA

Imagino o artista num anfiteatro
Onde o tempo é a grande estrela
Vejo o tempo obrar a sua arte
Tendo o mesmo artista como tela
Modelando o artista ao seu feitio
O tempo, com seu lápis impreciso
Põe-lhe rugas ao redor da boca
Como contrapesos de um sorriso
Já vestindo a pele do artista
O tempo arrebata-lhe a garganta
O velho cantor subindo ao palco
Apenas abre a voz, e o tempo canta
Dança o tempo sem cessar, montando
O dorso de exausto bailarino
Trêmulo, o ator recita um drama
Que ainda está por ser escrito
No anfiteatro, sob o céu de estrelas
Um concerto eu imagino
Onde, num relance, o tempo alcance a glória
E o artista, o infinito.

Chico Buarque de Holanda. Para todos.
SONOPRESS, BMG, Ariola Discos Ltda.

1. Considerando as ideias do texto, é correto afirmar que o autor:

a) apresenta o tempo como um inimigo implacável da carreira do artista;

b) mostra divergências existentes entre a imaginação do artista e a ação do tempo;

c) relata acontecimentos vividos por um artista através dos tempos;

d) sustenta que, na sua imaginação, a estrela do espetáculo é o tempo, e não o artista.

Texto LIII

Lembrei-me daquele começo de campanha e do seu esforço para conseguir uma notinha. Você, que nunca foi jornalista, acionou a imprensa como nós todos juntos não conseguimos. No início, cheguei a ouvir: “Mais velho do que a fome só o Betinho”. Em pouco tempo, você fez de si novidade e da fome, notícia. Você se impôs e nos pôs a serviço de sua causa.

Algumas pessoas o classificavam como assistencialista, idealista, utópico, querendo dizer que não

passava de um sonhador. Como bom mineiro, você ria. Elas não percebiam que você sabia que não ia abolir a fome nem erradicar a miséria. O que queria era tirar o país do conformismo, passar da indignação à ação, mostrar que a fome e a miséria são um escândalo. O que você quis foi derrotar a razão cínica e substituí-la por uma razão ética.

Zuenir Ventura. Como imaginar que dessa vez era pra valer? In: Crônicas de um fim de século. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999, p. 216 (com adaptações).

1. Com relação às ideias e aos aspectos gramaticais do texto, julgue os itens que se seguem.

a) No primeiro parágrafo do texto, o autor narra o empenho de uma pessoa para instituir uma campanha de combate à fome e à miséria.

b) No segundo parágrafo do texto, o autor estabelece uma oposição entre dois tipos existentes de "razão".

Gabarito comentado:

Textos I e II

1. D. Ambos os textos apresentam linguagem formal, sem apresentarem discurso coloquial.

Texto III

1. D. O texto "Protesto tímido" é um exemplo de crônica, por ser narrativo, com aspectos dissertativos. O autor vem relatar o que lhe aconteceu certo dia ao se deparar com um menor abandonado. Ao longo do texto, ele descreve características do menor, bem como das cenas em que se envolveu, tecendo também comentários sobre o problema que a narração ilustra. A letra A, portanto, é eliminada, já que se trata de narração e não de registros históricos; a letra B não deve ser considerada, já que o estilo a predominar é o narrativo. Quanto à letra C, não se trata necessariamente de uma coluna de jornal. No entanto, a letra D diz que este é um pequeno conto, fato que pode se perceber pela extensão do texto, que não é verdadeiro.
2. B. Os tempos verbais – pretérito imperfeito e pretérito perfeito – são características dos modos descritivo e narrativo, respectivamente. A descrição indica ações contínuas, duradouras – representadas pelo pretérito imperfeito. Já o pretérito perfeito evidencia ações que se sucederam em uma evolução cronológica – característica do texto narrativo.
3. D. O uso da primeira pessoa do plural é uma forma de o narrador se incluir no texto, manifestar sua opinião. Nesse caso, eliminam-se automaticamente as outras opções da questão.
4. B. Ainda que o narrador manifeste comiseração ("escurinho, de seis ou sete anos, não mais"), certa revolta ("vinte e cinco milhões de menores – um dado abstrato, que a imaginação não alcança"), desprezo ("Imagino que ele venha a ser um desses que se esgueiram como ratos em trono aos botequins e lanchonetes e nos importunam cutucando-nos de leve – gesto que nos desperta mal contida irritação") e tristeza ("Para entender, só mesmo imaginando meu filho largado no mundo..."), o tom predominante no texto, que aparece fortemente ao final do texto é o de remorso ("Mas a verdade é que hoje eu vi meu filho dormindo na rua, exposto ao frio da noite, e além de nada ter feito por ele, ainda o confundi com um monte de lixo.").
5. A. Pergunta retórica é aquela que não busca resposta por parte do interlocutor, muitas vezes por ser esta óbvia, que é o que ocorre com a letra A. As outras perguntas não são retóricas por suscitarem reflexão por parte do leitor do texto – suas respostas são importantes para a compreensão da mensagem do texto.

Texto IV

1. D. O título do texto apresenta tom irônico. O autor, com o uso das aspas, já indica sua opinião – o ato de pichar é mais um comportamento vândalo do que um ato de livre manifestação.
2. A. O texto IV é dissertativo polêmico, pois apresenta duas formas de se encarar a mesma questão: o ato de pichar como resultado da liberdade de expressão ou como vandalismo. Quanto à letra B, o que se tem é a inversão das características: a liberdade de expressão é legal e o vandalismo é ilegal. Já a letra C não está correta porque só o primeiro argumento é a favor do aparecimento das pichações, não os dois. No entanto, a letra D extrapola o texto, pois não se tratou do pensamento das autoridades sobre as pichações. E a letra E está errada, pois não são duas realidades que ocorrem simultaneamente: pelo contrário – elas se excluem.
3. D. Ainda que o autor manifeste claramente sua crítica a respeito do tema, o texto é dissertativo polêmico, pois apresenta duas visões do mesmo assunto.

Textos V e VI

Letra A – Ambos os textos são dissertativos. Assertiva errada.

Letra B – Assertiva certa. O primeiro texto fala das fronteiras das nações-estados e as fronteiras da empresa moderna, tema mais específico, menos amplo do que o do segundo texto, que trata das estruturas políticas mundiais.

Letra C – Assertiva errada. Ambos os textos trazem a tecnologia sob uma visão positiva.

Letra D – Assertiva errada. O texto V é que fala da alteração das políticas atuais.

Letra E – Assertiva errada. Ambos os textos são dissertativos. *Das nações-estados* e *o alcance da empresa moderna*. Já o segundo texto trata de um âmbito mais amplo, de nível mundial.

Texto VII

1. A. A primeira linha do texto é reescrita na letra A, pois, ao se falar em "recente documento", está se falando em "atualidade" e ao mencionar "elaborado pelo IBGE", quer-se dizer "credibilidade".
2. C. As letras A e D são eliminadas por falarem em "criticar" e "mostrar soluções", características do texto argumentativo, e não informativo. A letra B extrapola o problema apresentado pelo texto ao mencionar "poluição ambiental". Da mesma forma, a letra E extrapola, pois o texto não trata dos principais problemas do país. Por ser informativo, o texto tem como meta aumentar o conhecimento do leitor sobre o assunto em questão – o lixo.
3. B. O texto é informativo, tem como função prioritária denunciar um grave problema. As outras alternativas devem ser eliminadas, pois o texto não é argumentativo, com valor de conselho, acusação, crítica ou elogio.

Texto VIII

1. C. Ao se falar da "marca da morte", alude-se aos males produzidos pelo fumo; além disso, a expressão "marca nos cigarros" alude às embalagens do cigarro. A letra A omite a informação sobre as embalagens dos cigarros, presente no título. A letra B extrapola o título. A letra D contradiz o texto. A letra E, embora seja condizente com o texto, não é a reescritura do seu título.
2. E. O que se depreende do texto é que o jornalista, ao citar por extenso o significado da forma abreviada ANVS, pretendia esclarecer eventuais dúvidas por parte de algum leitor. A letra A não é verdadeira porque a tradução de uma abreviatura não transforma um texto algo mais ou menos resumido. A letra B é uma generalização excessiva – os textos informativos podem ou não usar

abreviaturas. A letra C é uma extrapolação, pois explicitar uma abreviatura não significa direcionar um texto para uma classe não culta. Já a letra D vai além do objetivo do autor do texto, pois esclarecer uma abreviatura não pode significar a intenção do autor de enfatizar o poder de uma lei.

3. C. A resolução da ANVS é um texto normativo, pois estabelece regulamento, norma. Já o texto-imagem é publicitário, pois procura convencer o leitor a aderir a uma ideia: fumar prejudica a saúde.
4. E. Todas as alternativas representam características do texto informativo, exceto a última: o autor procura ser objetivo e impessoal, daí não serem comuns trechos interativos com o leitor.

Texto IX

1. A. O início do 2º parágrafo é a chave para essa resposta, pois afirma que o anúncio de revista é "fantástico para um sujeito que dispõe desse tempo...". A letra B apresenta uma generalização excessiva. Quanto à letra C, o texto não afirma que somente o texto rico em informações é capaz de convencer o leitor a comprar um produto; no entanto, a letra D confunde quantidade de informações com gosto estético e a letra E extrapola o texto.
2. C. O texto que explica, expõe dados, é o texto informativo. Já aquele que trata do funcionamento de algum objeto é o texto instrucional, que instrui o leitor a realizar algum tipo de ação. Eliminam-se, portanto, as outras alternativas.
3. A. Mais explicitamente no quarto parágrafo, o autor deixa clara a sua intenção de "vender uma ideia" – o outdoor ("Ótimo para anúncios institucionais ou promocionais de qualquer produto ou serviço"). Excluem-se automaticamente as outras opções.
4. E. O horóscopo, por ser um texto preditivo, é rico em previsões; o livro didático possui como meta ensinar; o dicionário é um texto que apresenta definições, conceitos; a bula de remédio, por ser um texto informativo, é rica em informações. Entretanto, o outdoor possui como característica principal a ausência de detalhes. A letra E contradiz o texto.

Texto X

1. E. O texto deve ser classificado como dissertativo didático – seu objetivo é ensinar o leitor como se processa uma entrevista. O único parágrafo que não apresenta tal tom didático, por veicular uma opinião do leitor, é o último: ele é o único parágrafo com características argumentativas.

Texto XI

1. B. Ao se falar em água insalubre, o autor antecipa a conotação negativa da água, que será tratada no texto, daí eliminarmos as letras A e C. Quanto à letra D, o título só anuncia um problema, não tendo, portanto, conteúdo trágico. A letra E é falsa, pois o assunto da Aids é mencionado no texto, não no título.
2. B. O texto tem como meta informar, acrescentar informações ao leitor acerca de um grave problema – a água.

Texto XII

1. B. O texto "Raízes" é um texto narrativo, composto de duas histórias – uma narrativa que se inicia na linha 3, que é secundária, sobre uma pedreira – e uma narrativa principal, que é a base do texto, sobre uma inglesa de origem afegã. É a essa narrativa que o autor alude na 3ª linha, quando anuncia "a história que eu vou contar".

Texto XIII

1. C. O texto XIII é informativo, sua principal finalidade é informar sobre uma época em que o se humano não sabia contar.

Texto XIV

1. B. O texto XIV é expositivo – ele expõe fatos, problemas. Além disso, o autor manifesta, ac longo de sua exposição, um tom de crítica. Entretanto, não podemos considerar o texto argumentativo, pois ele não vem defender uma tese – ele somente expõe evidências.

Texto XV

1. D. Ao solicitar segmento do texto em que o autor interfira no seu conteúdo, o que se pretende é um trecho que seja responsável pela organização da argumentação do texto, que é "fico então com as desvantagens". Aqui, o autor organiza o conteúdo textual, anunciando que a base argumentativa do texto é falar sobre as desvantagens do mundo virtual.
2. E. O texto é dissertativo argumentativo. Sua meta é defender a tese, devidamente explicitada em seu último parágrafo do texto: "Viver plugado a uma corrente de pessoas e informações...agride o que o ser humano tem de melhor e insubstituível...".

Textos XVI e XVII

1. A. Segundo o texto, o pai não chega a aprovar o comportamento do filho, apenas o aceita "ponderei o fato de meu filho não ser um veículo para que eu coloque em prática o meu projeto de ser humano". No entanto, a postura do filho é de aprovação, já que o piercing foi sua escolha.
2. E. Ambos os texto são narrativos – relatam acontecimentos.

Texto XVIII

1. A. O texto é dissertativo – nele o autor utiliza-se de abstrações, conceitos. Sua meta é falar sobre "a linha tênue e imprecisa que divide realidade e sonho, sanidade e loucura". Sendo assim, sua narrativa caracteriza-se como uma estratégia de discurso – seu objetivo é ilustrar o pensamento do autor.

Texto XIX

1. D. Ainda que o texto apresente muitas informações – dados estatísticos resultantes de pesquisas – sua meta é defender a urgência de "fazer o turista se sentir mais seguro no Rio".

Texto XX

1. A. O objetivo do texto é especular, conjecturar sobre a vida daqui a uma grande quantidade de anos. Vale observar que o autor não apresenta tom de certeza, precisão, daí não ser esse texto informativo. Da mesma forma, o texto não prevê o futuro, pelo contrário, ele é finalizado por meio de uma série de perguntas, questionamentos.

Texto XXI

1. C. O objetivo da autora é ensinar a diferença entre racismo, discriminação e preconceito. Atente aos detalhamentos do texto e à apresentação de definições – tudo isso confere um tom didático ao texto lido. Assim, eliminam-se as outras alternativas. A letra D é falsa, pois o texto vai além da tarefa de informar – ele pretende ensinar.

Texto XXII

1. D. A letra A não está correta, pois não se pode afirmar que os dados apresentados pelo texto sejam totalmente desconhecidos pelos leitores. Quanto à letra B, não se pode afirmar que o texto se utilize de suspense – o autor apresenta de imediato as informações ao leitor. Na letra C, não se pode afirmar, tratando-se de um texto informativo, que suas informações são fruto de opiniões do autor. A letra D está correta, pois apresenta uma característica marcante do texto informativo – seu conteúdo deve ter, ao menos presumidamente, conteúdo de interesse para o leitor. Quanto à letra E, o texto não trata de linguagem coloquial – o texto informativo deve ter linguagem simples, mas não informal.

Texto XXIII

1. D.

Texto XXIV

1. C. O texto é predominantemente dissertativo argumentativo. Sua meta é defender uma tese explicitada nos dois últimos parágrafos do texto – a de que o mandato de quatro anos "não pode servir de escudo no momento em que o agente público atue contra os superiores interesses da moralidade e da legalidade", bem como "a melhor forma de evitar constrangimentos futuros, na escolha de dirigentes com mandatos fixos, ainda é a observância dos critérios de competência técnica e de moralidade". Vale observar que, ainda que a argumentação predomine, pode-se observar no texto características expositivas (4º e 5º parágrafos), onde o autor expõe o que sabe sobre o assunto, assim como narrativas (2º e 3º parágrafos), em que o autor relata acontecimentos sobre o episódio Pitt.

Texto XXV

1. E. O texto deve ser classificado como dissertativo, pois discorre sobre um assunto apresentado no início e retomado ao final do texto: a originalidade da monarquia brasileira. Seu objetivo não é contar a história sobre a vinda da família real ao Brasil, mas de apresentar fatos que ilustrem essa hipótese. Dessa forma, eliminam-se as letras A e C. A letra B, ao utilizar o verbo "descreve", a banca insinua que o texto é descritivo, fato que não é verdadeiro. A letra D é falsa, pois o texto não defende a ideia de que "o mais importante são os antecedentes históricos imediatos".

Texto XXVI

1. D. O objetivo do texto é o de discorrer sobre as transformações do mundo moderno e o autor utiliza a secretária eletrônica como um símbolo de modernidade. Sendo assim, o texto deve ser caracterizado como predominantemente dissertativo opinativo. A narração é uma estratégia utilizada para ilustrar sua tese – uma maneira de ilustrar o seu pensamento.

Texto XXVII

1. A. O texto lido deve ser classificado como predominantemente dissertativo argumentativo. Seu objetivo é discorrer sobre as vantagens da geografia humana em detrimento da árida geografia física. Entretanto, os quatro últimos parágrafos apresentam uma narrativa, utilizada para ilustrar o pensamento apresentado pelo texto.

Texto XXVIII

1. A. Na passagem do verbo no pretérito imperfeito ("dirigia") ao pretérito perfeito ("foi assaltada"), assinalou-se uma mudança de um trecho descritivo, em que o autor caracterizava uma

cena, a um texto narrativo, com evolução cronológica.

2. A. O trecho narrativo é utilizado para ilustrar a defesa de tese que será desenvolvida na sequência textual. Conta-se uma história primeiro, para se defender uma tese depois – a banalização da violência.

3. C. O texto deve ser classificado como dissertativo opinativo, ou argumentativo, pois sua intenção é discorrer sobre uma tese, já elucidada ao final do 1º parágrafo ("o que é a cultura da violência, sua nova feição no Brasil") e retomada ao final do texto ("a imoralidade da cultura da violência"). A narração, mesclada com descrição, apresentada no 1º parágrafo serviu apenas para ilustrar a tese do autor.

Texto XXIX

1. A. Esse texto é um bom exemplo de argumentação. Por meio de argumentos apresentados ao longo da dissertação, o autor pretende defender a tese de que o melhor é educar e não proibir ("Há um caminho simples: proibir. Há o caminho correto: educar.").

Texto XXX

1. A. O objetivo do texto é o de defender uma tese – a de que os objetivos fundamentais do art. 3º da Constituição valem como destinos a serem alcançados pelo Brasil. Eliminam-se as outras alternativas. Atente à letra D: a intenção do autor não é a de provocar polêmica, dividir opiniões, mas sim de defender seu posicionamento.

Texto XXXI

1. C. A intenção do autor é a de defender o seguinte argumento central: o ser humano possui atitudes opostas em relação ao estrangeiro – de aceitação e de recusa.

Texto XXXII

1. D. Apesar de apresentar traços informativos, o objetivo do texto é alertar, prevenir o leitor quanto às lesões músculo-esqueléticas.

Texto XXXIII

1. C. O objetivo do texto é apresentar a filosofia budista contrapondo-a às outras religiões – característica do texto polêmico.

Texto XXXIV

1. B. O discurso preditivo é marcado pelos verbos no futuro do presente ("Provavelmente não se descobrirá ainda..."; "... outras questões que hoje não são formuladas serão resolvidas"). Os trechos I e II não são preditivos, são informativos.

Texto XXXV

1. B. A intenção dos autores é nos ensinar a perceber a presença da arte em todos os detalhes da nossa vida. Além da intenção de ensinar, pode-se perceber neste texto a presença de substantivos e adjetivos e o detalhamento nas caracterizações da presença da arte.

Texto XXXVI

1. C. Característica marcante dos textos descritivos é a presença de elementos que caracterizam uma realidade (substantivos e adjetivos). Quanto à letra A, vale observar que o 1º parágrafo não relata acontecimentos, descreve uma cena. O fato de o texto não ser dissertativo elimina as

alternativas B e E. Quanto à letra D, não se pode falar em citação de informações, pois o trecho não é informativo.

2. C. Eis um exemplo de intertextualidade por alusão. O autor faz menção a outro autor em seu texto.

Texto XXXVII

1. C O texto deve ser classificado como dissertativo argumentativo. Seu objetivo é o de defender uma tese – a de que "todos estamos nos tornando, hoje, mais desconfiados do que no passado".
2. D. Como já vimos, o texto descritivo é marcado por uma forte presença de substantivos e adjetivos, pois seu objetivo é o de caracterizar, qualificar. Quanto às letras A, B e C, pode-se observar aí características de textos narrativos. A letra E apresenta perfil de texto dissertativo.

Texto XXXVIII

1. D. Todas as características apresentadas na questão são de um texto informativo, exceto a de que ele apresenta informações que interessarão obrigatoriamente a todos. Trata-se de uma generalização excessiva.

Texto XXXIX

1.

a) Errada. O fato de o autor utilizar-se da 1ª pessoa do plural (nós) é uma forma de ele se incluir no texto, eis que se trata de problema que atinge a todos, mas não pode ser considerado um indício de que o texto seja pessoal, subjetivo.

b) Errada. No texto, há predominância da modalidade dissertativa – ele discorre sobre a questão energética.

c) Certa. Na linha 3 ao mencionar que a expansão agrícola desmatou a Europa Ocidental, indica que o mesmo aconteceu com a Amazônia, como se pode observar pelo trecho "como está ocorrendo hoje com a Amazônia".

d) Certa. De fato, a tese do texto é "a solução dos problemas ambientais depende do modo como se produz e consome energia". Tal informação retorna ao final do texto.

e) Certa. O texto analisa o problema da energia cuja reserva tem fim e sugere o investimento em energias renováveis.

Texto XL

1.

a) Errada. A argumentação do texto não se estrutura em torno de três textos, mas de dois: o eixo científico e tecnológico e o humanista.

b) Certa. De fato, essa é a tese, que aparece explicitada no último parágrafo do texto, com as palavras "Mas não consegue permitir que o potencial criado pela ciência e tecnologia seja usado com a eficiência desejada".

c) Errada. O texto é de fato predominantemente argumentativo, mas não se utilizam ilustrações temáticas (exemplos) nem trechos descritivos para fundamentar-se a tese.

d) Certa. Tal afirmativa reescreve a tese do texto, podendo, portanto, ser sua continuidade.

Texto XLI

1.

a) Certa. Ainda que apareçam trechos narrativos-descritivos, em que se relatam acontecimentos

para ilustrar a tese, o objetivo maior do texto é o de discorrer sobre o crime como modo de vida.

b) Errada. Trata-se de discurso reproduzido de forma direta, por meio da utilização de aspas e de verbo elocucional ("respondeu M."). Entretanto, o texto não indica que tenham sido suas últimas palavras antes de sua morte, mas sim antes de ser hospitalizada.

c) Errada. De fato, há trechos descritivos, mas relativos às vítimas, não aos assaltantes.

Textos XLII e XLIII

1.

a) Certa. Os textos tratam do mesmo tema.

b) Certa. Ambos os textos seguem a estruturação de um texto dissertativo padrão: introdução com apresentação do tema e parágrafos de desenvolvimento seguidos de um parágrafo final conclusivo.

c) Certa. Apenas o texto XLIII trata do tema situando-o em relação ao tempo ("às vésperas do terceiro milênio") e espaço – o Brasil.

d) Certa. Além de os textos tratarem do mesmo assunto, eles o analisam sob o mesmo enfoque – a ausência dos pais e os conflitos por ela gerados.

Texto XLIV

1. B. A letra A está correta – o objetivo maior do texto é caracterizar Policarpo Quaresma. Ainda assim, há passagens narrativas, principalmente nos 2º e 4º parágrafos. A letra C está igualmente correta, eis que a presença do artigo na contração "da" em "em face da do Nilo", pressupõe o substantivo subentendido. A letra D está correta, pois o trecho apresenta uma linguagem mais arcaica, estilo que não predominou no texto. A letra E de fato indica uma alusão ao Sol. Já a letra B está errada, pois não há três ocorrências de discurso direto no texto: há somente duas, uma no antepenúltimo e outra no último.

Texto XLV

1.

a) Certa. De fato, essa é uma narrativa curta e concisa em torno de um único núcleo: a correspondência para Eduardo.

b) Errada. As aspas são o indício de que o discurso utilizado pelo narrador é direto.

c) Errada. Nos quatro últimos parágrafos, o que predomina é a narração.

Texto XLVI

1. E

a) Certa. A intenção maior do texto é relatar acontecimentos: a história do caseiro Raimundo das Chagas.

b) Certa. O autor inicia sua narrativa fazendo considerações, observações pessoais ("como a polícia não dá conta nem mesmo dos crimes contra o patrimônio"), mas do 2º parágrafo em diante inicia o seu relato.

c) Certa. O fato de o autor mencionar localidades que existem não faz de sua narrativa um acontecimento verídico.

d) Certa. Nos parágrafos 5 e 7, o narrador descreve o ladrão ("o rapaz era franzino, pouco mais que um menino"), ("O tal não trabalhava, vivia encostado na casa da mãe, na rua de baixo, e era suspeito de vários outros furtos nas proximidades.").

e) Errada. Não há diálogo, o que se vê aqui é um pensamento do personagem.

Texto XLVII

1.

a) Certa. A alternativa é a reescritura do início do texto ("o explícito entusiasmo de enfrentar o desafio de incrementar as exportações brasileiras"; "Nossa prioridade é o Mercosul".).

b) Certa. De fato, o objetivo do 2º parágrafo é de enumerar a agenda de definições e atos do governo federal, devidamente reescritas na alternativa.

c) Errada. O terceiro parágrafo não narra, ele discorre, discute um assunto por meio de um exemplo.

d) Errada. O quarto parágrafo é dissertativo, ele não descreve, mas sim discute um assunto o vasto mercado da América do Sul.

e) Certa. De fato, a tese do texto vem explicitada no seu final, quando o autor alude à necessidade de se realizarem de imediato ações de incremento às exportações.

Texto XLVIII

1. A. No texto, o autor diz que "A quem passe a vida na mesma casa de família, ... é que se lhe grava tudo pela continuidade e repetição".
2. B. Todas as outras alternativas são exemplos de trechos dissertativos, abstrações, conceitos. Somente a alternativa B relata um acontecimento da vida do narrador.

Texto XLIX

1. D. A supressão dos parágrafos descritivos não prejudicaria a compreensão da história, daí eliminarmos as alternativas A e B. Quanto à letra C, vale observar que os parágrafos descrevem apenas uma personagem – sua heroína. A letra E vai além da realidade, ao julgar que tais parágrafos apresentam informações sem importância para a história. A resposta correta é a letra D, pois o objetivo dos parágrafos era o de descrever a personagem principal do texto.
2. D. Ainda que o autor não apresente de imediato a heroína no texto, percebe-se que sua intenção inicial era a de apresentá-la ("Não há hesitação possível: vou apresentar-lhes Miss Dollar.")
3. B. O objetivo do texto é descrever a personagem Miss Dollar, que é uma cadelinha galga.
4. B. O item I apresenta passagem opinativa, por meio da expressão "era conveniente". O mesmo ocorre com o item II, por meio do trecho "linhas reverberantes de promessa". Já o item III não apresenta opinião, apenas um fato.

Texto L

1. C. Todas as alternativas estão corretas, exceto esta. O terceiro parágrafo é dissertativo; ele discorre sobre um assunto – a globalização como uma "simultaneidade totalizante". Daí a alternativa estar errada: o autor não apresenta o assunto de forma descritiva, mas sim dissertativa.

Texto LI

1. A. A alternativa A é a paráfrase do 1º parágrafo ("O laudo médico-pericial é utilizado como prova técnica, devendo estar isento de tendências, vícios e distorções – condição básica para atingir seu objetivo principal: descrever e interpretar fatos médicos para a correta aplicação da justiça"). Neste parágrafo, apresentam-se as funções (prova técnica), característica (isento de tendências, vícios e distorções) e objetivo (descrever e interpretar fatos médicos). A letra B está errada, pois o 2º parágrafo não relata acontecimentos – ele discorre sobre a necessidade de uma postura respeitosa por parte do médico-legista. Quanto à letra C, encontra-se de imediato um erro

ao se afirmar que o parágrafo 3 narra os princípios da Resolução CFM: não há narrativa, há exposição do que se sabe sobre a Resolução. Já a letra D apresenta erro ao afirmar que a argumentação que finaliza o texto é imparcial: pelo contrário, se o autor opina, suas ideias são apresentadas de forma parcial no texto.

Texto LII

1. D. O texto é dissertativo – nele o autor discorre sobre o tempo como estrela do espetáculo em um anfiteatro do artista ("onde o tempo é a grande estrela"). A letra A extrapola o que o texto afirma, pois não se falou no tempo como "um inimigo implacável" do artista. A letra B erra ao falar sobre a imaginação do artista – trata-se da imaginação do autor e também não há divergências entre ela e a ação do tempo. Quanto à letra C, o erro está no fato de que o texto não objetiva narrar acontecimentos vividos por um artista, mas abstrair sobre um tema – a ação do tempo.

Texto LIII

1.

a) Certa. O objetivo do parágrafo é relatar acontecimentos: a campanha de Betinho contra a fome e a miséria ("Em pouco tempo, você fez de si novidade e da fome, notícia").

b) Certa. O segundo parágrafo tem como objetivo apresentar a dualidade da campanha de Betinho, apresentando características expositivas.

1 Os exemplos utilizados para explicar como se constrói uma narrativa são tirados de um mesmo texto de Ziraldo.

24 ESTRUTURAÇÃO ARGUMENTATIVA

24.1. TEORIA RESUMIDA

Muitas provas de concursos públicos, além de buscarem do aluno seu conhecimento acerca da classificação dos textos, como narrativos, descritivos ou dissertativos, esperam que o candidato esteja apto a achar a tese de um texto dissertativo, resumir seus parágrafos, buscar uma assertiva que seja capaz de concluir tal texto, entre outros conceitos. Para isso, é preciso que o aluno domine as técnicas de estruturação argumentativa. Para esse tipo de questão, é preciso que você esteja apto a desvendar a estruturação de um texto dissertativo: achar sua tese, buscar em cada parágrafo o seu tópico frasal, entender como foram estruturados sua introdução, desenvolvimento e conclusão. Enfim, agregar conhecimentos que ajudarão você inclusive a redigir melhor, pois, ao observar os textos das provas, será possível entender as técnicas que se utilizam em produção textual. **Redigir é ato que deriva da leitura.**

Nosso próximo passo é ensinar você a desvendar as artimanhas de um texto dissertativo, que é a modalidade que mais aparece nas provas de concursos públicos. A partir daí, você estará apto a resolver questões que são as *preferidas* de bancas como Cespe, Esaf e FCC. Vamos lá?

Compreender um texto é muito mais que juntar palavras, frases. É depreender da leitura seu sentido maior, ultrapassando sua superfície. Uma boa maneira de interpretar um texto é buscar nele suas principais ideias, observando como foram estruturadas na argumentação.

Inicialmente, deparamo-nos com o **TEMA** sobre o qual repousa a discussão do texto. Caracteriza-se, portanto, por ser o assunto, o motivo da argumentação. Eis aí a diferença entre tema e tese. **A TESE** caracteriza-se por ser a tomada de posição do autor em relação ao tema e aparece, em um texto padrão, no 1º parágrafo. Será ela não só a ideia central do 1º parágrafo, ou **INTRODUÇÃO**, mas do texto em sua totalidade, o qual terá como compromisso desenvolver argumentos que a comprovem.

Nos parágrafos seguintes – que estruturarão o **DESENVOLVIMENTO** –, observa-se a presença dos **TÓPICOS FRASAIS**, que são os argumentos centrais de cada parágrafo. Serão eles desenvolvidos das mais variadas formas: apresentação de relações de causa e efeito, utilização de exemplos, comparações, analogias, dados estatísticos, testemunhos de autoridade etc.

Por fim, o último parágrafo, ou **CONCLUSÃO**, surge no texto representando a retomada da tese. É neste momento que, em geral, o autor externa suas opiniões, críticas, ou ainda sugestões sobre a discussão desenvolvida em sua dissertação, finalizando-se, assim, o ciclo textual.

Texto comentado

QUALIDADE DE VIDA
Estudo de uma tipologia textual – Educação/UFRJ
É de conhecimento geral que a qualidade de vida nas regiões rurais é, em alguns aspectos, superior à da zona urbana1, porque no campo inexiste a agitação das grandes metrópoles2, há maiores possibilidades de

se obterem alimentos adequados3 e, além do mais, as pessoas dispõem de maior tempo para estabelecer relações humanas mais profundas e duradouras4.
Ninguém desconhece que o ritmo de trabalho de uma metrópole é intenso5. O espírito de concorrência, a busca de se obter uma melhor qualificação profissional, enfim, a conquista de novos espaços lança o ambiente urbano em meio a um turbilhão de constantes solicitações. Esse ritmo excessivamente intenso torna a vida bastante agitada, ao contrário do que se poderia dizer sobre os moradores da zona rural.
Por outro lado, nas áreas campestres há maior qualidade de alimentos saudáveis6. Em contrapartida, o homem da cidade costuma receber gêneros alimentícios colhidos antes do tempo de maturação, para garantir maior durabilidade durante o período de transporte e comercialização.
Ainda convém lembrar a maneira como as pessoas se relacionam nas zonas rurais7. Ela difere da convivência habitual estabelecida pelos habitantes metropolitanos. Os moradores das grandes cidades, pelos fatos já expostos, de pouco tempo dispõem para alimentar relações humanas mais profundas.
Por isso tudo, entendemos que a zona rural proporciona a seus habitantes maiores possibilidades de viver com tranquilidade8. Só nos resta esperar que as dificuldades que afligem os habitantes metropolitanos não venham a se agravar com o passar do tempo9.

24.1.1. O parágrafo argumentativo

Segundo Othon M. Garcia, "o parágrafo é uma unidade de composição constituída por um ou mais de um período, em que se desenvolve determinada ideia central, ou nuclear, a que se agregam outras, secundárias, intimamente relacionadas pelo sentido e logicamente decorrente dela". O parágrafo seria, portanto, uma espécie de minitexto em que se poderia destacar – exatamente como se faz no texto argumentativo padrão – ao menos dois momentos: introdução (apresentação do argumento) e desenvolvimento (fundamentação do argumento), sendo a conclusão, portanto, facultativa.

Conhecer o parágrafo padrão seria fundamental ao leitor, já que diante de um texto curto – de apenas um parágrafo – poder-se-ia analisá-lo como um texto argumentativo padrão. E na hipótese de o aluno estar diante de um texto composto de mais de um parágrafo, analisar cada um separadamente lhe garantiria o método necessário para a intelecção do que está escrito.

24.1.2. O tópico frasal

Inicialmente, vale lembrar que **tópico frasal** é a ideia ou argumento central do parágrafo, apresentada de forma genérica. É a ideia-chave, a síntese do pensamento, a essência do parágrafo.

Tudo que se afirma no parágrafo girará, portanto, em torno da fundamentação do tópico frasal.

No texto padrão, o tópico frasal inicia o parágrafo e na sequência vem a sua fundamentação. Esse é o método dedutivo de raciocínio, em que o autor parte da generalização para o seu detalhamento (GERAL → ESPECÍFICO).

Ex.: Conclui-se, sem esforço e sem exagero, que, **no Brasil, registram-se duas grandes falhas**: a) há um excesso na importação de produtos culturais; b) falta discernimento na escolha, havendo uma preferência, da parte dos empresários e, em consequência, da parte do consumidor – na TV, nos livros, na música – por coisas de nível inferior, pelo lixo cultural da época.

Pode também o parágrafo apresentar seu argumento principal no início ou no fim da argumentação. Aqui, o autor parte das definições, exemplos, comparações, dados estatísticos, para, na sequência, apresentar o tópico frasal. São parágrafos menos comuns, pautados no método indutivo de raciocínio (ESPECÍFICO → GERAL).

Ex.: Pesquisa da CNTE (Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação), realizada em 2003, mostrou que 51,1% dos professores em atividade estavam na faixa dos 40 aos 59 anos, e 38,4% tinham entre 25 e 39 anos. Só 2,9% se encontravam na categoria entre 19 e 24 anos. A pergunta inescapável é: **quem vai substituir os atuais mestres à medida que eles forem se aposentando?**

Além disso, o tópico frasal pode não ser explicitado claramente no texto. Ele pode estar diluído ao longo da argumentação, cabendo ao leitor juntar-lhe os segmentos e dar-lhe forma.

Ex.: As estimativas variam, mas podemos arriscar que há 50 milhões de brasileiros **abaixo da linha da pobreza**, cerca de 21,3 milhões de indigentes (com renda abaixo de R$ 60,00 por mês). Quarenta e cinco por cento deles são menores de 16 anos. E mais de 3 milhões de crianças até 6 anos não contam com alimentação adequada. Trinta e três por cento dos pobres das regiões urbanas têm até quatro anos de idade.

Nesse exemplo, o objetivo do parágrafo era criticar a situação de pobreza em que vive grande parte dos brasileiros. Os dados estatísticos apresentados seriam, portanto, capazes de induzir o leitor a compreender tal mensagem.

24.1.3. A estruturação do parágrafo argumentativo

De modo geral, o parágrafo de dissertação deve ser uma unidade completa de informação, sendo, portanto, constituído de:

1. uma ideia-núcleo (ou tópico frasal) – em geral apresentada no início do parágrafo;
2. desenvolvimento dessa ideia, que é então devidamente especificada, fundamentada, justificada logo a seguir;
3. conclusão, a qual se caracteriza por ser facultativa, representada, em geral, pela retomada do tópico frasal ou a apresentação da ideia-núcleo do parágrafo seguinte.

Ex.: "O governo federal foca seus esforços no aumento das exportações brasileiras e na direção certa, mas há um alvo maior e possível: a América do Sul. **(1)** Há uma agenda aguardando definição e atos, particularmente no que diz respeito aos juros. Espera-se também uma maior disponibilidade de recursos nos programas de fomento às exportações; uma reforma tributária, que é urgente e um aperfeiçoamento da legislação trabalhista. (...) **(2)** Esse conjunto de fatores – enquanto não definidos ou implementados – é que torna as empresas brasileiras vulneráveis no jogo do comércio internacional. Mas a questão da América do Sul merece uma análise especial.**(3)**"

24.1.4. Análise da estruturação do parágrafo

(1) Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal:

O governo federal foca seus esforços no aumento das exportações brasileiras e na direção certa, mas <u>há uma agenda aguardando definições e atos</u>,

(2) Desenvolvimento do parágrafo enumeração de detalhes:

(...) particularmente no que diz respeito aos juros – que precisam ser reduzidos a patamares compatíveis com os praticados nos lugares do mundo onde nossos concorrentes se financiam. Espera-se também uma maior disponibilidade de recursos nos programas de fomento às exportações; uma reforma tributária, que é urgente; um aperfeiçoamento da legislação trabalhista e uma ampliação e melhoria da infraestrutura nacional, principalmente no setor de transportes.

(3) Conclusão do parágrafo com reafirmação do tópico frasal e apresentação de consequências:

Esse conjunto de fatores – enquanto não definidos e implementados – é que torna as empresas

brasileiras vulneráveis no jogo do comércio internacional.

24.1.5. Como expandir o parágrafo

Desenvolver o parágrafo significa expandir sua ideia-núcleo, de modo a torná-lo claro e bem fundamentado. Tal fundamentação pode ocorrer por diversos critérios, lembrando que, em um único parágrafo, o autor pode utilizar mais de um artifício na busca da maneira mais convincente de se expressar.

A seguir, observaremos algumas formas de se desenvolver o tópico frasal (a ideia-núcleo).

1. Enumeração ou descrição de detalhes

Neste caso, a ideia-núcleo é especificada por meio de detalhes, pormenores. Estabelece-se, portanto, uma explanação da ideia-núcleo, que é então desenvolvida, de modo a aprofundar a discussão iniciada pelo tópico frasal.

Ex.: Quem caminha pelos mais de 70 quilômetros de praia da Ilha Comprida, no litoral sul de São Paulo, pode perceber uma paisagem peculiar **(tópico frasal).** Em meio às dunas da restinga, onde deveria existir apenas vegetação rasteira, grandes pinheiros brotam por toda parte. A sombra das árvores é um bem-vindo refresco para os moradores da região, mas a verdade ecológica é que elas não deveriam estar ali – assim como os pombos não deveriam estar nas praças das cidades, nem as tilápias nas águas dos rios, nem o mosquito da dengue picando pessoas dentro de casa ou as moscas varejeiras rondando raspas de frutas nas feiras.

2. Estabelecimento de comparação (paralelo e contraste)

É o estabelecimento de um <u>contraste</u> (que enfoca as diferenças) ou um <u>paralelo</u> (que destaca as semelhanças) entre ideias, seres, fatos etc.

Ex.: Mas os saberes científicos têm uma característica inescapável: os enunciados que produzem são necessariamente provisórios, estão sempre sujeitos à superação e à renovação **(tópico frasal)**. Outros exercícios do espírito humano, como a cogitação filosófica, a inspiração poética ou a exaltação mística poderão talvez aspirar a pronunciar verdades últimas; as ciências só podem pretender formular verdades transitórias, sempre inacabadas.

3. Apresentação de causas e/ou consequências

Aqui, ou o tópico frasal é a causa e seu desenvolvimento expõe suas consequências, ou será ele a

consequência e o restante do parágrafo desenvolverá suas causas.

Ex.: A educação é uma função tão natural e universal da comunidade humana que, pela própria evidência, **(tópico frasal)** leva muito tempo a atingir a plena consciência daqueles que a recebem e praticam, sendo, por isso, relativamente tardio o seu primeiro vestígio na tradição literária **(consequências)**.

4. Apresentação de explicação ou esclarecimento

Neste caso, elucida-se o tópico frasal, quando este apresenta certa obscuridade, uma necessidade de maior clareza.

Ex.: As discussões sobre a liberdade assentam necessariamente e em princípio na negação de suas próprias bases possibilitadoras **(tópico frasal)**. Quero dizer que o único pressuposto histórico viável para que se possa instaurar a inteireza do entendimento da questão está na ausência de liberdade.

5. Utilização de exemplos

Os exemplos caracterizam-se como uma maneira bem elucidativa de concretizar o que há de abstrato no tópico frasal. Seguindo esse critério, o parágrafo se desenvolve por meio da ilustração da ideia-núcleo, constituindo-se em uma das formas mais simples de se demonstrar aquilo que se afirma.

Ex.: Dependendo das circunstâncias, as espécies invasoras podem ser meras "imigrantes" inofensivas ou invasoras altamente nocivas **(tópico frasal).** Dentro do sistema produtivo, por exemplo, o búfalo e o pinus são apenas espécies exóticas. Quando escapam para a natureza, entretanto, muitas vezes tornam-se organismos nocivos aos ecossistemas "naturais".

6. Divisão ou explanação das ideias em cadeia

Nesse tipo de fundamentação de tópico frasal, o autor divide sua ideia inicialmente apresentada em duas ou mais partes, e, na sequência, as explana, cada uma a seu momento. Essa explanação em cadeia pode durar o parágrafo inteiro ou pode avançar ao longo do texto, dependendo da dimensão da discussão.

Ex.: As cidades em processo rápido de crescimento no Brasil indicam pelo menos três modalidades de crescimento dos organismos urbanos **(tópico frasal)**: <u>um crescimento</u>

horizontal por partilha de espaços de antigas chácaras ou glebas congeladas para especulação, de dinâmica similar a uma mancha de óleo em expansão; um crescimento vertical, à custa de edifícios de muitos andares, aproveitando as facilidades aparentes dos espaços centrais e subcentrais das cidades de porte médio, acumulando funções residenciais em uma área de permanência duvidosa para tais funções; e, por fim, mecanismo de maior gravidade, a partilha de glebas situadas em posições descontínuas, a quilômetros de distância da área central, inicialmente semi-isoladas no meio de sítios e fazendas, os quais, por sua vez, são espaços potenciais para loteamentos ulteriores e instalações de unidades industriais, com eliminação quase total das funções agrárias que responderam pelo crescimento e a riqueza iniciais da própria cidade.

Para se ter uma ideia da importância que o tópico frasal possui em relação a tudo que se enuncia no restante do parágrafo, observemos um dos sermões de Padre Antônio Vieira:

(...) O sermão há de ser duma só cor, há de ter um só objeto, um só assunto, uma só matéria.

Há de tomar o pregador uma só matéria, há de defini-la para que se conheça, há de dividi-la para que se distinga, há de prová-la com a Escritura, há de declará-la com a razão, há de confirmá-la com o exemplo, há de amplificá-la com as causas, com os efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências que se hão de seguir, com os inconvenientes que se há de evitar, há de responder às dúvidas, há de satisfazer às dificuldades, há de impugnar e refutar com toda a força da eloquência os argumentos contrários, e depois disto há de colher, há de apertar, há de concluir, há de persuadir, há de acabar. Isto é sermão, isto é pregar, e o que não é isto, é falar de mais alto. Não nego nem quero dizer que o sermão não haja de ter variedade de discursos, mas esses hão de nascer todos da mesma matéria, e continuar e acabar nela.

(Sermão da Sexagésima. In: Os sermões. São Paulo, Difel, 1968. VI, p. 99.)

Ter uma só cor, um só objeto significa abordar a mesma ideia, ter um argumento como central, que em geral se apresenta no início do parágrafo. Posteriormente a essa introdução vem a fase do desenvolvimento em que o autor utiliza artifícios para comprovar seu argumento: definições ("há de defini-la para que se distinga"), testemunhos de autoridade ("há de prová-la com a Escritura"), explicações e esclarecimentos ("há de declará-la com a razão"), utilização de exemplos ("há de confirmá-la com o exemplo"), apresentação de causas ou efeito e outras relações semânticas –

finalidade, tempo, concessão, condição. Por fim, surge a conclusão, em que o autor retoma o argumento que iniciou o parágrafo, optando ou não por acrescentar seu juízo de valor ("e depois disto há de colher, há de apertar, há de concluir, há de persuadir").

Conhecer a estruturação de um texto argumentativo constitui, portanto, uma forma de o aluno ir além da estrutura superficial do texto, compreendendo-o de fato. Com isso, o tempo de resolução de prova também diminui, pois o candidato não precisaria reler todo o texto a cada questão objetiva.

A seguir, as etapas de intelecção de um texto de prova aqui propostas:

1. Ler o texto do início ao fim para saber do que se trata.
2. Ir às questões objetivas, procurando resolver primeiramente aquelas que se refiram exclusivamente à gramática.
3. Voltar ao texto, sublinhando suas principais ideias – tese, argumentos.
4. Evidenciar as relações entre as ideias no texto – vincular por meio de setas cada exemplo, testemunho de autoridade, comparação etc. ao seu tópico frasal.
5. Voltar às questões da prova, agora com as ideias do texto já relacionadas entre si, podendo recorrer a elas com mais rapidez.

Bem, hora de treinar... Vamos verificar se você já consegue analisar os parágrafos, desvendando a forma como foram estruturados na argumentação. Assim, você não só aprenderá a ler os textos dissertativos com mais técnica, como também já estará se preparando para fazer redações. Aproveite os comentários!

24.2. EXEMPLOS COMENTADOS

Os trechos a seguir foram retirados de textos concursos públicos. Constitui cada qual uma única linha de raciocínio que apresenta as frases organizadas em torno de um tópico frasal, voltadas para um único fim: desenvolver ou retomar a ideia-núcleo, aumentando-lhe a compreensão.

Desta forma, destaque suas **ideias-núcleo**, indicando o seu **desenvolvimento** e, caso haja, sua **conclusão**. Analise também a(s) forma(s) como foram desenvolvidos os tópicos frasais ao longo dos parágrafos.

1. Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se

em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos. Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitar e dar afeto.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana". Desenvolvimento do parágrafo com enumeração de exemplos: "Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos". Conclusão do parágrafo com retomada do tópico frasal e acréscimo de consequências: "Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitar e dar afeto".

2. No início deste período, o homem inventou a escrita, graças à qual os conhecimentos venceram o tempo e o espaço. Venceram o tempo, pois, as experiências acumuladas puderam, sob a forma escrita, ser transmitidas com precisão às gerações seguintes. Venceram o espaço, pois os conhecimentos passaram a ser transportados de um lugar para o outro em papiros, papéis e demais materiais desenvolvidos para a fixação da escrita. Com o registro e com a circulação da informação, o homem se beneficiou de um crescente repertório de experiências, as quais lhe permitiram inventar mais, e mais facilmente.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "No início deste período, o homem inventou a escrita, graças à qual os conhecimentos venceram o tempo e o espaço". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de explicações: "Venceram o tempo, pois, as experiências acumuladas puderam, sob a forma escrita, ser transmitidas com precisão às gerações seguintes. Venceram o espaço, pois os conhecimentos passaram a ser transportados de um lugar para o outro em papiros, papéis e demais materiais desenvolvidos para a fixação da escrita". Conclusão do parágrafo com retomada do tópico frasal e acréscimo de consequências:

"Com o registro e com a circulação da informação, o homem se beneficiou de um crescente repertório de experiências, as quais lhe permitiram inventar mais, e mais facilmente".

3. Algumas pessoas refugiam-se nas drogas na tentativa de esquecer seus problemas. Em função disso, acabam tornando-se dependentes dos psicotrópicos dos quais se utilizam e, na maioria das vezes, transformam-se em pessoas inúteis para si mesmas e para a comunidade.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Algumas pessoas refugiam-se nas drogas na tentativa de esquecer seus problemas". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação consequências: "Em função disso, acabam tornando-se dependentes dos psicotrópicos dos quais se utilizam e, na maioria das vezes, transformam-se em pessoas inúteis para si mesmas e para a comunidade". Parágrafo sem conclusão.

4. Só o esforço conjunto de toda a nação brasileira conseguirá vencer os gravíssimos problemas econômicos, por todos há muito conhecidos. Quaisquer medidas econômicas, por si sós, não são capazes de alterar a realidade, se as autoridades que as elaboram não contarem com o apoio da opinião pública, em meio a uma comunidade de cidadãos conscientes.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Só o esforço conjunto de toda a nação brasileira conseguirá vencer os gravíssimos problemas econômicos, por todos há muito conhecidos". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento: "Quaisquer medidas econômicas, por si sós, não são capazes de alterar a realidade, se as autoridades que as elaboram não contarem com o apoio da opinião pública, em meio a uma comunidade de cidadãos conscientes". Parágrafo sem conclusão.

5. Liderança é um aspecto da personalidade, uma característica que alguns indivíduos têm e outros não. Por definição, bons líderes são pessoas diferentes da média. Eles têm mais determinação do que outros. Sua presença é tão marcante que ficam na memória das pessoas. Por isso, liderança não é para qualquer um, é um dom.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Liderança é um aspecto da personalidade, uma característica que alguns indivíduos têm e outros não". Desenvolvimento

do parágrafo com apresentação de definição/esclarecimento: “Por definição, bons líderes são pessoas diferentes da média. Eles têm mais determinação do que outros. Sua presença é tão marcante que ficam na memória das pessoas”. Conclusão do parágrafo com retomada do tópico frasal: “Por isso, liderança não é para qualquer um, é um dom”.

6. Há muitos tipos de líder, e gosto de destacar três. A primeira categoria é dos líderes que marcam diferença por serem grande estrategistas, objetivos e com visão de futuro. O legado deles é o método. O segundo tipo tem forte poder intelectual, mergulha com intensidade nas questões teóricas, disseca e diagnostica problemas como ninguém. São líderes que deixam ideias originais, com marca própria. E um terceiro tipo chamo de líderes inspiradores. Eles entendem as demandas do povo, suas paixões, conseguem entender emocionalmente as pessoas. Os maiores líderes da história têm força porque reúnem método, intelecto e habilidade de tocar nos sentimentos de seus liderados.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: “Há muitos tipos de líder, e gosto de destacar três”. Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de enumeração de detalhes: “A primeira categoria é dos líderes que marcam diferença por serem grande estrategistas, objetivos e com visão de futuro. O legado deles é o método. O segundo tipo tem forte poder intelectual, mergulha com intensidade nas questões teóricas, disseca e diagnostica problemas como ninguém. São líderes que deixam ideias originais, com marca própria. E um terceiro tipo chamo de líderes inspiradores. Eles entendem as demandas do povo, suas paixões, conseguem entender emocionalmente as pessoas”. Conclusão do parágrafo com retomada do tópico frasal e acréscimo de opinião do autor: “Os maiores líderes da história têm força porque reúnem método, intelecto e habilidade de tocar nos sentimentos de seus liderados”.

7. O homem hoje em dia desenvolveu para tudo que costumava fazer com o próprio corpo, extensões ou prolongamentos desse mesmo corpo. A evolução de suas armas começa pelos dentes e punhos e termina com a bomba atômica. Indumentária e casas são extensões dos mecanismos biológicos de controle da temperatura do corpo. A mobília substitui o acocorar-se e sentar-se no chão. Instrumentos mecânicos, lentes, televisão, telefones e livros que levam a voz através do tempo e do espaço constituem exemplos de extensões materiais. Dinheiro é

meio de estender os benefícios e de armazenar trabalho. Nosso sistema de transporte faz agora o que costumávamos fazer com os pés e as costas. De fato, podemos tratar de todas as coisas materiais feitas pelo homem como extensões ou prolongamentos do que ele fazia com o corpo ou com alguma parte especializada do corpo.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "O homem hoje em dia desenvolveu para tudo que costumava fazer com o próprio corpo, extensões ou prolongamentos desse mesmo corpo". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de exemplos: "A evolução de suas armas começa pelos dentes e punhos e termina com a bomba atômica. Indumentária e casas são extensões dos mecanismos biológicos de controle da temperatura do corpo. A mobília substitui o acocorar-se e sentar-se no chão. Instrumentos mecânicos, lentes, televisão, telefones e livros que levam a voz através do tempo e do espaço constituem exemplos de extensões materiais. Dinheiro é meio de estender os benefícios e de armazenar trabalho. Nosso sistema de transporte faz agora o que costumávamos fazer com os pés e as costas". Conclusão do parágrafo com reafirmação do tópico frasal: "De fato, podemos tratar de todas as coisas materiais feitas pelo homem como extensões ou prolongamentos do que ele fazia com o corpo ou com alguma parte especializada do corpo".

8. Existe uma grande diferença entre a entrevista e a conversa informal entre duas pessoas. É necessário saber distinguir quando o diálogo informal é uma introdução e quando ela perde as características, acabando por se transformar numa palestra inconsistente, tomando tempo e prejudicando o processamento da entrevista propriamente dita.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Existe uma grande diferença entre a entrevista e a conversa informal entre duas pessoas". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento: "É necessário saber distinguir quando o diálogo informal é uma introdução e quando ela perde as características". Conclusão do parágrafo com apresentação de consequências: "acabando por se transformar numa palestra inconsistente, tomando tempo e prejudicando o processamento da entrevista propriamente dita".

9. Estudo do Pacific Institute of Oakland, na Califórnia, prevê que 76 milhões de pessoas morrerão de doenças relacionadas à água até 2020. As crianças serão as mais afetadas por males causados pelo uso e ingestão de água contaminada. No mesmo período, serão registrados 65 milhões de casos fatais em consequência da Aids em todo o mundo.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Estudo do Pacific Institute of Oakland, na Califórnia, prevê que 76 milhões de pessoas morrerão de doenças relacionadas à água até 2020". Desenvolvimento do parágrafo com enumeração de detalhes e estabelecimento de comparação: "As crianças serão as mais afetadas por males causados pelo uso e ingestão de água contaminada. No mesmo período, serão registrados 65 milhões de casos fatais em consequência da Aids em todo o mundo". Parágrafo sem conclusão.

10. O Estatuto do Desarmamento, aprovado no fim do ano, e ainda em fase de regulamentação, surgiu por uma questão de sobrevivência. O contexto que deflagrou o movimento político pelo endurecimento da legislação sobre armas é no mínimo dramático. Em 20 anos, de 1980 a 2000, conforme estudo do IBGE, 600 mil brasileiros foram assassinados, uma média de 30 mil por ano.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "O Estatuto do Desarmamento, aprovado no fim do ano, e ainda em fase de regulamentação, surgiu por uma questão de sobrevivência". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento e dados estatísticos: "O contexto que deflagrou o movimento político pelo endurecimento da legislação sobre armas é no mínimo dramático. Em 20 anos, de 1980 a 2000, conforme estudo do IBGE, 600 mil brasileiros foram assassinados, uma média de 30 mil por ano". Parágrafo sem conclusão.

11. O resultado foi a banalização do uso e do porte de armas e, como consequência, milhares de tragédias no cotidiano. Essa banalização impulsionou as estatísticas sobre violência: o número de homicídios, nesse período de vinte anos, aumentou 130%. E pior: a grande maioria das vítimas tem sido de jovens de 15 a 24 anos. Assim, famílias se desestabilizam e o futuro é cortado pela raiz.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "O resultado foi a banalização do uso e do porte de armas e, como consequência, milhares de tragédias no cotidiano". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de dados estatísticos: "O resultado foi a banalização do uso e do porte de armas e, como consequência, milhares de tragédias no cotidiano". Conclusão do parágrafo com apresentação de consequências: "Assim, famílias se desestabilizam e o futuro é cortado pela raiz".

12. Inúmeras hordas "primitivas" se encontram, ainda hoje, nesse "grau zero" – se assim podemos dizer – quanto ao conhecimento dos números. É, por exemplo, o caso dos zulus e dos pigmeus, da África, dos aranda e dos kamilarai, da Austrália, dos aborígenes das Ilhas Murray e dos botocudos, do Brasil. "Um", "dois" e... "muitos" constituem as únicas grandezas numéricas desses indígenas que ainda vivem na Idade da Pedra.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Inúmeras hordas 'primitivas' se encontram, ainda hoje, nesse 'grau zero' – se assim podemos dizer – quanto ao conhecimento dos números". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de exemplos: "É, por exemplo, o caso dos zulus e dos pigmeus, da África, dos aranda e dos kamilarai, da Austrália, dos aborígenes das Ilhas Murray e dos botocudos, do Brasil". Conclusão do parágrafo com correlação entre o exemplo fornecido e o tópico frasal: "'Um', 'dois' e... 'muitos' constituem as únicas grandezas numéricas desses indígenas que ainda vivem na Idade da Pedra".

13. Pois bem. Observemos como se transformou a vida humana. Em 99% desses 500 mil anos, alterou-se relativamente pouco. O homem aprendeu a fazer algumas ferramentas e armas com paus e pedras, a pintar na parede das cavernas e a plantar e colher. A partir de um grito primordial, conseguiu ainda desenvolver a fala, graças à qual pôde conversar, exprimir sentimentos e melhor compartilhar experiências com os membros do grupo. De qualquer modo, foi ainda bem pouco para quase cinco centenas de milhares de anos.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Pois bem. Observemos como se

transformou a vida humana". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de exemplos, bem como relação de causa e efeito: "O homem aprendeu a fazer algumas ferramentas e armas com paus e pedras, a pintar na parede das cavernas e a plantar e colher. A partir de um grito primordial, conseguiu ainda desenvolver a fala, graças à qual pôde conversar, exprimir sentimentos e melhor compartilhar experiências com os membros do grupo". Conclusão do parágrafo com reafirmação do tópico

14. A favor da mesma tese, poderíamos dizer que, muitas vezes, a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público. Inúmeros esforços publicitários não resultam em nada. Continuemos no campo das substancias ilícitas. Existem insistentes campanhas antidrogas nos meios de comunicação, algumas um tanto soporíferas, outras mais terroristas, e todas fracassam. Moral da história? Nem que seja para consumir produtos químicos ilegais, ainda somos minimamente livres diante do poder da mídia. Temos alguma autonomia para formar nossas decisões.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "A favor da mesma tese, poderíamos dizer que, muitas vezes, a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento e exemplos: "Inúmeros esforços publicitários não resultam em nada. Continuemos no campo das substancias ilícitas. Existem insistentes campanhas antidrogas nos meios de comunicação, algumas um tanto soporíferas, outras mais terroristas, e todas fracassam". Conclusão do parágrafo com correlação entre o exemplo fornecido e o tópico frasal: "Moral da história? Nem que seja para consumir produtos químicos ilegais, ainda somos minimamente livres diante do poder da mídia. Temos alguma autonomia para formar nossas decisões".

15. O terceiro e o quarto objetivos fundamentais, previstos no artigo 3º, são projetos de um sonho estratosférico. Erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir desigualdades sociais e regionais é trabalho para séculos. Não há nação do mundo sem faixas de miserabilidades – nem as mais ricas. A promoção do bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação carece de remédio forte, como criminalização das condutas contrárias. Sem a ameaça grave de sanções, a cobra raivosa do preconceito

continuará agindo no coração de muitas pessoas.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "O terceiro e o quarto objetivos fundamentais, previstos no artigo 3º, são projetos de um sonho estratosférico". Desenvolvimento do parágrafo por esclarecimento: 3º objetivo – "Erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir desigualdades sociais e regionais é trabalho para séculos. Não há nação do mundo sem faixas de miserabilidades – nem as mais ricas". 4º objetivo – "A promoção do bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação carece de remédio forte, como criminalização das condutas contrárias. Sem a ameaça grave de sanções, a cobra raivosa do preconceito continuará agindo no coração de muitas pessoas". Parágrafo sem conclusão.

16. No outro extremo, o estrangeiro provoca a nossa desconfiança, às vezes o nosso medo. Nem sempre entendemos os seus gestos e certamente não compreendemos a sua língua. Ele não se veste como nós, a sua fisionomia pode ser diferente da nossa e não adora nossos deuses. Entre os primitivos, o estrangeiro passava por uma complexa cerimônia, destinada a afastar os malefícios que trouxesse de seus demônios; ao voltar de uma viagem, as pessoas deveriam permanecer isoladas por algum tempo, até que delas se afastassem os demônios estranhos, acaso encontrados pelos caminhos.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "No outro extremo, o estrangeiro provoca a nossa desconfiança, às vezes o nosso medo". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento e exemplos: "Nem sempre entendemos os seus gestos e certamente não compreendemos a sua língua. Ele não se veste como nós, a sua fisionomia pode ser diferente da nossa e não adora nossos deuses. Entre os primitivos, o estrangeiro passava por uma complexa cerimônia, destinada a afastar os malefícios que trouxesse de seus demônios; ao voltar de uma viagem, as pessoas deveriam permanecer isoladas por algum tempo, até que delas se afastassem os demônios estranhos, acaso encontrados pelos caminhos". Parágrafo sem conclusão.

17. Vários fatores criaram o espaço social necessário para transformar certo número de pessoas

associadas a certas práticas sociais em leitores: o individualismo da sociedade burguesa, a visão de mundo antropocêntrica estimulada pela Renascença e difundida pela filosofia humanista, o progresso tecnológico que facultou o desenvolvimento da imprensa, a expansão da escola e do pensamento pedagógico apoiado na alfabetização, o fortalecimento de instituições culturais como as universidades, as bibliotecas e as academias de escritores.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Vários fatores criaram o espaço social necessário para transformar certo número de pessoas associadas a certas práticas sociais em leitores". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de exemplos: "o individualismo da sociedade burguesa, a visão de mundo antropocêntrica estimulada pela Renascença e difundida pela filosofia humanista, o progresso tecnológico que facultou o desenvolvimento da imprensa, a expansão da escola e do pensamento pedagógico apoiado na alfabetização, o fortalecimento de instituições culturais como as universidades, as bibliotecas e as academias de escritores".

18. Disso resultaram duas noções: de um lado, a noção de público, massa coletiva e anônima que, não obstante o anonimato, pode ter vontade própria e direção definida, incidindo em linhas de ação que a literatura, em parte ou no todo, acata ou não; de outro, a noção de leitor, indivíduo habilitado à leitura, com preferências demarcadas, figura que o escritor busca seduzir, lançando mão de técnicas e de artifícios contabilizados pela crítica e história da literatura.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Disso resultaram duas noções". Desenvolvimento do parágrafo com enumeração de detalhes: "de um lado, a noção de público, massa coletiva e anônima que, não obstante o anonimato, pode ter vontade própria e direção definida, incidindo em linhas de ação que a literatura, em parte ou no todo, acata ou não; de outro, a noção de leitor, indivíduo habilitado à leitura, com preferências demarcadas, figura que o escritor busca seduzir, lançando mão de técnicas e de artifícios contabilizados pela crítica e história da literatura". Parágrafo sem conclusão.

19. Comemoramos o nosso dia (8 de dezembro) sob o fogo cruzado da má vontade e da desinformação. O Judiciário não pode ser culpabilizado pelo que a mídia chama com exagero de impunidade. A polícia não prende, não investiga e nós, presos à aplicação da lei, pagamos o pato. Além disso, há um cipoal de leis, medidas provisórias e atos normativos que acabam por atravancar nossos corredores.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Comemoramos o nosso dia (8 de dezembro) sob o fogo cruzado da má vontade e da desinformação". Desenvolvimento do parágrafo com enumeração de detalhes: "A desinformação – O Judiciário não pode ser culpabilizado pelo que a mídia chama com exagero de impunidade. A polícia não prende, não investiga e nós, presos à aplicação da lei, pagamos o pato. A má vontade: Além disso, há um cipoal de leis, medidas provisórias e atos normativos que acabam por atravancar nossos corredores". Parágrafo sem conclusão.

20. Dinheiro é um facilitador das transações, mas não é a única forma de relação comercial. O mundo moderno não pode menosprezar a sabedoria de nossos antepassados, que sobreviveram séculos fazendo trocas. Um bom exemplo de alinhamento entre estratégias empresariais e apoio governamental, que resultou em uma equação, é o caso da Odebrecht em Angola: esta construtora constrói a hidrelétrica de que o país africano necessita, e o governo angolano paga com petróleo, produto abundante naquele país.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Dinheiro é um facilitador das transações, mas não é a única forma de relação comercial". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento e exemplos: "O mundo moderno não pode menosprezar a sabedoria de nossos antepassados, que sobreviveram séculos fazendo trocas. Um bom exemplo de alinhamento entre estratégias empresariais e apoio governamental, que resultou em uma equação, é o caso da Odebrecht em Angola: esta construtora constrói a hidrelétrica de que o país africano necessita, e o governo angolano paga com petróleo, produto abundante naquele país". Parágrafo sem conclusão.

21. Em oito anos, o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas

foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio – é alarmante esse grau crescente de insegurança.

Comentários:

Parágrafo indutivo. Fundamentação do tópico frasal com apresentação dos dados estatísticos: "Em oito anos, o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio". Apresentação do tópico frasal: "é alarmante esse grau crescente de insegurança".

22. Quando começa a modernidade? A escolha de uma data ou de um evento não é indiferente. O momento que elegemos como originário depende certamente da ideia de nós mesmos que preferimos, hoje, contemplar. E vice-versa: a visão de nosso presente decide das origens que confessamos (ou até inventamos). Assim acontece com as histórias de nossas vidas que contamos para os amigos e para o espelho: os inícios estão sempre em função da imagem de nós mesmos de que gostamos e que queremos divulgar. As coisas funcionam do mesmo jeito para os tempos que consideramos "nossos", ou seja, para a modernidade.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal, sob forma de pergunta/resposta: "Quando começa a modernidade? A escolha de uma data ou de um evento não é indiferente". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento e comparação por semelhança: "O momento que elegemos como originário depende certamente da ideia de nós mesmos que preferimos, hoje, contemplar. E vice-versa: a visão de nosso presente decide das origens que confessamos (ou até inventamos). Assim acontece com as histórias de nossas vidas que contamos para os amigos e para o espelho: os inícios estão sempre em função da imagem de nós mesmos de que gostamos e que queremos divulgar". Conclusão do parágrafo com

reafirmação do tópico frasal: “As coisas funcionam do mesmo jeito para os tempos que consideramos ‘nossos’, ou seja, para a modernidade”.

23. A consciência universal sobre a importância dos direitos humanos chegou a uma nitidez nunca antes atingida. Entende-se: já comemoramos o cinquentenário da Declaração Universal dos Direitos do Homem (aprovada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, de 10 de dezembro de 1948, em Paris).

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: “A consciência universal sobre a importância dos direitos humanos chegou a uma nitidez nunca antes atingida”. Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento: “Entende-se: já comemoramos o cinquentenário da Declaração Universal dos Direitos do Homem (aprovada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, de 10 de dezembro de 1948, em Paris)”. Parágrafo sem conclusão.

24. Talvez não haja algum fenômeno social que assalte de forma tão brusca os direitos humanos como a pobreza o faz, por desgastar ou anular os direitos econômicos e sociais, como: direito à alimentação, à água potável, à saúde, à educação, à habitação, à segurança pessoal, à justiça e à dignidade. Embora todos esses direitos sejam interligados e interdependentes, observa-se que, para as pessoas que vivem na pobreza, talvez eles não passem de um sonho muito distante de se tornar realidade.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: “Talvez não haja algum fenômeno social que assalte de forma tão brusca os direitos humanos como a pobreza o faz”. Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de causas: “por desgastar ou anular os direitos econômicos e sociais, como: direito à alimentação, à água potável, à saúde, à educação, à habitação, à segurança pessoal, à justiça e à dignidade”. Conclusão do parágrafo com reafirmação do tópico frasal: “Embora todos esses direitos sejam interligados e interdependentes, observa-se que, para as pessoas que vivem na pobreza, talvez eles não passem de um sonho muito distante de se tornar realidade”.

25. Lagartixas são excelentes alpinistas: escalam paredes com uma velocidade que pode atingir um metro por segundo. O mecanismo usado por esses répteis para se fixarem às superfícies foi

descrito pela equipe do biólogo Kellar Autumn, professor em Portland (EUA). Quando a lagartixa sobe pela parede, a geometria especial de seus dedos produz forças de Van der Waals, interações eletromagnéticas fracas que garantem adesão segura entre as patas do réptil e a superfície.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Lagartixas são excelentes alpinistas". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento, seguido de testemunho de autoridade: "escalam paredes com uma velocidade que pode atingir um metro por segundo. O mecanismo usado por esses répteis para se fixarem às superfícies foi descrito pela equipe do biólogo Kellar Autumn, professor em Portland (EUA). Quando a lagartixa sobe pela parede, a geometria especial de seus dedos produz forças de Van der Waals, interações eletromagnéticas fracas que garantem adesão segura entre as patas do réptil e a superfície". Parágrafo sem conclusão.

ANÁLISE DOS ENUNCIADOS DAS PROVAS

No estudo das técnicas de compreensão e interpretação de textos, assim como em outras disciplinas, faz-se necessário estabelecer um método de análise dos enunciados que comumente aparecem em provas de concursos públicos. É importante, por este motivo, que o aluno perceba que há uma técnica por trás da elaboração das questões e que, portanto, será a aplicação desta técnica na resolução de provas que irá garantir uma boa preparação para o seu concurso.

Enunciados mais comuns:

"O texto se estrutura..."; "Os argumentos do autor se fundamentam em..."; "Ao se distribuir o texto adequadamente em parágrafos..."; "O parágrafo que expressa a ideia geral do texto..."; "No texto, o autor defende, sobretudo, a tese de que..."; "O tema do texto é..."; "O trecho a seguir tem a função textual/ a utilidade textual de..."

24.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Nos exercícios de fixação deste capítulo, você já treinou as técnicas de leitura e decodificação de um parágrafo dissertativo. Alguns desses parágrafos você voltará a ver agora nas provas que escolhemos para análise. Nosso intuito é que você perceba como as bancas costumam cobrar tal conhecimento nas questões de concursos.

Primeiramente, veja uma prova elaborada pelo NCE, do concurso para a CVM, que trouxe um único texto. Ele servirá como exemplo do que se chama de texto dissertativo padrão.

"O homem hoje em dia desenvolveu para tudo que costumava fazer com o próprio corpo, extensões ou prolongamentos desse mesmo corpo. A evolução de suas armas começa pelos dentes e punhos e termina com a bomba atômica. Indumentária e casas são extensões dos mecanismos

biológicos de controle de temperatura do corpo. A mobília substitui o acocorar-se e sentar-se no chão. Instrumentos mecânicos, lentes, televisão, telefones e livros que levam a voz através do tempo e do espaço constituem exemplos de extensões materiais. Dinheiro é meio de estender os benefícios e de armazenar trabalho. Nosso sistema de transportes faz agora o que costumávamos fazer com os pés e as costas. De fato, podemos tratar de todas as coisas materiais feitas pelo homem como extensões ou prolongamentos do que ele fazia com o corpo ou com alguma parte especializada do corpo".

(Leslie A. White, *The science of culture*)

1. Entre o primeiro e o último período do texto 1 há uma série de afirmações que têm a finalidade de:

a) dar credibilidade ao que é afirmado, já que as afirmações se apoiam em fatos historicamente comprovados.

b) explicitar o que são as "extensões" ou os "prolongamentos" do próprio corpo, vocábulos citados no primeiro período.

c) desenvolver, explicando, a afirmação feita no período inicial, por meio de exemplos esclarecedores.

d) opor-se a pensamentos contrários ao que é exposto no primeiro período, por tratar-se de um ponto de vista novo.

e) apresentar argumentos que comprovem a sua tese, argumentos esses apoiados em descobertas históricas recentes.

2. "**De fato**, podemos tratar de todas as coisas materiais feitas pelo homem como extensões ou prolongamentos..."; a expressão destacada tem a finalidade de:

a) retificar informações anteriores.

b) ampliar informações já fornecidas.

c) confirmar informação prestada anteriormente.

d) explicar informações pouco claras.

e) acrescentar dados aos já fornecidos.

Comentários:

1. Quanto à letra A, observe que o objetivo do que vem após o primeiro período do texto não é *dar credibilidade* ao que se disse anteriormente: credibilidade seria se o autor optasse pela citação de um *testemunho de autoridade* no assunto (as palavras de outro autor renomado). Não foi o caso.

   A letra B, por sua vez, reduz informações do texto: a fundamentação não fala só das *extensões ou prolongamentos do corpo*, mas também *de tudo que o homem costumava fazer com o próprio corpo*. Reduzir informações do texto também é erro de interpretação.

   Quanto à letra D, veja que contradição: a fundamentação do tópico frasal não apresenta pensamentos que sejam *contrários* ao que foi exposto no primeiro período. É justamente o oposto: ela apresenta *exemplos* que apoiam aquilo que foi dito no primeiro período do texto. Não se trata, portanto, de um *ponto de vista novo*, mas o mesmo ponto de vista.

   A letra E começou perfeita; de fato, trata-se de argumentos que comprovam a tese apresentada no primeiro período do texto, mas eles não se apoiam *em descobertas históricas recentes*. São exemplos que confirmam aquilo que se disse no início do texto.

   Tem-se, portanto, um texto que se inicia pela apresentação da tese (*O homem hoje em dia desenvolveu para tudo que costumava fazer com o próprio corpo, extensões ou prolongamentos desse mesmo corpo)*. Logo a seguir, tem-se sua fundamentação, que é o desenvolvimento do texto, que ocorre por meio da apresentação de exemplos. Por fim, no último período do texto, tem-se sua conclusão, representada pela retomada do tópico frasal apresentado no início do texto (*De fato, podemos tratar de todas as coisas materiais feitas pelo homem como extensões ou prolongamentos do que ele fazia com o corpo ou com alguma parte especializada do corpo*).

   Resposta: C.

2. Como você viu, o último período do texto é a reafirmação do que se disse no primeiro período. Assim, o conectivo *de fato*, que é um adjunto adverbial de afirmação, exerce mesmo essa tarefa de *confirmar* o que se disse anteriormente.

   Dessa forma, elimina-se a letra A: o objetivo do texto não é *retificar*, *corrigir* o que foi dito anteriormente. As letras B e E são muito parecidas: o que se quer não é *dizer mais* do que foi dito, apenas *reafirmar*.

Quanto à letra D, entenda que o último período não *explica* o que foi dito anteriormente, apenas *reescreve*.

Reescrever o que se disse é *confirmar* uma afirmação, que é exatamente o que diz a letra C.

Resposta: C.

Você percebeu pela questão que as bancas buscam também do candidato sua capacidade de descobrir a estratégia utilizada pelo autor para **fundamentar o tópico frasal introdutório do parágrafo**? Na verdade, o que se quer é que o aluno esteja apto a detectar o tipo de fundamentação que o autor utilizou em determinado parágrafo: a estratégia que se escolheu para desenvolver um parágrafo.

Você conhece as formas mais comuns de se desenvolver um parágrafo? Desenvolver o parágrafo significa expandir sua ideia-núcleo, de modo a torná-lo claro e bem fundamentado. Tal fundamentação pode ocorrer por diversos critérios, lembrando que, em um único parágrafo, o autor pode utilizar mais de um artifício na busca da maneira mais convincente de se expressar.

Antes de seguirmos com a análise de textos, é importante que você conheça as formas mais comuns de se desenvolver o tópico frasal (a ideia-núcleo do parágrafo).

Uma forma muito comum de se desenvolver um argumento é por meio de **enumeração ou descrição de detalhes:** nesse caso, a ideia-núcleo é especificada por meio de detalhes, pormenores. Estabelece-se, portanto, uma explanação da ideia-núcleo, que é então desenvolvida, de modo a aprofundar a discussão iniciada pelo tópico frasal. Veja um exemplo, que é um trecho retirado de uma prova elaborada pela Fundação Carlos Chagas, para o MPU:

> *Quem caminha pelos mais de 70 quilômetros de praia da Ilha Comprida, no litoral sul de São Paulo, pode perceber uma paisagem peculiar* ***(tópico frasal).*** *Em meio às dunas da restinga, onde deveria existir apenas vegetação rasteira, grandes pinheiros brotam por toda parte. A sombra das árvores é um bem-vindo refresco para os moradores da região.*

Nesse caso, o tópico frasal foi desenvolvido por meio de detalhamento, descrições: *grandes pinheiros*, *sombra das árvores*...

Além da apresentação de detalhes, enumerações, pode-se desenvolver um parágrafo pelo **estabelecimento de comparação**. Nesse caso, desenvolve-se uma ideia pela apresentação de

contrastes (que enfocam as diferenças) ou paralelos (que destacam as semelhanças) entre ideias, seres, fatos etc.

Observe um trecho retirado de uma prova também da Fundação Carlos Chagas, que se desenvolveu por meio de *contrastes*:

> *Mas os saberes científicos têm uma característica inescapável: os enunciados que produzem são necessariamente provisórios, estão sempre sujeitos à superação e à renovação* ***(tópico frasal)****. Outros exercícios do espírito humano, como a cogitação filosófica, a inspiração poética ou a exaltação mística poderão talvez aspirar a pronunciar verdades últimas; as ciências só podem pretender formular verdades transitórias, sempre inacabadas.*

Nesse trecho, o autor opta por desenvolver um argumento (*a constante transformação das verdades científicas*), por meio da comparação entre a *ciência* e a *filosofia* ou *a poesia*.

Pode-se também desenvolver um argumento por meio da **apresentação de suas causas e/ou consequências**, estratégia, aliás, muito comum nos textos dissertativos. Nesse caso, ou o tópico frasal é a causa e seu desenvolvimento expõe suas consequências, ou será ele a consequência e o restante do parágrafo desenvolverá suas causas. Veja mais um trecho retirado de prova elaborada pela Fundação Carlos Chagas:

> *A educação é uma função tão natural e universal da comunidade humana que, pela própria evidência,* ***(tópico frasal)*** *leva muito tempo a atingir a plena consciência daqueles que a recebem e praticam, sendo, por isso, relativamente tardio o seu primeiro vestígio na tradição literária* ***(consequências)****.*

É um texto filosófico, de difícil compreensão, sabemos disso, mas procure detectar a técnica utilizada pelo autor ao fundamentar seu parágrafo. Após a apresentação do tópico frasal, tem-se a concretização dessa ideia por meio de consequências.

Muitas vezes, o autor, para desenvolver um tópico frasal, opta por sua fundamentação por meio de simples **explicação ou esclarecimento**. É exatamente isto: afirma-se algo e, na sequência do parágrafo, diz-se o que foi dito antes, só que com outras palavras. Veja um exemplo:

> *As discussões sobre a liberdade assentam necessariamente e em princípio na negação de suas próprias bases possibilitadoras* ***(tópico frasal)****. Quero dizer que o único pressuposto histórico viável para que se possa instaurar a inteireza do entendimento da questão está na*

ausência de liberdade.

Percebeu como o autor, no segundo período do parágrafo, diz o que se disse anteriormente, com a utilização de outras palavras? É a fundamentação de uma ideia por meio de *explicação*.

Além da explicação, é muito comum que a fundamentação de um parágrafo ocorra por meio da **apresentação de exemplos**. Os exemplos caracterizam-se como uma maneira bem elucidativa de concretizar o que há de abstrato no tópico frasal. Seguindo esse critério, o parágrafo se desenvolve por meio da ilustração da ideia-núcleo, constituindo-se em uma das formas mais simples de se demonstrar aquilo que se afirma. Observe:

> *Dependendo das circunstâncias, as espécies invasoras podem ser meras "imigrantes" inofensivas ou invasoras altamente nocivas* ***(tópico frasal).*** *Dentro do sistema produtivo, por exemplo, o búfalo e o pinus são apenas espécies exóticas. Quando escapam para a natureza, entretanto, muitas vezes tornam-se organismos nocivos aos ecossistemas "naturais".*

Percebeu como os exemplos facilitam a intelecção do que foi dito? Procure utilizá-los também em suas redações. Eles tornam o texto mais claro, evitando que ele se transforme em um amontoado de conceitos. Os exemplos *concretizam* o texto.

Além dessas estratégias de fundamentação de parágrafo, podemos citar algumas outras: **citação de testemunhos de autoridade** (que são depoimentos de um outro autor respeitado sobre o assunto discutido), **apresentação de dados estatísticos** (que são informações retiradas de pesquisas), **apresentação de narrações** (que são histórias utilizadas para ilustrar o tema discutido), entre outros recursos.

Elaboramos um exercício que tem como meta ensinar você a desvendar a estruturação de um parágrafo argumentativo. Com ele, você, não só aprenderá a ler com mais técnica, como também desenvolverá técnicas de redação. Todos os trechos foram retirados de textos de concursos públicos. Constitui cada qual uma única linha de raciocínio que apresenta as frases organizadas em torno de um tópico frasal, voltadas para um único fim: desenvolver ou retomar a ideia-núcleo, aumentando--lhe a compreensão.

Dessa forma, destaque suas **ideias-núcleo**, indicando o seu **desenvolvimento** e, caso haja, sua **conclusão**. Analise também a(s) forma(s) como foram desenvolvidos os tópicos frasais ao longo

dos parágrafos.

1. “Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos. Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitar e dar afeto.”

Na introdução do parágrafo, tem-se a apresentação do tópico frasal: “Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana.”

A seguir, desenvolve-se o argumento inicial com a enumeração de exemplos: “Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos.”

Observe que, na conclusão, o autor não só retomou o tópico frasal, mas optou também por acrescentar consequências: “Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitar e dar afeto”.

Trata-se, assim, de um parágrafo padrão, com introdução, desenvolvimento e conclusão.

2. “No início deste período, o homem inventou a escrita, graças à qual os conhecimentos venceram o tempo e o espaço. Venceram o tempo, pois, as experiências acumuladas puderam, sob a forma escrita, ser transmitidas com precisão às gerações seguintes. Venceram o espaço, pois os conhecimentos passaram a ser transportados de um lugar para o outro em papiros, papéis e demais materiais desenvolvidos para a fixação da escrita. Com o registro e com a circulação da informação, o homem se beneficiou de um crescente repertório de experiências, as quais lhe permitiram inventar mais, e mais facilmente.”

Mais uma vez, introduz-se o parágrafo por meio da apresentação do tópico frasal: “No início deste período, o homem inventou a escrita, graças à qual *os conhecimentos venceram o tempo e o espaço*.”

A seguir, desenvolve-se o argumento inicial por meio da apresentação de explicações: “*Venceram o tempo*, pois, as experiências acumuladas puderam, sob a forma escrita, ser transmitidas com precisão às gerações seguintes. *Venceram o espaço*, pois os conhecimentos passaram a ser transportados de um lugar para o outro em papiros, papéis e demais materiais desenvolvidos para a fixação da escrita”.

Novamente, conclui-se o parágrafo com a retomada do tópico frasal e acréscimo de consequências: “Com o registro e com a circulação da informação, o homem se beneficiou de um crescente repertório de experiências, as quais lhe permitiram inventar mais, e mais facilmente”.

3. “Liderança é um aspecto da personalidade, uma característica que alguns indivíduos têm e outros não. Por definição, bons líderes são pessoas diferentes da média. Eles têm mais determinação do que outros. Sua presença é tão marcante que ficam na memória das pessoas. Por isso, liderança não é para qualquer um, é um dom.”

Outro parágrafo organizado de forma padrão. Apresenta-se, de início, o tópico frasal: “Liderança é um aspecto da personalidade, uma característica que alguns indivíduos têm e outros não”. A seguir, fundamenta-se o argumento central por meio de sua definição, que, nada mais é que seu *esclarecimento*: “Por definição, bons líderes são pessoas diferentes da média. Eles têm mais determinação do que outros. Sua presença é tão marcante que ficam na memória das pessoas”.

Ao final do parágrafo, o autor retoma o tópico frasal inicial, que vem antecedido de um conector conclusivo: “Por isso, liderança não é para qualquer um, é um dom”.

Bom de ler e de copiar em uma futura redação, não é?

4. “Há muitos tipos de líder, e gosto de destacar três. A primeira categoria é dos líderes que marcam diferença por serem grande estrategistas, objetivos e com visão de futuro. O legado deles é o método. O segundo tipo tem forte poder intelectual, mergulha com intensidade nas questões teóricas, disseca e diagnostica problemas como ninguém. São líderes que deixam ideias originais, com marca própria. E um terceiro tipo chamo de líderes inspiradores. Eles entendem as demandas do povo, suas paixões, conseguem entender emocionalmente as pessoas. Os maiores líderes da história têm força porque reúnem método, intelecto e habilidade de tocar nos sentimentos de seus liderados.”

Introduz-se o parágrafo com apresentação do tópico frasal: “Há muitos tipos de líder, e gosto de destacar três”.

Logo a seguir desenvolve-se o parágrafo com a enumeração dos *três tipos de líder* citados na primeira linha do texto: “A primeira categoria é dos líderes que marcam diferença por serem grande estrategistas, objetivos e com visão de futuro. O legado deles é o método. O segundo tipo tem forte poder intelectual, mergulha com intensidade nas questões teóricas, disseca e diagnostica problemas como ninguém. São líderes que deixam ideias originais, com marca própria. E um terceiro tipo chamo de líderes inspiradores. Eles entendem as demandas do povo, suas paixões, conseguem entender emocionalmente as pessoas”.

Observe que, na conclusão, o autor retoma tópico frasal acrescentando sua opinião: “Os maiores

líderes da história têm força porque reúnem método, intelecto e habilidade de tocar nos sentimentos de seus liderados".

5. "Em oito anos, o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio – é alarmante esse grau crescente de insegurança."

Você consegue perceber que esse parágrafo está estruturado de forma diferente dos parágrafos anteriores? É que ele se inicia pelos dados estatísticos, e não pelo tópico frasal. Esse é o *parágrafo indutivo*, que foge ao padrão: ele vai da fundamentação à ideia, e não o contrário. Vai do concreto ao abstrato. Somente ao final do parágrafo é que se descobre qual é o argumento que o enseja: é alarmante esse grau crescente de insegurança.

Resumindo:
Parágrafo dedutivo é aquele que vai do tópico frasal à sua fundamentação: do abstrato ao concreto. Parágrafo indutivo é aquele que se inicia pela fundamentação do tópico (exemplos, dados estatísticos etc.) e só a seguir é que se apresenta o argumento que motivou o parágrafo.

24.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

Agora é a sua vez. Selecionamos algumas provas que abordam as técnicas do texto dissertativo, para você treinar. Ao final, o gabarito. Bom trabalho!

Texto I

O QUE É CIDADANIA

Gilberto Dimenstein

Cidadania é o direito de ter uma ideia e poder expressá-la. É poder votar em quem quiser sem constrangimento. É processar um médico que cometa um erro. É devolver um produto estragado e receber o dinheiro de volta. É o direito de ser negro sem ser discriminado, de praticar uma religião sem ser perseguido.

Há detalhes que parecem insignificantes, mas revelam estágios de cidadania: respeitar-se o sinal vermelho no trânsito, não jogar papel na rua, não destruir telefones públicos. Por trás desse comportamento, está o respeito à coisa pública.

O direito de ter direitos é uma conquista da humanidade. Da mesma forma que a anestesia, as vacinas, o computador, a máquina de lavar, a pasta de dente, o transplante do coração. Foi uma conquista dura. Muita gente lutou e morreu para que tivéssemos o direito de votar. E outros batalharam para você votar aos dezesseis anos. Lutou-se pela ideia de que todos os homens merecem a liberdade e de que todos são iguais diante da lei.

Pessoas deram a vida combatendo a concepção de que o rei tudo podia porque tinha poderes

divinos e aos outros cabia obedecer. No século XVIII, a rebeldia a essa situação detonou a Revolução Francesa, um marco na história da liberdade do homem.

No mesmo século surgiu um país fundado na ideia da liberdade individual: os Estados Unidos. Foi com esse projeto revolucionário que eles se tornaram independentes da Inglaterra.

Desde então, os direitos foram se alargando, se aprimorando, e a escravidão foi abolida. Alguém consegue hoje imaginar um país defendendo a importância dos escravos para a economia?

Mas esse argumento foi usado durante muito tempo no Brasil. Os donos da terra alegavam que, sem escravos, o país sofreria uma catástrofe. Eles se achavam no direito de bater e até matar os escravos que fugissem. Nessa época, o voto era um privilégio: só podia votar quem tivesse dinheiro. E para se candidatar a deputado, só com muita riqueza em terras.

No mundo, trabalhadores ganharam direitos. Imagine que no século passado, na Europa, crianças chegavam a trabalhar até quinze horas por dia. E não tinham férias.

As mulheres, relegadas a segundo plano, passaram a poder votar, símbolo máximo da cidadania. Até há pouco tempo, justificava-se abertamente o direito do marido de bater na mulher e até de matá-la.

Em 1948, surgiu a Declaração Universal dos Direitos do Homem, aprovada pela Organização das Nações Unidas (ONU), ainda na emoção da vitória contra as forças totalitárias lideradas pelo nazismo, na Europa. Com essa declaração, solidificou-se a visão de que, além da liberdade de votar, de não ser perseguido por suas convicções, o homem tinha direito a uma vida digna. É o direito ao bem-estar. A onda dos direitos mudou a cara e o mapa do mundo neste final de milênio.

Assistimos à derrocada dos regimes comunistas, com a extinção da União Soviética. Os países do Leste europeu converteram-se à democracia.

Na África do Sul, desfez-se o regime de segregação racial. A América Latina, tão viciada em ditadores, viu surgir na década de 80 uma geração de presidentes eleitos democraticamente.

1. Para defender seus pontos de vista o autor só NÃO emprega:

a) exemplificação.
b) citação de fatos históricos.
c) interação com o leitor, questionando-o.
d) apelo a opiniões pessoais.
e) utilização do humor e da ironia.

2. O texto apresenta uma ideia principal que é:

a) a cidadania é uma conquista diária de todos nós.
b) ser cidadão é ter direitos.
c) a América Latina é um local de cidadania plena.
d) a cidadania deve compreender as mulheres.
e) ser cidadão é cuidar do público em detrimento do privado.

3. O autor se refere à cidadania como uma conquista; a palavra do texto que NÃO está relacionada a essa ideia de conquista é:

a) “lutou e morreu”.
b) “batalharam”.
c) “revolucionário”.

d) “respeito”.
e) “lutou-se”.

4. Podemos dividir o texto em cinco partes, que estão indicadas abaixo com a síntese de seu conteúdo; a alternativa em que a indicação do conteúdo NÃO está correta é:

a) do início do texto até “sem ser perseguido” – a definição de cidadania.
b) de “Há detalhes” até “a coisa pública” – exemplos de cidadania.
c) de “O direito a ter direitos” “até diante da lei” – a conquista difícil da cidadania.
d) de “Pessoas deram a vida” até “de matá-la” – fatos históricos na luta pelos direitos humanos.
e) de “Em 1948 surgiu” até o fim do texto – os direitos humanos antes da guerra.

Texto II

ENTREVISTA COM MICHAEL SERMER
(Diretor da ONG contra superstições) – Veja, n. 1733

Repórter: Como o senhor justifica a vantagem do pensamento científico sobre o obscurantismo?

MS –A ciência é o único campo do conhecimento humano com característica progressista. Não digo isso tomando o termo progresso como uma coisa boa, mas sim como um fato. O mesmo não ocorre na arte, por exemplo. Os artistas não melhoram o estilo de seus antecessores, eles simplesmente o mudam. Na religião, padres, rabinos e pastores não pretendem melhorar as pregações de seus mestres. Eles as imitam, interpretam e repetem aos discípulos. Astrólogos, médiuns e místicos não corrigem os erros de seus predecessores, eles os perpetuam. A ciência, não. Tem características de autocorreção que operam como a seleção natural. Para avançar, a ciência se livra dos erros e teorias obsoletas com enorme facilidade. Como a natureza, é capaz de preservar os ganhos e erradicar os erros para continuar a existir.

1. Em termos argumentativos, pode-se dizer que:

a) a argumentação apresentada por MS se apóia em testemunhos de autoridade.
b) a tese apresentada está explícita em “a ciência se livra dos erros e teorias obsoletas com enorme facilidade”.
c) o público-alvo a ser convencido é o conjunto de pessoas ligadas, de uma maneira ou outra, ao obscurantismo.
d) os argumentos apresentados na defesa da tese se fundamentam ora na intimidação, ora na persuasão.
e) por ser de caráter científico, a subjetividade do argumentador é completamente desprezada na argumentação.

2. O segmento do texto que se volta para a própria construção do texto é:

a) “Não digo isso tomando o termo progresso como uma coisa boa, mas sim como um fato.”
b) “O mesmo não ocorre na arte, por exemplo.”
c) “Na religião, padres, rabinos e pastores não pretendem melhorar as pregações de seus mestres.”
d) “Para avançar, a ciência se livra dos erros e teorias obsoletas com enorme facilidade.”
e) “Como a natureza, é capaz de preservar os ganhos e erradicar os erros para continuar a existir”.

Texto III

A FLOR DO GEÓGRAFO

Dom Marcos Barbosa O.S.B.

Creio que é a terceira vez que venho falar de motoristas. Até parece que vivo andando de táxi. E tenho sempre a sorte de encontrar no volante, ao contrário dos outros, um verdadeiro gentleman.

Para que não me acusem de suspeição e de especial simpatia pela classe, aviso logo que o fato de hoje não se deu comigo,mas com o professor francês Pierre Desfontaines. Jamais esqueci, porém, a frase obscura que o ilustre geógrafo foi colher na trepidante Pauliceia.

Pierre Desfontaines, cujo nome nos fala de pedra e de fonte, não podia ser, realmente um geógrafo como os outros...

Ah, os geógrafos! Eles eram todos, quase todos, como o geógrafo do Petit Prince, que se contentava em anotar as montanhas, os rios e as cidades que os exploradores houvessem visto; mas não as flores, santo Deus! porque as flores eram efêmeras. Também não lhe interessava se os vulcões estavam extintos ou não. Só queria saber da terra, da montanha. Não do risco corrido pelos homens, tão efêmeros quanto a flor. Anotava tudo a lápis. Só depois cobria à tinta, se o explorador se mostrasse fidedigno e trouxesse provas...

Mas felizmente alguns vieram a descobrir a "geografia humana", a geografia em função do homem; e eu vim a descobrir, por minha vez, a geografia humaníssima de Desfontaines, que me fez lamentar o árido estudo do meu tempo de ginásio e as áridas geografias que ainda hoje vejo nas mãos de tantos alunos.

(...)

1. A inclusão do personagem do Petit Prince tem a utilidade textual de:

a) opor-se, por seus valores, a Pierre Desfontaines.

b) defender a ideia de uma geografia científica.

c) mostrar uma posição ideal do geógrafo.

d) traçar pontos de semelhança com a geografia atual.

e) dar autoridade ao que é citado no texto.

Texto IV

NÃO

Salomão Rabinovich (Psicólogo)

A adolescência tem características particulares. São próprias dela a prepotência, a luta pela auto-afirmação, a sensação de que se pode tudo. Mas é sabido que, nessa fase da vida, somos inexperientes, inseguros, mais desatentos e um tanto desengonçados. Os jovens ainda estão em fase de crescimento, e o desenvolvimento biológico ainda não está completo. Por todos esses motivos, não é recomendável dar a carteira de motorista a um menor de 18 anos. O Brasil é campeão mundial de acidentes de carro. O trânsito em nossas grandes cidades é caótico e violento. Os motoristas com idade entre 18 e 25 anos são os que mais correm e por isso a incidência de acidentes é maior nessa faixa etária. Desde o início do ano, temos o novo Código de Trânsito Brasileiro que vem sendo criticado por ser rigoroso demais, e é nesse contexto que se deseja dar a carteira de motorista aos maiores de 16 anos. Para quê? Não é possível esperar dois anos para começar a dirigir?

Ser contra esse projeto de lei não é ser contra os jovens. Quando um adolescente vota, ele pode até estar fazendo uma escolha errada, mas ainda assim terá aprendido a exercer sua cidadania. Com um voto, porém, ele não vai morrer nem matar – o que pode acontecer se estiver dirigindo um carro. As vítimas, suas famílias e as pessoas que causaram acidentes sabem como é doloroso conviver com

isso, principalmente quando um jovem morre ou fica inválido. Para ser contra a carteira de motorista para maiores de 16 anos, basta visitar os hospitais das grandes cidades e ver o estrago que a morte de um adolescente causa. Já temos muitos problemas para resolver em relação ao trânsito e aos jovens brasileiros. Não precisamos de mais esse.

1. Entre os argumentos apresentados pelo autor do texto na defesa de seu posicionamento só NÃO está:

a) o número excessivamente grande de acidentes de trânsito no Brasil.
b) a maior insegurança e inexperiência dos mais jovens.
c) o trânsito das grandes cidades ser caótico e violento.
d) o já grande número de problemas com os jovens no trânsito.
e) a velocidade maior de carros dirigidos pelos mais jovens.

2. "Para quê? Não é possível esperar dois anos para se começar a dirigir?"; sobre esse segmento do texto pode-se afirmar que:

a) a segunda pergunta explicita a primeira.
b) as duas perguntas se referem à finalidade da concessão da carteira.
c) as duas perguntas podem ser respondidas com sim ou não.
d) a segunda pergunta se refere à ideia de consequência.
e) as duas perguntas se dirigem a interlocutores diferentes.

Texto V

JOVENS ENDIVIDADOS

Vítimas do consumismo e do crédito fácil, eles gastam mais do que ganham e devem mais do que podem pagar. A conta sobra para os pais.

Camilo Vanuchi e Milton Gamez

A casa dos Vieira, no bairro paulistano Alto de Pinheiros, está sempre cheia. Aos 67 anos, o empresário José Vieira ainda divide o sofá da sala e a conta bancária com seus três filhos homens, todos com mais de 25 anos. Dono de uma fábrica de peças de plástico, ele já se conformou com a ideia de viver para sempre com os rapazes. E, quem sabe, com as futuras noras e netos."Se eles se casarem e vierem para cá com os filhos, serão bem-vindos", diz seu José.

Dos três irmãos, dois fazem parte de um grupo cada vez mais comum na família brasileira contemporânea. São os jovens endividados. Além de adiar a saída de casa, mesmo depois de terminar a faculdade e arrumar trabalho, esses moços e moças não conseguem ajudar nas despesas de casa, nem tampouco pagar as próprias contas. Pior: acumulam dívidas. Muitos estão simplesmente falidos e entram na lista negra das entidades de proteção ao crédito. A fatia dos jovens no universo dos inadimplentes cresce de forma assustadora: 10% deles têm até 20 anos e 39% têm idade entre 21 e 30 anos (sim, os balzaquianos também são considerados jovens nos dias de hoje). Juntos, os consumidores até 30 anos foram responsáveis por 49% dos calotes dados em 2006 junto a bancos, administradoras de cartão de crédito e financeiras. Em 2005 somaram 44%. Os dados foram divulgados pela Telecheque. "Os jovens tiveram acesso ao crédito fácil demais nos últimos dois anos. Ficaram deslumbrados e perderam o controle", diz Antônio Praxedes, vice-presidente da Telecheque.

Revista Isto É, 24/01/2007, p. 64-5 (fragmento)

1. Em sua estrutura discursiva, o texto:

a) analisa primeiro a situação geral para num segundo momento expor casos particulares.
b) apresenta opiniões que se contrapõem e as sustenta com exemplos e relatos.
c) começa sua argumentação apontando as causas do problema para posteriormente dar soluções.
d) narra exemplos da situação em foco para em seguida formular uma hipótese.
e) justifica com dados numéricos um questionamento feito na introdução.

Texto VI

Nos últimos cinquenta anos, a população mundial mais do que dobrou, indo de 2,5 bilhões (1950) para 6 bilhões (2000). Durante esse mesmo período, a industrialização permitiu que o consumo aumentasse exponencialmente; como consequência, a poluição e o lixo também aumentaram. Já faz algum tempo que o planeta vem dando sinais de que não pode suportar o nosso modo de vida, e estudos indicam que hoje, mesmo com grande parte da população mundial excluída, já consumimos 20% por ano a mais de recursos naturais renováveis do que o planeta Terra é capaz de regenerar.

Ainda há uma dificuldade em relacionar os problemas ambientais aos nossos hábitos de consumo cotidianos. Quando compramos uma roupa, não pensamos nos agrotóxicos usados na plantação de algodão ou no trabalho escravo encontrado nas fazendas.

Entretanto, se queremos justiça social e preservação da natureza, vamos ter de mudar nossos hábitos de consumo.

1. A palavra "entretanto", que inicia o 3º parágrafo, foi empregada para introduzir:

a) a exemplificação de uma ideia a partir de um novo argumento.
b) a contraposição a ser estabelecida entre uma solução e um problema.
c) o reforço de uma opinião polêmica anteriormente defendida.
d) a confirmação de uma ideia sugerida no parágrafo anterior.
e) a negação de uma tese contrária à que está sendo defendida.

Texto VII

Há um caminho simples: proibir. Há o caminho correto: educar. Pois cidadãos responsáveis e consumidores conscientes se forjam com informação.

Até recentemente, a sociedade entendia ser a educação tarefa exclusiva de pais e professores. Sabiamente, esse conceito evoluiu. Cobra-se, agora, o compromisso de educar também de veículos de comunicação, publicidade, das artes etc. Não poderia haver reivindicação mais justa, dada a importância da educação – desde que não se esqueça o essencial: a responsabilidade de pais e professores continua sendo intransferível.

1. Na defesa de seu ponto de vista, o autor do texto marca suas opiniões de vários modos; assinale o item em que o termo sublinhado NÃO desempenha essa função textual:

a) "Não poderia haver reivindicação mais justa, dada a importância da educação..."
b) "Sabiamente esse conceito evoluiu."
c) "...a sociedade entendia ser a educação tarefa exclusiva de pais e professores."
d) "Há o caminho correto: educar."
e) "a responsabilidade de pais e professores continua sendo intransferível."

Texto VIII

MAR SANGRENTO

A foca-da-groenlândia é um dos mamíferos marinhos mais caçados do mundo. O Canadá está entre os poucos países que permitem a matança e onde o governo fornece subsídios e estabelece uma cota para a caça. Em 2003, o número foi recorde – 350 mil animais – mas, segundo os ambientalistas, as mortes vão muito além. Várias focas atingidas escapam para morrer logo depois e os filhotes órfãos não conseguem sobreviver.

(Revista Superinteressante, agosto-2003)

1. O texto é composto por um título e 4 períodos; assinale o item em que a correspondência das partes e seu papel textual NÃO é correto:

a) título – referência metafórica ao conteúdo do texto.
b) 1º período – constatação de um fato.
c) 2º período – exceção em relação à afirmação anterior.
d) 3º período – quantificação com valor de protesto.
e) 4º período – apelo sentimental.

Texto IX

COM QUE CORPO EU VOU?

Maria Rita Kehl, Folha de São Paulo, 30/06/2002

O cuidado de si volta-se para a produção da aparência, segundo a crença já muito difundida de que a qualidade do invólucro muscular, a textura da pele e a cor dos cabelos revelam o grau de sucesso de seus "proprietários". Numa praia carioca, escreve Stéphane Malysse, as pessoas parecem "cobertas por um sobrecorpo, como uma vestimenta muscular usada sob a pele fina e esticada..."

São corpos em permanente produtividade, que trabalham a forma física ao mesmo tempo em que exibem os resultados entre os passantes. São corpos-mensagem, que falam pelos sujeitos. O rapaz "sarado", a loira siliconada, a perna musculosa ostentam seus corpos como se fossem aqueles cartazes que os homens sanduíches carregam nas ruas do centro da cidade. "Compra-se ouro". "Vendem-se cartões telefônicos". "Belo espécime humano em exposição". A cultura do corpo não é a cultura da saúde, como quer parecer... É a produção de um sistema fechado, tóxico, claustrofóbico.

Nesse caldo de cultura insalubre, desenvolvem-se os sistemas sociais da drogadição (incluindo o abuso de hormônios e anabolizantes), da violência e da depressão. Sinais claros de que a vida, fechada diante do espelho, fica perigosamente vazia e sem sentido.

1. A loira siliconada, citada no texto, serve de exemplo de:

a) corpos em permanente produtividade.
b) cultura da saúde.
c) sintoma social da drogadição.
d) violência e depressão.
e) despreocupação com a aparência.

2. O texto lido apresenta um conjunto de posicionamentos; o item que mostra um posicionamento que NÃO corresponde a uma opinião do autor é:

a) a cultura do corpo é algo diferente da cultura da saúde.
b) o corpo humano deve ter alguém como recheio.

c) a cultura excessiva do corpo fecha o sujeito em si mesmo.
d) a dedicação exclusiva ao corpo é parte de um caldo cultural nocivo.
e) os corpos sarados escondem seus verdadeiros "proprietários".

3. Os argumentos apresentados pelo autor do texto são predominantemente:
a) depoimentos de autoridades no assunto tratado.
b) exemplos retirados de experiência profissional.
c) pesquisas realizadas na área do combate às drogas.
d) opiniões de caráter pessoal.
e) de base estatística.

Texto X

ECODÚVIDAS

Luc Ferry

Que haja uma dimensão científica na preocupação com o meio ambiente, não se discute, embora os dados objetivos sejam bem mais controversos do que se costuma supor: a dimensão real dos perigos ligados ao "buraco da camada de ozônio" permite debates acirrados, da mesma forma que as causas e a extensão do fenômeno conhecido como "efeito estufa". Quanto ao aquecimento da Terra e à elevação do nível do mar que resultaria do derretimento do gelo nos pólos, as opiniões mais autorizadas estão em perfeita contradição: segundo os dados e os modelos matemáticos de previsão elaborados pela própria Nasa, é possível que o nível baixe, que se eleve ou que se mantenha.

Tudo depende! Seria bom, portanto, dispor de um balanço mais definitivo sobre essas questões e algumas outras que agitam a imprensa com tanto vigor. Pois quanto maior a incerteza científica tanto maior a propagação do dogmatismo entre os profissionais da ecologia política, que aproveitam a indeterminação dos dados para avivar o "grande medo planetário", base da paixão democrática nessa questão.

1. O texto procura demonstrar:
a) a necessidade de maior precisão científica.
b) o descuido do homem com o meio ambiente.
c) a indiferença do homem a problemas graves do planeta.
d) o aproveitamento político de questões ecológicas.
e) a arrogância do conhecimento científico.

2. O buraco na camada de ozônio e as causas e a extensão do efeito estufa são citados no texto como:
a) casos controversos de discussão.
b) exemplos de desprezo do homem pelo meio ambiente.
c) demonstrações de casos com dimensão científica.
d) situações em que se demonstra a preocupação com o meio.
e) problemas criados pelo homem na Terra.

3. "Que haja uma dimensão científica na preocupação com o meio ambiente, não se discute, // embora os dados objetivos sejam bem mais controversos do que se costuma supor"; o que se opõe

entre os dois segmentos dessa parte do texto é:

a) dimensão científica X dados objetivos.
b) precisão X suposição.
c) ciência X dados controversos.
d) preocupação X despreocupação.
e) abstração X dados objetivos.

Texto XI

COMUNICAR É AGIR

José Luiz Fiorin

Quando um enunciador comunica alguma coisa, tem em vista agir no mundo. Ao exercer seu fazer informativo, produz um sentido com a finalidade de influir sobre os outros. Deseja que o enunciatário creia no que ele lhe diz, faça alguma coisa, mude de comportamento ou de opinião etc. Ao comunicar, age no sentido de fazer-fazer. Entretanto, mesmo que não pretenda que o destinatário aja, ao fazê-lo saber alguma coisa, realiza uma ação, pois torna o outro detentor de um certo saber.

Comunicar é também agir num sentido mais amplo. Quando um enunciador reproduz em seu discurso elementos da formação discursiva dominante, de certa forma, contribui para reforçar as estruturas de dominação. Se se vale de outras formações discursivas, ajuda a colocar em xeque as estruturas sociais. No entanto, pode-se estar em oposição às estruturas econômico-sociais de uma maneira reacionária, em que se sonha fazer voltar um mundo que não mais existe, ou de uma maneira progressista, em que se deseja criar um mundo novo. Sem pretender que o discurso possa transformar o mundo, pode-se dizer que a linguagem pode ser instrumento de libertação ou de opressão, de mudança ou de conservação.

1. O segundo parágrafo do texto, em relação ao primeiro, funciona como:

a) oposição.
b) retificação.
c) acréscimo.
d) concessão.
e) explicação.

2. "Comunicar é também agir num sentido mais amplo"; com esta frase inicial do segundo parágrafo, o autor do texto:

a) amplia o significado do verbo "agir", empregado no parágrafo anterior.
b) reforça a mesma ideia de "ação" atribuída anteriormente ao ato de comunicar.
c) corrige o emprego do verbo "agir", utilizado no primeiro parágrafo.
d) quer mostrar que "comunicar" e "agir" são ações equivalentes.
e) mostra certa ironia diante da ação humana de comunicar algo.

Texto XII

O homem hoje em dia desenvolveu para tudo que costumava fazer com o próprio corpo, extensões ou prolongamentos desse mesmo corpo. A evolução de suas armas começa pelos dentes e punhos e termina com a bomba atômica. Indumentária e casas são extensões dos mecanismos biológicos de controle de temperatura do corpo. A mobília substitui o acocorar-se e sentar-se no chão.

Instrumentos mecânicos, lentes, televisão, telefones e livros que levam a voz através do tempo e do espaço constituem exemplos de extensões materiais. Dinheiro é meio de estender os benefícios e de armazenar trabalho. Nosso sistema de transportes faz agora o que costumávamos fazer com os pés e as costas. De fato, podemos tratar de todas as coisas materiais feitas pelo homem como extensões ou prolongamentos do que ele fazia com o corpo ou com alguma parte especializada do corpo.

(Leslie A. White, The science of culture)

1. Entre o primeiro e o último período do texto XII há uma série de afirmações que têm a finalidade de:

a) dar credibilidade ao que é afirmado, já que as afirmações se apóiam em fatos historicamente comprovados.

b) explicitar o que são as "extensões" ou os "prolongamentos" do próprio corpo, vocábulos citados no primeiro período.

c) desenvolver, explicando, a afirmação feita no período inicial, por meio de exemplos esclarecedores.

d) opor-se a pensamentos contrários ao que é exposto no primeiro período, por tratar-se de um ponto de vista novo.

e) apresentar argumentos que comprovem a sua tese, argumentos esses apoiados em descobertas históricas recentes.

2. Segundo o autor do texto XII, todas as coisas materiais são extensões ou prolongamentos do que o homem fazia com o corpo ou com alguma parte especializada do corpo. Entre as alternativas abaixo, aquela que NÃO apresenta um exemplo adequado dessas extensões ou prolongamentos é:

a) os óculos: extensão da vista.

b) a espada: extensão do braço.

c) o navio de carga: extensão das costas.

d) os transportes: extensão dos pés.

e) o perfume: extensão do olfato.

3. "De fato, podemos tratar de todas as coisas materiais feitas pelo homem como extensões ou prolongamentos..."; a expressão sublinhada tem a finalidade de:

a) retificar informações anteriores.

b) ampliar informações já fornecidas.

c) confirmar informação prestada anteriormente.

d) explicar informações pouco claras.

e) acrescentar dados aos já fornecidos.

Texto XIII

CÂNCER

Márcio Bueno – A origem curiosa das palavras

A palavra câncer vem do latim câncer, cancri, que significa "caranguejo". No próprio latim passou a designar também os tumores da mama porque, segundo alguns autores, as veias que partem deles apresentam certa semelhança com as patas do crustáceo. Para outros estudiosos, a metáfora decorre de essas úlceras roerem as carnes como um caranguejo. Com o tempo, o termo foi estendido para qualquer tipo de tumor maligno. Do termo latino derivou também "cancro", que é um sinônimo de

“câncer”. O mais interessante é que a origem do nosso termo “caranguejo” é exatamente a mesma, só que passando pelo espanhol “cangrejo”.

1. “Para outros estudiosos, a metáfora...”; a metáfora a que se refere o texto se prende à semelhança entre:

a) caranguejo e crustáceo.
b) veias e patas.
c) mamas e carnes.
d) latim e português.
e) patas e crustáceo.

2. Após a leitura desse pequeno texto aprendemos que:

a) as palavras portuguesas provêm do antigo latim.
b) algumas palavras latinas desapareceram.
c) alguns significados são extensões do sentido original.
d) alguns idiomas desapareceram com o tempo.
e) as palavras portuguesas são originárias do latim e do espanhol.

3. O texto tem como finalidade principal:

a) justificar a denominação de câncer.
b) homenagear o idioma latino.
c) alertar a população para os perigos da doença.
d) mostrar o progresso da ciência brasileira.
e) indicar os caminhos de prevenção contra o câncer.

Texto XIV

DOENÇA DE CHAGAS

Márcio Bueno – A origem curiosa das palavras

Embora “chaga” seja uma lesão da carne, uma ferida aberta, a doença de Chagas não tem qualquer relação com esse tipo de problema. Trata-se de um mal irreversível, com várias implicações, incluindo problemas cardíacos. Na origem do termo está o nome do médico e cientista brasileiro Carlos Chagas (1879-1934) que, com apenas trinta anos, descobriu o agente causador e descreveu em detalhes tudo o que se relacionava com a doença: “Saibam todos”, resumiu ele, “que o inseto conhecido por barbeiro ou chupão, encontrado nas casas de pau-a-pique dos sertanejos do Brasil, é portador de um parasita que causa febre, anemia, cardiopatias e aumento dos gânglios.” Como “homenagem” ao sanitarista Oswaldo Cruz, com quem trabalhava, o cientista deu o nome ao parasita trypanosoma cruzi. Essa estranha homenagem de doença foi feita também a ele, quando o povo passou a chamar a parasitose de “doença de Chagas”.

1. Das duas homenagens citadas no texto:

a) o nome de Oswaldo Cruz homenageou o parasita.
b) o nome de Oswaldo Cruz homenageou a doença.
c) o nome dado à doença homenageou Carlos Chagas.
d) só a segunda atribui valor à descoberta.
e) só a primeira representa, de fato, uma homenagem.

2. O texto tem como finalidade principal:

a) justificar a denominação da doença de Chagas.
b) homenagear Carlos Chagas.
c) homenagear Oswaldo Cruz.
d) mostrar o progresso da ciência brasileira.
e) ensinar o povo a proteger-se da doença de Chagas.

Texto XV

BRASIL E O MUNDO PODEM PREJUDICAR A SUA SAÚDE

Texto da Internet falsamente atribuído a Arnaldo Jabor

Minha profissão é ver o mal do mundo. Um dia, a depressão bate. Não aguento mais ver a cara do Bush ostentando rugas na testa de preocupação com o nosso destino (que ele azedou), não aguento mais o Lula de boné dançando xaxado, não aguento ver o Sarney feliz, mandando no país, guardando o PT no bolso do jaquetão, enquanto os petistas, comunistas, tucanistas e fascistas discutem para ver quem é mais de esquerda ou de direita, enquanto o país afunda em violência e miséria, com o Estado sendo loteado entre esquerdistas sem emprego; não dá mais para ouvir que há transgênicos de esquerda ou de direita, principalmente quando ninguém consegue impedir as queimadas na Amazônia; passo mal também quando vejo a cara dos oportunistas do MST, com a bênção da Pastoral da Terra, liderando pobres diabos para a revolução contra o capitalismo; não aguento secretários de Segurança falando em forças-tarefa, em presídios perfeitos que não conseguem nem bloquear celulares; não suporto ver que o Exército se recusa a ajudar na repressão ao crime, com generais tão eficazes para arrasar a guerrilha urbana nos anos setenta.

1. Em relação à primeira frase do texto, todo o trecho seguinte do primeiro parágrafo funciona como:

a) contradição.
b) exemplificação.
c) comparação.
d) explicação.
e) conclusão.

2. O trecho entre parênteses – que ele azedou – no primeiro parágrafo do texto:

a) explica uma afirmação anterior.
b) exemplifica um fato citado.
c) corrige algo dito anteriormente.
d) acrescenta algo ao que foi dito.
e) ratifica um pensamento expresso antes.

Texto XVI

FUMAR?

Vera Lúcia Scognamiglio

Um pai ou uma mãe que fumam podem trazer o cigarro para mais perto do adolescente, mas não acredito que esse seja o fator decisivo que faça com que ele comece a fumar. Penso que o cigarro é atraente para o adolescente por ser um símbolo do mundo adulto. Às vezes, do mundo adulto que

“deu certo”, como sugerem as propagandas de cigarro: homens e mulheres independentes, felizes, bem-sucedidos... Mas, neste sentido, acredito que a mídia exerça mais influência que o exemplo dos pais. E o grupo de pares, mais ainda. Fumar é um hábito de uma parte da tribo humana que acolhe os que se identificam com ela e com seus rituais, linguagem, gestos comuns, etc. Se um adolescente frequenta uma turma em que todos fumam, a influência será muito forte para que adote esse hábito do grupo como seu. Nesses momentos, pedir ou dar um cigarro ou fumar coletivamente facilita muito a aproximação com o outro e abre um canal de comunicação numa linguagem comum a todos. O que importa é que o jovem se sinta integrado ao grupo, adotando os mesmos padrões e comportamentos da turma, que nessa etapa da vida é quem dita as normas.

Além disso, o cigarro pode ser muito prazeroso, pois sabemos que ele se relaciona em algum nível com as gratificações orais da infância que podem ser reativadas em qualquer idade. Dessa forma ele pode muito bem funcionar como substituto de alguma coisa ou de alguém que está faltando, uma espécie de companheiro de toda hora. Para alguns adolescentes o cigarro pode aplacar a ansiedade, funcionando como um apoio quando, por exemplo, eles têm de enfrentar uma situação social nova. A adolescência é uma fase carregada de situações estressantes, e o cigarro, a exemplo de outras drogas, lícitas ou ilícitas, tem o poder de relaxar.

Retomando a questão da influência dos pais fumantes no tabagismo dos filhos, me parece que, se ocorre de fato alguma influência, o mais comum é que ela opere no sentido contrário. Os filhos de pais fumantes frequentemente abominam o cigarro, se sentem mal e se irritam quando os pais fumam por perto, e mesmo se preocupam com os riscos que o cigarro representa para a saúde dos pais, tentando persuadi-los para que parem de fumar.

1. Segundo o primeiro parágrafo do texto, o fato de pai e mãe fumarem:

a) é causa necessária e suficiente na iniciação dos filhos no hábito de fumar.
b) é razão determinante na formação, nos filhos, do vício de fumar.
c) é causa necessária, mas não suficiente para que os filhos fumem.
d) não é causa necessária nem suficiente para que o vício do fumo chegue aos filhos.
e) não é causa necessária, mas é suficiente para a iniciação dos filhos no fumo.

2. No último parágrafo do texto, a autora retoma o tema da influência dos pais fumantes no tabagismo dos filhos para:

a) confirmar uma opinião dada anteriormente.
b) acrescentar um dado esclarecedor sobre um aspecto abordado no 1º parágrafo.
c) fazer uma concessão a um pensamento expresso no parágrafo inicial.
d) trazer uma opinião que contradiz algo expresso anteriormente.
e) expressar uma certeza que apóia ideias contrárias ao tabagismo.

Texto XVII

ALIMENTAÇÃO E RENDIMENTO ESCOLAR

Arnaldo Niskier, Educação em primeiro lugar

As crianças brasileiras, em geral, chegam à escola com problemas de desnutrição crônica. Se elas não adquirirem, nos seus primeiros anos de vida, os 10 bilhões de neurônios necessários à constituição adequada do cérebro, com certeza terão dificuldades de passar pela etapa de alfabetização, a partir dos 6 anos de idade.

O cientista pernambucano Nelson Chaves tem uma teoria sobre a criação de uma "geração nanica", que se estaria desenvolvendo no Nordeste, devido à falta de proteínas. Para ele, "o problema da desnutrição é econômico e social. É preciso elevar o nível econômico das populações e isso é um problema geral de governo".

No plano geral, a saúde é da responsabilidade do Estado. E é inadmissível que tenhamos desenvolvido a prática de medicina curativa, a custos altíssimos para os contribuintes, quando a medicina preventiva seria muito mais aconselhável e barata. Essa última relaciona-se com a educação sanitária, envolvendo aspectos sociais, como saneamento básico, vacinações, conhecimento de parasitoses, higiene corporal e outros.

Já a medicina curativa, a mais praticada no Brasil, volta-se para a resolução de problemas de saúde que poderiam não ter surgido se a educação sanitária fosse amplamente praticada.

1. "As crianças brasileiras, em geral,..."; a expressão em geral:

a) indica a totalidade das crianças brasileiras.
b) leva em consideração a minoria pobre.
c) mostra que a afirmação é duvidosa.
d) despreza dados menos significativos.
e) enfatiza problemas que afetam todas as crianças.

2. O segundo período do primeiro parágrafo:

a) mostra uma opinião pessoal do autor do texto.
b) destaca um conhecimento científico estabelecido.
c) indica um problema que justifica a aprovação escolar.
d) comprova uma afirmação anterior do texto.
e) apresenta argumentos do autor a favor da desnutrição.

3. Todas as alternativas a seguir se referem à "geração nanica", referida no segundo parágrafo do texto, exceto:

a) as crianças dessa geração padecem de desnutrição crônica.
b) essa geração é fruto da falta de proteínas na infância.
c) esse mal atinge as crianças brasileiras, em geral.
d) a geração nanica é marca flagrante no Nordeste.
e) as crianças dessa geração não adquiriram 10 bilhões de neurônios.

Texto XVIII

ENTREVISTA

Isto é, novembro de 2005

Revista: É verdade que muitos brasileiros estão voltando a procurar tratamento contra o câncer fora do país?

Roberto Gil: Sem dúvida. Começamos a ter dificuldade de acesso a determinados tratamentos. Não estamos conseguindo aprovar a entrada de medicamentos de ponta lançados no mercado internacional porque não se chega a um acordo de preço. Então, a alternativa de ir para fora aparece como opção para obter melhor tratamento. Isso é muito ruim. Primeiro para quem vai, que terá de se afastar de seus familiares, de seus amigos, de suas referências justamente no momento em que mais

precisa desse apoio. Depois, para quem está doente e fica, resta a sensação de que a terapia que está recebendo é inferior à que receberia se estivesse em outro país, apesar de termos profissionais altamente qualificados. Por fim, isso faz com que alguns hospitais se especializem prioritariamente no atendimento a esse tipo de paciente, de elite. Não temos ainda números, uma estatística de quantos brasileiros estão procurando tratamento fora, mas posso afirmar isso baseado na minha rotina e na de meus colegas.

1. A finalidade da pergunta da revista é:

a) resolver um problema.
b) confirmar uma informação.
c) esclarecer uma dúvida.
d) tomar conhecimento de algo.
e) saber a razão de um fato.

2. Segundo o entrevistado, entre as consequências de muitos pacientes de câncer procurarem tratamento fora do Brasil está:

a) o tratamento diferenciado segundo as classes sociais.
b) a criação de novos hospitais.
c) a valorização de nosso sistema de saúde.
d) a má consideração dos médicos estrangeiros.
e) a perda da relação médico/paciente.

3. A opinião dada pelo médico:

a) tem base estatística.
b) fundamenta-se na experiência.
c) provém das estatísticas hospitalares.
d) é originária do noticiário da imprensa.
e) foi transmitida por profissionais qualificados.

Texto XIX

Posso tomar banho após a refeição?
(Marcelo Duarte – O guia dos curiosos)

Tomar banho frio ou entrar numa piscina depois de ter comido não oferece riscos. O que não se deve fazer é qualquer tipo de exercício físico intenso, como nadar ou surfar. Isso desvia o sangue do estômago para os músculos que estão trabalhando. Após as refeições, boa parte do seu sangue vai para o estômago e o intestino a fim de realizar uma digestão adequada. Ao praticar esportes depois de comer, a pessoa fica com dificuldades na digestão e acaba passando mal (enjoo, suor frio e tontura). Tomar banhos longos e quentes dilata os vasos sanguíneos da pele e também acaba desviando o sangue do estômago.

1. "Posso tomar banho depois de uma refeição?"; segundo o texto, a melhor resposta para essa pergunta é:

a) sim, pois isso nenhum mal faz.
b) sim, pois a digestão se processa normalmente.
c) não, pois isso traz problemas graves.

d) sim, mas é desaconselhável, pois os exercícios físicos prejudicam.
e) sim, desde que não sejam demorados e com água quente.

2. Os atos de nadar e surfar são citados no texto como:
a) exemplos de exercícios que devem ser evitados.
b) atos que em nada prejudicam.
c) atividades que auxiliam na digestão.
d) prejudiciais ao desenvolvimento físico.
e) causadores de problemas nos intestinos.

3. Pela leitura do texto, a resposta dada pelo autor se apoia em:
a) dados resultantes de pesquisas.
b) informações de autoridades médicas.
c) conhecimentos pessoais do autor.
d) opiniões superficiais de caráter popular.
e) depoimentos de autoridades da área da saúde.

Texto XX

A rolinha e o elefante

Ao ver a rolinha carregando em seu bico água do rio até um incêndio que se alastrava na floresta, o elefante perguntou:
– Você está querendo apagar aquele fogaréu com essas gotinhas d'água?
A rolinha respondeu:
– Estou apenas fazendo a minha parte.

1. A mensagem a ser depreendida do texto é:
a) quem tudo quer, tudo perde.
b) deus ajuda a quem cedo madruga.
c) não há bem que sempre dure nem mal que nunca se acabe.
d) a indiferença é o pior de todos os males.
e) de boas intenções o inferno anda cheio.

Texto XXI

PALAVRA DE ESPECIALISTA

Divergência sobre situação do país.

Dois economistas que acompanham a produtividade brasileira têm opiniões contrárias sobre a situação institucional do país. Para Pedro Cavalcanti, professor da Escola de Pós-Graduação em Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV), não há piora no quadro institucional brasileiro que justifique uma queda tão significativa no ranking.
– O fato de a corrupção estar clara hoje não significa que não existia no passado. E o país avançou. Aprovou a lei de falências que deu mais garantias a quem empresta e mudou o crédito imobiliário. A avaliação dessa pesquisa é muito subjetiva.
Cavalcanti afirma, porém, que a alta carga tributária, que subiu de 25% do PIB (Produto Interno Bruto) para 36% em 15 anos sem a contrapartida de melhoria nos serviços é um entrave para aumentar a competitividade.

Fábio Fonseca, professor do Ibmec, vê retrocessos no país, principalmente com a crise política. Outro fator a empurrar para baixo, segundo o economista, foi o desempenho melhor de países como África do Sul, Índia, Indonésia.

– Não há transparência nos gastos do governo. E quando há é somente para iniciados. O regime tributário é caótico e a Receita Federal comemora todo mês a arrecadação recorde como se fosse algo bom.

1. Só NÃO se pode dizer sobre o subtítulo dado ao texto – divergência sobre situação do país – que ele:

a) indica o tema central do texto.
b) antecipa o assunto do texto.
c) resume o que vai ser tratado.
d) indica uma posição do jornalista.
e) mostra ser tema de interesse nacional.

2. O texto diz que as pessoas que expressam opiniões são "dois economistas que acompanham a produtividade brasileira"; a única alternativa que NÃO justifica o fornecimento dessa informação é que:

a) as pessoas consultadas são igualmente competentes.
b) os dois economistas merecem credibilidade.
c) os dois economistas estão bastante atualizados.
d) o assunto tratado é do conhecimento de ambos.
e) o jornal só contrata pessoas de alto gabarito.

3. A aprovação da lei de falências e a mudança do crédito imobiliário foram citadas no texto para mostrar:

a) a deterioração do sistema econômico brasileiro.
b) o progresso do Brasil no setor do crédito.
c) o avanço do Brasil nas conquistas democráticas.
d) o retrocesso político do país.
e) exemplos de medidas que só beneficiam o capital.

4. "A avaliação dessa pesquisa é muito subjetiva"; a pesquisa referida é a que:

a) mostrou o avanço econômico do país.
b) causou a queda do Brasil no ranking.
c) demonstra o acerto das medidas tomadas.
d) confirma a diminuição da corrupção no país.
e) indica o progresso legal do Brasil.

5. No início do terceiro parágrafo aparece a conjunção porém, que mostra uma oposição entre o que foi dito e o que está expresso nesse terceiro parágrafo. A oposição referida se verifica entre:

a) passado X presente.
b) política X economia.
c) governo anterior X governo atual.
d) ditadura X democracia.

e) aspectos positivos X aspectos negativos.

Texto XXII

SOLIDARIEDADE

Betinho, Jornal do Brasil, 12/09/1993

[...] Assim como a miséria foi sendo construída com a indiferença frente à exclusão e à destruição das pessoas, a negação da miséria começa a se realizar com a prática cotidiana, ampla e generosa da solidariedade.

A frieza construiu a miséria. Construiu as cidades cheias de gente e de muros que as separam como estranhos que se ignoram e se temem. A solidariedade vai destruir as bases da existência da miséria. É uma ponte entre as pessoas.

Por isso o gesto de solidariedade, por menor que seja, é tão importante. É um primeiro movimento no sentido oposto a tudo que se produziu até agora. Uma mudança de paradigma, de norte, de eixo, o começo de algo totalmente diferente. Como um olhar novo que questiona todas as relações, teorias, propostas, valores e práticas, restabelecendo as bases de uma reconstrução radical de toda a sociedade. Se a exclusão produziu a miséria, a solidariedade destruirá a produção da miséria, produzirá a cidadania plena, geral e irrestrita. Democrática.

A luta contra a miséria nos obriga a um confronto com a realidade naquilo que nos parece mais brutal: a pessoa desfigurada pela fome, desesperada pela comida ou por qualquer gesto de reconhecimento de sua existência humana. Se a distância perpetua a miséria, a solidariedade interrompe o ciclo que a produz e abre possibilidades imensas para se reconstruir a humanidade destruída em 32 milhões de pessoas e negada em outros milhões de pessoas que vivem na pobreza.

Se a indiferença construiu esse apartheid monstruoso, a solidariedade vai destruir suas bases. E essa energia existe com uma força surpreendente entre nós, uma força capaz de contagiar quem menos se espera e de produzir uma nova cultura, a do reencontro.

Quando o Movimento da Ação da Cidadania começou, ninguém esperava que fosse capaz de andar tão rápido, de se expandir com tanta força, de tocar tantas e tão diferentes pessoas, de encher auditórios e de se espalhar por todos os cantos do país.

Há uma tremenda força de mudança no ar, na terra. Há um movimento poderoso, tecendo a novidade através de milhares de gestos de encontro. Há fome de humanidade entre nós, por sorte ou por virtude de um povo que ainda é capaz de sentir, de mudar e de impedir que se consume o desastre, o suicídio social de um país chamado Brasil.

1. O texto é uma reflexão sobre a solidariedade, motivo de um movimento – o Movimento da Ação da Cidadania – criado por Betinho, autor do texto, alguns anos atrás. O primeiro parágrafo do texto é construído numa estrutura comparativa, em que só NÃO correspondem:

a) a miséria / a negação da miséria

b) foi sendo construída / começa a se realizar

c) indiferença / prática

d) exclusão, destruição / solidariedade

e) das pessoas / ampla e generosa

2. O fato de o texto começar por colchetes com pontos suspensivos – [...] – indica que:

a) havia outros segmentos anteriores que não foram reproduzidos.

b) se trata de um texto reflexivo e que é necessário pensar sobre o que é dito.
c) o texto é cópia de um original já publicado anteriormente.
d) há citações alheias inseridas no corpo do texto.
e) a publicação do texto é matéria paga pelo próprio autor.

3. "A frieza construiu a miséria. Construiu as cidades cheias de gente e de muros que as separam como estranhos que se ignoram e se temem. A solidariedade vai destruir as bases da existência da miséria. É uma ponte entre as pessoas."; entre os problemas referidos nesse segundo parágrafo do texto só NÃO está o(a):

a) egoísmo.
b) violência.
c) indiferença.
d) corrupção.
e) medo.

4. A palavra democrática, ao final do terceiro parágrafo, funciona, em relação aos segmentos anteriores do mesmo parágrafo, como:

a) retificação.
b) síntese.
c) explicação.
d) confirmação.
e) comparação.

Texto XXIII

A ARTE NA NOSSA VIDA

Jô Oliveira e Lucília Garcez

Você pode pensar que não conhece arte, que não convive com objetos artísticos, mas estamos todos muito próximos da arte. Nossa vida está cercada dela por todos os lados.

Ao acordar pela manhã e olhar o relógio para saber a hora, você tem o primeiro contato do dia com a arte. O relógio, qualquer que seja o seu desenho, passou por um processo de produção que exigiu planejamento visual. Especialistas estudaram e aplicaram noções de arte. A forma do seu relógio é resultado de uma longa história da imaginação humana e das suas preferências. A cor, a forma, o volume, o material que foram escolhidos estão testemunhando o tempo e a transformação do gosto e da técnica. Ao observá-lo, você percebe que é um objeto antigo ou moderno, você reconhece que quem o desenhou preferia formas curvas ou retas, ou ainda dourado, e até pedrinhas brilhantes.

Quem escolhe um relógio para comprar, decide com base em suas preferências pessoais. Alguns preferem os mais elaborados, outros preferem os mais simples. É o gosto pessoal que predomina, e este pode variar infinitamente. Varia porque recebe influências de acordo com a idade, com a época, com o meio social em que a pessoa vive. E, como nos diz a sabedoria popular: "gosto não se discute". Mas, quem sabe, possamos discutir o gosto?

Em outros objetos do seu quarto e de seu cotidiano você pode observar a presença da arte: na estampa de seu lençol, no desenho da sua cama, no formato da sua escova de dentes, no desenho da torneira e da pia do banheiro, na xícara que você toma leite, nos talheres, no modelo do carro, no formato do telefone. Em todos os objetos há um pouco de arte aplicada.

Esse esforço para produzir objetos bonitos, agradáveis ao olhar, atraentes e harmoniosos, está em todas as culturas, em todas as civilizações. E em nosso dia a dia.

1. Infere-se do primeiro parágrafo do texto que:

a) o texto é dirigido aos que só conhecem arte tradicional.
b) a finalidade do texto é mostrar que arte é vida.
c) a arte referida no texto é a produzida pelo povo.
d) seu objetivo é atrair leitores não-iniciados em arte.
e) o público-alvo do livro são estudantes de pouca idade.

2. Ao dizer que "nossa vida está cercada dela por todos os lados" a autora do texto faz alusão à definição de "ilha", presente em nossos livros didáticos de geografia. Nesse caso, a equivalência correta para "arte" é:

a) a ilha.
b) a água.
c) a terra.
d) o céu.
e) o vento.

3. O segundo parágrafo do texto só NÃO tem a função de:

a) explicitar a última afirmação do primeiro parágrafo.
b) indicar um exemplo de desconhecimento de arte.
c) mostrar a presença da arte em torno de nós.
d) exemplificar um caso de proximidade da arte.
e) demonstrar que a arte é uma necessidade em nossa vida.

Texto XXIV

CIÊNCIA E NAVEGAÇÃO

Bento Ribeiro Dantas

A história da humanidade contém sagas de extraordinária beleza, mas nenhuma suplanta a história dos descobrimentos marítimos dos séculos XVI e XVII. Foi uma época em que os homens de coragem e de saber, em busca de conhecimento e riquezas, aventuraram-se por mares e oceanos totalmente desconhecidos. Para isso foram necessários avanços técnicos que transformaram e desenvolveram a ciência da construção naval e dos planos vélicos das embarcações, a arte da cartografia e os métodos de aquisição das informações geográficas essenciais à sua precisão, a navegação pela observação astronômica, os instrumentos e a matemática indispensáveis à sua utilização. Enfim, todos os meios que tornaram possível aos portugueses, e mais tarde aos demais europeus, a descoberta de mais de dois terços da Terra – até aquela época, para eles, incógnitos. A chegada ao Brasil foi fruto desse esforço heróico, que não deixou nada ao acaso.

1. O texto corresponde às primeiras linhas de um livro cujo título é Ciência e navegação; o segmento do texto onde NÃO há qualquer referência à ciência é:

a) "Foi numa época em que os homens de coragem e de saber."
b) "Para isso foram necessários avanços técnicos..."
c) "Enfim, todos os meios que tornaram possível aos portugueses,..."

d) "... a história dos descobrimentos marítimos dos séculos XV e XVI."
e) "... transformaram e desenvolveram a ciência da construção naval."

2. O segundo período do texto – Foi uma época em que os homens de coragem e de saber, em busca de conhecimento e riquezas, aventuraram-se por mares e oceanos totalmente desconhecidos – tem a função textual de:

a) causar suspense no leitor para manter seu interesse pela leitura.
b) explicar o porquê de ser essa uma saga de extraordinária beleza.
c) localizar a época sobre a qual o livro vai concentrar suas atenções.
d) antecipar a consequência das grandes navegações portuguesas.
e) valorizar o conhecimento científico da época destacada.

3. O autor do texto coloca suas opiniões no texto, entre outros processos, por meio de adjetivos; os adjetivos abaixo que expressam opinião são:

a) "extraordinária beleza" / "esforço heroico"
b) "esforço heróico" / "planos vélicos"
c) "planos vélicos" / "avanços técnicos"
d) "avanços técnicos" / "descobrimentos marítimos"
e) "descobrimentos marítimos" / "extraordinária beleza"

Texto XXV

FALSA HARMONIA

Wellington Silva

Um dos principais argumentos dos que se opõem à adoção de políticas de ação afirmativas é a pretensa harmonia com que negros e brancos sempre conviveram no Brasil. Os defensores da adoção de cotas nas universidades federais estariam importando um remédio feito sob medida para a racista sociedade americana, o que provoca no doente um efeito colateral grave: o surgimento de conflitos entre negros beneficiados pelas cotas e brancos "excluídos". Diferentemente dos EUA onde ocorreram e ocorrem manifestações explícitas de segregação, no Brasil negros e pardos não são vítimas de preconceito racial: aqui não existem guetos, e negros e brancos circulam livremente em todos os aspectos sociais. A cota seria um perigo, pois poderíamos transformar o país em um barril de pólvora com a criação de um fenômeno até então inexistente: o preconceito racial.

Os defensores dessa tese precisam encontrar outro argumento para bombardear o projeto do governo federal que institui as cotas nas universidades federais. Lamento informar, mas existe segregação racial no Brasil, sim. Claro que, devido às histórias e formações culturais distintas, temos um racismo com nuances diferentes, mas cuja essência é a mesma do americano. Aqui, como nos EUA, existem espaços demarcados, espaços cujos acessos tradicionalmente são vedados para os negros. Talvez os adversários das ações afirmativas não percebam essa realidade pelo simples fato de ela não os afetar, uma vez que são em sua maioria brancos. E uma coisa é analisar o racismo, outra é viver o racismo.

A perspectiva da qual se olha um problema quase sempre faz toda a diferença. A afirmação de que não existe racismo no Brasil só pode ser resultado da experiência de quem vê essa questão da perspectiva do "branco", pois o racismo existe e há muito tempo. Quem é negro sabe, pois convive com ele todo dia, desde a hora em que acorda até hora em que vai dormir.

1. O título do texto – "Falsa harmonia" – se refere à ideia falsa de que:

a) não há racismo no Brasil.
b) brancos e negros são inimigos no Brasil.
c) todos conseguem emprego com facilidade.
d) negros podem viver no mesmo espaço que os brancos.
e) no Brasil há miscigenação.

2. O texto começa:

a) pelos argumentos favoráveis ao estabelecimento de cotas para negros.
b) pelos argumentos contrários ao estabelecimento de cotas para negros.
c) pela defesa do governo federal, ao estabelecer cotas para negros nas universidades.
d) pela oposição ao projeto do governo que matricula negros nas universidades.
e) pela apresentação de um problema, sem tomada de posição.

3. Ao final da leitura do texto constata-se que a posição do jornalista que é autor do texto é a de que:

a) o racismo existe no Brasil e é mais forte que o americano.
b) o racismo não existe no Brasil, onde pretos e brancos convivem em harmonia.
c) o racismo existe no Brasil, mas é diferente do americano.
d) não existe racismo no Brasil, pois as leis não permitem.
e) só existe racismo no Brasil para quem vê o problema da perspectiva branca.

Texto XXVI

Capaz de minar as mais sólidas estruturas econômicas e sociais do País, o contrabando pode ser apontado como um dos principais instrumentos de degradação social, produzindo um sem número de problemas e esgarçando o tecido das relações comerciais e das transações financeiras.

(Adaptado de *www.unafisco.org.br*, 30/10/2000)

1. Assinale a opção em que o argumento apresentado **não** reforça a ideia principal do texto abaixo.

a) Devido ao seu caráter ilegal, marginal e ilegítimo, o contrabando expõe a economia doméstica formal à concorrência desleal.
b) Em última instância, o contrabando atenua a questão do desemprego, pois representa uma forma assistemática de absorção informal de mão de obra.
c) O sistema que mantém o contrabando também propicia e patrocina o crime organizado, pois favorece o tráfico de armas e drogas.
d) Embora não se enfoque sempre essa questão, o contrabando vulnerabiliza a saúde pública e põe em risco a vida das pessoas com a introdução no mercado de produtos sem qualquer controle regulamentar.
e) A entrada ilegal de substâncias químicas fragiliza o meio ambiente pela introdução de produtos perigosos sem qualquer controle e propicia a destruição e a degradação de reservas naturais.

Texto XXVII

"Dizia o sociólogo norte-americano, Robert Merton, que o que há de mais relevante e espantoso com as profecias é que elas se autorrealizam, como um vaticínio, um augúrio."

1. Assinale, entre as opções propostas, aquela que se desvia, ainda que parcialmente, do conceito e

da direção argumentativa expressos no período abaixo.

a) Ao serem concebidas pela imaginação ilimitada dos homens, As profecias potencializam a chance de se transformarem em realidade, projetando e fortalecendo um desejo ou temor coletivo.

b) Pelo simples fato de que foram inventadas por alguém, com ousadia e eficácia simbólica, ganham existência real, criando a probabilidade de serem incorporadas à vida social em futuro imediato ou distante.

c) Quando uma grande (ou pequena) ideia se cristaliza, sua força transformadora entra em ação com os mesmos poderes que comandam as leis da Física.

d) Acima de profetas e messias, está o império da história, que constrói o futuro com seus próprios vetores e forças internas atuando à revelia do desiderato e do fado humanos.

e) A história da humanidade registra fatos que provam a existência de uma simbiose natural entre os grandes sonhos e as grandes mudanças, fruto da magia pessoal e de uma vontade inabalável.

(Com base em artigo de Aspásia Camargo)

Texto XXVIII

A população sertaneja é e será monarquista por muito tempo, porque no estádio inferior da evolução social em que se acha, falece-lhe a precisa capacidade mental para compreender e aceitar a substituição do representante concreto do poder pela abstração que ele encarna, pela lei. Ela carece instintivamente de um rei, de um chefe, de um homem que a dirija, que a conduza e, por muito tempo ainda, o Presidente da República, os presidentes dos Estados, os chefes políticos locais serão o seu rei, como, na sua inferioridade religiosa, o sacerdote e as imagens continuam a ser os seus deuses. Serão monarquistas como são fetichistas, menos por ignorância do que por um desenvolvimento intelectual, ético e religioso, insuficiente ou incompleto.

(Raimundo Nina Rodrigues, As Coletividades Anormais, S. Paulo, 1939)

1. Julgue se as proposições I, II e III expressam a leitura correta do texto, reproduzindo as ideias nele contidas sem distorcer e desvirtuar a significação textual. Marque, a seguir, a opção correta.

I. Dada a situação de repúdio às relações sociais do homem sertanejo, falece-lhe a capacidade mental responsável pelo pensamento abstrato.

II. No aspecto religioso, a população sertaneja padece da mesma inferioridade que demonstra ter em relação à representação política.

III. Menos por ingenuidade e mais por ignorância, a população do interior adere instintivamente e se submete passivamente ao ideário monarquista.

a) Todas as proposições estão corretas.

b) Todas as proposições estão incorretas.

c) Está correta apenas a proposição I.

d) Estão incorretas as proposições I e III.

e) Estão corretas as proposições I e II.

2. Assinale o parágrafo que, ao dar continuidade ao trecho de Raimundo Nina Rodrigues, produz uma **ruptura** na linha de argumentação e de desenvolvimento das ideias do texto.

a) O que não se pode exigir delas é que perfilhem entre os que estão de posse do poder e os que disputam essa posse, capitaneados por verdadeiros régulos de que os jagunços representavam apenas o exército, a força material.

b) O que é pueril é exigir que essas populações compreendam que a federação republicana é a condição, a garantia da futura unidade política de um vasto país que não pode oferecer a centralização governamental da Monarquia.

c) Consequentemente, o que predomina soberana é a vontade, são os sentimentos ou os interesses pessoais dos chefes, régulos ou mandões, diante dos quais as maiores garantias da liberdade individual ou se transformam em recurso de perseguição contra inocentes, se desafetos, ou se anulam em benefício de criminosos quando amigos.

d) Seria ingênuo esperar que pudesse ser outro o sentimento político do sertanejo; seria preciso negar a evolução política e admitir que os povos mais atrasados e incultos podem, sem maior preparo, compreender, aceitar e praticar as formas de governo mais liberais e complicadas.

e) Todas as grandes instituições que, na civilização deste fim de século, garantem a liberdade individual e dão o cunho da igualdade dos cidadãos perante a lei são mal compreendidas, sofismadas e anuladas por essa gente.

Texto XXIX

Questão velha, polêmica e controvertida, que constitui obstáculo à ação das autoridades administrativo-tributárias, mas que sempre viva e exacerbadamente atual, é a do "sigilo bancário", pois frente ao crédito tributário e ao Fisco, aquele como um bem público relevante e indisponível e este na busca de cumprir os objetivos a que se destina de aferir a real capacidade contributiva, arrecadar tributos, promover a igualdade e a justiça fiscal, colocam-se a preservação e a garantia dos direitos fundamentais invioláveis de privacidade e intimidade inerentes às pessoas dos contribuintes.

(Mary Elba G. Q. Maia, "A Inexistência de sigilo bancário frente ao poder-dever de investigação das autoridades fiscais", Tributação em Revista, julho/setembro de 1999)

1. Assinale a proposição nuclear do texto, aquela que contém a ideia-síntese em torno da qual se desenvolve sintática e semanticamente o parágrafo.

a) Questão velha, polêmica e controvertida é a do sigilo bancário frente ao crédito tributário e ao Fisco.

b) Frente ao crédito tributário e ao Fisco, coloca-se a questão do sigilo bancário como um obstáculo à ação das autoridades administrativo-tributárias.

c) Por ser um bem público relevante e indisponível, o crédito tributário deve preservar e garantir o direito de privacidade do contribuinte.

d) A preservação dos direitos fundamentais de privacidade dos contribuintes frente ao crédito tributário e ao Fisco deve ser colocada na discussão do sigilo bancário.

e) Na tarefa de cumprir os objetivos de aferir a capacidade contributiva, arrecadar tributos e promover a igualdade e a justiça fiscal, o Fisco deve preservar e garantir a questão do sigilo bancário dos contribuintes.

Texto XXX

Um jogo, os jogos

Toda interação pressupõe uma relação de reciprocidade, uma relação mútua entre dois ou mais objetos, entre duas ou mais pessoas. Multiplicam-se, atualmente, os programas interativos nos espetáculos de variedades da TV, surgem os primeiros filmes e as primeiras peças de teatro interativas, exigindo do espectador uma atitude crítica ao lidar com as diversas questões

apresentadas e uma postura mais ativa ao intervir no desdobramento do que é visto nas telas, nos palcos e nos salões.

Ao dirigirmos um olhar atento às manifestações mais recentes da arte interacional, verificamos a expressiva tendência à utilização, em uma única obra, da combinação das variadas formas artísticas. É comum, por exemplo, atualmente, ouvir referências não a exposições de trabalho, mas a performances, instalações, instalações multimídias ou termos equivalentes. A eletrônica define o futuro da arte interacional e revela uma nova consciência da evolução da arte, inserida em uma era voltada para a interatividade e a realidade virtual.

A arte contemporânea busca, intencionalmente, uma multiplicação de significados. Em um único livro, o leitor é convidado a conviver com uma pluralidade de histórias, de gêneros e de direções de leitura. Ocorre um movimento de desindividualização dos gêneros de arte. A literatura se associa aos roteiros de TV, à pintura, à escultura, à música, ao cinema, inaugurando, em sua estruturação original, um amplo e inequívoco projeto interativo, não fora esse o seu maior desafio.

(Maria Angélica Alves. Leitura e literatura infantil; a questão do ser, do fazer e do sentir, Brasília, 2000)

1. Julgue as ideias dos períodos a seguir quanto à possibilidade de introduzirem um novo parágrafo final, corretamente grafado, mantendo coerência com o texto acima.

a) Assim, um grande desafio para a literatura, na modernidade, é saber tecer em conjunto os diversos saberes e os diversos códigos em uma visão pluralística e multifacetada do mundo.

b) Em síntese, o narrador e o leitor dos livros interativos reconhecem que, para vencer todos os obstáculos e cumprir a missão proposta no início da narrativa, é preciso utilizar a esperteza e o conhecimento.

c) Finalmente, alguns livros modernos propõem desafios ou tarefas ao leitor para que ele possa vencer as etapas da leitura; outros estimulam a entrada do leitor na obra, por meio de alternativas ou opções propostas pelo narrador.

d) A mudança do comportamento nas formas de interpretação do produto artístico reflete a mudança de comportamento exigida pela vida contemporânea.

e) Vivemos em uma sociedade de opções e alterar a ficção significa tão somente expressar um desejo de alteração da própria realidade; alterar histórias e alterar a História.

Texto XXXI

O leitor é personagem da modernidade, produto da sociedade burguesa e capitalista, livre dos laços de dependência da aristocracia feudal e do estreitamento corporativista das ligas medievais. A emancipação do leitor encena, de certo modo, o processo de libertação de que se originou a sociedade moderna. Nesse sentido, narrar a formação da leitura no Brasil significa também narrar, sob esse viés, a história da modernização de nossa sociedade.

Vários fatores criaram o espaço social necessário para transformar certo número de pessoas associadas a certas práticas sociais em leitores: o individualismo da sociedade burguesa, a visão de mundo antropocêntrica estimulada pela Renascença e difundida pela filosofia humanista, o progresso tecnológico que facultou o desenvolvimento da imprensa, a expansão da escola e do pensamento pedagógico apoiado na alfabetização, o fortalecimento de instituições culturais como as universidades, as bibliotecas e as academias de escritores.

Disso resultaram duas noções: de um lado, a noção de público, massa coletiva e anônima que, não

obstante o anonimato, pode ter vontade própria e direção definida, incidindo em linhas de ação que a literatura, em parte ou no todo, acata ou não; de outro, a noção de leitor, indivíduo habilitado à leitura, com preferências demarcadas, figura que o escritor busca seduzir, lançando mão de técnicas e de artifícios contabilizados pela crítica e história da literatura.

Mesmo sendo presença suficientemente poderosa para influenciar os mecanismos literários, o leitor não se mostra figura unidimensional nem unidirecional. E exatamente o que é fugidio em sua história desdobra-se nos ângulos diferenciados que o leitor e a leitura foram assumindo ao longo do tempo.

Não que a leitura seja prática sólida no Brasil; nem que as instituições culturais e pedagógicas encarregadas de sua difusão tenham consistência ou estejam a salvo de críticas que, desde o século XIX, a elas são dirigidas. Desde a separação de Portugal, reclama-se (e com razão) uma atuação mais positiva e competente do Estado, no sentido de melhorar a educação e a cultura do país; nada indica que hoje essas reivindicações tenham perdido legitimidade e razão de ser.

Marisa Dajolo e Regina Zilberman. A formação da leitura no Brasil.
São Paulo: Ática, 1998, p. 9-10 (com adaptações)

1. Os itens abaixo correspondem, na mesma sequência, aos parágrafos do texto XXXI. Julgue se cada item expressa as ideias centrais do respectivo parágrafo.

a) O leitor é personagem da modernidade só porque sua emancipação traduz o processo de liberação de que se originou a sociedade contemporânea.

b) O individualismo da sociedade burguesa, o antropocentrismo estimulado pelo Renascimento, o desenvolvimento da imprensa e a expansão da escola são alguns dos fatores que criaram o espaço social propício à leitura.

c) Do progresso tecnológico do século XIX resultaram duas noções: de um lado, a de público, que parte da, ou toda a literatura, pode reconhecer ou não; de outro, a de leitor, figura que o escritor busca seduzir com seu texto.

d) O leitor, mesmo sendo presença poderosa, capaz de influenciar os mecanismos literários, não é figura de dimensão única, nem de direção unitária.

e) Talvez porque no Brasil a leitura não seja prática sólida, nem sejam consistentes algumas das instituições culturais encarregadas de sua difusão, reclama-se uma atuação mais produtiva do Estado, no sentido de melhorar a cultura e a educação do país.

Texto XXXII

Inimigos na trincheira

Quando, esporadicamente, um gaúcho aparece em um programa de televisão líder de audiência em nível nacional, julgamos equivocadamente que nos descobriram. Nós nos conscientizamos da ilusão assim que notamos que novamente é um fato isolado. O mesmo acontece com a chamada integração cultural do Mercosul. Algumas investidas sem a mínima programação normalmente não geram fatos com a solidez necessária para o fim. Mas esses não são os maiores problemas gaúchos.

Para alcançarmos ambas as expectativas, temos que calar inimigos na própria trincheira. Quando se fala em integração cultural com os países do Prata, sempre aparece um Padre Rômulo para contestar, apoiado exclusivamente em seu preconceito. Quando alguém fura o bloqueio e brilha na mídia nacional, os caranguejos gaúchos de plantão afiam suas garras.

A integração cultural requer programação, apoio dos governos, boa vontade das partes e muito desprendimento. Da mesma forma, a difusão do gauchismo em todo o território nacional.

Antes de pensarmos em convencer os de fora, temos que procurar mostrar aos daqui que somos capazes de uma convivência pacífica e harmoniosa com o mundo exterior. Necessitamos com urgência quebrar alguns espelhos para que os narcisos passem a avistar outra imagem, verdadeiramente bela, que não seja a própria. Se, apesar desses obstáculos, estamos conseguindo, é porque vislumbramos o objetivo certo.

Paulo de Freitas Mendonça. "Editorial". Jornal de Nativismo, n. 158. nov./2001. p.2 (com adaptações).

1. A partir da leitura interpretativa do texto 32, julgue os itens seguintes.

a) O título do texto aponta para a existência de adversários em campo de guerra; o texto esclarece que os habitantes do Mercosul, nomeados de "caranguejos gaúchos", são adversários dos demais habitantes dos países do Prata, nomeados de "mundo exterior".

b) O texto estrutura-se segundo uma linha de raciocínio que vai do particular para o geral e do concreto para o abstrato, sob o foco de um gaúcho.

c) Para a solução do problema que está em discussão no texto, são empecilhos a falta de programa e de apoio por parte dos governantes, além da má vontade e da vaidade de algumas pessoas.

d) Muda-se o sentido, mas não se alteram as relações sintáticas na reescritura de "os narcisos passem a avistar outra imagem, verdadeiramente bela, que não seja a própria" como os narcisos avistem outra imagem que não seja a própria, verdadeiramente bela.

e) Ao afirmar, no primeiro parágrafo do texto, que o "mesmo acontece com a chamada integração cultural do Mercosul", o autor refere-se ao elevado nível de afinidade existente hoje entre os países-membros do Mercado Comum do Sul no que diz respeito ao comércio, às políticas internas, ao sistema financeiro e, sobretudo, à cultura.

Texto XXXIII

Individualistas e comportados. E daí?

Laura Greenholg. Sociedade dos poetas vivos.

In: Elle, ago./1990. p. 35 (com adaptações).

Cientistas sociais e filósofos de inúmeras correntes garantem: a geração de 90 é ambígua. Explica-se: os adolescentes dessa época buscam o bem-estar individual mas também consideram o conceito "viver dignamente" como um direito da humanidade. Só que eles não pretendem se fatigar nas lutas sociais, nem se sentem atraídos por bandeiras políticas ou cartilhas ideológicas. Em uma pesquisa recente na França, o item "justiça social" foi classificado como um dos menos importantes por moças e rapazes na faixa dos 14 aos 17 anos. Imediatamente, a geração que ouve Madonna, diverte-se com Steven Spielberg e devora sanduíches passou a ser chamada de "novos individualistas". O filósofo e escritor francês Laurent Joffrin, autor do livro Um Toque de Juventude, celebra com otimismo os "moralistas de blue jeans": "eles não são apáticos como se supõe. Seus interesses vão além do prazer imediato e da pura distração", explica Joffrin. Mais cético, seu colega Alain Finkelkraut acredita que os jovens dos anos 90 se apóiam em relacionamentos superficiais e valores distorcidos. "Comportam-se como se a vida fosse um grande videoclip...", lamenta. Enquanto os intelectuais batem boca, os ingleses que cresceram ouvindo a balada conservadora de Margaret Thatcher hoje insistem que a vida comportada é muito melhor. Em uma pesquisa da revista Look Now, moças e rapazes de 15 a 24 anos confessam gostar de boas roupas, querem ser vistos como pessoas sensíveis e responsáveis, pretendem ter uma carreira sólida e fazer fortuna. Desnecessário

dizer que a Dama de Ferro adorou os resultados da pesquisa.

Aplicando conhecimentos acerca de tipologia, estrutura e organização de um texto em parágrafos, julgue os itens a seguir, segundo as ideias desenvolvidas no texto 10.

1. O texto é essencialmente dissertativo, podendo ser distribuído em parágrafos, dos quais o introdutório iria até "cartilhas ideológicas". (l. 4)

2. O primeiro período (l. 1) contempla a ideia geral do texto, resgatando na palavra "ambígua" o comportamento da juventude: apático e superficial.

3. Na linha 6, inicia-se uma passagem narrativa que se estende até "lamenta" (l. 12) e que conta a rotina da juventude francesa da época.

4. A pesquisa relativa aos ingleses, cujos resultados aparecem a partir do antepenúltimo período do texto, agradou a liderança conservadora porque mostra que os jovens britânicos são idealistas, consumistas, alienados e ambiciosos.

5. Ao se distribuir adequadamente em parágrafos, faltaria um fechamento que resgatasse a ideia básica desenvolvida no texto e desse caráter conclusivo ao título proposto.

Texto XXXIV

DO MUNDO VIRTUAL

Carlos Heitor Cony

Insisto em comentar as vantagens e desvantagens do mundo virtual. Não perderei tempo em lembrar as vantagens, elas entram pela cara da gente, tornam-se dia a dia mais indispensáveis e mais fáceis de manuseio.

Fico então com as desvantagens, e uma delas me remete ao processo de pensar, de refletir. Desde que Aristóteles criou o método peripatético, os melhores pensamentos da humanidade vieram quando filósofos, inventores, matemáticos, músicos e poetas obedeciam àquele processo de pensar caminhando, ou de caminhar pensando.

Beethoven passeava na floresta quando voltou correndo, com a Sexta Sinfonia inteira na cabeça. Kant era metódico, todos os dias saía para seu passeio à tarde, os vizinhos podiam acertar o relógio pela hora em que ele percorria o bosque de Konigsberg. E foi assim que ele criou seu monumental sistema dedicado à razão pura.

Strauss compunha suas valsas passeando pelos bosques de Viena e Anchieta escreveu seu poema nas areias de uma praia. Ficar "plugado" a uma tomada pode ser prático, mas não é criador. (...)

Viver "plugado" a uma corrente de pessoas e informações pode ser divertido e útil. Mas agride o que o ser humano tem de melhor e mais insubstituível: o seu gosto, o seu erro, a sua miséria e sua glória.

1. Com a primeira frase do texto – Insisto em comentar as vantagens e desvantagens do mundo virtual – o autor do texto:

a) quer mostrar que esse é um assunto de pouca importância.

b) indica que já explorou esse tema em outros textos.

c) demonstra que seus argumentos foram reprovados por alguns leitores.

d) destaca a existência de novos dados sobre o assunto.

e) deseja alertar os leitores para o perigo de não conhecer-se bem um assunto.

2. Na primeira frase do texto o autor diz que é de seu desejo comentar as vantagens e desvantagens do mundo virtual; lendo integralmente o texto podemos afirmar que o autor:

a) fez exatamente o que desejava.
b) não fez nada que prometeu.
c) só abordou uma desvantagem do mundo virtual.
d) só abordou as vantagens do mundo virtual.
e) na verdade, comparou o mundo virtual com o mundo real.

3. Segundo o texto, a principal desvantagem do mundo virtual é:

a) não permitir o erro.
b) não favorecer a criatividade.
c) impedir o movimento.
d) opor-se ao ato de pensar.
e) facilitar o conformismo.

4. "Insisto em comentar as vantagens e desvantagens do mundo virtual. Não perderei tempo em lembrar as vantagens, elas entram pela cara da gente, tornam-se dia a dia mais indispensáveis e mais fáceis de manuseio. Fico então com as desvantagens, e uma delas me remete ao processo de pensar, de refletir"; com esses segmentos o autor do texto pretende:

a) indicar o ponto de vista sob o qual o tema será tratado.
b) mostrar a estruturação do texto.
c) especificar o assunto a ser tratado.
d) identificar a autoridade de quem fala sobre o tema.
e) demonstrar seriedade no tratamento do tema.

5. "o seu gosto, o seu erro, a sua miséria e sua glória"; com essas marcas, o autor do texto quer destacar uma qualidade do homem que é:

a) a imprevisibilidade.
b) a criatividade.
c) o egoísmo.
d) a religiosidade.
e) a limitação.

6. "E foi assim que ele criou seu monumental sistema dedicado à razão pura"; essa frase, ao final do terceiro parágrafo, mostra a presença, argumentativamente falando, de:

a) uma consequência derivada de uma causa.
b) uma conclusão a partir de um raciocínio anterior.
c) uma simplificação exagerada.
d) uma afirmação sem argumentos de base.
e) uma ideia contrária às premissas.

Texto XXXV

No discurso, tanto o dos políticos como o dos eleitores, a educação é sempre prioridade. Mas basta dar uma espiada nas avaliações internacionais e nacionais de desempenhos de alunos para constatar o desastre que é o ensino brasileiro.

No último Pisa, programa de avaliação da OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico), o Brasil ficou em 37º lugar entre 40 países em compreensão de leitura e em último em matemática. Nas apreciações domésticas, a situação não é muito melhor. Dados do último Saeb (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica), também de 2003, mostram, por exemplo, que 68,8% dos alunos do 3º ano do ensino médio tiveram seu nível de conhecimento classificado entre crítico e muito crítico. É um fracasso.

E a situação tende a piorar no futuro. Como mostrou a reportagem principal do último Sinapse, publicado na terça-feira, a profissão de professor corre risco de extinção no país. Como praticamente não existem estímulos para procurar essa carreira, o cenário poderá ficar crítico nos próximos dez anos.

Pesquisa da CNTE (Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação), realizada em 2003 mostrou que 51,1% dos professores em atividade estavam na faixa dos 40 aos 59 anos, e 38,4% tinham entre 25 e 39 anos. Só 2,9% se encontravam na categoria entre 19 e 24 anos. A pergunta inescapável é: quem vai substituir os atuais mestres à medida que eles forem se aposentando?

A escassez de docentes já é perceptível em vários Estados, em especial nas áreas técnicas (física, química e matemática), cuja formação encontra em outras atividades da iniciativa privada condições profissionais mais convidativas que as oferecidas pelas escolas. E não se fala apenas de salário mas também de prestígio. Até algum tempo atrás, os professores ganhavam mal, mas ainda tinham um alto reconhecimento social.

A situação é grave e não permite tergiversações. Ou o Brasil decide tornar a educação uma prioridade real e não apenas retórica, ou a falta de educação continuará causando grandes danos ao Brasil.

(Folha de São Paulo, 3 de outubro de 2005 – editorial)

1. Ao argumentar, pode o falante valer-se de estratégias variadas, tais como:

I. apoiar-se na autoridade de instituições especializadas em matéria de discussão.

II. ilustrar com narração de fato, real ou não, para tornar mais convincente a proposição que defende.

III. apresentar dados estatísticos precisos, capazes de gerar convicção.

IV. recorrer ao raciocínio indutivo ou a generalizações a partir de fatos específicos, concretos.

No texto, o autor se vale das seguintes estratégias acima mencionadas:

a) I, II, III.
b) I, III, IV.
c) II, III, IV.
d) I, II.
e) apenas IV.

Gabarito: Texto I – 1. e; 2. b; 3. d; 4. e; **Texto II** – 1. c; 2. a; **Texto III** – 1. a; **Texto IV** – 1. d; 2. a; **Texto V** – 1. d; **Texto VI** – 1. b; **Texto VII** – 1. c; **Texto VIII** – 1. c; **Texto IX** – 1. a; 2. e; 3. d; **Texto X** – 1. a; 2. a; 3. c; **Texto XI** – 1. c; 2. a; **Texto XII** – 1. c; 2. e; 3. c; **Texto XIII** – 1. b; 2. c; 3. a; **Texto XIV** – 1. c; 2. a; **Texto XV** – 1. b; 2. d; **Texto XVI** – 1. d; 2. d; **Texto XVII** – 1. d; 2. b; 3. e; **Texto XVIII** – 1. b; 2. a; 3. b; **Texto XIX** – 1. e; 2. a; 3. c; **Texto XX** – 1. d; **Texto XXI** – 1. d; 2. e; 3. b; 4. b; 5. e; **Texto XXII** – 1. e; 2. a; 3. d; 4. b; **Texto XXIII** – 1. d; 2. b; 3. e; 4. b; **Texto XXIV** – 1. d; 2. b; 3. a; **Texto XXV** – 1. a; 2. b; 3. c; **Texto XXVI** – 1. b; **Texto XXVII** – 1. d;

Texto XXVIII – 1. d; 2. a; **Texto XXIX** – 1. d; **Texto XXX** – 1. c; 2. e; 3. e; 4. c; 5. c; **Texto XXXI** – 1. e; 2. c; 3. e; 4. c; 5. c; **Texto XXXII** – 1. e; 2. c; 3. c; 4. c; 5. e; **Texto XXIII** – 1.c; 2. e; 3. e; 4. e; 5. c; **Texto XXXIV** – 1. b; 2. c; 3. b; 4. b; 5. e; 6. c; **Texto XXXV** – 1. b.

25 COESÃO E COERÊNCIA

25.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Agora que você já conhece um parágrafo de dissertação e já consegue ler com mais técnica, vamos falar de coesão e coerência?

Diante de um texto bem construído, percebemos que as informações não se colocam de forma caótica entre si – pelo contrário, um texto de qualidade apresenta suas informações interligadas, conectadas. A essa conexão dá-se o nome de **coesão**. A coesão textual é o resultado da realização de recursos semânticos, por meio dos quais uma informação do texto se conecta à outra. O conceito de coesão textual está, portanto, relacionado aos elementos que estabelecem ligações linguísticas na superfície do texto.

No entanto, para que um texto faça sentido, faz-se necessário que as informações se encaixem de modo que a mensagem não se torne desconexa, ilógica. A essa correlação entre os conceitos de um texto dá-se o nome de **coerência**. Enquanto a coesão se relaciona aos elementos explícitos no texto, a coerência cuida do seu *sentido*, do seu *aspecto conceitual*.

Resumindo:
Coesão → Elementos de ligação explícitos no texto. → Superfície textual
Coerência → Conexão harmônica entre as informações do texto → Lógica textual

Você deve estar se perguntando: é possível haver coerência sem coesão?

Sim. É possível construir um texto coerente sem coesão, um texto cujas informações produzam sentido, mas que não se concatenem por meio de articuladores textuais:

Pedro estudou bastante. Pedro passou em 1º lugar.

Você consegue entender a informação veiculada, mas o texto não tem qualidade: bastaria utilizar-se uma conjunção e o segmento estaria mais bem elaborado (*Pedro estudou bastante, logo passou em 1º lugar*).

Em sentido contrário, é possível haver coesão que não produza coerência?

Sim. Pode-se ter um texto que apresente conectivos, só que mal utilizados, incapazes de produzir lógica, concatenação entre seus enunciados – *um texto com coesão e sem coerência:*

Pedro estudou bastante. Outrossim, o Botafogo ganhou o campeonato.

Utilizou-se um belíssimo conector de acréscimo (*outrossim*), que, no entanto, une orações que não fazem sentido quando relacionadas. Trata-se de *um trecho com coesão, mas sem coerência*.

Agora, você deve estar se fazendo mais uma pergunta: então, por que, quando se fala em coesão, fala-se também de coerência? Porque, para que um texto *seja de fato um texto* – para que ele apresente textualidade – é preciso que ele alie coesão a coerência. A utilização de elementos coesivos fornece ao texto clareza e maior legibilidade e contribui para que ele se torne mais facilmente compreendido pelo leitor. Daí ser a coesão tão desejável à produção de um texto coerente.

Assim:

COESÃO + COERÊNCIA = TEXTUALIDADE

Selecionamos algumas questões de concursos que versam sobre esse assunto. Vamos a elas?

25.2. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Primeiramente, veja esta questão de prova elaborada pelo Cespe/UnB, para o Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro:

> Debruçando-se sobre o estudo do exercício da política, Maquiavel dissecou a anatomia do poder de sua época: dos senhores feudais e da igreja medieval. E, por isso mesmo, por botar o dedo na ferida, foi considerado um autor maldito. Ele se mostra preocupado com o fato de que na política não existem regras fixas. Governar, isto é, tomar atitudes políticas, é um trabalho extremamente criativo e, por isso mesmo, sem parâmetros anteriores. Assim, essa preocupação do filósofo, por incrível que pareça, torna-se um bom instrumento para repensarmos a ética. Hoje, com o fim das garantias tradicionais, estamos todos mais ou menos na posição do príncipe de Maquiavel — isto é, em um mundo de incertezas, dentro do qual temos de inventar nossa melhor posição. É mergulhado nesse mundo de incertezas, de instabilidade social e política, de culto ao individualismo, que construímos nossa identidade, nosso modo de agir. Como seres humanos, nosso fim último é a felicidade. Como indivíduos sociais, precisamos entender que, por melhores que sejam nossos objetivos na vida, os meios para alcançá-los não podem entrar em

contradição com a nobreza dos fins. Desse modo, não basta termos fins nobres, é necessário também que os meios para alcançá-los sejam adequados a essa nobreza.

Planeta, jul./2006, p. 59 (com adaptações).

1. Na organização do texto, os termos que se referem a Maquiavel não incluem:

a) "se" em "Debruçando-se".

b) "autor maldito".

c) "Ele".

d) "filósofo".

e) "príncipe".

Comentários:

Trata-se de uma clássica questão de *coesão e coerência*. O que a banca quer é o único vocábulo que não se refira a Maquiavel. Quando um vocábulo se refere a outro no texto, ambos *possuem o mesmo referente*: representam a mesma realidade semântica textual.

O texto se inicia com uma palavra-chave – Maquiavel – que, por ser palavra importante na argumentação, irá voltar ao longo da estrutura textual de várias maneiras. Cada palavra que retomar "Maquiavel", já que estará sendo sua repetição, possuirá seu mesmo referente. Possuir o mesmo referente seria, portanto, fazer referência ao mesmo objeto no texto. Observe a seguir a análise de cada item da questão:

a) A partícula "se" aqui possui semanticamente o valor de "a si mesmo" e faz referência a Maquiavel, já que é ele que se "debruça sobre o estudo da política".

b) A expressão "autor maldito" é uma qualificação que, de fato, se refere a Maquiavel – é a sua qualificação.

c) O pronome reto "ele" é uma referência direta a Maquiavel.

d) O substantivo "filósofo" é um termo geral, um hiperônimo, que retoma Maquiavel, um termo mais específico; Saiba que hiperônimo é um termo geral, que retoma um outro, mais específico no texto.

e) O "príncipe" seria a única palavra a não fazer referência a Maquiavel, pois diz respeito não ao autor, mas a seu personagem de sua renomada obra "O Príncipe". Por não retomar Maquiavel no texto, não possuiria um mesmo referente.

Resposta: E.

Mais uma da mesma prova:

A crescente escassez de profissionais qualificados no mercado de trabalho doméstico está obrigando a Companhia Vale do Rio Doce a lançar uma campanha global de recrutamento para arregimentar pessoal especializado nos EUA, na Inglaterra, na Austrália e no Canadá. A previsão é de 62 mil contratações nos próximos cinco anos.

O Estado de S. Paulo, 21/03/2008 (com adaptações).

2. Assinale a opção que constitui continuação coesa e coerente para o fragmento de texto acima.

a) Essa disputa se tornou tão acirrada que elevou o nível médio salarial. Um soldador, por exemplo, hoje tem um ordenado inicial entre R$ 1,2 mil e R$ 2,1 mil. Nas escolas do SESI e do SENAC, os formandos são disputados pelos empregadores.

b) Essa é a iniciativa mais audaciosa já tomada por uma empresa brasileira em matéria de oferta de emprego, e é mais uma das consequências da globalização da economia.

c) Entretanto, com o extraordinário crescimento da produção industrial chinesa, nos últimos anos, o preço das commodities no mercado internacional disparou, o que abriu caminho para a expansão dos setores de mineração, siderurgia, petróleo e equipamentos de transporte pesado.

d) Desde então, as empresas mais competitivas desses setores criaram milhares de novos postos de trabalho e, de forma cada vez mais agressiva, vêm disputando trabalhadores preparados para ocupá-los.

e) Todas essas empresas vêm publicando anúncios em inglês, em busca de profissionais qualificados de nível técnico superior. As empresas também vêm contratando trabalhadores aposentados e procurando atrair profissionais qualificados da PETROBRAS.

Comentários:

Primeiramente, aqui vai uma dica:

Avaliar uma possível continuidade para o texto significa que a alternativa a ser julgada deve repetir a ideia central do texto em questão, ainda que eventualmente acrescente informações que não foram antes mencionadas. É repetir a ideia inicial com eventuais acréscimos.

A informação central do texto é a de que a Companhia Vale do Rio Doce, em função de não dispor

da quantidade necessária de profissionais qualificados, recruta tal mão de obra no exterior. Com base nessa direção argumentativa, vamos à análise das alternativas:

a) Alternativa errada. A alternativa utiliza uma expressão "essa disputa" que não possui antecedente lógico no texto. O texto não fala de uma "disputa de formandos por parte de empregadores nas escolas", mas sim da iniciativa de recrutamento do profissional no exterior.

b) Alternativa certa. Com a utilização do recurso coesivo "essa é a iniciativa mais audaciosa", retoma-se a "campanha global de recrutamento" do texto inicial. Além de reforçar a informação central, acresce que tal iniciativa seria "uma das consequências da globalização da economia".

c) Alternativa errada. Há aqui uma fuga ao assunto – passa-se a falar do "extraordinário crescimento da produção industrial chinesa", assunto não enfocado pelo texto.

d) Alternativa errada. Com a utilização do conector "Desde então", o trecho se propõe a apresentar um acontecimento que sucedeu o texto inicial na linha do tempo. Entretanto, esse trecho não reforça a informação central de que uma companhia vem necessitando buscar trabalhador especializado no exterior – aqui apenas se fala da criação de novos postos de trabalho e disputa por mão de obra para ocupá-los.

e) Alternativa errada. Ao utilizar o elemento de coesão "Todas essas empresas", a alternativa apresenta uma incoerência – o texto não menciona mais de uma empresa, apenas a Companhia Vale do Rio Doce.

Resposta: B.

Há cinco anos, sob o comando de George W. Bush, os Estados Unidos da América (EUA invadiam o Iraque. Já se mostrou à exaustão que a aventura foi uma catástrofe humanitária e um fracasso político que encalacrou o Pentágono numa ocupação militar sem perspectiva de solução. Verifica-se, agora, que foi também um desastre financeiro.

Folha de S. Paulo, 20/03/2008 (com adaptações).

3. (Cespe/UnB) Assinale a opção em que o fragmento constitui continuação coesa e coerente para o texto acima.

a) Entretanto, Joseph Stiglitz, Prêmio Nobel de Economia, calcula que a empreitada poderá sai por assombrosos US$ 4 trilhões ou mais, dependendo de quanto tempo a ocupação durar.

b) Mas, agora que o país se encontra numa situação de déficit fiscal, a conta da guerra contribui

para a crescente desvalorização da moeda norte-americana, num movimento que dificulta o combate à crise de crédito nos EUA e agrava suas repercussões globais.

c) Às vésperas da invasão, a Casa Branca estimava que gastaria algo entre US$ 50 bilhões e US$ 60 bilhões para derrubar Saddam Hussein e instalar um novo governo no país. Hoje, a conta está em US$ 600 bilhões e continua subindo.

d) Avaliações mais conservadoras, como a do Escritório de Orçamento do Congresso, órgão que municia o Poder Legislativo com informações técnicas, concluem que a ocupação não atingirá efetivamente a economia norte-americana.

e) Portanto, nada indica que o próximo presidente dos EUA terá condições de colocar um fim rápido à aventura. Fala-se em retirar as tropas até o fim de 2009. Isso, é claro, no melhor cenário. E o problema é que, no Iraque, o melhor cenário nunca se materializa.

Comentários:

Como já falamos anteriormente, buscar-se a continuação coesa e coerente significa encontrar uma alternativa que reafirme a ideia central do texto anterior, dando a ela uma sequência. Vale lembrar que o texto tem como tema central a questão da *invasão do Iraque pelos EUA como um desastre financeiro*.

a) Alternativa errada. O conector "Entretanto" deveria apresentar algo que se opusesse à questão do desastre financeiro, mas o que se tem na continuidade é algo que reforça a ideia inicial.

b) Alternativa errada. A conjunção adversativa também deve introduzir contraste, oposição, e o que se tem é algo que *reforça* a questão do desastre financeiro (*déficit fiscal, desvalorização da moeda...*).

c) Resposta certa. Por meio de informações como "a conta está em US$ 600 bilhões", este trecho reafirma o tema apresentado pelo texto.

d) Alternativa errada. Essa alternativa contradiz o texto ao afirmar que "a ocupação não atingirá efetivamente a economia norte-americana".

e) Alternativa errada. Aqui, apresenta-se evidente fuga ao tema: essa alternativa não fala da questão do desastre financeiro.

Resposta: C.

O conflito do Tibete, que se arrasta desde o século 13, requer solução pacífica pautada pelo

signo da não violência. Invadida pela China em 1950, a província luta pela autonomia há cinco décadas. Pequim resiste. Além de constante desrespeito aos direitos humanos, procede ao que o dalai-lama denomina "genocídio cultural" – sistemático esmagamento das tradições da região.

Com o controle dos meios de comunicação, as autoridades chinesas exercem violenta censura à informação e à livre circulação de pessoas. A tevê só mostra imagens liberadas pelos administradores locais. O mesmo ocorre com as notícias e certos sítios da Internet. Jornalistas e turistas encontram as fronteiras fechadas.

Torna-se difícil, assim, avaliar as dimensões e as consequências dos protestos que eclodiram recentemente. Pequim soma 13 mortos. Os tibetanos falam em mais de 100 e de centenas de prisões de dissidentes. Suspeita-se, com razão, do incremento da repressão.

Correio Braziliense, 20/03/2008 (com adaptações).

4. (Cespe/UnB) Assinale a opção que apresenta as ideias principais do texto acima.

a) Pequim controla os tibetanos, que vivem sob censura, sem possibilidade de livre circulação em sua própria região.

b) A tevê só mostra imagens liberadas pelos administradores locais, e as fronteiras estão fechadas para turistas e jornalistas.

c) Para Pequim, houve treze mortos nos conflitos recentes; para os tibetanos, houve mais de cem mortos e centenas de prisões de dissidentes.

d) A China procede a um genocídio cultural no Tibete, quando esmaga as tradições da região.

e) Embora haja controle dos meios de comunicação e das fronteiras, suspeita-se do aumento da repressão no Tibete, que luta pela autonomia, pois é ocupado pela China há mais de cinquenta anos.

Comentários:

Ao se requerer do candidato uma opção que apresente as ideias principais do texto, o que se quer é uma alternativa que resuma suas informações centrais, que componham sua introdução, seu desenvolvimento e posterior conclusão.

Neste texto, dividido em três parágrafos, o que se deve fazer é reescrever cada parágrafo, por meio de uma informação que resuma cada um deles. Assim, teríamos:

1º parágrafo: China invade Tibete. Conflito entre os países. Esmagamento cultural daquele país sobre esta região.

2º parágrafo: Controle dos meios de comunicação do Tibete, por parte das autoridades chinesas.

3º parágrafo: A repressão parece aumentar.

Após a reescritura dos parágrafos, deve o candidato partir à análise das alternativas, buscando aquela que seja capaz de juntar as três ideias mais importantes do texto.

a) Alternativa errada. Aqui só se mencionam ideias do 2º parágrafo.

b) Alternativa errada. Observa-se o mesmo equívoco da alternativa anterior: só se reescrevem informações do 2º parágrafo.

c) Alternativa errada. Nessa alternativa só se reescreve informação do último parágrafo do texto.

d) Alternativa errada. Assim como as outras, essa opção só menciona um momento do texto, não o resume na sua totalidade. Nesse caso, a alternativa só reescreve o 1º parágrafo.

e) Resposta certa. Essa opção apresenta um resumo das três partes que compõem o texto.

Resposta: E.

5. (Cespe/UnB) Assinale a opção que constitui continuação coesa e coerente para o texto abaixo:

Até aqui o governo se dedicou a expor seu ponto de vista e começou a mover suas pedras no tabuleiro, a partir de sua opção pela prioridade sul-americana e do Mercosul. Estabeleceu, em seguida, uma série de pontes e alianças possíveis com a África e a Ásia, como aconteceu com o G21, na reunião de Cancun da OMC, e como está acontecendo nas negociações do G3, com a África do Sul e com a Índia. Ou ainda, como vem ocorrendo nas novas parcerias tecnológicas com a Ucrânia, a Rússia, a China, ou com os projetos infraestruturais com a Venezuela, a Bolívia, o Peru e a Argentina.

a) Não há dúvida, porquanto, de que essas principais disputas giraram em torno das divergências econômicas entre os Estados Unidos e o Brasil, em particular as negociações da OMC, FMI ALCA.

b) O que se vê é a afirmação de uma nova política externa, ativa, presente, baseada no interesse nacional brasileiro e na afinidade histórica e territorial do Brasil com o resto da América do Sul, bem como na sua afinidade de interesses com os demais grandes países em

desenvolvimento.

c) E do outro lado, naquele momento, estarão os grupos econômicos e as forças sociais, intelectuais e políticas que sempre lutaram por um projeto de desenvolvimento para o Brasil.

d) E aqui, não há como se enganar sobre as forças que esta batalha despertava, dentro e fora do governo: de um lado estarão, como sempre estiveram, os grupos de interesse que defendem uma relação subserviente com os Estados Unidos, em troca de uma acesso mais favorecido ao mercado interno americano.

e) Orientando-se pelos interesses nacionais do povo e não apenas pelos interesses imediatos e particulares do seu *agrobusiness*, e dos seus grupos financeiros defendidos e acobertados pela retórica diletante e pela política escandalosamente subserviente dos "diplomatas descalços".

Comentários:

Nesta questão, o que se busca é um trecho que dê continuidade à seguinte ideia central do texto: "a opção pelo governo brasileiro pela prioridade sul-americana e do Mercosul".

a) A alternativa fala de "disputas", enquanto o texto menciona "parcerias" e "alianças". Alternativa errada, portanto.

b) Resposta correta. Aqui, há um reforço à ideia central do texto ao se mencionar "uma nova política externa, ativa, presente...".

c) Presença de um *conector sem antecedente* lógico no *texto* – "E do outro lado". O texto original não havia apresentado o *primeiro lado*. Além do mais, a alternativa não retoma a ideia central – as parcerias com os países do Sul.

d) Ao mencionar "as forças que esta batalha despertava", o trecho menciona uma batalha, que é o oposto do que se fala no texto original. Não há embates, há alianças.

e) Além de o trecho ter problemas de redação – lança-se uma oração subordinada "Orientando--se pelos interesses..." sem uma oração principal a ela correspondente, ele foge ao assunto por não mencionar a política de alianças.

Resposta: B.

Por fim, uma questão para ordenar fragmentos de um texto. Trata-se de um clássico muito utilizado em provas elaboradas pela Esaf:

6. (Cespe/UnB) Os trechos a seguir constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e aponte a opção correta:

( ) A aguda crise social desdobrou-se, então, em quatro vertentes de alternativa política: o fascismo italiano, o nazismo alemão, a social democracia sueca e o New Deal norte-americano.

( ) O desemprego é uma tragédia social com profundas implicações políticas.

( ) Um dado dessa natureza é importante, pois estabelece a conexão entre a crise social e o efeito político-eleitoral.

( ) A esmagadora maioria dos eleitores nas últimas eleições apontava esse fenômeno como o mais grave problema do país.

( ) Tal conexão apareceu pela primeira vez na História, claramente, há mais de 70 anos, nos principais países capitalistas, na Grande Depressão.

a) 5, 1, 3, 2, 4.

b) 3, 5, 1, 4, 2.

c) 2, 4, 3, 5, 1.

d) 4, 1, 3, 5, 2.

e) 2, 1, 4 5, 3.

Comentários:

O que se busca na questão é a ordenação dos trechos de modo que eles passem a formar um único texto. Nesse caso, a estratégia a ser utilizada consiste basicamente em observar em cada segmento sua ideia central e, na sequência, encontrar o trecho que apresente elemento de conexão que reforce a informação encontrada – procedimento que se repetirá até o último segmento.

O trecho a iniciar o texto não deve possuir nenhum elemento de coesão que retome informações anteriores, afinal ele é o início do texto. Nesta questão específica, o único trecho que é passível de iniciar o texto é:

(1) O desemprego é uma tragédia social com profundas implicações políticas.

O próximo passo consiste em buscar a continuidade desse segmento. Nesse caso, o que se busca é um trecho que fale sobre o problema social que é *o desemprego* e que desdobre também suas *implicações políticas*. Logo, o trecho de continuidade seria:

(2) A esmagadora maioria dos eleitores nas últimas eleições (*implicações políticas*) apontava esse fenômeno como o mais grave problema do país (*tragédia social*).

A seguir, busca-se o trecho que retome também as informações essenciais de (2) mais importantes – *desemprego* e *resultados das últimas eleições*. Assim, teríamos:

(3) Um dado dessa natureza é importante, pois estabelece a conexão entre a crise social (*desemprego*) e o efeito político eleitoral *(últimas eleições*).

Como continuidade da cadeia coesiva que se forma, busca-se na sequência um trecho que mencione a questão da *conexão entre a crise social e seu efeito político eleitoral*. Assim:

(4) Tal conexão *(expressão que retoma "conexão" do trecho anterior)* apareceu pela primeira vez na História, claramente há mais de 70 anos, nos principais países capitalistas, na Grande Depressão.

Da mesma forma, o item que finalizará o texto deverá ser aquele que repise a ideia principal do trecho anterior, que, nesse caso, foi "a conexão ... pela primeira vez na História ... nos países capitalistas". Assim, observa-se o fechamento do texto em:

(5) A aguda crise social (*que se iniciou com o desemprego*) desdobrou-se, então,em quatro vertentes de alternativa política: o fascismo italiano, o nazismo alemão, a social democracia sueca e o New Deal norte-americano. (*principais países capitalistas mencionados no trecho imediatamente anterior*).

Resposta: A (5, 1, 3, 2, 4).

Aqui, vale uma dica:

Um trecho será uma possível continuidade do outro quando retomar aquilo que o anterior teve de essencial: sua informação mais importante.

Muitos concurseiros resolvem uma questão como essa por meio da estratégia de eliminação.

Assim, sabendo-se que somente o 2º trecho seria capaz de iniciar o texto, por não possuir nenhum elemento de conexão com ideias anteriores, o período a receber numeração **1** seria *O desemprego é uma tragédia social com profundas implicações políticas*. Logo, teríamos como possíveis respostas as alternativas A, D ou E, pois são elas que apontam esse trecho como a introdução do texto. A partir daí, bastaria descobrir qual trecho poderia receber a numeração **2**. Nesse caso,

vale a dica de que **2** deverá reforçar aquilo que **1** tinha de essencial: é o trecho *A esmagadora maioria dos eleitores nas últimas eleições apontava esse fenômeno como o mais grave problema do país* que reforça *as implicações políticas do desemprego*. Logo, a alternativa que apresenta essa numeração seria a letra A. É uma outra forma de resolver a mesma questão: a velha tática de eliminação...

Por fim, vamos resolver algumas provas anteriores, abordando com maior ênfase as estratégias de retomada nos textos (anáfora, catáfora, dêixis).

25.3. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

Texto I

O teste definitivo para você saber se você está ou não integrado no mundo moderno é a secretária eletrônica. O que você faz quando liga para alguém e quem atende é uma máquina. Tem gente que nem pensa nisso. Falam com a secretária eletrônica com a maior naturalidade, qual é o problema?

1. "O que você faz quando liga para alguém e quem atende é uma máquina". O comentário correto sobre o vocábulo O, colocado ao início desse período do texto, é que se trata de:

a) um pronome demonstrativo, referindo-se a "teste".
b) um artigo definido, determinando a oração seguinte.
c) um pronome pessoal, equivalendo a "ele".
d) um pronome interrogativo, juntamente com "que".
e) um pronome indefinido, correspondendo a "algum".

2. "Tem gente que nem pensa **nisso**." O pronome sublinhado se refere:

a) à existência de secretárias eletrônicas.
b) ao fato de sermos atendidos por máquinas.
c) ao teste de integração no mundo moderno.
d) à impossibilidade de falar com alguém para quem se ligou.
e) à dificuldade de dialogar com uma máquina.

Texto II

MAQUIAGEM

Nesta época, no ano passado, começou a se constatar nas prateleiras dos supermercados uma "maquiagem" de produtos. Consistia, basicamente, em reduzir a quantidade de mercadoria embalada, mantendo o preço de venda. O assunto despertou celeuma entre associações de consumidores, fábricas e autoridades governamentais. O Ministério da Justiça acabou por reagir, multando empresas que, segundo seu entendimento, haviam ludibriado a boa-fé dos consumidores. Um ano depois, pode-se dizer que houve alguma melhora na situação. Houve alguma confusão acerca do que estava errado na prática da "maquiagem". (...)

Folha de São Paulo, dezembro de 2002.

1. "Nesta época" e "um ano depois", referem-se exata e respectivamente a:

a) dezembro de 2002 e dezembro de 2003.

b) dezembro de 2002 e dezembro de 2002.
c) dezembro de 2001 e dezembro de 2002.
d) dezembro de 2001 e dezembro de 2003.
e) dezembro de 2000 e dezembro de 2002.

2. "...a temperatura corporal elevada ajuda o sistema de defesa do organismo a identificar a causa de uma infecção e combatê-la"; o pronome *la*, ao final da frase, se refere ao seguinte termo anterior:

a) temperatura corporal elevada.
b) sistema orgânico.
c) causa de uma infecção.
d) defesa do organismo.
e) temperatura corporal e defesa do organismo.

3. Na construção de um texto, para sua coesão, alguns termos retomam termos anteriores; o termo em negrito cujo termo anterior NÃO foi corretamente destacado em maiúsculas é:

a) "Até recentemente, a sociedade entendia SER A EDUCAÇÃO TAREFA EXCLUSIVA DE PA E PROFESSORES. Sabiamente esse conceito evoluiu".
b) "COBRA-SE, AGORA, O COMPROMISSO DE EDUCAR TAMBÉM DE VEÍCULOS COMUNICAÇÃO, PUBLICIDADE, DAS ARTES etc. Não poderia haver reivindicação n justa".
c) "O código recomenda ainda que os anúncios não desmereçam valores sociais ou provoquem discriminação, em particular DAQUELES que não sejam consumidores do produto".
d) "tampouco associem crianças e adolescentes a SITUAÇÕES INCOMPATÍVEIS com s condição, sejam elas ilegais, perigosas ou socialmente condenáveis".
e) "a publicidade (...) não deve: IMPOR A NOÇÃO DE QUE O PRODUTO PROPORCIO SUPERIORIDADE (...); PROVOCAR SITUAÇÃO DE CONSTRANGIMENTO AOS PAIS Essas recomendações são, para o Conar, contribuições muito mais efetivas...".

Texto III

Sustentabilidade, Consumo e Publicidade

Nos últimos cinquenta anos, a população mundial mais do que dobrou, indo de 2,5 bilhões (1950) para 6 bilhões (2000). Durante esse mesmo período, a industrialização permitiu que o consumo aumentasse exponencialmente; como consequência, a poluição e o lixo também aumentaram. Já faz algum tempo que o planeta vem dando sinais de que não pode suportar o nosso modo de vida, e estudos indicam que hoje, mesmo com grande parte da população mundial excluída, já consumimos 20% por ano a mais de recursos naturais renováveis do que o planeta Terra é capaz de regenerar.

1. O primeiro parágrafo emprega por duas vezes a palavra "já". Seus valores morfológicos são idênticos, mas semanticamente se distinguem. A frase abaixo em que a palavra "já" está empregada com um terceiro valor semântico é:

a) a sociedade já teve atitudes mais firmes.
b) se houver apagão, já sabemos o motivo.
c) os estudos já estão publicados na imprensa.
d) todos já começam a se preocupar com o futuro.

e) faz já décadas que a poluição é grande.

Texto IV

Dos três irmãos, dois fazem parte de um grupo cada vez mais comum na família brasileira contemporânea. São os jovens endividados. Além de adiar a saída de casa, mesmo depois de terminar a faculdade e arrumar trabalho, esses moços e moças não conseguem ajudar nas despesas de casa, nem tampouco pagar as próprias contas. Pior: acumulam dívidas. Muitos estão simplesmente falidos e entram na lista negra das entidades de proteção ao crédito.

1. "Muitos estão simplesmente falidos". O indefinido empregado nesse trecho serve para retomar o termo:

a) consumidores.
b) balzaquianos.
c) moços e moças.
d) três irmãos.
e) bancos e financeiras.

Texto V

Essa nova fase da filantropia americana surge num contexto em que sobressaem uma virtude e uma falha. A virtude é o estágio atual do próprio sistema capitalista, capaz, em sua forma mais avançada, de gerar excedentes vultosos que retornam à sociedade pela mão de empresários conscientes e abnegados. A falha é dos governos e das instituições internacionais, como o Banco Mundial, que se mostraram ineficazes no combate à pobreza e às endemias do mundo. Pessoas como Buffett e Gates, portanto, indicam um caminho para supri-la.

1. "Pessoas como Buffett e Gates, portanto, indicam um caminho para supri-**la**"; o pronome sublinhado se refere a:

a) pobreza.
b) endemia.
c) falha.
d) filantropia.
e) sociedade.

Texto VI

Estudo do Pacific Institute of Oakland, na Califórnia, prevê que 76 milhões de pessoas morrerão de doenças relacionadas à água até 2020. As crianças serão as mais afetadas por males causados pelo uso e ingestão de água contaminada. No mesmo período, serão registrados 65 milhões de casos fatais em consequência da Aids em todo o mundo.

1. Vocábulos do texto que NÃO apresentam o mesmo referente são:

a) pessoas / as crianças
b) doenças / males
c) água / água contaminada
d) até 2002 / mesmo período
e) morrerão / serão registrados 65 milhões de casos fatais

Texto VII

PETRÓLEO

Eduardo Frieiro

Os fatos desta vez deram razão a Monteiro Lobato. Existe o petróleo. Resta saber, e o grande escritor morreu antes que pudesse observá-lo, resta saber se o cobiçado líquido brindará os brasileiros com uma vida decente, ou fará do país outra Venezuela, onde, há um quarto de século, se põe fora, sem proveito para o povo, a maior fartura petrolífera da América Latina. (1948)

Texto VIII

PETRÓLEO

Monteiro Lobato

Esse produto é o sangue da terra; é a alma da indústria moderna; é a eficiência do poder militar; é a soberania; é a dominação. Tê-lo é ter o sésamo abridor de todas as portas. Não tê-lo é ser escravo.

1. "... resta saber se o cobiçado líquido brindará os brasileiros..."; para evitar a repetição do termo *petróleo*, o autor do texto se utilizou, no segmento em destaque, de um processo que também aparece em:

a) "... e o grande escritor morreu antes que pudesse observá-lo..." (texto VII)

b) "... se põe fora, sem proveito para o povo, a maior fartura petrolífera da América Latina." (texto VII)

c) "... brindará os brasileiros com uma vida decente, ou fará do país outra Venezuela,..." (texto VII)

d) "Esse produto é o sangue da terra; é a alma da indústria moderna;" (texto VIII)

e) "Não tê-lo é ser escravo."

2. A ideia de o petróleo ser uma panaceia universal aparece no texto de Monteiro Lobato (texto VIII), e de forma mais específica no segmento:

a) "Esse produto é o sangue da terra".

b) "é a alma da indústria moderna".

c) "é a eficiência do poder militar".

d) "é a soberania; é a dominação".

e) "tê-lo é ter o sésamo abridor de todas as portas".

Texto IX

VIOLÊNCIA NO CAMPO

José Saramago

No dia 17 de abril de 1996, no estado brasileiro do Pará, perto de uma povoação chamada Eldorado dos Carajás (Eldorado: como pode ser sarcástico o destino de certas palavras...), 155 soldados da polícia militarizada, armados de espingardas e metralhadoras, abriram fogo contra uma manifestação de camponeses que bloqueavam a estrada em ação de protesto pelo atraso dos procedimentos legais de expropriação de terras, como parte do esboço ou simulacro de uma suposta reforma agrária na qual, entre avanços mínimos e dramáticos recuos, se gastaram já cinquenta anos, sem que alguma vez tivesse sido dada suficiente satisfação aos gravíssimos problemas de subsistência (seria mais rigoroso dizer sobrevivência) dos trabalhadores do campo. Naquele dia, no chão de Eldorado dos Carajás ficaram 19 mortos, além de umas quantas dezenas de pessoas feridas.

(...)

1. “Naquele dia, no chão de Eldorado dos Carajás...”; o emprego de naquele, neste contexto:

a) indica que o dia referido na frase não deve ser confundido com outro.
b) mostra que o dia referido está distante no tempo.
c) assinala uma distância de lugar.
d) identifica o dia como algo a ser esquecido.
e) refere-se a um dia que o leitor desconhece.

2. “Há detalhes que parecem insignificantes, mas revelam estágios de cidadania: respeitar-se o sinal vermelho no trânsito, não jogar papel na rua, não destruir telefones públicos. Por trás desse comportamento está o respeito à coisa pública”; nesse parágrafo, a expressão “desse comportamento”:

a) refere-se à última das ações citadas.
b) retoma o conjunto de ações anteriores.
c) alude somente a aspectos negativos.
d) corresponde a um procedimento condenável.
e) traz em si mesma um conteúdo positivo.

Texto X

Infelizmente, a hipocrisia abunda no mundo, principalmente nas elites. Em troca do status de um nobre homem, pessoas vendem a alma ao diabo, traindo escancaradamente sua própria consciência e bom senso. A cretinice assume grau espantoso nos debates, e qualquer um que esteja mais preocupado com a verdade que com as aparências de suas intenções perde a paciência ao notar que está dando murro em ponta de faca. O interesse dessa elite pérfida não é a busca sincera pela verdade e resultados; mas, sim, o conforto psíquico de apresentar ser bem intencionado. O mensageiro que traz a notícia, que destaca os fatos verdadeiros, que demonstra o absurdo das teorias românticas, esse é o culpado, um insensível, egoísta. A hipocrisia, aliada à ignorância de muitos, acaba vencendo a lógica e a verdade. A necessidade da mente humana de acreditar em explicações simplistas, culpar fatores exógenos e bodes expiatórios, e buscar conforto mesmo que na mentira alimenta bastante essa hipocrisia. Esse texto é um apelo para darmos um basta a isso.

1. “Em troca do status de um nobre homem”; a mesma ideia contida nesse segmento do texto aparece repetida em:

a) “vendem a alma ao diabo”.
b) “aparentar ser bem intencionado”.
c) “destaca os fatos verdadeiros”.
d) “culpar fatores exógenos e bodes expiatórios”.
e) “demonstra o absurdo das teorias românticas”.

Texto XI

Mais de cem vezes o presidente George W. Bush ameaçou vetar projetos que fossem aprovados pelo Congresso americano, mas até agora ele nunca tinha cumprido a ameaça, ou precisado cumprir – por ter sido ela suficiente para levar os parlamentares a recuar rapidamente.

1. No primeiro parágrafo do texto ocorrem repetições de termos anteriores; a alternativa em que os

dois termos sublinhados NÃO são exatamente um exemplo de repetição por não possuírem o mesmo referente é:

a) o presidente George W. Bush – ele.
b) projetos – que.
c) ameaçou vetar projetos – a ameaça.
d) a ameaça – ela.
e) Congresso americano – ele.

2. A alternativa em que NÃO há qualquer referência ao momento de ocorrência do fato comentado pela notícia do jornal é:

a) "mas até agora nunca tinha cumprido a ameaça".
b) "Mas ontem ele fez uso do veto".
c) "aprovada por 63 votos a 37 no Senado, terça-feira".
d) "um ano depois de sua aprovação na Câmara dos Representantes".
e) "O projeto, que há tempos seria impensável".

3. E, portanto, comprometidos demais para fazermos um juízo exato a esse respeito. Esse comprometimento inclui vítimas e algozes"; o tipo de relação de coesão exemplificado nesse segmento do texto entre as palavras sublinhadas se repete em:

a) toda a população está atemorizada demais com a violência e esse medo tem causado muitos problemas.
b) os direitos humanos têm sido desprezados pelas autoridades e se os desprezamos, caímos no caos.
c) as autoridades políticas estão bastante atarefadas e esse trabalho exagerado tem impedido que projetos mais importantes sejam discutidos.
d) as leis têm-se mostrado muito permissivas e essa permissividade tem incentivado a criminalidade.
e) são bastante contraditórias as leis dos direitos humanos e essa oposição tem prejudicado a sua discussão.

Texto XII

O PASTOREIO POLÍTICO

Luiz Carlos Lisboa

O século que se orgulha de grandes conquistas no terreno dos direitos humanos e das liberdades públicas é o mesmo em que se desenvolveram as formas mais requintadas e esmagadoras de dominação política e de intimidação coletiva. Essa contradição flagrante, escândalo de nosso tempo, é pouco analisada porque estamos todos muito imersos nela. E, portanto, comprometidos demais para fazermos um juízo exato a seu respeito. Esse comprometimento inclui vítimas e algozes, e cega a ambos da mesma forma.

1. O termo "ambos", presente na última linha do texto, refere-se a:

a) defensores e críticos dos direitos humanos.
b) os que possuem e não possuem liberdades públicas.
c) os que praticam e sofrem injustiças.

d) as vítimas e os que sofrem intimidação coletiva.
e) os que sofrem dominação política e intimidação coletiva.

Texto XIII

UM SENTIDO PARA A EDUCAÇÃO SEXUAL

A proposta de educação sexual nos currículos da escola de ensino médio é uma ideia que surge mais fortemente agora no Brasil. Um dos argumentos a favor da implantação da educação sexual nas escolas é o grande número de gestações na adolescência e o problema da Aids. Entretanto, não se observa redução nem no número de gestações indesejadas nem nas doenças sexualmente transmissíveis onde a educação sexual foi adotada como solução para este problema.

Nos Estados Unidos, a educação sexual foi considerada como a solução e a implantação dos programas aconteceu intensamente; no entanto, os resultados são deploráveis. Por que a educação sexual tal como foi implantada não é a solução? O desastre começa no próprio conceito. A educação sexual apresentada não toma como base valores morais, e se orienta para a informação restrita de contracepção e prevenção de doenças.

Isso não é educação sexual. Educação sexual é parte de algo mais complexo na vida do ser humano, e por isso não se pode restringir à informação sobre anatomia e fisiologia, ensino de meios contraceptivos e prevenção da Aids e outras doenças sexualmente transmissíveis. Educação sexual é antes de tudo educação de valores, educação do verdadeiro amor, amor de doação, incluindo-se a sexualidade. [...]

1. No terceiro parágrafo do texto, a educação sexual referida na primeira linha é:

a) a que já foi anteriormente implantada no Brasil.
b) a que está sendo implantada no Brasil.
c) a que foi implantada nos Estados Unidos e anteriormente implantada no Brasil.
d) a que foi implantada nos Estados Unidos e recentemente implantada no Brasil.
e) a que foi implantada nos Estados Unidos.

Texto XIV

A VERDADE E A FANTASIA

Miguel Pachá – Presidente do TJ/RJ

Um espectro ronda a Justiça brasileira neste final de ano: a Reforma do Judiciário. Espectro porque a realidade do Judiciário e a necessidade da sua reforma foram, nos últimos meses, deformados pelo “manto diáfano da fantasia”.

Comemoramos o nosso dia (8 de dezembro) sob o fogo cruzado da má vontade e da desinformação. O Judiciário não pode ser culpabilizado pelo que a mídia chama com exagero de impunidade. A polícia não prende, não investiga e nós, presos à aplicação da lei, pagamos o pato. Além disso, há um cipoal de leis, medidas provisórias e atos normativos que acabam por atravancar nossos corredores.

Temos oferecido à sociedade ideias e propostas de melhoria da prestação de Justiça. Um exemplo: o julgamento virtual, que acelera a tramitação, elimina papel e dispensa deslocamentos de advogados. Quanto ao apregoado controle do Judiciário, pensamos que deveria antes vir de dentro que de fora, pelo ajuste de normas e práticas processuais, bem como pela supervisão sistemática. A autonomia financeira deu ao nosso Tribunal a possibilidade de ser um dos melhores do país: um dos

mais ágeis e seguros, em condições objetivas de enfrentar o descrédito geral da Justiça.

A autonomia dos poderes – lembremos ainda uma vez – é a única garantia que temos da estabilidade da República e, em última instância, da continuidade do regime democrático – o pior de todos, com exceção dos outros. Falar em cidadania é falar em Judiciário. Em muitas sociedades tradicionais a norma de estabilidade é a do "poder trava poder". Ao invés do controle externo, sempre perigoso, talvez se pudesse confiar mais nesse controle sistêmico. De resto, temos à disposição diversos mecanismos endógenos, eficazes, de controle (os tribunais de conta, as corregedorias etc.).

A sociedade global, estimulada pelos formadores de opinião, não tem sido capaz de captar a verdade do Judiciário. Sob um cerco total de má vontade e desinformação, vemos exageradas as nossas deficiências e erros. "Sobre a nudez forte da verdade, o manto diáfano da fantasia" – parodiemos o slogan do velho Eça de Queiroz. E qual é a nossa verdade? Antes de enunciá-la, reconheçamos nossos erros e dificuldades, algumas conjunturais, de mais fácil correção, outras estruturais, mais difíceis. Recente pesquisa da OAB, mostrou que 55% da população mal conhece o Judiciário. E é ela a segunda instituição menos confiável do país. Nosso programa para o ano que se inicia é, pois, estabelecer a verdade da distribuição de Justiça em nosso Estado e vê-la reconhecida, senão por todos, ao menos pela maioria de nossos concidadãos.

Informativo TJ/RJ e EMERJ, n.12.

1. "De resto, temos à disposição diversos mecanismos endógenos, eficazes, de controle..."; a ideia aqui presente se repete aproximadamente em:

a) "Quanto ao apregoado controle do Judiciário, pensamos que antes deveria vir de dentro que de fora..."

b) "A sociedade global, estimulada pelos formadores de opinião, não tem sido capaz de captar a verdade do Judiciário."

c) "Sobre a nudez forte da verdade, o manto diáfano da fantasia."

d) "A autonomia dos poderes [...] é a única garantia que temos da estabilidade da República..."

e) "Falar em cidadania é falar em Judiciário."

2. Em relação aos "mecanismos endógenos", referidos no 4º parágrafo do texto, analise os itens a seguir:

I. "... antes vir de dentro que de fora, pelo ajuste de normas e práticas processuais,..."

II. "Em muitas sociedades a norma de estabilidade é a do 'poder trava poder'."

III. "Ao invés do controle externo, sempre perigoso, talvez se pudesse confiar mais nesse controle sistêmico."

Os mecanismos referidos no enunciado correspondem a:

a) I – III

b) I – II – III

c) II – III

d) I – II

e) III

Texto XV

ANO NOVO, VELHOS PROBLEMAS

Ubiratan Iorio

A cada início de ano, é costume renovar esperanças e fortalecer confianças em relação ao futuro. Tempo de limpar gavetas, fazer faxinas e vestir cores que – acreditam muitos – ajudem a realizar antigos desejos e aspirações. Nada existe de errado com esses hábitos, descontado o teor de superstição que costuma motivá-los, nem com o fato de se os estender para o campo das relações econômicas. Afinal, também na economia a esperança pode mover montanhas. Mas para tal precisa fundamentar-se em fatos concretos.

Um pouco de realismo sempre faz bem. Os atos econômicos não são praticados em um vazio institucional, já que o homo economicus, aquele robô frio, calculista, pronto a maximizar resultados, sejam lucros, utilidades, taxas de retornos ou quaisquer outros, só existe nos livros de economia. Na vida real, as relações entre economia, política, direito, ética e outros campos da ação humana objetiva e subjetiva, são inevitáveis, sendo a soma dessas inter-relações o que se chama, reverentemente, de sociedade. O hábito arraigado de separar o econômico do social, do político, do ético e do legal, de que é exemplo o discurso de contrapor o "mercado" ao "social" – quase sempre denegrindo o primeiro e enaltecendo o segundo – é uma das causas das repetidas frustrações das esperanças de crescimento econômico sustentado.

1. "Um pouco de realismo sempre faz bem."; a mesma ideia reaparece em:

a) "Afinal, também na economia a esperança pode mover montanhas."
b) "Mas para tal precisa fundamentar-se em fatos concretos."
c) "Os atos econômicos não são praticados em um vazio institucional..."
d) "... pessimistas nada mais são do que otimistas bem informados,..."
e) "uma carga tributária extorsiva e crescente."

2. Na progressão textual, a fim de evitar-se a repetição de palavras idênticas, ocorre a substituição de termos anteriores por uma série de diferentes elementos. O item em que a identificação do termo substituto do segmento sublinhado está INCORRETA é:

a) "Afinal também na economia <u>a esperança pode mover montanhas</u>. Mas para tal precisa fundamentar-se em atos concretos." – pronome demonstrativo
b) "busquemos, apenas, ser realistas e olhemos para <u>as instituições</u> que nos circundam." – pronome relativo
c) "Tempo de <u>limpar gavetas, fazer faxinas e vestir cores</u> que – acreditam muitos – ajudem a realizar antigos desejos e aspirações. Nada existe de errado contra esses hábitos,..." – hiperônimo
d) "Nada existe de errado contra <u>esses hábitos</u>, descontado o teor de superstição que costuma motivá-los,..." – pronome relativo
e) "Nada existe de errado contra <u>esses hábitos</u> [...] nem com o fato de se os estender para o campo das relações econômicas." – pronome pessoal

3. "O hábito arraigado de separar o econômico do social, do político, do ético e do legal, de que é exemplo o discurso de contrapor o "mercado" ao "social" – quase sempre denegrindo **o primeiro** e enaltecendo **o segundo** – é uma das causas..."; mantendo-se o sentido original, os termos sublinhados poderiam ser corretamente substituídos, respectivamente, por:

a) este / aquele
b) este / esse

c) aquele / este
d) aquele / esse
e) esse / este

Texto XVI

O NECROLÓGIO DOS DESILUDIDOS DE AMOR
Carlos Drummond de Andrade
Os médicos estão fazendo a autópsia dos que se mataram.
Que grandes corações eles possuíam
Vísceras imensas, tripas sentimentais
e um estômago cheio de poesia.

1. Os "desiludidos do amor" reaparecem em:
a) "os médicos estão fazendo a autópsia...".
b) "... dos que se mataram".
c) "Que grandes corações eles possuíam".
d) "Vísceras imensas, tripas sentimentais".
e) "estômago cheio de poesia".

2. "Bibliotecas. Vistas de dentro de grandes monumentos, elas parecem indestrutíveis. Mas, de fato, a história mostra que bibliotecas estão sempre sendo destruídas e cada vez que uma delas vem abaixo muito da civilização desaba com ela"; nesse segmento o termo que NÃO apresenta corretamente o termo anterior ao qual se refere ou que substitui é:
a) elas = bibliotecas
b) ela = uma delas
c) grandes monumentos = bibliotecas
d) desaba = vem abaixo
e) delas = das bibliotecas

Texto XVII

"O rádio foi uma tragédia para os surdos. A televisão é uma tragédia para os cegos. É também, de quando em quando, uma tragédia para o espectador sensível, para quem contemplar a mediocridade é uma dolorosa experiência." (Steve Allen)

1. "É também, de quando em quando, uma tragédia para o espectador sensível, para quem contemplar a mediocridade é uma dolorosa experiência."; o pronome *quem* se refere:
a) a qualquer espectador de TV.
b) ao espectador sensível.
c) à pessoa que não participa da dolorosa experiência.
d) ao espectador que contempla a mediocridade.
e) ao espectador de programas medíocres.

Texto XVIII

IMPÉRIO À DERIVA
Patrick Wilcken

Em 1807, no auge das Guerras Napoleônicas, o príncipe regente português D. João VI tomou uma decisão extraordinária. Embora aterrorizado com a ideia de viagens marítimas, optou por transplantar toda a sua corte e seu governo para a maior colônia de Portugal: o Brasil. Com as tropas francesas aproximando-se de Lisboa, aristocratas, ministros, padres e criados – no assombroso total de 10 mil pessoas – embarcaram às pressas na precária frota portuguesa. Após uma turbulenta travessia transatlântica, sob escolta britânica, desembarcaram imundos, cobertos de piolhos e esfarrapados, para espanto de seus súditos no Novo Mundo. Assim se iniciou um período excepcional de treze anos de governo imperial exercido nos trópicos.

1. Em uma outra obra sobre a chegada da família real ao Brasil, que comemorará 200 anos em 2008, o autor (Laurentrino Gomes) escreve na capa do livro: "Como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a história de Portugal e do Brasil". De todas as referências presentes nesse segmento, a única que aparece comprovada no texto principal desta prova é:

a) a rainha de Portugal ser louca.
b) o príncipe regente ser medroso.
c) a corte portuguesa ser corrupta.
d) os portugueses terem enganado Napoleão.
e) a história de Portugal e Brasil ter sido mudada.

Texto XIX

Num dia quente de verão do primeiro semestre do novo milênio, a humanidade atravessou uma ponte rumo a uma nova era de tremenda importância. Ao mundo inteiro foi transmitido um pronunciamento, com destaque em praticamente todos os jornais mais importantes, apregoando que o primeiro rascunho do genoma humano, nosso manual de instruções, havia sido concluído.

(*A linguagem de Deus*, Francis S. Collins)

1. Ao dizer que a humanidade "atravessou uma ponte rumo a uma nova era", o autor do texto expressa simultaneamente um conjunto de ideias; entre elas, NÃO está presente a ideia de:

a) superação de obstáculos.
b) progresso da ciência.
c) conhecimento de novos espaços.
d) comunicação com o novo.
e) abandono do passado.

Texto XX

CIÊNCIA E NAVEGAÇÃO

Bento Ribeiro Dantas

A história da humanidade contém sagas de extraordinária beleza, mas nenhuma suplanta a história dos descobrimentos marítimos dos séculos XVI e XVII. Foi uma época em que os homens de coragem e de saber, em busca de conhecimento e riquezas, aventuraram-se por mares e oceanos totalmente desconhecidos. Para isso foram necessários avanços técnicos que transformaram e desenvolveram a ciência da construção naval e dos planos vélicos das embarcações, a arte da cartografia e os métodos de aquisição das informações geográficas essenciais à sua precisão, a navegação pela observação astronômica, os instrumentos e a matemática indispensáveis à sua

utilização. Enfim, todos os meios que tornaram possível aos portugueses, e mais tarde aos demais europeus, a descoberta de mais de dois terços da Terra – até aquela época, para eles, incógnitos. A chegada ao Brasil foi fruto desse esforço heróico, que não deixou nada ao acaso.

1. Alguns elementos de um texto se referem a termos anteriormente expressos; o elemento do texto cuja referência a termos anteriores está corretamente identificada é:

a) "mas *nenhuma* suplanta..." = extraordinária beleza
b) "Foi *uma época*..." = séculos XV e XVI
c) "Para *isso*..." = homens de coragem e de saber
d) "... essenciais à *sua* precisão,..." = informações geográficas
e) "... até aquela época, para *eles*, incógnitos." = portugueses

Texto XXI

MISTURA PERIGOSA

Revista *Isto É*, 26/09/2007.

Em qualquer idade, o alcoolismo é uma tragédia. Na maioria dos casos, ele destrói o indivíduo, desequilibra a família e traz um custo imenso para a sociedade. Quando atinge pessoas jovens, no entanto, ganha cores ainda mais dramáticas – dá para imaginar, então, quando o álcool se associa à adolescência. Esse é um cenário que se está tornando comum no Brasil: os adolescentes participam de forma cada vez mais expressiva da estatística do alcoolismo no país e já correspondem a 10% da parcela dos brasileiros que bebem muito, somando um total de 3,5 milhões de jovens. Muitos não se preocupam com a dependência nem encaram a bebida como droga. Mas, segundo a Organização Mundial de Saúde, o álcool é a droga mais consumida no mundo, com dois bilhões de usuários.

1. Num texto, vários elementos repetem ou retomam elementos anteriores; a alternativa em que o termo destacado NÃO tem o elemento anterior corretamente identificado é:

a) "Em qualquer idade, o alcoolismo é uma tragédia. Na maioria dos casos, ele destrói o indivíduo, desequilibra a família e traz um custo imenso para a sociedade." – o alcoolismo
b) "Quando atinge pessoas jovens, no entanto, ganha cores ainda mais dramáticas – dá para imaginar, então, quando o álcool se associa à adolescência" – o alcoolismo
c) "Esse é um cenário que se está tornando comum no Brasil: os adolescentes participam de forma cada vez mais expressiva da estatística do alcoolismo no país" – um cenário
d) "... e já correspondem a 10% da parcela dos brasileiros que bebem muito, somando um total de 3,5 milhões de jovens" – 10%
e) "Muitos não se preocupam com a dependência nem encaram a bebida como droga" – brasileiros

Texto XXII

A VIDA COMO ELA SERÁ

Jerônimo Teixeira

Daqui a mais ou menos 1 bilhão de anos, a Terra não será mais habitável. No limite do seu material combustível, o Sol estará se expandindo. A elevação da temperatura no terceiro planeta do sistema solar tornará inviável a sobrevivência de qualquer criatura. Isso significa que a vida em nosso mundo já ultrapassou a meia-idade. Estamos nós, seres vivos, mais perto do fim que do começo. No tempo que resta, que cara terá a vida sobre a Terra? Que espécies surgirão e quais estarão fadadas

a desaparecer na trilha das mudanças evolucionárias? E por quanto tempo ainda viveremos nós, seres humanos, para presenciar essas mudanças?

1. A alternativa em que o termo sublinhado tem seu valor dependente da situação geral de produção do texto é:

a) "Daqui a mais ou menos 1 bilhão de anos."
b) "A elevação da temperatura no terceiro planeta do sistema solar."
c) "Estamos nós, seres vivos..."
d) "E por quanto tempo ainda viveremos nós..."
e) "Isso significa que a vida em nosso mundo..."

2. Se tivéssemos o raciocínio: "A Terra não será mais habitável daqui a 1 bilhão de anos já que o Sol estará se expandindo", o raciocínio apresenta um argumento em que:

a) se troca o efeito pela causa.
b) se troca a causa pela consequência.
c) se apela ao princípio da autoridade.
d) se troca a razão pela intuição.
e) ocorre desvio do assunto.

3. Num texto há muitas palavras anafóricas, ou seja, palavras cuja função é retomar algo que já foi expresso. A alternativa que mostra um termo sublinhado que NÃO é anafórico é:

a) "No limite do seu material combustível, o Sol estará se expandindo."
b) "A elevação da temperatura no terceiro planeta do sistema solar."
c) "Isso significa que a vida em nosso mundo..."
d) "para presenciar essas mudanças?"
e) "Isso significa que a vida em nosso mundo."

Texto XXIII

Tchecov escreveu: "Daqui a duzentos ou trezentos anos, ou mesmo mil anos – não se trata de exatidão – haverá uma vida nova. Nova e feliz. Não tomaremos parte nessa vida, é verdade... Mas é para ela que estamos vivendo hoje. É para ela que trabalhamos e, se bem que a soframos, nós a criamos. É nisso que está o objetivo de nossa existência aqui."

1. Algumas palavras têm sentido dêitico, ou seja, apresentam significado dependente da situação de produção do texto. *Daqui*, por exemplo, tem significado dependente do momento de produção do texto. Assinale o item em que a palavra sublinhada tem valor dêitico:

a) a partir de hoje teremos uma vida nova.
b) os homens nunca irão viver eternamente.
c) a vida na Terra é breve.
d) o futuro sempre está distante.
e) a partir de 1992, o mundo mudou.

2. "Não tomaremos parte **nessa** vida, é verdade..."; o uso do demonstrativo *nessa* se justifica pelo motivo seguinte: emprega-se *esse, essa, esses, essas:*

a) com referência a um termo expresso anteriormente.

b) em referência a um lugar próximo do interlocutor.
c) em relação a um tempo passado, anteriormente definido.
d) em correspondência com um tempo futuro, indeterminado.
e) para indicação de um lugar fictício.

3. Para evitar a repetição do termo *vida*, o autor substituiu-o por:
a) pronomes pessoais e demonstrativos.
b) pronomes pessoais e artigos.
c) artigos e pronomes demonstrativos.
d) pronomes pessoais.
e) pronomes demonstrativos.

Texto XXIV

O Piercing: ser ou não ser

Quando o meu filho Pedro, de 16 anos, falou da vontade de colocar *piercing*, antes de dizer-lhe um sonoro "não", ponderei o fato de meu filho não ser um veículo para que eu coloque em prática o meu projeto de ser humano. Muito pelo contrário: Ele é um ser independente, com projetos próprios e que tem como orientação básica o respeito ao ser humano e a consciência que de o mundo deve ser mais justo, inteligente, diversificado e saboroso. A partir daí, não me preocupa se ele fará drama ou comédia, com argola no nariz ou gravata no pescoço. O importante não será a sua forma, mais sim o seu conteúdo. (...) O adolescente, pelo menos, faz por festa, para treinar a sua rebeldia. Depois, o tempo passa e todas essas bandeiras pelo corpo vão perdendo a importância e para aqueles que só fazem onda, a coisa ficará no passado. Para os autênticos, a rebeldia fica adulta e muda de lugar. Vai pro olhar.

1. O elemento do texto cujo significado é indicado por elementos externos a ele é:
a) "Quando o <u>meu</u> filho Pedro, de 16 anos..."
b) "... antes de dizer-<u>lhe</u> um sonoro não"
c) "Muito pelo contrário, <u>ele</u> é um ser independente..."
d) "A partir <u>daí</u>, não me preocupa..."
e) "Para treinar a <u>sua</u> rebeldia..."

Texto XXV

Quando eu me desespero, lembro-me de que, por toda a história, a verdade e o amor sempre vencem. Existiram assassinos e tiranos e, por um tempo, eles pareceram invencíveis. Mas, no fim, eles sempre caíram. Penso nisso, sempre. (Mahatma Gandhi)

1. Em "penso nisso", o pronome "isso" teria como explicitação mais adequada:
a) que a verdade e o amor sempre vencem.
b) que existiram assassinos e tiranos.
c) que assassinos e tiranos parecem invencíveis.
d) que eles caíram.
e) que, apesar de invencíveis, os tiranos sempre caíram.

Gabarito: Texto I – 1. a; 2. b; **Texto II** – 1. c; 2. c; 3. d; **Texto III** – 1. a; **Texto IV** – 1. c; **Texto V** – 1. c; **Texto VI** – 1. a; **Textos VII e VIII**– 1. a; 2. e; **Texto IX** – 1. b; 2. b; **Texto X** – 1. b;

Texto XI – 1. e; 2. e; 3. d; **Texto XII** – 1. c; **Texto XIII** – 1. d; **Texto XIV** – 1. a; 2. b; **Texto XV** – 1. b; 2. d; 3. c; **Texto XVI** – 1. b; 2. c; **Texto XVII** – 1. b; **Texto XVIII** – 1. b; **Texto XIX** – 1. e; **Texto XX** – 1. b; **Texto XXI** – 1. d; **Texto XXII** – 1. a; 2. a; 3. a; **Texto XXIII** – 1. a; 2. e; 3. d; **Texto XXIV** – 1. a; **Texto XXV** – 1. a.

Referências

BECHARA, Evanildo. *Gramática escolar da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

CARNEIRO, Agostinho Dias. *Redação em construção*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2001.

CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Luís Felipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FÁVERO, Leonor Lopes. *Coesão e coerência textuais*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. *Para entender o texto*. 12. ed. São Paulo: Ática, 1996.

GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna*. 20. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KOCH, Ingedore Villaça. *A coesão textual*. 11. ed. São Paulo: Contexto, 1999.

LUFT, Celso Pedro. *Dicionário prático de regência verbal*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995.

RIBEIRO, Manoel Pinto. *Nova gramática aplicada da Língua Portuguesa*. 16. ed. Rio de Janeiro: Metáfora, 2006.

RYAN, Maria Aparecida. *Conjugação dos verbos em português*. 9. ed. São Paulo: Ática, 1993.

TERRA, Ernani. *Curso prático de gramática*. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2007.

“GRÁTIS
VIDEOAULAS
COM RESOLUÇÃO
DE QUESTÕES”

GRAMÁTICA COMENTADA COM INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS para concursos

Adriana Figueiredo

4ª edição

Indicado em 2014 pelo portal CONCURSOS PÚBLICOS da Revista Exame como um dos 10 LIVROS DE PORTUGUÊS INDISPENSÁVEIS PARA CONCURSEIROS

100 ANOS
Saraiva

ISBN 978850262785-7

Figueiredo, Adriana
Gramática comentada com interpretação de textos para concursos / Adriana Figueiredo. – 4. ed. – São Paulo : Saraiva, 2015.
1. Português - Concursos 2. Português - Exames, questões etc. 3. Português - Gramática 4. Português - Gramática (Vestibular) 5. Português - Gramática - Estudo e ensino 6. Textos - Interpretação I. Título.
15-01756 CDD-469.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Gramática : Português : Linguística 469.5

Diretor editorial Luiz Roberto Curia
Gerente editorial Thaís de Camargo Rodrigues
Gerência de concursos Roberto Navarro
Assistente editorial Thiago Fraga
Coordenação geral Clarissa Boraschi Maria
Preparação de originais Maria Izabel Barreiros Bitencourt Bressan e Ana Cristina Garcia (coords.)
Arte, diagramação e revisão Perfekta Soluções Editoriais
Conversão para E-pub Guilherme Henrique Martins Salvador
Serviços editoriais Elaine Cristina da Silva | Kelli Priscila Pinto | Tiago Dela Rosa
Capa Guilherme P. Pinto

Data de fechamento da edição: 24-4-2015

Dúvidas?

Acesse www.editorasaraiva.com.br/direito

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Saraiva. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei n. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Sumário

Agradecimentos

Prefácio

Apresentação

Parte I - Ortografia e semântica

1 Estudo da Sílaba

1.1. Teoria e Exemplos Comentados

1.1.1. Sílaba tônica

1.1.2. Encontros vocálicos

1.1.3. Encontros consonantais

1.1.4. Dígrafo

1.2. Questões de concursos PROPOSTAS (COM gabarito no final)

2 Acentuação Gráfica (sob o Novo Acordo Ortográfico)

2.1. Teoria e Exemplos Comentados

2.1.1. Regra geral

2.1.2. Outros casos

2.2. Questões de concursos propostas (com gabarito no final)

2.3. Resumo

3 Hífen

3.1. Teoria e Exemplos Comentados

3.1.1. Prefixos

3.1.2. Sufixos

3.1.3. Nomes compostos

4 Homônimos e Parônimos

4.1. Teoria e Exemplos Comentados

4.2. Questões de concursos propostas (com gabarito no final)

5 Uso de por que, por quê, porque e porquê

5.1. Teoria e Exemplos Comentados
6 Uso de expressões cotidianas
6.1. Teoria e Exemplos Comentados
6.1.1. Uso de há e a
6.1.2. Outras expressões que costumam suscitar dúvidas
6.2. Questões de concursos comentadas
6.3. Questões de Concursos Propostas (com gabarito no final)
Parte II - Morfologia
7 Classes Gramaticais
7.1. Teoria e Exemplos Comentados
7.1.1. Artigo
7.1.2. Substantivo
7.1.3. Adjetivo
7.1.4. Advérbio
7.1.5. Plural dos nomes compostos
7.2. Exercícios de Fixação (COM GABARITO nO FINAL)
7.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS
7.4. Questões de Concursos Propostas (Com Gabarito no Final)
7.5. Resumo
8 FLEXÃO VERBAL
8.1. Principais verbos que se conjugam a partir de outros
8.1.1. Pôr (líder)
8.1.2. Ter (líder)
8.1.3. Ver (líder)
8.1.4. Vir (líder)
8.1.5. Dizer (líder)
8.1.6. Fazer (líder)
8.1.7. Querer (líder)

8.1.8. Valer (líder)
8.2. Falsos Amigos Conjugados
8.2.1. Prover
8.2.2. Requerer
8.3. Verbos Defectivos
8.3.1. Reaver
8.3.2. Precaver
8.4. Outros verbos irregulares que merecem um cuidado especial
8.4.1. Agredir
8.4.2. Ferir
8.4.3. Fugir
8.4.4. Crer
8.4.5. Ir
8.4.6. Haver
8.5. Verbos em -EAR
8.6. Verbos em -IAR
8.7. Tempos Compostos
8.8. Formação do Imperativo
8.9. Formas Nominais
8.10. A semântica dos verbos
8.10.1. Modo Indicativo
8.10.2. Modo Subjuntivo
8.11. Exercícios de Fixação (com gabarito No final)
8.12. Questões de Concursos Comentadas
8.13. QUESTÕES DE CONCURSOS propostas (com gabarito no final)
9 Pronomes
9.1. Pronomes Pessoais
9.1.1. Retos

9.1.2. Oblíquos
9.2. Pronomes de Tratamento
9.3. Pronomes Possessivos
9.4. Pronomes Indefinidos
9.5. Pronomes Interrogativos
9.6. Pronomes Demonstrativos
9.7. As funções textuais dos pronomes
9.8. Pronomes Relativos
9.9. Exercícios de Fixação (COM Gabarito No Final)
9.10. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS
9.11. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (com gabarito no final)
9.12. RESUMO
10 Preposição
10.1. Teoria e Exemplos Comentados
10.2. Valor relacional e nocional da preposição
10.3. Questões de concursos comentadas
11 Conjunções
11.1. Teoria e Exemplos Comentados
11.1.1. Conjunções coordenativas
11.1.2. Conjunções subordinativas
11.1.3. Valores semânticos das principais conjunções
11.1.4. Como estudar as conjunções
11.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)
11.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS
11.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (com gabarito no final)
11.5. RESUMO
Parte III - Sintaxe
12 Predicação Verbal

12.1. Teoria e Exemplos Comentados
12.1.1. Verbo intransitivo
12.1.2. Verbo transitivo
12.1.3. Verbo de ligação
12.1.4. Tipos de predicado
12.2. Exercícios de Fixação (com gabarito no final)
12.3. Questões de Concursos Comentadas
13 Termos da Oração
13.1. Teoria e Exemplos Comentados
13.1.1. Termos integrantes
13.1.2. Termos acessórios
13.2. Exercícios de Fixação (Com Gabarito No Final)
13.3. Questões de Concursos Comentadas
13.4. QUESTÕES DE CONCURSOS propostas (com gabarito no final)
13.5. Resumo
14 Vozes Verbais
14.1. Teoria e Exemplos Comentados
14.2. Reescritura de Frases (Como passar uma frase de uma voz à outra)
14.3. Exercícios de Fixação (COM Gabarito No Final)
14.4. Questões que perguntam se a frase admite transportação para a voz passiva
14.5. Questões que pedem para passar de uma voz à outra
14.6. Questões para se identificar a voz da frase
14.6. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (com gabarito no final)
14.7. Resumo
15 Período Composto
15.1. Teoria e Exemplos Comentados
15.2. Orações Coordenadas X Orações Subordinadas
15.2.1. Orações coordenadas

15.2.2. Orações subordinadas
15.3. As funções sintáticas do pronome relativo
15.4. Orações reduzidas
15.5. Exercícios de Fixação (COM Gabarito No Final)
15.6. Questões de concursos comentadas
15.7. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM gabarito No final)
15.8. RESUMO
16 Concordância Nominal
16.1. Teoria e Exemplos comentados
16.1.1. Introdução
16.1.2. Concordância nominal: Parte I – As funções sintáticas do adjetivo
16.1.3. Concordância nominal: Parte II – Casos especiais
16.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (com gabarito no final)
16.3. QUESTÕES DE CONCURSOs COMENTADAS
16.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM Gabarito No Final)
16.5. RESUMO
17 Concordância Verbal
17.1. Teoria e Exemplos Comentados
17.1.1. Concordância verbal: Parte I – Tipos de sujeito
17.1.2. Concordância verbal: Parte II – Casos especiais
17.2. Exemplos comentados
17.3. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (com gabarito no final)
17.4. QUESTÕES DE CONCURSOs COMENTADAS
17.5. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (com gabarito no final)
17.6. RESUMO
18 Regência Verbal
18.1. Teoria e Exemplos comentados
18.1.1. Regência dos verbos mais pedidos em provas

18.2. Regência com Pronome Relativo
18.2.1. Uso de preposição que antecede o pronome relativo
18.2.2. Uso de onde, aonde, donde
18.3. Exercícios de Fixação (com gabarito no final)
18.4. Questões de Concursos Comentadas
18.5. Questões de Concursos Propostas (com gabarito No final)
19 Crase
19.1. Teoria e Exemplos comentados
19.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (com gabarito no final)
19.3. QUESTÕES DE CONCURSOs COMENTADAS
19.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (com gabarito No final)
19.5. RESUMO
20 Pontuação
20.1. Teoria e Exemplos Comentados
20.1.1. Vírgula
20.1.2. Ponto e vírgula
20.1.3. Dois-pontos
20.1.4. Aspas
20.1.5. Travessões
20.1.6. Parênteses
20.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (com gabarito no final)
20.3. Questões de Concursos Comentadas
20.4. Questões de Concursos Propostas (com gabarito no final)
20.5. RESUMO
21 As Palavras Que e Se
21.1. Teoria e Exemplos comentados
21.1.1. A palavra que
21.1.2. A palavra se

21.2. Exercícios de fixação (com gabarito no final)
21.3. Questões de Concursos Propostas (com gabarito no final)
21.4. RESUMO
22 Figuras de Linguagem
22.1. Teoria sucinta
22.1.1. Figuras de palavras
22.1.2. Figuras de sintaxe
22.1.3. Figuras de pensamento
22.2. Questões de concursoS Propostas (com gabarito no final)
Parte IV - Interpretação de textos
23 Tipologia Textual
23.1. Teoria e Exemplos comentados
23.1.1. Os modos e os tipos de texto
23.1.2. A narração
23.1.3. A narração e os tempos verbais
23.1.4. A narração e a descrição
23.1.5. A descrição
23.1.6. A dissertação
23.1.7. Tipologia textual – esquema
23.1.8. Enunciados de tipologia textual
23.2. Exemplos comentados
23.3. Questões de Concursos Comentadas
23.4. Questões de ConcursoS Propostas (com Gabarito no final)
24 Estruturação Argumentativa
24.1. Teoria Resumida
24.1.1. O parágrafo argumentativo
24.1.2. O tópico frasal
24.1.3. A estruturação do parágrafo argumentativo

24.1.4. Análise da estruturação do parágrafo

24.1.5. Como expandir o parágrafo

24.2. Exemplos Comentados

24.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

24.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

25 Coesão e Coerência

25.1. Teoria e Exemplos Comentados

25.2. questões de concursoS Comentadas

25.3. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

Referências

ADRIANA FIGUEIREDO

Graduada em Letras (Português-Inglês) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com especialização em Leitura e Produção textual. Ex-Analista Judiciária do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro. Tem experiência de mais de quinze anos na área de concursos públicos, lecionando em diversos cursos preparatórios.
Atualmente trabalha com Turmas Básicas e de Exercícios, além de cursos de Redação e Interpretação de Textos, nas modalidades ao vivo e *on-line*, nos cursos do Núcleo de Estudos Alessandro Ferraz (NEAF), entre outros.

Quase sempre o apego é a causa do insucesso.

Mokiti Okada

Agradecimentos

Ao meu amado marido, Marcelo, amigo, parceiro, meu maior incentivador.

Aos meus filhos, Fernanda, Guilherme e Nicholas, luzes da minha vida.

Aos meus alunos amigos, que sempre foram a razão da minha constante busca pela melhor maneira de ensinar.

Prefácio

Altíloqua, **b**enévola, **c**élebre, **d**escomunal, **e**minente... **z**elosa – mesmo buscando todas as letras do alfabeto ainda continua impossível encontrar aquele vocábulo que sintetize todas as características de Adriana Figueiredo. Mas encontramos ao menos uma palavra perfeita para adjetivar a **f**abulosa e **g**enerosa mestre: **h**eroica, na conjugação da maternidade com o magistério.

Ao longo de vinte anos de magistério, Adriana foi seguidas vezes **l**aureada pelos alunos, sendo que vários se tornaram seus discípulos, consagrando-se, ela, sem exagero, a **m**elhor professora de Língua Portuguesa do segmento de concursos públicos e, como consequência natural, **n**otável autora.

Paulo Freire frisa que todo professor, ao passar pela vida de um aluno, deixa sua marca. A marca de Adriana é fazer crer que todos são capazes de aprender e compreender a Língua Portuguesa, que não existe mistério, fórmula mágica ou estrutura pré-moldada. O que há: compreensão. Adriana transforma cada aluno em protagonista do aprendizado – técnica dominada por poucos – propiciando o raciocínio para a descoberta dos segredos da Língua Portuguesa. Isso se materializa nesta obra.

É muito difícil a um professor não desejar ensinar. Peço licença, portanto, para uma singela lição. Fórmulas, bússolas, macetes, nada disso é eficaz e perpétuo. A preparação para concursos públicos sofre uma profunda transformação nos últimos anos. As bancas, cada vez mais, exploram questões valorativas do raciocínio. A famigerada decoreba desacompanhada da compreensão perde espaço com celeridade. É preciso que o candidato tenha materiais propiciadores do aprendizado profundo, com qualidade e objetividade. Desse modo, *Gramática comentada com interpretação de textos para concursos* cumpre sua função com maestria, sendo **o**portuna e **p**recisa.

Afirmo, sem receio, que a **q**uerida Adriana, no exercício do magistério e nesta obra, une a morfologia com a sintaxe de forma reluzente, desmitificando a Língua Portuguesa, tornando-a acessível a todos e, com isso, aniquilando todas as dificuldades.

Gramática comentada com interpretação de textos para concursos é, nesse sentido, um marco no segmento de concursos públicos, transformando a Língua Portuguesa, uma das disciplinas temidas pelos candidatos e explorada com afinco pelas bancas, uma matéria acessível e, por conseguinte, fácil de ser compreendida.

A obra compõe-se de 25 capítulos, estruturados em três etapas. A primeira, destinada à teoria, apresentada de forma objetiva e profunda, não causando perda de tempo ao candidato. A segunda etapa

destina-se aos exercícios de fixação. São testes diretos e sucintos, todos comentados. Dessa maneira, o aluno revê a teoria e a fixa, estando, ao final, apto a encarar a última etapa, que são as questões de concursos anteriores. É o método ideal, que deveria ser utilizado em todas as disciplinas: teoria, fixação por meio de exercício e provas anteriores.

Ao cumprir todos os ciclos nos diversos capítulos, o leitor verificará ser o livro **s**imples – dom dos sábios –, **t**eórico – raridade no mundo contemporâneo – e, por conseguinte, **ú**nico.

Atualmente, o candidato não pode perder tempo com materiais complexos e oblíquos – características inexistentes nesta obra. *Gramática comentada com interpretação de textos para concursos* propicia ao leitor aquilo de que ele mais necessita: um aprendizado **v**ertiginoso da Língua Portuguesa num ritmo **w**agneriano. A dualidade simplicidade/aprofundamento teórico conduz ao **X** da questão. A união de estruturas opostas é algo difícil; para muitos, impossível e, contudo, perfeita. Utilizando-se dos ensinamentos orientais, Adriana realizou uma obra ***yin-yang***.

Ao final do livro, o leitor verificará que este trabalho não agrada apenas a Fernanda, Guilherme, Nicholas, Marcelo, alunos, discípulos e amigos da Adriana, mas a todos.

Caro leitor, uma excelente obra está em suas mãos. Delicie-se.

Rio de Janeiro, fevereiro de 2015.

Carlos Eduardo Guerra de Moraes
Professor da Faculdade de Direito da Universidade
do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e do
Centro de Estudos Guerra de Moraes (CEGM).
Diretor da Faculdade de Direito da Universidade
do Estado do Rio de Janeiro (UERJ),
quadriênio março de 2012 a março de 2016.
Advogado.

Apresentação

Esta obra, com uma metodologia resultante de anos de experiência em sala de aula, compreende as **três etapas** que consideramos essenciais para assegurar uma abordagem prática e objetiva do aprendizado:

A **primeira** é a apresentação de teoria, que é desenvolvida de forma lógica, para que o leitor não se perca em meio a uma série de informações amontoadas. Dicas essenciais são sinalizadas durante a apresentação do conteúdo. Além disso, em cada tópico, há os exemplos comentados, que ajudarão no esclarecimento dos conceitos. São frases, seguidas de sua explicação.

Na **segunda etapa**, expandem-se os conceitos aprendidos com questões de concursos, referentes a todos os tópicos do capítulo, detalhadamente comentadas. Nos comentários de cada questão, contrapõe-se a alternativa certa às erradas, explicando-se item por item.

O objetivo da **terceira etapa** é aprofundar o aprendizado. Para isso, nos tópicos mais complexos, você vai treinar à exaustão, com uma bateria de exercícios de fixação: frases simples selecionadas para praticar a essência da teoria e os fundamentos-chave aprendidos. Por fim, ao final de cada capítulo, selecionamos questões, com gabarito, das principais instituições organizadoras de concursos público, para que o leitor tenha uma preparação completa. Quem sabe Português se prepara para qualquer concurso.

Além disso, um benefício: para os tópicos mais frequentes em concursos, há um resumo, essencial para sistematizar o conteúdo apreendido e facilitar a resolução de questões de provas.

Quanto aos assuntos, esta gramática está dividida em quatro partes: **Ortografia e semântica; Morfologia; Sintaxe;** e **Interpretação de textos.**

Procurei, sempre que possível, utilizar uma linguagem informal, que facilitasse seus estudos. Esta é a gramática que elaborei para você: com uma linguagem simples e lógica, como deve ser o aprendizado da nossa língua.

Tudo isso faz com que esta gramática tenha este diferencial no mercado: ela é completa. Gramática com interpretação de textos. E comentada. Tudo isso em um só livro.

A Autora

Parte I

Ortografia e semântica

1 ESTUDO DA SÍLABA

1.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

1.1.1. Sílaba tônica

Para começar, faremos uma revisão de **ortografia**. Você sabe o que significa sílaba tônica? **Sílaba tônica** é a sílaba da palavra que é pronunciada com maior intensidade. Quanto à posição da sílaba tônica, as palavras classificam-se em:

a) oxítonas – a sílaba tônica é a última da palavra:

maracu**já**, ca**fé**, recom**por**

b) paroxítonas – a sílaba tônica é a penúltima da palavra:

ca**dei**ra, ca**rá**ter, **me**sa

c) proparoxítonas – a sílaba tônica é a antepenúltima da palavra:

sílaba, meta**fí**sica, **lâm**pada

Para o estudo das regras de acentuação gráfica, também será preciso que você entenda a diferença de um monossílabo átono para um monossílabo tônico. **Monossílabos átonos** são aqueles que são pronunciados com pouca intensidade no interior da frase. Veja um exemplo:

O menino **me** perguntou quando **lhe** entregarei **o** pedido.

Observe que os monossílabos grifados acima são pronunciados de forma tão fraca, que muitos, por exemplo, pronunciariam o **me** como /**mi**/, o **lhe** como /**lhi**/, o **o** como /**u**/. São tão *fracos* que se descaracterizam ao serem pronunciados.

Já os **monossílabos tônicos** são aqueles que são pronunciados com bastante intensidade no interior da frase. Veja:

No **mês** passado, **tu** disseste a **mim** que sentias **dor** de dente.

1.1.2. Encontros vocálicos

Você sabe a diferença entre encontros vocálicos, encontros consonantais e dígrafos? **Encontros vocálicos** são agrupamentos de vogais ou de vogais e semivogais sem consoante intermediária. Há três tipos de encontros vocálicos: o ditongo, o tritongo e o hiato. **Ditongo** é o encontro de uma vogal e uma semivogal, ou vice-versa, na mesma sílaba. Há quatro tipos de ditongo: no ditongo **crescente**, a semivogal vem antes da vogal (lír**io**, q**ua**ndo, freq**ue**nte). É quando se vai do som mais fraco para o

mais forte. Há também o ditongo **decrescente**, em que a vogal vem antes da semivogal (p**ai**, p**õe**). Aqui, ocorre o contrário: vai-se do som mais forte para o mais fraco, por isso, ele é *decrescente.* Além desses dois tipos, o ditongo pode ser **oral**, quando a vogal é oral (mág**oa**) ou **nasal**, quando a vogal é nasal (m**ão**).

Além do ditongo, há outros dois tipos de encontros vocálicos: o **tritongo**, que é o encontro de semivogal+vogal+semivogal, nessa ordem, na mesma sílaba. Veja:

Parag**uai**, q**uão**.

E, por fim, o **hiato**, que é o encontro imediato de duas vogais, em sílabas distintas. Assim:

R**ai**z, s**aú**de.

1.1.3. Encontros consonantais

Além dos encontros vocálicos, existem os **encontros consonantais**, que são grupos formados por mais de uma consoante sem vogal intermediária. Observe:

Blusa, **pr**ata, a**ft**a, a**pn**eia.

Repare que as consoantes vêm uma seguida da outra, na mesma sílaba, ou em sílabas distintas. Separe as sílabas e você verá: **bl**u-sa, **pr**a-ta, a**f-t**a, a**p-n**eia.

1.1.4. Dígrafo

Agora, o grande cuidado que você deve ter é para não confundir encontro consonantal com dígrafo. No encontro consonantal, as duas consoantes são pronunciadas, já no dígrafo, as duas letras possuem um único som: ou seja, uma delas não é pronunciada. Observe atentamente o conceito de dígrafo:

Dígrafo é o encontro de duas letras para representar um único fonema. Podem ser consonantais ou vocálicos. **Dígrafos consonantais** são aqueles em que as duas consoantes representam um único som (ch, lh, nh, rr, sc, sç, ss, xc, gu, qu). As gramáticas dizem que são dois grafemas para um único fonema. Veja os exemplos:

Chave, te**lh**a, ni**nh**o, ca**rr**o, cre**sc**er, na**sç**o, e**xc**eto, **gu**e**rr**a, **qu**ilo.

Entenda que aqui não temos um encontro consonantal *porque uma das consoantes não é pronunciada.* Trata-se, portanto, de dígrafo consonantal.

Já os **dígrafos vocálicos** são aqueles em que a vogal é nasalizada por um **m** ou um **n** que venha na sequência (am, an, em, en, im, in, om, on, um, un). Observe:

T**am**pa, t**em**po, t**in**ta, b**om**ba, c**on**ta, b**um**bo, f**un**do.

Atenção: As letras m e n não representam consoantes, apenas indicam que a vogal anterior é nasal.

Devidamente entendidos quanto à diferença entre encontros vocálicos, encontros consonantais e dígrafos? Vamos fazer um exercício para cada conceito, antes de estudarmos as regras de acentuação gráfica. Aproveitaremos os exercícios também para você relembrar como se separam as sílabas das palavras. Tempos bons aqueles...

1. Identifique os encontros vocálicos das palavras a seguir.

a) saguão

Resposta: sa-g**uão** – **tritongo**

b) ruim

Resposta: r**u-i**m – **hiato**

c) séria

Resposta: sé-r**ia** – **ditongo crescente**

d) seria

Resposta: se-r**i-a** – **hiato**

e) enxaguais

Resposta: en-xa-g**uais** – **tritongo**

en-xa-guais – **dígrafo vocálico**

f) álcoois

Resposta: ál-c**o-o**is – **hiato**

ál-co-**oi**s – **ditongo decrescente**

g) minguou

Resposta: min-g**uou** – **tritongo**

m**in**-guou – **dígrafo vocálico**

h) quieto

Resposta: q**ui**-e-to – **dígrafo**

qu**i-e**-to – **hiato**

i) voo

Resposta: v**o-o** – **hiato**

2. Identifique os encontros consonantais a seguir.

a) Castro

Resposta: Cas-**tr**o

b) flecha

Resposta: **fl**e-cha

c) ritmo

Resposta: ri**t-m**o

d) trabalho

Resposta: **tr**a-ba-lho

3. Reconheça os dígrafos.

a) prorromper

Respostas: pro**rr*om***per (**rr** / **om**)

b) digníssimo

Resposta: digní**ss**imo (**ss**)

c) aquele

Resposta: a**qu**ele (**qu**)

d) triunfo

Resposta: tri**un**fo (**un**)

e) quem

Resposta: **qu**em (**qu**)

1.2. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (Banco do Brasil) Noite:

a) hiato.
b) ditongo.
c) tritongo.
d) dígrafo.
e) encontro consonantal.

2. (ITA) Dadas as palavras:

1. tung-stê-nio
2. bis-a-vô
3. du-e-lo

Constatamos que a separação silábica está correta:

a) apenas na palavra n. 1.
b) apenas na palavra n. 2.
c) apenas na palavra n. 3.
d) em todas as palavras.
e) n.d.a.

3. (ITA) Dadas as palavras:

1. des-a-len-to
2. sub-es-ti-mar
3. trans-tor-no,

Constatamos que a separação silábica está correta:
a) apenas na número 1.
b) apenas na número 2.
c) apenas na número 3.
d) em todas as palavras.
e) n.d.a.

4. (Aman) Assinale a opção em que a divisão silábica não está corretamente feita:
a) a-bai-xa-do
b) si-me-tria
c) es-fi-a-pa-da
d) ba-i-nhas
e) ha-vi-a

5. (Imes) Assinale a alternativa em que a palavra não tem as suas sílabas corretamente separadas:
a) in-te-lec-ção
b) cons-ci-ên-cia
c) oc-ci-pi-tal
d) psi-co-lo-gia
e) ca-a-tin-ga

6. (Furg-RS) A sequência de palavras cujas sílabas estão separadas corretamente é:
a) a-dje-ti-va-ção / im-per-do-á-vel / bo-ia-dei-ro
b) in-ter-ve-io / tec-no-lo-gi-a / su-bli-nhar
c) in-tu-i-to / co-ro-i-nha / pers-pec-ti-va
d) co-ro-lá-rio / subs-tan-ti-vo / bis-a-vó
e) flui-do / at-mos-fe-ra / in-ter-vei-o

7. (Furg-RS) Assinale a sequência em que todas as palavras estão partidas corretamente:
a) trans-a-tlân-ti-co, fi-el, sub-ro-gar
b) bis-a-vô, du-e-lo, fo-ga-réu
c) sub-lin-gual, bis-ne-to, de-ses-pe-rar
d) des-li-gar, sub-ju-gar, sub-scre-ver
e) cis-an-di-no, es-pé-cie, a-teu

8. (UFV-MG) As sílabas das palavras psicossocial e traído estão corretamente separadas

em:

a) psi-cos-so-ci-al / tra-í-do
b) p-si-cos-so-cial / tra-í-do
c) psi-co-sso-ci-al / traí-do
d) p-si-co-sso-cial / tra-í-do
e) psi-co-sso-cial / tra-í-do

9. (Acafe-SC) Na frase "No restaurante, onde entrei arrastando os cascos como um dromedário, resolvi-me ver livre das galochas", existem:

a) dois ditongos, sendo um crescente e um decrescente.
b) três ditongos, sendo dois crescentes e um decrescente.
c) três ditongos, sendo um crescente e dois decrescentes.
d) quatro ditongos, sendo dois crescentes e dois decrescentes.
e) quatro ditongos, sendo três crescentes e um decrescente.

10. (UEPG-PR) Nesta relação, as sílabas tônicas estão sublinhadas. Uma delas, porém, está sublinhada incorretamente. Assinale-a:

a) in-te-<u>rim</u>
b) pu-<u>di</u>-co
c) ru-<u>bri</u>-ca
d) gra-<u>tui</u>-to
e) i-nau-<u>di</u>-to

11. (Unirio) "O bom tempo passou e vieram as chuvas. Os animais todos, arrepiados, passavam os dias cochilando." No trecho, temos:

a) dois ditongos e três hiatos.
b) cinco ditongos e dois hiatos.
c) quatro ditongos e três hiatos.
d) três ditongos e três hiatos.
e) quatro ditongos e dois hiatos.

12. (Unirio) Assinale a melhor resposta. Em papagaio, temos:

a) um ditongo.
b) um trissílabo.
c) um dígrafo.
d) um proparoxítono.
e) um tritongo.

13. (Esaf) Indique a alternativa em que há erro(s) de divisão silábica:

a) res-sur-gir, a-ve-ri-güeis, vô-o, quais-quer
b) ca-í-ram, co-o-pe-rar, pig-meu, op-ção, cons-ti-tuin-tes
c) tu-a, ai-ro-so, e-gí-pcio, su-bs-tan-ti-vo, pneu-má-ti-co
d) ab-di-ca-ção, o-ci-den-tal, sor-rin-do, sou-bes-te, mne-mô-ni-ca
e) a-do-les-cen-te, mai-o-res, sub-ju-gar, me-lan-co-li-a, cir-cui-to

14. (ESPCEX) Assinale a alternativa correta quanto à divisão silábica das palavras dadas:

a) sa-gu-ão, mín-guam, a-bs-tra-to, de-lin-qüi-u, plúm-beo

b) fric-ção, rit-mo, pneu-má-ti-co, cai-ais, bo-ê-mia
c) mag-ne-tis-mo, en-xa-güei, ni-nha-ri-a, res-pe-i-to, mei-os
d) su-blo-car, ca-iu, re-ce-pção, a-cces-sí-vel, subs-cre-ver
e) coi-ta-do, trans-a-tlân-ti-co, pis-ci-na, suas, põem

15. (PUC-RS) Aponte o único conjunto onde há erro na divisão silábica:
a) flui-do, sa-guão, dig-no
b) cir-cuns-cre-ver, trans-cen-den-tal, tran-sal-pi-no
c) con-vic-ção, tung-stê-nio, rit-mo
d) ins-tru-ir, an-te-pas-sa-do, se-cre-ta-ri-a
e) co-o-pe-rar, dis-tân-cia, bi-sa-vô

16. (UFF) Apenas num dos seguintes casos a divisão silábica não está feita de acordo com as normas vigentes. Assinale-o:
a) tran-sa-tlân-ti-co
b) ab-di-ca-ção
c) subs-ta-be-le-cer
d) fri-ís-si-mo
e) cis-an-di-no

17. (TRE-MG) Assinale a palavra que contém exemplo de ditongo decrescente e dígrafo:
a) companhia
b) exceção
c) répteis
d) cãimbra
e) gratuito

18. (TRE-MT) A separação de sílabas está incorreta na alternativa:
a) mi-nis-té-rio
b) ab-so-lu-tas
c) ne-nhu-ma
d) té-cni-co
e) res-sen-ti-men-tos

19. (TRE-MG) Ambas as palavras contêm exemplo de hiato em:
a) árduo / mãe
b) área / chapéu
c) diário / quota
d) pavio / moer
e) luar / anzóis

20. (TTN) Marque a alternativa correta quanto à divisão silábica:
a) fi-a-do, flui-do, ru-im
b) se-cre-ta-ri-a, ins-tru-ir, né-ctar
c) co-o-pe-rar, tung-stê-nio, i-guais
d) cir-cui-to, subs-cre-ver, a-po-te-ose
e) abs-ces-so, ri-tmo, sub-ju-gar

21. (Unirio) Assinale a opção em que o vocábulo apresenta ao mesmo tempo um encontro consonantal, um dígrafo consonantal e um ditongo fonético:

a) ninguém
b) coalhou
c) iam
d) nenhum
e) murcham

22. (TRT-ES) Leia o texto e assinale o item que apresenta correta divisão silábica: Atualmente, as plantas medicinais voltam a suscitar grande interesse, tanto na área dos profissionais da saúde como na própria sociedade.

a) mui-to / su-sci-tar
b) saú-de / so-cie-da-de
c) me-di-ci-na-is / sa-ú-de
d) sus-ci-tar / me-di-ci-nais
e) in-te-res-se / a-tual-men-te

Gabarito: 1. b; 2. c; 3. c; 4. b; 5. d; 6. e; 7. c; 8. a; 9. c; 10. a; 11. a; 12. a; 13. c; 14. b; 15. c; 16. e; 17. b; 18. d; 19. d; 20. a; 21. e; 22. d.

Finalmente, vamos às regras de acentuação gráfica. Destacamos aquelas que mudaram com o Novo Acordo Ortográfico no que se refere à acentuação gráfica, mantendo aquelas em que não houve alteração. Toda vez que apresentarmos uma regra que foi modificada segundo o Novo Acordo, vamos avisar, ok? Assim, você aprende as regras de acentuação ao mesmo tempo em que fica por dentro de tudo que mudou desde então.

2 ACENTUAÇÃO GRÁFICA (SOB O NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO)

2.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

2.1.1. Regra geral

1. Oxítonos: são acentuados os terminados em **a(s), e(s), o(s), em(ens)**.

Exs.: sofá(s), cajá(s), encontrá-lo, café(s), obtê-lo, avô, avó, dispô-lo, alguém, também, ele contém, ele intervém, armazéns, tu intervéns...

2. Paroxítonos: são acentuados os não terminados em **a(s), e(s), o(s), em(ens)** e os terminados em **ditongo**.

Exs.: cáqui, ônix, túnel, hífen, açúcar, bônus, ímã, Méier, destróier, bênção, órfão, túneis...

3. Proparoxítonos: todos são acentuados.

Exs.: lâmpada, médico, álibi, ínterim, álcool, alcoólicos...

Atenção: Pelo Novo Acordo, entram na regra dos proparoxítonos os chamados ocasionais, terminados em ditongo crescente (história, série...).

4. Monossílabos tônicos: terminados em **a(s), e(s), o(s)**.

Exs.: pá, gás, fé, mês, dó, pôs, pô-lo...

Para fixarmos essas regras iniciais, procure testar seus conhecimentos resolvendo esta questão do Cespe/UnB:

1. Em relação à acentuação gráfica, julgue os itens seguintes:

1) "Previsíveis" e "úteis" acentuam-se pela mesma razão.

2) Em "más", há emprego de acento diferencial.

3) Em "biquíni" e "ônus" o emprego do acento nas duas palavras tem a mesma justificativa.

4) Em "mantém", o acento se justifica para estabelecer a diferença com a forma da 3ª pessoa do plural.

Comentários:

Em (1), os dois vocábulos são paroxítonos terminados em ditongo.

Resposta: assertiva certa.

Em (2), o acento ocorre por ser palavra monossílaba terminada em *a(s)*, e não acento diferencial.

Resposta: assertiva errada.

Em (3), as duas palavras são paroxítonas e terminam em *i* e *us*.

Resposta: assertiva certa.

Em (4), o acento aparece por esse vocábulo ser oxítono terminado em *em*. Na 3ª pessoa do plural é que seria acentuado para estabelecer diferença com o singular (eles mantêm).

Resposta: assertiva errada.

2.1.2. Outros casos

1. Ditongos abertos (éi, éu, ói): acento agudo nas palavras **oxítonas** e **monossílabos tônicos**.

Ex.: anéis, papéis, hotéis, pastéis, troféu, céu, réu, herói, dói, mói...

Atenção: Pelo Novo Acordo, não são acentuados os ditongos ei e oi de palavras paroxítonas terminadas em a, o.
Exs.: assembleia, heroico, ideia.

2. Quando a **2a vogal do hiato** for **"i" ou "u", tônica.**

Ex.: saída, saíste, caí, juíza, reúno, saúde, baú, Grajaú...

Observação 1: Se após a 2a vogal do hiato aparecer nh ou outra letra, sem ser o **s**, na mesma sílaba, não haverá acento:
Exs.: rainha, bainha, juiz, cairdes.

Observação 2: Não se acentua a 2a vogal do hiato em letras repetidas; não se acentua o primeiro o de palavras paroxítonas terminadas em oo:
Exs.: vadiice; voo, perdoo, abençoo.

Atenção 1: Pelo Novo Acordo, não se acentua o primeiro e das formas verbais terminadas em eem (verbos ler, ver, crer, dar e derivados). Observe: Eles veem, reveem, leem, releem, creem, deem.

Atenção 2: Pelo Novo Acordo, não se acentuam i e u quando formam hiato com um ditongo anterior.
Exs.: feiura, baiuca...
Exceção: as vogais tônicas i e u, em posição final, das palavras oxítonas precedidas de ditongo levam acento. Ex.: Piauí, teiú...

3. Acentos diferenciais: quanto aos acentos diferenciais, após o Novo Acordo Ortográfico, só permaneceram os seguintes:

a) ter, vir e derivados na **3ª pessoa do plural** do presente do indicativo.

Exs.: eles têm, retêm, vêm, intervêm;

b) de intensidade (que é o acento que diferencia um vocábulo átono do tônico): pôr (verbo no infinitivo), para diferenciar da preposição por;

c) de timbre, que é o acento que diferencia o timbre fechado do timbre aberto: pôde (3a pessoa do singular do pretérito perfeito), para diferenciar da forma pode (3ª pessoa do singular do presente do indicativo).

Observação: O Novo Acordo Ortográfico determinou também que o acento do substantivo *fôrma* seria facultativo, para diferenciar tal vocábulo do substantivo *forma*. Assim, o que se entende é que ele só seria utilizado nas situações em que se pudesse encontrar alguma dificuldade de intelecção. Por exemplo:

A *forma* da *fôrma* do bolo é criativa.

Aqui, se não usássemos o acento, o leitor poderia ter dificuldades para entender a essência da informação.

Veja agora duas questões do NCE/UFRJ que trata desses outros casos de acentuação. Procuramos, aqui, adaptá-la ao Novo Acordo.

1. Assinale a frase incorreta quanto à acentuação gráfica.

a) A funcionária remeterá os formulários até o início do próximo mês.

b) Ninguém poderia prever que a catástrofe traria tamanho ônus para o país.

c) Este vôo está atrasado: os senhores tem que embarcar pela ponte aerea e fazer conexão no Rio para Florianópolis.

d) O pronunciamento feito pelo diretor na assembleia revestia-se de caráter inadiável.

e) Segundo o regulamento em vigor, o órgão competente tomará as providências cabíveis.

Comentários: Na letra A, *funcionária*, *formulários* e *início* estariam na mesma regra. Pelo Novo Acordo, a tendência seria incluir essas palavras terminadas em ditongo crescente (*ia*, *io(s)*) na regra dos proparoxítonos. *Remeterá* e *até* seriam exemplos de oxítonos terminados em *a* e *e*. A palavra *próximo* é acentuada por ser proparoxítona. Em *mês*, teríamos um caso de monossílabo tônico terminado em *es*.

Na letra B, a palavra *ninguém* é acentuada por ser oxítono terminado em *em*; *catástrofe* é proparoxítona; *ônus* é paroxítono terminado em *us* e *país* entra na justificativa da 2ª vogal do hiato, *i*, tônica, seguida ou não de *s*.

Na letra C, pelo Novo Acordo, paroxítonas que dobram a vogal *o* não recebem mais acento. O verbo *ter*, na 3ª pessoal do plural, recebe acento circunflexo ("Este voo está atrasado: os senhores têm...").

Na letra D, o ditongo *ei*, em palavras paroxítonas terminadas em *a*, não recebe mais acento agudo. Em *caráter* e *inadiável*, temos palavras paroxítonas terminadas em *r* e *l*.

Na letra E, *órgão* e *cabíveis* estariam na justificativa dos paroxítonos terminados em ditongo (ór--gão; ca-bí-veis). *Tomará*, oxítono terminado em *a,* e *providências*, pelo Novo Acordo, seria proparoxítona em ditongo crescente (proparoxítonas aparentes).

Resposta: C.

2. Quanto à acentuação, marque a(s) forma(s) correta(s):

a) Itaipú / Icaraí

Comentários: Não se acentua oxítono terminado em **u**. Em Icaraí, temos a vogal **i** como 2ª do hiato, tônica, acentuada.

Resposta: Icaraí.

b) Bocaiúva / chapéu

Comentários: A palavra Bocaiuva não recebe acento porque, embora a vogal **u** seja a 2a do hiato, vem antecedida de ditongo (regra 3 – obs.: c). Os ditongos **éi**, **éu** e **ói** continuam a receber acento quando forem **oxítonos** e **monossílabos**.

Resposta: chapéu.

c) pôr (verbo) / pára (verbo)

Comentários: Dos acentos diferenciais de intensidade, só o verbo **pôr** será acentuado, para diferir da preposição **por**. Os outros caíram (para, pelo, polo, pera...).

Resposta: pôr.

d) gratuíto / eu traí

Comentários: Embora na oralidade algumas pessoas pronunciem **gratuito** com o *i* tônico, isso não ocorre. A pronúncia correta é como ditongo (gra-tui-to) e não grã-tu-í-to. **Traí** recebe acento porque o **i** aparece como 2ª vogal do hiato, tônica.

Resposta: traí.

e) enjôo / eles provêm

Comentários: O acento no 1º **o** de vocábulos paroxítonos em **oo** caiu. Já nos verbos *ter*, *vir* e

derivados, na **3ª pessoa do plural** do presente do indicativo, o acento se mantém, não houve alteração dessa regra (eles têm, retêm, vêm, intervêm...).

Resposta: eles provêm (= provir, derivado de *vir*) .

f) eles prevêem / ele prevê

Comentários: O acento no primeiro **e** dos verbos *ler*, *ver*, *crer*, *dar* e *derivados* não se usa mais. Agora fica: eles leem, veem, creem, deem etc. Em **ele prevê** temos a regra do oxítono terminado em **e**.

Resposta: ele prevê.

g) destróier / heróico

Comentários: Os ditongos **ei** e **oi**, em palavras **paroxítonas** com pronúncia aberta, não recebem mais acento, à exceção dos terminados em *r*, pois entram na regra geral (paroxítono terminado em **r** é acentuado: açúcar, caráter, destróier...). Em **heroico** temos paroxítono terminado em *o*, daí não receber acento.

Resposta: destróier.

h) eu apóio / o apoio

Comentários: Os ditongos *oi* e *ei*, paroxítonos com pronúncia aberta, deixam de receber acento quando terminam em *o(s)*, *a(s)* (heroico, europeia, ideia...). Em *o apoio*, este *o* tem pronuncia fechada, é o substantivo.

Resposta: o apoio.

i) ele detém / eles detêem

Comentários: O verbo **deter** na 3ª pessoa do singular recebe acento por ser um oxítono terminado em **em** (armazém, ninguém, ele detém...). Esse verbo, na 3ª pessoa do plural, **não** dobra a letra **e**: eles detêm (verbos **ter**, **vir** e **derivados**, na 3ª pessoa do plural, um **e** e acento circunflexo).

Resposta: ele detém.

j) pêra (subst.) / pôneis

Comentários: O substantivo **pera**, com a nova reforma, perdeu o acento circunflexo. Em **pôneis**, o acento se dá por ser esse vocábulo um paroxítono terminado em ditongo.

Resposta: pôneis.

k) "Ele reconstrói a imagem colocando sobre ela elementos de uso cotidiano, como molho de tomate, geleia de amora e soldadinho de plástico em forma de mosaico."

Comentários: Nessa frase, aparecem os ditongos **oi** e **ei**. Em *reconstrói*, usaremos o acento, pois esse vocábulo é oxítono. Já em *geleia* isso não ocorrerá, já que essa palavra é paroxítona, casos em que esse ditongo não é mais acentuado. Plástico é proparoxítono.

Resposta: geleia / reconstrói / plástico.

E o **trema?** Foi totalmente abolido. A pronúncia, porém, continua a mesma. Ninguém por aí vai deixar de falar **linguiça** e **pinguim** como falava anteriormente, só porque o trema desapareceu.

Ex.: questão, tranquilo, iniquidade, consequência, pinguim, sequestro, frequência, cinquenta, aguentar, arguir, averiguemos, quinquênio, antiguidade, liquidação, sanguíneo...

2.2. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (Vunesp - TJ-SP - Escrevente Técnico Judiciário) Assinale a alternativa com as palavras acentuadas segundo as regras de acentuação, respectivamente, de *intercâmbio* e *antropológico*.

a) distúrbio e acórdão.
b) máquina e jiló.
c) alvará e vândalo.
d) consciência e características.
e) órgão e órfãs.

2. (Vunesp – TJ-SP – Analista de Sistemas) "Justiça absolve frentista acusado de participação em furto

O juiz Luiz Fernando Migliori Prestes, da 22ª Vara Criminal Central da Capital, julgou improcedente ação penal proposta contra frentista acusado de furto em seu local de trabalho.

Segundo consta da denúncia, A. L. A. R. teria permitido que W. F. O., cliente do posto de gasolina, usasse a máquina de cartões de crédito do local para fazer saques, mesmo sabendo que o cartão era roubado. Ele afirmou que desconhecia a origem ilícita do cartão.

Ao ser interrogado, W. F. O. caiu em contradição quando perguntado sobre a quantia paga ao funcionário para permitir as operações, fato que, no entendimento do magistrado, tornou o conjunto probatório frágil para embasar uma condenação. "Daí, insuficientes as provas produzidas para um decreto condenatório ante a falta de demonstração suficiente de que A. L. A. R. agiu com dolo, no que a improcedência da ação penal se impõe."

Com base nessa fundamentação, absolveu o frentista da acusação de furto qualificado.

Seguem a mesma regra de acentuação gráfica relativa às palavras paroxítonas:

a) probatório; condenatório; crédito.
b) máquina; denúncia; ilícita.
c) denúncia; funcionário; improcedência.
d) máquina; improcedência; probatório.
e) condenatório; funcionário; frágil.

3. (Vunesp – TJ-SP – Assistente Social) Observe as palavras acentuadas, em destaque no seguinte texto:

A **Itália** empreende atualmente uma revolução em sua indústria **vinícola**, apresentando modernos e dinâmicos vinhos, não abandonando seu **inigualável** caráter gastronômico.

Assinale a alternativa cujas palavras são acentuadas, respectivamente, segundo as regras que determinam a acentuação das palavras destacadas no texto.

a) saída; mostrará; hífen.
b) comprá-la; político; nível.
c) ócio; fenômeno; inútil.
d) dá-lo; anônima; estéril.
e) eólica; órfã; ninguém.

4. (Vunesp - TJ-MT - Técnico Judiciário) Assinale a alternativa em que, de acordo com a norma culta, todas as palavras estão corretamente escritas e acentuadas graficamente.

a) A principal finalidade de um assistênte digital pessoal (PDA) é atuar como um organisador eletrônico ou agenda portatil de planejamento diário.
b) O PDA permite o compartiliamento de informações com o PC, ele deve ser uma extenção do PC, não um subistituto.
c) E ainda mais, os fabricantes combinaram os PDAs com telefones celulares, reprodutores multimídia e outros equipamentos eletrônicos.
d) Os PDAs, também chamados de palmtops, definitivamente evoluiram ao longo dos anos; eles não sómente gerenciam informações pessoais, como contatos, compromiços e listas de coisas a fazer.
e) Os dispozitivos de hoje também podem se conectar à internet, atuar como aparelhos de posicionamento global (GPS) e ezecutar software multimídia.

5. (Fundatec) Analise as afirmações abaixo, assinalando V, se verdadeiras, ou F, se falsas.

( ) Em bastasse, ocorre um dígrafo.
( ) Na palavra vizinhança, há mais fonemas que letras.
( ) No vocábulo interesse, há 9 letras e 7 fonemas.
( ) Na palavra etiqueta, ocorre dígrafo.
( ) Em trabalha, há dois encontros consonantais.

A ordem correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:

a) V – V – V – V – V
b) V – F – V – V – F
c) F – V – F – V – F
d) V – F – V – F – V
e) F – F – F – F – F

6. (Fundatec) Sobre o uso de acentos gráficos em palavras do texto, afirma-se que:

I. impróprias e escritório são acentuadas em virtude da mesma regra.
II. A palavra é recebe acento gráfico para diferenciá-la de sua parônima e.
III. As palavras difícil e provável são acentuadas em razão de regras distintas.

Quais estão INCORRETAS?

a) Apenas I.
b) Apenas II.
c) Apenas I e II.
d) Apenas II e III.

e) I, II e III.

7. (Fundatec) Analise as afirmações que são feitas em relação a palavras retiradas do texto.

I. Nas palavras “utilizam” e “exigiam”, as letras sublinhadas representam o mesmo fonema.

II. “conhecimento” e “erguida” possuem mais fonemas que letras.

III. Ambas as palavras “filhos” e “tecnologia” possuem dígrafos que representam consoantes. Quais estão INCORRETAS?

a) Apenas I.

b) Apenas II.

c) Apenas III.

d) Apenas I e II.

e) Apenas II e III.

Leia o texto a seguir para responder à questão 8.

Cochilo reparador

Você acordou cedo, trabalhou a manhã toda e, depois do almoço, é acometido aquela bobeira_____, capaz de roubar toda a sua energia ou transformar sua habitual disposição em preguiça. Nessa hora, tudo o que você deseja é se entregar à _____ e restabelecer seu estado de ânimo com uma simples e despretensiosa sonequinha. Mas será que 10 minutinhos adiantam?

Os especialistas garantem que esse tempo destinado descanso já é válido. O período ideal recomendado, no entanto, é de 30 minutos, em média. Uma soneca com mais de uma hora já faz o ciclo completo do sono. ”Pesquisas evidenciaram que, considerando adultos saudáveis, um cochilo de até 30 minutos pode melhorar a capacidade cognitiva, a memória e o aprendizado no restante do dia” – ressalta o neurologista Alan Christmann Fröhlich, especialista em medicina do sono. O médico lembra, entretanto, que sonecas mais prolongadas podem causar um efeito chamado inércia do sono, em que ocorre uma piora temporária da performance cognitiva e do humor após o despertar.

Visto com resistência por gestores mais conservadores e com simpatia pelos mais liberais, o cochilo durante o expediente pode devolver parte da qualidade de vida perdida em meio à correria cotidiana.

– A população está dormindo menos. A privação de sono pode causar vários problemas de saúde, cognitivos, de aprendizado, de memória e alterações no humor. O ideal é se organizar para dormir mais, mas quando não dá, a soneca ajuda muito – diz Fábio Haggstram, pneumologista do Hospital São Lucas da PUCRS e da clínica PneumoSono.

Para um repouso tranquilo, algumas medidas são importantes. Consultora do sono, Renata Federighi explica que manter o quarto arejado, escuro e silencioso, usar travesseiros adequados e fazer refeições leves colaboram o bom descanso.

Hábito comum em países como Espanha, Itália e Argentina, a _____ é quase um luxo no Brasil. Por aqui, são raros os sortudos com flexibilidade de horário que têm o privilégio de dormir alguns minutos depois do almoço. Em terras espanholas, o comércio fecha ao meio-dia e só reabre perto das 15h, hábito que permite aos moradores descansarem antes do segundo turno de trabalho.

Mesmo na terra da “siesta”, nem todos são adeptos da prática. Por incrível que pareça, há quem reclame intervalo prolongado para a preguiça. O executivo espanhol Joan Gratacos, 43 anos, é um exemplo. Quando morava em Barcelona, não costumava fazer a pausa, como seus _____. Morando no Brasil há um ano e meio, ele comemora que o hábito não faça parte da cultura local:

– Adoro o horário comercial aqui, permite organizar melhor as necessidades de todo mundo.

(FONTE: texto adaptado – Zero Hora, 01/02/2014)

8. (Fundatec) Assinale a alternativa que completa, correta e respectivamente, as lacunas pontilhadas das linhas 01, 03, 21 e 27.

a) avaçaladora – lezeira – sesta – coterrâneos
b) avaçaladora – lezeira – sesta – conterrâneos
c) avassaladora – lezeira – cesta – coterrâneos
d) avassaladora – leseira – cesta – coterrâneos
e) avassaladora – leseira – sesta – conterrâneos

9. (Semcas – Psicólogo) Assinale a alternativa que contém afirmação correta, considerando a acentuação das palavras histórias, dicionários e cemitérios.

a) Não deveriam estar acentuadas, pois, não se acentuam proparoxítonas eventuais.
b) A maioria das oxítonas terminadas em "e" são acentuadas.
c) Ainda recebem acento as paroxítonas terminadas em ditongos crescentes.
d) Todas as palavras de duas ou mais sílabas possuem uma sílaba tônica, sobre a qual recai o acento prosódico.
e) Os ditongos, sempre que tiverem pronúncia aberta, são acentuados.

10. (Fundatec) Relativamente à palavra conexão, é correto afirmar que

a) possui dígrafo.
b) não possuiu ditongo.
c) o número de fonemas é menor que o número de letras.
d) possui tantas letras quanto fonemas.
e) possui mais fonemas que letras.

11. (IBGE) Assinale a opção cuja palavra não deve ser acentuada:

a) Todo ensino deveria ser gratuito.
b) Não ves que eu não tenho tempo?
c) É difícil lidar com pessoas sem carater.
d) Saberias dizer o conteudo da carta?
e) Veranópolis é uma cidade que não para de crescer.

12. (IBGE) Assinale a opção que contenha três palavras que devem receber acento gráfico:

a) Eles tem de, sozinhos, escolher os marmores da sala e prepara-la para a exposiçao.
b) A estrategia utilizada pelo jogador pos a rainha em perigo em tempo recorde.
c) Saimos do tribunal mas, por causa do tumulto, não conseguimos a rubrica dos juizes.
d) A quimica vem produzindo novas cores para as industrias de tecido.
e) Eles não veem o apoio que se da a qualquer pessoa que aqui vem pedir ajuda.

13. (Banco do Brasil) "Alem do trem, voces tem onibus, taxis e aviões."

a) 5 acentos
b) 4 acentos
c) 3 acentos
d) 2 acentos
e) 1 acento

14. (Banco do Brasil) Monossílabo tônico:

a) o

b) lhe
c) e
d) luz
e) com

15. (Banco do Brasil) Não leva acento:

a) atrai-la
b) supo-la
c) conduzi-la
d) vende-la
e) revista-la

16. (UF-PR) Assinale a alternativa em que todos os vocábulos são acentuados por serem oxítonos:

a) paletó, avô, pajé, café, jiló
b) parabéns, vêm, hífen, saí, oásis
c) você, capilé, Paraná, lápis, régua
d) amém, amável, filó, porém, além
e) caí, aí, ímã, ipê, abricó

17. (FGV-RJ) Assinale a alternativa que completa as frases:

I – Cada qual faz como melhor lhe ..... .
II – O que ..... estes frascos?
III – Nestes momentos os teóricos ..... os conceitos.
IV – Eles ..... a casa do necessário.

a) convém, contêm, reveem, proveem
b) convém, contém, reveem, provém
c) convém, contém, revêm, provém
d) convêm, contém, reveem, proveem
e) convêm, contêm, reveem, proveem

18. (Cesgranrio) Assinale a opção em que os vocábulos obedecem à mesma regra de acentuação gráfica:

a) pés, hóspedes
b) sulfúrea, distância
c) fosforescência, provém
d) últimos, terrível
e) satânico, porém

19. (Santa Casa) As palavras após e órgãos são acentuadas por serem respectivamente:

a) paroxítona terminada em s e proparoxítona.
b) oxítona terminada em o e paroxítona terminada em ditongo.
c) proparoxítona e paroxítona terminada em s.
d) monossílabo tônico e oxítona terminada em o, seguida de s.
e) proparoxítona e proparoxítona.

20. (Mack) Indique a alternativa em que nenhuma palavra é acentuada graficamente:

a) lapis, canoa, abacaxi, jovens
b) ruim, sozinho, aquele, traiu
c) saudade, onix, grau, orquidea
d) voo, legua, assim, tenis
e) flores, açucar, album, virus

21. (FGV-RJ) Assinale a alternativa em que todas as palavras estão corretamente grafadas:

a) raiz, raízes, sai, apóio, Grajau
b) carretéis, funis, índio, hifens, atrás
c) buriti, ápto, âmbar, dificil, almoço
d) órfão, afável, cândido, caráter, Cristovão
e) chapéu, rainha, tatu, fossil, conteúdo

22. (Viçosa) Todas as palavras abaixo obedecem à mesma regra de acentuação, exceto:

a) já
b) nós
c) pés
d) dói
e) há

23. (Eng. Itajubá) Nenhum dos vocábulos abaixo deve receber acento gráfico, exceto:

a) maligno
b) gratuito
c) degrau
d) improbo
e) item

24. (Banco do Brasil) Afirmativa falsa:

a) Dôce é acentuada graficamente.
b) Há acento indevido em raíz.
c) Falta acento em ruina.
d) Têm está acentuada por indicar plural.
e) Funil não deve ser acentuada graficamente.

25. (Banco do Brasil) Opção com as duas palavras grafadas incorretamente:

a) repôr, ítem
b) contínuo, órgão
c) atribuía, alô
d) revólver, parabéns
e) apóio, jaburú

26. (TRT) Assinale a alternativa em que todas as palavras são paroxítonas (foram omitidos os acentos):

a) rubrica – avaro – pegada – acrobata
b) mister – filantropo – misantropo – condor
c) pegaso – prototipo – arquetipo – rubrica

d) necromancia – quiromancia – ibero – nobel
e) nenhuma das anteriores

27. (TRE-MT) Segue a mesma regra de acentuação de país a palavra:
a) saúde
b) aliás
c) táxi
d) grêmios
e) heróis

28. (TRE-ES) "Aí" é acentuada pelo mesmo motivo de:
a) aquí
b) dá
c) é
d) baú
e) porém

29. (Liceu) Acentue as palavras abaixo e encontre a alternativa que corresponda, respectivamente, a róseo, tímida e encontrará:
a) Nobel, interim, papeis
b) condor, avaro, alguem
c) ruim, filantropo, condor
d) pudico, palida, mister
e) levedo, libido, ruim

30. (TRE-RJ) A alternativa que apresenta erro quanto à acentuação em um dos vocábulos é:
a) lápis – júri
b) bônus – hífen
c) ânsia – série
d) raízes – amável
e) Anhangabaú – bambú

31. (PUC-RJ) Aponte a opção em que as duas palavras são acentuadas devido à mesma regra:
a) saí – dói
b) relógio – própria
c) só – sóis
d) dá – custará
e) até – pé

Gabarito: 1. d; 2. c; 3. c; 4. c; 5. b; 6. d; 7. e; 8. e; 9. c; 10. e; 11. a; 12. a; 13. a; 14. d; 15. c; 16. a; 17. a; 18. b; 19. b; 20. b; 21. b; 22. d; 23. d; 24. a; 25. a; 26. a; 27. a; 28. d; 29. d; 30. e; 31. b.

Para memorizar as regras de acentuação gráfica é necessário... Vamos resumir o que você estudou?

2.3. RESUMO

- Em acentuação gráfica, temos quatro regras gerais (monossílabos, oxítonos, paroxítonos e proparoxítonos), dois casos especiais ("i"e "u" como segunda vogal do hiato e os ditongos abertos éi, éu e ói) e três acentos diferenciais.
- Memorize que a regra geral de acentuação das paroxítonas é o contrário das oxítonas, finais a(s), e(s), o(s), em(ens)
- O acento diferencial dos verbos ter, vir e derivados é o circunflexo (de plural).
- O Novo Acordo Ortográfico aboliu o acento dos ditongos ei, oi nas paroxítonas, os acentos do hiato oo e dos verbos crer, dar, ler, ver e derivados.

3 HÍFEN

3.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Agora, vamos ao estudo do hífen. Como muita coisa não se explica, procuramos preparar um material bem prático, principalmente para que você possa consultá-lo, já que a maioria dos materiais que temos visto por aí não agrupa as regras, dificultando, assim, até a consulta por parte do usuário da língua. Após observar as novas orientações, faça o exercício, consultando-as e, aos poucos, você irá internalizá-las. Vamos lá?

3.1.1. Prefixos

1. Com os prefixos **ante, anti, arqui, auto, circum, contra, entre, extra, hiper, infra, intra, semi, sobre, sub, ultra...;** ou falsos prefixos **aero, agro, anfi, audio, bio, eletro, foto, geo, hidro, macro, maxi, mega, micro, mini, multi, neo, orto, proto, pseudo, poli, retro, tele...:**

Emprega-se o hífen quando o 1º elemento termina por **vogal igual à que inicia o 2º elemento** e nas formações em que o 2º elemento começa por **h**:

Ex.: anti-inflamatório, arqui-inimigo, semi-interno, poli-insaturado, pseudo-occipital, eletro-óptico, sobre-estimar, auto-observação, contra-arrazoado, bio-história, poli-hidroxila, sub-horizonte, ultra-hiperbólico, neo-helênico etc.

Mas: coobrigação, coerdeiro (com o prefixo **co**, este se aglutina em geral com o 2º elemento).

Observação 1:
a) Se o 1o elemento terminar por vogal diferente daquela que inicia o 2o elemento, escreve-se junto, sem hífen.
Exs.: antiético, anteontem, agroindustrial, aeroespacial, eletroemissão, extraescolar, coeducação...
b) Quando o 1o elemento terminar por vogal e o 2o elemento começa por r ou s, devemos dobrar as consoantes, sem hífen.
Ex.: biorritmo, infrassom, microssistema, antessala, antirrepublicano, contrarréplica, minissubmarino, cossenhor...
c) Com os prefixos hiper, inter e super, usaremos hífen se o 2o elemento iniciar por h ou r.
Exs.: hiper-hedonista, inter-hemisfério, super-homem, hiper-requintado, inter-resistente, super-revista...
d) Haverá hífen com os prefixos circum e pan, quando o 2o elemento começar por vogal, m ou n (além de h, como aparece na regra 1).
Exs.: circum-escolar, circum-navegação, pan-africano, pan-negritude, pan-helenismo...

As mudanças que ocorreram relativas ao uso do hífen se concentram, em sua quase totalidade, nessa 1ª regra e nas observações ***a*** e ***b***. No restante, as regras são aquelas que já existiam. Daí a intenção de começar logo por elas, para efeito de memorização, já que, infelizmente, esse assunto requer muita prática para assimilar todas as regras.

Observação 2:
a) Se não houver perda do som da vogal final do 1o elemento, e o elemento seguinte começar com h, serão usadas as duas formas gráficas:
Exs.: cardi-hepático ou cardiepático; aero-hidropatia ou aeroidropatia.
b) Havendo perda do som da vogal do 1o elemento ou se as palavras já são de uso consagrado, deve ser escrita sem hífen.
Exs.: clorídrico, reidratar, reumanizar, reabilitar, reaver...
c) Com os prefixos des e in não se emprega o hífen quando o 2o elemento perde o h inicial; se a palavra não aparecer com função prefixal, não se emprega o hífen.
Exs.: desumano, desidratar, inábil, inumanidade; não violência, não alinhado...

2. Emprega-se o hífen nos compostos em que o 1º elemento é representado pelas formas **além**, **aquém**, **bem**, **ex, recém**, **sem**, **grão**, **grã**, **bel**, **soto**, **sota**, **vice**, **vizo**, **pré**, **pró**, **pós** (tônicos).

Exs.: além-mar, aquém-mar, bem-querer, bem-humorado(mas, benfazejo, benfeitor), recém--casado, sem-número, grã-cruz, ex-presidente, sota-capitão, sota-vento, vice-cônsul, vizo-rei, pré-escolar, pós-graduação, pró-germânico...

Obs.: a) **pre**, **pro**, **pos**, átonos, se aglutinam com o 2º elemento.

Exs.: precondicionamento, propor, pospor...

b) Emprega-se o hífen com a forma **mal**, quando forma com o 2º elemento uma unidade semântica e tal elemento começa por **vogal** ou **h**.

Exs.: mal-estar, mal-humorado etc.

3. Com os prefixos **ab**, **ob**, **sob**, **sub**, se o 2º elemento iniciar por **r** ou **b**, será empregado o hífen.

Exs.: sub-base, ab-reptício, ob-rogar, sub-reitor...

Obs.: com o prefixo **ad**, se o 2º elemento começar por **r** ou **d**, usaremos o hífen.

Ex.: ad-referendar, ad-digital...

3.1.2. Sufixos

O hífen emprega-se nos vocábulos terminados pelos sufixos **açu**, **guaçu**, **mirim**.

Exs.: capim-açu, Ceará-mirim...

3.1.3. Nomes compostos

Emprega-se o hífen nos compostos representados por substantivos, adjetivos, numerais e verbos; elementos repetidos; reduções; gentílicos derivados de topônimos compostos; compostos que designam espécies botânicas, zoológicas.

Exs.: decreto-lei, primeiro-ministro, alto-relevo, porta-aviões, tico-tico, grão-mestre, belo-horizontino, erva-doce, couve-flor, bem-me-quer...

Observação: Em geral, nas locuções de qualquer tipo não se usa o hífen, exceto em alguns casos que o uso já legitimou. Aqui é que mora um problema: o Novo Acordo fala que o hífen permanece os vocábulos que o uso validou, mas até você memorizar todos aqueles consagrados pelo

uso...
Exs.: café com leite, sala de jantar, pé de chinelo, disse me disse, bumba meu boi, dia a dia, comum de dois, ponto e vírgula...
Mas (consagrados pelo uso): água-de-colônia, cor-de-rosa, à queima-roupa, pé-de-meia, dois-pontos, mais-que-perfeito...

Vamos treinar?

I. Marque a forma correta.

1. contra-atacar / contraatacar

Comentários: Com o prefixo **contra**, usaremos hífen se a vogal inicial do 2º elemento iniciar por essa mesma vogal.

Resposta: contra-atacar.

2. anti-sociável / antissociável

Comentários: Ainda com relação à 1ª regra, o prefixo **anti** receberá hífen se a palavra seguinte começar pela mesma letra com que esse prefixo termina **i** ou começar por **h**. Logo, não recebe hífen. Se as letras que iniciarem o 2º elemento forem **s** ou **r**, dobramos essas consoantes (Obs.: b).

Resposta: antissociável.

3. mini-saia / minissaia

Comentários: O mesmo comentário. O prefixo termina por vogal e a palavra seguinte começa por **s**. Dobra-se essa letra.

Resposta: minissaia.

4. contra-balançar / contrabalançar

Comentários: Esse prefixo (**contra**) pertence à regra 1. Se o 2º elemento não começa pela mesma vogal com que esse prefixo termina (**a**), não há hífen.

Resposta: contrabalançar.

5. contra-regra / contrarregra

Comentários: Agora, esse mesmo prefixo vem seguido de palavra que começa por **r** (regra 1, obs.: b). Dobra-se essa consoante.

Resposta: contrarregra.

6. anti-imperialismo / antiimperialismo

Comentários: O prefixo **anti** termina em **i**. O 2º elemento (imperialismo) inicia por **i** (pela mesma vogal). Quando isso acontece, pelo Novo Acordo, hífen.

Resposta: anti-imperialismo.

7. anti-horário / antiorário

Comentários: A regra 1 mostra o uso do hífen em alguns prefixos que terminarem na mesma letra com que se inicia o 2º elemento ou se este começar por **h**.

Resposta: anti-horário.

8. mini-retrospectiva / minirretrospectiva

Comentários: Ainda a regra 1. O 2º elemento começa por **r**. Dobra-se essa consoante.

Resposta: minirretrospectiva.

9. co-seno / cosseno

Comentários: Prefixo **co** seguido da palavra que inicia por **s** (regra 1, obs.: b).

Resposta: cosseno.

10. micro-onda / microonda

Comentários: O prefixo **micro** termina em **o** e a palavra **onda** inicia por **o**, hífen.

Resposta: micro-onda.

11. hiper-realista / hiperrealista

Comentários: Agora, temos o prefixo **hiper**. A regra 1, obs.: c, diz que os prefixos **hiper**, **inter** e **super** recebem hífen se o 2º elemento começar por **h** ou **r**.

Resposta: hiper-realista.

12. sub-região / subrregião

13. sub-braquial / subraquial

Comentários: Na regra 3, aparece o prefixo **sub**. Será empregado o hífen se o 2º elemento iniciar por **r** ou **b**.

Respostas: sub-região / sub-braquial.

14. pré-gravação / pregravação

15. pré-estabelecido / preestabelecido

16. pré-eminente / preemininte

17. pró-britânico / probritânico

18. pró-romper / prorromper

19. pré-fixado / prefixado

Comentários:

Com os prefixos **pré**, **pró** e **pós**, haverá o uso do hífen se esses prefixos forem tônicos (acentuados). Se forem átonos, eles se aglutinam com o 2º elemento. O que ocorre é que, em relação à pronúncia de algumas palavras com esses prefixos, ocorrem vacilações. Afinal é pré-fixado ou prefixado? Vamos então às pronúncias corretas de alguns desses vocábulos:

Respostas: pré-gravação (tônica) / preestabelecido (átona) / preeminente (átona) / pró-britânico (tônica) / prorromper (átono) / prefixado (átono).

20. poli-híbrido / poliíbrido

Comentários: Voltando à regra 1, o prefixo **poli** receberá hífen se a palavra seguinte começar por **i** ou por **h.**

Resposta: poli-híbrido.

21. contra-indicação / contraindicação

Comentários: O prefixo **contra** termina em **a**, mas o 2º elemento não inicia por **a**, mas sim por outra vogal (regra 1, obs.: a).

Resposta: contraindicação.

22. contra-senso / contrassenso

Comentários: Se aparecerem as letras **r** ou **s** após os prefixos da regra 1, dobram-se essas consoantes.

Resposta: contrassenso.

23. infra-estrutura / infraestrutura

Comentários: Após o prefixo **infra**, usaremos o hífen se o 2º elemento iniciar por **a** ou **h**. Como a palavra **estrutura** inicia por **e**, o correto é sem hífen.

Resposta: infraestrutura.

24. auto-análise / autoanálise

Comentários: A explicação da anterior vale também para essa palavra. O prefixo **auto** termina em **o** e **análise** se inicia por **a**. Sem hífen, portanto.

Resposta: autoanálise.

25. ante-estreia / anteestreia

Comentários: Agora, a vogal que inicia o 2º elemento (**e**) é a mesma que finaliza o prefixo (**e**). Pelo Novo Acordo, hífen.

Resposta: ante-estreia.

26. ante-sala / antessala

Comentários: Após o prefixo **ante**, se o 2º elemento iniciar por **r** ou **s**, dobram-se essas consoantes. Se o 2º elemento iniciar por **e** ou **h**, hífen.

Respostas: antessala / ante-histórico.

27. mal-assombrado / malassombrado

Comentários: Com o prefixo **mal**, se o 2º elemento iniciar por **vogal** ou **h**, formando uma unidade semântica, hífen.

Resposta: mal-assombrado.

28. multi-racial / multirracial

Comentários: O prefixo **multi** é seguido de palavra iniciada por **r**. Dobra-se essa consoante.

Resposta: multirracial.

29. vice-imperador / viceimperador

Comentários: A regra 2 fala desse prefixo. Com as formas **além**, **aquém**, **bem**, **ex...vice...**, emprega-se o hífen, independentemente da vogal que inicia o 2º elemento.

Resposta: vice-imperador.

4 HOMÔNIMOS E PARÔNIMOS

4.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Vamos falar de semântica?

Antes de tudo, é preciso que você entenda a diferença entre homônimos e parônimos. **Homônimos** são vocábulos iguais (na pronúncia, na grafia ou em ambos), mas de sentido diferente. Subdividem-se em:

a) **homônimos homógrafos**: a grafia é igual, mas a pronúncia é diferente:

colher (verbo) / colher (substantivo)

b) **homônimos homófonos**: a pronúncia é igual, mas a grafia é diferente:

seção / sessão / cessão etc.

c) **homônimos perfeitos**: a pronúncia e a grafia são iguais:

lima (fruta) / lima (ferramenta)

Já os **Parônimos** são vocábulos semelhantes na pronúncia e na grafia, mas de sentidos diferentes. Ex.: eminente ≠ iminente; inflação ≠ infração etc.

Segue agora uma lista das palavras que mais geram dúvidas sobre seu significado. Achamos melhor sistematizar aqueles vocábulos que aparecem nas provas de concursos públicos e depois levar você logo aos exercícios, para que memorize os principais naturalmente, sem muito esforço, ok?

Quadro 4.1 – Homônimos e parônimos

Acender (pôr fogo)	Ascender (elevar-se, subir)
Acessório (secundário)	Assessório (relativo a assessor)
Apreçar (colocar o preço)	Apressar (correr, acelerar)
Arrear (pôr os arreios)	Arriar (abaixar, descer)
Asado (que tem asas, alado)	Azado (marcado, determinado)
Brocha (prego de cabeça larga e chata)	Broxa (pincel grande)
Caçar (perseguir animais)	Cassar (anular)
Cela (quarto pequeno)	Sela (arreio)
Cerrar (fechar)	Serrar (cortar)

Cesta (guarda objetos)	Sesta (descanso após o almoço)
Chá (bebida)	Xá (soberano do Irã)
Coser (costurar)	Cozer (cozinhar)
Deferir (despachar)	Diferir (divergir, discordar)
Descrição (enumeração)	Discrição (prudência, recato)
Descriminar (inocentar)	Discriminar (separar, distinguir)
Despercebido (sem ser notado)	Desapercebido (desatento)
Destratar (maltratar)	Distratar (anular, rescindir)
Discente (relativo a alunos)	Docente (que ensina, professor)
Eminente (elevado, sublime)	Iminente (ameaça acontecer)
Esbaforido (ofegante)	Espavorido (apavorado)
Esperto (inteligente, ativo)	Experto (experiente)
Espiar (observar)	Expiar (cumprir pena)
Esterno (osso do peito)	Externo (lado de fora)
Estrato (nuvem, camada)	Extrato (resumo)
Incerto (impreciso)	Inserto (introduzido)
Incipiente (inexperiente)	Insipiente (ignorante)
Infestado (invadido)	Enfestado (empinado, dobrado)
Infringir (transgredir, violar)	Infligir (aplicar a pena)
Intercessão (intervenção)	Interseção (corte, cruzamento)
Intimorato (destemido)	Intemerato (íntegro, puro)
Mandado (ordem judicial)	Mandato (procuração, incumbência)
Pleito (eleição, debate)	Preito (homenagem)
Prescrever (determinar, ordenar)	Proscrever (banir, expulsar)
Remissão (perdão, clemência)	Remição (libertação, resgate)
Retificar (corrigir)	Ratificar (confirmar)
Vultoso (volumoso)	Vultuoso (congestão na face)

4.2. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. Complete as lacunas com a expressão correta (entre parênteses):

"O _____ (cervo – servo) prendia-se nos arbustos, fugindo dos _____ (cartuchos – cartuxos) que

pipocavam por toda a _____ (área – aria);
a) cervo – cartuxos – área
b) servo – cartuchos – aria
c) cervo – cartuchos – área
d) servo – cartuchos – área
e) servo – cartuchos – aria

2. Complete as lacunas, com a expressão necessária, que consta nos parênteses:
É necessário _____ (cegar-segar) os galhos salientes do _____ (bucho-buxo), de modo a que se possa fazer _____ (xá-chá) com as folhas mais novas."
a) segar – buxo – chá
b) segar – bucho – xá
c) cegar – buxo – xá
d) cegar – bucha – chá
e) segar – bucha – xá

3. O _____ (emérito-imérito) causídico _____ (dilatou-delatou) o plano de fuga do meliante, que se encontrava na _____(eminência-iminência) de escapar da prisão:
a) emérito – delatou – iminência
b) imérito – dilatou – eminência
c) emérito – dilatou – iminência
d) imérito – delatou – iminência
e) emérito – dilatou – eminência

4. O _____ (extrato-estrato) da conta bancária é, por si só, insuficiente para cobrir o _____(cheque-xeque), ainda que haja algum capital (incerto-inserto).
a) extrato – xeque – inserto
b) estrato – cheque – incerto
c) extrato – cheque – inserto
d) estrato – xeque – incerto
e) extrato – xeque – incerto

5. Complete as lacunas usando adequadamente (mas / mais / mal / mau):
"Pedro e João ____ entraram em casa, perceberam que as coisas não iam bem,pois sua irmã caçula escolhera um ____ momento para comunicar aos pais que iria viajar nas férias; _____ seus dois irmãos deixaram os pais _____ sossegados quando disseram que a jovem iria com os primos e a tia."
a) mau – mal – mais – mas
b) mal – mal – mais – mais
c) mal – mau – mas – mais
d) mal – mau – mas – mas
e) mau – mau – mas – mais

6. Marque a alternativa que completa corretamente as lacunas:
"Estou _____ de que tais _____ deveriam ser _____ a bem da moralidade do serviço público."
a) cônscio – privilégios – extintos

b) côncio – privilégios – estintos
c) cônscio – privilégios – estintos
d) côncio – previlégios – estintos
e) cônscio – previlégios – extintos

7. Observe as orações seguintes:

I – Por que não apontas a vendedora por que foste ludibriado?
II – A secretária não informa por que linha, de ônibus chega-se ao escritório.
III – Por que será que o governo não divulga o porquê da inflação.
Há erro na grafia:
a) na I apenas.
b) em duas apenas.
c) na II apenas.
d) na III apenas.
e) em nenhuma.

8. Complete as lacunas com (estada / estadia /onde / aonde):

"_____ quer que eu me hospede, procuro logo saber o preço da _____, quanto custa a _____de um carro alugado, bem como _____ se possa ir à noite."
a) aonde – estadia – estada – onde
b) onde – estada – estadia – aonde
c) onde – estadia – estada – aonde
d) aonde – estada – estadia – onde
e) onde – estadia – estadia – aonde

9. Leia as frases abaixo:

1 – Assisti ao _____ do balé Bolshoi;
2 – Daqui _____ pouco vão dizer que _____ vida em Marte.
3 – As _____ da câmara são verdadeiros programas de humor.
4 – _____ dias que não falo com Alfredo.
Escolha a alternativa que oferece a seqüência correta de vocábulos para as lacunas existentes:
a) concerto – há – a – cessões – há
b) conserto – a – há – sessões – há
c) concerto – a – há – seções – a
d) concerto – a – há – sessões – há
e) conserto – há – a – sessões – a

10. Indique a alternativa que contém a seqüência necessária para completar as lacunas abaixo:

"A _____ de uma guerra nuclear provoca uma grande _____ na humanidade e a deixa _____com relação ao futuro da vida na terra."
a) espectativa – tensão – exitante
b) espectativa – tenção – hesitante
c) expectativa – tensão – hesitante
d) expectativa – tensão – hezitante
e) espectativa – tenção – exitante

Gabarito:1. c; 2. a; 3. a; 4. c; 5. c; 6. a; 7. e; 8. b; 9. d; 10. c.

5 USO DE POR QUE, POR QUÊ, PORQUE E PORQUÊ

5.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

As frases de 1 a 6 a seguir mostram as diferentes formas do "porquê". Antes de resolvermos os exercícios, vamos à explicação do uso deste vocábulo.

Em linhas gerais, podemos afirmar que "por que", separado sem acento, é usado em frases interrogativas, diretas ou indiretas (com ou sem ponto de interrogação), ou quando equivale a *pelo qual*, *pela qual* (nesse caso, o que será pronome relativo).
Se vier em final de período, sendo pronunciado, portanto, com tonicidade, será separado e com acento ("por quê").
O uso do "porque", junto sem acento, se dá quando se introduz uma explicação ou causa da oração anterior (= conjunção explicativa ou causal). Já o "porquê", junto com acento, é substantivo, vem determinado (antecedido de artigo ou de qualquer outro determinante).

Visto isso, seguem as frases.

1. _____ chegas sempre atrasado? (Por que / Por quê / Porque)

Comentários: A frase é interrogativa direta, vem com o ponto de interrogação.

Resposta: Por que.

2. As dificuldades _____ passamos são muitas. (por que / por quê / porque)

Comentários: Nessa frase, o "por que" equivale a *pelas quais* (As dificuldades pelas quais passamos...).

Resposta: por que.

3. Você saiu _____? (por que / por quê / porque)

Comentários: Agora, a frase é interrogativa e aparece em *final* de período. Separado com acento.

Resposta: por quê.

4. Não entendi o _____ de tua bronca. (por que / porque / porquê)

Comentários: A presença do artigo antecedendo essa palavra tem a finalidade de substantivá-la.

Resposta: porquê.

5. Não sabemos _____ ele sai tão cedo. (por que / porque / por quê)

Comentários: Talvez essa construção seja a mais sutil no caso do uso dos "porquês". A frase é interrogativa *indireta*. Uma forma prática é transformá-la em direta. (Por que ele sai tão cedo? Não sabemos). Com isso você comprovou que a frase é interrogativa.

Resposta: por que.

6. Faltei _____ estava com febre (por que / porque / por quê)

Comentários: Nesse período, esse vocábulo vai funcionar como conectivo causal (Faltei por este motivo, por esta razão). É conjunção.

Resposta: porque.

6 USO DE EXPRESSÕES COTIDIANAS

6.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

6.1.1. Uso de *há* e *a*

Usaremos **há** quando houver ideia de **tempo passado** ou com sentido de **existir**. Já a preposição **a** ocorre quando aparece ideia de **distância** ou **futuro**.

Para praticar, complete as frases a seguir.

1. Não o via _____ três semanas. (há / a)

Comentários: Nessa construção, percebe-se a ideia de *tempo passado*, *decorrido*.

Resposta: há.

2. _____ muitas pessoas na sala. (Há / A)

Comentários: Aqui, o sentido é de *existir* (Existem muitas pessoas na sala).

Resposta: Há.

3. Daqui _____ três semanas estarei chegando. (há / a)

Comentários: Percebe-se, agora, que não há ideia de *tempo decorrido* nem de *existir*. O sentido é de tempo futuro.

Resposta: a.

6.1.2. Outras expressões que costumam suscitar dúvidas

4. Conversávamos _____ música. (acerca de / há cerca de)

5. _____ cem alunos na sala. (Acerca de / Há cerca de)

6. _____ cinquenta mil candidatos se inscreveram no concurso. (Há cerca de / Cerca de)

Comentários:

A expressão **acerca de** equivale a **a respeito de**, **sobre**. **Há cerca de** indica tempo transcorrido e **cerca de** equivale a **aproximadamente**.

Respostas: 4. acerca de; 5. Há cerca de; 6. Cerca de.

7. _____ houver engarrafamento, chegarei na hora. (Senão / Se não)

8. Entregue o trabalho no prazo _____ cancelo o contrato. (se não / senão)

9. Ninguém, _____ um santo, seria capaz de tamanho sacrifício. (se não / senão)

Comentários: Usamos **senão** como conjunção (alternativa ou adversativa) e também com o valor de **exceto**.

Se não é conjunção condicional ou integrante **se** seguida de advérbio de negação.

Na frase 7, há ideia de condição ("Caso não haja engarrafamento..."). Na 8, a ideia é de alternância ("Entregue o trabalho no prazo *ou* cancelo o contrato"). Na frase 9, temos o valor de **exceto**, **a não ser** ("Ninguém, exceto/a não ser um santo...").

Respostas: 7. Se não; 8. senão; 9. senão.

10. Assim que chegou, foi _____ pais. (ao encontro dos / de encontro aos).

11. O seu _____ é não prestar atenção nas coisas. (mal / mau).

Comentários: A expressão **ao encontro de** significa **a favor de**, **na direção de.** Já **de encontro a** indica **contrariedade**, **em oposição**.

Respostas: 10. ao encontro de; 11. **Mal** pode aparecer como substantivo (como é o caso), advérbio e conjunção. **Mau** é adjetivo.

12. _____ de ficar triste, alegrou-se com a notícia. (Ao invés de / Em vez de)

13. _____ irmos ao jogo, fomos ao cinema. (Ao invés de / Em vez de)

Comentários:

Usaremos *ao invés de* para indicar *ao contrário de* e *em vez de* no sentido de no *lugar de*.

Respostas: 12. Ao invés de; 13. Em vez de.

Agora, para ver se você aprendeu mesmo, só resolvendo algumas questões de concursos.

6.2. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

1. (TRT – ES) Assinale a opção em que a palavra sublinhada está mal empregada:

a) Durma cedo, <u>senão</u> acordará tarde amanhã.

b) <u>Mal</u> começou a chover, o barraco deslizou.

c) Disse que <u>há</u> cinco anos ganhou na loteria.

d) Estava <u>mau</u> informado, por isso equivocou-se.

e) De hoje <u>a</u> dois meses pedirei novo empréstimo.

Comentários:

A letra A mostra o *senão* como conjunção alternativa (ou dorme cedo, ou acordará tarde). Na letra B, temos a palavra *mal* usada como conjunção temporal (Assim que começou a chover...). Esse vocábulo pode também aparecer como *substantivo* (O mal que causaste foi grande) e como *advérbio* (Dormi mal essa noite).

Na letra C, o verbo *haver* aparece indicando tempo passado ("Ganhou há cinco anos" / faz cinco anos).

Na letra D, a palavra correta seria *mal*, já que modifica o adjetivo *informado*. Se modifica adjetivo é advérbio (mal). *Mau* é adjetivo, se refere a substantivo (Homem mau).

Na letra E, a ideia é de tempo *futuro*, portanto, se usa a preposição *a*, e não o verbo *haver*.

Resposta: D.

2. (Telerj) Apenas em uma das opções abaixo é **inadequado** preencher a lacuna com a respectiva palavra ou expressão entre parênteses. Marque-a.

a) A mensagem enviada pelo fax não chegou a tempo, _____ o telegrama. (tampouco)

b) As novas funcionárias trabalhavam ali _____ de duas semanas. (há cerca)

c) Chegou finalmente o momento _____ todos esperavam. (por que)

d) O funcionário veterano não esqueceu o _____ aos companheiros recém-chegados. (cumprimento)

e) As chuvas causaram _____ prejuízo aos aparelhos telefônicos. (vultuoso)

Comentários:

Na letra A, *tampouco* equivale ao conectivo *nem*, correto, portanto, o seu uso. Essa palavra funciona como conectivo aditivo, usado em frases negativas (não...tampouco).

Na letra B, há ideia de tempo decorrido ("faz duas semanas que elas trabalhavam ali").

Na alternativa C, o uso do *por que* separado se justifica, já que equivale a *pela qual* ("Todas esperavam pelo momento"). Na letra D, *cumprimento* é do verbo *cumprimentar*, que é o sentido usado nesta frase.

Já a letra E troca *vultoso* por *vultuoso*. Pelo sentido da frase, quer se usar *vultoso* (de grande volume) e não *vultuoso* (congestão na face, colérico)

Resposta: E.

3. (TTN) Assinale o item que contém erro de ortografia.

a) Na cultura oriental, fica desonrado para sempre quem inflinge as regras da hospitalidade.

b) Não conseguindo adivinhar o resultado a que chegariam, sentiu-se frustrado.

c) A digressão ocorreu por excesso de fatos ilustrativos em seu discurso.

d) Sentimentos indescritíveis, porventura, seriam rememorados durante a sessão de julgamento.

e) Ao contrário de outros, trazia consigo autoconhecimento e autoafirmação.

Comentários:

A letra A mostra a forma inadequada de *inflige*. Pelo sentido da frase, é *infringe* (transgride, viola). Além disso, o verbo é *infligir* (castigar, aplicar) e não *inflingir*, não existe a segunda letra *n*. Resumindo: tudo errado – sentido e grafia.

A letra B mostra a forma correta do verbo *adivinhar*, com a letra *i*.

A letra C traz a palavra *digressão* também escrita corretamente.

Na D, a palavra *sessão* equivale a *espaço de tempo que dura uma reunião*, adequada, portanto, ao sentido da frase. *Seção* quer dizer *divisão* e *cessão* é relativo ao verbo *ceder*.

A letra E mostra a palavra *consigo* no sentido correto (com ele mesmo, valor reflexivo). Além disso, pela Nova Ortografia, *autoconhecimento* e *autoafirmação* se escrevem junto, sem hífen.

Resposta: A.

4. (PGJ) A palavra **tráfico** não deve ser confundida com **tráfego**, seu parônimo.

Em que item a seguir o par de vocábulos é exemplo de homonímia e não de paronímia?

a) estrato/extrato.

b) flagrante/fragrante.

c) eminente/iminente.

d) inflação/infração.

e) cavaleiro/cavalheiro.

Comentários:

Homônimos são vocábulos *iguais* (na pronúncia, na grafia ou em ambos), mas de sentidos diferentes.

Na letra A, a *pronúncia* é a mesma, são homônimos homófonos (*mesma pronúncia*), as grafias diferentes. As outras opções são exemplos de parônimos (vocábulos parecidos na pronúncia e na grafia, de sentidos diferentes).

Resposta: A.

Na questão de nº 5, o texto contém um erro, que pode ser de natureza gramatical, de propriedade vocabular ou de adequação ao estilo culto e formal da língua. Identifique, entre os itens sublinhados, aquele que deve ser corrigido para que a sentença onde ele ocorre se torne correta e adequada.

5. (TRF/Esaf) **A**(1) **cerca**(2) de uma dezena de matérias jornalísticas, **só**(3) na última edição do matutino de circulação nacional, **acerca**(4) das suspeitas de corrupção nas **adjacências**(5) do Governo.

a) 1.

b) 2.

c) 3.

d) 4.

e) 5.

Comentários:

A expressão **A**(1) **cerca**(2) equivale a *aproximadamente*. Nesse trecho, a ideia não é de quantidade aproximada, e sim "*Existe* cerca de uma dezena de matérias...". A palavra *só* (3) equivale a somente. Em (4), **acerca** tem o sentido da preposição sobre, correto, pois. Na palavra **adjacências** (5), a grafia está também correta.

Resposta: (1) *Há* cerca de.

6.3. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. Marque a frase em que deve ser empregada a primeira das duas palavras que aparecem entre parênteses.

a) Essas hipóteses _____ das circunstâncias (emergem – imergem).
b) Nunca o encontro na _____ em que trabalha (sessão – seção).
c) Já era decorrido um _____ que ela havia partido, (lustre – lustro).
d) O prazo já estava _____ (prescrito – proscrito).
e) O fato passou completamente _____ (desapercebido – despercebido).

2. Marque a frase que se completa com o segundo elemento do parênteses:

a) A recessão econômica do país faz com que muitos _____ (emigrem – imigrem).
b) Antes de ser promulgada, a Constituição já pedia muitos _____ (consertos – concertos).
c) A ditadura _____ muitos políticos de oposição (caçou – cassou).
d) Ao sair do barco, o assaltante foi preso em_____ (flagrante – fragrante).
e) O juiz _____ expulsou o atleta violento (incontinenti – incontinente).

3. Marque a alternativa que se completa corretamente com o segundo elemento do parênteses:

a) O sapato velho foi restaurado com a aplicação de algumas _____ (tachas – taxas).
b) Sílvio _____ na floresta para caçar macacos (imergiu – emergiu).
c) Para impedir a corrente de ar, Luís _____ a porta (cerrou – serrou).
d) Bonifácio _____ pelo buraco da fechadura (expiava – espiava).
e) Quando foi realizado o último _____ ? (censo – senso).

4. Marque a alternativa que se completa com o primeiro elemento do parênteses:

a) A polícia federal combate o _____ de cocaína (tráfego – tráfico).
b) No Brasil é vedada a _____ racial; embora haja quem a pratique (discriminação – descriminação).
c) Você precisa melhorar seu _____ de humor (censo – senso).
d) O presidente _____ antecipou a queda do muro de Berlim (ruço – russo).
e) O balão, tremelizindo _____ para o céu estrelado (acendeu – ascendeu).

5. Em "o prefeito **deferiu** o requerimento do contribuinte", o termo destacado poderia perfeitamente ser substituído por:

a) apreciou
b) arquivou
c) despachou favoravelmente
d) invalidou
e) despachou negativamente

6. As ideias liberais saíram **incólumes**, ainda que se pensasse que seriam **dilapidadas**, completamente. Os termos grifados são antônimos, respectivamente de:

a) arrasadas – dilaceradas
b) intactas – arrasadas
c) intactas – dilaceradas
d) depauperadas – prestigiadas
e) n.r.a.

7. Complete as lacunas com a expressão correta (entre parênteses):

"O _____ (cervo – servo) prendia-se nos arbustos, fugindo dos _____ (cartuchos – cartuxos) que pipocavam por toda a _____ (área – aria)."

a) cervo – cartuxos – área
b) servo – cartuchos – aria
c) cervo – cartuchos – área
d) servo – cartuchos – área
e) servo – cartuchos – aria

8. Complete as lacunas, com a expressão necessária, que consta nos parênteses:

É necessário _____ (cegar – segar) os galhos salientes do _____ (bucho – buxo), de modo a que se possa fazer _____ (xá – chá) com as folhas mais novas.

a) segar – buxo – chá
b) segar – bucho – xá
c) cegar – buxo – xá
d) cegar – bucha – chá

e) segar – bucha – xá

9. O _____ (emérito-imérito) causídico _____ (dilatou-delatou) o plano de fuga do meliante, que se encontrava na _____(eminência-iminência) de escapar da prisão:

a) emérito – delatou – iminência
b) imérito – dilatou – eminência
c) emérito – dilatou – iminência
d) imérito – delatou – iminência
e) emérito – dilatou – eminência

10. O _____ (extrato-estrato) da conta bancária é, por si só, insuficiente para cobrir o _____ (cheque-xeque), ainda que haja algum capital _____ (incerto-inserto).

a) extrato – xeque – inserto
b) estrato – cheque – incerto
c) extrato – cheque – inserto
d) estrato – xeque – incerto
e) extrato – xeque – incerto

11. Complete as lacunas usando adequadamente (mas / mais / mal / mau):

"Pedro e João ____ entraram em casa, perceberam que as coisas não iam bem,pois sua irmã caçula escolhera um ____ momento para comunicar aos pais que iria viajar nas férias; _____ seus, dois irmãos deixaram os pais _____ sossegados quando disseram que a jovem iria com os primos e a tia."

a) mau – mal – mais – mas
b) mal – mal – mais – mais
c) mal – mau – mas – mais
d) mal – mau – mas – mas
e) mau – mau – mas – mais

12. Marque a alternativa que completa corretamente as lacunas:

"Estou _____ de que tais _____ deveriam ser _____ a bem da moralidade do serviço público."

a) cônscio – privilégios – extintos
b) côncio – privilégios – estintos
c) cônscio – privilégios – estintos
d) côncio – previlégios – estintos
e) cônscio – previlégios – extintos

13. Observe as orações seguintes:

I. Por que não apontas a vendedora por que foste ludibriado?
II. A secretária não informa por que linha, de ônibus chega-se ao escritório.
III. Por que será que o governo não divulga o porquê da inflação.

Há erro na grafia:

a) na I apenas.
b) em duas apenas.
c) na II apenas.
d) na III apenas.

e) em nenhuma.

14. Complete as lacunas com (estada / estadia /onde / aonde):

"_____ quer que eu me hospede, procuro logo saber o preço da _____, quanto custa a _____de um carro alugado, bem como _____ se possa ir à noite."

a) aonde – estadia – estada – onde
b) onde – estada – estadia – aonde
c) onde – estadia – estada – aonde
d) aonde – estada – estadia – onde
e) onde – estadia – estadia – aonde

15. Leia as frases abaixo:

I. Assisti ao _____ do balé Bolshoi;
II. Daqui _____ pouco vão dizer que _____ vida em Marte.
III. As _____ da câmara são verdadeiros programas de humor.
IV. _____ dias que não falo com Alfredo.

Escolha a alternativa que oferece a sequência correta de vocábulos para as lacunas existentes:

a) concerto – há – a – cessões – há
b) conserto – a – há – sessões – há
c) concerto – a – há – seções – a
d) concerto – a – há – sessões – há
e) conserto – há – a – sessões – a

16. Indique a alternativa que contém a seqüência necessária para completar as lacunas abaixo:

"A _____ de uma guerra nuclear provoca uma grande _____ na humanidade e a deixa _____com relação ao futuro da vida na terra."

a) espectativa – tensão – exitante
b) espectativa – tenção – hesitante
c) expectativa – tensão – hesitante
d) expectativa – tensão – hezitante
e) espectativa – tenção – exitante

17. Complete corretamente as lacunas:

"O _____ de veículos de grande porte, em vias urbanas, provoca _____ no trânsito; forçando a que os motoristas dos carros menores _____, muitas delas, completamente sem _____.

a) tráfico – infrações – inflijam – concerto
b) tráfego – infrações – inflijam – conserto
c) tráfego – inflações – infrinjam – conserto
d) tráfego – infrações – infrações – conserto
e) tráfico – infrações – infrações – concerto

Gabarito: 1. a; 2. a; 3. d; 4. b; 5. c; 6. b; 7. c; 8. a; 9. a; 10. c; 11. c; 12. a; 13. e; 14. b; 15. d; 16. c; 17. d.

Parte II

Morfologia

7 CLASSES GRAMATICAIS

7.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

7.1.1. Artigo

São as palavras **o** e **um**, com suas flexões, que sempre antecedem os substantivos, designando seres determinados ou indeterminados.

Exs.: O homem, um homem, a mulher, as mulheres, uma mulher etc.

O artigo, em português, tem grande importância na indicação do gênero, permitindo, também, distinguir os substantivos homônimos.

Exs.: a mão, o pão, o/a artista, o/a cabeça etc.

7.1.2. Substantivo

É o nome com que designamos os seres em geral (pessoas, animais e coisas) flexionando-se em **gênero** e **número**. O substantivo é classe de palavra que sempre pode ser antecedida de artigo.

7.1.3. Adjetivo

"É a expressão modificadora do substantivo que denota **qualidade**, **condição** ou **estado** de um ***ser***." (Evanildo Bechara)

Veja o exemplo:

"... era feito aquela gente *honesta, boa e comovida*

que caminha para a morte

pensando em vencer na vida."

Aqui, os adjetivos *honesta*, *boa* e *comovida* referem-se ao substantivo *gente*, qualificando-o.

Locução adjetiva: formada, geralmente, de preposição + substantivo com valor de adjetivo.

Observe o exemplo:

"... eu quero que o meu caixão

tenha uma forma bizarra

a forma *de coração*

a forma *de guitarra"*

As expressões *de coração* e *de guitarra*, embora sejam formadas de preposição e substantivo, têm valor de adjetivo, pois fazem o papel de um adjetivo modificam o substantivo.

Vamos treinar?

Classifique as palavras destacadas em destaque como substantivo ou adjetivo.

1. Recebeu uma vaia **monstro**.

Comentários: Refere-se ao substantivo *vaia*, qualificando-o.

Resposta: Adjetivo.

2. Veio fantasiado de **monstro**.

Comentários: Agora, a palavra monstro nomeia. É *o monstro*.

Resposta: Substantivo.

3. O seu **viver** é um exemplo para todos.

Comentários: O verbo *viver* foi substantivado por meio do artigo definido *o*.

Resposta: Substantivo.

4. O **orgulhoso** não se deu por vencido.

Comentários: *Orgulhoso*, aqui, foi substantivado, está nomeando.

Resposta: Substantivo.

5. Era um homem muito **orgulhoso**.

Comentários: Nesta frase, *orgulhoso* qualifica o substantivo *homem*.

Resposta: Adjetivo.

6. Possuía muita **confiança**.

Comentários: *A confiança* que possuía.

Resposta: Substantivo.

7. Estava antes do jogo pouco **confiante**.

Comentários: Confiante qualifica o sujeito implícito *eu* ou *ele*.

Resposta: Adjetivo.

8. "Não sou propriamente um **autor** defunto,

Comentários: Trata-se de um autor que é defunto.

Resposta: *Autor* é substantivo e *defunto* é adjetivo.

9. ... mas um defunto **autor**." (Machado de Assis)

Comentários: Agora, tem-se um *defunto* que é *autor*.

Resposta: *Defunto* passou a ser substantivo e *autor*, adjetivo.

10. Teve muita **calma**.

Comentários: *A calma* que ele teve. A palavra *calma* nomeia e pode ser antecedida de artigo.

Resposta: Substantivo.

11. Extasiou-se com o **azul** do céu.

Comentários: *Azul*, que é uma cor representada pelo adjetivo, aqui está nomeando. Observe o poder que o artigo tem de substantivar palavras.

Resposta: Substantivo.

12. O bicho **homem** precisa evoluir mais.

Comentários: *Homem* qualifica *bicho*. É o bicho que é homem.

Resposta: Adjetivo.

13. Deu um drible **moleque** no guarda.

Comentários: Trata-se de um *drible* que foi *moleque*. *Moleque* qualifica *drible*.

Resposta: Adjetivo.

Resumindo:
Substantivo é classe que dá nome. É variável. Pode vir sempre antecedida de artigo.
Adjetivo é classe que se refere ao substantivo. É variável, acompanha a flexão do substantivo.

Agora que você sabe diferenciar um substantivo de um adjetivo, vamos conhecer o advérbio.

7.1.4. Advérbio

Palavra invariável que, fundamentalmente, modifica o verbo exprimindo uma circunstância (tempo, lugar, modo etc.). Pode ainda o advérbio modificar o adjetivo ou outro advérbio. Observe os exemplos:

Trabalhamos **muito**.

Aqui, o advérbio modifica um verbo, indicando-lhe ideia de intensidade. É o advérbio de intensidade.

Homem **muito** bom.

Nesse caso, o advérbio também traz valor de intensidade, só que, desta vez, modificando o adjetivo

bom.

Fala **muito** bem.

Por fim, um exemplo de advérbio que modifica outro advérbio (*bem*), também com valor de intensidade.

Conclusão: embora na maioria das vezes o advérbio modifique um verbo, ele pode também se referir a um adjetivo ou a um advérbio.

Locução adverbial:

Formada, normalmente, de preposição mais substantivo com valor e emprego de advérbio.

Exemplo:

Ele saiu **às pressas**.

Nesse caso, a expressão às pressas refere-se ao verbo *sair* indicando circunstância de *modo*: é a locução adverbial de modo.

Atenção! Não confunda a locução adjetiva com a locução adverbial. Embora as duas tenham, em geral, a mesma estrutura (substantivo + adjetivo), a primeira se refere a um substantivo e a segunda, a um verbo.

Veja os exemplos a seguir:

A casa *de madeira* foi construída.

A casa foi construída *de madeira*.

A locução *de madeira*, na primeira frase, modifica o substantivo *casa* e, no segundo, a locução verbal *foi construída*. Daí, na primeira frase, ela ser locução adjetiva e na segunda, locução adverbial.

Vamos treinar?

Classifique as expressões em destaque como **adjetivo/locução adjetiva ou advérbio/locução adverbial**.

1. As mulheres ganharam dos homens **disparado**.

Comentários: *Disparado* é o modo como as mulheres ganharam. Refere-se ao verbo. Observe a não variação. Se fosse adjetivo, concordaria com o substantivo.

Resposta: Advérbio.

2. Ele é muito **melhor** que você.

Comentários: *Melhor* refere-se ao pronome *ele*, qualificando-o. Na dúvida, procure jogar a frase para o plural (*Eles são melhores*). Se for advérbio, a tendência é não ir ao plural.

Resposta: Adjetivo.

3. Você fala **grosso**, mas na hora de mostrar coragem...

Comentários: *Grosso* é o modo como se fala. Se a frase fosse ao plural, teríamos: "Vocês falam grosso".

Resposta: Advérbio.

4. O professor saiu **sério** da sala.

Comentários: *Sério* é o estado do professor e não o modo de sair. Se a frase fosse ao plural, teríamos "os professores saíram sérios".

Resposta: Adjetivo.

5. O professor falou **sério**, não falou brincando, não.

Comentários: Aqui, *sério* é o modo como o professor falou, não o estado do professor. Pluralizando a frase, teríamos: "os professores falaram sério".

Resposta: A não variação é uma dica de que é advérbio.

6. Os corintianos entravam **duro** nos palmeirenses, que reclamavam.

Comentários: *Duro* é o modo como os corintianos entravam.

Resposta: Advérbio.

7. Ela se mostrava como uma mulher **à toa**.

Comentários: À toa qualifica o substantivo *mulher*.

Resposta: Locução adjetiva.

8. Trabalhou **à toa** nos últimos anos.

Comentários: À toa refere-se ao verbo *trabalhou*, dando-lhe circunstância de modo.

Resposta: Locução adverbial.

9. As festas **de dezembro** já iniciarão.

Comentários: *De dezembro* refere-se ao substantivo *festas*, caracterizando-o.

Resposta: Locução adjetiva.

10. As festas iniciarão **em dezembro**.

Comentários: *Em dezembro* refere-se ao verbo *iniciarão*, indicando circunstância de tempo.

Resposta: Locução adverbial.

11. Nosso tio vagava pelas ruas **com fome.**

Comentários: Cuidado! *Com fome* não é modo, jeito, forma de uma pessoa andar pelas ruas. É o estado do tio. Equivale ao adjetivo *faminto*.

Resposta: Locução adjetiva.

Resumindo: Adjetivo é classe que se refere a substantivo. Qualifica, caracteriza. É classe variável. Advérbio é classe que modifica verbo, adjetivo ou outro advérbio. Indica circunstância (tempo, lugar, intensidade...). É invariável. Na dúvida, tente flexionar a palavra, mandá-la ao plural ou ao feminino. Se for advérbio, não variará. Só não proceda assim para diferenciar as locuções adjetivas das adverbiais. A tendência é a de as locuções, de um modo geral, não variarem.

7.1.5. Plural dos nomes compostos

7.1.5.1. Plural dos substantivos compostos

subst. + subst. subst. + adj. adj. + subst.	[illegible]	variáveis		prefixo	[illegible]	invariáveis

Exs.: cirurgiões-dentistas, guardas-civis, altos-relevos, segundas-feiras, contra-ataques, vice--diretores, alto-falantes, abaixo-assinados.

Obs.:

1. O verbo, aqui, não recebe **s**: guarda-roupas, guarda-chuvas, beija-flores, arranha-céus, os leva-e-traz.
2. Varia o primeiro elemento: se houver preposição, clara ou oculta, ou se o segundo elemento exprimir fim, semelhança, qualidade: pés-de-meia, cavalos-vapor, saias-balão, bananas--maçã...
3. Varia o último elemento: com as formas reduzidas **grão**, **grã**, **bel**; palavras repetidas; nos compostos de três ou mais elementos, não sendo o segundo uma preposição: grão-duques, grã-cruzes, bel-prazeres, reco-recos, tique-taques, bem-te-vis...

Obs.: corre-corres ou corres-corres (verbos repetidos: varia o último ou os dois vão ao plural).

7.1.5.2. Plural dos adjetivos compostos

1. Somente o último se flexiona quando formado de adjetivo + adjetivo ou palavra invariável + adjetivo: amizades luso-brasileiras, unidades médico-veterinárias, parcerias público-privadas, crianças recém-nascidas.
2. Não variam os compostos formados de cor + substantivo: camisas verde-garrafa, vestidos vermelho-sangue, faixas amarelo-ouro.

Obs.:

1. azul-marinho e azul-celeste: são invariáveis
2. surdo-mudo: variam os dois
3. tecidos palha, sapatos cinza, blusas abóbora, esmaltes gelo: cor, representada por substantivo, não varia.

7.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

1. Dê o plural dos substantivos compostos.

criado-mudo:	coautor:	arranha-céu:
escola-modelo:	lança-perfume:	primeira-dama:
guarda-noturno:	amor-perfeito:	contra-ataque:
pão de ló:	obra-prima:	abaixo-assinado:
mal-estar:	grão-mestre:	leva e traz:
pisca-pisca:	tico-tico:	papel-moeda:
segunda-feira:	couve-flor:	vice-diretor:
salvo-conduto:	mula sem cabeça:	batata-doce:
salário-família:	samba-enredo:	caminhão-tanque:
banana-prata:	porta-luvas:	homem-rã:
saca-rolha:	manga-rosa:	salário-mínimo:
guarda-comida:	peixe-espada:	mestre-sala:
quebra-cabeça:	puro-sangue:	porta-bandeira
sempre-viva:	lugar-comum:	

2. Dê o plural dos adjetivos compostos.

grupo hispano-argentino:

disputa sino-soviética:

obra lítero-musical:

remédio anglo-francês:

autoridade administrativo-tributária:

informação econômico-financeira:

menino surdo-mudo:

menina surda-muda:

olho azul-claro:

terno cinza-chumbo:

céu azul-topázio:

blusa amarelo-ouro:

blusa amarelo-dourada:

livro ibero-americano:

poema herói-cômico:

acordo luso-franco-brasileiro:

gravata verde-oliva:

camisa azul-piscina:

Gabarito 1: criados-mudos; escolas-modelo; guardas-noturnos; pães-de-ló; mal-estares; pisca-piscas ou piscas-piscas; segundas-feiras; salvo-condutos ou salvos-condutos; salários-família; bananas-prata; saca-rolhas; guarda-comidas; quebra-cabeças; sempre-vivas; coautores; lança-perfumes; amores-perfeitos; obras-primas; grão-mestres; tico-ticos; couves-flores; mulas-sem-cabeça; sambas-enredo; porta-luvas; mangas-rosa; peixes-espada; puros-sangues; lugares-comuns; arranha-céus; primeiras-damas; contra-ataques; abaixo-assinados; os leva-e-traz; papéis-moeda; vice-diretores; batatas-doces; caminhões-tanque; homens--rã; salários-mínimos; mestres-sala; porta-bandeiras.

Gabarito 2: grupos hispano-argentinos; disputas sino-soviéticas; obras lítero-musicais; remédios anglo-franceses; autoridades administrativo-tributárias; informações econômico-financeiras; meninos surdos-mudos; meninas surdas-mudas; olhos azul-claros; ternos cinza-chumbo; céus azul-topázio; blusas amarelo-ouro; blusas amarelo-douradas; livros ibero-americanos; poemas herói-cômicos; acordos luso-franco-brasileiros; gravatas verde-oliva; camisas azul-piscina.

7.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Agora, treinando com questões de concursos.

1. (Sen. Federal / Anal. Leg.) Assinale a alternativa em que a palavra indicada se classifica como advérbio.

a) ... funcionam de maneira mais livre...

b) ... lançar o mundo numa profunda recessão.

c) ... na promoção de uma melhor operação...

d) ... essas frases devem nos deixar algo perplexos.

e) ... após algumas décadas...

Comentários:

Na letra A, *livre* se refere a *maneira* (substantivo). É adjetivo (classe modificadora de substantivo que denota *qualidade*, *condição*, *estado*, *característica*), o que também ocorre nas alternativas B e C (*profunda* e *melhor* modificam os substantivos *recessão* e *operação*, respectivamente). Na D, *algo* se refere a *perplexos* (adjetivo). Se modifica adjetivo é *advérbio* (no caso, de intensidade).

Na E, *após* é preposição.

Resposta: D.

2. (Sen. Fed. / Técn. Leg.) Assinale a alternativa em que se encontre um advérbio.

a) Os terríveis efeitos...

b) E, a partir de 1934,...

c) Menos de 18% do empréstimo foi amortizado...

d) ... declarando possuir não mais 7, mas 12 apólices...

e) ... os mercados desabaram no mundo inteiro.

Comentários:

Na letra A, *terríveis* se refere a efeitos (substantivo), com valor de adjetivo. Na B, *partir* é verbo. Na C, *menos* modifica a expressão que indica a porcentagem (numeral substantivo), com valor de indefinição (pronome indefinido).

Já na opção D, a palavra *mais* se refere ao verbo *possuir*, é advérbio com ideia de tempo.

Na E, *inteiro* modifica *mundo* (substantivo), é adjetivo.

Resposta: D.

3. (Min. Educ.) "Trata-se da construção de uma alternativa à lógica dominante, ao ajustamento de todas as sociedades..."

No trecho acima há:

a) Quatro adjetivos.

b) Três adjetivos.

c) Dois adjetivos.

d) Um adjetivo.

e) Nenhum adjetivo.

Comentários:

Nesta questão, as opções mostram a quantidade de *adjetivos*, e não de palavra com *valor* de adjetivo, que é diferente, como iremos ver a seguir.

Neste trecho, só a palavra *dominante* aparece como adjetivo, modificando o substantivo *lógica*. Vocábulos como *construção*, *alternativa*, *lógica*, *ajustamento* e *sociedades* são substantivos.

Resposta: D.

4. (Sen. Fed. / Técn. Leg.) "... existe a percepção de que algo tem que ser feito a mais para de fato levar a saúde a toda a população."

A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:

I. Em *levar a saúde a toda a população*, há uma preposição e dois artigos.

II. Em *levar a saúde a toda a população*, a última ocorrência da palavra **a** poderia ser suprimida sem provocar grave alteração de sentido.

III. Em <u>levar a saúde a toda a população</u>, a primeira ocorrência da palavra **a** poderia ser suprimida sem provocar grave alteração de sentido.

Assinale:

a) Se somente os itens II e III estiverem corretos.

b) Se todos os itens estiverem corretos.

c) Se nenhum item estiver correto.

d) Se somente os itens I e II estiverem corretos.

e) Se somente os itens I e III estiverem corretos.

Comentários:

No item I, *levar* é verbo transitivo direto e indireto. A expressão *a saúde* é objeto direto, logo esse *a* é artigo e *a toda a população* é objeto indireto, sendo o primeiro *a* preposição (levar saúde *a*...) e o segundo, artigo de *população*. Correto.

No item II, temos a expressão *toda a*, que é diferente de *toda*. A primeira tem valor de *inteira*, *completa*. A segunda, valor de indefinição: *qualquer*, *cada*. Observem que há alteração de sentido.

No item III, a ausência do artigo não provoca "grave alteração de sentido", pois em *levar saúde* ou *levar a saúde* o *objetivo* continua o mesmo, independentemente da definição ou da indeterminação.

Resposta: E.

5. (Pol. Fed. / Anal. Leg.) "Atinge toda a região e a si mesmo, pois o Equador é credor no âmbito do CCR, e a efetiva realização da ameaça de não honrar compromisso assumido o impedirá de receber aquilo que lhe é devido."

No trecho acima há:

a) Sete artigos.

b) Seis artigos.

c) Cinco artigos.

d) Quatro artigos.

e) Três artigos.

Comentários:

Artigo são as palavras *o(s)*, *a(s)*, *um*, *uma*, *uns*, *umas* que antecedem os **substantivos**. Então, vamos lá!

O primeiro artigo aparece antes do substantivo *região*, o segundo, antes de *Equador*. Lembre que, nas contrações *no*, *na*, *do*, *da* etc., aparece *artigo* contraído à preposição.

Logo, em "... n*o* âmbito d*o* CCR..." os termos destacados são *artigo* dos substantivos que se seguem. Em "... *a* efetiva realização...", aquele *a* é artigo de *realização*. Na sequência, mais uma contração (*da*), prep. *de* + art. def. fem. *a*. Teríamos, assim, *seis artigos*.

Resposta: B.

6. (Inspetor Pol. Civil) "Ora, as mazelas da imigração só podem ser resolvidas com a integração dos estrangeiros às sociedades, associada a uma enfática cooperação internacional, a fim de extrair da miséria e da desesperança a larga franja demográfica em que nascerá o futuro ser humano a expulsar."

No trecho acima, há:

a) 9 artigos definidos e 4 ocorrências da preposição a.

b) 8 artigos definidos e 4 ocorrências da preposição a.

c) 7 artigos definidos e 3 ocorrências da preposição a.

d) 9 artigos definidos e 3 ocorrências da preposição a.

e) 8 artigos definidos e 2 ocorrências da preposição a.

Comentários:

Agora, além de identificar os artigos no texto, repare que as opções só falam de artigo *definido*, pede-se também a quantidade de preposições (que aparecem por exigência de um *nome* – regência nominal – ou de um *verbo* – regência verbal).

Assim sendo, os *artigos* seriam, pela ordem de aparecimento:

1º ... *as* mazelas

2º ... d*a* imigração

3º ... *a* integração

4º ... d*os* estrangeiros

5º ... às sociedades (prep. *a* + art. *as*)

6º ... d*a* miséria

7º ... d*a* desesperança

8º ... *a* larga franja

9º ... *o* futuro

As preposições seriam:

1ª ... integração (que pede preposição *a*) ... às sociedades...

2ª ... associada (que pede preposição *a*) *a* uma enfática...

3ª ... *a* fim de (*fim* é palavra masculina, logo esse *a* só pode ser prep.)

4ª ... *a* expulsar (verbo, o *a*, com certeza, não é artigo)

Resposta: A.

7. (Inspetor Pol. Civil) "Somando-se essa possibilidade à fresca barbárie do governo republicano dos EUA, o mundo desenvolvido desgasta aguda e paulatinamente sua autoridade moral para cobrar valores humanistas de outros governos."

A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:

I. O pronome *essa* tem valor anafórico.

II. A palavra aguda classifica-se como advérbio.

III. Há, no trecho, oito substantivos.

Assinale:

a) Se todos os itens estiverem corretos.

b) Se somente os itens I e III estiverem corretos.

c) Se nenhum item estiver correto.

d) Se somente os itens II e III estiverem corretos.

e) Se somente os itens I e II estiverem corretos.

Comentários:

No item I, o pronome *essa*, independentemente de aparecer o texto ou não, remete à *possibilidade* que *já apareceu*. Quando o pronome remete o leitor a alguma informação que veio *antes*, tem valor *anafórico*. No item II, *aguda* se refere ao verbo (*desgosta*), é advérbio. Repare que o conectivo *e* adiciona termos de mesma função. No caso de esse conectivo adicionar dois advérbios terminados em *mente*, pede-se usar essa terminação apenas após o último deles (para não termos agudamente e paulatinamente).

No item III, os *substantivos* seriam:

1. possibilidade 5. mundo

2. barbárie 6. autoridade

3. governo 7. valores

4. EUA 8. governo

Resposta: A.

8. (Sen. Fed. / Anal. Leg.) Assinale a alternativa em que o termo indicado **não** tenha valor adjetivo.

a) ... Poder Legislativo, cujas competências foram ampliadas.

b) ... configura alguns desafios.

c) ... a existência de muitos dispositivos.

d) Esse pacto...

e) ... resolvidos na atual Constituição...

Comentários:

Atente, nesta questão, ao enunciado: termo que não tenha **valor** adjetivo. Com essa palavra, além do próprio *adjetivo*, o *numeral*, o *pronome*, quando vêm junto ao substantivo, têm *valor* adjetivo.

Agora, sim, vamos às questões, já que o mesmo enunciado se repete nas questões seguintes.

Na letra A, *ampliadas* **não** tem valor adjetivo, pois pertence a uma estrutura de *voz passiva analítica* (verbo *ser* + *particípio*). Logo, nessa frase, *ampliada* é verbo no *particípio*. Em B, *alguns* é pronome indefinido que se refere a substantivo, pronome adjetivo – *valor* adjetivo, pois. Na C e na D, *muitos* – pronome indefinido – e *esse* – pronome demonstrativo se referem, respectivamente, a *dispositivos*, *pacto*. Na E, *atual* é adjetivo de *Constituição*.

Resposta: A.

9. (TRT / Anal. Jud.) Assinale a alternativa em que o termo indicado não tenha valor adjetivo.

a) ... dividido em <u>dois</u> sistemas.

b) ... o custo de <u>todo</u> o petróleo.

c) ... o muro foi erguido pelos holandeses e <u>derrubado</u> pelos ingleses.

d) ... sistemas capitalista e <u>socialista</u>.

e) Se a queda ... trouxe <u>mais</u> liberdade.

Comentários:

Na opção A, o numeral *dois* se refere a *sistemas* (substantivo), numeral adjetivo. Na B, o pronome indefinido *todo* vem junto ao substantivo *petróleo*. Na letra C, a tal da *estrutura de voz passiva analítica* (ser + particípio): "... o muro *foi erguido* pelos holandeses e (*foi*) *derrubado* pelos ingleses". Verbo no particípio. Na D, *socialista,* assim como *capitalista* são adjetivos de *sistemas*. Na E, *mais* é pronome indefinido adjetivo, pois aparece junto ao substantivo *liberdade*.

Resposta: C.

10. (Inspetor Pol. Civil) Assinale a alternativa em que o termo, na canção de Chico Buarque, não exerça papel adjetivo.

a) Aliso <u>teus</u> seios...

b) Aeromoça nervosa pede <u>calma</u>.

c) Aeromoça <u>nervosa</u> pede calma.

d) ... avisto <u>alguma</u> salvação.

e) Qual esquina dobrei...

Comentários:

Já sabemos que este enunciado é abrangente, pois *papel* adjetivo pode ser representado por pronome, numeral e o próprio adjetivo. Na letra A, o pronome *teus* se refere ao substantivo *seios*, exerce papel adjetivo. Na B, a palavra *calma* é substantivo, não qualifica nem caracteriza nenhum substantivo, na C, *nervosa* acrescenta ao substantivo *aeromoça* um estado, adjetivo, portanto. Na opção D, *alguma* é pronome indefinido que se refere a *salvação*. Na E, o pronome *qual* modifica o substantivo *esquina*.

Resposta: B.

11. (Sen. Fed. / Anal. Leg.) Assinale a alternativa em que o termo indicado *não* tenha valor adjetivo.

a) O voto deixa claro que o respeito ao voto e à Constituição...

b) ... não faz mais sentido opor...

c) ... entre as diversas etnias...

d) ... direito inalienável dos índios.

e) Dois pontos merecem...

Comentários:

Na letra A, a palavra *claro*, embora esteja ao lado do verbo *deixa* (e, por esse motivo, possa parecer um advérbio), refere-se à oração que vem logo a seguir, iniciada pela conjunção integrante *que*. Trata-se de uma oração substantiva. Sendo assim, na ordem direta, teríamos a seguinte estrutura: "O voto deixa *isto* claro". É por isso que *claro* é adjetivo, e não advérbio.

Já na letra B, a palavra *mais*, embora anteceda o substantivo *sentido*, está ligada ao verbo *fazer*, indicando circunstância de tempo. É como se disséssemos *não faz sentido agora*, *antes fazia, agora não mais*. Trata-se, portanto, de advérbio de tempo.

Na letra C, *diversas* é adjetivo de *etnias*.

Na letra D, o substantivo *direito* tem duas adjetivações: *inalienável* (adjetivo) e *dos índios* (locução adjetiva).

E na letra E temos um numeral adjetivo, junto ao substantivo *pontos*.

Resposta: B.

12. (Pol. Civil / Perito Crim.) Assinale a alternativa em que a palavra indicada *não* tenha valor adjetivo.

a) ... criaram condições para essa consolidação.

b) ... essa era a primeira coisa...

c) ... o código tem de ser preservado e respeitado para que a disputa...

d) ... deixar de ser um texto abstrato e distante.

e) ... escrever com bico de pena...

Comentários:

Na letra A, temos um pronome demonstrativo em função adjetiva, por acompanhar o substantivo *consolidação*.

Na letra B, observa-se um numeral ordinal também em função adjetiva, que se refere ao substantivo *coisa*.

No entanto, o que se vê na letra C é um verbo no particípio que é verbo principal de uma locução verbal. Uma dica, aqui, seria que você observasse os verbos auxiliares que os antecedem: *tem de ser*. E, toda vez que o particípio fizer parte de uma locução verbal, será verbo, e não adjetivo. É claro que se disséssemos *código respeitado* é o ideal, por exemplo, o vocábulo *respeitado* seria adjetivo, e não verbo. Mas não foi o caso.

Na letra D, temos um adjetivo *distante*.

E, na letra E, uma locução adjetiva, que vem se referindo ao substantivo antecedente *bico*.

Resposta: C.

13. (Pol. Civil / Perito Crim.) Assinale a alternativa em que, no texto, o termo não tenha valor adjetivo.

a) Com alguma frequência...

b) Seus governantes.

c) Tal tipo de dívida...

d) Tal tipo de dívida foi contraída...

e) Empresa de capital nacional...

Comentários:

Na letra A, temos um pronome indefinido com função adjetiva, por acompanhar o substantivo *frequência*.

Na letra B, o pronome possessivo *seus* também está em função adjetiva, junto ao substantivo *governantes*.

Na letra C, o que se vê é um pronome demonstrativo, que se refere ao substantivo *tipo*, estando, portanto, em função adjetiva.

Já, na letra D, o particípio *contraída*, por fazer parte de uma locução verbal (observe só o auxiliar que o antecede: *foi*), é verbo, e não adjetivo.

E, na letra E, *nacional* é adjetivo de *capital*.

Resposta: D.

7.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (Ofic. Just.) O item abaixo em que NÃO ocorre qualquer forma de intensificação é:

a) ... pois os homens são geralmente incapazes de utilizar perfeitamente mais que uma língua...
b) Sentimos que aqueles que mais nos conhecem...
c) ... são também capazes de ignorar o que de melhor trazemos conosco.
d) ... não podemos compreender integralmente quem está muito próximo de nós.
e) ... o novo ou o desconhecido parece, pelo menos durante algum tempo, mais belo e atraente do que o velho...

2. (Magistério) "Todos estamos nos tornando, hoje, mais desconfiados..."; o item em que o vocábulo **mais** expressa ideia diferente da de "aumento" ou "intensidade" é:

a) Hoje estamos mais céticos que antes.
b) Não queremos mais saber de negativismos.
c) Treinou e ganhou mais esperança de jogar.
d) Eu me sinto mais ou menos.
e) A controvérsia entre filósofos é mais acirrada.

3. (Magistério) O item abaixo que apresenta uma característica dos adjetivos e não dos substantivos é:

a) designação dos seres.
b) papel sintático de atributo.
c) função de núcleo de sujeito.
d) invariabilidade mórfica.
e) variabilidade em gênero e número.

4. (Magistério) Todos os substantivos indicados nas frases a seguir encontram-se adjetivados; o item cujo tipo de adjetivação está indicado de forma correta é:

a) Casa de ferreiro, espeto de pau. – locução adjetiva.
b) Relógio que atrasa não adianta. – termo comparativo.
c) Para bom entendedor, meia palavra basta. – oração adjetiva.
d) Em tempos de crise, urubu vira frango. – adjetivo qualificativo.
e) Em casa sem dinheiro, a felicidade desaparece. – sufixação.

5. (Aux. Necropsia / NCE-UFRJ) Há um **erro** na construção do seguinte segmento do texto abaixo:

a) "as milhares de crianças que trabalham revirando lixo nos lixões".

b) “Os brasileiros produzem todos os dias mais de 125.000 toneladas de lixo”.
c) “Recente documento, elaborado pelo IBGE”.
d) “e apenas poucos municípios fazem coleta seletiva de lixo”.
e) “O destino inadequado de todo esse lixo e esgoto”.

6. “O Bolsa Família” tem uma forma estranha, pois o artigo é masculino e o substantivo é feminino, o que se explica pela omissão do termo “programa”. O mesmo ocorre em:
a) o (time do) Vasco.
b) o (navio a) vapor.
c) o (funcionário da) caixa.
d) o (relógio) despertador.
e) o (teatro) Municipal.

7. (Aux. Oper. / Docas-SP) “*Santos **poema**, jardins pela praia...”*
Santos Poema é o hino de Santos. Em relação à palavra poema, no primeiro verso do hino, é correto afirmar que é, gramaticalmente:
a) um substantivo, que funciona no texto como adjetivo.
b) um adjetivo, que funciona no texto como substantivo.
c) um substantivo, que se mantém com esse papel no texto.
d) um adjetivo, que se mantém com esse papel no texto.
e) um substantivo que deveria vir no plural para concordar com Santos.

8. (Assist. Técn. Adm. / Docas-BA) *Além de uma **melhor** infraestrutura para o turista, a reforma garante também **mais** leitos durante a Copa do Mundo da FIFA Brasil 2014.*
As palavras *melhor* e *mais*, no trecho acima, classificam-se, respectivamente, como:
a) advérbio e advérbio.
b) adjetivo e advérbio.
c) adjetivo e pronome.
d) advérbio e pronome.
e) advérbio e adjetivo.

9. (Fiscal / ICMS) Assinale a alternativa em que o termo indicado seja classificado como advérbio.
a) “... dispõe de mais recursos...”
b) “... sem nenhum sentimento...”
c) “... ao menos conforme admite o senso comum...”
d) “Nada diferente do que ocorre em relação à acepção da ética...”
e) “... auferir vantagens em relação aos demais contribuintes...”

10. (Fiscal / ICMS) Assinale a palavra que, no texto, **não** tenha valor adverbial.
a) “... ganhem cada vez mais espaço...”
b) “... de forma bastante tímida...”
c) “...serem responsabilizados penal e criminalmente...”
d) “...ganham importância não só das empresas...”
e) “... pretendem implementar, o quanto antes, práticas...”

11. (Aux. Oper. / Docas-SP) Assinale a palavra que, no hino, **não** tenha valor adjetivo.

a) “O verde reduto”.
b) “As tuas belezas”.
c) “Santos, cuidado, menina”.
d) “... varandas alegres suspensas no arvoredo”.
e) “nos velhos canais...”.

12. (Guarda Port. / Docas-BA) Assinale a palavra que **não** tenha, no texto, valor adjetivo.

a) dividido (“O plano é dividido entre os módulos básico e avançado...”).
b) primeiro (“No primeiro módulo...”).
c) essa (“liberação da parte de armas para essa categoria profissional...”).
d) básico (“... entre os módulos básico e avançado...”).
e) horária (“... com carga horária total de 76 horas.”).

13. (Téc. Judic. / PA) Assinale a palavra que, no texto, **não** tenha valor adjetivo.

a) melhor (“Aliás, o melhor para a democracia...”.).
b) muitas (“... as máquinas partidárias muitas vezes se tornam...”).
c) extraordinária (“... aumentar de forma tão extraordinária...”).
d) minhas (“... minhas propostas...”.).
e) nove (“... foi aprovado a nove dias do fim do ano...”).

14. Assinale a palavra que, no texto, **não** tenha valor adjetivo.

a) Nossos (“Nossos pais conduziste...”).
b) avançada (“És, Senhor, sentinela avançada...”).
c) cem (“... que, há cem anos...”).
d) nos (“Aos teus pés que nos deste...”).
e) imortal (“És a guarda imortal...”).

15. (Guarda Port. / BA) *Esses raios infravermelhos acabam absorvidos pelos gases liberados principalmente pelos combustíveis fósseis (metano, gás carbônico, óxido nitroso e outros), que deixaram de ser removidos da atmosfera por causa do desmatamento e da produção excessiva*.

No período acima, foi feita a concordância nominal correta com a palavra infravermelho. Assinale a alternativa em que **não** se tenha obedecido às regras de concordância nominal.

a) Buscou proteção contra raios ultravioleta.
b) Compraremos camisas cinza.
c) Usaremos nossos uniformes azul-claros.
d) Gostamos de carros vermelhos-sangue.
e) Não sabemos onde foram parar as folhas rosa.

16. (Taq. / Assemb. Leg.) “com o passar dos anos”; nesse segmento do texto, o verbo *passar* está substantivado (derivação imprópria); a frase abaixo em que aparece um outro vocábulo substantivado é:

a) “VEJA traz uma reportagem sobre um aspecto fascinante do capitalismo americano”.
b) “o segundo homem mais rico do mundo”.
c) “mais pessoas doam a projetos sociais do que votam em eleições”.
d) “Calcula-se que 89% dos americanos façam algum tipo de contribuição”.

e) “restrições legais quase intransponíveis dificultam a doação individual”.

17. (Arquivo Nac. / Ag. Adm.) Em todos os advérbios terminados em –mente, retirados do texto, vê-se claramente a sua formação a partir da forma feminina do adjetivo, **exceto** em:

a) predominantemente
b) basicamente
c) negativamente
d) diariamente
e) humanamente

18. (Pol. Federal / Agente) As gramáticas normativas de língua portuguesa ensinam que alguns advérbios de modo são resultantes da junção da forma feminina do adjetivo com o sufixo -mente. O advérbio derivado de adjetivos do texto em que isso se pode constatar claramente é:

a) nacionalmente
b) fascinantemente
c) religiosamente
d) internacionalmente
e) ineficazmente

19. (MPE) “...por que passam milhões de crianças brasileiras...”; observe as formas abaixo:

I. as milhões de crianças brasileiras;
II. os milhões de crianças brasileiras;
III. as milhares de crianças brasileiras;
IV. os milhares de crianças brasileiras.

As formas corretas são somente:

a) I – II
b) I – III
c) II – IV
d) III – IV
e) I – II – III – IV

20. (Eletronuclear-NCE) *“algo vai **mal** no organismo”*; a frase abaixo em que houve a troca indevida entre mal/mau é:

a) Todo mal do organismo deve ser combatido.
b) Um mal hábito pode provocar doenças.
c) A febre não é um mal em si.
d) Foi para o hospital, mal a febre começou.
e) O sistema do organismo combate qualquer mal que nele se instale.

21. (Ager-NCE) “OS JOVENS ainda estão em fase de crescimento...”; “Ser contra esse projeto não é ser contra os JOVENS”; “...quando um JOVEM morre ou fica inválido”; “...em relação ao trânsito e aos JOVENS brasileiros”. Pode-se dizer sobre o emprego do vocábulo em destaque que:

a) alguns são substantivos e outros são adjetivos.
b) todos são adjetivos.

c) todos são substantivos adjetivados.
d) todos são adjetivos substantivados.
e) representam diferentes classes gramaticais.

22. (Ager-NCE) Em “a boa parte dos jovens”, a palavra “jovens” mudou de classe gramatical (de adjetivo para substantivo); o item em que ocorre o mesmo com a palavra sublinhada é:

a) “um dos tantos indicadores da chegada da velhice”.
b) “a morte dos ídolos”.
c) “a formação de nosso caráter”.
d) “telefone celular”.
e) “o significado de palavras”.

23. (Ofic. Just.) Entre os itens abaixo, aquele que apresenta uma composição estrutural de substantivos e adjetivos diferente dos demais é:

a) “carga tributária extorsiva e crescente”.
b) “uma burocracia sufocante e cada vez maior”.
c) “ação humana objetiva e subjetiva”.
d) “Legislativo desacreditado e alheio aos males”.
e) “antigos desejos e aspirações”.

24. (TJ / Técn. Jud.) A alternativa abaixo em que ocorre a presença de um só adjetivo que se refere a um só substantivo é:

a) “hierarquias, estruturas nem códigos canônicos”.
b) “lutas sociais e políticas”.
c) “disciplina mental e espiritual”.
d) “diferentes tradições religiosas”.
e) “vaidades e ambições desmedidas”.

25. (Cepel / NCE) A palavra abaixo que **não** admite a mesma forma de plural de guarda-livros é:

a) guarda-pó.
b) guarda-sol.
c) guarda-noturno.
d) guarda-chuva.
e) guarda-comida.

26. (INPI) O plural correto de *porta-voz* é:

a) os porta-voz.
b) porta-vozes.
c) portas-vozes.
d) portam-vozes.
e) portas-voz.

27. (Eletronuclear / PNC) *Norte-americano* e *matéria-prima*, fazem corretamente como plural:

a) norte-americanos / matéria-primas

b) norte-americanos / matérias-primas
c) nortes-americanos / matérias-primas
d) nortes-americanos / matérias-prima
e) nortes-americanos / matéria-primas

28. (Sefaz-NCE) Numa seção de jornal cujo assunto é a saúde, um leitor escreve: "Não sofro mais. Considero-me uma pessoa normal. Esqueci do passado, quero viver o presente. Agora, minha alimentação é totalmente saudável. Não tomo mais bebidas alcoólicas e evito comer doces". O comentário correto sobre os componentes desse texto é:

a) o advérbio "mais" reforça a ideia do advérbio "não"
b) os adjetivos "normal", "saudável" e "alcoólicas" têm valor subjetivo
c) "passado" e "presente" são substantivos funcionando como adjetivos
d) o adjetivo "saudável" está explicado no texto
e) as duas ocorrências do advérbio "mais" têm valor semântico distinto

29. (Taq. / Assemb. Leg.). A alternativa em que a palavra MAIS tem valor distinto do das demais frases é:

a) "o segundo homem mais rico do mundo"
b) "em sua forma mais avançada"
c) "mais pessoas doam a projetos sociais"
d) "o coração dos brasileiros seriam bem mais generoso"
e) "o cérebro dos governantes fosse mais ventilado"

30. (MPE / Técn. Sup.) "Dos três irmãos, dois fazem parte de um grupo cada vez mais comum na família brasileira contemporânea".

Assinale a única opção em que a palavra "mais" está empregada com o mesmo valor gramatical da frase acima:

a) Eu espero por você o tempo que for, nós vamos estar juntos mais uma vez.
b) Não tenho mais dinheiro, atraso o aluguel, não compro alimento.
c) Estou tão cansado, mas não pra dizer que não acredito mais em você.
d) Espero que aquela jura não tenha ido para mais ninguém.
e) E quando o inverno tristonho chegar mais amor eu vou ter pra lhe dar.

31. (Docas Sant.) As ocorrências da palavra *futuro* no texto são três: "... ocupação constante com algo futuro."; "...significa realizar um futuro?"; "...senão em função do futuro."; sobre essas ocorrências pode-se dizer que:

a) todas pertencem à mesma classe gramatical.
b) cada uma delas possui classe gramatical diferente das demais.
c) só a primeira é adjetivo.
d) só a última é substantivo.
e) a segunda e a terceira são adjetivos.

32. (MPE / Técn. Sup.) "Os jovens tiveram acesso ao crédito fácil demais nos últimos dois anos." Sobre o trecho transcrito, é correto afirmar que o sintagma "fácil demais":

a) se relaciona com o substantivo "crédito", mas gera ambiguidade por também poder se relacionar com o substantivo "acesso".

b) se relaciona com o substantivo “acesso”, mas seu posicionamento gera ambiguidade por também poder se relacionar com o substantivo “crédito”.
c) se relaciona com o substantivo “crédito”, mas seu posicionamento gera polissemia por também poder se relacionar com o substantivo “acesso”.
d) se relaciona com o substantivo “acesso”, mas seu posicionamento gera polissemia por também poder se relacionar com o substantivo “crédito”.
e) se relaciona igualmente com os substantivos “crédito” e “acesso”, sem que seu posicionamento gere ambiguidade ou polissemia.

33. (MPE) Entre os segmentos abaixo, aqueles cujos adjetivos mostram uma opinião de quem fala são:

I. a triste situação;
II. milhões de crianças brasileiras;
III. futuro incerto e infeliz;
IV. grave problema social.

a) I – III – IV
b) I – III
c) I – IV
d) III – IV
e) II – III

34. (Taq. / Assemb. Leg.) “Essa nova fase da filantropia americana”; nesse segmento do texto, a posição do adjetivo *nova* é importante para a construção do sentido, já que, se posposto, o adjetivo ganharia um novo sentido. A alternativa abaixo que mostra um termo que modifica seu sentido conforme sua posição em relação ao termo determinado é:

a) recentes doações
b) bondosas pessoas
c) eficazes medidas
d) pobres habitantes
e) abnegados milionários

35. (TRT / Anal. Jud.) Os adjetivos são palavras que, entre outras funções, indicam uma opinião do enunciador do texto sobre o substantivo adjetivado; o adjetivo abaixo que está nesse caso é:

a) aspecto fascinante
b) capitalismo americano
c) filantropia bilionária
d) potência filantrópica
e) proporções inéditas

36. (Eletrobrás) Em todos os itens abaixo há uma junção de um substantivo com um adjetivo; o par em que o adjetivo **não** representa uma opinião do autor do texto é:

a) atitude sensata
b) teste definitivo
c) absurdo medo
d) mundo moderno

e) gravador estranho

37. (Finep / Técn.) Na junção de *golpistas venezuelanos*, caso haja troca de posição de termos – *venezuelanos golpistas*:

a) mantém-se o sentido original.
b) mantêm-se as classes de palavras originais.
c) só no primeiro caso *venezuelanos* indica nacionalidade.
d) só no segundo caso *venezuelano* indica nacionalidade.
e) ocorre mudança de sentido.

Gabarito: 1. a; 2. b; 3. b; 4. a; 5. a; 6. c; 7. a; 8. c; 9. d; 10. a; 11. c; 12. a; 13. a; 14. d; 15. d; 16. d; 17. a; 18. c; 19. c; 20. b; 21. d; 22. a; 23. e; 24. a; 25. c; 26. b; 27. b; 28. d; 29. c; 30. c; 31. c; 32. b; 33. a; 34. d; 35. a; 36. d; 37. e.

Artigo, substantivo, adjetivo e advérbio... A diferenciação entre essas classes é assunto que vem sendo explorado muito nas provas. Vamos sistematizar?

7.5. RESUMO

- Artigo é classe que se refere sempre a substantivo.
- Substantivo nomeia. Sempre pode vir antecedido de artigo.
- Adjetivo sempre se refere a substantivo. É classe variável.
- Advérbio é classe que modifica verbo, adjetivo ou outro advérbio. É invariável.

8 FLEXÃO VERBAL

A seguir, um quadro de todos os tempos verbais existentes e a 1ª pessoa do singular de cada um deles. O quadro é bom por dois motivos: toda vez que você não souber como começa cada tempo verbal, você recorrerá a ele. Além disso, ajuda você a entender os tempos verbais. É uma boa sistematização.

Verbos de 1ª conjugação – vogal temática **a** (amar, cantar);

Verbos de 2ª conjugação – vogal temática **e** (beber, vender);

Verbos de 3ª conjugação – vogal temática **i** (partir, digerir).

(Não existe 4ª conjugação. Por exemplo, *pôr* é um verbo de 2ª conjugação.)

I – Indicativo	presente – eu falo...		
	pretérito		imperfeito – eu falava... perfeito – eu falei... mais-que-perfeito – eu falara...
	futuro		do presente – eu falarei... do pretérito – eu falaria...

II – Subjuntivo		presente – que eu fale... pretérito imperfeito – se eu falasse... futuro – quando eu falar...

III – Imperativo		afirmativo – fala tu, fale você, falemos nós, falai vós, falem vocês. negativo – não fales tu, não fale você, não falemos nós, não faleis vós, não falem vocês.

Observe que são três os modos verbais:

1. Indicativo: é o modo que assegura algo.

2. Subjuntivo: é o modo que indica possibilidade, hipótese.

3. Imperativo: é o modo que apresenta ideias de ordem, pedido, convite, súplica.

No indicativo e no subjuntivo, temos, então, os tempos do presente, pretérito e futuro.

Após se ter uma visão panorâmica do quadro de conjugação verbal, é necessário conhecer o paradigma da conjugação verbal. Com esse paradigma, você aprende que não precisa saber conjugar todos os tempos que existem. O quadro mostra que existe uma relação entre tempos primitivos e

derivados e diz como se sai de um primitivo e se chega a um derivado. É simples: se a banca pede o presente do subjuntivo do verbo *digerir*, basta que você acesse o presente do indicativo do verbo e você terá o que se pede. Sim, porque o presente do subjuntivo *deriva* do presente do indicativo. A notícia boa é que você não precisa saber conjugar os tempos derivados. A notícia ruim é que sem os primitivos não se chega a lugar algum. Mas eles são apenas três. Assim, você, para fazer prova, precisa conhecer os tempos primitivos dos verbos que são comuns em concursos. Vamos, então, conhecer o paradigma da conjugação verbal?

PRIMITIVOS 1) Presente do indicativo (Radical da 1ª pessoa do sing.) agredir_____	DERIVADOS Presente do subjuntivo (**-e**, **-a**) _____

Nesse caso, vai-se à 1ª pessoa do singular (eu) do presente do indicativo, extrai-se o "o", e, com o radical, chega-se à 1ª pessoa do singular do presente do subjuntivo, acrescentando-se a desinência (para verbos de 1ª conjugação – *e*; verbos de 2ª e 3ª conjugação, – *a*). Vale lembrar que o presente do subjuntivo é aquele em que, na escola, utilizávamos o *que* antes do verbo: *que eu agrida*.

Assim, teríamos:

Eu agrid*o* que eu agrid*a*

Depois, é só continuar, utilizando-se o radical que você adquiriu ao acessar o presente do indicativo, mantendo-se a D.M.T. (desinência modo-temporal) – *a* – e acrescentando-se as D.N.P. (desinências número-pessoais), características de cada pessoa: *que eu agrid**a**, que tu agrid**a**s, que ele agrid**a**, que nós agrid**a**mos, que vós agrid**a**is, que eles agrid**a**m.*

A seguir, o 2º bloco de primitivos e derivados. Observe cada tempo derivado com sua desinência característica (D.M.T. – desinência modo-temporal), entre os parênteses.

2) Pretérito perfeito	Pret. mais-que-perfeito (-ra)
	Imperfeito do subjuntivo (-sse)
	Futuro do subjuntivo (-r)

Acesse a 3ª pessoa do plural – *eles* –, elimine a desinência *-ram* e fique com o radical. Partindo dele, acrescente as novas desinências dos tempos derivados.

Assim, teríamos:

Eles coube*ram* coube**ra**, coube**sse**, coube**r**

Nosso último bloco de primitivos e derivados:

3) Infinitivo Impessoal	Futuro do presente (-re, -ra) Futuro do pretérito (-ria)
	Imperfeito do indicativo (-va, -a)

Nesse caso, extrai-se o "R" do infinitivo impessoal (que é o nome do verbo – *falar, beber, partir...*), acrescentando-se as novas desinências. Observe que no **pretérito imperfeito** do indicativo temos duas possibilidades de D.M.T.: **-va** para verbos de 1ª conjugação e –**a** para verbos de 2ª e 3ª conjugação (ex.: *fal**ar** – fala**va**; beb**er** – bebi**a**; part**ir** – parti**a***).

Assim, teríamos:

digeri*r* digeri**rei**, digeri**ria**, digeri**a**.

Importante: o quadro que organiza os tempos verbais em dois grupos (primitivos e derivados) ajudará você a conjugar a maioria dos verbos em Língua Portuguesa, porém há exceções, como os verbos pôr, ser, ir, haver, entre outros, que estudaremos separadamente ao final.

A seguir, algumas questões que tratam de modos e tempos verbais.

1. (FCC/TRF – 2ª Região) A segunda novidade **apontava** os pesticidas e herbicidas químicos...

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o verbo em destaque acima está na frase:

a) Mas Ehrlich *errou*.

b) ... não *existia* terra suficiente para alimentar todas elas.

c) ... com o que *cresce* em 2 mil metros quadrados...

d) As algas se *multiplicam* a rodo...

e) Diante disso, muitos consumidores *partiram* para uma alternativa...

Comentários:

O verbo da frase no enunciado está no pretérito imperfeito do indicativo (desinência -*va*). As letras A e E trazem o verbo no pretérito perfeito do indicativo. A letra B apresenta o verbo no pretérito imperfeito do indicativo, mas, como o verbo é de 3ª conjugação, a desinência é -*a*. A letra C mostra

um verbo no presente do indicativo, bem como a letra D.

Resposta: B.

2. (FCC/TRF – 2ª Região) Considere a flexão verbal em *viviam – vivem – viverão*. A mesma sequência está corretamente reproduzida nas formas:

a) queriam – querem – quiserão.

b) davam – dão – dariam.

c) exigiram – exigem – exigerão.

d) permitiam – permitem – permitirão.

e) criam – criavam – criarão.

Comentários:

A sequência de verbos do enunciado está, respectivamente, no pretérito imperfeito, presente e futuro do presente do indicativo.

A letra A tem erro só na forma *quiserão*, que não existe: o verbo *querer* no futuro do presente é *quererão* (é só você se lembrar do quadro: o futuro do presente deriva do infinitivo).

Na letra B, há erro só na forma *dariam*, que corresponde ao futuro do pretérito, e não futuro do presente do indicativo.

Na letra C há dois erros: no primeiro verbo (*exigiram* é pretérito perfeito; no imperfeito seria *exigiam*) e no último (*exigerão* não existe: é *exigirão* – lembre-se: o futuro do presente deriva do infinitivo *exigir* e não *exiger*).

A letra D traz a sequência correta: pretérito imperfeito do indicativo, presente do indicativo e futuro do presente.

Já a letra E erra na 1ª forma (*criam* é presente do indicativo e não pretérito imperfeito – *criavam*) e na 2ª forma (*criavam*, como já vimos, é pretérito imperfeito, e não presente do indicativo).

Resposta: D.

Fechamos nossa 1ª parte do assunto: agora você já sabe como sair de um tempo primitivo e chegar a um derivado. Então, estamos combinados: você precisa saber como conjugar os tempos primitivos dos verbos que mais aparecem nas provas.

Você deve estar se perguntando: quantos verbos terei de saber para fazer uma boa prova? Fique tranquilo: não são muitos. Na verdade, você precisa saber conjugar alguns verbos que são *líderes* de

outros comuns em concursos. Por exemplo: se aparecer o verbo *advir* em uma questão, basta você conhecer o *vir*, que apresenta o mesmo radical. Daí, o verbo *vir* ser um *líder*. Da mesma forma, o *depor*, que vem do *pôr*; o *abster*, que vem do *ter*, e assim sucessivamente.

Preparamos uma lista de verbos conjugados, que servirá como consulta para os exercícios que faremos a seguir. Dividimos essa lista em três partes:

8.1. PRINCIPAIS VERBOS QUE SE CONJUGAM A PARTIR DE OUTROS

8.1.1. Pôr (líder)

Modo Indicativo:

Presente: ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem; **pretérito perfeito:** pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram; **pretérito imperfeito:** punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham; **pretérito mais-que-perfeito:** pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram; **futuro do presente:** porei, porás, porá, poremos, poreis, porão; **futuro do pretérito:** poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham; **pretérito imperfeito:** pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, puséssеis, pusessem; **futuro:** puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem.

Como o verbo pôr, conjugam-se antepor, apor, compor, contrapor, decompor, depor, dispor, entrepor, expor, impor, interpor, justapor, opor, pospor, predispor, pressupor, propor, recompor, repor, sobrepor, supor.

8.1.2. Ter (*líder*)

Modo Indicativo:

Presente: tenho, tens, tem, temos, tendes, têm; **pretérito perfeito:** tive, tiveste, teve, tivemos, tivestes, tiveram; **pretérito imperfeito:** tinha, tinhas, tinha, tínhamos, tínheis, tinham; **pretérito mais-que-perfeito:** tivera, tiveras, tivera, tivéramos, tivéreis, tiveram**; futuro do presente:** terei, terás, terá, teremos, tereis, terão; **futuro do pretérito:** teria, terias, teria, teríamos, teríeis, teriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: tenha, tenhas, tenha, tenhamos, tenhais, tenham; **pretérito imperfeito:** tivesse, tivesses, tivesse, tivéssemos, tivésseis, tivessem; **futuro:** tiver, tiveres, tiver, tivermos, tiverdes, tiverem.

Como o verbo ter, conjugam-se abster-se, ater-se, conter, deter, entreter, manter, obter, reter, suster.

8.1.3. Ver (*líder*)

Modo Indicativo:

Presente: vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem; **pretérito perfeito:** vi, viste, viu, vimos, vistes, viram; **pretérito imperfeito:** via, vias, via, víamos, víeis, viam; **pretérito mais-que-perfeito:** vira, viras, vira, víramos, víreis, viram; **futuro do presente:** verei, verás, verá, veremos, vereis, verão; **futuro do pretérito:** veria, verias, veria, veríamos, veríeis, veriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam; **pretérito imperfeito:** visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem; **futuro:** vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.

Como o verbo ver, conjugam-se entrever, antever, prever, rever.

8.1.4. Vir (*líder*)

Modo Indicativo:

Presente: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm; **pretérito perfeito:** vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram; **pretérito imperfeito:** vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham; **pretérito mais-que-perfeito:** viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram; **futuro do presente:** virei, virás, virá, viremos, vireis, virão; **futuro do pretérito:** viria, virias, viria, viríamos, viríeis, viriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham; **pretérito imperfeito:** viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem; **futuro:** vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.

Como o verbo vir, conjugam-se advir, avir-se, convir, desavir-se, intervir, provir, sobrevir.

8.1.5. Dizer (*líder*)

Modo Indicativo:

Presente: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem; **pretérito perfeito:** disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram; **pretérito imperfeito:** dizia, dizias, dizia, dizíamos, dizíeis, diziam; **pretérito mais-que-perfeito:** dissera, disseras, dissera, disséramos, disséreis, disseram; **futuro do presente:** direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão; **futuro do pretérito:** diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: diga, digas, diga, digamos, digais, digam; **pretérito imperfeito:** dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem; **futuro:** disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem.

Como o verbo dizer, conjugam-se bendizer, condizer, contradizer, desdizer (assim, se é *eu digo*, será eu *bendigo*...).

8.1.6. Fazer (*líder*)

Modo Indicativo:

Presente: faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem; **pretérito perfeito:** fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram; **pretérito imperfeito:** fazia, fazias, fazia, fazíamos, fazíeis, faziam; **pretérito mais-que-perfeito:** fizera, fizeras, fizera, fizéramos, fizéreis, fizeram; **futuro do presente:** farei, farás, fará, faremos, fareis, farão; **futuro do pretérito:** faria, farias, faria, faríamos, faríeis, fariam.

Modo Subjuntivo:

Presente: faça, faças, faça, façamos, façais, façam; **Pretérito imperfeito:** fizesse, fizesses, fizesse, fizéssemos, fizésseis, fizessem; **futuro:** fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem.

Como o verbo fazer, conjugam-se afazer, benfazer, desfazer, refazer, satisfazer (assim, se é *eu faço*, será eu *benfaço*...).

8.1.7. Querer (*líder*)

Modo Indicativo:

Presente: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem; **Pretérito perfeito:** quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram; **pretérito imperfeito:** queria, querias, queria, queríamos, queríeis, queriam; **pretérito mais-que-perfeito:** quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram; **futuro do presente:** quererei, quererás, quererá, quereremos, querereis, quererão; **futuro do pretérito:** quereria, quererias, quereria, quereríamos, quereríeis, quereriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram; **pretérito imperfeito:** quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem; **futuro:** quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem.

Como o verbo querer, conjugam-se bem-querer, desquerer, mal-querer (assim, se é *eu quero*, será eu *bem-quero*).

8.1.8. Valer (*líder*)

Modo Indicativo:

Presente: valho, vales, vale, valemos, valeis, valem; **pretérito perfeito:** vali, valeste, valeu, valemos, valestes, valeram; **pretérito imperfeito:** valia, valias, valia, valíamos, valíeis, valiam; **pretérito mais-que-perfeito:** valera, valeras, valera, valêramos, valêreis, valeram; **futuro do presente:** valerei, valerás, valerá, valeremos, valereis, valerão; **futuro do pretérito:** valeria, valerias, valeria, valeríamos, valeríeis, valeriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham; **pretérito imperfeito:** valesse, valesses, valesse, valêssemos, valêsseis, valessem; **futuro:** valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valerem.

Como o verbo valer, conjugam-se desvaler, equivaler (assim, se é *eu valho*, será eu *equivalho*).

Como já dissemos anteriormente, as bancas costumam pedir ao aluno, além da conjugação desses líderes, a dos seus derivados. Um bom exercício seria que você conjugasse os verbos derivados, partindo dos líderes. Exemplo: treine a conjugação do *interpor*, a partir da conjugação do *pôr*.

A seguir, a conjugação de verbos nos quais não se pode confiar. Isso porque, ao conjugar o *requerer,* por exemplo, é muito comum que o aluno faça analogia com o *querer*, não é mesmo? Mas o *requerer* não se conjuga como o *querer*. Da mesma forma, o verbo *prover* não vai seguir o paradigma do verbo *ver* em todos os tempos, só no presente. Daí, a importância de sistematizá-los.

8.2. FALSOS AMIGOS CONJUGADOS

8.2.1. Prover

Modo Indicativo:

Presente: provejo, provês, provê, provemos, provedes, proveem; **pretérito perfeito:** provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram; **pretérito imperfeito:** provia, provias, provia, províamos, províeis, proviam; **pretérito mais-que-perfeito:** provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram; **futuro do presente:** proverei, proverás, proverá, proveremos, provereis, proverão; **futuro do pretérito**: proveria, proverias, proveria, proveríamos, proveríeis, proveriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam; **pretérito imperfeito:** provesse, provesses, provesse, provêssemos, provêsseis, provessem; **futuro:** prover, proveres, prover,

provermos, proverdes, proverem.

Resumindo:
Basta que você pense no PROVER da seguinte forma: ele se conjuga como o VER só nos tempos do presente – presente do indicativo e presente do subjuntivo; nos outros tempos, é regular, como o BEBER. Assim, o grande cuidado que se deve ter é para não conjugá-lo como o VER o tempo inteiro. No pretérito imperfeito do subjuntivo, por exemplo, se ele se conjugasse como o VER seria se eu provisse, enquanto o correto é se eu provesse (tal qual o BEBER – se eu bebesse).

8.2.2. Requerer

Modo Indicativo:

Presente: requeiro, requeres, requer, requeremos, requereis, requerem; **pretérito perfeito:** requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram; **pretérito imperfeito:** requeria, requerias, requeria, requeríamos, requeríeis, requeriam; **pretérito mais-que-perfeito:** requerera, requereras, requerera, requerêramos, requerêreis, requereram; **futuro do presente:** requererei, requererás, requererá, requereremos, requerereis, requererão; **futuro do pretérito:** requereria, requererias, requereria, requereríamos, requereríeis, requereriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram; **pretérito imperfeito:** requeresse, requeresses, requeresse, requerêssemos, requerêsseis, requeressem; **futuro:** requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.

Resumindo: Quanto ao REQUERER, pense da seguinte forma: ele recebe a vogal i, após o 2º e do radical, apenas na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo. O mesmo ocorre em todo o presente do subjuntivo, que dela deriva. Nos outros tempos, é regular e conjuga-se como o BEBER. Não pense no QUERER. Assim, por exemplo, se ele fosse como o QUERER, no pretérito perfeito do indicativo seria eu requis e não eu requeri (tal qual o BEBER: eu bebi).

A seguir, apresentamos os verbos defectivos que são campeões em concursos públicos: os verbos REAVER e PRECAVER. Partindo do conceito de que um verbo defectivo é um verbo que não se conjuga em todos os tempos e em todas as pessoas, o 1º cuidado que você deve tomar é em não conjugá-los nos tempos em que eles não existem. Assim, você não deve, por exemplo, dizer *eu me precavejo contra esse tipo de problema*, simplesmente porque essa forma verbal não existe. O jeito é falar *eu tomo as minhas precauções*... Além disso, é preciso sistematizá-los para que você não cometa nenhuma imprudência na flexão das formas em que tais verbos se conjugam. Vamos a eles!

8.3. VERBOS DEFECTIVOS

8.3.1. Reaver

Modo Indicativo:

No presente do indicativo só possui *nós* e *vós (reavemos* e *reaveis*). Em função disso, também não possui o presente do subjuntivo. Nos outros tempos do Indicativo: **pretérito perfeito:** reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram; **pretérito imperfeito:** reavia, reavias, reavia, reavíamos, reavíeis, reaviam; **pretérito mais-que-perfeito:** reouvera, reouveras, reouvera, reouvéramos, reouvéreis, reouveram; **futuro do presente:** reaverei, reaverás, reaverá, reaveremos, reavereis, reaverão; **futuro do pretérito:** reaveria, reaverias, reaveria, reaveríamos, reaveríeis, reaveriam.

Modo Subjuntivo:

Pretérito imperfeito: reouvesse, reouvesses, reouvesse, reouvéssemos, reouvésseis, reouvessem; **futuro:** reouver, reouveres, reouver, reouvermos, reouverdes, reouverem.

Resumindo: Com o REAVER, basta pensar da seguinte forma: memorizar em que tempos aparece a sua defectividade – presente do indicativo e presente do subjuntivo; nos outros tempos, lembrar que ele se conjuga como o verbo HAVER.

8.3.2. Precaver

Modo Indicativo:

No presente do indicativo só possui *nós* e *vós (precavemos* e *precaveis*). Em função disso, também não possui o presente do subjuntivo. Nos outros tempos do Indicativo: **pretérito perfeito:** precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram; **pretérito imperfeito:** precavia, precavias, precavia, precavíamos, precavíeis, precaviam; **pretérito mais-que-perfeito:** precavera, precaveras, precavera, precavêramos, precavêreis, precaveram; **futuro do presente:** precaverei, precaverás, precaverá, precaveremos, precavereis, precaverão; **futuro do pretérito:** precaveria, precaverias, precaveria, precaveríamos, precaveríeis, precaveriam.

Modo Subjuntivo:

Pretérito imperfeito: precavesse, precavesses, precavesse, precavêssemos, precavêsseis, precavessem; **futuro:** precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.

Resumindo: O PRECAVER é ainda mais fácil que o REAVER: memorize em que tempos ele é defectivo (presente do indicativo e presente do subjuntivo) e nos outros tempos, observe que ele é um verbo regular. Logo, pense em outro regular: BEBER. Só não confunda o PRECAVER com o VER! Logo, no imperfeito do subjuntivo, por exemplo, será se eu me precavesse (como se eu bebesse), e não se eu me precavisse (seria assim se ele se conjugasse como o verbo VER).

Por fim, imaginamos que seria mais prático para o aluno se ele obtivesse uma lista de outros verbos irregulares que aparecem muito nas provas. Aconselhamos que você os conjugue da seguinte forma:

1. Comece pelo presente do indicativo e vá ao presente do subjuntivo, lembrando que o segundo deriva da primeira pessoa do singular do primeiro.
2. Depois vá ao pretérito perfeito. Partindo da 3ª pessoa do plural, chegue ao pretérito mais--que-perfeito, imperfeito do subjuntivo e futuro do subjuntivo.
3. Por fim, conjugue os que faltaram: pretérito imperfeito do indicativo, futuro do presente e futuro do pretérito. Lembre-se de que eles derivam do infinitivo. Como os verbos que você vai conjugar são os irregulares, vale observar que esses três tempos, ao saírem do infinitivo, apresentarão irregularidades. Quero dizer que muitos deles não apresentarão os radicais exatamente como eram no infinitivo. Mas então aproveite essas dicas: para conjugar o imperfeito do indicativo, use o advérbio *antigamente* (*antigamente eu dizia*, *antigamente eu valia*...); para conjugar o futuro do presente, use o advérbio *amanhã* (*amanhã eu direi*, *amanhã eu valerei*); quanto ao futuro do pretérito, lembre-se de acrescentar a desinência *–ria* (*eu diria*, *eu valeria*...).

Vamos à lista.

8.4. OUTROS VERBOS IRREGULARES QUE MERECEM UM CUIDADO ESPECIAL

8.4.1. Agredir

Modo Indicativo:

Presente: agrido, agrides, agride, agredimos, agredis, agridem; **pretérito perfeito:** agredi, agrediste, agrediu, agredimos, agredistes, agrediram; **pretérito imperfeito:** agredia, agredias, agredia, agredíamos, agredíeis, agrediam; **pretérito mais-que-perfeito:** agredira, agrediras, agredira, agredíramos, agredíreis, agrediram; **futuro do presente:** agredirei, agredirás, agredirá, agrediremos, agredireis, agredirão**: futuro do pretérito:** agrediria, agredirias, agrediria, agrediríamos, agrediríeis, agrediriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: agrida, agridas, agrida, agridamos, agridais, agridam; **pretérito imperfeito:** agredisse, agredisses, agredisse, agredíssemos, agredísseis, agredissem; **futuro:** agredir, agredires, agredir, agredirmos, agredirdes, agredirem.

Como o verbo agredir, conjugam-se – apesar de não se parecerem com ele – cerzir, denegrir,

prevenir, progredir, regredir, transgredir (assim, se é *eu agr**i**do*, será eu *c**i**rzo, den**i**gro, prev**i**no, progr**i**do, regr**i**do, transgr**i**do*. Observe que, nesses verbos, o *e* do radical vira *i,* em todas as pessoas do presente do indicativo, exceto em *nós* e *vós*, e em todo o presente do subjuntivo. Nos outros tempos, esses verbos são regulares).

8.4.2. Ferir

Modo Indicativo:

Presente: firo, feres, fere, ferimos, feris, ferem; **pretérito perfeito:** feri feriste, feriu, ferimos, feristes, feriram; **pretérito imperfeito:** feria, ferias, feria, feríamos, feríeis, feriam; **pretérito mais-que-perfeito:** ferira, feriras, ferira, feríramos, feríreis, feriram; **futuro do presente:** ferirei, ferirás, ferirá, feriremos, ferireis, ferirão; **futuro do pretérito:** feriria, feririas, feriria, feriríamos, feriríeis, feririam.

Modo Subjuntivo:

Presente: fira, firas, fira, firamos, firais, firam; **pretérito imperfeito:** ferisse, ferisses, ferisse, feríssemos, feríssseis, ferissem; **futuro:** ferir, ferires, ferir, ferirmos, ferirdes, ferirem.

Como o verbo ferir, conjugam-se – apesar de não se parecerem com ele – aderir, advertir, aferir, aspergir, assentir, auferir, compelir, competir, consentir, deferir, digerir, discernir, divergir, expelir, preferir, prosseguir, vestir, referir, repelir, repetir, ressentir. Assim, se é *eu firo*, será *eu adiro, advirto, afiro, aspirjo, assinto, aufiro, compilo, compito, consinto, defiro, digiro, discirno*... Observe que, com esses verbos, o *e* do radical vira *i,* somente na 1ª pessoa do presente do indicativo e em todo o presente do subjuntivo. Nos outros tempos, esses verbos são regulares.

8.4.3. Fugir

Modo Indicativo:

Presente: fujo, foges, foge, fugimos, fugis, fogem; **pretérito perfeito:** fugi, fugiste, fugiu, fugimos, fugistes, fugiram; **pretérito imperfeito:** fugia, fugias, fugia, fugíamos, fugíeis, fugiam; **pretérito mais-que-perfeito:** fugira, fugiras, fugira, fugíramos, fugíreis, fugiram; **futuro do presente:** fugirei, fugirás, fugirá, fugiremos, fugireis, fugirão; **futuro do pretérito:** fugiria, fugirias, fugiria, fugiríamos, fugiríeis, fugiriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: fuja, fujas, fuja, fujamos, fujais, fujam; **pretérito imperfeito:** fugisse, fugisses, fugisse,

fugíssemos, fugísseis, fugissem; **futuro:** fugir, fugires, fugir, fugirmos, fugirdes, fugirem.

Como o verbo fugir, conjugam-se – apesar de também não se parecerem com ele – acudir, bulir, consumir, cuspir, desentupir, entupir, escapulir, sacudir, subir, sumir. Assim, se é *eu fujo*, será *eu acudo, eu bulo, eu consumo, eu cuspo*... Observe que, com esses verbos, o *u* do radical vira *o,* somente nas 2ª e 3ª pessoas do singular e 3ª pessoa do plural do presente do indicativo; nos outros tempos, esses verbos são regulares.

8.4.4. Crer

Modo Indicativo:

Presente: creio, crês, crê, cremos, credes, creem; **pretérito perfeito**: cri, creste, creu, cremos, crestes, creram; **pretérito imperfeito:** cria, crias, cria, críamos, críeis, criam; **pretérito mais-que-perfeito**: crera, creras, crera, crêramos, crêreis, creram; **futuro do presente:** crerei, crerás, crerá, creremos, crereis, crerão; **futuro do pretérito**: creria, crerias, creria, creríamos, creríeis, creriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: creia, creias, creia, creiamos, creiais, creiam; **pretérito imperfeito:** cresse, cresses, cresse, crêssemos, crêsseis, cressem; **futuro:** crer, creres, crermos, crerdes, crerem.

Como o verbo crer, conjugam-se os verbos descrer, ler e reler. Assim, se é *eu creio*, será *eu descreio, eu leio, eu releio*... Observe o pretérito perfeito do verbo *crer*, alguns alunos estranham as formas *eu cri* e *ele creu*.

8.4.5. Ir

Modo Indicativo:

Presente: vou, vais, vai, vamos, ides, vão; **pretérito perfeito:** fui, foste, foi, fomos, fostes, foram; **pretérito imperfeito:** ia, ias, ia, íamos, íeis, iam; **pretérito mais-que-perfeito:** fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram; **futuro do presente:** irei, irás, irá, iremos, ireis, irão; **futuro do pretérito:** iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: vá, vás, vá, vamos, vades, vão; **pretérito imperfeito:** fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem; futuro: for, fores, for, formos, fordes, forem.

O verbo ir é chamado de anômalo, pois possui mais de um radical quando é conjugado. Daí, ele necessitar de um estudo isolado. Quanto a esse verbo, valem três recados:
1. No presente do indicativo e no presente do subjuntivo, nós e eles possuem formas idênticas: não estranhe. Assim, no presente do indicativo

teríamos uma frase do tipo: nós *sempre* vamos *à biblioteca*. Da mesma forma, no presente do subjuntivo, seria nossos pais querem que nós vamos à biblioteca.
2. Não confunda a forma vós ides no presente do indicativo com vós vades no presente do subjuntivo. Assim, teríamos: vós ides à biblioteca sempre? (presente do indicativo); e desejo que vós vades à biblioteca com mais frequência (presente do subjuntivo).

3. Atenção também com o verbo VIR, para não confundir a 1ª pessoa do plural do presente do indicativo (nós vimos) com a 1ª pessoa do plural do pretérito perfeito (nós viemos). A troca de uma forma pela outra é muito comum, como em frases do tipo: hoje nós "viemos" aqui, e não hoje nós vimos aqui.

8.4.6. Haver

Modo Indicativo:

Presente: hei, hás, há, havemos ou hemos, haveis ou heis, hão; **pretérito perfeito:** houve, houveste, houve, houvemos, houvestes, houveram; **pretérito imperfeito:** havia, havias, havia, havíamos, havíeis, haviam; **pretérito mais-que-perfeito:** houvera, houveras, houvera, houvéramos, houvéreis, houveram; **futuro do presente:** haverei, haverás, haverá, haveremos, havereis, haverão; **futuro do pretérito:** haveria, haverias, haveria, haveríamos, haveríeis, haveriam.

Modo do Subjuntivo:

Presente: haja, hajas, haja, hajamos, hajais, hajam; **pretérito imperfeito:** houvesse, houvesses, houvesse, houvéssemos, houvésseis, houvessem; **futuro:** houver, houveres, houver, houvermos, houverdes, houverem.

Muitos estranham a conjugação do verbo HAVER, pois não estão acostumados a conjugá-lo. Isso ocorre porque esse verbo é muito usado com o sentido de existir e, com esse sentido, de fato, ele só se conjuga na 3ª pessoa do singular (há, houve, havia, haverá). Assim, teríamos: havia muitas pessoas na festa (haver com sentido de existir).
Entretanto, ele se conjugará normalmente se apresentar outros sentidos. Observe: "Houvemos por bem convidar os amigos para o jantar" (aqui, o haver significa dignar-se, julgar oportuno); "Elas se houveram bem sem empregada" (nesse caso, haver é pronominal e tem sentido de portar-se); "Eles haviam estudado todo o assunto" (aqui, o haver é auxiliar de uma locução verbal, conjugando-se normalmente em todas as pessoas).

Vamos exercitar e juntar todos os conceitos para conjugar os verbos a seguir.

Complete as frases abaixo, com os verbos solicitados entre os parênteses.

1. Para que todos _____ bem confortáveis, alugaremos um ônibus. (VIAJAR, presente do subjuntivo)

Comentários: Vá à 1ª pessoa do presente do indicativo: *eu viajo*, extraia o ***o***, utilize o radical para acrescentar as novas desinências: *que eu viaje*, *que tu viajes*, *que ele viaje*...

Resposta: viajem.

2. Ontem eles _____ todo o dinheiro roubado. (REAVER, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: Lembre-se de que no pretérito perfeito o REAVER se conjuga como o HAVER. Assim, se é *eles houveram*, será *eles reouveram*, e não "*reaveram*".

Resposta: reouveram.

3. O juiz não _____ na briga entre os jogadores. (INTERVIR, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: O verbo intervir é derivado de vir. Portanto, se é ele veio, será ele interveio, e não interviu!

Resposta: interveio.

4. Quando ele nos _____, poderá entregar-nos a encomenda. (VER, futuro do subjuntivo)

Comentários: Aqui, todo mundo fica na dúvida: quando *ele ver* ou quando *ele vir*? Ora, é só lembrar que o futuro do subjuntivo deriva do pretérito perfeito. O pretérito perfeito é *eu vi*, *tu viste*..., *eles viram*; logo, o futuro do subjuntivo será *quando eu vir*, *quando tu vires*, *quando ele vir*...

Resposta: vir.

5. Eles ficarão felizes quando nós _____ esta reformulação. (PROPOR, futuro do subjuntivo)

Comentários: propor vem do pôr. Logo, se é quando *eu puser*, *quando tu puseres*, *quando ele puser*, será *quando eu propuser*, *quando tu propuseres*, *quando ele propuser*, e não *quando eu "propor", quando tu "propores", quando ele "propor"*...

Resposta: propusermos.

6. Eles não _____ os fugitivos. (DETER, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: deter vem do ter. Assim, se é *eu tive, tu tiveste, ele teve*, será *eu detive, tu detiveste, ele deteve,* e não *ele "deteu"*.

Resposta: detiveram.

7. O aluno _____ o adiantamento das provas. (REQUERER, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: Não pense no querer! requerer, no pretérito perfeito, se conjuga como o BEBER: *ele bebeu = ele requereu*, e não *ele "requis"*.

Resposta: requereu.

8. Eles só _____ paciência com os mais velhos. (TER, presente do indicativo)

Comentários: Aqui, é só lembrar: no singular, é sem acento – ele tem –, mas o plural, para diferenciar do singular, é com acento circunflexo: o acento diferencial de número.

Resposta: têm.

9. Eu não _____ tanto. (VALER, presente do indicativo)

Comentários: O verbo valer na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo apresenta uma irregularidade: o ***l*** vira ***lh*** (eu valho). O presente do subjuntivo, por ser derivado, herdará a mesma irregularidade (*que eu valha, que tu valhas, que ele valha*...

Resposta: valho.

10. Estes homens _____ de um lugar distante. (PROVIR, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: O verbo provir deriva do vir. Logo, se é *eu vim, tu vieste, ele veio*, será *eu provim, tu provieste, ele proveio.*

Resposta: provieram.

11. Ele só virá, quando nós lhe _____ a verdade. (DIZER, futuro do subjuntivo)

Comentários: Caso você não saiba como é o futuro do subjuntivo do verbo dizer, basta ir ao pretérito perfeito, seu tempo primitivo. Assim, no pretérito perfeito, temos *eles disseram*, logo teremos no futuro do *subjuntivo quando eu disser*, *quando tu disseres, quando ele disser*...

Resposta: dissermos.

12. Seria necessário que eles _____ o mesmo ritmo. (MANTER, pretérito imperfeito do subjuntivo)

Comentários: O verbo manter deriva do ter. Assim, o imperfeito do subjuntivo *é se eu tivesse, se tu tivesses, se ele tivesse*, então, com o *manter*, será *se eu mantivesse, se tu mantivesses, se ele mantivesse*...

Resposta: mantivessem.

13. Só entendi o que os brasileiros _____ (EXPOR, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: O verbo expor deriva do pôr. Logo, se o pretérito perfeito do pôr é *eu pus, tu puseste, ele pôs*..., o pretérito perfeito do expor será *eu expus, tu expuseste, ele expôs*.

Resposta: expuseram.

14. Preciso que tu _____ até a minha casa. (IR, presente do subjuntivo)

Comentários: Lembre-se: *que eu vá, que tu vás, que ele vá...*

Resposta: vás.

15. Aqui eu não _____ (CABER, presente do indicativo)

Comentários: O verbo caber possui uma irregularidade na 1ª pessoa do presente do indicativo e em todo o presente do subjuntivo: o ***a*** do radical recebe um ***i***. Assim, temos: *eu caibo, tu cabes, ele cabe... que eu caiba, que tu caibas, que ele caiba...*

Resposta: caibo.

16. Ele quer que nós _____ outro livro. (LER, presente do subjuntivo)

Comentários: O verbo ler conjuga-se como o crer: *que eu creia, que tu creias, que ele creia = que eu leia, que tu leias, que ele leia...*

Resposta: leiamos.

17. Eu _____ que todos viriam à reunião. (SUPOR, pretérito imperfeito do indicativo)

Comentários: supor conjuga-se como o pôr. Como o que se quer é o pretérito imperfeito do indicativo do verbo *supor*, basta conjugarmos o *pôr*: "antigamente" *eu punha, tu punhas, ele punha*. Logo, será "antigamente" *eu supunha, tu supunhas, ele supunha...*

Resposta: supunha.

18. Nós _____ até aqui hoje, pois ontem não foi possível. (VIR, presente do indicativo)

Comentários: Lembre-se: *hoje nós vimos*, *ontem nós viemos*. Parece confuso, porque é idêntico ao verbo ver no pretérito perfeito! Veja só: *hoje nós vimos à sua casa* – **vir** no presente do indicativo; *ontem nós vimos o seu irmão na rua* – **ver** no pretérito perfeito.

Resposta: vimos.

19. Ontem nós não _____ à aula. (VIR, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: Não confundir o presente do indicativo do verbo *vir* (vimos) com o pretérito perfeito do verbo *vir* (viemos).

Resposta: viemos.

20. Se eles _____ e não te _____, retornarão chateados. (VIR e VER, presente do indicativo)

Comentários: O verbo vir na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo é *ele vem*, e a 3ª pessoa do plural recebe acento circunflexo: *eles vêm*. Já o verbo ver no presente do indicativo é *ele vê*, *eles veem* – a 3ª pessoa do plural perdeu o acento circunflexo – antes era *vêem* – em função do Novo Acordo Ortográfico.

Resposta: vêm/veem.

21. Vós _____ com quem desejais. (IR, presente do indicativo)

Comentários: Não confundir o presente do indicativo do verbo *ir* (vós ides) com o presente do subjuntivo do verbo *ir* (vós vades).

Resposta: ides.

22. Todos esperamos que vós _____ conosco. (IR, presente do subjuntivo)

Comentários: Lembre-se de não confundir o presente do indicativo – *hoje vós ides pelo bom caminho* – com o presente do subjuntivo – *espero que vós vades pelo bom caminho*.

Resposta: vades.

23. Esperava-se que eles _____ a casa com o necessário. (PROVER, imperfeito do subjuntivo)

Comentários: Atenção, o prover só se conjuga como o ver nos tempos do presente. Nos outros tempos, ele é como o beber. Logo, se é *esperava-se que eles bebessem*, será *esperava-se que eles provessem*, e não "*provissem"*, se ele seguisse o verbo *ver*.

Resposta: provessem.

Agora, algumas questões de concursos comentadas:

1. (FGV/Oficial de Cartório/2008) "Se interviessem, implodiriam as contas públicas". Assinale a alternativa que apresente erro em uma das formas verbais.

a) Se o comando reouvesse o prestígio, os criminosos desistiriam.

b) Se os policiais requisessem maiores salários, tudo se arrumaria.

c) Se os criminosos se acovardassem, a polícia os deteria.

d) Se os jornais proviessem de fora, as notícias entreteriam mais.

e) Se as autoridades quisessem, nada disso se faria.

Comentários:

Na letra A, temos o verbo **reaver**, que nos tempos em que é conjugado, segue o verbo **haver**. Ora, se

fosse o **haver**, seria *se o comando houvesse*, logo, será *se o comando reouvesse*.

A letra B traz o verbo **requerer**, que não segue o **querer**, e sim um verbo regular como o **beber**. Logo, não é *se os policiais requisessem* – seria assim se fosse como o **querer** – e sim *se os policiais requeressem*.

A letra C apresenta um verbo regular – **acovardar-se** – no imperfeito do subjuntivo, 3ª pessoa do plural, corretamente conjugado.

A letra D apresenta o verbo **provir**, que se conjuga como o **vir**. Ora, se fosse o **vir**, seria *se os jornais viessem*; como é o **provir**, será *se os jornais proviessem.*

A letra E apresenta o verbo **querer**, um verbo irregular, corretamente conjugado no imperfeito do subjuntivo, 3ª pessoa do plural.

Resposta: B.

2. (Cesgranrio/Petrobras) O verbo grifado está corretamente flexionado na frase:

a) Empresários do agronegócio manteram-se atentos às previsões de escassez de chuvas.

b) Técnicos do governo creem que serão resolvidos os conflitos entre investidores e ambientalistas.

c) O governo, atento às instáveis condições do mercado, interviu na cotação do dólar.

d) Como sobreviram contratempos, foi inevitável a quebra da safra de grãos no ano passado.

e) Técnicos preveram queda na arrecadação, devido às elevadas taxas de juros.

Comentários:

A letra A está errada. O verbo **manter** conjuga-se como o **ter**. Ora, se fosse o **ter**, seria *os empresários tiveram*, logo deve ser *os empresários mantiveram-se*.

A letra B está correta. Segundo o Novo Acordo Ortográfico, o 1º **e** dos verbos **crer, dar, ler e ver** perde o acento circunflexo.

A letra C traz o verbo **intervir**, que se conjuga como o **vir**, e não como o **ver.** Logo, é *interveio* e não *interviu*.

A letra D apresenta o verbo **sobrevir**, que também se conjuga como o **vir** e não como o **ver**. Por isso, o correto é *sobrevieram* e não *sobreviram*.

Na letra E, tem-se o verbo **prever**, que se conjuga como o **ver** – *previram*, e não *preveram*.

Resposta: B.

3. (Cesgranrio/Petrobras) "Para que se DIGA...","que o governo GARANTA...". Se em lugar dos

verbos destacados, tivéssemos, respectivamente, os verbos PROVER e INTERVIR, as formas correspondentes seriam:

a) proveja / intervinha

b) prove / interveja

c) provenha / intervisse

d) proveja / intervenha

e) provenha / interveja

Comentários:

Nesta questão, busca-se a conjugação dos verbos **prover** e **intervir** no presente do subjuntivo. Ora, neste tempo verbal em questão, o verbo **prover** se conjuga como o **ver**. Se fosse o verbo **ver**, seria *que se veja*; logo, com o **prover** será *que se proveja*. Já o verbo **intervir** conjuga-se como o **vir** em todos os tempos. Assim, se fosse o **vir**, seria *que o governo venha*, logo, com o **intervir**, será *que o governo intervenha*.

Resposta: D.

Agora que você já aprendeu a correlação entre tempos primitivos e derivados, bem como a lógica de verbos que se conjugam como outros, precisamos dar uma especial atenção aos verbos de terminação -ear/-iar, que aparecem muito em concursos. Eles ensejam dúvidas do tipo: eu maqueio ou eu maquio? Eu penteio ou eu pentio? Ele freiou ou freou o carro?

8.5. VERBOS EM -EAR

Todos os verbos terminados em **-ear** são **irregulares**, pois recebem um ***i*** nas formas da 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular e 3ª pessoa do plural do **presente do indicativo** e do **presente do subjuntivo.** Nos outros tempos, a conjugação desses verbos terminados em **-ear** é regular.

Exemplo: ARREAR (= pôr os arreios)

• Presente do indicativo: arre**i**o, arre**i**as, arre**i**a, arreamos, arreais, arre**i**am.

• Presente do subjuntivo: arre**i**e, arre**i**es, arre**i**e, arreemos, arreeis, arre**i**em.

Repare que nas formas **nós** e **vós** não há a presença do **i**.

Por esse modelo conjugam-se cear, passear, recear, semear, macaquear, estrear...

O verbo estrear, **pelo Novo Acordo Ortográfico**, perdeu o acento agudo: estre**i**o, estre**i**as, estre**i**a, estreamos, estreais, estre**i**am. / estre**i**e, estre**i**es, estre**i**e, estreemos, estreeis, estre**i**em.

8.6. VERBOS EM -IAR

Os verbos terminados em **-iar** são regulares.

Exemplo: arriar (= abaixar-se)

• Presente do indicativo: arrio, arrias, arria, arriamos, arriais, arriam.

• Presente do subjuntivo: arrie, arries, arrie, arriemos, arrieis, arriem.

Por esse modelo, conjugam-se copiar, adiar, maquiar, negligenciar, premiar...

Há, porém, cinco verbos em -iar que recebem a letra ***e*** nas formas da 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular e 3ª pessoa do plural do **presente do indicativo** e do **presente do subjuntivo.** São eles: **m**ediar, **a**nsiar, **r**emediar, **i**ncendiar, **o**diar.

As letras iniciais desses verbos formam o nome Mario.

O verbo INTERMEDIAR é derivado de MEDIAR, portanto, se conjuga por este.

Exemplo: mediar

• Presente do indicativo: med**e**io, med**e**ias, med**e**ia, mediamos, mediais, med**e**iam.

• Presente do subjuntivo: med**e**ie, med**e**ies, med**e**ie, mediemos, medieis, med**e**iem.

Nas formas **nós** e **vós** não há a presença do **e**.

Por esse modelo conjugam-se intermediar, ansiar, remediar, incendiar e odiar.

Resumindo: Todos os verbos terminados em -ear e os cincos verbos em -iar recebem um (EI) nas formas da 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular e da 3ª pessoa do plural nos tempos do PRESENTE.

A seguir, algumas questões de concursos comentadas:

1. (Fundação Euclides da Cunha/TRF) Na oração "como o que Bush experimentou ao **nomear** Harvey Pitt", o verbo **nomear** foi usado na forma do infinitivo. Se usado em uma forma finita, este verbo e todos os outros terminados em **-ear**, bem como alguns terminados em **-iar**, apresentam formas ditongadas e não ditongadas, segundo a norma culta da língua. Considerando essa característica de flexão, está incorreta a forma usada na frase:

a) É conveniente que hasteemos a bandeira da moralidade nos negócios públicos.

b) Um dirigente que demonstre competência não receia enfrentar problemas de gerenciamento.

c) As sociedades anseiam por dirigentes que primem pela competência e moralidade.

d) O presidente Bush freiou a iniciativa espúria de Harvey Pitt.

e) Uma ação sensata do presidente sempre remedeia possíveis situações constrangedoras.

Comentários:

Nas letras A e B, os verbos hastear e recear possuem a terminação -ear. O verbo hastear, por estar na 1ª pessoa do plural do presente do subjuntivo, não recebe a letra ***i***. Já o verbo recear, por estar na 3ª pessoa do singular, recebe essa mesma letra.

Nas letras C e E, aparecem os verbos ansiar e remediar, que terminam em -iar. Esses verbos fazem parte do Mario. Como estão conjugados, respectivamente, na 3ª pessoa do plural e 3ª pessoa do singular do presente do indicativo recebem a letra ***e***.

Na letra D, o verbo frear não está conjugado nos tempos do presente, logo não recebe a letra ***i***. O verbo frear, no pretérito perfeito, se conjuga da seguinte forma: freei, freaste, freou, freamos, freastes, frearam.

Resposta: D.

2. (NCE-UFRJ/Oficial de Justiça) "Para outras, é apenas o prazer de saber que a distância não mais **cerceia** a comunicação, por boba que seja."; a frase abaixo em que há uma forma, ligada aos verbos terminados em -ear, grafada erradamente é:

a) É perigoso que passeiemos à noite.

b) A civilização sofre freadas em seu progresso.

c) O homem receoso não luta pela liberdade.

d) Todos nós ceamos no Natal.

e) É injusto que os países totalitários cerceiem a comunicação.

Comentários:

A letra A apresenta o verbo passear flexionado na 1ª pessoa do plural do presente do subjuntivo. Nessa forma, vimos que não há a presença da letra ***i***. A forma correta seria passeemos.

Na letra B, o verbo frear não aparece conjugado nos tempos do presente, e sim na forma de particípio. Daí não receber a letra **i**.

Na letra C, receoso é adjetivo. Não confundir com RECEIO, substantivo.

Na letra D, o verbo cear aparece na 1ª pessoa do plural, que não recebe a letra ***i***. Já na letra E, o verbo cercear está flexionado na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo, que recebe a letra ***i***. Formas corretas, portanto.

Resposta: A.

3. (Cesgranrio/Petrobras) A forma verbal em negrito não está conjugada corretamente em:

a) A natureza **premia** com felicidade ou infelicidade.

b) É importante que **nomeiem** logo o diretor.

c) Chegue cedo para que **principiemos** a reunião na hora.

d) O ser humano **anseia** por uma felicidade perene.

e) O professor **incendia** o debate com perguntas polêmicas.

Comentários:

Nas letras A, C, D e E, aparecem verbos em -iar. Com essa terminação, vimos que são cinco os verbos que recebem a letra ***e*** nas formas da 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular e 3ª pessoa do plural nos tempos do presente (do indicativo e do subjuntivo). Os verbos premiar e principiar não pertencem ao Mario, portanto, não recebem a letra ***e***.

Nas opções D e E, os verbos ansiar e incendiar pertencem a esse grupo. Logo, o verbo INCENDIAR, na 3ª pessoa do singular, é *incendeia*.

Na letra B, o verbo nomear pertence à terminação -ear, recebendo um ***i*** na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo.

Resposta: E.

Ainda em conjugação verbal, é necessário que se aprenda a identificar os tempos compostos. Aprender a conjugá-los é simples, pois o que se memoriza para os tempos compostos do indicativo vale também para o subjuntivo. Vamos a eles.

8.7. TEMPOS COMPOSTOS

Formam-se com os auxiliares **TER** ou **HAVER** mais **Particípio**.

Na maioria dos casos, o nome do tempo composto quem determina é o verbo auxiliar.

No Indicativo:

Terei falado. **(futuro do presente composto)**

Teria falado. **(futuro do pretérito composto)**

Ter falado. **(infinito composto)**

Tendo falado. **(gerúndio composto)**

No Subjuntivo:

Tiver falado. **(futuro composto)**

No entanto, merecem atenção especial duas formas:

1. Pretérito perfeito composto: verbo auxiliar no presente mais o particípio.

Indica a repetição ou continuidade de um fato iniciado no passado até o presente.

Tem falado, **tenho** contado...

2. Pretérito mais-que-perfeito composto: verbo auxiliar no imperfeito mais particípio.

É empregado como o simples, para expressar um fato já concluído antes de outro também no passado.

Tinha falado, **havia** falado, **tinha** contado...

Repare que, nessas formas, o nome do tempo composto não corresponde ao verbo auxiliar. Em concurso, quando o assunto é tempo composto, esses são os tempos mais pedidos.

Vamos a três questões de concurso que falam do assunto:

1. (Técnico Judiciário/TJ) "... que realmente **havia levado** a máquina para casa..."; a forma verbal em destaque equivale a:

a) levava

b) levou

c) leva

d) levara

e) levasse

Comentários:

A forma verbal havia levado traz o verbo auxiliar (haver) no pretérito imperfeito, caracterizando, assim, o pretérito mais-que-perfeito do indicativo, que equivale à forma simples desse mesmo tempo.

Resposta: D.

2. (Auxiliar Judiciário/TJ) "Publicidade oficial **tem sido**, quase sempre...". O emprego do tempo verbal destacado expressa:

a) uma ação ou estados permanentes ou assim considerados.

b) um fato futuro, mas próximo.

c) uma ação passada habitual ou repetida.

d) uma ação produzida em certo momento do passado.

e) a continuidade de um ato até o presente.

Comentários:

A forma destacada no enunciado tem o verbo auxiliar (ter) no presente do indicativo, o que caracteriza o pretérito perfeito do indicativo. Embora o auxiliar esteja no presente, repare que a ideia tem início no passado e vem até o momento presente. Se "Publicidade oficial tem sido, quase sempre...", é porque essa ação *vem ocorrendo*, ou seja, não terminou no passado, se prolonga até o presente.

Resposta: E.

3. (FGV/Perito Criminal da Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro/2008) "O público brasileiro tem ouvido, com alguma frequência, notícias a respeito de possível rebelião de países vizinhos contra aquilo que seus governantes chamam de dívidas ilegítimas."

No trecho acima, as formas verbais estão, respectivamente, no:

a) presente do indicativo e presente do indicativo.

b) presente do indicativo e presente do subjuntivo.

c) presente do subjuntivo e presente do indicativo.

d) pretérito perfeito do indicativo e presente do subjuntivo.

e) pretérito perfeito do indicativo e presente do indicativo.

Comentários:

Trata-se de uma questão que busca a identificação dos tempos das formas verbais *tem ouvido* e *chamam.* Muitos alunos que erraram a questão marcaram a letra A, pois não perceberam que o verbo *ter* vinha seguido de particípio, formando, assim, um tempo composto. Ora, se o auxiliar vem no presente do indicativo mais particípio, estamos diante do pretérito perfeito composto do indicativo, enquanto a forma *chamam* está no presente do indicativo. Atente ao fato de que a banca também não menciona pretérito perfeito *composto*, e sim pretérito perfeito, o que torna a questão mais difícil.

Resposta: E.

Hoje, é muito comum que as provas contenham questões que requerem do aluno a conjugação de verbos no imperativo. Vamos recordar?

8.8. FORMAÇÃO DO IMPERATIVO

Quando aparecem verbos que denotam *ordem, pedido, desejo, súplica,* temos o modo **imperativo**,

que se forma da seguinte maneira:

1. Afirmativo:

• **tu** e **vós**: retiradas do presente do indicativo com a supressão do ***S*** final.

Fala (tu), falai (vós).

• **você, nós e vocês*:*** retiradas do presente do subjuntivo sem alteração.

Fale (você), falemos (nós), falem (vocês).

Obs.:

1) Verbo ser: Sê tu / Sede vós;

2) Terminação -zer / -zir: faze ou faz tu;

Conduze ou conduz tu.

2. Negativo: conjugação igual à do presente do subjuntivo, acrescentando-se a negativa antes da forma verbal.

Não fales tu, não fale você, não falemos nós, não faleis vós, não falem vocês.

Simples, não é? Então, vamos às questões. Há aquelas que só pedem que o candidato reconheça o modo imperativo nas frases, como a que se tem a seguir:

1. (FCC/TRF – 5ª Região) ... **respeite** pai e mãe...

O verbo flexionado de modo idêntico ao do destaque acima está também grifado na frase:

a) Todos desejavam que o recém-chegado se comportasse de acordo com os costumes locais.

b) Esperava-se aceitação bem maior das novas determinações estabelecidas pela instituição.

c) Leia este manual com bastante atenção, para conhecimento das normas de convivência da empresa.

d) Sempre se soube que a organização de um grupo depende de regras, respeitadas por seus integrantes.

e) É preciso que se observem as normas, para garantir uma convivência agradável em qualquer ambiente.

Comentários:

Na frase retirada do texto, observamos a presença do verbo respeitar (respeite) que denota uma ordem, um pedido. Temos aí a forma do imperativo afirmativo. Quando aparecem verbos no imperativo, o primeiro passo é observar **a pessoa**, porque, como vimos na teoria, as formas tu e vós são retiradas do presente do indicativo sem o S final. As outras formas (você, nós e vocês) são

retiradas integralmente do presente do subjuntivo. Isso posto, na frase retirada do texto, o verbo (*respeite*) aparece flexionado na 3ª pessoa do singular (você). Na letra A, o verbo comportar--se está flexionado no pretérito imperfeito do subjuntivo. Na letra B, o verbo esperar aparece no pretérito imperfeito do indicativo. Na letra C, o verbo ler aparece com esse mesmo tom de imperativo (*Leia este manual...*) na 3ª pessoa do singular. Na D, o verbo depender aparece no presente do indicativo e, na E, no presente do subjuntivo.

Resposta: C.

Ainda quanto ao imperativo, há aquelas questões que trabalham na mesma frase a forma afirmativa e a negativa. Eis um exemplo:

2. (NCE-UFRJ/Ministério Público) "Recuse o convite e não troque o Brasil pela Itália."; se, em lugar da terceira pessoa, o autor do texto empregasse a segunda pessoa do singular, as formas convenientes dos verbos seriam:

a) recusa / não troca

b) recusas / não trocas

c) recusa / não troques

d) recuse / não troca

e) recuses / não trocas

Comentários:

Na frase retirada do texto, o verbo recusar aparece no imperativo afirmativo (3ª pessoa do singular) e o verbo trocar no imperativo negativo, antecedido do advérbio de negação *não*. O comando da questão pede para empregar a 2ª pessoa do singular. No imperativo afirmativo, as segundas pessoas (tu e vós) são retiradas do **presente do indicativo** sem o S final. Com o verbo recusar, então, ficaria recusa. Como o imperativo negativo é retirado integralmente do **presente do subjuntivo**, a 2ª pessoa do singular seria troques.

Resposta: C.

3. (FGV) Quase Nada

(Fábio Moon e Gabriel Bá. *Folha de São Paulo*, 28 de dezembro de 2008.)

Assinale a alternativa com correta passagem da fala do segundo quadrinho para o plural.

a) Acordais, gatos.

b) Acordai, gatos.

c) Acordem, gatos.

d) Acordeis, gatos.

e) Acordei, gatos.

Comentários:

Inicialmente, é preciso descobrir em que pessoa foi conjugada a forma de imperativo "acorda", presente no 2º quadrinho. Ora, *acorda* é 2ª pessoa do singular – tu – presente do indicativo, sem o s. Assim, como o enunciado pede que se transponha a fala para o plural – vós, temos que ir também ao presente do indicativo e extrair o s: *acordai*.

Resposta: B.

4. (FGV/Senado Federal – Analista Legislativo – Tradução e Interpretação/2008) "Mudar para vencer! *Muda, Brasil!*', grita entusiasmado."

Assinale a alternativa em que se tenha a correta passagem para o plural e para a negativa da forma verbal do trecho grifado acima.

a) Não mudas, Brasil!

b) Não mudais, Brasil!

c) Não mudai, Brasil!

d) Não mudeis, Brasil!

Comentários:

A forma verbal em destaque no enunciado está no imperativo afirmativo (2ª pessoa do singular – tu). Ao se transportar ao plural – vós, no imperativo negativo (todo ele retirado do presente do subjuntivo), teremos a forma *não mudeis, Brasil!*

Resposta: D.

8.9. FORMAS NOMINAIS

Ao estudar conjugação verbal, é preciso que se dê especial atenção às **formas nominais** do verbo: infinitivo, gerúndio e particípio. São chamados de formas nominais tais tempos, porque, ao lado do seu valor verbal, podem desempenhar função de nomes (substantivo, adjetivo e advérbio).

Assim, teríamos:

Fumar é proibido.

Aqui, o infinitivo exerce papel de substantivo, pois é sujeito do verbo *ser*.

Tempo **perdido**.

Nesse caso, o particípio exerce papel de adjetivo do substantivo *tempo*.

Amanhecendo, partiremos.

Aqui, o gerúndio apresenta um valor adverbial, pois indica circunstância de tempo à forma verbal *partiremos*.

Vamos, então, estudar as formas nominais do verbo. Aproveite para observar as desinências características dessas formas, destacadas a seguir:

Infinitivo – Gerúndio – Particípio

Infinitivo: fala**r**, bebe**r**, parti**r**

Gerúndio: fala**ndo**, bebe**ndo**, parti**ndo**

Particípio: fala**do**, bebi**do**, parti**do**

Importante: O infinitivo pode ser **pessoal** ou **impessoal**.

O infinitivo **pessoal** é dividido em **flexionado** e **não flexionado**.

Infinitivo flexionado: indica o agente da ação – falar, falares, falar, falarmos, falardes, falarem.

Assim, teríamos:

Para **passares** em concurso, é preciso estudo.

Aqui, a desinência do infinitivo – **res** – indica que o agente da ação é **tu**. É um caso de infinitivo com desinência, com flexão.

Infinitivo não flexionado: apresenta uma só forma para as seis pessoas (falar).

É importante que estudemos para **passar** em concurso.

Aqui, não há desinência para a forma de infinitivo, mas inferimos pelo verbo da oração anterior – *estudemos* – que o agente do infinitivo é **nós**. Logo, tem-se um infinitivo pessoal, com sujeito, mas sem flexão. Vale lembrar que a opção por não flexão é apenas uma forma de enfatizar a ação verbal, tendo em vista que o sujeito está claramente identificado na forma verbal *estudemos*.

Observação: A flexão do infinitivo é assunto que deve ser estudado com mais profundidade em concordância verbal.

O infinitivo **impessoal** enuncia uma ação vaga, indeterminada:

É preciso **acabar** com a miséria no país.

Repare que nessa forma do verbo não há a intenção de se mostrar o agente da ação. É o infinitivo com sujeito indeterminado: o infinitivo impessoal.

Atenção: Em relação a esse assunto, o que se vê nas provas é o infinitivo em confronto com o futuro do subjuntivo. Nos verbos regulares, essas formas são idênticas. Exemplo: Infinitivo pessoal do verbo amar: amar, amares, amar, amarmos, amardes, amarem. Futuro do subjuntivo do verbo amar: amar, amares, amar, amarmos, amardes, amarem.

Logo, vem a pergunta: como não confundi-los?

Dicas:
1. Com conjunção, será sempre futuro do subjuntivo. Com preposição ou sem conectivo algum, será infinitivo.
2. Na dúvida, troque o verbo em questão por um outro irregular, que não apresente tal semelhança. Use, por exemplo, o verbo FAZER, que tem como infinitivo a forma fazer e como futuro do subjuntivo fizer.

A seguir, veremos uma questão, com um índice de erro bastante acentuado, que buscava a distinção entre as duas formas: **futuro do subjuntivo x infinitivo pessoal.**

1. (NCE/Psicólogo) ... não se deve *dizer* mal de ninguém...; a frase em que a forma verbal destacada está no mesmo tempo e modo do verbo sublinhado é:

a) Quando <u>sair</u> para a cidade, irei de táxi.

b) Ao <u>chegar</u> à exposição, ficarei deslumbrado.

c) Assim que <u>lanchar</u>, partirei.

d) Se <u>viajar</u>, será de avião.

e) Logo que puder, dormirei.

Comentários:

A forma *dizer* está no infinitivo impessoal, até porque, se estivesse no futuro do subjuntivo, seria *disser*.

Nas letras A, C, D e E, os verbos estão no futuro do subjuntivo: observe a presença de conjunções *quando* (letra A) e *se* (letra D), bem como das locuções conjuntivas *assim que* (letra C) e *logo que* (letra E). Substitua mentalmente tais formas verbais por *fizer* (*quando fizer, assim que fizer, se fizer, logo que fizer*), e você terá a certeza de que elas estão no futuro do subjuntivo. Já na letra B, vemos a preposição **a** em *ao chegar*, o que indica que o verbo está no infinitivo. Basta trocar a forma verbal *chegar* por *fazer* e você terá certeza de que é infinitivo (*ao fazer*).

Resposta: B.

Além do infinitivo, convém darmos especial atenção ao uso do gerúndio, assunto muito comum nas provas de concursos públicos. Nesse caso, vale observar que o bom uso do gerúndio aconselha que o utilizemos para indicar uma ação que ocorra simultaneamente a outra, a fim de que não produza ambiguidade. Assim, teríamos:

Andava pelas ruas sorrindo.

Aqui, temos duas ações – andar e sorrir – que ocorrem ao mesmo tempo: bom uso do gerúndio.

No entanto, devemos evitar construções do tipo:

Escreveu o relatório, enviando-o ao gerente.

Nesse caso, o gerúndio está sendo utilizado para indicar uma ação posterior a outra, o que é inadequado, por suscitar a seguinte dúvida: escreveu o relatório e, ao mesmo tempo, o enviou ao gerente, ou escreveu e depois o enviou ao gerente? O melhor seria não usar o gerúndio, e sim o pretérito perfeito: *escreveu o relatório e o enviou ao gerente*.

Tal inadequação vem sendo trabalhada em algumas provas. Eis uma questão que nos servirá como exemplo:

2. (NCE/Corregedoria) "... que a roubou, ameaçando cortar a garganta do garoto". O bom uso do gerúndio requer que sua ação seja simultânea à do verbo principal, como ocorre nesse segmento do texto. Assim, é exemplo de mau uso do gerúndio a frase:

a) O assaltante gritou, abrindo a porta...".

b) O motorista acovardou-se, abaixando o vidro.

c) O assaltante entrou, sentando-se no banco traseiro.

d) O marginal ameaçou-o, mostrando a arma.

e) O motorista obedeceu, acelerando o carro.

Comentários:

Nas letras A, B, D e E, observa-se o uso do gerúndio que indica uma ação concomitante a outra. Na letra A, o assaltante grita e abre a porta ao mesmo tempo; na letra B, o motorista se acovarda e abaixa o vidro simultaneamente; na letra D, ao mesmo tempo em que o marginal ameaça, ele mostra a arma; e na letra E o motorista obedece e acelera o carro simultaneamente. Todas elas indicam um bom uso do gerúndio. Já a letra C apresenta a ação de *sentar* no gerúndio, que não é concomitante e sim posterior à ação de *entrar*: temos um uso inadequado do gerúndio. Melhor seria dizer: *o assaltante entrou e se sentou no banco traseiro*.

Resposta: C.

Para finalizar o estudo das formas nominais do verbo, vamos falar sobre o particípio. Quanto a esse assunto, vale focar dois pontos importantes:

a) Há verbos que possuem duas formas de particípio: o regular (de terminação -*do*) e o irregular (que não possui terminação -*do*). Eis alguns exemplos:

aceitar: aceitado, aceito;

entregar: entregado, entregue;

limpar: limpado, limpo;

inserir: inserido, inserto;

suspender: suspendido, suspenso;

prender: prendido, preso;

imprimir: imprimido, impresso.

O que se convém é usar a forma regular do particípio com os verbos auxiliares *ter* e *haver* e a forma irregular com os auxiliares *ser* e *estar* ou em qualquer outra hipótese. Assim, teríamos como exemplo:

Verbo aceitar: **Duplo particípio** regular (ter ou haver / tenho aceitado)

irregular (ser ou estar / foi aceito)

b) Em algumas questões, cobra-se o verbo vir e derivados nas formas do gerúndio e do particípio. Isso porque é o único verbo que tem gerúndio e particípio idênticos. Assim, teríamos:

Eu estou vindo para casa.

O verbo *vir* está no gerúndio. Basta substituí-lo por chegar: *eu estou chegando*.

Eu tenho vindo muito a este lugar.

Aqui, o verbo *vir* está no particípio. A troca por outro verbo no particípio pode ajudar você a chegar a tal constatação: *eu tenho chegado*.

Essa coincidência de formas do verbo vir no gerúndio e particípio já foi trabalhada em algumas questões de provas. Observe:

3. (NCE-UFRJ/Ministério Público) *Noticiando* é forma do gerúndio do verbo *noticiar;* a frase em que a forma verbal destacada pode não estar no gerúndio é:

a) As notícias estão <u>chegando</u> da Itália cada vez mais rapidamente.

b) <u>Transformando</u>-se o ódio em amor, acabam-se as guerras.

c) <u>Vindo</u> o resultado, os clientes começaram a protestar.

d) Os jogadores italianos estão <u>reclamando</u> dos estrangeiros.

e) O atleta viajou, <u>completando</u> sua missão.

Comentários:

Em todas as alternativas, exceto em uma, temos verbos que estão no gerúndio: chegando, transformando, reclamando e completando. Na letra C, vê-se o caso do verbo vir que, na frase em que se encontra, tanto pode estar no gerúndio ("Chegando o resultado...") como pode estar no particípio ("Chegado o resultado..."). Observe que, no enunciado, houve o cuidado de se afirmar que se trata de uma forma que *pode* não estar no gerúndio: a própria frase é ambígua.

Resposta: C.

Agora, vamos a uma questão que não permite ambiguidade e ilustra bem a semelhança das formas de gerúndio e particípio do verbo vir:

4. (NCE-UFRJ/Auxiliar de Cartório) Como sabemos, o morfema -NDO forma gerúndios, de que *fazendo* é um exemplo. O item em que a forma em maiúscula não corresponde a um gerúndio é:

a) CHEGANDO os corpos, será feita a autópsia.

b) Os médicos estiveram REALIZANDO exames.

c) Os poetas tinham VINDO ao sepultamento do colega.

d) TENDO tempo, todos participarão do exame.

e) Ganhará dinheiro, VENDENDO bugigangas.

Comentários:

As letras A, B, D e E apresentam verbos no gerúndio: *chegando*, *realizando*, *tendo* e *vendendo*. Na letra C, temos o verbo vir no particípio: basta substituí-lo por **chegar** – *os poetas tinham chegado*...

Resposta: C.

Bem, agora que você já aprendeu a conjugar verbos em seus tempos simples e compostos; estudou os verbos terminados em -ear/-iar; entendeu como se conjuga o imperativo; e conheceu as formas nominais do verbo (ufa...), vale complementar seus estudos com um breve passeio pela semântica dos verbos. É nesse assunto que vamos aprender como se utilizam os principais tempos verbais e perceber como as bancas trabalham esses conceitos nas provas.

8.10. A SEMÂNTICA DOS VERBOS

8.10.1. Modo Indicativo

Expressa um fato real, de maneira definida. Divide-se nos seguintes tempos:

a) Presente

É empregado para expressar um fato que ocorre no momento em que se fala.

Ex.: Guilherme **está** cansado.

É algo que ocorre no momento em que se fala.

Pode ser usado também para exprimir outras ideias:

• descrever um fato permanente.

Ex.: A Terra **gira** em torno do Sol.

• expressar um hábito.

Ex.: Fernanda **estuda** aos domingos.

• conferir realidade a fatos passados.

Ex.: Em 1.500 Cabral **descobre** o Brasil.

• indicar futuro próximo.

Ex.: **Vou** amanhã para Búzios.

b) Pretérito imperfeito

Pode ser utilizado para expressar:

• fatos repetidos, frequentes, habituais no passado.

Ex.: Quando **era** pequena, **brincava** de boneca.

Observe que as duas ações que estão no pretérito imperfeito indicam fatos frequentes no passado.

• uma ação que estava ocorrendo quando outra, geralmente no pretérito perfeito, aconteceu. Ex.: Pedro **tomava** banho quando o telefone tocou.

Temos aqui duas ações pretéritas: a ação de *tomar banho* é durativa, enquanto a ação de *o telefone tocar* é instantânea, estando, pois, no pretérito perfeito.

• uma ação planejada, esperada, e não realizada.

Ex.: **Pretendíamos** ir até sua casa, mas não foi possível.

c) Pretérito perfeito simples

Expressa um fato que **começou e terminou** no passado, próximo ou distante.

Ex.: Conversei com Andreia hoje (passado próximo)

em 1990 (passado distante).

d) Pretérito mais-que-perfeito

É utilizado, em geral, para expressar um fato já terminado antes de outro no passado. Gosto de dizer que ele é o **passado anterior** ao pretérito perfeito.

Ex.: Ele já **estudara** quando sua namorada ligou.

Observe que há duas ações no passado: a ação de *estudar* ocorre antes da ação de *ligar*, daí ela vir no pretérito mais-que-perfeito.

e) Futuro do presente

Em geral, é usado para indicar um fato futuro em relação ao momento em que se fala. É um fato futuro, posterior ao presente.

Ex.: **Viajarei** na próxima semana.

Pode indicar também incerteza, dúvida:

Ex.: **Estaremos** aqui juntos futuramente?

f) Futuro do pretérito

É utilizado nas seguintes situações:

• para indicar um fato futuro em relação a **outro no passado**.

Ex.: Ele disse que **faria** todos os deveres.

Esse é o uso mais comum do futuro do pretérito: ele aqui vem combinado ao pretérito perfeito – *disse* – e indica uma ação futura, posterior a outra no passado.

• para expressar dúvida, incerteza.

Ex.: Quem **estaria** lá?

Perceba que tanto o futuro do presente quanto o futuro do pretérito podem, portanto, indicar dúvida, incerteza.

• para denotar desejo, em tom polido.

Ex.: **Gostaria** de um café?

Observe que, nesse caso, poderíamos até usar um verbo no presente do indicativo – *aceita um café?* – mas a frase perderia seu tom polido, educado.

8.10.2. Modo Subjuntivo

Expressa um fato incerto, duvidoso ou até irreal. Suas principais subdivisões são:

a) Presente

Pode indicar semanticamente presente ou futuro.

Exs.: É pena que eles **estejam** doentes. (possibilidade no presente)

Espero que **chova**. (hipótese no futuro)

b) Pretérito imperfeito

Expressa uma ação posterior a outro fato na oração principal.

Exs.: Duvidei que ele **terminasse** o trabalho.

Gostaria que você **trouxesse** as crianças.

Pode expressar também ideia de condição ou desejo.

Ex.: Se ele **viesse** ao clube participaria do campeonato.

c) Futuro

Indica uma ação eventual (que pode ocorrer ou não) em um momento futuro.

Ex.: Quando ele **vier** à loja, levará as encomendas.

8.11. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

Complete as frases com a forma verbal solicitada entre parênteses

1. Se _____ verdadeiro em tuas pinturas... (IR – futuro do subjuntivo)

2. Se _____ verdadeiro em vossas pinturas... (IR – futuro do subjuntivo)

3. Os pais não _____ onde deixar suas crianças. (TER – presente do indicativo)

4. Os pais só _____ as crianças quando se dispõem a brincar com elas. (ENTRETER – presente do indicativo)

5. Os pais só _____ as crianças quando voltam para casa. (REVER – presente do indicativo)

6. Os pais _____ as crianças depois que se _____ a voltar para casa. (REAVER – pretérito perfeito do indicativo / DISPOR – pretérito perfeito do indicativo)

7. Os pais não se _____ a ficar com as crianças quando estas lhes _____. (DISPOR – pretérito imperfeito do indicativo / CONTRADIZER – pretérito imperfeito do indicativo)

8. Os pais _____ as crianças quando _____ em seus maus costumes. (DESDIZER – pretérito perfeito do indicativo / INTERVIR – pretérito perfeito do indicativo)

9. Talvez no elevador do prédio não _____ mais do que cinco pessoas. (CABER – presente do subjuntivo)

10. Se outra pessoa _____ o mesmo mar, fará outra descrição. (VER – futuro do subjuntivo)

11. O motor do elevador _____ de São Paulo. (PROVIR – pretérito perfeito do indicativo)

12. Os economistas já _____ ao Governo os mais diversos planos de ação. (PROPOR – pretérito perfeito do indicativo)

13. O gerente só deve procurar-nos quando _____ seus conceitos sobre o mercado. (REVER – futuro do subjuntivo)

14. Ele não trabalhava; apenas se _____ lendo o futuro nas mãos dos amigos. (ENTRETER – pretérito imperfeito do indicativo)

15. Se _____ uma outra crônica, argumente que não há espaço nesta edição. (PROPOR – futuro do subjuntivo.)

16. Com a cooperação de todos, o jornalista _____ que havia condição de escrever a reportagem.

(CRER – pretérito perfeito do indicativo)

17. Os candidatos só poderão se inscrever no concurso de crônicas se o _____. (REQUERER – futuro do subjuntivo)

18. Os alunos da minha escola jamais _____ incentivo para redigir textos em crônicas. (OBTER – pretérito perfeito do indicativo)

19. Se o autor _____ na questão, não ocorrerão críticas. (INTERVIR – futuro do subjuntivo)

20. Os burgueses só deixarão o poder quando isto lhes _____. (CONVIR – futuro do subjuntivo)

21. Quem se _____ ao regime não sobreviverá. (CONTRAPOR – futuro do subjuntivo)

22. Se a burguesia não _____ seu modo de vida, acabará arruinada. (REVER – futuro do subjuntivo)

23. Todas trabalhavam para que os nobres se _____ no ócio. (ENTRETER – pretérito imperfeito do subjuntivo)

24. Seria bom que a Igreja _____ o poder que detinha. (REAVER – pretérito Imperfeito do subjuntivo)

25. Essa necessidade _____ da atual carência de recursos nessa área. (ADVIR – presente do indicativo)

26. Essas caixas _____ objetos quebráveis. (CONTER – presente do indicativo)

27. Elas _____ aqui sempre que podem. (VIR – presente do indicativo)

28. Eles se _____ como os donos da verdade. (VER – presente do indicativo)

29. Se o país _____ o clima cultural dos anos 60... (REAVER – futuro do subjuntivo)

30. Se lhe _____ reunir o grupo para discutir, ficaremos contentes. (APRAZER – futuro do subjuntivo)

31. Se os jovens se _____ de votar, perderemos uma chance de mudar o atual quadro. (ABSTER – futuro do subjuntivo)

Gabarito: 1. fores; 2. fordes; 3. têm; 4. entretêm; 5. reveem; 6. reouveram / dispuseram; 7. dispunham / contradiziam; 8. desdisseram / intervieram; 9. caibam; 10. vir; 11. proveio; 12. propuseram; 13. revir; 14. entretinha; 15. propuser; 16. creu; 17. requerer; 18. obtiveram; 19. intervier; 20. convier; 21. contrapuser; 22. revir; 23. entretivessem; 24. reouvesse; 25.

advém; 26. contêm; 27. vêm; 28. veem; 29. reouver; 30. aprouver; 31. abstiverem.

8.12. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Vamos às questões de concursos que tratam desse tema? A seguir, uma sequência de questões de **semântica dos tempos e modos verbais** e seus respectivos comentários.

1. (NCE-UFRJ / Ministério Público) A imprensa brasileira vem noticiando uma proposta milionária do Lazio da Itália, que pretende adquirir o passe do zagueiro Juan por 10 milhões de dólares. Este é o time cuja torcida já agrediu o jogador brasileiro Antonio Carlos, do Roma, e perdeu o mando de campo por incitamento racista em pleno estádio.

Considerando que a ação de agredir o jogador brasileiro Antonio Carlos ocorreu antes de o Lazio perder o mando de campo, ação também passada, o verbo agredir deveria estar no:

a) mais-que-perfeito do indicativo.

b) imperfeito do indicativo.

c) futuro do pretérito.

d) imperfeito do subjuntivo.

e) presente do subjuntivo.

Comentários:

Vale notar que se trata de duas ações no passado: a ação de a torcida *agredir* o jogador e a ação de o time *perder* o mando de campo. Considerando-se que a agressão ocorreu antes da perda do mando de campo, o verbo agredir deveria estar no pretérito mais-que-perfeito e não no pretérito perfeito, por indicar um passado anterior ao pretérito perfeito. Assim, a frase deveria ser:

"Este é o time cuja torcida já **agredira** o jogador brasileiro Antonio Carlos, do Roma, e **perdeu** o mando de campo por incitamento racista em pleno estádio".

Resposta: A.

2. (TRT / Técn. Judic.) No período "Em contrapartida, o corajoso que se aventure, hoje, a ler os tratados morais de Santo Agostinho cogitará que a única felicidade possível vem com o assentimento do homem a uma moral objetiva, a qual respeita a natureza de todas as coisas criadas – e que o mal é, sempre, parasitário de algum bem que o transcende...", a forma verbal flexionada para exprimir fato que deve ser entendido como uma conjectura é:

a) aventure

b) cogitará

c) vem

d) respeita

e) transcende

Comentários:

Nas letras B, C, D e E, as formas verbais indicam fatos, pois os verbos estão no modo indicativo. Como a banca pedia uma forma verbal que indicasse conjectura, teríamos de achar uma que se apresentasse no modo subjuntivo, o que ocorreu com a forma *aventure*.

Resposta: A.

3. (TRF) A opção em que a explicação dada para o sentido da forma verbal grifada está incorreta é:

a) No século III a.C. chega o latim à Península Ibérica: presente histórico.

b) Furacão mata 20 adultos e 3 crianças na Califórnia (manchete de jornal); presente com valor de pretérito.

c) Eu aceitaria um cafezinho: futuro do pretérito indicando momento posterior a um tempo passado.

d) Eu aceitava um cafezinho: pretérito imperfeito para indicar polidez.

e) Eu aceito um cafezinho: presente simultâneo ao ato de fala.

Comentários:

Observe que a questão não trata de flexão verbal – aqui, não temos que julgar as formas verbais e verificar se vieram corretamente flexionadas. A questão espera que se julgue a **explicação** para o sentido da forma verbal grifada: trata-se de semântica dos tempos verbais.

Na letra A, temos o presente do indicativo utilizado no lugar do pretérito perfeito, para atualizar acontecimentos históricos: é o chamado presente histórico.

Na letra B, tem-se o presente do indicativo também substituindo o pretérito perfeito: é o presente no lugar do pretérito. Aqui, também estaria certo dizer "Furacão matou 20 adultos...".

Veja que interessante: é comum, principalmente na linguagem informal, usarmos um tempo em lugar de outro, o que não configura erro.

Nas letras C e D, vemos uma intenção de se fazer um pedido utilizando-se de tom polido, o que nos faz perceber que tanto o futuro do pretérito quanto o pretérito imperfeito podem indicar polidez. Só que a letra C apresentou uma **explicação** errada para o uso do futuro do pretérito.

A letra E apresenta o presente do indicativo indicando uma ação que ocorre no momento em que se fala.

Resposta: C.

4. (TRF) Considerando as formas verbais grifadas nas cinco frases abaixo, assinale a afirmativa falsa:

(1) Saiu o doente de quem Vanessa **tomava** conta.

(2) Chegou o doente de quem Vanessa **tomou** conta.

(3) Estamos afirmando hoje que amanhã **viajaremos**.

(4) Afirmamos anteontem que ontem **viajaríamos**.

(5) Afirmamos ontem que anteontem **viajáramos**.

a) em 1, o verbo dá ideia de uma ação habitual de valor durativo.

b) em 2, o verbo refere-se a um fato que ocorreu uma vez no passado.

c) em 3, o verbo refere-se a um fato posterior ao presente.

d) em 4, o verbo refere-se a uma ação posterior a um fato passado.

e) em 5, o verbo refere-se a uma ação posterior a um momento passado.

Comentários:

Trata-se de uma questão de semântica dos tempos verbais. O que se busca é a explicação para cada forma verbal utilizada nas alternativas.

Na letra A, tem-se o pretérito imperfeito indicando uma ação de continuidade, de repetição no passado.

Na letra B, o verbo está no pretérito perfeito, indicando uma ação que começou e acabou no passado.

Na letra C, observa-se o futuro do presente, que é uma ação futura, posterior à afirmação feita no presente: <u>hoje</u> *afirmamos* que <u>amanhã</u> *viajaremos*.

Na letra D, tem-se o uso tradicional do futuro do pretérito: uma ação futura em relação ao pretérito perfeito – <u>anteontem</u> *afirmamos* que <u>ontem</u> *viajaríamos*.

A letra E traz o pretérito mais-que-perfeito que, como vimos na teoria da nossa aula, indica uma ação anterior e não posterior a outra no pretérito perfeito: a ação de *viajar* ocorreu antes da ação de *afirmar*, na linha do tempo.

Resposta: E.

5. (TRE / Anal. Judic.) Os tempos e os modos verbais apresentam-se adequadamente articulados na

frase:

a) Fôssemos todos atores, o culto das aparências será a chave que nos libertasse do nosso destino.

b) Os atores sempre nos enganarão, a cada vez que encarnarem os personagens de que costumam se fantasiar.

c) Enquanto o culto das aparências for a chave do sucesso, estaríamos todos preocupados com o papel que desempenhemos.

d) Desde idos tempos os atores gozariam de uma admiração que só não será maior por conta da desconfiança que temos de todo fingimento.

e) O autor estaria convencido de que nosso vizinho seja capaz de fingir tão bem quanto um ator, quando tivesse desfilado com um carro que não é seu.

Comentários:

Letra A: o primeiro verbo traz ideia de pretérito (está no imperfeito do subjuntivo). Logo, o segundo deve traduzir o mesmo valor semântico, ficando no futuro do pretérito, e não futuro do presente. Logo, a frase, para estar correta, deve ficar *Fôssemos todos atores, o culto das aparência seria a chave que nos libertasse do destino*.

Letra B: o verbo *enganarão* está no futuro do presente. Logo, está mesmo correta a forma *encarnarem*, que é futuro do subjuntivo. Da mesma forma, está correta a construção *costumam se fantasiar*, cujo verbo auxiliar está no presente do indicativo, tempo correlato semanticamente ao futuro do *presente*.

Letra C: o primeiro verbo da frase está no futuro do subjuntivo (*for*). Logo, o outro verbo, que está a ele correlato, deveria vir futuro do presente, não no futuro do pretérito, que é um futuro para o passado. Observe que não há problema algum quanto ao último verbo da frase (*desempenhemos*), que está no presente do subjuntivo, mas traz ideia de hipótese no futuro. Assim, uma sugestão de reescritura para essa frase seria: *Enquanto o culto das aparências for a chave do sucesso, estaremos todos preocupados com o papel que desempenhemos.*

Letra D: nesse caso, o que temos de mudar mesmo é o tempo do primeiro verbo da frase... Não faz sentido dizer *Desde idos tempos os atores gozariam*... O jeito é colocar o primeiro verbo no presente do indicativo *Desde idos tempos os atores gozam de uma admiração que só não* <u>é</u> *maior por conta da desconfiança que temos de todo fingimento.*

Letra E: mantendo o primeiro verbo no futuro do pretérito (*estaria*), uma boa sugestão seria modificar o segundo (*seja*), que está no presente do subjuntivo, mas deveria ficar no *imperfeito* do subjuntivo (*fosse*). Aí, não haveria problema em manter-se o terceiro verbo da forma como está. Entenda que o que oferecemos aqui é *uma opção* de reescritura para a frase, mas muitas vezes há outras formas de se corrigir a mesma informação.

Resposta: B.

6. (TRT / Anal. Judic.) Está inteiramente adequada a articulação entre os tempos e os modos verbais na frase:

a) Se a liberdade da imprensa fosse um direito apenas dos jornalistas, cada vez que se desrespeite a liberdade de imprensa a sociedade não terá como reclamar.

b) Enquanto os jornalistas pensarem apenas em seus próprios interesses, não haveria como resguardar o direito da sociedade à livre informação.

c) No caso de vir a ser desrespeitado o direito social à livre informação, jogar-se fora uma das principais características das democracias modernas.

d) Espera-se que dos três grandes debates promovidos pela RDLI resultem propostas práticas, que venham a reforçar o direito à liberdade de imprensa.

e) Ainda que houvesse uma absoluta liberdade para a circulação de idéias e de informações, será necessário lutar para que nada a ameaçasse.

Comentários:

Letra A: observe o primeiro verbo (*fosse*). Ele está no pretérito imperfeito do subjuntivo, ou seja, começa-se um período com um verbo com valor semântico de passado. Daí o erro nas formas verbais que vêm logo depois: *desrespeite*, *terá*. O certo seria dizer *desrespeitasse* (pretérito imperfeito do subjuntivo) e *teria* (futuro do pretérito). Ora, se o objetivo é falar do passado, não faz sentido utilizar verbos no presente do subjuntivo (*desrespeite*) e futuro do presente (*terá*).

Letra B: o primeiro verbo está no futuro do subjuntivo (*pensarem*). Logo, não há sentido em se manter o verbo seguinte (*haveria*) no futuro do *pretérito*, já que não está se falando do passado, e sim do futuro. Adequada seria a substituição de *haveria* por *haverá*.

Letra C: a locução verbal que inicia a frase (*vir a ser desrespeitado*) expressa valor semântico de futuro. Logo, correto seria dizer *jogar-se-á fora...,* e não o que se vê na frase.

Letra D: o primeiro verbo do período está no presente do indicativo (*Espera-se*). Assim, os verbos seguintes também vieram no presente, só que do subjuntivo, pois expressam valor semântico de hipótese (*resultem/venham*). Construção correta, semanticamente simétrica.

Letra E: *houvesse* é pretérito imperfeito do subjuntivo. Assim, o que se espera, na sequência, é futuro do pretérito (*seria*), e não futuro do presente (*será*). Falta, portanto, paralelismo semântico entre os tempos verbais.

Resposta: D.

7. (TRT/AL – Técn. Adm.) Considere o emprego das formas verbais nas frases **não produzem riqueza** e **que produzam riqueza**.

É correto afirmar:

a) Ambas as frases apresentam o mesmo sentido, já que se emprega o mesmo verbo, com flexão idêntica.

b) Na 2ª frase, o emprego da forma verbal indica uma possibilidade, enquanto na 1ª, o fato é real e concreto.

c) A mudança de flexão entre *produzem* e *produzam* deve-se ao fato de uma forma ser negativa e outra, positiva.

d) Houve equívoco na flexão do verbo, que admite apenas a forma *produzem*, registrada na 1ª frase.

e) Ambas as formas encontram-se na voz ativa e não aceitam ser transpostas para a voz passiva.

Comentários:

Em semântica dos *modos* verbais, vimos que o *modo Indicativo* exprime, em geral, um fato certo, real. O *Subjuntivo*, um fato possível, provável. E o *imperativo*, ordem, convite, pedido, súplica.

Em *produzem*, temos a forma do Indicativo e em *produzam*, Subjuntivo, o que faz que o sentido não seja o mesmo pela teoria exposta sobre a semântica dos modos verbais.

Com isso, eliminamos as opções A, C e D.

Na opção E, é incorreta a afirmação, pois os verbos que *não* admitem transposição de voz ativa para passiva seriam os *intransitivos*, *transitivo indireto* e de *ligação*. Como o verbo *produzir*, nas frases em que aparece, é transitivo direto, aceita voz passiva.

Resposta: B.

8. *Não* há a devida correlação temporal das formas verbais em:

a) Seria conveniente que o time ficasse sem saber quem era o adversário.

b) É conveniente que o time ficaria sem saber quem é o adversário.

c) Era conveniente que o time ficasse sem saber quem foi o adversário.

d) Será conveniente que o time fique sem saber quem é o adversário.

e) Foi conveniente que o time ficasse sem saber quem era o adversário.

Comentários:

Letra A: *Seria* é verbo *ser* no futuro do pretérito. Logo, faz todo sentido que o verbo correlato a esse esteja no pretérito imperfeito do subjuntivo (*ficasse*). Está adequada a correlação semântica entre os tempos verbais. Além disso, observe o verbo *ser* no final do período (*era*), que também tem valor semântico de *passado* (pretérito imperfeito do indicativo).

Letra B: o primeiro verbo (é) está no presente do indicativo. Logo, não é coerente utilizar-se um verbo no futuro do *pretérito* na sequência do período (*ficaria*). Melhor teria sido dizer: É conveniente que o time fique sem saber quem é o adversário.

Letra C: *Era* é pretérito imperfeito do indicativo. Assim, é semanticamente adequado utilizar-se o imperfeito do subjuntivo (*ficasse*) e o pretérito perfeito do indicativo (*foi*) na continuidade da frase.

Letra D: o primeiro verbo do período está no futuro do presente (*Será*). Logo, é coerente utilizar--se o *presente* do subjuntivo (*fique*) logo depois. Afinal, o presente do subjuntivo, nessa frase, também apresenta valor semântico de futuro.

Letra E: *Foi* é pretérito perfeito do indicativo. Assim, está correta a forma *ficasse* (imperfeito do subjuntivo), bem como a construção *era* (imperfeito do indicativo). Perceba que todas giram em torno do passado.

Resposta: B.

9. (TRF da 5ª Região) Não _____ nos surpreender se a minoria econômica dominante _____ de prestar contas a quem mais _____

Preenche corretamente as lacunas da frase acima a seguinte sequência de formas verbais:

a) deveremos – deixou – venha a prejudicar

b) devemos – deixa – esteja prejudicando

c) deveríamos – deixou – prejudicaria

d) deveríamos – deixe – prejudicaria

e) devamos – deixasse – prejudicaria

Comentários:

Na letra A, para manter a ideia de futuro iniciada por *deveremos*, seria *deixar* e *vier*.

Na B, repare que todas as formas estão no tempo presente (*devemos*, *deixa* e *esteja*), mantendo correlação entre os tempos verbais.

Nas letras C e D, o futuro do pretérito (*deveríamos*) levaria os verbos, na sequência, ao imperfeito do subjetivo (*deixasse, prejudicasse*).

Na letra E, seguindo a forma *devamos* (presente do subjuntivo), teríamos *deixa, prejudique*.

Resposta: B.

8.13. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (FCC) Assinale a alternativa em que a flexão verbal está correta.

a) Ontem me entreti muito no circo.
b) Aliás, o circo sempre entreteu todo mundo.
c) O domador interviu numa briga entre leões.
d) Se vocês virem que o circo é bom, vão logo lá.
e) O palhaço entretia a criançada com alegria.

2. (FCC) Mesmo com prejuízo, o gerente ... a palavra e ... as condições do contrato, para que o cliente não se ... com ele.

a) manteu – reviu – desavisse
b) manteu – reveu – desaviesse
c) manteve – reviu – desaviesse
d) manteve – reviu – desavisse
e) manteu – reveu – desavisse

3. (FCC) Como a alta ... de especulação, as autoridades monetárias não se ... a um papel apenas regulamentador e ... diretamente no mercado.

a) proviu – ateram – interviram
b) proveio – ativeram – interveram
c) proveio – ateram – intervieram
d) proviu – ativeram – intervieram
e) proveio – ativeram – intervieram

4. (FCC) Sem que ninguém tivesse ___ o próprio menino ___ -se contra os falsos amigos.

a) intervindo – precaviu
b) intervindo – precaveio
c) intervido – precaveu
d) intervido – precaveio
e) intervindo – precaveu

5. (FCC) A expressão verbal não está de acordo com as normas gramaticais.

a) Os dois amigos desavieram-se por uma bagatela.
b) A natureza proveu os animais por meios de defesa.
c) Ela sempre creu nas minhas palavras.
d) A polícia interviu naquela algazarra.
e) Precavemo-nos contra as intempéries.

6. (FGV / Pol. Civil) Assinale o exemplo em que há erro na conjugação da forma verbal.

a) O regulamento dizia: nunca odeies teus inimigos mortais!
b) Hoje remedeio o que ontem não pude remediar.
c) Ela sempre arria o jogo antes de o parceiro arriar o dele.
d) Ocorreu o choque dos trens porque não freiaram a tempo.
e) Passeastes com vossos primos pela praia?

7. (BNDES / Cesgranrio) A flexão do verbo **macaquear** está em desacordo com a norma culta na opção:

a) Nós macaqueiamos a visão do português.
b) O brasileiro macaqueia a visão do português.
c) Talvez macaqueemos a visão do português.
d) É possível que os brasileiros macaqueiem a visão do português.
e) Os brasileiros macaqueiam a visão do português.

8. (TRT / Técn. Judic.) Reescrevendo o período "*Vem até aqui, saúda teus pais; depois vai ao encontro de teus amigos*", na segunda pessoa do plural, tem-se:

a) Venhai até aqui, saudai vossos pais; depois ide ao encontro de vossos amigos.
b) Vinde até aqui, saudai vossos pais; depois vade ao encontro de vossos amigos.
c) Vinde até aqui, saudai vossos pais; depois ide ao encontro de vossos amigos.
d) Vem até aqui, saudais vossos pais; depois ide ao encontro de vossos amigos.

9. (Cesgranrio) No período "Fecha os olhos e esquece", os verbos estão na segunda pessoa do singular do imperativo afirmativo. Damos a seguir algumas variações desse mesmo período, mudando ora o tratamento, ora a forma do imperativo; uma delas é incorreta. Assinale-a:

a) Não feches os olhos, nem esqueças.
b) Fechai os olhos e esquecei.
c) Feche V.Exª. os olhos e esqueça.
d) Não fecheis os olhos, nem esqueçais.
e) Não fechai os olhos, nem esquecei.

Texto

A imprensa brasileira vem noticiando uma proposta milionária do Lazio da Itália, que pretende adquirir o passe do zagueiro Juan por 10 milhões de dólares. Este é o time cuja torcida já agrediu o jogador brasileiro Antonio Carlos, do Roma, e perdeu o mando de campo por incitamento racista em pleno estádio.

10. (Minist. Públ. / NCE-UFRJ) Considerando que a ação de agredir o jogador brasileiro Antonio Carlos ocorreu antes de o Lazio perder o mando de campo, ação também passada, o verbo agredir deveria estar no:

a) mais-que-perfeito do indicativo.
b) imperfeito do indicativo.
c) futuro do pretérito.
d) imperfeito do subjuntivo.
e) presente do subjuntivo.

11. (TRT / Anal. Judic.) "... que realmente **havia levado** a máquina para casa..."; a forma verbal sublinhada equivale a:

a) levava
b) levou
c) leva
d) levara
e) levasse

12. (TJ / Of. Just.) Atentando-se para a adequada articulação entre os tempos e os modos verbais, completa-se a frase *Caso não fossem necessárias as instituições* com o seguinte segmento:

a) haverão os homens de tê-las criado?
b) por que os homens as haverão de criar?
c) tê-las-íamos criado?
d) ainda assim as teremos criado?
e) tê-las-emos criado?

13. (TRE / Anal. Judic.) Está inteiramente adequada a articulação entre os tempos e os modos verbais na frase:

a) Se a liberdade da imprensa fosse um direito apenas dos jornalistas, cada vez que se desrespeite a liberdade de imprensa a sociedade não terá como reclamar.
b) Enquanto os jornalistas pensarem apenas em seus próprios interesses, não haveria como resguardar o direito da sociedade à livre informação.
c) No caso de vir a ser desrespeitado o direito social à livre informação, jogar-se fora uma das principais características das democracias modernas.
d) Espera-se que dos três grandes debates promovidos pela RDLI resultem propostas práticas, que venham a reforçar o direito à liberdade de imprensa.
e) Ainda que houvesse uma absoluta liberdade para a circulação de ideias e de informações, será necessário lutar para que nada a ameaçasse.

14. (Vunesp – Assistente Social) Assinale a alternativa em que todos os verbos estão conjugados segundo a norma-padrão.

a) Absteu-se do álcool durante anos; agora, voltou ao vício.
b) Perderam seus documentos durante a viagem, mas já os reaveram.
c) Avisem-me, se vocês verem que estão ocorrendo conflitos.
d) Só haverá acordo se nós propormos uma boa indenização.
e) Antes do jantar, a criançada se entretinha com jogos eletrônicos.

15. (Vunesp TJ-MT – Técnico Judiciário) Indique a alternativa que preenche, correta e respectivamente, as lacunas do trecho.

Enquanto algumas pessoas _____ que o BlackBerry possibilitou que_____do escritório e

passassem mais tempo com os amigos e a família, outras o acusaram de permitir que o trabalho se _____ em momentos de seu tempo livre.

a) disseram, saíssem, infiltrasse
b) diziam, saírem, infiltrar
c) dizem, sairiam, infiltrasse
d) dissessem, sairiam, infiltre
e) diriam, saíssem, infiltraria

16. (Vunesp – TJ-SP – Analista de Sistemas) Considere o texto a seguir para responder à questão:

Justiça absolve frentista acusado de participação em furto

O juiz Luiz Fernando Migliori Prestes, da 22ª Vara Criminal Central da Capital, julgou improcedente ação penal proposta contra frentista acusado de furto em seu local de trabalho.

Segundo consta da denúncia, A. L. A. R. teria permitido que W. F. O., cliente do posto de gasolina, usasse a máquina de cartões de crédito do local para fazer saques, mesmo sabendo que o cartão era roubado. Ele afirmou que desconhecia a origem ilícita do cartão.

Ao ser interrogado, W. F. O. **caiu em contradição** quando perguntado sobre a quantia paga ao funcionário para permitir as operações, fato que, no entendimento do magistrado, tornou o conjunto probatório frágil para embasar uma condenação. "Daí, insuficientes as provas produzidas para um decreto condenatório ante a falta de demonstração suficiente de que A. L. A. R. agiu com dolo, no que a improcedência da ação penal se impõe."

Com base nessa fundamentação, absolveu o frentista da acusação de furto qualificado.

Considerado o contexto, assinale a alternativa em que a expressão destacada no 3º parágrafo é substituída, sem alteração do tempo verbal, por correta forma verbal e adequada colocação pronominal.

a) contradiz-se
b) contraditou-se
c) se contradizeu
d) se contraditou
e) se contradisse

17. (Vunesp – 2013 – TJ-SP – Escrevente Técnico Judiciário) Assinale a alternativa em que todos os verbos estão empregados de acordo com a norma-padrão.

a) Enviaram o texto, para que o revíssemos antes da impressão definitiva.
b) Não haverá prova do crime se o réu se manter em silêncio.
c) Vão pagar horas-extras aos que se disporem a trabalhar no feriado.
d) Ficarão surpresos quando o verem com a toga...
e) Se você quer a promoção, é necessário que a requera a seu superior.

18. (Vunesp – TJ-SP – Escrevente Técnico Judiciário) Na frase – ... os níveis de pessoas sem emprego **estão apresentando** quedas sucessivas de 2005 para cá. –, a locução verbal em destaque expressa ação

a) concluída.
b) hipotética.
c) futura.
d) atemporal.

e) contínua.

19. (Vunesp – Policia Civil – Aux. Necropsia)

À televisão

Teu boletim meteorológico
me diz aqui e agora
se chove ou se faz sol.
Para que ir lá fora?
A comida suculenta
que pões à minha frente
como-a toda com os olhos.
Aposentei os dentes.
Nos dramalhões que encenas
há tamanho poder
de vida que eu próprio
Nem me canso em viver.
Guerra, sexo, esporte
– me dás tudo, tudo.
Vou pregar minha porta:
já não preciso do mundo.

(José Paulo Paes, Prosas seguidas de Odes mínimas. Companhia das Letras, 1992)

Assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, as lacunas de trecho adaptado da segunda estrofe, de tal forma que seja expressa a ideia de possibilidade, hipótese.

A comida suculenta
que eles _____ à nossa frente
nós a _____ toda com os olhos.

a) puseram / comemos
b) põem / comíamos
c) punham / comêramos
d) punham / comíamos
e) pusessem / comeríamos

20. (Vunesp – TJ-SP - Técnico em Informática) Assinale a alternativa em que a forma verbal destacada está no modo imperativo, assim como em: Sorria!.

a) ... passeie pelo Facebook... (primeiro parágrafo)
b) ... os retratos pintados pediam poses longas... (segundo parágrafo)
c) Mas resta que nossos antepassados recentes... (terceiro parágrafo)
d) Em tese, a valorização ajuda a alcançar o que é valorizado... (penúltimo parágrafo)
e) De que se trata? (último parágrafo)

21. (Vunesp – TJ-SP – Advogado) Como executivo de um fundo de hedge, ele havia apostado contra as ações da Berkshire.

No contexto em que está empregada, a oração – … ele havia apostado contra as ações da Berkshire. – pode ser correta- mente substituída por:

a) … ele apostara contra as ações da Berkshire.

b) … contra as ações da Berkshire foi apostado por ele.
c) … as ações da Berkshire tinham sido apostadas por ele.
d) … ele apostaria contra as ações da Berkshire.
e) … ele teria apostado contra as ações da Berkshire.

22. (Técn. Judic. / PA) Caso a professora tratasse o aluno por *tu*, sua fala seria, corretamente:

a) Escrevas na lousa a palavra Ética!
b) Escrevei na lousa a palavra Ética!
c) Escreveis na lousa a palavra Ética!
d) Escrevais na lousa a palavra Ética!
e) Escreve na lousa a palavra Ética!

23. (Fiscal / ICMS) Na frase do texto "A liberdade supõe a operação sobre alternativas", o verbo irregular foi flexionado corretamente.

Assinale a alternativa em que se apresenta flexão **incorreta** da forma verbal.

a) Eles impunham condições para que o acordo fosse assinado.
b) O julgador interveio na polêmica sobre os critérios de seleção.
c) Não foi confirmado se a banca quereria dar à redação caráter eliminatório.
d) Se os autores se disporem a ratear o valor, a publicação da revista será certa.
e) É necessário que atentemos para a questão da mudança de paradigma científico.

24. (Aux. Oper. / Docas-SP)

Oh! Santos
És linda demais!

Caso o tratamento dado à cidade de Santos fosse vós, o verso seria:

a) És lindas demais!
b) Sois lindas demais!
c) Sois linda demais!
d) Eres linda demais!
e) Eres lindas demais!

25. (Guarda Port. / Docas-BA)

Assinale a alternativa em que o tratamento *tu* tenha se construído em concordância com a norma culta.

a) Querido, venhas ver a novela.
b) Querido, vem ver a novela.
c) Querido, vens ver a novela.
d) Querido, vinde ver a novela.
e) Querido, vindes ver a novela.

26. (Economista / Docas) Assinale a alternativa em que, **não** se manteve adequação à norma culta.

a) Vós não conseguis fazer nada como vos solicito?!
b) Tu não consegues fazer nada como te oriento?!
c) Você não consegue fazer nada como lhe solicito?!
d) Você não consegue fazer nada como o oriento?!

e) Você não consegue fazer nada como o peço?!

27. (Economista / Docas) *Dai-nos a Graça Divina.*

Assinale a alternativa em que se fez corretamente a passagem do verso acima para a forma negativa.

a) Não nos deis a Graça Divina.
b) Não nos dês a Graça Divina.
c) Não nos dai a Graça Divina.
d) Não nos dê a Graça Divina.
e) Não nos dais a Graça Divina.

28. (Fiscal / ICMS) "Tá bom, então quando você voltar, traga um copo de água bem gelada para mim." Assinale a alternativa em que a alteração da fala do homem **NÃO** tenha sido feita com adequação à norma culta. Não leve em conta possível alteração de sentido.

a) Quando tu voltares, traz um copo de água bem gelada para mim!
b) Quando vós voltardes, trazei um copo de água bem gelada para mim!
c) Quando tu voltares, não tragas um copo de água bem gelada para mim!
d) Quando vós voltardes, não tragais um copo de água bem gelada para mim!
e) Quando vós voltardes, não trazeis um copo de água bem gelada para mim!

29. (Cepel / NCE) Sabemos que verbos são uma classe de palavras que apresenta variações em pessoa, número, tempo e modo; as formas verbais "elaborou" e "está distribuindo" são semelhantes somente em:

a) pessoa, número, tempo e modo.
b) pessoa, número e tempo.
c) pessoa, número e modo.
d) número, tempo e modo.
e) pessoa e número.

30. (Minc / NCE) "...e de impedir que se consume o desastre..."; a forma verbal *consume* é cognata de:

a) consumismo
b) consumidor
c) consumação
d) consumo
e) consumista

31. (Eletrobrás / NCE) "E tantas vezes vim aqui..."; a frase abaixo que apresenta uma forma INADEQUADA do verbo VIR é:

a) Hoje vimos aqui para visitar a velha casa.
b) Amanhã virão outros a visitar a mesma casa antiga.
c) Quando virem outros, a casa não será a mesma.
d) Antigamente vinha muito a esta casa.
e) Eles não têm vindo a esta casa.

32. (CVM) "Se ele lesse, eu também leria"; a alternativa que apresenta uma frase com essa mesma estrutura, mas com forma verbal EQUIVOCADA é:

a) Se ele trouxesse, eu também traria.

b) Se ele aprovasse, eu também aprovaria.
c) Se ele pusesse, eu também poria.
d) Se ele viesse, eu também viria.
e) Se ele mantesse, eu também manteria.

33. (CVM) A alternativa que completa corretamente as lacunas da seguinte frase é:
"Quando _____ mais barato, o carro _____ um bem muito mais popular."
a) estivesse – era
b) estiver – será
c) esteja – era
d) estivesse – será
e) estiver – seria

34. (Docas Sant.) "...com o que sobrevém."; a alternativa em que se encontra uma forma ERRADA do verbo *vir* ou de um de seus compostos é:
a) Essas imagens não convêm à nossa campanha.
b) Os filósofos intervieram na ideia de futuro paradisíaco.
c) Essa concepção de futuro adveio da filosofia clássica.
d) Todos esses dados proviram de uma pesquisa governamental.
e) Vimos todos os dias a essas reuniões.

35. (Eletrobrás) "Medo de que a máquina nos telefone de volta e nos xingue..."; a forma verbal abaixo que, por não apresentar uma forma correta de presente de subjuntivo, NÃO poderia substituir as formas *telefone* ou *xingue é*:
a) requeira – requerer
b) provenha – provir
c) proveja – prover
d) intervinha – intervir
e) refaça – refazer

36. (AGU) Em "não **desmereçam** valores sociais ou **provoquem** discriminação", as formas verbais destacadas estão no presente do subjuntivo. O item em que há um erro na forma de presente do subjuntivo do verbo indicado é:
a) averigue (averiguar) – traga (trazer)
b) provenha (provir) – mantenha (manter)
c) requeira (requerer) – intervenha (intervir)
d) reaveja (reaver) – atue (atuar)
e) detenha (deter) – caiba (caber)

37. (Comiss. Inf. Juv. / NCE) "Até lá, que o menos abandonado não chateie..."; se colocarmos o verbo sublinhado na primeira pessoa do plural, do mesmo tempo verbal, a forma correta é:
a) chateiemos
b) chatiemos
c) chateemos
d) chatiamos

e) chateiamos

38. (CEPL / NCE) Extinto é uma das formas de particípio do verbo extinguir; o verbo abaixo que NÃO possui duas formas possíveis de particípio é:

a) escrever
b) matar
c) morrer
d) gastar
e) pegar

39. (Finep / NCE) Na frase "O autor do texto pensa que a Terra se tornará inviável", criada a partir do tema do texto, a correspondência de tempos verbais INADEQUADA correspondente, respectivamente, a *pensa* e *se tornará* é:

a) pensou / se tornaria
b) tinha pensado / se tornaria
c) pensava / tornará
d) pensará / se tornará
e) teria pensado / se tornaria

40. (Antt / NCE) "Onde havia estado anteriormente e morara algum tempo"; se quiséssemos substituir a primeira forma verbal sublinhada a fim de que tivesse a mesma forma simples da segunda, deveríamos escrever:

a) estava
b) estaria
c) esteve
d) estivera
e) tinha estado

41. (CVM) Entre as mensagens abaixo, a única que está de acordo com a norma escrita culta é:

a) Veja os celulares fantásticos reservados para você. Telefona já!
b) Mostra que você trabalha com a cabeça. Invista em ações!
c) Pensa primeiro em ti mesmo e seja feliz!
d) Não desconsidere o inimigo. Trate sempre de sua proteção.
e) Em caso de dirigir, não beba. Fala com um amigo para te levar em casa.

42. (Eletronorte / NCE) A oração abaixo em que a forma sublinhada **NÃO** corresponde ao gerúndio é:

a) A hipocrisia vem crescendo no seio das elites.
b) Falando sobre qualquer coisa, os homens querem parecer mais do que são.
c) Nem todos os exemplos de hipocrisia têm vindo das elites.
d) Partindo dos argumentos apresentados, o autor se posiciona contra a hipocrisia.
e) Nem todos os artigos deste livro estão tratando de problemas sociais.

43. (Técn. Judic.) "...não se sabendo onde acaba a administração pública e começa a sociedade."; o verbo *saber* é verbo irregular, com alterações no radical e nas desinências, em comparação com os parâmetros de sua conjunção. O item cuja forma é de formação

regular é:

a) soubermos.
b) sabido.
c) saiba.
d) soubesse.
e) sei.

44. (Cetro / Prefeitura de Campinas - Administrador) Leia as orações abaixo e, em seguida, assinale a alternativa que preenche correta e respectivamente as lacunas.

I. Não se _____ e contou a surpresa para o aniversariante.
II. O chefe _____ na discussão dos colegas de departamento.
III. Se eu quisesse desta forma, eu mesma _____ feito.
IV. Depois de muita balburdia, a mulher _____ seus pertences.

a) conteu / interviu / tinha / reaveu.
b) conteve / interviu / tinha / reaviu.
c) conteve / interveio / teria / reouve.
d) conteve / interveio / teria / reaveu.

45. (MPE / Técn. Sup.) Os verbos da frase "Se eles se casarem e vierem para cá com os filhos, serão bem-vindos", estão no futuro simples. Uma das opções abaixo transpõe corretamente os três verbos para suas formas compostas equivalentes. Assinale-a:

a) tiverem casado – houverem vindo – terão sido
b) tivessem casado – houvessem vindo – hão sido
c) houverem casado – tiverem vindo – serão tidos
d) estiverem casados – forem vindos – ficarão sendo
e) houvessem casado – tivessem vindo – teriam sido

46. (MPE) Uma das regras do emprego do gerúndio recomenda que ele seja empregado quando indicar "contemporaneidade entre a ação expressa pelo verbo principal e o gerúndio"; observe as seguintes frases:

I. "Quero registrar a triste situação por que passam milhões de crianças brasileiras, em sua maioria desassistidas, desnutridas, sem educação básica, CAMINHANDO rumo a um futuro incerto e infeliz."
II. "Os menores do Brasil, desassistidos em seus lares, ganham as ruas em busca de uma forma de vida, CAINDO nas malhas da prostituição..."
III. "Mesmo assim, tal atividade deve ser reconhecidamente leve, EXCLUINDO-se, por exemplo, o trabalho exercido nas indústrias, nas oficinas e na agricultura."

A(s) frase(s) em que essa norma foi desrespeitada é (são):

a) I – III
b) I – II
c) II – III
d) I
e) II

(Cespe-UnB) Julgue as alternativas a seguir, com C (certo) ou E (errado).

Acredita-se, também, que exista somente uma língua de sinais no mundo, mas há várias. Brasil e Portugal, por exemplo, possuem línguas de sinais diferentes.

47. Em “Acredita-se, também, que exista somente uma língua de sinais no mundo, mas há várias” a substituição da forma verbal “exista”, no presente do subjuntivo, pela forma verbal “existe”, no presente do indicativo, manteria a correção gramatical do período.

O mundo do trabalho tem mudado numa velocidade vertiginosa e, se os empregos diminuem, isso não quer dizer que o trabalho também.
Só que ele está mudando de cara. Como também está mudando o perfil de quem acaba de sair da universidade, da mesma forma que as exigências da sociedade e – por que não? – do mercado, cada vez mais globalizado e competitivo.

48. A opção pelo emprego das formas verbais “tem mudado” e “está mudando” indica que a argumentação do texto mostra as mudanças do “trabalho” como durativas, estendidas no tempo.

O crescimento mundial da consciência ambiental está aumentando na sociedade o desejo de consumir produtos ambientalmente saudáveis.

49. Na linha 2, a forma verbal “consumir” poderia estar flexionada no plural – consumirem –, sem prejuízo para a correção gramatical do texto.

Do ponto de vista do “pai de família pobre” da década de 1920 ou 1930, o Estado aparece como aquele que deve prover os cidadãos do conforto material mínimo à sobrevivência, na forma de emprego ou de outras condições mais diretas, como moradia, saúde ou educação. Não se trata de emitir *um juízo de valor sobre esta concepção, mas de constatar sua existência.*

50. O infinitivo verbal “emitir” não admite emprego na flexão plural por concordar com “um juízo”.

Gabarito: 1. d; 2. c; 3. e; 4. e; 5. d; 6. d; 7. a; 8. c; 9. e; 10. a; 11. d; 12. c; 13. d; 14. e; 15. e; 16. e; 17. a; 18. e; 19. d; 20. a; 21. a; 22. e; 23. d; 24. c; 25. b; 26. e; 27. a; 28. e; 29. c; 30. c; 31. c; 32. e; 33. b; 34. d; 35. d; 36. d; 37. c; 38. a; 39. c; 40. d; 41. d; 42. c; 43. b; 44. c; 45. a; 46. e; 47. errado; 48. certo; 49. errado; 50. errado.

9 PRONOMES

O primeiro conceito importante que se deve saber sobre pronomes é que eles podem desempenhar funções adjetivas, quando se referirem a substantivos (pronomes adjetivos), ou funções substantivas, quando ocuparem o lugar do substantivo (pronomes substantivos). É exatamente assim: um pronome, além de ser classificado como relativo, demonstrativo, possessivo etc., pode ser substantivo ou adjetivo.

Exemplo:

Este produto é importado_____**Isto** é importado

pronome adjetivo_____pronome substantivo

Observe uma questão de concurso que trabalhou essa nomenclatura.

1. (TRT/RJ) A alternativa em que o pronome indefinido exerce função substantiva é:

a) de uma etnia e de uma cultura.

b) que exterminassem as demais.

c) depois de vários séculos.

d) marcada muitas vezes.

e) nenhum grupo pode.

Comentários:

Na letra A, **uma** refere-se a **etnia** e **cultura, sendo artigo indefinido;** na letra C, **vários** acompanha o substantivo **séculos, classificando-se como pronome indefinido em função adjetiva;** na letra D, **muitas** se refere a **vezes, é pronome indefinido adjetivo também**; na letra E, o pronome indefinido **nenhum** se refere ao substantivo **grupo, e exerce, portanto, função adjetiva.** Apenas na letra B, o pronome indefinido **demais** não acompanha substantivo: aparece no lugar dele, antecedido pelo artigo **as.** Daí exerce uma função substantiva.

Resposta: B.

Os pronomes podem ser: pessoais, possessivos, demonstrativos, indefinidos, interrogativos e relativos.

9.1. PRONOMES PESSOAIS

Designam as três pessoas do discurso. Classificam-se em **retos** e **oblíquos.**

Pessoa	Caso reto	Caso oblíquo	
		Átono	**Tônico**
1ª	eu	me	mim, comigo
2ª	tu	te	ti, contigo
3ª	ele	se, o, a, lhe	si, consigo, ele, ela*
1ª	nós	nos	* nós, conosco
2ª	vós	vos	* vós, convosco
3ª	eles	se,os, as, lhes	si, eles, elas*

***Ele, nós, vós, eles:** quando oblíquos sempre preposicionados.

Ex.: Ora se dirigia a nós, ora a eles.

Observação: Quando os verbos terminam em **r, s, z** e os pronomes pedidos são **o(s), a(s),** ocorre a queda daquelas terminações, acrescentando-se o **l (lo(s), la(s));** quando os verbos terminarem em som nasal (**m** ou **til**), acrescenta-se o **n** (no(s), na(s)).

Ex.: Quero comprá-**las.** (= comprar + as) / Expusemo-**la**. (Expusemos + a) / Fê-**los** com rapidez. (Fez + os) / Trouxeram-**no** (Trouxeram + o)**.**

9.1.1. Retos

Funcionam, na maior parte dos casos, como sujeito ou predicativo.

Ex.: **Tu** não és **eu**. / O fato de **ele** reconhecer o erro...

suj. p.s. suj.

9.1.2. Oblíquos

Funcionam, geralmente, como complemento (objeto direto, objeto indireto, complemento nominal).

Ex.: Vi – **o** na rua. / Obedeci-**lhe**. / A decisão **lhe** foi favorável.

o.d. o.i. c.n

Agora vamos a alguns exercícios de fixação para apreender a teoria exposta sobre os pronomes pessoais retos e oblíquos. Nas questões de prova, observamos que esse assunto aparece por meio de reescritura, daí a importância de se associar a classe à função que ela desempenha na frase.

Lembre-se: os pronomes pessoais retos funcionam, em geral, como sujeito, e os oblíquos como complementos de verbo ou de nome.

I. Use eu/tu, mim/ti.

1. Você só sairá se _____ permitir.

Comentários: aqui aparecem dois verbos. Para todo verbo, temos de achar um sujeito. O sujeito de *sairá* é *Você*. Fica faltando o sujeito para o verbo *permitir*, daí o uso do pronome pessoal reto *eu*.

Resposta: eu.

2. Nenhum problema surgiu entre _____ e o teu chefe.

Comentários: nesta frase observamos que aparece apenas um verbo – *surgiu* – com seu respectivo sujeito *Nenhum problema*. Logo, teremos de usar o complemento *mim*.

Resposta: mim.

3. Entre _____ pedir e você atender...

Comentários: neste período aparecem dois verbos: *pedir* e *atender*. O sujeito de *atender* é *você*. Ficaria faltando o sujeito do verbo *pedir*, por isso, teremos de completar a lacuna com o pronome pessoal reto *eu*.

Resposta: eu.

4. Houve muitos desentendimentos entre _____ e _____.

Comentários: aqui aparece apenas o verbo *Houve*, com o sentido de *existir*. Quando o verbo *haver* aparece com esse sentido, temos um caso de **oração sem sujeito**, logo não poderemos completar as lacunas com sujeito, e sim com complementos *mim* e *ti*.

Respostas: mim e ti.

II. Substitua o termo em destaque pelo pronome correspondente.

1. O movimento visa encontrar **soluções**.

Comentários: o termo destacado exerce a função de objeto direto de *encontrar*. Ao se reescrever a frase, o objeto, que é um <u>complemento</u> de verbo, será substituído por um pronome oblíquo correspondente – *las*. Lembre-se de que quando o verbo termina em *r*, *s* ou *z* e os pronomes pedidos são *o(s), a(s)*, cortam-se aquelas terminações e acrescenta-se o *l*.

Resposta: encontrá-las.

2. Deixaram **as chaves** no carro.

Comentários: outra vez o termo destacado funciona como **complemento** de verbo, portanto, usaremos o pronome oblíquo átono correspondente. Como a terminação é em som nasal, acrescenta-se o *n*.

Resposta: Deixaram-nas.

3. Faltaram **os aplausos** no fim do espetáculo.

Comentários: repare que nesta frase a expressão destacada funciona como sujeito do verbo *faltar*. Por isso, o uso do pronome reto correspondente – *eles* – na função de sujeito.

Resposta: Faltaram eles ou, na ordem direta, Eles faltaram.

4. **A violência** começa a gerar **expectativas**.

Comentários: nesta frase as expressões destacadas funcionam, respectivamente, como *sujeito* e *objeto direto*. Reescrevendo o sujeito *A violência*, temos o pronome reto *ela*; reescrevendo o objeto direto *expectativas*, o pronome oblíquo correspondente -*las*.

Respostas: Ela e gerá-las.

9.1.2.1. Colocação dos pronomes oblíquos átonos

me – te – se – o(s) – a(s) – lhe(s) – nos – vos

Próclise: quando o pronome átono aparece **antes** do verbo.

Ex.: Eu **o** ajudei naquela difícil tarefa.

Mesóclise: quando o pronome átono aparece no **meio** do verbo.

Ex.: Ajudá-**lo**-ei naquela difícil tarefa.

Ênclise: quando o pronome átono aparece **após** o verbo.

Ex.: Ajudei-**o** naquela difícil tarefa.

Observamos que a possibilidade de se usar o oblíquo átono é muito maior do que a proibição. Portanto, estudaremos aqui os casos em que o uso do pronome átono é proibido.

É proibido:

a) iniciar **oração** com oblíquo átono;

Exs.: **Me** espere hoje às seis horas. (errado)

Espere-**me** hoje às seis horas. (certo)

b) colocá-los **após** futuros e particípio.

Exs.: Direi-**te** a verdade. (errado)

Havia falado-**me** a verdade. (errado)

Dir-**te**-ei a verdade. (certo)

Havia-**me** falado a verdade. (certo)

Observações:

1. Havendo palavra **invariável** (palavra que não tem feminino nem plural – que, quem, caso, se, em, ninguém, alguém, tudo...) antes do verbo, próclise.

   Ex.: **Para** me responder... / **Não** te ouvi.

   Na locução verbal, se aparecer palavra **invariável** e o pronome vier preso ao auxiliar por hífen, estará **errada** a construção.

   Ex.: **Ninguém** queria-**me** ouvir. (errado)

   Ninguém me queria ouvir. (certo)

   Ninguém queria me ouvir. (certo: mesmo havendo palavra indefinida, o pronome pode ficar proclítico ao verbo principal)

2. Após infinitivo, sempre certo o uso do pronome átono.

   Ex.: Para responder-me...

   Ninguém queria ouvir-me.

3. Com conjunção coordenativa (*e, ou, mas, ...*): próclise ou ênclise.

   Ex.: Chegou e se deitou ou Chegou e deitou-se.

   Antes das questões de concursos, vamos fixar as regras de colocação pronominal.

Use o pronome oblíquo átono entre parênteses em todas as posições possíveis. Quando houver caso de mesóclise, escreva ao lado a forma correta.

1. _____ dize _____ com quem andas, _____ direi _____ quem és. (me/te)

Comentários: observe que nas duas passagens os verbos dão início às orações. Como não podemos iniciar oração com pronome oblíquo átono, usaremos a ênclise no primeiro caso e a mesóclise no segundo.

Resposta: Dize-me e dir-te-ei.

2. _____ caberia _____ mostrar patriotismo (lhe).

Comentários: neste caso, não podemos usar a próclise por ser início de oração, mas também não podemos usar a ênclise já que o verbo aparece no futuro, o que, nos dois casos, consistiria erro. Aqui a única possibilidade é a mesóclise.

Resposta: Caber-lhe-ia.

3. O dinheiro que _____ entreguei _____ era meu. (lhe)

Comentários: nesta frase, a palavra *que*, invariável, atrai o pronome oblíquo átono.

Resposta: que lhe entreguei.

4. Os falantes de português _____ tornaram _____ maioria no litoral brasileiro. (se)

Comentários: aqui as duas formas estão corretas porque não há nenhuma proibição. Não é início de oração, o verbo não está no futuro nem há palavra invariável antes do verbo que obrigaria uso da próclise. Portanto, próclise ou ênclise.

Resposta: se tornaram ou tornaram-se.

Agora, algumas questões de concursos anteriores comentadas.

1. (FCC/TRF-SP) Devaneios, quem não **tem devaneios**? **Têm devaneios** as crianças e os jovens, **dão aos devaneios** menos crédito os adultos, mas é impossível **abolir os devaneios** completamente.

Evitam-se as indesejáveis repetições da frase anterior substituindo-se os elementos em destaque, na ordem dada, por:

a) os tem – Têm-lhes – dão-lhes – abolir-lhes

b) tem eles – Têm-nos – dão-lhes – abolir-lhes

c) os tem – Têm eles – dão-nos – aboli-los

d) tem a eles – Os têm – dão a eles – abolir a eles

e) os tem – Têm-nos – dão-lhes – aboli-los

Comentários:

Vimos na teoria que questões de reescritura por meio de pronome pessoal obedecem a um padrão: o **sujeito** é substituído por pronome pessoal **reto** e o **complemento**, por pronome pessoal **oblíquo**. Além disso, quando os pronomes pedidos são o(s), a(s) (objetos diretos), dependendo das terminações, viram lo(s), la(s) ou no(s), na(s).

Nesta questão, *devaneios*, em todas as passagens, funciona como objeto dos respectivos verbos. Nas

1ª e 2ª ocorrências, é objeto direto de **tem**. Na 3ª, é objeto indireto de **dão** (veja a presença da preposição) e na 4ª, objeto direto de **abolir**. Como os pronomes usados são os oblíquos átonos, além do uso, temos de atentar para a **colocação**. No primeiro caso, o **não** atrai o pronome (*não os tem*). Nos segundo e terceiro casos, iniciam oração (Têm-nos) e (dão-lhes). Na quarta ocorrência, nada proíbe o uso da próclise ou da ênclise (... *impossível os abolir* ou *aboli-los*).

Resposta: E.

2. (FCC/TRT – 18ª Região) As eleições são importantes, mas não **se empreste às eleições** um valor absoluto, ainda que muitos ainda **vejam as eleições** como finalidade última do processo democrático, sem falar nos que **consideram as eleições** uma aborrecida obrigação.

Evitam-se as viciosas repetições do texto acima substituindo-se os elementos destacados, respectivamente, por:

a) se lhes empreste – as vejam – as consideram

b) se as empresta – as vejam – lhes consideram

c) se empreste-lhes – vejam-nas – lhes consideram

d) se empreste a elas – lhes vejam – as consideram

e) se lhes empreste – vejam-lhes – consideram elas

Comentários:

Aqui, logo pela primeira passagem, ao usar o oblíquo átono, por causa da palavra invariável **se**, ficaríamos apenas com duas opções: A e E. Lembre que o pronome átono **lhe**, como complemento de verbo, substitui o **objeto indireto** (*emprestar um valor absoluto às eleições*). Nas outras ocorrências, *eleições* funciona como objeto direto dos respectivos verbos.

Quanto à colocação, próclise nos dois casos, pois as palavras invariáveis **ainda** e **que** atraem os pronomes átonos.

Na letra D, estaria correto o uso do oblíquo tônico **a elas**, já que substitui o objeto indireto, com preposição, pois. Mas a passagem *lhes vejam* estaria errada.

Resposta: A.

3. (FCC/PMSAL – Guarda Municipal) O autor explica ao leitor mais jovem quem eram os guardas-noturnos, como a população **admirava os guardas-noturnos**, como **confiava aos guardas-noturnos** a tarefa de velar pelo sono de todos, como **tomava os guardas-noturnos** como exemplo de dedicação

profissional.

Evita-se o uso abusivo de repetições na frase acima substituindo-se os elementos destacados, respectivamente, por:

a) admirava eles – confiava neles – os tomava

b) os admirava – lhes confiava – os tomava

c) lhes admirava – os confiava – tomava a estes

d) admirava-os – confiava-lhes – tomava-lhes

e) admirava-lhes – lhes confiava – lhes tomava

Comentários:

Nas primeira e terceira passagens, *guardas-noturnos* aparece como objeto direto (sem preposição) dos verbos **admirar** e **tomar**. Na primeira, como nada proíbe (veja a teoria) a próclise ou a ênclise, caberiam *"... a população os admirava"* ou *"... a população admirava-os"*, mas na terceira a palavra **como** (invariável) atrai o pronome átono (*como os tomava*). Na segunda ocorrência, esse mesmo vocábulo aparece como **objeto indireto**, daí a substituição por **lhe**. A próclise se dá por causa da presença da palavra **como** (invariável).

Resposta: B.

9.1.2.2. Reflexivos

Referem-se à mesma pessoa, correspondendo a **a mim mesmo, a si mesmo** etc.

Exs.: Eu **me** cortei. / Ele **se** feriu. / Olhou-**se** no espelho. / Trazia **consigo** as lembranças do passado.

9.1.2.3. Recíprocos

Indicam ideia mútua, recíproca, correspondendo a **um ao outro.**

Exs.: Eles **se** abraçaram.

Os namorados olhavam-**se** apaixonadamente.

Vejamos um exemplo de questão.

1. (NCE/TJ – Analista Judiciário) "As verdades filosóficas se contradizem..."

O item a seguir em que o SE apresenta valor idêntico àquele que possui nesse segmento da frase acima:

a) Procura-se um meio de fazer o homem menos cético.

b) Os homens modernos esconderam-se da verdade.

c) Pascal se declarou irracionalista.

d) A ciência e a fé se digladiam.

e) As doutrinas filosóficas queixam-se do ceticismo moderno.

Comentários:

A partícula **se** do enunciado funciona como *pronome recíproco* (**uma** verdade contradiz **a outra**).

Na letra A, o **se** é pronome *apassivador* (um meio é procurado). Em vozes verbais falaremos sobre ele. Nas opções B e C, o pronome funciona como *reflexivo* ("esconderam **a si mesmos**" e "declarou **ele mesmo** irracionalista"). Na opção D, é *recíproco*, pois **uma** se digladia com **a outra**. Na E, o verbo em questão é *queixar-se* (pronominal), sendo o pronome parte integrante do verbo.

Resposta: D.

9.2. PRONOMES DE TRATAMENTO

Certos vocábulos ou locuções valem por pronomes pessoais. São os **pronomes pessoais de tratamento.** Referem-se à segunda pessoa, mas o verbo e os pronomes correspondentes vão para a 3ª pessoa.

Exs.: Você, Senhor, Senhora, Vossa Excelência, Vossa Eminência etc.

Vejamos um exemplo de questão.

1. (FCC/TRT – 2ª Região – Téc. Judic.) Considere o final de uma reivindicação dos moradores de um bairro, dirigida ao prefeito da cidade:

"Esperamos que _____, senhor prefeito, _____ verificar as condições por nós apontadas, e que sejam tomadas as medidas necessárias no sentido de solucionar tais problemas...

A _____ dispor, atentos às providências,

Os moradores."

As lacunas estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:

a) V.Sa. – mandeis – vosso

b) V.Exa. – mande – seu

c) V.Exa. – mandeis – seu

d) V.Sa. – mande – vosso

e) V.Exa. – mande – vosso

Comentários:

Esta é uma questão que trata do emprego dos pronomes de tratamento. Usamos *V.Exa* para altas autoridades (presidentes, governadores, ministros, prefeitos...). Além disso, os verbos e os pronomes correspondentes vão para a 3ª pessoa (mande e seu).

Resposta: B.

9.3. PRONOMES POSSESSIVOS

São aqueles que indicam a posse em referência às três pessoas do discurso:

1ª pessoa: meu(s), minha(s), nosso(s), nossa(s)

2ª pessoa: teu(s), tua(s), vosso(s), vossa(s)

3ª pessoa: seu(s), sua(s)

Quanto aos pronomes possessivos, atenção:

Há duas maneiras de indicar a posse no discurso: utilizando-se de um pronome possessivo ou por meio de um pronome oblíquo átono com valor possessivo. Assim, teríamos:

Beijou-**lhe** a face. (Beijou a **sua** face)

Beijou-**me** a face. (Beijou a **minha** face)

À noite, apareceram-**lhe** em casa alguns amigos. (em **sua** casa)

É exatamente isso: um pronome oblíquo átono pode ter o mesmo valor semântico que um pronome possessivo. A seguir, alguns exemplos.

Assinale as opções em que o pronome lhe apresenta o mesmo valor significativo que possui em "uma espécie de riso sardônico e feroz contraía-lhe as negras mandíbulas.":

Observe que aqui o que se pede é o pronome oblíquo átono com valor de posse. Nesse caso, ele irá sempre se referir a um substantivo e poderá ser substituído por um outro pronome possessivo.

a) A mãe apalpava-lhe o coração.

(Isso é o mesmo que a mãe apalpava o seu coração, o coração dele.)

b) Aconteceu-lhe uma desgraça.

(Aconteceu uma desgraça a ele, e não dele.)

c) Tudo lhe era indiferente.

(Tudo era indiferente a ele.)

d) Afastou-lhe os cabelos.

(Afastou os seus cabelos, os cabelos dele.)

e) Ao inimigo, não lhe nego perdão.

(Não nego perdão a ele, e não o perdão dele.)

f) Não lhe contei o segredo.

(Não contei o segredo a ele.)

g) Apertou-lhe gentilmente a mão.

(Apertou a sua mão, a mão dele.)

Resposta: as alternativas que apresentam pronomes oblíquos com valor possessivo são A, D e G.

Vejamos como esse assunto aparece nas provas.

1. (Cespe/UnB/MTE) Assinale a opção em que o pronome "lhe" não tem o mesmo sentido que em: "O tempo arrebata-lhe a garganta".

a) Afagou-lhe os cabelos com amor.

b) A luz sempre lhe afugenta o sono.

c) O marido sempre lhe nega a resposta.

d) Ajeitou-lhe o colar e saiu mansamente.

Comentários:

O pronome oblíquo da frase do enunciado possui valor possessivo – pode ser trocado por outro possessivo ("O tempo arrebata a *sua* garganta").

Na letra A, o pronome *lhe* equivale a *seus* ("Afagou os *seus* cabelos com amor").

Na letra B, o pronome oblíquo *lhe* pode também ser substituído por um possessivo ("O tempo afugenta o *seu* sono").

A letra C traz um pronome oblíquo que funciona como complemento do verbo, e não possui valor possessivo ("O marido sempre nega a resposta *a ela*").

Já a letra D apresenta um pronome oblíquo com valor possessivo: ajeitou o *seu* colar e saiu...

Resposta: C.

2. (Cespe-UnB) Assinale a única frase em que o pronome *lhe* **NÃO** tem sentido possessivo.

a) O tempo mudou-lhe o rosto.

b) Não lhe pude conhecer a generosidade.

c) O sabor das balas de tangerina encheu-lhe a boca.

d) O entusiasmo abriu-lhe os olhos.

e) Deram-lhe um emprego perto de casa.

Comentários:

Nas letras A, B, C e D, os pronomes oblíquos têm valor possessivo: referem-se a substantivos e podem ser substituídos por outros possessivos. Assim, teríamos: o tempo mudou o *seu* rosto; não pude conhecer a *sua* generosidade; o sabor das balas de tangerina encheu a *sua* boca; o entusiasmo abriu os *seus* olhos. Apenas na letra E o pronome oblíquo não tem sentido possessivo, ele é complemento do verbo: "deram um emprego *a ele* – e não um emprego *dele* – perto de casa".

Resposta: E.

9.4. PRONOMES INDEFINIDOS

Agora, vamos falar sobre os pronomes indefinidos. Estes têm sentido vago ou indeterminado. Aplicam-se à 3ª pessoa: algum, nenhum, todo, outro, muito, certo, vários, tanto, quanto, qualquer, alguém, ninguém, tudo, outrem, nada, cada, algo, mais, menos, que, quem. Veja os exemplos:

"**Todo** dia ela faz tudo sempre igual." (Chico Buarque)

Havia **muita** preocupação no Congresso.

Chegarão **mais** livros na próxima semana.

Observe que os pronomes indefinidos referem-se a substantivos, como todos os pronomes fazem, indicando ideia vaga, generalizando: essa é a função de um pronome indefinido. Além dos pronomes indefinidos, existem também **as locuções pronominais indefinidas**, que são um grupo de vocábulos com valor de pronome indefinido: cada um, cada qual, qualquer um etc. Os pronomes indefinidos, muitas vezes, interrogam e, nesse caso, são chamados de pronomes indefinidos interrogativos ou, simplesmente, pronomes interrogativos. Vamos conhecê-los?

9.5. PRONOMES INTERROGATIVOS

São os pronomes indefinidos **que**, **quem**, **qual**, e **quanto**, usados nas interrogações (diretas ou indiretas). Exemplos:

Quem precisa de um novo Fidel?

Nesse caso, o pronome indefinido *quem* está inserido em uma frase interrogativa direta: com ponto de interrogação.

Desconheço **quem** organizou a festa.

Observe que, aqui, o pronome também é interrogativo, mas se insere em uma frase interrogativa indireta, sem ponto de interrogação.

Aqui, vale um recado:

Frase interrogativa indireta é aquela que vem sem ponto de interrogação, mas que também espera uma resposta. São as conjecturas. Utilizam-se de informações do tipo: *desconheço, gostaria de saber, não sei...*

Os pronomes indefinidos e interrogativos podem se confundir com adjetivos ou advérbios. Isso porque eles também se referem a substantivos – como os adjetivos fazem. Além disso, muitas palavras que aparecem como adjetivos ou advérbios também podem ser pronomes indefinidos: *muito*, *vários*, *todo*...

Falaremos do substantivo, adjetivo e advérbio em concordância, mas já podemos definir essas classes agora, a fim de não confundi-las com os pronomes indefinidos.

Adjetivo é a classe de palavra que se refere ao substantivo, indicando-lhe qualidade, condição ou estado. É classe de palavra variável.

Advérbio é a classe de palavra que modifica verbo, adjetivo ou o próprio advérbio. Indica circunstância (tempo, intensidade, lugar etc.) e é normalmente invariável.

Pronome indefinido modifica substantivo ou entra no lugar dele. Semanticamente, indica ideia vaga. Na maioria das vezes, é classe de palavra variável (algum, qualquer, todo...), ainda que alguns pronomes indefinidos não variem (alguém, ninguém...).

Atenção: Dizer que uma classe de palavra é variável significa dizer que ela se flexiona em gênero (masculino/feminino) e número (singular/plural).

Vamos treinar?

Complete as lacunas de acordo com o código abaixo:

(1) Adjetivo ou locução adjetiva

(2) Advérbio ou locução adverbial

(3) Pronome indefinido

a) ( ) Maria é muito calma.

Aqui, a palavra *muito* se refere a *calma*; *calma* é adjetivo; *muito* é advérbio. Observe que ele não se flexionou; o que ratifica que é um advérbio, classe de palavra invariável.

b) ( ) Precisou de muita calma para resolver o impasse.

Calma agora é substantivo. Ora, se *muita* se refere a um substantivo, indicando ideia vaga, é pronome indefinido.

c) ( ) Precisou de muito dinheiro para comprar a casa.

Muito se refere ao substantivo *dinheiro*, indicando sentido vago, indeterminado. É pronome indefinido.

d) ( ) Beijo pouco, falo menos ainda.

Menos modifica o verbo falo, indicando intensidade. É advérbio.

e) ( ) Hoje disponho de pouco tempo para diversão; e o que é pior, de menos disposição.

Pouco se refere a *tempo*, substantivo; *menos* se refere a *disposição*, também um substantivo. Ambos indicam ideia vaga, generalizam. São pronomes indefinidos.

f) ( ) Cantava bem baixo para ninguém ouvi-lo.

Baixo modifica o verbo *cantava*, indicando ideia de modo. É advérbio.

g) ( ) Tinha bastante orgulho da irmã.

Bastante se refere ao substantivo *orgulho*. É o mesmo que *muito orgulho*. Indica valor vago: pronome indefinido.

h) ( ) Era uma pessoa bastante orgulhosa.

Bastante refere-se ao adjetivo *orgulhosa*, intensificando esse adjetivo. É advérbio de intensidade; tanto é advérbio que, se flexionássemos as informações para o plural, essa palavra se manteria invariável: *eram pessoas bastante orgulhosas*.

i) ( ) Depositava confiança bastante no bom senso da filha.

Agora, *bastante*, que se refere a um substantivo, está o qualificando. É o mesmo que *suficiente*. É, portanto, adjetivo.

j) ( ) Tenha mais paciência.

Mais se refere ao substantivo *paciência*, indicando ideia vaga, indeterminada. É o mesmo que *muita paciência*. É pronome indefinido.

k) ( ) Seja mais paciente.

Mais se refere a *paciente*, que é adjetivo, intensificando-o. É advérbio de intensidade.

l) ( ) Sempre leio os jornais da manhã.

Essa expressão se refere ao substantivo jornal, caracterizando-o. É uma locução adjetiva. Nesse caso, poderíamos inclusive trocar essa locução por outro adjetivo: *matutinos*.

m) ( ) Sempre leio os jornais de manhã.

A expressão se refere ao verbo, dando-lhe ideia de tempo: *leio de manhã, pela manhã*. É locução adverbial de tempo.

Gabarito: a) 2; b) 3; c) 3; d) 2; e) 3; f) 2; g) 3; h) 2; i) 1; j) 3; k) 2; l) 2; m) 1 e 2.

Tendo visto os pronomes indefinidos e em que eles diferem dos advérbios e adjetivos, resta-nos falar dos pronomes demonstrativos. É neste assunto que vamos aprender a diferenciá-los e a detectar as funções que eles desempenham no texto.

9.6. PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Antes de tudo, é preciso entender que os pronomes demonstrativos podem indicar a posição dos elementos em relação a três hipóteses distintas: tempo, espaço, texto. Assim:

O pronome demonstrativo pode apontar para objetos localizados no **espaço**, perto ou distante do falante.

O pronome demonstrativo pode fazer referência ao **tempo** presente, passado ou futuro.

O demonstrativo pode também retomar informações já mencionadas no **texto** ou que virão a seguir na sequência textual.

Para cada situação, existem regras que farão você optar por qual demonstrativo utilizar. Preparamos um quadro resumido que irá ajudá-lo a organizar esses conceitos:

	No espaço	No tempo	No texto
Isto / este(s) / esta(s)	Apontam para o que está perto do falante. Ex.: Este material aqui é meu.	Momento presente. Ex.: Estes dias têm sido agradáveis. Momento futuro próximo. Ex.: Nestas férias viajarei.	Apontam para uma informação que virá adiante no texto. Ex.: Este número é a dica do teste – sete.
Isso / esse(s) / essa(s)	Apontam para o que está perto do ouvinte. Ex.: Esse material aí é meu.	Passado não distante. Ex.: Nesse domingo fui ao Maracanã.	Indicam uma informação que já apareceu no texto. Atenção: se a informação já foi mencionada e está próxima, modernamente, costuma se utilizar Isto/Este/Esta. Ex.: "Dois" – Esse/Este número é a dica do teste.
Aquilo / aquele(s) aquela(s)	Apontam ao que está distante de ambos. Ex.: Aquele material ali é meu.	Passado ou futuro distante. Ex.: Aquelas férias de 2000/2020 foram/serão maravilhosas.	Com dois antecedentes: "este" para o mais próximo; "aquele" para o mais distante. "Esse" traria ambiguidade. Ex.: José e João estudaram. Este (João)/Aquele (José) foi aprovado.

Lembre-se: para estabelecer a distinção entre duas coisas ou pessoas anteriormente citadas, usamos este(s), esta(s), isto para o termo mais próximo e aquele(s), aquela(s), aquilo para o mais distante. Veja um exemplo:
"Há que se fazer a distinção entre acidentes do trabalho e doença do trabalho. Enquanto esta é inerente a determinados ramos de atividade, aqueles ocorrem pelo exercício do trabalho, provocando lesão corporal."

Mais treinamento?

Complete as lacunas com os demonstrativos adequados.

1. _____ livro que estás lendo é infantil?

Comentários: Espaço: perto do ouvinte.

Resposta: Esse.

2. Não. _____ livro que estou lendo é sobre política.

Comentários: Espaço: perto do falante.

Resposta: Este.

3. Guilherme, traga-me _____ CD que ficou lá no seu quarto.

Comentários: Espaço: distante de ambos.

Resposta: Aquele.

4. Um dia _____ visitarei o seu pai.

Comentários: Tempo: futuro não distante.

Resposta: destes.

5. Guilherme, dê-me _____ CD que está aí.

Comentários: Espaço: perto do ouvinte.

Resposta: Esse.

6. "Qual é a relação entre dialética e retórica? A _____ pergunta Aristóteles responde desde a primeira frase do seu livro."

Comentários: Texto: retomando o que foi dito anteriormente.

Resposta: Essa.

7. _____ é a pergunta que Aristóteles responde desde a primeira frase do seu livro: qual é a relação entre dialética e retórica?

Comentários: Texto: apontando para o que será dito adiante.

Resposta: Esta.

8. Luísa, _____ é o Eduardo?

Comentários: Espaço: perto do ouvinte.

Resposta: Esse.

9. _____ ano que passou foi muito proveitoso para mim.

Comentários: Tempo: passado não distante.

Resposta: Esse.

10. _____ mês que passou choveu muito. Para _____ mês que começa, porém, a previsão é de tempo bom.

Comentários: Tempo: passado não distante e futuro próximo.

Resposta: Nesse / este.

11. _____ aqui são meus primos.

Comentários: Espaço: perto do falante.

Resposta: Estes.

12. Ao comparar os diversos rios do mundo com o Amazonas, defendia com azedume e paixão a proeminência _____ sobre cada um _____.

Comentários: Texto: fazendo distinção entre o mais próximo e o mais distante.

Resposta: deste / daqueles.

13. Atentem para _____: o que se guarda no coração jamais se esquece.

Comentários: Texto: apresentando o que será dito a seguir.

Resposta: Isto.

14. Homens e mulheres participaram das festividades. _____, simpáticas e elegantes. _____, sérios e tímidos.

Comentários: Texto: diferenciando o elemento mais próximo – *mulheres* – do mais distante – *homens*.

Resposta: Estas e aqueles.

15. O que foi combinado aqui não pode sair _____ sala.

Comentários: Espaço: perto do falante.

Resposta: desta.

Observações:

a) O pronome **o** (a, os, as) é demonstrativo quando equivale a **aquele(s)**, **aquela(s)**, **aquilo, isso**. Veja o exemplo:

Alguém, antes que Wilson **o** fizesse, teve vontade de falar **o** que foi dito.

Nesse caso, a palavra **o**, em suas duas ocorrências, pode ser substituída por um outro demonstrativo.

b) Aparecem ainda como demonstrativos os vocábulos **tal**, **mesmo**, **próprio** e **semelhante**. Veja exemplos:

Tal atitude não se esperava dele. / Ele **mesmo/próprio** fez o pedido.

Aqui, vale mais um recado: A palavra o – e suas variações – pode ser:
1. Artigo (quando anteceder um substantivo): "O menino chegou".
2. Pronome pessoal oblíquo (quando puder ser substituído por outro pronome pessoal): "Cumprimentei-o na festa". (É o mesmo que se dizer "cumprimentei a ele").
3. Pronome demonstrativo (quando puder ser substituído por outro demonstrativo, normalmente antes do pronome relativo QUE ou da preposição DE): "Quero o que você comprou"/"Prefiro a de tampa azul".

Veja uma questão de prova que abordou tal assunto:

1. (Cespe-UnB/TJ – Analista) Assinale a opção em que a partícula "o" sublinhada aparece com o mesmo emprego que se apresenta no seguinte trecho do texto:

"A primeira é **o** que queremos dizer."

a) Eles devem realizar logo <u>o</u> projeto do grupo.

b) Responda-me: <u>o</u> que você tem com isso?

c) Seu sucesso depende de <u>o</u> livro ser aceito.

d) É preciso conhecer a rotina <u>do</u> laboratório.

e) Este livro foi <u>o</u> que você indicou.

Comentários:

Preliminarmente, a palavra *o* do enunciado classifica-se como pronome demonstrativo ("A primeira é *aquilo* que queremos dizer"). Nas letras A, C e D, a palavra *o* está antecedendo substantivos, funcionando, portanto, como artigos. Logo, restam as alternativas B e E. Na letra B, observamos um pronome interrogativo antecedido de um artigo perfeitamente dispensável – poderíamos simplesmente perguntar: "que você tem com isso?". No entanto, na letra E, observamos a presença de um *o* que pode ser trocado por outro demonstrativo ("Este livro foi *aquele* que você indicou").

Resposta: E.

9.7. AS FUNÇÕES TEXTUAIS DOS PRONOMES

Os pronomes podem apontar para algo que já foi ou que ainda vai ser mencionado no texto. Trata-se de uma característica que todos os pronomes têm (pronomes pessoais, possessivos etc.) Com relação aos demonstrativos, como forma mais adequada, pede-se usar **esse(s)/essa(s)/isso** para o que já foi mencionado anteriormente **(anafórico)** e **este(s)/esta(s)/isto** para algo que vai ser mencionado **(catafórico)**. Veja exemplos:

"A previsão do tempo não era muito favorável. O vento aumentara um pouco e decidi reduzir as velas para o primeiro rizo. Conversávamos no convés sobre **esses** problemas."

Nesse caso, o pronome *esses* tem a função de retomar informações que foram citadas anteriormente: **função anafórica**.

Isto é o que mais incomoda os homens honestos: o ciúme.

Aqui, o pronome exerce o papel de apontar para uma informação que será dita a seguir no texto. Diz-se que ele tem, portanto, **função catafórica**.

Tanto a função anafórica quanto a catafórica indicam, portanto, informações que foram ou serão mencionadas *dentro do texto*, informações que fazem parte do corpo textual. Daí, ambas também ser chamadas de **funções endofóricas**. Cada banca organizadora utiliza a nomenclatura que melhor lhe convém.

No entanto, se o pronome se referir a uma informação que não foi mencionada no texto, mas que pode ser deduzida a partir do que foi lido, diz-se que ele tem **função exofórica** (o que, para algumas bancas organizadoras de concursos, é sinônimo de **função dêitica**). O pronome que tem função exofórica, para ser compreendido na sua totalidade, necessita de informações que estão vinculadas à **situação de produção textual**: o local de produção textual, o momento de produção do texto ou o enunciador textual. Observe exemplos:

"**Nesta** casa todos são felizes."

Aqui, o pronome demonstrativo está vinculado ao **local** onde o texto foi produzido.

"**Nessas** férias, encontramos velhos amigos na praia."

Nesse caso, o leitor, para saber de que férias se trata, precisa conhecer o **momento** em que o texto foi produzido.

"**Meu** filho fez algumas tatuagens pelo corpo."

O pronome possessivo em destaque está vinculado ao enunciador do texto: para saber de quem é o filho, é preciso identificar a pessoa que produziu o texto. Ora, se anteriormente no texto o autor tivesse se identificado, o pronome deixaria de ter função exofórica, para ter função endofórica/anafórica: "Sou Maria. Meu filho fez algumas tatuagens pelo corpo".

Resumindo: O pronome terá função exofórica toda vez que buscar informações que devem ser deduzidas a partir do texto:
Quem? (autor do texto)
Quando? (quando o texto foi produzido)
Onde? (onde se produziu o texto)

Antes de resolvermos algumas questões de concursos anteriores, vamos fixar os conceitos estudados. Classifique os pronomes em destaque segundo a função textual que eles desempenham, com a ajuda do código abaixo:

(a) função anafórica

(b) função catafórica

(c) função exofórica

1. "[...] a habitação conjugal, e a **essa** se recusa a voltar." (Art. 234 – Código Civil)

   Comentários: O pronome retoma informação que foi dita anteriormente – a habitação conjugal.

   Resposta: função anafórica.

2. **Este** sempre foi seu objetivo – a aprovação.

   Comentários: O pronome menciona uma informação que virá adiante no texto – *a aprovação*.

   Resposta: função catafórica.

3. "Salvo disposição especial **deste** código e não tendo sido ajustado da época para o pagamento, o credor pode exigi-lo imediatamente."

   Comentários: A palavra **deste** está vinculada ao código onde se encontra tal artigo – depende de informação que está fora do texto: função exofórica. Já o pronome **o** (-lo) remete ao vocábulo <u>pagamento</u>.

   Resposta: função anafórica.

4. "A cessão de crédito não vale em relação ao devedor, senão quando a este notificada [...]"

Comentários: O pronome retoma o que foi dito anteriormente – *o devedor*.

Resposta: função anafórica.

5. Este país não tem mais jeito, é o que repetem usualmente nossos conterrâneos.

Comentários: O pronome depende do local de produção do texto.

Resposta: função exofórica.

6. "Cabe ao juiz suprir a outorga da mulher, quando esta a denegue sem motivo justo, ou lhe seja impossível dá-la (arts. 235, 238 e 239)." (Art. 237 – Código Civil)

Comentários: O pronome retoma informação do texto – a mulher.

Resposta: função anafórica.

7. "... o alerta do Departamento de Estado americano a agências de turismo dos Estados Unidos, divulgado no início deste mês..."

Comentários: A palavra *deste* está vinculada ao momento em que o texto foi produzido.

Resposta: função exofórica.

9.8. PRONOMES RELATIVOS

Os pronomes relativos referem-se a um termo anterior chamado antecedente (um substantivo ou pronome substantivo). Dão início às orações adjetivas – restritivas ou explicativas, assunto que estudaremos mais detalhadamente no Capítulo 12 (Predicação verbal).

Ex.: O livro **que você ganhou** é novo.

Oração subordinada adjetiva restritiva

"O homem, **que é mortal**, tem alma imortal."

Oração subordinada adjetiva explicativa

Aparecem como pronomes relativos:

- **Que**, **o qual** (e flexões): quando o antecedente for *coisa* ou *pessoa;*
- **Quem**: quando o antecedente for *pessoa*. Sempre antecedido de preposição;
- **Cujo** (e flexões): entre dois substantivos indicando ideia de *posse*; não deve vir seguido de artigo;
- **Onde**: quando o antecedente indica *lugar*;
- **Como**: quando o antecedente forem as palavras *modo*, *maneira*...
- **Quando**: quando o antecedente dá ideia de *tempo*;

• **Quanto**: quando o antecedente dá ideia de *quantidade*.

Importante:

Ao usar os relativos, devemos observar dois pontos importantes:

a) quando usar os relativos *que, quem, cujo* etc. (veja acima);

b) reparar se o termo que vem **após** o relativo pede preposição.

Este é o livro **que** ganhei. (que = o livro; eu ganhei o livro)

Este é o livro **a que** me referi. (que = ao livro; eu me referi ao livro)

Vamos fixar as regras de uso dos pronomes relativos?

Sublinhe a(s) forma(s) que completa(m) a lacuna:

1. O assunto _____ me referi não foi este. (que – a que – ao qual – o qual – a quem)

Comentários: O relativo *que* é usado para coisa ou pessoa: "o assunto que...". Como o verbo *referir-se* pede preposição *a*, temos "O assunto **a que me referi**". Lembre-se: *que* e *quem* podem ser trocados por *o qual*, *a qual*, *os quais*, *as quais*. Como o **antecedente** do relativo é masculino singular (*assunto*), usaremos *o qual*. Com a preposição do *referir-se*, **a**o qual. As duas formas estão corretas.

Resposta: a que, ao qual.

2. Aí está a pessoa _____ me apaixonei. (quem – por quem – pela qual – que – a quem)

Comentários: Como o **antecedente** é pessoa, de preferência usa-se **quem**. O verbo *apaixonar--se* rege preposição *por:* eu me apaixonei **pela** pessoa, **por** alguém.

Resposta: por quem, pela qual.

3. Chegou o diretor _____ relatório ninguém gostou. (que – de que – cujo – o qual – de cujo)

Comentários: Aqui, aparecem dois substantivos (*diretor* e *relatório*). Há, entre eles, uma ideia de **posse** (o relatório **do** diretor). Com isso, o relativo a ser usado **só pode** ser *cujo*. Como o verbo da oração (*gostar*) pede preposição *de*, temos a forma **de cujo**.

Resposta: de cujo.

4. Esta é a cidade _____ eu morei. (onde – aonde – em que – na qual – donde)

Comentários: A palavra *cidade* indica o **lugar**. De preferência usaremos *onde*, mas, como esse vocábulo também pode se encaixar em "coisa" e não "pessoa", *que* e *a qual* também respondem à

questão. Quanto à regência, o verbo *morar* pede preposição *em.* Nesses casos, quando o relativo a ser usado for *onde* e o verbo da oração pedir essa preposição, usaremos *onde* e não *aonde*. Repare que, com os relativos *que* e *a qual,* teremos *em que* e *na qual*, já que com esses pronomes o procedimento é igual ao dos exercícios anteriores.

Resposta: onde, em que, na qual

5. Esta é a cidade _____ gosto de ir sempre. (onde – aonde – a qual)

Comentários: Agora, o verbo *ir* pede preposição *a* (gosto de ir sempre *a*). Como o **antecedente** indica lugar, usaremos *onde* (*a* + *onde* = *aonde*).

Resposta: aonde.

6. Esta é a cidade _____ vêm os visitantes. (onde – aonde – donde – em que)

Comentários: Nessa construção, teríamos, na ordem direta, "Os visitantes vêm *de*..." (*de* + *onde* = *donde*).

Resposta: donde.

Uso de onde, aonde e donde:
Onde: usaremos esse conectivo se a preposição exigida for em.
Aonde: usaremos esse conectivo se a preposição exigida for a.
Donde ou de onde: usaremos esse conectivo se a preposição exigida for de.

9.9. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Substitua os termos sublinhados pelos pronomes pessoais adequados. Lembre-se: o pronome **reto** substitui o **sujeito**. Já o **oblíquo** substitui o **complemento**.

1. Entregou os documentos necessários? (os / eles / lhes)
2. Continuam as acusações ao Judiciário. (nas / elas)
3. Os processos muito demorados constituem afastamento da regra geral. (no / ele)
4. De seu esforço e força de vontade emergem os trabalhadores. (nos / eles)
5. Pagaram ao funcionário as suas férias? (lhe / a ele / ele)
6. Encontrou um grupo de desconhecidos. (o / ele / lhe)
7. Pusemos o livro na estante. (lo / ele)
8. Brotam as flores por toda parte. (nas / elas / lhes)
9. É necessário fechar suas fronteiras. (las / elas)

10. O país toma medidas protecionistas. (as / elas)

11. É fundamental defender o contribuinte. (lo / ele / lhe)

12. Estamos obrigados a liquidar a fatura. (la / ela / lhe)

13. A enorme variedade de canções de Noel, quase todas produzidas em cerca de seis anos, havia conferido genialidade ao artista. (ela / a ela)

14. Uma vez que tal medida implica transformações lesivas ao egoísmo do "establishment". (as / elas)

15. Pobre é a vida de um homem. (ela / a ela)

16. Na favela, tal como está organizada, reproduz-se semelhante estrutura. (na / lhe / ela)

17. Foi então que surgiu o problema. (o / ele / lhe)

18. Esses momentos históricos apresentam facetas negativas. (nas / elas / lhes)

19. Mandei o mordomo entrar. (ele / o)

20. Fez o amigo pagar a conta. (lo / ele)

II. Complete com eu / mim / tu / ti.

1. Para _____ nada mais interessa.

2. Para _____ chegar a tempo, peguei um táxi.

3. Por _____ todos hão de se classificar.

4. Aquele livro é para _____ leres.

5. Entre _____ e você tudo acabou.

6. Entre _____ e os teus amigos, já não há divergências.

7. Entre _____ pedir e você acatar, que distância!

8. Ela é mais aplicada do que _____.

9. Ele chegou antes de _____ sair.

10. Não sei se ela sentiu a mesma estranheza que _____.

11. Isto não é trabalho para _____ fazer.

12. É difícil para _____ acreditar em tuas palavras.

13. As reivindicações chegaram até _____.

14. Até _____ acreditei nas palavras do nosso ministro.

15. Para _____, arranjar patrocinador não será difícil.

16. Para _____ compreender o filme, tive de assistir a uma nova sessão.

III. Supondo-se que você queira se dirigir a um juiz, utilizando uma linguagem correta e adequada, faça as devidas alterações nos trechos a seguir:

1. Meritíssimo Juiz, Sua Excelência deveis saber que o réu é pessoa que goza de merecido prestígio entre empresários, pois já tomastes conhecimento pelos órgãos da imprensa de seus inúmeros empreendimentos.

_____

_____

_____

2. Pelo que dizeis em vossa bem escrita sentença, foram os meus atos que vos deram o discernimento que manifestastes em vossa decisão.

_____

_____

IV. Classifique os pronomes em destaque como reflexivos ou recíprocos.

1. Olhou-**se** no espelho e assustou-**se** com seu olhar doentio.
2. Os namorados olhavam-**se** apaixonadamente.
3. Eles **se** vestiram rapidamente.
4. Eles **se** cumprimentaram na rua.
5. As mulheres **se** afastaram das mesas.
6. O médico vê-**se** estendido no chão.
7. Os meninos sempre **se** ajudam.

V. Use o pronome oblíquo entre parênteses de todas as formas possíveis. Havendo caso de mesóclise, escreva ao lado a forma correta.

1. A torcida _____ aplaudiu _____ com entusiasmo. (o)
2. Ele _____ trancou _____ no quarto. (se)
3. _____ explicarei _____ todo o serviço. (te)
4. _____ seria _____ muito útil usar esse argumento. (me)
5. Gritei para _____ alertar _____. (os)
6. Não _____ vá _____ tão cedo; _____ custa _____ ficar mais? (se / lhe)
7. Quem _____ chamou _____? (te)

8. Se você chegar agora, _____ encontrará _____ satisfeito. (me)

9. Deus _____ pague _____! (lhe)

10. Se ninguém _____ disse _____ a verdade, e se precisei lutar para _____ encontrar _____, nada _____ falou _____ a respeito. (me / a / se)

11. Maria, _____ diga _____ a verdade. (me)

12. _____ Informaram _____ da decisão.(me)

13. _____ Revelarias _____ o sonho de Maria? (nos)

14. _____ Encontraremos _____ com Maria. (nos)

15. Ninguém _____ falou _____ de Maria. (nos)

16. Quem _____ teria _____ contado _____ o segredo? (lhe)

17. _____ Teriam _____ contado _____ o segredo? (lhe)

18. Se _____ reporta _____ a crimes comuns, o *impeachment* _____ reduz _____ a uma espécie de licença para o julgamento do presidente pelo Supremo Tribunal Federal. (se / se)

19. Não é o PT que _____ vai _____ ensinar _____ oposição. (me)

20. Se eu vou lá na comissão, de visita, garanto que _____ não _____ transmitem _____ informações. (me)

21. No caso do motorista, o senhor não _____ está julgando _____? (o)

22. _____ Diriam _____ vocês a verdade, se _____ perguntasse _____ sobre o procedimento de certos políticos? (me / lhes)

23. Já o mesmo não _____ pode _____ dizer _____ de um serviço de bondes. (se)

24. Já o mesmo não _____ deveria _____ dizer _____ de um serviço de bondes. (se)

25. Ninguém _____ daria _____ bem naquele emprego. (se)

VI. Identifique nas frases a seguir os antecedentes dos pronomes relativos em destaque:

1. Agora mesmo está nas telas uma risonha Regina Duarte grata à confiança **que** a população deposita nos Correios. (_____)

2. O festival de autocongratulação consumiu boa parte dos 120 milhões de reais **que** o governo (só a administração direta) gastou no ano passado. (_____)

3. Há muitas comparações **que** não deixam dúvidas sobre o que produz melhores resultados. (_____)

4. ... ou muito menos para anunciar a existência de uma Ouvidoria **que** acolhe queixas da população contra barbaridades policiais? (_____)

5. Basta dar uma espiada no panorama nacional, em **que** pululam temas para campanhas... (_____)

6. Canudos nasceu com o nome de Belo Monte, fundada por Antônio Conselheiro, a **quem** os sertanejos de toda a região atribuíam poderes de cura, poderes divinos. (_____)

7. A cidade, **cuja** infraestrutura de saneamento era quase inexistente, chegou a abrigar 25 mil pessoas em 5.200 casas, segundo o levantamento do Exército, feito após a guerra. (_____)

8. Formou-se ao seu redor um importante e complexo polo religioso e comercial **que** atraía gente de todas as partes. (_____)

9. "A televisão é a amiga dos entrevados, dos abandonados, dos **que** a vida esqueceu para um canto." (_____)

10. Os fonemas de uma língua costumam ser representados por uma série de sinais gráficos denominados letras, **cujo** conjunto forma a palavra. (_____)

11. "... há no meu corpo um incêndio **que** queima sem esperança / a própria terra **que** piso vira um abismo e me come / corre em meu sangue um veneno, veneno **que** tem teu nome." (Ferreira Gullar)

1o que – _____

2o que – _____

3o que – _____

12. Noel Rosa procurou escrever sobre tudo **quanto** expressasse o jeito de ser carioca. (_____)

13. Não se pode transmitir o **que** a mente não criou. (_____)

VII. Sublinhe a(s) forma(s) que completa(m) a lacuna.

1. "Existe alguém esperando por você _____ vai comprar sua juventude." (que – a que – ao qual – o qual – a quem)

2. "Recebia em casa dois jornais locais, _____ leitura demorava mais de uma hora." (cuja – em cuja – em que)

3. "O que lhe movia o coração era o amor, a quase obsessão pelo Brasil e seu povo, _____ futuro sempre acreditou com veemência e combatividade..." (que – em que – cujo – em cujo – onde)

4. “Tudo é belo naquilo _____ amamos. Tudo o _____ amamos tem espírito.” (que – quem – quanto – como – cujo) (que – onde – como – quando)

5. Compreendo a maneira _____ ele se mostra. (em que – onde – quando – cujos – como)

6. “Estava sentado numa mesa _____ havia uma pilha de livros.” (que – onde – sobre a qual – à qual – aonde)

7. Marcelo é o professor _____ sempre admirei. (que – quem – a quem – a qual – a que)

8. “Na casa dela mora um quadro _____ eu pintei.” (quem – por quem – pela qual – que – a quem)

9. “Tinha entre os dentes um alvíssimo palito _____ ponta mastigava.” (que – de que – cuja – o qual – de cujo)

10. Foi demitido o analista _____ ideias não concordava. (cujo – cujas – com cujas – cujas as – com cuja as)

11. Aquela é a livraria _____ Ana trabalhava e _____ sou cliente. (onde – aonde – em que – na qual – donde) (onde – de que – da qual – cujo)

12. Búzios é a cidade _____ gosto sempre de ir. (onde – aonde – a qual – para a qual – que)

13. Não se descobriu o esconderijo _____ os sequestradores escaparam. (onde – aonde – donde – em que – do qual)

14. “O caso que vou relatar comprova, como disse alguém _____ nome não recordo, que a verdade é mais estranha que a ficção.” (onde – o qual – cujo – de cujo)

15. “O caso que vou relatar comprova, como disse alguém _____ nome não lembro, que a verdade é mais estranha que a ficção.” (onde – o qual – cujo – de cujo)

16. “O caso que vou relatar comprova, como disse alguém _____ nome não me esqueci, que a verdade é mais estranha que a ficção.” (onde – o qual – cujo – de cujo)

17. “O crime para Forrester é o silêncio ou o ‘discurso lacunar’ _____ se valem os donos do poder para preservar suas riquezas.” (de que – de quem – cujo – de cujo)

18. “A prioridade não é o bem-estar ou a sobrevivência das populações, mas sim o ‘andamento dos mercados’, o lucro e seu horror, _____ só interessa ou só é ‘útil’ o homem que for rentável.” (no qual – em que – ao qual – onde)

19. Deram-me ontem um novo endereço da loja, _____ referências não foram boas. (que –

cujas – cujas as – a que)

20. "... como em Santa Marta, _____ quadra ministros das várias religiões e líderes comunitários vão estar reunidos..." (onde – aonde – cuja – em cuja – com cuja)

Gabarito: I – 1. Entregou-os; 2. Continuam elas, ou, na ordem, Elas continuam; 3. constituem-no; 4. emergem eles ou Eles emergem; 5. Pagaram-lhe ou Pagaram a ele; 6. Encontrou-o; 7. Pusemo-lo; 8. Brotam elas ou Elas brotam; 9. fechá-las; 10. tomas-as; 11. defendê-lo; 12. liquidá-la; 13. Ela; 14. Implica-as; 15. Ela; 16. reproduz-se ela ou ela se reproduz; 17. surgiu ele ou ele surgiu; 18. apresentam-nas; 19. Mandei-o; 20. Fê-lo. **II** – 1. mim; 2. eu; 3. mim; 4. tu; 5. mim; 6. ti ou mim; 7. eu; 8. eu; 9. eu; 10. eu; 11. eu; 12. mim; 13. mim; 14. eu; 15. mim; 16. eu. **III** – 1. Vossa Excelência deve saber... já tomou; 2. Pelo que diz em sua... que lhe deram... manifesta em sua. **IV** – 1. pron. reflexivo / pron. reflexivo; 2. pron. recíproco; 3. pron. reflexivo ou recíproco (depende do contexto); 4. pron. recíproco; 5. pron. reflexivo; 6. pron. reflexivo; 7. pron. recíproco. **V** – 1. o aplaudiu ou aplaudiu-o; 2. se trancou (mais adequado. ou... trancou-se; 3. Explicar-te-ei; 4. Ser-me-ia; 5. para os alertar ou alertá-los; 6. Não se vá; custa-lhe; 7. Quem te chamou?; 8. encontrar-me-á; 9. Deus lhe pague! (próclise com expressões que indicam desejo); 10. me disse / para a encontrar ou encontrá-la / nada se falou...; 11. diga-me; 12. Informaram-me; 13. Revelar-nos-ias; 14. Encontrar-nos-emos; 15. Ninguém nos falou; 16. Quem lhe teria ou Quem teria lhe contado; 17. Ter-lhe-iam ou Teriam lhe contado; 18. Se se reporta... / se reduz ou reduz-se; 19. que me vai ou que vai me ensinar ou que vai ensinar-me; 20. que me não ou que não me transmitem; 21. não o está ou não está julgando-o; 22. Dir-me-iam / se lhes perguntasse...; 23. não se pode ou não pode se dizer ou não pode dizer-se; 24. não se deveria ou não deveria se dizer ou não deveria dizer-se; 25. Ninguém se daria. **VI** – 1. confiança; 2. milhões; 3. comparações; 4. Ouvidoria; 5. panorama; 6. Antônio Conselheiro; 7. cidade; 8. polo; 9. os (= pron. demonstrativo); 10. sinais; 11. incêndio / terra / veneno; 12. tudo; 13. o (= pron. demonstrativo). **VII** – 1. que / o qual; 2. em cuja; 3. em cujo; 4. que / que; 5. como; 6. sobre a qual; 7. que / a quem; 8. que; 9. cuja; 10. com cujas; 11. onde / em que / na qual; de que /da qual; 12. aonde / para a qual; 13. donde / do qual; 14. cujo; 15. cujo; 16. de cujo; 17. de que; 18. ao qual; 19. cujas; 20. em cuja.

9.10. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

1. (Cesgranrio) Na oração: '**Certos** amigos não chegaram a ser jamais amigos **certos**.' Os termos em destaque são respectivamente:

a) adjetivo e pronome adjetivo.

b) pronome adjetivo e adjetivo.

c) pronome substantivo e pronome adjetivo.

d) pronome adjetivo e pronome indefinido.

e) adjetivo anteposto e adjetivo posposto.

Comentários:

Em sua primeira ocorrência, a palavra *certos* se refere a um substantivo, indicando ideia vaga, generalizando. É o mesmo que *alguns amigos*. Logo, é um pronome adjetivo indefinido (*adjetivo* porque vem ao lado do substantivo). Na sua segunda ocorrência, a palavra *certos* continua se referindo a um substantivo, só que vem qualificando-o: é o mesmo que *amigos corretos*, *verdadeiros*. É, portanto, adjetivo.

Resposta: B. (Observe que, na letra B, a banca teve a "maldade" de não dizer pronome adjetivo indefinido, e sim pronome adjetivo, o que dá no mesmo...)

2. (Cesgranrio) Considere as afirmações a seguir sobre o emprego dos pronomes nas frases.

I. "O vento da noite cortava-**lhes** o lombo." – Pronome pessoal com sentido possessivo.

II. "Os pescadores de largo curso olhavam para eles com **certo** desprezo." – Pronome indefinido atenuando o sentido do substantivo **desprezo**.

III. "Era como se **todo** o mundo se aproximasse para aconchegá-los." – Pronome indefinido **todo** equivalendo a **qualquer**.

É(São) verdadeira(s), **APENAS**, a(s) afirmação(ões):

a) I

b) II

c) III

d) I e II

e) II e III

Comentários:

No item I, o pronome oblíquo refere-se ao substantivo *lombo*, indicando valor de posse. É o mesmo que "O vento da noite cortava o *seu* lombo". No item II, o pronome *certo* tem valor de *algum*, indica ideia vaga e, semanticamente, dá leveza ao substantivo *desprezo*, atenuando seu valor negativo. Já no item III, o pronome *todo* não equivale a *qualquer*, e sim a *inteiro*. O que se quer afirmar na frase é que *o mundo inteiro se aproximava para aconchegá-los*, e não *qualquer pessoa se aproximava para aconchegá-los*. O pronome *todo* teria sentido de *qualquer* se não fosse seguido do artigo o ("todo mundo se aproximasse para aconchegá-los").

Resposta: D.

Atenção: Não confunda todo mundo com todo o mundo. Nesse caso, a inserção do artigo muda o sentido da frase! Todo o mundo quer dizer o

mundo inteiro e todo mundo quer dizer qualquer pessoa.

3. (TRT) A colocação das palavras e das expressões na construção frasal leva o leitor a perceber, em alguns casos, significados diversos. É o caso das expressões assinaladas, nas frases abaixo.

O candidato leu todo o Edital do concurso.

Todo Edital de concursos deve ser lido pelos candidatos.

O significado correto, respectivamente, dessas expressões está em:

a) O Edital inteiro/parte do Edital.

b) Parte do Edital/o Edital inteiro.

c) Qualquer Edital/parte do Edital.

d) O Edital inteiro/qualquer Edital.

e) Parte do Edital/o Edital inteiro.

Comentários:

Conforme o enunciado, a inserção de palavras na frase é capaz de modificar por completo o seu sentido. Foi o que ocorreu nas frases do enunciado, em que a inserção do artigo implicou alteração semântica na frase.

Resposta: D.

4. (Petrobras) "em todas as épocas e em todo o mundo"; a alternativa em que houve troca indevida entre as expressões "todo mundo" e "todo o mundo" é:

a) O jogador percorreu todo o mundo.

b) O atleta falou com todo mundo para pedir desculpas.

c) Ele conhecia todo o mundo na festa.

d) Via todo o mundo em seus filmes.

e) Todo o mundo está poluído.

Comentários:

Como vimos, *todo o mundo* quer dizer *o mundo inteiro* e *todo mundo* é o mesmo que *todas as pessoas*. Na letra A, diz-se que o jogador percorreu o mundo inteiro. Na letra B, o atleta falou com todas as pessoas para se desculpar. Já na letra C, não é possível conhecer o mundo inteiro em uma única festa, e sim qualquer pessoa. Na letra D, vê-se o mundo inteiro nos filmes e, na letra E, diz-se

que o mundo todo está poluído.

Resposta: C.

5. (NCE/TJ) "O hábito arraigado de separar o econômico do social, do político, do ético e do legal, de que é o exemplo de contrapor o 'mercado' ao 'social' – quase sempre denegrindo o **primeiro** e enaltecendo o **segundo** – é uma das causas..."; mantendo-se o sentido original, os termos sublinhados poderiam ser corretamente substituídos, respectivamente, por:

a) este / aquele

b) este / esse

c) aquele / este

d) aquele / esse

e) esse / este

Comentários:

O numeral ordinal **primeiro** retoma o substantivo **mercado**, que é o elemento mais distante no texto. Já o numeral **segundo** refere-se ao substantivo **social**, que é o elemento mais próximo. Lembre-se de que **esse**, com dois elementos, para fazer diferenciação entre o mais próximo e o mais distante, nunca deve ser utilizado!

Resposta: C.

Violência no Campo

José Saramago

No dia 17 de abril de 1996, no estado brasileiro do Pará, perto de uma povoação chamada Eldorado dos Carajás (Eldorado: como pode ser sarcástico o destino de certas palavras...), 155 soldados da polícia militarizada, armados de espingardas e metralhadoras, abriram fogo contra uma manifestação de camponeses que bloqueavam a estrada em ação de protesto pelo atraso dos procedimentos legais de expropriação de terras, como parte do esboço ou simulacro de uma suposta reforma agrária na qual, entre avanços mínimos e dramáticos recuos, se gastaram já cinquenta anos, sem que alguma vez tivesse sido dada suficiente satisfação aos gravíssimos problemas de subsistência (seria mais rigoroso dizer sobrevivência) dos trabalhadores do campo. *Naquele dia*, no chão de Eldorado dos Carajás ficaram 19 mortos, além de umas quantas dezenas de pessoas feridas. (...)

"Naquele dia, no chão de Eldorado dos Carajás...".

6. O emprego de *naquele*, neste contexto:

a) indica que o dia referido na frase não deve ser confundido com outro.

b) mostra que o dia referido está distante no tempo.

c) assinala uma distância de lugar.

d) identifica o dia como algo a ser esquecido.

e) refere-se a um dia que o leitor desconhece.

Comentários:

Trata-se de uso do pronome demonstrativo que faz referência a uma informação, que está distante no tempo (dia 17 de abril de 1996). Logo, *naquele* está sendo usado para indicar um passado distante. Muitos alunos, ao errar, marcariam a letra A, que só caberia se houvesse dois dias anteriormente referidos no texto, o que não foi o caso.

Resposta: B.

7. (FCC/ANS – Técnico) *... os peixes morrem e boiam na superfície. Quem chega muito perto fica com os olhos ardendo e algumas pessoas têm dificuldade para respirar. Esses são alguns dos efeitos das marés vermelhas...*

Ao introduzir a frase transcrita acima, o pronome demonstrativo grifado:

a) antecipa a conceituação necessária para o fenômeno que é o assunto do texto.

b) estabelece uma repetição enfática, porém desnecessária, dos fenômenos já citados.

c) especifica o tempo e o espaço em que ocorrem os fenômenos antes citados.

d) indica a retomada dos fenômenos antes relacionados, em uma referência única.

e) redistribui as consequências dos fenômenos assinalados, acentuando seu efeito nas pessoas.

Comentários:

Trata-se de uso do pronome demonstrativo que se refere a informações citadas anteriormente no texto. Assim, eliminam-se automaticamente as letras C e E. A letra B apresenta erro quando menciona que a repetição dos fenômenos citados é desnecessária – ela é um recurso coesivo bastante útil no texto.

Resposta: D.

8. (FCC / TRT – Técn. Judic.) Assinale, entre as frases abaixo, elaboradas a partir do tema do texto, aquela em que se deveria usar ESTE(A) ou NESTE(A), em vez de ESSE(A) ou NESSE(A):

a) Li a regulamentação publicitária. E, nesse instante, compreendi-a melhor.

b) Ainda repercute aqui, nesse cérebro, a culpa de ter feito o anúncio prejudicial.

c) As leis foram publicadas e contra essa publicação se voltaram os anunciantes.

d) Se vocês, publicitários, conhecessem melhor essa regulamentação que está diante de seus olhos, não teriam errado.

e) As recomendações aí estão e são essas a que devemos obedecer.

Comentários:

Na letra A, o pronome demonstrativo *nesse* está adequadamente retomando o que foi dito anteriormente no texto. Já na letra B, o pronome, por apontar para algo que está perto do falante – trata-se do *seu cérebro* – deveria ser *neste* e não *nesse*. Na letra C, o pronome está adequadamente retomando o que foi dito anteriormente, daí utilizar-se *essa*. Na letra D, o pronome aponta para o que está perto do ouvinte – *essa regulamentação...diante de seus olhos* e, na letra E, a mesma situação se repete – *as recomendações aí estão*.

Resposta: B.

9. (NCE / TJ) O vocábulo *atual*, presente na primeira frase do texto, tem seu significado dependente do momento de produção do texto; a frase em que NÃO aparece um elemento do mesmo tipo é:

a) "Recentemente, porém, trata-se da independência da ciência e da técnica."

b) "Agora, esta realidade se estende a todo o Terceiro Mundo."

c) "Agora mundializado, o espaço geográfico redefine-se pela combinação desses signos."

d) "é frequentemente chamada de período técnico-científico."

e) "De um lado, o período atual vem marcado por uma verdadeira unicidade técnica..."

Comentários:

Pela leitura do enunciado, percebe-se que a banca busca um vocábulo com função exofórica, quando diz que tal vocábulo *tem seu significado dependente do momento de produção do texto*. Ora, o que se quer é a única frase que não apresente um vocábulo do mesmo tipo. Na letra A, o advérbio *recentemente* está vinculado ao momento em que o texto foi produzido. Nas letras B e C, o mesmo ocorre com o advérbio *agora*: ele possui, em ambas, função exofórica. Na letra D, o advérbio *frequentemente* não depende de quando se produziu o texto – trata-se de algo que ocorre com bastante frequência, independentemente do tempo. No entanto, a letra E apresenta o adjetivo *atual*, vinculado à época de produção do texto.

Resposta: D.

10. (FGV / Pol. Civil) Em texto da *Folha de São Paulo*, um morador das margens de uma grande rodovia declarava o seguinte: "Hoje já passaram por aqui milhares de caminhões e automóveis, mas eu e minha família já estamos habituados com isso; os garotos até brincam, jogando pedra nos pneus."

Há, nesse texto, um conjunto de palavras cujo significado depende da enunciação, ou seja, da situação em que o texto foi produzido. Entre as alternativas abaixo, aquela que indica um termo que não está nesse caso é:

a) hoje

b) aqui

c) eu

d) minha família

e) isso

Comentários:

Pelo que se depreende do enunciado, todas as alternativas – exceto uma – apresentam vocábulos com função exofórica. Na letra A, o advérbio *hoje* depende do momento de produção textual. Na letra B, o advérbio *aqui* está vinculado ao local onde o texto foi produzido. Nas letras C e D, *eu* e *minha família* dependem do enunciador do texto, logo possuem também função exofórica. Já a letra E apresenta o pronome demonstrativo *isso* que retoma informação anteriormente mencionada no texto – "hoje já passaram por aqui milhares de caminhões e automóveis", possuindo, portanto, função anafórica, e não exofórica.

Resposta: E.

11. (FCC / Anac) O segmento do texto em que o termo destacado se refere textualmente a um elemento anteriormente expresso, e não a um elemento posterior, é:

a) Parece possível distinguir duas tendências fundamentais na reação ao grupo estranho: uma de admiração e aceitação, outra de desprezo e recusa. Aparentemente, quase todos os seres humanos apresentam <u>essas</u> duas tendências fundamentais.

b) ... pois supomos entender que <u>os</u> que falam a nossa língua têm um passado comum conosco ...

c) e também sabem <u>o</u> que esperar de nós...

d) Sentimos que <u>aqueles</u> que mais nos conhecem...

e) ... capazes de ignorar o que de melhor trazemos.

Comentários:

Podemos observar, pelo enunciado, que a banca busca um vocábulo com função anafórica (*um elemento anteriormente expresso*), e não catafórica (*um elemento posterior*). A letra A apresenta um demonstrativo que retoma as *duas tendências* citadas na primeira linha do trecho, tendo, portanto, função anafórica. Nas alternativas seguintes, os pronomes demonstrativos destacados apontam para informações que vêm logo a seguir no texto: *os* aponta para *que falam a nossa língua*; *o* indica *que esperar de nós*; *aqueles* aponta para *que mais nos conhecem* e *o*, para *que de melhor trazemos*. Todos, exceto um, têm função catafórica.

Resposta: A.

12. (TRF – Analista Judiciário) Dentre as frases a seguir, aquela em que o pronome relativo está mal-empregado é:

a) A pesquisa histórica é tarefa cuja realização se deve aos grandes historiadores.

b) O estudo das fontes históricas, o qual tanto atrai os historiadores, é tão importante quanto o da própria História.

c) Analisou tantos fatos quantos pudessem interessar à pesquisa histórica.

d) Às vezes, verificam-se fatos históricos que os historiadores não conseguem determinar suas causas.

e) O modo como a pesquisa histórica evolui às vezes surpreende o próprio historiador.

Comentários:

Ao se usar o pronome relativo devemos, antes de tudo, observar o **antecedente**, como vimos na teoria. Na letra A, o relativo *cuja* aparece entre dois substantivos indicando posse (realização da tarefa). Na B, o pronome relativo *o qual* vem antecedido do núcleo *estudo* (coisa). Na letra C, o pronome relativo *quantos* vem antecedido de *tantos* (indicando quantidade). Na letra D, o pronome relativo *que* não está adequado ao sentido da frase. Nela observamos a ideia de posse (causas dos fatos). Logo, a frase correta seria: "Às vezes, verificam-se fatos históricos **cujas causas** os historiadores não conseguem determinar". Na letra E, o **antecedente** do relativo *como* é a palavra *modo*. Nesses casos, quando os antecedentes são as palavras *modo*, *maneira*, *forma*, o relativo adequado é *como*.

Resposta: D.

9.11. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (FGV / Anal. Leg.) Outra dificuldade encontrada por quem lida com a língua diariamente é o emprego dos pronomes, uma vez que o uso popular consolidou formas que não têm respaldo na gramática.

Assinale a alternativa em que ocorra erro no uso do pronome.

a) Para mim, é difícil entender a gramática.
b) Essa gramática não é para eu estudar.
c) Ele sempre carrega a gramática consigo.
d) Entre mim e ti não há diferenças.
e) Vou dividir os produtos entre eu e você.

2. (FCC / TRT) Considere as afirmações a seguir sobre o emprego dos pronomes nas frases.

I. "O vento da noite cortava-**lhes** o lombo" – Pronome pessoal com sentido possessivo.
II. "Os pescadores de largo curso olhavam para eles com **certo** desprezo" – Pronome indefinido atenuando o sentido do substantivo **desprezo**.
III. "Era como se **todo** o mundo se aproximasse para aconchegá-los" – Pronome indefinido **todo** equivalendo a **qualquer**.

É(São) verdadeira(s), **apenas**, a(s) afirmação(ões):

a) I
b) II
c) III
d) I e II
e) II e III

3. (FCC / TRT) Assinale a única frase em que o pronome **lhe** NÃO tem sentido possessivo.

a) O tempo mudou-lhe o rosto.
b) Não lhe pude conhecer a generosidade.
c) O sabor das balas de tangerina encheu-lhe a boca.
d) O entusiasmo abriu-lhe os olhos.
e) Deram-lhe um emprego perto de casa.

4. (FCC / TRT) As palavras em destaque não podem ser substituídas pelos pronomes à direita em:

a) José suspendeu o **envio da correspondência**. (suspendeu-o)
b) João viu **o relatório** antes da reunião. (viu-o)
c) A concessionária vendeu **os carros** em poucas horas. (vendeu-os)
d) Os congestionamentos trazem danos **para os empresários**. (trazem-lhes)
e) O diretor convidou **os funcionários** para um evento. (convidou-lhes)

5. (FCC / Anal. Jud.) Indique a opção em que a expressão em destaque pode ser substituída por "lhe", assim como em "... uma parte do mérito lhe cabe".

a) O economista chamou **o colega** de benfeitor da natureza.
b) A Fundação convidou **o professor** para o cargo de diretor.
c) O projeto pertence **ao renomado cientista**.

d) O governo criou recentemente o **Bolsa-Floresta**.
e) A diretora gosta muito **de sua assistente**.

6. (FCC / TRE) A alternativa abaixo em que não se realiza de forma conveniente a junção do verbo com o pronome pessoal enclítico é:

a) "traz uma reportagem" = trá-la
b) "doar 85% de sua fortuna" = doá-los
c) "indicam um caminho" = indicam-lo
d) "estimula a filantropia" = estimula-a
e) "fazer filantropia" – fazê-la

7. (FCC / TRT) "É quase impossível enxergá-lo".

Na frase, foi empregado corretamente o pronome oblíquo "o". A frase que não se completa com esse pronome é:

a) Abracei- _____ com entusiasmo.
b) Vi- _____ ontem na esquina da rua.
c) Felicitei- _____ pela aprovação.
d) A ele, devolvi- _____ o documento.
e) O livro, entreguei- _____ ao aluno.

8. (FCC / TRT) Conforme determina o padrão culto da Língua Portuguesa, a frase "ou a empresa ouve ele ou não" deveria ter a forma:

a) ou a empresa ouve ou não.
b) ou a empresa o ouve, ou não.
c) ou a empresa lhe ouve ou não.
d) ou a empresa lhe ouve, ou não.

9. (FCC / TRE) A substituição do termo destacado pelo pronome está incorreta em:

a) Viram <u>a moça</u>./ Viram-na.
b) Pedi <u>a elas</u> o material./Pedi-lhes o material.
c) Tocou <u>o hino</u> completo. / Tocou-o completo.
d) Parti em pedaços <u>o bolo</u>. / Parti-lo em pedaços.
e) Deixou para o filho <u>a herança</u>./ Deixou-a para o filho.

10. (NCE / Assemb. Leg.) Nos itens abaixo, dando continuidade ao que se diz na primeira frase, empregou-se com erro o pronome átono em:

a) Os nobres intensificavam suas atividades predominantemente ociosas. Eles intensificavam-nas quase sempre, depois que...
b) Os artesãos e os camponeses seguiam o ritmo da natureza. Eles o seguiam obrigatoriamente, uma vez que...
c) A deficiente iluminação não permitia aos artesãos e camponeses outra escolha. Ela não lhes permitia outra escolha, sobretudo quando...
d) A semente exige o tempo de plantio. Se ela o exige, é claro que não se podia...
e) A diminuição da jornada de trabalho acabou por criar o *tempo liberado*. Ao criar-lhe, tornou mais fácil para todos...

11. (NCE / UFRJ) Observe os pronomes oblíquos destacados no texto abaixo.

Como já **se** sabia, o ser humano adapta-**se** rapidamente a novas condições de vida. O que a pesquisa da felicidade nos ensinou foi o fato de a nossa capacidade de adaptação ser ainda maior do que **se** imaginava. Acostumamo-**nos** a quase tudo e há coisas das quais nunca **nos** enfadamos.

Segundo a norma culta, é possível inverter a colocação do pronome apenas em:

a) sabia-se
b) se adapta
c) imaginava-se
d) nos acostumamos
e) enfadamo-nos

12. (NCE / UFRJ) Observe as mudanças de colocação de pronomes propostas abaixo.

I. Só 46 delegados compareceram ao Parlamento, o que os tinha deixado em minoria – o que tinha deixado-os.
II. Um historiador acredita que o Brasil poderia ter se desintegrado em três diferentes países – se poderia ter desintegrado.
III. Antes da mudança da corte portuguesa, os conflitos regionais da colônia estavam se aprofundando – se estavam aprofundando.
IV. As colônias no Brasil estariam perdidas para Portugal, pois os ingleses queriam ocupá-las – os ingleses as queriam ocupar.

Tais mudanças são possíveis **apenas** em:

a) I e II
b) II e IV
c) I, II e III
d) I, III e IV
e) II, III e IV

13. (FGV / Anal. Leg.) Das alterações feitas abaixo na posição do pronome pessoal átono, é INCORRETA, de acordo com a norma culta da língua, a que foi feita na opção:

a) "... e o jogo dos rapazes elegantes transformara-se, então em um grande fenômeno de massas." / ... e o jogo dos rapazes elegantes se transformara, então, em um grande fenômeno de massas.
b) "... que desde os primeiros anos do século vinha se difundindo rapidamente pela cidade..." / ... que desde os primeiros anos do século vinha difundindo-se rapidamente pela cidade...
c) "... onde se realizavam os jogos em honra a Apolo..." / ... onde realizavam-se os jogos em honra a Apolo...
d) "... nos quais pudessem reunir-se e praticar o esporte." / ... nos quais se pudessem reunir e praticar o esporte.
e) "... Paulo Barreto mostrava a grandiosa impressão que a popularização do futebol lhe causava." / Paulo Barreto mostrava a grandiosa impressão que a popularização do futebol causava-lhe.

14. (TCU) Na oração "(...) embora se trate, por exemplo, de um expediente assinado (...)" foi aplicado o seguinte princípio de colocação pronominal:

a) não se pospõe pronome átono a verbo, modificado por advérbio.
b) não se inicia período por pronome átono.
c) não se inicia período por ênclise.
d) não se pospõe pronome átono em locuções.

e) não se pospõe pronome átono a verbo flexionado em oração subordinada.

15. (TRT / Anal. Jud.) O segmento do texto em que o termo destacado se refere textualmente a um elemento anteriormente expresso, e não a um elemento posterior, é:

a) Parece possível distinguir duas tendências fundamentais na reação ao grupo estranho: uma de admiração e aceitação, outra de desprezo e recusa. Aparentemente, quase todos os seres humanos apresentam essas duas tendências fundamentais.

b) ... pois supomos entender que os que falam a nossa língua têm um passado comum conosco...

c) e também sabem o que esperar de nós...

d) Sentimos que aqueles que mais nos conhecem...

e) ... capazes de ignorar o que de melhor trazemos.

16. (FCC / Téc. Jud.) Em 1970 e 1971, houve, no Nordeste brasileiro, uma enorme procura por sapos, que eram caçados para que **suas** peles fossem exportadas para os Estados Unidos. **Lá elas** eram usadas para fazer bolsas, cintos e sapatos. **Isso** levou a uma drástica diminuição da população de sapos **nessa região**. Nesse primeiro parágrafo do texto os elementos em destaque se referem a outros elementos do mesmo parágrafo; assinale a correspondência errada:

a) suas – dos sapos;

b) Lá – Estados Unidos;

c) elas – as peles dos sapos;

d) Isso – bolsas, cintos e sapatos;

e) nessa região – Nordeste brasileiro.

17. (FCC / Anal. Jud.) O pronome *que* faz referência exófora, isto é, referência a elemento pertencente ao universo extratextual, encontra-se destacado em:

a) "mas permito-me fazer algumas ponderações e reflexões".

b) "Existem situações clínicas em que a morte é claramente inevitável".

c) "Nesses casos, o médico tem de conviver com incertezas".

d) "No meu íntimo, é como se eu quisesse entendê-la".

e) "Procuro respeitar sua vontade".

18. (FCC / Téc. Jud.) Assinale a opção em que é possível substituir, de acordo com a norma culta, a expressão grifada pela palavra "onde".

a) O cinema **em que** nos encontramos passa bons filmes.

b) Vejo você às 11 horas, **quando** iremos almoçar.

c) Se o tempo melhorar, **então** vamos à praia.

d) A situação **que** ele criou não é aceitável.

e) Lembrei-me do tempo **no qual** íamos juntos trabalhar.

19. (ANS – Técnico) *Sua ideia de que as espécies variam...*

O segmento grifado acima preenche corretamente a lacuna da frase:

a) Não havia ainda poderosos instrumentos _____ a ciência pudesse basear-se e desenvolver-se, como ocorre atualmente.

b) Os dados _____ se reportavam alguns cientistas permitiram o nascimento de teorias interessantes a respeito da vida no planeta.

c) Nem sempre as informações _____ dispõem os pesquisadores são suficientes para justificar

complexas teorias científicas.

d) Durante muito tempo as explicações para a origem da vida, _____ todos sonhavam, eram fornecidas pela religião.

e) É necessário considerar-se _____ o desenvolvimento tecnológico atual foi o grande passo na descoberta de fatos biológicos.

20. (PM – BA) Está correto o emprego da expressão sublinhada na frase:

a) A aversão com que alguns demonstram pela preservação é incompreensível.

b) A prevenção é uma medida de cujos bons efeitos todos devem apoiar.

c) É injustificável a má vontade de que muitos manifestam diante da prevenção.

d) A prevenção, em que muitos fazem questão de ignorar, é imprescindível.

e) Medidas preventivas provocam efeitos de cuja eficácia ninguém duvide.

21. (FCC) Está correto o emprego de **ambos** os elementos sublinhados na frase:

a) A diferenciação entre profissionais, à que o autor faz referência, tem como critério um padrão ético, de cujo depende o rumo do processo civilizatório.

b) Se há apenas avanço técnico, numa época onde impera a globalização, as demandas sociais ficarão sem o atendimento a que são carentes.

c) As razões porque a globalização não distribui a riqueza prendem-se à relação mecânica entre oferta e demanda, cuja a crueldade é notória.

d) Os tecnocratas maliciosos imputam para o exercício da democracia os desajustes econômicos em que assolam os excluídos da globalização.

e) O aumento da produção, de cuja necessidade não há quem discorde, deve prever qualquer impacto ecológico, para o qual se deve estar sempre alerta.

22. (FCC) As palavras em destaque pertencem à mesma classe gramatical **exceto** na opção:

a) "Não seria isso **que** falta hoje a todos nós nas empresas?"

b) "... palestras **que** estão acontecendo neste exato momento."

c) "... já dizia o poeta **que** o tempo não para..."

d) "... aos padrões **que** nos impedem de crescer, ampliar e inovar."

e) "Acreditar naquilo **que** nossa voz interior diz..."

23. (FGV) Os pronomes relativos destacados substituem a palavra ou expressão que se encontra ao final de cada opção, **exceto** em:

a) "Está aí uma coisa **que** eu não sabia..." – coisa;

b) "Chefe de um país ou de um exército **que** preside..." – exército;

c) "E sempre desconfiei que 'esdrúxulo' foi inventada por um antigo dicionarista **que** sentia falta de uma palavra..." – antigo dicionarista;

d) "... sentia falta de uma palavra **que** descrevesse coisas" – uma palavra;

e) "figuras históricas **que** nunca foram" – figuras históricas.

24. (FGV) Em "O não marca **que** a decisão era reativa", a palavra negritada pertence à mesma classe gramatical da destacada em:

a) "... reveja os caminhos **que** você percorreu...".

b) "... para defender-se de algo **que** ameaça a integridade física...".

c) "Então, muitas das decisões **que** tomamos...".

d) “Entenda **que** o mapa da infância...”.
e) “A pergunta **que** tanto fazem...”.

25. (NCE) Indique a opção na qual a palavra **que**, destacada na coluna da esquerda, não substitui a palavra que a antecede, transcrita na coluna da direita.

a) “um quinto da energia **que** ingerimos...” energia
b) “Sem carne, **que** é uma fonte...” carne
c) “... conhecemos vegetais **que** substituem a carne...” vegetais
d) “... ir atrás da caça **que** estava no quintal...” caça
e) “É fato **que** somos onívoros” fato

(Cespe/UnB) Julgue as alternativas a seguir, com base no texto:

Efeitos da ameaça, no bem e no mal. Enquanto os nimbos da guerra toldam o horizonte, a vigília sugere pensamentos esparsos, de calibre diverso no bem e no mal. Por exemplo, transparece, com veemência dolorosa, o fato de que a arma atômica é o mais eficaz instrumento de poder. A unidade de medida. A prova.

Quem não tem arma atômica não se estabelece, está fora do grande jogo. Donde a conclusão grave, atemorizante: só a bomba é a última e definitiva garantia de segurança. E **aqui** trafegamos pelo domínio do mal.

Há compensações. Por exemplo, as marchas a favor da paz, a apinhar avenidas e praças ocidentais. Comovem o mundo islâmico. Porta-vozes muçulmanos celebram a resistência cristã à **ameaça da guerra**. E a interpretam no melhor sentido, como demonstração de que o Ocidente não quer, antes ainda do ataque ao Iraque de Saddam, um confronto entre civilizações.

Mino Carta. *Carta Capital*, 19/03/2003 (com adaptações).

26. Mantém-se a coerência do texto e a sua correção gramatical ao substituir o pronome “Quem” por Países.

27. O advérbio “aqui” remete, no texto, ao lugar, ao país onde o autor está ao escrever.

28. A inserção de *qualquer* antes de “ameaça da guerra” preserva a coerência e a correção gramatical do texto.

Nossos projetos de vida dependem muito do futuro do país **no qual** vivemos. E o futuro de um país não é obra do acaso ou da fatalidade. Uma nação se constrói. E constrói-se no meio de embates muito intensos – e, às vezes, até violentos – entre grupos com visões de futuro, concepções de desenvolvimento e interesses distintos e conflitantes.

Para **muitos**, os carros de luxo que trafegam pelos bairros elegantes das capitais ou os telefones celulares não constituem indicadores de modernidade.

Modernidade seria assegurar a todos os habitantes do país um padrão de vida compatível com o pleno exercício dos direitos democráticos. Por isso, **dão mais valor a um modelo de desenvolvimento** que assegure a toda a população alimentação, moradia, escola, hospital, transporte coletivo, bibliotecas, parques públicos. Modernidade, para **os que pensam assim**, é sistema judiciário eficiente, com aplicação rápida e democrática da justiça; são instituições públicas sólidas e eficazes; é o controle nacional das decisões econômicas.

Plínio Arruda Sampaio. O Brasil em construção. In: Márcia Kupstas (Org.).
Identidade nacional em debate. São Paulo: Moderna, 1997, p. 27-9 (com adaptações).

29. Na linha 1, mantendo-se a correção gramatical do texto, pode-se empregar *em que* ou

onde em lugar de “no qual”.

30. O trecho “os que pensam assim” retoma, por coesão, o referente de “muitos”, bem como o sujeito implícito da oração “dão mais valor a um modelo de desenvolvimento”.

(Cespe/UnB) O texto é para as questões 31 e 32.

A visão do sujeito indivíduo – indivisível – pressupõe um caráter singular, único, racional e pensante em cada um de nós. Mas não há como pensar que existimos previamente a nossas relações sociais: nós nos fazemos em teias e tensões relacionais que conformarão nossas capacidades, de acordo com a sociedade em que vivemos. A sociologia trabalha com a concepção dessa relação entre o que é “meu” e o que é “nosso”. A pergunta que propõe é: como nos fazemos e nos refazemos em nossas relações com as instituições e nas relações que estabelecemos com os outros? Não há, assim, uma visão de homem como uma unidade fechada em si mesma, como *Homo clausus*. Estaríamos envolvidos, constantemente, em tramas complexas de internalização do “exterior” e, também, de rejeição ou negociação **próprias e singulares** do “exterior”. As experiências que o homem vai adquirindo na relação com os outros são as que determinarão as suas aptidões, os seus gostos, as suas formas de agir.

Flávia Schilling. Perspectivas sociológicas. Educação & psicologia. In: *Revista Educação*, vol. 1, p. 47 (com adaptações).

31. Na linha 3, para se evitar a sequência “nós nos”, o pronome átono poderia ser colocado depois da forma verbal “fazemos”, sem que a correção gramatical do trecho fosse prejudicada, prescindindo-se de outras alterações gráficas.

32. Na linha 10, a flexão de plural em “próprias e singulares” estabelece relações de coesão tanto com “rejeição” quanto com “negociação” e indica que esses substantivos têm referentes distintos e não podem ser tomados como sinônimos.

A **lenda urbana** surge com a oportunidade do inusitado, do espetacular, do fantasioso. É o momento em que **se pode** romper com a realidade e crer que existe algo além do que **se conhece**. Em primeiro lugar, a lenda urbana apresenta personagens quase sempre construídos em busca do indivíduo comum: **desperta-se** o interesse do ouvinte. Também **se espalha** por meios muito próximos dos simples mortais, seja oralmente, seja por e-mail, seja até em jornais sensacionalistas. As lendas urbanas se inserem no fenômeno chamado folkcomunicação, segundo o qual a expressão das classes mais baixas ou marginalizadas encontra vazão na produção de cultura popular e, muitas vezes, na cultura de massa. Esse folclore – em seu sentido mais amplo – traz à luz a compreensão de determinados povos sobre o meio que os cerca, mas de maneira bastante particular. As manifestações populares trazem tanto seus medos cotidianos quanto as influências sofridas por aquela população. As lendas urbanas são, assim, resultantes da criação contemporânea, modernamente adaptadas ao universo do século XXI e seus problemas. Hoje o homem comum conhece a ciência (ou a pseudociência, como diz Carl Sagan) e **se utiliza** dela em seu cotidiano. Também por isso, as representações mais fantásticas ganham, muitas vezes, aspectos científicos. Surgem assim narrativas completas, em certa medida críveis, sobre o universo urbano moderno.

Andréa Neiva e Luciano R. Segura. *Sem mistério: discutindo língua portuguesa*, ano 2, nº 12, p. 26-32 (com adaptações).

33. (Cespe/UnB) O pronome “se” refere-se a “lenda urbana” em:

a) “se pode”
b) “se conhece”
c) “desperta-se”
d) “se espalha”
e) “se utiliza”

Gabarito: 1. e; 2. d; 3. e; 4. e; 5. c; 6. c; 7. d; 8. b; 9. d; 10. e; 11. b; 12. e; 13. c; 14. e; 15. a; 16. d; 17. a; 18. a; 19. c; 20. e; 21. e; 22. c; 23. b; 24. d; 25. e; 26. errado; 27. errado; 28. errado; 29. certo; 30. certo; 31. errado; 32. certo; 33. d.

9.12. RESUMO

São muitos os pronomes... Pessoais, possessivos, indefinidos, relativos... Vamos resumir tudo que é mais relevante sobre pronomes?

- Pronome indefinido é classe que se refere a substantivo. Indica ideia vaga, generaliza.
- Tanto o pronome indefinido quanto o adjetivo referem-se a substantivo. A diferença entre eles é semântica: o adjetivo qualifica o substantivo e o pronome indefinido indica ideia indefinida, vaga.

Atenção aos vocábulos "certo", "vários", "bastante": quando se referem ao substantivo e vêm antes, são pronomes indefinidos; quando vêm depois do substantivo, são adjetivos.

- Pronome pessoal reto substitui sujeito. Para substituir complementos, use o pronome pessoal oblíquo.
- Os pronomes oblíquos **o, a, os, as** substituem objetos diretos, complementos sem preposição. Os pronomes oblíquos **lhe** e **lhes** substituem objetos indiretos, complementos com preposição.
- Já os curingas (**me, te, se, nos, vos**) podem ser objetos diretos ou indiretos. Tudo vai depender da regência do verbo.
- Pronomes de tratamento são pronomes de 2ª pessoa do discurso (com quem se fala), mas carrega o verbo e os demais pronomes para a 3ª pessoa do discurso (= você).
- Em colocação pronominal, lembre-se de que há 3 proibições, 1 regra e 2 exceções. Ao julgar uma frase como certa ou errada, comece pensando nas proibições. Parta do princípio de que o que não é proibido está correto
- Ao utilizar os demonstrativos em frases, não se esqueça de perguntar primeiramente se ele se refere ao espaço/tempo/texto.
- Quando o pronome remete o leitor para uma informação que está dentro do texto, diz-se que ele tem função endofórica. Tal função pode se subdividir em anafórica (o pronome retoma) ou catafórica (o pronome avança no texto).
- O pronome terá função exofórica quando remeter o leitor para uma informação fora do texto: algo que tem de se deduzido. É a função do "onde", "quando", "quem.

- Pronomes relativos têm sempre função anafórica. Lembre-se de que o pronome cujo não pode ser substituído por nenhum outro relativo.
- Para saber a preposição que antecederá o relativo, basta colocar a oração que vem após o relativo na ordem direta, verificando se há ali verbo ou nome que peça preposição.

10 PREPOSIÇÃO

10.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

É palavra invariável que liga vocábulos ou orações, subordinando um ao outro. Caracteriza-se, assim, por ser um conectivo. Veja os exemplos:

Casa **de** José

Nesse caso, a preposição liga dois termos, dois substantivos.

Correu **para** chegar a tempo.

Já nesse exemplo, a preposição liga duas orações. É exatamente isso: preposição é conectivo que pode ligar termos ou orações.

Classificam-se as preposições em:

a) essenciais: apresentam-se sempre como preposição: a, ante, até, após, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por, sem, sob, sobre, trás.

b) acidentais: são aquelas que originalmente pertencem a outra classe gramatical (conjunções, advérbios...), mas, em determinadas frases, passam a usar-se como preposição.

como (= na qualidade de), durante (= por), conforme, segundo (= de acordo com) etc. Veja os exemplos:

Tinha-o **como** amigo.

Nesse exemplo, a palavra **como**, que, normalmente é conjunção, funciona como **preposição acidental**, pois equivale a uma outra preposição ("na qualidade de").

Segundo as previsões, teremos sol neste domingo.

Aqui, a palavra **segundo**, que pode ser numeral ou conjunção, funciona como **preposição acidental**. Basta trocá-la por uma locução prepositiva ("de acordo com") e você verá o valor de preposição que ela possui na frase.

Locução prepositiva: conjunto de palavras que funciona como preposição. Termina sempre por preposição.

Exs.: abaixo de, antes de, de acordo com, a respeito de, devido a, apesar de, a despeito de, em virtude de, em razão de, graças a etc.

10.2. VALOR RELACIONAL E NOCIONAL DA PREPOSIÇÃO

Diz-se que a preposição pode apresentar valor relacional ou nocional. A preposição possui valor relacional quando aparece na frase por uma exigência gramatical do termo anterior. Nesse caso, ela é resultado de regência verbal ou nominal.

Necessito **de** sua ajuda imediata.

Aqui, a preposição aparece na frase em função do verbo *necessitar*, que a exigiu: regência verbal.

Tenho necessidade **de** sua ajuda imediata.

Nesse caso, a preposição veio à frase por solicitação gramatical do substantivo que a antecede. Trata-se de regência nominal (regência do nome).

O que os dois exemplos anteriores têm em comum é o fato de a preposição ter aparecido na frase por exigência gramatical. É o **valor relacional** da preposição, ou, como muitas vezes é chamado nas provas, **valor gramatical**.

No entanto, as preposições, ao ligarem vocábulos ou orações, podem estabelecer valor semântico. Nesse caso, elas aparecem na frase, não por serem exigidas gramaticalmente pelo termo anterior, mas para indicar uma nova noção. É o chamado **valor nocional** ou **semântico**. Nos exemplos a seguir, as preposições estabelecem valores semânticos:

Desenho a lápis. (instrumento)

Chegou com a namorada. (companhia)

Estremeceu com a notícia. (causa)

Falar de futebol. (assunto)

Viver de renda. (meio)

Correr de medo. (causa)

Ir para a rua. (direção)

Treina muito para vencer. (finalidade)

Como o valor gramatical será estudado em regência, ficaremos neste capítulo apenas com os valores semânticos que as preposições podem estabelecer. É preciso treinar muito para se habituar à nomenclatura utilizada nas provas. Vamos apresentar uma ampla lista de valores nocionais das preposições e, ao longo dos exercícios, você irá se deparar também com outros. Vamos lá?

Numere os parênteses abaixo de acordo com as relações semânticas que as preposições ou locuções prepositivas estabelecem.

1. causa	7. posse	13. tempo
2. companhia	8. assunto	14. acréscimo
3. finalidade	9. direção	15. concessão
4. origem	10. instrumento	16. ausência
5. lugar	11. matéria	17. conteúdo
6. meio	12. modo	

1. ( ) "Para seres amado, ama."

Comentários: É o mesmo que "*a fim de* seres amado".

Resposta: 3.

2. ( ) Viemos de Brasília de avião.

Comentários: Brasília é a *origem* de onde viemos e avião é o *meio* de transporte utilizado.

Resposta: 4 e 6.

3. ( ) Foi direto para a casa de Maria.

Comentários: Foi *em direção à* casa de Maria; Maria *possui* a casa.

Resposta: 9 e 7.

4. ( ) É preciso que além de uma sólida base filosófica de valores exista a parceria com os pais.

Comentários: Precisa-se não só de base filosófica; precisa-se *também* de parceria com os pais.

Resposta: 14.

5. ( ) Devido à falta de luz, não haverá aula hoje.

Comentários: Não haverá aula *em função*, *por causa da* falta de luz.

Resposta: 1.

6. ( ) Fez de tudo para não ser olhado com medo.

Comentários: Não queria ser olhado *deste modo*, *desta forma*: com medo.

Resposta: 12.

7. ( ) Abriu a porta com a chave.

Comentários: A chave foi o *instrumento* utilizado para abrir a porta.

Resposta: 10.

8. ( ) À tardinha, voltamos ao local combinado.

Comentários: Voltamos ao local combinado *durante* a tardinha.

Resposta: 13.

9. ( ) Conversamos muito sobre política.

Comentários: Política é o *assunto* sobre o qual conversamos.

Resposta: 8.

10. ( ) Para quem mora na favela, o medo é constante.

Comentários: Favela é *onde* se mora, o *local*.

Resposta: 5.

11. ( ) Foi detido por desacato.

Comentários: Desacato foi a *causa* para sua detenção.

Resposta: 1.

12. ( ) "Muitas vezes você é obrigado a amar o Botafogo, apesar do Botafogo."

Comentários: Amar o Botafogo é uma *concessão* aos problemas que o time traz, é algo *contraditório*.

Resposta: 15.

13. ( ) Gostei da sala de visitas.

Comentários: É uma sala com a *finalidade de* receber visitas.

Resposta: 3.

14. ( ) Ela se afastou com um súbito choro.

Comentários: Chorando foi a *forma*, o *modo* como ela se afastou.

Resposta: 12.

15. ( ) Tinha empobrecido com a seca.

Comentários: A seca foi a *causa* para a sua pobreza.

Resposta: 1.

16. ( ) Deve-se rir com alguém, não de alguém.

Comentários: Deve-se rir *em companhia de* alguém.

Resposta: 2.

17. ( ) Ele se confundiu com a minha resposta.

Comentários: A minha resposta foi a *causa* para a confusão dele, ela fez com que ele se confundisse.

Resposta: 1.

18. ( ) Copo de vinho.

Comentários: Aqui, aceitam-se duas respostas, dependendo do contexto em que essa frase esteja inserida. Ou o vinho é o *conteúdo* do copo, ou se trata de um copo *para* servir vinho, com a *finalidade de*.

Resposta: 17 ou 3.

19. ( ) Comprou um chapéu de palha.

Comentários: Palha é a *matéria* com que é feito o chapéu, seu *material*.

Resposta: 11.

20. ( ) A árvore caiu com o vento.

Comentários: O vento é a *causa* para a queda da árvore.

Resposta: 1.

21. ( ) O coração batia de alegria.

Comentários: A alegria fazia com que o coração batesse, era a *causa* para tal.

Resposta: 1.

22. ( ) Óculos sem aro.

Comentários: São óculos que *não possuem* aro: o aro é ausente nos óculos.

Resposta: 16.

Vamos treinar esse assunto em questões de concursos anteriores.

10.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

1. (FCC) A substituição da locução em destaque pela que se encontra à direita alteraria sensivelmente o sentido do enunciado no trecho:

a) "declino minha solidariedade em relação a sua preocupação" / no que concerne a.

b) "o médico tem [...] de administrar seu posicionamento em função das características da doença" / sem embargo de.

c) "Tento entender a posição do paciente diante de sua doença" / em face de.

d) “Procuro respeitar sua vontade, colocando-a à frente da tecnologia” / adiante de.

e) “devem também participar do encaminhamento das soluções médicas, em prol de posições mais humanas” / em favor de.

Comentários:

Na letra A, ambas as locuções prepositivas apresentam valor semântico de *assunto*. Na letra C, o valor semântico é de *causa*; na letra D, a noção que se expressa é de *lugar*, *posicionamento*. Na letra E, as locuções estão com valor semântico de *favor* e se reescrevem. Apenas na letra B as expressões não se substituem: *em função das* indica causa e *sem embargo de* indicaria concessão.

Resposta: B.

2. (NCE) O valor relacional da preposição em destaque está indicado com erro na alternativa:

a) “prolongar vidas de pacientes de forma inacreditável” / modo.

b) “conviver com incertezas” / companhia.

c) “discutir os inerentes aspectos técnicos sem desvinculá-los do lado emocional” / motivo.

d) “refletir sobre o sentido da vida” / assunto.

e) “preparar para a viagem final” / fim.

Comentários:

Mais uma vez, o que a banca espera é que o aluno identifique os valores semânticos das preposições e assinale o único que esteja incorretamente identificado. Na letra A, prolongam-se vidas de pacientes de determinada *forma*, *modo*; na letra B, convive-se *na companhia de* incertezas. Já na letra C, o valor é de *modo* e não *motivo*: discutem-se os aspectos técnicos *dessa forma* – sem desvinculá-los do lado emocional. Na letra D, o sentido da vida é o *assunto* sobre o qual se discute e, na letra E, a viagem final é a *finalidade* da preparação.

Resposta: C.

3. (NCE) Em “Procuro respeitar sua vontade, colocando-a à frente da tecnologia, **por** entender que a morte, assim como a vida, merece dignidade”, a preposição **por** está empregada com o mesmo valor relacional que em:

a) Inês, dama de rara beleza, morreu por amor.

b) Examinaremos toda a questão, mas por partes.

c) Vagamos, distraídos, por toda a cidade.

d) A casa tem dois pavimentos, ligados por uma escada.

e) Ele sempre lutou por conseguir um bom emprego.

Comentários:

Na frase do enunciado, a preposição possui valor semântico de *causa* (é o mesmo que "*porque* entendo que a morte, assim como a vida..."). Na letra A, Inês morreu *por causa do* amor: o valor semântico é de *causa*. Na letra B, a questão será examinada deste *modo*: por partes; na letra C, a cidade é o *lugar* por onde vagamos distraídos; na letra D, a escada é o *meio* de ligação entre os dois pavimentos e, na letra E, a conquista de um bom emprego é a *finalidade* da luta dele.

Resposta: A.

4. (NCE/Ministério Público) A frase abaixo em que a preposição DE tem seu valor corretamente indicado é:

a) pulseira de plástico = qualidade

b) morreu de cansaço = causa

c) rosto de anjo = origem

d) tampa da panela = matéria

e) viagem de longe = parte

Comentários:

Na letra A, o valor semântico da preposição é de *matéria*: plástico é o material com que foi feita a pulseira. Na letra B, o valor é mesmo de *causa*: o cansaço foi a causa para a morte. Na letra C, anjo não é a *origem* do rosto, o valor é de *semelhança*: tem-se um rosto à semelhança de um anjo; na letra D, o valor semântico é de *posse*: a panela é *da* tampa e, na letra E, o valor é de *origem*, e não de parte.

Resposta: B.

5. (FCC/TRF) Alterou-se sensivelmente o sentido do trecho a seguir na opção: "O Mercosul (...) é, no momento, o mais notável bloco do Sul, devido ao peso específico das economias nele contidas e pelo seu rápido avanço".

a) O Mercosul é, no momento, o mais notável bloco do Sul, em virtude do peso específico das economias nele contidas e pelo seu rápido avanço.

b) Pelo peso específico das economias nele contidas e pelo seu rápido avanço, o Mercosul é, no

momento, o mais notável bloco do Sul.

c) O Mercosul é, no momento, o mais notável bloco do Sul, por causa do peso específico das economias nele contidas e do seu rápido avanço.

d) Devido ao peso específico das economias nele contidas e pelo seu rápido avanço, o Mercosul é, no momento, o mais notável bloco do Sul.

e) O Mercosul é, no momento, o mais notável bloco do Sul, apesar do peso específico das economias nele contidas e pelo seu rápido avanço.

Comentários:

A locução prepositiva que aparece na frase do enunciado (*devido a*) tem valor de causa. Na letra A, tem-se a locução *em virtude de* com o mesmo valor causal. Na letra B, as duas ocorrências da preposição *pelo* indicam também causa. Na letra C, mais uma locução com valor causal: *por causa de*. Na letra D, duas preposições com valor de causa: *devido a* e *pelo*. Somente na letra E, a locução *apesar de* não indica causa, e sim concessão.

Resposta: E.

6. (FCC) Em "**Por** ser antes de tudo uma máquina de vender e, mais que isso, de vender o prazer do consumo e o consumo do prazer, ela atira contra nós mesmos o nosso desejo de consumir ao máximo...", a preposição sublinhada expressa uma relação com o sentido de:

a) causa

b) condição

c) consequência

d) concessão

e) posse

Comentários:

Tem-se, na frase do enunciado, uma relação de *causa e consequência*: o fato de ser uma máquina de vender o prazer e o consumo é a *causa* para se atirar contra nós mesmos o nosso desejo de consumir muito. Logo, a preposição tem o valor semântico de causa.

Resposta: A.

11 CONJUNÇÕES

11.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

11.1.1. Conjunções coordenativas

As **conjunções coordenativas** são aquelas que ligam orações de sentido completo, independente, que não exercem função sintática entre si: uma não é sujeito, objeto direto... da outra. Essa é a principal diferença entre as conjunções coordenativas e as subordinativas: a relação sintática que não existe entre as primeiras ocorre com as últimas. Mas você deve estar se perguntando: vou ter de pensar nisso tudo na hora de classificar as conjunções? Fique tranquilo, a resposta é não. Para identificar as conjunções, não será preciso pensar em análise sintática. Basta entender o que cada conjunção indica: o que é adicionar, opor, o que é causa, concessão, efeito etc.

Assim, comecemos pelas coordenativas, que integram o primeiro bloco, entendendo cada ideia que elas iniciam, aproveitando também para conhecer as conjunções e, se possível, memorizar, ao menos, meia dúzia de cada uma delas, para poupar futuramente seu tempo de resolução de prova. As conjunções coordenativas podem ser: aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas ou explicativas.

As **conjunções aditivas** são aquelas que ligam orações ou palavras, expressando ideia de acrescentamento ou adição. São elas: *e, nem* (= e não), além das expressões correlativas, que vêm em pares e também somam: *não só... mas também, não só... como também, bem como, não só... mas ainda.* Veja a frase:

A sua pesquisa é clara *e* objetiva.

Aqui, a conjunção aditiva liga termos (adjetivos) e não orações (sim, porque não se engane achando que a conjunção só pode ligar orações). Tais informações se adicionam, acrescentam.

Observe ainda:

Ele *não só* entrou na sala *como também* dirigiu-se aos pais.

Nesse caso, temos as expressões correlativas, que ligam duas orações, indicando ações que se somam.

As **conjunções adversativas** são aquelas que ligam duas orações ou palavras, expressando ideia de contraste ou compensação. São elas*: mas, porém, todavia, contudo, entretanto, no entanto, não obstante.* Em relação às conjunções adversativas, é interessante frisar que elas nem sempre opõem, mas

podem também compensam, ressalvam.

Veja:

Tentei chegar mais cedo, *porém* não consegui.

Aqui, a conjunção adversativa opõe, o que podemos observar pelas expressões “tentei chegar” e “não consegui”. Logo, esse exemplo nos traz uma conjunção adversativa com valor de oposição, contraste.

Agora, observe:

Seu discurso foi breve, *mas* violento.

Nesse caso, temos palavras que não se contrastam: *breve* não é contrário de *violento*, mas é sua compensação. Logo, temos aqui conjunção adversativa com valor de ressalva, compensação.

As **conjunções alternativas** são aquelas que ligam orações ou palavras, expressando ideia de alternância ou escolha, indicando fatos que se realizam separadamente. São elas: *ou, ou... ou, ora... ora, já... já, quer... quer, seja... seja.* O que é interessante evidenciar nesse conceito é que elas podem, então, indicar, basicamente, duas ideias:

Ou saio eu, *ou* sai ele desta sala. (exclusão, escolha)

O cavalo avançava *ora* para a esquerda, *ora* para a direita. (alternância)

Você deve estar se perguntando: por que é preciso saber que a conjunção alternativa indica duas ideias (alternância ou exclusão)? Por dois motivos: primeiro, porque assim você não se engana achando que, se a conjunção é alternativa, só pode indicar alternância. Depois porque, em algumas questões, o examinador pode exigir um conhecimento mais específico: não que se diga apenas o nome da conjunção, mas que se explique o valor semântico que ela traz.

As **conjunções conclusivas** são aquelas que ligam à anterior uma oração que expressa ideia de conclusão ou consequência. São elas: *logo, pois* (dica importante: quando deslocado na oração, depois do verbo)*, portanto, por conseguinte, por isso, assim.*

Veja um exemplo:

Ele estava bem preparado para o teste, *portanto*, não ficou nervoso.

Aqui, o fato de *não ficar nervoso* é o resultado de *ele ter se preparado bem para o teste*. É a sua conclusão.

As **conjunções explicativas** são aquelas que justificam a ideia da oração a que se referem. São elas:

que, *porque*, *pois* (dica importante: quando iniciar a oração, antes do verbo), *porquanto*.

Assim, temos:

Venha para casa, *pois* está começando a chover.

Não demore, *que* o filme vai começar.

Interessante observar que as conjunções explicativas normalmente vêm ligadas a orações com verbos no imperativo – ordem, pedido, conselho ("*venha* para casa", "não *demore*"). Isso ocorre porque é uma questão de educação dar a ordem e, na sequência, explicar, justificar o porquê daquele comando. Essa é uma boa dica para reconhecer as conjunções explicativas com mais rapidez nas frases. Eis uma notícia boa: ao ver uma oração com verbo no imperativo, ligada a um *porque, pois, porquanto*, normalmente a conjunção será explicativa. A notícia ruim é que a conjunção explicativa pode vir também ligada a oração sem verbo no imperativo. Mas aí, para identificá-la facilmente, é só se lembrar do seu conceito: ela indica a explicação, a justificativa para o que foi dito anteriormente. Assim,

"Fazia tudo para ser agradável, *pois* não deixava uma pergunta sem respostas." (E. Bechara)

Aqui, a segunda oração explica, justifica aquilo que se disse na primeira. A conjunção é, então, explicativa.

Uma prova que tratou da conjunção explicativa ligada a verbo no imperativo foi a de Perito Criminal da Polícia Civil, Fundação Getulio Vargas, realizada em 2009. Veja:

Quase Nada

(Fábio Moon e Gabriel Bá. *Folha de São Paulo*, 28 de dezembro de 2008.)

1. No quarto quadrinho, a palavra **que** introduz uma:

a) causa.

b) consequência.

c) explicação.

d) condição.

e) concessão.

Comentários:

A conjunção *que* aparece ligada a verbo no imperativo – acorda – indicando uma explicação para o que se disse na outra oração. Poderíamos até trocar o *que* por outra conjunção explicativa – *porque*, *pois*. Observe que a banca não se preocupa tanto se a conjunção é coordenativa ou subordinativa, e sim com o valor semântico que ela indica – *explicação*. É uma tendência das bancas atuais: não cobrar do aluno memorização da nomenclatura, mas compreensão das ideias expressas pelos conectores.

Resposta: C.

Antes de partirmos à análise de outras questões de concursos, vamos fixar os conceitos por meio de frases curtas, para verificar se você entendeu a teoria.

Classifique as conjunções coordenativas das frases abaixo.

1. Fale baixo, **porque** todos estão dormindo.

Comentários: Ordem seguida da explicação.

Resposta: conjunção explicativa.

2. **Não só** passeia, **mas ainda** cumpre a obrigação.

Comentários: As duas ações se somam, *ele passeia* e *cumpre a obrigação*: "não só, mas ainda".

Resposta: conjunções aditivas.

3. Estudou muito **e** não foi aprovado.

Comentários: Apesar de a conjunção "e" ser normalmente aditiva, aqui ela contrasta, não segue o esperado: o que se esperava seria *estudar* e *ser aprovado*.

Resposta: conjunção adversativa.

4. Estudou muito **e** foi aprovado.

Comentários: Nesse caso, a conjunção não soma nem opõe, ela indica o resultado, a conclusão.

Resposta: conjunção conclusiva.

5. Você leu as cláusulas do contrato; não reclame, **pois**, das dificuldades que surgirem.

Comentários: Observe bem: a conjunção *pois* veio após o verbo, entre vírgulas, o que indica o seu

deslocamento; além do mais, traz ideia de resultado.

Resposta: conjunção conclusiva.

6. **Nem** estuda **nem** deixa os outros estudarem.

Comentários: Dizer que *nem estuda nem deixa os outros estudarem* é o mesmo que dizer que não se fazem as *duas* coisas: não estuda *e* não deixa os outros estudarem.

Resposta: conjunção aditiva. Cuidado para não confundir com as alternativas: não são ações que se alternam e sim que se somam.

7. Analisamos o projeto com muita atenção, estamos, **pois**, aptos a executá-lo.

Comentários: Novamente, o *pois* deslocado. As vírgulas são uma preciosa dica. Ideia de resultado, conclusão.

Resposta: conjunção conclusiva.

8. O regulamento era bastante claro a esse respeito; **no entanto**, muitas pessoas teimavam em fingir que não sabiam de nada.

Apesar da *clareza do regulamento*, pessoas *fingiam não saber de nada*: oposição, contraste.

Resposta: conjunção adversativa. Além do mais, as conjunções *entretanto, porém, no entanto* serão sempre adversativas!

9. **Ou** não entendeu, **ou** fingiu-se de tolo.

Comentários: Duas opções que se excluem.

Resposta: as conjunções são alternativas e o valor semântico é de exclusão, escolha: uma coisa ou outra.

10. As autoridades levantaram-se **e** aplaudiram o velho professor.

Comentários: Finalmente um *e* que soma: duas ações que se adicionam.

Resposta: conjunção aditiva.

11. Saia da varanda, **que** está muito frio.

Comentários: Aproveite a estruturação da frase: temos a ordem (verbo no imperativo), seguida da explicação.

Resposta: conjunção explicativa.

12. Ele agradeceu a mim **bem como** a todos os presentes pela ajuda recebida.

Comentários: Ele agradeceu a mim *e* a todos.

Resposta: conjunção aditiva.

Vamos resolver algumas questões? Mas antes uma dica importante: nas provas atuais de concursos públicos, podemos observar duas tendências de questões em relação ao assunto que estamos abordando. Entenda:

Existem as questões que retiram um trecho do texto e pedem que você classifique a conjunção destacada ou, simplesmente, indique o valor semântico que ela representa.

Há também as questões de reescritura, em que se retira um trecho de um texto, com determinada conjunção em destaque, para que o aluno julgue que outras conjunções seriam capazes de substituí-la, mantendo-se o sentido original da frase.

Para resolver as questões do primeiro tipo, é preciso que você identifique a conjunção na frase em destaque, analisando a ideia que ela indica. Eis um exemplo:

1. (FCC/TRF – 2ª Região) No texto, o segmento "... podem ora ser consideradas como orientação geral, ora como disposição..." expressa ideias de ações:

a) opostas.

b) repetidas.

c) alternadas.

d) simultâneas.

e) concomitantes.

Comentários:

O que temos na frase são ações que se alternam. Os próprios conectivos *ora, ora* confirmam essa ideia. A letra A seria a resposta, caso se tratasse de conjunção adversativa. Quanto à letra B, imaginamos que a banca esteja tratando de ações que se somam (aditivas). Já as letras D e E referem-se às conjunções temporais, que podem indicar ações que ocorrem ao mesmo tempo (simultâneas, concomitantes).

Conclusão: para resolver uma questão como essa, basta que você leia a frase com cuidado para entender o valor semântico indicado pela conjunção.

Resposta: C.

2. (FCC/TRF-SP) O emprego do elemento sublinhado compromete a coerência da frase:

a) Cada época tem os adolescentes que merece, pois estes são influenciados pelos valores socialmente dominantes.

b) Os jovens perderam a capacidade de sonhar alto, por conseguinte alguns ainda resistem ao pragmatismo moderno.

c) Nos tempos modernos, sonhar faz muita falta ao adolescente, bem como alimentar a confiança em sua própria capacidade criativa.

d) A menos que se mudem alguns paradigmas culturais, as gerações seguintes serão tão conformistas quanto a atual.

e) Há quem fique desanimado com os jovens de hoje, porquanto parece faltar-lhes a capacidade de sonhar mais alto.

Comentários:

O enunciado busca a alternativa que apresente uma conjunção mal escolhida, ou seja, que não expresse a ideia que ela deveria indicar.

A alternativa B traz o conectivo *por conseguinte*, cuja ideia é de conclusão. No entanto, esse conectivo está introduzindo uma oposição: *os jovens perderam a capacidade de sonhar alto, mas alguns ainda resistem ao pragmatismo moderno*. Assim, a conjunção que deveria unir essas duas orações deveria ser adversativa (*mas, porém, contudo, todavia* etc.), e não conclusiva. A letra A apresenta uma afirmativa seguida de sua explicação, confirmada pelo conectivo *pois*. A letra C apresenta duas informações que adicionam, o que se percebe pela conjunção aditiva *bem como*. A letra D introduz uma condição para que a outra oração ocorra, o que estudaremos nas conjunções adverbiais condicionais. Finalmente, a letra E traz um *porquanto*, que estabelece uma explicação para a outra oração.

Resposta: B.

Atenção: não confunda a conjunção porquanto com portanto. Porquanto é o mesmo que porque.

Conclusão: nesse tipo de questão, além de entender a ideia que cada conjunção está veiculando, é necessário ter memorizado uma lista básica de conjunções para cada classificação. Isso agiliza o tempo de resolução da questão. De outra forma, além de ler cada frase e entender a sua mensagem, o aluno teria de fazer um certo esforço para lembrar o que cada uma das conjunções normalmente indica. Aqui,

então, você precisaria entender a ideia estabelecida por cada conjunção e memorizar uma lista mínima de conectores.

São duas questões que necessitam que detectemos em cada frase o valor semântico que a conjunção expressa (oposição, ressalva, explicação etc.).

Há também as questões que buscam reescritura de frases, ou seja substituições de conjunções por outras que expressem a mesma ideia, entendemos que a memorização da lista das conjunções seja mais importante do que a compreensão do que está escrito na frase.

Veja um item de uma prova para o Ministério das Relações Exteriores, da banca organizadora Cespe/UnB, ocorrida no ano de 2009. Nela, esperava-se que o candidato julgasse a assertiva como certa ou errada.

1. "Essas disputas, contudo, podem ter mais relação com o perfil de potência regional do Brasil, **uma vez que** suas empresas multinacionais competem de modo mais agressivo por negócios além das fronteiras brasileiras."

   a) A expressão "uma vez que" pode, sem prejuízo para a correção gramatical do período e sem alteração das informações originais, ser substituída por qualquer uma das seguintes: visto que, já que, pois, porque, porquanto.

   Comentários:

   Nesse caso, o mais importante não era entender a frase do texto, e sim ter memorizado as conjunções. Consulte a lista de conjunções explicativas que você possui e veja se não estão todas lá. Simples, não é? Já para o aluno que não memorizou...

   Resposta: certa.

Mais uma questão do mesmo concurso: pedia-se o de sempre, ou seja, julgar a alternativa como certa ou errada.

2. "Com isso, a partir de janeiro de 2009, a produção terá redução total de 4,2 milhões de barris diários. A medida, que foi acompanhada por países fora do cartel, não conseguiu, **no entanto**, segurar o preço da *commodity*, que caiu abaixo dos US$ 40." (O Globo, 18/12/2008.)

   a) O termo "no entanto" pode, sem prejuízo para a correção gramatical do período e sem alteração das informações originais, ser substituído por qualquer um dos seguintes: porém, contudo, conquanto, contanto que.

Comentários: A conjunção *no entanto* é adversativa. Na lista das coordenativas adversativas só aparecem as duas primeiras: *porém* e *contudo*.

Conquanto é uma conjunção concessiva, que, apesar de indicar a mesma ideia de contrariedade, levaria o verbo para o subjuntivo. Logo, tal conjunção até manteria a ideia da adversativa "no entanto", mas prejudicaria a correção gramatical do período.

Contanto que é conjunção condicional, que nada tem de semelhança com a conjunção adversativa do texto.

Resposta: errada.

Você deve estar se perguntando: então, para resolver as questões de conjunções, basta que eu decore a lista de cada uma delas? Infelizmente, não. Ainda que para algumas questões a memorização baste, entender as relações semânticas que as conjunções estabelecem nas frases é fundamental por alguns motivos:

1. Algumas conjunções estabelecem mais de uma ideia, aparecem em mais de uma lista. Você vai aprender que um *porque* pode ser causal, explicativo ou final. Um *pois* pode ser conclusivo, explicativo ou causal. Além dessas conjunções, há outras que podem ter mais de uma classificação (*desde que*, *que*, *se*...). Assim, só uma leitura cuidadosa da frase permitiria a classificação da conjunção. Nesse caso, ter memorizado as conjunções ajuda, mas não resolve a questão.
2. Há questões que pedem que se identifique o valor semântico da conjunção, e não simplesmente que dê a sua classificação. Vimos, por exemplo, que a conjunção adversativa *mas* pode indicar adversidade ou ressalva: haverá questões que vão buscar que você identifique qual das duas ideias a conjunção indica. Decorar a lista, aqui, resolveria o seu problema?

11.1.2. Conjunções subordinativas

Vamos agora ao estudo das conjunções adverbiais, que estatisticamente são aquelas que mais aparecem nas provas de concursos públicos de variadas bancas.

Conjunção subordinativa é a palavra ou locução conjuntiva que liga duas orações, sendo uma delas dependente da outra. A oração dependente, introduzida pelas conjunções subordinativas, recebe o nome de oração subordinada.

Ex.: O baile já tinha começado quando ele chegou.

or. principal ↑ or. subordinada

conj. subord.

As conjunções subordinativas subdividem-se em **adverbiais** e **integrantes**. Vamos a elas...

As **conjunções adverbiais** são aquelas que indicam circunstâncias. Lembre-se de que circunstância é uma ideia que se adiciona à frase sem ser necessária. É a história do fofoqueiro: onde?, como?, por quê?, para quê?... Certa vez, o professor Evanildo Bechara comentou, em uma palestra, que *circunstância é algo que a frase não pede, só a nossa curiosidade*... Pois bem, cabe ao aluno conhecer as ideias circunstanciais que se acrescentam à ideia principal de um texto, desenvolvendo-a. Podem ser causais, consecutivas, concessivas, condicionais, comparativas, conformativas, finais, temporais e proporcionais.

Primeiramente, temos as **conjunções causais** (*porque, que, como (= porque), pois que, uma vez que, visto que, porquanto, já que* etc.), que são aquelas que indicam *um fato que faz com que o outro ocorra*. Logo, para cada causa haverá um efeito. Se você não achar o efeito, então não havia causa. Daí, o exemplo:

Ele não fez a pesquisa *porque* não dispunha de meios.

O fato de *ele não dispor de meios* é que fez com que *ele não fizesse a pesquisa*. Agora, cuidado! Não confunda a causa com o efeito. Antes de classificar a conjunção, lembre-se de que **a conjunção recebe o nome da ideia que vem depois dela, não antes**. Se o que vem depois do *porque* é que fez com que *ele não fizesse a pesquisa*, então *porque* é uma conjunção causal.

Aqui, valem dois recados:

Atenção:
1. Tenha em mente, ao resolver a questão, o conceito de causa: ela é um fato que faz com que o outro ocorra.
2. Antes de classificar a conjunção, cuidado para não olhar para o lugar errado: a conjunção recebe a classificação do que ela inicia, não do que veio antes dela.

Você deve estar perguntando: e se a conjunção iniciasse a oração *ele não fez a pesquisa* e não a outra oração? Aí, ela seria *consecutiva*, pois estaria iniciando o efeito, a consequência.

Assim, surge a **conjunção consecutiva**, que é aquela que introduz uma oração que expressa a consequência da principal. São elas: *de sorte que, de modo que, de forma que, sem que (= que não), que* (tendo como antecedente na oração principal uma palavra como *tal, tão, cada, tanto, tamanho)* etc.

Portanto, temos a frase:

Estudou tanto durante a noite *que* dormiu na hora do exame.

O primeiro passo é reconhecer que há, nessa frase, **uma relação de causa e efeito**. Triste é quando a gente sequer enxerga isso no texto...

Em seguida, organizar, na frase, o que é causa e o que é o efeito.

Lembre-se de que:
1. Na linha do tempo, a causa antecede o efeito: acontece antes.
2. A conjunção recebe o nome da ideia que ela inicia.

Assim, temos:

O fato de *estudar tanto durante a noite* aconteceu antes de *ter dormido na hora do exame*: estudar muito **fez com que** dormisse na prova. Logo, *estudar* é a causa e *dormir* é o efeito. Ora, se a conjunção inicia o fato de *ter dormido na hora do exame*, que é a consequência, ela é consecutiva e não causal.

As conjunções concessivas introduzem uma oração que expressa ideia contrária à da principal, sem, no entanto, impedir sua realização. São elas: *ainda que, apesar de que, embora, mesmo que, conquanto, se bem que, por mais que, posto que* etc. Observe:

Embora fosse tarde, fomos visitá-lo.

O fato de *ser tarde* não impediu que *fôssemos visitá-lo*. São informações contrárias, que não se excluem. Além do mais, o verbo está no subjuntivo (*fosse*), o que acaba sendo uma característica marcante das conjunções concessivas.

Atenção:
1. As conjunções concessivas indicam contrariedade, oposição.
2. A fim de não confundi-las com as coordenativas adversativas, que também contrastam, não deixe de memorizar as conjunções de cada lista e de lembrar que a conjunção concessiva, normalmente, leva o verbo para o subjuntivo, o que não ocorre com as adversativas.

Mais um exemplo para você fixar: Eu não desistirei desse plano *mesmo que* todos me abandonem.

O fato de *todos me abandonarem* não impedirá que *eu desista desse plano*: ideia de concessão. Atenção ao verbo “abandonem”, que está no presente do subjuntivo.

As **conjunções condicionais** introduzem uma oração que indica a hipótese ou a condição para a ocorrência da principal. São elas: *se, contanto que, salvo se, desde que, a menos que, a não ser que, caso* etc.

Veja o exemplo:

Se precisar de minha ajuda, telefone-me.

A ação de me telefonar só ocorrerá *caso seja necessária a minha ajuda*. É a **hipótese** para a ocorrência da outra oração. Observe que o verbo está no subjuntivo – *precisar*, o que enfatiza a ideia hipotética que a oração traz.

As **conjunções conformativas** introduzem uma oração em que se exprime a conformidade de um fato com outro. São elas: *conforme, como (= conforme), segundo, consoante* etc. Pense sempre assim: a conjunção conformativa indica um fato que se realiza *de acordo com outro*, *em conformidade com outro*. Assim:

Arrume a exposição *segundo* as ordens do professor.

A exposição será arrumada *em conformidade*, *de acordo com* o que o professor ordenar.

As **conjunções finais** introduzem uma oração que expressa a finalidade ou o objetivo com que se realiza a principal. São elas: *para que, a fim de que, porque (= para que), que* etc. É mais uma conjunção que, por também indicar hipótese, apresenta, em geral, o verbo no subjuntivo. Veja:

Toque o sinal *para que* todos entrem no salão.

A finalidade, o objetivo da primeira oração ("toque o sinal") é de que *todos entrem no salão*. Veja como *a finalidade é uma consequência desejada, almejada, hipotética*.

As **conjunções proporcionais** introduzem uma oração que expressa um fato relacionado proporcionalmente à ocorrência principal. São elas: *à medida que, à proporção que, ao passo que* e as combinações *quanto mais...* (mais), *quanto mais...* (menos), *quanto menos...* (mais), *quanto menos...* (menos) etc. É simples: uma ideia que se realiza proporcionalmente à outra. Assim:

O preço fica mais caro *à medida que* os produtos escasseiam.

Eis o que a conjunção proporcional indica*: quanto mais o preço fica caro, mais os produtos escasseiam*. São ações diretamente proporcionais. Podemos ter até ações inversamente proporcionais:

Quanto mais reclamava, menos atenção recebia.

Na sequência, temos as **conjunções temporais**, que são aquelas que introduzem uma oração que acrescenta uma circunstância de tempo ao fato expresso na oração principal. São elas: *quando, enquanto, assim que, logo que, todas as vezes que, desde que, depois que, sempre que, mal (= assim que)* etc. Essa ideia de tempo pode iniciar um tempo simultâneo, concomitante:

A briga começou *assim que* saímos da festa.

As duas ações ocorrem ao mesmo tempo. É conjunção temporal que indica *tempo simultâneo*. Mas

não será sempre assim. Veja:

A cidade ficou mais triste *depois que* ele partiu.

A conjunção é temporal, indicando tempo anterior. Que interessante: a locução conjuntiva *depois que* está iniciando uma oração com valor de anterioridade (*ele partiu* aconteceu antes de *a cidade ficar mais triste*) e não de posterioridade. Por isso, é tão importante você se adestrar e, antes de classificar a conjunção, olhar para a oração que **vem depois dela**, não antes!

Agora, vêm as que consideramos mais fáceis: as conjunções comparativas. As **conjunções comparativas** introduzem uma oração que expressa ideia de comparação com referência à oração principal. São elas: *como, assim como, tal como, como se, (tão)... como, tanto como, tanto quanto, tal, qual, tal qual, que* (combinado com *menos* ou *mais*) etc. Assim, temos:

O jogo de hoje será mais difícil *que* o de ontem.

Vemos aqui *ações que se comparam*. Observe: o verbo das orações comparativas normalmente vem implícito, por ser o mesmo da outra oração. É como se eu dissesse: o jogo de hoje será difícil como o de ontem *foi difícil*. Observe mais um exemplo:

Ele é preguiçoso *tal como* o irmão.

É como se disséssemos: *ele é preguiçoso como o irmão é preguiçoso*.

Atenção: A oração comparativa vem com verbo implícito, contando, portanto, como uma oração. Se houver uma questão que pergunte quantos verbos há no período, não deixe de contar com o verbo da oração comparativa, embora ele não esteja explícito.

Por fim, temos as **conjunções integrantes**. Deixamos essas conjunções para o final, porque elas não integram o bloco das adverbiais, **não trazem ideia circunstancial**. O seu papel é iniciar oração substantiva, a oração que vale por um substantivo. Lá na escola, a professora nos aconselhava a substituir a oração substantiva por **isto**, que é um pronome substantivo, só para ter certeza de que ela é substantiva. Assim, teríamos:

Espero *que* ele traga os documentos necessários.

A conjunção integrante *que* integra a oração substantiva (*que ele traga os documentos necessários*), oração que vale por um substantivo, que pode ser trocada por **isto**. Veja que ela não tem nenhum dos valores semânticos que estudamos anteriormente (causa, condição, concessão...), apenas inicia uma oração substantiva. Mais um exemplo:

Não sei *se* José foi aprovado.

Eis um exemplo de conjunção integrante *se:* ela inicia uma oração que vale por um substantivo (*aprovação de João*). É a conjunção integrante.

Atenção:
1. As conjunções subordinativas dividem-se em dois blocos: integrantes (sem valor semântico) e adverbiais (que indicam ideia circunstancial, apresentando os valores de causa, condição, concessão etc.)
2. Reconhecer a conjunção integrante é simples: basta trocar a oração que ela inicia por um substantivo, ou, simplesmente, por isto.

Que tal treinarmos um pouco antes de encararmos as questões de concursos? A seguir, apresentamos algumas frases para fixarmos os conceitos.

Classifique as conjunções subordinativas destacadas nas frases a seguir:

1. Não vieram **porque** chovia muito.

Comentários: O fato de *chover muito* fez com que *não viessem*: inicia a causa.

Resposta: conjunção causal.

2. **Por mais qu**e estude, corre o risco de ser reprovado.

Comentários: O esperado seria que, *estudando muito, fosse aprovado*. Tem-se a ideia de oposição.

Resposta: conjunção concessiva. Atenção ao verbo no subjuntivo.

3. **Como** todos sabem, tenho um nome respeitado.

Comentários: A conjunção *como* tem valor de *conforme*, *de acordo com*.

Resposta: conjunção conformativa.

4. Ninguém sabe **se** ele está vivo ou morto.

Comentários: Ninguém sabe *isto*.

Resposta: a conjunção inicia oração substantiva, integrante.

5. Estava tão cansado, **que** adormeceu na poltrona.

Comentários: Lá vem ela: a relação de causa e efeito. Organize o seu raciocínio: o fato de *estar cansado* fez com que *ele adormecesse na poltrona*. A causa é *o cansaço*, o efeito é *adormecer na poltrona*.

Resposta: a conjunção *que* inicia o efeito, ela é consecutiva. Além do mais, quem já memorizou sabe que um *que* antecedido de *tão* normalmente é consecutivo.

6. Menti **porque** precisava.

Comentários: O fato de *precisar* fez com que *eu mentisse*. *Precisar* é a causa, *mentir* é a consequência.

Resposta: a conjunção inicia a causa: ela é causal.

7. Menti **porque** não fosses punido.

Comentários: Esse *porque* pode ser trocado por *para que*, *a fim de que*. O verbo, além disso, está no subjuntivo, indicando hipótese.

Resposta: conjunção final.

8. **Ainda que** me ameaces, nada revelarei.

Comentários: Relação de oposição, contrariedade, um fato que não impede que o outro ocorra: o fato de *me ameaçar* não vai impedir que *eu nada revele*. E o verbo no subjuntivo.

Resposta: conjunção concessiva.

9. **Como** ele se despedisse, acompanhamo-lo à porta.

Comentários: Relação de causa e efeito: o fato de *ele se despedir* fez com que *o acompanhássemos até a porta*.

Resposta: inicia a causa, a conjunção é causal.

10. **Sempre que** estou estudando, não gosto que façam barulho.

Comentários: Indica ideia de tempo. Não gosto que façam barulho *quando* estou estudando.

Resposta: conjunção temporal.

11. **Caso** ela me beije, pensarei no caso.

Comentários: A ação de *pensar no caso* só ocorrerá *se ela me beijar*. Valor de hipótese, condição. E verbo no subjuntivo – *beije*.

Resposta: conjunção condicional.

12. **Quanto mais** trabalho, **menos** tempo tenho para ganhar dinheiro.

Comentários: Ações inversamente proporcionais: quanto mais *se trabalha*, menos *se ganha dinheiro*.

Resposta: conjunção proporcional.

13. **Se bem que** estude muito, não aprende tudo.

Comentários: O verbo no subjuntivo – estude – e uma ideia de oposição: o fato de *estudar muito* não

garante *o aprendizado da matéria*.

Resposta: conjunção concessiva.

14. **Desde que** saiu, não consigo raciocinar direito.

Comentários: A ação de *não raciocinar direito* ocorre desde o momento em que *alguém saiu*. Ideia de tempo anterior.

Resposta: conjunção temporal.

15. **Como** seu irmão, Mariana sabia se comportar.

Comentários: A conjunção *como* equivale a *do mesmo modo que*. É como se disséssemos: Mariana sabe se comportar *do mesmo modo que* seu irmão sabe se comportar. O verbo vem implícito, por ser o mesmo da outra oração. São ideias que se comparam.

Resposta: conjunção comparativa.

Devidamente treinados em relação às conjunções subordinativas? Esperamos que sim. Agora, chegamos ao momento mais importante deste capítulo: a mistura das conjunções coordenativas e subordinativas. O aluno que sabe mesmo não se confunde quando vêm todas juntas. As dicas são muito simples:

Não se preocupe com a nomenclatura *coordenativa* ou *subordinativa*. O mais importante é a ideia que cada conjunção traz. Exemplo: se a conjunção iniciar uma ideia de explicação e não de causa, será coordenativa, e não subordinativa. O mais importante é identificar o valor semântico da oração que a conjunção inicia.

Não deixe de memorizar uma lista mínima para cada bloco de conjunções: isso poupará tempo de resolução de prova. Exemplo: o aluno que não memoriza que *conquanto* será sempre conjunção concessiva, pode perder muito tempo pensando sobre as outras ideias (causal, explicativa, conformativa...).

Não deixe de olhar para o que vem depois da conjunção, não para o que vem antes. Na dúvida, procure também substituir a conjunção por outras que tenham o mesmo sentido, para ter certeza da resposta certa.

E o mais importante: procure lidar com a frase da forma como ela está no texto. Não imagine situações, não extrapole o que está escrito. Exemplo: diante de uma *conjunção condicional*, que é a *hipótese* para a ocorrência da outra oração, não fique imaginando um contexto em que essa hipótese

viesse a ocorrer. Se fosse assim, ela seria *causal* e não *condicional*. Dessa forma, você acaba errando porque pensou em outra coisa.

Classifique as conjunções a seguir:

1. Convém **que** tomes cuidado.

Comentários: Convém *isto*. A conjunção inicia oração substantiva.

Resposta: conjunção subordinativa integrante.

2. **Mesmo que** me peça, não atenderei.

Comentários: Algo que não se espera, contraditório. Verbo no subjuntivo. É o mesmo que *embora, ainda que*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial concessiva.

3. Nem canta **nem** assovia.

Comentários: Não realiza as duas ações: cantar e assoviar. *Nem* é o mesmo que *e não*.

Resposta: conjunção coordenativa aditiva.

4. **Ora** canta, **ora** assovia.

Comentários: Ações que se alternam: algumas vezes canta, outras assovia.

Resposta: conjunções coordenativas alternativas.

5. **Quanto mais** canta, mais feliz fica.

Comentários: Ações diretamente proporcionais. É o mesmo que *à medida que*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial proporcional.

6. Vai logo, **que** chegarás atrasado.

Comentários: Ordem seguida da sua explicação. Atente ao verbo da primeira oração no imperativo. *Que*, aqui, equivale a *pois*.

Resposta: conjunção coordenativa explicativa.

7. Ele se complicou, **por isso** foi repreendido.

Comentários: Ser repreendido é a conclusão de ele ter se complicado. Não confunda com a subordinativa consecutiva: *por isso* pertence à lista das conclusivas. É o mesmo que *logo*, *portanto*.

Resposta: conjunção coordenativa conclusiva.

8. Ele falou tanto **que** foi repreendido.

Comentários: O fato de muito ter falado fez com que ele fosse repreendido. Atenção ao *que* antecedido de *tanto*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial consecutiva.

9. Vem, **que** eu te abraçarei.

Comentários: Pedido seguido de sua explicação. O *que*, aqui, equivale ao *pois*.

Resposta: conjunção coordenativa explicativa.

10. Conversa mais **que** trabalha.

Comentários: Comparam-se as ações de conversar e trabalhar.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial comparativa.

11. Estudou, **logo** foi aprovado.

Comentários: Ser aprovado é a conclusão de ter estudado. É o mesmo que *por isso*, *por conseguinte*, *portanto*.

Resposta: conjunção coordenativa conclusiva.

12. Estava tão cansado, **que** adormeceu na poltrona.

Comentários: *Que* antecedido de *tão*. Adormecer na poltrona é a consequência de estar muito cansado.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial consecutiva.

13. **Que** eu saiba, Luís não é casado.

Comentários: É o mesmo que *conforme eu saiba*, *de acordo com o que eu sei*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial conformativa.

14. **Sem que** eu tenha este documento nas mãos, nada poderei fazer.

Comentários: Ter o documento nas mãos é a condição para que eu faça algo. Atenção ao verbo *tenha*, no presente do subjuntivo.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial condicional.

15. Comprei as mangas, verdes **que** estivessem.

Comentários: O fato de as mangas estarem verdes não impediu que as comprasse. É o mesmo que *embora, ainda que estivessem verdes*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial concessiva.

16. No elogio há sempre menos sinceridade **que** na censura.

Comentários: Ações que se comparam. Observe que o verbo da segunda oração está implícito: "No elogio há sempre menos sinceridade que *há sinceridade* na censura".

Resposta: conjunção subordinativa adverbial comparativa.

17. Entre em silêncio **que** as crianças não acordem.

Comentários: As crianças não acordarem é a finalidade de se entrar em silêncio. Veja o verbo *acordem* no subjuntivo. É o mesmo *que a fim de que, para que as crianças não acordem*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial final.

18. Foi ao clube, **porém** não tinha ânimo.

Comentários: Ideia de adversidade, oposição. É o mesmo que *mas, contudo, todavia*. Não confunda com a conjunção concessiva, que possui a mesma ideia de contrariedade, mas leva o verbo para o subjuntivo.

Resposta: conjunção coordenativa adversativa.

19. **Embora** não tivesse ânimo, foi ao clube.

Comentários: Agora sim: o verbo está no subjuntivo. Ideia de oposição, contrariedade. Um fato (*não ter ânimo*) que não impede que o outro (*ir ao clube*) ocorra. É o mesmo que *ainda que não tivesse ânimo*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial concessiva.

11.1.3. Valores semânticos das principais conjunções

Antes de treinarmos as questões de concursos, uma pausa para uma boa sistematização. Pelos exercícios anteriores, você já deve ter percebido que determinadas conjunções aparecem em mais de uma lista. Exemplo: o conector *porque*, que você conhecia como causal ou explicativo, pode ser também final. Assim, pensamos que seria didático sistematizar as conjunções que aparecem em mais de uma lista, de modo que você saiba tudo que cada uma pode ser. Fica mais fácil na hora de estudar. Vamos lá?

- **E:** A conjunção **e** pode indicar as seguintes ideias:

  Ele trabalha **e** estuda. (aditiva)

Estudou, **e** não passou. (= mas: adversativa)

Estudou, **e** passou em 1º lugar. (= logo: conclusiva)

• **POIS:** Quando inicia a oração pode ser causal ou explicativa. Se deslocada, será sempre conclusiva.

Estude bastante, **pois** tudo correrá bem. (explicativa)

Ele passou em 1º lugar, **pois** muito se esforçou. (causal)

Ele muito se esforçou; passou, **pois**, em 1º lugar. (conclusiva)

• **OU:** Como conjunção alternativa, pode excluir ou retificar. Pode ser também conjunção aditiva.

João **ou** José casará com Maria. (*um ou outro*; alternativa com valor de exclusão)

O professor **ou** os professores dirigiram-se ao departamento. ("os professores" corrige a informação anterior; alternativa com valor de retificação)

O fumo **ou** a bebida fazem mal à saúde. (= *e*: aditiva)

• **DESDE QUE**

Desde que acordou, não parou de estudar. (= *desde que*: temporal)

Desde que se esforce, tudo correrá bem. (= *caso*: condicional)

• **QUE**

Fala, **que** fala, **que** fala, **que** fala. (= *e*: aditiva)

Entre, **que** estamos atrasados. (= *pois*: explicativa)

Sei **que** serei aprovado. (*Sei isto*: integrante)

Choveu, **que** o dia foi muito quente. (= *porque*; causal)

O dia foi tão quente, **que** choveu. (*que* antecedido de *tão*: consecutiva)

Que ele insistisse, eu não iria à festa. (= *embora*: concessiva)

Esforce-se **que** tudo corra bem. (= *para que*: final)

• **SE**

Não sei **se** ele foi aprovado. (*Não sei isto*: integrante)

Se ele foi aprovado, não sei. (*Não sei isto*: só houve mudança da ordem da frase: integrante)

Se ele for aprovado, seus pais ficarão contentes. (= *caso ele seja*: condicional)

Se vocês já estão aqui, então, vamos começar a reunião. (= *já que*: causal)

Se eles eram felizes, não demonstravam contentamento. (= *embora*: concessiva)

• **COMO**

Ele fala **como** o irmão. (= *do mesmo modo que*: comparativa)

Como morava perto do amigo, resolveu visitá-lo. (= *já que*: causal)

Viajaremos **como** combinamos. (= *conforme*: conformativa)

11.1.4. Como estudar as conjunções

Sabemos que estudar as conjunções é tarefa que compreende as seguintes etapas:

• Entender o valor semântico que cada conjunção expressa: saber o que é adição, alternância, adversidade etc.

• Sistematizar as conjunções que podem apresentar mais de uma ideia. A conjunção alternativa, por exemplo, não indica só alternância, pode indicar também escolha ou exclusão.

• Memorizar uma lista básica de conjunções para cada grupo (aditivas, explicativas...).

• Apresentar as conjunções que podem aparecer em mais de uma lista. A conjunção *e*, por exemplo, pode ser aditiva, adversativa ou conclusiva. Sistematizar essas conjunções poupará ao aluno tempo de raciocínio para resolução da questão.

• Treinar, treinar e treinar.

11.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Classifique as conjunções coordenativas seguindo este código.

(1) aditiva

(2) adversativa

(3) alternativa

(4) conclusiva

(5) explicativa

1. ( ) Foi transferido, logo não nos veremos com muita frequência.
2. ( ) Agora verificamos um trabalho mais efetivo com a palavra não apenas como meta para o desenvolvimento, mas como um trabalho de resgate do próprio homem.
3. ( ) Podem me acusar, pois estou com a consciência tranquila.
4. ( ) “Esforço-me para aproximá-lo de Jesus, no entanto o senhor acerca-se do Papa.”
5. ( ) O atleta teve um ótimo desempenho e não conseguiu vencer a prova.
6. ( ) O futebol já é o quarto maior mercado de capitais do mundo, todavia só agora a Receita começa

a prestar atenção nos jogadores.

7. ( ) “Tente não se tornar um homem de sucesso, e sim um homem de valores.”
8. ( ) Eles merecem perdão ou reparação total?
9. ( ) Sente aqui, que precisamos conversar.
10. ( ) “A água lhe bate nos olhos. Percebe, entretanto, que a água o está levando para o lado das pedras.”
11. ( ) Você participou do debate; diga-me, pois, as novidades.
12. ( ) “Já não era a flor do bairro, senão de toda a cidade.”
13. ( ) “Você não entendeu meu bilhete, portanto não cumprirá minhas orientações.”
14. ( ) “Tanto ele como o irmão são meus amigos.”
15. ( ) “Não achou os documentos nem as fotocópias.”
16. ( ) Queria estar atento à palestra, contudo o sono chegou.
17. ( ) Peguei um táxi e fui à casa do Wilson.
18. ( ) Conhecemos pessoas materialmente ricas, porém pobres espiritualmente.
19. ( ) “Você se prepara para o futuro corretamente ou fica metade do tempo se preocupando e nada mais?”
20. ( ) Não insista, porque não irei ao jogo.

II. Classifique as conjunções ou locuções subordinativas destacadas usando este código.

(1) causal

(2) concessiva

(3) condicional

(4) conformativa

(5) final

(6) proporcional

(7) temporal

(8) comparativa

(9) consecutiva

(10) integrante

1. ( ) ( ) A crise mostra que o Brasil progride enquanto dorme.

2. ( ) Não sabia se voltaria para casa.

3. ( ) “Se você sentir saudade, por favor não dê na vista.”

4. ( ) “Como escreveu o divino Dante: ‘Percam todas as esperanças. Estamos todos no inferno’.”

5. ( ) Como estivesse doente faltei à escola.

6. ( ) Ainda que chova, sairei de casa.

7. ( ) Serás aprovado desde que estudes.

8. ( ) “Como nas novelas, vemos que o Brasil está se dividindo entre babacas e psicopatas.”

9. ( ) “A crise ensina que nossa política é tão medíocre, que nos últimos anos bastou a economia.”

10. ( ) “Quando terminei a inspeção do que estava feito, eu não me senti bem.”

11. ( ) “A roupa tinha certa decência, posto que não fosse absolutamente nova.”

12. ( ) “Escrevi este texto enquanto assistia à morte do papa na TV.”

13. ( ) Ao perceber o que tinham feito com seus livros, gritou que parecia um louco.

14. ( ) ( ) “O poeta é um fingidor. Finge tão completamente que chega a fingir que é dor a dor que deveras sente.”

15. ( ) Conquanto os cavalos fossem a trote largo, longa pareceu a viagem ao doutor.”

16. ( ) “Os ricos são tão pobres que não percebem a triste pobreza em que usufruem suas malditas riquezas.”

17. ( ) “Uma vez que o ser humano olha só a aparência fica preso apenas à forma.”

18. ( ) “Ninguém ignora que a corrupção é geral em todos os setores.”

19. ( ) “Quanto mais juntamos dinheiro, mais difícil se torna a sua entrada.”

20. ( ) Mal a novela teve início, iniciou-se a polêmica.

21. ( ) São dilemas tão rotineiros quanto escolher o que comer.

22. ( ) Oremos porque tudo termine bem.

23. ( ) Foram feitas algumas exigências para que obtivesse crédito.

24. ( ) “A sordidez do que acontece no Brasil é tal que até criticar o governo só serve para legitimá-lo.”

25. ( ) “Os olhos de uma pessoa se iluminarem quando ela tem uma percepção nova não é um clichê literário, é a luz deste alvorecer saindo pelos olhos.”

26. ( ) “Se permitirmos que o preconceito nos domine, seremos em breve o mais atrasado no círculo

dos povos atrasados."

27. ( ) A vida dos deficientes físicos é mais difícil do que a vida da maioria de nós.

28. ( ) "Os lampiões acendiam à medida que a noite aos poucos se acentuava."

29. ( ) Recebemos a notícia de que o melhor jogador do mundo virou espanhol.

30. ( ) A língua, como os costumes, segue uma evolução.

III. Complete as lacunas com o conectivo (conjunção ou locução conjuntiva, preposição ou locução prepositiva) mais adequado.

1. O Botafogo foi o time que fez a melhor campanha do campeonato. Teria, _____, que ser o campeão este ano. (no entanto / portanto / isto é)

2. _____ Sabesp estar tratando a água da represa de Guarapiranga, o gosto da água nas regiões sul e oeste não melhorou. (Pela / Apesar de a / Devido a)

3. _____ não saia de casa, você pode dar grande contribuição à preservação ambiental. (Contanto que / Mesmo que / Uma vez que)

4. Ele não merece crédito _____ suas mentiras. (apesar de / devido a / não obstante)

5. _____ os deputados deponham na CPI e ajudem a elucidar os episódios obscuros do caso dos precatórios, a confiança na instituição foi abalada. (Uma vez que / Para que / Mesmo que)

6. _____ recursos públicos investidos na área, nas últimas décadas vem se formando ali um cinturão de prosperidade. (Graças aos / Apesar dos / De acordo com os)

7. Todo texto está aberto a uma atribuição de significados, que depende da experiência prévia de leitura de quem o lê._____, qualquer significado que seja atribuído ao texto, independentemente de quão ambíguo ou provisório, é sempre adequado, _____ vai ao encontro das expectativas de um leitor específico. (Portanto / No entanto / E) (porém / pois / e)

8. A negociação de acordos bilaterais é suficientemente importante para justificar uma abertura do governo com vistas a discutir essa questão com o setor privado, sobretudo agora, diante da perspectiva da desaceleração das economias desenvolvidas e do crescimento do comércio mundial, _____ crise de crédito que vem dos Estados Unidos. (apesar da / não obstante a / em consequência da)

Gabarito: I – 1. (4); 2. (1); 3. (5); 4. (2); 5. (2); 6. (2); 7. (2); 8. (3); 9. (5); 10. (2); 11. (4); 12. (2); 13. (4); 14. (1); 15. (1); 16. (2); 17. (1); 18. (2); 19. (3); 20. (5). **II** – 1. (10) (7); 2. (10); 3. (3); 4. (4); 5. (1); 6. (2); 7. (3); 8. (8); 9. (9); 10. (7); 11. (2); 12. (7); 13. (9); 14. (9) (10); 15.

(2); 16. (9); 17. (1); 18. (10); 19. (6); 20. (7); 21. (8); 22. (5); 23. (5); 24. (9); 25. (7); 26. (3); 27. (8); 28. (6); 29. (10); 30. (8). **III** – 1. portanto; 2. Apesar de a; 3. Mesmo que; 4. devido a; 5. Mesmo que; 6. Graças aos; 7. Portanto / pois; 8. em consequência da.

11.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Vejamos questões de concursos anteriores.

1. (FCC/CADEP) Na frase "mudamos de vontade como muda de cor o camaleão", o autor:

a) estabelece uma comparação entre seres, sendo a volubilidade o termo comum.

b) se vale de duas formas do mesmo verbo para estabelecer uma oposição de sentido entre as ações representadas.

c) estabelece uma relação de *causa e efeito* entre duas ações.

d) emprega as palavras *vontade* e *cor* de modo *estranho* ao seu sentido literal.

e) emprega a palavra *como* para acentuar a ideia de uma proporção.

Comentários:

Na frase retirada do texto, temos o conectivo *como* para estabelecer uma relação de comparação ("*mudamos de vontade* como *o camaleão muda de cor"*, ou seja, compara-se a mudança da nossa vontade com a mudança de cor do camaleão). Observe que, em quatro opções, a linguagem usada é a seguinte: comparação na letra A, oposição na B, causa e efeito na C e proporção na E. A letra D fala dos valores semânticos (sentido) das palavras *vontade* e *cor* de forma errada, pois os sentidos não são estranhos ao que representam esses vocábulos.

Resposta: A.

2. (FCC/TRT – 18ª Região) Pensador consequente, a Cícero não importavam as questões secundárias, interessavam-lhe os valores essenciais da conduta humana.

O sentido da frase acima permanecerá inalterado caso ela seja introduzida por:

a) conquanto fosse.

b) muito embora sendo.

c) ainda quando fosse.

d) por ter sido.

e) mesmo que tenha sido.

Comentários:

Nesta questão, pede-se usar um conectivo no início do período. Repare que, embora não haja

elemento coesivo na frase, temos uma relação de *causa* e *consequência* ("as questões secundárias não lhe interessavam porque Cícero era um pensador consequente, coerente, racional. Interessavam-lhe os valores essenciais"*)*. Nesta aula, vimos que as preposições também podem estabelecer valores semânticos de **modo**, **companhia**, **causa** etc. Em quatro opções (A, B, C e E), os conectivos expressam ideia de *concessão*. Na letra D, a preposição *por*, na forma reduzida *por ter sido*, confirma a ideia de *causa*.

Resposta: D.

3. (FCC/TRF) Um deles é o tipo A, que acelera o envelhecimento da pele, **por penetrar em camadas mais profundas**. O trecho destacado indica, em relação ao restante do período, valor semântico de:

a) causa.

b) condição.

c) consequência.

d) finalidade.

e) temporalidade.

Comentários:

Apresentamos mais uma questão em que aparece a relação de *causa* e *consequência* ("acelera o envelhecimento porque penetra em camadas mais profundas"*)*. Aqui, também, a preposição *por* confirma essa ideia. Lembre-se: o mais importante é guardar os **nomes das relações** existentes no texto – causa, condição, consequência, concessão, conclusão, explicação etc. –, já que a **mesma** preposição pode estabelecer vários sentidos.

Resposta: A.

4. (FCC/TRF) O estudo do cérebro conheceu avanços sem precedentes nas últimas duas décadas, **com o surgimento de tecnologias** que permitem observar o que acontece durante atividades.

A frase destacada acima introduz, no contexto, noção de:

a) causa.

b) conclusão.

c) ressalva.

d) temporalidade.

e) finalidade.

Comentários:

Esta questão reforça os **Comentários** feitos na anterior. A preposição *com* só confirma a relação de causa que se estabelece com a oração "O estudo do cérebro conheceu avanços sem precedentes nas últimas duas décadas". Ou seja, foi **por causa** do *surgimento de tecnologias que permitem observar o que acontece durante atividades...*, é que o *estudo do cérebro conheceu avanços sem precedentes*.

Resposta: A.

5. (FCC/TRF) Mas, passada a crise do petróleo, as pressões dos produtores por reajustes voltaram.

O sentido do segmento destacado acima está transposto corretamente, em outras palavras, em:

a) No entanto, conforme se passava a crise de petróleo...

b) Caso, contudo, se passasse a crise de petróleo...

c) Senão, enquanto se passava a crise de petróleo...

d) À medida, conquanto, que se passava a crise de petróleo...

e) Porém, depois que passou a crise de petróleo...

Comentários:

Antes de olhar as opções, observe as relações existentes nesta frase, na ordem direta: "Mas as pressões dos produtores por reajustes voltaram, passada a crise do petróleo". A conjunção *mas* introduz, em relação ao que foi dito no texto, uma ideia de *adversidade* (aqui não há necessidade de conhecermos a oração que antecede esse período). Logo, só poderíamos considerar as opções A e E (no entanto e porém são *adversativas*).

Na última oração ("passada a crise") temos a ideia de *tempo posterior* (as pressões voltaram *quando/depois que* a crise do petróleo passou).

Resposta: E.

6. (FCC/METRO) *... ainda que à custa do sacrifício das finanças das estradas.*

A última frase do texto introduz, no período, noção de:

a) temporalidade.

b) consequência.

c) proporcionalidade.

d) ressalva.

e) causa.

Comentários:

Nesta frase retirada do texto, não haveria necessidade de se retornar a ele, pois a locução conjuntiva *ainda que* é concessiva, portanto, a ideia que se tem é de *ressalva*, *exceção*. Lembre-se de que a memorização de alguns conectivos é essencial para a resolução de algumas questões que buscam exatamente o conhecimento de tal assunto por parte do candidato.

Resposta: D.

7. (FCC/TCE-AL) *Nossa história e nosso passado não são nem cargas indesejadas, nem determinações absolutas.*

Mantêm-se o sentido e a correção da frase acima substituindo-se o segmento sublinhado por:

a) nem tanto cargas indesejadas quanto determinações absolutas;

b) cargas indesejadas, nem ao menos determinações absolutas;

c) cargas indesejadas, assim como não são determinações absolutas;

d) nem cargas indesejadas, quando não determinações absolutas;

e) nem mesmo cargas indesejadas, quanto mais determinações absolutas.

Comentários:

Neste período, se "nossa história e nosso passado não são nem cargas indesejadas, nem determinações absolutas" é porque não são as **duas coisas,** adição, portanto. Nas letras A e D, são só *determinações absolutas*, pois as expressões *nem tanto* e *nem* retiram o valor aditivo de *cargas indesejadas*. Na letra B, *nem ao menos* exclui as *determinações absolutas*. Na letra C, *são cargas indesejadas* ***e*** *determinações absolutas*, adição. Na letra E, a palavra *mesmo* denota uma ideia de inclusão que não aparece na frase original, cuja finalidade é apenas *somar*, *adicionar*.

Resposta: C.

8. (FCC/METRO) *Não apenas a construção, mas também a operação das ferrovias dependeu de subsídios estatais.*

O sentido correto da afirmativa acima está, em outras palavras, em:

a) Não apenas a construção, nem também a operação das ferrovias dependeram de subsídios estatais.

b) Tanto a construção quanto a operação das ferrovias dependeram de subsídios estatais.

c) Não era apenas a construção, mas somente a operação das ferrovias que dependeu de subsídios estatais.

d) Não foi apenas a construção, nem a operação das ferrovias, que dependeram de subsídios estatais.

e) Apenas a construção, e não somente a operação das ferrovias, dependeu de subsídios estatais.

Comentários:

Nas conjunções coordenativas *aditivas*, vimos que uma delas é a expressão *não apenas...mas também*, chamada *correlativa*. Na frase em questão, entendemos, pois, que **as duas coisas** dependeram de *subsídios estatais*. Nas letras A e D, não há soma e sim *exclusão* das duas. Na letra C, a palavra *somente* produz incoerência, pois a intenção é a de *somar* e não de excluir. Na letra E, diz-se que *apenas* a *construção dependeu de subsídios estatais.*

Resposta: B.

9. (FCC/TRT – 2ª Região – Tec. Judic.) Identifica-se relação de causa e consequência em:

a) A população rural ainda deve aumentar nos próximos dez anos, antes de entrar em declínio gradativo.

b) Desde cedo, a cidade teve o mérito de dar ao homem a possibilidade de evoluir além da luta pela sobrevivência pura e simples.

c) Sua primeira função foi de local de proteção, de armazenagem de alimentos e de entreposto de trocas.

d) praticamente todo o crescimento populacional do planeta ocorrerá nas cidades, nas quais viverão sete em cada dez pessoas em 2050.

e) mas o trânsito pode ser tão congestionado que se torna difícil usufruir as ofertas.

Comentários:

Nas opções A e B, os conectivos *antes de* e *desde* estabelecem uma relação de *tempo*. Na letra C, temos a conjunção *e* adicionando termos na oração (conjunção aditiva). Na letra D, o conectivo que aparece é o pronome relativo *as quais* antecedido de preposição (*nas quais*). Sabemos que o pronome relativo dá início às orações adjetivas. Temos aqui, portanto, uma oração adjetiva explicativa, já que vem antecedida de vírgula. Na letra E, a relação entre as orações é de causa e consequência (o fato de o trânsito ser congestionado leva à dificuldade de se usufruírem as ofertas).

Resposta: E.

10. (FCC/TRF – 2ª Região – Aux. Adm.) ... os alimentos orgânicos, que ignoram os pesticidas e fertilizantes químicos **em nome de integrar a lavoura à natureza**.

O segmento grifado está reescrito com outras palavras e sem alteração do sentido original em:

a) de modo que as plantações estejam bem cuidadas.

b) com escolha de terras naturalmente férteis para a lavoura.

c) sem que se cultivem alguns produtos com adubos naturais.

d) visto que os produtos tóxicos podem surgir no ambiente natural.

e) para que se façam plantações com respeito e proteção ao meio ambiente.

Comentários:

Esta é a típica questão que valoriza a ideia e não a memorização dos conectivos. Devemos entender dessa afirmação que *os alimentos orgânicos que não contêm pesticidas e fertilizantes químicos integram a lavoura à natureza,* ou seja, *fazem isso com a finalidade de integrar a lavoura à natureza.* Na letra A, *de modo que* é consecutivo. Na B, a preposição *com* levaria à ideia de causa. Na letra C, *sem que* é condicional. Na D, *visto que* é causal. Na letra E, *para que* é uma locução conjuntiva que estabelece ideia de finalidade.

Resposta: E.

11. (FCC/TRF – 2ª Região – Aux. Adm.) Eles **não** são terríveis só contra os insetos que destroem lavouras, **mas também** contra borboletas, pássaros e outras formas de vida.

A sequência grifada na frase acima assinala, considerando-se o contexto, a noção de:

a) oposição, já que os pesticidas destroem insetos prejudiciais à lavoura, preservando as borboletas, pássaros e outras formas de vida.

b) alternativa, tendo em vista que os pesticidas destroem apenas os insetos, ou ainda, somente as borboletas, pássaros e outras formas de vida.

c) adição, pois os pesticidas, além de destruir os insetos prejudiciais às lavouras, destroem ainda borboletas, pássaros e outras formas de vida.

d) conclusão, por informar o emprego específico das substâncias referidas, como solução final dos problemas das lavouras.

e) explicação, pois insiste no sentido da palavra pesticidas, como destruidores apenas das pragas das lavouras.

Comentários:

Mais uma vez uma questão que traz a expressão correlativa *não só... mas também*, que denota *adição*

(*elas são terríveis contra os insetos* ***e*** *contra borboletas, pássaros e outras formas de vida*).

Resposta: C.

12. (FCC/TRF – 5ª Região) "Naquele período era preciso definir quem pertencia à família ou não, e com quem se deveriam compartilhar os alimentos. **Portanto** era necessário criar regras específicas".

O sentido que a conjunção destacada acima introduz no contexto é o de:

a) temporalidade, que caracteriza as ações humanas na época abordada.

b) restrição, acerca da época em que tais fatos ocorreram.

c) condição, que vai justificar determinadas ações dos homens nessa época.

d) causa, que determina certo tipo de comportamento da humanidade.

e) conclusão, adequada e coerente, diante da situação exposta.

Comentários:

A conjunção destacada nesta frase indica *conclusão* (*portanto, por conseguinte, logo...*). As opções trazem os valores de *tempo*, *restrição*, *condição, causa* e *conclusão*. Essa é mais uma questão que resolvemos pelo conhecimento dos conectivos. A conjunção negritada no texto indica *conclusão.*

Resposta: E.

11.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (FCC) O valor relacional da preposição em destaque está indicado com ERRO na alternativa:

a) "prolongar vidas de pacientes de forma inacreditável" – modo.
b) "conviver com incertezas" – companhia.
c) "discutir os inerentes aspectos técnicos sem desvinculá-los do lado emocional" – motivo.
d) "refletir sobre o sentido da vida" – assunto.
e) "preparar para a viagem final" – fim.

2. (FCC) A conjunção e a preposição, sublinhadas no período "Para uns, o objeto final, a mira de todo esforço, o ponto de chegada, assume relevância tão capital, **que** chega a dispensar, **por** secundários, quase supérfluos, todos os processos intermediários." Foram usadas em valores semânticos que correspondem, respectivamente, aos valores de uso nas frases:

a) Não esqueçam os seus ideais, que são eles que impulsionam o homem em seu trabalho / Passar por vexames para obter resultados, é determinação de poucos.
b) Tamanho era o esforço dos aventureiros que os obstáculos viraram trampolim / Por ser do interesse das grandes corporações, o governo autorizou o projeto.
c) A sociedade espera que todos cumpram seus deveres profissionais e humanitários / Deixou de ganhar muito dinheiro por lhe faltar celebridade.
d) Era tal desafio que esperava o aventureiro, que ele esteve a ponto de desistir / O cidadão era

aguardado por um grupo de pesquisadores.

e) Havia no porto de embarque muitos estrangeiros que aguardavam o navio / não abandono meus ideais por nada desse mundo.

3. (FCC) O período que pode ser introduzido por **à medida que**, sem que o sentido fundamental do enunciado se altere, encontra-se em:

a) "Mas os mitos são misteriosos, contêm segredos insondáveis."

b) "A celebração é mais importante que o conteúdo."

c) "Cada ato mágico é singular, único, devendo ser meticulosamente encenado."

d) "Para que as coisas dêem certo, é necessário realizá-lo da maneira mais adequada possível."

e) "Quanto mais os planos sucumbem, mais acreditamos no seu encantamento."

4. (FCC) Dentre as frases abaixo, a que é transformada com perda da noção semântica de finalidade é:

a) E começaram a preparar o cavalheiro para enfrentar o dragão.

E começaram a preparar o cavalheiro porque enfrentasse o dragão.

b) O cavalheiro foi preparado para responder à altura.

O cavalheiro iria equipado a fim de que respondesse à altura.

c) O cavalheiro iria equipado para resistir ao fogo.

O cavalheiro iria equipado de tal sorte que resistisse ao fogo.

d) Precisavam de alguém para enfrentar o dragão.

Precisavam de alguém que enfrentasse o dragão.

5. (FCC) *Eles não são terríveis só contra os insetos que destroem lavouras, mas também contra borboletas, pássaros e outras formas de vida.*

A sequência grifada na frase acima assinala, considerando-se o contexto, a noção de:

a) oposição, já que os pesticidas destroem insetos prejudiciais à lavoura, preservando as borboletas, pássaros e outras formas de vida.

b) alternativa, tendo em vista que os pesticidas destroem apenas os insetos, ou ainda, somente as borboletas, pássaros e outras formas de vida.

c) adição, pois os pesticidas, além de destruir os insetos prejudiciais às lavouras, destroem ainda borboletas, pássaros e outras formas de vida.

d) conclusão, por informar o emprego específico das substâncias referidas, como solução final dos problemas das lavouras.

e) explicação, pois insiste no sentido da palavra pesticidas, como destruidores apenas das pragas das lavouras.

6. (FCC) "Acontece que este clima de desconfiança, insatisfação e pavor não se nota só entre cientistas e sábios..."; após um segmento textual em que está presente a expressão "não só", pode-se prever um segmento seguinte com valor de:

a) oposição.

b) concessão.

c) causa.

d) adição.

e) comparação.

7. (Aux. Adm. / Câm. Mun.) Tomando-se a frase "Poucos ramos da ciência avançaram tão

rápido nos últimos anos **quanto** a astronomia", pode-se afirmar que a conjunção destacada está empregada com o mesmo valor que em:

a) Quanto mais se estuda o céu, mais se descobrem novidades.
b) Tanto quanto Galileu, os cientistas brasileiros se esforçam para revolucionar a astronomia.
c) Tudo quanto já se estudou sobre os planetas é pouco em relação ao que ainda se desconhece.
d) Quantas descobertas novas no ramo da astronomia impressionam o homem.
e) Não se pode negar que quanto mais o homem penetra nos segredos do universo mais se impressiona com a sua insignificância.

8. (FCC) "Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material..."; a presença do segmento "não são apenas de ordem material" indica que, na continuidade do texto, haverá:

a) um termo de valor aditivo e pertencente a uma outra ordem.
b) um termo de valor adversativo e pertencente a uma ordem diferente da citada.
c) um termo de valor explicativo e pertencente à mesma ordem já referida.
d) um termo de valor concessivo e pertencente a uma ordem diversa.
e) um termo de valor conclusivo e pertencente à ordem citada anteriormente.

9. (FCC) "As mulheres envolvidas nesses crimes têm distúrbios psíquicos / e tratam as crianças como objetos descartáveis." A segunda oração desse período, em relação à primeira, expressa uma circunstância de:

a) adição.
b) causa.
c) comparação.
d) consequência.
e) explicação.

10. (FCC) Em todas as alternativas abaixo aparecem dois elementos ligados pela conjunção E; a alternativa em que o segundo elemento mostra uma evolução temporal em relação ao primeiro é:

a) "A evolução de suas armas começa pelos <u>dentes e punhos</u>."
b) "<u>Indumentária e casas</u> são extensões..."
c) "<u>O acocorar-se e sentar-se</u> no chão..."
d) "... lentes, televisão, <u>telefones e livros</u>..."
e) "... através do <u>tempo e do espaço</u>..."

11. (FCC) "Se o acesso à escola melhorou muito na última década, a qualidade de ensino do nosso país vem se mostrando muito aquém das nossas exigências."; a primeira oração em relação à segunda tem valor de:

a) condição.
b) temporalidade.
c) comparação.
d) modo.
e) concessão.

12. (Aux. Judic.) Vocábulos que iniciam parágrafos como "mas","para que" colaboram para que se mantenha no texto:

a) a coerência argumentativa.
b) a coesão formal.
c) a argumentação lógica.
d) a organização narrativa.
e) a estruturação enunciativa.

13. (FCC) A frase em que a conjunção estabelece, entre as orações, uma relação de sentido coerente é:

a) O homem se afastou de Deus, embora tenha se tornado materialista.
b) O homem atual é materialista, no entanto só acredita naquilo que vê.
c) Como o homem se afastou das leis de Deus, tornou-se profundamente infeliz.
d) O homem se afastou da Lei do Universo, por isso almeja a felicidade.
e) O homem tornou-se prisioneiro da ambição, ainda que tenha se afastado de Deus.

Assinale a opção que altera fundamentalmente o seu sentido:

14. (FCC) "Se eles entram nos trilhos, rodam que é uma beleza."

a) Caso eles entrem nos trilhos.
b) Desde que eles entrem nos trilhos.
c) Uma vez que eles entrem nos trilhos.
d) Contanto que eles entrem nos trilhos.
e) Mal eles entrem nos trilhos.

15. (FCC) "O marido não veio; não queria ver os irmãos":

a) Como não queria ver os irmãos, o marido não veio.
b) Por não querer ver os irmãos, o marido não veio.
c) Não querendo ver os irmãos, o marido não veio.
d) O marido não veio, por isso não queria ver os irmãos.
e) O marido não veio, já que não queria ver os irmãos.

16. (FCC) "Pouco a pouco, foram aparecendo as desvantagens do uso de inseticidas industriais, embora seu consumo continue alcançando cifras impressionantes."

a) Apesar de seu consumo continuar alcançando cifras impressionantes.
b) Desde que seu consumo continue alcançando cifras impressionantes.
c) Ainda que seu consumo continue alcançando cifras impressionantes.
d) Não obstante seu consumo continuar alcançando cifras impressionantes.
e) Conquanto seu consumo continue alcançando cifras impressionantes.

17. (FCC) "Uma observação mais cuidadosa revela, porém(A), que Ciência e Tecnologia não se comportam como(B) mercadorias, mas(C) como bens culturais; é por isso, talvez, que toda tentativa de transferência de tecnologia fracasse e resulta no(D) que não passa de alguma(E) forma efêmera de prestação de serviço.":

a) "porém" / (portanto).
b) "como" / (do mesmo modo que).
c) "mas" / (e sim).
d) "no" / (naquilo).
e) "alguma" / (uma).

18. (FCC) No trecho a seguir, assinale, em relação ao termo destacado, aquele que poderia substituí-lo, sem alteração de sentido: "Avançamos muito na tecnologia, **mas** a perplexidade fundamental é a mesma."

a) por conseguinte
b) ainda assim
c) portanto
d) logo
e) pois

19. (FCC) Texto – A aventura pode ser louca, **mas** o aventureiro tem que ser lúcido. (Chesterton)

a) Já que a aventura é louca, o aventureiro tem que ser lúcido.
b) Visto que a aventura é louca, o aventureiro tem que ser lúcido.
c) Caso a aventura seja louca, o aventureiro tem que ser lúcido.
d) Embora a aventura seja louca, o aventureiro tem que ser lúcido.
e) Se a aventura é louca, o aventureiro tem que ser lúcido.

20. (FCC) A nota do Brasil, **embora** mude de ano para ano, sempre oscila entre dois e três,...

a) Mesmo que a nota do Brasil mude de ano para ano permanece entre dois e três.
b) A nota do Brasil sempre oscila entre dois e três, já que as notas sempre mudam de ano para ano.
c) Visto que a nota do Brasil muda de ano para ano, oscila sempre entre dois e três.
d) A nota do Brasil, contanto que mude de ano para ano, oscila sempre entre dois e três.
e) O Brasil sempre tem sua nota oscilando entre dois e três, no entretanto elas mudam de ano para ano.

21. (Aux. Oper./Docas-SP)

"Santos das ruas antigas
À beira do cais
Que escondem segredos".

A palavra **Que** classifica-se como:

a) conjunção integrante.
b) conjunção coordenativa.
c) preposição.
d) pronome relativo.
e) pronome interrogativo.

22. (Aux. Oper./Docas-SP)

"Pô! Eu vi, você fingiu..."

Pô! se classifica como:

a) preposição.
b) adjetivo.
c) advérbio.
d) conjunção.
e) interjeição.

23. (Técn. Oper./Docas-SP) *Na comparação com o primeiro trimestre do ano passado, a*

variação foi melhor do que a do País (30,65%), que somou US$ 77,56 bilhões.

As duas ocorrências da palavra QUE no período acima classificam-se, respectivamente, como:

a) conjunção e conjunção.
b) pronome relativo e conjunção.
c) pronome relativo e pronome relativo.
d) substantivo e pronome adjetivo.
e) conjunção e pronome relativo.

24. (Assist. Técn. Adm./Docas-BA) *"Eu queria que essa fantasia fosse eterna..."*

A palavra *que* classifica-se como:

a) pronome relativo.
b) conjunção integrante.
c) substantivo.
d) pronome indefinido.
e) conjunção subordinativa final.

25. (Guarda Port./Docas-BA) *No primeiro módulo, que termina no dia 19/11, foram repassadas noções de primeiros socorros, defesa pessoal, relações humanas e segurança.*

A palavra QUE no período acima classifica-se como:

a) preposição.
b) conjunção integrante.
c) conjunção subordinativa.
d) pronome relativo.
e) adjetivo.

26. (Economista/Docas)

Aos teus pés que nos deste o Direito.
Aos teus pés que nos deste a Verdade.

A palavra QUE classifica-se como:

a) pronome relativo.
b) conjunção subordinativa.
c) partícula expletiva.
d) preposição.
e) conjunção integrante.

27. (Fiscal/ICMS) É certo *que a mudança do enfoque sobre o tema, no âmbito das empresas – principalmente as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos de postura administrativa decorrentes da adoção de critérios de responsabilização penal da pessoa jurídica em seus países de origem. Tais mudanças, inevitavelmente, terão que abranger as práticas administrativas de suas congêneres espalhadas pelo mundo, a fim de evitar respingos de responsabilização em sua matriz.*

No trecho acima, as ocorrências da palavra QUE classificam-se, respectivamente, como:

a) pronome relativo e preposição.
b) conjunção integrante e preposição.
c) conjunção integrante e conjunção integrante.
d) pronome relativo e conjunção integrante.

e) preposição e pronome relativo.

28. (Técn. Op. Port.) A economia sul-africana varia da agricultura de subsistência até a moderna atividade industrial e mineral, tornando-a a mais forte economia do continente, com Produto Interno Bruto na ordem de US$ 255 bilhões.

No período acima, há:

a) cinco preposições.

b) oito preposições.

c) seis preposições.

d) sete preposições.

e) quatro preposições.

29. (Técn. Op. Port.) No caso da Baixada Santista, os números são amplificados naturalmente devido à proximidade com o Porto de Santos, pelo qual empresas e órgãos públicos de cada município podem promover despachos e desembaraços de mercadorias, conforme suas necessidades e contando com maior facilidade.

No período acima, há quantos verbos em forma nominal?

a) Cinco.

b) Quatro.

c) Dois.

d) Seis.

e) Três.

30. (Guarda Port./Docas-BA) O treinamento com armas será realizado nos estandes de tiro da Cactos, empresa vencedora da licitação.

No período acima há:

a) 1 artigo e 3 preposições.

b) 4 artigos e 3 preposições.

c) 3 artigos e 4 preposições.

d) 3 artigos e 4 preposições.

e) 4 artigos e 5 preposições.

31. (Téc. Judic./PA) Aliás, o melhor para a democracia seria separar os fundos partidários dos destinados às campanhas eleitorais.

A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:

I. Há três preposições.

II. Há quatro artigos.

III. Há um pronome demonstrativo.

Assinale:

a) se todas as afirmativas estiverem corretas.

b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.

c) se nenhuma afirmativa estiver corretas.

d) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.

e) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

32. (Fiscal/ICMS)

Diga que você me adora
Que você lamenta e chora
A nossa separação
Às pessoas que eu detesto
Diga sempre que eu não presto.
No trecho acima há quantas ocorrências, respectivamente, de pronomes e conjunções?
a) Sete e cinco.
b) Cinco e cinco.
c) Seis e cinco.
d) Sete e quatro.
e) Seis e quatro.

(Cespe-UnB) Julgue as alternativas a seguir:

Com a pressão vinda de todos os lados, é natural que, em um dado momento ou em outro, passe pela cabeça da maioria das pessoas a ambição de largar tudo e ir viver uma vida tranquila em outro lugar. Mudar de vida pode ser uma excelente solução para a tensão, dependendo evidentemente da vida que se leva. Qualquer decisão nesse sentido, porém, deve levar em conta um fato da natureza: ninguém pode evitar completamente situações estressantes. O estresse não é doença, e, sim, uma reação instintiva ao perigo real ou imaginário ou a uma situação de desafio. "Uma cascata bioquímica que prepara o corpo para lutar ou fugir", na definição do manual de técnicas para aliviar o estresse, elaborado pela Escola de Medicina de Harvard, um centro de excelência nos Estados Unidos da América.

Veja, fev./2004 (com adaptações).

33. Preservam-se a coerência textual e a correção gramatical ao substituir "porém" por "mas".

34. O valor adversativo da conjunção "e" permite sua substituição por "mas", sem que a argumentação do texto seja prejudicada.

Embora não se possa falar de supressão do trabalho assalariado, a verdade é que a posição do trabalhador se enfraquece, tendo em vista que o trabalho humano tende a tornar-se cada vez menos necessário para o funcionamento do sistema produtivo.

35. Caso se substituísse "Embora" por "Apesar de", a ideia de concessão atribuída a essa oração seria mantida, assim como a correção gramatical do período.

Hoje o sistema isola, atomiza o indivíduo. Por isso seria importante pensar as novas formas de comunicação. Mas o sistema também nega o indivíduo. Na economia, por exemplo, mudam-se os valores de uso concreto e qualitativo para os valores de troca geral e quantitativa. Na filosofia aparece o sujeito geral, não o indivíduo. **Então**, a diferença é uma forma de crítica.

36. O conectivo "Então" estabelece uma relação de tempo entre as ideias expressas em duas orações.

À medida que assimila criticamente os conteúdos (momento em que entra em ação a diretividade do professor, selecionando, sistematizando e apresentando os conteúdos), o aluno realiza o diálogo cognitivo com seu objeto. A assimilação crítica ocorre quando os conteúdos são confrontados com os dados da realidade empírica, quando são historicizados, relativizados no contexto que os gerou, remetidos às suas condições de produção, quando são apreendidos através da relação, tão conhecida na obra de Freire, entre leitura da palavra e leitura do mundo.

Aparecida de Fátima Tiradentes dos Santos. *Desigualdade social e dualidade escolar: conhecimento e poder em Paulo Freire e Gramsci*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 89.

37. O conectivo "À medida que" liga orações e estabelece entre elas relação semântica que poderia ser expressa pelo conectivo **Enquanto**.

Segundo dados da ONU, dois terços da população mundial não se sente representada por seus governos e tem uma péssima opinião sobre a honestidade e sentido público dos políticos, muitas vezes sendo o voto uma manifestação "mais contra o que se teme, do que a favor do que se espera".

38. A conjunção "e", além de ter o valor semântico de adicionar uma ideia a outra, tem, no texto, também o valor de introduzir uma consequência para a oração anterior.

Gabarito: 1. c; 2. b; 3. e; 4. d; 5. c; 6. d; 7. b; 8. a; 9. d; 10. c; 11. e; 12. b; 13. c; 14. e; 15. d; 16. b; 17. a; 18. b; 19. d; 20. a; 21. d; 22. e; 23. e; 24. b; 25. d; 26. c; 27. b; 28. d; 29. e; 30. e; 31. a; 32. d; 33. errado; 34. certo; 35. errado; 36. errado; 37. certo; 38. certo.

Conjunções é assunto certo em qualquer que seja a prova. É importante também para a interpretação e produção textual, pois dá ao texto coesão e coerência. Vamos resumir o que foi estudado no capítulo?

11.5. RESUMO

- Conjunções coordenativas relacionam orações, podendo indicar cinco ideias: aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas e explicativas.
- Conjunções subordinativas podem ser integrantes – sem valor adverbial (=isto) ou adverbiais (com valor semântico).
- Conjunções subordinativas adverbiais podem indicar nove valores semânticos (6 Cs + FTP): causais, concessivas, condicionais, conformativas, consecutivas, comparativas, finais, temporais, proporcionais.
- Na hora de classificar a conjunção, lembre-se de olhar a oração que vem após ela, não antes.
- A causa e o efeito são ideias que sempre caminham juntas. Se a conjunção iniciar a causa, será causal. Se iniciar a consequência, será consecutiva. Lembre-se de que, na linha do tempo, a causa antecede a consequência.
- As conjunções consecutivas e conclusivas, bem como as adversativas e concessivas são paráfrases: indicam a mesma ideia. Para não confundi-las, é essencial memorizar suas listas.

Parte III

Sintaxe

12 PREDICAÇÃO VERBAL

12.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

É a relação de dependência entre o verbo e seus complementos.

Os verbos *transitivos* e *intransitivos* exprimem, normalmente, *ação*, *fenômeno* e *movimento*.

12.1.1. Verbo intransitivo

Não necessita de um termo (objeto) que complete o seu sentido.

Exs.: a) Correm os dias, os meses, os anos.

b) O outono chegou.

c) O marido desapareceu entre as ruelas.

d) O rapaz chegou gravemente ferido ao hospital.

e) Falei bastante ontem.

f) Estudou bastante.

Comentários:

Em A, a frase está invertida. Na ordem, seria: "Os dias, os meses, os anos correm". O verbo não pede complemento (= objeto). Na B, o verbo encerra o período, também sem pedir *objeto*.

Nas frases de C a F, aparecem adjuntos adverbiais e predicativo após os respectivos verbos, e não objeto:

c) "entre as ruelas" (= adjunto adverbial de lugar);

d) "ferido" (= predicativo do sujeito); "ao hospital" (= adjunto adverbial de lugar);

e) "bastante" (= adjunto adverbial de intensidade); "ontem" (= adjunto adnominal de tempo);

f) "bastante" (= adjunto adverbial de intensidade).

Portanto, para a gramática, verbo **intransitivo** é aquele que denota *ação*, *movimento*, e não pede *complemento* (= objeto).

12.1.2. Verbo transitivo

O sentido do verbo é completado por um termo (objeto).

O objeto direto completa o verbo sem preposição obrigatória (amar, ajudar, adorar, namorar etc.).

Exs.: a) Essa atitude implicou sua demissão.

b) Falei a verdade.

Comentários:

Agora, aparecem verbos que pedem complemento direto (= objeto direto), *sem preposição* (*verbos transitivos diretos*):

"sua demissão" (= objeto direto)

"a verdade" (= objeto direto)

Já o objeto indireto completa o verbo com preposição obrigatória (obedecer, desobedecer, aludir, anuir, referir-se etc.).

Exs.: a) Obedece **a**os mais velhos.

b) Gostava **de** música.

c) Falei **a**os filhos.

Comentários:

Verbos como *obedecer* e *gostar* regem, obrigatoriamente, preposição. São *transitivos indiretos*.

Em "Falei aos filhos", o verbo falar, nessa frase, pede preposição a. Não teria sentido dizer "Falei os filhos".

"Obedecia aos mais velhos." (= objeto indireto)

"Gostava de música." (= objeto indireto)

"Falei aos filhos." (= objeto indireto)

O verbo pode pedir dois complementos. Trata-se do objeto direto e indireto. Um sem preposição e o outro com preposição (avisar, comunicar, certificar, informar, proibir etc.).

Exs.: a) Comuniquei o ocorrido aos pais.

b) Falei a verdade aos filhos.

Comentários:

Quando o verbo pede dois complementos, é chamado de *transitivo direto e indireto* (um termo sem preposição, o outro, com preposição):

"*o ocorrido* (= objeto direto) *aos pais* (= objeto indireto)"

"*a verdade* (= objeto direto) *aos filhos* (= objeto indireto)"

12.1.3. Verbo de ligação

O verbo estabelece uma ligação entre o sujeito e seu atributo ou característica (= predicativo).

Exs.: a) Eu sou **feliz**. (predicativo do sujeito)

b) Estava **cansado**. (predicativo do sujeito)

c) Ele acha-se **triste**. (predicativo do sujeito)

Comentários:

O *verbo de ligação*, que, diferentemente dos transitivos e intransitivos – que denotam *ação*, *movimento* – traz uma ideia de *estado*. Geralmente são os verbos *ser*, *estar*, *ficar*, *parecer*, *continuar*, *achar-se* etc.

Fundamentalmente, o seu papel é o de ligar o sujeito a sua *característica*, *qualidade*, a seu *atributo* (= predicativo do sujeito). Logo, *se o verbo é de ligação*, não temos objeto na frase, e sim *predicativo do sujeito*.

Nas frases A, B, C, *feliz*, *cansado* e *triste* são adjetivos que caracterizam o sujeito, e os verbos ser, estar e achar-se, indicam estado, de ligação.

Importante: Na maioria das vezes, a predicação do verbo só pode ser determinada na frase, e não isoladamente. O mesmo verbo que em um contexto possui uma determinada transitividade, em outro vem com transitividade diferente.
Observe que mostramos isso com o verbo falar:
Falei bastante ontem. (verbo intransitivo)
Falei a verdade. (verbo transitivo direto)
Falei aos filhos. (verbo transitivo indireto)
Falei a verdade aos filhos. (verbo transitivo direto e indireto)

Vamos fixar os conceitos? Dê a predicação dos verbos nas frases seguintes.

1. As crianças **brincavam** alegremente no pátio.

Comentários: O verbo *brincar*, nesta frase, não pede complemento. Após esse verbo aparecem circunstâncias (adjuntos adverbiais) de modo – *alegremente* – e de lugar – *no pátio*.

Resposta: verbo intransitivo.

2. Muitos amigos **chegaram** cedo.

Comentários: A palavra cedo indica o tempo da chegada, adjunto adverbial. Não há objeto (= complemento).

Resposta: verbo intransitivo.

3. O salão **estava** todo pintado.

Comentários: O verbo *estar* liga o sujeito (*salão*) a seu predicativo (*pintado*), indicando *estado*.

Resposta: verbo de ligação.

4. Márcia **deu** um brinde a cada participante.

Comentários: Nessa frase, o verbo dar pede dois complementos:

"... deu um brinde..." (sem preposição – objeto direto)

"... deu a cada participante (com preposição – objeto indireto)

"Márcia deu um brinde a cada participante."

Resposta: verbo transitivo direto e indireto.

5. Muitas pessoas **receberam** donativos.

Comentários: O vocábulo *donativos* completa o sentido do verbo sem preposição, é objeto direto.

Resposta: verbo transitivo direto.

6. **Confiei** em suas palavras.

Comentários: Repare que, nesse período, se retirarmos a preposição *em*, a frase fica sem sentido. É porque o verbo *confiar* pede obrigatoriamente essa preposição ("Confiei em suas palavras").

Resposta: verbo transitivo indireto.

7. **Ficamos** contentes com seu retorno.

Comentários: Em "Ficamos contentes", o termo destacado não é objeto, porque mostra um estado do sujeito (*Nós*). Palavra que indica *estado*, *qualidade*, *característica* do sujeito é *predicativo*.

Além disso, o verbo *ficar* mostra uma *mudança de estado* e não uma *ação*, um *movimento*.

Resposta: verbo de ligação.

8. **Ofereci** uma recompensa aos funcionários.

Comentários: Mais um verbo que pede, na frase em que se encontra, dois complementos: um sem preposição, o outro com preposição:

"Ofereci uma recompensa..." (sem preposição – objeto direto)

"Ofereci aos funcionários..." (com preposição – objeto indireto)

Resposta: verbo transitivo direto e indireto.

9. **Pedi** a conta e **saí** do restaurante.

Comentários: Esse período traz dois verbos com transitividades diferentes: "Pedi a conta...", "... saí do restaurante". Na primeira passagem, o complemento do verbo aparece sem preposição (*a conta* – objeto direto); na segunda, temos uma ideia circunstancial (*do restaurante* – adjunto adverbial de

lugar), e não objeto indireto.

Resposta: verbo transitivo direto e verbo intransitivo.

10. O mar **parecia** traiçoeiro naquela manhã.

Comentários: Mais um verbo cuja finalidade é ligar o sujeito a sua característica (predicativo). O vocábulo *traiçoeiro* é um adjetivo que se refere ao sujeito, é, portanto, um predicativo do sujeito. Como o verbo não indica ação nem movimento, não pode ser transitivo nem intransitivo.

Resposta: verbo de ligação.

11. **Trouxe** a lembrança de Natal.

Comentários: Aqui, temos um complemento do verbo *trazer* sem preposição (*a lembrança*) e uma locução que indica o lugar, a origem (*de Natal*), que funciona como adjunto adverbial.

Resposta: verbo transitivo direto.

12. Não **existem** mais sentimentos verdadeiros.

Comentários: Observe, primeiro, que a frase está invertida. Na ordem, teríamos: "Sentimentos verdadeiros não existem mais". Com isso, nos certificamos de que o verbo *existir* não pede complemento (= objeto), já que *mais* acrescenta ao verbo uma ideia de tempo, adjunto adverbial, pois.

Resposta: verbo intransitivo.

13. A moça **vivia** preocupada.

Comentários: O verbo *vivia*, nesta construção, indica um *estado* permanente, ligando o sujeito (*A moça*) ao seu predicativo (*preocupada*).

Resposta: verbo de ligação.

14. Ela **ficou** esperançosa.

Comentários: Mais um verbo que tem o papel de *ligar* o sujeito a seu estado, característica, qualidade (predicativo).

Resposta: verbo de ligação.

15. Ela **ficou** no escritório.

Comentários: Veja agora a diferença: *no escritório* indica o *lugar* onde *ela ficou*. Nesse caso, o verbo não *liga* nada. Não há predicativo nem objeto, e sim adjunto adverbial de lugar.

Resposta: verbo intransitivo.

16. **Fomos** a Fortaleza.

Comentários: Outra frase que mostra uma expressão (*a Fortaleza*) cuja finalidade é se referir ao verbo indicando uma circunstância (adjunto adverbial).

Resposta: verbo intransitivo.

17. **Lembrou-se** dos amigos.

18. **Lembrei** a data do seu aniversário.

Comentários: Em regência, vimos que o verbo *lembrar* pode aparecer com ou sem o pronome. Se vier *com* o pronome (*lembrar-se*) pede preposição; *sem* o pronome (*lembrar*), não pede preposição.

Respostas: 17. verbo transitivo indireto; 18. verbo transitivo direto.

19. **Surgem** os primeiros raios de sol.

Comentários: Assim como na frase 12, essa também mostra uma inversão dos termos. Na ordem, seria: "Os primeiros raios de sol surgem". Logo, não pede nenhum tipo de complemento, o sentido fica completo.

Resposta: verbo intransitivo.

20. Ninguém **reparou** nos maus modos daquela menina.

21. O pedreiro **reparou** o muro parcialmente destruído.

Comentários: Esses períodos são exemplos de verbos que, dependendo do sentido, mudam a predicação. Na frase 20, o *reparar* (= *dar atenção*, *dar importância*), pede preposição.

Já na 21, esse mesmo verbo equivale a *restaurar*, *fazer conserto*. Nesse caso, não pede preposição.

Respostas: 20. verbo transitivo indireto; 21. verbo transitivo direto.

Já que você consegue detectar a classificação de um verbo, o próximo passo é aprender os tipos de predicado.

12.1.4. Tipos de predicado

Predicado: é o que se declara acerca do sujeito. Divide-se em **verbal**, **nominal** e **verbo--nominal**.

Verbal: não tem predicativo. O verbo **não** indica estado.

Ex.: O funcionário chegou.

Nominal: tem **predicativo**. O verbo indica **estado**.

Ex.: O funcionário estava contente.

Verbo-nominal: o verbo **não** indica estado. Tem **predicativo** (do sujeito ou do objeto).

Ex.: O funcionário chegou contente.

Vamos treinar?

Separar o sujeito e classificar o predicado.

1. Os jovens cantavam uma bela canção.

Sujeito: Os jovens

Predicado: cantavam uma bela canção

Comentários: O predicado não possui predicativo. Quando isso ocorre o predicado só pode ser verbal.

Resposta: predicado verbal.

2. Os jovens pareciam felizes.

Sujeito: Os jovens

Predicado: pareciam felizes

Comentários: Agora, temos no predicado a presença de um verbo de ligação (indica estado) e de predicativo (*felizes*).

Resposta: predicado nominal.

3. Os jovens cantavam uma bela canção felizes.

Sujeito: Os jovens

Predicado: cantavam uma bela canção felizes

Comentários: Nesse período, há um verbo que não indica estado (*cantavam*) e predicativo (*felizes*). Se o verbo *não* indica estado, o predicado é *verbal*; se há predicativo, o predicado é *nominal*. Como nessa construção há as duas ocorrências, o predicado é verbo-nominal.

Resposta: predicado verbo-nominal.

4. Achei-o competente.

Sujeito: (*Eu*)

Predicado: Achei-o competente

Comentários: Observe que o adjetivo *competente* se refere ao objeto direto (*o*), qualificando-o. Esse

adjetivo, sintaticamente, funciona como *predicativo do objeto*. Aparecendo predicativo do objeto no predicado, só pode ser classificado como verbo-nominal.

Resposta: predicado verbo-nominal.

5. O desenvolvimento depende da produtividade.

Sujeito: O desenvolvimento

Predicado: depende da produtividade

Comentários: O verbo *depende não* indica estado e *não há predicativo* na frase.

Resposta: predicado verbal.

6. O desenvolvimento é um processo complexo.

Sujeito: O desenvolvimento

Predicado: é um processo complexo

Comentários: Agora temos um verbo de *ligação* (*é* – indicando estado) e predicativo do sujeito.

Resposta: predicado nominal.

12.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

Dê a predicação dos verbos sublinhados seguindo este código:

(1) verbo intransitivo (4) verbo transitivo direto e indireto

(2) verbo transitivo direto (5) verbo auxiliar (usado na locução verbal)

(3) verbo transitivo indireto (6) verbo de ligação:

(6a) estado permanente

(6b) estado passageiro

(6c) mudança de estado

(6d) continuidade de estado

(6e) aparência

1. ( ) Ela <u>ligou</u> o ferro silenciosa.
2. ( ) Impecável, <u>transitava</u> o marido pelo tempo.
3. ( ) Paulo <u>está</u> adoentado.
4. ( ) Paulo <u>está</u> no hospital.
5. ( ) As discussões <u>continuaram</u> pela noite.
6. ( ) <u>Permaneciam</u> abertas as listas de adesão às emendas.

7. ( ) Um congressista compareceu à sessão preocupado.

8. ( ) Deve chover bastante.

9. ( ) Eu sou sempre a estrela matutina.

10. ( ) Surgiu, pela esquina, assobiando.

11. ( ) Os operários perfuravam a rocha com suas brocas e picaretas.

12. ( ) Existe em Nova Lima uma importante mina de ouro.

13. ( ) Contou-me um amigo uma história exemplar.

14. ( ) Uma das janelas vivia aberta.

15. ( ) Estava, naquele dia, em Friburgo.

16. ( ) Ela parece triste.

17. ( ) Distribuímos as cartas na mesa.

18. ( ) Chegamos alegres.

19. ( ) José caiu doente.

20. ( ) "Aquela estrela no peito é uma predestinação, símbolo ao mesmo tempo de fulgor e solidão."

Gabarito: 1. (2) ferro: objeto direto / silenciosa: predicativo do sujeito; 2. (1) impecável: predicativo do sujeito / pelo tempo: adjunto adverbial; 3. (6b) adoentado: predicativo do sujeito; 4. (1) no hospital: adjunto adverbial; 5. (1) pela noite: adjunto adverbial; 6. (6d) abertas: predicativo do sujeito; 7. (1) à sessão: adjunto adverbial / preocupado: predicativo do sujeito; 8. (5); 9. (6a) estrela: predicativo do sujeito; 10. (5); 11. (2) rocha: objeto direto / com suas brocas e picaretas: adjunto adverbial (instrumento); 12. (1) em Nova Lima: adjunto adverbial; 13. (4) história: objeto direto / me: objeto indireto; 14. (6a) aberta: predicativo do sujeito; 15. (1) naquele dia: adjunto adverbial / em Friburgo: adjunto adverbial; 16. (6e) triste: predicativo do sujeito; 17. (2) as cartas: objeto direto / na mesa: adjunto adverbial; 18. (1) alegres: predicativo do sujeito; 19. (6c) doente: predicativo do sujeito; 20. (6a) predestinação/símbolo: predicativo do sujeito.

12.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

A seguir, observe como são trabalhadas as questões de predicação verbal nas provas de concursos públicos.

1. (MPU – FCC) *... elas também causam impactos significativos na agricultura e na saúde humana.*

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o do grifado acima está na frase:

a) ... grandes pinheiros brotam por toda parte.

b) ... mas que chegaram ao Brasil...

c) ... e aqui encontraram espaço...

d) ...o búfalo e o pinus são apenas espécies exóticas.

e) ... e competindo com elas por alimento.

Comentários:

O verbo da frase do enunciado é transitivo direto, vem seguido de seu objeto direto *impactos significativos*. Observe que a expressão *na agricultura e na saúde humana* não pode ser considerada objeto do verbo, é seu adjunto adverbial de lugar (responde à pergunta *onde?*).

Na letra A, tem-se um verbo intransitivo, seguido de um adjunto adverbial de lugar (*por toda parte*). Na letra B, o mesmo acontece: o verbo *chegar* é intransitivo, porque não vem seguido de complemento, e sim de circunstância lugar (*ao Brasil*), que, na sintaxe, é chamada de adjunto adverbial de lugar. É na letra C que encontramos um outro verbo transitivo direto, seguido de seu objeto direto *espaço.* Na letra D, temos um verbo de ligação, que liga o sujeito *o búfalo e o pinus* ao seu predicativo *espécies exóticas*. Por fim, a letra E, que traz um verbo transitivo indireto, com seu objeto indireto *com elas* e seu adjunto adverbial de causa *por alimento.*

Resposta: C.

2. (Cesgranrio) O verbo virar foi usado da mesma maneira que em "... o trabalho vira dinheiro." Em:

a) O pintor tropeça e vira a lata de tinta.

b) O mar, que estava de ressaca, virou o barco.

c) O petróleo, depois de devidamente processado, vira gasolina.

d) O mecânico, quando faz uma boa revisão, vira o carro do avesso.

e) Os policiais viraram todo o carro à procura de novas pistas.

Comentários:

A transitividade de um verbo é algo relativo, depende da frase. O verbo da frase do enunciado indica mudança de estado: o trabalho *se transforma* em dinheiro; é, portanto, verbo de ligação. Nas letras A, B, D e E, o verbo *virar* indica ação, movimento, sendo, nas quatro frases, transitivo direto. Apenas na letra C, o verbo *virar* vem indicar, mais uma vez, mudança de estado, sendo, portanto, classificado como verbo de ligação, com seu predicativo *gasolina*.

Resposta: C.

13 TERMOS DA ORAÇÃO

13.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Primeiramente, vamos conhecer os termos **integrantes** da oração. E, logo depois, os acessórios.

13.1.1. Termos integrantes

a) Objeto direto: complemento que integra a significação do verbo **sem o auxílio de preposição obrigatória.**

Ex.: A crise financeira estimulou a crença no intervencionismo do Estado. (estimulou-a)

b) Objeto indireto: complemento que integra a significação do verbo, ligando-se a este por meio de **preposição obrigatória**.

Ex.: As alunas responderam ao professor. (responderam-lhe)

c) Complemento nominal: complemento **preposicionado** de um substantivo, de um adjetivo ou de um advérbio.

Obs.: Quando esse termo preposicionado completa o substantivo, tem valor passivo. Se o termo preposicionado completar adjetivo ou advérbio, só pode ser complemento nominal.

Ex.: Venda de armas.

(subst. abstr.) (ideia passiva – as armas foram vendidas)

Estou certo da vitória.

(adj.)

Favoravelmente aos empresários.

(adv.)

d) Agente da passiva: termo preposicionado que **exerce a ação verbal** na voz passiva.

Ex.: Ele foi reconhecido pela mulher.

Só fixando, mesmo, para ver o assunto ficou claro: vamos misturar todos os termos integrantes...

Importante!
Lembre sempre que objeto (direto – sem preposição – ou indireto – com preposição) é complemento de verbo; complemento nominal é complemento preposicionado de nome substantivo, adjetivo ou advérbio; o agente da passiva é o termo preposicionado que pratica a ação verbal na voz passiva.

Classifique os termos sublinhados usando (1) para objeto direto; (2) objeto indireto; (3)

complemento nominal; e (4) agente da passiva.

1. ( ) Precisávamos de tua ajuda.

Comentários: A expressão *preposicionada* completa o sentido do *verbo* transitivo indireto.

Resposta: 2.

2. ( ) Tinha certeza de sua chegada.

Comentários: O vocábulo certeza é substantivo (nome) seguido de expressão preposicionada.

Resposta: 3.

3. ( ) Estava certo de sua chegada.

Comentários: A expressão destacada completa um adjetivo (nome) com preposição.

Resposta: 3.

4. ( ) Comemoramos a sua promoção.

Comentários: Agora, o *complemento do verbo* vem sem preposição.

Resposta: 1.

5. ( ) Sua promoção foi comemorada pelos familiares.

Comentários: Observe que nesse período o sujeito recebe a ação verbal ("A promoção *foi comemorada*"), é um sujeito paciente. A expressão sublinhada é o termo que age na voz passiva.

Resposta: 4.

6. ( ) Necessito de um favor seu.

Comentários: Mais uma frase em que a preposição aparece por exigência de um verbo.

Resposta: 2.

7. ( ) Tinha necessidade de sua presença.

Comentários:

Confronte essa frase com a anterior. Aqui, o termo preposicionado completa um *nome substantivo* (necessidade), e não um verbo.

Resposta: 3.

8. ( ) Demoliram aquele prédio antigo.

Comentários: O verbo *demolir* não pede preposição, é transitivo direto. Logo, no complemento, não

aparece preposição.

Resposta: 1.

Por fim, os termos **acessórios**, aqueles que a gramática classifica como dispensáveis na frase:

13.1.2. Termos acessórios

a) Adjunto adnominal: "termo que limita, individua a significação de um substantivo."

Ex.: Dois alunos; O / Um aluno; Aluno inteligente / de inteligência.

(num.) (art.) (adj.) (loc.adj.)

Meu aluno; Invasão dos mosquitos.

(pron.) (loc.adj.)

b) Adjunto adverbial: vocábulo ou expressão que denota alguma circunstância (tempo, lugar, modo...) do fato expresso pelo verbo. Pode ainda modificar o adjetivo ou o próprio advérbio.

Ex.: Falavam muito; Homem muito bom; Saíram muito cedo.

(verbo) (adj.) (adv.)

Falava sobre música; Correu de medo; Estava em casa.

(verbo) (verbo) (verbo)

c) Aposto: "termo de natureza substantiva ou pronominal que se acrescenta a outro substantivo ou pronome." Os tipos de aposto são:

1. explicativo: Machado de Assis, um dos maiores nomes da nossa literatura, escreveu livros inesquecíveis.

2. enumerativo: Naquele instante, recorri a dois amigos: Gilson e Itamar.

3. distributivo: Érico Veríssimo e José de Alencar foram grandes escritores brasileiros, este do Romantismo e aquele do Modernismo.

4. resumitivo: Empresários, trabalhadores, ninguém confia em nossos governantes.

5. especificativo: A cidade de Paris é encantadora.

6. ∗em referência a uma oração: Ele agora trabalhava com dedicação, o que é elogiável.

∗Obs.: Esse tipo de aposto é representado, normalmente, pelo pronome demonstrativo o ou pelos substantivos coisa, razão, motivo etc.

d) Vocativo: termo que se usa para chamar por alguém ou coisa personificada.

Ex.: José, venha cá.

e) Predicativo: qualidade atribuída ao sujeito ou ao objeto.

Ex.: Todos voltaram satisfeitos.

(suj.) (predicativo do sujeito)

Considero-o apto.

(o.d.) (predicativo do objeto)

Vejamos alguns exercícios de fixação.

Classifique os termos sublinhados usando (1) para adjunto adnominal; (2) adjunto adverbial; (3) aposto; (4) vocativo; (5) predicativo do sujeito; e (6) predicativo do objeto.

1. ( ) Bom dia, meu caro senhor!

Comentários: Quando chamamos por alguém, ou coisa personificada, tem-se o vocativo.

Resposta: 4.

2. ( ) Chegou ao escritório às nove horas.

Comentários: Nesse período, os termos preposicionados se referem ao *verbo* indicando, respectivamente, *circunstâncias* de lugar e tempo.

Resposta: 2.

3. ( ) Fernanda, a representante da turma, saiu neste instante.

Comentários: Quando um substantivo (*representante*) ou pronome se refere a outro substantivo (*Fernanda*), temos o aposto. Como a finalidade é explicar, esclarecer o termo anterior, o aposto é chamado de explicativo.

Resposta: 3.

4. ( ) Cinema, rádio, televisão, nada o distraía.

Comentários: Agora, o pronome *nada* se refere aos substantivos com a intenção de resumir a informação prestada por esses termos. O aposto é resumitivo.

Resposta: 3.

5. ( ) ( ) Ao longe, uma nuvem surgiu carregada.

Comentários: A expressão *Ao longe* remete ao *lugar* onde *surgia* a nuvem. Na segunda ocorrência, o adjetivo *carregada* se refere ao sujeito *nuvem*.

Respostas: 2 e 5.

6. ( ) Chamou o amigo de ingrato.

Comentários: Temos em *de ingrato* uma característica atribuída ao objeto direto *amigo*.

Resposta: 6.

7. ( ) ( ) ( ) As minhas sugestões eram simples.

Comentários: Repare que o substantivo *sugestão* vem delimitado pelo artigo (*As*) e pelo pronome (*minhas*). Essas palavras vêm *junto* ao nome substantivo. Já o adjetivo *simples* se refere ao substantivo *sugestões*, que funciona como sujeito, e vem *separado* por um verbo, e não junto.

Respostas: 1, 1 e 5.

8. ( ) ( ) Coração sem amor é um campo minado.

Comentários: A locução *sem amor*, preposicionada, vem junto ao substantivo *coração*, assim como o adjetivo *minado* vem *junto* ao substantivo *campo*.

Respostas: 1 e 1.

9. ( ) ( ) As suas mãos tremiam de medo.

Comentários: O pronome *suas*, ao lado do substantivo, delimita as *mãos*, já a expressão *de medo* se refere ao *verbo* indicando circunstância de causa.

Respostas: 1 e 2.

10. ( ) ( ) O velho ranzinza arquejava cansado.

Comentários: O adjetivo *ranzinza* vem *junto* ao substantivo *velho* e o adjetivo *cansado*, separado pelo verbo, se refere ao sujeito.

Respostas: 1 e 5.

Resumindo: Cuidado com os termos **preposicionados**!

objeto indireto x adjunto adverbial
Objeto indireto
Completa o sentido de um verbo transitivo indireto (com preposição obrigatória). Não há ideia circunstancial.
Ex.: Lembrou-se do ocorrido.
Adjunto adverbial
Refere-se ao verbo acrescentando a ele uma ideia circunstancial (tempo, lugar, modo, causa, intensidade...).
Ex.: Chegamos ao anoitecer (ideia de tempo).

complemento nominal x adjunto
Complemento nominal
Sempre preposicionado.
Completa um substantivo, um adjetivo ou um advérbio. Quando completa um substantivo, a expressão preposicionada tem valor passivo.
Ex.: Reforma da praça.

(subst.) (ideia passiva = a praça foi reformada)
Adjunto adnominal
Aparecendo preposição, a ideia é ativa.
Ex.: Construção do arquiteto.
(subst.) (ideia ativa = o arquiteto construiu)
Obs.: essa dúvida é mais frequente quando o termo preposicionado completa substantivo abstrato (indica ação, sentimento, qualidade – protesto, viagem, amor, tristeza, reforma, construção...)

adjunto adnominal x predicativo do objeto
Adjunto adnominal
Termo acessório, pode ser retirado da frase sem prejuízo do seu sentido.
Ex.: Fizeram perguntas tolas.
Predicativo do objeto
Aparece por extensão semântica do verbo. Sua retirada prejudica o perfeito entendimento da frase.
Ex.: Julguei as suas perguntas tolas.

Mais questões para exercitar.

Use os seguintes códigos para classificar as frases.

(1) objeto indireto

(2) adjunto adverbial

(3) adjunto adnominal

(4) predicativo do sujeito

(5) predicativo do objeto

(6) aposto

(7) complemento nominal

(8) agente da passiva

1. ( ) Os profissionais competentes enfrentaram muitas dificuldades.

Comentários: Adjetivo que vem *junto* ao substantivo é adjunto adnominal.

Resposta: 3.

2. ( ) Os profissionais eram muito competentes.

Comentários: Agora, o mesmo adjetivo vem separado por um verbo e se refere ao sujeito.

Resposta: 4.

3. ( ) Consideramos aqueles profissionais competentes.

Comentários: Repare que, embora o adjetivo venha junto ao substantivo, que funciona como objeto direto, a retirada desse vocábulo prejudica o entendimento da frase (consideramos aqueles profissionais...?). Qual é a consideração sobre eles? Logo, não pode ser classificado como adjunto

adnominal.

Resposta: 5.

4. ( ) O rapaz foi preso pelo detetive.

Comentários: O termo sublinhado *exerce a ação verbal* na voz passiva (o detetive age, prende o ladrão).

Resposta: 8.

5. ( ) Tinha grande amor à humanidade.

Comentários: A expressão sublinhada completa o sentido de um nome substantivo com preposição. Há ideia passiva (a humanidade *recebe* a ação do *amor*, a humanidade não ama, não é ativa).

Resposta: 7.

6. ( ) O coração não resistiu à emoção.

Comentários: O verbo *resistir* pede preposição obrigatória (*à emoção* completa o sentido de um verbo transitivo indireto).

Resposta: 1.

7. ( ) Existe, nesta cidade, um clima de paz.

Comentários: A expressão sublinhada indica o *lugar* onde *existe* um clima de paz.

Resposta: 2.

8. ( ) Rui, o orador, logo se pronunciou.

Comentários: Um substantivo (*orador*) que determina, explica outro substantivo (Rui).

Resposta: 6.

9. ( ) Beber demais é prejudicial à saúde.

Comentários: Nesse período, *à saúde* completa o sentido do *nome adjetivo* (*prejudicial*) com preposição.

Resposta: 7.

10. ( ) A felicidade dos candidatos contagiava o ambiente.

Comentários: A expressão destacada se refere ao substantivo, vem junto. Repare que em construções como essa é comum confundir adjunto adnominal com complemento nominal. Nesse caso, verifique a ideia do *termo preposicionado*: se for ativa, será adjunto adnominal; se for passiva, complemento

nominal.

Em "A felicidade dos candidatos", eles estavam felizes, ideia ativa, portanto.

Resposta: 3.

11. ( ) Tinha necessidade de afeto.

Comentários: Mais um termo preposicionado em relação ao nome, só que com ideia passiva (*o afeto* recebe a ação do nome, é uma necessidade voltada *ao afeto*, e não *o afeto* necessita de algo).

Resposta: 7.

12. ( ) ( ) Os candidatos chegaram apressados ao local da prova.

Comentários: O adjetivo *apressados*, separado por um verbo, se refere ao *sujeito*; *ao local da prova* indica *o lugar* a que chegaram.

Respostas: 4 e 2.

13.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Classifique os termos acessórios sublinhados usando o seguinte código:

(1) adjunto adnominal (3) aposto

(2) adjunto adverbial (4) vocativo

1. ( ) Na ausência do marido, a mulher responderá pela dívida.
2. ( ) Para quem mora na cidade existem dois espaços bem diferenciados: o morro e a rua.
3. ( ) Evento realizado nesta semana em São Paulo.
4. ( ) A cidade de Florianópolis é encantadora.
5. ( ) Os cidadãos de Florianópolis estão mais confiantes no governo.
6. ( ) Eram habitantes daquele lugar onde se matam pobres.
7. ( ) A pobre Antônia tem, nos olhos grandes, uma tristeza milenar.
8. ( ) "Brasil, mostra a tua cara."
9. ( ) Os meninos correram de medo.
10. ( ) Era esposa descuidada.
11. ( ) Um dia notou a mulher um leve afrouxar-se das pálpebras.
12. ( ) Realizaram ações de vulto.
13. ( ) ( ) ( ) "Uma língua é uma coisa bela, mutável e misteriosa como um arco-íris."

14. ( ) Se a reforma é tão pequena, para que fazê-la?

15. ( ) Ele agora trabalhava com dedicação, o que é elogiável.

II. Distinga o adjunto adnominal (1) do complemento nominal (2).

Obs.: Aqui, trataremos apenas dos termos preposicionados.

1. ( ) Era um homem de juízo.

2. ( ) Tinha horror à pasteurização.

3. ( ) Ninguém fica indiferente à publicidade.

4. ( ) O código de trânsito vai ser incluído no currículo escolar.

5. ( ) A imaginação das agências é inesgotável.

6. ( ) Estamos no país da "solucionática".

7. ( ) Gastava rios de dinheiro com regozijo.

8. ( ) Este ano haverá treinamento de professores.

9. ( ) As palmas do público ecoavam por todo o teatro.

10. ( ) Tinham certeza da vitória.

III. Use (1) adjunto adverbial; (2) objeto indireto; (3) objeto direto; (4) objeto direto preposicionado; (5) adjunto adnominal; e (6) predicativo do objeto para classificar os termos sublinhados.

1. ( ) Tratou do assunto com calma.

2. ( ) Aludiu às conquistas do avô.

3. ( ) Agora esperava por uma oferta.

4. ( ) Vi ontem um filme.

5. ( ) Transmitiu aos rapazes segurança.

6. ( ) Apesar das dificuldades, venceremos.

7. ( ) Chamam-no de artista.

8. ( ) Não consideraram os votos em branco.

9. ( ) Agora o tinham por ídolo.

10. ( ) ( ) Aquele amor impossível deixava-o impaciente.

11. ( ) Duvidei de suas palavras.

12. ( ) Amou aos pais com grandeza de alma.

13. ( ) Enfrentava as dificuldades sem reclamar.

14. ( ) Ele entrou pela porta da frente.

15. ( ) Ele entrou pela porta da frente.

IV. Use: (1) predicativo do sujeito; (2) agente da passiva; (3) aposto; (4) adjunto adverbial; (5) complemento nominal; e (6) adjunto adnominal para classificar os termos em destaque nas seguintes frases.

1. ( ) Recuperadas, as antigas fazendas de café do Rio de Janeiro abrem as portas a visitantes.
2. ( ) "Naquele casal aliava-se tudo que é nobre: o amor e a confiança. É este o segredo dos casamentos felizes."
3. ( ) A felicidade do filho era contagiante.
4. ( ) "Por maior que seja a tranquilidade de um homem quando resolve abandonar a vida, é-lhe sempre agradável achar um pretexto para prolongá-la um pouco mais."
5. ( ) A cidade do Rio de Janeiro continua linda.
6. ( ) O povo do Rio de Janeiro demonstra o seu inconformismo diante da violência.
7. ( ) "Um dia se descobriu num gesto longo e demorado olhando a esquife longamente."
8. ( ) As salas de aula estão cheias de crianças e jovens.
9. ( ) As ruas foram lavadas pela chuva.
10. ( ) ( ) "Se é para o bem de todos e felicidade geral da nação, diga ao povo que fico!" (D. Pedro I)
11. ( ) Fumar é prejudicial à saúde.
12. ( ) Vivia cercado de amigos sinceros.
13. ( ) ( ) Os meios de comunicação e as novas tecnologias mudaram a vida das pessoas.
14. ( ) O amor ao próximo era a sua maior virtude.
15. ( ) Pegou um pano úmido e, silenciosa, ligou o ferro.
16. ( ) Qualquer forma de violência deve ser desprezada.
17. ( ) A difusão da violência é iminente.
18. ( ) Percebe-se com frequência a sabotagem do idioma.
19. ( ) O significado das palavras, em geral, se dá no contexto.
20. ( ) As crianças saíram do cinema apressadas.
21. ( ) Montes, rios, ervas, árvores, terra – tudo é manifestação da vida de Deus.

Gabarito: I – 1. (1); 2. (3); 3. (2); 4. (3); 5. (1); 6. (1); 7. (2); 8. (4); 9. (2); 10. (1); 11. (2); 12.

(1); 13. (1)(1)(1); 14. (2); 15. (3). **II** – 1. (1); 2. (2); 3. (2); 4. (1); 5. (1); 6. (1); 7. (1); 8. (2); 9. (1); 10. (2). **III** – 1. (1); 2. (2); 3. (4); 4. (3); 5. (2); 6. (1); 7. (6); 8. (5); 9. (6); 10. (5)(6); 11. (2); 12. (4); 13. (3); 14. (5); 15. (1). **IV** – 1. (1); 2. (3); 3. (6); 4. (5); 5. (3); 6. (6); 7. (4); 8. (5); 9. (2); 10. (6)(6); 11. (5); 12. (2); 13. (6)(6); 14. (5); 15. (1); 16. (6); 17. (5); 18. (5); 19. (6); 20. (1); 21. (3).

13.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Algumas questões de concursos para você treinar:

1. (FCC) A alternativa em que o elemento sublinhado indica o agente e não o paciente do termo anterior é:

a) "A utilização de qualquer um deles."

b) "A queima do petróleo."

c) "Inundação de vastas áreas."

d) "A fauna aquática dos rios."

e) "Construção de barragem."

Comentários:

Ora, ao se pedir o elemento agente e não paciente, excluem-se as hipóteses de ser o termo um objeto indireto ou um complemento nominal: tanto um quanto outro, por serem complementos, o primeiro de verbo e o segundo de nome, possuem valor passivo.

Na letra A, temos um substantivo abstrato *utilização*, seguido de uma expressão preposicionada com valor passivo (*de qualquer um deles*). Basta reescrever a frase e você verá tal valor passivo: *qualquer um deles é utilizado*. É, portanto, complemento nominal. Nas letras B, C e E, a história se repete: temos substantivos abstratos (*queima, inundação* e *construção*), seguidos de seus complementos, todos com valor passivo. Como dissemos anteriormente, procure reescrever as frases e você verá o valor passivo: *o petróleo é queimado* (letra B); *vastas áreas são inundadas* (letra C) e *a barragem é construída* (letra E). Todas as três alternativas sendo, portanto, complementos nominais.

Somente na letra D encontramos uma expressão preposicionada que se refere a um substantivo concreto (*fauna*). Veja também a ideia de posse que essa expressão traz: *os rios possuem a fauna aquática*. O adjunto adnominal, que as gramáticas mencionam ter um valor ativo, pode também trazer, quando junto ao substantivo concreto, um valor de posse. E isso pode ajudar você a identificá-lo mais facilmente na frase.

Resposta: D.

2. (TJ – NCE) O item a seguir em que o termo destacado representa um agente e não um paciente do termo anterior é:

a) código de trânsito.

b) educação para o trânsito.

c) formação do magistério.

d) treinamento de professores.

e) atender a mais esta nova exigência.

Comentários:

Mais uma vez: em todas as alternativas haverá elementos sintáticos com valor passivo (objetos indiretos ou complementos nominais), só em uma frase isso não ocorrerá.

Na letra A, o termo preposicionado não traz ideia passiva. A expressão **de trânsito** especifica o substantivo, ideia ativa.

Na letra B, tem-se um substantivo abstrato (*educação*), seguido de uma expressão com valor passivo (o trânsito não forma, ele é *alvo* da "formação", *recebe* essa "formação"). Na letra C, mais um substantivo abstrato seguido de uma expressão com valor passivo. Reescreva a frase e verá: *o magistério é formado*. O mesmo ocorre na letra D: substantivo abstrato (*treinamento*), seguido de expressão com valor passivo (*professores são treinados*). Letras B, C e D, portanto, com a mesma função sintática: todos os termos são complementos nominais.

A letra E traz um complemento, como as letras B, C e D trouxeram, mas, desta vez, *complemento de um verbo*: trata-se de um verbo transitivo indireto (*atender*), seguido de um objeto indireto (*a mais esta nova exigência*). Ora, como comentamos anteriormente, tanto o objeto indireto como o complemento nominal, por serem complementos, possuem valor passivo.

Resposta: A.

3. (FCC) A função sintática da palavra sublinhada em: "Parecia muito preso à vida de rei" é a mesma de:

a) Duvido de sua capacidade profissional.

b) Apenas nos víamos em festas rurais.

c) Ficaria encantado com a novidade.

d) Achava-se apto para o trabalho.

Comentários:

Complemento nominal completa adjetivo, advérbio e substantivo abstrato. Na frase do enunciado, temos uma expressão que completa um adjetivo (*preso*): só pode ser, então, complemento nominal.

Na letra A, a expressão grifada completa um verbo transitivo indireto (*duvidar*). Trata-se de objeto indireto.

Na letra B, o pronome oblíquo completa um verbo transitivo direto (*ver*): é, portanto, objeto direto.

Na letra C, o verbo é de ligação, indica *estado*: a expressão grifada é predicativo do sujeito.

Apenas na letra D, tem-se uma expressão que completa o adjetivo *apto*: trata-se, portanto, de um complemento nominal, tal qual o da frase do enunciado.

Resposta: D.

13.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (NCE) O verbo virar foi usado da mesma maneira que em "...vira dinheiro" em:

a) O pintor tropeça e vira a lata de tinta.
b) O mar, que estava de ressaca, virou o barco
c) O petróleo, depois de devidamente processado, vira gasolina.
d) O mecânico, quando faz uma boa revisão, vira o carro do avesso.
e) Os policiais viraram todo o carro à procura de novas pistas.

2. (MPU) *... elas também causam impactos significativos na agricultura e na saúde humana.*

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o do grifado acima está na frase:

a) ... grandes pinheiros brotam por toda parte.
b) ... mas que chegaram ao Brasil...
c) ... e aqui encontraram espaço...
d) ... o búfalo e o pinus são apenas espécies exóticas.
e) ... e competindo com elas por alimento.

3. (NCE) *Afinal, o verdadeiro tradutor precisa de formação teórico-prática sólida...*

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o do grifado acima está na frase:

a) O tradutor é um dos principais responsáveis pelo intercâmbio cultural entre as nações.
b) ... pois espelha textos numa língua diferente...
c) ... para tomar a melhor decisão diante de uma expressão nova...
d) O reconhecimento de seu trabalho levaria a cursos superiores...
e) ... para contabilizar sua importância...

4. (NCE) "A esse crime ela não tinha o direito de dar o seu perdão"; a forma de ordem direta desta mesma frase é:

a) Ela não tinha o direito de dar o seu perdão a esse crime.
b) O direito de dar o seu perdão a esse crime ela não tinha.

c) Ela não tinha o direito de dar, a esse crime, o seu perdão.
d) A esse crime, o seu perdão ela não tinha o direito de dar.
e) A esse crime não tinha ela o direito de dar o seu perdão.

5. (NCE) O termo sublinhado que corresponde a um complemento nominal e não a um adjunto adnominal é:

a) "necessidades do país".
b) "atividades de exploração".
c) "empresas do setor".
d) "parcerias com outras grandes empresas".
e) "nos outros três continentes em que atua".

6. O termo sublinhado que funciona como adjunto adnominal, entre as frases abaixo é:

a) "... trazer o cigarro para mais perto do adolescente, mas...".
b) "Penso que o cigarro é atraente para o adolescente...".
c) "... como sugerem as propagandas de cigarro...".
d) "... e abre um canal de comunicação numa linguagem comum...".
e) "... é uma fase carregada de situações estressantes".

7. "Tráfico de drogas"; nesse segmento, o termo sublinhado representa um paciente do termo anterior, o que também ocorre em:

a) jovens de 15 a 24 anos.
b) Estatuto do Desarmamento.
c) fase de regulamentação.
d) endurecimento da legislação.
e) número de homicídios.

8. (NCE/UFRJ) A discussão **sobre os limites do domínio público e do domínio privado**... Em qual das frases a seguir o termo destacado exerce a mesma função sintática do termo **sobre os limites do domínio público e do privado**?

a) ... ocupou um lugar quase inusitado nos debates da atualidade.
b) ... atribuir esse interesse à perspectiva...
c) ... a possibilidade de redefinição do papel do Estado,...
d) ... chamar de sociedade civil.
e) ... para tornar esse debate tão atual.

9. (NCE/UFRJ) O termo sublinhado que tem função diferente da dos demais é:

a) objetos do seu cotidiano.
b) modelo do carro.
c) objetos do seu quarto.
d) estampa do seu lençol.
e) transformação do gosto.

10. (BNDES/NCE) Os adjetivos mostram qualidades, características ou especificações dos substantivos; a alternativa abaixo em que o termo em negrito NÃO funciona como adjetivo é:

a) difícil aprendizado.

b) sensação de dificuldade.
c) trabalho que é difícil.
d) tarefa dificílima.
e) acesso difícil.

11. O termo que funciona como um complemento do termo anterior:

a) "Soube de tudo isso...".
b) "Amanhece na ilha de Heron".
c) "Sobre a imensa faixa de areia...".
d) "... os tufos de algas...".
e) "Alguns grãos de areia...".

12. (Cadep) Atente para estas duas frases:

O arqueiro precisa antes escolher o alvo.
O arqueiro determina antes a escolha do alvo.
É correto afirmar, em relação a essas frases, que:
a) a palavra alvo tem idêntica função sintática em ambas.
b) em uma delas ocorre o emprego da voz passiva.
c) o alvo e a escolha do alvo são complementos verbais.
d) ambas são períodos compostos.
e) a palavra antes não exerce em ambas a mesma função sintática.

13. (TCE/AL) É a liberdade que dá à vida uma direção.

O termo sublinhado na frase acima exerce a mesma função sintática do termo sublinhado em:
a) Sem passado e sem história, poderíamos ser livres?
b) Liberdade seria, a meu ver, um sinônimo de decisão.
c) Somos livres a cada vez que, agindo, recomeçamos.
d) Liberdade seria, pois, começar o improvável.
e) A liberdade nos liberta, o passado é argila que nos molda.

14. (TRT – 18ª Região) Os outros privilégios da vida a que as pessoas aspiram só existem em função de uma única forma de utilização (...)

No período acima, são exemplos de uma mesma função sintática:
a) vida e pessoas.
b) privilégios e utilização.
c) privilégios e pessoas.
d) existem e utilização.
e) a que e única.

15. (Caipemes/Tecnólogo Construção Civil) "Acho-**a muito chata**." Os termos destacados são, respectivamente:

a) objeto indireto e objeto direto.
b) objeto direto e predicativo do objeto.
c) objeto direto e objeto indireto.
d) objeto direto e objeto direto.

16. O termo da oração em destaque está identificado de acordo com a sintaxe em:

a) “Cantavam tristes” - adjunto adverbial de modo.
b) “De manhã, chegavam ao mercado do peixe...” – adjunto adverbial de lugar.
c) “Viam-se cercados pelos fregueses” – objeto indireto.
d) “Vínham cozinheiras, homens de importância da terra” – núcleos do sujeito composto.
e) “Pareciam quietos, de noite bem dormida” – objeto direto.

17. A função sintática (entre parênteses) corresponde à palavra ou expressão destacada, EXCETO em:

a) “morava na Rua da União, Bairro da Boa Vista”. (aposto)
b) “a casa de meu avô era a última”. (predicativo)
c) “na funda ribanceira, corria o rio”. (sujeito)
d) “marcando com toquinhos de pau o progresso das águas...”. (objeto direto)
e) “que entrava a esmagar o milho verde cozido”. (adjunto adverbial de modo)

18. “Em silêncio, o povo do Rio de Janeiro demonstra o seu inconformismo diante da violência.

Que termo sintático destacado a seguir apresenta classificação inadequada?
a) O povo do Rio de Janeiro – sujeito.
b) O seu inconformismo – objeto direto.
c) Do Rio de Janeiro – adjunto adverbial.
d) Em silêncio – adjunto adverbial de modo.
e) Seu – adjunto adnominal.

19. (Anal. Judic./TRF) O pronome “LHES” tem com o verbo a que se prende na frase “tampouco deve, como os políticos, se amoldar aos desejos de seus eleitores para ganhar-**lhes** os votos” as mesmas relações sintáticas e de sentido que se encontra no exemplo da opção:

a) Se seus irmãos quiserem, posso emprestar-<u>lhes</u> meu carro durante o fim de semana.
b) Os uniformes das crianças já estão desbotados, mas só <u>lhes</u> posso comprar outros no mês que vem.
c) Eles são nossos amigos; não podemos negar-<u>lhes</u> ajuda em um momento tão difícil.
d) Os Romanos crendo-se superiores aos povos germânicos, chamavam-<u>lhes</u> de “bárbaros”.
e) O policial ameaçava os detidos a fim de arrancar-<u>lhes</u> uma confissão.

20. (AOCP/Ministério da Agricultura) Assinale a opção em que o termo sublinhado NÃO está corretamente analisado:

a) “... quando <u>dois terços</u> da reforma agrária eram feitos na Amazônia...” (núcleo do sujeito composto)
b) “... esperava uma regulamentação <u>demorada</u>...” (adjunto adnominal)
c) “O processo que tinha era o <u>reconhecimento</u> de posse.” (predicativo do sujeito)
d) “... a implementação <u>da lei</u> exigia uma série de consultas às entidades...” (complemento nominal)
e) “Organizações ambientais que apóiam a lei <u>reclamam da lentidão</u> da sua aplicação.” (objeto indireto)

21. (TCE/AL) O elemento sublinhado tem o valor causal em:

a) Os propósitos nos devolvem <u>a autoria da vida</u>.
b) Liberdade seria, portanto, <u>sinônimo de decisão</u>.
c) Talvez seja isso que torna tão difícil <u>cumprir propósitos de Ano Novo</u>.
d) Sem história e sem passado, <u>quem seríamos</u>?

e) Somos livres quando, ao agir, recomeçamos.

22. (Comiss. Just. Inf. e Juv.) O segmento sublinhado a seguir que tem uma relação estrutural distinta das demais em relação ao termo anterior é:

a) A origem desta famosa frase latina...
b) ... em tempos de perseguições políticas...
c) ... levam à perda das liberdades individuais...
d) ... primeiras palavras de uma célebre lei inglesa.
e) O objetivo deste preceito...

23. (Perito - Pol. Civil) No segmento "Na doença é que descobrimos que não vivemos sozinhos...":

a) o sujeito de *descobrimos* é diferente do sujeito de *vivemos*.
b) a expressão *é que* atua como expressão de realce.
c) *Na doença* indica uma idéia circunstancial de lugar.
d) *que não vivemos sozinhos* é complemento do verbo *ser*.
e) *não* é advérbio de negação ligado a *sozinhos*.

24. "Mas hoje **ele** fez um negócio que **me** deixou **encucado**." Os termos sublinhados são, respectivamente:

a) sujeito / objeto direto / predicativo do objeto direto.
b) objeto direto / sujeito / predicativo do objeto direto.
c) adjunto adnominal / objeto indireto / predicativo do sujeito.
d) sujeito / objeto direto / adjunto adnominal.

25. Assinale a alternativa que apresente caso de aposto:

a) ... bairro Chico Mendes.
b) ... uma casa tem cerca, canteiros verdes...
c) ... uma varanda aberta, acolhedora...
d) ... olhos ávidos, curiosos.
e) ... troncos, sentados lado a lado em esteiras de palha de bananeira.

26. Assinale a alternativa em que o termo destacado não exerça a mesma função sintática que os demais:

a) A adolescente ... vai florescendo estabanada.
b) ... um nadador principiante.
c) ... tem algo de orquídea que brota exclusiva.
d) ... ela mesma saiu sozinha.
e) ... as sereias se banham e saem perfumadas.

27. Em "seus mecanismos de controle do exercício da profissão", *de controle*, *do exercício* e *da profissão* exercem, respectivamente, função sintática de:

a) adjunto adnominal – complemento nominal – adjunto adnominal.
b) adjunto adnominal – complemento nominal – complemento nominal.
c) complemento nominal – adjunto adnominal – complemento nominal.
d) complemento nominal – adjunto adnominal – adjunto adnominal.
e) adjunto adnominal – adjunto adnominal – adjunto adnominal.

Se é para o bem de todos e felicidade geral da Nação, diga ao povo que fico! (D. Pedro I)

28. (NCE/UFRJ) De todos e **da Nação** são termos que:

a) determinam o mesmo nome;
b) exercem funções sintáticas diferentes;
c) têm a função de complementos nominais;
d) funcionam como advérbios;
e) funcionam como adjuntos adnominais.

29. (TRT – 2ª Região – Técn. Judic.) Para observadores atentos, é uma forte ameaça *à democracia*...

O mesmo tipo de complemento grifado acima SÓ NÃO se repete na expressão também grifada em:

a) ... é o desmonte do conceito de segurança alimentar...
b) ... alimentos indispensáveis ao sustento da população...
c) ... que muitos países da África e da América Latina desenvolvessem sua agricultura...
d) ... na busca da garantia do abastecimento interno.
e) ... associado a políticas demográficas e ambientais.

Gabarito: 1. c; 2. c; 3. d; 4. a; 5. d; 6. c; 7. d; 8. c; 9. e; 10. b; 11. a; 12. c; 13. d; 14. c; 15. b; 16. d; 17. e; 18. c; 19. e; 20. a; 21. e; 22. c; 23. b; 24. a; 25. a; 26. b; 27. b; 28. e; 29. c.

13.5. RESUMO

Bem, agora que já vimos todos os termos da oração, faz-se necessário organizá-los... Vamos lá?

- Objetos direto e indireto são chamados de **complementos verbais.**
- A diferença entre objeto indireto e objeto direto preposicionado está na **regência do verbo**. No objeto direto preposicionado, a preposição não é solicitada pelo verbo.
- **Complemento nominal** é termo substantivo que pode completar outro substantivo, um adjetivo ou um advérbio.
- **Adjunto adnominal** sempre se liga a substantivo. Pode ser artigo, numeral, pronome, adjetivo ou locução adjetiva. É termo que especifica o substantivo e pode aparecer em qualquer lugar da frase.
- **Adjunto adverbial** normalmente se liga a verbo, mas pode também se conectar a um adjetivo ou a outro advérbio. Indica sempre circunstância e pode ser retirado da frase. Na morfologia, pode vir representado pelo advérbio ou pela locução adverbial.
- **Nem tudo** que vem com preposição e se liga a verbo é objeto indireto. Se indicar circunstância, será adjunto adverbial.
- **Agente da passiva** não é termo obrigatório na frase. Vem sempre na voz passiva analítica e antecedido de preposição.
- O predicativo do sujeito vem sempre no predicado. O adjunto adnominal vem junto ao substantivo,

em qualquer lugar da frase.

- Toda vez que um **adjetivo** se referir a um objeto, só será predicativo do objeto, **se o verbo pedir sua presença na frase**.
- **Aposto** é termo de **natureza substantiva**, nunca adjetiva. Toda vez que você estiver diante de um nome (de rua, de praça, de cidade...), será aposto, e não adjunto adnominal.
- **Vocativo é chamamento**. Não deve ser confundido com sujeito, que normalmente vem implícito na desinência do verbo no imperativo.
- Se o termo se refere a um substantivo concreto, é A.A. Se completa adjetivo ou advérbio, é C.N. Caso ele se refira a um substantivo abstrato, procure reescrever a frase e verificar se o valor da expressão é ativo (A.A.) ou passivo (C.N.).

14 VOZES VERBAIS

14.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Vamos, então, à próxima etapa: o estudo das vozes do verbo. É neste capítulo que você vai se preparar para as questões que hoje aparecem em grande quantidade nas provas, as que buscam reescritura de frases: a substituição de uma frase na voz ativa pela equivalente na passiva e vice-versa.

Voz verbal é aquela que indica a forma em que o verbo se encontra para mostrar a relação entre ele e o sujeito. Daí serem três os tipos de vozes verbais. Quando o sujeito age, pratica a ação verbal, tem-se a **voz ativa**. Veja um exemplo:

O professor recomendou a leitura deste livro.

Aqui, *o professor* exerce a ação de recomendar, ele é agente: a voz é ativa. No entanto, o sujeito pode receber a ação verbal, ser paciente do verbo. Nesse caso, tem-se a **voz passiva**. Veja:

A leitura deste livro foi recomendada pelo professor.

Agora, o sujeito *a leitura deste livro* não exerce a ação de recomendar, é seu alvo, elemento paciente. Veja que, comparando os dois exemplos, o segundo insere mais informações: enquanto o primeiro exemplo só continha um verbo (*recomendou*), o outro acrescentou mais um (*foi recomendada*). É uma forma de se reescrever a frase com mais palavras: é a **voz passiva analítica** ou **voz passiva com auxiliar**. Ela recebe este nome – analítica – porque acrescenta um verbo: diz o que se disse na voz ativa, só que com mais informações. Pense assim: toda vez que queremos *analisar* um problema, não aumentamos esse problema? A voz passiva analítica também aumenta, acrescentando um verbo... Por outro lado:

Vendeu-se o apartamento.

Nesse caso, o sujeito *o apartamento* também sofre a ação de ser vendido, é sujeito paciente, a voz é passiva. Só que, nesta frase, o que se tem é uma síntese de informações: diz-se que o apartamento foi vendido, sem se querer mencionar quem o vendeu. É a **voz passiva sintética**: nela, a tendência é a de não se mencionar o agente da passiva. Daí ela ser econômica, sintética. É uma forma de se impessoalizar, indeterminar o agente, o elemento que exerce a ação.

Ainda:

O rapaz se vestiu.

Aqui, o sujeito (o rapaz) exerce e sofre a ação do verbo. O sujeito e o objeto, representados pelo pronome reflexivo *se,* são a mesma pessoa. Diz-se que a voz é **reflexiva**.

Resumindo: • Quando o sujeito exerce a ação, a voz é ativa. • Quando o sujeito sofre a ação, a voz é passiva. Será voz passiva analítica se vier com o verbo auxiliar de voz passiva (ser/estar/ficar+ particípio). Será passiva sintética se apresentar o pronome se, chamado de pronome apassivador ou partícula apassivadora.
• Quando o sujeito exerce e sofre a ação, tem-se a voz reflexiva. Nesse caso, o pronome oblíquo se será chamado de pronome reflexivo.

14.2. REESCRITURA DE FRASES (COMO PASSAR UMA FRASE DE UMA VOZ À OUTRA)

Vamos às questões de reescritura de frases (que pedem transposição da ativa para a passiva ou da passiva para a ativa):

Na passagem da ativa para a passiva, só interessam três termos: o objeto direto, o verbo e o sujeito. Isso ocorre porque:

1. O objeto direto da ativa vira sujeito paciente na passiva.

   O professor recomendou **o livro**. (objeto direto: o livro)

   O livro foi recomendado pelo professor. (sujeito paciente: o livro)

   Se o objeto direto vier representado por um pronome pessoal oblíquo, ao virar sujeito, o pronome oblíquo virará pronome reto:

   O professor **o** recomendou.

   Ele foi recomendado pelo professor.

2. O verbo da voz ativa ganhará um verbo auxiliar (*ser/estar/ficar*), que ficará no mesmo tempo e modo, seguido do verbo principal no particípio.

   O professor **recomendou** o livro.

   *verbo *recomendar* no pretérito perfeito do indicativo

   O livro **foi recomendado** pelo professor.

   *locução verbal: verbo *ser* no pretérito perfeito seguido de *recomendar* no particípio

   Se, na voz ativa, o tempo é composto, na passagem para a passiva, mantenha o auxiliar do tempo composto e acrescente apenas o auxiliar de passiva *sido*:

   O professor **tem recomendado** o livro.

*locução verbal de tempo composto

O livro **tem sido recomendado** pelo professor.

*Agora, você tem dois auxiliares: um, de tempo composto (*tem*) e outro, de voz passiva (*sido*).

3. O sujeito da voz ativa transforma-se em agente da passiva.

O professor recomendou o livro. (sujeito: o professor)

O livro foi recomendado **pelo professor**. (agente da passiva: pelo professor)

Se, na voz ativa, o verbo estiver na 3ª pessoa do plural, sem sujeito expresso na frase, o sujeito será indeterminado. Aí, na passiva, o agente não será mencionado:

Recomendaram o livro (verbo na 3ª p. pl.: sujeito indeterminado).

O livro foi recomendado (agente da passiva também indeterminado).

Passando uma frase da voz ativa para a passiva:

a) O objeto direto vira sujeito.

b) O verbo ganha um auxiliar (ser/estar/ficar), no mesmo tempo e modo do verbo da voz ativa.

c) O sujeito da ativa vira agente da passiva.

Agora, vamos fazer o contrário? Na passagem da passiva analítica para a ativa, precisamos nos preocupar com o agente da passiva, o verbo e o sujeito. Isso porque:

4. O agente da passiva volta a ser sujeito na ativa.

O aluno foi elogiado **pelo professor**. (agente da passiva: pelo professor)

O professor elogiou o aluno. (sujeito agente: o professor)

Se, na voz passiva, não houver agente da passiva, o verbo na voz ativa ficará na 3ª pessoa do plural, para marcar um sujeito indeterminado:

O aluno foi elogiado. (agente da passiva não mencionado)

Elogiaram o aluno. (verbo na 3ª p. pl.: sujeito indeterminado)

5. A locução verbal de voz passiva perde o auxiliar de passiva (normalmente o verbo *ser*). O verbo da voz ativa ficará no mesmo tempo do auxiliar da passiva.

O aluno **foi** elogiado pelo professor. (verbo auxiliar *ser* no pret. perf.)

O professor **elogiou** o aluno. (verbo *elogiar* no pret. perf.)

Se a frase na voz passiva possuir, além do auxiliar de voz passiva, outro verbo auxiliar, ele continuará

a existir na voz ativa; lembre-se: você só retirará o auxiliar de voz passiva, não tente se livrar de todos os verbos!:

O aluno **tem sido elogiado** pelo professor.

locução verbal com dois auxiliares: um de tempo composto – *tem* – e outro de passiva – *sido*; lembre-se de só retirar o auxiliar de passiva.

O professor **tem elogiado** o aluno.

locução verbal com apenas um auxiliar, que é o do tempo composto.

6. O sujeito da voz passiva volta a ser objeto direto na ativa:

O aluno foi elogiado pelo professor. (sujeito paciente: o aluno)

O professor elogiou **o aluno**. (objeto direto: o aluno)

Já está ficando zonzo com tanta informação? Então, vamos sistematizar...

Passando uma frase da voz passiva analítica para a voz ativa:

a) O agente da passiva vira sujeito agente na ativa.

b) A locução verbal perde o auxiliar de voz passiva, que transmite o tempo verbal ao verbo da voz ativa.

c) O sujeito da voz passiva vira objeto direto na ativa.

Bem, para entender de fato todo esse raciocínio, só fazendo questões de concursos. Como dissemos anteriormente, as questões que mais aparecem em relação ao assunto de vozes verbais são aquelas que buscam reescrituras – passagem da ativa para a passiva e vice-versa. O assunto, em si, não é tão complexo, mas você deve se preocupar com o tempo de resolução da questão. É preciso ser rápido e, para isso, é preciso ter método. Por isso, resolvemos separar esse tipo de questão em dois blocos, para treinar você de forma mais eficaz. O primeiro tipo de questão é aquela em que se busca a **reescritura da voz ativa para a passiva analítica**.

Atenção!
1. Destacar, na frase, o *núcleo* do objeto direto, que virará sujeito. Com ele, o verbo deverá concordar.
2. Detectar o tempo do verbo na voz ativa. O auxiliar da passiva que será acrescentado à frase deverá estar nesse tempo verbal. Lembre-se sempre de somar um verbo: se há um verbo na frase, então serão dois; se há dois, serão três, e assim por diante.
3. O sujeito vira agente antecedido da preposição por, mas normalmente as bancas nem se preocupam tanto com a identificação do agente da passiva.
4. Os outros termos sintáticos que eventualmente existirem na frase (adjuntos adverbiais, predicativos etc.) ficarão intactos: não se preocupe com eles, para não perder tempo de resolução da questão.
5. Faça mentalmente a transposição da ativa para a passiva: evite olhar cada alternativa, pois você pode se perder em meio a tantas opções.

Vamos, então, aprender a sair da passiva sintética e ir à ativa? Nesse caso, o sujeito da passiva

(casas) volta a ser objeto direto; a partícula apassivadora é extraída da frase e o verbo fica na 3ª pessoa do plural para marcar a indeterminação do sujeito. De uma forma mais prática, teríamos:

Reescritura da voz passiva sintética para voz ativa a) Retire o pronome apassivador da frase. b) Passe o verbo para a 3ª pessoa do plural, se ele já não estiver, mantendo o tempo.

Seguindo o mesmo raciocínio, podemos realizar a reescritura da passiva sintética para a passiva analítica. Nesse caso, lembre-se de que, já que você está indo para a passiva analítica, é preciso *acrescentar* um verbo auxiliar (normalmente *ser*), que ficará no mesmo tempo verbal.

Reescritura da voz passiva sintética para a voz passiva analítica a) O sujeito paciente da voz passiva sintética permanecerá sendo sujeito na voz passiva analítica. b) Acrescente o verbo auxiliar *ser*, que ficará no mesmo tempo e modo da frase original.

Vamos ver se funciona? Veja uma questão de prova resolvida como exemplo.

1. (TRT-SP – Ag. Fisc. Fin.) ... de que as reservas de gás de Bahia Blanca, ao sul de Buenos Aires, **se estão esgotando**.

A forma verbal destacada acima pode ser corretamente substituída, sem prejuízo do sentido original, por:

a) está para esgotar.

b) vai ser esgotado.

c) estão sendo esgotadas.

d) vinham sendo esgotadas.

e) vem esgotando.

Comentários:

A frase que aparece no enunciado está na voz passiva sintética e podemos perceber pelas opções oferecidas pela banca que o que se quer é que o aluno transponha a frase para a passiva analítica.

Logo, detecte o sujeito (*as reservas de gás de Bahia Blanca*) e o tempo do verbo (nesse caso, como se tem uma locução verbal, não deixe de olhar para o último verbo, que é o principal – *esgotando*). É nesse tempo que ficará o auxiliar da voz passiva analítica. Assim, teríamos: "As reservas de gás... estão <u>sendo</u> esgotadas"). Observe que, como você foi para a passiva analítica, você ganhou um verbo:

se havia dois (*estão esgotando*), ficamos com três (*estão sendo esgotadas*).

E não esqueça: evite olhar para as outras alternativas, caso contrário você se apaixona pela errada e acaba marcando...

Resposta: C.

14.3. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Identifique as vozes verbais.

1. A cozinha era antiga e escura.

_____

2. A cozinha era reformada aos poucos.

_____

3. Uma senhora foi assaltada por um adolescente.

_____

4. Assaltou-se uma senhora.

_____

5. Arrumou-se para o jantar.

_____

6. Recebeu-se o projeto com ceticismo.

_____

7. A comunidade científica recebeu o projeto com ceticismo.

_____

8. O projeto foi recebido com ceticismo pela comunidade científica.

_____

9. Fazendeiros brasileiros ajudam a equipar a polícia.

_____

10. Os resultados foram divulgados via TV.

_____

11. "A Bíblia é uma coleção de lendas veneráveis, mas primitivas e infantis." (Albert Einstein)

_____

II. Nas frases a seguir, transforme a voz ativa em passiva analítica.

1. Algumas pessoas colecionam moedas e selos antigos.

_____

2. O pessoal não vê o autoritarismo como alternativa.

_____

3. “O Governo de nosso Estado combate e denuncia todas as formas de violência.”

_____

4. “O escândalo do Orçamento expôs definitivamente a indústria da miséria.”

_____

5. “O Brasil não resolverá os problemas da miséria.”

_____

6. “O irmão pobre, se morre e apodrece, leva o irmão rico de cambulhada.”

_____

7. “No Brasil, matam crianças à bala.”

_____

8. “O Governo havia transferido tarefas e recursos aos municípios.”

_____

9. Obedeceu-se às ordens.

_____

10. Muitos cientistas não acreditam em Deus.

_____

III. Nas frases a seguir, passe para a voz passiva sintética.

1. Os presos eram proibidos de usar barbas e cabelos longos.

_____

2. Contaram a verdade.

_____

3. Aqui são dadas aulas inesquecíveis.

_____

4. Esconderam armas de destruição maciça.

_____

5. O projeto foi recebido com ceticismo.

_____

IV. Nas frases a seguir, transforme a voz passiva em ativa.

1. Os presos eram proibidos de usar barbas e cabelos longos.

_____

2. Com verba do Estado, dezoito composições já estão sendo reformadas.

_____

3. Esperavam-se resultados mais animadores.

_____

4. As palavras precisavam ser interpretadas.

_____

5. A cidade era sacudida e inquietada por uma trovoada surda e cava.

_____

6. Para não ser olhado com medo, resolveu ceder.

_____

7. No nosso país, deveriam ser instituídas leis mais rigorosas.

_____

8. Recusou-se o convite.

_____

9. As negociações deverão ser concluídas até outubro.

_____

10. A história do Brasil pode ser contada de vários modos e sob vários ângulos.

_____

Gabarito: I – 1. voz ativa (antiga/ escura: predicativos do sujeito); 2. voz passiva analítica; 3. voz passiva analítica; 4. voz passiva sintética; 5. voz reflexiva; 6. voz passiva sintética; 7. voz ativa; 8. voz passiva analítica; 9. voz ativa; 10. voz passiva analítica; 11. voz ativa. **II** – 1. Moedas e selos antigos são colecionados por algumas pessoas. 2. O autoritarismo não é visto pelo pessoal como alternativa. 3. Todas as formas de violência são combatidas e denunciadas pelo Governo de nosso Estado. 4. A indústria da miséria foi exposta definitivamente pelo escândalo do orçamento. 5. Os problemas da miséria não serão resolvidos pelo Brasil. 6. O irmão rico é levado de cambulhada pelo irmão pobre. 7. No Brasil, crianças são mortas à bala. 8. Tarefas e recursos haviam sido transferidos pelo

Governo aos municípios. 9. As ordens foram obedecidas. (Ver observação (b) da p. 13). 10. Esta frase não pode ser transformada em voz passiva, pois o verbo é transitivo indireto. **III** – 1. Proibiam-se os presos...; 2. Contou-se a verdade; 3. Aqui dão-se aulas...; 4. Esconderam-se armas...; 5. Recebeu-se o projeto... **IV** – 1. Proibiam os presos... 2. Com verba do Estado, estão reformando dezoito composições. 3. Esperavam resultados mais animadores. 4. Precisavam interpretar as palavras. 5. Uma trovoada surda e cava sacudia e inquietava a cidade. 6. Para não o olharem com medo... 7. No nosso país, deveriam instituir leis... 8. Recusaram o convite. 9. Deverão concluir as negociações... 10. Podem contar a história do Brasil...

Nas provas de concursos públicos, quanto a vozes verbais, costuma-se trabalhar com três tipos de questões. Vamos sistematizar:

- O primeiro tipo de questão é aquela em que a banca quer saber se a frase admite transportação da voz ativa para a passiva.
- O segundo tipo, que é a mais comum a todas as bancas, pede que o aluno reescreva da ativa para a passiva ou vice-versa.
- Há ainda as questões que pedem apenas que o candidato identifique a voz do verbo (ativa/passiva/reflexiva).

É com base nesses três tipos de questões que vamos organizar este capítulo sobre vozes verbais. E, para cada assunto estudado, questões de concursos para você resolver. Vamos lá?

14.4. QUESTÕES QUE PERGUNTAM SE A FRASE ADMITE TRANSPORTAÇÃO PARA A VOZ PASSIVA

Uma frase na voz ativa admitirá a passagem para a voz passiva se possuir objeto direto que possa virar sujeito. Isso porque a voz passiva, em geral, representa a reescritura da ativa, só que dá ênfase ao objeto direto da ativa, que passa a funcionar como sujeito. Ora, então é preciso que a voz ativa apresente objeto direto, o que ocorre com os verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos. Por isso, nas questões em que se perguntar se há ou não possibilidade de transportação para a passiva, vá correndo procurar na frase, que está na voz ativa, um objeto direto. Se houver, em geral, ela admitirá transportação. Bancas como a Fundação Carlos Chagas e a Cesgranrio elaboram muitas questões desse tipo. Veja algumas delas:

1. (FCC – TRF 4ª Região – Anal. Judic.) A seguinte construção não admite transposição para a voz passiva:

a) Isso esclarece um pouco a razão das tensões (...)

b) (...) detestamos a hipocrisia e a falsidade (...)

c) Vivemos, assim, sobre esse fio de navalha entre a verdade e o disfarce.

d) As chamadas "regras de convívio" supõem, sempre, algum "mascaramento".

e) (...) que nos olhe nos olhos (...)

Comentários:

Na letra A, o verbo *esclarecer* é transitivo direto e vem seguido de seu objeto direto *a razão das tensões*. Admite, portanto, transportação. Na letra B, o verbo *detestar* também é transitivo direto, seguido de seu objeto direto composto *a hipocrisia e a falsidade*. Na letra D, o mesmo ocorre: o verbo *supor* é verbo transitivo direto e vem seguido de seu objeto direto *algum mascaramento*. E, na letra E, a história se repete: o verbo *olhar* é transitivo direto e vem seguido de seu objeto direto *nos*. A única frase que não traz um verbo transitivo direto é a letra C, que apresenta um verbo intransitivo – *vivemos* – seguido de um adjunto adverbial de lugar *sobre esse fio de navalha entre a verdade e o disfarce*. É o único verbo que não permite a transportação para a voz passiva.

Resposta: C.

2. (Cesgranrio) A frase que admite transposição para a voz passiva é:

a) A prova de que não somos uma coisa só está em cada dia que amanhece.

b) Outro dia recortei da internet este fragmento de um blog (...).

c) A humanidade não tem jeito.

d) O pessimista não é inimigo das idealizações, muito pelo contrário.

e) Nem tudo está perdido.

Comentários:

A letra A apresenta dois verbos que não são transitivos diretos: *somos*, que é verbo de ligação e vem seguido de um predicativo do sujeito *uma coisa só*, e o *está*, que é intransitivo, vindo seguido de um adjunto adverbial *em cada dia que amanhece*.

A letra B traz o verbo *recortar*, transitivo direto, com seu objeto direto *este fragmento de um blog*.

A letra C, embora apresente verbo transitivo direto, trata-se de um verbo que não admite transportação por impedimento semântico. Tente passar essa frase mentalmente para a voz passiva: "Jeito não é tido pela humanidade" por impedimento semântico. Faz sentido isso?

As letras D e E apresentam verbos de ligação, não admitindo, portanto, transportação para a passiva.

Resposta: B.

Aqui, vale um recado:

De fato, só admite passagem para a passiva um verbo que tenha transitividade direta.

Fernanda elogiou duas colegas. (voz ativa)

Duas colegas foram elogiadas por Fernanda. (voz passiva)

Pelo que podemos observar, o objeto direto da ativa – *duas colegas* – virou sujeito paciente na voz passiva, e o sujeito *Fernanda* transformou-se em agente da passiva (*por Fernanda*).

Entretanto, o contrário não se afirma: nem todo verbo transitivo direto pode ser construído na voz passiva. Veja as frases:

Guilherme quer um presente.

Fernanda pode tudo.

Arthur tem bons modos.

Há crianças na sala.

Tente passar essas frases para a passiva. Teríamos aberrações do tipo: *Um presente é querido por Guilherme; Tudo é podido por Fernanda* e *Bons modos são tidos por Arthur; Crianças são havidas na sala.* Fazem sentido essas frases?

Ainda que só verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos admitam voz passiva, há verbos transitivos indiretos que admitem passiva. O uso coloquial acabou consagrando em textos cultos construções do tipo:

Os empregados foram pagos.

Os pais devem ser obedecidos.

O jogo foi assistido por todos.

A carta foi respondida.

Os verbos *pagar, obedecer, assistir* (= ver, presenciar) e *responder* são transitivos indiretos, mas admitem voz passiva. São frases consagradas do uso coloquial, mas que já aparecem em algumas provas. Mas cuidado: é sempre bom, diante das questões, analisar cada alternativa a fim de ver se a banca admitiu ou considerou errado esse tipo de construção, pois há divergências em relação a isso.

Resumindo:
- Em princípio, só verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos admitem voz passiva.
- Há verbos transitivos diretos que *não* admitem voz passiva (*ter, haver, poder, querer...*).

• Há verbos transitivos *indiretos* que admitem voz passiva (*obedecer, pagar, responder, assistir...*).

Mais questões:

3. (FCC/TRF – 2ª Região – Téc. Adm.) A construção que admite transposição para a voz passiva é:

a) São inúmeras as consequências dessa idolatria.

b) As leis do mercado favorecem esse culto da juventude.

c) A juventude deixou de ser uma fase da vida.

d) Resulta disso tudo uma espécie de código comportamental.

e) Cresce a olhos vistos a oferta de produtos associados à juventude.

Comentários:

A banca busca a única frase que apresente um verbo com transitividade direta. A letra A apresenta verbo de ligação (seu sujeito é *as consequências dessa idolatria* e seu predicativo é *inúmeras*). Ora, verbo de ligação não admite transposição para a passiva. A letra B, por sua vez, apresenta um verbo transitivo direto, *favorecem*, seguido de seu objeto direto *esse culto da juventude*. Na letra C, o verbo principal da locução verbal é um verbo de ligação, *ser*, que vem seguido de seu predicativo *uma fase da vida*. A letra D está fora de ordem, procure organizá-la antes de classificar o verbo: *Uma espécie de código fundamental resulta disso tudo*. O verbo *resultar* é transitivo indireto, não admitindo, portanto, passagem para a passiva. Na letra E, temos o verbo *crescer*, que é intransitivo. Portanto, a única frase que apresenta um verbo com transitividade direta será a que permitirá transposição para a passiva.

Resposta: B.

4. (FCC/TRF – 2ª Região – Téc. Adm.) Essa situação **é agravada** pelo fato de quinze desses gigantes estarem localizados em países pobres ou emergentes.

O verbo que admite o mesmo tipo de transposição ocorrida no exemplo destacado acima está também grifado na frase:

a) Em todo o mundo muitas cidades <u>crescem</u> sem nenhum planejamento.

b) A maior parte da população do planeta já <u>mora</u> em cidades.

c) A vida em cidades <u>depende</u> de normas comuns de comportamento.

d) A população das grandes cidades <u>está</u> sujeita a problemas de trânsito e de violência.

e) Neste ano a população urbana ultrapassará o número de moradores das áreas rurais.

Comentários:

A frase que aparece no enunciado está na passiva analítica: o sujeito (*essa situação*) sofre a ação. Além disso, ela apresenta uma locução verbal de voz passiva (*é agravada*). A banca procura aqui uma frase que esteja na voz ativa, mas que admita transposição para a passiva. Nas letras A e B, os verbos *crescer* e *morar* são intransitivos. Na letra C, mais um verbo que não admite transportação – *depende* – por ser transitivo indireto (seguido de seu objeto indireto *de normas comuns de comportamento*). A letra D, por sua vez, traz um verbo de ligação *está* (seguido de seu predicativo *sujeita*). Só a letra E apresenta um verbo transitivo direto – *ultrapassará* – seguido de seu objeto direto *o número de moradores das áreas rurais*.

Resposta: E.

5. (FCC/TRF – 18ª Região) Não admite transposição para a voz passiva o seguinte segmento:

a) Resolvi bem esse problema (...).

b) É preciso, pois, desenvolver o ethos da nação (...).

c) Ele precisa valorizar essa convivência (...).

d) (...) está na ética uma garantia para um pleno convívio social.

e) (...) que as ações dos outros encontrem nele plena aprovação.

Comentários:

Em todas as frases haverá um verbo com transitividade direta, exceto em uma. Na letra A, o verbo *resolver* é transitivo direto e vem seguido de seu objeto direto *esse problema*. Na letra B, o verbo *desenvolver* é transitivo direto e vem seguido de seu objeto *o ethos da nação*, o mesmo ocorrendo com o *valorizar* na letra C, que tem como objeto direto *essa convivência*. Quanto à letra D, procure organizá-la antes de analisar o verbo: *Uma garantia para um pleno convívio social está na ética*. O sujeito, aqui, é *uma garantia para um pleno convívio social* e o verbo *estar* é intransitivo e vem seguido de seu adjunto adverbial de lugar *na ética*. Com a letra E, o perigo é o mesmo – é preciso colocá-la na ordem direta antes de analisar o verbo. Teríamos, portanto: *Que as ações dos outros encontrem plena aprovação nele*. Veja se agora não ficou mais fácil: *as ações dos outros* é sujeito, o verbo *encontrar* é transitivo direto e indireto, *plena aprovação* é objeto direto e *nele*, objeto indireto. Ora, o único verbo que não admite transportação para a passiva é o *estar*, da letra D.

Resposta: D.

Você já percebeu que a tendência das bancas é trabalhar com frases fora da ordem direta, para confundir o aluno? Por isso, não se esqueça de, nas frases mais complexas, desenvolver um passo a passo para a organização do período, procedendo da seguinte forma:

Ordem direta no período simples 1. Vá ao verbo e pergunte pelo sujeito. 2. Depois de detectar o sujeito, pergunte por seus complementos: objetos diretos ou indiretos. 3. Se a frase possuir predicativo, esse deverá ficar após os complementos verbais. 4. Os adjuntos adverbiais ficarão sempre ao final.

6. (TCE/AL) A transposição para a voz passiva é possível apenas em:

a) Novos gestos incutem à nossa vida um novo sentido.

b) A liberdade aposta, sempre, em novas possibilidades.

c) Na nossa capacidade de escolha estaria a nossa liberdade.

d) A resolução desse dilema depende de uma grave decisão.

e) As ideias fatalistas conspiram contra as ações libertárias.

Comentários:

A letra A traz um verbo transitivo direto e indireto: *um novo sentido* é objeto direto e *à nossa vida* é objeto indireto. As letras B, D e E apresentam verbos transitivos indiretos: *apostar* tem como objeto indireto *em novas possibilidades*, *depender* vem com o objeto indireto *de uma grave decisão* e *conspirar*, com objeto indireto *contra as ações libertárias*. Já a letra C, colocando-a na ordem, temos: "A nossa liberdade estaria na nossa capacidade de escolha". O verbo *estar* é intransitivo e vem seguido de adjunto adverbial de lugar *na nossa capacidade de escolha*. Como a questão pedia a única alternativa que admitisse a passagem para a passiva, tem-se apenas a letra A com um verbo de transitividade direta.

Resposta: A.

7. (Cesgranrio/Biocombustível) O indiscutível êxito do produto demonstra que as dúvidas foram dissipadas...

O verbo que admite transformação em voz passiva, tal como o grifado acima, está também grifado na frase:

a) A economia nacional <u>parece</u> hoje mais estável.

b) O carro bicombustível chegou ao mercado brasileiro há pouco tempo.

c) A indústria brasileira já vendeu 5 milhões de carros bicombustíveis.

d) O álcool combustível permanece mais barato do que a gasolina.

e) O Proálcool foi a resposta brasileira às crises do petróleo.

Comentários:

A frase do enunciado está na passiva analítica: o sujeito *as dúvidas* sofre a ação e aparece uma locução verbal de voz passiva (*foram dissipadas*). A banca buscava uma frase que admitisse tal transformação, ou seja, uma frase com verbo de transitividade direta.

As letras A, D e E apresentam verbos de ligação: na letra A, tem-se o verbo *parecer*, seguido de seu predicativo *mais estável*; na letra D, observa-se o verbo *permanece*, seguido de seu predicativo *mais barato*; na letra E, tem-se o verbo de ligação *ser*, com seu predicativo *a resposta brasileira*. Se todas as três apresentam verbos de ligação, elas não admitem a passagem para a passiva.

A letra B traz um verbo intransitivo, *chegou*, seguido de dois adjuntos adverbiais: *ao mercado brasileiro*, que indica lugar e *há pouco tempo*, que é adjunto adverbial de tempo. Ora, verbo intransitivo também não admite transportação.

Só a letra C apresenta verbo transitivo direto – *vender* – seguido de seu objeto direto, que é *5 milhões de carros biocombustíveis*.

Resposta: C.

14.5. QUESTÕES QUE PEDEM PARA PASSAR DE UMA VOZ À OUTRA

Vamos ao segundo tipo de questão, aquela em que se pede para passar de uma voz à outra? São as questões de reescritura de frases.

1. (TRE – AP) Transpondo-se para a voz passiva a frase *Ele gasta dinheiro que nem água*, a forma verbal resultante será:

a) será gasta.

b) foi gasta.

c) está sendo gasto.

d) será gasto.

e) é gasto.

Comentários:

O núcleo do objeto direto é *dinheiro*. O verbo na voz ativa (*gasta*) está no presente do indicativo, portanto, o auxiliar da passiva ficará também no presente do indicativo (*é*). Lembre-se de que o particípio, na voz passiva, concorda com o seu sujeito em gênero e número. Portanto, teremos: "*dinheiro* é *gasto* que nem água". Observe que nós nem olhamos para as outras opções: com o devido raciocínio, você irá diretamente à resposta.

Resposta: E.

2. (TRF – 4ª Região – Anal. Judic.) Transpondo-se para a voz passiva a frase *transmiti o respeito de meus pais pelas ficções*, a forma verbal resultante será:

a) terá sido transmitido.

b) transmitiram-me.

c) fora transmitido.

d) transmitiram-se.

e) foi transmitido.

Comentários:

O núcleo do objeto direto é *respeito*: destacando o núcleo, você fará a concordância do verbo com mais rapidez. O verbo na voz ativa está no pretérito perfeito do indicativo: assim ficará o verbo *ser*, auxiliar de voz passiva (*foi*). Assim, teríamos: *O respeito de meus pais pelas ficções foi transmitido por mim.*

Resposta: letra E.

3. (PMSAL) ... a literatura carioca já **registrava** com frequência o termo samba.

Transpondo para a voz passiva, a forma verbal destacada passa a ser, corretamente:

a) registrou.

b) devia registrar.

c) fora registrado.

d) era registrado.

e) seria registrada.

Comentários:

O objeto direto, *o termo samba*, tem como núcleo o substantivo *termo*. O verbo na voz ativa está no pretérito imperfeito do indicativo, portanto, o verbo *ser* ficará também no pretérito imperfeito: *era*. O

sujeito *a literatura carioca* vira agente da passiva, mas observe que a banca nem se preocupa com isso. Os outros termos sintáticos permanecem inalterados. Assim, teríamos: *O termo samba era registrado com frequência pela literatura carioca*.

Resposta: D.

4. (TRT – 2ª Região) Transpondo-se para a voz passiva o segmento *ninguém descobre sua timidez*, a forma verbal resultante será:

a) não terá descoberto.

b) não será descoberta.

c) não terá sido descoberta.

d) não é descoberta.

e) não tem descoberto.

Comentários:

O objeto direto é *sua timidez*. O verbo na voz ativa está no presente do indicativo, logo o auxiliar de passiva ficará no mesmo tempo (*é*). O verbo da voz ativa vai para o particípio, concordando em gênero e número com o sujeito. Assim, teremos: *Sua timidez não é descoberta por ninguém.*

Resposta: D.

5. (TRT – 2ª Região – Anal. Judic.) Transpondo-se para a voz passiva a construção *a voz do futuro nos acorda*, a forma verbal resultante será:

a) temos sido acordados.

b) temos acordado.

c) teremos acordado.

d) seremos acordados.

e) somos acordados.

Comentários:

O objeto direto vem representado pelo pronome oblíquo *nos*, portanto, na voz passiva, ao virar sujeito, virá representado por um pronome reto (*nós*). O verbo da voz ativa – *acorda* – está no presente do indicativo: assim ficará o auxiliar da passiva. Sempre se lembre de somar um verbo: se possuímos um verbo na voz ativa, na passiva analítica, serão dois. Assim, teremos: *(Nós) somos acordados pela voz do futuro.* Observe o que a banca fez nas letras B e C: usou auxiliar (*ter*) que nem

é de voz passiva. Na letra A, mais uma maldade: acrescentou mais um verbo, o que não é permitido: se temos um verbo na voz ativa, ficaremos apenas com dois na passiva analítica, não com três.

Resposta: E.

6. (TRF – Taquigrafia) Transpondo a frase *os extraordinários acontecimentos pareciam dividir nitidamente o mundo entre os defensores e os inimigos da liberdade e do progresso social* para a voz passiva, a forma verbal corretamente obtida é:

a) parecia ser dividido.

b) pareciam ter sido divididos.

c) tinha sido dividido.

d) tinha parecido dividir.

e) pareciam dividirem.

Comentários:

O objeto direto da voz ativa é *o mundo*. Mas desta vez tenha mais cuidado: temos uma locução verbal na voz ativa composta de um verbo auxiliar (*pareciam*) e um principal (*dividir*). Lembre-se de somar um auxiliar a essa locução verbal, que será o verbo *ser* e ficará no tempo verbal do *dividir*. Com o tempo verbal do auxiliar *pareciam,* você não irá mexer. Logo, se temos dois verbos, ficaremos com três. Assim: *O mundo parecia ser dividido nitidamente entre os defensores e os inimigos da liberdade e do progresso social pelos extraordinários acontecimentos*. Não se preocupe com os outros termos sintáticos, enfoque atentamente apenas o objeto direto e a locução verbal da ativa, antes de passar a frase para a passiva analítica.

Resposta: A.

Agora está na hora de você conhecer a voz passiva sintética ou pronominal. Ela recebe esse nome por espécie de síntese de informações: ela normalmente não menciona o agente da passiva nem apresenta o verbo auxiliar da voz passiva analítica. Observe:

Alugam-se casas.

Nessa frase, *casas* é o sujeito, que vem posposto ao verbo, **por isso, cuidado para não confundi-lo com o objeto direto**. O pronome se que aparece na frase é a chamada partícula apassivadora ou pronome apassivador.

Bom de treinar, não é? Agora, vamos ao terceiro tipo de questão: aquela em que se quer a

identificação da voz da frase.

14.6. QUESTÕES PARA SE IDENTIFICAR A VOZ DA FRASE

Antes de irmos a elas, vale lembrar:

1. Voz ativa: os homens dirão a verdade. (sujeito agente: *os homens*; objeto direto: *a verdade*)
2. Voz passiva analítica: sujeito paciente + verbo auxiliar *ser, estar, ficar* + particípio (verbo principal) + agente da passiva (caso exista na frase): A verdade será dita pelos homens.
3. Voz passiva pronominal: verbo transitivo direto + pronome apassivador se + sujeito (o agente da passiva, em geral, não é mencionado): Dir-se-á a verdade.
4. Voz reflexiva: sujeito + verbo + pronome se reflexivo: Ela se enganava. (= Ela enganava *a si mesma*)

1. (NCE/Minist. Saúde) Muitas vezes no texto, como em "se a mãe for bem alimentada", se utiliza a voz passiva; a alternativa em que isso também ocorre é:

a) "O corpo humano necessita de alimentos".

b) "para se manter ativo".

c) "a fim de que tenha energia suficiente".

d) "se não for atendida essa necessidade".

e) "para se desenvolver fisicamente".

Comentários:

Na letra A, temos um verbo que, embora tenha um sentido passivo (chamamos isso de *passividade*), está na voz ativa: *o corpo humano* exerce a ação de necessitar de alimentos.

Na letra B, o pronome *se* é reflexivo, tem o valor de *a si mesmo*: a frase está na voz reflexiva. O mesmo ocorre na letra E, cuja frase equivale a *para desenvolver a si mesmo fisicamente.* Assim, excluem-se as letras B e E.

Na letra C, o sujeito exerce a ação de *ter*: a voz é ativa. Apenas na letra D, o sujeito é paciente: a frase está na voz passiva analítica, compõe-se de uma locução verbal *for atendida*.

Resposta: D.

Quanto à letra A desta questão, vale um recado:

Não confunda voz passiva com passividade. Na voz passiva, o verbo ou vem com auxiliar de passiva (voz passiva analítica) ou com o pronome apassivador *se* (voz passiva sintética), ou seja, há uma forma especial para se indicar que algo ou alguém recebe a ação do verbo.
Passividade tem a ver com o sentido da frase: o verbo tem *valor passivo*. E isso pode ocorrer inclusive com frases na voz ativa. Exemplos:
Esperei por você a vida inteira.
A criança *recebeu* o merecido castigo.
Essas frases estão na voz ativa, embora seus verbos tenham sentido passivo. Portanto, nem sempre a passividade corresponde à voz passiva!

2. (NCE) A frase abaixo que se encontra em voz passiva é:

a) "Quantos morreram pela liberdade de sua pátria?"

b) "Quantos foram presos ou espancados pela liberdade de dizer o que pensam?"

c) "Quantos lutaram pela libertação dos escravos?"

d) "O primeiro templo da liberdade burguesa é o supermercado."

e) "a maioria já não sofre agressões a essas liberdades tão vitais..."

Comentários:

Na letra A, o sujeito exerce a ação de *morrer*: voz ativa. Na letra C, o mesmo acontece: o sujeito exerce a ação de *lutar*: voz ativa. Na letra D, o sujeito *o primeiro templo da liberdade burguesa* é agente do verbo *ser*, a frase está na voz ativa. Na letra E, embora o verbo tenha sentido passivo (passividade, lembra?), a frase está na voz ativa: o sujeito *a maioria* exerce a ação de sofrer. Somente na letra B o sujeito é paciente: a frase está na voz passiva e possui duas locuções verbais de passiva (*foram presos*/(*foram*) *espancados*).

Resposta: B.

14.6. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (TRT – 4ª Região – Técn. Judic.) ... que a mudança de comportamento <u>se deve</u> ao colapso da estrutura familiar dos elefantes...

A forma verbal correta e de sentido equivalente ao da que se encontra grifada na frase acima é:

a) tinha sido devido.
b) deveria ser devida.
c) será devida.
d) foi devido.
e) é devida.

2. (TRT – 4ª Região) ... onde são degradadas por bactérias.

Transpondo-se a frase para a voz ativa, a forma verbal passa a ser, corretamente:

a) degradou.
b) degradam.
c) seriam degradadas.
d) tinham degradado.
e) está sendo degradada.

3. (FCC) Na oração grifada "Profissões desaparecem, <u>outras são criadas</u>" ocorre voz passiva. Passando-se para a voz ativa, obtém-se a oração:

a) criam outras.
b) cria-se outras.
c) criam-se outras.

d) elas criam outras.

4. (FCC) Assinale a alternativa em que o termo destacado desempenhe a mesma função sintática que "fica muito claro quando se analisa **o resultado da evolução do PIB**":

a) ... as exportações puxaram o crescimento.

b) A queda de renda do cidadão é, claramente, a maior causa de tal desempenho.

c) A inadimplência do comprador está num nível baixo, como revelam os dados da Serasa e do SPC.

d) ... a recuperação econômica será lenta e desigual.

e) ... e este 2003 que termina deverá mostrar um movimento parecido com o de 2002.

5. (FCC) Na oração destacada "Profissões desaparecem, *outras são criadas*" ocorre voz passiva. Passando-se para a voz ativa, obtém-se a oração:

a) criam outras.

b) cria-se outras.

c) criam-se outras.

d) elas criam outras.

6. (FCC) Assinale a frase em que se encontra uma estrutura correspondente à evidenciada em "Tempos atrás era tido como legítimo espancarem-se crianças".

a) Na sociedade, a todo momento fala-se de ética.

b) A ética faz com que os indivíduos se respeitem.

c) Em algumas sociedades, autoriza-se a pena de morte.

d) Respeitar-se é o princípio da dignidade.

e) Se falha a ética, falha a solidariedade.

7. (NCE-UFRJ / Inspetor de Polícia) "Nem todo hábito de consumo é ditado pela publicidade." Colocando-se esse segmento do texto na voz ativa, temos como forma adequada:

a) A publicidade não dita todo hábito de consumo.

b) A publicidade dita todo hábito de consumo.

c) O hábito de consumo dita a publicidade.

d) O hábito de consumo não dita a publicidade.

e) Nem toda publicidade dita todo hábito de consumo.

8. (NCE-UFRJ / Técnico Necropsia) "O projeto foi recebido com ceticismo pela comunidade científica." Colocando-se esse segmento do texto na voz ativa, tem-se como forma correta:

a) Recebeu-se o projeto com ceticismo.

b) Receberam o projeto com ceticismo.

c) A comunidade científica recebeu o projeto com ceticismo.

d) A comunidade científica foi recebida com ceticismo pelo projeto.

e) Receberam-se com ceticismo o projeto pela comunidade científica.

9. (NCE-UFRJ / Oficial de Justiça) A frase a seguir que se encontra na voz passiva é:

a) "Quantos morreram pela liberdade de sua pátria?"

b) "Quantos foram presos ou espancados pela liberdade de dizer o que pensam?"

c) "Quantos lutaram pela libertação dos escravos?"

d) “O primeiro templo da sociedade burguesa é o supermercado.”
e) “...a maioria já não sofre agressões a essas liberdades tão vitais...”

10. (FCC / TRT) Redigida na voz ativa, a frase “Por outro lado, as energias e esforços que se dirigem a uma recompensa imediata são enaltecidos pelos aventureiros” terá a forma:

a) Por outro lado, enaltecem-se pelos aventureiros as energias e esforços que se dirigem a uma recompensa imediata.
b) As energias e esforços que, por outro lado, se dirigem a uma recompensa imediata são pelos aventureiros enaltecidos.
c) Pelos aventureiros, por outro lado, enaltecem-se as energias e esforços que se dirigem a uma recompensa imediata.
d) A uma recompensa imediata, por outro lado, enaltecemos as energias e esforços que se dirigem pelos aventureiros.
e) Por outro lado, os aventureiros enaltecem as energias e esforços que se dirigem a uma recompensa imediata.

11. (FCC / TRE) A frase passiva “O mesmo software pode ser comprado no site do seu desenvolvedor”, se for expressa na voz ativa, terá a forma:

a) Pode-se comprar o mesmo software no site do seu desenvolvedor.
b) Pode ser comprado no site do seu desenvolvedor o mesmo software.
c) No site do seu desenvolvedor o mesmo software pode-se comprar.
d) O mesmo software no site do seu desenvolvedor pode ser comprado.
e) No site do seu desenvolvedor podem comprar o mesmo software.

12. (FCC) Os enunciados a seguir foram convertidos da voz passiva analítica para a voz passiva sintética ou pronominal. Cometeu-se uma importante impropriedade na conversão em:

a) “A colheita deve ser feita na época certa.” / A colheita deve fazer-se na época certa.
b) “Exigem que o trabalho seja cronometrado.” / Exigem que se cronometre o trabalho.
c) “A partir de 1850 é restabelecido o descanso semanal.” / A partir de 1850 se restabelece o descanso semanal.
d) “Em 1919 é votada a lei das oito horas.” / Em 1919 votou-se a lei das oito horas.
e) “Que não pode ser confundido ainda com o tempo propriamente *livre*.” / Que não se pode confundir ainda com o tempo propriamente livre.

13. (FCC) Passando-se para a voz ativa e mantendo-se o sentido original, a oração “embora esse trabalho, muitas vezes, seja condicionado pela origem do dinheiro” tem de ser redigida na forma da opção:

a) conquanto, muitas vezes, a origem do dinheiro condicione esse trabalho.
b) ainda que pela origem do dinheiro, muitas vezes, esse trabalho seja condicionado.
c) apesar de ser condicionado esse trabalho, muitas vezes, pela origem do dinheiro.
d) visto que condicione a origem do dinheiro, muitas vezes, esse trabalho.
e) porquanto esse trabalho condicione, muitas vezes, a origem do dinheiro.

14. (FCC) Há incorreção da transformação da voz passiva pronominal em analítica em:

a) “A expansão de empregos se faz às custas do aumento do que o presidente Clinton chamou de ‘working poors’.” / A expansão é feita às custas do aumento do que o presidente Clinton chamou de

"working poors".

b) "Somente os operários bem remunerados têm condições de se converterem em consumidores dos produtos das fábricas." / Somente os operários bem remunerados têm condições de serem convertidos em consumidores dos produtos das fábricas.

c) "O que se deve buscar é o trabalho produtivo, com remuneração adequada." / O que deve ser buscado é o trabalho produtivo, com remuneração adequada.

d) "Há no mundo 180 milhões de desempregados, cifra multiplicada por três quando se consideram os 'working poors'." / Há no mundo 180 milhões de desempregados, cifra multiplicada por três quando são considerados os "working poors".

e) "O produtor torna-se um mero acessório da máquina, só se exigindo dele a operação mais simples e monótona." / O produtor torna-se um mero acessório da máquina, só sendo exigido dele a operação mais simples e monótona.

15. (TRF) Das frases a seguir, a única expressa na voz ativa é:

a) Viaja-se de trem melhor que de ônibus.

b) Esse autor não se conhece.

c) Revoguem-se as disposições em contrário.

d) "Seja feita a Vossa vontade" (Oração do Pai-Nosso).

e) Publique-se.

16. (TRF) A respeito da frase "As negociações deverão ser concluídas até outubro", pode-se dizer que:

a) está na voz passiva analítica, e na ativa ficaria "As negociações deverão concluir-se até outubro".

b) está na voz passiva sintética, e na passiva analítica ficaria "Deverão concluir as negociações até outubro".

c) está na voz passiva sintética, e na passiva analítica ficaria "As negociações deverão concluir-se até outubro.

d) está na voz passiva analítica, e na passiva sintética ficaria "Dever-se-ão concluir as negociações até outubro.

e) está na voz passiva analítica, e na voz reflexiva ficaria "As negociações deverão concluir-se até outubro.

17. (Redator e Revisor / Câmara Municipal) A oração que pode ser reescrita na voz passiva analítica é:

a) "O novíssimo cinema nacional insiste nos dramas do período".

b) "especiais de TV remetem ao Tropicalismo".

c) "A redução da cultura a sua dimensão mercadológica não é privilégio nacional, obviamente".

d) "reinventam-se os anos de rebeldia segundo os padrões estéticos hegemônicos da televisão".

e) "De quebra, há sempre uma emergente assumida, do tipo Vera Loyolla".

18. "Tamanha revolução foi ajudada pelos holofotes acesos pela CPI dos medicamentos." Essa mesma frase, na voz ativa, seria:

a) a CPI dos medicamentos acendeu os holofotes e ajudou a revolução.

b) tamanha revolução ajudou a CPI dos medicamentos a acender os holofotes.

c) os holofotes acesos pela CPI dos medicamentos ajudaram tamanha revolução.

d) os holofotes acesos pela CPI dos medicamentos fez com que tamanha revolução fosse ajudada.

e) tamanha revolução ajudou a acender os holofotes na CPI dos medicamentos.

(Cespe-UnB) Julgue as alternativas a seguir, de acordo com o respectivo texto:

TEXTO

No mundo, a instituição previdenciária está em crise. A esperança de vida da população tem-se elevado, aumentando o número de aposentados e a sua permanência como tal; as mudanças tecnológicas diminuíram a quantidade de empregos e, por consequência, de contribuintes, elevando os gastos com auxílio-desemprego. Aumenta-se a despesa, diminuem-se as receitas. A previdência social, não só aqui, mas em toda a parte, está em crise e continuará nesse estado, permanentemente. O seu equilíbrio será instável, necessitando de reparos emergenciais todos os dias.

Aqui, a situação agravou-se. Nunca se fizeram, com seriedade, as reservas necessárias que a ciência atuarial exige, recolhendo hoje e preservando para atender ao compromisso no futuro. Foram concedidas aposentadorias para trabalhadores que nunca contribuíram, pensões para idosos sem fonte de recursos, e dezenas de desvios de recursos destinados a gastos futuros. Literalmente, predominou o saque.

Osíris de Azevedo Lopes Filho. *Correio Braziliense*, 29/01/2003, p. 5 (com adaptação).

19. Os segmentos “Nunca se fizeram” (l. 7) e “Foram concedidas” (l. 8), na voz passiva, têm como correspondentes na voz ativa as formas **Nunca foram feitas e concederam-se**.

20. O texto utiliza o recurso da voz passiva para apresentar as informações com imparcialidade, especialmente no segundo parágrafo, em que as estruturas “a situação agravou-se” “Nunca se fizeram” e “Foram concedidas” são usadas pelo autor para não assumir uma posição acerca do assunto.

21. Contextualmente, seria correto introduzir a forma verbal **houve** imediatamente antes de “dezenas” (l. 10).

Gabarito: 1. e; 2. b; 3. a; 4. c; 5. a; 6. c; 7. a; 8. c; 9. b; 10. e; 11. e; 12. d; 13. a; 14. e; 15. a; 16. d; 17. d; 18. c; 19. errado; 20. certo; 21. certo.

14.7. RESUMO

Bem, chegamos ao final deste tópico... Vamos sistematizar?

- Uma frase que admite transposição da ativa para a passiva é aquela que possui **VDT ou VTDI.**
- Diante de um “se” na frase, verifique a transitividade do verbo e tente **transportar tal frase para a passiva analítica. Em caso positivo, você estará diante de voz** passiva sintética e o “se” será pronome apassivador.
- **A voz passiva reescreve a ativa, com a diferença** de que a primeira enfatiza o objeto direto da segunda, que passa a funcionar como sujeito paciente.
- Na voz passiva, **não existe, portanto, objeto direto, e sim sujeito paciente, apesar de o verbo ter** transitividade direta. Por isso, atenção à concordância verbal na voz passiva sintética.

15 PERÍODO COMPOSTO

15.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Antes de tudo, vamos colocar uns pingos nos is... Você sabe a diferença entre frase, oração e período? Frase é qualquer enunciado que produza sentido. Pode ser **nominal** ("Oi!") ou **verbal** ("Cheguei!"). Já oração precisa possuir verbo: **oração é a frase verbal**. Lembra que, na escola, contávamos as orações pelo número de verbos: para cada verbo, uma oração... E o **período é a composição de orações**. Pode ser simples (nesse caso, a única oração que ele possui é a chamada oração absoluta) ou composto (com duas ou mais orações).

Observe uma assertiva, do estilo certo ou errado, de uma prova do Cespe-UnB, que buscava exatamente esse conceito:

> *Um Brasil com desemprego zero. Um Brasil bem distante das estatísticas que apontam para uma taxa de desocupação em torno de 9%.*
> 1) O primeiro período do texto tem natureza nominal.

O que é, portanto, ter natureza nominal? É não ter verbo. A assertiva é, portanto, verdadeira. Agora, caso se dissesse "O Brasil *possui* desemprego zero", aí seria uma frase verbal, e não nominal.

O período composto se subdivide em dois blocos: por **coordenação** e por **subordinação**. Lembra que, na escola, tínhamos o péssimo hábito de, para saber se o período era composto por coordenação ou subordinação, retirar uma das orações da frase para verificar se a sua ausência fazia realmente falta ao período? Se a oração saísse da frase e tudo ficasse bonito, então, ela era coordenada; no entanto, se retirada e fizesse falta, seria subordinada... Isso, por si só, não é muito estranho? Hoje, já não se deve ensinar assim. Observe:

15.2. ORAÇÕES COORDENADAS X ORAÇÕES SUBORDINADAS

> A diferença entre o período composto por coordenação e o período composto por subordinação é que as orações coordenadas só se relacionam entre si semanticamente, não sintaticamente. São independentes sob o ponto de vista sintático. Já as subordinadas recebem essa classificação por se subordinarem sintaticamente entre si.

Parece confuso? É simples: as orações coordenadas só possuem valor semântico entre si: adição, adversidade, explicação... No entanto, as subordinadas exercem função sintática (uma é sujeito da outra, objeto direto, adjunto adverbial...). Mas não é somente com base nesse critério que você vai classificar

as orações. Existem outras formas ainda mais simples de você pensar. As conjunções, por exemplo, vão ajudar bastante na classificação das orações. Vamos então organizar esses conceitos?

No **período composto por coordenação**, tem-se, portanto, uma sequência de orações em que uma não exerce função sintática da outra, ou seja: uma oração *não* é sujeito, objeto, complemento nominal, adjunto da outra. Veja um exemplo:

Encontrei meu amigo/ e cumprimentei-o.

Repare que há uma *independência* sintática, já que, ao analisarmos a primeira oração, verificamos que todos os seus *termos* (sujeito, objeto...) estão dentro dela mesmo, o mesmo ocorrendo com a segunda oração:

(Eu) – *sujeito* – encontrei – *verbo* – meu amigo – *objeto direto* / (Eu – *sujeito* – cumprimentei – *verbo* – o – *objeto direto*.)

No **período composto por subordinação**, o que se vê é uma sequência de orações em que uma é termo sintático da outra, ou seja: uma oração *é* sujeito, objeto, complemento nominal, adjunto da outra. Aqui, os termos da oração (sujeito, objeto, complemento nominal, adjuntos...) aparecem sob *forma de oração* – sujeito oracional, objeto oracional etc. Observe:

Desejo / que sejas feliz.

Nesse exemplo, há uma *dependência* sintática, pois o objeto direto do verbo *desejo* não se encontra na primeira oração, e sim na segunda.

(Eu – *sujeito* – desejo – *verbo* – (o quê?) / que sejas feliz – *objeto direto.)*

Vamos agora à divisão dessas orações. Em um quadro sucinto, teríamos:

– aditivas

– alternativas

• Orações coordenadas – adversativas

– conclusivas

– explicativas

• Orações subordinadas

– subjetivas

– objetivas diretas

– objetivas indiretas

– substantivas – completivas nominais

– predicativas

– apostivas

– agente da passiva

– causais

– comparativas

– concessivas

– adverbiais – condicionais

– conformativas

– consecutivas

– finais

– proporcionais

– temporais

– adjetivas – restritivas

– explicativas

Obs.: As orações coordenadas e as subordinadas podem aparecer sob forma *desenvolvida* – quando são introduzidas por *conjunção* ou *pronome relativo* – ou *reduzida* – quando aparecem verbos no *infinitivo*, no *gerúndio* ou no *particípio*.

15.2.1. Orações coordenadas

a) Assindéticas (sem conectivo):

Ex.: Não corra, não mate, não morra.

As orações coordenadas *assindéticas* não vêm com conectivo, com conjunção: Não corra, não mate, não morra.

b) Sindéticas (conectivas – vêm com conjunção e se dividem em):

• aditivas – exprimem ideia de soma, adição.

Ex.: Chegou [e se divertiu.]

A segunda oração *acrescenta* uma ação à ocorrida na primeira oração.

As principais conjunções são: e, nem, não só...mas também etc.

• adversativas – exprimem ideia de oposição, contraste, ressalva.

Ex.: Saiu cedo de casa, [mas chegou atrasado ao trabalho.]

A segunda oração contrasta com a informação da primeira. Se ele saiu cedo de casa, o normal seria *não* chegar atrasado.

As principais conjunções são: mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto etc.

• alternativas – exprimem ideia de alternância, escolha.

Ex.: Ora chovia, [ora fazia sol.] alternância

Fale agora, [ou se cale para sempre.] escolha

As principais conjunções são: ou, ou... ou, ora...ora, já...já, quer... quer etc.

• conclusivas – exprimem ideia de conclusão.

Ex.: Trabalhou muito, [logo foi recompensado.]

A segunda oração conclui algo mais ou menos esperado do que se afirmou na primeira.

As principais conjunções são: logo, portanto, por conseguinte, pois (quando vem posposto ao verbo) etc.

• explicativas – exprimem uma justificativa para o que se disse na outra oração.

Ex.: Aguarde um instante [pois estou chegando.]

A segunda oração explica, justifica o pedido feito na primeira.

As principais conjunções são: que, pois (antes do verbo), porque, porquanto etc.

Pelo que você deve estar percebendo, tudo isso nada mais é do que uma revisão do que estudamos lá no capítulo de conjunções. Por isso, vale sistematizar:

Para classificar uma oração coordenada, basta verificar a relação semântica entre as orações. Ela se subdivide em cinco tipos: aditiva, adversativa, alternativa, conclusiva e explicativa.

Antes de passarmos à classificação das orações subordinadas, vamos fixar um pouco esses

conceitos?

Use o seguinte código para classificar as orações coordenadas destacadas abaixo:

(1) oração coordenada assindética;

(2) oração coordenada sindética aditiva;

(3) oração coordenada sindética alternativa;

(4) oração coordenada sindética adversativa;

(5) oração coordenada sindética conclusiva;

(6) oração coordenada sindética explicativa.

1. ( ) "Foi até a esquina, parou, tomou fôlego."

Comentários: Aparecem, aqui, três orações sem estarem ligadas por conjunções. Todas são coordenadas assindéticas.

Resposta: 1.

2. ( ) Penso, *logo existo*.

Comentários: A segunda oração conclui uma afirmação feita na oração anterior.

Resposta: 5.

3. ( ) Comprou os ingressos, *porém não conseguiu assistir ao jogo.*

Comentários: O que se esperava na segunda oração era que ele conseguisse assistir ao jogo, já que comprou os ingressos. No entanto, isso *não* ocorreu.

Resposta: 4.

4. ( ) Venha *e fique à vontade*.

Comentários: Aqui, *dois* pedidos são feitos: *venha* e *fique*, um se soma ao outro.

Resposta: 2.

5. ( ) Chore, *porque alivia a dor.*

Comentários: A segunda oração *justifica* o pedido feito na anterior. Observe que a outra oração está com verbo no imperativo: isso pode ajudar a entender que a outra oração é a explicação para o conselho inicial.

Resposta: 6.

6. ( ) Ora falava sem parar, *ora se calava demoradamente*.

Comentários: As ações vão se alternando no tempo.

Resposta: 3.

7. ( ) O filho chegou *e a mãe nem notou.*

Comentários: O normal seria a mãe notar a chegada do filho, porém isso não ocorreu.

Resposta: 4.

Obs.: Essa última frase é um bom exemplo do que já mostramos na aula de conjunções: mais importante que decorar algumas conjunções é enxergar a *ideia* que se estabelece entre as orações. O *e* deste exemplo introduz um valor de *adversidade* em relação ao que se disse antes, e não adição.

15.2.2. Orações subordinadas

Agora, vamos às orações subordinadas. A oração que não possui o conectivo será chamada de oração *principal* e a outra que se relaciona com ela será a *subordinada* (lembre-se de que, no período composto por coordenação, a oração que não tinha o conectivo era chamada de **coordenada assindética**? Aqui, em subordinação, o nome é **principal**). Quanto às subordinadas, elas se subdividem em três blocos:

a) Substantivas (equivalem a um substantivo, exercendo as funções próprias do substantivo)

Apresentam-se em forma *desenvolvida* (introduzidas pelas **conjunções integrantes que** ou **se** ou por **pronome indefinido**, **pronome** ou **advérbio interrogativo**) e em forma *reduzida* (infinitivo).

• **Subjetivas:** exercem a função sintática do sujeito.

Verbo na 3ª pessoa do singular (*convir, cumprir, importar, urgir, acontecer, parecer etc.*) seguidos de *que, se* ou de *infinitivo*.

Ex.: Urge [que chegues no horário.]

Expressões na voz passiva: *sabe-se, soube-se, diz-se, conta-se, é sabido, estava decidido etc.*

Ex.: Diz-se [que ela mentiu.]

Verbo de ligação mais predicativo: *é bom, é conveniente, está claro etc.*

Ex.: Está claro [que ela mentiu.]

Aqui vale uma dica:

Atenção: Quando o sujeito aparece sob forma de oração, normalmente aparecem essas construções (convém, importa, sabe-se, é sabido, é bom, está claro) na oração principal. A oração subordinada é sujeito da oração principal quando não se acha o sujeito da oração principal na oração principal.

Veja:

Ex.: Urge / que chegues no horário.

(or. princ.) (or. subord. subst. subjetiva)

A segunda oração é sujeito da primeira porque, ao se analisar a oração principal, não encontramos o sujeito de *urge* nessa oração: Ele urge? Alguém urge? Não tem sentido. O que se entende é: Urge isto (que chegues no horário). Na ordem, teríamos: Isto (= que chegues no horário) urge. O mesmo ocorre com os outros exemplos:

Ex.: Diz-se / que ela mentiu.

(or. princ.) (or. subord. subst. subjetiva)

Ele diz-se? Alguém diz-se?

Ou: Diz-se isto (= que ela mentiu) Na ordem:

Isto (= que ela mentiu) se diz.

Mais um exemplo:

Ex.: Está claro / que ela mentiu.

(or. princ.) (or. subord. subst. subjetiva)

Ou: Está claro isto (= que ela mentiu). Na ordem direta, teríamos:

Ex.: Isto (= que ela mentiu) está claro.

• **Objetivas diretas:** exercem a função de objeto direto.

Ex.: Espero [que ela volte logo.]

Não sei [se volto amanhã.]

Os **verbos** *espero* e *sei* são transitivos diretos. O complemento é o objeto direto.

Ex.: (Eu) Espero / que ela volte logo.

(or. princ.) (or. subord. subst. objetiva direta)

Ex.: (Eu) Não sei / se volto amanhã.

(or. princ.) (or. subord. subst. objetiva direta)

• **Objetivas indiretas**: exercem a função de objeto indireto.

Ex.: Necessito [de que me ajudem nesta tarefa.]

(or. princ.) (or. subord. subst. objetiva indireta)

O **verbo** *necessito* pede preposição obrigatória, é transitivo indireto. O complemento é o objeto

indireto.

• **Completivas nominais**: exercem a função de complemento nominal.

Ex.: Tenho necessidade [de que me auxilies.]

(or. princ.) (or. subord. subst. completiva nominal)

Ex.: Tinha esperança [de que revelasses o segredo.]

(or. princ.) (or. subord. subst. completiva nominal)

Agora o que temos são os **nomes**, *necessidade* e *esperança*, que pedem preposição. O complemento de nome substantivo é complemento nominal.

• **Predicativas**: exercem a função de predicativo.

Ex.: Minha esperança é [que consiga esse emprego.]

(or. princ.) (or. subord. subst. predicativa)

Atenção: A oração subordinada é predicativa quando vem após um verbo de ligação.

• **Apositivas**: exercem a função de aposto.

Ex.: Havia uma esperança: [que contasse a verdade.]

(or. princ.) (or. subord. subst. apositiva)

A oração subordinada "que contasse a verdade" **explica** a *esperança* que havia. Aposto sob forma de oração.

• **Agente da passiva**: aparecem sem conjunção e são introduzidas por pronome indefinido, seguido de **por** ou **de**.

Ex.: Foi substituído [por quem o criticava.]

(or. princ.) (or. subord. subst. agente da passiva)

Foi substituído [por quem o criticava.]

A oração subordinada é o termo que **age** nesse período: *quem o criticava* é que o substitui.

Vamos sistematizar?

Uma boa dica para identificar facilmente uma oração substantiva é trocá-la por um substantivo ou por isto (pronome substantivo).
Após verificar que ela é subordinada substantiva, faça a análise sintática da oração principal: comece pelo verbo, pergunte por seu sujeito, seus objetos...

Vamos fixar os conceitos apreendidos?

Use o seguinte código para classificar as orações subordinadas substantivas destacadas:

(1) subjetiva;

(2) objetiva direta;

(3) objetiva indireta;

(4) completiva nominal;

(5) predicativa;

(6) apositiva;

(7) agente da passiva.

1. ( ) Reafirmo meu desejo: *que todos tenham boa sorte*.

Comentários: A oração destacada explica, esclarece o *desejo* apresentado na oração principal.

Resposta: 6.

2. ( ) Lembrou-se *de que a reunião fora adiada*.

Comentários: A oração subordinada completa um verbo transitivo indireto, vem com preposição obrigatória.

Resposta: 3.

3. ( ) É indispensável *que todos entendam o problema*.

Comentários: O sujeito do verbo da oração principal (*É*) não aparece na oração principal (Ele é indispensável?). Logo, o sujeito é toda a oração que se segue: "que todos entendam o problema". Isto é, "É indispensável isto (= que todos entendam o problema). Na ordem: Isto é indispensável.

(suj.)

Resposta: 1.

4. ( ) Tenho a impressão *de que mentiste para mim*.

Comentários: Observe que agora o termo preposicionado completa um substantivo (*impressão*), e não um verbo. Quem completa verbo é objeto; quem completa nome é complemento nominal.

Resposta: 4.

5. ( ) O pai esperava *que o filho reagisse*.

Comentários: A oração em destaque completa o sentido de um verbo transitivo direto, *não* pede

preposição.

Resposta: 2.

6. ( ) O desejo da família era *que se formasse logo.*

Comentários: Temos neste período uma oração subordinada que se segue a um *verbo de ligação.* Aparecendo esse tipo de verbo, o que temos não é um objeto, e sim predicativo.

Resposta: 5.

7. ( ) Parece *que a decisão foi justa*.

Comentários: Agora, o que aparece após o verbo é o seu sujeito, pois na oração principal não encontramos o seu sujeito (Ele parece? Alguém?). Portanto, o sujeito do *parece* é toda a oração subordinada: *"Parece isto*. Na ordem: *"Isto parece"*.

(suj.)

Resposta: 1.

8. ( ) Peço a todos *que não se atrasem*.

Comentários: O verbo, nessa frase, pede dois complementos: um com preposição, objeto indireto (*a todos*) e outro sem preposição, objeto direto (*que não se atrasem*) sob forma de oração.

Resposta: 2.

b) Adverbiais: modificam o verbo, como um advérbio. Equivalem a um adjunto adverbial. São introduzidas pelas **conjunções subordinativas adverbiais** (= orações desenvolvidas). Podem aparecer sob forma *reduzida* (de infinitivo, de gerúndio ou de particípio).

• **Causais**: indicam o *motivo*, a *razão* do que ocorre na oração principal.

Ex.: *Como chovia muito*, não fui à escola.

"Chover muito" foi o *motivo* que fez ele "não ir à escola".

As principais conjunções são: porque, como, já que, visto que, uma vez que...

• **Consecutivas**: indicam o *resultado* de uma ação.

Ex.: Gritou tanto *que perdeu a voz*.

Agora, "perder a voz" e o *resultado* de ter "gritado tanto", ou seja, a consequência.

As principais conjunções são: que (precedido de tão, tanto, tal), de modo que, de sorte que...

• **Concessivas**: exprimem sentido de *oposição, exceção*, *aceitar uma ideia oposta*.

Ex.: Foi à escola, *embora chovesse muito*.

Observe que o fato de "chover muito" não evitou a "ida à escola". Havia adversidade, mas não impediu que um fato ocorresse.

As principais conjunções são: embora, conquanto, mesmo que, ainda que, por mais que... Lembre-se de que, com elas, o verbo vem no subjuntivo.

• **Condicionais**: indicam uma *hipótese* para a realização de um fato.

Ex.: *Se vieres*, darei a festa.

Eu só "darei a festa" na *condição*, na *hipótese* de "vires".

As principais conjunções são: se, caso, desde que, contanto que...

• **Comparativas**: exprimem uma ideia de *comparação* entre dois termos.

Ex.: É inteligente *como o pai*.

Nesse período, a intenção é *comparar* a "inteligência do filho" com a "do pai". Nas comparativas, normalmente o verbo vem subentendido: "É inteligente como o pai (é)".

As principais conjunções são: como, que (antecedido de mais, menos), quanto, assim como...

• **Conformativas**: indicam a *conformidade* de um fato com outro.

Ex.: Não compareceu, *conforme se previa*.

De acordo com a previsão, ele *não compareceu.* Ou seja, não há contradição, já era algo esperado.

As principais conjunções são: como, conforme, consoante...

• **Finais**: indicam a *finalidade*, o *objetivo*.

Ex.: Comportaram-se *para que não fossem castigados*.

Aqui, havia um *objetivo*: "não ser castigado", por isso se comportaram.

As principais são: a fim de que, que, para que, porque...

• **Proporcionais**: relação entre duas ações em que uma delas acarreta *mudança* na outra.

Ex.: *À medida que o tempo passava*, ia ficando mais preocupado.

Nessa frase, observamos que "a preocupação ia aumentando" na mesma proporção que o "tempo passava".

As principais conjunções são: à medida que, à proporção que, ao passo que...

• **Temporais**: indicam o *momento* em que ocorre um fato.

Ex.: *Quando chegou*, todos o aplaudiram.

Os "aplausos" aconteceram no *momento* de sua chegada, indicando um tempo simultâneo.

As principais conjunções: quando, mal, enquanto, desde que, logo que...

Vale sistematizar:
As orações subordinadas adverbiais são aquelas que indicam circunstâncias ao verbo da oração principal (tempo, causa, finalidade etc.)
Uma forma simples de classificá-las é se guiar pelas conjunções que as iniciam: são as conjunções subordinativas adverbiais.

Antes de treinarmos, vamos falar do último bloco das orações subordinadas: **as orações subordinadas adjetivas**.

c) Adjetivas

Quanto às orações adjetivas, entenda que:

As orações adjetivas, por terem um valor adjetivo, referem-se ao substantivo da oração principal.
Quando desenvolvidas, iniciam-se por um pronome relativo, que é conectivo que retoma o substantivo ou o pronome substantivo da oração principal. Podem aparecer sob forma reduzida (de infinitivo, de gerúndio ou de particípio).

Fácil reconhecê-las, não é? Saiba ainda que a oração adjetiva funciona como adjunto adnominal de um substantivo ou pronome da oração principal, ora tendo **função restritiva** (sem vírgulas), outras vezes com **função explicativa** (entre vírgulas). Assim:

"O homem / *que trabalha* / perde tempo precioso."

or. sub. adj. restritiva

Aqui, a oração em destaque refere-se ao substantivo *homem*, é seu adjunto adnominal e tem valor semântico de restrição: está-se falando aqui de um homem específico – o homem *que trabalha*, e não de qualquer homem. Agora, perceba a diferença para este outro exemplo:

Fernanda / *que é ótima aluna*, / obedece aos pais.

or. sub. adj. explicativa

Entenda que, nesse caso, a oração destacada também é adjunto adnominal do seu substantivo antecedente *Fernanda*, só que, agora, tem valor de explicação, é uma *informação adicional*, e não uma restrição. Por isso, a oração veio entre vírgulas.

A essa altura, você pode estar um pouco confuso com tantas informações: qual seria, então, a diferença entre a oração adjetiva restritiva e a explicativa? As duas têm, sintaticamente, a mesma função: são adjuntos adnominais, só que, *quanto ao sentido* são diferentes: uma restringe, a outra explica. Ou seja, a primeira se refere ao antecedente particularizando-o. A segunda se refere ao antecedente de maneira geral.

Após ter entendido bem o conceito de oração adjetiva, vale sistematizar:

Oração adjetiva é aquela que se inicia com pronome relativo (que, quem, o qual etc.). Sintaticamente, ela será sempre um adjunto adnominal do substantivo antecedente. Semanticamente, ela pode restringir (sem vírgulas) ou explicar (entre vírgulas, ou, se vier ao final do período, com uma vírgula e um ponto) esse substantivo. Daí, poder ser chamada de restritiva ou explicativa.

Agora sim, vamos treinar.

Use o código abaixo para classificar as orações subordinas adverbiais ou adjetivas destacadas:

(1) oração subordinada adverbial causal;

(2) oração subordinada adverbial consecutiva;

(3) oração subordinada adverbial concessiva;

(4) oração subordinada adverbial condicional;

(5) oração subordinada adverbial comparativa;

(6) oração subordinada adverbial conformativa;

(7) oração subordinada adverbial final;

(8) oração subordinada adverbial proporcional;

(9) oração subordinada adverbial temporal;

(10) oração subordinada adjetiva restritiva;

(11) oração subordinada adjetiva explicativa.

1. ( ) O que você faria *se ela entrasse por aquela porta*?

Comentários: A oração subordinada estabelece uma *condição* para o que se questiona na principal.

Resposta: 4.

2. ( ) *Antes que essa coluna fosse publicada*, tomei a decisão.

Comentários: A "tomada de decisão" se deu *antes* da publicação da coluna.

Resposta: 9.

3. ( ) "Coisas *que passaram* e pessoas *que perdi* estão comigo, nas belas memórias."

Comentários: Agora, o conectivo *que*, nas duas passagens, *retoma um antecedente*, é pronome relativo. Como não aparece vírgula antecedendo esses conectivos, restringem, particularizam os antecedentes.

Resposta: 10.

4. ( ) "Nossa aventura existencial terá mais ou menos chance *à medida que esse chão for confiável*."

Comentários: Ao se usarem os conectivos *à medida que*, *à proporção que*, *ao passo que*, o que se quer é estabelecer uma ideia de proporção.

Resposta: 8.

5. ( ) "Eu, *que ia escrever sobre viagens*, acabo escrevendo sobre música ruim."

Comentários: Mais um exemplo em que o conectivo *que* retoma um antecedente. Mas, ao se usarem as vírgulas, a finalidade é a de *explicar* o que "eu iria escrever".

Resposta: 11.

6. ( ) *Conquanto estivesse descontente*, não desistia do plano.

Comentários: O fato de "ele estar descontente" não impediu que insistisse no plano, ou seja, o obstáculo não impediu que um fato ocorresse.

Resposta: 3.

7. ( ) *Segundo previu o economista*, o mercado se estabilizou.

Comentários: O "mercado se estabilizou" *de acordo com* a previsão do economista.

Resposta: 6.

8. ( ) As vendas subirão, *uma vez que os juros baixaram*.

Comentários: É por *causa* de "os juros terem baixado" que as vendas subirão, relação de causa e efeito.

Resposta: 1.

9. ( ) A comida era tão boa *que todos silenciaram em volta da mesa*.

Comentários: O "silêncio" é a consequência de "a comida estar saborosa", ou seja, foi por causa disso que todos silenciaram.

Resposta: 2.

10. ( ) As mulheres sempre são mais maldosas *que os homens*.

Comentários: Entre essas duas orações, há a intenção de se *comparar* a *maldade* das mulheres com a dos homens, em um grau de superioridade.

Resposta: 5.

11. ( ) Faremos esforço, *para que não haja conflitos*.

Comentários: O "esforço" vai ser feito com a *finalidade* de "não haver conflitos."

Resposta: 7.

12. ( ) *Mal se sentou na cadeira presidencial*, passou a ver conspirações em tudo.

Comentários: A oração destacada mostra o *momento* em que "passou a ver conspirações": quando se sentou na cadeira presidencial.

Resposta: 9.

13. ( ) Os juros custam caro para o governo, *que é o maior devedor do país*.

Comentários: Mais um período em que o conectivo *que* retoma um *antecedente*, antecedido de vírgula.

Resposta: 11.

14. ( ) *Mesmo que insista no pedido*, não irei à posse do prefeito.

Comentários: O fato de "insistir no pedido" deveria ser suficiente para ele "ir à posse", porém isso *não* ocorre.

Resposta: 3.

15.3. AS FUNÇÕES SINTÁTICAS DO PRONOME RELATIVO

Como concursando é o cara que não tem paz nunca, vamos à próxima etapa: diante de uma oração adjetiva, é comum que as bancas perguntem ao aluno a função sintática do pronome relativo que a inicia. É exatamente isso: o pronome relativo pode ser sujeito, objeto direto, complemento nominal etc., na oração adjetiva a que ele pertence. Para descobrir sua função, basta substituir o pronome relativo por seu antecedente e colocar a oração adjetiva na ordem direta. Observe:

"A verdade é tudo aquilo / que os políticos negam."

(= aquilo)

Organizando a frase: Os políticos negam aquilo. (= objeto direto)

Logo, o *que* será objeto direto.

Sabemos que não parece tão simples assim. Se análise sintática, por si só, já é um assunto muitas vezes complicado para o aluno, podemos imaginar o quanto pareça complexo ter de detectar a função sintática de um *que, cujo* etc.

Por isso, achamos melhor criar um passo a passo para você chegar à classificação do relativo, sem o risco de se confundir com as muitas informações que, na maioria das vezes, o período apresenta. Assim, leia com atenção nossas orientações:

Instruções para a classificação da função sintática do pronome relativo:
1. Isolar a oração adjetiva.
2. Destacar o pronome relativo presente na oração adjetiva e substituí-lo por seu antecedente na oração principal.
3. Colocar a oração adjetiva na ordem direta (sujeito → verbo → complementos).
4. Não confundir a função sintática do pronome relativo com a função do seu antecedente na oração principal.

Vamos treinar? Nas frases a seguir, classifique as orações adjetivas destacadas e dê a função sintática dos pronomes relativos que as iniciam:

1. "As pessoas que a gente ama deviam morrer com todas as suas coisas."

Comentários: Antecedente do relativo: *pessoas*. Colocando a oração adjetiva na ordem direta, teríamos: "a gente ama as pessoas". *Pessoas* é objeto direto do verbo *amar*. Logo, o *que* é objeto direto. Atenção para não confundir a função do *que* com a função sintática do substantivo *pessoas* na oração principal, que é sujeito da locução verbal *deviam morrer*. Por isso, é tão importante isolar a oração adjetiva: de outra forma, você poderia se perder na sua leitura e acabar por fazer a análise sintática da oração principal *As pessoas deviam morrer com todas as suas coisas*.

Resposta: que = objeto direto.

2. Aquele era o lugar onde as pessoas tomavam chá.

Comentários: O pronome relativo *onde* retoma o substantivo *lugar*. Na ordem direta, a oração adjetiva deve ficar: "as pessoas tomavam chá **no lugar**". Ora, *no lugar* traz ideia circunstancial ao verbo, sendo, portanto, seu adjunto adverbial de lugar. Aliás, como o pronome relativo *onde* indica circunstância de lugar, ele será sempre adjunto adverbial de lugar.

Resposta: onde = adjunto adverbial de lugar.

3. As roupas que ia vestir já estavam passadas.

Comentários: O pronome relativo *que* retoma o substantivo *roupas*. A oração adjetiva, na ordem direta, ficaria: "ia vestir *as roupas*". A expressão destacada é objeto direto do verbo *vestir*.

Resposta: que = objeto direto.

4. "Aqueles que aceitam ceder liberdades essenciais em troca de segurança temporária não merecem nem segurança nem liberdade."

Comentários: O pronome relativo retoma o pronome demonstrativo antecedente *aqueles*. A oração adjetiva já está na ordem direta. Substituindo o relativo por seu antecedente, teríamos: "*Aqueles* aceitam ceder liberdades essenciais...". *Aqueles* é sujeito do verbo *aceitam*. Logo, o pronome *que* tem a mesma função.

Resposta: que = sujeito.

5. Pelas alamedas, o que se ouvia era música americana.

Comentários: A palavra *que* retoma o demonstrativo *o* (= *aquilo*). Na ordem direta, a oração adjetiva ficaria "*Aquilo* se ouvia", que é o mesmo que "aquilo era ouvido" (voz passiva analítica). *Aquilo* é sujeito de ouvia, portanto, o *que* é sujeito. Cuidado com o pronome **se** apassivador, passe a frase para a passiva analítica, o que torna mais fácil a análise dos termos.

Resposta: que = sujeito.

6. É singular o grau de desinteresse que os alunos mostram pelo livro didático.

Comentários: O pronome *que* retoma o substantivo *grau* da expressão *grau de desinteresse*. Na ordem direta, teríamos: "os alunos mostram *o grau de desinteresse* pelo livro didático". O verbo *mostrar* é transitivo direto nessa frase. Logo, o *que* é objeto direto.

Resposta: que = objeto direto.

7. Prefiro o que ele foi ao que ele é.

Comentários: Muita calma agora... Vamos analisar cada oração adjetiva: na primeira, o *que* retoma o pronome demonstrativo *o* (= *aquilo*). Assim, na ordem direta, teríamos: "ele foi *aquilo*". Ora, diante do verbo de ligação *foi*, temos a certeza de que o *que* é predicativo do sujeito.

Verifique que o mesmo ocorre na outra oração adjetiva: o pronome *que* retoma o pronome demonstrativo *o* da combinação *ao*. Dessa forma, na ordem direta, a segunda oração adjetiva deve ficar assim: "ele é *aquilo*". De novo, um verbo de ligação (*é*): o pronome relativo é, novamente, predicativo do sujeito.

Resposta: 1º que = predicativo do sujeito./2º que = predicativo do sujeito.

8. A morte é a única coisa de que tenho medo.

Comentários: O pronome relativo *que* retoma *coisa*. Colocando a oração adjetiva na ordem direta, teríamos: "tenho medo *da coisa*". A expressão destacada refere-se ao substantivo *medo*, completa esse termo e tem valor passivo, é *seu complemento nominal*.

Resposta: que = complemento nominal.

9. "Aqueles a quem os deuses amam morrem jovens."

Comentários: O pronome relativo *quem* retoma o pronome demonstrativo *aqueles*. Na ordem direta, a oração adjetiva fica: "Os deuses amam *àqueles*." Você observou que o pronome *quem* veio antecedido da preposição *a*? Veja também que o verbo *amar* é *transitivo direto*, não pede preposição, mas ainda assim ela apareceu. É o objeto direto preposicionado: a preposição aparece para dar ênfase ao verbo.

Resposta: quem = objeto direto preposicionado.

10. A amiga com quem andas não é muito confiável.

Comentários: O pronome relativo *quem* retoma o substantivo *amiga*. Assim, a frase destacada, na ordem direta, ficaria: "Andas *com a amiga*". A expressão *com a amiga* indica circunstância de companhia para o verbo a qual se refere *andas*.

Resposta: quem = adjunto adverbial de companhia.

11. Chegou a pessoa por quem fui representado.

Comentários: O pronome *quem* retoma o substantivo *pessoa.* Na ordem direta, teríamos: "fui apresentado *pela pessoa*". Percebeu que a locução verbal *fui apresentado* indica que a frase está na

voz passiva analítica (o sujeito *eu* sofre a ação, é paciente)? O termo *pela pessoa* é o elemento que age, que *exerce a ação na voz passiva*. É, portanto, o agente da passiva. Lembre-se de que você só substituiu o pronome *quem* pelo substantivo *pessoa* para saber a função sintática do relativo, e não do substantivo *pessoa*. Só estamos falando isso para lembrar que o relativo *quem* é que é o agente da passiva, e o substantivo *pessoa* é sujeito da oração principal "Chegou a pessoa". **Cada um terá a sua função sintática na oração a que pertence.**

Resposta: quem = agente da passiva.

12. A música de Noel, cuja repercussão vara os tempos, é dotada de grande variedade melódica.

Comentários: *Cuja* está substituindo o substantivo *música*, da expressão *A música de Noel*. Na ordem direta, teríamos: A repercussão *da música de Noel* vara os tempos. Perceba a ideia de posse que existe no termo *da música de Noel*, que se refere ao substantivo *repercussão*. Trata-se, portanto, de *adjunto adnominal*. Nas provas de concursos públicos, o pronome relativo *cujo* e suas variações (*cuja, cujos, cujas*) normalmente são adjuntos adnominais, pois indicam valor semântico de posse.

Resposta: cuja = adjunto adnominal.

13. Invento novas dificuldades a que dedico horas.

Comentários: A palavra *que* retoma o substantivo *dificuldades*. Na ordem direta, teríamos: "Dedico horas *às novas dificuldades*". Perceba a regência do verbo *dedicar:* quem dedica, nessa frase, dedica algo a alguém ou a alguma coisa; ele é transitivo direto e indireto. Seu objeto direto é o substantivo *horas* e seu objeto indireto, o pronome relativo *a que*.

Resposta: que = objeto indireto.

15.4. ORAÇÕES REDUZIDAS

Vamos concluir este capítulo com as **orações reduzidas**, que são aquelas que apresentam o seu verbo (principal ou auxiliar, este último nas locuções verbais) no **infinitivo**, **gerúndio** ou **particípio**. Elas recebem este nome – reduzidas – porque perderam a conjunção ou o pronome relativo. Observe:

É preciso seguir em frente. (reduzido de infinitivo)

Precisando de ajuda, chamou-me. (reduzido de gerúndio)

Chegada a hora, saiu rapidamente. (reduzida de particípio)

Precisando chegar na hora marcada, saiu voando. (reduzida de gerúndio, locução verbal)

Obs.: Em geral, uma oração reduzida pode ser reescrita em desenvolvida. (iniciada por conjunção ou

pronome relativo)

Ex.: É preciso seguir em frente. (= É preciso que você siga em frente.)

Precisando de ajuda, chamou-me. (= Como precisava de ajuda, chamou-me.)

Chegada a hora, saiu rapidamente (= Quando chegou a hora, saiu rapidamente.)

Vamos ver isso na prática? Para cada frase a seguir, proceda da seguinte forma:

a) Desenvolva a oração reduzida.

Lembre-se de que *desenvolver uma oração* é acrescentar a conjunção ou o pronome relativo. Antes de escolher o conector adequado, verifique se ela é substantiva, adjetiva (referindo-se a um substantivo ou pronome antecedente na oração principal) ou adverbial (com ideia circunstancial).

b) Classifique a oração reduzida.

Não se esqueça de olhar para o verbo antes de classificar: ele virá na forma nominal (infinitivo/gerúndio/particípio). Se a oração apresentar locução verbal, é para o verbo auxiliar que você deverá olhar a fim de saber se a oração é reduzida de infinitivo, gerúndio ou particípio.

1. Sua palavra foi a primeira a perder o significado.

Comentários: A oração se refere ao termo antecedente (*primeira*), restringindo esse termo. Trata-se, portanto, de oração adjetiva; para desenvolvê-la, basta acrescentar o pronome relativo.

Assim, teríamos: "Sua palavra foi a primeira *que perdeu o significado*".

Resposta: oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de infinitivo.

2. Nada conseguindo, a mais nova fugiu.

Comentários: Veja que a oração em destaque indica circunstância de causa para aquela a que ela se refere. Assim, desenvolver essa oração significa acrescentar qualquer conjunção subordinativa adverbial causal (como, já que, visto que...). Uma sugestão: "Já que nada conseguira, a mais nova fugiu".

Resposta: oração subordinada adverbial causal reduzida de gerúndio.

3. "Se dependesse de mim, teria vetado a roda por não se parecer nada com o pé."

Comentários: Mais uma vez, um valor semântico de causa. Utilize, portanto, qualquer conjunção causal. Uma possível resposta: "Se dependesse de mim, teria vetado a roda, porque não se parece nada com o pé".

Resposta: oração subordinada adverbial causal reduzida de infinitivo.

4. “O liberalismo pensa estar defendendo o indivíduo ao negar a primazia do social ou ao dizer que uma sociedade é apenas um conjunto de ambições autônomas.”

Comentários: A combinação *ao* normalmente indica tempo (= *quando*). Veja que as orações, de fato, indicam circunstância de tempo. Desenvolvendo-as, teríamos: “O liberalismo pensa estar defendendo o indivíduo quando nega a primazia do social ou quando diz que uma sociedade é apenas um conjunto de ambições autônomas”.

Resposta: orações adverbiais temporais reduzidas de infinitivo.

5. Peço-te saíres da minha vida!

Comentários: Veja que a oração em destaque vale por um substantivo (= “Peço-te *isto*.”). Ao desenvolvê-la, portanto, basta acrescentar a conjunção integrante *que*. Assim, teríamos: “Peço-te que saias da minha vida!”

Percebeu que o verbo *pedir* é transitivo direto e indireto e que a oração é o seu objeto direto?

Resposta: oração subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo.

6. Terminada a aula, todos se retiraram.

Comentários: A oração destacada indica circunstância de tempo à oração principal. Portanto, desenvolva-a acrescentando uma conjunção temporal (*quando, assim que, logo que* etc.). Uma sugestão: Assim que terminou a aula, todos se retiraram.

Resposta: oração subordinada adverbial temporal reduzida de particípio.

7. É preciso diminuir as distâncias sociais.

Comentários: Não é o mesmo que dizer “É preciso *isto*”? A oração em destaque é, portanto, substantiva. Desenvolva-a acrescentando uma conjunção integrante (*que*). Assim, teríamos: É preciso que diminuam as distâncias sociais.

Percebeu que ela é *sujeito* da oração principal (“*Isto* é preciso”)?

Resposta: Oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo.

8. Há muitos alunos estudando com afinco.

Comentários: A oração destacada tem valor adjetivo: refere-se ao substantivo *alunos* da oração principal. Quando desenvolvida, deve-se iniciar, portanto, com pronome relativo. Dessa forma, teríamos: “Há muitos alunos que estudam com afinco”.

Como ela vem sem vírgulas, restringe o substantivo antecedente, sendo, portanto, restritiva.

Resposta: oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de gerúndio.

9. Apesar de ser torcedor fanático, não vai aos estádios.

Comentários: *Apesar de* é locução prepositiva com valor de oposição, concessão. Lembre-se de que desenvolver a oração é substituir a preposição por uma conjunção de mesmo valor semântico. Caberia, aqui, qualquer conjunção subordinativa adverbial concessiva (*embora, conquanto, ainda que, se bem que* etc.). Assim, a oração desenvolvida poderia ser: Embora seja torcedor fanático, não vai aos estádios.

O valor semântico da oração não é de concessão? Então, ela é subordinada adverbial concessiva.

Resposta: oração subordinada adverbial concessiva reduzida de infinitivo.

15.5. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Classifique as orações coordenadas em destaque.

1. "Não desejo nada, não temo nada. Sou livre."

_____

2. Sente aqui, que precisamos conversar.

_____

3. "Dario abre a boca, move os lábios, não se ouve resposta."

_____

4. "Apaguei as luzes do carro e acelerei."

_____

5. Três quartos da população do Afeganistão não sabem ler nem escrever.

_____

6. A irmã mais nova dominava perfeitamente o inglês, pois estudara em escolas americanas.

_____

7. Eu odeio telefone celular, mas acabei tendo um, como todo mundo.

_____

8. Trabalhou com afinco durante anos naquela empresa e não obteve reconhecimento.

_____

9. Ora estava alegre, ora ficava calado em um canto.

10. Eles se admiravam, contudo não se falavam.

11. "As provas intrínsecas são criadas pelo orador; dependem, pois, de seu método e de seu talento pessoal."

II. Classifique as orações subordinadas substantivas em destaque.

1. Quem fala em flor não diz tudo.

2. Sou favorável a que o aprovem.

3. Meu desejo é que você passe nos exames.

4. Desejo-te isto: que sejas feliz.

5. Lembre-se de que sonhos sem riscos produzem conquistas sem méritos.

6. Parece claro que os juros falam mais alto.

7. Não se sabe se ele agiu conforme as normas da empresa.

8. Os indicadores econômicos mostram que não houve nenhuma catástrofe.

9. "Muito acerta quem suspeita que sempre erra."

10. O Banco Central calcula que algumas dezenas de novas instituições poderão gerir mais fundos de aposentadoria.

11. Tenho necessidade de me apoiares nesta complicada situação.

12. Ninguém nega que o país passou a viver um sério quadro de déficit público, a partir da crise asiática.

13. Vejam como é bom ser feliz.

14. Viu chegarem os convidados.

15. "Lembre-se de que Deus está do lado."

16. Não sei se a história é verdadeira.

17. Naquele momento, teve a intuição de que entrara em uma aeronave errada.

18. "Ainda nos é impossível estimar a importância de Saramago para o idioma português."

19. Não imaginava onde estava entrando.

20. Tem certeza de que essa é a sua casa?

III. Classifique as orações subordinadas adjetivas e dê a função sintática do pronome relativo.

1. É melhor uma verdade que dói do que uma mentira que conforta.

2. Os juros custam caro para o governo, que é o maior devedor do país.

3. "Todo país onde não me entedio é um país que nada me ensina."

4. "O contato com esse mundo de perfeição, beleza, coerência e racionalidade, que é o mundo da boa literatura, torna os leitores muito mais conscientes do mundo em que vivem."

_____

5. Noel Rosa procurou escrever sobre tudo quanto expressasse o jeito de ser carioca.

_____

6. Diga-me a hora em que ele virá para cá.

_____

7. Sabemos perfeitamente o que lhe acontece.

_____

IV. Classifique as orações subordinadas adverbiais destacadas.

1. As previsões de crescimento continuam mais baixas que as do ano passado.

_____

2. Se o cenário externo permitir, o governo ousará mais.

_____

3. Conforme previu o economista, o mercado estabilizou-se.

_____

4. O consumidor ficou inadimplente porque gastou mais do que podia.

_____

5. Eles compunham uma grande coleção, que foi se dispersando à medida que seus filhos se casavam.

_____

6. Era tal sua generosidade, que ouvia a todos.

_____

7. Falou alto para que todos escutassem.

_____

8. Conquanto estivesse descontente, não desistia do plano.

_____

9. "O ar da tia era tão jovem, a exortação tão meiga e cheia de um perdão antecipado, que ela achou ali uma confidente e amiga."

_____

V. Classifique as orações subordinadas (substantivas, adjetivas ou adverbiais) destacadas.

1. É urgente reconhecer a necessidade de um trabalho mais efetivo com a palavra.

2. Quem tem a palavra detém o poder.

3. Mudar a sociedade é mudar o homem.

4. Sei que esperavas desde o início que eu te dissesse hoje o meu canto solene.

5. Sei que a única alma que eu possuo é mais numerosa que os cardumes do mar.

6. Basta que ele tenha existido para que a memória o corrompa com lembranças superpostas.

7. Não sei no que pensa.

8. A escola não está vencendo o desafio de alfabetizar funcionalmente a parcela da população que consegue chegar a ela.

9. Entende-se bem que D. Tonica observasse a contemplação dos dois.

10. Ao analisar o desempenho da economia brasileira, os empresários afirmaram que os resultados eram bastante razoáveis.

11. Se quiserem, serão beneficiados com a comenda.

12. Todos aqui sabem se eles virão ao culto esta noite?

13. É certo que as coisas melhorarão daqui em diante.

14. Alguém percebeu, logo, que tudo era uma farsa.

15. Dê-me a caixa que está sobre a mesa.

_____

16. "Para amamentar o próprio filho, até que este complete seis meses de idade, terá a mulher direito, durante a jornada, a dois descansos especiais, de meia hora cada um."

_____

17. Pergunte hoje a uma pessoa qualquer o que o Brasil precisa fazer para sair da crise.

_____

18. Não me esquecerei de que, vigorando a lei, estará perdido.

_____

19. A verdade é que preciso deste emprego.

_____

20. "Devagar se vai ao longe, mas, quando se chega lá, não se encontra mais ninguém."

_____

21. "Pensei que todas as pessoas deveriam sair por aí sem rumo, para poder achar o elo perdido em seu interior."

_____

22. "Quem determina a maciez da cama é o nível de ansiedade da nossa mente."

_____

VI. Classifique as orações reduzidas em destaque e desenvolva-as.

1. Criticar as viagens internacionais do Presidente da República ou de outros dirigentes parece despropositado.

_____

2. "O Estado moderno, não obstante apresentar-se como um Estado minimalista, é potencialmente um Estado maximalista."

_____

Gabarito: I – 1. oração coordenada assindética/oração coordenada assindética/oração coordenada assindética; 2. oração coordenada sindética explicativa; 3. oração coord. assindética, oração coord. assindética, oração coord. assindética; 4. oração coordenada sindética aditiva; 5. oração coordenada sindética aditiva; 6. oração coordenada sindética explicativa; 7. oração coordenada sindética adversativa; 8. oração coordenada sindética adversativa; 9. oração coordenada sindética alternativa; 10. oração coordenada sindética

adversativa; 11. oração coordenada sindética conclusiva.

II – 1. oração subordinada substantiva subjetiva; 2. oração subordinada substantiva completiva nominal; 3. oração subordinada substantiva predicativa; 4. oração subordinada substantiva apositiva; 5. oração subordinada substantiva objetiva indireta; 6. oração subordinada substantiva subjetiva; 7. oração subordinada substantiva subjetiva; 8. oração subordinada substantiva objetiva direta; 9. oração subordinada substantiva subjetiva; 10. oração subordinada substantiva objetiva direta; 11. oração subordinada substantiva completiva nominal (reduzida de infinitivo); 12. oração subordinada substantiva objetiva direta; 13. oração subordinada substantiva subjetiva (reduzida de infinitivo); 14. oração subordinada substantiva objetiva direta (reduzida de infinitivo = Viu / que os convidados chegavam); 15. oração subordinada substantiva objetiva indireta (o uso da preposição, no objeto indireto sob forma de oração é facultativo); 16. oração subordinada substantiva objetiva direta; 17. oração subordinada substantiva completiva nominal; 18. oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo; 19. oração subordinada substantiva objetiva direta; 20. oração subordinada substantiva completiva nominal.

III

1. oração subordinada adjetiva restritiva / oração subordinada adjetiva restritiva

• função sintática do pronome relativo que: que = verdade / que = mentira.

Organizando: A verdade dói. Logo, o que = sujeito.

(sujeito)

A mentira conforta. Logo, o que = sujeito.

2. oração subordinada adjetiva explicativa

• função sintática do pronome relativo que: que = o governo.

Organizando: O governo é o maior devedor do país. Logo, o que = sujeito.

(sujeito)

3. oração subordinada adjetiva restritiva

• função sintática do pronome relativo onde: onde = país.

Organizando: (Eu) não me entedio no país. Logo, o onde = ajunto adverbial de lugar.

(adj.adv.)

4. oração subordinada adjetiva explicativa / oração subordinada adjetiva restritiva

• função sintática do pronome relativo que: que = esse mundo / que = o mundo

Organizando: Esse mundo é o mundo da boa leitura. Logo, o que = sujeito.

(sujeito)

(os leitores) vivem no mundo. Logo, o que = adjunto adverbial.

(adj.adv.)

5. oração subordinada adjetiva restritiva

• função sintática do pronome relativo quanto: quanto = tudo.

Organizando: Tudo expressava... Logo, o quanto = sujeito.

(sujeito)

6. oração subordinada adjetiva restritiva

• função sintática do pronome relativo que: (em)que = na hora.

Organizando: Ele virá para cá na hora. Logo, o que = adjunto adverbial de tempo.

(adj. adv.)

7. oração subordinada adjetiva restritiva

• função sintática do pronome relativo que: que = o (= aquilo).

Organizando: Aquilo lhe acontece. Logo, o que = sujeito.

(sujeito)

IV – 1. oração subordinada adverbial comparativa; 2. oração subordinada adverbial condicional; 3. oração subordinada adverbial conformativa; 4. oração subordinada adverbial causal; 5. oração subordinada adverbial proporcional; 6. oração subordinada adverbial consecutiva; 7. oração subordinada adverbial final; 8. oração subordinada adverbial concessiva; 9. oração subordinada adverbial consecutiva.

V – 1. oração subordinada substantiva subjetiva (reduzida de infinitivo); 2. oração subordinada substantiva subjetiva; 3. oração subordinada substantiva predicativa (reduzida de infinitivo); 4. oração subordinada substantiva objetiva direta / objetiva direta; 5. oração subord. adjetiva restritiva / oração subord. adverbial comparativa; 6. oração subordinada substantiva subjetiva / oração subordinada adverbial final; 7. oração subordinada adjetiva restritiva (que = o(=aquilo). Pensa naquilo); 8. oração subordinada adjetiva restritiva; 9. oração subordinada substantiva subjetiva; 10. oração subordinada adverbial temporal (reduzida de infinitivo) / oração subordinada substantiva objetiva direta; 11. oração subordinada adverbial condicional; 12. oração subordinada substantiva objetiva direta; 13. oração subordinada substantiva subjetiva; 14. oração subordinada substantiva objetiva direta; 15. oração subordinada adjetiva restritiva; 16. oração subordinada adverbial final (reduzida de infinitivo) / oração subordinada adverbial temporal; 17. oração subordinada adjetiva restritiva (que = o(=aquilo)) / oração subordinada adverbial final (reduzida de infinitivo); 18. oração subordinada substantiva objetiva indireta (de que estará perdido) / oração subordinada adverbial temporal (reduzida de gerúndio – vigorando a lei); 19. oração subordinada substantiva predicativa; 20. oração subordinada adverbial temporal; 21. oração subordinada substantiva objetiva direta/oração

subordinada adverbial final; 22. oração subordinada substantiva subjetiva.

VI

1. oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo

A crítica às viagens internacionais do Presidente da República ou de outros dirigentes parece despropositada.

2. oração subordinada adverbial concessiva reduzida de infinitivo

O Estado moderno, embora se apresente como um Estado minimalista, ...

15.6. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Vamos, então, apreciar algumas questões de concursos comentadas?

1. (NCE/Eletrobras) "Felipe lembrou-se da história do Rei do Oriente que, desejando conhecer a história da humanidade, recebeu de um sábio quinhentos volumes; ocupado com negócios de Estado, pediu-lhe que a condensasse"; os vocábulos sublinhados exercem, respectivamente, as funções de:

a) sujeito / sujeito.

b) sujeito / objeto direto.

c) objeto direto / objeto direto.

d) objeto direto / sujeito.

e) objeto direto / objeto indireto.

Comentários:

Antes de tudo, lembre-se de isolar a oração adjetiva: *que recebeu de um sábio quinhentos volumes*. Para a sua leitura ficar mais fácil, pule a oração intercalada "desejando conhecer a história da humanidade". Assim, você olha somente para a oração adjetiva.

O próximo passo é substituir o pronome relativo *que* por seu antecedente, que é o substantivo *Rei* da expressão *o Rei do Oriente*. Agora, coloque a oração adjetiva na ordem direta: "*O Rei do Oriente* recebeu de um sábio quinhentos volumes". Vá ao verbo e pergunte por seu sujeito: "Quem recebeu quinhentos volumes de um sábio"? A resposta não é *o Rei do Oriente*? O pronome relativo *que* é, portanto, sujeito do verbo *receber*.

Já o pronome oblíquo *a* refere-se ao verbo *condensar*, que é transitivo direto. Trata-se, portanto, de seu objeto direto.

Resposta: B.

2. (Cesgranrio/Petrobras) Indique a frase a seguir em que o pronome relativo destacado não tem seu antecedente ou sua função sintática corretamente indicados.

a) "... 1994 entrará para a história como o ano em que o Brasil mostrou a sua cara..." – ano / adjunto adverbial.

b) "... deu-se conta da existência de um irmão siamês do Terceiro Mundo que, se morre e apodrece, leva o outro irmão consigo"... – Terceiro Mundo / sujeito.

c) "... habitante daquele lugar onde se matam pobres de fome e crianças à bala." – lugar / adjunto adverbial.

d) "Mas a espoleta final, que ajudou simbolicamente a desfraldar a bandeira da cidadania no País..." – espoleta / sujeito.

e) "... é esse desabrochar da cidadania que, a médio prazo, se transformará em pressão irresistível..." – desabrochar / sujeito.

Comentários:

Na letra A, o pronome relativo *que* retoma o substantivo *ano*. A frase na ordem direta, seria "O Brasil mostrou a sua cara *no ano*". A expressão em destaque indica circunstância de tempo ao verbo. É, de fato, adjunto adverbial de tempo.

Na letra B, o pronome relativo *que* retoma o substantivo *irmão*, que é núcleo da expressão *um irmão siamês do Terceiro Mundo*. Mais uma vez, siga o nosso conselho: para detectar a função sintática do relativo *que,* pule a oração intercalada que vem após esse relativo e coloque a oração adjetiva na ordem direta. Assim, teríamos "<u>O irmão siamês do Terceiro Mundo</u> leva o outro irmão consigo". O pronome relativo *que* é, portanto, sujeito do verbo *leva*. Mas não retoma a expressão *Terceiro Mundo,* e sim *um irmão siamês* do Terceiro Mundo. Quanto à função sintática, a alternativa está correta, mas quanto ao antecedente do relativo, não.

Quanto à letra C, nem perca tempo: o pronome relativo *onde* retoma, de fato, o substantivo antecedente *lugar*. Quanto à função sintática que esse relativo exerce, você já sabe que *onde* indica lugar. É, de fato, adjunto adverbial de lugar.

Na letra D, tanto o antecedente do relativo como a sua função sintática estão corretamente identificados: o pronome relativo *que* retoma o substantivo *espoleta*, que é núcleo da expressão

espoleta final. Na ordem direta, a oração adjetiva ficaria: "*A espoleta final* ajudou simbolicamente a desfraldar a bandeira...". Logo, a expressão é sujeito do verbo *ajudar*.

A letra E está igualmente correta: o pronome *que* retoma *desabrochar,* que é o núcleo da expressão *o desabrochar da cidadania*. Colocando a oração adjetiva na ordem direta, teríamos: "O desabrochar da cidadania se transformará em pressão irresistível". A expressão grifada é, portanto, sujeito do verbo *transformar*.

Resposta: B.

3. (TRF) A opção em que melhor se justifica a vírgula empregada no trecho a seguir é: "O acordo visa à criação da Área de Livre Comércio Sul-Americana (ALCSA), que estaria plenamente constituída em 2005." (GUTIÉRREZ, Estella, O livre mercado sul-americano.)

a) Separa oração subordinada adjetiva explicativa.

b) Separa oração subordinada adverbial consecutiva.

c) Separa oração subordinada adjetiva restritiva.

d) Separa oração subordinada substantiva apositiva.

e) Separa oração coordenada sindética explicativa.

Comentários:

Observe que a oração a ser classificada iniciou-se com um pronome relativo (*que*) que retoma o substantivo antecedente *Área,* da expressão *Área de Livre Comércio Sul-Americana (ALCSA)*. Ora, se a oração se inicia com pronome relativo e também retoma um substantivo antecedente, ela é uma oração adjetiva, e, se vem antecedida de vírgula, ela deve ser classificada como oração subordinada adjetiva explicativa. Muitos marcaram a letra D na prova, achando que tudo que vem entre vírgulas é aposto, mas não esqueça: se a oração se inicia com pronome relativo, ela é adjetiva, jamais poderia ser substantiva apositiva.

Resposta: A.

4. (Cespe-UnB – Inca/2010) *Sua metodologia é simples – por meio de conversas frequentes com a família, o voluntário receita cuidados básicos para evitar que a criança morra por falta de conhecimento, como os hábitos de higiene, a administração do soro caseiro e a adoção da farinha de multimistura na alimentação,* **que se tornou uma solução simples e emblemática contra a desnutrição**. *Mas o seu segredo é um só: a persistência.*

Julgue a assertiva a seguir de acordo com o texto acima:

O trecho "que se tornou uma solução simples e emblemática contra a desnutrição" está precedido por vírgula porque se trata de um trecho com função restritiva.

Comentários:

Mais uma oração que se inicia com pronome relativo e se refere ao substantivo *farinha*, que é núcleo da expressão *farinha de multimistura*. Como ela se refere a um substantivo antecedente, deve ser classificada como adjetiva, e, por vir iniciada por vírgula, é explicativa, e não restritiva como a banca sugere.

Resposta: errada.

A seguir, algumas assertivas retiradas de provas aleatórias do Cespe-UnB para você perceber a forma como a banca apresenta esse tipo de questão. Cada alternativa vem antecedida por seu respectivo texto. Resolvi numerá-las para tornar mais fácil a correção:

A sentença determina, entre outras 7 medidas, que as penitenciárias somente acolham presos que residam em um raio de 200 km. Segundo o juiz, as medidas que tomou são previstas pela Lei de Execução Penal e objetivam acabar com a violação dos direitos humanos da população carcerária e "abrir o debate a respeito da regionalização dos presídios".

Ele alega que muitos presos das penitenciárias da região são de famílias pobres da Grande São Paulo, que não dispõem de condições financeiras para visitá-los semanalmente, o que prejudica o trabalho de reeducação e de ressocialização. Sua sentença foi muito elogiada. Contudo, o governo estadual anunciou que irá recorrer ao Tribunal de Justiça, sob a alegação de que, se os estabelecimentos penais não puderem receber mais presos, os juízes das varas de execuções não poderão julgar réus acusados de crimes violentos, como homicídio, latrocínio, sequestro ou estupro.

1. As orações subordinadas "que as penitenciárias somente acolham presos", "que tomou" e "que irá recorrer ao Tribunal de Justiça" desempenham a função de complemento do verbo.

Falara com voz sincera, exaltando a beleza da paisagem e revelando que, se dependesse só dele, passaria o resto da vida ali, morreria na varanda, abraçado à visão do rio e da floresta. Era isso o que mais queria, se Alícia estivesse ao seu lado.

2. As orações "se dependesse só dele" e "se Alicia estivesse ao seu lado" estabelecem circunstância de condição em relação às orações às quais se subordinam.

Se a humanidade quiser a paz efetiva, deve estar disposta a remover tudo aquilo que a impede. E a buscar tudo aquilo que a possibilita. Antes de tudo, remover a falsa paz: A paz concordista que aceita, com tolerância descabida, situações injustas.

3. A oração "Se a humanidade quiser a paz efetiva" estabelece uma relação de condição.

Sua sentença foi muito elogiada. Contudo, o governo estadual anunciou que recorrerá ao Tribunal de Justiça, sob a alegação de que, se os estabelecimentos penais não puderem receber mais presos, os juízes das varas de execuções não poderão julgar réus acusados de crimes violentos, como homicídio, latrocínio, sequestro ou estupro.

4. Na linha 1, o emprego da conjunção "Contudo" estabelece uma relação de causa e efeito entre as orações.

Não parecia estar no iate, e sim em sua casa, em Manaus: sentado, pernas e pés juntos, tronco ereto, a cabeça oscilando, como se fizesse um não em câmera lenta.

5. A oração "como se fizesse um não em câmera lenta" expressa uma comparação estabelecida pelo narrador.

Com os olhos pestanejando de curiosidade, no começo de sua miopia, ele se indagava por que uma vez conseguia mover a família, e outra vez não.

6. No trecho "ele se indagava", o termo "se" estabelece uma condição à realização da ação.

O fogo começa com pequenas queimadas feitas para abrir pastagens e acaba atingindo áreas de preservação. Os bombeiros levaram 11 dias para controlar o fogo no Parque Nacional da Chapada dos Guimarães.

7. Em suas duas ocorrências, a preposição "para" introduz orações que têm o sentido de finalidade.

Comentários:

Assertiva n. 1: Em "A sentença determina que as penitenciárias somente acolham presos", observe que a oração sublinhada é objeto direto do verbo determinar, que é transitivo direto. Quanto à segunda oração, verifique que ela se inicia com um pronome relativo *que*, o qual está retomando o substantivo antecedente *medidas* ("as medidas que tomou"). Trata-se, portanto, de uma oração subordinada adjetiva restritiva, que é adjunto adnominal do substantivo, e não complemento do verbo como a banca sugere. A terceira oração, por sua vez, faz o mesmo que a primeira: é objeto direto do verbo

anunciar ("... o governo estadual anunciou que irá recorrer ao Tribunal de Justiça"). Dessa forma, a primeira e a terceira orações são, de fato, complementos de verbos (objetos diretos), mas a segunda não.

Resposta: errada.

Assertiva n. 2: A classificação das orações está diretamente ligada à classificação das conjunções que as iniciam. Nesse caso, ambas as conjunções são subordinativas adverbiais condicionais, o que faz com que as orações que elas iniciam sejam subordinadas adverbiais condicionais.

Resposta: certa.

Assertiva n. 3: Mais uma vez, uma conjunção condicional. Veja como o próprio verbo no subjuntivo (*quiser*) contribui para que você perceba o valor de condição da oração. Observe que a banca nem se preocupou com o nome completo da oração (oração subordinada adverbial condicional), e sim com o valor semântico que ela indica (*relação de condição*).

Resposta: certa.

Assertiva n. 4: Causa e efeito só haveria se a conjunção fosse adverbial *causal* ou adverbial *consecutiva*. *Contudo* é conjunção coordenativa adversativa, que indica oposição, ressalva. Logo, o valor semântico que se estabelece entre as informações não é de causa e efeito, e sim de oposição.

Resposta: errada.

Assertiva n. 5: Mais uma vez, a conjunção ajudando você a classificar a oração. Observe que o conector *como* tem o mesmo valor que *do mesmo modo que*, *da mesma forma que*: ele estabelece *comparação* entre as informações. A oração que ele inicia é, portanto, oração subordinada adverbial comparativa.

Resposta: certa.

Assertiva n. 6: Desta vez, o *se* nem é conjunção. Observe como ele tem valor semântico de *a si mesmo*: "Ele se indagava (= ele indagava a si mesmo)". Não há ideia de condição. Trata-se de um pronome reflexivo.

Resposta: errada.

Assertiva n. 7: Ambas as preposições têm valor semântico de *a fim de*, *com a finalidade de*, sendo, de fato, finais. As orações que elas iniciam são orações subordinadas adverbiais finais.

Resposta: certa.

15.7. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (TRT – 2ª Região – Técn. Judic.) Desde cedo, a cidade teve o mérito de dar ao homem a possibilidade de evoluir além da luta pela sobrevivência pura e simples.

Considerando-se a estrutura sintática do período acima, é incorreto afirmar:

a) O sujeito comum a todas as orações do período é a cidade.

b) O termo luta exige um complemento nominal, expresso em *pela sobrevivência pura e simples*.

c) Há duas orações subordinadas, equivalentes a substantivos, com seus verbos no infinitivo.

d) O verbo dar exige dois tipos de complementos, ambos expressos na oração em que ele se encontra.

e) Têm a mesma função sintática, nas orações em que se encontram, os termos *o mérito* e *a possibilidade*.

2. (TRT – 2ª Região – Técn. Jud. Adm.) Não há dúvida de que leitores, ouvintes e espectadores seguem suas preferências ao fazer uso dos meios de comunicação: querem se divertir ou se distrair, querem se informar ou tomar parte em debates públicos.

Considerando-se o trecho acima, é incorreto afirmar:

a) A oração principal do período é *Não há dúvida*.

b) A oração subordinada *de que leitores, ouvintes e espectadores seguem suas preferências* tem função sintática de objeto indireto.

c) As orações que se seguem aos dois-pontos constituem um conjunto de quatro orações coordenadas, formando dois grupos de orações de sentido alternativo.

d) A oração *ao fazer uso dos meios de comunicação* denota noção de tempo, sendo equivalente a quando fazem uso.

e) O sujeito de *querem* – verbo repetido nas orações após os dois-pontos – está anteriormente expresso numa das orações subordinadas do período.

3. (TCE/AL) Ser livre é tomar a iniciativa de principiar novas possibilidades. Desamarrar. Abrir novos tempos.

No trecho acima, entende-se que *Desamarrar* e *Abrir novos tempos* exercem a mesma função sintática de:

a) a iniciativa de principiar (...)

b) tomar a iniciativa (...)

c) ser livre.

d) de principiar novas possibilidades.

e) novas possibilidades.

4. "Eu não acabava de crer que o riozinho manso onde eu me banhava sem medo todos os dias se pudesse converter naquele caudal furioso de águas sujas."

A oração cujo núcleo verbal é *pudesse converter* classifica-se como:

a) coordenada assindética.

b) coordenada sindética.

c) subordinada substantiva.

d) subordinada adjetiva.

e) subordinada adverbial.

5. (NCE-UFRJ) Indique a opção em que a reescritura do período "Somos todos corredores naturais, apesar de boa parte de nós ter se esquecido desse fato" NÃO mantém o mesmo

sentido com que ocorre no texto.

a) Somos todos corredores naturais, embora boa parte de nós tenha se esquecido desse fato.
b) Somos todos corredores naturais, mesmo que boa parte de nós tenha se esquecido desse fato.
c) Somos todos corredores naturais, já que boa parte de nós se esqueceu desse fato.
d) Somos todos corredores naturais, mas boa parte de nós se esqueceu desse fato.
e) Somos todos corredores naturais, porém boa parte de nós se esqueceu desse fato.

6. Indique a opção em que a reescritura apresentada NÃO mantém o mesmo sentido do trecho original:

a) Uma área equivalente – uma área que equivale.
b) Trabalhar duro – trabalhar duramente.
c) Forma de compensação pelos serviços – forma de compensar os serviços.
d) Incentivos de proteção – incentivos protegidos.
e) Recentemente desmatada – recém-desmatada.

7. (NCE-UFRJ/Secr. Min. Educ) Sobre as alterações feitas abaixo nas redações da parte sublinhada no período "**Débora Marques e Luíza Naslausky, alunas do 5º período de nutrição, reclamam que as plataformas para candidatos a reitor não foram bem divulgadas**", pode-se afirmar que houve alteração de sentido em:

a) ... reclamam não terem sido bem divulgadas as plataformas dos candidatos a reitor.
b) ... reclamam que não divulgaram bem as plataformas dos candidatos a reitor.
c) ... reclamam da falta de divulgação das plataformas dos candidatos a reitor.
d) ... reclamam não ter havido boa divulgação das plataformas dos candidatos a reitor.
e) ... reclamam que não se divulgaram bem as plataformas dos candidatos a reitor.

8. (NCE-UFRJ/Inspetor de Polícia) "Há poucos dias, assistindo a um desses debates universitários que a gente pensa que não vão dar em nada, ouvi um raciocínio que não me saiu mais da cabeça." O comentário correto sobre esse segmento do texto é:

a) Os três *quês* do texto pertencem à idêntica classe gramatical.
b) A expressão a *gente*, por dar ideia de quantidade, deve levar o verbo para o plural.
c) A forma verbal *vão* deveria ser substituída pela forma *vai*.
d) A forma verbal *vão dar* transmite ideia de possibilidade.
e) A última oração do texto restringe o sentido do substantivo *raciocínio*.

9. (NCE-UFRJ/Eletrobras) O item que mostra um desenvolvimento inadequado do segmento sublinhado é:

a) "O teste definitivo <u>para você saber</u>..." = o teste definitivo para que você saiba.
b) "<u>Ao saber</u> que estão sendo gravados..." = quando sabem que estão sendo gravados.
c) "<u>Para regravar</u> a mensagem" = para que regrave a mensagem.
d) "Seguem instruções <u>para esperar o bip</u>" = seguem instruções para que se espere o bip.
e) "Como aqueles livros que a gente gosta <u>de ler</u>" = como aqueles livros que a gente gosta que se leiam.

10. (Aux. Cart) Das seguintes transformações de passagens de texto, aquela em que o pronome relativo **que** passa de **objeto direto** a **sujeito** é:

a) "E eu vou ao encontro do <u>que</u> me espera." / E eu vou ao encontro do <u>que</u> sempre esperei.
b) "Não posso perder um minuto do tempo <u>que</u> faz minha vida." / Não posso perder um minuto do tempo

com que é feita minha vida.

c) "Amar os outros é a única salvação individual que eu "conheço." / Amar os outros é a única salvação individual que é conhecida.

d) "Essa capacidade (...) é o que eu chamo de viver e escrever." / Essa capacidade (...) é o que chamam de viver e escrever.

e) "Escrever é alguma coisa extremamente forte mas que pode me trair e me abandonar." / Escrever é alguma coisa extremamente forte mas que posso trair e abandonar.

11. (Anal. Judic./TRF) Os pronomes relativos que introduzem as orações a seguir destacadas – "*o primeiro problema que as árvores parecem propor-nos", "Num mundo em que todos os seres têm pressa" e "Uma composição social que talvez se lhe afigure monstruosamente indiscreta*" – desempenham, respectivamente, as funções sintáticas de:

a) sujeito – complemento nominal – sujeito.

b) objeto direto – adjunto adverbial – sujeito.

c) predicativo – objeto indireto – sujeito.

d) predicativo – adjunto adverbial – objeto direto.

e) sujeito – objeto indireto – sujeito.

12. (NCE-UFRJ) Se se quisesse reescrever a parte inicial do período "Dada a limitação de recursos de que tanto reclama o Ministro da Educação, como pagar bem aos professores?", sem se alterar o sentido original do texto, não poderia ser usada a forma:

a) com a limitação de recursos...

b) considerando-se a limitação de recursos...

c) se existe a tal limitação de recursos...

d) a despeito da limitação de recursos...

e) em se reconhecendo a limitação de recursos...

13. (NCE-UFRJ / Ministério Público) "recuse o convite e não troque o Brasil pela Itália, pois moedas não resgatam a dignidade." Reescrevendo-se esse segmento do texto, mantendo-se o seu sentido original, a única forma inadequada é:

a) visto que a dignidade não é resgatada por moedas.

b) porque moedas não são o resgate da dignidade.

c) porquanto a dignidade não se resgata com moedas.

d) já que por moedas não é resgatada a dignidade.

e) pela razão de que a dignidade não é resgatada por moedas.

14. (Redator e Revisor / Câmara Municipal) O período em que as orações guardam entre si a mesma relação sintático-semântica que em "manteve suas reuniões anuais, mesmo que em condições precárias" é:

a) tivesse chovido, as ruas estariam inundadas.

b) choveu a ponto de inundar as ruas.

c) as ruas ficaram inundadas: choveu demais.

d) por muito que chova, as ruas não serão inundadas.

e) as ruas ficavam inundadas à medida que chovia.

15. (NCE-UFRJ) A oração "sendo global, planetário, encontra-se em todos os lugares", reduzida de gerúndio, exprime a mesma circunstância que a subordinada adverbial que se lê

em:

a) se precisar de ajuda, procure-me.

b) como ficou na miséria, matou-se.

c) quando chegou ao trabalho, foi despedido.

d) para que todos vivessem satisfeitos, sacrificava-se.

e) embora não fosse médico, costumava operar.

16. (Fundec / Analista de Sistemas / TRT) Dentre as mudanças feitas a seguir na oração sublinhada no período "A análise da genealogia das famílias dos cortadores de cana, <u>considerando pelo menos três a quatro gerações</u>, demonstra que a reprodução social deste segmento da força de trabalho se orienta por três perspectivas", aquela em que se alterou o seu sentido original é:

a) consideradas pelo menos três a quatro gerações.

b) desde que se considerem pelo menos três a quatro gerações.

c) quando se consideram pelo menos três a quatro gerações.

d) caso sejam consideradas pelo menos três a quatro gerações.

e) por serem consideradas pelo menos três a quatro gerações.

17. (NCE-UFRJ) No período "Ao detectar uma presa, o morcego geralmente diminui o intervalo entre os sinais emitidos, para que os ecos produzidos tragam mais informações em menos tempo", a primeira e a última orações exprimem, respectivamente, os sentidos de:

a) tempo e finalidade.

b) tempo e consequência.

c) causa e tempo.

d) causa e consequência.

e) causa e finalidade.

18. (NCE-UFRJ) É ambíguo o sentido da oração destacada em "<u>Adicionando as perdas devido a doenças ocupacionais</u>, chega-se ao número espantoso de 1 milhão de mortos por ano". A ambiguidade é decorrente do fato de, no texto, poderem ser interpretadas as circunstâncias de:

a) condição, tempo.

b) tempo, comparação.

c) comparação, modo.

d) modo, proporção.

e) proporção, condição.

19. (Redator e Revisor / Câmara Municipal) A oração desenvolvida que substitui, sem alteração fundamental de sentido, a reduzida de gerúndio em "A reunião da SBPC sendo um lugar de diálogo, apresenta divergências e polêmicas" é:

a) como a reunião da SBPC é um lugar de diálogo.

b) sempre que a reunião da SBPC é um lugar de diálogo.

c) se a reunião da SBPC é um lugar de diálogo.

d) à medida que a reunião da SBPC é um lugar de diálogo.

e) por mais que a reunião da SBPC seja um lugar de diálogo.

20. (NCE-UFRJ / Inspetor de Polícia) “Há poucos dias, assistindo a um desses debates universitários, ouvi de um professor...” Se desenvolvermos a forma do gerúndio *assistindo* de forma adequada ao texto, teremos:

a) depois de assistir.
b) assim que assisti.
c) enquanto assistia.
d) logo que assisti.
e) porque assisti.

Gabarito: 1. a; 2. b; 3. b; 4. c; 5. c; 6. d; 7. c; 8. e; 9. e; 10. c; 11. b; 12. d; 13. c; 14. d; 15. b; 16. e; 17. a; 18. a; 19. a; 20. c.

15.8. RESUMO

Classificar orações é sempre um grande desafio! Até porque, nas provas, elas vêm misturadas, o mais difícil sempre é não confundi-las... Vamos às dicas finais?

- Orações devem ser contadas pelo número de verbos: para cada verbo, uma oração.
- No período composto por coordenação, a oração sem conectivo é chamada de assindética. Já no período composto por subordinação, a oração sem conectivo é chamada de principal.
- As orações coordenadas não possuem relação sintática entre si, apenas semântica. As orações subordinadas relacionam-se sintaticamente (uma é sujeito da outra, ou objeto direto etc.).
- Ao classificar as orações, você deverá pensar em quatro tipos: coordenadas ou subordinadas adverbiais (que podem ser identificadas pelo valor semântico que suas conjunções apresentam); subordinadas substantivas (que podem ser substituídas por “isto”) ou subordinadas adjetivas (que se iniciam com pronome relativo, ligando-se a um substantivo antecedente).

16 CONCORDÂNCIA NOMINAL

16.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Concordância nominal é assunto que será dividido em duas partes: no primeiro segmento, apresentaremos os casos em que, antes de se fazer a concordância do adjetivo, é preciso detectar a função sintática que ele desempenha na frase. Por exemplo:

Tiradentes possuía cabelos e barba longos/longa.

Nessa frase, antes de fazer a flexão do adjetivo *longo*, você precisaria identificar sua função sintática. O fato de ele ser um adjunto adnominal posposto aos substantivos permite as duas opções: ele pode concordar com todos os substantivos ou apenas com o mais próximo. É na primeira parte do assunto, portanto, que vamos ensinar a você a identificação das funções sintáticas do adjetivo e todas as possibilidades de concordância que tais funções permitem.

No segundo segmento do assunto, você conhecerá os casos especiais da concordância nominal. São casos bastante explorados nas provas de concursos: a flexão de palavras como *bastante*, *anexo*, *quite*, *leso*, *junto*... Nessas situações, você não precisará perder tanto tempo raciocinando na frase: não será preciso identificar a função sintática do adjetivo, basta identificar a classe gramatical da palavra na frase. Se for uma classe variável (pronome, adjetivo, numeral etc.), a tendência será a variação; se for uma classe de palavra invariável (advérbio, palavra denotativa etc.), não poderá ir ao feminino nem ao plural.

De qualquer forma, nossa meta é a de que você não tenha de decorar uma série de regrinhas, mas aprenda a raciocinar de acordo com a frase.

Vamos começar? Então, entenda: são dois grandes blocos de concordância nominal. A primeira parte abordará os casos 1, 2, 3 e 4 e a segunda, do caso 5 até o final. Para cada regra, procuramos apresentar frases que vão servir de exemplo, devidamente comentadas. Ao final de cada segmento, elaboramos exercícios de fixação para você internalizar o raciocínio.

16.1.1. Introdução

A concordância pode ser:

a) Rígida ou gramatical: total ou parcial

- Atitude e caráter *apropriados*/*apropriado* (total: o adjetivo concorda em gênero e número com

todos os substantivos ou com o mais próximo).

• *Apropriada* atitude e caráter (parcial: concorda em gênero e número com o substantivo mais próximo).

b) Ideológica: silepse

• Vossa Senhoria é generos**o.** (silepse de gênero)

O pronome de tratamento está no feminino e o adjetivo no masculino.

• A *meninada* se divertia. *Risonhas*, elas cantavam. (silepse de número)

O substantivo coletivo está no singular e o adjetivo no plural.

16.1.2. Concordância nominal: Parte I – As funções sintáticas do adjetivo

Aqui, veremos os casos em que o adjetivo, dependendo de sua **função sintática**, poderá concordar com dois ou mais substantivos ou apenas com um deles. Nesse caso, é fundamental conhecermos as funções que o adjetivo exerce na frase. Vamos a elas!

Revisando:

1. Adjunto adnominal

(especifica o substantivo)

Adjetivo

2. Predicativo (atributo dado ao sujeito ou ao objeto)

Subdivide-se em: do sujeito e do objeto

Exemplos:

Olhos negros (adjunto adnominal)

Rua silenciosa (adjunto adnominal)

Seus olhos são negros. (predicativo do sujeito)

(sujeito)

A rua estava silenciosa. (predicativo do sujeito)

(sujeito)

O povo achou os governantes incompetentes.

(objeto direto) (predicativo do objeto)

Aqui vale um recado!

Atenção: O adjunto adnominal vem junto ao nome substantivo (*olhos* negros). O predicativo do sujeito vem separado por um verbo (seus olhos são

negros). Já o predicativo do objeto vai se referir ao objeto (O povo achou os governantes incompetentes.) É aqui que poderá ocorrer dúvida. Se a palavra incompetente vem junto ao substantivo *governantes*, por que não classificá-la como adjunto adnominal?

Qual é a diferença entre adjunto adnominal e predicativo do objeto?

Uma maneira prática de se fazer essa distinção é retirar o adjetivo da frase e observar se há ou não sentido. Se ficar faltando informação, é predicativo do objeto, se não, adjunto adnominal.

Exemplo:

O povo achou os governantes? (Tem sentido? Não. Então, incompetentes é predicativo do objeto).

Tinha um único vício: a mentira. (Tinha um vício: a mentira. Tem sentido? Sim. Então é adjunto adnominal).

Visto isso, vamos aos casos de concordância nominal que envolvem a identificação da função sintática do adjetivo e suas posições.

16.1.2.1. Adjetivo na função de adjunto adnominal posposto aos substantivos

a) Adjetivo na função de adjunto adnominal posposto a dois ou mais substantivos do mesmo gênero: vai para o plural do gênero comum ou concorda com o mais próximo.

b) Adjetivo na função de adjunto adnominal posposto a dois ou mais substantivos de genêros diferentes: vai para o plural masculino ou concorda com o mais próximo.

* O adjetivo concordará apenas com o último substantivo se o sentido exigir.

Exs.:

1. Prédio e apartamento *antigos* ou *antigo*

2. Documentação e bagagem *intactas* ou *intacta*

3. Comprei calça e camisa *novas*/*nova*

Comentários:

Na frase 1, prédio e apartamento são masculinos. Ao concordar, em gênero e número, com os dois substantivos, masculino plural (*antigos*), com o mais próximo – apartamento, masculino singular – *antigo*.

Nas frases 2 e 3, os dois substantivos são femininos (*documentação/bagagem; calça/camisa*). Concordando com os dois, feminino plural (*intactas; novas*), com o mais próximo, feminino singular (*intacta; nova*).

4. Defeitos e virtudes *verdadeiros*/*verdadeiras*.

5. Ação e julgamento *éticos*/*ético*.

6. Uvas e pêssegos *deliciosos*.

Comentários:

Nas frases 4 e 5 temos substantivos de gêneros diferentes – defeitos, masculino, virtudes, feminino; ação, feminino, julgamento, masculino. Quando isso ocorre, concordando com os dois em gênero e número, masculino plural (*verdadeiros*/*éticos*). Com o mais próximo – virtudes *verdadeiras*, julgamento *ético*. Na frase 6, só pode ser deliciosos, pois, concordando com os dois substantivos (*uvas* – feminino e *pêssegos* – masculino), masculino plural. Como o substantivo mais próximo está no masculino plural (*pêssegos*), só há uma resposta – *deliciosos*.

16.1.2.2. Adjetivo na função de adjunto adnominal anteposto aos substantivos

a) Adjetivo *anteposto*, na função de *adj. adn.*, a dois ou mais substantivos:

A concordância se faz com o substantivo mais próximo.

b) Adjetivo *anteposto* a nome de pessoas ilustres:

O adjetivo vai para o plural dos substantivos.

Exs.:

7. *Antigas* revistas e jornais.

8. Os *ilustres* Drummond e Cecília Meireles.

Comentários:

Na frase 7, o adjetivo, na função de adjunto adnominal, vem anteposto a dois substantivos. Quando isso ocorre, as gramáticas recomendam a concordância em gênero e número com o substantivo mais próximo. Já na frase 8, por se tratar de nomes de pessoa, concorda com os dois substantivos em gênero e número.

16.1.2.3. Adjetivo na função de predicativo

a) Adjetivo na função de *predicativo* (do sujeito ou do objeto):

Concorda com o substantivo a que se refere.

b) Adjetivo na função de *predicativo do sujeito composto*:

Quando vier posposto ao sujeito composto concorda com todos os núcleos. Se vier anteposto, pode concordar com o mais próximo, se o verbo também o fizer. Se o verbo estiver no plural, o predicativo ficará no plural.

c) Adjetivo na função de *predicativo do objeto composto*:

Vai para o plural dos substantivos.

Exs.:

9. Sua reivindicação é *justa*.

10. É um relógio que torna *inesquecíveis* todas as horas.

Comentários:

Vimos no caso 3 (a) que tanto o predicativo do sujeito quanto o predicativo do objeto concordam com os respectivos termos (o sujeito e o objeto). Como o adjetivo é uma classe variável (flexiona-se em gênero e número), *justa* – feminino singular – concorda com o sujeito – *reivindicação* – e *inesquecíveis* – adjetivo que só se flexiona em número – concorda com o objeto *horas*. É o que ocorre nas frases 9 e 10.

Nota:
Em Língua Portuguesa, alguns adjetivos não têm flexão de gênero (adjetivos uniformes, só uma forma para os dois gêneros, masculino ou feminino).
Por exemplo:
Homem *triste* / mulher *triste*
Homens *tristes* / mulheres *tristes*
O adjetivo *triste* varia em número, mas não em gênero, assim como o adjetivo *inesquecíveis*.

11. A assistência técnica e o ensino eram *gratuitos*.

12. Eram *gratuitos* a assistência técnica e o ensino.

13. Era *gratuita* a assistência técnica e o ensino.

Comentários:

As frases 11, 12 e 13 exemplificam o caso 3 (b). Se o sujeito é composto, o predicativo do sujeito concorda em gênero e número com <u>todos</u> os núcleos (*assistência* e *ensino*, feminino e masculino).

Na frase 11, o adjetivo *gratuitos* ficou no masculino plural, portanto, para concordar com *assistência* e *ensino*. Nas frases 12 e 13, a concordância do predicativo do sujeito depende da concordância do verbo de ligação, que vem <u>anteposto</u>. Nesses casos, o <u>verbo</u> indica se o predicativo do sujeito concorda com <u>todos</u> os núcleos ou com o mais próximo. Se o verbo aparecer no plural (concordando com todos os núcleos – *assistência* e *ensino*), o predicativo também o fará (*Eram gratuit**os***). Se o verbo estiver no singular (concordando com o núcleo mais próximo – *assistência*), o predicativo do sujeito concorda em gênero e número com o mais próximo (*Era gratuita*).

14. Acho a proposta e o trabalho *irrecusáveis*/*irrecusável*.

15. Encontrei *abertos*/*aberta* a janela e o portão.

Comentários:

Agora, temos exemplos de adjetivos que se referem ao objeto composto. Observamos que, quando isso ocorre, o predicativo do objeto, anteposto ou posposto, pode concordar com todos os núcleos do objeto em gênero e número ou com o núcleo mais próximo em gênero e número.

Vamos aos exemplos comentados.

Complete com a(s) forma(s) adequada(s):

1. Gestos e atitudes _____. (belicoso)

Comentários: Adjetivo posposto na função de adjunto adnominal – concorda com todos os substantivos em gênero e número ou com o mais próximo.

Resposta: belicosos ou belicosas.

2. _____ atitudes e gestos. (belicoso)

Comentários: Adjetivo anteposto na função de adjunto adnominal – concorda em gênero e número com o substantivo mais próximo.

Resposta: Belicosas.

3. Aprecio a cultura e a história _____ . (europeia)

Comentários: Mais uma frase em que temos adjunto posposto na função de adjunto adnominal, como na frase 1. Como os dois substantivos são femininos, plural feminino – concordância total – ou singular feminino – concordância atrativa.

Resposta: europeias ou europeia.

4. O ministro mostrou _____ cultura e talento. (belo)

Comentários: Como na frase 2, temos adjetivo anteposto na função de adjunto adnominal concorda com o substantivo mais próximo em gênero e número.

Resposta: bela.

5. A área e os meios de atuação dos funcionários tornam-se _____. (limitado)

Comentários: Aqui, o adjetivo vem separado dos substantivos por um verbo, funcionando como predicativo do sujeito – termo que, mesmo de longe, determina o sujeito. Nesse caso, só pode concordar com todos os núcleos em gênero e número. Como o sujeito composto é representado por

substantivos de gêneros diferentes, masculino plural.

Resposta: limitados.

6. Tornam-se _____ a área e os meios de atuação dos funcionários. (limitado)

Comentários: Agora, o adjetivo, na função de predicativo do sujeito, vem anteposto ao sujeito – esta frase é a mesma que a anterior, só que invertida, logo a análise é a mesma. Quando isso ocorre, o verbo é que determina a flexão do adjetivo. Como o verbo anteposto está concordando com todos os núcleos, o adjetivo predicativo do sujeito concorda em gênero e número com todos eles.

Resposta: limitados.

7. Torna-se _____ a área e os meios de atuação dos funcionários. (limitado)

Comentários: Nesta frase, o verbo (*torna-se*) vem anteposto ao sujeito composto concordando com o núcleo mais próximo – *área*; singular. Por isso, o adjetivo na função de predicativo do sujeito concorda com o substantivo área, feminino singular.

Resposta: limitada.

8. Deixei _____ para o leitor meus pontos de vista sobre o assunto. (claro)

Comentários: O adjetivo *claro* aparece na função de predicativo do objeto ("Deixei meus pontos de vista..."), já que "claros" são os pontos de vista, ou seja, na ordem direta, a frase ficaria assim: "Deixei meus pontos de vista claros para o leitor."

Resposta: claros.

9. Comprou frutas, ovos e carne _____ . (bovino)

Comentários: O adjetivo bovino vem posposto na função de adjunto adnominal. Só que, nessa construção, razões semânticas fazem com que o termo bovino só possa concordar com o substantivo mais próximo – *carne* –, pois seria impossível você comprar *ovos* e *frutas* de boi.

Resposta: bovina.

10. Essa professora contou-nos _____ lendas e contos. (antigo)

Comentários: Aqui, o adjetivo, na função de adjunto adnominal, vem anteposto. A recomendação das gramáticas, nesses casos, é a de que o adjetivo concorde, em gênero e número, com o substantivo mais próximo (*lendas*).

Resposta: antigas.

16.1.3. Concordância nominal: Parte II – Casos especiais

Agora que você já estudou a concordância nominal que varia de acordo com a função do adjetivo na frase, vamos conhecer os casos especiais, que são muito explorados em provas.

16.1.3.1. As expressões é bom, é proibido...

a) Se o sujeito não vier determinado: O predicativo fica invariável.

b) Se houver determinação do sujeito: A concordância será normal.

Exemplos:

16. Vitamina é *bom* para a saúde.

17. Entrada é *proibido*.

18. Esta cerveja é *deliciosa*.

19. A entrada é *proibida*.

Comentários:

Nas frases 16 a 19, temos um caso especial de concordância nominal: as expressões *é bom*, *é proibido*, *é deliciosa*..., representadas por verbo de ligação ser mais predicativo. Se o substantivo na função de sujeito vier determinado (acompanhado de artigo, pronome) o adjetivo concorda com o sujeito – frases 18 e 19. Se não vier determinado, fica invariável (masculino singular) – frases 16 e 17.

16.1.3.2. Plural do adjetivo composto

a) Adjetivo composto formado de *adjetivo* + *adjetivo*:

O primeiro elemento fica invariável, e o último concorda com o substantivo a que se refere.

Obs.: 1) azul-marinho, azul-celeste, ultravioleta: são invariáveis.

2) surdo-mudo: variam os dois elementos.

b) Adjetivo composto formado de *adjetivo* + *substantivo*:

Os dois elementos ficam invariáveis. Quando a cor vier representada por substantivo não varia.

Exs.:

20. Amizades *luso-brasileiras*.

21. Todas usavam saias *vermelho-claras*.

22. Assisti a reuniões *político-sociais*.

23. Descobertas *médico-científicas* contribuem para o bem da humanidade.

24. Comprou dois ternos *azul-marinho*.

25. Raios *ultravioleta*.

26. Meninos *surdos-mudos*.

Comentários:

A maioria dos exemplos de adjetivos compostos em Língua Portuguesa é aquela cuja formação é de dois adjetivos. Como vimos na teoria, só o último elemento se flexiona em gênero e número, exceções feitas a: *azul-marinho*, *azul-celeste* e *ultravioleta*, que não se flexionam. Em *surdo-mudo*, embora seja um adjetivo composto formado por dois adjetivos, a gramática determina que os dois elementos variem em gênero e número (*surdos-mudos*, *surdas-mudas*).

27. Adorava tecidos *verde-limão*.

28. Bermudas *amarelo-ouro*.

Comentários:

Se aparecer substantivo no adjetivo composto, nenhum elemento se flexiona, ficam invariáveis.

29. Blusas *laranja*.

30. Sapatos *cinza*.

31. Calças *gelo*.

Comentários:

Em português, observa-se que o adjetivo é a classe que denota cor (*blusas azuis*, *vermelhas*, *amarelas*, *brancas*...). Quando a cor vem representada por substantivo (*laranja*, *cinza, gelo*, *abóbora*...), não varia, já que não é papel de substantivo denotar cor.

16.1.3.3. Expressões mesmo, próprio, obrigado, anexo...

As expressões mesmo, próprio, anexo, quite, obrigado, incluso, leso, junto, tal concordam com o nome ou pronome a que se referem.

Obs.: *Em anexo*: fica invariável.

Exs.:

32. Elas *mesmas* não sabiam a questão.

33. Ela *própria* escreveu o bilhete.

34. Enviou-lhe *anexas*/*em anexo* neste envelope as duplicatas necessárias.

35. Vinham *inclusas* na pasta a carta e a procuração.

36. Estamos *quites* com todos vocês.

37. Muito *obrigada*, respondeu a moça.

38. Cometeram-se crimes de *leso*-idioma./ *lesa*-pátria.

39. Os filhos são *tais qual* o pai./ O filho é *tal quais* os pais.

40. Ana e Rosa saem sempre *juntas*.

41. Fernanda chegou *junto com* Lúcia à escola.

Comentários:

Nas frases 32 e 33, *mesmas* refere-se a *elas* e *própria*, a *ela*. Na frase 34, o adjetivo *anexas* está se referindo a duplicatas. Na ordem direta, teríamos: "Enviou-lhe as duplicatas necessárias anexas". Uma outra forma de se dizer o mesmo seria com a expressão *em anexo*, que é invariável e está sempre certa. Na frase 35, *inclusas* é adjetivo de *carta e procuração*. Na ordem direta, teríamos: "A carta e a procuração vinham inclusas". Na frase 36, *quites* é adjetivo de *nós*, é o mesmo que *desobrigados*. Vem do verbo *quitar*, é seu particípio irregular, mas, aqui, tem valor de adjetivo e concorda com o pronome (nós) a que se refere. *Obrigada*, na frase 37, é adjetivo e concorda com o substantivo *moça*. É por isso que meninos dizem *obrigado* e meninas, *obrigada*. Na frase 38, *leso* é adjetivo: é o mesmo que *lesado*, *prejudicado*. Daí ele concordar em gênero e número com o substantivo com o qual forma uma composição (*idioma* e *pátria*). Na frase 39, *tal* e *qual* concordam com o nome ou pronome que determinam: *tal* concorda com o antecedente e *qual*, com o elemento seguinte. No primeiro exemplo, *tais* concordou com *filhos* e *qual*, com *pai*. No segundo exemplo, *tal* concordou com *filho* e *quais*, com *pais*. Na frase 40, *juntas* é adjetivo que se refere aos substantivos *Ana* e Rosa. Já na frase 41, tem-se a locução prepositiva *junto com* invariável.

16.1.3.4. Expressões *menos, pseudo, alerta, um e outro, um ou outro*...

a) Monstro (como adjetivo), menos, pseudo, alerta:

Ficam invariáveis

b) Um e outro, nem um nem outro, um ou outro:

Com essas expressões o **substantivo** não se flexiona.

Exs.:

42. Compareceram *menos* pessoas que o esperado.

43. Se você quiser manter a elegância, coma *menos*.

44. Ainda existem alguns *pseudo*-heróis.

45. Os soldados continuavam *alerta.*

46. São duas criaturas *monstro*.

47. Um e outro *remédio* eram necessários.

48. Nem um nem outro *namorado* a entendia.

Comentários:

Na frase 42, *menos*, apesar de ser pronome adjetivo indefinido, que é uma classe, na maioria das vezes, variável, refere-se ao substantivo *pessoas*, mas não varia. Já na frase 43, ele é advérbio e, por isso mesmo, invariável. *Menos* não varia nem como pronome indefinido, nem como advérbio: não varia nunca!

Pseudo é elemento grego que significa *falso*, ligando-se ao elemento seguinte, mas mantendo--se sempre invariável. É o que se observa na frase 44.

Alerta é rigorosamente advérbio, ainda que muitos tentem usar tal vocábulo como adjetivo, o que se deve evitar: daí na frase 45 não aparecer flexionado. *Alerta* só deve assumir papel de adjetivo se vier junto ao substantivo, como na frase: "Naquele momento, todos tinham os sentidos *alertas*".

Aqui, ele é adjetivo e concorda com o substantivo *sentidos*, fato que não ocorreu na frase 45: ali *alerta* era advérbio e se referia ao verbo *continuavam*.

Na frase 46, *monstro*, apesar de ser adjetivo de *criaturas*, não admite variação.

Frases 47 e 48: *um e outro*, *um ou outro* e *nem um nem outro* levam obrigatoriamente o substantivo para o singular. O que poderá se flexionar, em algumas situações, será o verbo, assunto de que vamos tratar no capítulo sobre concordância verbal.

16.1.3.5. Expressões *só, meio, bastante, caro, barato*...

As expressões concordam com o substantivo a que se referem. Se aparecerem como advérbios ou palavras denotativas, ficam invariáveis.

Obs.: *A sós*: fica invariável.

Exemplos:

49. *Só* eles compareceram à cerimônia de posse.

50. Eles se encontravam *sós/só* naquele lugar deserto.

51. Percebi que eles *só* desejam o nosso bem.

52. As moças jamais ficarão *sós*.

Comentários:

Na frase 49, *só* equivale a *somente* ("*somente* eles compareceram à cerimônia de posse"): é palavra denotativa de exclusão, sendo, portanto, invariável. Já na frase 50, em um primeiro momento, o que se quis dizer é que "eles se encontravam *sozinhos* naquele lugar deserto": *só* seria adjetivo e concordaria com o pronome *eles*. No entanto, podemos ler tal frase de uma outra forma:

Eles se encontravam só (= somente) naquele lugar deserto.

Teríamos, aqui, outra leitura: "eles se encontravam *apenas* naquele lugar deserto, em nenhum outro lugar". Por isso, as duas opções estariam corretas na frase 50.

Já na frase 51, não há ambiguidade: *só* equivale a *somente*, *apenas*, sendo, portanto, invariável. Na frase 52, *sós* é adjetivo que se refere a *moças*. É claro que também estaria certa a expressão *a sós*, que é invariável e está sempre certa!

53. Traga-me *meia* caneca de café.

54. Ela andava *meio* esquisita.

Comentários:

Meia, na frase 53, é numeral fracionário. Refere-se ao substantivo *caneca* e, já que é numeral, trata-se de classe variável. Já na frase 54, é advérbio, referindo-se ao adjetivo *esquisita*, mantendo-se, assim, sem se flexionar.

55. Eu não o vejo há *bastantes* dias.

56. Havia livros *bastantes* naquela estante.

57. Conhecemos pessoas *bastante* agradáveis.

58. Trabalharam *bastante* para entregar o serviço no prazo.

Comentários:

Bastante, na frase 55, equivale a *muitos*, refere-se a *dias*: é pronome indefinido, sendo, portanto, variável. Na frase 56, é adjetivo, equivalendo a *suficientes*: qualifica o substantivo *livros* e concorda com ele. Já nas frases 57 e 58, *bastante* funciona como advérbio, referindo-se ao adjetivo *agradáveis* e ao verbo *trabalharam*, respectivamente. E, como já vimos, sendo advérbio, será invariável.

Só pode ser adjetivo (= *sozinho*) ou palavra denotativa de exclusão (= *somente*). Se for adjetivo, irá variar. Como palavra denotativa de exclusão, não

varia.
Meio pode ser numeral (= *metade*) ou advérbio (= *um pouco*). Quando for numeral, concordará com o substantivo a que se referir. Quando for advérbio, permanecerá invariável.
Bastante, quando se referir a substantivo, poderá ser pronome indefinido ou adjetivo (= *suficiente*). Nos dois casos, concordará com o substantivo a que se referir. Só será invariável quando funcionar como advérbio, referindo-se a verbo/adjetivo/advérbio.

59. Aquelas roupas estão *caras*/ *baratas*. (caro/barato)

60. Os gêneros alimentícios permanecem *caros*/*baratos*.

61. Os gêneros alimentícios custam *caro*/*barato* ou *caros/baratos*.

Comentários:

Caro e *barato* podem atuar como adjetivos ou advérbios. Se adjetivos, irão variar. Se forem advérbios, permanecerão invariáveis. Na frase 59, são adjetivos que se referem ao substantivo *roupas*. O mesmo acontece na frase 60: são adjetivos do substantivo *gêneros*. No entanto, pode--se ler a frase 61 de duas maneiras:

Os gêneros alimentícios custam caro/barato.

(Aqui, *caro*/*barato* seriam advérbios de preço do verbo *custar*, sendo, por isso, invariáveis).

Os gêneros alimentícios custam caros/baratos.

(Nesse caso, *caros*/*baratos* seriam adjetivos de *gêneros*, concordando com esse substantivo).

Repare que nas frases 59 e 60 esses adjetivos aparecem com verbo de ligação na frase (*estar*, *permanecer*). Nesse caso, serão sempre adjetivos, na função de predicativos do sujeito, e irão variar. Já na frase 61, o verbo **não** é de ligação, o que permite dupla possibilidade de concordância: os vocábulos *caro*/*barato* poderão se referir ao substantivo ou ao verbo.

16.1.3.6. Expressões *o mais possível, a olhos visto, haja vista*...

a) O adjetivo **possível** concordará com o determinante.

b) A expressão **a olhos vistos** fica invariável ou a palavra *visto* concorda com o substantivo ou pronome a que se refere.

c) em **haja vista**, o substantivo **vista** fica invariável. Essa expressão (haja vista) estará **sempre** certa.

62. Comportamentos <u>o</u> mais insensatos *possível*.

63. Comportamentos <u>os</u> mais insensatos *possíveis*.

Comentários:

Com *o mais*, *o menos*, *o melhor*, *o pior possível*: o adjetivo *possível* concorda com o artigo “o”,

ficando, portanto, no singular. Foi o que aconteceu na frase 62. Porém:

Gestos *os* mais carinhosos *possíveis*.

Atitudes *as* mais modestas *possíveis*.

Com o plural *os*/*as mais*, *os*/*as menos* etc., o adjetivo *possível* vai ao plural, seguindo a flexão do artigo. Foi o caso da frase 63.

Portanto, as duas respostas estão igualmente corretas.

64. Ela tem piorado a olhos *vistos*/ a olhos *vista*.

Comentários:

Vistos concorda normalmente com *olhos*. Mas existe uma outra opção, ainda que desusada, que é a de o vocábulo *visto* concordar com aquilo que se vê (sujeito da frase). Na frase acima, têm--se, então, as duas opções: *vistos* concordando com *olhos* ou *vista* concordando com *ela*. Se fosse *elas*, seria *elas têm piorado a olhos vistos/vistas* etc.

65. *Haja vista* o resultado.

66. *Haja vista*/*Hajam vista* os resultados.

67. *Haja vista* dos resultados.

68. *Haja vista*/*Hajam vista* as dificuldades por que passamos.

Comentários:

Haja vista será uma construção **sempre** certa, é o que se vê nas frases 65 a 68. O que seria erro, segundo a norma culta da língua, seria "*Haja vist**o*** o resultado". Na frase 66, além de *haja vista*, tem-se uma outra possibilidade, que é a de se considerar *os resultados* como sujeito e fazer a flexão do verbo. É uma construção desusada nos dias de hoje, porém correta e possível de aparecer em prova. Observe que na frase 67 já não se pode ter o mesmo raciocínio: iniciado por preposição, "dos resultados" não pode ser considerado sujeito, e sim objeto indireto. Daí o verbo não se flexionar. A frase 68 apresenta a mesma lógica da 66: pode-se considerar *as dificuldades* objeto direto, e não se flexionar o verbo, ou sujeito, fazendo a concordância do verbo.

16.1.3.7. Um substantivo modificado por dois ou mais adjetivos

Um substantivo modificado por dois ou mais adjetivos:

Os adjetivos ficam no singular.

69. As literaturas *portuguesa* e *brasileira*.

70. Comunica-se nas línguas *inglesa*, *francesa* e *alemã*.

71. A literatura *portuguesa* e a *brasileira*.

Comentários:

Quando há um só núcleo seguido de dois ou mais adjuntos, o substantivo pode ficar no singular ou ir para o plural. Nas frases 69 e 70, os substantivos ficaram no plural e os adjetivos, no singular. Já na frase 71, observa-se a outra possibilidade: o substantivo *literatura* ficou no singular, bem como seus adjetivos, com a repetição do artigo no singular antes de brasileira. Nesses casos, os adjetivos, com a repetição do artigo, ficam no singular porque o sentido da frase exige.

Aproveite a seguir os exemplos comentados.

Julgue os casos de concordância a seguir. Nas situações de erro de concordância, indique a forma que melhor se adequaria à norma culta.

1. Anexa àquela carta destinada ao pai da moça, foram remetidas as joias.

Comentários: *Anexa* é adjetivo que se refere a *joias*: precisa concordar com ele.

Resposta: errada a assertiva. O certo seria *anexas*. Na ordem direta, teríamos a seguinte frase: "As joias foram remetidas anexas àquela carta".

2. Naquelas bagagens havia joias bastante preciosas.

Comentários: *Bastante* é advérbio que modifica o adjetivo *preciosas*, daí não poder variar.

Resposta: a frase está correta.

3. Fica instituído no Quadro de Pessoal a classe de Técnico de Tributação.

Comentários: *Instituído* é adjetivo particípio que se refere ao substantivo *classe*. Na ordem direta, teríamos "A classe de Técnico de Tributação fica *instituída* no Quadro de Pessoal." Por isso, o certo seria *instituída*.

Resposta: assertiva errada.

4. O professor qualificou de inaceitável aquelas gírias.

Comentários: *Inaceitável* é adjetivo que se refere a *gírias*. Basta organizar a frase e você verá: "O professor qualificou aquelas gírias de inaceitáveis".

Resposta: assertiva errada.

5. Pagando cem mil-réis, ele estaria quite com o velho.

Comentários: *Quite* é adjetivo que se refere a *ele*, por isso está no singular.

Resposta: a frase está certa.

6. O Tribunal qualificou de ilegal aquelas nomeações.

Comentários: Mais uma vez, a frase fora de ordem pode causar problemas: *ilegal* refere-se a *nomeações* ("O Tribunal qualificou aquelas nomeações de ilegais").

Resposta: frase errada.

7. Segue anexa a documentação pedida sobre a linguagem dos estudantes.

Comentários: *Anexa* é adjetivo que caracteriza *documentação*.

Resposta: a frase está certa. Também se poderia utilizar a locução *em anexo*.

8. Houve crime de leso-humanidade.

Comentários: *Leso* é adjetivo que se refere a *humanidade*, portanto, deve concordar com este substantivo.

Resposta: frase errada. O certo seria dizer *lesa-humanidade*.

9. Parecia meio aborrecida a mulher do mestre Amaro.

Comentários: *Meio* é advérbio que modifica o adjetivo *aborrecida*.

Resposta: como advérbio, não deve variar, a frase está certa.

10. Não usem de meio palavras, já que estamos meio desconfiadas.

Comentários: *Meio* agora é numeral que se refere a *palavras*. Numeral é classe de palavra variável.

Resposta: a frase está errada. O certo seria dizer *meias palavras*.

11. As gírias ouvidas neste colégio são tais quais as que podemos observar em qualquer grupo de jovens.

Comentários: *Tais* é pronome que se refere a *gírias* e *quais*, ao pronome *as* (= aquelas).

Resposta: a frase está certa.

12. As garotas chegaram juntas, mas depois cada uma foi embora junto com o namorado.

Comentários: *Juntas* é adjetivo que se refere a *garotas*. Observe na mesma frase a locução prepositiva *junto com*, que é invariável.

Resposta: assertiva certa.

13. Encerrado os debates, bastantes deputados ainda pediam a palavra.

Comentários: *Encerrado* é adjetivo particípio que se refere a *debates*, por isso deve concordar com ele. O certo seria dizer *encerrados os debates*. Já o vocábulo *bastantes*, por ser pronome indefinido (= muitos) está adequadamente concordando com o substantivo *deputados*.

Resposta: parcialmente errada, portanto, a frase.

14. As pessoas pareciam meio distraídas durante a palestra.

Comentários: *Meio* é advérbio que se refere a *distraídas*. Deve ficar invariável.

Resposta: frase certa.

15. Aquela loja fazia ofertas o mais tentador possível.

Comentários: O adjetivo *possível* está no singular, em função do artigo *o*. Quanto a isso, a frase está correta. Mas o adjetivo *tentador*, que se refere a *ofertas*, deveria com este substantivo concordar. O certo seria dizer: "Aquela loja fazia ofertas o mais tentadoras possível."

Resposta: frase errada.

16. Os operários fizeram duas horas extra.

Comentários: *Extra* é adjetivo que se refere a *horas*. Por isso, deve concordar com tal substantivo.

Resposta: frase errada. O certo seria dizer *duas horas extras*.

17. Eu lhes peço que as deixem sós.

Comentários: *Sós* é adjetivo que se refere ao pronome oblíquo átono *as*. Daí a flexão.

Resposta: a frase está certa. Também seria certo utilizar a locução *a sós*.

18. Só alunos são admitidos na reunião.

Comentários: *Só*, aqui, equivale a *somente*. É palavra denotativa de exclusão. Portanto, deve ficar invariável, como está.

Resposta: frase certa.

19. As questões serão tais qual o programa.

Comentários: *Tais* está adequadamente concordando com *questões* e *qual* com *programa*.

Resposta: frase certa.

20. Estando pronto os preparativos para o início da corrida, foi dada a largada.

Comentários: *Pronto* é adjetivo que se refere a *preparativos*, por isso deveria estar no plural.

Resposta: frase errada. O certo seria dizer *estando prontos os preparativos*...

21. Estejamos sempre alerta para evitar contratempos maiores.

Comentários: *Alerta* aqui é advérbio. Portanto, invariável.

Resposta: frase certa.

22. É um relógio que torna inesquecível todas as horas.

Comentários: Basta organizar a frase e você verá o erro: "É um relógio que torna todas as horas *inesquecíveis*". *Inesquecível* é adjetivo que se refere a *horas* e deve concordar com este substantivo.

Resposta: a frase está errada.

23. Era a mim mesmo que ele se referia – disse a moça.

Comentários: *Mesmo* é pronome que se refere ao substantivo *moça*. Deve concordar com ele.

Resposta: frase errada: o certo seria dizer "era a mim mesma que ele se referia".

24. Os fatos falam por si só.

Comentários: *Só*, aqui, é adjetivo que modifica *fatos*. É o mesmo que *sozinhos*: "Os fatos falam por si sozinhos".

Resposta: a frase está errada. O certo seria dizer "Os fatos falam por si sós".

25. Eles próprios entenderão a matéria.

Comentários: *Próprios* refere-se a *eles* e está adequadamente concordando com o pronome.

Resposta: frase certa.

26. Vai incluso à carta meu documento.

Comentários: Organize a frase: "Meu documento vai incluso à carta". *Incluso* refere-se a *documento*, por isso, está no masculino singular.

Resposta: a frase está certa.

27. Nenhuns obstáculos conseguirão impedir nossa vitória.

Comentários: *Nenhuns* é pronome indefinido que se refere a *obstáculos*, por isso está no masculino plural. Estranha a frase, não é? Se fosse o pronome *alguns* você também não o colocaria no masculino singular?

Resposta: a frase está correta.

28. Todos os soldados do quartel estavam alertas.

Comentários: Mais uma vez, *alerta* apareceu como advérbio: não deve variar.

Resposta: a frase está errada. O certo seria dizer "Todos os soldados do quartel estavam alerta".

29. Foi iniciado com meia hora de atraso a votação no Congresso.

Comentários: *Iniciado* refere-se a *votação*, por isso deveria estar no feminino singular. Na ordem direta, teríamos a seguinte frase: "A votação no Congresso foi iniciada com meia hora de atraso".

Resposta: frase errada.

30. Parece possíveis distinguir duas tendências fundamentais.

Comentários: *Possível* é adjetivo que está modificando a oração "distinguir duas tendências fundamentais". Por isso, não deve se flexionar. Observe que o próprio verbo não se flexionou.

Resposta: a frase está errada. Basta colocá-la na ordem e você verá: "Distinguir duas tendências fundamentais parece *possível*".

16.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

Agora, é a sua vez! Vamos fixar tudo o que você aprendeu?

I. Complete as frases a seguir com a expressão entre parênteses.

1. Faca e navalha _____ / _____. (afiado)
2. Aquele quadro era um símbolo de uma estética e época _____ / _____. (tedioso)
3. Amor e agradecimento _____ / _____. (eterno)
4. Códigos e senhas _____ / _____. (alterado)
5. Mãe e pai _____ / _____. (moderno)
6. Argumentos e justificativas _____ / _____. (pífio)
7. Rio consome frutas e legumes _____. (contaminado)
8. Supermercado Y: qualidade e preço _____. (baixo)
9. Comprou legumes, frutas e carne _____ (bovino)
10. Vendia pães e frutas _____. (maduro)
11. _____ clima e terra. (desconhecido)
12. _____ faca e navalha. (afiado)

13. _____ atitudes e gestos. (belicoso)

14. _____ cores e tamanhos. (variado)

15. Os _____ Gil e Caetano. (famoso)

16. As _____ mãe e filha. (corajoso)

17. As meninas vieram _____. (acompanhado)

18. Sua reivindicação é _____. (justo)

19. A crise financeira deixou _____ os cofres do clube. (vazio)

20. É um relógio que torna _____ todas as horas. (inesquecível)

21. A neve e o jardim eram _____. (branco)

22. Eram _____ a neve e o jardim. (branco)

23. Era _____ a neve e o jardim. (branco)

24. Encontrei a janela e o portão _____ / _____. (aberto)

25. Encontrei _____ / _____ a janela e o portão. (aberto)

26. As culturas _____, _____ e _____. (indígena, negro e europeu)

27. A cultura _____, a _____ e a _____. (indígena, negro e europeu)

28. As gramáticas _____ e _____. (inglês e alemão)

29. A gramática _____ e a _____. (inglês e alemão)

30. Conselhos _____ e _____ de engenharia. (federal e regional)

31. Fé é _____. (necessário)

32. É _____ entrada de pessoas estranhas ao serviço. (proibido)

33. A fé é _____. (necessário)

34. É _____ a entrada de pessoas estranhas ao serviço. (proibido)

35. As verdades descobertas são as mais variadas _____. (possível)

36. As verdades descobertas são o mais variadas _____. (possível)

37. Deve ser um bom livro, _____ as suas edições sucessivas. (haja vista)

38. Suas forças definhavam a olhos _____. (visto)

39. Um e outro _____ serão promovidos. (funcionário)

40. Nem um nem outro _____ conseguiu aprovação. (aluno)

41. Conheço uma ou outra _____. (hipótese)

42. Os filhos são _____ _____ a mãe. (tal qual)

43. _____ ao presente documento, encaminhamos a fotocópia do decreto x. (anexo)

44. Vão _____ à carta meus documentos. (anexo)

45. Vão _____ à carta meus documentos. (em anexo)

46. Estou _____ com todos vocês. (quite)

47. Estamos _____ com todos vocês. (quite)

48. Muito _____, respondeu a tia. (obrigado)

49. Seguem _____ aos documentos as fotografias. (incluso)

50. Sua opinião é um crime de _____-inteligência. (leso)

51. Ana e Rosa saem sempre _____. (junto)

52. Elas _____ entenderão o recado. (próprio)

53. Trabalhas _____ que eu. (menos)

54. Havia, naquela festa, _____ mulheres que homens. (menos)

55. Os candidatos estavam _____. (alerta)

56. Ficou _____ portão. (junto a)

57. Fernanda chegou _____ Guilherme ao colégio. (junto com)

58. Entrou em casa e deixou _____ os dois jovens debaixo das amendoeiras do portal. (só)

59. Os fatos falam por si _____. (só)

60. _____ alunos são admitidos na reunião. (só)

61. Bebeu sozinho _____ caneca de vinho. (meio)

62. Eram pessoas _____ estranhas. (meio)

63. Há _____ exemplos neste livro. (bastante)

64. Comprou livros _____. (bastante)

65. Comprou livros _____ antigos. (bastante)

66. Só dois atos seus não pareciam _____ a esta imagem. (conforme)

67. Elas _____ entenderão o recado. (mesmo)

68. _____ as crianças entenderão o recado. (mesmo)

69. As canetas eram _____. (caro; barato)

70. O camelô vendia _____ as canetas. (caro; barato)

71. Processos _____. (administrativo-fiscal)

72. Parcerias _____. (público-privado)

73. Grupos _____. (hispano-argentino)

74. Crianças _____. (recém-nascido)

75. Ternos _____. (azul-marinho; azul-celeste)

76. Jovens _____. (surdo-mudo)

77. Crianças _____. (surdo-mudo)

78. Blusas _____. (verde-garrafa)

79. Vestidos _____. (vermelho-sangue)

80. Calças _____. (cinza-chumbo)

81. Tecidos _____. (palha; cinza; laranja; rosa)

II. Levando em consideração as regras de concordância nominal, marque certo (C) ou errado (E).

1. ( ) Estava com baixo autoestima.

2. ( ) Estas foram as sós palavras que ele disse.

3. ( ) Os setores público e privado devem estar integrados.

4. ( ) Aquela menina nada tem de engraçado.

5. ( ) Perdi meu óculos escuros.

6. ( ) Nenhuns obstáculos conseguirão impedir nossa vitória.

7. ( ) As milhares de pessoas que assistiram àquele espetáculo saíram felizes.

8. ( ) As cópias estavam conformes com as originais.

9. ( ) Anexa àquela carta destinada ao pai da moça, foram remetidas as joias.

10. ( ) Naquelas bagagens havia joias bastantes preciosas.

11. ( ) O Tribunal qualificou de ilegal aquelas nomeações.

12. ( ) Vossa Senhoria é muito competente e qualificado.

13. ( ) Fica instituído no Quadro de Pessoal a classe de Técnico de Tributação.

14. ( ) Existem meios para tudo.

15. ( ) O relógio bateu meio-dia e meio.

16. ( ) O professor qualificou de inaceitável aquelas gírias.

17. ( ) As gírias ouvidas neste colégio são tais quais as que podemos observar em qualquer grupo de jovens.

18. ( ) Os partidos de cana mostravam tonalidades verde-esmeraldas.

19. ( ) Pagando cem reais, ele estaria quites com o velho.

20. ( ) Os famosos Machado e Alencar.

21. ( ) Seguem em anexo as fotos.

22. ( ) Seguem anexas as fotos.

23. ( ) Os candidatos não eram nenhum bobocas.

24. ( ) Não votaram em candidato nenhum.

25. ( ) Persistência é necessário para obtermos um bom resultado.

26. ( ) As questões serão tais qual o programa.

27. ( ) Anexo à correspondência vão documentos importantes.

28. ( ) Estejamos sempre alertas para evitar contratempos maiores.

29. ( ) Os alertas foram dados. As pessoas alertas correram.

30. ( ) Ela era considerada um monstro por seus inimigos.

31. ( ) O primeiro e o segundo atos.

III. Complete as lacunas com a(s) forma(s) adequada(s).

1. Elas _____ providenciaram os atestados, que enviaram _____ às procurações, como instrumentos _____ para os fins colimados. (mesmo/anexo/bastante)

2. São bastante _____ tais ideias e opiniões sobre o computador. (difundido)

3. Serão _____ tanto os técnicos quanto as pessoas menos qualificadas. (promovido)

4. Tornam-se muito _____ a área e os meios de atuação dos funcionários. (limitado)

5. Torna-se muito _____ a área e os meios de atuação dos funcionários. (limitado)

6. Podem ser neste ponto _____ a tarefa dos antigos artesãos e a dos modernos operários. (comparado)

7. Pode ser neste ponto _____ a tarefa dos antigos artesãos e a dos modernos operários.

(comparado)

8. Ficam _____ nas mãos de poucos todos os conhecimentos e habilidades. (concentrado)

9. _____ montes e várzeas se sucediam na paisagem. (florido)

10. Aprecio a cultura e a história _____. (europeu)

11. Comprou jornais e revistas _____. (brasileiro)

12. Os meninos estavam com os pés e as mãos _____. (sujo)

13. Encontrei _____ as cadeiras e o sofá. (reformado)

14. A professora contou-nos _____ lendas e contos. (antigo)

15. Não houve chuvas _____ para resolver o problema da agricultura. (bastante)

16. Tinha _____ chances de conseguir o emprego. (bastante)

17. As novas tecnologias eram _____ prejudiciais aos trabalhadores. (bastante)

18. Esses diretores não costumam aceitar nossas reivindicações, _____ que sejam elas. (qualquer)

19. Pode-se ver do alto daquele prédio as bandeiras _____. (brasileiro e português)

20. Veio _____ ao requerimento a planta da casa reformada. (anexo)

21. Aquela loja fazia ofertas o mais _____ possível. (tentador)

22. As observações do autor do texto foram as mais pertinentes _____. (possível)

23. Julgamos _____ ao espírito humano as indagações constantes sobre o que é verdade. Ocorre porém que, em nosso presente estágio evolutivo, as verdades descobertas são o mais variadas _____. (natural/possível)

24. O uso de certas máquinas deixa mais _____ os legumes. (barato)

25. Com o uso de certas máquinas, os legumes estão ficando muito mais _____. (caro)

26. O uso de certas máquinas faz com que custem mais _____ as batatas. (barato)

27. O filósofo alemão Jügen Habermas vem insistindo: o fim do Estado Nacional como instância reguladora do mercado também torna _____ as formas tradicionais do exercício da cidadania. (obsoleto)

28. O seleiro sentiu o papel e a nota _____ no bolso. (novo)

29. O Direito e o fato social não existem por si _____ no seio da sociedade. (só)

30. Por mais _____ que lhes pareça a resolução desses exercícios, apliquem-se, e verão quão menos _____ na verdade o são. (difícil/complicado)

31. Corriam _____ nossa imaginação e nosso pensamento, naquele tempo em que quaisquer ameaças à nossa felicidade pareciam _____. (solto/impossível)

32. Seria _____, numa hora como esta, contar com a ajuda de pessoas que nunca buscaram estar minimamente _____ de mim? (oportuno/próximo)

33. O mais duvidoso, em meio às tuas propostas, é que _____ uma delas obtenha o consenso há tantos dias inutilmente _____. (qualquer/perseguido)

34. Aqueles papéis, que sempre lhes pareceu _____ guardar, revelaram-se de importância absolutamente _____ para eles. (inútil/vital)

35. _____ está a carta, os recibos e os documentos pedidos. (anexo)

Gabarito: I – 1. afiadas / afiada; 2. tediosas / tediosa; 3. eternos / eterno; 4. alterados / alteradas; 5. modernos / moderno; 6. pífios / pífias; 7. contaminados; 8. baixo; 9. bovina; 10. maduras. Obs.: Nas frases 8, 9 e 10, o sentido exige a concordância atrativa; 11. Desconhecido; 12. Afiada; 13. Belicosas; 14. Variadas; 15. famosos; 16. corajosas; 17. acompanhadas; 18. justa; 19. vazios; 20. inesquecíveis; 21. brancos; 22. brancos; 23. branca; 24. abertos / aberto; 25. abertos /aberta; 26. indígena / negra e europeia; 27. indígena / negra e europeia; 28. inglesa / alemã; 29. inglesa / alemã; 30. federal / regional; 31. necessário; 32. proibido; 33. necessária; 34. proibida; 35. possíveis; 36. possível; 37. haja vista; 38. vistos. Obs.: As expressões “haja vista” e “olhos vistos” podem concordar com seus respectivos sujeitos (... hajam vista suas edições e suas forças vistas aos olhos definhavam); 39. funcionário; 40. aluno; 41. hipótese; 42. tais qual; 43. Anexa; 44. anexos; 45. em anexo; 46. quite; 47. quites; 48. obrigada; 49. inclusas; 50. lesa; 51. juntas; 52. próprias; 53. menos (advérbio); 54. menos (pronome); 55. alerta. Obs.: A palavra **menos** é invariável, independentemente de sua classificação morfológica. O vocábulo “alerta”, como está empregado na frase 55, é advérbio, portanto invariável. Conforme a frase, “alerta” pode aparecer como adjetivo (homens alertas) ou substantivo (Os alertas foram dados), variando, pois; 56. junto ao; 57. junto com; 58. sós; 59. sós; 60. Só; 61. meia; 62. meio; 63. bastantes (pronome); 64. bastantes (adjetivo); 65. bastante (advérbio); 66. conformes (adjetivo); 67. mesmas (pronome); 68. Mesmo (palavra denotativa de inclusão); 69. caras / baratas (adjetivos); 70. caro / barato (advérbio); 71. administrativo-fiscais; 72. público-privadas; 73. hispano-argentinos; 74. recém-nascidas; 75. azul-marinho / azul-celeste; 76. surdos-mudos; 77. surdas-mudas; 78. verde-garrafa; 79. vermelho-sangue; 80. cinza-chumbo; 81. palha; cinza; laranja; rosa.

II – 1. E; 2. c; 3. c; 4. c (Com expressões constituídos por nada, algo... + preposição + adjetivo, a tendência é não flexionar o adjetivo. Algumas gramáticas, porém, aceitam a flexão do adjetivo.); 5. e (“Óculos” leva o determinante ao plural – meus óculos.); 6. c; 7. e (“Milhar” é palavra masculina.); 8. c

("Conformes", nesta frase, equivale a *idênticas*, adjetivo, pois.); 9. e ("Anexas". Refere-se a "joias".); 10. e ("Bastante" modifica "preciosas", advérbio, pois.); 11. e ("Ilegais". Refere-se a "nomeações".); 12. c (Silepse.); 13. e (Instituída.); 14. c; 15. e ("Meia" é numeral, concorda com a palavra "hora", subentendida.); 16. e ("Inaceitáveis" são as "gírias".); 17. c; 18. e; 19. e; 20. c; 21. c; 22. c; 23. e (Nenhuns.); 24. c; 25. c; 26. c; 27. E ("Anexos" vão os "documentos".); 28. E; 29. C; 30. C ("Monstro", como adjetivo, não varia.); 31. C (Quando numerais ordinais modificam um substantivo, este poderá ficar no singular ou plural – **ato** ou **atos** – se os numerais vierem antecedidos de artigo, como é o caso. Usaremos o substantivo no plural se não houver a repetição do artigo – **O primeiro e segundo atos** – ou se vier antes dos numerais – **Os atos primeiro e segundo**.).

III – 1. mesmas / anexos / bastantes; 2. difundidas; 3. promovidos; 4. limitados; 5. limitada; 6. comparadas; 7. comparada; 8. concentrados; 9. Floridos; 10. europeias / europeia; 11. brasileiros / brasileiras; 12. sujos / sujas; 13. reformados / reformadas (predicativo do objeto – caso 3 (c)); 14. antigas (adjunto adnominal anteposto – caso 2 (A)); 15. bastantes (adjetivo); 16. bastantes (pronome indefinido); 17. bastante (advérbio); 18. quaisquer; 19. brasileira e portuguesa; 20. anexa; 21. tentadoras ("ofertas tentadoras"); 22. possíveis; 23. naturais / possível; 24. baratos; 25. caros; 26. barato (Nesta frase, a tendência é considerar como advérbio.); 27. obsoletas (Predicativo do objeto.); 28. novos / nova; 29. sós; 30. difícil / complicados; 31. soltos / impossíveis; 32. oportuno / próximas; 33. qualquer / perseguido; 34. inútil / vital; 35. Anexa.

16.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

1. (Cesgranrio) "para ela mesma se alimentar"; a alternativa que mostra uma construção errada com o vocábulo mesmo é:

a) Nós mesmos fomos até lá.

b) Mesmo ela não compreendeu a questão.

c) Os mesmos carros foram vendidos.

d) Elas mesmas ficaram doentes após o contato.

e) Ela falava consigo mesmo o dia inteiro.

Comentários:

A concordância nominal, basicamente, é dividida em duas partes: os casos que envolvem a identificação das classes gramaticais – variáveis ou invariáveis – e os casos que mostram o adjetivo e suas funções.

Esta questão trata dos valores do vocábulo mesmo, que pode ser pronome ou adjetivo (classes variáveis) ou palavra denotativa que indica inclusão (classe invariável).

Nas opções A, D e E, aparecem com o valor de pronomes.

Na C, o valor é de adjetivo. Na opção B, o sentido é de inclusão, não variando. Como o pronome é uma classe variável, a letra E ficaria "Ela falava consigo mesma".

Resposta: E.

2. (Petrobras) A opção em que a concordância nominal está correta, segundo o registro culto e formal da língua, é:

a) Eu mesmo, disse a senhora, providenciarei a água filtrada para o gari.

b) No condomínio em frente, havia menas gente cuidadosa.

c) Haja visto o seu bom humor, pedi-lhe que me ajudasse nas tarefas.

d) Ao recolher os sacos de lixo, eles estavam feliz.

e) No verão, água gelada é bom para minimizar o calor.

Comentários:

A letra A apresenta o termo mesmo se referindo a "senhora", erro, portanto. A letra B traz uma palavra que não existe (menos é palavra invariável).

Na letra C, "Haja visto" está errado, pois o termo é "vista", sempre. A letra D mostra o adjetivo "feliz" no singular se referindo a "eles" no plural.

A opção E mostra o caso das expressões é bom, é proibido, é permitido... que não se flexionam se o substantivo não vier determinado. Só haverá a concordância se o substantivo vier acompanhado de artigo, pronome.

Resposta: E.

3. (Petrobras) Na passagem "...somos responsáveis por nós mesmos", o vocábulo destacado é variável. Em qual das frases abaixo há uma transgressão ao registro culto e formal da língua, quanto à flexão dos vocábulos destacados?

a) Felizmente, bastantes pessoas foram corajosas para enfrentar seus problemas emocionais.

b) Alguns ficaram meio irritados por não entenderem a sutil diferença entre dar a mão e acorrentar uma alma.

c) Os seus atos e temperamento custaram caro para você.

d) Haja visto o resultado final, começou a entender melhor suas derrotas.

e) Acredito que só as verdadeiras amizades se mantêm para toda a vida.

Comentários:

A letra A mostra a palavra "bastante" se referindo a "pessoas", que é substantivo com a ideia de muitas, ou seja, pronome indefinido, classe variável.

Nas opções B e C, “meio” e “caro” são advérbios (não variam), já que modificam adjetivo e verbo, respectivamente.

A letra E traz o vocábulo “só” com o valor semântico de exclusão, palavra denotativa (invariável).

A letra D apresenta “visto” de uma forma errada, pois na expressão “Haja vista” essa palavra não varia.

Resposta: D.

4. (FCC / TRT) No segmento “os povos egípcio e israelita”, o substantivo aparece no plural e os dois adjetivos no singular. O item abaixo em que os adjetivos poderiam ocorrer no plural é:

a) as atuais bandeiras brasileira e portuguesa;

b) as séries primeira e segunda do ensino médio;

c) os idiomas francês e inglês;

d) os jornais paulista e carioca da atualidade;

e) os territórios brasileiro e argentino.

Comentários:

Esta questão exemplifica o caso de concordância em que temos um substantivo modificado por dois adjetivos, em que, pelo sentido exigir, os adjetivos têm de ficar no singular (“povos” existem vários, mas só um é egípcio, só um israelita).

Essa explicação serve para as opções A, B, C e E.

Na letra D, há possibilidade de os adjetivos aparecerem no plural, uma vez que existe mais de um jornal paulista e carioca.

Resposta: D.

5. (FCC / TRT) O item em que concordância é aceitável na norma culta é:

a) O filósofo considerou estranho a pesquisa dos universitários.

b) Está difícil a quitação do empréstimo bancário feita no ano passado.

c) Uma pequena parte do texto é compreendido.

d) Os livros traziam 30 páginas de textos rasgados.

e) Tornou-se clara para o leitor minha posição sobre o assunto.

Comentários:

Na letra A, “estranho” se refere a “pesquisa”, então estaria errado (“...considero a pesquisa dos

universitários estranha"). Na B, o "empréstimo" é que foi "feito". Na C, a "parte" do texto foi "compreendida". A letra D traz o adjetivo "rasgados" concordando com "textos", o que também caracteriza um erro, pois "rasgadas" seriam as "páginas". Na opção E, "clara" é a "posição", concordância correta.

Resposta: E.

16.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (NCE-UFRJ) Única frase errada:

a) Já estou quite das minhas obrigações.
b) Aquelas crianças nada têm de bonitas.
c) As cópias estavam conformes com os originais.
d) Os vigias estavam alerta por causa dos balões.
e) As crianças surdo-mudas merecem nosso amparo.

2. (NCE-UFRJ) De acordo com a NORMA CULTA, qual das concordâncias indicadas entre parênteses é INACEITÁVEL?

a) Gosto muito de estudar os períodos (barroco e árcade) de nossa literatura.
b) Sr. Ministro, V. Exª tem sido (atencioso) com seus subordinados.
c) Com aquele incidente, ficaram (desprestigiadas) as estagiárias e os funcionários.
d) Ela (mesmo) resolveu que o melhor era apresentar o relatório no dia seguinte.
e) Os memorandos e as petições foram (arquivados), apesar dos protestos dos grupos envolvidos com o problema.

3. (NCE-UFRJ) A alternativa em que a concordância está correta é:

a) A bandeira brasileira e inglesa foram hasteadas no mesmo mastro.
b) Todos nos movíamos cautelosamente, alertas a qualquer perigo.
c) Ao longo desta estrada avista-se muitas paisagens interessantes.
d) Os apartes do nosso líder eram sempre os mais oportunos possível.
e) A aeronáutica e o exército brasileiro ajudam na integração nacional.

4. (NCE-UFRJ) Única frase errada:

a) Estavam abandonadas a casa, o templo e a vila.
b) Ele chegou com o rosto e as mãos feridas.
c) Decorrido um ano e alguns meses, lá voltamos.
d) Decorridos um ano e alguns meses, lá voltamos.
e) Ela comprou dois vestidos cinza.

5. (NCE-UFRJ) HÁ ERRO de concordância nominal, segundo a norma culta, em:

a) Ele pulou **longos** capítulos e páginas.
b) Considerou **perigosos** o argumento e a decisão.
c) Remeto-lhe **anexo** as duplicatas.
d) **Bastantes** alunos foram aprovados.
e) Pedro e Teresa partiram **sós**.

6. (NCE-UFRJ) A alternativa era que a lacuna pode ser preenchida, de acordo com a norma culta, por qualquer uma das duas formas nominais indicadas entre parênteses é:

a) Encontrei _____ as portas e o portão. (abertos/abertas)
b) Julguei-as as _____ alunas. (melhor/melhores)
c) As cartas e os telegramas seguem _____. (anexos/anexas)
d) Ganhei _____ livros. (bastante/bastantes)
e) Ficarão _____ a tua face e os teus lábios. (rubra/rubras)

7. (NCE-UFRJ) Indique a opção em que a substituição do termo grifado pelo termo entre parênteses **não** desrespeita a norma culta.

a) Neste recinto, a entrada de pessoas estranhas ao serviço é **proibida**. (proibido)
b) Com **contundente** gesto e palavras, o político lançou suas críticas ao adversário. (contundentes)
c) **Anexa** ao presente documento, encaminhamos a fotocópia do Decreto X. (anexo)
d) João chegou tão perto que não quis jantar e preferiu ficar a **sós**. (só)
e) Os admiradores costumam considerar ofensa de **leso-governo** qualquer posição contrária à sua. (lesa-governo)

8. (Minist. Públ. / NCE-UFRJ) "O Brasil tem hoje grande força e grande fraqueza;" observe a seguir diversas formas de reescrever a frase inicial do texto, sem a repetição do adjetivo *grande*:

I. O Brasil tem hoje força e fraqueza grandes.
II. O Brasil tem hoje força e fraqueza grande.
III. O Brasil tem hoje grande força e fraqueza.
IV. O Brasil tem hoje grandes força e fraqueza.

As frases que têm forma adequada são somente:

a) I – II – III – IV
b) I – II – III
c) I – IV
d) II – III
e) I – III

9. (FCC) A concordância nominal destoa da norma prescrita nas nossas gramáticas em:

a) Lotaram sindicatos e universidades brasileiras.
b) Adquiriram computadores e fibras óticas sofisticados.
c) Revelaram inteligência e autopercepção desmedidas.
d) Superaram graves inflação e desvalorização monetária.
e) Reviram antigas metas e planos.

10. (FCC) A frase em que se infringe a norma de concordância nominal prescrita pela língua culta é:

a) O tempo livre era gasto com asseio e alimentação necessárias.
b) Os trabalhadores assistiam semanalmente a práticas e rituais religiosos.
c) Os trabalhadores não tinham direito a descanso e férias remuneradas.
d) Viviam no lazer a nobreza e a burguesia ociosas.
e) As leis não protegiam o artesão e o camponês sofridos.

11. (FCC) Das frases abaixo, aquela em que se incorreu em erro de concordância nominal é:

a) Os ratos sofriam perseguição e maus-tratos injuriosos do gato.
b) Os ratos sofriam maus-tratos e perseguição e injuriosa do gato.
c) Os ratos sofriam injuriosa perseguição e maus-tratos do gato.
d) Os ratos sofriam maus-tratos e perseguição injuriosas do gato.
e) Os ratos sofriam injuriosos maus-tratos e perseguição do gato.

12. (FCC) No período "Já nos anos seguintes, porém, surgiam outros clubes, como o Botafogo, que ajudariam a definir junto com eles uma feição de elegância e distinção para o futebol", a palavra junto é membro de uma locução, razão por que se mantém invariável. A opção em que a palavra junto foi INCORRETAMENTE flexionada, por ser também invariável, é:

a) Transformei-lhes a posição, de juntos a separados.
b) Vejo-as sempre juntas pela manhã.
c) Creio que, juntos, estaremos mais próximos da vitória.
d) Eram tantos jogadores que poderiam juntos formar vários times de futebol.
e) Encontrei-as juntas ao portão de entrada do clube.

13. Considerando-se as possibilidades de concordância nominal, a opção em que as duas frases são gramaticalmente corretas é:

a) Trata-se de atitudes e hábitos geralmente questionados. / Trata-se de atitudes e hábitos geralmente questionadas.
b) É um grupo com vocabulário e fraseologia restritamente utilizados. / É um grupo com vocabulário e fraseologia restritamente utilizadas.
c) Tecia crítica e objeções inteiramente infundados. / Tecia crítica e objeções inteiramente infundadas.
d) Aqui há grupos de pessoas linguisticamente diferenciados. / Aqui há grupos de pessoas linguisticamente diferenciadas.
e) Desfrutava de prestígio e capacidade igualmente desejados. / Desfrutava de prestígio e capacidade igualmente desejadas.

14. (FCC) Dentre as modificações impostas ao trecho "A época predispunha aos gestos e façanhas audaciosos...", a que incorre em erro gramatical é:

a) A época predispunha às façanhas e gestos audaciosos...
b) A época predispunha aos audaciosos gestos e façanhas...
c) A época predispunha a gesto e façanha audaciosas...
d) A época predispunha aos gestos audaciosos e às façanhas...
e) A época predispunha a audaciosas façanhas a gestos...

15. (FCC) Das frases abaixo, a que está INCORRETA do ponto de vista da concordância é:

a) O tipo trabalhador considera inevitável no longo processo de colonização os laços com a terra conquistada.
b) Distúrbios e alterações de personalidade são comuns nos tipos trabalhador e aventureiro.
c) As colonizações por si sós já definem certos tipos humanos que implementam a vida no novo mundo.
d) Um e outro tipo podem deixar marcas profundas de sua personalidade nos locais por onde passam.

e) Decerto que o aventureiro é dos que mais se esforça por fazer da vida uma eterna busca de novos prazeres.

16. (Aux. de Cartório / NCE / UFRJ) "...respiração e circulação sanguínea."; na *Nova gramática do português do português contemporâneo*, p. 265, o prof. Celso Cunha diz: "(Quando o adjetivo vem depois dos substantivos), se os substantivos são do mesmo gênero e do singular, o adjetivo toma o gênero dos substantivos e, quanto ao número, vai: para o singular (concordância mais comum) ou para o plural (concordância mais rara)." Assim sendo:

a) o adjetivo *sanguínea* poderia também aparecer com a forma *sanguíneas*.
b) o autor preferiu a concordância mais rara à mais comum.
c) o autor do texto cometeu um erro de concordância.
d) razões semânticas fazem que a única forma possível do adjetivo seja *sanguínea*.
e) a única forma correta do adjetivo é *sanguíneas*.

17. (Téc. Judic. / NCE / UFRJ) "O terceiro e o quarto objetivos..."; o caso de concordância nominal presente neste segmento do texto encontra-se referido no item:

a) o adjetivo, quer em função de adjunto adnominal, quer em função de predicativo, desde que se refira a um único substantivo, com ele concorda em gênero e número.
b) quando o adjetivo se associa a mais de um substantivo, o adjetivo concorda em gênero e número com o substantivo mais próximo.
c) se os substantivos são de gêneros diferentes e do singular, o adjetivo pode concordar com o substantivo mais próximo.
d) é possível que o adjetivo predicativo concorde com o sujeito mais próximo se estiver anteposto aos substantivos.
e) no caso de uma só palavra determinada e mais de uma determinante, a palavra determinada irá para o plural ou ficará no singular.

18. (Emgeprom / NCE / UFRJ) "...a destruição e o desperdício desnecessários..."; a forma *desnecessários* do adjetivo:

a) está erradamente empregada.
b) concorda com o último dos substantivos.
c) concorda com o primeiro dos substantivos.
d) é a única forma possível como concordância correta.
e) concorda com os dois substantivos.

19. (CNEN / NCE / UFRJ) "cabelos e barbas longas"; o fato de o adjetivo *longas* estar no feminino plural:

a) é um erro, já que se refere não só às barbas como também aos cabelos.
b) mostra que o adjetivo só se refere às barbas.
c) indica que o autor preferiu a concordância com o termo mais próximo.
d) é a única concordância possível.
e) demonstra que este adjetivo só se pode aplicar semanticamente a *barbas*.

20. (Anal. Judiciário / TRF / Fundec) Está INCORRETA a forma como se fez a concordância nominal na frase:

a) Os trens e as estações foram reformadas.

b) Os engenheiros construíram um viaduto e uma passarela nova.
c) Pela ferrovia trafegavam vagões e locomotivas refrigerados.
d) Os planos previam projetos e estruturas recém-idealizadas.
e) Os índices social e econômico de desenvolvimento da Região Metropolitana são baixíssimos.

Gabarito: 1. e; 2. c; 3. e; 4. a; 5. c; 6. a; 7. b; 8. b; 9. d; 10. a; 11. d; 12. e; 13. d; 14. c; 15. a; 16. d; 17. e; 18. e; 19. c; 20. a.

Depois de se estudarem as regras de concordância nominal, tem-se a sensação de que é muito a decorar... Mas é simples, vamos sistematizá-las e tudo ficará mais fácil!

16.5. RESUMO

O adjetivo pode ter três funções sintáticas na frase:

• adjunto adnominal;

• predicativo do sujeito (com ou sem verbo de ligação);

• predicativo do objeto (se retirado, muda o sentido da frase, é solicitado pelo verbo).

Adjetivo na função de:	Posposto ao substantivo	Anteposto ao substantivo
Adjunto adnominal	Concordância pode ser: TOTAL ou PARCIAL	A melhor é a concordância PARCIAL
Predicativo do sujeito	Concordância é: TOTAL	Segue a concordância verbal
Predicativo do objeto	Concordância é: TOTAL	Concordância pode ser: TOTAL (melhor opção) ou PARCIAL (mais moderna)

17 CONCORDÂNCIA VERBAL

17.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

O princípio básico na concordância verbal é o de que, para todo verbo, temos de achar um sujeito. Pensando nisso, esta gramática dividirá este tópico em duas partes: Parte I (Concordância verbal e os tipos de sujeito) e Parte II (Casos especiais de concordância verbal).

17.1.1. Concordância verbal: Parte I – Tipos de sujeito

Nesta Parte I, você vai aprender a flexionar o verbo partindo da classificação do sujeito. Quem sabe achar sujeito faz a concordância verbal adequada.

Os tipos de sujeito, basicamente, são quatro:

1. Simples: quando há apenas um núcleo. Lembre-se de que o núcleo do sujeito é representado por um substantivo ou pronome substantivo.

Ex.: O economista fez uma intervenção. / Os economistas fizeram uma intervenção.

2. Composto: aparecem dois ou mais núcleos.

Ex.: O diretor e o chefe compareceram à reunião.

3. Indeterminado: representado de duas formas:

a) verbo na 3ª pessoa do plural, sem sujeito expresso na frase.

Ex.: Pediram silêncio.

b) verbo na 3ª pessoa do singular + pronome indeterminador SE. Em geral o verbo não é transitivo direto.

Ex.: Trabalha-se muito aqui.

(verbo intransitivo)

Observe que, quando a intenção é não mencionar o sujeito, há essas possibilidades para indeterminá-lo.

4. Oração sem sujeito: quando o verbo é impessoal (não se refere a nenhuma pessoa gramatical, uma vez que o sentido do verbo não permite).

Os casos mais comuns:

• expressões que indicam fenômenos da natureza;

• verbo haver (= existir, ocorrer);

• verbos que indicam tempo decorrido.

O verbo, nesses casos, fica na 3ª pessoa do singular.

Antes de mostrarmos os casos de concordância verbal, vamos reconhecer e classificar os sujeitos das frases abaixo.

Importante: O sujeito é o responsável pela flexão verbal. Essa teoria serve para os casos de sujeito simples e composto.

a) Começava a cair a noite.

Na ordem direta, teríamos: "*A noite começava a cair*". O responsável pela flexão da locução verbal *"começava a cair"* é a ***"noite"*** – sujeito simples.

b) Os professores e os funcionários daquela escola decidiram pela greve.

Aparecem dois núcleos como agentes do verbo *"decidiram"* – professores/funcionários – sujeito composto.

c) Naquele instante, bateram à porta.

O verbo na 3ª pessoa do plural, nesta frase, não traz nenhum agente claro. A intenção é, pois, a de indeterminar o sujeito – sujeito indeterminado.

d) Assistiu-se a jogos importantes.

O emprego de *"se"* junto ao verbo transitivo indireto – assistir **a** – obriga o uso do verbo na 3ª pessoa do singular – sujeito indeterminado.

e) Amanheceu rapidamente.

Qualquer verbo que indica fenômenos naturais – amanhecer, chover, nevar... – caracteriza um caso de oração sem sujeito, é um verbo impessoal.

f) Havia dúvidas frequentes sobre aquele ponto da matéria.

Quando o verbo "haver" aparece com o sentido de existir, não há possibilidade, por causa do valor semântico do verbo, de se identificar sujeito na frase – verbo impessoal, 3ª pessoa do singular, oração sem sujeito.

g) Fez dois anos de sua morte.

Mais um exemplo de verbo impessoal: verbo "fazer" indicando tempo passado, decorrido. Novamente, é impossível identificar-se o agente dessa ação verbal – oração sem sujeito.

Agora que você já sabe achar e classificar sujeito, vamos às regras.

17.1.1.1. Concordância verbal com o sujeito simples

Sujeito simples: representado por apenas um núcleo. O verbo concordará com ele em número e pessoa.

1. Faltaram, durante a posse do prefeito, os aplausos.

2. Deram/Bateram/Soaram três horas no relógio da igreja.

3. O relógio da igreja deu/bateu/soou três horas.

Comentários:

Como vimos na teoria inicial, o sujeito é o responsável pela flexão verbal. Na frase 1, entendemos que "os aplausos" é que "faltaram". Nas frases 2 e 3, quando aparecem os verbos dar, bater e soar, normalmente existem duas possibilidades: o sujeito pode ser o número de horas ou o vocábulo relógio. Na 2, "três horas deram/bateram/soaram no relógio", ou seja, o sujeito é o número de horas. Já na frase 3, "O relógio deu/bateu/soou três horas".

4. Hão de existir limites justos.

5. Podem ocorrer novos deslizamentos.

Comentários:

As frases 4 e 5 são exemplos de locuções verbais com seus respectivos sujeitos (*limites*/*deslizamentos*) no plural. Nas locuções, o verbo auxiliar é que se flexiona (*limites hão de existir*/*deslizamentos podem ocorrer*).

6. Preencheram-se as requisições.

7. Verificou-se, entre indivíduos tensos ou agitados, a queima de até 800 calorias diárias.

Comentários:

Agora temos frases em que aparece a partícula **se**. Nas frases 6 e 7, o **se** é apassivador, porque as frases podem ser reescritas, identificando-se, com isso, o sujeito. A frase 6 ("Preencheram-se as requisições" equivale a "As requisições foram preenchidas") traz um sujeito paciente, o que se confirma com a troca da voz passiva sintética – *Preencheram-**se*** – por "foram preenchidas", voz passiva analítica. Na 7, "verificou-se a queima" equivale a "a queima foi verificada". Para nós, essa é a maneira mais direta, objetiva de se identificar o **se** apassivador. E quando o **se** é apassivador há sujeito na frase, daí o verbo poder ficar no singular ou no plural, de acordo com o seu sujeito.

Resumindo:
Quando aparece pronome se (= apassivador): o verbo concorda com o sujeito expresso na frase.

17.1.1.2. Concordância verbal com o sujeito composto

Sujeito composto: representado por dois ou mais núcleos.

a) Anteposto ao verbo: verbo no plural.

b) Posposto ao verbo: o verbo ficará no plural ou concordará com o núcleo mais próximo.

Obs.: Havendo ideia de reciprocidade, verbo no plural.

Exemplos:

8. O pai e a mãe compareceram à reunião.

9. Compareceu ou compareceram à reunião o pai e a mãe.

10. Tu, ela e eu saímos.

11. Abraçaram-se o poeta e o músico.

Comentários:

O sujeito composto impõe verbo no plural, vindo posposto ou anteposto a este (frases 8 e 9). O que ocorre é que, quando o verbo vem anteposto a um sujeito composto (frase 9), pode concordar com todos os núcleos – plural – ou com o mais próximo – *pai*, no singular. Na frase 10, o sujeito composto é representado por pronomes pessoais retos. Nesse caso, dá-se preferência à 1ª pessoa (*eu*). Plural da 1ª pessoa do singular é nós, 1ª pessoa do plural, saímos. Na frase 11, a ideia é de reciprocidade. O sentido obriga o verbo no plural – *um se abraçou ao outro.*

17.1.1.3. Concordância verbal com o sujeito indeterminado

a) **Sujeito indeterminado pela partícula se:** o verbo ficará, obrigatoriamente, na 3ª pessoa do singular.

b) **Oração sem sujeito:** com verbos impessoais (verbos que indicam fenômenos naturais, haver (= existir, ocorrer), verbo com ideia de tempo decorrido...): não possuem sujeito. Ficam também na 3ª pessoa do singular.

Ex.:

12. Obedeceu-se às ordens.

13. Havia vantagens para o índio no contato com o civilizado.

14. Deve haver limites justos.

15. Há vários séculos as línguas indígenas têm tradições apenas oral.

16. Vai para cinco anos de sua partida.

Comentários:

A frase 12 mostra um **se** indeterminador. Repare que agora não podemos reescrever a frase (Às ordens foi obedecida?). O **se**, quando é **índice de indeterminação do sujeito**, aparece, na quase totalidade dos casos, junto a verbo **intransitivo** ou **transitivo indireto**. "Obedecer a". Logo, o sujeito é indeterminado, verbo na **3ª pessoa do singular.**

Nas frases 13 a 16, os verbos são **impessoais** (ficam na 3ª pessoa do singular). Temos, portanto, oração sem sujeito. Na 13, *haver* com sentido de *existir* não varia. Na frase 14, há uma locução verbal. Como o verbo principal – é sempre o **último** verbo da locução – é o *haver* (= existir), o auxiliar **não pode variar**. *Deve* haver limites...)

As frases 15 e 16 exemplificam a oração sem sujeito com verbos que indicam **tempo passado** (Há vários séculos.../Vai para...). Repare que nesses casos de oração sem sujeito **o sentido do verbo** impede a identificação do sujeito.

17.1.1.4. Concordância verbal com o sujeito oracional

Sujeito oracional: aparece em certas construções como:

a) Verbos do tipo convém, basta, falta, parece, importa...

b) Verbo de ligação + predicativo do sujeito: é bom, está claro...

c) Expressões na Voz Passiva: sabe-se, é sabido, conta-se...

Quando o sujeito aparece sob forma de oração, o verbo ou a expressão da oração principal **não varia.**

Exs.:

17. Parece/que ela chega hoje.

or. princ. or. subjetiva

18. Convém/insistir no pedido.

or. princ. or. subjetiva (reduzida de infinitivo)

19. Está claro/que todos reconhecerão o erro.

or. princ. or. subjetiva

20. Sabe-se/que eles mentiram.

or. princ. or. subjetiva

Comentários:

Temos agora um caso muito especial de concordância verbal. Até agora vimos que o sujeito era

representado por substantivo ou pronome substantivo (sujeito simples ou composto). Quando o sujeito era indeterminado ou aparecia verbo impessoal (oração sem sujeito), havia impedimento semântico para se identificar o sujeito. Com o sujeito oracional devemos considerar toda a oração e não um substantivo ou pronome. Na frase 17, "Parece que ela chega hoje", não é ela ou alguém que parece, e sim toda a oração que se segue (Isto – *que ela chega hoje* – parece). Na frase 18, "Convém insistir no pedido", temos o mesmo raciocínio: não é ele ou alguém que convém insistir e sim "Insistir no pedido convém" (= Isto convém). Lembre-se: pense o que a frase quer dizer, coloque a frase na ordem direta e descobrirá o sujeito. Na frase 19, o que *está claro* é o fato de que todos reconhecerão o erro, ou seja, "Isto está claro".

Na frase 20, o **se** é apassivador, a frase pode ser reescrita (Isto – *que todos mentiram* – é sabido). Observe que quando o sujeito é toda a oração, o verbo da oração principal não varia.

Vamos treinar concordância verbal – Parte I?

Complete a lacuna com a forma adequada.

1. Nos últimos 50 anos, _____ fatos que aumentaram o nosso índice de felicidade. (ocorreu/ocorreram)

Comentários: Entendemos, nessa frase, que "fatos ocorreram", sujeito simples no plural, verbo no plural.

Resposta: ocorreram.

2. _____ 50 anos que os índices de felicidade _____ aumentando gradativamente. (Há/Hão; vem/vêm)

Comentários: O verbo "haver", nesse caso tem ideia de tempo passado, não se flexionando. Na 2ª lacuna "índices" é sujeito da locução verbal "vêm aumentando". Vimos que, quando aparece locução verbal, quem se flexiona é o verbo auxiliar.

Resposta: Há e vêm.

3. Nos últimos 50 anos, _____ as possibilidades de maior felicidade. (acentuou-se/acentuaram-se)

Comentários: Essa frase traz o verbo com a partícula **se**. Aqui, o **se** é apassivador, há sujeito na frase, pois equivaleria a "As possibilidades foram acentuadas", voz passiva analítica.

Resposta: acentuaram-se.

4. Daqui a 50 anos, _____ que as pessoas encontrem a felicidade. (é possível/são possíveis)

Comentários: Aqui, o sujeito vem representado por uma oração – "que as pessoas encontrem a felicidade é possível", ou seja, "Isto é possível". Quando o sujeito é oracional, a expressão da oração principal não varia.

Resposta: é possível.

5. _____ de viagem meu irmão e meu sobrinho. (Chegou/Chegaram)

Comentários: O sujeito composto "meu irmão e meu sobrinho" aparece após o verbo, ou seja, o verbo vem **anteposto** a um sujeito composto. Nesse caso, o verbo vai ao plural, já que o sujeito é composto, mas pode também concordar com o núcleo mais próximo – **irmão**, no singular.

Resposta: Chegou ou Chegaram.

6. A crescente disseminação de instituições que trabalham contra os interesses populares _____ um verdadeiro flagelo dos tempos modernos. (constitui/constituem)

Comentários: Vimos desde o início que, na quase totalidade dos casos, o verbo concorda com o **núcleo** do sujeito. A frase acima já está na ordem direta e o núcleo do sujeito é "disseminação".

Resposta: constitui.

7. Aquilo _____ manias de mulher. (é/são)

Comentários: O verbo **ser** pode ficar no singular ou no plural quando o sujeito vier representado por **coisa** no singular ou **pronomes** – tudo, isto, aquilo etc. – e o predicativo estiver no plural.

Resposta: é ou **são**.

8. Os representantes _____ nós. (são/somos)

Comentários: Aparecendo pronome reto, o verbo **ser** só pode concordar com o pronome reto.

Resposta: somos.

9. Dois anos _____ muito tempo. (é/são)

Comentários: Verbo **ser** em expressões de **tempo**, **medida** ou **quantidade** não varia.

Resposta: é.

10. _____ meio-dia e meia quando ela chegou. (Era/Eram)

11. _____ duas horas quando ela chegou. (Era/Eram)

Comentários: Nas expressões de **horas**, o verbo **ser** vai concordar com essas expressões. Logo, se vierem no singular, verbo **ser** no singular. Caso a expressão de horas apareça no plural, verbo **ser** no plural.

Respostas: 10. Era; 11. Eram.

17.1.2. Concordância verbal: Parte II – Casos especiais

17.1.2.1. Concordância do verbo SER

a) Quando o sujeito for nome de **coisa** ou um dos pronomes **tudo**, **nada**, **isso**, **isto**, **aquilo** + predicativo no plural: o verbo ser concorda com o sujeito ou com o predicativo (mais comum).

1. A casa era/eram ruínas.
2. Isto é/são alegrias.

b) Quando aparecer **pessoa**: o verbo **ser** concorda sempre com a **pessoa**. No entanto, se aparecer pronome pessoal do caso **reto**, a concordância se fará com o pronome.

3. Maria era as alegrias da casa.
4. Meu orgulho são os meus filhos.
5. Ela era os meus sonhos.
6. O médico aqui sou eu.

Com os pronomes interrogativos **que**, **quem**, **o que**: o verbo **ser** concorda com o nome ou pronome que vem após.

7. Quem são os interessados?
8. O que são asteroides?

Comentários:

A concordância do verbo SER, basicamente, divide-se em duas partes: a primeira parte, que tem as frases de 1 a 8 como exemplos, mostra a concordância do verbo **ser** com **nome** (representado por **coisa** ou **pessoa**) e **pronome**.

Como vimos na teoria, o verbo **ser** pode concordar com o sujeito ou com o predicativo, quando o sujeito vier representado por coisa ou **pronomes** (tudo isto...), frases 1 e 2.

Se aparecer **pessoa**, como sujeito ou predicativo – frases 3 e 4 –, o verbo **ser** só pode concordar com a pessoa. Agora, se o sujeito ou o predicativo for um **pronome reto** (frases 5 e 6) esse verbo **só pode concordar** com o pronome.

Já com os pronomes interrogativos (frases 7 e 8), o verbo **ser** tem de concordar com o nome ou pronome que se segue.

d) Com as expressões **é muito**, **é pouco**, **é bastante**, **é mais de** etc: o verbo **ser** ficará no singular quando essas expressões denotarem ideia de **preço**, **medida** ou **quantidade**.

9. Dez mil dólares é pouco.

10. Cinco metros é mais do que preciso.

e) Nas expressões de **horas**, **datas** ou **distâncias**: o verbo **ser** concorda com essas expressões.

11. Eram nove horas quando ele chegou.

12. É uma hora e quinze.

13. Hoje são 12 de abril.

14. Daqui a minha casa são cinco quilômetros.

Comentários:

As frases de 9 a 14 exemplificam a segunda parte da concordância do verbo SER: são as expressões.

Nas frases 9 e 10, o verbo **ser** não varia com expressões que trazem ideia de preço, medida, quantidade. Já nas frases de 11 a 14, se as expressões de horas, datas ou distâncias vierem no **plural**, verbo **ser** no **plural** (frases 11, 13 e 14). Se aparecerem no singular, verbo ser no singular (frase 12). Na frase "Hoje são 12 de abril" há a possibilidade de o verbo ficar no singular se aparecer a palavra dia: "Hoje é dia 12 de abril".

17.1.2.2. Concordância com a preposição COM

Sujeito composto ligado por **com**: Verbo no plural.

Observações: 1. Quando se quiser realçar um dos núcleos (= sujeito simples), com ele concordará o verbo. 2. Se a expressão iniciada por com vier entre vírgulas, o verbo concorda com o termo que antecede essa expressão. (= sujeito simples)

Exs.:

1. A carta com o anexo *está extraviada/estão extraviados*.

2. O guarda, **com** os transeuntes, *prendeu* o ladrão.

Comentários:

Diante de sujeitos ligados pela preposição **com**, podem-se utilizar duas opções: a primeira – que é a mais comum – seria o verbo no plural, por se considerar o sujeito como composto. Assim, na frase "A

carta **com** o anexo estão extraviados", a preposição **com** tem valor de **e**. É como se fosse "A carta **e** o anexo estão extraviados". É exatamente isso: a preposição **com** teria, aqui, valor de adição.

A segunda opção seria o verbo no singular, por uma questão de ênfase no primeiro núcleo. Assim, na frase "A carta com o anexo está extraviada", o que se quer é realçar o núcleo "a carta". A preposição teria, então, um valor de companhia. É como se eu dissesse "A carta, em companhia do anexo, está extraviada".

Mas atenção: essas duas opções (de o verbo concordar com os dois núcleos ou só com o primeiro) só valem se a expressão iniciada pela preposição **com não** vier entre vírgulas. Porque, se ela vier isolada pelas vírgulas, o verbo só poderá concordar com o primeiro núcleo. Assim, na frase "O guarda, com os transeuntes, prendeu o ladrão", o verbo deverá necessariamente ficar no singular concordando com *guarda*. A expressão *com os transeuntes* seria um adjunto adverbial de companhia deslocado na frase. Na ordem direta, essa frase ficaria assim: "O guarda prendeu o ladrão com os transeuntes" (Você vai aprender no capítulo de análise sintática que na ordem direta o adjunto adverbial fica no final da frase). Já que é adjunto adverbial, e não sujeito, o verbo só pode concordar com o primeiro núcleo.

Resumindo: Com substantivos ligados pela preposição com, pense da seguinte forma:
A expressão iniciada pela preposição com não vem entre vírgulas: cabem as duas opções (o verbo concorda com os dois núcleos ou só com o primeiro).
A expressão iniciada pela preposição com vem entre vírgulas: o verbo só concorda com o primeiro núcleo.

17.1.2.3. Concordância com pronomes indefinidos

a) Sujeito composto resumido por um pronome indefinido: o verbo concorda com o pronome indefinido (na função de aposto resumitivo).

b) Sujeito composto modificado pelo pronome **cada**: verbo no singular.

Exs.:

3. Jovens, trabalhadores, empresários, **ninguém** *acredita* em nossos parlamentares.

Comentários:

Eis um caso especialíssimo de concordância: o verbo deixa de concordar com o sujeito para concordar com o aposto. Se alguém perguntar se o pronome indefinido *ninguém* é sujeito do verbo, cuidado para não se distrair e dizer que sim! O sujeito da frase é composto ("jovens, trabalhadores, empresários"), mas o verbo *acredita* concorda com o aposto resumitivo *ninguém*.

4. **Cada** criança, **cada** homem, **cada** mulher *ajudava* os flagelados.

Comentários:

Mais uma vez, algo atípico na concordância verbal: apesar de o sujeito ser composto de três núcleos, o verbo fica no singular. Isso ocorre por causa da palavra **cada**, *que enfatiza individualmente os núcleos*. É isto mesmo: o sujeito é composto, mas, se o verbo fosse ao plural, a frase estaria errada!

17.1.2.4. Concordância com a conjunção OU

Sujeito composto ligado por **ou**:

a) Com ideia de exclusão ou retificação: o verbo concordará com o núcleo mais próximo.

b) Se a ideia se refere a todo o sujeito: verbo no plural.

Exs.:

5. Pedro **ou** João *casará* com Joana.

Comentários:

O sujeito tem dois núcleos, mas a conjunção **ou** tem valor de exclusão: *só um* vai casar com *Joana*. O verbo fica no singular.

6. O responsável **ou** os responsáveis *cuidarão* da festa.

Comentários:

A conjunção **ou** tem valor corretivo, de retificação: o verbo concorda com o núcleo mais próximo. É como se eu dissesse: "O responsável, *ou melhor*, ou responsáveis *cuidarão* da festa". *Ou*, aqui, é o mesmo que *ou melhor*, *digo*.

7. Cigarro ou charuto prejudicam igualmente a saúde.

Comentários:

Nesse caso, não há ideia de exclusão: a conjunção *ou* tem valor aditivo. É o mesmo que: "O cigarro e o charuto prejudicam igualmente a saúde".

17.1.2.5. Concordância com as expressões *um ou outro, um e outro, nem um nem outro*

a) Sujeito formado pela expressão um ou outro: verbo no singular.

b) Sujeito formado pelas expressões *um e outro, nem um nem outro, nem ... nem...*: verbo no singular ou no plural.

8. **Um ou outro estilo** *agrada*.

Comentários:

Aqui, mais uma vez a conjunção **ou** tem valor de exclusão: só um dos estilos agrada.

9. **Uma e outra forma** me *fascinam*/*fascina*.

Comentários:

Nesse caso, as duas opções estão corretas. O verbo no plural enfatiza o *todo*: *as duas formas me fascinam*. O verbo no singular enfatiza as *partes* que compõem o sujeito. É como se eu dissesse "uma forma me fascina e outra também me fascina".

10. **Nem um nem outro** *comentou*/*comentaram* o ocorrido.

Comentários:

Manter o verbo no singular é a opção que soa melhor aos nossos ouvidos, e é, mesmo, a mais adequada. Afinal, quando se diz *nem um nem outro*, o que se quer dizer é que *ninguém comentou o ocorrido*.

Entretanto, embora alguns gramáticos discordem quanto a este aspecto, ao se dizer *nem um nem outro*, pode-se pensar que *um não e outro também não comentaram o ocorrido*. Ou seja: pensar no valor de adição que a conjunção *nem* possui. Então a flexão do verbo no plural também estaria correta – ainda que não seja essa a forma mais adequada.

Resumindo:
Um ou outro: verbo no singular.
Um e outro: verbo no plural ou no singular.
Nem um nem outro: verbo no singular (mais adequada) ou no plural (menos comum).

17.1.2.6. Concordância com palavras sinônimas ou em gradação e com verbos no infinitivo

a) Sujeito composto de palavras sinônimas ou em gradação de ideias: o verbo, de preferência, concorda com o núcleo mais próximo.

b) Sujeito composto formado de verbos substantivados no infinitivo: verbo no singular.

Se forem **antônimos** ou vierem **determinados**, o verbo fica no plural.

11. Um olhar, um sorriso, um gesto *serviu/serviram* como alerta para ele.

Comentários:

Apesar de o sujeito ser composto por mais de um núcleo (*olhar*, *sorriso*, *gesto*), a concordância mais adequada é a que enfatiza o valor de gradação que esses núcleos apresentam – verbo no singular. Entretanto, o plural também está correto, até porque o sujeito é composto.

12. Estudar e trabalhar *engrandece* o homem.

13. Rir e chorar *fazem* parte da vida.

14. O falar e o escrever *caracterizam* homens dinâmicos.

Comentários:

Na frase 12, apesar de o sujeito ser composto, seus núcleos são verbos. Por isso, o verbo tem de ficar no singular. Mas na frase 13 os núcleos são antônimos: *rir* é o oposto de *chorar*; até para enfatizar a oposição entre os núcleos do sujeito (*rir/chorar*), o verbo fica no plural. Na frase 14, os artigos determinam, especificam os núcleos: o verbo ficará também no plural. Se não houvesse tais artigos, voltaríamos à situação da frase 12: o verbo ficaria no singular.

17.1.2.7. Concordância com o sujeito coletivo, com porcentagem e expressões a maioria de, grande parte de…

a) Sujeito coletivo: o verbo concorda com o sujeito coletivo.

b) O sujeito é representado pelas expressões: a maioria de, grande parte de, grande número de etc. + nome no plural = o verbo fica no **singular** ou no **plural**.

c) Sujeito formado por número percentual: o verbo concorda com o numeral ou com o termo posposto.

15. O bando *desapareceu*.

Comentários:

Ainda que *bando* dê uma ideia de pluralidade, coletivo, trata-se de um substantivo no singular: daí o verbo ficar no singular. Também que coisa horrível seria dizer *o bando desapareceram*!

16. A maioria das pessoas *gostou/gostaram* do espetáculo.

Comentários:

Com as expressões *a maioria de*, *grande parte de* etc., o verbo pode concordar com o núcleo do sujeito – que é a forma mais adequada – ou concordar com o termo posposto a ele (adjunto adnominal). Assim, teríamos duas opções: *gostou*, concordando com *maioria*, ou *gostaram*, concordando com *pessoas*. Repito: a melhor opção é a do verbo no singular, concordando com o núcleo.

Pense sempre assim: Quando houver duas opções de concordância, a melhor (a ser utilizada nas redações, em textos mais formais) será sempre aquela com o núcleo.

17. Oitenta por cento da população *acreditam/acredita* na moeda.

18. Os 30% da produção de arroz *estragaram*.

Comentários:

Para a frase 17, utilize o mesmo raciocínio da frase 16: o verbo pode ficar no plural, concordando com o núcleo, que é o numeral *oitenta*; **ou** pode concordar com o termo posposto a ele – *população* – ficando no singular. Mais uma vez, a melhor opção aqui é a concordância com o núcleo *oitenta*: verbo no plural.

Já na frase 18, o artigo aparece, e o verbo só poderá ficar no plural, concordando com esse determinante. Por isso, seria erro dizer *os 30% da produção de arroz estragou*: aqui, o verbo não poderia concordar com o termo posposto ao núcleo (*produção de arroz*).

Na concordância com numerais, tenha cuidado de observar que até o algarismo 2, o verbo ficará no singular. Só de 2 em diante, o verbo irá ao plural. Assim, teríamos:

O 1,36 kg de queijo que comprei **está** sobre a mesa.

Seu 1,92 m **chama** a atenção de quem a vê.

Seus 2,20 m **impõem** respeito.

17.1.2.8. Concordância com as expressões qual de nós, quais de vós...

a) Sujeito constituído por **qual de nós**, **qual de vós**, **algum de nós** etc.: o verbo fica no singular.

b) Sujeito constituído por **quais de nós**, **quais de vós**, **alguns de nós** etc.: o verbo concorda com os pronomes nós/vós ou vai para a 3ª pessoa do plural.

19. **Qual de vós** *encontrará* a solução?

20. **Quais de nós** *votaram/votamos* conscientemente?

21. **Nenhum de nós** *foi* capaz de resolver o programa.

Comentários:

Ao se perguntar, na frase 19, *qual de vós encontrará a solução*, subentende-se que *somente uma pessoa* vai encontrar a solução. É por isso que o verbo concorda com o núcleo *qual*, ficando no singular, e não pode concordar com o pronome posposto ao núcleo, *vós*.

Já na frase 20, entende-se que *mais de uma pessoa* votou conscientemente. Nesse caso, o verbo pode concordar com o núcleo ou com o termo a ele posposto. Assim, teríamos: *votaram* concordando com *quais* ou *votamos* concordando com *nós*.

A frase 21 segue a mesma lógica da frase 20: ao se dizer que *nenhum foi capaz*, o pronome *nenhum*

no singular exige que o verbo também fique no singular, concordando com esse pronome. É a única opção de concordância.

17.1.2.9. Concordância com as expressões mais de, cerca de…

a) O sujeito é a expressão **mais de um**: verbo no singular. se a expressão vier **repetida** ou houver ideia de **reciprocidade**, verbo no plural.

b) Com as expressões **mais de**, **perto de**, **cerca de** etc.: o verbo concorda com o termo que vem após essas expressões.

22. **Mais de um** aluno *obteve* boa nota.

23. **Mais de um** policial, **mais de um** bandido *foram mortos*.

24. **Mais de um** torcedor se *agrediram*.

Comentários:

A frase 22 mostra-nos que a lógica da língua portuguesa não é a mesma lógica da matemática. Ainda que, segundo a matemática, *mais de um aluno* sejam *dois, três* etc., o verbo deverá ficar no singular, pois o núcleo do sujeito (*aluno*) está no singular.

Já a frase 23 apresenta dois núcleos do sujeito: *policial* e *bandido*. Então, faz todo sentido manter o verbo no plural. Nesse caso, o sujeito é composto.

A frase 24 apresenta um pronome recíproco *se*, que indica pluralidade (= *um ao outro*). É por isso que, apesar de o núcleo do sujeito (*torcedor*) estar no singular, o verbo ficará obrigatoriamente no plural. É a ideia de reciprocidade do pronome que impõe isso.

25. Cerca de três alunos chegaram.

26. Perto de cem pessoas chegaram.

Comentários:

Em relação às frases 25 e 26, pense da seguinte forma: os núcleos são, respectivamente, *alunos* e *pessoas*. Logo, não há outra opção, a não ser a de o verbo concordar com esses núcleos.

17.1.2.10. Concordância com as expressões que, quem, um dos que

a) Sujeito constituído pelos pronomes **que** e **quem**: com o relativo **que** na função de sujeito, o verbo concorda com o antecedente desse pronome, com o pronome **quem**, o verbo fica na 3ª pessoa do singular ou concorda com o antecedente.

b) Expressão *um dos que*: verbo no singular ou plural.

27. Fui eu **que** *li* a carta.

28. Fomos nós **quem** *lemos/leu* a carta.

29. Aquele romance foi **um dos que** mais me *agradou/agradaram*.

Comentários:

Antes de qualquer explicação, vamos organizar a frase 27: nela há dois verbos, duas orações. Dividindo o período, teríamos:

Fui eu /que li a carta.

A 1ª oração é *fui eu*, que tem como verbo *fui* e sujeito *eu*. A 2ª oração, que restringe a 1ª, é *que li a carta*: seu verbo "*li*" tem como sujeito o pronome relativo *que*. Vamos estudar esse assunto de forma mais aprofundada no tópico sobre período composto. O fato é que o sujeito do verbo *ler* é o pronome relativo *que*, mas, como o *que* é pronome relativo (e todo relativo, como já vimos, retoma um antecedente), o verbo não concordará com o pronome em si, mas com o antecedente que ele retoma. No caso da frase 27, o antecedente do relativo é o pronome *eu*. Leia a frase como se o relativo não existisse e você não errará a concordância:

... **eu** (que) **li** a carta.

Já na frase 28, temos também duas orações:

Fomos nós /quem *lemos* (ou *leu*) a carta.

Só que aqui se trata do pronome *quem*. Com ele, há duas possibilidades de concordância. Observe:

1. Podemos considerar o pronome *quem* também como relativo (como o *que* da frase 27). Nesse caso, o verbo também concordaria com o antecedente do *quem*:

Fomos **nós** (quem) **lemos** a carta.

2. Ou podemos classificar o *quem* como pronome indefinido (= alguém). Nesse caso, o verbo concordaria com o próprio pronome *quem*:

Fomos nós **quem leu** a carta.

Construção estranha, não é? Então, coloque na ordem direta e ela lhe parecerá mais sonora:

Quem leu fomos nós.

Resumindo (frases 27 e 28):
Concordância com a palavra QUE: o pronome é classificado como relativo, e o verbo concorda com o antecedente desse relativo.
Concordância com a palavra QUEM: o verbo concordará com o antecedente do quem (nesse caso, quem é pronome relativo); ou o verbo concorda com o próprio pronome quem (aí, quem será classificado como pronome indefinido).

Vamos dividir o período da frase 29?

Aquele romance foi um dos/**que** mais me agradou (ou agradaram).

Para cada verbo, um sujeito. O sujeito da primeira oração é aquele romance. Já o sujeito da segunda oração é o pronome relativo *que*. Temos aqui um raciocínio muito parecido com o da frase 27: o que é pronome relativo na função de sujeito do verbo agradar. O verbo deverá, portanto, concordar com o antecedente do relativo. Só que, nesse caso, têm-se dois possíveis antecedentes do que: *um* ou *dos*. É por isso que se aceitam as duas opções: a de singular (nesse caso, o pronome relativo estaria retomando o antecedente *um*) ou a de plural (e, então, o pronome relativo retomaria o pronome demonstrativo *os*, da contração *dos*).

Assim, seriam duas as possibilidades de leitura:

Aquele romance foi **um** (que) me **agradou**.

Dos (que) me **agradaram**, aquele romance foi um.

Resumindo: Com a expressão um dos que, o verbo pode ficar no singular (nesse caso, o que retomaria um, que é o núcleo da expressão); ou no plural (se o antecedente do que for o pronome os).

Caso perguntem a você qual das duas opções é a melhor, diga o de sempre: a melhor é com o núcleo da expressão. Portanto, a melhor é aquela com **verbo no singular**, concordando com **um,** núcleo da expressão **um dos que**.

17.1.2.11. Concordância ideológica (silepse)

A concordância ideológica, ou silepse, difere dos casos de concordância que vínhamos estudando, por se desviar da norma rígida, por ser uma concordância com o sentido. Então, entenda: os casos que vimos anteriormente são de concordância rígida. Os que vamos ver agora são de concordância ideológica ou psicológica. É simples: basta você conhecer as três situações em que tal desvio pode ocorrer. Vamos a elas?

1. "V. Exª. é muito simpático."

Veja que o sujeito é representado por uma palavra feminina ("excelência"), mas o adjetivo "simpático" ficou no masculino. A concordância deixou de se fazer com o vocábulo e passou a ser feita com a ideia: trata-se de homem. Do feminino ao masculino: é a **silepse de gênero**.

2. "A criançada chegou. *Alegres*, *brincavam* por todos os lados."

Observe que o adjetivo e o verbo da 2ª oração foram ao plural, apesar de *criançada* ser palavra no singular; isso ocorre em função da ideia de coletivo que a palavra *criançada* apresenta. Do singular ao plural: é a **silepse de número**.

3. "Todos somos brasileiros".

Nem parece silepse, não é? Mas houve, sim, um desvio da concordância rígida: o sujeito *todos* é 3ª pessoa do plural (*eles*), mas o verbo foi para a 1ª pessoa do plural (*nós*). Esse recurso é muito utilizado em textos argumentativos, quando o autor quer se incluir na frase. Da 3ª pessoa à 1ª: é a **silepse de pessoa**.

Portanto, entenda que silepse é um desvio das regras rígidas de concordância. Deixa-se de concordar gramaticalmente, para se fazer uma concordância ideológica.

17.1.2.12. Concordância com verbos no infinitivo

Em nossa língua há dois infinitivos:

• **Infinitivo impessoal** – ação verbal de modo vago, indeterminado;

• **Infinitivo pessoal** – não flexionado (uma só forma para todas as pessoas)

flexionado (falar, falares, falar, falarmos...)

Falamos sobre infinitivo impessoal em sujeito indeterminado. Em relação à flexão do infinitivo, podemos sintetizar da seguinte forma:

a) **não se flexiona o infinitivo:** como verbo principal de uma locução ou quando o sujeito do infinitivo for um pronome oblíquo, antecedido dos verbos *mandar, deixar, fazer, ver, sentir, ouvir*. A flexão, no entanto, pode ocorrer se o sujeito for um substantivo.

b) **não se flexiona o infinitivo:** quando este aparecer em oração reduzida com sujeito idêntico ao do verbo da oração principal.

c) **flexiona-se o infinitivo:** quando o infinitivo tem sujeito próprio ou quando o sujeito do infinitivo está claro na frase, regido ou não de preposição (flexão facultativa).

d) **com os verbos *dever, poder, costumar* + *se* + *infinitivo* + *nome no plural*:** esses verbos ficam no singular (= sujeito oracional) ou concordam com o nome no plural.

17.2. EXEMPLOS COMENTADOS

Bem, teoria encerrada. Vamos aos exemplos comentados?

Quanto à concordância verbal, julgue as alternativas abaixo como certas ou erradas, corrigindo as

frases com erro. Caso haja mais uma possibilidade de concordância, indique-a.

1. **Choveu** garrafas na cabeça do árbitro; aliás, **estava** chovendo até pilhas de rádio.

   Comentários: O que é que choveu? *Garrafas choveram*. *Pilhas estavam chovendo*.

   Resposta: Frase errada: O certo é *choveram* e *estavam chovendo*.

2. **Deu** dez horas o relógio da matriz, mas no meu já **deu** onze.

   Comentários: *O relógio é que deu dez horas*. A primeira oração está certa. Mas a segunda oração não: o sujeito passa a ser *onze* e *no meu*, adjunto adverbial de lugar (= "no meu relógio").

   Resposta: o certo é "Deu dez horas o relógio da matriz, mas no meu já *deram* onze".

3. Não **existe** nas cidades próximas nenhum posto de gasolina aberto.

   Comentários: O que é que não existe nas cidades próximas? *Nenhum posto de gasolina aberto*. Ora, o núcleo do sujeito é *posto*.

   Resposta: a frase está correta.

4. Não **deve** existir ciúmes em um relacionamento sincero e sadio.

   Comentários: Atenção: na locução verbal, olhe para o último verbo (verbo principal), pergunte por seu sujeito, mas não se esqueça de que quem irá se flexionar ou não é o verbo auxiliar. Portanto, qual é o sujeito de *existir*? *Ciúmes*. Logo, o auxiliar deverá ficar no plural.

   Resposta: a frase está errada. O certo seria dizer "Não *devem* existir ciúmes..."

5. **Acabou** as aulas, **começou** as férias.

   Comentários: O que é que acabou? *As aulas*. O que é começou? *As férias*. Ambos os sujeitos estão no plural, logo os verbos deverão ficar no plural.

   Resposta: o certo é: "Acabaram as aulas, começaram as férias".

6. Não **pode** faltar nas indústrias tanta matéria-prima quanto se diz.

   Comentários: O que é que não pode faltar nas indústrias? *Matéria-prima*. O núcleo é singular, por isso, o verbo auxiliar deve mesmo ficar no singular.

   Resposta: frase correta.

7. **Faz** dez dias que não durmo direito; **faz** cinco que não trabalho.

   Comentários: Eis, nas duas orações, o verbo *fazer* com sentido de tempo decorrido. Ele é impessoal, a oração não possui sujeito. Por isso, os verbos devem mesmo ficar no singular.

Resposta: frase certa.

8. **Costuma** haver abalos de terra nesta região.

Comentários: Mais uma vez, locução verbal. Observe o último verbo: principal. Ele tem sujeito? Não, pois é *haver* com sentido de *existir*. Por isso, seu auxiliar não se flexiona, deve ficar na 3ª pessoa do singular. Cuidado: *abalos* não é sujeito, é objeto direto.

Resposta: frase certa.

9. A maioria das garrafas vazias **estão jogadas** ali no lixão.

Comentários: A locução verbal está adequadamente concordando com a expressão *garrafas vazias que, sintaticamente, é adjunto adnominal do substantivo "maioria"*. A frase está certa, mas haveria uma outra possibilidade de concordância, que, inclusive seria a mais adequada em uma redação: "A maioria das garrafas vazias está jogada...". Nesse caso, **está jogada** estaria concordando com o núcleo do sujeito **maioria**. E a concordância com o núcleo é sempre a melhor...

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de flexão.

10. Vassouras **ficam** no Estado do Rio; Campinas fica em São Paulo.

Comentários: Nome de lugar ou de obra no plural, o verbo fica no singular, a não ser que o nome seja antecedido de artigo.

Resposta: a frase está parcialmente errada. O certo é *Vassouras fica*. Quanto à segunda oração, tudo certo.

11. Os Estados Unidos **são** um país capitalista.

Comentários: Nome de lugar no plural antecedido de artigo. O verbo deverá ficar no plural, seguindo o artigo.

Resposta: frase certa.

12. Grande parte dos melões vendidos **está** madura.

Comentários: O sujeito é *grande parte dos melões*; o núcleo é *parte* e *dos melões* é o adjunto adnominal. Nessa frase, o verbo está concordando com o núcleo do sujeito. Mas poderia concordar com *melões*, que é o termo posposto. Também estaria certo dizer "Grande parte dos melões estão maduros".

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de concordância.

13. Cinco por cento da produção **se perdeu** com as chuvas, mas esses 5% não **significam** muito prejuízo.

Comentários: *Cinco por cento da produção se perdeu* ou *se perderam*: as duas estariam certas. No singular, o verbo concorda com *produção*; no plural, com o núcleo *cinco*. Quanto à segunda metade da frase, tudo certo: o verbo está adequadamente concordando com o sujeito *esses 5%*.

Resposta: frase certa.

14. 1% dos alunos daquele colégio **passaram** no vestibular.

Comentários: Aqui, haveria duas possibilidades: *passaram* concordando com *alunos* e *passou*, com *1%*.

Resposta: a frase está certa, e haveria mais uma opção de flexão do verbo.

15. Os 15% de comissão **foram** para Hersílio, e não para mim.

Comentários: Já que a porcentagem vem antecedida de determinante (artigo), o verbo só pode concordar com o numeral 15%.

Resposta: frase certa.

16. Foram eles que **pagaram** as despesas; fomos nós que **comemos**.

Comentários: Quando o sujeito é *que*, o verbo concorda com o antecedente do relativo. Nas orações acima, os antecedentes eram *eles* e *nós*.

Resposta: frase correta.

17. Foram eles quem **pagou** as despesas; fomos nós quem **comeu**.

Comentários: Com *quem*: o verbo fica no singular ou concorda com o termo que vem antes do *quem*. Poderíamos também dizer *foram eles quem pagaram, fomos nós quem comemos*.

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de flexão.

18. Algum de nós **morrerá** antes do ano 2030.

Comentários: O núcleo da expressão é singular, o verbo só pode concordar com ele.

Resposta: frase certa.

19. Alguns de nós **morrerão** antes do ano 2030.

Comentários: O núcleo da expressão é plural (*alguns*): o verbo pode concordar com o núcleo ou com o termo que vem posposto (*nós*). Logo, estaria também certo dizer *alguns de nós morreremos*.

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de flexão.

20. Cada um de nós seis **compraremos** um livro.

Comentários: Com a palavra *cada*, o verbo deverá ficar no singular. Lembre-se: a palavra *cada* individualiza o núcleo. O certo seria dizer "Cada um de nós seis comprará...".

Resposta: frase errada.

21. V. Exª. **ireis** viajar amanhã?

Comentários: Com pronome de tratamento, o verbo fica na 3ª pessoa do singular. O certo seria dizer "V. Exª. *irá* viajar amanhã?"

Resposta: frase errada.

22. Mais de um abacate **apodreceram**, menos de duas peras **foi comida**.

Comentários: O núcleo do 1º sujeito é *abacate* e do 2º, *peras*. Por isso, certo seria dizer "Mais de um abacate apodreceu..., menos de duas peras foram comidas".

Resposta: frase errada.

23. Fui um dos que não **disse** nada na reunião.

Comentários: *Disse* concordando com *um*; *disseram* concordando com **dos**. Por isso, tanto faz dizer *fui um dos que disse*, como *fui um dos que disseram*.

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de flexão.

24. Perto de três crianças **se perderam** na praia.

Comentários: O núcleo do sujeito é *crianças*. Por isso, o verbo está no plural.

Resposta: frase certa.

25. **Bastará** três pessoas para erguer esse peso.

Comentários: Organize a frase: *três pessoas bastarão*.

Resposta: frase errada.

26. **Passará** logo meu interesse e minha esperança.

Comentários: Sujeito composto posposto. Tanto faz: o verbo ficou no singular concordando com o núcleo mais próximo, mas também poderia ter ido ao plural, concordando com todos os núcleos.

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de concordância ("passarão").

27. **Abraçaram-se** o rapaz e a garota.

Comentários: Com o pronome *se* recíproco, o verbo deverá ficar apenas no plural.

Resposta: frase certa.

28. Luís e Manuel vadiaram o ano todo; um e outro rapaz, mesmo assim, **passou**.

Comentários: Um e outro: verbo no singular ou no plural.

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de concordância ("passaram").

29. Nem um nem outro caçador **conhecem** esta região.

Comentários: Embora não seja comum, essa construção não está errada. O mais correto, entretanto, seria dizer "Nem um nem outro caçador conhece...".

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de flexão.

30. Um dia, uma hora, um minuto, **bastam** para acontecer uma tragédia.

Comentários: Sujeito composto de núcleos em gradação: singular (mais adequada) ou plural.

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de flexão *(basta)*.

31. Comer e dormir em seguida **engorda**.

Comentários: Núcleos do sujeito composto com verbos no infinitivo: o verbo fica no singular.

Resposta: frase certa.

32. O comer bem e o dormir bastante **engordam**.

Comentários: Agora, os verbos estão antecedidos de artigo. O verbo deve ficar no plural.

Resposta: frase certa.

33. Céu, mar, terra, rios, sol, planetas, animais, tudo se **constitui** dos mesmos elementos.

Comentários: O pronome *tudo* resume as informações anteriores. O verbo deve concordar com o pronome, ficando no singular.

Resposta: frase certa.

34. O príncipe com a princesa **estiveram** na festa.

Comentários: Tanto faz: plural ou singular. O plural enfatiza os dois núcleos; o singular enfatiza o primeiro.

Resposta: f frase está certa e teria outra possibilidade de concordância ("esteve").

35. Filipe ou Virgílio **dirigirá** o automóvel.

Comentários: *Só um vai dirigir*: *ou* com valor de exclusão. O verbo deverá ficar no singular.

Resposta: frase certa.

36. A vida ou a morte eternas não **existe**.

Comentários: Agora, *ou* com valor de adição. O que se quer dizer é que a vida *e* a morte eternas não *existem*.

Resposta: frase errada.

17.3. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Complete com as formas verbais adequadas.

1. Altamente irreais, suas palavras só _____ valores supérfluos. (contém/contêm)
2. "A ordem social e humana nem sempre se _____ sem o grotesco." (alcança/alcançam)
3. _____ muito barulho aqueles meninos. (Faz/Fazem)
4. _____ vinte minutos para as dez horas. (Falta/Faltam)
5. _____ duas palavras de incentivo. (Basta/Bastam)
6. Vossa Excelência _____ triste com a repercussão do caso. (ficou/ficastes)
7. Vossas Excelências _____ tristes com a repercussão (ficaram/ficastes)
8. _____ propostas de trabalho para ele. (Choveu/Choveram)
9. _____ existir dúvidas sobre aquele ponto da matéria. (Deve/Devem)
10. _____ ocorrer novas rebeliões. (Poderá/Poderão)
11. Embora _____ ocorrido alguns distúrbios, ele não se inteirava da condição do mundo. (tivesse/tivessem)
12. Eles _____ entender o problema (parecia/pareciam)
13. _____ sala comercial. (Aluga-se/Alugam-se)
14. _____ salas comerciais. (Aluga-se/Alugam-se)
15. _____ medidas para baratear os produtos editoriais. (Impõe-se/Impõem-se)
16. _____ cinco horas no relógio da sala. (Deu/Deram)
17. _____ cinco horas o relógio da sala. (Deu/Deram)
18. _____ uma hora. (Soou/Soaram)
19. _____ seis horas no relógio da igreja. (Bateu/Bateram)

20. Mais de um caso _____. (foi analisado/foram analisados)

21. Mais de um amigo se _____. (abraçou/abraçaram)

22. Mais de dois casos _____. (foi analisado/foram analisados)

23. Cerca de trinta pessoas _____ mudanças. (exigia/exigiam)

24. Qual de nós _____ do caso? (cuidará/cuidaremos)

25. Algum de nós _____ a tempo. (chegará/chegaremos)

26. Quais de nós _____ do caso? (cuidarão/cuidaremos)

27. Alguns de nós _____ a tempo. (chegarão/chegaremos)

28. A maioria dos professores _____ à cerimônia de posse do novo reitor. (compareceu/compareceram)

29. A maior parte da turma _____ ao primeiro dia de aula. (faltou/faltaram)

30. Setenta por cento da turma _____ de ano. (passou/passaram) / Os setenta por cento da turma _____ de ano. (passou/passaram)

31. Setenta por cento dos eleitores não _____ nos governantes. (confia/confiam)

32. Um por cento do eleitorado _____ o voto. (anulou/anularam)

33. Um por cento dos eleitores _____ o voto. (anulou/anularam)

34. Os Estados Unidos _____ perversamente _____ em 11 de setembro. (foi; atacado/foram; atacados)

35. Minas Gerais _____ a visita de dois ministros. (recebeu/receberam)

36. Os Lusíadas _____ uma epopeia. (conta/contam)

37. Fernanda e Guilherme _____ aqui agora há pouco. (estava/estavam)

38. _____ aqui agora há pouco Fernando e Guilherme. (Estava/ Estavam)

39. Acordava de manhã e lá _____ o meu pão torrado, o meu chá e o meu ovo cozido. (estava/estavam)

40. O diretor e o chefe _____ entender o problema. (parecia/pareciam)

41. Ela e eu _____ para jantar. (saíram/saímos)

42. _____ ela e eu para jantar. (Saímos/Saiu)

43. _____ irmão e irmã. (Abraçou-se/Abraçaram-se)

44. Chás, política, escândalos, nada _____ a sua concentração.

(atrapalhava/atrapalhavam)

45. Engenheiros, técnicos, secretárias, todos _____. (foi demitido/foram demitidos)

46. O funcionário com o chefe _____ cedo. (chegou/chegaram)

47. O funcionário, com o chefe, _____ cedo. (chegou/chegaram)

48. Wilson ou Ricardo _____ o novo presidente do conselho fiscal. (será/serão)

49. O funcionário ou os funcionários _____ o novo representante. (anunciará/anunciarão)

50. O riso ou a lágrima _____ parte da minha vida. (faz/fazem)

51. A competição, a disputa não o _____. (seduzia/seduziam)

52. A paixão, o devotamento, a alma não _____ àquele homem. (falta/faltam)

53. Correr e nadar _____ parte do treinamento diário daquele atleta. (faz/fazem)

54. Agora, calar e falar já não _____ nada. (adianta/adiantam)

55. O falar e o escrever _____ dele um aluno especial. (fazia/faziam)

56. _____ bastante por aqui. (Trabalha-se/Trabalham-se)

57. _____ às ordens. (Obedeceu-se/Obedeceram-se)

58. _____ aos levantamentos. (Procedeu-se/Procederam-se)

59. Nunca se _____ totalmente pessimista. (é/são)

60. É preciso _____ com a impunidade no país. (acabar/acabarem)

61. _____ bastante em alguns bairros. (Choveu/Choveram)

62. _____ dúvidas sobre aquele ponto da matéria. (Havia/Haviam)

63. _____ vantagens para o índio no contato com o civilizado. (Havia/Haviam)

64. _____ haver vantagens para o índio no contato com o civilizado. (Devia/Deviam)

65. _____ haver novas rebeliões. (Poderá/Poderão)

66. Falei da angústia que _____ dias me devorava. (havia/haviam)

67. _____ dez meses que não recebo notícias dele. (Faz/Fazem)

68. _____ para dois anos de sua partida. (Vai/Vão)

69. _____ reclamações. (Chega de/Chegam de)

70. _____ duas horas. (Passa de/Passam de)

71. _____ que estejas aqui na hora marcada. (Convém/Convêm)

72. _____ mudar as regras. (Convém/Convêm)

73. _____ que as reações não podem ser diferentes. (Está claro/Estão claros)

74. Os dois _____ que haviam acabado de comer a maçã proibida. (parecia/pareciam)

75. Os dois _____ entenderem o problema. (parecia/pareciam)

76. _____ agora que tudo era mentira. (Sabe-se/Sabem-se)

77. Um e outro tipo _____ marcas profundas. (deixou/deixaram)

78. Nem o pai nem a mãe _____ o problema. (resolveu/resolveram)

79. Não só o funcionário mas também o diretor se _____ para a reunião. (atrasou/atrasaram)

80. Um ou outro estilo _____. (agrada/agradam)

81. Nem um nem outro trabalho _____ elogio. (recebeu/receberam)

82. Fui eu que _____ a verdade. (falei/falou)

83. Fomos nós que _____ a verdade. (falou/falamos)

84. Era árdua a tarefa que os _____ juntos. (mantinha/mantinham)

85. Fui eu quem _____ a verdade. (falei/falou)

86. Sou eu quem _____ a conta. (paga/pago)

87. Fomos nós quem _____ a verdade. (falou/falamos)

88. Ele é um dos jovens que _____ esse moderno sistema de telefonia. (usa/usam)

89. Aquele escritor foi um dos brasileiros que mais _____ no futuro do país. (acreditou/acreditaram)

90. "Napoleão foi um dos guerreiros de fama que _____ na ilha de Santa Helena." (morreu/morreram) (Ivan Alves)

91. O prédio _____ ruínas. (era/eram)

92. Tudo _____ ilusões. (é/são)

93. Guilherme _____ as preocupações da família. (era/eram)

94. O responsável _____ eu. / Eu _____ o responsável. (é/sou)

95. Os responsáveis_____ nós. / Nós _____ os responsáveis. (são/somos)

96. Quem _____ os representantes da turma? (era/eram)

97. O que _____ conectores? (é/são)

98. Os homens _____ complicam as coisas. (é que/são que)

99. _____ aquelas palavras que me serviram como estímulo. (Foi/Foram)

100. Vinte quilos _____. (é muito/são muito)

101. Cinco pessoas _____. (é suficiente/são suficientes)

102. _____ dez horas. (É/São)

103. _____ uma hora e vinte. (Era/Eram)

104. Hoje _____ seis de dezembro. (é/são)

105. Daqui a minha casa _____ três quilômetros. (é/são)

106. As pessoas pareciam _____ o problema. (entender/entenderem)

107. Resolvemos _____ rapidamente. (agir/agirem)

108. Mandei-os _____ os ingressos. (devolver/devolverem)

109. Viu-os _____ imóvel. (chegar/chegarem)

110. Fê-los _____. (chorar/chorarem)

111. Fez os ouvintes _____. (chorar/chorarem)

112. Minha filha chegou sem _____. (perceber/percebermos)

113. Os empresários falaram no preço que pagam para _____ negócio no Brasil. (fazer/fazerem)

114. Não se _____ proibir manifestações do povo. (deve/devem)

115. Os cariocas _____ um povo alegre. (verbo SER, silepse de pessoa)

116. A multidão não se continha. _____ justiça. (verbo PEDIR, silepse de número)

II. Levando em consideração as regras de concordância verbal, marque certo (C) ou errado (E).

1. ( ) A presença de pessoas estranhas, num momento como este, poderiam perturbar a atenção das candidatas, até aqui inteiramente dirigida para as questões da prova.
2. ( ) Quando se aplicam a todos os seres de uma espécie ou quando designam abstrações, o substantivo é chamado “comum”.
3. ( ) Os peregrinos, que em longa caravana caminhavam respeitosos, mostravam-se dispostos a enfrentar qualquer adversidade que se lhes apresentasse.
4. ( ) Já era quase nove horas, nenhum dos meninos pareciam querer se levantar, nada faziam os pais imaginarem os rumores da véspera.

5. ( ) Com a canção popular, hoje, costuma ocorrer frequentemente fatos diversos.

6. ( ) Com a canção popular, hoje, podem haver fatos diversos.

7. ( ) Há uma série de outras motivações que não cabe aqui mencionar.

8. ( ) É uma cidade onde falta verdade, honra e vergonha.

9. ( ) Os fatos que houveram causaram espanto, por ter sido os carros-bomba lançados contra um grupo de crianças inocentes.

10. ( ) Na discussão do assunto, lança-se mão de dois recursos, com base em dados socioeconômicos.

11. ( ) Tratam-se, talvez, das referências mais citadas para defender valores mais expressivos para os salários-família.

12. ( ) Não se apanha moscas com vinagre.

13. ( ) Com o projeto, fornecer-se-ão dados estatísticos sobre a propagação da Aids no país.

14. ( ) Alterou-se cerca de 600 palavras.

15. ( ) Indenizar-se-á em dinheiro as benfeitorias úteis e necessárias.

16. ( ) Não se poderiam esquecer tantas emoções.

17. ( ) Em outros campos, despreza-se palavras que dão o seu recado com eficiente simplicidade.

18. ( ) Havia um templo em que se cultuavam aos deuses.

19. ( ) No fim do mês, feitas as contas, veem-se que os gastos foram absurdos.

20. ( ) Ao se tomar conhecimento dos números dessas pesquisas, fica-se perplexo.

21. Esperam-se que não surjam, no atual cenário latino-americano, os aventureiros de sempre.

22. ( ) Um por cento da população brasileira buscam profissionalizar-se.

23. ( ) Quarenta por cento da população brasileira busca profissionalizar-se.

24. ( ) 1,13% morreu em acidentes de trânsito.

25. ( ) 1,20% dos jovens morreram por outras razões.

26. ( ) 12,49% dos jovens morrem em acidentes.

27. ( ) Trinta por cento da conta de energia correspondem ao consumo gerado por chuveiro elétrico e geladeira.

28. ( ) Se o consumo é muito alto, umas poucas providências em casa já o reduz.

29. ( ) Vários voluntários procuram os Centros de Testagem Anônima; quinze por cento, aproximadamente, apresenta resultado positivo.

30. ( ) O grande responsável pelo reequilíbrio das reservas foi o povo, a quem coube muitos sacrifícios.

31. ( ) Sempre existirão os que aceitam a economia de mercado, como sempre haverão os que lhe são contrários.

32. ( ) Quantos dias faz que não o vemos? Há de haver bem uns dez.

33. ( ) Não me haviam alertado para o perigo os técnicos do laboratório.

34. ( ) Refaria esses trabalhos e quantos mais houvessem para refazer.

35. ( ) Pouco mais de mil pessoas havia nas salas de aula.

36. ( ) Houveram por bem sair mais cedo os professores.

37. ( ) É provável que hajam falhas graves nesse projeto.

38. ( ) Os Estados Unidos não tinha a necessária infraestrutura para recrutar voluntários.

39. ( ) A Fundação Instituto Oswaldo Cruz com a Universidade Federal de Minas Gerais iniciaram um projeto de verificação da incidência de HIV em homossexuais e bissexuais.

40. ( ) O Hospital Clementino Fraga Filho é um dos que selecionarão pessoas para determinar a incidência de HIV em homossexuais e bissexuais entre 18 e 35 anos.

41. ( ) Os Lusíadas são o grande poema épico de Portugal.

42. ( ) Na juventude tudo são alegrias.

43. ( ) Convêm descobrir as fórmulas secretas.

44. ( ) São atitudes como essa que te convém evitar.

45. ( ) Pensou-se que faltava algumas modificações.

46. ( ) Podiam haver divergências entre pronúncia e grafia.

47. ( ) Não podia haver mais complicações.

48. ( ) Já vai fazer dez anos que me radiquei em Fortaleza.

49. ( ) Falta-nos a paixão, o devotamento, a alma.

50. ( ) Houve erros de previsão grosseiros.

51. ( ) Não haverão de mim nada com ameaças.

III. Complete as lacunas com a(s) forma(s) adequada(s).

1. _____ ele, você e eu esperando o chefe. (Ficamos/Ficou)

2. Brasileiros e latino-americanos _____ constantemente a crítica da prevalência.

(fazem/fazemos)

3. _____ nas classes trabalhadoras o desejo de ter acesso à leitura. (Aumenta/Aumentam)

4. A maioria dos nossos produtos editoriais não _____ ao orçamento doméstico do trabalhador. (é acessível/são acessíveis)

5. _____ um estudo mais acurado as ideias de baratear a comercialização dos produtos editoriais. (Merece/Merecem)

6. Vislumbra-se um mundo em que tudo _____ botões de computador. (é/são)

7. Tudo, carrinhos, robôs e bonecas, _____ adquirir nova forma e valor nas mãos da criança. (pode/podem)

8. Nem a criança nem o adulto _____ deixar de continuamente exercer o poder de criar. (deve/devem)

9. Grande parte dos objetos hoje utilizados numa casa _____ do processo de industrialização. (resulta/resultam)

10. Tu e eu _____ convencidos de que _____ em erro. (seremos/sereis; andamos/andais)

11. A maioria das pessoas aqui não _____ do que está falando. (sabe/sabem)

12. Um e outro ecologista _____ contra a derrubada de eucaliptos. (protestou/protestaram)

13. _____ dar quatro horas no relógio da praça. (Ia/Iam)

14. _____ o meio ambiente a comunidade e o vigário. (Defendia/Defendiam)

15. A história que vou referir só a _____, em toda esta cidade, minha mulher e eu. (sabe/sabemos)

16. Não _____ falta nenhuma o eucalipto e os cupins. (faz/fazem)

17. O perito e assistente técnico _____ de todos os meios necessários para o desempenho de suas funções. (utilizou-se/utilizaram-se)

18. Os Estados Unidos _____ uma grande potência. (é/são)

19. Alagoas _____ um belo estado. (é/são)

20. Os Lusíadas _____ o grande poema épico da literatura portuguesa. (é/são)

21. Vinte reais _____ suficiente. (é/são)

22. Já _____ uma hora da tarde e ele ainda não chegou. (é/são)

23. "E quanto enfim cuidava e quanto via, _____ tudo memórias de alegria." (Camões) – (era/eram)

24. _____ V. Exª os meus votos de distinta consideração. (Aceita/Aceitais)

25. Cada um dos jogadores daquele quadro já _____ um prêmio. (ganhou/ganharam)

26. Qual de vocês _____ o rio? (atravessará/atravessarão)

27. Qual dos três cientistas _____ o prêmio este ano? (ganhará/ganharão)

28. Quanto de nós _____ realmente dispostos a ajudar o próximo? (estarão/estaremos)

29. _____ três anos que ele viajara para Belém. (Fazia/Faziam)

30. Na reunião só _____ cinco representantes do sindicato. (havia/haviam)

31. _____ árvores derrubadas perto do rio. (Havia/Haviam)

32. "Os sentenciados _____ do poder público a comutação da pena." (G. Góis) – (houve/houveram)

33. _____ existir pelo menos mais de três documentos guardados. (Deve/Devem)

34. _____ haver campanhas educativas sobre o trânsito de nossa cidade. (Deveria/Deveriam)

35. O projeto de integração que _____ realizando as frágeis democracias _____, _____ e _____ é um esforço inegavelmente significativo para o cone sul. (vem/vêm; uruguaia, argentina e brasileira/uruguaias, argentinas e brasileiras)

36. _____ as regras de mera convenção ser menosprezadas. (Pode/Podem)

37. No caso não _____, nem jamais _____, asseguro-lhe, prevenções de ordem pessoal. (existe/existem; existiu/existiram)

38. Não se _____ esquecer tantas atenções. (poderia/poderiam)

39. _____ todos os ritmos da metrificação portuguesa. (Adotou-se/Adotaram-se)

40. A forma de morte em questão é a seguinte: inicialmente _____ as mãos de uma pessoa. (amarra-se/amarram-se)

41. Oitenta por cento dos alunos _____ preparados. (está/estão)

42. Está acertado que 1% dos recursos _____ para a educação, e os 99% restantes _____ em obras de saneamento básico do município. (irá/irão; será empregado/serão empregados)

43. Grande parte das poesias não _____ uniformidade nas estrofes. (tem/têm)

44. Grande número de programas _____ sido _____, nos EUA, para áreas consideradas prioritárias pelo Estado, como matemática e ciências. (tem/têm; direcionado/direcionados)

45. A maioria dos jovens _____ acompanhando pelos jornais as notícias sobre a Croácia. (vem/vêm)

46. Foi o prefeito César Maia quem _____ a pregar a solução. (correu/correram)

47. As sardinhas fomos nós quem _____. (pescou/pescamos)

48. Fui eu quem _____ um manifesto contra irregularidades dessa repartição. (encabeçou/encabecei)

49. Não fui a que _____ primeiro. (cheguei/chegou)

50. "Um dos soldadinhos que me _____ chorava como um desgraçado." (G. Ramos) – (acompanhava/acompanhavam)

51. Ele é um dos que mais _____ o meio ambiente. (defende/defendem)

52. Mais de um nativo _____ o problema. (entendeu/entenderam)

53. "Aqui _____ a burguesia, o mercador, a população." (Eça de Queiroz) – (habita/habitam)

54. Naquela guerra entre quadrilhas, _____ um dos chefes e alguns moradores das proximidades. (morreu/morreram)

55. O certo e que o orgulho, a soberba _____ verdades supremas. (cobre/cobrem)

56. Quando chove, as árvores _____ que ficam verdes. (parece/parecem)

57. Eram casos fortuitos que não _____ em seu poder prevenir. (estava/estavam)

58. Os ritmos utilizados me pareceu _____ melhor com o que eu pretendia exprimir. (quadrar/quadrarem)

59. _____-lhes aclarar muitos pontos importantes. (Falta/Faltam)

60. São atitudes como essa que _____ evitar. (convém/convêm)

61. “O conselho se reuniu, e _____ recomeçar a guerra.” (B. Guimarães) – (decidiu/decidiram)

62. Não _____ nexos lógicos entre “tom de documentário” e “convenção de novela”, por se _____ de assuntos diferentes. (ocorre/ocorrem; tratar/tratarem)

63. A premissa é a de que de uma quantidade menor de línguas _____ menos maneiras diferentes de pensar, menos chances para desentendimentos e conflitos. (decorrerá/decorrerão)

64. “Mas não _____ o governo, o sistema, o modelo social os únicos responsáveis (ou irresponsáveis) nessa situação.” (E. Franchi) – (é/são)

65. “Mas, para Adélia, nem tudo _____ elogios e, de vez em quando, até um grande poeta tem que conviver com o amargor da faca afiada da crítica.” (é/são)

66. Nas conversas dos parlamentares e juristas, no Congresso, o assunto _____ sempre as trapalhadas do governo para conter a inflação e a base monetária. (era/eram)

67. Nas conversas de sindicalistas e economistas, no DIEESE, o assunto _____ sempre as altas taxas de desemprego e o arrocho salarial. (era/eram)

68. Nada mal para as empresas que, mesmo sem capital de giro e sem condições de vender, por falta de compradores, _____ de se ajustar, demitindo pessoal. (haverá/haverão)

69. Ninguém sabe se _____ haver ou não novas inscrições para o concurso anunciado há duas semanas. (vai/vão)

70. Todas as opiniões que _____ entre os participantes do encontro seriam debatidas democraticamente. (houvesse/houvessem)

71. Embora muitas dificuldades _____ surgido, os trabalhos foram concluídos em tempo hábil. (houvesse/houvessem)

72. Se _____ desistências, as vagas não poderão ser preenchidas por candidatos sem habilitação legal. (houver/houverem)

73. _____, entre os meses de outubro e dezembro, ocorrido pancadas de chuva tão violentas que as estradas estavam em péssimas condições. (Havia/Haviam)

74. “Mas _____ livros que, lidos no momento certo, fizeram de mim a pessoa que sou.” (houve/houveram)

75. “Nem os olhos nem o gesto _____ poesia nenhuma.” (Machado de Assis) –

(tinha/tinham)

76. Tudo mal para os trabalhadores que, com a demissão batendo à porta, devido à crise recessiva, _____ de se contentar com o rebaixamento do poder aquisitivo. (terá/terão)

77. As condições concretas, sociais, políticas e econômicas em que foram executados os planos de estabilização de economias em estado de crise, durante o nosso século, _____ cética nossa visão sobre o futuro. (torna/tornam)

78. Para completar o elenco de "Uma relação tão delicada" foi chamado o ator R. Adruim, a quem _____ dois papéis ingratos – o de namorado de Charlotte e o de marido de Jeanne... (coube/couberam)

79. Desta forma, solicito que nos _____ mais alguns dias para entregar o material. (seja concedido/sejam concedidos)

80. Estamos encaminhando, para _____ em reunião da comissão tripartite, as normas para eleição do novo chefe do Departamento. (ser apreciado/serem apreciadas)

81. É sabido que de uma maneira geral a qualidade dos Sistemas de Informação desenvolvidos _____ muito longe das satisfações e necessidades de seus usuários. (está/estão)

Gabarito: I – 1. contêm; 2. alcança; 3. Fazem; 4. Faltam; 5. Bastam; 6. ficou; 7. ficaram. Obs.: Pronome de tratamento leva o verbo para a 3ª pessoa; 8. Choveram (o verbo "chover", aqui, não é impessoal, pois aparece com sentido figurado. Seu sujeito é "propostas"); 9. Devem; 10. Poderão (na locução verbal, quem se flexiona é o verbo auxiliar: se o sujeito aparecer no plural, o verbo auxiliar ficará no plural); 11. tivessem; 12. pareciam; 13. Aluga-se (sujeito: sala / Sala comercial é alugada.); 14. Alugam-se (sujeito: salas / Salas comerciais são alugadas.); 15. Impõem-se (sujeito: medidas /Medidas são impostas.); 16. Deram; 17. Deu; 18. Soou; 19. Bateram; 20. foi analisado; 21. abraçaram (nesse caso, com pronome recíproco, verbo no plural); 22. foram analisados; 23. exigiam; 24. cuidará; 25. chegará; 26. cuidarão ou cuidaremos; 27. chegarão ou chegaremos; 28. compareceu ou compareceram; 29. faltou; 30. passaram ou passou / passaram; 31. confiam; 32. anulou; 33. anulou ou anularam; 34. foram atacados; 35. recebeu; 36. conta ou contam (com nome de "obra", aceita-se a concordância com a ideia, no singular.); 37. estavam; 38. Estava ou Estavam; 39. Estava ou estavam; 40. pareciam; 41. Saímos [3ª pessoa (ela) + 1ª pessoa (eu) = 1ª pessoa do plural (nós)]: com sujeito composto representado por pessoas diferentes, o verbo vai ao plural da pessoa que tiver preferência – a 1ª pessoa prevalece sobre a 2ª pessoa e a 3ª pessoa; a 2ª pessoa prevalece sobre a 3ª: Tu e ela chegastes ou chegaram. Nesse caso, aceita-se a 3ª pessoa do plural – chegaram – , pois o "vós" está em desuso; 42. Saímos ou Saiu (Verbo anteposto a sujeito composto: concorda com todos os núcleos ou com o mais próximo.); 43. Abraçaram-se ("se" recíproco – verbo na 3ª pessoa do plural); 44. atrapalhava (caso 2 – b); 45. foram demitidos (idem); 46. chegaram ou chegou; 47. chegou (É a melhor concordância. Algumas

gramáticas, porém, aceitam o plural nesse tipo de construção.); 48. será; 49. anunciarão; 50. fazem; 51. seduzia ou seduziam; 52. falta ou faltam; 53. faz; 54. adiantam; 55. faziam; 56. Trabalha-se; 57. Obedeceu-se; 58. Procedeu-se; 59. é; 60. acabar; 61. Choveu; 62. Havia; 63. Havia; 64. Devia; 65. Poderá; 66. havia; 67. Faz; 68. Vai; 69. Chega de; 70. Passa de; 71. Convém; 72. Convém; 73. Está claro; 74. parecia (= Parecia/que os dois haviam acabado de comer a maçã proibida); 75. parecia (= Parecia/ que os dois entenderam o problema); 76. Sabe-se; 77. deixou ou deixaram; 78. resolveu ou resolveram; 79. atrasaram (é a preferência); 80. agrada; 81. recebeu ou receberam; 82. falei; 83. falamos; 84. mantinha; 85. falei ou falou; 86. paga ou pago; 87. falou ou falamos; 88. usa ou usam; 89. acreditou ou acreditaram; 90. morreu (o sentido exige o singular); 91. era ou eram; 92. é ou são; 93. era; 94. sou/sou; 95. somos/somos; 96. eram; 97. são; 98. é que; 99. Foram; 100. é muito; 101. é suficiente; 102. São; 103. Era; 104. são; 105. são; 106. entender; 107. agir; 108. devolver; 109. chegar; 110. chorar; 111. chorar ou chorarem; 112. percebermos (sujeito próprio); 113. fazer ou fazerem; 114. deve ou devem; 115. somos; 116. Pediam.

II – 1. E – A presença ... poderia perturbar; 2. E – Quando se aplica ... o substantivo ...; 3. C; 4. E – Já eram ... nove horas ; nenhum dos meninos parecia ... ; nada fazia ...; 5. E – ...costumam ocorrer ... fatos; 6. E – pode haver; 7. C; 8. C; 9. E – houve ; terem sido lançados; 10. C; 11. E – Trata-se – Sujeito indeterminado, o "se" é indeterminador; 12. E – apanham – O "se" é apassivador, o sujeito é "moscas"; 13. C; 14. E – Alteram-se ... palavras – O "se" é apassivador; 15. E – Indenizar-se-ão ... as benfeitorias – O "se" é apassivador; 16. C – caberia também "poderia" – Ver "Flexão do Infinitivo" d); 17. E – desprezam-se palavras ... A explicação é a mesma das frases 12 a 15.); 18. E – se cultuava – Sujeito indeterminado, "se" indeterminador; 19. E – vê-se – Sujeito oracional "que os gastos foram absurdos", verbo da oração principal no singular; 20. C; 21. E – – A mesma explicação da frase 19 Espera-se/que...); 22. E – Um por cento da população busca...; 23. C – ou buscam; 24. C; 25. C – ou morreu; 26. C; 27. C – ou corresponde; 28. E – ... providências ... reduzem; 29. E – apresentam; 30. E – ... a quem couberam muitos sacrifícios; 31. E – haverá; 32. C; 33. C; 34. E – houvesse; 35. C; 36. C – o "haver", aqui, não é impessoal; 37. E – haja; 38. E – tinham; 39. C – ou iniciou; 40. C – ou selecionará; 41. C – ou é; 42. C – ou é; 43. E – Convém/descobrir... sujeito oracional); 44. C; 45. E – ... faltavam ... modificações; 46. E – Podia haver; 47. C; 48. C; 49. C; 50. C; 51. C – o "haver", aqui, não é impessoal.

III – 1. Ficamos ou Ficou; 2. fazem ou fazemos (silepse); 3. Aumenta; 4. é acessível ou são acessíveis; 5. Merecem; 6. é ou são; 7. pode; 8. deve ou devem; 9. resulta ou resultam; 10. seremos/andamos; 11. sabe ou sabem; 12. protestou ou protestaram; 13. Iam; 14. Defendia ou Defendiam (verbo anteposto a sujeito composto); 15. sabe ou sabemos (idem); 16. faz ou fazem (idem); 17. utilizou-se (é uma pessoa só: Ele é perito e assistente); 18. são; 19. é; 20. é ou são; 21. é; 22. é; 23. era ou eram; 24. Aceita; 25. ganhou; 26. atravessará; 27. ganhará; 28. estarão ou estaremos; 29. Fazia; 30. havia; 31. Havia; 32. houveram; 33. Devem; 34. Deveria; 35. vêm/uruguaia, argentina e brasileira; 36. Podem; 37. existem/existiram; 38. poderiam ou poderia; 39. Adotaram-se; 40. amarram-se; 41. estão; 42. irá ou irão/serão empregados; 43. tem ou têm; 44. tem sido direcionado ou têm sido direcionados; 45. vem ou vêm; 46. correu; 47. pescou ou pescamos; 48. encabeçou ou encabecei; 49. chegou; 50. acompanhava ou acompanhavam; 51. defende ou defendem; 52. entendeu; 53. habita ou habitam; 54. morreu ou morreram; 55. cobre ou cobrem (núcleos sinônimos); 56. parece (Parece/que as árvores...). or.princ. or.subjetiva; 57. estava (prevenir casos não estava em seu poder); 58. quadrarem (Pareceu-me/que os ritmos quadravam melhor). or.princ. or.subjetiva; 59. Falta-lhes/aclarar... or.princ. or.subjetiva (reduzida de

infinitivo); 60. Convém/evitar (idem); 61. decidiu ou decidiram (silepse); 62. ocorrem/tratar; 63. decorrerão; 64. é ou são; 65. é ou são; 66. era ou eram; 67. era ou eram; 68. haverão; 69. vai; 70. houvesse; 71. houvessem; 72. houver; 73. Haviam; 74. houve; 75. tinha ou tinham; 76. terão; 77. tornam; 78. couberam; 79. sejam concedidos; 80. serem apreciadas; 81. está.

17.4. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Por fim, vamos às questões. FCC, Vunesp, Cespe-UnB e Cesgranrio são algumas das bancas que mais trabalham questões de concordância verbal em suas provas. Aproveite cada alternativa, procurando explicar a regra de concordância utilizada na frase.

1. (FCC/TRE-AP) As normas de concordância verbal estão inteiramente respeitadas na frase:

a) Sempre houve quem esbanjassem os recursos naturais.

b) Se não houverem trabalho nem produção, não haverá atividade econômica.

c) Alimentava-se muitas ilusões quanto ao custo e à disponibilidade da água.

d) Nenhuma saída a curto prazo se avistam em nossos horizontes.

e) Poderão vir a faltar outros recursos naturais, se não os pouparmos.

Comentários:

A letra A traz o pronome "quem" como sujeito do verbo esbanjar, portanto, verbo no singular (... *quem esbanjasse*...). Na B, o verbo "haver" é impessoal (sentido de existir, não varia). Na letra C, o pronome é apassivador ("Alimentavam-se muitas ilusões" é o mesmo que "Muitas ilusões eram alimentadas", verbo no plural). Na opção D, o núcleo do sujeito (saída) está no singular, verbo no singular. A letra E, está correta, pois o núcleo do sujeito está no plural (recursos). Vimos que, na locução verbal, quem se flexiona é o verbo auxiliar.

Resposta: E.

2. (Cesgranrio) Entre os que observavam os acontecimentos _____ muitos gritos.

De acordo com a norma culta da língua, a forma verbal que deve ser usada para preencher a lacuna acima é:

a) aconteceu

b) houve

c) houveram

d) ouviu-se

e) percebeu-se

Comentários:

Nesta questão, há três opções que trazem verbos pessoais, que possuem sujeito (letras A, D e E). Como o sujeito é "muitos gritos", esses verbos viriam no plural (aconteceram, ouviram-se, perceberam-se). Nas letras B e C, o verbo "haver" é impessoal, equivale a "ocorrer", por isso **não pode se flexionar**.

Resposta: B.

3. (FCC) Em qual das frases a seguir a concordância verbal segue a norma culta?

a) Mais de um jornal comentaram o lançamento do novo dicionário.

b) Ontem foi lançado, com um grande evento, mais dois volumes da Enciclopédia.

c) Tanto o Aurélio quanto o Houaiss passam por atualizações periódicas.

d) O Aurélio ou o Houaiss receberam o prêmio de melhor dicionário do ano.

e) Trinta por cento dos dicionários apresenta algum verbete falso.

Comentários:

Na opção A, o sujeito é "Mais de um jornal", cujo núcleo é "jornal", verbo no singular.

("Mais de um jornal comentou..."). Na letra B, a ordem direta da frase seria "Mais de dois volumes da Enciclopédia foram lançados ontem", verbo no plural, pois o sujeito é composto (Aurélio/Houaiss) com verbo posposto, plural. Correta a frase. A letra D traz dois núcleos ligados por **ou** com valor de <u>exclusão</u> (só um receberá o prêmio). Verbo no singular. Na opção E, tanto a porcentagem (*Trinta por cento*) quanto o substantivo que se segue (*dicionários*) levam o verbo ao plural – apresentam. Já a letra C apresenta a expressão "tanto... quanto...", que indica soma, por isso, está correta a forma "passam".

Resposta: C.

4. (FCC) Na passagem "A maioria dos profissionais já viveu uma sensação de impasse na carreira", a concordância verbal está de acordo com a norma culta. Assinale a opção cuja concordância verbal está, segundo essa mesma norma, correta.

a) Sempre houveram impasses na sua vida profissional.

b) A reparação dos erros cometidos são possíveis.

c) Investiga-se, nesse momento, as falhas ocorridas.

d) Faz alguns meses que iniciamos o trabalho.

e) Soou oito horas no relógio da sala.

Comentários:

Nesta questão, vale a pena explicar a frase retirada do texto "A maioria dos profissionais já viveu...". Na teoria, vimos que os chamados coletivos partitivos (a maioria de, grande parte de...) e as porcentagens (um por cento de, trinta por cento de...) seguem o mesmo padrão: o verbo pode concordar com o núcleo (maioria, parte; um, trinta) ou com o termo que se segue. Portanto, nessa frase, além de "viveu" – concordando com o núcleo "maioria" – poderia vir "viveram" – concordando com "profissionais".

As letras A e D trazem verbos impessoais (haver = existir; fazer = tempo passado), não podendo, por isso, se flexionar. Portanto, a letra A está errada e a D correta. Na letra B, o núcleo do sujeito é "reparação", singular ("A reparação... é possível"). Na C, "as falhas são investigadas" ("Investigam-se as falhas"). Na letra E, o sujeito é o número de horas ("Oito horas soaram no relógio").

Resposta: D.

5. (FCC) Indique a única frase em que o verbo está flexionado corretamente.

a) 95% das televisões está diariamente em uso no país.

b) Para o consumo industrial, 17. 578 watts não representa nada.

c) Considera-se que até mesmo 1% de economia de água é bom para a Terra.

d) A imprensa noticia que menos de 10% dos cidadãos se preocupa com o meio ambiente.

e) Milhares de árvores da Floresta Amazônica é abatida mensalmente.

Comentários:

As letras A, C e D mostram o caso das porcentagens, em que o verbo ou concorda com elas ou com o termo seguinte. As letras A e D só podem vir com verbo no plural, já que tanto as porcentagens quanto os substantivos que se seguem estão no plural (*95% das televisões estão...*) e (*10% dos cidadãos se preocupam*). Na letra C, tanto a porcentagem quanto o substantivo estão no singular, verbo no singular (*1% da economia de água é bom...*). Correta a frase. Nas letras B e E, os verbos teriam de aparecer no plural (*representam/são abatidos ou são abatidas, já que as duas leituras podem ser feitas: milhares de árvores são abatidos ou milhares de árvores são abatidas*).

Resposta: C.

17.5. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. Única frase errada:

a) Já estou quite das minhas obrigações.
b) Aquelas crianças nada têm de bonitas.
c) As cópias estavam conformes com os originais.
d) Os vigias estavam alerta por causa dos balões.
e) As crianças surdo-mudas merecem nosso amparo.

2. "A perda do dinheiro ou quaisquer ônus decorrente do extravio dos documentos anexo será de responsabilidade do transportador."

Se reescrevemos essa frase fazendo as correções necessárias, teremos:

a) A perda do dinheiro ou qualquer ônus decorrente do extravio dos documentos anexo será de responsabilidade do transportador.
b) A perda do dinheiro ou quaisquer ônus decorrentes do extravio dos documentos anexos serão de responsabilidade do transportador.
c) A perda do dinheiro ou quaisquer ônus decorrentes do extravio dos documentos anexo serão de responsabilidade do transportador.
d) A perda do dinheiro ou qualquer ônus decorrentes do extravio dos documentos em anexo será de responsabilidade do transportador.
e) A perda do dinheiro ou quaisquer ônus decorrentes do extravio dos documentos anexos será de responsabilidade do transportador.

3. O item em que a concordância é aceitável na norma culta é:

a) O filósofo considerou estranho a pesquisa dos universitários.
b) Está difícil a quitação do empréstimo bancário feita no ano passado.
c) Uma pequena parte do texto é compreendido.
d) Os livros traziam 30 páginas de textos rasgados.
e) Os filósofos parece condenarem o ceticismo.

4. No segmento "os povos egípcio e israelita", o substantivo aparece no plural e os dois adjetivos no singular. O item abaixo em que os adjetivos poderiam ocorrer no plural é:

a) as atuais bandeiras brasileira e portuguesa.
b) as séries primeira e segunda do ensino médio.
c) os idiomas francês e inglês.
d) os jornais paulista e carioca da atualidade.
e) os territórios brasileiro e argentino.

5. A língua portuguesa e os conhecimentos matemáticos nem sempre estão de acordo. A frase abaixo em que a concordância verbal contraria a lógica matemática é:

a) Cinquenta por cento da torcida brasileira gosta da seleção.
b) Mais de três jornalistas participaram da entrevista.
c) Menos de dois turistas deixaram de participar do passeio.
d) São 16 de outubro.
e) Participaram do congresso um e outro professor.

6. "Para ela mesma se alimentar"; a alternativa que mostra uma construção ERRADA com o vocábulo MESMO é:

a) Nós mesmos fomos até lá.
b) Mesmo ela não compreendeu a questão.
c) Os mesmos carros foram vendidos.
d) Elas mesmas ficaram doentes após o contato.
e) Ela falava consigo mesmo o dia inteiro.

7. (TC/PB) *... analisa medidas para proteger os altos-mares...*

A palavra composta que faz o plural da mesma forma que a grifada acima está também grifada na frase:

a) Ave oceânica e migradora, o albatroz-de-nariz-amarelo é encontrado no litoral do Sudeste e do Sul do Brasil.
b) O leão-marinho é uma das várias espécies ameaçadas de extinção, por danos provocados a seu habitat.
c) O peixe-boi-da-amazônia é um mamífero encontrado em rios e lagoas dessa região brasileira.
d) Andorinha-do-mar é o nome dado a uma espécie de aves marinhas, conhecida popularmente por trinta-réis.
e) Temida pelos efeitos de seu ataque, a arraia-de-fogo aparece tanto no Brasil quanto no Paraguai.

8. (ANS – Especialista) Está correta a concordância estabelecida em:

a) Será necessário análises mais detidas de cada uma das óperas mencionada.
b) Diante das potências estrangeiras que nada lhes poderiam facilitar, a Itália deixa manifesto na *Norma* sua ânsia por liberdade.
c) Nas óperas românticas, servem de pesos inconscientes, postos que até então desconhecidos, laços, geralmente ocultados, de naturezas mais pessoais.
d) Deveriam haver argumentos para sustentar que a *Traviata* procede do mesmo modo que a *Norma*.
e) Sempre se desejaram pátrias livres, fossem elas Gália e Itália ou quaisquer outras.

9. (TRF – 4ª Região) A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:

a) Sistemas integrados de arrecadação e controle da visitação pública deve ser instalada em todos os parques nacionais.
b) Nações, mesmo de extensão menor que a do Brasil, está se tornando um dos destinos preferidos de turismo internacional.
c) O Brasil exibe um enorme potencial turístico, com suas belezas naturais, que não se encontra devidamente explorado.
d) A presença de turistas em áreas protegidas pelo Ibama, que permanece sem planos de conservação, são irregulares.
e) O Brasil tem vários parques nacionais, mas é poucos os que estão oficialmente abertos à visitação de turistas, nacional ou internacional.

10. (TC/PB) A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:

a) A observação do movimento que os astros descrevem no céu permitiram aos povos antigos prever alguns fenômenos climáticos.
b) Estatuetas muito antigas, como a descoberta na Alemanha, permite comprovar o conhecimento do homem primitivo a respeito dos astros.
c) Observações e predições aparentemente simples, com o passar do tempo, foram dando lugar a um sistema padronizado que dividia o céu em doze signos do Zodíaco.
d) Os conhecimentos que o homem primitivo tinha do céu permitiu-lhes plantar e colher alimentos no

tempo certo destinado para isso.

e) O trajeto dos astros no céu estabelecem as estações do ano, conhecimento necessário para o desenvolvimento da agricultura.

11. (TRF – 4ª Região – Técn. Judic.) A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:

a) Em todas as épocas, ocorreram ataques de elefantes em várias regiões, porém a média de pessoas expostas a eles era quase insignificante.

b) O sentimento familiar entre manadas de elefantes são intensos, e muitas vezes os ataques de um animal constitui reação a uma iniciativa humana.

c) Elefantes que desenvolvem comportamento agressivo acaba abatidos a tiro para que se evite os ataques a pessoas e a propriedades.

d) Imagens do cérebro de elefantes apresentadas em estudo recente apontou a importância do convívio com animais mais velhos durante a infância.

e) Nos últimos anos, na Índia, foi morta mais de 500 pessoas, atacadas por elefantes em fúria, aparentemente explicáveis por stress pós-traumático.

12. (MPU) A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:

a) O prejuízo econômico decorrente de problemas ambientais causado por espécies invasoras ultrapassam cifras enormes, em vários países.

b) Os pinheiros, que veio da Austrália para o litoral, para servir de sombra e de quebra-vento, ocupou o espaço de espécies nativas da Mata Atlântica.

c) Espécies exóticas comportam-se como um hóspede que invade uma residência, alimenta-se do que encontra e acaba expulsando o próprio dono.

d) Entre as gramíneas trazidas da África para a formação de pasto para os rebanhos, estão o capim-annoni, resistentes às geadas, e que inibem o crescimento de outras plantas.

e) A abelha-africana foi importada na década de 50 para melhoramento genético da apicultura, mas escapou algumas rainhas e se espalhou por todo o continente.

13. (TC/PB) A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:

a) Nesse ecossistema pode ser encontrado algumas espécies de mamíferos que vão lá em busca de alimento e também na época do acasalamento.

b) Algumas espécies de peixes, que vem para o manguezal para se reproduzir, volta para o mar ou para os rios quando atinge a idade adulta.

c) Os caranguejos são a espécie mais comum nos manguezais, pois passam grande parte de sua vida em troncos e nas raízes, ou escondidos na lama.

d) Muitas espécies de aves, como a garça, utiliza os manguezais para alimento e reprodução, assim como as aves migratórias, como local de descanso.

e) Quando os camarões crescem, após sua fase larval e juvenil, aproveita o vaivém das águas das marés para se deslocar rumo ao oceano.

14. (ANS – Técnico) A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:

a) O desenvolvimento de técnicas de produção e de distribuição de alimentos permitiu a expansão da espécie humana em todo o planeta.

b) Ocorreu mudanças expressivas, ao longo dos tempos, na relação do homem com os alimentos, que foi se tornando mais variados e disponíveis.

c) Os hábitos alimentares, parte significativa da cultura de cada país, tornou-se uma das principais atividades econômicas do homem.

d) Com o início da agricultura, a tarefa de conseguir alimentos passaram a exigir menos esforço e os períodos de escassez de comida foi menos frequente.

e) A visão de uma cesta repleta de pães quentinhos são tão apetitosos que fica difícil resistir à tentação de comer mais que o necessário.

15. As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na frase:

a) Incluem-se entre as responsabilidades dos jornalistas o respeito que devem estes às suas fontes.

b) Ainda que hajam interesses particulares em jogo, os jornalistas devem considerar o interesse público das notícias.

c) Debateu-se três grandes temas, na RDLI, referentes aos direitos de todo e qualquer jornalista responsável.

d) A esperança de que circulam livremente todas as ideias e informações devem alimentar todo jornalista responsável.

e) Não compete aos homens públicos tratar as informações de interesse social como se fossem de interesse privado.

16. A frase inteiramente correta quanto ao emprego, à concordância e à flexão dos verbos é:

a) Não são muitas as opções a que todo economista ético se abrem, uma vez que já se exclue qualquer uma que contrarie algum valor de princípio.

b) Algumas medidas técnicas, que às vezes se fazem necessárias adotar, podem acarretar graves consequências para o desenvolvimento social.

c) Para os economistas éticos, não devem haver hesitações na hora em que for preciso ir de encontro às medidas que favoreçam o desenvolvimento social.

d) Se à relação entre a demanda e a oferta não vierem se agregar imperativos valores éticos, perder-se-á a dimensão humana das estratégias econômicas.

e) Toda e qualquer reorientação do processo civilizatório implicam providências drásticas, que não pode.

17. As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na frase:

a) Compreenda-se as lições de O Príncipe não como exercícios de cinismo, mas como exemplos de análises a que não se devem furtar toda gente interessada na lógica do poder, seja para exercê-lo, seja pra criticá-lo.

b) A problemática divisão da Itália em principados, que tanto preocupavam Maquiavel, fizeram com que ele se dedicasse à ciência política, em cujos fundamentos espelha-se, até hoje, aqueles que se preocupam com o poder.

c) Integrava as qualidades morais a da virtude, tomada num sentido essencialmente religioso, até que Maquiavel, recusando esse plano de valores em que a inseriam, deslocou seu sentido para o campo da política.

d) Todas as acepções de virtude, até o momento em que surgiu Maquiavel, compunha-se no campo da moral e da religião, e estendia-se à esfera da política, como se tudo fosse essencialmente um mesmo fenômeno.

e) Nunca faltaram aos “príncipes” de ontem, de hoje e de sempre a ambição desmedida pelo poder e pela glória pessoal, mas couberam a poucos discernir as sutilezas da política, em que Maquiavel foi

um mestre.

18. (TRF 4ª Região – Analista) As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na frase:

a) Para além das diferenças étnicas que pode um ensaio revelar, há aquela semelhança humana que somente às ficções cabe dar viva expressão.

b) O respeito pelas ficções, que o autor reconhece na formação que lhe deram seus pais, viriam a inspirá-lo na educação de seus filhos.

c) A nem todos os pais são dados reconhecer que filmes e romances constituem elementos vitais para a formação dos filhos.

d) Ainda que não tivesse outros méritos, as ficções sempre apresentariam a diversidade do mundo e constituiriam um repertório do possível.

e) Sejam num ensaio ou num documentário, a caracterização de valores étnicos representam-se de modo distinto do das ficções.

19. (TRF 4ª Região – Anal. Judic.) Há plena observância das normas de concordância verbal na frase:

a) Reconhece-se nos loucos e nos bêbados aqueles impulsos que fogem a qualquer tipo de mascaramento.

b) Vivemos assaltados por tensões, e não são sem razão que elas se associam às máscaras de que nos valemos.

c) Acabaram encontrando repercussões nos versos de Manuel Bandeira o desassombro libertário dos loucos e dos bêbados.

d) Na linguagem das crianças encontra-se, como na dos loucos e na dos bêbados, índices de uma irresponsabilidade que faz inveja aos adultos.

e) Entre os profissionais de quem mais se exige sistemático uso de máscaras está o responsável pelo atendimento do público.

20. (TER / AP) As normas de concordância verbal estão inteiramente respeitadas na frase:

a) Sempre houve quem esbanjassem os recursos naturais.

b) Se não houverem trabalho nem produção, não haverá atividade econômica.

c) Alimentava-se muitas ilusões quanto ao custo e à disponibilidade da água.

d) Nenhuma saída a curto prazo se avistam em nossos horizontes.

e) Poderão vir a faltar outros recursos naturais, se não os pouparmos.

21. (PM / BA) As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na frase:

a) Todo aquele que se previne, quaisquer que sejam os problemas a enfrentar, têm mais aptidão para solucioná-los.

b) A reação a manifestações localizadas de extrema violência não implicam o emprego de uma violência proporcional e indiscriminada.

c) É preciso que se valorize na justa medida os laços de confiança que devem haver entre os policiais e a população.

d) Que aos nossos olhos não represente o outro uma permanente ameaça, mas um desejável aliado.

e) Os resultados que se obtém com a prevenção são, comprovadamente, os mais eficazes.

22. (TRT – Anal. Judic.) Há plena observância das normas de concordância verbal na frase:

a) Sempre haverá os que lucram com quaisquer iniciativas de que resulte algum ônus para a imagem de confiabilidade de quem carecem as instituições públicas.
b) A crescente disseminação de instituições que trabalham contra os interesses populares constituem um verdadeiro flagelo dos tempos modernos.
c) É curioso chamarem crime organizado a um tipo de iniciativas que investe, exatamente, contra a ordem social.
d) Não aprouvessem aos homens criar instituições certamente viveríamos todos sob o signo da violência e da barbárie.
e) Tudo o que tem mostrado as sucessivas civilizações faz concluir que as instituições servem tanto aos bons quanto aos maus propósitos humanos.

Gabarito: 1. e; 2. b; 3. e; 4. d; 5. c; 6. e; 7. b; 8. e; 9. c; 10. c; 11. a; 12. c; 13. c; 14. a; 15. e; 16. e; 17. d; 18. e; 19. e; 20. a; 21. d; 22. a.

Estudar concordância verbal é uma questão de lógica... As regras estão relacionadas à classificação do sujeito: quem sabe achar sujeito na frase consegue fazer a concordância correta!

Vamos resumir, então?

17.6. RESUMO

Simples	O verbo concorda com o único núcleo
Composto	Anteposto ao verbo – concordância total Posposto ao verbo – concordância → total parcial
Indeterminado com se (pis)	O verbo fica na 3ª pessoa do singular
Oração sem sujeito	O verbo fica na 3ª pessoa do singular
Sujeito oracional	O verbo fica na 3ª pessoa do singular

18 REGÊNCIA VERBAL

18.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

18.1.1. Regência dos verbos mais pedidos em provas

Regência a relação de dependência entre o verbo e seus complementos. A seguir, alguns verbos que oferecem dúvida quanto à sua predicação.

Atenção! Lembre-se de que este assunto requer, infelizmente, **memorização** da regência de alguns verbos. Para facilitar o seu estudo, sistematizamos os principais verbos em três grupos. A cada grupo de verbos, trouxemos frases para fixar os conceitos e algumas questões de concursos. Trata-se de assunto que você só aprenderá fazendo muitas questões. Evite memorizar os verbos sem os exercícios. É no treinamento constante que você adquirirá domínio de conteúdo. Portanto, aproveite as frases que preparamos e, no final deste capítulo, você perceberá que domina os principais verbos que são apresentados pelas provas de concursos públicos. Vamos a eles!

1º grupo: verbos que, quanto à predicação, normalmente não oferecem dúvida.
• Verbos transitivos diretos – v.t.d. (não regem preposição obrigatória); ajudar, adorar, abraçar, amar, atingir, esperar, namorar, referir (= relatar)... • Verbos transitivos indiretos – v.t.i. (regem preposição obrigatória); agradar (= ser agradável), obedecer, desobedecer, proceder (= dar início), referir-se, suceder (= substituir). Esses verbos regem preposição A. • Verbos que admitem dois complementos – v.t.d.i. (com e sem preposição); avisar, comunicar, certificar, cientificar, informar, proibir, preferir (não aceita mais, (do) que, antes)...

Exemplos de exercícios:

Use (C) para Certo e (E) para Errado nas frases abaixo.

1. Meu filho foi embora e eu não lhe abracei.

2. Você está namorando a Beatriz?

3. Todos esperavam Guilherme.

4. Todos esperavam por Guilherme.

5. Referiu os últimos acontecimentos.

6. Referiu o caso à mãe.

Comentários:

Na frase 1, o pronome lhe é complemento do verbo abraçar. Como vimos no tópico sobre Pronomes,

os oblíquos átonos o(s), a(s) funcionam como complemento de verbos transitivos diretos e lhe(s) de verbos transitivos indiretos. **Abraçar** é V.T.D., logo o oblíquo usado seria o pronome o.

Resposta: E.

Na frase 2, o verbo **namorar** é T.D., não pede preposição (namorar com é considerado erro).

Resposta: C.

Nas frases 3 e 4, o verbo **esperar** (v.t.d.) aceita o uso da preposição *por*, quando se quer mostrar *desejo intenso*. Por isso, as duas formas estão corretas: *todos esperavam Guilherme* ou *todos esperavam por Guilherme*.

Resposta: Ambas estão certas.

Nas frases 5 e 6, o verbo **referir** (= relatar, contar) é T.D. Atenção: não confundir com **referir-se**, pronominal (= fazer referência), que é T.I. Na frase 5, é T.D. e na frase 6, T.D.I. (referir algo a alguém).

Respostas: Ambas estão certas.

7. Agradava os clientes mais próximos.

8. Costumo obedecer parceiros éticos.

9. É necessário que todos obedeçam às diretrizes estabelecidas.

10. Artur procederá a leitura da página oito.

11. O chefe procedeu ao levantamento das necessidades da seção.

12. Sucedeu o professor.

Comentários:

Essas frases tratam dos **verbos transitivos indiretos** do 1º grupo:

Na frase 7, **agradar** (= ser agradável) pede preposição a (*Agradava aos clientes*).

Resposta: E.

A frase 8 traz o verbo **obedecer**, transitivo indireto, pede preposição a, sem esta preposição.

Resposta: E.

Já a frase 9, "... obedeçam às diretrizes", é uma construção correta, já que o verbo pede preposição. Como a palavra feminina que se segue aceita artigo, crase.

Resposta: C.

Em relação ao verbo **proceder** 10 e 11, achamos por bem chamar atenção apenas para o sentido de

dar início, pois, com esse valor semântico, o **proceder** pode gerar dúvidas.

Esse verbo, nesta acepção, rege preposição a. Na frase 10, como a palavra seguinte é feminina, aceita artigo, teríamos "Artur procederá à leitura...".

Resposta: E.

Já na frase 11, a preposição a aparece ("... procedeu ao levantamento...").

Resposta: C.

Outro verbo que pede preposição a é **suceder** (= substituir), frase 12. Teríamos, então, "Sucedeu ao professor".

Resposta: E.

13. Avisaram-no de que a reunião começaria no horário.

14. Certifiquei-lhe de que uma pessoa muito querida aniversariava neste mês.

15. Informou ao cliente de que o aviso chegara.

16. Cientificaram-no de que o cheque foi pago.

17. Proibiu ao filho que o visitasse.

18. Prefiro mais a cidade do que o campo.

19. Prefiro a democracia ao totalitarismo.

20. Prefiro combater os males que intimidar as próprias emoções.

Comentários:

Em questões de concurso público, quando a intenção é a de confundir o candidato, esses verbos (V.T.D.I.) aparecem com duas preposições, por exemplo, "**informar**/**avisar** a alguém de alguma coisa", o que é inaceitável, pois, se esses verbos são T.D.I., um complemento vem sem preposição, e o outro com.

Assim, as frases 14 e 15 estão erradas e a 13, correta. Poderíamos dizer na 14: "*Certifiquei-lhe* (objeto indireto) *que uma pessoa...* (objeto direto)" – certificar a alguém algo – ou "*Certifiquei-o* (objeto direto) *de que uma pessoa...* (objeto indireto)" – certificar alguém de alguma coisa.

Obs.: Lembre-se: **o(s), a(s)**, como complementos verbais, são *objetos diretos* e **lhe(s)**, *objetos indiretos*.

Na frase 13, um complemento é direto e outro indireto (avisar alguém de algo), seguindo a regência do verbo.

Respostas: 13 C; 14 E; 15 E.

As frases 16 e 17 seguem o modelo de regência desses verbos: T.D.I.: "certificar alguém de algo"; "proibir a alguém algo" ou "proibir algo a alguém".

Respostas: 16 C; 17 C.

Importante: Para esses verbos – avisar, certificar, informar, cientificar, proibir –, é indiferente usar coisa ou pessoa como objeto direto ou objeto indireto. Podemos dizer: *Avisar/certificar/informar/cientificar/proibir algo* a alguém ou alguém de algo. O mais importante é lembrar que se o verbo vem com dois complementos: um é o objeto direto e o outro objeto indireto, independentemente se for coisa ou pessoa.

O verbo **preferir**, como T.D.I., não aceita nenhum termo intensificativo (mais, mil vezes...) ou comparativo (que, do que). Rege preposição a. Na frase 18, portanto, teríamos "Prefiro a cidade ao campo", como a estrutura da frase (19) mostra. Na (20), ficaria "Prefiro combater os males a intimidar as próprias emoções".

Respostas: 18 E; 19 C; 20 E.

2º grupo: verbos que exigem preposição. Com eles, o aluno costuma ter dúvidas quanto à preposição utilizada.
• CHEGAR e IR (preposição A + adjunto adverbial de lugar) • MORAR, RESIDIR, SITUAR (preposição EM) • PRESIDIR (transitivo direto ou indireto, seguido de preposição A) • SATISFAZER (transitivo direto ou indireto, com preposição A) • USUFRUIR e DESFRUTAR (transitivo direto ou indireto, com preposição DE)

21. Fomos na cidade pela manhã.

22. Chegou ao alto da colina.

23. Cheguei no colégio atrasado.

24. Cheguei na hora marcada.

Comentários:

Na oralidade, é comum usarmos a preposição **em** com os verbos **chegar** e **ir**. No entanto, segundo a norma culta, esses verbos regem preposição **a** quando vêm seguidos de expressões indicando **lugar**. Logo, na frase 21, a forma correta seria "Fomos à cidade..." (preposição a + artigo feminino a da palavra cidade.) A frase 22 está correta (chegar a). Na frase 23, seria "Cheguei ao colégio...".

Repare agora que na frase 24 o verbo **chegar** traz a preposição EM, no entanto, não vem seguido de expressão que indica lugar, e sim **tempo**.

Respostas: 21 E; 22 C; 23 E; 24 C.

25. Moro à rua dos Lírios.

26. O Colégio São Martins, sito à rua da União, encerrou suas atividades.

27. Resido na rua dos Lírios.

Comentários:

Esses verbos regem preposição **em** e não a preposição **a**, uso comum na oralidade. Logo, nas frases 25 e 26 teríamos; "Moro na rua dos Lírios" e " O colégio São Martins, sito na rua da União...".

A frase 27 segue a norma padrão: "Resido na rua..."

Respostas: 25 E; 26 E; 27 C.

Atenção: Se o verbo indicar direção, destino, deverá vir seguido da preposição A: Fui ao cinema. / Cheguei a casa. / Dirigi-me ao escritório. Se o verbo ou o nome indicar posicionamento, localização, deverá vir seguido da preposição EM: Estou em casa. / Moro no bairro. / Escritório situado na rua México.

28. Carlos presidiu a reunião.

29. Carlos presidiu à reunião.

30. Satisfez os desejos de sua mãe.

31. Usufruiu as coisas boas da vida.

Comentários:

Os verbos **presidir**, **satisfazer**, **usufruir** e **desfrutar** podem vir com ou sem preposição. Por isso, nas frases 28 e 29, "presidir a ..." e "presidir à..." estão corretas, assim como as frases 30 e 31. Nessas duas últimas, pela teoria apresentada, poderíamos ter também como formas corretas, "Satisfez aos desejos..." e "Usufruiu das coisas..". Com o **desfrutar** ocorreria o mesmo: "Desfrutou as coisas..." ou "Desfrutou das coisas...".

3º grupo: verbos que mudam a regência conforme a mudança de sentido.
ASPIRAR T.D. (= inspirar, sorver) T.I. (= almejar, desejar) T.I. (= ver, presenciar, caber, competir) ASSISTIR T.D. ou T.I. (= socorrer, dar assistência) Intransitivo (= morar) ATENDER T.D. ou T.I. (para coisa ou pessoa) T.D. (pedir presença, convocar)
CHAMAR T.I. (pedir ajuda) T.D. ou T.I. (apelidar, qualificar) T.I. (ser difícil)

CUSTAR Intransitivo (ideia de preço)
T.D. (não pronominais)
ESQUECER /LEMBRAR T.I. (pronominais)
T.D. (= acarretar)
IMPLICAR T.I. (= aborrecer, importunar)
Pronominal (prep. em)
T.D. (= coisa)
PAGAR/PERDOAR T.I. (= pessoa)
T.D.I.
T.D. (= ter vontade de, desejar)
QUERER T.I. (= amar, estimar)
T.I. (para pessoa ou coisa a que se responde)
RESPONDER T.D.I. (objeto direto para coisa e indireto para pessoa)
T.D. (= estar a serviço de alguém, prestar serviço)
SERVIR T.I. (= ser útil, convir)
T.D.I. (oferecer algo a alguém)
Intransitivo (= prestar serviços militares)
T.D. (= mirar, apontar, pôr o visto)
VISAR T. I. (= pretender, desejar)

32. Quando era pequeno, todos implicavam comigo.

33. Pelo que diz o assessor, isso implica em gastar mais dinheiro.

34. Um novo congelamento de salário implicará uma reação dos trabalhadores.

35. O banqueiro implicou-se em negócios escusos.

36. Tal fato não implicará dificuldades.

Comentários:

Vamos agora aos comentários do 3º grupo, mais extenso, que trata de verbos especiais.

Aqui, observe que, na quase totalidade dos casos, o sentido do verbo vai determinar a transitividade.

Nas frases 32 a 36, o verbo é **implicar**. Na 32, **implicar** tem o sentido de aborrecer, importunar (transitivo indireto – "implicar com"). Em 33, 34 e 36, esse verbo traz a ideia de acarreta (transitivo direto – "implica gastar.."). A frase 35 mostra o verbo **implica** pronominal (implicar-se), que rege preposição EM.

Respostas: 32 C; 33 E; 34 C; 35 C; 36 C.

Importante: Em algumas provas elaboradas pela Esaf (Escola de Administração Fazendária), já apareceu questão que trazia o verbo implicar (= acarretar), que, segundo a norma culta, é transitivo direto, portanto, não pede preposição, seguido de preposição em (isso implica em aumentos diários) e a banca considerou a frase como certa. Infelizmente, nesses casos, devem-se observar as outras opções e procurar uma alternativa, um erro indiscutível. Em regência, a Esaf e a UnB costumam ter uma visão mais liberal em relação a esse assunto.

37. Chamei Antônio de desonesto.

38. Chamei-lhe de ignorante.

Comentários:

O verbo **chamar**, como transitivo direto (= pedir a presença, convocar – "chamei o funcionário") ou como transitivo indireto (= pedir ajuda, clamar – "chamou por Deus"), não oferece dificuldade quanto à regência.

Agora, com o sentido de apelidar, qualificar, pode haver dúvidas. Primeiramente, o verbo **chamar** nesta acepção pode aparecer com ou sem preposição (T.D. ou T.I.) – "chamei a Antônio..." ou "chamei Antônio..."). Além disso, o uso da preposição de após o complemento é facultativo. Com isso, podemos ter as seguintes construções com o **chamar** neste sentido nas frases 37 e 38:

Frase 37:

1. Chamei Antônio desonesto. (pouco usual)
2. Chamei Antônio de desonesto.
3. Chamei a Antônio desonesto.
4. Chamei a Antônio de desonesto.

Frase 38:

1. Chamei-o ignorante.
2. Chamei-o de ignorante.
3. Chamei-lhe ignorante.
4. Chamei-lhe de ignorante.

Atenção: *"desonesto"*, *"de desonesto"*, *"ignorante"*, *"de ignorante"* não são objetos. São termos que qualificam, caracterizam o objeto (predicativos do objeto), e podem vir ou não antecedidos de preposição.

Respostas: 37 C; 38 C.

39. Não assistimos nenhum programa.
40. Esse direito não assiste ao servidor.
41. A enfermeira assistia o doente.
42. Assisto em Niterói.

Comentários:

O verbo **assistir**, na frase 39, com o sentido de ver, presenciar, e na 40 com o sentido de caber, competir, rege preposição a ("Não assistimos a nenhum programa" e "Esse direito não assiste ao servidor").

Na frase 41, pode ser transitivo direto ou indireto com a ideia de dar assistência, socorrer ("A enfermeira assistia o doente ou ao doente"). Na 42, embora desusado, com o sentido de morar pede preposição **em**.

Respostas: 39 E; 40 C; 41 C; 42 C.

43. Esqueci a aparência dela./Lembrei a aparência dela.

44. Esqueci-me da aparência dela./Lembrei-me da aparência dela.

45. Esqueceu-se da aparência dela./Lembrou-se da aparência dela.

46. Lembrei ao amigo que já era tarde.

Comentários:

Os verbos **lembrar** e **esquecer** podem aparecer com ou sem o pronome. Sem pronome, sem preposição (T.D.). Com pronome, com preposição (T.I.). Portanto, o que **não** cabe é "Esqueci/Lembrei da aparência" ou "Esqueci-me/Lembrei-me a aparência dela".

Na frase 46, o verbo **lembrar** é transitivo direto e indireto ("lembrar a alguém alguma coisa").

Respostas: 43 C; 44 C; 45 C; 46 C.

47. Respondeu à carta no mesmo dia.

48. Respondeu o diretor.

49. Respondeu a carta ao diretor.

Comentários:

O verbo **responder** é transitivo indireto para coisa ou pessoa. Na frase 47, aparece a preposição a ("Respondeu à carta"), mas na 48 isso não ocorre. Não é "respondeu o diretor" e sim ("Respondeu ao diretor"). Quando aparecem coisa **e** pessoa, transitivo direto e indireto ("Respondeu a carta ao diretor").

Respostas: 47 C; 48 E; 49 C.

50. Ainda não paguei o médico.

51. Pagou os impostos. / Perdoou a dívida.

52. Perdoou o inimigo. / Pagou o empregado.

53. Pagou o salário ao empregado.

Comentários:

Na frase 50, médico é pessoa, o verbo **pagar** pede preposição ("paguei ao médico"). Na 51, temos

coisa como complemento, o **pagar** e **perdoar**, nesse caso, não pedem preposição. Já na 52, o objeto é representado por pessoa, transitivo indireto ("Perdoou ao inimigo" e "Pagou ao empregado"). Na 53, o **pagar** aparece como transitivo direto e indireto.

Respostas: 50 E; 51 C; 52 E; 53 C.

54. O secretário não atendeu ao pedido dos grevistas.

55. Não gostava de atender o telefone.

Comentários:

Apresentamos na teoria, em relação ao verbo **atender**, o que se vê em questões elaboradas por bancas como Esaf e Cespe/UnB: independentemente de se referir a coisa ou pessoa, aceita as duas transitividades (T.D. ou T.I.). Nas gramáticas, quando o complemento é representado por coisa, pede-se usar a transitividade indireta. Resumindo:

– O secretário não atendeu ao pedido... Certo.

– Não gostava de atender o telefone. Certo.

– Não gostava de atender ao telefone [é a preferência]. Certo.

Respostas: 54 C; 55 C.

56. Ia para a montanha para aspirar o ar puro.

57. Aspirava a um cargo público.

Comentários:

O verbo **aspirar** só pede preposição com o sentido de almejar, desejar ("Aspirava a um cargo público"). No sentido de inspirar, sorver é transitivo direto ("Ia para a montanha para aspirar o ar puro").

Respostas: 56 C; 57 C.

58. Eu custei a acreditar na tua história.

59. Custou-me acreditar na tua história.

60. O livro custa trinta reais.

Comentários:

A frase 58 mostra a regência do verbo **custar** usada na oralidade: "Eu custo a...". No entanto, para a norma culta, formal, essa forma estaria errada, pois "eu não custo nada", não tem sentido.

A forma considerada correta é "Custou-me acreditar..." ou, usando um nome no lugar do pronome,

"Custou ao pai acreditar na tua história", já que o que custa, é difícil, é "acreditar na tua história", ou seja, "Acreditar na tua história custou a mim papai".

Já na frase 60, com a ideia de preço, não há preposição ("O livro custa trinta reais").

Respostas: 58 E; 59 C; 60 C.

61. O filho queria muito ao pai.

Comentários:

Em relação à regência do verbo **querer**, deve-se destacar o sentido de amar, gostar, querer bem, desse verbo, pois pede preposição a ("... queria ao pai").

Resposta: 61 C.

62. O empregado serviu o almoço.

63. Serviu-me uma bebida.

64. É uma solução que não lhe serve.

Comentários:

Na frase 62, **servir** (= prestar serviço) não pede preposição (T.D.). Em 63, com o sentido de "oferecer algo a alguém", é T.D.I., na 64, "É uma solução que não **lhe** (objeto direto) serve" traz esse verbo com o valor de convir, ser útil, transitivo indireto.

Respostas: 62 C; 63 C; 64 C.

65. O diretor visou os cheques.

66. O policial visou o alvo.

67. Esta medida visa o bem de todos.

Comentários:

O verbo **visar**, com os sentidos de dar o visto ou mirar, frases 65 e 66, respectivamente, não regem preposição (T.D.). Na 67, no sentido de almejar, pretender, a tendência é vir com a preposição a ("Esta medida visa ao bem de todos"), embora já se aceite a forma desse verbo nesta acepção sem preposição ("... visa ao bem..." ou "visa o bem..."), principalmente em provas elaboradas pela Esaf e Cespe/UnB.

Respostas: 65 C; 66 C; 67 E.

68. O escravo ama e obedece a seu senhor.

69. Até pouco tempo todos podiam consultar e aplicar nos fundos de aplicação financeira.

Comentários:

As frases 68 e 69 ilustram um caso de regência de dois verbos em coordenação. Quando isso ocorre, se os verbos forem de regências distintas (um é transitivo direto e o outro é transitivo indireto), deve-se fazer a distribuição:

– O escravo ama (T.D.) seu senhor e obedece (T.I.) a ele.

– Até pouco tempo, todos podiam consultar (T.D.) os fundos de aplicação financeira e aplicar (T.I.) neles.

Respostas: 68 E; 69 E.

Atenção: Quando os verbos possuem a mesma transitividade, mas pedem preposições diferentes, eles não devem compartilhar o mesmo objeto: cada um deve ter o seu. Exemplo:
Assisti e gostei do filme E.
(Assisti a ... gostei de)
Por isso, o certo é dizer:
"Assisti ao filme e gostei dele."

18.2. REGÊNCIA COM PRONOME RELATIVO

18.2.1. Uso de preposição que antecede o pronome relativo

O pronome relativo dá início às orações adjetivas. Se, nessa oração, o verbo ou um nome exigir a preposição, esta será deslocada para antes do pronome relativo.

Exs.:

A canção de que/da qual gosto foi premiada. (= eu gosto(de) da canção)

A canção com que/com a qual simpatizo foi premiada. (= eu simpatizo com a canção)

A mulher em quem pensas partiu ontem. (= tu pensas(em) na mulher)

Este é o livro a cujo autor aludi. (= aludi(a) ao autor)

A rua aonde queriam ir era deserta. (queriam ir a)

A rua donde vens é deserta. (vens de)

Obs.: Os conectivos que aparecem como pronome relativo são: que, o qual, a qual, os quais, as quais, quem, cujo(s), cuja(s), onde, como, quando e quanto.

18.2.2. Uso de onde, aonde, donde

O emprego desses vocábulos segue as noções de regência. Se a preposição exigida for **em**, usa--se **onde**.

Ex.: O bairro onde moras é tranquilo. (moras em)

Se a preposição exigida for **a**, usa-se **aonde**. Se a preposição for **de**, **donde** ou **de onde**.

Ex.: O bairro aonde vais é tranquilo. (vais a)

O bairro donde vens é tranquilo. (vens de)

18.3. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Levando em consideração as regras de regência verbal, marque certo (C) ou errado (E).

1. ( ) Mais do que uma simplificação, a adaptação de uma obra implica uma intervenção inadmissível em seu conteúdo.
2. ( ) Quem desobedece ao regulamento demonstra que não é disciplinado.
3. ( ) Aproveitamos para lembrá-la que essa conduta é prevista na Consolidação das Leis Trabalhistas.
4. ( ) Aspiro ao cargo de analista judiciário.
5. ( ) Essas medidas visam à reabilitação de nossa imagem.
6. ( ) Procedeu-se a leitura dos autos.
7. ( ) Adverti-lhes de que o número de vagas não era elevado.
8. ( ) Ele me perguntou se o espetáculo fora interessante e eu o respondi que sim.
9. ( ) Prefiro uísque a cerveja.
10. ( ) O suicida prefere a morte à vida.
11. ( ) Uma dor não pode causar a morte, mas os mecanismos psicológicos que se associam a ela podem levar nesse resultado.
12. ( ) O desmatamento implica em destruição e fome.
13. ( ) Avisei-o de que devia partir.
14. ( ) Júlia mora à rua do Passeio.
15. ( ) Chegamos na cidade antes do anoitecer.
16. ( ) Esqueceu-me o desejo discreto de conhecer as coisas de coração.
17. ( ) Perdoou ao nosso atraso.
18. ( ) Prefiro os casos que a inteligência discute a formas tecnocráticas da resolução dos problemas.
19. ( ) O pai perdoou ao filho.
20. ( ) Aqui se jogam as sementes para informar-lhes de que a cultura não deve ser acadêmica.
21. ( ) Lembrou ao amigo que já era tarde.

22. ( ) Procede-se com brandura quando querem detectar falhas no relacionamento humano.

23. ( ) Na verdade, não me simpatizo com suas ideias inovadoras.

24. ( ) Se todos chegam à mesma conclusão, devem estar certos.

25. ( ) Para trabalhar, muitos preferem a empresa privada ao serviço público.

26. ( ) Custa-me crer em tais injustiças.

27. ( ) A terra custou aos lavradores a vida.

28. ( ) Informamos a V.Sª. sobre os prazos de entrega das novas propostas, às quais devem ser respondidas com urgência.

29. ( ) Entrou e saiu da sala.

30. ( ) Repete que puni e premiei professores que discordavam ou concordavam com minhas ideias.

II. Use **o(s)/a(s)** ou **lhe(s)**.

1. Só não _____ chamei de louco, porque _____ quero muito bem. (o/lhe; o/lhe)

2. A reincidência poderá acarretar-_____ penalidades severas. (lo/lhe)

3. Não _____ desobedecerei jamais. (o/lhe)

4. Algumas ideias vinham ao encontro das reivindicações dos funcionários, contentando-_____, outras não. (os/lhes)

5. Eles se sentiam tão onerados com descontos, que intentaram uma reação conjunta: procuraram os responsáveis pela empresa e _____ inteiraram de sua decisão de _____ o andamento. (os/lhes; estorvá-lo/estorvar-lhe)

6. Queríamos _____ para a festa. (convidá-lo/convidar-lhe)

7. A verdade é que nós _____ queremos muito. (o/lhe)

8. Vi-_____ os olhos na festa. (os/lhes)

9. A minha resposta não _____ satisfez. (o/lhe)

10. Eu _____ ajudei naquela árdua tarefa. (o/lhe)

11. Teve um desempenho tão extraordinário que _____ consagraram merecidamente o maior jogador do mundo. (o/lhe)

12. No momento em que a linguística procurou o *status* de ciência, que desde Saussure _____ tem acompanhado, passou-se a discutir sua relação com outras ciências. (a/lhe)

13. Seu pai, que é libanês e tem uma loja de roupas no Brás, _____ presenteou com o Maverick

74 da família. (o/lhe)

14. Ele poderá escolher outros dois técnicos para _____ assessorar. (o/lhe)

15. Por que um mendigo dormindo incomodou-_____ tanto? (os/lhes)

16. Os que se propuseram a trabalhar nessa área tão difícil têm de compreender que sua convicção da necessidade de executar essa tarefa ninguém neles a incutiu, é - _____ inata. (os/lhes)

III. Complete as lacunas com a(s) forma(s) adequada(s).

1. Eis a ordem _____ nos insurgimos. (de que/contra a qual)
2. Há fatos _____ nunca esquecemos. (que/de que)
3. Há fatos _____ nunca nos esquecemos. (que/de que)
4. Aludiram a incidentes _____ já ninguém se lembrava. (que/de que)
5. Há casos _____ a dor, tornando-se insuportável, leva o indivíduo à morte. (que/em que)
6. Este autor tem ideias _____ todos simpatizamos. (de que/com que)
7. Qual o cargo _____ aspiras? (que/a que)
8. Surgiu uma mulher _____ figura os mais velhos se comoviam. (cuja/com cuja)
9. Surgiu uma mulher _____ figura já nos referimos. (cuja/a cuja)
10. Surgiu uma mulher _____ figura havia um ar de grande dama decadente. (cuja/em cuja)
11. Surgiu uma mulher _____ figura andara todo o regimento apaixonado. (cuja/por cuja)
12. O homem possui um inimigo que o aterroriza e _____ prefere nem pensar: a dor. (do qual/no qual)
13. A ideia de sofrimento intenso e intolerável, _____ está associado o conceito de dor, torna-a um flagelo _____ é necessário escapar de qualquer maneira. (a qual/à qual; no qual/do qual)
14. Esse foi o lugar _____ ele chegara com dificuldade. (onde/aonde/donde)
15. Esse foi o lugar _____ ele se estabelecera com a família (onde/aonde/donde)
16. Os deuses mantêm seus protetores nas casas _____ residem. (onde/aonde/donde)
17. A rua _____ gosto de correr foi asfaltada. (em que/onde/aonde/donde)
18. Foi essa a situação _____ ele encontrara. (que/em que)
19. Muitos foram os problemas _____ ele passara. (por que/pelo qual/que)
20. Poucos eram os recursos _____ ele podia dispor. (que/de que/com que)

21. O projeto, _____ também se incluirão mulheres e crianças, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde. (que/de que/em que)

22. O projeto, _____ também terão participação mulheres e crianças, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde. (que/ao qual/no qual)

23. O projeto, _____ também se vincularão mulheres e crianças, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde. (que/a que/ao qual/em que)

24. O projeto, _____ também participarão mulheres e crianças, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde. (que/de que/em que/no qual)

25. O projeto, _____ extensão também atingirá mulheres e crianças, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde. (cuja/em cuja/de cuja)

26. O exemplo mais brilhante dessa vocação deu-o anos atrás cavalheiro _____ nome não sei. (cujo/de cujo/a cujo)

27. O exemplo mais brilhante dessa vocação deu-o anos atrás cavalheiro _____ nome não tenha a menor confiança. (cujo/em cujo/de cujo)

28. O exemplo mais brilhante dessa vocação deu-o anos atrás cavalheiro _____ nome não consigo simpatizar. (cujo/de cujo/com cujo)

29. O exemplo mais brilhante dessa vocação deu-o anos atrás cavalheiro _____ nome pretendo não referir. (cujo/a cujo/de cujo)

30. O exemplo mais brilhante dessa vocação deu-o anos atrás cavalheiro _____ nome não está associado esse fato. (cujo/a cujo/em cujo)

31. Conquista é quando você pula da cama de manhã e vai dormir à noite. E entre uma coisa e outra, só faz aquilo _____ gosta. (que/de que/por que)

32. O Banco Central investiu-se de um poder _____ as nações soberanas, ou quase isso, não abrem mão. (que/de que/por que)

33. É grande o dilema _____ vem experimentando a opinião pública brasileira. (que/a que/de que)

34. Não procuremos neles a beleza _____ dirigimos logo o olhar. (que/a que/em que)

35. É grande a perplexidade _____ estão tomados os latino-americanos. (que/de que/de quem/de cujos)

36. Esta é a única solução _____ podemos contar. (que/quem/com que/de quem)

37. Algumas pessoas costumam exorbitar da autoridade _____ se acham investidos. (que/a que/de que)

38. O texto legal _____ nos remeteu o professor para consulta exigia a cessão imediata dos direitos autorais à editora. (que/a que/para o qual)

39. Cético de gestos heroicos, confirmou ponto a ponto as críticas _____ se orgulhava de ter feito ao pretenso filantropo. (que/de que/a que)

40. O crime fora decorrente da crise _____ passava seu casamento. (que/em que/por que)

41. "A presença das enfermeiras devia lhe trazer lembranças de prazeres _____ agora não podia mais desfrutar." (que/de que/com que)

42. "Com o tempo, irás sabendo _____ leis, casos e fenômenos responde toda essa terminologia." (que/a que/de que)

Gabarito: I – 1. C; 2. C; 3. E; 4. C; 5. C; 6. E; 7. E; 8. E – lhe respondi; 9. C; 10. C; 11. E; 12. E; 13. C; 14. E; 15. E; 16. C; 17. E; 18. C; 19. C; 20. E; 21. C; 22. C; 23. E; 24. C; 25. C; 26. C; 27. C; 28. E; 29. E – Entrou na sala e saiu dela; 30. E – discordavam das minhas ideias ou concordavam com elas. **II** – 1. o ou lhe; lhe; 2. lhe; 3. lhe; 4. os; 5. os; estorvar-lhe; 6. convidá-lo; 7. lhe; 8. lhes; 9. o ou lhe; 10. o; 11. o; 12. a; 13. o; 14. o; 15. os; 16. lhes. **III** – 1. contra a qual; 2. que; 3. de que; 4. de que; 5. em que; 6. com que; 7. a que; 8. com cuja; 9. a cuja; 10. em cuja; 11. por cuja; 12. no qual; 13. à qual; do qual; 14. aonde; 15. onde; 16. onde; 17. onde; 18. que; 19. por que; 20. de que; 21. em que; 22. no qual; 23. a que ou ao qual; 24. de que; 25. cuja; 26. cujo; 27. em cujo; 28. com cujo; 29. cujo; 30. a cujo; 31. de que; 32. de que; 33. que; 34. a que; 35. de que; 36. com que; 37. de que; 38. que; 39. que; 40. por que; 41. de que ou que; 42. a que.

Vamos agora treinar com questões de concursos anteriores? Português se aprende pelas mãos...

18.4. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

1. (Cesgranrio/Banco do Brasil) Regência imprópria:

a) Não o via desde o ano passado.

b) Fomos à cidade pela manhã.

c) Informou ao cliente que o aviso chegara.

d) Respondeu à carta no mesmo dia.

e) Avisamos-lhe de que o cheque foi pago.

Comentários:

A letra A está correta: o verbo ver é v.t.d. e tem como o.d. o pronome oblíquo **o**. A letra B apresenta o verbo *ir*, que indica direção, por isso, deve vir seguido da preposição A. Na letra C, tem-se o verbo *informar*, que é direto e indireto e teve, mesmo, dois objetos: o direto, que é a oração *que o aviso chegara,* e o indireto, que é *ao cliente* (nessa frase, quem informa informa alguma coisa a alguém). O verbo *responder*, na letra D, vem adequadamente complementado por seu o.i. *à carta*: aqui, quem responde responde a alguma coisa. Já a letra E apresenta o verbo *avisar* com dupla transitividade, mas com dois objetos indiretos: um sob a forma pronominal (*lhe*); o outro sob a forma oracional (*de que o cheque foi pago*). Para a correção da frase, teríamos, portanto, duas opções: *avisamo-lo de que o cheque foi pago* ou *avisamos-lhe que o cheque foi pago*.

Resposta: E.

2. (FGV) Em qual das alternativas ocorre erro de regência verbal?

a) Esqueceu-me o desejo discreto de conhecer as coisas do coração.

b) Lembrou-me a inusitada transformação por que passa a universidade brasileira.

c) Prefiro os casos que a inteligência discute a formas tecnocráticas da resolução dos problemas.

d) Aqui se jogam as sementes para informar-lhes de que a cultura não deve ser acadêmica.

e) Procede-se com brandura quando querem detectar falhas no relacionamento humano.

Comentários:

Muitos que erraram a questão marcaram a letra A. Trata-se de uma construção em desuso, <u>porém correta</u> do verbo *esquecer* (o que também pode ocorrer com o verbo *lembrar*). A coisa esquecida passa a ser o sujeito do verbo, o que se pode perceber pela desinência verbal (*esqueceu-me*): nessa frase, *o desejo discreto de conhecer as coisas do coração* é que é o sujeito do verbo *esquecer*. Na ordem direta, a frase ficaria assim:

O desejo discreto de conhecer as coisas do coração esqueceu-me (= a mim).

Você deve estar se perguntando: mas como uma coisa pode esquecer alguém? Nesse caso, a coisa esquecida passa a ser responsabilizada pelo esquecimento da pessoa. Talvez seja uma forma de se esquivar da responsabilidade... O fato é que haveria três formas de se dizer o mesmo:

Esqueci o desejo discreto de conhecer as coisas do coração.

(aqui, o verbo é *esquecer*, v.t.d., que tem como sujeito *eu* e objeto direto *o desejo discreto de conhecer as coisas do coração*).

Esqueci-me do desejo discreto de conhecer as coisas do coração.

(trata-se, agora, do verbo *esquecer-se*, que é v.t.i. e apresenta como sujeito *eu* e o.i. *do desejo discreto de conhecer as coisas do coração*).

Esqueceu-me o desejo discreto de conhecer as coisas do coração.

(essa foi a forma escolhida pela banca: *o desejo discreto de conhecer as coisas do coração* é o sujeito do verbo *esquecer*, que é v.t.i. e tem como o.i. o pronome oblíquo *me*).

Observe a letra B da questão: o verbo *lembrar* aparece aqui da mesma forma que o verbo *esquecer* apareceu na letra A. Veja que o verbo ficou na 3ª pessoa do singular, o que prova que o sujeito não é o pronome *eu,* e sim a informação que vem depois na frase (*a inusitada transformação por que passa a universidade brasileira*). O que dissemos, portanto, na letra A para o verbo *esquecer* vale também para o verbo *lembrar* na letra B. Haveria aqui, também, três formas de se reescrever a frase: Lembrei a inusitada transformação por que passa a universidade brasileira. / Lembrei-me da inusitada transformação por que passa a universidade brasileira. / Lembrou-me a inusitada transformação por que passa a universidade brasileira. Portanto, a letra B também está correta.

A letra C traz o verbo *preferir*, v.t.d.i., de forma adequada com dois objetos: *os casos que a inteligência discute*, que é o o.d., e *a formas tecnocratas da resolução dos problemas* que é o o.i.

Já a letra D, que apresenta o verbo *informar* como v.t.d.i., pecou por apresentar dois objetos indiretos: um sob a forma pronominal *lhes* e o outro oracional *de que a cultura não deve ser acadêmica*. O certo seria dizer "... para informar-lhes que a cultura não deve ser acadêmica" ou "... para informá-los de que a cultura não deve ser acadêmica".

A letra E está correta: apresenta o verbo *proceder* como intransitivo, com o sentido de agir.

Resposta: D.

3. (Cesgranrio) Assinale a única alternativa incorreta quanto à regência do verbo.

a) Perdoou nosso atraso no imposto.

b) Meu pai perdoou ao pai.

c) Lembrou ao amigo que já era tarde.

d) Vi-lhes os olhos na festa.

e) Era grande a mesa da sala a qual nos sentamos.

Comentários:

Eis uma boa questão para treinarmos a regência do verbo *perdoar*: *aquilo que se perdoa* é o objeto direto e *a quem se perdoa* é o objeto indireto. Daí, na letra A, o verbo *perdoar* está adequadamente colocado: ele é v.t.d. e vem seguido do o.d. *nosso atraso no imposto*. Já na letra B, o verbo *perdoar* vem seguido de um objeto indireto: trata-se de um objeto pessoa (*ao pai*). Nas duas alternativas, portanto, ele foi bem utilizado.

Na letra C, o verbo *lembrar* vem adequadamente seguido de dois objetos, um direto (*que já era tarde*) e outro indireto (*ao amigo*).

Na letra D, o verbo *ver* é v.t.d.: seu objeto direto é *os olhos*. Observe que o pronome *lhe,* apesar de vir ligado ao verbo por meio do hífen, não é o seu objeto: é pronome oblíquo com valor possessivo que se refere ao substantivo *olhos* (= seus olhos). Por isso, a frase está certa.

Já a letra E traz um erro na regência com relativo. Organizando a oração adjetiva, que vem após o pronome relativo, teríamos "nós nos sentamos à mesa". O verbo *sentar*, aqui, deve vir seguido da preposição *a*, com valor semântico de proximidade. Por isso, o certo seria dizer: "Era grande a mesa da sala à qual nos sentamos".

Resposta: E.

4. (Fundação João Goulart) No trecho "Nós nos entendíamos e amávamos mudamente (...)"o complemento serve a dois verbos de mesma regência. Das frases abaixo, aquela em que o complemento serve a verbos de regências diferentes é:

a) Poucos nos reconheceram e cumprimentaram.

b) O indivíduo nos perseguia e ameaçava.

c) Não nos admirava ou obedecia.

d) Ele nos avistara e evitara.

Comentários:

Na frase do enunciado, tem-se um pronome *nos* que é objeto direto de dois verbos com mesma regência *entender e amar*, que são verbos transitivos diretos. O mesmo ocorre com a letra A: os verbos *reconhecer* e *cumprimentar* são transitivos diretos.

Na letra B, o raciocínio se repete: o pronome *nos* é objeto direto de *perseguir* e *ameaçar*, que são transitivos diretos.

No entanto, a letra C apresenta um complemento *nos*, que é ao mesmo tempo objeto direto de *admirar*

e indireto de *obedecer*: o que não é um problema, já que, como estudamos em pronomes, os pronomes oblíquos *me, te, se, nos* e *vos* são verdadeiros curingas, podem ser O.D. ou O.I.

Na letra D, temos novamente o raciocínio do exemplo que consta no enunciado: os dois verbos possuem a mesma regência, são transitivos diretos, que têm como complemento o pronome *nos*.

Resposta: C.

5. (Vunesp/Fiscal de Rendas-SP) O único texto que obedece rigorosamente aos princípios de regência da língua culta escrita é:

a) Repete que puni e premiei professores que discordavam ou concordavam com minhas ideias.

b) Conquista é quando você pula da cama de manhã e vai dormir à noite. E entre uma coisa e outra, só faz o que gosta.

c) ... eis que o nosso Banco Central, que mal e porcamente cuida da nossa vida bancária cheia de abrolhos e escândalos, investiu-se de um poder que as nações soberanas, ou quase isso, não abrem mão.

d) ... os deuses mantêm seus protetores nas casas onde residem, o que implica que os soberanos dos céus e da terra tributam por sua vez um culto a seus pequenos deuses domésticos.

e) Temos por princípio não representar e nem formular Queixa perante o Tribunal de Ética da O.A.B., porém reservamo-nos no direito de aconselhá-lo a leitura do Código de Ética, do Estatuto da Ordem dos Advogados do Brasil.

Comentários:

A letra A apresenta, por duas vezes, verbos em coordenação que compartilham o mesmo complemento. Na primeira passagem, *punir* e *premiar* são transitivos diretos e possuem o mesmo objeto, *professores*, o que não caracteriza erro. Na segunda passagem, entretanto, aparecem os verbos *discordar* e *concordar* que, embora sejam transitivos indiretos, regem preposições distintas (*discordar de* e *concordar com*). Daí o erro: eles compartilharam o mesmo objeto. O certo seria dizer:

... que discordavam *das minhas ideias* ou concordavam *com elas*. A letra B também apresenta um erro: quem gosta gosta de, por isso o certo seria dizer: ... só o faz o (= aquilo) de que gosta. A letra C apresenta um erro de regência com pronome relativo, no final do período. Colocando a frase na ordem direta, teríamos: *as nações soberanas não abrem mão do poder*. Por isso, o correto seria dizer: ... um

poder de que as nações soberanas não abrem mão. A letra D trouxe o verbo *implicar* corretamente utilizado: seguido do objeto direto oracional *que os soberanos dos céus e da terra tributam...* A letra E apresenta os verbos *representar* e *formular*, transitivos diretos, coordenados com o mesmo complemento *Queixa*, estando, quanto a isso, correta. Entretanto, trouxe um erro com o verbo *reservar*: *reservamo-nos o direito* e não *no direito*. Ou seja: *reservamos o direito (o.d.) a nós (o.i.)*.

Resposta: D.

6. (FGV) Indique a opção em que o verbo responder está usado incorretamente, no que tange à regência.

a) Respondeu com mau humor à mãe.

b) O injustiçado responde às calúnias.

c) Os soldados responderam às balas.

d) Ninguém responde o juiz daquele jeito.

e) Respondi o que podia e o que não devia.

Comentários:

Questão boa para trabalhar o verbo *responder*: lembre-se de que *aquilo que se responde* (complemento coisa) é o objeto direto e *a quem ou a que se responde* (complemento pessoa ou coisa a que se responde) é o objeto indireto. Na letra A, *à mãe* é a pessoa a quem se respondeu. Nas letras B e C, tem-se novamente o *responder* como transitivo indireto: trata-se de objeto indireto *coisa a que se responde*. Nos dois casos, o verbo *responder* é transitivo indireto e vem seguido de objeto indireto *às calúnias* e *às balas*, respectivamente. O erro está na letra D: *o juiz* deveria ser objeto indireto. Nessa frase, quem responde responde *a alguém* e não alguém. Por isso, o certo seria dizer "Ninguém responde *ao juiz* daquele jeito". A letra E está correta: o verbo *responder* aparece como transitivo direto, com objeto direto, que é *aquilo que se responde*. Assim, temos um objeto direto *composto*: *o que podia e o que não devia*. A frase, portanto, está correta.

Resposta: D.

7. (Fundação Carlos Chagas) Em qual das alternativas o uso de **CUJO** não está conforme a norma culta?

a) Tenho um amigo cujos filhos vivem na Europa.

b) Rico é o livro cujas páginas há lições de vida.

c) Naquela sociedade havia um mito cuja memória não se apagava.

d) Eis o poeta cujo valor exaltamos.

e) Afirmam-se muitos fatos de cuja veracidade se deve desconfiar.

Comentários:

Esta questão trata do uso do pronome relativo cujo e da regência com esse conectivo. Vimos que o pronome cujo e variantes é usado entre dois substantivos com ideia de posse. Em todas as opções isso ocorre. O problema está, então, na falta da preposição. Na opção A ("... vivem **n**a Europa"), ela aparece – *vivem **em***. Na B, organizando, teríamos: "Há lições de vida **n**as páginas do livro". Portanto, a frase correta seria "Rico é o livro **em** cujas páginas...". Nas letras C e D, os verbos não pedem preposição ("... a memória não se *apagava*" e "*exaltamos* o valor"). Na letra E, o uso da preposição **de** se explica pela presença do verbo *desconfiar* ("Deve-se desconfiar **d**a veracidade dos fatos"). Lembre-se sempre de organizar a frase – **ordem direta** (sujeito + verbo + complementos).

Resposta: B.

8. (Vunesp) Assinale a opção cuja lacuna não pode ser preenchida pela preposição entre parênteses:

a) A alfabetização funcional, _____ cuja aquisição a escola deve preocupar-se. (com)

b) A alfabetização funcional, _____ cuja aquisição a escola deve refletir. (sobre)

c) A alfabetização funcional, _____ cuja aquisição a escola deve ser responsável. (a)

d) A alfabetização funcional, _____ cuja aquisição a escola deve cuidar. (de)

e) A alfabetização funcional, _____ cuja aquisição a escola deve estar preparada. (para)

Comentários:

Mais uma questão que envolve o uso da preposição antes do relativo. Organizando as orações adjetivas (iniciadas pelo pronome relativo):

... a escola deve-se preocupar com.

... a escola deve refletir sobre.

... a escola deve ser responsável **por**.

... a escola deve cuidar de.

... a escola deve estar preparada para.

Resposta: C.

9. (Esaf) Assinale o item que apresenta **erro** de regência verbal:

a) O espetáculo do grande desastre, sempre implícito na loucura das corridas de automóvel, esconde e

omite o essencial, que apenas se adivinha com os recursos da imaginação: o ser humano que viaja dentro daquela cápsula em vias de se desmanchar com a fragilidade de uma casquinha de sorvete.

b) Cumpriu-se com Ayrton Senna mais um ritual de sacrifício consumado no altar da modernidade que, ao comercializar a velocidade, transformou o esporte do automobilismo em negócio.

c) Atingimos o ideal supremo do capitalismo: velocidade cada vez maior nos lucros. As firmas que patrocinam as corridas são sólidas empresas privadas que tocam os seus negócios com fervor apostolar e o autódromo de Ímola, antessala do além, é uma empresa privada.

d) O carro cheio de rótulos comerciais é hoje apenas a visão do fracasso tecnológico, da lamentável falência de uma máquina que se pretende perfeita, mas é tão precária como qualquer outra diante do menor obstáculo.

e) As letras impressas se acumulam, promovendo os generosos mecenas do esporte que cedem uma migalha dos seus lucros aos pilotos, assim seduzidos com mais um argumento para o jogo perigoso que se entregam apaixonadamente.

Comentários:

Aqui, observamos que, em quatro opções, não há a intenção de se apresentar nenhum caso especial de regência. Na letra A, "esconde e omite o essencial" (os dois verbos são transitivos diretos). Na B, "consumado no" e "transformar o esporte... em negócio" seguem o padrão da norma culta. Na letra C, **atingir** é transitivo direto ("atingimos o ideal..."). Na D, não há nenhuma particularidade sobre regência: a frase está totalmente correta. Porém, na letra E, na penúltima linha, aparece o pronome relativo **que**. Ao organizar a oração que ele introduz, teríamos: "(Eles) se entregam **a**o jogo perigoso". Por isso, o certo seria dizer: "... para o jogo perigoso **a** que se entregam".

Resposta: E.

10. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a regência do verbo destacado está correta, segundo o registro culto e formal da língua.

a) <u>Informei</u>-a que o período turbulento havia terminado.

b) <u>Assistia</u> a derrota daqueles que não acreditaram na oportunidade.

c) Diante de tamanha pressão, <u>chegou</u> no seu limite.

d) Neste momento, diante do ocorrido, todos <u>reivindicam</u> por tranquilidade de vida.

e) A constatação de que aquilo era verdadeiro <u>custou</u>-lhe dias difíceis.

Comentários:

O verbo **informar**, na letra A, pede dois complementos, é v.t.d.i. ("Informei-a de que o período..."). Na B, o verbo **assistir** com a ideia de *presenciar* é transitivo indireto ("Assistia **à** derrota..."). Na letra C, **chegar** rege preposição **a** ("... chegou **a**o seu limite"). Na letra D, **reivindicar** é transitivo direto ("... todos reivindicam tranquilidade"). Na letra E, o verbo **custar** (= ser difícil) é transitivo direto e indireto ("A constatação... custou **dias difíceis** – O.D. – **a ele** – O.I.).

Resposta: E.

11. (Petrobras) Segundo o registro culto e formal da língua, a regência do verbo destacado está correta em:

a) O homem **lembrou-se** a infância ao ver a criança.

b) Depois de algum tempo, **pagou** o seu amigo o que devia.

c) Boas ações **implicam** benefícios futuros.

d) Os inimigos **aspiravam** a derrota de alguém vulnerável.

e) De um modo geral, **respeitava** aos princípios básicos da ética.

Comentários:

Na teoria, vimos que os verbos **lembrar** e **esquecer** podem aparecer com ou sem o pronome. **Lembrar** e **esquecer** são transitivos diretos; **lembrar-se** e **esquecer-se** são transitivos indiretos. Na letra A, se o verbo é pronominal, usaremos a preposição ("... lembrou-se **d**a infância..."). Na B, **pagar**, em relação a *pessoa*, é transitivo indireto ("... pagou **a**o seu amigo..."). A letra C mostra o **implicar** (= acarretar), de acordo com o padrão culto da língua, como transitivo direto ("...implicam benefícios futuros"). Na D, **aspirar** (= *pretender*) é transitivo indireto ("... aspiravam **à** derrota..."). Na opção E, **respeitar** é transitivo direto ("... respeitaria os princípios...").

Resposta: C.

Aqui, vale um recado:

Atenção: Não confunda a regência do verbo respeitar com a regência do verbo obedecer. Quem respeita (v.t.d.), respeita alguém, mas quem obedece (v.t.i.), obedece a alguém. Assim: Respeite os seus pais e obedeça a eles.

12. (Banco Central) A imprensa internacional foi convidada para assistir os debates em Copenhague.

De acordo com a norma escrita padrão da língua, na frase acima há um DESVIO de:

a) regência nominal.

b) regência verbal.

c) concordância nominal.

d) concordância verbal.

e) pontuação.

Comentários:

A regência trata da dependência entre o nome e seu complemento (regência nominal) e do verbo e seu complemento (regência verbal). A concordância nominal estuda as flexões de gênero e número entre os nomes (substantivo, adjetivo, pronome, numeral e advérbio). A concordância verbal trata da flexão de número e pessoa entre o sujeito e o verbo da oração.

Na frase dada, observamos que o problema se dá entre o verbo e seu complemento na passagem "... assistir os debates...", porque **assistir** (= ver, presenciar) é transitivo indireto. Portanto, há um desvio quanto à *regência verbal*.

Resposta: B.

Agora, é a sua vez...

18.5. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (FGV) A frase que apresenta erro de regência é:

a) O padrinho queria-lhe como a seu próprio filho.
b) Ígor está namorando com Ivone.
c) Era uma aprendizagem útil para todos.
d) Prefiro ficar em casa a andar por aí.
e) Sucesso, eu aspiro a ele.

2. (FGV) Regência imprópria:

a) Não o via desde o ano passado.
b) Fomos à cidade pela manhã.
c) Informou ao cliente que o aviso chegara.
d) Respondeu à carta no mesmo dia.
e) Avisamos-lhe de que o cheque foi pago.

3. (FGV) Quanto à regência verbal, escreva (1) nas orações corretas e (2) nas incorretas:

( ) Logo que chegou, eu o ajudei como pude.
( ) Preferia remar do que voar de asa delta.
( ) Naquela época, eu não visava o cargo de diretor.
( ) Sem esperar, deparei com ela bem perto de mim.
( ) Nós tentamos convencê-lo que tudo era imaginação.

a) 1, 1, 1, 2, 2.

b) 2, 2, 2, 1, 1.
c) 2, 1, 1, 2, 1.
d) 1, 2, 2, 1, 2.
e) 1, 2, 1, 2, 1.

4. (FGV) Assinale a afirmativa em que há erro de regência verbal.

a) Este documento visa ao estabelecimento de normas para avaliação dos técnicos.
b) O estabelecimento dessas normas implicou em demorado estudo das atribuições e tarefas dos técnicos.
c) O Setor Jurídico assistiu a Comissão que estudou o assunto.
d) Este documento constitui o resultado de minuciosa análise do assunto.

5. (FGV) A regência verbal está CORRETA apenas na opção:

a) Procedeu-se às ligações recomendadas pelo chefe do departamento.
b) A aprovação que aspiram se concretizará para um número considerável de candidatos.
c) Proibiram o porteiro em ausentar-se durante a tarde.
d) O regulamento da Companhia, obedeci-o integralmente.
e) Alguns preferem antes usar o telefone convencional, com fio, do que o moderno celular.

6. (FGV) No trecho "Nós nos entendíamos e amávamos mudamente (...)" o complemento serva a dois verbos de mesma regência. Das frases abaixo, aquela em que o complemento serve a verbos de regência diferentes é:

a) Pouco nos reconheceram e cumprimentaram.
b) O indivíduo nos perseguia e ameaçava.
c) Não nos admirava ou obedecia.
d) Ele nos avistara e evitara.

7. (FGV) Empregou-se indevidamente o pronome oblíquo, em relação ao uso culto da língua, na opção:

a) Aconselhei-o a subir com mais cuidado nos elevadores.
b) Os livros faziam-lhe companhia naquela altura.
c) Após reencontrar a própria mãe, o jovem abraçou-a afetuosamente.
d) Ao se dirigir aos moradores, o engenheiro queria lembrar-lhes uma outra coisa.
e) O síndico estava preocupado: espantavam-lhes as reclamações dos moradores.

8. (FGV) Se se quisesse passar o pronome sublinhado na frase "E me ensinava a tomar a bênção à lua nova" para a 3ª pessoa, a forma seria "E o ensinava a tomar a bênção à lua nova". Nos itens abaixo repetiu-se esta operação, observando-se as normas de emprego dos pronomes pessoais, EXCETO em:

a) O professor me perdoou as bobagens que falei. / O professor lhe perdoou as bobagens que falou.
b) Um colega orientou-se quanto à melhor maneira de estudar. / Um colega orientouo quanto à melhor maneira de estudar.
c) A direção certificou-me de que não haveria aula. / A direção certificou-lhe de que não haveria aula.
d) Os pais me entregaram a guarda do filho. / Os pais lhe entregaram a guarda do filho.
e) O inspetor me aconselhou a esperar o término da aula. / O inspetor o aconselhou a esperar o término da aula.

9. (FGV) Na oração interrogativa "como pagar bem aos professores?", o verbo pagar foi empregado de acordo com a norma gramatical, regendo a preposição a, na relação com o complemento indireto, "a pessoa a quem se paga". Nas frases abaixo, os verbos também estão empregados de acordo com as normas de regência, EXCETO em:

a) O professor não teve alternativa: acabou perdoando aos alunos as faltas que tinham cometido.

b) O diretor cientificou à comunidade que iria fechar a escola para as obras.

c) O estado, com essa política de baixa remuneração, parece preferir um professor pouco qualificado do que um profissional de melhor competência.

d) A Secretaria informou todos os professores das providências para requerer-se a averbação do tempo de serviço.

e) Iniciada a aula, o professor procedeu à chamada dos alunos presentes.

10. (FCC) Como na frase "O nível de complexidade do Deep Fritz reside nas linhas de código que o constituem", também as frases abaixo estão corretas quanto ao emprego do pronome o, menos em uma, em que o correto seria empregar o pronome lhe. Esta frase está na opção:

a) Procurei um técnico para cientificá-lo de que havia um problema para resolver.

b) Embora o problema fosse de difícil solução, o computador o resolveu.

c) Vou procurar o técnico para certificá-lo que o problema já foi resolvido.

d) O cientista comentou que a empresa o contratou para resolver problemas complexos.

e) A empresa que construiu o computador resolveu doá-Io para um museu.

11. (FCC) "Torna-se perfeitamente impossível usar-se, com honradez, o conceito generalizador de 'povo', sem levar em conta as contradições e brutais desigualdades que ele implica." Das alterações processadas na parte sublinhada da passagem acima, aquela em que a regência está em descordo com a norma culta é:

a) ...as contradições e brutais desigualdades que tal conceito envolve.

b) ...as contradições e brutais desigualdades a que tal conceito acarreta.

c) ...as contradições e brutais desigualdades em que tal conceito importa.

d) ...as contradições e brutais desigualdades de que tal conceito se aproxima.

e) ...as contradições e brutais desigualdades com que tal conceito se identifica.

12. (FCC) Assinale a alternativa **incorreta** quanto à regência.

a) Creio que os trabalhadores estão muito conscientes de suas obrigações para com a Pátria.

b) O filme a que me refiro aborda corajosamente a problemática dos direitos humanos.

c) Esta nova adaptação teatral do grande romance não está agradando ao público; eu, porém, prefiro esta àquela.

d) O trabalho inovador de Gláuber que lhe falei chama-se Deus e o Diabo na Terra do Sol.

e) José crê que a classe operária está em condições de desempenhar um papel importante na condução dos problemas nacionais.

13. (FCC) Das alterações feitas na redação da frase "Esses dois princípios encarnam-se nos tipos do aventureiro e do trabalhador.", mediante o emprego do pronome relativo, a que se apresenta INCORRETA é:

a) São esses os dois princípios cujos parâmetros delineiam os tipos do aventureiro e do trabalhador.

b) São esses os dois princípios a que se refere como os tipos do aventureiro e do trabalhador.

c) São esses os dois princípios em que se fundamentam os tipos do aventureiro e do trabalhador.
d) São esses os dois princípios de que se alude nos tipos do aventureiro e do trabalhador.
e) São esses os dois princípios por que se definem os tipos do aventureiro e do trabalhador.

14. (FCC) A frase INCORRETA quanto à regência verbal, de acordo com a norma culta da língua, é:

a) O cronista em que tenho ciência é aquele que escreveu duas crônicas no jornal de bairro.
b) O cronista a que me refiro não precisa entender de nada com profundidade.
c) O cronista a que aludo é aquele que não precisa entender de tudo.
d) O cronista sobre cujo texto fiz um comentário é aquele que não precisa entender de nada ao falar de tudo.
e) O cronista de cujos textos retirei estes exemplos é especializado em temas políticos.

15. (FCC) Das alterações processadas no trecho "O futebol, que desde os primeiros anos do século vinha se difundindo rapidamente pela cidade...", a que implica erro de regência verbal, de acordo com as normas da língua culta, é:

a) O futebol, por que aludiam os cronistas da época desde os primeiros anos do século...
b) O futebol, a que se atribuía o interesse dos jovens desde os primeiros anos do século...
c) O futebol, de que se ouvia falar desde os primeiros anos do século...
d) O futebol, em que residia o interesse dos jovens desde os primeiros anos do século...
e) O futebol, que desde os primeiros anos do século era praticado em clubes...

16. (Anal. Judic./TRF) No trecho "Grave e solitário, o tronco vive num estado de impermeabilidade ao som, a que os humanos só atingem por alguns instantes", é opcional a ocorrência da preposição "a" antes do complemento do verbo ATINGIR, pois este verbo pode ser transitivo direto ou transitivo indireto no padrão culto escrito. A mesma dupla regência é admissível em:

a) Ele era um escritor que desdenhava a fama a que aspiravam seus compatriotas.
b) A solução a que os médicos recorreram produziu resultados animadores.
c) A igreja a que me refiro foi construída no século XVII.
d) A unificação do objeto a que visaram seus integrantes explica o sucesso da equipe.
e) Esta é uma tese a que muitas pessoas preferem aderir por pura comodidade.

17. (Téc. Carp. Marc. / TRT-Fundec) Como texto jornalístico, cujo objetivo é levar a notícia de forma simples e clara ao leitor, notam-se, em sua redação, formas que o aproximam da língua oral, por exemplo, "mais chega em casa tão cansado...", com o verbo **chegar** regendo a preposição **em**. Dentre as frases abaixo, a que apresenta uma forma de regência que também é considerada própria da língua oral e, portanto, INCORRETA para a língua escrita padrão, é:

a) Quando o pai de Jefferson o viu, aproximou-se dele e lhe abraçou.
b) Eram crianças que nunca podiam usufruir o que a vida deveria reservar-lhes nessa idade.
c) Elas dependiam dos pais e, por isso, deveriam obedecer-lhes em todas as ordens.
d) Os menores trabalhadores, a população os encontra nas áreas urbanas, com a polícia importunando-os a toda hora.
e) Na atividade agrícola e na indústria calçadista não lhes sobra nenhuma oportunidade, por isso as crianças optam por viver nas ruas.

18. (TCE / SP - Ag. Fis. Fin.) O mundo está **sedento** por gasolina e diesel especiais... O mesmo tipo de regência exigido pelo termo grifado acima encontra-se na expressão:

a) notícia auspiciosa para todos os brasileiros.
b) de reservas expressivas de petróleo leve de boa qualidade.
c) no restrito clube das megaempresas mundiais de petróleo e energia.
d) as reservas de gás de Bahia Blanca.
e) resinas termoplásticas para toda a região.

19. (TRF / 5ª Região) Admite-se a permanência do elemento sublinhado na frase *Esse pequeno grupo (...) goza de enorme influência sobre o governo* no caso de substituição da forma verbal *goza* pela forma verbal:

a) usufrui.
b) atribui-se.
c) empenha-se.
d) Favorece.
e) alça-se.

20. (TRT / 18ª Região) Está correta a construção da seguinte frase:

a) Seu vizinho de poltrona acha preferível ouvir música do que se concentrar num filme.
b) A mulher ao lado prefere mais um filme em vez de ouvir música.
c) Tenho mais preferência a desfrutar do silêncio que de ouvir intimidades alheias.
d) O jovem prefere concentrar-se na música a ficar com os olhos num monitor de TV.
e) É mais preferível entreter-se com ideias próprias a que distrair com as tolices de um filme.

21. (TCE / AL) A autora poderia ter optado, corretamente, pela seguinte redação da frase em que formula sua preferência.

a) Prefiro muito a interpretação destes pensadores do que àqueles.
b) A minha preferência é mais da interpretação destes pensadores que a daqueles.
c) À interpretação daqueles pensadores não tenho como deixar de preferir a destes.
d) Prefiro à destes, em vez da interpretação daqueles pensadores.
e) É para mim preferível, em vez da interpretação daqueles pensadores, à que defendem estes.

22. (TCE / AL) Numa outra redação de um segmento do texto, estará correta e coerente com o sentido original a seguinte construção:

Sem nossa história e nosso passado, não teríamos

a) de onde prover, nem aonde nos inclinarmos.
b) por onde começar, nem espaço para nos expandirmos.
c) aonde começar, nem aonde alcançarmos projeção.
d) por onde provermos, nem lugar aonde nos fixarmos.
e) onde dar início, nem aonde progredirmos.

23. (TRT / 2ª Região – Anal. Judic.) Está inteiramente correta a construção da seguinte frase:

a) O futuro com que já não se conta implica esvaziamento de sentido do presente.
b) Para nós acaba sendo mais preferível a agenda do dia do que as utopias.
c) George Steiner insiste de que somos uns nostálgicos de antigos futuros.

d) O futuro com que almeja funciona enquanto árbitro moral do presente.
e) Já não há utopias aonde nos impulsionamos para construir o futuro.

24. (MPRSD / Ass. Adm.) (...) *o vinho (...) propiciava um deleite físico e espiritual de que seria incapaz uma borboleta*.

O elemento sublinhado no segmento acima deve ser mantido caso se substitua incapaz por:
a) indiferente.
b) insensível.
c) inepta.
d) imprópria.
e) desprovida.

25. (PMSAL – Guarda Munic.) A expressão **com que** preenche corretamente a lacuna da seguinte frase:

a) A violência urbana, ... tanto se preocupa a população, deve ser combatida por uma guarda municipal bem aparelhada.
b) As razões da violência urbana, ... tantos especialistas têm debatido, são complexas e profundas.
c) Os apitos dos guardas, ... todos esperavam ouvir duramente a noite, tranquilizavam a população.
d) Não se sabe ..... recursos serão necessários para garantir o novo sistema de policiamento.
e) A melhor das iniciativas .... se pode tomar, desde o início, é conquistar a confiança da população.

26. (TCE / AL) Está correto o emprego de **ambos** os elementos sublinhados na frase:

a) Aquele que deseja cumprir novos propósitos não podem faltar iniciativas em que levem a alguma ação.
b) O passado, em cujo nos moldamos, é como a argila, à qual forma os bonecos se submetem.
c) A trama do destino, em que tantos atribuem o peso da fatalidade, esvaziaria qualquer iniciativa de que viéssemos a tomar.
d) A capacidade de escolher, da qual muitos identificam o livre-arbítrio, não tem a mesma relevância com que se reveste a iniciativa de uma ação.
e) Os mesmos fatos do passado a que estamos atrelados podem nos incitar a um recomeço, de que sempre temos tanta necessidade.

27. (PMSAL – Guarda Munic.) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:

a) Os guardas-noturnos, cuja a única arma era um apito, garantiam a tranquilidade dos que dormiam em suas casas.
b) A intranquilidade das ruas, de cuja somos todos vítimas, só vem crescendo nos últimos tempos.
c) O código de apitos, do qual os guardas-noturnos antigamente recorriam, seria hoje um expediente inteiramente inócuo?
d) A violência urbana, da qual se deve dar duro combate, ganhou aspectos dramáticos em nossos dias.
e) O direito à segurança, ao qual todos deveriam ter acesso, está cada vez mais ameaçado nos grandes centros urbanos.

28. (TRF / SP) Está correto o emprego de ambas as expressões sublinhadas em:

a) As áreas aonde os homens se concentravam exibiam edifícios em cujos não havia arejamento.
b) Em cortiços de cimento, a que faltavam espaço e arejamento, comprimiam-se milhões de indivíduos para quem a natureza parecia representar uma ameaça.
c) Esse texto, de cujo o autor era também poeta, promove um típico exercício de imaginação em que

muitos autores de ficção são tentados.

d) Os mistérios porque somos atraídos na ficção costumam impressionar os leitores em cujos também não falta a liberdade da imaginação.

e) Os espaços urbanos pelos quais se espanta o imaginário narrador seriam testemunho de uma civilização à qual eram frouxos os laços com a natureza.

29. (TRF / SP) Considere as seguintes frases:

I. É muito restritivo o aspecto da «razoabilidade» dos sonhos, de que o autor do texto analisa no segundo parágrafo.

II. Talvez um dos "dragões" a que se deva dar combate em nossos dias seja o império dos interesses materiais.

III. Os sonhos em cuja perseguição efetivamente nos lançamos podem transformar-se em conquistas objetivas.

Está correto o emprego do elemento sublinhado APENAS em:

a) I.

b) II.

c) III.

d) II e III.

e) I e III.

30. (TRT / 2ª Região) Está adequado o emprego do elemento sublinhado na frase:

a) Meu amigo juiz escrevia poemas que o estilo de linguagem era muito depurado.

b) Expressava-se numa linguagem poética em que ele se obrigara a ser contido e disciplinado.

c) Logo recebi o livro de poemas nos quais o grande valor expressivo eu sequer desconfiava.

d) Surpreendeu-me que tivesse escrito poemas em cujos não havia vestígio de academicismos.

e) Meu amigo deu-me uma explicação à qual pude aproveitar uma lição muito original.

31. (TRF / 2ª Região – Técn. Adm.) A juventude é um tempo que se imagina poder prolongar indefinidamente.

É possível uma nova redação da frase acima, em que persista a correção formal e a coerência das ideias, substituindo-se o segmento sublinhado por:

a) do qual se imagina poder um prolongamento indefinido.

b) cuja imaginação se pode prolongar indefinidamente.

c) em cujo prolongamento indefinível se pode imaginar.

d) pelo qual imagina-se uma prolongação indefinida.

e) que nos é dado imaginar como indefinidamente prolongável.

32. (TRF / 2ª Região – Técn. Adm.) Conforme a lenda, haveria em algum lugar a Fonte da Juventude, cujas águas garantiriam pleno rejuvenescimento a quem delas bebesse.

Pode-se substituir corretamente o segmento sublinhado, sem prejuízo para o sentido da frase acima, por:

a) onde suas águas garantiriam pleno rejuvenescimento a quem lhes bebesse.

b) de cujas águas se garantiria pleno rejuvenescimento a quem nelas bebesse.

c) em que suas águas garantiriam pleno rejuvenescimento quem delas bebesse.

d) em cujas águas estaria a garantia de pleno rejuvenescimento para quem delas bebesse.

e) de cujas águas estaria a garantia de pleno rejuvenescimento para quem lhes bebesse.

33. Está correto o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

a) O moralizador está carregado de imperfeições de que não costuma acusar em si mesmo.

b) Um homem moral empenha-se numa conduta cujo o padrão moral ele não costuma impingir na dos outros.

c) Os pecados aos quais insiste reincidir o moralizador são os mesmos em que ele acusa seus semelhantes.

d) Respeitar um padrão moral das ações é uma qualidade da qual não abrem mão os homens a quem não se pode acusar de hipócritas.

e) Quando um moralizador julga os outros segundo um padrão moral de cujo ele próprio não respeita, demonstra toda a hipocrisia em que é capaz.

34. (TRF / 5ª Região) Está correto o emprego de ambas as expressões sublinhadas na frase:

a) As pessoas com quem devemos prestar contas são aquelas cujos direitos os setores dominantes não costumam dar atenção.

b) Nem sempre conseguem os homens sobrepor-se diante de suas circunstâncias ou redimir-se perante seus fracassos.

c) Os direitos em cuja defesa devemos nos empenhar são os membros pelos quais os acumuladores de capital demonstram desprezo.

d) O alerta de Einstein de que nos mantenhamos em guarda é, de fato, um imperativo moral do qual não podemos deixar de atender.

e) Os métodos legais de cujos se valem os detentores do poder econômico reforçam a má distribuição de renda em que os trabalhadores são vítimas.

35. (TRT / 5ª Região) A frase totalmente de acordo com as normas da gramática prescrita, no que se refere à regência, é:

a) Eles estão hesitantes por como apresentar o projeto, pois pensaram, inicialmente, em fazer painel explicativo à maneira como funciona a engrenagem.

b) Nem bem chegou o rapaz, ela divisou-lhe, e, aproximando-se a ele rapidamente, entregou as pastas de cujo conteúdo ele já estava a par.

c) A harmonia do homem e a natureza é algo que todos dependem, embora muitos revelem má vontade para com as coisas naturais simplesmente porque não as conhecem bem.

d) Na sua genuína acepção, a cultura nunca se limitou a reproduzir os desejos dos homens, mas sempre ergueu a sua voz contra as duras condições em que se desenrola a vida.

e) Desde o momento que as formas culturais constituíram em ganha-pão dos seus criadores, o mercado começou a agir para ficar propício com elas.

36. (CET-RIO / FJG) "Não procuremos neles a beleza que arrebata logo o olhar." Em cada alternativa abaixo, substitui-se o verbo em destaque. A nova construção apresenta impropriedade quanto à regência verbal em:

a) Não procuremos neles a beleza que dirigimos logo o olhar.

b) Não procuremos neles a beleza que absorve logo o olhar.

c) Não procuremos neles a beleza que cativa logo o olhar.

d) Não procuremos neles a beleza que atrai logo o olhar.

37. (Fiscal / DF) Está correto o emprego da expressão sublinhada na frase:

a) É preferível de que haja menos autoritarismo.
b) A alternativa a cuja jamais se deveria recorrer é a do autoritarismo.
c) É grande a perplexidade de que estão tomados os latino-americanos.
d) É formidável a avenida por cuja podem trilhar os aventureiros de sempre.
e) Grande é o dilema com o qual vem experimentando a opinião pública brasileira.

38. (Fiscal / DF) A expressão sublinhada na frase "É a inescapável conclusão *a que se chega*" preenche corretamente a lacuna de:

a) É a imprescindível medida ..... se deve adotar.
b) É o último recurso ..... devemos nos agarrar.
c) É a única solução ..... podemos contar.
d) É o caminho compulsório ..... deveremos percorrer.
e) É a alternativa última ..... por ora nos defrontamos.

39. (Ag. Tribt. Estad. / MS / Esaf) Assinale a opção que foi transcrita com erro de sintaxe:

a) O processo de globalização significa que uma rede de dependências chega aos mais remotos cantos do planeta. Mas, hoje, essa rede ainda não atingiu seus limites.
b) Seria muito prematuro falar de uma sociedade global ou de uma cultura global, e mais ainda de uma política ou de um direito global.
c) Está surgindo um sistema social global neste extremo último do processo de globalização? Se tal sistema existe, não se assemelha aos sistemas sociais que costumamos considerar normativos.
d) Costumávamos pensar em sistemas sociais como uma totalidade de que coordenava e adaptava os aspectos da existência humana por meio de mecanismos econômicos, poder político e padrões culturais.
e) Hoje em dia, no entanto, aquele sistema que costumava coordenar tudo no mesmo nível e dentro de uma mesma totalidade foi separado e situado em níveis radicalmente diferentes.

40. (Funcab / Aux. Enferm.) Observe o seguinte trecho:

"O projeto, **que será estendido a mulheres e crianças**, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde..."

A substituição da oração em destaque resulta inaceitável, segundo o padrão culto vigente, na seguinte alternativa:

a) a que também se vincularão mulheres e crianças.
b) de que também participarão mulheres e crianças.
c) em que também se incluirão mulheres e crianças.
d) cuja extensão também atingirá mulheres e crianças.
e) ao qual também terão a participação mulheres e crianças.

41. (Anal. Judic. / TRF / Fundec) Sobre a regência do verbo assistir na oração "a Região Metropolitana finalmente assistia ao início de um capítulo bom da novela protagonizada por mais de 3 milhões de pessoas", pode-se afirmar que:

a) está correta, porque o verbo foi empregado como transitivo indireto, no sentido de ser do direito.
b) é semelhante à regência do verbo amar em frases como «Deve-se amar ao próximo".
c) admite a construção passiva, que seria: "O início de um capítulo bom da novela protagonizada por mais de 3 milhões de pessoas era assistido finalmente pela Região Metropolitana".
d) está consoante com a língua escrita padrão, mas diverge dos hábitos da língua falada no Brasil.

e) é a recomendada pela norma culta da língua, mas não é a habitualmente praticada pelos escritores contemporâneos.

Gabarito: 1. b; 2. e; 3. d; 4. b; 5. a; 6. c; 7. e; 8. c; 9. c; 10. c; 11. b; 12. d; 13. d; 14. a; 15. a; 16. d; 17. a; 18. a; 19. a; 20. d; 21. c; 22. b; 23. a; 24. e; 25. a; 26. e; 27. e; 28. b; 29. d; 30. b; 31. e; 32. d; 33. d; 34. c; 35. d; 36. a; 37. c; 38. b; 39. d; 40. e; 41. d.

19 CRASE

19.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

A crase é a fusão de duas vogais iguais. Na escrita, esse fenômeno vem marcado com o acento grave.

As **justificativas** para o uso do acento grave **são duas**:

1ª justificativa: casos de contração
a) preposição a + artigo definido a (a + a(s) = à(s)).
b) preposição a + pronomes demonstrativos a(s)(= aquela(s)), aquele(s), aquela(s), aquilo.
c) preposição a + pronome relativo a qual/as quais.

Importante: No caso de contração de preposição ***A*** com artigo feminino A, a preposição aparece por exigência de um verbo (regência verbal) ou de um nome (regência nominal). O artigo, por exigência de um substantivo feminino. Veja o modelo:
"*Os universitários leem como se assistissem* [a] à [a] televisão com um controle remoto."

Uma maneira prática de saber se a palavra feminina aceita ou não artigo é usá-la na função de sujeito. Na **ordem direta**, você diria "A televisão nos diverte" ou "Televisão nos diverte"? Com certeza, usaria a primeira forma. Portanto, a palavra "televisão" aceita artigo feminino. Se o verbo ou o nome não pedir preposição **A** ou se a palavra seguinte não aceitar artigo feminino, não ocorrerá o fenômeno da crase.

Essa explicação vai servir para mostrar os casos **em que há** o acento grave, **em que não há** e quando o uso do acento é **facultativo**.

Vejamos alguns exercícios comentados.

Complete as lacunas das frases usando a, à, as, às.

1. Cheguei cedo ( ) ___ ( ) repartição.
2. Pediram ( ) ___ ( ) jovem que comparecesse ( ) ___ ( ) secretaria.
3. Fiz alusão ( ) ____ ( ) crianças.
4. Fui ( ) ____ ( ) Grécia ano passado.
5. Fui ( ) ____ ( ) Brasília de minha infância.
6. Obedeça ( ) ____ ( ) senhorita/senhora/madame.

Comentários:

Nas frases de 1 a 6, observa-se a presença da preposição **a** exigida por "chegar [a]", "Pediram [a]...

comparecessem [a]", "alusão [a]", "Fui [a] e "Obedeça [a]". Como as palavras femininas que se seguem aceitam **artigo feminino** ("a [a] repartição", "[a] jovem... [a] secretaria", " [as] crianças, "[a] Grécia", " [a] Brasília de minha infância" e [a] senhorita/senhora/madame", ocorre o fenômeno da crase. Portanto, temos a fusão da preposição a com artigo definido a.

Aqui, vale um recado sobre as frases 4 e 5:

> Atenção nas frases 4 e 5: Quando aparece nome de lugar (Grécia, Brasília...), para saber se aceita ou não artigo, procedemos da mesma maneira como foi apresentado na teoria: se, na função de sujeito, pudermos usar o artigo é porque o nome do lugar aceita. Caso contrário, só aparece a preposição a. Por exemplo:
> – A Grécia é um país que me encanta. (aceita artigo)
> (suj.)
> – Brasília é a capital do Brasil (e não *A Brasília é...*; logo, Brasília não aceita artigo). No entanto, se o nome do lugar vier determinado, usaremos o artigo.

Na frase 6, o verbo "obedecer" pede preposição A e os pronomes de tratamento "senhorita", "senhora" e "madame" aceitam o artigo A. Mais à frente, veremos os pronomes de tratamento que não aceitam o artigo A.

As frases de 1 a 6 são exemplos de contração de preposição **a** + artigo feminino **a.**

Respostas: 1. à; 2. à; 3. às; 4. à; 5. à; 6. à.

7. Fiz referência ( ) ___ que gesticulava freneticamente.

8. Emprestei o livro ( ) aquela velha amiga.

9. Emprestei o livro ( ) aquele velho amigo.

Comentários:

Nas frases 7, 8 e 9, há contração de preposição **a** com **pronomes demonstrativos**: "Fiz referência [a] + a (= aquela) que gesticulava", "Emprestei o livro [a] + aquela" e "Emprestei o livro [a] + aquele".

Na frase 7, aparece o **a** como pronome demonstrativo. Aqui, vale um recado:

> O pronome demonstrativo a(s) aparece, geralmente, antes de que relativo ou de preposição de, quando fica claro o valor semântico de demonstrativo. Observe:
> *"Refiro-me à (= àquela) da direita."*
> *"Refiro-me à (= àquela) que chegou de branco."*

Respostas: 7. à; 8. àquela; 9. àquele.

10. A moça a qual me referi [ ] era uma velha amiga.

Comentários:

A frase 10 mostra o pronome relativo a qual, que introduz oração adjetiva e já possui a letra a. Com esse conectivo, haverá acento no a do a qual se, dentro da oração adjetiva, algum termo pedir preposição a. Observe:

... a qual me referi (*Eu me referi a*). Logo, a preposição *a* do verbo *referir-se* encontra-se com o *a* de *a qual*: *... à qual me referi...*

Resposta: 10. à qual.

Crase obrigatória:
– preposição a + artigo definido a(s) (frases 1 a 6)
– preposição a + pronomes demonstrativos a(s), aquela(s), aquele(s), aquilo (frases 7 a 9)
– preposição a + pronome relativo a qual/as quais (frase 10)

11. Falou ( ) ___ ( ) João.

12. Começou ( ) ___ ( ) ventar.

13. Aludiu ( ) ___ ( ) V.Exª/você.

14. Fui ( ) ___ ( ) Brasília.

15. Ofereci ajuda ( ) ___ ( ) esta/essa/uma/qualquer pessoa.

16. Dedicou o prêmio ( ) ___ ( ) ela.

Comentários:

Importante: usaremos o código [x] para mostrar que não se usa **a**.

Nas frases de 11 a 16, ocorre apenas a presença da preposição **a**, pois *João*, nome próprio masculino, não aceita artigo feminino (*Falou* [a] [x] João); *ventar* é verbo, não vem com artigo ("Começou [a] [x] ventar"); pronomes de tratamento não aceitam artigo, exceção feita aos tratamentos senhorita, senhora e madame da frase 6.

E por que esses tratamentos aceitam artigo e V. Exª e você não aceitam? No início desse assunto mostramos uma maneira prática de saber se substantivos ou pronomes aceitam ou não artigo: iniciar uma frase na **ordem direta** (sujeito + verbo + complemento). Por exemplo:

A *senhorita*/*senhora*/*madame* aceita minhas desculpas?

Agora, você diria "A V. Exª/você aceita minhas desculpas?" ou "V.Exª/você aceita minhas desculpas?". Certamente é a última que seria usada.

Aqui, vale um recado:

Atenção: Os pronomes de tratamento não aceitam artigo, com exceção a senhorita, senhora e madame.

Teríamos, portanto, na frase 13, só a preposição ("Aludiu [a] [x] V. Exª (você)").

Na 14, seguindo o mesmo princípio, Brasília não aceita artigo – *Brasília é a capital do Brasil* ("Fui [a] [x] Brasília"). Na frase 15, os pronomes esta, essa, qualquer e o pronome indefinido uma também não aceitam artigo (forme uma frase, na **ordem direta,** usando esses pronomes na função de sujeito e verá que não vêm com artigo – *Esta*/*Essa*/*Qualquer pessoa inteligente*). *Uma pessoa esteve procurando*, e não A esta/essa/qualquer/uma pessoa esteve te procurando. Só preposição ("Ofereci ajuda [a] [x] esta...")

Na frase 16, a mesma explicação ("Dedicou o prêmio [a] [x] ela"), já que os pronomes pessoais também não aceitam artigo. Logo, se aparece apenas um **a**, não ocorrerá o fenômeno de crase.

Respostas: 11. a; 12. a; 13. a; 14. a; 15. a; 16. a.

17. A diretora ( ) que me referi chegou.

18. A diretora ( ) quem me referi chegou.

19. A escritora ( ) cuja obra me referi ganhou um prêmio.

20. A escritora ( ) a qual admiro ganhou um prêmio.

Comentários:

As frases 17, 18 e 19 exemplificam o uso de pronomes relativos antecedidos de preposição **a**, porque também esses conectivos não admitem a presença de artigo.

Na frase 20, *a qual* não recebe acento grave porque o verbo **admirar** não pede preposição **a** (confronte com a frase **10**, em que o **a** do a qual recebe acento porque o verbo referir-se rege preposição **a**).

Respostas: 17. a; 18. a; 19. a; 20. a qual.

Atenção: Antes do pronome relativo que só haverá acento no a quando o termo anterior pedir preposição a e aparecer um a com valor de demonstrativo, o que dá para perceber com certa facilidade. Veja a frase 7 ("Fiz referência à que gesticulava freneticamente"). Na 17 isso não ocorre ("A diretora aquela que me referi?"). Certamente, numa redação, você não usaria essa construção.

Portanto, vale sistematizar:

Os pronomes relativos e a crase:

1. Ocorrerá crase nos relativos a qual, as quais, se esses pronomes vierem antecedidos de preposição, exigida por um termo (verbo ou nome) que vem após esses relativos. (frase 10)

2. Diante do pronome relativo que, normalmente não há crase, pois esse pronome não admite artigo. O a que vem antes do que é apenas preposição. (frase 17). Entretanto, o pronome relativo que poderá vir antecedido de a acentuado, quando o a(s) for demonstrativo (= aquela). (frase 7)
3. Antes de quem, cujo, cuja, cujos, cujas, jamais ocorrerá crase, pois esses pronomes não aceitam artigo. O a que os anteceder será apenas preposição. (frases 18 e 19)

21. Perdeu o gol cara ( ) cara.

Comentários:

Na frase 21, mais um caso em que nunca se usa acento grave: entre palavras repetidas. Esse a é apenas preposição.

Resposta: 21. a.

Crase proibida:
1. antes de palavra masculina;
2. antes de verbos;
3. antes de pronomes de tratamento, como V.Exª, você, Sua Excelência...; exceto com madame, senhora e senhorita;
4. com nomes de lugar que não aceitam artigo *a*;
5. antes de pronomes demonstrativos *este, esta, esse, essa*;
6. com pronomes indefinidos (*alguém, nenhum...*);
7. antes de artigo indefinido (*um, uma*);
8. entre palavras repetidas.

22. Ofereci ajuda ( ) __ ( ) Maria.

23. Fez menção ( ) ___ ( ) Cecília Meireles.

24. Ofereci ajuda ( ) ___ ( ) minha/sua/nossa amiga.

25. Ofereci ajuda ( ) ___ ( ) minha amiga e não ( ) ___ ( ) sua.

26. Corri até ( ) ___ ( ) sala.

Comentários:

Nas frases de 22 a 26, temos exemplos de uso facultativo do acento grave. São três os casos de uso facultativo:

1º) Antes de nome próprio feminino: podemos usar o artigo ou não.

"A Maria esteve te procurando" ou "Maria esteve te procurando" ("Ofereci ajuda [a] [a] ou [x] Maria")

Antes de nomes ilustres, porém, não aparece artigo.

("Fez menção [a] [x] Cecília Meireles")

2º) Antes de pronome possessivo feminino singular: podemos usar o artigo ou não.

"A minha/sua/nossa amiga chegou" ou "Minha/Sua/Nossa amiga chegou" ("Ofereci ajuda [a] [a] ou

[x] minha/sua/nossa amiga”).

Todavia, antes de possessivo feminino singular com substantivo feminino subentendido, acento obrigatório. Veja:

“Ofereci ajuda [a] [a] ou [x] minha amiga e não [a] [a] sua (amiga)”.

3º) Após a preposição até, é facultativo o uso do acento grave, uma vez que existe até (preposição) e até a (locução prepositiva que termina em a).

Respostas: 22. à ou a; 23. a; 24. à ou a; 25. à ou a; 26. à ou a.

Crase facultativa:
1. antes de nome próprio feminino;
2. antes de pronome possessivo feminino no singular;
3. após a preposição até.

2ª justificativa: casos de locuções femininas
• adverbiais: às vezes, às pressas, à toa, à beça, às duas horas, à mingua...
• prepositivas: à beira de, à espera de, às expensas de, à moda de, à procura de...
• conjuntivas: à medida que, à proporção que.

No início deste capítulo, dissemos que as justificativas para o uso do acento grave são duas. A primeira trata da **contração** da preposição **a** mais artigo definido feminino, pronomes demonstrativos e relativo a qual.

Agora, vamos ao segundo caso: **as locuções femininas.**

Diferentemente do primeiro, aqui não temos de achar dois as. Nas locuções, a questão é semântica, ou seja, aparecem expressões femininas com ideia de tempo, intensidade, modo, lugar, proporção etc.

A sistematização em adverbiais, prepositivas e conjuntivas é por causa da forma: as prepositivas terminam em preposição (à beira de, à moda de, à espera de, à procura de...); as conjuntivas, em conjunção (à medida que e à proporção que).

Já as adverbiais não têm uma terminação característica. Sabemos que são locuções adverbiais por causa dos valores circunstanciais próprios do advérbio (tempo, lugar, intensidade...).

Seguem alguns exercícios comentados.

Use o acento grave nas locuções femininas, quando se exigir.

1. Compro sempre _____ vista, nunca _____ prazo.
2. Gostava de churrasco _____ Osvaldo Aranha.

3. Queria tudo _____ claras.

Comentários:

Não custa nada lembrar: acento nas locuções só se for feminina.

Na frase 1, só a primeira (*à vista*) é locução feminina, pois prazo é vocábulo masculino.

Na 2, embora Osvaldo seja palavra masculina, subentende-se a locução prepositiva feminina à moda de.

Em 3, às claras é uma locução adverbial feminina de modo.

Respostas: 1. à vista/a prazo; 2. à Osvaldo Aranha; 3. às claras.

4. Vivia _____ espera de um milagre.

5. Saiu _____ cinco horas _____ fim de ver um filme.

Comentários:

Na frase 4, a locução prepositiva (*à espera de*) é formada por palavra feminina. Em 5, na primeira ocorrência, a locução adverbial é feminina indicando tempo, mas na segunda ocorrência há uma locução prepositiva representada por palavra masculina – *fim*.

Respostas: 4. à espera de; 5. às cinco horas/a fim de.

6. Chegou _____ uma hora e saiu _____ oito.

7. Estou aqui desde _____ três horas.

Comentários:

Na frase 6, as locuções são representadas por palavra feminina – *hora*. No entanto, se as expressões de hora vierem antecedidas de preposição (após, desde), não haverá acento (frase 7).

Respostas: 6. à uma hora/às oito (horas); 7. desde as três horas.

8. Sentia-se mais _____ vontade _____ medida que ia se aproximando da reta final.

9. _____ medida que tomaste desagradou a todos.

Comentários:

Na frase 8, temos, respectivamente, uma locução adverbial feminina e uma locução conjuntiva feminina com ideia de proporção.

Repare que na frase 9 não há mais a ideia de proporção. Temos aí medida funcionando como sujeito de desagradou:

"A medida que tomaste desagradou a todos".

(suj.) or. adjetiva

Respostas: 8. à vontade/à medida que; 9. A medida.

10. _____ vezes, ela faz _____ vezes do professor.

11. Fez a prova _____ lápis.

12. Andei _____ cavalo pela fazenda.

13. _____ beira do rio, admirava o quadro _____ óleo que acabara de pintar.

14. Comia, _____ pressas, um angu _____ baiana.

Comentários:

Na frase 10, só na primeira ocorrência é que há ideia circunstancial de tempo (às vezes = de vez em quando).

Na segunda passagem, essa expressão funciona como objeto direto de **faz** ("ela faz as vezes"), não possui valor adverbial, *"ela faz algo* (= as vezes)*"*

Nas frases 11 e 12, as locuções são masculinas (lápis, cavalo). Na 13, a locução prepositiva é feminina (beira), mas a palavra *óleo*, na segunda passagem, é masculina.

Na frase 14, as duas locuções são adverbiais femininas.

Respostas: 10. Às vezes/as vezes; 11. a lápis; 12. a cavalo; 13. À beira de/a óleo; 14. às pressas/à baiana.

Observações finais:
a) Antes das palavras CASA e TERRA (em oposição a *bordo*) não ocorrerá o acento.
Exemplos:
Retornaram rapidamente a casa.
Quando o navio atracou pudemos ir a terra.
No entanto, se vierem determinadas, haverá o acento:
Retornaram rapidamente à casa dos pais.
Iria à terra dos avós.
b) Não se usa o acento grave no a antes de palavras tomadas em sentido geral.
Exemplos:
Este pano cheira a gasolina. (Este pano cheira a álcool.)
Ela se candidatou a deputada. (Ele se candidatou a deputado.)

Repare que ao trocar por palavra masculina não aparece artigo ("cheira a álcool e não ao álcool/se candidatou a deputado e não ao deputado"), logo não aparecerá artigo antes do nome feminino.

Reconhecemos que esse caso não é de fácil percepção, mas a boa notícia é que raríssimas são as questões de concurso público que exploram esse caso. Mais um exemplo:

Viso a melhores condições de trabalho.

Esse é o caso mais comum de palavra tomada em sentido geral: usar a preposição a antes de substantivo no plural. A ausência do artigo definido *as* confirma essa indeterminação.

Marque V ou F para os casos de crase abaixo. Nas situações de crase, indique a justificativa para o acento.

1. ( ) Ele fez referência a tarefa feita por nós.

Comentários: O substantivo *referência* pede preposição *a*. A palavra *tarefa* aceita artigo.

Resposta: a frase está errada, falta o acento.

2. ( ) Traçou uma reta oblíqua a do centro.

Comentários: O adjetivo *oblíqua* exige a preposição *a*. E essa preposição vai-se encontrar com o pronome demonstrativo *a* (= *aquela*) que vem antes de *do centro* (Traçou uma reta oblíqua *a* + *a do centro*).

Resposta: a frase está errada. Falta o acento.

3. ( ) Não conheço as que saíram.

Comentários: O verbo *conhecer* é transitivo direto, não pede preposição. A palavra *as* é só pronome demonstrativo (= *aquelas*).

Resposta: a frase está certa, não há fenômeno da crase.

4. ( ) Ele se referia as que saíram.

Comentários: O verbo *referir-se* é transitivo indireto, pede preposição *a*. E essa preposição vai-se encontrar com o pronome demonstrativo *as* (= *aquelas*), que vem antes da oração *que saíram* (Ele se referia *a* + *as que saíram*).

Resposta: a frase está errada, falta o acento.

5. ( ) Apresentou-lhe a esposa.

Comentários: O verbo *apresentar*, aqui, é transitivo direto e indireto e vem seguido de dois objetos: o indireto, sob a forma de pronome (*lhe*) e o direto (*a esposa*). Ora, se *a esposa* é objeto direto, não há que se iniciar com preposição e, sem ela, não ocorre o fenômeno da crase. O *a* que aparece na frase é artigo.

Resposta: a frase está certa.

6. ( ) Era uma camisa semelhante a que o diretor usava.

Comentários: O adjetivo *semelhante* exige a preposição *a*. E essa preposição encontra-se com o pronome demonstrativo *a (= aquela)*, antes do relativo *que* (*Era uma camisa semelhante a + a que o diretor usava*).

Resposta: falta o acento.

7. ( ) Ele não obedecia aquele regulamento.

Comentários: *Quem obedece, obedece a alguém,* ou *a alguma coisa*. O verbo *obedecer* é transitivo indireto e vem acompanhado da preposição *a*. E essa preposição encontra-se com o *a* que inicia o pronome demonstrativo *aquele*.

Resposta: a frase está errada, deveria vir com o acento.

8. ( ) Ele desconhecia aquele regulamento.

Comentários: O verbo *desconhecer* é transitivo direto, não exige preposição. Daí o fato de o pronome demonstrativo *aquele* não ter de vir com o acento grave.

Resposta: a frase está certa.

9. ( ) Não me refiro aquilo.

Comentários: *Referir-se* é transitivo indireto, e vem acompanhado da preposição *a*. E essa preposição *a* encontra-se com o *a* do demonstrativo *aquilo*. Falta o acento de *aquilo*.

Resposta: a frase está errada.

10. ( ) Esta é a lei a qual fiz alusão.

Comentários: Atenção: trata-se de regência com pronome relativo. Organize a frase que vem após o pronome relativo. Colocando-a na ordem direta, teremos: "(Eu) fiz alusão a + a qual". Ora, daí o erro.

Resposta: falta o acento do relativo <u>a qual</u>.

11. ( ) Esta é a lei a qual desconhecia.

Comentários: Agora, temos só o pronome relativo *a qual*. O verbo *desconhecer* não exige preposição, é transitivo direto.

Resposta: a frase está certa. Não há crase.

12. ( ) Esta é a mulher a quem fiz referência.

Comentários: Organizando a frase que vem após o relativo, teríamos "(Eu) fiz referência a". Só que essa preposição que o substantivo *referência* exige não se encontra com nenhum outro *a*, pois o

pronome relativo *quem* não aceita artigo.

Resposta: a frase está certa, o a de *a* quem é só preposição.

13. ( ) Ele se dedica a empresa, respeita a hierarquia e obedece as leis.

Comentários: Observe que o grande segredo do uso da crase é saber regência. O verbo *dedicar-se* é transitivo indireto. Logo, exige a preposição *a*, que vai-se encontrar com o artigo *a* de empresa. Por isso, o primeiro erro: falta o acento. Já o verbo *respeitar* é transitivo direto, não pede preposição: o *a* que vem antes de *hierarquia* é só artigo. Quanto a isso, a frase está certa. Já o verbo *obedecer* exige preposição *a*, é transitivo indireto. E a preposição *a* encontra-se com o artigo *as* que antecede *leis*. Mais uma vez, falta o acento.

Resposta: a frase reescrita de forma correta ficaria assim: *Ele se dedica à empresa, respeita a hierarquia e obedece às leis*.

14. ( ) Nas próximas férias, iremos a Suécia, a Bélgica e a Portugal.

Comentários: Com nome de lugar, mais uma dica: utilize o verbo *voltar* seguido do nome do lugar para ver se o artigo aparece. Assim, teríamos: *voltei da Suécia, da Bélgica e de Portugal*. Ora, *Suécia* e *Bélgica* admitem artigo a, mas *Portugal* não.

Resposta: a frase está errada, faltam dois acentos graves. Reescrita de forma correta, a frase ficaria assim: "Nas próximas férias, iremos à Suécia, à Bélgica e a Portugal".

15. ( ) Viajaremos a Londres e a Roma do Coliseu.

Comentários: *Londres* não admite artigo *a*: "Voltei de Londres". A palavra *Roma*, se estivesse sozinha na frase também não admitiria ("Voltei de Roma"); só que aqui se fala *da Roma do Coliseu*. O nome de lugar está seguido de determinante, por isso deve vir antecedido de artigo. Faltou o acento grave antes de *Roma*.

Resposta: a frase está errada.

16. ( ) As vezes, o pessoal sai as escondidas.

Comentários: Duas locuções femininas: uma adverbial de tempo (*às vezes*) e outra adverbial de modo (*às escondidas*). As duas, portanto, deveriam vir acentuadas.

Resposta: a frase está errada.

17. ( ) A reunião vai das cinco as seis horas.

Comentários: Observe o paralelismo estrutural que se criou na frase: antes da palavra *cinco*, tem-se a contração da preposição *de* e o artigo *as*. Antes da palavra *seis*, o mesmo não ocorreu: a preposição *a* deveria ter-se contraído ao artigo *as*. Está faltando, portanto, o acento. O certo seria dizer: "A reunião vai das cinco às seis horas".

Resposta: frase errada.

18. ( ) A reunião vai durar de cinco a seis horas.

Comentários: Trata-se de intervalo de tempo. Antes da palavra *cinco* só aparece a preposição *de*. Antes da palavra *seis*, então, só deve aparecer a preposição *a*.

Resposta: a frase está certa.

19. ( ) Só as primeiras horas da noite pôde assistir a cerimônia.

Comentários: Falta o acento da locução adverbial de tempo *às primeiras horas da noite*. Além disso, o verbo *assistir*, que é transitivo indireto, exige a preposição *a*, que se encontra com o artigo que antecede o substantivo *cerimônia*. Falta também o acento.

Resposta: a frase, reescrita de forma correta, seria: "Só às primeiras horas da noite pôde assistir à cerimônia".

20. ( ) Ao sair, bata a porta.

Comentários: O verbo *bater*, aqui, é o mesmo que *fechar*, é transitivo direto. Logo, não vem seguido da preposição **a**. O **a** que aparece antes do substantivo porta é só artigo.

Resposta: a frase está certa.

21. ( ) Ele só chegará a uma hora.

Comentários: Trata-se de locução feminina adverbial de tempo. Assim como às duas horas, às três horas, à zero hora etc. Falta o acento.

Resposta: frase errada.

22. ( ) Você deve correr até à árvore.

Comentários: Crase facultativa. Após a preposição *até*, a preposição *a* é facultativa.

Resposta: a frase está certa e poderia ter vindo também sem acento.

23. ( ) Ele está aqui desde às dez horas.

Comentários: A locução adverbial de tempo já foi iniciada com uma preposição *desde*, por isso, não

aceita outra preposição *a*.

Resposta: a frase está errada, o que deveria ter vindo após a preposição *desde* é apenas o artigo *as*.

24. ( ) O diretor fazia alusão a aluna alguma.

Comentários: O substantivo *alusão* pede preposição, mas o substantivo *aluna* vem seguido de um pronome indefinido *alguma*, que lhe dá um sentido vago, indefinido. Por isso, o artigo é proibido.

Resposta: a frase está certa. O a que aparece antes de *aluna* é preposição.

25. ( ) Meu médico me proibiu de ir à festa, batizado, casamento.

Comentários: O verbo *ir* veio adequadamente seguido da preposição *a*, indicando destino, lugar. Mas a palavra *festa* está tomada em sentido geral. Observe que, na sequência, vieram outros substantivos com sentido genérico (*todo tipo de festa, batizado, casamento*...). O artigo, portanto, é proibido.

Resposta: a frase está errada.

19.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

Vamos fixar? Após fazer os exercícios, confira seu gabarito!

I. Complete com a, à, as ou às.

1. Estava habituada ____ insondável capacidade de assombro do marido.
2. Os universitários leem como se assistissem ____ televisão com um controle remoto.
3. Os bancos oferecem linhas de crédito direto ao consumidor com taxas bem inferiores ____ do comércio.
4. ____ essa hora estou dormindo, respondeu-me ela.
5. ____ uma da tarde estava solucionado o problema.
6. O aceno antigo era por uma adesão equivocada, mas movida ____ utopia.
7. Uma torneira pingando pode deixar escoar 150 litros de água ____ cada 24 horas.
8. Quem recicla ajuda ____ diminuir a montanha de lixo.
9. Não se referiram ____ qualquer reforma mas ____ de 1971.
10. ____ língua deve-se querer como ____ pátria.
11. Tudo se recolhe: lata ____ lata vai-se juntando material reutilizável.
12. A discussão era ____ propósito de reformas ortográficas.
13. Supermercados que recebem embalagens plásticas dão em troca roupas para serem doadas ____

instituições de caridade.

14. ____ semelhança do que ocorre em outros países, o Brasil ainda não tem infraestrutura para testes em larga escala.

15. Os voluntários necessários serão escolhidos ____ critério das instituições envolvidas no projeto.

16. Proponho ____ Vossa Senhoria dar, àqueles que se destacarem, oportunidades de promoção; porém espero que tal promoção não se restrinja ____ pessoas do primeiro escalão, mas aplique-se ____ todos os funcionários da casa.

17. Os voluntários deverão responder ____ perguntas de um questionário sobre seu comportamento sexual.

18. As normas jurídicas devem corroborar ____ manifestações do povo.

19. As normas jurídicas devem anuir ____ manifestações do povo.

20. O voluntário deverá informar ____ pessoas responsáveis pela pesquisa todas as reações surgidas em decorrência do tratamento.

21. Ela deve dar ____ luz em junho.

22. Mulher: todos os dias elas dão ____ luz um mundo melhor.

23. A prova teve início após ____ oito horas.

24. Saí de casa ____ uma hora ____ fim de ir ____ praia.

25. São serviços essenciais ____ essa população.

26. São serviços essenciais ____ toda e qualquer população.

27. São serviços essenciais ____ nossa população.

28. São serviços essenciais ____ nossas cidades.

29. Um jornal noticiou há dois meses que dali ____ três semanas os cidadãos teriam acesso ____ novas tecnologias que ligariam ____ América ____ Europa ____ uma velocidade equivalente ____ da luz.

30. Está em exame na Casa Civil anteprojeto de lei que instituirá um sistema de incentivo ____ redução dos acidentes e de punição das empresas que submetem seus trabalhadores ____ risco. ____ intenção é reduzir pela metade ou dobrar ____ alíquotas de contribuição para cobertura de acidentes trabalhistas, dependendo do caso. Uma empresa que esteja abaixo da média nacional de acidentes, por exemplo, pode vir ____ pagar menos. O contrário acontecerá ____ empresa que tiver

registrado número de acidentes muito acima da média do seu setor. Ela poderá ter ____ alíquota duplicada.

31. Completamente excluídos das engrenagens de desenvolvimento da sociedade, os miseráveis são reduzidos ____ uma condição subumana. Seu único horizonte passa ____ ser ____ luta feroz pela sobrevivência. No lixão de Valparaíso, ____ poucos quilômetros de Brasília, há gente disputando os restos com os animais.

Gabarito: 1. à; 2. à; 3. às; 4. A; 5. À; 6. A(1); 7. a; 8. a; 9. a; à; 10. À; à; 11. a; 12. a; 13. a ou às; 14. À; 15. a; 16. a; a ou às; a; 17. a ou às; 18. as; 19. às; 20. às; 21. à(2); 22. à(2); 23. as(3); 24. à; a; à; 25. a; 26. a; 27. a ou à (facultativo); 28. às; 29. a; às ou a; a; à; a; à; 30. à; a; A; as; a; à; a; 31. a; a; a; a.

19.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Finalmente, as questões de concursos comentadas.

1. (Fundec/Técnico – TRT) No trecho "entidade vinculada à Delegacia Regional do Trabalho do Rio Grande do Sul", está corretamente empregado o acento indicativo da crase, fato que não ocorre em:

a) Os trabalhadores recorreram à todas as instâncias para garantir seu direito.

b) Proibiam sempre às mesmas crianças que permanecessem nas ruas.

c) Só era permitido às crianças trabalhar durante o dia.

d) O governo deixava as crianças jogadas à própria sorte.

e) À falta do que fazer, os menores invadiam as ruas da cidade.

Comentários:

Na letra A, além de *todas* estar no plural e o *a* aparecer no singular, esse pronome é *indefinido*, o que proíbe o uso do acento no *a* por não se usar artigo definido *a* antes de pronomes indefinidos.

Em B, C e D, os termos *proibiam, permitido* e *jogadas* regem preposição *a* e as palavras femininas que se seguem *(crianças* e *sorte*) aceitam artigo feminino *a*. Na opção E, o acento ocorre por *à falta de* ser locução prepositiva feminina. Repare: em B, C e D, há exemplos de **contração** de preposição *a* + artigo feminino *a*; em E, caso de **locução feminina.**

Resposta: A.

2. (Fundec) A alternativa em que NÃO pode ocorrer o fenômeno da crase é:

a) Ninguém respondeu até hoje <u>as</u> perguntas sobre o assunto.

b) Só mesmo um deus perdoaria <u>a</u> seus flagelados.

c) Ele acabou obedecendo a vontade de seus pais.

d) Tais medidas visam a segurança de todos.

e) Cheguei a Itália em plena primavera!

Comentários:

O comando da questão pede para se assinalar a alternativa em que **não** se deve usar o acento grave. Na opção A, teríamos em "responder às perguntas", o encontro da preposição *a* (*respondeu a*) com o artigo feminino *as* (*as perguntas*). Em B, não haveria acento, pois aquele *a* não pode receber acento, já que *flagelados*, além de ser vocábulo masculino, está no plural. Portanto, o *a* em "a seus flagelados" é apenas preposição.

Em C, D e E, os verbos *obedecer*, *visar* e *chegar* regem preposição *a* e as palavras *vontade*, *segurança* e *Itália* aceitam artigo *a*.

Resposta: B.

3. (FCC) A crase deverá ser empregada na seguinte alternativa:

a) As cidades as quais me refiro são estâncias turísticas.

b) Os alunos a quem me dirijo são inteligentes.

c) Encaminharei o discurso a Vossa Senhoria.

d) O documento visava a elucidar dúvidas.

e) Trata-se de pintura a óleo.

Comentários:

Na letra A, aparece o relativo *as quais*. Como vimos na teoria, com esse pronome, se na sequência, algum termo pedir preposição *a*, haverá o acento (em "às quais me refiro", o verbo *referir-se* pede preposição *a*).

Nas outras opções, só aparece a preposição *a,* pois *quem, Vossa Senhoria, elucidar* e *óleo* não pedem artigo definido feminino.

Resposta: A.

4. (FCC) _____ beira do leito, assistiu _____amiga. Hora _____hora, minuto _____minuto, sempre _____espera de um milagre.

a) A – à – à – a – à

b) À – a – a – a – à

c) A – a – a – a – à

d) A – a – à – à – à

Comentários:

Na passagem *à beira do leito*, temos uma locução prepositiva feminina. Em *assistiu à/a amiga*, como o verbo *assistir* (= dar assistência) pode ser transitivo direto ou indireto, a preposição *a* poderia aparecer ou não ("assistiu à amiga" ou "assistiu a amiga").

Entre palavras repetidas, não haverá jamais acento no *a* (*hora a hora/minuto a minuto)*. Por fim, em *à espera de*, tem-se mais uma locução prepositiva feminina.

Resposta: B.

5. (FCC) O poeta aspirava _____ felicidade, mas sem _____ volta da amada ele não _____ obteria. A afirmativa que completa corretamente as lacunas da frase acima é:

a) A – À – A

b) À – A – A

c) A – À – À

d) À – A – À

e) À – À – À

Comentários:

Na passagem *aspirava à felicidade*, o verbo *aspirar* (= desejar, almejar) pede preposição *a* e *felicidade* é palavra feminina que aceita artigo *a*. Em *sem a volta*, esse *a* é apenas artigo, já que nenhuma palavra anterior pede preposição *a*, o que aparece é a preposição *sem*. Já o *a* de *ele não a obteria* é pronome pessoal oblíquo, que retoma o substantivo *felicidade*.

Resposta: B.

6. (FCC) Disposto _____ recomeçar, o auxiliar judiciário referiu-se _____ palavras de apoio que ouviu, _____ entrada do serviço.

a) à – às – a

b) à – às – à

c) a – as – a

d) a – às – à

e) a – as – à

Comentários:

Em *Disposto a recomeçar*, *recomeçar* é verbo, portanto, não aceita artigo. Já em *referiu-se às palavras*, *referir-se* rege preposição *a* e *palavras,* substantivo feminino, aceita artigo feminino plural. Na expressão *à entrada do serviço*, há uma locução prepositiva feminina *à entrada de.*

Resposta: D.

7. (FCC) Ele aprendeu ____tempo que a obediência ____ leis dignifica o cidadão devotado ____ pátria.

a) há – as – a

b) a – às – a

c) há – as – à

d) à – às – à

e) há – às – à

Comentários:

No início do período, temos uma passagem em que aparece uma expressão que indica tempo decorrido, passado. Logo, não usaremos a preposição *a*, e sim o verbo *haver*, para mostrar essa ideia. Em *obediência às leis*, o nome *obediência* pede preposição *a* e *leis* aceita artigo feminino plural *as,* o que também ocorre em *devotado à pátria* (*devotado a + a pátria*).

Resposta: E.

8. (Senado – Analista) "É sabido que a terra não pertence aos índios; antes, são eles que pertencem à terra." No período acima, utilizou-se corretamente o acento indicativo de crase antes da palavra terra. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.

a) Voltarei à terra natal.

b) A sonda espacial retornará em breve à Terra.

c) Quando chegamos à terra, ainda sentíamos em nosso corpo o balanço do mar.

d) Eu me referia à terra dos meus antepassados.

e) Havendo descuido, a areia será misturada à terra.

Comentários:

Sabemos que *terra*, com o sentido de *chão firme*, fazendo oposição a *bordo,* não aceita artigo, por isso não pode vir antecedida de *a* com acento indicativo de crase, mas, em todos os outros sentidos, a

palavra *terra* poderá vir antecedida de crase (se vier seguida de expressão determinante, se for o planeta Terra etc.).

Na frase do enunciado, *terra* não vem com esse sentido de oposição a bordo, tem o sentido de *solo*, *território*. Por isso, como o verbo *pertencer* é transitivo indireto e a palavra *terra* aceita artigo, houve a crase. A banca pedia a única alternativa com erro.

Nas letras A e D, a palavra *terra* vem especificada, seguida respectivamente dos determinantes *natal* e *dos meus antepassados*. Por isso, nas duas alternativas, *terra* aceita artigo e veio antecedida de *a* com acento indicativo de crase.

A letra B também está correta, já que o verbo *retornar* pede a preposição *a* indicando direção e o substantivo *Terra* (planeta) aceita artigo a.

Na letra C, *terra* vem com o sentido contrário a bordo, o que se pode perceber pela continuidade da frase ("... o balanço do mar"). Logo, embora o verbo *chegar* deva vir seguido da preposição *a* indicando direção, destino, o substantivo *terra* não aceita artigo. Por isso, o acento veio de forma indevida.

Na letra E, o verbo *misturar* vem seguido da preposição *a* e a palavra *terra* aceita artigo, já que não vem com o sentido contrário a bordo, como ocorreu na alternativa C.

Resposta: C.

9. (Cesgranrio/Petrobras – Bio) O sinal indicativo de crase deve ser usado somente no **a** presente em:

a) Mas a dor de dente pode passar a ser um problema.

b) Os pais costumam levar a seus filhos a obrigação de serem felizes.

c) Não se deve dar importância a chamada da capa da revista.

d) Os livros publicados por universidades devem ser levados a sério.

e) O dinheiro não traz a felicidade que se imagina, quando se luta por ele.

Comentários:

Na letra A, não há crase em nenhuma das ocorrências do vocábulo *a:* o primeiro *a* é artigo do substantivo *dor* e o segundo *a* é preposição que liga verbos de uma locução verbal (já que verbo não pode vir antecedido de artigo *a*).

Na letra B, o verbo levar é transitivo direto e indireto: vem com o objeto direto (*a obrigação de serem felizes*) e indireto (*a seus filhos*). Apesar de o verbo pedir a preposição *a*, o pronome

possessivo masculino *seus* não admite artigo feminino. Daí na letra B não ocorrer a crase. Além disso, o outro *a* que aparece na frase é artigo de *obrigação*.

Já na letra C, o verbo *dar* pede dois complementos: um objeto direto (*importância*) e outro indireto (*à chamada da capa de revista*). Além disso, o substantivo *chamada* aceita artigo *a*. Portanto, o sinal indicativo de crase deveria estar presente na frase.

Na letra D, *a sério* é locução adverbial masculina, portanto, não aceita crase. E, na letra E, o verbo *trazer* é transitivo direto e não pede a preposição *a*. O *a* que aparece antes de *felicidade* é apenas artigo.

Resposta: C.

10. (FCC/PGE) Uma floresta secundária apresenta, segundo estudo recente, biodiversidade semelhante ____ da floresta original, embora haja especialistas que contestam o fato de que as matas da segunda geração evoluam de modo ____ garantir as condições ideais de sobrevivência ____ cada uma das espécies.

As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas por:

a) à – a – à

b) à – a – a

c) a – à – a

d) à – à – a

e) a – à – à

Comentários:

O adjetivo *semelhante* rege preposição *a*. E essa preposição se encontra com o pronome demonstrativo *a* (= aquela) em *da floresta original*. Assim, o que temos é *biodiversidade semelhante a + a da floresta original*. Logo, o primeiro *a* é com acento.

A locução prepositiva *de modo a* termina com a preposição *a,* mas o verbo garantir não aceita artigo feminino *a*. Portanto, o segundo *a* não vem com acento grave.

O verbo *garantir* nessa frase é transitivo direto e indireto, e vem seguido do objeto direto *as condições ideais de sobrevivência* e do objeto indireto *a cada uma das espécies*. Ora, ainda que o verbo peça a preposição *a*, antes do seu objeto indireto, o pronome indefinido *cada* não aceita artigo definido *a*. Por isso, o terceiro *a* do período também não vem com acento grave.

Resposta: B.

11. (FCC/DPE – SP – Superior) A presença do sinal indicativo de crase ou sua ausência estão inteiramente corretas na frase:

a) A publicidade, destinada a convencer pessoas à consumir determinados produtos, deve respeitar às normas morais vigentes na sociedade.

b) Peças publicitárias, vistas como obras de arte, não deveriam estar sujeitas à certos padrões sociais de comportamento.

c) A publicidade objetiva atingir à um público consumidor, a quem uma marca deverá ser ou parecer mais atraente do que a outra.

d) Destinadas as pessoas que tenham poder aquisitivo, algumas propagandas apelam à estilos de vida mais elegantes e charmosos.

e) A propaganda destina-se a convencer pessoas à escolha de um determinado produto, percebido como superior a outro.

Comentários:

Segundo o enunciado, a banca quer a alternativa correta, ou seja: todas as alternativas, exceto uma, possuem erro, ou quanto ao *uso* da crase ou quanto à sua *omissão*.

A letra A apresenta um erro por *uso* do sinal indicativo da crase. O verbo *convencer* é transitivo direto e indireto e pede a preposição *a*, mas o verbo *consumir* não aceita artigo feminino *a*. Por isso, o uso do acento foi indevido.

A letra B também está errada: o adjetivo *sujeitas* rege preposição *a*, mas o pronome indefinido *certos*, além do fato de ser um pronome indefinido, está no masculino plural e, por tudo isso, não aceita artigo definido feminino singular *a*. A letra B tem, portanto, erro pela *presença* da crase.

A letra C apresenta o verbo *atingir* seguido da preposição *a*, mas *público consumidor* vem antecedido de artigo indefinido *um*, não aceitando, portanto, artigo feminino singular *a*. Erro na alternativa pelo *uso* indevido do acento indicativo de crase.

Já a letra D apresenta erro por um motivo diverso das demais alternativas: o adjetivo *destinadas* rege preposição *a* e o substantivo *pessoas* aceita artigo *as*. Falta, portanto, o acento em *as* (*Destinadas a + as pessoas*): o erro aqui é pela *ausência* do acento. Além disso, logo a seguir vem outro erro: o verbo *apelar* nessa frase é transitivo indireto e vem seguido da preposição *a*, mas o substantivo *estilos* não

aceita artigo *a*. Mais um erro, dessa vez pelo *uso* indevido. Dois erros, portanto, na letra D: pela omissão do acento em *as pessoas* e pelo uso inadequado em *à estilos de vida.*

A letra E está correta: o verbo *destinar-se* é transitivo indireto, mas o verbo *convencer* não aceita artigo *a*. Na continuidade da frase, mais um acerto: o verbo *convencer* é transitivo direto e indireto; vem com o objeto direto (*pessoas*) e indireto (*à escolha de um determinado produto*). Já que ele pede a preposição *a* e o substantivo *escolha* aceita artigo *a,* o acento indicativo de crase foi corretamente utilizado. Além disso, o adjetivo *superior*, embora exigisse a preposição *a,* o pronome indefinido *outro* não aceitava artigo *a*. Por isso, em *superior a outro* a ausência do sinal indicativo da crase foi correta. Na alternativa E, as três ocorrências do vocábulo *a* estavam corretas.

Resposta: E.

12. (Esaf) Assinale o item cujas lacunas devem ser preenchidas pela sequência Há-A-À.

a) Daqui _____ alguns dias, _____ diretora apresentará _____ algumas pessoas o programa.

b) _____ vários exemplares de livros _____ disposição dos que _____ secretaria indicar.

c) _____ melhor colocação receberá _____ recompensa _____ que tem direito.

d) _____ dois dias, _____ prova chega _____ banca.

e) _____ tempos, vem _____ jovem visando _____ colocação digna de seus méritos.

Comentários:

Letra A: locução prepositiva *daqui a* + *alguns dias*. O pronome indefinido *alguns* não aceita artigo definido *a*. Em *a diretora*, esse *a* é só artigo (*a diretora* é sujeito do verbo *apresentar*). Em *a algumas pessoas*, o *a* é preposição que rege o verbo *apresentar*, já que o pronome indefinido *algumas* também não aceita artigo. Logo, a sequência correta dessa alternativa é A-A-A;

Letra B: em *há vários exemplares de livros*, tem-se o verbo *haver*. Em *à disposição dos que*, tem-se a locução prepositiva *à disposição de*, que, por ser feminina, deve vir acentuada. Já em *a secretaria indicar*, esse *a* é artigo, já que *a secretaria* é sujeito de indicar e, por isso mesmo, não pede preposição. A sequência correta aqui seria: HÁ-À-A.

Letra C: em *A melhor colocação* o *a* é artigo, pois *a melhor colocação* é sujeito do verbo *receberá.* O *a* de *a recompensa* também é artigo já que o verbo *receber* é transitivo direto e não rege preposição. Em *a que tem direito*, esse *a* é preposição exigida pelo substantivo *direito*. Como o pronome relativo *que* não aceita artigo *a,* esse *a* é sem acento. Aqui, teríamos: A-A-A.

Letra D: o verbo *chegar* está no presente do indicativo, mas tem valor de futuro. Logo, a expressão *a dois dias* indica tempo futuro e não tempo decorrido, como muitos que fizeram a prova pensaram. Se fosse tempo decorrido, seria o verbo *haver*, mas como é tempo futuro, deve-se usar a preposição *a*. Já o *a* de *a prova* é artigo definido, pois *a prova* é sujeito do verbo *chegar*. Por fim, em *chega à banca*, tem-se a contração da preposição *a* do verbo *chegar* com o artigo *a* do substantivo *banca*. Sequência correta da letra D: A-A-À.

Letra E: agora sim, tem-se ideia de tempo decorrido. A expressão *há dois dias* deve vir com o verbo *haver*. Em *a jovem*, o *a* é artigo definido do sujeito *a jovem*. Já em *visando à colocação*, o verbo *visar* (= almejar) rege preposição *a* e o substantivo *colocação* aceita artigo feminino *a*. Sequência para a letra E: HÁ-A-À.

Resposta: E.

13. (AFC-Esaf) Indique a sequência que preenche corretamente as lacunas indicadas com (____).

De uma forma mais genérica, _____ que substituir _____ imagem centralizada e que tende _____ uniformidade de indivíduo cidadão possuidor de alguns direitos e submetido _____ deveres igualmente abstratos, isto é, desligados das circunstâncias sociais e culturais reais, o que reduz a vida social _____ relações do indivíduo e do Estado, pela imagem invertida de uma relação _____ mais direta possível entre a identidade pessoal ou coletiva e o universo aberto da técnica, das redes de comunicações e dos mercados.

a) há, a, à, a, às, a.

b) à, à, a, à, as, a.

c) há, à, a, à, às, a.

d) a, à, à, a, às, a.

e) a, há, à, a, as, a.

Comentários:

Na expressão *há que substituir*, temos o verbo *haver*, que compõe uma locução verbal junto ao verbo *substituir* (é o mesmo que *deve substituir*). Em *a imagem centralizada*, o *a* é apenas artigo definido de *imagem,* pois o verbo *substituir* não rege preposição, é transitivo direto. Em *tende à uniformidade*, tem-se o encontro da preposição do verbo *tender* com o artigo definido *a* de *uniformidade*. O adjetivo *submetido,* no entanto, pede preposição *a,* mas o substantivo masculino

plural *deveres* não aceita artigo definido *a*. Já em *reduz a vida social às relações*, tem-se o encontro da preposição *a*, exigida pelo verbo *reduzir*, que é transitivo direto e indireto, com o artigo *as* de *as relações* (*reduz a* + *as relações*). No trecho *uma relação a mais direta possível*, o *a* é artigo definido da expressão *a mais possível,* que estudamos em concordância nominal: por isso, não deve receber acento grave.

Resposta: A.

14. (NCE/TRF) ... não seguem a instrução à risca...; o item abaixo que mostra o acento grave indicativo da crase pela mesma razão da que o justifica no segmento destacado é:

a) As crianças não devem dormir à noite com luz acesa.

b) O pediatra recomenda às mães que apaguem a luz.

c) A criança não tem direito à luz no corredor.

d) O pai deve ficar atento à miopia dos filhos.

e) A pesquisa e útil à pediatria.

Comentários:

Eis uma questão que não busca erro nem acerto quanto ao uso do sinal indicativo de crase, apenas quer que o candidato explique o porquê da utilização do acento. Ora, na teoria, vimos que só existem duas justificativas para o uso do acento grave: pelo fenômeno (o encontro de um *a* com outro *a*) ou pela locução (o acento das locuções femininas).

O acento da expressão *à risca*, do exemplo que consta no enunciado, justifica-se por ser ela uma locução adverbial feminina. Assim, o candidato deveria buscar uma frase que apresentasse a mesma explicação para o acento indicativo de crase.

Na letra A, *à noite* é locução adverbial feminina, por isso veio acentuada. Na letra B, tem-se o encontro da preposição *a* exigida pelo verbo transitivo direto e indireto *recomendar* com o artigo *as* de *as mães*. Na letra C, o substantivo *direito* rege preposição *a* e o substantivo *luz* aceita artigo *a*. Na letra D, é o adjetivo *atento* que rege a preposição *a* e a palavra *miopia* aceita artigo *a*. Na letra E, também ocorre o encontro da preposição *a*, exigida pelo adjetivo *útil*, com o artigo *a* do substantivo *pediatria.*

Logo, as letras B, C, D e E apresentam acento indicativo de crase em função de fenômeno fonético. Apenas a letra A apresenta uma locução feminina acentuada.

Resposta: A.

A seguir, questões da banca Cespe-UnB sobre regência e crase. Julgue cada assertiva como certa ou errada. Os comentários vêm abaixo de cada item. Vamos lá!

(MTE – Cespe) Julgue as alternativas a seguir, de acordo com seus respectivos textos:

Assim, poderemos assegurar seu maior acesso à terra, às fontes de trabalho, à melhor qualidade de vida, à educação, à saúde, à habitação e a outros serviços básicos.

15. Na enumeração feita, o trecho "a outros serviços básicos" poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: *à outros serviços básicos*, ou seja, com sinal indicativo de crase.

Comentários:

Ainda que o substantivo *acesso* exija a preposição *a*, o pronome indefinido *outros* não aceita artigo *a,* por ser indefinido e por estar no masculino plural.

Resposta: por isso, a assertiva está errada.

"Não conseguia dormir direito por não conseguir juntar dinheiro sequer para retornar à minha cidade e rever a família", relatou.

16. O sinal indicativo de crase em "retornar à minha cidade" é facultativo e a sua omissão preservaria os sentidos do texto e a correção das estruturas linguísticas.

Comentários:

O verbo *retornar*, de fato, deve vir seguido da preposição *a*, indicando direção, destino, e o pronome possessivo singular *minha* tem artigo facultativo. Logo, o acento grave é facultativo: sua presença ou sua ausência não implicaria erro gramatical nem mudança de sentido da frase.

Resposta: a assertiva está certa.

Em 2009, a economia brasileira deverá crescer 2,59%, resultado bem abaixo do esperado para a alta do PIB em 2008, de 5,6%. Esta é a projeção da mais recente pesquisa de projeções macroeconômicas e expectativas de mercado, feita mensalmente pela Federação Brasileira de Bancos (Febraban) junto a analistas de 33 instituições.

17. No trecho "junto a analistas de 33 instituições", poderia ter sido empregado o sinal indicativo de crase em "a", pois se trata de caso em que esse emprego é facultativo.

Comentários:

Em *junto a analistas*, tem-se a locução prepositiva *junto a* que, por sua vez, vem seguida de substantivo masculino plural, que não aceita artigo *a*. Por isso, o sinal indicativo de crase é proibido. O *a* que antecede *analistas* é preposição.

Resposta: assertiva errada.

(IPAJM – Advogado) Julgue as alternativas a seguir, de acordo com seus respectivos textos:

Nada vemos de semelhante ao que aconteceu, no plano das ideias, em outro momento de grandes transformações da técnica e também de grandes descobertas — o século XVI —, com o renascimento de um mundo esquecido e das doutrinas dos velhos filósofos da Grécia e do Oriente, e, com elas, a crítica e a dissolução de antigas crenças que davam ao homem "a certeza do saber e a segurança da ação".

18. As relações de regência entre "semelhante" e "aconteceu" permitem que o trecho "ao que" seja substituído por **àquilo que**, sem prejudicar a coerência nem a correção gramatical do texto.

Comentários:

De fato, o adjetivo *semelhante* rege preposição *a*, que, no caso do texto, encontrou-se com o demonstrativo *o*, que antecede o relativo *que*. Ora, o que a banca propõe é a substituição de *ao* por *àquilo*, ou seja, a troca de um demonstrativo *o* por outro demonstrativo *aquilo,* acrescentando--se o acento indicativo de crase. Seria uma reescritura perfeita, não acarretaria erro gramatical nem mudança de sentido da frase.

Resposta: a assertiva está correta.

19.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

A seguir, questões de provas anteriores, para você testar seus conhecimentos. Confira o gabarito ao final!

1. (Anal. Sist. / TRT–FUNDEC) Se fosse dada ao trecho "...internos e externos ao sistema de produção da cana-de-açúcar..." a redação "...internos e externos à estrutura de produção de cana-de-açúcar...", haveria necessidade de usar-se o acento indicativo da crase. Nas frases abaixo o acento da crase também foi usado corretamente, EXCETO em:

a) Decerto que à falta de investimentos foram criadas novas formas de alocação da mão de obra no campo.
b) Já não se atribui à inflação a principal causa dos problemas econômicos no campo.
c) A pauta do Congresso aludia tanto à redução das horas de trabalho no campo quanto à nova sistemática de reajuste do salário mínimo.
d) Cumpre à Câmara dos Deputados editar leis que regulamentem o trabalho braçal no campo.
e) Os trabalhadores rurais desempregados viviam à expensas da solidariedade humana.

2. (NCE-UFRJ) "A percentagem de 1% dos mais ricos, em nosso país, participa da renda nacional numa proporção igual à dos 50% mais pobres." Das alterações feitas na passagem acima, aquela em que a lacuna não deve ser preenchida com à (acentuado) é:

a) ...próxima _____ dos 50% mais pobres.
b) ...idêntica _____ dos 50% mais pobres.
c) ...semelhante _____ dos 50% mais pobres.
d) ...quase superior _____ dos 50% mais pobres.
e) ...quase maior que _____ dos 50% mais pobres.

3. (NCE-UFRJ) Assinale a frase em que o acento indicador da crase foi usado incorretamente:

a) A obstinação à qual sacrificou a juventude não o persegue mais.
b) Sentavam-se nas pedras do caminho à espera da comitiva do peão.
c) Na imaginação, porém, ele voltava àquele mundo de sonho e fantasia.
d) Depois de refletir, dirigi-me, decididamente, à casa do meu amigo.
e) Tenho certeza de que os documentos não fazem referência à nada do que dizes.

4. (NCE-UFRJ) A alternativa em que é facultativo o uso do acento indicativo de crase, na palavra sublinhada em passagens do texto, é:

a) "Eu tive desde a infância várias vocações."
b) "Ao passo que amar eu posso até a hora de morrer."
c) "Há três coisas (...) para as quais eu dou a minha vida."
d) "Quanto a meus filhos, o nascimento deles não foi casual."
e) "Sei que um dia abrirão as asas para o voo necessário, e eu ficarei sozinha."

5. (FCC) A frase em que falta o acento indicativo da crase é:

a) Prefiro a língua inglesa a portuguesa.
b) Ela fez as vezes de intérprete no Encontro.
c) Escreveu a lápis frases bem significativas.
d) Nenhum escritor da língua se iguala a Camões.
e) A língua portuguesa é comparável a qualquer outra.

6. (FCC) Devemos atribuir _____ campanhas e _____ medidas contra o fumo _____ importantes reclamações dos nossos profissionais da saúde que, corajosamente, enfrentam _____ críticas dos tabagistas e, humanamente, devotam-se _____ causas em favor da salubridade dos brasileiros.

a) às – às – as – às – as
b) as – as – as – às – às
c) às – às – às – as – às
d) às – as – as – às – as
e) as – as – às – as – às

7. (FCC) Preencha as lacunas da frase abaixo e assinale a alternativa correta:

Comunicamos _____ V. S.ª que encaminhamos _____ petição anexa _____ Divisão de Fiscalização que está apta _____ prestar _____ informações solicitadas.

a) a – a – à – a – as

b) à – a – à – a – às
c) a – à – a – à – as
d) à – à – a – à – às
e) à – a – à – à – as

8. (FCC) Marque a letra cuja sequência preenche corretamente, pela ordem de aparecimento, as lacunas do trecho abaixo.

O exame das propostas de reforma fiscal, _____ primeira abordagem, leva _____ conclusão de que _____ carga tributária continuará _____ incidir mais sobre salários e menos sobre lucros de grandes fortunas.

a) à – à – a – a
b) à – a – à – a
c) a – a – a – à
d) a – à – a – a
e) a – a – à – a

9. (FCC) "É fácil atribuir todos os problemas à falta de verbas"; nessa frase, o acento grave indicativo da crase resulta da união de uma preposição com um artigo, o mesmo que ocorre em:

a) servir à francesa.
b) ir àquela praia.
c) entregar o prêmio à de vestido verde.
d) dar àquele homem a condecoração.
e) atribui a culpa à que está armada.

10. (FCC) Na expressão "direito à vida", substituindo-se o termo destacado pelas opções abaixo, a única em que se manterá o acento indicativo da crase é:

a) viver dignamente.
b) diferentes formas de mídia.
c) uma escolha profissional.
d) toda assistência médica.
e) segurança pública.

11. (FCC) No período "A Eva coube o 'trabalho' do parto", os autores do texto optaram por não usar o acento indicativo da crase no *a* inicial, por se tratar de um caso de crase facultativa. É igualmente facultativo o uso do acento da crase em:

a) O trabalho levava o homem até à discriminação social.
b) O patrão deixava às suas empregadas os trabalhos domésticos.
c) Santo Tomás de Aquino era favorável às tarefas manuais.
d) Todos os dias o operário dirigia-se às oficinas bem cedo.
e) A cruz à qual estava atado o condenado era de madeira.

12. (FCC) O uso do acento grave é facultativo em:

a) Ninguém escapa à sua origem.
b) A voracidade era extensiva à espacialidade da modernidade-mundo.
c) Uma casta à parte traduz, assim, a vontade divina.

d) Cada ato mágico encenado deve respeito às fases da lua.
e) O mesmo feiticeiro pode voltar à carga.

13. (Psicólogo) *...é uma instituição necessária à ordem e à vida da cidade.*; frase em que o emprego do acento grave indicativo da crase está no mesmo caso sintático da frase acima é:

a) As greves são prejudiciais à ordem pública.
b) A polícia dirigiu-se às vítimas assaltadas.
c) Foram à Bélgica para o congresso de pedagogos.
d) Indicaram os assaltantes à polícia.
e) Entregaram os prêmios às atrizes escolhidas.

14. (Comiss. Just. Inf. e Juvent.) *Cedeu lugar à televisão...* a frase a seguir em que o acento grave indicativo da crase é empregado exatamente pelas mesmas razões do segmento dado é:

a) Deu um rádio à cozinheira.
b) Ouvia rádio à noite.
c) O rádio é indispensável à velhice.
d) Às cozinheiras, agrada-lhes o rádio.
e) Nada é superior à televisão.

15. (Aux. Cart. / TJ) *...no que se refere a instalações e à quantidade e qualidade dos professores.*; nas duas ocorrências do vocábulo *a*, só a segunda vem com o acento grave indicativo da crase, o que se deve ao fato de que:

a) só a segunda precede um nome feminino.
b) só a segunda segue a regência do verbo referir-se.
c) só no segundo caso ocorre a junção da preposição + artigo.
d) no primeiro caso, o nome feminino está no plural.
e) no primeiro caso, só há ocorrência de artigo definido feminino singular.

16. (Técn. Judic. / TRT) Assinale o item que indica um caso de crase decorrente de uma situação sintática distinta das demais:

a) "nos locais ou serviços prejudiciais à sua moralidade, ..."
b) "ou quaisquer objetos ofensivos à moralidade ..."
c) "que não permitam a frequência à escola."
d) "for indispensável à própria subsistência ..."
e) "a ocupação foi indispensável à própria subsistência ou à de seus ascendentes ou irmãos."

17. (Ag. Telec. Eletric. / TRT) "... destinados à distribuição por via telefônica..."; justifica-se o emprego do acento grave indicativo de crase porque:

a) ocorre união de uma preposição com um pronome.
b) aparecem simultaneamente um artigo e uma palavra feminina.
c) é um caso de presença de uma preposição e de um artigo definido feminino.
d) é uma exigência do adjetivo "destinados".
e) indica a existência de um objeto indireto formado por uma palavra feminina.

18. (Magistério) "... efeitos favoráveis à liberdade espiritual dos indivíduos..."; o acento

grave indicativo da crase está presente porque:

a) todos os adjuntos adverbiais são introduzidos por preposição;
b) à liberdade está servindo de objeto indireto;
c) marca a contração do demonstrativo *a* com a preposição *a*;
d) marca a união da preposição *a* que rege o adjetivo anterior com o artigo *a*;
e) se trata de um adjunto cujo núcleo é feminino e determinado pelo artigo.

19. (Aux. Judic.) "... necessidade de se ajudarem umas às outras,... "; o acento grave indicativo da crase, neste caso, é resultante da:

a) presença simultânea de uma preposição e de um artigo definido feminino.
b) necessidade de se indicar a presença de um complemento diferente do anterior.
c) combinação de uma preposição com um pronome indefinido.
d) contração de uma preposição com um pronome demonstrativo.
e) obrigação de evitar-se a ambiguidade.

20. (Antt) Em vários países, pesquisadores ligados _____ universidades tentam apontar os motivos que induzem os jovens _____ criminalidade, submetendo-os _____ uma série de exames por imagem.

As lacunas estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:

a) à – à – a
b) a – à – a
c) a – a – à
d) à – à – à
e) à – a – a

21. (PMSAL) A exposição aos raios solares dá _____ pessoas uma cor bronzeada, além de fazer bem _____ saúde, desde que se tomem os cuidados necessários _____ cada tipo de pele.

As lacunas estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:

a) às – a – a
b) às – à – à
c) as – à – à
d) às – à – a
e) as – a – a

22. (Metro) Estradas de ferro foram construídas em regiões propícias _____ malária e _____ outras doenças tropicais, fato que levou _____ morte grande número de trabalhadores.

As lacunas estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:

a) à – a – à
b) a – à – à
c) a – a – a
d) a – à – a
e) à – à – à

23. (TRF / SP) É preciso suprimir um ou mais sinais de crase em:

a) À falta de coisa melhor para fazer, muita gente assiste à televisão sem sequer atentar para o que está vendo.
b) Cabe à juventude de hoje dedicar-se à substituição dos apelos do mercado por impulsos que, em sua verdade natural, façam jus à capacidade humana de sonhar.
c) Os sonhos não se adquirem à vista: custa tempo para se elaborar dentro de nós a matéria de que são feitos, às vezes, à revelia de nós mesmos.
d) Compreenda-se quem aspira à estabilidade de um emprego, mas prestem-se todas as homenagens àquele que cultiva seus sonhos.
e) Quem acha que agracia à juventude de hoje com elogios ao seu pragmatismo não está à salvo de ser o responsável pela frustração de toda uma geração.

24. (TRT / 2ª Região – Técn. Jud. Adm.) O emprego ou não do sinal indicativo de crase está inteiramente correto na frase:

a) O jornal oferece matéria peculiar quanto a informação política, pois à um só tempo atende e transforma às preferências dos leitores.
b) Apesar da concorrência digital, a leitura de jornais oferece ainda hoje informações diversificadas a um público atento à mudanças.
c) Nem sempre a imprensa voltada a formação de opiniões é capaz de agradar à todos os leitores com visões de mundo opostas.
d) O estímulo à conflitos de opiniões entre as pessoas leva a formação de grupos de discussão democrática de opiniões divergentes.
e) Atender à demanda por informação deve ser o objetivo de um veículo de comunicação como o jornal, a depender da opinião de seus leitores.

25. O emprego ou não do sinal indicativo de crase está inteiramente correto na frase:

a) Às metrópoles cabe o papel de eixo da economia, especialmente porque a densidade populacional ajuda a reduzir os custos da produção.
b) Muitos moradores das grandes cidades estão sujeitos à um transporte público que nem sempre atende à suas necessidades de deslocamento.
c) As áreas urbanas no mundo todo abrigam uma população que desfruta à vida nas cidades, que oferece benefícios à todos.
d) A população das cidades representa um mercado consumidor atraente às empresas, destacando-se às de oferta de serviços.

26. Atente para as seguintes frases:

I. Não é possível estabelecer à medida que distancia um notório tímido de um notório extrovertido.
II. Não assiste às pessoas extrovertidas o privilégio exclusivo de se fazerem notar, também as tímidas chamam a atenção.
III. Ainda que com isso não se sintam à vontade, os tímidos costumam captar a atenção de todos.

Justifica-se o uso do sinal de crase SOMENTE em:

a) II e III
b) I e II
c) I e Ill
d) I
e) III

27. (TRT / 2ª Região – Anal. Judic.) Justificam-se ambos os usos do sinal de crase em:

a) O fato de estarmos sempre às voltas com as leis do mercado não significa que devamos nos submeter às suas determinações.

b) Muitos ficam à vontade diante da televisão, à despeito de por ela serem manipulados.

c) Deve-se poupar à criança do risco que representa assistir à televisão durante horas seguidas.

d) Os recursos tecnológicos, à princípio, não têm valor em si mesmos; alcançam-no à medida que sejam utilizados.

e) Não é o caso de mandar a tecnologia às favas, pelo contrário: trata-se de bem aproveitá-la à cada vez que se faz necessária.

28. (Petrobras / Cesgranrio) Há rigorosa observância das normas que determinam o uso do sinal de crase em:

a) A medida que afere o otimismo pode também avaliar o pessimismo, pois àquela ou à esta sensação corresponde alguma dose de idealismo.

b) O texto não nos leva à paradoxos gratuitos, mas à necessidade de reconhecer uma intersecção entre o otimismo e o pessimismo.

c) Cabe às pessoas decidir, à cada experiência, se lhes convém entregar-se à determinada sensação, a determinado humor.

d) O otimismo não fica à léguas do pessimismo; tendem ambos a convergir, conforme comprovam nossas próprias experiências.

e) Não assiste às ciências positivas o direito de aspirar à definição cabal da fronteira entre o pessimismo e o otimismo.

29. (TRF / 5ª Região) O respeito _____ uma série de regras foi fundamental _____ organização dos grupos sociais, permitindo, dessa forma, _____ evolução da humanidade.

As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:

a) a – à – a

b) a – à – à

c) à – a – a

d) a – a – à

e) à – à – a

30. (TRF / 4ª Região – Técn. Judic.) Os elefantes apresentam necessidades parecidas com _____ dos seres humanos e, para oferecer _____ eles os cuidados exigidos, os especialistas têm recorrido até mesmo _____ táticas inovadoras.

As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:

a) as – a – à

b) as – a – a

c) as – à – à

d) às – à – a

e) às – a – a

31. (TRF / 4ª Região) A presença de núcleos habitacionais próximos _____ regiões costeiras oferece riscos _____ manutenção do ecossistema marinho, com prejuízos incalculáveis _____ diversas espécies.

As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) as – à – à
b) as – a – a
c) às – à – à
d) às – a – a
e) às – à – a

32. (TCIPB) Quando as águas invadem o lamaçal, peixes e camarões se juntam _____ aves e caranguejos, _____ procura de alimento fácil e abundante e de refúgio necessário _____ reprodução.
As lacunas da frase acima estão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) à – à – à
b) a – à – à
c) a – a – à
d) à – a – a
e) a – à – a

Gabarito: 1. e; 2. e; 3. e; 4. b; 5. a; 6. e; 7. a; 8. a; 9. a; 10. e; 11. a; 12. a; 13. a; 14. a; 15. c; 16. c; 17. c; 18. d; 19. a; 20. b; 21. d; 22. a; 23. e; 24. e; 25. a; 26. a; 27. a; 28. e; 29. a; 30. a; 31. e; 32. b.

Muitos fazem desse tópico um verdadeiro "bicho de sete cabeças", mas é simples não é? Vamos resumi-lo então?

19.5. RESUMO

Em crase, memorize que há duas regras (fenômeno fonético e locuções femininas), três casos de crase facultativa (pronome possessivo feminino singular seguido de substantivo; nome próprio feminino; depois da preposição até) e três casos de crase proibida (antes de palavras tomadas em sentido geral, antes de CASA e TERRA, se vierem sem determinantes).

20 PONTUAÇÃO

20.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

20.1.1. Vírgula

Vamos começar este capítulo por **uso da vírgula**. A vírgula indica pausa de pequena duração. Primeiramente, você precisa saber que **constitui erro grave separar *sujeito* do *verbo e verbo* do *complemento* (sujeito + verbo + complemento)**. Em frases simples, curtas, sabemos que você não teria problemas. Você jamais diria *João, comeu o bolo* ou *A menina estudava, o assunto*. Mas conhecer essa regra ajudará você a não errar inclusive as questões mais rebuscadas, com trechos mais complexos. Observe como isso pode ser explorado em uma questão de concurso público:

1. (TRT-AJ/adaptado) Há erro no emprego da vírgula na frase:

a) Deixe-me, senhora.

b) Dallas, 9 de julho de 1994.

c) Aliás, isto é conhecido de todos.

d) Espero, que ele venha.

e) "O alferes continuava a dominar em mim, embora a vida fosse menos intensa, e a consciência mais débil."

Comentários:

Embora ainda não tenhamos estudado as regras para uso das vírgulas, vamos resolver esta questão item por item. Até chegarmos ao erro, que é o que agora nos interessa. Na letra A, utilizou--se a vírgula para isolar o vocativo *senhora* do restante da oração. Na letra B, a vírgula foi usada para separar, na data, o nome do lugar (*Dallas*) do restante das informações (*9 de julho de 1994*). Na letra C, a palavra de retificação *aliás* deve, mesmo, vir isolada por vírgula. A letra E apresenta a oração adverbial concessiva intercalada (*embora a vida fosse menos intensa*), e, exatamente por ter saído da ordem direta (que seria ao final da frase), veio entre vírgulas. Portanto, todas as alternativas estavam corretas, exceto a letra D: nela, separou-se o verbo (*espero*) do seu objeto direto, que veio sob forma de oração (*que ele venha*). Interessante perceber que a banca não se utilizou de um objeto direto simples, sob forma de substantivo, e sim um objeto direto oracional. Assim, ficaria mais difícil o aluno perceber o erro da frase.

Vamos, então, conhecer as regras de utilização das vírgulas? Resolvemos trabalhar da seguinte forma: a cada regra, vamos trazer frases para você treinar seus conhecimentos e algumas questões de concursos em que essas regras tenham sido utilizadas. Dividimos o uso da vírgula em *sete casos*. Para que você não tenha de decorar uma série de regras que a gramática oferece, agrupamos tudo em apenas sete situações. Vamos lá?

Caso 1 – A vírgula separa o *aposto* e o *vocativo*

1. Pedro o gerente do banco ligou e deixou um recado.
2. Xapuri importante município a 150 quilômetros da capital do Acre Rio Branco foi o principal cenário de atuação de Chico Mendes.

Comentários:

Na frase 1, *o gerente do banco* é um termo explicativo de Pedro, aposto explicativo. Como vem intercalado, entre vírgulas: *Pedro, o gerente do banco*, ligou e deixou um recado.

Na frase 2, aparecem dois apostos explicativos: *importante município a 150 quilômetros da capital* explica o termo *Xapuri*; *Rio Branco* explica a *capital* do Acre. Lembre-se da teoria do *aposto*: termo de natureza substantiva ou pronominal que se refere a outro substantivo ou pronome. Pontuada corretamente, a frase ficaria assim: Xapuri, importante município a 150 quilômetros da capital do Acre, Rio Branco, foi o principal cenário de atuação de Chico Mendes.

3. Muito bom dia senhora!
4. Pedro o gerente do banco ligou e deixou um recado.

Comentários:

Nas frases 3 e 4, temos a presença do *vocativo* (é a pessoa ou coisa personificada a quem se chama). As frases, se pontuadas corretamente, ficariam assim:

Muito bom dia, *senhora*!

Pedro, o gerente do banco ligou e deixou um recado.

Repare como uma vírgula pode mudar tudo. Confronte as frases 1 e 4:

Pedro, o gerente do banco, ligou e deixou um recado.

Pedro, o gerente do banco ligou e deixou um recado.

Na frase 1, ao se usarem as vírgulas que isolam "o gerente do banco" você tem um sentido: quer deixar claro que o termo entre vírgulas (*gerente do banco*) explica quem é Pedro; na frase 4, ao se

colocar uma vírgula após *Pedro*, tem-se a intenção de *chamar* essa pessoa, e não a de explicar quem é o Pedro. Portanto, as duas frases estão corretas, cada uma com seu sentido.

Caso 2 – A vírgula separa as *enumerações* (= termos de mesma função) e certas *repetições*

5. O Brasil é o centro de origem do abacaxi do açaí do amendoim do cacau da castanha do cupuaçu do maracujá.
6. Recitava versos discursos trechos latinos e uma antologia em trinta volumes.
7. A garotada nadou nadou nadou e veio morrer na praia da ingratidão nacional.

Observe como essas frases ficariam se pontuadas corretamente:

Na frase 5, as enumerações têm a função de *adjuntos adnominais* do substantivo *origem*.

"O Brasil é o centro de origem do abacaxi, do açaí, do amendoim, do cacau, da castanha, do cupuaçu, do maracujá."

As enumerações da frase 6 são *objetos diretos* do verbo *recitava*.

"Recitava versos, discursos, trechos latinos e uma antologia em trinta volumes."

A frase 7 é um exemplo de termos repetidos:

"A garotada nadou, nadou, nadou e veio morrer na praia da ingratidão nacional."

Importante!

Confronte as frases 5 e 6:

"O Brasil é o centro de origem do abacaxi, do açaí, do amendoim, do cacau, da castanha, do cupuaçu, do maracujá."

"Recitava versos, discursos, trechos latinos e uma antologia em trinta volumes."

Você deve estar se perguntando o seguinte: por que na frase 6 aparece o conectivo *e* fechando a enumeração e na 5 não?

Vamos lá. O normal é usarmos o conectivo *e* antes do último termo da enumeração para mostrar que são *apenas* esses elementos da enumeração, que não cabe mais nenhum (frase 6).

Entretanto, quando a intenção é a de deixar em aberto esses elementos, que existem outros além dos citados, não se utiliza o conectivo *e* antes do último elemento da enumeração (frase 5). Não é muito comum não ver o *e* antes do último elemento da enumeração, não é mesmo? O que ocorre é que, nesse tipo de construção, há uma tendência de se usar o *etc*. ("... da castanha, do cupuaçu, do maracujá etc."), o que seria uma forma também aceita. É questão de preferência, de estilo.

Para finalizar, mais uma dica:

Uso da vírgula antes de etc. O uso da vírgula antes de etc. é facultativo ("... do maracujá etc."... do maracujá, etc."), mas o uso do ponto após etc. é obrigatório.

O uso das vírgulas nas enumerações é questão muito comum em provas de concursos públicos. O Cespe-UnB é uma banca que comumente retira trechos de textos que apresentaram vírgulas em enumerações perguntando ao aluno a justificativa dessas vírgulas. Observe:

Sua metodologia é simples – por meio de conversas frequentes com a família, o voluntário receita cuidados básicos para evitar que a criança morra por falta de conhecimento, como os hábitos de higiene, a administração do soro caseiro e a adoção da farinha de multimistura na alimentação, que se tornou uma solução simples e emblemática contra a desnutrição. Mas o seu segredo é um só: a persistência.

1. O emprego de vírgula após "higiene" justifica-se porque isola o elemento adverbial deslocado.

Comentários:

Observe que a vírgula utilizada após *higiene* se justifica em função da enumeração *dos cuidados básicos* de que o texto falava: *hábitos de higiene, a administração do soro caseiro* e *a adoção da farinha de multimistura na alimentação*. Logo, é importante que você tenha entendido no texto que houve uma sequência de elementos enumerados, de mesma função sintática (todos eram apostos explicativos de *cuidados básicos*).

Resposta: errada.

Como era de se esperar, com porto, aeroporto e estradas arruinados ou semidestruídos, com a escassez de água, alimentos e remédios, iniciaram-se ondas de saques, e o próprio governo local transferiu a administração da crise para outros países e instituições.

2. As vírgulas após "porto" e "água" têm a mesma justificativa gramatical.

Comentários:

Em ambas as situações, o que encontramos são enumerações. Todos os termos destacados têm a mesma função sintática: a preposição *com* que inicia a expressão *com porto, aeroporto e estradas* tem valor semântico de causa. Trata-se de adjuntos adverbiais de causa enumerados. Basta colocar o período na ordem direta e você entenderá: *Iniciaram-se ondas de saques... com porto, aeroporto e*

estradas... com a escassez de água, alimentos e remédios... Na verdade, o que se quer dizer é que *os saques se iniciaram por causa de portos, aeroportos e estradas arruinados e por causa da escassez de água, alimentos e remédios.* Portanto, temos uma enumeração de termos de mesma função sintática.

Resposta: certa.

Caso 3 – A vírgula marca a *omissão* da palavra; é o que chamamos de **elipse**

8. Os jovens buscam a felicidade na novidade; os velhos nos hábitos.

9. Você pretende cursar Medicina; ela Odontologia.

Comentários:

As frases 8 e 9 são exemplos da vírgula que aparece para mostrar uma palavra facilmente subentendida, independentemente de esse vocábulo já ter aparecido no texto ou não. Observe como essas frases ficariam com as vírgulas marcando a omissão dos verbos:

"Os jovens buscam a felicidade na novidade; os velhos, nos hábitos. (elipse de *buscam*)

"Você pretende cursar Medicina; ela, Odontologia. (elipse de *pretende cursar*)

Caso 4 – Separa termos *explicativos*, *retificativos*, *de situação*

10. Sua redação por exemplo tem várias frases longas que prejudicam a clareza.

11. O bêbado andava isto é cambaleava.

12. Afinal o que tens a dizer?

Comentários:

As frases 10, 11 e 12 são exemplos de expressões que denotam explicação (*por exemplo, isto é, ou melhor*...), retificação (*isto é, ou melhor*...) e situação (*afinal, então*...)

Vêm sempre separadas por vírgula – no início ou no final do período – ou vírgulas – intercalada. Assim, teríamos:

"Sua redação, por exemplo, tem várias frases longas que prejudicam a clareza."

"O bêbado andava, isto é, cambaleava."

"Afinal, o que tens a dizer?"

Caso 5 – A vírgula é utilizada para separar as *orações coordenadas* (assindéticas ou sindéticas)

13. Arrumou as malas saiu lançou-se na vida.

14. Gostava da sociedade mas não amava os sócios.

15. Não conseguiu terminar o trabalho logo sairá tarde.

16. Saia imediatamente pois quero descansar.

17. “As pessoas desejam ascender em linguagem porém insisto na verdade linguística de que os alunos sabem a língua antes mesmo de entrarem na escola.”

18. “As pessoas desejam ascender em linguagem; insisto porém na verdade linguística de que os alunos sabem a língua antes mesmo de entrarem na escola.”

19. Permita-me portanto cumprimentá-lo por brilhante desempenho.

20. A cada momento entravam alunos e o diretor os recebia afavelmente.

Comentários:

Na frase 13, as vírgulas separam as orações coordenadas assindéticas, orações que vêm sem conectivo:

“Arrumou as malas, saiu, lançou-se na vida.”

Nas frases de 14 a 17, aparecem as conjunções coordenativas. A vírgula, nesses casos, antecede as conjunções. Veja como ficam as orações com suas devidas vírgulas:

“Gostava da sociedade, mas não amava os sócios.”

“Não conseguiu terminar o trabalho, logo sairá tarde.”

“Saia imediatamente, pois quero descansar.”

“As pessoas desejam ascender em linguagem, porém insisto na verdade linguística de que os alunos sabem a língua antes mesmo de entrarem na escola.”

Sistematizando: As orações coordenadas assindéticas devem vir separadas por vírgulas. As orações coordenadas sindéticas também: nesse caso, a vírgula virá *antes* da conjunção que inicia a oração.

Observe novamente as frases 18 e 19:

“As pessoas desejam ascender em linguagem; insisto, porém, na verdade linguística de que os alunos sabem a língua antes mesmo de entrarem na escola.”

Permita-me, portanto, cumprimentá-lo por brilhante desempenho.

As frases 18 e 19 mostram os conectivos deslocados para o meio do período, após o verbo. Isso pode ocorrer com as conjunções *adversativas* e *conclusivas*. Quando isso acontece, a tendência é de que elas venham entre vírgulas.

Atenção: As conjunções adversativas (*porém, contudo, entretanto, no entanto*) e conclusivas (*por isso, portanto, por conseguinte, assim*) podem

vir deslocadas na frase e, quando isso ocorrer, ficam entre vírgulas.

Observe, agora, as frases 18 e 19, que apresentaram conjunções deslocadas, devidamente pontuadas:

"As pessoas desejam ascender em linguagem; insisto, porém, na verdade linguística de que os alunos sabem a língua antes mesmo de entrarem na escola."

"Permita-me, portanto, cumprimentá-lo por brilhante desempenho."

Caso 6 – Separa *termos deslocados* e *orações intercaladas*

Observações:
1. Ordem direta no período simples: sujeito + verbo + complemento + (adj. adv.)
Quando alguns deslocamentos, sobretudo no período simples, não
2. comprometem o sentido essencial da frase, o uso da(s) vírgula(s) é facultativo.

Procure pontuar as frases a seguir:

21. Surpreso o garoto procura o lugar de onde vem o comando.

22. Nos tempos atuais não existe país do primeiro mundo.

23. Existe no meio rural uma violência estrutural.

24. Geralmente as oposições não gostam dos governos.

Comentários:

Na frase 21, *surpreso* é predicativo que aparece deslocado para o início do período.

"Surpreso, o garoto procura o lugar de onde vem o comando."

Nas frases 22, 23 e 24, os adjuntos adverbiais *Nos tempos atuais*, *no meio rural* e *geralmente* vêm deslocados de sua posição original, que é no final do período.

Como são expressões curtas, de fácil entendimento, que – com a(s) vírgulas(s) ou sem – não comprometem o sentido original da frase, o uso da(s) vírgula(s) é *facultativo*, ou seja, você pode usar ou não. Entretanto, numa *redação*, ao deslocar um termo de sua posição original, use sempre a(s) vírgulas(s). Nunca se sabe se o professor que vai corrigir sua redação possui ou não um posicionamento mais tradicional. Assim, em relação às frases 22, 23 e 24, teríamos:

"Nos tempos atuais(,) não existe país de primeiro mundo."

"Existe(,) no meio rural(,) uma violência estrutural."

"Geralmente(,) as oposições não gostam dos governos."

Sistematizando: Os advérbios e as locuções adverbiais deslocados, por serem termos curtos, simples, de fácil entendimento, apresentarão vírgulas facultativas.

Agora, procure pontuar adequadamente as frases a seguir:

25. Eles quando todos chegaram puderam iniciar os trabalhos.

26. O Mercosul é uma experiência que ao mexer com posturas arraigadas impõe uma nova estratégia para o conjunto da sociedade.

27. Considerando as razões apresentadas penso que a solicitação será deferida.

28. Preciso ouvir disse a mãe ao menino a causa da briga.

Comentários:

As frases 25, 26 e 27 são exemplos de *orações* deslocadas, para o início ou para o meio do período, desenvolvidas (com conjunção) ou reduzidas (infinitivo, gerúndio, particípio). Nesses casos, não teríamos mais o uso facultativo: o uso da(s) vírgula(s) é obrigatório. Assim, as frases, pontuadas corretamente, ficariam:

"Eles, quando todos chegaram, puderam iniciar os trabalhos." (oração adverbial temporal desenvolvida)

"O Mercosul é uma experiência que, ao mexer com posturas arraigadas, impõe uma nova estratégia para o conjunto da sociedade." (oração adverbial temporal reduzida de infinitivo)

"Considerando as razões apresentadas, penso que a solicitação será deferida." (oração adverbial temporal reduzida de gerúndio)

Agora, voltemos à frase 28:

Preciso ouvir disse a mãe ao menino a causa da briga.

Nela, as vírgulas devem ser utilizadas, para mostrar a intercalação de uma oração, que corresponde à fala do interlocutor.

"Preciso ouvir, disse a mãe ao menino, a causa da briga."

Sistematizando: Com as orações adverbiais deslocadas (ou seja, retiradas do final do período), bem como com as orações intercaladas, o uso das vírgulas será obrigatório.

Veja como o Cespe-UnB lida com esse tipo de questão. A seguir, duas assertivas para você julgar como certas ou erradas.

1. O emprego de vírgula após “anos”, em “Nos próximos anos, a questão da melhoria da qualidade do ensino deve ser uma obrigação dos governantes”, justifica-se por isolar termo adverbial, com noção de tempo, deslocado do final para o começo do período.

Comentários:

Ora, temos aqui um adjunto adverbial de tempo (*nos próximos anos*) antecipado: na ordem direta ficaria ao final do período.

Resposta: assertiva correta.

Ao estabelecer a obrigatoriedade na realização dos exames pré-admissional, periódico e demissional do trabalhador, criou recursos médico-periciais voltados à identificação do nexo da causalidade entre os danos sofridos e a ocupação desempenhada.

2. A vírgula logo depois de “trabalhador” é opcional e sua retirada preservaria a correção gramatical do texto, pois os três termos da enumeração que ela tem função de marcar já estão separados pela conjunção “e”: “exames pré-admissional, periódico e demissional do trabalhador”.

Comentários:

Atenção para não confundir a vírgula que vem após *pré-admissional* com a vírgula que vem após *trabalhador:* a primeira se justifica por separar termos de uma enumeração, mas a segunda deve ser explicada por isolar a oração antecipada, que começa em *Ao estabelecer a obrigatoriedade...* e termina no vocábulo *trabalhador*. Trata-se de uma oração adverbial temporal reduzida de infinitivo, que foi deslocada do final para o início do período. A vírgula, nesse caso, é obrigatória.

Resposta: assertiva errada.

Caso 7 – A vírgula separa as orações adjetivas explicativas

Pontue as frases a seguir:

29. O Tejo que é o maior rio de Portugal nasce na Espanha.

30. João que é um grande homem ajuda a todos.

Comentários:

As frases 29 e 30 são exemplos de *meros comentários*, *termos explicativos*. O *que* das duas frases é pronome relativo, já que retoma os substantivos “Tejo” e “João”. Se a oração adjetiva é *explicativa*, o uso das vírgulas é obrigatório.

“O Tejo, que é o maior rio de Portugal, nasce na Espanha.”

"João, que é um grande homem, ajuda a todos."

Entretanto, se a oração é restritiva, o uso das vírgulas é proibido. Perceba:

"Só sairão mais cedo os alunos que terminaram o dever de casa."

Ora, a oração adjetiva *que terminaram o dever de casa* delimita, restringe o substantivo antecedente. Sendo assim, ela não pode ser retirada da frase, devendo, portanto, vir sem vírgulas. Observe esta assertiva retirada de uma prova do Cespe-UnB:

Sua metodologia é simples — por meio de conversas frequentes com a família, o voluntário receita cuidados básicos para evitar que a criança morra por falta de conhecimento, como os hábitos de higiene, a administração do soro caseiro e a adoção da farinha de multimistura na alimentação, que se tornou uma solução simples e emblemática contra a desnutrição.

1. O trecho "que se tornou uma solução simples e emblemática contra a desnutrição" está precedido por vírgula porque se trata de um trecho com função restritiva.

Comentários:

Perceba que a oração destacada inicia-se com pronome relativo *que*, tratando-se, portanto, de oração subordinada adjetiva. Entretanto, como se caracteriza por ser uma informação adicional, vem isolada por vírgula. Assim, ela deve ser classificada como oração subordinada adjetiva explicativa, e não como oração adjetiva restritiva, como a banca sugere.

Resposta: assertiva errada.

Sistematizando: As orações subordinadas adjetivas são aquelas que se iniciam com pronome relativo. Se restringirem, delimitarem o sentido do substantivo antecedente, virão sem vírgulas. Se forem uma informação adicional, acessória, virão entre vírgulas.

20.1.2. Ponto e vírgula

Vamos, agora, falar do ponto e vírgula? O **ponto e vírgula** é uma pausa mais longa que a vírgula e menor que o ponto. Basicamente, pode ser utilizado em duas situações:

Caso 1 – Separa orações coordenadas

31. Esforçou-se bastante; não obteve, entretanto, o reconhecimento merecido.

32. Uns estudam; outros trabalham.

Caso 2 – Separa os itens de leis, decretos, regulamentos

33. Art. 1º O núcleo... abrangerá as seguintes matérias:

a) comunicação e expressão;

b) estudos sociais;

c) ciências.

Resolução nº...art. da Lei...

Comentários:

O ponto e vírgula pode separar também orações coordenadas. É o que vemos nas frases 31 e 32.

Na 33, temos um exemplo do ponto e vírgula separando enumerações.

20.1.3. Dois-pontos

E quanto aos **dois-pontos**? Você sabe utilizá-los? Este sinal pode, basicamente, ser utilizado em duas situações. Pode dar início a fala ou citação de outrem:

34. O professor disse:

– Eu sou a razão.

Os dois-pontos podem também introduzir uma explicação, enumeração, esclarecimento:

35. Encontrei um motivo para não encontrá-lo: uma viagem de última hora.

36. São três os autores a estudar: Machado, Alencar e Drummond.

Comentários:

A frase 34 exemplifica o início da fala de outrem.

Na frase 35, os dois-pontos introduzem uma explicação, um esclarecimento da afirmação anterior.

Na frase 36, os dois-pontos dão início a uma enumeração explicativa.

20.1.4. Aspas

As **aspas** são utilizadas, normalmente, em quatro situações:

Caso 1 – Isolam uma citação

37. Algum sábio já afirmou: “Agir na paixão é embarcar durante a tempestade”.

Caso 2 – Isolam estrangeirismos, arcaísmos, neologismos, gírias

38. Estamos no “hall” do hotel.

39. Ele era considerado “persona-non-grata”.

40. Qual a “solucionática” desta problemática?

41. Achei-o muito “careta”.

Comentários:

As “aspas” da frase 37 mostram as palavras de outra pessoa, e não do autor do texto.

Já nas frases 38, 39, 40 e 41 temos, respectivamente, exemplos de estrangeirismo, arcaísmo (expressão que deixou de ser usada) e neologismo (palavras novas derivadas de outras já existentes, geralmente não registradas nos dicionários) e gíria.

Caso 3 – Dar destaque a uma palavra ou expressão

42. Diga-me “como” direi isso a ela.

Comentários:

A frase traz um exemplo de uma palavra que se quer destacar, dar expressividade. Na oralidade, diríamos: *coooomo*!

Caso 4 – Mostrar uma palavra com sentido irônico ou uma palavra em sentido diverso do usual

43. Você foi “brilhante” ao dizer aquela asneira.

Comentários:

Na frase 43, temos um exemplo de *ironia* (diz-se o contrário do que se pensa). Se o que ele disse foi uma *asneira*, não há brilhantismo nisso.

20.1.5. Travessões

E os travessões? Empregam-se os travessões para marcar a mudança de interlocutor nos diálogos e para dar destaque ou ênfase a determinados termos. Observe as frases a seguir:

44. Apontou para Luísa e disse: – Conheces aquele ali?

45. Machado de Assis – grande romancista brasileiro – também escreveu contos.

Comentários:

A frase 44 mostra o uso do travessão marcando a mudança do interlocutor.

A frase 45 é o caso de uso mais frequente do travessão: quando se quer dar destaque ou enfatizar certas palavras ou expressões. É comum, nas questões de concurso, reescreverem trechos do texto que estão separados por travessão substituindo-o por vírgulas, o que mantém correta a construção, pois os travessões, em geral, podem ser substituídos por vírgulas.

A utilização dos travessões para dar ênfase a uma explicação do texto é um recurso muito comum na escrita e bastante explorado pelas bancas. O Cespe-UnB tem elaborado algumas questões de reescritura de frases, que sugerem ao candidato a troca dos travessões por outro sinal de pontuação. Observe:

Em uma empresa socialmente responsável, pode-se catalisar a inteligência instalada e lhe dar uma direção e um sentido. Isso fortalece a empresa, torna-a mais competitiva, aumenta a autoestima e a dedicação dos funcionários, amplia o sentimento de pertencimento — a vida das pessoas, em vez de ser ameaçada pelo trabalho, é fortalecida por ele. Essas empresas têm melhores condições de desempenho e, portanto, de prolongar sua vida.

1. Preservam-se tanto a coerência da argumentação quanto a correção gramatical do período caso se substitua o travessão antes de "a vida" pelo sinal de dois-pontos ou pelo de ponto e vírgula.

Comentários:

Observe que o travessão foi utilizado para enfatizar uma explicação para o que o autor quis dizer com *sentimento de pertencimento*. Trata-se de um segmento explicativo enfatizado pelo travessão. Ora, a troca pelos dois-pontos ou pelo ponto e vírgula não geraria erro gramatical nem mudança de sentido da frase: só se optaria pela perda da ênfase que o travessão confere à informação.

Resposta: assertiva certa.

Nos anos 90 do século passado, o país derrotou a inflação – que corroía salários, causava instabilidade política e irracionalidade econômica. Na primeira década deste século, os avanços deram-se em direção a uma agenda social, voltada para a redução da pobreza e da desigualdade estrutural.

2. A substituição do travessão por vírgula, em "derrotou a inflação – que corroía salários", prejudica a correção gramatical do período.

Comentários:

Mais uma vez, o travessão introduz uma explicação, dando-lhe ênfase. Trata-se de uma oração adjetiva explicativa (*que corroía salários...*), que se refere ao substantivo *inflação* antecedente. Portanto, a troca do travessão pela vírgula *não* geraria erro gramatical algum à frase (a banca diz que a substituição *prejudica* a correção gramatical do período).

Resposta: assertiva errada.

20.1.6. Parênteses

Parênteses são geralmente utilizados para isolar comentários acessórios. Observe:

46. "Bem sei que só matarei alguém (que Deus me livre e guarde) se for obrigado."

Atenção: De modo geral, os parênteses são usados quando se quer acrescentar uma informação acessória, uma interferência do autor do texto.

Será que é possível, então, em um texto, substituir os parênteses pelos travessões ou vice-versa? O que queremos saber é: diante de um segmento explicativo, que vem evidenciado no texto pelo uso dos travessões, a substituição desse sinal de pontuação pelos parênteses geraria erro gramatical ou mudança de sentido da frase?

O Cespe-UnB tem feito esse tipo de pergunta em prova. Veja uma questão:

Tão logo a catástrofe do terremoto no Haiti requisitou uma ação coletiva mundial, com inúmeros atores envolvidos na ajuda humanitária – países, organizações não governamentais, empresas e os milhares de anônimos e famosos –, a situação caótica do país devastado impôs um desafio: a quem caberá a organização das próximas etapas de reconstrução do país mais pobre do Ocidente?

Mantém-se a correção gramatical do período substituindo-se os travessões (ℓ. 2 e 3) por parênteses.

Comentários:

Ora, a informação que o autor quis evidenciar no texto (*países, organizações não governamentais, empresas e os milhares de anônimos e famosos*) pelo uso dos travessões poderia ser isolada pelo uso dos parênteses. O texto continuaria gramaticalmente correto.

Resposta: assertiva correta.

Antes de concluirmos este capítulo, achamos prudente treinar mais com você, por meio de frases que fixarão os conceitos ensinados. Vamos lá?

I. Pontue as frases, quando necessário.

1. Os candidatos aguardavam ansiosos o resultado do concurso.

Comentários: O adjetivo *ansiosos*, na função de predicativo do sujeito, aparece deslocado para o meio do período, intercalado.

Lembre-se sempre da ordem direta dos termos no período simples: sujeito + verbo + complemento + adjunto adverbial.

O predicativo, aqui, aparece entre o verbo e o seu objeto (= complemento).

Resposta: Os candidatos aguardavam, ansiosos, o resultado do concurso.

***Importante*!**

O uso das vírgulas, *nessa frase*, seria facultativo. Por quê? Nunca se esqueça do princípio básico do

uso facultativo da(s) vírgula(s): se com ou sem a(s) vírgula(s) o sentido continua o mesmo, há clareza, pode-se usar ou não a(s) vírgula(s). Repare nessa frase:

Os candidatos aguardavam ansiosos o resultado do concurso.

Os candidatos aguardavam, ansiosos, o resultado do concurso.

Não há truncamento de ideia, é uma frase curta de perfeito entendimento com ou sem a(s) vírgula(s).

Isso normalmente acontece com termos curtos deslocados (advérbios ou locuções adverbiais, predicativos).

Agora, você já sabe. Todo comentário em que aparecer *uso facultativo*, a explicação será a mesma:

Se você puder fazer a dupla leitura (com a pausa ou sem a pausa), e isso não alterar o sentido da frase, nem houver truncamento sintático, o uso da(s) vírgula(s) será facultativo.

2. Deixe-me senhora.

Comentários: *Senhora* é a pessoa com quem se fala, vocativo.

Resposta: Deixe-me, senhora.

3. Dallas 9 de julho de 1994.

Comentários: Esse caso é um exemplo da vírgula que se usa para separar a data do nome do lugar.

Resposta: Dallas, 9 de julho de 1994.

4. Aliás isto é conhecido de todos.

Comentários: A vírgula também separa certas expressões de explicação, retificação, situação.

Resposta: Aliás, isto é conhecido de todos.

5. Espero que ela venha.

Comentários: Aqui não há justificativa para o uso da vírgula, pois os termos já estão na ordem – sujeito + verbo + complemento: "(Eu) *Espero* (verbo) *que ele venha* (objeto direto).

Resposta: Espero que ele venha.

Lembre-se: não se usa vírgula entre sujeito e verbo e entre verbo e complemento.

6. O Brasil produz café milho arroz ouro ferro.

Comentários: Nesta frase, temos um exemplo das vírgulas que separam termos de mesma função sintática (= enumerações), são objetos diretos.

Resposta: O Brasil produz café, milho, arroz, ouro, ferro.

7. “Papai do céu dá-me uma namorada linda fiel gentil e tarada.”

Comentários: Aqui temos duas justificativas: a primeira vírgula separa o vocativo e as outras, termos de mesma função (= enumerações), são adjuntos adnominais.

Resposta: “Papai do céu, dá-me uma namorada linda, fiel, gentil e tarada.”

8. “O homem sensato se adapta ao mundo o insensato insiste em tentar adaptar o mundo a ele. Todo progresso depende portanto do homem insensato.”

Comentários: Na primeira ocorrência, a vírgula separa orações coordenadas. Nesse caso, poderia ser substituída por ponto e vírgula, já que esse sinal de pontuação também pode separar orações coordenadas. Na segunda e terceira ocorrências, as vírgulas intercalam a conjunção conclusiva deslocada.

Resposta: “O homem sensato se adapta ao mundo, ou; o insensato insiste em tentar adaptar o mundo a ele. Todo progresso depende, portanto, do homem insensato.”

9. “Não te enganes. A vida vai tratar-te mal. Portanto se queres viver tua vida vai e toma-a.”

Comentários: Aqui temos uma oração adverbial condicional (“se queres viver tua vida”) *intercalada*, entre vírgulas.

Resposta: “Não te enganes. A vida vai tratar-te mal. Portanto, se queres viver tua vida, vai e toma-a.”

10. Se o Brasil se tornasse independente dos empréstimos externos poderia voltar a crescer no mesmo ritmo de desenvolvimento das décadas anteriores.

Comentários: Mais uma oração adverbial condicional deslocada, só que agora para o *início* do período, uma vírgula.

Resposta: Se o Brasil se tornasse independente dos empréstimos externos, poderia voltar a crescer no mesmo ritmo de desenvolvimento das décadas anteriores.

11. Todos os candidatos publicaram os jornais devem chegar no momento azado.

Comentários: Esta frase é um exemplo de oração intercalada, um comentário acessório.

Resposta: Todos os candidatos, publicaram os jornais, devem chegar no momento azado.

12. Na Suíça delegados de 103 países grande parte com vestes africanas determinaram a proibição total da caça aos elefantes.

Comentários: A primeira vírgula é de uso facultativo, pois temos um adjunto adverbial deslocado de curta extensão, não alterando o sentido original da frase.

As outras duas vírgulas vão intercalar o aposto explicativo.

Resposta: Na Suíça(,) delegados de 103 países, grande parte com vestes africanas, determinaram a proibição total da caça aos elefantes.

20.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

Vamos fixar? Faça os exercícios a seguir e verifique o gabarito ao final!

I. Pontue as frases, quando necessário.

1. "Depois de suportar Figueiredo Sarney Collor e Itamar o brasileiro passou a duvidar até da existência de Deus."
2. Em verdade a palavra da mendiga tinha um som místico uma espécie de melodia e fazia bem fitar-lhe os olhos encarquilhados a mão trêmula segurando o dinheiro.
3. Solicitamos a Vossa Senhoria o obséquio de verificar o valor das mercadorias recebidas.
4. "O alferes continuava a dominar em mim embora a vida fosse menos intensa e a consciência mais débil."
5. Na década de 1970 o Brasil chegou a ser o país que mais crescia no mundo. Na década perdida dos anos 80 no entanto a economia brasileira se atolou no descontrole das contas públicas.
6. "O governador do Ceará Cid Gomes é muito família. Ele não agrada apenas à sogra mas também ao sogro aos irmãos aos sobrinhos..."
7. Se dirigir não beba se beber não dirija.
8. Inscreveram-se para aquele concurso oito mil seiscentos e trinta e cinco candidatos.
9. Participaram do sorteio dois milhões quinhentos e treze mil trezentos e quinze telespectadores.

II. Coloque C (certo) ou E (errado) nas frases que se seguem em relação aos sinais de pontuação.

1. ( ) A hospitalidade tem dois aspectos: um, geral, que se refere à convivência em sociedade e se confunde com o cerimonial e a etiqueta de cada povo; o outro, específico, que estabelece relações especiais entre anfitriões e convidados.
2. ( ) Baseadas no código de honra do deserto, as relações de hospitalidade árabe, dão ao hóspede direitos exorbitantes.
3. ( ) Os poetas árabes, que tanto cantaram as virtudes do perfeito anfitrião não dizem quase nada, a

respeito dos hóspedes.

4. ( ) Aquele que recebe a hospitalidade é, ao mesmo tempo, um emir, um prisioneiro e um poeta, dizem os beduínos.
5. ( ) A hospitalidade no entanto, não é medida pela abundância da comida, mas particularmente, apreciada quando se pratica apesar dos meios limitados.
6. ( ) O traço todo da vida é para muitos um desenho de criança esquecido pelo homem, e ao qual este terá sempre de se cingir sem o saber.
7. ( ) Os primeiros anos de vida foram portanto, os de minha formação instintiva ou moral, definitiva.
8. ( ) Passei esse período inicial tão remoto e tão presente, em um engenho de Pernambuco, minha província natal.
9. ( ) A população do pequeno domínio, inteiramente fechado a qualquer ingerência de fora, como todos os outros feudos da escravidão, compunha-se de escravos, distribuídos pelos compartimentos da senzala, o grande pombal negro ao lado da casa de morada, e de rendeiros, ligados ao proprietário pelo benefício da casa de barro que os agasalhava ou de pequena cultura que ele lhes consentia em suas terras.
10. ( ) No centro do pequeno cantão de escravos levantava-se a residência do senhor, olhando para os edifícios da moagem, e tendo por trás, em uma ondulação de terreno a capela sob a invocação de São Mateus.
11. ( ) O ex-presidente do Banco Central, Gustavo Franco, afirmou que o Brasil precisa ser mais assumidamente capitalista, globalizado e moderno.
12. ( ) O presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, recebeu o presidente brasileiro em Camp David.
13. ( ) Os estabelecimentos fundados por portugueses, lá pelos anos de 1618, começavam no Pará, quase sob o Equador, e terminavam em Cananéia, além do trópico.
14. ( ) Entre uma e outra capitania havia longos espaços desertos, de dezenas de léguas de extensão. A população de língua europeia, cabia folgadamente em cinco algarismos.
15. ( ) A camada ínfima da população era formada por escravos, filhos da terra, africanos ou seus descendentes.
16. ( ) Os filhos da terra eram menos numerosos pela pouca densidade originária da população

indígena, pelos grandes êxodos que os afastaram da costa, pelas constantes epidemias que os dizimaram, pelos embaraços, nem sempre inúteis, opostos ao seu escravizamento.

17. ( ) Acima desta população, sem terra e sem liberdade, seguiam-se os portugueses de nascimento ou origem, sem terra, porém livres: feitores, mestres-de-açúcar oficiais-mecânicos, vivendo dos seus salários ou do feitio de obras encomendadas.

18. ( ) "É através da dinâmica institucional que se fabrica, quase sempre, o delinquente juvenil. A instituição, ao invés de recuperar, perverte; ao invés de reintegrar e ressocializar, exclui e marginaliza; ao invés de proteger, estigmatiza." *(Vicente Faleiros)*

19. ( ) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis, que, num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.

20. ( ) "... ela novamente, encheu os pulmões de ar o máximo que pôde, e seu corpo acabou arrebentando como uma bola de soprar que se enche em excesso."

21. ( ) Comprei frutas, legumes, verduras, etc.

22. ( ) "O acordo visa à criação da Área de Livre Comércio Sul-Americana (ALCSA), que estaria plenamente constituída em 2005."

Gabarito: I – 1. Depois ... Figueiredo, Sarney, Collor e Itamar, ...; 2. Em verdade, a palavra ... místico, uma espécie de melodia, e fazia ... encarquilhados, a mão...; 3. Sem vírgula; 4. Os alferes ... em mim, embora ... intensa, e a consciência...; 5. uso facultativo (Na década de 70, o Brasil ...) / (,)no entanto(,); 6. ... do Ceará, Cid Gomes, é ... à sogra, mas também ao sogro, aos irmãos, aos sobrinhos...; 7. ..., não beba; se beber, não dirija; 8. Sem vírgula (não se usa vírgula entre o milhar e as centenas. Já o milhão é separado do milhar por vírgula, e também entre o bilhão e o milhão: três milhões, quinhentos e doze mil trezentos e quinze); 9. ... dois milhões, quinhentos e treze mil trezentos e quinze ...

II – 1. C; 2. E – Após "árabe". Separa sujeito do verbo. 3. E – Falta a vírgula após "anfitrião", para intercalar a oração adjetiva explicativa. A vírgula após "nada" é outro erro. 4. C; 5. E – Falta a vírgula após "hospitalidade", para intercalar "no entanto". Em "particularmente" temos outra intercalação. Ou usamos duas vírgulas (antes e depois de particularmente) ou nenhuma (mas particularmente apreciada...). 6. C – O uso das vírgulas em "para muitos" é facultativo. 7. E – "portanto", deslocado, entre vírgulas (, portanto,), que seria a forma mais adequada, ou nenhuma (portanto). 8. E – ... inicial, tão remoto e tão presente, ...; 9. C; 10. E – ... por trás, em uma ondulação de terreno, ...; 11. E; 12. C. Obs.: Vírgula com nomes próprios: Em (11), não podem ocorrer aquelas vírgulas, já que ex-presidente existem vários, específico, pois. Em (12), presidente há um só, explicativo, pois. Essa explicação serve para qualquer outra construção que traga estrutura semelhante: explicativa / restritiva (diretor / ex-diretor, deputado / ex-deputado...). 13. C; 14. E – A vírgula após "europeia" separa o sujeito do verbo. 15. C; 16. C; 17. E – Falta a vírgula da enumeração após "mestres-de-açúcar". 18. C; 19. C; 20. E – "Novamente" entre vírgulas ou sem vírgula alguma. 21. C. Obs.1: Nas enumerações que se encerram com "etc.", a tendência é usar vírgula antes do "etc." (ou ponto-e-vírgula ou ponto, se os elementos da enumeração vierem separados por esses sinais de pontuação). Porém, se não aparecer esse sinal antes

do “etc”, a frase continua certa. Obs.2: Após o “etc.” devemos sempre usar o ponto. 22. C

20.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

1. (FCC/TC-PB) Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:

a) Toda vez que é pronunciada, a palavra progresso, parece abrir a porta para um mundo, mágico de prosperidade garantida.

b) Por mínimas que pareçam, há providências inadiáveis, ações aparentemente irrisórias, cuja execução cotidiana é, no entanto, importantíssima.

c) O prestígio da palavra progresso, deve-se em grande parte ao modo irrefletido, com que usamos e abusamos, dessa palavrinha mágica.

d) Ainda que traga muitos benefícios, a construção de enormes represas, costuma trazer também uma série de consequências ambientais que, nem sempre, foram avaliadas.

e) Não há dúvida, de que o autor do texto aderiu a teses ambientalistas segundo as quais, o conceito de progresso está sujeito a uma permanente avaliação.

Comentários:

Na letra A, a primeira vírgula está correta: ela se justifica por isolar uma oração adverbial temporal (*Toda vez que é pronunciada*) antecipada. Já a segunda vírgula está errada: ela separa o sujeito (*a palavra progresso*) do verbo (*parece abrir*). Quanto à terceira vírgula, também se observa um erro: não se deveria separar um adjunto adnominal (*mágico*) do substantivo que ele restringe (*mundo*).

A letra B apresenta a primeira vírgula correta: oração adverbial concessiva antecipada (*por mínimas que pareçam*); uma segunda vírgula que se justifica por uma enumeração de termos (*providências inadiáveis* e *ações aparentemente irrisórias*); uma terceira vírgula que inicia uma oração explicativa (*cuja execução cotidiana é... importantíssima)* e duas outras vírgulas pelo motivo que acabamos de explicar: a conjunção adversativa *no entanto* veio deslocada e, por isso, entre vírgulas.

A letra C apresenta três vírgulas indevidamente utilizadas: a primeira separa o sujeito (*o prestígio da palavra progresso*) do verbo (*deve-se*). A segunda vírgula separa uma oração adjetiva *restritiva* (*com que usamos e abusamos*...) do seu substantivo antecedente (*modo*). Ora, você já viu que só a oração adjetiva explicativa é que deve vir isolada por vírgula. A terceira vírgula também está errada por separar o verbo (*abusamos*) do seu complemento (*dessa palavrinha mágica*).

Na letra D, a primeira vírgula foi devidamente utilizada: ela isola a oração adverbial concessiva antecipada (*Ainda que traga muitos benefícios*). Entretanto, a segunda vírgula está errada: ela separa

sujeito (*a construção de enormes represas*) de verbo (*costuma trazer*). As duas últimas vírgulas estão corretas: elas isolam o adjunto adverbial deslocado (*nem sempre*).

Na letra E, já percebemos um erro na primeira vírgula: ela separa o substantivo *dúvida* do seu complemento nominal oracional (*de que o autor do texto...*). Ora, não se separam termos integrantes por vírgulas (verbo de objeto, nome de complemento etc.). Observa-se outro erro na segunda vírgula: não faz sentido separar o pronome relativo *as quais* do restante da oração adjetiva.

Resposta: B.

2. (TRT / 3ª Região) O modo de produção capitalista não tem vocação suicida, e nada indica que ele esteja a ponto de morrer de morte natural.

No trecho acima, utilizou-se corretamente a vírgula antes da conjunção E. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.

a) Você deve sair antes de anoitecer, e antes de acenderem as luzes, e antes de fecharem o comércio.

b) Ele muito se esforçou para a realização daquele projeto, e acabou não sendo bem-sucedido.

c) Os irmãos compreendiam-se mutuamente, e, portanto, respeitavam-se.

d) A expedição encontrou um grupo perdido, e todos voltaram juntos.

e) A maioria dos estudantes aprovou a proposta, e seus pais acataram a decisão.

Comentários:

Vamos falar da vírgula antes da conjunção **e**? Analise novamente a frase a seguir:

A cada momento entravam alunos, e o diretor os recebia afavelmente.

Nela, a vírgula se justifica por separar orações coordenadas com sujeitos diferentes (alunos/diretor). Em relação ao conectivo *e*, aditivo, algumas gramáticas afirmam que o uso da vírgula pode ocorrer se esse conectivo ligar orações com sujeitos diferentes. Caso o sujeito dos verbos das duas orações seja o mesmo, não se usará a vírgula.

Assim, segundo a gramática tradicional, teríamos:

O uso da vírgula antes do E Se a conjunção coordenativa unir orações com sujeitos diferentes, o uso da vírgula é facultativo. Se o E unir orações com sujeitos iguais, o uso da vírgula é proibido.

Agora, tenha cuidado! Esta é uma questão polêmica, pois em provas de concurso público já vimos de tudo: algumas questões que aceitavam o uso da vírgula antes do **E** com orações de sujeitos iguais e outras questões que consideravam tal utilização da vírgula como errada. Bancas como Esaf e Cespe/UnB já trouxeram questões de vírgula antecedendo o *e*, em que as duas orações tinham o mesmo sujeito, e não consideraram erro. Nesses casos, teríamos de verificar as outras opções.

Nesta questão, observe que o exemplo do enunciado apresenta orações com sujeitos diferentes (*modo de produção* é o sujeito da primeira oração e *nada*, o sujeito da segunda). Daí a correta colocação da vírgula antes do **e**. Entenda que, nesse caso, a vírgula é facultativa: ela também poderia não ter aparecido.

Na letra A, não houve erro quanto ao uso das vírgulas antes das duas ocorrências do **e**: os sujeitos das orações são diferentes (o sujeito da primeira oração é *você* e das outras duas, indeterminado). A essa repetição dá-se o nome de polissíndeto.

Na letra B, apesar de as orações terem sujeitos iguais (*ele*), o conectivo *e* tem valor adversativo: nesse caso, a vírgula é facultativa.

Observe com cuidado a letra C: as duas últimas vírgulas se justificam pela conjunção conclusiva deslocada (*portanto*). Mas quanto à vírgula antes do **e**? Será que a banca considerará essa vírgula errada pelo fato de ela ligar orações com sujeitos iguais (*ele*)? Observe as outras alternativas antes de marcar essa como a resposta.

A letra D está indiscutivelmente certa: o conectivo **e** une orações com sujeitos diferentes (*expedição* é o sujeito da primeira oração e *todos* é o sujeito da segunda). Daí, a vírgula estar correta (como poderia também não ter aparecido na frase).

A letra E repete o raciocínio da letra D: o sujeito da primeira oração é *a maioria dos estudantes* e o da segunda oração é *seus pais*. Se os sujeitos são diferentes, a vírgula é facultativa.

Percebeu que só nos restou como possível resposta a letra C? Como a Fundação Getulio Vargas é uma banca tradicional, seguiu a gramática ao pé da letra: considerou errado o uso da vírgula antes do aditivo *e* que une orações de sujeitos iguais.

Resposta: C.

Antes de irmos a outra questão de concurso, mais um detalhe: você reparou que, na letra B desta questão, o conectivo **e**, embora unisse orações de mesmo sujeito, veio antecedido de vírgula, **por**

possuir valor adversativo? Pois é: isso pode ocorrer também se ele trouxer um valor conclusivo. Veja:

O menino estudou muito para a prova, **e** não passou.

O menino estudou muito para a prova, **e** passou em 1º lugar.

No primeiro exemplo, o conectivo **e** tem valor adversativo (= mas, porém) e, no segundo exemplo, tem valor conclusivo (= logo, portanto). Nos dois casos, os sujeitos eram iguais e a vírgula foi utilizada.

Sistematizando: Se o conectivo e apresentar valor adversativo ou conclusivo, ainda que una orações com sujeitos iguais, a vírgula será facultativa em frases curtas que não provoquem truncamento de ideias. Em frases mais longas, o mais adequado é usar a vírgula.

Agora, observe uma outra questão, retirada de uma prova para o TSE, elaborada pelo Cespe-UnB:

3. (Cespe-UnB/TSE – Analista Judiciário) Assinale a opção que apresenta erro de pontuação:

a) Pela primeira vez, a população de Belo Horizonte vai poder escolher, por meio da Internet, as obras que serão executadas na cidade. Disponível no período de 1º a 30 de novembro, a nova modalidade, conhecida por Orçamento Participativo Digital, tem parceria entre a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte (PBH) e o Tribunal Regional Eleitoral de Minas Gerais (TRE-MG).

b) O novo sistema baseia-se em dados fornecidos pelo TRE-MG à PBH (quantitativo de eleitores, número do título de eleitor etc.), e foi solicitado pelo prefeito de BH, Fernando Pimentel, há cerca de seis meses, ao então presidente da instituição, Armando Pinheiro Lago.

c) O voto via Internet será permitido apenas para aqueles com domicílio eleitoral na capital (aproximadamente 1,7 milhão de pessoas), que poderão decidir pelo conjunto de nove obras (quatro em cada regional) que serão feitas no município em um prazo máximo de dois anos.

d) Para votar, o cidadão deve entrar no sítio da PBH. Quem não tiver acesso à Internet em casa pode ir até um dos 175 postos públicos montados, pela PBH onde haverá monitores para ajudar aqueles que não estão acostumados a lidar com computador.

Comentários:

Todas as vírgulas da letra A estão corretas: a primeira isola o adjunto adverbial de tempo *pela primeira vez* antecipado. As outras duas isolam o adjunto adverbial de meio intercalado (*por meio da Internet*). Logo na sequência observam-se mais três vírgulas corretas: a primeira, que se justifica por

isolar termo antecipado (*disponível no período de 1º a 30 de novembro*) e as outras duas que isolam uma explicação (*conhecida por Orçamento Participativo Digital*). As vírgulas da letra A foram corretamente utilizadas, portanto.

Observe com cuidado a letra B: a primeira vírgula antecede **e** que une orações de mesmo sujeito (*o novo sistema*). Será que a banca vai considerar essa vírgula errada? As outras vírgulas da letra B estão todas corretas: a que vem depois de *prefeito de BH* se justifica por anteceder o aposto *Fernando Pimentel*; as outras duas, por isolarem um adjunto adverbial de tempo intercalado (*há cerca de seis meses*) e a última vírgula está correta por isolar o também aposto *Armando Pinheiro Lago.* Lembre-se de que ainda não sabemos se a letra B é a resposta: precisamos ver se há um erro ainda mais grave em outra alternativa.

A única vírgula presente na letra C também está correta: ela antecede oração adjetiva explicativa (*que poderão decidir pelo conjunto*...).

Na letra D, a primeira vírgula está correta: ela separa oração adverbial final antecipada. Entretanto, a letra D traz um erro gravíssimo: apresenta uma vírgula que separa o complemento nominal *pela PBH* do adjetivo a que ele se refere (*montados*). Vimos que não devemos separar termos integrantes por vírgulas.

Assim, percebemos que a banca considerou como correta a letra B, embora sua primeira vírgula separasse orações coordenadas de mesmo sujeito. Como dissemos anteriormente, bancas como Cespe e Esaf têm um posicionamento mais *liberal* quanto a esse caso: para elas a vírgula antes do *e* que une orações de mesmo sujeito seria possível. Só evite fazer isso em uma redação!

Resposta: D.

Vejamos como esses conceitos vêm sendo trabalhados nas provas.

4. (Inspetor de Polícia/NCE-UFRJ) "A favor da mesma tese, poderíamos dizer que, muitas vezes, a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público."; a segunda e terceira vírgulas desse segmento:

a) destacam um esclarecimento do autor.

b) separam o aposto do resto da frase.

c) mostram uma alteração na ordem direta dos termos.

d) indicam fala do autor com o leitor.

e) separam orações.

Comentários:

Muitos que fizeram a prova marcaram a letra B. Por acharem que tudo que vem entre vírgulas nesta vida é aposto... É claro que erraram... O que temos aqui é um adjunto adverbial de tempo (*muitas vezes*), que, na ordem direta, ficaria ao final do período e, na frase, veio intercalado. Vale lembrar que as vírgulas aqui seriam facultativas: o termo deslocado é curto, simples, de fácil entendimento.

Resposta: C.

5. (Anal. Judic.) "Vamos, por um momento que seja, cair na real..."; a regra abaixo que justifica o emprego das vírgulas nesse segmento do texto é:

a) separar elementos que exercem a mesma função sintática.

b) isolar o aposto.

c) isolar o adjunto adnominal antecipado.

d) indicar a supressão de uma palavra.

e) marcar a intercalação de elementos.

Comentários:

Tem-se aqui uma oração adverbial concessiva intercalada. Na ordem direta, o período deveria ficar assim: "Vamos cair na real por um momento que seja". Nem preciso dizer que muitos erraram quando marcaram a letra B, não é?

Resposta: E.

Veja uma questão de concurso, retirada de uma prova da Fundação Getulio Vargas. Observe as situações em que o ponto e vírgula pode aparecer:

6. No 6º parágrafo o autor utilizou o sinal de pontuação ponto e vírgula de acordo com as normas gramaticais. Nas frases abaixo as normas gramaticais também foram observadas na utilização do ponto e vírgula, exceto em:

a) Os professores compareceram à festa de formatura trajados a rigor; os alunos, trajados esportivamente.

b) Um dos alunos obteve nota suficiente para ser apenas aprovado; o outro, apesar de não ter a mesma capacidade de estudo, classificou-se em segundo lugar.

c) A iniciativa segura e coerente da direção; o esforço de alunos e professores; bem como a

participação de pais e responsáveis nas atividades da escola dinamizaram-na e tornaram-na uma verdadeira casa de educação.

d) Investir em educação só traz retorno para a nação a longo prazo; mas os resultados são, normalmente, satisfatórios.

e) Não há como resolver os problemas da educação com soluções paliativas, de pouco alcance; há de se investir, de forma planejada, em projetos de longo prazo que priorizem o profissional da educação.

Comentários:

Na letra A, o ponto e vírgula separa orações coordenadas. Perceba que, se houvesse necessidade de se dar uma pausa discursiva ainda maior, ter-se-ia optado pelo ponto, e não pelo ponto e vírgula. Na letra B, o ponto e vírgula separa itens de uma enumeração (*Um dos alunos... O outro...)*, tendo sido, portanto, corretamente utilizado.

Observe que, na letra C, o ponto e vírgula separa núcleos de um sujeito composto (*A iniciativa...; o esforço...; bem como a participação...*). É como se construíssemos uma frase do tipo "João; José; Antônio chegaram." Faz sentido isso?

Na letra D, o ponto e vírgula separa uma oração coordenada assindética da sua oração coordenada sindética adversativa. Foi, portanto, adequadamente usado.

Na letra E, ele separa orações coordenadas assindéticas.

Resposta: C.

7. ... graças a algumas características: eles possuem objetivos claros, vários modos de atingir o sucesso e feedback rápido, ou seja, o jogador recebe uma consequência imediata após cada ação.

Os dois pontos introduzem no contexto:

a) um segmento enumerativo, com intenção explicativa.

b) um comentário pessoal, de caráter opinativo.

c) uma repetição enfática para atrair a atenção do leitor.

d) uma ressalva ao que vem sendo desenvolvido no parágrafo.

e) a retomada da ideia mais importante do texto.

Comentários:

Perceba que o que vem após o sinal de dois-pontos é uma enumeração do que o autor chamou de

características. Trata-se de uma oração apositiva, que nada mais é do que um segmento enumerativo que tem a intenção de explicar um substantivo anteriormente citado.

Resposta: A.

O Cespe-UnB, por sua vez, comumente elabora questões que esperam do candidato a *explicação* para o uso dos dois-pontos. Observe algumas assertivas, julgando cada uma delas como certa ou errada:

Repitamos: o sertanejo emigrante realiza, ali, uma anomalia sobre a qual nunca é demasiado insistir: é o homem que trabalha para escravizar-se.

8. Na linha 1, o autor emprega o sinal de dois pontos, para indicar que pretende dar ênfase a uma assertiva e, na linha 2, para introduzir uma explicação do que considera ser "uma anomalia".

Comentários:

De fato, na linha 1 do texto, o que se quer é enfatizar o que se disse antes: isso você pode inclusive perceber pelo próprio vocábulo *Repitamos*. Na linha 2, os dois-pontos introduzem uma oração apositiva que explica o substantivo antecedente *anomalia*.

Resposta: assertiva correta.

A importância da Pastoral é palpável: a média nacional de mortalidade infantil para crianças de até 1 ano, que é de 22 indivíduos por mil nascidos vivos, cai para 12 por mil nos lugares atendidos pela instituição.

9. O emprego do sinal de dois-pontos em "é palpável:" justifica-se porque o trecho subsequente a esse sinal apresenta argumento comprobatório da afirmativa anterior.

Comentários:

Veja que o autor afirma que a *importância da Pastoral é palpável*, para, logo na sequência, explicar o que ele quis dizer com o uso do adjetivo *palpável*. Trata-se, portanto, de uma explicação, uma informação que *comprova* o que se disse anteriormente.

Resposta: assertiva correta.

Agora, uma questão sobre aspas:

10. O emprego das aspas em algumas palavras do texto:

Algumas são exóticas também no sentido de "diferentes" ou "esquisitas"...

Nenhuma delas é nativa do Brasil. Dependendo das circunstâncias, podem ser "imigrantes" inofensivas...

... muitas vezes tornam-se organismos nocivos aos ecossistemas “naturais”.

a) chama a atenção do leitor para a importância de seu sentido no contexto.

b) indica uso específico de termos técnicos para esclarecer alguns conceitos.

c) aponta para o sentido particular de certas palavras de uso comum na gíria.

d) mostra a inclusão de opiniões alheias, como um novo interlocutor no contexto.

e) atesta a participação de palavras de origem estrangeira no vocabulário nacional.

Comentários:

Essas provas dão um *show* de teoria, não é mesmo? Passeando pelas alternativas, percebemos que, em cada uma delas, fala-se de uma das regras de utilização das aspas. Só lendo as frases destacadas, portanto, você descobrirá a resposta.

Trata-se do uso das aspas para destacar palavras ou expressões no texto. Evidenciar informações.

Resposta: A.

20.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (Oficial Judiciário / TJ) *Aparentemente, quase todos os seres humanos*... O emprego da vírgula nesse segmento é justificado pela mesma razão de um outro segmento do texto, que é:

a) ...uma de admiração e aceitação, outra de desprezo e recusa.
b) ...provoca sentimentos de segurança e bem-estar, pois supomos entender...
c) Mesmo quando nos desentendemos, sabemos por que isso ocorre...
d) ...o estrangeiro provoca a nossa desconfiança, às vezes o nosso medo.
e) Ele não se veste como nós, a sua fisionomia pode ser diferente da nossa...

2. (Ag. Telec. Eletric. / TRT) “... acaba de inaugurar em Boston, EUA, um avançado laboratório...” O emprego das vírgulas nesse segmento se justifica por:

a) necessidade de destacar o termo mais importante.
b) obrigatoriedade de separar as siglas.
c) mostrar uma explicitação do termo anterior.
d) destacar o vocativo.
e) indicar um termo intercalado.

3. (Técnico Judiciário / TRT) “O salário pode ser estipulado com base no tempo, na produção, na tarefa e no lucro.” As vírgulas empregadas na frase se justificam pela necessidade de:

a) indicar a presença de um aposto explicativo.
b) destacar termos importantes do enunciado.
c) separar os termos de uma enumeração.
d) mostrar que os termos citados não são sinônimos.
e) desmanchar uma ambiguidade do texto.

4. (Comissário de Justiça – Infância e Juventude / TRT) “Creio no governo pelo povo; creio, porém, que o governo do povo...” As vírgulas que separam a conjunção *porém* se devem a(ao):

a) deslocamento da conjunção para o meio da frase.
b) necessidade de destacar uma ideia essencial ao texto.
c) fato de uma conjunção adversativa vir sempre entre vírgulas.
d) presença de um sujeito posposto.
e) uma característica estilística de Rui Barbosa.

5. (Auxiliar Judiciário / TJ) “... fazendo propaganda do Banespa, um banco quebrado, ou muito menos...” O item a seguir em que o emprego das vírgulas é justificado pelo mesmo motivo que as faz estar presentes no segmento é:

a) Sumiram, é verdade, as placas estandartes perenes...
b) Publicidade oficial tem sido, quase sempre, uma maneira...
c) No mais, a proibição não pegou.
d) ...a sanha empreendedora de prefeitos, governadores e presidentes.
e) Parodiando Dario, o Dadá Maravilha, goleador histrião...

6. (Analista Judiciário) “Vamos, por um momento que seja, cair na real...” A regra a seguir que justifica o emprego das vírgulas nesse segmento do texto é:

a) separar elementos que exercem a mesma função sintática.
b) isolar o aposto.
c) isolar o adjunto adnominal antecipado.
d) indicar a supressão de uma palavra.
e) marcar a intercalação de elementos.

7. (Ag. Telec. Eletric. / TRT)

“...batizado de News in the Future (As notícias no Futuro).”
“...gerações mais jovens (ou seja, o público com menos de 35 anos).”
O uso dos parênteses no primeiro e no segundo parágrafos do texto se deve a um(a):

a) retificação.
b) esclarecimento.
c) tradução.
d) destaque.
e) alteração.

Texto

No país das medidas provisórias, o cidadão acorda tolhido, dia após dia, com e sem “apagões” e “caladões”.

Para que a sociedade possa ser tida como justa, é necessário diminuir as distâncias sociais, com pobres menos pobres.

8. (Técnico Judiciário / TRT) Os vocábulos “apagões” e “caladões”, presentes no texto, aparecem grafados entre aspas porque são:

a) termos de cunho popular.
b) neologismos.
c) vocábulos que perderam velhos sentidos.

d) de presença comum na mídia.
e) referentes a acontecimentos recentes.

9. (Técnico Judiciário / TRT) "A Carta proíbe a discriminação entre o homem e a mulher (art. 5º, I, e art. 226, § 5º), contra as liberdades fundamentais, e a prática do racismo (art. 5º, incisos XLI e XLII)." Os primeiros parênteses empregados nesse segmento foram utilizados para:

a) explicitar a ideia anterior.
b) localizar a proibição citada.
c) acrescentar informações ao texto.
d) documentar o artigo com textos de autoridade.
e) comprovar a opinião do jornalista.

10. (Oficial de Cartório Policial) "É lugar comum a afirmação de que a Justiça é lenta, de que os processos judiciais demoram excessivamente. Afirma-se isso a todo instante. Os meios de comunicação de massa (imprensa escrita, rádio e televisão) repetem a observação, sem qualquer ressalva, e contribuem para tornar a lentidão judicial uma 'verdade'". O fato de usarem-se aspas na palavra *verdade*, ao final desse segmento do texto, indica que:

a) a palavra está empregada com valor humorístico.
b) o autor pretende dar ao termo um novo significado.
c) o autor não concorda totalmente que a lentidão judicial seja uma realidade.
d) o texto quer destacar o termo, valorizando o seu sentido original.
e) o vocábulo é empregado com valor pejorativo.

11. (IBGE) No trecho "Ignoram que a coisa bela é simples por depuração, e não originariamente...", a vírgula antes da conjunção *e*:

a) está correta, por separar no período orações com termos sujeitos distintos.
b) tem emprego facultativo, porque separa termos em coordenação aditiva.
c) constitui um desvio de natureza estilística, com o objetivo de realçar o termo final da coordenação.
d) justifica-se, porque marca uma pausa entre pensamentos em oposição.
e) estaria melhor colocada se precedesse e sucedesse a partícula negativa.

12. (IBGE) "Eldorado: como pode ser sarcástico o destino de certas palavras..." As reticências, nesse fragmento de texto:

a) indicam que o narrador ou personagem interrompe uma ideia que começou a exprimir, e passa a considerações acessórias.
b) marcam suspensões provocadas por hesitação, surpresa, dúvida ou timidez de quem fala.
c) assinalam certas inflexões de natureza emocional (de alegria, de tristeza, de cólera, de sarcasmo etc.).
d) indicam que a ideia que se pretende exprimir não se completa com o término gramatical da frase, e que deve ser suprida com a imaginação do leitor.
e) reproduzem, no texto, uma suspensão do tom de voz, a fim de que outro personagem expresse o seu pensamento.

13. (TC / PB) Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:

a) Toda vez que é pronunciada, a palavra progresso, parece abrir a porta para um mundo, mágico de

prosperidade garantida.

b) Por mínimas que pareçam, há providências inadiáveis, ações aparentemente irrisórias, cuja execução cotidiana é, no entanto, importantíssima.

c) O prestígio da palavra progresso, deve-se em grande parte ao modo irrefletido, com que usamos e abusamos, dessa palavrinha mágica.

d) Ainda que traga muitos benefícios, a construção de enormes represas, costuma trazer também uma série de consequências ambientais que, nem sempre, foram avaliadas.

e) Não há dúvida, de que o autor do texto aderiu a teses ambientalistas segundo as quais, o conceito de progresso está sujeito a uma permanente avaliação.

14. (TC / PB) A frase corretamente pontuada é:

a) Nas situações, em que há perigo de derrapagem um sistema, chamado controle eletrônico de estabilidade freia o carro, automaticamente e corrige sua trajetória.

b) Nas situações em que, há perigo de derrapagem um sistema chamado controle eletrônico de estabilidade freia, o carro automaticamente e corrige sua trajetória.

c) Nas situações em que há perigo de derrapagem, um sistema chamado controle eletrônico de estabilidade freia o carro automaticamente e corrige sua trajetória.

d) Nas situações, em que há perigo de derrapagem um sistema chamado, controle eletrônico de estabilidade freia o carro, automaticamente e corrige sua trajetória.

e) Nas situações em que há perigo de derrapagem um sistema chamado controle eletrônico de estabilidade freia, o carro automaticamente e, corrige sua trajetória.

15. (TRF / Analista / 4ª Região) Está inteiramente correta a pontuação da seguinte frase:

a) O exemplo de "O Caçador de Pipas", tomado pelo autor do texto, serviu-lhe, sem dúvida, como argumento em favor da universalidade da condição humana.

b) Não são muitos os filhos, que podem se entregar às ficções, não apenas com a aprovação dos pais mas, ainda, recebendo deles todos os incentivos.

c) Lá em casa não era preciso me trancar no banheiro, ou me valer, de qualquer outro expediente, para ler um romance.

d) É verdade sim, que meus pais me pediam para organizar meu horário, mas nem por isso faziam qualquer restrição, a minhas leituras de romances.

e) Para muita gente ler romances significa, quando muito uma distração, mas em minha família imperava o respeito pelas altas virtudes da boa ficção.

16. (PM / BA) Está inteiramente correta a pontuação da seguinte frase:

a) Ao longo do tempo, verificou-se que o homem é capaz de se valer de suas experiências, sobretudo as mais marcantes, para se prevenir contra tudo o que possa vir a representar uma ameaça para ele.

b) Ao longo do tempo verificou-se, que o homem, é capaz de se valer de suas experiências, sobretudo as mais marcantes para se prevenir contra tudo, o que possa vir a representar uma ameaça para ele.

c) Ao longo do tempo, verificou-se que o homem é capaz, de se valer de suas experiências, sobretudo, as mais marcantes, para se prevenir, contra tudo o que possa vir a representar, uma ameaça para ele.

d) Ao longo do tempo verificou-se que, o homem, é capaz de se valer, de suas experiências, sobretudo as mais marcantes para se prevenir contra tudo o que possa vir a representar: uma ameaça para ele.

e) Ao longo do tempo, verificou-se, que o homem é capaz de se valer de suas experiências, sobretudo as mais marcantes para se prevenir contra tudo o que possa vir a representar: uma ameaça para ele.

17. (TRF / Analista Judiciário / 4ª Região) Atente para as seguintes frases:

I. O poeta Manuel Bandeira referido no texto é um artista que preza a liberdade absoluta.

II. Tanto os loucos como os bêbados são apontados como exemplos de uma irracionalidade que dispensa o artifício das máscaras.

III. Não fossem as máscaras quem sabe quantos inimigos não faríamos a cada dia?

Há exigência do emprego de vírgula(s) em:

a) I, II e III.

b) I e II, somente.

c) II e III, somente.

d) I e III, somente.

e) III, somente.

18. (Fiscal de Rendas / SP) Alterando-se a pontuação de um segmento do texto, ela permanecerá defensável e coerente, considerado o contexto, em:

a) A busca de distinção, entre o que é "do bem", e o que é "do mal", traz consigo, um dilema.

b) Não, não, são crianças comentando um filme de mocinho e bandido, são frases – de adultos, reiteradas a propósito, das mais diferentes pessoas.

c) A escolha do critério de julgamento, é, sempre, crítica e sofrida quando responsável.

d) Tal busca de discernimento é antiga e, em princípio, é legítima.

e) Interesses estratégicos e econômicos são assim mascarados, pela suposta preservação, de princípios da civilização.

19. (Analista Judiciário / TRT) Atente para as seguintes frases:

I. O homem aplica-se em criar instituições, que podem lhe acarretar graves dissabores.

II. Os regimes autoritários, que decorrem diretamente do desvirtuamento das instituições, são os mais nefastos.

III. Não se impute defeito às instituições, cujo propósito essencial é permitir que os homens se organizem.

A *supressão* da(s) vírgula(s) acarretará alteração de sentido em:

a) I e II, apenas.

b) I e III, apenas.

c) II, apenas.

d) II e III, apenas.

e) I, II e III.

20. Leia o texto com a finalidade de pontuá-lo corretamente.

"Diz a sabedoria popular chinesa (1) que toda marcha (2) por mais longa (3) e importante que seja (4) começa (5) com o primeiro passo. Dar (6) esse primeiro passo (7) às vezes (8) exige (9) grande determinação (10) esforço monumental e (11) muita coragem. Principalmente se o passo (12) for em direção (13) a um caminho desconhecido (14) com o qual (15) não estamos acostumados lidar por conta dos vícios adquiridos."

Revista Veja

Os números que devem ser substituídos por vírgula são:

a) 2, 4, 7, 8, 10, 14.

b) 1, 4, 5, 9, 11, 14.

c) 3, 5, 6, 8, 10, 12.
d) 1, 2, 3, 4, 7, 10, 12.
e) 2, 3, 4, 7, 9, 13, 15.

21. Aponte o trecho pontuado corretamente.

a) Juiz, de resto, não legisla. Tão só aplica a lei, boa ou má existente.
b) Juiz, de resto não legisla. Tão só aplica a lei, boa ou má existente.
c) Juiz de resto, não legisla. Tão só aplica a lei boa ou má, existente.
d) Juiz, de resto, não legisla. Tão só aplica a lei, boa ou má, existente.
e) Juiz de resto não legisla. Tão só aplica a lei boa ou má existente.

22. Assinale o item que apresenta pontuação correta.

a) Embora aos sete anos, Joan Miró já ensaiasse naturezas-mortas e autorretratos, os pais não o deixavam pintar. A resistência só foi vencida quando, empregado como guarda-livros em uma farmácia, por imposição familiar, caiu de cama com crise nervosa e tifo.
b) Embora, aos sete anos Joan Miró já ensaiasse, naturezas-mortas e autorretratos, os pais não o deixavam pintar. A resistência só foi vencida, quando, empregado como guarda-livros em uma farmácia por imposição familiar, caiu de cama com crise nervosa e tifo.
c) Embora aos sete anos Joan Miró já ensaiasse naturezas-mortas e autorretratos os pais não o deixavam pintar. A resistência só foi vencida quando, empregado, como guarda-livros, em uma farmácia por imposição familiar, caiu de cama com crise nervosa e tifo.
d) Embora aos sete anos Joan Miró já ensaiasse naturezas-mortas e autorretratos, os pais não o deixavam pintar. A resistência só foi vencida quando, empregado como guarda-livros em uma farmácia por imposição familiar, caiu de cama com crise nervosa e tifo.
e) Embora aos sete anos Joan Miró já ensaiasse, naturezas-mortas e autorretratos, os pais, não o deixavam pintar. A resistência, só foi vencida quando, empregado como guarda-livros em uma farmácia; por imposição familiar, caiu de cama, com crise nervosa e tifo.

23. (NCE-UFRJ / Inspetor de Polícia) "A favor da mesma tese, poderíamos dizer que, muitas vezes, a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público." A segunda e terceira vírgulas desse segmento:

a) destacam um esclarecimento do autor.
b) separam o aposto do resto da frase.
c) mostram uma alteração na ordem direta dos termos.
d) indicam fala do autor com o leitor.
e) separam orações.

24. (NCE-UFRJ / Papiloscopista Policial) O item a seguir em que as aspas são empregadas por motivo idêntico ao que leva a estarem presentes em "Odisseia" (O passeio literário começa na "Odisseia" de Homero):

a) Ela me contou, com naturalidade, que, algum tempo antes, estivera bem próximo da morte, "acompanhado pela Virgem Maria".
b) Era melhor que fosse "clown".
c) É verdade que desde esses tempos remotos o "senhor" se adoçou em "sinhô".
d) No Alentejo, *fazenda* significa "rebanho de gado macho".
e) Velázquez, no séc. XVII, pintava quadros como as "Hilanderas".

25. (NCE-UFRJ / Auxiliar Necropsia) "...o chorume, líquido contaminado pelo lixo em decomposição, atinge rios, lagos..." As vírgulas, nesse segmento, são usadas respectivamente, para:

a) separar aposto e marcar enumeração.
b) indicar inversão na frase e separar termo intercalado.
c) marcar enumeração e destacar um elemento.
d) indicar inversão e separar aposto.
e) marcar uma explicação e dar realce a termos.

26. (NCE-UFRJ / Auxiliar Necropsia) O uso de dois-pontos em "um país mergulhado na sujeira: metade dos municípios não têm serviço de esgoto sanitário, 70% do lixo da cidade são jogados em lixões e alagados e apenas poucos municípios fazem coleta seletiva de lixo" indica a futura presença de um(a):

a) enumeração.
b) explicação.
c) comparação.
d) retificação.
e) citação.

27. (NCE-UFRJ / Oficial de Justiça) "Há uma última liberdade, mais nova, ainda elitizada..." O item a seguir em que as vírgulas são empregadas pelo mesmo motivo das que aparecem nesse segmento destacado do texto é:

a) "O que é percebido como liberdade para um pacato cidadão contemporâneo que vota, fala o que quer, vive sob o manto da lei...".
b) "Logo depois da queda do muro de Berlim, comer uma banana virou ícone da liberdade no Leste Europeu.".
c) "A segunda liberdade moderna é o transporte próprio, BMW ou bicicleta, o que conta é a sensação de poder sentar-se ao veículo...".
d) "É estar próximo de reis, heróis, criminosos, superatletas ou cafajestes...".
e) "Para outras, é apenas o prazer de saber que a distância não mais cerceia a comunicação, por boba que seja.".

28. (TRF / Anal. Judic.) Está incorreto o emprego da vírgula na frase:

a) você, por exemplo, está convocado para o esforço cívico.
b) o cidadão tem não só o direito de eleger os seus governantes, mas também de filiar-se a um partido político e candidatar-se.
c) direitos, deveres e obrigações são inerentes a todos.
d) os cidadãos e seus governantes, são responsáveis pelos destinos do país.
e) um governante honesto, que faça obras e cuide do serviço público, sempre é reconhecido pelo povo.

29. (Banco do Brasil) Das alterações feitas na pontuação das frases do texto a seguir, constitui erro a alteração feita em:

a) "Diz-se dele que tem 'humores'..." / Diz-se, dele, que tem "humores"...
b) "Cada transação, comercial, cultural ou científica, atesta sua existência..." / Cada transação comercial, cultural ou científica atesta sua existência...
c) "Mas os mitos são misteriosos, contêm segredos insondáveis." / Mas os mitos são misteriosos:

contêm segredos insondáveis.

d) “Eles, e apenas eles, conseguem sondar o oculto...” / Eles (e apenas eles) conseguem sondar o oculto...

e) “Cada um desses termos encobre um buraco negro...” / Cada um desses termos, encobre um buraco negro...

30. Das alterações feitas a seguir na pontuação da frase “O futebol, que desde os primeiros anos do século vinha se difundindo rapidamente pela cidade, alcançava no fim da década de 1910 uma popularidade ímpar.”, está incorreta a que foi feita na opção:

a) O futebol, que, desde os primeiros anos do século, vinha se difundindo rapidamente pela cidade, alcançava no fim da década de 1910 uma popularidade ímpar.

b) O futebol, que desde os primeiros anos do século vinha se difundindo rapidamente pela cidade, alcançava, no fim da década de 1910, uma popularidade ímpar.

c) O futebol, que, desde os primeiros anos do século, vinha se difundindo rapidamente pela cidade, alcançava, no fim da década de 1910, uma popularidade ímpar.

d) O futebol, que, desde os primeiros anos do século vinha se difundindo, rapidamente pela cidade, alcançava no fim da década de 1910 uma popularidade ímpar.

e) O futebol que, desde os primeiros anos do século, vinha se difundindo rapidamente pela cidade alcançava no fim da década de 1910 uma popularidade ímpar.

Gabarito: 1. c; 2. e; 3. c; 4. a; 5. e; 6. e; 7. b; 8. b; 9. b; 10. c; 11. d; 12. d; 13. b; 14. c; 15. a; 16. a; 17. d; 18. d; 19. e; 20. a; 21. d; 22. d; 23. c; 24. e; 25. a; 26. a; 27. c; 28. d; 29. e; 30. d.

Agora que chegamos ao final deste capítulo tão importante, vamos resumir? A seguir, um resumo sobre o uso das vírgulas.

20.5. RESUMO

USO DA VÍRGULA – REGRAS PRÁTICAS:

- Emprega-se a vírgula para isolar vocativo. (“João, entre já!”)
- Emprega-se a vírgula para isolar aposto. (“João, o professor, chegou”)
- Usa-se a vírgula para separar elementos de mesma função sintática (enumerações). (“Comprou banana, uva, pera e maçã”)
- Separa-se na data o nome do lugar e para indicar supressão de uma palavra. (“Brasília, 30 de dezembro de 2010”/”João comprou as bebidas; Maria, o jantar”).
- Separa as orações coordenadas assindéticas. (“Acordou, banhou-se e foi ao trabalho”).
- Usa-se a vírgula para separar orações coordenadas sindéticas. As conjunções adversativas (mas, porém, contudo, todavia,...) e conclusivas (logo, portanto, por conseguinte,...), se deslocadas, devem ficar entre vírgulas. (“João chegou tarde, porém saiu cedo.”/ “João chegou tarde; saiu, porém,

cedo.”)

Obs.: Quando a conjunção **e** unir sujeitos diferentes ou se apresentar com valor adversativo: vírgulas facultativas. (“João saiu cedo, e Maria chegou em seguida”/”João estudou, e não passou”) Caso una orações com sujeitos iguais, vírgula proibida (“João chegou e ligou para sua mãe”).

- O uso da vírgula é facultativo nos advérbios e locuções deslocados. (“Ontem, meu tio veio, com a família, me visitar” ou “Ontem meu tio veio com a família me visitar”)
- As expressões deslocadas na frase (isto é, ou melhor, digo, aliás, por exemplo,...) devem vir separadas por vírgulas. (“Meu pai, ou melhor, meu irmão chegou”)
- A vírgula é usada para separar as orações adverbiais deslocadas (“Se chegar cedo, ligue-me”) e as orações adjetivas explicativas (“O homem, que é um ser mortal, tem alma imortal”).

21 AS PALAVRAS QUE E SE

21.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

21.1.1. A palavra que

Todos sabemos como é difícil classificar essa palavra... Isso acontece porque ela pode ter muitas classificações, na verdade, é um resumo de tudo o que você estudou...

Uma boa maneira de estudar essa palavra é entendendo de fato cada classificação. Sem decoreba... Você vai perceber que todas estas classificações fazem sentido, tudo tem uma lógica. Assim, fica bem mais fácil.

Vamos lá então? Primeiro, vamos ver tudo o que o QUE pode ser...

1. Pronome

Quando substitui ou determina um substantivo.

a) Indefinido – tem um sentido vago.

Que felicidade!

Que diferença de preço!

b) Interrogativo – aparece em orações interrogativas.

Que professor me substituirá? (interrogativa direta)

Não sei que professor me substituirá. (interrogativa indireta)

c) Relativo – retoma um antecedente, evitando sua repetição.

"Eu preparo uma canção que faça acordar os homens e adormecer as crianças." (Carlos Drummond de Andrade)

2. Preposição

Quando equivale à preposição de. Aparece no meio de uma locução verbal.

"A gente não tem que fazer tudo o que a gente tem que fazer."

3. Interjeição

Aparece em construções que denotam admiração, espanto.

Quê! Ela te contou isso?

4. Advérbio

Modifica um adjetivo ou um advérbio, denotando intensidade.

Que simpático é Guilherme!

5. Conjunção

É um conectivo que dá início às orações coordenadas (conjunções coordenativas) ou às subordinadas (conjunções subordinativas).

Coordenativa

• Aditiva: Grita que grita.

• Explicativa: Vá dormir, que já é tarde.

Algumas gramáticas dão exemplos ainda do que como alternativo e adversativo.

Subordinativa

• Integrante – dá início às orações substantivas.

"A crise mostra que a velha esquerda não tem programa."

– consecutiva: Estava tão emocionado que chorava a cada homenagem que recebia.

• Adverbial (dá início – comparativa: Esforçava-se mais que o irmão.

às orações adverbiais) – concessiva: Que trouxesse o presente mais caro, não o perdoaria

– causal: Chegarei tarde, que tenho trabalho a fazer.

– final: Emprestei-lhe o casaco que não sentisse frio.

Há também registros do que como temporal e condicional.

6. Partícula expletiva ou de realce

Serve para dar expressividade ao que se quer enunciar. Pode ser retirada da frase, sem prejuízo sintático ou semântico.

Quase que caí da árvore.

Nós é que chegamos primeiro. (expressão de realce é que)

7. Substantivo

Quando vem determinado (geralmente por artigo ou pronome). Sempre acentuado.

Este quê tem a função de sujeito.

21.1.2. A palavra *se*

Agora vamos ao SE?

1. Pronome reflexivo

Quando equivale a a si mesmo.

Pedi a ela que se afastasse da cadeira.

2. Pronome recíproco

Quando equivale a um ao outro.

Os amigos se abraçaram na despedida.

3. Pronome apassivador

Partícula que se liga ao verbo para tornar o sujeito paciente. Esse verbo será transitivo direto ou transitivo direto e indireto. A frase pode ser transformada em voz passiva analítica.

Nunca se viram tantos suicídios. (= Tantos suicídios nunca foram vistos.)

4. Índice de indeterminação do sujeito

Sua função é tornar o sujeito indeterminado. O verbo, em geral, não será transitivo direto.

Trabalha-se muito naquela seção.

5. Parte integrante do verbo

Aparece nos verbos pronominais.

Queixavam-se da vida sem razão.

6. Conjunção

Estabelece ligação entre duas orações.

a) Conjunção subordinativa integrante – dá início à oração subordinada substantiva.

Perguntei se precisavam de ajuda.

b) Conjunção subordinativa condicional – dá início à oração subordinada adverbial condicional.

Se quiseres, voltarei mais tarde.

c) conjunção subordinativa causal – dá início à oração subordinada adverbial causal.

Se você depende desse emprego, não arrume confusão. (= já que)

d) Conjunção subordinativa concessiva – dá início à oração adverbial concessiva.

Se o acesso à escola melhorou muito, a qualidade de ensino tem se mostrado aquém do esperado.

Há também registros do se como comparativo.

7. Substantivo

Quando vem determinado por artigo ou pronome.

O sê desta frase é uma conjunção.

8. Partícula expletiva (ou de realce)

Pode ser retirado da frase sem prejuízo semântico. Não há alteração na estruturação sintática da frase.

Foi-se embora de manhã.

Próximo passo: classificar os "quês" e os "sês" em textos. Quem sabe de fato, consegue classificar nos textos... Então, teste seus conhecimentos!

21.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Classifique o *que* e o *se* dos textos a seguir.

Texto I

Defendo a ideia de que deveria haver porte de celular como há porte de arma, e não só para evitar – está bem, dificultar um pouco – que caia na mão dos bandidos. Acho que o celular se juntará ao cigarro como um divisor da Humanidade. Com o cigarro pegamos o câncer dos outros, com o celular somos atacados pela intimidade dos outros, sem qualquer possibilidade de defesa. Você fica indeciso entre dois impulsos, o de sair de perto para não ouvir mais detalhes sobre o furúnculo da Adalgisa e chegar mais perto para ouvir os dois lados da conversa e ter, pelo menos, o consolo da bisbilhotice total. Em geral não pode fazer nem uma coisa nem outra. Fica ali, semi-imerso na vida de outro e fingindo ser surdo. Um agravante é que as pessoas parecem adquirir, junto com o celular, uma desinibição de penitentes. Dizem tudo com furor confessional e para serem ouvidas no céu. Cresce uma rejeição ao celular parecida com a que o cigarro provoca nos não fumantes e logo haverá a segregação, setores só para os com-celular e avisos oficiais que o celular pode causar problemas de saúde para quem usa, com a defenestração. Mas desconfio que, do jeito que vai, nós, os sem-celular, é que acabaremos discriminados, reunidos em pequenos oásis de silêncio e recato enquanto todos à nossa volta se comunicam o tempo todo sem parar.

Luís Fernando Veríssimo

que (l.1) _____

1º que (l.2) _____

2º que (l.2) _____

que (l.8) _____

que (l.10) _____

que (l.12) _____

1º que (l.13) _____

2º que (l.13) _____

Texto II

Costuma-se ouvir que as universidades públicas estão sendo "sucateadas". Trata-se de uma comprovação cabal da injunção de Goebbels de que uma mentira repetida à exaustão torna-se verdade.

1º se (l.1) _____

2º se (l.1) _____

se (l.2) _____

Texto III

Nas cidades brasileiras, o comum é aumentar os espaços de circulação dos carros. Diminuem-se as calçadas. Constroem-se viadutos, túneis e passagens de nível para seu uso exclusivo. Na Paris de Delanoë, trabalha-se no sentido contrário. Corredores de ônibus, ciclovias, calçadões para pedestres e reservas para novas áreas verdes formam uma combinação que avança com ímpeto sobre os espaços onde antes o carro reinava.

se (l.1) _____

se (l.2) _____

se (l.3) _____

que (l.4) _____

Texto IV

Ignorância e preconceito

Lya Luft

(...) O preconceito, doença que turva nosso olhar e entorta nossa alma, que nos diminui e nos emburrece, é uma das enfermidades mais sérias deste nosso mundo. E, atenção, não falo apenas do preconceito contra deficientes nem do preconceito contra muçulmanos, cristãos, negros, índios ou brancos. Não me refiro apenas ao preconceito contra pobres ou ricos, mas também ao lamentável preconceito contra a classe média. Contra isso que os promotores do ódio de classes chamam indiscriminadamente "as elites". Que incluem bancários, professores, auxiliares de escritório, motoristas, domésticas, balconistas, trabalhadores em geral. Isto é, os que não dependem totalmente da

ajuda dos governos.

Essa postura criminosa tanto perturba a mente das pessoas que numa manifestação de parentes de vítimas dos dois acidentes aéreos recentes, que envergonham este país, houve quem gritasse que aquela era uma manifestação "da elite". Tal intervenção, movida pelo ódio insensato e nascida da brutalidade, mostra que estamos seguindo um caminho muito perigoso. Estamos chegando a um ponto em que os que perderam mãe, pai, filho, marido ou esposa, por não serem realmente pobres, não têm direito nem de sofrer.

Quem sabe acabaremos como uma sociedade em que bancários, médicos, professores, balconistas, operários devem se esconder de vergonha por não pedir esmola na rua ou não viver de doações públicas? Alguém começa a acreditar que a classe média hoje tachada de "elite", os que com seu trabalho conseguem comer, morar, estudar, é exploradora e quer a desgraça dos demais? Se for assim, estamos tragicamente desorientados por aqui, confundindo perigosamente as coisas. Há no ar um tipo de estímulo a esse ódio de classes destrutivo e antidemocrático. Que censura até os que, às vezes com incalculável sacrifício, entram numa universidade, fazem seu mestrado, quem sabe seu doutorado no exterior – com bolsa de estudos, sim, porque com isso ajudam grandemente a melhorar as condições de vida dos mais desprotegidos em nosso país.

Se permitirmos que essa doença maligna – o preconceito, pai do ódio e filho da ignorância – nos domine, seremos em breve o mais atrasado no círculo dos povos atrasados, uma manada confusa obedecendo a qualquer chibata ideológica.

1º que (l.1) _____

2º que (l.1) _____

que (l.5) _____

Que (l.6) _____

que (l.7) _____

que (l.9) _____

que (l.10) _____

que (l.11) _____

que (l.12) _____

1º que (l.13) _____

2º que (l.13) _____

que (l.15) _____

se (l.16) _____

1º que (l.17) _____

2º que (l.17) _____

Se (l.19) _____

Que (l.20) _____

que (l.21) _____

Se (l.24) _____

Gabarito: Texto I – conjunção integrante; conjunção integrante; conjunção integrante; conjunção integrante; pronome relativo; conjunção integrante (Inicia oração subordinada substantiva completiva nominal. O uso da preposição "de" é facultativo.); conjunção integrante (Inicia oração subordinada substantiva objetiva indireta. Quando o objeto indireto aparece sob forma de oração, o uso da preposição é facultativo.); palavra de realce (= expletiva). A expressão de realce na linha 14 é "é que".

Texto II – pronome apassivador; índice de indeterminação do sujeito; parte integrante do verbo.
Texto III – pronome apassivador; pronome apassivador; índice de indeterminação do sujeito; pronome relativo.
Texto IV – pronome relativo; pronome relativo; pronome relativo; pronome relativo; pronome relativo; conjunção subordinada adverbial consecutiva; pronome relativo; conjunção integrante; conjunção integrante; pronome relativo; pronome relativo; pronome relativo; pronome reflexivo; conjunção integrante; pronome relativo; conjunção adverbial condicional; pronome relativo; pronome relativo; conjunção adverbial condicional.

21.3. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (NCE-UFRJ / Ministério Público) "...enquanto que no continente europeu marcha-se a passos largos na direção de conflitos raciais..." O item a seguir em que o SE tem o mesmo valor sintático que apresenta no segmento em destaque é:

a) a história se repete na Europa.
b) o líder declarou que, se levado ao poder, deportará imigrantes.
c) as manifestações contra imigrantes se transformaram em praga internacional.
d) encontram-se muitas injustiças nas relações com os imigrantes.
e) precisa-se de novos imigrantes para a lavoura brasileira.

2. (NCE-UFRJ / Oficial de Justiça) O item a seguir em que o vocábulo SE desempenha o mesmo papel sintático do que exerce no segmento "onde quer que SE esteja" é:

a) "como as liberdades essenciais SE transformam em direito do cidadão?"
b) "nosso apetite pela liberdade SE aburguesou."
c) "...e tem o direito de mover-SE livremente?"
d) "...o que conta é a sensação de poder sentar-SE ao veículo."

e) “e acoplado a ele vem a Web..., onde SE compra e vende, consomem-se filosofia e pornografia...”

3. (NCE-UFRJ / Auxiliar de Cartório) “...autópsia dos que se mataram de amor”. A função do pronome SE neste segmento se repete exatamente em:

a) os poetas se abraçaram no aeroporto.
b) os suicidas queixaram-se da vida.
c) os sentimentais se martirizam diariamente.
d) nunca se viram tantos suicídios.
e) elas se aborreceram com a notícia.

4. (Magistério) “... uma sociedade que pretende construir-se...” A frase a seguir em que o se apresenta o mesmo valor sintático é:

a) a ciência se considera infalível.
b) ciência e técnica se auxiliam.
c) não se conhece uma só ciência completa.
d) viram-se os resultados da pesquisa.
e) os jovens se abraçaram na passeata.

Gabarito: 1. e; 2. e; 3. c; 4. a.

21.4. RESUMO

Vamos às dicas finais?

A palavra que

O **QUE** que retoma um substantivo é pronome relativo. Nesse caso, pode ser substituído por outro relativo.

Atenção à palavra de realce QUE. Pode vir sozinha ou pode compor a expressão “é que”.

Há duas formas de se interrogar: direta e indiretamente.

Nem todo QUE que inicia oração substantiva é conjunção integrante. Se estiver se referindo a um substantivo, será pronome.

A palavra se

Diante de um SE, primeiro pergunte se ele é pronome apassivador.

Caso não seja pronome apassivador, verifique se ele é pronome indeterminador do sujeito.

Não pergunte de imediato se ele é palavra de realce: você sempre vai achar que é.

Memorize os verbos pronominais que mais aparecem nas provas de concursos públicos: nesses casos, o SE será parte integrante do verbo.

22 FIGURAS DE LINGUAGEM

As figuras de linguagem são divididas em três tipos, que serão estudados neste capítulo: figuras de palavras; figuras de sintaxe; e figuras de pensamento.

22.1. TEORIA SUCINTA

22.1.1. Figuras de palavras

1. **Metáfora**: emprego de palavra fora do seu sentido normal, por analogia.

   Ex.: A Amazônia é o pulmão do mundo.

   Na sua mente povoa só maldade.

   Obs.: quando há um confronto direto, temos o **Símile** ou **Comparação** (caracterizada pela presença de conjunções comparativas – *como, tal qual, assim como* ...).

   Ex.: Ele é rápido como a lebre.

2. **Sinestesia**: quando se cruzam sensações diferentes.

   Ex.: Doce esperança. (paladar *x* sentimento)

3. **Catacrese**: emprego impróprio de uma palavra, por não se dispor de palavra própria para designar certas ações.

   Ex.: Embarcar num trem. (trem não é barco)

   "Enterrar uma agulha na pele." (pele não é terra)

4. **Metonímia**: substituição de um nome por outro em virtude de uma semelhança (autor pela obra, concreto pelo abstrato, continente pelo conteúdo, causa pelo efeito e vice-versa...).

   Ex.: A juventude (= jovens) brasileira.

   Ler Machado de Assis.

22.1.2. Figuras de sintaxe

1. **Hipérbato** (= inversão): alteração da ordem direta dos termos.

   Ex.: Morreu o presidente.

   Obs.: quando há anteposição de um termo preposicionado, temos a **anástrofe.**

   Ex.: Tão bela dos seus anos na flor. (Tão bela na flor dos seus anos.)

2. **Pleonasmo**: repetição de significação do vocábulo ou termos oracionais com finalidade expressiva.

Ex.: Ver com os próprios olhos.

A mim ninguém me engana.

3. **Anacoluto**: quebra de estruturação sintática.

Ex.: O meu cunhado, você se entende com ele.

A expressão *O meu cunhado* não exerce nenhuma função sintática na frase.

4. **Elipse**: omissão de um termo facilmente subentendido.

Ex.: Na praça, crianças brincando. (havia)

Obs.: **Zeugma** é um tipo de elipse. Consiste na supressão de um termo já expresso anteriormente.

Ex.: Alguns estudam, outros não. (estudam)

5. **Silepse**: concordância ideológica.

Ex.: **V. Exª** é compreensiv**o**. (silepse de gênero)

Todos fomos à festa. (silepse de pessoa)

6. **Hipálage**: aplica-se a um substantivo um adjetivo que corresponde a outro substantivo.

Ex.: Maria fumava um cigarro lânguido. (Quem estava lânguida – sensual – era Maria, e não o cigarro.)

7. **Quiasmo**: os elementos se cruzam em X.

Ex.: "No meio do caminho tinha uma pedra

Tinha uma pedra no meio do caminho."

8. **Anáfora**: repetição de palavra no início de cada membro da frase.

Ex.: Tudo era silencioso, tudo nebuloso, tudo confuso.

22.1.3. Figuras de pensamento

1. **Antítese**: oposição entre duas palavras ou pensamentos.

Ex.: Não há no mundo alegria sem sobressalto, riqueza sem miséria.

2. **Enálage:** uso de um tempo verbal no lugar de outro.

Ex.: Você me emprestaria a sua caneta? (Uso, por polidez, do futuro do pretérito em lugar do presente – empresta.)

3. **Oxímoro**: os vocábulos opostos formam um paradoxo (ideias aparentemente contraditórias).

Ex.: Viver só na multidão.

4. **Hipérbole**: exagero na mensagem.

Ex.: Repetir um milhão de vezes.

5. **Eufemismo**: emprego de palavras ou expressões agradáveis em substituição às que têm sentido desagradável.

Ex.: Faltou com a verdade. (=mentir)

Deu o último suspiro. (= morrer)

6. **Ironia**: declarar o oposto do que se pensa.

Ex.: Era fino como um hipopótamo.

7. **Prosopopeia** (= personificação): atribuição de ações ou qualidades humanas a seres inanimados.

Ex.: "Os pinheiros pensavam coisas longas..."

22.2. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (Vunesp) "Na laranja e na couve
picada – as cores brasileiras
da feijoada. (...)" (Luiz Bacellar)
No excerto acima, ocorre a figura de sintaxe a que se denomina:
a) zeugma.
b) pleonasmo.
c) anáfora.
d) elipse.
e) anacoluto.

2. (Banco do Brasil) Na oração "Por sua cabeça passam **mil e uma** questões", o numeral tem seu sentido original modificado, pois uma quantidade certa está empregada para expressar uma indeterminação exagerada. Recorde-se, agora, de que a exageração de uma ideia dá origem a uma conhecida figura de linguagem. Assinale a alternativa em que se utiliza tal figura:
a) Lemos Machado de Assis nas aulas de literatura brasileira.
b) Por estar com sede, bebeu três copos.
c) Eu, parece-me que vou mal.
d) A liberdade concedida não deixa de ser uma forma de prisão.
e) A cidade amanheceu debaixo d'água.

3. (Vunesp) Em "Rios te correrão dos olhos, se chorares." (Olavo Bilac), identifica-se a figura de linguagem:
a) hipérbato.
b) hipérbole.
c) eufemismo.
d) metonímia.
e) paradoxo.

4. (NCE-UFRJ) Ao estabelecer uma comparação entre a ação da águia e a dos homens, o

texto compõe uma:

a) anástrofe.
b) metáfora.
c) hipérbole.
d) metonímia.
e) silepse.

5. (Cesgranrio) “Sofreu inutilmente por mais dois dias antes de tocar de novo o acorde final”, no fragmento ocorre um(a):

a) personificação.
b) onomatopeia.
c) eufemismo.
d) comparação.
e) metonímia.

6. (Cesgranrio) A propósito do emprego da linguagem figurada presente no poema de Vinícius de Moraes, é correto afirmar que, nos versos “Sendo a sua liberdade/Era a sua escravidão”, há:

a) antítese.
b) comparação.
c) eufemismo.
d) metáfora.
e) metonímia.

7. (Cesgranrio) “Nike renova com a CBF até 2018.”

Sem alarde, a Nike renovou seu contrato com a CBF até 2018.

(Revista Veja)

Podemos afirmar que nesse trecho há uma figura de linguagem conhecida como:

a) metonímia.
b) hipérbole.
c) metáfora.
d) hipérbato.
e) comparação.

8. (Cesgranrio) No trecho “A obra-prima da agressão sonora são uns automóveis cujos porta-malas se abrem revelando uma bateria de alto-falantes, terrível usina de decibéis.”, observa-se um exagero do articulista, o qual se justifica pela sua indignação ao que está expondo. A esse recurso estilístico denomina-se:

a) antítese.
b) eufemismo.
c) metonímia.
d) hipérbole.
e) personificação.

9. (Cesgranrio) “Mas a **mim** é que não **me** escardincham (...)”

Há entre os vocábulos grifados uma relação:

a) pleonástica.
b) irônica.
c) metafórica.
d) antitética.
e) eufemística.

Gabarito: 1. d; 2. e; 3. b; 4. b; 5. c; 6. a; 7. a; 8. d; 9. a.

Parte IV

Interpretação de textos

23 TIPOLOGIA TEXTUAL

23.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

23.1.1. Os modos e os tipos de texto

Não se pode falar em compreensão e intelecção textual sem que se aprenda a diferenciar os modos de texto. Ao aprender a classificar um texto, o aluno não só se prepara para as questões que versam sobre tipologia textual, como também estabelece o primeiro contato com o seu objeto de estudo.

Podemos destacar quatro maneiras de organizar um discurso: por meio da **narração**, **descrição**, **dissertação** e **argumentação**. Muitas vezes, é importante ressaltar, utilizamo-nos de mais de um recurso na elaboração de um único texto.

23.1.2. A narração

É a modalidade de texto que se relaciona com objetos do mundo real. Na narração, o objetivo do autor é contar um fato, relatar acontecimentos, reais ou imaginários.

23.1.2.1. As modalidades da narração

O texto narrativo apresenta-se em diversas modalidades; entre as principais, pode-se citar:

1. **Romance:** narrativa longa que não se compõe apenas de uma trama – além do núcleo principal, outras tramas se desenrolam em paralelo. É composição que pode vir escrita em prosa ou em verso.
2. **Crônica:** é o relato de acontecimentos do quotidiano, do nosso dia a dia, que se desenrolam em uma sucessão cronológica. Reflete a vida social, a política, os costumes de uma época.
3. **Conto:** narrativa curta e concisa que se desenvolve em torno de um único núcleo. Pode ter características reais ou ser apenas fruto da imaginação do autor.
4. **Fábula:** uma espécie de conto, em forma de prosa ou verso. Tem como objetivo uma lição de aprendizado, o ensinamento de uma moral. Utiliza-se de personagens animais, mas com características humanas.
5. **Anedota:** narrativa que tem como objetivo provocar humor. É breve e pode se apresentar também na linguagem oral.
6. **Lenda:** história fictícia que se utiliza de lugares ou personagens reais. Mistura realidade e fantasia. Seu registro escrito normalmente é precedido de uma tradição oral.
7. **Parábola:** narrativa alegórica. Texto cujo objetivo é veicular uma mensagem, um ensinamento, por

meio de uma comparação ou analogia. É a versão da fábula com personagens humanas.

23.1.2.2. Os elementos da narração

No texto narrativo, não se deve deixar de lado a análise do aspecto temporal: os acontecimentos se sucedem na linha cronológica, existindo, portanto, uma relação de anterioridade e posterioridade, que acabam por compor uma história que nos é contada por um narrador. Tem-se assim a composição de três elementos:

AÇÕES X PERSONAGENS X NARRADOR.

23.1.2.2.1. As ações

As ações são relatadas numa narrativa obedecendo à seguinte ordenação:

1. **Introdução**

Apresenta a ideia-núcleo ou ideia principal, podendo surgir ideias secundárias. Representa um estado de harmonia inicial, de equilíbrio.

Ex.1: Texto 1

"O índio da Transamazônica todo dia passava pelas obras, com um menino nas mãos e um livro debaixo do braço."

2. **Desenvolvimento**

O fato narrativo propriamente dito (uma série de ações que levam os personagens a sofrerem diversas transformações). No desenvolvimento, observamos o enredo da história, a ocorrência da desarmonia. No desenrolar de uma narrativa, o(s) personagem(ns), em busca de soluções para a carência apresentada na introdução, passa(m) por uma série de transformações, que culminarão em um resultado final. Há nesse momento do texto, portanto, um conflito, um ponto extremo de tensão, que só será solucionado no desfecho da narração.

Exemplo: continuação Texto 1

"Um dia, o engenheiro perguntou a ele:

– *Onde vai com estes livros?*

– *Pra escola!*

O engenheiro ficou maravilhado!

– *Que coisa edificante ver um índio brasileiro levar uma criança para a escola.*

– *Não é criança, não. Quem vai à escola é índio mesmo*!"

Importante ressaltar que, no gênero narrativo, ao relatar as ações através de uma evolução cronológica, faz-se necessário o uso de verbos de ação que encadeiam os fatos ("A mulher foi passear na capital. Após um tempo, o marido dela recebeu um telegrama.") e de conectivos temporais, que organizam os fatos da narrativa, situando-os uns em relação aos outros. ("O crime ocorreu no domingo. Dias depois, os jornais já noticiavam.")

3. **Conclusão**

A conclusão pode ser ideia sucinta do fato narrado, um comentário pessoal do autor ou uma simples generalização. Representa também a resolução da carência, isto é, um resultado, sob a forma de uma melhora, de uma permanência ou de uma degradação do estado inicial. É o desfecho do texto, que tanto pode ser a volta ao equilíbrio inicial como o aparecimento de uma nova, uma outra situação de equilíbrio não apresentada no início do texto.

Ex.: fechamento Texto 1

– Ah... que empolgante – falou o engenheiro. Aí, deu uma paradinha, uma pensadinha e perguntou: – E o menino?

– Ah! – falou o índio – menino é merenda!"

23.1.2.2.2. Os personagens

Os personagens são elementos fundamentais na narrativa, possuindo cada um o seu papel para a evolução da história. Interessante observar que o vocábulo "personagem" se origina do grego (persona = máscara): é por meio dos personagens que o autor transmite as mensagens que deseja.

Há os personagens principais – o antagonista e o protagonista – e os secundários – constrói-se entre eles uma hierarquia de valor.

23.1.2.2.3. O narrador

O narrador é o organizador da história contada, podendo ser o próprio autor do texto narrativo ou até mesmo um personagem criado pelo autor. Contando a história para o leitor, ele poderá interferir no texto através de pronomes ("nós podemos concluir o que ela poderia estar pensando..."), do uso do presente genérico ("sabíamos que ele poderia não estar dizendo a verdade"), comentários sobre o fato narrado ("descrevendo-a desta maneira, é fácil imaginar por que ele a amava") ou até interpelando diretamente o leitor ("Preste atenção, minha cara leitora, a este artista que temos"). Podemos ainda caracterizar o narrador como o de primeira ("Já contei algumas vezes esta história") ou de terceira pessoa ("A mulher

estendeu-lhe a mão e sorriu”).

De uma forma prática, teríamos:

a) ***Narrador personagem****: é aquele que conta a história e dela participa. A história é contada em 1ª pessoa.*

Ex.: “Percebi que minha avó não me olhava. A princípio, achei inexplicável ela fizesse isso, pois costumava fitar-me, longamente, com uma ternura que incomodava. Tive raiva do que me parecia um capricho e, como represália, fui para a cama.”

b) ***Narrador observador****: caracteriza-se como o narrador que relata acontecimentos na qualidade de alguém que observa e transmite suas impressões ao leitor. Conta-se a história em 3ª pessoa.*

Ex.: “O menino pisou com o calcanhar a procissão de formigas atarantadas. Só então percebeu que lhe escorria do joelho esfolado um filete de sangue.”

c) ***Narrador onisciente****: é aquele que não só observa os acontecimentos, mas também sabe tudo sobre os personagens, inclusive seus sentimentos e pensamentos. A narração se desenrola em 3ª pessoa, mas muitas vezes a fala do narrador se mistura às dos personagens, o que caracteriza o discurso indireto livre.*

Ex.: “No fundo, Ana sempre tivera necessidade de sentir a raiz firme das coisas. E isso um lar lhe dera. Por caminhos tortos, viera a cair num destino de mulher, com a surpresa de nele caber como se o tivesse inventado. O homem com quem casara era verdadeiro, os filhos que tivera eram filhos verdadeiros. Sua juventude anterior parecia-lhe estranha como uma doença de vida.”

23.1.2.2.4. O narrador e os tipos de discurso

No texto narrativo, os personagens dialogam entre si, manifestando, assim, o seu discurso. Cabe ao narrador a reprodução desses discursos ao longo da narração. Assim, podemos citar três formas de reprodução do discurso alheio – **discurso direto, discurso indireto** e **discurso indireto livre**. A seguir, a análise de cada um deles:

- Discurso direto

Nesse caso, o narrador reproduz as falas dos personagens por meio das próprias palavras deles. A reprodução do discurso ocorre como se o leitor ouvisse literalmente o que os personagens disseram.

Algumas marcas linguísticas são evidenciadas: uso dos dois pontos e travessão; aparecimento de verbos que anunciam a fala do personagem

("disse", "falou"...) – são os chamados verbos de elocução ou verbos dicendi e a presença de palavras que se vinculam à situação de produção textual em que se proferiu o discurso.

Ex.: "– O rio já encheu mais? – perguntou a *mãe*.

– Chi, ta um mar d'água! Qué vê, espia, – apontou o menino com o dedo para fora do rancho."

Discurso indireto

Nesse tipo de discurso, o narrador reproduz as palavras dos personagens sem priorizar sua forma linguística e sim seu conteúdo. Aqui, o que se pretende não é reproduzir literalmente o que o personagem falou, mas reescrever tal fala por meio das palavras do narrador.

As marcas linguísticas desse tipo de discurso incluem também verbos que reproduzem as falas dos personagens ("dizer", "afirmar", "perguntar", "responder" etc.); a fala do narrador não é isolada por sinal de pontuação, mas por partículas introdutórias (normalmente, as conjunções integrantes que e se); os pronomes, os verbos e outros vocábulos da fala do personagem são substituídos por outros que se vinculem ao tempo em que se situa o narrador.

Ex.: "Assim que a encontrei, perguntei se nós poderíamos nos encontrar naquela noite."

Discurso indireto livre

Essa é a forma mais sutil de se reproduzir a fala de um personagem – não *há* indicadores muito evidentes de limites entre a fala do narrador e a fala do personagem. Nesse caso, é preciso que o leitor pressuponha que aquelas palavras não pertencem ao narrador e sim a um personagem da narrativa. É o discurso que aproxima ambos, dando-nos a impressão de que falam em uma só voz.

Ex.: "Toda a fascinação da vida o golpeou, uma tão profunda delícia e gosto de viver, uma tão ardente e comovida saudade, que retesou os músculos do corpo, esticou as pernas, sentiu um leve ardor nos olhos. Não quero morrer!"

Transposição do discurso direto para o indireto

Discurso direto	Discurso indireto
→ pronomes e flexão verbal em 1ª ou 2ª pessoa: – Quero dormir – disse a menina.	→ pronomes e flexão verbal em 3ª pessoa: A menina disse que queria dormir.
→ Tempos verbais (ordenados em relação ao momento da fala) a) Presente do Indicativo – A situação é a mesma – afirmou o policial.	→ Tempos verbais (em correlação com o tempo em que se situa o narrador) a) Pretérito Imperfeito O policial afirmou que a situação era a mesma.
b) Pretérito Perfeito – Tudo permaneceu com antes – lembrou o rapaz. c) Futuro do Presente	b) Pretérito Mais-que-perfeito O rapaz lembrou que tudo permanecera como antes. c) Futuro do Pretérito

– Tudo estará acabado em breve – sentenciou a mulher. d) Modo Imperativo – Não entre aí, disse a mãe.	A mulher sentenciou que tudo estaria acabado em pouco tempo. d) Modo Subjuntivo A mãe mandou que não entrasse ali.
→ Frases interrogativas diretas – Tudo bem aí? – perguntou a mulher.	→ Frases interrogativas indiretas A mulher perguntou se estava tudo bem ali.
→ Pronomes demonstrativos de 1ª e 2ª pessoa (esta/este/isto; esse/essa/isso) – Essa sua atitude não é educada – repreendeu o pai.	→ Pronomes demonstrativos de 3ª pessoa (aquele/aquela/aquilo) O pai lhe falou que aquela atitude não era educada.

23.1.3. A narração e os tempos verbais

Quanto aos tempos verbais, pode-se afirmar que nesse gênero de texto há predominância de verbos no pretérito perfeito, já que o que se pretende é relatar acontecimentos que ocorreram em um momento passado.

Ex.: "Tudo quieto, o primeiro cururu surgiu na margem, molhado, reluzente na semi-escuridão. Engoliu um mosquito; baixou a cabeçorra; tragou um cascudinho; mergulhou de novo, e bum-bum! Soou uma nota soturna do concerto interrompido." (Lima, Jorge de. *Calunga; O anjo*.)

Nesse texto, o que se observa são ações no pretérito perfeito que se sucedem na linha do tempo – surgiu, engoliu, mergulhou, baixou, tragou, mergulhou, soou.

Entretanto, é comum também a presença da troca dos tempos verbais na narração – do pretérito perfeito para o presente do indicativo –, quando o que se pretende é aproximar os acontecimentos que ocorreram no passado do momento em que se os narra. É a utilização do *Presente do Indicativo* no lugar do *Pretérito Perfeito*.

Ex.: "A moça chega com sapatinho baixo, saia curta, cabelos lisos castanhos arrumados em rabo-de-cavalo, sorri dentes branquinhos muito pequenos, como de primeira dentição, e fala o senhor me deixa telefonar? de maneira inescapável." (Ângelo, Ivan. Bar. – Adaptado)

De uma forma prática, pode-se observar na narração a articulação dos seguintes elementos:

1. Quem? → os personagens que se envolvem na trama.
2. Quê? → o enredo – os fatos em si, a trama, os acontecimentos.
3. Onde? → o local onde se desenvolve o enredo.
4. Quando? → o momento em que se desenrolou a trama.
5. Como? → a forma como se desenvolveram os acontecimentos.
6. Por quê? → as causas, os motivos que suscitaram os eventos.
7. Para quê? → possíveis finalidades, consequências desejadas pelos personagens da trama.

23.1.4. A narração e a descrição

Vale lembrar que é muito comum que a narração contenha aspectos descritivos. No texto narrativo, observa-se a presença constante não apenas da caracterização das cenas em que se desenrola a trama, mas também a qualificação dos personagens que dela participam.

Ex.: "Ouvi primeiro o ruído de cascos pisando a grama, mas continuei deitado de bruços na esteira que havia estendido ao lado da barraca. Senti nitidamente o cheiro acre muito próximo. Virei-me devagar, abri os olhos. O cavalo erguia-se interminável à minha frente. Em cima dele havia uma espingarda apontada para mim e atrás da espingarda um velhinho de chapéu de palha, que disse logo o seguinte:

– Filhos de uma puta." (Piroli, Wander. *Crítica da razão pura*.)

Neste trecho, que inicia uma narração, o que se percebe é o comprometimento inicial do autor em caracterizar não só a cena como também os personagens da história que se inicia.

23.1.5. A descrição

É a modalidade de texto que trata das características de uma pessoa, de um objeto, de uma paisagem ou de uma simples situação, em determinado período de tempo. Em uma modalidade abstrata, a descrição pode caracterizar sentimentos, sensações. É o tipo de texto que lida com detalhamentos, pormenores do elemento que retrata.

Ex.: "O amor estava de chambre verde, recostado na cama cheia de almofadas. As mãos branquíssimas descansando entrelaçadas na altura do peito. Ao lado, um livro aberto e cujo título deixei para ler depois e não fiquei sabendo." (Telles, Lygia Fagundes. *A estrutura da bolha de sabão*.)

23.1.5.1. A passagem do tempo na descrição

Importante lembrar que se torna quase impossível desenvolver uma descrição pura, onde não apareçam trechos de narração ou até de dissertação. A descrição consiste não em fazer progredir uma história (tarefa da narração), mas em interrompê-la, detendo-se em um personagem, um objeto, um lugar etc. Na descrição, não existe relação de anterioridade e de posterioridade entre os enunciados, os movimentos ocorrem ao mesmo tempo, sem haver progressão de um estado a outro. As ações reproduzidas na descrição são simultâneas. Ao ocorrer progressão cronológica, tem-se o texto narrativo.

Ex.: "Cheguei em casa carregando a pasta cheia de papéis, relatórios, estudos, pesquisas, propostas,

contratos. Minha mulher, jogando paciência na cama, um copo de uísque na mesa da cabeceira. (...) Os sons da casa: minha filha no quarto dela treinando empostação de voz, a música quadrafônica do quarto do meu filho. (...) A copeira servia à francesa, meus filhos tinham crescido, eu e a minha mulher estávamos gordos." (Fonseca, Rubem. *Passeio noturno*.)

O trecho inicia-se com uma narração – ações evoluindo em uma sequência cronológica ("Cheguei em casa..."). Entretanto, logo a seguir, o autor interrompe sua sequência narrativa para caracterizar uma cena – tem-se uma pausa na narração para um trecho descritivo. Na descrição, as ações são concomitantes ("minha mulher jogando paciência", "minha filha no quarto treinando empostação de voz", "a copeira servia à francesa").

23.1.5.2. Os tipos de descrição

Basicamente, o texto descritivo pode se voltar para objetos, assuntos científicos, seres humanos ou paisagens.

23.1.5.2.1. Descrição de objetos

Os objetos podem ser caracterizados de forma objetiva, com linguagem denotativa; ou de maneira subjetiva, com a intervenção do ponto de vista do observador.

Ex.:

- Descrição objetiva

"A cachorra Baleia estava para morrer. Tinha emagrecido, o pêlo caíra-lhe em vários pontos, as costelas avultavam num fundo róseo, onde manchas escuras supuravam e sangravam, cobertas de moscas. As chagas da boca e a inchação dos beiços dificultavam-lhe a comida e a bebida." (Ramos, Graciliano. *Baleia*.)

- Descrição subjetiva

"Se me falam em virtude, em moralidade ou imoralidade, em condutas, enfim, em tudo que se relacione com o bem e o mal, eu vejo Mamãe em minha ideia. Mamãe – não. O pescoço de Mamãe, a sua garganta branca e tremente, quando gozava a sua risadinha como quem bebe café no pires. (...) Ela não se pintava nunca, mas não sei como fazia para ficar com aquela lisura de louça lavada. Nela, até a transpiração era como vidraça molhada: escorregadia, mas não suja." (Queiroz, Dinah Silveira de. *A moralista*.)

23.1.5.2.2. Descrição de fatos científicos

Nesse tipo de descrição, podemos inserir a descrição de fato da ciência, em que o objeto retratado caracteriza-se como do âmbito científico. Aqui, o objetivo maior do observador é o de informar o leitor sobre as características do elemento descrito. O discurso científico destaca o conteúdo das informações feitas, não priorizando, portanto, a subjetividade daquele que produz o texto.

Ex.: "Genoma é o conjunto simples de cromossomos de uma célula (cariótipo). É o conjunto formado por apenas um cromossomo de cada tipo, na espécie estudada. No ser humano o genoma é constituído de 23 cromossomos diferentes."

23.1.5.2.3. Descrição de seres humanos

Nesse caso, o tema-núcleo da descrição é uma pessoa. Nesse texto descritivo, o autor pode tanto se voltar para os aspectos físicos do ser retratado, como para suas características psicológicas, psíquicas.

Ex.: "A família foi pouco a pouco chegando. Os que vieram de Olaria estavam muito bem vestidos porque a visita significava ao mesmo tempo um passeio a Copacabana. A nora de Olaria apareceu de azul-marinho, com enfeites de paetês e um drapejado disfarçando a barriga sem cinta. O marido não veio por razões óbvias – não queria ver os irmãos. Mas mandara sua mulher para que nem todos os laços fossem cortados – e esta vinha com o seu melhor vestido para mostrar que não precisava de nenhum deles, acompanhada dos três filhos: duas meninas já de peito nascendo, infantilizadas em babados cor-de-rosa e anáguas engomadas, e o menino acovardado pelo terno novo e pela gravata." (Lispector, Clarice. *Feliz Aniversário*.)

23.1.5.2.4. Descrição de paisagens

Ao descrever paisagens, o autor tanto pode ter a simples intenção de localizar o leitor em relação ao espaço em que se desenvolve o texto narrativo, como pode pretender seduzir o leitor sobre as qualidades da paisagem observada, com o intuito de apresentar seu julgamento sobre o espaço retratado. A descrição pode ser panorâmica, abrangente ou pode se ater a detalhamentos, pormenores do seu tema-núcleo.

Ex.: "Agradável na manhã seguinte o percurso numa rodovia que não era de seu tempo. Ônibus e caminhões escureciam as estradas de poeira. Ao pé de uma serra calcárea,que conhecera intacta, as chaminés de uma fábrica de cimento emitiam rolos de uma fumaça escura. Mais adiante, os fornos de uma siderúrgica." (Machado, Aníbal. *Viagem aos seios de Duília*.)

23.1.6. A dissertação

Aquilo que chamamos didaticamente de dissertação consiste na exposição de ideias, razões. Se, por

um lado, na descrição e narração predominam termos concretos, que se referem a pessoas do mundo, ao menos presumidamente, real, na dissertação, predominam os conceitos abstratos, muitas vezes fora das esferas do tempo e do espaço. Não há, portanto, em princípio, uma progressão temporal entre os enunciados, mas relações de natureza lógica (causa e efeito, uma premissa e uma conclusão...).

Em textos de concursos públicos, costuma-se subdividir os textos dissertativos em duas modalidades – o texto dissertativo expositivo e o texto dissertativo opinativo-argumentativo. O primeiro tem por objetivo discutir um assunto, expor o que se sabe sobre ele sem defesa de ponto de vista do autor. Já a segunda modalidade tem como meta a persuasão, o convencimento – neste tipo de texto o autor utiliza estratégias argumentativas que visam defender sua tese.

23.1.6.1. O texto dissertativo expositivo

É o texto que expõe ideias, explana, discute, revela o que o autor sabe sobre determinado assunto. Sua linguagem é objetiva, clara, impessoal. Traz abordagem abrangente sobre um tema, permitindo que o leitor desenvolva sua própria opinião sobre o assunto. Nesse texto, o autor não manifesta, ao menos explicitamente, suas opiniões sobre o tema tratado. Ainda que em alguns momentos do texto ele opine, sua intenção não é defender seu ponto de vista sobre o tema em questão.

Ex.*:* Desde o final do século XV, com a invenção de novos equipamentos de navegação e as grandes descobertas, a Globalização se espalhou por todo o planeta, ao mesmo tempo em que aumentava a influência européia no mundo. No século XIX, o telégrafo submarino reduziu o tempo com que as informações, as ordens e as diversas decisões importantes chegavam a diversos lugares do mundo – em pontos específicos, em quantidades limitadas e com alguma defasagem de tempo. (Buarque, Cristovam. *Admirável mundo atual* – Adaptado)

Como se vê, nesse tipo de texto, o autor expõe aquilo que sabe sobre determinado assunto, sem a preocupação de julgar, emitir opinião em relação ao assunto sobre o qual discorre.

Há textos expositivos que apresentam informações sobre um objeto ou fato específico, sua descrição, a enumeração de suas características, com o objetivo de aumentar o conhecimento do leitor sobre determinado assunto. É o texto informativo. Com linguagem objetiva e impessoal, este tipo de texto pressupõe acréscimo de informação para quem o lê. O texto dissertativo informativo é o tipo de texto que procura tratar de assunto de interesse do leitor e busca a novidade – algo que, ao menos presumidamente, seja desconhecido do público ao qual é veiculado.

Ex.: “Recente documento, elaborado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística),

revela que o Brasil é um país mergulhado na sujeira: metade dos municípios não têm serviço de esgoto sanitário, 70% do lixo das cidades são jogados em lixões e alagados (rios, lagos, mar, etc.) e apenas poucos municípios fazem coleta seletiva de lixo."

Nesse caso, o objetivo do texto é aumentar o número de informações do leitor sobre o assunto do lixo. Por meio de dados estatísticos e exemplos e de uma linguagem objetiva, o autor atinge seu objetivo – apresentar possíveis novidades ao seu leitor.

23.1.6.2. O texto dissertativo opinativo

Também chamado de argumentativo. Esse texto difere do dissertativo expositivo, pois, além de expor o que se sabe sobre um assunto – e, muitas vezes, também informar –, o texto dissertativo argumentativo tem por finalidade principal persuadir o leitor sobre determinado assunto, modificar seu comportamento.

Ex.*:* "Viver 'plugado' a uma corrente de pessoas e informações pode ser divertido e útil. Mas agride o que o ser humano tem de melhor e mais insubstituível: o seu gosto, o seu erro, a sua miséria e sua glória."

Aqui, o autor emite sua opinião, por meio do auxílio de adjetivos com valor subjetivo ("melhor", "insubstituível"). Assim, a mensagem transmitida ao autor deixa de ser fato, para ser julgamento – característica do texto opinativo.

Muitas vezes, o autor, com o intuito de transparecer seu posicionamento, utiliza-se de algumas marcas linguísticas capazes de persuadir o leitor, tais como verbos na 1ª pessoa do singular ou plural e expressões de modalidade – os modalizadores (vocábulos indicativos da opinião do autor). É o que se observa no seguinte texto:

"O dever do Estado é proteger a propriedade de todos da sanha de cada um e a propriedade de cada um da sanha de todos. A pichação dos bens públicos ou particulares viola ambos os princípios e, portanto, é dever da autoridade competente tomar medidas coercitivas. Eu, como milhões de cidadãos, gosto de ver a minha cidade limpa. Faço minha parte, de um lado mantendo meu muro pintado e de outro pagando impostos para que a Prefeitura faça o mesmo com os nossos monumentos. Se os pichadores têm seus "direitos" de expressarem-se livremente, eu também tenho os meus de querer minha cidade em ordem e bonita. Com uma diferença: eu pago impostos para exercer a minha cidadania e eles, tão-somente, adquirem uma lata de aerossol."

Por meio de pronomes da 1ª pessoa do singular ("Eu", "minha", "meu") ou da 1ª pessoa do plural

("nossos"), aquele que redige emite seu juízo de valor acerca do assunto abordado. Além disso, expressões, como "viola", "faço minha parte", "cidade em ordem e bonita", demonstram comprometimento com o assunto retratado – são os modalizadores textuais. Assim, todos esses recursos estão sendo utilizados a favor de um único objetivo: o de o autor demonstrar a validade de seus argumentos, de suas opiniões sobre o tema discutido.

23.1.6.3. A estruturação argumentativa

Ao argumentarmos, expomos o assunto de modo pessoal (nosso ponto de vista ou tese), podendo também utilizar outros pontos de vista a respeito do mesmo tema (ideia principal). Assim, no intuito de defendermos nossa tese, oferecemos argumentos que a apoiem. Para isso, estruturamos nossas ideias em uma sequência lógica, progressiva e correta.

Um plano de dissertação deve conter três partes: introdução, desenvolvimento e conclusão. A seguir, uma análise dos segmentos que constituem uma dissertação.

1. **Introdução**

Inicialmente se faz a introdução, que determinará o desenrolar do desenvolvimento. É neste momento em que se apresenta o tema a ser discutido, a ideia-núcleo ou ideia principal, a tese.

2. **Desenvolvimento**

Na segunda fase do texto argumentativo, faz-se a análise crítica dos argumentos usados de apoio para sua tese. Cada argumento é exposto em um parágrafo próprio. Dois a três parágrafos é o padrão do desenvolvimento de um texto argumentativo. Ao argumento que normalmente inicia o parágrafo de desenvolvimento dá-se o nome de **tópico frasal**.

Inicia-se, portanto, cada parágrafo do desenvolvimento com o que denominamos de tópico frasal – que se constitui na ideia que irá direcionar o parágrafo, sendo, portanto, sua base. A seguir, desenvolve-se a discussão iniciada pelo tópico frasal, na qual são utilizados diversos recursos que servirão de apoio para o argumento defendido – exemplos, comparações, narrativas, descrições, opiniões próprias – de forma coerente e organizada.

3. **Conclusão**

O parágrafo final é reservado à conclusão, na qual o autor retoma a ideia-núcleo, reescrevendo-a e acrescentado-lhe, em geral, um juízo crítico, de forma a enriquecer os argumentos defendidos. É o momento em que o autor opina, critica e, muitas vezes, oferece soluções concretas ao problema

discutido ao longo da argumentação.

Ex.: *Texto retirado de uma prova elaborada pela Cespe/UnB* para análise de um texto argumentativo.

O leitor é personagem da modernidade, produto da sociedade burguesa e capitalista, livre dos laços de dependência da aristocracia feudal e do estreitamento corporativista das ligas medievais. A emancipação do leitor encena, de certo modo, o processo de libertação de que se originou a sociedade moderna. Nesse sentido, narrar a formação da leitura no Brasil significa também narrar, sob esse viés, a história da modernização de nossa sociedade.

Vários fatores criaram o espaço social necessário para transformar certo número de pessoas associadas a certas práticas sociais em leitores: o individualismo da sociedade burguesa, a visão de mundo antropocêntrica estimulada pela Renascença e difundida pela filosofia humanista, o progresso tecnológico que facultou o desenvolvimento da imprensa, a expansão da escola e do pensamento pedagógico apoiado na alfabetização, o fortalecimento de instituições culturais como as universidades, as bibliotecas e as academias de escritores.

Disso resultaram duas noções: de um lado, a noção de público, massa coletiva e anônima que, não obstante o anonimato, pode ter vontade própria e direção definida, incidindo em linhas de ação que a literatura, em parte ou no todo, acata ou não; de outro, a noção de leitor, indivíduo habilitado à leitura, com preferências demarcadas, figura que o escritor busca seduzir, lançando mão de técnicas e de artifícios contabilizados pela crítica e história da literatura.

Mesmo sendo presença suficientemente poderosa para influenciar os mecanismos literários, o leitor não se mostra figura unidimensional nem unidirecional. E exatamente o que é fugidio em sua história desdobra-se nos ângulos diferenciados que o leitor e a leitura foram assumindo ao longo do tempo.

Não que a leitura seja prática sólida no Brasil; nem que as instituições culturais e pedagógicas encarregadas de sua difusão tenham consistência ou estejam a salvo de críticas que, desde o século XIX, a elas são dirigidas. Desde a separação de Portugal, reclama-se (e com razão) uma atuação mais positiva e competente do Estado, no sentido de melhorar a educação e a cultura do país; nada indica que hoje essas reivindicações tenham perdido legitimidade e razão de ser.

Marisa Dajolo e Regina Zilberman. A formação da leitura no Brasil.
São Paulo: Ática, 1998, p. 9-10 (com adaptações)

– ***Introdução com apresentação do tema****: o objetivo das autoras é discorrer sobre a formação da leitura brasileira sob um viés cronológico – a história da modernização da sociedade no Brasil.*

– ***1º parágrafo de desenvolvimento***: *as autoras se propõem a discorrer sobre as causas que contribuíram para a formação dos leitores. O parágrafo segue a estruturação padrão: apresenta-se o tópico frasal logo no início para, na sequência, desenvolvê-lo.*

– ***2º parágrafo de desenvolvimento***: *já no início do parágrafo, depreende-se seu tópico frasal – o objetivo é apresentar as consequências, as noções que resultaram dos fatores explicitados no parágrafo anterior.*

– ***3º parágrafo de desenvolvimento***: *as autoras iniciam o parágrafo utilizando-se de um recurso coesivo ("mesmo sendo presença suficientemente poderosa para influenciar os mecanismos literários"), por meio do qual ele retoma o parágrafo anterior. Logo a seguir, apresenta-se o tópico frasal que originou o parágrafo: "o leitor não é figura unidimensional nem unidirecional", que será desenvolvido posteriormente.*

– ***Conclusão do texto***: *aqui, as autoras retomam o tema do texto – a formação dos leitores no contexto brasileiro, veiculando seu ponto de vista acerca do assunto ("reclama-se e com razão uma atuação mais positiva e competente do Estado"). É a conclusão também o momento de se apresentarem sugestões acerca do tema discutido – "no sentido de melhorar a educação e a cultura do país".*

A argumentação caracteriza-se como um procedimento do autor para fazer o leitor aderir às suas teses defendidas em um texto. Ao argumentarmos, construímos ideias, justificamo-las ordenando-as, buscando também seduzir o leitor, dirigindo os argumentos de modo a atingir nossa meta de persuasão.

Eis algumas características do texto argumentativo:

1. *O texto dissertativo argumentativo volta-se para uma única ideia, que é a tese do texto. Tudo o que se afirma ao longo da argumentação se volta para essa ideia.*
2. *O bom texto argumentativo evita a redundância. Todos os argumentos devem ser variados, entretanto, devem se voltar para o tema central, buscando, assim, a variedade, sem fugir do objeto da argumentação.*
3. *Um bom recurso que normalmente é explorado pelo argumentador para conferir maior veracidade ao seu texto é a utilização de citações autorizadas de outros escritores, que tratem do mesmo tema.*
4. *É comum encontrar no texto argumentativo a utilização de relações de causa e efeito para as*

afirmações produzidas, estabelecendo uma correlação lógica entre os fatos.

5. *O bom texto argumentativo é coeso, com cada uma de suas partes amarradas em torno de um tema central, e coerente, com articulação lógica entre seus segmentos.*
6. *O uso de exemplos é estratégia comumente utilizada pelo argumentador e confere confiabilidade ao que se lê, na medida em que concretiza as ideias, em geral abstratas, expostas na argumentação.*

23.1.6.4. Outras modalidades do texto dissertativo

Além dos textos dissertativos expositivos e opinativos, observam-se nas provas outras modalidades de textos. Entre elas, podemos citar as seguintes:

23.1.6.4.1. Texto didático

É aquele que transmite conhecimentos com o objetivo de ensinar. Apresenta riqueza de detalhes e utiliza linguagem clara e objetiva. São os livros escolares, os textos de congressos.

Ex.: "A entrevista consiste em inquirir tecnicamente, de forma hábil, dentro de um plano e sequência previamente estudados, levando o interrogado ou entrevistado a se pronunciar sobre aquilo que desejamos saber e a emitir sua opinião, muitas vezes sem que formulemos a pergunta diretamente. É a maneira racional de levar alguém a fornecer os informes e as informações que possui em determinada área.

É uma técnica de comunicação direta entre duas pessoas que possuem alguns interesses em comum. Forma de pesquisa realizada através de diálogo estudado e preparado dentro de um plano e sequência previamente analisados, levando, sutilmente, o entrevistado a se manifestar sobre assuntos de seu conhecimento." (Nogueira, A. *Processamento da entrevista*.)

Como se pode observar, o texto didático apresenta definições, detalhes do tema tratado. Nesse caso, o que o autor pretende é que o leitor aprenda a realizar uma entrevista.

23.1.6.4.2. Texto preditivo

É o texto que se utiliza de deduções com base em informações prévias. O texto preditivo lida com probabilidades, não com certezas. São as previsões meteorológicas, os textos de astrologia, as previsões na economia.

Ex.: "Noventa e sete por cento das espécies vivas, 80.000 proteínas produzidas pelo corpo e bilhões de galáxias ainda não foram identificados. Quase nada sabemos da natureza do Universo, da

origem da Vida, do funcionamento dos climas, do desenvolvimento do embrião e do cérebro.

Provavelmente não se descobrirá ainda no século XXI de onde surgiu o Universo, nem como começou a vida na Terra, nem como o cérebro engendra o pensamento e a consciência, nem se outras formas de vida existem em outros lugares. Em compensação, outras questões que hoje não são formuladas serão resolvidas, pois se descobrirá que certas respostas consideradas definitivas estavam totalmente equivocadas."

Aqui, o autor parte de dados sobre o assunto – "Noventa e sete por cento das espécies vivas, 80.000 proteínas produzidas pelo corpo e bilhões de galáxias" – para, na sequência, estabelecer um discurso preditivo – "... pois se descobrirá que certas respostas consideradas definitivas estavam totalmente equivocadas". Eis a marca do texto preditivo: informação aliada a previsão.

23.1.6.4.3. Texto polêmico

Neste texto, o objetivo do autor é demonstrar ao leitor mais de um ponto de vista sobre um assunto, mesmo que em alguns textos se observe claramente a opinião do autor. O texto polêmico permite ao leitor o contato com mais de um posicionamento sobre o tema explorado, o que normalmente não ocorre no texto argumentativo.

Ex.: "O budismo faz tanto sucesso no Ocidente porque possui características que correspondem às tendências da pós-modernidade neoliberal. Num mundo em que muitas religiões se sustentam em estruturas autoritárias e apresentam desvios fundamentalistas, o budismo apresenta-se como uma não religião, uma filosofia de vida que não possui hierarquias, estruturas nem códigos canônicos. No budismo não há a ideia de Deus, nem de pecado. Centrado no indivíduo e baseado na prática da yoga e da meditação, o budismo não exige compromissos sociais de seus adeptos, nem submissão a uma comunidade ou crença em verdades reveladas. Há, contudo, muitos budistas engajados em lutas sociais e políticas. Nessa cultura do elixir da eterna juventude, em que o envelhecimento e morte são encarados, não como destinos, mas como fatalidades, o budismo oferece a crença na reencarnação." (Betto, Frei. Por que o Budismo encanta o Ocidente?)

Ainda que o autor emita seu juízo de valor ao longo do texto, seu objetivo é contrapor o budismo às outras religiões, utilizando-se de uma comparação baseada no contraste entre as características de ambos os elementos.

23.1.6.4.4. Texto injuntivo

É o texto que exprime instruções ao leitor com a finalidade de que ele execute ou não determinada

tarefa. Apresenta normalmente verbos no imperativo e pressupõe uma ação por parte do interlocutor.

Ex.: "Quer manter a postura sempre perfeita? De manhã, antes de se vestir, amarre um fio de linha em volta da cintura, sem deixar folga. Ele não deve apertar, mas precisa estar justo. Ao longo do dia, ao sentir a presença do fio, coloque a barriga para dentro e endireite as costas."

Esse texto é retirado de uma revista sobre saúde e bem-estar. Logo no início, apresenta-se o tema – a busca de uma postura perfeita. Na sequência, enumeram-se ações que deverão ser realizadas pelo leitor ("amarre", "coloque", "endireite"). Tem-se, portanto, o perfil do texto injuntivo – apresentar instruções, em uma linguagem imperativa, que pressupõe consequentes ações por parte do leitor.

23.1.7. Tipologia textual – esquema

Quanto às modalidades textuais e os diferentes tipos de textos, podemos sistematizar as seguintes características:

23.1.7.1. Modos de texto: estrutura/organização do texto

Narrativo	Relatar acontecimentos.	SIM. Antes e depois. Marca fundamental.	Verbos de ação. Conectores temporais.
Descritivo	Caracterizar, qualificar cenas, personagens etc.	NÃO. Tempo congela. Fatos ocorrem ao mesmo tempo.	Substantivos. Adjetivos.
Dissertativo	Discutir, abstrair, discorrer, conceituar. Não descrever.	Não é relevante.	Relações de subordinação. (Causa e Efeito). Aparecimento de testemunhos de autoridade, dados estatísticos, exemplos.

23.1.7.2. Tipos de textos: finalidade do texto

1. **Informativo:** Informar, veicular conhecimento que o leitor desconhece. É mais específico do que expositivo. Exs.: jornal, bula de remédio, etc. Tem por marcas linguísticas frequentes a clareza e a precisão. Procura meios de atrair a atenção do leitor para o que é veiculado. Traz implícita a ideia de que o conteúdo do texto é de interesse dos leitores.
2. **Didático:** Ensinar, também são informações que o leitor desconhece. Ex.: livros didáticos.
3. **Expositivo:** Expõe o que se sabe, sem opinar. Ex.: questões discursivas em concursos públicos.
4. **Opinativo:** Também chamado de **Argumentativo**. Diferente do expositivo. Há a colocação da opinião do autor. Ex.: os editoriais dos jornais.
5. **Polêmico:** Neste texto aparecem, ao menos, dois pontos de vista sobre um assunto. Ex.: artigos que tratam de temas polêmicos – aborto, o sistema de reserva de quotas para negros nas universidades etc.

6. **Injuntivo:** Tem por objetivo instruir em vista de uma ação. Ex.: manuais.

23.1.8. Enunciados de tipologia textual

A seguir, os enunciados mais comuns de provas de concursos públicos sobre o assunto:

"O texto deve ser classificado de forma mais adequada..."; "Os textos narrativos/ informativos/ didáticos caracterizam-se por..."; "O texto lido poderia ser classificado como..."; "Quanto ao modo de organização do discurso, pode-se afirmar que o texto lido é..."; "O texto lido deve ser considerado prioritariamente como..."; "A finalidade principal desse texto é a de..."; "O objeto maior do texto é...", entre outros.

23.2. EXEMPLOS COMENTADOS

I. Reconheça o tipo de discurso das frases a seguir.

1. Tô morrendo de fome, disse Pereba.

   Resposta: Discurso direto.

2. – Você é menor e eles estão precisando evitar escândalos.

   Resposta: Discurso direto.

3. Perguntei se tudo estava solucionado.

   Resposta: Discurso indireto.

4. Mande que todos se comportem de forma adequada.

   Resposta: Discurso indireto.

5. Para mim esta é a melhor hora do dia – Ema disse, voltando do quarto dos meninos. – Com as crianças na cama, a casa fica tão sossegada.

   Resposta: Discurso direto.

6. Bárbara estranhou a amiga. O que está se passando nessa cabecinha?

   Resposta: Discurso indireto livre.

7. "É força de expressão, sua boba. O dia acaba quando eu vou dormir, isto é, o dia tem vinte e quatro horas e a semana tem sete dias, não está certo?"

   Resposta: Discurso direto.

8. Gritou, se ajoelhou e se pôs a chorar – macaco é quase como gente – a mulher implorando que não

maltratasse o bicho.

Resposta: Discurso direto.

II. Faça transposição do discurso direto para o indireto e vice-versa.

1. Entre imediatamente – gritei sem paciência.

Resposta: Ordenei que entrasse imediatamente.

2. O que você quer para o café?

Resposta: Perguntei o que ele(a) queria para o café.

3. Disse-lhe que naquele momento aquela conversa não me interessava.

Resposta: Nesse momento, essa conversa não me interessa – eu disse.

4. A governanta perguntou se o casal voltaria para o jantar.

Resposta: *Vocês voltarão para o jantar*? – perguntou a *governanta ao casal*.

5. A nossa reunião se reduziu a dois minutos de diálogo – reclamou o estagiário.

Resposta: O estagiário lamentou que sua reunião se reduzira a dois minutos de diálogo.

6. Mande que as crianças entrem imediatamente.

Resposta: "Entrem imediatamente!"

7. Eu me chamo João. E você?

Resposta: Disse que meu nome era João e perguntei o seu nome.

8. O professor pediu que o aluno anotasse todas as suas dúvidas.

Resposta: Anote todas as suas dúvidas – o professor disse ao aluno.

III. Analise os trechos a seguir, classificando-os quanto ao modo de organização do discurso (NARRAÇÃO, DESCRIÇÃO, DISSERTAÇÃO).

1. *Na manhã seguinte o seu primeiro desejo foi voltar à casa; mas não teve coragem; via o rosto colérico da mãe, faces contraídas, narinas dilatadas pelo ódio, o olho direito saliente, a penetrar-lhe até o fundo do coração.*

Comentários: O autor começa o seu texto por uma narração, mas logo em seguida se atém à descrição, objetivo maior do texto. Predominância de caracterizações (faces contraídas, narinas dilatadas pelo ódio).

Resposta: texto descritivo.

2. *Uma das maiores manifestações linguísticas na fronteira entre os séculos XX e XXI é a ideia de globalização como um processo de internacionalização. O fato é que existe um vasto mercado para exportação na América do Sul que não pode ser desconsiderado. Politicamente, esse é o mercado do Brasil, e o Brasil é o mercado para sua viabilização.*

Comentários: O autor deixa clara a sua intenção de discutir um assunto – a globalização.

Resposta: texto dissertativo.

3. *"No Antigo Egito, o gato foi honrado e enaltecido. Sendo considerado como um animal santo. Nesta mesma época, a gata transformou-se na representação da deusa Bastef, fêmea do deus sol Rá. [...] Na Europa, o gato se desenvolveu com as conquistas romanas. Ele foi admirado por sua beleza e dupla personalidade (ora um selvagem independente, ora um animal doce e afável), e apreciado ainda no século XI quando o rato negro invadiu a Europa. No século XIII desenvolveram-se as superstições e o gato passou de criatura adorada a infernal, associada aos cultos pagãos e a feitiçaria. A Igreja lhe virou as costas. [...] No Século XVIII ele voltou majestoso e em perfeito acordo com os poetas, pintores e escritores que prestam homenagem à sua graça e à beleza de seu corpo."*

Comentários: O autor discute um assunto – as relações comerciais entre o Brasil e o restante da América do Sul.

Resposta: texto dissertativo.

4. *Há poucos dias, assistindo a um desses debates universitários que a gente pensa que não vão dar em nada, ouvi um raciocínio que não me saiu mais da cabeça. Ouvi-o de um professor – um professor brilhante, é bom que se diga.*

Comentários: O conector temporal – há poucos dias –, além da presença de verbos no pretérito perfeito (ouvi, saiu) indicam que o autor pretende relatar acontecimentos. Entretanto, com a caracterização do professor (um professor brilhante) percebe-se a presença de características descritivas no texto.

Resposta: texto narrativo, com aspectos descritivos.

5. *Vários historiadores têm procurado entender a originalidade da monarquia brasileira vinculando-a à chegada da família real ao Brasil em 1808. De fato, é no mínimo inusitado pensar numa colônia*

sediando a capital de um império.

Comentários: O autor anuncia a análise de um tema: a originalidade da monarquia brasileira. Trata-se, portanto, de discussão, dissertação.

Resposta: texto dissertativo.

6. *"Para um modesto país de Terceiro Mundo, temos algumas realizações na tecnologia. Nossos aviões voltam a vender bem. Há ônibus da empresa brasileira Marcopolo rodando em Washington. O último número da revista Shooting Times mostra uma nova pistola Taurus que vai dar trabalho aos concorrentes. Exportamos insulina. Continuamos a exportar máquinas-ferramentas e agora exportamos parte da programação de robôs da Brown Boveri. Provavelmente construiremos com êxito algum pedacinho da nova estação espacial (quem sabe, a churrasqueira). Tudo isso vai na direção certa, mas precisamos de mais. E, acima de tudo, não podemos esmorecer nesse esforço de inventar modas, tão próximas quanto possível da fronteira tecnológica. Mas quando focalizamos a tecnologia do cotidiano descobrimos que a situação é calamitosa. O botão salta da camisa. A calça encolhe ou desbota. A saia justa rasga, o tijolo esfarinha na mão, a torneira vaza e a laje infiltra. A água limpa mareja no meio da parede, a água usada não vai a lugar nenhum. A fechadura trava. O fio dá choque. A cadeira desaba, o verniz se desgasta. O pastel dá dor de barriga. E o maldito envelope não fecha com a cola que vem de fábrica. [...] É preciso que se ponha inteligência e atenção na tecnologia do cotidiano. É essa tecnologia que permite aumentar a qualidade de vida do povão. Temos um programa espacial. Quando tentamos, a coisa anda. [...]"*

Comentários: Observa-se como intenção maior do texto a defesa de um julgamento do autor: "é preciso que se ponha inteligência e atenção na tecnologia do cotidiano." E para a defesa de sua tese, o autor se utiliza de caracterizações da nossa rotina (O botão salta da camisa, a saia justa rasga, a cadeira desaba), o que confere ao texto aspectos descritivos.

Resposta: texto dissertativo, com características descritivas.

7. *Toda interação pressupõe uma relação de reciprocidade, uma relação mútua entre dois ou mais objetos, entre duas ou mais pessoas. Multiplicam-se, atualmente, os programas interativos nos espetáculos de variedades da TV, surgem os primeiros filmes e as primeiras peças de teatro interativas, exigindo do espectador uma atitude crítica ao lidar com as diversas questões apresentadas e uma postura mais ativa ao intervir no desdobramento do que é visto nas telas, nos*

palcos e nos salões.

Comentários: O autor se propõe a defender uma tese – a multiplicidade de relações que a arte pode estabelecer. E, para defender sua tese, utiliza-se da exposição de exemplos de manifestações artísticas, o que garante ao texto características descritivas.

Resposta: texto dissertativo, com aspectos descritivos.

8. *Tente imaginar esta cena: homens, animais e florestas convivendo em harmonia. Os homens retiram das plantas apenas os frutos necessários e cuidam para que elas continuem frutificando; não matam animais sem motivo, não sujam as águas de seus rios e não enchem de fumaça seu ar. Em outras palavras: as relações entre os seres vivos e o ambiente em que vivem, bem como as influências que uns exercem sobre os outros, estão em equilíbrio. (...)*

Comentários: O objetivo do autor é de fato caracterizar uma cena, como ele mesmo propõe no início do texto. Por meio de suas impressões (Os homens retiram das plantas apenas os frutos necessários, não sujam as águas de seus rios), fica evidente sua intenção de descrição. Deve-se atentar ao fato de que as ações que ocorrem são simultâneas, daí não podermos considerar esse texto narrativo.

Resposta: texto descritivo.

9. *Uma ideia muito difundida atualmente é a associação da violência à pobreza. Justificando ou acusando, acredita-se que são as pessoas mais pobres que praticam os crimes, elas são os suspeitos em potencial. Tal associação revela a concepção de criminalidade e os mecanismos de criminalização presentes na nossa sociedade. É esse o assunto que vamos discutir agora.*

Comentários: O autor abstrai, trata de ideias, conceitos (a associação da violência à pobreza). Vale observar que ao final do trecho, o próprio autor deixa evidente sua intenção de dissertar, ao anunciar: É esse o assunto que vamos discutir agora.

Resposta: texto dissertativo.

10. *"Durante os piores momentos do apartheid, a África do Sul teve uma única moeda, tanto para os brancos como para os negros. O Brasil, durante algumas décadas, teve duas moedas, uma para os pobres e outra para os ricos e pessoas de classe média. A primeira desvalorizava enquanto a outra era corrigida diariamente. A correção monetária é um monumento à brutalidade da elite brasileira, capaz de imaginar com genialidade a possibilidade de uma nação ter duas moedas, separando suas classes sociais. Graças a ela, sucessivos governos puderam investir mais do que arrecadavam em*

subsídios para investimentos, exportações, infraestrutura, provocando inflação e jogando o seu peso concentrado sobre a parcela pobre que não tinha acesso aos mecanismos de correção da poupança ou do salário."

Comentários: O autor inicia seu texto por uma narração entremeada de descrições ("Durante os piores momentos do apartheid, a África do Sul teve uma única moeda, tanto para os brancos como para os negros. O Brasil, durante algumas décadas, teve duas moedas, uma para os pobres e outra para os ricos e pessoas de classe média. A primeira desvalorizava enquanto a outra era corrigida diariamente"). Entretanto, logo a seguir deixa claro que sua intenção é a de defender a tese de que "A correção monetária é um monumento à brutalidade da elite brasileira". Daí, poder-se afirmar que a narração inicial serviu apenas como ponto de partida para a discussão que iria se desenrolar no texto.

Resposta: texto dissertativo, com aspectos narrativos/descritivos.

11. *"Como uma ilha azul que se avista a distância, pouco a pouco ela ia ganhando contorno e detalhes, e, já próxima, revelava formas originais e intrigantes – a silhueta elegante, forte, que eu já vira outras vezes. Um certo ar de quem percorreu grandes distâncias em paz, e marcas de beleza que só as viagens e o tempo trazem. Não era íntima conhecida mas uma paixão que me perseguia havia um bom tempo. A escuna azul, um veleiro viajante de dois mastros que de tempos em tempos aparecia no Brasil, e que eu nunca deixava escapar sem uma pequena abordagem. Rapa Nui, nome polinésio da Ilha da Páscoa, lindo nome para um barco azul e cheio de histórias."*

Comentários: Observa-se que o autor tem como objetivo textual a caracterização de um barco. Por meio de muitos substantivos e adjetivos ("A escuna azul, uma espécie de máquina de viajar por mar, lindo nome para um barco azul e cheio de histórias"), o texto gira em torno de uma única intenção – a de qualificar, caracterizar um objeto.

Resposta: texto descritivo.

12. *"A exigência da perfeição física para as modelos profissionais é apenas o sintoma mais visível de uma ansiedade que também massacra a mulher e o homem comuns. Para onde quer que se olhe – televisão, publicidade, revistas femininas –, a pessoa vê rostos perfeitos e corpos deslumbrantes, magros e nos lugares certos. Nem na rua a dona-de-casa pode andar em paz. Do alto dos outdoors, moças e rapazes impecáveis estão olhando para ela. Pouco a pouco cria-se um sentimento de insatisfação com o próprio corpo. [...] Não espanta que 90% das mulheres e 60% dos homens se*

confessem tão aborrecidos com o rosto ou o corpo que não hesitariam em recorrer a uma cirurgia embelezadora."

Comentários: Ainda que o texto apresente descrições ("rostos perfeitos e corpos deslumbrantes, magros e nos lugares certos"), constata-se que seu objetivo maior foi o de discutir um assunto, claramente delineado no início do texto – "A exigência da perfeição física para as modelos profissionais é apenas o sintoma mais visível de uma ansiedade que também massacra a mulher e o homem comuns".

Resposta: texto dissertativo, com aspectos descritivos.

13. *Na manhã seguinte o seu primeiro desejo foi voltar à casa; mas não teve coragem; via o rosto colérico da mãe, faces contraídas, narinas dilatadas pelo ódio, o olho direito saliente, a penetrar-lhe até o fundo do coração.*

Comentários: O texto inicia-se por uma narração – "Na manhã seguinte, o seu primeiro desejo foi voltar à casa" – mas se atém à descrição da personagem (o rosto colérico da mãe, faces contraídas, narinas dilatadas pelo ódio, o olho direito saliente). Fica evidente que o objetivo maior do texto era a caracterização de uma pessoa.

Resposta: texto descritivo, com aspectos narrativos.

14. *Quando começa a modernidade? A escolha de uma data ou de um evento não é indiferente. O momento que elegemos como originário depende certamente da ideia de nós mesmos que preferimos, hoje, contemplar. E vice-versa: a visão de nosso presente decide das origens que confessamos (ou até inventamos). Assim acontece com as histórias de nossas vidas que contamos para os amigos e para o espelho: os inícios estão sempre em função da imagem de nós mesmos de que gostamos e que queremos divulgar. As coisas funcionam do mesmo jeito para os tempos que consideramos "nossos", ou seja, para a modernidade.*

Comentários: A intenção única do autor é a de defender sua linha de raciocínio – o momento que elegemos como data de início da modernidade está relacionado à ideia de nós mesmos que preferimos, contemplar. E, para defender sua tese, utiliza-se inclusive da estratégia de comparação ("Assim acontece com as histórias de nossas vidas que contamos para os amigos e para o espelho").

Resposta: texto dissertativo.

15. *A chuva caía meticulosamente, sem pressa de cessar. A palha do rancho porejava água, fedia a*

podre, derrubando dentro da casa uma infinidade de bichos que a sua podridão gerava.

Comentários: As ações ("A chuva caía meticulosamente, A palha do rancho porejava água, fedia a podre") são simultâneas, não vêm caracterizar uma narração. A intenção do autor é a de caracterizar uma cena, uma paisagem.

Resposta: texto descritivo.

16. *Perdoar alguém é renunciar ao ressentimento, à ira ou a outras reações justificadas por algo que essa pessoa tenha feito. Isso levanta um problema filosófico: essa pessoa é tratada de forma melhor do que ela merece; mas como pode exigir-se, ou mesmo como permitir-se, tratar alguém de uma maneira que não merece? Santo Agostinho aconselhava-nos a detestar o pecado, mas não o pecador, o que também indica uma atitude objetiva ou impessoal para com o pecador, como se o caráter do agente estivesse apenas acidentalmente ligado ao caráter detestável de suas ações.*

Comentários: O autor, por meio de uma frase interrogativa – mas como pode exigir-se, ou mesmo como permitir-se, tratar alguém de uma maneira que não merece? –, anuncia seu objetivo de discutir um assunto, abstrair, discorrer. Vale observar o recurso de utilização de um testemunho de autoridade para embasar tal discussão – as palavras de Santo Agostinho.

Resposta: texto dissertativo.

17. *"Há muito tempo, os deuses navajos organizaram uma grande cerimônia de cura. 'Que caminhemos na beleza', cantavam todos, pedindo que estivessem em harmonia com a terra onde viviam. Mas alguma coisa andava errada: duas canções soavam ao mesmo tempo, duas canções em idiomas diferentes. Ao perceber o que acontecia, a Mãe-Terra resolveu congelar a cerimônia. Transformou todos os deuses em rochas e os aprisionou para sempre no espaço e no tempo. E tudo caiu no silêncio."*

Comentários: A intenção textual é evidentemente a de relatar acontecimentos ("os deuses navajos organizaram uma grande cerimônia de cura/ a Mãe-Terra resolveu congelar a cerimônia/ transformou todos os deuses em rochas"). Os verbos no pretérito perfeito, a evolução cronológica – as ações se sucederam no tempo – marcam o objetivo da narração. Vale observar que ao longo do relato pôde-se observar caracterizações (duas canções soavam ao mesmo tempo, duas canções em idiomas diferentes), o que confere aspectos também descritivos ao texto.

Resposta: texto narrativo, com aspectos descritivos.

18. *Embora não vejamos um comercial promovendo explicitamente o consumo de cocaína, ou de maconha, ou de crack, a verdade é que os meios de comunicação nos bombardeiam, durante 24 horas por dia, com a propaganda não de drogas, mas do efeito das drogas.*

Comentários: O autor externa suas opiniões em torno da defesa de uma tese – "a verdade é que os meios de comunicação nos bombardeiam ...com a propaganda ... do efeito das drogas".

Resposta: texto dissertativo.

19. *As novas descobertas e as novas invenções demonstram a incapacidade da ciência de atingir a verdade, pois estão sempre corrigindo o caminho percorrido.*

Comentários: O autor se utiliza de constatações ("as novas descobertas e as novas invenções demonstram...") para defender seu ponto de vista – "a incapacidade da ciência de atingir a verdade".

Resposta: texto dissertativo.

20. *Aqui até os mais pobres moram de rosto voltado para a maravilha da natureza que a incúria dos governos ainda não conseguiu desfigurar. As favelas têm por fundo a Serra dos Órgãos.*

Comentários: O texto tem como meta a caracterização de uma paisagem – a da cidade do Rio de Janeiro. Ainda que ele opine, vale observar que não se trata de uma dissertação – o autor não pretende defender uma tese. Sua intenção é a de descrever o Rio de Janeiro, externando sua opinião.

Resposta: texto descritivo.

21. *Boaventura lembra a incapacidade de redistribuição da riqueza, permitindo que o capitalismo opere contra o pobre e não a favor dele. Chama essa situação de fascismo social.*

Comentários: Por meio da exposição da opinião de outro autor sobre um assunto, o texto vem discutir a questão da má distribuição de renda do capitalismo.

Resposta: texto dissertativo.

22. *"As águas do Oceano Pacífico cobrem um terço do planeta. No meio dessa vastidão azul, nos mares da Polinésia, desponta uma pequena ilha conhecida como Ofu. Embora formada por imponentes blocos de rochas vulcânicas, Ofu é recoberta pelo verde intenso de uma exuberante vegetação tropical. Os contornos da ilha são um tanto suavizados pelas brumas que rondam o alto das montanhas, de onde rompem cataratas em direção ao mar. [...]"*

Comentários: O objetivo do autor é caracterizar uma ilha de nome Ofu. Por meio de grande

quantidade de substantivos e adjetivos (verde intenso/exuberante vegetação tropical), torna-se evidente a intenção do autor de descrever. Vale observar que as ações que ocorrem são simultâneas (brumas que rondam o alto das montanhas/de onde rompem cataratas em direção ao mar), não caracterizando, assim, uma narração.

Resposta: texto descritivo.

23. *Deita-se com a cabeça na areia e confusamente ouve a conversa de uma barraca perto, gente discutindo uma fita de cinema. Murmura, baixo, um palavrão para eles.*

Comentários: Ainda que se apresentem características descritivas (barraca perto/ gente discutindo uma fita de cinema), observa-se que a intenção do autor do texto é a de relatar acontecimentos que se desenrolam em um lapso temporal (Deita-se/ouve a conversa/murmura um palavrão).

Resposta: texto narrativo, com aspectos descritivos.

24. *"Quando a democracia surgiu na Grécia, por volta de 500 a.C., os atenienses fizeram questão de traçar uma linha nítida entre as esferas pública e privada. O poder do Estado terminava onde começava a privacidade do lar. No âmbito doméstico, reinava a vontade do patriarca, que tinha o poder de determinar os direitos e deveres de seus filhos, mulher e escravos. Para os gregos, não havia atividade mais apaixonante e gloriosa do que participar da condução da pólis. A política era a maneira civilizada de decidir os destinos da nação por meio do diálogo e da persuasão. O cidadão revelava sua grandeza de espírito e sua importância para a comunidade no debate de ideias, na defesa de proposições e nas vitórias no âmbito público. Um homem que levasse uma vida exclusivamente privada não passava de um insignificante animal doméstico, incapaz de participar da elaboração das decisões políticas que afetavam os destinos da nação. Se Aristóteles ressuscitasse no final do século XX, ficaria horrorizado com a interferência do Estado na privacidade do cidadão. A sociedade moderna sequestrou a intimidade do indivíduo. É inimaginável uma atividade pública ou privada que não seja regulamentada por lei, por estatuto ou por norma. (...)"*

Comentários: O autor inicia seu texto com a utilização de um relato sobre o surgimento da democracia, com características descritivas (atividade mais apaixonante e gloriosa, o cidadão revelava sua grandeza de espírito e sua importância). Entretanto, ao longo do texto, induz-se o leitor a descobrir sua verdadeira intenção – criticar a interferência do Estado na privacidade do indivíduo.

Em termos argumentativos, a narração serviu como estratégia de defesa da tese do autor.

Resposta: texto dissertativo, com características narrativas e descritivas.

25. *Vovô Tomé era um desses casos raros do artista que passa veloz e diretamente da primeira à terceira categoria. Atribuem a sua proeza e a sua maestria no ofício ao sofrimento, que é uma das vias para se atingir o absoluto e a glória.*

Comentários: A intenção do autor do texto é a descrever Vovô Tomé, por meio de qualificações (um desses casos raros do artista/a sua proeza e a sua maestria no ofício).

Resposta: texto descritivo.

26. *A solidariedade proclamada no texto constitucional deve ser espontânea, colhida na consciência de cada um e, pelo menos, da população mais aquinhoada em favor dos que têm pouco.*

Comentários: O autor procura defender sua linha argumentativa no texto – a de que a solidariedade prevista na Constituição deve vir espontaneamente do povo.

Resposta: texto dissertativo. Defesa de tese.

27. *O processo atual de globalização se diferencia do iniciado há centenas de milhares de anos porque o mundo se tornou um só e instantâneo.*

Comentários: O objetivo do texto é analisar a globalização em suas feições atuais. Estabelecimento de relação de causa e efeito porque o mundo se tornou um só e instantâneo.

Resposta: texto dissertativo. Análise de um tema.

28. *O estrangeiro provoca a nossa desconfiança, às vezes o nosso medo. Nem sempre entendemos os seus gestos e certamente não compreendemos a sua língua. Ele não se veste como nós, a sua fisionomia pode ser diferente da nossa e não adora os nossos deuses.*

Comentários: O objetivo do trecho é caracterizar, qualificar, descrever o estrangeiro. Trata-se de descrever o estrangeiro. Trata-se de uma descrição subjetiva, em que o autor qualifica o estrangeiro com base em suas impressões pessoais. Importante não confundir essa descrição subjetiva com o texto dissertativo.

Resposta: texto descritivo.

29. *A loja de antiguidades tinha o cheiro de uma arca de sacristia com seus panos embolorados e livros comidos de traça. Com as pontas dos dedos, o homem tocou numa pilha de quadros. Uma*

mariposa levantou voo e foi chocar-se contra uma imagem de mãos decepadas.

Comentários: O texto inicia-se com uma descrição ("A loja de antiguidades tinha o cheiro de uma arca de sacristia com seus panos embolorados e livros comidos de traça"). Entretanto, logo na sequência, observam-se ações que evoluem em um lapso de tempo (o homem tocou numa pilha de quadros/ uma mariposa levantou voo e foi chocar-se contra uma imagem). Assim, ainda que apareçam trechos descritivos, o objetivo do autor é evidentemente relatar o que aconteceu em uma loja de antiguidades.

Resposta: texto narrativo, com aspectos descritivos.

30. *Para psicanalistas, o projeto que propõe acabar com a prisão de usuários e dependentes de drogas é um avanço. O psicanalista Eduardo Losicer diz que a nova resolução não restringe a liberdade do cidadão de usar pequenas quantidades de drogas – em muitos casos para fins medicinais, como a maconha para glaucoma e certas dores – e reduz as relações de corrupção entre a polícia e o usuário. – O projeto ainda não retira o consumo de drogas do âmbito policial. O consumidor ainda é flagrado pela polícia e deve ser apresentado a um juiz. Mas, pelo menos, não vai preso. A indicação de um tratamento, se ele for um usuário compulsivo, é sem dúvida melhor que a exclusão social numa prisão – diz Losicer.*

Comentários: Por meio de uma linguagem objetiva, o autor trata de um assunto de forma neutra, sem opinar. Seu objetivo é informar o leitor sobre o projeto que pretende acabar com a prisão de usuários e dependentes de drogas.

Resposta: texto dissertativo.

31. *Rádio é mesmo uma coisa misteriosa. Começou fazendo sucesso na sala de visitas, acabou na cozinha. Cedeu lugar à televisão, que já vai pelo mesmo caminho.*

Comentários: A intenção do autor do texto é de contar a história do rádio. Ainda que ele se inicie com uma descrição ("Rádio é mesmo uma coisa misteriosa"), observa-se que a predominância é da narração. Destaquem-se os verbos no pretérito perfeito (começou fazendo sucesso, acabou na cozinha, cedeu lugar à televisão), que caracterizam a estrutura narrativa.

Resposta: texto narrativo, com aspectos descritivos.

32. *Uma entrevista de Jean-Claude Carrière a propósito da morte de dois grandes cineastas, o sueco Ingmar Berman e o italiano Michelangelo Antonioni, coincidentemente mortos no mesmo dia 30 de*

julho inspira este comentário. São desaparecimentos que acentuam os paralelismos de concepção de vida, pois tanto Bergman quanto Antonioni fizeram filmes sobre a inevitável solidão, os permanentes recomeços, a dolorosa consciência de finitude e o orgulho humano de enfrentar a morte a cada dia...

Comentários: Iniciando o texto com um breve relato de acontecimentos (a morte de dois grandes cineastas), o autor volta sua atenção para a análise de uma questão – os paralelismos de concepção de vida. Trata-se, portanto, de ênfase ao objetivo dissertativo.

Resposta: texto dissertativo, com aspectos narrativos.

33. *A primeira liberdade moderna é o transporte próprio. BMW ou bicicleta, o que conta é a sensação de poder sentar-se ao veículo e resolver em que direção partir.*

Comentários: Por meio da apresentação de sua opinião, o autor desenvolve o seguinte tema: os objetos de consumo e a liberdade moderna.

Resposta: texto dissertativo.

34. *Mas nesse ínterim chegava suado, gordo e ofegante ao recinto uma personagem bastante próxima da realidade... Vinha imbuído de formalismo, dignidade e prerrogativas do seu cargo, além de premido pelo medo de perdê-lo.*

Comentários: Embora esse texto inicie-se por passagem narrativa (mas nesse ínterim, chegava...), o que indica que ele se origina de uma narração, o que se observa neste caso é ênfase à descrição. O objetivo do autor do texto é o de qualificar um personagem, por meio de grande quantidade de substantivos e adjetivos (suado, gordo e ofegante, ..., imbuído de formalismo, dignidade e prerrogativas)

Resposta: texto descritivo, com aspectos narrativos.

35. *Uma desconfiança incômoda me obrigou a olhar melhor e então deparei com um sujeito igual a mim mesmo, apenas um pouco mais novo. Sacudido por uma espécie de insulto, experimentei o tremor de estar sendo sorrateiramente substituído.*

Comentários: Transparece-se o relato de acontecimentos (Uma desconfiança me obrigou a olhar/ e então deparei com um sujeito / experimentei o tremor). Ênfase aos verbos no pretérito perfeito e às ações que evoluem no tempo. Importa observar também que o autor entremeia sua narrativa com passagens descritivas (um sujeito igual a mim mesmo/ um pouco mais novo).

Resposta: texto predominantemente narrativo, com características descritivas.

36. *O farol dos automóveis apagava nas águas da Lagoa o reflexo das últimas estrelas. Um casal abraçava-se debaixo de uma amendoeira. Sentia-se só. A vida era para os outros.*

Comentários: Ações que ocorrem ao mesmo tempo (o farol dos automóveis apagava/um casal abraçava-se/sentia-se só). Impressões do autor em relação a uma paisagem – a Lagoa Rodrigo de Freitas.

Resposta: texto descritivo.

37. *O combate à fome e à pobreza foi adotado pelo governo federal, a partir de 2003, como política de governo. Dentro dessa política, por exemplo, foi criado o Programa Bolsa-Família que beneficia mais da metade das famílias pobres do país. O programa é de responsabilidade do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, que tem hoje o maior orçamento já investido no Brasil para combater a fome e promover o desenvolvimento Social – R$ 17 bilhões.*

Comentários: Ainda que o autor inicie seu texto por meio de um relato (o combate à fome e à pobreza foi adotado pelo governo federal, a partir de 2003), observa-se que sua intenção é a de expor o que se sabe sobre um assunto – o Programa Bolsa-Família. Trata-se, portanto, de uma dissertação que se desenvolve por meio de uma linguagem simples e objetiva.

Resposta: texto dissertativo, com características narrativas.

38. *Quando alguém começa a frase com "Eu não sou racista, mas...", você pode estar certo de que o que se segue será uma declaração racista que desmentirá espetacularmente o seu preâmbulo. Ninguém é mais racista do que quem começa dizendo que não é.*

Comentários: Importa ao autor, nesse caso, defender sua tese de que "Ninguém é mais racista do que quem começa dizendo que não é". Presença de expressões que indicam a opinião do autor (você pode estar certo/ espetacularmente).

Resposta: texto dissertativo.

39. *O Estatuto do Desarmamento, aprovado no fim do ano, e ainda em fase de regulamentação, surgiu por uma questão de sobrevivência. O contexto que deflagrou o movimento político pelo endurecimento da legislação sobre armas é no mínimo dramático. Em 20 anos, de 1980 a 2000, conforme estudo do IBGE, 600 mil brasileiros foram assassinados, uma média de 30 mil por ano.*

Comentários: Observa-se a exposição do contexto social que deflagrou a aprovação do Estatuto do

Desarmamento. O autor discorre sobre o assunto transparecendo também ao leitor sua opinião (o contexto...é no mínimo dramático).

Resposta: texto dissertativo.

40. *O meu pai dizia não saber bem o porquê da existência e vivia mudando de trabalho, de mulher e de cidade. A característica mais marcante do meu pai era a sua rotatividade. Dizia-se filósofo sem livros, com uma única fortuna: o pensamento.*

Comentários: A intenção do autor é a de caracterizar um personagem – vivia mudando de trabalho, a sua rotatividade, Dizia-se filósofo sem livros.

Resposta: texto descritivo.

41. *Eu olhava para a janela e tinha a impressão de que jamais na vida chegaríamos a Nhuporã. Que pedaço brabo. O camaleão se esfregava no chassi e o pai praguejava.*

Comentários: Presença de ações que ocorrem ao mesmo tempo (eu olhava para a janela/o camaleão se esfregava/o pai praguejava), o que se destaca é a intenção do autor de caracterizar uma paisagem. Destaque à frase nominal – Que pedaço brabo – que acaba por enfatizar ainda mais a descrição.

Resposta: texto descritivo.

42. *Mas o caminho era do diabo, ele mesmo tinha dito. A pouco mais de légua de Nhuporã, o caminhão derrapou, deu um solavanco e tombou de ré.*

Comentários: Presença de verbos no pretérito perfeito (o caminhão derrapou/ deu um solavanco/ tombou de ré), que caracterizam a evolução dos acontecimentos no tempo. Relação de anterioridade e posterioridade.

Resposta: texto narrativo.

43. *Eu amo meu marido. De manhã à noite. Mal acordo, ofereço-lhe café. Ele suspira exausto da noite sempre maldormida e começa a barbear-se. Bato-lhe à porta três vezes antes que o café esfrie.*

Comentários: Ainda que a autora inicie seu texto com a exposição de um ponto de vista, observa-se logo a seguir sua intenção de relatar acontecimentos, que evoluem no tempo ("acordo", "ofereço-lhe café", "ele suspira exausto", "começa a barbear-se").

Resposta: texto narrativo.

44. *Aos poucos, a camada de pintura branca que cobria a casa de Jeffrey entrou em entendimento definitivo com o sol e com a chuva, fundindo sua obediência a ambos numa única tonalidade cinzenta. Começou a descascar.*

Comentários: Ainda que o autor apresente algumas ações que evoluem no tempo ("entrou em entendimento", "começou a descascar"), vê-se que seu objetivo é caracterizar, por meio de uma linguagem figurada, a deterioração da pintura da parede de uma casa.

Resposta: texto descritivo.

45. *Para se fazer uma revista de divulgação científica hoje, três diretrizes devem ser observadas. A primeira é o que queremos dizer e o que temos para dizer em uma revista. A segunda, se temos os meios humanos e financeiros para realizar o projeto. A terceira se refere à necessidade urgente de ampliar a "infraestrutura" de conhecimentos necessários para que a educação encontre raízes profundas em nossa sociedade, nos laboratórios de pesquisa, na natureza e na história que vivemos.*

Comentários: A intenção do autor é a de discutir um assunto – os pré-requisitos necessários para se fazer uma revista de divulgação científica.

Resposta: texto dissertativo.

46. *Calou-se e notei que os olhos do velho se tinham orvalhado. Enxugou discretamente os olhos e perguntou-me se queria ver o tal livro. Respondi-lhe que sim. Chamou o criado, deu-lhe as instruções e explicou-me que perdera todos os filhos, só lhe restando uma filha casada, cuja prole, porém, estava reduzida a um filho, débil de corpo e de saúde frágil e oscilante.*

Comentários: Eis uma característica comum ao texto narrativo: o aparecimento de aspectos descritivos ao longo do relato. Aqui o objetivo do autor é o de reproduzir acontecimentos – "calou-se", "enxugou discretamente os olhos", "chamou o criado". Entretanto, o texto não deixa de transparecer características descritivas – "os olhos do velho orvalhados", "um filho débil de corpo e de saúde frágil e oscilante".

Resposta: texto narrativo.

47. *É engraçado que eu entenda tanto de peixe e quase não pesque, mas entendo. Os peixes miúdos de moqueca são: o carapicu, o garapau, o chicharro e a sardinha.*

Comentários: A intenção do autor é falar sobre um assunto – os tipos de peixe.

Resposta: texto dissertativo.

48. *Na minha cabeça zumbem moscas, não as vejo porque voam internamente, mas as suponho coloridas, são varejeiras, mil, batem na parte interna do crânio, enchem-me a cabeça de som, cascalho e loucura.*

Comentários: Ainda que apresente ações, o texto evidencia sua intenção de caracterizar uma cena imaginária – moscas que zumbem em uma cabeça doente.

Resposta: texto descritivo.

49. *Sempre que se reúnem para lamuriar, os empresários falam no Custo Brasil, no preço que pagam para fazer negócios num país com regras obsoletas e vícios incrustados.*

Comentários: Nesse trecho, pretende-se discorrer sobre um tema – o Custo Brasil.

Resposta: texto dissertativo.

50. *Baleia assustou-se. Que faziam aqueles animais soltos de noite? A obrigação dela era levantar-se, conduzi-los ao bebedouro. Franziu as ventas, procurando distinguir os meninos. Estranhou a ausência deles.*

Comentários: Ações que evoluem no tempo – "assustou-se", "franziu as ventas", "estranhou a ausência" – caracterizam esse texto narrativo.

Resposta: texto narrativo.

51. *Baleia respirava depressa, a boca aberta, os queixos desgovernados, a língua pendente e insensível. Não sabia o que tinha se sucedido. O estrondo, a pancada que recebera no quarto, e a viagem difícil do barreiro ao fim do pátio desvaneciam-se no seu espírito.*

Comentários: Interrupção da passagem do tempo. Caracterização do personagem, não só quanto aos aspectos externos (boca aberta, queixos desgovernados), mas também em relação às suas características psicológicas ("O estrondo, a pancada,..., desvaneciam-se no seu espírito.").

Resposta: texto descritivo.

52. *E enquanto o humilde lavrador sussurra a sua indignação, o homem, que antes era apenas vulto, já avança pela quinta fila, agora de lado, da direção do diretor e de sua assistente, que só o veem quando já está a algumas poltronas deles.*

Comentários: Ainda que haja um breve lapso temporal, a intenção do autor é a de caracterizar uma

cena – um humilde lavrador, um diretor e sua assistente, bem como um estranho que deles se aproxima.

Resposta: texto descritivo.

53. *Peri lançou um olhar de desespero para as margens que se destacam alguma distância sobre a corrente plácida do rio. Quebrou o laço que prendia a canoa, impeliu-a para a terra com toda a força do remo que fendeu a água rapidamente.*

Comentários: Ações que se sucedem no decorrer do tempo – "lançou um olhar", "quebrou o laço", "impeliu-a para a terra", "fendeu rapidamente". Presença de características descritivas – "um olhar de desespero", "o laço que prendia a canoa".

Resposta: texto narrativo.

54. *Geminiano era um preto risonho, manso por fora mas espinhento por dentro. Quando alguém lhe dizia alguma coisa que não caía bem, ele parava o riso no meio e virava o avesso do pano.*

Comentários: O objetivo do autor é o de descrever, caracterizar uma personagem – Geminiano. Qualificações não só externas – "preto risonho", "manso por fora" –, mas também psicológicas – "espinhento por dentro".

Resposta: texto descritivo.

55. *O patriotismo é a dedicação a tudo que diz com a sorte do país natal e deve ser sincero como uma religião.*

Comentários: Nesse caso, o que se pretende é discorrer sobre um determinado assunto – o patriotismo. O autor não só discute o assunto como também expõe seu ponto de vista ("deve ser sincero como uma religião.").

Resposta: texto dissertativo.

56. *Somos um povo impetuoso e generoso, capaz de disciplina e de indocilidade. Somos um povo carnavalesco, mas um povo sofrido: um povo com senso de humor e com repentes de ira sagrada.*

Comentários: Intenção de caracterizar – somos um povo impetuoso e generoso. Presença de substantivos e adjetivos.

Resposta: texto descritivo.

57. *O Custo Brasil dos lamentos empresariais existe, como existem empresários responsáveis que*

pelo menos reconhecem a pilhagem, mas muito mais lamentável e atrasado é o Desperdício Brasil.

Comentários: O autor tem como intenção argumentar em relação ao Desperdício Brasil. Presença de aspectos opinativos – muito mais lamentável e atrasado.

Resposta: texto dissertativo.

58. *Para entender a sua soberania até os confins da vontade, último termo da evolução mental, para subjugar os corações, há de a religião exercitar as suas forças sublimes no terreno da igualdade e da tolerância...*

Comentários: O autor se posiciona acerca de um tema – a religião. Objetivo de discutir, discorrer sobre determinado assunto.

Resposta: texto dissertativo.

59. *Ela entrou na ponta dos pés. Tirou os sapatos para subir a escada. O terceiro degrau rangia. Pulou-o apoiando-se no corrimão.*

Comentários: O texto trabalha com o tempo: os fatos se sucedem (Ela entrou na ponta dos pés/Tirou os sapatos/Pulou-o...). Aparecimento de características de descrição (O terceiro degrau rangia).

Resposta: texto narrativo.

60. *Quando minha prima e eu descemos do táxi, já era quase noite. Ficamos imóveis diante do velho sobrado de janelas ovaladas, iguais a dois olhos tristes, um deles vazado por uma pedrada.*

Comentários: Ainda que se inicie com um relato, observa-se que o autor interrompe sua narrativa para se ater à caracterização de um velho sobrado. Presença de substantivos e adjetivos (velho sobrado, janelas ovaladas, olhos tristes).

Resposta: texto descritivo.

61. *A saleta era escura, atulhada de móveis velhos, desparelhados. No sofá de palhinha furada no assento, duas almofadas que pareciam ter sido feitas com os restos de um antigo vestido, os bordados salpicados de ladrilhos.*

Comentários: Não há lapso temporal. Impressões do autor (almofadas que pareciam ter sido feitas com os restos de um vestido antigo). Predominância de substantivos e adjetivos (saleta escura, móveis velhos). Aparecimento de frases nominais, cuja base é de verbo na forma nominal (atulhada de móveis velhos, bordados salpicados de ladrilho).

Resposta: texto descritivo.

62. *Eis o dilema do homem atual: ou se curva à moral e renuncia à felicidade, ou busca a felicidade e deixa de lado a moral.*

Comentários: Discussão de um assunto – o dilema do homem atual, no confronto entre a moral e a felicidade.

Resposta: texto dissertativo.

Selecionamos algumas questões para que você perceba a aplicabilidade desses conceitos em provas de concursos públicos. Aproveite os comentários!

23.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Veja uma questão de concurso, elaborada pela Fundação Euclides da Cunha, que ilustra esse assunto.

A SANTA CRUZ DA ESTIVA

No final do século passado, existia, rodeada por pequeno cemitério, outra igrejinha próxima ao local onde hoje está erguida a Capela de Santa Cruz da Estiva. Junto à estrada que passa diante da Capela, residia, então, um humilde lavrador que trabalhava as terras, auxiliado por sete filhos. Rapagões fortes e destemidos, eram o orgulho do pai.

Foi quando surgiu a febre amarela, ceifando vidas sem piedade. Por ironia, ela foi levando um por um os sete filhos do lavrador, deixando-o sozinho com sua dor.

Passada a epidemia, o desventurado buscou consolo em Deus. E se propôs, apesar de passar por dificuldades econômicas, a construir uma Capela nova junto à antiga, pedindo ao Senhor amparo para as almas de seus sete rapazes, conseguindo-lhes, assim, a absolvição dos pecados possivelmente cometidos.

Obteve com seus rogos que a dona da fazenda fizesse a doação de uma faixa de terreno e, com os amigos e conhecidos, acertou o empreendimento de um mutirão.

Assim foi construída a Capela de Santa Cruz da Estiva, segundo se diz por aí...

(Adaptação de lenda de autor desconhecido)

1. A lenda "A Santa Cruz da Estiva", quanto ao modo de organização textual e à justificativa para a classificação, pode ser considerada um texto:

a) narrativo, porque relata mudanças progressivas de personagens e coisas através do tempo;

b) descritivo, porque transmite imagens positivas ou negativas dos elementos descritos;

c) dissertativo, porque analisa e interpreta dados da realidade por meio de conceitos abstratos;

d) poético, porque utiliza jogos de figuras de modo a ocultar uma visão de mundo subjetiva.

Comentários:

Observe que o objetivo do texto é contar uma história. Atente à passagem do tempo e aos verbos no pretérito perfeito, indicando um antes e um depois (*Foi quando surgiu a febre amarela*/ *Obteve com seus rogos*/ *Assim foi construída*...). Procure analisar o início de cada parágrafo: o que se tem são ações que se organizam em uma relação de anterioridade e posterioridade. Muitos alunos ficariam em dúvida, talvez, em relação à letra B, porque, de fato, o texto traz imagens dos elementos descritos ao longo da narração. Mas será que o *objetivo* do autor é descrever uma cena ou *relatar* uma história? Ainda que haja aspectos descritivos, o texto é predominantemente narrativo.

Você percebeu que este texto apresentava, logo no seu início, uma passagem totalmente descritiva? O seu primeiro parágrafo era descritivo: seu objetivo foi caracterizar uma paisagem (*igrejinha próxima ao local...)* e personagens (*humilde lavrador*/ *rapagões fortes e destemidos*...). É exatamente isso: o texto narrativo pode vir entremeado de aspectos descritivos. Afinal, você se lembra dos clássicos que líamos na infância? Aquelas histórias eram constantemente interrompidas por descrições.

Predominam na descrição substantivos e adjetivos, bem como verbos na forma nominal (*recostado*, *entrelaçadas*...), porque esta tem como objetivo maior a **caracterização** e os nomes auxiliam o texto nessa tarefa.

Você percebeu que na descrição o tempo não evolui? Lembra que, na escola, a professora nos dizia que, quando descrevemos, é como se tirássemos uma fotografia ou congelássemos uma cena? O tempo para...

Vale uma dica:

Uma boa maneira de diferenciar a narração da descrição é observar o aspecto temporal. Na descrição, não existe relação de anterioridade e de posterioridade entre os enunciados, os movimentos ocorrem ao mesmo tempo, sem haver progressão de um estado a outro. As ações reproduzidas na descrição são simultâneas. Ao ocorrer progressão cronológica, tem-se o texto narrativo.

Os alunos costumam nos relatar que a maior dificuldade, diante de uma questão de prova, ocorre quando existe mais de uma modalidade discursiva em um mesmo texto. Por exemplo, se houver narração e descrição dentro de um mesmo texto, como classificá-lo?

Resposta: A.

Veja a seguir uma prova em que a banca pedia que se identificasse um trecho descritivo.

(BNDES – Técnico – Cesgranrio)

A ERA DO TÔ ME ACHANDO

"Bacanas teus óculos", falei. Leves, classudos, num tom esportivamente escuro, cada lente com uma sombra que subia de baixo para cima, tornavam misterioso o olhar do amigo, um jovem editor. Comentei que nunca o tinha visto de óculos. Ele devolveu: "Pois é, mas eu estava com a vista cada vez mais cansada, até que fui ao oculista e ele me disse que precisava usar. Dois graus de miopia. Excesso de leitura. Fazer o quê...", compungiu-se, o olhar vago, empurrando o par de lentes nariz acima com um charme intelectualmente sofrido. Mês depois, encontrei uma amiga cujo pai é oftalmologista. Entre anedota e outra, ela me contou que um curioso cliente do pai havia pedido um modelo de óculos sem grau. É, era ele mesmo – o editor.

Vivemos tempos curiosos. A cada segundo, e através de todos os meios possíveis, somos expostos aos corpos mais perfeitos, às biografias mais irretocáveis, à pose generalizada de famosos e anônimos. Vaidade pura. Mas um momento: você já experimentou sair por aí todo mulambento, comparecer despenteado a uma entrevista de emprego, esconder de parentes e amigos aquele êxito nos estudos? Impossível, não? Porque, hoje, não ter vaidade – não ter o hábito de apregoar aos quatro cantos, reais e virtuais, o quanto você pode ser atraente, sensacional e único – parece ser um dos maiores pecados da nossa era, esse tempo em que todo mundo parece estar "se achando".

Por isso, os óculos de araque do meu amigo. No meio altamente intelectualizado em que ele vive, circulando entre Festas Literárias de Paraty e debates seguidos de sessões de autógrafo nas livrarias mais chiques do eixo Rio-São Paulo, ostentar uma armação bacanuda é o equivalente, em termos culturais, às pernas muito bem torneadas – horas de academia – da mocinha da novela das 8. Ou seja: tudo é vaidade.

BRESSANE, Ronaldo. Revista vida simples. out. 2009.

2. Em qual sequência é caracterizada uma descrição?

a) "Leves, classudos, num tom esportivamente escuro, cada lente com uma sombra que subia de baixo para cima,"

b) "'Pois é, mas eu estava com a vista cada vez mais cansada, até que fui ao oculista...'"

c) "Mês depois, encontrei uma amiga cujo pai é oftalmologista."

d) "ela me contou que um curioso cliente do pai havia pedido um modelo de óculos sem grau."

e) “É, era ele mesmo – o editor.”

Comentários:

Observe que, nas letras B, C, D e E, o que se vê é a evolução de acontecimentos em uma narrativa. Atente aos verbos no pretérito perfeito (*fui ao oculista*/*encontrei uma amiga*/*ela me contou*). Perceba que a única alternativa que tem como objetivo caracterizar, qualificar é a letra A, que apresenta adjetivos (*leves, classudos*). Seu objetivo não é contar uma história, mas interrompê-la, caracterizando um personagem.

Agora, o mais interessante sobre este texto, a banca não perguntou. Você percebeu que, embora ele apresentasse descrição e narração, seu objetivo não foi o de contar uma história? Sua meta era a de discutir um assunto, a tese de que não ter vaidade é um dos maiores pecados da nossa era? Ora, isso faz com que o texto não seja nem narrativo nem descritivo, mas sim dissertativo. Seu objetivo é defender uma tese, a opinião do autor, expressa logo no seu título: *A era do tô me achando*. O objetivo da dissertação é só um: discutir um assunto, abstrair.

Resposta: A.

Um texto que considero um clássico de concursos públicos veio de uma prova elaborada pelo NCE e é emblemático de tudo isso sobre que estamos conversando. Além de tudo, é de nosso tão saudoso Saramago. Observe:

VIOLÊNCIA NO CAMPO

José Saramago

No dia 17 de abril de 1996, no estado brasileiro do Pará, perto de uma povoação chamada Eldorado dos Carajás (Eldorado: como pode ser sarcástico o destino de certas palavras...), 155 soldados da polícia militarizada, armados de espingardas e metralhadoras, abriram fogo contra uma manifestação de camponeses que bloqueavam a estrada em ação de protesto pelo atraso dos procedimentos legais de expropriação de terras, como parte do esboço ou simulacro de uma suposta reforma agrária na qual, entre avanços mínimos e dramáticos recuos, se gastaram já cinquenta anos, sem que alguma vez tivesse sido dada suficiente satisfação aos gravíssimos problemas de subsistência (seria mais rigoroso dizer sobrevivência) dos trabalhadores do campo. Naquele dia, no chão de Eldorado dos Carajás ficaram 19 mortos, além de umas quantas dezenas de pessoas feridas.

Passados três meses sobre este sangrento acontecimento, a polícia do estado do Pará, arvorando-se a

si mesma em juiz numa causa em que, obviamente, só poderia ser a parte acusada, veio a público declarar inocentes de qualquer culpa os seus 155 soldados, alegando que tinham agido em legítima defesa, e, como se isto lhe parecesse pouco, reclamou procedimento judicial contra três dos camponeses, por desacato, lesões e detenção ilegal de armas. O arsenal bélico dos manifestantes era constituído por três pistolas, pedras e instrumentos de lavoura mais ou menos manejáveis. Demasiado sabemos que, muito antes da invenção das primeiras armas de fogo, já as pedras, as foices e os chuços haviam sido considerados ilegais nas mãos daqueles que, obrigados pela necessidade a reclamar pão para comer e terra para trabalhar, encontraram pela frente a polícia militarizada do tempo, armada de espadas, lanças e albardas. Ao contrário do que geralmente se pretende fazer acreditar, não há nada mais fácil de compreender que a história do mundo, que muita gente ilustrada ainda teima em afirmar ser complicada demais para o entendimento rude do povo.

3. O texto é mais adequadamente classificado como:

a) descritivo.

b) narrativo.

c) argumentativo.

d) expositivo.

e) informativo.

Comentários:

Veja que o texto começa com uma narração entremeada de descrições. As ações se sucedem no tempo (*155 soldados...abriram fogo*; *Naquele dia, no chão de Eldorado dos Carajás ficaram 19 mortos...*), o que caracteriza o primeiro parágrafo como predominantemente narrativo. Por outro lado, vemos muitos trechos cujo objetivo é caracterizar cenas e personagens (*155 soldados...armados de espingardas e metralhadoras...umas quantas dezenas de pessoas feridas...*). Assim, devemos classificar o primeiro parágrafo como predominantemente narrativo, com aspectos descritivos.

Entretanto, no segundo parágrafo, percebemos que a narração evolui para uma discussão. Sentimos que o autor utilizou-se da história relatada ao longo do texto como pretexto para apresentar sua tese: *não há nada mais fácil de compreender que a história do mundo*. Se você reparar bem é só na segunda metade do segundo parágrafo que o autor deixa transparecer sua real intenção: ele pretende discutir um assunto, abstrair, dissertar. É a defesa de uma tese – o texto é predominantemente

dissertativo argumentativo com aspectos narrativos e descritivos. E o mais interessante é que, apesar de a dissertação só ter tomado forma mesmo ao final do texto, é ela que predomina. Porque essa é a *intenção do autor*.

Aqui, vale um recado:

> Toda vez que a banca pedir que se classifique um texto em sua predominância, lembre-se de que esse critério não tem a ver com o número de linhas como se, supostamente, forem dez linhas de narração e seis de dissertação, o texto seria predominantemente narrativo??? Se fosse assim, classificar um texto seria algo mais perto da matemática... Classificar um texto significa identificar a intenção do autor, seu objetivo ao produzir o texto.

Veja mais uma prova:

O MEDO SOCIAL

Jurandir Freire Costa

No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado. De repente foi assaltada por um adolescente, que a roubou, ameaçando cortar a garganta do garoto. Dias depois, a mesma senhora reconhece o assaltante na rua. Acelera o carro, atropela-o e mata-o, com a aprovação dos que presenciaram a cena. Verídica ou não, a história é exemplar. Ilustra o que é a cultura da violência, a sua nova feição no Brasil.

Ela segue regras próprias. Ao expor as pessoas a constantes ataques à sua integridade física e moral, a violência começa a gerar expectativas, a fornecer padrões de respostas.Episódios truculentos e situações-limite passam a ser imaginados e repetidos com o fim de caucionar a ideia de que só a força resolve conflitos. A violência torna-se um item obrigatório na visão do mundo que nos é transmitida. Cria a convicção tácita de que o crime e a brutalidade são inevitáveis. O problema, então, é entender como chegamos a esse ponto. Como e por que estamos nos familiarizando com a violência, tornando-a nosso cotidiano.

Em primeiro lugar, é preciso que a violência se torne corriqueira para que a lei deixe de ser concebida como o instrumento de escolha na aplicação da justiça. Sua proliferação indiscriminada mostra que as leis perderam o valor normativo e os meios legais de coerção, a força que deveriam ter. Nesse vácuo, indivíduos e grupos passam a arbitrar o que é justo ou injusto, segundo decisões privadas, dissociadas de princípios éticos válidos para todos. O crime é, assim, relativizado em seu valor de infração. Os criminosos agem com consciências felizes. Não se julgam fora da lei ou da moral, pois conduzem-se de acordo com o que estipulam ser o preceito correto. A imoralidade da cultura da

violência consiste justamente na disseminação de sistemas morais particularizados e irredutíveis a ideais comuns, condição prévia para que qualquer atitude criminosa possa ser justificada e legítima.

4. "No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado. De repente foi assaltada por um adolescente..."; a passagem do pretérito imperfeito para o pretérito perfeito marca a mudança de:

a) um texto descritivo para um texto narrativo.

b) a fala do narrador para a fala do personagem.

c) um tempo passado para um tempo presente.

d) um tempo presente para um tempo passado.

e) a mudança de narrador.

5. O texto acima pode ser classificado, de forma mais adequada, como:

a) narrativo moralizante.

b) informativo didático.

c) dissertativo opinativo.

d) normativo regulamentador.

e) dissertativo polêmico.

Comentários:

Questão 4: Observe que o parágrafo começa com uma descrição de uma cena (*No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado*). Logo em seguida, observa-se um conector temporal (*de repente*), que indica uma ruptura: uma passagem da modalidade descritiva para a narrativa. Do conector temporal em diante, o que se observa é a evolução de uma história.

Resposta: A.

Aqui, vale uma dica:

Em geral, a narração utiliza verbos no pretérito perfeito, já que seu objetivo é relatar acontecimentos que evoluem em uma sequência cronológica. Já na descrição, a tendência é a de que os verbos apareçam no pretérito imperfeito.

Questão 5:

Quanto à letra A, o texto seria narrativo moralizante se seu objetivo fosse contar uma história e, ao seu final, apresentasse uma moral, um conselho. Não foi o caso. Se fosse a letra B, o seu objetivo teria

sido o de informar o leitor, aumentar seu conhecimento sobre um determinado assunto. Mais do que isso: sendo didático, teria como meta ensinar o leitor.

Normativo regulamentador, que é o que se diz na letra D, ele não é: seu objetivo não é estabelecer normas, regulamentar relações. Isso é meta dos estatutos, das leis que vocês estudam por aí...

Normalmente, o aluno fica em dúvida entre as letras C e E. Dissertativo polêmico (letra E) ele não é: seria polêmico se o seu objetivo fosse apresentar duas visões a respeito de determinado assunto. Não foi isso que o autor procurou desenvolver – sua meta foi utilizar-se de uma narração, entremeada de aspectos descritivos, que serviria de pretexto para uma discussão. O mote do texto era falar da *cultura da violência, sua nova feição no Brasil*. Ora, se o objetivo do autor era discutir um assunto, sob seu ponto de vista, pode-se dizer que o texto é predominantemente dissertativo opinativo (ou argumentativo), com aspectos narrativos e descritivos.

Você deve estar se perguntando: quantas modalidades de texto dissertativo existem? Qual é a diferença entre texto dissertativo opinativo e expositivo? Texto opinativo é sinônimo de argumentativo? Dizer que um texto é dissertativo informativo é dizer que ele também é expositivo?

Se surgirem essas dúvidas, você pode retomar o conteúdo no decorrer deste capítulo, como o explicado no tópico 23.1.6. Porém, para ajudar e refrescar a memória, segue um resumo a respeito.

Em textos de concursos públicos, costuma-se subdividir os textos dissertativos em duas modalidades – o texto dissertativo expositivo e o texto dissertativo opinativo-argumentativo. O primeiro tem por objetivo discutir um assunto, expor o que se sabe sobre ele sem defesa de ponto de vista do autor. Já a segunda modalidade tem como meta a persuasão, o convencimento – neste tipo de texto o autor utiliza estratégias argumentativas que visam defender sua tese.

O texto dissertativo expositivo expõe ideias, explana, discute, revela o que o autor sabe sobre determinado assunto. Sua linguagem é objetiva, clara, impessoal. Traz abordagem abrangente sobre um tema, permitindo que o leitor desenvolva sua própria opinião sobre o assunto. Nesse texto, o autor não manifesta, ao menos explicitamente, suas opiniões sobre o tema tratado. Ainda que em alguns momentos do texto ele opine, sua intenção não é defender seu ponto de vista sobre o tema em questão.

Neste tipo de texto, o autor simplesmente expõe aquilo que sabe sobre determinada matéria, sem a preocupação de julgar, emitir opinião em relação ao assunto sobre o qual discorre. São fatos, e não julgamentos.

Além de revelar tudo que sabe sobre determinado assunto, você percebeu que o texto tem como

objetivo aumentar o *seu* conhecimento sobre o tema? Trazer novidades, acrescentar conhecimento para o leitor?

O texto dissertativo informativo é uma modalidade de texto dissertativo expositivo. É que há textos expositivos que apresentam informações sobre um objeto ou fato específico, sua descrição, a enumeração de suas características, com o objetivo de aumentar o conhecimento do leitor sobre determinado assunto. Esse tipo de texto é chamado de **informativo**. Com linguagem objetiva e impessoal, ele pressupõe acréscimo de informação para quem o lê. O texto dissertativo informativo é o tipo de texto que procura tratar de assunto de interesse do leitor e busca a novidade, algo que o público não conheça.

Por meio de dados estatísticos e exemplos e de uma linguagem objetiva, o autor atinge seu objetivo – apresentar possíveis novidades ao seu leitor. O que se tem é um texto em que o autor não só expõe o que sabe sobre determinado assunto (daí ser chamado de expositivo), mas também acrescenta informações a quem o lê (por isso, é informativo). Assim, poderíamos resumir:

Todo texto informativo é também expositivo, pois o autor expõe o que sabe sobre um assunto com a intenção de aumentar o conhecimento do leitor. Mas nem todo texto expositivo é informativo – o texto será apenas expositivo se o autor pretender unicamente expor o que sabe sobre determinada matéria sem a pretensão de acrescentar informações a quem o lê.

De qualquer forma, sendo o texto unicamente expositivo ou também informativo, o que se observa é que nesses textos não há intenção de se defender uma tese, ou apresentar argumentos do autor. O que se vê são **fatos**. Se o objetivo do texto for defender opinião, julgamentos, ele será dissertativo opinativo – ou argumentativo.

O **texto dissertativo opinativo**, também chamado de argumentativo, difere do dissertativo expositivo, pois, além de expor o que se sabe sobre um assunto – e, muitas vezes, também informar –, o texto dissertativo argumentativo tem por finalidade principal persuadir o leitor sobre determinado assunto, modificar seu comportamento.

Percebe-se, ao longo deste tipo de texto, palavras que indicavam o posicionamento do autor. Muitas vezes, o autor, com o intuito de transparecer sua opinião, utiliza-se de algumas marcas linguísticas capazes de persuadir o leitor, tais como verbos na 1ª pessoa do singular ou plural e expressões de modalidade – são os chamados modalizadores (vocábulos indicativos da opinião do autor, que podem ajudar você a diferenciar no texto o fato do julgamento).

Veja uma prova elaborada pela Fundação Euclides da Cunha, em que se apresentava uma questão de tipologia textual:

RIO + 10 ... POR CENTO!

APENAS UMA DÉCADA DEPOIS

Encerrada há pouco em Johannesburgo, África do Sul, a Conferência Rio + 10 terminou pateticamente, sob o olhar desalentado de ambientalistas, jornalistas, economistas e políticos.

O Secretário de Estado dos EUA, Collin Powell, foi vaiado por afirmar que os Estados Unidos estão, sim, preocupados com a saúde ambiental do planeta. O presidente Fernando Henrique Cardoso viu derrotada – ao som da bem orquestrada banda regida pela Casa Branca e que incluía Rússia, China, Índia e países árabes exportadores de petróleo – a proposta brasileira para que, dentro de oito anos, 10% da matriz energética mundial viesse de fontes renováveis. Inclusive a tecnologia *made in Brazil* ancorada no etanol, *of course*. Ao mesmo tempo, o polêmico chefe de Estado venezuelano, Hugo Chávez, sob tímidos aplausos, dizia que "enquanto nós, governantes, vamos de conferência em conferência, nossos povos vão de abismo em abismo".

De concreto, mesmo, o que se produziu na Rio + 10 foi apenas uma vaga carta de intenções, com frases do tipo "vamos reduzir a perda de espécies", "reconhecemos que países pobres precisarão de ajuda financeira para cumprir os objetivos", e "reconhecemos o princípio da repartição de benefícios obtidos com espécies de países pobres, ou seja, asseguramos que as comunidades locais devem usufruir de benefícios decorrentes da exploração de recursos naturais encontrados em suas terras". Tudo isso pomposamente dito, mas sem metas definidas ou prazos para implementação.

Travestidos de Tomaso de Lampedusa, afirmamos que algo deve mudar para que tudo continue como está. Até quando?

(FAVARETTO, J. A. UNO Notícias. Informativo do Sistema UNO de Ensino, n. 4, outubro de 2002, p. 3.)

6. Considerando-se o modo de organização do discurso, é possível afirmar que o texto acima:

a) tem uma estrutura argumentativa, desenvolvida com elementos que deixam clara a opinião favorável do autor a respeito do fato polêmico abordado.

b) pode ser definido como dissertativo, pois nele o autor realiza uma explanação dos acontecimentos que caracterizaram a Conferência Rio + 10.

c) é narrativo, em estilo jornalístico, com elementos que assinalam a presença do narrador e a sua

opinião sobre os resultados da Conferência Rio + 10.

d) foi construído com uma parte narrativa e outra descritiva, sendo forte nesta última a opinião desfavorável do autor sobre os resultados da Conferência Rio + 10.

e) contém uma descrição detalhada das diversas correntes de interesses que se apresentaram na Conferência Rio + 10.

Comentários:

Observe que o objetivo do texto não é dissertar sobre uma conferência realizada, mas apresentar relatos que se organizam em uma sequência cronológica – os acontecimentos da Conferência Rio + 10. Assim, eliminam-se as alternativas A e B.

Quanto à letra D, ainda que ocorram aspectos descritivos (*bem orquestrada banda regida*/*tímidos aplausos*), não se pode afirmar que o texto se divida em uma parte narrativa e outra descritiva. Além disso, quando o autor demonstra sua *opinião desfavorável sobre os resultados da Conferência Rio + 10*, o que se tem é *dissertação*, e não descrição.

Assim, ainda que haja passagens descritivas e opinativas no texto, o que se percebe é que o autor veio relatar acontecimentos de uma conferência, com opiniões ao longo de seu relato. O texto é narrativo, com aspectos descritivos e opinativos.

Resposta: C.

CRITÉRIO ARRISCADO

O exemplo veio da maior economia do mundo: as agências de regulação e desenvolvimento – caso da SEC (Securities Exchange Comission) americana, e da CVM brasileira – têm que ser mantidas a salvo da submissão ou das influências políticas. Esta é a melhor forma de preservar a independência de organismos desse tipo cuja eficiência e utilidade para a economia do país são consequência direta de sua credibilidade e da independência de seus dirigentes.

Recentemente, nos Estados Unidos, o presidente da SEC, Harvey Pitt, viu-se compelido a renunciar a seu mandato. Motivo? Ele teria iludido seus colegas de conselho (diretoria da SEC), para conseguir maioria na escolha de William Webster para a liderança de um novo comitê que supervisionará a indústria da contabilidade no país.

Para conseguir o que pretendia, Pitt deixara de informar os demais membros do conselho da SEC que Webster fora chefe de auditoria de uma das companhias que, recentemente, se envolveram com fraudes

contábeis. Pitt havia sido indicado para o cargo por Bush, no ano passado, e deveria cumprir um mandato de quatro anos. Diante dos fatos que envolviam Webster, e que eram parte da onda de escândalos financeiros que assola os Estados Unidos há mais de um ano, Pitt não teve alternativa.

No Brasil, o mandato fixo, de quatro anos, para os diretores e presidente da CVM, existe como forma de preservar sua independência.

Ao serem empossados em seus cargos, o presidente e diretores da Comissão de Valores Mobiliários assumem com o país os compromissos de moralidade e legalidade de seus atos, que são comuns todos os servidores públicos. E tendo em vista a gravidade de sua missão, frequentemente confrontada com interesses do mercado e do próprio governo, têm como forma de defesa de sua independência a duração de seu mandato.

A lição recente dos Estados Unidos, em que o mandato fixo não foi suficiente para amparar a ilegalidade, é boa para americanos e serve para o Brasil. O episódio Pitt mostra que o mandato de quatro anos é bom para preservar a independência dos dirigentes da agência, mas não pode servir de escudo no momento em que o agente público atue contra os superiores interesses da moralidade e da legalidade.

Mostra, também, que a melhor forma de evitar constrangimentos futuros, na escolha de dirigentes com mandatos fixos, ainda é a observância dos critérios de competência técnica e de moralidade. A pura e simples filiação partidária não deve habilitar ninguém a cargos desse tipo. O risco é um eventual constrangimento, como o que Bush experimentou ao nomear Harvey Pitt.

(Jornal do Brasil, 17/11/2002, p. A14.)

7. Do ponto de vista do modo de organização do discurso, pode-se afirmar que os parágrafos do texto são:

a) narrativos, apesar de o objetivo do texto ser essencialmente argumentativo.

b) argumentativos, mas estruturados de acordo com o modelo narrativo.

c) argumentativos, sendo que o segundo e o terceiro parágrafos têm estrutura narrativa.

d) narrativos, sendo que o primeiro, o quarto e o quinto parágrafos têm estrutura argumentativa.

e) descritivos, mas a serviço de um texto cujo objetivo é predominantemente narrativo.

Comentários:

O texto é predominantemente dissertativo argumentativo. Sua meta é defender uma tese explicitada nos dois últimos parágrafos – a de que o mandato de quatro anos "não pode servir de escudo no momento

em que o agente público atue contra os superiores interesses de moralidade e legalidade", bem como "a melhor forma de evitar constrangimentos futuros, na escolha de dirigentes com mandatos fixos, ainda é a observância dos critérios de competência técnica e de moralidade".

Resposta: C.

Veja agora este texto de nosso tão saudoso Machado de Assis, retirado de prova elaborada pelo Cespe/UnB, para o Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro:

Há dessas reminiscências que não descansam antes que a pena ou língua as publique. Um antigo dizia arrenegar de conviva que tem memória. A vida é cheia de tais convivas, e eu sou acaso um deles, conquanto a prova de ter a memória fraca seja exatamente não me acudir agora o nome de tal antigo; mas era um antigo, e basta.

Não, não, a minha memória não é boa. Ao contrário, é comparável a alguém que tivesse vivido por hospedarias, sem guardar delas nem caras nem nomes; e somente raras circunstâncias. A quem passe a vida na mesma casa de família, com os seus eternos móveis e costumes, pessoas e afeições, é que se lhe grava tudo pela continuidade e repetição. Como eu invejo os que não esqueceram a cor das primeiras calças que vestiram! Eu não atino com a das que enfiei ontem. Juro só que não eram amarelas porque execro essa cor; mas isso mesmo pode ser olvido e confusão.

E antes seja olvido que confusão; explico-me. Nada se emenda bem nos livros confusos, mas tudo se pode meter nos livros omissos. Eu, quando leio algum desta outra casta, não me aflijo nunca. O que faço, em chegando ao fim, é cerrar os olhos e evocar todas as coisas que não achei nele. Quantas ideias finas me acodem, então! Que de reflexões profundas! Os rios, as montanhas, as igrejas que não vi nas folhas lidas, todos me aparecem agora com as suas águas, as suas árvores, os seus altares; e os generais sacam das espadas que tinham ficado na bainha, e os clarins soltam as notas que dormiam no metal, e tudo marcha com uma alma imprevista.

É que tudo se acha fora de um livro falho, leitor amigo. Assim preencho as lacunas alheias; assim podes também preencher as minhas.

Machado de Assis. Dom Casmurro. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996, p. 79.

8. Assinale a opção que apresenta uma frase narrativa do texto:

a) "Há dessas reminiscências."

b) "Um antigo dizia arrenegar de conviva que tem memória."

c) "A vida é cheia de tais convivas."

d) “Não, não, a minha memória não é boa.”

e) “Quantas ideias finas me acodem, então.”

Comentários:

Observe nas letras A, C, D e E, temos exemplos de dissertação: são frases que apresentam conceitos, ideias, abstrações. Veja com especial atenção as letras D e E, que apresentam o uso da 1ª pessoa do singular (*minha*, *me*), como forma de veicular a opinião do autor. Ora, tais recursos podem inclusive ajudar você a perceber que os trechos são argumentativos.

No entanto, observe a letra B: ela indica que, nesse trecho, o autor relata acontecimentos de sua vida, *conta a história de um amigo que se zangava com aqueles que tinham memória* – o que caracteriza o trecho como narrativo.

Resposta: B.

MAIS UM RETIRADO DE PROVA DO CESPE/UNB:

A Revolução Industrial provocou a dissociação entre dois pensamentos: o científico e tecnológico e o humanista. A partir do século XIX, a liberdade do homem começa a ser identificada com a eficiência em dominar e transformar a natureza em bens e serviços. O conceito de liberdade começa a ser sinônimo de consumo. Perde importância a prática das artes e consolidam-se a ciência e a tecnologia. Relega-se a preocupação ética. A procura da liberdade social se faz sem considerar-se sua distribuição. A militância política passa a ser tolerada, mas como opção pessoal de cada um.

Essa ruptura teve o importante papel de contribuir para a revolução do conhecimento científico e tecnológico. A sociedade humana se transformou, com a eficiência técnica e a consequente redução do tempo social necessário à produção dos bens de sobrevivência.

O privilégio da eficiência na dominação da natureza gerou, contudo, as distorções hoje conhecidas: em vez de usar o tempo livre para a prática da liberdade, o homem reorganizou seu projeto e refez seu objetivo no sentido de ampliar o consumo. O avanço técnico e científico, de instrumento da liberdade, adquiriu autonomia e passou a determinar uma estrutura social opressiva, que servisse ao avanço técnico e científico. A liberdade identificou-se com ideia de consumo. Os meios de produção, que surgiram do avanço técnico, visam ampliar o nível dos meios de produção.

Graças a essa especialização e priorização, foi possível obter-se o elevado nível de potencial-de-liberdade que o final do século XX oferece à humanidade. O sistema capitalista permitiu que o homem

atingisse as vésperas da liberdade em relação ao trabalho alienado, às doenças e à escassez. Mas não consegue permitir que o potencial criado pela ciência e tecnologia seja usado com a eficiência desejada.

(Cristovam Buarque. Na fronteira do futuro.
Brasília: EDUnB, 1989. p.13 (com adaptações).

9. Quanto à organização do texto, julgue os itens a seguir.

a) A argumentação do texto estrutura-se em três eixos principais: ciência e tecnologia, busca da liberdade e militância política.

b) A tese para esse texto argumentativo pode assim ser resumida: nem todo "potencial-de-liberdade" gera liberdade com a eficiência desejada.

c) Para organizar o texto, predominantemente argumentativo, o autor recorre a ilustrações temáticas e trechos descritivos sobre condições das sociedades.

d) O fragmento a seguir, caso fosse utilizado como continuidade do texto, manteria a coerência da argumentação: Existe, assim, uma ambiguidade entre a ampliação dos horizontes da liberdade e os resultados, de fato, alcançados pelo homem.

A letra A está errada, pois a argumentação do texto não se estrutura em torno de três eixos, mas de dois: um eixo científico e tecnológico e o outro humanista.

Quanto à letra B, de fato essa é a tese, que aparece explicitada no último parágrafo do texto, com as palavras "Mas não consegue permitir que o potencial criado pela ciência e tecnologia seja usado com a eficiência desejada". Assertiva certa, portanto.

Já a letra C está errada: o texto é mesmo predominantemente argumentativo, mas não se utilizam ilustrações temáticas (que são o mesmo que *exemplos*) nem trechos descritivos para fundamentar--se a tese.

Quanto à letra D, de fato essa frase é uma *reescritura da tese do texto*. Sabendo-se que um fragmento, para que possa representar uma possível continuidade de um texto, só precisa reescrever sua ideia central, vê-se que a frase apresentada pela banca repete a tese do autor. O objetivo do texto era fazer oposição entre *o potencial-de-liberdade que a tecnologia proporciona e as limitações que o consumo impõe à liberdade que o homem tanto almeja.*

Agora é com você! Selecionamos algumas questões para que você verifique se realmente fixou os conteúdos. Ao final, você terá um gabarito com comentários. Boa sorte!

23.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

Texto I (Aux. Cart.-CGJ-UFRJ/02)

O NECROLÓGICO DOS DESILUDIDOS DE AMOR
Carlos Drummond de Andrade
Os médicos estão fazendo autópsia dos que se mataram.
Que grandes corações eles possuíam
Vísceras imensas, tripas sentimentais
e um estômago cheio de poesia.

Texto II (Aux. Cart.-CGJ-UFRJ/02)

INFORMAÇÃO
O Observatório Nacional informou que os brasileiros assistirão no dia 4 de janeiro a um eclipse parcial do sol. No Rio, a luz solar sofrerá uma redução de 69% entre 11 e 12 horas. O fenômeno provocará no meio do dia o aspecto de um entardecer.

1. A oposição INCORRETA entre, respectivamente, os texto I e II é:

a) verso / prosa.
b) poesia / informação.
c) sensibilidade / verdade.
d) vocábulos formais / vocábulos informais.
e) passado / futuro.

Texto III

PROTESTO TÍMIDO
Fernando Sabino
Ainda há pouco eu vinha para casa a pé, feliz da minha vida e faltavam dez minutos para a meia-noite. Perto da praça General Osório, olhei para o lado e vi, junto à parede, antes da esquina, algo que me pareceu uma trouxa de roupa, um saco de lixo. Alguns passos mais e pude ver que era um menino.
Escurinho, de seus seis ou sete anos, não mais. Deitado de lado, braços dobrados como dois gravetos, as mãos protegendo a cabeça. Tinha os gambitos também encolhidos e enfiados dentro da camisa de meia esburacada, para se defender contra o frio da noite. Estava dormindo, como podia estar morto. Outros, como eu, iam passando, sem tomar conhecimento de sua existência.
Não era um ser humano, era um bicho, um saco de lixo mesmo, um traste inútil, abandonado, sobre a calçada. Um menor abandonado.
Quem nunca viu um menor abandonado? A cinco passos, na casa de sucos de frutas, vários casais de jovens tomavam sucos de frutas, alguns mastigavam sanduíches. Além, na esquina da praça, o carro da radiopatrulha estacionando, dois boinas-pretas conversando do lado de fora. Ninguém tomava conhecimento da existência do menino.
Segundo as estatísticas, como ele existem nada menos que 25 milhões no Brasil, que se pode fazer? Qual seria a reação do menino se eu o acordasse para lhe dar todo o dinheiro que trazia no bolso? Resolveria o seu problema? O problema do menor abandonado? A injustiça social?
(...)
Vinte e cinco milhões de menores – um dado abstrato, que a imaginação não alcança. Um menino sem pai nem mãe, sem o que comer nem onde dormir – isto é um menor abandonado. Para entender, só mesmo imaginando meu filho largado no mundo aos seis, oito ou dez anos de idade, sem ter para onde ir

nem para quem apelar. Imagino que ele venha a ser um desses que se esgueiram como ratos em torno aos botequins e lanchonetes e nos importunam cutucando-nos de leve – gesto que nos desperta mal contida irritação – para nos pedir um trocado. Não temos disposição sequer para olhá-lo e simplesmente o atendemos (ou não) para nos livrarmos depressa de sua incômoda presença. Com o sentimento que sufocamos no coração, escreveríamos toda a obra de Dickens. Mas estamos em pleno século XX, vivendo a era do progresso para o Brasil, conquistando um futuro melhor para os nossos filhos. Até lá, que o menor abandonado não chateie, isto é problema para o juizado de menores. Mesmo porque são todos delinquentes, pivetes na escola do crime, cedo terminarão na cadeia ou crivados de balas pelo Esquadrão da Morte.

Pode ser. Mas a verdade é que hoje eu vi meu filho dormindo na rua, exposto ao frio da noite, e além de nada ter feito por ele, ainda o confundi com um monte de lixo.

1. Uma crônica, como a que você acaba de ler, tem como melhor definição:

a) registro de fatos históricos em ordem cronológica.
b) pequeno texto descritivo geralmente baseado em fatos do cotidiano.
c) seção ou coluna de jornal sobre tema especializado.
d) texto narrativo de pequena extensão, de conteúdo e estrutura bastante variados.
e) pequeno conto com comentários, sobre temas atuais.

2. O texto começa com os tempos verbais no pretérito imperfeito – vinha, faltavam – e, depois, ocorre a mudança para o pretérito perfeito – olhei, vi etc; essa mudança marca a passagem:

a) do passado para o presente.
b) da descrição para a narração.
c) do impessoal para o pessoal.
d) do geral para o específico.
e) do positivo para o negativo.

3. O uso da primeira pessoa na crônica tem um efeito de:

a) construir uma narrativa impessoal, já que o cronista é observador neutro.
b) seguir o modelo típico de um texto jornalístico, como este.
c) manifestar no discurso a opinião dos leitores.
d) expressar o ponto de vista do narrador.
e) transformar o texto em algo objetivo e popular.

4. O tom predominante na crônica é o de:

a) comiseração.
b) remorso.
c) revolta.
d) desprezo.
e) tristeza.

5. Dentre as perguntas abaixo, aquela que poderia ser considerada como pergunta retórica é:

a) “Quem nunca viu um menor abandonado?”.
b) “Segundo as estatísticas, como ele existem nada menos que 25 milhões no Brasil, que se pode fazer?”.

c) “Qual seria a reação do menino se eu o acordasse para lhe dar todo o dinheiro que trazia no bolso?”.
d) “Resolveria o seu problema?”.
e) “(Resolveria) A injustiça social?”.

Texto IV

DA “LIVRE MANIFESTAÇÃO” AO VANDALISMO
João Mellão Neto

[...] Recordo-me de um bar, no centro de São Paulo onde, na década de 60, nos toaletes, aparecia a seguinte inscrição: “Não risque as paredes. Se você acredita que seu pensamento seja tão original a ponto de merecer sua inscrição aqui, não se constranja. Procure a gerência e nós mesmos nos encarregamos de autorizá-lo”.

O mesmo raciocínio vale para os pichadores. Se o que eles têm a manifestar tem algum valor artístico ou filosófico, sem dúvida existirão proprietários de muros dispostos a permitir-lhes a inscrição. Agora, pichação de bens públicos ou de muros particulares, à revelia do proprietário, não é manifestação artística, é vandalismo. E, como tal, deve ser coibido.

O dever do Estado é proteger a propriedade de todos da sanha de cada um e a propriedade de cada um da sanha de todos. A pichação dos bens públicos ou particulares viola ambos os princípios e, portanto, é dever da autoridade competente tomar medidas coercitivas. Eu, como milhões de cidadãos, gosto de ver a minha cidade limpa. Faço minha parte, de um lado mantendo meu muro pintado e de outro pagando impostos para que a Prefeitura faça o mesmo com os nossos monumentos. Se os pichadores têm seus “direitos” de expressarem-se livremente, eu também tenho os meus de querer minha cidade em ordem e bonita. Com uma diferença: eu pago impostos para exercer a minha cidadania e eles, tão somente, adquirem uma lata de aerossol.

1. No título do texto IV, a expressão “livre manifestação” aparece entre aspas para:
a) distinguir uma citação do resto do contexto.
b) fazer sobressair termos não peculiares à linguagem normal.
c) acentuar o valor significativo de uma palavra ou expressão.
d) realçar ironicamente uma palavra ou expressão.
e) destacar o termo de maior valor do texto.

2. No título, os termos livre manifestação e vandalismo:
a) representam duas maneiras de encarar o mesmo fato.
b) falam, respectivamente, do aspecto ilegal e legal das pichações.
c) são argumentos favoráveis ao aparecimento de pichações.
d) indicam o pensamento das autoridades sobre as pichações.
e) mostram duas realidades que ocorrem simultaneamente.

3. O texto IV deve ser classificado, de forma mais adequada, como:
a) descritivo.
b) narrativo.
c) dissertativo expositivo.
d) dissertativo polêmico.
e) dissertativo informativo.

Texto V: “As fronteiras políticas das nações-estados são estreitas e limitadas demais para definir o escopo e o alcance da empresa moderna.” (J. Spencer)

Texto VI: "As estruturas políticas mundiais são inteiramente obsoletas. Não mudaram em pelo menos cem anos e estão lamentavelmente desafinadas como progresso tecnológico." (J. Maisonrouge)

1. A afirmação correta em relação aos textos V e VI:

a) o texto V é narrativo enquanto o texto VI é dissertativo.
b) o texto V trata de tema menos amplo que o texto VI.
c) ambos os textos mostram que a tecnologia é prejudicial.
d) só o texto 3 defende a alteração das fronteiras políticas atuais.
e) os dois textos têm caráter descritivo.

Texto VII

SAIBA MAIS SOBRE O PROBLEMA

Recente documento, elaborado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), revela que o Brasil é um país mergulhado na sujeira: metade dos municípios não têm serviço de esgoto sanitário, 70% do lixo das cidades são jogados em lixões e alagados (rios, lagos, mar, etc.) e apenas poucos municípios fazem coleta seletiva de lixo.

Os brasileiros produzem todos os dias mais de 125.000 toneladas de lixo, além dos 14,5 milhões de metros cúbicos de esgoto. O destino inadequado de todo esse lixo e esgoto ajuda a explicar por que ainda sofremos com doenças do século XIX, como a febre amarela, as hepatites, as diarreias, os vermes e mesmo as recentes epidemias de Dengue.

Outros fatos preocupantes são:

- o grande volume de lixo encontrado nas ruas, o que segundo a COMLURB demonstra a falta de educação da população que joga lixo de todos os tipos nas vias públicas;
- as milhares de crianças que trabalham revirando lixo nos lixões, disputando com moscas, ratos e urubus, os restos de comida ou objetos que podem ser reaproveitados ou vendidos;
- o chorume, líquido contaminado liberado pelo lixo em decomposição, atinge rios, lagos e a Baía de Guanabara, dentre outros, contaminando peixes, aves e o próprio Homem, gerando graves doenças, problemas sociais e ambientais.

1. Este é um texto retirado de um pequeno jornal de um colégio do Rio de Janeiro e seu valor está no assunto que aborda: o lixo. Para dar valor ao que nele é expresso, o autor procurou destacar dois aspectos, manifestados na primeira linha do texto:

a) atualidade e credibilidade.
b) objetividade e cientificismo.
c) autoridade e sentimentalismo.
d) suspense e negativismo.
e) verdade e nacionalismo.

2. A finalidade principal do texto VII deve ser a de:

a) criticar as autoridades governamentais.
b) denunciar a poluição ambiental.
c) procurar aumentar o conhecimento do assunto.
d) mostrar soluções para o problema do lixo.
e) indicar os principais problemas do país.

3. O documento elaborado pelo IBGE tem valor prioritário de:

a) conselho.

b) denúncia.
c) acusação.
d) crítica.
e) elogio.

Texto VIII

A MARCA DA MORTE NOS CIGARROS

A partir de 1º de fevereiro, começa a circular no Brasil a nova safra de maços de cigarros impressos de acordo com a resolução da Agência Nacional de Vigilância Sanitária. A regra diz que as sessenta marcas vendidas no país devem estampar no verso da embalagem uma entre nove imagens associadas aos malefícios do cigarro. A iniciativa foi copiada de uma experiência bem-sucedida no Canadá. Com imagens explícitas, agressivas até – uma boca com dentes podres e a gengiva inflamada, um coração infartado ou um cérebro com as artérias estouradas – a campanha do Canadá provocou uma primeira reação negativa da sociedade, principalmente entre os não-tabagistas. É que muita gente não queria ser obrigada a conviver com as cenas repugnantes. O saldo final, no entanto, foi ótimo. Uma pesquisa realizada pela Sociedade Canadense do Câncer, com mais de 2000 pessoas, revela que a contrapropaganda surtiu efeitos positivos. Por causa das ilustrações, cerca de 45% dos fumantes ficaram motivados a abandonar o cigarro.

Veja, ed. 1735

1. O título do texto VIII se justifica porque:

a) o vício do fumo provoca doença em milhares de pessoas.
b) a maioria dos fumantes não sabe os riscos que corre.
c) as embalagens de cigarro vão aludir aos males que provoca.
d) fabricantes vão esconder dos fumantes os riscos que correm.
e) o vício do fumo está aumentando os óbitos por câncer.

2. O fato de vir por extenso a denominação “Agência Nacional de Vigilância Sanitária” em lugar da forma abreviada ANVS, mostra que:

a) o texto não pretende apresentar-se em forma resumida.
b) em textos informativos não se usam abreviaturas.
c) o público a que se dirige o texto não é da classe culta.
d) o texto pretende enfatizar o poder legal.
e) para o jornalista, nem sempre as abreviaturas são claras.

3. A resolução da ANVS e o texto-imagem dos maços de cigarros são respectivamente representantes de textos dos tipos:

a) didático/informativo.
b) informativo/normativo.
c) normativo/publicitário.
d) publicitário/expressivo.
e) expressivo/didático.

4. Os textos informativos, como o texto VIII, só NÃO se caracterizam por:

a) objetividade e precisão.
b) abordagem de algo desconhecido do leitor.
c) reduzida participação do autor do texto no enunciado.

d) conteúdo de hipotético interesse de leitores.
e) profunda interação com o leitor.

Texto IX

TENTE LER ESTE ANÚNCIO DIRIGINDO

O anúncio de revista é rico em informações. Pode dar toda a literatura necessária sobre um produto. Explicar o que é, como funciona, a forma de pagamento, enfim, pode dar todos os detalhes tintim por tintim.

Ele é fantástico para um sujeito que dispõe desse tempo que você está tendo agora. Para folhear calmamente, lendo artigos e anúncios.

Já no trânsito, para passar a mensagem a quem está passando, aí o outdoor é imbatível.

Ele é rápido, telegráfico, gigante. Ótimo para anúncios institucionais ou promocionais de qualquer produto ou serviço.

O outdoor também apresenta um dos recalls mais elevados, dentro de uma relação custo/benefício bem atraente.

Dependendo do produto e seu mercado, você pode utilizar o outdoor para cercar o Brasil inteiro, um estado, uma cidade ou simplesmente um bairro. E vender tanto para o Brasil quanto para um bairro com a mesma eficiência, é uma versatilidade que nenhum outro veículo tem.

Além do quê, o outdoor é seu último apelo ao consumidor antes da compra. Porque ele está ali, na rua, bem próximo ao seu ponto de venda. E, você há de concordar, num mercado tão competitivo quanto o nosso, isso pode ser decisivo.

São detalhes como esse que você, anunciante, não pode deixar de levar em conta na hora de programar sua mídia. Principalmente se você quiser atingir um público como esse nosso, dirigido.

1. O anúncio de revista pode ser rico em informações porque:

a) o leitor dispõe de tempo para lê-lo.
b) todo produto a ser anunciado requer isso.
c) o leitor precisa ser convencido a comprar o produto.
d) apela para o gosto estético do leitor.
e) o anunciante exige que isso assim seja.

2. "Explicar o que é, como funciona..."; os dois tipos de textos a que se alude nesse segmento são, respectivamente:

a) jornalístico, publicitário.
b) publicitário, informativo.
c) informativo, instrucional.
d) instrucional, didático.
e) didático, jornalístico.

3. O quarto parágrafo mostra que este texto é:

a) publicitário, pois anuncia o próprio outdoor.
b) informativo, pois explica as qualidades do cartaz de rua.
c) didático, pois ensina o que é um outdoor.
d) jornalístico, pois destaca o surpreendente de um outdoor.
e) poético, pois apela para o bom-gosto do leitor.

4. "O anúncio de revista é rico em informações"; o item abaixo em que a relação expressa

pelos elementos sublinhados é INADEQUADA:

a) o horóscopo é rico em previsões.
b) o livro didático é rico em ensinamentos.
c) o dicionário é rico em definições.
d) a bula de remédio é rica em informações.
e) o outdoor é rico em detalhes.

Texto X

PROCESSAMENTO DA ENTREVISTA

A Nogueira de Faria

A entrevista consiste em inquirir tecnicamente, de forma hábil, dentro de um plano e sequência previamente estudados, levando o interrogado ou entrevistado a se pronunciar sobre aquilo que desejamos saber e a emitir sua opinião, muitas vezes sem que formulemos a pergunta diretamente. É a maneira racional de levar alguém a fornecer os informes e as informações que possui em determinada área.

É uma técnica de comunicação direta entre duas pessoas que possuem alguns interesses em comum. Forma de pesquisa realizada através de diálogo estudado e preparado dentro de um plano e sequência previamente analisados, levando, sutilmente, o entrevistado a se manifestar sobre assuntos de seu conhecimento.

Pode ser entendida como sendo uma conversa planejada, capaz de conduzir à transmissão de uma mensagem, em que o entrevistador orientou a produção e codificação das próprias mensagens por parte do entrevistado, para obter as informações que deseja.

Trata-se de um processo interpessoal de comunicação, com numerosas limitações no tempo e no e no espaço, pois o comportamento das pessoas varia muito. As entrevistas devem ser personalizadas e adaptadas às características do entrevistado, sua cultura, posição social, conhecimento técnico, etc.

Existe uma grande diferença entre a entrevista e a conversa informal entre duas pessoas. É necessário saber distinguir quando o diálogo informal é uma introdução e quando ele perde as características, acabando por se transformar numa palestra inconsistente, tomando tempo e prejudicando o processamento da entrevista propriamente dita.

Organização e métodos. Livros Técnicos e Científicos Edit. RJ, 1982

1. O parágrafo do texto que apresenta uma estrutura distinta da dos demais é o:

a) 1º .
b) 2º .
c) 3º.
d) 4º.
e) 5º.

Texto XI

ÁGUA INSALUBRE

Márcia Peltier. O Globo, 21/10/2002

Estudo do Pacific Institute of Oakland, na Califórnia, prevê que 76 milhões de pessoas morrerão de doenças relacionadas à água até 2020. As crianças serão as mais afetadas por males causados pelo uso e ingestão de água contaminada. No mesmo período, serão registrados 65 milhões de casos fatais em consequência da Aids em todo o mundo.

1. O título dado à notícia é “Água insalubre”. Sabendo-se que “insalubre” significa “nocivo à saúde”, pode-se dizer que:

a) o título nada esclarece sobre o conteúdo do texto.
b) parte do conteúdo do texto é antecipado pelo título.
c) o adjetivo “insalubre” contradiz o conteúdo do texto.
d) o título pretende atrair o leitor pelo aspecto trágico.
e) a menção da água contaminada introduz o assunto da Aids.

2. O texto lido poderia ser classificado como:

a) didático.
b) informativo.
c) normativo.
d) preditivo.
e) publicitário.

Texto XII

RAÍZES

Heloísa Seixas Domingo, n. 1336

Diante da minha janela havia uma pedra.

Não, não vou fazer imitação de poesia. Nada tem de poética a história que eu vou contar. A pedra de que falo é na verdade uma imensa pedreira, de topo liso, coberto em alguns pontos pela vegetação rasteira, uma espécie de enclave rural em pleno Leblon, onde às vezes cabras pastavam e onde um galo alucinado insistia em cantar na hora errada, no início da madrugada. Era o lugar ideal para, nas tardes de domingo, uma menina se deitar, sentindo nas costas o calor do sol retido pela pedra, enquanto olhava as pipas agitando-se no ar. Eu ia com meus irmãos e seus amigos, quando eles subiam lá para soltar pipa. São só lembranças. Essa pedra não existe mais. Ou pelo menos não existe assim, como a descrevo agora, a pedra da minha infância. Hoje, é uma pedra nua, morta.

Sua base ainda está lá e servirá, pelo que sei, de fundação para um shopping. Mas a superfície foi toda raspada, a vegetação desapareceu, a pedreira foi rebaixada em quatro ou cinco metros, retalhada durante dois anos por uma orquestra de britadeiras, e nela foram erguidos os primeiros andares do que seria um estacionamento.

Assim que começaram a destruir a pedreira, pensei com alarme numa pequena árvore, uma muda de amendoeira cujo crescimento árduo eu vinha acompanhado havia anos. A árvore crescera numa das laterais da pedra e seu tronco se encorpava, equilibrando-se de forma improvável no paredão íngreme. Eu admirava sua bravura, tirando seiva de um lugar onde não havia terra, fazendo um esforço enorme para crescer na ranhura mínima que encontrara. E caminhei um dia até o local onde ela crescia, para ver se, com as obras que tinham começado, a pequena árvore sobreviveria. Mas cheguei tarde demais. Só encontrei o tronco, decepado. Em torno, as raízes, que por anos se haviam agarrado à pedra com tanto esforço, agora condenadas a secar, inúteis.

O tempo passou. E eu não pensei mais no assunto. Até que, outro dia, assistindo a um documentário sobre os talibãs, vi uma inglesa de origem afegã mostrando a foto de um jardim onde brincava na infância e que fora destruído pela guerra civil. O documentário, feito antes da guerra com os Estados Unidos, fora gravado em solo afegão, e a moça conseguira chegar ao local do tal jardim. Mas não encontrou nada. A comparação com a foto que trazia nas mãos era chocante. Todo o verde havia desaparecido. No meio de um descampado monocromático, restara apenas o círculo de pedra de uma

velha fonte seca. E a única coisa que não mudara na paisagem eram as montanhas, ao fundo, testemunhas da devastação que hoje sabemos estava apenas no princípio.

Aquela mulher e seu jardim desaparecido me fizeram pensar na pequena amendoeira que crescera na pedra e que também fora decepada. E, com isso em mente, voltei ao ponto do paredão onde ela um dia se agarrara. Com surpresa, descobri que das raízes deixadas na pedra surgiam brotos, com folhas de um verde limpo.

A amendoeira teimava em renascer como talvez fizesse o jardim afegão, apesar da fúria dos homens.

1. "Nada tem de poética a história que vou contar"; a história contada pela autora tem como ponto de partida cronológico:

a) a existência de uma pedra diante da janela da autora.
b) a foto de um jardim onde uma afegã brincara na infância.
c) o crescimento de uma pequena amendoeira na pedra.
d) o fato de a amendoeira ter sido decepada.
e) as lembranças da infância da autora.

Texto XIII

OS NÚMEROS

George Ifrah

Houve um tempo em que o ser humano não sabia contar. A prova: atualmente existem ainda homens incapazes de conceber qualquer número abstrato e que não sabem nem que dois e dois são quatro.

Inúmeras hordas "primitivas" se encontram, ainda hoje, nesse "grau zero" – se assim podemos dizer – quanto ao conhecimento dos números. É, por exemplo, o caso dos zulus e dos pigmeus, da África, dos aranda e dos kamilarai, da Austrália, dos aborígenes das Ilhas Murray e dos botocudos, do Brasil. "Um", "dois" e... "muitos" constituem as únicas grandezas numéricas desses indígenas que ainda vivem na Idade da Pedra.

Eles só conhecem dois "nomes de números" propriamente ditos: um para a unidade e um outro para o par. Dentre eles, os melhores em aritmética chegam certamente a exprimir os números 3 e 4 articulando algo como dois-um e dois-dois. Mas não avançam mais. Além daí é a imprecisão, a confusão: empregam então palavras ou expressões que poderíamos traduzir por muitos, vários, uma multidão. E é tão difícil para eles imaginar um número superior ou igual a 5 quanto é para nós representar quantidades como um trilhão de bilhões. De tal modo que, quando se trata de mais de 3 ou 4, alguns deles se contentam em mostrar a cabeleira, como se dissessem: "É tão inumerável quanto os cabelos da cabeça!"

1. A finalidade principal desse texto é:

a) ensinar.
b) comprovar.
c) informar.
d) contradizer.
e) protestar.

Texto XIV

BRASIL E O MUNDO PODEM PREJUDICAR A SUA SAÚDE

Minha profissão é ver o mal do mundo. Um dia, a depressão bate. Não aguento mais ver a cara do Bush ostentando rugas na testa de preocupação com o nosso destino (que ele azedou), não aguento mais o Lula de boné dançando xaxado, não aguento ver o Sarney feliz, mandando no país, guardando o PT no bolso

do jaquetão, enquanto os petistas, comunistas, tucanistas e fascistas discutem para ver quem é mais de esquerda ou de direita, enquanto o país afunda em violência e miséria, com o Estado sendo loteado entre esquerdistas sem emprego; não dá mais para ouvir que há transgênicos de esquerda ou de direita, principalmente quando ninguém consegue impedir as queimadas na Amazônia; passo mal também quando vejo a cara dos oportunistas do MST, com a bênção da Pastoral da Terra, liderando pobres diabos para a revolução contra o capitalismo; não aguento secretários de Segurança falando em forças-tarefa, em presídios perfeitos que não conseguem nem bloquear celulares; não suporto ver que o Exército se recusa a ajudar na repressão ao crime, com generais tão eficazes para arrasar a guerrilha urbana nos anos setenta.

Texto da Internet falsamente atribuído a Arnaldo Jabor

1. A melhor caracterização do texto o define como:

a) narrativo de tema político.
b) expositivo de tom crítico.
c) informativo de base argumentativa.
d) descritivo de situação.
e) argumentativo de tema social.

Texto XV

DO MUNDO VIRTUAL

Carlos Heitor Cony

Insisto em comentar as vantagens e desvantagens do mundo virtual. Não perderei tempo em lembrar as vantagens, elas entram pela cara da gente, tornam-se dia a dia mais indispensáveis e mais fáceis de manuseio.

Fico então com as desvantagens, e uma delas me remete ao processo de pensar, de refletir. Desde que Aristóteles criou o método peripatético, os melhores pensamentos da humanidade vieram quando filósofos, inventores, matemáticos, músicos e poetas obedeciam àquele processo de pensar caminhando, ou de caminhar pensando.

Beethoven passeava na floresta quando voltou correndo, com a Sexta Sinfonia inteira na cabeça. Kant era metódico, todos os dias saía para seu passeio à tarde, os vizinhos podiam acertar o relógio pela hora em que ele percorria o bosque de Konigsberg. E foi assim que ele criou seu monumental sistema dedicado à razão pura.

Strauss compunha suas valsas passeando pelos bosques de Viena e Anchieta escreveu seu poema nas areias de uma praia. Ficar "plugado" a uma tomada pode ser prático, mas não é criador. (...)

Viver "plugado" a uma corrente de pessoas e informações pode ser divertido e útil. Mas agride o que o ser humano tem de melhor e mais insubstituível: o seu gosto, o seu erro, a sua miséria e sua glória.

1. O segmento do texto que mostra interferência do autor no seu conteúdo é:

a) "Mas agride o que o ser humano tem de melhor".
b) "Viver "plugado" a uma corrente de pessoas e informações pode ser divertido e útil".
c) "Strauss compunha as suas valsas passeando pelos bosques de Viena".
d) "Fico então com as desvantagens".
e) "Desde que Aristóteles criou o método peripatético".

2. A melhor classificação do texto lido o enquadra entre os textos:

a) conversacionais.

b) descritivos.
c) narrativos.
d) dissertativos expositivos.
e) dissertativos argumentativos.

Texto XVI

O PIERCING: SER OU NÃO SER

Quando o meu filho Pedro, de 16 anos, falou da vontade de colocar piercing, antes de dizer-lhe um sonoro "não", ponderei o fato de meu filho não ser um veículo para que eu coloque em prática o meu projeto de ser humano. Muito pelo contrário: Ele é um ser independente, com projetos próprios e que tem como orientação básica o respeito ao ser humano e a consciência de que o mundo deve ser mais justo, inteligente, diversificado e saboroso. A partir daí, não me preocupa se ele fará drama ou comédia, com argola no nariz ou gravata no pescoço. O importante não será a sua forma, mais sim o seu conteúdo. (...) O adolescente, pelo menos, faz por festa, para treinar a sua rebeldia. Depois, o tempo passa e todas essas bandeiras pelo corpo vão perdendo a importância e para aqueles que só fazem onda, a coisa ficará no passado. Para os autênticos, a rebeldia fica adulta e muda de lugar. Vai pro olhar.

Texto XVII

ARREPENDIMENTO

Certo dia, no início deste ano, uma moça de 19 anos apareceu no gabinete no deputado Campos Machado na Assembleia Legislativa de São Paulo e contou uma história triste. Ela disse que quando tinha 15 anos se encantou com as tatuagens que viu nas colegas e resolveu entrar na onda da arte corporal. Hoje chora de arrependimento. Ao tentar ingressar na Aeronáutica, ela foi reprovada no exame médico justamente por causa do desenho estampado no corpo. Fez uma cirurgia reparadora, prestou exame e, mais uma vez, foi rejeitada em razão das cicatrizes incriminadoras.

1. O texto XVII mostra, ao final, diante do piercing, as posições do pai e do filho, que são, respectivamente, de:

a) aceitação / aprovação.
b) reprovação / aceitação.
c) aprovação / reprovação.
d) indiferença / arrependimento.
e) neutralidade / reprovação.

2. Oposição INCORRETA sobre os dois textos:

a) piercing X tatuagens.
b) realização X arrependimento.
c) aceitação X condenação.
d) primeira pessoa X terceira pessoa.
e) narração X descrição.

Texto XVIII

FRONTEIRAS

Heloísa Seixas

Tenho refletido sobre fronteiras. Sobre a linha tênue e imprecisa que divide realidade e sonho, sanidade e loucura. E me vem à mente história narrada por Otto Friedrich em seu livro Going Crazy (Enlouquecendo). Ele diz que andava um dia pelas ruas de Nova York a caminho do trabalho – como

fazia todas as manhãs – quando de repente, diante de um cruzamento, parou, assaltado por uma sensação desconhecida. Era algo avassalador, a impressão exata de que algo se rompera, seguida de uma sensação de impotência e pânico. Ficou ali na calçada, paralisado, sem saber o que se passava. Demorou alguns segundos até compreender. Como fazia o mesmo percurso todos os dias, costumava andar totalmente desligado, imerso em seus pensamentos, o "piloto automático". Ocorre que, naquele dia, se deparava de repente com um sinal de trânsito quebrado – um elemento estranho à sua rotina. E aquela "ruptura" provocara uma espécie de curto-circuito em seu cérebro, justamente por estar num estágio de semiconsciência, tal a sua disposição. O sinal quebrado provocara uma pane em seu sistema de percepção. Fora coisa rápida, não mais do que alguns segundos. Mas o que perturbava era perceber que, naqueles instantes, vivera numa fronteira: estivera à beira do que se convencionou chamar "loucura".

1. A história narrada no texto da autora tem o papel de:

a) ilustrar um pensamento da autora.
b) demonstrar a correção do pensamento da autora.
c) mostrar que a preocupação da autora é universal.
d) indicar que sua preocupação é válida.
e) testemunhar algo narrado pela própria autora.

Texto XIX

DIAGNÓSTICO

O Globo, 15/10/2004

Em oito anos, o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio – é alarmante esse grau crescente de insegurança. Por maior que tenha sido a indignação manifestada pelo governo federal, são números que reforçam o alerta do Departamento de Estado americano a agências de turismo dos Estados Unidos, divulgado no início do mês, a respeito do perigo que apresentam o Rio e outras grandes cidades brasileiras.

Não é exagero classificar de urgente a tarefa de fazer o turista se sentir mais seguro no Rio, considerando que os visitantes movimentaram 13% da economia da cidade e que dentro de três anos teremos aqui o Pan.

Parte da solução é simples: reforçar o policiamento ostensivo. A Secretaria de Segurança do Estado informa que há quase duas centenas de policiais patrulhando a orla, do Leblon ao Leme, mas não é o que vê – nem é o que percebem os assaltantes.

Muitos destes aliás, são menores de idade com que o poder público simplesmente não sabe lidar, por falta de ação integrada entre autoridades estaduais e municipais, empenhadas num jogo de empurra sobre a responsabilidade por tirá-los das ruas. O que lhes confere uma percepção de impunidade que só faz piorar a situação. Impunidade é também a sensação que resulta do deficiente trabalho de investigação policial: se não se consegue impedir o crime, sua gravação pelas câmeras da orla de pouco serve, pois não há um esquema eficaz de inteligência nem estrutura técnica adequada para seguir pistas. É fácil atribuir todos os problemas à falta de verbas. Mas é mais justo falar em dinheiro mal aplicado. As próprias autoridades anunciam fartos investimentos em aparato tecnológico contra o crime; o retorno que deveria produzir a aplicação eficiente desse dinheiro seria o que não está acontecendo: a redução a

níveis mínimos dos assaltos a turistas.

1. O texto, por sua estrutura e características, deve ser prioritariamente classificado como:

a) expositivo.
b) narrativo.
c) informativo.
d) argumentativo.
e) descritivo.

Texto XX

A VIDA COMO ELA SERÁ

Jerônimo Teixeira

Daqui a mais ou menos 1 bilhão de anos, a Terra não será mais habitável. No limite do seu material combustível, o Sol estará se expandindo. A elevação da temperatura no terceiro planeta do sistema solar tornará inviável a sobrevivência de qualquer criatura. Isso significa que a vida em nosso mundo já ultrapassou a meia-idade. Estamos nós, seres vivos, mais perto do fim que do começo. No tempo que resta, que cara terá a vida sobre a Terra? Que espécies surgirão e quais estarão fadadas a desaparecer na trilha das mudanças evolucionárias? E por quanto tempo ainda viveremos nós, seres humanos, para presenciar essas mudanças?

1. Por seu conteúdo e estrutura, o texto lido tem como finalidade prioritária:

a) especular.
b) informar.
c) explicar.
d) ensinar.
e) prever.

Texto XXI

RACISMO, DISCRIMINAÇÃO, PRECONCEITO... COLOCANDO OS PINGOS NOS "IS"

Maria Aparecida da Silva

Recentemente assisti ao programa esportivo Cartão Verde, da TV Cultura, no qual se discutia, de maneira tímida, a discriminação racial que um jogador branco do Palmeiras (Paulo Nunes) teria praticado contra dois jogadores negros, Rincón (Corinthians) e Wagner (São Paulo), em momentos distintos. Havia controvérsias quanto à veracidade dos fatos, quanto à sinceridade dos protagonistas, quanto à oportunidade ou oportunismo das denúncias. Mas o que de fato despertou minha atenção foi a relativização do racismo presente no futebol brasileiro. Os cronistas utilizavam a todo tempo a expressão preconceito, quando as situações em foco constituíam, na verdade, práticas de discriminação racial. Depois de feita essa constatação, procurei explicar para mim mesma porque existe tanta confusão em torno das palavras preconceito, discriminação racial e racismo. É preciso entender exatamente o significado de cada uma dessas expressões.

Estabelecendo diferenças

O preconceito é basicamente um sentimento negativo (é necessário que haja alguma possibilidade de comparação), um estado de espírito negativamente determinado com relação a um grupo ou pessoa. Ele é fruto da ignorância, de opiniões inexatas e de estereótipos. Os preconceitos são muito genéricos e disseminados. Em todas as épocas e em todo o mundo, os grupos humanos alimentaram preconceitos uns em relação aos outros. Diariamente, enfrentamos inúmeros preconceitos. O racial é um deles.

A discriminação é a materialização dos preconceitos. São as atitudes práticas que dão corpo e ação à disposição psicológica dos preconceitos. No caso específico da discriminação racial são as atitudes de vetar, impedir, dificultar, preterir pessoas (predominantemente negras, no caso brasileiro) em seu processo de desenvolvimento pleno como seres humanos.

O racismo. Ah, o racismo... tão presente em nossas vidas, nas instituições, na cultura e nas relações pessoais e tão ausente do rol de preocupações da intelectualidade brasileira e dos veículos formadores de opinião. A dificuldade de defini-lo – e assumir sua existência entre nós – vem do fato de o racismo constituir-se numa prática social negativa, cruel, humanamente repreensível, com a qual, ninguém, em sã consciência (afora os racistas declarados), deseja se identificar.

Revista Raça Brasil. São Paulo: Símbolo, ano 4, n. 39, nov. 1999, p. 51.

1. O texto lido deve ser considerado prioritariamente:

a) narrativo.
b) publicitário.
c) didático.
d) informativo.
e) normativo.

Texto XXII

CONSUMO ENERGÉTICO E IMPACTOS AMBIENTAIS

Demétrio Magnoli e Regina Araújo

Atualmente, os recursos energéticos mais utilizados no mundo são o carvão, o petróleo e o gás natural, à água e os minerais radioativos: juntos, eles correspondem a cerca de 90% do consumo energético mundial. A utilização de qualquer um deles acarreta danos ambientais. As fontes de energias limpas e renováveis, tais como a energia solar, a eólica e a geotérmica, ainda constituem parcelas desprezíveis no balanço energético mundial, em que pese os grandes investimentos em pesquisa realizados para torná-las mais eficientes e menos caras.

A queima do petróleo, do carvão e, em menor escala, do gás natural, libera gases poluentes na atmosfera, inclusive os gases de estufa. No caso do carvão, os impactos ambientais começam já nos procedimentos de extração – a exploração das grandes minas carboníferas devasta a cobertura vegetal. O transporte marítimo do petróleo é outra atividade potencialmente impactante, devido aos riscos de vazamento.

As grandes usinas hidrelétricas exigem a inundação de vastas áreas, causando alterações profundas nos ecossistemas. Também a fauna aquática dos rios pode ser seriamente afetada pela construção de barragens, que muitas vezes impossibilitam a migração sazonal, necessária para a reprodução de muitas espécies de peixes. Nas regiões onde a pesca é uma atividade econômica importante, o problema se torna ainda maior.

A energia nuclear, além do risco de acidentes, gera resíduos com grande poder de contaminação. A água aquecida pelos reatores transfere calor para os rios, mares e depósitos subterrâneos pelos quais circula, causando um tipo especial de poluição térmica capaz de comprometer os ecossistemas.

Certas correntes do pensamento ambientalista sustentam que despoluir o planeta implica diminuir a utilização desses recursos, ou, pelo menos, mantê-la em níveis próximos aos atuais. Entretanto os níveis de consumo vigentes nos países ricos são muitas vezes superiores aos dos países pobres. Assim, os patamares atuais excluem grande parte da humanidade não apenas da condição de poluidores, mas, principalmente, do consumo de bens e serviços considerados essenciais, e que precisam de energia para ser produzidos e distribuídos. Por isso, outras correntes defendem que a solução mais correta seria a

adoção de padrões de consumo compatíveis com a sustentabilidade ambiental dos países ricos.

1. O texto lido pertence ao tipo de texto informativo; pode-se dizer sobre a estrutura desse texto que:

a) os dados fornecidos como informação são totalmente desconhecidos dos leitores.

b) o autor procura despertar interesse, por meio do suspense, nos possíveis leitores.

c) as informações fornecidas são fundamentadas em opiniões pessoais dos autores do texto.

d) os autores partem do pressuposto de que as informações dadas possuem algum interesse para os leitores.

e) a linguagem empregada é a mais coloquial possível, para que o entendimento do texto seja feito por todas as camadas sociais.

Texto XXIII

POR TRÁS DOS LINKS, AS PESSOAS

O matemático suíço Leonhard Euler foi, em 1780, o precursor do pensamento analítico sobre redes. Suas primeiras ideias diziam que eram compostas por nós e links – elos que ligam os nós. Os links são aleatoriamente espalhados entre os nós, formando redes de distribuição aleatória. A teoria de Euler aponta para o caos, ao sustentar que não existem nós centrais e que toda a rede é desprovida de hierarquia.

A palavra rede tem assumido novas conotações, e novas estruturas de comunicação surgiram, potencializando as possibilidades de conversação e circulação da informação. As estruturas matemáticas criadas por Euler para análise das redes passaram a ganhar maior relevância, mas muitas de suas previsões se mostraram sem sentido quando começamos a olhar para as redes sociais, a forma como os seres humanos se organizam – e para como se articulam nossas ações em rede. Se Euler estivesse correto, os quase 6 bilhões de seres humanos (nós) no planeta deveriam ter aproximadamente o mesmo número de amigos (links). No entanto, nos anos 60, Stanley Milgram, um pesquisador da Universidade de Harvard, realizou um experimento que ficou conhecido como "os seis graus de separação".

A compreensão popular do experimento de Milgram aponta que estamos a apenas seis graus de qualquer pessoa no mundo. Exemplo: será que conheço alguém, que conhece outro alguém, que conhece alguém que te conhece? Estar no máximo a seis níveis de separação de qualquer outra pessoa significa que o mundo é pequeno pra caramba. Entretanto, os resultados que Milgram obteve de seus experimentos foram mais radicais. Bem diferentes. Ele descobriu situações como as seguintes:

- três níveis de separação: algumas pessoas possuem links privilegiados, logo conseguem conectar-se com outras por três níveis de separação;
- cem níveis de separação: outras pessoas precisam em torno de cem links para chegarem a outras pessoas. É sinal de que são grupos de pessoas bem mal conectados, mal posicionados na estrutura das redes sociais;
- sem links: muitas pessoas possuem poucos ou nenhum link, restando como verdadeiras ilhas isoladas dentro da sociedade.

Surge, do experimento de Milgram, uma nova forma de enxergar as redes. O foco está nas experiências sociais. Os nós não seriam conectados aleatoriamente uns aos outros. Alguns deles aglutinam posições estratégicas, como elos. Ou seja, pessoas assumem papéis de protagonismo social a partir de suas possibilidades de conexão com outras pessoas.

Para validar tal premissa, um sociólogo norte-americano, Mark Granovetter, realizou um outro

experimento no final dos anos 60. Tinha por objetivo pesquisar a forma como as pessoas procuravam emprego. Granovetter identificou que a sociedade era formada por grupos de pessoas, ou clusters. Ele percebeu que as pessoas que possuíam conexões ou relações distantes com outras fora do círculo familiar tinham duas vezes mais chances de conseguir uma vaga do que pessoas que tinham mais conexões próximas apenas no âmbito da família e dos amigos próximos. A análise de Granovetter era que grupos próximos mais fortemente conectados possuíam interesses similares, logo com menos possibilidades de inserção.

Essas descobertas geraram uma revolução no pensamento da sociologia da época. Novas propostas de como potencializar as conexões entre as redes sociais começaram a surgir. Pensando estrategicamente, o número de conexões era fundamental para ampliar a circulação da informação, seja de ideias, de vagas de emprego ou de experiências compartilhadas.

Coincidentemente ou não, estamos falando da mesma época do surgimento da Internet, as primeiras conexões entre computadores, permitindo que mensagens bastante simples fossem trocadas e que pessoas pudessem estabelecer novos links de conexão entre si.

A tecnologia que vinha sendo desenvolvida parecia permitir uma ampliação nesse potencial de conexão entre as pessoas, criando novas possibilidades de ampliação da capilaridade das redes sociais. Novas formas de conexão, de estabelecimento de links, novas formas de desenharmos nossas próprias redes e os grupos de pessoas organizados em torno da tecnologia. Surgia a dinâmica do virtual, do e-mail, das listas de discussões e das possibilidades de nos linkarmos usando as tecnologias da rede.

De lá para cá, muitas ideias foram implementadas, muitas tecnologias foram desenvolvidas. Surgiram Yahoo, Google, Orkut, MySpace, Facebook, Ning, Blogger, Youtube e tantas outras possibilidades de conversação em rede. Das muitas promessas de ampliação da conexão e do "todos conversando com todos", que as tecnologias da informação trouxeram, ainda observamos os mesmos padrões de comportamento das redes: clusters extremamente influentes nas articulações em rede e grupos isolados, com pouca ou nenhuma conectividade.

Novas tecnologias e novos desafios pela frente. O cenário está montado. Emerge um espaço para construção de um diálogo contínuo por várias lentes e percepções das dinâmicas de conversação, de desenvolvimento e ação que as novas tecnologias permitem a partir da construção de novas formas de redes sociais.

(Dalton Martins e Hernani Dimantas. In: Le Monde Diplomatique Brasil, outubro de 2007)

1. O texto XXIII deve ser classificado como:

a) descritivo, somente.
b) narrativo, somente.
c) narrativo-descritivo.
d) dissertativo.
e) injuntivo.

Texto XXIV

CRITÉRIO ARRISCADO

O exemplo veio da maior economia do mundo: as agências de regulação e desenvolvimento – caso da SEC (Securities Exchange Comission) americana, e da CVM brasileira – têm que ser mantidas a salvo da submissão ou das influências políticas. Esta é a melhor forma de preservar a independência de organismos desse tipo cuja eficiência e utilidade para a economia do país são consequência direta de sua credibilidade e da independência de seus dirigentes.

Recentemente, nos Estados Unidos, o presidente da SEC, Harvey Pitt, viu-se compelido a renunciar a seu mandato. Motivo? Ele teria iludido seus colegas de conselho (diretoria da SEC), para conseguir maioria na escolha de William Webster para a liderança de um novo comitê que supervisionará a indústria da contabilidade no país.

Para conseguir o que pretendia, Pitt deixara de informar os demais membros do conselho da SEC que Webster fora chefe de auditoria de uma das companhias que, recentemente, se envolveram com fraudes contábeis. Pitt havia sido indicado para o cargo por Bush, no ano passado, e deveria cumprir um mandato de quatro anos. Diante dos fatos que envolviam Webster, e que eram parte da onda de escândalos financeiros que assola os Estados Unidos há mais de um ano, Pitt não teve alternativa.

No Brasil, o mandato fixo, de quatro anos, para os diretores e presidente da CVM, existe como forma de preservar sua independência.

Ao serem empossados em seus cargos, o presidente e diretores da Comissão de Valores Mobiliários assumem com o país os compromissos de moralidade e legalidade de seus atos, que são comuns todos os servidores públicos. E tendo em vista a gravidade de sua missão, frequentemente confrontada com interesses do mercado e do próprio governo, têm como forma de defesa de sua independência a duração de seu mandato.

A lição recente dos Estados Unidos, em que o mandato fixo não foi suficiente para amparar a ilegalidade, é boa para americanos e serve para o Brasil. O episódio Pitt mostra que o mandato de quatro anos é bom para preservar a independência dos dirigentes da agência, mas não pode servir de escudo no momento em que o agente público atue contra os superiores interesses da moralidade e da legalidade.

Mostra, também, que a melhor forma de evitar constrangimentos futuros, na escolha de dirigentes com mandatos fixos, ainda é a observância dos critérios de competência técnica e de moralidade. A pura e simples filiação partidária não deve habilitar ninguém a cargos desse tipo. O risco é um eventual constrangimento, como o que Bush experimentou ao nomear Harvey Pitt.

(Jornal do Brasil, 17/11/2002, p. A14.)

1. Do ponto de vista do modo de organização do discurso, pode-se afirmar que os parágrafos do texto são:

a) narrativos, apesar de o objetivo do texto ser essencialmente argumentativo.
b) argumentativos, mas estruturados de acordo com o modelo narrativo.
c) argumentativos, sendo que o segundo e o terceiro parágrafos têm estrutura narrativa.
d) narrativos, sendo que o primeiro, o quarto e o quinto parágrafos têm estrutura argumentativa.
e) descritivos, mas a serviço de um texto cujo objetivo é predominantemente narrativo.

Texto XXV

Vários historiadores têm procurado entender a originalidade da monarquia brasileira vinculando-a à chegada da família real ao Brasil em 1808. de fato, é no mínimo inusitado pensar numa colônia sediando a capital de um império. Chamada por Maria Odila Leite da Silva Dias de a "internacionalização da metrópole", a instalação no Brasil da corte portuguesa, que fugia das tropas napoleônicas, significou não apenas um acidente fortuito, mas um momento angular da história nacional e de um processo singular de emancipação. Fuga ou golpe político, o fato é que com D. João e sua família, e contando com a ajuda inglesa, transferiram-se para o país a própria corte portuguesa – cujo número estimado de pessoas chegava a 20 mil, sendo que a cidade do Rio possuía apenas 60 mil almas – e várias instituições metropolitanas. Mas não era só: comerciantes ingleses e franceses, artistas italianos e naturalistas austríacos vinham junto com os baús. Difícil imaginar choque cultural maior.

Transformado em Reino Unido já em 1815, o Brasil passou a distanciar-se, aos poucos, de seu antigo estatuto colonial, ganhando uma autonomia relativa jamais conhecida naquele contexto. A partir de então, o Rio de Janeiro tornou-se capital de Portugal e de suas possessões na África e na Ásia, e os portos brasileiros se abriram ao comércio britânico (seguindo o acerto feito com a Inglaterra, que assegurou o transporte da corte, mas o trocou por esse acordo comercial). Tais fatos alteraram radicalmente a situação da colônia portuguesa na América.

(Adaptado de SCHWARCZ, Lilia Moritz. As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 35-36.)

1. Quanto à organização, afirma-se corretamente que o texto

a) mescla narração e dissertação, mas dá relevo àquela, uma vez que, para a autora, devem ser destacados os acontecimentos e não os comentários avaliativo que eles suscitaram.

b) descreve o modelo administrativo e a organização hierárquica da corte que se transferiu para o Brasil, oferecendo detalhado panorama dos aspectos burocráticos que redundaram no específico feitio da nação brasileira

c) Se restringe à narração do episódio da fuga da família real para a América, destacando suas causas, os meios pelos quais se efetivou e seu impacto sobre a pátria que aqui se formara.

d) Reúne as datas e os acontecimentos tomados como mais relevantes no processo de emancipação do país, para defender a ideia de que, na configuração de um dado quadro político, o mais importante são os antecedentes históricos imediatos.

e) Mobiliza dados históricos e outros trabalhos que se debruçam sobre o tema, com o fito de comprovar a hipótese apresentada sobre a formação da monarquia brasileira.

Texto XXVI

SECRETÁRIA

Luís Fernando Veríssimo

O teste definitivo para você saber se está ou não integrado no mundo moderno é a secretária eletrônica. O que você faz quando liga para alguém e quem atende é uma máquina.

Tem gente que nem pensa nisso. Falam com a secretária eletrônica com a maior naturalidade, qual é o problema? É apenas um gravador estranho com uma função a mais. Mas aí é que está. Não é uma máquina como qualquer outra. É uma máquina de atender telefone. O telefone (que eu não sei como funciona, ainda estou tentando entender o estilingue) pressupõe um contato com alguém e não com alguma coisa. A secretária eletrônica abre um buraco nesta expectativa estabelecida. É desconcertante. Atendem – e é alguém dizendo que não está lá! Seguem instruções para esperar o bip e gravar a mensagem.

É aí que começa o teste. Como falar com ninguém no telefone? Um telefonema é como aqueles livros que a gente gosta de ler, que só tem diálogos. É travessão você fala,

travessão fala o outro. E de repente você está falando sozinho. Não é nem monólogo. É diálogo só de um.

– Ahn, sim, bom, mmm... olha, eu telefono depois. Tchau.

O "tchau" é para a máquina. Porque temos este absurdo medo de magoá-la. Medo de que a máquina nos telefone de volta e nos xingue, ou pelo menos nos bipe com reprovação.

Sei de gente que muda a voz para falar com secretária eletrônica. Fica formal, cuida a construção da frase. Às vezes precisa resistir à tentação de ligar de novo para regravar a mensagem porque errou a colocação do pronome.

Outros não resistem. Ao saber que estão sendo gravados, limpam a garganta, esperam o bip e anunciam:

– De Augustín Lara...
E gravam um bolero.
Talvez seja a única atitude sensata.

1. Considerando o texto como um todo, podemos classificá-lo predominantemente como:

a) narrativo.
b) descritivo.
c) expositivo.
d) argumentativo.
e) conversacional.

Texto XXVII

A FLOR DO GEÓGRAFO
Dom Marcos Barbosa O.S.B.

Creio que é a terceira vez que venho falar de motoristas. Até parece que vivo andando de táxi. E tenho sempre a sorte de encontrar no volante, ao contrário dos outros, um verdadeiro gentleman.

Para que não me acusem de suspeição e de especial simpatia pela classe, aviso logo que o fato de hoje não se deu comigo,mas com o professor francês Pierre Desfontaines. Jamais esqueci, porém, a frase obscura que o ilustre geógrafo foi colher na trepidante Paulicéia.

Pierre Desfontaines, cujo nome nos fala de pedra e de fonte, não podia ser, realmente um geógrafo como os outros...

Ah, os geógrafos! Eles eram todos, quase todos, como o geógrafo do Petit Prince, que se contentava em anotar as montanhas, os rios e as cidades que os exploradores houvessem visto; mas não as flores, santo Deus! porque as flores eram efêmeras. Também não lhe interessava se os vulcões estavam extintos ou não. Só queria saber da terra, da montanha. Não do risco corrido pelos homens, tão efêmeros quanto a flor. Anotava tudo a lápis. Só depois cobria à tinta, se o explorador se mostrasse fidedigno e trouxesse provas...

Mas felizmente alguns vieram a descobrir a "geografia humana", a geografia em função do homem; e eu vim a descobrir, por minha vez, a geografia humaníssima de Desfontaines, que me fez lamentar o árido estudo do meu tempo de ginásio e as áridas geografias que ainda hoje vejo nas mãos de tantos alunos.

O professor Desfontaines está longe de desprezar as coisas efêmeras. E por isso me trouxe a frase de quatro pétalas, que guardei como flor ressequida em velho livro, e que o chofer lhe entregara.

Voltara Desfontaines a São Paulo, onde havia estado anteriormente e morara algum tempo. Tendo contratado um carro para levá-lo não sei onde, reconheceu, ao passar, o sítio da sua antiga casa. Pediu ao chofer que parasse, saltou, foi redescobrir a fachada que lhe sorriu entre as outras, e em cujas janelas viu aparecerem a mulher e as filhas ausentes, mais moça aquela, menos crescidas estas... Viu-se a si mesmo como era, como fora, como havia sido. Até que, caindo em si – ou antes caindo de si – deu com o automóvel que largo tempo o esperava.

Subiu depressa ao carro, bateu a porta, pediu ao chofer que corresse. Quando chegou, atrasado, ao término da viagem e perguntou o preço, viu com surpresa que o chofer pedia o mesmo que antes haviam combinado.

– Mas (protestou Desfontaines) o senhor esteve parado muito tempo; não quero causar-lhe prejuízo!

E foi então que o chofer disse lentamente a sua frase, a sua flor: "Saudades não se pagam..."

1. Os quatro últimos parágrafos do texto exemplificam um modo de organização discursiva caracterizado como:

a) argumentativo.
b) informativo.
c) expositivo.
d) descritivo.
e) narrativo.

Texto XXVIII

O MEDO SOCIAL

Jurandir Freire Costa

No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado. De repente foi assaltada por um adolescente, que a roubou, ameaçando cortar a garganta do garoto. Dias depois, a mesma senhora reconhece o assaltante na rua. Acelera o carro, atropela-o e mata-o, com a aprovação dos que presenciaram a cena. Verídica ou não, a história é exemplar. Ilustra o que é a cultura da violência, a sua nova feição no Brasil.

Ela segue regras próprias. Ao expor as pessoas a constantes ataques à sua integridade física e moral, a violência começa a gerar expectativas, a fornecer padrões de respostas.Episódios truculentos e situações-limite passam a ser imaginados e repetidos com o fim de caucionar a ideia de que só a força resolve conflitos. A violência torna-se um item obrigatório na visão do mundo que nos é transmitida. Cria a convicção tácita de que o crime e a brutalidade são inevitáveis. O problema, então, é entender como chegamos a esse ponto. Como e por que estamos nos familiarizando com a violência, tornando-a nosso cotidiano.

Em primeiro lugar, é preciso que a violência se torne corriqueira para que a lei deixe de ser concebida como o instrumento de escolha na aplicação da justiça. Sua proliferação indiscriminada mostra que as leis perderam o valor normativo e os meios legais de coerção, a força que deveriam ter. Nesse vácuo, indivíduos e grupos passam a arbitrar o que é justo ou injusto, segundo decisões privadas, dissociadas de princípios éticos válidos para todos. O crime é, assim, relativizado em seu valor de infração. Os criminosos agem com consciências felizes. Não se julgam fora da lei ou da moral, pois conduzem-se de acordo com o que estipulam ser o preceito correto. A imoralidade da cultura da violência consiste justamente na disseminação de sistemas morais particularizados e irredutíveis a ideais comuns, condição prévia para que qualquer atitude criminosa possa ser justificada e legítima.

1. “No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado. De repente foi assaltada por um adolescente...”; a passagem do pretérito imperfeito para o pretérito perfeito marca a mudança de:

a) um texto descritivo para um texto narrativo.
b) a fala do narrador para a fala do personagem.
c) um tempo passado para um tempo presente.
d) um tempo presente para um tempo passado.
e) a mudança de narrador.

2. A narrativa contida no primeiro parágrafo tem a função textual de:

a) exemplificar algo que vai ser explicitado depois.
b) justificar a reação social contra a violência.
c) despertar a atenção do leitor para o problema da violência.
d) mostrar a violência nas grandes cidades.
e) relatar algo que vai justificar uma reação social.

3. O texto acima pode ser classificado, de forma mais adequada, como:

a) narrativo moralizante.
b) informativo didático.
c) dissertativo opinativo.
d) normativo regulamentador.
e) dissertativo polêmico.

Texto XXIX

A PUBLICIDADE INFANTIL DEVE SER PROIBIDA POR LEI?

Gilberto C. Leifert

Há um caminho simples: proibir. Há o caminho correto: educar. Pois cidadãos responsáveis e consumidores conscientes se forjam com informação.

Até recentemente, a sociedade entendia ser a educação tarefa exclusiva de pais e professores. Sabiamente, esse conceito evoluiu. Cobra-se, agora, o compromisso de educar também de veículos de comunicação, publicidade, das artes etc. Não poderia haver reivindicação mais justa, dada a importância da educação – desde que não se esqueça o essencial: a responsabilidade de pais e professores continua sendo intransferível.

O Conar aplica o Código Brasileiro, que cuida da publicidade em geral e que acaba de ser atualizado e ampliado em relação aos anúncios de produtos e serviços destinados a crianças e adolescentes. A autorregulamentação recomenda ainda que os anúncios não desmereçam valores sociais ou provoquem discriminação, em particular daqueles que não sejam consumidores do produto, tampouco associem crianças e adolescentes a situações incompatíveis com sua condição, sejam elas ilegais, perigosas ou socialmente condenáveis.

Mais: a publicidade, entre outras recomendações, não deve: impor a noção de que o consumo do produto proporciona superioridade ou, na sua falta, inferioridade; provocar situação de constrangimento aos pais com o propósito de impingir o consumo; empregar crianças e adolescentes como modelos para vocalizar apelo direto, recomendação ou sugestão de uso ou consumo, tipo "peça para mamãe comprar" ou "faça como eu, use".

Essas recomendações – e outras mais – são, para o Conar, contribuições muito mais efetivas à formação dos futuros consumidores do que a simplista proibição das mensagens.

Lembrando B. Russel: para todo problema complicado há uma solução simples, rápida, de baixo custo e ... errada.

1. O texto é do tipo argumentativo e a tese apresentada por seu autor pode ser resumida do seguinte modo:

a) educar, sim; proibir, não.
b) proibir é melhor que educar.
c) educar é mais fácil que proibir.
d) educar é proibir.
e) proibir, segundo a lei.

Texto XXX

FASCISMO SOCIAL NO PAÍS DO SOCIÓLOGO

Walter Ceneviva – Folha de São Paulo, 16/06/2001

A definição dos objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil está no artigo 3º de nossa Constituição. São todos de grande nobreza e esperança. Valem como pólos de concentração ideal para o

povo, como destinos a serem alcançados pelo Brasil, na permanente viagem de nossos sonhos.
O primeiro desses objetivos consiste em realizar uma sociedade livre, justa e solidária. Para ser livre, a sociedade terá liberdades públicas asseguradas a todos. Cidadania livre é cidadania sem intervenção excessiva do poder. No país das medidas provisórias, o cidadão acorda tolhido, dia após dia, com e sem "apagões" e "caladões". Para que a sociedade possa ser tida como justa, é necessário diminuir as distâncias sociais, com pobres menos pobres. Depois que a moeda se estabilizou, durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, honra seja feita, houve melhora nesse campo, mas o Brasil ainda é dos mais atrasados do mundo na satisfação das necessidades sociais do ser humano.
A solidariedade proclamada no texto constitucional deve ser espontânea, colhida na consciência de cada um e, pelo menos, da população mais aquinhoada em favor dos que têm pouco. A solidariedade do artigo 3º da Constituição precisa, porém, ser catalisada pelo Estado para o trabalho espontâneo em favor dos menos favorecidos. O objetivo social exigirá da administração pública e de seus funcionários que atuem em favor dos cidadãos, com eles e não contra eles, como se os considerassem inimigos. O desenvolvimento nacional, segunda das grandes metas do país, tem ido bem no plano econômico. Progredimos em termos materiais, mas não o quanto baste.
O terceiro e o quarto objetivos fundamentais, previstos no artigo 3º, são projetos de um sonho estratosférico. Erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir desigualdades sociais e regionais é trabalho para séculos. Não há nação do mundo sem faixas de miserabilidades – nem as mais ricas. A promoção do bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação carece de remédio forte, como criminalização das condutas contrárias. Sem a ameaça grave de sanções, a cobra raivosa do preconceito continuará agindo no coração de muitas pessoas.
A Carta proíbe a discriminação entre o homem e a mulher (artigo 5º, I, e artigo 226, parágrafo 5º), contra as liberdades fundamentais, e a prática do racismo (artigo 5º, incisos XLI e XLII). No trabalho, veda distinções quanto ao salário, ao exercício de funções e aos critérios de admissão por motivo de sexo, idade, cor ou estado civil (artigo 7º, inciso XXX). O sociólogo português Boaventura de Souza Santos, professor da faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, falando recentemente a esta Folha, verberou a polarização da riqueza em muitos países, inclusive no nosso, em condições parecidas com a dos Estados fascistas tradicionais. Exemplificou com grupos criminosos que substituem o Estado em certas regiões (vide o PCC) e com a parte corrupta da polícia, colaboradora do crime organizado, não se sabendo onde acaba a administração pública e começa a sociedade.
Boaventura lembra a incapacidade de redistribuição da riqueza, permitindo que o capitalismo opere contra o pobre, e não a favor dele. Chama essa situação de fascismo social. Neste país, presidido por um sociólogo, precisamos meditar sobre as insuficiências gerais e as do direito em particular, afirmadas pelo sábio sociólogo português. Meditar para corrigi-las.

1. O texto que serve de motivo a esta prova pode ser classificado, de forma mais adequada, como:

a) argumentativo opinativo.
b) narrativo moralizante.
c) expositivo informativo.
d) argumentativo polêmico.
e) expositivo didático.

Texto XXXI

AS RAÍZES DO CARÁTER NACIONAL

Dante Moreira Leite

Parece possível distinguir duas tendências fundamentais na reação ao grupo estranho: uma de admiração e aceitação, outra de desprezo e recusa.

Aparentemente, quase todos os seres humanos apresentam essas duas tendências fundamentais. A participação em nosso grupo provoca sentimentos de segurança e bem-estar, pois supomos entender que os que falam a nossa língua têm um passado em comum conosco, e também sabem o que esperar de nós. Mesmo quando nos desentendemos, sabemos por que isso ocorre, podemos esperar que nosso interlocutor acabe por nos entender e aceitar. E nisso talvez a linguagem desempenhe um papel fundamental, pois os homens geralmente são incapazes de utilizar perfeitamente mais que uma língua, e só naquela aprendida na infância somos capazes de exprimir todas as sutilezas do pensamento, todas as formas de ódio e amor. Além disso, o local em que nascemos e crescemos, a paisagem que conhecemos, tudo isso parece constituir um universo próximo e amigo, cujo reencontro é sempre uma alegria e uma consolação.

No outro extremo, o estrangeiro provoca a nossa desconfiança, às vezes o nosso medo. Nem sempre entendemos os seus gestos e certamente não compreendemos a sua língua. Ele não se veste como nós, a sua fisionomia pode ser diferente da nossa e não adora nossos deuses. Entre os primitivos, o estrangeiro passava por uma complexa cerimônia, destinada a afastar os malefícios que trouxesse de seus demônios; ao voltar de uma viagem, as pessoas deveriam permanecer isoladas por algum tempo, até que delas se afastassem os demônios estranhos, acaso encontrados pelos caminhos.

E, no entanto, sentimos que o contrário também é verdade. Frequentemente sonhamos com o país distante, a terra prometida onde possamos realizar nossos desejos. Sentimos que aqueles que mais nos conhecem são também capazes de ignorar o que de melhor trazemos conosco. E o provérbio "ninguém é profeta em sua terra" traduz precisamente essa ideia de que não podemos compreender integralmente quem está muito próximo de nós. As situações novas, além disso, são atraentes e provocantes: o novo ou o desconhecido parece, pelo menos durante algum tempo, mais belo e atraente do que o velho; os nossos olhos parecem mais penetrantes ao observar a nova paisagem, ao admirar outras figuras humanas.

O caráter nacional brasileiro, SP. Pioneira, 1976. p.11.

1. O texto pode ser predominantemente classificado como:

a) descritivo.
b) narrativo.
c) argumentativo.
d) conversacional.
e) didático.

Texto XXXII

Um novo fantasma ronda os consultórios pediátricos: as lesões músculo-esqueléticas. O alerta vem do médico Clóvis Artur Almeida da Silva, responsável pela Unidade de Reumatologia Pediátrica, do Instituto da Criança, do Hospital das Clínicas (HC), em São Paulo. Segundo o especialista, é cada vez maior o número de pacientes com dores e lesões músculo-esqueléticas provocadas pelo uso excessivo de videogames e computadores. Os sintomas da doença são dores nas mãos e nos punhos, fadiga, comportamento agressivo, cefaléia e dores no abdômen, na coluna e no tórax. Além disso, o médico alerta para outros problemas que podem estar associados ao uso de computadores e videogames: a obesidade, o desinteresse pelo alimento (anorexia) e as convulsões por fotoestimulação, que acontecem em crianças já propensas ao problema.

1. Pelo conteúdo e estrutura do texto, pode-se dizer que sua preocupação maior é:

a) ensinar.
b) informar.
c) prever.
d) prevenir.
e) atemorizar.

Texto XXXIII

POR QUE O BUDISMO ENCANTA O OCIDENTE?

Frei Betto

O budismo faz tanto sucesso no Ocidente porque possui características que correspondem às tendências da pós-modernidade neoliberal. Num mundo em que muitas religiões se sustentam em estruturas autoritárias e apresentam desvios fundamentalistas, o budismo apresenta-se como uma não religião, uma filosofia de vida que não possui hierarquias, estruturas nem códigos canônicos. No budismo não há a ideia de Deus, nem de pecado. Centrado no indivíduo e baseado na prática da yoga e da meditação, o budismo não exige compromissos sociais de seus adeptos, nem submissão a uma comunidade ou crença em verdades reveladas. Há, contudo, muitos budistas engajados em lutas sociais e políticas. Nessa cultura do elixir da eterna juventude, em que o envelhecimento e morte são encarados, não como destinos, mas como fatalidades, o budismo oferece a crença na reencarnação. Acreditar que será possível viver outras vidas além dessa é sempre consolo e esperança para quem se deixa seduzir pela ideia da imortalidade e não se sente plenamente realizado nessa existência.

Outro aspecto do budismo que o torna tão palatável no Ocidente é a sua adequação a qualquer tendência religiosa. Pode-se ser católico ou protestante e abraçar o budismo como disciplina mental e espiritual, sem conflitos. Mesclar diferentes tradições religiosas é uma tendência crescente para quem respira a ideologia pós-moderna do individualismo exacerbado, segundo a qual cada um de nós pode ser seu próprio papa ou pastor, sem necessidade de referências objetivas. Como método espiritual, o budismo é de grande riqueza, pois nos ensina a lidar, sem angústia, com o sofrimento; a limpar a mente de inquietações; a adotar atitudes éticas; a esvaziar o coração de vaidades e ambições desmedidas; a ir ao encontro do mais íntimo de nós mesmos, lá onde habita aquele Outro que funda a nossa verdadeira identidade.

1. Pela estrutura e conteúdo, a melhor definição para esse tipo de texto é:

a) narrativo didático, pois ensina e mostra diferentes aspectos em ordem cronológica.
b) expositivo preditivo, pois antecipa situações futuras das relações entre as crenças.
c) argumentativo polêmico, pois apresenta ideias que defendem uma posição contra outras possíveis.
d) descritivo informativo, pois informa características novas sobre o budismo, que são de interesse geral.
e) dissertativo normativo, pois visa dar normas de conduta aos leitores.

Texto XXXIV

A CIÊNCIA NO SÉCULO XXI

Noventa e sete por cento das espécies vivas, 80.000 proteínas produzidas pelo corpo e bilhões de galáxias ainda não foram identificados. Quase nada sabemos da natureza do Universo, da origem da Vida, do funcionamento dos climas, do desenvolvimento do embrião e do cérebro.

Provavelmente não se descobrirá ainda no século XXI de onde surgiu o Universo, nem como começou a vida na Terra, nem como o cérebro engendra o pensamento e a consciência, nem se outras formas de

vida existem em outros lugares. Em compensação, outras questões que hoje não são formuladas serão resolvidas, pois se descobrirá que certas respostas consideradas definitivas estavam totalmente equivocadas.

(Dicionário do século XXI – Jacques Attali)

1. O livro de onde foi retirado esse texto é um dicionário sobre o século XXI, publicado no século XX, o que o mostra como um livro de profecias.

Analise os itens a seguir:

I. "Noventa e sete por cento das espécies vivas, 80.000 proteínas produzidas pelo corpo e bilhões de galáxias ainda não foram identificados."

II. "Quase nada sabemos da natureza do Universo, da origem da Vida, do funcionamento dos climas, do desenvolvimento do embrião e do cérebro."

III. "Provavelmente não se descobrirá ainda no século XXI de onde surgiu o Universo, nem como começou a vida na Terra."

IV. "Em compensação, outras questões que hoje não são formuladas serão resolvidas."

O(s) item(s) que melhor mostra(m) a presença desse discurso preditivo é/são:

a) I – II
b) III – IV
c) IV
d) II – III – IV
e) I – II – III – IV

Texto XXXV

A ARTE NA NOSSA VIDA

Jô Oliveira e Lucília Garcez

Você pode pensar que não conhece arte, que não convive com objetos artísticos, mas estamos todos muito próximos da arte. Nossa vida está cercada dela por todos os lados. Ao acordar pela manhã e olhar o relógio para saber a hora, você tem o primeiro contato do dia com a arte. O relógio, qualquer que seja o seu desenho, passou por um processo de produção que exigiu planejamento visual. Especialistas estudaram e aplicaram noções de arte. A forma do seu relógio é resultado de uma longa história da imaginação humana e das suas preferências. A cor, a forma, o volume, o material que foram escolhidos estão testemunhando o tempo e a transformação do gosto e da técnica. Ao observá-lo, você observa que é um objeto antigo ou moderno, você reconhece que quem o desenhou preferia formas curvas ou retas, ou ainda dourado, e até pedrinhas brilhantes. Quem escolhe um relógio para comprar decide com base em suas preferência pessoais. Alguns preferem os mais elaborados, outros preferem os mais simples. É o gosto pessoal que predomina, e este pode variar infinitamente. Varia porque recebe influências de acordo com a idade, com a época, com o meio social em que a pessoa vive. E, como nos diz a sabedoria popular: "gosto não se discute". Mas, quem sabe, possamos discutir o gosto? Em outros objetos do seu quarto e de seu cotidiano você pode observar a presença da arte: na estampa de seu lençol, no desenho da sua cama, no formato da sua escova de dentes, no desenho da torneira e da pia do banheiro, na xícara que você toma leite, nos talheres, no modelo do carro, no formato do telefone. Em todos os objetos há um pouco de arte aplicada. Esse esforço para produzir objetos bonitos, agradáveis ao olhar atraentes e harmoniosos, está em todas as culturas, em todas as civilizações. E em nosso dia a dia.

1. Pela leitura do texto, podemos classificá-lo como:

a) informativo.
b) didático.
c) publicitário.
d) instrucional.
e) normativo.

Texto XXXVI

AS TARTARUGAS DE HERON

Heloísa Seixas

Amanhece na ilha de Heron. Sobre a imensa faixa de areia, que se estende em curva até desaparecer na bruma da manhã, despeja-se uma lua violácea, que pouco a pouco se encorpa. Mas é somente quando o sol oblíquo já incide sobre as areias e a água, sobre a vegetação rasteira e os tufos de algas que brilham nas pedras com a maré baixa, é só então – nunca antes – que se pode notar o primeiro movimento na praia.

De início, quase imperceptível. Alguns grãos de areia deslocados, apenas. Depois um movimento um pouco mais brusco, mais ousado, pequeno terremoto subterrâneo que suga a areia para dentro de si mesma. Os grãos estremecem, revoltam-se, até que, finalmente, após longa luta, uma forma de cor escura irrompe à superfície. É a cabecinha de uma tartaruga.

Logo, surgem outras. E mais outras, por toda parte. Ao longo de uma enorme extensão de areia, as tartarugas recém-nascidas caminham com seus passos incertos em direção ao mar da Austrália. Nem todas conseguirão alcançá-lo. Muitas morrerão ao longo do caminho até as ondas, levadas por aves predadoras, ou se perderão, confundidas pelo sol. Outras, tenazes, resistirão. Serão mais rápidas ou terão mais sorte – e logo seus pequenos corpos escuros serão apenas uma nódoa no mar de esmeralda líquida. Estarão salvas para cumprir seu destino.

E esse destino é nadar, seguir em frente. As tartarugas de Heron, assim que mergulham no mar, nadam incansavelmente em direção à Nova Zelândia, atravessando as águas do Mar da Tasmânia por anos a fio. Levam praticamente a vida toda nessa travessia, apenas para, um dia, voltar. Então, descrevem uma longa curva e atravessam de volta o oceano, rumo à mesma praia da ilha de Heron onde nasceram. Ali, já adultas, vão pôr seus ovos na areia – para que o ciclo da vida recomece.

Soube de tudo isso ao assistir a um documentário na televisão. E fiquei pensando. As tartarugas de Heron se parecem um pouco conosco.

Elas, como nós, atravessam o longo arco da vida – tão atribulada, tão cheia de batalhas – e, no fim das contas, vão parar no mesmo lugar. São navegantes sem sentido, mas que continuam, sempre e sempre, nadando rumo a seu destino. Nadam com grande afinco, empregando nas braças toda a sua energia, ano após ano, sem saber bem por que o fazem, talvez sem sequer pensar no sentido dessa trajetória. Mas vão em frente, navegam – como nós. Porque é preciso.

1. O texto começa pela descrição da ilha de Heron. Um texto descritivo é caracterizado fundamentalmente por:

a) ações que ocorrem em uma sequência cronológica.
b) reflexões sobre aspectos problemáticos da vida.
c) registro de elementos caracterizadores de uma realidade.
d) citação de informações sobre determinado objeto.
e) conjunto de pensamentos inacabados.

2. Fernando Pessoa, grande poeta português, disse em um de seus poemas que “Navegar

é preciso, mas viver não é preciso"; as últimas palavras do texto:

a) demonstram que a autora do texto plagiou o poeta.
b) mostram que Fernando Pessoa conhecia a vida das tartarugas.
c) indicam a presença de um texto em outro.
d) documentam uma paródia das palavras do poeta.
e) ironizam as belas palavras do poema.

Texto XXXVII

PRISÃO DE VENTRE NA ALMA (fragmento)

Leandro Konder

Todos estamos nos tornando, hoje, mais desconfiados do que no passado. Com exceção das pessoas que se dispõem a pagar um preço altíssimo por uma unidade monolítica, somos todos bastante divididos interiormente.

Para o bem ou para o mal, vão rareando as convicções inabaláveis. Uma parte de nós quer acreditar, outra é descrente. Gostaríamos de ter segurança para acreditar em coisas que ninguém pode assegurar que são inteiramente dignas de nossa confiança.

As verdades do crente dependem da fé, enquanto a fé existe. Mas a fé também pode deixar de existir; ela não depende da razão, nem da ciência; depende de Deus, que a deu e pode tirá-la. O filósofo Pascal já no século XVII afirmava que a nossa razão serve, no máximo, para nos ajudar a fazer apostas mais convenientes.

As verdades científicas, por sua vez, dependem da história, são periodicamente revistas, reformuladas. As novas descobertas e as novas invenções não se limitam a complementar os conhecimentos já adquiridos: exigem que eles sejam rediscutidos e às vezes drasticamente modificados.

E as verdades filosóficas? Quanto maiores forem os pensadores que as enunciam, mais acirrada será a controvérsia entre eles. As verdades filosóficas se contradizem, umas questionam as outras.

Somos envolvidos, então, por uma onda de ceticismo. É possível que essa onda já tenha tido alguns efeitos favoráveis à liberdade espiritual dos indivíduos, ao fortalecimento neles do espírito crítico. É possível que ela tenha de algum modo "limpado o terreno" para um diálogo mais desenvolto entre as criaturas, para valores mais comprometidos com o pluralismo, contribuindo para a superação de algumas formas rígidas e dogmáticas de pensar.

Dentro de limites razoáveis, o ceticismo atenua certezas, suaviza conclusões peremptórias e abre brechas no fanatismo. Na medida em que se espraia indefinidamente, contudo, ele traz riscos graves. A própria dinâmica de um ceticismo ilimitado apresenta uma contradição insuperável.

O poeta Brecht expressou esse impasse num poeminha que tem apenas três versos e que não pode deixar de ser reproduzido aqui:

"Só acredite no que seus olhos veem e no que seus ouvidos escutam.
Não acredite nem no que seus olhos veem e seus ouvidos escutam.
E saiba que, afinal, não acreditar ainda é acreditar."

Realmente, quem não acredita, para estar convencido de que não está acreditando, precisa acreditar em seu poder de não acreditar. Aquele que não crê, curiosamente, está crendo na sua descrença.

1. O texto de Leandro Konder deve ser considerado como:

a) didático.
b) informativo.
c) argumentativo.

d) expressivo.
e) narrativo.

2. Característica abaixo que marca predominantemente os textos descritivos é:

a) a atenção às ações ou acontecimentos.
b) a sucessão temporal.
c) uso do pretérito perfeito do indicativo.
d) a presença marcante de substantivos e adjetivos.
e) pretende discutir, informar ou expor.

Texto XXXVIII

DE UMA VIDA A OUTRA

Segundo o Ministério da Saúde, em janeiro de 2003 havia 51.760 pessoas na lista de espera para transplante.

Dado o tamanho do país – e, infelizmente, o grau de violência – seria de se esperar que o auxílio viesse rápido. De certa forma, a população está mais sensibilizada para o problema. O número de doações cresce desde 1997. De lá até o ano passado, saltamos de 3.932 para 8.031 transplantes realizados. As estatísticas mostram que o Brasil é o segundo do mundo em doações em números absolutos, perdendo dos Estados Unidos. Proporcionalmente ao tamanho da população, fica em nono lugar. Ou seja, o brasileiro é generoso, mas precisa fazer mais.

Isto É, fevereiro de 2003.

1. Este é um texto informativo. Sobre esse tipo de texto só *não* se pode dizer que:

a) o informante deve ter um conhecimento que o receptor não possui.
b) o texto deve ter elementos que produzam interesse pela leitura.
c) a informação veiculada pelo texto deve ser comunicada de forma clara.
d) o texto contém informações de interesse para todos.
e) a fonte da informação do texto é dada de forma clara.

∗ Os textos XXXIX a LIII foram retirados de provas elaboradas pela banca do Cespe/UnB.

Texto XXXIX

Até recentemente, o impacto que as atividades humanas tinham sobre o ambiente que nos cerca era relativamente limitado. Provinha da construção das próprias cidades, de estrada e da expansão da fronteira agrícola, que desmatou a Europa Ocidental nos últimos cinco séculos, como está ocorrendo hoje com a Amazônia.

O grande responsável pela degradação ambiental nos últimos cem anos, contudo, foi o uso crescente de energia. À medida que carvão e petróleo começaram a ser usados em grandes quantidades, os problemas ambientais aumentaram, como ficou evidente em acidentes e outros eventos ligados diretamente ao uso de energia.

As causas da degradação ambiental são muitas e incluem produção e uso de fertilizantes, emissões de mercúrio e de chumbo e outras, resultantes de atividades industriais. Entretanto, a mais importante delas é a queima de combustíveis fósseis (carvão, petróleo e gás). Cerca de 75% das emissões de dióxido de carbono, a principal causa do efeito estufa, provêm dessa queima. Cerca da metade do petróleo derramado nos oceanos vem do seu transporte. Mais de 80% do enxofre (responsável pela chuva ácida) e um terço das emissões de partículas são provenientes das impurezas de carvão e petróleo.

Por essa razão, a solução dos problemas ambientais depende do modo como se produz e consome

energia. Será eliminando as causas que se poderão diminuir os efeitos. Soluções existem e elas dependem essencialmente do uso crescente de energias renováveis, como energia hidrelétrica e o uso de biomassa (que é o nome genérico dado à madeira e aos produtos agrícolas, como cana-de-açúcar, da qual se podem produzir combustíveis sofisticados, como álcool). Além dessas, há ainda a energia dos ventos e a transformação direta da luz do Sol em eletricidade.

No mundo todo, a energia renovável representa 16% do consumo, mas a porcentagem é muito maior nos países em desenvolvimento, sobretudo no Brasil, onde atinge 60%.

É claro que o uso de combustível fóssil não vai desaparecer em um futuro próximo, mas é preciso preparar-se, porque as reservas conhecidas de petróleo e gás são finitas e não devem durar mais do que quatro ou cinco décadas. Muito antes disso, haverá escassez desses produtos e custos crescentes. A procura de alternativas energéticas deve começar agora.

(José Goldemberg. O Estado de S. Paulo, 21/03/2000 (com adaptações).

1. Em relação ao texto XXXIX, julgue os itens abaixo:

a) O uso do pronome de primeira pessoa do plural na expressão "nos cerca" (l. 1-2) indica que o autor desenvolve um texto subjetivo, pessoal, opinativo, em que a impessoalidade e a neutralidade científica estão ausentes.

b) Trata-se de um texto em que predomina a modalidade narrativa, pois o essencial é a focalização nos acontecimentos, nos agentes e nos cenários em as ações se desenrolam.

c) Infere-se do texto que o desmatamento da Amazônia tem como causa a expansão da fronteira agrícola.

d) A ideia central do texto está sintetizada no período das linhas 16 e 17 e no último período (l. 28-29).

e) A argumentação do texto desenvolve-se com base na oposição: energia proveniente de combustíveis fósseis e de reservas finitas *versus* energia proveniente de fontes renováveis.

Texto XL

A Revolução Industrial provocou a dissociação entre dois pensamentos: o científico e tecnológico e o humanista. A partir do século XIX, a liberdade do homem começa a ser identificada com a eficiência em dominar e transformar a natureza em bens e serviços. O conceito de liberdade começa a ser sinônimo de consumo. Perde importância a prática das artes e consolidam-se a ciência e a tecnologia. Relega-se a preocupação ética. A procura da liberdade social se faz sem considerar-se sua distribuição. A militância política passa a ser tolerada, mas como opção pessoal de cada um.

Essa ruptura teve o importante papel de contribuir para a revolução do conhecimento científico e tecnológico. A sociedade humana se transformou, com a eficiência técnica e a consequente redução do tempo social necessário à produção dos bens de sobrevivência.

O privilégio da eficiência na dominação da natureza gerou, contudo, as distorções hoje conhecidas: em vez de usar o tempo livre para a prática da liberdade, o homem reorganizou seu projeto e refez seu objetivo no sentido de ampliar o consumo. O avanço técnico e científico, de instrumento da liberdade, adquiriu autonomia e passou a determinar uma estrutura social opressiva, que servisse ao avanço técnico e científico. A liberdade identificou-se com ideia de consumo. Os meios de produção, que surgiram do avanço técnico, visam ampliar o nível dos meios de produção.

Graças a essa especialização e priorização, foi possível obter-se o elevado nível de potencial-de-liberdade que o final do século XX oferece à humanidade. O sistema capitalista permitiu que o homem atingisse as vésperas da liberdade em relação ao trabalho alienado, às doenças e à escassez. Mas não consegue permitir que o potencial criado pela ciência e tecnologia seja usado com a eficiência desejada.

(Cristovam Buarque. Na fronteira do futuro. Brasília:

EDUnB, 1989. p.13) (com adaptações).

1. Quanto à organização do texto XL, julgue os itens a seguir.

a) A argumentação do texto estrutura-se em três eixos principais: ciência e tecnologia, busca da liberdade e militância política.

b) A tese para esse texto argumentativo pode assim ser resumida: nem todo "potencial-de-liberdade" gera liberdade com a eficiência desejada.

c) Para organizar o texto, predominantemente argumentativo, o autor recorre a ilustrações temáticas e trechos descritivos sobre condições das sociedades.

d) O fragmento a seguir, caso fosse utilizado como continuidade do texto, manteria a coerência da argumentação: Existe, assim, uma ambiguidade entre a ampliação dos horizontes da liberdade e os resultados, de fato, alcançados pelo homem.

Texto XLI

MERECEMOS UMA CHANCE

– Até amanhã.

Eram mais de 22 horas de uma segunda-feira quando me despedi de minha amiga e colega M. "Até amanhã", respondeu M. E no amanhã M. não estava mais dando duro em sua cadeira, linda e jovial como a cada dia, cumprindo, compromissos e agendando tarefas. No dia seguinte M. estava num hospital, com hematomas da cabeça aos pés, nariz quebrado, dentes amolecidos e hemorragia interna.

Acontece que entre o até amanhã e o amanhã a juventude e a jovialidade de M. deram de cara com três psicopatas em busca de diversão. Eles a levaram a Osasco, na Grande São Paulo, e bateram nela até cansar. M. foi abandonada numa estrada, seminua e ensanguentada, enquanto seus carrascos procuravam outra vítima, "mais nova que essa". Que tipo de pessoa é capaz de cometer uma brutalidade dessas? Não basta uma classificação psiquiátrica ou sociológica. Tente imaginar a alma de um sujeito assim, e o que se vê é um poço sem fim, o real em estado puro. O horror, o horror.

Certos tipos de crime são independentes da sociedade em que se inserem. Em países ricos ou pobres, em povos cultos ou ignorantes, materialistas ou religiosos, capitalistas ou social-democratas, entre suecos ou tanzanianos, sempre torturadores compulsivos, assassinos seriais, estupradores etc. de alguma maneira, isso faz parte da natureza humana.

Não se trata aqui de uma aposentada na miséria furtando remédios na farmácia (e provavelmente sendo presa). Estamos falando no crime como modo de vida. Existe gente que literalmente vive disso. Se quer dinheiro, rouba. Não para "matar a fome", mas para comprar a melhor cocaína e o último Honda. Se gente assim quer se divertir, junta alguns amigos do mesmo caráter e escolhe mulheres ao acaso no trânsito. Na mesma delegacia onde M. prestou queixa, estavam arquivadas 10 outras ocorrência iguais.

Para casos assim existe essa instituição chamada polícia. Polícia é um serviço público, pago com nossos impostos, e não a encarnação do mal, este papel simplista que intelectuais, jornalistas e artistas costumam lhe reservar. Seu dever é proteger os não criminosos dos criminosos. Mas a polícia não está cumprindo seu papel. Há uma guerra nas ruas. É um assalto dos marginais ao resto, a tão decantada classe trabalhadora. É na periferia das grandes cidades que esses degenerados fazem suas primeiras vítimas. Assassinatos, crimes sexuais, roubo, tudo acontece primeiro e pior em bairros populares.

Qual a solução? Educação? Sim, mas... Um marmanjo que escolhe suas vítimas ao acaso não precisa exatamente de educação. Aliás, muitos criminosos têm educação esmerada, e até mesmo dinheiro. São violentos porque são.

Policiamento? Óbvio. Mas no Brasil a segurança da população não é prioridade. O salário dos policiais foi enterrado no último prejuízo do Banco do Brasil. A verba das armas foi distribuída entre cabides de

empregos de prefeituras falidas. Sem estrutura, paralisada pela burocracia, a polícia brasileira não protege a sociedade de seus criminosos. É o tipo de problema que parece não ter solução. Mas pode ter. Temos que buscar opções, e não apenas chorar o sangue derramado. O importante é que M. não seja mais atacada por psicopatas sem freios. Nem N., nem O., nem P. Nós, os não criminosos, merecemos uma chance.

Dagomir Marquezi, Exame, p.126, 17/12/1997 (com adaptações).

1. A compreensão de um texto decorre de vários fatores. Com referência à tipologia textual e ao nível de linguagem utilizado pelo autor, julgue os itens a seguir.

a) O texto é eminentemente dissertativo, apesar de conter trechos narrativos.

b) O primeiro parágrafo reproduz, em discurso direto, as últimas palavras que o autor ouviu de M. na noite anterior à morte de sua amiga.

c) Há, no segundo e no terceiro parágrafos, passagens descritivas relativas à vítima e aos seus assaltantes.

Texto XLII

A CONFLITANTE FORMAÇÃO DE VALORES DAS NOVAS GERAÇÕES

A família tem sido considerada a célula-base da sociedade; ela concebe e desenvolve novos indivíduos, reproduzindo e alterando valores sociais, das mais variadas formas. A ela é confiada a responsabilidade de formar gerações. Questiona-se, entretanto, se a família estaria, realmente, desempenhando esse papel e formando gerações moral e eticamente saudáveis, ou delegando essa responsabilidade a terceiros, arriscando-se a produzir conflitos dessa ordem consigo mesma.

Faz-se necessário verificar que a dinâmica social que enfrentamos impingiu-nos a transferir o papel de criação de nossos filhos às creches e escolas, bem como a diminuirmos nosso tempo de contato com eles, resultando prejudicada a transferência direta de valores de uma para outra geração.

Tende a ocorrer, então, uma padronização nos valores dos novos seres, uma vez que, em cada faixa social, predomina um código ético e moral distinto e bastante definido. Ainda que, por vezes, estes se mesclem, a tendência para uma massificação, quer de grupos ou global, cujo controle nos foge, é inevitável.

A consequência de uma relação social como a descrita, no âmbito da família que carece de tempo de convívio e de ideias comuns, é a suscetibilidade ao rompimento brusco da intimidade familiar, devido a confrontos entre pessoas que, embora ligadas pelo mesmo sangue, não aprenderam juntas os caminhos e o valor da vida. Pode ocorrer, então, o surgimento de uma geração que ficará à mercê de conceitos sociais pluralistas os quais, embora preparem a família para enfrentar e reproduzir a sociedade, não lhe garantem a transferência dos valores entre as gerações.

André Felipe G. Martins. Desmistificando a redação. Florianópolis: Palloti, 1997. p. 64 (com adaptações).

Texto XLIII

GERAÇÃO LIBERAL – APLAUSO OU DEGOLA?

Às vésperas do terceiro milênio, labirintos misteriosos da ciência e doenças outrora incuráveis vêm sendo desvendados. Mas, à medida que se desenvolve, o século da urgência expõe à guilhotina famílias inocentes, desnorteadas com o constante processo de mudanças sociais por que passamos.

Depois do período de ditadura militar brasileiro, de 1964 a 1979, o excesso de liberdade e a falta de rigidez na instrução dos filhos surgem como consequência da repressão e do autoritarismo que os pais vivenciaram décadas atrás. As não raras cenas de hoje de violência e injustiça também contribuem para a degradação da família. Habituadas ao cotidiano de assaltos, brigas e sequestros, as crianças levam

para dentro dos próprios lares atitudes agressivas – espelho do mundo moderno.

Grande parte dessa culpa atribui-se, ainda, à necessidade de nossa era consumista, que mantém os pais longe de casa, pois o trabalho, colocado em primeiro plano, absolve-lhes bastante tempo. Para compensar a carência afetiva a que estão sujeitos seus filhos, os pais tentam, por meio de dinheiro, recuperar a integração em casa; compram-lhes brinquedos, roupas e calçados da moda.

Assim, o progresso tecnológico, com um riso irônico, lega aos homens seus inventos mirabolantes, mas debocha do crescimento desordenado e rápido de uma sociedade contraditória, que se moderniza cientificamente, mas regride no âmbito dos valores morais. É preciso que se descubra o que torna o homem inerme diante de tal situação, para que se possa resgatar a união e a identidade da instituição família, pois ainda há tempo para se evitar a degola da mesma.

Lisiane Schneider. Desmistificando a redação. Florianópolis: Palloti, 1997. p. 75 (com adaptações).

1. Confrontando a tipologia textual e as ideias dos textos XLII e XLIII, julgue os itens a seguir.

a) Os dois textos dissertam acerca do mesmo assunto, qual seja, o conflito familiar na educação das novas gerações.

b) Ambos os textos estruturam-se com um parágrafo introdutório, de âmbito geral, dois blocos em que se enfocam desdobramentos do tema e um parágrafo conclusivo, em que se arrematam as ideias já apresentadas.

c) Enquanto o texto XLII focaliza o assunto sem detalhar o fator temporalidade, o texto XLIII situa o problema no tempo e no espaço, circunscrevendo-se à realidade brasileira da segunda metade do século XX.

d) Há em comum aos dois textos o argumento de que a diminuição do tempo de permanência dos pais com os filhos é um dos fatores responsáveis pelo aumento de conflitos.

Texto XLIV

Não se sabia bem onde nascera, mas não fora decerto em São Paulo, nem no Rio Grande do Sul, nem no Pará. Errava quem quisesse encontrar nele qualquer regionalismo: Quaresma era antes de tudo brasileiro. Não tinha predileção por esta ou aquela parte de seu país, tanto assim que aquilo que o fazia vibrar de paixão não eram só os pampas do Sul com seu gado, não era o café de São Paulo, não eram o ouro e os diamantes de Minas, não era a beleza da Guanabara, não era a altura da Paulo Afonso, não era o estro de Gonçalves Dias ou o ímpeto de Andrade Neves – era tudo isso junto, fundido, reunido, sob a bandeira estrelada do Cruzeiro.

Logo aos dezoito anos quis fazer-se militar; mas a junta de saúde julgou-o incapaz. Desgostou-se, sofreu, mas não maldisse a Pátria. O ministério era liberal, ele se fez conservador e continuou mais do que nunca a amar a “terra que o viu nascer”. Impossibilitado de evoluir-se sob os dourados do Exército, procurou a administração e dos seus ramos escolheu o militar.

Era onde estava bem. No meio de soldados, de canhões, de veteranos, de papelada inçada de quilos de pólvora, de nomes de fuzis e termos técnicos de artilharia, aspirava diariamente aquele hálito de guerra, de bravura, de vitória, de triunfo, que é bem o hálito da Pátria.

Durante os lazeres burocráticos, estudou, mas estudou a Pátria, nas suas riquezas naturais, na sua história, na sua geografia, na sua literatura e na sua política. Quaresma sabia as espécies de minerais, vegetais e animais, que o Brasil continha; sabia o valor do ouro, dos diamantes exportados por Minas, as guerras holandesas, as batalhas do Paraguai, as nascentes e o curso de todos os rios. Defendia com azedume e paixão a proeminência do Amazonas sobre todos os demais rios do mundo. para isso ia até o

crime de amputar alguns quilômetros ao Nilo e era com este rival do "seu" rio que ele mais implicava. Ai de quem o citasse na sua frente! Em geral, calmo e delicado, o major ficava agitado e malcriado, quando se discutia a extensão do Amazonas em face da do Nilo.

Havia um ano a esta parte que se dedicava ao tupi-guarani. Todas as manhãs, antes que a "Aurora, com seus dedos rosados, abrisse caminho ao louro Febo", ele se atracava até ao almoço com o Montoya, Arte y diccionario de la lengua guarani ó más bien tupi, e estudava o jargão caboclo com afinco e paixão. Na repartição, os pequenos empregados, amanuenses e escreventes, tendo notícia desse estudo do idioma tupiniquim, deram não se sabe por que em chamá-lo – Ubirajara. Certa vez, o escrevente Azevedo, ao assinar o ponto, distraído, sem reparar quem lhe estava às costas, disse e tom chocarreiro: "Você já viu que hoje o Ubirajara está tardando?"

Quaresma era considerado no Arsenal: a sua idade, a sua ilustração, a modéstia e honestidade de seu viver impunham-no ao respeito de todos. Sentindo que a alcunha lhe era dirigida, não perdeu a dignidade, não prorrompeu em doestos e insultos. Endireitou-se, concentrou o pince-nez, levantou o dedo indicador no ar e respondeu:

– Senhor Azevedo, não seja leviano. Não queira levar ao ridículo aqueles que trabalham em silêncio, para a grandeza e a emancipação da Pátria.

Lima Barreto. Triste fim de Policarpo Quaresma. Rio de Janeiro: Record, 2ª ed., 1998, p. 17-8.

1. No que diz respeito à tipologia textual, assinale a opção incorreta.

a) Apesar de conter passagens narrativas, o texto é fundamentalmente uma descrição de Policarpo Quaresma.

b) Há, no texto, três ocorrências de discurso direto.

c) Em "do Amazonas em face da do Nilo" (l. 22), o vocábulo extensão é subentendido.

d) Nas linhas 23 e 24, o trecho entre aspas não se identifica com o estilo predominante no texto.

e) A expressão "louro Febo" (l. 24) é uma alusão ao Sol.

Texto XLV

O ANÔNIMO

Tão logo o carteiro entregou a correspondência, Eduardo foi em busca daquilo que, a experiência já lhe ensinara, certamente estaria ali: a carta anônima. De fato, não tardou a encontrar o envelope, àquela altura familiar, o seu nome e endereço escritos em neutra letra de imprensa, e a nenhuma indicação de remetente (alguns missivistas anônimos usam pseudônimo. Aquele não fazia concessões, nada fornecia que pudesse alimentar especulações com respeito à identidade).

Com dedos um pouco trêmulos – a previsibilidade nem sempre é o antídoto da emoção – Eduardo abriu o envelope. Continha, como de outras vezes, uma única folha de papel ofício manuscrita em letra de imprensa. Como de hábito, começava afirmando: "Descobri teu segredo.". Nova linha, parágrafo, e aí vinha a acusação.

No presente caso: desonestidade. "Todos acham que você é um homem sério, correto", dizia a carta. "mas nós dois sabemos que você não passa de um refinado patife. Você está roubando seu sócio, Eduardo. Há muito tempo. Você vem desviando dinheiro da firma para a sua própria conta bancária. Você disfarça o rombo com supostos prejuízos nos negócios. Seu sócio, que é um homem bom, acredita em você. Mas a mim você não engana, Eduardo. Eu sei de tudo que você está fazendo. Conheço suas trapaças tão bem como você".

Eduardo não pôde deixar de sorrir. Boa tentativa, aquela, do missivista anônimo. Desonestidade na firma, isto não é tão incomum. Com um sócio tão crédulo como era o Ênio, Eduardo de fato não teria qualquer dificuldade em subtrair dinheiro da empresa.

Só que ele não estava fazendo isso. Em termos de negócios, era escrupulosamente honesto. Mais que isto, muitas vezes repassara dinheiro para a conta de Ênio – um trapalhão em matéria de finanças – sem que este soubesse. Honesto – e generoso. Contudo, como certos caçadores tão pertinazes quanto incompetentes, o autor da carta anônima atirara no que vira e acertara no que não vira.

Eduardo enganava Ênio, sim. Mas não na firma. Há meses – em realidade, desde que aquela história das cartas anônimas começara – tinha um caso com a mulher do sócio, Vera: grande mulher. Claro, não poderia garantir que não sentia um certo prazer em passar para trás o amigo que sempre fora mais brilhante e mais bem sucedido do que ele, mas, de qualquer forma, isto nada tinha a ver com a empresa. Desonestidade nos negócios? Não. Tente outra, missivista. Quem sabe na próxima você acerta. Tente. Tente já.

Sentou à mesa, tomou uma folha de papel ofício e escreveu, numa bela mas inconspícua letra de imprensa: "Descobri teu segredo."

Moacyr Scliar. Correio Braziliense, Caderno Dois, p. 2, 21/12/1997 (com adaptações).

1. Com referência à tipologia textual e ao nível de linguagem do texto, julgue os itens seguintes.

a) A história acerca das cartas anônimas, conforme contada pelo autor, apresentando-se na forma de uma narrativa curta, densa, exemplifica o que é conhecido por conto.

b) Os trechos registrados entre aspas no texto estão dispostos na forma de discurso indireto.

c) As passagens descritivas são predominantes nos quatro últimos parágrafos.

Texto XLVI

A OCASIÃO DESFEZ O LADRÃO

Chácaras sempre foram lugares de pequenos furtos. Pás, enxadas, rastelos, galinhas, porcos e cavalos costumam desaparecer mato adentro e como a polícia não dá conta nem mesmo dos crimes contra o patrimônio urbano, a população rural costuma dar por encerrado o assunto.

Mas como nem todo mundo é todo mundo, o caseiro Raimundo das Chagas não se contentou em ver desaparecer do quintal do patrão, no Lago Oeste, um carrinho de mão que usava para carregar adubo. Era um veículo velho, rodas desgastadas e desajeitado, que costumava ranger quando convocado ao trabalho.

Desapareceu, no mesmo dia, um botijão de gás. Pois carrinho e botijão sumiram entre o entardecer e o dia claro. Com certeza, saíram um furto sobre o outro.

Raimundo foi criado para ver as coisas sempre no lugar, com um sentimento de justeza raro nesses dias. Resolveu sair a esmo, conversando nos botecos, perto das mesas de sinuca, relatando – com falsa ingenuidade – o sumiço do carrinho de mão.

Soube num quiosque bem mais adiante, quase chegando no Poço Azul, que um rapaz de nome João estava vendendo um botijão de gás. O tal não trabalhava, vivia encostado na casa da mãe, na rua de baixo, e era suspeito de vários outros furtos nas proximidades.

Não passou meia hora e Raimundo chegava à casa de João, um barraco descascado, de um rosa pálido e manchado, que um dia foi pintado de cal misturada com um pouquinho de tubo xadrez vermelho. O carro de mão encostara-se perto da porta da cozinha e o botijão podia ser visto do outro lado, quase beirando o poço.

João estava lá ouvindo rádio sentado sobre uma tora de madeira. Raimundo não planejou nem avaliou o risco da empreitada. Aproximou-se do moleque – porque o rapaz era franzino, pouco mais que um menino –, levantou a voz apenas um tom acima do habitual, pegou o garoto pela orelha, como faz um pai à moda antiga, e o obrigou a levar o carrinho de mão e o botijão, sete quilômetros acima, até o lugar de

onde havia sido tirado.
Não falou muito, não deu lição de moral, tão inevitável numa situação dessas.
O pequeno ladrão obedeceu, pálido, resmungando alguma coisa bem baixinho – não se sabe o quê.
Muitos os viram passar, subindo a ladeira que margeia o Parque Nacional, na DF-001, mas quase ninguém supôs que ali se aplicava um castigo educativo.
– Nunca mais ele mexe no que é dos outros, repete Raimundo nas poucas vezes em que fala do assunto.
A lição parece ter servido. Desde então não mais se teve notícias de furtos naquelas proximidades.

Caderno Cidades: Coisas da vida Correio Brasiliense, 26/1/1998 (com adaptações).

1. Quanto à tipologia textual apresentada, assinale a opção incorreta.

a) "A OCASIÃO DESFEZ O LADRÃO" é um texto predominantemente narrativo.
b) No primeiro parágrafo, ocorre uma passagem dissertativa: a reflexão acerca dos crimes contra o patrimônio urbano e rural.
c) As indicações "Lago Oeste" (l. 5), "Poço Azul"(l. 13) e "Parque Nacional" (l. 27) não são suficientes para se concluir que o episódio narrado é um fato verídico.
d) A descrição do ladrão, feita pelo autor, encontra-se, principalmente, nos parágrafos quinto e sétimo.
e) O penúltimo parágrafo, iniciado por um travessão, evidencia a presença de um diálogo, ratificando aquele insinuado no parágrafo oitavo.

Texto XLVII

ESTA PROMISSORA AMÉRICA LATINA

Em sua posse no cargo de ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, o embaixador Sérgio Amaral reafirmou o explícito entusiasmo de enfrentar o desafio de incrementar as exportações brasileiras. Ficou claro para todos que ele expressava uma posição de governo, enfatizada pelo presidente da República, em uma demonstração de que o espírito das autoridades federais está inoculado pela causa e de que a compreensão do que significa uma ação coordenada, visando à inserção do Brasil na economia internacional, começa a se disseminar. Entre outras coisas, o ministro declarou: "Nossa prioridade é o Mercosul".

O governo federal foca seus esforços no aumento das exportações brasileiras e na direção certa, mas há uma agenda aguardando definições e atos, particularmente no que diz respeito aos juros – que precisam ser reduzidos a patamares compatíveis com os praticados nos lugares do mundo onde nossos concorrentes se financiam. Espera-se também uma maior disponibilidade de recursos nos programas de fomento às exportações; uma reforma tributária, que é urgente; um aperfeiçoamento da legislação trabalhista e uma ampliação e melhoria da infraestrutura nacional, principalmente no setor de transportes. Esse conjunto de fatores – enquanto não definidos e implementados – é que torna as empresas brasileiras vulneráveis no jogo do comércio internacional. Mas a questão da América do Sul merece uma análise especial.

Dinheiro é um facilitador das transações, mas não é a única forma de relação comercial. O mundo moderno não pode menosprezar a sabedoria de nossos antepassados, que sobreviveram séculos fazendo trocas. Um bom exemplo de alinhamento entre estratégias empresariais e apoio governamental, que resultou em uma equação, é o caso da Odebrecht em Angola: esta construtora constrói a hidrelétrica de que o país africano necessita, e o governo angolano paga com petróleo, produto abundante naquele país.

O fato é que existe um vasto mercado para exportação na América do Sul que não pode ser desconsiderado. Politicamente, esse é o mercado do Brasil, e o Brasil é o mercado para sua viabilização. O governo federal não deve fechar-se sobre o Mercosul. Precisamos assumir o papel geopolítico de liderança em toda a América do Sul, até porque nossa condição diferenciada no contexto

mundial facilita a captação de capitais internacionais, para financiar, aqui, operações dessa natureza. A infraestrutura de transportes, geração de energia e telecomunicações e as riquezas do subsolo estão esperando por investimentos. Se não os fizermos, outros farão.

Emílio Odebrecht. Ícaro Brasil, nov/2001, p. 28-30 (com adaptações).

1. Aplicando conhecimentos acerca de tipologia, estrutura e organização de um texto em parágrafos, julgue os itens a seguir, segundo as ideias desenvolvidas no texto XLVII.

a) No primeiro parágrafo, fica explícita a disposição do governo em enfrentar o desafio do aumento das exportações brasileiras, prioritariamente junto aos países que compõem o Mercosul.

b) No segundo parágrafo, alude-se à ampliação dos limites do mercado, de forma a abranger todo o continente sul-americano, e levantam-se algumas estratégias de ação para viabilizar esse propósito: redução dos juros, aumento da disponibilidade de recursos, reforma tributária, aperfeiçoamento da legislação trabalhista e ampliação e melhoria da infraestrutura de transportes.

c) O terceiro parágrafo, predominantemente narrativo, apresenta o ponto de vista do narrador acerca do dinheiro, da sabedoria dos antepassados e das estratégias empresariais do governo africano para com o petróleo.

d) O quarto parágrafo descreve o vasto mercado para a exportação da América do Sul, além do Mercosul, o papel geopolítico de liderança brasileira na região sul-americana, a condição diferenciada do Brasil no contexto mundial e a infraestrutura brasileira de transportes, de geração de energia, de telecomunicações e de tecnologia.

e) Nesse texto, eminentemente dissertativo, o autor discute o assunto do incremento das exportações brasileiras na América do Sul, apresentando vários argumentos que teriam, em tese, o intuito de fazer o leitor partilhar do seu ponto de vista, que está resumindo na última ideia do texto: "Se não o fizermos, outros farão".

Texto XLVIII

Há dessas reminiscências que não descansam antes que a pena ou língua as publique. Um antigo dizia arrenegar de conviva que tem memória. A vida é cheia de tais convivas, e eu sou acaso um deles, conquanto a prova de ter a memória fraca seja exatamente não me acudir agora o nome de tal antigo; mas era um antigo, e basta.

Não, não, a minha memória não é boa. Ao contrário, é comparável a alguém que tivesse vivido por hospedarias, sem guardar delas nem caras nem nomes; e somente raras circunstâncias. A quem passe a vida na mesma casa de família, com os seus eternos móveis e costumes, pessoas e afeições, é que se lhe grava tudo pela continuidade e repetição. Como eu invejo os que não esqueceram a cor das primeiras calças que vestiram! Eu não atino com a das que enfiei ontem. Juro só que não eram amarelas porque execro essa cor; mas isso mesmo pode ser olvido e confusão.

E antes seja olvido que confusão; explico-me. Nada se emenda bem nos livros confusos, mas tudo se pode meter nos livros omissos. Eu, quando leio algum desta outra casta, não me aflijo nunca. O que faço, em chegando ao fim, é cerrar os olhos e evocar todas as coisas que não achei nele. Quantas ideias finas me acodem, então! Que de reflexões profundas! Os rios, as montanhas, as igrejas que não vi nas folhas lidas, todos me aparecem agora com as suas águas, as suas árvores, os seus altares; e os generais sacam das espadas que tinham ficado na bainha, e os clarins soltam as notas que dormiam no metal, e tudo marcha com uma alma imprevista.

É que tudo se acha fora de um livro falho, leitor amigo. Assim preencho as lacunas alheias; assim podes também preencher as minhas.

Machado de Assis. Dom Casmurro. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996, p. 79.

1. No segundo parágrafo do texto, o autor usa o exemplo de quem passa a vida "na mesma casa de família" para reforçar sua ideia de que:

a) a convivência rotineira favorece as lembranças de pessoas e fatos.
b) ele próprio poderia ser um conviva de muito boa memória.
c) a vida familiar faz lembrar somente as circunstâncias, e não os fatos.
d) viver em casa de família ou em hospedarias faz mal à memória.
e) viver em família com seus eternos móveis e costumes descansa a mente e estimula a memória.

2. Assinale a opção que apresenta uma frase narrativa do texto.

a) "Há dessas reminiscências".
b) "Um antigo dizia arrenegar de conviva que tem memória".
c) "A vida é cheia de tais convivas".
d) "Não, não, a minha memória não é boa".
e) "Quantas ideias finas me acodem, então".

Texto XLIX

MISS DOLLAR

Era conveniente ao romance que o leitor ficasse muito tempo sem saber quem era Miss Dollar. Mas, por outro lado, sem a apresentação de Miss Dollar, seria o autor obrigado a longas digressões, que encheriam o papel sem adiantar a ação. Não há hesitação possível: vou apresentar-lhes Miss Dollar.

Se o leitor é rapaz e dado ao gênio melancólico, imagina que Miss Dollar é uma inglesa pálida e delgada, escassa de carnes e de sangue, abrindo à flor do rosto dois grandes olhos azuis e sacudindo ao vento umas longas tranças louras. A moça em questão deve ser vaporosa e ideal como uma criação de Shakespeare; deve ser o contraste do roastbeef britânico, com que se alimenta a liberdade do Reino Unido. (...) O chá e o leite devem ser a alimentação de semelhante criatura, adicionando-se-lhe alguns confeitos e biscoitos para acudir às urgências do estômago. A sua fala deve ser um murmúrio de harpa eólia; o seu amor um desmaio, a sua vida uma contemplação, a sua morte um suspiro. (...). A figura é poética, mas não é a da heroína do romance. (...)

A Miss Dollar do romance não é a menina romântica. (...) Miss Dollar é uma cadelinha galga.

Para algumas pessoas a qualidade da heroína fará perder o interesse do romance. Erro manifesto. Miss Dollar, apesar de não ser mais que uma cadelinha galga, teve as honras de ver o seu nome nos papéis públicos, antes de entrar para este livro. O Jornal do Comércio e o Correio Mercantil publicaram nas colunas dos anúncios as seguintes linhas reverberantes de promessa:

"Desencaminhou-se uma cadelinha galga, na noite de ontem, 30. Acode ao nome de Miss Dollar. Quem a achou e quiser levar à rua de Matacavalos no. ..., receberá duzentos mil-réis de recompensa. Miss Dollar tem uma coleira ao pescoço fechada por um cadeado em que se leem as seguintes palavras: De tout mon coeur."

Todas as pessoas que sentiam necessidade urgente de duzentos mil-réis, e tiveram a felicidade de ler aquele anúncio, andaram nesse dia com extremo cuidado nas ruas do Rio de Janeiro, a ver se davam com a fugitiva Miss Dollar.

Machado de Assis. Contos: uma antologia, v. I, São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 123-5.

1. Considere que parte dos quatro primeiros parágrafos do fragmento desse conto seja retirada, desaparecendo, portanto, as ideias ali expressas e permanecendo desse trecho apenas o período final do quarto parágrafo – "O Jornal do Comércio e o Correio Mercantil publicaram nas colunas dos anúncios as seguintes linhas reverberantes de promessa:".

Nesse caso, é correto afirmar que o restante do texto ficará:

a) incompreensível.
b) muito prejudicado por perda de informações sobre o perfil da heroína.
c) sem a apresentação de outras personagens que participam da história.
d) sem a informação de que a cadelinha galga era a heroína da história.
e) mais curto apenas, sem perda de qualquer informação importante para a história.

2. O primeiro parágrafo do texto mostra que o autor pretende:

a) não apresentar a heroína, para criar mistério.
b) fazer longas digressões, para criar suspense.
c) encher o papel de ideias inúteis para a história.
d) apresentar logo a heroína e iniciar a ação.
e) hesitar todo o tempo que for possível.

3. O segundo parágrafo do texto consiste principalmente em uma descrição:

a) de personagem secundária.
b) de personagem principal.
c) de alguém que não é a heroína.
d) do local onde vive a heroína.
e) da vilã da história.

4. O autor do texto manifesta opinião pessoal no(s) trecho(s):

I. "Era conveniente ao romance que o leitor ficasse muito tempo sem saber".
II. "publicaram nas colunas dos anúncios as seguintes linhas reverberantes de promessa".
III. 'Miss Dollar tem uma coleira ao pescoço fechada por um cadeado'.

Assinale a opção correta.

a) Apenas um dos itens está certo.
b) Apenas os itens I e II estão certos.
c) Apenas os itens I e III estão certos.
d) Apenas os itens II e III estão certos.
e) Todos os itens estão certos.

Texto L

GLOBALIZAÇÃO

A globalização começou no dia em que um anônimo primitivo, em alguma parte do continente ainda sem nome, movido por um sentimento de curiosidade, caminhou além dos limites conhecidos por sua tribo e encontrou um grupo de desconhecidos, com o qual entabulou algum tipo de comunicação. A partir daquele momento, os homens nunca mais pararam de caminhar, de olhar ao redor e de integrar-se em um processo de globalização cada vez mais amplo.

Desde o final do século XV, com a invenção de novos equipamentos de navegação e as grandes descobertas, esse processo se espalhou por todo o planeta, ao mesmo tempo em que aumentava a influência européia no mundo. No século XIX, o telégrafo submarino reduziu o tempo com que as informações, as ordens e as diversas decisões importantes chegavam a diversos lugares do mundo – em pontos específicos, em quantidades limitadas e com alguma defasagem de tempo.

O processo atual de globalização se diferencia do iniciado há centenas de milhares de anos porque o mundo se tornou um só e instantâneo. O conhecimento das informações, o acesso às coisas e a influência

do poder ficaram internacionais e chegam ao mesmo tempo em todas as partes. Globalização é essa "simultaneidade totalizante", que se instalou sem uma integração entre os homens. Para surpresa de todos que observam o mundo global, a globalização torna iguais os seres, não importa o grupo a que pertençam, mas faz com que dentro de cada grupo as pessoas sejam mais diferentes entre elas do que no passado.

Uma das maiores manifestações linguísticas na fronteira entre os séculos XX e XXI é a ideia de globalização como um processo de internacionalização. A globalização é um processo de disseminação das ideias, da cultura e dos objetivos sociais dos Estados Unidos. No lugar de globalização, há uma ameriglobalização. A melhor prova disso é que esse país defende a abertura comercial, mas fecha suas fronteiras e toma medidas protecionistas sempre que necessário.

Cristovam Buarque. Admirável mundo atual – dicionário pessoal dos horrores e esperanças do mundo globalizado. São Paulo: Geração Editorial, 2001. p. 29 (com adaptações).

1. Analisando a tipologia do texto e a síntese das ideias nele desenvolvidas, assinale a opção incorreta.

a) O primeiro parágrafo apresenta o mais remoto indício da globalização, título do texto, de forma expositiva, sem haver posicionamento explícito do autor frente aos acontecimentos.

b) O segundo parágrafo mostra a evolução do processo, em uma retrospectiva histórica, desde o final do século XV, tempo e, que a influência europeia no mundo se fez marcante, até o século XIX, quando as informações chegavam a diversos lugares do mundo "em quantidades limitadas e com alguma defasagem de tempo".

c) No terceiro parágrafo, o autor, de forma descritiva e privilegiando a apresentação do quadro global em vários pontos do planeta, discorre a respeito do processo de total simultaneidade, instalada sem uma integração entre os homens.

d) No quarto parágrafo, o autor desmistifica a visão corrente de que a globalização é um processo neutro de internacionalização, exemplificando com a atuação da sociedade norte-americana perante o mundo.

e) Em todo o texto predomina a estrutura dissertativa, por meio da qual o assunto é abordado, em linguagem objetiva e referencial, obedecendo a um viés cronológico, do passado ao presente.

Texto LI

O laudo médico-pericial é utilizado como prova técnica, devendo estar isento de tendências, vícios e distorções – condição básica para atingir seu objetivo principal: descrever e interpretar fatos médicos para a correta aplicação da justiça, cumprindo seu papel como um dos principais instrumentos de garantia aos Direitos Universais do Homem.

Não importa se vítima ou agressor: o periciado tem o direito de ser visto e respeitado como homem, sendo examinado em ambiente neutro, sem a presença de estranhos, devendo sentir-se seguro e livre de coações. Enfim, contar com total liberdade para relatar sua versão dos fatos. Por sua vez, o médico-legista deve exercer seu mister livre de constrangimentos, coações ou pressões de quaisquer espécies, mantendo o respeito incondicional pelo homem.

Para deixar mais claro: a própria Resolução CFM n. 1.635, de 9 de maio de 2002, veda ao médico a realização de exames médico-periciais de corpo de delito em seres humanos no interior dos prédios e(ou) dependências de delegacias, seccionais ou sucursais de polícia, unidades militares, casas de detenção e presídios. Proíbe, ainda, exames de corpo de delito em seres humanos contidos por algemas ou por qualquer outro meio – exceto quando o periciado oferecer risco à integridade física do médico-perito.

Como ficaria a posição do legista, trabalhando no interior de delegacias policiais, quartéis ou casas de detenção, repleta de policiais, caso assistisse à violação dos direitos humanos? Seria uma simples testemunha ou um perito médico, com obrigação legal de relatar os fatos? Um legista não é (e não pode ser visto como) testemunha ou cúmplice dos fatos.

Nunca, jamais, devem acontecer ocorrências que levem o periciado a confundir a figura imparcial e isenta do médico-legista (interessado na busca da verdade, por meio da prova técnica) com o aparelho repressor do Estado. Sua função é descrever, por meio da observação atenta e minuciosa, os fatos ocorridos, interpretando-os para a justiça, com seus conhecimentos de medicina.

Internet: <www.bioetica.org.br> (com adaptações).

1. A partir do texto, assinale a opção que resume, corretamente, a ideia do parágrafo correspondente.

a) primeiro parágrafo – apresentação de função, característica e objetivo dos laudos médicos-periciais.

b) segundo parágrafo – relato da necessidade de agressores e vítimas descreverem as versões dos fatos, responsavelmente.

c) terceiro parágrafo – narrativa sintética dos princípios da Resolução CFM n. 1.635, de 9 de maio de 2002.

d) último parágrafo – argumentação imparcial em defesa da isenção dos médicos-legistas.

Texto LII

TEMPO E ARTISTA

Imagino o artista num anfiteatro
Onde o tempo é a grande estrela
Vejo o tempo obrar a sua arte
Tendo o mesmo artista como tela
Modelando o artista ao seu feitio
O tempo, com seu lápis impreciso
Põe-lhe rugas ao redor da boca
Como contrapesos de um sorriso
Já vestindo a pele do artista
O tempo arrebata-lhe a garganta
O velho cantor subindo ao palco
Apenas abre a voz, e o tempo canta
Dança o tempo sem cessar, montando
O dorso de exausto bailarino
Trêmulo, o ator recita um drama
Que ainda está por ser escrito
No anfiteatro, sob o céu de estrelas
Um concerto eu imagino
Onde, num relance, o tempo alcance a glória
E o artista, o infinito.

Chico Buarque de Holanda. Para todos.
SONOPRESS, BMG, Ariola Discos Ltda.

1. Considerando as ideias do texto, é correto afirmar que o autor:

a) apresenta o tempo como um inimigo implacável da carreira do artista;

b) mostra divergências existentes entre a imaginação do artista e a ação do tempo;
c) relata acontecimentos vividos por um artista através dos tempos;
d) sustenta que, na sua imaginação, a estrela do espetáculo é o tempo, e não o artista.

Texto LIII

Lembrei-me daquele começo de campanha e do seu esforço para conseguir uma notinha. Você, que nunca foi jornalista, acionou a imprensa como nós todos juntos não conseguimos. No início, cheguei a ouvir: "Mais velho do que a fome só o Betinho". Em pouco tempo, você fez de si novidade e da fome, notícia. Você se impôs e nos pôs a serviço de sua causa.

Algumas pessoas o classificavam como assistencialista, idealista, utópico, querendo dizer que não passava de um sonhador. Como bom mineiro, você ria. Elas não percebiam que você sabia que não ia abolir a fome nem erradicar a miséria. O que queria era tirar o país do conformismo, passar da indignação à ação, mostrar que a fome e a miséria são um escândalo. O que você quis foi derrotar a razão cínica e substituí-la por uma razão ética.

Zuenir Ventura. Como imaginar que dessa vez era pra valer? In: Crônicas de um fim de século. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999, p. 216 (com adaptações).

1. Com relação às ideias e aos aspectos gramaticais do texto, julgue os itens que se seguem.

a) No primeiro parágrafo do texto, o autor narra o empenho de uma pessoa para instituir uma campanha de combate à fome e à miséria.
b) No segundo parágrafo do texto, o autor estabelece uma oposição entre dois tipos existentes de "razão".

Gabarito comentado:

Textos I e II

1. D. Ambos os textos apresentam linguagem formal, sem apresentarem discurso coloquial.

Texto III

1. D. O texto "Protesto tímido" é um exemplo de crônica, por ser narrativo, com aspectos dissertativos. O autor vem relatar o que lhe aconteceu certo dia ao se deparar com um menor abandonado. Ao longo do texto, ele descreve características do menor, bem como das cenas em que se envolveu, tecendo também comentários sobre o problema que a narração ilustra. A letra A, portanto, é eliminada, já que se trata de narração e não de registros históricos; a letra B não deve ser considerada, já que o estilo a predominar é o narrativo. Quanto à letra C, não se trata necessariamente de uma coluna de jornal. No entanto, a letra D diz que este é um pequeno conto, fato que pode se perceber pela extensão do texto, que não é verdadeiro.
2. B. Os tempos verbais – pretérito imperfeito e pretérito perfeito – são características dos modos descritivo e narrativo, respectivamente. A descrição indica ações contínuas, duradouras – representadas pelo pretérito imperfeito. Já o pretérito perfeito evidencia ações que se sucederam em uma evolução cronológica – característica do texto narrativo.
3. D. O uso da primeira pessoa do plural é uma forma de o narrador se incluir no texto, manifestar sua opinião. Nesse caso, eliminam-se automaticamente as outras opções da questão.
4. B. Ainda que o narrador manifeste comiseração ("escurinho, de seis ou sete anos, não mais"), certa revolta ("vinte e cinco milhões de menores – um dado abstrato, que a imaginação não alcança"), desprezo ("Imagino que ele venha a ser um desses que se esgueiram como ratos em trono aos botequins e lanchonetes e nos importunam cutucando-nos de leve – gesto que nos desperta mal contida irritação")

e tristeza ("Para entender, só mesmo imaginando meu filho largado no mundo..."), o tom predominante no texto, que aparece fortemente ao final do texto é o de remorso ("Mas a verdade é que hoje eu vi meu filho dormindo na rua, exposto ao frio da noite, e além de nada ter feito por ele, ainda o confundi com um monte de lixo.").

5. A. Pergunta retórica é aquela que não busca resposta por parte do interlocutor, muitas vezes por ser esta óbvia, que é o que ocorre com a letra A. As outras perguntas não são retóricas por suscitarem reflexão por parte do leitor do texto – suas respostas são importantes para a compreensão da mensagem do texto.

Texto IV

1. D. O título do texto apresenta tom irônico. O autor, com o uso das aspas, já indica sua opinião – o ato de pichar é mais um comportamento vândalo do que um ato de livre manifestação.
2. A. O texto IV é dissertativo polêmico, pois apresenta duas formas de se encarar a mesma questão: o ato de pichar como resultado da liberdade de expressão ou como vandalismo. Quanto à letra B, o que se tem é a inversão das características: a liberdade de expressão é legal e o vandalismo é ilegal. Já a letra C não está correta porque só o primeiro argumento é a favor do aparecimento das pichações, não os dois. No entanto, a letra D extrapola o texto, pois não se tratou do pensamento das autoridades sobre as pichações. E a letra E está errada, pois não são duas realidades que ocorrem simultaneamente: pelo contrário – elas se excluem.
3. D. Ainda que o autor manifeste claramente sua crítica a respeito do tema, o texto é dissertativo polêmico, pois apresenta duas visões do mesmo assunto.

Textos V e VI

Letra A – Ambos os textos são dissertativos. Assertiva errada.

Letra B – Assertiva certa. O primeiro texto fala das fronteiras das nações-estados e as fronteiras da empresa moderna, tema mais específico, menos amplo do que o do segundo texto, que trata das estruturas políticas mundiais.

Letra C – Assertiva errada. Ambos os textos trazem a tecnologia sob uma visão positiva.

Letra D – Assertiva errada. O texto V é que fala da alteração das políticas atuais.

Letra E – Assertiva errada. Ambos os textos são dissertativos. *Das nações-estados* e *o alcance da empresa moderna*. Já o segundo texto trata de um âmbito mais amplo, de nível mundial.

Texto VII

1. A. A primeira linha do texto é reescrita na letra A, pois, ao se falar em "recente documento", está se falando em "atualidade" e ao mencionar "elaborado pelo IBGE", quer-se dizer "credibilidade".
2. C. As letras A e D são eliminadas por falarem em "criticar" e "mostrar soluções", características do texto argumentativo, e não informativo. A letra B extrapola o problema apresentado pelo texto ao mencionar "poluição ambiental". Da mesma forma, a letra E extrapola, pois o texto não trata dos principais problemas do país. Por ser informativo, o texto tem como meta aumentar o conhecimento do leitor sobre o assunto em questão – o lixo.
3. B. O texto é informativo, tem como função prioritária denunciar um grave problema. As outras alternativas devem ser eliminadas, pois o texto não é argumentativo, com valor de conselho, acusação, crítica ou elogio.

Texto VIII

1. C. Ao se falar da "marca da morte", alude-se aos males produzidos pelo fumo; além disso, a

expressão "marca nos cigarros" alude às embalagens do cigarro. A letra A omite a informação sobre as embalagens dos cigarros, presente no título. A letra B extrapola o título. A letra D contradiz o texto. A letra E, embora seja condizente com o texto, não é a reescritura do seu título.

2. E. O que se depreende do texto é que o jornalista, ao citar por extenso o significado da forma abreviada ANVS, pretendia esclarecer eventuais dúvidas por parte de algum leitor. A letra A não é verdadeira porque a tradução de uma abreviatura não transforma um texto algo mais ou menos resumido. A letra B é uma generalização excessiva – os textos informativos podem ou não usar abreviaturas. A letra C é uma extrapolação, pois explicitar uma abreviatura não significa direcionar um texto para uma classe não culta. Já a letra D vai além do objetivo do autor do texto, pois esclarecer uma abreviatura não pode significar a intenção do autor de enfatizar o poder de uma lei.
3. C. A resolução da ANVS é um texto normativo, pois estabelece regulamento, norma. Já o texto-imagem é publicitário, pois procura convencer o leitor a aderir a uma ideia: fumar prejudica a saúde.
4. E. Todas as alternativas representam características do texto informativo, exceto a última: o autor procura ser objetivo e impessoal, daí não serem comuns trechos interativos com o leitor.

Texto IX

1. A. O início do 2º parágrafo é a chave para essa resposta, pois afirma que o anúncio de revista é "fantástico para um sujeito que dispõe desse tempo...". A letra B apresenta uma generalização excessiva. Quanto à letra C, o texto não afirma que somente o texto rico em informações é capaz de convencer o leitor a comprar um produto; no entanto, a letra D confunde quantidade de informações com gosto estético e a letra E extrapola o texto.
2. C. O texto que explica, expõe dados, é o texto informativo. Já aquele que trata do funcionamento de algum objeto é o texto instrucional, que instrui o leitor a realizar algum tipo de ação. Eliminam-se, portanto, as outras alternativas.
3. A. Mais explicitamente no quarto parágrafo, o autor deixa clara a sua intenção de "vender uma ideia" – o outdoor ("Ótimo para anúncios institucionais ou promocionais de qualquer produto ou serviço"). Excluem-se automaticamente as outras opções.
4. E. O horóscopo, por ser um texto preditivo, é rico em previsões; o livro didático possui como meta ensinar; o dicionário é um texto que apresenta definições, conceitos; a bula de remédio, por ser um texto informativo, é rica em informações. Entretanto, o outdoor possui como característica principal a ausência de detalhes. A letra E contradiz o texto.

Texto X

1. E. O texto deve ser classificado como dissertativo didático – seu objetivo é ensinar o leitor como se processa uma entrevista. O único parágrafo que não apresenta tal tom didático, por veicular uma opinião do leitor, é o último: ele é o único parágrafo com características argumentativas.

Texto XI

1. B. Ao se falar em água insalubre, o autor antecipa a conotação negativa da água, que será tratada no texto, daí eliminarmos as letras A e C. Quanto à letra D, o título só anuncia um problema, não tendo, portanto, conteúdo trágico. A letra E é falsa, pois o assunto da Aids é mencionado no texto, não no título.
2. B. O texto tem como meta informar, acrescentar informações ao leitor acerca de um grave problema – a água.

Texto XII

1. B. O texto "Raízes" é um texto narrativo, composto de duas histórias – uma narrativa que se inicia na

linha 3, que é secundária, sobre uma pedreira – e uma narrativa principal, que é a base do texto, sobre uma inglesa de origem afegã. É a essa narrativa que o autor alude na 3ª linha, quando anuncia "a história que eu vou contar".

Texto XIII

1. C. O texto XIII é informativo, sua principal finalidade é informar sobre uma época em que o ser humano não sabia contar.

Texto XIV

1. B. O texto XIV é expositivo – ele expõe fatos, problemas. Além disso, o autor manifesta, ao longo de sua exposição, um tom de crítica. Entretanto, não podemos considerar o texto argumentativo, pois ele não vem defender uma tese – ele somente expõe evidências.

Texto XV

1. D. Ao solicitar segmento do texto em que o autor interfira no seu conteúdo, o que se pretende é um trecho que seja responsável pela organização da argumentação do texto, que é "fico então com as desvantagens". Aqui, o autor organiza o conteúdo textual, anunciando que a base argumentativa do texto é falar sobre as desvantagens do mundo virtual.
2. E. O texto é dissertativo argumentativo. Sua meta é defender a tese, devidamente explicitada em seu último parágrafo do texto: "Viver plugado a uma corrente de pessoas e informações...agride o que o ser humano tem de melhor e insubstituível...".

Textos XVI e XVII

1. A. Segundo o texto, o pai não chega a aprovar o comportamento do filho, apenas o aceita "ponderei o fato de meu filho não ser um veículo para que eu coloque em prática o meu projeto de ser humano". No entanto, a postura do filho é de aprovação, já que o piercing foi sua escolha.
2. E. Ambos os texto são narrativos – relatam acontecimentos.

Texto XVIII

1. A. O texto é dissertativo – nele o autor utiliza-se de abstrações, conceitos. Sua meta é falar sobre "a linha tênue e imprecisa que divide realidade e sonho, sanidade e loucura". Sendo assim, sua narrativa caracteriza-se como uma estratégia de discurso – seu objetivo é ilustrar o pensamento do autor.

Texto XIX

1. D. Ainda que o texto apresente muitas informações – dados estatísticos resultantes de pesquisas – sua meta é defender a urgência de "fazer o turista se sentir mais seguro no Rio".

Texto XX

1. A. O objetivo do texto é especular, conjecturar sobre a vida daqui a uma grande quantidade de anos. Vale observar que o autor não apresenta tom de certeza, precisão, daí não ser esse texto informativo. Da mesma forma, o texto não prevê o futuro, pelo contrário, ele é finalizado por meio de uma série de perguntas, questionamentos.

Texto XXI

1. C. O objetivo da autora é ensinar a diferença entre racismo, discriminação e preconceito. Atente aos detalhamentos do texto e à apresentação de definições – tudo isso confere um tom didático ao texto lido. Assim, eliminam-se as outras alternativas. A letra D é falsa, pois o texto vai além da tarefa de informar – ele pretende ensinar.

Texto XXII

1. D. A letra A não está correta, pois não se pode afirmar que os dados apresentados pelo texto sejam totalmente desconhecidos pelos leitores. Quanto à letra B, não se pode afirmar que o texto se utilize de suspense – o autor apresenta de imediato as informações ao leitor. Na letra C, não se pode afirmar, tratando-se de um texto informativo, que suas informações são fruto de opiniões do autor. A letra D está correta, pois apresenta uma característica marcante do texto informativo – seu conteúdo deve ter, ao menos presumidamente, conteúdo de interesse para o leitor. Quanto à letra E, o texto não trata de linguagem coloquial – o texto informativo deve ter linguagem simples, mas não informal.

Texto XXIII

1. D.

Texto XXIV

1. C. O texto é predominantemente dissertativo argumentativo. Sua meta é defender uma tese explicitada nos dois últimos parágrafos do texto – a de que o mandato de quatro anos "não pode servir de escudo no momento em que o agente público atue contra os superiores interesses da moralidade e da legalidade", bem como "a melhor forma de evitar constrangimentos futuros, na escolha de dirigentes com mandatos fixos, ainda é a observância dos critérios de competência técnica e de moralidade". Vale observar que, ainda que a argumentação predomine, pode-se observar no texto características expositivas (4º e 5º parágrafos), onde o autor expõe o que sabe sobre o assunto, assim como narrativas (2º e 3º parágrafos), em que o autor relata acontecimentos sobre o episódio Pitt.

Texto XXV

1. E. O texto deve ser classificado como dissertativo, pois discorre sobre um assunto apresentado no início e retomado ao final do texto: a originalidade da monarquia brasileira. Seu objetivo não é contar a história sobre a vinda da família real ao Brasil, mas de apresentar fatos que ilustrem essa hipótese. Dessa forma, eliminam-se as letras A e C. A letra B, ao utilizar o verbo "descreve", a banca insinua que o texto é descritivo, fato que não é verdadeiro. A letra D é falsa, pois o texto não defende a ideia de que "o mais importante são os antecedentes históricos imediatos".

Texto XXVI

1. D. O objetivo do texto é o de discorrer sobre as transformações do mundo moderno e o autor utiliza a secretária eletrônica como um símbolo de modernidade. Sendo assim, o texto deve ser caracterizado como predominantemente dissertativo opinativo. A narração é uma estratégia utilizada para ilustrar sua tese – uma maneira de ilustrar o seu pensamento.

Texto XXVII

1. A. O texto lido deve ser classificado como predominantemente dissertativo argumentativo. Seu objetivo é discorrer sobre as vantagens da geografia humana em detrimento da árida geografia física. Entretanto, os quatro últimos parágrafos apresentam uma narrativa, utilizada para ilustrar o pensamento apresentado pelo texto.

Texto XXVIII

1. A. Na passagem do verbo no pretérito imperfeito ("dirigia") ao pretérito perfeito ("foi assaltada"), assinalou-se uma mudança de um trecho descritivo, em que o autor caracterizava uma cena, a um texto narrativo, com evolução cronológica.
2. A. O trecho narrativo é utilizado para ilustrar a defesa de tese que será desenvolvida na sequência textual. Conta-se uma história primeiro, para se defender uma tese depois – a banalização da violência.

3. C. O texto deve ser classificado como dissertativo opinativo, ou argumentativo, pois sua intenção é discorrer sobre uma tese, já elucidada ao final do 1º parágrafo ("o que é a cultura da violência, sua nova feição no Brasil") e retomada ao final do texto ("a imoralidade da cultura da violência"). A narração, mesclada com descrição, apresentada no 1º parágrafo serviu apenas para ilustrar a tese do autor.

Texto XXIX

1. A. Esse texto é um bom exemplo de argumentação. Por meio de argumentos apresentados ao longo da dissertação, o autor pretende defender a tese de que o melhor é educar e não proibir ("Há um caminho simples: proibir. Há o caminho correto: educar.").

Texto XXX

1. A. O objetivo do texto é o de defender uma tese – a de que os objetivos fundamentais do art. 3º da Constituição valem como destinos a serem alcançados pelo Brasil. Eliminam-se as outras alternativas. Atente à letra D: a intenção do autor não é a de provocar polêmica, dividir opiniões, mas sim de defender seu posicionamento.

Texto XXXI

1. C. A intenção do autor é a de defender o seguinte argumento central: o ser humano possui atitudes opostas em relação ao estrangeiro – de aceitação e de recusa.

Texto XXXII

1. D. Apesar de apresentar traços informativos, o objetivo do texto é alertar, prevenir o leitor quanto às lesões músculo-esqueléticas.

Texto XXXIII

1. C. O objetivo do texto é apresentar a filosofia budista contrapondo-a às outras religiões – característica do texto polêmico.

Texto XXXIV

1. B. O discurso preditivo é marcado pelos verbos no futuro do presente ("Provavelmente não se descobrirá ainda..."; "... outras questões que hoje não são formuladas serão resolvidas"). Os trechos I e II não são preditivos, são informativos.

Texto XXXV

1. B. A intenção dos autores é nos ensinar a perceber a presença da arte em todos os detalhes da nossa vida. Além da intenção de ensinar, pode-se perceber neste texto a presença de substantivos e adjetivos e o detalhamento nas caracterizações da presença da arte.

Texto XXXVI

1. C. Característica marcante dos textos descritivos é a presença de elementos que caracterizam uma realidade (substantivos e adjetivos). Quanto à letra A, vale observar que o 1º parágrafo não relata acontecimentos, descreve uma cena. O fato de o texto não ser dissertativo elimina as alternativas B e E. Quanto à letra D, não se pode falar em citação de informações, pois o trecho não é informativo.
2. C. Eis um exemplo de intertextualidade por alusão. O autor faz menção a outro autor em seu texto.

Texto XXXVII

1. C O texto deve ser classificado como dissertativo argumentativo. Seu objetivo é o de defender uma tese – a de que "todos estamos nos tornando, hoje, mais desconfiados do que no passado".

2. D. Como já vimos, o texto descritivo é marcado por uma forte presença de substantivos e adjetivos, pois seu objetivo é o de caracterizar, qualificar. Quanto às letras A, B e C, pode-se observar aí características de textos narrativos. A letra E apresenta perfil de texto dissertativo.

Texto XXXVIII

1. D. Todas as características apresentadas na questão são de um texto informativo, exceto a de que ele apresenta informações que interessarão obrigatoriamente a todos. Trata-se de uma generalização excessiva.

Texto XXXIX

1.

a) Errada. O fato de o autor utilizar-se da 1ª pessoa do plural (nós) é uma forma de ele se incluir no texto, eis que se trata de problema que atinge a todos, mas não pode ser considerado um indício de que o texto seja pessoal, subjetivo.

b) Errada. No texto, há predominância da modalidade dissertativa – ele discorre sobre a questão energética.

c) Certa. Na linha 3 ao mencionar que a expansão agrícola desmatou a Europa Ocidental, indica que o mesmo aconteceu com a Amazônia, como se pode observar pelo trecho "como está ocorrendo hoje com a Amazônia".

d) Certa. De fato, a tese do texto é "a solução dos problemas ambientais depende do modo como se produz e consome energia". Tal informação retorna ao final do texto.

e) Certa. O texto analisa o problema da energia cuja reserva tem fim e sugere o investimento em energias renováveis.

Texto XL

1.

a) Errada. A argumentação do texto não se estrutura em torno de três textos, mas de dois: o eixo científico e tecnológico e o humanista.

b) Certa. De fato, essa é a tese, que aparece explicitada no último parágrafo do texto, com as palavras "Mas não consegue permitir que o potencial criado pela ciência e tecnologia seja usado com a eficiência desejada".

c) Errada. O texto é de fato predominantemente argumentativo, mas não se utilizam ilustrações temáticas (exemplos) nem trechos descritivos para fundamentar-se a tese.

d) Certa. Tal afirmativa reescreve a tese do texto, podendo, portanto, ser sua continuidade.

Texto XLI

1.

a) Certa. Ainda que apareçam trechos narrativos-descritivos, em que se relatam acontecimentos para ilustrar a tese, o objetivo maior do texto é o de discorrer sobre o crime como modo de vida.

b) Errada. Trata-se de discurso reproduzido de forma direta, por meio da utilização de aspas e de verbo elocucional ("respondeu M."). Entretanto, o texto não indica que tenham sido suas últimas palavras antes de sua morte, mas sim antes de ser hospitalizada.

c) Errada. De fato, há trechos descritivos, mas relativos às vítimas, não aos assaltantes.

Textos XLII e XLIII

1.

a) Certa. Os textos tratam do mesmo tema.

b) Certa. Ambos os textos seguem a estruturação de um texto dissertativo padrão: introdução com apresentação do tema e parágrafos de desenvolvimento seguidos de um parágrafo final conclusivo.

c) Certa. Apenas o texto XLIII trata do tema situando-o em relação ao tempo ("às vésperas do terceiro milênio") e espaço – o Brasil.

d) Certa. Além de os textos tratarem do mesmo assunto, eles o analisam sob o mesmo enfoque – a ausência dos pais e os conflitos por ela gerados.

Texto XLIV

1. B. A letra A está correta – o objetivo maior do texto é caracterizar Policarpo Quaresma. Ainda assim, há passagens narrativas, principalmente nos 2º e 4º parágrafos. A letra C está igualmente correta, eis que a presença do artigo na contração "da" em "em face da do Nilo", pressupõe o substantivo subentendido. A letra D está correta, pois o trecho apresenta uma linguagem mais arcaica, estilo que não predominou no texto. A letra E de fato indica uma alusão ao Sol. Já a letra B está errada, pois não há três ocorrências de discurso direto no texto: há somente duas, uma no antepenúltimo e outra no último.

Texto XLV

1.

a) Certa. De fato, essa é uma narrativa curta e concisa em torno de um único núcleo: a correspondência para Eduardo.

b) Errada. As aspas são o indício de que o discurso utilizado pelo narrador é direto.

c) Errada. Nos quatro últimos parágrafos, o que predomina é a narração.

Texto XLVI

1. E

a) Certa. A intenção maior do texto é relatar acontecimentos: a história do caseiro Raimundo das Chagas.

b) Certa. O autor inicia sua narrativa fazendo considerações, observações pessoais ("como a polícia não dá conta nem mesmo dos crimes contra o patrimônio"), mas do 2º parágrafo em diante inicia o seu relato.

c) Certa. O fato de o autor mencionar localidades que existem não faz de sua narrativa um acontecimento verídico.

d) Certa. Nos parágrafos 5 e 7, o narrador descreve o ladrão ("o rapaz era franzino, pouco mais que um menino"), ("O tal não trabalhava, vivia encostado na casa da mãe, na rua de baixo, e era suspeito de vários outros furtos nas proximidades.").

e) Errada. Não há diálogo, o que se vê aqui é um pensamento do personagem.

Texto XLVII

1.

a) Certa. A alternativa é a reescritura do início do texto ("o explícito entusiasmo de enfrentar o desafio de incrementar as exportações brasileiras"; "Nossa prioridade é o Mercosul".).

b) Certa. De fato, o objetivo do 2º parágrafo é de enumerar a agenda de definições e atos do governo federal, devidamente reescritas na alternativa.

c) Errada. O terceiro parágrafo não narra, ele discorre, discute um assunto por meio de um exemplo.

d) Errada. O quarto parágrafo é dissertativo, ele não descreve, mas sim discute um assunto o vasto mercado da América do Sul.

e) Certa. De fato, a tese do texto vem explicitada no seu final, quando o autor alude à necessidade de se realizarem de imediato ações de incremento às exportações.

Texto XLVIII

1. A. No texto, o autor diz que "A quem passe a vida na mesma casa de família, ... é que se lhe grava tudo pela continuidade e repetição".
2. B. Todas as outras alternativas são exemplos de trechos dissertativos, abstrações, conceitos. Somente a alternativa B relata um acontecimento da vida do narrador.

Texto XLIX

1. D. A supressão dos parágrafos descritivos não prejudicaria a compreensão da história, daí eliminarmos as alternativas A e B. Quanto à letra C, vale observar que os parágrafos descrevem apenas uma personagem – sua heroína. A letra E vai além da realidade, ao julgar que tais parágrafos apresentam informações sem importância para a história. A resposta correta é a letra D, pois o objetivo dos parágrafos era o de descrever a personagem principal do texto.
2. D. Ainda que o autor não apresente de imediato a heroína no texto, percebe-se que sua intenção inicial era a de apresentá-la ("Não há hesitação possível: vou apresentar-lhes Miss Dollar.")
3. B. O objetivo do texto é descrever a personagem Miss Dollar, que é uma cadelinha galga.
4. B. O item I apresenta passagem opinativa, por meio da expressão "era conveniente". O mesmo ocorre com o item II, por meio do trecho "linhas reverberantes de promessa". Já o item III não apresenta opinião, apenas um fato.

Texto L

1. C. Todas as alternativas estão corretas, exceto esta. O terceiro parágrafo é dissertativo; ele discorre sobre um assunto – a globalização como uma "simultaneidade totalizante". Daí a alternativa estar errada: o autor não apresenta o assunto de forma descritiva, mas sim dissertativa.

Texto LI

1. A. A alternativa A é a paráfrase do 1º parágrafo ("O laudo médico-pericial é utilizado como prova técnica, devendo estar isento de tendências, vícios e distorções – condição básica para atingir seu objetivo principal: descrever e interpretar fatos médicos para a correta aplicação da justiça"). Neste parágrafo, apresentam-se as funções (prova técnica), característica (isento de tendências, vícios e distorções) e objetivo (descrever e interpretar fatos médicos). A letra B está errada, pois o 2º parágrafo não relata acontecimentos – ele discorre sobre a necessidade de uma postura respeitosa por parte do médico-legista. Quanto à letra C, encontra-se de imediato um erro ao se afirmar que o parágrafo 3 narra os princípios da Resolução CFM: não há narrativa, há exposição do que se sabe sobre a Resolução. Já a letra D apresenta erro ao afirmar que a argumentação que finaliza o texto é imparcial: pelo contrário, se o autor opina, suas ideias são apresentadas de forma parcial no texto.

Texto LII

1. D. O texto é dissertativo – nele o autor discorre sobre o tempo como estrela do espetáculo em um anfiteatro do artista ("onde o tempo é a grande estrela"). A letra A extrapola o que o texto afirma, pois não se falou no tempo como "um inimigo implacável" do artista. A letra B erra ao falar sobre a imaginação do artista – trata-se da imaginação do autor e também não há divergências entre ela e a ação do tempo. Quanto à letra C, o erro está no fato de que o texto não objetiva narrar acontecimentos vividos por um artista, mas abstrair sobre um tema – a ação do tempo.

Texto LIII

1.

a) Certa. O objetivo do parágrafo é relatar acontecimentos: a campanha de Betinho contra a fome e a miséria (“Em pouco tempo, você fez de si novidade e da fome, notícia”).

b) Certa. O segundo parágrafo tem como objetivo apresentar a dualidade da campanha de Betinho, apresentando características expositivas.

1 Os exemplos utilizados para explicar como se constrói uma narrativa são tirados de um mesmo texto de Ziraldo.

24 ESTRUTURAÇÃO ARGUMENTATIVA

24.1. TEORIA RESUMIDA

Muitas provas de concursos públicos, além de buscarem do aluno seu conhecimento acerca da classificação dos textos, como narrativos, descritivos ou dissertativos, esperam que o candidato esteja apto a achar a tese de um texto dissertativo, resumir seus parágrafos, buscar uma assertiva que seja capaz de concluir tal texto, entre outros conceitos. Para isso, é preciso que o aluno domine as técnicas de estruturação argumentativa. Para esse tipo de questão, é preciso que você esteja apto a desvendar a estruturação de um texto dissertativo: achar sua tese, buscar em cada parágrafo o seu tópico frasal, entender como foram estruturados sua introdução, desenvolvimento e conclusão. Enfim, agregar conhecimentos que ajudarão você inclusive a redigir melhor, pois, ao observar os textos das provas, será possível entender as técnicas que se utilizam em produção textual. **Redigir é ato que deriva da leitura.**

Nosso próximo passo é ensinar você a desvendar as artimanhas de um texto dissertativo, que é a modalidade que mais aparece nas provas de concursos públicos. A partir daí, você estará apto a resolver questões que são as *preferidas* de bancas como Cespe, Esaf e FCC. Vamos lá?

Compreender um texto é muito mais que juntar palavras, frases. É depreender da leitura seu sentido maior, ultrapassando sua superfície. Uma boa maneira de interpretar um texto é buscar nele suas principais ideias, observando como foram estruturadas na argumentação.

Inicialmente, deparamo-nos com o **TEMA** sobre o qual repousa a discussão do texto. Caracteriza-se, portanto, por ser o assunto, o motivo da argumentação. Eis aí a diferença entre tema e tese. **A TESE** caracteriza-se por ser a tomada de posição do autor em relação ao tema e aparece, em um texto padrão, no 1º parágrafo. Será ela não só a ideia central do 1º parágrafo, ou **INTRODUÇÃO**, mas do texto em sua totalidade, o qual terá como compromisso desenvolver argumentos que a comprovem.

Nos parágrafos seguintes – que estruturarão o **DESENVOLVIMENTO** –, observa-se a presença dos **TÓPICOS FRASAIS**, que são os argumentos centrais de cada parágrafo. Serão eles desenvolvidos das mais variadas formas: apresentação de relações de causa e efeito, utilização de exemplos, comparações, analogias, dados estatísticos, testemunhos de autoridade etc.

Por fim, o último parágrafo, ou **CONCLUSÃO**, surge no texto representando a retomada da tese. É

neste momento que, em geral, o autor externa suas opiniões, críticas, ou ainda sugestões sobre a discussão desenvolvida em sua dissertação, finalizando-se, assim, o ciclo textual.

Texto comentado

QUALIDADE DE VIDA Estudo de uma tipologia textual – Educação/UFRJ É de conhecimento geral que a qualidade de vida nas regiões rurais é, em alguns aspectos, superior à da zona urbana1, porque no campo inexiste a agitação das grandes metrópoles2, há maiores possibilidades de
se obterem alimentos adequados3 e, além do mais, as pessoas dispõem de maior tempo para estabelecer relações humanas mais profundas e duradouras4. Ninguém desconhece que o ritmo de trabalho de uma metrópole é intenso5. O espírito de concorrência, a busca de se obter uma melhor qualificação profissional, enfim, a conquista de novos espaços lança o ambiente urbano em meio a um turbilhão de constantes solicitações. Esse ritmo excessivamente intenso torna a vida bastante agitada, ao contrário do que se poderia dizer sobre os moradores da zona rural. Por outro lado, nas áreas campestres há maior qualidade de alimentos saudáveis6. Em contrapartida, o homem da cidade costuma receber gêneros alimentícios colhidos antes do tempo de maturação, para garantir maior durabilidade durante o período de transporte e comercialização. Ainda convém lembrar a maneira como as pessoas se relacionam nas zonas rurais7. Ela difere da convivência habitual estabelecida pelos habitantes metropolitanos. Os moradores das grandes cidades, pelos fatos já expostos, de pouco tempo dispõem para alimentar relações humanas mais profundas. Por isso tudo, entendemos que a zona rural proporciona a seus habitantes maiores possibilidades de viver com tranquilidade8. Só nos resta esperar que as dificuldades que afligem os habitantes metropolitanos não venham a se agravar com o passar do tempo9.

24.1.1. O parágrafo argumentativo

Segundo Othon M. Garcia, "o parágrafo é uma unidade de composição constituída por um ou mais de um período, em que se desenvolve determinada ideia central, ou nuclear, a que se agregam outras, secundárias, intimamente relacionadas pelo sentido e logicamente decorrente dela". O parágrafo seria, portanto, uma espécie de minitexto em que se poderia destacar – exatamente como se faz no texto argumentativo padrão – ao menos dois momentos: introdução (apresentação do argumento) e desenvolvimento (fundamentação do argumento), sendo a conclusão, portanto, facultativa.

Conhecer o parágrafo padrão seria fundamental ao leitor, já que diante de um texto curto – de apenas um parágrafo – poder-se-ia analisá-lo como um texto argumentativo padrão. E na hipótese de o aluno estar diante de um texto composto de mais de um parágrafo, analisar cada um separadamente lhe garantiria o método necessário para a intelecção do que está escrito.

24.1.2. O tópico frasal

Inicialmente, vale lembrar que **tópico frasal** é a ideia ou argumento central do parágrafo, apresentada de forma genérica. É a ideia-chave, a síntese do pensamento, a essência do parágrafo. Tudo que se afirma no parágrafo girará, portanto, em torno da fundamentação do tópico frasal.

No texto padrão, o tópico frasal inicia o parágrafo e na sequência vem a sua fundamentação. Esse é o método dedutivo de raciocínio, em que o autor parte da generalização para o seu detalhamento (GERAL

→ ESPECÍFICO).

Ex.: Conclui-se, sem esforço e sem exagero, que, **no Brasil, registram-se duas grandes falhas**: a) há um excesso na importação de produtos culturais; b) falta discernimento na escolha, havendo uma preferência, da parte dos empresários e, em consequência, da parte do consumidor – na TV, nos livros, na música – por coisas de nível inferior, pelo lixo cultural da época.

Pode também o parágrafo apresentar seu argumento principal no início ou no fim da argumentação. Aqui, o autor parte das definições, exemplos, comparações, dados estatísticos, para, na sequência, apresentar o tópico frasal. São parágrafos menos comuns, pautados no método indutivo de raciocínio (ESPECÍFICO → GERAL).

Ex.: Pesquisa da CNTE (Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação), realizada em 2003, mostrou que 51,1% dos professores em atividade estavam na faixa dos 40 aos 59 anos, e 38,4% tinham entre 25 e 39 anos. Só 2,9% se encontravam na categoria entre 19 e 24 anos. A pergunta inescapável é: **quem vai substituir os atuais mestres à medida que eles forem se aposentando?**

Além disso, o tópico frasal pode não ser explicitado claramente no texto. Ele pode estar diluído ao longo da argumentação, cabendo ao leitor juntar-lhe os segmentos e dar-lhe forma.

Ex.: As estimativas variam, mas podemos arriscar que há 50 milhões de brasileiros **abaixo da linha da pobreza**, cerca de 21,3 milhões de indigentes (com renda abaixo de R$ 60,00 por mês). Quarenta e cinco por cento deles são menores de 16 anos. E mais de 3 milhões de crianças até 6 anos não contam com alimentação adequada. Trinta e três por cento dos pobres das regiões urbanas têm até quatro anos de idade.

Nesse exemplo, o objetivo do parágrafo era criticar a situação de pobreza em que vive grande parte dos brasileiros. Os dados estatísticos apresentados seriam, portanto, capazes de induzir o leitor a compreender tal mensagem.

24.1.3. A estruturação do parágrafo argumentativo

De modo geral, o parágrafo de dissertação deve ser uma unidade completa de informação, sendo, portanto, constituído de:

1. uma ideia-núcleo (ou tópico frasal) – em geral apresentada no início do parágrafo;
2. desenvolvimento dessa ideia, que é então devidamente especificada, fundamentada, justificada

logo a seguir;

3. conclusão, a qual se caracteriza por ser facultativa, representada, em geral, pela retomada do tópico frasal ou a apresentação da ideia-núcleo do parágrafo seguinte.

Ex.: "O governo federal foca seus esforços no aumento das exportações brasileiras e na direção certa, mas há um alvo maior e possível: a América do Sul. **(1)** Há uma agenda aguardando definição e atos, particularmente no que diz respeito aos juros. Espera-se também uma maior disponibilidade de recursos nos programas de fomento às exportações; uma reforma tributária, que é urgente e um aperfeiçoamento da legislação trabalhista. (...) **(2)** Esse conjunto de fatores – enquanto não definidos ou implementados – é que torna as empresas brasileiras vulneráveis no jogo do comércio internacional. Mas a questão da América do Sul merece uma análise especial. **(3)**"

24.1.4. Análise da estruturação do parágrafo

(1) Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal:

O governo federal foca seus esforços no aumento das exportações brasileiras e na direção certa, mas <u>há uma agenda aguardando definições e atos</u>,

(2) Desenvolvimento do parágrafo enumeração de detalhes:

(...) particularmente no que diz respeito aos juros – que precisam ser reduzidos a patamares compatíveis com os praticados nos lugares do mundo onde nossos concorrentes se financiam. Espera-se também uma maior disponibilidade de recursos nos programas de fomento às exportações; uma reforma tributária, que é urgente; um aperfeiçoamento da legislação trabalhista e uma ampliação e melhoria da infraestrutura nacional, principalmente no setor de transportes.

(3) Conclusão do parágrafo com reafirmação do tópico frasal e apresentação de consequências:

Esse conjunto de fatores – enquanto não definidos e implementados – é que torna as empresas brasileiras vulneráveis no jogo do comércio internacional.

24.1.5. Como expandir o parágrafo

Desenvolver o parágrafo significa expandir sua ideia-núcleo, de modo a torná-lo claro e bem fundamentado. Tal fundamentação pode ocorrer por diversos critérios, lembrando que, em um único parágrafo, o autor pode utilizar mais de um artifício na busca da maneira mais convincente de se expressar.

A seguir, observaremos algumas formas de se desenvolver o tópico frasal (a ideia-núcleo).

1. Enumeração ou descrição de detalhes

Neste caso, a ideia-núcleo é especificada por meio de detalhes, pormenores. Estabelece-se, portanto, uma explanação da ideia-núcleo, que é então desenvolvida, de modo a aprofundar a discussão iniciada pelo tópico frasal.

Ex.: Quem caminha pelos mais de 70 quilômetros de praia da Ilha Comprida, no litoral sul de São Paulo, pode perceber uma paisagem peculiar **(tópico frasal).** Em meio às dunas da restinga, onde deveria existir apenas vegetação rasteira, grandes pinheiros brotam por toda parte. A sombra das árvores é um bem-vindo refresco para os moradores da região, mas a verdade ecológica é que elas não deveriam estar ali – assim como os pombos não deveriam estar nas praças das cidades, nem as tilápias nas águas dos rios, nem o mosquito da dengue picando pessoas dentro de casa ou as moscas varejeiras rondando raspas de frutas nas feiras.

2. Estabelecimento de comparação (paralelo e contraste)

É o estabelecimento de um <u>contraste</u> (que enfoca as diferenças) ou um <u>paralelo</u> (que destaca as semelhanças) entre ideias, seres, fatos etc.

Ex.: Mas os saberes científicos têm uma característica inescapável: os enunciados que produzem são necessariamente provisórios, estão sempre sujeitos à superação e à renovação **(tópico frasal)**. Outros exercícios do espírito humano, como a cogitação filosófica, a inspiração poética ou a exaltação mística poderão talvez aspirar a pronunciar verdades últimas; as ciências só podem pretender formular verdades transitórias, sempre inacabadas.

3. Apresentação de causas e/ou consequências

Aqui, ou o tópico frasal é a causa e seu desenvolvimento expõe suas consequências, ou será ele a consequência e o restante do parágrafo desenvolverá suas causas.

Ex.: A educação é uma função tão natural e universal da comunidade humana que, pela própria evidência, **(tópico frasal)** leva muito tempo a atingir a plena consciência daqueles que a recebem e praticam, sendo, por isso, relativamente tardio o seu primeiro vestígio na tradição literária **(consequências)**.

4. Apresentação de explicação ou esclarecimento

Neste caso, elucida-se o tópico frasal, quando este apresenta certa obscuridade, uma necessidade de

maior clareza.

Ex.: As discussões sobre a liberdade assentam necessariamente e em princípio na negação de suas próprias bases possibilitadoras **(tópico frasal)**. Quero dizer que o único pressuposto histórico viável para que se possa instaurar a inteireza do entendimento da questão está na ausência de liberdade.

5. Utilização de exemplos

Os exemplos caracterizam-se como uma maneira bem elucidativa de concretizar o que há de abstrato no tópico frasal. Seguindo esse critério, o parágrafo se desenvolve por meio da ilustração da ideia-núcleo, constituindo-se em uma das formas mais simples de se demonstrar aquilo que se afirma.

Ex.: Dependendo das circunstâncias, as espécies invasoras podem ser meras "imigrantes" inofensivas ou invasoras altamente nocivas **(tópico frasal).** Dentro do sistema produtivo, por exemplo, o búfalo e o pinus são apenas espécies exóticas. Quando escapam para a natureza, entretanto, muitas vezes tornam-se organismos nocivos aos ecossistemas "naturais".

6. Divisão ou explanação das ideias em cadeia

Nesse tipo de fundamentação de tópico frasal, o autor divide sua ideia inicialmente apresentada em duas ou mais partes, e, na sequência, as explana, cada uma a seu momento. Essa explanação em cadeia pode durar o parágrafo inteiro ou pode avançar ao longo do texto, dependendo da dimensão da discussão.

Ex.: As cidades em processo rápido de crescimento no Brasil indicam pelo menos três modalidades de crescimento dos organismos urbanos **(tópico frasal)**: <u>um crescimento horizontal</u> por partilha de espaços de antigas chácaras ou glebas congeladas para especulação, de dinâmica similar a uma mancha de óleo em expansão; <u>um crescimento vertical</u>, à custa de edifícios de muitos andares, aproveitando as facilidades aparentes dos espaços centrais e subcentrais das cidades de porte médio, acumulando funções residenciais em uma área de permanência duvidosa para tais funções; e, por fim, <u>mecanismo de maior gravidade</u>, a partilha de glebas situadas em posições descontínuas, a quilômetros de distância da área central, inicialmente semi-isoladas no meio de sítios e fazendas, os quais, por sua vez, são espaços potenciais para loteamentos ulteriores e instalações de unidades industriais, com eliminação quase total das funções agrárias que responderam pelo crescimento e a riqueza iniciais da própria cidade.

Para se ter uma ideia da importância que o tópico frasal possui em relação a tudo que se enuncia no restante do parágrafo, observemos um dos sermões de Padre Antônio Vieira:

(...) O sermão há de ser duma só cor, há de ter um só objeto, um só assunto, uma só matéria.

Há de tomar o pregador uma só matéria, há de defini-la para que se conheça, há de dividi-la para que se distinga, há de prová-la com a Escritura, há de declará-la com a razão, há de confirmá-la com o exemplo, há de amplificá-la com as causas, com os efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências que se hão de seguir, com os inconvenientes que se há de evitar, há de responder às dúvidas, há de satisfazer às dificuldades, há de impugnar e refutar com toda a força da eloquência os argumentos contrários, e depois disto há de colher, há de apertar, há de concluir, há de persuadir, há de acabar. Isto é sermão, isto é pregar, e o que não é isto, é falar de mais alto. Não nego nem quero dizer que o sermão não haja de ter variedade de discursos, mas esses hão de nascer todos da mesma matéria, e continuar e acabar nela.

(Sermão da Sexagésima. In: Os sermões. São Paulo, Difel, 1968. VI, p. 99.)

Ter uma só cor, um só objeto significa abordar a mesma ideia, ter um argumento como central, que em geral se apresenta no início do parágrafo. Posteriormente a essa introdução vem a fase do desenvolvimento em que o autor utiliza artifícios para comprovar seu argumento: definições ("há de defini-la para que se distinga"), testemunhos de autoridade ("há de prová-la com a Escritura"), explicações e esclarecimentos ("há de declará-la com a razão"), utilização de exemplos ("há de confirmá-la com o exemplo"), apresentação de causas ou efeito e outras relações semânticas – finalidade, tempo, concessão, condição. Por fim, surge a conclusão, em que o autor retoma o argumento que iniciou o parágrafo, optando ou não por acrescentar seu juízo de valor ("e depois disto há de colher, há de apertar, há de concluir, há de persuadir").

Conhecer a estruturação de um texto argumentativo constitui, portanto, uma forma de o aluno ir além da estrutura superficial do texto, compreendendo-o de fato. Com isso, o tempo de resolução de prova também diminui, pois o candidato não precisaria reler todo o texto a cada questão objetiva.

A seguir, as etapas de intelecção de um texto de prova aqui propostas:

1. Ler o texto do início ao fim para saber do que se trata.
2. Ir às questões objetivas, procurando resolver primeiramente aquelas que se refiram exclusivamente à gramática.
3. Voltar ao texto, sublinhando suas principais ideias – tese, argumentos.

4. Evidenciar as relações entre as ideias no texto – vincular por meio de setas cada exemplo, testemunho de autoridade, comparação etc. ao seu tópico frasal.
5. Voltar às questões da prova, agora com as ideias do texto já relacionadas entre si, podendo recorrer a elas com mais rapidez.

Bem, hora de treinar... Vamos verificar se você já consegue analisar os parágrafos, desvendando a forma como foram estruturados na argumentação. Assim, você não só aprenderá a ler os textos dissertativos com mais técnica, como também já estará se preparando para fazer redações. Aproveite os comentários!

24.2. EXEMPLOS COMENTADOS

Os trechos a seguir foram retirados de textos concursos públicos. Constitui cada qual uma única linha de raciocínio que apresenta as frases organizadas em torno de um tópico frasal, voltadas para um único fim: desenvolver ou retomar a ideia-núcleo, aumentando-lhe a compreensão.

Desta forma, destaque suas **ideias-núcleo**, indicando o seu **desenvolvimento** e, caso haja, sua **conclusão**. Analise também a(s) forma(s) como foram desenvolvidos os tópicos frasais ao longo dos parágrafos.

1. Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos. Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitar e dar afeto.

   Comentários:

   Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: “Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana”. Desenvolvimento do parágrafo com enumeração de exemplos: “Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos”. Conclusão do parágrafo com retomada do tópico frasal e acréscimo de consequências: “Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da

solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitar e dar afeto".

2. No início deste período, o homem inventou a escrita, graças à qual os conhecimentos venceram o tempo e o espaço. Venceram o tempo, pois, as experiências acumuladas puderam, sob a forma escrita, ser transmitidas com precisão às gerações seguintes. Venceram o espaço, pois os conhecimentos passaram a ser transportados de um lugar para o outro em papiros, papéis e demais materiais desenvolvidos para a fixação da escrita. Com o registro e com a circulação da informação, o homem se beneficiou de um crescente repertório de experiências, as quais lhe permitiram inventar mais, e mais facilmente.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "No início deste período, o homem inventou a escrita, graças à qual os conhecimentos venceram o tempo e o espaço". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de explicações: "Venceram o tempo, pois, as experiências acumuladas puderam, sob a forma escrita, ser transmitidas com precisão às gerações seguintes. Venceram o espaço, pois os conhecimentos passaram a ser transportados de um lugar para o outro em papiros, papéis e demais materiais desenvolvidos para a fixação da escrita". Conclusão do parágrafo com retomada do tópico frasal e acréscimo de consequências: "Com o registro e com a circulação da informação, o homem se beneficiou de um crescente repertório de experiências, as quais lhe permitiram inventar mais, e mais facilmente".

3. Algumas pessoas refugiam-se nas drogas na tentativa de esquecer seus problemas. Em função disso, acabam tornando-se dependentes dos psicotrópicos dos quais se utilizam e, na maioria das vezes, transformam-se em pessoas inúteis para si mesmas e para a comunidade.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Algumas pessoas refugiam-se nas drogas na tentativa de esquecer seus problemas". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação consequências: "Em função disso, acabam tornando-se dependentes dos psicotrópicos dos quais se utilizam e, na maioria das vezes, transformam-se em pessoas inúteis para si mesmas e para a comunidade". Parágrafo sem conclusão.

4. Só o esforço conjunto de toda a nação brasileira conseguirá vencer os gravíssimos problemas econômicos, por todos há muito conhecidos. Quaisquer medidas econômicas, por si sós, não são capazes de alterar a realidade, se as autoridades que as elaboram não contarem com o apoio da

opinião pública, em meio a uma comunidade de cidadãos conscientes.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: “Só o esforço conjunto de toda a nação brasileira conseguirá vencer os gravíssimos problemas econômicos, por todos há muito conhecidos”. Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento: “Quaisquer medidas econômicas, por si sós, não são capazes de alterar a realidade, se as autoridades que as elaboram não contarem com o apoio da opinião pública, em meio a uma comunidade de cidadãos conscientes”. Parágrafo sem conclusão.

5. Liderança é um aspecto da personalidade, uma característica que alguns indivíduos têm e outros não. Por definição, bons líderes são pessoas diferentes da média. Eles têm mais determinação do que outros. Sua presença é tão marcante que ficam na memória das pessoas. Por isso, liderança não é para qualquer um, é um dom.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: “Liderança é um aspecto da personalidade, uma característica que alguns indivíduos têm e outros não”. Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de definição/esclarecimento: “Por definição, bons líderes são pessoas diferentes da média. Eles têm mais determinação do que outros. Sua presença é tão marcante que ficam na memória das pessoas”. Conclusão do parágrafo com retomada do tópico frasal: “Por isso, liderança não é para qualquer um, é um dom”.

6. Há muitos tipos de líder, e gosto de destacar três. A primeira categoria é dos líderes que marcam diferença por serem grande estrategistas, objetivos e com visão de futuro. O legado deles é o método. O segundo tipo tem forte poder intelectual, mergulha com intensidade nas questões teóricas, disseca e diagnostica problemas como ninguém. São líderes que deixam ideias originais, com marca própria. E um terceiro tipo chamo de líderes inspiradores. Eles entendem as demandas do povo, suas paixões, conseguem entender emocionalmente as pessoas. Os maiores líderes da história têm força porque reúnem método, intelecto e habilidade de tocar nos sentimentos de seus liderados.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: “Há muitos tipos de líder, e gosto de destacar três”. Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de enumeração de detalhes: “A

primeira categoria é dos líderes que marcam diferença por serem grande estrategistas, objetivos e com visão de futuro. O legado deles é o método. O segundo tipo tem forte poder intelectual, mergulha com intensidade nas questões teóricas, disseca e diagnostica problemas como ninguém. São líderes que deixam ideias originais, com marca própria. E um terceiro tipo chamo de líderes inspiradores. Eles entendem as demandas do povo, suas paixões, conseguem entender emocionalmente as pessoas". Conclusão do parágrafo com retomada do tópico frasal e acréscimo de opinião do autor: "Os maiores líderes da história têm força porque reúnem método, intelecto e habilidade de tocar nos sentimentos de seus liderados".

7. O homem hoje em dia desenvolveu para tudo que costumava fazer com o próprio corpo, extensões ou prolongamentos desse mesmo corpo. A evolução de suas armas começa pelos dentes e punhos e termina com a bomba atômica. Indumentária e casas são extensões dos mecanismos biológicos de controle da temperatura do corpo. A mobília substitui o acocorar-se e sentar-se no chão. Instrumentos mecânicos, lentes, televisão, telefones e livros que levam a voz através do tempo e do espaço constituem exemplos de extensões materiais. Dinheiro é meio de estender os benefícios e de armazenar trabalho. Nosso sistema de transporte faz agora o que costumávamos fazer com os pés e as costas. De fato, podemos tratar de todas as coisas materiais feitas pelo homem como extensões ou prolongamentos do que ele fazia com o corpo ou com alguma parte especializada do corpo.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "O homem hoje em dia desenvolveu para tudo que costumava fazer com o próprio corpo, extensões ou prolongamentos desse mesmo corpo". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de exemplos: "A evolução de suas armas começa pelos dentes e punhos e termina com a bomba atômica. Indumentária e casas são extensões dos mecanismos biológicos de controle da temperatura do corpo. A mobília substitui o acocorar-se e sentar-se no chão. Instrumentos mecânicos, lentes, televisão, telefones e livros que levam a voz através do tempo e do espaço constituem exemplos de extensões materiais. Dinheiro é meio de estender os benefícios e de armazenar trabalho. Nosso sistema de transporte faz agora o que costumávamos fazer com os pés e as costas". Conclusão do parágrafo com reafirmação do tópico frasal: "De fato, podemos tratar de todas as coisas materiais feitas pelo homem como extensões ou prolongamentos do que ele fazia com o corpo ou com alguma parte especializada do corpo".

8. Existe uma grande diferença entre a entrevista e a conversa informal entre duas pessoas. É

necessário saber distinguir quando o diálogo informal é uma introdução e quando ela perde as características, acabando por se transformar numa palestra inconsistente, tomando tempo e prejudicando o processamento da entrevista propriamente dita.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Existe uma grande diferença entre a entrevista e a conversa informal entre duas pessoas". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento: "É necessário saber distinguir quando o diálogo informal é uma introdução e quando ela perde as características". Conclusão do parágrafo com apresentação de consequências: "acabando por se transformar numa palestra inconsistente, tomando tempo e prejudicando o processamento da entrevista propriamente dita".

9. Estudo do Pacific Institute of Oakland, na Califórnia, prevê que 76 milhões de pessoas morrerão de doenças relacionadas à água até 2020. As crianças serão as mais afetadas por males causados pelo uso e ingestão de água contaminada. No mesmo período, serão registrados 65 milhões de casos fatais em consequência da Aids em todo o mundo.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Estudo do Pacific Institute of Oakland, na Califórnia, prevê que 76 milhões de pessoas morrerão de doenças relacionadas à água até 2020". Desenvolvimento do parágrafo com enumeração de detalhes e estabelecimento de comparação: "As crianças serão as mais afetadas por males causados pelo uso e ingestão de água contaminada. No mesmo período, serão registrados 65 milhões de casos fatais em consequência da Aids em todo o mundo". Parágrafo sem conclusão.

10. O Estatuto do Desarmamento, aprovado no fim do ano, e ainda em fase de regulamentação, surgiu por uma questão de sobrevivência. O contexto que deflagrou o movimento político pelo endurecimento da legislação sobre armas é no mínimo dramático. Em 20 anos, de 1980 a 2000, conforme estudo do IBGE, 600 mil brasileiros foram assassinados, uma média de 30 mil por ano.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "O Estatuto do Desarmamento, aprovado no fim do ano, e ainda em fase de regulamentação, surgiu por uma questão de sobrevivência". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento e dados estatísticos: "O contexto que deflagrou o movimento político pelo endurecimento da legislação

sobre armas é no mínimo dramático. Em 20 anos, de 1980 a 2000, conforme estudo do IBGE, 600 mil brasileiros foram assassinados, uma média de 30 mil por ano". Parágrafo sem conclusão.

11. O resultado foi a banalização do uso e do porte de armas e, como consequência, milhares de tragédias no cotidiano. Essa banalização impulsionou as estatísticas sobre violência: o número de homicídios, nesse período de vinte anos, aumentou 130%. E pior: a grande maioria das vítimas tem sido de jovens de 15 a 24 anos. Assim, famílias se desestabilizam e o futuro é cortado pela raiz.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "O resultado foi a banalização do uso e do porte de armas e, como consequência, milhares de tragédias no cotidiano". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de dados estatísticos: "O resultado foi a banalização do uso e do porte de armas e, como consequência, milhares de tragédias no cotidiano". Conclusão do parágrafo com apresentação de consequências: "Assim, famílias se desestabilizam e o futuro é cortado pela raiz".

12. Inúmeras hordas "primitivas" se encontram, ainda hoje, nesse "grau zero" – se assim podemos dizer – quanto ao conhecimento dos números. É, por exemplo, o caso dos zulus e dos pigmeus, da África, dos aranda e dos kamilarai, da Austrália, dos aborígenes das Ilhas Murray e dos botocudos, do Brasil. "Um", "dois" e... "muitos" constituem as únicas grandezas numéricas desses indígenas que ainda vivem na Idade da Pedra.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Inúmeras hordas 'primitivas' se encontram, ainda hoje, nesse 'grau zero' – se assim podemos dizer – quanto ao conhecimento dos números". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de exemplos: "É, por exemplo, o caso dos zulus e dos pigmeus, da África, dos aranda e dos kamilarai, da Austrália, dos aborígenes das Ilhas Murray e dos botocudos, do Brasil". Conclusão do parágrafo com correlação entre o exemplo fornecido e o tópico frasal: "'Um', 'dois' e... 'muitos' constituem as únicas grandezas numéricas desses indígenas que ainda vivem na Idade da Pedra".

13. Pois bem. Observemos como se transformou a vida humana. Em 99% desses 500 mil anos, alterou-se relativamente pouco. O homem aprendeu a fazer algumas ferramentas e armas com paus e pedras, a pintar na parede das cavernas e a plantar e colher. A partir de um grito primordial, conseguiu ainda desenvolver a fala, graças à qual pôde conversar, exprimir sentimentos e melhor compartilhar experiências com os membros do grupo. De qualquer modo, foi ainda bem pouco para

quase cinco centenas de milhares de anos.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: “Pois bem. Observemos como se transformou a vida humana”. Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de exemplos, bem como relação de causa e efeito: “O homem aprendeu a fazer algumas ferramentas e armas com paus e pedras, a pintar na parede das cavernas e a plantar e colher. A partir de um grito primordial, conseguiu ainda desenvolver a fala, graças à qual pôde conversar, exprimir sentimentos e melhor compartilhar experiências com os membros do grupo”. Conclusão do parágrafo com reafirmação do tópico

14. A favor da mesma tese, poderíamos dizer que, muitas vezes, a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público. Inúmeros esforços publicitários não resultam em nada. Continuemos no campo das substancias ilícitas. Existem insistentes campanhas antidrogas nos meios de comunicação, algumas um tanto soporíferas, outras mais terroristas, e todas fracassam. Moral da história? Nem que seja para consumir produtos químicos ilegais, ainda somos minimamente livres diante do poder da mídia. Temos alguma autonomia para formar nossas decisões.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: “A favor da mesma tese, poderíamos dizer que, muitas vezes, a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público”. Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento e exemplos: “Inúmeros esforços publicitários não resultam em nada. Continuemos no campo das substancias ilícitas. Existem insistentes campanhas antidrogas nos meios de comunicação, algumas um tanto soporíferas, outras mais terroristas, e todas fracassam”. Conclusão do parágrafo com correlação entre o exemplo fornecido e o tópico frasal: “Moral da história? Nem que seja para consumir produtos químicos ilegais, ainda somos minimamente livres diante do poder da mídia. Temos alguma autonomia para formar nossas decisões”.

15. O terceiro e o quarto objetivos fundamentais, previstos no artigo 3º, são projetos de um sonho estratosférico. Erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir desigualdades sociais e regionais é trabalho para séculos. Não há nação do mundo sem faixas de miserabilidades – nem as mais ricas. A promoção do bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação carece de remédio forte, como criminalização das condutas contrárias.

Sem a ameaça grave de sanções, a cobra raivosa do preconceito continuará agindo no coração de muitas pessoas.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "O terceiro e o quarto objetivos fundamentais, previstos no artigo 3º, são projetos de um sonho estratosférico". Desenvolvimento do parágrafo por esclarecimento: 3º objetivo – "Erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir desigualdades sociais e regionais é trabalho para séculos. Não há nação do mundo sem faixas de miserabilidades – nem as mais ricas". 4º objetivo – "A promoção do bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação carece de remédio forte, como criminalização das condutas contrárias. Sem a ameaça grave de sanções, a cobra raivosa do preconceito continuará agindo no coração de muitas pessoas". Parágrafo sem conclusão.

16. No outro extremo, o estrangeiro provoca a nossa desconfiança, às vezes o nosso medo. Nem sempre entendemos os seus gestos e certamente não compreendemos a sua língua. Ele não se veste como nós, a sua fisionomia pode ser diferente da nossa e não adora nossos deuses. Entre os primitivos, o estrangeiro passava por uma complexa cerimônia, destinada a afastar os malefícios que trouxesse de seus demônios; ao voltar de uma viagem, as pessoas deveriam permanecer isoladas por algum tempo, até que delas se afastassem os demônios estranhos, acaso encontrados pelos caminhos.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "No outro extremo, o estrangeiro provoca a nossa desconfiança, às vezes o nosso medo". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento e exemplos: "Nem sempre entendemos os seus gestos e certamente não compreendemos a sua língua. Ele não se veste como nós, a sua fisionomia pode ser diferente da nossa e não adora nossos deuses. Entre os primitivos, o estrangeiro passava por uma complexa cerimônia, destinada a afastar os malefícios que trouxesse de seus demônios; ao voltar de uma viagem, as pessoas deveriam permanecer isoladas por algum tempo, até que delas se afastassem os demônios estranhos, acaso encontrados pelos caminhos". Parágrafo sem conclusão.

17. Vários fatores criaram o espaço social necessário para transformar certo número de pessoas associadas a certas práticas sociais em leitores: o individualismo da sociedade burguesa, a visão

de mundo antropocêntrica estimulada pela Renascença e difundida pela filosofia humanista, o progresso tecnológico que facultou o desenvolvimento da imprensa, a expansão da escola e do pensamento pedagógico apoiado na alfabetização, o fortalecimento de instituições culturais como as universidades, as bibliotecas e as academias de escritores.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Vários fatores criaram o espaço social necessário para transformar certo número de pessoas associadas a certas práticas sociais em leitores". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de exemplos: "o individualismo da sociedade burguesa, a visão de mundo antropocêntrica estimulada pela Renascença e difundida pela filosofia humanista, o progresso tecnológico que facultou o desenvolvimento da imprensa, a expansão da escola e do pensamento pedagógico apoiado na alfabetização, o fortalecimento de instituições culturais como as universidades, as bibliotecas e as academias de escritores".

18. Disso resultaram duas noções: de um lado, a noção de público, massa coletiva e anônima que, não obstante o anonimato, pode ter vontade própria e direção definida, incidindo em linhas de ação que a literatura, em parte ou no todo, acata ou não; de outro, a noção de leitor, indivíduo habilitado à leitura, com preferências demarcadas, figura que o escritor busca seduzir, lançando mão de técnicas e de artifícios contabilizados pela crítica e história da literatura.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Disso resultaram duas noções". Desenvolvimento do parágrafo com enumeração de detalhes: "de um lado, a noção de público, massa coletiva e anônima que, não obstante o anonimato, pode ter vontade própria e direção definida, incidindo em linhas de ação que a literatura, em parte ou no todo, acata ou não; de outro, a noção de leitor, indivíduo habilitado à leitura, com preferências demarcadas, figura que o escritor busca seduzir, lançando mão de técnicas e de artifícios contabilizados pela crítica e história da literatura". Parágrafo sem conclusão.

19. Comemoramos o nosso dia (8 de dezembro) sob o fogo cruzado da má vontade e da desinformação. O Judiciário não pode ser culpabilizado pelo que a mídia chama com exagero de impunidade. A polícia não prende, não investiga e nós, presos à aplicação da lei, pagamos o pato. Além disso, há um cipoal de leis, medidas provisórias e atos normativos que acabam por atravancar nossos corredores.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Comemoramos o nosso dia (8 de dezembro) sob o fogo cruzado da má vontade e da desinformação". Desenvolvimento do parágrafo com enumeração de detalhes: "A desinformação – O Judiciário não pode ser culpabilizado pelo que a mídia chama com exagero de impunidade. A polícia não prende, não investiga e nós, presos à aplicação da lei, pagamos o pato. A má vontade: Além disso, há um cipoal de leis, medidas provisórias e atos normativos que acabam por atravancar nossos corredores". Parágrafo sem conclusão.

20. Dinheiro é um facilitador das transações, mas não é a única forma de relação comercial. O mundo moderno não pode menosprezar a sabedoria de nossos antepassados, que sobreviveram séculos fazendo trocas. Um bom exemplo de alinhamento entre estratégias empresariais e apoio governamental, que resultou em uma equação, é o caso da Odebrecht em Angola: esta construtora constrói a hidrelétrica de que o país africano necessita, e o governo angolano paga com petróleo, produto abundante naquele país.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Dinheiro é um facilitador das transações, mas não é a única forma de relação comercial". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento e exemplos: "O mundo moderno não pode menosprezar a sabedoria de nossos antepassados, que sobreviveram séculos fazendo trocas. Um bom exemplo de alinhamento entre estratégias empresariais e apoio governamental, que resultou em uma equação, é o caso da Odebrecht em Angola: esta construtora constrói a hidrelétrica de que o país africano necessita, e o governo angolano paga com petróleo, produto abundante naquele país". Parágrafo sem conclusão.

21. Em oito anos, o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio – é alarmante esse grau crescente de insegurança.

Comentários:

Parágrafo indutivo. Fundamentação do tópico frasal com apresentação dos dados estatísticos: "Em

oito anos, o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio". Apresentação do tópico frasal: "é alarmante esse grau crescente de insegurança".

22. Quando começa a modernidade? A escolha de uma data ou de um evento não é indiferente. O momento que elegemos como originário depende certamente da ideia de nós mesmos que preferimos, hoje, contemplar. E vice-versa: a visão de nosso presente decide das origens que confessamos (ou até inventamos). Assim acontece com as histórias de nossas vidas que contamos para os amigos e para o espelho: os inícios estão sempre em função da imagem de nós mesmos de que gostamos e que queremos divulgar. As coisas funcionam do mesmo jeito para os tempos que consideramos "nossos", ou seja, para a modernidade.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal, sob forma de pergunta/resposta: "Quando começa a modernidade? A escolha de uma data ou de um evento não é indiferente". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento e comparação por semelhança: "O momento que elegemos como originário depende certamente da ideia de nós mesmos que preferimos, hoje, contemplar. E vice-versa: a visão de nosso presente decide das origens que confessamos (ou até inventamos). Assim acontece com as histórias de nossas vidas que contamos para os amigos e para o espelho: os inícios estão sempre em função da imagem de nós mesmos de que gostamos e que queremos divulgar". Conclusão do parágrafo com reafirmação do tópico frasal: "As coisas funcionam do mesmo jeito para os tempos que consideramos 'nossos', ou seja, para a modernidade".

23. A consciência universal sobre a importância dos direitos humanos chegou a uma nitidez nunca antes atingida. Entende-se: já comemoramos o cinquentenário da Declaração Universal dos Direitos do Homem (aprovada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, de 10 de dezembro de 1948, em Paris).

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "A consciência universal sobre a importância dos direitos humanos chegou a uma nitidez nunca antes atingida". Desenvolvimento do

parágrafo com apresentação de esclarecimento: “Entende-se: já comemoramos o cinquentenário da Declaração Universal dos Direitos do Homem (aprovada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, de 10 de dezembro de 1948, em Paris)”. Parágrafo sem conclusão.

24. Talvez não haja algum fenômeno social que assalte de forma tão brusca os direitos humanos como a pobreza o faz, por desgastar ou anular os direitos econômicos e sociais, como: direito à alimentação, à água potável, à saúde, à educação, à habitação, à segurança pessoal, à justiça e à dignidade. Embora todos esses direitos sejam interligados e interdependentes, observa-se que, para as pessoas que vivem na pobreza, talvez eles não passem de um sonho muito distante de se tornar realidade.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: “Talvez não haja algum fenômeno social que assalte de forma tão brusca os direitos humanos como a pobreza o faz”. Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de causas: “por desgastar ou anular os direitos econômicos e sociais, como: direito à alimentação, à água potável, à saúde, à educação, à habitação, à segurança pessoal, à justiça e à dignidade”. Conclusão do parágrafo com reafirmação do tópico frasal: “Embora todos esses direitos sejam interligados e interdependentes, observa-se que, para as pessoas que vivem na pobreza, talvez eles não passem de um sonho muito distante de se tornar realidade”.

25. Lagartixas são excelentes alpinistas: escalam paredes com uma velocidade que pode atingir um metro por segundo. O mecanismo usado por esses répteis para se fixarem às superfícies foi descrito pela equipe do biólogo Kellar Autumn, professor em Portland (EUA). Quando a lagartixa sobe pela parede, a geometria especial de seus dedos produz forças de Van der Waals, interações eletromagnéticas fracas que garantem adesão segura entre as patas do réptil e a superfície.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: “Lagartixas são excelentes alpinistas”. Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento, seguido de testemunho de autoridade: “escalam paredes com uma velocidade que pode atingir um metro por segundo. O mecanismo usado por esses répteis para se fixarem às superfícies foi descrito pela equipe do biólogo Kellar Autumn, professor em Portland (EUA). Quando a lagartixa sobe pela parede, a geometria especial de seus dedos produz forças de Van der Waals, interações eletromagnéticas

fracas que garantem adesão segura entre as patas do réptil e a superfície". Parágrafo sem conclusão.

ANÁLISE DOS ENUNCIADOS DAS PROVAS
No estudo das técnicas de compreensão e interpretação de textos, assim como em outras disciplinas, faz-se necessário estabelecer um método de análise dos enunciados que comumente aparecem em provas de concursos públicos. É importante, por este motivo, que o aluno perceba que há uma técnica por trás da elaboração das questões e que, portanto, será a aplicação desta técnica na resolução de provas que irá garantir uma boa preparação para o seu concurso.
Enunciados mais comuns:
"O texto se estrutura..."; "Os argumentos do autor se fundamentam em..."; "Ao se distribuir o texto adequadamente em parágrafos..."; "O parágrafo que expressa a ideia geral do texto..."; "No texto, o autor defende, sobretudo, a tese de que..."; "O tema do texto é..."; "O trecho a seguir tem a função textual/ a utilidade textual de..."

24.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Nos exercícios de fixação deste capítulo, você já treinou as técnicas de leitura e decodificação de um parágrafo dissertativo. Alguns desses parágrafos você voltará a ver agora nas provas que escolhemos para análise. Nosso intuito é que você perceba como as bancas costumam cobrar tal conhecimento nas questões de concursos.

Primeiramente, veja uma prova elaborada pelo NCE, do concurso para a CVM, que trouxe um único texto. Ele servirá como exemplo do que se chama de texto dissertativo padrão.

"O homem hoje em dia desenvolveu para tudo que costumava fazer com o próprio corpo, extensões ou prolongamentos desse mesmo corpo. A evolução de suas armas começa pelos dentes e punhos e termina com a bomba atômica. Indumentária e casas são extensões dos mecanismos biológicos de controle de temperatura do corpo. A mobília substitui o acocorar-se e sentar-se no chão. Instrumentos mecânicos, lentes, televisão, telefones e livros que levam a voz através do tempo e do espaço constituem exemplos de extensões materiais. Dinheiro é meio de estender os benefícios e de armazenar trabalho. Nosso sistema de transportes faz agora o que costumávamos fazer com os pés e as costas. De fato, podemos tratar de todas as coisas materiais feitas pelo homem como extensões ou prolongamentos do que ele fazia com o corpo ou com alguma parte especializada do corpo".

(Leslie A. White, *The science of culture*)

1. Entre o primeiro e o último período do texto 1 há uma série de afirmações que têm a finalidade de:

a) dar credibilidade ao que é afirmado, já que as afirmações se apoiam em fatos historicamente comprovados.

b) explicitar o que são as "extensões" ou os "prolongamentos" do próprio corpo, vocábulos citados

no primeiro período.

c) desenvolver, explicando, a afirmação feita no período inicial, por meio de exemplos esclarecedores.

d) opor-se a pensamentos contrários ao que é exposto no primeiro período, por tratar-se de um ponto de vista novo.

e) apresentar argumentos que comprovem a sua tese, argumentos esses apoiados em descobertas históricas recentes.

2. "**De fato**, podemos tratar de todas as coisas materiais feitas pelo homem como extensões ou prolongamentos..."; a expressão destacada tem a finalidade de:

a) retificar informações anteriores.

b) ampliar informações já fornecidas.

c) confirmar informação prestada anteriormente.

d) explicar informações pouco claras.

e) acrescentar dados aos já fornecidos.

Comentários:

1. Quanto à letra A, observe que o objetivo do que vem após o primeiro período do texto não é *dar credibilidade* ao que se disse anteriormente: credibilidade seria se o autor optasse pela citação de um *testemunho de autoridade* no assunto (as palavras de outro autor renomado). Não foi o caso.

A letra B, por sua vez, reduz informações do texto: a fundamentação não fala só das *extensões ou prolongamentos do corpo*, mas também *de tudo que o homem costumava fazer com o próprio corpo.* Reduzir informações do texto também é erro de interpretação.

Quanto à letra D, veja que contradição: a fundamentação do tópico frasal não apresenta pensamentos que sejam *contrários* ao que foi exposto no primeiro período. É justamente o oposto: ela apresenta *exemplos* que apoiam aquilo que foi dito no primeiro período do texto. Não se trata, portanto, de um *ponto de vista novo*, mas o mesmo ponto de vista.

A letra E começou perfeita; de fato, trata-se de argumentos que comprovam a tese apresentada no primeiro período do texto, mas eles não se apoiam *em descobertas históricas recentes*. São exemplos que confirmam aquilo que se disse no início do texto.

Tem-se, portanto, um texto que se inicia pela apresentação da tese (*O homem hoje em dia desenvolveu*

para tudo que costumava fazer com o próprio corpo, extensões ou prolongamentos desse mesmo corpo). Logo a seguir, tem-se sua fundamentação, que é o desenvolvimento do texto, que ocorre por meio da apresentação de exemplos. Por fim, no último período do texto, tem-se sua conclusão, representada pela retomada do tópico frasal apresentado no início do texto (*De fato, podemos tratar de todas as coisas materiais feitas pelo homem como extensões ou prolongamentos do que ele fazia com o corpo ou com alguma parte especializada do corpo*).

Resposta: C.

2. Como você viu, o último período do texto é a reafirmação do que se disse no primeiro período. Assim, o conectivo *de fato*, que é um adjunto adverbial de afirmação, exerce mesmo essa tarefa de *confirmar* o que se disse anteriormente.

Dessa forma, elimina-se a letra A: o objetivo do texto não é *retificar*, *corrigir* o que foi dito anteriormente. As letras B e E são muito parecidas: o que se quer não é *dizer mais* do que foi dito, apenas *reafirmar*.

Quanto à letra D, entenda que o último período não *explica* o que foi dito anteriormente, apenas *reescreve*.

Reescrever o que se disse é *confirmar* uma afirmação, que é exatamente o que diz a letra C.

Resposta: C.

Você percebeu pela questão que as bancas buscam também do candidato sua capacidade de descobrir a estratégia utilizada pelo autor para **fundamentar o tópico frasal introdutório do parágrafo**? Na verdade, o que se quer é que o aluno esteja apto a detectar o tipo de fundamentação que o autor utilizou em determinado parágrafo: a estratégia que se escolheu para desenvolver um parágrafo.

Você conhece as formas mais comuns de se desenvolver um parágrafo? Desenvolver o parágrafo significa expandir sua ideia-núcleo, de modo a torná-lo claro e bem fundamentado. Tal fundamentação pode ocorrer por diversos critérios, lembrando que, em um único parágrafo, o autor pode utilizar mais de um artifício na busca da maneira mais convincente de se expressar.

Antes de seguirmos com a análise de textos, é importante que você conheça as formas mais comuns de se desenvolver o tópico frasal (a ideia-núcleo do parágrafo).

Uma forma muito comum de se desenvolver um argumento é por meio de **enumeração ou descrição de detalhes:** nesse caso, a ideia-núcleo é especificada por meio de detalhes, pormenores. Estabelece-

se, portanto, uma explanação da ideia-núcleo, que é então desenvolvida, de modo a aprofundar a discussão iniciada pelo tópico frasal. Veja um exemplo, que é um trecho retirado de uma prova elaborada pela Fundação Carlos Chagas, para o MPU:

> *Quem caminha pelos mais de 70 quilômetros de praia da Ilha Comprida, no litoral sul de São Paulo, pode perceber uma paisagem peculiar* ***(tópico frasal).*** *Em meio às dunas da restinga, onde deveria existir apenas vegetação rasteira, grandes pinheiros brotam por toda parte. A sombra das árvores é um bem-vindo refresco para os moradores da região.*

Nesse caso, o tópico frasal foi desenvolvido por meio de detalhamento, descrições: *grandes pinheiros*, *sombra das árvores*...

Além da apresentação de detalhes, enumerações, pode-se desenvolver um parágrafo pelo **estabelecimento de comparação**. Nesse caso, desenvolve-se uma ideia pela apresentação de <u>contrastes</u> (que enfocam as diferenças) ou <u>paralelos</u> (que destacam as semelhanças) entre ideias, seres, fatos etc.

Observe um trecho retirado de uma prova também da Fundação Carlos Chagas, que se desenvolveu por meio de *contrastes*:

> *Mas os saberes científicos têm uma característica inescapável: os enunciados que produzem são necessariamente provisórios, estão sempre sujeitos à superação e à renovação* ***(tópico frasal)****. Outros exercícios do espírito humano, como a cogitação filosófica, a inspiração poética ou a exaltação mística poderão talvez aspirar a pronunciar verdades últimas; as ciências só podem pretender formular verdades transitórias, sempre inacabadas.*

Nesse trecho, o autor opta por desenvolver um argumento (*a constante transformação das verdades científicas*), por meio da comparação entre a *ciência* e a *filosofia* ou *a poesia*.

Pode-se também desenvolver um argumento por meio da **apresentação de suas causas e/ou consequências**, estratégia, aliás, muito comum nos textos dissertativos. Nesse caso, ou o tópico frasal é a causa e seu desenvolvimento expõe suas consequências, ou será ele a consequência e o restante do parágrafo desenvolverá suas causas. Veja mais um trecho retirado de prova elaborada pela Fundação Carlos Chagas:

> *A educação é uma função tão natural e universal da comunidade humana que, pela própria evidência,* ***(tópico frasal)*** *leva muito tempo a atingir a plena consciência daqueles que a recebem e praticam, sendo, por isso, relativamente tardio o seu primeiro vestígio na tradição literária*

(consequências).

É um texto filosófico, de difícil compreensão, sabemos disso, mas procure detectar a técnica utilizada pelo autor ao fundamentar seu parágrafo. Após a apresentação do tópico frasal, tem-se a concretização dessa ideia por meio de consequências.

Muitas vezes, o autor, para desenvolver um tópico frasal, opta por sua fundamentação por meio de simples **explicação ou esclarecimento**. É exatamente isto: afirma-se algo e, na sequência do parágrafo, diz-se o que foi dito antes, só que com outras palavras. Veja um exemplo:

> *As discussões sobre a liberdade assentam necessariamente e em princípio na negação de suas próprias bases possibilitadoras* ***(tópico frasal)****. Quero dizer que o único pressuposto histórico viável para que se possa instaurar a inteireza do entendimento da questão está na ausência de liberdade.*

Percebeu como o autor, no segundo período do parágrafo, diz o que se disse anteriormente, com a utilização de outras palavras? É a fundamentação de uma ideia por meio de *explicação*.

Além da explicação, é muito comum que a fundamentação de um parágrafo ocorra por meio da **apresentação de exemplos**. Os exemplos caracterizam-se como uma maneira bem elucidativa de concretizar o que há de abstrato no tópico frasal. Seguindo esse critério, o parágrafo se desenvolve por meio da ilustração da ideia-núcleo, constituindo-se em uma das formas mais simples de se demonstrar aquilo que se afirma. Observe:

> *Dependendo das circunstâncias, as espécies invasoras podem ser meras "imigrantes" inofensivas ou invasoras altamente nocivas* ***(tópico frasal).*** *Dentro do sistema produtivo, por exemplo, o búfalo e o pinus são apenas espécies exóticas. Quando escapam para a natureza, entretanto, muitas vezes tornam-se organismos nocivos aos ecossistemas "naturais".*

Percebeu como os exemplos facilitam a intelecção do que foi dito? Procure utilizá-los também em suas redações. Eles tornam o texto mais claro, evitando que ele se transforme em um amontoado de conceitos. Os exemplos *concretizam* o texto.

Além dessas estratégias de fundamentação de parágrafo, podemos citar algumas outras: **citação de testemunhos de autoridade** (que são depoimentos de um outro autor respeitado sobre o assunto discutido), **apresentação de dados estatísticos** (que são informações retiradas de pesquisas), **apresentação de narrações** (que são histórias utilizadas para ilustrar o tema discutido), entre outros recursos.

Elaboramos um exercício que tem como meta ensinar você a desvendar a estruturação de um parágrafo argumentativo. Com ele, você, não só aprenderá a ler com mais técnica, como também desenvolverá técnicas de redação. Todos os trechos foram retirados de textos de concursos públicos. Constitui cada qual uma única linha de raciocínio que apresenta as frases organizadas em torno de um tópico frasal, voltadas para um único fim: desenvolver ou retomar a ideia-núcleo, aumentando--lhe a compreensão.

Dessa forma, destaque suas **ideias-núcleo**, indicando o seu **desenvolvimento** e, caso haja, sua **conclusão**. Analise também a(s) forma(s) como foram desenvolvidos os tópicos frasais ao longo dos parágrafos.

1. "Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos. Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitar e dar afeto."

Na introdução do parágrafo, tem-se a apresentação do tópico frasal: "Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana."

A seguir, desenvolve-se o argumento inicial com a enumeração de exemplos: "Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos."

Observe que, na conclusão, o autor não só retomou o tópico frasal, mas optou também por acrescentar consequências: "Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitar e dar afeto".

Trata-se, assim, de um parágrafo padrão, com introdução, desenvolvimento e conclusão.

2. "No início deste período, o homem inventou a escrita, graças à qual os conhecimentos venceram o tempo e o espaço. Venceram o tempo, pois, as experiências acumuladas puderam, sob a forma escrita, ser transmitidas com precisão às gerações seguintes. Venceram o espaço, pois os conhecimentos passaram a ser transportados de um lugar para o outro em papiros, papéis e demais materiais desenvolvidos para a fixação da escrita. Com o registro e com a circulação da informação, o homem se beneficiou de um crescente repertório de experiências, as quais lhe permitiram inventar mais, e mais facilmente."

Mais uma vez, introduz-se o parágrafo por meio da apresentação do tópico frasal: "No início deste

período, o homem inventou a escrita, graças à qual *os conhecimentos venceram o tempo e o espaço*."

A seguir, desenvolve-se o argumento inicial por meio da apresentação de explicações: "*Venceram o tempo*, pois, as experiências acumuladas puderam, sob a forma escrita, ser transmitidas com precisão às gerações seguintes. *Venceram o espaço*, pois os conhecimentos passaram a ser transportados de um lugar para o outro em papiros, papéis e demais materiais desenvolvidos para a fixação da escrita".

Novamente, conclui-se o parágrafo com a retomada do tópico frasal e acréscimo de consequências: "Com o registro e com a circulação da informação, o homem se beneficiou de um crescente repertório de experiências, as quais lhe permitiram inventar mais, e mais facilmente".

3. "Liderança é um aspecto da personalidade, uma característica que alguns indivíduos têm e outros não. Por definição, bons líderes são pessoas diferentes da média. Eles têm mais determinação do que outros. Sua presença é tão marcante que ficam na memória das pessoas. Por isso, liderança não é para qualquer um, é um dom."

Outro parágrafo organizado de forma padrão. Apresenta-se, de início, o tópico frasal: "Liderança é um aspecto da personalidade, uma característica que alguns indivíduos têm e outros não". A seguir, fundamenta-se o argumento central por meio de sua definição, que, nada mais é que seu *esclarecimento*: "Por definição, bons líderes são pessoas diferentes da média. Eles têm mais determinação do que outros. Sua presença é tão marcante que ficam na memória das pessoas".

Ao final do parágrafo, o autor retoma o tópico frasal inicial, que vem antecedido de um conector conclusivo: "Por isso, liderança não é para qualquer um, é um dom".

Bom de ler e de copiar em uma futura redação, não é?

4. "Há muitos tipos de líder, e gosto de destacar três. A primeira categoria é dos líderes que marcam diferença por serem grande estrategistas, objetivos e com visão de futuro. O legado deles é o método. O segundo tipo tem forte poder intelectual, mergulha com intensidade nas questões teóricas, disseca e diagnostica problemas como ninguém. São líderes que deixam ideias originais, com marca própria. E um terceiro tipo chamo de líderes inspiradores. Eles entendem as demandas do povo, suas paixões, conseguem entender emocionalmente as pessoas. Os maiores líderes da história têm força porque reúnem método, intelecto e habilidade de tocar nos sentimentos de seus liderados."

Introduz-se o parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Há muitos tipos de líder, e gosto de destacar três".

Logo a seguir desenvolve-se o parágrafo com a enumeração dos *três tipos de líder* citados na primeira linha do texto: "A primeira categoria é dos líderes que marcam diferença por serem grande estrategistas, objetivos e com visão de futuro. O legado deles é o método. O segundo tipo tem forte poder intelectual, mergulha com intensidade nas questões teóricas, disseca e diagnostica problemas

como ninguém. São líderes que deixam ideias originais, com marca própria. E um terceiro tipo chamo de líderes inspiradores. Eles entendem as demandas do povo, suas paixões, conseguem entender emocionalmente as pessoas".

Observe que, na conclusão, o autor retoma tópico frasal acrescentando sua opinião: "Os maiores líderes da história têm força porque reúnem método, intelecto e habilidade de tocar nos sentimentos de seus liderados".

5. "Em oito anos, o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio – é alarmante esse grau crescente de insegurança."

Você consegue perceber que esse parágrafo está estruturado de forma diferente dos parágrafos anteriores? É que ele se inicia pelos dados estatísticos, e não pelo tópico frasal. Esse é o *parágrafo indutivo*, que foge ao padrão: ele vai da fundamentação à ideia, e não o contrário. Vai do concreto ao abstrato. Somente ao final do parágrafo é que se descobre qual é o argumento que o enseja: é alarmante esse grau crescente de insegurança.

Resumindo:
Parágrafo dedutivo é aquele que vai do tópico frasal à sua fundamentação: do abstrato ao concreto. Parágrafo indutivo é aquele que se inicia pela fundamentação do tópico (exemplos, dados estatísticos etc.) e só a seguir é que se apresenta o argumento que motivou o parágrafo.

24.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

Agora é a sua vez. Selecionamos algumas provas que abordam as técnicas do texto dissertativo, para você treinar. Ao final, o gabarito. Bom trabalho!

Texto I

O QUE É CIDADANIA
Gilberto Dimenstein

Cidadania é o direito de ter uma ideia e poder expressá-la. É poder votar em quem quiser sem constrangimento. É processar um médico que cometa um erro. É devolver um produto estragado e receber o dinheiro de volta. É o direito de ser negro sem ser discriminado, de praticar uma religião sem ser perseguido.

Há detalhes que parecem insignificantes, mas revelam estágios de cidadania: respeitar-se o sinal vermelho no trânsito, não jogar papel na rua, não destruir telefones públicos. Por trás desse comportamento, está o respeito à coisa pública.

O direito de ter direitos é uma conquista da humanidade. Da mesma forma que a anestesia, as vacinas, o computador, a máquina de lavar, a pasta de dente, o transplante do coração. Foi uma conquista dura.

Muita gente lutou e morreu para que tivéssemos o direito de votar. E outros batalharam para você votar aos dezesseis anos. Lutou-se pela ideia de que todos os homens merecem a liberdade e de que todos são iguais diante da lei.

Pessoas deram a vida combatendo a concepção de que o rei tudo podia porque tinha poderes divinos e aos outros cabia obedecer. No século XVIII, a rebeldia a essa situação detonou a Revolução Francesa, um marco na história da liberdade do homem.

No mesmo século surgiu um país fundado na ideia da liberdade individual: os Estados Unidos. Foi com esse projeto revolucionário que eles se tornaram independentes da Inglaterra.

Desde então, os direitos foram se alargando, se aprimorando, e a escravidão foi abolida. Alguém consegue hoje imaginar um país defendendo a importância dos escravos para a economia?

Mas esse argumento foi usado durante muito tempo no Brasil. Os donos da terra alegavam que, sem escravos, o país sofreria uma catástrofe. Eles se achavam no direito de bater e até matar os escravos que fugissem. Nessa época, o voto era um privilégio: só podia votar quem tivesse dinheiro. E para se candidatar a deputado, só com muita riqueza em terras.

No mundo, trabalhadores ganharam direitos. Imagine que no século passado, na Europa, crianças chegavam a trabalhar até quinze horas por dia. E não tinham férias.

As mulheres, relegadas a segundo plano, passaram a poder votar, símbolo máximo da cidadania. Até há pouco tempo, justificava-se abertamente o direito do marido de bater na mulher e até de matá-la.

Em 1948, surgiu a Declaração Universal dos Direitos do Homem, aprovada pela Organização das Nações Unidas (ONU), ainda na emoção da vitória contra as forças totalitárias lideradas pelo nazismo, na Europa. Com essa declaração, solidificou-se a visão de que, além da liberdade de votar, de não ser perseguido por suas convicções, o homem tinha direito a uma vida digna. É o direito ao bem-estar. A onda dos direitos mudou a cara e o mapa do mundo neste final de milênio. Assistimos à derrocada dos regimes comunistas, com a extinção da União Soviética. Os países do Leste europeu converteram-se à democracia.

Na África do Sul, desfez-se o regime de segregação racial. A América Latina, tão viciada em ditadores, viu surgir na década de 80 uma geração de presidentes eleitos democraticamente.

1. Para defender seus pontos de vista o autor só NÃO emprega:

a) exemplificação.
b) citação de fatos históricos.
c) interação com o leitor, questionando-o.
d) apelo a opiniões pessoais.
e) utilização do humor e da ironia.

2. O texto apresenta uma ideia principal que é:

a) a cidadania é uma conquista diária de todos nós.
b) ser cidadão é ter direitos.
c) a América Latina é um local de cidadania plena.
d) a cidadania deve compreender as mulheres.
e) ser cidadão é cuidar do público em detrimento do privado.

3. O autor se refere à cidadania como uma conquista; a palavra do texto que NÃO está relacionada a essa ideia de conquista é:

a) “lutou e morreu”.
b) “batalharam”.

c) “revolucionário”.
d) “respeito”.
e) “lutou-se”.

4. Podemos dividir o texto em cinco partes, que estão indicadas abaixo com a síntese de seu conteúdo; a alternativa em que a indicação do conteúdo NÃO está correta é:

a) do início do texto até “sem ser perseguido” – a definição de cidadania.
b) de “Há detalhes” até “a coisa pública” – exemplos de cidadania.
c) de “O direito a ter direitos” “até diante da lei” – a conquista difícil da cidadania.
d) de “Pessoas deram a vida” até “de matá-la” – fatos históricos na luta pelos direitos humanos.
e) de “Em 1948 surgiu” até o fim do texto – os direitos humanos antes da guerra.

Texto II

ENTREVISTA COM MICHAEL SERMER
(Diretor da ONG contra superstições) – Veja, n. 1733
Repórter: Como o senhor justifica a vantagem do pensamento científico sobre o obscurantismo?
MS –A ciência é o único campo do conhecimento humano com característica progressista. Não digo isso tomando o termo progresso como uma coisa boa, mas sim como um fato. O mesmo não ocorre na arte, por exemplo. Os artistas não melhoram o estilo de seus antecessores, eles simplesmente o mudam. Na religião, padres, rabinos e pastores não pretendem melhorar as pregações de seus mestres. Eles as imitam, interpretam e repetem aos discípulos. Astrólogos, médiuns e místicos não corrigem os erros de seus predecessores, eles os perpetuam. A ciência, não. Tem características de autocorreção que operam como a seleção natural. Para avançar, a ciência se livra dos erros e teorias obsoletas com enorme facilidade. Como a natureza, é capaz de preservar os ganhos e erradicar os erros para continuar a existir.

1. Em termos argumentativos, pode-se dizer que:

a) a argumentação apresentada por MS se apóia em testemunhos de autoridade.
b) a tese apresentada está explícita em “a ciência se livra dos erros e teorias obsoletas com enorme facilidade”.
c) o público-alvo a ser convencido é o conjunto de pessoas ligadas, de uma maneira ou outra, ao obscurantismo.
d) os argumentos apresentados na defesa da tese se fundamentam ora na intimidação, ora na persuasão.
e) por ser de caráter científico, a subjetividade do argumentador é completamente desprezada na argumentação.

2. O segmento do texto que se volta para a própria construção do texto é:

a) “Não digo isso tomando o termo progresso como uma coisa boa, mas sim como um fato.”
b) “O mesmo não ocorre na arte, por exemplo.”
c) “Na religião, padres, rabinos e pastores não pretendem melhorar as pregações de seus mestres.”
d) “Para avançar, a ciência se livra dos erros e teorias obsoletas com enorme facilidade.”
e) “Como a natureza, é capaz de preservar os ganhos e erradicar os erros para continuar a existir”.

Texto III

A FLOR DO GEÓGRAFO
Dom Marcos Barbosa O.S.B.
Creio que é a terceira vez que venho falar de motoristas. Até parece que vivo andando de táxi. E tenho

sempre a sorte de encontrar no volante, ao contrário dos outros, um verdadeiro gentleman.
Para que não me acusem de suspeição e de especial simpatia pela classe, aviso logo que o fato de hoje não se deu comigo,mas com o professor francês Pierre Desfontaines. Jamais esqueci, porém, a frase obscura que o ilustre geógrafo foi colher na trepidante Pauliceia.
Pierre Desfontaines, cujo nome nos fala de pedra e de fonte, não podia ser, realmente um geógrafo como os outros...
Ah, os geógrafos! Eles eram todos, quase todos, como o geógrafo do Petit Prince, que se contentava em anotar as montanhas, os rios e as cidades que os exploradores houvessem visto; mas não as flores, santo Deus! porque as flores eram efêmeras. Também não lhe interessava se os vulcões estavam extintos ou não. Só queria saber da terra, da montanha. Não do risco corrido pelos homens, tão efêmeros quanto a flor. Anotava tudo a lápis. Só depois cobria à tinta, se o explorador se mostrasse fidedigno e trouxesse provas...
Mas felizmente alguns vieram a descobrir a "geografia humana", a geografia em função do homem; e eu vim a descobrir, por minha vez, a geografia humaníssima de Desfontaines, que me fez lamentar o árido estudo do meu tempo de ginásio e as áridas geografias que ainda hoje vejo nas mãos de tantos alunos.
(...)

1. A inclusão do personagem do Petit Prince tem a utilidade textual de:

a) opor-se, por seus valores, a Pierre Desfontaines.
b) defender a ideia de uma geografia científica.
c) mostrar uma posição ideal do geógrafo.
d) traçar pontos de semelhança com a geografia atual.
e) dar autoridade ao que é citado no texto.

Texto IV

NÃO

Salomão Rabinovich (Psicólogo)

A adolescência tem características particulares. São próprias dela a prepotência, a luta pela auto-afirmação, a sensação de que se pode tudo. Mas é sabido que, nessa fase da vida, somos inexperientes, inseguros, mais desatentos e um tanto desengonçados. Os jovens ainda estão em fase de crescimento, e o desenvolvimento biológico ainda não está completo. Por todos esses motivos, não é recomendável dar a carteira de motorista a um menor de 18 anos. O Brasil é campeão mundial de acidentes de carro. O trânsito em nossas grandes cidades é caótico e violento. Os motoristas com idade entre 18 e 25 anos são os que mais correm e por isso a incidência de acidentes é maior nessa faixa etária. Desde o início do ano, temos o novo Código de Trânsito Brasileiro que vem sendo criticado por ser rigoroso demais, e é nesse contexto que se deseja dar a carteira de motorista aos maiores de 16 anos. Para quê? Não é possível esperar dois anos para começar a dirigir?
Ser contra esse projeto de lei não é ser contra os jovens. Quando um adolescente vota, ele pode até estar fazendo uma escolha errada, mas ainda assim terá aprendido a exercer sua cidadania. Com um voto, porém, ele não vai morrer nem matar – o que pode acontecer se estiver dirigindo um carro. As vítimas, suas famílias e as pessoas que causaram acidentes sabem como é doloroso conviver com isso, principalmente quando um jovem morre ou fica inválido. Para ser contra a carteira de motorista para maiores de 16 anos, basta visitar os hospitais das grandes cidades e ver o estrago que a morte de um adolescente causa. Já temos muitos problemas para resolver em relação ao trânsito e aos jovens brasileiros. Não precisamos de mais esse.

1. Entre os argumentos apresentados pelo autor do texto na defesa de seu posicionamento só NÃO está:

a) o número excessivamente grande de acidentes de trânsito no Brasil.
b) a maior insegurança e inexperiência dos mais jovens.
c) o trânsito das grandes cidades ser caótico e violento.
d) o já grande número de problemas com os jovens no trânsito.
e) a velocidade maior de carros dirigidos pelos mais jovens.

2. "Para quê? Não é possível esperar dois anos para se começar a dirigir?"; sobre esse segmento do texto pode-se afirmar que:

a) a segunda pergunta explicita a primeira.
b) as duas perguntas se referem à finalidade da concessão da carteira.
c) as duas perguntas podem ser respondidas com sim ou não.
d) a segunda pergunta se refere à ideia de consequência.
e) as duas perguntas se dirigem a interlocutores diferentes.

Texto V

JOVENS ENDIVIDADOS

Vítimas do consumismo e do crédito fácil, eles gastam mais do que ganham e devem mais do que podem pagar. A conta sobra para os pais.

Camilo Vanuchi e Milton Gamez

A casa dos Vieira, no bairro paulistano Alto de Pinheiros, está sempre cheia. Aos 67 anos, o empresário José Vieira ainda divide o sofá da sala e a conta bancária com seus três filhos homens, todos com mais de 25 anos. Dono de uma fábrica de peças de plástico, ele já se conformou com a ideia de viver para sempre com os rapazes. E, quem sabe, com as futuras noras e netos."Se eles se casarem e vierem para cá com os filhos, serão bem-vindos", diz seu José.

Dos três irmãos, dois fazem parte de um grupo cada vez mais comum na família brasileira contemporânea. São os jovens endividados. Além de adiar a saída de casa, mesmo depois de terminar a faculdade e arrumar trabalho, esses moços e moças não conseguem ajudar nas despesas de casa, nem tampouco pagar as próprias contas. Pior: acumulam dívidas. Muitos estão simplesmente falidos e entram na lista negra das entidades de proteção ao crédito. A fatia dos jovens no universo dos inadimplentes cresce de forma assustadora: 10% deles têm até 20 anos e 39% têm idade entre 21 e 30 anos (sim, os balzaquianos também são considerados jovens nos dias de hoje). Juntos, os consumidores até 30 anos foram responsáveis por 49% dos calotes dados em 2006 junto a bancos, administradoras de cartão de crédito e financeiras. Em 2005 somaram 44%. Os dados foram divulgados pela Telecheque. "Os jovens tiveram acesso ao crédito fácil demais nos últimos dois anos. Ficaram deslumbrados e perderam o controle", diz Antônio Praxedes, vice-presidente da Telecheque.

Revista Isto É, 24/01/2007, p. 64-5 (fragmento)

1. Em sua estrutura discursiva, o texto:

a) analisa primeiro a situação geral para num segundo momento expor casos particulares.
b) apresenta opiniões que se contrapõem e as sustenta com exemplos e relatos.
c) começa sua argumentação apontando as causas do problema para posteriormente dar soluções.
d) narra exemplos da situação em foco para em seguida formular uma hipótese.
e) justifica com dados numéricos um questionamento feito na introdução.

Texto VI

Nos últimos cinquenta anos, a população mundial mais do que dobrou, indo de 2,5 bilhões (1950) para 6 bilhões (2000). Durante esse mesmo período, a industrialização permitiu que o consumo aumentasse exponencialmente; como consequência, a poluição e o lixo também aumentaram. Já faz algum tempo que o planeta vem dando sinais de que não pode suportar o nosso modo de vida, e estudos indicam que hoje, mesmo com grande parte da população mundial excluída, já consumimos 20% por ano a mais de recursos naturais renováveis do que o planeta Terra é capaz de regenerar.

Ainda há uma dificuldade em relacionar os problemas ambientais aos nossos hábitos de consumo cotidianos. Quando compramos uma roupa, não pensamos nos agrotóxicos usados na plantação de algodão ou no trabalho escravo encontrado nas fazendas.

Entretanto, se queremos justiça social e preservação da natureza, vamos ter de mudar nossos hábitos de consumo.

1. A palavra "entretanto", que inicia o 3º parágrafo, foi empregada para introduzir:

a) a exemplificação de uma ideia a partir de um novo argumento.
b) a contraposição a ser estabelecida entre uma solução e um problema.
c) o reforço de uma opinião polêmica anteriormente defendida.
d) a confirmação de uma ideia sugerida no parágrafo anterior.
e) a negação de uma tese contrária à que está sendo defendida.

Texto VII

Há um caminho simples: proibir. Há o caminho correto: educar. Pois cidadãos responsáveis e consumidores conscientes se forjam com informação.

Até recentemente, a sociedade entendia ser a educação tarefa exclusiva de pais e professores. Sabiamente, esse conceito evoluiu. Cobra-se, agora, o compromisso de educar também de veículos de comunicação, publicidade, das artes etc. Não poderia haver reivindicação mais justa, dada a importância da educação – desde que não se esqueça o essencial: a responsabilidade de pais e professores continua sendo intransferível.

1. Na defesa de seu ponto de vista, o autor do texto marca suas opiniões de vários modos; assinale o item em que o termo sublinhado NÃO desempenha essa função textual:

a) "Não poderia haver reivindicação mais justa, dada a importância da educação..."
b) "Sabiamente esse conceito evoluiu."
c) "...a sociedade entendia ser a educação tarefa exclusiva de pais e professores."
d) "Há o caminho correto: educar."
e) "a responsabilidade de pais e professores continua sendo intransferível."

Texto VIII

MAR SANGRENTO

A foca-da-groenlândia é um dos mamíferos marinhos mais caçados do mundo. O Canadá está entre os poucos países que permitem a matança e onde o governo fornece subsídios e estabelece uma cota para a caça. Em 2003, o número foi recorde – 350 mil animais – mas, segundo os ambientalistas, as mortes vão muito além. Várias focas atingidas escapam para morrer logo depois e os filhotes órfãos não conseguem sobreviver.

(Revista Superinteressante, agosto-2003)

1. O texto é composto por um título e 4 períodos; assinale o item em que a correspondência das partes e seu papel textual NÃO é correto:

a) título – referência metafórica ao conteúdo do texto.
b) 1º período – constatação de um fato.
c) 2º período – exceção em relação à afirmação anterior.
d) 3º período – quantificação com valor de protesto.
e) 4º período – apelo sentimental.

Texto IX

COM QUE CORPO EU VOU?

Maria Rita Kehl, Folha de São Paulo, 30/06/2002

O cuidado de si volta-se para a produção da aparência, segundo a crença já muito difundida de que a qualidade do invólucro muscular, a textura da pele e a cor dos cabelos revelam o grau de sucesso de seus "proprietários". Numa praia carioca, escreve Stéphane Malysse, as pessoas parecem "cobertas por um sobrecorpo, como uma vestimenta muscular usada sob a pele fina e esticada..."

São corpos em permanente produtividade, que trabalham a forma física ao mesmo tempo em que exibem os resultados entre os passantes. São corpos-mensagem, que falam pelos sujeitos. O rapaz "sarado", a loira siliconada, a perna musculosa ostentam seus corpos como se fossem aqueles cartazes que os homens sanduíches carregam nas ruas do centro da cidade. "Compra-se ouro". "Vendem-se cartões telefônicos". "Belo espécime humano em exposição". A cultura do corpo não é a cultura da saúde, como quer parecer... É a produção de um sistema fechado, tóxico, claustrofóbico.

Nesse caldo de cultura insalubre, desenvolvem-se os sistemas sociais da drogadição (incluindo o abuso de hormônios e anabolizantes), da violência e da depressão. Sinais claros de que a vida, fechada diante do espelho, fica perigosamente vazia e sem sentido.

1. A loira siliconada, citada no texto, serve de exemplo de:

a) corpos em permanente produtividade.
b) cultura da saúde.
c) sintoma social da drogadição.
d) violência e depressão.
e) despreocupação com a aparência.

2. O texto lido apresenta um conjunto de posicionamentos; o item que mostra um posicionamento que NÃO corresponde a uma opinião do autor é:

a) a cultura do corpo é algo diferente da cultura da saúde.
b) o corpo humano deve ter alguém como recheio.
c) a cultura excessiva do corpo fecha o sujeito em si mesmo.
d) a dedicação exclusiva ao corpo é parte de um caldo cultural nocivo.
e) os corpos sarados escondem seus verdadeiros "proprietários".

3. Os argumentos apresentados pelo autor do texto são predominantemente:

a) depoimentos de autoridades no assunto tratado.
b) exemplos retirados de experiência profissional.
c) pesquisas realizadas na área do combate às drogas.
d) opiniões de caráter pessoal.
e) de base estatística.

Texto X

ECODÚVIDAS

Luc Ferry

Que haja uma dimensão científica na preocupação com o meio ambiente, não se discute, embora os dados objetivos sejam bem mais controversos do que se costuma supor: a dimensão real dos perigos ligados ao "buraco da camada de ozônio" permite debates acirrados, da mesma forma que as causas e a extensão do fenômeno conhecido como "efeito estufa". Quanto ao aquecimento da Terra e à elevação do nível do mar que resultaria do derretimento do gelo nos pólos, as opiniões mais autorizadas estão em perfeita contradição: segundo os dados e os modelos matemáticos de previsão elaborados pela própria Nasa, é possível que o nível baixe, que se eleve ou que se mantenha.

Tudo depende! Seria bom, portanto, dispor de um balanço mais definitivo sobre essas questões e algumas outras que agitam a imprensa com tanto vigor. Pois quanto maior a incerteza científica tanto maior a propagação do dogmatismo entre os profissionais da ecologia política, que aproveitam a indeterminação dos dados para avivar o "grande medo planetário", base da paixão democrática nessa questão.

1. O texto procura demonstrar:

a) a necessidade de maior precisão científica.
b) o descuido do homem com o meio ambiente.
c) a indiferença do homem a problemas graves do planeta.
d) o aproveitamento político de questões ecológicas.
e) a arrogância do conhecimento científico.

2. O buraco na camada de ozônio e as causas e a extensão do efeito estufa são citados no texto como:

a) casos controversos de discussão.
b) exemplos de desprezo do homem pelo meio ambiente.
c) demonstrações de casos com dimensão científica.
d) situações em que se demonstra a preocupação com o meio.
e) problemas criados pelo homem na Terra.

3. "Que haja uma dimensão científica na preocupação com o meio ambiente, não se discute, // embora os dados objetivos sejam bem mais controversos do que se costuma supor"; o que se opõe entre os dois segmentos dessa parte do texto é:

a) dimensão científica X dados objetivos.
b) precisão X suposição.
c) ciência X dados controversos.
d) preocupação X despreocupação.
e) abstração X dados objetivos.

Texto XI

COMUNICAR É AGIR

José Luiz Fiorin

Quando um enunciador comunica alguma coisa, tem em vista agir no mundo. Ao exercer seu fazer informativo, produz um sentido com a finalidade de influir sobre os outros. Deseja que o enunciatário creia no que ele lhe diz, faça alguma coisa, mude de comportamento ou de opinião etc. Ao comunicar, age no sentido de fazer-fazer. Entretanto, mesmo que não pretenda que o destinatário aja, ao fazê-lo saber alguma coisa, realiza uma ação, pois torna o outro detentor de um certo saber.

Comunicar é também agir num sentido mais amplo. Quando um enunciador reproduz em seu discurso elementos da formação discursiva dominante, de certa forma, contribui para reforçar as estruturas de dominação. Se se vale de outras formações discursivas, ajuda a colocar em xeque as estruturas sociais. No entanto, pode-se estar em oposição às estruturas econômico-sociais de uma maneira reacionária, em que se sonha fazer voltar um mundo que não mais existe, ou de uma maneira progressista, em que se deseja criar um mundo novo. Sem pretender que o discurso possa transformar o mundo, pode-se dizer que a linguagem pode ser instrumento de libertação ou de opressão, de mudança ou de conservação.

1. O segundo parágrafo do texto, em relação ao primeiro, funciona como:

a) oposição.
b) retificação.
c) acréscimo.
d) concessão.
e) explicação.

2. "Comunicar é também agir num sentido mais amplo"; com esta frase inicial do segundo parágrafo, o autor do texto:

a) amplia o significado do verbo "agir", empregado no parágrafo anterior.
b) reforça a mesma ideia de "ação" atribuída anteriormente ao ato de comunicar.
c) corrige o emprego do verbo "agir", utilizado no primeiro parágrafo.
d) quer mostrar que "comunicar" e "agir" são ações equivalentes.
e) mostra certa ironia diante da ação humana de comunicar algo.

Texto XII

O homem hoje em dia desenvolveu para tudo que costumava fazer com o próprio corpo, extensões ou prolongamentos desse mesmo corpo. A evolução de suas armas começa pelos dentes e punhos e termina com a bomba atômica. Indumentária e casas são extensões dos mecanismos biológicos de controle de temperatura do corpo. A mobília substitui o acocorar-se e sentar-se no chão. Instrumentos mecânicos, lentes, televisão, telefones e livros que levam a voz através do tempo e do espaço constituem exemplos de extensões materiais. Dinheiro é meio de estender os benefícios e de armazenar trabalho. Nosso sistema de transportes faz agora o que costumávamos fazer com os pés e as costas. De fato, podemos tratar de todas as coisas materiais feitas pelo homem como extensões ou prolongamentos do que ele fazia com o corpo ou com alguma parte especializada do corpo.

(Leslie A. White, The science of culture)

1. Entre o primeiro e o último período do texto XII há uma série de afirmações que têm a finalidade de:

a) dar credibilidade ao que é afirmado, já que as afirmações se apóiam em fatos historicamente comprovados.
b) explicitar o que são as "extensões" ou os "prolongamentos" do próprio corpo, vocábulos citados no primeiro período.
c) desenvolver, explicando, a afirmação feita no período inicial, por meio de exemplos esclarecedores.
d) opor-se a pensamentos contrários ao que é exposto no primeiro período, por tratar-se de um ponto de vista novo.
e) apresentar argumentos que comprovem a sua tese, argumentos esses apoiados em descobertas históricas recentes.

2. Segundo o autor do texto XII, todas as coisas materiais são extensões ou prolongamentos do que o homem fazia com o corpo ou com alguma parte especializada do corpo. Entre as alternativas abaixo, aquela que NÃO apresenta um exemplo adequado dessas extensões ou prolongamentos é:

a) os óculos: extensão da vista.
b) a espada: extensão do braço.
c) o navio de carga: extensão das costas.
d) os transportes: extensão dos pés.
e) o perfume: extensão do olfato.

3. "De fato, podemos tratar de todas as coisas materiais feitas pelo homem como extensões ou prolongamentos..."; a expressão sublinhada tem a finalidade de:

a) retificar informações anteriores.
b) ampliar informações já fornecidas.
c) confirmar informação prestada anteriormente.
d) explicar informações pouco claras.
e) acrescentar dados aos já fornecidos.

Texto XIII

CÂNCER

Márcio Bueno – A origem curiosa das palavras

A palavra câncer vem do latim câncer, cancri, que significa "caranguejo". No próprio latim passou a designar também os tumores da mama porque, segundo alguns autores, as veias que partem deles apresentam certa semelhança com as patas do crustáceo. Para outros estudiosos, a metáfora decorre de essas úlceras roerem as carnes como um caranguejo. Com o tempo, o termo foi estendido para qualquer tipo de tumor maligno. Do termo latino derivou também "cancro", que é um sinônimo de "câncer". O mais interessante é que a origem do nosso termo "caranguejo" é exatamente a mesma, só que passando pelo espanhol "cangrejo".

1. "Para outros estudiosos, a metáfora..."; a metáfora a que se refere o texto se prende à semelhança entre:

a) caranguejo e crustáceo.
b) veias e patas.
c) mamas e carnes.
d) latim e português.
e) patas e crustáceo.

2. Após a leitura desse pequeno texto aprendemos que:

a) as palavras portuguesas provêm do antigo latim.
b) algumas palavras latinas desapareceram.
c) alguns significados são extensões do sentido original.
d) alguns idiomas desapareceram com o tempo.
e) as palavras portuguesas são originárias do latim e do espanhol.

3. O texto tem como finalidade principal:

a) justificar a denominação de câncer.

b) homenagear o idioma latino.
c) alertar a população para os perigos da doença.
d) mostrar o progresso da ciência brasileira.
e) indicar os caminhos de prevenção contra o câncer.

Texto XIV

DOENÇA DE CHAGAS

Márcio Bueno – A origem curiosa das palavras

Embora "chaga" seja uma lesão da carne, uma ferida aberta, a doença de Chagas não tem qualquer relação com esse tipo de problema. Trata-se de um mal irreversível, com várias implicações, incluindo problemas cardíacos. Na origem do termo está o nome do médico e cientista brasileiro Carlos Chagas (1879-1934) que, com apenas trinta anos, descobriu o agente causador e descreveu em detalhes tudo o que se relacionava com a doença: "Saibam todos", resumiu ele, "que o inseto conhecido por barbeiro ou chupão, encontrado nas casas de pau-a-pique dos sertanejos do Brasil, é portador de um parasita que causa febre, anemia, cardiopatias e aumento dos gânglios." Como "homenagem" ao sanitarista Oswaldo Cruz, com quem trabalhava, o cientista deu o nome ao parasita trypanosoma cruzi. Essa estranha homenagem de doença foi feita também a ele, quando o povo passou a chamar a parasitose de "doença de Chagas".

1. Das duas homenagens citadas no texto:

a) o nome de Oswaldo Cruz homenageou o parasita.
b) o nome de Oswaldo Cruz homenageou a doença.
c) o nome dado à doença homenageou Carlos Chagas.
d) só a segunda atribui valor à descoberta.
e) só a primeira representa, de fato, uma homenagem.

2. O texto tem como finalidade principal:

a) justificar a denominação da doença de Chagas.
b) homenagear Carlos Chagas.
c) homenagear Oswaldo Cruz.
d) mostrar o progresso da ciência brasileira.
e) ensinar o povo a proteger-se da doença de Chagas.

Texto XV

BRASIL E O MUNDO PODEM PREJUDICAR A SUA SAÚDE

Texto da Internet falsamente atribuído a Arnaldo Jabor

Minha profissão é ver o mal do mundo. Um dia, a depressão bate. Não aguento mais ver a cara do Bush ostentando rugas na testa de preocupação com o nosso destino (que ele azedou), não aguento mais o Lula de boné dançando xaxado, não aguento ver o Sarney feliz, mandando no país, guardando o PT no bolso do jaquetão, enquanto os petistas, comunistas, tucanistas e fascistas discutem para ver quem é mais de esquerda ou de direita, enquanto o país afunda em violência e miséria, com o Estado sendo loteado entre esquerdistas sem emprego; não dá mais para ouvir que há transgênicos de esquerda ou de direita, principalmente quando ninguém consegue impedir as queimadas na Amazônia; passo mal também quando vejo a cara dos oportunistas do MST, com a bênção da Pastoral da Terra, liderando pobres diabos para a revolução contra o capitalismo; não aguento secretários de Segurança falando em forças-tarefa, em presídios perfeitos que não conseguem nem bloquear celulares; não suporto ver que o

Exército se recusa a ajudar na repressão ao crime, com generais tão eficazes para arrasar a guerrilha urbana nos anos setenta.

1. Em relação à primeira frase do texto, todo o trecho seguinte do primeiro parágrafo funciona como:

a) contradição.
b) exemplificação.
c) comparação.
d) explicação.
e) conclusão.

2. O trecho entre parênteses – que ele azedou – no primeiro parágrafo do texto:

a) explica uma afirmação anterior.
b) exemplifica um fato citado.
c) corrige algo dito anteriormente.
d) acrescenta algo ao que foi dito.
e) ratifica um pensamento expresso antes.

Texto XVI

FUMAR?

Vera Lúcia Scognamiglio

Um pai ou uma mãe que fumam podem trazer o cigarro para mais perto do adolescente, mas não acredito que esse seja o fator decisivo que faça com que ele comece a fumar. Penso que o cigarro é atraente para o adolescente por ser um símbolo do mundo adulto. Às vezes, do mundo adulto que "deu certo", como sugerem as propagandas de cigarro: homens e mulheres independentes, felizes, bem-sucedidos... Mas, neste sentido, acredito que a mídia exerça mais influência que o exemplo dos pais. E o grupo de pares, mais ainda. Fumar é um hábito de uma parte da tribo humana que acolhe os que se identificam com ela e com seus rituais, linguagem, gestos comuns, etc. Se um adolescente frequenta uma turma em que todos fumam, a influência será muito forte para que adote esse hábito do grupo como seu. Nesses momentos, pedir ou dar um cigarro ou fumar coletivamente facilita muito a aproximação com o outro e abre um canal de comunicação numa linguagem comum a todos. O que importa é que o jovem se sinta integrado ao grupo, adotando os mesmos padrões e comportamentos da turma, que nessa etapa da vida é quem dita as normas.

Além disso, o cigarro pode ser muito prazeroso, pois sabemos que ele se relaciona em algum nível com as gratificações orais da infância que podem ser reativadas em qualquer idade. Dessa forma ele pode muito bem funcionar como substituto de alguma coisa ou de alguém que está faltando, uma espécie de companheiro de toda hora. Para alguns adolescentes o cigarro pode aplacar a ansiedade, funcionando como um apoio quando, por exemplo, eles têm de enfrentar uma situação social nova. A adolescência é uma fase carregada de situações estressantes, e o cigarro, a exemplo de outras drogas, lícitas ou ilícitas, tem o poder de relaxar.

Retomando a questão da influência dos pais fumantes no tabagismo dos filhos, me parece que, se ocorre de fato alguma influência, o mais comum é que ela opere no sentido contrário. Os filhos de pais fumantes frequentemente abominam o cigarro, se sentem mal e se irritam quando os pais fumam por perto, e mesmo se preocupam com os riscos que o cigarro representa para a saúde dos pais, tentando persuadi-los para que parem de fumar.

1. Segundo o primeiro parágrafo do texto, o fato de pai e mãe fumarem:

a) é causa necessária e suficiente na iniciação dos filhos no hábito de fumar.
b) é razão determinante na formação, nos filhos, do vício de fumar.
c) é causa necessária, mas não suficiente para que os filhos fumem.
d) não é causa necessária nem suficiente para que o vício do fumo chegue aos filhos.
e) não é causa necessária, mas é suficiente para a iniciação dos filhos no fumo.

2. No último parágrafo do texto, a autora retoma o tema da influência dos pais fumantes no tabagismo dos filhos para:

a) confirmar uma opinião dada anteriormente.
b) acrescentar um dado esclarecedor sobre um aspecto abordado no 1º parágrafo.
c) fazer uma concessão a um pensamento expresso no parágrafo inicial.
d) trazer uma opinião que contradiz algo expresso anteriormente.
e) expressar uma certeza que apóia ideias contrárias ao tabagismo.

Texto XVII

ALIMENTAÇÃO E RENDIMENTO ESCOLAR

Arnaldo Niskier, Educação em primeiro lugar

As crianças brasileiras, em geral, chegam à escola com problemas de desnutrição crônica. Se elas não adquirirem, nos seus primeiros anos de vida, os 10 bilhões de neurônios necessários à constituição adequada do cérebro, com certeza terão dificuldades de passar pela etapa de alfabetização, a partir dos 6 anos de idade.

O cientista pernambucano Nelson Chaves tem uma teoria sobre a criação de uma "geração nanica", que se estaria desenvolvendo no Nordeste, devido à falta de proteínas. Para ele, "o problema da desnutrição é econômico e social. É preciso elevar o nível econômico das populações e isso é um problema geral de governo".

No plano geral, a saúde é da responsabilidade do Estado. E é inadmissível que tenhamos desenvolvido a prática de medicina curativa, a custos altíssimos para os contribuintes, quando a medicina preventiva seria muito mais aconselhável e barata. Essa última relaciona-se com a educação sanitária, envolvendo aspectos sociais, como saneamento básico, vacinações, conhecimento de parasitoses, higiene corporal e outros.

Já a medicina curativa, a mais praticada no Brasil, volta-se para a resolução de problemas de saúde que poderiam não ter surgido se a educação sanitária fosse amplamente praticada.

1. "As crianças brasileiras, em geral,..."; a expressão em geral:

a) indica a totalidade das crianças brasileiras.
b) leva em consideração a minoria pobre.
c) mostra que a afirmação é duvidosa.
d) despreza dados menos significativos.
e) enfatiza problemas que afetam todas as crianças.

2. O segundo período do primeiro parágrafo:

a) mostra uma opinião pessoal do autor do texto.
b) destaca um conhecimento científico estabelecido.
c) indica um problema que justifica a aprovação escolar.
d) comprova uma afirmação anterior do texto.

e) apresenta argumentos do autor a favor da desnutrição.

3. Todas as alternativas a seguir se referem à "geração nanica", referida no segundo parágrafo do texto, exceto:

a) as crianças dessa geração padecem de desnutrição crônica.
b) essa geração é fruto da falta de proteínas na infância.
c) esse mal atinge as crianças brasileiras, em geral.
d) a geração nanica é marca flagrante no Nordeste.
e) as crianças dessa geração não adquiriram 10 bilhões de neurônios.

Texto XVIII

ENTREVISTA

Isto é, novembro de 2005

Revista: É verdade que muitos brasileiros estão voltando a procurar tratamento contra o câncer fora do país?

Roberto Gil: Sem dúvida. Começamos a ter dificuldade de acesso a determinados tratamentos. Não estamos conseguindo aprovar a entrada de medicamentos de ponta lançados no mercado internacional porque não se chega a um acordo de preço. Então, a alternativa de ir para fora aparece como opção para obter melhor tratamento. Isso é muito ruim. Primeiro para quem vai, que terá de se afastar de seus familiares, de seus amigos, de suas referências justamente no momento em que mais precisa desse apoio. Depois, para quem está doente e fica, resta a sensação de que a terapia que está recebendo é inferior à que receberia se estivesse em outro país, apesar de termos profissionais altamente qualificados. Por fim, isso faz com que alguns hospitais se especializem prioritariamente no atendimento a esse tipo de paciente, de elite. Não temos ainda números, uma estatística de quantos brasileiros estão procurando tratamento fora, mas posso afirmar isso baseado na minha rotina e na de meus colegas.

1. A finalidade da pergunta da revista é:

a) resolver um problema.
b) confirmar uma informação.
c) esclarecer uma dúvida.
d) tomar conhecimento de algo.
e) saber a razão de um fato.

2. Segundo o entrevistado, entre as consequências de muitos pacientes de câncer procurarem tratamento fora do Brasil está:

a) o tratamento diferenciado segundo as classes sociais.
b) a criação de novos hospitais.
c) a valorização de nosso sistema de saúde.
d) a má consideração dos médicos estrangeiros.
e) a perda da relação médico/paciente.

3. A opinião dada pelo médico:

a) tem base estatística.
b) fundamenta-se na experiência.
c) provém das estatísticas hospitalares.
d) é originária do noticiário da imprensa.
e) foi transmitida por profissionais qualificados.

Texto XIX

Posso tomar banho após a refeição?

(Marcelo Duarte – O guia dos curiosos)

Tomar banho frio ou entrar numa piscina depois de ter comido não oferece riscos. O que não se deve fazer é qualquer tipo de exercício físico intenso, como nadar ou surfar. Isso desvia o sangue do estômago para os músculos que estão trabalhando. Após as refeições, boa parte do seu sangue vai para o estômago e o intestino a fim de realizar uma digestão adequada. Ao praticar esportes depois de comer, a pessoa fica com dificuldades na digestão e acaba passando mal (enjoo, suor frio e tontura). Tomar banhos longos e quentes dilata os vasos sanguíneos da pele e também acaba desviando o sangue do estômago.

1. "Posso tomar banho depois de uma refeição?"; segundo o texto, a melhor resposta para essa pergunta é:

a) sim, pois isso nenhum mal faz.
b) sim, pois a digestão se processa normalmente.
c) não, pois isso traz problemas graves.
d) sim, mas é desaconselhável, pois os exercícios físicos prejudicam.
e) sim, desde que não sejam demorados e com água quente.

2. Os atos de nadar e surfar são citados no texto como:

a) exemplos de exercícios que devem ser evitados.
b) atos que em nada prejudicam.
c) atividades que auxiliam na digestão.
d) prejudiciais ao desenvolvimento físico.
e) causadores de problemas nos intestinos.

3. Pela leitura do texto, a resposta dada pelo autor se apoia em:

a) dados resultantes de pesquisas.
b) informações de autoridades médicas.
c) conhecimentos pessoais do autor.
d) opiniões superficiais de caráter popular.
e) depoimentos de autoridades da área da saúde.

Texto XX

A rolinha e o elefante

Ao ver a rolinha carregando em seu bico água do rio até um incêndio que se alastrava na floresta, o elefante perguntou:

– Você está querendo apagar aquele fogaréu com essas gotinhas d'água?

A rolinha respondeu:

– Estou apenas fazendo a minha parte.

1. A mensagem a ser depreendida do texto é:

a) quem tudo quer, tudo perde.
b) deus ajuda a quem cedo madruga.
c) não há bem que sempre dure nem mal que nunca se acabe.
d) a indiferença é o pior de todos os males.

e) de boas intenções o inferno anda cheio.

Texto XXI

PALAVRA DE ESPECIALISTA

Divergência sobre situação do país.

Dois economistas que acompanham a produtividade brasileira têm opiniões contrárias sobre a situação institucional do país. Para Pedro Cavalcanti, professor da Escola de Pós-Graduação em Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV), não há piora no quadro institucional brasileiro que justifique uma queda tão significativa no ranking.

– O fato de a corrupção estar clara hoje não significa que não existia no passado. E o país avançou. Aprovou a lei de falências que deu mais garantias a quem empresta e mudou o crédito imobiliário. A avaliação dessa pesquisa é muito subjetiva.

Cavalcanti afirma, porém, que a alta carga tributária, que subiu de 25% do PIB (Produto Interno Bruto) para 36% em 15 anos sem a contrapartida de melhoria nos serviços é um entrave para aumentar a competitividade.

Fábio Fonseca, professor do Ibmec, vê retrocessos no país, principalmente com a crise política. Outro fator a empurrar para baixo, segundo o economista, foi o desempenho melhor de países como África do Sul, Índia, Indonésia.

– Não há transparência nos gastos do governo. E quando há é somente para iniciados. O regime tributário é caótico e a Receita Federal comemora todo mês a arrecadação recorde como se fosse algo bom.

1. Só NÃO se pode dizer sobre o subtítulo dado ao texto – divergência sobre situação do país – que ele:

a) indica o tema central do texto.
b) antecipa o assunto do texto.
c) resume o que vai ser tratado.
d) indica uma posição do jornalista.
e) mostra ser tema de interesse nacional.

2. O texto diz que as pessoas que expressam opiniões são “dois economistas que acompanham a produtividade brasileira”; a única alternativa que NÃO justifica o fornecimento dessa informação é que:

a) as pessoas consultadas são igualmente competentes.
b) os dois economistas merecem credibilidade.
c) os dois economistas estão bastante atualizados.
d) o assunto tratado é do conhecimento de ambos.
e) o jornal só contrata pessoas de alto gabarito.

3. A aprovação da lei de falências e a mudança do crédito imobiliário foram citadas no texto para mostrar:

a) a deterioração do sistema econômico brasileiro.
b) o progresso do Brasil no setor do crédito.
c) o avanço do Brasil nas conquistas democráticas.
d) o retrocesso político do país.
e) exemplos de medidas que só beneficiam o capital.

4. “A avaliação dessa pesquisa é muito subjetiva”; a pesquisa referida é a que:

a) mostrou o avanço econômico do país.
b) causou a queda do Brasil no ranking.
c) demonstra o acerto das medidas tomadas.
d) confirma a diminuição da corrupção no país.
e) indica o progresso legal do Brasil.

5. No início do terceiro parágrafo aparece a conjunção porém, que mostra uma oposição entre o que foi dito e o que está expresso nesse terceiro parágrafo. A oposição referida se verifica entre:

a) passado X presente.
b) política X economia.
c) governo anterior X governo atual.
d) ditadura X democracia.
e) aspectos positivos X aspectos negativos.

Texto XXII

SOLIDARIEDADE

Betinho, Jornal do Brasil, 12/09/1993

[...] Assim como a miséria foi sendo construída com a indiferença frente à exclusão e à destruição das pessoas, a negação da miséria começa a se realizar com a prática cotidiana, ampla e generosa da solidariedade.

A frieza construiu a miséria. Construiu as cidades cheias de gente e de muros que as separam como estranhos que se ignoram e se temem. A solidariedade vai destruir as bases da existência da miséria. É uma ponte entre as pessoas.

Por isso o gesto de solidariedade, por menor que seja, é tão importante. É um primeiro movimento no sentido oposto a tudo que se produziu até agora. Uma mudança de paradigma, de norte, de eixo, o começo de algo totalmente diferente. Como um olhar novo que questiona todas as relações, teorias, propostas, valores e práticas, restabelecendo as bases de uma reconstrução radical de toda a sociedade. Se a exclusão produziu a miséria, a solidariedade destruirá a produção da miséria, produzirá a cidadania plena, geral e irrestrita. Democrática.

A luta contra a miséria nos obriga a um confronto com a realidade naquilo que nos parece mais brutal: a pessoa desfigurada pela fome, desesperada pela comida ou por qualquer gesto de reconhecimento de sua existência humana. Se a distância perpetua a miséria, a solidariedade interrompe o ciclo que a produz e abre possibilidades imensas para se reconstruir a humanidade destruída em 32 milhões de pessoas e negada em outros milhões de pessoas que vivem na pobreza.

Se a indiferença construiu esse apartheid monstruoso, a solidariedade vai destruir suas bases. E essa energia existe com uma força surpreendente entre nós, uma força capaz de contagiar quem menos se espera e de produzir uma nova cultura, a do reencontro.

Quando o Movimento da Ação da Cidadania começou, ninguém esperava que fosse capaz de andar tão rápido, de se expandir com tanta força, de tocar tantas e tão diferentes pessoas, de encher auditórios e de se espalhar por todos os cantos do país.

Há uma tremenda força de mudança no ar, na terra. Há um movimento poderoso, tecendo a novidade através de milhares de gestos de encontro. Há fome de humanidade entre nós, por sorte ou por virtude de um povo que ainda é capaz de sentir, de mudar e de impedir que se consume o desastre, o suicídio

social de um país chamado Brasil.

1. O texto é uma reflexão sobre a solidariedade, motivo de um movimento – o Movimento da Ação da Cidadania – criado por Betinho, autor do texto, alguns anos atrás. O primeiro parágrafo do texto é construído numa estrutura comparativa, em que só NÃO correspondem:

a) a miséria / a negação da miséria
b) foi sendo construída / começa a se realizar
c) indiferença / prática
d) exclusão, destruição / solidariedade
e) das pessoas / ampla e generosa

2. O fato de o texto começar por colchetes com pontos suspensivos – [...] – indica que:

a) havia outros segmentos anteriores que não foram reproduzidos.
b) se trata de um texto reflexivo e que é necessário pensar sobre o que é dito.
c) o texto é cópia de um original já publicado anteriormente.
d) há citações alheias inseridas no corpo do texto.
e) a publicação do texto é matéria paga pelo próprio autor.

3. "A frieza construiu a miséria. Construiu as cidades cheias de gente e de muros que as separam como estranhos que se ignoram e se temem. A solidariedade vai destruir as bases da existência da miséria. É uma ponte entre as pessoas."; entre os problemas referidos nesse segundo parágrafo do texto só NÃO está o(a):

a) egoísmo.
b) violência.
c) indiferença.
d) corrupção.
e) medo.

4. A palavra democrática, ao final do terceiro parágrafo, funciona, em relação aos segmentos anteriores do mesmo parágrafo, como:

a) retificação.
b) síntese.
c) explicação.
d) confirmação.
e) comparação.

Texto XXIII

A ARTE NA NOSSA VIDA

Jô Oliveira e Lucília Garcez

Você pode pensar que não conhece arte, que não convive com objetos artísticos, mas estamos todos muito próximos da arte. Nossa vida está cercada dela por todos os lados.

Ao acordar pela manhã e olhar o relógio para saber a hora, você tem o primeiro contato do dia com a arte. O relógio, qualquer que seja o seu desenho, passou por um processo de produção que exigiu planejamento visual. Especialistas estudaram e aplicaram noções de arte. A forma do seu relógio é resultado de uma longa história da imaginação humana e das suas preferências. A cor, a forma, o volume, o material que foram escolhidos estão testemunhando o tempo e a transformação do gosto e da

técnica. Ao observá-lo, você percebe que é um objeto antigo ou moderno, você reconhece que quem o desenhou preferia formas curvas ou retas, ou ainda dourado, e até pedrinhas brilhantes.

Quem escolhe um relógio para comprar, decide com base em suas preferências pessoais. Alguns preferem os mais elaborados, outros preferem os mais simples. É o gosto pessoal que predomina, e este pode variar infinitamente. Varia porque recebe influências de acordo com a idade, com a época, com o meio social em que a pessoa vive. E, como nos diz a sabedoria popular: "gosto não se discute". Mas, quem sabe, possamos discutir o gosto?

Em outros objetos do seu quarto e de seu cotidiano você pode observar a presença da arte: na estampa de seu lençol, no desenho da sua cama, no formato da sua escova de dentes, no desenho da torneira e da pia do banheiro, na xícara que você toma leite, nos talheres, no modelo do carro, no formato do telefone. Em todos os objetos há um pouco de arte aplicada.

Esse esforço para produzir objetos bonitos, agradáveis ao olhar, atraentes e harmoniosos, está em todas as culturas, em todas as civilizações. E em nosso dia a dia.

1. Infere-se do primeiro parágrafo do texto que:

a) o texto é dirigido aos que só conhecem arte tradicional.
b) a finalidade do texto é mostrar que arte é vida.
c) a arte referida no texto é a produzida pelo povo.
d) seu objetivo é atrair leitores não-iniciados em arte.
e) o público-alvo do livro são estudantes de pouca idade.

2. Ao dizer que "nossa vida está cercada dela por todos os lados" a autora do texto faz alusão à definição de "ilha", presente em nossos livros didáticos de geografia. Nesse caso, a equivalência correta para "arte" é:

a) a ilha.
b) a água.
c) a terra.
d) o céu.
e) o vento.

3. O segundo parágrafo do texto só NÃO tem a função de:

a) explicitar a última afirmação do primeiro parágrafo.
b) indicar um exemplo de desconhecimento de arte.
c) mostrar a presença da arte em torno de nós.
d) exemplificar um caso de proximidade da arte.
e) demonstrar que a arte é uma necessidade em nossa vida.

Texto XXIV

CIÊNCIA E NAVEGAÇÃO

Bento Ribeiro Dantas

A história da humanidade contém sagas de extraordinária beleza, mas nenhuma suplanta a história dos descobrimentos marítimos dos séculos XVI e XVII. Foi uma época em que os homens de coragem e de saber, em busca de conhecimento e riquezas, aventuraram-se por mares e oceanos totalmente desconhecidos. Para isso foram necessários avanços técnicos que transformaram e desenvolveram a ciência da construção naval e dos planos vélicos das embarcações, a arte da cartografia e os métodos de aquisição das informações geográficas essenciais à sua precisão, a navegação pela observação

astronômica, os instrumentos e a matemática indispensáveis à sua utilização. Enfim, todos os meios que tornaram possível aos portugueses, e mais tarde aos demais europeus, a descoberta de mais de dois terços da Terra – até aquela época, para eles, incógnitos. A chegada ao Brasil foi fruto desse esforço heróico, que não deixou nada ao acaso.

1. O texto corresponde às primeiras linhas de um livro cujo título é Ciência e navegação; o segmento do texto onde NÃO há qualquer referência à ciência é:

a) "Foi numa época em que os homens de coragem e de saber."
b) "Para isso foram necessários avanços técnicos..."
c) "Enfim, todos os meios que tornaram possível aos portugueses,..."
d) "... a história dos descobrimentos marítimos dos séculos XV e XVI."
e) "... transformaram e desenvolveram a ciência da construção naval."

2. O segundo período do texto – Foi uma época em que os homens de coragem e de saber, em busca de conhecimento e riquezas, aventuraram-se por mares e oceanos totalmente desconhecidos – tem a função textual de:

a) causar suspense no leitor para manter seu interesse pela leitura.
b) explicar o porquê de ser essa uma saga de extraordinária beleza.
c) localizar a época sobre a qual o livro vai concentrar suas atenções.
d) antecipar a consequência das grandes navegações portuguesas.
e) valorizar o conhecimento científico da época destacada.

3. O autor do texto coloca suas opiniões no texto, entre outros processos, por meio de adjetivos; os adjetivos abaixo que expressam opinião são:

a) "extraordinária beleza" / "esforço heroico"
b) "esforço heróico" / "planos vélicos"
c) "planos vélicos" / "avanços técnicos"
d) "avanços técnicos" / "descobrimentos marítimos"
e) "descobrimentos marítimos" / "extraordinária beleza"

Texto XXV

FALSA HARMONIA

Wellington Silva

Um dos principais argumentos dos que se opõem à adoção de políticas de ação afirmativas é a pretensa harmonia com que negros e brancos sempre conviveram no Brasil. Os defensores da adoção de cotas nas universidades federais estariam importando um remédio feito sob medida para a racista sociedade americana, o que provoca no doente um efeito colateral grave: o surgimento de conflitos entre negros beneficiados pelas cotas e brancos "excluídos". Diferentemente dos EUA, onde ocorreram e ocorrem manifestações explícitas de segregação, no Brasil negros e pardos não são vítimas de preconceito racial: aqui não existem guetos, e negros e brancos circulam livremente em todos os aspectos sociais. A cota seria um perigo, pois poderíamos transformar o país em um barril de pólvora com a criação de um fenômeno até então inexistente: o preconceito racial.

Os defensores dessa tese precisam encontrar outro argumento para bombardear o projeto do governo federal que institui as cotas nas universidades federais. Lamento informar, mas existe segregação racial no Brasil, sim. Claro que, devido às histórias e formações culturais distintas, temos um racismo com nuances diferentes, mas cuja essência é a mesma do americano. Aqui, como nos EUA, existem espaços

demarcados, espaços cujos acessos tradicionalmente são vedados para os negros. Talvez os adversários das ações afirmativas não percebam essa realidade pelo simples fato de ela não os afetar, uma vez que são em sua maioria brancos. E uma coisa é analisar o racismo, outra é viver o racismo.

A perspectiva da qual se olha um problema quase sempre faz toda a diferença. A afirmação de que não existe racismo no Brasil só pode ser resultado da experiência de quem vê essa questão da perspectiva do "branco", pois o racismo existe e há muito tempo. Quem é negro sabe, pois convive com ele todo dia, desde a hora em que acorda até hora em que vai dormir.

1. O título do texto – "Falsa harmonia" – se refere à ideia falsa de que:

a) não há racismo no Brasil.
b) brancos e negros são inimigos no Brasil.
c) todos conseguem emprego com facilidade.
d) negros podem viver no mesmo espaço que os brancos.
e) no Brasil há miscigenação.

2. O texto começa:

a) pelos argumentos favoráveis ao estabelecimento de cotas para negros.
b) pelos argumentos contrários ao estabelecimento de cotas para negros.
c) pela defesa do governo federal, ao estabelecer cotas para negros nas universidades.
d) pela oposição ao projeto do governo que matricula negros nas universidades.
e) pela apresentação de um problema, sem tomada de posição.

3. Ao final da leitura do texto constata-se que a posição do jornalista que é autor do texto é a de que:

a) o racismo existe no Brasil e é mais forte que o americano.
b) o racismo não existe no Brasil, onde pretos e brancos convivem em harmonia.
c) o racismo existe no Brasil, mas é diferente do americano.
d) não existe racismo no Brasil, pois as leis não permitem.
e) só existe racismo no Brasil para quem vê o problema da perspectiva branca.

Texto XXVI

Capaz de minar as mais sólidas estruturas econômicas e sociais do País, o contrabando pode ser apontado como um dos principais instrumentos de degradação social, produzindo um sem número de problemas e esgarçando o tecido das relações comerciais e das transações financeiras.

(Adaptado de *www.unafisco.org.br*, 30/10/2000)

1. Assinale a opção em que o argumento apresentado **não** reforça a ideia principal do texto abaixo.

a) Devido ao seu caráter ilegal, marginal e ilegítimo, o contrabando expõe a economia doméstica formal à concorrência desleal.
b) Em última instância, o contrabando atenua a questão do desemprego, pois representa uma forma assistemática de absorção informal de mão de obra.
c) O sistema que mantém o contrabando também propicia e patrocina o crime organizado, pois favorece o tráfico de armas e drogas.
d) Embora não se enfoque sempre essa questão, o contrabando vulnerabiliza a saúde pública e põe em risco a vida das pessoas com a introdução no mercado de produtos sem qualquer controle regulamentar.

e) A entrada ilegal de substâncias químicas fragiliza o meio ambiente pela introdução de produtos perigosos sem qualquer controle e propicia a destruição e a degradação de reservas naturais.

Texto XXVII

"Dizia o sociólogo norte-americano, Robert Merton, que o que há de mais relevante e espantoso com as profecias é que elas se autorrealizam, como um vaticínio, um augúrio."

1. Assinale, entre as opções propostas, aquela que se desvia, ainda que parcialmente, do conceito e da direção argumentativa expressos no período abaixo.

a) Ao serem concebidas pela imaginação ilimitada dos homens, As profecias potencializam a chance de se transformarem em realidade, projetando e fortalecendo um desejo ou temor coletivo.

b) Pelo simples fato de que foram inventadas por alguém, com ousadia e eficácia simbólica, ganham existência real, criando a probabilidade de serem incorporadas à vida social em futuro imediato ou distante.

c) Quando uma grande (ou pequena) ideia se cristaliza, sua força transformadora entra em ação com os mesmos poderes que comandam as leis da Física.

d) Acima de profetas e messias, está o império da história, que constrói o futuro com seus próprios vetores e forças internas atuando à revelia do desiderato e do fado humanos.

e) A história da humanidade registra fatos que provam a existência de uma simbiose natural entre os grandes sonhos e as grandes mudanças, fruto da magia pessoal e de uma vontade inabalável.

(Com base em artigo de Aspásia Camargo)

Texto XXVIII

A população sertaneja é e será monarquista por muito tempo, porque no estádio inferior da evolução social em que se acha, falece-lhe a precisa capacidade mental para compreender e aceitar a substituição do representante concreto do poder pela abstração que ele encarna, pela lei. Ela carece instintivamente de um rei, de um chefe, de um homem que a dirija, que a conduza e, por muito tempo ainda, o Presidente da República, os presidentes dos Estados, os chefes políticos locais serão o seu rei, como, na sua inferioridade religiosa, o sacerdote e as imagens continuam a ser os seus deuses. Serão monarquistas como são fetichistas, menos por ignorância do que por um desenvolvimento intelectual, ético e religioso, insuficiente ou incompleto.

(Raimundo Nina Rodrigues, As Coletividades Anormais, S. Paulo, 1939)

1. Julgue se as proposições I, II e III expressam a leitura correta do texto, reproduzindo as ideias nele contidas sem distorcer e desvirtuar a significação textual. Marque, a seguir, a opção correta.

I. Dada a situação de repúdio às relações sociais do homem sertanejo, falece-lhe a capacidade mental responsável pelo pensamento abstrato.

II. No aspecto religioso, a população sertaneja padece da mesma inferioridade que demonstra ter em relação à representação política.

III. Menos por ingenuidade e mais por ignorância, a população do interior adere instintivamente e se submete passivamente ao ideário monarquista.

a) Todas as proposições estão corretas.

b) Todas as proposições estão incorretas.

c) Está correta apenas a proposição I.

d) Estão incorretas as proposições I e III.

e) Estão corretas as proposições I e II.

2. Assinale o parágrafo que, ao dar continuidade ao trecho de Raimundo Nina Rodrigues, produz uma **ruptura** na linha de argumentação e de desenvolvimento das ideias do texto.

a) O que não se pode exigir delas é que perfilhem entre os que estão de posse do poder e os que disputam essa posse, capitaneados por verdadeiros régulos de que os jagunços representavam apenas o exército, a força material.

b) O que é pueril é exigir que essas populações compreendam que a federação republicana é a condição, a garantia da futura unidade política de um vasto país que não pode oferecer a centralização governamental da Monarquia.

c) Consequentemente, o que predomina soberana é a vontade, são os sentimentos ou os interesses pessoais dos chefes, régulos ou mandões, diante dos quais as maiores garantias da liberdade individual ou se transformam em recurso de perseguição contra inocentes, se desafetos, ou se anulam em benefício de criminosos quando amigos.

d) Seria ingênuo esperar que pudesse ser outro o sentimento político do sertanejo; seria preciso negar a evolução política e admitir que os povos mais atrasados e incultos podem, sem maior preparo, compreender, aceitar e praticar as formas de governo mais liberais e complicadas.

e) Todas as grandes instituições que, na civilização deste fim de século, garantem a liberdade individual e dão o cunho da igualdade dos cidadãos perante a lei são mal compreendidas, sofismadas e anuladas por essa gente.

Texto XXIX

Questão velha, polêmica e controvertida, que constitui obstáculo à ação das autoridades administrativo-tributárias, mas que sempre viva e exacerbadamente atual, é a do "sigilo bancário", pois frente ao crédito tributário e ao Fisco, aquele como um bem público relevante e indisponível e este na busca de cumprir os objetivos a que se destina de aferir a real capacidade contributiva, arrecadar tributos, promover a igualdade e a justiça fiscal, colocam-se a preservação e a garantia dos direitos fundamentais invioláveis de privacidade e intimidade inerentes às pessoas dos contribuintes.

(Mary Elba G. Q. Maia, "A Inexistência de sigilo bancário frente ao poder-dever de investigação das autoridades fiscais", Tributação em Revista, julho/setembro de 1999)

1. Assinale a proposição nuclear do texto, aquela que contém a ideia-síntese em torno da qual se desenvolve sintática e semanticamente o parágrafo.

a) Questão velha, polêmica e controvertida é a do sigilo bancário frente ao crédito tributário e ao Fisco.

b) Frente ao crédito tributário e ao Fisco, coloca-se a questão do sigilo bancário como um obstáculo à ação das autoridades administrativo-tributárias.

c) Por ser um bem público relevante e indisponível, o crédito tributário deve preservar e garantir o direito de privacidade do contribuinte.

d) A preservação dos direitos fundamentais de privacidade dos contribuintes frente ao crédito tributário e ao Fisco deve ser colocada na discussão do sigilo bancário.

e) Na tarefa de cumprir os objetivos de aferir a capacidade contributiva, arrecadar tributos e promover a igualdade e a justiça fiscal, o Fisco deve preservar e garantir a questão do sigilo bancário dos contribuintes.

Texto XXX

Um jogo, os jogos

Toda interação pressupõe uma relação de reciprocidade, uma relação mútua entre dois ou mais objetos, entre duas ou mais pessoas. Multiplicam-se, atualmente, os programas interativos nos espetáculos de

variedades da TV, surgem os primeiros filmes e as primeiras peças de teatro interativas, exigindo do espectador uma atitude crítica ao lidar com as diversas questões apresentadas e uma postura mais ativa ao intervir no desdobramento do que é visto nas telas, nos palcos e nos salões.

Ao dirigirmos um olhar atento às manifestações mais recentes da arte interacional, verificamos a expressiva tendência à utilização, em uma única obra, da combinação das variadas formas artísticas. É comum, por exemplo, atualmente, ouvir referências não a exposições de trabalho, mas a performances, instalações, instalações multimídias ou termos equivalentes. A eletrônica define o futuro da arte interacional e revela uma nova consciência da evolução da arte, inserida em uma era voltada para a interatividade e a realidade virtual.

A arte contemporânea busca, intencionalmente, uma multiplicação de significados. Em um único livro, o leitor é convidado a conviver com uma pluralidade de histórias, de gêneros e de direções de leitura. Ocorre um movimento de desindividualização dos gêneros de arte. A literatura se associa aos roteiros de TV, à pintura, à escultura, à música, ao cinema, inaugurando, em sua estruturação original, um amplo e inequívoco projeto interativo, não fora esse o seu maior desafio.

(Maria Angélica Alves. Leitura e literatura infantil; a questão do ser, do fazer e do sentir, Brasília, 2000)

1. Julgue as ideias dos períodos a seguir quanto à possibilidade de introduzirem um novo parágrafo final, corretamente grafado, mantendo coerência com o texto acima.

a) Assim, um grande desafio para a literatura, na modernidade, é saber tecer em conjunto os diversos saberes e os diversos códigos em uma visão pluralística e multifacetada do mundo.

b) Em síntese, o narrador e o leitor dos livros interativos reconhecem que, para vencer todos os obstáculos e cumprir a missão proposta no início da narrativa, é preciso utilizar a esperteza e o conhecimento.

c) Finalmente, alguns livros modernos propõem desafios ou tarefas ao leitor para que ele possa vencer as etapas da leitura; outros estimulam a entrada do leitor na obra, por meio de alternativas ou opções propostas pelo narrador.

d) A mudança do comportamento nas formas de interpretação do produto artístico reflete a mudança de comportamento exigida pela vida contemporânea.

e) Vivemos em uma sociedade de opções e alterar a ficção significa tão somente expressar um desejo de alteração da própria realidade; alterar histórias e alterar a História.

Texto XXXI

O leitor é personagem da modernidade, produto da sociedade burguesa e capitalista, livre dos laços de dependência da aristocracia feudal e do estreitamento corporativista das ligas medievais. A emancipação do leitor encena, de certo modo, o processo de libertação de que se originou a sociedade moderna. Nesse sentido, narrar a formação da leitura no Brasil significa também narrar, sob esse viés, a história da modernização de nossa sociedade.

Vários fatores criaram o espaço social necessário para transformar certo número de pessoas associadas a certas práticas sociais em leitores: o individualismo da sociedade burguesa, a visão de mundo antropocêntrica estimulada pela Renascença e difundida pela filosofia humanista, o progresso tecnológico que facultou o desenvolvimento da imprensa, a expansão da escola e do pensamento pedagógico apoiado na alfabetização, o fortalecimento de instituições culturais como as universidades, as bibliotecas e as academias de escritores.

Disso resultaram duas noções: de um lado, a noção de público, massa coletiva e anônima que, não obstante o anonimato, pode ter vontade própria e direção definida, incidindo em linhas de ação que a

literatura, em parte ou no todo, acata ou não; de outro, a noção de leitor, indivíduo habilitado à leitura, com preferências demarcadas, figura que o escritor busca seduzir, lançando mão de técnicas e de artifícios contabilizados pela crítica e história da literatura.

Mesmo sendo presença suficientemente poderosa para influenciar os mecanismos literários, o leitor não se mostra figura unidimensional nem unidirecional. E exatamente o que é fugidio em sua história desdobra-se nos ângulos diferenciados que o leitor e a leitura foram assumindo ao longo do tempo.

Não que a leitura seja prática sólida no Brasil; nem que as instituições culturais e pedagógicas encarregadas de sua difusão tenham consistência ou estejam a salvo de críticas que, desde o século XIX, a elas são dirigidas. Desde a separação de Portugal, reclama-se (e com razão) uma atuação mais positiva e competente do Estado, no sentido de melhorar a educação e a cultura do país; nada indica que hoje essas reivindicações tenham perdido legitimidade e razão de ser.

Marisa Dajolo e Regina Zilberman. A formação da leitura no Brasil.
São Paulo: Ática, 1998, p. 9-10 (com adaptações)

1. Os itens abaixo correspondem, na mesma sequência, aos parágrafos do texto XXXI. Julgue se cada item expressa as ideias centrais do respectivo parágrafo.

a) O leitor é personagem da modernidade só porque sua emancipação traduz o processo de liberação de que se originou a sociedade contemporânea.

b) O individualismo da sociedade burguesa, o antropocentrismo estimulado pelo Renascimento, o desenvolvimento da imprensa e a expansão da escola são alguns dos fatores que criaram o espaço social propício à leitura.

c) Do progresso tecnológico do século XIX resultaram duas noções: de um lado, a de público, que parte da, ou toda a literatura, pode reconhecer ou não; de outro, a de leitor, figura que o escritor busca seduzir com seu texto.

d) O leitor, mesmo sendo presença poderosa, capaz de influenciar os mecanismos literários, não é figura de dimensão única, nem de direção unitária.

e) Talvez porque no Brasil a leitura não seja prática sólida, nem sejam consistentes algumas das instituições culturais encarregadas de sua difusão, reclama-se uma atuação mais produtiva do Estado, no sentido de melhorar a cultura e a educação do país.

Texto XXXII

Inimigos na trincheira

Quando, esporadicamente, um gaúcho aparece em um programa de televisão líder de audiência em nível nacional, julgamos equivocadamente que nos descobriram. Nós nos conscientizamos da ilusão assim que notamos que novamente é um fato isolado. O mesmo acontece com a chamada integração cultural do Mercosul. Algumas investidas sem a mínima programação normalmente não geram fatos com a solidez necessária para o fim. Mas esses não são os maiores problemas gaúchos.

Para alcançarmos ambas as expectativas, temos que calar inimigos na própria trincheira. Quando se fala em integração cultural com os países do Prata, sempre aparece um Padre Rômulo para contestar, apoiado exclusivamente em seu preconceito. Quando alguém fura o bloqueio e brilha na mídia nacional, os caranguejos gaúchos de plantão afiam suas garras.

A integração cultural requer programação, apoio dos governos, boa vontade das partes e muito desprendimento. Da mesma forma, a difusão do gauchismo em todo o território nacional.

Antes de pensarmos em convencer os de fora, temos que procurar mostrar aos daqui que somos capazes de uma convivência pacífica e harmoniosa com o mundo exterior. Necessitamos com urgência quebrar alguns espelhos para que os narcisos passem a avistar outra imagem, verdadeiramente bela, que não

seja a própria. Se, apesar desses obstáculos, estamos conseguindo, é porque vislumbramos o objetivo certo.

Paulo de Freitas Mendonça. "Editorial". Jornal de Nativismo, n. 158. nov./2001. p.2 (com adaptações).

1. A partir da leitura interpretativa do texto 32, julgue os itens seguintes.

a) O título do texto aponta para a existência de adversários em campo de guerra; o texto esclarece que os habitantes do Mercosul, nomeados de "caranguejos gaúchos", são adversários dos demais habitantes dos países do Prata, nomeados de "mundo exterior".

b) O texto estrutura-se segundo uma linha de raciocínio que vai do particular para o geral e do concreto para o abstrato, sob o foco de um gaúcho.

c) Para a solução do problema que está em discussão no texto, são empecilhos a falta de programa e de apoio por parte dos governantes, além da má vontade e da vaidade de algumas pessoas.

d) Muda-se o sentido, mas não se alteram as relações sintáticas na reescritura de "os narcisos passem a avistar outra imagem, verdadeiramente bela, que não seja a própria" como os narcisos avistem outra imagem que não seja a própria, verdadeiramente bela.

e) Ao afirmar, no primeiro parágrafo do texto, que o "mesmo acontece com a chamada integração cultural do Mercosul", o autor refere-se ao elevado nível de afinidade existente hoje entre os países-membros do Mercado Comum do Sul no que diz respeito ao comércio, às políticas internas, ao sistema financeiro e, sobretudo, à cultura.

Texto XXXIII

Individualistas e comportados. E daí?

Laura Greenholg. Sociedade dos poetas vivos.

In: Elle, ago./1990. p. 35 (com adaptações).

Cientistas sociais e filósofos de inúmeras correntes garantem: a geração de 90 é ambígua. Explica-se: os adolescentes dessa época buscam o bem-estar individual mas também consideram o conceito "viver dignamente" como um direito da humanidade. Só que eles não pretendem se fatigar nas lutas sociais, nem se sentem atraídos por bandeiras políticas ou cartilhas ideológicas. Em uma pesquisa recente na França, o item "justiça social" foi classificado como um dos menos importantes por moças e rapazes na faixa dos 14 aos 17 anos. Imediatamente, a geração que ouve Madonna, diverte-se com Steven Spielberg e devora sanduíches passou a ser chamada de "novos individualistas". O filósofo e escritor francês Laurent Joffrin, autor do livro Um Toque de Juventude, celebra com otimismo os "moralistas de blue jeans": "eles não são apáticos como se supõe. Seus interesses vão além do prazer imediato e da pura distração", explica Joffrin. Mais cético, seu colega Alain Finkelkraut acredita que os jovens dos anos 90 se apóiam em relacionamentos superficiais e valores distorcidos. "Comportam-se como se a vida fosse um grande videoclip...", lamenta. Enquanto os intelectuais batem boca, os ingleses que cresceram ouvindo a balada conservadora de Margaret Thatcher hoje insistem que a vida comportada é muito melhor. Em uma pesquisa da revista Look Now, moças e rapazes de 15 a 24 anos confessam gostar de boas roupas, querem ser vistos como pessoas sensíveis e responsáveis, pretendem ter uma carreira sólida e fazer fortuna. Desnecessário dizer que a Dama de Ferro adorou os resultados da pesquisa.

Aplicando conhecimentos acerca de tipologia, estrutura e organização de um texto em parágrafos, julgue os itens a seguir, segundo as ideias desenvolvidas no texto 10.

1. O texto é essencialmente dissertativo, podendo ser distribuído em parágrafos, dos quais o introdutório iria até "cartilhas ideológicas". (l. 4)

2. O primeiro período (l. 1) contempla a ideia geral do texto, resgatando na palavra "ambígua" o comportamento da juventude: apático e superficial.

3. Na linha 6, inicia-se uma passagem narrativa que se estende até "lamenta" (l. 12) e que conta a rotina da juventude francesa da época.

4. A pesquisa relativa aos ingleses, cujos resultados aparecem a partir do antepenúltimo período do texto, agradou a liderança conservadora porque mostra que os jovens britânicos são idealistas, consumistas, alienados e ambiciosos.

5. Ao se distribuir adequadamente em parágrafos, faltaria um fechamento que resgatasse a ideia básica desenvolvida no texto e desse caráter conclusivo ao título proposto.

Texto XXXIV

DO MUNDO VIRTUAL

Carlos Heitor Cony

Insisto em comentar as vantagens e desvantagens do mundo virtual. Não perderei tempo em lembrar as vantagens, elas entram pela cara da gente, tornam-se dia a dia mais indispensáveis e mais fáceis de manuseio.

Fico então com as desvantagens, e uma delas me remete ao processo de pensar, de refletir. Desde que Aristóteles criou o método peripatético, os melhores pensamentos da humanidade vieram quando filósofos, inventores, matemáticos, músicos e poetas obedeciam àquele processo de pensar caminhando, ou de caminhar pensando.

Beethoven passeava na floresta quando voltou correndo, com a Sexta Sinfonia inteira na cabeça. Kant era metódico, todos os dias saía para seu passeio à tarde, os vizinhos podiam acertar o relógio pela hora em que ele percorria o bosque de Konigsberg. E foi assim que ele criou seu monumental sistema dedicado à razão pura.

Strauss compunha suas valsas passeando pelos bosques de Viena e Anchieta escreveu seu poema nas areias de uma praia. Ficar "plugado" a uma tomada pode ser prático, mas não é criador. (...)

Viver "plugado" a uma corrente de pessoas e informações pode ser divertido e útil. Mas agride o que o ser humano tem de melhor e mais insubstituível: o seu gosto, o seu erro, a sua miséria e sua glória.

1. Com a primeira frase do texto – Insisto em comentar as vantagens e desvantagens do mundo virtual – o autor do texto:

a) quer mostrar que esse é um assunto de pouca importância.
b) indica que já explorou esse tema em outros textos.
c) demonstra que seus argumentos foram reprovados por alguns leitores.
d) destaca a existência de novos dados sobre o assunto.
e) deseja alertar os leitores para o perigo de não conhecer-se bem um assunto.

2. Na primeira frase do texto o autor diz que é de seu desejo comentar as vantagens e desvantagens do mundo virtual; lendo integralmente o texto podemos afirmar que o autor:

a) fez exatamente o que desejava.
b) não fez nada que prometeu.
c) só abordou uma desvantagem do mundo virtual.
d) só abordou as vantagens do mundo virtual.
e) na verdade, comparou o mundo virtual com o mundo real.

3. Segundo o texto, a principal desvantagem do mundo virtual é:

a) não permitir o erro.
b) não favorecer a criatividade.
c) impedir o movimento.
d) opor-se ao ato de pensar.
e) facilitar o conformismo.

4. "Insisto em comentar as vantagens e desvantagens do mundo virtual. Não perderei tempo em lembrar as vantagens, elas entram pela cara da gente, tornam-se dia a dia mais indispensáveis e mais fáceis de manuseio. Fico então com as desvantagens, e uma delas me remete ao processo de pensar, de refletir"; com esses segmentos o autor do texto pretende:

a) indicar o ponto de vista sob o qual o tema será tratado.
b) mostrar a estruturação do texto.
c) especificar o assunto a ser tratado.
d) identificar a autoridade de quem fala sobre o tema.
e) demonstrar seriedade no tratamento do tema.

5. "o seu gosto, o seu erro, a sua miséria e sua glória"; com essas marcas, o autor do texto quer destacar uma qualidade do homem que é:

a) a imprevisibilidade.
b) a criatividade.
c) o egoísmo.
d) a religiosidade.
e) a limitação.

6. "E foi assim que ele criou seu monumental sistema dedicado à razão pura"; essa frase, ao final do terceiro parágrafo, mostra a presença, argumentativamente falando, de:

a) uma consequência derivada de uma causa.
b) uma conclusão a partir de um raciocínio anterior.
c) uma simplificação exagerada.
d) uma afirmação sem argumentos de base.
e) uma ideia contrária às premissas.

Texto XXXV

No discurso, tanto o dos políticos como o dos eleitores, a educação é sempre prioridade. Mas basta dar uma espiada nas avaliações internacionais e nacionais de desempenhos de alunos para constatar o desastre que é o ensino brasileiro.

No último Pisa, programa de avaliação da OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico), o Brasil ficou em 37º lugar entre 40 países em compreensão de leitura e em último em matemática. Nas apreciações domésticas, a situação não é muito melhor. Dados do último Saeb (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica), também de 2003, mostram, por exemplo, que 68,8% dos alunos do 3º ano do ensino médio tiveram seu nível de conhecimento classificado entre crítico e muito crítico. É um fracasso.

E a situação tende a piorar no futuro. Como mostrou a reportagem principal do último Sinapse, publicado na terça-feira, a profissão de professor corre risco de extinção no país. Como praticamente

não existem estímulos para procurar essa carreira, o cenário poderá ficar crítico nos próximos dez anos. Pesquisa da CNTE (Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação), realizada em 2003, mostrou que 51,1% dos professores em atividade estavam na faixa dos 40 aos 59 anos, e 38,4% tinham entre 25 e 39 anos. Só 2,9% se encontravam na categoria entre 19 e 24 anos. A pergunta inescapável é: quem vai substituir os atuais mestres à medida que eles forem se aposentando?

A escassez de docentes já é perceptível em vários Estados, em especial nas áreas técnicas (física, química e matemática), cuja formação encontra em outras atividades da iniciativa privada condições profissionais mais convidativas que as oferecidas pelas escolas. E não se fala apenas de salário mas também de prestígio. Até algum tempo atrás, os professores ganhavam mal, mas ainda tinham um alto reconhecimento social.

A situação é grave e não permite tergiversações. Ou o Brasil decide tornar a educação uma prioridade real e não apenas retórica, ou a falta de educação continuará causando grandes danos ao Brasil.

(Folha de São Paulo, 3 de outubro de 2005 – editorial)

1. Ao argumentar, pode o falante valer-se de estratégias variadas, tais como:

I. apoiar-se na autoridade de instituições especializadas em matéria de discussão.

II. ilustrar com narração de fato, real ou não, para tornar mais convincente a proposição que defende.

III. apresentar dados estatísticos precisos, capazes de gerar convicção.

IV. recorrer ao raciocínio indutivo ou a generalizações a partir de fatos específicos, concretos.

No texto, o autor se vale das seguintes estratégias acima mencionadas:

a) I, II, III.

b) I, III, IV.

c) II, III, IV.

d) I, II.

e) apenas IV.

Gabarito: Texto I – 1. e; 2. b; 3. d; 4. e; **Texto II** – 1. c; 2. a; **Texto III** – 1. a; **Texto IV** – 1. d; 2. a; **Texto V** – 1. d; **Texto VI** – 1. b; **Texto VII** – 1. c; **Texto VIII** – 1. c; **Texto IX** – 1. a; 2. e; 3. d; **Texto X** – 1. a; 2. a; 3. c; **Texto XI** – 1. c; 2. a; **Texto XII** – 1. c; 2. e; 3. c; **Texto XIII** – 1. b; 2. c; 3. a; **Texto XIV** – 1. c; 2. a; **Texto XV** – 1. b; 2. d; **Texto XVI** – 1. d; 2. d; **Texto XVII** – 1. d; 2. b; 3. e; **Texto XVIII** – 1. b; 2. a; 3. b; **Texto XIX** – 1. e; 2. a; 3. c; **Texto XX** – 1. d; **Texto XXI** – 1. d; 2. e; 3. b; 4. b; 5. e; **Texto XXII** – 1. e; 2. a; 3. d; 4. b; **Texto XXIII** – 1. d; 2. b; 3. e; 4. b; **Texto XXIV** – 1. d; 2. b; 3. a; **Texto XXV** – 1. a; 2. b; 3. c; **Texto XXVI** – 1. b; **Texto XXVII** – 1. d; **Texto XXVIII** – 1. d; 2. a; **Texto XXIX** – 1. d; **Texto XXX** – 1. c; 2. e; 3. e; 4. c; 5. c; **Texto XXXI** – 1. e; 2. c; 3. e; 4. c; 5. c; **Texto XXXII** – 1. e; 2. c; 3. c; 4. c; 5. e; **Texto XXIII** – 1.c; 2. e; 3. e; 4. e; 5. c; **Texto XXXIV** – 1. b; 2. c; 3. b; 4. b; 5. e; 6. c; **Texto XXXV** – 1. b.

25 COESÃO E COERÊNCIA

25.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Agora que você já conhece um parágrafo de dissertação e já consegue ler com mais técnica, vamos falar de coesão e coerência?

Diante de um texto bem construído, percebemos que as informações não se colocam de forma caótica entre si – pelo contrário, um texto de qualidade apresenta suas informações interligadas, conectadas. A essa conexão dá-se o nome de **coesão**. A coesão textual é o resultado da realização de recursos semânticos, por meio dos quais uma informação do texto se conecta à outra. O conceito de coesão textual está, portanto, relacionado aos elementos que estabelecem ligações linguísticas na superfície do texto.

No entanto, para que um texto faça sentido, faz-se necessário que as informações se encaixem de modo que a mensagem não se torne desconexa, ilógica. A essa correlação entre os conceitos de um texto dá-se o nome de **coerência**. Enquanto a coesão se relaciona aos elementos explícitos no texto, a coerência cuida do seu *sentido*, do seu *aspecto conceitual*.

Resumindo:
Coesão → Elementos de ligação explícitos no texto. → Superfície textual
Coerência → Conexão harmônica entre as informações do texto → Lógica textual

Você deve estar se perguntando: é possível haver coerência sem coesão?

Sim. É possível construir um texto coerente sem coesão, um texto cujas informações produzam sentido, mas que não se concatenem por meio de articuladores textuais:

Pedro estudou bastante. Pedro passou em 1º lugar.

Você consegue entender a informação veiculada, mas o texto não tem qualidade: bastaria utilizar-se uma conjunção e o segmento estaria mais bem elaborado (*Pedro estudou bastante, logo passou em 1º lugar*).

Em sentido contrário, é possível haver coesão que não produza coerência?

Sim. Pode-se ter um texto que apresente conectivos, só que mal utilizados, incapazes de produzir lógica, concatenação entre seus enunciados – *um texto com coesão e sem coerência:*

Pedro estudou bastante. Outrossim, o Botafogo ganhou o campeonato.

Utilizou-se um belíssimo conector de acréscimo (*outrossim*), que, no entanto, une orações que não fazem sentido quando relacionadas. Trata-se de *um trecho com coesão, mas sem coerência*.

Agora, você deve estar se fazendo mais uma pergunta: então, por que, quando se fala em coesão, fala-se também de coerência? Porque, para que um texto *seja de fato um texto* – para que ele apresente textualidade – é preciso que ele alie coesão a coerência. A utilização de elementos coesivos fornece ao texto clareza e maior legibilidade e contribui para que ele se torne mais facilmente compreendido pelo leitor. Daí ser a coesão tão desejável à produção de um texto coerente.

Assim:

COESÃO + COERÊNCIA = TEXTUALIDADE

Selecionamos algumas questões de concursos que versam sobre esse assunto. Vamos a elas?

25.2. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Primeiramente, veja esta questão de prova elaborada pelo Cespe/UnB, para o Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro:

> Debruçando-se sobre o estudo do exercício da política, Maquiavel dissecou a anatomia do poder de sua época: dos senhores feudais e da igreja medieval. E, por isso mesmo, por botar o dedo na ferida, foi considerado um autor maldito. Ele se mostra preocupado com o fato de que na política não existem regras fixas. Governar, isto é, tomar atitudes políticas, é um trabalho extremamente criativo e, por isso mesmo, sem parâmetros anteriores. Assim, essa preocupação do filósofo, por incrível que pareça, torna-se um bom instrumento para repensarmos a ética. Hoje, com o fim das garantias tradicionais, estamos todos mais ou menos na posição do príncipe de Maquiavel — isto é, em um mundo de incertezas, dentro do qual temos de inventar nossa melhor posição. É mergulhado nesse mundo de incertezas, de instabilidade social e política, de culto ao individualismo, que construímos nossa identidade, nosso modo de agir. Como seres humanos, nosso fim último é a felicidade. Como indivíduos sociais, precisamos entender que, por melhores que sejam nossos objetivos na vida, os meios para alcançá-los não podem entrar em contradição com a nobreza dos fins. Desse modo, não basta termos fins nobres, é necessário também que os meios para alcançá-los sejam adequados a essa nobreza.

Planeta, jul./2006, p. 59 (com adaptações).

1. Na organização do texto, os termos que se referem a Maquiavel não incluem:

a) "se" em "Debruçando-se".

b) "autor maldito".

c) "Ele".

d) "filósofo".

e) "príncipe".

Comentários:

Trata-se de uma clássica questão de *coesão e coerência*. O que a banca quer é o único vocábulo que não se refira a Maquiavel. Quando um vocábulo se refere a outro no texto, ambos *possuem o mesmo referente*: representam a mesma realidade semântica textual.

O texto se inicia com uma palavra-chave – Maquiavel – que, por ser palavra importante na argumentação, irá voltar ao longo da estrutura textual de várias maneiras. Cada palavra que retomar "Maquiavel", já que estará sendo sua repetição, possuirá seu mesmo referente. Possuir o mesmo referente seria, portanto, fazer referência ao mesmo objeto no texto. Observe a seguir a análise de cada item da questão:

a) A partícula "se" aqui possui semanticamente o valor de "a si mesmo" e faz referência a Maquiavel, já que é ele que se "debruça sobre o estudo da política".

b) A expressão "autor maldito" é uma qualificação que, de fato, se refere a Maquiavel – é a sua qualificação.

c) O pronome reto "ele" é uma referência direta a Maquiavel.

d) O substantivo "filósofo" é um termo geral, um hiperônimo, que retoma Maquiavel, um termo mais específico; Saiba que hiperônimo é um termo geral, que retoma um outro, mais específico no texto.

e) O "príncipe" seria a única palavra a não fazer referência a Maquiavel, pois diz respeito não ao autor, mas a seu personagem de sua renomada obra "O Príncipe". Por não retomar Maquiavel no texto, não possuiria um mesmo referente.

Resposta: E.

Mais uma da mesma prova:

A crescente escassez de profissionais qualificados no mercado de trabalho doméstico está obrigando

a Companhia Vale do Rio Doce a lançar uma campanha global de recrutamento para arregimentar pessoal especializado nos EUA, na Inglaterra, na Austrália e no Canadá. A previsão é de 62 mil contratações nos próximos cinco anos.

O Estado de S. Paulo, 21/03/2008 (com adaptações).

2. Assinale a opção que constitui continuação coesa e coerente para o fragmento de texto acima.

a) Essa disputa se tornou tão acirrada que elevou o nível médio salarial. Um soldador, por exemplo, hoje tem um ordenado inicial entre R$ 1,2 mil e R$ 2,1 mil. Nas escolas do SESI e do SENAC, os formandos são disputados pelos empregadores.

b) Essa é a iniciativa mais audaciosa já tomada por uma empresa brasileira em matéria de oferta de emprego, e é mais uma das consequências da globalização da economia.

c) Entretanto, com o extraordinário crescimento da produção industrial chinesa, nos últimos anos, o preço das commodities no mercado internacional disparou, o que abriu caminho para a expansão dos setores de mineração, siderurgia, petróleo e equipamentos de transporte pesado.

d) Desde então, as empresas mais competitivas desses setores criaram milhares de novos postos de trabalho e, de forma cada vez mais agressiva, vêm disputando trabalhadores preparados para ocupá-los.

e) Todas essas empresas vêm publicando anúncios em inglês, em busca de profissionais qualificados de nível técnico superior. As empresas também vêm contratando trabalhadores aposentados e procurando atrair profissionais qualificados da PETROBRAS.

Comentários:

Primeiramente, aqui vai uma dica:

Avaliar uma possível continuidade para o texto significa que a alternativa a ser julgada deve repetir a ideia central do texto em questão, ainda que eventualmente acrescente informações que não foram antes mencionadas. É repetir a ideia inicial com eventuais acréscimos.

A informação central do texto é a de que a Companhia Vale do Rio Doce, em função de não dispor da quantidade necessária de profissionais qualificados, recruta tal mão de obra no exterior. Com base nessa direção argumentativa, vamos à análise das alternativas:

a) Alternativa errada. A alternativa utiliza uma expressão “essa disputa” que não possui antecedente lógico no texto. O texto não fala de uma “disputa de formandos por parte de empregadores nas escolas”, mas sim da iniciativa de recrutamento do profissional no exterior.

b) Alternativa certa. Com a utilização do recurso coesivo “essa é a iniciativa mais audaciosa”, retoma-se a “campanha global de recrutamento” do texto inicial. Além de reforçar a informação central, acresce que tal iniciativa seria “uma das consequências da globalização da economia”.

c) Alternativa errada. Há aqui uma fuga ao assunto – passa-se a falar do “extraordinário crescimento da produção industrial chinesa”, assunto não enfocado pelo texto.

d) Alternativa errada. Com a utilização do conector “Desde então”, o trecho se propõe a apresentar um acontecimento que sucedeu o texto inicial na linha do tempo. Entretanto, esse trecho não reforça a informação central de que uma companhia vem necessitando buscar trabalhador especializado no exterior – aqui apenas se fala da criação de novos postos de trabalho e disputa por mão de obra para ocupá-los.

e) Alternativa errada. Ao utilizar o elemento de coesão “Todas essas empresas”, a alternativa apresenta uma incoerência – o texto não menciona mais de uma empresa, apenas a Companhia Vale do Rio Doce.

Resposta: B.

Há cinco anos, sob o comando de George W. Bush, os Estados Unidos da América (EUA) invadiam o Iraque. Já se mostrou à exaustão que a aventura foi uma catástrofe humanitária e um fracasso político que encalacrou o Pentágono numa ocupação militar sem perspectiva de solução. Verifica-se, agora, que foi também um desastre financeiro.

Folha de S. Paulo, 20/03/2008 (com adaptações).

3. (Cespe/UnB) Assinale a opção em que o fragmento constitui continuação coesa e coerente para o texto acima.

a) Entretanto, Joseph Stiglitz, Prêmio Nobel de Economia, calcula que a empreitada poderá sair por assombrosos US$ 4 trilhões ou mais, dependendo de quanto tempo a ocupação durar.

b) Mas, agora que o país se encontra numa situação de déficit fiscal, a conta da guerra contribui para a crescente desvalorização da moeda norte-americana, num movimento que dificulta o combate à crise de crédito nos EUA e agrava suas repercussões globais.

c) Às vésperas da invasão, a Casa Branca estimava que gastaria algo entre US$ 50 bilhões e US$ 60 bilhões para derrubar Saddam Hussein e instalar um novo governo no país. Hoje, a conta está em US$ 600 bilhões e continua subindo.

d) Avaliações mais conservadoras, como a do Escritório de Orçamento do Congresso, órgão que

municia o Poder Legislativo com informações técnicas, concluem que a ocupação não atingirá efetivamente a economia norte-americana.

e) Portanto, nada indica que o próximo presidente dos EUA terá condições de colocar um fim rápido à aventura. Fala-se em retirar as tropas até o fim de 2009. Isso, é claro, no melhor cenário. E o problema é que, no Iraque, o melhor cenário nunca se materializa.

Comentários:

Como já falamos anteriormente, buscar-se a continuação coesa e coerente significa encontrar uma alternativa que reafirme a ideia central do texto anterior, dando a ela uma sequência. Vale lembrar que o texto tem como tema central a questão da *invasão do Iraque pelos EUA como um desastre financeiro*.

a) Alternativa errada. O conector "Entretanto" deveria apresentar algo que se opusesse à questão do desastre financeiro, mas o que se tem na continuidade é algo que reforça a ideia inicial.

b) Alternativa errada. A conjunção adversativa também deve introduzir contraste, oposição, e o que se tem é algo que *reforça* a questão do desastre financeiro (*déficit fiscal, desvalorização da moeda...*).

c) Resposta certa. Por meio de informações como "a conta está em US$ 600 bilhões", este trecho reafirma o tema apresentado pelo texto.

d) Alternativa errada. Essa alternativa contradiz o texto ao afirmar que "a ocupação não atingirá efetivamente a economia norte-americana".

e) Alternativa errada. Aqui, apresenta-se evidente fuga ao tema: essa alternativa não fala da questão do desastre financeiro.

Resposta: C.

O conflito do Tibete, que se arrasta desde o século 13, requer solução pacífica pautada pelo signo da não violência. Invadida pela China em 1950, a província luta pela autonomia há cinco décadas. Pequim resiste. Além de constante desrespeito aos direitos humanos, procede ao que o dalai-lama denomina "genocídio cultural" – sistemático esmagamento das tradições da região.

Com o controle dos meios de comunicação, as autoridades chinesas exercem violenta censura à informação e à livre circulação de pessoas. A tevê só mostra imagens liberadas pelos administradores locais. O mesmo ocorre com as notícias e certos sítios da Internet. Jornalistas e turistas encontram as fronteiras fechadas.

Torna-se difícil, assim, avaliar as dimensões e as consequências dos protestos que eclodiram recentemente. Pequim soma 13 mortos. Os tibetanos falam em mais de 100 e de centenas de prisões de dissidentes. Suspeita-se, com razão, do incremento da repressão.

Correio Braziliense, 20/03/2008 (com adaptações).

4. (Cespe/UnB) Assinale a opção que apresenta as ideias principais do texto acima.

a) Pequim controla os tibetanos, que vivem sob censura, sem possibilidade de livre circulação em sua própria região.

b) A tevê só mostra imagens liberadas pelos administradores locais, e as fronteiras estão fechadas para turistas e jornalistas.

c) Para Pequim, houve treze mortos nos conflitos recentes; para os tibetanos, houve mais de cem mortos e centenas de prisões de dissidentes.

d) A China procede a um genocídio cultural no Tibete, quando esmaga as tradições da região.

e) Embora haja controle dos meios de comunicação e das fronteiras, suspeita-se do aumento da repressão no Tibete, que luta pela autonomia, pois é ocupado pela China há mais de cinquenta anos.

Comentários:

Ao se requerer do candidato uma opção que apresente as ideias principais do texto, o que se quer é uma alternativa que resuma suas informações centrais, que componham sua introdução, seu desenvolvimento e posterior conclusão.

Neste texto, dividido em três parágrafos, o que se deve fazer é reescrever cada parágrafo, por meio de uma informação que resuma cada um deles. Assim, teríamos:

1º parágrafo: China invade Tibete. Conflito entre os países. Esmagamento cultural daquele país sobre esta região.

2º parágrafo: Controle dos meios de comunicação do Tibete, por parte das autoridades chinesas.

3º parágrafo: A repressão parece aumentar.

Após a reescritura dos parágrafos, deve o candidato partir à análise das alternativas, buscando aquela que seja capaz de juntar as três ideias mais importantes do texto.

a) Alternativa errada. Aqui só se mencionam ideias do 2º parágrafo.

b) Alternativa errada. Observa-se o mesmo equívoco da alternativa anterior: só se reescrevem informações do 2º parágrafo.

c) Alternativa errada. Nessa alternativa só se reescreve informação do último parágrafo do texto.

d) Alternativa errada. Assim como as outras, essa opção só menciona um momento do texto, não o resume na sua totalidade. Nesse caso, a alternativa só reescreve o 1º parágrafo.

e) Resposta certa. Essa opção apresenta um resumo das três partes que compõem o texto.

Resposta: E.

5. (Cespe/UnB) Assinale a opção que constitui continuação coesa e coerente para o texto abaixo:

Até aqui o governo se dedicou a expor seu ponto de vista e começou a mover suas pedras no tabuleiro, a partir de sua opção pela prioridade sul-americana e do Mercosul. Estabeleceu, em seguida, uma série de pontes e alianças possíveis com a África e a Ásia, como aconteceu com o G21, na reunião de Cancun da OMC, e como está acontecendo nas negociações do G3, com a África do Sul e com a Índia. Ou ainda, como vem ocorrendo nas novas parcerias tecnológicas com a Ucrânia, a Rússia, a China, ou com os projetos infraestruturais com a Venezuela, a Bolívia, o Peru e a Argentina.

a) Não há dúvida, porquanto, de que essas principais disputas giraram em torno das divergências econômicas entre os Estados Unidos e o Brasil, em particular as negociações da OMC, FMI e ALCA.

b) O que se vê é a afirmação de uma nova política externa, ativa, presente, baseada no interesse nacional brasileiro e na afinidade histórica e territorial do Brasil com o resto da América do Sul, bem como na sua afinidade de interesses com os demais grandes países em desenvolvimento.

c) E do outro lado, naquele momento, estarão os grupos econômicos e as forças sociais, intelectuais e políticas que sempre lutaram por um projeto de desenvolvimento para o Brasil.

d) E aqui, não há como se enganar sobre as forças que esta batalha despertava, dentro e fora do governo: de um lado estarão, como sempre estiveram, os grupos de interesse que defendem uma relação subserviente com os Estados Unidos, em troca de uma acesso mais favorecido ao mercado interno americano.

e) Orientando-se pelos interesses nacionais do povo e não apenas pelos interesses imediatos e particulares do seu *agrobusiness*, e dos seus grupos financeiros defendidos e acobertados pela retórica diletante e pela política escandalosamente subserviente dos “diplomatas descalços”.

Comentários:

Nesta questão, o que se busca é um trecho que dê continuidade à seguinte ideia central do texto: “a opção pelo governo brasileiro pela prioridade sul-americana e do Mercosul”.

a) A alternativa fala de “disputas”, enquanto o texto menciona “parcerias” e “alianças”. Alternativa errada, portanto.

b) Resposta correta. Aqui, há um reforço à ideia central do texto ao se mencionar “uma nova política externa, ativa, presente...”.

c) Presença de um *conector sem antecedente* lógico no *texto* – “E do outro lado”. O texto original não havia apresentado o *primeiro lado*. Além do mais, a alternativa não retoma a ideia central – as parcerias com os países do Sul.

d) Ao mencionar “as forças que esta batalha despertava”, o trecho menciona uma batalha, que é o oposto do que se fala no texto original. Não há embates, há alianças.

e) Além de o trecho ter problemas de redação – lança-se uma oração subordinada “Orientando--se pelos interesses...” sem uma oração principal a ela correspondente, ele foge ao assunto por não mencionar a política de alianças.

Resposta: B.

Por fim, uma questão para ordenar fragmentos de um texto. Trata-se de um clássico muito utilizado em provas elaboradas pela Esaf:

6. (Cespe/UnB) Os trechos a seguir constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e aponte a opção correta:

( ) A aguda crise social desdobrou-se, então, em quatro vertentes de alternativa política: o fascismo italiano, o nazismo alemão, a social democracia sueca e o New Deal norte-americano.

( ) O desemprego é uma tragédia social com profundas implicações políticas.

( ) Um dado dessa natureza é importante, pois estabelece a conexão entre a crise social e o efeito político-eleitoral.

( ) A esmagadora maioria dos eleitores nas últimas eleições apontava esse fenômeno como o mais grave problema do país.

( ) Tal conexão apareceu pela primeira vez na História, claramente, há mais de 70 anos, nos principais países capitalistas, na Grande Depressão.

a) 5, 1, 3, 2, 4.

b) 3, 5, 1, 4, 2.

c) 2, 4, 3, 5, 1.

d) 4, 1, 3, 5, 2.

e) 2, 1, 4 5, 3.

Comentários:

O que se busca na questão é a ordenação dos trechos de modo que eles passem a formar um único texto. Nesse caso, a estratégia a ser utilizada consiste basicamente em observar em cada segmento sua ideia central e, na sequência, encontrar o trecho que apresente elemento de conexão que reforce a informação encontrada – procedimento que se repetirá até o último segmento.

O trecho a iniciar o texto não deve possuir nenhum elemento de coesão que retome informações anteriores, afinal ele é o início do texto. Nesta questão específica, o único trecho que é passível de iniciar o texto é:

(1) O desemprego é uma tragédia social com profundas implicações políticas.

O próximo passo consiste em buscar a continuidade desse segmento. Nesse caso, o que se busca é um trecho que fale sobre o problema social que é *o desemprego* e que desdobre também suas *implicações políticas*. Logo, o trecho de continuidade seria:

(2) A esmagadora maioria dos eleitores nas últimas eleições (*implicações políticas*) apontava esse fenômeno como o mais grave problema do país (*tragédia social*).

A seguir, busca-se o trecho que retome também as informações essenciais de (2) mais importantes – *desemprego* e *resultados das últimas eleições*. Assim, teríamos:

(3) Um dado dessa natureza é importante, pois estabelece a conexão entre a crise social (*desemprego*) e o efeito político eleitoral *(últimas eleições*).

Como continuidade da cadeia coesiva que se forma, busca-se na sequência um trecho que mencione a questão da *conexão entre a crise social e seu efeito político eleitoral*. Assim:

(4) Tal conexão *(expressão que retoma "conexão" do trecho anterior)* apareceu pela primeira vez na História, claramente há mais de 70 anos, nos principais países capitalistas, na Grande Depressão.

Da mesma forma, o item que finalizará o texto deverá ser aquele que repise a ideia principal do trecho anterior, que, nesse caso, foi "a conexão ... pela primeira vez na História ... nos países capitalistas". Assim, observa-se o fechamento do texto em:

(5) A aguda crise social (*que se iniciou com o desemprego*) desdobrou-se, então,em quatro vertentes de alternativa política: o fascismo italiano, o nazismo alemão, a social democracia sueca e o New

Deal norte-americano. (*principais países capitalistas mencionados no trecho imediatamente anterior*).

Resposta: A (5, 1, 3, 2, 4).

Aqui, vale uma dica:

Um trecho será uma possível continuidade do outro quando retomar aquilo que o anterior teve de essencial: sua informação mais importante.

Muitos concurseiros resolvem uma questão como essa por meio da estratégia de eliminação.

Assim, sabendo-se que somente o 2º trecho seria capaz de iniciar o texto, por não possuir nenhum elemento de conexão com ideias anteriores, o período a receber numeração **1** seria *O desemprego é uma tragédia social com profundas implicações políticas*. Logo, teríamos como possíveis respostas as alternativas A, D ou E, pois são elas que apontam esse trecho como a introdução do texto. A partir daí, bastaria descobrir qual trecho poderia receber a numeração **2**. Nesse caso, vale a dica de que **2** deverá reforçar aquilo que **1** tinha de essencial: é o trecho *A esmagadora maioria dos eleitores nas últimas eleições apontava esse fenômeno como o mais grave problema do país* que reforça *as implicações políticas do desemprego*. Logo, a alternativa que apresenta essa numeração seria a letra A. É uma outra forma de resolver a mesma questão: a velha tática de eliminação...

Por fim, vamos resolver algumas provas anteriores, abordando com maior ênfase as estratégias de retomada nos textos (anáfora, catáfora, dêixis).

25.3. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

Texto I

O teste definitivo para você saber se você está ou não integrado no mundo moderno é a secretária eletrônica. O que você faz quando liga para alguém e quem atende é uma máquina. Tem gente que nem pensa nisso. Falam com a secretária eletrônica com a maior naturalidade, qual é o problema?

1. "O que você faz quando liga para alguém e quem atende é uma máquina". O comentário correto sobre o vocábulo O, colocado ao início desse período do texto, é que se trata de:

a) um pronome demonstrativo, referindo-se a "teste".
b) um artigo definido, determinando a oração seguinte.
c) um pronome pessoal, equivalendo a "ele".
d) um pronome interrogativo, juntamente com "que".
e) um pronome indefinido, correspondendo a "algum".

2. "Tem gente que nem pensa **nisso**." O pronome sublinhado se refere:

a) à existência de secretárias eletrônicas.
b) ao fato de sermos atendidos por máquinas.

c) ao teste de integração no mundo moderno.
d) à impossibilidade de falar com alguém para quem se ligou.
e) à dificuldade de dialogar com uma máquina.

Texto II

MAQUIAGEM

Nesta época, no ano passado, começou a se constatar nas prateleiras dos supermercados uma "maquiagem" de produtos. Consistia, basicamente, em reduzir a quantidade de mercadoria embalada, mantendo o preço de venda. O assunto despertou celeuma entre associações de consumidores, fábricas e autoridades governamentais. O Ministério da Justiça acabou por reagir, multando empresas que, segundo seu entendimento, haviam ludibriado a boa-fé dos consumidores. Um ano depois, pode-se dizer que houve alguma melhora na situação. Houve alguma confusão acerca do que estava errado na prática da "maquiagem". (...)

Folha de São Paulo, dezembro de 2002.

1. "Nesta época" e "um ano depois", referem-se exata e respectivamente a:

a) dezembro de 2002 e dezembro de 2003.
b) dezembro de 2002 e dezembro de 2002.
c) dezembro de 2001 e dezembro de 2002.
d) dezembro de 2001 e dezembro de 2003.
e) dezembro de 2000 e dezembro de 2002.

2. "...a temperatura corporal elevada ajuda o sistema de defesa do organismo a identificar a causa de uma infecção e combatê-la"; o pronome *la*, ao final da frase, se refere ao seguinte termo anterior:

a) temperatura corporal elevada.
b) sistema orgânico.
c) causa de uma infecção.
d) defesa do organismo.
e) temperatura corporal e defesa do organismo.

3. Na construção de um texto, para sua coesão, alguns termos retomam termos anteriores; o termo em negrito cujo termo anterior NÃO foi corretamente destacado em maiúsculas é:

a) "Até recentemente, a sociedade entendia SER A EDUCAÇÃO TAREFA EXCLUSIVA DE PAIS E PROFESSORES. Sabiamente esse conceito evoluiu".
b) "COBRA-SE, AGORA, O COMPROMISSO DE EDUCAR TAMBÉM DE VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO, PUBLICIDADE, DAS ARTES etc. Não poderia haver reivindicação mais justa".
c) "O código recomenda ainda que os anúncios não desmereçam valores sociais ou provoquem discriminação, em particular DAQUELES que não sejam consumidores do produto".
d) "tampouco associem crianças e adolescentes a SITUAÇÕES INCOMPATÍVEIS com sua condição, sejam elas ilegais, perigosas ou socialmente condenáveis".
e) "a publicidade (...) não deve: IMPOR A NOÇÃO DE QUE O PRODUTO PROPORCIONA SUPERIORIDADE (...); PROVOCAR SITUAÇÃO DE CONSTRANGIMENTO AOS PAIS (...). Essas recomendações são, para o Conar, contribuições muito mais efetivas...".

Texto III

Sustentabilidade, Consumo e Publicidade

Nos últimos cinquenta anos, a população mundial mais do que dobrou, indo de 2,5 bilhões (1950) para 6 bilhões (2000). Durante esse mesmo período, a industrialização permitiu que o consumo aumentasse exponencialmente; como consequência, a poluição e o lixo também aumentaram. Já faz algum tempo que o planeta vem dando sinais de que não pode suportar o nosso modo de vida, e estudos indicam que hoje, mesmo com grande parte da população mundial excluída, já consumimos 20% por ano a mais de recursos naturais renováveis do que o planeta Terra é capaz de regenerar.

1. O primeiro parágrafo emprega por duas vezes a palavra "já". Seus valores morfológicos são idênticos, mas semanticamente se distinguem. A frase abaixo em que a palavra "já" está empregada com um terceiro valor semântico é:

a) a sociedade já teve atitudes mais firmes.
b) se houver apagão, já sabemos o motivo.
c) os estudos já estão publicados na imprensa.
d) todos já começam a se preocupar com o futuro.
e) faz já décadas que a poluição é grande.

Texto IV

Dos três irmãos, dois fazem parte de um grupo cada vez mais comum na família brasileira contemporânea. São os jovens endividados. Além de adiar a saída de casa, mesmo depois de terminar a faculdade e arrumar trabalho, esses moços e moças não conseguem ajudar nas despesas de casa, nem tampouco pagar as próprias contas. Pior: acumulam dívidas. Muitos estão simplesmente falidos e entram na lista negra das entidades de proteção ao crédito.

1. "Muitos estão simplesmente falidos". O indefinido empregado nesse trecho serve para retomar o termo:

a) consumidores.
b) balzaquianos.
c) moços e moças.
d) três irmãos.
e) bancos e financeiras.

Texto V

Essa nova fase da filantropia americana surge num contexto em que sobressaem uma virtude e uma falha. A virtude é o estágio atual do próprio sistema capitalista, capaz, em sua forma mais avançada, de gerar excedentes vultosos que retornam à sociedade pela mão de empresários conscientes e abnegados. A falha é dos governos e das instituições internacionais, como o Banco Mundial, que se mostraram ineficazes no combate à pobreza e às endemias do mundo. Pessoas como Buffett e Gates, portanto, indicam um caminho para supri-la.

1. "Pessoas como Buffett e Gates, portanto, indicam um caminho para supri-**la**"; o pronome sublinhado se refere a:

a) pobreza.
b) endemia.
c) falha.
d) filantropia.
e) sociedade.

Texto VI

Estudo do Pacific Institute of Oakland, na Califórnia, prevê que 76 milhões de pessoas morrerão de doenças relacionadas à água até 2020. As crianças serão as mais afetadas por males causados pelo uso e ingestão de água contaminada. No mesmo período, serão registrados 65 milhões de casos fatais em consequência da Aids em todo o mundo.

1. Vocábulos do texto que NÃO apresentam o mesmo referente são:

a) pessoas / as crianças
b) doenças / males
c) água / água contaminada
d) até 2002 / mesmo período
e) morrerão / serão registrados 65 milhões de casos fatais

Texto VII

PETRÓLEO
Eduardo Frieiro

Os fatos desta vez deram razão a Monteiro Lobato. Existe o petróleo. Resta saber, e o grande escritor morreu antes que pudesse observá-lo, resta saber se o cobiçado líquido brindará os brasileiros com uma vida decente, ou fará do país outra Venezuela, onde, há um quarto de século, se põe fora, sem proveito para o povo, a maior fartura petrolífera da América Latina. (1948)

Texto VIII

PETRÓLEO
Monteiro Lobato

Esse produto é o sangue da terra; é a alma da indústria moderna; é a eficiência do poder militar; é a soberania; é a dominação. Tê-lo é ter o sésamo abridor de todas as portas. Não tê-lo é ser escravo.

1. "... resta saber se o cobiçado líquido brindará os brasileiros..."; para evitar a repetição do termo *petróleo*, o autor do texto se utilizou, no segmento em destaque, de um processo que também aparece em:

a) "... e o grande escritor morreu antes que pudesse observá-lo..." (texto VII)
b) "... se põe fora, sem proveito para o povo, a maior fartura petrolífera da América Latina." (texto VII)
c) "... brindará os brasileiros com uma vida decente, ou fará do país outra Venezuela,..." (texto VII)
d) "Esse produto é o sangue da terra; é a alma da indústria moderna;" (texto VIII)
e) "Não tê-lo é ser escravo."

2. A ideia de o petróleo ser uma panaceia universal aparece no texto de Monteiro Lobato (texto VIII), e de forma mais específica no segmento:

a) "Esse produto é o sangue da terra".
b) "é a alma da indústria moderna".
c) "é a eficiência do poder militar".
d) "é a soberania; é a dominação".
e) "tê-lo é ter o sésamo abridor de todas as portas".

Texto IX

VIOLÊNCIA NO CAMPO
José Saramago

No dia 17 de abril de 1996, no estado brasileiro do Pará, perto de uma povoação chamada Eldorado dos Carajás (Eldorado: como pode ser sarcástico o destino de certas palavras...), 155 soldados da polícia militarizada, armados de espingardas e metralhadoras, abriram fogo contra uma manifestação de camponeses que bloqueavam a estrada em ação de protesto pelo atraso dos procedimentos legais de expropriação de terras, como parte do esboço ou simulacro de uma suposta reforma agrária na qual, entre avanços mínimos e dramáticos recuos, se gastaram já cinquenta anos, sem que alguma vez tivesse sido dada suficiente satisfação aos gravíssimos problemas de subsistência (seria mais rigoroso dizer sobrevivência) dos trabalhadores do campo. Naquele dia, no chão de Eldorado dos Carajás ficaram 19 mortos, além de umas quantas dezenas de pessoas feridas.
(...)

1. "Naquele dia, no chão de Eldorado dos Carajás..."; o emprego de naquele, neste contexto:

a) indica que o dia referido na frase não deve ser confundido com outro.
b) mostra que o dia referido está distante no tempo.
c) assinala uma distância de lugar.
d) identifica o dia como algo a ser esquecido.
e) refere-se a um dia que o leitor desconhece.

2. "Há detalhes que parecem insignificantes, mas revelam estágios de cidadania: respeitar-se o sinal vermelho no trânsito, não jogar papel na rua, não destruir telefones públicos. Por trás desse comportamento está o respeito à coisa pública"; nesse parágrafo, a expressão "desse comportamento":

a) refere-se à última das ações citadas.
b) retoma o conjunto de ações anteriores.
c) alude somente a aspectos negativos.
d) corresponde a um procedimento condenável.
e) traz em si mesma um conteúdo positivo.

Texto X

Infelizmente, a hipocrisia abunda no mundo, principalmente nas elites. Em troca do status de um nobre homem, pessoas vendem a alma ao diabo, traindo escancaradamente sua própria consciência e bom senso. A cretinice assume grau espantoso nos debates, e qualquer um que esteja mais preocupado com a verdade que com as aparências de suas intenções perde a paciência ao notar que está dando murro em ponta de faca. O interesse dessa elite pérfida não é a busca sincera pela verdade e resultados; mas, sim, o conforto psíquico de apresentar ser bem intencionado. O mensageiro que traz a notícia, que destaca os fatos verdadeiros, que demonstra o absurdo das teorias românticas, esse é o culpado, um insensível, egoísta. A hipocrisia, aliada à ignorância de muitos, acaba vencendo a lógica e a verdade. A necessidade da mente humana de acreditar em explicações simplistas, culpar fatores exógenos e bodes expiatórios, e buscar conforto mesmo que na mentira alimenta bastante essa hipocrisia. Esse texto é um apelo para darmos um basta a isso.

1. "Em troca do status de um nobre homem"; a mesma ideia contida nesse segmento do texto aparece repetida em:

a) "vendem a alma ao diabo".
b) "aparentar ser bem intencionado".

c) “destaca os fatos verdadeiros”.
d) “culpar fatores exógenos e bodes expiatórios”.
e) “demonstra o absurdo das teorias românticas”.

Texto XI

Mais de cem vezes o presidente George W. Bush ameaçou vetar projetos que fossem aprovados pelo Congresso americano, mas até agora ele nunca tinha cumprido a ameaça, ou precisado cumprir – por ter sido ela suficiente para levar os parlamentares a recuar rapidamente.

1. No primeiro parágrafo do texto ocorrem repetições de termos anteriores; a alternativa em que os dois termos sublinhados NÃO são exatamente um exemplo de repetição por não possuírem o mesmo referente é:

a) o presidente George W. Bush – ele.
b) projetos – que.
c) ameaçou vetar projetos – a ameaça.
d) a ameaça – ela.
e) Congresso americano – ele.

2. A alternativa em que NÃO há qualquer referência ao momento de ocorrência do fato comentado pela notícia do jornal é:

a) “mas até agora nunca tinha cumprido a ameaça”.
b) “Mas ontem ele fez uso do veto”.
c) “aprovada por 63 votos a 37 no Senado, terça-feira”.
d) “um ano depois de sua aprovação na Câmara dos Representantes”.
e) “O projeto, que há tempos seria impensável”.

3. E, portanto, comprometidos demais para fazermos um juízo exato a esse respeito. Esse comprometimento inclui vítimas e algozes”; o tipo de relação de coesão exemplificado nesse segmento do texto entre as palavras sublinhadas se repete em:

a) toda a população está atemorizada demais com a violência e esse medo tem causado muitos problemas.
b) os direitos humanos têm sido desprezados pelas autoridades e se os desprezamos, caímos no caos.
c) as autoridades políticas estão bastante atarefadas e esse trabalho exagerado tem impedido que projetos mais importantes sejam discutidos.
d) as leis têm-se mostrado muito permissivas e essa permissividade tem incentivado a criminalidade.
e) são bastante contraditórias as leis dos direitos humanos e essa oposição tem prejudicado a sua discussão.

Texto XII

O PASTOREIO POLÍTICO

Luiz Carlos Lisboa

O século que se orgulha de grandes conquistas no terreno dos direitos humanos e das liberdades públicas é o mesmo em que se desenvolveram as formas mais requintadas e esmagadoras de dominação política e de intimidação coletiva. Essa contradição flagrante, escândalo de nosso tempo, é pouco analisada porque estamos todos muito imersos nela. E, portanto, comprometidos demais para fazermos um juízo exato a seu respeito. Esse comprometimento inclui vítimas e algozes, e cega a ambos da mesma forma.

1. O termo “ambos”, presente na última linha do texto, refere-se a:

a) defensores e críticos dos direitos humanos.
b) os que possuem e não possuem liberdades públicas.
c) os que praticam e sofrem injustiças.
d) as vítimas e os que sofrem intimidação coletiva.
e) os que sofrem dominação política e intimidação coletiva.

Texto XIII

UM SENTIDO PARA A EDUCAÇÃO SEXUAL

A proposta de educação sexual nos currículos da escola de ensino médio é uma ideia que surge mais fortemente agora no Brasil. Um dos argumentos a favor da implantação da educação sexual nas escolas é o grande número de gestações na adolescência e o problema da Aids. Entretanto, não se observa redução nem no número de gestações indesejadas nem nas doenças sexualmente transmissíveis onde a educação sexual foi adotada como solução para este problema.

Nos Estados Unidos, a educação sexual foi considerada como a solução e a implantação dos programas aconteceu intensamente; no entanto, os resultados são deploráveis. Por que a educação sexual tal como foi implantada não é a solução? O desastre começa no próprio conceito. A educação sexual apresentada não toma como base valores morais, e se orienta para a informação restrita de contracepção e prevenção de doenças.

Isso não é educação sexual. Educação sexual é parte de algo mais complexo na vida do ser humano, e por isso não se pode restringir à informação sobre anatomia e fisiologia, ensino de meios contraceptivos e prevenção da Aids e outras doenças sexualmente transmissíveis. Educação sexual é antes de tudo educação de valores, educação do verdadeiro amor, amor de doação, incluindo-se a sexualidade. [...]

1. No terceiro parágrafo do texto, a educação sexual referida na primeira linha é:

a) a que já foi anteriormente implantada no Brasil.
b) a que está sendo implantada no Brasil.
c) a que foi implantada nos Estados Unidos e anteriormente implantada no Brasil.
d) a que foi implantada nos Estados Unidos e recentemente implantada no Brasil.
e) a que foi implantada nos Estados Unidos.

Texto XIV

A VERDADE E A FANTASIA

Miguel Pachá – Presidente do TJ/RJ

Um espectro ronda a Justiça brasileira neste final de ano: a Reforma do Judiciário. Espectro porque a realidade do Judiciário e a necessidade da sua reforma foram, nos últimos meses, deformados pelo “manto diáfano da fantasia”.

Comemoramos o nosso dia (8 de dezembro) sob o fogo cruzado da má vontade e da desinformação. O Judiciário não pode ser culpabilizado pelo que a mídia chama com exagero de impunidade. A polícia não prende, não investiga e nós, presos à aplicação da lei, pagamos o pato. Além disso, há um cipoal de leis, medidas provisórias e atos normativos que acabam por atravancar nossos corredores.

Temos oferecido à sociedade ideias e propostas de melhoria da prestação de Justiça. Um exemplo: o julgamento virtual, que acelera a tramitação, elimina papel e dispensa deslocamentos de advogados. Quanto ao apregoado controle do Judiciário, pensamos que deveria antes vir de dentro que de fora, pelo ajuste de normas e práticas processuais, bem como pela supervisão sistemática. A autonomia financeira

deu ao nosso Tribunal a possibilidade de ser um dos melhores do país: um dos mais ágeis e seguros, em condições objetivas de enfrentar o descrédito geral da Justiça.

A autonomia dos poderes – lembremos ainda uma vez – é a única garantia que temos da estabilidade da República e, em última instância, da continuidade do regime democrático – o pior de todos, com exceção dos outros. Falar em cidadania é falar em Judiciário. Em muitas sociedades tradicionais a norma de estabilidade é a do "poder trava poder". Ao invés do controle externo, sempre perigoso, talvez se pudesse confiar mais nesse controle sistêmico. De resto, temos à disposição diversos mecanismos endógenos, eficazes, de controle (os tribunais de conta, as corregedorias etc.).

A sociedade global, estimulada pelos formadores de opinião, não tem sido capaz de captar a verdade do Judiciário. Sob um cerco total de má vontade e desinformação, vemos exageradas as nossas deficiências e erros. "Sobre a nudez forte da verdade, o manto diáfano da fantasia" – parodiemos o slogan do velho Eça de Queiroz. E qual é a nossa verdade? Antes de enunciá-la, reconheçamos nossos erros e dificuldades, algumas conjunturais, de mais fácil correção, outras estruturais, mais difíceis. Recente pesquisa da OAB, mostrou que 55% da população mal conhece o Judiciário. E é ela a segunda instituição menos confiável do país. Nosso programa para o ano que se inicia é, pois, estabelecer a verdade da distribuição de Justiça em nosso Estado e vê-la reconhecida, senão por todos, ao menos pela maioria de nossos concidadãos.

Informativo TJ/RJ e EMERJ, n.12.

1. "De resto, temos à disposição diversos mecanismos endógenos, eficazes, de controle..."; a ideia aqui presente se repete aproximadamente em:

a) "Quanto ao apregoado controle do Judiciário, pensamos que antes deveria vir de dentro que de fora..."

b) "A sociedade global, estimulada pelos formadores de opinião, não tem sido capaz de captar a verdade do Judiciário."

c) "Sobre a nudez forte da verdade, o manto diáfano da fantasia."

d) "A autonomia dos poderes [...] é a única garantia que temos da estabilidade da República..."

e) "Falar em cidadania é falar em Judiciário."

2. Em relação aos "mecanismos endógenos", referidos no 4º parágrafo do texto, analise os itens a seguir:

I. "... antes vir de dentro que de fora, pelo ajuste de normas e práticas processuais,..."

II. "Em muitas sociedades a norma de estabilidade é a do 'poder trava poder'."

III. "Ao invés do controle externo, sempre perigoso, talvez se pudesse confiar mais nesse controle sistêmico."

Os mecanismos referidos no enunciado correspondem a:

a) I – III

b) I – II – III

c) II – III

d) I – II

e) III

Texto XV

ANO NOVO, VELHOS PROBLEMAS

Ubiratan Iorio

A cada início de ano, é costume renovar esperanças e fortalecer confianças em relação ao futuro. Tempo

de limpar gavetas, fazer faxinas e vestir cores que – acreditam muitos – ajudem a realizar antigos desejos e aspirações. Nada existe de errado com esses hábitos, descontado o teor de superstição que costuma motivá-los, nem com o fato de se os estender para o campo das relações econômicas. Afinal, também na economia a esperança pode mover montanhas. Mas para tal precisa fundamentar-se em fatos concretos.

Um pouco de realismo sempre faz bem. Os atos econômicos não são praticados em um vazio institucional, já que o homo economicus, aquele robô frio, calculista, pronto a maximizar resultados, sejam lucros, utilidades, taxas de retornos ou quaisquer outros, só existe nos livros de economia. Na vida real, as relações entre economia, política, direito, ética e outros campos da ação humana objetiva e subjetiva, são inevitáveis, sendo a soma dessas inter-relações o que se chama, reverentemente, de sociedade. O hábito arraigado de separar o econômico do social, do político, do ético e do legal, de que é exemplo o discurso de contrapor o "mercado" ao "social" – quase sempre denegrindo o primeiro e enaltecendo o segundo – é uma das causas das repetidas frustrações das esperanças de crescimento econômico sustentado.

1. "Um pouco de realismo sempre faz bem."; a mesma ideia reaparece em:

a) "Afinal, também na economia a esperança pode mover montanhas."
b) "Mas para tal precisa fundamentar-se em fatos concretos."
c) "Os atos econômicos não são praticados em um vazio institucional..."
d) "... pessimistas nada mais são do que otimistas bem informados,..."
e) "uma carga tributária extorsiva e crescente."

2. Na progressão textual, a fim de evitar-se a repetição de palavras idênticas, ocorre a substituição de termos anteriores por uma série de diferentes elementos. O item em que a identificação do termo substituto do segmento sublinhado está INCORRETA é:

a) "Afinal também na economia <u>a esperança pode mover montanhas</u>. Mas para tal precisa fundamentar-se em atos concretos." – pronome demonstrativo
b) "busquemos, apenas, ser realistas e olhemos para <u>as instituições</u> que nos circundam." – pronome relativo
c) "Tempo de <u>limpar gavetas, fazer faxinas e vestir cores</u> que – acreditam muitos – ajudem a realizar antigos desejos e aspirações. Nada existe de errado contra esses hábitos,..." – hiperônimo
d) "Nada existe de errado contra <u>esses hábitos</u>, descontado o teor de superstição que costuma motivá-los,..." – pronome relativo
e) "Nada existe de errado contra <u>esses hábitos</u> [...] nem com o fato de se os estender para o campo das relações econômicas." – pronome pessoal

3. "O hábito arraigado de separar o econômico do social, do político, do ético e do legal, de que é exemplo o discurso de contrapor o "mercado" ao "social" – quase sempre denegrindo **o primeiro** e enaltecendo **o segundo** – é uma das causas..."; mantendo-se o sentido original, os termos sublinhados poderiam ser corretamente substituídos, respectivamente, por:

a) este / aquele
b) este / esse
c) aquele / este
d) aquele / esse
e) esse / este

Texto XVI

O NECROLÓGIO DOS DESILUDIDOS DE AMOR

Carlos Drummond de Andrade

Os médicos estão fazendo a autópsia dos que se mataram.
Que grandes corações eles possuíam
Vísceras imensas, tripas sentimentais
e um estômago cheio de poesia.

1. Os "desiludidos do amor" reaparecem em:

a) "os médicos estão fazendo a autópsia...".
b) "... dos que se mataram".
c) "Que grandes corações eles possuíam".
d) "Vísceras imensas, tripas sentimentais".
e) "estômago cheio de poesia".

2. "Bibliotecas. Vistas de dentro de grandes monumentos, elas parecem indestrutíveis. Mas, de fato, a história mostra que bibliotecas estão sempre sendo destruídas e cada vez que uma delas vem abaixo muito da civilização desaba com ela"; nesse segmento o termo que NÃO apresenta corretamente o termo anterior ao qual se refere ou que substitui é:

a) elas = bibliotecas
b) ela = uma delas
c) grandes monumentos = bibliotecas
d) desaba = vem abaixo
e) delas = das bibliotecas

Texto XVII

"O rádio foi uma tragédia para os surdos. A televisão é uma tragédia para os cegos. É também, de quando em quando, uma tragédia para o espectador sensível, para quem contemplar a mediocridade é uma dolorosa experiência." (Steve Allen)

1. "É também, de quando em quando, uma tragédia para o espectador sensível, para quem contemplar a mediocridade é uma dolorosa experiência."; o pronome *quem* se refere:

a) a qualquer espectador de TV.
b) ao espectador sensível.
c) à pessoa que não participa da dolorosa experiência.
d) ao espectador que contempla a mediocridade.
e) ao espectador de programas medíocres.

Texto XVIII

IMPÉRIO À DERIVA

Patrick Wilcken

Em 1807, no auge das Guerras Napoleônicas, o príncipe regente português D. João VI tomou uma decisão extraordinária. Embora aterrorizado com a ideia de viagens marítimas, optou por transplantar toda a sua corte e seu governo para a maior colônia de Portugal: o Brasil. Com as tropas francesas aproximando-se de Lisboa, aristocratas, ministros, padres e criados – no assombroso total de 10 mil pessoas – embarcaram às pressas na precária frota portuguesa. Após uma turbulenta travessia

transatlântica, sob escolta britânica, desembarcaram imundos, cobertos de piolhos e esfarrapados, para espanto de seus súditos no Novo Mundo. Assim se iniciou um período excepcional de treze anos de governo imperial exercido nos trópicos.

1. Em uma outra obra sobre a chegada da família real ao Brasil, que comemorará 200 anos em 2008, o autor (Laurentrino Gomes) escreve na capa do livro: "Como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a história de Portugal e do Brasil". De todas as referências presentes nesse segmento, a única que aparece comprovada no texto principal desta prova é:

a) a rainha de Portugal ser louca.
b) o príncipe regente ser medroso.
c) a corte portuguesa ser corrupta.
d) os portugueses terem enganado Napoleão.
e) a história de Portugal e Brasil ter sido mudada.

Texto XIX

Num dia quente de verão do primeiro semestre do novo milênio, a humanidade atravessou uma ponte rumo a uma nova era de tremenda importância. Ao mundo inteiro foi transmitido um pronunciamento, com destaque em praticamente todos os jornais mais importantes, apregoando que o primeiro rascunho do genoma humano, nosso manual de instruções, havia sido concluído.

(*A linguagem de Deus*, Francis S. Collins)

1. Ao dizer que a humanidade "atravessou uma ponte rumo a uma nova era", o autor do texto expressa simultaneamente um conjunto de ideias; entre elas, NÃO está presente a ideia de:

a) superação de obstáculos.
b) progresso da ciência.
c) conhecimento de novos espaços.
d) comunicação com o novo.
e) abandono do passado.

Texto XX

CIÊNCIA E NAVEGAÇÃO

Bento Ribeiro Dantas

A história da humanidade contém sagas de extraordinária beleza, mas nenhuma suplanta a história dos descobrimentos marítimos dos séculos XVI e XVII. Foi uma época em que os homens de coragem e de saber, em busca de conhecimento e riquezas, aventuraram-se por mares e oceanos totalmente desconhecidos. Para isso foram necessários avanços técnicos que transformaram e desenvolveram a ciência da construção naval e dos planos vélicos das embarcações, a arte da cartografia e os métodos de aquisição das informações geográficas essenciais à sua precisão, a navegação pela observação astronômica, os instrumentos e a matemática indispensáveis à sua utilização. Enfim, todos os meios que tornaram possível aos portugueses, e mais tarde aos demais europeus, a descoberta de mais de dois terços da Terra – até aquela época, para eles, incógnitos. A chegada ao Brasil foi fruto desse esforço heróico, que não deixou nada ao acaso.

1. Alguns elementos de um texto se referem a termos anteriormente expressos; o elemento do texto cuja referência a termos anteriores está corretamente identificada é:

a) “mas *nenhuma* suplanta...” = extraordinária beleza
b) “Foi *uma época*...” = séculos XV e XVI
c) “Para *isso*...” = homens de coragem e de saber
d) “... essenciais à *sua* precisão,...” = informações geográficas
e) “... até aquela época, para *eles*, incógnitos.” = portugueses

Texto XXI

MISTURA PERIGOSA
Revista *Isto É*, 26/09/2007.

Em qualquer idade, o alcoolismo é uma tragédia. Na maioria dos casos, ele destrói o indivíduo, desequilibra a família e traz um custo imenso para a sociedade. Quando atinge pessoas jovens, no entanto, ganha cores ainda mais dramáticas – dá para imaginar, então, quando o álcool se associa à adolescência. Esse é um cenário que se está tornando comum no Brasil: os adolescentes participam de forma cada vez mais expressiva da estatística do alcoolismo no país e já correspondem a 10% da parcela dos brasileiros que bebem muito, somando um total de 3,5 milhões de jovens. Muitos não se preocupam com a dependência nem encaram a bebida como droga. Mas, segundo a Organização Mundial de Saúde, o álcool é a droga mais consumida no mundo, com dois bilhões de usuários.

1. Num texto, vários elementos repetem ou retomam elementos anteriores; a alternativa em que o termo destacado NÃO tem o elemento anterior corretamente identificado é:

a) “Em qualquer idade, o alcoolismo é uma tragédia. Na maioria dos casos, ele destrói o indivíduo, desequilibra a família e traz um custo imenso para a sociedade.” – o alcoolismo
b) “Quando atinge pessoas jovens, no entanto, ganha cores ainda mais dramáticas – dá para imaginar, então, quando o álcool se associa à adolescência” – o alcoolismo
c) “Esse é um cenário que se está tornando comum no Brasil: os adolescentes participam de forma cada vez mais expressiva da estatística do alcoolismo no país” – um cenário
d) “... e já correspondem a 10% da parcela dos brasileiros que bebem muito, somando um total de 3,5 milhões de jovens” – 10%
e) “Muitos não se preocupam com a dependência nem encaram a bebida como droga” – brasileiros

Texto XXII

A VIDA COMO ELA SERÁ
Jerônimo Teixeira

Daqui a mais ou menos 1 bilhão de anos, a Terra não será mais habitável. No limite do seu material combustível, o Sol estará se expandindo. A elevação da temperatura no terceiro planeta do sistema solar tornará inviável a sobrevivência de qualquer criatura. Isso significa que a vida em nosso mundo já ultrapassou a meia-idade. Estamos nós, seres vivos, mais perto do fim que do começo. No tempo que resta, que cara terá a vida sobre a Terra? Que espécies surgirão e quais estarão fadadas a desaparecer na trilha das mudanças evolucionárias? E por quanto tempo ainda viveremos nós, seres humanos, para presenciar essas mudanças?

1. A alternativa em que o termo sublinhado tem seu valor dependente da situação geral de produção do texto é:

a) “<u>Daqui</u> a mais ou menos 1 bilhão de anos.”
b) “A elevação da temperatura no terceiro <u>planeta do sistema solar</u>.”
c) “Estamos <u>nós</u>, seres vivos...”

d) “E por quanto tempo ainda viveremos nós...”
e) “Isso significa que a vida em nosso mundo...”

2. Se tivéssemos o raciocínio: “A Terra não será mais habitável daqui a 1 bilhão de anos já que o Sol estará se expandindo”, o raciocínio apresenta um argumento em que:

a) se troca o efeito pela causa.
b) se troca a causa pela consequência.
c) se apela ao princípio da autoridade.
d) se troca a razão pela intuição.
e) ocorre desvio do assunto.

3. Num texto há muitas palavras anafóricas, ou seja, palavras cuja função é retomar algo que já foi expresso. A alternativa que mostra um termo sublinhado que NÃO é anafórico é:

a) “No limite do seu material combustível, o Sol estará se expandindo.”
b) “A elevação da temperatura no terceiro planeta do sistema solar.”
c) “Isso significa que a vida em nosso mundo...”
d) “para presenciar essas mudanças?”
e) “Isso significa que a vida em nosso mundo.”

Texto XXIII

Tchecov escreveu: “Daqui a duzentos ou trezentos anos, ou mesmo mil anos – não se trata de exatidão – haverá uma vida nova. Nova e feliz. Não tomaremos parte nessa vida, é verdade... Mas é para ela que estamos vivendo hoje. É para ela que trabalhamos e, se bem que a soframos, nós a criamos. É nisso que está o objetivo de nossa existência aqui.”

1. Algumas palavras têm sentido dêitico, ou seja, apresentam significado dependente da situação de produção do texto. *Daqui*, por exemplo, tem significado dependente do momento de produção do texto. Assinale o item em que a palavra sublinhada tem valor dêitico:

a) a partir de hoje teremos uma vida nova.
b) os homens nunca irão viver eternamente.
c) a vida na Terra é breve.
d) o futuro sempre está distante.
e) a partir de 1992, o mundo mudou.

2. “Não tomaremos parte **nessa** vida, é verdade...”; o uso do demonstrativo *nessa* se justifica pelo motivo seguinte: emprega-se *esse, essa, esses, essas:*

a) com referência a um termo expresso anteriormente.
b) em referência a um lugar próximo do interlocutor.
c) em relação a um tempo passado, anteriormente definido.
d) em correspondência com um tempo futuro, indeterminado.
e) para indicação de um lugar fictício.

3. Para evitar a repetição do termo *vida*, o autor substituiu-o por:

a) pronomes pessoais e demonstrativos.
b) pronomes pessoais e artigos.
c) artigos e pronomes demonstrativos.

d) pronomes pessoais.
e) pronomes demonstrativos.

Texto XXIV

O Piercing: ser ou não ser

Quando o meu filho Pedro, de 16 anos, falou da vontade de colocar *piercing*, antes de dizer-lhe um sonoro "não", ponderei o fato de meu filho não ser um veículo para que eu coloque em prática o meu projeto de ser humano. Muito pelo contrário: Ele é um ser independente, com projetos próprios e que tem como orientação básica o respeito ao ser humano e a consciência que de o mundo deve ser mais justo, inteligente, diversificado e saboroso. A partir daí, não me preocupa se ele fará drama ou comédia, com argola no nariz ou gravata no pescoço. O importante não será a sua forma, mais sim o seu conteúdo. (...) O adolescente, pelo menos, faz por festa, para treinar a sua rebeldia. Depois, o tempo passa e todas essas bandeiras pelo corpo vão perdendo a importância e para aqueles que só fazem onda, a coisa ficará no passado. Para os autênticos, a rebeldia fica adulta e muda de lugar. Vai pro olhar.

1. O elemento do texto cujo significado é indicado por elementos externos a ele é:

a) "Quando o meu filho Pedro, de 16 anos..."
b) "... antes de dizer-lhe um sonoro não"
c) "Muito pelo contrário, ele é um ser independente..."
d) "A partir daí, não me preocupa..."
e) "Para treinar a sua rebeldia..."

Texto XXV

Quando eu me desespero, lembro-me de que, por toda a história, a verdade e o amor sempre vencem. Existiram assassinos e tiranos e, por um tempo, eles pareceram invencíveis. Mas, no fim, eles sempre caíram. Penso nisso, sempre. (Mahatma Gandhi)

1. Em "penso nisso", o pronome "isso" teria como explicitação mais adequada:

a) que a verdade e o amor sempre vencem.
b) que existiram assassinos e tiranos.
c) que assassinos e tiranos parecem invencíveis.
d) que eles caíram.
e) que, apesar de invencíveis, os tiranos sempre caíram.

Gabarito: Texto I – 1. a; 2. b; **Texto II** – 1. c; 2. c; 3. d; **Texto III** – 1. a; **Texto IV** – 1. c; **Texto V** – 1. c; **Texto VI** – 1. a; **Textos VII e VIII** – 1. a; 2. e; **Texto IX** – 1. b; 2. b; **Texto X** – 1. b; **Texto XI** – 1. e; 2. e; 3. d; **Texto XII** – 1. c; **Texto XIII** – 1. d; **Texto XIV** – 1. a; 2. b; **Texto XV** – 1. b; 2. d; 3. c; **Texto XVI** – 1. b; 2. c; **Texto XVII** – 1. b; **Texto XVIII** – 1. b; **Texto XIX** – 1. e; **Texto XX** – 1. b; **Texto XXI** – 1. d; **Texto XXII** – 1. a; 2. a; 3. a; **Texto XXIII** – 1. a; 2. e; 3. d; **Texto XXIV** – 1. a; **Texto XXV** – 1. a.

Referências

BECHARA, Evanildo. *Gramática escolar da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

CARNEIRO, Agostinho Dias. *Redação em construção*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2001.

CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Luís Felipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FÁVERO, Leonor Lopes. *Coesão e coerência textuais*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. *Para entender o texto*. 12. ed. São Paulo: Ática, 1996.

GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna*. 20. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KOCH, Ingedore Villaça. *A coesão textual*. 11. ed. São Paulo: Contexto, 1999.

LUFT, Celso Pedro. *Dicionário prático de regência verbal*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995.

RIBEIRO, Manoel Pinto. *Nova gramática aplicada da Língua Portuguesa*. 16. ed. Rio de Janeiro: Metáfora, 2006.

RYAN, Maria Aparecida. *Conjugação dos verbos em português*. 9. ed. São Paulo: Ática, 1993.

TERRA, Ernani. *Curso prático de gramática*. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2007.

“750 frases comentadas
+650 questões de concursos com gabarito ao final”

GRÁTIS
VIDEOAULAS COM RESOLUÇÃO DE QUESTÕES

GRAMÁTICA COMENTADA COM INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS para concursos

Adriana Figueiredo

5ª edição

Indicado em 2014 pelo portal CONCURSOS PÚBLICOS da Revista Exame como um dos 10 LIVROS DE PORTUGUÊS INDISPENSÁVEIS PARA CONCURSEIROS

saraiva uni

saraiva aprova

ISBN 9788547217846

Figueiredo, Adriana
Gramática comentada com interpretação de textos para concursos / Adriana Figueiredo. – 5. ed. – São Paulo : Saraiva, 2017.
1. Português - Concursos 2. Português - Exames, questões etc. 3. Português - Gramática 4. Português - Gramática (Vestibular) 5. Português - Gramática - Estudo e ensino 6. Textos - Interpretação I. Título.
16-1492 CDU 469.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Gramática : Português : Linguística 469.5

Presidente Eduardo Mufarej

Vice-presidente Claudio Lensing

Diretora editorial Flávia Alves Bravin

Conselho editorial

Presidente Carlos Ragazzo

Gerente de aquisição Roberta Densa

Consultor acadêmico Murilo Angeli

Gerente de concursos Roberto Navarro

Gerente editorial Thaís de Camargo Rodrigues

Edição Liana Ganiko Brito Catenacci | Sergio Lopes de Carvalho

Produção editorial Maria Izabel B. B. Bressan (coord.) | Carolina Massanhi | Claudirene de Moura S. Silva | Cecília Devus | Daniele Debora de Souza | Denise Pisaneschi | Ivani Aparecida Martins Cazarim | Ivone Rufino Calabria | Willians Calazans de V. de Melo
Clarissa Boraschi Maria (coord.) | Kelli Priscila Pinto | Marília Cordeiro | Mônica Landi | Tatiana dos Santos Romão | Tiago Dela Rosa

Diagramação (Livro Físico) Perfekta Soluções Editoriais

Revisão Amanda Maria de Carvalho Anhoque

Comunicação e MKT Elaine Cristina da Silva

Capa Guilherme P. Pinto

Livro digital (E-pub)

Produção do e-pub Guilherme Henrique Martins Salvador

Serviços editoriais Surane Vellenich

Data de fechamento da edição: 10-1-2017

Dúvidas?

Acesse www.editorasaraiva.com.br/direito

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Saraiva.
A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei n. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Quase sempre o apego é a causa do insucesso.

Mokiti Okada

Sumário

Agradecimentos

Prefácio

Apresentação

Parte I - Ortografia e semântica

1 Estudo da Sílaba

1.1. Teoria e Exemplos Comentados

1.1.1. Sílaba tônica

1.1.2. Encontros vocálicos

1.1.3. Encontros consonantais

1.1.4. Dígrafo

1.2. Questões de concursos PROPOSTAS (COM gabarito no final)

2 Acentuação Gráfica (sob o Novo Acordo Ortográfico)

2.1. Teoria e Exemplos Comentados

2.1.1. Regra geral

2.1.2. Outros casos

2.2. Questões de concursos propostas (com gabarito no final)

2.3. Resumo

3 Hífen

3.1. Teoria e Exemplos Comentados

3.1.1. Prefixos

3.1.2. Sufixos

3.1.3. Nomes compostos

4 Homônimos e Parônimos

4.1. Teoria e Exemplos Comentados

4.2. Questões de concursos propostas (com gabarito no final)

5 Uso de por que, por quê, porque e porquê

5.1. Teoria e Exemplos Comentados

6 Uso de expressões cotidianas

6.1. Teoria e Exemplos Comentados

6.1.1. Uso de há e a

6.1.2. Outras expressões que costumam suscitar dúvidas

6.2. Questões de concursos comentadas

6.3. Questões de Concursos Propostas (com gabarito no final)

Parte II - Morfologia

7 Classes Gramaticais

7.1. Teoria e Exemplos Comentados

7.1.1. Artigo

7.1.2. Substantivo

7.1.3. Adjetivo

7.1.4. Advérbio

7.1.5. Plural dos nomes compostos

7.1.5.1. Plural dos substantivos compostos

7.1.5.2. Plural dos adjetivos compostos

7.2. Exercícios de Fixação (COM GABARITO nO FINAL)
7.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS
7.4. Questões de Concursos Propostas (Com Gabarito no Final)
7.5. Resumo
8 FLEXÃO VERBAL
8.1. Principais verbos que se conjugam a partir de outros
8.1.1. Pôr (líder)
8.1.2. Ter (líder)
8.1.3. Ver (líder)
8.1.4. Vir (líder)
8.1.5. Dizer (líder)
8.1.6. Fazer (líder)
8.1.7. Querer (líder)
8.1.8. Valer (líder)
8.2. Falsos Amigos Conjugados
8.2.1. Prover
8.2.2. Requerer
8.3. Verbos Defectivos
8.3.1. Reaver
8.3.2. Precaver
8.4. Outros verbos irregulares que merecem um cuidado especial
8.4.1. Agredir
8.4.2. Ferir
8.4.3. Fugir

8.4.4. Crer
8.4.5. Ir
8.4.6. Haver
8.5. Verbos em -EAR
8.6. Verbos em -IAR
8.7. Tempos Compostos
8.8. Formação do Imperativo
8.9. Formas Nominais
8.10. A semântica dos verbos
8.10.1. Modo Indicativo
8.10.2. Modo Subjuntivo
8.11. Exercícios de Fixação (com gabarito No final)
8.12. Questões de Concursos Comentadas
8.13. QUESTÕES DE CONCURSOS propostas (com gabarito no final)
9 Pronomes
9.1. Pronomes Pessoais
9.1.1. Retos
9.1.2. Oblíquos
9.1.2.1. Colocação dos pronomes oblíquos átonos
9.1.2.2. Reflexivos
9.1.2.3. Recíprocos
9.2. Pronomes de Tratamento
9.3. Pronomes Possessivos
9.4. Pronomes Indefinidos

9.5. Pronomes Interrogativos
9.6. Pronomes Demonstrativos
9.7. As funções textuais dos pronomes
9.8. Pronomes Relativos
9.9. Exercícios de Fixação (COM Gabarito No Final)
9.10. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS
9.11. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (com gabarito no final)
9.12. RESUMO
10 Preposição
10.1. Teoria e Exemplos Comentados
10.2. Valor relacional e nocional da preposição
10.3. Questões de concursos comentadas
11 Conjunções
11.1. Teoria e Exemplos Comentados
11.1.1. Conjunções coordenativas
11.1.2. Conjunções subordinativas
11.1.3. Valores semânticos das principais conjunções
11.1.4. Como estudar as conjunções
11.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)
11.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS
11.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (com gabarito no final)
11.5. RESUMO
Parte III - Sintaxe

12 Predicação Verbal

12.1. Teoria e Exemplos Comentados

12.1.1. Verbo intransitivo

12.1.2. Verbo transitivo

12.1.3. Verbo de ligação

12.1.4. Tipos de predicado

12.2. Exercícios de Fixação (com gabarito no final)

12.3. Questões de Concursos Comentadas

13 Termos da Oração

13.1. Teoria e Exemplos Comentados

13.1.1. Termos integrantes

13.1.2. Termos acessórios

13.2. Exercícios de Fixação (Com Gabarito No Final)

13.3. Questões de Concursos Comentadas

13.4. QUESTÕES DE CONCURSOS propostas (com gabarito no final)

13.5. Resumo

14 Vozes Verbais

14.1. Teoria e Exemplos Comentados

14.2. Reescritura de Frases (Como passar uma frase de uma voz à outra)

14.3. Exercícios de Fixação (COM Gabarito No Final)

14.4. Questões que perguntam se a frase admite transportação para a voz passiva

14.5. Questões que pedem para passar de uma voz à outra

14.6. Questões para se identificar a voz da frase

14.6. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (com gabarito no final)

14.7. Resumo

15 Período Composto

15.1. Teoria e Exemplos Comentados

15.2. Orações Coordenadas X Orações Subordinadas

15.2.1. Orações coordenadas

15.2.2. Orações subordinadas

15.3. As funções sintáticas do pronome relativo

15.4. Orações reduzidas

15.5. Exercícios de Fixação (COM Gabarito No Final)

15.6. Questões de concursos comentadas

15.7. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM gabarito No final)

15.8. RESUMO

16 Concordância Nominal

16.1. Teoria e Exemplos comentados

16.1.1. Introdução

16.1.2. Concordância nominal: Parte I – As funções sintáticas do adjetivo

16.1.2.1. Adjetivo na função de adjunto adnominal posposto aos substantivos

16.1.2.2. Adjetivo na função de adjunto adnominal anteposto aos substantivos

16.1.2.3. Adjetivo na função de predicativo

16.1.3. Concordância nominal: Parte II – Casos especiais

16.1.3.1. As expressões é bom, é proibido...

16.1.3.2. Plural do adjetivo composto

16.1.3.3. Expressões mesmo, próprio, obrigado, anexo...

16.1.3.4. Expressões menos, pseudo, alerta, um e outro, um ou outro...

16.1.3.5. Expressões só, meio, bastante, caro, barato...

16.1.3.6. Expressões o mais possível, a olhos visto, haja vista...

16.1.3.7. Um substantivo modificado por dois ou mais adjetivos

16.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (com gabarito no final)

16.3. QUESTÕES DE CONCURSOs COMENTADAS

16.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM Gabarito No Final)

16.5. RESUMO

17 Concordância Verbal

17.1. Teoria e Exemplos Comentados

17.1.1. Concordância verbal: Parte I – Tipos de sujeito

17.1.1.1. Concordância verbal com o sujeito simples

17.1.1.2. Concordância verbal com o sujeito composto

17.1.1.3. Concordância verbal com o sujeito indeterminado

17.1.1.4. Concordância verbal com o sujeito oracional

17.1.2. Concordância verbal: Parte II – Casos especiais

17.1.2.1. Concordância do verbo SER

17.1.2.2. Concordância com a preposição COM

17.1.2.3. Concordância com pronomes indefinidos

17.1.2.4. Concordância com a conjunção OU

17.1.2.5. Concordância com as expressões um ou outro, um e outro, nem um nem outro

17.1.2.6. Concordância com palavras sinônimas ou em gradação e com verbos no infinitivo

17.1.2.7. Concordância com o sujeito coletivo, com porcentagem e expressões a maioria de, grande parte de…

17.1.2.8. Concordância com as expressões qual de nós, quais de vós…

17.1.2.9. Concordância com as expressões mais de, cerca de…

17.1.2.10. Concordância com as expressões que, quem, um dos que

17.1.2.11. Concordância ideológica (silepse)

17.1.2.12. Concordância com verbos no infinitivo

17.2. Exemplos comentados

17.3. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (com gabarito no final)

17.4. QUESTÕES DE CONCURSOs COMENTADAS

17.5. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (com gabarito no final)

17.6. RESUMO

18 Regência Verbal

18.1. Teoria e Exemplos comentados

18.1.1. Regência dos verbos mais pedidos em provas

18.2. Regência com Pronome Relativo

18.2.1. Uso de preposição que antecede o pronome relativo

18.2.2. Uso de onde, aonde, donde

18.3. Exercícios de Fixação (com gabarito no final)

18.4. Questões de Concursos Comentadas

18.5. Questões de Concursos Propostas (com gabarito No final)

19 Crase

19.1. Teoria e Exemplos comentados
19.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (com gabarito no final)
19.3. QUESTÕES DE CONCURSOs COMENTADAS
19.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (com gabarito No final)
19.5. RESUMO
20 Pontuação
20.1. Teoria e Exemplos Comentados
20.1.1. Vírgula
20.1.2. Ponto e vírgula
20.1.3. Dois-pontos
20.1.4. Aspas
20.1.5. Travessões
20.1.6. Parênteses
20.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (com gabarito no final)
20.3. Questões de Concursos Comentadas
20.4. Questões de Concursos Propostas (com gabarito no final)
20.5. RESUMO
21 As Palavras Que e Se
21.1. Teoria e Exemplos comentados
21.1.1. A palavra que
21.1.2. A palavra se
21.2. Exercícios de fixação (com gabarito no final)
21.3. Questões de Concursos Propostas (com gabarito no final)
21.4. RESUMO

22 Figuras de Linguagem
22.1. Teoria sucinta
22.1.1. Figuras de palavras
22.1.2. Figuras de sintaxe
22.1.3. Figuras de pensamento
22.2. Questões de concursoS Propostas (com gabarito no final)

Parte IV - Interpretação de textos
23 Tipologia Textual
23.1. Teoria e Exemplos comentados
23.1.1. Os modos e os tipos de texto
23.1.2. A narração
23.1.2.1. As modalidades da narração
23.1.2.2. Os elementos da narração
23.1.2.2.1. As ações
23.1.2.2.2. Os personagens
23.1.2.2.3. O narrador
23.1.2.2.4. O narrador e os tipos de discurso
23.1.3. A narração e os tempos verbais
23.1.4. A narração e a descrição
23.1.5. A descrição
23.1.5.1. A passagem do tempo na descrição
23.1.5.2. Os tipos de descrição
23.1.5.2.1. Descrição de objetos

23.1.5.2.2. Descrição de fatos científicos

23.1.5.2.3. Descrição de seres humanos

23.1.5.2.4. Descrição de paisagens

23.1.6. A dissertação

23.1.6.1. O texto dissertativo expositivo

23.1.6.2. O texto dissertativo opinativo

23.1.6.3. A estruturação argumentativa

23.1.6.4. Outras modalidades do texto dissertativo

23.1.6.4.1. Texto didático

23.1.6.4.2. Texto preditivo

23.1.6.4.3. Texto polêmico

23.1.6.4.4. Texto injuntivo

23.1.7. Tipologia textual – esquema

23.1.7.1. Modos de texto: estrutura/organização do texto

23.1.7.2. Tipos de textos: finalidade do texto

23.1.8. Enunciados de tipologia textual

23.2. Exemplos comentados

23.3. Questões de Concursos Comentadas

23.4. Questões de ConcursoS Propostas (com Gabarito COMENTADO no final)

23.5. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

24 Estruturação Argumentativa

24.1. Teoria Resumida

24.1.1. O parágrafo argumentativo

24.1.2. O tópico frasal

24.1.3. A estruturação do parágrafo argumentativo

24.1.4. Análise da estruturação do parágrafo

24.1.5. Como expandir o parágrafo

24.2. Exemplos Comentados

24.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

24.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

25 Coesão e Coerência

25.1. Teoria e Exemplos Comentados

25.2. questões de concursoS Comentadas

25.3. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

26 Compreensão e Interpretação de Textos

26.1. COMPREENSÃO DE TEXTOS

26.2. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

26.3. Resumo

26.4. INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

26.5. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

26.6. Resumo

Referências

Agradecimentos

Ao meu amado marido, Marcelo, amigo, parceiro, meu maior incentivador.

Aos meus filhos, Fernanda, Guilherme e Nicholas, luzes da minha vida.

Aos meus alunos amigos, que sempre foram a razão da minha constante busca pela melhor maneira de ensinar.

Prefácio

Altíloqua, **b**enévola, **c**élebre, **d**escomunal, **e**minente... **z**elosa – mesmo buscando todas as letras do alfabeto ainda continua impossível encontrar aquele vocábulo que sintetize todas as características de Adriana Figueiredo. Mas encontramos ao menos uma palavra perfeita para adjetivar a **f**abulosa e **g**enerosa mestre: **h**eroica, na conjugação da maternidade com o magistério.

Ao longo de vinte anos de magistério, Adriana foi seguidas vezes **l**aureada pelos alunos, sendo que vários se tornaram seus discípulos, consagrando-se, ela, sem exagero, a **m**elhor professora de Língua Portuguesa do segmento de concursos públicos e, como consequência natural, **n**otável autora.

Paulo Freire frisa que todo professor, ao passar pela vida de um aluno, deixa sua marca. A marca de Adriana é fazer crer que todos são capazes de aprender e compreender a Língua Portuguesa, que não existe mistério, fórmula mágica ou estrutura pré-moldada. O que há: compreensão. Adriana transforma cada aluno em protagonista do aprendizado – técnica dominada por poucos – propiciando o raciocínio para a descoberta dos segredos da Língua Portuguesa. Isso se materializa nesta obra.

É muito difícil a um professor não desejar ensinar. Peço licença, portanto, para uma singela lição. Fórmulas, bússolas, macetes, nada disso é eficaz e perpétuo. A preparação para concursos públicos sofre uma profunda transformação nos últimos anos. As bancas, cada vez mais, exploram questões valorativas do raciocínio. A famigerada decoreba desacompanhada da compreensão perde espaço com celeridade. É preciso que o candidato tenha materiais propiciadores do aprendizado profundo, com qualidade e objetividade. Desse modo, *Gramática comentada com interpretação de textos para concursos* cumpre sua função com maestria, sendo **o**portuna e **p**recisa.

Afirmo, sem receio, que a **q**uerida Adriana, no exercício do magistério e nesta obra, une a morfologia com a sintaxe de forma reluzente, desmitificando a Língua Portuguesa, tornando-a acessível a todos e, com isso, aniquilando todas as dificuldades.

Gramática comentada com interpretação de textos para concursos é, nesse sentido, um marco no segmento de concursos públicos, transformando a Língua Portuguesa, uma das disciplinas temidas pelos candidatos e explorada com afinco pelas bancas, uma matéria acessível e, por conseguinte, fácil de ser compreendida.

A obra compõe-se de 25 capítulos, estruturados em três etapas. A primeira, destinada à teoria, apresentada de forma objetiva e profunda, não causando perda de tempo ao candidato. A segunda etapa destina-se aos exercícios de fixação. São testes diretos e sucintos, todos comentados. Dessa maneira, o aluno revê a teoria e a fixa, estando, ao final, apto a encarar a última etapa, que são as questões de concursos anteriores. É o método ideal, que deveria ser utilizado em todas as disciplinas: teoria, fixação por meio de exercício e provas anteriores.

Ao cumprir todos os ciclos nos diversos capítulos, o leitor verificará ser o livro **s**imples – dom dos sábios –,

teórico – raridade no mundo contemporâneo – e, por conseguinte, **ú**nico.

Atualmente, o candidato não pode perder tempo com materiais complexos e oblíquos – características inexistentes nesta obra. *Gramática comentada com interpretação de textos para concursos* propicia ao leitor aquilo de que ele mais necessita: um aprendizado **v**ertiginoso da Língua Portuguesa num ritmo **w**agneriano. A dualidade simplicidade/aprofundamento teórico conduz ao **X** da questão. A união de estruturas opostas é algo difícil; para muitos, impossível e, contudo, perfeita. Utilizando-se dos ensinamentos orientais, Adriana realizou uma obra ***yin-yang***.

Ao final do livro, o leitor verificará que este trabalho não agrada apenas a Fernanda, Guilherme, Nicholas, Marcelo, alunos, discípulos e amigos da Adriana, mas a todos.

Caro leitor, uma excelente obra está em suas mãos. Delicie-se.

Rio de Janeiro, fevereiro de 2015.

Carlos Eduardo Guerra de Moraes

Professor da Faculdade de Direito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e do Centro de Estudos Guerra de Moraes (CEGM).

Diretor da Faculdade de Direito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), quadriênio março de 2012 a março de 2016.

Advogado.

Apresentação

Esta obra, com uma metodologia resultante de anos de experiência em sala de aula, compreende as **três etapas** que consideramos essenciais para assegurar uma abordagem prática e objetiva do aprendizado:

A **primeira** é a apresentação de teoria, que é desenvolvida de forma lógica, para que o leitor não se perca em meio a uma série de informações amontoadas. Dicas essenciais são sinalizadas durante a apresentação do conteúdo. Além disso, em cada tópico, há os exemplos comentados, que ajudarão no esclarecimento dos conceitos. São frases, seguidas de sua explicação.

Na **segunda etapa**, expandem-se os conceitos aprendidos com questões de concursos, referentes a todos os tópicos do capítulo, detalhadamente comentadas. Nos comentários de cada questão, contrapõe-se a alternativa certa às erradas, explicando-se item por item.

O objetivo da **terceira etapa** é aprofundar o aprendizado. Para isso, nos tópicos mais complexos, você vai treinar à exaustão, com uma bateria de exercícios de fixação: frases simples selecionadas para praticar a essência da teoria e os fundamentos-chave aprendidos. Por fim, ao final de cada capítulo, selecionamos questões, com gabarito, das principais instituições organizadoras de concursos público, para que o leitor tenha uma preparação completa. Quem sabe Português se prepara para qualquer concurso.

Além disso, um benefício: para os tópicos mais frequentes em concursos, há um resumo, essencial para sistematizar o conteúdo apreendido e facilitar a resolução de questões de provas.

Quanto aos assuntos, esta gramática está dividida em quatro partes: **Ortografia e semântica; Morfologia; Sintaxe;** e **Interpretação de textos.**

Procurei, sempre que possível, utilizar uma linguagem informal, que facilitasse seus estudos. Esta é a gramática que elaborei para você: com uma linguagem simples e lógica, como deve ser o aprendizado da nossa língua.

Tudo isso faz com que esta gramática tenha este diferencial no mercado: ela é completa. Gramática com interpretação de textos. E comentada. Tudo isso em um só livro.

A Autora

Parte I

Ortografia e semântica

1 ESTUDO DA SÍLABA

1.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

1.1.1. Sílaba tônica

Para começar, faremos uma revisão de **ortografia**. Você sabe o que significa sílaba tônica? **Sílaba tônica** é a sílaba da palavra que é pronunciada com maior intensidade. Quanto à posição da sílaba tônica, as palavras classificam-se em:

a) oxítonas – a sílaba tônica é a última da palavra:

maracu**já**, ca**fé**, recom**por**

b) paroxítonas – a sílaba tônica é a penúltima da palavra:

ca**dei**ra, ca**rá**ter, **me**sa

c) proparoxítonas – a sílaba tônica é a antepenúltima da palavra:

sílaba, meta**fí**sica, **lâm**pada

Para o estudo das regras de acentuação gráfica, também será preciso que você entenda a diferença de um monossílabo átono para um monossílabo tônico. **Monossílabos átonos** são aqueles que são pronunciados com pouca intensidade no interior da frase. Veja um exemplo:

O menino **me** perguntou quando **lhe** entregarei **o** pedido.

Observe que os monossílabos grifados acima são pronunciados de forma tão fraca, que muitos, por exemplo, pronunciariam o **me** como /**mi**/, o **lhe** como /**lhi**/, o **o** como /**u**/. São tão *fracos* que se descaracterizam ao serem pronunciados.

Já os **monossílabos tônicos** são aqueles que são pronunciados com bastante intensidade no interior da frase. Veja:

No **mês** passado, **tu** disseste a **mim** que sentias **dor** de dente.

1.1.2. Encontros vocálicos

Você sabe a diferença entre encontros vocálicos, encontros consonantais e dígrafos? **Encontros vocálicos** são agrupamentos de vogais ou de vogais e semivogais sem consoante intermediária. Há três tipos de encontros vocálicos: o ditongo, o tritongo e o hiato. **Ditongo** é o encontro de uma vogal e uma semivogal, ou vice-versa, na mesma sílaba. Há quatro tipos de ditongo: no ditongo **crescente**, a semivogal vem antes da vogal (lír**io**, q**ua**ndo, freq**ue**nte). É quando se vai do som mais fraco para o mais forte. Há também o ditongo **decrescente**, em que a vogal vem antes da semivogal (p**ai**, p**õe**). Aqui, ocorre o contrário: vai-se do som mais forte para o mais fraco, por isso, ele é *decrescente.* Além desses

dois tipos, o ditongo pode ser **oral**, quando a vogal é oral (mág**oa**) ou **nasal**, quando a vogal é nasal (m**ão**).

Além do ditongo, há outros dois tipos de encontros vocálicos: o **tritongo**, que é o encontro de semivogal+vogal+semivogal, nessa ordem, na mesma sílaba. Veja:

Parag**uai**, q**uão**.

E, por fim, o **hiato**, que é o encontro imediato de duas vogais, em sílabas distintas. Assim:

R**ai**z, s**aú**de.

1.1.3. Encontros consonantais

Além dos encontros vocálicos, existem os **encontros consonantais**, que são grupos formados por mais de uma consoante sem vogal intermediária. Observe:

Blusa, **pr**ata, a**ft**a, a**pn**eia.

Repare que as consoantes vêm uma seguida da outra, na mesma sílaba, ou em sílabas distintas. Separe as sílabas e você verá: **bl**u-sa, **pr**a-ta, a**f-t**a, a**p-n**eia.

1.1.4. Dígrafo

Agora, o grande cuidado que você deve ter é para não confundir encontro consonantal com dígrafo. No encontro consonantal, as duas consoantes são pronunciadas, já no dígrafo, as duas letras possuem um único som: ou seja, uma delas não é pronunciada. Observe atentamente o conceito de dígrafo:

Dígrafo é o encontro de duas letras para representar um único fonema. Podem ser consonantais ou vocálicos. **Dígrafos consonantais** são aqueles em que as duas consoantes representam um único som (ch, lh, nh, rr, sc, sç, ss, xc, gu, qu). As gramáticas dizem que são dois grafemas para um único fonema. Veja os exemplos:

Chave, te**lh**a, ni**nh**o, ca**rr**o, cre**sc**er, na**sç**o, e**xc**eto, **gu**e**rr**a, **qu**ilo.

Entenda que aqui não temos um encontro consonantal *porque uma das consoantes não é pronunciada.* Trata-se, portanto, de dígrafo consonantal.

Já os **dígrafos vocálicos** são aqueles em que a vogal é nasalizada por um **m** ou um **n** que venha na sequência (am, an, em, en, im, in, om, on, um, un). Observe:

T**am**pa, t**em**po, t**in**ta, b**om**ba, c**on**ta, b**um**bo, f**un**do.

Atenção: As letras m e n não representam consoantes, apenas indicam que a vogal anterior é nasal.

Devidamente entendidos quanto à diferença entre encontros vocálicos, encontros consonantais e dígrafos? Vamos fazer um exercício para cada conceito, antes de estudarmos as regras de acentuação gráfica. Aproveitaremos os exercícios

também para você relembrar como se separam as sílabas das palavras. Tempos bons aqueles…

1. Identifique os encontros vocálicos das palavras a seguir.

a) saguão

Resposta: sa-g**uão** – **tritongo**

b) ruim

Resposta: r**u**-**i**m – **hiato**

c) séria

Resposta: sé-r**ia** – **ditongo crescente**

d) seria

Resposta: se-**r**i-**a** – **hiato**

e) enxaguais

Resposta: en-xa-g**uais** – **tritongo**

en-xa-guais – **dígrafo vocálico**

f) álcoois

Resposta: ál-c**o**-**o**is – **hiato**

ál-co-**oi**s – **ditongo decrescente**

g) minguou

Resposta: min-g**uou** – **tritongo**

m**in**-guou – **dígrafo vocálico**

h) quieto

Resposta: q**ui**-e-to – **dígrafo**

qu**i**-**e**-to – **hiato**

i) voo

Resposta: v**o**-**o** – **hiato**

2. Identifique os encontros consonantais a seguir.

a) Castro

Resposta: Cas-**tr**o

b) flecha

Resposta: **fl**e-cha

c) ritmo

Resposta: ri**t-m**o

d) trabalho

Resposta: **tr**a-ba-lho

3. Reconheça os dígrafos.

a) prorromper

Respostas: pro**rr*om***per (**rr** / **om**)

b) digníssimo

Resposta: digní**ss**imo (**ss**)

c) aquele

Resposta: a**qu**ele (**qu**)

d) triunfo

Resposta: tri**un**fo (**un**)

e) quem

Resposta: **qu**em (**qu**)

1.2. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (Banco do Brasil) Noite:

a) hiato.

b) ditongo.

c) tritongo.

d) dígrafo.

e) encontro consonantal.

2. (ITA) Dadas as palavras:

1. tung-stê-nio

2. bis-a-vô

3. du-e-lo

Constatamos que a separação silábica está correta:

a) apenas na palavra n. 1.

b) apenas na palavra n. 2.

c) apenas na palavra n. 3.

d) em todas as palavras.

e) n.d.a.

3. (ITA) Dadas as palavras:

1. des-a-len-to

2. sub-es-ti-mar

3. trans-tor-no,

Constatamos que a separação silábica está correta:

a) apenas na número 1.

b) apenas na número 2.

c) apenas na número 3.

d) em todas as palavras.

e) n.d.a.

4. (Aman) Assinale a opção em que a divisão silábica não está corretamente feita:

a) a-bai-xa-do

b) si-me-tria

c) es-fi-a-pa-da

d) ba-i-nhas

e) ha-vi-a

5. (Imes) Assinale a alternativa em que a palavra não tem as suas sílabas corretamente separadas:

a) in-te-lec-ção

b) cons-ci-ên-cia

c) oc-ci-pi-tal

d) psi-co-lo-gia

e) ca-a-tin-ga

6. (Furg-RS) A sequência de palavras cujas sílabas estão separadas corretamente é:

a) a-dje-ti-va-ção / im-per-do-á-vel / bo-ia-dei-ro

b) in-ter-ve-io / tec-no-lo-gi-a / su-bli-nhar

c) in-tu-i-to / co-ro-i-nha / pers-pec-ti-va

d) co-ro-lá-rio / subs-tan-ti-vo / bis-a-vó

e) flui-do / at-mos-fe-ra / in-ter-vei-o

7. (Furg-RS) Assinale a sequência em que todas as palavras estão partidas corretamente:

a) trans-a-tlân-ti-co, fi-el, sub-ro-gar

b) bis-a-vô, du-e-lo, fo-ga-réu

c) sub-lin-gual, bis-ne-to, de-ses-pe-rar

d) des-li-gar, sub-ju-gar, sub-scre-ver

e) cis-an-di-no, es-pé-cie, a-teu

8. (UFV-MG) As sílabas das palavras psicossocial e traído estão corretamente separadas em:

a) psi-cos-so-ci-al / tra-í-do

b) p-si-cos-so-cial / tra-í-do

c) psi-co-sso-ci-al / traí-do

d) p-si-co-sso-cial / tra-í-do

e) psi-co-sso-cial / tra-í-do

9. (Acafe-SC) Na frase "No restaurante, onde entrei arrastando os cascos como um dromedário, resolvi-me ver livre das galochas", existem:

a) dois ditongos, sendo um crescente e um decrescente.

b) três ditongos, sendo dois crescentes e um decrescente.

c) três ditongos, sendo um crescente e dois decrescentes.

d) quatro ditongos, sendo dois crescentes e dois decrescentes.

e) quatro ditongos, sendo três crescentes e um decrescente.

10. (UEPG-PR) Nesta relação, as sílabas tônicas estão sublinhadas. Uma delas, porém, está sublinhada incorretamente. Assinale-a:

a) in-te-<u>rim</u>

b) pu-<u>di</u>-co

c) ru-<u>bri</u>-ca

d) gra-<u>tui</u>-to

e) i-nau-<u>di</u>-to

11. (Unirio) "O bom tempo passou e vieram as chuvas. Os animais todos, arrepiados, passavam os dias cochilando." No trecho, temos:

a) dois ditongos e três hiatos.

b) cinco ditongos e dois hiatos.

c) quatro ditongos e três hiatos.

d) três ditongos e três hiatos.

e) quatro ditongos e dois hiatos.

12. (Unirio) Assinale a melhor resposta. Em papagaio, temos:

a) um ditongo.

b) um trissílabo.

c) um dígrafo.

d) um proparoxítono.

e) um tritongo.

13. (Esaf) Indique a alternativa em que há erro(s) de divisão silábica:

a) res-sur-gir, a-ve-ri-güeis, vô-o, quais-quer

b) ca-í-ram, co-o-pe-rar, pig-meu, op-ção, cons-ti-tu-in-tes

c) tu-a, ai-ro-so, e-gí-pcio, su-bs-tan-ti-vo, pneu-má-ti-co

d) ab-di-ca-ção, o-ci-den-tal, sor-rin-do, sou-bes-te, mne-mô-ni-ca

e) a-do-les-cen-te, mai-o-res, sub-ju-gar, me-lan-co-li-a, cir-cui-to

14. (ESPCEX) Assinale a alternativa correta quanto à divisão silábica das palavras dadas:

a) sa-gu-ão, mín-guam, a-bs-tra-to, de-lin-qüi-u, plúm-beo

b) fric-ção, rit-mo, pneu-má-ti-co, cai-ais, bo-ê-mia

c) mag-ne-tis-mo, en-xa-güei, ni-nha-ri-a, res-pe-i-to, mei-os

d) su-blo-car, ca-iu, re-ce-pção, a-cces-sí-vel, subs-cre-ver

e) coi-ta-do, trans-a-tlân-ti-co, pis-ci-na, suas, põem

15. (PUC-RS) Aponte o único conjunto onde há erro na divisão silábica:

a) flui-do, sa-guão, dig-no

b) cir-cuns-cre-ver, trans-cen-den-tal, tran-sal-pi-no

c) con-vic-ção, tung-stê-nio, rit-mo

d) ins-tru-ir, an-te-pas-sa-do, se-cre-ta-ri-a

e) co-o-pe-rar, dis-tân-cia, bi-sa-vô

16. (UFF) Apenas num dos seguintes casos a divisão silábica não está feita de acordo com as normas vigentes. Assinale-o:

a) tran-sa-tlân-ti-co

b) ab-di-ca-ção

c) subs-ta-be-le-cer

d) fri-ís-si-mo

e) cis-an-di-no

17. (TRE-MG) Assinale a palavra que contém exemplo de ditongo decrescente e dígrafo:

a) companhia

b) exceção

c) répteis

d) cãimbra

e) gratuito

18. (TRE-MT) A separação de sílabas está incorreta na alternativa:

a) mi-nis-té-rio

b) ab-so-lu-tas

c) ne-nhu-ma

d) té-cni-co

e) res-sen-ti-men-tos

19. (TRE-MG) Ambas as palavras contêm exemplo de hiato em:

a) árduo / mãe

b) área / chapéu

c) diário / quota

d) pavio / moer

e) luar / anzóis

20. (TTN) Marque a alternativa correta quanto à divisão silábica:

a) fi-a-do, flui-do, ru-im

b) se-cre-ta-ri-a, ins-tru-ir, né-ctar

c) co-o-pe-rar, tung-stê-nio, i-guais

d) cir-cui-to, subs-cre-ver, a-po-te-ose

e) abs-ces-so, ri-tmo, sub-ju-gar

21. (Unirio) Assinale a opção em que o vocábulo apresenta ao mesmo tempo um encontro consonantal, um dígrafo consonantal e um ditongo fonético:

a) ninguém

b) coalhou

c) iam

d) nenhum

e) murcham

22. (TRT-ES) Leia o texto e assinale o item que apresenta correta divisão silábica: Atualmente, as plantas medicinais voltam a suscitar grande interesse, tanto na área dos profissionais da saúde como na própria sociedade.

a) mui-to / su-sci-tar

b) saú-de / so-cie-da-de

c) me-di-ci-na-is / sa-ú-de

d) sus-ci-tar / me-di-ci-nais

e) in-te-res-se / a-tual-men-te

Gabarito: 1. b; 2. c; 3. c; 4. b; 5. d; 6. e; 7. c; 8. a; 9. c; 10. a; 11. a; 12. a; 13. c; 14. b; 15. c; 16. e; 17. b; 18. d; 19. d; 20. a; 21. e; 22. d.

Finalmente, vamos às regras de acentuação gráfica. Destacamos aquelas que mudaram com o Novo Acordo Ortográfico no que se refere à acentuação gráfica, mantendo aquelas em que não houve alteração. Toda vez que apresentarmos uma regra que foi modificada segundo o Novo Acordo, vamos avisar, ok? Assim, você aprende as regras de acentuação ao mesmo tempo em que fica por dentro de tudo que mudou desde então.

2 ACENTUAÇÃO GRÁFICA (SOB O NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO)

2.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

2.1.1. Regra geral

1. Oxítonos: são acentuados os terminados em **a(s), e(s), o(s), em(ens)**.

Exs.: sofá(s), cajá(s), encontrá-lo, café(s), obtê-lo, avô, avó, dispô-lo, alguém, também, ele contém, ele intervém, armazéns, tu intervéns...

2. Paroxítonos: são acentuados os não terminados em **a(s), e(s), o(s), em(ens)** e os terminados em **ditongo**.

Exs.: cáqui, ônix, túnel, hífen, açúcar, bônus, ímã, Méier, destróier, bênção, órfão, túneis...

3. Proparoxítonos: todos são acentuados.

Exs.: lâmpada, médico, álibi, ínterim, álcool, alcoólicos...

Atenção: Pelo Novo Acordo, entram na regra dos proparoxítonos os chamados ocasionais, terminados em ditongo crescente (história, série...).

4. Monossílabos tônicos: terminados em **a(s), e(s), o(s)**.

Exs.: pá, gás, fé, mês, dó, pôs, pô-lo...

Para fixarmos essas regras iniciais, procure testar seus conhecimentos resolvendo esta questão do Cespe/UnB:

1. Em relação à acentuação gráfica, julgue os itens seguintes:

1) "Previsíveis" e "úteis" acentuam-se pela mesma razão.

2) Em "más", há emprego de acento diferencial.

3) Em "biquíni" e "ônus" o emprego do acento nas duas palavras tem a mesma justificativa.

4) Em "mantém", o acento se justifica para estabelecer a diferença com a forma da 3ª pessoa do plural.

Comentários:

Em (1), os dois vocábulos são paroxítonos terminados em ditongo.

Resposta: assertiva certa.

Em (2), o acento ocorre por ser palavra monossílaba terminada em *a(s)*, e não acento diferencial.

Resposta: assertiva errada.

Em (3), as duas palavras são paroxítonas e terminam em *i* e *us*.

Resposta: assertiva certa.

Em (4), o acento aparece por esse vocábulo ser oxítono terminado em *em*. Na 3ª pessoa do plural é que seria acentuado para estabelecer diferença com o singular (eles mantêm).

Resposta: assertiva errada.

2.1.2. Outros casos

1. Ditongos abertos (éi, éu, ói): acento agudo nas palavras **oxítonas** e **monossílabos tônicos**.

Ex.: anéis, papéis, hotéis, pastéis, troféu, céu, réu, herói, dói, mói…

Atenção: Pelo Novo Acordo, não são acentuados os ditongos ei e oi de palavras paroxítonas terminadas em a, o.
Exs.: assembleia, heroico, ideia.

2. Quando a **2a vogal do hiato** for **"i" ou "u", tônica.**

Ex.: saída, saíste, caí, juíza, reúno, saúde, baú, Grajaú…

Observação 1: Se após a 2a vogal do hiato aparecer nh ou outra letra, sem ser o **s**, na mesma sílaba, não haverá acento:
Exs.: rainha, bainha, juiz, cairdes.

Observação 2: Não se acentua a 2a vogal do hiato em letras repetidas; não se acentua o primeiro o de palavras paroxítonas terminadas em oo:
Exs.: vadiice; voo, perdoo, abençoo.

Atenção 1: Pelo Novo Acordo, não se acentua o primeiro e das formas verbais terminadas em eem (verbos ler, ver, crer, dar e derivados). Observe: Eles veem, reveem, leem, releem, creem, deem.

Atenção 2: Pelo Novo Acordo, não se acentuam i e u quando formam hiato com um ditongo anterior.
Exs.: feiura, baiuca...
Exceção: as vogais tônicas i e u, em posição final, das palavras oxítonas precedidas de ditongo levam acento. Ex.: Piauí, teiú...

3. Acentos diferenciais: quanto aos acentos diferenciais, após o Novo Acordo Ortográfico, só permaneceram os seguintes:

a) ter, vir e derivados na **3ª pessoa do plural** do presente do indicativo.

Exs.: eles têm, retêm, vêm, intervêm;

b) de intensidade (que é o acento que diferencia um vocábulo átono do tônico): pôr (verbo no infinitivo), para diferenciar da preposição por;

c) de timbre, que é o acento que diferencia o timbre fechado do timbre aberto: pôde (3a pessoa do singular do pretérito perfeito), para diferenciar da forma pode (3ª pessoa do singular do presente do indicativo).

Observação: O Novo Acordo Ortográfico determinou também que o acento do substantivo *fôrma* seria facultativo, para diferenciar tal vocábulo do substantivo *forma*. Assim, o que se entende é que ele só seria utilizado nas situações em que se pudesse encontrar alguma dificuldade de intelecção. Por exemplo:

A *forma* da *fôrma* do bolo é criativa.

Aqui, se não usássemos o acento, o leitor poderia ter dificuldades para entender a essência da informação.

Veja agora duas questões do NCE/UFRJ que trata desses outros casos de acentuação. Procuramos, aqui, adaptá-la ao Novo Acordo.

1. Assinale a frase incorreta quanto à acentuação gráfica.

a) A funcionária remeterá os formulários até o início do próximo mês.

b) Ninguém poderia prever que a catástrofe traria tamanho ônus para o país.

c) Este vôo está atrasado: os senhores tem que embarcar pela ponte aerea e fazer conexão no Rio para Florianópolis.

d) O pronunciamento feito pelo diretor na assembleia revestia-se de caráter inadiável.

e) Segundo o regulamento em vigor, o órgão competente tomará as providências cabíveis.

Comentários: Na letra A, *funcionária*, *formulários* e *início* estariam na mesma regra. Pelo Novo Acordo, a tendência seria incluir essas palavras terminadas em ditongo crescente (*ia*, *io(s)*) na regra dos proparoxítonos. *Remeterá* e *até* seriam exemplos de oxítonos terminados em *a* e *e*. A palavra *próximo* é acentuada por ser proparoxítona. Em *mês*, teríamos um caso de monossílabo tônico terminado em *es*.

Na letra B, a palavra *ninguém* é acentuada por ser oxítono terminado em *em*; *catástrofe* é proparoxítona; *ônus* é paroxítono terminado em *us* e *país* entra na justificativa da 2ª vogal do hiato, *i*, tônica, seguida ou não de *s*.

Na letra C, pelo Novo Acordo, paroxítonas que dobram a vogal *o* não recebem mais acento. O verbo *ter*, na 3ª pessoal do plural, recebe acento circunflexo ("Este voo está atrasado: os senhores têm…").

Na letra D, o ditongo *ei*, em palavras paroxítonas terminadas em *a*, não recebe mais acento agudo. Em *caráter* e *inadiável*, temos palavras paroxítonas terminadas em *r* e *l*.

Na letra E, *órgão* e *cabíveis* estariam na justificativa dos paroxítonos terminados em ditongo (ór--gão; ca-bí-veis). *Tomará*, oxítono terminado em *a,* e *providências*, pelo Novo Acordo, seria proparoxítona em ditongo crescente (proparoxítonas aparentes).

Resposta: C.

2. Quanto à acentuação, marque a(s) forma(s) correta(s):

a) Itaipú / Icaraí

Comentários: Não se acentua oxítono terminado em **u**. Em Icaraí, temos a vogal **i** como 2ª do hiato, tônica, acentuada.

Resposta: Icaraí.

b) Bocaiúva / chapéu

Comentários: A palavra Bocaiuva não recebe acento porque, embora a vogal **u** seja a 2a do hiato, vem antecedida de ditongo (regra 3 – obs.: c). Os ditongos **éi**, **éu** e **ói** continuam a receber acento quando forem **oxítonos** e **monossílabos**.

Resposta: chapéu.

c) pôr (verbo) / pára (verbo)

Comentários: Dos acentos diferenciais de intensidade, só o verbo **pôr** será acentuado, para diferir da preposição **por**. Os outros caíram (para, pelo, polo, pera...).

Resposta: pôr.

d) gratuíto / eu traí

Comentários: Embora na oralidade algumas pessoas pronunciem **gratuito** com o *i* tônico, isso não ocorre. A pronúncia correta é como ditongo (gra-tui-to) e não grã-tu-í-to. **Traí** recebe acento porque o **i** aparece como 2ª vogal do hiato, tônica.

Resposta: traí.

e) enjôo / eles provêm

Comentários: O acento no 1º **o** de vocábulos paroxítonos em **oo** caiu. Já nos verbos *ter*, *vir* e *derivados*, na **3ª pessoa do plural** do presente do indicativo, o acento se mantém, não houve alteração dessa regra (eles têm, retêm, vêm, intervêm...).

Resposta: eles provêm (= provir, derivado de *vir*) .

f) eles prevêem / ele prevê

Comentários: O acento no primeiro **e** dos verbos *ler*, *ver*, *crer*, *dar* e *derivados* não se usa mais. Agora fica: eles leem, veem, creem, deem etc. Em **ele prevê** temos a regra do oxítono terminado em **e**.

Resposta: ele prevê.

g) destróier / heróico

Comentários: Os ditongos **ei** e **oi**, em palavras **paroxítonas** com pronúncia aberta, não recebem mais acento, à exceção dos terminados em *r*, pois entram na regra geral (paroxítono terminado em **r** é acentuado: açúcar, caráter,

destróier...). Em **heroico** temos paroxítono terminado em *o*, daí não receber acento.

Resposta: destróier.

h) eu apóio / o apoio

Comentários: Os ditongos *oi* e *ei*, paroxítonos com pronúncia aberta, deixam de receber acento quando terminam em *o(s)*, *a(s)* (heroico, europeia, ideia...). Em *o apoio*, este *o* tem pronuncia fechada, é o substantivo.

Resposta: o apoio.

i) ele detém / eles detêem

Comentários: O verbo **deter** na 3ª pessoa do singular recebe acento por ser um oxítono terminado em **em** (armazém, ninguém, ele detém...). Esse verbo, na 3ª pessoa do plural, **não** dobra a letra **e**: eles detêm (verbos **ter**, **vir** e **derivados**, na 3ª pessoa do plural, um **e** e acento circunflexo).

Resposta: ele detém.

j) pêra (subst.) / pôneis

Comentários: O substantivo **pera**, com a nova reforma, perdeu o acento circunflexo. Em **pôneis**, o acento se dá por ser esse vocábulo um paroxítono terminado em ditongo.

Resposta: pôneis.

k) "Ele reconstrói a imagem colocando sobre ela elementos de uso cotidiano, como molho de tomate, geleia de amora e soldadinho de plástico em forma de mosaico."

Comentários: Nessa frase, aparecem os ditongos **oi** e **ei**. Em *reconstrói*, usaremos o acento, pois esse vocábulo é oxítono. Já em *geleia* isso não ocorrerá, já que essa palavra é paroxítona, casos em que esse ditongo não é mais acentuado. Plástico é proparoxítono.

Resposta: geleia / reconstrói / plástico.

E o **trema?** Foi totalmente abolido. A pronúncia, porém, continua a mesma. Ninguém por aí vai deixar de falar **linguiça** e **pinguim** como falava anteriormente, só porque o trema desapareceu.

Ex.: questão, tranquilo, iniquidade, consequência, pinguim, sequestro, frequência, cinquenta, aguentar, arguir, averiguemos, quinquênio, antiguidade, liquidação, sanguíneo...

2.2. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (TJ-AP – Técnico Judiciário – Judiciária e Administrativa – FCC – 2014)

Acentuam-se devido à mesma regra os seguintes vocábulos do texto:

a) também, mantêm, experiências.

b) indígenas, séculos, específico.

c) acúmulo, importância, intercâmbio.

d) políticas, história, Pará.

e) até, três, índios.

2. (TRF – 1ª Região – Analista Judiciário – FCC – 2014)

Considere a tirinha reproduzida abaixo.

(Revista Língua Portuguesa, ano 4, n. 46. São Paulo: Segmento, agosto de 2009, p.7)

Seguindo-se a regra determinada pelo novo acordo ortográfico, tal como referida no primeiro quadrinho, também deixaria de receber o acento agudo a palavra:

a) Tatuí.

b) graúdo.

c) baiúca.

d) cafeína.

e) Piauí.

3. (TRT 3ª Região – Analista Judiciário – Área Judiciária – Especialidade Oficial de Justiça Avaliador Federal – FCC – Jul./2015)

Perguntando-me a mim mesmo por que processo de associação ela me viera à memória, não atinei com o porquê. Pensei, então, no motivo de eu lastimar sua ausência e não obtive de imediato a resposta. Passaram se muitos meses quando, de repente, percebi o sentido disso tudo: ela era, sempre fora e sempre seria a concretização da fantasia primeira da minha adolescência.

Considere o trecho acima e as afirmações que seguem:

I. Em *Perguntando-me a mim mesmo*, há duas formas – *me e a mim mesmo* – que expressam reflexividade da ação, motivo pelo qual uma delas pode ser elidida sem prejuízo do sentido.

II. Em *por que processo de associação ela me viera à memória*, o segmento destacado está grafado segundo as normas gramaticais.

III. Em *não atinei com o porquê*, a palavra destacada apresenta erro de grafia: o acento gráfico não é justificável.

IV. Em *percebi o sentido disso tudo*, a palavra destacada resume as razões citadas após os dois-pontos.

Está correto o que se afirma APENAS em

a) I.

b) I e II.

c) II e III.

d) III e IV.

e) II e IV.

4. (Cespe – TJ Acre – Técnico – 2012)

Julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E):

As palavras " conteúdo", " calúnia" e " injúria" são acentuadas de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.

5. (Cespe – MPU – Analista/Técnico – 2015)

Julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E):

A palavra " cível" recebe acento gráfico em decorrência da mesma regra que determina o emprego de acento em **amável** e **útil**.

6. (Pol. Fed. (Adaptada) – Cespe)

Em relação à acentuação gráfica julgue os itens a seguir como Certo (C) ou Errado (E):

I. Em " más", há emprego de acento diferencial.

II. Em " biquíni" e " ônus", o emprego do acento nas duas palavras tem a mesma justificativa.

III. Em " mantém", o acento se justifica para estabelecer a diferença com a forma da 3ª pessoa do plural.

Leia o texto a seguir para responder à questão 7:

Texto II

Festival reúne caravelas em barcos

Dizem que o passado não volta, mas a cada cinco anos boa parte da história marítima da Europa se reúne para navegar junto entre o Mar do Norte e o canal de Amsterdã. Caravelas e barcos a vapor do século passado se juntam a veleiros e lanchas contemporâneas que vêm de vários países para um dos maiores encontros náuticos gratuitos do mundo. Durante o Amsterdam Sail, entre os dias 19 e 23 de agosto, cerca de 600 embarcações celebram a arte de deslizar sobre as águas.

Desde 1975 o grande encontro aquático junta apaixonados pelo mar e curiosos às margens dos canais para ver barcos históricos e gente fazendo festa ao longo de cinco dias – na última edição, o público estimado foi de 1,7 milhão de pessoas. Há aulas de vela e de remo para adultos e crianças, além de atrações musicais. [...]

Você pode até achar que é coisa de criança, mas o jogo em que cada um leva o próprio balde e simula as tarefas a bordo de um navio é instrutivo e divertido para todas as idades.

MORTARA, F. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 4 ago. 2015, Caderno D, p. 10. Adaptado.

7. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016)

Das palavras acentuadas (todas retiradas do Texto II) **reúne**, **países**, **águas**, **última** e **vêm**, as duas que recebem acento por seguirem a mesma norma ortográfica são:

a) **águas** e **vêm**

b) **última** e **vêm**

c) **reúne** e **águas**

d) **reúne** e **países**

e) **países** e **última**

8. (ANP – Téc. Reg. Petr&Der – Cesgranrio – Jan./2016)

O grupo de palavras que obedecem às normas de acentuação da Língua Portuguesa é

a) raizes, dificil, século

b) rúbrica, saúva, amavel

c) também, possível, êxito

d) idolo, parabéns, ciencia

e) indústria, saude, ninguem

9. (Liquigás –Ass. Adminis. – Cesgranrio – Set./2015)

O par de palavras grafadas corretamente é

a) chaminé, xícara

b) chave, xipanzé

c) enxente, chale

d) enxada, xuxu

e) fachina, chifre

10. (Liquigás –Ass. Adminis. – Cesgranrio – Set./2015)

A palavra que deve ser acentuada graficamente, de acordo com as regras da norma-padrão do Português, é

a) ali

b) antes

c) dificil

d) pacto

e) potente

11. (Ministério do Turismo – Todos os cargos – ESAF – 2013)

Assinale a opção que indica a necessidade de modificar a colocação de acento gráfico para que o texto fique gramaticalmente correto.

É urgentemente **necessário** (a) promover o aumento da entrada de estrangeiros.

Deve-se completar o trabalho da natureza, oferecendo segurança e transporte **publico** (b) eficientes, preparação do pessoal

receptivo, serviço decente de telecomunicações, controle de **endemias**, (c) limpeza das cidades, pronto-atendimento de **saúde**, (d) preços honestos e boa qualidade em hotéis e restaurantes, além, é claro, de carga **tributária** (e) que não espante o freguês.

(Adaptado de *Correio Braziliense*, 31/12/2013)

a) necessário > necessario

b) publico > público

c) endemias > endêmias

d) saúde > saude

e) tributária > tributaria

Leia o texto a seguir para responder à questão 12:

Criado há dois anos, o Programa Mais Médicos voltou a ser motivo de uma ferina disputa entre o governo federal e as entidades da área de saúde. Agora, não é mais a atuação dos cubanos o foco da ira dos profissionais brasileiros, e sim a expansão dos cursos de medicina no país. No início de junho, os Ministérios da Saúde e da Educação autorizaram instituições privadas a oferecer 2.290 vagas de graduação em 36 municípios do interior. Por outro edital, foram selecionadas mais 22 cidades para abrigar novas escolas no Norte, Nordeste e Centro-Oeste, regiões vistas como prioritárias, por possuir maior déficit de profissionais.

A reação não tardou. O Conselho Federal de Medicina e a Associação Brasileira de Escolas Médicas decidiram criar um modelo próprio de avaliação dos cursos da área, independente daquele adotado pelo governo. O Conselho Regional de Medicina de São Paulo prometeu ingressar na Justiça contra a abertura dos novos cursos. As entidades acusam o governo de promover uma expansão indiscriminada das faculdades de medicina em locais com infraestrutura inadequada, o que colocaria em risco a qualidade da formação.

(Rodrigo Martins, "Sobre a quantidade de jalecos brancos". *Carta capital*, 5 de agosto de 2015. Ano XXI. n. 861)

12. (ESAF- Analista de Planejamento e Orçamento – ESAF – 2015)

(Adaptada) Julgue a assertiva a seguir como " certa" ou " errada":

As palavras " área" (l. 2), "Ministérios" (l. 3) e " prioritárias" (l. 6) são acentuadas devido à mesma regra de acentuação gráfica.

Leia o texto a seguir para responder à questão 13:

Como estamos às vésperas de celebrar os 500 anos da palavra " utopia" e do romance filosófico de Thomas Morus que a consagrou, o momento é mais do que oportuno para examinar que novas feições ela adquiriu após tantos sonhos desfeitos e outros tantos pervertidos e que atualização lhe deram as expectativas geradas pela informática, pelas biotecnologias, pelas nanociências, pelas ciências cognitivas e as perspectivas de clonagem, ectogênese (fecundação de útero artificial), artificialização dos órgãos do corpo e prolongamento da vida, abertas por elas.

Seu étimo grego, significando não lugar, lugar nenhum ou, trocadilhescamente, lugar da felicidade (eutropia), designou primeiro uma ilha dos mares do Novo Mundo, em que foi bater um navegante português ligado a Américo Vespúcio. Terra prodigiosa, em tudo diferente da Europa do século 16, a perfeição imperava em suas cinquenta e poucas cidades. Morus imaginou-a empolgado pela descoberta da América e do " novo homem" que a habitava. Se bem que a República platônica já configurasse uma utopia, foi na ilha " descoberta" por Rafael Hitlodeu que surgiu o conceito de utopia como representação imaginária de uma sociedade

que tenha encontrado soluções exemplares para todos os seus problemas.

Outras sociedades ideais, fundamentadas em leis justas e instituições político-econômicas comprometidas com o bem-estar da coletividade, nasceram da imaginação de romancistas e pensadores, nos séculos seguintes, com particular insistência no século 19, auge do utopismo socialista de Charles Fourier, Étienne Cabet, Edward Bellamy e William Morris. A esses devaneios igualitários a dupla Marx-Engels combateu e contrapôs outro, supostamente científico, cuja caracterização como utopia pode livrar a cara do comunismo, mas não das sociedades que às suas ideias básicas deram concretude, a partir da revolução bolchevique, uma utopia que virou distopia.

A distopia é uma distorção ou uma mutação da utopia, um sonho que se transforma em pesadelo. A ficção científica e a literatura de antecipação são pródigas em fantasias do gênero. De Jules Verne (Capitão Nemo era um utopista) ao Aldous Huxley de *Admirável Mundo Novo*, ao Orwell de 1984 e ao Ray Bradbury de *Fahrenheit 451*. Serão todos lembrados ao longo do ciclo.

(Adaptação da matéria "Um sonho de 500 anos", de Sérgio Augusto – jornal *O Estado de São Paulo*, 02 de agosto de 2015)

13. (ESAF – Analista de Planejamento e Orçamento – 2015)

(Adaptada) Julgue a assertiva a seguir como " certa" ou " errada":

O acento nas palavras " vésperas" (l. 1), " ciências" (l. 4) e " econômicas" (l. 14) justifica-se devido à mesma regra de acentuação gráfica.

Leia o texto a seguir para responder à questão 14:

Por que é preciso passar pelo equipamento de raios X?

São normas internacionais de segurança. É proibido portar objetos cortantes ou perfurantes. Se você se esqueceu de despachá-los, esses itens terão de ser descartados no momento da inspeção.

Como devo proceder na hora de passar pelo equipamento detector de metais?

A inspeção dos passageiros por detector de metais é obrigatória. O passageiro que, por motivo justificado, não puder ser inspecionado por meio de equipamento detector de metal deverá submeter-se à busca pessoal. As mulheres grávidas podem solicitar a inspeção por meio de detector manual de metais ou por meio de busca pessoal.

Disponível em: <http://www.infraero.gov.br/images/stories/guia/2014/guiapassageiro2014_portugues.pdf>.Acesso em: 4/1/2016 (com adaptações).

14. (ANAC – Técnico Administrativo – ESAF – 2016)

Em relação às regras de acentuação, assinale a opção correta.

a) Acentua-se o verbo " é" (l. 1), quando átono, para diferenciá-lo da conjunção " e".

b) " Você" (l. 2) é palavra acentuada por ser paroxítona terminada na vogal " e" fechada.

c) " Despachá-los" (l. 3) se acentua pelo mesmo motivo de " deverá" (l. 6).

d) Ocorre acento grave em " à busca pessoal" (l. 6) em razão do emprego de locução com substantivo no feminino.

e) O acento agudo em " grávidas" (l. 7) se deve por se tratar de palavra paroxítona terminada em ditongo.

Gabarito: 1. b; 2. c; 3. b; 4. e; 5. c; 6. I-E, II-C, III-E; 7. d; 8. c; 9. a; 10. c; 11. b; 12. certa; 13. errada; 14. c.

Para memorizar as regras de acentuação gráfica é necessário… Vamos resumir o que você estudou?

2.3. RESUMO

- Em acentuação gráfica, temos quatro regras gerais (monossílabos, oxítonos, paroxítonos e proparoxítonos), dois casos especiais (“ i”e “ u” como segunda vogal do hiato e os ditongos abertos éi, éu e ói) e três acentos diferenciais.
- Memorize que a regra geral de acentuação das paroxítonas é o contrário das oxítonas, finais a(s), e(s), o(s), em(ens)
- O acento diferencial dos verbos ter, vir e derivados é o circunflexo (de plural).
- O Novo Acordo Ortográfico aboliu o acento dos ditongos ei, oi nas paroxítonas, os acentos do hiato oo e dos verbos crer, dar, ler, ver e derivados.

3 HÍFEN

3.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Agora, vamos ao estudo do hífen. Como muita coisa não se explica, procuramos preparar um material bem prático, principalmente para que você possa consultá-lo, já que a maioria dos materiais que temos visto por aí não agrupa as regras, dificultando, assim, até a consulta por parte do usuário da língua. Após observar as novas orientações, faça o exercício, consultando-as e, aos poucos, você irá internalizá-las. Vamos lá?

3.1.1. Prefixos

1. Com os prefixos **ante, anti, arqui, auto, circum, contra, entre, extra, hiper, infra, intra, semi, sobre, sub, ultra...;** ou falsos prefixos **aero, agro, anfi, audio, bio, eletro, foto, geo, hidro, macro, maxi, mega, micro, mini, multi, neo, orto, proto, pseudo, poli, retro, tele...:**

Emprega-se o hífen quando o 1º elemento termina por **vogal igual à que inicia o 2º elemento** e nas formações em que o 2º elemento começa por **h**:

Ex.: anti-inflamatório, arqui-inimigo, semi-interno, poli-insaturado, pseudo-occipital, eletro-óptico, sobre-estimar, auto-observação, contra-arrazoado, bio-história, poli-hidroxila, sub-horizonte, ultra-hiperbólico, neo-helênico etc.

Mas: coobrigação, coerdeiro (com o prefixo **co**, este se aglutina em geral com o 2º elemento).

Observação 1:

a) Se o 1o elemento terminar por vogal diferente daquela que inicia o 2o elemento, escreve-se junto, sem hífen.
Exs.: antiético, anteontem, agroindustrial, aeroespacial, eletroemissão, extraescolar, coeducação...

b) Quando o 1o elemento terminar por vogal e o 2o elemento começa por r ou s, devemos dobrar as consoantes, sem hífen.
Ex.: biorritmo, infrassom, microssistema, antessala, antirrepublicano, contrarréplica, minissubmarino, cossenhor...

c) Com os prefixos hiper, inter e super, usaremos hífen se o 2o elemento iniciar por h ou r.
Exs.: hiper-hedonista, inter-hemisfério, super-homem, hiper-requintado, inter-resistente, super-revista...

d) Haverá hífen com os prefixos circum e pan, quando o 2o elemento começar por vogal, m ou n (além de h, como aparece na regra 1).
Exs.: circum-escolar, circum-navegação, pan-africano, pan-negritude, pan-helenismo...

As mudanças que ocorreram relativas ao uso do hífen se concentram, em sua quase totalidade, nessa 1ª regra e nas observações ***a*** e ***b***. No restante, as regras são aquelas que já existiam. Daí a intenção de começar logo por elas, para efeito de memorização, já que, infelizmente, esse assunto requer muita prática para assimilar todas as regras.

Observação 2:

a) Se não houver perda do som da vogal final do 1o elemento, e o elemento seguinte começar com h, serão usadas as duas formas gráficas:

Exs.: cardi-hepático ou cardiepático; aero-hidropatia ou aeroidropatia.

b) Havendo perda do som da vogal do 1o elemento ou se as palavras já são de uso consagrado, deve ser escrita sem hífen.

Exs.: clorídrico, reidratar, reumanizar, reabilitar, reaver...

c) Com os prefixos des e in não se emprega o hífen quando o 2o elemento perde o h inicial; se a palavra não aparecer com função prefixal, não se emprega o hífen.

Exs.: desumano, desidratar, inábil, inumanidade; não violência, não alinhado...

2. Emprega-se o hífen nos compostos em que o 1º elemento é representado pelas formas **além**, **aquém**, **bem**, **ex**, **recém**, **sem**, **grão**, **grã**, **bel**, **soto**, **sota**, **vice**, **vizo**, **pré**, **pró**, **pós** (tônicos).

Exs.: além-mar, aquém-mar, bem-querer, bem-humorado(mas, benfazejo, benfeitor), recém--casado, sem-número, grã-cruz, ex-presidente, sota-capitão, sota-vento, vice-cônsul, vizo-rei, pré-escolar, pós-graduação, pró-germânico...

Obs.: a) **pre**, **pro**, **pos**, átonos, se aglutinam com o 2º elemento.

Exs.: precondicionamento, propor, pospor...

b) Emprega-se o hífen com a forma **mal**, quando forma com o 2º elemento uma unidade semântica e tal elemento começa por **vogal** ou **h**.

Exs.: mal-estar, mal-humorado etc.

3. Com os prefixos **ab**, **ob**, **sob**, **sub**, se o 2º elemento iniciar por **r** ou **b**, será empregado o hífen.

Exs.: sub-base, ab-reptício, ob-rogar, sub-reitor...

Obs.: com o prefixo **ad**, se o 2º elemento começar por **r** ou **d**, usaremos o hífen.

Ex.: ad-referendar, ad-digital...

3.1.2. Sufixos

O hífen emprega-se nos vocábulos terminados pelos sufixos **açu**, **guaçu**, **mirim**.

Exs.: capim-açu, Ceará-mirim...

3.1.3. Nomes compostos

Emprega-se o hífen nos compostos representados por substantivos, adjetivos, numerais e verbos; elementos repetidos; reduções; gentílicos derivados de topônimos compostos; compostos que designam espécies botânicas, zoológicas.

Exs.: decreto-lei, primeiro-ministro, alto-relevo, porta-aviões, tico-tico, grão-mestre, belo-horizontino, erva-doce, couve-flor, bem-me-quer...

Observação: Em geral, nas locuções de qualquer tipo não se usa o hífen, exceto em alguns casos que o uso já legitimou. Aqui é que mora um problema: o Novo Acordo fala que o hífen permanece os vocábulos que o uso validou, mas até você memorizar todos aqueles consagrados pelo uso...

Exs.: café com leite, sala de jantar, pé de chinelo, disse me disse, bumba meu boi, dia a dia, comum de dois, ponto e vírgula...
Mas (consagrados pelo uso): água-de-colônia, cor-de-rosa, à queima-roupa, pé-de-meia, dois-pontos, mais-que-perfeito...

Vamos treinar?

I. Marque a forma correta.

1. contra-atacar / contraatacar

Comentários: Com o prefixo **contra**, usaremos hífen se a vogal inicial do 2º elemento iniciar por essa mesma vogal.

Resposta: contra-atacar.

2. anti-sociável / antissociável

Comentários: Ainda com relação à 1ª regra, o prefixo **anti** receberá hífen se a palavra seguinte começar pela mesma letra com que esse prefixo termina **i** ou começar por **h**. Logo, não recebe hífen. Se as letras que iniciarem o 2º elemento forem **s** ou **r**, dobramos essas consoantes (Obs.: b).

Resposta: antissociável.

3. mini-saia / minissaia

Comentários: O mesmo comentário. O prefixo termina por vogal e a palavra seguinte começa por **s**. Dobra-se essa letra.

Resposta: minissaia.

4. contra-balançar / contrabalançar

Comentários: Esse prefixo (**contra**) pertence à regra 1. Se o 2º elemento não começa pela mesma vogal com que esse prefixo termina (**a**), não há hífen.

Resposta: contrabalançar.

5. contra-regra / contrarregra

Comentários: Agora, esse mesmo prefixo vem seguido de palavra que começa por **r** (regra 1, obs.: b). Dobra-se essa consoante.

Resposta: contrarregra.

6. anti-imperialismo / antiimperialismo

Comentários: O prefixo **anti** termina em **i**. O 2º elemento (imperialismo) inicia por **i** (pela mesma vogal). Quando isso acontece, pelo Novo Acordo, hífen.

Resposta: anti-imperialismo.

7. anti-horário / antiorário

Comentários: A regra 1 mostra o uso do hífen em alguns prefixos que terminarem na mesma letra com que se inicia o 2º elemento ou se este começar por **h**.

Resposta: anti-horário.

8. mini-retrospectiva / minirretrospectiva

Comentários: Ainda a regra 1. O 2º elemento começa por **r**. Dobra-se essa consoante.

Resposta: minirretrospectiva.

9. co-seno / cosseno

Comentários: Prefixo **co** seguido da palavra que inicia por **s** (regra 1, obs.: b).

Resposta: cosseno.

10. micro-onda / microonda

Comentários: O prefixo **micro** termina em **o** e a palavra **onda** inicia por **o**, hífen.

Resposta: micro-onda.

11. hiper-realista / hiperrealista

Comentários: Agora, temos o prefixo **hiper**. A regra 1, obs.: c, diz que os prefixos **hiper**, **inter** e **super** recebem hífen se o 2º elemento começar por **h** ou **r**.

Resposta: hiper-realista.

12. sub-região / subrregião

13. sub-braquial / subraquial

Comentários: Na regra 3, aparece o prefixo **sub**. Será empregado o hífen se o 2º elemento iniciar por **r** ou **b**.

Respostas: sub-região / sub-braquial.

14. pré-gravação / pregravação

15. pré-estabelecido / preestabelecido

16. pré-eminente / preemininte

17. pró-britânico / probritânico

18. pró-romper / prorromper

19. pré-fixado / prefixado

Comentários:

Com os prefixos **pré**, **pró** e **pós**, haverá o uso do hífen se esses prefixos forem tônicos (acentuados). Se forem átonos,

eles se aglutinam com o 2º elemento. O que ocorre é que, em relação à pronúncia de algumas palavras com esses prefixos, ocorrem vacilações. Afinal é pré-fixado ou prefixado? Vamos então às pronúncias corretas de alguns desses vocábulos:

Respostas: pré-gravação (tônica) / preestabelecido (átona) / preeminente (átona) / pró-britânico (tônica) / prorromper (átono) / prefixado (átono).

20. poli-híbrido / poliíbrido

Comentários: Voltando à regra 1, o prefixo **poli** receberá hífen se a palavra seguinte começar por **i** ou por **h.**

Resposta: poli-híbrido.

21. contra-indicação / contraindicação

Comentários: O prefixo **contra** termina em **a**, mas o 2º elemento não inicia por **a**, mas sim por outra vogal (regra 1, obs.: a).

Resposta: contraindicação.

22. contra-senso / contrassenso

Comentários: Se aparecerem as letras **r** ou **s** após os prefixos da regra 1, dobram-se essas consoantes.

Resposta: contrassenso.

23. infra-estrutura / infraestrutura

Comentários: Após o prefixo **infra**, usaremos o hífen se o 2º elemento iniciar por **a** ou **h**. Como a palavra **estrutura** inicia por **e**, o correto é sem hífen.

Resposta: infraestrutura.

24. auto-análise / autoanálise

Comentários: A explicação da anterior vale também para essa palavra. O prefixo **auto** termina em **o** e **análise** se inicia por **a**. Sem hífen, portanto.

Resposta: autoanálise.

25. ante-estreia / anteestreia

Comentários: Agora, a vogal que inicia o 2º elemento (**e**) é a mesma que finaliza o prefixo (**e**). Pelo Novo Acordo, hífen.

Resposta: ante-estreia.

26. ante-sala / antessala

Comentários: Após o prefixo **ante**, se o 2º elemento iniciar por **r** ou **s**, dobram-se essas consoantes. Se o 2º

elemento iniciar por **e** ou **h**, hífen.

Respostas: antessala / ante-histórico.

27. mal-assombrado / malassombrado

Comentários: Com o prefixo **mal**, se o 2º elemento iniciar por **vogal** ou **h**, formando uma unidade semântica, hífen.

Resposta: mal-assombrado.

28. multi-racial / multirracial

Comentários: O prefixo **multi** é seguido de palavra iniciada por **r**. Dobra-se essa consoante.

Resposta: multirracial.

29. vice-imperador / viceimperador

Comentários: A regra 2 fala desse prefixo. Com as formas **além**, **aquém**, **bem**, **ex…vice…**, emprega-se o hífen, independentemente da vogal que inicia o 2º elemento.

Resposta: vice-imperador.

4 HOMÔNIMOS E PARÔNIMOS

4.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Vamos falar de semântica?

Antes de tudo, é preciso que você entenda a diferença entre homônimos e parônimos. **Homônimos** são vocábulos iguais (na pronúncia, na grafia ou em ambos), mas de sentido diferente. Subdividem-se em:

a) **homônimos homógrafos**: a grafia é igual, mas a pronúncia é diferente:

colher (verbo) / colher (substantivo)

b) **homônimos homófonos**: a pronúncia é igual, mas a grafia é diferente:

seção / sessão / cessão etc.

c) **homônimos perfeitos**: a pronúncia e a grafia são iguais:

lima (fruta) / lima (ferramenta)

Já os **Parônimos** são vocábulos semelhantes na pronúncia e na grafia, mas de sentidos diferentes. Ex.: eminente ≠ iminente; inflação ≠ infração etc.

Segue agora uma lista das palavras que mais geram dúvidas sobre seu significado. Achamos melhor sistematizar aqueles vocábulos que aparecem nas provas de concursos públicos e depois levar você logo aos exercícios, para que memorize os principais naturalmente, sem muito esforço, ok?

Quadro 4.1 – Homônimos e parônimos

Acender (pôr fogo)	Ascender (elevar-se, subir)
Acessório (secundário)	Assessório (relativo a assessor)
Apreçar (colocar o preço)	Apressar (correr, acelerar)
Arrear (pôr os arreios)	Arriar (abaixar, descer)
Asado (que tem asas, alado)	Azado (marcado, determinado)
Brocha (prego de cabeça larga e chata)	Broxa (pincel grande)
Caçar (perseguir animais)	Cassar (anular)
Cela (quarto pequeno)	Sela (arreio)

Cerrar (fechar)	Serrar (cortar)
Cesta (guarda objetos)	Sesta (descanso após o almoço)
Chá (bebida)	Xá (soberano do Irã)
Coser (costurar)	Cozer (cozinhar)
Deferir (despachar)	Diferir (divergir, discordar)
Descrição (enumeração)	Discrição (prudência, recato)
Descriminar (inocentar)	Discriminar (separar, distinguir)
Despercebido (sem ser notado)	Desapercebido (desatento)
Destratar (maltratar)	Distratar (anular, rescindir)
Discente (relativo a alunos)	Docente (que ensina, professor)
Eminente (elevado, sublime)	Iminente (ameaça acontecer)
Esbaforido (ofegante)	Espavorido (apavorado)
Esperto (inteligente, ativo)	Experto (experiente)
Espiar (observar)	Expiar (cumprir pena)
Esterno (osso do peito)	Externo (lado de fora)
Estrato (nuvem, camada)	Extrato (resumo)
Incerto (impreciso)	Inserto (introduzido)
Incipiente (inexperiente)	Insipiente (ignorante)
Infestado (invadido)	Enfestado (empinado, dobrado)
Infringir (transgredir, violar)	Infligir (aplicar a pena)
Intercessão (intervenção)	Interseção (corte, cruzamento)
Intimorato (destemido)	Intemerato (íntegro, puro)
Mandado (ordem judicial)	Mandato (procuração, incumbência)
Pleito (eleição, debate)	Preito (homenagem)
Prescrever (determinar, ordenar)	Proscrever (banir, expulsar)
Remissão (perdão, clemência)	Remição (libertação, resgate)
Retificar (corrigir)	Ratificar (confirmar)

Vultoso (volumoso)	Vultuoso (congestão na face)

4.2. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. Complete as lacunas com a expressão correta (entre parênteses):

" O _____ (cervo – servo) prendia-se nos arbustos, fugindo dos _____ (cartuchos – cartuxos) que pipocavam por toda a _____ (área – aria);

a) cervo – cartuxos – área

b) servo – cartuchos – aria

c) cervo – cartuchos – área

d) servo – cartuchos – área

e) servo – cartuchos – aria

2. Complete as lacunas, com a expressão necessária, que consta nos parênteses:

É necessário _____ (cegar-segar) os galhos salientes do _____ (bucho-buxo), de modo a que se possa fazer _____ (xá-chá) com as folhas mais novas."

a) segar – buxo – chá

b) segar – bucho – xá

c) cegar – buxo – xá

d) cegar – bucha – chá

e) segar – bucha – xá

3. O _____ (emérito-imérito) causídico _____ (dilatou-delatou) o plano de fuga do meliante, que se encontrava na _____(eminência-iminência) de escapar da prisão:

a) emérito – delatou – iminência

b) imérito – dilatou – eminência

c) emérito – dilatou – iminência

d) imérito – delatou – iminência

e) emérito – dilatou – eminência

4. O _____ (extrato-estrato) da conta bancária é, por si só, insuficiente para cobrir o _____(cheque-xeque), ainda que haja algum capital (incerto-inserto).

a) extrato – xeque – inserto

b) estrato – cheque – incerto

c) extrato – cheque – inserto

d) estrato – xeque – incerto

e) extrato – xeque – incerto

5. Complete as lacunas usando adequadamente (mas / mais / mal / mau):

" Pedro e João ____ entraram em casa, perceberam que as coisas não iam bem,pois sua irmã caçula escolhera um ____ momento para comunicar aos pais que iria viajar nas férias; _____ seus dois irmãos deixaram os pais _____ sossegados quando disseram que a jovem iria com os primos e a tia."

a) mau – mal – mais – mas

b) mal – mal – mais – mais

c) mal – mau – mas – mais

d) mal – mau – mas – mas

e) mau – mau – mas – mais

Leia o texto a seguir para responder à questão 6.

Texto I

Naquele novo apartamento da rua Visconde de Pirajá pela primeira vez teria um escritório para trabalhar. Não era um cômodo muito grande, mas dava para armar ali a minha tenda de reflexões e leitura: uma escrivaninha, um sofá e os livros. Na parede da esquerda ficaria a grande e sonhada estante onde caberiam todos os meus livros. Tratei de encomendá-la a seu Joaquim, um marceneiro que tinha oficina na rua Garcia D' Ávila com Barão da Torre.

O apartamento não ficava tão perto da oficina. Era quase em frente ao prédio onde morava Mário Pedrosa, entre a Farme de Amoedo e a antiga Montenegro, hoje Vinicius de Moraes. Estava ali havia uma semana e nem decorara ainda o número do prédio. Tanto que, quando seu Joaquim, ao preencher a nota de encomenda, perguntou-me onde seria entregue a estante, tive um momento de hesitação. Mas foi só um momento. Pensei rápido: " Se o prédio do Mário é 228, o meu, que fica quase em frente, deve ser 227". Mas lembrei-me de que, ao ir ali pela primeira vez, observara que, apesar de ficar em frente ao do Mário, havia uma diferença na numeração.

– Visconde de Pirajá, 127 – respondi, e seu Joaquim desenhou o endereço na nota.

– Tudo bem, seu Ferreira. Dentro de um mês estará lá sua estante.

– Um mês, seu Joaquim! Tudo isso? Veja se reduz esse prazo.

– A estante é grande, dá muito trabalho... Digamos, três semanas.

Ferreira Gullar. A estante. In: *A estranha vida banal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989 (com adaptações).

6. (INSS – Técnico Seg. Soc. – CESPE – Maio/2016)

No que se refere aos sentidos do **texto I**, julgue o próximo item como Certo (C) ou Errado (E):

A expressão " armar ali a minha tenda" (l. 2) foi empregada no texto em sentido figurado.

Leia o texto a seguir para responder à questão 7.

Texto III

Pergunto: e agora? Como é que meu Padrinho foi degolado num quarto de pesadas paredes sem janelas, cuja porta fora trancada, por dentro, por ele mesmo? Como foi que os assassinos ali penetraram, sem ter por onde? Como foi que saíram, deixando o quarto trancado por dentro? Quem foram esses assassinos? Como foi que raptaram Sinésio, aquele rapaz alumioso, que concentrava em si as esperanças dos Sertanejos por um Reino de glória, de justiça, de beleza e de grandeza para todos? Bem, não posso avançar nada, porque aí é que está o nó! Este é o "centro de enigma e sangue" da minha história. Lembro que o genial poeta Nicolau Fagundes Varela adverte todos nós, Brasileiros, de que "os irônicos estrangeiros" vivem sempre vigilantes, sempre à espreita do menor deslize nosso para, então, "ridicularizar o pátrio pensamento":

Fatal destino o dos brasílios Mestres!

Fatal destino o dos brasílios Vates!

Política nefanda, horrenda e negra,

pestilento Bulcão abafa e mata

quanto, aos olhos de irônico estrangeiro,

podia honrar o pátrio pensamento!

Ora, um dos argumentos que os "irônicos estrangeiros" mais invocam para isso é dizer que nós, Brasileiros, somos incapazes de forjar uma verdadeira trança, uma intrincada teia, um insolúvel enredo de "romance de crime e sangue". Dizem eles que não é necessário nem um adulto dotado de argúcia especial: qualquer adolescente estrangeiro é capaz de decifrar os enigmas brasileiros, os quais, tecidos por um Povo superficial, à luz de um Sol por demais luminoso, são pouco sombrios, pouco maldosos e subterrâneos, transparentes ao primeiro exame, facílimos de desenredar.

Ah, e se fossem somente os estrangeiros, ainda ia: mas até o excelso Gênio brasileiro Tobias Barreto, aí é demais! Diz Tobias Barreto que, no Brasil, é impossível aparecer um "romance de gênio", porque "a nossa vida pública e particular não é bastante fértil de peripécias e lances romanescos". Lamenta que seja raro, entre nós, "um amor sincero, delirante, terrível e sanguinário", ou que, quando apareça, seja num velho como o Desembargador Pontes Visgueiro, o célebre assassino alagoano do Segundo Império. E comenta, ácido: "Um ou outro crime, mesmo, que porventura erga a cabeça acima do nível da vulgaridade, são coisas que não desmancham a impressão geral da monotonia contínua. Até na estatística criminal o nosso país revela-se mesquinho. O delito mais comum é justamente o mais frívolo e estúpido: o furto de cavalos".

A gente lê uma coisa dessas e fica até desanimado, julgando ser impossível a um Brasileiro ultrapassar Homero e outros conceituados gênios estrangeiros! A sorte é que, na mesma hora, o Doutor Samuel nos lembra que a conquista da América Latina "foi uma Epopeia". Vemos que somos muito maiores do que a Grécia – aquela porqueirinha de terra! – e aí descansamos o pobre coração, amargurado pelas injustiças, mas também incendiado de esperanças! Sim, nobres Senhores e belas Damas: porque eu, Dom Pedro Quaderna (Quaderna, O Astrólogo, Quaderna, O Decifrador, como tantas vezes fui chamado); eu, Poeta--guerreiro e soberano de um Reino cujos súditos são, quase todos, cavalarianos, trocadores e ladrões de cavalo, desafio qualquer irônico, estrangeiro ou Brasileiro, primeiro a narrar uma história de amor mais sangrenta, terrível, cruel e delirante do que a minha; e, depois, a decifrar, antes que eu o faça, o centro enigmático de crime e sangue da minha história, isto é, a degola do meu Padrinho e a "desaparição profética" de seu filho Sinésio, O Alumioso, esperança e bandeira do Reino Sertanejo.

Ariano Suassuna. *A pedra do reino*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972, 3ª ed., p. 27-30 (com adaptações).

7. (Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Com referência ao texto III, julgue (C ou E) o item que se segue.

No excerto apresentado, são exemplos do uso da linguagem formal escrita: a construção com o pronome relativo " cujos" (l. 37) e o emprego da forma verbal " faça" na oração " antes que eu o faça" (l. 39).

8. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

O segmento abaixo que mostra exemplo de linguagem coloquial é:

a) " A informação de saúde apresentada na Internet deve ser exata, atualizada, de fácil entendimento, em linguagem objetiva e cientificamente fundamentada";

b) " Da mesma forma produtos e serviços devem ser apresentados e descritos com exatidão e clareza";

c) " Dicas e aconselhamentos em saúde devem ser prestados por profissionais qualificados, com base em estudos, pesquisas, protocolos, consensos e prática clínica";

d) " Deve estar visível a data da publicação ou da revisão da informação, para que o usuário tenha certeza da atualidade do site";

e) " Os sites devem citar todas as fontes utilizadas para as informações, critério de seleção de conteúdo e política editorial do site, com destaque para nome e contato com os responsáveis".

9. (Petrobras – Advogado Jr. – Cesgranrio – Ago./2015 – Adaptada)

As palavras são empregadas no sentido denotativo, literal, em estado de dicionário ou no sentido conotativo, figurado.

A palavra destacada está empregada no sentido figurado em:

a) " o principal traço característico do debate público sobre desenvolvimento global, seja em nível local ou global, neste **alvorecer** do século XXI."

b) " alcançando, de forma conceitualmente imprecisa, o universo vocabular do **cidadão**."

c) " em estágio avançado nos países **industrializados**, constituem uma tendência dominante mesmo para economias menos industrializadas."

d) " Esse novo paradigma tem as seguintes **características** fundamentais: a informação é sua matéria-prima."

e) " processos sociais e **transformação** tecnológica resultam de uma interação complexa."

Leia o texto a seguir para responder à questão 10.

Donos do próprio dinheiro

Quando pensamos em bancos, imaginamos grandes empresas com agências elegantes, equipadas com caixas eletrônicos e funcionários engravatados, muita burocracia e mil procedimentos de segurança. Mas dezenas de pequenas instituições financeiras estão mudando a relação que milhares de brasileiros têm com o próprio dinheiro. São os bancos comunitários, que contam com moeda e sistema de crédito próprios e desenvolvem as economias locais.

Todas as agências são geridas e fiscalizadas pela comunidade. Hoje já existem 104 dessas instituições no país, e elas estão proliferando. De 2006 a 2012, o número de bancos comunitários aumentou dez vezes, de nove para 98 agências. Diferentemente das agências convencionais, essas instituições não consultam o nome do cliente no Serasa ou no Serviço de Proteção ao

Crédito antes de abrir uma conta. Consultam a comunidade.

Uma das condições para a criação de um banco comunitário, como o próprio nome já dá a entender, é o envolvimento da comunidade. Isso porque o objetivo final não é o lucro, e sim o desenvolvimento da economia do entorno. Para tanto é criada uma moeda própria, que circula apenas na comunidade. O dinheiro para iniciar os bancos comunitários também vem do local, seja de rifas, seja de vaquinhas ou de eventos de arrecadação de fundos.

Os moradores podem pegar dois tipos de empréstimo: um para produção, como reforma de uma loja ou compra de estoque, em reais, e outro para consumo, compra de alimentos e outros produtos, na moeda do banco.

Dessa forma, artigos como alimentos, roupas, sapatos e até serviços de beleza ou aulas são consumidos na comunidade, nas lojas que aceitam a nova moeda, fazendo com que o dinheiro não deixe a região e sirva para desenvolver a economia local.

VELOSO, L. *Revista Planeta*. n. 504, novembro 2014. Adaptado.

10. (Liquigás – Ass. Adminis. – Cesgranrio – Set./2015)

No trecho " fazendo com que o dinheiro não deixe a região e sirva para **desenvolver** a economia local" (l. 20-21), a palavra que tem o sentido contrário ao da palavra destacada é

a) orientar

b) organizar

c) fortalecer

d) alimentar

e) reduzir

Leia o texto a seguir para responder à questão 11.

Chove muito forte na cidade. Raios e trovões. Alagamentos e árvores caídas. Balanço trágico: quatro mortos e um garoto desaparecido. Em meio ao trânsito parado, dois gaiatos (expressão supercarioca) pegam suas pranchas e vão para a rua alagada surfar no asfalto. Divertem-se, gritam, como se fosse necessário buscar prazer onde só há aborrecimento e lamentação. _____ cena se repetiu anteontem _____ noite, _____ beira da lagoa Rodrigo de Freitas. Virou onda surfar debochadamente na chuva.

(Paula Cesarino Costa, Notas sobre a carioquice. *Folha de S.Paulo*, 07.03.2013)

11. (SEED-SP – An. Administrativo – Vunesp – Maio/2016)

Há emprego de linguagem figurada na seguinte passagem do texto:

a) trânsito parado.

b) aborrecimento e lamentação.

c) Virou onda.

d) Raios e trovões.

e) quatro mortos.

12. (MPE/SP – Analista Técnico Científico – Vunesp – Jul./2016)

Assinale a alternativa em que se caracteriza o emprego de palavras em sentido figurado.

a) Um dos neologismos recentes vinculados à dependência cada vez maior dos jovens a esses dispositivos é a "nomobofobia"...

b) ... a superexposição de nossas pequenas ou grandes fraquezas morais ao julgamento da comunidade...

c) ... a ansiedade e o sentimento de pânico experimentados por um número crescente de pessoas quando acaba a bateria do dispositivo móvel...

d) ... os usuários precisam ter a habilidade de identificar e estimar parâmetros, aprender a extrair informações relevantes...

e) O fluxo de informação que percorre as artérias das redes sociais é um poderoso fármaco viciante.

13. (MPE/SP – Analista Técnico Científico – Vunesp – Jul./2016)

As expressões destacadas nos trechos – **meter o bedelho** / **estimar** parâmetros / **embotar** a razão – têm sinônimos adequados respectivamente em:

a) procurar / gostar de / ilustrar

b) imiscuir-se / avaliar / enfraquecer

c) interferir / propor / embrutecer

d) intrometer-se / prezar / esclarecer

e) contrapor-se / consolidar / iluminar

Leia o texto a seguir para responder às questões 14 e 15.

Fora do jogo

Quando a economia muda de direção, há variáveis que logo se alteram, como o tamanho das jornadas de trabalho e o pagamento de horas extras, e outras que respondem de forma mais lenta, como o emprego e o mercado de crédito. Tendências negativas nesses últimos indicadores, por isso mesmo, costumam ser duradouras.

Daí por que são preocupantes os dados mais recentes da Associação Nacional dos Birôs de Crédito, que congrega empresas do setor de crédito e financiamento.

Segundo a entidade, havia, em outubro, 59 milhões de consumidores impedidos de obter novos créditos por não estarem em dia com suas obrigações. Trata-se de alta de 1,8 milhão em dois meses.

Causa consternação conhecer a principal razão citada pelos consumidores para deixar de pagar as dívidas: a perda de emprego, que tem forte correlação com a capacidade de pagamento das famílias.

Até há pouco, as empresas evitavam demitir, pois tendem a perder investimentos em treinamento e incorrer em custos trabalhistas. Dado o colapso da atividade econômica, porém, jogaram a toalha.

O impacto negativo da disponibilidade de crédito é imediato. O indivíduo não só perde a capacidade de pagamento mas também enfrenta grande dificuldade para obter novos recursos, pois não possui carteira de trabalho assinada.

Tem-se aí outro aspecto perverso da recessão, que se soma às muitas evidências de reversão de padrões positivos da última década – o aumento da informalidade, o retorno de jovens ao mercado de trabalho e a alta do desemprego.

(*Folha de S.Paulo*, 08.12.2015. Adaptado)

14. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Na passagem do 4º parágrafo – Causa **consternação** conhecer a principal razão citada pelos consumidores... –, o termo em destaque é sinônimo de

a) indignação.

b) irritação.

c) resignação.

d) comoção.

e) satisfação.

15. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Dado o colapso da atividade econômica, porém, jogaram a toalha (5º parágrafo).

Analisando-se o sentido que a expressão " jogaram a toalha" confere ao texto, conclui-se que ela está construída em sentido

a) próprio, mostrando a dispensa dos funcionários como desnecessária, já que há evidente recuperação na economia.

b) figurado, ironizando a ideia das empresas de evitar dispensas, já que estão mais preocupadas com os custos trabalhistas.

c) figurado, deixando claro que as empresas demitiram seus funcionários, porque o cenário econômico é desfavorável.

d) próprio, reforçando a ideia de que as empresas mantiveram seu plano inicial de manter os funcionários no emprego.

e) próprio, sugerindo que as empresas terão prejuízos mantendo os funcionários em um cenário de crise econômica.

Gabarito: 1. c; 2. a; 3. a; 4. c; 5. c; 6. C; 7. C; 8. c; 9. a; 10. e; 11. c; 12. e; 13. b; 14. d; 15. c.

5 USO DE POR QUE, POR QUÊ, PORQUE E PORQUÊ

5.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

As frases de 1 a 6 a seguir mostram as diferentes formas do "porquê". Antes de resolvermos os exercícios, vamos à explicação do uso deste vocábulo.

Em linhas gerais, podemos afirmar que "por que", separado sem acento, é usado em frases interrogativas, diretas ou indiretas (com ou sem ponto de interrogação), ou quando equivale a pelo qual, pela qual (nesse caso, o que será pronome relativo).

Se vier em final de período, sendo pronunciado, portanto, com tonicidade, será separado e com acento ("por quê").

O uso do "porque", junto sem acento, se dá quando se introduz uma explicação ou causa da oração anterior (= conjunção explicativa ou causal). Já o "porquê", junto com acento, é substantivo, vem determinado (antecedido de artigo ou de qualquer outro determinante).

Visto isso, seguem as frases.

1. _____ chegas sempre atrasado? (Por que / Por quê / Porque)

Comentários: A frase é interrogativa direta, vem com o ponto de interrogação.

Resposta: Por que.

2. As dificuldades _____ passamos são muitas. (por que / por quê / porque)

Comentários: Nessa frase, o "por que" equivale a *pelas quais* (As dificuldades pelas quais passamos…).

Resposta: por que.

3. Você saiu _____? (por que / por quê / porque)

Comentários: Agora, a frase é interrogativa e aparece em *final* de período. Separado com acento.

Resposta: por quê.

4. Não entendi o _____ de tua bronca. (por que / porque / porquê)

Comentários: A presença do artigo antecedendo essa palavra tem a finalidade de substantivá-la.

Resposta: porquê.

5. Não sabemos _____ ele sai tão cedo. (por que / porque / por quê)

Comentários: Talvez essa construção seja a mais sutil no caso do uso dos "porquês". A frase é interrogativa *indireta*. Uma forma prática é transformá-la em direta. (Por que ele sai tão cedo? Não sabemos). Com isso você comprovou que a frase é interrogativa.

Resposta: por que.

6. Faltei _____ estava com febre (por que / porque / por quê)

Comentários: Nesse período, esse vocábulo vai funcionar como conectivo causal (Faltei por este motivo, por esta razão). É conjunção.

Resposta: porque.

6 USO DE EXPRESSÕES COTIDIANAS

6.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

6.1.1. Uso de **há** e **a**

Usaremos **há** quando houver ideia de **tempo passado** ou com sentido de **existir**. Já a preposição **a** ocorre quando aparece ideia de **distância** ou **futuro**.

Para praticar, complete as frases a seguir.

1. Não o via _____ três semanas. (há / a)

Comentários: Nessa construção, percebe-se a ideia de *tempo passado*, *decorrido*.

Resposta: há.

2. _____ muitas pessoas na sala. (Há / A)

Comentários: Aqui, o sentido é de *existir* (Existem muitas pessoas na sala).

Resposta: Há.

3. Daqui _____ três semanas estarei chegando. (há / a)

Comentários: Percebe-se, agora, que não há ideia de *tempo decorrido* nem de *existir*. O sentido é de tempo futuro.

Resposta: a.

6.1.2. Outras expressões que costumam suscitar dúvidas

4. Conversávamos _____ música. (acerca de / há cerca de)

5. _____ cem alunos na sala. (Acerca de / Há cerca de)

6. _____ cinquenta mil candidatos se inscreveram no concurso. (Há cerca de / Cerca de)

Comentários:

A expressão **acerca de** equivale a **a respeito de**, **sobre**. **Há cerca de** indica tempo transcorrido e **cerca de** equivale a **aproximadamente**.

Respostas: 4. acerca de; 5. Há cerca de; 6. Cerca de.

7. _____ houver engarrafamento, chegarei na hora. (Senão / Se não)

8. Entregue o trabalho no prazo _____ cancelo o contrato. (se não / senão)

9. Ninguém, _____ um santo, seria capaz de tamanho sacrifício. (se não / senão)

Comentários: Usamos **senão** como conjunção (alternativa ou adversativa) e também com o valor de **exceto**.

Se não é conjunção condicional ou integrante **se** seguida de advérbio de negação.

Na frase 7, há ideia de condição ("Caso não haja engarrafamento…"). Na 8, a ideia é de alternância ("Entregue o trabalho no prazo *ou* cancelo o contrato"). Na frase 9, temos o valor de **exceto**, **a não ser** ("Ninguém, exceto/a não ser um santo…").

Respostas: 7. Se não; 8. senão; 9. senão.

10. Assim que chegou, foi _____ pais. (ao encontro dos / de encontro aos).

11. O seu _____ é não prestar atenção nas coisas. (mal / mau).

Comentários: A expressão **ao encontro de** significa **a favor de**, **na direção de.** Já **de encontro a** indica **contrariedade**, **em oposição**.

Respostas: 10. ao encontro de; 11. **Mal** pode aparecer como substantivo (como é o caso), advérbio e conjunção. **Mau** é adjetivo.

12. _____ de ficar triste, alegrou-se com a notícia. (Ao invés de / Em vez de)

13. _____ irmos ao jogo, fomos ao cinema. (Ao invés de / Em vez de)

Comentários:

Usaremos *ao invés de* para indicar *ao contrário de* e *em vez de* no sentido de no *lugar de*.

Respostas: 12. Ao invés de; 13. Em vez de.

Agora, para ver se você aprendeu mesmo, só resolvendo algumas questões de concursos.

6.2. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

1. (TRT – ES) Assinale a opção em que a palavra sublinhada está mal empregada:

a) Durma cedo, <u>senão</u> acordará tarde amanhã.

b) <u>Mal</u> começou a chover, o barraco deslizou.

c) Disse que <u>há</u> cinco anos ganhou na loteria.

d) Estava <u>mau</u> informado, por isso equivocou-se.

e) De hoje <u>a</u> dois meses pedirei novo empréstimo.

Comentários:

A letra A mostra o *senão* como conjunção alternativa (ou dorme cedo, ou acordará tarde). Na letra B, temos a palavra

mal usada como conjunção temporal (Assim que começou a chover...). Esse vocábulo pode também aparecer como *substantivo* (O mal que causaste foi grande) e como *advérbio* (Dormi mal essa noite).

Na letra C, o verbo *haver* aparece indicando tempo passado ("Ganhou há cinco anos" / faz cinco anos).

Na letra D, a palavra correta seria *mal*, já que modifica o adjetivo *informado*. Se modifica adjetivo é advérbio (mal). *Mau* é adjetivo, se refere a substantivo (Homem mau).

Na letra E, a ideia é de tempo *futuro*, portanto, se usa a preposição *a*, e não o verbo *haver*.

Resposta: D.

2. (Telerj) Apenas em uma das opções abaixo é **inadequado** preencher a lacuna com a respectiva palavra ou expressão entre parênteses. Marque-a.

a) A mensagem enviada pelo fax não chegou a tempo, _____ o telegrama. (tampouco)

b) As novas funcionárias trabalhavam ali _____ de duas semanas. (há cerca)

c) Chegou finalmente o momento _____ todos esperavam. (por que)

d) O funcionário veterano não esqueceu o _____ aos companheiros recém-chegados. (cumprimento)

e) As chuvas causaram _____ prejuízo aos aparelhos telefônicos. (vultuoso)

Comentários:

Na letra A, *tampouco* equivale ao conectivo *nem*, correto, portanto, o seu uso. Essa palavra funciona como conectivo aditivo, usado em frases negativas (não...tampouco).

Na letra B, há ideia de tempo decorrido ("faz duas semanas que elas trabalhavam ali").

Na alternativa C, o uso do *por que* separado se justifica, já que equivale a *pela qual* ("Todas esperavam pelo momento"). Na letra D, *cumprimento* é do verbo *cumprimentar*, que é o sentido usado nesta frase.

Já a letra E troca *vultoso* por *vultuoso*. Pelo sentido da frase, quer se usar *vultoso* (de grande volume) e não *vultuoso* (congestão na face, colérico)

Resposta: E.

3. (TTN) Assinale o item que contém erro de ortografia.

a) Na cultura oriental, fica desonrado para sempre quem inflinge as regras da hospitalidade.

b) Não conseguindo adivinhar o resultado a que chegariam, sentiu-se frustrado.

c) A digressão ocorreu por excesso de fatos ilustrativos em seu discurso.

d) Sentimentos indescritíveis, porventura, seriam rememorados durante a sessão de julgamento.

e) Ao contrário de outros, trazia consigo autoconhecimento e autoafirmação.

Comentários:

A letra A mostra a forma inadequada de *inflige*. Pelo sentido da frase, é *infringe* (transgride, viola). Além disso, o verbo é *infligir* (castigar, aplicar) e não *inflingir*, não existe a segunda letra *n*. Resumindo: tudo errado – sentido e grafia.

A letra B mostra a forma correta do verbo *adivinhar*, com a letra *i*.

A letra C traz a palavra *digressão* também escrita corretamente.

Na D, a palavra *sessão* equivale a *espaço de tempo que dura uma reunião*, adequada, portanto, ao sentido da frase. *Seção* quer dizer *divisão* e *cessão* é relativo ao verbo *ceder*.

A letra E mostra a palavra *consigo* no sentido correto (com ele mesmo, valor reflexivo). Além disso, pela Nova Ortografia, *autoconhecimento* e *autoafirmação* se escrevem junto, sem hífen.

Resposta: A.

4. (PGJ) A palavra **tráfico** não deve ser confundida com **tráfego**, seu parônimo.

Em que item a seguir o par de vocábulos é exemplo de homonímia e não de paronímia?

a) estrato/extrato.

b) flagrante/fragrante.

c) eminente/iminente.

d) inflação/infração.

e) cavaleiro/cavalheiro.

Comentários:

Homônimos são vocábulos *iguais* (na pronúncia, na grafia ou em ambos), mas de sentidos diferentes.

Na letra A, a *pronúncia* é a mesma, são homônimos homófonos (*mesma pronúncia*), as grafias diferentes. As outras opções são exemplos de parônimos (vocábulos parecidos na pronúncia e na grafia, de sentidos diferentes).

Resposta: A.

Na questão de nº 5, o texto contém um erro, que pode ser de natureza gramatical, de propriedade vocabular ou de adequação ao estilo culto e formal da língua. Identifique, entre os itens sublinhados, aquele que deve ser corrigido para que a sentença onde ele ocorre se torne correta e adequada.

5. (TRF/Esaf) A(1) **cerca**(2) de uma dezena de matérias jornalísticas, **só**(3) na última edição do matutino de circulação nacional, **acerca**(4) das suspeitas de corrupção nas **adjacências**(5) do Governo.

a) 1.

b) 2.

c) 3.

d) 4.

e) 5.

Comentários:

A expressão **A**(1) **cerca**(2) equivale a *aproximadamente.* Nesse trecho, a ideia não é de quantidade aproximada, e sim "*Existe* cerca de uma dezena de matérias…". A palavra *só* (3) equivale a somente. Em (4), **acerca** tem o sentido da preposição sobre, correto, pois. Na palavra **adjacências** (5), a grafia está também correta.

Resposta: (1) *Há* cerca de.

6.3. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. Marque a frase em que deve ser empregada a primeira das duas palavras que aparecem entre parênteses.

a) Essas hipóteses _____ das circunstâncias (emergem– imergem).

b) Nunca o encontro na _____ em que trabalha (sessão – seção).

c) Já era decorrido um_____ que ela havia partido, (lustre – lustro).

d) O prazo já estava _____ (prescrito – proscrito).

e) O fato passou completamente _____ (desapercebido – despercebido).

2. Marque a frase que se completa com o segundo elemento do parênteses:

a) A recessão econômica do país faz com que muitos _____ (emigrem– imigrem).

b) Antes de ser promulgada, a Constituição já pedia muitos _____ (consertos – concertos).

c) A ditadura _____ muitos políticos de oposição (caçou – cassou).

d) Ao sair do barco, o assaltante foi preso em_____ (flagrante – fragrante).

e) O juiz _____ expulsou o atleta violento (incontinenti – incontinente).

3. Marque a alternativa que se completa corretamente com o segundo elemento do parênteses:

a) O sapato velho foi restaurado com a aplicação de algumas _____ (tachas – taxas).

b) Sílvio _____ na floresta para caçar macacos (imergiu – emergiu).

c) Para impedir a corrente de ar, Luís _____ a porta (cerrou – serrou).

d) Bonifácio _____ pelo buraco da fechadura (expiava – espiava).

e) Quando foi realizado o último _____ ? (censo – senso).

4. Marque a alternativa que se completa com o primeiro elemento do parênteses:

a) A polícia federal combate o _____ de cocaína (tráfego – tráfico).

b) No Brasil é vedada a _____ racial; embora haja quem a pratique (discriminação – descriminação).

c) Você precisa melhorar seu _____ de humor (censo – senso).

d) O presidente _____ antecipou a queda do muro de Berlim (ruço – russo).

e) O balão, tremelizindo _____ para o céu estrelado (acendeu – ascendeu).

5. Em "o prefeito **deferiu** o requerimento do contribuinte", o termo destacado poderia perfeitamente ser substituído por:

a) apreciou

b) arquivou

c) despachou favoravelmente

d) invalidou

e) despachou negativamente

6. As ideias liberais saíram **incólumes**, ainda que se pensasse que seriam **dilapidadas**, completamente. Os termos grifados são sinônimos, respectivamente de:

a) arrasadas – dilaceradas

b) intactas – arrasadas

c) intactas – dilaceradas

d) depauperadas – prestigiadas

e) n.r.a.

7. Complete as lacunas com a expressão correta (entre parênteses):

" O _____ (cervo – servo) prendia-se nos arbustos, fugindo dos _____ (cartuchos – cartuxos) que pipocavam por toda a _____ (área – aria)."

a) cervo – cartuxos – área

b) servo – cartuchos – aria

c) cervo – cartuchos – área

d) servo – cartuchos – área

e) servo – cartuchos – aria

8. Complete as lacunas, com a expressão necessária, que consta nos parênteses:

É necessário _____ (cegar – segar) os galhos salientes do _____ (bucho – buxo), de modo a que se possa fazer _____ (xá – chá) com as folhas mais novas.

a) segar – buxo – chá

b) segar – bucho – xá

c) cegar – buxo – xá

d) cegar – bucha – chá

e) segar – bucha – xá

9. O _____ (emérito-imérito) causídico _____ (dilatou-delatou) o plano de fuga do meliante, que se encontrava na _____(eminência-iminência) de escapar da prisão:

a) emérito – delatou – iminência

b) imérito – dilatou – eminência

c) emérito – dilatou – iminência

d) imérito – delatou – iminência

e) emérito – dilatou – eminência

10. O _____ (extrato-estrato) da conta bancária é, por si só, insuficiente para cobrir o _____ (cheque-xeque), ainda que haja algum capital _____ (incerto-inserto).

a) extrato – xeque – inserto

b) estrato – cheque – incerto

c) extrato – cheque – inserto

d) estrato – xeque – incerto

e) extrato – xeque – incerto

11. Complete as lacunas usando adequadamente (mas / mais / mal / mau):

" Pedro e João ____ entraram em casa, perceberam que as coisas não iam bem,pois sua irmã caçula escolhera um ____ momento para comunicar aos pais que iria viajar nas férias; _____ seus, dois irmãos deixaram os pais _____ sossegados quando disseram que a jovem iria com os primos e a tia."

a) mau – mal – mais – mas

b) mal – mal – mais – mais

c) mal – mau – mas – mais

d) mal – mau – mas – mas

e) mau – mau – mas – mais

12. Marque a alternativa que completa corretamente as lacunas:

" Estou _____ de que tais _____ deveriam ser _____ a bem da moralidade do serviço público."

a) cônscio – privilégios – extintos

b) côncio – privilégios – estintos

c) cônscio – privilégios – estintos

d) côncio – previlégios – estintos

e) cônscio – previlégios – extintos

13. Observe as orações seguintes:

I. Por que não apontas a vendedora por que foste ludibriado?

II. A secretária não informa por que linha de ônibus chega-se ao escritório.

III. Por que será que o governo não divulga o porquê da inflação.

Há erro na grafia:

a) na I apenas.

b) em duas apenas.

c) na II apenas.

d) na III apenas.

e) em nenhuma.

14. Complete as lacunas com (estada / estadia /onde / aonde):

" _____ quer que eu me hospede, procuro logo saber o preço da _____, quanto custa a _____de um carro alugado, bem como _____ se possa ir à noite."

a) aonde – estadia – estada – onde

b) onde – estada – estadia – aonde

c) onde – estadia – estada – aonde

d) aonde – estada – estadia – onde

e) onde – estadia – estadia – aonde

15. Leia as frases abaixo:

I. Assisti ao _____ do balé Bolshoi;

II. Daqui _____ pouco vão dizer que _____ vida em Marte.

III. As _____ da câmara são verdadeiros programas de humor.

IV. _____ dias que não falo com Alfredo.

Escolha a alternativa que oferece a sequência correta de vocábulos para as lacunas existentes:

a) concerto – há – a – cessões – há

b) conserto – a – há – sessões – há

c) concerto – a – há – seções – a

d) concerto – a – há – sessões – há

e) conserto – há – a – sessões – a

16. Indique a alternativa que contém a seqüência necessária para completar as lacunas abaixo:

“ A _____ de uma guerra nuclear provoca uma grande _____ na humanidade e a deixa _____com relação ao futuro da vida na terra.”

a) espectativa – tensão – exitante

b) espectativa – tenção – hesitante

c) expectativa – tensão – hesitante

d) expectativa – tensão – hezitante

e) espectativa – tenção – exitante

17. Complete corretamente as lacunas:

“ O _____ de veículos de grande porte, em vias urbanas, provoca _____ no trânsito; forçando a que os motoristas dos carros menores _____, muitas delas, completamente sem_____.

a) tráfico – infrações – inflijam– concerto

b) tráfego – infrações – inflijam– conserto

c) tráfego – inflações – infrinjam– conserto

d) tráfego – infrações – infrações – conserto

e) tráfico – infrações – infrações – concerto

Leia o texto a seguir para responder à questão 18:

Texto III

Pergunto: e agora? Como é que meu Padrinho foi degolado num quarto de pesadas paredes sem janelas, cuja porta fora trancada, por dentro, por ele mesmo? Como foi que os assassinos ali penetraram, sem ter por onde? Como foi que saíram, deixando o quarto trancado por dentro? Quem foram esses assassinos? Como foi que raptaram Sinésio, aquele rapaz alumioso, que concentrava em si as esperanças dos Sertanejos por um Reino de glória, de justiça, de beleza e de grandeza para todos? Bem, não posso avançar nada, porque aí é que está o nó! Este é o “ centro de enigma e sangue” da minha história. Lembro que o genial poeta Nicolau Fagundes Varela adverte todos nós, Brasileiros, de que “ os irônicos estrangeiros” vivem sempre vigilantes, sempre à espreita do menor deslize nosso para, então, “ ridicularizar o pátrio pensamento”:

Fatal destino o dos brasílios Mestres!

Fatal destino o dos brasílios Vates!

Política nefanda, horrenda e negra,

pestilento Bulcão abafa e mata

quanto, aos olhos de irônico estrangeiro,

podia honrar o pátrio pensamento!

Ora, um dos argumentos que os “ irônicos estrangeiros” mais invocam para isso é dizer que nós, Brasileiros, somos incapazes de forjar uma verdadeira trança, uma intrincada teia, um insolúvel enredo de “ romance de crime e sangue”. Dizem eles que não é

necessário nem um adulto dotado de argúcia especial: qualquer adolescente estrangeiro é capaz de decifrar os enigmas brasileiros, os quais, tecidos por um Povo superficial, à luz de um Sol por demais luminoso, são pouco sombrios, pouco maldosos e subterrâneos, transparentes ao primeiro exame, facílimos de desenredar.

Ah, e se fossem somente os estrangeiros, ainda ia: mas até o excelso Gênio brasileiro Tobias Barreto, aí é demais! Diz Tobias Barreto que, no Brasil, é impossível aparecer um " romance de gênio", porque " a nossa vida pública e particular não é bastante fértil de peripécias e lances romanescos". Lamenta que seja raro, entre nós, " um amor sincero, delirante, terrível e sanguinário", ou que, quando apareça, seja num velho como o Desembargador Pontes Visgueiro, o célebre assassino alagoano do Segundo Império. E comenta, ácido: " Um ou outro crime, mesmo, que porventura erga a cabeça acima do nível da vulgaridade, são coisas que não desmancham a impressão geral da monotonia contínua. Até na estatística criminal o nosso país revela-se mesquinho. O delito mais comum é justamente o mais frívolo e estúpido: o furto de cavalos".

A gente lê uma coisa dessas e fica até desanimado, julgando ser impossível a um Brasileiro ultrapassar Homero e outros conceituados gênios estrangeiros! A sorte é que, na mesma hora, o Doutor Samuel nos lembra que a conquista da América Latina " foi uma Epopeia". Vemos que somos muito maiores do que a Grécia – aquela porqueirinha de terra! – e aí descansamos o pobre coração, amargurado pelas injustiças, mas também incendiado de esperanças! Sim, nobres Senhores e belas Damas: porque eu, Dom Pedro Quaderna (Quaderna, O Astrólogo, Quaderna, O Decifrador, como tantas vezes fui chamado); eu, Poeta--guerreiro e soberano de um Reino cujos súditos são, quase todos, cavalarianos, trocadores e ladrões de cavalo, desafio qualquer irônico, estrangeiro ou Brasileiro, primeiro a narrar uma história de amor mais sangrenta, terrível, cruel e delirante do que a minha; e, depois, a decifrar, antes que eu o faça, o centro enigmático de crime e sangue da minha história, isto é, a degola do meu Padrinho e a " desaparição profética" de seu filho Sinésio, O Alumioso, esperança e bandeira do Reino Sertanejo.

Ariano Suassuna. *A pedra do reino*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972, 3ª ed., p. 27-30 (com adaptações).

18. (Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Com referência ao texto III, julgue (C ou E) o item que se segue.

No trecho " porque eu, Dom Pedro Quaderna" (l. 35-36), a conjunção " porque" é expressão de realce, empregada de modo expletivo, visto que não estabelece relação entre a oração que ela introduz e outra oração do período.

19. (Liquigás – Administrador Jr. – Cesgranrio – Set./2015 – Adaptada)

No trecho " E isso **porque** o povo já tem dado mostras de ter maior maturidade política do que a grande maioria dos políticos", verifica-se a grafia adequada da expressão destacada, uma vez que funciona como conjunção explicativa.

A frase em que a expressão em destaque também está adequadamente empregada é

a) Não se sabe **por que** a desigualdade social ainda existe.

b) É comum não se compreender o **por quê** da fome no país.

c) **Por quê** os políticos não se movimentam para acabar com a fome?

d) O povo liderará os governantes **por que** tem maior maturidade política.

e) A fome é uma doença, mas não se entende **por que**.

20. (Basa – Téc. Bancário – Cesgranrio – Set./2015)

A palavra ou expressão em destaque está grafada corretamente e de acordo com a norma-padrão em:

a) A agricultura familiar é importante **por que** preserva os alimentos tradicionais.

b) A Agricultura Familiar é importante **por quê**?

c) A Agricultura Familiar apresenta importante função **porquê** garante a segurança alimentar.

d) O Texto I esclarece o motivo **porque** a Agricultura Familiar contribui para o uso sustentável dos recursos naturais.

e) O Texto I expõe o **porque** de a Agricultura Familiar ser importante para o país.

Gabarito: 1. d; 2. a; 3. d; 4. b; 5. c; 6. b; 7. c; 8. a; 9. a; 10. c; 11. c; 12. a; 13. e; 14. b; 15. d; 16. c; 17. d; 18. C; 19. a; 20. b.

Parte II

Morfologia

7 CLASSES GRAMATICAIS

7.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

7.1.1. Artigo

São as palavras **o** e **um**, com suas flexões, que sempre antecedem os substantivos, designando seres determinados ou indeterminados.

Exs.: O homem, um homem, a mulher, as mulheres, uma mulher etc.

O artigo, em português, tem grande importância na indicação do gênero, permitindo, também, distinguir os substantivos homônimos.

Exs.: a mão, o pão, o/a artista, o/a cabeça etc.

7.1.2. Substantivo

É o nome com que designamos os seres em geral (pessoas, animais e coisas) flexionando-se em **gênero** e **número**. O substantivo é classe de palavra que sempre pode ser antecedida de artigo.

7.1.3. Adjetivo

"É a expressão modificadora do substantivo que denota **qualidade**, **condição** ou **estado** de um ***ser***." (Evanildo Bechara)

Veja o exemplo:

"… era feito aquela gente *honesta, boa e comovida*

que caminha para a morte

pensando em vencer na vida."

Aqui, os adjetivos *honesta*, *boa* e *comovida* referem-se ao substantivo *gente*, qualificando-o.

Locução adjetiva: formada, geralmente, de preposição + substantivo com valor de adjetivo.

Observe o exemplo:

"… eu quero que o meu caixão

tenha uma forma bizarra

a forma *de coração*

a forma *de guitarra"*

As expressões *de coração* e *de guitarra*, embora sejam formadas de preposição e substantivo, têm valor de adjetivo, pois fazem o papel de um adjetivo modificam o substantivo.

Vamos treinar?

Classifique as palavras destacadas em destaque como substantivo ou adjetivo.

1. Recebeu uma vaia **monstro**.

Comentários: Refere-se ao substantivo *vaia*, qualificando-o.

Resposta: Adjetivo.

2. Veio fantasiado de **monstro**.

Comentários: Agora, a palavra monstro nomeia. É *o monstro*.

Resposta: Substantivo.

3. O seu **viver** é um exemplo para todos.

Comentários: O verbo *viver* foi substantivado por meio do artigo definido *o*.

Resposta: Substantivo.

4. O **orgulhoso** não se deu por vencido.

Comentários: *Orgulhoso*, aqui, foi substantivado, está nomeando.

Resposta: Substantivo.

5. Era um homem muito **orgulhoso**.

Comentários: Nesta frase, *orgulhoso* qualifica o substantivo *homem*.

Resposta: Adjetivo.

6. Possuía muita **confiança**.

Comentários: *A confiança* que possuía.

Resposta: Substantivo.

7. Estava antes do jogo pouco **confiante**.

Comentários: Confiante qualifica o sujeito implícito *eu* ou *ele*.

Resposta: Adjetivo.

8. "Não sou propriamente um **autor** defunto,

Comentários: Trata-se de um autor que é defunto.

Resposta: *Autor* é substantivo e *defunto* é adjetivo.

9. … mas um defunto **autor**." (Machado de Assis)

Comentários: Agora, tem-se um *defunto* que é *autor*.

Resposta: *Defunto* passou a ser substantivo e *autor*, adjetivo.

10. Teve muita **calma**.

Comentários: *A calma* que ele teve. A palavra *calma* nomeia e pode ser antecedida de artigo.

Resposta: Substantivo.

11. Extasiou-se com o **azul** do céu.

Comentários: *Azul*, que é uma cor representada pelo adjetivo, aqui está nomeando. Observe o poder que o artigo tem de substantivar palavras.

Resposta: Substantivo.

12. O bicho **homem** precisa evoluir mais.

Comentários: *Homem* qualifica *bicho*. É o bicho que é homem.

Resposta: Adjetivo.

13. Deu um drible **moleque** no guarda.

Comentários: Trata-se de um *drible* que foi *moleque*. *Moleque* qualifica *drible*.

Resposta: Adjetivo.

Resumindo:
Substantivo é classe que dá nome. É variável. Pode vir sempre antecedida de artigo.
Adjetivo é classe que se refere ao substantivo. É variável, acompanha a flexão do substantivo.

Agora que você sabe diferenciar um substantivo de um adjetivo, vamos conhecer o advérbio.

7.1.4. Advérbio

Palavra invariável que, fundamentalmente, modifica o verbo exprimindo uma circunstância (tempo, lugar, modo etc.). Pode ainda o advérbio modificar o adjetivo ou outro advérbio. Observe os exemplos:

Trabalhamos **muito**.

Aqui, o advérbio modifica um verbo, indicando-lhe ideia de intensidade. É o advérbio de intensidade.

Homem **muito** bom.

Nesse caso, o advérbio também traz valor de intensidade, só que, desta vez, modificando o adjetivo bom.

Fala **muito** bem.

Por fim, um exemplo de advérbio que modifica outro advérbio (*bem*), também com valor de intensidade.

Conclusão: embora na maioria das vezes o advérbio modifique um verbo, ele pode também se referir a um adjetivo ou a um advérbio.

Locução adverbial:

Formada, normalmente, de preposição mais substantivo com valor e emprego de advérbio.

Exemplo:

Ele saiu **às pressas**.

Nesse caso, a expressão às pressas refere-se ao verbo *sair* indicando circunstância de *modo*: é a locução adverbial de modo.

Atenção! Não confunda a locução adjetiva com a locução adverbial. Embora as duas tenham, em geral, a mesma estrutura (substantivo + adjetivo), a primeira se refere a um substantivo e a segunda, a um verbo.

Veja os exemplos a seguir:

A casa *de madeira* foi construída.

A casa foi construída *de madeira*.

A locução *de madeira*, na primeira frase, modifica o substantivo *casa* e, no segundo, a locução verbal *foi construída*. Daí, na primeira frase, ela ser locução adjetiva e na segunda, locução adverbial.

Vamos treinar?

Classifique as expressões em destaque como **adjetivo/locução adjetiva ou advérbio/locução adverbial**.

1. As mulheres ganharam dos homens **disparado**.

   Comentários: *Disparado* é o modo como as mulheres ganharam. Refere-se ao verbo. Observe a não variação. Se fosse adjetivo, concordaria com o substantivo.

   Resposta: Advérbio.

2. Ele é muito **melhor** que você.

   Comentários: *Melhor* refere-se ao pronome *ele*, qualificando-o. Na dúvida, procure jogar a frase para o plural (*Eles são melhores*). Se for advérbio, a tendência é não ir ao plural.

   Resposta: Adjetivo.

3. Você fala **grosso**, mas na hora de mostrar coragem…

   Comentários: *Grosso* é o modo como se fala. Se a frase fosse ao plural, teríamos: "Vocês falam grosso".

Resposta: Advérbio.

4. O professor saiu **sério** da sala.

Comentários: *Sério* é o estado do professor e não o modo de sair. Se a frase fosse ao plural, teríamos "os professores saíram sérios".

Resposta: Adjetivo.

5. O professor falou **sério**, não falou brincando, não.

Comentários: Aqui, *sério* é o modo como o professor falou, não o estado do professor. Pluralizando a frase, teríamos: "os professores falaram sério".

Resposta: A não variação é uma dica de que é advérbio.

6. Os corintianos entravam **duro** nos palmeirenses, que reclamavam.

Comentários: *Duro* é o modo como os corintianos entravam.

Resposta: Advérbio.

7. Ela se mostrava como uma mulher **à toa**.

Comentários: À toa qualifica o substantivo *mulher*.

Resposta: Locução adjetiva.

8. Trabalhou **à toa** nos últimos anos.

Comentários: À toa refere-se ao verbo *trabalhou*, dando-lhe circunstância de modo.

Resposta: Locução adverbial.

9. As festas **de dezembro** já iniciarão.

Comentários: *De dezembro* refere-se ao substantivo *festas*, caracterizando-o.

Resposta: Locução adjetiva.

10. As festas iniciarão **em dezembro**.

Comentários: *Em dezembro* refere-se ao verbo *iniciarão*, indicando circunstância de tempo.

Resposta: Locução adverbial.

11. Nosso tio vagava pelas ruas **com fome.**

Comentários: Cuidado! *Com fome* não é modo, jeito, forma de uma pessoa andar pelas ruas. É o estado do tio. Equivale ao adjetivo *faminto*.

Resposta: Locução adjetiva.

Resumindo:

Adjetivo é classe que se refere a substantivo. Qualifica, caracteriza. É classe variável.

Advérbio é classe que modifica verbo, adjetivo ou outro advérbio. Indica circunstância (tempo, lugar, intensidade...). É invariável.

Na dúvida, tente flexionar a palavra, mandá-la ao plural ou ao feminino. Se for advérbio, não variará. Só não proceda assim para diferenciar as locuções adjetivas das adverbiais. A tendência é a de as locuções, de um modo geral, não variarem.

7.1.5. Plural dos nomes compostos

7.1.5.1. Plural dos substantivos compostos

subst. + subst. subst. + adj. adj. + subst.		variáveis		prefixo		invariáveis

Exs.: cirurgiões-dentistas, guardas-civis, altos-relevos, segundas-feiras, contra-ataques, vice--diretores, alto-falantes, abaixo-assinados.

Obs.:

1. O verbo, aqui, não recebe **s**: guarda-roupas, guarda-chuvas, beija-flores, arranha-céus, os leva-e-traz.
2. Varia o primeiro elemento: se houver preposição, clara ou oculta, ou se o segundo elemento exprimir fim, semelhança, qualidade: pés-de-meia, cavalos-vapor, saias-balão, bananas--maçã...
3. Varia o último elemento: com as formas reduzidas **grão**, **grã**, **bel**; palavras repetidas; nos compostos de três ou mais elementos, não sendo o segundo uma preposição: grão-duques, grã-cruzes, bel-prazeres, reco-recos, tique-taques, bem-te-vis...

Obs.: corre-corres ou corres-corres (verbos repetidos: varia o último ou os dois vão ao plural).

7.1.5.2. Plural dos adjetivos compostos

1. Somente o último se flexiona quando formado de adjetivo + adjetivo ou palavra invariável + adjetivo: amizades luso-brasileiras, unidades médico-veterinárias, parcerias público-privadas, crianças recém-nascidas.
2. Não variam os compostos formados de cor + substantivo: camisas verde-garrafa, vestidos vermelho-sangue, faixas amarelo-ouro.

Obs.:

1. azul-marinho e azul-celeste: são invariáveis
2. surdo-mudo: variam os dois
3. tecidos palha, sapatos cinza, blusas abóbora, esmaltes gelo: cor, representada por substantivo, não varia.

7.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

1. Dê o plural dos substantivos compostos.

criado-mudo:	coautor:	arranha-céu:
escola-modelo:	lança-perfume:	primeira-dama:
guarda-noturno:	amor-perfeito:	contra-ataque:
pão de ló:	obra-prima:	abaixo-assinado:
mal-estar:	grão-mestre:	leva e traz:
pisca-pisca:	tico-tico:	papel-moeda:
segunda-feira:	couve-flor:	vice-diretor:
salvo-conduto:	mula sem cabeça:	batata-doce:
salário-família:	samba-enredo:	caminhão-tanque:
banana-prata:	porta-luvas:	homem-rã:
saca-rolha:	manga-rosa:	salário-mínimo:
guarda-comida:	peixe-espada:	mestre-sala:
quebra-cabeça:	puro-sangue:	porta-bandeira
sempre-viva:	lugar-comum:	

2. Dê o plural dos adjetivos compostos.

grupo hispano-argentino:

disputa sino-soviética:

obra lítero-musical:

remédio anglo-francês:

autoridade administrativo-tributária:

informação econômico-financeira:

menino surdo-mudo:

menina surda-muda:

olho azul-claro:

terno cinza-chumbo:

céu azul-topázio:

blusa amarelo-ouro:

blusa amarelo-dourada:

livro ibero-americano:

poema herói-cômico:

acordo luso-franco-brasileiro:

gravata verde-oliva:

camisa azul-piscina:

Gabarito 1: criados-mudos; escolas-modelo; guardas-noturnos; pães-de-ló; mal-estares; pisca-piscas ou piscas-piscas; segundas-feiras; salvo-condutos ou salvos-condutos; salários-família; bananas-prata; saca-rolhas; guarda-comidas; quebra-cabeças; sempre-vivas; coautores; lança-perfumes; amores-perfeitos; obras-primas; grão-mestres; tico-ticos; couves-flores; mulas-sem-cabeça; sambas-enredo; porta-luvas; mangas-rosa; peixes-espada; puros-sangues; lugares-comuns; arranha-céus; primeiras-damas; contra-ataques; abaixo-assinados; os leva-e-traz; papéis-moeda; vice-diretores; batatas-doces; caminhões-tanque; homens--rã; salários-mínimos; mestres-sala; porta-bandeiras.

Gabarito 2: grupos hispano-argentinos; disputas sino-soviéticas; obras lítero-musicais; remédios anglo-franceses; autoridades administrativo-tributárias; informações econômico-financeiras; meninos surdos-mudos; meninas surdas-mudas; olhos azul-claros; ternos cinza-chumbo; céus azul-topázio; blusas amarelo-ouro; blusas amarelo-douradas; livros ibero-americanos; poemas herói-cômicos; acordos luso-franco-brasileiros; gravatas verde-oliva; camisas azul-piscina.

7.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Agora, treinando com questões de concursos.

1. (Sen. Federal / Anal. Leg.) Assinale a alternativa em que a palavra indicada se classifica como advérbio.

a) … funcionam de maneira mais livre…

b) … lançar o mundo numa profunda recessão.

c) … na promoção de uma melhor operação…

d) … essas frases devem nos deixar algo perplexos.

e) … após algumas décadas…

Comentários:

Na letra A, *livre* se refere a *maneira* (substantivo). É adjetivo (classe modificadora de substantivo que denota *qualidade*, *condição*, *estado*, *característica*), o que também ocorre nas alternativas B e C (*profunda* e *melhor*

modificam os substantivos *recessão* e *operação*, respectivamente). Na D, *algo* se refere a *perplexos* (adjetivo). Se modifica adjetivo é *advérbio* (no caso, de intensidade).

Na E, *após* é preposição.

Resposta: D.

2. (Sen. Fed. / Técn. Leg.) Assinale a alternativa em que se encontre um advérbio.

a) Os terríveis efeitos...

b) E, a partir de 1934,...

c) Menos de 18% do empréstimo foi amortizado...

d) ... declarando possuir não mais 7, mas 12 apólices...

e) ... os mercados desabaram no mundo inteiro.

Comentários:

Na letra A, *terríveis* se refere a efeitos (substantivo), com valor de adjetivo. Na B, *partir* é verbo. Na C, *menos* modifica a expressão que indica a porcentagem (numeral substantivo), com valor de indefinição (pronome indefinido).

Já na opção D, a palavra *mais* se refere ao verbo *possuir*, é advérbio com ideia de tempo.

Na E, *inteiro* modifica *mundo* (substantivo), é adjetivo.

Resposta: D.

3. (Min. Educ.) "Trata-se da construção de uma alternativa à lógica dominante, ao ajustamento de todas as sociedades..."

No trecho acima há:

a) Quatro adjetivos.

b) Três adjetivos.

c) Dois adjetivos.

d) Um adjetivo.

e) Nenhum adjetivo.

Comentários:

Nesta questão, as opções mostram a quantidade de *adjetivos*, e não de palavra com *valor* de adjetivo, que é diferente, como iremos ver a seguir.

Neste trecho, só a palavra *dominante* aparece como adjetivo, modificando o substantivo *lógica*. Vocábulos como *construção*, *alternativa*, *lógica*, *ajustamento* e *sociedades* são substantivos.

Resposta: D.

4. (Sen. Fed. / Técn. Leg.) "… existe a percepção de que algo tem que ser feito a mais para de fato levar a saúde a toda a população."

A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:

I. Em *levar a saúde a toda a população*, há uma preposição e dois artigos.

II. Em *levar a saúde a toda a população*, a última ocorrência da palavra **a** poderia ser suprimida sem provocar grave alteração de sentido.

III. Em levar a saúde a toda a população, a primeira ocorrência da palavra **a** poderia ser suprimida sem provocar grave alteração de sentido.

Assinale:

a) Se somente os itens II e III estiverem corretos.

b) Se todos os itens estiverem corretos.

c) Se nenhum item estiver correto.

d) Se somente os itens I e II estiverem corretos.

e) Se somente os itens I e III estiverem corretos.

Comentários:

No item I, *levar* é verbo transitivo direto e indireto. A expressão *a saúde* é objeto direto, logo esse *a* é artigo e *a toda a população* é objeto indireto, sendo o primeiro *a* preposição (levar saúde *a*...) e o segundo, artigo de *população*. Correto.

No item II, temos a expressão *toda a*, que é diferente de *toda*. A primeira tem valor de *inteira*, *completa*. A segunda, valor de indefinição: *qualquer*, *cada*. Observem que há alteração de sentido.

No item III, a ausência do artigo não provoca "grave alteração de sentido", pois em *levar saúde* ou *levar a saúde* o *objetivo* continua o mesmo, independentemente da definição ou da indeterminação.

Resposta: E.

5. (Pol. Fed. / Anal. Leg.) "Atinge toda a região e a si mesmo, pois o Equador é credor no âmbito do CCR, e a efetiva realização da ameaça de não honrar compromisso assumido o impedirá de receber aquilo que lhe é devido."

No trecho acima há:

a) Sete artigos.

b) Seis artigos.

c) Cinco artigos.

d) Quatro artigos.

e) Três artigos.

Comentários:

Artigo são as palavras *o(s)*, *a(s)*, *um*, *uma*, *uns*, *umas* que antecedem os **substantivos**. Então, vamos lá!

O primeiro artigo aparece antes do substantivo *região*, o segundo, antes de *Equador*. Lembre que, nas contrações *no*, *na*, *do*, *da* etc., aparece *artigo* contraído à preposição.

Logo, em "... n*o* âmbito d*o* CCR..." os termos destacados são *artigo* dos substantivos que se seguem. Em "... *a* efetiva realização...", aquele *a* é artigo de *realização*. Na sequência, mais uma contração (*da*), prep. *de* + art. def. fem. *a*. Teríamos, assim, *seis artigos*.

Resposta: B.

6. (Inspetor Pol. Civil) "Ora, as mazelas da imigração só podem ser resolvidas com a integração dos estrangeiros às sociedades, associada a uma enfática cooperação internacional, a fim de extrair da miséria e da desesperança a larga franja demográfica em que nascerá o futuro ser humano a expulsar."

No trecho acima, há:

a) 9 artigos definidos e 4 ocorrências da preposição a.

b) 8 artigos definidos e 4 ocorrências da preposição a.

c) 7 artigos definidos e 3 ocorrências da preposição a.

d) 9 artigos definidos e 3 ocorrências da preposição a.

e) 8 artigos definidos e 2 ocorrências da preposição a.

Comentários:

Agora, além de identificar os artigos no texto, repare que as opções só falam de artigo *definido*, pede-se também a quantidade de preposições (que aparecem por exigência de um *nome* – regência nominal – ou de um *verbo* – regência verbal).

Assim sendo, os *artigos* seriam, pela ordem de aparecimento:

1º ... *as* mazelas

2º ... d*a* imigração

3º ... *a* integração

4º ... d*os* estrangeiros

5º ... às sociedades (prep. *a* + art. *as*)

6º ... d*a* miséria

7º ... d*a* desesperança

8º ... *a* larga franja

9º ... *o* futuro

As preposições seriam:

1ª ... integração (que pede preposição *a*) ... às sociedades...

2ª ... associada (que pede preposição *a*) *a* uma enfática...

3ª ... *a* fim de (*fim* é palavra masculina, logo esse *a* só pode ser prep.)

4ª ... *a* expulsar (verbo, o *a*, com certeza, não é artigo)

Resposta: A.

7. (Inspetor Pol. Civil) "Somando-se essa possibilidade à fresca barbárie do governo republicano dos EUA, o mundo desenvolvido desgasta aguda e paulatinamente sua autoridade moral para cobrar valores humanistas de outros governos."

A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:

I. O pronome *essa* tem valor anafórico.

II. A palavra aguda classifica-se como advérbio.

III. Há, no trecho, oito substantivos.

Assinale:

a) Se todos os itens estiverem corretos.

b) Se somente os itens I e III estiverem corretos.

c) Se nenhum item estiver correto.

d) Se somente os itens II e III estiverem corretos.

e) Se somente os itens I e II estiverem corretos.

Comentários:

No item I, o pronome *essa*, independentemente de aparecer o texto ou não, remete à *possibilidade* que *já apareceu*. Quando o pronome remete o leitor a alguma informação que veio *antes*, tem valor *anafórico*. No item II, *aguda* se refere ao verbo (*desgosta*), é advérbio. Repare que o conectivo *e* adiciona termos de mesma função. No caso de esse conectivo adicionar dois advérbios terminados em *mente*, pede-se usar essa terminação apenas após o último deles

(para não termos agudamente e paulatinamente).

No item III, os *substantivos* seriam:

1. possibilidade 5. mundo

2. barbárie 6. autoridade

3. governo 7. valores

4. EUA 8. governo

Resposta: A.

8. (Sen. Fed. / Anal. Leg.) Assinale a alternativa em que o termo indicado **não** tenha valor adjetivo.

a) ... Poder Legislativo, cujas competências foram ampliadas.

b) ... configura alguns desafios.

c) ... a existência de muitos dispositivos.

d) Esse pacto...

e) ... resolvidos na atual Constituição...

Comentários:

Atente, nesta questão, ao enunciado: termo que não tenha **valor** adjetivo. Com essa palavra, além do próprio *adjetivo*, o *numeral*, o *pronome*, quando vêm junto ao substantivo, têm *valor* adjetivo.

Agora, sim, vamos às questões, já que o mesmo enunciado se repete nas questões seguintes.

Na letra A, *ampliadas* **não** tem valor adjetivo, pois pertence a uma estrutura de *voz passiva analítica* (verbo *ser* + *particípio*). Logo, nessa frase, *ampliada* é verbo no *particípio*. Em B, *alguns* é pronome indefinido que se refere a substantivo, pronome adjetivo – *valor* adjetivo, pois. Na C e na D, *muitos* – pronome indefinido – e *esse* – pronome demonstrativo se referem, respectivamente, a *dispositivos*, *pacto*. Na E, *atual* é adjetivo de *Constituição*.

Resposta: A.

9. (TRT / Anal. Jud.) Assinale a alternativa em que o termo indicado não tenha valor adjetivo.

a) ... dividido em dois sistemas.

b) ... o custo de todo o petróleo.

c) ... o muro foi erguido pelos holandeses e derrubado pelos ingleses.

d) ... sistemas capitalista e socialista.

e) Se a queda ... trouxe mais liberdade.

Comentários:

Na opção A, o numeral *dois* se refere a *sistemas* (substantivo), numeral adjetivo. Na B, o pronome indefinido *todo* vem junto ao substantivo *petróleo*. Na letra C, a tal da *estrutura de voz passiva analítica* (ser + particípio): "… o muro *foi erguido* pelos holandeses e (*foi*) *derrubado* pelos ingleses". Verbo no particípio. Na D, *socialista,* assim como *capitalista* são adjetivos de *sistemas*. Na E, *mais* é pronome indefinido adjetivo, pois aparece junto ao substantivo *liberdade.*

Resposta: C.

10. (Inspetor Pol. Civil) Assinale a alternativa em que o termo, na canção de Chico Buarque, não exerça papel adjetivo.

a) Aliso teus seios…

b) Aeromoça nervosa pede calma.

c) Aeromoça nervosa pede calma.

d) … avisto alguma salvação.

e) Qual esquina dobrei…

Comentários:

Já sabemos que este enunciado é abrangente, pois *papel* adjetivo pode ser representado por pronome, numeral e o próprio adjetivo. Na letra A, o pronome *teus* se refere ao substantivo *seios*, exerce papel adjetivo. Na B, a palavra *calma* é substantivo, não qualifica nem caracteriza nenhum substantivo, na C, *nervosa* acrescenta ao substantivo *aeromoça* um estado, adjetivo, portanto. Na opção D, *alguma* é pronome indefinido que se refere a *salvação*. Na E, o pronome *qual* modifica o substantivo *esquina*.

Resposta: B.

11. (Sen. Fed. / Anal. Leg.) Assinale a alternativa em que o termo indicado *não* tenha valor adjetivo.

a) O voto deixa claro que o respeito ao voto e à Constituição…

b) … não faz mais sentido opor…

c) … entre as diversas etnias…

d) … direito inalienável dos índios.

e) Dois pontos merecem…

Comentários:

Na letra A, a palavra *claro*, embora esteja ao lado do verbo *deixa* (e, por esse motivo, possa parecer um advérbio), refere-se à oração que vem logo a seguir, iniciada pela conjunção integrante *que.* Trata-se de uma oração substantiva. Sendo assim, na ordem direta, teríamos a seguinte estrutura: "O voto deixa *isto* claro". É por isso que *claro* é adjetivo, e não advérbio.

Já na letra B, a palavra *mais*, embora anteceda o substantivo *sentido*, está ligada ao verbo *fazer*, indicando circunstância de tempo. É como se disséssemos *não faz sentido agora*, *antes fazia, agora não mais.* Trata-se, portanto, de advérbio de tempo.

Na letra C, *diversas* é adjetivo de *etnias*.

Na letra D, o substantivo *direito* tem duas adjetivações: *inalienável* (adjetivo) e *dos índios* (locução adjetiva).

E na letra E temos um numeral adjetivo, junto ao substantivo *pontos*.

Resposta: B.

12. (Pol. Civil / Perito Crim.) Assinale a alternativa em que a palavra indicada *não* tenha valor adjetivo.

a) ... criaram condições para <u>essa</u> consolidação.

b) ... essa era a <u>primeira</u> coisa...

c) ... o código tem de ser preservado e <u>respeitado</u> para que a disputa...

d) ... deixar de ser um texto abstrato e <u>distante</u>.

e) ... escrever com bico <u>de pena</u>...

Comentários:

Na letra A, temos um pronome demonstrativo em função adjetiva, por acompanhar o substantivo *consolidação*.

Na letra B, observa-se um numeral ordinal também em função adjetiva, que se refere ao substantivo *coisa*.

No entanto, o que se vê na letra C é um verbo no particípio que é verbo principal de uma locução verbal. Uma dica, aqui, seria que você observasse os verbos auxiliares que os antecedem: *tem de ser*. E, toda vez que o particípio fizer parte de uma locução verbal, será verbo, e não adjetivo. É claro que se disséssemos *código respeitado* é o ideal, por exemplo, o vocábulo *respeitado* seria adjetivo, e não verbo. Mas não foi o caso.

Na letra D, temos um adjetivo *distante*.

E, na letra E, uma locução adjetiva, que vem se referindo ao substantivo antecedente *bico*.

Resposta: C.

13. (Pol. Civil / Perito Crim.) Assinale a alternativa em que, no texto, o termo não tenha valor adjetivo.

a) Com <u>alguma</u> frequência...

b) <u>Seus</u> governantes.

c) <u>Tal</u> tipo de dívida...

d) Tal tipo de dívida foi <u>contraída</u>...

e) Empresa de capital <u>nacional</u>...

Comentários:

Na letra A, temos um pronome indefinido com função adjetiva, por acompanhar o substantivo *frequência*.

Na letra B, o pronome possessivo *seus* também está em função adjetiva, junto ao substantivo *governantes*.

Na letra C, o que se vê é um pronome demonstrativo, que se refere ao substantivo *tipo*, estando, portanto, em função adjetiva.

Já, na letra D, o particípio *contraída*, por fazer parte de uma locução verbal (observe só o auxiliar que o antecede: *foi*), é verbo, e não adjetivo.

E, na letra E, *nacional* é adjetivo de *capital*.

Resposta: D.

7.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (TRT – 3ª Região (MG) – Analista Judiciário – Área Judiciária – FCC 2015)

A guerra continua, está aí, espalhada pelo mundo, camuflada por diferentes nomenclaturas, inconfundível, salvo em breves hiatos sem hostilidades, porém com intensos ressentimentos.

Justifica-se o emprego do advérbio *aí*, na frase, do seguinte modo:

a) a palavra delimita o lugar da guerra, aquele em que o interlocutor se encontra.

b) a palavra remete ao lugar a que se fez referência anteriormente: ao espaço dos *Aliados*.

c) a palavra tem o sentido de " nesse ponto", como em " É aí que está o X da questão".

d) a palavra compõe expressão que tem o sentido de " apresenta-se por lugares incertos, de modo disseminado".

e) a palavra tem seu sentido associado ao da palavra *inconfundível*, para expressarem, juntas, a ideia de " contorno único".

2. (Sabesp – Advogado – FCC – 2014)

<u>Atualmente</u>, também se associa o Desenvolvimento Sustentável ou Sustentabilidade à responsabilidade social. Responsabilidade social é a forma ética e responsável pela qual a Empresa desenvolve todas as suas ações, políticas, práticas e atitudes, tanto com a comunidade quanto com o seu corpo funcional. <u>Enfim</u>, com o ambiente interno e externo à Organização e com todos os agentes interessados no processo.

<u>Assim</u>, as definições de Educação Ambiental são abrangentes e refletem a história do pensamento e visões sobre educação, meio ambiente e desenvolvimento sustentável.

Os advérbios grifados no trecho acima podem ser substituídos corretamente, na ordem dada, por:

a) Nos dias de hoje – Por fim – Desse modo

b) Consentaneamente – Afinal de contas – Desse modo

c) Nos dias de hoje – Ultimamente – Do mesmo modo

d) Consentaneamente – Por derradeiro – Destarte

e) Presentemente – Afinal de contas – De todo modo

3. (SEDU-ES – Professor B – FCC – Jan./2016 – Adaptada)

Um dos elementos mais importantes na organização do texto de Clarice Lispector é o advérbio de tempo, como o que se encontra grifado em:

I. *Jamais esquecerei o meu aflitivo e dramático contato com a eternidade.*

II. *E eis-me com aquela coisa cor-de-rosa, de aparência tão inocente, tornando possível o mundo impossível do qual eu já começara a me dar conta.*

III. *– E agora que é que eu faço? – perguntei para não errar no ritual que certamente deveria haver.*

IV. *Enquanto isso, eu mastigava obedientemente, sem parar.*

Atende ao enunciado APENAS o que consta de

a) I, II e IV.

b) II e IV.

c) II e III.

d) I e III.

e) I, III e IV.

Leia o texto a seguir para responder à questão 4.

As relações que as sociedades ocidentais industriais mantêm com os temas da ciência e da tecnologia não se constituem numa constante. No transcorrer da história dessas sociedades, a ciência deixa de ser entendida apenas como um tipo de conhecimento tido como válido e passa a se conjugar com as técnicas, conformando uma aplicação prática e útil desse conhecimento.

Isso ocorre desde os desdobramentos da Revolução Industrial no século XIX, quando ciência e tecnologia passaram a constituir um binômio, abreviadamente expresso por C&T, no qual, cada vez mais, conhecimento científico e técnica se entrelaçam. A tecnologia vai-se tornando plena de ciência e esta tende a incorporar crescentemente a técnica. Já no século XX, o desenvolvimento de ciência e tecnologia passou a utilizar intensivamente grandes investimentos financeiros, tendo em vista o domínio tanto da natureza quanto das sociedades.

A partir de então, e dada a intensificação dos processos técnico-científicos da contemporaneidade, surgem posicionamentos antagônicos em relação à temática da aceleração tecnológica. Por um lado, estabelece-se uma compreensão de que o incremento de ciência e tecnologia é algo determinante, ou até mesmo fundamental para um desenvolvimento econômico e social satisfatório, além de ser politicamente neutro e desprovido de normatividade.

Desde outra perspectiva, desenvolvem-se reflexões sobre as incertezas e indeterminações acerca do destino das sociedades como consequência dos principais modelos e sistemas técnico-científicos contemporâneos. Questiona-se o papel da ciência e da tecnologia como fator determinante e como atividade neutra de valores.

Raquel Folmer Corrêa. Tecnologia e sociedade: análise de tecnologias sociais no Brasil contemporâneo. Porto Alegre: UFRGS, 2010. Dissertação de mestrado. In: Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br> (com adaptações).

4. (Inpi – Nível Médio/Superior – Cespe – 2013)

Julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Nas linhas 5 e 16, as ocorrências do vocábulo " desde" introduzem circunstâncias temporais.

Leia o texto a seguir para responder à questão 5.

Texto I

Enquanto aumenta o ritmo de inovação tecnológica no país e cresce a aplicação da informática nos mais diversos setores da sociedade, formam-se cerca de 30 mil profissionais por ano em áreas ligadas à tecnologia da informação e comunicação (TIC). Ainda assim, as empresas reclamam da falta de profissionais. " Temos uma janela de oportunidades em TIC no país. O que falta é gente qualificada", alerta Pier Carlo Sola, diretor-presidente de um parque tecnológico pernambucano que abriga 68 empresas da área.

Apesar de não haver estatísticas que revelem a expansão do setor, especialistas estimam o crescimento em torno de 10% ao ano. Com isso, a não regulamentação das profissões ligadas à computação torna ainda mais acirrada a disputa por vagas e delega ao mercado a seleção do bom profissional.

" Independentemente da formação, o profissional de TIC tem de estar comprometido com o aprendizado contínuo e interessado em trabalhar com gestão de projetos, saber se comunicar e trabalhar em diversas equipes", diz o gerente de carreiras Marcos Vono.

Essa é uma carreira multifacetada, que encontra espaço em consultorias, cooperativas, grandes empresas, locais que terceirizam mão de obra ou no empreendedorismo. " O profissional tem de ter visão do negócio e conhecer a realidade da empresa que atende, senão ficará sem emprego", alerta Ivair Rodrigues, agente de pesquisa em tecnologia da informação (TI).

Segundo o cadastro das instituições de educação superior do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, há 1.021 cursos superiores ligados a 31 computação, informática, TI e análise de sistemas. " Mas só metade dos alunos tem formação adequada, ou seja, de 12 mil a 16 mil novos profissionais precisam passar por uma requalificação logo que saem da universidade para poder entrar no mercado de trabalho", diz Pier Carlo Sola.

Disponível em: <www1.folha.uol.com.br> (com adaptações).

5. (Cespe – CEF – Médio – 2014)

Com base nas informações veiculadas no texto, em sua estrutura e em seus aspectos gramaticais, julgue o próximo item como Certo (C) ou Errado (E).

No trecho " o profissional de TIC tem de estar comprometido com o aprendizado contínuo e interessado em trabalhar com gestão de projetos" (l. 9-10), o termo " interessado" qualifica " o aprendizado".

Leia o texto a seguir para responder à questão 6.

Texto I

De acordo com uma lista da International Union for the Conservation of Nature, o Brasil é o país com o maior número de espécies de aves ameaçadas de extinção, com um total de 123 espécies sofrendo risco real de desaparecer da natureza em um futuro não tão distante. A Mata Atlântica concentra cerca de 80% de todas as aves ameaçadas no país, fato que resulta de muitos

anos de exploração e desmatamentos. Atualmente, restam apenas cerca de 10% da floresta original, não sendo homogênea essa proporção de floresta remanescente ao longo de toda a Mata Atlântica. A situação é mais séria na região Nordeste, especialmente nos estados de Alagoas e Pernambuco, onde a maior parte da floresta original foi substituída por plantações de cana-de-açúcar. É nessa região que ainda podem ser encontrados os últimos exemplares das aves mais raras em todo o país, como o criticamente ameaçado limpa-folha-do-nordeste (*Philydor novaesi*). Essa pequena ave de dezoito centímetros vive no estrato médio e dossel de florestas bem conservadas e ricas em bromélias, onde procura artrópodes dos quais se alimenta. Atualmente, as duas únicas localidades onde a espécie pode ser encontrada são a Estação Ecológica de Murici, em Alagoas, e a Serra do Urubu, em Pernambuco.

Pedro F. Develey et al. O Brasil e suas aves. In: *Scientific American Brasil*, 2013 (com adaptações).

6. (Cespe – ICMBIO – Superior – 2014)

Julgue o item seguinte, relativo às ideias e aos aspectos estruturais do texto, como Certo (C) ou Errado (E).

Nas sequências "**toda a Mata Atlântica**" (l. 6) e "**todo o país**" (l. 9), os artigos definidos "**a**" e "**o**" são opcionais, podendo ser suprimidos sem que haja prejuízo à correção gramatical e à significação dos períodos de que fazem parte.

7. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016 – Adaptada)

" Um ofício relativamente poupado até aqui é o de médico. Até aqui."

Sobre esse segmento acima, é correto afirmar que:

a) o advérbio " relativamente" mostra que a profissão de médico ainda não foi atingida pela revolução;

b) a expressão " até aqui" tem valor semântico de lugar;

c) a expressão " até aqui" é repetida a fim de destacar-se um elemento importante no texto;

d) o pronome " o" refere-se a " médico";

e) o vocábulo " um" em " um ofício" tem noção de quantidade.

8. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

Segundo o gramático Celso Cunha, os adjetivos em língua portuguesa expressam qualificações, características, estados e relações; o adjetivo abaixo que expressa relação é:

a) fácil entendimento;

b) linguagem objetiva;

c) profissionais qualificados;

d) prática clínica;

e) informação transparente.

Leia o texto a seguir para responder à questão 9.

Texto 1 – Problemas Sociais Urbanos

Dentre os problemas sociais urbanos, merece destaque a questão da segregação urbana, fruto da concentração de renda no espaço das cidades e da falta de planejamento público que vise à promoção de políticas de controle ao crescimento desordenado

das cidades. A especulação imobiliária favorece o encarecimento dos locais mais próximos dos grandes centros, tornando-os inacessíveis à grande massa populacional. Além disso, à medida que as cidades crescem, áreas que antes eram baratas e de fácil acesso tornam--se mais caras, o que contribui para que a grande maioria da população pobre busque por moradias em regiões ainda mais distantes.

Essas pessoas sofrem com as grandes distâncias dos locais de residência com os centros comerciais e os locais onde trabalham, uma vez que a esmagadora maioria dos habitantes que sofrem com esse processo são trabalhadores com baixos salários. Incluem-se a isso as precárias condições de transporte público e a péssima infraestrutura dessas zonas segregadas, que às vezes não contam com saneamento básico ou asfalto e apresentam elevados índices de violência.

A especulação imobiliária também acentua um problema cada vez maior no espaço das grandes, médias e até pequenas cidades: a questão dos lotes vagos. Esse problema acontece por dois principais motivos: 1) falta de poder aquisitivo da população que possui terrenos, mas que não possui condições de construir neles e 2) a espera pela valorização dos lotes para que esses se tornem mais caros para uma venda posterior. Esses lotes vagos geralmente apresentam problemas como o acúmulo de lixo, mato alto, e acabam tornando-se focos de doenças, como a dengue.

PENA, Rodolfo F. Alves. "Problemas socioambientais urbanos". *Brasil Escola*. Disponível em: <http://brasilescola.uol.com.br/brasil/problemas-ambientais-sociais-decorrentes-urbanização.htm>. Acesso em 14 de abril de 2016.

9. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

" Além disso, à medida que as cidades crescem, áreas que antes eram baratas e de fácil acesso tornam-se mais caras, o que contribui para que a grande maioria da população pobre busque por moradias em regiões ainda mais distantes."

Nesse segmento do texto 1, o vocábulo *mais* aparece duas vezes, com a mesma classe gramatical; a frase abaixo em que esse mesmo vocábulo apresenta classe diferente é:

a) " Quem está embaixo não pode cair mais fundo" (Samuel Butler);

b) " A avareza é mais contrária à economia que a liberdade" (La Rochefoucauld);

c) " O avarento é o mais leal e fiel depositário dos bens dos seus herdeiros" (Marquês de Maricá);

d) " A coisa mais semelhante a reviver a própria vida é relembrá-la e tornar essa lembrança o mais durável possível" (Franklin);

e) " O pecado de mais culpa é o adultério" (Nouailles).

10. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

O segmento abaixo em que NÃO é possível trocar de posição os elementos textuais sublinhados é:

a) " Incluem-se a isso <u>as precárias condições de transporte público</u> e <u>a péssima infraestrutura dessas zonas segregadas</u>, que às vezes não contam com saneamento básico ou asfalto e apresentam elevados índices de violência";

b) " às vezes não contam com <u>saneamento básico</u> ou <u>asfalto</u> e apresentam elevados índices de violência";

c) " Essas pessoas sofrem com as grandes distâncias dos locais de residência com <u>os centros comerciais</u> e <u>os locais onde trabalham</u>";

d) " Além disso, à medida que as cidades crescem, áreas que antes eram <u>baratas</u> e <u>de fácil acesso</u> tornam-se mais caras";

e) " merece destaque a questão da segregação urbana, fruto <u>da concentração de renda no espaço das cidades</u> e <u>da falta de</u>

planejamento público que vise à promoção de políticas de controle ao crescimento desordenado das cidades."

Leia o texto a seguir para responder à questão 11.

Texto 2 – Violência e favelas

O crescimento dos índices de violência e a dramática transformação do crime manifestados nas grandes metrópoles são alarmantes, sobretudo, na cidade do Rio de Janeiro, sendo as favelas as mais afetadas nesse processo.

" A violência está o cúmulo do absurdo. É geral, não é? É geral, não tem, não está distinguindo raça, cor, dinheiro, com dinheiro, sem dinheiro, tá de pessoa para pessoa, não interessa se eu te conheço ou se eu não te conheço. Me irritou na rua eu te dou um tiro. É assim mesmo que está, e é irritante, o ser humano está em um estado de nervos que ele não está mais se controlando, aí junta a falta de dinheiro, junta falta de tudo, e quem tem mais tá querendo mais, e quem tem menos tá querendo alguma coisa e vai descontar em cima de quem tem mais, e tá uma rivalidade, uma violência que não tem mais tamanho, tá uma coisa insuportável." (moradora da Rocinha)

A recente escalada da violência no país está relacionada ao processo de globalização que se verifica, inclusive, ao nível das redes de criminalidade. A comunicação entre as redes internacionais ligadas ao crime organizado são realizadas para negociar armas e drogas. Por outro lado, verifica-se hoje, com as CPIs (Comissão Parlamentar de Inquérito) instaladas, ligações entre atores presentes em instituições estatais e redes do narcotráfico.

Nesse contexto, as camadas populares e seus bairros/favelas são crescentemente objeto de estigmatização, percebidos como causa da desordem social o que contribui para aprofundar a segregação nesses espaços. No outro polo, verifica-se um crescimento da autossegregação, especialmente por parte das elites que se encastelam nos enclaves fortificados na tentativa de se proteger da violência.

(Maria de Fátima Cabral Marques Gomes, *Scripta Nova*)

11. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

" ...O crescimento dos índices de violência e a dramática transformação do crime manifestados nas grandes metrópoles são alarmantes, sobretudo, na cidade do Rio de Janeiro."

O termo " sobretudo" só NÃO pode ser substituído adequadamente por:

a) principalmente;

b) geralmente;

c) especialmente;

d) destacadamente;

e) particularmente.

12. (Compesa – A.S.G. – Técn. Segur. Trab. – FGV – Jul./2016)

A frase em que a palavra ***mais*** tem sentido ***diferente*** do das outras frases é:

a) " A mais estranha coisa sobre o futuro é que alguém evocará nossa época como os bons e velhos tempos".

b) " O futuro não é mais o que costumava ser".

c) “ Muito poucos são os que vivem no presente, a maioria se prepara para viver mais tarde”.

d) “ Devemos procurar mais sermos pais de nosso futuro do que filhos de nosso passado”.

e) “ Há ladrões que não castigamos, mas que nos roubam o que é mais precioso: o tempo”.

13. (Compesa – A.S.G. – Técn. Segur. Trab. – FGV – Jul./2016)

Assinale a frase em que houve a troca ***indevida*** da palavra *mal* por *mau* ou vice-versa.

a) “ A ironia é uma forma elegante de ser mau”.

b) “ Não há mau que sempre dure nem bem que nunca se acabe”.

c) “ Basta um drinque para me deixar mal. Mas nunca sei se é o 13º ou o 14º”.

d) “ O mal de comprar coisas de segunda mão é que elas nunca são de segunda mão”.

e) “ O mal das encrencas é que elas começam bem devagarinho”.

14. (Pref. Paulínia-SP – Eng. Agrôn. – FGV – Maio/2016)

“ *O bom médico não deixa ver nada de suas apreensões ao seu paciente.*”

A mesma relação semântica entre as palavras sublinhadas se repete nos pares a seguir, ***à exceção de um***. Assinale-o.

a) advogado/cliente.

b) mestre/discípulo.

c) santo/devoto.

d) senhorio/inquilino.

e) religião/militante.

15. (Pref. Paulínia-SP – Eng. Agrôn. – FGV – Maio/2016)

“ *O falar é perigoso para as nossas ilusões.*”

(**Machado de Assis**)

Sobre os componentes do fragmento acima, assinale a afirmativa ***incorreta***.

a) O termo “ *o falar*” é um exemplo de palavra substantivada.

b) No adjetivo “ *perigoso*”, o sufixo -oso forma adjetivos a partir de substantivos.

c) A preposição “ *para*” mostra valor de finalidade.

d) O pronome possessivo “ *nossas*” tem valor universal.

e) O adjetivo “ *perigoso*” expressa uma opinião do enunciador.

16. (Pref. Paulínia-SP – Eng. Agrôn. – FGV – Maio/2016)

Entre as frases de Machado de Assis a seguir, assinale aquela em que a locução adjetiva sublinhada mostra uma substituição ***inadequada***.

a) "*A fantasia é um vidro de cor, porém mentiroso.*" / colorido

b) "*Sem ter passado por provas da experiência, é muito raro dizer coisa com coisa.*" / experientes

c) "*Admiremos os diplomatas que sabem guardar consigo os segredos dos governos.*" / governamentais

d) "*Amor ou eleições, não falta matéria às discórdias dos homens.*" / humanas

e) "*A tática do parlamento de tomar tempo com discursos até o fim das sessões não é nova.*"/ parlamentar

17. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016 – Adaptada)

No trecho " Como explicar o que eu sentia de presente prodigioso em sair de casa de madrugada e pegar o bonde vazio que nos levaria para Olinda ainda na escuridão?", são palavras de classes gramaticais diferentes

a) **em** e **que**

b) **sair** e **pegar**

c) **como** e **ainda**

d) **prodigioso** e **vazio**

e) **presente** e **madrugada**

18. (Unesp – Ass. Administrativo I – Vunesp – Abril/2016)

O advérbio destacado na passagem – ... você definir como ele deve ser ou se comportar dependendo de seu gênero pode ser **muito**, **muito** cruel? – tem equivalente em:

a) Só gente **muito** preconceituosa pensa assim.

b) Há **muito** ponto de vista errado acerca desse assunto.

c) **Muito** do que é hoje deve aos pais, sempre dedicados a ele.

d) Só por **muito** ele aceita defender o réu.

e) O vírus transmitido pelo mosquito vem causando **muito** sofrimento às pessoas.

19. (Unifesp – Técnico Seg. Trab. – Vunesp – Abril/2016)

Observe as passagens:

– … e **agora** quer começar uma carreira médica. (2º parágrafo);

– … ele tem 80 anos. **Isto mesmo**, 80. (3º parágrafo);

– **Talvez** a expectativa de vida não permita… (4º parágrafo).

As expressões destacadas expressam, respectivamente, sentido de

a) lugar, modo e causa.

b) tempo, afirmação e dúvida.

c) afirmação, afirmação e dúvida.

d) tempo, modo e afirmação.

e) modo, dúvida e intensidade.

20. (Unifesp – Técnico Seg. Trab. – Vunesp – Abril/2016)

O emprego do adjetivo anteposto ao substantivo realça a qualidade que a este se atribui, o que se pode comprovar com a expressão em destaque na seguinte passagem do texto:

a) Os bastidores do vestibular são cheios de **histórias** – **curiosas, estranhas, comoventes**.

b) O jovem que chega atrasado por alguns segundos, por exemplo, é uma **figura clássica**...

c) Veio do Japão aos 11 anos, (…) e agora quer começar uma **carreira médica**.

d) Eu ponderaria que nem tudo na vida se regula pelo **critério cronológico**.

e) Os resultados do **difícil exame** trazem desilusão para muitos jovens…

21. (MPE/SP- Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

(Hagar, Dik Browne. *Folha de S.Paulo*, 31.10.2015. Adaptado)

Os advérbios " bem" (1ª quadrinho) e " Talvez" (2ª quadrinho) expressam, respectivamente, circunstância de

a) modo e tempo.

b) afirmação e modo.

c) dúvida e afirmação.

d) afirmação e intensidade.

e) modo e dúvida.

22. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

No trecho – **Bombeiros mineiros** deverão receber treinamento... – (1º parágrafo), a expressão em destaque é formada por substantivo + adjetivo, nessa ordem. Essa relação também se verifica na expressão destacada em:

a) A **imprudente atitude** do advogado trouxe-me danos.

b) Entrou silenciosamente, com um **espanto indisfarçável**.

c) **Alguma pessoa** teve acesso aos documentos da reunião?

d) Trata-se de um lutador **bastante forte** e preparado.

e) Estiveram presentes à festa meus **estimados padrinhos**.

23. (Unesp – Assistente Administrativo – Vunesp – Fev./2016)

Uma palavra que substitui a expressão destacada em – A iniciativa começou com frutos e legumes, mas, **pouco a pouco**, está se expandindo –, sem alteração de sentido, é:

a) subitamente.

b) paulatinamente.

c) repentinamente.

d) provavelmente.

e) impreterivelmente.

Leia o texto a seguir para responder à questão 24.

Qualquer movimento para interromper a construção de uma rodovia é uma tentativa de fazer que o velho caos volte à vida. A despeito de esporádicos êxitos locais, ninguém tem demonstrado possuir poder suficiente para enfrentar o vasto poder acumulado da rodovia. Isso sugere que o modernismo tem suas próprias contradições e tensões dialéticas e que determinadas formas de pensamento e visão modernistas podem solidificar-se em ortodoxias dogmáticas e tornar-se arcaicas. A aspiração contemporânea por uma cidade abertamente turbulenta, mas intensamente viva, corresponde à aspiração de voltar a expor feridas antigas, mas especificamente modernas. É a aspiração de conviver abertamente com o caráter dividido e irreconciliável de nossas vidas e extrair energia do âmago mesmo de nossos esforços, aonde quer que isso nos conduza no final.

(Berman, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986, p.165, Adaptado).

24. (DNIT – Analista Administrativo – ESAF – 2013)

(Adaptada). Julgue a assertiva a seguir como certa ou errada.

Seria preservada a correção gramatical do texto se o advérbio “ aonde” (l. 8) fosse substituído por “ onde”.

Leia o texto a seguir para responder à questão 25.

O antigo laço de amizade que me liga a Oscar Niemeyer levou-me a transmitir-lhe minhas preocupações sobre os erros que eu acreditava terem sido cometidos em Brasília em consequência do planejamento puramente estético e quase ditatorial.

Entretanto, fiquei estupefato com seu otimismo. Ele me disse que, em Brasília, os ajustamentos sociais que me estavam preocupando seriam, gradativamente, solucionados em harmonia com a nova arquitetura.

(Freyre, Gilberto. *Palavras repatriadas*. Brasília: Editora UnB; São Paulo: Imprensa Oficial SP, 2003, p.244-6, Adaptado).

25. (DNIT – Analista Administrativo – ESAF – 2013)

(Adaptada). Julgue a assertiva a seguir como certa ou errada.

Atende à norma gramatical da língua padrão e preserva o sentido do texto original a seguinte substituição:

“ gradativamente, solucionados em harmonia com a nova arquitetura” (l. 5) por “ gradativa e harmonicamente solucionados à nova arquitetura”.

26. (DNIT – Técnico Administrativo – ESAF – 2012)

Na transcrição do fragmento de texto abaixo, foram desrespeitadas regras gramaticais da língua portuguesa. Assinale a opção em que a grafia de palavra ou o uso de estrutura linguística está incorreto.

A intensa migração, o encarecimento dos terrenos centrais, mais bem (A) situados, e demais fatores criaram incentivos para a configuração espacial das nossas metrópoles: as classes de menor poder aquisitivo acabam por se concentrar (B) nas periferias. Lá os preços dos terrenos são menores, compensando a baixa acessibilidade e a insuficiência (C) de infraestrutura. Ou seja, a classe com menores condições reside distante dos locais de emprego, consumo e entretenimento. Além disso, essa classe depende de transporte público pouco eficiente e de baixa qualidade, pois este não foi priorizado ao longo de décadas. Mais ainda, quando membros dessa classe conseguem obterem (D) crescimento de renda e acesso a (E) crédito, desprivilegiados que são em sua mobilidade, têm como principal impulso a aquisição de automóveis. Isso, por sua vez, somente agrava ainda mais o quadro de engarrafamentos em massa das metrópoles.

(Adaptado de Vladimir Fernandes Maciel, Problemas e desafios do transporte público urbano. Disponível em: <http://www.pucrs.br>).

a) A

b) B

c) C

d) D

e) E

Leia o texto a seguir para responder à questão 27.

No Brasil, a criação e a paulatina expansão das ouvidorias são consequência da centralidade dos direitos fundamentais e do princípio da dignidade da pessoa humana na Constituição de 1988, relacionando-se à democratização do Estado e da sociedade brasileira.

Na administração pública, além de concretizar o direito constitucional de petição, fornecendo aos cidadãos um canal adequado para tratamento de reclamações, denúncias e sugestões, as ouvidorias ampliam a transparência de órgãos e entidades estatais, além de ensejar o contato do gestor público com problemas da população.

De forma complementar, as ouvidorias públicas emergem como um importante instrumento de gestão participativa, aproximando o Estado da população, que pode sugerir correções de medidas governamentais e se informar do amplo portfólio de políticas públicas. Ademais, podem impedir a judicialização de pleitos ordinários, o que não é pouco, visto que os direitos podem ser efetivados com mais celeridade.

(Adaptado de Paulo Otto von Sperling. *Ouvidorias, eficiência e efetivação de direitos*. Correio Braziliense, 18 mar. 2014.)

27. (Receita Federal – Auditor Fiscal – ESAF – 2014)

No desenvolvimento da textualidade, ficam prejudicadas as relações de coesão e a coerência argumentativa ao retirar do texto

a) o artigo em " a paulatina" (l. 1).

b) o artigo na contração em " Na administração" (l. 4), escrevendo apenas **Em**.

c) o artigo em " o direito" (l. 4).

d) o artigo em “ as ouvidorias” (l. 5).

e) o artigo na contração em “ da população” (l. 7), escrevendo apenas de.

Leia o texto a seguir para responder às questões 28 e 29.

A despeito das suas imperfeições, a Lei da Transparência Tributária representa um notável avanço institucional. A conscientização da população brasileira é fundamental para a construção de uma República efetivamente democrática, em que os eleitores tenham plena ciência da repercussão das decisões tomadas pelos seus representantes. Somente assim poderão exigir a construção de um sistema tributário simples, coerente e justo, que não onere os cidadãos carentes e não seja regressivo, gravando os contribuintes menos abastados de modo (proporcionalmente) mais severo que os mais favorecidos economicamente.

(Adaptado de Andrei Pitten Velloso, Lei da transparência tributária: vitória da cidadania. Disponível em: <http://www.cartaforense.com.br/conteudo /colunas>. Acesso em: 18 mar. 2014.)

28. (Receita Federal – Auditor Fiscal – ESAF – 2014)

(Adaptada). Julgue a assertiva a seguir como certa ou errada.

O advérbio “ assim” (l. 4) tem a função coesiva de resumir e retomar as ideias do período sintático imediatamente anterior.

29. (Receita Federal – Auditor Fiscal – ESAF – 2014)

(Adaptada). Julgue a assertiva a seguir como certa ou errada

O uso do gerúndio em “ gravando” (l. 5) imprime à oração uma ideia do modo de funcionamento do sistema tributário.

Leia o texto a seguir para responder à questão 30.

Não vamos discorrer sobre a pré-história da aviação, sonho dos antigos egípcios e gregos, que representavam alguns de seus deuses por figuras aladas, nem sobre o vulto de estudiosos do problema, como Leonardo da Vinci, que no século XV construiu um modelo de avião em forma de pássaro. Pode-se localizar o início da aviação nas experiências de alguns pioneiros que, desde os últimos anos do século XIX, tentaram o voo de aparelhos então denominados mais pesados do que o ar, para diferenciá-los dos balões, cheios de gases, mais leves do que o ar.

Ao contrário dos balões, que se sustentavam na atmosfera por causa da menor densidade do gás em seu interior, os aviões precisavam de um meio mecânico de sustentação para que se elevassem por seus próprios recursos. O brasileiro Santos Dumont foi o primeiro aeronauta que demonstrou a viabilidade do voo do mais pesado do que o ar. O seu voo no “ 14-Bis” em Paris, em 23 de outubro de 1906, na presença de inúmeras testemunhas, constituiu um marco na história da aviação, embora a primazia do voo em avião seja disputada por vários países.

Disponível em: <http://www.portalbrasil.net/aviacao_historia.htm>. Acesso em: 13/12/2015 (com adaptações).

30. (ANAC – Analista Administrativo – ESAF – 2015)

(Adaptada) – Julgue a assertiva a seguir como certa ou errada.

A substituição de “ então” (l. 5) por **naquela época** prejudica as informações originais do texto.

Gabarito: 1. d; 2. a; 3. d; 4. E; 5. E; 6. E; 7. c; 8. d; 9. e; 10. a; 11. b; 12. b; 13. b; 14. e; 15. c; 16. b; 17. a; 18. a; 19. b; 20. e; 21. e; 22. b; 23. b; 24. errada; 25. errada; 26. d; 27. e; 28. certa; 29. errada; 30. errada.

Artigo, substantivo, adjetivo e advérbio... A diferenciação entre essas classes é assunto que vem sendo explorado muito nas provas. Vamos sistematizar?

7.5. RESUMO

- Artigo é classe que se refere sempre a substantivo.
- Substantivo nomeia. Sempre pode vir antecedido de artigo.
- Adjetivo sempre se refere a substantivo. É classe variável.
- Advérbio é classe que modifica verbo, adjetivo ou outro advérbio. É invariável.

8 FLEXÃO VERBAL

A seguir, um quadro de todos os tempos verbais existentes e a 1ª pessoa do singular de cada um deles. O quadro é bom por dois motivos: toda vez que você não souber como começa cada tempo verbal, você recorrerá a ele. Além disso, ajuda você a entender os tempos verbais. É uma boa sistematização.

Verbos de 1ª conjugação – vogal temática **a** (amar, cantar);

Verbos de 2ª conjugação – vogal temática **e** (beber, vender);

Verbos de 3ª conjugação – vogal temática **i** (partir, digerir).

(Não existe 4ª conjugação. Por exemplo, *pôr* é um verbo de 2ª conjugação.)

I – Indicativo	presente – eu falo...		
	pretérito		imperfeito – eu falava... perfeito – eu falei... mais-que-perfeito – eu falara...
	futuro		do presente – eu falarei... do pretérito – eu falaria...

II – Subjuntivo		presente – que eu fale... pretérito imperfeito – se eu falasse... futuro – quando eu falar...

III – Imperativo		afirmativo – fala tu, fale você, falemos nós, falai vós, falem vocês. negativo – não fales tu, não fale você, não falemos nós, não faleis vós, não falem vocês.

Observe que são três os modos verbais:

1. Indicativo: é o modo que assegura algo.

2. Subjuntivo: é o modo que indica possibilidade, hipótese.

3. Imperativo: é o modo que apresenta ideias de ordem, pedido, convite, súplica.

No indicativo e no subjuntivo, temos, então, os tempos do presente, pretérito e futuro.

Após se ter uma visão panorâmica do quadro de conjugação verbal, é necessário conhecer o paradigma da conjugação verbal. Com esse paradigma, você aprende que não precisa saber conjugar todos os tempos que existem. O quadro mostra que existe uma relação entre tempos primitivos e derivados e diz como se sai de um primitivo e se chega

a um derivado. É simples: se a banca pede o presente do subjuntivo do verbo *digerir*, basta que você acesse o presente do indicativo do verbo e você terá o que se pede. Sim, porque o presente do subjuntivo *deriva* do presente do indicativo. A notícia boa é que você não precisa saber conjugar os tempos derivados. A notícia ruim é que sem os primitivos não se chega a lugar algum. Mas eles são apenas três. Assim, você, para fazer prova, precisa conhecer os tempos primitivos dos verbos que são comuns em concursos. Vamos, então, conhecer o paradigma da conjugação verbal?

PRIMITIVOS 1) Presente do indicativo (Radical da 1ª pessoa do sing.) agredir_____	DERIVADOS Presente do subjuntivo (-**e**, -**a**) _____

Nesse caso, vai-se à 1ª pessoa do singular (eu) do presente do indicativo, extrai-se o "o", e, com o radical, chega-se à 1ª pessoa do singular do presente do subjuntivo, acrescentando-se a desinência (para verbos de 1ª conjugação – *e*; verbos de 2ª e 3ª conjugação, – *a*). Vale lembrar que o presente do subjuntivo é aquele em que, na escola, utilizávamos o *que* antes do verbo: *que eu agrida*.

Assim, teríamos:

Eu agrid*o* que eu agrid*a*

Depois, é só continuar, utilizando-se o radical que você adquiriu ao acessar o presente do indicativo, mantendo-se a D.M.T. (desinência modo-temporal) – *a* – e acrescentando-se as D.N.P. (desinências número-pessoais), características de cada pessoa: *que eu agrid**a**, que tu agrid**a**s, que ele agrid**a**, que nós agrid**a**mos, que vós agrid**a**is, que eles agrid**a**m.*

A seguir, o 2º bloco de primitivos e derivados. Observe cada tempo derivado com sua desinência característica (D.M.T. – desinência modo-temporal), entre os parênteses.

2) Pretérito perfeito	Pret. mais-que-perfeito (-ra)
	Imperfeito do subjuntivo (-sse)
	Futuro do subjuntivo (-r)

Acesse a 3ª pessoa do plural – *eles* –, elimine a desinência *-ram* e fique com o radical. Partindo dele, acrescente as novas desinências dos tempos derivados.

Assim, teríamos:

Eles coube*ram* coube**ra**, coube**sse**, coube**r**

Nosso último bloco de primitivos e derivados:

	Futuro do presente (-re, -ra)

3) Infinitivo Impessoal	Futuro do pretérito (-ria)
	Imperfeito do indicativo (-va, -a)

Nesse caso, extrai-se o "R" do infinitivo impessoal (que é o nome do verbo – *falar, beber, partir*...), acrescentando-se as novas desinências. Observe que no **pretérito imperfeito** do indicativo temos duas possibilidades de D.M.T.: **-va** para verbos de 1ª conjugação e –**a** para verbos de 2ª e 3ª conjugação (ex.: *fal**ar** – fala**va**; beb**er** – bebi**a**; part**ir** – parti**a***).

Assim, teríamos:

digeri*r* digeri**rei**, digeri**ria**, digeri**a**.

Importante: o quadro que organiza os tempos verbais em dois grupos (primitivos e derivados) ajudará você a conjugar a maioria dos verbos em Língua Portuguesa, porém há exceções, como os verbos pôr, ser, ir, haver, entre outros, que estudaremos separadamente ao final.

A seguir, algumas questões que tratam de modos e tempos verbais.

1. (FCC/TRF – 2ª Região) A segunda novidade **apontava** os pesticidas e herbicidas químicos...

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o verbo em destaque acima está na frase:

a) Mas Ehrlich *errou*.

b) ... não *existia* terra suficiente para alimentar todas elas.

c) ... com o que *cresce* em 2 mil metros quadrados...

d) As algas se *multiplicam* a rodo...

e) Diante disso, muitos consumidores *partiram* para uma alternativa...

Comentários:

O verbo da frase no enunciado está no pretérito imperfeito do indicativo (desinência -*va*). As letras A e E trazem o verbo no pretérito perfeito do indicativo. A letra B apresenta o verbo no pretérito imperfeito do indicativo, mas, como o verbo é de 3ª conjugação, a desinência é -*a*. A letra C mostra um verbo no presente do indicativo, bem como a letra D.

Resposta: B.

2. (FCC/TRF – 2ª Região) Considere a flexão verbal em *viviam – vivem – viverão*. A mesma sequência está corretamente reproduzida nas formas:

a) queriam – querem – quiserão.

b) davam – dão – dariam.

c) exigiram – exigem – exigerão.

d) permitiam – permitem – permitirão.

e) criam – criavam – criarão.

Comentários:

A sequência de verbos do enunciado está, respectivamente, no pretérito imperfeito, presente e futuro do presente do indicativo.

A letra A tem erro só na forma *quiserão*, que não existe: o verbo *querer* no futuro do presente é *quererão* (é só você se lembrar do quadro: o futuro do presente deriva do infinitivo).

Na letra B, há erro só na forma *dariam*, que corresponde ao futuro do pretérito, e não futuro do presente do indicativo.

Na letra C há dois erros: no primeiro verbo (*exigiram* é pretérito perfeito; no imperfeito seria *exigiam*) e no último (*exigerão* não existe: é *exigirão* – lembre-se: o futuro do presente deriva do infinitivo *exigir* e não *exiger*).

A letra D traz a sequência correta: pretérito imperfeito do indicativo, presente do indicativo e futuro do presente.

Já a letra E erra na 1ª forma (*criam* é presente do indicativo e não pretérito imperfeito – *criavam*) e na 2ª forma (*criavam*, como já vimos, é pretérito imperfeito, e não presente do indicativo).

Resposta: D.

Fechamos nossa 1ª parte do assunto: agora você já sabe como sair de um tempo primitivo e chegar a um derivado. Então, estamos combinados: você precisa saber como conjugar os tempos primitivos dos verbos que mais aparecem nas provas.

Você deve estar se perguntando: quantos verbos terei de saber para fazer uma boa prova? Fique tranquilo: não são muitos. Na verdade, você precisa saber conjugar alguns verbos que são *líderes* de outros comuns em concursos. Por exemplo: se aparecer o verbo *advir* em uma questão, basta você conhecer o *vir*, que apresenta o mesmo radical. Daí, o verbo *vir* ser um *líder*. Da mesma forma, o *depor*, que vem do *pôr*; o *abster*, que vem do *ter*, e assim sucessivamente.

Preparamos uma lista de verbos conjugados, que servirá como consulta para os exercícios que faremos a seguir. Dividimos essa lista em três partes:

8.1. PRINCIPAIS VERBOS QUE SE CONJUGAM A PARTIR DE OUTROS

8.1.1. Pôr (líder)

Modo Indicativo:

Presente: ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem; **pretérito perfeito:** pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes,

puseram; **pretérito imperfeito:** punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham; **pretérito mais-que-perfeito:** pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram; **futuro do presente:** porei, porás, porá, poremos, poreis, porão; **futuro do pretérito:** poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham; **pretérito imperfeito:** pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, pusésseis, pusessem; **futuro:** puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem.

Como o verbo pôr, conjugam-se antepor, apor, compor, contrapor, decompor, depor, dispor, entrepor, expor, impor, interpor, justapor, opor, pospor, predispor, pressupor, propor, recompor, repor, sobrepor, supor.

8.1.2. Ter **(líder)**

Modo Indicativo:

Presente: tenho, tens, tem, temos, tendes, têm; **pretérito perfeito:** tive, tiveste, teve, tivemos, tivestes, tiveram; **pretérito imperfeito:** tinha, tinhas, tinha, tínhamos, tínheis, tinham; **pretérito mais-que-perfeito:** tivera, tiveras, tivera, tivéramos, tivéreis, tiveram**; futuro do presente:** terei, terás, terá, teremos, tereis, terão; **futuro do pretérito:** teria, terias, teria, teríamos, teríeis, teriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: tenha, tenhas, tenha, tenhamos, tenhais, tenham; **pretérito imperfeito:** tivesse, tivesses, tivesse, tivéssemos, tivésseis, tivessem; **futuro:** tiver, tiveres, tiver, tivermos, tiverdes, tiverem.

Como o verbo ter, conjugam-se abster-se, ater-se, conter, deter, entreter, manter, obter, reter, suster.

8.1.3. **Ver (líder)**

Modo Indicativo:

Presente: vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem; **pretérito perfeito:** vi, viste, viu, vimos, vistes, viram; **pretérito imperfeito:** via, vias, via, víamos, víeis, viam; **pretérito mais-que-perfeito:** vira, viras, vira, víramos, víreis, viram; **futuro do presente:** verei, verás, verá, veremos, vereis, verão; **futuro do pretérito:** veria, verias, veria, veríamos, veríeis, veriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam; **pretérito imperfeito:** visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem; **futuro:** vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.

Como o verbo ver, conjugam-se entrever, antever, prever, rever.

8.1.4. **Vir (líder)**

Modo Indicativo:

Presente: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm; **pretérito perfeito:** vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram; **pretérito imperfeito:** vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham; **pretérito mais-que-perfeito:** viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram; **futuro do presente:** virei, virás, virá, viremos, vireis, virão; **futuro do pretérito:** viria, virias, viria, viríamos, viríeis, viriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham; **pretérito imperfeito:** viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem; **futuro:** vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.

Como o verbo vir, conjugam-se advir, avir-se, convir, desavir-se, intervir, provir, sobrevir.

8.1.5. Dizer (líder)

Modo Indicativo:

Presente: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem; **pretérito perfeito:** disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram; **pretérito imperfeito:** dizia, dizias, dizia, dizíamos, dizíeis, diziam; **pretérito mais-que-perfeito:** dissera, disseras, dissera, disséramos, disséreis, disseram; **futuro do presente:** direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão; **futuro do pretérito:** diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: diga, digas, diga, digamos, digais, digam; **pretérito imperfeito:** dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, disséssseis, dissessem; **futuro:** disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem.

Como o verbo dizer, conjugam-se bendizer, condizer, contradizer, desdizer (assim, se é *eu digo*, será eu *bendigo*…).

8.1.6. Fazer (líder)

Modo Indicativo:

Presente: faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem; **pretérito perfeito:** fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram; **pretérito imperfeito:** fazia, fazias, fazia, fazíamos, fazíeis, faziam; **pretérito mais-que-perfeito:** fizera, fizeras, fizera, fizéramos, fizéreis, fizeram; **futuro do presente:** farei, farás, fará, faremos, fareis, farão; **futuro do pretérito:** faria, farias, faria, faríamos, faríeis, fariam.

Modo Subjuntivo:

Presente: faça, faças, faça, façamos, façais, façam; **Pretérito imperfeito:** fizesse, fizesses, fizesse, fizéssemos, fizésseis, fizessem; **futuro:** fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem.

Como o verbo fazer, conjugam-se afazer, benfazer, desfazer, refazer, satisfazer (assim, se é *eu faço*, será eu *benfaço*…).

8.1.7. Querer (líder)

Modo Indicativo:

Presente: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem; **Pretérito perfeito:** quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram; **pretérito imperfeito:** queria, querias, queria, queríamos, queríeis, queriam; **pretérito mais-que-perfeito:** quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram; **futuro do presente:** quererei, quererás, quererá, quereremos, querereis, quererão; **futuro do pretérito:** quereria, quererias, quereria, quereríamos, quereríeis, quereriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram; **pretérito imperfeito:** quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem; **futuro:** quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem.

Como o verbo querer, conjugam-se bem-querer, desquerer, mal-querer (assim, se é *eu quero*, será eu *bem-quero*).

8.1.8. Valer (líder)

Modo Indicativo:

Presente: valho, vales, vale, valemos, valeis, valem; **pretérito perfeito:** vali, valeste, valeu, valemos, valestes, valeram; **pretérito imperfeito:** valia, valias, valia, valíamos, valíeis, valiam; **pretérito mais-que-perfeito:** valera, valeras, valera, valêramos, valêreis, valeram; **futuro do presente:** valerei, valerás, valerá, valeremos, valereis, valerão; **futuro do pretérito:** valeria, valerias, valeria, valeríamos, valeríeis, valeriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham; **pretérito imperfeito:** valesse, valesses, valesse, valêssemos, valêsseis, valessem; **futuro:** valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valerem.

Como o verbo valer, conjugam-se desvaler, equivaler (assim, se é *eu valho*, será eu *equivalho*).

Como já dissemos anteriormente, as bancas costumam pedir ao aluno, além da conjugação desses líderes, a dos seus derivados. Um bom exercício seria que você conjugasse os verbos derivados, partindo dos líderes. Exemplo: treine a conjugação do *interpor*, a partir da conjugação do *pôr*.

A seguir, a conjugação de verbos nos quais não se pode confiar. Isso porque, ao conjugar o *requerer,* por exemplo, é muito comum que o aluno faça analogia com o *querer*, não é mesmo? Mas o *requerer* não se conjuga como o *querer*. Da mesma forma, o verbo *prover* não vai seguir o paradigma do verbo *ver* em todos os tempos, só no presente. Daí, a importância de sistematizá-los.

8.2. FALSOS AMIGOS CONJUGADOS

8.2.1. Prover

Modo Indicativo:

Presente: provejo, provês, provê, provemos, provedes, proveem; **pretérito perfeito:** provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram; **pretérito imperfeito:** provia, provias, provia, províamos, províeis, proviam; **pretérito mais-que-perfeito:** provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram; **futuro do presente:** proverei, proverás, proverá, proveremos, provereis, proverão; **futuro do pretérito**: proveria, proverias, proveria, proveríamos, proveríeis, proveriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam; **pretérito imperfeito:** provesse, provesses, provesse, provêssemos, provêsseis, provessem; **futuro:** prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.

Resumindo:
Basta que você pense no PROVER da seguinte forma: ele se conjuga como o VER só nos tempos do presente – presente do indicativo e presente do subjuntivo; nos outros tempos, é regular, como o BEBER. Assim, o grande cuidado que se deve ter é para não conjugá-lo como o VER o tempo inteiro. No pretérito imperfeito do subjuntivo, por exemplo, se ele se conjugasse como o VER seria se eu provisse, enquanto o correto é se eu provesse (tal qual o BEBER – se eu bebesse).

8.2.2. Requerer

Modo Indicativo:

Presente: requeiro, requeres, requer, requeremos, requereis, requerem; **pretérito perfeito:** requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram; **pretérito imperfeito:** requeria, requerias, requeria, requeríamos, requeríeis, requeriam; **pretérito mais-que-perfeito:** requerera, requereras, requerera, requerêramos, requerêreis, requereram; **futuro do presente:** requererei, requererás, requererá, requereremos, requerereis, requererão; **futuro do pretérito:** requereria, requererias, requereria, requereríamos, requereríeis, requereriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram; **pretérito imperfeito:** requeresse, requeresses, requeresse, requerêssemos, requerêsseis, requeressem; **futuro:** requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.

Resumindo: Quanto ao REQUERER, pense da seguinte forma: ele recebe a vogal i, após o 2º e do radical, apenas na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo. O mesmo ocorre em todo o presente do subjuntivo, que dela deriva. Nos outros tempos, é regular e conjuga-se como o BEBER. Não pense no QUERER. Assim, por exemplo, se ele fosse como o QUERER, no pretérito perfeito do indicativo seria eu requis e não eu requeri (tal qual o BEBER: eu bebi).

A seguir, apresentamos os verbos defectivos que são campeões em concursos públicos: os verbos REAVER e

PRECAVER. Partindo do conceito de que um verbo defectivo é um verbo que não se conjuga em todos os tempos e em todas as pessoas, o 1º cuidado que você deve tomar é em não conjugá-los nos tempos em que eles não existem. Assim, você não deve, por exemplo, dizer *eu me precavejo contra esse tipo de problema*, simplesmente porque essa forma verbal não existe. O jeito é falar *eu tomo as minhas precauções*... Além disso, é preciso sistematizá-los para que você não cometa nenhuma imprudência na flexão das formas em que tais verbos se conjugam. Vamos a eles!

8.3. VERBOS DEFECTIVOS

8.3.1. Reaver

Modo Indicativo:

No presente do indicativo só possui *nós* e *vós (reavemos* e *reaveis*). Em função disso, também não possui o presente do subjuntivo. Nos outros tempos do Indicativo: **pretérito perfeito:** reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram; **pretérito imperfeito:** reavia, reavias, reavia, reavíamos, reavíeis, reaviam; **pretérito mais-que-perfeito:** reouvera, reouveras, reouvera, reouvéramos, reouvéreis, reouveram; **futuro do presente:** reaverei, reaverás, reaverá, reaveremos, reavereis, reaverão; **futuro do pretérito:** reaveria, reaverias, reaveria, reaveríamos, reaveríeis, reaveriam.

Modo Subjuntivo:

Pretérito imperfeito: reouvesse, reouvesses, reouvesse, reouvéssemos, reouvésseis, reouvessem; **futuro:** reouver, reouveres, reouver, reouvermos, reouverdes, reouverem.

Resumindo: Com o REAVER, basta pensar da seguinte forma: memorizar em que tempos aparece a sua defectividade – presente do indicativo e presente do subjuntivo; nos outros tempos, lembrar que ele se conjuga como o verbo HAVER.

8.3.2. Precaver

Modo Indicativo:

No presente do indicativo só possui *nós* e *vós (precavemos* e *precaveis*). Em função disso, também não possui o presente do subjuntivo. Nos outros tempos do Indicativo: **pretérito perfeito:** precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram; **pretérito imperfeito:** precavia, precavias, precavia, precavíamos, precavíeis, precaviam; **pretérito mais-que-perfeito:** precavera, precaveras, precavera, precavêramos, precavêreis, precaveram; **futuro do presente:** precaverei, precaverás, precaverá, precaveremos, precavereis, precaverão; **futuro do pretérito:** precaveria, precaverias, precaveria, precaveríamos, precaveríeis, precaveriam.

Modo Subjuntivo:

Pretérito imperfeito: precavesse, precavesses, precavesse, precavêssemos, precavêsseis, precavessem; **futuro:** precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.

Resumindo: O PRECAVER é ainda mais fácil que o REAVER: memorize em que tempos ele é defectivo (presente do indicativo e presente do subjuntivo) e nos outros tempos, observe que ele é um verbo regular. Logo, pense em outro regular: BEBER. Só não confunda o PRECAVER com o VER! Logo, no imperfeito do subjuntivo, por exemplo, será se eu me precavesse (como se eu bebesse), e não se eu me precavisse (seria assim se ele se conjugasse como o verbo VER).

Por fim, imaginamos que seria mais prático para o aluno se ele obtivesse uma lista de outros verbos irregulares que aparecem muito nas provas. Aconselhamos que você os conjugue da seguinte forma:

1. Comece pelo presente do indicativo e vá ao presente do subjuntivo, lembrando que o segundo deriva da primeira pessoa do singular do primeiro.
2. Depois vá ao pretérito perfeito. Partindo da 3ª pessoa do plural, chegue ao pretérito mais--que-perfeito, imperfeito do subjuntivo e futuro do subjuntivo.
3. Por fim, conjugue os que faltaram: pretérito imperfeito do indicativo, futuro do presente e futuro do pretérito. Lembre-se de que eles derivam do infinitivo. Como os verbos que você vai conjugar são os irregulares, vale observar que esses três tempos, ao saírem do infinitivo, apresentarão irregularidades. Quero dizer que muitos deles não apresentarão os radicais exatamente como eram no infinitivo. Mas então aproveite essas dicas: para conjugar o imperfeito do indicativo, use o advérbio *antigamente* (*antigamente eu dizia*, *antigamente eu valia*...); para conjugar o futuro do presente, use o advérbio *amanhã* (*amanhã eu direi*, *amanhã eu valerei*); quanto ao futuro do pretérito, lembre-se de acrescentar a desinência *–ria* (*eu diria*, *eu valeria*...).

Vamos à lista.

8.4. OUTROS VERBOS IRREGULARES QUE MERECEM UM CUIDADO ESPECIAL

8.4.1. Agredir

Modo Indicativo:

Presente: agrido, agrides, agride, agredimos, agredis, agridem; **pretérito perfeito:** agredi, agrediste, agrediu, agredimos, agredistes, agrediram; **pretérito imperfeito:** agredia, agredias, agredia, agredíamos, agredíeis, agrediam; **pretérito mais-que-perfeito:** agredira, agrediras, agredira, agredíramos, agredíreis, agrediram; **futuro do presente:** agredirei, agredirás, agredirá, agrediremos, agredireis, agredirão**: futuro do pretérito:** agrediria, agredirias, agrediria, agrediríamos, agrediríeis, agrediriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: agrida, agridas, agrida, agridamos, agridais, agridam; **pretérito imperfeito:** agredisse, agredisses, agredisse, agredíssemos, agredísseis, agredissem; **futuro:** agredir, agredires, agredir, agredirmos, agredirdes, agredirem.

Como o verbo agredir, conjugam-se – apesar de não se parecerem com ele – cerzir, denegrir, prevenir, progredir, regredir, transgredir (assim, se é *eu agr**i**do*, será eu *c**i**rzo, den**i**gro, prev**i**no, progr**i**do, regr**i**do, transgr**i**do.* Observe que, nesses verbos, o *e* do radical vira *i,* em todas as pessoas do presente do indicativo, exceto em *nós* e *vós*, e em todo o

presente do subjuntivo. Nos outros tempos, esses verbos são regulares).

8.4.2. Ferir

Modo Indicativo:

Presente: firo, feres, fere, ferimos, feris, ferem; **pretérito perfeito:** feri feriste, feriu, ferimos, feristes, feriram; **pretérito imperfeito:** feria, ferias, feria, feríamos, feríeis, feriam; **pretérito mais-que-perfeito:** ferira, feriras, ferira, feríramos, feríreis, feriram; **futuro do presente:** ferirei, ferirás, ferirá, feriremos, ferireis, ferirão; **futuro do pretérito:** feriria, feririas, feriria, feriríamos, feriríeis, feririam.

Modo Subjuntivo:

Presente: fira, firas, fira, firamos, firais, firam; **pretérito imperfeito:** ferisse, ferisses, ferisse, feríssemos, ferísseis, ferissem; **futuro:** ferir, ferires, ferir, ferirmos, ferirdes, ferirem.

Como o verbo ferir, conjugam-se – apesar de não se parecerem com ele – aderir, advertir, aferir, aspergir, assentir, auferir, compelir, competir, consentir, deferir, digerir, discernir, divergir, expelir, preferir, prosseguir, vestir, referir, repelir, repetir, ressentir. Assim, se é *eu firo*, será *eu adiro, advirto, afiro, aspirjo, assinto, aufiro, compilo, compito, consinto, defiro, digiro, discirno*... Observe que, com esses verbos, o *e* do radical vira *i,* somente na 1ª pessoa do presente do indicativo e em todo o presente do subjuntivo. Nos outros tempos, esses verbos são regulares.

8.4.3. Fugir

Modo Indicativo:

Presente: fujo, foges, foge, fugimos, fugis, fogem; **pretérito perfeito:** fugi, fugiste, fugiu, fugimos, fugistes, fugiram; **pretérito imperfeito:** fugia, fugias, fugia, fugíamos, fugíeis, fugiam; **pretérito mais-que-perfeito:** fugira, fugiras, fugira, fugíramos, fugíreis, fugiram; **futuro do presente:** fugirei, fugirás, fugirá, fugiremos, fugireis, fugirão; **futuro do pretérito:** fugiria, fugirias, fugiria, fugiríamos, fugiríeis, fugiriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: fuja, fujas, fuja, fujamos, fujais, fujam; **pretérito imperfeito:** fugisse, fugisses, fugisse, fugíssemos, fugísseis, fugissem; **futuro:** fugir, fugires, fugir, fugirmos, fugirdes, fugirem.

Como o verbo fugir, conjugam-se – apesar de também não se parecerem com ele – acudir, bulir, consumir, cuspir, desentupir, entupir, escapulir, sacudir, subir, sumir. Assim, se é *eu fujo*, será *eu acudo, eu bulo, eu consumo, eu cuspo*... Observe que, com esses verbos, o *u* do radical vira *o,* somente nas 2ª e 3ª pessoas do singular e 3ª pessoa do plural do presente do indicativo; nos outros tempos, esses verbos são regulares.

8.4.4. Crer

Modo Indicativo:

Presente: creio, crês, crê, cremos, credes, creem; **pretérito perfeito**: cri, creste, creu, cremos, crestes, creram; **pretérito imperfeito:** cria, crias, cria, críamos, críeis, criam; **pretérito mais-que-perfeito**: crera, creras, crera, crêramos, crêreis, creram; **futuro do presente:** crerei, crerás, crerá, creremos, crereis, crerão; **futuro do pretérito**: creria, crerias, creria, creríamos, creríeis, creriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: creia, creias, creia, creiamos, creiais, creiam; **pretérito imperfeito:** cresse, cresses, cresse, crêssemos, crêsseis, cressem; **futuro:** crer, creres, crermos, crerdes, crerem.

Como o verbo crer, conjugam-se os verbos descrer, ler e reler. Assim, se é *eu creio*, será *eu descreio, eu leio, eu releio*… Observe o pretérito perfeito do verbo *crer*, alguns alunos estranham as formas *eu cri* e *ele creu*.

8.4.5. Ir

Modo Indicativo:

Presente: vou, vais, vai, vamos, ides, vão; **pretérito perfeito:** fui, foste, foi, fomos, fostes, foram; **pretérito imperfeito:** ia, ias, ia, íamos, íeis, iam; **pretérito mais-que-perfeito:** fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram; **futuro do presente:** irei, irás, irá, iremos, ireis, irão; **futuro do pretérito:** iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: vá, vás, vá, vamos, vades, vão; **pretérito imperfeito:** fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem; futuro: for, fores, for, formos, fordes, forem.

O verbo ir é chamado de anômalo, pois possui mais de um radical quando é conjugado. Daí, ele necessitar de um estudo isolado. Quanto a esse verbo, valem três recados:

1. No presente do indicativo e no presente do subjuntivo, nós e eles possuem formas idênticas: não estranhe. Assim, no presente do indicativo teríamos uma frase do tipo: nós sempre vamos à biblioteca. Da mesma forma, no presente do subjuntivo, seria nossos pais querem que nós vamos à biblioteca.

2. Não confunda a forma vós ides no presente do indicativo com vós vades no presente do subjuntivo. Assim, teríamos: vós ides à biblioteca sempre? (presente do indicativo); e desejo que vós vades à biblioteca com mais frequência (presente do subjuntivo).

3. Atenção também com o verbo VIR, para não confundir a 1ª pessoa do plural do presente do indicativo (nós vimos) com a 1ª pessoa do plural do pretérito perfeito (nós viemos). A troca de uma forma pela outra é muito comum, como em frases do tipo: hoje nós "viemos" aqui, e não hoje nós vimos aqui.

8.4.6. Haver

Modo Indicativo:

Presente: hei, hás, há, havemos ou hemos, haveis ou heis, hão; **pretérito perfeito:** houve, houveste, houve, houvemos, houvestes, houveram; **pretérito imperfeito:** havia, havias, havia, havíamos, havíeis, haviam; **pretérito mais-que-perfeito:** houvera, houveras, houvera, houvéramos, houvéreis, houveram; **futuro do presente:** haverei,

haverás, haverá, haveremos, havereis, haverão; **futuro do pretérito:** haveria, haverias, haveria, haveríamos, haveríeis, haveriam.

Modo do Subjuntivo:

Presente: haja, hajas, haja, hajamos, hajais, hajam; **pretérito imperfeito:** houvesse, houvesses, houvesse, houvéssemos, houvésseis, houvessem; **futuro:** houver, houveres, houver, houvermos, houverdes, houverem.

Muitos estranham a conjugação do verbo HAVER, pois não estão acostumados a conjugá-lo. Isso ocorre porque esse verbo é muito usado com o sentido de existir e, com esse sentido, de fato, ele só se conjuga na 3ª pessoa do singular (há, houve, havia, haverá). Assim, teríamos: havia muitas pessoas na festa (haver com sentido de existir).

Entretanto, ele se conjugará normalmente se apresentar outros sentidos. Observe: "Houvemos por bem convidar os amigos para o jantar" (aqui, o haver significa dignar-se, julgar oportuno); "Elas se houveram bem sem empregada" (nesse caso, haver é pronominal e tem sentido de portar-se); "Eles haviam estudado todo o assunto" (aqui, o haver é auxiliar de uma locução verbal, conjugando-se normalmente em todas as pessoas).

Vamos exercitar e juntar todos os conceitos para conjugar os verbos a seguir.

Complete as frases abaixo, com os verbos solicitados entre os parênteses.

1. Para que todos _____ bem confortáveis, alugaremos um ônibus. (VIAJAR, presente do subjuntivo)

Comentários: Vá à 1ª pessoa do presente do indicativo: *eu viajo*, extraia o ***o***, utilize o radical para acrescentar as novas desinências: *que eu viaje*, *que tu viajes*, *que ele viaje*...

Resposta: viajem.

2. Ontem eles _____ todo o dinheiro roubado. (REAVER, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: Lembre-se de que no pretérito perfeito o REAVER se conjuga como o HAVER. Assim, se é *eles houveram*, será *eles reouveram*, e não "*reaveram*".

Resposta: reouveram.

3. O juiz não _____ na briga entre os jogadores. (INTERVIR, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: O verbo intervir é derivado de vir. Portanto, se é ele veio, será ele interveio, e não interviu!

Resposta: interveio.

4. Quando ele nos _____, poderá entregar-nos a encomenda. (VER, futuro do subjuntivo)

Comentários: Aqui, todo mundo fica na dúvida: quando *ele ver* ou quando *ele vir*? Ora, é só lembrar que o futuro do subjuntivo deriva do pretérito perfeito. O pretérito perfeito é *eu vi*, *tu viste*..., *eles viram*; logo, o futuro do subjuntivo será *quando eu vir*, *quando tu vires*, *quando ele vir*...

Resposta: vir.

5. Eles ficarão felizes quando nós _____ esta reformulação. (PROPOR, futuro do subjuntivo)

Comentários: propor vem do pôr. Logo, se é quando *eu puser*, *quando tu puseres*, *quando ele puser*, será *quando*

eu propuser, *quando tu propuseres*, *quando ele propuser*, e não *quando eu "propor", quando tu "propores", quando ele "propor"…*

Resposta: propusermos.

6. Eles não _____ os fugitivos. (DETER, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: deter vem do ter. Assim, se é *eu tive, tu tiveste, ele teve*, será *eu detive, tu detiveste, ele deteve,* e não *ele "deteu"*.

Resposta: detiveram.

7. O aluno _____ o adiantamento das provas. (REQUERER, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: Não pense no querer! requerer, no pretérito perfeito, se conjuga como o BEBER: *ele bebeu = ele requereu*, e não *ele "requis"*.

Resposta: requereu.

8. Eles só _____ paciência com os mais velhos. (TER, presente do indicativo)

Comentários: Aqui, é só lembrar: no singular, é sem acento – ele tem –, mas o plural, para diferenciar do singular, é com acento circunflexo: o acento diferencial de número.

Resposta: têm.

9. Eu não _____ tanto. (VALER, presente do indicativo)

Comentários: O verbo valer na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo apresenta uma irregularidade: o ***l*** vira ***lh*** (eu valho). O presente do subjuntivo, por ser derivado, herdará a mesma irregularidade (*que eu valha, que tu valhas, que ele valha…*

Resposta: valho.

10. Estes homens _____ de um lugar distante. (PROVIR, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: O verbo provir deriva do vir. Logo, se é *eu vim, tu vieste, ele veio*, será *eu provim, tu provieste, ele proveio.*

Resposta: provieram.

11. Ele só virá, quando nós lhe _____ a verdade. (DIZER, futuro do subjuntivo)

Comentários: Caso você não saiba como é o futuro do subjuntivo do verbo dizer, basta ir ao pretérito perfeito, seu tempo primitivo. Assim, no pretérito perfeito, temos *eles disseram*, logo teremos no futuro do *subjuntivo quando eu disser*, *quando tu disseres, quando ele disser…*

Resposta: dissermos.

12. Seria necessário que eles _____ o mesmo ritmo. (MANTER, pretérito imperfeito do subjuntivo)

Comentários: O verbo manter deriva do ter. Assim, o imperfeito do subjuntivo *é se eu tivesse, se tu tivesses, se ele tivesse*, então, com o *manter*, será *se eu mantivesse, se tu mantivesses, se ele mantivesse...*

Resposta: mantivessem.

13. Só entendi o que os brasileiros _____ (EXPOR, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: O verbo expor deriva do pôr. Logo, se o pretérito perfeito do pôr é *eu pus, tu puseste, ele pôs...*, o pretérito perfeito do expor será *eu expus, tu expuseste, ele expôs*.

Resposta: expuseram.

14. Preciso que tu _____ até a minha casa. (IR, presente do subjuntivo)

Comentários: Lembre-se: *que eu vá, que tu vás, que ele vá...*

Resposta: vás.

15. Aqui eu não _____ (CABER, presente do indicativo)

Comentários: O verbo caber possui uma irregularidade na 1ª pessoa do presente do indicativo e em todo o presente do subjuntivo: o ***a*** do radical recebe um ***i***. Assim, temos: *eu caibo, tu cabes, ele cabe... que eu caiba, que tu caibas, que ele caiba...*

Resposta: caibo.

16. Ele quer que nós _____ outro livro. (LER, presente do subjuntivo)

Comentários: O verbo ler conjuga-se como o crer: *que eu creia, que tu creias, que ele creia = que eu leia, que tu leias, que ele leia...*

Resposta: leiamos.

17. Eu _____ que todos viriam à reunião. (SUPOR, pretérito imperfeito do indicativo)

Comentários: supor conjuga-se como o pôr. Como o que se quer é o pretérito imperfeito do indicativo do verbo *supor*, basta conjugarmos o *pôr*: "antigamente" *eu punha, tu punhas, ele punha*. Logo, será "antigamente" *eu supunha, tu supunhas, ele supunha...*

Resposta: supunha.

18. Nós _____ até aqui hoje, pois ontem não foi possível. (VIR, presente do indicativo)

Comentários: Lembre-se: *hoje nós vimos*, *ontem nós viemos*. Parece confuso, porque é idêntico ao verbo ver no pretérito perfeito! Veja só: *hoje nós vimos à sua casa* – **vir** no presente do indicativo; *ontem nós vimos o seu irmão na rua* – **ver** no pretérito perfeito.

Resposta: vimos.

19. Ontem nós não _____ à aula. (VIR, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: Não confundir o presente do indicativo do verbo *vir* (vimos) com o pretérito perfeito do verbo *vir* (viemos).

Resposta: viemos.

20. Se eles _____ e não te _____, retornarão chateados. (VIR e VER, presente do indicativo)

Comentários: O verbo vir na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo é *ele vem*, e a 3ª pessoa do plural recebe acento circunflexo: *eles vêm*. Já o verbo ver no presente do indicativo é *ele vê*, *eles veem* – a 3ª pessoa do plural perdeu o acento circunflexo – antes era *vêem* – em função do Novo Acordo Ortográfico.

Resposta: vêm/veem.

21. Vós _____ com quem desejais. (IR, presente do indicativo)

Comentários: Não confundir o presente do indicativo do verbo *ir* (vós ides) com o presente do subjuntivo do verbo *ir* (vós vades).

Resposta: ides.

22. Todos esperamos que vós _____ conosco. (IR, presente do subjuntivo)

Comentários: Lembre-se de não confundir o presente do indicativo – *hoje vós ides pelo bom caminho* – com o presente do subjuntivo – *espero que vós vades pelo bom caminho*.

Resposta: vades.

23. Esperava-se que eles _____ a casa com o necessário. (PROVER, imperfeito do subjuntivo)

Comentários: Atenção, o prover só se conjuga como o ver nos tempos do presente. Nos outros tempos, ele é como o beber. Logo, se é *esperava-se que eles bebessem*, será *esperava-se que eles provessem*, e não "*provissem"*, se ele seguisse o verbo *ver*.

Resposta: provessem.

Agora, algumas questões de concursos comentadas:

1. (FGV/Oficial de Cartório/2008) "Se interviessem, implodiriam as contas públicas". Assinale a alternativa que apresente erro em uma das formas verbais.

a) Se o comando reouvesse o prestígio, os criminosos desistiriam.

b) Se os policiais requisessem maiores salários, tudo se arrumaria.

c) Se os criminosos se acovardassem, a polícia os deteria.

d) Se os jornais proviessem de fora, as notícias entreteriam mais.

e) Se as autoridades quisessem, nada disso se faria.

Comentários:

Na letra A, temos o verbo **reaver**, que nos tempos em que é conjugado, segue o verbo **haver**. Ora, se fosse o **haver**, seria *se o comando houvesse*, logo, será *se o comando reouvesse*.

A letra B traz o verbo **requerer**, que não segue o **querer**, e sim um verbo regular como o **beber**. Logo, não é *se os policiais requisessem* – seria assim se fosse como o **querer** – e sim *se os policiais requeressem*.

A letra C apresenta um verbo regular – **acovardar-se** – no imperfeito do subjuntivo, 3ª pessoa do plural, corretamente conjugado.

A letra D apresenta o verbo **provir**, que se conjuga como o **vir**. Ora, se fosse o **vir**, seria *se os jornais viessem*; como é o **provir**, será *se os jornais proviessem.*

A letra E apresenta o verbo **querer**, um verbo irregular, corretamente conjugado no imperfeito do subjuntivo, 3ª pessoa do plural.

Resposta: B.

2. (Cesgranrio/Petrobras) O verbo grifado está corretamente flexionado na frase:

a) Empresários do agronegócio <u>manteram-se</u> atentos às previsões de escassez de chuvas.

b) Técnicos do governo <u>creem</u> que serão resolvidos os conflitos entre investidores e ambientalistas.

c) O governo, atento às instáveis condições do mercado, <u>interviu</u> na cotação do dólar.

d) Como <u>sobreviram</u> contratempos, foi inevitável a quebra da safra de grãos no ano passado.

e) Técnicos <u>preveram</u> queda na arrecadação, devido às elevadas taxas de juros.

Comentários:

A letra A está errada. O verbo **manter** conjuga-se como o **ter**. Ora, se fosse o **ter**, seria *os empresários tiveram*, logo deve ser *os empresários mantiveram-se.*

A letra B está correta. Segundo o Novo Acordo Ortográfico, o 1º **e** dos verbos **crer, dar, ler e ver** perde o acento circunflexo.

A letra C traz o verbo **intervir**, que se conjuga como o **vir**, e não como o **ver.** Logo, é *interveio* e não *interviu*.

A letra D apresenta o verbo **sobrevir**, que também se conjuga como o **vir** e não como o **ver**. Por isso, o correto é *sobrevieram* e não *sobreviram*.

Na letra E, tem-se o verbo **prever**, que se conjuga como o **ver** – *previram*, e não *preveram*.

Resposta: B.

3. (Cesgranrio/Petrobras) "Para que se DIGA...","que o governo GARANTA...". Se em lugar dos verbos destacados, tivéssemos, respectivamente, os verbos PROVER e INTERVIR, as formas correspondentes seriam:

a) proveja / intervinha

b) prove / interveja

c) provenha / intervisse

d) proveja / intervenha

e) provenha / interveja

Comentários:

Nesta questão, busca-se a conjugação dos verbos **prover** e **intervir** no presente do subjuntivo. Ora, neste tempo verbal em questão, o verbo **prover** se conjuga como o **ver**. Se fosse o verbo **ver**, seria *que se veja*; logo, com o **prover** será *que se proveja*. Já o verbo **intervir** conjuga-se como o **vir** em todos os tempos. Assim, se fosse o **vir**, seria *que o governo venha*, logo, com o **intervir**, será *que o governo intervenha*.

Resposta: D.

Agora que você já aprendeu a correlação entre tempos primitivos e derivados, bem como a lógica de verbos que se conjugam como outros, precisamos dar uma especial atenção aos verbos de terminação -ear/-iar, que aparecem muito em concursos. Eles ensejam dúvidas do tipo: eu maqueio ou eu maquio? Eu penteio ou eu pentio? Ele freiou ou freou o carro?

8.5. VERBOS EM -EAR

Todos os verbos terminados em **-ear** são **irregulares**, pois recebem um ***i*** nas formas da 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular e 3ª pessoa do plural do **presente do indicativo** e do **presente do subjuntivo.** Nos outros tempos, a conjugação desses verbos terminados em **-ear** é regular.

Exemplo: ARREAR (= pôr os arreios)

• Presente do indicativo: arre**i**o, arre**i**as, arre**i**a, arreamos, arreais, arre**i**am.

• Presente do subjuntivo: arre**i**e, arre**i**es, arre**i**e, arreemos, arreeis, arre**i**em.

Repare que nas formas **nós** e **vós** não há a presença do **i**.

Por esse modelo conjugam-se cear, passear, recear, semear, macaquear, estrear...

O verbo estrear, **pelo Novo Acordo Ortográfico**, perdeu o acento agudo: estre**i**o, estre**i**as, estre**i**a, estreamos, estreais, estre**i**am. / estre**i**e, estre**i**es, estre**i**e, estreemos, estreeis, estre**i**em.

8.6. VERBOS EM -IAR

Os verbos terminados em **-iar** são regulares.

Exemplo: arriar (= abaixar-se)

• Presente do indicativo: arrio, arrias, arria, arriamos, arriais, arriam.

• Presente do subjuntivo: arrie, arries, arrie, arriemos, arrieis, arriem.

Por esse modelo, conjugam-se copiar, adiar, maquiar, negligenciar, premiar...

Há, porém, cinco verbos em -iar que recebem a letra ***e*** nas formas da 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular e 3ª pessoa do plural do **presente do indicativo** e do **presente do subjuntivo.** São eles: **m**ediar, **a**nsiar, **r**emediar, **i**ncendiar, **o**diar.

As letras iniciais desses verbos formam o nome Mario.

O verbo INTERMEDIAR é derivado de MEDIAR, portanto, se conjuga por este.

Exemplo: mediar

• Presente do indicativo: med**e**io, med**e**ias, med**e**ia, mediamos, mediais, med**e**iam.

• Presente do subjuntivo: med**e**ie, med**e**ies, med**e**ie, mediemos, medieis, med**e**iem.

Nas formas **nós** e **vós** não há a presença do **e**.

Por esse modelo conjugam-se intermediar, ansiar, remediar, incendiar e odiar.

Resumindo: Todos os verbos terminados em -ear e os cincos verbos em -iar recebem um (EI) nas formas da 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular e da 3ª pessoa do plural nos tempos do PRESENTE.

A seguir, algumas questões de concursos comentadas:

1. **(Fundação Euclides da Cunha/TRF)** Na oração "como o que Bush experimentou ao **nomear** Harvey Pitt", o verbo **nomear** foi usado na forma do infinitivo. Se usado em uma forma finita, este verbo e todos os outros terminados em **-ear**, bem como alguns terminados em **-iar**, apresentam formas ditongadas e não ditongadas, segundo a norma culta da língua. Considerando essa característica de flexão, está incorreta a forma usada na frase:

a) É conveniente que hasteemos a bandeira da moralidade nos negócios públicos.

b) Um dirigente que demonstre competência não receia enfrentar problemas de gerenciamento.

c) As sociedades anseiam por dirigentes que primem pela competência e moralidade.

d) O presidente Bush freiou a iniciativa espúria de Harvey Pitt.

e) Uma ação sensata do presidente sempre remedeia possíveis situações constrangedoras.

Comentários:

Nas letras A e B, os verbos hastear e recear possuem a terminação -ear. O verbo hastear, por estar na 1ª pessoa do plural do presente do subjuntivo, não recebe a letra ***i***. Já o verbo recear, por estar na 3ª pessoa do singular, recebe essa mesma letra.

Nas letras C e E, aparecem os verbos ansiar e remediar, que terminam em -iar. Esses verbos fazem parte do Mario. Como estão conjugados, respectivamente, na 3ª pessoa do plural e 3ª pessoa do singular do presente do indicativo recebem a letra ***e***.

Na letra D, o verbo frear não está conjugado nos tempos do presente, logo não recebe a letra ***i***. O verbo frear, no pretérito perfeito, se conjuga da seguinte forma: freei, freaste, freou, freamos, freastes, frearam.

Resposta: D.

2. (NCE-UFRJ/Oficial de Justiça) "Para outras, é apenas o prazer de saber que a distância não mais **cerceia** a comunicação, por boba que seja."; a frase abaixo em que há uma forma, ligada aos verbos terminados em -ear, grafada erradamente é:

a) É perigoso que passeiemos à noite.

b) A civilização sofre freadas em seu progresso.

c) O homem receoso não luta pela liberdade.

d) Todos nós ceamos no Natal.

e) É injusto que os países totalitários cerceiem a comunicação.

Comentários:

A letra A apresenta o verbo passear flexionado na 1ª pessoa do plural do presente do subjuntivo. Nessa forma, vimos que não há a presença da letra ***i***. A forma correta seria passeemos.

Na letra B, o verbo frear não aparece conjugado nos tempos do presente, e sim na forma de particípio. Daí não receber a letra **i**.

Na letra C, receoso é adjetivo. Não confundir com RECEIO, substantivo.

Na letra D, o verbo cear aparece na 1ª pessoa do plural, que não recebe a letra ***i***. Já na letra E, o verbo cercear está flexionado na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo, que recebe a letra ***i***. Formas corretas, portanto.

Resposta: A.

3. (Cesgranrio/Petrobras) A forma verbal em negrito não está conjugada corretamente em:

a) A natureza **premia** com felicidade ou infelicidade.

b) É importante que **nomeiem** logo o diretor.

c) Chegue cedo para que **principiemos** a reunião na hora.

d) O ser humano **anseia** por uma felicidade perene.

e) O professor **incendia** o debate com perguntas polêmicas.

Comentários:

Nas letras A, C, D e E, aparecem verbos em -iar. Com essa terminação, vimos que são cinco os verbos que recebem a letra ***e*** nas formas da 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular e 3ª pessoa do plural nos tempos do presente (do indicativo e do subjuntivo). Os verbos premiar e principiar não pertencem ao Mario, portanto, não recebem a letra ***e***.

Nas opções D e E, os verbos ansiar e incendiar pertencem a esse grupo. Logo, o verbo INCENDIAR, na 3ª pessoa do singular, é *incendeia*.

Na letra B, o verbo nomear pertence à terminação -ear, recebendo um ***i*** na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo.

Resposta: E.

Ainda em conjugação verbal, é necessário que se aprenda a identificar os tempos compostos. Aprender a conjugá-los é simples, pois o que se memoriza para os tempos compostos do indicativo vale também para o subjuntivo. Vamos a eles.

8.7. TEMPOS COMPOSTOS

Formam-se com os auxiliares **TER** ou **HAVER** mais **Particípio**.

Na maioria dos casos, o nome do tempo composto quem determina é o verbo auxiliar.

No Indicativo:

Terei falado. **(futuro do presente composto)**

Teria falado. **(futuro do pretérito composto)**

Ter falado. **(infinito composto)**

Tendo falado. **(gerúndio composto)**

No Subjuntivo:

Tiver falado. **(futuro composto)**

No entanto, merecem atenção especial duas formas:

1. **Pretérito perfeito composto**: verbo auxiliar no presente mais o particípio.

   Indica a repetição ou continuidade de um fato iniciado no passado até o presente.

   Tem falado, **tenho** contado...

2. **Pretérito mais-que-perfeito composto**: verbo auxiliar no imperfeito mais particípio.

   É empregado como o simples, para expressar um fato já concluído antes de outro também no passado.

Tinha falado, **havia** falado, **tinha** contado...

Repare que, nessas formas, o nome do tempo composto não corresponde ao verbo auxiliar. Em concurso, quando o assunto é tempo composto, esses são os tempos mais pedidos.

Vamos a três questões de concurso que falam do assunto:

1. **(Técnico Judiciário/TJ)** "... que realmente **havia levado** a máquina para casa..."; a forma verbal em destaque equivale a:

   a) levava

   b) levou

   c) leva

   d) levara

   e) levasse

   Comentários:

   A forma verbal havia levado traz o verbo auxiliar (haver) no pretérito imperfeito, caracterizando, assim, o pretérito mais-que-perfeito do indicativo, que equivale à forma simples desse mesmo tempo.

   Resposta: D.

2. **(Auxiliar Judiciário/TJ)** "Publicidade oficial **tem sido**, quase sempre...". O emprego do tempo verbal destacado expressa:

   a) uma ação ou estados permanentes ou assim considerados.

   b) um fato futuro, mas próximo.

   c) uma ação passada habitual ou repetida.

   d) uma ação produzida em certo momento do passado.

   e) a continuidade de um ato até o presente.

   Comentários:

   A forma destacada no enunciado tem o verbo auxiliar (ter) no presente do indicativo, o que caracteriza o pretérito perfeito do indicativo. Embora o auxiliar esteja no presente, repare que a ideia tem início no passado e vem até o momento presente. Se "Publicidade oficial tem sido, quase sempre...", é porque essa ação *vem ocorrendo*, ou seja, não terminou no passado, se prolonga até o presente.

   Resposta: E.

3. **(FGV/Perito Criminal da Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro/2008)** "O público brasileiro tem ouvido,

com alguma frequência, notícias a respeito de possível rebelião de países vizinhos contra aquilo que seus governantes chamam de dívidas ilegítimas."

No trecho acima, as formas verbais estão, respectivamente, no:

a) presente do indicativo e presente do indicativo.

b) presente do indicativo e presente do subjuntivo.

c) presente do subjuntivo e presente do indicativo.

d) pretérito perfeito do indicativo e presente do subjuntivo.

e) pretérito perfeito do indicativo e presente do indicativo.

Comentários:

Trata-se de uma questão que busca a identificação dos tempos das formas verbais *tem ouvido* e *chamam.* Muitos alunos que erraram a questão marcaram a letra A, pois não perceberam que o verbo *ter* vinha seguido de particípio, formando, assim, um tempo composto. Ora, se o auxiliar vem no presente do indicativo mais particípio, estamos diante do pretérito perfeito composto do indicativo, enquanto a forma *chamam* está no presente do indicativo. Atente ao fato de que a banca também não menciona pretérito perfeito *composto*, e sim pretérito perfeito, o que torna a questão mais difícil.

Resposta: E.

Hoje, é muito comum que as provas contenham questões que requerem do aluno a conjugação de verbos no imperativo. Vamos recordar?

8.8. FORMAÇÃO DO IMPERATIVO

Quando aparecem verbos que denotam *ordem, pedido, desejo, súplica,* temos o modo **imperativo**, que se forma da seguinte maneira:

1. **Afirmativo**:

- **tu** e **vós**: retiradas do presente do indicativo com a supressão do ***S*** final.

Fala (tu), falai (vós).

- **você, nós e vocês*:*** retiradas do presente do subjuntivo sem alteração.

Fale (você), falemos (nós), falem (vocês).

Obs.:

1) Verbo ser: Sê tu / Sede vós;

2) Terminação -zer / -zir: faze ou faz tu;

Conduze ou conduz tu.

2. **Negativo**: conjugação igual à do presente do subjuntivo, acrescentando-se a negativa antes da forma verbal.

Não fales tu, não fale você, não falemos nós, não faleis vós, não falem vocês.

Simples, não é? Então, vamos às questões. Há aquelas que só pedem que o candidato reconheça o modo imperativo nas frases, como a que se tem a seguir:

1. (FCC/TRF – 5ª Região) … **respeite** pai e mãe…

O verbo flexionado de modo idêntico ao do destaque acima está também grifado na frase:

a) Todos desejavam que o recém-chegado se comportasse de acordo com os costumes locais.

b) Esperava-se aceitação bem maior das novas determinações estabelecidas pela instituição.

c) Leia este manual com bastante atenção, para conhecimento das normas de convivência da empresa.

d) Sempre se soube que a organização de um grupo depende de regras, respeitadas por seus integrantes.

e) É preciso que se observem as normas, para garantir uma convivência agradável em qualquer ambiente.

Comentários:

Na frase retirada do texto, observamos a presença do verbo respeitar (respeite) que denota uma ordem, um pedido. Temos aí a forma do imperativo afirmativo. Quando aparecem verbos no imperativo, o primeiro passo é observar **a pessoa**, porque, como vimos na teoria, as formas tu e vós são retiradas do presente do indicativo sem o S final. As outras formas (você, nós e vocês) são retiradas integralmente do presente do subjuntivo. Isso posto, na frase retirada do texto, o verbo (*respeite*) aparece flexionado na 3ª pessoa do singular (você). Na letra A, o verbo comportar--se está flexionado no pretérito imperfeito do subjuntivo. Na letra B, o verbo esperar aparece no pretérito imperfeito do indicativo. Na letra C, o verbo ler aparece com esse mesmo tom de imperativo (*Leia este manual…*) na 3ª pessoa do singular. Na D, o verbo depender aparece no presente do indicativo e, na E, no presente do subjuntivo.

Resposta: C.

Ainda quanto ao imperativo, há aquelas questões que trabalham na mesma frase a forma afirmativa e a negativa. Eis um exemplo:

2. (NCE-UFRJ/Ministério Público) "Recuse o convite e não troque o Brasil pela Itália."; se, em lugar da terceira pessoa, o autor do texto empregasse a segunda pessoa do singular, as formas convenientes dos verbos seriam:

a) recusa / não troca

b) recusas / não trocas

c) recusa / não troques

d) recuse / não troca

e) recuses / não trocas

Comentários:

Na frase retirada do texto, o verbo recusar aparece no imperativo afirmativo (3ª pessoa do singular) e o verbo trocar no imperativo negativo, antecedido do advérbio de negação *não*. O comando da questão pede para empregar a 2ª pessoa do singular. No imperativo afirmativo, as segundas pessoas (tu e vós) são retiradas do **presente do indicativo** sem o S final. Com o verbo recusar, então, ficaria recusa. Como o imperativo negativo é retirado integralmente do **presente do subjuntivo**, a 2ª pessoa do singular seria troques.

Resposta: C.

3. (FGV) Quase Nada

(Fábio Moon e Gabriel Bá. *Folha de São Paulo*, 28 de dezembro de 2008.)

Assinale a alternativa com correta passagem da fala do segundo quadrinho para o plural.

a) Acordais, gatos.

b) Acordai, gatos.

c) Acordem, gatos.

d) Acordeis, gatos.

e) Acordei, gatos.

Comentários:

Inicialmente, é preciso descobrir em que pessoa foi conjugada a forma de imperativo "acorda", presente no 2º quadrinho. Ora, *acorda* é 2ª pessoa do singular – tu – presente do indicativo, sem o s. Assim, como o enunciado pede que se transponha a fala para o plural – vós, temos que ir também ao presente do indicativo e extrair o s: *acordai*.

Resposta: B.

4. (FGV/Senado Federal – Analista Legislativo – Tradução e Interpretação/2008) "Mudar para vencer! *Muda, Brasil!*', grita entusiasmado."

Assinale a alternativa em que se tenha a correta passagem para o plural e para a negativa da forma verbal do trecho grifado acima.

a) Não mudas, Brasil!

b) Não mudais, Brasil!

c) Não mudai, Brasil!

d) Não mudeis, Brasil!

Comentários:

A forma verbal em destaque no enunciado está no imperativo afirmativo (2ª pessoa do singular – tu). Ao se transportar ao plural – vós, no imperativo negativo (todo ele retirado do presente do subjuntivo), teremos a forma *não mudeis, Brasil!*

Resposta: D.

8.9. FORMAS NOMINAIS

Ao estudar conjugação verbal, é preciso que se dê especial atenção às **formas nominais** do verbo: infinitivo, gerúndio e particípio. São chamados de formas nominais tais tempos, porque, ao lado do seu valor verbal, podem desempenhar função de nomes (substantivo, adjetivo e advérbio).

Assim, teríamos:

Fumar é proibido.

Aqui, o infinitivo exerce papel de substantivo, pois é sujeito do verbo *ser*.

Tempo **perdido**.

Nesse caso, o particípio exerce papel de adjetivo do substantivo *tempo*.

Amanhecendo, partiremos.

Aqui, o gerúndio apresenta um valor adverbial, pois indica circunstância de tempo à forma verbal *partiremos*.

Vamos, então, estudar as formas nominais do verbo. Aproveite para observar as desinências características dessas formas, destacadas a seguir:

Infinitivo – Gerúndio – Particípio

Infinitivo: fala**r**, bebe**r**, parti**r**

Gerúndio: fala**ndo**, bebe**ndo**, parti**ndo**

Particípio: fala**do**, bebi**do**, parti**do**

Importante: O infinitivo pode ser **pessoal** ou **impessoal**.

O infinitivo **pessoal** é dividido em **flexionado** e **não flexionado**.

Infinitivo flexionado: indica o agente da ação – falar, falares, falar, falarmos, falardes, falarem.

Assim, teríamos:

Para **passares** em concurso, é preciso estudo.

Aqui, a desinência do infinitivo – **res** – indica que o agente da ação é **tu**. É um caso de infinitivo com desinência, com flexão.

Infinitivo não flexionado: apresenta uma só forma para as seis pessoas (falar).

É importante que estudemos para **passar** em concurso.

Aqui, não há desinência para a forma de infinitivo, mas inferimos pelo verbo da oração anterior – *estudemos* – que o agente do infinitivo é **nós**. Logo, tem-se um infinitivo pessoal, com sujeito, mas sem flexão. Vale lembrar que a opção por não flexão é apenas uma forma de enfatizar a ação verbal, tendo em vista que o sujeito está claramente identificado na forma verbal *estudemos*.

Observação: A flexão do infinitivo é assunto que deve ser estudado com mais profundidade em concordância verbal.

O infinitivo **impessoal** enuncia uma ação vaga, indeterminada:

É preciso **acabar** com a miséria no país.

Repare que nessa forma do verbo não há a intenção de se mostrar o agente da ação. É o infinitivo com sujeito indeterminado: o infinitivo impessoal.

Atenção: Em relação a esse assunto, o que se vê nas provas é o infinitivo em confronto com o futuro do subjuntivo. Nos verbos regulares, essas formas são idênticas. Exemplo: Infinitivo pessoal do verbo amar: amar, amares, amar, amarmos, amardes, amarem. Futuro do subjuntivo do verbo amar: amar, amares, amar, amarmos, amardes, amarem.

Logo, vem a pergunta: como não confundi-los?

Dicas:

1. Com conjunção, será sempre futuro do subjuntivo. Com preposição ou sem conectivo algum, será infinitivo.
2. Na dúvida, troque o verbo em questão por um outro irregular, que não apresente tal semelhança. Use, por exemplo, o verbo FAZER, que tem como infinitivo a forma fazer e como futuro do subjuntivo fizer.

A seguir, veremos uma questão, com um índice de erro bastante acentuado, que buscava a distinção entre as duas formas: **futuro do subjuntivo x infinitivo pessoal.**

1. (NCE/Psicólogo) … não se deve *dizer* mal de ninguém…; a frase em que a forma verbal destacada está no mesmo tempo e modo do verbo sublinhado é:

a) Quando sair para a cidade, irei de táxi.

b) Ao chegar à exposição, ficarei deslumbrado.

c) Assim que lanchar, partirei.

d) Se viajar, será de avião.

e) Logo que puder, dormirei.

Comentários:

A forma *dizer* está no infinitivo impessoal, até porque, se estivesse no futuro do subjuntivo, seria *disser*.

Nas letras A, C, D e E, os verbos estão no futuro do subjuntivo: observe a presença de conjunções *quando* (letra A) e *se* (letra D), bem como das locuções conjuntivas *assim que* (letra C) e *logo que* (letra E). Substitua mentalmente tais formas verbais por *fizer* (*quando fizer, assim que fizer, se fizer, logo que fizer*), e você terá a certeza de que elas estão no futuro do subjuntivo. Já na letra B, vemos a preposição **a** em *ao chegar*, o que indica que o verbo está no infinitivo. Basta trocar a forma verbal *chegar* por *fazer* e você terá certeza de que é infinitivo (*ao fazer*).

Resposta: B.

Além do infinitivo, convém darmos especial atenção ao uso do gerúndio, assunto muito comum nas provas de concursos públicos. Nesse caso, vale observar que o bom uso do gerúndio aconselha que o utilizemos para indicar uma ação que ocorra simultaneamente a outra, a fim de que não produza ambiguidade. Assim, teríamos:

Andava pelas ruas sorrindo.

Aqui, temos duas ações – andar e sorrir – que ocorrem ao mesmo tempo: bom uso do gerúndio.

No entanto, devemos evitar construções do tipo:

Escreveu o relatório, enviando-o ao gerente.

Nesse caso, o gerúndio está sendo utilizado para indicar uma ação posterior a outra, o que é inadequado, por suscitar a seguinte dúvida: escreveu o relatório e, ao mesmo tempo, o enviou ao gerente, ou escreveu e depois o enviou ao gerente? O melhor seria não usar o gerúndio, e sim o pretérito perfeito: *escreveu o relatório e o enviou ao gerente*.

Tal inadequação vem sendo trabalhada em algumas provas. Eis uma questão que nos servirá como exemplo:

2. (NCE/Corregedoria) "… que a roubou, ameaçando cortar a garganta do garoto". O bom uso do gerúndio requer que sua ação seja simultânea à do verbo principal, como ocorre nesse segmento do texto. Assim, é exemplo de mau uso do gerúndio a frase:

a) O assaltante gritou, abrindo a porta…".

b) O motorista acovardou-se, abaixando o vidro.

c) O assaltante entrou, sentando-se no banco traseiro.

d) O marginal ameaçou-o, mostrando a arma.

e) O motorista obedeceu, acelerando o carro.

Comentários:

Nas letras A, B, D e E, observa-se o uso do gerúndio que indica uma ação concomitante a outra. Na letra A, o assaltante grita e abre a porta ao mesmo tempo; na letra B, o motorista se acovarda e abaixa o vidro simultaneamente; na letra D, ao mesmo tempo em que o marginal ameaça, ele mostra a arma; e na letra E o motorista obedece e acelera o carro simultaneamente. Todas elas indicam um bom uso do gerúndio. Já a letra C apresenta a ação de *sentar* no gerúndio, que não é concomitante e sim posterior à ação de *entrar*: temos um uso inadequado do gerúndio. Melhor seria dizer: *o assaltante entrou e se sentou no banco traseiro*.

Resposta: C.

Para finalizar o estudo das formas nominais do verbo, vamos falar sobre o particípio. Quanto a esse assunto, vale focar dois pontos importantes:

a) Há verbos que possuem duas formas de particípio: o regular (de terminação *-do*) e o irregular (que não possui terminação *-do*). Eis alguns exemplos:

aceitar: aceitado, aceito;

entregar: entregado, entregue;

limpar: limpado, limpo;

inserir: inserido, inserto;

suspender: suspendido, suspenso;

prender: prendido, preso;

imprimir: imprimido, impresso.

O que se convém é usar a forma regular do particípio com os verbos auxiliares *ter* e *haver* e a forma irregular com os auxiliares *ser* e *estar* ou em qualquer outra hipótese. Assim, teríamos como exemplo:

Verbo aceitar: **Duplo particípio** regular (ter ou haver / tenho aceitado)

irregular (ser ou estar / foi aceito)

b) Em algumas questões, cobra-se o verbo vir e derivados nas formas do gerúndio e do particípio. Isso porque é o único verbo que tem gerúndio e particípio idênticos. Assim, teríamos:

Eu estou vindo para casa.

O verbo *vir* está no gerúndio. Basta substituí-lo por chegar: *eu estou chegando*.

Eu tenho vindo muito a este lugar.

Aqui, o verbo *vir* está no particípio. A troca por outro verbo no particípio pode ajudar você a chegar a tal constatação: *eu tenho chegado*.

Essa coincidência de formas do verbo vir no gerúndio e particípio já foi trabalhada em algumas questões de provas. Observe:

3. (NCE-UFRJ/Ministério Público) *Noticiando* é forma do gerúndio do verbo *noticiar;* a frase em que a forma verbal destacada pode não estar no gerúndio é:

a) As notícias estão chegando da Itália cada vez mais rapidamente.

b) Transformando-se o ódio em amor, acabam-se as guerras.

c) Vindo o resultado, os clientes começaram a protestar.

d) Os jogadores italianos estão reclamando dos estrangeiros.

e) O atleta viajou, completando sua missão.

Comentários:

Em todas as alternativas, exceto em uma, temos verbos que estão no gerúndio: chegando, transformando, reclamando e completando. Na letra C, vê-se o caso do verbo vir que, na frase em que se encontra, tanto pode estar no gerúndio ("Chegando o resultado...") como pode estar no particípio ("Chegado o resultado..."). Observe que, no enunciado, houve o cuidado de se afirmar que se trata de uma forma que *pode* não estar no gerúndio: a própria frase é ambígua.

Resposta: C.

Agora, vamos a uma questão que não permite ambiguidade e ilustra bem a semelhança das formas de gerúndio e particípio do verbo vir:

4. (NCE-UFRJ/Auxiliar de Cartório) Como sabemos, o morfema -NDO forma gerúndios, de que *fazendo* é um exemplo. O item em que a forma em maiúscula não corresponde a um gerúndio é:

a) CHEGANDO os corpos, será feita a autópsia.

b) Os médicos estiveram REALIZANDO exames.

c) Os poetas tinham VINDO ao sepultamento do colega.

d) TENDO tempo, todos participarão do exame.

e) Ganhará dinheiro, VENDENDO bugigangas.

Comentários:

As letras A, B, D e E apresentam verbos no gerúndio: *chegando*, *realizando*, *tendo* e *vendendo*. Na letra C, temos o verbo vir no particípio: basta substituí-lo por **chegar** – *os poetas tinham chegado*...

Resposta: C.

Bem, agora que você já aprendeu a conjugar verbos em seus tempos simples e compostos; estudou os verbos terminados em -ear/-iar; entendeu como se conjuga o imperativo; e conheceu as formas nominais do verbo (ufa...), vale complementar seus estudos com um breve passeio pela semântica dos verbos. É nesse assunto que vamos aprender como se utilizam os principais tempos verbais e perceber como as bancas trabalham esses conceitos nas provas.

8.10. A SEMÂNTICA DOS VERBOS

8.10.1. Modo Indicativo

Expressa um fato real, de maneira definida. Divide-se nos seguintes tempos:

a) Presente

É empregado para expressar um fato que ocorre no momento em que se fala.

Ex.: Guilherme **está** cansado.

É algo que ocorre no momento em que se fala.

Pode ser usado também para exprimir outras ideias:

• descrever um fato permanente.

Ex.: A Terra **gira** em torno do Sol.

• expressar um hábito.

Ex.: Fernanda **estuda** aos domingos.

• conferir realidade a fatos passados.

Ex.: Em 1.500 Cabral **descobre** o Brasil.

• indicar futuro próximo.

Ex.: **Vou** amanhã para Búzios.

b) Pretérito imperfeito

Pode ser utilizado para expressar:

• fatos repetidos, frequentes, habituais no passado.

Ex.: Quando **era** pequena, **brincava** de boneca.

Observe que as duas ações que estão no pretérito imperfeito indicam fatos frequentes no passado.

• uma ação que estava ocorrendo quando outra, geralmente no pretérito perfeito, aconteceu. Ex.: Pedro **tomava** banho quando o telefone tocou.

Temos aqui duas ações pretéritas: a ação de *tomar banho* é durativa, enquanto a ação de *o telefone tocar* é

instantânea, estando, pois, no pretérito perfeito.

• uma ação planejada, esperada, e não realizada.

Ex.: **Pretendíamos** ir até sua casa, mas não foi possível.

c) Pretérito perfeito simples

Expressa um fato que **começou e terminou** no passado, próximo ou distante.

Ex.: Conversei com Andreia hoje (passado próximo)

em 1990 (passado distante).

d) Pretérito mais-que-perfeito

É utilizado, em geral, para expressar um fato já terminado antes de outro no passado. Gosto de dizer que ele é o **passado anterior** ao pretérito perfeito.

Ex.: Ele já **estudara** quando sua namorada ligou.

Observe que há duas ações no passado: a ação de *estudar* ocorre antes da ação de *ligar*, daí ela vir no pretérito mais-que-perfeito.

e) Futuro do presente

Em geral, é usado para indicar um fato futuro em relação ao momento em que se fala. É um fato futuro, posterior ao presente.

Ex.: **Viajarei** na próxima semana.

Pode indicar também incerteza, dúvida:

Ex.: **Estaremos** aqui juntos futuramente?

f) Futuro do pretérito

É utilizado nas seguintes situações:

• para indicar um fato futuro em relação a **outro no passado**.

Ex.: Ele disse que **faria** todos os deveres.

Esse é o uso mais comum do futuro do pretérito: ele aqui vem combinado ao pretérito perfeito – *disse* – e indica uma ação futura, posterior a outra no passado.

• para expressar dúvida, incerteza.

Ex.: Quem **estaria** lá?

Perceba que tanto o futuro do presente quanto o futuro do pretérito podem, portanto, indicar dúvida, incerteza.

• para denotar desejo, em tom polido.

Ex.: **Gostaria** de um café?

Observe que, nesse caso, poderíamos até usar um verbo no presente do indicativo – *aceita um café?* – mas a frase perderia seu tom polido, educado.

8.10.2. Modo Subjuntivo

Expressa um fato incerto, duvidoso ou até irreal. Suas principais subdivisões são:

a) Presente

Pode indicar semanticamente presente ou futuro.

Exs.: É pena que eles **estejam** doentes. (possibilidade no presente)

Espero que **chova**. (hipótese no futuro)

b) Pretérito imperfeito

Expressa uma ação posterior a outro fato na oração principal.

Exs.: Duvidei que ele **terminasse** o trabalho.

Gostaria que você **trouxesse** as crianças.

Pode expressar também ideia de condição ou desejo.

Ex.: Se ele **viesse** ao clube participaria do campeonato.

c) Futuro

Indica uma ação eventual (que pode ocorrer ou não) em um momento futuro.

Ex.: Quando ele **vier** à loja, levará as encomendas.

8.11. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

Complete as frases com a forma verbal solicitada entre parênteses

1. Se _____ verdadeiro em tuas pinturas... (IR – futuro do subjuntivo)
2. Se _____ verdadeiro em vossas pinturas... (IR – futuro do subjuntivo)
3. Os pais não _____ onde deixar suas crianças. (TER – presente do indicativo)
4. Os pais só _____ as crianças quando se dispõem a brincar com elas. (ENTRETER – presente do indicativo)
5. Os pais só _____ as crianças quando voltam para casa. (REVER – presente do indicativo)
6. Os pais _____ as crianças depois que se _____ a voltar para casa. (REAVER – pretérito perfeito do indicativo / DISPOR – pretérito perfeito do indicativo)

7. Os pais não se _____ a ficar com as crianças quando estas lhes _____. (DISPOR – pretérito imperfeito do indicativo / CONTRADIZER – pretérito imperfeito do indicativo)

8. Os pais _____ as crianças quando _____ em seus maus costumes. (DESDIZER – pretérito perfeito do indicativo / INTERVIR – pretérito perfeito do indicativo)

9. Talvez no elevador do prédio não _____ mais do que cinco pessoas. (CABER – presente do subjuntivo)

10. Se outra pessoa _____ o mesmo mar, fará outra descrição. (VER – futuro do subjuntivo)

11. O motor do elevador _____ de São Paulo. (PROVIR – pretérito perfeito do indicativo)

12. Os economistas já _____ ao Governo os mais diversos planos de ação. (PROPOR – pretérito perfeito do indicativo)

13. O gerente só deve procurar-nos quando _____ seus conceitos sobre o mercado. (REVER – futuro do subjuntivo)

14. Ele não trabalhava; apenas se _____ lendo o futuro nas mãos dos amigos. (ENTRETER – pretérito imperfeito do indicativo)

15. Se _____ uma outra crônica, argumente que não há espaço nesta edição. (PROPOR – futuro do subjuntivo.)

16. Com a cooperação de todos, o jornalista _____ que havia condição de escrever a reportagem. (CRER – pretérito perfeito do indicativo)

17. Os candidatos só poderão se inscrever no concurso de crônicas se o _____. (REQUERER – futuro do subjuntivo)

18. Os alunos da minha escola jamais _____ incentivo para redigir textos em crônicas. (OBTER – pretérito perfeito do indicativo)

19. Se o autor _____ na questão, não ocorrerão críticas. (INTERVIR – futuro do subjuntivo)

20. Os burgueses só deixarão o poder quando isto lhes _____. (CONVIR – futuro do subjuntivo)

21. Quem se _____ ao regime não sobreviverá. (CONTRAPOR – futuro do subjuntivo)

22. Se a burguesia não _____ seu modo de vida, acabará arruinada. (REVER – futuro do subjuntivo)

23. Todas trabalhavam para que os nobres se _____ no ócio. (ENTRETER – pretérito imperfeito do subjuntivo)

24. Seria bom que a Igreja _____ o poder que detinha. (REAVER – pretérito Imperfeito do subjuntivo)

25. Essa necessidade _____ da atual carência de recursos nessa área. (ADVIR – presente do indicativo)

26. Essas caixas _____ objetos quebráveis. (CONTER – presente do indicativo)

27. Elas _____ aqui sempre que podem. (VIR – presente do indicativo)

28. Eles se _____ como os donos da verdade. (VER – presente do indicativo)

29. Se o país _____ o clima cultural dos anos 60... (REAVER – futuro do subjuntivo)

30. Se lhe _____ reunir o grupo para discutir, ficaremos contentes. (APRAZER – futuro do subjuntivo)

31. Se os jovens se _____ de votar, perderemos uma chance de mudar o atual quadro. (ABSTER – futuro do subjuntivo)

Gabarito: 1. fores; 2. fordes; 3. têm; 4. entretêm; 5. reveem; 6. reouveram / dispuseram; 7. dispunham / contradiziam; 8. desdisseram / intervieram; 9. caibam; 10. vir; 11. proveio; 12. propuseram; 13. revir; 14. entretinha; 15. propuser; 16. creu; 17. requerer; 18. obtiveram; 19. intervier; 20. convier; 21. contrapuser; 22. revir; 23. entretivessem; 24. reouvesse; 25. advém; 26. contêm; 27. vêm; 28. veem; 29. reouver; 30. aprouver; 31. abstiverem.

8.12. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Vamos às questões de concursos que tratam desse tema? A seguir, uma sequência de questões de **semântica dos tempos e modos verbais** e seus respectivos comentários.

1. (NCE-UFRJ / Ministério Público) A imprensa brasileira vem noticiando uma proposta milionária do Lazio da Itália, que pretende adquirir o passe do zagueiro Juan por 10 milhões de dólares. Este é o time cuja torcida já agrediu o jogador brasileiro Antonio Carlos, do Roma, e perdeu o mando de campo por incitamento racista em pleno estádio.

Considerando que a ação de agredir o jogador brasileiro Antonio Carlos ocorreu antes de o Lazio perder o mando de campo, ação também passada, o verbo agredir deveria estar no:

a) mais-que-perfeito do indicativo.

b) imperfeito do indicativo.

c) futuro do pretérito.

d) imperfeito do subjuntivo.

e) presente do subjuntivo.

Comentários:

Vale notar que se trata de duas ações no passado: a ação de a torcida *agredir* o jogador e a ação de o time *perder* o mando de campo. Considerando-se que a agressão ocorreu antes da perda do mando de campo, o verbo agredir deveria estar no pretérito mais-que-perfeito e não no pretérito perfeito, por indicar um passado anterior ao pretérito perfeito. Assim, a frase deveria ser:

"Este é o time cuja torcida já **agredira** o jogador brasileiro Antonio Carlos, do Roma, e **perdeu** o mando de campo por incitamento racista em pleno estádio".

Resposta: A.

2. (TRT / Técn. Judic.) No período "Em contrapartida, o corajoso que se aventure, hoje, a ler os tratados morais de

Santo Agostinho cogitará que a única felicidade possível vem com o assentimento do homem a uma moral objetiva, a qual respeita a natureza de todas as coisas criadas – e que o mal é, sempre, parasitário de algum bem que o transcende...", a forma verbal flexionada para exprimir fato que deve ser entendido como uma conjectura é:

a) aventure

b) cogitará

c) vem

d) respeita

e) transcende

Comentários:

Nas letras B, C, D e E, as formas verbais indicam fatos, pois os verbos estão no modo indicativo. Como a banca pedia uma forma verbal que indicasse conjectura, teríamos de achar uma que se apresentasse no modo subjuntivo, o que ocorreu com a forma *aventure*.

Resposta: A.

3. (TRF) A opção em que a explicação dada para o sentido da forma verbal grifada está incorreta é:

a) No século III a.C. chega o latim à Península Ibérica: presente histórico.

b) Furacão mata 20 adultos e 3 crianças na Califórnia (manchete de jornal); presente com valor de pretérito.

c) Eu aceitaria um cafezinho: futuro do pretérito indicando momento posterior a um tempo passado.

d) Eu aceitava um cafezinho: pretérito imperfeito para indicar polidez.

e) Eu aceito um cafezinho: presente simultâneo ao ato de fala.

Comentários:

Observe que a questão não trata de flexão verbal – aqui, não temos que julgar as formas verbais e verificar se vieram corretamente flexionadas. A questão espera que se julgue a **explicação** para o sentido da forma verbal grifada: trata-se de semântica dos tempos verbais.

Na letra A, temos o presente do indicativo utilizado no lugar do pretérito perfeito, para atualizar acontecimentos históricos: é o chamado presente histórico.

Na letra B, tem-se o presente do indicativo também substituindo o pretérito perfeito: é o presente no lugar do pretérito. Aqui, também estaria certo dizer "Furacão matou 20 adultos...".

Veja que interessante: é comum, principalmente na linguagem informal, usarmos um tempo em lugar de outro, o que não configura erro.

Nas letras C e D, vemos uma intenção de se fazer um pedido utilizando-se de tom polido, o que nos faz perceber que

tanto o futuro do pretérito quanto o pretérito imperfeito podem indicar polidez. Só que a letra C apresentou uma **explicação** errada para o uso do futuro do pretérito.

A letra E apresenta o presente do indicativo indicando uma ação que ocorre no momento em que se fala.

Resposta: C.

4. (TRF) Considerando as formas verbais grifadas nas cinco frases abaixo, assinale a afirmativa falsa:

(1) Saiu o doente de quem Vanessa **tomava** conta.

(2) Chegou o doente de quem Vanessa **tomou** conta.

(3) Estamos afirmando hoje que amanhã **viajaremos**.

(4) Afirmamos anteontem que ontem **viajaríamos**.

(5) Afirmamos ontem que anteontem **viajáramos**.

a) em 1, o verbo dá ideia de uma ação habitual de valor durativo.

b) em 2, o verbo refere-se a um fato que ocorreu uma vez no passado.

c) em 3, o verbo refere-se a um fato posterior ao presente.

d) em 4, o verbo refere-se a uma ação posterior a um fato passado.

e) em 5, o verbo refere-se a uma ação posterior a um momento passado.

Comentários:

Trata-se de uma questão de semântica dos tempos verbais. O que se busca é a explicação para cada forma verbal utilizada nas alternativas.

Na letra A, tem-se o pretérito imperfeito indicando uma ação de continuidade, de repetição no passado.

Na letra B, o verbo está no pretérito perfeito, indicando uma ação que começou e acabou no passado.

Na letra C, observa-se o futuro do presente, que é uma ação futura, posterior à afirmação feita no presente: hoje *afirmamos* que amanhã *viajaremos*.

Na letra D, tem-se o uso tradicional do futuro do pretérito: uma ação futura em relação ao pretérito perfeito – anteontem *afirmamos* que ontem *viajaríamos*.

A letra E traz o pretérito mais-que-perfeito que, como vimos na teoria da nossa aula, indica uma ação anterior e não posterior a outra no pretérito perfeito: a ação de *viajar* ocorreu antes da ação de *afirmar*, na linha do tempo.

Resposta: E.

5. (TRE / Anal. Judic.) Os tempos e os modos verbais apresentam-se adequadamente articulados na frase:

a) Fôssemos todos atores, o culto das aparências será a chave que nos libertasse do nosso destino.

b) Os atores sempre nos enganarão, a cada vez que encarnarem os personagens de que costumam se fantasiar.

c) Enquanto o culto das aparências for a chave do sucesso, estaríamos todos preocupados com o papel que desempenhemos.

d) Desde idos tempos os atores gozariam de uma admiração que só não será maior por conta da desconfiança que temos de todo fingimento.

e) O autor estaria convencido de que nosso vizinho seja capaz de fingir tão bem quanto um ator, quando tivesse desfilado com um carro que não é seu.

Comentários:

Letra A: o primeiro verbo traz ideia de pretérito (está no imperfeito do subjuntivo). Logo, o segundo deve traduzir o mesmo valor semântico, ficando no futuro do pretérito, e não futuro do presente. Logo, a frase, para estar correta, deve ficar *Fôssemos todos atores, o culto das aparência seria a chave que nos libertasse do destino*.

Letra B: o verbo *enganarão* está no futuro do presente. Logo, está mesmo correta a forma *encarnarem*, que é futuro do subjuntivo. Da mesma forma, está correta a construção *costumam se fantasiar*, cujo verbo auxiliar está no presente do indicativo, tempo correlato semanticamente ao futuro do *presente*.

Letra C: o primeiro verbo da frase está no futuro do subjuntivo (*for*). Logo, o outro verbo, que está a ele correlato, deveria vir futuro do presente, não no futuro do pretérito, que é um futuro para o passado. Observe que não há problema algum quanto ao último verbo da frase (*desempenhemos*), que está no presente do subjuntivo, mas traz ideia de hipótese no futuro. Assim, uma sugestão de reescritura para essa frase seria: *Enquanto o culto das aparências for a chave do sucesso, estaremos todos preocupados com o papel que desempenhemos.*

Letra D: nesse caso, o que temos de mudar mesmo é o tempo do primeiro verbo da frase... Não faz sentido dizer *Desde idos tempos os atores gozariam...* O jeito é colocar o primeiro verbo no presente do indicativo *Desde idos tempos os atores gozam de uma admiração que só não é maior por conta da desconfiança que temos de todo fingimento.*

Letra E: mantendo o primeiro verbo no futuro do pretérito (*estaria*), uma boa sugestão seria modificar o segundo (*seja*), que está no presente do subjuntivo, mas deveria ficar no *imperfeito* do subjuntivo (*fosse*). Aí, não haveria problema em manter-se o terceiro verbo da forma como está. Entenda que o que oferecemos aqui é *uma opção* de reescritura para a frase, mas muitas vezes há outras formas de se corrigir a mesma informação.

Resposta: B.

6. (TRT / Anal. Judic.) Está inteiramente adequada a articulação entre os tempos e os modos verbais na frase:

a) Se a liberdade da imprensa fosse um direito apenas dos jornalistas, cada vez que se desrespeite a liberdade de imprensa a sociedade não terá como reclamar.

b) Enquanto os jornalistas pensarem apenas em seus próprios interesses, não haveria como resguardar o direito da

sociedade à livre informação.

c) No caso de vir a ser desrespeitado o direito social à livre informação, jogar-se fora uma das principais características das democracias modernas.

d) Espera-se que dos três grandes debates promovidos pela RDLI resultem propostas práticas, que venham a reforçar o direito à liberdade de imprensa.

e) Ainda que houvesse uma absoluta liberdade para a circulação de ideias e de informações, será necessário lutar para que nada a ameaçasse.

Comentários:

Letra A: observe o primeiro verbo (*fosse*). Ele está no pretérito imperfeito do subjuntivo, ou seja, começa-se um período com um verbo com valor semântico de passado. Daí o erro nas formas verbais que vêm logo depois: *desrespeite*, *terá*. O certo seria dizer *desrespeitasse* (pretérito imperfeito do subjuntivo) e *teria* (futuro do pretérito). Ora, se o objetivo é falar do passado, não faz sentido utilizar verbos no presente do subjuntivo (*desrespeite*) e futuro do presente (*terá*).

Letra B: o primeiro verbo está no futuro do subjuntivo (*pensarem*). Logo, não há sentido em se manter o verbo seguinte (*haveria*) no futuro do *pretérito*, já que não está se falando do passado, e sim do futuro. Adequada seria a substituição de *haveria* por *haverá*.

Letra C: a locução verbal que inicia a frase (*vir a ser desrespeitado*) expressa valor semântico de futuro. Logo, correto seria dizer *jogar-se-á fora…,* e não o que se vê na frase.

Letra D: o primeiro verbo do período está no presente do indicativo (*Espera-se*). Assim, os verbos seguintes também vieram no presente, só que do subjuntivo, pois expressam valor semântico de hipótese (*resultem/venham*). Construção correta, semanticamente simétrica.

Letra E: *houvesse* é pretérito imperfeito do subjuntivo. Assim, o que se espera, na sequência, é futuro do pretérito (*seria*), e não futuro do presente (*será*). Falta, portanto, paralelismo semântico entre os tempos verbais.

Resposta: D.

7. (TRT/AL – Técn. Adm.) Considere o emprego das formas verbais nas frases **não produzem riqueza** e **que produzam riqueza**.

É correto afirmar:

a) Ambas as frases apresentam o mesmo sentido, já que se emprega o mesmo verbo, com flexão idêntica.

b) Na 2ª frase, o emprego da forma verbal indica uma possibilidade, enquanto na 1ª, o fato é real e concreto.

c) A mudança de flexão entre *produzem* e *produzam* deve-se ao fato de uma forma ser negativa e outra, positiva.

d) Houve equívoco na flexão do verbo, que admite apenas a forma *produzem*, registrada na 1ª frase.

e) Ambas as formas encontram-se na voz ativa e não aceitam ser transpostas para a voz passiva.

Comentários:

Em semântica dos *modos* verbais, vimos que o *modo Indicativo* exprime, em geral, um fato certo, real. O *Subjuntivo*, um fato possível, provável. E o *imperativo*, ordem, convite, pedido, súplica.

Em *produzem*, temos a forma do Indicativo e em *produzam*, Subjuntivo, o que faz que o sentido não seja o mesmo pela teoria exposta sobre a semântica dos modos verbais.

Com isso, eliminamos as opções A, C e D.

Na opção E, é incorreta a afirmação, pois os verbos que *não* admitem transposição de voz ativa para passiva seriam os *intransitivos*, *transitivo indireto* e de *ligação*. Como o verbo *produzir*, nas frases em que aparece, é transitivo direto, aceita voz passiva.

Resposta: B.

8. *Não* há a devida correlação temporal das formas verbais em:

a) Seria conveniente que o time ficasse sem saber quem era o adversário.

b) É conveniente que o time ficaria sem saber quem é o adversário.

c) Era conveniente que o time ficasse sem saber quem foi o adversário.

d) Será conveniente que o time fique sem saber quem é o adversário.

e) Foi conveniente que o time ficasse sem saber quem era o adversário.

Comentários:

Letra A: *Seria* é verbo *ser* no futuro do pretérito. Logo, faz todo sentido que o verbo correlato a esse esteja no pretérito imperfeito do subjuntivo (*ficasse*). Está adequada a correlação semântica entre os tempos verbais. Além disso, observe o verbo *ser* no final do período (*era*), que também tem valor semântico de *passado* (pretérito imperfeito do indicativo).

Letra B: o primeiro verbo (é) está no presente do indicativo. Logo, não é coerente utilizar-se um verbo no futuro do *pretérito* na sequência do período (*ficaria*). Melhor teria sido dizer: É conveniente que o time fique sem saber quem é o adversário.

Letra C: *Era* é pretérito imperfeito do indicativo. Assim, é semanticamente adequado utilizar-se o imperfeito do subjuntivo (*ficasse*) e o pretérito perfeito do indicativo (*foi*) na continuidade da frase.

Letra D: o primeiro verbo do período está no futuro do presente (*Será*). Logo, é coerente utilizar--se o *presente* do subjuntivo (*fique*) logo depois. Afinal, o presente do subjuntivo, nessa frase, também apresenta valor semântico de futuro.

Letra E: *Foi* é pretérito perfeito do indicativo. Assim, está correta a forma *ficasse* (imperfeito do subjuntivo), bem como a construção *era* (imperfeito do indicativo). Perceba que todas giram em torno do passado.

Resposta: B.

9. (TRF da 5ª Região) Não _____ nos surpreender se a minoria econômica dominante _____ de prestar contas a quem mais _____

Preenche corretamente as lacunas da frase acima a seguinte sequência de formas verbais:

a) deveremos – deixou – venha a prejudicar

b) devemos – deixa – esteja prejudicando

c) deveríamos – deixou – prejudicaria

d) deveríamos – deixe – prejudicaria

e) devamos – deixasse – prejudicaria

Comentários:

Na letra A, para manter a ideia de futuro iniciada por *deveremos*, seria *deixar* e *vier*.

Na B, repare que todas as formas estão no tempo presente (*devemos*, *deixa* e *esteja*), mantendo correlação entre os tempos verbais.

Nas letras C e D, o futuro do pretérito (*deveríamos*) levaria os verbos, na sequência, ao imperfeito do subjetivo (*deixasse, prejudicasse*).

Na letra E, seguindo a forma *devamos* (presente do subjuntivo), teríamos *deixa, prejudique*.

Resposta: B.

8.13. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

Leia o texto a seguir para responder à questão 1.

Depois que se tinha fartado de ouro, o mundo teve fome de açúcar, mas o açúcar consumia escravos. O esgotamento das minas – que de resto foi precedido pelo das florestas que forneciam o combustível para os fornos –, a abolição da escravatura e, finalmente, uma procura mundial crescente, orientam São Paulo e o seu porto de Santos para o café. De amarelo, passando pelo branco, o ouro tornou-se negro.

Mas, apesar de terem ocorrido essas transformações que tornaram Santos num dos centros do comércio internacional, o local conserva uma beleza secreta; à medida que o barco penetra lentamente por entre as ilhas, experimento aqui o primeiro sobressalto dos trópicos. Estamos encerrados num canal verdejante. Quase podíamos, só com estender a mão, agarrar essas plantas que o Rio ainda mantinha à distância nas suas estufas empoleiradas lá no alto. Aqui se estabelece, num palco mais modesto, o contato com a paisagem.

O arrabalde de Santos, uma planície inundada, crivada de lagoas e pântanos, entrecortada por riachos estreitos e canais, cujos contornos são perpetuamente esbatidos por uma bruma nacarada, assemelha-se à própria Terra, emergindo no começo da criação. As plantações de bananeiras que a cobrem são do verde mais jovem e terno que se possa imaginar: mais agudo que o ouro verde dos campos de juta no delta do Bramaputra, com o qual gosto de o associar na minha recordação; mas é que a própria fragilidade do matiz, a sua gracilidade inquieta, comparada com a suntuosidade tranquila da outra, contribuem para criar uma atmosfera primordial.

Durante cerca de meia hora, rolamos por entre bananeiras, mais plantas mastodontes do que árvores anãs, com troncos plenos de seiva que terminam numa girândola de folhas elásticas por sobre uma mão de 100 dedos que sai de um enorme lótus castanho e rosado. A seguir, a estrada eleva-se até os 800 metros de altitude, o cume da serra. Como acontece em toda parte nessa costa, escarpas abruptas protegeram dos ataques do homem essa floresta virgem tão rica que para encontrarmos igual a ela teríamos de percorrer vários milhares de quilômetros para norte, junto da bacia amazônica. Enquanto o carro geme em curvas que já nem poderíamos qualificar como " cabeças de alfinete", de tal modo se sucedem em espiral, por entre um nevoeiro que imita a alta montanha de outros climas, posso examinar à vontade as árvores e as plantas estendendo-se perante o meu olhar como espécimes de museu.

(Adaptado de: Lévi-Strauss, Claude. *Tristes Trópicos*. Coimbra, Edições 70, 1979, p. 82-3)

1. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

Mantendo-se a correlação verbal na primeira frase do texto, a substituição de " Depois que" por " Caso" acarretará as seguintes mudanças nas formas verbais:

a) fartasse – terá – iria consumir

b) fartara – tivera – consumira

c) teria fartado – teria tido – teria consumido

d) tenha fartado – terá – consumirá

e) tivesse fartado – teria – consumiria

2. (Eletrobras/Eletrosul – Téc. Seg. Trab. – FCC – Jun./2016 – Adaptada)

*A preocupação com o planeta **levou** Abu Dhabi <u>a tirar</u> do papel a cidade sustentável de Masdar.*

Ao substituir-se a forma " levou" pela construção " fez com que", o segmento sublinhado deverá ser substituído, preservando-se a correlação verbal, por

a) tirará.

b) tira.

c) tirava.

d) tirasse.

e) tirar.

3. (Copergás/PE – Analista Administrador – FCC – Jul./2016)

Está plenamente adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase:

a) Não seria de se esperar que todas as músicas alcançaram igual repercussão onde quer que se produzissem.

b) Se todos os povos frequentassem a mesma linguagem musical, a universalidade de sentido terá sido indiscutível.

c) A cada vez que se propaga em escala industrial, a música poderia se transformar num fetiche do mercado.

d) Dado que as culturas são muito diferentes, é de se esperar que as linguagens da música também o sejam.

e) As diferentes manifestações musicais trariam consigo linguagens que se marcarão como particulares.

4. (Eletrobras/Eletrosul – Adm. Empres. – FCC – Jun./2016)

Há adequada correlação entre os tempos e os modos verbais presentes na seguinte frase:

a) A responsabilidade pelos defeitos do mundo só seria nossa caso já não estivessem prontos os elementos que constituem essa imensa infraestrutura, à qual todos estamos submetidos.

b) Nenhum de nós terá qualquer responsabilidade na injusta distribuição dos males e benefícios do mundo, a menos que a algum de nós caberia a tomada de todas as decisões.

c) Provavelmente o mundo natural apresentaria ainda mais falhas, se viermos a tomar as decisões que implicassem uma profunda alteração na ordem dos fenômenos.

d) Quem ousará remanejar os ventos e suprimir correntes marítimas, se tais poderes estivessem à disposição dos nossos interesses e caprichos?

e) Na opinião do autor do texto, o síndico ideal seria aquele cujos serviços sequer se notem, pois ele manterá com discrição sua eficiência e sua dedicação ao trabalho.

Leia o texto a seguir para responder à questão 5.

O termo saudade, monopólio sentimental da língua portuguesa, geralmente se traduz em alemão pela palavra " sehnsucht". No entanto, as duas palavras têm uma história e uma carga sentimental diferentes. A saudade é um sentimento geralmente voltado para o passado *e para os conteúdos perdidos que o passado abrigava*. Embora M. Rodrigues Lapa, referindo-se ao sentimento da saudade nos povos célticos, empregue esse termo como " ânsia do infinito", não é esse o uso mais generalizado. Emprega-se a palavra, tanto na linguagem corrente como na poesia, principalmente com referência a objetos conhecidos e amados, mas que foram levados pela voragem do tempo ou afastados pela distância.

A " sehnsucht" alemã abrange ao contrário tanto o passado como o futuro. Quando usada com relação ao passado, é mais ou menos equivalente ao termo português, *sem que, contudo, lhe seja inerente toda a escala cromática de valores* elaborados durante uma longa história de ausências e surgidos em consequência do temperamento amoroso e sentimental do português. Falta à palavra alemã a riqueza etimológica, o eco múltiplo que ainda hoje vibra na palavra portuguesa.

A expressão " sehnsucht", todavia, tem a sua aplicação principal precisamente para significar aquela " ânsia do infinito" *que Rodrigues Lapa atribuiu à saudade*. No uso popular e poético emprega-se o termo com frequência para exprimir a aspiração a estados ou objetos desconhecidos e apenas pressentidos ou vislumbrados, os quais, no entanto, se julgam mais perfeitos que os conhecidos e os quais se espera alcançar ou obter no futuro.

Assim, a saudade parece ser, antes de tudo, um sentimento do coração envelhecido *que relembra os tempos idos, ao passo que a "sehnsucht" seria a expressão da adolescência* que, cheia de esperanças e ilusões, vive com o olhar firmado num futuro

incerto, mas supostamente prometedor. Ambas as palavras têm certa equivalência no tocante ao seu sentido intermediário, ou seja, à sua ambivalência doce-amarga, ao seu oscilar entre a satisfação e a insatisfação. Mas, como algumas de suas janelas dão para o futuro, a palavra alemã é portadora de um acento menos lânguido e a insatisfação nela contida transforma-se com mais facilidade em mola de ação.

(Adaptado de: ROSENFELD, Anatol. **Doze estudos**. São Paulo, Imprensa oficial do Estado, 1959, p. 25-27)

(FCC – TRT – 15ª Região – Técnico Judiciário – 2015)

5. *Embora M. Rodrigues Lapa [...] <u>empregue</u> esse termo como "ânsia do infinito"...* (1º parágrafo)

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está empregado em:

a) ... *que Rodrigues Lapa atribuiu à saudade*. (3º parágrafo)

b) ... *e para os conteúdos perdidos que o passado abrigava*. (1º parágrafo)

c) ... *sem que, contudo, lhe seja inerente toda a escala cromática de valores*... (2º parágrafo)

d) ... *que relembra os tempos idos*... (4º parágrafo)

e) ... *ao passo que a* " sehnsucht" *seria a expressão da adolescência*... (4º parágrafo)

6. (FCC – Manausprev – Analista Previdenciário – 2015)

na época, o látex <u>representava</u> 50% da exportação do Brasil.

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima encontra-se em:

a) ... *mas conheço um pouco o interior da Amazônia.*

b) ... *quando já era uma fortaleza avançada dos portugueses...*

c) *A temática amazônica se impõe...*

d) ... *escreveria sobre Paraty ou Pequim, certamente.*

e) *E teve uma importância econômica fundamental durante 40 anos...*

7. (FCC – Manausprev – Técnico Previdenciário – Administrativa – 2015)

Na frase ***Desejaríamos*** *que falassem, como <u>falam</u> os animais*..., caso o verbo em negrito assuma o mesmo tempo e modo que o sublinhado, teremos as seguintes formas verbais no segmento inicial:

a) Desejam que falem.

b) Desejamos que falassem.

c) Desejam que falassem.

d) Desejamos que falem.

e) Desejemos que falam.

8. (FCC – TRE-RR – Técnico Judiciário – Operação de Computador – 2015)

(nem creio que <u>venha</u> a ter)

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o sublinhado acima está em:

a) ... *que existam pássaros*...

b) ... *que ele entendia*...

c) ... *o que lhes ensinam*...

d) ... *que assim se chama*.

e) ... *que uns dizem com voz rouca*...

9. (FCC – Sabesp/Advogado – 2014)

É importante que a inserção da perspectiva da sustentabilidade na cultura empresarial, por meio das ações e projetos de Educação Ambiental, esteja alinhada a esses conceitos.

O verbo empregado nos mesmos tempo e modo que o verbo grifado na frase acima está em:

a) ... a Empresa desenvolve todas as suas ações, políticas...

b) ... as definições de Educação Ambiental são abrangentes...

c) ... também se associa o Desenvolvimento Sustentável...

d) ... e incorporou [...] também aspectos de desenvolvimento humano.

e) ... e reforce a identidade das comunidades.

10. (FCC – TRF – 1ª Região/ Anal. Jud. – Biblio/2014)

No período "*É possível que eu o diga de um modo que provavelmente pareça patético*", o autor utiliza os verbos dizer e parecer no presente do subjuntivo. Encontram-se estes mesmos tempos e modo verbais em:

a) é a criação poética, ou o que **chamamos** de criação.

b) mistura de esquecimento e lembrança do que **lemos.**

c) quero que **seja** uma confidência.

d) com uma letra gótica que não **posso** ler.

e) uma felicidade de que **dispomos**.

11. (FCC – TRF – 3ª Região/ Anal. Jud. – 2014)

(...) O material dessas leituras em voz alta, decidido de antemão pelos operários (que pagavam o " lector" do próprio salário), ia de histórias e tratados políticos a romances e coleções de poesia. Tinham seus prediletos: O conde de Monte Cristo, de Alexandre Dumas, por exemplo, tornou-se uma escolha tão popular que um grupo de trabalhadores escreveu ao autor pouco antes da morte dele, em 1870, pedindo--lhe que cedesse o nome de seu herói para um charuto; Dumas consentiu.(...)

Tinham seus prediletos ...

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:

a) Dumas consentiu.

b) ... levaram com eles a instituição do " lector".

c) ... enquanto uma fileira de trabalhadores enrolam charutos...

d) Despontava a nova capital mundial do Havana.

e) ... que cedesse o nome de seu herói...

12. (FCC – TCE-CE – Analista de Controle Externo – 2015)

Os tempos e os modos verbais estarão corretamente articulados na frase:

a) Eduardo Coutinho, morto em 2014, destacara-se como um mestre dos documentários, cuja arte contemplasse o depoimento vivo, sempre que rejeitava o retrato estereotipado das pessoas.

b) A exemplo do que houvesse na arte de Eduardo Coutinho, o primeiro passo de toda política deveria ter levado em conta o respeito pela condição singular do outro, conquanto, para isso, surgiam dificuldades.

c) Caso não fizesse dessa obsessão um eixo de sua trajetória, Coutinho não viveria como um artista crítico, para quem já houvesse arte encarnada no corpo e suspensa no espírito do outro.

d) Em seu processo criativo, Coutinho saberia ver e ouvir e, consequentemente, havia se acercado da história de cada um como um processo sensível e inacabado, sem que fosse necessário ajustar conceitos.

e) A obsessão que Coutinho demonstraria pela cena da vida era similar à que tivesse pela arte, e isso fez com que seja quase impossível, para Coutinho, opor personagem a pessoa.

13. (FCC – TCE-CE – Técnico – Administração – 2015)

A articulação entre os tempos e os modos verbais está adequada na frase:

a) Uma vez que o preconceito se revelasse inevitável será oportuna a criação de leis com o intuito de que foram coibidas atitudes preconceituosas.

b) É natural que há preconceito nas relações interpessoais: mesmo que percebemos tenhamos externado uma avaliação preconceituosa.

c) Qualquer sociedade tem preconceitos, mas era importante que existissem leis para que pessoas preconceituosas forem exemplarmente julgadas e punidas.

d) É preciso que se tenha cautela com nosso comportamento em sociedade, pois seria possível que reações preconceituosas surjam mesmo sem que nós possamos perceber.

e) O preconceito teria raízes sociais fundas: ele se disseminaria pelas pessoas e, quando déssemos por nós, estaríamos repetindo algo que sequer teríamos investigado.

14. (FCC – TRT – 3ª Região (MG) – Técnico – Administração – 2015)

Os tempos e modos verbais encontram-se adequadamente articulados na frase:

a) Se alguém me perguntasse a respeito da necessidade de se preservar em álbuns as fotos familiares, não hesitarei em lhe dizer que eu alimentasse grande simpatia por esse hábito.

b) A cada vez que alguém me perguntar se estou entusiasmado com as novas técnicas digitais, eu teria dito que não, que tenho

preferência pelas velhas fotos em papel.

c) Quando eu me punha a examinar os velhos álbuns de fotografia, era tomado por uma grande nostalgia, e passava a reconstituir histórias até então esquecidas.

d) Caso todos prefiram aderir aos arquivos de computador, as velhas fotografias teriam sido relegadas a um cruel desaparecimento.

e) Talvez ainda venha a ocorrer a revalorização das velhas fotografias, caso as pessoas percebessem que estas contam uma história preciosa.

15. (TRT 3ª Região – Analista Judiciário – Área Judiciária – Especialidade Oficial de Justiça Avaliador Federal – FCC – Jul./2015)

Considerando a norma padrão da língua e o emprego de forma verbal, é correta a seguinte frase:

a) Embora não apoiemos, não nos opomos a que gaste tanto tempo com assuntos supérfluos, contanto que não interrompe a faculdade.

b) Independentemente de onde provierem os recursos, convirjam ou não os pareceres dos técnicos consultados, eles, sempre destemidos, iniciarão a obra.

c) Eles proveem de uma região em que a destruição de bens naturais ou culturais de importância reconhecida é considerada crime de lesa pátria.

d) Os jogadores pleitearam que os juízes não intervissem a cada pequena confusão provocada por um choque de corpos ou por discussão banal.

e) Enquanto aquela norma vigiu, não houve como solucionar o impasse e retirar o depósito que a justiça reteve em prol dos menores de idade.

16. (TRT 3ª Região – Analista Judiciário – Área Judiciária – Especialidade Oficial de Justiça Avaliador Federal – FCC – Jul./2015)

Considere o trecho abaixo, extraído da Nova gramática do português contemporâneo, de Celso Cunha e Luís F. Lindley Cintra.

...o gerúndio apresenta duas formas: uma simples [...], outra composta [...].

A forma composta é de caráter perfeito e indica uma ação concluída anteriormente à que exprime o verbo da oração principal [...].

O que está exposto acima justifica o emprego do gerúndio na frase:

a) Sendo considerada em plena posse de seu juízo no momento de depor, pôde falar a favor da sobrinha.

b) Combinamos que, no horário das 13 às 15h, estarei atendendo aos fornecedores de laticínios.

c) Os alunos estão indo para o laboratório porque já vai começar a aula de Biologia.

d) Tendo já se consumido em lágrimas, despediu-se de todos e partiu.

e) A professora lia sorrindo a narrativa do aluno espirituoso.

Leia o texto a seguir para responder à questão 17.

A graça da não notícia

A leitura crítica dos jornais brasileiros pode produzir momentos interessantes, não propriamente pelo que dizem, mas principalmente pelo que tentam esconder. O hábito de analisar criticamente o conteúdo da mídia tradicional produz calos no cérebro, e eventualmente o observador passa a enxergar não mais a notícia, mas a não notícia, ou seja, aquilo que o noticiário dissimula ou omite.

Trata-se de um exercício divertido, como se o leitor estivesse desfazendo um jogo de palavras cruzadas já preenchido. É mais ou menos como adivinhar, a partir das palavras que se interconectam num texto, o sentido que o autor pretendeu dar à sua construção, uma espécie de jogo de " interpretação reversa".

Transparece o aspecto ambíguo da imprensa quando, por exemplo, para defender o pluralismo de sua linha editorial, jornais propõem artigos sobre tema da atualidade a serem tratados por dois distintos analistas – " o leitor pode apreciar duas opiniões diferentes". Ocorre que as propostas, normalmente sob a forma de pergunta, são formuladas de modo a garantir a perspectiva de que um ponto de vista se oponha frontalmente ao outro – um analista representa um " sim", o outro um " não" ao que está sendo perguntado pelos editores. Como se vê, a tal " pluralidade" já nasce condicionada, porque a imprensa brasileira quer convencer o leitor de que existem apenas duas interpretações possíveis para questões complexas como as que são postas aos analistas. São complexas, ou, no mínimo, controversas, porque é isso que define uma notícia.

Uma árvore caiu. Por que a árvore caiu? – mesmo num evento corriqueiro e aparentemente banal, há muitas respostas possíveis.

Por que a imprensa brasileira tenta pintar tudo em preto e branco, sem considerar as muitas tonalidades entre os dois extremos? Ora, porque a imprensa faz parte do sistema de poder na sociedade moderna, e exerce esse poder fazendo pender as opiniões para um lado ou para outro, usa o mito da objetividade para valorizar seus produtos e cobra de seus financiadores um custo por esse trabalho.

Mas pode-se elaborar melhor essa análise. O observador arriscaria afirmar que a narrativa jornalística, tal como foi construída ao longo do tempo, já não dá conta de acompanhar a percepção da realidade, amplificada pelo domínio da imagem transmitida globalmente em tempo real. Como notou o filósofo Vilém Flusser, a superfície ínfima da tela substitui o mundo real. O que a imprensa faz é comentar essa superficialidade, não a realidade.

17. (FCC – TRT – 3ª Região – Analista Judiciário – Área Adm. – Jul./2015 – Adaptada)

É legítimo o seguinte comentário:

a) (linha 8) O aspecto ambíguo da imprensa é apreendido em decorrência de uma leitura reversa, aquela que vai do que está na superfície da página ao ponto de partida do texto.

b) (linha 17) Em " Por que a árvore caiu?", tem se exemplo de pergunta retórica, aquela que se formula sem objetivo de receber uma resposta, pois a questão proposta é insolúvel.

c) (linhas 18 e 19) Se o segmento sem considerar as muitas tonalidades entre os dois extremos fosse redigido de outra forma – " sem que as muitas tonalidades entre os dois extremos possam ser consideradas" –, seu sentido original estaria preservado.

d) (linha 24) Em " já não dá conta de acompanhar a percepção da realidade", a substituição de já por " de imediato" preserva o sentido original da frase.

e) (linhas 24 e 25) O segmento amplificada pelo domínio da imagem transmitida globalmente em tempo real representa, segundo o autor, uma qualidade distintiva da realidade que pode ou não se fazer presente.

18. (FCC – TRT – 3ª Região – Analista Judiciário – Área Adm. – Jul./2015 – Adaptada)

Nem bem chegara de lá e já tinha de ouvir o que diziam dele depois que partira. A primeira a anunciar uma das fofocas foi a vizinha, sempre disposta a disseminar novidades, verdadeiras ou não.

– Então, Antônio, soube que rompeu o noivado.

Sobre o que se tem acima, afirma-se corretamente, levando em conta a norma padrão:

a) A forma tinha de ouvir situa a ação no mesmo tempo expresso pela forma verbal " ouvia", mas agrega a ideia de obrigatoriedade à ação praticada.

b) A forma verbal chegara indica que a ação se dá em simultaneidade com a ação expressa por tinha de ouvir.

c) Transpondo o discurso direto acima para o indireto, a formulação obtida deve ser " A vizinha disse que, então, sabia que Antônio rompeu o noivado".

d) A palavra fofoca, de uso informal, deve ser evitada em textos escritos, mesmo que se trate de uma narrativa, como se tem nesse trecho.

e) Se, em vez de A primeira, houvesse " Uma das primeiras", o verbo deveria obrigatoriamente ir para o plural " anunciarem".

Leia o texto a seguir para responder à questão 19.

– Este livro não é meu! Meu Deus, o que fizeram do meu livro?

A exclamação, patética, vinha da famosa jornalista internacional Oriana Fallaci (no caso, como escritora), ao perceber que a tradução brasileira de seu livro *Um homem* (1981) não era fiel à estrutura paragráfica do original, construída em forma de monólogo compacto. O que a escritora concebera como blocos de longo discurso interior foi transformado, na tradução, em diálogos convencionais. Em posterior entrevista, Fallaci definiu, como criadora, seu ponto de vista:

– Em *Um homem*, todos os diálogos são dados sem parágrafo, e não só porque esse é notoriamente o meu modo de escrever, de obter o ritmo da página, a musicalidade da língua, mas porque isso corresponde a uma rigorosa necessidade de estilo ditada pela substância do livro. Nele, o diálogo é um diálogo recordado, um diálogo interior, e não um diálogo que determina um diálogo. É um livro em que a forma e a substância, o estilo e o significado se integram indissoluvelmente. E trabalhei tanto para escrevê-lo! Três longos anos sem nunca deixar aquele quarto e aquela pequena mesa, jamais uma interrupção, nada de férias, nada de domingos, nada de natais e páscoas. Sempre trabalhando, de manhã à noite, refazendo, corrigindo, limando o estilo, cuidando da ausência de parágrafos.

Com seu protesto, Oriana Fallaci levantou, na época, um sério problema de editoração, aliás, um problema duplo: a técnica literária do autor e – o mais importante para o editor de texto – o respeito em relação a essa técnica, que a autora definiu como estilo. Vejamos a questão por partes.

No que concerne à técnica literária dos diálogos, até o século XIX conheciam-se apenas o discurso direto e o discurso narrativo ou indireto. A partir de meados desse século, entretanto, surgiu o discurso aparente ou discurso indireto livre. De início, nesse caso, os autores usaram aspas para não confundir o leitor, mas estas seriam logo abandonadas como técnica narrativa.

Quanto ao estilo, foi com a Revolução Industrial, vale dizer, com o amadurecimento da sociedade capitalista, que os escritores começaram a ter consciência não da forma em geral, mas da forma individual, da maneira particular de exposição de cada autor como artista que produz obra única e consumada. A revolução das técnicas e do mercado, traduzindo-se no binômio velocidade-

quantidade, suscitou a massificação do livro, contra a qual emergiu a figura do autor como artista, como criador por excelência, como aquele que domina a gramática para ter o direito de fraturá-la. Roland Barthes (1971) observa que, assim, começa a elaborar-se uma imagética do escritor-artesão que se fecha num lugar lendário, como um operário na oficina, e desbasta, talha, pule e engasta sua forma, exatamente como um lapidário extrai a arte da matéria, passando, nesse trabalho, horas regulares de solidão e esforço. Esse valor-trabalho substitui, de certa maneira, o valor-gênio; há uma certa vaidade em dizer que se trabalha bastante e longamente a forma.

Desde então, ao se trabalhar com obras em que o elemento primordial é a informação, existe a liberdade de redisposição dos originais em benefício da clareza, mas, com produção literária, impõe-se absoluto privilégio autoral, que é um princípio socialmente reconhecido, com o qual o editor de texto sempre convive.

Emanuel Araújo. *A construção do livro*: princípios da técnica de editoração. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Brasília: INL, 2000, p. 23 6 (com adaptações).

19. (TJ/AL – Analista – Cespe – Set./2012)

Com relação aos aspectos morfossintáticos do texto, julgue (**C** ou **E**) o seguinte item.

O emprego de "concebera" (l. 4), no pretérito mais-que-perfeito do indicativo, justifica-se, no texto, como traço estilístico da linguagem culta formal, visto que, em normas estritamente gramaticais, não há respaldo para esse uso.

Leia o texto a seguir para responder à questão 20.

Que me perdoem os devotos machadianos, eu prefiro Euclides da Cunha e Lima Barreto, com todos os defeitos que ambos possam ter, a Machado de Assis, com todas as suas qualidades. E, até onde pude entender, Millôr Fernandes tem opinião parecida com a minha. Tanto assim que, segundo afirmou, não incluiria qualquer dos livros de Machado de Assis entre os dez maiores romances brasileiros.

A meu ver, ao falar assim, Millôr Fernandes levou em conta apenas livros como Dom Casmurro, em que, na minha opinião, Machado incorre naquela miopia contra a qual o músico Jayme Ovalle reclamava. Mas esqueceu de *Quincas Borba*, que inclui Machado de Assis na linhagem cervantina da literatura e em que a insânia de Rubião se aproxima da insânia do Cavaleiro da Triste Figura.

Mas, talvez por causa da ironia sem compaixão de Machado de Assis, a loucura de Rubião gira somente em torno de sua pessoa, jamais partindo ele para qualquer ação no sentido de corrigir "os desconcertos do mundo" — como acontecia com o cavaleiro manchego. De modo que o personagem mais generosamente quixotesco da literatura brasileira não é Rubião, é Policarpo Quaresma. Lima Barreto é nosso escritor mais puramente humorístico, tomada a palavra em seu verdadeiro sentido, que inclui, ao lado do riso, a compaixão, que a ironia de Machado de Assis ou impede ou mancha.

Alguns escritores que desprezam o Brasil e seu povo costumam usar Policarpo Quaresma como pretexto para escarnecer de ambos. Pensam, talvez, que Lima Barreto era um deles. Esquecem que, em seu romance, o grande escritor carioca ri, antes de tudo, de si mesmo. E, sobretudo, não veem tais escritores que, se a realidade brutal e mesquinha (inclusive a da política) desmente e destrói, a cada instante, as ações generosas de Policarpo Quaresma, a pureza de seu sonho permanece intocada até a morte, o que o coloca muito acima dos poderosos e "realistas" que o cercam.

Ariano Suassuna. In: Cadernos de literatura brasileira – Millôr Fernandes, nº 15, Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 2003, p. 18-9 (com adaptações).

20. (IRB – Diplomata – Cespe – Abril/2014)

Acerca das ideias desenvolvidas no texto acima, julgue (**C** ou **E**) o item subsequente.

No trecho que inicia o terceiro parágrafo, mesmo que presente o advérbio "talvez" (l. 9), que exigiria o emprego do modo subjuntivo, o autor do texto optou pelo emprego da forma verbal no indicativo ("gira"), privilegiando, assim, a assertividade de seu discurso, conforme descrito na gramática normativa a respeito desse modo verbal.

Leia o texto a seguir para responder à questão 21.

Texto II

A persecução penal se desenvolve em duas fases: uma fase administrativa, de inquérito policial, e uma fase jurisdicional, de ação penal. Assim, nada mais é o inquérito policial que um procedimento administrativo destinado a reunir elementos necessários à apuração da prática de uma infração penal e de sua autoria. Em outras palavras, o inquérito policial é um procedimento policial que tem por finalidade construir um lastro probatório mínimo, ensejando justa causa para que o titular da ação penal possa formar seu convencimento, a *opinio delicti*, e, assim, instaurar a ação penal cabível. Nessa linha, percebe-se que o destinatário imediato do inquérito policial é o Ministério Público, nos casos de ação penal pública, e o ofendido, nos casos de ação penal privada.

De acordo com o conceito ora apresentado, para que o titular da ação penal possa, enfim, ajuizá-la, é necessário que haja justa causa. A justa causa, identificada por parte da doutrina como uma condição da ação autônoma, consiste na obrigatoriedade de que existam prova acerca da materialidade delitiva e, ao menos, indícios de autoria, de modo a existir fundada suspeita acerca da prática de um fato de natureza penal. Dessa forma, é imprescindível que haja provas acerca da possível existência de um fato criminoso e indicações razoáveis do sujeito que tenha sido o autor desse fato.

Evidencia-se, portanto, que é justamente na fase do inquérito policial que serão coletadas as informações e as provas que irão formar o convencimento do titular da ação penal, isto é, a *opinio delicti*. É com base nos elementos apurados no inquérito que o promotor de justiça, convencido da existência de justa causa para a ação penal, oferece a denúncia, encerrando a fase administrativa da persecução penal.

Hálinna Regina de Lira Rolim. *A possibilidade de investigação do Ministério Público na fase pré-processual penal.* Artigo científico. Rio de Janeiro: Escola de Magistratura do Estado do Rio de Janeiro, 2010, p. 4. Disponível em: <www.emerj.tjrj.jus.br>. (com adaptações).

21. (MPU - Analista – Cespe – Março/2015)

Conforme as ideias contidas no texto II, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

A correção gramatical e a coerência do texto seriam preservadas, caso as formas verbais "possa formar" (l. 5) e "instaurar" (l. 6) fossem substituídas, respectivamente, por **forme** e **instaure**.

Leia o texto a seguir para responder à questão 22.

Em 1880, o deputado Rui Barbosa, da Bahia, redigiu, a pedido do presidente do Conselho de Ministros, José Antônio Saraiva, o projeto de lei de reforma eleitoral. Em abril de 1880, o Ministério do Império enviaria o documento à Câmara dos Deputados. Aprovado posteriormente pelo Senado, em janeiro do ano seguinte seria transformado no Decreto nº 3.029 e ficaria popularmente conhecido como Lei Saraiva. Por intermédio dela, seriam instituídas eleições diretas no país para todos os cargos, à exceção do de regente, amparado pelo Ato Adicional.

Naquela época, o voto não era universal: para participar do processo eleitoral, requeriam-se 200 mil réis de renda líquida anual comprovada. Havia, no entanto, a previsão de dispensa de comprovação de rendimentos, que se aplicava a inúmeras autoridades, como, entre outros, ministros, conselheiros de estado, bispos, presidentes de província, deputados, promotores públicos. Praças militares e policiais não podiam alistar-se.

Para candidatar-se, o cidadão, além de não ter sido pronunciado em processo criminal, deveria auferir renda proporcional à importância do cargo pretendido. Deveria, ainda, solicitar por escrito o seu alistamento na paróquia em que fosse domiciliado. Candidatos a vereador e a juiz de paz tinham apenas de comprovar residência no município e no distrito por mais de dois anos; candidatos a deputado provincial, dois anos na província; candidatos a deputado geral, renda anual de 800 mil réis; e candidatos a senador deviam comprovar, além da idade de quarenta anos, a percepção de renda anual de um milhão e seiscentos mil réis.

Uma modificação digna de nota é que, a partir daquela década, os trabalhos eleitorais não seriam mais precedidos de cerimônias religiosas, como era habitual antes da edição da Lei Saraiva. Refletindo a relação entre o Estado e a Igreja, já havia ocorrido que algumas eleições fossem realizadas em templos religiosos; a partir da lei, apenas na falta de outros edifícios os pleitos poderiam ser realizados em igrejas, muito embora fosse possível afixar nelas – como locais públicos que eram – editais informando eliminações, inclusões e alterações nos alistamentos.

Títulos eleitorais: 1881-2008. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral, Secretaria de Gestão da Informação, 2009, p. 11-2. Internet: <www.tse.jus.br> (com adaptações).

22. (TRE/GO – Técnico Judiciário – Cespe – 2015)

Com relação às estruturas linguísticas do texto I, julgue o item seguinte como Certo (C) ou Errado (E).

O tempo empregado nas formas verbais “ enviaria” (l. 3), “ seria transformado” (l. 4), “ ficaria” (l. 4) e “ seriam instituídas” (l. 5) dá a entender que as ações correspondentes a essas formas verbais não se concretizaram, de fato, no ano de 1880.

Leia o texto a seguir para responder à questão 23.

A partir de uma ação do Ministério Público Federal (MPF), o Tribunal Regional Federal da 2ª Região (TRF2) determinou que a Google Brasil retirasse, em até 72 horas, vídeos do YouTube que disseminam o preconceito, a intolerância e a discriminação a religiões de matriz africana, e fixou multa diária de R$ 50.000,00 em caso de descumprimento da ordem judicial. Na ação civil pública, a Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão (PRDC/RJ) alegou que a Constituição garante aos cidadãos não apenas a obrigação do Estado em respeitar as liberdades, mas também a obrigação de zelar para que elas sejam respeitadas pelas pessoas em suas relações recíprocas.

Para a PRDC/RJ, somente a imediata exclusão dos vídeos da Internet restauraria a dignidade de tratamento, que, nesse caso, foi negada às religiões de matrizes africanas. Corroborando a visão do MPF, o TRF2 entendeu que a veiculação de vídeos potencialmente ofensivos e fomentadores do ódio, da discriminação e da intolerância contra religiões de matrizes africanas não corresponde ao legítimo exercício do direito à liberdade de expressão. O tribunal considerou que a liberdade de expressão não se pode traduzir em desrespeito às diferentes manifestações dessa mesma liberdade, pois ela encontra limites no próprio exercício de outros direitos fundamentais.

Disponível em: <http://ibde.org.br> (com adaptações).

23. (MPU – Técnico Administrativo – Cespe – 2015)

A respeito das ideias e das estruturas linguísticas do texto II, julgue o item subsequente como Certo (C) ou Errado (E).

Mantém-se a correção gramatical do período ao se substituir " restauraria" (l. 8) por **poderia restaurar.**

Leia o texto a seguir para responder à questão 24.

Neste ano, em especial, alguns cargos que tradicionalmente já são valorizados devem ficar ainda mais requisitados. São promissores cargos ligados a ciência de dados, em especial ao big data e aos dispositivos móveis, como celulares e *tablets*. Os novos profissionais da área de tecnologia ganham relevância pela capacidade de aprofundar a análise de informações e pela criação de estratégias dentro de empresas. A tendência é que, à medida que esse mercado se desenvolva no Brasil, aumentem as oportunidades nos próximos anos. Em momentos de incerteza econômica, buscar soluções para aumentar a produtividade é uma escolha certeira para sobreviver e prosperar: nesse sentido, as empresas brasileiras estão fazendo o dever de casa.

Veja, 7/1/2015, p. 55 (com adaptações). Disponível em: <http://ibde.org.br> (com adaptações).

24. (FUB – Técnico Admin. – Cespe – Março/2015)

Com referência aos sentidos e às estruturas do texto acima, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

No texto, o uso das formas verbais no modo subjuntivo em " desenvolva" e " aumentem", ambas na linha 5, reforça a ideia de hipótese conferida ao substantivo " tendência" (l. 5).

Leia o texto a seguir para responder à questão 25.

Texto CG1A1CCC

Alguns nascem surdos, mudos ou cegos. Outros dão o primeiro choro com um estrabismo deselegante, lábio leporino ou angioma feio no meio do rosto. Às vezes, ainda há quem venha ao mundo com um pé torto, até com um membro já morto antes mesmo de ter vivido. Guylain Vignolles, esse, entrara na vida tendo como fardo o infeliz trocadilho proporcionado pela junção de seu nome com seu sobrenome: Vilain Guignol, algo como " palhaço feio", um jogo de palavras ruim que ecoara em seus ouvidos desde seus primeiros passos na existência para nunca mais abandoná-lo.

Jean-Paul Didierlaurent. *O leitor do trem das 6h27*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015 (com adaptações).

25. (PC-PE – Todos os Cargos – Conhec. Gerais – Cespe – Jun./2016)

Seriam mantidos os sentidos e a correção gramatical do texto CG1A1CCC caso a forma verbal " entrara" (l. 3) fosse substituída por

a) **entrava.**

b) **haveria entrado.**

c) **tinha entrado.**

d) **há de entrar.**

e) **entraria.**

Leia o texto a seguir para responder à questão 26.

Texto IV

Em suas remotas origens helênicas, o termo “ caráter” significou gravar. Empregavam-no, então, tanto para exprimir o sinete como a marca deixada na cera dócil. Essa dupla significação ainda hoje é vernácula – senão corrente – em certas acepções. Na linguagem tipográfica, por exemplo, “ caráter” tanto é o tipo da imprensa como o sinal ou a letra gravada. Assim sendo, podemos dizer que o caráter de um homem não é somente o seu feitio moral, senão também a expressão e a impressão do indivíduo. Em arte, caráter será a personalidade do autor, o aspecto aparente e profundo da obra e o efeito dela. Fixada assim a verdadeira acepção do termo, podemos afirmar que o mérito maior do poema do Sr. Menotti del Picchia é “ o caráter”. Poesia profundamente simples e pessoal, de inspiração larga e sadia, tem a força das obras bem concebidas e a beleza das coisas naturais. Poesia de corpos simples, poderíamos dizer, pela sobriedade de linhas no sentimento, no pensamento e na expressão. Sente-se que o autor procurou a naturalidade e não a arte, que é o melhor caminho para atingir a esta.

O segredo da arte é a naturalidade sem prejuízo da perfeição.

O Sr. Menotti del Picchia ainda não pôde naturalmente desvendar o segredo da arte. Se no buscar a expressão natural do seu lirismo alcançou a arte, não se despojou ainda das incertezas dessa procura, de certa fraqueza de técnica. Defeitos são todos estes transitórios, quase necessários em quem apenas se inicia.

A essência do livro é excelente.

Indica no autor uma personalidade inconfundível, que procura em si mesmo ou em torno de si os motivos de sua estética. Nem se distingue pela obsessão do isolamento, nem se perde por modelos estranhos. Daí lhe vem a superioridade de caráter individual. Se o caráter do autor provém dessa independência sem esforço, reside o da obra em sua originalidade natural; na conformidade com o meio, em uma perfeita radicação no solo pátrio, na simplicidade da construção e nas perfeitas proporções do ímpeto poético. O próprio desconcerto, em pormenores do poema principal e de outras produções secundárias, concorre para a individualidade desse esplêndido ensaio.

O caráter desse livro se conserva pela ressonância que tem. Não são versos agradáveis, suaves ou elegantes, que com tanto agrado se leem quanto facilmente se esquecem. São versos que lidos – ficam; gravam-se invencivelmente na memória, ora destacados, ora em bloco. A crítica, no julgar e no decompor as obras, não pode desprezar a intuição, se não é principalmente isso. E um dos mais seguros processos de intuição, no distinguir o valor das obras, é esse da permanência das sensações.

Os poemas do Sr. Menotti del Picchia deixam uma funda impressão de sua leitura: não pode haver melhor demonstração do seu “ caráter”. Quando essa impressão não se limitar aos leitores e aos críticos, e se estender à própria literatura nacional, terá a sua poesia atingido o grau supremo que lhe auguro.

Juca Mulato é um poema simples. Encerra uma lição profunda na singeleza do motivo e da intenção. É certo que a evidência da beleza não pode ser em arte um critério axiomático. Quantas vezes a paciência é o melhor guia da emoção estética? A exegese das sinfonias de Beethoven, como a dos dramas musicais de Wagner, aumenta a nossa receptividade para essa arte de titãs, se bem que a intuição íntima e a explicação individual sejam imprescindíveis.

O poema do Sr. Menotti del Picchia tem a simplicidade e a frescura das criações espontâneas e necessárias, onde o esforço da composição permanece obscuro como deve.

Para lhe realçar a beleza não se sente a crítica compelida a buscar símbolos problemáticos ou filosofias arbitrárias. Sendo o que é – um mal de amor impossível que leva a alma à desesperança, para se resignar depois e ressurgir consolada pela visão da terra amada, da felicidade atingível e do sonho necessário –, comove pelo simples aspecto de suas linhas harmoniosas.

A beleza maior do poema, que é também o seu caráter, está na sua simplicidade radical. O poeta reprimiu voluntariamente as

possíveis exuberâncias ou ambições de seu lirismo para ficar dentro do assunto que escolheu. Ganhou com isso um grande poder virtual e marca mais do que se quisesse marcar: a acústica de uma construção humana nunca chega à acuidade de um eco natural.

Juca Mulato é a reconciliação do homem consigo mesmo, do brasileiro com sua terra, do bárbaro com seu isolamento. Reconciliação às vezes impossível, outras ilusória, sempre necessária, raramente realizada. O consolo de Juca Mulato é a indicação do caminho a seguir.

Alceu Amoroso Lima. Um poeta. In: *Estudos literários*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1966, p.133-5 (com adaptações).

26. (Instituto Rio Branco – Diplomata – CESPE – Jul./2016)

Julgue (C ou E) o item seguinte, relativo a acentuação de palavras e a aspectos gramaticais do texto IV.

A forma " pôde" (l. 13) poderia ser corretamente substituída por **pode**, visto que o seu tempo verbal é depreendido pelo contexto do parágrafo e que o acento nela empregado é opcional.

27. (Pref. Paulínia-SP – Eng. Agrôn. – FGV – Maio/2016)

" *Teria sido o mundo criado jamais se o seu criador tivesse medo de suscitar confusão? Criar vida quer dizer criar confusão*."

Sobre a estruturação gramatical da frase acima, assinale a afirmativa correta.

a) A forma ativa correspondente a " *Teria sido criado*" é " *teria criado*".

b) O advérbio "*jamais*" traz o significado prioritário de negação.

c) O pronome possessivo " *seu*" teria que, por clareza, ser substituído por " *dele*".

d) A forma verbal " *tivesse*" expressa o valor de tempo futuro.

e) A forma verbal " *suscitar*" poderia ser corretamente substituída por " *que suscite*".

Leia o texto a seguir para responder às questões 28 e 29.

Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador

A medicina do trabalho, enquanto especialidade médica, surge na Inglaterra, na primeira metade do século XIX, com a Revolução Industrial.

Naquele momento, o consumo da força de trabalho, resultante da submissão dos trabalhadores a um processo acelerado e desumano de produção, exigiu uma intervenção, sob pena de tornar inviável a sobrevivência e a reprodução do próprio processo.

Quando Robert Dernham, proprietário de uma fábrica têxtil, preocupado com o fato de que seus operários não dispunham de nenhum cuidado médico a não ser aquele propiciado por instituições filantrópicas, procurou o Dr. Robert Baker, seu médico, pedindo que indicasse qual a maneira pela qual ele, como empresário, poderia resolver tal situação, Baker respondeu-lhe:

" Coloque no interior da sua fábrica o seu próprio médico, que servirá de intermediário entre você, os seus trabalhadores e o público. Deixe-o visitar a fábrica, sala por sala, sempre que existam pessoas trabalhando, de maneira que ele possa verificar o efeito do trabalho sobre as pessoas. E se ele verificar que qualquer dos trabalhadores está sofrendo a influência de causas que

possam ser prevenidas, a ele competirá fazer tal prevenção. Dessa forma você poderá dizer: meu médico é a minha defesa, pois a ele dei toda a minha autoridade no que diz respeito à proteção da saúde e das condições físicas dos meus operários; se algum deles vier a sofrer qualquer alteração da saúde, o médico unicamente é que deve ser responsabilizado".

A resposta do empregador foi a de contratar Baker para trabalhar na sua fábrica, surgindo, assim, em 1830, o primeiro serviço de medicina do trabalho.

Na verdade, despontam, na resposta do fundador do primeiro serviço médico de empresa, os elementos básicos da expectativa do capital quanto às finalidades de tais serviços:

– deveriam ser serviços dirigidos por pessoas de inteira confiança do empresário e que se dispusessem a defendê-lo;

– deveriam ser serviços centrados na figura do médico;

– a prevenção dos danos à saúde resultantes dos riscos do trabalho deveria ser tarefa eminentemente médica;

– a responsabilidade pela ocorrência dos problemas de saúde ficava transferida ao médico.

A implantação de serviços baseados nesse modelo rapidamente expandiu-se por outros países, paralelamente ao processo de industrialização e, posteriormente, aos países periféricos, com a transnacionalização da economia. A inexistência ou fragilidade dos sistemas de assistência à saúde, quer como expressão do seguro social, quer diretamente providos pelo Estado, via serviços de saúde pública, fez com que os serviços médicos de empresa passassem a exercer um papel vicariante, consolidando, ao mesmo tempo, sua vocação enquanto instrumento de criar e manter a dependência do trabalhador (e frequentemente também de seus familiares), ao lado do exercício direto do controle da força de trabalho.

MENDES, R; DIAS, E.C. Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador. *Revista Saúde Pública*, S.Paulo, 25: 341-9, 1991.Disponível em: <https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/2977.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2015. Adaptado.

28. (Basa – Médico do Trabalho – Cesgranrio – Set./2015)

No 4º parágrafo, insere-se no texto a voz do Dr. Robert Baker, médico que ensina ao empresário Robert Dernham o que fazer com a saúde de seus trabalhadores.

Tal fala apresenta um tom de aconselhamento, o que se exemplifica por meio do uso de

a) verbos no modo imperativo

b) linguagem informal

c) coordenação sintática

d) pontuação exagerada

e) palavras repetidas

29. (Liquigás – Administrador Jr. – Cesgranrio – Set./2015 – Adaptada)

Em " os movimentos caóticos atuais já **eram** os primeiros passos afinando-se e orquestrando-se para uma situação econômica mais digna", observa-se a adequada flexão do verbo destacado, o que também se verifica em

a) O povo brasileiro **sois** articulado politicamente.

b) Se **fôssemos** menos explorados, o país prosperaria mais.

c) Quando **fores** corretos os políticos brasileiros, a fome terá fim.

d) É fundamental que **sejemos** um povo mais politizado.

e) A população deseja que o sistema de saúde **sejais** melhor.

30. (Liquigás – Administrador Jr. – Cesgranrio – Set./2015 – Adaptada)

Caso se indeterminasse o sujeito em " Mas se não sei prever, posso pelo menos desejar.", constituiria adequada reescritura o seguinte período:

a) Mas se não sabemos prever, podemos pelo menos desejar.

b) Mas se não sabeis prever, podeis pelo menos desejar.

c) Mas se não sabe prever, pode pelo menos desejar.

d) Mas se não sabem prever, podem pelo menos desejar.

e) Mas se não sabes prever, podes pelo menos desejar.

31. (ANP – Téc. Reg. Petr&Der – Cesgranrio – Jan./2016)

As formas verbais estão empregadas coerente e adequadamente, de acordo com a norma-padrão da Língua Portuguesa, em:

a) É desejável que a escola não desse importância apenas à futura profissão dos alunos, mas que também atendesse às necessidades relativas à formação desses estudantes.

b) Os países em desenvolvimento teriam possibilidade de maior crescimento se a população fosse atendida em suas necessidades básicas e tivesse oportunidade de estudar.

c) Se os resultados das pesquisas de mercado fossem positivos, o diretor da empresa apresentará aos clientes detalhes do novo projeto a ser implementado.

d) É necessário que as empresas de comunicação global investissem em programas de popularização dos meios de compartilhamento de informação.

e) As mudanças do mercado digital dependem das ações que as empresas desenvolverão junto aos seus funcionários para que eles tivessem sucesso.

32. (Basa – Téc. Bancário – Cesgranrio – Set./2015)

O verbo em destaque está conjugado de acordo com a norma-padrão em:

a) **Pegue** o outro elevador, por favor.

b) É preciso que você **esteje** atento a situações de perigo.

c) Será muito bom se você **propor** um outro acesso aos passageiros.

d) **Seje** sempre bem-humorado com os passageiros.

e) Gostaríamos de que você **vesse** esse filme.

33. (Liquigás –Ass. Adminis. – Cesgranrio – Set./2015)

A forma verbal destacada está empregada de acordo com a norma-padrão em:

a) Quando as pessoas **fazerem** compras nas lojas locais, poderão usar o cartão de crédito comunitário.

b) Os consumidores preocupados com os gastos tinham **trago** pouco dinheiro para as suas compras.

c) Os financiamentos serão ampliados quando os bancos **estarem** com os juros baixos.

d) O ideal seria que os clientes dos bancos comunitários **pudessem** aumentar sua renda mensal.

e) Se os bancos **darem** mais crédito aos moradores, aumentará a construção de casas na comunidade.

34. (Basa – Médico do Trabalho – Cesgranrio – Set./2015 – Adaptada)

O presente do indicativo, em " A medicina do trabalho, enquanto especialidade médica, **surge** na Inglaterra, na primeira metade do século XIX, com a Revolução Industrial", produz o seguinte efeito de sentido:

a) aproxima o leitor do que é narrado.

b) põe em dúvida o contexto histórico referido.

c) confere um caráter de continuidade ao que é dito.

d) dissocia a origem da medicina do trabalho e o século XIX.

e) atribui à medicina do trabalho um valor anacrônico.

35. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016 – Adaptada)

O emprego dos verbos destacados no trecho " 'Eu me **sentava** bem na ponta do banco, e minha felicidade **começava**" mostra as lembranças da narradora sobre um fato que ocorreu com ela repetidas vezes no passado.

Se, respeitando-se o contexto original, a frase mostrasse um fato que ocorreu com ela uma única vez no passado, os verbos adequados seriamos que se destacam em:

a) Eu me **sentaria** bem na ponta do banco, e minha felicidade **começaria**.

b) Eu me **sentei** bem na ponta do banco, e minha felicidade **começou**.

c) Se eu me **sentasse** bem na ponta do banco, minha felicidade **começaria**.

d) Eu me **sento** bem na ponta do banco para que minha felicidade **comece**.

e) Eu **ficava sentada** bem na ponta do banco, e minha felicidade **estava começando**.

36. (IPSMI – Procurador – Vunesp – Abril/2016)

Assinale a alternativa em que a colocação pronominal e a conjugação dos verbos estão de acordo com a norma-padrão.

a) Eles se disporão a colaborar comigo, se verem que não prejudicarei-os nos negócios.

b) Propusemo-nos ajudá-lo, desde que se mantivesse calado.

c) Tendo avisado-as do perigo que corriam, esperava que elas se contessem ao dirigir na estrada.

d) Todos ali se predisporam a ajudar-nos, para que nos sentíssemos à vontade.

e) Os que nunca enganaram-se são poucos, mas gostam de que se alardeiem seus méritos.

37. (C.M. Marília-SP – Proc. Jurídico – Vunesp – Abril/2016)

Assinale a alternativa em que os verbos destacados, flexionados em conformidade com a norma-padrão, mantêm a mesma relação

de tempo e modo que os destacados em: E eu nem **sei** onde fica o mar Cáspio, embora também não **saiba** onde fica o Brasil.

a) E eu nem me ative à localização do mar Cáspio, embora também não me atenho à localização do Brasil.

b) E eu nem guardei a localização do mar Cáspio, embora também não guarde a localização do Brasil.

c) E eu nem conheço a localização do mar Cáspio, embora também não conheço a localização do Brasil.

d) E eu nem vi a localização do mar Cáspio, embora também não vejo a localização do Brasil.

e) E eu nem disponho da localização do mar Cáspio, embora também não disponha da localização do Brasil.

38. (MPE/SP- Analista Técnico Científico – Vunesp – Jul./2016)

Assinale a alternativa que preenche as lacunas do texto a seguir, observando o emprego do sinal de crase e a conjugação verbal, segundo a norma-padrão.

Implantaremos um sistema capaz de levar _____ consumidores fiéis informações sobre nossas promoções, _____ partir do momento em que forem lançadas. Se de recursos suficientes, anunciaremos prêmios que atraiam clientes, para que _____ incondicionalmente _____ campanhas promocionais.

a) aqueles ... a ... dispormos ... aderem ... as

b) àqueles ... a ... dispusermos ... adiram ... às

c) àqueles ... à ... dispusermos ... aderem ... às

d) aqueles ... à ... dispormos ... adiram ... as

e) aqueles ... a ... dispormos ... adiram ... as

39. (MPE/SP- Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Assinale a alternativa correta quanto ao emprego do verbo, em conformidade com a norma-padrão.

a) Caso Minas Gerais usa a experiência do Japão, pode superar Mariana e recuperar os danos ambientais e sociais.

b) Se Minas Gerais se propuser a usar a experiência do Japão, poderá superar Mariana e recuperar os danos ambientais e sociais.

c) Se o Japão se dispor a auxiliar Minas Gerais, Mariana é superada e os danos ambientais e sociais recuperados.

d) Se o Japão manter seu auxílio a Minas Gerais, Mariana poderá ser superada e os danos ambientais e sociais recuperados.

e) Caso Minas Gerais faz uso da experiência do Japão, poderá superar Mariana e recuperar os danos ambientais e sociais.

40. (ESAF – MF – Assistente Técnico Administrativo – 2012)

Assinale a opção em que o texto foi transcrito com erro *no uso do verbo sublinhado.*

Animado com os indicadores positivos mais recentes, o governo reforçou ontem o tom otimista sobre a recuperação da atividade econômica, apesar de analistas do mercado financeiro estarem (A) ainda céticos sobre o ritmo do crescimento. O tom otimista foi usado em declarações da Presidenta, do Ministro da Fazenda e do presidente do Banco Central, a quem coube (B) o recado mais importante, ao afirmar (C)que o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) vai acelerar nos próximos meses, mas com preços sob controle. Os estímulos dados pelo governo já obteram (D) uma resposta positiva da atividade econômica, mas ainda não produziram plenamente seus efeitos. Por isso a tendência é de recuperação mais à frente, sem que exista (E) risco de a inflação fugir da meta estabelecida para este ano.

(Adaptado do *Correio Braziliense*, 18 de agosto de 2012)

a) A

b) B

c) C

d) D

e) E

Leia o texto a seguir para responder à questão 41.

A oferta total de crédito na economia brasileira dobrou nos últimos oito anos. A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito. Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e tem sido um dos principais dínamos do PIB. Mas começam a ficar evidentes os sinais de fadiga nessa expansão econômica baseada no endividamento. Mesmo com o barateamento do dinheiro provido pelo Banco Central, o crédito ficou mais caro para os consumidores. Preocupado com a falta de vigor da economia, o governo determinou que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal reduzissem as suas taxas. No cheque especial e no financiamento de veículos, por exemplo, os juros que agora serão cobrados pelos bancos públicos são praticamente a metade das taxas médias de mercado.

(Adaptado de *Veja*, 18 de abril, 2012)

41. (ESAF – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012)

Provoca-se erro gramatical e/ou incoerência textual ao fazer a seguinte alteração nos verbos do fragmento acima.

a) virão a ser em lugar de " serão"(L. 9).

b) têm contribuído em lugar de " contribuíram"(L. 3).

c) vem sendo em lugar de " tem sido"(L. 4).

d) reduzam em lugar de " reduzissem"(L. 8).

e) dobrara em lugar de " dobrou"(L. 1).

Leia o texto a seguir para responder à questão 42.

A prefeitura municipal, através da Secretaria de Assistência Social, promove a Campanha Imposto de Renda Solidário, projeto cujo objetivo é, através de doação do imposto de renda devido, ajudar a financiar projetos de defesa e promoção dos direitos de crianças e adolescentes de Chapadão do Sul.

A ideia é que todos que queiram participar direcionem parte do valor devido ao Fundo Municipal dos Direitos da Infância e Adolescência (FMDCA) e assim participem da Campanha. A doação, estabelecida pela Lei n. 8.069/90, é simples, não traz ônus a quem colabora e os valores doados são abatidos do imposto de renda devido.

O valor destinado ao Fundo Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, respeitados os limites legais, é integralmente deduzido do IR devido na declaração anual ou acrescido ao IR a restituir. Quem quiser contribuir deve procurar um escritório de contabilidade e solicitar que seu imposto de renda seja destinado ao FMDCA de Chapadão do Sul.

A doação pode ser dirigida a um projeto de escolha do doador, desde que esteja inscrito no CMDCA Conselho Municipal de Direitos da Criança e do Adolescente, que analisará e aprovará o repasse do recurso e posteriormente fiscalizará sua execução.

(Adaptado de: <http://www.ocorreionews.com.br>. Acesso em: 19 mar. 2014.)

42. (ESAF – Receita Federal – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2014)

No desenvolvimento da argumentação do texto, o modo e tempo verbais são usados para indicar uma possibilidade, uma hipótese em:

a) " ajudar a financiar" (l. 2 e 3).

b) " queiram participar" (l. 4).

c) " são abatidos" (l. 6).

d) " deve procurar" (l. 10).

e) " analisará e aprovará" (l. 13).

Gabarito: 1. e; 2. d; 3. d; 4. a; 5. c; 6. b; 7. d; 8. a; 9. e; 10. c; 11. d; 12. c; 13. e; 14. c; 15. b; 16. d; 17. a; 18. a; 19. E; 20. E; 21. C; 22. E; 23. C; 24. C; 25. b; 26. E; 27. a; 28. a; 29. b; 30. d; 31. b; 32. a; 33. d; 34. a; 35. b; 36. b; 37. e; 38. b; 39. b; 40. d; 41. e; 42. b.

9 PRONOMES

O primeiro conceito importante que se deve saber sobre pronomes é que eles podem desempenhar funções adjetivas, quando se referirem a substantivos (pronomes adjetivos), ou funções substantivas, quando ocuparem o lugar do substantivo (pronomes substantivos). É exatamente assim: um pronome, além de ser classificado como relativo, demonstrativo, possessivo etc., pode ser substantivo ou adjetivo.

Exemplo:

Este produto é importado **Isto** é importado

pronome adjetivo pronome substantivo

Observe uma questão de concurso que trabalhou essa nomenclatura.

1. (TRT/RJ) A alternativa em que o pronome indefinido exerce função substantiva é:

a) de uma etnia e de uma cultura.

b) que exterminassem as demais.

c) depois de vários séculos.

d) marcada muitas vezes.

e) nenhum grupo pode.

Comentários:

Na letra A, **uma** refere-se a **etnia** e **cultura, sendo artigo indefinido;** na letra C, **vários** acompanha o substantivo **séculos, classificando-se como pronome indefinido em função adjetiva;** na letra D, **muitas** se refere a **vezes, é pronome indefinido adjetivo também**; na letra E, o pronome indefinido **nenhum** se refere ao substantivo **grupo, e exerce, portanto, função adjetiva.** Apenas na letra B, o pronome indefinido **demais** não acompanha substantivo: aparece no lugar dele, antecedido pelo artigo **as.** Daí exerce uma função substantiva.

Resposta: B.

Os pronomes podem ser: pessoais, possessivos, demonstrativos, indefinidos, interrogativos e relativos.

9.1. PRONOMES PESSOAIS

Designam as três pessoas do discurso. Classificam-se em **retos** e **oblíquos.**

Pessoa	Caso reto	Caso oblíquo	
		Átono	**Tônico**
1ª	eu	me	mim, comigo
2ª	tu	te	ti, contigo
3ª	ele	se, o, a, lhe	si, consigo, ele, ela*
1ª	nós	nos	* nós, conosco
2ª	vós	vos	* vós, convosco
3ª	eles	se,os, as, lhes	si, eles, elas*

***Ele, nós, vós, eles:** quando oblíquos sempre preposicionados.

Ex.: Ora se dirigia a nós, ora a eles.

Observação: Quando os verbos terminam em **r, s, z** e os pronomes pedidos são **o(s), a(s),** ocorre a queda daquelas terminações, acrescentando-se o **l (lo(s), la(s));** quando os verbos terminarem em som nasal (**m** ou **til**), acrescenta-se o **n** (no(s), na(s)).

Ex.: Quero comprá-**las.** (= comprar + as) / Expusemo-**la**. (Expusemos + a) / Fê-**los** com rapidez. (Fez + os) / Trouxeram-**no** (Trouxeram + o)**.**

9.1.1. Retos

Funcionam, na maior parte dos casos, como sujeito ou predicativo.

Ex.: **Tu** não és **eu**. / O fato de **ele** reconhecer o erro…

suj. p.s. suj.

9.1.2. Oblíquos

Funcionam, geralmente, como complemento (objeto direto, objeto indireto, complemento nominal).

Ex.: Vi – **o** na rua. / Obedeci-**lhe**. / A decisão **lhe** foi favorável.

o.d. o.i. c.n

Agora vamos a alguns exercícios de fixação para apreender a teoria exposta sobre os pronomes pessoais retos e oblíquos. Nas questões de prova, observamos que esse assunto aparece por meio de reescritura, daí a importância de se associar a classe à função que ela desempenha na frase.

Lembre-se: os pronomes pessoais retos funcionam, em geral, como sujeito, e os oblíquos como complementos de verbo ou de

nome.

I. Use eu/tu, mim/ti.

1. Você só sairá se _____ permitir.

Comentários: aqui aparecem dois verbos. Para todo verbo, temos de achar um sujeito. O sujeito de *sairá* é *Você*. Fica faltando o sujeito para o verbo *permitir*, daí o uso do pronome pessoal reto *eu*.

Resposta: eu.

2. Nenhum problema surgiu entre _____ e o teu chefe.

Comentários: nesta frase observamos que aparece apenas um verbo – *surgiu* – com seu respectivo sujeito *Nenhum problema*. Logo, teremos de usar o complemento *mim*.

Resposta: mim.

3. Entre _____ pedir e você atender...

Comentários: neste período aparecem dois verbos: *pedir* e *atender*. O sujeito de *atender* é *você*. Ficaria faltando o sujeito do verbo *pedir*, por isso, teremos de completar a lacuna com o pronome pessoal reto *eu*.

Resposta: eu.

4. Houve muitos desentendimentos entre _____ e _____.

Comentários: aqui aparece apenas o verbo *Houve*, com o sentido de *existir*. Quando o verbo *haver* aparece com esse sentido, temos um caso de **oração sem sujeito**, logo não poderemos completar as lacunas com sujeito, e sim com complementos *mim* e *ti*.

Respostas: mim e ti.

II. Substitua o termo em destaque pelo pronome correspondente.

1. O movimento visa encontrar **soluções**.

Comentários: o termo destacado exerce a função de objeto direto de *encontrar*. Ao se reescrever a frase, o objeto, que é um complemento de verbo, será substituído por um pronome oblíquo correspondente – *las*. Lembre-se de que quando o verbo termina em *r*, *s* ou *z* e os pronomes pedidos são *o(s), a(s)*, cortam-se aquelas terminações e acrescenta-se o *l*.

Resposta: encontrá-las.

2. Deixaram **as chaves** no carro.

Comentários: outra vez o termo destacado funciona como **complemento** de verbo, portanto, usaremos o pronome oblíquo átono correspondente. Como a terminação é em som nasal, acrescenta-se o *n*.

Resposta: Deixaram-nas.

3. Faltaram **os aplausos** no fim do espetáculo.

Comentários: repare que nesta frase a expressão destacada funciona como sujeito do verbo *faltar*. Por isso, o uso do pronome reto correspondente – *eles* – na função de sujeito.

Resposta: Faltaram eles ou, na ordem direta, Eles faltaram.

4. **A violência** começa a gerar **expectativas**.

Comentários: nesta frase as expressões destacadas funcionam, respectivamente, como *sujeito* e *objeto direto*. Reescrevendo o sujeito *A violência*, temos o pronome reto *ela*; reescrevendo o objeto direto *expectativas*, o pronome oblíquo correspondente *-las*.

Respostas: Ela e gerá-las.

9.1.2.1. Colocação dos pronomes oblíquos átonos

me – te – se – o(s) – a(s) – lhe(s) – nos – vos

Próclise: quando o pronome átono aparece **antes** do verbo.

Ex.: Eu **o** ajudei naquela difícil tarefa.

Mesóclise: quando o pronome átono aparece no **meio** do verbo.

Ex.: Ajudá-**lo**-ei naquela difícil tarefa.

Ênclise: quando o pronome átono aparece **após** o verbo.

Ex.: Ajudei-**o** naquela difícil tarefa.

Observamos que a possibilidade de se usar o oblíquo átono é muito maior do que a proibição. Portanto, estudaremos aqui os casos em que o uso do pronome átono é proibido.

É proibido:

a) iniciar **oração** com oblíquo átono;

Exs.: **Me** espere hoje às seis horas. (errado)

Espere-**me** hoje às seis horas. (certo)

b) colocá-los **após** futuros e particípio.

Exs.: Direi-**te** a verdade. (errado)

Havia falado-**me** a verdade. (errado)

Dir-**te**-ei a verdade. (certo)

Havia-**me** falado a verdade. (certo)

Observações:

1. Havendo palavra **invariável** (palavra que não tem feminino nem plural – que, quem, caso, se, em, ninguém, alguém, tudo…) antes do verbo, próclise.

   Ex.: **Para** me responder... / **Não** te ouvi.

   Na locução verbal, se aparecer palavra **invariável** e o pronome vier preso ao auxiliar por hífen, estará **errada** a construção.

   Ex.: **Ninguém** queria-**me** ouvir. (errado)

   Ninguém me queria ouvir. (certo)

   Ninguém queria me ouvir. (certo: mesmo havendo palavra indefinida, o pronome pode ficar proclítico ao verbo principal)

2. Após infinitivo, sempre certo o uso do pronome átono.

   Ex.: Para responder-me…

   Ninguém queria ouvir-me.

3. Com conjunção coordenativa (*e, ou, mas,* …): próclise ou ênclise.

   Ex.: Chegou e se deitou ou Chegou e deitou-se.

   Antes das questões de concursos, vamos fixar as regras de colocação pronominal.

Use o pronome oblíquo átono entre parênteses em todas as posições possíveis. Quando houver caso de mesóclise, escreva ao lado a forma correta.

1. _____ dize _____ com quem andas, _____ direi _____ quem és. (me/te)

   Comentários: observe que nas duas passagens os verbos dão início às orações. Como não podemos iniciar oração com pronome oblíquo átono, usaremos a ênclise no primeiro caso e a mesóclise no segundo.

   Resposta: Dize-me e dir-te-ei.

2. _____ caberia _____ mostrar patriotismo (lhe).

   Comentários: neste caso, não podemos usar a próclise por ser início de oração, mas também não podemos usar a ênclise já que o verbo aparece no futuro, o que, nos dois casos, consistiria erro. Aqui a única possibilidade é a mesóclise.

   Resposta: Caber-lhe-ia.

3. O dinheiro que _____ entreguei _____ era meu. (lhe)

   Comentários: nesta frase, a palavra *que*, invariável, atrai o pronome oblíquo átono.

Resposta: que lhe entreguei.

4. Os falantes de português _____ tornaram _____ maioria no litoral brasileiro. (se)

Comentários: aqui as duas formas estão corretas porque não há nenhuma proibição. Não é início de oração, o verbo não está no futuro nem há palavra invariável antes do verbo que obrigaria uso da próclise. Portanto, próclise ou ênclise.

Resposta: se tornaram ou tornaram-se.

Agora, algumas questões de concursos anteriores comentadas.

1. (FCC/TRF-SP) Devaneios, quem não **tem devaneios**? **Têm devaneios** as crianças e os jovens, **dão aos devaneios** menos crédito os adultos, mas é impossível **abolir os devaneios** completamente.

Evitam-se as indesejáveis repetições da frase anterior substituindo-se os elementos em destaque, na ordem dada, por:

a) os tem – Têm-lhes – dão-lhes – abolir-lhes

b) tem eles – Têm-nos – dão-lhes – abolir-lhes

c) os tem – Têm eles – dão-nos – aboli-los

d) tem a eles – Os têm – dão a eles – abolir a eles

e) os tem – Têm-nos – dão-lhes – aboli-los

Comentários:

Vimos na teoria que questões de reescritura por meio de pronome pessoal obedecem a um padrão: o **sujeito** é substituído por pronome pessoal **reto** e o **complemento**, por pronome pessoal **oblíquo**. Além disso, quando os pronomes pedidos são o(s), a(s) (objetos diretos), dependendo das terminações, viram lo(s), la(s) ou no(s), na(s).

Nesta questão, *devaneios*, em todas as passagens, funciona como objeto dos respectivos verbos. Nas 1ª e 2ª ocorrências, é objeto direto de **tem**. Na 3ª, é objeto indireto de **dão** (veja a presença da preposição) e na 4ª, objeto direto de **abolir**. Como os pronomes usados são os oblíquos átonos, além do uso, temos de atentar para a **colocação**. No primeiro caso, o **não** atrai o pronome (*não os tem*). Nos segundo e terceiro casos, iniciam oração (Têm-nos) e (dão-lhes). Na quarta ocorrência, nada proíbe o uso da próclise ou da ênclise (... *impossível os abolir* ou *aboli-los*).

Resposta: E.

2. (FCC/TRT – 18ª Região) As eleições são importantes, mas não **se empreste às eleições** um valor absoluto, ainda que muitos ainda **vejam as eleições** como finalidade última do processo democrático, sem falar nos que **consideram as eleições** uma aborrecida obrigação.

Evitam-se as viciosas repetições do texto acima substituindo-se os elementos destacados, respectivamente, por:

a) se lhes empreste – as vejam – as consideram

b) se as empresta – as vejam – lhes consideram

c) se empreste-lhes – vejam-nas – lhes consideram

d) se empreste a elas – lhes vejam – as consideram

e) se lhes empreste – vejam-lhes – consideram elas

Comentários:

Aqui, logo pela primeira passagem, ao usar o oblíquo átono, por causa da palavra invariável **se**, ficaríamos apenas com duas opções: A e E. Lembre que o pronome átono **lhe**, como complemento de verbo, substitui o **objeto indireto** (*emprestar um valor absoluto às eleições*). Nas outras ocorrências, *eleições* funciona como objeto direto dos respectivos verbos.

Quanto à colocação, próclise nos dois casos, pois as palavras invariáveis **ainda** e **que** atraem os pronomes átonos.

Na letra D, estaria correto o uso do oblíquo tônico **a elas**, já que substitui o objeto indireto, com preposição, pois. Mas a passagem *lhes vejam* estaria errada.

Resposta: A.

3. (FCC/PMSAL – Guarda Municipal) O autor explica ao leitor mais jovem quem eram os guardas-noturnos, como a população **admirava os guardas-noturnos**, como **confiava aos guardas-noturnos** a tarefa de velar pelo sono de todos, como **tomava os guardas-noturnos** como exemplo de dedicação profissional.

Evita-se o uso abusivo de repetições na frase acima substituindo-se os elementos destacados, respectivamente, por:

a) admirava eles – confiava neles – os tomava

b) os admirava – lhes confiava – os tomava

c) lhes admirava – os confiava – tomava a estes

d) admirava-os – confiava-lhes – tomava-lhes

e) admirava-lhes – lhes confiava – lhes tomava

Comentários:

Nas primeira e terceira passagens, *guardas-noturnos* aparece como objeto direto (sem preposição) dos verbos **admirar** e **tomar**. Na primeira, como nada proíbe (veja a teoria) a próclise ou a ênclise, caberiam *"… a população os admirava"* ou *"… a população admirava-os"*, mas na terceira a palavra **como** (invariável) atrai o pronome átono (*como os tomava*). Na segunda ocorrência, esse mesmo vocábulo aparece como **objeto indireto**, daí a substituição por **lhe**. A próclise se dá por causa da presença da palavra **como** (invariável).

Resposta: B.

9.1.2.2. Reflexivos

Referem-se à mesma pessoa, correspondendo a **a mim mesmo, a si mesmo** etc.

Exs.: Eu **me** cortei. / Ele **se** feriu. / Olhou-**se** no espelho. / Trazia **consigo** as lembranças do passado.

9.1.2.3. Recíprocos

Indicam ideia mútua, recíproca, correspondendo a **um ao outro.**

Exs.: Eles **se** abraçaram.

Os namorados olhavam-**se** apaixonadamente.

Vejamos um exemplo de questão.

1. (NCE/TJ – Analista Judiciário) "As verdades filosóficas se contradizem…"

O item a seguir em que o SE apresenta valor idêntico àquele que possui nesse segmento da frase acima:

a) Procura-se um meio de fazer o homem menos cético.

b) Os homens modernos esconderam-se da verdade.

c) Pascal se declarou irracionalista.

d) A ciência e a fé se digladiam.

e) As doutrinas filosóficas queixam-se do ceticismo moderno.

Comentários:

A partícula **se** do enunciado funciona como *pronome recíproco* (**uma** verdade contradiz **a outra**).

Na letra A, o **se** é pronome *apassivador* (um meio é procurado). Em vozes verbais falaremos sobre ele. Nas opções B e C, o pronome funciona como *reflexivo* ("esconderam **a si mesmos**" e "declarou **ele mesmo** irracionalista"). Na opção D, é *recíproco*, pois **uma** se digladia com **a outra**. Na E, o verbo em questão é *queixar-se* (pronominal), sendo o pronome parte integrante do verbo.

Resposta: D.

9.2. PRONOMES DE TRATAMENTO

Certos vocábulos ou locuções valem por pronomes pessoais. São os **pronomes pessoais de tratamento.** Referem-se à segunda pessoa, mas o verbo e os pronomes correspondentes vão para a 3ª pessoa.

Exs.: Você, Senhor, Senhora, Vossa Excelência, Vossa Eminência etc.

Vejamos um exemplo de questão.

1. (FCC/TRT – 2ª Região – Téc. Judic.) Considere o final de uma reivindicação dos moradores de um bairro, dirigida ao prefeito da cidade:

"Esperamos que _____, senhor prefeito, _____ verificar as condições por nós apontadas, e que sejam tomadas as medidas necessárias no sentido de solucionar tais problemas…

A _____ dispor, atentos às providências,

Os moradores."

As lacunas estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:

a) V.Sa. – mandeis – vosso

b) V.Exa. – mande – seu

c) V.Exa. – mandeis – seu

d) V.Sa. – mande – vosso

e) V.Exa. – mande – vosso

Comentários:

Esta é uma questão que trata do emprego dos pronomes de tratamento. Usamos *V.Exa* para altas autoridades (presidentes, governadores, ministros, prefeitos…). Além disso, os verbos e os pronomes correspondentes vão para a 3ª pessoa (mande e seu).

Resposta: B.

9.3. PRONOMES POSSESSIVOS

São aqueles que indicam a posse em referência às três pessoas do discurso:

1ª pessoa: meu(s), minha(s), nosso(s), nossa(s)

2ª pessoa: teu(s), tua(s), vosso(s), vossa(s)

3ª pessoa: seu(s), sua(s)

Quanto aos pronomes possessivos, atenção:

Há duas maneiras de indicar a posse no discurso: utilizando-se de um pronome possessivo ou por meio de um pronome oblíquo átono com valor possessivo. Assim, teríamos:

Beijou-**lhe** a face. (Beijou a **sua** face)

Beijou-**me** a face. (Beijou a **minha** face)

À noite, apareceram-**lhe** em casa alguns amigos. (em **sua** casa)

É exatamente isso: um pronome oblíquo átono pode ter o mesmo valor semântico que um pronome possessivo. A seguir, alguns exemplos.

Assinale as opções em que o pronome lhe apresenta o mesmo valor significativo que possui em "uma espécie de riso sardônico e feroz contraía-lhe as negras mandíbulas.":

Observe que aqui o que se pede é o pronome oblíquo átono com valor de posse. Nesse caso, ele irá sempre se referir a um substantivo e poderá ser substituído por um outro pronome possessivo.

a) A mãe apalpava-lhe o coração.

(Isso é o mesmo que a mãe apalpava o seu coração, o coração dele.)

b) Aconteceu-lhe uma desgraça.

(Aconteceu uma desgraça a ele, e não dele.)

c) Tudo lhe era indiferente.

(Tudo era indiferente a ele.)

d) Afastou-lhe os cabelos.

(Afastou os seus cabelos, os cabelos dele.)

e) Ao inimigo, não lhe nego perdão.

(Não nego perdão a ele, e não o perdão dele.)

f) Não lhe contei o segredo.

(Não contei o segredo a ele.)

g) Apertou-lhe gentilmente a mão.

(Apertou a sua mão, a mão dele.)

Resposta: as alternativas que apresentam pronomes oblíquos com valor possessivo são A, D e G.

Vejamos como esse assunto aparece nas provas.

1. (Cespe/UnB/MTE) Assinale a opção em que o pronome "lhe" não tem o mesmo sentido que em: "O tempo arrebata-lhe a garganta".

a) Afagou-lhe os cabelos com amor.

b) A luz sempre lhe afugenta o sono.

c) O marido sempre lhe nega a resposta.

d) Ajeitou-lhe o colar e saiu mansamente.

Comentários:

O pronome oblíquo da frase do enunciado possui valor possessivo – pode ser trocado por outro possessivo ("O tempo arrebata a *sua* garganta").

Na letra A, o pronome *lhe* equivale a *seus* ("Afagou os *seus* cabelos com amor").

Na letra B, o pronome oblíquo *lhe* pode também ser substituído por um possessivo ("O tempo afugenta o *seu* sono").

A letra C traz um pronome oblíquo que funciona como complemento do verbo, e não possui valor possessivo ("O marido sempre nega a resposta *a ela*").

Já a letra D apresenta um pronome oblíquo com valor possessivo: ajeitou o *seu* colar e saiu...

Resposta: C.

2. (Cespe-UnB) Assinale a única frase em que o pronome *lhe* **NÃO** tem sentido possessivo.

a) O tempo mudou-lhe o rosto.

b) Não lhe pude conhecer a generosidade.

c) O sabor das balas de tangerina encheu-lhe a boca.

d) O entusiasmo abriu-lhe os olhos.

e) Deram-lhe um emprego perto de casa.

Comentários:

Nas letras A, B, C e D, os pronomes oblíquos têm valor possessivo: referem-se a substantivos e podem ser substituídos por outros possessivos. Assim, teríamos: o tempo mudou o *seu* rosto; não pude conhecer a *sua* generosidade; o sabor das balas de tangerina encheu a *sua* boca; o entusiasmo abriu os *seus* olhos. Apenas na letra E o pronome oblíquo não tem sentido possessivo, ele é complemento do verbo: "deram um emprego *a ele* – e não um emprego *dele* – perto de casa".

Resposta: E.

9.4. PRONOMES INDEFINIDOS

Agora, vamos falar sobre os pronomes indefinidos. Estes têm sentido vago ou indeterminado. Aplicam-se à 3ª pessoa: algum, nenhum, todo, outro, muito, certo, vários, tanto, quanto, qualquer, alguém, ninguém, tudo, outrem, nada, cada, algo, mais, menos, que, quem. Veja os exemplos:

"**Todo** dia ela faz tudo sempre igual." (Chico Buarque)

Havia **muita** preocupação no Congresso.

Chegarão **mais** livros na próxima semana.

Observe que os pronomes indefinidos referem-se a substantivos, como todos os pronomes fazem, indicando ideia vaga, generalizando: essa é a função de um pronome indefinido. Além dos pronomes indefinidos, existem também **as locuções pronominais indefinidas**, que são um grupo de vocábulos com valor de pronome indefinido: cada um, cada qual, qualquer um etc. Os pronomes indefinidos, muitas vezes, interrogam e, nesse caso, são chamados de pronomes indefinidos interrogativos ou, simplesmente, pronomes interrogativos. Vamos conhecê-los?

9.5. PRONOMES INTERROGATIVOS

São os pronomes indefinidos **que**, **quem**, **qual**, e **quanto**, usados nas interrogações (diretas ou indiretas). Exemplos:

Quem precisa de um novo Fidel?

Nesse caso, o pronome indefinido *quem* está inserido em uma frase interrogativa direta: com ponto de interrogação.

Desconheço **quem** organizou a festa.

Observe que, aqui, o pronome também é interrogativo, mas se insere em uma frase interrogativa indireta, sem ponto de interrogação.

Aqui, vale um recado:

Frase interrogativa indireta é aquela que vem sem ponto de interrogação, mas que também espera uma resposta. São as conjecturas. Utilizam-se de informações do tipo: desconheço, gostaria de saber, não sei...

Os pronomes indefinidos e interrogativos podem se confundir com adjetivos ou advérbios. Isso porque eles também se referem a substantivos – como os adjetivos fazem. Além disso, muitas palavras que aparecem como adjetivos ou advérbios também podem ser pronomes indefinidos: *muito*, *vários*, *todo*...

Falaremos do substantivo, adjetivo e advérbio em concordância, mas já podemos definir essas classes agora, a fim de não confundi-las com os pronomes indefinidos.

Adjetivo é a classe de palavra que se refere ao substantivo, indicando-lhe qualidade, condição ou estado. É classe de palavra variável.

Advérbio é a classe de palavra que modifica verbo, adjetivo ou o próprio advérbio. Indica circunstância (tempo, intensidade, lugar etc.) e é normalmente invariável.

Pronome indefinido modifica substantivo ou entra no lugar dele. Semanticamente, indica ideia vaga. Na maioria das vezes, é classe de palavra variável (algum, qualquer, todo...), ainda que alguns pronomes indefinidos não variem (alguém, ninguém...).

Atenção: Dizer que uma classe de palavra é variável significa dizer que ela se flexiona em gênero (masculino/feminino) e número (singular/plural).

Vamos treinar?

Complete as lacunas de acordo com o código abaixo:

(1) Adjetivo ou locução adjetiva

(2) Advérbio ou locução adverbial

(3) Pronome indefinido

a) ( ) Maria é muito calma.

Aqui, a palavra *muito* se refere a *calma*; *calma* é adjetivo; *muito* é advérbio. Observe que ele não se flexionou; o que ratifica que é um advérbio, classe de palavra invariável.

b) ( ) Precisou de muita calma para resolver o impasse.

Calma agora é substantivo. Ora, se *muita* se refere a um substantivo, indicando ideia vaga, é pronome indefinido.

c) ( ) Precisou de muito dinheiro para comprar a casa.

Muito se refere ao substantivo *dinheiro*, indicando sentido vago, indeterminado. É pronome indefinido.

d) ( ) Beijo pouco, falo menos ainda.

Menos modifica o verbo falo, indicando intensidade. É advérbio.

e) ( ) Hoje disponho de pouco tempo para diversão; e o que é pior, de menos disposição.

Pouco se refere a *tempo*, substantivo; *menos* se refere a *disposição*, também um substantivo. Ambos indicam ideia vaga, generalizam. São pronomes indefinidos.

f) ( ) Cantava bem baixo para ninguém ouvi-lo.

Baixo modifica o verbo *cantava*, indicando ideia de modo. É advérbio.

g) ( ) Tinha bastante orgulho da irmã.

Bastante se refere ao substantivo *orgulho*. É o mesmo que *muito orgulho*. Indica valor vago: pronome indefinido.

h) ( ) Era uma pessoa bastante orgulhosa.

Bastante refere-se ao adjetivo *orgulhosa*, intensificando esse adjetivo. É advérbio de intensidade; tanto é advérbio que, se flexionássemos as informações para o plural, essa palavra se manteria invariável: *eram pessoas bastante orgulhosas*.

i) ( ) Depositava confiança bastante no bom senso da filha.

Agora, *bastante*, que se refere a um substantivo, está o qualificando. É o mesmo que *suficiente*. É, portanto, adjetivo.

j) ( ) Tenha mais paciência.

Mais se refere ao substantivo *paciência*, indicando ideia vaga, indeterminada. É o mesmo que *muita paciência*. É pronome indefinido.

k) ( ) Seja mais paciente.

Mais se refere a *paciente*, que é adjetivo, intensificando-o. É advérbio de intensidade.

l) ( ) Sempre leio os jornais da manhã.

Essa expressão se refere ao substantivo jornal, caracterizando-o. É uma locução adjetiva. Nesse caso, poderíamos inclusive trocar essa locução por outro adjetivo: *matutinos*.

m) ( ) Sempre leio os jornais de manhã.

A expressão se refere ao verbo, dando-lhe ideia de tempo: *leio de manhã, pela manhã*. É locução adverbial de tempo.

Gabarito: a) 2; b) 3; c) 3; d) 2; e) 3; f) 2; g) 3; h) 2; i) 1; j) 3; k) 2; l) 2; m) 1 e 2.

Tendo visto os pronomes indefinidos e em que eles diferem dos advérbios e adjetivos, resta-nos falar dos pronomes demonstrativos. É neste assunto que vamos aprender a diferenciá-los e a detectar as funções que eles desempenham no texto.

9.6. PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Antes de tudo, é preciso entender que os pronomes demonstrativos podem indicar a posição dos elementos em relação a três hipóteses distintas: tempo, espaço, texto. Assim:

O pronome demonstrativo pode apontar para objetos localizados no **espaço**, perto ou distante do falante.

O pronome demonstrativo pode fazer referência ao **tempo** presente, passado ou futuro.

O demonstrativo pode também retomar informações já mencionadas no **texto** ou que virão a seguir na sequência textual.

Para cada situação, existem regras que farão você optar por qual demonstrativo utilizar. Preparamos um quadro resumido que irá ajudá-lo a organizar esses conceitos:

	No espaço	No tempo	No texto
Isto / este(s) / esta(s)	Apontam para o que está perto do falante. Ex.: Este material aqui é meu.	Momento presente. Ex.: Estes dias têm sido agradáveis. Momento futuro próximo. Ex.: Nestas férias viajarei.	Apontam para uma informação que virá adiante no texto. Ex.: Este número é a dica do teste – sete.
	Apontam para o		

Isso / esse(s) / essa(s)	que está perto do ouvinte. Ex.: Esse material aí é meu.	Passado não distante. Ex.: Nesse domingo fui ao Maracanã.	Indicam uma informação que já apareceu no texto. Atenção: se a informação já foi mencionada e está próxima, modernamente, costuma se utilizar Isto/Este/Esta. Ex.: "Dois" – Esse/Este número é a dica do teste.
Aquilo / aquele(s) aquela(s)	Apontam ao que está distante de ambos. Ex.: Aquele material ali é meu.	Passado ou futuro distante. Ex.: Aquelas férias de 2000/2020 foram/serão maravilhosas.	Com dois antecedentes: "este" para o mais próximo; "aquele" para o mais distante. "Esse" traria ambiguidade. Ex.: José e João estudaram. Este (João)/Aquele (José) foi aprovado.

Lembre-se: para estabelecer a distinção entre duas coisas ou pessoas anteriormente citadas, usamos este(s), esta(s), isto para o termo mais próximo e aquele(s), aquela(s), aquilo para o mais distante. Veja um exemplo:

"Há que se fazer a distinção entre acidentes do trabalho e doença do trabalho. Enquanto esta é inerente a determinados ramos de atividade, aqueles ocorrem pelo exercício do trabalho, provocando lesão corporal."

Mais treinamento?

Complete as lacunas com os demonstrativos adequados.

1. _____ livro que estás lendo é infantil?

Comentários: Espaço: perto do ouvinte.

Resposta: Esse.

2. Não. _____ livro que estou lendo é sobre política.

Comentários: Espaço: perto do falante.

Resposta: Este.

3. Guilherme, traga-me _____ CD que ficou lá no seu quarto.

Comentários: Espaço: distante de ambos.

Resposta: Aquele.

4. Um dia _____ visitarei o seu pai.

Comentários: Tempo: futuro não distante.

Resposta: destes.

5. Guilherme, dê-me _____ CD que está aí.

Comentários: Espaço: perto do ouvinte.

Resposta: Esse.

6. "Qual é a relação entre dialética e retórica? A _____ pergunta Aristóteles responde desde a primeira frase do seu livro."

Comentários: Texto: retomando o que foi dito anteriormente.

Resposta: Essa.

7. _____ é a pergunta que Aristóteles responde desde a primeira frase do seu livro: qual é a relação entre dialética e retórica?

Comentários: Texto: apontando para o que será dito adiante.

Resposta: Esta.

8. Luísa, _____ é o Eduardo?

Comentários: Espaço: perto do ouvinte.

Resposta: Esse.

9. _____ ano que passou foi muito proveitoso para mim.

Comentários: Tempo: passado não distante.

Resposta: Esse.

10. _____ mês que passou choveu muito. Para _____ mês que começa, porém, a previsão é de tempo bom.

Comentários: Tempo: passado não distante e futuro próximo.

Resposta: Nesse / este.

11. _____ aqui são meus primos.

Comentários: Espaço: perto do falante.

Resposta: Estes.

12. Ao comparar os diversos rios do mundo com o Amazonas, defendia com azedume e paixão a proeminência _____ sobre cada um _____.

Comentários: Texto: fazendo distinção entre o mais próximo e o mais distante.

Resposta: deste / daqueles.

13. Atentem para _____: o que se guarda no coração jamais se esquece.

Comentários: Texto: apresentando o que será dito a seguir.

Resposta: Isto.

14. Homens e mulheres participaram das festividades. _____, simpáticas e elegantes. _____, sérios e tímidos.

Comentários: Texto: diferenciando o elemento mais próximo – *mulheres* – do mais distante – *homens*.

Resposta: Estas e aqueles.

15. O que foi combinado aqui não pode sair _____ sala.

Comentários: Espaço: perto do falante.

Resposta: desta.

Observações:

a) O pronome **o** (a, os, as) é demonstrativo quando equivale a **aquele(s)**, **aquela(s)**, **aquilo, isso**. Veja o exemplo:

Alguém, antes que Wilson **o** fizesse, teve vontade de falar **o** que foi dito.

Nesse caso, a palavra **o**, em suas duas ocorrências, pode ser substituída por um outro demonstrativo.

b) Aparecem ainda como demonstrativos os vocábulos **tal**, **mesmo**, **próprio** e **semelhante**. Veja exemplos:

Tal atitude não se esperava dele. / Ele **mesmo/próprio** fez o pedido.

Aqui, vale mais um recado: A palavra o – e suas variações – pode ser:

1. Artigo (quando anteceder um substantivo): "O menino chegou".
2. Pronome pessoal oblíquo (quando puder ser substituído por outro pronome pessoal): "Cumprimentei-o na festa". (É o mesmo que se dizer "cumprimentei a ele").
3. Pronome demonstrativo (quando puder ser substituído por outro demonstrativo, normalmente antes do pronome relativo QUE ou da preposição DE): "Quero o que você comprou"/"Prefiro a de tampa azul".

Veja uma questão de prova que abordou tal assunto:

1. (Cespe-UnB/TJ – Analista) Assinale a opção em que a partícula "o" sublinhada aparece com o mesmo emprego que se apresenta no seguinte trecho do texto:

"A primeira é **o** que queremos dizer."

a) Eles devem realizar logo <u>o</u> projeto do grupo.

b) Responda-me: <u>o</u> que você tem com isso?

c) Seu sucesso depende de <u>o</u> livro ser aceito.

d) É preciso conhecer a rotina <u>do</u> laboratório.

e) Este livro foi <u>o</u> que você indicou.

Comentários:

Preliminarmente, a palavra *o* do enunciado classifica-se como pronome demonstrativo ("A primeira é *aquilo* que queremos dizer"). Nas letras A, C e D, a palavra *o* está antecedendo substantivos, funcionando, portanto, como artigos. Logo, restam as alternativas B e E. Na letra B, observamos um pronome interrogativo antecedido de um artigo perfeitamente dispensável – poderíamos simplesmente perguntar: "que você tem com isso?". No entanto, na letra E, observamos a presença de um *o* que pode ser trocado por outro demonstrativo ("Este livro foi *aquele* que

você indicou”).

Resposta: E.

9.7. AS FUNÇÕES TEXTUAIS DOS PRONOMES

Os pronomes podem apontar para algo que já foi ou que ainda vai ser mencionado no texto. Trata-se de uma característica que todos os pronomes têm (pronomes pessoais, possessivos etc.) Com relação aos demonstrativos, como forma mais adequada, pede-se usar **esse(s)/essa(s)/isso** para o que já foi mencionado anteriormente **(anafórico)** e **este(s)/esta(s)/isto** para algo que vai ser mencionado **(catafórico)**. Veja exemplos:

“A previsão do tempo não era muito favorável. O vento aumentara um pouco e decidi reduzir as velas para o primeiro rizo. Conversávamos no convés sobre **esses** problemas.”

Nesse caso, o pronome *esses* tem a função de retomar informações que foram citadas anteriormente: **função anafórica**.

Isto é o que mais incomoda os homens honestos: o ciúme.

Aqui, o pronome exerce o papel de apontar para uma informação que será dita a seguir no texto. Diz-se que ele tem, portanto, **função catafórica**.

Tanto a função anafórica quanto a catafórica indicam, portanto, informações que foram ou serão mencionadas *dentro do texto*, informações que fazem parte do corpo textual. Daí, ambas também ser chamadas de **funções endofóricas**. Cada banca organizadora utiliza a nomenclatura que melhor lhe convém.

No entanto, se o pronome se referir a uma informação que não foi mencionada no texto, mas que pode ser deduzida a partir do que foi lido, diz-se que ele tem **função exofórica** (o que, para algumas bancas organizadoras de concursos, é sinônimo de **função dêitica**). O pronome que tem função exofórica, para ser compreendido na sua totalidade, necessita de informações que estão vinculadas à **situação de produção textual**: o local de produção textual, o momento de produção do texto ou o enunciador textual. Observe exemplos:

“**Nesta** casa todos são felizes.”

Aqui, o pronome demonstrativo está vinculado ao **local** onde o texto foi produzido.

“**Nessas** férias, encontramos velhos amigos na praia.”

Nesse caso, o leitor, para saber de que férias se trata, precisa conhecer o **momento** em que o texto foi produzido.

“**Meu** filho fez algumas tatuagens pelo corpo.”

O pronome possessivo em destaque está vinculado ao enunciador do texto: para saber de quem é o filho, é preciso identificar a pessoa que produziu o texto. Ora, se anteriormente no texto o autor tivesse se identificado, o pronome deixaria de ter função exofórica, para ter função endofórica/anafórica: “Sou Maria. Meu filho fez algumas tatuagens pelo

corpo".

Resumindo: O pronome terá função exofórica toda vez que buscar informações que devem ser deduzidas a partir do texto: Quem? (autor do texto) Quando? (quando o texto foi produzido) Onde? (onde se produziu o texto)

Antes de resolvermos algumas questões de concursos anteriores, vamos fixar os conceitos estudados. Classifique os pronomes em destaque segundo a função textual que eles desempenham, com a ajuda do código abaixo:

(a) função anafórica

(b) função catafórica

(c) função exofórica

1. "[...] a habitação conjugal, e a **essa** se recusa a voltar." (Art. 234 – Código Civil)

   Comentários: O pronome retoma informação que foi dita anteriormente – a habitação conjugal.

   Resposta: função anafórica.

2. **Este** sempre foi seu objetivo – a aprovação.

   Comentários: O pronome menciona uma informação que virá adiante no texto – *a aprovação*.

   Resposta: função catafórica.

3. "Salvo disposição especial **deste** código e não tendo sido ajustado da época para o pagamento, o credor pode exigi-lo imediatamente."

   Comentários: A palavra **deste** está vinculada ao código onde se encontra tal artigo – depende de informação que está fora do texto: função exofórica. Já o pronome **o** (-lo) remete ao vocábulo <u>pagamento</u>.

   Resposta: função anafórica.

4. "A cessão de crédito não vale em relação ao devedor, senão quando a este notificada [...]"

   Comentários: O pronome retoma o que foi dito anteriormente – *o devedor*.

   Resposta: função anafórica.

5. Este país não tem mais jeito, é o que repetem usualmente nossos conterrâneos.

   Comentários: O pronome depende do local de produção do texto.

   Resposta: função exofórica.

6. "Cabe ao juiz suprir a outorga da mulher, quando esta a denegue sem motivo justo, ou lhe seja impossível dá-la (arts. 235, 238 e 239)." (Art. 237 – Código Civil)

Comentários: O pronome retoma informação do texto – a mulher.

Resposta: função anafórica.

7. "… o alerta do Departamento de Estado americano a agências de turismo dos Estados Unidos, divulgado no início deste mês…"

Comentários: A palavra *deste* está vinculada ao momento em que o texto foi produzido.

Resposta: função exofórica.

9.8. PRONOMES RELATIVOS

Os pronomes relativos referem-se a um termo anterior chamado antecedente (um substantivo ou pronome substantivo). Dão início às orações adjetivas – restritivas ou explicativas, assunto que estudaremos mais detalhadamente no Capítulo 12 (Predicação verbal).

Ex.: O livro **que você ganhou** é novo.

Oração subordinada adjetiva restritiva

"O homem, **que é mortal**, tem alma imortal."

Oração subordinada adjetiva explicativa

Aparecem como pronomes relativos:

• **Que**, **o qual** (e flexões): quando o antecedente for *coisa* ou *pessoa;*

• **Quem**: quando o antecedente for *pessoa*. Sempre antecedido de preposição;

• **Cujo** (e flexões): entre dois substantivos indicando ideia de *posse*; não deve vir seguido de artigo;

• **Onde**: quando o antecedente indica *lugar*;

• **Como**: quando o antecedente forem as palavras *modo*, *maneira*…

• **Quando**: quando o antecedente dá ideia de *tempo*;

• **Quanto**: quando o antecedente dá ideia de *quantidade.*

Importante:

Ao usar os relativos, devemos observar dois pontos importantes:

a) quando usar os relativos *que, quem, cujo* etc. (veja acima);

b) reparar se o termo que vem **após** o relativo pede preposição.

Este é o livro **que** ganhei. (que = o livro; eu ganhei <u>o livro</u>)

Este é o livro **a que** me referi. (que = ao livro; eu me referi <u>ao livro</u>)

Vamos fixar as regras de uso dos pronomes relativos?

Sublinhe a(s) forma(s) que completa(m) a lacuna:

1. O assunto _____ me referi não foi este. (que – a que – ao qual – o qual – a quem)

Comentários: O relativo *que* é usado para coisa ou pessoa: "o assunto que...". Como o verbo *referir-se* pede preposição *a*, temos "O assunto **a que me referi**". Lembre-se: *que* e *quem* podem ser trocados por *o qual*, *a qual*, *os quais*, *as quais*. Como o **antecedente** do relativo é masculino singular (*assunto*), usaremos *o qual*. Com a preposição do *referir-se*, **a**o qual. As duas formas estão corretas.

Resposta: a que, ao qual.

2. Aí está a pessoa _____ me apaixonei. (quem – por quem – pela qual – que – a quem)

Comentários: Como o **antecedente** é pessoa, de preferência usa-se **quem**. O verbo *apaixonar--se* rege preposição *por:* eu me apaixonei **pela** pessoa, **por** alguém.

Resposta: por quem, pela qual.

3. Chegou o diretor _____ relatório ninguém gostou. (que – de que – cujo – o qual – de cujo)

Comentários: Aqui, aparecem dois substantivos (*diretor* e *relatório*). Há, entre eles, uma ideia de **posse** (o relatório **do** diretor). Com isso, o relativo a ser usado **só pode** ser *cujo*. Como o verbo da oração (*gostar*) pede preposição *de*, temos a forma **de cujo**.

Resposta: de cujo.

4. Esta é a cidade _____ eu morei. (onde – aonde – em que – na qual – donde)

Comentários: A palavra *cidade* indica o **lugar**. De preferência usaremos *onde*, mas, como esse vocábulo também pode se encaixar em "coisa" e não "pessoa", *que* e *a qual* também respondem à questão. Quanto à regência, o verbo *morar* pede preposição *em.* Nesses casos, quando o relativo a ser usado for *onde* e o verbo da oração pedir essa preposição, usaremos *onde* e não *aonde*. Repare que, com os relativos *que* e *a qual,* teremos *em que* e *na qual*, já que com esses pronomes o procedimento é igual ao dos exercícios anteriores.

Resposta: onde, em que, na qual

5. Esta é a cidade _____ gosto de ir sempre. (onde – aonde – a qual)

Comentários: Agora, o verbo *ir* pede preposição *a* (gosto de ir sempre *a*). Como o **antecedente** indica lugar, usaremos *onde* (*a* + *onde* = *aonde*).

Resposta: aonde.

6. Esta é a cidade _____ vêm os visitantes. (onde – aonde – donde – em que)

Comentários: Nessa construção, teríamos, na ordem direta, "Os visitantes vêm *de...*" (*de* + *onde* = *donde*).

Resposta: donde.

Uso de onde, aonde e donde: Onde: usaremos esse conectivo se a preposição exigida for em. Aonde: usaremos esse conectivo se a preposição exigida for a. Donde ou de onde: usaremos esse conectivo se a preposição exigida for de.

9.9. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Substitua os termos sublinhados pelos pronomes pessoais adequados. Lembre-se: o pronome **reto** substitui o **sujeito**. Já o **oblíquo** substitui o **complemento**.

1. Entregou os documentos necessários? (os / eles / lhes)
2. Continuam as acusações ao Judiciário. (nas / elas)
3. Os processos muito demorados constituem afastamento da regra geral. (no / ele)
4. De seu esforço e força de vontade emergem os trabalhadores. (nos / eles)
5. Pagaram ao funcionário as suas férias? (lhe / a ele / ele)
6. Encontrou um grupo de desconhecidos. (o / ele / lhe)
7. Pusemos o livro na estante. (lo / ele)
8. Brotam as flores por toda parte. (nas / elas / lhes)
9. É necessário fechar suas fronteiras. (las / elas)
10. O país toma medidas protecionistas. (as / elas)
11. É fundamental defender o contribuinte. (lo / ele / lhe)
12. Estamos obrigados a liquidar a fatura. (la / ela / lhe)
13. A enorme variedade de canções de Noel, quase todas produzidas em cerca de seis anos, havia conferido genialidade ao artista. (ela / a ela)
14. Uma vez que tal medida implica transformações lesivas ao egoísmo do "establishment". (as / elas)
15. Pobre é a vida de um homem. (ela / a ela)
16. Na favela, tal como está organizada, reproduz-se semelhante estrutura. (na / lhe / ela)
17. Foi então que surgiu o problema. (o / ele / lhe)
18. Esses momentos históricos apresentam facetas negativas. (nas / elas / lhes)
19. Mandei o mordomo entrar. (ele / o)

20. Fez o amigo pagar a conta. (lo / ele)

II. Complete com eu / mim / tu / ti.

1. Para _____ nada mais interessa.
2. Para _____ chegar a tempo, peguei um táxi.
3. Por _____ todos hão de se classificar.
4. Aquele livro é para _____ leres.
5. Entre _____ e você tudo acabou.
6. Entre _____ e os teus amigos, já não há divergências.
7. Entre _____ pedir e você acatar, que distância!
8. Ela é mais aplicada do que _____.
9. Ele chegou antes de _____ sair.
10. Não sei se ela sentiu a mesma estranheza que _____.
11. Isto não é trabalho para _____ fazer.
12. É difícil para _____ acreditar em tuas palavras.
13. As reivindicações chegaram até _____.
14. Até _____ acreditei nas palavras do nosso ministro.
15. Para _____, arranjar patrocinador não será difícil.
16. Para _____ compreender o filme, tive de assistir a uma nova sessão.

III. Supondo-se que você queira se dirigir a um juiz, utilizando uma linguagem correta e adequada, faça as devidas alterações nos trechos a seguir:

1. Meritíssimo Juiz, Sua Excelência deveis saber que o réu é pessoa que goza de merecido prestígio entre empresários, pois já tomastes conhecimento pelos órgãos da imprensa de seus inúmeros empreendimentos.

_____

_____

_____

2. Pelo que dizeis em vossa bem escrita sentença, foram os meus atos que vos deram o discernimento que manifestastes em vossa decisão.

_____

_____

IV. Classifique os pronomes em destaque como reflexivos ou recíprocos.

1. Olhou-**se** no espelho e assustou-**se** com seu olhar doentio.

2. Os namorados olhavam-**se** apaixonadamente.

3. Eles **se** vestiram rapidamente.

4. Eles **se** cumprimentaram na rua.

5. As mulheres **se** afastaram das mesas.

6. O médico vê-**se** estendido no chão.

7. Os meninos sempre **se** ajudam.

V. Use o pronome oblíquo entre parênteses de todas as formas possíveis. Havendo caso de mesóclise, escreva ao lado a forma correta.

1. A torcida _____ aplaudiu _____ com entusiasmo. (o)

2. Ele _____ trancou _____ no quarto. (se)

3. _____ explicarei _____ todo o serviço. (te)

4. _____ seria _____ muito útil usar esse argumento. (me)

5. Gritei para _____ alertar _____. (os)

6. Não _____ vá _____ tão cedo; _____ custa _____ ficar mais? (se / lhe)

7. Quem _____ chamou _____? (te)

8. Se você chegar agora, _____ encontrará _____ satisfeito. (me)

9. Deus _____ pague _____! (lhe)

10. Se ninguém _____ disse _____ a verdade, e se precisei lutar para _____ encontrar _____, nada _____ falou _____ a respeito. (me / a / se)

11. Maria, _____ diga _____ a verdade. (me)

12. _____ Informaram _____ da decisão.(me)

13. _____ Revelarias _____ o sonho de Maria? (nos)

14. _____ Encontraremos _____ com Maria. (nos)

15. Ninguém _____ falou _____ de Maria. (nos)

16. Quem _____ teria _____ contado _____ o segredo? (lhe)

17. _____ Teriam _____ contado _____ o segredo? (lhe)

18. Se _____ reporta _____ a crimes comuns, o *impeachment* _____ reduz _____ a uma espécie de licença para o julgamento do presidente pelo Supremo Tribunal Federal. (se / se)

19. Não é o PT que _____ vai _____ ensinar _____ oposição. (me)

20. Se eu vou lá na comissão, de visita, garanto que _____ não _____ transmitem _____ informações. (me)

21. No caso do motorista, o senhor não _____ está julgando _____? (o)

22. _____ Diriam _____ vocês a verdade, se _____ perguntasse _____ sobre o procedimento de certos políticos? (me / lhes)

23. Já o mesmo não _____ pode _____ dizer _____ de um serviço de bondes. (se)

24. Já o mesmo não _____ deveria _____ dizer _____ de um serviço de bondes. (se)

25. Ninguém _____ daria _____ bem naquele emprego. (se)

VI. Identifique nas frases a seguir os antecedentes dos pronomes relativos em destaque:

1. Agora mesmo está nas telas uma risonha Regina Duarte grata à confiança **que** a população deposita nos Correios. (_____)

2. O festival de autocongratulação consumiu boa parte dos 120 milhões de reais **que** o governo (só a administração direta) gastou no ano passado. (_____)

3. Há muitas comparações **que** não deixam dúvidas sobre o que produz melhores resultados. (_____)

4. ... ou muito menos para anunciar a existência de uma Ouvidoria **que** acolhe queixas da população contra barbaridades policiais? (_____)

5. Basta dar uma espiada no panorama nacional, em **que** pululam temas para campanhas... (_____)

6. Canudos nasceu com o nome de Belo Monte, fundada por Antônio Conselheiro, a **quem** os sertanejos de toda a região atribuíam poderes de cura, poderes divinos. (_____)

7. A cidade, **cuja** infraestrutura de saneamento era quase inexistente, chegou a abrigar 25 mil pessoas em 5.200 casas, segundo o levantamento do Exército, feito após a guerra. (_____)

8. Formou-se ao seu redor um importante e complexo polo religioso e comercial **que** atraía gente de todas as partes. (_____)

9. "A televisão é a amiga dos entrevados, dos abandonados, dos **que** a vida esqueceu para um canto." (_____)

10. Os fonemas de uma língua costumam ser representados por uma série de sinais gráficos denominados letras, **cujo**

conjunto forma a palavra. (_____)

11. "… há no meu corpo um incêndio **que** queima sem esperança / a própria terra **que** piso vira um abismo e me come / corre em meu sangue um veneno, veneno **que** tem teu nome." (Ferreira Gullar)

1o que – _____

2o que – _____

3o que – _____

12. Noel Rosa procurou escrever sobre tudo **quanto** expressasse o jeito de ser carioca. (_____)

13. Não se pode transmitir o **que** a mente não criou. (_____)

VII. Sublinhe a(s) forma(s) que completa(m) a lacuna.

1. "Existe alguém esperando por você _____ vai comprar sua juventude." (que – a que – ao qual – o qual – a quem)

2. "Recebia em casa dois jornais locais, _____ leitura demorava mais de uma hora." (cuja – em cuja – em que)

3. "O que lhe movia o coração era o amor, a quase obsessão pelo Brasil e seu povo, _____ futuro sempre acreditou com veemência e combatividade…" (que – em que – cujo – em cujo – onde)

4. "Tudo é belo naquilo _____ amamos. Tudo o _____ amamos tem espírito." (que – quem – quanto – como – cujo) (que – onde – como – quando)

5. Compreendo a maneira _____ ele se mostra. (em que – onde – quando – cujos – como)

6. "Estava sentado numa mesa _____ havia uma pilha de livros." (que – onde – sobre a qual – à qual – aonde)

7. Marcelo é o professor _____ sempre admirei. (que – quem – a quem – a qual – a que)

8. "Na casa dela mora um quadro _____ eu pintei." (quem – por quem – pela qual – que – a quem)

9. "Tinha entre os dentes um alvíssimo palito _____ ponta mastigava." (que – de que – cuja – o qual – de cujo)

10. Foi demitido o analista _____ ideias não concordava. (cujo – cujas – com cujas – cujas as – com cuja as)

11. Aquela é a livraria _____ Ana trabalhava e _____ sou cliente. (onde – aonde – em que – na qual – donde) (onde – de que – da qual – cujo)

12. Búzios é a cidade _____ gosto sempre de ir. (onde – aonde – a qual – para a qual – que)

13. Não se descobriu o esconderijo _____ os sequestradores escaparam. (onde – aonde – donde – em que –

do qual)

14. "O caso que vou relatar comprova, como disse alguém _____ nome não recordo, que a verdade é mais estranha que a ficção." (onde – o qual – cujo – de cujo)

15. "O caso que vou relatar comprova, como disse alguém _____ nome não lembro, que a verdade é mais estranha que a ficção." (onde – o qual – cujo – de cujo)

16. "O caso que vou relatar comprova, como disse alguém _____ nome não me esqueci, que a verdade é mais estranha que a ficção." (onde – o qual – cujo – de cujo)

17. "O crime para Forrester é o silêncio ou o 'discurso lacunar' _____ se valem os donos do poder para preservar suas riquezas." (de que – de quem – cujo – de cujo)

18. "A prioridade não é o bem-estar ou a sobrevivência das populações, mas sim o 'andamento dos mercados', o lucro e seu horror, _____ só interessa ou só é 'útil' o homem que for rentável." (no qual – em que – ao qual – onde)

19. Deram-me ontem um novo endereço da loja, _____ referências não foram boas. (que – cujas – cujas as – a que)

20. "… como em Santa Marta, _____ quadra ministros das várias religiões e líderes comunitários vão estar reunidos…" (onde – aonde – cuja – em cuja – com cuja)

Gabarito: I – 1. Entregou-os; 2. Continuam elas, ou, na ordem, Elas continuam; 3. constituem-no; 4. emergem eles ou Eles emergem; 5. Pagaram-lhe ou Pagaram a ele; 6. Encontrou-o; 7. Pusemo-lo; 8. Brotam elas ou Elas brotam; 9. fechá-las; 10. tomas-as; 11. defendê-lo; 12. liquidá-la; 13. Ela; 14. Implica-as; 15. Ela; 16. reproduz-se ela ou ela se reproduz; 17. surgiu ele ou ele surgiu; 18. apresentam-nas; 19. Mandei-o; 20. Fê-lo. **II** – 1. mim; 2. eu; 3. mim; 4. tu; 5. mim; 6. ti ou mim; 7. eu; 8. eu; 9. eu; 10. eu; 11. eu; 12. mim; 13. mim; 14. eu; 15. mim; 16. eu. **III** – 1. Vossa Excelência <u>deve</u> saber… já <u>tomou</u>; 2. Pelo que <u>diz</u> em <u>sua</u>… que <u>lhe</u> deram… <u>manifesta</u> em <u>sua</u>. **IV** – 1. pron. reflexivo / pron. reflexivo; 2. pron. recíproco; 3. pron. reflexivo ou recíproco (depende do contexto); 4. pron. recíproco; 5. pron. reflexivo; 6. pron. reflexivo; 7. pron. recíproco. **V** – 1. o aplaudiu ou aplaudiu-o; 2. se trancou (mais adequado. ou… trancou-se; 3. Explicar-te-ei; 4. Ser-me-ia; 5. para os alertar ou alertá-los; 6. Não se vá; custa-lhe; 7. Quem te chamou?; 8. encontrar-me-á; 9. Deus lhe pague! (próclise com expressões que indicam desejo); 10. me disse / para a encontrar ou encontrá-la / nada se falou…; 11. diga-me; 12. Informaram-me; 13. Revelar-nos-ias; 14. Encontrar-nos-emos; 15. Ninguém nos falou; 16. Quem lhe teria ou Quem teria lhe contado; 17. Ter-lhe-iam ou Teriam lhe contado; 18. Se se reporta… / se reduz ou reduz-se; 19. que me vai ou que vai me ensinar ou que vai ensinar-me; 20. que me não ou que não me transmitem; 21. não o está ou não está julgando-o; 22. Dir-me-iam / se lhes perguntasse…; 23. não se pode ou não pode se dizer ou não pode dizer-se; 24. não se deveria ou não deveria se dizer ou não deveria dizer-se; 25. Ninguém se daria. **VI** – 1. confiança; 2. milhões; 3. comparações; 4. Ouvidoria; 5. panorama; 6. Antônio Conselheiro; 7. cidade; 8. polo; 9. os (= pron. demonstrativo); 10. sinais; 11. incêndio / terra / veneno; 12. tudo; 13. o (= pron.

demonstrativo). **VII** – 1. que / o qual; 2. em cuja; 3. em cujo; 4. que / que; 5. como; 6. sobre a qual; 7. que / a quem; 8. que; 9. cuja; 10. com cujas; 11. onde / em que / na qual; de que /da qual; 12. aonde / para a qual; 13. donde / do qual; 14. cujo; 15. cujo; 16. de cujo; 17. de que; 18. ao qual; 19. cujas; 20. em cuja.

9.10. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

1. (Cesgranrio) Na oração: '**Certos** amigos não chegaram a ser jamais amigos **certos**.' Os termos em destaque são respectivamente:

a) adjetivo e pronome adjetivo.

b) pronome adjetivo e adjetivo.

c) pronome substantivo e pronome adjetivo.

d) pronome adjetivo e pronome indefinido.

e) adjetivo anteposto e adjetivo posposto.

Comentários:

Em sua primeira ocorrência, a palavra *certos* se refere a um substantivo, indicando ideia vaga, generalizando. É o mesmo que *alguns amigos*. Logo, é um pronome adjetivo indefinido (*adjetivo* porque vem ao lado do substantivo). Na sua segunda ocorrência, a palavra *certos* continua se referindo a um substantivo, só que vem qualificando-o: é o mesmo que *amigos corretos*, *verdadeiros*. É, portanto, adjetivo.

Resposta: B. (Observe que, na letra B, a banca teve a "maldade" de não dizer pronome adjetivo indefinido, e sim pronome adjetivo, o que dá no mesmo…)

2. (Cesgranrio) Considere as afirmações a seguir sobre o emprego dos pronomes nas frases.

I. "O vento da noite cortava-**lhes** o lombo." – Pronome pessoal com sentido possessivo.

II. "Os pescadores de largo curso olhavam para eles com **certo** desprezo." – Pronome indefinido atenuando o sentido do substantivo **desprezo**.

III. "Era como se **todo** o mundo se aproximasse para aconchegá-los." – Pronome indefinido **todo** equivalendo a **qualquer**.

É(São) verdadeira(s), **APENAS**, a(s) afirmação(ões):

a) I

b) II

c) III

d) I e II

e) II e III

Comentários:

No item I, o pronome oblíquo refere-se ao substantivo *lombo*, indicando valor de posse. É o mesmo que "O vento da noite cortava o *seu* lombo". No item II, o pronome *certo* tem valor de *algum*, indica ideia vaga e, semanticamente, dá leveza ao substantivo *desprezo*, atenuando seu valor negativo. Já no item III, o pronome *todo* não equivale a *qualquer*, e sim a *inteiro*. O que se quer afirmar na frase é que *o mundo inteiro se aproximava para aconchegá-los*, e não *qualquer pessoa se aproximava para aconchegá-los*. O pronome *todo* teria sentido de *qualquer* se não fosse seguido do artigo o ("todo mundo se aproximasse para aconchegá-los").

Resposta: D.

Atenção: Não confunda todo mundo com todo o mundo. Nesse caso, a inserção do artigo muda o sentido da frase! Todo o mundo quer dizer o mundo inteiro e todo mundo quer dizer qualquer pessoa.

3. (TRT) A colocação das palavras e das expressões na construção frasal leva o leitor a perceber, em alguns casos, significados diversos. É o caso das expressões assinaladas, nas frases abaixo.

O candidato leu todo o Edital do concurso.

Todo Edital de concursos deve ser lido pelos candidatos.

O significado correto, respectivamente, dessas expressões está em:

a) O Edital inteiro/parte do Edital.

b) Parte do Edital/o Edital inteiro.

c) Qualquer Edital/parte do Edital.

d) O Edital inteiro/qualquer Edital.

e) Parte do Edital/o Edital inteiro.

Comentários:

Conforme o enunciado, a inserção de palavras na frase é capaz de modificar por completo o seu sentido. Foi o que ocorreu nas frases do enunciado, em que a inserção do artigo implicou alteração semântica na frase.

Resposta: D.

4. (Petrobras) "em todas as épocas e em todo o mundo"; a alternativa em que houve troca indevida entre as expressões "todo mundo" e "todo o mundo" é:

a) O jogador percorreu todo o mundo.

b) O atleta falou com todo mundo para pedir desculpas.

c) Ele conhecia todo o mundo na festa.

d) Via todo o mundo em seus filmes.

e) Todo o mundo está poluído.

Comentários:

Como vimos, *todo o mundo* quer dizer *o mundo inteiro* e *todo mundo* é o mesmo que *todas as pessoas*. Na letra A, diz-se que o jogador percorreu o mundo inteiro. Na letra B, o atleta falou com todas as pessoas para se desculpar. Já na letra C, não é possível conhecer o mundo inteiro em uma única festa, e sim qualquer pessoa. Na letra D, vê-se o mundo inteiro nos filmes e, na letra E, diz-se que o mundo todo está poluído.

Resposta: C.

5. (NCE/TJ) "O hábito arraigado de separar o econômico do social, do político, do ético e do legal, de que é o exemplo de contrapor o 'mercado' ao 'social' – quase sempre denegrindo o **primeiro** e enaltecendo o **segundo** – é uma das causas...”; mantendo-se o sentido original, os termos sublinhados poderiam ser corretamente substituídos, respectivamente, por:

a) este / aquele

b) este / esse

c) aquele / este

d) aquele / esse

e) esse / este

Comentários:

O numeral ordinal **primeiro** retoma o substantivo **mercado**, que é o elemento mais distante no texto. Já o numeral **segundo** refere-se ao substantivo **social**, que é o elemento mais próximo. Lembre-se de que **esse**, com dois elementos, para fazer diferenciação entre o mais próximo e o mais distante, nunca deve ser utilizado!

Resposta: C.

Violência no Campo

José Saramago

No dia 17 de abril de 1996, no estado brasileiro do Pará, perto de uma povoação chamada Eldorado dos Carajás (Eldorado: como pode ser sarcástico o destino de certas palavras...), 155 soldados da polícia militarizada, armados de espingardas e metralhadoras, abriram fogo contra uma manifestação de camponeses que bloqueavam a estrada em ação de protesto pelo atraso dos procedimentos legais de expropriação de terras, como parte do esboço ou simulacro de uma suposta reforma agrária na qual, entre avanços mínimos e dramáticos recuos, se gastaram já cinquenta anos, sem que alguma vez tivesse sido dada suficiente satisfação aos gravíssimos problemas de subsistência (seria mais rigoroso dizer

sobrevivência) dos trabalhadores do campo. *Naquele dia*, no chão de Eldorado dos Carajás ficaram 19 mortos, além de umas quantas dezenas de pessoas feridas. (…)

"Naquele dia, no chão de Eldorado dos Carajás…".

6. O emprego de *naquele*, neste contexto:

a) indica que o dia referido na frase não deve ser confundido com outro.

b) mostra que o dia referido está distante no tempo.

c) assinala uma distância de lugar.

d) identifica o dia como algo a ser esquecido.

e) refere-se a um dia que o leitor desconhece.

Comentários:

Trata-se de uso do pronome demonstrativo que faz referência a uma informação, que está distante no tempo (dia 17 de abril de 1996). Logo, *naquele* está sendo usado para indicar um passado distante. Muitos alunos, ao errar, marcariam a letra A, que só caberia se houvesse dois dias anteriormente referidos no texto, o que não foi o caso.

Resposta: B.

7. (FCC/ANS – Técnico) … *os peixes morrem e boiam na superfície. Quem chega muito perto fica com os olhos ardendo e algumas pessoas têm dificuldade para respirar. Esses são alguns dos efeitos das marés vermelhas…*

Ao introduzir a frase transcrita acima, o pronome demonstrativo grifado:

a) antecipa a conceituação necessária para o fenômeno que é o assunto do texto.

b) estabelece uma repetição enfática, porém desnecessária, dos fenômenos já citados.

c) especifica o tempo e o espaço em que ocorrem os fenômenos antes citados.

d) indica a retomada dos fenômenos antes relacionados, em uma referência única.

e) redistribui as consequências dos fenômenos assinalados, acentuando seu efeito nas pessoas.

Comentários:

Trata-se de uso do pronome demonstrativo que se refere a informações citadas anteriormente no texto. Assim, eliminam-se automaticamente as letras C e E. A letra B apresenta erro quando menciona que a repetição dos fenômenos citados é desnecessária – ela é um recurso coesivo bastante útil no texto.

Resposta: D.

8. (FCC / TRT – Técn. Judic.) Assinale, entre as frases abaixo, elaboradas a partir do tema do texto, aquela em que se deveria usar ESTE(A) ou NESTE(A), em vez de ESSE(A) ou NESSE(A):

a) Li a regulamentação publicitária. E, nesse instante, compreendi-a melhor.

b) Ainda repercute aqui, nesse cérebro, a culpa de ter feito o anúncio prejudicial.

c) As leis foram publicadas e contra essa publicação se voltaram os anunciantes.

d) Se vocês, publicitários, conhecessem melhor essa regulamentação que está diante de seus olhos, não teriam errado.

e) As recomendações aí estão e são essas a que devemos obedecer.

Comentários:

Na letra A, o pronome demonstrativo *nesse* está adequadamente retomando o que foi dito anteriormente no texto. Já na letra B, o pronome, por apontar para algo que está perto do falante – trata-se do *seu cérebro* – deveria ser *neste* e não *nesse*. Na letra C, o pronome está adequadamente retomando o que foi dito anteriormente, daí utilizar-se *essa*. Na letra D, o pronome aponta para o que está perto do ouvinte – *essa regulamentação…diante de seus olhos* e, na letra E, a mesma situação se repete – *as recomendações aí estão*.

Resposta: B.

9. (NCE / TJ) O vocábulo *atual*, presente na primeira frase do texto, tem seu significado dependente do momento de produção do texto; a frase em que NÃO aparece um elemento do mesmo tipo é:

a) "Recentemente, porém, trata-se da independência da ciência e da técnica."

b) "Agora, esta realidade se estende a todo o Terceiro Mundo."

c) "Agora mundializado, o espaço geográfico redefine-se pela combinação desses signos."

d) "é frequentemente chamada de período técnico-científico."

e) "De um lado, o período atual vem marcado por uma verdadeira unicidade técnica…"

Comentários:

Pela leitura do enunciado, percebe-se que a banca busca um vocábulo com função exofórica, quando diz que tal vocábulo *tem seu significado dependente do momento de produção do texto*. Ora, o que se quer é a única frase que não apresente um vocábulo do mesmo tipo. Na letra A, o advérbio *recentemente* está vinculado ao momento em que o texto foi produzido. Nas letras B e C, o mesmo ocorre com o advérbio *agora*: ele possui, em ambas, função exofórica. Na letra D, o advérbio *frequentemente* não depende de quando se produziu o texto – trata-se de algo que ocorre com bastante frequência, independentemente do tempo. No entanto, a letra E apresenta o adjetivo *atual*, vinculado à época de produção do texto.

Resposta: D.

10. (FGV / Pol. Civil) Em texto da *Folha de São Paulo*, um morador das margens de uma grande rodovia declarava o seguinte: "Hoje já passaram por aqui milhares de caminhões e automóveis, mas eu e minha família já estamos habituados com isso; os garotos até brincam, jogando pedra nos pneus."

Há, nesse texto, um conjunto de palavras cujo significado depende da enunciação, ou seja, da situação em que o texto foi produzido. Entre as alternativas abaixo, aquela que indica um termo que não está nesse caso é:

a) hoje

b) aqui

c) eu

d) minha família

e) isso

Comentários:

Pelo que se depreende do enunciado, todas as alternativas – exceto uma – apresentam vocábulos com função exofórica. Na letra A, o advérbio *hoje* depende do momento de produção textual. Na letra B, o advérbio *aqui* está vinculado ao local onde o texto foi produzido. Nas letras C e D, *eu* e *minha família* dependem do enunciador do texto, logo possuem também função exofórica. Já a letra E apresenta o pronome demonstrativo *isso* que retoma informação anteriormente mencionada no texto – "hoje já passaram por aqui milhares de caminhões e automóveis", possuindo, portanto, função anafórica, e não exofórica.

Resposta: E.

11. (FCC / Anac) O segmento do texto em que o termo destacado se refere textualmente a um elemento anteriormente expresso, e não a um elemento posterior, é:

a) Parece possível distinguir duas tendências fundamentais na reação ao grupo estranho: uma de admiração e aceitação, outra de desprezo e recusa. Aparentemente, quase todos os seres humanos apresentam <u>essas</u> duas tendências fundamentais.

b) … pois supomos entender que <u>os</u> que falam a nossa língua têm um passado comum conosco …

c) e também sabem <u>o</u> que esperar de nós…

d) Sentimos que <u>aqueles</u> que mais nos conhecem…

e) … capazes de ignorar <u>o</u> que de melhor trazemos.

Comentários:

Podemos observar, pelo enunciado, que a banca busca um vocábulo com função anafórica (*um elemento anteriormente expresso*), e não catafórica (*um elemento posterior*). A letra A apresenta um demonstrativo que retoma as *duas tendências* citadas na primeira linha do trecho, tendo, portanto, função anafórica. Nas alternativas seguintes, os pronomes demonstrativos destacados apontam para informações que vêm logo a seguir no texto: *os* aponta para *que falam a nossa língua*; *o* indica *que esperar de nós*; *aqueles* aponta para *que mais nos conhecem* e *o*, para *que de melhor trazemos*. Todos, exceto um, têm função catafórica.

Resposta: A.

12. (TRF – Analista Judiciário) Dentre as frases a seguir, aquela em que o pronome relativo está mal-empregado é:

a) A pesquisa histórica é tarefa cuja realização se deve aos grandes historiadores.

b) O estudo das fontes históricas, o qual tanto atrai os historiadores, é tão importante quanto o da própria História.

c) Analisou tantos fatos quantos pudessem interessar à pesquisa histórica.

d) Às vezes, verificam-se fatos históricos que os historiadores não conseguem determinar suas causas.

e) O modo como a pesquisa histórica evolui às vezes surpreende o próprio historiador.

Comentários:

Ao se usar o pronome relativo devemos, antes de tudo, observar o **antecedente**, como vimos na teoria. Na letra A, o relativo *cuja* aparece entre dois substantivos indicando posse (realização da tarefa). Na B, o pronome relativo *o qual* vem antecedido do núcleo *estudo* (coisa). Na letra C, o pronome relativo *quantos* vem antecedido de *tantos* (indicando quantidade). Na letra D, o pronome relativo *que* não está adequado ao sentido da frase. Nela observamos a ideia de posse (causas dos fatos). Logo, a frase correta seria: " Às vezes, verificam-se fatos históricos **cujas causas** os historiadores não conseguem determinar". Na letra E, o **antecedente** do relativo *como* é a palavra *modo*. Nesses casos, quando os antecedentes são as palavras *modo*, *maneira*, *forma*, o relativo adequado é *como*.

Resposta: D.

9.11. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (FCC – TRE-AP – Técnico Judiciário – Administrativo – 2015)

Michelangelo resistiu a pintar a capela...

...que afligem os seres humanos...

O jovem Michelangelo penou para demonstrar o valor de seu gênio...

Fazendo-se as alterações necessárias, os elementos sublinhados acima foram corretamente substituídos por um pronome, respectivamente, em:

a) lhe pintar – lhes afligem – o demonstrar

b) pintar-lhe – afligem-nos – demonstrar-lhe

c) pintá-la – afligem-lhes – demonstrá-lo

d) pintá-la – os afligem – demonstrá-lo

e) pintar-lhe – os afligem – lhe demonstrar

2. (FCC – Manausprev – Analista Previdenciário – 2015)

Considere:

recuperar esse valor intrínseco

mostram numerosas oportunidades

compreender seus mecanismos

Fazendo-se as alterações necessárias, os segmentos sublinhados acima foram corretamente substituídos por um pronome, na ordem dada, em:

a) o recuperar – mostram-lhes – os compreender

b) lhe recuperar – as mostram – compreendê-los

c) recuperar-lhe – mostram-nas – compreender-lhes

d) recuperá-lo – mostram-nas – compreendê-los

e) recuperá-lo – lhes mostram – lhes compreender

3. (FCC – TJ-AP – Técnico Judiciário – Judiciária e Administrativa – 2014)

Considere o seguinte enunciado:

A jornalista Eliane Brum aproximou-se das parteiras amapaenses e ***entrevistou as parteiras amapaenses*** *para* ***apresentar as parteiras amapaenses*** *ao restante do Brasil.*

Para eliminar as repetições viciosas, as expressões destacadas devem ser substituídas, de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, respectivamente, por:

a) as entrevistou – lhes apresentar

b) entrevistou-nas – as apresentar

c) entrevistou-as – apresentá-las

d) entrevistou-lhes – apresentar-lhes

e) lhes entrevistou – apresentar-nas

4. (FCC – SEFAZ-PE – Auditor Fiscal do Tesouro Estadual – 2014)

A substituição do elemento grifado pelo pronome correspondente foi realizada de modo INCORRETO em:

a) pôs em evidência o fator comum = pô-lo em evidência

b) eliminou imediatamente a variante = eliminou-na imediatamente

c) arremedar a marcha desgovernada de um tabético = arremedá-la

d) trocou por outras as botinas escarrapachadas = trocou-as por outras

e) ela destruía a unidade física do tipo = ela a destruía

5. (Copergás/PE – Téc. Seg. Trabalho – FCC – Jul./2016)

A frase escrita conforme a norma-padrão da língua portuguesa é:

a) Permita-me perguntar a ti, prezado senhor: se o sol apaga, nós sobrevivêramos?

b) Permita-me prezado, senhor, perguntar-te: se o sol apagava, nós sobreviveríamos?

c) Permita-me, prezado senhor, perguntar-lhe: se o sol apagar, nós sobreviveremos?

d) Permita-me, prezado senhor perguntar-vos: se o sol apagasse, nós sobrevivemos?

e) Permita-me perguntar, a vós prezado senhor: se o sol tivesse apagado, nós sobrevivíamos?

Leia o texto a seguir para responder à questão 6.

Texto CB2A2AAA

É inegável que o Estado representa um ônus para a sociedade, já que, para assegurar o seu funcionamento, consome riquezas da sociedade. Representa, porém, um mal necessário, pois até agora não se conseguiu arquitetar mecanismo distinto para catalisar a vida em comunidade. Então, se do Estado ainda não pode prescindir a civilização, cabe-lhe aprimorá-lo, buscando otimizar o seu funcionamento, de modo a torná-lo menos oneroso, mais eficiente e eficaz.

O bom funcionamento do Estado, que inclui também o bom funcionamento de suas estruturas encarregadas do controle público (Ministério Público, Poder Legislativo e tribunais de contas, entre outros), vem sendo alçado à condição de direito fundamental dos indivíduos. Pressupõe, notadamente sob as luzes do princípio constitucional da eficiência, os deveres de cuidado e de cooperação.

O dever de cuidado é consequência direta do postulado da indisponibilidade do interesse público. Em decorrência desse postulado, todo agente público tem o dever de, no cumprimento fiel de suas atribuições, perseguir o interesse público manifesto na Constituição Federal e nas leis. Conduz, portanto, à ideia de vedação da omissão, já que deixar de cumprir tais atribuições evidenciaria conduta ilícita.

O dever de cuidado conduz, ainda, a uma ampla interação entre as estruturas públicas de controle, ou seja, é um dever de cooperação, não como faculdade, mas como obrigação que, em regra, dispensa formas especiais, como previsões normativas específicas, convênios e acordos.

Sob essa perspectiva, o controle público do Estado deve incorporar à sua cultura institucional o compromisso com o direito fundamental ao bom funcionamento do Estado. Nesse contexto, os deveres de cuidado e de cooperação se impõem a todas as estruturas do Estado destinadas a promover o controle da máquina estatal.

A observância do dever de cuidado e do de cooperação – traduzida, portanto, na atuação comprometida e concertada das estruturas orientadas para a função de controle da gestão pública – deve promover, entre os agentes e órgãos de controle, comportamentos de responsabilidade e responsividade. Por responsabilidade entenda-se o genuíno compromisso com a integralidade do ordenamento jurídico, o que pressupõe, acima de tudo, o reconhecimento de um regime de vedação da omissão. Responsividade, por sua vez, traduz o comportamento orientado a oferecer respostas rápidas e proativas, impregnadas de verdadeiro compromisso com a ideia-chave de promover o bom funcionamento do Estado.

Diogo Roberto Ringenberg. Direito fundamental ao bom funcionamento do controle público. In: *Controle Público*, nº 10, abr./2011, p. 55 (com adaptações).

6. (TCE-SC – Aud. Fiscal-Administ. – Cespe – Maio/2016)

Com relação às estruturas linguísticas do texto **CB2A2AAA**, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

No terceiro período do texto, as formas pronominais “ lo”, em suas duas ocorrências – “ aprimorá-lo” e “ torná-lo” –, e “ seu” referem-se a “ Estado”.

Leia o texto a seguir para responder à questão 7.

Texto I

A moeda, como hoje é conhecida, é o resultado de uma longa evolução. No início, não havia moeda, praticava-se o escambo. Algumas mercadorias, pela sua utilidade, passaram a ser mais procuradas do que outras. Aceitas por todos, assumiram a função de moeda, circulando como elemento trocado por outros produtos e servindo para avaliar-lhes o valor. Eram as moedas-mercadorias. O gado, principalmente o bovino, foi dos mais utilizados. O sal foi outra moeda-mercadoria; de difícil obtenção, era muito utilizado na conservação de alimentos. Ambas deixaram marca de sua função como instrumento de troca no vocabulário português, em palavras como pecúnia e pecúlio, capital e salário.

Com o passar do tempo, as mercadorias se tornaram inconvenientes às transações comerciais, devido à oscilação de seu valor, pelo fato de não serem fracionáveis e por serem facilmente perecíveis, o que não permitia o acúmulo de riquezas. Surgiram, então, no século VII a.C., as primeiras moedas com características semelhantes às das atuais: pequenas peças de metal com peso e valor definidos e com a impressão do cunho oficial, isto é, a marca de quem as emitiu e garante o seu valor.

Os primeiros metais utilizados na cunhagem de moedas foram o ouro e a prata. O emprego desses metais se impôs, não só por sua raridade, beleza, imunidade à corrosão e por seu valor econômico, mas também por antigos costumes religiosos. Durante muitos séculos, os países cunharam em ouro suas moedas de maior valor, reservando a prata e o cobre para os valores menores. Esses sistemas se mantiveram até o final do século XIX, quando o cuproníquel e, posteriormente, outras ligas metálicas passaram a ser empregados e a moeda passou a circular pelo seu valor extrínseco, isto é, pelo valor gravado em sua face, que independe do metal nela contido.

Na Idade Média, surgiu o costume de guardar os valores com um ourives, pessoa que negociava objetos de ouro e prata e que, como garantia, entregava um recibo. Esse tipo de recibo passou a ser utilizado para efetuar pagamentos, circulando de mão em mão, e deu origem à moeda de papel. Com o tempo, da forma como ocorreu com as moedas, os governos passaram a conduzir a emissão de cédulas, controlando as falsificações e garantindo o poder de pagamento. Atualmente, quase todos os países possuem bancos centrais, encarregados das emissões de cédulas e moedas.

Disponível em: <www.bcb.gov.br> (com adaptações).

7. (CEF – Cespe – Técnico Bancário – 2014)

Julgue o próximo item, relativo às ideias expressas no texto e a aspectos linguísticos desse texto como Certo (C) ou Errado (E).

Em “ servindo para avaliar-lhes o valor” (l. 4), o pronome “ lhes”, que retoma “ outros produtos” (l. 3-4), equivale, em sentido, ao pronome **seu.**

Leia o texto a seguir para responder à questão 8.

Texto I

Muitas vezes, na divulgação midiática de pesquisas e projetos científicos, o profissional da área de comunicação tropeça em questões teóricas, não dá a devida importância para a pesquisa em si, põe em foco questões do processo de pesquisa que são irrelevantes para o projeto e para o pesquisador, ou mesmo propaga conhecimentos e crenças populares em vez de ser “ fiel” ao

trabalho do pesquisador. Já o pesquisador, ao escrever sobre seu projeto ou pesquisa, esquece por vezes que aqueles que lerão nem sempre têm conhecimento linguístico da área e utiliza uma linguagem não acessível a pessoas que não pertencem ao meio acadêmico e, dessa forma, dificulta a divulgação de sua pesquisa.

O jornalista está dentro de uma esfera que tem como foco a comunicação em si e não o que se comunica. O foco é uma linguagem acessível, interessante e que chame a atenção do público para comprar e consumir os textos e artigos que são escritos e, se for necessário, ele sacrifica o conteúdo em prol da atenção do público e da linguagem. Já o pesquisador está em uma esfera cujo foco é o conteúdo, o objeto de pesquisa e a pesquisa em si e, muitas vezes, ele sacrifica um grupo extenso de leitores ao empregar linguagem específica, científica e não acessível. Portanto, ao escrever, os dois profissionais têm de ter em mente que sua esfera de atividade humana e, por consequência, de comunicação, se torna mais complexa. O jornalista deve ter em mente que, quando escreve sobre um projeto científico, não atua apenas em sua área de atividade humana, a comunicação, mas na comunicação científica. O cientista ou pesquisador deve considerar que a divulgação de sua pesquisa não deve ser feita apenas para a comunidade científica, mas para o público em geral. Dessa forma, o pesquisador precisa constantemente pensar mais nesse público e, consequentemente, na linguagem utilizada. O jornalista, por sua vez, precisa ficar mais atento à pesquisa que está sendo divulgada. Cada um precisa aprender com o outro, permitindo-se entrar mais em uma esfera de atividade humana à qual não pertence originalmente. O principal motivo desse intercâmbio de intenções ao escrever é aumentar o acesso do público à ciência.

A academia não pode estar voltada apenas para seu público interno. É muito importante que as informações sejam divulgadas e não permaneçam circulando em um grupo fechado, até para que haja crescimento da própria comunidade científica.

Camila Delmondes Dias et al. Divulgando a arqueologia: comunicando o conhecimento para a sociedade. In: *Ciência e Cultura*. São Paulo, v. 65, nº 2, jun./2013. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br> (com adaptações).

8. (FUB – Nível Superior – Cespe – 2014)

Com referência às estruturas linguísticas do texto, julgue o item seguinte como Certo (C) ou Errado (E).

O pronome "sua" (l. 14) remete ao termo "os dois profissionais" (l. 13), que, por sua vez, se refere conjuntamente a "O jornalista" (l. 8) e a "o pesquisador" (l. 11).

9. (Basa – Médico do Trabalho – Cesgranrio – Set./2015 – Adaptada)

No trecho "deveriam ser serviços dirigidos por pessoas de inteira confiança do empresário e que se dispusessem a defendê-lo", o pronome oblíquo "o" exerce uma função coesiva, ao retomar, como seu referente, a expressão

a) fundador

b) serviço médico

c) trabalho

d) capital

e) empresário

10. (Basa – Médico do Trabalho – Cesgranrio – Set./2015 – Adaptada)

No trecho "A medicina do trabalho, enquanto especialidade médica", a palavra **enquanto** pode ser substituída, conforme a norma-padrão e sem mudança do sentido original da frase, por

a) onde

b) porém

c) todavia

d) como

e) assim

11. (ANP – Téc. Reg. Petr&Der – Cesgranrio – Jan./2016)

O pronome de tratamento está empregado de acordo com a norma-padrão em:

a) Vossa Excelência, que é assim tratado por ser presidente desta empresa, deveria proporcionar cursos de aperfeiçoamento aos seus funcionários interessados no mercado digital.

b) As medidas para a prevenção de doenças cardíacas foram acatadas por Sua Excelência, o Ministro da Saúde, com muita propriedade.

c) Senhor Bispo, solicitamos que Vossa Senhoria apresente os dados relativos ao encontro internacional da juventude, realizado no Brasil em 2014.

d) Os funcionários da Universidade não aceitaram a posição de Sua Eminência, o Reitor, sobre o período destinado às férias escolares.

e) Sua Excelência Reverendíssima, o padre, pediu que os coordenadores das atividades da paróquia comparecessem pontualmente à reunião.

12. (C.M. Marília-SP – Proc. Jurídico – Vunesp – Abril/2016)

_____uma aluna da Sorbonne que a recebesse para uma conversa que pudesse explicar o Brasil com apenas um título que _____ de roteiro para o trabalho que deveria apresentar. Já me pediram coisas extravagantes, recusei algumas, aceitei outras. Mas não _____ .

Em conformidade com a norma-padrão, as lacunas da frase devem ser preenchidas, respectivamente, com:

a) Pediu-me … serviria-lhe … lhe quis decepcionar

b) Me pediu … servir-lhe-ia … quis decepcioná-la

c) Pediu-me … lhe serviria … a quis decepcionar

d) Me pediu … o serviria … quis decepcionar-lhe

e) Pediu-me … serviria-o … quis decepcioná-la

13. (Unesp – Ass. Administrativo I – Vunesp – Abril/2016)

A alternativa em que os pronomes destacados estão empregados segundo a norma-padrão é:

a) Havendo brinquedos no playground, meninos podem escalar-**lhes**.

b) Na loja havia uma pia que funcionava de verdade, e meu filho se empolgou quando viu **ela**.

c) Cuidado com seu sapato de princesa, filha! Não vai sujar **ele**!

d) Com esse modo de pensar sobre as meninas nós fazemos-**lhes** infelizes.

e) Meninos são tidos como diferentes e vivências mais amplas **lhes** são permitidas.

14. (Unifesp – Técnico Seg. Trab. – Vunesp – Abril/2016)

Leia os quadrinhos.

(*Folha de S.Paulo*, 09.01.2016. Adaptado)

Em conformidade com a norma-padrão da língua portuguesa, as lacunas da fala da personagem, no primeiro quadrinho, devem ser preenchidas, respectivamente, com:

a) algum ... me livrar

b) o ... livrar eu

c) esse ... me livrar

d) um ... livrar eu

e) este ... me livrar

Leia o texto a seguir para responder à questão 15.

Texto I

Na Vila Telebrasília, onde mora, poucos conhecem Abiesel Alves Cavalcanti pelo nome completo. Lá ele é Bisa, o pescador. Há 35 anos, o pernambucano veio atrás do progresso na capital. Acompanhado pelo irmão, trouxe algumas roupas e a tarrafa, sua ferramenta de trabalho. “ Eu falei para o mano: se lá tem água, tem peixe. De fome a gente não morre”, lembra Bisa. O Lago Paranoá alimentou toda a sua família, composta de mulher e dez filhos. No começo, quando a pesca com tarrafa era proibida, Bisa saía na madrugada em uma canoa e trabalhava escondido. Depois, quando a captura com malha foi autorizada, ele se destacou entre os colegas. Chegava a voltar com até 300 quilos de peixe na embarcação. Hoje, o lago já não é tão abundante quanto há uma década e meia, mas ele ainda chega com o barco cheio. Entre tilápias, tucunarés, carpas e traíras, soma 250 quilos de peixe por semana e perto de dois mil reais por mês. Bisa rema quase sete horas para chegar até a altura da Ermida Dom Bosco e, às vezes, dorme na mata e retorna para casa só na manhã seguinte. “ É uma vida de muito trabalho, mas necessidade eu nunca passei”, diz o pescador.

Lilian Tahan. Vivendo de pescaria. In: *Veja Brasília*, 2/10/2013 (com adaptações).

15. (Cespe – ICMBIO – Médio – 2014)

Julgue o próximo item, relativo às ideias e às estruturas linguísticas do texto como Certo (C) ou Errado (E).

Na oração “ ele se destacou entre os colegas” (l. 7), é obrigatório o uso do pronome “ se” em posição pré-verbal, devido ao fator atrativo exercido pelo elemento que o antecede.

Leia o texto a seguir para responder à questão 16.

Texto I

Construímos coisas o tempo todo, mas como saberemos quanto tempo vão durar? Se construirmos depósitos para resíduos nucleares, precisaremos ter certeza de que os contêineres vão resistir até que o material dentro deles não mais seja perigoso. E, se não quisermos encher o planeta de lixo, é bom sabermos quanto tempo leva para que plásticos e outros materiais se decomponham. A única forma de termos certeza é submetendo esses materiais a testes de estresse por cerca de 100 mil anos para ver como reagem. Então, poderíamos aprender a construir coisas que realmente duram — ou que se decompõem de uma forma " verde". Experimentos submeteriam materiais ao desgaste e a ataques químicos, como variações de alcalinidade, e, ainda, alterariam a temperatura ambiente para simular os ciclos de dia e noite e das estações. Com as técnicas de simulação em laboratórios de que dispomos atualmente, por exemplo, não se pode prever como será o desempenho da bateria de um carro elétrico nos próximos quinze anos. As simulações de computador podem, por fim, tornar-se sofisticadas a ponto de substituir experimentos de longo prazo. Enquanto isso, no entanto, precisamos adotar cautela extra ao construirmos coisas que precisam durar.

Kristin Persson. Como os materiais se decompõem? In: *Scientific American Brasil*, s/d, 2013 (com adaptações).

16. (Cespe – ICMBIO – Superior – 2014)

Acerca de aspectos estruturais do texto e das ideias nele contidas, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Em " se decompõem" (l. 6) e " se pode" (l. 10), o pronome " se" poderia ser proposto à forma verbal – **decompõem-se** e **pode-se** – sem prejuízo para a correção gramatical do texto.

Leia o texto a seguir para responder à questão 17.

Texto I

Um estudo da Universidade da Califórnia, em Davis – EUA, mostra que a curiosidade é importante no aprendizado. Imagens dos cérebros de universitários revelaram que ela estimula a atividade cerebral do hormônio dopamina, que parece fortalecer a memória das pessoas. A dopamina está ligada à sensação de recompensa, o que sugere que a curiosidade estimula os mesmos circuitos neurais ativados por uma guloseima ou uma droga. Na média, os alunos testados deram 35 respostas corretas a 50 perguntas acerca de temas que os deixavam curiosos e 27 de 50 questões sobre assuntos que não os atraíam. Estimular a curiosidade ajuda a aprender.

Planeta, dez/2014, p. 14 (com adaptações).

17. (Cespe – FUB – Técnico Administrativo – 2015)

A respeito das ideias e das estruturas linguísticas do texto acima, julgue o item que segue como Certo (C) ou Errado (E).

Em um uso mais formal da língua, as regras de colocação pronominal do padrão culto permitem que o pronome átono em " que não os atraíam" (l. 6) seja também utilizado depois do verbo, sob a forma de **nos**, ligada ao verbo por um hífen.

Leia o texto a seguir para responder à questão 18.

Texto 2 – Violência e favelas

O crescimento dos índices de violência e a dramática transformação do crime manifestados nas grandes metrópoles são

alarmantes, sobretudo, na cidade do Rio de Janeiro, sendo as favelas as mais afetadas nesse processo.

“ A violência está o cúmulo do absurdo. É geral, não é? É geral, não tem, não está distinguindo raça, cor, dinheiro, com dinheiro, sem dinheiro, tá de pessoa para pessoa, não interessa se eu te conheço ou se eu não te conheço. Me irritou na rua eu te dou um tiro. É assim mesmo que está, e é irritante, o ser humano está em um estado de nervos que ele não está mais se controlando, aí junta a falta de dinheiro, junta falta de tudo, e quem tem mais tá querendo mais, e quem tem menos tá querendo alguma coisa e vai descontar em cima de quem tem mais, e tá uma rivalidade, uma violência que não tem mais tamanho, tá uma coisa insuportável.” (moradora da Rocinha)

A recente escalada da violência no país está relacionada ao processo de globalização que se verifica, inclusive, ao nível das redes de criminalidade. A comunicação entre as redes internacionais ligadas ao crime organizado são realizadas para negociar armas e drogas. Por outro lado, verifica-se hoje, com as CPIs (Comissão Parlamentar de Inquérito) instaladas, ligações entre atores presentes em instituições estatais e redes do narcotráfico.

Nesse contexto, as camadas populares e seus bairros/favelas são crescentemente objeto de estigmatização, percebidos como causa da desordem social o que contribui para aprofundar a segregação nesses espaços. No outro polo, verifica-se um crescimento da autossegregação, especialmente por parte das elites que se encastelam nos enclaves fortificados na tentativa de se proteger da violência.

(Maria de Fátima Cabral Marques Gomes, *Scripta Nova*)

18. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

“ A violência está o cúmulo do absurdo. É geral, não é? É geral, não tem, não está distinguindo raça, cor, dinheiro, com dinheiro, sem dinheiro, tá de pessoa para pessoa, não interessa se eu te conheço ou se eu não te conheço. Me irritou na rua eu te dou um tiro.”

A fala da moradora da Rocinha mostra certas características distintas da variedade padrão de linguagem; a única característica que NÃO está comprovada pelo exemplo dado é:

a) segmentos desconexos: “ não tem”;

b) formas reduzidas: “ tá de pessoa para pessoa”;

c) explicações desnecessárias: “ com dinheiro, sem dinheiro”;

d) mistura de tratamento: “ se eu te conheço ou se eu não te conheço”;

e) erros gramaticais: “ me irritou na rua”.

19. (Liquigás – Administrador Jr. – Cesgranrio – Set./2015)

A frase em que a colocação do pronome se mostra adequada à norma-padrão é:

a) Não **nos** conformemos com a condição miserável de muitos!

b) Daqui a vinte e cinco anos, ainda desejar-**se**-á que o país progrida.

c) É necessário que encontrem-**se** medidas urgentes para o combate à fome.

d) **Me** surpreende que, no Brasil de hoje, a fome ainda mate.

e) Até que dia desrepeitaremo-**nos** tanto quanto hoje?

20. (Petrobras – Advogado Jr. – Cesgranrio – Ago./2015)

De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, o pronome destacado está colocado adequadamente em:

a) Quando todas as instituições educacionais **se** interessarem pela inclusão digital, a sociedade será muito beneficiada em diferentes aspectos do seu desenvolvimento.

b) Atualmente, há uma intensa pressão social para que o indivíduo sempre mantenha-**se** a par das novas tecnologias lançadas em outras regiões do mundo.

c) Não pouparam-**se** esforços para que todos os funcionários daquela empresa tivessem acesso às mídias digitais por meio de renovação dos equipamentos.

d) Os pesquisadores das áreas sociais e tecnológicas nunca enganam-**se** a respeito da grande importância da presença da internet em nossa sociedade.

e) Se o preço dos equipamentos eletrônicos ficar muito elevado, poderá-**se** procurar pesquisar mais atentamente.

21. (BB – Escriturário – Cesgranrio – Out./2015)

A colocação do pronome destacado atende às exigências da norma-padrão da Língua Portuguesa em:

a) Os clientes mais exigentes sempre comportaram-**se** bem diante das medidas favoráveis oferecidas pelos bancos.

b) Efetivando-**se** os pagamentos com moedas virtuais, os clientes terão confiança para utilizar esse recurso financeiro.

c) Os usuários constantes da internet não enganam-**se** a respeito das vantagens do comércio *on-line*.

d) É preciso observar que a população interessa-**se** pelas formas de aprendizagem condizentes com a sua cultura.

e) Os turistas tinham organizado-**se** para viajar quando as condições econômicas melhorassem.

22. (MPE/SP – Analista Técnico Científico – Vunesp – Jul./2016)

O contexto em que, segundo a norma-padrão, o pronome " se" pode ser colocado antes ou depois do verbo, é:

a) ... como todas as repúblicas que se prezam...

b) Chamava-se o deputado Felixhimino ben Karpatoso.

c) ... de cinquenta em cinquenta anos descobria-se nele um produto...

d) ... não se sabia bem...

e) ... embora nada se conhecesse dele.

23. (MPE/SP- Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Leia os quadrinhos.

(Níquel Náusea. Fernando Gonsales. *Folha de S.Paulo*, 17/04/2015. Adaptado)

Em conformidade com a norma-padrão, as lacunas na fala da personagem devem ser preenchidas, respectivamente, com:

a) Me morda ... mim

b) Morda-me ... eu

c) Me morde ... mim

d) Morde eu ... eu

e) Morda-me ... mim

Leia o texto a seguir para responder à questão 24.

Texto II

Bibliotecas sempre deram muito o que falar. Grandes monarquias jamais deixaram de possuir as suas, e cuidavam delas estrategicamente. Afinal, dotes de princesas foram negociados tendo livros como objetos de barganha; tratados diplomáticos versaram sobre essas coleções. Os monarcas portugueses, após o terremoto que dizimou Lisboa, se orgulhavam de, a despeito dos destroços, terem erguido uma grande biblioteca: a Real Livraria. D. José chamava-a de joia maior do tesouro real. D. João VI, mesmo na correria da partida para o Brasil, não se esqueceu dos livros. Em três diferentes levas, a Real Biblioteca aportou nos trópicos, e foi até mesmo tema de disputa.

Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br> (com adaptações).

24. (INSS – Técnico Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

Acerca de aspectos linguísticos e dos sentidos do texto acima, julgue o item que se segue como Certo (C) ou Errado (E).

A expressão “ essas coleções” (l. 3) retoma, por coesão, o termo “ Bibliotecas” (l. 1).

Leia o texto a seguir para responder à questão 25.

O ABCerrado e a Matomática (“ matemática do mato”), metodologias criadas por um professor da UnB, apoiam-se em dois princípios: o da elevação da autoestima de alunos e professores e o do envolvimento com o meio ambiente para a construção, de

forma lúdica e interdisciplinar, da cidadania e do respeito mútuo. “ Fazemos a aproximação por meio de elementos do contexto onde as crianças estão inseridas. As atividades de leitura, interpretação e escrita associam-se ao tema do cerrado na forma de poesias, música, desenho, pintura e jogos”, explica uma professora da Faculdade de Educação da UnB. Atualmente, a universidade trabalha para expandir a aplicação do ABCerrado na rede de ensino do DF. “ Ainda prevalece uma visão conservadora sobre o que é educação”, conta a professora. “ A natureza possui uma dimensão formadora. Isso subverte a forma de se tratar a relação entre o ser humano e o meio ambiente no cerne de um processo educativo. Não se trata de educar o ser humano para o domínio e a apropriação da natureza, mas de educar a humanidade para ser capaz de trocar e de aprender com ela”, completa.

João Campos. O ABC do cerrado. In: *Revista Darcy*, jun./2012 (com adaptações).

25. (Cespe – ICMBIO – 2014)

Com relação aos aspectos linguísticos e aos sentidos do texto acima, julgue o item subsequente como Certo (c) ou Errado (E).

O termo “ Isso” (l. 9) refere-se à expressão “ visão conservadora” (l. 8).

Leia o texto a seguir para responder à questão 26.

A busca de uma convenção para medir riquezas e trocar mercadorias é quase tão antiga quanto a vida em sociedade. Ao longo da história, os mais diversos artigos foram usados com essa finalidade, como o chocolate, entre os astecas, e o bacalhau seco, entre os noruegueses, tendo cabido aos gregos do século VII a.C. a criação de uma moeda metálica com um valor padronizado pelo Estado. “ Foi uma invenção revolucionária. Ela facilitou o acesso das camadas mais pobres às riquezas, o acúmulo de dinheiro e a coleta de impostos – coisas muito difíceis de fazer quando os valores eram contados em bois ou imóveis”, afirma a arqueóloga Maria Beatriz Florenzano, da Universidade de São Paulo. A segunda grande revolução na história do dinheiro, o papel-moeda, teve uma origem mais confusa. Existiam cédulas na China do ano 960, mas elas não se espalharam para outros lugares e caíram em desuso no fim do século XIV.

As notas só apareceram na Europa – e daí para o mundo – em 1661, na Suécia. Há quem acredite que cartões de crédito e caixas eletrônicos em rede já representam uma terceira revolução monetária. “ Com a informática, o dinheiro se transformou em impulsos eletrônicos invisíveis, livres do espaço, do tempo e do controle de governos e corporações”, afirma o antropólogo Jack Weatherford, da Faculdade Macalester, nos Estados Unidos da América.

Disponível em: <http://super.abril.com.br> (com adaptações).

26. (Cespe – CEF – Superior – 2014)

Em relação às ideias e aos aspectos linguísticos do texto, julgue o próximo item como Certo (C) ou Errado (E).

A expressão “ essa finalidade” (l. 2) refere-se ao trecho “ para medir riquezas e trocar mercadorias” (l. 1)

Leia o texto a seguir para responder à questão 27.

Já se tornou crônica a escassez de mão de obra qualificada no Brasil, o que pode comprometer ainda mais a capacidade produtiva do país nos próximos anos. Se nada for feito urgentemente para começar a reverter esse quadro, o país estará condenado a ter por muito tempo ainda o crescimento econômico reduzido que apresenta hoje, com efeitos negativos na distribuição de riqueza.

Desde 2012, o número de trabalhadores pouco escolarizados diminuiu, mas os indicadores apontam para o fato de que a escolarização ainda continua sendo muito precária, insuficiente para atender à demanda cada vez maior das indústrias e mesmo

dos setores de serviços e da construção civil, que tradicionalmente exigem menos especialistas na hora de contratar.

O Estado de S.Paulo, 26/1/2014 (com adaptações).

27. (FUB – Cespe – Médio/Superior – 2014)

Julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E), relativo às ideias e às estruturas linguísticas do texto acima.

A expressão " esse quadro" (l. 3) é elemento coesivo que retoma informação contida no período anterior.

Leia o texto a seguir para responder à questão 28.

Texto III

O Decreto nº 21.076, de 24 de fevereiro de 1932, primeiro Código Eleitoral pátrio, instituiu a justiça eleitoral no Brasil, com funções contenciosas e administrativas. Eram seus órgãos: um Tribunal Superior (de justiça eleitoral – o decreto não menciona justiça eleitoral), na capital da República; um tribunal regional, na capital de cada estado, no DF e na sede do governo do território do Acre, além de juízes eleitorais nas comarcas e nos distritos. O Tribunal Superior – de justiça eleitoral – com jurisdição em todo o território nacional, compunha-se de oito membros efetivos e oito substitutos, e era presidido pelo vice-presidente do Supremo Tribunal Federal (STF). A ele se somavam dois membros efetivos e dois substitutos, sorteados dentre os ministros do STF, além de dois efetivos e dois substitutos, sorteados dentre os desembargadores da Corte de Apelação do DF. Por fim, integravam a Corte três membros efetivos e quatro substitutos, escolhidos pelo chefe do governo provisório dentre quinze cidadãos, indicados pelo STF, desde que atendessem aos requisitos de notável saber jurídico e idoneidade moral. Dentre seus membros, elegia o Tribunal Superior, em escrutínio secreto, por meio de cédulas com o nome do juiz e a designação do cargo, um vice-presidente e um procurador para exercer as funções do Ministério Público, tendo este último a denominação de procurador-geral da justiça eleitoral. Em relação a esse cargo, nota-se uma peculiaridade, à época da criação do Tribunal Superior: o procurador-geral da justiça eleitoral não era o procurador-geral da República, mas sim um membro do próprio tribunal.

As formas de composição do TSE: de 1932 aos dias atuais. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral, Secretaria de Gestão da Informação, 2008, p. 11. Disponível em: <www.tse.jus.br> (com adaptações).

28. (TRE/GO – Superior – Cespe – 2015)

Com referência às estruturas linguísticas do texto III, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Na linha 14, a expressão " este último" remete ao último órgão mencionado no período: o " Ministério Público".

Leia o texto a seguir para responder à questão 29.

Texto 1

Há pessoas que preferem enfrentar as gélidas noites paulistanas na rua a buscar acolhimento nos abrigos municipais. As razões para tal atitude, mesmo em meio a uma onda de frio que assola São Paulo, são várias: de inadequação às regras dos albergues a condições supostamente insalubres de alguns desses locais.

Mesmo quem busca uma vaga tem reclamações a fazer sobre os abrigos municipais: eles dizem que os banheiros e as roupas de cama estão em más condições e se queixam de tratamento desrespeitoso por parte de alguns funcionários.

(UOL Cotidiano, *Notícias*, junho de 2016)

29. (Compesa – A.S.G. – Técn. Segur. Trab. – FGV – Jul./2016)

As razões para tal atitude, mesmo em meio a uma onda de frio que assola São Paulo, são várias: de inadequação às regras dos albergues a condições supostamente insalubres de alguns desses locais.

Assinale a opção que apresenta o comentário correto sobre um dos elementos sublinhados.

a) O termo tal atitude se refere à busca de acolhimento nos abrigos.

b) O termo em meio a uma onda de frio reitera gélidas noites paulistanas.

c) O termo várias indica obrigatoriamente grande quantidade.

d) O termo supostamente mostra confiança no que foi informado.

e) O termo desses locais se refere às ruas de São Paulo.

30. (Compesa – An. Gest. Médico do Trabalho – FGV – Jul./2016)

Assinale a opção que indica a frase em que o emprego do demonstrativo sublinhado está adequado.

a) "*As principais ameaças nessa vida são as pessoas que querem mudar tudo... ou nada.*"

b) "*O mundo anda mudando tão rápido que aquele que diz que alguma coisa não pode ser feita é geralmente interrompido por alguém fazendo esta coisa.*"

c) "*Crianças e loucos dizem a verdade. Por isso se educam essas e se encarceram estes.*"

d) "*O pior dos problemas da gente é que ninguém tem nada com isto.*"

e) "*Lamentar aquilo que não temos é desperdiçar aquilo que possuímos.*"

31. (Pref. Paulínia-SP – Eng. Agrôn. – FGV – Maio/2016)

"*É próprio das famílias numerosas brigarem, fazerem as pazes e tornarem a brigar.*"

(**Machado de Assis**)

No fragmento acima, o vocábulo *próprio* mostra o mesmo valor que na seguinte frase:

a) O restaurante serve pratos finos, próprios a paladares exigentes.

b) Os idosos gostam de jogos próprios de sua idade.

c) Ele próprio preparava a comida.

d) Assinou o documento com seu nome próprio.

e) Eu sempre morei em apartamento próprio.

32. (BB – Escriturário – Cesgranrio – Out./2015 – Adaptada)

Nos fragmentos a seguir, a palavra ou expressão a que o termo destacado se refere está corretamente explicitada entre colchetes em:

a) "A teoria nos ensina que são três as **suas** principais características" [ordem de pagamento]

b) "Criada por um 'personagem virtual', **cuja** identidade no mundo real é motivo de grande especulação" [moeda virtual]

c) “ trocavam seus produtos de subsistência através do escambo, organizado em locais públicos, decorrendo **daí** a origem do termo ‘pregão’ da Bolsa” [produção de bens]

d) “ **ela** é sempre motivada por um fenômeno humano” [essa pequena exegese]

e) “ o que **isso** tem a ver com *bitcoins*?” [transação financeira virtual]

33. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

(Hagar, Dik Browne. *Folha de S.Paulo*, 31.10.2015. Adaptado)

Em conformidade com a norma-padrão, as lacunas nas falas das personagens devem ser preenchidas, respectivamente, com:

a) Esses ... sinto-me... me sentiria

b) Estes ... me sinto ... me sentiria

c) Eles ... sinto-me... sentiria-me

d) Esses ... me sinto ... sentir-me-ia

e) Estes ... sinto-me... sentir-me-ia

Leia o texto a seguir para responder à questão 34.

O museu é considerado um instrumento de neutralização – e talvez o seja de fato. Os objetos que nele se encontram reunidos trazem o testemunho de disputas sociais, de conflitos políticos e religiosos. Muitas obras antigas celebram vitórias militares e conquistas: a maior parte presta homenagem às potências dominantes, suas financiadoras. As obras modernas são, mais genericamente, animadas pelo espírito crítico: elas protestam contra os fatos da realidade, os poderes, o estado das coisas. O museu reúne todas essas manifestações de sentido oposto. Expõe tudo junto em nome de um valor que se presume partilhado por elas: a qualidade artística. Suas diferenças funcionais, suas divergências políticas são apagadas. A violência de que participavam, ou que combatiam, é esquecida. O museu parece assim desempenhar um papel de pacificação social. A guerra das imagens extingue-se na pacificação dos museus.

Todos os objetos reunidos ali têm como princípio o fato de terem sido retirados de seu contexto. Desde então, dois pontos de vista concorrentes são possíveis. De acordo com o primeiro, o museu é por excelência o lugar de advento da Arte enquanto tal, separada de seus pretextos, libertada de suas sujeições. Para o segundo, e pela mesma razão, é um “ depósito de despojos”. Por um lado, o museu facilita o acesso das obras a um status estético que as exalta. Por outro, as reduz a um destino igualmente

estético, mas, desta vez, concebido como um estado letárgico.

A colocação em museu foi descrita e denunciada frequentemente como uma desvitalização do simbólico, e a musealização progressiva dos objetos de uso como outros tantos escândalos sucessivos. Ainda seria preciso perguntar sobre a razão do " escândalo". Para que haja escândalo, é necessário que tenha havido atentado ao sagrado. Diante de cada crítica escandalizada dirigida ao museu, seria interessante desvendar que valor foi previamente sacralizado. A Religião? A Arte? A singularidade absoluta da obra? A Revolta? A Vida autêntica? A integridade do Contexto original? Estranha inversão de perspectiva. Porque, simultaneamente, a crítica mais comum contra o museu apresenta-o como sendo, ele próprio, um órgão de sacralização. O museu, por retirar as obras de sua origem, é realmente " o lugar simbólico onde o trabalho de abstração assume seu caráter mais violento e mais ultrajante". Porém, esse trabalho de abstração e esse efeito de alienação operam em toda parte. É a ação do tempo, conjugada com nossa ilusão da presença mantida e da arte conservada.

(Adaptado de: GALARD, Jean. *Beleza Exorbitante*. São Paulo, Fap.-Unifesp, 2012, p. 68-71)

34. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

... *suas financiadoras* (1º parágrafo)

Suas diferenças funcionais... (1º parágrafo)

... *seu caráter mais violento*... (3º parágrafo)

Os pronomes dos trechos acima referem-se, respectivamente, a:

a) vitórias militares − manifestações − museu

b) vitórias militares − obras modernas − museu

c) potências dominantes − obras modernas − trabalho de abstração

d) potências dominantes − manifestações − trabalho de abstração

e) potências dominantes − obras modernas − museu

Leia o texto a seguir para responder à questão 35.

Texto I

A moeda, como hoje é conhecida, é o resultado de uma longa evolução. No início, não havia moeda, praticava-se o escambo. Algumas mercadorias, pela sua utilidade, passaram a ser mais procuradas do que outras. Aceitas por todos, assumiram a função de moeda, circulando como elemento trocado por outros produtos e servindo para avaliar-lhes o valor. Eram as moedas-mercadorias. O gado, principalmente o bovino, foi dos mais utilizados. O sal foi outra moeda-mercadoria; de difícil obtenção, era muito utilizado na conservação de alimentos. Ambas deixaram marca de sua função como instrumento de troca no vocabulário português, em palavras como pecúnia e pecúlio, capital e salário.

Com o passar do tempo, as mercadorias se tornaram inconvenientes às transações comerciais, devido à oscilação de seu valor, pelo fato de não serem fracionáveis e por serem facilmente perecíveis, o que não permitia o acúmulo de riquezas. Surgiram, então, no século VII a.C., as primeiras moedas com características semelhantes às das atuais: pequenas peças de metal com peso e valor definidos e com a impressão do cunho oficial, isto é, a marca de quem as emitiu e garante o seu valor.

Os primeiros metais utilizados na cunhagem de moedas foram o ouro e a prata. O emprego desses metais se impôs, não só por sua

raridade, beleza, imunidade à corrosão e por seu valor econômico, mas também por antigos costumes religiosos. Durante muitos séculos, os países cunharam em ouro suas moedas de maior valor, reservando a prata e o cobre para os valores menores. Esses sistemas se mantiveram até o final do século XIX, quando o cuproníquel e, posteriormente, outras ligas metálicas passaram a ser empregados e a moeda passou a circular pelo seu valor extrínseco, isto é, pelo valor gravado em sua face, que independe do metal nela contido.

Na Idade Média, surgiu o costume de guardar os valores com um ourives, pessoa que negociava objetos de ouro e prata e que, como garantia, entregava um recibo. Esse tipo de recibo passou a ser utilizado para efetuar pagamentos, circulando de mão em mão, e deu origem à moeda de papel. Com o tempo, da forma como ocorreu com as moedas, os governos passaram a conduzir a emissão de cédulas, controlando as falsificações e garantindo o poder de pagamento. Atualmente, quase todos os países possuem bancos centrais, encarregados das emissões de cédulas e moedas.

Disponível em: <www.bcb.gov.br> (com adaptações).

35. (CEF – Nível Médio – Cespe – Março/2014)

Julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

O referente do sujeito da oração " e garante o seu valor" (l. 12) é " marca" (l. 12).

Leia o texto a seguir para responder à questão 36.

Depois que se tinha fartado de ouro, o mundo teve fome de açúcar, mas o açúcar consumia escravos. O esgotamento das minas – que de resto foi precedido pelo das florestas que forneciam o combustível para os fornos –, a abolição da escravatura e, finalmente, uma procura mundial crescente, orientam São Paulo e o seu porto de Santos para o café. De amarelo, passando pelo branco, o ouro tornou-se negro.

Mas, apesar de terem ocorrido essas transformações que tornaram Santos num dos centros do comércio internacional, o local conserva uma beleza secreta; à medida que o barco penetra lentamente por entre as ilhas, experimento aqui o primeiro sobressalto dos trópicos. Estamos encerrados num canal verdejante. Quase podíamos, só com estender a mão, agarrar essas plantas que o Rio ainda mantinha à distância nas suas estufas empoleiradas lá no alto. Aqui se estabelece, num palco mais modesto, o contato com a paisagem.

O arrabalde de Santos, uma planície inundada, crivada de lagoas e pântanos, entrecortada por riachos estreitos e canais, cujos contornos são perpetuamente esbatidos por uma bruma nacarada, assemelha-se à própria Terra, emergindo no começo da criação. As plantações de bananeiras que a cobrem são do verde mais jovem e terno que se possa imaginar: mais agudo que o ouro verde dos campos de juta no delta do Bramaputra, com o qual gosto de o associar na minha recordação; mas é que a própria fragilidade do matiz, a sua gracilidade inquieta, comparada com a suntuosidade tranquila da outra, contribuem para criar uma atmosfera primordial.

Durante cerca de meia hora, rolamos por entre bananeiras, mais plantas mastodontes do que árvores anãs, com troncos plenos de seiva que terminam numa girândola de folhas elásticas por sobre uma mão de 100 dedos que sai de um enorme lótus castanho e rosado. A seguir, a estrada eleva-se até os 800 metros de altitude, o cume da serra. Como acontece em toda parte nessa costa, escarpas abruptas protegeram dos ataques do homem essa floresta virgem tão rica que para encontrarmos igual a ela teríamos de percorrer vários milhares de quilômetros para norte, junto da bacia amazônica. Enquanto o carro geme em curvas que já nem poderíamos qualificar como " cabeças de alfinete", de tal modo se sucedem em espiral, por entre um nevoeiro que imita a alta montanha de outros climas, posso examinar à vontade as árvores e as plantas estendendo-se perante o meu olhar como espécimes

de museu.

(Adaptado de: Lévi-Strauss, Claude. *Tristes Trópicos*. Coimbra, Edições 70, 1979, p. 82-3)

36. (TRF3- Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

As plantações de bananeiras que a cobrem... (3º parágrafo)

... com troncos plenos de seiva que terminam numa girândola de folhas... (4º parágrafo)

... que sai de um enorme lótus castanho e rosado... (4º parágrafo)

Os pronomes sublinhados referem-se respectivamente a:

a) bruma – seiva – mão

b) planície – troncos – mão

c) planície – troncos – dedos

d) Terra – seiva – mão

e) bruma – troncos – dedos

37. (TRT14R – Téc. Jud. – Área Adminis. – FCC – Fev./2016)

"*Isto pode despertar a atenção de outras pessoas que tenham documentos em casa e se disponham a trazer para a Academia, que é a guardiã desse tipo de acervo, que é muito difícil de ser guardado em casa, pois o tempo destrói e aqui temos a melhor técnica de conservação de documentos", disse Cavalcanti.*

O termo sublinhado faz referência a

a) pessoas.

b) acervo.

c) Academia.

d) tempo.

e) casa.

38. (TRT14R – Téc. Jud. – Área Adminis. – FCC – Fev./2016)

Considere o texto abaixo.

*O rio Madeira banha os estados de Rondônia e do Amazonas. ...***I***... esse nome, pois no período de chuvas seu nível sobe e inunda grandes porções da planície florestal, trazendo troncos e restos de madeira da floresta. É um dos principais rios da bacia do Amazonas e ...***II***... já foram dedicados textos literários, muitos ...***III***... possuem grande valor artístico.*

As lacunas **I**, **II** e **III** do texto acima devem ser preenchidas, correta e respectivamente, com:

	I	II	III
a)	Deram-no	para ele	os quais

b)	Deram-lhe	a ele	dos quais
c)	Deram-lhe	ante ele	aos quais
d)	Deram-no	dele	pelos quais
e)	Deram-lhe	nele	nos quais

Leia o texto a seguir para responder à questão 39.

Texto I

Naquele novo apartamento da rua Visconde de Pirajá pela primeira vez teria um escritório para trabalhar. Não era um cômodo muito grande, mas dava para armar ali a minha tenda de reflexões e leitura: uma escrivaninha, um sofá e os livros. Na parede da esquerda ficaria a grande e sonhada estante onde caberiam todos os meus livros. Tratei de encomendá-la a seu Joaquim, um marceneiro que tinha oficina na rua Garcia D' Ávila com Barão da Torre.

O apartamento não ficava tão perto da oficina. Era quase em frente ao prédio onde morava Mário Pedrosa, entre a Farme de Amoedo e a antiga Montenegro, hoje Vinicius de Moraes. Estava ali havia uma semana e nem decorara ainda o número do prédio. Tanto que, quando seu Joaquim, ao preencher a nota de encomenda, perguntou-me onde seria entregue a estante, tive um momento de hesitação. Mas foi só um momento. Pensei rápido: " Se o prédio do Mário é 228, o meu, que fica quase em frente, deve ser 227". Mas lembrei-me de que, ao ir ali pela primeira vez, observara que, apesar de ficar em frente ao do Mário, havia uma diferença na numeração.

– Visconde de Pirajá, 127 – respondi, e seu Joaquim desenhou o endereço na nota.

– Tudo bem, seu Ferreira. Dentro de um mês estará lá sua estante.

– Um mês, seu Joaquim! Tudo isso? Veja se reduz esse prazo.

– A estante é grande, dá muito trabalho... Digamos, três semanas.

Ferreira Gullar. A estante. In: *A estranha vida banal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989 (com adaptações).

39. (INSS – Técnico Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

Julgue o seguinte item como Certo (C) ou Errado (E), a respeito de aspectos linguísticos do **texto I**.

Seria mantida a correção do texto caso o trecho " onde caberiam" (*l*.6) fosse substituído por **que caberia**.

Leia o texto a seguir para responder à questão 40.

Texto III

A história do grafite no Brasil iniciou-se na década de 70 do século XX, precisamente na cidade de São Paulo, em uma época conturbada da história do Brasil, época essa silenciada pela censura resultante da chegada dos militares ao poder.

Paralelamente ao movimento que despontava em Nova York, o grafite surgiu no cenário da metrópole brasileira como uma arte transgressora, a linguagem da rua, da marginalidade, que não pedia licença e que gritava nas paredes da cidade os incômodos de uma geração.

A partir disso, a arte de grafitar se transformou em um importante veículo de comunicação urbano, corroborando, de alguma

maneira, a existência de outras vozes, de outros sujeitos históricos e ativos que participam da cidade.

É importante ressaltar que o grafite, inicialmente, foi uma arte caracterizada pela autoria anônima, por meio da qual o grafiteiro transformava a cidade em um importante suporte de comunicação artística sem delimitação de espaço, de mensagem ou de mensageiro.

Portanto, o que importava naquele momento era a arte em si e não o nome de seu autor. Por esse motivo, os ditos " cânones" são retirados de sua posição central e imperativa para dar lugar a uma arte de todos e para todos; arte da rua, na rua e para a rua; arte da cidade, na cidade e para a cidade: o grafite. Nesse sentido, a arte se funde com a vida do cidadão da metrópole por meio do movimento mútuo de transformação e de identificação de seus sujeitos.

Disponível em: <www.todamateria.com.br> (com adaptações).

40. (Pref. SP – Agente Gestão P. Públicas – Cespe – Maio/2016)

No texto III, o pronome isso, em " A partir disso" (L. 7, 3ª§), refere-se:

a) à história do surgimento do grafite no Brasil.

b) ao contexto histórico brasileiro na década de 70 do século XX.

c) a " arte transgressora" (L. 5).

d) às características do grafite.

e) a " paredes da cidade" (L. 6).

Leia o texto a seguir para responder à questão 41.

Texto CG1A1AAA

Em julho de 1955, Bertrand Russell e Albert Einstein lançaram um inusitado apelo aos povos do mundo, pedindo-lhes que " pusessem de lado" seus fortes sentimentos a respeito de uma série de questões e se vissem " exclusivamente como membros de uma espécie biológica que traz consigo uma história extraordinária e cujo desaparecimento ninguém pode desejar". O dilema com que se defronta o mundo é " claro, aterrador e incontornável: poremos fim à espécie humana ou a humanidade renunciará à guerra?".

O mundo não renunciou à guerra. Muito pelo contrário. Hoje, a potência mundial hegemônica se dá o direito de fazer a guerra ao seu arbítrio, segundo uma doutrina de " autodefesa antecipada" sem limites conhecidos. Com uma postura essencialmente farisaica, os Estados Unidos da América (EUA) são implacáveis na imposição do direito internacional e de tratados e regras da ordem mundial aos outros países, mas rejeitam-nos como irrelevantes quando se trata de si mesmos – uma prática antiga, levada a limites inauditos pelos governos de Reagan e Bush II.

Noam Chomsky. *Estados fracassados: o abuso do poder e o ataque à democracia*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009 (com adaptações).

41. (PC-PE – Todos os Cargos – Conhec. Gerais – Cespe – Jun./2016)

No texto CG1A1AAA, a forma pronominal

a) " nos" (l. 10) retoma " outros países" (l. 9).

b) " consigo" (l. 3) refere-se a " membros" (l. 3).

c) “ lhes” (l. 2) refere-se a “ Bertrand Russell e Albert Einstein” (l. 1).

d) “ se” (l. 2) refere-se a “ povos do mundo” (l. 1).

e) “ cujo” (l. 4) retoma “ membros de uma espécie” (l. 3).

42. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

“ Já é possível, por exemplo, fotografar pintas suspeitas e enviar as imagens a um algoritmo que as analisa e diz com mais precisão do que um dermatologista se a mancha é inofensiva ou se pode ser um câncer, o que exige medidas adicionais”.

Entre os elementos abaixo, aquele que NÃO se relaciona semanticamente a um termo anterior é:

a) que;

b) as;

c) o;

d) as imagens;

e) um câncer.

43. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

“ Essas pessoas sofrem com as grandes distâncias dos locais de residência com os centros comerciais e os locais onde trabalham”; a frase abaixo em que o vocábulo *onde/aonde* foi mal empregado é:

a) “ Muitos suicidas se detiveram no limiar da morte ao pensar no café aonde vão todas as noites para sua partida de dominó” (Balzac);

b) “ Onde há casamento sem amor, vai haver amor sem casamento” (Franklin);

c) “ Circo é o lugar onde se permite a cavalos, pôneis e elefantes verem homens, mulheres e crianças bancarem idiotas” (Ambrose Bierce);

d) “ As pessoas onde é difícil achar defeitos devem ser difíceis de achar” (Nouailles);

e) “ *Os Lusíadas* se tornaram para nós um pesadelo, porque ninguém sabia onde o diabo escondia o sujeito da oração naqueles versos retorcidos” (Fernando Sabino).

44. (Compesa – An. Gest. Médico do Trabalho – FGV – Jul./2016)

As opções a seguir apresentam pensamentos em que os pronomes sublinhados estabelecem coesão com elementos anteriores.

Assinale a frase em que esse referente anterior é uma oração.

a) “ *Um diplomata é um sujeito que pensa duas vezes antes de não dizer nada*”.

b) “ *A minha vontade é forte, mas a minha disposição de obedecer-lhe é fraca*”.

c) “ *Não existe assunto desinteressante, o que existe são pessoas desinteressadas*”.

d) “ *A dúvida é uma margarida que jamais termina de se despetalar*”.

e) “ *Se você pensa que não tem falhas, isso já é uma*”.

45. (Petrobras – Advogado Jr. – Cesgranrio – Ago./2015)

Considerem-se os períodos abaixo.

I – Antigamente era usado esse conceito.

II – As ciências sociais hoje discordam desse conceito.

Unindo-se esses períodos em um só, suprimindo-se as repetições e respeitando-se a norma-padrão, tem--se o seguinte período:

a) Antigamente era usado esse conceito, ao qual as ciências sociais hoje discordam.

b) Antigamente era usado esse conceito, como qual as ciências sociais hoje discordam.

c) Antigamente era usado esse conceito, pelo qual as ciências sociais hoje discordam.

d) Antigamente era usado esse conceito, do qual as ciências sociais hoje discordam.

e) Antigamente era usado esse conceito, para o qual as ciências sociais hoje discordam.

46. (Basa – Téc. Bancário – Cesgranrio – Set./2015)

A combinação do pronome relativo com a preposição exigida pelo verbo em destaque está de acordo com a norma-padrão em:

a) Os elevadores modernos em que se **refere** o texto possuem música ambiente.

b) Os elevadores antigos com que nos **lembramos** ainda possuíam portas pantográficas.

c) Os termos de que se **limita** a maioria dos ascensoristas são " sobe" e " desce".

d) A profissão pela qual **trata** o Texto II é uma das mais tediosas.

e) O ascensorista de quem se **fala** no texto parece sempre bem-humorado.

47. (BB – Escriturário – Cesgranrio – Out./2015 – Adaptada)

Nos fragmentos a seguir, a palavra ou expressão a que se refere o termo destacado está expressa adequadamente entre colchetes em

a) " a produção de bens era limitada e feita por famílias **que** trocavam seus produtos" [sociedades primitivas]

b) " poderá abrir as portas para novos serviços nas estruturas **que** se formarão não somente no mercado financeiro, em todas as suas facetas" [as portas]

c) " como intuito de facilitar a circulação de mercadorias, **que** tinham como lastro elas mesmas." [moedas]

d) " Nascia o mercado financeiro em Amsterdã, **que** depois se espalharia por toda a Europa e pelo mundo." [Amsterdã]

e) " uma aberração no mundo financeiro, **que**, não obstante isso, tem valor." [mundo financeiro]

48. (IPSMI – Procurador – Vunesp – Abril/2016)

O emprego dos termos destacados e do sinal indicativo de crase está de acordo com a norma-padrão em:

a) Sei que para **mim** chegar **onde** cheguei a luta foi dura, frente à frente com muitas dificuldades.

b) Sempre soube que em **mim** existe uma tendência à vencer, que me leva **aonde** eu desejo.

c) O homem sabe que vai **aonde** quiser, graças à ação de um poder maior que **lhe** conduz os passos.

d) Agimos à partir da hora em que deixaram **nós** sozinhos, naquele escritório **aonde** não havia nada.

e) Foi à luta, pensando que **onde** fosse estaria sem amigos que **lhe** apoiassem.

49. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016 – Adaptada)

Em conformidade com a norma-padrão, na passagem " O Garcia não se revoltava contra a passividade **a que era submetido pela mulher**...", a parte em destaque pode ser reescrita da seguinte forma:

a) ... a que era imposto pela mulher.

b) ... que era infligido pela mulher.

c) ... que lhe era imposta pela mulher.

d) ... de que era imposta pela mulher.

e) ... em que era infligida pela mulher.

50. (FCC – TRT 3ª Região – Analista Judiciário Área Adm. – Jul./2015)

É adequado o seguinte comentário:

a) A frase " **Este é o jovem cujo trabalho li com atenção**" pode ser redigida, de modo claro e condizente com a norma padrão, assim: " O jovem que eu li o trabalho dele com atenção é este".

b) " Os meninos **por cujos destinos** tanto lutamos andam já por conta própria" é frase com inadequação no segmento destacado, que seria sanada com sua substituição por " cujos os destinos".

c) Em " Os meninos por cujos destinos tanto lutamos **andam já por conta própria",** a substituição do segmento destacado por " andam já por si só" mantém a correção e o sentido originais.

d) Em " A orientadora do grupo, **a qual** é excelente, faltou hoje", emprega-se o que está em destaque para evitar o duplo sentido que o emprego da palavra " que", em seu lugar, originaria.

e) A frase " Maria e Solange machucaram se" evidencia que as duas receberam machucados, sem que se instale a dúvida: " uma machucou a outra?"; a palavra que poderia ser acrescentada para indicar esse segundo sentido seria " reciprocamente".

51. (FCC – TRT – 16ª Região (MA) – Médico – 2014)

As lacunas da frase **Um prefácio ..... nossa inteira atenção esteja voltada certamente conterá qualidades ..... força é impossível resistir** preenchem-se adequadamente, na ordem dada, pelos seguintes elementos:

a) para o qual – a cuja

b) ao qual – de cuja a

c) com o qual – por cuja

d) aonde – de que a

e) por onde – as quais a

52. (FCC – TRT – 2ª Região (SP) – Analista Judiciário – Área Administrativa – 2014)

A construção da frase *eu pressuponho esse futuro* <u>*com o qual nada me autoriza a contar*</u> permanecerá correta caso se substitua

o elemento sublinhado por

a) perante o qual não sei avaliar.

b) em cujo nada posso desconfiar.

c) de cujo pouco posso prever.

d) por quem nada posso antecipar.

e) do qual nada me é dado esperar.

53. (DNIT – Técnico Administrativo – ESAF – 2013)

Assinale a expressão que, nas relações de coesão, não é usada para se referir ao autor das palavras transcritas no fragmento abaixo.

“ Precisamos melhorar bastante o transporte coletivo. Muito, muitíssimo”, enfatiza o professor da Escola de Engenharia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Luis Antonio Lindau. Ele não vê a realização de grandes obras viárias como uma solução para o problema. “ Não tem como resolver fazendo isso. Se hoje dispuséssemos de uma fortuna para investir em obras, isso não resolveria o problema, pois ele cresce de uma forma muito maior que nossa capacidade de fazer obras”, destaca. O especialista enfatiza que a criação de corredores exclusivos para os ônibus e de uma rede de transporte coletivo de alta eficiência são caminhos para se resolver o problema. “ Precisamos de uma solução de maior intensidade. Vamos nos concentrar no transporte coletivo”, diz ele.

(Adaptado de Juliano Tatsch – *Jornal do Comércio*, Solução para problemas no trânsito está no transporte coletivo. Disponível em: http://portoimagem.wordpress.com/2011/03/24, acesso em 5 dez. 20012)

a) “ professor da Escola de Engenharia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul”(l. 1 e 2)

b) “ Ele”(l. 2)

c) “ ele”(l. 5)

d) “ O especialista”(l. 5)

e) “ ele”(l. 8)

Leia o texto a seguir para responder à questão 54.

O conceito de brasileiro cordial cai por terra ante a violência que se alastra de norte a sul do país. Não se fala aqui apenas de atos imoderados como os praticados pelos *black blocs*; ou de ação de justiceiros que algemam pessoas a poste; ou de bandidos que ateiam fogo a ônibus e a seres humanos; ou de sequestros relâmpagos que assustam cidadãos e lhes limitam o direito de ir e vir; ou de homicídios que ultrapassam cifras registradas em países em guerra. Fala-se do crime de racismo. Discriminar adultos e crianças com base na cor da pele é, além de caduco, inaceitável. Baseia-se no prejulgamento de que há seres superiores e inferiores não em decorrência de obras por eles realizadas, mas de característica física biologicamente herdada. Além da punição prevista em lei, impõem-se ações aptas a evitar que cenas de preconceito se repitam. Entre elas, campanhas governamentais destinadas à mudança de mentalidade da população. O brasileiro pode tornar-se cordial de fato. Ser movido pelo coração pressupõe valores humanistas e democráticos. Conviver com as diferenças é fruto da civilização.

(Adaptado do *Correio Braziliense*, 18/02/2014.)

54. (Receita Federal – Auditor Fiscal – ESAF – 2014)

(Adaptada) Julgue a assertiva a seguir como certa ou errada.

O pronome “ elas” (l. 9) retoma o antecedente “ cenas de preconceito” (l. 8).

Leia o texto a seguir para responder à questão 55.

Como estamos às vésperas de celebrar os 500 anos da palavra “ utopia” e do romance filosófico de Thomas Morus que a consagrou, o momento é mais do que oportuno para examinar que novas feições ela adquiriu após tantos sonhos desfeitos e outros tantos pervertidos e que atualização lhe deram as expectativas geradas pela informática, pelas biotecnologias, pelas nanociências, pelas ciências cognitivas e as perspectivas de clonagem, ectogênese (fecundação de útero artificial), artificialização dos órgãos do corpo e prolongamento da vida, abertas por elas.

Seu étimo grego, significando não lugar, lugar nenhum ou, trocadilhescamente, lugar da felicidade (eutropia), designou primeiro uma ilha dos mares do Novo Mundo, em que foi bater um navegante português ligado a Américo Vespúcio. Terra prodigiosa, em tudo diferente da Europa do século 16, a perfeição imperava em suas cinquenta e poucas cidades. Morus imaginou-a empolgado pela descoberta da América e do “ novo homem” que a habitava. Se bem que a República platônica já configurasse uma utopia, foi na ilha “ descoberta” por Rafael Hitlodeu que surgiu o conceito de utopia como representação imaginária de uma sociedade que tenha encontrado soluções exemplares para todos os seus problemas.

Outras sociedades ideais, fundamentadas em leis justas e instituições político-econômicas comprometidas com o bem-estar da coletividade, nasceram da imaginação de romancistas e pensadores, nos séculos seguintes, com particular insistência no século 19, auge do utopismo socialista de Charles Fourier, Étienne Cabet, Edward Bellamy e William Morris. A esses devaneios igualitários a dupla Marx-Engels combateu e contrapôs outro, supostamente científico, cuja caracterização como utopia pode livrar a cara do comunismo, mas não das sociedades que às suas ideias básicas deram concretude, a partir da revolução bolchevique, uma utopia que virou distopia.

A distopia é uma distorção ou uma mutação da utopia, um sonho que se transforma em pesadelo. A ficção científica e a literatura de antecipação são pródigas em fantasias do gênero. De Jules Verne (Capitão Nemo era um utopista) ao Aldous Huxley de *Admirável Mundo Novo*, ao Orwell de 1984 e ao Ray Bradbury de *Fahrenheit 451*. Serão todos lembrados ao longo do ciclo.

(Adaptação da matéria “Um sonho de 500 anos”, de Sérgio Augusto – jornal *O Estado de São Paulo*, 02 de agosto de 2015)

55. (Analista de Planejamento e Orçamento – ESAF – 2015)

(Adaptada) Julgue a assertiva a seguir como certa ou errada.

No trecho “ abertas por elas” (l. 6), o pronome “ elas” retoma “ novas feições” (l. 2).

Leia o texto a seguir para responder à questão 56.

O Brasil é um exemplo de país para o qual a modernidade, em todas as fases de sua história nos últimos cinco séculos, impõe-se, sobretudo, como abertura aos ventos de fora.

Com o neoliberalismo, é frequente o abandono da ideia do nacional brasileiro, com a sedução de um imaginário influenciado por forte apelo da técnica e aceitação tranquila da força totalitária dos fatores da globalização. Em todos os casos, avulta como corrente condutora e força propulsora e indiscutível a modernidade alienígena e alienante.

Que seria uma modernidade à brasileira e como poderemos alcançá-la? Cumpriria, em primeiro lugar, não enxergar a modernidade

como um dogma, uma obrigação, um credo.

Em duas palavras, isso implicaria não seguir o conselho do poeta Rimbaud, para quem a modernidade era algo a tomar a qualquer preço. Ao contrário, o que se postula é uma modernidade guiada por um objetivo nacional brasileiro.

Se antes isso já era possível, agora o é muito mais, embora nos façam crer que há apenas uma opção, um caminho, com vistas à construção do futuro.

A grande originalidade do presente período histórico é a visibilidade, em todos os cantos do mundo, das novas possibilidades oferecidas por ele e a consciência de que é possível uma multiplicidade de combinações.

Essas não têm que ser obrigatoriamente condutoras de alienação, podendo construir-se a partir de um modo de ser característico da nação considerada como um todo, uma edificação secular onde as mudanças não suprimam a identidade, mas renovem o seu sentido a partir das novas realidades. Não se trata, assim, de recusar o mundo, mas de assegurar um movimento conjunto, em que o país não seja exclusivamente tributário, mas soberanamente partícipe na produção de uma história universal.

Disponível em: <http://www.oocities.org/br/madsonpardo/ms/artigos/msa03.htm>. Acesso em: 04/01/2016 (Milton Santos, com adaptações).

56. (ESAF – ANAC – Analista Administrativo – 2016)

(Adaptada) Após leitura do texto acima, julgue certa ou errada a questão a seguir:

A substituição de " alcançá-la" (l. 7) por " alcançar-lhe" provoca erro gramatical ou incoerência textual.

Leia o texto a seguir para responder à questão 57.

A despeito das suas imperfeições, a Lei da Transparência Tributária representa um notável avanço institucional. A conscientização da população brasileira é fundamental para a construção de uma República efetivamente democrática, em que os eleitores tenham plena ciência da repercussão das decisões tomadas pelos seus representantes. Somente assim poderão exigir a construção de um sistema tributário simples, coerente e justo, que não onere os cidadãos carentes e não seja regressivo, gravando os contribuintes menos abastados de modo (proporcionalmente) mais severo que os mais favorecidos economicamente.

(Adaptado de Andrei Pitten Velloso, Lei da transparência tributária: vitória da cidadania. Disponível em: <http://www.cartaforense.com.br/conteudo /colunas>. Acesso em: 18 mar. 2014.)

57. (ESAF – Receita Federal – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2014)

(Adaptada) Em relação às estruturas linguísticas do texto, julgue a assertiva a seguir como certa ou errada.

O uso da preposição em " em que" (l. 3) torna-se desnecessário se, no lugar de " que", o pronome utilizado for " a qual".

Leia o texto a seguir para responder à questão 58.

O filósofo e doutor em educação Mário Sérgio Cortella, 61 anos, começa a entrevista dizendo: " Hoje, o Boko Haram matou cem pessoas no norte de Camarões… Todo dia há notícias assim". O grupo fanático que ele menciona tenta fazer da Nigéria, vizinha de Camarões, uma república islâmica. E usa a barbárie para suplantar a marginalização política, econômica e social a que fora relegado pelos últimos governos. Essa facção sanguinária tornou-se conhecida do público ao sequestrar 200 meninas nigerianas numa escola, em 2014. Muitas foram estupradas. Disputam o noticiário as degolas de civis por outro bando de radicais, o Estado Islâmico, e, ainda, os rescaldos do atentado ao semanário francês *Charlie Hebdo*, com a rejeição generalizada aos que professam o islamismo, a religião maometana que não prega o ódio – muito menos a matança.

(Adaptado de Patrícia Zaidan. Fonte: http://www.contioutra.com/todo-preconceituoso-e-covarde-o-ofendido-precisa-compreender-isso-afirma-mario-sergio-cortella/. Acesso em 30.07.2015)

58. (ESAF – Analista de Planejamento e Orçamento – 2015)

Assinale a opção incorreta a respeito do uso das estruturas linguísticas do texto.

a) As expressões " O grupo fanático que ele menciona" (l. 2-3) e " Essa facção sanguinária" (l. 5) referem-se a Boko Haram (l. 2).

b) O termo " Muitas" (l. 6) da oração " Muitas foram estupradas" retoma " cem pessoas no norte de Camarões" (l. 2).

c) O pronome " ele" (l. 3), na oração " que ele menciona", refere-se a Mário Sérgio Cortella (l. 1).

d) O sujeito de " Disputam o noticiário" (l. 6) é " as degolas de civis por outro bando de radicais, o Estado Islâmico, e, ainda, os rescaldos do atentado ao semanário francês Charlie Hebdo" (l. 6 a 8).

e) O travessão, antes da expressão " muito menos a matança" (l. 9), serve para enfatizar essa expressão e pode ser substituído por vírgula sem causar erro gramatical.

59. (ESAF – Receita Federal – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2014)

Assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia de palavra inserido na transcrição do texto.

A Receita Federal nem sempre teve **esse** (1) nome. Secretaria da Receita Federal é apenas a mais recente denominação da Administração Tributária Brasileira nestes cinco séculos de existência. Sua criação **tornou-se** (2) necessária para modernizar a máquina arrecadadora e fiscalizadora, bem como para promover uma maior integração entre o Fisco e os Contribuintes, facilitando o cumprimento **expontâneo** (3) das obrigações tributárias e a solução dos eventuais problemas, bem como o acesso **às** (4) informações pessoais privativas de interesse de cada cidadão.

O surgimento da Secretaria da Receita Federal representou um significativo avanço na facilitação do cumprimento das obrigações tributárias, contribuindo para o aumento da arrecadação **a partir** (5) do final dos anos 60.

(Adaptado de Acesso em: 17 mar. 2014.)

a) (1)

b) (2)

c) (3)

d) (4)

e) (5)

Gabarito: 1. d; 2. d; 3. c; 4. b; 5. c; 6. C; 7. C; 8. C; 9. e; 10. d; 11. b; 12. c; 13. e; 14. e; 15. E; 16. E; 17. E; 18. d; 19. a; 20. a; 21. b; 22. c; 23. b; 24. C; 25. E; 26. C; 27. C; 28. E; 29. b; 30. e; 31. a; 32. a; 33. b; 34. d; 35. E; 36. b; 37. b; 38. b; 39. E; 40. e; 41. c; 42. e; 43. d; 44. e; 45. d; 46. e; 47. c; 48. c; 49. c; 50. d; 51. a; 52. e; 53. c; 54. errada; 55. errada; 56. certa; 57. errada; 58. b; 59. c.

9.12. RESUMO

São muitos os pronomes... Pessoais, possessivos, indefinidos, relativos... Vamos resumir tudo que é mais

relevante sobre pronomes?

- Pronome indefinido é classe que se refere a substantivo. Indica ideia vaga, generaliza.
- Tanto o pronome indefinido quanto o adjetivo referem-se a substantivo. A diferença entre eles é semântica: o adjetivo qualifica o substantivo e o pronome indefinido indica ideia indefinida, vaga.
-

Atenção aos vocábulos "certo", "vários", "bastante": quando se referem ao substantivo e vêm antes, são pronomes indefinidos; quando vêm depois do substantivo, são adjetivos.

- Pronome pessoal reto substitui sujeito. Para substituir complementos, use o pronome pessoal oblíquo.
- Os pronomes oblíquos **o, a, os, as** substituem objetos diretos, complementos sem preposição. Os pronomes oblíquos **lhe** e **lhes** substituem objetos indiretos, complementos com preposição.
- Já os curingas (**me, te, se, nos, vos**) podem ser objetos diretos ou indiretos. Tudo vai depender da regência do verbo.
- Pronomes de tratamento são pronomes de 2ª pessoa do discurso (com quem se fala), mas carrega o verbo e os demais pronomes para a 3ª pessoa do discurso (= você).
- Em colocação pronominal, lembre-se de que há 3 proibições, 1 regra e 2 exceções. Ao julgar uma frase como certa ou errada, comece pensando nas proibições. Parta do princípio de que o que não é proibido está correto
- Ao utilizar os demonstrativos em frases, não se esqueça de perguntar primeiramente se ele se refere ao espaço/tempo/texto.
- Quando o pronome remete o leitor para uma informação que está dentro do texto, diz-se que ele tem função endofórica. Tal função pode se subdividir em anafórica (o pronome retoma) ou catafórica (o pronome avança no texto).
- O pronome terá função exofórica quando remeter o leitor para uma informação fora do texto: algo que tem de se deduzido. É a função do "onde", "quando", "quem.
- Pronomes relativos têm sempre função anafórica. Lembre-se de que o pronome cujo não pode ser substituído por nenhum outro relativo.
- Para saber a preposição que antecederá o relativo, basta colocar a oração que vem após o relativo na ordem direta, verificando se há ali verbo ou nome que peça preposição.

10 PREPOSIÇÃO

10.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

É palavra invariável que liga vocábulos ou orações, subordinando um ao outro. Caracteriza-se, assim, por ser um conectivo. Veja os exemplos:

Casa **de** José

Nesse caso, a preposição liga dois termos, dois substantivos.

Correu **para** chegar a tempo.

Já nesse exemplo, a preposição liga duas orações. É exatamente isso: preposição é conectivo que pode ligar termos ou orações.

Classificam-se as preposições em:

a) essenciais: apresentam-se sempre como preposição: a, ante, até, após, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por, sem, sob, sobre, trás.

b) acidentais: são aquelas que originalmente pertencem a outra classe gramatical (conjunções, advérbios...), mas, em determinadas frases, passam a usar-se como preposição.

como (= na qualidade de), durante (= por), conforme, segundo (= de acordo com) etc. Veja os exemplos:

Tinha-o **como** amigo.

Nesse exemplo, a palavra **como**, que, normalmente é conjunção, funciona como **preposição acidental**, pois equivale a uma outra preposição (" na qualidade de").

Segundo as previsões, teremos sol neste domingo.

Aqui, a palavra **segundo**, que pode ser numeral ou conjunção, funciona como **preposição acidental**. Basta trocá-la por uma locução prepositiva (" de acordo com") e você verá o valor de preposição que ela possui na frase.

Locução prepositiva: conjunto de palavras que funciona como preposição. Termina sempre por preposição.

Exs.: abaixo de, antes de, de acordo com, a respeito de, devido a, apesar de, a despeito de, em virtude de, em razão de, graças a etc.

10.2. VALOR RELACIONAL E NOCIONAL DA PREPOSIÇÃO

Diz-se que a preposição pode apresentar valor relacional ou nocional. A preposição possui valor relacional quando

aparece na frase por uma exigência gramatical do termo anterior. Nesse caso, ela é resultado de regência verbal ou nominal.

Necessito **de** sua ajuda imediata.

Aqui, a preposição aparece na frase em função do verbo *necessitar*, que a exigiu: regência verbal.

Tenho necessidade **de** sua ajuda imediata.

Nesse caso, a preposição veio à frase por solicitação gramatical do substantivo que a antecede. Trata-se de regência nominal (regência do nome).

O que os dois exemplos anteriores têm em comum é o fato de a preposição ter aparecido na frase por exigência gramatical. É o **valor relacional** da preposição, ou, como muitas vezes é chamado nas provas, **valor gramatical**.

No entanto, as preposições, ao ligarem vocábulos ou orações, podem estabelecer valor semântico. Nesse caso, elas aparecem na frase, não por serem exigidas gramaticalmente pelo termo anterior, mas para indicar uma nova noção. É o chamado **valor nocional** ou **semântico**. Nos exemplos a seguir, as preposições estabelecem valores semânticos:

Desenho a lápis. (instrumento)

Chegou com a namorada. (companhia)

Estremeceu com a notícia. (causa)

Falar de futebol. (assunto)

Viver de renda. (meio)

Correr de medo. (causa)

Ir para a rua. (direção)

Treina muito para vencer. (finalidade)

Como o valor gramatical será estudado em regência, ficaremos neste capítulo apenas com os valores semânticos que as preposições podem estabelecer. É preciso treinar muito para se habituar à nomenclatura utilizada nas provas. Vamos apresentar uma ampla lista de valores nocionais das preposições e, ao longo dos exercícios, você irá se deparar também com outros. Vamos lá?

Numere os parênteses abaixo de acordo com as relações semânticas que as preposições ou locuções prepositivas estabelecem.

1. causa	7. posse	13. tempo
2. companhia	8. assunto	14. acréscimo
3. finalidade	9. direção	15. concessão

4. origem	10. instrumento	16. ausência
5. lugar	11. matéria	17. conteúdo
6. meio	12. modo	

1. ( ) "Para seres amado, ama."

   Comentários: É o mesmo que "*a fim de* seres amado".

   Resposta: 3.

2. ( ) Viemos de Brasília de avião.

   Comentários: Brasília é a *origem* de onde viemos e avião é o *meio* de transporte utilizado.

   Resposta: 4 e 6.

3. ( ) Foi direto para a casa de Maria.

   Comentários: Foi *em direção à* casa de Maria; Maria *possui* a casa.

   Resposta: 9 e 7.

4. ( ) É preciso que além de uma sólida base filosófica de valores exista a parceria com os pais.

   Comentários: Precisa-se não só de base filosófica; precisa-se *também* de parceria com os pais.

   Resposta: 14.

5. ( ) Devido à falta de luz, não haverá aula hoje.

   Comentários: Não haverá aula *em função*, *por causa da* falta de luz.

   Resposta: 1.

6. ( ) Fez de tudo para não ser olhado com medo.

   Comentários: Não queria ser olhado *deste modo*, *desta forma*: com medo.

   Resposta: 12.

7. ( ) Abriu a porta com a chave.

   Comentários: A chave foi o *instrumento* utilizado para abrir a porta.

   Resposta: 10.

8. ( ) À tardinha, voltamos ao local combinado.

   Comentários: Voltamos ao local combinado *durante* a tardinha.

   Resposta: 13.

9. ( ) Conversamos muito sobre política.

Comentários: Política é o *assunto* sobre o qual conversamos.

Resposta: 8.

10. ( ) Para quem mora na favela, o medo é constante.

Comentários: Favela é *onde* se mora, o *local*.

Resposta: 5.

11. ( ) Foi detido por desacato.

Comentários: Desacato foi a *causa* para sua detenção.

Resposta: 1.

12. ( ) "Muitas vezes você é obrigado a amar o Botafogo, apesar do Botafogo."

Comentários: Amar o Botafogo é uma *concessão* aos problemas que o time traz, é algo *contraditório*.

Resposta: 15.

13. ( ) Gostei da sala de visitas.

Comentários: É uma sala com a *finalidade de* receber visitas.

Resposta: 3.

14. ( ) Ela se afastou com um súbito choro.

Comentários: Chorando foi a *forma*, o *modo* como ela se afastou.

Resposta: 12.

15. ( ) Tinha empobrecido com a seca.

Comentários: A seca foi a *causa* para a sua pobreza.

Resposta: 1.

16. ( ) Deve-se rir com alguém, não de alguém.

Comentários: Deve-se rir *em companhia de* alguém.

Resposta: 2.

17. ( ) Ele se confundiu com a minha resposta.

Comentários: A minha resposta foi a *causa* para a confusão dele, ela fez com que ele se confundisse.

Resposta: 1.

18. ( ) Copo de vinho.

Comentários: Aqui, aceitam-se duas respostas, dependendo do contexto em que essa frase esteja inserida. Ou o vinho é o *conteúdo* do copo, ou se trata de um copo *para* servir vinho, com a *finalidade de*.

Resposta: 17 ou 3.

19. ( ) Comprou um chapéu de palha.

Comentários: Palha é a *matéria* com que é feito o chapéu, seu *material*.

Resposta: 11.

20. ( ) A árvore caiu com o vento.

Comentários: O vento é a *causa* para a queda da árvore.

Resposta: 1.

21. ( ) O coração batia de alegria.

Comentários: A alegria fazia com que o coração batesse, era a *causa* para tal.

Resposta: 1.

22. ( ) Óculos sem aro.

Comentários: São óculos que *não possuem* aro: o aro é ausente nos óculos.

Resposta: 16.

Vamos treinar esse assunto em questões de concursos anteriores.

10.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

1. (FCC) A substituição da locução em destaque pela que se encontra à direita alteraria sensivelmente o sentido do enunciado no trecho:

a) "declino minha solidariedade em relação a sua preocupação" / no que concerne a.

b) "o médico tem [...] de administrar seu posicionamento em função das características da doença" / sem embargo de.

c) "Tento entender a posição do paciente diante de sua doença" / em face de.

d) "Procuro respeitar sua vontade, colocando-a à frente da tecnologia" / adiante de.

e) "devem também participar do encaminhamento das soluções médicas, em prol de posições mais humanas" / em favor de.

Comentários:

Na letra A, ambas as locuções prepositivas apresentam valor semântico de *assunto*. Na letra C, o valor semântico é

de *causa*; na letra D, a noção que se expressa é de *lugar*, *posicionamento*. Na letra E, as locuções estão com valor semântico de *favor* e se reescrevem. Apenas na letra B as expressões não se substituem: *em função das* indica causa e *sem embargo de* indicaria concessão.

Resposta: B.

2. (NCE) O valor relacional da preposição em destaque está indicado com erro na alternativa:

a) "prolongar vidas de pacientes de forma inacreditável" / modo.

b) "conviver com incertezas" / companhia.

c) "discutir os inerentes aspectos técnicos sem desvinculá-los do lado emocional" / motivo.

d) "refletir sobre o sentido da vida" / assunto.

e) "preparar para a viagem final" / fim.

Comentários:

Mais uma vez, o que a banca espera é que o aluno identifique os valores semânticos das preposições e assinale o único que esteja incorretamente identificado. Na letra A, prolongam-se vidas de pacientes de determinada *forma*, *modo*; na letra B, convive-se *na companhia de* incertezas. Já na letra C, o valor é de *modo* e não *motivo*: discutem-se os aspectos técnicos *dessa forma* – sem desvinculá-los do lado emocional. Na letra D, o sentido da vida é o *assunto* sobre o qual se discute e, na letra E, a viagem final é a *finalidade* da preparação.

Resposta: C.

3. (NCE) Em "Procuro respeitar sua vontade, colocando-a à frente da tecnologia, **por** entender que a morte, assim como a vida, merece dignidade", a preposição **por** está empregada com o mesmo valor relacional que em:

a) Inês, dama de rara beleza, morreu por amor.

b) Examinaremos toda a questão, mas por partes.

c) Vagamos, distraídos, por toda a cidade.

d) A casa tem dois pavimentos, ligados por uma escada.

e) Ele sempre lutou por conseguir um bom emprego.

Comentários:

Na frase do enunciado, a preposição possui valor semântico de *causa* (é o mesmo que "*porque* entendo que a morte, assim como a vida..."). Na letra A, Inês morreu *por causa do* amor: o valor semântico é de *causa*. Na letra B, a questão será examinada deste *modo*: por partes; na letra C, a cidade é o *lugar* por onde vagamos distraídos; na letra D, a escada é o *meio* de ligação entre os dois pavimentos e, na letra E, a conquista de um bom emprego é a *finalidade* da luta dele.

Resposta: A.

4. (NCE/Ministério Público) A frase abaixo em que a preposição DE tem seu valor corretamente indicado é:

a) pulseira de plástico = qualidade

b) morreu de cansaço = causa

c) rosto de anjo = origem

d) tampa da panela = matéria

e) viagem de longe = parte

Comentários:

Na letra A, o valor semântico da preposição é de *matéria*: plástico é o material com que foi feita a pulseira. Na letra B, o valor é mesmo de *causa*: o cansaço foi a causa para a morte. Na letra C, anjo não é a *origem* do rosto, o valor é de *semelhança*: tem-se um rosto à semelhança de um anjo; na letra D, o valor semântico é de *posse*: a panela é *da* tampa e, na letra E, o valor é de *origem*, e não de parte.

Resposta: B.

5. (FCC/TRF) Alterou-se sensivelmente o sentido do trecho a seguir na opção: "O Mercosul (...) é, no momento, o mais notável bloco do Sul, devido ao peso específico das economias nele contidas e pelo seu rápido avanço".

a) O Mercosul é, no momento, o mais notável bloco do Sul, em virtude do peso específico das economias nele contidas e pelo seu rápido avanço.

b) Pelo peso específico das economias nele contidas e pelo seu rápido avanço, o Mercosul é, no momento, o mais notável bloco do Sul.

c) O Mercosul é, no momento, o mais notável bloco do Sul, por causa do peso específico das economias nele contidas e do seu rápido avanço.

d) Devido ao peso específico das economias nele contidas e pelo seu rápido avanço, o Mercosul é, no momento, o mais notável bloco do Sul.

e) O Mercosul é, no momento, o mais notável bloco do Sul, apesar do peso específico das economias nele contidas e pelo seu rápido avanço.

Comentários:

A locução prepositiva que aparece na frase do enunciado (*devido a*) tem valor de causa. Na letra A, tem-se a locução *em virtude de* com o mesmo valor causal. Na letra B, as duas ocorrências da preposição *pelo* indicam também causa. Na letra C, mais uma locução com valor causal: *por causa de*. Na letra D, duas preposições com valor de causa: *devido a* e *pelo*. Somente na letra E, a locução *apesar de* não indica causa, e sim concessão.

Resposta: E.

6. **(FCC)** Em "**Por** ser antes de tudo uma máquina de vender e, mais que isso, de vender o prazer do consumo e o consumo do prazer, ela atira contra nós mesmos o nosso desejo de consumir ao máximo...", a preposição sublinhada expressa uma relação com o sentido de:

a) causa

b) condição

c) consequência

d) concessão

e) posse

Comentários:

Tem-se, na frase do enunciado, uma relação de *causa e consequência*: o fato de ser uma máquina de vender o prazer e o consumo é a *causa* para se atirar contra nós mesmos o nosso desejo de consumir muito. Logo, a preposição tem o valor semântico de causa.

Resposta: A.

11 CONJUNÇÕES

11.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

11.1.1. Conjunções coordenativas

As **conjunções coordenativas** são aquelas que ligam orações de sentido completo, independente, que não exercem função sintática entre si: uma não é sujeito, objeto direto... da outra. Essa é a principal diferença entre as conjunções coordenativas e as subordinativas: a relação sintática que não existe entre as primeiras ocorre com as últimas. Mas você deve estar se perguntando: vou ter de pensar nisso tudo na hora de classificar as conjunções? Fique tranquilo, a resposta é não. Para identificar as conjunções, não será preciso pensar em análise sintática. Basta entender o que cada conjunção indica: o que é adicionar, opor, o que é causa, concessão, efeito etc.

Assim, comecemos pelas coordenativas, que integram o primeiro bloco, entendendo cada ideia que elas iniciam, aproveitando também para conhecer as conjunções e, se possível, memorizar, ao menos, meia dúzia de cada uma delas, para poupar futuramente seu tempo de resolução de prova. As conjunções coordenativas podem ser: aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas ou explicativas.

As **conjunções aditivas** são aquelas que ligam orações ou palavras, expressando ideia de acrescentamento ou adição. São elas: *e, nem* (= e não), além das expressões correlativas, que vêm em pares e também somam: *não só... mas também, não só... como também, bem como, não só... mas ainda.* Veja a frase:

A sua pesquisa é clara *e* objetiva.

Aqui, a conjunção aditiva liga termos (adjetivos) e não orações (sim, porque não se engane achando que a conjunção só pode ligar orações). Tais informações se adicionam, acrescentam.

Observe ainda:

Ele *não só* entrou na sala *como também* dirigiu-se aos pais.

Nesse caso, temos as expressões correlativas, que ligam duas orações, indicando ações que se somam.

As **conjunções adversativas** são aquelas que ligam duas orações ou palavras, expressando ideia de contraste ou compensação. São elas*: mas, porém, todavia, contudo, entretanto, no entanto, não obstante.* Em relação às conjunções adversativas, é interessante frisar que elas nem sempre opõem, mas podem também compensam, ressalvam.

Veja:

Tentei chegar mais cedo, *porém* não consegui.

Aqui, a conjunção adversativa opõe, o que podemos observar pelas expressões "tentei chegar" e "não consegui".

Logo, esse exemplo nos traz uma conjunção adversativa com valor de oposição, contraste.

Agora, observe:

Seu discurso foi breve, *mas* violento.

Nesse caso, temos palavras que não se contrastam: *breve* não é contrário de *violento*, mas é sua compensação. Logo, temos aqui conjunção adversativa com valor de ressalva, compensação.

As **conjunções alternativas** são aquelas que ligam orações ou palavras, expressando ideia de alternância ou escolha, indicando fatos que se realizam separadamente. São elas: *ou, ou... ou, ora... ora, já... já, quer... quer, seja... seja.* O que é interessante evidenciar nesse conceito é que elas podem, então, indicar, basicamente, duas ideias:

Ou saio eu, *ou* sai ele desta sala. (exclusão, escolha)

O cavalo avançava *ora* para a esquerda, *ora* para a direita. (alternância)

Você deve estar se perguntando: por que é preciso saber que a conjunção alternativa indica duas ideias (alternância ou exclusão)? Por dois motivos: primeiro, porque assim você não se engana achando que, se a conjunção é alternativa, só pode indicar alternância. Depois porque, em algumas questões, o examinador pode exigir um conhecimento mais específico: não que se diga apenas o nome da conjunção, mas que se explique o valor semântico que ela traz.

As **conjunções conclusivas** são aquelas que ligam à anterior uma oração que expressa ideia de conclusão ou consequência. São elas: *logo, pois* (dica importante: quando deslocado na oração, depois do verbo)*, portanto, por conseguinte, por isso, assim.*

Veja um exemplo:

Ele estava bem preparado para o teste, *portanto*, não ficou nervoso.

Aqui, o fato de *não ficar nervoso* é o resultado de *ele ter se preparado bem para o teste.* É a sua conclusão.

As **conjunções explicativas** são aquelas que justificam a ideia da oração a que se referem. São elas: *que*, *porque*, *pois* (dica importante: quando iniciar a oração, antes do verbo), *porquanto*.

Assim, temos:

Venha para casa, *pois* está começando a chover.

Não demore, *que* o filme vai começar.

Interessante observar que as conjunções explicativas normalmente vêm ligadas a orações com verbos no imperativo – ordem, pedido, conselho ("*venha* para casa", "não *demore*"). Isso ocorre porque é uma questão de educação dar a ordem e, na sequência, explicar, justificar o porquê daquele comando. Essa é uma boa dica para reconhecer as conjunções explicativas com mais rapidez nas frases. Eis uma notícia boa: ao ver uma oração com verbo no imperativo, ligada a um *porque, pois, porquanto*, normalmente a conjunção será explicativa. A notícia ruim é que a conjunção explicativa pode vir também ligada a oração sem verbo no imperativo. Mas aí, para identificá-la facilmente, é só se lembrar do seu

conceito: ela indica a explicação, a justificativa para o que foi dito anteriormente. Assim,

"Fazia tudo para ser agradável, *pois* não deixava uma pergunta sem respostas." (E. Bechara)

Aqui, a segunda oração explica, justifica aquilo que se disse na primeira. A conjunção é, então, explicativa.

Uma prova que tratou da conjunção explicativa ligada a verbo no imperativo foi a de Perito Criminal da Polícia Civil, Fundação Getulio Vargas, realizada em 2009. Veja:

Quase Nada

(Fábio Moon e Gabriel Bá. *Folha de São Paulo*, 28 de dezembro de 2008.)

1. No quarto quadrinho, a palavra **que** introduz uma:

a) causa.

b) consequência.

c) explicação.

d) condição.

e) concessão.

Comentários:

A conjunção *que* aparece ligada a verbo no imperativo – acorda – indicando uma explicação para o que se disse na outra oração. Poderíamos até trocar o *que* por outra conjunção explicativa – *porque*, *pois*. Observe que a banca não se preocupa tanto se a conjunção é coordenativa ou subordinativa, e sim com o valor semântico que ela indica – *explicação*. É uma tendência das bancas atuais: não cobrar do aluno memorização da nomenclatura, mas compreensão das ideias expressas pelos conectores.

Resposta: C.

Antes de partirmos à análise de outras questões de concursos, vamos fixar os conceitos por meio de frases curtas, para verificar se você entendeu a teoria.

Classifique as conjunções coordenativas das frases abaixo.

1. Fale baixo, **porque** todos estão dormindo.

   Comentários: Ordem seguida da explicação.

   Resposta: conjunção explicativa.

2. **Não só** passeia, **mas ainda** cumpre a obrigação.

   Comentários: As duas ações se somam, *ele passeia* e *cumpre a obrigação*: "não só, mas ainda".

   Resposta: conjunções aditivas.

3. Estudou muito **e** não foi aprovado.

   Comentários: Apesar de a conjunção "e" ser normalmente aditiva, aqui ela contrasta, não segue o esperado: o que se esperava seria *estudar* e *ser aprovado*.

   Resposta: conjunção adversativa.

4. Estudou muito **e** foi aprovado.

   Comentários: Nesse caso, a conjunção não soma nem opõe, ela indica o resultado, a conclusão.

   Resposta: conjunção conclusiva.

5. Você leu as cláusulas do contrato; não reclame, **pois**, das dificuldades que surgirem.

   Comentários: Observe bem: a conjunção *pois* veio após o verbo, entre vírgulas, o que indica o seu deslocamento; além do mais, traz ideia de resultado.

   Resposta: conjunção conclusiva.

6. **Nem** estuda **nem** deixa os outros estudarem.

   Comentários: Dizer que *nem estuda nem deixa os outros estudarem* é o mesmo que dizer que não se fazem as *duas* coisas: não estuda *e* não deixa os outros estudarem.

   Resposta: conjunção aditiva. Cuidado para não confundir com as alternativas: não são ações que se alternam e sim que se somam.

7. Analisamos o projeto com muita atenção, estamos, **pois**, aptos a executá-lo.

   Comentários: Novamente, o *pois* deslocado. As vírgulas são uma preciosa dica. Ideia de resultado, conclusão.

   Resposta: conjunção conclusiva.

8. O regulamento era bastante claro a esse respeito; **no entanto**, muitas pessoas teimavam em fingir que não sabiam de nada.

   Apesar da *clareza do regulamento*, pessoas *fingiam não saber de nada*: oposição, contraste.

   Resposta: conjunção adversativa. Além do mais, as conjunções *entretanto, porém, no entanto* serão sempre

adversativas!

9. **Ou** não entendeu, **ou** fingiu-se de tolo.

Comentários: Duas opções que se excluem.

Resposta: as conjunções são alternativas e o valor semântico é de exclusão, escolha: uma coisa ou outra.

10. As autoridades levantaram-se **e** aplaudiram o velho professor.

Comentários: Finalmente um *e* que soma: duas ações que se adicionam.

Resposta: conjunção aditiva.

11. Saia da varanda, **que** está muito frio.

Comentários: Aproveite a estruturação da frase: temos a ordem (verbo no imperativo), seguida da explicação.

Resposta: conjunção explicativa.

12. Ele agradeceu a mim **bem como** a todos os presentes pela ajuda recebida.

Comentários: Ele agradeceu a mim *e* a todos.

Resposta: conjunção aditiva.

Vamos resolver algumas questões? Mas antes uma dica importante: nas provas atuais de concursos públicos, podemos observar duas tendências de questões em relação ao assunto que estamos abordando. Entenda:

Existem as questões que retiram um trecho do texto e pedem que você classifique a conjunção destacada ou, simplesmente, indique o valor semântico que ela representa.

Há também as questões de reescritura, em que se retira um trecho de um texto, com determinada conjunção em destaque, para que o aluno julgue que outras conjunções seriam capazes de substituí-la, mantendo-se o sentido original da frase.

Para resolver as questões do primeiro tipo, é preciso que você identifique a conjunção na frase em destaque, analisando a ideia que ela indica. Eis um exemplo:

1. (FCC/TRF – 2ª Região) No texto, o segmento "… podem ora ser consideradas como orientação geral, ora como disposição…" expressa ideias de ações:

a) opostas.

b) repetidas.

c) alternadas.

d) simultâneas.

e) concomitantes.

Comentários:

O que temos na frase são ações que se alternam. Os próprios conectivos *ora, ora* confirmam essa ideia. A letra A seria a resposta, caso se tratasse de conjunção adversativa. Quanto à letra B, imaginamos que a banca esteja tratando de ações que se somam (aditivas). Já as letras D e E referem-se às conjunções temporais, que podem indicar ações que ocorrem ao mesmo tempo (simultâneas, concomitantes).

Conclusão: para resolver uma questão como essa, basta que você leia a frase com cuidado para entender o valor semântico indicado pela conjunção.

Resposta: C.

2. (FCC/TRF-SP) O emprego do elemento sublinhado compromete a coerência da frase:

a) Cada época tem os adolescentes que merece, <u>pois</u> estes são influenciados pelos valores socialmente dominantes.

b) Os jovens perderam a capacidade de sonhar alto, <u>por conseguinte</u> alguns ainda resistem ao pragmatismo moderno.

c) Nos tempos modernos, sonhar faz muita falta ao adolescente, <u>bem como</u> alimentar a confiança em sua própria capacidade criativa.

d) <u>A menos que</u> se mudem alguns paradigmas culturais, as gerações seguintes serão tão conformistas quanto a atual.

e) Há quem fique desanimado com os jovens de hoje, <u>porquanto</u> parece faltar-lhes a capacidade de sonhar mais alto.

Comentários:

O enunciado busca a alternativa que apresente uma conjunção mal escolhida, ou seja, que não expresse a ideia que ela deveria indicar.

A alternativa B traz o conectivo *por conseguinte*, cuja ideia é de conclusão. No entanto, esse conectivo está introduzindo uma oposição: *os jovens perderam a capacidade de sonhar alto, mas alguns ainda resistem ao pragmatismo moderno*. Assim, a conjunção que deveria unir essas duas orações deveria ser adversativa (*mas, porém, contudo, todavia* etc.), e não conclusiva. A letra A apresenta uma afirmativa seguida de sua explicação, confirmada pelo conectivo *pois*. A letra C apresenta duas informações que adicionam, o que se percebe pela conjunção aditiva *bem como*. A letra D introduz uma condição para que a outra oração ocorra, o que estudaremos nas conjunções adverbiais condicionais. Finalmente, a letra E traz um *porquanto*, que estabelece uma explicação para a outra oração.

Resposta: B.

Atenção: não confunda a conjunção porquanto com portanto. Porquanto é o mesmo que porque.

Conclusão: nesse tipo de questão, além de entender a ideia que cada conjunção está veiculando, é necessário ter memorizado uma lista básica de conjunções para cada classificação. Isso agiliza o tempo de resolução da questão. De outra forma, além de ler cada frase e entender a sua mensagem, o aluno teria de fazer um certo esforço para lembrar o que

cada uma das conjunções normalmente indica. Aqui, então, você precisaria entender a ideia estabelecida por cada conjunção e memorizar uma lista mínima de conectores.

São duas questões que necessitam que detectemos em cada frase o valor semântico que a conjunção expressa (oposição, ressalva, explicação etc.).

Há também as questões que buscam reescritura de frases, ou seja substituições de conjunções por outras que expressem a mesma ideia, entendemos que a memorização da lista das conjunções seja mais importante do que a compreensão do que está escrito na frase.

Veja um item de uma prova para o Ministério das Relações Exteriores, da banca organizadora Cespe/UnB, ocorrida no ano de 2009. Nela, esperava-se que o candidato julgasse a assertiva como certa ou errada.

1. "Essas disputas, contudo, podem ter mais relação com o perfil de potência regional do Brasil, **uma vez que** suas empresas multinacionais competem de modo mais agressivo por negócios além das fronteiras brasileiras."

   a) A expressão "uma vez que" pode, sem prejuízo para a correção gramatical do período e sem alteração das informações originais, ser substituída por qualquer uma das seguintes: visto que, já que, pois, porque, porquanto.

   Comentários:

   Nesse caso, o mais importante não era entender a frase do texto, e sim ter memorizado as conjunções. Consulte a lista de conjunções explicativas que você possui e veja se não estão todas lá. Simples, não é? Já para o aluno que não memorizou...

   Resposta: certa.

Mais uma questão do mesmo concurso: pedia-se o de sempre, ou seja, julgar a alternativa como certa ou errada.

2. "Com isso, a partir de janeiro de 2009, a produção terá redução total de 4,2 milhões de barris diários. A medida, que foi acompanhada por países fora do cartel, não conseguiu, **no entanto**, segurar o preço da *commodity*, que caiu abaixo dos US$ 40." (O Globo, 18/12/2008.)

   a) O termo "no entanto" pode, sem prejuízo para a correção gramatical do período e sem alteração das informações originais, ser substituído por qualquer um dos seguintes: porém, contudo, conquanto, contanto que.

   Comentários: A conjunção *no entanto* é adversativa. Na lista das coordenativas adversativas só aparecem as duas primeiras: *porém* e *contudo*.

   Conquanto é uma conjunção concessiva, que, apesar de indicar a mesma ideia de contrariedade, levaria o verbo para o subjuntivo. Logo, tal conjunção até manteria a ideia da adversativa "no entanto", mas prejudicaria a correção gramatical do período.

   Contanto que é conjunção condicional, que nada tem de semelhança com a conjunção adversativa do texto.

   Resposta: errada.

Você deve estar se perguntando: então, para resolver as questões de conjunções, basta que eu decore a lista de cada uma delas? Infelizmente, não. Ainda que para algumas questões a memorização baste, entender as relações semânticas que as conjunções estabelecem nas frases é fundamental por alguns motivos:

1. Algumas conjunções estabelecem mais de uma ideia, aparecem em mais de uma lista. Você vai aprender que um *porque* pode ser causal, explicativo ou final. Um *pois* pode ser conclusivo, explicativo ou causal. Além dessas conjunções, há outras que podem ter mais de uma classificação (*desde que*, *que*, *se*...). Assim, só uma leitura cuidadosa da frase permitiria a classificação da conjunção. Nesse caso, ter memorizado as conjunções ajuda, mas não resolve a questão.

2. Há questões que pedem que se identifique o valor semântico da conjunção, e não simplesmente que dê a sua classificação. Vimos, por exemplo, que a conjunção adversativa *mas* pode indicar adversidade ou ressalva: haverá questões que vão buscar que você identifique qual das duas ideias a conjunção indica. Decorar a lista, aqui, resolveria o seu problema?

11.1.2. Conjunções subordinativas

Vamos agora ao estudo das conjunções adverbiais, que estatisticamente são aquelas que mais aparecem nas provas de concursos públicos de variadas bancas.

Conjunção subordinativa é a palavra ou locução conjuntiva que liga duas orações, sendo uma delas dependente da outra. A oração dependente, introduzida pelas conjunções subordinativas, recebe o nome de oração subordinada.

Ex.: O baile já tinha começado quando ele chegou.

or. principal ↑ or. subordinada

conj. subord.

As conjunções subordinativas subdividem-se em **adverbiais** e **integrantes**. Vamos a elas...

As **conjunções adverbiais** são aquelas que indicam circunstâncias. Lembre-se de que circunstância é uma ideia que se adiciona à frase sem ser necessária. É a história do fofoqueiro: onde?, como?, por quê?, para quê?... Certa vez, o professor Evanildo Bechara comentou, em uma palestra, que *circunstância é algo que a frase não pede, só a nossa curiosidade*... Pois bem, cabe ao aluno conhecer as ideias circunstanciais que se acrescentam à ideia principal de um texto, desenvolvendo-a. Podem ser causais, consecutivas, concessivas, condicionais, comparativas, conformativas, finais, temporais e proporcionais.

Primeiramente, temos as **conjunções causais** (*porque, que, como (= porque), pois que, uma vez que, visto que, porquanto, já que* etc.), que são aquelas que indicam *um fato que faz com que o outro ocorra*. Logo, para cada causa haverá um efeito. Se você não achar o efeito, então não havia causa. Daí, o exemplo:

Ele não fez a pesquisa *porque* não dispunha de meios.

O fato de *ele não dispor de meios* é que fez com que *ele não fizesse a pesquisa*. Agora, cuidado! Não confunda a causa com o efeito. Antes de classificar a conjunção, lembre-se de que **a conjunção recebe o nome da ideia que vem depois dela, não antes**. Se o que vem depois do *porque* é que fez com que *ele não fizesse a pesquisa*, então *porque* é uma conjunção causal.

Aqui, valem dois recados:

Atenção:
1. Tenha em mente, ao resolver a questão, o conceito de causa: ela é um fato que faz com que o outro ocorra.
2. Antes de classificar a conjunção, cuidado para não olhar para o lugar errado: a conjunção recebe a classificação do que ela inicia, não do que veio antes dela.

Você deve estar perguntando: e se a conjunção iniciasse a oração *ele não fez a pesquisa* e não a outra oração? Aí, ela seria *consecutiva*, pois estaria iniciando o efeito, a consequência.

Assim, surge a **conjunção consecutiva**, que é aquela que introduz uma oração que expressa a consequência da principal. São elas: *de sorte que, de modo que, de forma que, sem que (= que não), que* (tendo como antecedente na oração principal uma palavra como *tal, tão, cada, tanto, tamanho)* etc.

Portanto, temos a frase:

Estudou tanto durante a noite *que* dormiu na hora do exame.

O primeiro passo é reconhecer que há, nessa frase, **uma relação de causa e efeito**. Triste é quando a gente sequer enxerga isso no texto…

Em seguida, organizar, na frase, o que é causa e o que é o efeito.

Lembre-se de que:
1. Na linha do tempo, a causa antecede o efeito: acontece antes.
2. A conjunção recebe o nome da ideia que ela inicia.

Assim, temos:

O fato de *estudar tanto durante a noite* aconteceu antes de *ter dormido na hora do exame*: estudar muito **fez com que** dormisse na prova. Logo, *estudar* é a causa e *dormir* é o efeito. Ora, se a conjunção inicia o fato de *ter dormido na hora do exame*, que é a consequência, ela é consecutiva e não causal.

As conjunções concessivas introduzem uma oração que expressa ideia contrária à da principal, sem, no entanto, impedir sua realização. São elas: *ainda que, apesar de que, embora, mesmo que, conquanto, se bem que, por mais que, posto que* etc. Observe:

Embora fosse tarde, fomos visitá-lo.

O fato de *ser tarde* não impediu que *fôssemos visitá-lo*. São informações contrárias, que não se excluem. Além do

mais, o verbo está no subjuntivo (*fosse*), o que acaba sendo uma característica marcante das conjunções concessivas.

Atenção:

1. As conjunções concessivas indicam contrariedade, oposição.

2. A fim de não confundi-las com as coordenativas adversativas, que também contrastam, não deixe de memorizar as conjunções de cada lista e de lembrar que a conjunção concessiva, normalmente, leva o verbo para o subjuntivo, o que não ocorre com as adversativas.

Mais um exemplo para você fixar: Eu não desistirei desse plano *mesmo que* todos me abandonem.

O fato de *todos me abandonarem* não impedirá que *eu desista desse plano*: ideia de concessão. Atenção ao verbo "abandonem", que está no presente do subjuntivo.

As **conjunções condicionais** introduzem uma oração que indica a hipótese ou a condição para a ocorrência da principal. São elas: *se, contanto que, salvo se, desde que, a menos que, a não ser que, caso* etc.

Veja o exemplo:

Se precisar de minha ajuda, telefone-me.

A ação de me telefonar só ocorrerá *caso seja necessária a minha ajuda*. É a **hipótese** para a ocorrência da outra oração. Observe que o verbo está no subjuntivo – *precisar*, o que enfatiza a ideia hipotética que a oração traz.

As **conjunções conformativas** introduzem uma oração em que se exprime a conformidade de um fato com outro. São elas: *conforme, como (= conforme), segundo, consoante* etc. Pense sempre assim: a conjunção conformativa indica um fato que se realiza *de acordo com outro*, *em conformidade com outro*. Assim:

Arrume a exposição *segundo* as ordens do professor.

A exposição será arrumada *em conformidade*, *de acordo com* o que o professor ordenar.

As **conjunções finais** introduzem uma oração que expressa a finalidade ou o objetivo com que se realiza a principal. São elas: *para que, a fim de que, porque (= para que), que* etc. É mais uma conjunção que, por também indicar hipótese, apresenta, em geral, o verbo no subjuntivo. Veja:

Toque o sinal *para que* todos entrem no salão.

A finalidade, o objetivo da primeira oração ("toque o sinal") é de que *todos entrem no salão*. Veja como *a finalidade é uma consequência desejada, almejada, hipotética*.

As **conjunções proporcionais** introduzem uma oração que expressa um fato relacionado proporcionalmente à ocorrência principal. São elas: *à medida que, à proporção que, ao passo que* e as combinações *quanto mais...* (mais), *quanto mais...* (menos), *quanto menos...* (mais), *quanto menos...* (menos) etc. É simples: uma ideia que se realiza proporcionalmente à outra. Assim:

O preço fica mais caro *à medida que* os produtos escasseiam.

Eis o que a conjunção proporcional indica: *quanto mais o preço fica caro, mais os produtos escasseiam*. São ações diretamente proporcionais. Podemos ter até ações inversamente proporcionais:

Quanto mais reclamava, menos atenção recebia.

Na sequência, temos as **conjunções temporais**, que são aquelas que introduzem uma oração que acrescenta uma circunstância de tempo ao fato expresso na oração principal. São elas: *quando, enquanto, assim que, logo que, todas as vezes que, desde que, depois que, sempre que, mal (= assim que)* etc. Essa ideia de tempo pode iniciar um tempo simultâneo, concomitante:

A briga começou *assim que* saímos da festa.

As duas ações ocorrem ao mesmo tempo. É conjunção temporal que indica *tempo simultâneo*. Mas não será sempre assim. Veja:

A cidade ficou mais triste *depois que* ele partiu.

A conjunção é temporal, indicando tempo anterior. Que interessante: a locução conjuntiva *depois que* está iniciando uma oração com valor de anterioridade (*ele partiu* aconteceu antes de *a cidade ficar mais triste*) e não de posterioridade. Por isso, é tão importante você se adestrar e, antes de classificar a conjunção, olhar para a oração que **vem depois dela**, não antes!

Agora, vêm as que consideramos mais fáceis: as conjunções comparativas. As **conjunções comparativas** introduzem uma oração que expressa ideia de comparação com referência à oração principal. São elas: *como, assim como, tal como, como se, (tão)... como, tanto como, tanto quanto, tal, qual, tal qual, que* (combinado com *menos* ou *mais*) etc. Assim, temos:

O jogo de hoje será mais difícil *que* o de ontem.

Vemos aqui *ações que se comparam*. Observe: o verbo das orações comparativas normalmente vem implícito, por ser o mesmo da outra oração. É como se eu dissesse: o jogo de hoje será difícil como o de ontem *foi difícil*. Observe mais um exemplo:

Ele é preguiçoso *tal como* o irmão.

É como se disséssemos: *ele é preguiçoso como o irmão é preguiçoso*.

Atenção: A oração comparativa vem com verbo implícito, contando, portanto, como uma oração. Se houver uma questão que pergunte quantos verbos há no período, não deixe de contar com o verbo da oração comparativa, embora ele não esteja explícito.

Por fim, temos as **conjunções integrantes**. Deixamos essas conjunções para o final, porque elas não integram o bloco das adverbiais, **não trazem ideia circunstancial**. O seu papel é iniciar oração substantiva, a oração que vale por um substantivo. Lá na escola, a professora nos aconselhava a substituir a oração substantiva por **isto**, que é um pronome substantivo, só para ter certeza de que ela é substantiva. Assim, teríamos:

Espero *que* ele traga os documentos necessários.

A conjunção integrante *que* integra a oração substantiva (*que ele traga os documentos necessários*), oração que vale por um substantivo, que pode ser trocada por **isto**. Veja que ela não tem nenhum dos valores semânticos que estudamos anteriormente (causa, condição, concessão…), apenas inicia uma oração substantiva. Mais um exemplo:

Não sei *se* José foi aprovado.

Eis um exemplo de conjunção integrante *se:* ela inicia uma oração que vale por um substantivo (*aprovação de João*). É a conjunção integrante.

Atenção:

1. As conjunções subordinativas dividem-se em dois blocos: integrantes (sem valor semântico) e adverbiais (que indicam ideia circunstancial, apresentando os valores de causa, condição, concessão etc.)
2. Reconhecer a conjunção integrante é simples: basta trocar a oração que ela inicia por um substantivo, ou, simplesmente, por isto.

Que tal treinarmos um pouco antes de encararmos as questões de concursos? A seguir, apresentamos algumas frases para fixarmos os conceitos.

Classifique as conjunções subordinativas destacadas nas frases a seguir:

1. Não vieram **porque** chovia muito.

Comentários: O fato de *chover muito* fez com que *não viessem*: inicia a causa.

Resposta: conjunção causal.

2. **Por mais qu**e estude, corre o risco de ser reprovado.

Comentários: O esperado seria que, *estudando muito, fosse aprovado*. Tem-se a ideia de oposição.

Resposta: conjunção concessiva. Atenção ao verbo no subjuntivo.

3. **Como** todos sabem, tenho um nome respeitado.

Comentários: A conjunção *como* tem valor de *conforme*, *de acordo com*.

Resposta: conjunção conformativa.

4. Ninguém sabe **se** ele está vivo ou morto.

Comentários: Ninguém sabe *isto*.

Resposta: a conjunção inicia oração substantiva, integrante.

5. Estava tão cansado, **que** adormeceu na poltrona.

Comentários: Lá vem ela: a relação de causa e efeito. Organize o seu raciocínio: o fato de *estar cansado* fez com que *ele adormecesse na poltrona*. A causa é *o cansaço*, o efeito é *adormecer na poltrona*.

Resposta: a conjunção *que* inicia o efeito, ela é consecutiva. Além do mais, quem já memorizou sabe que um *que*

antecedido de *tão* normalmente é consecutivo.

6. Menti **porque** precisava.

Comentários: O fato de *precisar* fez com que *eu mentisse*. *Precisar* é a causa, *mentir* é a consequência.

Resposta: a conjunção inicia a causa: ela é causal.

7. Menti **porque** não fosses punido.

Comentários: Esse *porque* pode ser trocado por *para que*, *a fim de que*. O verbo, além disso, está no subjuntivo, indicando hipótese.

Resposta: conjunção final.

8. **Ainda que** me ameaces, nada revelarei.

Comentários: Relação de oposição, contrariedade, um fato que não impede que o outro ocorra: o fato de *me ameaçar* não vai impedir que *eu nada revele*. E o verbo no subjuntivo.

Resposta: conjunção concessiva.

9. **Como** ele se despedisse, acompanhamo-lo à porta.

Comentários: Relação de causa e efeito: o fato de *ele se despedir* fez com que *o acompanhássemos até a porta*.

Resposta: inicia a causa, a conjunção é causal.

10. **Sempre que** estou estudando, não gosto que façam barulho.

Comentários: Indica ideia de tempo. Não gosto que façam barulho *quando* estou estudando.

Resposta: conjunção temporal.

11. **Caso** ela me beije, pensarei no caso.

Comentários: A ação de *pensar no caso* só ocorrerá *se ela me beijar*. Valor de hipótese, condição. E verbo no subjuntivo – *beije*.

Resposta: conjunção condicional.

12. **Quanto mais** trabalho, **menos** tempo tenho para ganhar dinheiro.

Comentários: Ações inversamente proporcionais: quanto mais *se trabalha*, menos *se ganha dinheiro*.

Resposta: conjunção proporcional.

13. **Se bem que** estude muito, não aprende tudo.

Comentários: O verbo no subjuntivo – estude – e uma ideia de oposição: o fato de *estudar muito* não garante *o aprendizado da matéria*.

Resposta: conjunção concessiva.

14. **Desde que** saiu, não consigo raciocinar direito.

Comentários: A ação de *não raciocinar direito* ocorre desde o momento em que *alguém saiu*. Ideia de tempo anterior.

Resposta: conjunção temporal.

15. **Como** seu irmão, Mariana sabia se comportar.

Comentários: A conjunção *como* equivale a *do mesmo modo que*. É como se disséssemos: Mariana sabe se comportar *do mesmo modo que* seu irmão sabe se comportar. O verbo vem implícito, por ser o mesmo da outra oração. São ideias que se comparam.

Resposta: conjunção comparativa.

Devidamente treinados em relação às conjunções subordinativas? Esperamos que sim. Agora, chegamos ao momento mais importante deste capítulo: a mistura das conjunções coordenativas e subordinativas. O aluno que sabe mesmo não se confunde quando vêm todas juntas. As dicas são muito simples:

Não se preocupe com a nomenclatura *coordenativa* ou *subordinativa*. O mais importante é a ideia que cada conjunção traz. Exemplo: se a conjunção iniciar uma ideia de explicação e não de causa, será coordenativa, e não subordinativa. O mais importante é identificar o valor semântico da oração que a conjunção inicia.

Não deixe de memorizar uma lista mínima para cada bloco de conjunções: isso poupará tempo de resolução de prova. Exemplo: o aluno que não memoriza que *conquanto* será sempre conjunção concessiva, pode perder muito tempo pensando sobre as outras ideias (causal, explicativa, conformativa...).

Não deixe de olhar para o que vem depois da conjunção, não para o que vem antes. Na dúvida, procure também substituir a conjunção por outras que tenham o mesmo sentido, para ter certeza da resposta certa.

E o mais importante: procure lidar com a frase da forma como ela está no texto. Não imagine situações, não extrapole o que está escrito. Exemplo: diante de uma *conjunção condicional*, que é a *hipótese* para a ocorrência da outra oração, não fique imaginando um contexto em que essa hipótese viesse a ocorrer. Se fosse assim, ela seria *causal* e não *condicional*. Dessa forma, você acaba errando porque pensou em outra coisa.

Classifique as conjunções a seguir:

1. Convém **que** tomes cuidado.

Comentários: Convém *isto*. A conjunção inicia oração substantiva.

Resposta: conjunção subordinativa integrante.

2. **Mesmo que** me peça, não atenderei.

Comentários: Algo que não se espera, contraditório. Verbo no subjuntivo. É o mesmo que *embora, ainda que*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial concessiva.

3. Nem canta **nem** assovia.

Comentários: Não realiza as duas ações: cantar e assoviar. *Nem* é o mesmo que *e não*.

Resposta: conjunção coordenativa aditiva.

4. **Ora** canta, **ora** assovia.

Comentários: Ações que se alternam: algumas vezes canta, outras assovia.

Resposta: conjunções coordenativas alternativas.

5. **Quanto mais** canta, mais feliz fica.

Comentários: Ações diretamente proporcionais. É o mesmo que *à medida que*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial proporcional.

6. Vai logo, **que** chegarás atrasado.

Comentários: Ordem seguida da sua explicação. Atente ao verbo da primeira oração no imperativo. *Que*, aqui, equivale a *pois*.

Resposta: conjunção coordenativa explicativa.

7. Ele se complicou, **por isso** foi repreendido.

Comentários: Ser repreendido é a conclusão de ele ter se complicado. Não confunda com a subordinativa consecutiva: *por isso* pertence à lista das conclusivas. É o mesmo que *logo*, *portanto*.

Resposta: conjunção coordenativa conclusiva.

8. Ele falou tanto **que** foi repreendido.

Comentários: O fato de muito ter falado fez com que ele fosse repreendido. Atenção ao *que* antecedido de *tanto*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial consecutiva.

9. Vem, **que** eu te abraçarei.

Comentários: Pedido seguido de sua explicação. O *que*, aqui, equivale ao *pois*.

Resposta: conjunção coordenativa explicativa.

10. Conversa mais **que** trabalha.

Comentários: Comparam-se as ações de conversar e trabalhar.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial comparativa.

11. Estudou, **logo** foi aprovado.

Comentários: Ser aprovado é a conclusão de ter estudado. É o mesmo que *por isso*, *por conseguinte*, *portanto*.

Resposta: conjunção coordenativa conclusiva.

12. Estava tão cansado, **que** adormeceu na poltrona.

Comentários: *Que* antecedido de *tão*. Adormecer na poltrona é a consequência de estar muito cansado.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial consecutiva.

13. **Que** eu saiba, Luís não é casado.

Comentários: É o mesmo que *conforme eu saiba*, *de acordo com o que eu sei*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial conformativa.

14. **Sem que** eu tenha este documento nas mãos, nada poderei fazer.

Comentários: Ter o documento nas mãos é a condição para que eu faça algo. Atenção ao verbo *tenha*, no presente do subjuntivo.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial condicional.

15. Comprei as mangas, verdes **que** estivessem.

Comentários: O fato de as mangas estarem verdes não impediu que as comprasse. É o mesmo que *embora, ainda que estivessem verdes*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial concessiva.

16. No elogio há sempre menos sinceridade **que** na censura.

Comentários: Ações que se comparam. Observe que o verbo da segunda oração está implícito: "No elogio há sempre menos sinceridade que *há sinceridade* na censura".

Resposta: conjunção subordinativa adverbial comparativa.

17. Entre em silêncio **que** as crianças não acordem.

Comentários: As crianças não acordarem é a finalidade de se entrar em silêncio. Veja o verbo *acordem* no subjuntivo. É o mesmo *que a fim de que, para que as crianças não acordem*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial final.

18. Foi ao clube, **porém** não tinha ânimo.

Comentários: Ideia de adversidade, oposição. É o mesmo que *mas, contudo, todavia*. Não confunda com a conjunção concessiva, que possui a mesma ideia de contrariedade, mas leva o verbo para o subjuntivo.

Resposta: conjunção coordenativa adversativa.

19. **Embora** não tivesse ânimo, foi ao clube.

Comentários: Agora sim: o verbo está no subjuntivo. Ideia de oposição, contrariedade. Um fato (*não ter ânimo*) que

não impede que o outro (*ir ao clube*) ocorra. É o mesmo que *ainda que não tivesse ânimo*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial concessiva.

11.1.3. Valores semânticos das principais conjunções

Antes de treinarmos as questões de concursos, uma pausa para uma boa sistematização. Pelos exercícios anteriores, você já deve ter percebido que determinadas conjunções aparecem em mais de uma lista. Exemplo: o conector *porque*, que você conhecia como causal ou explicativo, pode ser também final. Assim, pensamos que seria didático sistematizar as conjunções que aparecem em mais de uma lista, de modo que você saiba tudo que cada uma pode ser. Fica mais fácil na hora de estudar. Vamos lá?

• **E:** A conjunção **e** pode indicar as seguintes ideias:

Ele trabalha **e** estuda. (aditiva)

Estudou, **e** não passou. (= mas: adversativa)

Estudou, **e** passou em 1º lugar. (= logo: conclusiva)

• **POIS:** Quando inicia a oração pode ser causal ou explicativa. Se deslocada, será sempre conclusiva.

Estude bastante, **pois** tudo correrá bem. (explicativa)

Ele passou em 1º lugar, **pois** muito se esforçou. (causal)

Ele muito se esforçou; passou, **pois**, em 1º lugar. (conclusiva)

• **OU:** Como conjunção alternativa, pode excluir ou retificar. Pode ser também conjunção aditiva.

João **ou** José casará com Maria. (*um ou outro*; alternativa com valor de exclusão)

O professor **ou** os professores dirigiram-se ao departamento. ("os professores" corrige a informação anterior; alternativa com valor de retificação)

O fumo **ou** a bebida fazem mal à saúde. (= *e*: aditiva)

• **DESDE QUE**

Desde que acordou, não parou de estudar. (= *desde que*: temporal)

Desde que se esforce, tudo correrá bem. (= *caso*: condicional)

• **QUE**

Fala, **que** fala, **que** fala, **que** fala. (= *e*: aditiva)

Entre, **que** estamos atrasados. (= *pois*: explicativa)

Sei **que** serei aprovado. (*Sei isto*: integrante)

Choveu, **que** o dia foi muito quente. (= *porque*; causal)

O dia foi tão quente, **que** choveu. (*que* antecedido de *tão*: consecutiva)

Que ele insistisse, eu não iria à festa. (= *embora*: concessiva)

Esforce-se **que** tudo corra bem. (= *para que*: final)

• **SE**

Não sei **se** ele foi aprovado. (*Não sei isto*: integrante)

Se ele foi aprovado, não sei. (*Não sei isto*: só houve mudança da ordem da frase: integrante)

Se ele for aprovado, seus pais ficarão contentes. (= *caso ele seja*: condicional)

Se vocês já estão aqui, então, vamos começar a reunião. (= *já que*: causal)

Se eles eram felizes, não demonstravam contentamento. (= *embora*: concessiva)

• **COMO**

Ele fala **como** o irmão. (= *do mesmo modo que*: comparativa)

Como morava perto do amigo, resolveu visitá-lo. (= *já que*: causal)

Viajaremos **como** combinamos. (= *conforme*: conformativa)

11.1.4. Como estudar as conjunções

Sabemos que estudar as conjunções é tarefa que compreende as seguintes etapas:

• Entender o valor semântico que cada conjunção expressa: saber o que é adição, alternância, adversidade etc.

• Sistematizar as conjunções que podem apresentar mais de uma ideia. A conjunção alternativa, por exemplo, não indica só alternância, pode indicar também escolha ou exclusão.

• Memorizar uma lista básica de conjunções para cada grupo (aditivas, explicativas...).

• Apresentar as conjunções que podem aparecer em mais de uma lista. A conjunção *e*, por exemplo, pode ser aditiva, adversativa ou conclusiva. Sistematizar essas conjunções poupará ao aluno tempo de raciocínio para resolução da questão.

• Treinar, treinar e treinar.

11.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Classifique as conjunções coordenativas seguindo este código.

(1) aditiva

(2) adversativa

(3) alternativa

(4) conclusiva

(5) explicativa

1. ( ) Foi transferido, logo não nos veremos com muita frequência.
2. ( ) Agora verificamos um trabalho mais efetivo com a palavra não apenas como meta para o desenvolvimento, mas como um trabalho de resgate do próprio homem.
3. ( ) Podem me acusar, pois estou com a consciência tranquila.
4. ( ) "Esforço-me para aproximá-lo de Jesus, no entanto o senhor acerca-se do Papa."
5. ( ) O atleta teve um ótimo desempenho e não conseguiu vencer a prova.
6. ( ) O futebol já é o quarto maior mercado de capitais do mundo, todavia só agora a Receita começa a prestar atenção nos jogadores.
7. ( ) "Tente não se tornar um homem de sucesso, e sim um homem de valores."
8. ( ) Eles merecem perdão ou reparação total?
9. ( ) Sente aqui, que precisamos conversar.
10. ( ) "A água lhe bate nos olhos. Percebe, entretanto, que a água o está levando para o lado das pedras."
11. ( ) Você participou do debate; diga-me, pois, as novidades.
12. ( ) "Já não era a flor do bairro, senão de toda a cidade."
13. ( ) "Você não entendeu meu bilhete, portanto não cumprirá minhas orientações."
14. ( ) "Tanto ele como o irmão são meus amigos."
15. ( ) "Não achou os documentos nem as fotocópias."
16. ( ) Queria estar atento à palestra, contudo o sono chegou.
17. ( ) Peguei um táxi e fui à casa do Wilson.
18. ( ) Conhecemos pessoas materialmente ricas, porém pobres espiritualmente.
19. ( ) "Você se prepara para o futuro corretamente ou fica metade do tempo se preocupando e nada mais?"
20. ( ) Não insista, porque não irei ao jogo.

II. Classifique as conjunções ou locuções subordinativas destacadas usando este código.

(1) causal

(2) concessiva

(3) condicional

(4) conformativa

(5) final

(6) proporcional

(7) temporal

(8) comparativa

(9) consecutiva

(10) integrante

1. ( ) ( ) A crise mostra que o Brasil progride enquanto dorme.

2. ( ) Não sabia se voltaria para casa.

3. ( ) "Se você sentir saudade, por favor não dê na vista."

4. ( ) "Como escreveu o divino Dante: 'Percam todas as esperanças. Estamos todos no inferno'."

5. ( ) Como estivesse doente faltei à escola.

6. ( ) Ainda que chova, sairei de casa.

7. ( ) Serás aprovado desde que estudes.

8. ( ) "Como nas novelas, vemos que o Brasil está se dividindo entre babacas e psicopatas."

9. ( ) "A crise ensina que nossa política é tão medíocre, que nos últimos anos bastou a economia."

10. ( ) "Quando terminei a inspeção do que estava feito, eu não me senti bem."

11. ( ) "A roupa tinha certa decência, posto que não fosse absolutamente nova."

12. ( ) "Escrevi este texto enquanto assistia à morte do papa na TV."

13. ( ) Ao perceber o que tinham feito com seus livros, gritou que parecia um louco.

14. ( ) ( ) "O poeta é um fingidor. Finge tão completamente que chega a fingir que é dor a dor que deveras sente."

15. ( ) Conquanto os cavalos fossem a trote largo, longa pareceu a viagem ao doutor."

16. ( ) "Os ricos são tão pobres que não percebem a triste pobreza em que usufruem suas malditas riquezas."

17. ( ) "Uma vez que o ser humano olha só a aparência fica preso apenas à forma."

18. ( ) "Ninguém ignora que a corrupção é geral em todos os setores."

19. ( ) "Quanto mais juntamos dinheiro, mais difícil se torna a sua entrada."

20. ( ) Mal a novela teve início, iniciou-se a polêmica.

21. ( ) São dilemas tão rotineiros quanto escolher o que comer.

22. ( ) Oremos porque tudo termine bem.

23. ( ) Foram feitas algumas exigências para que obtivesse crédito.

24. ( ) "A sordidez do que acontece no Brasil é tal que até criticar o governo só serve para legitimá-lo."

25. ( ) "Os olhos de uma pessoa se iluminarem quando ela tem uma percepção nova não é um clichê literário, é a luz deste alvorecer saindo pelos olhos."

26. ( ) "Se permitirmos que o preconceito nos domine, seremos em breve o mais atrasado no círculo dos povos atrasados."

27. ( ) A vida dos deficientes físicos é mais difícil do que a vida da maioria de nós.

28. ( ) "Os lampiões acendiam à medida que a noite aos poucos se acentuava."

29. ( ) Recebemos a notícia de que o melhor jogador do mundo virou espanhol.

30. ( ) A língua, como os costumes, segue uma evolução.

III. Complete as lacunas com o conectivo (conjunção ou locução conjuntiva, preposição ou locução prepositiva) mais adequado.

1. O Botafogo foi o time que fez a melhor campanha do campeonato. Teria, _____, que ser o campeão este ano. (no entanto / portanto / isto é)

2. _____ Sabesp estar tratando a água da represa de Guarapiranga, o gosto da água nas regiões sul e oeste não melhorou. (Pela / Apesar de a / Devido a)

3. _____ não saia de casa, você pode dar grande contribuição à preservação ambiental. (Contanto que / Mesmo que / Uma vez que)

4. Ele não merece crédito _____ suas mentiras. (apesar de / devido a / não obstante)

5. _____ os deputados deponham na CPI e ajudem a elucidar os episódios obscuros do caso dos precatórios, a confiança na instituição foi abalada. (Uma vez que / Para que / Mesmo que)

6. _____ recursos públicos investidos na área, nas últimas décadas vem se formando ali um cinturão de prosperidade. (Graças aos / Apesar dos / De acordo com os)

7. Todo texto está aberto a uma atribuição de significados, que depende da experiência prévia de leitura de quem o lê._____, qualquer significado que seja atribuído ao texto, independentemente de quão ambíguo ou provisório, é sempre adequado, _____ vai ao encontro das expectativas de um leitor específico. (Portanto / No entanto / E) (porém / pois / e)

8. A negociação de acordos bilaterais é suficientemente importante para justificar uma abertura do governo com vistas a discutir essa questão com o setor privado, sobretudo agora, diante da perspectiva da desaceleração das economias desenvolvidas e do crescimento do comércio mundial, _____ crise de crédito que vem dos Estados Unidos. (apesar da / não obstante a / em consequência da)

Gabarito: I – 1. (4); 2. (1); 3. (5); 4. (2); 5. (2); 6. (2); 7. (2); 8. (3); 9. (5); 10. (2); 11. (4); 12. (2); 13. (4); 14. (1); 15. (1); 16. (2); 17. (1); 18. (2); 19. (3); 20. (5). **II** – 1. (10) (7); 2. (10); 3. (3); 4. (4); 5. (1); 6. (2); 7. (3); 8. (8); 9. (9); 10. (7); 11. (2); 12. (7); 13. (9); 14. (9) (10); 15. (2); 16. (9); 17. (1); 18. (10); 19. (6); 20. (7); 21. (8); 22. (5); 23. (5); 24. (9); 25. (7); 26. (3); 27. (8); 28. (6); 29. (10); 30. (8). **III** – 1. portanto; 2. Apesar de a; 3. Mesmo que; 4. devido a; 5. Mesmo que; 6. Graças aos; 7. Portanto / pois; 8. em consequência da.

11.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Vejamos questões de concursos anteriores.

1. (FCC/CADEP) Na frase "mudamos de vontade como muda de cor o camaleão", o autor:

a) estabelece uma comparação entre seres, sendo a volubilidade o termo comum.

b) se vale de duas formas do mesmo verbo para estabelecer uma oposição de sentido entre as ações representadas.

c) estabelece uma relação de *causa e efeito* entre duas ações.

d) emprega as palavras *vontade* e *cor* de modo *estranho* ao seu sentido literal.

e) emprega a palavra *como* para acentuar a ideia de uma proporção.

Comentários:

Na frase retirada do texto, temos o conectivo *como* para estabelecer uma relação de comparação ("*mudamos de vontade* como *o camaleão muda de cor"*, ou seja, compara-se a mudança da nossa vontade com a mudança de cor do camaleão). Observe que, em quatro opções, a linguagem usada é a seguinte: comparação na letra A, oposição na B, causa e efeito na C e proporção na E. A letra D fala dos valores semânticos (sentido) das palavras *vontade* e *cor* de forma errada, pois os sentidos não são estranhos ao que representam esses vocábulos.

Resposta: A.

2. (FCC/TRT – 18ª Região) Pensador consequente, a Cícero não importavam as questões secundárias, interessavam-lhe os valores essenciais da conduta humana.

O sentido da frase acima permanecerá inalterado caso ela seja introduzida por:

a) conquanto fosse.

b) muito embora sendo.

c) ainda quando fosse.

d) por ter sido.

e) mesmo que tenha sido.

Comentários:

Nesta questão, pede-se usar um conectivo no início do período. Repare que, embora não haja elemento coesivo na frase, temos uma relação de *causa* e *consequência* ("as questões secundárias não lhe interessavam porque Cícero era um pensador consequente, coerente, racional. Interessavam-lhe os valores essenciais"*)*. Nesta aula, vimos que as preposições também podem estabelecer valores semânticos de **modo**, **companhia**, **causa** etc. Em quatro opções (A, B, C e E), os conectivos expressam ideia de *concessão*. Na letra D, a preposição *por*, na forma reduzida *por ter sido*, confirma a ideia de *causa*.

Resposta: D.

3. (FCC/TRF) Um deles é o tipo A, que acelera o envelhecimento da pele, **por penetrar em camadas mais profundas**. O trecho destacado indica, em relação ao restante do período, valor semântico de:

a) causa.

b) condição.

c) consequência.

d) finalidade.

e) temporalidade.

Comentários:

Apresentamos mais uma questão em que aparece a relação de *causa* e *consequência* ("acelera o envelhecimento porque penetra em camadas mais profundas"*)*. Aqui, também, a preposição *por* confirma essa ideia. Lembre-se: o mais importante é guardar os **nomes das relações** existentes no texto – causa, condição, consequência, concessão, conclusão, explicação etc. –, já que a **mesma** preposição pode estabelecer vários sentidos.

Resposta: A.

4. (FCC/TRF) O estudo do cérebro conheceu avanços sem precedentes nas últimas duas décadas, **com o surgimento de tecnologias** que permitem observar o que acontece durante atividades.

A frase destacada acima introduz, no contexto, noção de:

a) causa.

b) conclusão.

c) ressalva.

d) temporalidade.

e) finalidade.

Comentários:

Esta questão reforça os **Comentários** feitos na anterior. A preposição *com* só confirma a relação de causa que se estabelece com a oração "O estudo do cérebro conheceu avanços sem precedentes nas últimas duas décadas". Ou seja, foi **por causa** do *surgimento de tecnologias que permitem observar o que acontece durante atividades...*, é que o *estudo do cérebro conheceu avanços sem precedentes*.

Resposta: A.

5. (FCC/TRF) Mas, passada a crise do petróleo, as pressões dos produtores por reajustes voltaram.

O sentido do segmento destacado acima está transposto corretamente, em outras palavras, em:

a) No entanto, conforme se passava a crise de petróleo...

b) Caso, contudo, se passasse a crise de petróleo...

c) Senão, enquanto se passava a crise de petróleo...

d) À medida, conquanto, que se passava a crise de petróleo...

e) Porém, depois que passou a crise de petróleo...

Comentários:

Antes de olhar as opções, observe as relações existentes nesta frase, na ordem direta: "Mas as pressões dos produtores por reajustes voltaram, passada a crise do petróleo". A conjunção *mas* introduz, em relação ao que foi dito no texto, uma ideia de *adversidade* (aqui não há necessidade de conhecermos a oração que antecede esse período). Logo, só poderíamos considerar as opções A e E (no entanto e porém são *adversativas*).

Na última oração ("passada a crise") temos a ideia de *tempo posterior* (as pressões voltaram *quando/depois que* a crise do petróleo passou).

Resposta: E.

6. (FCC/METRO) *... ainda que à custa do sacrifício das finanças das estradas.*

A última frase do texto introduz, no período, noção de:

a) temporalidade.

b) consequência.

c) proporcionalidade.

d) ressalva.

e) causa.

Comentários:

Nesta frase retirada do texto, não haveria necessidade de se retornar a ele, pois a locução conjuntiva *ainda que* é concessiva, portanto, a ideia que se tem é de *ressalva*, *exceção*. Lembre-se de que a memorização de alguns conectivos é essencial para a resolução de algumas questões que buscam exatamente o conhecimento de tal assunto por parte do candidato.

Resposta: D.

7. (FCC/TCE-AL) *Nossa história e nosso passado não são nem cargas indesejadas, nem determinações absolutas.*

Mantêm-se o sentido e a correção da frase acima substituindo-se o segmento sublinhado por:

a) nem tanto cargas indesejadas quanto determinações absolutas;

b) cargas indesejadas, nem ao menos determinações absolutas;

c) cargas indesejadas, assim como não são determinações absolutas;

d) nem cargas indesejadas, quando não determinações absolutas;

e) nem mesmo cargas indesejadas, quanto mais determinações absolutas.

Comentários:

Neste período, se "nossa história e nosso passado não são nem cargas indesejadas, nem determinações absolutas" é porque não são as **duas coisas,** adição, portanto. Nas letras A e D, são só *determinações absolutas*, pois as expressões *nem tanto* e *nem* retiram o valor aditivo de *cargas indesejadas*. Na letra B, *nem ao menos* exclui as *determinações absolutas*. Na letra C, *são cargas indesejadas* ***e*** *determinações absolutas*, adição. Na letra E, a palavra *mesmo* denota uma ideia de inclusão que não aparece na frase original, cuja finalidade é apenas *somar*, *adicionar*.

Resposta: C.

8. (FCC/METRO) *Não apenas a construção, mas também a operação das ferrovias dependeu de subsídios estatais.*

O sentido correto da afirmativa acima está, em outras palavras, em:

a) Não apenas a construção, nem também a operação das ferrovias dependeram de subsídios estatais.

b) Tanto a construção quanto a operação das ferrovias dependeram de subsídios estatais.

c) Não era apenas a construção, mas somente a operação das ferrovias que dependeu de subsídios estatais.

d) Não foi apenas a construção, nem a operação das ferrovias, que dependeram de subsídios estatais.

e) Apenas a construção, e não somente a operação das ferrovias, dependeu de subsídios estatais.

Comentários:

Nas conjunções coordenativas *aditivas*, vimos que uma delas é a expressão *não apenas...mas também*, chamada *correlativa*. Na frase em questão, entendemos, pois, que **as duas coisas** dependeram de *subsídios estatais*. Nas letras A e D, não há soma e sim *exclusão* das duas. Na letra C, a palavra *somente* produz incoerência, pois a intenção é a de *somar* e não de excluir. Na letra E, diz-se que *apenas* a *construção dependeu de subsídios estatais.*

Resposta: B.

9. (FCC/TRT – 2ª Região – Tec. Judic.) Identifica-se relação de causa e consequência em:

a) A população rural ainda deve aumentar nos próximos dez anos, antes de entrar em declínio gradativo.

b) Desde cedo, a cidade teve o mérito de dar ao homem a possibilidade de evoluir além da luta pela sobrevivência pura e simples.

c) Sua primeira função foi de local de proteção, de armazenagem de alimentos e de entreposto de trocas.

d) praticamente todo o crescimento populacional do planeta ocorrerá nas cidades, nas quais viverão sete em cada dez pessoas em 2050.

e) mas o trânsito pode ser tão congestionado que se torna difícil usufruir as ofertas.

Comentários:

Nas opções A e B, os conectivos *antes de* e *desde* estabelecem uma relação de *tempo*. Na letra C, temos a conjunção *e* adicionando termos na oração (conjunção aditiva). Na letra D, o conectivo que aparece é o pronome relativo *as quais* antecedido de preposição (*nas quais*). Sabemos que o pronome relativo dá início às orações adjetivas. Temos aqui, portanto, uma oração adjetiva explicativa, já que vem antecedida de vírgula. Na letra E, a relação entre as orações é de causa e consequência (o fato de o trânsito ser congestionado leva à dificuldade de se usufruírem as ofertas).

Resposta: E.

10. (FCC/TRF – 2ª Região – Aux. Adm.) ... os alimentos orgânicos, que ignoram os pesticidas e fertilizantes químicos **em nome de integrar a lavoura à natureza**.

O segmento grifado está reescrito com outras palavras e sem alteração do sentido original em:

a) de modo que as plantações estejam bem cuidadas.

b) com escolha de terras naturalmente férteis para a lavoura.

c) sem que se cultivem alguns produtos com adubos naturais.

d) visto que os produtos tóxicos podem surgir no ambiente natural.

e) para que se façam plantações com respeito e proteção ao meio ambiente.

Comentários:

Esta é a típica questão que valoriza a ideia e não a memorização dos conectivos. Devemos entender dessa afirmação que *os alimentos orgânicos que não contêm pesticidas e fertilizantes químicos integram a lavoura à natureza,* ou seja, *fazem isso com a finalidade de integrar a lavoura à natureza.* Na letra A, *de modo que* é consecutivo. Na B, a preposição *com* levaria à ideia de causa. Na letra C, *sem que* é condicional. Na D, *visto que* é causal. Na letra E, *para que* é uma locução conjuntiva que estabelece ideia de finalidade.

Resposta: E.

11. (FCC/TRF – 2ª Região – Aux. Adm.) Eles **não** são terríveis só contra os insetos que destroem lavouras, **mas também** contra borboletas, pássaros e outras formas de vida.

A sequência grifada na frase acima assinala, considerando-se o contexto, a noção de:

a) oposição, já que os pesticidas destroem insetos prejudiciais à lavoura, preservando as borboletas, pássaros e outras formas de vida.

b) alternativa, tendo em vista que os pesticidas destroem apenas os insetos, ou ainda, somente as borboletas, pássaros e outras formas de vida.

c) adição, pois os pesticidas, além de destruir os insetos prejudiciais às lavouras, destroem ainda borboletas, pássaros e outras formas de vida.

d) conclusão, por informar o emprego específico das substâncias referidas, como solução final dos problemas das lavouras.

e) explicação, pois insiste no sentido da palavra pesticidas, como destruidores apenas das pragas das lavouras.

Comentários:

Mais uma vez uma questão que traz a expressão correlativa *não só... mas também*, que denota *adição* (*elas são terríveis contra os insetos* ***e*** *contra borboletas, pássaros e outras formas de vida*).

Resposta: C.

12. (FCC/TRF – 5ª Região) "Naquele período era preciso definir quem pertencia à família ou não, e com quem se deveriam compartilhar os alimentos. **Portanto** era necessário criar regras específicas".

O sentido que a conjunção destacada acima introduz no contexto é o de:

a) temporalidade, que caracteriza as ações humanas na época abordada.

b) restrição, acerca da época em que tais fatos ocorreram.

c) condição, que vai justificar determinadas ações dos homens nessa época.

d) causa, que determina certo tipo de comportamento da humanidade.

e) conclusão, adequada e coerente, diante da situação exposta.

Comentários:

A conjunção destacada nesta frase indica *conclusão* (*portanto, por conseguinte, logo…*). As opções trazem os valores de *tempo*, *restrição*, *condição, causa* e *conclusão*. Essa é mais uma questão que resolvemos pelo conhecimento dos conectivos. A conjunção negritada no texto indica *conclusão.*

Resposta: E.

11.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (FCC – Metrô-SP – Técnico em Mecânica – 2014)

Nascido no bairro do Pari, em uma São Paulo em construção após o levante constitucionalista de 1932, Germano Mathias compõe a santíssima trindade do samba paulistano, ... Adoniran Barbosa e Geraldo Filme.

(Adaptado de: DINIZ, André, op. cit.)

Preenche corretamente a lacuna da frase acima:

a) *em face à*

b) *lado a lado*

c) *ao lado de*

d) *lado* à *lado com*

e) *junto à*

Leia o texto a seguir para responder à questão 2.

Texto CB2A2AAA

É inegável que o Estado representa um ônus para a sociedade, já que, para assegurar o seu funcionamento, consome riquezas da sociedade. Representa, porém, um mal necessário, pois até agora não se conseguiu arquitetar mecanismo distinto para catalisar a vida em comunidade. Então, se do Estado ainda não pode prescindir a civilização, cabe-lhe aprimorá-lo, buscando otimizar o seu funcionamento, de modo a torná-lo menos oneroso, mais eficiente e eficaz.

O bom funcionamento do Estado, que inclui também o bom funcionamento de suas estruturas encarregadas do controle público (Ministério Público, Poder Legislativo e tribunais de contas, entre outros), vem sendo alçado à condição de direito fundamental dos indivíduos. Pressupõe, notadamente sob as luzes do princípio constitucional da eficiência, os deveres de cuidado e de cooperação.

O dever de cuidado é consequência direta do postulado da indisponibilidade do interesse público. Em decorrência desse postulado, todo agente público tem o dever de, no cumprimento fiel de suas atribuições, perseguir o interesse público manifesto na Constituição Federal e nas leis. Conduz, portanto, à ideia de vedação da omissão, já que deixar de cumprir tais atribuições evidenciaria conduta ilícita.

O dever de cuidado conduz, ainda, a uma ampla interação entre as estruturas públicas de controle, ou seja, é um dever de cooperação, não como faculdade, mas como obrigação que, em regra, dispensa formas especiais, como previsões normativas

específicas, convênios e acordos.

Sob essa perspectiva, o controle público do Estado deve incorporar à sua cultura institucional o compromisso com o direito fundamental ao bom funcionamento do Estado. Nesse contexto, os deveres de cuidado e de cooperação se impõem a todas as estruturas do Estado destinadas a promover o controle da máquina estatal.

A observância do dever de cuidado e do de cooperação – traduzida, portanto, na atuação comprometida e concertada das estruturas orientadas para a função de controle da gestão pública – deve promover, entre os agentes e órgãos de controle, comportamentos de responsabilidade e responsividade. Por responsabilidade entenda-se o genuíno compromisso com a integralidade do ordenamento jurídico, o que pressupõe, acima de tudo, o reconhecimento de um regime de vedação da omissão. Responsividade, por sua vez, traduz o comportamento orientado a oferecer respostas rápidas e proativas, impregnadas de verdadeiro compromisso com a ideia-chave de promover o bom funcionamento do Estado.

Diogo Roberto Ringenberg. Direito fundamental ao bom funcionamento do controle público. In: *Controle Público*, nº 10, abr./2011, p. 55 (com adaptações).

2. (TCE-SC – Aud. Fiscal – Administ. – Cespe – Maio/2016)

Com relação às estruturas linguísticas do texto **CB2A2AAA**, julgue os itens a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

No trecho " de modo a torná-lo menos oneroso, mais eficiente e eficaz" (l. 4-5), detalha-se e explicita-se o que se deve entender por " buscando otimizar o seu funcionamento" (l. 4).

Leia o texto a seguir para responder à questão 3.

Texto II

Os lixões são depósitos sem qualquer controle, fontes de enormes impactos ambientais, causadores de contaminações – como, por exemplo, contaminações do solo, dos lençóis freáticos, das fontes de água – e lugares responsáveis pela proliferação de insetos transmissores de inúmeras doenças. São, portanto, um perigo constante à saúde e à qualidade de vida de todos. Os lixões deverão dar lugar a aterros sanitários, que, se não representam uma solução perfeita, ao menos são locais mais adequados para o depósito dos rejeitos, uma vez que evitam problemas como os citados anteriormente.

As cidades precisam se comprometer a dar cumprimento à Lei Nacional de Resíduos Sólidos. Uma maneira de fazer isso é adotar políticas de gestão eficiente dos resíduos a fim de que a menor quantidade possível desses materiais precise ser encaminhada para os aterros. Para que isso seja possível, será necessária a implantação ou a ampliação da coleta seletiva de lixo, além de apoio efetivo ao trabalho desenvolvido pelas cooperativas de catadores. Capacitar essas pessoas e dar-lhes condições dignas de trabalho são requisitos fundamentais para o sucesso da lei e para a melhoria das condições de vida e de trabalho desses profissionais. Mais de um milhão de pessoas trabalham e sobrevivem da reciclagem, muitas delas em condições bastante precárias.

O Brasil produz mais de 220 mil toneladas de lixo domiciliar por dia, o que resulta em mais de um quilo de lixo por pessoa. Ao menos 90% de todo esse material poderia ser reaproveitado, reutilizado ou reciclado. Apenas 3% acabam sendo efetivamente reciclados, um destino mais nobre do que o de se degradar e contaminar o nosso ambiente. Os especialistas calculam que o Brasil deixa de ganhar ao menos 8 bilhões de reais por ano por não reciclar toda essa grande quantidade de resíduos gerados no país.

Reinaldo Canto. As cidades brasileiras conseguirão tratar seu lixo? Disponível em: <www.cartacapital.com.br> (com adaptações).

3. (Pref. SP – Agente Gestão P. Públicas – Cespe – Maio/2016)

Seriam mantidos o sentido original e a correção gramatical do texto II caso o trecho " por não reciclar" (L. 19) fosse substituído por:

a) quando não recicla

b) se não reciclar

c) sem reciclar

d) para não reciclar

e) porque não recicla

Leia o texto a seguir para responder à questão 4.

Texto II

O índio não teve muita sorte na literatura brasileira, depois do Romantismo. Enquanto nas letras hispano--americanas viceja um esplêndido indigenismo pelo século XX adentro, com tantos e tão importantes criadores dedicando-se a transpor o índio para a ficção, no Brasil se podem contar nos dedos das mãos os casos.

Torna a trazer o assunto à baila o aparecimento e grande vendagem de **Maíra**, romance de Darcy Ribeiro. O renomado antropólogo já tinha em seu acervo de realizações uma respeitável brasiliana, incluindo vários trabalhos sobre os índios, um dos quais, a história de Uirá, fora transformado em filme no início da década de 70. **Maíra** é, portanto, a primeira incursão do autor pelo épico, a menos que se considere a história de Uirá como uma primeira aproximação ao gênero.

O relato, como o filme, dá conta do trágico percurso de Uirá, da tribo Urubu-Kaapor, no Maranhão deste século, o qual um dia fica *iñaron* quando, após muitas desgraças comuns ao destino dos índios brasileiros, como fome, espoliação, epidemias, perseguições, perde também um dos filhos.

A palavra tupi *iñaron* designa um estado de fúria sagrada, associado ao sofrimento excessivo, não deixando de lembrar as famosas fúrias dos heróis gregos: Hércules, uma vez acometido por um desses acessos, enviado pela vingativa Hera, matou, sem o saber, seus três filhos e esposa, tal como vem narrado na tragédia **Héracles Furioso**, de Eurípedes. Nas **Bacantes**, do mesmo autor, Agave, fora de si, participa do desmembramento de seu filho adulto, Penteu, rei de Tebas. E talvez o mais formidável exemplo seja o da cólera de Aquiles, que dá nascimento à inteira composição da **Ilíada**, desencadeada por sua recusa a continuar lutando. Devido à recusa de Aquiles, quase foi perdida a guerra de Troia e, não fosse sua fúria, o poema não teria sido composto.

Em meio ao furacão histórico da fase do capitalismo selvagem no país, quando o acirramento da acumulação leva multinacionais e suas cabeças-de-ponte nacionais a apropriar-se dos mais recônditos confins com vistas ao lucro, encontram-se, estonteados, os índios. O único problema dos Mairum – nome inventado, tribo arquetípica de todas as tribos, povo de Maíra – é como sobreviver e como fazer sua cultura sobreviver, com crescente dificuldade.

O romance inteiro soa como uma lamentação, um carpir sobre o fim de uma civilização das mais admiráveis. Seus trechos mais bem realizados são aqueles nos quais uma espécie de narrador coletivo índio dá conta de sua maneira de ver o mundo, de como compreende e interpreta seus hábitos e tradições; e, o que é mais importante, franqueia para o leitor seu tremendo desejo de sobrevivência e alegria de viver.

A produção e publicação de um romance como esse, agora, mostra como o índio está mais vivo do que nunca em sua conexão com

a literatura brasileira. Tampouco deve ser uma coincidência que, neste exato momento, outras ficções, filmes, romances, peças de teatro, novelas de televisão, canções, estejam sendo feitos, todos sobre os índios, todos lutando em defesa de sua preservação para a História. Quando há tanta desconfiança em relação à pulsão destrutiva da civilização ocidental e entre nós é tão escandaloso o capitalismo selvagem, isso pode vir a significar alguma coisa. Talvez uma postura mais cautelosa e menos arrogante, de quem está aprendendo a perceber que outras civilizações encontraram saídas melhores e, sobretudo, não suicidas para males que hoje parecem irremediáveis, como o problema do poder, da proliferação e potenciação dos armamentos, da destruição da natureza, do Estado e de seu aparelho, da igualdade nunca encontrada. A alegoria da moça branca morta ao parir mestiços mortos poderá significar também o caráter heteroletal e autoletal da etnia branca? Pode ser que a importância da civilização indígena esteja, final e penosamente, penetrando na consciência do corpo social brasileiro.

Walnice Nogueira Galvão. Indianismo revisitado. In: *Esboço de figura – Homenagem a Antonio Candido*. São Paulo: Duas Cidades, 1979, p. 379-89 (com adaptações).

4. (Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Acerca das relações semântico-sintáticas e do vocabulário do texto II, julgue (C ou E) o item seguinte.

Sem prejuízo da correção gramatical e do sentido do texto, a expressão "contar nos dedos das mãos" (l. 3) poderia ser substituída por **contar pelos dedos**.

5. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

"que terão grande impacto sobre a medicina"; nessa frase está corretamente empregada a forma "sobre". Assinale a frase abaixo em que ocorreu confusão entre sob/sobre:

a) "Se tudo está sob controle é porque não se está indo suficientemente rápido" (Mário Andretti);

b) "A interpretação é a vingança do intelecto sobre a arte" (Susan Sontag);

c) "Filosofar: pôr tijolos sobre tijolos sem construir uma casa" (anônimo);

d) "Infância é vida sob uma ditadura" (Graham Greene);

e) "Nada de novo sobre o sol" (Horácio).

6. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

O segmento de texto abaixo em que a preposição *para* tem seu valor semântico corretamente indicado é:

a) "Para Topol, o futuro está nos smartphones" / opinião;

b) "Está para chegar ao mercado um apetrecho" / direção;

c) "os hospitais caminhem para uma rápida extinção" / tempo;

d) "Dando algum desconto para as previsões, "The Patient" / concessão;

e) "...é uma excelente leitura para os interessados nas transformações da medicina" / causa.

7. (Compesa – An. Gest. Médico do Trabalho – FGV – Jul./2016)

Assinale a frase em que houve troca ***indevida*** entre *sob/sobre*.

a) "*Infância é vida sob uma ditadura*".

b) “ *Falar sobre música é como dançar* <u>*sobre*</u> *arquitetura*”.

c) “ *O verso é uma vitória* <u>*sobre*</u> *os limites da linguagem*”.

d) “ *A interpretação é a vingança do intelecto* <u>*sob*</u> *a arte*”.

e) “ *Se tudo está* <u>*sob*</u> *controle é porque não se está indo suficientemente rápido*”.

8. (Unifesp – Técnico Seg. Trab. – Vunesp – Abril/2016)

Assinale a alternativa em que a preposição “ de” expressa sentido de origem.

a) Mas existem outras figuras capazes **de** chamar a atenção.

b) “ Agora posso realizar um sonho que trago **da** infância”.

c) Nada surpreendente, não fosse a idade **do** Takeshi...

d) ... pensam em desistir por causa **de** um fracasso.

e) E aí **de** novo ele dá um exemplo.

9. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Leia a charge.

(www.folha.uol.com.br/colunas/mercadoaberto, 01.12.2015. Adaptado)

Assinale a alternativa cujos termos preenchem, respectivamente, as lacunas da charge, garantindo-lhe a coesão e a coerência; e cujo sentido estabelecido entre eles está corretamente indicado entre parênteses.

a) sob ... sobre (causa)

b) em ... sem (modo)

c) sem ... com (oposição)

d) sob ... em (lugar)

e) sobre ... em (consequência)

10. (ESAF – Receita Federal – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2014)

Assinale a opção que preenche a lacuna do texto de forma a torná-lo gramaticalmente correto, coeso e coerente.

Normalmente o Estado de Direito é confundido com o Estado Constitucional (Estado Democrático de Direito), entretanto, isto é um equívoco.

_____

Com efeito, se é a legislação que serve de parâmetro para atuação estatal, então, esta mesma legislação, por conseguinte, é livre.

Em tais Estados (Estado de Direito), o absolutismo do rei é substituído pelo absolutismo do parlamento (supremacia do parlamento e não da constituição).

a) Conquanto, no Estado Constitucional, a constituição funciona como fundamento de validade de toda ordem jurídica, disciplinando não só a atuação do Executivo e Judiciário, como também do legislativo, vigendo, aí sim, a supremacia da constituição.

b) Embora, no Estado Constitucional, o legislador encontra limites jurídicos nas normas constitucionais, as quais traçam o perfil de cada exação, de forma que a competência tributária é delimitada através da conjugação das normas que tratam especificamente de cada tributo com os princípios constitucionais.

c) Daí podermos concluir que, no Brasil, por força de uma séria de disposições constitucionais, não há falar em poder tributário (incontrastável, absoluto), mas, tão somente, em competência tributária (regrada, disciplinada pelo Direito).

d) Isso porque no Estado de Direito os atos do Executivo e do Judiciário estão submetidos ao princípio da legalidade; contudo, o Legislativo é livre para atuar, já que esse princípio não pode ser aplicado, por imposição lógica, à legislação.

e) Portanto, poder tributário tinha a Assembleia Constituinte, que era soberana. Ela realmente tinha um poder ilimitado, inclusive em matéria tributária. Contudo, a partir do momento em que foi promulgada a Constituição, o Poder Tributário retornou ao povo, restando aos poderes constituídos as competências tributárias.

11. (FCC – TRT – 4ª Região (RS) – Analista Judiciário – Tecnologia da Informação – 2015)

O rubor pode subir às faces de alguém que está sendo objeto da atenção de uma plateia, mesmo que esta atenção seja motivada pelo elogio, pelo recebimento de um prêmio, portanto acompanhada de um juízo positivo.

Outra redação para o segmento acima manterá o sentido e a correção se o elemento destacado, e apenas ele, for substituído por:

a) conforme.

b) ainda que.

c) embora.

d) conquanto que.

e) sempre que.

12. (FCC – TRE-AP – Técnico Judiciário – Administrativo – 2015)

Michelangelo fugiu de Roma ao ser comunicado que, antes de produzir as estátuas da futura tumba do papa Júlio II, deveria pintar o teto da Capela Sistina. Só a muito custo foi convencido a se aventurar na pintura, meio que julgava não dominar tão bem quanto a escultura. ..... , ao ser tirado da zona de conforto, o artista criaria sua obra máxima.

Mantendo-se as relações de sentido e a correção gramatical, preenche corretamente a lacuna acima o que se encontra em:

a) Porquanto

b) Embora

c) Contudo

d) Uma vez que

e) Conquanto

13. (FCC – TRT – 3ª Região (MG) – Analista Judiciário – Área Judiciária – 2015)

Abre parêntese: há momentos – felizmente raros – em que a história pessoal se impõe às percepções conjunturais e o relato na primeira pessoa, embora singular, parcial, às vezes suspeito, sobrepõe-se à narrativa impessoal, ampla, genérica. Fecha parêntese.

Sem que haja prejuízo do sentido e correção originais, a conjunção acima destacada pode ser substituída por:

a) contudo.

b) apesar de.

c) quando.

d) porque.

e) já que.

14. (FCC – Manausprev – Técnico Previdenciário – Administrativa – 2015)

Mantendo-se o sentido original, na frase *Como não conseguiram achar Miracanguera...* (5º parágrafo), o elemento sublinhado pode ser corretamente substituído por:

a) De modo que

b) Uma vez que

c) Por mais que

d) Conforme

e) Ainda que

15. (TRF3 – Técnico Judiciário – FCC – Abril/2016)

No contexto da frase, o segmento sublinhado tem seu sentido expresso entre colchetes em:

a) *Diz respeito à confluência de informação que circula em grandes cidades e ao uso da tecnologia para automatizar a gestão de setores urbanos...* [finalidade]

b) *Quando usamos essa terminologia, falamos da cidade enquanto um espaço de fluxos.* [proporção]

c) *... fácil acessibilidade da computação em nuvem, dispositivos baratos de internet, sistemas de TI cada vez mais flexíveis.* [partição]

d) *... outra parte prioriza a participação popular através da interatividade, bem como a cooperação técnica...* [afirmação]

e) *... podem-se armazenar, por exemplo, enormes massas de dados de mobilidade urbana* [...], *cujos bancos de dados podem ou não intencionalmente identificar seus usuários.* [condição]

16. (TRF3 – Técnico Judiciário – FCC – Abril/2016)

Mas, se pensarmos na alternativa de projetos de cidades inteligentes que não envolvam políticas públicas de dados

abertos, que não prestem conta detalhada de suas atividades, ao mesmo tempo em que disponham dos sofisticados sistemas para o gerenciamento de dados de cidadãos em larga escala, encontraremos condições para o surgimento de um estado de vigilância e controle...

Preservando-se a correlação entre as formas verbais, os elementos destacados podem ser substituídos, respectivamente, por:

a) pensaremos – envolviam – prestavam – disponham – encontremos

b) pensamos – envolvem – prestam – dispunham – encontrávamos

c) pensemos – envolveriam – prestariam – disporiam – encontrássemos

d) pensássemos – envolvessem – prestassem – dispusessem – encontraríamos

e) pensávamos – envolveram – prestaram – disporam – encontramos

Leia o texto a seguir para responder à questão 17.

Abraçando árvore

Não era uma felicidade eufórica, estava mais pra uma brisa de contentamento, como se eu bebesse vinho branco à beira-mar.

Eu tinha acordado cedo naquela sexta – e acordar cedo sempre me predispõe à felicidade. O trabalho havia rendido bem e, antes do fim da manhã, já tinha acabado de escrever tudo o que me propusera para o dia. À uma, fui almoçar com o meu editor. Ele estava com alguns capítulos do meu livro novo desde dezembro e eu temia que não tivesse gostado. Gostou. Comemos um peixe na brasa – peixe e brasa também costumam me predispor à felicidade – e como era sexta-feira, e como somos amigos, e como comemorávamos essa pequena alegria que é uma parceria funcionar, brindamos com vinho branco – não à beira-mar, mas à beira do Cemitério da Consolação, que pode não ter a grandeza de um Atlântico, mas também tem lá os seus pacíficos encantos.

Saí andando meio emocionado, meio sem rumo pela tarde ensolarada e quando vi estava em frente à paineira da Biblioteca Mario de Andrade. É uma árvore gigante, que provavelmente já estava ali antes do Mario de Andrade nascer, continuou ali depois de ele morrer e continuará ali depois que todos os 18 milhões de habitantes que hoje perambulam pela cidade de São Paulo estiverem abaixo de suas raízes. Talvez tenha sido o assombro com essa longevidade, talvez acordar cedo, talvez os elogios ao livro, e o vinho certamente colaborou: fato é que senti uma súbita vontade de abraçar aquela árvore.

Acho importante deixar claro, inclemente leitor, que não sou do tipo que abraça árvore. Na verdade, sou do tipo que faz piada com quem abraça árvore. Se me contassem, até a última sexta, que algum amigo meu foi visto abraçando uma paineira na rua da Consolação eu diria, sem pestanejar: enlouqueceu. Mas...

Olhei prum lado. Olhei pro outro. Tomei coragem e foi só sentir o rosto tocar o tronco para ouvir: “ Antonio?!”. Era meu editor. Foram dois segundos de desespero durante os quais contemplei o distrato do livro, a infâmia pública, o alcoolismo e a mendicância, mas só dois segundos, pois meu inconsciente, consciente do perigo, me lançou a ideia salvadora. “ Uma braçada”, disse eu, girando pra esquerda e envolvendo a árvore novamente, “ duas braçadas e... três”. Então encarei, seguro, meu possível verdugo: “ Três braçadas dá o quê? Uns cinco metros de perímetro? Tava medindo pra descrever, no livro. Tem uma parte mais no fim em que essa paineira é importante”.

Colou. Nos despedimos. Ele foi embora prum lado, a minha felicidade pro outro e agora estou aqui, já noite alta desta sexta-feira, tentando enfiar a todo custo um tronco de quase dois metros de diâmetro num livro em que, até então, não havia nem uma samambaia.

(Adaptado de: PRATA, Antonio. Disponível em: <www.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/2016/01/1730364-abracando-arvore.shtml>. Acesso em: 18.01.2016.)

17. (TRF3 – Técnico Judiciário – FCC – Abril/2016)

Considere as frases abaixo.

I. O início do terceiro parágrafo expõe uma consequência para o que se conta no segundo.

II. O quarto parágrafo apresenta uma ressalva para o que se relata no quinto.

III. O sexto parágrafo enuncia uma consequência do que se revela no quinto.

Está correto o que se afirma em

a) I, II e III.

b) I e II, apenas.

c) II e III, apenas.

d) I, apenas.

e) III, apenas.

Leia o texto a seguir para responder às questões 18 a 20.

Depois que se tinha fartado de ouro, o mundo teve fome de açúcar, mas o açúcar consumia escravos. O esgotamento das minas – que de resto foi precedido pelo das florestas que forneciam o combustível para os fornos –, a abolição da escravatura e, finalmente, uma procura mundial crescente, orientam São Paulo e o seu porto de Santos para o café. De amarelo, passando pelo branco, o ouro tornou-se negro.

Mas, apesar de terem ocorrido essas transformações que tornaram Santos num dos centros do comércio internacional, o local conserva uma beleza secreta; à medida que o barco penetra lentamente por entre as ilhas, experimento aqui o primeiro sobressalto dos trópicos. Estamos encerrados num canal verdejante. Quase podíamos, só com estender a mão, agarrar essas plantas que o Rio ainda mantinha à distância nas suas estufas empoleiradas lá no alto. Aqui se estabelece, num palco mais modesto, o contato com a paisagem.

O arrabalde de Santos, uma planície inundada, crivada de lagoas e pântanos, entrecortada por riachos estreitos e canais, cujos contornos são perpetuamente esbatidos por uma bruma nacarada, assemelha-se à própria Terra, emergindo no começo da criação. As plantações de bananeiras que a cobrem são do verde mais jovem e terno que se possa imaginar: mais agudo que o ouro verde dos campos de juta no delta do Bramaputra, com o qual gosto de o associar na minha recordação; mas é que a própria fragilidade do matiz, a sua gracilidade inquieta, comparada com a suntuosidade tranquila da outra, contribuem para criar uma atmosfera primordial.

Durante cerca de meia hora, rolamos por entre bananeiras, mais plantas mastodontes do que árvores anãs, com troncos plenos de seiva que terminam numa girândola de folhas elásticas por sobre uma mão de 100 dedos que sai de um enorme lótus castanho e rosado. A seguir, a estrada eleva-se até os 800 metros de altitude, o cume da serra. Como acontece em toda parte nessa costa, escarpas abruptas protegeram dos ataques do homem essa floresta virgem tão rica que para encontrarmos igual a ela teríamos de percorrer vários milhares de quilômetros para norte, junto da bacia amazônica. Enquanto o carro geme em curvas que já nem poderíamos qualificar como “ cabeças de alfinete”, de tal modo se sucedem em espiral, por entre um nevoeiro que imita a alta

montanha de outros climas, posso examinar à vontade as árvores e as plantas estendendo-se perante o meu olhar como espécimes de museu.

(Adaptado de: Lévi-Strauss, Claude. *Tristes Trópicos*. Coimbra, Edições 70, 1979, p. 82-3)

18. (TRF3- Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

Em relação à primeira parte da frase, o segmento ... *orientam São Paulo e o seu porto de Santos para o café* (1º parágrafo) expressa:

a) finalidade.

b) causa.

c) decorrência.

d) conformidade.

e) proporcionalidade.

19. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

A oração ... *de tal modo se sucedem em espiral*... (último parágrafo):

a) expressa a consequência da oração precedente, além de introduzir matiz de intensidade.

b) além de introduzir a causa da oração anterior, expressa certo grau de intensidade.

c) além de introduzir complemento de modo ou instrumento, expressa uma consequência.

d) expressa condição, aliada a certo grau de proporcionalidade.

e) expressa concessão, resultante de uma relação de proporcionalidade.

20. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

Uma redação alternativa para o segmento " ... mas é que a própria fragilidade do matiz, a sua gracilidade inquieta, comparada com a suntuosidade tranquila da outra, contribuem para criar uma atmosfera primordial" (3º parágrafo), sem prejuízo da correção e do sentido, está em:

a) conquanto seja a fragilidade mesma do colorido, aliada à graciosidade fugaz, em contraposição à riqueza consolidada da outra, que contribui para a formação de um clima primaz.

b) não obstante a própria instabilidade da coloração, à sua gratuidade pode-se comparar o fausto despreocupado da outra, que contribui para instaurar um ambiente primevo.

c) todavia, é devido à própria fragilidade do tom – à sua graciosidade irrequieta – posta em paralelo com o fausto inabalável da outra, que contribui para inventar um ambiente primordial.

d) mas é, no entanto, a própria delicadeza do matiz, sua gratuidade inconstante, que, comparada ao luxo estável da outra, contribui para a conformação de um meio ambiente ancestral.

e) é, todavia, porque a própria fragilidade da coloração e a sua graciosidade instável, comparada ao fausto tranquilo da outra, contribuem para conformar uma ambientação primitiva.

Leia o texto a seguir para responder à questão 21.

As palavras estampadas na bandeira nacional poderiam receber o complemento de um adjetivo, diante do arcabouço de ideias e discussões que tratam do futuro do planeta. A depender da contribuição de especialistas em desenvolvimento sustentável da Universidade de Brasília, o lema de 1889, inspirado nos conceitos positivistas do francês Augusto Comte, teria a seguinte redação: "Ordem e um Novo Progresso". Essa renovação de ideias, entretanto, precisa do apoio das novas gerações, pois o cenário mundial atual, e do Brasil em particular, é muito diferente do registrado há duas décadas, por exemplo. Na configuração geopolítica do século XXI, a supremacia dos Estados Unidos da América e da Europa é confrontada pelo dinamismo econômico de nações como a China, Índia, África do Sul e o próprio Brasil. O sobe e desce na disputa por espaço em debates estratégicos em nível internacional deu maior peso à palavra de países em desenvolvimento nas questões da sustentabilidade.

João Campos. Uma nova educação para um novo progresso. In: *Revista Darcy*, jun./2012 (com adaptações).

21. (ICMBIO – Nível Médio – Cespe – Maio/2014)

Acerca dos aspectos estruturais e interpretativos do texto, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Na linha 5, a substituição do vocábulo "entretanto" pelo vocábulo "portanto" não acarretaria mudança de significado no período em questão.

Leia o texto a seguir para responder à questão 22.

Nenhuma ação educativa pode prescindir de uma reflexão sobre o homem e de uma análise sobre suas condições culturais. Não há educação fora das sociedades humanas e não há homens isolados. O homem é um ser de raízes espaçotemporais. De forma que ele é, na expressão feliz de Marcel, um ser "situado e temporalizado". A instrumentação da educação – algo mais que a simples preparação de quadros técnicos para responder às necessidades de desenvolvimento de uma área – depende da harmonia que se consiga entre a vocação ontológica desse "ser situado e temporalizado" e as condições especiais dessa temporalidade e dessa situacionalidade.

Se a vocação ontológica do homem é a de ser sujeito e não objeto, ele só poderá desenvolvê-la se, refletindo sobre suas condições espaçotemporais, introduzir-se nelas de maneira crítica. Quanto mais for levado a refletir sobre sua situacionalidade, sobre seu enraizamento espaçotemporal, mais "emergirá" dela conscientemente "carregado" de compromisso com sua realidade, da qual, porque é sujeito, não deve ser simples espectador, mas na qual deve intervir cada vez mais.

Paulo Freire. *Educação e mudança*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 61 (com adaptações).

22. (MEC – Nível Superior – Cespe – Abril/2014)

Julgue o item seguinte como Certo (C) ou Errado (E), referente às ideias e a aspectos linguísticos do texto.

O termo "porque" (l. 11) poderia, sem prejuízo para a correção gramatical e o sentido do texto, ser substituído por **por que**.

Leia o texto a seguir para responder à questão 23.

"O preconceito linguístico é um equívoco, e tão nocivo quanto os outros. Segundo Marcos Bagno, especialista no assunto, dizer que o brasileiro não sabe português é um dos mitos que compõem o preconceito mais presente na cultura brasileira: o linguístico".

A redação acima poderia ter sido extraída do editorial de uma revista, mas é parte do texto O oxente e o ok, primeiro lugar na categoria opinião da 4ª Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro, realizada pelo Ministério da Educação em

parceria com a Fundação Itaú Social e o Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (CENPEC).

A autora do artigo é estudante do 2º ano do ensino médio em uma escola estadual do Ceará, e foi premiada ao lado de outros dezenove alunos de escolas públicas brasileiras, durante um evento em Brasília, no último mês de dezembro. Como nos três anos anteriores, vinte alunos foram vencedores – cinco em cada gênero trabalhado pelo projeto. Além de opinião (2º e 3º anos do ensino médio), a olimpíada destacou produções em crônica (9º ano do ensino fundamental), poema (5º e 6º anos) e memória (7º e 8º anos). Tudo regido por um só tema: " O lugar em que vivo".

Língua Portuguesa, 1/2015. Internet: <www.revistalingua.uol.com.br> (com adaptações).

23. (FUB – Téc. Administrativo – Cespe – Março/2015)

No que se refere aos sentidos, à estrutura textual e aos aspectos gramaticais do texto, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

O elemento coesivo " mas" (l. 4) inicia uma oração coordenada que exprime a ideia de concessão em uma sequência de fatos.

Leia o texto a seguir para responder à questão 24.

Texto III

O surgimento da Internet remonta à década de 60 do século passado, em um projeto do governo norte-americano no combate à guerra, pelo qual as comunicações intragovernamentais passaram a ser internalizadas, para evitar a publicação de dados relevantes à segurança nacional.

Posteriormente, na década de 70, foi criado o protocolo Internet, que permitiu a comunicação entre os seus poucos usuários até então, uma vez que ela ainda estava restrita aos centros de pesquisa dos Estados Unidos da América.

Na década de 80, foi ampliado o uso da Internet para a forma comercial e, finalmente, na década de 90, a Internet alcançou o seu auge, pois atingiu praticamente todos os meios de comunicação. O histórico dos crimes cibernéticos, por sua vez, remonta à década de 70, quando, pela primeira vez, foi definido o termo hacker, como sendo aquele indivíduo que, dotado de conhecimentos técnicos, promove a invasão de sistemas operacionais privados e a difusão de pragas virtuais.

Artur Barbosa da Silveira. Os crimes cibernéticos e a Lei nº 12.737/2012. In: Internet: <www.conteudojuridico.com.br> (com adaptações).

24. (MPU – Analista/Técnico – Cespe – 2015)

Julgue o item que se segue como Certo (C) ou Errado (E), acerca das ideias, das estruturas linguísticas e da tipologia do texto III.

Mantêm-se a correção gramatical e o sentido original do período ao se substituir a expressão " uma vez que" (l. 5) por qualquer um dos seguintes termos: porque, já que, pois, por conseguinte.

Leia o texto a seguir para responder à questão 25.

Texto I

O Brasil é um país de cidades novas. A maior parte de seus núcleos urbanos surgiu no século passado. Há cidades, entretanto, que já existem há bastante tempo. Contemporâneas dos primeiros tempos da colonização, algumas delas já ultrapassaram inclusive a marca do quarto centenário. Poucas são as cidades brasileiras, contudo, que ainda apresentam vestígios materiais consideráveis do passado.

Se hoje o Rio de Janeiro, fundado em 1565, vangloria-se de seu " corredor cultural", que preserva edificações da área central construídas na virada do século XIX para o XX, é importante lembrar que as edificações aí situadas substituíram inúmeras outras antes existentes no mesmo local. Nem mesmo o berço histórico da cidade existe mais, arrasado devido à destruição do Morro do Castelo em 1922. E o que falar de São Paulo, fundada em 1554? Da pauliceia colonial e imperial quase mais nada existe, e, se ainda temos uma boa noção do que foi a cidade da primeira metade do século XX, é porque contamos com a paisagem eternizada das fotografias e com os belíssimos trabalhos realizados pelos geógrafos paulistas por ocasião do quarto centenário da cidade.

Há outros exemplos. Olinda, fundada em 1537, orgulha-se de ser patrimônio cultural da humanidade, mas esse título não lhe foi conferido em razão dos testemunhos que sobraram da cidade antiga, em grande parte substituída por construções em estilo eclético ou art déco do início do século passado. E se Salvador, criada em 1549, e Ouro Preto, fundada em 1711, podem gabar-se de manter ainda um patrimônio histórico-arquitetônico apreciável, isso se deve muito mais à longa decadência econômica pela qual passaram, que atenuou os ataques ao parque construído, do que a qualquer veleidade preservacionista local.

Em suma, não é muito comum encontrarem-se vestígios materiais do passado nas cidades brasileiras, mesmo naquelas que já existem há bastante tempo. Há, entretanto, algo novo acontecendo em todas elas. Independentemente de qual tenha sido o estoque de materialidades históricas que tenham conseguido salvar da destruição, as cidades do país vêm hoje engajando-se decisivamente em um movimento de preservação do que sobrou de seu passado, em uma indicação flagrante de que muita coisa mudou na forma como a sociedade brasileira se relaciona com as suas memórias.

Mauricio Abreu. Sobre a memória das cidades. In: Ana Fani Alessandri Carlos et al (Orgs.). *A produção do espaço urbano*: agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo: Editora Contexto, 2013, p. 21-2 (com adaptações).

25. (Pref. SP – Agente Gestão P. Públicas – Cespe – Maio/2016)

No texto I, a conjunção " entretanto" (l. 2) introduz, no período em que ocorre, uma ideia de:

a) condição.

b) causa.

c) consequência.

d) oposição.

e) adição.

Leia o texto a seguir para responder à questão 26.

Texto III

A história do grafite no Brasil iniciou-se na década de 70 do século XX, precisamente na cidade de São Paulo, em uma época conturbada da história do Brasil, época essa silenciada pela censura resultante da chegada dos militares ao poder.

Paralelamente ao movimento que despontava em Nova York, o grafite surgiu no cenário da metrópole brasileira como uma arte transgressora, a linguagem da rua, da marginalidade, que não pedia licença e que gritava nas paredes da cidade os incômodos de uma geração.

A partir disso, a arte de grafitar se transformou em um importante veículo de comunicação urbano, corroborando, de alguma maneira, a existência de outras vozes, de outros sujeitos históricos e ativos que participam da cidade.

É importante ressaltar que o grafite, inicialmente, foi uma arte caracterizada pela autoria anônima, por meio da qual o grafiteiro

transformava a cidade em um importante suporte de comunicação artística sem delimitação de espaço, de mensagem ou de mensageiro.

Portanto, o que importava naquele momento era a arte em si e não o nome de seu autor. Por esse motivo, os ditos " cânones" são retirados de sua posição central e imperativa para dar lugar a uma arte de todos e para todos; arte da rua, na rua e para a rua; arte da cidade, na cidade e para a cidade: o grafite. Nesse sentido, a arte se funde com a vida do cidadão da metrópole por meio do movimento mútuo de transformação e de identificação de seus sujeitos.

Disponível em: <www.todamateria.com.br> (com adaptações).

26. (Pref. SP – Agente Gestão P. Públicas – Cespe – Maio/2016)

Seriam mantidos o sentido e a correção gramatical do texto III caso a palavra " Portanto", no trecho " Portanto, o que importava naquele momento era a arte em si e não o nome de seu autor" (l. 13), fosse substituída por:

a) Pois.

b) No entanto.

c) Logo.

d) Entretanto.

e) Porquanto.

Leia o texto a seguir para responder à questão 27.

Texto III

Pergunto: e agora? Como é que meu Padrinho foi degolado num quarto de pesadas paredes sem janelas, cuja porta fora trancada, por dentro, por ele mesmo? Como foi que os assassinos ali penetraram, sem ter por onde? Como foi que saíram, deixando o quarto trancado por dentro? Quem foram esses assassinos? Como foi que raptaram Sinésio, aquele rapaz alumioso, que concentrava em si as esperanças dos Sertanejos por um Reino de glória, de justiça, de beleza e de grandeza para todos? Bem, não posso avançar nada, porque aí é que está o nó! Este é o " centro de enigma e sangue" da minha história. Lembro que o genial poeta Nicolau Fagundes Varela adverte todos nós, Brasileiros, de que " os irônicos estrangeiros" vivem sempre vigilantes, sempre à espreita do menor deslize nosso para, então, " ridicularizar o pátrio pensamento":

Fatal destino o dos brasílios Mestres!

Fatal destino o dos brasílios Vates!

Política nefanda, horrenda e negra,

pestilento Bulcão abafa e mata

quanto, aos olhos de irônico estrangeiro,

podia honrar o pátrio pensamento!

Ora, um dos argumentos que os " irônicos estrangeiros" mais invocam para isso é dizer que nós, Brasileiros, somos incapazes de forjar uma verdadeira trança, uma intrincada teia, um insolúvel enredo de " romance de crime e sangue". Dizem eles que não é necessário nem um adulto dotado de argúcia especial: qualquer adolescente estrangeiro é capaz de decifrar os enigmas brasileiros, os quais, tecidos por um Povo superficial, à luz de um Sol por demais luminoso, são pouco sombrios, pouco

maldosos e subterrâneos, transparentes ao primeiro exame, facílimos de desenredar.

Ah, e se fossem somente os estrangeiros, ainda ia: mas até o excelso Gênio brasileiro Tobias Barreto, aí é demais! Diz Tobias Barreto que, no Brasil, é impossível aparecer um " romance de gênio", porque " a nossa vida pública e particular não é bastante fértil de peripécias e lances romanescos". Lamenta que seja raro, entre nós, " um amor sincero, delirante, terrível e sanguinário", ou que, quando apareça, seja num velho como o Desembargador Pontes Visgueiro, o célebre assassino alagoano do Segundo Império. E comenta, ácido: " Um ou outro crime, mesmo, que porventura erga a cabeça acima do nível da vulgaridade, são coisas que não desmancham a impressão geral da monotonia contínua. Até na estatística criminal o nosso país revela-se mesquinho. O delito mais comum é justamente o mais frívolo e estúpido: o furto de cavalos".

A gente lê uma coisa dessas e fica até desanimado, julgando ser impossível a um Brasileiro ultrapassar Homero e outros conceituados gênios estrangeiros! A sorte é que, na mesma hora, o Doutor Samuel nos lembra que a conquista da América Latina " foi uma Epopeia". Vemos que somos muito maiores do que a Grécia – aquela porqueirinha de terra! – e aí descansamos o pobre coração, amargurado pelas injustiças, mas também incendiado de esperanças! Sim, nobres Senhores e belas Damas: porque eu, Dom Pedro Quaderna (Quaderna, O Astrólogo, Quaderna, O Decifrador, como tantas vezes fui chamado); eu, Poeta--guerreiro e soberano de um Reino cujos súditos são, quase todos, cavalarianos, trocadores e ladrões de cavalo, desafio qualquer irônico, estrangeiro ou Brasileiro, primeiro a narrar uma história de amor mais sangrenta, terrível, cruel e delirante do que a minha; e, depois, a decifrar, antes que eu o faça, o centro enigmático de crime e sangue da minha história, isto é, a degola do meu Padrinho e a " desaparição profética" de seu filho Sinésio, O Alumioso, esperança e bandeira do Reino Sertanejo.

Ariano Suassuna. *A pedra do reino*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972, 3ª ed., p. 27-30 (com adaptações).

27. (Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Com referência ao texto III, julgue (C ou E) o item que se segue.

Sem prejuízo da informação veiculada no relato e da correção gramatical do texto, a vírgula empregada logo após " janelas" (l. 1) poderia ser substituída pelo conector **e**.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 28 e 29.

Texto IV

Em suas remotas origens helênicas, o termo " caráter" significou gravar. Empregavam-no, então, tanto para exprimir o sinete como a marca deixada na cera dócil. Essa dupla significação ainda hoje é vernácula – se não corrente – em certas acepções. Na linguagem tipográfica, por exemplo, " caráter" tanto é o tipo da imprensa como o sinal ou a letra gravada. Assim sendo, podemos dizer que o caráter de um homem não é somente o seu feitio moral, senão também a expressão e a impressão do indivíduo. Em arte, caráter será a personalidade do autor, o aspecto aparente e profundo da obra e o efeito dela. Fixada assim a verdadeira acepção do termo, podemos afirmar que o mérito maior do poema do Sr. Menotti del Picchia é " o caráter". Poesia profundamente simples e pessoal, de inspiração larga e sadia, tem a força das obras bem concebidas e a beleza das coisas naturais. Poesia de corpos simples, poderíamos dizer, pela sobriedade de linhas no sentimento, no pensamento e na expressão. Sente-se que o autor procurou a naturalidade e não a arte, que é o melhor caminho para atingir a esta.

O segredo da arte é a naturalidade sem prejuízo da perfeição.

O Sr. Menotti del Picchia ainda não pôde naturalmente desvendar o segredo da arte. Se no buscar a expressão natural do seu lirismo alcançou a arte, não se despojou ainda das incertezas dessa procura, de certa fraqueza de técnica. Defeitos são todos

estes transitórios, quase necessários em quem apenas se inicia.

A essência do livro é excelente.

Indica no autor uma personalidade inconfundível, que procura em si mesmo ou em torno de si os motivos de sua estética. Nem se distingue pela obsessão do isolamento, nem se perde por modelos estranhos. Daí lhe vem a superioridade de caráter individual. Se o caráter do autor provém dessa independência sem esforço, reside o da obra em sua originalidade natural; na conformidade com o meio, em uma perfeita radicação no solo pátrio, na simplicidade da construção e nas perfeitas proporções do ímpeto poético. O próprio desconcerto, em pormenores do poema principal e de outras produções secundárias, concorre para a individualidade desse esplêndido ensaio.

O caráter desse livro se conserva pela ressonância que tem. Não são versos agradáveis, suaves ou elegantes, que com tanto agrado se leem quanto facilmente se esquecem. São versos que lidos – ficam; gravam--se invencivelmente na memória, ora destacados, ora em bloco. A crítica, no julgar e no decompor as obras, não pode desprezar a intuição, se não é principalmente isso. E um dos mais seguros processos de intuição, no distinguir o valor das obras, é esse da permanência das sensações.

Os poemas do Sr. Menotti del Picchia deixam uma funda impressão de sua leitura: não pode haver melhor demonstração do seu " caráter". Quando essa impressão não se limitar aos leitores e aos críticos, e se estender à própria literatura nacional, terá a sua poesia atingido o grau supremo que lhe auguro.

Juca Mulato é um poema simples. Encerra uma lição profunda na singeleza do motivo e da intenção. É certo que a evidência da beleza não pode ser em arte um critério axiomático. Quantas vezes a paciência é o melhor guia da emoção estética? A exegese das sinfonias de Beethoven, como a dos dramas musicais de Wagner, aumenta a nossa receptividade para essa arte de titãs, se bem que a intuição íntima e a explicação individual sejam imprescindíveis.

O poema do Sr. Menotti del Picchia tem a simplicidade e a frescura das criações espontâneas e necessárias, onde o esforço da composição permanece obscuro como deve.

Para lhe realçar a beleza não se sente a crítica compelida a buscar símbolos problemáticos ou filosofias arbitrárias. Sendo o que é – um mal de amor impossível que leva a alma à desesperança, para se resignar depois e ressurgir consolada pela visão da terra amada, da felicidade atingível e do sonho necessário –, comove pelo simples aspecto de suas linhas harmoniosas.

A beleza maior do poema, que é também o seu caráter, está na sua simplicidade radical. O poeta reprimiu voluntariamente as possíveis exuberâncias ou ambições de seu lirismo para ficar dentro do assunto que escolheu. Ganhou com isso um grande poder virtual e marca mais do que se quisesse marcar: a acústica de uma construção humana nunca chega à acuidade de um eco natural.

Juca Mulato é a reconciliação do homem consigo mesmo, do brasileiro com sua terra, do bárbaro com seu isolamento. Reconciliação às vezes impossível, outras ilusória, sempre necessária, raramente realizada. O consolo de Juca Mulato é a indicação do caminho a seguir.

Alceu Amoroso Lima. Um poeta. In: *Estudos literários*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1966, p.133-5 (com adaptações).

(Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Com relação às ideias e às estruturas linguísticas do texto IV, julgue (C ou E) os itens a seguir.

28. Seriam mantidos o sentido original e a correção gramatical do trecho " se bem que a intuição íntima e a explicação individual sejam imprescindíveis" (l. 36 e 37), caso a expressão " se bem que" e a forma verbal " sejam" fossem

substituídas, respectivamente, pelo termo **porquanto** e pela forma verbal **são**.

29. O trecho “ se não corrente” (l. 2 e 3) poderia ser corretamente substituído por **se não for corrente**, preservando-se o sentido original do texto.

Leia o texto a seguir para responder às questões 30 e 31.

Texto 1 – O futuro da medicina

O avanço da tecnologia afetou as bases de boa parte das profissões. As vítimas se contam às dezenas e incluem músicos, jornalistas, carteiros etc. Um ofício relativamente poupado até aqui é o de médico. Até aqui. A crer no médico e “ geek” Eric Topol, autor de “ The Patient Will See You Now” (o paciente vai vê-lo agora), está no forno uma revolução da qual os médicos não escaparão, mas que terá impactos positivos para os pacientes.

Para Topol, o futuro está nos smartphones. O autor nos coloca a par de incríveis tecnologias, já disponíveis ou muito próximas disso, que terão grande impacto sobre a medicina. Já é possível, por exemplo, fotografar pintas suspeitas e enviar as imagens a um algoritmo que as analisa e diz com mais precisão do que um dermatologista se a mancha é inofensiva ou se pode ser um câncer, o que exige medidas adicionais.

Está para chegar ao mercado um apetrecho que transforma o celular num verdadeiro laboratório de análises clínicas, realizando mais de 50 exames a uma fração do custo atual. Também é possível, adquirindo lentes que custam centavos, transformar o smartphone num supermicroscópio que permite fazer diagnósticos ainda mais sofisticados.

Tudo isso aliado à democratização do conhecimento, diz Topol, fará com que as pessoas administrem mais sua própria saúde, recorrendo ao médico em menor número de ocasiões e de preferência por via eletrônica. É o momento, assegura o autor, de ampliar a autonomia do paciente e abandonar o paternalismo que desde Hipócrates assombra a medicina.

Concordando com as linhas gerais do pensamento de Topol, mas acho que, como todo entusiasta da tecnologia, ele provavelmente exagera. Acho improvável, por exemplo, que os hospitais caminhem para uma rápida extinção. Dando algum desconto para as previsões, “ The Patient...” é uma excelente leitura para os interessados nas transformações da medicina.

Folha de S. Paulo online – Coluna Hélio Schwartsman – 17/01/2016.

30. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

“ A crer no médico e “ geek” Eric Topol”; essa oração reduzida equivale semanticamente a:

a) embora creiamos;

b) quando cremos;

c) se crermos;

d) à medida que cremos;

e) para que crêssemos.

31. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

“ está no forno uma revolução da qual os médicos não escaparão, / mas que terá impactos positivos para os pacientes”.

O emprego da conjunção “ mas” supõe uma oposição entre o primeiro e o segundo segmento desse trecho do texto 1.

Tal oposição se verifica entre os seguintes termos:

a) estar no forno / ter impactos positivos;

b) revolução / impactos positivos;

c) médicos / pacientes;

d) não escapar / ter impactos;

e) médicos não escaparão / impactos positivos para os pacientes.

32. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

" Dentre os problemas sociais urbanos, merece destaque a questão da segregação urbana, fruto da concentração de renda no espaço das cidades e da falta de planejamento público que vise à promoção de políticas de controle ao crescimento desordenado das cidades".

Os dois elementos ligados pela conjunção E são fatores bastante diferentes; o pensamento abaixo em que os termos ligados por essa conjunção podem ser considerados sinônimos é:

a) " A Academia Francesa é como a Universidade: uma e outra eram necessárias num tempo de ignorância e de mau gosto; hoje são ridículas" (Voltaire);

b) " A agulha é pequena e delgada; no entanto sustenta uma família toda" (Steinberg);

c) " O amor e a amizade excluem-se mutuamente" (La Bruyère);

d) " A amizade de alguns homens é mais funesta e danosa do que o seu ódio ou aversão" (Marquês de Maricá);

e) " Todo bajulador tem de ser forçosamente um malévolo e um ingrato" (Nestor Vítor).

33. (Compesa – NA. Gest. Médico do Trabalho – FGV – Jul./2016)

Todos os pensamentos a seguir são construídos por dois blocos.

Assinale a opção que indica o conectivo que uniria um desses dois blocos de forma conveniente.

a) "*A única coisa sem mistério é a felicidade: _____ ela se justifica por si só.*" – **portanto**.

b) "*Milhares de velas podem ser acesas de uma única vela e a vida da vela não será encurtada; _____ a felicidade nunca diminui ao ser compartilhada.*" – **por isso**.

c) "*Felicidade é um modo de viajar, _____ não um destino.*" – **embora**.

d) "*Felicidade é um como, _____ não um quê.*" – **porém**.

e) "*Felicidade é como um beijo: _____ você deve compartilhar para aproveitá-lo.*" – **porque**.

34. (Compesa – NA. Gest. Médico do Trabalho – FGV – Jul./2016)

Assinale a opção que indica a frase em que a substituição do conectivo sublinhado foi feita de forma ***inadequada***.

a) "*Nenhuma moralidade pode fundar-se na autoridade, mesmo que a autoridade fosse divina*". – **malgrado**

b) "*Se os teus princípios morais te deixam triste, pode estar certo de que estão errados*". – **quando**

c) “ *A honestidade é elogiada por todos, mas morre de frio*”. – **no entanto**

d) “ *Tudo acontece conforme manda a natureza*”. – **segundo**

e) “ *Tudo é artificial, uma vez que a natureza é a arte de Deus*”. – **visto que**

35. (Pref. Paulínia-SP – Eng. Agrôn. – FGV – Maio/2016)

O conectivo sublinhado nas frases a seguir – da autoria de Machado de Assis – que tem seu valor semântico corretamente indicado é:

a) “ *A fantasia é um vidro de cor, um óculo brilhante, porém mentiroso.*” / conclusão

b) “ *Nada está perdido enquanto o coração espera alguma coisa.*” / proporção

c) “ *Quando dois corações se querem entender, ainda que falem hebraico, descobrem-se logo um ao outro.*” / concessão

d) “ *Aprofunde mais os corações alheios, se quiser encontrar a verdade.*” / causa

e) “ *Conquanto a credulidade seja eterna, é preciso fazer com ela o que se faz com a moda: variar o feitio.*” / tempo

Leia o texto a seguir para responder à questão 36.

A sociedade da informação e seus desafios

Dificilmente alguém discordaria de que a sociedade da informação é o principal traço característico do debate público sobre desenvolvimento, seja em nível local ou global, neste alvorecer do século XXI. Das propostas políticas oriundas dos países industrializados e das discussões acadêmicas, a expressão “ sociedade de informação” transformou-se rapidamente em jargão nos meios de comunicação, alcançando, de forma conceitualmente imprecisa, o universo vocabular do cidadão.

A expressão “ sociedade da informação” passou a ser utilizada como substituta para o conceito complexo de “ sociedade pós-industrial”, como forma de transmitir o conteúdo específico do “ novo paradigma técnico-econômico”. A realidade que os conceitos das ciências sociais procuram expressar refere-se às transformações técnicas, organizacionais e administrativas que têm como “ fator-chave” não mais os insumos baratos de energia – como na sociedade industrial – mas os insumos baratos de informação propiciados pelos avanços tecnológicos na microeletrônica e nas telecomunicações.

Nesta sociedade pós-industrial, ou “ informacional”, as transformações em direção à sociedade da informação, em estágio avançado nos países industrializados, constituem uma tendência dominante mesmo para economias menos industrializadas e definem um novo paradigma, o da tecnologia da informação, que expressa a essência da presente transformação tecnológica em suas relações com a economia e a sociedade. Esse novo paradigma tem as seguintes características fundamentais: a informação é sua matéria--prima (no passado, o objetivo dominante era utilizar informação para agir sobre as tecnologias); os efeitos das novas tecnologias têm alta penetrabilidade (a informação é parte integrante de toda atividade humana, individual ou coletiva e, portanto, todas essas atividades tendem a ser afetadas diretamente pela nova tecnologia); a tecnologia favorece processos reversíveis devido a sua flexibilidade; trajetórias de desenvolvimento tecnológico em diversas áreas do saber tornam-se interligadas e transformam-se as categorias segundo as quais pensamos todos os processos (microeletrônica, telecomunicações, optoeletrônica, por exemplo).

O foco sobre a tecnologia pode alimentar a visão ingênua de determinismo tecnológico segundo o qual as transformações em direção à sociedade da informação resultam da tecnologia, seguem uma lógica técnica e, portanto, neutra e estão fora da interferência de fatores sociais e políticos. Nada mais equivo-cado: processos sociais e transformação tecnológica resultam de

uma interação complexa em que fatores sociais preexistentes como a criatividade, o espírito empreendedor, as condições da pesquisa científica afetam o avanço tecnológico e suas aplicações sociais.

No campo educacional dos países em desenvolvimento, decisões sobre investimentos para a incorporação da informática e da telemática implicam também riscos e desafios. Será essencial identificar o papel que essas novas tecnologias podem desempenhar no processo de desenvolvimento educacional e, isso posto, resolver como utilizá-las de forma a facilitar uma efetiva aceleração do processo em direção à educação para todos, ao longo da vida, com qualidade e garantia de diversidade. As novas tecnologias de informação e comunicação tornam-se, hoje, parte de um vasto instrumental historicamente mobilizado para a educação e a aprendizagem. Cabe a cada sociedade decidir que composição do conjunto de tecnologias educacionais mobilizar para atingir suas metas de desenvolvimento.

A Unesco tem atuado de forma sistemática no sentido de apoiar as iniciativas dos Estados Membros na definição de políticas de integração das novas tecnologias aos seus objetivos de desenvolvimento. No Programa Informação para Todos, as ações desse organismo internacional estão concentradas em duas áreas principais: conteúdo para a sociedade da informação e "infoestrutura" para esta sociedade em evolução, por meio da cooperação para treinamento, apoio ao estabelecimento de políticas de informação e promoção de conexões em rede.

No espírito da Declaração Universal dos Direitos do Homem, que constitui a base dos direitos à infor-mação na sociedade da informação, e levando em consideração os valores e a visão delineados anteriormente, o novo Programa Informação para Todos deverá prover uma plataforma para a discussão global sobre acesso à informação, participação de todos na sociedade da informação global e as consequências éticas, legais e societárias do uso das tecnologias de informação e comunicação. Deverá prover também a estrutura para colaboração internacional e parcerias nessas áreas e apoiar o desenvolvimento de ferramentas comuns, métodos e estratégias para a construção de uma sociedade de informação global e justa.

WERTHEIN, J. *Ciência da Informação*. Brasília, v. 29, n. 2, p. 71-77, maio/ago. 2000. Disponível em:<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/254>. Acesso em: 10 maio 2015. Adaptado.

36. (Petrobras – Advogado Jr. – Cesgranrio – Ago./2015)

Para construir o sentido do texto, diferentes relações lógicas se estabelecem entre as ideias que o compõem.

A relação entre os trechos está adequadamente expressa entre colchetes em:

a) "A expressão 'sociedade da informação' passou a ser utilizada como substituta para o conceito complexo de 'sociedade pós-industrial'" / "como forma de transmitir o conteúdo específico do 'novo paradigma técnico-econômico'". (l. 6-8) [contraposição]

b) "a informação é sua matéria-prima" / "no passado, o objetivo dominante era utilizar informação para agir sobre as tecnologias" (l. 16-17) [condição]

c) "os efeitos das novas tecnologias têm alta penetrabilidade" / "a informação é parte integrante de toda atividade humana, individual ou coletiva" (l. 17-19) [causalidade]

d) "Nada mais equivocado" / "processos sociais e transformação tecnológica resultam de uma interação complexa" (l. 26-27) [finalidade]

e) "As novas tecnologias de informação e comunicação tornam-se, hoje, parte de um vasto instrumental historicamente mobilizado para a educação e a aprendizagem" / "Cabe a cada sociedade decidir que composição do conjunto de tecnologias

educacionais mobilizar" (l. 34-37) [explicação]

37. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016 – Adaptada)

Considere o trecho: " Você pode até achar que é coisa de criança, mas o jogo em que cada um leva o próprio balde e simula as tarefas a bordo de um navio é instrutivo e divertido para todas as idades".

Se essa frase, mantendo-se o sentido original, for construída substituindo-se a conjunção **mas** por uma forma equivalente subordinativa, o resultado adequado será:

a) Você pode até achar que é coisa de criança, porém o jogo em que cada um leva o próprio balde e simula as tarefas a bordo de um navio é instrutivo e divertido para todas as idades.

b) Embora você possa até achar que é coisa de criança, o jogo em que cada um leva o próprio balde e simula as tarefas a bordo de um navio é instrutivo e divertido para todas as idades.

c) Talvez você até ache que é coisa de criança, pois o jogo em que cada um leva o próprio balde e simula as tarefas a bordo de um navio é instrutivo e divertido para todas as idades.

d) Admitamos que você até ache que é coisa de criança o jogo em que cada um leva o próprio balde e simula as tarefas a bordo de um navio, algo instrutivo e divertido para todas as idades.

e) Caso até você ache que é coisa de criança o jogo em que cada um leva o próprio balde e simula as tarefas a bordo de um navio, garanto ser instrutivo e divertido para todas as idades.

38. (ANP – Téc. Reg. Petr&Der – Cesgranrio – Jan./2016 – Adaptada)

Considere-se o trecho " Sua arma é o inverso da alta cultura, da contracultura, da subcultura, de nichos especializados. Visa o público em geral, cultura de massa, de milhões."

Se o trecho for reescrito em um só período, mantendo-se seu sentido original, as duas orações poderão ser relacionadas por meio da conjunção

a) consoante

b) contanto

c) embora

d) entretanto

e) porque

39. (ANP – Téc. Reg. Petr&Der – Cesgranrio – Jan./2016 – Adaptada)

A relação lógica expressa pela palavra em destaque está indicada adequadamente entre colchetes em:

a) " Tornou-se a cultura internacional dominante, principal, a chamada *mainstream*, **conforme** o título do livro escrito pelo sociólogo francês Frédéric Martel." [concessão]

b) " Você pode ouvir Lady Gaga, gostar de *Avatar* e ler *O Código Da Vinci*, **mas**, no final das contas, a maior parte da cultura que você consome e ama geralmente é nacional." [condição]

c) " **Para** resumir as coisas, eu diria que todos temos duas culturas: a nossa e a americana." [causa]

d) “ Por quê? **Porque** a língua é muito importante, porque a identidade é muito importante.” [finalidade]

e) “ **Portanto**, nós estamos em um mundo cada vez mais global, mas, ao mesmo tempo, a cultura ainda é e será muito nacional.” [conclusão]

40. (Basa – Téc. Bancário – Cesgranrio – Set./2015 – Adaptada)

A expressão abaixo que substitui a palavra **Mas** em: “ Mas, como toda arte tende para o excesso, o ascensorista entediado chegaria fatalmente ao preciosismo. Quando perguntassem ‘ Sobe? ’, responderia ‘ É o que veremos...’ Ou então, ‘ Como a Virgem Maria’ .”, modificando o sentido original do trecho em que ela está empregada é:

a) Contudo

b) Embora

c) Porém

d) Todavia

e) No entanto

41. (BB – Escriturário – Cesgranrio – Out./2015 – Adaptada)

A frase que está adequadamente reescrita entre colchetes, de modo a manter a relação lógica entre suas ideias, estabelecida pela palavra ou pela expressão destacada, é:

a) “ Foi necessária essa pequena exegese **para** refletirmos que não importa a forma como a sociedade queira se organizar, ela é sempre motivada por um fenômeno humano.”

[Foi necessária essa pequena exegese à medida que refletimos que não importa a forma como a sociedade queira se organizar, ela é sempre motivada por um fenômeno humano.]

b) “ **Se** a indústria pesada da tecnologia realmente adotar políticas reconhecendo e incluindo *bitcoins* como moeda válida, estará dado o primeiro passo para a criação de um mercado financeiro global de *bitcoins*.”

[Quando a indústria pesada da tecnologia realmente adotar políticas reconhecendo e incluindo *bitcoins* como moeda válida, estará dado o primeiro passo para a criação de um mercado financeiro global de *bitcoins*.]

c) “ o comércio internacional se modernizou e engendrou a criação de moedas, **com o intuito de** facilitar a circulação de mercadorias”

[o comércio internacional se modernizou e engendrou a criação de moedas, embora facilitasse a circulação de mercadorias]

d) “ A Revolução Industrial ocorrida inicialmente na Inglaterra e na Holanda, por volta de 1750, viria a criar uma quantidade de riqueza acumulada **tão** grande **que** transformaria o próprio dinheiro em mercadoria.”

[A Revolução Industrial ocorrida inicialmente na Inglaterra e na Holanda, por volta de 1750, viria a criar uma grande quantidade de riqueza acumulada, para transformar o próprio dinheiro em mercadoria.]

e) “ Trata-se de um título cambial digital, sem emissor, sem cártula, e, portanto, sem lastro, uma aberração no mundo financeiro, que, **não obstante isso**, tem valor.”

[Apesar de se tratar de um título cambial digital, sem emissor, sem cártula, e, portanto, sem lastro, uma aberração no mundo

financeiro, tem valor.]

42. (IPSMI – Procurador – Vunesp – Abril/2016 – Adaptada)

No trecho – As pessoas [...] que buzinam **assim que o sinal fica verde** – o trecho destacado expressa, em relação ao verbo que o antecede,

a) lugar da ação.

b) modo da ação.

c) finalidade da ação.

d) comparação das ações.

e) tempo concomitante das ações.

Leia o texto a seguir para responder à questão 43.

Uma noite no mar Cáspio

Na semana passada, uma aluna da Sorbonne foi encarregada de fazer um estudo sobre a literatura latino-americana, mal informada de tudo, inclusive sobre a América Latina. Veio entrevistar algumas pessoas e, não sei por que, pediu-me que a recebesse para uma conversa que pudesse explicar o Brasil com apenas um título que serviria de roteiro para o trabalho que deveria apresentar.

Já me pediram coisas extravagantes, recusei algumas, aceitei outras. Aleguei minha incompetência para titular qualquer coisa.

Mas não quis decepcionar a moça. Pensando na atual crise política, sugeri " Garruchas e punhais" – era o nome da briga entre os meninos da rua Cabuçu contra os meninos da rua Lins de Vasconcelos. Morei nas duas e era considerado um espião a soldo de uma ou de outra. O que no fundo era verdade, considerava idiotas os dois lados.

A moça riu mas não gostou. Todos os países têm garruchas e punhais. Dei outra sugestão: " O mosteiro de tijolos de feltro". Ela não gostou – nem eu. Parti então para uma terceira via, por sinal, a mais estúpida. Pensou um pouco, inicialmente recusou. Olhou bem para mim e aprovou: " Uma noite no mar Cáspio". Para meu espanto, ela aceitou. Acredito que os professores da Sorbonne também gostarão. E eu nem sei onde fica o mar Cáspio, embora também não saiba onde fica o Brasil.

(Carlos Heitor Cony. *Folha de S.Paulo*, 26.01.2016. Adaptado)

43. (C.M. Marília-SP – Proc. Jurídico – Vunesp – Abril/2016)

A relação de sentido estabelecida entre as orações no trecho do segundo parágrafo – ... recusei algumas, aceitei outras. – também está presente em:

a) Veio entrevistar algumas pessoas e, não sei por que, pediu-me...

b) ... que serviria de roteiro para o trabalho que deveria apresentar.

c) Pensando na atual crise política, sugeri " Garruchas e punhais"...

d) A moça riu mas não gostou.

e) Ela não gostou – nem eu.

44. (Unesp – Ass. Administrativo I – Vunesp – Abril/2016)

No trecho – Meu filho saiu da loja feliz da vida com seu brinquedo rosa que, aliás, para ele é só uma cor, **como** outra qualquer –, o termo destacado estabelece relação de sentido de

a) causa e equivale a **porque**.

b) tempo e equivale a **enquanto.**

c) condição e equivale a **caso**.

d) comparação e equivale a **tal qual**.

e) finalidade e equivale a **para**.

45. (MPE/SP – Analista Técnico Científico – Vunesp – Jul./2016)

Observe a relação de sentido entre os trechos (I) e (II): (I) Os governos taxavam-no a mais não poder, (II) de modo que os países rivais, mais parcimoniosos na decretação de impostos sobre produtos semelhantes, acabavam, na concorrência, por derrotar a Bruzundanga.

É correto afirmar que

a) o trecho (I) expressa o tempo em que ocorre o que se afirma no trecho (II).

b) o trecho (II) expressa a maneira como ocorre o fato afirmado no trecho (I).

c) o trecho (II) expressa o efeito do que se afirma no trecho (I).

d) o trecho (I) expressa o modo como ocorre o fato afirmado no trecho (II).

e) o trecho (II) expressa a causa determinante do que se afirma no trecho (I).

46. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Mantendo-se as ideias do texto original, a passagem do 6º parágrafo – O indivíduo não só perde a capacidade de pagamento mas também enfrenta grande dificuldade para obter novos recursos... – pode ser reescrita da seguinte forma:

a) O indivíduo perde a capacidade de pagamento e enfrenta grande dificuldade para obter novos recursos.

b) O indivíduo só perde a capacidade de pagamento, mas não enfrenta grande dificuldade para obter novos recursos.

c) O indivíduo perde a capacidade de pagamento, portanto também enfrenta grande dificuldade para obter novos recursos.

d) O indivíduo não só perde a capacidade de pagamento, porém enfrenta grande dificuldade para obter novos recursos.

e) O indivíduo ou só perde a capacidade de pagamento ou também enfrenta grande dificuldade para obter novos recursos.

47. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

(Hagar, Dik Browne. *Folha de S.Paulo*, 31.10.2015. Adaptado)

Na oração – **Já que** tenho um peixinho dourado como mascote… –, o sentido expresso pela conjunção em destaque é de

a) oposição e, nesse contexto, pode ser substituída por " Mas".

b) explicação e, nesse contexto, pode ser substituída por " Pois".

c) causa e, nesse contexto, pode ser substituída por " Como".

d) conclusão e, nesse contexto, pode ser substituída por " Portanto".

e) conformidade e, nesse contexto, pode ser substituída por " Conforme".

Leia o texto a seguir para responder à questão 48.

Entre as boas figuras de boa-fé do Rio de Janeiro figurava o Garcia, bom homem, cujo único defeito era ser fraco de inteligência, defeito que todos lhe perdoavam por não ser culpa dele.

O nosso herói não se empregava absolutamente em outra coisa que não fosse comer, beber, dormir e trocar as pernas pela cidade. Tinha herdado dos pais o suficiente para levar essa vida folgada e milagrosa, e só gastava o rendimento do seu patrimônio.

Casara-se com d. Laura, que, não sendo formosa que o inquietasse, nem feia que lhe repugnasse, era mais inteligente e instruída que ele. Esta superioridade dava-lhe certo ascendente, de que ela usava e abusava no lar doméstico, onde só a sua vontade e a sua opinião prevaleciam sempre.

O Garcia não se revoltava contra a passividade a que era submetido pela mulher: reconhecia que d. Laura tinha sobre ele grandes vantagens intelectuais e, se era honesta e fiel aos seus deveres conjugais, que lhe importava a ele o resto?

(Artur Azevedo, O espírito. Em: *Seleção de Contos*, 2014. Adaptado)

48. (MPE/SP- Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Observe as passagens do 3º parágrafo do texto:

– ... não sendo **formosa** que o inquietasse, nem **feia** que lhe repugnasse...;

– ... era mais inteligente e instruída **que** ele.

O par de adjetivos em destaque, na primeira passagem, e a conjunção em destaque, na segunda, estabelecem entre as informações do texto, respectivamente, as seguintes relações de sentido:

a) equivalência e conclusão.

b) equivalência e comparação.

c) oposição e comparação.

d) oposição e causa.

e) equivalência e consequência.

49. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Nos versos – as minhas mãos **sob** a nuca – e – **mas** o tato me dá –, o sentido expresso pela preposição **sob** e o expresso pela conjunção **mas** são, respectivamente, de

a) posição paralela e explicação.

b) posição superior e adição.

c) posição contígua e comparação.

d) posição inferior e oposição.

e) posição lateral e conclusão.

50. (Unesp – Assistente Administrativo – Vunesp – Fev./2016)

Um termo que introduz uma exemplificação no enunciado está em destaque na seguinte passagem:

a) Frequentemente desprezadas **por** terem um aspecto que não está de acordo com os "padrões de beleza" impostos pela indústria… (1º parágrafo)

b) Vender uma maçã com um rótulo **cujo** logotipo mostra um rosto com um único dente aos produtores… (3º parágrafo)

c) … os produtos menos esteticamente atrativos também são de qualidade e, **inclusive**, mais baratos. (4º parágrafo)

d) Agora, engloba também outros produtos, **como** queijos e cereais ingeridos no café da manhã. (5º parágrafo)

e) ... aproveita a luta contra os resíduos a fim de voltar a vender parte da produção **que**

51. (Unesp – Assistente Administrativo – Vunesp – Fev./2016)

O segmento destacado em – **Se uma despesa avança** em velocidade incompatível com a receita usada para bancá-la, só há dois caminhos para corrigir a distorção… – estará corretamente substituído, preservando-se o sentido e a correção gramatical, por:

a) Caso uma despesa avance…

b) Ainda que uma despesa avance…

c) Contudo uma despesa avança…

d) Pois uma despesa avança…

e) Para que uma despesa avance…

Leia o texto a seguir para responder à questão 52.

O Senado Federal aprovou em plenário, em 31/10/2012, o projeto de lei originário da Câmara dos Deputados (PL nº

2.793/2011) que tipifica como criminosas algumas condutas cometidas no meio digital, sobretudo a invasão de computadores. A imprensa tem noticiado como se fosse a primeira aprovação desse tipo no Brasil e alguns setores comemoraram como se a existência de uma lei para os crimes eletrônicos fosse tudo o que faltava para diminuir a delinquência cibernética. Sendo o Brasil um país de tradições positivistas e sendo vedada a aplicação de analogia para criar tipos penais, não resta dúvida da necessidade de aprovação da lei. Talvez com a previsão dessas condutas específicas, haja melhores resultados punitivos.

A falta de estrutura na maioria das delegacias civis do país e a ausência de previsão legal que estabeleça a obrigatoriedade da guarda de logs acabam por inviabilizar a investigação dos crimes digitais, em muitos casos. Com o Marco Civil da Internet (PL nº 2.126/2011), o legislador poderia sanar esse problema ao prever o armazenamento de tais registros, sem dar margem à violação da privacidade, evidentemente. No entanto, no último parecer ao projeto, no mês julho, o deputado relator retirou a obrigatoriedade do armazenamento dos dados pelos provedores de aplicações à Internet, os chamados provedores de conteúdo, deixando essa previsão apenas aos 5 provedores de conexão. O fato é que os registros de conexão nem sempre são suficientes para uma eficiente coleta de provas. O certo seria obrigar também os provedores de conteúdo a fazer esse registro, o que permitiria investigar e punir não só os crimes digitais como também outros, tais como os de difamação, calúnia e injúria, tão comuns nas redes sociais.

Rafael Fernandes Maciel. In: *Consultor Jurídico*, 9/11/2012. Disponível em: <www.conjur.com.br> (com adaptações).

52. (TJ/Acre – Téc. Administrativo – Cespe – Dez/2012)

Julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Mantendo-se a relação de sentido estabelecida entre os períodos, a expressão “ **No entanto**” (l. 11-12) poderia ser substituída, corretamente, por **Com tudo**.

53. (Câmara dos Deputados – Técnico Legislativo – Cespe – Abril/2014)

Bill Watterson.

(Adaptado) Julgue o item subsequente como Certo (C) ou Errado (E), relativo ao diálogo entre os personagens Calvin e sua professora, Dona Doroteia, apresentado na tirinha.

No terceiro quadrinho, a expressão “ Sendo assim” poderia, sem prejuízo para a correção e a coerência do texto, ser substituída por qualquer um dos seguintes conectores: Portanto, Por conseguinte, Conquanto.

Leia o texto a seguir para responder às questões 54 e 55.

Texto I

Na Vila Telebrasília, onde mora, poucos conhecem Abiesel Alves Cavalcanti pelo nome completo. Lá ele é Bisa, o pescador. Há 35 anos, o pernambucano veio atrás do progresso na capital. Acompanhado pelo irmão, trouxe algumas roupas e a tarrafa, sua ferramenta de trabalho. “ Eu falei para o mano: se lá tem água, tem peixe. De fome a gente não morre”, lembra Bisa. O Lago Paranoá alimentou toda a sua família, composta de mulher e dez filhos. No começo, quando a pesca com tarrafa era proibida, Bisa

saía na madrugada em uma canoa e trabalhava escondido. Depois, quando a captura com malha foi autorizada, ele se destacou entre os colegas. Chegava a voltar com até 300 quilos de peixe na embarcação. Hoje, o lago já não é tão abundante quanto há uma década e meia, mas ele ainda chega com o barco cheio. Entre tilápias, tucunarés, carpas e traíras, soma 250 quilos de peixe por semana e perto de dois mil reais por mês. Bisa rema quase sete horas para chegar até a altura da Ermida Dom Bosco e, às vezes, dorme na mata e retorna para casa só na manhã seguinte. "É uma vida de muito trabalho, mas necessidade eu nunca passei", diz o pescador.

Lilian Tahan. Vivendo de pescaria. In: *Veja Brasília*, 2/10/2013 (com adaptações).

(ICMBIO – Nível Médio – Cespe – Maio/2014)

Julgue os próximos itens como Certo (C) ou Errado (E), relativo às ideias e às estruturas linguísticas do texto.

54. Com a devida alteração de maiúscula e minúscula, o ponto final imediatamente após a palavra "colegas" (l. 7) poderia ser substituído por vírgula, seguida do elemento articulador **visto que**.

55. O vocábulo "mas" (l. 8) é um elemento coesivo que introduz relação de conclusão entre a informação expressa no período de que faz parte e a informação expressa no período que o antecede.

Leia o texto a seguir para responder à questão 56.

Texto I

Construímos coisas o tempo todo, mas como saberemos quanto tempo vão durar? Se construirmos depósitos para resíduos nucleares, precisaremos ter certeza de que os contêineres vão resistir até que o material dentro deles não mais seja perigoso. E, se não quisermos encher o planeta de lixo, é bom sabermos quanto tempo leva para que plásticos e outros materiais se decomponham. A única forma de termos certeza é submetendo esses materiais a testes de estresse por cerca de 100 mil anos para ver como reagem. Então, poderíamos aprender a construir coisas que realmente duram – ou que se decompõem de uma forma "verde". Experimentos submeteriam materiais ao desgaste e a ataques químicos, como variações de alcalinidade, e, ainda, alterariam a temperatura ambiente para simular os ciclos de dia e noite e das estações. Com as técnicas de simulação em laboratórios de que dispomos atualmente, por exemplo, não se pode prever como será o desempenho da bateria de um carro elétrico nos próximos quinze anos. As simulações de computador podem, por fim, tornar-se sofisticadas a ponto de substituir experimentos de longo prazo. Enquanto isso, no entanto, precisamos adotar cautela extra ao construirmos coisas que precisam durar.

Kristin Persson. Como os materiais se decompõem? In: *Scientific American Brasil*, s/d, 2013 (com adaptações).

56. (ICMBIO – Nível Superior – Cespe – Maio/2014)

Acerca de aspectos estruturais do texto acima e das ideias nele contidas, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E):

A expressão "no entanto" (l. 12) poderia ser substituída pelo vocábulo **entretanto**, sem que houvesse prejuízo à correção gramatical e ao sentido do texto.

Leia o texto a seguir para responder à questão 57.

Tem um personagem de Voltaire que um dia descobre, encantado, que falou em prosa toda a sua vida, sem saber.

Estamos metidos em muito mais coisas do que nos damos conta. Pertencemos, simultaneamente, a vários sistemas que mal

compreendemos, começando pelo nosso próprio corpo e terminando pelo sistema solar, que, por sua vez, faz parte de outro sistema ainda maior e mais incompreensível. Coisas espantosas acontecem conosco, a cada segundo, pelo simples fato de existirmos. Agora mesmo, enquanto escrevo – ou enquanto você lê –, fatos fantásticos e dramáticos se desenrolam dentro de nós. Células se reproduzem aos milhões. Bando de bactérias percorrem nossas vias interiores, procurando encrenca. Nossos sucos se encontram e se misturam em alquimias inacreditáveis. E giramos em torno do Sol, que, por sua vez, se desloca pelo espaço, em alta velocidade, cuspindo fogo. Não podemos pedir dispensa do Universo e de suas explosões por razões de consciência. Estamos todos na mesma louca aventura. Você, eu e o vizinho. E, ainda por cima, falamos em prosa.

(Verissimo, Luis Fernando. *Orgias*. Porto Alegre, RS: L&PM Editores, 1989, p.80-1, Adaptado).

57. (ESAF – DNIT – Técnico Administrativo – 2013)

(Adaptada) Com relação ao desenvolvimento das ideias do texto, julgue a assertiva a seguir como " certa" ou " errada".

No período " Coisas espantosas (...) existirmos" (l. 5-6), o autor estabelece uma relação de causa e efeito em que a causa é inerente à própria existência humana, o que torna o efeito irreversível.

Leia o texto a seguir para responder à questão 58.

Em um regime democrático, todo poder emana do povo, prevalecendo a vontade da maioria sobre a vontade de indivíduos ou de grupos. Desse modo, o bom governante é aquele que compreende as demandas da população e se empenha em atendê-las. No entanto, numa democracia saudável, é também responsabilidade dos dirigentes tomar medidas que podem eventualmente desagradar a uma parte dos eleitores, pois eles devem administrar pensando no conjunto da sociedade que governam, e não na estridência de interesses insatisfeitos ou contrariados.

(Adaptado de *O Estado de S. Paulo*, 9/2/2014)

58. (ESAF – MF – Assistente Técnico Administrativo – 2014)

Em relação às estruturas linguísticas do texto, julgue a assertiva a seguir como " certa" ou " errada".

Preservam-se as relações sintáticas e a correção gramatical do período ao se substituir " No entanto" (l. 3) por qualquer um dos seguintes termos: Contudo, Entretanto, Porquanto, Uma vez que.

Leia o texto a seguir para responder à questão 59.

Ônibus lotados, alguns em péssimo estado, engarrafamentos, demora em chegar ao local desejado. A péssima qualidade do transporte coletivo é um problema que atinge muitas capitais brasileiras. Para especialistas em planejamento urbano, o crescimento desordenado pode ser apontado como o responsável por essa situação. Isso gera uma fragmentação de espaços que exige que as pessoas façam longos deslocamentos. Consequentemente, a maioria das grandes cidades hoje no Brasil, por terem essa característica, geram esses problemas de congestionamentos e transporte públicos lotados. Resolver estes problemas é alguns dos grandes desafios dos prefeitos nas médias e grandes cidades. Cabe a eles garantir a mobilidade das pessoas nos lugares onde elas vivem. O transporte público coletivo é responsabilidade das prefeituras e o usuário espera que funcione.

(Adaptado de http://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2012/08/veja-o-papel-das-prefeituras-quanto-aos-problemas-do-transporte-coletivo.html, acesso em 4/12/2012)

59. (DNIT – Técnico Administrativo – ESAF – 2013)

Assinale a estrutura sintática que, no texto, tem valor significativo de causa.

Parte superior do formulário

a) “ demora em chegar ao local desejado”(L. 1)

b) “ que atinge muitas capitais brasileiras.”(L. 2)

c) “ pode ser apontado como o responsável por essa situação.”(L. 3-4)

d) “ que as pessoas façam longos deslocamentos.”(L. 4-5)

e) “ por terem essa característica”(L. 5)

Gabarito: 1. c; 2. C; 3. a; 4. e; 5. e; 6. a; 7. d; 8. b; 9. c; 10. d; 11. b; 12. c; 13. b; 14. b; 15. a; 16. d; 17. a; 18. c; 19. b; 20. e; 21. E; 22. e; 23. E; 24. E; 25. a; 26. c; 27. C; 28. E; 29. C; 30. c; 31. b; 32. d; 33. d; 34. b; 35. c; 36. c; 37. b; 38. e; 39. e; 40. b; 41. e; 42. e; 43. d; 44. d; 45. c; 46. a; 47. c; 48. c; 49. d; 50. d; 51. a; 52. E; 53. E; 54. C; 55. E; 56. C; 57. certa; 58. errada; 59. e.

Conjunções é assunto certo em qualquer que seja a prova. É importante também para a interpretação e produção textual, pois dá ao texto coesão e coerência. Vamos resumir o que foi estudado no capítulo?

11.5. RESUMO

- Conjunções coordenativas relacionam orações, podendo indicar cinco ideias: aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas e explicativas.
- Conjunções subordinativas podem ser integrantes – sem valor adverbial (=isto) ou adverbiais (com valor semântico).
- Conjunções subordinativas adverbiais podem indicar nove valores semânticos (6 Cs + FTP): causais, concessivas, condicionais, conformativas, consecutivas, comparativas, finais, temporais, proporcionais.
- Na hora de classificar a conjunção, lembre-se de olhar a oração que vem após ela, não antes.
- A causa e o efeito são ideias que sempre caminham juntas. Se a conjunção iniciar a causa, será causal. Se iniciar a consequência, será consecutiva. Lembre-se de que, na linha do tempo, a causa antecede a consequência.
- As conjunções consecutivas e conclusivas, bem como as adversativas e concessivas são paráfrases: indicam a mesma ideia. Para não confundi-las, é essencial memorizar suas listas.

Parte III

Sintaxe

12 PREDICAÇÃO VERBAL

12.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

É a relação de dependência entre o verbo e seus complementos.

Os verbos *transitivos* e *intransitivos* exprimem, normalmente, *ação*, *fenômeno* e *movimento*.

12.1.1. Verbo intransitivo

Não necessita de um termo (objeto) que complete o seu sentido.

Exs.: a) Correm os dias, os meses, os anos.

b) O outono chegou.

c) O marido desapareceu entre as ruelas.

d) O rapaz chegou gravemente ferido ao hospital.

e) Falei bastante ontem.

f) Estudou bastante.

Comentários:

Em A, a frase está invertida. Na ordem, seria: "Os dias, os meses, os anos correm". O verbo não pede complemento (= objeto). Na B, o verbo encerra o período, também sem pedir *objeto*.

Nas frases de C a F, aparecem adjuntos adverbiais e predicativo após os respectivos verbos, e não objeto:

c) "entre as ruelas" (= adjunto adverbial de lugar);

d) "ferido" (= predicativo do sujeito); "ao hospital" (= adjunto adverbial de lugar);

e) "bastante" (= adjunto adverbial de intensidade); "ontem" (= adjunto adnominal de tempo);

f) "bastante" (= adjunto adverbial de intensidade).

Portanto, para a gramática, verbo **intransitivo** é aquele que denota *ação*, *movimento*, e não pede *complemento* (= objeto).

12.1.2. Verbo transitivo

O sentido do verbo é completado por um termo (objeto).

O objeto direto completa o verbo sem preposição obrigatória (amar, ajudar, adorar, namorar etc.).

Exs.: a) Essa atitude implicou sua demissão.

b) Falei a verdade.

Comentários:

Agora, aparecem verbos que pedem complemento direto (= objeto direto), *sem preposição* (*verbos transitivos diretos*):

"sua demissão" (= objeto direto)

"a verdade" (= objeto direto)

Já o objeto indireto completa o verbo com preposição obrigatória (obedecer, desobedecer, aludir, anuir, referir-se etc.).

Exs.: a) Obedece **a**os mais velhos.

b) Gostava **de** música.

c) Falei **a**os filhos.

Comentários:

Verbos como *obedecer* e *gostar* regem, obrigatoriamente, preposição. São *transitivos indiretos*.

Em "Falei aos filhos", o verbo falar, nessa frase, pede preposição a. Não teria sentido dizer "Falei os filhos".

"Obedecia aos mais velhos." (= objeto indireto)

"Gostava de música." (= objeto indireto)

"Falei aos filhos." (= objeto indireto)

O verbo pode pedir dois complementos. Trata-se do objeto direto e indireto. Um sem preposição e o outro com preposição (avisar, comunicar, certificar, informar, proibir etc.).

Exs.: a) Comuniquei o ocorrido aos pais.

b) Falei a verdade aos filhos.

Comentários:

Quando o verbo pede dois complementos, é chamado de *transitivo direto e indireto* (um termo sem preposição, o outro, com preposição):

"*o ocorrido* (= objeto direto) *aos pais* (= objeto indireto)"

"*a verdade* (= objeto direto) *aos filhos* (= objeto indireto)"

12.1.3. Verbo de ligação

O verbo estabelece uma ligação entre o sujeito e seu atributo ou característica (= predicativo).

Exs.: a) Eu sou **feliz**. (predicativo do sujeito)

b) Estava **cansado**. (predicativo do sujeito)

c) Ele acha-se **triste**. (predicativo do sujeito)

Comentários:

O *verbo de ligação*, que, diferentemente dos transitivos e intransitivos – que denotam *ação*, *movimento* – traz uma ideia de *estado*. Geralmente são os verbos *ser*, *estar*, *ficar*, *parecer*, *continuar*, *achar-se* etc.

Fundamentalmente, o seu papel é o de ligar o sujeito a sua *característica*, *qualidade*, a seu *atributo* (= predicativo do sujeito). Logo, *se o verbo é de ligação*, não temos objeto na frase, e sim *predicativo do sujeito*.

Nas frases A, B, C, *feliz*, *cansado* e *triste* são adjetivos que caracterizam o sujeito, e os verbos ser, estar e achar-se, indicam estado, de ligação.

Importante: Na maioria das vezes, a predicação do verbo só pode ser determinada na frase, e não isoladamente. O mesmo verbo que em um contexto possui uma determinada transitividade, em outro vem com transitividade diferente.
Observe que mostramos isso com o verbo falar:
Falei bastante ontem. (verbo intransitivo)
Falei a verdade. (verbo transitivo direto)
Falei aos filhos. (verbo transitivo indireto)
Falei a verdade aos filhos. (verbo transitivo direto e indireto)

Vamos fixar os conceitos? Dê a predicação dos verbos nas frases seguintes.

1. As crianças **brincavam** alegremente no pátio.

   Comentários: O verbo *brincar*, nesta frase, não pede complemento. Após esse verbo aparecem circunstâncias (adjuntos adverbiais) de modo – *alegremente* – e de lugar – *no pátio*.

   Resposta: verbo intransitivo.

2. Muitos amigos **chegaram** cedo.

   Comentários: A palavra cedo indica o tempo da chegada, adjunto adverbial. Não há objeto (= complemento).

   Resposta: verbo intransitivo.

3. O salão **estava** todo pintado.

   Comentários: O verbo *estar* liga o sujeito (*salão*) a seu predicativo (*pintado*), indicando *estado*.

   Resposta: verbo de ligação.

4. Márcia **deu** um brinde a cada participante.

Comentários: Nessa frase, o verbo dar pede dois complementos:

"… deu um brinde…" (sem preposição – objeto direto)

"… deu a cada participante (com preposição – objeto indireto)

"Márcia deu um brinde a cada participante."

Resposta: verbo transitivo direto e indireto.

5. Muitas pessoas **receberam** donativos.

Comentários: O vocábulo *donativos* completa o sentido do verbo sem preposição, é objeto direto.

Resposta: verbo transitivo direto.

6. **Confiei** em suas palavras.

Comentários: Repare que, nesse período, se retirarmos a preposição *em*, a frase fica sem sentido. É porque o verbo *confiar* pede obrigatoriamente essa preposição ("Confiei em suas palavras").

Resposta: verbo transitivo indireto.

7. **Ficamos** contentes com seu retorno.

Comentários: Em "Ficamos contentes", o termo destacado não é objeto, porque mostra um estado do sujeito (*Nós*). Palavra que indica *estado*, *qualidade*, *característica* do sujeito é *predicativo*.

Além disso, o verbo *ficar* mostra uma *mudança de estado* e não uma *ação*, um *movimento*.

Resposta: verbo de ligação.

8. **Ofereci** uma recompensa aos funcionários.

Comentários: Mais um verbo que pede, na frase em que se encontra, dois complementos: um sem preposição, o outro com preposição:

"Ofereci uma recompensa…" (sem preposição – objeto direto)

"Ofereci aos funcionários…" (com preposição – objeto indireto)

Resposta: verbo transitivo direto e indireto.

9. **Pedi** a conta e **saí** do restaurante.

Comentários: Esse período traz dois verbos com transitividades diferentes: "Pedi a conta…", "… saí do restaurante". Na primeira passagem, o complemento do verbo aparece sem preposição (*a conta* – objeto direto); na segunda, temos uma ideia circunstancial (*do restaurante* – adjunto adverbial de lugar), e não objeto indireto.

Resposta: verbo transitivo direto e verbo intransitivo.

10. O mar **parecia** traiçoeiro naquela manhã.

Comentários: Mais um verbo cuja finalidade é ligar o sujeito a sua característica (predicativo). O vocábulo *traiçoeiro* é um adjetivo que se refere ao sujeito, é, portanto, um predicativo do sujeito. Como o verbo não indica ação nem movimento, não pode ser transitivo nem intransitivo.

Resposta: verbo de ligação.

11. **Trouxe** a lembrança de Natal.

Comentários: Aqui, temos um complemento do verbo *trazer* sem preposição (*a lembrança*) e uma locução que indica o lugar, a origem (*de Natal*), que funciona como adjunto adverbial.

Resposta: verbo transitivo direto.

12. Não **existem** mais sentimentos verdadeiros.

Comentários: Observe, primeiro, que a frase está invertida. Na ordem, teríamos: "Sentimentos verdadeiros não existem mais". Com isso, nos certificamos de que o verbo *existir* não pede complemento (= objeto), já que *mais* acrescenta ao verbo uma ideia de tempo, adjunto adverbial, pois.

Resposta: verbo intransitivo.

13. A moça **vivia** preocupada.

Comentários: O verbo *vivia*, nesta construção, indica um *estado* permanente, ligando o sujeito (*A moça*) ao seu predicativo (*preocupada*).

Resposta: verbo de ligação.

14. Ela **ficou** esperançosa.

Comentários: Mais um verbo que tem o papel de *ligar* o sujeito a seu estado, característica, qualidade (predicativo).

Resposta: verbo de ligação.

15. Ela **ficou** no escritório.

Comentários: Veja agora a diferença: *no escritório* indica o *lugar* onde *ela ficou*. Nesse caso, o verbo não *liga* nada. Não há predicativo nem objeto, e sim adjunto adverbial de lugar.

Resposta: verbo intransitivo.

16. **Fomos** a Fortaleza.

Comentários: Outra frase que mostra uma expressão (*a Fortaleza*) cuja finalidade é se referir ao verbo indicando uma circunstância (adjunto adverbial).

Resposta: verbo intransitivo.

17. **Lembrou-se** dos amigos.

18. **Lembrei** a data do seu aniversário.

Comentários: Em regência, vimos que o verbo *lembrar* pode aparecer com ou sem o pronome. Se vier *com* o pronome (*lembrar-se*) pede preposição; *sem* o pronome (*lembrar*), não pede preposição.

Respostas: 17. verbo transitivo indireto; 18. verbo transitivo direto.

19. **Surgem** os primeiros raios de sol.

Comentários: Assim como na frase 12, essa também mostra uma inversão dos termos. Na ordem, seria: "Os primeiros raios de sol surgem". Logo, não pede nenhum tipo de complemento, o sentido fica completo.

Resposta: verbo intransitivo.

20. Ninguém **reparou** nos maus modos daquela menina.

21. O pedreiro **reparou** o muro parcialmente destruído.

Comentários: Esses períodos são exemplos de verbos que, dependendo do sentido, mudam a predicação. Na frase 20, o *reparar* (= *dar atenção*, *dar importância*), pede preposição.

Já na 21, esse mesmo verbo equivale a *restaurar*, *fazer conserto*. Nesse caso, não pede preposição.

Respostas: 20. verbo transitivo indireto; 21. verbo transitivo direto.

Já que você consegue detectar a classificação de um verbo, o próximo passo é aprender os tipos de predicado.

12.1.4. Tipos de predicado

Predicado: é o que se declara acerca do sujeito. Divide-se em **verbal**, **nominal** e **verbo--nominal**.

Verbal: não tem predicativo. O verbo **não** indica estado.

Ex.: O funcionário chegou.

Nominal: tem **predicativo**. O verbo indica **estado**.

Ex.: O funcionário estava contente.

Verbo-nominal: o verbo **não** indica estado. Tem **predicativo** (do sujeito ou do objeto).

Ex.: O funcionário chegou contente.

Vamos treinar?

Separar o sujeito e classificar o predicado.

1. Os jovens cantavam uma bela canção.

Sujeito: Os jovens

Predicado: cantavam uma bela canção

Comentários: O predicado não possui predicativo. Quando isso ocorre o predicado só pode ser verbal.

Resposta: predicado verbal.

2. Os jovens pareciam felizes.

Sujeito: Os jovens

Predicado: pareciam felizes

Comentários: Agora, temos no predicado a presença de um verbo de ligação (indica estado) e de predicativo (*felizes*).

Resposta: predicado nominal.

3. Os jovens cantavam uma bela canção felizes.

Sujeito: Os jovens

Predicado: cantavam uma bela canção felizes

Comentários: Nesse período, há um verbo que não indica estado (*cantavam*) e predicativo (*felizes*). Se o verbo *não* indica estado, o predicado é *verbal*; se há predicativo, o predicado é *nominal*. Como nessa construção há as duas ocorrências, o predicado é verbo-nominal.

Resposta: predicado verbo-nominal.

4. Achei-o competente.

Sujeito: (*Eu*)

Predicado: Achei-o competente

Comentários: Observe que o adjetivo *competente* se refere ao objeto direto (*o*), qualificando-o. Esse adjetivo, sintaticamente, funciona como *predicativo do objeto*. Aparecendo predicativo do objeto no predicado, só pode ser classificado como verbo-nominal.

Resposta: predicado verbo-nominal.

5. O desenvolvimento depende da produtividade.

Sujeito: O desenvolvimento

Predicado: depende da produtividade

Comentários: O verbo *depende não* indica estado e *não há predicativo* na frase.

Resposta: predicado verbal.

6. O desenvolvimento é um processo complexo.

Sujeito: O desenvolvimento

Predicado: é um processo complexo

Comentários: Agora temos um verbo de *ligação* (*é* – indicando estado) e predicativo do sujeito.

Resposta: predicado nominal.

12.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

Dê a predicação dos verbos sublinhados seguindo este código:

(1) verbo intransitivo (4) verbo transitivo direto e indireto

(2) verbo transitivo direto (5) verbo auxiliar (usado na locução verbal)

(3) verbo transitivo indireto (6) verbo de ligação:

(6a) estado permanente

(6b) estado passageiro

(6c) mudança de estado

(6d) continuidade de estado

(6e) aparência

1. ( ) Ela <u>ligou</u> o ferro silenciosa.

2. ( ) Impecável, <u>transitava</u> o marido pelo tempo.

3. ( ) Paulo <u>está</u> adoentado.

4. ( ) Paulo <u>está</u> no hospital.

5. ( ) As discussões <u>continuaram</u> pela noite.

6. ( ) <u>Permaneciam</u> abertas as listas de adesão às emendas.

7. ( ) Um congressista <u>compareceu</u> à sessão preocupado.

8. ( ) <u>Deve</u> chover bastante.

9. ( ) Eu <u>sou</u> sempre a estrela matutina.

10. ( ) <u>Surgiu</u>, pela esquina, assobiando.

11. ( ) Os operários <u>perfuravam</u> a rocha com suas brocas e picaretas.

12. ( ) <u>Existe</u> em Nova Lima uma importante mina de ouro.

13. ( ) <u>Contou</u>-me um amigo uma história exemplar.

14. ( ) Uma das janelas vivia aberta.

15. ( ) Estava, naquele dia, em Friburgo.

16. ( ) Ela parece triste.

17. ( ) Distribuímos as cartas na mesa.

18. ( ) Chegamos alegres.

19. ( ) José caiu doente.

20. ( ) " Aquela estrela no peito é uma predestinação, símbolo ao mesmo tempo de fulgor e solidão."

Gabarito: 1. (2) ferro: objeto direto / silenciosa: predicativo do sujeito; 2. (1) impecável: predicativo do sujeito / pelo tempo: adjunto adverbial; 3. (6b) adoentado: predicativo do sujeito; 4. (1) no hospital: adjunto adverbial; 5. (1) pela noite: adjunto adverbial; 6. (6d) abertas: predicativo do sujeito; 7. (1) à sessão: adjunto adverbial / preocupado: predicativo do sujeito; 8. (5); 9. (6a) estrela: predicativo do sujeito; 10. (5); 11. (2) rocha: objeto direto / com suas brocas e picaretas: adjunto adverbial (instrumento); 12. (1) em Nova Lima: adjunto adverbial; 13. (4) história: objeto direto / me: objeto indireto; 14. (6a) aberta: predicativo do sujeito; 15. (1) naquele dia: adjunto adverbial / em Friburgo: adjunto adverbial; 16. (6e) triste: predicativo do sujeito; 17. (2) as cartas: objeto direto / na mesa: adjunto adverbial; 18. (1) alegres: predicativo do sujeito; 19. (6c) doente: predicativo do sujeito; 20. (6a) predestinação/símbolo: predicativo do sujeito.

12.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

A seguir, observe como são trabalhadas as questões de predicação verbal nas provas de concursos públicos.

1. (MPU – FCC) *… elas também causam impactos significativos na agricultura e na saúde humana.*

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o do grifado acima está na frase:

a) … grandes pinheiros brotam por toda parte.

b) … mas que chegaram ao Brasil…

c) … e aqui encontraram espaço…

d) …o búfalo e o pinus são apenas espécies exóticas.

e) … e competindo com elas por alimento.

Comentários:

O verbo da frase do enunciado é transitivo direto, vem seguido de seu objeto direto *impactos significativos*. Observe que a expressão *na agricultura e na saúde humana* não pode ser considerada objeto do verbo, é seu adjunto adverbial de lugar (responde à pergunta *onde?*).

Na letra A, tem-se um verbo intransitivo, seguido de um adjunto adverbial de lugar (*por toda parte*). Na letra B, o mesmo acontece: o verbo *chegar* é intransitivo, porque não vem seguido de complemento, e sim de circunstância lugar (*ao Brasil*), que, na sintaxe, é chamada de adjunto adverbial de lugar. É na letra C que encontramos um outro verbo transitivo direto, seguido de seu objeto direto *espaço.* Na letra D, temos um verbo de ligação, que liga o sujeito *o búfalo e o pinus* ao seu predicativo *espécies exóticas*. Por fim, a letra E, que traz um verbo transitivo indireto, com seu objeto indireto *com elas* e seu adjunto adverbial de causa *por alimento.*

Resposta: C.

2. (Cesgranrio) O verbo virar foi usado da mesma maneira que em "… o trabalho vira dinheiro." Em:

a) O pintor tropeça e vira a lata de tinta.

b) O mar, que estava de ressaca, virou o barco.

c) O petróleo, depois de devidamente processado, vira gasolina.

d) O mecânico, quando faz uma boa revisão, vira o carro do avesso.

e) Os policiais viraram todo o carro à procura de novas pistas.

Comentários:

A transitividade de um verbo é algo relativo, depende da frase. O verbo da frase do enunciado indica mudança de estado: o trabalho *se transforma* em dinheiro; é, portanto, verbo de ligação. Nas letras A, B, D e E, o verbo *virar* indica ação, movimento, sendo, nas quatro frases, transitivo direto. Apenas na letra C, o verbo *virar* vem indicar, mais uma vez, mudança de estado, sendo, portanto, classificado como verbo de ligação, com seu predicativo *gasolina*.

Resposta: C.

13 TERMOS DA ORAÇÃO

13.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Primeiramente, vamos conhecer os termos **integrantes** da oração. E, logo depois, os acessórios.

13.1.1. Termos integrantes

a) Objeto direto: complemento que integra a significação do verbo **sem o auxílio de preposição obrigatória.**

Ex.: A crise financeira estimulou a crença no intervencionismo do Estado. (estimulou-a)

b) Objeto indireto: complemento que integra a significação do verbo, ligando-se a este por meio de **preposição obrigatória**.

Ex.: As alunas responderam ao professor. (responderam-lhe)

c) Complemento nominal: complemento **preposicionado** de um substantivo, de um adjetivo ou de um advérbio.

Obs.: Quando esse termo preposicionado completa o substantivo, tem valor passivo. Se o termo preposicionado completar adjetivo ou advérbio, só pode ser complemento nominal.

Ex.: Venda de armas.

(subst. abstr.) (ideia passiva – as armas foram vendidas)

Estou certo da vitória.

(adj.)

Favoravelmente aos empresários.

(adv.)

d) Agente da passiva: termo preposicionado que **exerce a ação verbal** na voz passiva.

Ex.: Ele foi reconhecido pela mulher.

Só fixando, mesmo, para ver o assunto ficou claro: vamos misturar todos os termos integrantes...

Importante!

Lembre sempre que objeto (direto – sem preposição – ou indireto – com preposição) é complemento de verbo; complemento nominal é complemento preposicionado de nome substantivo, adjetivo ou advérbio; o agente da passiva é o termo preposicionado que pratica a ação verbal na voz passiva.

Classifique os termos sublinhados usando (1) para objeto direto; (2) objeto indireto; (3) complemento nominal; e

(4) agente da passiva.

1. ( ) Precisávamos de tua ajuda.

Comentários: A expressão *preposicionada* completa o sentido do *verbo* transitivo indireto.

Resposta: 2.

2. ( ) Tinha certeza de sua chegada.

Comentários: O vocábulo certeza é substantivo (nome) seguido de expressão preposicionada.

Resposta: 3.

3. ( ) Estava certo de sua chegada.

Comentários: A expressão destacada completa um adjetivo (nome) com preposição.

Resposta: 3.

4. ( ) Comemoramos a sua promoção.

Comentários: Agora, o *complemento do verbo* vem sem preposição.

Resposta: 1.

5. ( ) Sua promoção foi comemorada pelos familiares.

Comentários: Observe que nesse período o sujeito recebe a ação verbal ("A promoção *foi comemorada*"), é um sujeito paciente. A expressão sublinhada é o termo que age na voz passiva.

Resposta: 4.

6. ( ) Necessito de um favor seu.

Comentários: Mais uma frase em que a preposição aparece por exigência de um verbo.

Resposta: 2.

7. ( ) Tinha necessidade de sua presença.

Comentários:

Confronte essa frase com a anterior. Aqui, o termo preposicionado completa um *nome substantivo* (necessidade), e não um verbo.

Resposta: 3.

8. ( ) Demoliram aquele prédio antigo.

Comentários: O verbo *demolir* não pede preposição, é transitivo direto. Logo, no complemento, não aparece preposição.

Resposta: 1.

Por fim, os termos **acessórios**, aqueles que a gramática classifica como dispensáveis na frase:

13.1.2. Termos acessórios

a) Adjunto adnominal: "termo que limita, individua a significação de um substantivo."

Ex.: Dois alunos; O / Um aluno; Aluno inteligente / de inteligência.

(num.) (art.) (adj.) (loc.adj.)

Meu aluno; Invasão dos mosquitos.

(pron.) (loc.adj.)

b) Adjunto adverbial: vocábulo ou expressão que denota alguma circunstância (tempo, lugar, modo...) do fato expresso pelo verbo. Pode ainda modificar o adjetivo ou o próprio advérbio.

Ex.: Falavam muito; Homem muito bom; Saíram muito cedo.

(verbo) (adj.) (adv.)

Falava sobre música; Correu de medo; Estava em casa.

(verbo) (verbo) (verbo)

c) Aposto: "termo de natureza substantiva ou pronominal que se acrescenta a outro substantivo ou pronome." Os tipos de aposto são:

1. explicativo: Machado de Assis, um dos maiores nomes da nossa literatura, escreveu livros inesquecíveis.

2. enumerativo: Naquele instante, recorri a dois amigos: Gilson e Itamar.

3. distributivo: Érico Veríssimo e José de Alencar foram grandes escritores brasileiros, este do Romantismo e aquele do Modernismo.

4. resumitivo: Empresários, trabalhadores, ninguém confia em nossos governantes.

5. especificativo: A cidade de Paris é encantadora.

6. *em referência a uma oração: Ele agora trabalhava com dedicação, o que é elogiável.

*Obs.: Esse tipo de aposto é representado, normalmente, pelo pronome demonstrativo o ou pelos substantivos coisa, razão, motivo etc.

d) Vocativo: termo que se usa para chamar por alguém ou coisa personificada.

Ex.: José, venha cá.

e) Predicativo: qualidade atribuída ao sujeito ou ao objeto.

Ex.: Todos voltaram satisfeitos.

(suj.) (predicativo do sujeito)

Considero-o apto.

(o.d.) (predicativo do objeto)

Vejamos alguns exercícios de fixação.

Classifique os termos sublinhados usando (1) para adjunto adnominal; (2) adjunto adverbial; (3) aposto; (4) vocativo; (5) predicativo do sujeito; e (6) predicativo do objeto.

1. ( ) Bom dia, meu caro senhor!

Comentários: Quando chamamos por alguém, ou coisa personificada, tem-se o vocativo.

Resposta: 4.

2. ( ) Chegou ao escritório às nove horas.

Comentários: Nesse período, os termos preposicionados se referem ao *verbo* indicando, respectivamente, *circunstâncias* de lugar e tempo.

Resposta: 2.

3. ( ) Fernanda, a representante da turma, saiu neste instante.

Comentários: Quando um substantivo (*representante*) ou pronome se refere a outro substantivo (*Fernanda*), temos o aposto. Como a finalidade é explicar, esclarecer o termo anterior, o aposto é chamado de explicativo.

Resposta: 3.

4. ( ) Cinema, rádio, televisão, nada o distraía.

Comentários: Agora, o pronome *nada* se refere aos substantivos com a intenção de resumir a informação prestada por esses termos. O aposto é resumitivo.

Resposta: 3.

5. ( ) ( ) Ao longe, uma nuvem surgiu carregada.

Comentários: A expressão *Ao longe* remete ao *lugar* onde *surgia* a nuvem. Na segunda ocorrência, o adjetivo *carregada* se refere ao sujeito *nuvem*.

Respostas: 2 e 5.

6. ( ) Chamou o amigo de ingrato.

Comentários: Temos em *de ingrato* uma característica atribuída ao objeto direto *amigo*.

Resposta: 6.

7. ( ) ( ) ( ) As minhas sugestões eram simples.

Comentários: Repare que o substantivo *sugestão* vem delimitado pelo artigo (*As*) e pelo pronome (*minhas*). Essas palavras vêm *junto* ao nome substantivo. Já o adjetivo *simples* se refere ao substantivo *sugestões*, que funciona como sujeito, e vem *separado* por um verbo, e não junto.

Respostas: 1, 1 e 5.

8. ( ) ( ) Coração sem amor é um campo minado.

Comentários: A locução *sem amor*, preposicionada, vem junto ao substantivo *coração*, assim como o adjetivo *minado* vem *junto* ao substantivo *campo*.

Respostas: 1 e 1.

9. ( ) ( ) As suas mãos tremiam de medo.

Comentários: O pronome *suas*, ao lado do substantivo, delimita as *mãos*, já a expressão *de medo* se refere ao *verbo* indicando circunstância de causa.

Respostas: 1 e 2.

10. ( ) ( ) O velho ranzinza arquejava cansado.

Comentários: O adjetivo *ranzinza* vem *junto* ao substantivo *velho* e o adjetivo *cansado*, separado pelo verbo, se refere ao sujeito.

Respostas: 1 e 5.

Resumindo: Cuidado com os termos **preposicionados**!

objeto indireto x adjunto adverbial
Objeto indireto
Completa o sentido de um verbo transitivo indireto (com preposição obrigatória). Não há ideia circunstancial.
Ex.: Lembrou-se do ocorrido.
Adjunto adverbial
Refere-se ao verbo acrescentando a ele uma ideia circunstancial (tempo, lugar, modo, causa, intensidade...).
Ex.: Chegamos ao anoitecer (ideia de tempo).

complemento nominal x adjunto
Complemento nominal
Sempre preposicionado.
Completa um substantivo, um adjetivo ou um advérbio. Quando completa um substantivo, a expressão preposicionada tem valor passivo.
Ex.: Reforma da praça.
(subst.) (ideia passiva = a praça foi reformada)
Adjunto adnominal
Aparecendo preposição, a ideia é ativa.
Ex.: Construção do arquiteto.

(subst.) (ideia ativa = o arquiteto construiu)

Obs.: essa dúvida é mais frequente quando o termo preposicionado completa substantivo abstrato (indica ação, sentimento, qualidade – protesto, viagem, amor, tristeza, reforma, construção...)

adjunto adnominal x predicativo do objeto

Adjunto adnominal

Termo acessório, pode ser retirado da frase sem prejuízo do seu sentido.

Ex.: Fizeram perguntas tolas.

Predicativo do objeto

Aparece por extensão semântica do verbo. Sua retirada prejudica o perfeito entendimento da frase.

Ex.: Julguei as suas perguntas tolas.

Mais questões para exercitar.

Use os seguintes códigos para classificar as frases.

(1) objeto indireto

(2) adjunto adverbial

(3) adjunto adnominal

(4) predicativo do sujeito

(5) predicativo do objeto

(6) aposto

(7) complemento nominal

(8) agente da passiva

1. ( ) Os profissionais competentes enfrentaram muitas dificuldades.

Comentários: Adjetivo que vem *junto* ao substantivo é adjunto adnominal.

Resposta: 3.

2. ( ) Os profissionais eram muito competentes.

Comentários: Agora, o mesmo adjetivo vem separado por um verbo e se refere ao sujeito.

Resposta: 4.

3. ( ) Consideramos aqueles profissionais competentes.

Comentários: Repare que, embora o adjetivo venha junto ao substantivo, que funciona como objeto direto, a retirada desse vocábulo prejudica o entendimento da frase (consideramos aqueles profissionais...?). Qual é a consideração sobre eles? Logo, não pode ser classificado como adjunto adnominal.

Resposta: 5.

4. ( ) O rapaz foi preso pelo detetive.

Comentários: O termo sublinhado *exerce a ação verbal* na voz passiva (o detetive age, prende o ladrão).

Resposta: 8.

5. ( ) Tinha grande amor à humanidade.

Comentários: A expressão sublinhada completa o sentido de um nome substantivo com preposição. Há ideia passiva (a humanidade *recebe* a ação do *amor*, a humanidade não ama, não é ativa).

Resposta: 7.

6. ( ) O coração não resistiu à emoção.

Comentários: O verbo *resistir* pede preposição obrigatória (*à emoção* completa o sentido de um verbo transitivo indireto).

Resposta: 1.

7. ( ) Existe, nesta cidade, um clima de paz.

Comentários: A expressão sublinhada indica o *lugar* onde *existe* um clima de paz.

Resposta: 2.

8. ( ) Rui, o orador, logo se pronunciou.

Comentários: Um substantivo (*orador*) que determina, explica outro substantivo (Rui).

Resposta: 6.

9. ( ) Beber demais é prejudicial à saúde.

Comentários: Nesse período, *à saúde* completa o sentido do *nome adjetivo* (*prejudicial*) com preposição.

Resposta: 7.

10. ( ) A felicidade dos candidatos contagiava o ambiente.

Comentários: A expressão destacada se refere ao substantivo, vem junto. Repare que em construções como essa é comum confundir adjunto adnominal com complemento nominal. Nesse caso, verifique a ideia do *termo preposicionado*: se for ativa, será adjunto adnominal; se for passiva, complemento nominal.

Em "A felicidade dos candidatos", eles estavam felizes, ideia ativa, portanto.

Resposta: 3.

11. ( ) Tinha necessidade de afeto.

Comentários: Mais um termo preposicionado em relação ao nome, só que com ideia passiva (*o afeto* recebe a ação do nome, é uma necessidade voltada *ao afeto*, e não *o afeto* necessita de algo).

Resposta: 7.

12. ( ) ( ) Os candidatos chegaram apressados ao local da prova.

Comentários: O adjetivo *apressados*, separado por um verbo, se refere ao *sujeito*; *ao local da prova* indica *o lugar* a que chegaram.

Respostas: 4 e 2.

13.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Classifique os termos acessórios sublinhados usando o seguinte código:

(1) adjunto adnominal (3) aposto

(2) adjunto adverbial (4) vocativo

1. ( ) Na ausência do marido, a mulher responderá pela dívida.

2. ( ) Para quem mora na cidade existem dois espaços bem diferenciados: o morro e a rua.

3. ( ) Evento realizado nesta semana em São Paulo.

4. ( ) A cidade de Florianópolis é encantadora.

5. ( ) Os cidadãos de Florianópolis estão mais confiantes no governo.

6. ( ) Eram habitantes daquele lugar onde se matam pobres.

7. ( ) A pobre Antônia tem, nos olhos grandes, uma tristeza milenar.

8. ( ) "Brasil, mostra a tua cara."

9. ( ) Os meninos correram de medo.

10. ( ) Era esposa descuidada.

11. ( ) Um dia notou a mulher um leve afrouxar-se das pálpebras.

12. ( ) Realizaram ações de vulto.

13. ( ) ( ) ( ) "Uma língua é uma coisa bela, mutável e misteriosa como um arco-íris."

14. ( ) Se a reforma é tão pequena, para que fazê-la?

15. ( ) Ele agora trabalhava com dedicação, o que é elogiável.

II. Distinga o adjunto adnominal (1) do complemento nominal (2).

Obs.: Aqui, trataremos apenas dos termos preposicionados.

1. ( ) Era um homem de juízo.

2. ( ) Tinha horror à pasteurização.

3. ( ) Ninguém fica indiferente à publicidade.

4. ( ) O código de trânsito vai ser incluído no currículo escolar.

5. ( ) A imaginação das agências é inesgotável.

6. ( ) Estamos no país da "solucionática".

7. ( ) Gastava rios de dinheiro com regozijo.

8. ( ) Este ano haverá treinamento de professores.

9. ( ) As palmas do público ecoavam por todo o teatro.

10. ( ) Tinham certeza da vitória.

III. Use (1) adjunto adverbial; (2) objeto indireto; (3) objeto direto; (4) objeto direto preposicionado; (5) adjunto adnominal; e (6) predicativo do objeto para classificar os termos sublinhados.

1. ( ) Tratou do assunto com calma.

2. ( ) Aludiu às conquistas do avô.

3. ( ) Agora esperava por uma oferta.

4. ( ) Vi ontem um filme.

5. ( ) Transmitiu aos rapazes segurança.

6. ( ) Apesar das dificuldades, venceremos.

7. ( ) Chamam-no de artista.

8. ( ) Não consideraram os votos em branco.

9. ( ) Agora o tinham por ídolo.

10. ( ) ( ) Aquele amor impossível deixava-o impaciente.

11. ( ) Duvidei de suas palavras.

12. ( ) Amou aos pais com grandeza de alma.

13. ( ) Enfrentava as dificuldades sem reclamar.

14. ( ) Ele entrou pela porta da frente.

15. ( ) Ele entrou pela porta da frente.

IV. Use: (1) predicativo do sujeito; (2) agente da passiva; (3) aposto; (4) adjunto adverbial; (5) complemento nominal; e (6) adjunto adnominal para classificar os termos em destaque nas seguintes frases.

1. ( ) Recuperadas, as antigas fazendas de café do Rio de Janeiro abrem as portas a visitantes.

2. ( ) "Naquele casal aliava-se tudo que é nobre: o amor e a confiança. É este o segredo dos casamentos felizes."

3. ( ) A felicidade do filho era contagiante.

4. ( ) "Por maior que seja a tranquilidade de um homem quando resolve abandonar a vida, é-lhe sempre agradável achar um pretexto para prolongá-la um pouco mais."

5. ( ) A cidade do Rio de Janeiro continua linda.

6. ( ) O povo do Rio de Janeiro demonstra o seu inconformismo diante da violência.

7. ( ) "Um dia se descobriu num gesto longo e demorado olhando a esquife longamente."

8. ( ) As salas de aula estão cheias de crianças e jovens.

9. ( ) As ruas foram lavadas pela chuva.

10. ( ) ( ) "Se é para o bem de todos e felicidade geral da nação, diga ao povo que fico!" (D. Pedro I)

11. ( ) Fumar é prejudicial à saúde.

12. ( ) Vivia cercado de amigos sinceros.

13. ( ) ( ) Os meios de comunicação e as novas tecnologias mudaram a vida das pessoas.

14. ( ) O amor ao próximo era a sua maior virtude.

15. ( ) Pegou um pano úmido e, silenciosa, ligou o ferro.

16. ( ) Qualquer forma de violência deve ser desprezada.

17. ( ) A difusão da violência é iminente.

18. ( ) Percebe-se com frequência a sabotagem do idioma.

19. ( ) O significado das palavras, em geral, se dá no contexto.

20. ( ) As crianças saíram do cinema apressadas.

21. ( ) Montes, rios, ervas, árvores, terra – tudo é manifestação da vida de Deus.

Gabarito: I – 1. (1); 2. (3); 3. (2); 4. (3); 5. (1); 6. (1); 7. (2); 8. (4); 9. (2); 10. (1); 11. (2); 12. (1); 13. (1)(1)(1); 14. (2); 15. (3). **II** – 1. (1); 2. (2); 3. (2); 4. (1); 5. (1); 6. (1); 7. (1); 8. (2); 9. (1); 10. (2). **III** – 1. (1); 2. (2); 3. (4); 4. (3); 5. (2); 6. (1); 7. (6); 8. (5); 9. (6); 10. (5)(6); 11. (2); 12. (4); 13. (3); 14. (5); 15. (1). **IV** – 1. (1); 2. (3); 3. (6); 4. (5); 5. (3); 6. (6); 7. (4); 8. (5); 9. (2); 10. (6)(6); 11. (5); 12. (2); 13. (6)(6); 14. (5); 15. (1); 16. (6); 17. (5); 18. (5); 19. (6); 20. (1); 21. (3).

13.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Algumas questões de concursos para você treinar:

1. (FCC) A alternativa em que o elemento sublinhado indica o agente e não o paciente do termo anterior é:

a) "A utilização de qualquer um deles."

b) "A queima do petróleo."

c) "Inundação de vastas áreas."

d) "A fauna aquática dos rios."

e) "Construção de barragem."

Comentários:

Ora, ao se pedir o elemento agente e não paciente, excluem-se as hipóteses de ser o termo um objeto indireto ou um complemento nominal: tanto um quanto outro, por serem complementos, o primeiro de verbo e o segundo de nome, possuem valor passivo.

Na letra A, temos um substantivo abstrato *utilização*, seguido de uma expressão preposicionada com valor passivo (*de qualquer um deles*). Basta reescrever a frase e você verá tal valor passivo: *qualquer um deles é utilizado*. É, portanto, complemento nominal. Nas letras B, C e E, a história se repete: temos substantivos abstratos (*queima, inundação* e *construção*), seguidos de seus complementos, todos com valor passivo. Como dissemos anteriormente, procure reescrever as frases e você verá o valor passivo: *o petróleo é queimado* (letra B); *vastas áreas são inundadas* (letra C) e *a barragem é construída* (letra E). Todas as três alternativas sendo, portanto, complementos nominais.

Somente na letra D encontramos uma expressão preposicionada que se refere a um substantivo concreto (*fauna*). Veja também a ideia de posse que essa expressão traz: *os rios possuem a fauna aquática*. O adjunto adnominal, que as gramáticas mencionam ter um valor ativo, pode também trazer, quando junto ao substantivo concreto, um valor de posse. E isso pode ajudar você a identificá-lo mais facilmente na frase.

Resposta: D.

2. (TJ – NCE) O item a seguir em que o termo destacado representa um agente e não um paciente do termo anterior é:

a) código de trânsito.

b) educação para o trânsito.

c) formação do magistério.

d) treinamento de professores.

e) atender a mais esta nova exigência.

Comentários:

Mais uma vez: em todas as alternativas haverá elementos sintáticos com valor passivo (objetos indiretos ou

complementos nominais), só em uma frase isso não ocorrerá.

Na letra A, o termo preposicionado não traz ideia passiva. A expressão **de trânsito** especifica o substantivo, ideia ativa.

Na letra B, tem-se um substantivo abstrato (*educação*), seguido de uma expressão com valor passivo (o trânsito não forma, ele é *alvo* da "formação", *recebe* essa "formação"). Na letra C, mais um substantivo abstrato seguido de uma expressão com valor passivo. Reescreva a frase e verá: *o magistério é formado*. O mesmo ocorre na letra D: substantivo abstrato (*treinamento*), seguido de expressão com valor passivo (*professores são treinados*). Letras B, C e D, portanto, com a mesma função sintática: todos os termos são complementos nominais.

A letra E traz um complemento, como as letras B, C e D trouxeram, mas, desta vez, *complemento de um verbo*: trata-se de um verbo transitivo indireto (*atender*), seguido de um objeto indireto (*a mais esta nova exigência*). Ora, como comentamos anteriormente, tanto o objeto indireto como o complemento nominal, por serem complementos, possuem valor passivo.

Resposta: A.

3. (FCC) A função sintática da palavra sublinhada em: "Parecia muito preso à vida de rei" é a mesma de:

a) Duvido de sua capacidade profissional.

b) Apenas nos víamos em festas rurais.

c) Ficaria encantado com a novidade.

d) Achava-se apto para o trabalho.

Comentários:

Complemento nominal completa adjetivo, advérbio e substantivo abstrato. Na frase do enunciado, temos uma expressão que completa um adjetivo (*preso*): só pode ser, então, complemento nominal.

Na letra A, a expressão grifada completa um verbo transitivo indireto (*duvidar*). Trata-se de objeto indireto.

Na letra B, o pronome oblíquo completa um verbo transitivo direto (*ver*): é, portanto, objeto direto. Na letra C, o verbo é de ligação, indica *estado*: a expressão grifada é predicativo do sujeito.

Apenas na letra D, tem-se uma expressão que completa o adjetivo *apto*: trata-se, portanto, de um complemento nominal, tal qual o da frase do enunciado.

Resposta: D.

13.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (FCC – TRE-AP – Analista Judiciário – Área Administrativa – 2015)

Três vezes voltou Saint-Hilaire ao interior do Brasil...

O elemento em destaque na frase acima exerce a mesma função sintática que o segmento grifado em:

a) " Os livros de Auguste Saint-Hilaire (...) leem-se aos quinze anos como..."

b) Nenhum estrangeiro deixou entre nós lembrança mais simpática.

c) Pelo desconforto dos nossos dias, apesar das estradas de ferro e do automóvel, podemos avaliar as dificuldades e fadigas...

d) A fama de Auguste Saint-Hilaire não teve a projeção da de seu irmão Geoffroy, o continuador de Lamarck...

e) " ...exposta com tanta clareza e simplicidade que a profundeza do julgamento parece apenas bom senso".

2. (FCC – TRE-AP – Técnico Judiciário – Administrativo – 2015)

...antes de fazer o túmulo, resolveu reconstruir a Catedral de São Pedro.

O elemento que possui a mesma função sintática do sublinhado acima se encontra também sublinhado em:

a) Recém-chegado a Roma em 1505...

b) ... havia uma forte insegurança.

c) O corpo humano foi o campo de batalha artística de Michelangelo.

d) Como definiu o pintor futurista Umberto Boccioni...

e) Mas Júlio II mudou de ideia...

Leia o texto a seguir para responder à questão 3.

O Tejo tem grandes navios

E navega nele ainda,

Para aqueles que veem em tudo o que lá não está,

A memória das naus.

E por isso, porque pertence a menos gente,

É mais livre e maior o rio da minha aldeia.

Para além do Tejo há a América

E a fortuna daqueles que a encontram

3. (2015 – FCC – MPE-PB – Técnico Ministerial – Administrativo)

E o Tejo entra no mar em Portugal

O elemento que exerce a mesma função sintática que o sublinhado acima encontra-se em

a) a fortuna. (4ª estrofe)

b) A memória das naus. (2ª estrofe)

c) grandes navios. (2ª estrofe)

d) menos gente. (3ª estrofe)

e) a América. (4ª estrofe)

4. (FCC – TRE-RR – Técnico Judiciário – Operação de Computador – 2015)

O jogador busca o sucesso pessoal...

A mesma relação sintática entre verbo e complemento, sublinhados acima, está em:

a) É indiscutível que no mundo contemporâneo...

b) ... o futebol tem implicações e significações psicológicas coletivas...

c) ... e funciona como escape para as pressões do cotidiano.

d) A solução para muitos é a reconversão em técnico**...**

e) ... que depende das qualidades pessoais de seus membros.

5. (FCC – DPE-RS – Defensor Público – 2014)

Há na vida das nações um período em que ainda não **lhes** foi revelado o papel que deverão desempenhar.

Sobre o pronome destacado acima, afirma-se com correção, considerada a norma padrão escrita:

a) está empregado em próclise, mas poderia adequadamente estar enclítico à forma verbal.

b) pode ser apropriadamente substituído por " à elas", posicionada a expressão após a palavra revelado.

c) constitui um dos complementos exigidos pela forma verbal presente na oração.

d) está empregado com sentido possessivo, como se tem em " Dois equívocos comprometeram-lhe o texto".

e) dado o contexto em que está inserido, se sofrer elipse, não altera o sentido original da frase.

6. (FCC – TRF – 4ª Região – Analista Judiciário – Informática – 2014 – Adaptada)

... o culto que a aristocracia do seu país dedicava a tudo o que era francês...

O segmento que possui a mesma função sintática do grifado acima está também grifado em:

a) *... a morfologia e a sintaxe alemãs teriam afinidades com as gregas.*

b) *... a afirmação é geralmente atribuída a Heidegger, filósofo cujo tema precípuo é o ser.*

c) *Estranho é que haja franceses ou brasileiros...*

d) *O latim foi a língua da filosofia e da ciência na Europa...*

e) *... a superficialidade que atribui ao pensamento ocidental moderno...*

7. (CNMP – Téc. Adm. – 2015)

*... **facilita** o surgimento econômico e político de uma classe média...*

O verbo que, no contexto, possui o mesmo tipo de complemento que o do sublinhado acima está empregado em:

a) Mas nada assegura que a configuração de fatores...

b) ... o principal determinante da estabilidade democrática foi o crescimento econômico.

c) A democracia surge historicamente em sociedades...

d) ... o regime democrático sabidamente convive com níveis infamantes...

e) ... certa tensão entre os conceitos institucional e substantivo da democracia existe por toda parte...

Leia o texto a seguir para responder às questões 8 e 9.

Levantou-se da cama o pobre namorado sem ter conseguido dormir. Vinha nascendo o Sol.

Quis ler os jornais e pediu-os.

Já os ia pondo de lado, por haver acabado de ler, quando repentinamente viu seu nome impresso no **Jornal do Comércio**.

Era um artigo *a pedido* com o título de **Uma Obra-Prima**.

Dizia o artigo:

Temos o prazer de anunciar ao país o próximo aparecimento de uma excelente comédia, estreia de um jovem literato fluminense, de nome Antônio Carlos de Oliveira.

Este robusto talento, por muito tempo incógnito, vai enfim entrar nos mares da publicidade, e para isso procurou logo ensaiar-se em uma obra de certo vulto.

Consta-nos que o autor, solicitado por seus numerosos amigos, leu há dias a comédia em casa do Sr. Dr. Estêvão Soares, diante de um luzido auditório, que aplaudiu muito e profetizou no Sr. Oliveira um futuro Shakespeare.

O Sr. Dr. Estêvão Soares levou a sua amabilidade ao ponto de pedir a comédia para ler segunda vez, e ontem ao encontrar-se na rua com o Sr. Oliveira, de tal entusiasmo vinha possuído que o abraçou estreitamente, com grande pasmo dos numerosos transeuntes.

Da parte de um juiz tão competente em matérias literárias este ato é honroso para o Sr. Oliveira.

Estamos ansiosos por ler a peça do Sr. Oliveira, e ficamos certos de que ela fará a fortuna de qualquer teatro.

O amigo das letras.

Machado de Assis. A mulher de preto. In: *Contos fluminenses*. São Paulo: Globo, 1997 (com adaptações).

8. (INSS – Analista Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

No que se refere aos sentidos e às características tipológicas do texto, julgue o item que se segue como Certo (C) ou Errado (E).

Na linha 18, a oração introduzida pela preposição “ por” remete a uma ação anterior ao estado descrito na oração “ Estamos ansiosos”.

9. (INSS – Analista Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

Acerca de aspectos linguísticos do texto, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Na linha 14, o termo introduzido pela preposição “ para” exerce a função de complemento do verbo “ pedir”.

Leia o texto a seguir para responder à questão 10.

A desigualdade está entre os principais fatores de risco que preocupam a elite mundial, a julgar pela atenção dada ao tema no fórum econômico de Davos.

Por outro lado, estudo recente do Banco Mundial mostra que, pela primeira vez desde a Revolução Industrial, caiu a diferença de renda entre os países na fronteira do desenvolvimento e os emergentes.

Após o fim da cortina de ferro e a abertura econômica da China e da Índia, centenas de milhões de pessoas passaram de um estado de subsistência precária à condição de nova classe média global. Entretanto, é preciso que os países não só reforcem políticas compensatórias para reduzir a exclusão, mas também atuem para promover a igualdade de oportunidades.

A educação, como sempre, é o instrumento decisivo para garantir que a sorte de um indivíduo não seja determinada por sua origem social ou geográfica.

Idem, ibidem (com adaptações).

10. (FUB – Médio – Cespe – Mar./2014)

Em relação ao fragmento de texto, julgue o próximo item como Certo (C) ou Errado (E).

A expressão " como sempre" (l. 9) está entre vírgulas porque constitui aposto explicativo.

Leia o texto a seguir para responder às questões 11 e 12.

Há muito tempo a sociedade demonstra interesse por assuntos relacionados à ciência e à tecnologia. Na verdade, desde a pré-história, o homem busca explicações para a realidade e os mistérios do mundo que o cerca. Observou os movimentos das estrelas, manuseou o fogo, aprendeu a usar ferramentas em seu favor, buscou respostas para os fenômenos da natureza. Independentemente dos mitos, lendas e crenças que moldaram as culturas mais primitivas, o pensamento humano sempre esteve, de alguma forma, atrelado ao conhecimento científico, que se renovou e se disseminou com o passar dos séculos.

Mesmo com todo o aparato tecnológico, que tem possibilitado o acesso praticamente instantâneo à informação, questionam-se tanto aspectos quantitativos como qualitativos dos conteúdos sobre ciência veiculados pelos meios de comunicação de massa. A divulgação, por meio do jornalismo científico, está longe do ideal. Na grande mídia, a ciência e a tecnologia ficam relegadas a segundo plano, restritas a notas e notícias isoladas, em uma cobertura que busca sempre valorizar o espetáculo e o sensacionalismo. A televisão aberta, principal veículo condutor de conteúdos culturais, não contribui como deveria para o processo de " alfabetização científica", exibindo programas sobre o tema em horários de baixa audiência.

Mas até que ponto é relevante incluir a sociedade de massa na esfera de discussão de um grupo seleto de estudiosos? A promoção da informação científica contribui para o processo de construção da cidadania, quando possibilita a ampliação do conhecimento e da compreensão do público leigo a respeito do processo científico e de sua lógica, no momento em que constrói uma opinião pública informada sobre os impactos do desenvolvimento científico e tecnológico sobre a sociedade e quando permite a ampliação da possibilidade e da qualidade de participação da sociedade na formulação de políticas públicas e na escolha de opções tecnológicas, especialmente em um país onde a grande maioria dos investimentos na área são públicos.

Luiz Fernando Dal Pian Nobre. Do jornal para o livro: ensaios curtos de cientistas. Disponível em: <www.portcom.intercom.org.br> (com adaptações).

11. (FUB – Superior – Cespe – Mar./2014)

Julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

A vírgula imediatamente após " aberta" (l. 12) foi empregada para separar dois termos de mesma função sintática, uma vez que tanto " aberta" quanto " principal veículo condutor de conteúdos culturais" (l. 12) exercem a função de adjunto adnominal do nome " televisão" (l. 11-12).

12. (FUB – Superior – Cespe – Mar./2014)

Julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Em " o cerca" (l. 3), o pronome " o", que se refere ao termo " o homem" (l. 2), exerce a função de complemento da forma verbal " cerca".

Leia o texto a seguir para responder à questão 13.

Texto I

Muitas vezes, na divulgação midiática de pesquisas e projetos científicos, o profissional da área de comunicação tropeça em questões teóricas, não dá a devida importância para a pesquisa em si, põe em foco questões do processo de pesquisa que são irrelevantes para o projeto e para o pesquisador, ou mesmo propaga conhecimentos e crenças populares em vez de ser " fiel" ao trabalho do pesquisador. Já o pesquisador, ao escrever sobre seu projeto ou pesquisa, esquece por vezes que aqueles que lerão nem sempre têm conhecimento linguístico da área e utiliza uma linguagem não acessível a pessoas que não pertencem ao meio acadêmico e, dessa forma, dificulta a divulgação de sua pesquisa.

O jornalista está dentro de uma esfera que tem como foco a comunicação em si e não o que se comunica. O foco é uma linguagem acessível, interessante e que chama a atenção do público para comprar e consumir os textos e artigos que são escritos e, se for necessário, ele sacrifica o conteúdo em prol da atenção do público e da linguagem. Já o pesquisador está em uma esfera cujo foco é o conteúdo, o objeto de pesquisa e a pesquisa em si e, muitas vezes, ele sacrifica um grupo extenso de leitores ao empregar linguagem específica, científica e não acessível. Portanto, ao escrever, os dois profissionais têm de ter em mente que sua esfera de atividade humana e, por consequência, de comunicação, se torna mais complexa. O jornalista deve ter em mente que, quando escreve sobre um projeto científico, não atua apenas em sua área de atividade humana, a comunicação, mas na comunicação científica. O cientista ou pesquisador deve considerar que a divulgação de sua pesquisa não deve ser feita apenas para a comunidade científica, mas para o público em geral. Dessa forma, o pesquisador precisa constantemente pensar mais nesse público e, consequentemente, na linguagem utilizada. O jornalista, por sua vez, precisa ficar mais atento à pesquisa que está sendo divulgada. Cada um precisa aprender com o outro, permitindo-se entrar mais em uma esfera de atividade humana à qual não pertence originalmente. O principal motivo desse intercâmbio de intenções ao escrever é aumentar o acesso do público à ciência.

A academia não pode estar voltada apenas para seu público interno. É muito importante que as informações sejam divulgadas e não permaneçam circulando em um grupo fechado, até para que haja crescimento da própria comunidade científica.

Camila Delmondes Dias et al. Divulgando a arqueologia: comunicando o conhecimento para a sociedade. In: *Ciência e Cultura*. São Paulo, v. 65, nº 2, jun./2013. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br> (com adaptações).

13. (FUB – SUPERIOR – Cespe – Mar./2014)

Com referência às estruturas linguísticas do texto, julgue o item seguinte como Certo (C) ou Errado (E).

Na linha 5, o pronome " aqueles" exerce a função de sujeito das formas verbais " lerão" e " têm", o que justifica o emprego do plural nessas formas.

Leia o texto a seguir para responder à questão 14.

Texto I

Na Vila Telebrasília, onde mora, poucos conhecem Abiesel Alves Cavalcanti pelo nome completo. Lá ele é Bisa, o pescador. Há 35 anos, o pernambucano veio atrás do progresso na capital. Acompanhado pelo irmão, trouxe algumas roupas e a tarrafa, sua ferramenta de trabalho. " Eu falei para o mano: se lá tem água, tem peixe. De fome a gente não morre", lembra Bisa. O Lago Paranoá alimentou toda a sua família, composta de mulher e dez filhos. No começo, quando a pesca com tarrafa era proibida, Bisa saía na madrugada em uma canoa e trabalhava escondido. Depois, quando a captura com malha foi autorizada, ele se destacou entre os colegas. Chegava a voltar com até 300 quilos de peixe na embarcação. Hoje, o lago já não é tão abundante quanto há uma década e meia, mas ele ainda chega com o barco cheio. Entre tilápias, tucunarés, carpas e traíras, soma 250 quilos de peixe por semana e perto de dois mil reais por mês. Bisa rema quase sete horas para chegar até a altura da Ermida Dom Bosco e, às vezes, dorme na mata e retorna para casa só na manhã seguinte. " É uma vida de muito trabalho, mas necessidade eu nunca passei", diz o pescador.

Lilian Tahan. Vivendo de pescaria. In: *Veja Brasília*, 2/10/2013 (com adaptações).

14. (ICMBIO – Médio – Cespe – Mar./2014)

Julgue o próximo item como Certo (C) ou Errado (E), relativo às ideias e às estruturas linguísticas do texto acima.

O complemento da forma verbal " passei" (l. 12) não está explicitamente expresso no texto, devendo ser inferido pelo leitor.

Leia o texto a seguir para responder à questão 15.

A correspondência de Mário de Andrade é uma das fontes sobre os sentimentos que abateram a intelectualidade paulista, sobretudo no trauma de 1932, quando São Paulo foi invadido por tropas federais, que ocuparam a capital e se alastraram pelo interior (" Disputam esfomeadamente a presa sublime, e desgraçadamente está certo, essa é a lei dos homens. Dos homens selvagens", desabafa Mário em carta a Paulo Duarte). As consequências dos expedientes da ditadura abateram um estado cujos habitantes eram considerados por Mário como " diferentes mesmo". O que se fizesse naquele estado, apostava, se irradiaria como política e como orientação pelo país, uma reedição, por via da cultura, do velho slogan: " São Paulo, a locomotiva puxando os vagões".

" Minha pátria é São Paulo. E isso não me desagrada", confessa o poeta paulista a Drummond no calor de um conflito que os encontrou em lados opostos. Drummond já estava na chefia de gabinete do secretário de Interior e Justiça de Minas Gerais, aliado ao poder central naquele momento, e Mário era partidário da causa da Revolução Constitucionalista de 1932. O paulista sabia que estava acometido de um estado extraordinário de mobilização, frustração e abatimento, como revela o seguinte trecho de carta a Drummond.

" Você, Carlos, perdoe um ser descalibrado. Este é o castigo de viver sempre apaixonadamente a toda hora e em 25 qualquer minuto, que é o sentido da minha vida. No momento, eu faria tudo, daria tudo pra São Paulo se separar do Brasil. Não meço consequências, não tenho doutrina, apenas continuo entregue à unanimidade, apaixonadamente entregue..."

Helena Bomeny. Um poeta na política – Mário de Andrade, paixão e compromisso. 1ª ed., Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012, p. 71-2 (com adaptações).

15. (IRB – Superior – Cespe – Abr./2014)

No que concerne a aspectos gramaticais do texto acima, julgue (**C** ou **E**) o próximo item.

Na linha 16, a forma preposicional contraída " pra" introduz um dos complementos da forma verbal " daria".

Leia o texto a seguir para reponder às questões 16 e 17.

O Decreto nº 21.076, de 24 de fevereiro de 1932, primeiro Código Eleitoral pátrio, instituiu a justiça eleitoral no Brasil, com funções contenciosas e administrativas. Eram seus órgãos: um Tribunal Superior (de justiça eleitoral — o decreto não menciona justiça eleitoral), na capital da República; um tribunal regional, na capital de cada estado, no DF e na sede do governo do território do Acre, além de juízes eleitorais nas comarcas e nos distritos. O Tribunal Superior – de justiça eleitoral – com jurisdição em todo o território nacional, compunha-se de oito membros efetivos e oito substitutos, e era presidido pelo vice-presidente do Supremo Tribunal Federal (STF). A ele se somavam dois membros efetivos e dois substitutos, sorteados dentre os ministros do STF, além de dois efetivos e dois substitutos, sorteados dentre os desembargadores da Corte de Apelação do DF. Por fim, integravam a Corte três membros efetivos e quatro substitutos, escolhidos pelo chefe do governo provisório dentre quinze cidadãos, indicados pelo STF, desde que atendessem aos requisitos de notável saber jurídico e idoneidade moral. Dentre seus membros, elegia o Tribunal Superior, em escrutínio secreto, por meio de cédulas com o nome do juiz e a designação do cargo, um vice-presidente e um procurador para exercer as funções do Ministério Público, tendo este último a denominação de procurador-geral da justiça eleitoral. Em relação a esse cargo, nota-se uma peculiaridade, à época da criação do Tribunal Superior: o procurador-geral da justiça eleitoral não era o procurador-geral da República, mas sim um membro do próprio tribunal.

As formas de composição do TSE: de 1932 aos dias atuais. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral, Secretaria de Gestão da Informação, 2008, p. 11. Disponível em: <www.tse.jus.br> (com adaptações).

16. (TRE/GO – Analista/Técnico – Cespe – Mar./2015 – Adaptada)

De acordo com as informações apresentadas no texto, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Se a preposição a presente na contração “ aos” (l. 11) fosse suprimida, a função sintática da expressão “ requisitos de notável saber jurídico e idoneidade moral” (l. 11) seria alterada, mas a correção gramatical do texto seria mantida.

17. (TRE/GO – Analista/Técnico – Cespe – Mar./2015)

Na linha 12, o sujeito da forma verbal “ elegia” é o termo “ o Tribunal Superior”.

Leia o texto a seguir para responder às questões 18 e 19.

“ O preconceito linguístico é um equívoco, e tão nocivo quanto os outros. Segundo Marcos Bagno, especialista no assunto, dizer que o brasileiro não sabe português é um dos mitos que compõem o preconceito mais presente na cultura brasileira: o linguístico”.

A redação acima poderia ter sido extraída do editorial de uma revista, mas é parte do texto *O oxente e o ok*, primeiro lugar na categoria opinião da 4ª Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro, realizada pelo Ministério da Educação em parceria com a Fundação Itaú Social e o Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (CENPEC).

A autora do artigo é estudante do 2º ano do ensino médio em uma escola estadual do Ceará, e foi premiada ao lado de outros dezenove alunos de escolas públicas brasileiras, durante um evento em Brasília, no último mês de dezembro. Como nos três anos anteriores, vinte alunos foram vencedores – cinco em cada gênero trabalhado pelo projeto. Além de opinião (2º e 3º anos do ensino médio), a olimpíada destacou produções em crônica (9º ano do ensino fundamental), poema (5º e 6º anos) e memória (7º e 8º anos). Tudo regido por um só tema: “ O lugar em que vivo”.

Língua Portuguesa, 1/2015. Internet: <www.revistalingua.uol.com.br> (com adaptações).

18. (FUB – Técnico Adm. – Cespe – Mar./2014)

No que se refere aos sentidos, à estrutura textual e aos aspectos gramaticais do texto, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

O termo " o brasileiro" (l. 2) exerce a função de sujeito da oração em que se insere.

19. (FUB – Técnico Adm. – Cespe – Mar./2015)

Julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Os trechos " especialista no assunto" (l. 1 e 2), " o linguístico" (l. 3) e " primeiro lugar na categoria opinião da 4ª Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro" (l. 5) exercem a mesma função sintática, a de aposto.

Leia o texto a seguir para responder à questão 20.

Texto I

Um estudo da Universidade da Califórnia, em Davis – EUA, mostra que a curiosidade é importante no aprendizado. Imagens dos cérebros de universitários revelaram que ela estimula a atividade cerebral do hormônio dopamina, que parece fortalecer a memória das pessoas. A dopamina está ligada à sensação de recompensa, o que sugere que a curiosidade estimula os mesmos circuitos neurais ativados por uma guloseima ou uma droga. Na média, os alunos testados deram 35 respostas corretas a 50 perguntas acerca de temas que os deixavam curiosos e 27 de 50 questões sobre assuntos que não os atraíam. Estimular a curiosidade ajuda a aprender.

Planeta, dez./2014, p. 14 (com adaptações).

20. (FUB – Técnico Adm. – Cespe – Mar./2015)

A respeito das ideias e das estruturas linguísticas do texto acima, julgue o item subsecutivo como Certo (C) ou Errado (E).

A retirada do termo " o" em " o que sugere" (l. 4) preserva a relação entre as ideias, bem como a correção gramatical do texto, com a vantagem de ressaltar o paralelismo com o período sintático anterior.

Leia o texto a seguir para responder à questão 21.

Texto I

O Brasil é um país de cidades novas. A maior parte de seus núcleos urbanos surgiu no século passado. Há cidades, entretanto, que já existem há bastante tempo. Contemporâneas dos primeiros tempos da colonização, algumas delas já ultrapassaram inclusive a marca do quarto centenário. Poucas são as cidades brasileiras, contudo, que ainda apresentam vestígios materiais consideráveis do passado.

Se hoje o Rio de Janeiro, fundado em 1565, vangloria-se de seu " corredor cultural", que preserva edificações da área central construídas na virada do século XIX para o XX, é importante lembrar que as edificações aí situadas substituíram inúmeras outras antes existentes no mesmo local. Nem mesmo o berço histórico da cidade existe mais, arrasado devido à destruição do Morro do Castelo em 1922. E o que falar de São Paulo, fundada em 1554? Da pauliceia colonial e imperial quase mais nada existe, e, se ainda temos uma boa noção do que foi a cidade da primeira metade do século XX, é porque contamos com a paisagem eternizada das fotografias e com os belíssimos trabalhos realizados pelos geógrafos paulistas por ocasião do quarto centenário da cidade.

Há outros exemplos. Olinda, fundada em 1537, orgulha-se de ser patrimônio cultural da humanidade, mas esse título não lhe foi conferido em razão dos testemunhos que sobraram da cidade antiga, em grande parte substituída por construções em estilo

eclético ou art déco do início do século passado. E se Salvador, criada em 1549, e Ouro Preto, fundada em 1711, podem gabar-se de manter ainda um patrimônio histórico-arquitetônico apreciável, isso se deve muito mais à longa decadência econômica pela qual passaram, que atenuou os ataques ao parque construído, do que a qualquer veleidade preservacionista local.

Em suma, não é muito comum encontrarem-se vestígios materiais do passado nas cidades brasileiras, mesmo naquelas que já existem há bastante tempo. Há, entretanto, algo novo acontecendo em todas elas. Independentemente de qual tenha sido o estoque de materialidades históricas que tenham conseguido salvar da destruição, as cidades do país vêm hoje engajando-se decisivamente em um movimento de preservação do que sobrou de seu passado, em uma indicação flagrante de que muita coisa mudou na forma como a sociedade brasileira se relaciona com as suas memórias.

Mauricio Abreu. Sobre a memória das cidades. In: Ana Fani Alessandri Carlos et al (Orgs.). *A produção do espaço urbano*: agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo: Editora Contexto, 2013, p. 21-2 (com adaptações).

21. (Pref. SP – Agente Gestão P. Públicas – Cespe – Maio/2016)

Assinale a opção que apresenta um termo que exerce a função de objeto direto na oração do Texto I que ocorre.

a) " o berço histórico da cidade" (L. 7-8)

b) " vestígios materiais do passado" (L. 4)

c) " muita coisa" (L. 24)

d) " cidades" (L. 2).

e) " esse título" (L. 14)

Leia o texto a seguir para responder à questão 22.

Texto CG1A1CCC

Alguns nascem surdos, mudos ou cegos. Outros dão o primeiro choro com um estrabismo deselegante, lábio leporino ou angioma feio no meio do rosto. Às vezes, ainda há quem venha ao mundo com um pé torto, até com um membro já morto antes mesmo de ter vivido. Guylain Vignolles, esse, entrara na vida tendo como fardo o infeliz trocadilho proporcionado pela junção de seu nome com seu sobrenome: Vilain Guignol, algo como " palhaço feio", um jogo de palavras ruim que ecoara em seus ouvidos desde seus primeiros passos na existência para nunca mais abandoná-lo.

Jean-Paul Didierlaurent. *O leitor do trem das 6h27*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015 (com adaptações).

22. (PC-PE – Todos os Cargos – Conhec. Gerais – Cespe – Jun./2016)

Na oração em que é empregado no texto CG1A1CCC, o termo " surdos, mudos ou cegos" (l. 1) exerce a função de

a) predicativo do sujeito.

b) objeto direto.

c) adjunto adnominal.

d) sujeito.

e) adjunto adverbial.

Leia o texto a seguir para responder à questão 23.

Texto II

O índio não teve muita sorte na literatura brasileira, depois do Romantismo. Enquanto nas letras hispano-americanas viceja um esplêndido indigenismo pelo século XX adentro, com tantos e tão importantes criadores dedicando-se a transpor o índio para a ficção, no Brasil se podem contar nos dedos das mãos os casos.

Torna a trazer o assunto à baila o aparecimento e grande vendagem de **Maíra**, romance de Darcy Ribeiro. O renomado antropólogo já tinha em seu acervo de realizações uma respeitável brasiliana, incluindo vários trabalhos sobre os índios, um dos quais, a história de Uirá, fora transformado em filme no início da década de 70. **Maíra** é, portanto, a primeira incursão do autor pelo épico, a menos que se considere a história de Uirá como uma primeira aproximação ao gênero.

O relato, como o filme, dá conta do trágico percurso de Uirá, da tribo Urubu-Kaapor, no Maranhão deste século, o qual um dia fica *iñaron* quando, após muitas desgraças comuns ao destino dos índios brasileiros, como fome, espoliação, epidemias, perseguições, perde também um dos filhos.

A palavra tupi *iñaron* designa um estado de fúria sagrada, associado ao sofrimento excessivo, não deixando de lembrar as famosas fúrias dos heróis gregos: Hércules, uma vez acometido por um desses acessos, enviado pela vingativa Hera, matou, sem o saber, seus três filhos e esposa, tal como vem narrado na tragédia **Héracles Furioso**, de Eurípedes. Nas **Bacantes**, do mesmo autor, Agave, fora de si, participa do desmembramento de seu filho adulto, Penteu, rei de Tebas. E talvez o mais formidável exemplo seja o da cólera de Aquiles, que dá nascimento à inteira composição da **Ilíada**, desencadeada por sua recusa a continuar lutando. Devido à recusa de Aquiles, quase foi perdida a guerra de Troia e, não fosse sua fúria, o poema não teria sido composto.

Em meio ao furacão histórico da fase do capitalismo selvagem no país, quando o acirramento da acumulação leva multinacionais e suas cabeças-de-ponte nacionais a apropriar-se dos mais recônditos confins com vistas ao lucro, encontram-se, estonteados, os índios. O único problema dos Mairum – nome inventado, tribo arquetípica de todas as tribos, povo de Maíra – é como sobreviver e como fazer sua cultura sobreviver, com crescente dificuldade.

O romance inteiro soa como uma lamentação, um carpir sobre o fim de uma civilização das mais admiráveis. Seus trechos mais bem realizados são aqueles nos quais uma espécie de narrador coletivo índio dá conta de sua maneira de ver o mundo, de como compreende e interpreta seus hábitos e tradições; e, o que é mais importante, franqueia para o leitor seu tremendo desejo de sobrevivência e alegria de viver.

A produção e publicação de um romance como esse, agora, mostra como o índio está mais vivo do que nunca em sua conexão com a literatura brasileira. Tampouco deve ser uma coincidência que, neste exato momento, outras ficções, filmes, romances, peças de teatro, novelas de televisão, canções, estejam sendo feitos, todos sobre os índios, todos lutando em defesa de sua preservação para a História. Quando há tanta desconfiança em relação à pulsão destrutiva da civilização ocidental e entre nós é tão escandaloso o capitalismo selvagem, isso pode vir a significar alguma coisa. Talvez uma postura mais cautelosa e menos arrogante, de quem está aprendendo a perceber que outras civilizações encontraram saídas melhores e, sobretudo, não suicidas para males que hoje parecem irremediáveis, como o problema do poder, da proliferação e potenciação dos armamentos, da destruição da natureza, do Estado e de seu aparelho, da igualdade nunca encontrada. A alegoria da moça branca morta ao parir mestiços mortos poderá significar também o caráter heteroletal e autoletal da etnia branca? Pode ser que a importância da civilização indígena esteja, final e penosamente, penetrando na consciência do corpo social brasileiro.

Walnice Nogueira Galvão. Indianismo revisitado. In: *Esboço de figura – Homenagem a Antonio Candido*. São Paulo: Duas Cidades, 1979, p. 379-89 (com adaptações).

23. (Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Acerca das relações semântico-sintáticas e do vocabulário do texto II, julgue (C ou E) o item seguinte.

Os termos " trágico" (l. 10), " de Uirá" (l. 10) e " deste século" (l. 11) exercem a mesma função sintática, na oração em que ocorrem.

Leia o texto a seguir para responder à questão 24.

Texto III

Pergunto: e agora? Como é que meu Padrinho foi degolado num quarto de pesadas paredes sem janelas, cuja porta fora trancada, por dentro, por ele mesmo? Como foi que os assassinos ali penetraram, sem ter por onde? Como foi que saíram, deixando o quarto trancado por dentro? Quem foram esses assassinos? Como foi que raptaram Sinésio, aquele rapaz alumioso, que concentrava em si as esperanças dos Sertanejos por um Reino de glória, de justiça, de beleza e de grandeza para todos? Bem, não posso avançar nada, porque aí é que está o nó! Este é o " centro de enigma e sangue" da minha história. Lembro que o genial poeta Nicolau Fagundes Varela adverte todos nós, Brasileiros, de que " os irônicos estrangeiros" vivem sempre vigilantes, sempre à espreita do menor deslize nosso para, então, " ridicularizar o pátrio pensamento":

Fatal destino o dos brasílios Mestres!

Fatal destino o dos brasílios Vates!

Política nefanda, horrenda e negra,

pestilento Bulcão abafa e mata

quanto, aos olhos de irônico estrangeiro,

podia honrar o pátrio pensamento!

Ora, um dos argumentos que os " irônicos estrangeiros" mais invocam para isso é dizer que nós, Brasileiros, somos incapazes de forjar uma verdadeira trança, uma intrincada teia, um insolúvel enredo de " romance de crime e sangue". Dizem eles que não é necessário nem um adulto dotado de argúcia especial: qualquer adolescente estrangeiro é capaz de decifrar os enigmas brasileiros, os quais, tecidos por um Povo superficial, à luz de um Sol por demais luminoso, são pouco sombrios, pouco maldosos e subterrâneos, transparentes ao primeiro exame, facílimos de desenredar.

Ah, e se fossem somente os estrangeiros, ainda ia: mas até o excelso Gênio brasileiro Tobias Barreto, aí é demais! Diz Tobias Barreto que, no Brasil, é impossível aparecer um " romance de gênio", porque " a nossa vida pública e particular não é bastante fértil de peripécias e lances romanescos". Lamenta que seja raro, entre nós, " um amor sincero, delirante, terrível e sanguinário", ou que, quando apareça, seja num velho como o Desembargador Pontes Visgueiro, o célebre assassino alagoano do Segundo Império. E comenta, ácido: " Um ou outro crime, mesmo, que porventura erga a cabeça acima do nível da vulgaridade, são coisas que não desmancham a impressão geral da monotonia contínua. Até na estatística criminal o nosso país revela-se mesquinho. O delito mais comum é justamente o mais frívolo e estúpido: o furto de cavalos".

A gente lê uma coisa dessas e fica até desanimado, julgando ser impossível a um Brasileiro ultrapassar Homero e outros conceituados gênios estrangeiros! A sorte é que, na mesma hora, o Doutor Samuel nos lembra que a conquista da América Latina " foi uma Epopeia". Vemos que somos muito maiores do que a Grécia – aquela porqueirinha de terra! – e aí descansamos o pobre coração, amargurado pelas injustiças, mas também incendiado de esperanças! Sim, nobres Senhores e belas Damas: porque eu,

Dom Pedro Quaderna (Quaderna, O Astrólogo, Quaderna, O Decifrador, como tantas vezes fui chamado); eu, Poeta--guerreiro e soberano de um Reino cujos súditos são, quase todos, cavalarianos, trocadores e ladrões de cavalo, desafio qualquer irônico, estrangeiro ou Brasileiro, primeiro a narrar uma história de amor mais sangrenta, terrível, cruel e delirante do que a minha; e, depois, a decifrar, antes que eu o faça, o centro enigmático de crime e sangue da minha história, isto é, a degola do meu Padrinho e a " desaparição profética" de seu filho Sinésio, O Alumioso, esperança e bandeira do Reino Sertanejo.

Ariano Suassuna. *A pedra do reino*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972, 3ª ed., p. 27-30 (com adaptações).

24. (Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Com referência ao texto III, julgue (C ou E) o item que se segue.

No sintagma " os 'irônicos estrangeiros'" (l. 16), o vocábulo 'irônicos' é o núcleo do sujeito, o que é confirmado pelo emprego de " irônico" em " desafio qualquer irônico" (l. 38).

Leia o texto a seguir para responder à questão 25.

Texto IV

Em suas remotas origens helênicas, o termo " caráter" significou gravar. Empregavam-no, então, tanto para exprimir o sinete como a marca deixada na cera dócil. Essa dupla significação ainda hoje é vernácula – senão corrente – em certas acepções. Na linguagem tipográfica, por exemplo, " caráter" tanto é o tipo da imprensa como o sinal ou a letra gravada. Assim sendo, podemos dizer que o caráter de um homem não é somente o seu feitio moral, senão também a expressão e a impressão do indivíduo. Em arte, caráter será a personalidade do autor, o aspecto aparente e profundo da obra e o efeito dela. Fixada assim a verdadeira acepção do termo, podemos afirmar que o mérito maior do poema do Sr. Menotti del Picchia é " o caráter". Poesia profundamente simples e pessoal, de inspiração larga e sadia, tem a força das obras bem concebidas e a beleza das coisas naturais. Poesia de corpos simples, poderíamos dizer, pela sobriedade de linhas no sentimento, no pensamento e na expressão. Sente-se que o autor procurou a naturalidade e não a arte, que é o melhor caminho para atingir a esta.

O segredo da arte é a naturalidade sem prejuízo da perfeição.

O Sr. Menotti del Picchia ainda não pôde naturalmente desvendar o segredo da arte. Se no buscar a expressão natural do seu lirismo alcançou a arte, não se despojou ainda das incertezas dessa procura, de certa fraqueza de técnica. Defeitos são todos estes transitórios, quase necessários em quem apenas se inicia.

A essência do livro é excelente.

Indica no autor uma personalidade inconfundível, que procura em si mesmo ou em torno de si os motivos de sua estética. Nem se distingue pela obsessão do isolamento, nem se perde por modelos estranhos. Daí lhe vem a superioridade de caráter individual. Se o caráter do autor provém dessa independência sem esforço, reside o da obra em sua originalidade natural; na conformidade com o meio, em uma perfeita radicação no solo pátrio, na simplicidade da construção e nas perfeitas proporções do ímpeto poético. O próprio desconcerto, em pormenores do poema principal e de outras produções secundárias, concorre para a individualidade desse esplêndido ensaio.

O caráter desse livro se conserva pela ressonância que tem. Não são versos agradáveis, suaves ou elegantes, que com tanto agrado se leem quanto facilmente se esquecem. São versos que lidos – ficam; gravam--se invencivelmente na memória, ora destacados, ora em bloco. A crítica, no julgar e no decompor as obras, não pode desprezar a intuição, se não é principalmente isso. E um dos mais seguros processos de intuição, no distinguir o valor das obras, é esse da permanência das sensações.

Os poemas do Sr. Menotti del Picchia deixam uma funda impressão de sua leitura: não pode haver melhor demonstração do seu "caráter". Quando essa impressão não se limitar aos leitores e aos críticos, e se estender à própria literatura nacional, terá a sua poesia atingido o grau supremo que lhe auguro.

Juca Mulato é um poema simples. Encerra uma lição profunda na singeleza do motivo e da intenção. É certo que a evidência da beleza não pode ser em arte um critério axiomático. Quantas vezes a paciência é o melhor guia da emoção estética? A exegese das sinfonias de Beethoven, como a dos dramas musicais de Wagner, aumenta a nossa receptividade para essa arte de titãs, se bem que a intuição íntima e a explicação individual sejam imprescindíveis.

O poema do Sr. Menotti del Picchia tem a simplicidade e a frescura das criações espontâneas e necessárias, onde o esforço da composição permanece obscuro como deve.

Para lhe realçar a beleza não se sente a crítica compelida a buscar símbolos problemáticos ou filosofias arbitrárias. Sendo o que é – um mal de amor impossível que leva a alma à desesperança, para se resignar depois e ressurgir consolada pela visão da terra amada, da felicidade atingível e do sonho necessário –, comove pelo simples aspecto de suas linhas harmoniosas.

A beleza maior do poema, que é também o seu caráter, está na sua simplicidade radical. O poeta reprimiu voluntariamente as possíveis exuberâncias ou ambições de seu lirismo para ficar dentro do assunto que escolheu. Ganhou com isso um grande poder virtual e marca mais do que se quisesse marcar: a acústica de uma construção humana nunca chega à acuidade de um eco natural.

Juca Mulato é a reconciliação do homem consigo mesmo, do brasileiro com sua terra, do bárbaro com seu isolamento. Reconciliação às vezes impossível, outras ilusória, sempre necessária, raramente realizada. O consolo de Juca Mulato é a indicação do caminho a seguir.

Alceu Amoroso Lima. Um poeta. In: *Estudos literários*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1966, p.133-5 (com adaptações).

25. (Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Julgue (C ou E) o item seguinte, relativo a acentuação de palavras e a aspectos gramaticais do texto IV.

No trecho "É certo que a evidência da beleza não pode ser em arte um critério axiomático" (l. 32-33), tanto o termo "certo" quanto o termo "axiomático" caracterizam, respectivamente, referentes que constituem sujeitos oracionais.

26. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

"A veiculação <u>de informações</u>, a oferta <u>de serviços</u> e a venda <u>de produtos médicos</u> na Internet têm o potencial de promover a saúde...".

Os termos sublinhados podem ter a função de agentes ou pacientes dos termos anteriores; exerce(m) a função de agente:

a) todos eles;

b) nenhum deles;

c) somente o primeiro;

d) somente o segundo;

e) somente o segundo e o terceiro.

Leia o texto a seguir para responder às questões 27 e 28.

Texto 1 – Problemas Sociais Urbanos

Dentre os problemas sociais urbanos, merece destaque a questão da segregação urbana, fruto da concentração de renda no espaço das cidades e da falta de planejamento público que vise à promoção de políticas de controle ao crescimento desordenado das cidades. A especulação imobiliária favorece o encarecimento dos locais mais próximos dos grandes centros, tornando-os inacessíveis à grande massa populacional. Além disso, à medida que as cidades crescem, áreas que antes eram baratas e de fácil acesso tornam--se mais caras, o que contribui para que a grande maioria da população pobre busque por moradias em regiões ainda mais distantes.

Essas pessoas sofrem com as grandes distâncias dos locais de residência com os centros comerciais e os locais onde trabalham, uma vez que a esmagadora maioria dos habitantes que sofrem com esse processo são trabalhadores com baixos salários. Incluem-se a isso as precárias condições de transporte público e a péssima infraestrutura dessas zonas segregadas, que às vezes não contam com saneamento básico ou asfalto e apresentam elevados índices de violência.

A especulação imobiliária também acentua um problema cada vez maior no espaço das grandes, médias e até pequenas cidades: a questão dos lotes vagos. Esse problema acontece por dois principais motivos: 1) falta de poder aquisitivo da população que possui terrenos, mas que não possui condições de construir neles e 2) a espera pela valorização dos lotes para que esses se tornem mais caros para uma venda posterior. Esses lotes vagos geralmente apresentam problemas como o acúmulo de lixo, mato alto, e acabam tornando-se focos de doenças, como a dengue.

PENA, Rodolfo F. Alves. "Problemas socioambientais urbanos"; *Brasil Escola*. Disponível em: http://brasilescola.uol.com.br/brasil/problemas-ambientais-sociais-decorrentes-urbanização.htm. Acesso em 14 de abril de 2016.

27. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

" Dentre os problemas sociais urbanos, merece destaque a questão da segregação urbana, fruto da concentração de renda no espaço das cidades e da falta de planejamento público que vise à promoção de políticas de controle ao crescimento desordenado das cidades".

Nesse primeiro período do texto 1, o termo que se liga sintaticamente a um termo anterior, de forma diferente dos demais, é:

a) concentração <u>de renda</u>;

b) espaço <u>das cidades</u>;

c) falta <u>de planejamento</u>;

d) promoção <u>de políticas</u>;

e) crescimento <u>das cidades</u>.

28. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

Os verbos de estado indicam: estado permanente, estado transitório, mudança de estado, aparência de estado e continuidade de estado. A frase do texto 1 que mostra um verbo de estado com valor de mudança de estado é:

a) " áreas que antes eram baratas e de fácil acesso";

b) " tornam-se mais caras";

c) " habitantes que sofrem com esse processo são trabalhadores com baixos salários";

d) “ Além disso, à medida que as cidades crescem”;

e) “ a grande maioria da população pobre busque por moradias em regiões ainda mais distantes”.

29. (Petrobras – Advogado Jr. – Cesgranrio - Ago./2015 – Adaptada)

No trecho “ as transformações em direção **à sociedade da informação**, em estágio avançado nos países industrializados”, a expressão em destaque tem a função de completar o sentido da palavra **direção**, sendo, portanto, essencial à construção da frase.

A mesma função pode ser observada na expressão destacada em:

a) “ alcançando, de forma conceitualmente imprecisa, o universo vocabular **do cidadão**.”

b) “ decidir que composição do conjunto de tecnologias educacionais mobilizar para atingir suas metas **de desenvolvimento**.”

c) “ A Unesco tem atuado de forma sistemática no sentido de apoiar as iniciativas **dos Estados Membros**”

d) “ as ações **desse organismo internacional** estão concentradas em duas áreas principais:”

e) “ métodos e estratégias para a construção **de uma sociedade** de informação global e justa.”

Leia o texto a seguir para responder à questão 30.

Como estamos às vésperas de celebrar os 500 anos da palavra “ utopia” e do romance filosófico de Thomas Morus que a consagrou, o momento é mais do que oportuno para examinar que novas feições ela adquiriu após tantos sonhos desfeitos e outros tantos pervertidos e que atualização lhe deram as expectativas geradas pela informática, pelas biotecnologias, pelas nanociências, pelas ciências cognitivas e as perspectivas de clonagem, ectogênese (fecundação de útero artificial), artificialização dos órgãos do corpo e prolongamento da vida, abertas por elas.

Seu étimo grego, significando não lugar, lugar nenhum ou, trocadilhescamente, lugar da felicidade (eutropia), designou primeiro uma ilha dos mares do Novo Mundo, em que foi bater um navegante português ligado a Américo Vespúcio. Terra prodigiosa, em tudo diferente da Europa do século 16, a perfeição imperava em suas cinquenta e poucas cidades. Morus imaginou-a empolgado pela descoberta da América e do “ novo homem” que a habitava. Se bem que a República platônica já configurasse uma utopia, foi na ilha “ descoberta” por Rafael Hitlodeu que surgiu o conceito de utopia como representação imaginária de uma sociedade que tenha encontrado soluções exemplares para todos os seus problemas.

Outras sociedades ideais, fundamentadas em leis justas e instituições político-econômicas comprometidas com o bem-estar da coletividade, nasceram da imaginação de romancistas e pensadores, nos séculos seguintes, com particular insistência no século 19, auge do utopismo socialista de Charles Fourier, Étienne Cabet, Edward Bellamy e William Morris. A esses devaneios igualitários a dupla Marx-Engels combateu e contrapôs outro, supostamente científico, cuja caracterização como utopia pode livrar a cara do comunismo, mas não das sociedades que às suas ideias básicas deram concretude, a partir da revolução bolchevique, uma utopia que virou distopia.

A distopia é uma distorção ou uma mutação da utopia, um sonho que se transforma em pesadelo. A ficção científica e a literatura de antecipação são pródigas em fantasias do gênero. De Jules Verne (Capitão Nemo era um utopista) ao Aldous Huxley de *Admirável Mundo Novo*, ao Orwell de 1984 e ao Ray Bradbury de *Fahrenheit 451*. Serão todos lembrados ao longo do ciclo.

(Adaptação da matéria “Um sonho de 500 anos”, de Sérgio Augusto – jornal *O Estado de S. Paulo,* 02 de agosto de 2015)

30. (ESAF – Analista de Planejamento e Orçamento – 2015)

(Adaptada) No que concerne às estruturas linguísticas do texto, julgue a assertiva a seguir como " certa" ou " errada":

A expressão " uma distorção" (l. 21) funciona, sintaticamente, como objeto direto de " A distopia" (l. 21).

Leia o texto a seguir para responder às questões 31 e 32.

Os cristãos enfrentam uma perseguição cada vez maior em todo o mundo, alimentada principalmente pelo extremismo islâmico e por governos repressivos, o que levou o papa a advertir sobre " uma forma de genocídio" e ativistas a falarem em " limpeza étnico-religiosa". A escala dos ataques a cristãos no Oriente Médio, na África Subsaariana, na Ásia e na América Latina alarmou organizações que monitoram a perseguição religiosa. A maioria relata uma deterioração significativa nos últimos anos.

Em sua recente viagem à América Latina, o papa Francisco disse ter ficado decepcionado " ao ver como no Oriente Médio e em outras partes do mundo muitos de nossos irmãos e irmãs são perseguidos, torturados e mortos por sua fé em Jesus". Ele continuou: " Nesta terceira guerra mundial, travada em capítulos, que hoje experimentamos, ocorre uma forma de genocídio, que tem de terminar".

(Harriet Sherwood, "Com os leões, sem Daniel". Tradução de Luiz Roberto Mendes Gonçalves. *Carta capital*, 05 de agosto de 2015. Ano XXI. n.861)

(ESAF – Analista de Planejamento e Orçamento – 2015)

(Adaptada) No que diz respeito às estruturas linguísticas do texto, julgue as assertivas a seguir como " certa" ou " errada"::

31. Na expressão " uma deterioração significativa" (l. 5), " deterioração" é o núcleo do objeto direto.

32. A expressão " nos últimos anos" (l. 5) tem a função sintática de adjunto adverbial de lugar.

Gabarito: 1. e; 2. b; 3. b; 4. b; 5. c; 6. c; 7. a; 8. E; 9. E; 10. E; 11. E; 12. C; 13. E; 14. E; 15. e; 16. C; 17. c; 18. C; 19. C; 20. E; 21. e; 22. a; 23. C; 24. C; 25. E; 26. b; 27. b; 28. b; 29. e; 30. errada; 31. certa; 32. errada.

13.5. RESUMO

Bem, agora que já vimos todos os termos da oração, faz-se necessário organizá-los… Vamos lá?

- Objetos direto e indireto são chamados de **complementos verbais.**
- A diferença entre objeto indireto e objeto direto preposicionado está na **regência do verbo**. No objeto direto preposicionado, a preposição não é solicitada pelo verbo.
- **Complemento nominal** é termo substantivo que pode completar outro substantivo, um adjetivo ou um advérbio.
- **Adjunto adnominal** sempre se liga a substantivo. Pode ser artigo, numeral, pronome, adjetivo ou locução adjetiva. É termo que especifica o substantivo e pode aparecer em qualquer lugar da frase.
- **Adjunto adverbial** normalmente se liga a verbo, mas pode também se conectar a um adjetivo ou a outro advérbio. Indica sempre circunstância e pode ser retirado da frase. Na morfologia, pode vir representado pelo advérbio ou pela locução adverbial.

- **Nem tudo** que vem com preposição e se liga a verbo é objeto indireto. Se indicar circunstância, será adjunto adverbial.
- **Agente da passiva** não é termo obrigatório na frase. Vem sempre na voz passiva analítica e antecedido de preposição.
- O predicativo do sujeito vem sempre no predicado. O adjunto adnominal vem junto ao substantivo, em qualquer lugar da frase.
- Toda vez que um **adjetivo** se referir a um objeto, só será predicativo do objeto, **se o verbo pedir sua presença na frase**.
- **Aposto** é termo de **natureza substantiva**, nunca adjetiva. Toda vez que você estiver diante de um nome (de rua, de praça, de cidade…), será aposto, e não adjunto adnominal.
- **Vocativo é chamamento**. Não deve ser confundido com sujeito, que normalmente vem implícito na desinência do verbo no imperativo.
- Se o termo se refere a um substantivo concreto, é A.A. Se completa adjetivo ou advérbio, é C.N. Caso ele se refira a um substantivo abstrato, procure reescrever a frase e verificar se o valor da expressão é ativo (A.A.) ou passivo (C.N.).

14 VOZES VERBAIS

14.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Vamos, então, à próxima etapa: o estudo das vozes do verbo. É neste capítulo que você vai se preparar para as questões que hoje aparecem em grande quantidade nas provas, as que buscam reescritura de frases: a substituição de uma frase na voz ativa pela equivalente na passiva e vice-versa.

Voz verbal é aquela que indica a forma em que o verbo se encontra para mostrar a relação entre ele e o sujeito. Daí serem três os tipos de vozes verbais. Quando o sujeito age, pratica a ação verbal, tem-se a **voz ativa**. Veja um exemplo:

O professor recomendou a leitura deste livro.

Aqui, *o professor* exerce a ação de recomendar, ele é agente: a voz é ativa. No entanto, o sujeito pode receber a ação verbal, ser paciente do verbo. Nesse caso, tem-se a **voz passiva**. Veja:

A leitura deste livro foi recomendada pelo professor.

Agora, o sujeito *a leitura deste livro* não exerce a ação de recomendar, é seu alvo, elemento paciente. Veja que, comparando os dois exemplos, o segundo insere mais informações: enquanto o primeiro exemplo só continha um verbo (*recomendou*), o outro acrescentou mais um (*foi recomendada*). É uma forma de se reescrever a frase com mais palavras: é a **voz passiva analítica** ou **voz passiva com auxiliar**. Ela recebe este nome – analítica – porque acrescenta um verbo: diz o que se disse na voz ativa, só que com mais informações. Pense assim: toda vez que queremos *analisar* um problema, não aumentamos esse problema? A voz passiva analítica também aumenta, acrescentando um verbo… Por outro lado:

Vendeu-se o apartamento.

Nesse caso, o sujeito *o apartamento* também sofre a ação de ser vendido, é sujeito paciente, a voz é passiva. Só que, nesta frase, o que se tem é uma síntese de informações: diz-se que o apartamento foi vendido, sem se querer mencionar quem o vendeu. É a **voz passiva sintética**: nela, a tendência é a de não se mencionar o agente da passiva. Daí ela ser econômica, sintética. É uma forma de se impessoalizar, indeterminar o agente, o elemento que exerce a ação.

Ainda:

O rapaz se vestiu.

Aqui, o sujeito (o rapaz) exerce e sofre a ação do verbo. O sujeito e o objeto, representados pelo pronome reflexivo *se,* são a mesma pessoa. Diz-se que a voz é **reflexiva**.

Resumindo:

• Quando o sujeito exerce a ação, a voz é ativa. • Quando o sujeito sofre a ação, a voz é passiva. Será voz passiva analítica se vier com o verbo auxiliar de voz passiva (ser/estar/ficar+ particípio). Será passiva sintética se apresentar o pronome se, chamado de pronome apassivador ou partícula apassivadora.
• Quando o sujeito exerce e sofre a ação, tem-se a voz reflexiva. Nesse caso, o pronome oblíquo se será chamado de pronome reflexivo.

14.2. REESCRITURA DE FRASES (COMO PASSAR UMA FRASE DE UMA VOZ À OUTRA)

Vamos às questões de reescritura de frases (que pedem transposição da ativa para a passiva ou da passiva para a ativa):

Na passagem da ativa para a passiva, só interessam três termos: o objeto direto, o verbo e o sujeito. Isso ocorre porque:

1. O objeto direto da ativa vira sujeito paciente na passiva.

   O professor recomendou **o livro**. (objeto direto: o livro)

   O livro foi recomendado pelo professor. (sujeito paciente: o livro)

   Se o objeto direto vier representado por um pronome pessoal oblíquo, ao virar sujeito, o pronome oblíquo virará pronome reto:

   O professor **o** recomendou.

   Ele foi recomendado pelo professor.

2. O verbo da voz ativa ganhará um verbo auxiliar (*ser/estar/ficar*), que ficará no mesmo tempo e modo, seguido do verbo principal no particípio.

   O professor **recomendou** o livro.

   *verbo *recomendar* no pretérito perfeito do indicativo

   O livro **foi recomendado** pelo professor.

   *locução verbal: verbo *ser* no pretérito perfeito seguido de *recomendar* no particípio

   Se, na voz ativa, o tempo é composto, na passagem para a passiva, mantenha o auxiliar do tempo composto e acrescente apenas o auxiliar de passiva *sido*:

   O professor **tem recomendado** o livro.

   *locução verbal de tempo composto

   O livro **tem sido recomendado** pelo professor.

   *Agora, você tem dois auxiliares: um, de tempo composto (*tem*) e outro, de voz passiva (*sido*).

3. O sujeito da voz ativa transforma-se em agente da passiva.

O professor recomendou o livro. (sujeito: o professor)

O livro foi recomendado **pelo professor**. (agente da passiva: pelo professor)

Se, na voz ativa, o verbo estiver na 3ª pessoa do plural, sem sujeito expresso na frase, o sujeito será indeterminado. Aí, na passiva, o agente não será mencionado:

Recomendaram o livro (verbo na 3ª p. pl.: sujeito indeterminado).

O livro foi recomendado (agente da passiva também indeterminado).

Passando uma frase da voz ativa para a passiva:

a) O objeto direto vira sujeito.

b) O verbo ganha um auxiliar (ser/estar/ficar), no mesmo tempo e modo do verbo da voz ativa.

c) O sujeito da ativa vira agente da passiva.

Agora, vamos fazer o contrário? Na passagem da passiva analítica para a ativa, precisamos nos preocupar com o agente da passiva, o verbo e o sujeito. Isso porque:

4. O agente da passiva volta a ser sujeito na ativa.

O aluno foi elogiado **pelo professor**. (agente da passiva: pelo professor)

O professor elogiou o aluno. (sujeito agente: o professor)

Se, na voz passiva, não houver agente da passiva, o verbo na voz ativa ficará na 3ª pessoa do plural, para marcar um sujeito indeterminado:

O aluno foi elogiado. (agente da passiva não mencionado)

Elogiaram o aluno. (verbo na 3ª p. pl.: sujeito indeterminado)

5. A locução verbal de voz passiva perde o auxiliar de passiva (normalmente o verbo *ser*). O verbo da voz ativa ficará no mesmo tempo do auxiliar da passiva.

O aluno **foi** elogiado pelo professor. (verbo auxiliar *ser* no pret. perf.)

O professor **elogiou** o aluno. (verbo *elogiar* no pret. perf.)

Se a frase na voz passiva possuir, além do auxiliar de voz passiva, outro verbo auxiliar, ele continuará a existir na voz ativa; lembre-se: você só retirará o auxiliar de voz passiva, não tente se livrar de todos os verbos!:

O aluno **tem sido elogiado** pelo professor.

locução verbal com dois auxiliares: um de tempo composto – *tem* – e outro de passiva – *sido*; lembre-se de só retirar o auxiliar de passiva.

O professor **tem elogiado** o aluno.

locução verbal com apenas um auxiliar, que é o do tempo composto.

6. O sujeito da voz passiva volta a ser objeto direto na ativa:

O aluno foi elogiado pelo professor. (sujeito paciente: o aluno)

O professor elogiou **o aluno**. (objeto direto: o aluno)

Já está ficando zonzo com tanta informação? Então, vamos sistematizar...

Passando uma frase da voz passiva analítica para a voz ativa:

a) O agente da passiva vira sujeito agente na ativa.

b) A locução verbal perde o auxiliar de voz passiva, que transmite o tempo verbal ao verbo da voz ativa.

c) O sujeito da voz passiva vira objeto direto na ativa.

Bem, para entender de fato todo esse raciocínio, só fazendo questões de concursos. Como dissemos anteriormente, as questões que mais aparecem em relação ao assunto de vozes verbais são aquelas que buscam reescrituras – passagem da ativa para a passiva e vice-versa. O assunto, em si, não é tão complexo, mas você deve se preocupar com o tempo de resolução da questão. É preciso ser rápido e, para isso, é preciso ter método. Por isso, resolvemos separar esse tipo de questão em dois blocos, para treinar você de forma mais eficaz. O primeiro tipo de questão é aquela em que se busca a **reescritura da voz ativa para a passiva analítica**.

Atenção!

1. Destacar, na frase, o núcleo do objeto direto, que virará sujeito. Com ele, o verbo deverá concordar.
2. Detectar o tempo do verbo na voz ativa. O auxiliar da passiva que será acrescentado à frase deverá estar nesse tempo verbal. Lembre-se sempre de somar um verbo: se há um verbo na frase, então serão dois; se há dois, serão três, e assim por diante.
3. O sujeito vira agente antecedido da preposição por, mas normalmente as bancas nem se preocupam tanto com a identificação do agente da passiva.
4. Os outros termos sintáticos que eventualmente existirem na frase (adjuntos adverbiais, predicativos etc.) ficarão intactos: não se preocupe com eles, para não perder tempo de resolução da questão.
5. Faça mentalmente a transposição da ativa para a passiva: evite olhar cada alternativa, pois você pode se perder em meio a tantas opções.

Vamos, então, aprender a sair da passiva sintética e ir à ativa? Nesse caso, o sujeito da passiva (casas) volta a ser objeto direto; a partícula apassivadora é extraída da frase e o verbo fica na 3ª pessoa do plural para marcar a indeterminação do sujeito. De uma forma mais prática, teríamos:

Reescritura da voz passiva sintética para voz ativa

a) Retire o pronome apassivador da frase.

b) Passe o verbo para a 3ª pessoa do plural, se ele já não estiver, mantendo o tempo.

Seguindo o mesmo raciocínio, podemos realizar a reescritura da passiva sintética para a passiva analítica. Nesse

caso, lembre-se de que, já que você está indo para a passiva analítica, é preciso *acrescentar* um verbo auxiliar (normalmente *ser*), que ficará no mesmo tempo verbal.

Reescritura da voz passiva sintética para a voz passiva analítica a) O sujeito paciente da voz passiva sintética permanecerá sendo sujeito na voz passiva analítica. b) Acrescente o verbo auxiliar ser, que ficará no mesmo tempo e modo da frase original.

Vamos ver se funciona? Veja uma questão de prova resolvida como exemplo.

1. (TRT-SP – Ag. Fisc. Fin.) … de que as reservas de gás de Bahia Blanca, ao sul de Buenos Aires, **se estão esgotando**.

A forma verbal destacada acima pode ser corretamente substituída, sem prejuízo do sentido original, por:

a) está para esgotar.

b) vai ser esgotado.

c) estão sendo esgotadas.

d) vinham sendo esgotadas.

e) vem esgotando.

Comentários:

A frase que aparece no enunciado está na voz passiva sintética e podemos perceber pelas opções oferecidas pela banca que o que se quer é que o aluno transponha a frase para a passiva analítica.

Logo, detecte o sujeito (*as reservas de gás de Bahia Blanca*) e o tempo do verbo (nesse caso, como se tem uma locução verbal, não deixe de olhar para o último verbo, que é o principal – *esgotando*). É nesse tempo que ficará o auxiliar da voz passiva analítica. Assim, teríamos: "As reservas de gás… estão <u>sendo</u> esgotadas"). Observe que, como você foi para a passiva analítica, você ganhou um verbo: se havia dois (*estão esgotando*), ficamos com três (*estão sendo esgotadas*).

E não esqueça: evite olhar para as outras alternativas, caso contrário você se apaixona pela errada e acaba marcando…

Resposta: C.

14.3. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Identifique as vozes verbais.

1. A cozinha era antiga e escura.

_____

2. A cozinha era reformada aos poucos.

3. Uma senhora foi assaltada por um adolescente.

4. Assaltou-se uma senhora.

5. Arrumou-se para o jantar.

6. Recebeu-se o projeto com ceticismo.

7. A comunidade científica recebeu o projeto com ceticismo.

8. O projeto foi recebido com ceticismo pela comunidade científica.

9. Fazendeiros brasileiros ajudam a equipar a polícia.

10. Os resultados foram divulgados via TV.

11. "A Bíblia é uma coleção de lendas veneráveis, mas primitivas e infantis." (Albert Einstein)

II. Nas frases a seguir, transforme a voz ativa em passiva analítica.

1. Algumas pessoas colecionam moedas e selos antigos.

2. O pessoal não vê o autoritarismo como alternativa.

3. "O Governo de nosso Estado combate e denuncia todas as formas de violência."

4. "O escândalo do Orçamento expôs definitivamente a indústria da miséria."

5. “O Brasil não resolverá os problemas da miséria.”

_____

6. “O irmão pobre, se morre e apodrece, leva o irmão rico de cambulhada.”

_____

7. “No Brasil, matam crianças à bala.”

_____

8. “O Governo havia transferido tarefas e recursos aos municípios.”

_____

9. Obedeceu-se às ordens.

_____

10. Muitos cientistas não acreditam em Deus.

_____

III. Nas frases a seguir, passe para a voz passiva sintética.

1. Os presos eram proibidos de usar barbas e cabelos longos.

_____

2. Contaram a verdade.

_____

3. Aqui são dadas aulas inesquecíveis.

_____

4. Esconderam armas de destruição maciça.

_____

5. O projeto foi recebido com ceticismo.

_____

IV. Nas frases a seguir, transforme a voz passiva em ativa.

1. Os presos eram proibidos de usar barbas e cabelos longos.

_____

2. Com verba do Estado, dezoito composições já estão sendo reformadas.

_____

3. Esperavam-se resultados mais animadores.

_____

4. As palavras precisavam ser interpretadas.

_____

5. A cidade era sacudida e inquietada por uma trovoada surda e cava.

_____

6. Para não ser olhado com medo, resolveu ceder.

_____

7. No nosso país, deveriam ser instituídas leis mais rigorosas.

_____

8. Recusou-se o convite.

_____

9. As negociações deverão ser concluídas até outubro.

_____

10. A história do Brasil pode ser contada de vários modos e sob vários ângulos.

_____

Gabarito: I – 1. voz ativa (antiga/ escura: predicativos do sujeito); 2. voz passiva analítica; 3. voz passiva analítica; 4. voz passiva sintética; 5. voz reflexiva; 6. voz passiva sintética; 7. voz ativa; 8. voz passiva analítica; 9. voz ativa; 10. voz passiva analítica; 11. voz ativa. **II** – 1. Moedas e selos antigos são colecionados por algumas pessoas. 2. O autoritarismo não é visto pelo pessoal como alternativa. 3. Todas as formas de violência são combatidas e denunciadas pelo Governo de nosso Estado. 4. A indústria da miséria foi exposta definitivamente pelo escândalo do orçamento. 5. Os problemas da miséria não serão resolvidos pelo Brasil. 6. O irmão rico é levado de cambulhada pelo irmão pobre. 7. No Brasil, crianças são mortas à bala. 8. Tarefas e recursos haviam sido transferidos pelo Governo aos municípios. 9. As ordens foram obedecidas. (Ver observação (b) da p. 13). 10. Esta frase não pode ser transformada em voz passiva, pois o verbo é transitivo indireto. **III** – 1. Proibiam-se os presos...; 2. Contou-se a verdade; 3. Aqui dão-se aulas...; 4. Esconderam-se armas...; 5. Recebeu-se o projeto... **IV** – 1. Proibiam os presos... 2. Com verba do Estado, estão reformando dezoito composições. 3. Esperavam resultados mais animadores. 4. Precisavam interpretar as palavras. 5. Uma trovoada surda e cava sacudia e inquietava a cidade. 6. Para não o olharem com medo... 7. No nosso país, deveriam instituir leis... 8. Recusaram o convite. 9. Deverão concluir as negociações... 10. Podem contar a história do Brasil...

Nas provas de concursos públicos, quanto a vozes verbais, costuma-se trabalhar com três tipos de questões. Vamos sistematizar:

- O primeiro tipo de questão é aquela em que a banca quer saber se a frase admite transportação da voz ativa para a passiva.
- O segundo tipo, que é a mais comum a todas as bancas, pede que o aluno reescreva da ativa para a passiva ou vice-versa.
- Há ainda as questões que pedem apenas que o candidato identifique a voz do verbo (ativa/passiva/reflexiva).

É com base nesses três tipos de questões que vamos organizar este capítulo sobre vozes verbais. E, para cada assunto estudado, questões de concursos para você resolver. Vamos lá?

14.4. QUESTÕES QUE PERGUNTAM SE A FRASE ADMITE TRANSPORTAÇÃO PARA A VOZ PASSIVA

Uma frase na voz ativa admitirá a passagem para a voz passiva se possuir objeto direto que possa virar sujeito. Isso porque a voz passiva, em geral, representa a reescritura da ativa, só que dá ênfase ao objeto direto da ativa, que passa a funcionar como sujeito. Ora, então é preciso que a voz ativa apresente objeto direto, o que ocorre com os verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos. Por isso, nas questões em que se perguntar se há ou não possibilidade de transportação para a passiva, vá correndo procurar na frase, que está na voz ativa, um objeto direto. Se houver, em geral, ela admitirá transportação. Bancas como a Fundação Carlos Chagas e a Cesgranrio elaboram muitas questões desse tipo. Veja algumas delas:

1. (FCC – TRF 4ª Região – Anal. Judic.) A seguinte construção não admite transposição para a voz passiva:

a) Isso esclarece um pouco a razão das tensões (…)

b) (…) detestamos a hipocrisia e a falsidade (…)

c) Vivemos, assim, sobre esse fio de navalha entre a verdade e o disfarce.

d) As chamadas "regras de convívio" supõem, sempre, algum "mascaramento".

e) (…) que nos olhe nos olhos (…)

Comentários:

Na letra A, o verbo *esclarecer* é transitivo direto e vem seguido de seu objeto direto *a razão das tensões*. Admite, portanto, transportação. Na letra B, o verbo *detestar* também é transitivo direto, seguido de seu objeto direto composto *a hipocrisia e a falsidade*. Na letra D, o mesmo ocorre: o verbo *supor* é verbo transitivo direto e vem seguido de seu objeto direto *algum mascaramento*. E, na letra E, a história se repete: o verbo *olhar* é transitivo direto e vem seguido de seu objeto direto *nos*. A única frase que não traz um verbo transitivo direto é a letra C, que apresenta um verbo intransitivo – *vivemos* – seguido de um adjunto adverbial de lugar *sobre esse fio de navalha entre a verdade e o disfarce*. É o único verbo que não permite a transportação para a voz passiva.

Resposta: C.

2. (Cesgranrio) A frase que admite transposição para a voz passiva é:

a) A prova de que não somos uma coisa só está em cada dia que amanhece.

b) Outro dia recortei da internet este fragmento de um blog (…).

c) A humanidade não tem jeito.

d) O pessimista não é inimigo das idealizações, muito pelo contrário.

e) Nem tudo está perdido.

Comentários:

A letra A apresenta dois verbos que não são transitivos diretos: *somos*, que é verbo de ligação e vem seguido de um predicativo do sujeito *uma coisa só*, e o *está*, que é intransitivo, vindo seguido de um adjunto adverbial *em cada dia que amanhece.*

A letra B traz o verbo *recortar*, transitivo direto, com seu objeto direto *este fragmento de um blog*.

A letra C, embora apresente verbo transitivo direto, trata-se de um verbo que não admite transportação por impedimento semântico. Tente passar essa frase mentalmente para a voz passiva: "Jeito não é tido pela humanidade" por impedimento semântico. Faz sentido isso?

As letras D e E apresentam verbos de ligação, não admitindo, portanto, transportação para a passiva.

Resposta: B.

Aqui, vale um recado:

De fato, só admite passagem para a passiva um verbo que tenha transitividade direta.

Fernanda elogiou duas colegas. (voz ativa)

Duas colegas foram elogiadas por Fernanda. (voz passiva)

Pelo que podemos observar, o objeto direto da ativa – *duas colegas* – virou sujeito paciente na voz passiva, e o sujeito *Fernanda* transformou-se em agente da passiva (*por Fernanda*).

Entretanto, o contrário não se afirma: nem todo verbo transitivo direto pode ser construído na voz passiva. Veja as frases:

Guilherme quer um presente.

Fernanda pode tudo.

Arthur tem bons modos.

Há crianças na sala.

Tente passar essas frases para a passiva. Teríamos aberrações do tipo: *Um presente é querido por Guilherme; Tudo é podido por Fernanda* e *Bons modos são tidos por Arthur; Crianças são havidas na sala.* Fazem sentido essas frases?

Ainda que só verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos admitam voz passiva, há verbos transitivos indiretos que admitem passiva. O uso coloquial acabou consagrando em textos cultos construções do tipo:

Os empregados foram pagos.

Os pais devem ser obedecidos.

O jogo foi assistido por todos.

A carta foi respondida.

Os verbos *pagar, obedecer, assistir* (= ver, presenciar) e *responder* são transitivos indiretos, mas admitem voz passiva. São frases consagradas do uso coloquial, mas que já aparecem em algumas provas. Mas cuidado: é sempre bom, diante das questões, analisar cada alternativa a fim de ver se a banca admitiu ou considerou errado esse tipo de construção, pois há divergências em relação a isso.

Resumindo:
- Em princípio, só verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos admitem voz passiva.
- Há verbos transitivos diretos que não admitem voz passiva (ter, haver, poder, querer...).
- Há verbos transitivos indiretos que admitem voz passiva (obedecer, pagar, responder, assistir...).

Mais questões:

3. (FCC/TRF – 2ª Região – Téc. Adm.) A construção que admite transposição para a voz passiva é:

a) São inúmeras as consequências dessa idolatria.

b) As leis do mercado favorecem esse culto da juventude.

c) A juventude deixou de ser uma fase da vida.

d) Resulta disso tudo uma espécie de código comportamental.

e) Cresce a olhos vistos a oferta de produtos associados à juventude.

Comentários:

A banca busca a única frase que apresente um verbo com transitividade direta. A letra A apresenta verbo de ligação (seu sujeito é *as consequências dessa idolatria* e seu predicativo é *inúmeras*). Ora, verbo de ligação não admite transposição para a passiva. A letra B, por sua vez, apresenta um verbo transitivo direto, *favorecem*, seguido de seu objeto direto *esse culto da juventude*. Na letra C, o verbo principal da locução verbal é um verbo de ligação, *ser*, que vem seguido de seu predicativo *uma fase da vida*. A letra D está fora de ordem, procure organizá-la antes de classificar o verbo: *Uma espécie de código fundamental resulta disso tudo*. O verbo *resultar* é transitivo indireto,

não admitindo, portanto, passagem para a passiva. Na letra E, temos o verbo *crescer*, que é intransitivo. Portanto, a única frase que apresenta um verbo com transitividade direta será a que permitirá transposição para a passiva.

Resposta: B.

4. (FCC/TRF – 2ª Região – Téc. Adm.) Essa situação **é agravada** pelo fato de quinze desses gigantes estarem localizados em países pobres ou emergentes.

O verbo que admite o mesmo tipo de transposição ocorrida no exemplo destacado acima está também grifado na frase:

a) Em todo o mundo muitas cidades crescem sem nenhum planejamento.

b) A maior parte da população do planeta já mora em cidades.

c) A vida em cidades depende de normas comuns de comportamento.

d) A população das grandes cidades está sujeita a problemas de trânsito e de violência.

e) Neste ano a população urbana ultrapassará o número de moradores das áreas rurais.

Comentários:

A frase que aparece no enunciado está na passiva analítica: o sujeito (*essa situação*) sofre a ação. Além disso, ela apresenta uma locução verbal de voz passiva (*é agravada*). A banca procura aqui uma frase que esteja na voz ativa, mas que admita transposição para a passiva. Nas letras A e B, os verbos *crescer* e *morar* são intransitivos. Na letra C, mais um verbo que não admite transportação – *depende* – por ser transitivo indireto (seguido de seu objeto indireto *de normas comuns de comportamento*). A letra D, por sua vez, traz um verbo de ligação *está* (seguido de seu predicativo *sujeita*). Só a letra E apresenta um verbo transitivo direto – *ultrapassará* – seguido de seu objeto direto *o número de moradores das áreas rurais*.

Resposta: E.

5. (FCC/TRF – 18ª Região) Não admite transposição para a voz passiva o seguinte segmento:

a) Resolvi bem esse problema (…).

b) É preciso, pois, desenvolver o ethos da nação (…).

c) Ele precisa valorizar essa convivência (…).

d) (…) está na ética uma garantia para um pleno convívio social.

e) (…) que as ações dos outros encontrem nele plena aprovação.

Comentários:

Em todas as frases haverá um verbo com transitividade direta, exceto em uma. Na letra A, o verbo *resolver* é transitivo direto e vem seguido de seu objeto direto *esse problema*. Na letra B, o verbo *desenvolver* é transitivo

direto e vem seguido de seu objeto *o ethos da nação*, o mesmo ocorrendo com o *valorizar* na letra C, que tem como objeto direto *essa convivência*. Quanto à letra D, procure organizá-la antes de analisar o verbo: *Uma garantia para um pleno convívio social está na ética*. O sujeito, aqui, é *uma garantia para um pleno convívio social* e o verbo *estar* é intransitivo e vem seguido de seu adjunto adverbial de lugar *na ética*. Com a letra E, o perigo é o mesmo – é preciso colocá-la na ordem direta antes de analisar o verbo. Teríamos, portanto: *Que as ações dos outros encontrem plena aprovação nele*. Veja se agora não ficou mais fácil: *as ações dos outros* é sujeito, o verbo *encontrar* é transitivo direto e indireto, *plena aprovação* é objeto direto e *nele*, objeto indireto. Ora, o único verbo que não admite transportação para a passiva é o *estar*, da letra D.

Resposta: D.

Você já percebeu que a tendência das bancas é trabalhar com frases fora da ordem direta, para confundir o aluno? Por isso, não se esqueça de, nas frases mais complexas, desenvolver um passo a passo para a organização do período, procedendo da seguinte forma:

Ordem direta no período simples
1. Vá ao verbo e pergunte pelo sujeito.
2. Depois de detectar o sujeito, pergunte por seus complementos: objetos diretos ou indiretos.
3. Se a frase possuir predicativo, esse deverá ficar após os complementos verbais.
4. Os adjuntos adverbiais ficarão sempre ao final.

6. (TCE/AL) A transposição para a voz passiva é possível apenas em:

a) Novos gestos incutem à nossa vida um novo sentido.

b) A liberdade aposta, sempre, em novas possibilidades.

c) Na nossa capacidade de escolha estaria a nossa liberdade.

d) A resolução desse dilema depende de uma grave decisão.

e) As ideias fatalistas conspiram contra as ações libertárias.

Comentários:

A letra A traz um verbo transitivo direto e indireto: *um novo sentido* é objeto direto e *à nossa vida* é objeto indireto. As letras B, D e E apresentam verbos transitivos indiretos: *apostar* tem como objeto indireto *em novas possibilidades*, *depender* vem com o objeto indireto *de uma grave decisão* e *conspirar*, com objeto indireto *contra as ações libertárias.* Já a letra C, colocando-a na ordem, temos: "A nossa liberdade estaria na nossa capacidade de escolha". O verbo *estar* é intransitivo e vem seguido de adjunto adverbial de lugar *na nossa capacidade de escolha*. Como a questão pedia a única alternativa que admitisse a passagem para a passiva, tem-se apenas a letra A com um verbo de transitividade direta.

Resposta: A.

7. (Cesgranrio/Biocombustível) O indiscutível êxito do produto demonstra que as dúvidas foram dissipadas...

O verbo que admite transformação em voz passiva, tal como o grifado acima, está também grifado na frase:

a) A economia nacional parece hoje mais estável.

b) O carro bicombustível chegou ao mercado brasileiro há pouco tempo.

c) A indústria brasileira já vendeu 5 milhões de carros bicombustíveis.

d) O álcool combustível permanece mais barato do que a gasolina.

e) O Proálcool foi a resposta brasileira às crises do petróleo.

Comentários:

A frase do enunciado está na passiva analítica: o sujeito *as dúvidas* sofre a ação e aparece uma locução verbal de voz passiva (*foram dissipadas*). A banca buscava uma frase que admitisse tal transformação, ou seja, uma frase com verbo de transitividade direta.

As letras A, D e E apresentam verbos de ligação: na letra A, tem-se o verbo *parecer*, seguido de seu predicativo *mais estável*; na letra D, observa-se o verbo *permanece*, seguido de seu predicativo *mais barato*; na letra E, tem-se o verbo de ligação *ser*, com seu predicativo *a resposta brasileira*. Se todas as três apresentam verbos de ligação, elas não admitem a passagem para a passiva.

A letra B traz um verbo intransitivo, *chegou*, seguido de dois adjuntos adverbiais: *ao mercado brasileiro*, que indica lugar e *há pouco tempo*, que é adjunto adverbial de tempo. Ora, verbo intransitivo também não admite transportação.

Só a letra C apresenta verbo transitivo direto – *vender* – seguido de seu objeto direto, que é *5 milhões de carros biocombustíveis*.

Resposta: C.

14.5. QUESTÕES QUE PEDEM PARA PASSAR DE UMA VOZ À OUTRA

Vamos ao segundo tipo de questão, aquela em que se pede para passar de uma voz à outra? São as questões de reescritura de frases.

1. (TRE – AP) Transpondo-se para a voz passiva a frase *Ele gasta dinheiro que nem água*, a forma verbal resultante será:

a) será gasta.

b) foi gasta.

c) está sendo gasto.

d) será gasto.

e) é gasto.

Comentários:

O núcleo do objeto direto é *dinheiro*. O verbo na voz ativa (*gasta*) está no presente do indicativo, portanto, o auxiliar da passiva ficará também no presente do indicativo (*é*). Lembre-se de que o particípio, na voz passiva, concorda com o seu sujeito em gênero e número. Portanto, teremos: "*dinheiro* é *gasto* que nem água". Observe que nós nem olhamos para as outras opções: com o devido raciocínio, você irá diretamente à resposta.

Resposta: E.

2. (TRF – 4ª Região – Anal. Judic.) Transpondo-se para a voz passiva a frase *transmiti o respeito de meus pais pelas ficções*, a forma verbal resultante será:

a) terá sido transmitido.

b) transmitiram-me.

c) fora transmitido.

d) transmitiram-se.

e) foi transmitido.

Comentários:

O núcleo do objeto direto é *respeito*: destacando o núcleo, você fará a concordância do verbo com mais rapidez. O verbo na voz ativa está no pretérito perfeito do indicativo: assim ficará o verbo *ser*, auxiliar de voz passiva (*foi*). Assim, teríamos: *O respeito de meus pais pelas ficções foi transmitido por mim.*

Resposta: letra E.

3. (PMSAL) … a literatura carioca já **registrava** com frequência o termo samba.

Transpondo para a voz passiva, a forma verbal destacada passa a ser, corretamente:

a) registrou.

b) devia registrar.

c) fora registrado.

d) era registrado.

e) seria registrada.

Comentários:

O objeto direto, *o termo samba*, tem como núcleo o substantivo *termo*. O verbo na voz ativa está no pretérito imperfeito do indicativo, portanto, o verbo *ser* ficará também no pretérito imperfeito: *era*. O sujeito *a literatura*

carioca vira agente da passiva, mas observe que a banca nem se preocupa com isso. Os outros termos sintáticos permanecem inalterados. Assim, teríamos: *O termo samba era registrado com frequência pela literatura carioca*.

Resposta: D.

4. (TRT – 2ª Região) Transpondo-se para a voz passiva o segmento *ninguém descobre sua timidez*, a forma verbal resultante será:

a) não terá descoberto.

b) não será descoberta.

c) não terá sido descoberta.

d) não é descoberta.

e) não tem descoberto.

Comentários:

O objeto direto é *sua timidez*. O verbo na voz ativa está no presente do indicativo, logo o auxiliar de passiva ficará no mesmo tempo (*é*). O verbo da voz ativa vai para o particípio, concordando em gênero e número com o sujeito. Assim, teremos: *Sua timidez não é descoberta por ninguém.*

Resposta: D.

5. (TRT – 2ª Região – Anal. Judic.) Transpondo-se para a voz passiva a construção *a voz do futuro nos acorda*, a forma verbal resultante será:

a) temos sido acordados.

b) temos acordado.

c) teremos acordado.

d) seremos acordados.

e) somos acordados.

Comentários:

O objeto direto vem representado pelo pronome oblíquo *nos*, portanto, na voz passiva, ao virar sujeito, virá representado por um pronome reto (*nós*). O verbo da voz ativa – *acorda* – está no presente do indicativo: assim ficará o auxiliar da passiva. Sempre se lembre de somar um verbo: se possuímos um verbo na voz ativa, na passiva analítica, serão dois. Assim, teremos: *(Nós) somos acordados pela voz do futuro.* Observe o que a banca fez nas letras B e C: usou auxiliar (*ter*) que nem é de voz passiva. Na letra A, mais uma maldade: acrescentou mais um verbo, o que não é permitido: se temos um verbo na voz ativa, ficaremos apenas com dois na passiva analítica, não com três.

Resposta: E.

6. (TRF – Taquigrafia) Transpondo a frase *os extraordinários acontecimentos pareciam dividir nitidamente o mundo entre os defensores e os inimigos da liberdade e do progresso social* para a voz passiva, a forma verbal corretamente obtida é:

a) parecia ser dividido.

b) pareciam ter sido divididos.

c) tinha sido dividido.

d) tinha parecido dividir.

e) pareciam dividirem.

Comentários:

O objeto direto da voz ativa é *o mundo*. Mas desta vez tenha mais cuidado: temos uma locução verbal na voz ativa composta de um verbo auxiliar (*pareciam*) e um principal (*dividir*). Lembre-se de somar um auxiliar a essa locução verbal, que será o verbo *ser* e ficará no tempo verbal do *dividir*. Com o tempo verbal do auxiliar *pareciam,* você não irá mexer. Logo, se temos dois verbos, ficaremos com três. Assim: *O mundo parecia ser dividido nitidamente entre os defensores e os inimigos da liberdade e do progresso social pelos extraordinários acontecimentos*. Não se preocupe com os outros termos sintáticos, enfoque atentamente apenas o objeto direto e a locução verbal da ativa, antes de passar a frase para a passiva analítica.

Resposta: A.

Agora está na hora de você conhecer a voz passiva sintética ou pronominal. Ela recebe esse nome por espécie de síntese de informações: ela normalmente não menciona o agente da passiva nem apresenta o verbo auxiliar da voz passiva analítica. Observe:

Alugam-se casas.

Nessa frase, *casas* é o sujeito, que vem posposto ao verbo, **por isso, cuidado para não confundi-lo com o objeto direto**. O pronome se que aparece na frase é a chamada partícula apassivadora ou pronome apassivador.

Bom de treinar, não é? Agora, vamos ao terceiro tipo de questão: aquela em que se quer a identificação da voz da frase.

14.6. QUESTÕES PARA SE IDENTIFICAR A VOZ DA FRASE

Antes de irmos a elas, vale lembrar:

1. Voz ativa: os homens dirão a verdade. (sujeito agente: os homens; objeto direto: a verdade)
2. Voz passiva analítica: sujeito paciente + verbo auxiliar ser, estar, ficar + particípio (verbo principal) + agente da passiva (caso

exista na frase): A verdade será dita pelos homens.

3. Voz passiva pronominal: verbo transitivo direto + pronome apassivador se + sujeito (o agente da passiva, em geral, não é mencionado): Dir-se-á a verdade.

4. Voz reflexiva: sujeito + verbo + pronome se reflexivo: Ela se enganava. (= Ela enganava a si mesma)

1. (NCE/Minist. Saúde) Muitas vezes no texto, como em "se a mãe for bem alimentada", se utiliza a voz passiva; a alternativa em que isso também ocorre é:

a) "O corpo humano necessita de alimentos".

b) "para se manter ativo".

c) "a fim de que tenha energia suficiente".

d) "se não for atendida essa necessidade".

e) "para se desenvolver fisicamente".

Comentários:

Na letra A, temos um verbo que, embora tenha um sentido passivo (chamamos isso de *passividade*), está na voz ativa: *o corpo humano* exerce a ação de necessitar de alimentos.

Na letra B, o pronome *se* é reflexivo, tem o valor de *a si mesmo*: a frase está na voz reflexiva. O mesmo ocorre na letra E, cuja frase equivale a *para desenvolver a si mesmo fisicamente.* Assim, excluem-se as letras B e E.

Na letra C, o sujeito exerce a ação de *ter*: a voz é ativa. Apenas na letra D, o sujeito é paciente: a frase está na voz passiva analítica, compõe-se de uma locução verbal *for atendida*.

Resposta: D.

Quanto à letra A desta questão, vale um recado:

Não confunda voz passiva com passividade. Na voz passiva, o verbo ou vem com auxiliar de passiva (voz passiva analítica) ou com o pronome apassivador se (voz passiva sintética), ou seja, há uma forma especial para se indicar que algo ou alguém recebe a ação do verbo.

Passividade tem a ver com o sentido da frase: o verbo tem valor passivo. E isso pode ocorrer inclusive com frases na voz ativa. Exemplos:

Esperei por você a vida inteira.

A criança recebeu o merecido castigo.

Essas frases estão na voz ativa, embora seus verbos tenham sentido passivo. Portanto, nem sempre a passividade corresponde à voz passiva!

2. (NCE) A frase abaixo que se encontra em voz passiva é:

a) "Quantos morreram pela liberdade de sua pátria?"

b) "Quantos foram presos ou espancados pela liberdade de dizer o que pensam?"

c) "Quantos lutaram pela libertação dos escravos?"

d) “O primeiro templo da liberdade burguesa é o supermercado.”

e) “a maioria já não sofre agressões a essas liberdades tão vitais…”

Comentários:

Na letra A, o sujeito exerce a ação de *morrer*: voz ativa. Na letra C, o mesmo acontece: o sujeito exerce a ação de *lutar*: voz ativa. Na letra D, o sujeito *o primeiro templo da liberdade burguesa* é agente do verbo *ser*, a frase está na voz ativa. Na letra E, embora o verbo tenha sentido passivo (passividade, lembra?), a frase está na voz ativa: o sujeito *a maioria* exerce a ação de sofrer. Somente na letra B o sujeito é paciente: a frase está na voz passiva e possui duas locuções verbais de passiva (*foram presos/*(*foram*) *espancados*).

Resposta: B.

14.6. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (TRF3 – Técnico Judiciário – FCC – Abril/2016)

Foram dois segundos de desespero durante os quais <u>*contemplei*</u> *o distrato do livro, a infâmia pública, o alcoolismo e a mendicância...*

Transpondo-se para a voz passiva o verbo sublinhado, a forma resultante será:

a) contemplavam-se.

b) foram contemplados.

c) contemplam-se.

d) eram contemplados.

e) tinham sido contemplados.

Leia o texto a seguir para responder às questões 2 e 3.

Depois que se tinha fartado de ouro, o mundo teve fome de açúcar, mas o açúcar consumia escravos. O esgotamento das minas – que de resto foi precedido pelo das florestas que forneciam o combustível para os fornos –, a abolição da escravatura e, finalmente, uma procura mundial crescente, orientam São Paulo e o seu porto de Santos para o café. De amarelo, passando pelo branco, o ouro tornou-se negro.

Mas, apesar de terem ocorrido essas transformações que tornaram Santos num dos centros do comércio internacional, o local conserva uma beleza secreta; à medida que o barco penetra lentamente por entre as ilhas, experimento aqui o primeiro sobressalto dos trópicos. Estamos encerrados num canal verdejante. Quase podíamos, só com estender a mão, agarrar essas plantas que o Rio ainda mantinha à distância nas suas estufas empoleiradas lá no alto. Aqui se estabelece, num palco mais modesto, o contato com a paisagem.

O arrabalde de Santos, uma planície inundada, crivada de lagoas e pântanos, entrecortada por riachos estreitos e canais, cujos contornos são perpetuamente esbatidos por uma bruma nacarada, assemelha-se à própria Terra, emergindo no começo da criação. As plantações de bananeiras que a cobrem são do verde mais jovem e terno que se possa imaginar: mais agudo que o ouro verde

dos campos de juta no delta do Bramaputra, com o qual gosto de o associar na minha recordação; mas é que a própria fragilidade do matiz, a sua gracilidade inquieta, comparada com a suntuosidade tranquila da outra, contribuem para criar uma atmosfera primordial.

Durante cerca de meia hora, rolamos por entre bananeiras, mais plantas mastodontes do que árvores anãs, com troncos plenos de seiva que terminam numa girândola de folhas elásticas por sobre uma mão de 100 dedos que sai de um enorme lótus castanho e rosado. A seguir, a estrada eleva-se até os 800 metros de altitude, o cume da serra. Como acontece em toda parte nessa costa, escarpas abruptas protegeram dos ataques do homem essa floresta virgem tão rica que para encontrarmos igual a ela teríamos de percorrer vários milhares de quilômetros para norte, junto da bacia amazônica. Enquanto o carro geme em curvas que já nem poderíamos qualificar como " cabeças de alfinete", de tal modo se sucedem em espiral, por entre um nevoeiro que imita a alta montanha de outros climas, posso examinar à vontade as árvores e as plantas estendendo-se perante o meu olhar como espécimes de museu.

(Adaptado de: Lévi-Strauss, Claude. *Tristes Trópicos*. Coimbra, Edições 70, 1979, p. 82-3)

2. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

A alteração da voz do verbo poder, nas duas vezes em que ocorre no último parágrafo, deverá resultar nas seguintes formas, respectivamente:

a) se poderia – se pode

b) poder-se-ia – podem-se

c) poderiam-se – pode-se

d) se poderiam – podem-se

e) se poderiam – se pode

3. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

A frase que NÃO admite transposição para a voz passiva encontra-se em:

a) ... *o acesso das obras a um* status *estético que as exalta*. (2º parágrafo)

b) ... *elas protestam contra os fatos da realidade, os poderes*... (1º parágrafo)

c) *Muitas obras antigas celebram vitórias militares e conquistas*... (1º parágrafo)

d) *O museu, por retirar as obras de sua origem*... (3º parágrafo)

e) ... *a crítica mais comum contra o museu apresenta-o*... (3º parágrafo)

4. (Copergás/PE – Téc. Seg. Trabalho – FCC – Jul./2016 – Adaptada)

O segmento reescrito corretamente com a forma verbal sublinhada na voz passiva correspondente está em:

a) *A vida na Terra* <u>*enfrenta*</u> *perigos astronômicos*... / Perigos astronômicos são enfrentados pela vida na Terra...

b) *Não é sábio* <u>*manter*</u> *todos os novos ovos em uma cesta frágil*... / Não é sábio que se mantesse todos os novos ovos em uma cesta frágil...

c) *Mas antes de* <u>*projetar*</u> *naves espaciais*... / Mas antes que projetarão-se naves espaciais...

d) *Uma prioridade é desenvolver câmeras, instrumentos e sensores em miniatura.* / Uma prioridade é ser desenvolvido câmeras, instrumentos e sensores em miniatura.

e) ... *mas ainda enfrenta barreiras tecnológicas.* / ... mas ainda enfrentaram-se barreiras tecnológicas.

5. (Eletrobras/Eletrosul – Téc. Seg. Trab. – FCC – Jun./2016 – Adaptada)

Os revestimentos das paredes isolam o calor.

Essa oração está corretamente reescrita na voz passiva em:

a) Isola o calor os revestimentos das paredes.

b) O calor é isolado pelos revestimentos das paredes.

c) Isolam-se o calor ao ser revestido as paredes.

d) O calor é que isola os revestimentos das paredes.

e) Os revestimentos das paredes são isolado do calor.

6. (TRT14R – Téc. Jud. – Área Adminis. – FCC – Fev./2016)

O marechal organizou o acervo...

A forma verbal está corretamente transposta para a voz passiva em:

a) estava organizando

b) tinha organizado

c) organizando-se

d) foi organizado

e) está organizado

7. (Copergás/PE – Analista Administrador – FCC – Jul./2016)

Transpondo-se para a voz passiva a frase **Um dos guardas seguia a velhinha para que a flagrasse como contrabandista**, as formas verbais resultantes deverão ser

a) era seguida – fosse flagrada

b) tinha seguido – vir a flagrá-la

c) tinha sido seguida – se flagrasse

d) estava seguindo – se tivesse flagrado

e) teria seguido – tivesse sido flagrada

8. (Eletrobras/Eletrosul – Adm. Empres. – FCC – Jun./2016)

Transpondo-se para a voz **ativa** a frase ***Eficazes sistemas de irrigação teriam sido utilizados pelos antigos em suas culturas de cereais***, a forma verbal resultante deverá ser

a) seriam utilizados.

b) teriam utilizado.

c) foram utilizados.

d) utilizaram-se.

e) haveriam de utilizar.

Leia o texto a seguir para responder à questão 9.

Designado para fazer a crítica dos espetáculos líricos de setembro de 1846 a outubro do ano seguinte no **Jornal do Comércio**, Martins Pena se revelou um profundo conhecedor da arte cênica, tanto no que se refere à prática teatral (cenário, representação, maquinarias) quanto a sua história, sendo não raro seus incisivos argumentos a causa de grandes polêmicas no teatro representado na corte brasileira.

Pena ganhou evidência como comediógrafo a partir de 1838, ano em que foi encenada sua peça **O Juiz de Paz na Roça**. Embora tenha produzido alguns dramas (que lhe renderam duras críticas), destacou-se de fato pelas suas comédias e farsas, nas quais retratou a cultura e os costumes da sociedade do seu tempo.

Nas suas obras, Pena buscou uma tomada de consciência de um momento da história de nosso país, que recém adquiria uma limitada independência, e tentou pensar criticamente nossa cultura, com as restrições que o contexto impunha ao trabalho intelectual, desvencilhando-se da tradição clássica, das comédias francesas, do teatro lírico e do melodrama, para criar uma nova comédia com traços muito pessoais, o que lhe garantiu sucesso imediato em seu tempo e um significado ímpar na história do teatro brasileiro.

Disponível em: <www.questaodecritica.com.br> (com adaptações).

9. (INSS – Analista Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

Julgue o item subsequente, que versa sobre os sentidos e os aspectos linguísticos do texto acima, como Certo (C) ou Errado (E).

A substituição de " destacou-se" (l. 6) por foi destacado prejudicaria o sentido original do período.

Leia o texto a seguir para responder à questão 10.

Texto II

O índio não teve muita sorte na literatura brasileira, depois do Romantismo. Enquanto nas letras hispano-americanas viceja um esplêndido indigenismo pelo século XX adentro, com tantos e tão importantes criadores dedicando-se a transpor o índio para a ficção, no Brasil se podem contar nos dedos das mãos os casos.

Torna a trazer o assunto à baila o aparecimento e grande vendagem de **Maíra**, romance de Darcy Ribeiro. O renomado antropólogo já tinha em seu acervo de realizações uma respeitável brasiliana, incluindo vários trabalhos sobre os índios, um dos quais, a história de Uirá, fora transformado em filme no início da década de 70. **Maíra** é, portanto, a primeira incursão do autor pelo épico, a menos que se considere a história de Uirá como uma primeira aproximação ao gênero.

O relato, como o filme, dá conta do trágico percurso de Uirá, da tribo Urubu-Kaapor, no Maranhão deste século, o qual um dia fica *iñaron* quando, após muitas desgraças comuns ao destino dos índios brasileiros, como fome, espoliação, epidemias, perseguições, perde também um dos filhos.

A palavra tupi *iñaron* designa um estado de fúria sagrada, associado ao sofrimento excessivo, não deixando de lembrar as

famosas fúrias dos heróis gregos: Hércules, uma vez acometido por um desses acessos, enviado pela vingativa Hera, matou, sem o saber, seus três filhos e esposa, tal como vem narrado na tragédia **Héracles Furioso**, de Eurípedes. Nas **Bacantes**, do mesmo autor, Agave, fora de si, participa do desmembramento de seu filho adulto, Penteu, rei de Tebas. E talvez o mais formidável exemplo seja o da cólera de Aquiles, que dá nascimento à inteira composição da **Ilíada**, desencadeada por sua recusa a continuar lutando. Devido à recusa de Aquiles, quase foi perdida a guerra de Troia e, não fosse sua fúria, o poema não teria sido composto.

Em meio ao furacão histórico da fase do capitalismo selvagem no país, quando o acirramento da acumulação leva multinacionais e suas cabeças-de-ponte nacionais a apropriar-se dos mais recônditos confins com vistas ao lucro, encontram-se, estonteados, os índios. O único problema dos Mairum – nome inventado, tribo arquetípica de todas as tribos, povo de Maíra – é como sobreviver e como fazer sua cultura sobreviver, com crescente dificuldade.

O romance inteiro soa como uma lamentação, um carpir sobre o fim de uma civilização das mais admiráveis. Seus trechos mais bem realizados são aqueles nos quais uma espécie de narrador coletivo índio dá conta de sua maneira de ver o mundo, de como compreende e interpreta seus hábitos e tradições; e, o que é mais importante, franqueia para o leitor seu tremendo desejo de sobrevivência e alegria de viver.

A produção e publicação de um romance como esse, agora, mostra como o índio está mais vivo do que nunca em sua conexão com a literatura brasileira. Tampouco deve ser uma coincidência que, neste exato momento, outras ficções, filmes, romances, peças de teatro, novelas de televisão, canções, estejam sendo feitos, todos sobre os índios, todos lutando em defesa de sua preservação para a História. Quando há tanta desconfiança em relação à pulsão destrutiva da civilização ocidental e entre nós é tão escandaloso o capitalismo selvagem, isso pode vir a significar alguma coisa. Talvez uma postura mais cautelosa e menos arrogante, de quem está aprendendo a perceber que outras civilizações encontraram saídas melhores e, sobretudo, não suicidas para males que hoje parecem irremediáveis, como o problema do poder, da proliferação e potenciação dos armamentos, da destruição da natureza, do Estado e de seu aparelho, da igualdade nunca encontrada. A alegoria da moça branca morta ao parir mestiços mortos poderá significar também o caráter heteroletal e autoletal da etnia branca? Pode ser que a importância da civilização indígena esteja, final e penosamente, penetrando na consciência do corpo social brasileiro.

Walnice Nogueira Galvão. Indianismo revisitado. In: *Esboço de figura – Homenagem a Antonio Candido*. São Paulo: Duas Cidades, 1979, p. 379-89 (com adaptações).

10. (Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Acerca das relações semântico-sintáticas e do vocabulário do texto II, julgue (C ou E) o item seguinte.

Mantendo-se a correção gramatical do texto, o segmento “ fora transformado em filme” (l. 7) poderia ser reescrito da seguinte forma: “ foi transposto para o cinema”.

11. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016 – Adaptada)

Considere-se o seguinte trecho, que está construído na voz ativa e tem verbo transitivo: “ Eu olhava tudo”

O mesmo tipo de construção ocorre em:

a) O apelido de Clarice Lispector era Flor-de-Lis.

b) Clarice virou cidadã brasileira no ano de 1943.

c) Clarice é uma das escritoras mais importantes de nossa literatura.

d) O prêmio literário Jabuti foi duas vezes concedido a Clarice Lispector.

e) Os editores da época recusaram os textos muito reflexivos de Clarice.

Leia o texto a seguir para responder à questão 12.

O Subsecretário de Aduana e Relações Internacionais da Receita Federal comentou os resultados das atividades aduaneiras em 2013. De acordo com o Subsecretário, os números corroboram uma série de avanços nos processos administrados pela Receita Federal como, por exemplo, na questão de controle de exportações e importações. "Dentro da diretriz de ter mais agilidade, celeridade e transparência, conseguimos reduzir tempos de despacho aduaneiro tanto na exportação quanto na importação, e o destaque é que na exportação a redução do tempo foi da ordem de 34%".

Ressaltou ainda que houve melhora nos resultados de controle, com aumento nos valores de créditos lançados na auditoria, fiscalização e incremento no número de operações nas fronteiras do país. Ao longo de 2013, foram realizadas 2.999 operações de vigilância e repressão ao contrabando e descaminho. O número representa um crescimento de 11,9% em relação ao mesmo período de 2012. A apreensão total de mercadorias processadas pela Receita resultou em um montante de R$ 1,68 bilhão. Entre as mercadorias apreendidas encontram-se produtos falsificados, tóxicos, medicamentos, entre outros.

(Adaptado de: <http://www.receita.fazenda.gov.br/AutomaticoSRF/sinot/2014/02/11>. Acesso em: 17 mar. 2014.)

12. (ESAF – Receita Federal – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2014)

(Adaptada) Julgue a assertiva a seguir como "certa" ou "errada".

Prejudica-se a correção gramatical do período e a coerência textual ao se substituir "foram realizadas" (l. 9) por **realizaram-se**.

Gabarito: 1. b; 2. d; 3. b; 4. a; 5. b; 6. d; 7. a; 8. b; 9. C; 10. C; 11. E; 12. errada.

14.7. RESUMO

Bem, chegamos ao final deste tópico... Vamos sistematizar?

- Uma frase que admite transposição da ativa para a passiva é aquela que possui **VDT ou VTDI.**
- Diante de um "se" na frase, verifique a transitividade do verbo e tente **transportar tal frase para a passiva analítica. Em caso positivo, você estará diante de voz** passiva sintética e o "se" será pronome apassivador.
- **A voz passiva reescreve a ativa, com a diferença** de que a primeira enfatiza o objeto direto da segunda, que passa a funcionar como sujeito paciente.
- Na voz passiva, **não existe, portanto, objeto direto, e sim sujeito paciente, apesar de o verbo ter** transitividade direta. Por isso, atenção à concordância verbal na voz passiva sintética.

15 PERÍODO COMPOSTO

15.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Antes de tudo, vamos colocar uns pingos nos is... Você sabe a diferença entre frase, oração e período? Frase é qualquer enunciado que produza sentido. Pode ser **nominal** ("Oi!") ou **verbal** ("Cheguei!"). Já oração precisa possuir verbo: **oração é a frase verbal**. Lembra que, na escola, contávamos as orações pelo número de verbos: para cada verbo, uma oração... E o **período é a composição de orações**. Pode ser simples (nesse caso, a única oração que ele possui é a chamada oração absoluta) ou composto (com duas ou mais orações).

Observe uma assertiva, do estilo certo ou errado, de uma prova do Cespe-UnB, que buscava exatamente esse conceito:

> Um Brasil com desemprego zero. Um Brasil bem distante das estatísticas que apontam para uma taxa de desocupação em torno de 9%.
>
> 1) O primeiro período do texto tem natureza nominal.

O que é, portanto, ter natureza nominal? É não ter verbo. A assertiva é, portanto, verdadeira. Agora, caso se dissesse "O Brasil *possui* desemprego zero", aí seria uma frase verbal, e não nominal.

O período composto se subdivide em dois blocos: por **coordenação** e por **subordinação**. Lembra que, na escola, tínhamos o péssimo hábito de, para saber se o período era composto por coordenação ou subordinação, retirar uma das orações da frase para verificar se a sua ausência fazia realmente falta ao período? Se a oração saísse da frase e tudo ficasse bonito, então, ela era coordenada; no entanto, se retirada e fizesse falta, seria subordinada... Isso, por si só, não é muito estranho? Hoje, já não se deve ensinar assim. Observe:

15.2. ORAÇÕES COORDENADAS X ORAÇÕES SUBORDINADAS

> A diferença entre o período composto por coordenação e o período composto por subordinação é que as orações coordenadas só se relacionam entre si semanticamente, não sintaticamente. São independentes sob o ponto de vista sintático. Já as subordinadas recebem essa classificação por se subordinarem sintaticamente entre si.

Parece confuso? É simples: as orações coordenadas só possuem valor semântico entre si: adição, adversidade, explicação... No entanto, as subordinadas exercem função sintática (uma é sujeito da outra, objeto direto, adjunto adverbial...). Mas não é somente com base nesse critério que você vai classificar as orações. Existem outras formas ainda mais simples de você pensar. As conjunções, por exemplo, vão ajudar bastante na classificação das orações. Vamos então organizar esses conceitos?

No **período composto por coordenação**, tem-se, portanto, uma sequência de orações em que uma não exerce

função sintática da outra, ou seja: uma oração *não* é sujeito, objeto, complemento nominal, adjunto da outra. Veja um exemplo:

Encontrei meu amigo/ e cumprimentei-o.

Repare que há uma *independência* sintática, já que, ao analisarmos a primeira oração, verificamos que todos os seus *termos* (sujeito, objeto...) estão dentro dela mesmo, o mesmo ocorrendo com a segunda oração:

(Eu) – *sujeito* – encontrei – *verbo* – meu amigo – *objeto direto* / (Eu – *sujeito* – cumprimentei – *verbo* – o – *objeto direto*.)

No **período composto por subordinação**, o que se vê é uma sequência de orações em que uma é termo sintático da outra, ou seja: uma oração *é* sujeito, objeto, complemento nominal, adjunto da outra. Aqui, os termos da oração (sujeito, objeto, complemento nominal, adjuntos...) aparecem sob *forma de oração* – sujeito oracional, objeto oracional etc. Observe:

Desejo / que sejas feliz.

Nesse exemplo, há uma *dependência* sintática, pois o objeto direto do verbo *desejo* não se encontra na primeira oração, e sim na segunda.

(Eu – *sujeito* – desejo – *verbo* – (o quê?) / que sejas feliz – *objeto direto.)*

Vamos agora à divisão dessas orações. Em um quadro sucinto, teríamos:

– aditivas

– alternativas

• Orações coordenadas – adversativas

– conclusivas

– explicativas

• Orações subordinadas

– subjetivas

– objetivas diretas

– objetivas indiretas

– substantivas – completivas nominais

– predicativas

– apostivas

– agente da passiva

– causais

– comparativas

– concessivas

– adverbiais – condicionais

– conformativas

– consecutivas

– finais

– proporcionais

– temporais

– adjetivas – restritivas

– explicativas

Obs.: As orações coordenadas e as subordinadas podem aparecer sob forma *desenvolvida* – quando são introduzidas por *conjunção* ou *pronome relativo* – ou *reduzida* – quando aparecem verbos no *infinitivo*, no *gerúndio* ou no *particípio*.

15.2.1. Orações coordenadas

a) Assindéticas (sem conectivo):

Ex.: Não corra, não mate, não morra.

As orações coordenadas *assindéticas* não vêm com conectivo, com conjunção: Não corra, não mate, não morra.

b) Sindéticas (conectivas – vêm com conjunção e se dividem em):

• aditivas – exprimem ideia de soma, adição.

Ex.: Chegou [e se divertiu.]

A segunda oração *acrescenta* uma ação à ocorrida na primeira oração.

As principais conjunções são: e, nem, não só...mas também etc.

• adversativas – exprimem ideia de oposição, contraste, ressalva.

Ex.: Saiu cedo de casa, [mas chegou atrasado ao trabalho.]

A segunda oração contrasta com a informação da primeira. Se ele saiu cedo de casa, o normal seria *não* chegar atrasado.

As principais conjunções são: mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto etc.

• alternativas – exprimem ideia de alternância, escolha.

Ex.: Ora chovia, [ora fazia sol.] alternância

Fale agora, [ou se cale para sempre.] escolha

As principais conjunções são: ou, ou... ou, ora...ora, já...já, quer... quer etc.

• conclusivas – exprimem ideia de conclusão.

Ex.: Trabalhou muito, [logo foi recompensado.]

A segunda oração conclui algo mais ou menos esperado do que se afirmou na primeira.

As principais conjunções são: logo, portanto, por conseguinte, pois (quando vem posposto ao verbo) etc.

• explicativas – exprimem uma justificativa para o que se disse na outra oração.

Ex.: Aguarde um instante [pois estou chegando.]

A segunda oração explica, justifica o pedido feito na primeira.

As principais conjunções são: que, pois (antes do verbo), porque, porquanto etc.

Pelo que você deve estar percebendo, tudo isso nada mais é do que uma revisão do que estudamos lá no capítulo de conjunções. Por isso, vale sistematizar:

Para classificar uma oração coordenada, basta verificar a relação semântica entre as orações. Ela se subdivide em cinco tipos: aditiva, adversativa, alternativa, conclusiva e explicativa.

Antes de passarmos à classificação das orações subordinadas, vamos fixar um pouco esses conceitos?

Use o seguinte código para classificar as orações coordenadas destacadas abaixo:

(1) oração coordenada assindética;

(2) oração coordenada sindética aditiva;

(3) oração coordenada sindética alternativa;

(4) oração coordenada sindética adversativa;

(5) oração coordenada sindética conclusiva;

(6) oração coordenada sindética explicativa.

1. ( ) “Foi até a esquina, parou, tomou fôlego.”

Comentários: Aparecem, aqui, três orações sem estarem ligadas por conjunções. Todas são coordenadas assindéticas.

Resposta: 1.

2. ( ) Penso, *logo existo*.

Comentários: A segunda oração conclui uma afirmação feita na oração anterior.

Resposta: 5.

3. ( ) Comprou os ingressos, *porém não conseguiu assistir ao jogo.*

Comentários: O que se esperava na segunda oração era que ele conseguisse assistir ao jogo, já que comprou os ingressos. No entanto, isso *não* ocorreu.

Resposta: 4.

4. ( ) Venha *e fique à vontade.*

Comentários: Aqui, *dois* pedidos são feitos: *venha* e *fique*, um se soma ao outro.

Resposta: 2.

5. ( ) Chore, *porque alivia a dor.*

Comentários: A segunda oração *justifica* o pedido feito na anterior. Observe que a outra oração está com verbo no imperativo: isso pode ajudar a entender que a outra oração é a explicação para o conselho inicial.

Resposta: 6.

6. ( ) Ora falava sem parar, *ora se calava demoradamente.*

Comentários: As ações vão se alternando no tempo.

Resposta: 3.

7. ( ) O filho chegou *e a mãe nem notou.*

Comentários: O normal seria a mãe notar a chegada do filho, porém isso não ocorreu.

Resposta: 4.

Obs.: Essa última frase é um bom exemplo do que já mostramos na aula de conjunções: mais importante que decorar algumas conjunções é enxergar a *ideia* que se estabelece entre as orações. O *e* deste exemplo introduz um valor de *adversidade* em relação ao que se disse antes, e não adição.

15.2.2. Orações subordinadas

Agora, vamos às orações subordinadas. A oração que não possui o conectivo será chamada de oração *principal* e a

outra que se relaciona com ela será a *subordinada* (lembre-se de que, no período composto por coordenação, a oração que não tinha o conectivo era chamada de **coordenada assindética**? Aqui, em subordinação, o nome é **principal**). Quanto às subordinadas, elas se subdividem em três blocos:

a) Substantivas (equivalem a um substantivo, exercendo as funções próprias do substantivo)

Apresentam-se em forma *desenvolvida* (introduzidas pelas **conjunções integrantes que** ou **se** ou por **pronome indefinido**, **pronome** ou **advérbio interrogativo**) e em forma *reduzida* (infinitivo).

• **Subjetivas:** exercem a função sintática do sujeito.

Verbo na 3ª pessoa do singular (*convir, cumprir, importar, urgir, acontecer, parecer etc.*) seguidos de *que, se* ou de *infinitivo*.

Ex.: Urge [que chegues no horário.]

Expressões na voz passiva: *sabe-se, soube-se, diz-se, conta-se, é sabido, estava decidido etc.*

Ex.: Diz-se [que ela mentiu.]

Verbo de ligação mais predicativo: *é bom, é conveniente, está claro etc.*

Ex.: Está claro [que ela mentiu.]

Aqui vale uma dica:

Atenção: Quando o sujeito aparece sob forma de oração, normalmente aparecem essas construções (convém, importa, sabe-se, é sabido, é bom, está claro) na oração principal. A oração subordinada é sujeito da oração principal quando não se acha o sujeito da oração principal na oração principal.

Veja:

Ex.: Urge / que chegues no horário.

(or. princ.) (or. subord. subst. subjetiva)

A segunda oração é sujeito da primeira porque, ao se analisar a oração principal, não encontramos o sujeito de *urge* nessa oração: Ele urge? Alguém urge? Não tem sentido. O que se entende é: Urge isto (que chegues no horário). Na ordem, teríamos: Isto (= que chegues no horário) urge. O mesmo ocorre com os outros exemplos:

Ex.: Diz-se / que ela mentiu.

(or. princ.) (or. subord. subst. subjetiva)

Ele diz-se? Alguém diz-se?

Ou: Diz-se isto (= que ela mentiu) Na ordem:

Isto (= que ela mentiu) se diz.

Mais um exemplo:

Ex.: Está claro / que ela mentiu.

(or. princ.) (or. subord. subst. subjetiva)

Ou: Está claro isto (= que ela mentiu). Na ordem direta, teríamos:

Ex.: Isto (= que ela mentiu) está claro.

• **Objetivas diretas:** exercem a função de objeto direto.

Ex.: Espero [que ela volte logo.]

Não sei [se volto amanhã.]

Os **verbos** *espero* e *sei* são transitivos diretos. O complemento é o objeto direto.

Ex.: (Eu) Espero / que ela volte logo.

(or. princ.) (or. subord. subst. objetiva direta)

Ex.: (Eu) Não sei / se volto amanhã.

(or. princ.) (or. subord. subst. objetiva direta)

• **Objetivas indiretas**: exercem a função de objeto indireto.

Ex.: Necessito [de que me ajudem nesta tarefa.]

(or. princ.) (or. subord. subst. objetiva indireta)

O **verbo** *necessito* pede preposição obrigatória, é transitivo indireto. O complemento é o objeto indireto.

• **Completivas nominais**: exercem a função de complemento nominal.

Ex.: Tenho necessidade [de que me auxilies.]

(or. princ.) (or. subord. subst. completiva nominal)

Ex.: Tinha esperança [de que revelasses o segredo.]

(or. princ.) (or. subord. subst. completiva nominal)

Agora o que temos são os **nomes**, *necessidade* e *esperança*, que pedem preposição. O complemento de nome substantivo é complemento nominal.

• **Predicativas**: exercem a função de predicativo.

Ex.: Minha esperança é [que consiga esse emprego.]

(or. princ.) (or. subord. subst. predicativa)

Atenção: A oração subordinada é predicativa quando vem após um verbo de ligação.

- **Apositivas**: exercem a função de aposto.

Ex.: Havia uma esperança: [que contasse a verdade.]

(or. princ.) (or. subord. subst. apositiva)

A oração subordinada "que contasse a verdade" **explica** a *esperança* que havia. Aposto sob forma de oração.

- **Agente da passiva**: aparecem sem conjunção e são introduzidas por pronome indefinido, seguido de **por** ou **de**.

Ex.: Foi substituído [por quem o criticava.]

(or. princ.) (or. subord. subst. agente da passiva)

Foi substituído [por quem o criticava.]

A oração subordinada é o termo que **age** nesse período: *quem o criticava* é que o substitui.

Vamos sistematizar?

Uma boa dica para identificar facilmente uma oração substantiva é trocá-la por um substantivo ou por isto (pronome substantivo).
Após verificar que ela é subordinada substantiva, faça a análise sintática da oração principal: comece pelo verbo, pergunte por seu sujeito, seus objetos...

Vamos fixar os conceitos apreendidos?

Use o seguinte código para classificar as orações subordinadas substantivas destacadas:

(1) subjetiva;

(2) objetiva direta;

(3) objetiva indireta;

(4) completiva nominal;

(5) predicativa;

(6) apositiva;

(7) agente da passiva.

1. ( ) Reafirmo meu desejo: *que todos tenham boa sorte.*

Comentários: A oração destacada explica, esclarece o *desejo* apresentado na oração principal.

Resposta: 6.

2. ( ) Lembrou-se *de que a reunião fora adiada.*

Comentários: A oração subordinada completa um verbo transitivo indireto, vem com preposição obrigatória.

Resposta: 3.

3. ( ) É indispensável *que todos entendam o problema*.

Comentários: O sujeito do verbo da oração principal (*É*) não aparece na oração principal (Ele é indispensável?). Logo, o sujeito é toda a oração que se segue: "que todos entendam o problema". Isto é, "É indispensável isto (= que todos entendam o problema). Na ordem: Isto é indispensável.

(suj.)

Resposta: 1.

4. ( ) Tenho a impressão *de que mentiste para mim*.

Comentários: Observe que agora o termo preposicionado completa um substantivo (*impressão*), e não um verbo. Quem completa verbo é objeto; quem completa nome é complemento nominal.

Resposta: 4.

5. ( ) O pai esperava *que o filho reagisse.*

Comentários: A oração em destaque completa o sentido de um verbo transitivo direto, *não* pede preposição.

Resposta: 2.

6. ( ) O desejo da família era *que se formasse logo.*

Comentários: Temos neste período uma oração subordinada que se segue a um *verbo de ligação.* Aparecendo esse tipo de verbo, o que temos não é um objeto, e sim predicativo.

Resposta: 5.

7. ( ) Parece *que a decisão foi justa*.

Comentários: Agora, o que aparece após o verbo é o seu sujeito, pois na oração principal não encontramos o seu sujeito (Ele parece? Alguém?). Portanto, o sujeito do *parece* é toda a oração subordinada: *"Parece isto*. Na ordem: *"Isto parece"*.

(suj.)

Resposta: 1.

8. ( ) Peço a todos *que não se atrasem.*

Comentários: O verbo, nessa frase, pede dois complementos: um com preposição, objeto indireto (*a todos*) e outro sem preposição, objeto direto (*que não se atrasem*) sob forma de oração.

Resposta: 2.

b) Adverbiais: modificam o verbo, como um advérbio. Equivalem a um adjunto adverbial. São introduzidas pelas

conjunções subordinativas adverbiais (= orações desenvolvidas). Podem aparecer sob forma *reduzida* (de infinitivo, de gerúndio ou de particípio).

- **Causais**: indicam o *motivo*, a *razão* do que ocorre na oração principal.

Ex.: *Como chovia muito*, não fui à escola.

"Chover muito" foi o *motivo* que fez ele "não ir à escola".

As principais conjunções são: porque, como, já que, visto que, uma vez que...

- **Consecutivas**: indicam o *resultado* de uma ação.

Ex.: Gritou tanto *que perdeu a voz*.

Agora, "perder a voz" e o *resultado* de ter "gritado tanto", ou seja, a consequência.

As principais conjunções são: que (precedido de tão, tanto, tal), de modo que, de sorte que...

- **Concessivas**: exprimem sentido de *oposição, exceção*, *aceitar uma ideia oposta*.

Ex.: Foi à escola, *embora chovesse muito*.

Observe que o fato de "chover muito" não evitou a "ida à escola". Havia adversidade, mas não impediu que um fato ocorresse.

As principais conjunções são: embora, conquanto, mesmo que, ainda que, por mais que... Lembre-se de que, com elas, o verbo vem no subjuntivo.

- **Condicionais**: indicam uma *hipótese* para a realização de um fato.

Ex.: *Se vieres*, darei a festa.

Eu só "darei a festa" na *condição*, na *hipótese* de "vires".

As principais conjunções são: se, caso, desde que, contanto que...

- **Comparativas**: exprimem uma ideia de *comparação* entre dois termos.

Ex.: É inteligente *como o pai*.

Nesse período, a intenção é *comparar* a "inteligência do filho" com a "do pai". Nas comparativas, normalmente o verbo vem subentendido: "É inteligente como o pai (é)".

As principais conjunções são: como, que (antecedido de mais, menos), quanto, assim como...

- **Conformativas**: indicam a *conformidade* de um fato com outro.

Ex.: Não compareceu, *conforme se previa*.

De acordo com a previsão, ele *não compareceu.* Ou seja, não há contradição, já era algo esperado.

As principais conjunções são: como, conforme, consoante...

- **Finais**: indicam a *finalidade*, o *objetivo*.

Ex.: Comportaram-se *para que não fossem castigados*.

Aqui, havia um *objetivo*: "não ser castigado", por isso se comportaram.

As principais são: a fim de que, que, para que, porque...

- **Proporcionais**: relação entre duas ações em que uma delas acarreta *mudança* na outra.

Ex.: *À medida que o tempo passava*, ia ficando mais preocupado.

Nessa frase, observamos que "a preocupação ia aumentando" na mesma proporção que o "tempo passava".

As principais conjunções são: à medida que, à proporção que, ao passo que...

- **Temporais**: indicam o *momento* em que ocorre um fato.

Ex.: *Quando chegou*, todos o aplaudiram.

Os "aplausos" aconteceram no *momento* de sua chegada, indicando um tempo simultâneo.

As principais conjunções: quando, mal, enquanto, desde que, logo que...

Vale sistematizar: As orações subordinadas adverbiais são aquelas que indicam circunstâncias ao verbo da oração principal (tempo, causa, finalidade etc.) Uma forma simples de classificá-las é se guiar pelas conjunções que as iniciam: são as conjunções subordinativas adverbiais.

Antes de treinarmos, vamos falar do último bloco das orações subordinadas: **as orações subordinadas adjetivas**.

c) Adjetivas

Quanto às orações adjetivas, entenda que:

As orações adjetivas, por terem um valor adjetivo, referem-se ao substantivo da oração principal. Quando desenvolvidas, iniciam-se por um pronome relativo, que é conectivo que retoma o substantivo ou o pronome substantivo da oração principal. Podem aparecer sob forma reduzida (de infinitivo, de gerúndio ou de particípio).

Fácil reconhecê-las, não é? Saiba ainda que a oração adjetiva funciona como adjunto adnominal de um substantivo ou pronome da oração principal, ora tendo **função restritiva** (sem vírgulas), outras vezes com **função explicativa** (entre vírgulas). Assim:

"O homem / *que trabalha* / perde tempo precioso."

or. sub. adj. restritiva

Aqui, a oração em destaque refere-se ao substantivo *homem*, é seu adjunto adnominal e tem valor semântico de restrição: está-se falando aqui de um homem específico – o homem *que trabalha*, e não de qualquer homem. Agora, perceba a diferença para este outro exemplo:

Fernanda / *que é ótima aluna*, / obedece aos pais.

or. sub. adj. explicativa

Entenda que, nesse caso, a oração destacada também é adjunto adnominal do seu substantivo antecedente *Fernanda*, só que, agora, tem valor de explicação, é uma *informação adicional*, e não uma restrição. Por isso, a oração veio entre vírgulas.

A essa altura, você pode estar um pouco confuso com tantas informações: qual seria, então, a diferença entre a oração adjetiva restritiva e a explicativa? As duas têm, sintaticamente, a mesma função: são adjuntos adnominais, só que, *quanto ao sentido* são diferentes: uma restringe, a outra explica. Ou seja, a primeira se refere ao antecedente particularizando-o. A segunda se refere ao antecedente de maneira geral.

Após ter entendido bem o conceito de oração adjetiva, vale sistematizar:

Oração adjetiva é aquela que se inicia com pronome relativo (que, quem, o qual etc.).
Sintaticamente, ela será sempre um adjunto adnominal do substantivo antecedente.
Semanticamente, ela pode restringir (sem vírgulas) ou explicar (entre vírgulas, ou, se vier ao final do período, com uma vírgula e um ponto) esse substantivo. Daí, poder ser chamada de restritiva ou explicativa.

Agora sim, vamos treinar.

Use o código abaixo para classificar as orações subordinas adverbiais ou adjetivas destacadas:

(1) oração subordinada adverbial causal;

(2) oração subordinada adverbial consecutiva;

(3) oração subordinada adverbial concessiva;

(4) oração subordinada adverbial condicional;

(5) oração subordinada adverbial comparativa;

(6) oração subordinada adverbial conformativa;

(7) oração subordinada adverbial final;

(8) oração subordinada adverbial proporcional;

(9) oração subordinada adverbial temporal;

(10) oração subordinada adjetiva restritiva;

(11) oração subordinada adjetiva explicativa.

1. ( ) O que você faria *se ela entrasse por aquela porta*?

Comentários: A oração subordinada estabelece uma *condição* para o que se questiona na principal.

Resposta: 4.

2. ( ) *Antes que essa coluna fosse publicada*, tomei a decisão.

Comentários: A "tomada de decisão" se deu *antes* da publicação da coluna.

Resposta: 9.

3. ( ) "Coisas *que passaram* e pessoas *que perdi* estão comigo, nas belas memórias."

Comentários: Agora, o conectivo *que*, nas duas passagens, *retoma um antecedente*, é pronome relativo. Como não aparece vírgula antecedendo esses conectivos, restringem, particularizam os antecedentes.

Resposta: 10.

4. ( ) "Nossa aventura existencial terá mais ou menos chance *à medida que esse chão for confiável*."

Comentários: Ao se usarem os conectivos *à medida que*, *à proporção que*, *ao passo que*, o que se quer é estabelecer uma ideia de proporção.

Resposta: 8.

5. ( ) "Eu, *que ia escrever sobre viagens*, acabo escrevendo sobre música ruim."

Comentários: Mais um exemplo em que o conectivo *que* retoma um antecedente. Mas, ao se usarem as vírgulas, a finalidade é a de *explicar* o que "eu iria escrever".

Resposta: 11.

6. ( ) *Conquanto estivesse descontente*, não desistia do plano.

Comentários: O fato de "ele estar descontente" não impediu que insistisse no plano, ou seja, o obstáculo não impediu que um fato ocorresse.

Resposta: 3.

7. ( ) *Segundo previu o economista*, o mercado se estabilizou.

Comentários: O "mercado se estabilizou" *de acordo com* a previsão do economista.

Resposta: 6.

8. ( ) As vendas subirão, *uma vez que os juros baixaram*.

Comentários: É por *causa* de "os juros terem baixado" que as vendas subirão, relação de causa e efeito.

Resposta: 1.

9. ( ) A comida era tão boa *que todos silenciaram em volta da mesa*.

Comentários: O "silêncio" é a consequência de "a comida estar saborosa", ou seja, foi por causa disso que todos silenciaram.

Resposta: 2.

10. ( ) As mulheres sempre são mais maldosas *que os homens*.

Comentários: Entre essas duas orações, há a intenção de se *comparar* a *maldade* das mulheres com a dos homens, em um grau de superioridade.

Resposta: 5.

11. ( ) Faremos esforço, *para que não haja conflitos*.

Comentários: O "esforço" vai ser feito com a *finalidade* de "não haver conflitos."

Resposta: 7.

12. ( ) *Mal se sentou na cadeira presidencial*, passou a ver conspirações em tudo.

Comentários: A oração destacada mostra o *momento* em que "passou a ver conspirações": quando se sentou na cadeira presidencial.

Resposta: 9.

13. ( ) Os juros custam caro para o governo, *que é o maior devedor do país*.

Comentários: Mais um período em que o conectivo *que* retoma um *antecedente*, antecedido de vírgula.

Resposta: 11.

14. ( ) *Mesmo que insista no pedido*, não irei à posse do prefeito.

Comentários: O fato de "insistir no pedido" deveria ser suficiente para ele "ir à posse", porém isso *não* ocorre.

Resposta: 3.

15.3. AS FUNÇÕES SINTÁTICAS DO PRONOME RELATIVO

Como concursando é o cara que não tem paz nunca, vamos à próxima etapa: diante de uma oração adjetiva, é comum que as bancas perguntem ao aluno a função sintática do pronome relativo que a inicia. É exatamente isso: o

pronome relativo pode ser sujeito, objeto direto, complemento nominal etc., na oração adjetiva a que ele pertence. Para descobrir sua função, basta substituir o pronome relativo por seu antecedente e colocar a oração adjetiva na ordem direta. Observe:

"A verdade é tudo aquilo / que os políticos negam."

(= aquilo)

Organizando a frase: Os políticos negam aquilo. (= objeto direto)

Logo, o *que* será objeto direto.

Sabemos que não parece tão simples assim. Se análise sintática, por si só, já é um assunto muitas vezes complicado para o aluno, podemos imaginar o quanto pareça complexo ter de detectar a função sintática de um *que, cujo* etc.

Por isso, achamos melhor criar um passo a passo para você chegar à classificação do relativo, sem o risco de se confundir com as muitas informações que, na maioria das vezes, o período apresenta. Assim, leia com atenção nossas orientações:

Instruções para a classificação da função sintática do pronome relativo:
1. Isolar a oração adjetiva.
2. Destacar o pronome relativo presente na oração adjetiva e substituí-lo por seu antecedente na oração principal.
3. Colocar a oração adjetiva na ordem direta (sujeito → verbo → complementos).
4. Não confundir a função sintática do pronome relativo com a função do seu antecedente na oração principal.

Vamos treinar? Nas frases a seguir, classifique as orações adjetivas destacadas e dê a função sintática dos pronomes relativos que as iniciam:

1. "As pessoas que a gente ama deviam morrer com todas as suas coisas."

Comentários: Antecedente do relativo: *pessoas*. Colocando a oração adjetiva na ordem direta, teríamos: "a gente ama as pessoas". *Pessoas* é objeto direto do verbo *amar*. Logo, o *que* é objeto direto. Atenção para não confundir a função do *que* com a função sintática do substantivo *pessoas* na oração principal, que é sujeito da locução verbal *deviam morrer*. Por isso, é tão importante isolar a oração adjetiva: de outra forma, você poderia se perder na sua leitura e acabar por fazer a análise sintática da oração principal *As pessoas deviam morrer com todas as suas coisas*.

Resposta: que = objeto direto.

2. Aquele era o lugar onde as pessoas tomavam chá.

Comentários: O pronome relativo *onde* retoma o substantivo *lugar*. Na ordem direta, a oração adjetiva deve ficar: "as pessoas tomavam chá **no lugar**". Ora, *no lugar* traz ideia circunstancial ao verbo, sendo, portanto, seu adjunto adverbial de lugar. Aliás, como o pronome relativo *onde* indica circunstância de lugar, ele será sempre adjunto adverbial de lugar.

Resposta: onde = adjunto adverbial de lugar.

3. As roupas que ia vestir já estavam passadas.

Comentários: O pronome relativo *que* retoma o substantivo *roupas*. A oração adjetiva, na ordem direta, ficaria: "ia vestir *as roupas*". A expressão destacada é objeto direto do verbo *vestir*.

Resposta: que = objeto direto.

4. "Aqueles que aceitam ceder liberdades essenciais em troca de segurança temporária não merecem nem segurança nem liberdade."

Comentários: O pronome relativo retoma o pronome demonstrativo antecedente *aqueles*. A oração adjetiva já está na ordem direta. Substituindo o relativo por seu antecedente, teríamos: "*Aqueles* aceitam ceder liberdades essenciais...". *Aqueles* é sujeito do verbo *aceitam*. Logo, o pronome *que* tem a mesma função.

Resposta: que = sujeito.

5. Pelas alamedas, o que se ouvia era música americana.

Comentários: A palavra *que* retoma o demonstrativo *o* (= *aquilo*). Na ordem direta, a oração adjetiva ficaria "*Aquilo* se ouvia", que é o mesmo que "aquilo era ouvido" (voz passiva analítica). *Aquilo* é sujeito de ouvia, portanto, o *que* é sujeito. Cuidado com o pronome **se** apassivador, passe a frase para a passiva analítica, o que torna mais fácil a análise dos termos.

Resposta: que = sujeito.

6. É singular o grau de desinteresse que os alunos mostram pelo livro didático.

Comentários: O pronome *que* retoma o substantivo *grau* da expressão *grau de desinteresse*. Na ordem direta, teríamos: "os alunos mostram *o grau de desinteresse* pelo livro didático". O verbo *mostrar* é transitivo direto nessa frase. Logo, o *que* é objeto direto.

Resposta: que = objeto direto.

7. Prefiro o que ele foi ao que ele é.

Comentários: Muita calma agora... Vamos analisar cada oração adjetiva: na primeira, o *que* retoma o pronome demonstrativo *o* (= *aquilo*). Assim, na ordem direta, teríamos: "ele foi *aquilo*". Ora, diante do verbo de ligação *foi*, temos a certeza de que o *que* é predicativo do sujeito.

Verifique que o mesmo ocorre na outra oração adjetiva: o pronome *que* retoma o pronome demonstrativo *o* da combinação *ao*. Dessa forma, na ordem direta, a segunda oração adjetiva deve ficar assim: "ele é *aquilo*". De novo, um verbo de ligação (*é*): o pronome relativo é, novamente, predicativo do sujeito.

Resposta: 1º que = predicativo do sujeito./2º que = predicativo do sujeito.

8. A morte é a única coisa de que tenho medo.

Comentários: O pronome relativo *que* retoma *coisa*. Colocando a oração adjetiva na ordem direta, teríamos: "tenho medo *da coisa*". A expressão destacada refere-se ao substantivo *medo*, completa esse termo e tem valor passivo, é *seu complemento nominal*.

Resposta: que = complemento nominal.

9. "Aqueles a quem os deuses amam morrem jovens."

Comentários: O pronome relativo *quem* retoma o pronome demonstrativo *aqueles*. Na ordem direta, a oração adjetiva fica: "Os deuses amam *àqueles*." Você observou que o pronome *quem* veio antecedido da preposição *a*? Veja também que o verbo *amar* é *transitivo direto*, não pede preposição, mas ainda assim ela apareceu. É o objeto direto preposicionado: a preposição aparece para dar ênfase ao verbo.

Resposta: quem = objeto direto preposicionado.

10. A amiga com quem andas não é muito confiável.

Comentários: O pronome relativo *quem* retoma o substantivo *amiga*. Assim, a frase destacada, na ordem direta, ficaria: "Andas *com a amiga*". A expressão *com a amiga* indica circunstância de companhia para o verbo a qual se refere *andas*.

Resposta: quem = adjunto adverbial de companhia.

11. Chegou a pessoa por quem fui representado.

Comentários: O pronome *quem* retoma o substantivo *pessoa.* Na ordem direta, teríamos: "fui apresentado *pela pessoa*". Percebeu que a locução verbal *fui apresentado* indica que a frase está na voz passiva analítica (o sujeito *eu* sofre a ação, é paciente)? O termo *pela pessoa* é o elemento que age, que *exerce a ação na voz passiva*. É, portanto, o agente da passiva. Lembre-se de que você só substituiu o pronome *quem* pelo substantivo *pessoa* para saber a função sintática do relativo, e não do substantivo *pessoa.* Só estamos falando isso para lembrar que o relativo *quem* é que é o agente da passiva, e o substantivo *pessoa* é sujeito da oração principal "Chegou a pessoa". **Cada um terá a sua função sintática na oração a que pertence.**

Resposta: quem = agente da passiva.

12. A música de Noel, cuja repercussão vara os tempos, é dotada de grande variedade melódica.

Comentários: *Cuja* está substituindo o substantivo *música*, da expressão *A música de Noel.* Na ordem direta, teríamos: A repercussão *da música de Noel* vara os tempos. Perceba a ideia de posse que existe no termo *da música de Noel*, que se refere ao substantivo *repercussão*. Trata-se, portanto, de *adjunto adnominal*. Nas provas de concursos públicos, o pronome relativo *cujo* e suas variações (*cuja, cujos, cujas*) normalmente são adjuntos adnominais, pois indicam valor semântico de posse.

Resposta: cuja = adjunto adnominal.

13. Invento novas dificuldades a que dedico horas.

Comentários: A palavra *que* retoma o substantivo *dificuldades*. Na ordem direta, teríamos: "Dedico horas *às novas dificuldades*". Perceba a regência do verbo *dedicar:* quem dedica, nessa frase, dedica algo a alguém ou a alguma coisa; ele é transitivo direto e indireto. Seu objeto direto é o substantivo *horas* e seu objeto indireto, o pronome relativo *a que*.

Resposta: que = objeto indireto.

15.4. ORAÇÕES REDUZIDAS

Vamos concluir este capítulo com as **orações reduzidas**, que são aquelas que apresentam o seu verbo (principal ou auxiliar, este último nas locuções verbais) no **infinitivo**, **gerúndio** ou **particípio**. Elas recebem este nome – reduzidas – porque perderam a conjunção ou o pronome relativo. Observe:

É preciso seguir em frente. (reduzido de infinitivo)

Precisando de ajuda, chamou-me. (reduzido de gerúndio)

Chegada a hora, saiu rapidamente. (reduzida de particípio)

Precisando chegar na hora marcada, saiu voando. (reduzida de gerúndio, locução verbal)

Obs.: Em geral, uma oração reduzida pode ser reescrita em desenvolvida. (iniciada por conjunção ou pronome relativo)

Ex.: É preciso seguir em frente. (= É preciso que você siga em frente.)

Precisando de ajuda, chamou-me. (= Como precisava de ajuda, chamou-me.)

Chegada a hora, saiu rapidamente (= Quando chegou a hora, saiu rapidamente.)

Vamos ver isso na prática? Para cada frase a seguir, proceda da seguinte forma:

a) Desenvolva a oração reduzida.

Lembre-se de que desenvolver uma oração é acrescentar a conjunção ou o pronome relativo. Antes de escolher o conector adequado, verifique se ela é substantiva, adjetiva (referindo-se a um substantivo ou pronome antecedente na oração principal) ou adverbial (com ideia circunstancial).

b) Classifique a oração reduzida.

Não se esqueça de olhar para o verbo antes de classificar: ele virá na forma nominal (infinitivo/gerúndio/particípio). Se a oração apresentar locução verbal, é para o verbo auxiliar que você deverá olhar a fim de saber se a oração é reduzida de infinitivo, gerúndio ou particípio.

1. Sua palavra foi a primeira a perder o significado.

Comentários: A oração se refere ao termo antecedente (*primeira*), restringindo esse termo. Trata-se, portanto, de oração adjetiva; para desenvolvê-la, basta acrescentar o pronome relativo.

Assim, teríamos: "Sua palavra foi a primeira *que perdeu o significado*".

Resposta: oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de infinitivo.

2. Nada conseguindo, a mais nova fugiu.

Comentários: Veja que a oração em destaque indica circunstância de causa para aquela a que ela se refere. Assim, desenvolver essa oração significa acrescentar qualquer conjunção subordinativa adverbial causal (como, já que, visto que...). Uma sugestão: "Já que nada conseguira, a mais nova fugiu".

Resposta: oração subordinada adverbial causal reduzida de gerúndio.

3. "Se dependesse de mim, teria vetado a roda por não se parecer nada com o pé."

Comentários: Mais uma vez, um valor semântico de causa. Utilize, portanto, qualquer conjunção causal. Uma possível resposta: "Se dependesse de mim, teria vetado a roda, porque não se parece nada com o pé".

Resposta: oração subordinada adverbial causal reduzida de infinitivo.

4. "O liberalismo pensa estar defendendo o indivíduo ao negar a primazia do social ou ao dizer que uma sociedade é apenas um conjunto de ambições autônomas."

Comentários: A combinação *ao* normalmente indica tempo (= *quando*). Veja que as orações, de fato, indicam circunstância de tempo. Desenvolvendo-as, teríamos: "O liberalismo pensa estar defendendo o indivíduo quando nega a primazia do social ou quando diz que uma sociedade é apenas um conjunto de ambições autônomas".

Resposta: orações adverbiais temporais reduzidas de infinitivo.

5. Peço-te saíres da minha vida!

Comentários: Veja que a oração em destaque vale por um substantivo (= "Peço-te *isto*."). Ao desenvolvê-la, portanto, basta acrescentar a conjunção integrante *que*. Assim, teríamos: "Peço-te que saias da minha vida!"

Percebeu que o verbo *pedir* é transitivo direto e indireto e que a oração é o seu objeto direto?

Resposta: oração subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo.

6. Terminada a aula, todos se retiraram.

Comentários: A oração destacada indica circunstância de tempo à oração principal. Portanto, desenvolva-a acrescentando uma conjunção temporal (*quando, assim que, logo que* etc.). Uma sugestão: Assim que terminou a aula, todos se retiraram.

Resposta: oração subordinada adverbial temporal reduzida de particípio.

7. É preciso diminuir as distâncias sociais.

Comentários: Não é o mesmo que dizer "É preciso *isto*"? A oração em destaque é, portanto, substantiva. Desenvolva-a acrescentando uma conjunção integrante (*que*). Assim, teríamos: É preciso que diminuam as distâncias sociais.

Percebeu que ela é *sujeito* da oração principal ("*Isto* é preciso")?

Resposta: Oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo.

8. Há muitos alunos estudando com afinco.

Comentários: A oração destacada tem valor adjetivo: refere-se ao substantivo *alunos* da oração principal. Quando desenvolvida, deve-se iniciar, portanto, com pronome relativo. Dessa forma, teríamos: "Há muitos alunos que estudam com afinco".

Como ela vem sem vírgulas, restringe o substantivo antecedente, sendo, portanto, restritiva.

Resposta: oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de gerúndio.

9. Apesar de ser torcedor fanático, não vai aos estádios.

Comentários: *Apesar de* é locução prepositiva com valor de oposição, concessão. Lembre-se de que desenvolver a oração é substituir a preposição por uma conjunção de mesmo valor semântico. Caberia, aqui, qualquer conjunção subordinativa adverbial concessiva (*embora, conquanto, ainda que, se bem que* etc.). Assim, a oração desenvolvida poderia ser: Embora seja torcedor fanático, não vai aos estádios.

O valor semântico da oração não é de concessão? Então, ela é subordinada adverbial concessiva.

Resposta: oração subordinada adverbial concessiva reduzida de infinitivo.

15.5. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Classifique as orações coordenadas em destaque.

1. "Não desejo nada, não temo nada. Sou livre."

_____

2. Sente aqui, que precisamos conversar.

_____

3. "Dario abre a boca, move os lábios, não se ouve resposta."

_____

4. "Apaguei as luzes do carro e acelerei."

_____

5. Três quartos da população do Afeganistão não sabem ler nem escrever.

_____

6. A irmã mais nova dominava perfeitamente o inglês, pois estudara em escolas americanas.

_____

7. Eu odeio telefone celular, mas acabei tendo um, como todo mundo.

_____

8. Trabalhou com afinco durante anos naquela empresa e não obteve reconhecimento.

_____

9. Ora estava alegre, ora ficava calado em um canto.

_____

10. Eles se admiravam, contudo não se falavam.

_____

11. "As provas intrínsecas são criadas pelo orador; dependem, pois, de seu método e de seu talento pessoal."

_____

II. Classifique as orações subordinadas substantivas em destaque.

1. Quem fala em flor não diz tudo.

_____

2. Sou favorável a que o aprovem.

_____

3. Meu desejo é que você passe nos exames.

_____

4. Desejo-te isto: que sejas feliz.

_____

5. Lembre-se de que sonhos sem riscos produzem conquistas sem méritos.

_____

6. Parece claro que os juros falam mais alto.

_____

7. Não se sabe se ele agiu conforme as normas da empresa.

_____

8. Os indicadores econômicos mostram que não houve nenhuma catástrofe.

_____

9. "Muito acerta quem suspeita que sempre erra."

_____

10. O Banco Central calcula que algumas dezenas de novas instituições poderão gerir mais fundos de aposentadoria.

_____

11. Tenho necessidade de me apoiares nesta complicada situação.

_____

12. Ninguém nega que o país passou a viver um sério quadro de déficit público, a partir da crise asiática.

_____

13. Vejam como é bom ser feliz.

_____

14. Viu chegarem os convidados.

_____

15. "Lembre-se de que Deus está do lado."

_____

16. Não sei se a história é verdadeira.

_____

17. Naquele momento, teve a intuição de que entrara em uma aeronave errada.

_____

18. "Ainda nos é impossível estimar a importância de Saramago para o idioma português."

_____

19. Não imaginava onde estava entrando.

_____

20. Tem certeza de que essa é a sua casa?

_____

III. Classifique as orações subordinadas adjetivas e dê a função sintática do pronome relativo.

1. É melhor uma verdade que dói do que uma mentira que conforta.

_____

2. Os juros custam caro para o governo, que é o maior devedor do país.

_____

3. "Todo país onde não me entedio é um país que nada me ensina."

_____

4. "O contato com esse mundo de perfeição, beleza, coerência e racionalidade, que é o mundo da boa literatura, torna os leitores muito mais conscientes do mundo em que vivem."

_____

5. Noel Rosa procurou escrever sobre tudo quanto expressasse o jeito de ser carioca.

_____

6. Diga-me a hora em que ele virá para cá.

_____

7. Sabemos perfeitamente o que lhe acontece.

_____

IV. Classifique as orações subordinadas adverbiais destacadas.

1. As previsões de crescimento continuam mais baixas que as do ano passado.

_____

2. Se o cenário externo permitir, o governo ousará mais.

_____

3. Conforme previu o economista, o mercado estabilizou-se.

_____

4. O consumidor ficou inadimplente porque gastou mais do que podia.

_____

5. Eles compunham uma grande coleção, que foi se dispersando à medida que seus filhos se casavam.

_____

6. Era tal sua generosidade, que ouvia a todos.

_____

7. Falou alto para que todos escutassem.

8. Conquanto estivesse descontente, não desistia do plano.

9. "O ar da tia era tão jovem, a exortação tão meiga e cheia de um perdão antecipado, que ela achou ali uma confidente e amiga."

V. Classifique as orações subordinadas (substantivas, adjetivas ou adverbiais) destacadas.

1. É urgente reconhecer a necessidade de um trabalho mais efetivo com a palavra.

2. Quem tem a palavra detém o poder.

3. Mudar a sociedade é mudar o homem.

4. Sei que esperavas desde o início que eu te dissesse hoje o meu canto solene.

5. Sei que a única alma que eu possuo é mais numerosa que os cardumes do mar.

6. Basta que ele tenha existido para que a memória o corrompa com lembranças superpostas.

7. Não sei no que pensa.

8. A escola não está vencendo o desafio de alfabetizar funcionalmente a parcela da população que consegue chegar a ela.

9. Entende-se bem que D. Tonica observasse a contemplação dos dois.

10. Ao analisar o desempenho da economia brasileira, os empresários afirmaram que os resultados eram bastante razoáveis.

11. Se quiserem, serão beneficiados com a comenda.

12. Todos aqui sabem se eles virão ao culto esta noite?

13. É certo que as coisas melhorarão daqui em diante.

14. Alguém percebeu, logo, que tudo era uma farsa.

15. Dê-me a caixa que está sobre a mesa.

16. "Para amamentar o próprio filho, até que este complete seis meses de idade, terá a mulher direito, durante a jornada, a dois descansos especiais, de meia hora cada um."

17. Pergunte hoje a uma pessoa qualquer o que o Brasil precisa fazer para sair da crise.

18. Não me esquecerei de que, vigorando a lei, estará perdido.

19. A verdade é que preciso deste emprego.

20. "Devagar se vai ao longe, mas, quando se chega lá, não se encontra mais ninguém."

21. "Pensei que todas as pessoas deveriam sair por aí sem rumo, para poder achar o elo perdido em seu interior."

22. "Quem determina a maciez da cama é o nível de ansiedade da nossa mente."

VI. Classifique as orações reduzidas em destaque e desenvolva-as.

1. Criticar as viagens internacionais do Presidente da República ou de outros dirigentes parece despropositado.

2. "O Estado moderno, não obstante apresentar-se como um Estado minimalista, é potencialmente um Estado maximalista."

Gabarito: I – 1. oração coordenada assindética/oração coordenada assindética/oração coordenada assindética; 2. oração coordenada sindética explicativa; 3. oração coord. assindética, oração coord. assindética, oração coord. assindética; 4. oração coordenada sindética aditiva; 5. oração coordenada sindética aditiva; 6. oração coordenada sindética explicativa; 7. oração coordenada sindética adversativa; 8. oração coordenada sindética adversativa; 9. oração coordenada sindética alternativa; 10. oração coordenada sindética adversativa; 11. oração coordenada sindética conclusiva.

II – 1. oração subordinada substantiva subjetiva; 2. oração subordinada substantiva completiva nominal; 3. oração subordinada substantiva predicativa; 4. oração subordinada substantiva apositiva; 5. oração subordinada substantiva objetiva indireta; 6. oração subordinada substantiva subjetiva; 7. oração subordinada substantiva subjetiva; 8. oração subordinada substantiva objetiva direta; 9. oração subordinada substantiva subjetiva; 10. oração subordinada substantiva objetiva direta; 11. oração subordinada substantiva completiva nominal (reduzida de infinitivo); 12. oração subordinada substantiva objetiva direta; 13. oração subordinada substantiva subjetiva (reduzida de infinitivo); 14. oração subordinada substantiva objetiva direta (reduzida de infinitivo = Viu / que os convidados chegavam); 15. oração subordinada substantiva objetiva indireta (o uso da preposição, no objeto indireto sob forma de oração é facultativo); 16. oração subordinada substantiva objetiva direta; 17. oração subordinada substantiva completiva nominal; 18. oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo; 19. oração subordinada substantiva objetiva direta; 20. oração subordinada substantiva completiva nominal.

III

1. oração subordinada adjetiva restritiva / oração subordinada adjetiva restritiva

• função sintática do pronome relativo que: que = verdade / que = mentira.

Organizando: A verdade dói. Logo, o que = sujeito.

(sujeito)

A mentira conforta. Logo, o que = sujeito.

2. oração subordinada adjetiva explicativa

• função sintática do pronome relativo que: que = o governo.

Organizando: O governo é o maior devedor do país. Logo, o que = sujeito.

(sujeito)

3. oração subordinada adjetiva restritiva

• função sintática do pronome relativo onde: onde = país.

Organizando: (Eu) não me entedio no país. Logo, o onde = ajunto adverbial de lugar.

(adj.adv.)

4. oração subordinada adjetiva explicativa / oração subordinada adjetiva restritiva

• função sintática do pronome relativo que: que = esse mundo / que = o mundo

Organizando: Esse mundo é o mundo da boa leitura. Logo, o que = sujeito.

(sujeito)

(os leitores) vivem no mundo. Logo, o que = adjunto adverbial.

(adj.adv.)

5. oração subordinada adjetiva restritiva

• função sintática do pronome relativo quanto: quanto = tudo.

Organizando: Tudo expressava... Logo, o quanto = sujeito.

(sujeito)

6. oração subordinada adjetiva restritiva

• função sintática do pronome relativo que: (em)que = na hora.

Organizando: Ele virá para cá na hora. Logo, o que = adjunto adverbial de tempo.

(adj. adv.)

7. oração subordinada adjetiva restritiva

• função sintática do pronome relativo que: que = o (= aquilo).

Organizando: Aquilo lhe acontece. Logo, o que = sujeito.

(sujeito)

IV – 1. oração subordinada adverbial comparativa; 2. oração subordinada adverbial condicional; 3. oração subordinada adverbial conformativa; 4. oração subordinada adverbial causal; 5. oração subordinada adverbial proporcional; 6. oração subordinada adverbial consecutiva; 7. oração subordinada adverbial final; 8. oração subordinada adverbial concessiva; 9. oração subordinada adverbial consecutiva.

V – 1. oração subordinada substantiva subjetiva (reduzida de infinitivo); 2. oração subordinada substantiva subjetiva; 3. oração subordinada substantiva predicativa (reduzida de infinitivo); 4. oração subordinada substantiva objetiva direta / objetiva direta; 5. oração subord. adjetiva restritiva / oração subord. adverbial comparativa; 6. oração subordinada substantiva subjetiva / oração subordinada adverbial final; 7. oração subordinada adjetiva restritiva (que = o(=aquilo). Pensa naquilo); 8. oração subordinada adjetiva restritiva; 9.

oração subordinada substantiva subjetiva; 10. oração subordinada adverbial temporal (reduzida de infinitivo) / oração subordinada substantiva objetiva direta; 11. oração subordinada adverbial condicional; 12. oração subordinada substantiva objetiva direta; 13. oração subordinada substantiva subjetiva; 14. oração subordinada substantiva objetiva direta; 15. oração subordinada adjetiva restritiva; 16. oração subordinada adverbial final (reduzida de infinitivo) / oração subordinada adverbial temporal; 17. oração subordinada adjetiva restritiva (que = o(=aquilo)) / oração subordinada adverbial final (reduzida de infinitivo); 18. oração subordinada substantiva objetiva indireta (de que estará perdido) / oração subordinada adverbial temporal (reduzida de gerúndio – vigorando a lei); 19. oração subordinada substantiva predicativa; 20. oração subordinada adverbial temporal; 21. oração subordinada substantiva objetiva direta/oração subordinada adverbial final; 22. oração subordinada substantiva subjetiva.

VI

1. oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo

A crítica às viagens internacionais do Presidente da República ou de outros dirigentes parece despropositada.

2. oração subordinada adverbial concessiva reduzida de infinitivo

O Estado moderno, embora se apresente como um Estado minimalista, ...

15.6. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Vamos, então, apreciar algumas questões de concursos comentadas?

1. **(NCE/Eletrobras)** "Felipe lembrou-se da história do Rei do Oriente que, desejando conhecer a história da humanidade, recebeu de um sábio quinhentos volumes; ocupado com negócios de Estado, pediu-lhe que a condensasse"; os vocábulos sublinhados exercem, respectivamente, as funções de:

   a) sujeito / sujeito.

   b) sujeito / objeto direto.

   c) objeto direto / objeto direto.

   d) objeto direto / sujeito.

   e) objeto direto / objeto indireto.

   Comentários:

   Antes de tudo, lembre-se de isolar a oração adjetiva: *que recebeu de um sábio quinhentos volumes*. Para a sua leitura ficar mais fácil, pule a oração intercalada "desejando conhecer a história da humanidade". Assim, você olha somente para a oração adjetiva.

   O próximo passo é substituir o pronome relativo *que* por seu antecedente, que é o substantivo *Rei* da expressão *o Rei*

do Oriente. Agora, coloque a oração adjetiva na ordem direta: "*O Rei do Oriente* recebeu de um sábio quinhentos volumes". Vá ao verbo e pergunte por seu sujeito: "Quem recebeu quinhentos volumes de um sábio"? A resposta não é *o Rei do Oriente*? O pronome relativo *que* é, portanto, sujeito do verbo *receber*.

Já o pronome oblíquo *a* refere-se ao verbo *condensar*, que é transitivo direto. Trata-se, portanto, de seu objeto direto.

Resposta: B.

2. (Cesgranrio/Petrobras) Indique a frase a seguir em que o pronome relativo destacado não tem seu antecedente ou sua função sintática corretamente indicados.

a) "… 1994 entrará para a história como o ano em que o Brasil mostrou a sua cara…" – ano / adjunto adverbial.

b) "… deu-se conta da existência de um irmão siamês do Terceiro Mundo que, se morre e apodrece, leva o outro irmão consigo"… – Terceiro Mundo / sujeito.

c) "… habitante daquele lugar onde se matam pobres de fome e crianças à bala." – lugar / adjunto adverbial.

d) "Mas a espoleta final, que ajudou simbolicamente a desfraldar a bandeira da cidadania no País…" – espoleta / sujeito.

e) "… é esse desabrochar da cidadania que, a médio prazo, se transformará em pressão irresistível…" – desabrochar / sujeito.

Comentários:

Na letra A, o pronome relativo *que* retoma o substantivo *ano*. A frase na ordem direta, seria "O Brasil mostrou a sua cara *no ano*". A expressão em destaque indica circunstância de tempo ao verbo. É, de fato, adjunto adverbial de tempo.

Na letra B, o pronome relativo *que* retoma o substantivo *irmão*, que é núcleo da expressão *um irmão siamês do Terceiro Mundo*. Mais uma vez, siga o nosso conselho: para detectar a função sintática do relativo *que,* pule a oração intercalada que vem após esse relativo e coloque a oração adjetiva na ordem direta. Assim, teríamos "<u>O irmão siamês do Terceiro Mundo</u> leva o outro irmão consigo". O pronome relativo *que* é, portanto, sujeito do verbo *leva*. Mas não retoma a expressão *Terceiro Mundo,* e sim *um irmão siamês* do Terceiro Mundo. Quanto à função sintática, a alternativa está correta, mas quanto ao antecedente do relativo, não.

Quanto à letra C, nem perca tempo: o pronome relativo *onde* retoma, de fato, o substantivo antecedente *lugar*. Quanto à função sintática que esse relativo exerce, você já sabe que *onde* indica lugar. É, de fato, adjunto adverbial de lugar.

Na letra D, tanto o antecedente do relativo como a sua função sintática estão corretamente identificados: o pronome relativo *que* retoma o substantivo *espoleta*, que é núcleo da expressão *espoleta final*. Na ordem direta, a oração adjetiva ficaria: "*A espoleta final* ajudou simbolicamente a desfraldar a bandeira…". Logo, a expressão é sujeito do verbo *ajudar*.

A letra E está igualmente correta: o pronome *que* retoma *desabrochar,* que é o núcleo da expressão *o desabrochar da cidadania*. Colocando a oração adjetiva na ordem direta, teríamos: "O desabrochar da cidadania se transformará em pressão irresistível". A expressão grifada é, portanto, sujeito do verbo *transformar.*

Resposta: B.

3. (TRF) A opção em que melhor se justifica a vírgula empregada no trecho a seguir é: "O acordo visa à criação da Área de Livre Comércio Sul-Americana (ALCSA), que estaria plenamente constituída em 2005." (GUTIÉRREZ, Estella, O livre mercado sul-americano.)

a) Separa oração subordinada adjetiva explicativa.

b) Separa oração subordinada adverbial consecutiva.

c) Separa oração subordinada adjetiva restritiva.

d) Separa oração subordinada substantiva apositiva.

e) Separa oração coordenada sindética explicativa.

Comentários:

Observe que a oração a ser classificada iniciou-se com um pronome relativo (*que*) que retoma o substantivo antecedente *Área,* da expressão *Área de Livre Comércio Sul-Americana (ALCSA).* Ora, se a oração se inicia com pronome relativo e também retoma um substantivo antecedente, ela é uma oração adjetiva, e, se vem antecedida de vírgula, ela deve ser classificada como oração subordinada adjetiva explicativa. Muitos marcaram a letra D na prova, achando que tudo que vem entre vírgulas é aposto, mas não esqueça: se a oração se inicia com pronome relativo, ela é adjetiva, jamais poderia ser substantiva apositiva.

Resposta: A.

4. (Cespe-UnB – Inca/2010) *Sua metodologia é simples – por meio de conversas frequentes com a família, o voluntário receita cuidados básicos para evitar que a criança morra por falta de conhecimento, como os hábitos de higiene, a administração do soro caseiro e a adoção da farinha de multimistura na alimentação,* **que se tornou uma solução simples e emblemática contra a desnutrição**. *Mas o seu segredo é um só: a persistência.*

Julgue a assertiva a seguir de acordo com o texto acima:

O trecho "que se tornou uma solução simples e emblemática contra a desnutrição" está precedido por vírgula porque se trata de um trecho com função restritiva.

Comentários:

Mais uma oração que se inicia com pronome relativo e se refere ao substantivo *farinha*, que é núcleo da expressão *farinha de multimistura*. Como ela se refere a um substantivo antecedente, deve ser classificada como adjetiva, e, por vir iniciada por vírgula, é explicativa, e não restritiva como a banca sugere.

Resposta: errada.

A seguir, algumas assertivas retiradas de provas aleatórias do Cespe-UnB para você perceber a forma como a banca apresenta esse tipo de questão. Cada alternativa vem antecedida por seu respectivo texto. Resolvi numerá-las para tornar mais fácil a correção:

A sentença determina, entre outras 7 medidas, que as penitenciárias somente acolham presos que residam em um raio de 200 km. Segundo o juiz, as medidas que tomou são previstas pela Lei de Execução Penal e objetivam acabar com a violação dos direitos humanos da população carcerária e "abrir o debate a respeito da regionalização dos presídios".

Ele alega que muitos presos das penitenciárias da região são de famílias pobres da Grande São Paulo, que não dispõem de condições financeiras para visitá-los semanalmente, o que prejudica o trabalho de reeducação e de ressocialização. Sua sentença foi muito elogiada. Contudo, o governo estadual anunciou que irá recorrer ao Tribunal de Justiça, sob a alegação de que, se os estabelecimentos penais não puderem receber mais presos, os juízes das varas de execuções não poderão julgar réus acusados de crimes violentos, como homicídio, latrocínio, sequestro ou estupro.

1. As orações subordinadas "que as penitenciárias somente acolham presos", "que tomou" e "que irá recorrer ao Tribunal de Justiça" desempenham a função de complemento do verbo.

Falara com voz sincera, exaltando a beleza da paisagem e revelando que, se dependesse só dele, passaria o resto da vida ali, morreria na varanda, abraçado à visão do rio e da floresta. Era isso o que mais queria, se Alícia estivesse ao seu lado.

2. As orações "se dependesse só dele" e "se Alicia estivesse ao seu lado" estabelecem circunstância de condição em relação às orações às quais se subordinam.

Se a humanidade quiser a paz efetiva, deve estar disposta a remover tudo aquilo que a impede. E a buscar tudo aquilo que a possibilita. Antes de tudo, remover a falsa paz: A paz concordista que aceita, com tolerância descabida, situações injustas.

3. A oração "Se a humanidade quiser a paz efetiva" estabelece uma relação de condição.

Sua sentença foi muito elogiada. Contudo, o governo estadual anunciou que recorrerá ao Tribunal de Justiça, sob a alegação de que, se os estabelecimentos penais não puderem receber mais presos, os juízes das varas de execuções não poderão julgar réus acusados de crimes violentos, como homicídio, latrocínio, sequestro ou estupro.

4. Na linha 1, o emprego da conjunção "Contudo" estabelece uma relação de causa e efeito entre as orações.

Não parecia estar no iate, e sim em sua casa, em Manaus: sentado, pernas e pés juntos, tronco ereto, a cabeça oscilando, como se fizesse um não em câmera lenta.

5. A oração "como se fizesse um não em câmera lenta" expressa uma comparação estabelecida pelo narrador.

Com os olhos pestanejando de curiosidade, no começo de sua miopia, ele se indagava por que uma vez conseguia

mover a família, e outra vez não.

6. No trecho "ele se indagava", o termo "se" estabelece uma condição à realização da ação.

O fogo começa com pequenas queimadas feitas para abrir pastagens e acaba atingindo áreas de preservação. Os bombeiros levaram 11 dias para controlar o fogo no Parque Nacional da Chapada dos Guimarães.

7. Em suas duas ocorrências, a preposição "para" introduz orações que têm o sentido de finalidade.

Comentários:

Assertiva n. 1: Em "A sentença determina que as penitenciárias somente acolham presos", observe que a oração sublinhada é objeto direto do verbo determinar, que é transitivo direto. Quanto à segunda oração, verifique que ela se inicia com um pronome relativo *que*, o qual está retomando o substantivo antecedente *medidas* ("as medidas que tomou"). Trata-se, portanto, de uma oração subordinada adjetiva restritiva, que é adjunto adnominal do substantivo, e não complemento do verbo como a banca sugere. A terceira oração, por sua vez, faz o mesmo que a primeira: é objeto direto do verbo *anunciar* ("... o governo estadual anunciou que irá recorrer ao Tribunal de Justiça"). Dessa forma, a primeira e a terceira orações são, de fato, complementos de verbos (objetos diretos), mas a segunda não.

Resposta: errada.

Assertiva n. 2: A classificação das orações está diretamente ligada à classificação das conjunções que as iniciam. Nesse caso, ambas as conjunções são subordinativas adverbiais condicionais, o que faz com que as orações que elas iniciam sejam subordinadas adverbiais condicionais.

Resposta: certa.

Assertiva n. 3: Mais uma vez, uma conjunção condicional. Veja como o próprio verbo no subjuntivo (*quiser*) contribui para que você perceba o valor de condição da oração. Observe que a banca nem se preocupou com o nome completo da oração (oração subordinada adverbial condicional), e sim com o valor semântico que ela indica (*relação de condição*).

Resposta: certa.

Assertiva n. 4: Causa e efeito só haveria se a conjunção fosse adverbial *causal* ou adverbial *consecutiva*. *Contudo* é conjunção coordenativa adversativa, que indica oposição, ressalva. Logo, o valor semântico que se estabelece entre as informações não é de causa e efeito, e sim de oposição.

Resposta: errada.

Assertiva n. 5: Mais uma vez, a conjunção ajudando você a classificar a oração. Observe que o conector *como* tem o mesmo valor que *do mesmo modo que*, *da mesma forma que*: ele estabelece *comparação* entre as informações. A oração que ele inicia é, portanto, oração subordinada adverbial comparativa.

Resposta: certa.

Assertiva n. 6: Desta vez, o *se* nem é conjunção. Observe como ele tem valor semântico de *a si mesmo*: "Ele se indagava (= ele indagava a si mesmo)". Não há ideia de condição. Trata-se de um pronome reflexivo.

Resposta: errada.

Assertiva n. 7: Ambas as preposições têm valor semântico de *a fim de*, *com a finalidade de*, sendo, de fato, finais. As orações que elas iniciam são orações subordinadas adverbiais finais.

Resposta: certa.

15.7. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

Leia o texto a seguir para responder às questões 1 e 2.

Depois que se tinha fartado de ouro, o mundo teve fome de açúcar, mas o açúcar consumia escravos. O esgotamento das minas – que de resto foi precedido pelo das florestas que forneciam o combustível para os fornos –, a abolição da escravatura e, finalmente, uma procura mundial crescente, orientam São Paulo e o seu porto de Santos para o café. De amarelo, passando pelo branco, o ouro tornou-se negro.

Mas, apesar de terem ocorrido essas transformações que tornaram Santos num dos centros do comércio internacional, o local conserva uma beleza secreta; à medida que o barco penetra lentamente por entre as ilhas, experimento aqui o primeiro sobressalto dos trópicos. Estamos encerrados num canal verdejante. Quase podíamos, só com estender a mão, agarrar essas plantas que o Rio ainda mantinha à distância nas suas estufas empoleiradas lá no alto. Aqui se estabelece, num palco mais modesto, o contato com a paisagem.

O arrabalde de Santos, uma planície inundada, crivada de lagoas e pântanos, entrecortada por riachos estreitos e canais, cujos contornos são perpetuamente esbatidos por uma bruma nacarada, assemelha-se à própria Terra, emergindo no começo da criação. As plantações de bananeiras que a cobrem são do verde mais jovem e terno que se possa imaginar: mais agudo que o ouro verde dos campos de juta no delta do Bramaputra, com o qual gosto de o associar na minha recordação; mas é que a própria fragilidade do matiz, a sua gracilidade inquieta, comparada com a suntuosidade tranquila da outra, contribuem para criar uma atmosfera primordial.

Durante cerca de meia hora, rolamos por entre bananeiras, mais plantas mastodontes do que árvores anãs, com troncos plenos de seiva que terminam numa girândola de folhas elásticas por sobre uma mão de 100 dedos que sai de um enorme lótus castanho e rosado. A seguir, a estrada eleva-se até os 800 metros de altitude, o cume da serra. Como acontece em toda parte nessa costa, escarpas abruptas protegeram dos ataques do homem essa floresta virgem tão rica que para encontrarmos igual a ela teríamos de percorrer vários milhares de quilômetros para norte, junto da bacia amazônica. Enquanto o carro geme em curvas que já nem poderíamos qualificar como "cabeças de alfinete", de tal modo se sucedem em espiral, por entre um nevoeiro que imita a alta montanha de outros climas, posso examinar à vontade as árvores e as plantas estendendo-se perante o meu olhar como espécimes de museu.

(Adaptado de: Lévi-Strauss, Claude. *Tristes Trópicos*. Coimbra, Edições 70, 1979, p. 82-3)

1. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

No primeiro período do segundo parágrafo, as duas orações que não se subordinam a nenhuma outra contêm os seguintes

verbos:

a) conserva – experimento

b) terem ocorrido – conserva

c) tornaram – penetra

d) tornaram – experimento

e) conserva – penetra

2. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

As orações reduzidas ... para encontrarmos igual a ela... (4º parágrafo) e ... estendendo-se perante o meu olhar... (último parágrafo), no contexto em que ocorrem, podem ser distendidas da seguinte forma:

a) para que tivéssemos encontrado igual a ela / de modo que se estendem perante o meu olhar

b) para que encontremos igual a ela / as quais se estendem perante o meu olhar

c) para que encontrássemos igual a ela / que se estendem perante o meu olhar

d) para que encontrássemos igual a ela / quando se estendem perante o meu olhar

e) para que encontremos igual a ela / desde que se estendam perante o meu olhar

Leia o texto a seguir para responder à questão 3.

Estava mal chegando a São Paulo, quando um repórter me provocou: " Mas como, Chico, mais um samba? Você não acha que isso já está superado?". Não tive tempo de me defender ou de atacar os outros, coisa que anda muito em voga. Já era hora de enfrentar o dragão, como diz o Tom, enfrentar as luzes, os cartazes, e a plateia, onde distingui um caro colega regendo um coro pra frente, de franca oposição. Fiquei um pouco desconcertado pela atitude do meu amigo, um homem sabidamente isento de preconceitos. Foi-se o tempo em que ele me censurava amargamente, numa roda revolucionária, pelo meu desinteresse em participar de uma passeata cívica contra a guitarra elétrica. Nunca tive nada contra esse instrumento, como nada tenho contra o tamborim. O importante é Mutantes e Martinho da Vila no mesmo palco.

Mas, como eu ia dizendo, estava voltando da Europa e de sua música estereotipada, onde samba, toada etc. são ritmos virgens para seus melhores músicos, indecifráveis para seus cérebros eletrônicos. " Só tenho uma opção, confessou-me um italiano – sangue novo ou a antimúsica. Veja, os Beatles, foram à Índia..." Donde se conclui como precipitada a opinião, entre nós, de que estaria morto o nosso ritmo, o lirismo e a malícia, a malemolência. É certo que se deve romper com as estruturas. Mas a música brasileira, ao contrário de outras artes, já traz dentro de si os elementos de renovação. Não se trata de defender a tradição, família ou propriedade de ninguém. Mas foi com o samba que João Gilberto rompeu as estruturas da nossa canção. E se o rompimento não foi universal, culpa é do brasileiro, que não tem vocação pra exportar coisa alguma.

Quanto a festival, acho justo que estejam todos ansiosos por um primeiro prêmio. Mas não é bom usar de qualquer recurso, nem se deve correr com estrondo atrás do sucesso, senão ele se assusta e foge logo. E não precisa dar muito tempo para se perceber " que nem toda loucura é genial, como nem toda lucidez é velha".

(Adaptado de: HOLANDA, Chico Buarque de, apud Adélia B. de Menezes, *Desenho Mágico*: Poesia e Política em Chico Buarque, São Paulo, Ateliê, 2002, p. 28-29)

3. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

Considere as afirmativas abaixo.

I. O termo " coisa" (1º parágrafo) pode ser substituído por " o" com função de pronome, uma vez que, no período, retoma o segmento que o antecede.

II. As orações " de atacar os outros" (1º parágrafo) e " de defender a tradição" (2º parágrafo) servem de complemento ao sentido do verbo a que se referem.

III. Na frase *Mas foi com o samba que João Gilberto rompeu...* (2º parágrafo), o pronome " que" retoma " samba", além de ser elemento subordinante a introduzir uma nova oração.

Está correto o que consta de

a) II e III, apenas.

b) I, II e III.

c) I e II, apenas.

d) I, apenas.

e) III, apenas.

4. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016 – Adaptada)

A violência de que participavam, ou que combatiam, é esquecida. O museu parece assim desempenhar um papel de pacificação social.

Mantendo-se, em linhas gerais, o sentido original, caso a segunda frase seja subordinada à primeira, o período resultante será:

a) Como a violência de que participavam, ou que combatiam, é esquecida, o museu parece desempenhar um papel de pacificação social.

b) A violência de que participavam, ou que combatiam, é esquecida, de maneira que o museu parece desempenhar um papel de pacificação social.

c) A violência de que participavam, ou que combatiam, é esquecida; portanto, o museu parece desempenhar um papel de pacificação social.

d) O museu parece desempenhar um papel de pacificação social, uma vez que a violência de que participavam, ou que combatiam, é esquecida.

e) Conquanto o museu pareça desempenhar um papel de pacificação social, a violência de que participavam, ou que combatiam, é esquecida.

5. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016 – Adaptada)

Na frase *Diante de cada crítica escandalizada dirigida ao museu, seria interessante desvendar* <u>*que valor foi previamente sacralizado*</u>, a oração sublinhada complementa o sentido de

a) um substantivo, e pode ser considerada como interrogativa indireta.

b) um verbo, e pode ser considerada como interrogativa direta.

c) um verbo, e pode ser considerada como interrogativa indireta.

d) um substantivo, e pode ser considerada como interrogativa direta.

e) um advérbio, e pode ser considerada como interrogativa indireta.

Leia o texto a seguir para responder à questão 6.

Levantou-se da cama o pobre namorado sem ter conseguido dormir. Vinha nascendo o Sol.

Quis ler os jornais e pediu-os.

Já os ia pondo de lado, por haver acabado de ler, quando repentinamente viu seu nome impresso no **Jornal do Comércio**.

Era um artigo *a pedido* com o título de **Uma Obra-Prima**.

Dizia o artigo:

Temos o prazer de anunciar ao país o próximo aparecimento de uma excelente comédia, estreia de um jovem literato fluminense, de nome Antônio Carlos de Oliveira.

Este robusto talento, por muito tempo incógnito, vai enfim entrar nos mares da publicidade, e para isso procurou logo ensaiar-se em uma obra de certo vulto.

Consta-nos que o autor, solicitado por seus numerosos amigos, leu há dias a comédia em casa do Sr. Dr. Estêvão Soares, diante de um luzido auditório, que aplaudiu muito e profetizou no Sr. Oliveira um futuro Shakespeare.

O Sr. Dr. Estêvão Soares levou a sua amabilidade ao ponto de pedir a comédia para ler segunda vez, e ontem ao encontrar-se na rua com o Sr. Oliveira, de tal entusiasmo vinha possuído que o abraçou estreitamente, com grande pasmo dos numerosos transeuntes.

Da parte de um juiz tão competente em matérias literárias este ato é honroso para o Sr. Oliveira.

Estamos ansiosos por ler a peça do Sr. Oliveira, e ficamos certos de que ela fará a fortuna de qualquer teatro.

O amigo das letras.

Machado de Assis. A mulher de preto. In: *Contos fluminenses*. São Paulo: Globo, 1997 (com adaptações).

6. (INSS – Analista Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

Acerca de aspectos linguísticos do texto, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Na linha 11, o vocábulo " que" classifica-se como conjunção e introduz o sujeito da oração " Consta-nos".

Leia o texto a seguir para responder à questão 7.

A soberania popular pode ser exercida, juridicamente, por meio de três modelos: democracia participativa ou direta, democracia representativa ou indireta e democracia semidireta. Na democracia direta, o povo participa diretamente da vida política do Estado, exercendo os poderes governamentais, fazendo leis, administrando e julgando. É, pois, aquela em que o povo exerce de modo imediato as funções públicas. Na democracia indireta ou representativa, o povo não exerce seu poder de modo imediato, mas por meio de seus representantes, eleitos periodicamente, a quem são delegadas as funções de governo. A democracia representativa pressupõe um conjunto de instituições que disciplinam a participação popular no processo político, que formam os direitos políticos que qualificam a cidadania, como, por exemplo, as eleições, o sistema eleitoral, os partidos políticos; enfim, mecanismos disciplinadores para a escolha dos representantes do povo. Na democracia semidireta, são assegurados

instrumentos de participação direta do povo nas funções de governo. Esses instrumentos de participação dão ao povo, conservadas, embora em parte, as formas representativas, a palavra final relativa a todo o ato governativo. Como exemplo desses instrumentos, podem ser citados o referendo e o plebiscito.

Disponível em: <www.planalto.gov.br> (com adaptações).

7. (TRE/MS – Técnico – Cespe – Jan./2013)

O sujeito da oração cujo núcleo do predicado é a forma verbal " formam" (l. 8) é

a) o pronome " que" imediatamente antecedente.

b) oculto.

c) indeterminado.

d) a expressão " um conjunto de instituições" (l. 7).

e) a expressão " os direitos políticos" (l. 8).

Leia o texto a seguir para responder à questão 8.

Se a Dinamarca tivesse seguido a corrente rodoviária dominante desde a década de 60 do século passado, nunca viraria um modelo de planejamento urbano. Em uma época em que parecia fazer mais sentido priorizar o trânsito de carros, Copenhague apostou na criação da primeira rua para pedestres do país. Antes de se tornar o maior calçadão da Europa, com um quilômetro de extensão, a Strøget era uma rua comercial dominada por automóveis, assim como todo o centro da cidade. O arquiteto por trás da iniciativa, Jan Gehl, acreditava que os espaços urbanos deveriam servir para a interação social. Na época, foi criticado pela imprensa e por comerciantes, que ponderavam que as pessoas não passariam muito tempo ao ar livre em uma capital gélida. Erraram. As vendas triplicaram, e a rua de pedestres foi ocupada pelos moradores. A experiência reforçou as convicções de Gehl, que defende o planejamento das cidades para o usufruto e o conforto das pessoas.

Camilo Gomide. Cidades prazerosas. In: *Planeta*, fev./2014 (com adaptações).

8. (ICMBIO – Superior – Cespe – Maio/2014)

Julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Nas sequências " acreditava que os espaços urbanos" (l. 6) e " ponderavam que as pessoas não passariam" (l. 7), o " que" introduz complementos oracionais para as formas verbais " acreditava" e " ponderavam".

9. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

Em todos os segmentos abaixo há exemplos de formas de gerúndio; o valor semântico de uma dessas formas que está corretamente indicado é:

a) " Está para chegar ao mercado um apetrecho que transforma o celular num verdadeiro laboratório de análises clínicas, <u>realizando</u> mais de 50 exames a uma fração do custo atual" / finalidade;

b) " Também é possível, <u>adquirindo</u> lentes que custam centavos, transformar o smartphone num supermicroscópio" / meio;

c) " ..., fará com que as pessoas administrem mais sua própria saúde, <u>recorrendo</u> ao médico em menor número de ocasiões" / modo;

d) " <u>Dando</u> algum desconto para as previsões,..." / concessão;

e) “ Concordando com as linhas gerais do pensamento de Topol” / tempo.

10. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

“ A comunicação entre as redes internacionais ligadas ao crime organizado são realizadas para negociar armas e drogas.”

A oração reduzida sublinhada teria como forma nominalizada equivalente:

a) para que se negociem armas e drogas;

b) para a negociação de armas e drogas;

c) para que sejam negociadas armas e drogas;

d) para que se negociassem armas e drogas;

e) para o negócio de armas e drogas ser realizado.

11. (Compesa – An. Gest. Médico do Trabalho – FGV – Jul./2016)

Muitas orações se estruturam na forma reduzida – com formas verbais no particípio, gerúndio ou infinitivo; nas frases a seguir, pretendeu-se reescrever as formas reduzidas de infinitivo sublinhadas em forma de orações desenvolvidas.

Assinale a opção que indica a frase em que essa reescritura foi feita de forma adequada.

a) “ *É melhor acender uma vela do que amaldiçoar a escuridão.*” / o acendimento de uma vela.

b) “ *Não é preciso acender uma vela para o sol.*” / que se acenda.

c) “ *Hipótese é uma coisa que não é, mas a gente faz de conta que é, para ver como seria se ela fosse.*” / para que víssemos.

d) “ *A última função da razão é reconhecer que há uma infinidade de coisas que a ultrapassam.*” / o reconhecimento de.

e) “ *A sutileza do pensamento consiste em descobrir a semelhança das coisas diferentes e a diferença das coisas semelhantes.*” / na descoberta da semelhança.

12. (Compesa – An. Gest. Médico do Trabalho – FGV – Jul./2016)

Assinale a opção que apresenta a frase em que a substituição da oração adjetiva sublinhada pelo termo em destaque é ***inadequada***.

a) “ *O que é a felicidade além da simples harmonia entre o homem e a vida que ele leva?*” – **vivida por ele**.

b) “ *Sucesso é conseguir o que você quer e felicidade é gostar do que você conseguiu.*” – **desejado**.

c) “ *Você não será mais feliz com mais até ser feliz com o que você já tem.*” – **já obtido**.

d) “ *A felicidade é um bem que se multiplica ao ser dividido.*” – **multiplicável**.

e) “ *Felicidade é como uma flor que não se deve colher.*” – **recolhida**.

Leia o texto a seguir para responder à questão 13.

É preciso considerar a direção que devem tomar as políticas públicas para alcançar maior eficiência. Primeiramente, deve-se pensar em maneiras para motivar o servidor de carreira, incentivando-o a empreender ações que propiciem melhoras na administração pública. Isso inclui tanto a oferta de treinamento adequado, quanto uma maior interação entre órgãos de controle:

Controladoria-Geral, Tribunal de Contas, Ministério Público e o restante da administração pública. Outra ideia para motivar os servidores públicos de carreira é a regulamentação da possibilidade de ascensão funcional, das atividades de nível médio para outras de nível superior, por meio de concursos internos.

(Adaptado de http://www.brasil-economia-governo.org.br/2012/11/21/gestao-publica-mais-eficiente/)

13. (ESAF – MF – Assistente Técnico Administrativo – 2014)

(Adaptada) Julgue a assertiva a seguir como " certa" ou " errada", em relação às estruturas linguísticas do texto.

O segmento " que propiciem melhoras na administração pública" (l. 3) tem natureza explicativa.

Leia o texto a seguir para responder à questão 14.

Um estudo demonstrou que é possível transportar amostras de sangue em drones pequenos para a realização de exames sem alterar a qualidade da amostra. A estratégia pode ajudar a tornar exames de rotina mais acessíveis em regiões isoladas, com pouco acesso por estrada, por exemplo. A pesquisa que chegou a essa conclusão – feita pela Universidade Johns Hopkins, nos Estados Unidos – foi publicada na revista científica *Plos one* nesta quarta-feira (29).

O que os cientistas queriam avaliar era se as amostras não perdem a qualidade depois de jornadas de até 40 minutos a bordo do drone. Além do tempo do percurso, preocupava os pesquisadores a aceleração no lançamento do veículo e o impacto quando o drone pousa em seu destino. " Tais movimentos poderiam destruir células do sangue ou fazer com que o sangue coagulasse, então eu pensava que todo o tipo de teste de sangue poderia ser afetado, mas nosso estudo mostra que eles não foram afetados e isso foi legal", disse o médico patologista Timothy Amukele, da Escola de Medicina da Universidade Johns Hopkins.

(Fonte: http://g1.globo.com/bem-estar/noticia/2015/07/drone-pode-transportar-amostra-de-sangue-para-exame-em-zonas-remotas.html. Acesso em 30.07.2015)

14. (ESAF – ESAF – Analista de Planejamento e Orçamento – 2015)

(Adaptada) Julgue a assertiva a seguir como " certa" ou " errada".

A oração " que é possível transportar amostras de sangue em drones pequenos para a realização de exames sem alterar a qualidade da amostra" (l. 1-2) tem função de objeto direto.

Gabarito: 1. a; 2. c; 3. d; 4. b; 5. c; 6. c; 7. a; 8. C; 9. b; 10. b; 11. b; 12. e; 13. errada; 14. certa.

15.8. RESUMO

Classificar orações é sempre um grande desafio! Até porque, nas provas, elas vêm misturadas, o mais difícil sempre é não confundi-las… Vamos às dicas finais?

- Orações devem ser contadas pelo número de verbos: para cada verbo, uma oração.
- No período composto por coordenação, a oração sem conectivo é chamada de assindética. Já no período composto por subordinação, a oração sem conectivo é chamada de principal.
- As orações coordenadas não possuem relação sintática entre si, apenas semântica. As orações subordinadas relacionam-se sintaticamente (uma é sujeito da outra, ou objeto direto etc.).

- Ao classificar as orações, você deverá pensar em quatro tipos: coordenadas ou subordinadas adverbiais (que podem ser identificadas pelo valor semântico que suas conjunções apresentam); subordinadas substantivas (que podem ser substituídas por "isto") ou subordinadas adjetivas (que se iniciam com pronome relativo, ligando-se a um substantivo antecedente).

16 CONCORDÂNCIA NOMINAL

16.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Concordância nominal é assunto que será dividido em duas partes: no primeiro segmento, apresentaremos os casos em que, antes de se fazer a concordância do adjetivo, é preciso detectar a função sintática que ele desempenha na frase. Por exemplo:

Tiradentes possuía cabelos e barba longos/longa.

Nessa frase, antes de fazer a flexão do adjetivo *longo*, você precisaria identificar sua função sintática. O fato de ele ser um adjunto adnominal posposto aos substantivos permite as duas opções: ele pode concordar com todos os substantivos ou apenas com o mais próximo. É na primeira parte do assunto, portanto, que vamos ensinar a você a identificação das funções sintáticas do adjetivo e todas as possibilidades de concordância que tais funções permitem.

No segundo segmento do assunto, você conhecerá os casos especiais da concordância nominal. São casos bastante explorados nas provas de concursos: a flexão de palavras como *bastante*, *anexo*, *quite*, *leso*, *junto*... Nessas situações, você não precisará perder tanto tempo raciocinando na frase: não será preciso identificar a função sintática do adjetivo, basta identificar a classe gramatical da palavra na frase. Se for uma classe variável (pronome, adjetivo, numeral etc.), a tendência será a variação; se for uma classe de palavra invariável (advérbio, palavra denotativa etc.), não poderá ir ao feminino nem ao plural.

De qualquer forma, nossa meta é a de que você não tenha de decorar uma série de regrinhas, mas aprenda a raciocinar de acordo com a frase.

Vamos começar? Então, entenda: são dois grandes blocos de concordância nominal. A primeira parte abordará os casos 1, 2, 3 e 4 e a segunda, do caso 5 até o final. Para cada regra, procuramos apresentar frases que vão servir de exemplo, devidamente comentadas. Ao final de cada segmento, elaboramos exercícios de fixação para você internalizar o raciocínio.

16.1.1. Introdução

A concordância pode ser:

a) Rígida ou gramatical: total ou parcial

- Atitude e caráter *apropriados*/*apropriado* (total: o adjetivo concorda em gênero e número com todos os substantivos ou com o mais próximo).
- *Apropriada* atitude e caráter (parcial: concorda em gênero e número com o substantivo mais próximo).

b) Ideológica: silepse

• Vossa Senhoria é generos**o.** (silepse de gênero)

O pronome de tratamento está no feminino e o adjetivo no masculino.

• A *meninada* se divertia. *Risonhas*, elas cantavam. (silepse de número)

O substantivo coletivo está no singular e o adjetivo no plural.

16.1.2. Concordância nominal: Parte I – As funções sintáticas do adjetivo

Aqui, veremos os casos em que o adjetivo, dependendo de sua **função sintática**, poderá concordar com dois ou mais substantivos ou apenas com um deles. Nesse caso, é fundamental conhecermos as funções que o adjetivo exerce na frase. Vamos a elas!

Revisando:

1. Adjunto adnominal

(especifica o substantivo)

Adjetivo

2. Predicativo (atributo dado ao sujeito ou ao objeto)

Subdivide-se em: do sujeito e do objeto

Exemplos:

Olhos negros (adjunto adnominal)

Rua silenciosa (adjunto adnominal)

Seus olhos são negros. (predicativo do sujeito)

(sujeito)

A rua estava silenciosa. (predicativo do sujeito)

(sujeito)

O povo achou os governantes incompetentes.

(objeto direto) (predicativo do objeto)

Aqui vale um recado!

Atenção: O adjunto adnominal vem junto ao nome substantivo (olhos negros). O predicativo do sujeito vem separado por um verbo (seus olhos são negros). Já o predicativo do objeto vai se referir ao objeto (O povo achou os governantes incompetentes.) É aqui que poderá ocorrer dúvida. Se a palavra incompetente vem junto ao substantivo governantes, por que não classificá-la como adjunto adnominal?

Qual é a diferença entre adjunto adnominal e predicativo do objeto?

Uma maneira prática de se fazer essa distinção é retirar o adjetivo da frase e observar se há ou não sentido. Se ficar faltando informação, é predicativo do objeto, se não, adjunto adnominal.

Exemplo:

O povo achou os governantes? (Tem sentido? Não. Então, incompetentes é predicativo do objeto).

Tinha um único vício: a mentira. (Tinha um vício: a mentira. Tem sentido? Sim. Então é adjunto adnominal).

Visto isso, vamos aos casos de concordância nominal que envolvem a identificação da função sintática do adjetivo e suas posições.

16.1.2.1. Adjetivo na função de adjunto adnominal posposto aos substantivos

a) Adjetivo na função de adjunto adnominal posposto a dois ou mais substantivos do mesmo gênero: vai para o plural do gênero comum ou concorda com o mais próximo.

b) Adjetivo na função de adjunto adnominal posposto a dois ou mais substantivos de genêros diferentes: vai para o plural masculino ou concorda com o mais próximo.

* O adjetivo concordará apenas com o último substantivo se o sentido exigir.

Exs.:

1. Prédio e apartamento *antigos* ou *antigo*
2. Documentação e bagagem *intactas* ou *intacta*
3. Comprei calça e camisa *novas*/*nova*

Comentários:

Na frase 1, prédio e apartamento são masculinos. Ao concordar, em gênero e número, com os dois substantivos, masculino plural (*antigos*), com o mais próximo – apartamento, masculino singular – *antigo*.

Nas frases 2 e 3, os dois substantivos são femininos (*documentação/bagagem; calça/camisa*). Concordando com os dois, feminino plural (*intactas; novas*), com o mais próximo, feminino singular (*intacta; nova*).

4. Defeitos e virtudes *verdadeiros*/*verdadeiras.*
5. Ação e julgamento *éticos*/*ético.*
6. Uvas e pêssegos *deliciosos*.

Comentários:

Nas frases 4 e 5 temos substantivos de gêneros diferentes – defeitos, masculino, virtudes, feminino; ação, feminino, julgamento, masculino. Quando isso ocorre, concordando com os dois em gênero e número, masculino plural

(*verdadeiros*/*éticos*). Com o mais próximo – virtudes *verdadeiras*, julgamento *ético*. Na frase 6, só pode ser deliciosos, pois, concordando com os dois substantivos (*uvas* – feminino e *pêssegos* – masculino), masculino plural. Como o substantivo mais próximo está no masculino plural (*pêssegos*), só há uma resposta – *deliciosos*.

16.1.2.2. Adjetivo na função de adjunto adnominal anteposto aos substantivos

a) Adjetivo *anteposto*, na função de *adj. adn.*, a dois ou mais substantivos:

A concordância se faz com o substantivo mais próximo.

b) Adjetivo *anteposto* a nome de pessoas ilustres:

O adjetivo vai para o plural dos substantivos.

Exs.:

7. *Antigas* revistas e jornais.

8. Os *ilustres* Drummond e Cecília Meireles.

Comentários:

Na frase 7, o adjetivo, na função de adjunto adnominal, vem anteposto a dois substantivos. Quando isso ocorre, as gramáticas recomendam a concordância em gênero e número com o substantivo mais próximo. Já na frase 8, por se tratar de nomes de pessoa, concorda com os dois substantivos em gênero e número.

16.1.2.3. Adjetivo na função de predicativo

a) Adjetivo na função de *predicativo* (do sujeito ou do objeto):

Concorda com o substantivo a que se refere.

b) Adjetivo na função de *predicativo do sujeito composto*:

Quando vier posposto ao sujeito composto concorda com todos os núcleos. Se vier anteposto, pode concordar com o mais próximo, se o verbo também o fizer. Se o verbo estiver no plural, o predicativo ficará no plural.

c) Adjetivo na função de *predicativo do objeto composto*:

Vai para o plural dos substantivos.

Exs.:

9. Sua reivindicação é *justa*.

10. É um relógio que torna *inesquecíveis* todas as horas.

Comentários:

Vimos no caso 3 (a) que tanto o predicativo do sujeito quanto o predicativo do objeto concordam com os

respectivos termos (o sujeito e o objeto). Como o adjetivo é uma classe variável (flexiona-se em gênero e número), *justa* – feminino singular – concorda com o sujeito – *reivindicação* – e *inesquecíveis* – adjetivo que só se flexiona em número – concorda com o objeto *horas*. É o que ocorre nas frases 9 e 10.

Nota:

Em Língua Portuguesa, alguns adjetivos não têm flexão de gênero (adjetivos uniformes, só uma forma para os dois gêneros, masculino ou feminino). Por exemplo:

Homem triste / mulher triste

Homens tristes / mulheres tristes

O adjetivo triste varia em número, mas não em gênero, assim como o adjetivo inesquecíveis.

11. A assistência técnica e o ensino eram *gratuitos*.

12. Eram *gratuitos* a assistência técnica e o ensino.

13. Era *gratuita* a assistência técnica e o ensino.

Comentários:

As frases 11, 12 e 13 exemplificam o caso 3 (b). Se o sujeito é composto, o predicativo do sujeito concorda em gênero e número com todos os núcleos (*assistência* e *ensino*, feminino e masculino).

Na frase 11, o adjetivo *gratuitos* ficou no masculino plural, portanto, para concordar com *assistência* e *ensino*. Nas frases 12 e 13, a concordância do predicativo do sujeito depende da concordância do verbo de ligação, que vem anteposto. Nesses casos, o verbo indica se o predicativo do sujeito concorda com todos os núcleos ou com o mais próximo. Se o verbo aparecer no plural (concordando com todos os núcleos – *assistência* e *ensino*), o predicativo também o fará (*Eram gratuit**os***). Se o verbo estiver no singular (concordando com o núcleo mais próximo – *assistência*), o predicativo do sujeito concorda em gênero e número com o mais próximo (*Era gratuita*).

14. Acho a proposta e o trabalho *irrecusáveis*/*irrecusável*.

15. Encontrei *abertos*/*aberta* a janela e o portão.

Comentários:

Agora, temos exemplos de adjetivos que se referem ao objeto composto. Observamos que, quando isso ocorre, o predicativo do objeto, anteposto ou posposto, pode concordar com todos os núcleos do objeto em gênero e número ou com o núcleo mais próximo em gênero e número.

Vamos aos exemplos comentados.

Complete com a(s) forma(s) adequada(s):

1. Gestos e atitudes _____. (belicoso)

Comentários: Adjetivo posposto na função de adjunto adnominal – concorda com todos os substantivos em gênero e número ou com o mais próximo.

Resposta: belicosos ou belicosas.

2. _____ atitudes e gestos. (belicoso)

Comentários: Adjetivo anteposto na função de adjunto adnominal – concorda em gênero e número com o substantivo mais próximo.

Resposta: Belicosas.

3. Aprecio a cultura e a história _____ . (europeia)

Comentários: Mais uma frase em que temos adjunto posposto na função de adjunto adnominal, como na frase 1. Como os dois substantivos são femininos, plural feminino – concordância total – ou singular feminino – concordância atrativa.

Resposta: europeias ou europeia.

4. O ministro mostrou _____ cultura e talento. (belo)

Comentários: Como na frase 2, temos adjetivo anteposto na função de adjunto adnominal concorda com o substantivo mais próximo em gênero e número.

Resposta: bela.

5. A área e os meios de atuação dos funcionários tornam-se _____. (limitado)

Comentários: Aqui, o adjetivo vem separado dos substantivos por um verbo, funcionando como predicativo do sujeito – termo que, mesmo de longe, determina o sujeito. Nesse caso, só pode concordar com todos os núcleos em gênero e número. Como o sujeito composto é representado por substantivos de gêneros diferentes, masculino plural.

Resposta: limitados.

6. Tornam-se _____ a área e os meios de atuação dos funcionários. (limitado)

Comentários: Agora, o adjetivo, na função de predicativo do sujeito, vem anteposto ao sujeito – esta frase é a mesma que a anterior, só que invertida, logo a análise é a mesma. Quando isso ocorre, o verbo é que determina a flexão do adjetivo. Como o verbo anteposto está concordando com todos os núcleos, o adjetivo predicativo do sujeito concorda em gênero e número com todos eles.

Resposta: limitados.

7. Torna-se _____ a área e os meios de atuação dos funcionários. (limitado)

Comentários: Nesta frase, o verbo (*torna-se*) vem anteposto ao sujeito composto concordando com o núcleo mais próximo – *área*; singular. Por isso, o adjetivo na função de predicativo do sujeito concorda com o substantivo área, feminino singular.

Resposta: limitada.

8. Deixei _____ para o leitor meus pontos de vista sobre o assunto. (claro)

Comentários: O adjetivo *claro* aparece na função de predicativo do objeto ("Deixei meus pontos de vista..."), já que "claros" são os pontos de vista, ou seja, na ordem direta, a frase ficaria assim: "Deixei meus pontos de vista claros para o leitor."

Resposta: claros.

9. Comprou frutas, ovos e carne _____ . (bovino)

Comentários: O adjetivo bovino vem posposto na função de adjunto adnominal. Só que, nessa construção, razões semânticas fazem com que o termo bovino só possa concordar com o substantivo mais próximo – *carne* –, pois seria impossível você comprar *ovos* e *frutas* de boi.

Resposta: bovina.

10. Essa professora contou-nos _____ lendas e contos. (antigo)

Comentários: Aqui, o adjetivo, na função de adjunto adnominal, vem anteposto. A recomendação das gramáticas, nesses casos, é a de que o adjetivo concorde, em gênero e número, com o substantivo mais próximo (*lendas*).

Resposta: antigas.

16.1.3. Concordância nominal: Parte II – Casos especiais

Agora que você já estudou a concordância nominal que varia de acordo com a função do adjetivo na frase, vamos conhecer os casos especiais, que são muito explorados em provas.

16.1.3.1. As expressões é bom, é proibido...

a) Se o sujeito não vier determinado: O predicativo fica invariável.

b) Se houver determinação do sujeito: A concordância será normal.

Exemplos:

16. Vitamina é *bom* para a saúde.

17. Entrada é *proibido.*

18. Esta cerveja é *deliciosa*.

19. A entrada é *proibida*.

Comentários:

Nas frases 16 a 19, temos um caso especial de concordância nominal: as expressões *é bom*, *é proibido*, *é deliciosa*..., representadas por verbo de ligação ser mais predicativo. Se o substantivo na função de sujeito vier

determinado (acompanhado de artigo, pronome) o adjetivo concorda com o sujeito – frases 18 e 19. Se não vier determinado, fica invariável (masculino singular) – frases 16 e 17.

16.1.3.2. Plural do adjetivo composto

a) Adjetivo composto formado de *adjetivo* + *adjetivo*:

O primeiro elemento fica invariável, e o último concorda com o substantivo a que se refere.

Obs.: 1) azul-marinho, azul-celeste, ultravioleta: são invariáveis.

2) surdo-mudo: variam os dois elementos.

b) Adjetivo composto formado de *adjetivo* + *substantivo*:

Os dois elementos ficam invariáveis. Quando a cor vier representada por substantivo não varia.

Exs.:

20. Amizades *luso-brasileiras*.

21. Todas usavam saias *vermelho-claras*.

22. Assisti a reuniões *político-sociais*.

23. Descobertas *médico-científicas* contribuem para o bem da humanidade.

24. Comprou dois ternos *azul-marinho*.

25. Raios *ultravioleta*.

26. Meninos *surdos-mudos*.

Comentários:

A maioria dos exemplos de adjetivos compostos em Língua Portuguesa é aquela cuja formação é de dois adjetivos. Como vimos na teoria, só o último elemento se flexiona em gênero e número, exceções feitas a: *azul-marinho*, *azul-celeste* e *ultravioleta*, que não se flexionam. Em *surdo-mudo*, embora seja um adjetivo composto formado por dois adjetivos, a gramática determina que os dois elementos variem em gênero e número (*surdos-mudos*, *surdas-mudas*).

27. Adorava tecidos *verde-limão*.

28. Bermudas *amarelo-ouro*.

Comentários:

Se aparecer substantivo no adjetivo composto, nenhum elemento se flexiona, ficam invariáveis.

29. Blusas *laranja*.

30. Sapatos *cinza*.

31. Calças *gelo*.

Comentários:

Em português, observa-se que o adjetivo é a classe que denota cor (*blusas azuis*, *vermelhas*, *amarelas*, *brancas*...). Quando a cor vem representada por substantivo (*laranja*, *cinza, gelo*, *abóbora*...), não varia, já que não é papel de substantivo denotar cor.

16.1.3.3. Expressões mesmo, próprio, obrigado, anexo...

As expressões mesmo, próprio, anexo, quite, obrigado, incluso, leso, junto, tal concordam com o nome ou pronome a que se referem.

Obs.: *Em anexo*: fica invariável.

Exs.:

32. Elas *mesmas* não sabiam a questão.

33. Ela *própria* escreveu o bilhete.

34. Enviou-lhe *anexas*/*em anexo* neste envelope as duplicatas necessárias.

35. Vinham *inclusas* na pasta a carta e a procuração.

36. Estamos *quites* com todos vocês.

37. Muito *obrigada*, respondeu a moça.

38. Cometeram-se crimes de *leso*-idioma./ *lesa*-pátria.

39. Os filhos são *tais qual* o pai./ O filho é *tal quais* os pais.

40. Ana e Rosa saem sempre *juntas*.

41. Fernanda chegou *junto com* Lúcia à escola.

Comentários:

Nas frases 32 e 33, *mesmas* refere-se a *elas* e *própria*, a *ela*. Na frase 34, o adjetivo *anexas* está se referindo a duplicatas. Na ordem direta, teríamos: "Enviou-lhe as duplicatas necessárias anexas". Uma outra forma de se dizer o mesmo seria com a expressão *em anexo*, que é invariável e está sempre certa. Na frase 35, *inclusas* é adjetivo de *carta e procuração*. Na ordem direta, teríamos: "A carta e a procuração vinham inclusas". Na frase 36, *quites* é adjetivo de *nós*, é o mesmo que *desobrigados*. Vem do verbo *quitar*, é seu particípio irregular, mas, aqui, tem valor de adjetivo e concorda com o pronome (nós) a que se refere. *Obrigada*, na frase 37, é adjetivo e concorda com o substantivo *moça*. É por isso que meninos dizem *obrigado* e meninas, *obrigada*. Na frase 38, *leso* é

adjetivo: é o mesmo que *lesado*, *prejudicado*. Daí ele concordar em gênero e número com o substantivo com o qual forma uma composição (*idioma* e *pátria*). Na frase 39, *tal* e *qual* concordam com o nome ou pronome que determinam: *tal* concorda com o antecedente e *qual*, com o elemento seguinte. No primeiro exemplo, *tais* concordou com *filhos* e *qual*, com *pai*. No segundo exemplo, *tal* concordou com *filho* e *quais*, com *pais*. Na frase 40, *juntas* é adjetivo que se refere aos substantivos *Ana* e Rosa. Já na frase 41, tem-se a locução prepositiva *junto com* invariável.

16.1.3.4. Expressões menos, pseudo, alerta, um e outro, um ou outro...

a) Monstro (como adjetivo), menos, pseudo, alerta:

Ficam invariáveis

b) Um e outro, nem um nem outro, um ou outro:

Com essas expressões o **substantivo** não se flexiona.

Exs.:

42. Compareceram *menos* pessoas que o esperado.

43. Se você quiser manter a elegância, coma *menos*.

44. Ainda existem alguns *pseudo*-heróis.

45. Os soldados continuavam *alerta.*

46. São duas criaturas *monstro*.

47. Um e outro *remédio* eram necessários.

48. Nem um nem outro *namorado* a entendia.

Comentários:

Na frase 42, *menos*, apesar de ser pronome adjetivo indefinido, que é uma classe, na maioria das vezes, variável, refere-se ao substantivo *pessoas*, mas não varia. Já na frase 43, ele é advérbio e, por isso mesmo, invariável. *Menos* não varia nem como pronome indefinido, nem como advérbio: não varia nunca!

Pseudo é elemento grego que significa *falso*, ligando-se ao elemento seguinte, mas mantendo--se sempre invariável. É o que se observa na frase 44.

Alerta é rigorosamente advérbio, ainda que muitos tentem usar tal vocábulo como adjetivo, o que se deve evitar: daí na frase 45 não aparecer flexionado. *Alerta* só deve assumir papel de adjetivo se vier junto ao substantivo, como na frase: "Naquele momento, todos tinham os sentidos *alertas*".

Aqui, ele é adjetivo e concorda com o substantivo *sentidos*, fato que não ocorreu na frase 45: ali *alerta* era

advérbio e se referia ao verbo *continuavam*.

Na frase 46, *monstro*, apesar de ser adjetivo de *criaturas*, não admite variação.

Frases 47 e 48: *um e outro*, *um ou outro* e *nem um nem outro* levam obrigatoriamente o substantivo para o singular. O que poderá se flexionar, em algumas situações, será o verbo, assunto de que vamos tratar no capítulo sobre concordância verbal.

16.1.3.5. Expressões só, meio, bastante, caro, barato...

As expressões concordam com o substantivo a que se referem. Se aparecerem como advérbios ou palavras denotativas, ficam invariáveis.

Obs.: *A sós*: fica invariável.

Exemplos:

49. *Só* eles compareceram à cerimônia de posse.

50. Eles se encontravam *sós/só* naquele lugar deserto.

51. Percebi que eles *só* desejam o nosso bem.

52. As moças jamais ficarão *sós*.

Comentários:

Na frase 49, *só* equivale a *somente* ("*somente* eles compareceram à cerimônia de posse"): é palavra denotativa de exclusão, sendo, portanto, invariável. Já na frase 50, em um primeiro momento, o que se quis dizer é que "eles se encontravam *sozinhos* naquele lugar deserto": *só* seria adjetivo e concordaria com o pronome *eles*. No entanto, podemos ler tal frase de uma outra forma:

Eles se encontravam só (= somente) naquele lugar deserto.

Teríamos, aqui, outra leitura: "eles se encontravam *apenas* naquele lugar deserto, em nenhum outro lugar". Por isso, as duas opções estariam corretas na frase 50.

Já na frase 51, não há ambiguidade: *só* equivale a *somente*, *apenas*, sendo, portanto, invariável. Na frase 52, *sós* é adjetivo que se refere a *moças*. É claro que também estaria certa a expressão *a sós*, que é invariável e está sempre certa!

53. Traga-me *meia* caneca de café.

54. Ela andava *meio* esquisita.

Comentários:

Meia, na frase 53, é numeral fracionário. Refere-se ao substantivo *caneca* e, já que é numeral, trata-se de classe

variável. Já na frase 54, é advérbio, referindo-se ao adjetivo *esquisita*, mantendo-se, assim, sem se flexionar.

55. Eu não o vejo há *bastantes* dias.

56. Havia livros *bastantes* naquela estante.

57. Conhecemos pessoas *bastante* agradáveis.

58. Trabalharam *bastante* para entregar o serviço no prazo.

Comentários:

Bastante, na frase 55, equivale a *muitos*, refere-se a *dias*: é pronome indefinido, sendo, portanto, variável. Na frase 56, é adjetivo, equivalendo a *suficientes*: qualifica o substantivo *livros* e concorda com ele. Já nas frases 57 e 58, *bastante* funciona como advérbio, referindo-se ao adjetivo *agradáveis* e ao verbo *trabalharam*, respectivamente. E, como já vimos, sendo advérbio, será invariável.

Só pode ser adjetivo (= sozinho) ou palavra denotativa de exclusão (= somente). Se for adjetivo, irá variar. Como palavra denotativa de exclusão, não varia.

Meio pode ser numeral (= metade) ou advérbio (= um pouco). Quando for numeral, concordará com o substantivo a que se referir. Quando for advérbio, permanecerá invariável.

Bastante, quando se referir a substantivo, poderá ser pronome indefinido ou adjetivo (= suficiente). Nos dois casos, concordará com o substantivo a que se referir. Só será invariável quando funcionar como advérbio, referindo-se a verbo/adjetivo/advérbio.

59. Aquelas roupas estão *caras*/ *baratas*. (caro/barato)

60. Os gêneros alimentícios permanecem *caros*/*baratos*.

61. Os gêneros alimentícios custam *caro*/*barato* ou *caros/baratos.*

Comentários:

Caro e *barato* podem atuar como adjetivos ou advérbios. Se adjetivos, irão variar. Se forem advérbios, permanecerão invariáveis. Na frase 59, são adjetivos que se referem ao substantivo *roupas*. O mesmo acontece na frase 60: são adjetivos do substantivo *gêneros*. No entanto, pode--se ler a frase 61 de duas maneiras:

Os gêneros alimentícios custam caro/barato.

(Aqui, *caro*/*barato* seriam advérbios de preço do verbo *custar*, sendo, por isso, invariáveis).

Os gêneros alimentícios custam caros/baratos.

(Nesse caso, *caros*/*baratos* seriam adjetivos de *gêneros*, concordando com esse substantivo).

Repare que nas frases 59 e 60 esses adjetivos aparecem com verbo de ligação na frase (*estar*, *permanecer*). Nesse caso, serão sempre adjetivos, na função de predicativos do sujeito, e irão variar. Já na frase 61, o verbo **não** é de ligação, o que permite dupla possibilidade de concordância: os vocábulos *caro*/*barato* poderão se referir ao substantivo ou ao verbo.

16.1.3.6. Expressões o mais possível, a olhos visto, haja vista...

a) O adjetivo **possível** concordará com o determinante.

b) A expressão **a olhos vistos** fica invariável ou a palavra *visto* concorda com o substantivo ou pronome a que se refere.

c) em **haja vista**, o substantivo **vista** fica invariável. Essa expressão (haja vista) estará **sempre** certa.

62. Comportamentos o mais insensatos *possível*.

63. Comportamentos os mais insensatos *possíveis*.

Comentários:

Com *o mais*, *o menos*, *o melhor*, *o pior possível*: o adjetivo *possível* concorda com o artigo "o", ficando, portanto, no singular. Foi o que aconteceu na frase 62. Porém:

Gestos *os* mais carinhosos *possíveis*.

Atitudes *as* mais modestas *possíveis*.

Com o plural *os*/*as mais*, *os*/*as menos* etc., o adjetivo *possível* vai ao plural, seguindo a flexão do artigo. Foi o caso da frase 63.

Portanto, as duas respostas estão igualmente corretas.

64. Ela tem piorado a olhos *vistos*/ a olhos *vista*.

Comentários:

Vistos concorda normalmente com *olhos*. Mas existe uma outra opção, ainda que desusada, que é a de o vocábulo *visto* concordar com aquilo que se vê (sujeito da frase). Na frase acima, têm--se, então, as duas opções: *vistos* concordando com *olhos* ou *vista* concordando com *ela*. Se fosse *elas*, seria *elas têm piorado a olhos vistos/vistas* etc.

65. *Haja vista* o resultado.

66. *Haja vista*/*Hajam vista* os resultados.

67. *Haja vista* dos resultados.

68. *Haja vista*/*Hajam vista* as dificuldades por que passamos.

Comentários:

Haja vista será uma construção **sempre** certa, é o que se vê nas frases 65 a 68. O que seria erro, segundo a norma culta da língua, seria "*Haja vist**o*** o resultado". Na frase 66, além de *haja vista*, tem-se uma outra possibilidade, que é a de se considerar *os resultados* como sujeito e fazer a flexão do verbo. É uma construção desusada nos dias

de hoje, porém correta e possível de aparecer em prova. Observe que na frase 67 já não se pode ter o mesmo raciocínio: iniciado por preposição, "dos resultados" não pode ser considerado sujeito, e sim objeto indireto. Daí o verbo não se flexionar. A frase 68 apresenta a mesma lógica da 66: pode-se considerar *as dificuldades* objeto direto, e não se flexionar o verbo, ou sujeito, fazendo a concordância do verbo.

16.1.3.7. Um substantivo modificado por dois ou mais adjetivos

Um substantivo modificado por dois ou mais adjetivos:

Os adjetivos ficam no singular.

69. As literaturas *portuguesa* e *brasileira*.

70. Comunica-se nas línguas *inglesa*, *francesa* e *alemã*.

71. A literatura *portuguesa* e a *brasileira*.

Comentários:

Quando há um só núcleo seguido de dois ou mais adjuntos, o substantivo pode ficar no singular ou ir para o plural. Nas frases 69 e 70, os substantivos ficaram no plural e os adjetivos, no singular. Já na frase 71, observa-se a outra possibilidade: o substantivo *literatura* ficou no singular, bem como seus adjetivos, com a repetição do artigo no singular antes de brasileira. Nesses casos, os adjetivos, com a repetição do artigo, ficam no singular porque o sentido da frase exige.

Aproveite a seguir os exemplos comentados.

Julgue os casos de concordância a seguir. Nas situações de erro de concordância, indique a forma que melhor se adequaria à norma culta.

1. Anexa àquela carta destinada ao pai da moça, foram remetidas as joias.

Comentários: *Anexa* é adjetivo que se refere a *joias*: precisa concordar com ele.

Resposta: errada a assertiva. O certo seria *anexas*. Na ordem direta, teríamos a seguinte frase: "As joias foram remetidas anexas àquela carta".

2. Naquelas bagagens havia joias bastante preciosas.

Comentários: *Bastante* é advérbio que modifica o adjetivo *preciosas*, daí não poder variar.

Resposta: a frase está correta.

3. Fica instituído no Quadro de Pessoal a classe de Técnico de Tributação.

Comentários: *Instituído* é adjetivo particípio que se refere ao substantivo *classe*. Na ordem direta, teríamos "A classe de Técnico de Tributação fica *instituída* no Quadro de Pessoal." Por isso, o certo seria *instituída*.

Resposta: assertiva errada.

4. O professor qualificou de inaceitável aquelas gírias.

Comentários: *Inaceitável* é adjetivo que se refere a *gírias*. Basta organizar a frase e você verá: "O professor qualificou aquelas gírias de inaceitáveis".

Resposta: assertiva errada.

5. Pagando cem mil-réis, ele estaria quite com o velho.

Comentários: *Quite* é adjetivo que se refere a *ele*, por isso está no singular.

Resposta: a frase está certa.

6. O Tribunal qualificou de ilegal aquelas nomeações.

Comentários: Mais uma vez, a frase fora de ordem pode causar problemas: *ilegal* refere-se a *nomeações* ("O Tribunal qualificou aquelas nomeações de ilegais").

Resposta: frase errada.

7. Segue anexa a documentação pedida sobre a linguagem dos estudantes.

Comentários: *Anexa* é adjetivo que caracteriza *documentação*.

Resposta: a frase está certa. Também se poderia utilizar a locução *em anexo*.

8. Houve crime de leso-humanidade.

Comentários: *Leso* é adjetivo que se refere a *humanidade*, portanto, deve concordar com este substantivo.

Resposta: frase errada. O certo seria dizer *lesa-humanidade*.

9. Parecia meio aborrecida a mulher do mestre Amaro.

Comentários: *Meio* é advérbio que modifica o adjetivo *aborrecida*.

Resposta: como advérbio, não deve variar, a frase está certa.

10. Não usem de meio palavras, já que estamos meio desconfiadas.

Comentários: *Meio* agora é numeral que se refere a *palavras*. Numeral é classe de palavra variável.

Resposta: a frase está errada. O certo seria dizer *meias palavras*.

11. As gírias ouvidas neste colégio são tais quais as que podemos observar em qualquer grupo de jovens.

Comentários: *Tais* é pronome que se refere a *gírias* e *quais*, ao pronome *as* (= aquelas).

Resposta: a frase está certa.

12. As garotas chegaram juntas, mas depois cada uma foi embora junto com o namorado.

Comentários: *Juntas* é adjetivo que se refere a *garotas*. Observe na mesma frase a locução prepositiva *junto com*, que é invariável.

Resposta: assertiva certa.

13. Encerrado os debates, bastantes deputados ainda pediam a palavra.

Comentários: *Encerrado* é adjetivo particípio que se refere a *debates*, por isso deve concordar com ele. O certo seria dizer *encerrados os debates*. Já o vocábulo *bastantes*, por ser pronome indefinido (= muitos) está adequadamente concordando com o substantivo *deputados*.

Resposta: parcialmente errada, portanto, a frase.

14. As pessoas pareciam meio distraídas durante a palestra.

Comentários: *Meio* é advérbio que se refere a *distraídas*. Deve ficar invariável.

Resposta: frase certa.

15. Aquela loja fazia ofertas o mais tentador possível.

Comentários: O adjetivo *possível* está no singular, em função do artigo *o*. Quanto a isso, a frase está correta. Mas o adjetivo *tentador*, que se refere a *ofertas*, deveria com este substantivo concordar. O certo seria dizer: "Aquela loja fazia ofertas o mais tentadoras possível."

Resposta: frase errada.

16. Os operários fizeram duas horas extra.

Comentários: *Extra* é adjetivo que se refere a *horas*. Por isso, deve concordar com tal substantivo.

Resposta: frase errada. O certo seria dizer *duas horas extras*.

17. Eu lhes peço que as deixem sós.

Comentários: *Sós* é adjetivo que se refere ao pronome oblíquo átono *as*. Daí a flexão.

Resposta: a frase está certa. Também seria certo utilizar a locução *a sós*.

18. Só alunos são admitidos na reunião.

Comentários: *Só*, aqui, equivale a *somente*. É palavra denotativa de exclusão. Portanto, deve ficar invariável, como está.

Resposta: frase certa.

19. As questões serão tais qual o programa.

Comentários: *Tais* está adequadamente concordando com *questões* e *qual* com *programa*.

Resposta: frase certa.

20. Estando pronto os preparativos para o início da corrida, foi dada a largada.

Comentários: *Pronto* é adjetivo que se refere a *preparativos*, por isso deveria estar no plural.

Resposta: frase errada. O certo seria dizer *estando prontos os preparativos*…

21. Estejamos sempre alerta para evitar contratempos maiores.

Comentários: *Alerta* aqui é advérbio. Portanto, invariável.

Resposta: frase certa.

22. É um relógio que torna inesquecível todas as horas.

Comentários: Basta organizar a frase e você verá o erro: "É um relógio que torna todas as horas *inesquecíveis*". *Inesquecível* é adjetivo que se refere a *horas* e deve concordar com este substantivo.

Resposta: a frase está errada.

23. Era a mim mesmo que ele se referia – disse a moça.

Comentários: *Mesmo* é pronome que se refere ao substantivo *moça*. Deve concordar com ele.

Resposta: frase errada: o certo seria dizer "era a mim mesma que ele se referia".

24. Os fatos falam por si só.

Comentários: *Só*, aqui, é adjetivo que modifica *fatos*. É o mesmo que *sozinhos*: "Os fatos falam por si sozinhos".

Resposta: a frase está errada. O certo seria dizer "Os fatos falam por si sós".

25. Eles próprios entenderão a matéria.

Comentários: *Próprios* refere-se a *eles* e está adequadamente concordando com o pronome.

Resposta: frase certa.

26. Vai incluso à carta meu documento.

Comentários: Organize a frase: "Meu documento vai incluso à carta". *Incluso* refere-se a *documento*, por isso, está no masculino singular.

Resposta: a frase está certa.

27. Nenhuns obstáculos conseguirão impedir nossa vitória.

Comentários: *Nenhuns* é pronome indefinido que se refere a *obstáculos*, por isso está no masculino plural. Estranha a frase, não é? Se fosse o pronome *alguns* você também não o colocaria no masculino singular?

Resposta: a frase está correta.

28. Todos os soldados do quartel estavam alertas.

Comentários: Mais uma vez, *alerta* apareceu como advérbio: não deve variar.

Resposta: a frase está errada. O certo seria dizer "Todos os soldados do quartel estavam alerta".

29. Foi iniciado com meia hora de atraso a votação no Congresso.

Comentários: *Iniciado* refere-se a *votação*, por isso deveria estar no feminino singular. Na ordem direta, teríamos a seguinte frase: "A votação no Congresso foi iniciada com meia hora de atraso".

Resposta: frase errada.

30. Parece possíveis distinguir duas tendências fundamentais.

Comentários: *Possível* é adjetivo que está modificando a oração "distinguir duas tendências fundamentais". Por isso, não deve se flexionar. Observe que o próprio verbo não se flexionou.

Resposta: a frase está errada. Basta colocá-la na ordem e você verá: "Distinguir duas tendências fundamentais parece *possível*".

16.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

Agora, é a sua vez! Vamos fixar tudo o que você aprendeu?

I. Complete as frases a seguir com a expressão entre parênteses.

1. Faca e navalha _____ / _____. (afiado)
2. Aquele quadro era um símbolo de uma estética e época _____ / _____. (tedioso)
3. Amor e agradecimento _____ / _____. (eterno)
4. Códigos e senhas _____ / _____. (alterado)
5. Mãe e pai _____ / _____. (moderno)
6. Argumentos e justificativas _____ / _____. (pífio)
7. Rio consome frutas e legumes _____. (contaminado)
8. Supermercado Y: qualidade e preço _____. (baixo)
9. Comprou legumes, frutas e carne _____ (bovino)
10. Vendia pães e frutas _____. (maduro)
11. _____ clima e terra. (desconhecido)
12. _____ faca e navalha. (afiado)
13. _____ atitudes e gestos. (belicoso)
14. _____ cores e tamanhos. (variado)

15. Os _____ Gil e Caetano. (famoso)

16. As _____ mãe e filha. (corajoso)

17. As meninas vieram _____. (acompanhado)

18. Sua reivindicação é _____. (justo)

19. A crise financeira deixou _____ os cofres do clube. (vazio)

20. É um relógio que torna _____ todas as horas. (inesquecível)

21. A neve e o jardim eram _____. (branco)

22. Eram _____ a neve e o jardim. (branco)

23. Era _____ a neve e o jardim. (branco)

24. Encontrei a janela e o portão _____ / _____. (aberto)

25. Encontrei _____ / _____ a janela e o portão. (aberto)

26. As culturas _____, _____ e _____. (indígena, negro e europeu)

27. A cultura _____, a _____ e a _____. (indígena, negro e europeu)

28. As gramáticas _____ e _____. (inglês e alemão)

29. A gramática _____ e a _____. (inglês e alemão)

30. Conselhos _____ e _____ de engenharia. (federal e regional)

31. Fé é _____. (necessário)

32. É _____ entrada de pessoas estranhas ao serviço. (proibido)

33. A fé é _____. (necessário)

34. É _____ a entrada de pessoas estranhas ao serviço. (proibido)

35. As verdades descobertas são as mais variadas _____. (possível)

36. As verdades descobertas são o mais variadas _____. (possível)

37. Deve ser um bom livro, _____ as suas edições sucessivas. (haja vista)

38. Suas forças definhavam a olhos _____. (visto)

39. Um e outro _____ serão promovidos. (funcionário)

40. Nem um nem outro _____ conseguiu aprovação. (aluno)

41. Conheço uma ou outra _____. (hipótese)

42. Os filhos são _____ _____ a mãe. (tal qual)

43. _____ ao presente documento, encaminhamos a fotocópia do decreto x. (anexo)

44. Vão _____ à carta meus documentos. (anexo)

45. Vão _____ à carta meus documentos. (em anexo)

46. Estou _____ com todos vocês. (quite)

47. Estamos _____ com todos vocês. (quite)

48. Muito _____, respondeu a tia. (obrigado)

49. Seguem _____ aos documentos as fotografias. (incluso)

50. Sua opinião é um crime de _____-inteligência. (leso)

51. Ana e Rosa saem sempre _____. (junto)

52. Elas _____ entenderão o recado. (próprio)

53. Trabalhas _____ que eu. (menos)

54. Havia, naquela festa, _____ mulheres que homens. (menos)

55. Os candidatos estavam _____. (alerta)

56. Ficou _____ portão. (junto a)

57. Fernanda chegou _____ Guilherme ao colégio. (junto com)

58. Entrou em casa e deixou _____ os dois jovens debaixo das amendoeiras do portal. (só)

59. Os fatos falam por si _____. (só)

60. _____ alunos são admitidos na reunião. (só)

61. Bebeu sozinho _____ caneca de vinho. (meio)

62. Eram pessoas _____ estranhas. (meio)

63. Há _____ exemplos neste livro. (bastante)

64. Comprou livros _____. (bastante)

65. Comprou livros _____ antigos. (bastante)

66. Só dois atos seus não pareciam _____ a esta imagem. (conforme)

67. Elas _____ entenderão o recado. (mesmo)

68. _____ as crianças entenderão o recado. (mesmo)

69. As canetas eram _____. (caro; barato)

70. O camelô vendia _____ as canetas. (caro; barato)

71. Processos _____. (administrativo-fiscal)

72. Parcerias _____. (público-privado)

73. Grupos _____. (hispano-argentino)

74. Crianças _____. (recém-nascido)

75. Ternos _____. (azul-marinho; azul-celeste)

76. Jovens _____. (surdo-mudo)

77. Crianças _____. (surdo-mudo)

78. Blusas _____. (verde-garrafa)

79. Vestidos _____. (vermelho-sangue)

80. Calças _____. (cinza-chumbo)

81. Tecidos _____. (palha; cinza; laranja; rosa)

II. Levando em consideração as regras de concordância nominal, marque certo (C) ou errado (E).

1. ( ) Estava com baixo autoestima.

2. ( ) Estas foram as sós palavras que ele disse.

3. ( ) Os setores público e privado devem estar integrados.

4. ( ) Aquela menina nada tem de engraçado.

5. ( ) Perdi meu óculos escuros.

6. ( ) Nenhuns obstáculos conseguirão impedir nossa vitória.

7. ( ) As milhares de pessoas que assistiram àquele espetáculo saíram felizes.

8. ( ) As cópias estavam conformes com as originais.

9. ( ) Anexa àquela carta destinada ao pai da moça, foram remetidas as joias.

10. ( ) Naquelas bagagens havia joias bastantes preciosas.

11. ( ) O Tribunal qualificou de ilegal aquelas nomeações.

12. ( ) Vossa Senhoria é muito competente e qualificado.

13. ( ) Fica instituído no Quadro de Pessoal a classe de Técnico de Tributação.

14. ( ) Existem meios para tudo.

15. ( ) O relógio bateu meio-dia e meio.

16. ( ) O professor qualificou de inaceitável aquelas gírias.

17. ( ) As gírias ouvidas neste colégio são tais quais as que podemos observar em qualquer grupo de jovens.

18. ( ) Os partidos de cana mostravam tonalidades verde-esmeraldas.

19. ( ) Pagando cem reais, ele estaria quites com o velho.

20. ( ) Os famosos Machado e Alencar.

21. ( ) Seguem em anexo as fotos.

22. ( ) Seguem anexas as fotos.

23. ( ) Os candidatos não eram nenhum bobocas.

24. ( ) Não votaram em candidato nenhum.

25. ( ) Persistência é necessário para obtermos um bom resultado.

26. ( ) As questões serão tais qual o programa.

27. ( ) Anexo à correspondência vão documentos importantes.

28. ( ) Estejamos sempre alertas para evitar contratempos maiores.

29. ( ) Os alertas foram dados. As pessoas alertas correram.

30. ( ) Ela era considerada um monstro por seus inimigos.

31. ( ) O primeiro e o segundo atos.

III. Complete as lacunas com a(s) forma(s) adequada(s).

1. Elas _____ providenciaram os atestados, que enviaram _____ às procurações, como instrumentos _____ para os fins colimados. (mesmo/anexo/bastante)

2. São bastante _____ tais ideias e opiniões sobre o computador. (difundido)

3. Serão _____ tanto os técnicos quanto as pessoas menos qualificadas. (promovido)

4. Tornam-se muito _____ a área e os meios de atuação dos funcionários. (limitado)

5. Torna-se muito _____ a área e os meios de atuação dos funcionários. (limitado)

6. Podem ser neste ponto _____ a tarefa dos antigos artesãos e a dos modernos operários. (comparado)

7. Pode ser neste ponto _____ a tarefa dos antigos artesãos e a dos modernos operários. (comparado)

8. Ficam _____ nas mãos de poucos todos os conhecimentos e habilidades. (concentrado)

9. _____ montes e várzeas se sucediam na paisagem. (florido)

10. Aprecio a cultura e a história _____. (europeu)

11. Comprou jornais e revistas _____. (brasileiro)

12. Os meninos estavam com os pés e as mãos _____. (sujo)

13. Encontrei _____ as cadeiras e o sofá. (reformado)

14. A professora contou-nos _____ lendas e contos. (antigo)

15. Não houve chuvas _____ para resolver o problema da agricultura. (bastante)

16. Tinha _____ chances de conseguir o emprego. (bastante)

17. As novas tecnologias eram _____ prejudiciais aos trabalhadores. (bastante)

18. Esses diretores não costumam aceitar nossas reivindicações, _____ que sejam elas. (qualquer)

19. Pode-se ver do alto daquele prédio as bandeiras _____. (brasileiro e português)

20. Veio _____ ao requerimento a planta da casa reformada. (anexo)

21. Aquela loja fazia ofertas o mais _____ possível. (tentador)

22. As observações do autor do texto foram as mais pertinentes _____. (possível)

23. Julgamos _____ ao espírito humano as indagações constantes sobre o que é verdade. Ocorre porém que, em nosso presente estágio evolutivo, as verdades descobertas são o mais variadas _____. (natural/possível)

24. O uso de certas máquinas deixa mais _____ os legumes. (barato)

25. Com o uso de certas máquinas, os legumes estão ficando muito mais _____. (caro)

26. O uso de certas máquinas faz com que custem mais _____ as batatas. (barato)

27. O filósofo alemão Jügen Habermas vem insistindo: o fim do Estado Nacional como instância reguladora do mercado também torna _____ as formas tradicionais do exercício da cidadania. (obsoleto)

28. O seleiro sentiu o papel e a nota _____ no bolso. (novo)

29. O Direito e o fato social não existem por si _____ no seio da sociedade. (só)

30. Por mais _____ que lhes pareça a resolução desses exercícios, apliquem-se, e verão quão menos _____ na verdade o são. (difícil/complicado)

31. Corriam _____ nossa imaginação e nosso pensamento, naquele tempo em que quaisquer ameaças à nossa felicidade pareciam _____. (solto/impossível)

32. Seria _____, numa hora como esta, contar com a ajuda de pessoas que nunca buscaram estar minimamente _____ de mim? (oportuno/próximo)

33. O mais duvidoso, em meio às tuas propostas, é que _____ uma delas obtenha o consenso há tantos dias inutilmente _____. (qualquer/perseguido)

34. Aqueles papéis, que sempre lhes pareceu _____ guardar, revelaram-se de importância absolutamente _____ para eles. (inútil/vital)

35. _____ está a carta, os recibos e os documentos pedidos. (anexo)

Gabarito: I – 1. afiadas / afiada; 2. tediosas / tediosa; 3. eternos / eterno; 4. alterados / alteradas; 5. modernos / moderno; 6. pífios / pífias; 7. contaminados; 8. baixo; 9. bovina; 10. maduras. Obs.: Nas frases 8, 9 e 10, o sentido exige a concordância atrativa; 11. Desconhecido; 12. Afiada; 13. Belicosas; 14. Variadas; 15. famosos; 16. corajosas; 17. acompanhadas; 18. justa; 19. vazios; 20. inesquecíveis; 21. brancos; 22. brancos; 23. branca; 24. abertos / aberto; 25. abertos /aberta; 26. indígena / negra e europeia; 27. indígena / negra e europeia; 28. inglesa / alemã; 29. inglesa / alemã; 30. federal / regional; 31. necessário; 32. proibido; 33. necessária; 34. proibida; 35. possíveis; 36. possível; 37. haja vista; 38. vistos. Obs.: As expressões "haja vista" e "olhos vistos" podem concordar com seus respectivos sujeitos (... hajam vista suas edições e suas forças vistas aos olhos definhavam); 39. funcionário; 40. aluno; 41. hipótese; 42. tais qual; 43. Anexa; 44. anexos; 45. em anexo; 46. quite; 47. quites; 48. obrigada; 49. inclusas; 50. lesa; 51. juntas; 52. próprias; 53. menos (advérbio); 54. menos (pronome); 55. alerta. Obs.: A palavra **menos** é invariável, independentemente de sua classificação morfológica. O vocábulo "alerta", como está empregado na frase 55, é advérbio, portanto invariável. Conforme a frase, "alerta" pode aparecer como adjetivo (homens alertas) ou substantivo (Os alertas foram dados), variando, pois; 56. junto ao; 57. junto com; 58. sós; 59. sós; 60. Só; 61. meia; 62. meio; 63. bastantes (pronome); 64. bastantes (adjetivo); 65. bastante (advérbio); 66. conformes (adjetivo); 67. mesmas (pronome); 68. Mesmo (palavra denotativa de inclusão); 69. caras / baratas (adjetivos); 70. caro / barato (advérbio); 71. administrativo-fiscais; 72. público-privadas; 73. hispano-argentinos; 74. recém-nascidas; 75. azul-marinho / azul-celeste; 76. surdos-mudos; 77. surdas-mudas; 78. verde-garrafa; 79. vermelho-sangue; 80. cinza-chumbo; 81. palha; cinza; laranja; rosa.

II – 1. E; 2. c; 3. c; 4. c (Com expressões constituídos por nada, algo... + preposição + adjetivo, a tendência é não flexionar o adjetivo. Algumas gramáticas, porém, aceitam a flexão do adjetivo.); 5. e ("Óculos" leva o determinante ao plural – meus óculos.); 6. c; 7. e ("Milhar" é palavra masculina.); 8. c ("Conformes", nesta frase, equivale a *idênticas*, adjetivo, pois.); 9. e ("Anexas". Refere-se a "joias".); 10. e ("Bastante" modifica "preciosas", advérbio, pois.); 11. e ("Ilegais". Refere-se a "nomeações".); 12. c (Silepse.); 13. e (Instituída.); 14. c; 15. e ("Meia" é numeral, concorda com a palavra "hora", subentendida.); 16. e ("Inaceitáveis" são as "gírias".); 17. c; 18. e; 19. e; 20. c; 21. c; 22. c; 23. e (Nenhuns.); 24. c; 25. c; 26. c; 27. E ("Anexos" vão os "documentos".); 28. E; 29. C; 30. C ("Monstro", como adjetivo, não varia.); 31. C (Quando numerais ordinais modificam um substantivo, este poderá ficar no singular ou plural – **ato** ou **atos** – se os numerais vierem antecedidos de artigo, como é o caso. Usaremos o substantivo no plural se não houver a repetição do artigo – **O primeiro e segundo atos** – ou se vier antes dos numerais – **Os atos primeiro e segundo**.).

III – 1. mesmas / anexos / bastantes; 2. difundidas; 3. promovidos; 4. limitados; 5. limitada; 6. comparadas; 7. comparada; 8. concentrados; 9. Floridos; 10. europeias / europeia; 11. brasileiros / brasileiras; 12. sujos / sujas; 13. reformados / reformadas (predicativo do objeto – caso 3 (c)); 14. antigas (adjunto adnominal anteposto – caso 2 (A)); 15. bastantes (adjetivo); 16. bastantes (pronome indefinido); 17. bastante (advérbio); 18. quaisquer; 19. brasileira e portuguesa; 20. anexa; 21. tentadoras ("ofertas tentadoras"); 22. possíveis; 23. naturais / possível; 24. baratos; 25. caros; 26. barato (Nesta frase, a tendência é considerar como advérbio.); 27. obsoletas (Predicativo do objeto.); 28. novos / nova; 29. sós; 30. difícil / complicados; 31.

soltos / impossíveis; 32. oportuno / próximas; 33. qualquer / perseguido; 34. inútil / vital; 35. Anexa.

16.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

1. (Cesgranrio) "para ela mesma se alimentar"; a alternativa que mostra uma construção errada com o vocábulo mesmo é:

a) Nós mesmos fomos até lá.

b) Mesmo ela não compreendeu a questão.

c) Os mesmos carros foram vendidos.

d) Elas mesmas ficaram doentes após o contato.

e) Ela falava consigo mesmo o dia inteiro.

Comentários:

A concordância nominal, basicamente, é dividida em duas partes: os casos que envolvem a identificação das classes gramaticais – variáveis ou invariáveis – e os casos que mostram o adjetivo e suas funções.

Esta questão trata dos valores do vocábulo mesmo, que pode ser pronome ou adjetivo (classes variáveis) ou palavra denotativa que indica inclusão (classe invariável).

Nas opções A, D e E, aparecem com o valor de pronomes.

Na C, o valor é de adjetivo. Na opção B, o sentido é de inclusão, não variando. Como o pronome é uma classe variável, a letra E ficaria "Ela falava consigo mesma".

Resposta: E.

2. (Petrobras) A opção em que a concordância nominal está correta, segundo o registro culto e formal da língua, é:

a) Eu mesmo, disse a senhora, providenciarei a água filtrada para o gari.

b) No condomínio em frente, havia menas gente cuidadosa.

c) Haja visto o seu bom humor, pedi-lhe que me ajudasse nas tarefas.

d) Ao recolher os sacos de lixo, eles estavam feliz.

e) No verão, água gelada é bom para minimizar o calor.

Comentários:

A letra A apresenta o termo mesmo se referindo a "senhora", erro, portanto. A letra B traz uma palavra que não existe (menos é palavra invariável).

Na letra C, "Haja visto" está errado, pois o termo é "vista", sempre. A letra D mostra o adjetivo "feliz" no singular

se referindo a “eles” no plural.

A opção E mostra o caso das expressões é bom, é proibido, é permitido... que não se flexionam se o substantivo não vier determinado. Só haverá a concordância se o substantivo vier acompanhado de artigo, pronome.

Resposta: E.

3. (Petrobras) Na passagem “...somos responsáveis por nós mesmos”, o vocábulo destacado é variável. Em qual das frases abaixo há uma transgressão ao registro culto e formal da língua, quanto à flexão dos vocábulos destacados?

a) Felizmente, bastantes pessoas foram corajosas para enfrentar seus problemas emocionais.

b) Alguns ficaram meio irritados por não entenderem a sutil diferença entre dar a mão e acorrentar uma alma.

c) Os seus atos e temperamento custaram caro para você.

d) Haja visto o resultado final, começou a entender melhor suas derrotas.

e) Acredito que só as verdadeiras amizades se mantêm para toda a vida.

Comentários:

A letra A mostra a palavra “bastante” se referindo a “pessoas”, que é substantivo com a ideia de muitas, ou seja, pronome indefinido, classe variável.

Nas opções B e C, “meio” e “caro” são advérbios (não variam), já que modificam adjetivo e verbo, respectivamente.

A letra E traz o vocábulo “só” com o valor semântico de exclusão, palavra denotativa (invariável).

A letra D apresenta “visto” de uma forma errada, pois na expressão “Haja vista” essa palavra não varia.

Resposta: D.

4. (FCC / TRT) No segmento “os povos egípcio e israelita”, o substantivo aparece no plural e os dois adjetivos no singular. O item abaixo em que os adjetivos poderiam ocorrer no plural é:

a) as atuais bandeiras brasileira e portuguesa;

b) as séries primeira e segunda do ensino médio;

c) os idiomas francês e inglês;

d) os jornais paulista e carioca da atualidade;

e) os territórios brasileiro e argentino.

Comentários:

Esta questão exemplifica o caso de concordância em que temos um substantivo modificado por dois adjetivos, em que, pelo sentido exigir, os adjetivos têm de ficar no singular (“povos” existem vários, mas só um é egípcio, só um israelita).

Essa explicação serve para as opções A, B, C e E.

Na letra D, há possibilidade de os adjetivos aparecerem no plural, uma vez que existe mais de um jornal paulista e carioca.

Resposta: D.

5. (FCC / TRT) O item em que concordância é aceitável na norma culta é:

a) O filósofo considerou estranho a pesquisa dos universitários.

b) Está difícil a quitação do empréstimo bancário feita no ano passado.

c) Uma pequena parte do texto é compreendido.

d) Os livros traziam 30 páginas de textos rasgados.

e) Tornou-se clara para o leitor minha posição sobre o assunto.

Comentários:

Na letra A, "estranho" se refere a "pesquisa", então estaria errado ("…considero a pesquisa dos universitários estranha"). Na B, o "empréstimo" é que foi "feito". Na C, a "parte" do texto foi "compreendida". A letra D traz o adjetivo "rasgados" concordando com "textos", o que também caracteriza um erro, pois "rasgadas" seriam as "páginas". Na opção E, "clara" é a "posição", concordância correta.

Resposta: E.

16.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (TRF3 – Técnico Judiciário – FCC – Abril/2016)

A alternativa em que a expressão sublinhada pode ser substituída pelo que se apresenta entre colchetes, respeitando-se a concordância, e sem quaisquer outras alterações no enunciado, é:

a) *A maioria das tecnologias necessárias para as cidades inteligentes já são viáveis economicamente em todo o mundo...* [viável]

b) *A ideia de cidade inteligente sempre aparece relacionada à abertura de bases de dados por parte dos órgãos públicos.* [relacionado]

c) *Em nome da eficiência administrativa, podem-se armazenar, por exemplo, enormes massas de dados de mobilidade urbana...* [são possíveis]

d) *...desde bases de dados de saúde e educação públicas, por exemplo, até os dados pessoais...* [pública]

e) *Contudo, existem estudos que apontam que bastariam meros quatro pontos de dados...* [bastaria]

2. (TRF3 – Técnico Judiciário – FCC – Abril/2016)

A frase cuja redação está inteiramente correta é:

a) Obtido pela identificação por radiofrequência, os dados das placas de veículos são passíveis em oferecer informações valiosas acerca dos motoristas.

b) Na cidade inteligente, a automatização da gestão de setores urbanos são facilitadores de serviços imprecindíveis, como saúde, educação e segurança.

c) Londres e Barcelona estão entre as cidades que mais destaca-se em termos de inteligência, com avançados centros de operação de dados.

d) São necessários viabilizar projetos de cidades inteligentes, amparados em políticas públicas que salvaguardam os dados abertos dos cidadãos.

e) O aprimoramento de técnicas de informatização de dados permitiu que surgisse um novo conceito de cidade, concebido como espaço de fluxos.

3. (FCC – TRT – 4ª Região (RS) – Analista Judiciário – Tecnologia da Informação – 2015)

Expressões utilizadas no texto motivaram a redação de outras frases. A frase que respeita as orientações da norma-padrão da língua, no que se refere à concordância, é:

a) Parece muito óbvio, de acordo com o noticiário, a intenção de os artistas de ópera pugnarem por melhores condições de trabalho e por melhores salários.

b) No planejamento constam várias cotações para a compra dos instrumentos, e nota-se que é bastante caro os de corda, como o violino e a harpa.

c) De acordo com o especialista, são muito fugaz, mesmo, as variações de tom no canto inicial, mas é exatamente essa diversificação que dá brilho ao trecho.

d) Foram realmente débeis, por confrontos com outras encenações, a série de entradas do tenor em cena, mas isso foi atribuído à insegurança de um iniciante.

e) A ópera, considerados sua concepção e entendimento atuais, pode ser tida como uma arte menos exótica, mas sempre transformadora.

4. (FCC – TRT – 4ª Região (RS) – Técnico Judiciário – Tecnologia da Informação – 2015)

As normas de concordância verbal e nominal estão inteiramente respeitadas em:

a) Quem escrevia nos jornais sulistas do final do século XIX e início do século XX não criaram os modelos ideais de boas mães e esposas virtuosas, pois reproduziam o que já fazia parte do imaginário ocidental, e podia ser encontrado na literatura, nos sermões das missas e nas tradições locais.

b) Formadas por casais oriundas das ilhas dos Açores e da Madeira, a população que ocupou parte do Rio Grande do Sul, a partir de meados do século XVIII, tornaram-se responsáveis pelo desenvolvimento econômico da região.

c) A escolha de numerosas imagens de mulher denota uma preocupação muito viva com a definição dos papéis femininos, mas é difícil saber como eram vividas, experimentadas no cotidiano, essas imagens que os jornais reproduziam.

d) Em cada capital do Sul, os grupos de pessoas mais abastados assumiram diferentes configurações, porém foi principalmente os comerciantes e pequenos industriais ligados à população de imigração recente que ditou as características das novas elites urbanas.

e) O surgimento de inúmeros conflitos regionais levaram ao estabelecimento de costumes diferenciados do restante do país, e registra-se vários testemunhos de viajantes sobre o modo de vida familiar nessa época, destacando o papel de mulheres que comandavam pequenas propriedades.

Leia o texto a seguir para responder à questão 5.

O fator mais importante para prever a performance de um grupo é a igualdade da participação na conversa. Grupos em que poucas pessoas dominam o diálogo têm desempenho pior do que aqueles em que há mais troca. O segundo fator mais importante é a inteligência social dos seus membros, medida pela capacidade que eles têm de ler os sinais emitidos pelos outros membros do grupo. As mulheres têm mais inteligência social que os homens, por isso grupos mais diversificados têm desempenho melhor.

Gustavo Ioschpe. *Veja*, 31/12/2014, p. 33 (com adaptações)

5. (FUB – Técnico Administrativo – Cespe – 2015)

Julgue o item seguinte como Certo (C) ou Errado (E), referentes às ideias e às estruturas linguísticas do texto acima.

Com o uso do pronome masculino " eles" (l. 4), excluem-se da argumentação as mulheres, razão pela qual são citadas no período final do texto.

6. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

" Muitos sites de saúde estão a serviço exclusivamente dos patrocinadores, geralmente empresas de produtos e equipamentos médicos, além da indústria farmacêutica que, em alguns casos, interferem no conteúdo e na linha editorial, pois estão interessados em vender seus produtos".

Sobre a concordância nesse segmento do texto 2, a afirmação <u>inadequada</u> é:

a) " muitos" concorda com " sites";

b) " interessados" deveria ser substituído por " interessadas";

c) " editorial" concorda exclusivamente com " linha";

d) " médicos" se refere a " produtos e equipamentos";

e) " farmacêutica" concorda com " indústria".

7. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016)

Considere-se este trecho: " Mas essa viagem diária me tornava uma criança completa de alegria."

Há um desvio de concordância na seguinte reescritura desse trecho:

a) Mas essas viagens diárias enchiam de alegria aquela criança.

b) Como me tornava uma criança completa de alegria essa viagem diária!

c) Mas essas viagens diárias me tornavam uma criança completa de alegria.

d) Essa viagem diária me tornava uma criança, completo de alegria.

e) Eu me tornava uma criança completa de alegria por causa dessa viagem diária.

8. (BB – Escriturário – Cesgranrio – Out./2015)

A palavra destacada apresenta a concordância nominal de acordo com a norma-padrão da Língua Portuguesa em:

a) Várias agências bancárias estão implementando a biometria, nos caixas eletrônicos, **baseados** nas características físicas dos clientes.

b) O avanço dos serviços bancários e sucesso das moedas virtuais, **ocorridas** nos últimos anos, oferecem aos usuários conectados experiências prazerosas.

c) O aumento do uso dos cartões **fornecido** por vários bancos representa um dos elementos mais importantes e característicos na área financeira do século XX.

d) A construção estratégica de curto e médio prazos, **compatível** com os padrões de competitividade do mercado bancário, tornou os mecanismos de prevenção mais eficientes.

e) As tecnologias de mobilidade e a competência dos funcionários são **característicos** da rede bancária na atualidade.

9. (MPE/SP – Analista Técnico Científico – Vunesp – Jul./2016)

Assinale a alternativa que reescreve passagem do texto respeitando a norma-padrão de concordância verbal e nominal.

a) Bastava cinquenta anos para que fosse descoberto no país produtos novos, que acabava sendo a riqueza do país.

b) Os mandatos de senador e deputado durava tempo diferente, sendo mais longos o dos primeiros.

c) Na Bruzundanga haviam Senado e Câmara de Deputados, que o povo, em massa, apoiavam confiantes.

d) Naquele ano, isto já faziam dez anos, surgiu um deputado muito bem falante em assuntos financeiros.

e) Todas as repúblicas que se prezam possuem Senado e Câmara escolhidos pelos cidadãos, o mais possível confiantes em seus representantes.

Gabarito: 1. d; 2. e; 3. e; 4. c; 5. E; 6. b; 7. d; 8. d; 9. e.

Depois de se estudarem as regras de concordância nominal, tem-se a sensação de que é muito a decorar... Mas é simples, vamos sistematizá-las e tudo ficará mais fácil!

16.5. RESUMO

O adjetivo pode ter três funções sintáticas na frase:

• adjunto adnominal;

• predicativo do sujeito (com ou sem verbo de ligação);

• predicativo do objeto (se retirado, muda o sentido da frase, é solicitado pelo verbo).

Adjetivo na função de:	Posposto ao substantivo	Anteposto ao substantivo
Adjunto adnominal	Concordância pode ser: TOTAL ou PARCIAL	A melhor é a concordância PARCIAL
Predicativo do sujeito	Concordância é:	Segue a concordância verbal

	TOTAL	
Predicativo do objeto	Concordância é: TOTAL	Concordância pode ser: TOTAL (melhor opção) ou PARCIAL (mais moderna)

17 CONCORDÂNCIA VERBAL

17.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

O princípio básico na concordância verbal é o de que, para todo verbo, temos de achar um sujeito. Pensando nisso, esta gramática dividirá este tópico em duas partes: Parte I (Concordância verbal e os tipos de sujeito) e Parte II (Casos especiais de concordância verbal).

17.1.1. Concordância verbal: Parte I – Tipos de sujeito

Nesta Parte I, você vai aprender a flexionar o verbo partindo da classificação do sujeito. Quem sabe achar sujeito faz a concordância verbal adequada.

Os tipos de sujeito, basicamente, são quatro:

1. **Simples**: quando há apenas um núcleo. Lembre-se de que o núcleo do sujeito é representado por um substantivo ou pronome substantivo.

   Ex.: O economista fez uma intervenção. / Os economistas fizeram uma intervenção.

2. **Composto:** aparecem dois ou mais núcleos.

   Ex.: O diretor e o chefe compareceram à reunião.

3. **Indeterminado:** representado de duas formas:

a) verbo na 3ª pessoa do plural, sem sujeito expresso na frase.

   Ex.: Pediram silêncio.

b) verbo na 3ª pessoa do singular + pronome indeterminador SE. Em geral o verbo não é transitivo direto.

   Ex.: Trabalha-se muito aqui.

   (verbo intransitivo)

   Observe que, quando a intenção é não mencionar o sujeito, há essas possibilidades para indeterminá-lo.

4. **Oração sem sujeito**: quando o verbo é impessoal (não se refere a nenhuma pessoa gramatical, uma vez que o sentido do verbo não permite).

   Os casos mais comuns:

   • expressões que indicam fenômenos da natureza;

   • verbo haver (= existir, ocorrer);

• verbos que indicam tempo decorrido.

O verbo, nesses casos, fica na 3ª pessoa do singular.

Antes de mostrarmos os casos de concordância verbal, vamos reconhecer e classificar os sujeitos das frases abaixo.

Importante: O sujeito é o responsável pela flexão verbal. Essa teoria serve para os casos de sujeito simples e composto.

a) Começava a cair a noite.

Na ordem direta, teríamos: "*A noite começava a cair".* O responsável pela flexão da locução verbal *"começava a cair"* é a ***"noite"*** – sujeito simples.

b) Os professores e os funcionários daquela escola decidiram pela greve.

Aparecem dois núcleos como agentes do verbo *"decidiram"* – professores/funcionários – sujeito composto.

c) Naquele instante, bateram à porta.

O verbo na 3ª pessoa do plural, nesta frase, não traz nenhum agente claro. A intenção é, pois, a de indeterminar o sujeito – sujeito indeterminado.

d) Assistiu-se a jogos importantes.

O emprego de *"se"* junto ao verbo transitivo indireto – assistir **a** – obriga o uso do verbo na 3ª pessoa do singular – sujeito indeterminado.

e) Amanheceu rapidamente.

Qualquer verbo que indica fenômenos naturais – amanhecer, chover, nevar... – caracteriza um caso de oração sem sujeito, é um verbo impessoal.

f) Havia dúvidas frequentes sobre aquele ponto da matéria.

Quando o verbo "haver" aparece com o sentido de existir, não há possibilidade, por causa do valor semântico do verbo, de se identificar sujeito na frase – verbo impessoal, 3ª pessoa do singular, oração sem sujeito.

g) Fez dois anos de sua morte.

Mais um exemplo de verbo impessoal: verbo "fazer" indicando tempo passado, decorrido. Novamente, é impossível identificar-se o agente dessa ação verbal – oração sem sujeito.

Agora que você já sabe achar e classificar sujeito, vamos às regras.

17.1.1.1. Concordância verbal com o sujeito simples

Sujeito simples: representado por apenas um núcleo. O verbo concordará com ele em número e pessoa.

1. Faltaram, durante a posse do prefeito, os aplausos.

2. Deram/Bateram/Soaram três horas no relógio da igreja.

3. O relógio da igreja deu/bateu/soou três horas.

Comentários:

Como vimos na teoria inicial, o sujeito é o responsável pela flexão verbal. Na frase 1, entendemos que "os aplausos" é que "faltaram". Nas frases 2 e 3, quando aparecem os verbos dar, bater e soar, normalmente existem duas possibilidades: o sujeito pode ser o número de horas ou o vocábulo relógio. Na 2, "três horas deram/bateram/soaram no relógio", ou seja, o sujeito é o número de horas. Já na frase 3, "O relógio deu/bateu/soou três horas".

4. Hão de existir limites justos.

5. Podem ocorrer novos deslizamentos.

Comentários:

As frases 4 e 5 são exemplos de locuções verbais com seus respectivos sujeitos (*limites*/*deslizamentos*) no plural. Nas locuções, o verbo auxiliar é que se flexiona (*limites hão de existir*/*deslizamentos podem ocorrer*).

6. Preencheram-se as requisições.

7. Verificou-se, entre indivíduos tensos ou agitados, a queima de até 800 calorias diárias.

Comentários:

Agora temos frases em que aparece a partícula **se**. Nas frases 6 e 7, o **se** é apassivador, porque as frases podem ser reescritas, identificando-se, com isso, o sujeito. A frase 6 ("Preencheram-se as requisições" equivale a "As requisições foram preenchidas") traz um sujeito paciente, o que se confirma com a troca da voz passiva sintética – *Preencheram-**se*** – por "foram preenchidas", voz passiva analítica. Na 7, "verificou-se a queima" equivale a "a queima foi verificada". Para nós, essa é a maneira mais direta, objetiva de se identificar o **se** apassivador. E quando o **se** é apassivador há sujeito na frase, daí o verbo poder ficar no singular ou no plural, de acordo com o seu sujeito.

Resumindo:
Quando aparece pronome se (= apassivador): o verbo concorda com o sujeito expresso na frase.

17.1.1.2. Concordância verbal com o sujeito composto

Sujeito composto: representado por dois ou mais núcleos.

a) Anteposto ao verbo: verbo no plural.

b) Posposto ao verbo: o verbo ficará no plural ou concordará com o núcleo mais próximo.

Obs.: Havendo ideia de reciprocidade, verbo no plural.

Exemplos:

8. O pai e a mãe compareceram à reunião.

9. Compareceu ou compareceram à reunião o pai e a mãe.

10. Tu, ela e eu saímos.

11. Abraçaram-se o poeta e o músico.

Comentários:

O sujeito composto impõe verbo no plural, vindo posposto ou anteposto a este (frases 8 e 9). O que ocorre é que, quando o verbo vem anteposto a um sujeito composto (frase 9), pode concordar com todos os núcleos – plural – ou com o mais próximo – *pai*, no singular. Na frase 10, o sujeito composto é representado por pronomes pessoais retos. Nesse caso, dá-se preferência à 1ª pessoa (*eu*). Plural da 1ª pessoa do singular é nós, 1ª pessoa do plural, saímos. Na frase 11, a ideia é de reciprocidade. O sentido obriga o verbo no plural – *um se abraçou ao outro.*

17.1.1.3. Concordância verbal com o sujeito indeterminado

a) **Sujeito indeterminado pela partícula se:** o verbo ficará, obrigatoriamente, na 3ª pessoa do singular.

b) **Oração sem sujeito:** com verbos impessoais (verbos que indicam fenômenos naturais, haver (= existir, ocorrer), verbo com ideia de tempo decorrido...): não possuem sujeito. Ficam também na 3ª pessoa do singular.

Ex.:

12. Obedeceu-se às ordens.

13. Havia vantagens para o índio no contato com o civilizado.

14. Deve haver limites justos.

15. Há vários séculos as línguas indígenas têm tradições apenas oral.

16. Vai para cinco anos de sua partida.

Comentários:

A frase 12 mostra um **se** indeterminador. Repare que agora não podemos reescrever a frase (Às ordens foi obedecida?). O **se**, quando é **índice de indeterminação do sujeito**, aparece, na quase totalidade dos casos, junto a verbo **intransitivo** ou **transitivo indireto**. "Obedecer a". Logo, o sujeito é indeterminado, verbo na **3ª pessoa do singular.**

Nas frases 13 a 16, os verbos são **impessoais** (ficam na 3ª pessoa do singular). Temos, portanto, oração sem sujeito. Na 13, *haver* com sentido de *existir* não varia. Na frase 14, há uma locução verbal. Como o verbo principal – é sempre o **último** verbo da locução – é o *haver* (= existir), o auxiliar **não pode variar**. *Deve* haver limites...)

As frases 15 e 16 exemplificam a oração sem sujeito com verbos que indicam **tempo passado** (Há vários séculos…/Vai para…). Repare que nesses casos de oração sem sujeito **o sentido do verbo** impede a identificação do sujeito.

17.1.1.4. Concordância verbal com o sujeito oracional

Sujeito oracional: aparece em certas construções como:

a) Verbos do tipo convém, basta, falta, parece, importa…

b) Verbo de ligação + predicativo do sujeito: é bom, está claro…

c) Expressões na Voz Passiva: sabe-se, é sabido, conta-se…

Quando o sujeito aparece sob forma de oração, o verbo ou a expressão da oração principal **não varia.**

Exs.:

17. Parece/que ela chega hoje.

or. princ. or. subjetiva

18. Convém/insistir no pedido.

or. princ. or. subjetiva (reduzida de infinitivo)

19. Está claro/que todos reconhecerão o erro.

or. princ. or. subjetiva

20. Sabe-se/que eles mentiram.

or. princ. or. subjetiva

Comentários:

Temos agora um caso muito especial de concordância verbal. Até agora vimos que o sujeito era representado por substantivo ou pronome substantivo (sujeito simples ou composto). Quando o sujeito era indeterminado ou aparecia verbo impessoal (oração sem sujeito), havia impedimento semântico para se identificar o sujeito. Com o sujeito oracional devemos considerar toda a oração e não um substantivo ou pronome. Na frase 17, "Parece que ela chega hoje", não é ela ou alguém que parece, e sim toda a oração que se segue (Isto – *que ela chega hoje* – parece). Na frase 18, "Convém insistir no pedido", temos o mesmo raciocínio: não é ele ou alguém que convém insistir e sim "Insistir no pedido convém" (= Isto convém). Lembre-se: pense o que a frase quer dizer, coloque a frase na ordem direta e descobrirá o sujeito. Na frase 19, o que *está claro* é o fato de que todos reconhecerão o erro, ou seja, "Isto está claro".

Na frase 20, o **se** é apassivador, a frase pode ser reescrita (Isto – *que todos mentiram* – é sabido). Observe que quando

o sujeito é toda a oração, o verbo da oração principal não varia.

Vamos treinar concordância verbal – Parte I?

Complete a lacuna com a forma adequada.

1. Nos últimos 50 anos, _____ fatos que aumentaram o nosso índice de felicidade. (ocorreu/ocorreram)

Comentários: Entendemos, nessa frase, que "fatos ocorreram", sujeito simples no plural, verbo no plural.

Resposta: ocorreram.

2. _____ 50 anos que os índices de felicidade _____ aumentando gradativamente. (Há/Hão; vem/vêm)

Comentários: O verbo "haver", nesse caso tem ideia de tempo passado, não se flexionando. Na 2ª lacuna "índices" é sujeito da locução verbal "vêm aumentando". Vimos que, quando aparece locução verbal, quem se flexiona é o verbo auxiliar.

Resposta: Há e vêm.

3. Nos últimos 50 anos, _____ as possibilidades de maior felicidade. (acentuou-se/acentuaram-se)

Comentários: Essa frase traz o verbo com a partícula **se**. Aqui, o **se** é apassivador, há sujeito na frase, pois equivaleria a "As possibilidades foram acentuadas", voz passiva analítica.

Resposta: acentuaram-se.

4. Daqui a 50 anos, _____ que as pessoas encontrem a felicidade. (é possível/são possíveis)

Comentários: Aqui, o sujeito vem representado por uma oração – "que as pessoas encontrem a felicidade é possível", ou seja, "Isto é possível". Quando o sujeito é oracional, a expressão da oração principal não varia.

Resposta: é possível.

5. _____ de viagem meu irmão e meu sobrinho. (Chegou/Chegaram)

Comentários: O sujeito composto "meu irmão e meu sobrinho" aparece após o verbo, ou seja, o verbo vem **anteposto** a um sujeito composto. Nesse caso, o verbo vai ao plural, já que o sujeito é composto, mas pode também concordar com o núcleo mais próximo – **irmão**, no singular.

Resposta: Chegou ou Chegaram.

6. A crescente disseminação de instituições que trabalham contra os interesses populares _____ um verdadeiro flagelo dos tempos modernos. (constitui/constituem)

Comentários: Vimos desde o início que, na quase totalidade dos casos, o verbo concorda com o **núcleo** do sujeito. A frase acima já está na ordem direta e o núcleo do sujeito é "disseminação".

Resposta: constitui.

7. Aquilo _____ manias de mulher. (é/são)

Comentários: O verbo **ser** pode ficar no singular ou no plural quando o sujeito vier representado por **coisa** no singular ou **pronomes** – tudo, isto, aquilo etc. – e o predicativo estiver no plural.

Resposta: é ou **são**.

8. Os representantes _____ nós. (são/somos)

Comentários: Aparecendo pronome reto, o verbo **ser** só pode concordar com o pronome reto.

Resposta: somos.

9. Dois anos _____ muito tempo. (é/são)

Comentários: Verbo **ser** em expressões de **tempo**, **medida** ou **quantidade** não varia.

Resposta: é.

10. _____ meio-dia e meia quando ela chegou. (Era/Eram)

11. _____ duas horas quando ela chegou. (Era/Eram)

Comentários: Nas expressões de **horas**, o verbo **ser** vai concordar com essas expressões. Logo, se vierem no singular, verbo **ser** no singular. Caso a expressão de horas apareça no plural, verbo **ser** no plural.

Respostas: 10. Era; 11. Eram.

17.1.2. Concordância verbal: Parte II – Casos especiais

17.1.2.1. Concordância do verbo SER

a) Quando o sujeito for nome de **coisa** ou um dos pronomes **tudo**, **nada**, **isso**, **isto**, **aquilo** + predicativo no plural: o verbo <u>ser</u> concorda com o sujeito ou com o predicativo (mais comum).

1. A casa era/eram ruínas.

2. Isto é/são alegrias.

b) Quando aparecer **pessoa**: o verbo **ser** concorda sempre com a **pessoa**. No entanto, se aparecer pronome pessoal do caso **reto**, a concordância se fará com o pronome.

3. Maria era as alegrias da casa.

4. Meu orgulho são os meus filhos.

5. Ela era os meus sonhos.

6. O médico aqui sou eu.

Com os pronomes interrogativos **que**, **quem**, **o que**: o verbo **ser** concorda com o nome ou pronome que vem após.

7. Quem são os interessados?

8. O que são asteroides?

Comentários:

A concordância do verbo SER, basicamente, divide-se em duas partes: a primeira parte, que tem as frases de 1 a 8 como exemplos, mostra a concordância do verbo **ser** com **nome** (representado por **coisa** ou **pessoa**) e **pronome**.

Como vimos na teoria, o verbo **ser** pode concordar com o sujeito ou com o predicativo, quando o sujeito vier representado por coisa ou **pronomes** (tudo isto...), frases 1 e 2.

Se aparecer **pessoa**, como sujeito ou predicativo – frases 3 e 4 –, o verbo **ser** só pode concordar com a pessoa. Agora, se o sujeito ou o predicativo for um **pronome reto** (frases 5 e 6) esse verbo **só pode concordar** com o pronome.

Já com os pronomes interrogativos (frases 7 e 8), o verbo **ser** tem de concordar com o nome ou pronome que se segue.

d) Com as expressões **é muito**, **é pouco**, **é bastante**, **é mais de** etc: o verbo **ser** ficará no singular quando essas expressões denotarem ideia de **preço**, **medida** ou **quantidade**.

9. Dez mil dólares é pouco.

10. Cinco metros é mais do que preciso.

e) Nas expressões de **horas**, **datas** ou **distâncias**: o verbo **ser** concorda com essas expressões.

11. Eram nove horas quando ele chegou.

12. É uma hora e quinze.

13. Hoje são 12 de abril.

14. Daqui a minha casa são cinco quilômetros.

Comentários:

As frases de 9 a 14 exemplificam a segunda parte da concordância do verbo SER: são as expressões.

Nas frases 9 e 10, o verbo **ser** não varia com expressões que trazem ideia de preço, medida, quantidade. Já nas frases de 11 a 14, se as expressões de horas, datas ou distâncias vierem no **plural**, verbo **ser** no **plural** (frases 11, 13 e 14). Se aparecerem no singular, verbo ser no singular (frase 12). Na frase "Hoje são 12 de abril" há a possibilidade de o verbo ficar no singular se aparecer a palavra dia: "Hoje é dia 12 de abril".

17.1.2.2. Concordância com a preposição COM

Sujeito composto ligado por **com**: Verbo no plural.

Observações:

1. Quando se quiser realçar um dos núcleos (= sujeito simples), com ele concordará o verbo.

2. Se a expressão iniciada por com vier entre vírgulas, o verbo concorda com o termo que antecede essa expressão. (= sujeito simples)

Exs.:

1. A carta com o anexo *está extraviada/estão extraviados*.

2. O guarda, **com** os transeuntes, *prendeu* o ladrão.

Comentários:

Diante de sujeitos ligados pela preposição **com**, podem-se utilizar duas opções: a primeira – que é a mais comum – seria o verbo no plural, por se considerar o sujeito como composto. Assim, na frase "A carta **com** o anexo estão extraviados", a preposição **com** tem valor de **e**. É como se fosse "A carta **e** o anexo estão extraviados". É exatamente isso: a preposição **com** teria, aqui, valor de adição.

A segunda opção seria o verbo no singular, por uma questão de ênfase no primeiro núcleo. Assim, na frase "A carta com o anexo está extraviada", o que se quer é realçar o núcleo "a carta". A preposição teria, então, um valor de companhia. É como se eu dissesse "A carta, em companhia do anexo, está extraviada".

Mas atenção: essas duas opções (de o verbo concordar com os dois núcleos ou só com o primeiro) só valem se a expressão iniciada pela preposição **com não** vier entre vírgulas. Porque, se ela vier isolada pelas vírgulas, o verbo só poderá concordar com o primeiro núcleo. Assim, na frase "O guarda, com os transeuntes, prendeu o ladrão", o verbo deverá necessariamente ficar no singular concordando com *guarda*. A expressão *com os transeuntes* seria um adjunto adverbial de companhia deslocado na frase. Na ordem direta, essa frase ficaria assim: "O guarda prendeu o ladrão com os transeuntes" (Você vai aprender no capítulo de análise sintática que na ordem direta o adjunto adverbial fica no final da frase). Já que é adjunto adverbial, e não sujeito, o verbo só pode concordar com o primeiro núcleo.

Resumindo: Com substantivos ligados pela preposição com, pense da seguinte forma:

A expressão iniciada pela preposição com não vem entre vírgulas: cabem as duas opções (o verbo concorda com os dois núcleos ou só com o primeiro).

A expressão iniciada pela preposição com vem entre vírgulas: o verbo só concorda com o primeiro núcleo.

17.1.2.3. Concordância com pronomes indefinidos

a) Sujeito composto resumido por um pronome indefinido: o verbo concorda com o pronome indefinido (na função de aposto resumitivo).

b) Sujeito composto modificado pelo pronome **cada**: verbo no singular.

Exs.:

3. Jovens, trabalhadores, empresários, **ninguém** *acredita* em nossos parlamentares.

Comentários:

Eis um caso especialíssimo de concordância: o verbo deixa de concordar com o sujeito para concordar com o aposto. Se alguém perguntar se o pronome indefinido *ninguém* é sujeito do verbo, cuidado para não se distrair e dizer que sim! O sujeito da frase é composto ("jovens, trabalhadores, empresários"), mas o verbo *acredita* concorda com o aposto resumitivo *ninguém*.

4. **Cada** criança, **cada** homem, **cada** mulher *ajudava* os flagelados.

Comentários:

Mais uma vez, algo atípico na concordância verbal: apesar de o sujeito ser composto de três núcleos, o verbo fica no singular. Isso ocorre por causa da palavra **cada**, *que enfatiza individualmente os núcleos*. É isto mesmo: o sujeito é composto, mas, se o verbo fosse ao plural, a frase estaria errada!

17.1.2.4. Concordância com a conjunção OU

Sujeito composto ligado por **ou**:

a) Com ideia de exclusão ou retificação: o verbo concordará com o núcleo mais próximo.

b) Se a ideia se refere a todo o sujeito: verbo no plural.

Exs.:

5. Pedro **ou** João *casará* com Joana.

Comentários:

O sujeito tem dois núcleos, mas a conjunção **ou** tem valor de exclusão: *só um* vai casar com *Joana*. O verbo fica no singular.

6. O responsável **ou** os responsáveis *cuidarão* da festa.

Comentários:

A conjunção **ou** tem valor corretivo, de retificação: o verbo concorda com o núcleo mais próximo. É como se eu dissesse: "O responsável, *ou melhor*, ou responsáveis *cuidarão* da festa". *Ou*, aqui, é o mesmo que *ou melhor*, *digo*.

7. Cigarro ou charuto prejudicam igualmente a saúde.

Comentários:

Nesse caso, não há ideia de exclusão: a conjunção *ou* tem valor aditivo. É o mesmo que: "O cigarro e o charuto prejudicam igualmente a saúde".

17.1.2.5. Concordância com as expressões um ou outro, um e outro, nem um nem outro

a) Sujeito formado pela expressão um ou outro: verbo no singular.

b) Sujeito formado pelas expressões *um e outro, nem um nem outro, nem … nem…*: verbo no singular ou no plural.

8. **Um ou outro estilo** *agrada*.

Comentários:

Aqui, mais uma vez a conjunção **ou** tem valor de exclusão: só um dos estilos agrada.

9. **Uma e outra forma** me *fascinam*/*fascina*.

Comentários:

Nesse caso, as duas opções estão corretas. O verbo no plural enfatiza o *todo*: *as duas formas me fascinam*. O verbo no singular enfatiza as *partes* que compõem o sujeito. É como se eu dissesse "uma forma me fascina e outra também me fascina".

10. **Nem um nem outro** *comentou*/*comentaram* o ocorrido.

Comentários:

Manter o verbo no singular é a opção que soa melhor aos nossos ouvidos, e é, mesmo, a mais adequada. Afinal, quando se diz *nem um nem outro*, o que se quer dizer é que *ninguém comentou o ocorrido*.

Entretanto, embora alguns gramáticos discordem quanto a este aspecto, ao se dizer *nem um nem outro*, pode-se pensar que *um não e outro também não comentaram o ocorrido*. Ou seja: pensar no valor de adição que a conjunção *nem* possui. Então a flexão do verbo no plural também estaria correta – ainda que não seja essa a forma mais adequada.

Resumindo:
Um ou outro: verbo no singular.
Um e outro: verbo no plural ou no singular.
Nem um nem outro: verbo no singular (mais adequada) ou no plural (menos comum).

17.1.2.6. Concordância com palavras sinônimas ou em gradação e com verbos no infinitivo

a) Sujeito composto de palavras sinônimas ou em gradação de ideias: o verbo, de preferência, concorda com o núcleo mais próximo.

b) Sujeito composto formado de verbos substantivados no infinitivo: verbo no singular.

Se forem **antônimos** ou vierem **determinados**, o verbo fica no plural.

11. Um olhar, um sorriso, um gesto *serviu/serviram* como alerta para ele.

Comentários:

Apesar de o sujeito ser composto por mais de um núcleo (*olhar*, *sorriso*, *gesto*), a concordância mais adequada é a que enfatiza o valor de gradação que esses núcleos apresentam – verbo no singular. Entretanto, o plural também está correto, até porque o sujeito é composto.

12. Estudar e trabalhar *engrandece* o homem.

13. Rir e chorar *fazem* parte da vida.

14. O falar e o escrever *caracterizam* homens dinâmicos.

Comentários:

Na frase 12, apesar de o sujeito ser composto, seus núcleos são verbos. Por isso, o verbo tem de ficar no singular. Mas na frase 13 os núcleos são antônimos: *rir* é o oposto de *chorar*; até para enfatizar a oposição entre os núcleos do sujeito (*rir/chorar*), o verbo fica no plural. Na frase 14, os artigos determinam, especificam os núcleos: o verbo ficará também no plural. Se não houvesse tais artigos, voltaríamos à situação da frase 12: o verbo ficaria no singular.

17.1.2.7. Concordância com o sujeito coletivo, com porcentagem e expressões a maioria de, grande parte de...

a) Sujeito coletivo: o verbo concorda com o sujeito coletivo.

b) O sujeito é representado pelas expressões: a maioria de, grande parte de, grande número de etc. + nome no plural = o verbo fica no **singular** ou no **plural**.

c) Sujeito formado por número percentual: o verbo concorda com o numeral ou com o termo posposto.

15. O bando *desapareceu*.

Comentários:

Ainda que *bando* dê uma ideia de pluralidade, coletivo, trata-se de um substantivo no singular: daí o verbo ficar no singular. Também que coisa horrível seria dizer *o bando desapareceram*!

16. A maioria das pessoas *gostou/gostaram* do espetáculo.

Comentários:

Com as expressões *a maioria de*, *grande parte de* etc., o verbo pode concordar com o núcleo do sujeito – que é a forma mais adequada – ou concordar com o termo posposto a ele (adjunto adnominal). Assim, teríamos duas opções: *gostou*, concordando com *maioria*, ou *gostaram*, concordando com *pessoas*. Repito: a melhor opção é a do verbo no singular, concordando com o núcleo.

Pense sempre assim: Quando houver duas opções de concordância, a melhor (a ser utilizada nas redações, em textos mais formais) será sempre aquela com o núcleo.

17. Oitenta por cento da população *acreditam/acredita* na moeda.

18. Os 30% da produção de arroz *estragaram*.

Comentários:

Para a frase 17, utilize o mesmo raciocínio da frase 16: o verbo pode ficar no plural, concordando com o núcleo, que é o numeral *oitenta*; **ou** pode concordar com o termo posposto a ele – *população* – ficando no singular. Mais uma vez, a melhor opção aqui é a concordância com o núcleo *oitenta*: verbo no plural.

Já na frase 18, o artigo aparece, e o verbo só poderá ficar no plural, concordando com esse determinante. Por isso, seria erro dizer *os 30% da produção de arroz estragou*: aqui, o verbo não poderia concordar com o termo posposto ao núcleo (*produção de arroz*).

Na concordância com numerais, tenha cuidado de observar que até o algarismo 2, o verbo ficará no singular. Só de 2 em diante, o verbo irá ao plural. Assim, teríamos:

O 1,36 kg de queijo que comprei **está** sobre a mesa.

Seu 1,92 m **chama** a atenção de quem a vê.

Seus 2,20 m **impõem** respeito.

17.1.2.8. Concordância com as expressões qual de nós, quais de vós...

a) Sujeito constituído por **qual de nós**, **qual de vós**, **algum de nós** etc.: o verbo fica no singular.

b) Sujeito constituído por **quais de nós**, **quais de vós**, **alguns de nós** etc.: o verbo concorda com os pronomes nós/vós ou vai para a 3ª pessoa do plural.

19. **Qual de vós** *encontrará* a solução?

20. **Quais de nós** *votaram/votamos* conscientemente?

21. **Nenhum de nós** *foi* capaz de resolver o programa.

Comentários:

Ao se perguntar, na frase 19, *qual de vós encontrará a solução*, subentende-se que *somente uma pessoa* vai encontrar a solução. É por isso que o verbo concorda com o núcleo *qual*, ficando no singular, e não pode concordar com o pronome posposto ao núcleo, *vós*.

Já na frase 20, entende-se que *mais de uma pessoa* votou conscientemente. Nesse caso, o verbo pode concordar com o núcleo ou com o termo a ele posposto. Assim, teríamos: *votaram* concordando com *quais* ou *votamos* concordando com *nós*.

A frase 21 segue a mesma lógica da frase 20: ao se dizer que *nenhum foi capaz*, o pronome *nenhum* no singular exige que o verbo também fique no singular, concordando com esse pronome. É a única opção de concordância.

17.1.2.9. Concordância com as expressões mais de, cerca de...

a) O sujeito é a expressão **mais de um**: verbo no singular. se a expressão vier **repetida** ou houver ideia de **reciprocidade**, verbo no plural.

b) Com as expressões **mais de**, **perto de**, **cerca de** etc.: o verbo concorda com o termo que vem após essas expressões.

22. **Mais de um** aluno *obteve* boa nota.

23. **Mais de um** policial, **mais de um** bandido *foram mortos*.

24. **Mais de um** torcedor se *agrediram*.

Comentários:

A frase 22 mostra-nos que a lógica da língua portuguesa não é a mesma lógica da matemática. Ainda que, segundo a matemática, *mais de um aluno* sejam *dois, três* etc., o verbo deverá ficar no singular, pois o núcleo do sujeito (*aluno*) está no singular.

Já a frase 23 apresenta dois núcleos do sujeito: *policial* e *bandido*. Então, faz todo sentido manter o verbo no plural. Nesse caso, o sujeito é composto.

A frase 24 apresenta um pronome recíproco *se*, que indica pluralidade (= *um ao outro*). É por isso que, apesar de o núcleo do sujeito (*torcedor*) estar no singular, o verbo ficará obrigatoriamente no plural. É a ideia de reciprocidade do pronome que impõe isso.

25. Cerca de três alunos chegaram.

26. Perto de cem pessoas chegaram.

Comentários:

Em relação às frases 25 e 26, pense da seguinte forma: os núcleos são, respectivamente, *alunos* e *pessoas*. Logo, não há outra opção, a não ser a de o verbo concordar com esses núcleos.

17.1.2.10. Concordância com as expressões que, quem, um dos que

a) Sujeito constituído pelos pronomes **que** e **quem**: com o relativo **que** na função de sujeito, o verbo concorda com o antecedente desse pronome, com o pronome **quem**, o verbo fica na 3ª pessoa do singular ou concorda com o antecedente.

b) Expressão *um dos que*: verbo no singular ou plural.

27. Fui eu **que** *li* a carta.

28. Fomos nós **quem** *lemos/leu* a carta.

29. Aquele romance foi **um dos que** mais me *agradou/agradaram*.

Comentários:

Antes de qualquer explicação, vamos organizar a frase 27: nela há dois verbos, duas orações. Dividindo o período, teríamos:

Fui eu /que li a carta.

A 1ª oração é *fui eu*, que tem como verbo *fui* e sujeito *eu*. A 2ª oração, que restringe a 1ª, é *que li a carta*: seu verbo "*li*" tem como sujeito o pronome relativo *que*. Vamos estudar esse assunto de forma mais aprofundada no tópico sobre período composto. O fato é que o sujeito do verbo *ler* é o pronome relativo *que*, mas, como o *que* é pronome relativo (e todo relativo, como já vimos, retoma um antecedente), o verbo não concordará com o pronome em si, mas com o antecedente que ele retoma. No caso da frase 27, o antecedente do relativo é o pronome *eu*. Leia a frase como se o relativo não existisse e você não errará a concordância:

… **eu** (que) **li** a carta.

Já na frase 28, temos também duas orações:

Fomos nós /quem *lemos* (ou *leu*) a carta.

Só que aqui se trata do pronome *quem*. Com ele, há duas possibilidades de concordância. Observe:

1. Podemos considerar o pronome *quem* também como relativo (como o *que* da frase 27). Nesse caso, o verbo também concordaria com o antecedente do *quem*:

Fomos **nós** (quem) **lemos** a carta.

2. Ou podemos classificar o *quem* como pronome indefinido (= alguém). Nesse caso, o verbo concordaria com o próprio pronome *quem*:

Fomos nós **quem leu** a carta.

Construção estranha, não é? Então, coloque na ordem direta e ela lhe parecerá mais sonora:

Quem leu fomos nós.

Resumindo (frases 27 e 28):
Concordância com a palavra QUE: o pronome é classificado como relativo, e o verbo concorda com o antecedente desse relativo.
Concordância com a palavra QUEM: o verbo concordará com o antecedente do quem (nesse caso, quem é pronome relativo); ou o verbo concorda com o próprio pronome quem (aí, quem será classificado como pronome indefinido).

Vamos dividir o período da frase 29?

Aquele romance foi um dos/**que** mais me agradou (ou agradaram).

Para cada verbo, um sujeito. O sujeito da primeira oração é aquele romance. Já o sujeito da segunda oração é o pronome relativo *que*. Temos aqui um raciocínio muito parecido com o da frase 27: o que é pronome relativo na função de sujeito do verbo agradar. O verbo deverá, portanto, concordar com o antecedente do relativo. Só que, nesse

caso, têm-se dois possíveis antecedentes do que: *um* ou *dos*. É por isso que se aceitam as duas opções: a de singular (nesse caso, o pronome relativo estaria retomando o antecedente *um*) ou a de plural (e, então, o pronome relativo retomaria o pronome demonstrativo *os*, da contração *dos*).

Assim, seriam duas as possibilidades de leitura:

Aquele romance foi **um** (que) me **agradou**.

Dos (que) me **agradaram**, aquele romance foi um.

Resumindo: Com a expressão um dos que, o verbo pode ficar no singular (nesse caso, o que retomaria um, que é o núcleo da expressão); ou no plural (se o antecedente do que for o pronome os).

Caso perguntem a você qual das duas opções é a melhor, diga o de sempre: a melhor é com o núcleo da expressão. Portanto, a melhor é aquela com **verbo no singular**, concordando com **um,** núcleo da expressão **um dos que**.

17.1.2.11. Concordância ideológica (silepse)

A concordância ideológica, ou silepse, difere dos casos de concordância que vínhamos estudando, por se desviar da norma rígida, por ser uma concordância com o sentido. Então, entenda: os casos que vimos anteriormente são de concordância rígida. Os que vamos ver agora são de concordância ideológica ou psicológica. É simples: basta você conhecer as três situações em que tal desvio pode ocorrer. Vamos a elas?

1. "V. Exª. é muito simpático."

Veja que o sujeito é representado por uma palavra feminina ("excelência"), mas o adjetivo "simpático" ficou no masculino. A concordância deixou de se fazer com o vocábulo e passou a ser feita com a ideia: trata-se de homem. Do feminino ao masculino: é a **silepse de gênero**.

2. "A criançada chegou. *Alegres*, *brincavam* por todos os lados."

Observe que o adjetivo e o verbo da 2ª oração foram ao plural, apesar de *criançada* ser palavra no singular; isso ocorre em função da ideia de coletivo que a palavra *criançada* apresenta. Do singular ao plural: é a **silepse de número**.

3. "Todos somos brasileiros".

Nem parece silepse, não é? Mas houve, sim, um desvio da concordância rígida: o sujeito *todos* é 3ª pessoa do plural (*eles*), mas o verbo foi para a 1ª pessoa do plural (*nós*). Esse recurso é muito utilizado em textos argumentativos, quando o autor quer se incluir na frase. Da 3ª pessoa à 1ª: é a **silepse de pessoa**.

Portanto, entenda que silepse é um desvio das regras rígidas de concordância. Deixa-se de concordar gramaticalmente, para se fazer uma concordância ideológica.

17.1.2.12. Concordância com verbos no infinitivo

Em nossa língua há dois infinitivos:

• **Infinitivo impessoal** – ação verbal de modo vago, indeterminado;

• **Infinitivo pessoal** – não flexionado (uma só forma para todas as pessoas)

flexionado (falar, falares, falar, falarmos...)

Falamos sobre infinitivo impessoal em sujeito indeterminado. Em relação à flexão do infinitivo, podemos sintetizar da seguinte forma:

a) **não se flexiona o infinitivo:** como verbo principal de uma locução ou quando o sujeito do infinitivo for um pronome oblíquo, antecedido dos verbos *mandar, deixar, fazer, ver, sentir, ouvir*. A flexão, no entanto, pode ocorrer se o sujeito for um substantivo.

b) **não se flexiona o infinitivo:** quando este aparecer em oração reduzida com sujeito idêntico ao do verbo da oração principal.

c) **flexiona-se o infinitivo:** quando o infinitivo tem sujeito próprio ou quando o sujeito do infinitivo está claro na frase, regido ou não de preposição (flexão facultativa).

d) **com os verbos *dever, poder, costumar* + *se* + *infinitivo* + *nome no plural*:** esses verbos ficam no singular (= sujeito oracional) ou concordam com o nome no plural.

17.2. EXEMPLOS COMENTADOS

Bem, teoria encerrada. Vamos aos exemplos comentados?

Quanto à concordância verbal, julgue as alternativas abaixo como certas ou erradas, corrigindo as frases com erro. Caso haja mais uma possibilidade de concordância, indique-a.

1. **Choveu** garrafas na cabeça do árbitro; aliás, **estava** chovendo até pilhas de rádio.

Comentários: O que é que choveu? *Garrafas choveram. Pilhas estavam chovendo*.

Resposta: Frase errada: O certo é *choveram* e *estavam chovendo*.

2. **Deu** dez horas o relógio da matriz, mas no meu já **deu** onze.

Comentários: *O relógio é que deu dez horas*. A primeira oração está certa. Mas a segunda oração não: o sujeito passa a ser *onze* e *no meu*, adjunto adverbial de lugar (= "no meu relógio").

Resposta: o certo é "Deu dez horas o relógio da matriz, mas no meu já *deram* onze".

3. Não **existe** nas cidades próximas nenhum posto de gasolina aberto.

Comentários: O que é que não existe nas cidades próximas? *Nenhum posto de gasolina aberto*. Ora, o núcleo do sujeito é *posto*.

Resposta: a frase está correta.

4. Não **deve** existir ciúmes em um relacionamento sincero e sadio.

Comentários: Atenção: na locução verbal, olhe para o último verbo (verbo principal), pergunte por seu sujeito, mas não se esqueça de que quem irá se flexionar ou não é o verbo auxiliar. Portanto, qual é o sujeito de *existir*? *Ciúmes*. Logo, o auxiliar deverá ficar no plural.

Resposta: a frase está errada. O certo seria dizer "Não *devem* existir ciúmes..."

5. **Acabou** as aulas, **começou** as férias.

Comentários: O que é que acabou? *As aulas*. O que é começou? *As férias*. Ambos os sujeitos estão no plural, logo os verbos deverão ficar no plural.

Resposta: o certo é: "Acabaram as aulas, começaram as férias".

6. Não **pode** faltar nas indústrias tanta matéria-prima quanto se diz.

Comentários: O que é que não pode faltar nas indústrias? *Matéria-prima*. O núcleo é singular, por isso, o verbo auxiliar deve mesmo ficar no singular.

Resposta: frase correta.

7. **Faz** dez dias que não durmo direito; **faz** cinco que não trabalho.

Comentários: Eis, nas duas orações, o verbo *fazer* com sentido de tempo decorrido. Ele é impessoal, a oração não possui sujeito. Por isso, os verbos devem mesmo ficar no singular.

Resposta: frase certa.

8. **Costuma** haver abalos de terra nesta região.

Comentários: Mais uma vez, locução verbal. Observe o último verbo: principal. Ele tem sujeito? Não, pois é *haver* com sentido de *existir*. Por isso, seu auxiliar não se flexiona, deve ficar na 3ª pessoa do singular. Cuidado: *abalos* não é sujeito, é objeto direto.

Resposta: frase certa.

9. A maioria das garrafas vazias **estão jogadas** ali no lixão.

Comentários: A locução verbal está adequadamente concordando com a expressão *garrafas vazias que, sintaticamente, é adjunto adnominal do substantivo "maioria"*. A frase está certa, mas haveria uma outra possibilidade de concordância, que, inclusive seria a mais adequada em uma redação: "A maioria das garrafas vazias está jogada...". Nesse caso, **está jogada** estaria concordando com o núcleo do sujeito **maioria**. E a concordância com o núcleo é sempre a melhor...

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de flexão.

10. Vassouras **ficam** no Estado do Rio; Campinas fica em São Paulo.

Comentários: Nome de lugar ou de obra no plural, o verbo fica no singular, a não ser que o nome seja antecedido de artigo.

Resposta: a frase está parcialmente errada. O certo é *Vassouras fica*. Quanto à segunda oração, tudo certo.

11. Os Estados Unidos **são** um país capitalista.

Comentários: Nome de lugar no plural antecedido de artigo. O verbo deverá ficar no plural, seguindo o artigo.

Resposta: frase certa.

12. Grande parte dos melões vendidos **está** madura.

Comentários: O sujeito é *grande parte dos melões*; o núcleo é *parte* e *dos melões* é o adjunto adnominal. Nessa frase, o verbo está concordando com o núcleo do sujeito. Mas poderia concordar com *melões*, que é o termo posposto. Também estaria certo dizer "Grande parte dos melões estão maduros".

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de concordância.

13. Cinco por cento da produção **se perdeu** com as chuvas, mas esses 5% não **significam** muito prejuízo.

Comentários: *Cinco por cento da produção se perdeu* ou *se perderam*: as duas estariam certas. No singular, o verbo concorda com *produção*; no plural, com o núcleo *cinco*. Quanto à segunda metade da frase, tudo certo: o verbo está adequadamente concordando com o sujeito *esses 5%*.

Resposta: frase certa.

14. 1% dos alunos daquele colégio **passaram** no vestibular.

Comentários: Aqui, haveria duas possibilidades: *passaram* concordando com *alunos* e *passou*, com *1%*.

Resposta: a frase está certa, e haveria mais uma opção de flexão do verbo.

15. Os 15% de comissão **foram** para Hersílio, e não para mim.

Comentários: Já que a porcentagem vem antecedida de determinante (artigo), o verbo só pode concordar com o numeral 15%.

Resposta: frase certa.

16. Foram eles que **pagaram** as despesas; fomos nós que **comemos**.

Comentários: Quando o sujeito é *que*, o verbo concorda com o antecedente do relativo. Nas orações acima, os antecedentes eram *eles* e *nós*.

Resposta: frase correta.

17. Foram eles quem **pagou** as despesas; fomos nós quem **comeu**.

Comentários: Com *quem*: o verbo fica no singular ou concorda com o termo que vem antes do *quem*. Poderíamos também dizer *foram eles quem pagaram, fomos nós quem comemos*.

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de flexão.

18. Algum de nós **morrerá** antes do ano 2030.

Comentários: O núcleo da expressão é singular, o verbo só pode concordar com ele.

Resposta: frase certa.

19. Alguns de nós **morrerão** antes do ano 2030.

Comentários: O núcleo da expressão é plural (*alguns*): o verbo pode concordar com o núcleo ou com o termo que vem posposto (*nós*). Logo, estaria também certo dizer *alguns de nós morreremos*.

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de flexão.

20. Cada um de nós seis **compraremos** um livro.

Comentários: Com a palavra *cada*, o verbo deverá ficar no singular. Lembre-se: a palavra *cada* individualiza o núcleo. O certo seria dizer "Cada um de nós seis comprará…".

Resposta: frase errada.

21. V. Exª. **ireis** viajar amanhã?

Comentários: Com pronome de tratamento, o verbo fica na 3ª pessoa do singular. O certo seria dizer "V. Exª. *irá* viajar amanhã?"

Resposta: frase errada.

22. Mais de um abacate **apodreceram**, menos de duas peras **foi comida**.

Comentários: O núcleo do 1º sujeito é *abacate* e do 2º, *peras*. Por isso, certo seria dizer "Mais de um abacate apodreceu…, menos de duas peras foram comidas".

Resposta: frase errada.

23. Fui um dos que não **disse** nada na reunião.

Comentários: *Disse* concordando com *um*; *disseram* concordando com **dos**. Por isso, tanto faz dizer *fui um dos que disse*, como *fui um dos que disseram*.

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de flexão.

24. Perto de três crianças **se perderam** na praia.

Comentários: O núcleo do sujeito é *crianças*. Por isso, o verbo está no plural.

Resposta: frase certa.

25. **Bastará** três pessoas para erguer esse peso.

Comentários: Organize a frase: *três pessoas bastarão*.

Resposta: frase errada.

26. **Passará** logo meu interesse e minha esperança.

Comentários: Sujeito composto posposto. Tanto faz: o verbo ficou no singular concordando com o núcleo mais próximo, mas também poderia ter ido ao plural, concordando com todos os núcleos.

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de concordância ("passarão").

27. **Abraçaram-se** o rapaz e a garota.

Comentários: Com o pronome *se* recíproco, o verbo deverá ficar apenas no plural.

Resposta: frase certa.

28. Luís e Manuel vadiaram o ano todo; um e outro rapaz, mesmo assim, **passou**.

Comentários: Um e outro: verbo no singular ou no plural.

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de concordância ("passaram").

29. Nem um nem outro caçador **conhecem** esta região.

Comentários: Embora não seja comum, essa construção não está errada. O mais correto, entretanto, seria dizer "Nem um nem outro caçador conhece…".

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de flexão.

30. Um dia, uma hora, um minuto, **bastam** para acontecer uma tragédia.

Comentários: Sujeito composto de núcleos em gradação: singular (mais adequada) ou plural.

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de flexão *(basta)*.

31. Comer e dormir em seguida **engorda**.

Comentários: Núcleos do sujeito composto com verbos no infinitivo: o verbo fica no singular.

Resposta: frase certa.

32. O comer bem e o dormir bastante **engordam**.

Comentários: Agora, os verbos estão antecedidos de artigo. O verbo deve ficar no plural.

Resposta: frase certa.

33. Céu, mar, terra, rios, sol, planetas, animais, tudo se **constitui** dos mesmos elementos.

Comentários: O pronome *tudo* resume as informações anteriores. O verbo deve concordar com o pronome, ficando

no singular.

Resposta: frase certa.

34. O príncipe com a princesa **estiveram** na festa.

Comentários: Tanto faz: plural ou singular. O plural enfatiza os dois núcleos; o singular enfatiza o primeiro.

Resposta: a frase está certa e teria outra possibilidade de concordância (“esteve”).

35. Filipe ou Virgílio **dirigirá** o automóvel.

Comentários: *Só um vai dirigir*: *ou* com valor de exclusão. O verbo deverá ficar no singular.

Resposta: frase certa.

36. A vida ou a morte eternas não **existe**.

Comentários: Agora, *ou* com valor de adição. O que se quer dizer é que a vida *e* a morte eternas não *existem*.

Resposta: frase errada.

17.3. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Complete com as formas verbais adequadas.

1. Altamente irreais, suas palavras só _____ valores supérfluos. (contém/contêm)
2. “A ordem social e humana nem sempre se _____ sem o grotesco.” (alcança/alcançam)
3. _____ muito barulho aqueles meninos. (Faz/Fazem)
4. _____ vinte minutos para as dez horas. (Falta/Faltam)
5. _____ duas palavras de incentivo. (Basta/Bastam)
6. Vossa Excelência _____ triste com a repercussão do caso. (ficou/ficastes)
7. Vossas Excelências _____ tristes com a repercussão (ficaram/ficastes)
8. _____ propostas de trabalho para ele. (Choveu/Choveram)
9. _____ existir dúvidas sobre aquele ponto da matéria. (Deve/Devem)
10. _____ ocorrer novas rebeliões. (Poderá/Poderão)
11. Embora _____ ocorrido alguns distúrbios, ele não se inteirava da condição do mundo. (tivesse/tivessem)
12. Eles _____ entender o problema (parecia/pareciam)
13. _____ sala comercial. (Aluga-se/Alugam-se)

14. _____ salas comerciais. (Aluga-se/Alugam-se)

15. _____ medidas para baratear os produtos editoriais. (Impõe-se/Impõem-se)

16. _____ cinco horas no relógio da sala. (Deu/Deram)

17. _____ cinco horas o relógio da sala. (Deu/Deram)

18. _____ uma hora. (Soou/Soaram)

19. _____ seis horas no relógio da igreja. (Bateu/Bateram)

20. Mais de um caso _____. (foi analisado/foram analisados)

21. Mais de um amigo se _____. (abraçou/abraçaram)

22. Mais de dois casos _____. (foi analisado/foram analisados)

23. Cerca de trinta pessoas _____ mudanças. (exigia/exigiam)

24. Qual de nós _____ do caso? (cuidará/cuidaremos)

25. Algum de nós _____ a tempo. (chegará/chegaremos)

26. Quais de nós _____ do caso? (cuidarão/cuidaremos)

27. Alguns de nós _____ a tempo. (chegarão/chegaremos)

28. A maioria dos professores _____ à cerimônia de posse do novo reitor. (compareceu/compareceram)

29. A maior parte da turma _____ ao primeiro dia de aula. (faltou/faltaram)

30. Setenta por cento da turma _____ de ano. (passou/passaram) / Os setenta por cento da turma _____ de ano. (passou/passaram)

31. Setenta por cento dos eleitores não _____ nos governantes. (confia/confiam)

32. Um por cento do eleitorado _____ o voto. (anulou/anularam)

33. Um por cento dos eleitores _____ o voto. (anulou/anularam)

34. Os Estados Unidos _____ perversamente _____ em 11 de setembro. (foi; atacado/foram; atacados)

35. Minas Gerais _____ a visita de dois ministros. (recebeu/receberam)

36. Os Lusíadas _____ uma epopeia. (conta/contam)

37. Fernanda e Guilherme _____ aqui agora há pouco. (estava/estavam)

38. _____ aqui agora há pouco Fernando e Guilherme. (Estava/ Estavam)

39. Acordava de manhã e lá _____ o meu pão torrado, o meu chá e o meu ovo cozido. (estava/estavam)

40. O diretor e o chefe _____ entender o problema. (parecia/pareciam)

41. Ela e eu _____ para jantar. (saíram/saímos)

42. _____ ela e eu para jantar. (Saímos/Saiu)

43. _____ irmão e irmã. (Abraçou-se/Abraçaram-se)

44. Chás, política, escândalos, nada _____ a sua concentração. (atrapalhava/atrapalhavam)

45. Engenheiros, técnicos, secretárias, todos _____. (foi demitido/foram demitidos)

46. O funcionário com o chefe _____ cedo. (chegou/chegaram)

47. O funcionário, com o chefe, _____ cedo. (chegou/chegaram)

48. Wilson ou Ricardo _____ o novo presidente do conselho fiscal. (será/serão)

49. O funcionário ou os funcionários _____ o novo representante. (anunciará/anunciarão)

50. O riso ou a lágrima _____ parte da minha vida. (faz/fazem)

51. A competição, a disputa não o _____. (seduzia/seduziam)

52. A paixão, o devotamento, a alma não _____ àquele homem. (falta/faltam)

53. Correr e nadar _____ parte do treinamento diário daquele atleta. (faz/fazem)

54. Agora, calar e falar já não _____ nada. (adianta/adiantam)

55. O falar e o escrever _____ dele um aluno especial. (fazia/faziam)

56. _____ bastante por aqui. (Trabalha-se/Trabalham-se)

57. _____ às ordens. (Obedeceu-se/Obedeceram-se)

58. _____ aos levantamentos. (Procedeu-se/Procederam-se)

59. Nunca se _____ totalmente pessimista. (é/são)

60. É preciso _____ com a impunidade no país. (acabar/acabarem)

61. _____ bastante em alguns bairros. (Choveu/Choveram)

62. _____ dúvidas sobre aquele ponto da matéria. (Havia/Haviam)

63. _____ vantagens para o índio no contato com o civilizado. (Havia/Haviam)

64. _____ haver vantagens para o índio no contato com o civilizado. (Devia/Deviam)

65. _____ haver novas rebeliões. (Poderá/Poderão)

66. Falei da angústia que _____ dias me devorava. (havia/haviam)

67. _____ dez meses que não recebo notícias dele. (Faz/Fazem)

68. _____ para dois anos de sua partida. (Vai/Vão)

69. _____ reclamações. (Chega de/Chegam de)

70. _____ duas horas. (Passa de/Passam de)

71. _____ que estejas aqui na hora marcada. (Convém/Convêm)

72. _____ mudar as regras. (Convém/Convêm)

73. _____ que as reações não podem ser diferentes. (Está claro/Estão claros)

74. Os dois _____ que haviam acabado de comer a maçã proibida. (parecia/pareciam)

75. Os dois _____ entenderem o problema. (parecia/pareciam)

76. _____ agora que tudo era mentira. (Sabe-se/Sabem-se)

77. Um e outro tipo _____ marcas profundas. (deixou/deixaram)

78. Nem o pai nem a mãe _____ o problema. (resolveu/resolveram)

79. Não só o funcionário mas também o diretor se _____ para a reunião. (atrasou/atrasaram)

80. Um ou outro estilo _____. (agrada/agradam)

81. Nem um nem outro trabalho _____ elogio. (recebeu/receberam)

82. Fui eu que _____ a verdade. (falei/falou)

83. Fomos nós que _____ a verdade. (falou/falamos)

84. Era árdua a tarefa que os _____ juntos. (mantinha/mantinham)

85. Fui eu quem _____ a verdade. (falei/falou)

86. Sou eu quem _____ a conta. (paga/pago)

87. Fomos nós quem _____ a verdade. (falou/falamos)

88. Ele é um dos jovens que _____ esse moderno sistema de telefonia. (usa/usam)

89. Aquele escritor foi um dos brasileiros que mais _____ no futuro do país. (acreditou/acreditaram)

90. "Napoleão foi um dos guerreiros de fama que _____ na ilha de Santa Helena." (morreu/morreram) (Ivan Alves)

91. O prédio _____ ruínas. (era/eram)

92. Tudo _____ ilusões. (é/são)

93. Guilherme _____ as preocupações da família. (era/eram)

94. O responsável _____ eu. / Eu _____ o responsável. (é/sou)

95. Os responsáveis_____ nós. / Nós _____ os responsáveis. (são/somos)

96. Quem _____ os representantes da turma? (era/eram)

97. O que _____ conectores? (é/são)

98. Os homens _____ complicam as coisas. (é que/são que)

99. _____ aquelas palavras que me serviram como estímulo. (Foi/Foram)

100. Vinte quilos _____. (é muito/são muito)

101. Cinco pessoas _____. (é suficiente/são suficientes)

102. _____ dez horas. (É/São)

103. _____ uma hora e vinte. (Era/Eram)

104. Hoje _____ seis de dezembro. (é/são)

105. Daqui a minha casa _____ três quilômetros. (é/são)

106. As pessoas pareciam _____ o problema. (entender/entenderem)

107. Resolvemos _____ rapidamente. (agir/agirem)

108. Mandei-os _____ os ingressos. (devolver/devolverem)

109. Viu-os _____ imóvel. (chegar/chegarem)

110. Fê-los _____. (chorar/chorarem)

111. Fez os ouvintes _____. (chorar/chorarem)

112. Minha filha chegou sem _____. (perceber/percebermos)

113. Os empresários falaram no preço que pagam para _____ negócio no Brasil. (fazer/fazerem)

114. Não se _____ proibir manifestações do povo. (deve/devem)

115. Os cariocas _____ um povo alegre. (verbo SER, silepse de pessoa)

116. A multidão não se continha. _____ justiça. (verbo PEDIR, silepse de número)

II. Levando em consideração as regras de concordância verbal, marque certo (C) ou errado (E).

1. ( ) A presença de pessoas estranhas, num momento como este, poderiam perturbar a atenção das candidatas, até aqui inteiramente dirigida para as questões da prova.

2. ( ) Quando se aplicam a todos os seres de uma espécie ou quando designam abstrações, o substantivo é chamado "comum".

3. ( ) Os peregrinos, que em longa caravana caminhavam respeitosos, mostravam-se dispostos a enfrentar qualquer

adversidade que se lhes apresentasse.

4. ( ) Já era quase nove horas, nenhum dos meninos pareciam querer se levantar, nada faziam os pais imaginarem os rumores da véspera.

5. ( ) Com a canção popular, hoje, costuma ocorrer frequentemente fatos diversos.

6. ( ) Com a canção popular, hoje, podem haver fatos diversos.

7. ( ) Há uma série de outras motivações que não cabe aqui mencionar.

8. ( ) É uma cidade onde falta verdade, honra e vergonha.

9. ( ) Os fatos que houveram causaram espanto, por ter sido os carros-bomba lançados contra um grupo de crianças inocentes.

10. ( ) Na discussão do assunto, lança-se mão de dois recursos, com base em dados socioeconômicos.

11. ( ) Tratam-se, talvez, das referências mais citadas para defender valores mais expressivos para os salários-família.

12. ( ) Não se apanha moscas com vinagre.

13. ( ) Com o projeto, fornecer-se-ão dados estatísticos sobre a propagação da Aids no país.

14. ( ) Alterou-se cerca de 600 palavras.

15. ( ) Indenizar-se-á em dinheiro as benfeitorias úteis e necessárias.

16. ( ) Não se poderiam esquecer tantas emoções.

17. ( ) Em outros campos, despreza-se palavras que dão o seu recado com eficiente simplicidade.

18. ( ) Havia um templo em que se cultuavam aos deuses.

19. ( ) No fim do mês, feitas as contas, veem-se que os gastos foram absurdos.

20. ( ) Ao se tomar conhecimento dos números dessas pesquisas, fica-se perplexo.

21. Esperam-se que não surjam, no atual cenário latino-americano, os aventureiros de sempre.

22. ( ) Um por cento da população brasileira buscam profissionalizar-se.

23. ( ) Quarenta por cento da população brasileira busca profissionalizar-se.

24. ( ) 1,13% morreu em acidentes de trânsito.

25. ( ) 1,20% dos jovens morreram por outras razões.

26. ( ) 12,49% dos jovens morrem em acidentes.

27. ( ) Trinta por cento da conta de energia correspondem ao consumo gerado por chuveiro elétrico e geladeira.

28. ( ) Se o consumo é muito alto, umas poucas providências em casa já o reduz.

29. ( ) Vários voluntários procuram os Centros de Testagem Anônima; quinze por cento, aproximadamente, apresenta resultado positivo.

30. ( ) O grande responsável pelo reequilíbrio das reservas foi o povo, a quem coube muitos sacrifícios.

31. ( ) Sempre existirão os que aceitam a economia de mercado, como sempre haverão os que lhe são contrários.

32. ( ) Quantos dias faz que não o vemos? Há de haver bem uns dez.

33. ( ) Não me haviam alertado para o perigo os técnicos do laboratório.

34. ( ) Refaria esses trabalhos e quantos mais houvessem para refazer.

35. ( ) Pouco mais de mil pessoas havia nas salas de aula.

36. ( ) Houveram por bem sair mais cedo os professores.

37. ( ) É provável que hajam falhas graves nesse projeto.

38. ( ) Os Estados Unidos não tinha a necessária infraestrutura para recrutar voluntários.

39. ( ) A Fundação Instituto Oswaldo Cruz com a Universidade Federal de Minas Gerais iniciaram um projeto de verificação da incidência de HIV em homossexuais e bissexuais.

40. ( ) O Hospital Clementino Fraga Filho é um dos que selecionarão pessoas para determinar a incidência de HIV em homossexuais e bissexuais entre 18 e 35 anos.

41. ( ) Os Lusíadas são o grande poema épico de Portugal.

42. ( ) Na juventude tudo são alegrias.

43. ( ) Convêm descobrir as fórmulas secretas.

44. ( ) São atitudes como essa que te convém evitar.

45. ( ) Pensou-se que faltava algumas modificações.

46. ( ) Podiam haver divergências entre pronúncia e grafia.

47. ( ) Não podia haver mais complicações.

48. ( ) Já vai fazer dez anos que me radiquei em Fortaleza.

49. ( ) Falta-nos a paixão, o devotamento, a alma.

50. ( ) Houve erros de previsão grosseiros.

51. ( ) Não haverão de mim nada com ameaças.

III. Complete as lacunas com a(s) forma(s) adequada(s).

1. _____ ele, você e eu esperando o chefe. (Ficamos/Ficou)

2. Brasileiros e latino-americanos _____ constantemente a crítica da prevalência. (fazem/fazemos)

3. _____ nas classes trabalhadoras o desejo de ter acesso à leitura. (Aumenta/Aumentam)

4. A maioria dos nossos produtos editoriais não _____ ao orçamento doméstico do trabalhador. (é acessível/são acessíveis)

5. _____ um estudo mais acurado as ideias de baratear a comercialização dos produtos editoriais. (Merece/Merecem)

6. Vislumbra-se um mundo em que tudo _____ botões de computador. (é/são)

7. Tudo, carrinhos, robôs e bonecas, _____ adquirir nova forma e valor nas mãos da criança. (pode/podem)

8. Nem a criança nem o adulto _____ deixar de continuamente exercer o poder de criar. (deve/devem)

9. Grande parte dos objetos hoje utilizados numa casa _____ do processo de industrialização. (resulta/resultam)

10. Tu e eu _____ convencidos de que _____ em erro. (seremos/sereis; andamos/andais)

11. A maioria das pessoas aqui não _____ do que está falando. (sabe/sabem)

12. Um e outro ecologista _____ contra a derrubada de eucaliptos. (protestou/protestaram)

13. _____ dar quatro horas no relógio da praça. (Ia/Iam)

14. _____ o meio ambiente a comunidade e o vigário. (Defendia/Defendiam)

15. A história que vou referir só a _____, em toda esta cidade, minha mulher e eu. (sabe/sabemos)

16. Não _____ falta nenhuma o eucalipto e os cupins. (faz/fazem)

17. O perito e assistente técnico _____ de todos os meios necessários para o desempenho de suas funções. (utilizou-se/utilizaram-se)

18. Os Estados Unidos _____ uma grande potência. (é/são)

19. Alagoas _____ um belo estado. (é/são)

20. Os Lusíadas _____ o grande poema épico da literatura portuguesa. (é/são)

21. Vinte reais _____ suficiente. (é/são)

22. Já _____ uma hora da tarde e ele ainda não chegou. (é/são)

23. "E quanto enfim cuidava e quanto via, _____ tudo memórias de alegria." (Camões) – (era/eram)

24. _____ V. Exª os meus votos de distinta consideração. (Aceita/Aceitais)

25. Cada um dos jogadores daquele quadro já _____ um prêmio. (ganhou/ganharam)

26. Qual de vocês _____ o rio? (atravessará/atravessarão)

27. Qual dos três cientistas _____ o prêmio este ano? (ganhará/ganharão)

28. Quanto de nós _____ realmente dispostos a ajudar o próximo? (estarão/estaremos)

29. _____ três anos que ele viajara para Belém. (Fazia/Faziam)

30. Na reunião só _____ cinco representantes do sindicato. (havia/haviam)

31. _____ árvores derrubadas perto do rio. (Havia/Haviam)

32. "Os sentenciados _____ do poder público a comutação da pena." (G. Góis) – (houve/houveram)

33. _____ existir pelo menos mais de três documentos guardados. (Deve/Devem)

34. _____ haver campanhas educativas sobre o trânsito de nossa cidade. (Deveria/Deveriam)

35. O projeto de integração que _____ realizando as frágeis democracias _____, _____ e _____ é um esforço inegavelmente significativo para o cone sul. (vem/vêm; uruguaia, argentina e brasileira/uruguaias, argentinas e brasileiras)

36. _____ as regras de mera convenção ser menosprezadas. (Pode/Podem)

37. No caso não _____, nem jamais _____, asseguro-lhe, prevenções de ordem pessoal. (existe/existem; existiu/existiram)

38. Não se _____ esquecer tantas atenções. (poderia/poderiam)

39. _____ todos os ritmos da metrificação portuguesa. (Adotou-se/Adotaram-se)

40. A forma de morte em questão é a seguinte: inicialmente _____ as mãos de uma pessoa. (amarra-se/amarram-se)

41. Oitenta por cento dos alunos _____ preparados. (está/estão)

42. Está acertado que 1% dos recursos _____ para a educação, e os 99% restantes _____ em obras de saneamento básico do município. (irá/irão; será empregado/serão empregados)

43. Grande parte das poesias não _____ uniformidade nas estrofes. (tem/têm)

44. Grande número de programas _____ sido _____, nos EUA, para áreas consideradas prioritárias pelo Estado, como matemática e ciências. (tem/têm; direcionado/direcionados)

45. A maioria dos jovens _____ acompanhando pelos jornais as notícias sobre a Croácia. (vem/vêm)

46. Foi o prefeito César Maia quem _____ a pregar a solução. (correu/correram)

47. As sardinhas fomos nós quem _____. (pescou/pescamos)

48. Fui eu quem _____ um manifesto contra irregularidades dessa repartição. (encabeçou/encabecei)

49. Não fui a que _____ primeiro. (cheguei/chegou)

50. "Um dos soldadinhos que me _____ chorava como um desgraçado." (G. Ramos) – (acompanhava/acompanhavam)

51. Ele é um dos que mais _____ o meio ambiente. (defende/defendem)

52. Mais de um nativo _____ o problema. (entendeu/entenderam)

53. "Aqui _____ a burguesia, o mercador, a população." (Eça de Queiroz) – (habita/habitam)

54. Naquela guerra entre quadrilhas, _____ um dos chefes e alguns moradores das proximidades. (morreu/morreram)

55. O certo e que o orgulho, a soberba _____ verdades supremas. (cobre/cobrem)

56. Quando chove, as árvores _____ que ficam verdes. (parece/parecem)

57. Eram casos fortuitos que não _____ em seu poder prevenir. (estava/estavam)

58. Os ritmos utilizados me pareceu _____ melhor com o que eu pretendia exprimir. (quadrar/quadrarem)

59. _____-lhes aclarar muitos pontos importantes. (Falta/Faltam)

60. São atitudes como essa que _____ evitar. (convém/convêm)

61. "O conselho se reuniu, e _____ recomeçar a guerra." (B. Guimarães) – (decidiu/decidiram)

62. Não _____ nexos lógicos entre "tom de documentário" e "convenção de novela", por se _____ de assuntos diferentes. (ocorre/ocorrem; tratar/tratarem)

63. A premissa é a de que de uma quantidade menor de línguas _____ menos maneiras diferentes de pensar, menos chances para desentendimentos e conflitos. (decorrerá/decorrerão)

64. "Mas não _____ o governo, o sistema, o modelo social os únicos responsáveis (ou irresponsáveis) nessa situação." (E. Franchi) – (é/são)

65. "Mas, para Adélia, nem tudo _____ elogios e, de vez em quando, até um grande poeta tem que conviver com o amargor da faca afiada da crítica." (é/são)

66. Nas conversas dos parlamentares e juristas, no Congresso, o assunto _____ sempre as trapalhadas do governo para conter a inflação e a base monetária. (era/eram)

67. Nas conversas de sindicalistas e economistas, no DIEESE, o assunto _____ sempre as altas taxas de desemprego e o arrocho salarial. (era/eram)

68. Nada mal para as empresas que, mesmo sem capital de giro e sem condições de vender, por falta de compradores,

_____ de se ajustar, demitindo pessoal. (haverá/haverão)

69. Ninguém sabe se _____ haver ou não novas inscrições para o concurso anunciado há duas semanas. (vai/vão)

70. Todas as opiniões que _____ entre os participantes do encontro seriam debatidas democraticamente. (houvesse/houvessem)

71. Embora muitas dificuldades _____ surgido, os trabalhos foram concluídos em tempo hábil. (houvesse/houvessem)

72. Se _____ desistências, as vagas não poderão ser preenchidas por candidatos sem habilitação legal. (houver/houverem)

73. _____, entre os meses de outubro e dezembro, ocorrido pancadas de chuva tão violentas que as estradas estavam em péssimas condições. (Havia/Haviam)

74. "Mas _____ livros que, lidos no momento certo, fizeram de mim a pessoa que sou." (houve/houveram)

75. "Nem os olhos nem o gesto _____ poesia nenhuma." (Machado de Assis) – (tinha/tinham)

76. Tudo mal para os trabalhadores que, com a demissão batendo à porta, devido à crise recessiva, _____ de se contentar com o rebaixamento do poder aquisitivo. (terá/terão)

77. As condições concretas, sociais, políticas e econômicas em que foram executados os planos de estabilização de economias em estado de crise, durante o nosso século, _____ cética nossa visão sobre o futuro. (torna/tornam)

78. Para completar o elenco de "Uma relação tão delicada" foi chamado o ator R. Adruim, a quem _____ dois papéis ingratos – o de namorado de Charlotte e o de marido de Jeanne... (coube/couberam)

79. Desta forma, solicito que nos _____ mais alguns dias para entregar o material. (seja concedido/sejam concedidos)

80. Estamos encaminhando, para _____ em reunião da comissão tripartite, as normas para eleição do novo chefe do Departamento. (ser apreciado/serem apreciadas)

81. É sabido que de uma maneira geral a qualidade dos Sistemas de Informação desenvolvidos _____ muito longe das satisfações e necessidades de seus usuários. (está/estão)

Gabarito: I – 1. contêm; 2. alcança; 3. Fazem; 4. Faltam; 5. Bastam; 6. ficou; 7. ficaram. Obs.: Pronome de tratamento leva o verbo para a 3ª pessoa; 8. Choveram (o verbo "chover", aqui, não é impessoal, pois aparece com sentido figurado. Seu sujeito é "propostas"); 9. Devem; 10. Poderão (na locução verbal, quem se flexiona é o verbo

auxiliar: se o sujeito aparecer no plural, o verbo auxiliar ficará no plural); 11. tivessem; 12. pareciam; 13. Aluga-se (sujeito: sala / Sala comercial é alugada.); 14. Alugam-se (sujeito: salas / Salas comerciais são alugadas.); 15. Impõem-se (sujeito: medidas /Medidas são impostas.); 16. Deram; 17. Deu; 18. Soou; 19. Bateram; 20. foi analisado; 21. abraçaram (nesse caso, com pronome recíproco, verbo no plural); 22. foram analisados; 23. exigiam; 24. cuidará; 25. chegará; 26. cuidarão ou cuidaremos; 27. chegarão ou chegaremos; 28. compareceu ou compareceram; 29. faltou; 30. passaram ou passou / passaram; 31. confiam; 32. anulou; 33. anulou ou anularam; 34. foram atacados; 35. recebeu; 36. conta ou contam (com nome de "obra", aceita-se a concordância com a ideia, no singular.); 37. estavam; 38. Estava ou Estavam; 39. Estava ou estavam; 40. pareciam; 41. Saímos [3ª pessoa (ela) + 1ª pessoa (eu) = 1ª pessoa do plural (nós)]: com sujeito composto representado por pessoas diferentes, o verbo vai ao plural da pessoa que tiver preferência – a 1ª pessoa prevalece sobre a 2ª pessoa e a 3ª pessoa; a 2ª pessoa prevalece sobre a 3ª: Tu e ela chegastes ou chegaram. Nesse caso, aceita-se a 3ª pessoa do plural – chegaram – , pois o "vós" está em desuso; 42. Saímos ou Saiu (Verbo anteposto a sujeito composto: concorda com todos os núcleos ou com o mais próximo.); 43. Abraçaram-se ("se" recíproco – verbo na 3ª pessoa do plural); 44. atrapalhava (caso 2 – b); 45. foram demitidos (idem); 46. chegaram ou chegou; 47. chegou (É a melhor concordância. Algumas gramáticas, porém, aceitam o plural nesse tipo de construção.); 48. será; 49. anunciarão; 50. fazem; 51. seduzia ou seduziam; 52. falta ou faltam; 53. faz; 54. adiantam; 55. faziam; 56. Trabalha-se; 57. Obedeceu-se; 58. Procedeu-se; 59. é; 60. acabar; 61. Choveu; 62. Havia; 63. Havia; 64. Devia; 65. Poderá; 66. havia; 67. Faz; 68. Vai; 69. Chega de; 70. Passa de; 71. Convém; 72. Convém; 73. Está claro; 74. parecia (= Parecia/que os dois haviam acabado de comer a maçã proibida); 75. parecia (= Parecia/ que os dois entenderam o problema); 76. Sabe-se; 77. deixou ou deixaram; 78. resolveu ou resolveram; 79. atrasaram (é a preferência); 80. agrada; 81. recebeu ou receberam; 82. falei; 83. falamos; 84. mantinha; 85. falei ou falou; 86. paga ou pago; 87. falou ou falamos; 88. usa ou usam; 89. acreditou ou acreditaram; 90. morreu (o sentido exige o singular); 91. era ou eram; 92. é ou são; 93. era; 94. sou/sou; 95. somos/somos; 96. eram; 97. são; 98. é que; 99. Foram; 100. é muito; 101. é suficiente; 102. São; 103. Era; 104. são; 105. são; 106. entender; 107. agir; 108. devolver; 109. chegar; 110. chorar; 111. chorar ou chorarem; 112. percebermos (sujeito próprio); 113. fazer ou fazerem; 114. deve ou devem; 115. somos; 116. Pediam.

II – 1. E – A presença ... poderia perturbar; 2. E – Quando se aplica ... o substantivo ...; 3. C; 4. E – Já eram ... nove horas ; nenhum dos meninos parecia ... ; nada fazia ...; 5. E – ...costumam ocorrer ... fatos; 6. E – pode haver; 7. C; 8. C; 9. E – houve ; terem sido lançados; 10. C; 11. E – Trata-se – Sujeito indeterminado, o "se" é indeterminador; 12. E – apanham – O "se" é apassivador, o sujeito é "moscas"; 13. C; 14. E – Alteram-se ... palavras – O "se" é apassivador; 15. E – Indenizar-se-ão ... as benfeitorias – O "se" é apassivador; 16. C – caberia também "poderia" – Ver "Flexão do Infinitivo" d); 17. E – desprezam-se palavras ... A explicação é a mesma das frases 12 a 15.); 18. E – se cultuava – Sujeito indeterminado, "se" indeterminador; 19. E – vê-se – Sujeito oracional "que os gastos foram absurdos", verbo da oração principal no singular; 20. C; 21. E – – A mesma explicação da frase 19 Espera-se/que...); 22. E – Um por cento da população busca...; 23. C – ou buscam; 24. C; 25. C – ou morreu; 26. C; 27. C – ou corresponde; 28. E – ... providências ... reduzem; 29. E – apresentam; 30. E – ... a quem couberam muitos sacrifícios; 31. E – haverá; 32. C; 33. C; 34. E – houvesse; 35. C; 36. C – o "haver", aqui, não é impessoal; 37. E – haja; 38. E – tinham; 39. C – ou iniciou; 40. C – ou selecionará; 41. C – ou é; 42. C – ou é; 43. E – Convém/descobrir... sujeito

oracional); 44. C; 45. E – ... faltavam ... modificações; 46. E – Podia haver; 47. C; 48. C; 49. C; 50. C; 51. C – o "haver", aqui, não é impessoal.

III – 1. Ficamos ou Ficou; 2. fazem ou fazemos (silepse); 3. Aumenta; 4. é acessível ou são acessíveis; 5. Merecem; 6. é ou são; 7. pode; 8. deve ou devem; 9. resulta ou resultam; 10. seremos/andamos; 11. sabe ou sabem; 12. protestou ou protestaram; 13. Iam; 14. Defendia ou Defendiam (verbo anteposto a sujeito composto); 15. sabe ou sabemos (idem); 16. faz ou fazem (idem); 17. utilizou-se (é uma pessoa só: Ele é perito e assistente); 18. são; 19. é; 20. é ou são; 21. é; 22. é; 23. era ou eram; 24. Aceita; 25. ganhou; 26. atravessará; 27. ganhará; 28. estarão ou estaremos; 29. Fazia; 30. havia; 31. Havia; 32. houveram; 33. Devem; 34. Deveria; 35. vêm/uruguaia, argentina e brasileira; 36. Podem; 37. existem/existiram; 38. poderiam ou poderia; 39. Adotaram-se; 40. amarram-se; 41. estão; 42. irá ou irão/serão empregados; 43. tem ou têm; 44. tem sido direcionado ou têm sido direcionados; 45. vem ou vêm; 46. correu; 47. pescou ou pescamos; 48. encabeçou ou encabecei; 49. chegou; 50. acompanhava ou acompanhavam; 51. defende ou defendem; 52. entendeu; 53. habita ou habitam; 54. morreu ou morreram; 55. cobre ou cobrem (núcleos sinônimos); 56. parece (Parece/que as árvores...). or.princ. or.subjetiva; 57. estava (prevenir casos não estava em seu poder); 58. quadrarem (Pareceu-me/que os ritmos quadravam melhor). or.princ. or.subjetiva; 59. Falta-lhes/aclarar... or.princ. or.subjetiva (reduzida de infinitivo); 60. Convém/evitar (idem); 61. decidiu ou decidiram (silepse); 62. ocorrem/tratar; 63. decorrerão; 64. é ou são; 65. é ou são; 66. era ou eram; 67. era ou eram; 68. haverão; 69. vai; 70. houvesse; 71. houvessem; 72. houver; 73. Haviam; 74. houve; 75. tinha ou tinham; 76. terão; 77. tornam; 78. couberam; 79. sejam concedidos; 80. serem apreciadas; 81. está.

17.4. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Por fim, vamos às questões. FCC, Vunesp, Cespe-UnB e Cesgranrio são algumas das bancas que mais trabalham questões de concordância verbal em suas provas. Aproveite cada alternativa, procurando explicar a regra de concordância utilizada na frase.

1. (FCC/TRE-AP) As normas de concordância verbal estão inteiramente respeitadas na frase:

a) Sempre houve quem esbanjassem os recursos naturais.

b) Se não houverem trabalho nem produção, não haverá atividade econômica.

c) Alimentava-se muitas ilusões quanto ao custo e à disponibilidade da água.

d) Nenhuma saída a curto prazo se avistam em nossos horizontes.

e) Poderão vir a faltar outros recursos naturais, se não os pouparmos.

Comentários:

A letra A traz o pronome "quem" como sujeito do verbo esbanjar, portanto, verbo no singular (... *quem esbanjasse...*). Na B, o verbo "haver" é impessoal (sentido de existir, não varia). Na letra C, o pronome é apassivador ("Alimentavam-se muitas ilusões" é o mesmo que "Muitas ilusões eram alimentadas", verbo no plural). Na opção D, o núcleo do sujeito (saída) está no singular, verbo no singular. A letra E, está correta, pois o núcleo do sujeito está no plural (recursos). Vimos que, na locução verbal, quem se flexiona é o verbo auxiliar.

Resposta: E.

2. (Cesgranrio) Entre os que observavam os acontecimentos _____ muitos gritos.

De acordo com a norma culta da língua, a forma verbal que deve ser usada para preencher a lacuna acima é:

a) aconteceu

b) houve

c) houveram

d) ouviu-se

e) percebeu-se

Comentários:

Nesta questão, há três opções que trazem verbos pessoais, que possuem sujeito (letras A, D e E). Como o sujeito é "muitos gritos", esses verbos viriam no plural (aconteceram, ouviram-se, perceberam-se). Nas letras B e C, o verbo "haver" é impessoal, equivale a "ocorrer", por isso **não pode se flexionar**.

Resposta: B.

3. (FCC) Em qual das frases a seguir a concordância verbal segue a norma culta?

a) Mais de um jornal comentaram o lançamento do novo dicionário.

b) Ontem foi lançado, com um grande evento, mais dois volumes da Enciclopédia.

c) Tanto o Aurélio quanto o Houaiss passam por atualizações periódicas.

d) O Aurélio ou o Houaiss receberam o prêmio de melhor dicionário do ano.

e) Trinta por cento dos dicionários apresenta algum verbete falso.

Comentários:

Na opção A, o sujeito é "Mais de um jornal", cujo núcleo é "jornal", verbo no singular.

("Mais de um jornal comentou..."). Na letra B, a ordem direta da frase seria "Mais de dois volumes da Enciclopédia foram lançados ontem", verbo no plural, pois o sujeito é composto (Aurélio/Houaiss) com verbo posposto, plural. Correta a frase. A letra D traz dois núcleos ligados por **ou** com valor de <u>exclusão</u> (só um receberá o prêmio). Verbo no singular. Na opção E, tanto a porcentagem (*Trinta por cento*) quanto o substantivo que se segue (*dicionários*) levam o verbo ao plural – apresentam. Já a letra C apresenta a expressão "tanto... quanto...", que indica soma, por isso, está correta a forma "passam".

Resposta: C.

4. (FCC) Na passagem "A maioria dos profissionais já viveu uma sensação de impasse na carreira", a concordância

verbal está de acordo com a norma culta. Assinale a opção cuja concordância verbal está, segundo essa mesma norma, correta.

a) Sempre houveram impasses na sua vida profissional.

b) A reparação dos erros cometidos são possíveis.

c) Investiga-se, nesse momento, as falhas ocorridas.

d) Faz alguns meses que iniciamos o trabalho.

e) Soou oito horas no relógio da sala.

Comentários:

Nesta questão, vale a pena explicar a frase retirada do texto "A maioria dos profissionais já viveu...". Na teoria, vimos que os chamados coletivos partitivos (a maioria de, grande parte de...) e as porcentagens (um por cento de, trinta por cento de...) seguem o mesmo padrão: o verbo pode concordar com o núcleo (maioria, parte; um, trinta) ou com o termo que se segue. Portanto, nessa frase, além de "viveu" – concordando com o núcleo "maioria" – poderia vir "viveram" – concordando com "profissionais".

As letras A e D trazem verbos impessoais (haver = existir; fazer = tempo passado), não podendo, por isso, se flexionar. Portanto, a letra A está errada e a D correta. Na letra B, o núcleo do sujeito é "reparação", singular ("A reparação... é possível"). Na C, "as falhas são investigadas" ("Investigam-se as falhas"). Na letra E, o sujeito é o número de horas ("Oito horas soaram no relógio").

Resposta: D.

5. (FCC) Indique a única frase em que o verbo está flexionado corretamente.

a) 95% das televisões está diariamente em uso no país.

b) Para o consumo industrial, 17. 578 watts não representa nada.

c) Considera-se que até mesmo 1% de economia de água é bom para a Terra.

d) A imprensa noticia que menos de 10% dos cidadãos se preocupa com o meio ambiente.

e) Milhares de árvores da Floresta Amazônica é abatida mensalmente.

Comentários:

As letras A, C e D mostram o caso das porcentagens, em que o verbo ou concorda com elas ou com o termo seguinte. As letras A e D só podem vir com verbo no plural, já que tanto as porcentagens quanto os substantivos que se seguem estão no plural (*95% das televisões estão...*) e (*10% dos cidadãos se preocupam*). Na letra C, tanto a porcentagem quanto o substantivo estão no singular, verbo no singular (*1% da economia de água é bom...*). Correta a frase. Nas letras B e E, os verbos teriam de aparecer no plural (*representam/são abatidos ou são abatidas, já que as duas leituras podem ser feitas: milhares de árvores são abatidos ou milhares de árvores são abatidas*).

Resposta: C.

17.5. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016 – Adaptada)

O verbo que pode ser indiferentemente flexionado no singular ou no plural encontra-se em:

a) *... enfrentar as luzes, os cartazes, e a plateia...*

b) *Mas a música brasileira, ao contrário de outras artes, já traz dentro de si os elementos de renovação.*

c) *Veja, os Beatles, foram à Índia...*

d) *O importante é Mutantes e Martinho da Vila no mesmo palco.*

e) *... onde samba, toada etc. são ritmos virgens para seus melhores músicos...*

Leia o texto a seguir para responder à questão 2.

Cada um no seu *tablet*: conheça o perfil das crianças brasileiras na web

Há tempos a internet não é lugar frequentado apenas por adultos. As crianças aprendem a navegar na web antes mesmo de amarrar os cadarços. Um levantamento da AVG Technologies comprova que 57% dos pequenos de até 5 anos sabem usar aplicativos em *smartphones*, mas só 14% são capazes de dar um laço nos cordões dos sapatos.

Além de ter acesso a dispositivos eletrônicos cada vez mais cedo, o público infantil tem uma tendência ao uso privativo da internet. As informações são do relatório mais recente da ICT Kids Online Brazil. O estudo foi realizado com pessoas de 9 a 16 anos, e indica que meninos e meninas acessam a rede principalmente de casa. E o Brasil é onde as crianças mais acessam a internet por dispositivos móveis, como *smartphones* e *tablets* – um terço delas estão conectadas.

Apesar do amplo acesso à web dentro de casa, a realidade não é a mesma no ambiente escolar. A pesquisa chama a atenção para o pouco uso da rede nas escolas brasileiras.

(Adaptado de: www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/tecnologia/2015/09/04/interna_tecnologia,497349/cada-um-no-seutablet-conheca-o-perfil-das-criancas-brasileiras-na-we.shtml. Acessado em: 05.09.2015)

2. (FCC – TRE-SE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – 2015)

A frase redigida corretamente e em conformidade com as informações do texto é:

a) Grande parte das crianças brasileiras aprende a usar a internet logo cedo, devido à falta de restrição do acesso à rede nas escolas.

b) Um terço das crianças brasileiras têm acesso à internet em seu domicílio, enquanto não há computadores em suas escolas.

c) A maioria das crianças brasileiras acessa a internet por dispositivos móveis, por isso ainda há pouco uso da rede nas escolas.

d) As crianças brasileiras tendem a usar a internet em casa, ainda que as escolas ofereçam amplo acesso à rede.

e) Muitas crianças brasileiras utilizam a internet em suas casas, ao passo que o acesso à rede é escasso nas escolas.

3. (FCC – TRE-SE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – 2015)

A frase escrita com clareza e de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa é:

a) Já faz anos que as crianças vêm usando a internet, e é admirável a rapidez com que elas aprendem a lidar com os aplicativos que surgem a cada dia.

b) Hoje parecem haver crianças que já nascem com uma predisposição para usar os recursos tecnológicos, que lhe atraem desde cedo.

c) Muitos adultos que se mantém alheio à comunicação virtual são excluídos do diálogo com os mais novos, o que acarreta conflitos intergeracionais.

d) É possível que ocorra alguns desencontros entre as gerações, mas muitos jovens estão consciente da importância de ajudar os mais velhos a usar as novas tecnologias.

e) São úteis, nos dias de hoje, utilizar ferramentas de comunicação virtual para se manter bem informado e estar próximo de quem mora em lugares distantes.

4. (FCC – TRE-SE – Analista Judiciário – Área Administrativa – 2015)

As normas de concordância verbal estão plenamente observadas na frase:

a) Vincula-se ao nosso antigo complexo de povo colonizado hábitos como o que nos leva ao emprego indiscriminado de termos estrangeiros.

b) Somente no caso de haverem razões plenamente justificáveis admite-se, na opinião do autor do texto, o uso de vocábulos estrangeiros.

c) Constam nos programas de congressos acadêmicos, como se fosse natural, chamamento em inglês para o nosso brasileiríssimo cafezinho.

d) O emprego de termos estrangeiros cujas acepções originais não têm tradução adequada conta com o respaldo do autor do texto.

e) Aquilo que os estrangeiros parecem dizer melhor, com palavras mais apropriadas, quase sempre encontram perfeita tradução em nosso idioma.

5. (FCC – TCE-CE – Analista de Controle Externo – 2015)

O verbo indicado entre parênteses deve flexionar-se de modo a concordar com o elemento sublinhado na seguinte frase:

a) A <u>rejeição</u> que demonstra Coutinho a preconceitos sociais (**distinguir**) sua obra da de outros documentaristas.

b) Grupos ou classes sociais, numa visão a distância, não (**merecer**) desse <u>cineasta</u> qualquer atenção especial.

c) Não (**dever**) satisfazer-se um bom documentarista com os <u>paradigmas</u> já cristalizados.

d) Aos <u>tipos</u> sociais já reconhecidos (**faltar**) a imprescindível singularização dos indivíduos.

e) Sertanejos nordestinos e peões de fábrica são designações que não (**derivar**) senão de uma mera <u>tipologia</u>.

6. (FCC – TRT – 3ª Região (MG) – Técnico – Administração – 2015)

As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na seguinte frase:

a) Já quase não se coleciona em álbum, em função das técnicas digitais, as fotografias familiares que tanto contavam de nossa

história.

b) Para muita gente já não são mais necessários conservar os velhos álbuns de fotografias, substituídos que foram pelos arquivos digitais.

c) Aquelas velhas fotos não convêm ninguém desprezar, estão sendo cada vez mais raras, e algum dia acabará por converter-se num precioso documento.

d) Uma sucessão de fotos pode ilustrar um segmento importante de uma história familiar, à qual pertenceram aqueles velhos rostos e expressões.

e) A todas as pessoas deveriam caber, em respeito aos que as antecederam, conservar as imagens de outro tempo, de outros hábitos.

7. (FCC – TRT – 15ª Região – Analista Judiciário – Tecnologia da Informação – 2015)

O verbo em negrito deve sua flexão ao elemento sublinhado em:

a) *A Índia, tal como o livro de Benjamin Skinner já* ***anunciava****...*

b) *... com um número que hoje* ***oscila*** *entre os 13 milhões...*

c) *Pessoalmente,* ***interessam****-me duas.*

d) *A escravidão que* ***denunciava*** *com dureza..*

e) *... o ruidoso silêncio que a escravidão moderna* ***merece****...*

8. (FCC – Manausprev – Técnico Previdenciário – Administrativa – 2015)

A forma verbal que pode ser flexionada indiferentemente no singular e no plural encontra-se em:

a) *...a variedade de formas existentes nos sítios onde escavou...*

b) *De fato, a maior parte dos despojos dos miracangueras era composta de cinzas.*

c) *... as quais lembram congêneres da Grécia Clássica.*

d) *Havia peças mais elaboradas, certamente para pessoas de posição mais elevada...*

e) *...o grupo indígena dos miracangueras não era originário da região...*

9. (FCC – TRE-RR – Analista Judiciário – Área Judiciária – 2015)

Considere as alterações propostas nas alternativas abaixo para alguns segmentos do texto. Mantém-se a correção gramatical no que consta em:

a) *Não basta um estado de espírito.* Não basta algumas decisões tomadas nesse sentido.

b) *Essa é uma exigência que se impõe tanto em tempos de guerra quanto em tempos de paz.* Essa é uma das exigências que se impõem tanto em tempos de guerra quanto em tempos de paz.

c) *É preciso algo mais.* Faz-se necessário as mudanças de visão e de atitudes.

d) *... para que ela tenha um sentido.* ... para que as metas estabelecidas a cada um tenha um sentido.

e) *Na raiz da palavra resistere se encontra um sentido* ... Na raiz da palavra resisterese encontra algumas indicações de seu significado ...

10. (FCC – CNMP – Técnico – Administração – 2015)

O elemento que justifica a flexão verbal em destaque está sublinhado em:

a) ... ***é*** *hoje dominante o entendimento de que democracia...*

b) *Mas nada assegura que a configuração de fatores relevantes para a estabilidade* ***permanecerá*** *a mesma até, digamos, a metade do presente século...*

c) *... não significa que o corpo de hipóteses históricas e empíricas que explica a consolidação da democracia como sistema em casos concretos* ***possa passar*** *ao largo...*

d) *De fato, certa tensão entre os conceitos institucional e substantivo da democracia existe por toda parte, mas* ***articula-se*** *de maneira específica...*

e) *Mesmo democracias que no início pareciam débeis* ***foram se robustecendo****...*

11. (Copergás/PE – Analista Administrador – FCC – Jul./2016)

O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se, obrigatoriamente, numa forma do PLURAL para integrar de modo adequado a seguinte frase:

a) Aos guardas da fronteira não (**despertar**) suspeitas o que era mais evidente nos pertences da velhinha.

b) Muitas vezes nos (**escapar**) a unidade dos detalhes expostos, ao atentarmos para a singularidade de cada um.

c) Às fabulas tradicionais (**caber**) desenvolver narrativas cujo sentido moral reste plenamente exemplificado.

d) Tantas vezes nos (**desorientar**) a evidência dos detalhes que perdemos o sentido do conjunto.

e) A revista que (**fazer**) da bolsa da velhinha não esclarecia os guardas quanto à natureza do contrabando.

12. (Eletrobras/Eletrosul – Adm. Empres. – FCC – Jun./2016)

As normas de concordância verbal encontram-se plenamente atendidas na seguinte frase:

a) Não cabe aos responsáveis pelo mau funcionamento do mundo quaisquer tipos de sanção, uma vez que sequer logramos identificá-los.

b) O desleixo e a improvisação, que na ordem humana constitui um defeito incorrigível, estão perversamente implicados na política e na economia.

c) Torna-se difícil projetar as imagens de um mundo natural que fosse administrado pela consciência humana, à qual se devem as decisões mais injustas.

d) Acabam por tornar visíveis as falhas do mundo natural o desequilíbrio injusto na distribuição dos favores e das desgraças que acometem a humanidade.

e) Os liberais dizem que se devem confiar nas vantagens do livre mercado, cujo funcionamento por si só se responsabilizariam pela estabilidade da economia.

Leia o texto a seguir para responder à questão 13.

Texto I

Naquele novo apartamento da rua Visconde de Pirajá pela primeira vez teria um escritório para trabalhar. Não era um cômodo muito grande, mas dava para armar ali a minha tenda de reflexões e leitura: uma escrivaninha, um sofá e os livros. Na parede da esquerda ficaria a grande e sonhada estante onde caberiam todos os meus livros. Tratei de encomendá-la a seu Joaquim, um marceneiro que tinha oficina na rua Garcia D' Ávila com Barão da Torre.

O apartamento não ficava tão perto da oficina. Era quase em frente ao prédio onde morava Mário Pedrosa, entre a Farme de Amoedo e a antiga Montenegro, hoje Vinicius de Moraes. Estava ali havia uma semana e nem decorara ainda o número do prédio. Tanto que, quando seu Joaquim, ao preencher a nota de encomenda, perguntou-me onde seria entregue a estante, tive um momento de hesitação. Mas foi só um momento. Pensei rápido: " Se o prédio do Mário é 228, o meu, que fica quase em frente, deve ser 227". Mas lembrei-me de que, ao ir ali pela primeira vez, observara que, apesar de ficar em frente ao do Mário, havia uma diferença na numeração.

– Visconde de Pirajá, 127 – respondi, e seu Joaquim desenhou o endereço na nota.

– Tudo bem, seu Ferreira. Dentro de um mês estará lá sua estante.

– Um mês, seu Joaquim! Tudo isso? Veja se reduz esse prazo.

– A estante é grande, dá muito trabalho... Digamos, três semanas.

Ferreira Gullar. A estante. In: *A estranha vida banal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989 (com adaptações).

13. (INSS – Técnico Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

Julgue o seguinte item como Certo (C) ou Errado (E), a respeito de aspectos linguísticos do **texto I**.

A forma verbal " teria" (l. 1) está flexionada na terceira pessoa do singular, para concordar com " apartamento" (l. 1), núcleo do sujeito da oração em que ocorre.

Leia o texto a seguir para reponder à questão 14.

Texto CB2A2BBB

O fenômeno da corrupção, em virtude de sua complexidade e de seu potencial danoso à sociedade, exige, além de uma atuação repressiva, também uma ação preventiva do Estado. Portanto, é preciso estimular a integridade no serviço público, para que seus agentes sempre atuem, de fato, em prol do interesse público.

Entende-se que a integridade pública representa o estado ou condição de um órgão ou entidade pública que está " completa, inteira, perfeita, sã", no sentido de uma atuação que seja imaculada ou sem desvios, conforme as normas e valores públicos.

De acordo com a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), a integridade é mais do que a ausência de corrupção, pois envolve aspectos positivos que, em última análise, influenciam os resultados da administração, e não apenas seus processos. Além disso, a OCDE compreende um sistema de integridade como um conjunto de arranjos institucionais, de gerenciamento, de controle e de regulamentações que visem à promoção da integridade e da transparência e à redução do risco de atitudes que violem os princípios éticos.

Nesse sentido, a gestão de integridade refere-se às atividades empreendidas para estimular e reforçar a integridade e também para

prevenir a corrupção e outros desvios dentro de determinada organização.

Disponível em: <www.cgu.gov.br> (com adaptações).

14. (TCE-SC – Aud. Fiscal-Administ. – Cespe – Maio/2016)

Com relação a aspectos linguísticos do texto CB2A2BBB, julgue o item subsequente como Certo (C) ou Errado (E).

A coesão e a correção gramatical do trecho " e à redução do risco de atitudes que violem os princípios éticos" (l. 12 e 13) seriam mantidas caso a forma verbal " violem" fosse flexionada no singular, passando, então, a concordância a restringir-se ao termo " risco".

Leia o texto a seguir para responder à questão 15.

A história eleitoral do Brasil é uma das mais ricas do mundo. Durante o período colonial, a população das vilas e cidades elegia os representantes dos conselhos municipais. As primeiras eleições gerais para escolha dos representantes à Corte de Lisboa ocorreram em 1821. No ano seguinte, foi promulgada a primeira lei eleitoral brasileira, que regulou as eleições dos representantes da Constituinte de 1823. Desde 1824, quando aconteceu a primeira eleição pós-independência, foram eleitas cinquenta e uma legislaturas para a Câmara dos Deputados. Somente durante o Estado Novo (1937-1945), as eleições para a Câmara foram suspensas.

Hoje, os eleitores escolhem os representantes para os principais postos de poder (presidente, senador, deputado federal, governador, deputado estadual, prefeito e vereador) e pouca gente duvida da legitimidade do processo eleitoral brasileiro. As fraudes foram praticamente eliminadas. A urna eletrônica permite que os resultados sejam proclamados poucas horas depois do pleito. As eleições são competitivas, com enorme oferta de candidatos e partidos (uma média de trinta partidos por eleição). Quatro em cada cinco adultos compareceram às últimas eleições para votar. O sufrágio é universal, pois já não existem restrições significativas que impeçam qualquer cidadão com pelo menos dezesseis anos de idade de ser eleitor. Hoje, o Brasil tem o terceiro maior eleitorado do planeta, perdendo apenas para a Índia e os Estados Unidos da América.

Jairo Marconi Nicolau. *História do voto no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002, p. 7-8 (com adaptações).

15. (Câmara dos Deputados – Técn. legislativo – Cespe – 2014)

Em relação ao texto acima, julgue o seguinte item como Certo (C) ou Errado (E).

Os termos " eleitores" (L. 8), " gente" (L. 9), " fraudes" (L. 10), " restrições" (L. 14) e " Brasil" (L. 15) são núcleos do sujeito da oração em que se inserem.

Leia o texto a seguir para responder à questão 16.

Na organização do poder político 1 no Estado moderno, à luz da tradição iluminista, o direito tem por função a preservação da liberdade humana, de maneira a coibir a desordem do estado de natureza, que, em virtude do risco da dominação dos mais fracos pelos mais fortes, exige a existência de um poder institucional. Mas a conquista da liberdade humana também reclama a distribuição do poder em ramos diversos, com a disposição de meios que assegurem o controle recíproco entre eles para o advento de um cenário de equilíbrio e harmonia nas sociedades estatais. A concentração do poder em um só órgão ou pessoa viria sempre em detrimento do exercício da liberdade. É que, como observou Montesquieu, " todo homem que tem poder tende a abusar dele; ele vai até onde encontra limites. Para que não se possa abusar do poder, é preciso que, pela disposição das coisas, o poder limite o poder".

Até Montesquieu, não eram identificadas com clareza as esferas de abrangência dos poderes políticos: “ só se concebia sua união nas mãos de um só ou, então, sua separação; ninguém se arriscava a apresentar, sob a forma de sistema coerente, as consequências de conceitos diversos”. Pensador francês do século XVIII, Montesquieu situa-se entre o racionalismo cartesiano e o empirismo de origem baconiana, não abandonando o rigor das certezas matemáticas em suas certezas morais. Porém, refugindo às especulações metafísicas que, no plano da idealidade, serviram aos filósofos do pacto social para a explicação dos fundamentos do Estado ou da sociedade civil, ele procurou ingressar no terreno dos fatos.

Fernanda Leão de Almeida. A garantia institucional do Ministério Público em função da proteção dos direitos humanos. Tese de doutorado. São Paulo: USP, 2010, p. 18-9. Disponível em: <www.teses.usp.br> (com adaptações).

16. (MPU – Analista – Cespe – 2015)

Julgue o item subsequente, relativo às estruturas linguísticas do texto I, como Certo (C) ou Errado (E).

A flexão plural em “ eram identificadas” (l. 10) decorre da concordância com o sujeito dessa forma verbal: “ as esferas de abrangência dos poderes políticos” (l. 10).

Leia o texto a seguir para responder à questão 17.

Estação do ano mais aguardada pelos brasileiros, o verão não é sinônimo apenas de praia, corpos à mostra e pele bronzeada. O calor extremo provocado por massas de ar quente – fenômeno comum nessa época do ano, mas acentuado na última década pelas mudanças climáticas – traz desconfortos e riscos à saúde. Não se trata somente de desidratação e insolação. Um estudo da Faculdade de Saúde Pública de Harvard (EUA), o maior a respeito do tema feito até o momento, mostrou que as temperaturas altas aumentam hospitalizações por falência renal, infecções do trato urinário e até mesmo sepse, entre outras enfermidades. “ Embora tenhamos feito o estudo apenas nos EUA, as ondas de calor são um fenômeno mundial. Portanto, os resultados podem ser considerados universais”, diz Francesca Domininci, professora de bioestatística da faculdade e principal autora do estudo, publicado no jornal Jama, da Associação Médica dos Estados Unidos. No Brasil, não há estudos específicos que associem as ondas de calor a tipos de internações. “ Não é só aí. No mundo todo, há pouquíssimas investigações a respeito dessa relação”, afirma Domininci. “ Precisamos que os colegas de outras partes do planeta façam pesquisas semelhantes para compreendermos melhor essa importante questão para a saúde pública”, observa.

Internet: <www.correioweb.com.br> (com adaptações)

17. (FUB – Técnico Administrativo – Cespe – 2015)

Julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Mantêm-se a correção gramatical e o sentido original do texto ao se substituir “ há” (l. 10) por **existe**.

Leia o texto a seguir para responder à questão 18.

Os primeiros anos que se seguiram à Proclamação da República foram de grandes incertezas quanto aos trilhos que a nova forma de governo deveria seguir. Em uma rápida olhada, identificam-se dois grupos que defendiam diferentes formas de se exercer o poder da República: os civis e os militares. Os civis, representados pelas elites das principais províncias – São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul –,queriam uma república federativa que desse muita autonomia às unidades regionais. Os militares, por outro lado, defendiam um Poder Executivo forte e se opunham à autonomia buscada pelos civis. Isso sem mencionar as acirradas disputas internas de cada grupo. Esse era um quadro que demonstrava a grande instabilidade sentida pelos cidadãos que viveram naqueles anos. Mas havia cidadãos?

Formalmente, a Constituição de 1891 definia como cidadãos os brasileiros natos e, em regra, os naturalizados. Podiam votar os cidadãos com mais de vinte e um anos de idade que tivessem se alistado conforme determinação legal. Mas o que, exatamente, significava isso? Em 1894, na primeira eleição para presidente da República, votaram 2,2% da população. Tudo indica que, apesar de a República ter abolido o critério censitário e adotado o voto direto, a participação popular continuou sendo muito baixa em virtude, principalmente, da proibição do voto dos analfabetos e das mulheres.

No que se refere à legislação eleitoral, alguns instrumentos legais vieram a público, mas nenhum deles alterou profundamente o processo eleitoral da época. As principais alterações promovidas na legislação contemplaram o fim do voto censitário e a manutenção do voto direto. Essas modificações, embora importantes, tiveram pouca repercussão prática, já que o voto ainda era restrito – analfabetos e mulheres não votavam – e o processo eleitoral continuava permeado por toda sorte de fraudes.

Ane Ferrari Ramos Cajado, Thiago Dornelles e Amanda Camylla Pereira. Eleições no Brasil: uma história de 500 anos. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral, 2014, p. 27-8. Internet: <www.tse.jus.br> (com adaptações).

18. (TRE-GO – Analista/Técnico – Cargos 1 e 2 – Cespe – 2015)

Julgue o item que se segue, acerca das estruturas linguísticas do texto I, como Certo (C) ou Errado (E).

O trecho " votaram 2,2% da população" (l. 12) poderia, sem prejuízo gramatical ou de sentido para o texto, ser reescrito da seguinte forma: 2,2% da população votou.

Leia o texto a seguir para responder à questão 19.

A crônica não é um " gênero maior". Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse. Portanto, parece mesmo que a crônica é um gênero menor.

" Graças a Deus", seria o caso de dizer, porque, sendo assim, ela fica mais perto de nós. E para muitos pode servir de caminho não apenas para a vida, que ela serve de perto, mas para a literatura. Por meio dos assuntos, da composição solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. Na sua despretensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorrateira, recuperar com a outra mão certa profundidade de significado e certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada, embora discreta, candidata à perfeição.

Antonio Candido. A vida ao rés do chão. In: *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993,p. 23 (com adaptações).

19. (Cespe – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2014)

Ainda em relação ao texto, julgue (C ou E) o item subsequente. As formas verbais " imagina" (l. 1), " atribuir" (l. 2) e " servir" (l. 6) foram utilizadas como verbos transitivos indiretos.

Leia o texto a seguir para responder à questão 20.

Texto II

O índio não teve muita sorte na literatura brasileira, depois do Romantismo. Enquanto nas letras hispano-americanas viceja um esplêndido indigenismo pelo século XX adentro, com tantos e tão importantes criadores dedicando-se a transpor o índio para a ficção, no Brasil se podem contar nos dedos das mãos os casos.

Torna a trazer o assunto à baila o aparecimento e grande vendagem de **Maíra**, romance de Darcy Ribeiro. O renomado

antropólogo já tinha em seu acervo de realizações uma respeitável brasiliana, incluindo vários trabalhos sobre os índios, um dos quais, a história de Uirá, fora transformado em filme no início da década de 70. **Maíra** é, portanto, a primeira incursão do autor pelo épico, a menos que se considere a história de Uirá como uma primeira aproximação ao gênero.

O relato, como o filme, dá conta do trágico percurso de Uirá, da tribo Urubu-Kaapor, no Maranhão deste século, o qual um dia fica *iñaron* quando, após muitas desgraças comuns ao destino dos índios brasileiros, como fome, espoliação, epidemias, perseguições, perde também um dos filhos.

A palavra tupi *iñaron* designa um estado de fúria sagrada, associado ao sofrimento excessivo, não deixando de lembrar as famosas fúrias dos heróis gregos: Hércules, uma vez acometido por um desses acessos, enviado pela vingativa Hera, matou, sem o saber, seus três filhos e esposa, tal como vem narrado na tragédia **Héracles Furioso**, de Eurípedes. Nas **Bacantes**, do mesmo autor, Agave, fora de si, participa do desmembramento de seu filho adulto, Penteu, rei de Tebas. E talvez o mais formidável exemplo seja o da cólera de Aquiles, que dá nascimento à inteira composição da **Ilíada**, desencadeada por sua recusa a continuar lutando. Devido à recusa de Aquiles, quase foi perdida a guerra de Troia e, não fosse sua fúria, o poema não teria sido composto.

Em meio ao furacão histórico da fase do capitalismo selvagem no país, quando o acirramento da acumulação leva multinacionais e suas cabeças-de-ponte nacionais a apropriar-se dos mais recônditos confins com vistas ao lucro, encontram-se, estonteados, os índios. O único problema dos Mairum – nome inventado, tribo arquetípica de todas as tribos, povo de Maíra – é como sobreviver e como fazer sua cultura sobreviver, com crescente dificuldade.

O romance inteiro soa como uma lamentação, um carpir sobre o fim de uma civilização das mais admiráveis. Seus trechos mais bem realizados são aqueles nos quais uma espécie de narrador coletivo índio dá conta de sua maneira de ver o mundo, de como compreende e interpreta seus hábitos e tradições; e, o que é mais importante, franqueia para o leitor seu tremendo desejo de sobrevivência e alegria de viver.

A produção e publicação de um romance como esse, agora, mostra como o índio está mais vivo do que nunca em sua conexão com a literatura brasileira. Tampouco deve ser uma coincidência que, neste exato momento, outras ficções, filmes, romances, peças de teatro, novelas de televisão, canções, estejam sendo feitos, todos sobre os índios, todos lutando em defesa de sua preservação para a História. Quando há tanta desconfiança em relação à pulsão destrutiva da civilização ocidental e entre nós é tão escandaloso o capitalismo selvagem, isso pode vir a significar alguma coisa. Talvez uma postura mais cautelosa e menos arrogante, de quem está aprendendo a perceber que outras civilizações encontraram saídas melhores e, sobretudo, não suicidas para males que hoje parecem irremediáveis, como o problema do poder, da proliferação e potenciação dos armamentos, da destruição da natureza, do Estado e de seu aparelho, da igualdade nunca encontrada. A alegoria da moça branca morta ao parir mestiços mortos poderá significar também o caráter heteroletal e autoletal da etnia branca? Pode ser que a importância da civilização indígena esteja, final e penosamente, penetrando na consciência do corpo social brasileiro.

Walnice Nogueira Galvão. Indianismo revisitado. In: *Esboço de figura – Homenagem a Antonio Candido*. São Paulo: Duas Cidades, 1979, p. 379-89 (com adaptações).

20. (Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Acerca das relações semântico-sintáticas e do vocabulário do texto II, julgue (C ou E) o item seguinte.

Na oração que inicia o segundo parágrafo, o verbo concorda com o primeiro núcleo do sujeito posposto, concordância verbal abonada pela gramática normativa.

21. (Compesa – A.S.G. – Técn. Segur. Trab. – FGV – Jul./2016)

Assinale a opção em que a lacuna da frase deve ser corretamente preenchida com a forma **há**.

a) "*Não há profissão mais bela do que _____ de tio da América.*"

b) "*Onde é necessária a astúcia não _____ lugar para a força.*"

c) "*O mérito tem seu pudor, como _____ castidade.*"

d) "*Há lugares em que emana _____ inteligência.*"

e) "*Não existe pecado, exceto _____ estupidez.*"

22. (Pref. Paulínia-SP – Eng. Agrôn. – FGV – Maio/2016)

"*Em geral os arquitetos temos de nos ater às plantas que nos apresentam os proprietários. Nisso nos parecemos com os médicos. Há quem os chame para que diagnostiquem a enfermidade que deseja ter, e lhe receite o regime que deseja seguir.*" (**Jacinto Benavente**)

Nesse pensamento há um erro de forma verbal, no que diz respeito à concordância. Assinale a opção em que esse erro é adequadamente corrigido.

a) temos/têm.

b) apresentam/apresenta.

c) chame/chamem.

d) diagnostiquem/diagnostique.

e) receite/receitem.

23. (Petrobras – Advogado Jr. – Cesgranrio – Ago./2015)

A concordância verbal dos termos destacados obedece às exigências da norma-padrão da Língua Portuguesa em:

a) As ações dos dirigentes políticos para que a tecnologia afete positivamente a população **parece** crescer cada vez mais nas sociedades modernas do século XXI.

b) Em algumas instituições, **concentram**-se cérebros responsáveis por estabelecer os novos parâmetros da sociedade da informação, essencial ao debate público sobre desenvolvimento.

c) **Têm** gerado consequências indiscutíveis no processo educacional o desenvolvimento tecnológico dos países que investem em pesquisas avançadas na área de informática.

d) **Buscam**-se, nos países industrializados, espírito empreendedor para que os avanços na produção e na transmissão de informação beneficiem uma grande parcela da população mundial.

e) É essencial que se **considere** essas características da sociedade de informação como um novo paradigma técnico-econômico relacionado às transformações técnicas e organizacionais.

24. (ANP – Téc. Reg. Petr&Der – Cesgranrio – Jan./2016 – Adaptada)

No trecho "Criam-se ferramentas inovadoras de alfabetização, por exemplo, em comunidades, em favelas, em lugares onde os moradores não têm acesso a uma livraria ou biblioteca", o verbo **criar** foi utilizado no plural para adequar-se às exigências da norma-padrão da Língua Portuguesa.

O verbo destacado abaixo foi utilizado adequadamente no plural em:

a) Como desenvolvimento da internet, **delegam**-se aos países produtores de conteúdo a missão de estabelecer as características da nova cultura de massas.

b) Nos países em desenvolvimento, **assistem**-se a inúmeros programas de popularização do acesso aos meios de comunicação digital.

c) Nos filmes de ficção científica do século XX, **previam**-se inúmeras sociedades comandadas pelos computadores superpoderosos.

d) Para evitar a manipulação das redes sociais nessa era de globalização, **necessitam**-se de leis severas de utilização da internet.

e) Para conquistar posição de vanguarda na atual guerra cultural, **obedecem**-se aos princípios básicos de criatividade e inovação tecnológica.

25. (Basa – Téc. Bancário – Cesgranrio – Set./2015)

A concordância do verbo em destaque está adequada à norma-padrão em:

a) A agricultura de famílias **cria** estratégias capazes de melhorar a realidade dos produtores.

b) O agricultor, assessorado pelos órgãos responsáveis, **são** mais bem atendidos.

c) A predominância de mão de obra familiar **apresentam** um papel relevante para o desenvolvimento do país.

d) Os empreendimentos rurais desenvolvidos em estabelecimento rural **compreende** papel relevante para o desenvolvimento do país.

e) A geração de empregos e de rendas **promovem** a permanência do homem no campo.

26. (BB – Escriturário – Cesgranrio – Out./2015)

A concordância do verbo destacado obedece ao que determina a norma-padrão da Língua Portuguesa em:

a) O financiamento de imóveis populares a baixo custo **caracterizam** a missão social dos bancos estatais.

b) **Necessitam**-se de muitas iniciativas para ampliar a informatização do acesso bancário de modo a aumentar sua eficiência.

c) A criação de moedas digitais que tem ocorrido na internet **devem** provocar relevantes mudanças sociais.

d) A política de desenvolvimento social das comunidades carentes **podem** promover melhorias na vida de sua população.

e) Na última década, **criaram**-se muitas oportunidades de negociação para consumidores endividados.

27. (Liquigás – Ass. Adminis. – Cesgranrio – Set./2015)

A concordância do verbo destacado está empregada de acordo com a norma-padrão em:

a) Os moradores são cadastrados para que **possa** utilizar o dinheiro local nas lojas da comunidade.

b) A melhoria do nível de vida dos moradores **demonstra** que o sistema bancário local funciona.

c) Uma solução para comprar roupas baratas **são** observadas nas liquidações anuais das grandes lojas.

d) Muitos empréstimos aos moradores nos bancos comunitários **é** de valores pequenos.

e) Todo mundo que frequenta os bancos comunitários **conseguem** fazer um empréstimo.

28. (SEED-SP – An. Administrativo – Vunesp – Maio/2016)

Se da frase – A soma entre o dinheiro e a perspectiva de exposição internacional com dois grandes eventos esportivos (...) atraiu o interesse de arquitetos de renome – for eliminada a expressão " A soma entre", a concordância entre o verbo e o sujeito se dará pelo mesmo motivo que na frase:

a) Trata-se de um desejo indelével de justiça social, apoio mútuo entre os cidadãos e respeito.

b) Havia nas terras descobertas por Cabral riquezas em abundância e nativos para a catequese.

c) Depois de muito viajar pelo mundo, em competições, retornou à terra natal o tenista e sua esposa.

d) A ética e a probidade fazem do profissional um agente do bem social, ou seja, um promovedor da cidadania.

e) A guerra e a batalha constante entre os povos consome a todos intensa e indistintamente.

29. (IPSMI – Procurador – Vunesp – Abril/2016)

Assinale a alternativa em que o trecho destacado na passagem – Ele nunca entendeu o tédio, essa impressão de que **existem mais horas do que coisas para se fazer com elas** –, reescrito, apresenta concordância e correlação de tempos verbais de acordo com a norma-padrão.

a) ... têm mais horas do que coisas que se faça com elas.

b) ... há mais horas do que coisas que se façam com elas.

c) ... haviam mais horas do que coisas que se faziam com elas.

d) ... podia existir mais horas do que coisas que se faziam com elas.

e) ...houveram mais horas do que coisas que se fez com elas.

30. (Unesp – Ass. Administrativo I – Vunesp – Abril/2016)

Assinale a alternativa em que a frase está redigida de acordo com a norma-padrão de concordância nominal e verbal.

a) Só existia nas lojas de brinquedo pias rosas e lilases.

b) Os avós dele achou estranho o presente até eu levá-los à reflexão.

c) Basta-nos pensar que nossos filhos são figuras únicas.

d) As vendedoras alertaram que nenhum desses brinquedos eram de meninas.

e) E só daí foi percebido por meu pai as bobagens que fazia.

31. (Unifesp – Técnico Seg. Trab. – Vunesp – Abril/2016)

Assinale a alternativa correta quanto à concordância nominal e verbal, de acordo com a norma-padrão.

a) Ainda que se viva tão espremido nos centros urbanos, existem muita gente isolada, pois, cada vez menos, se faz contatos humanos.

b) Ainda que vivam tão espremidas nos centros urbanos, existem muitas pessoas isoladas, pois, cada vez menos, ocorrem contatos humanos.

c) Ainda que viva tão espremida nos centros urbanos, se vê muitas pessoas isoladas, pois, cada vez menos, acontece contatos

humanos.

d) Ainda que se vivam tão espremidas nos centros urbanos, há muita gente isolada, pois, cada vez menos, tem contatos humanos.

e) Ainda que vivam tão espremidas nos centros urbanos, existe muitas pessoas isoladas, pois, cada vez menos, se estabelecem contatos humanos.

32. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal.

a) A mudança de direção da economia fazem com que se altere o tamanho das jornadas de trabalho, por exemplo.

b) Existe indivíduos que, sem carteira de trabalho assinada, enfrentam grande dificuldade para obter novos recursos.

c) Os investimentos realizados e os custos trabalhistas fizeram com que muitas empresas optassem por manter seus funcionários.

d) São as dívidas que faz com que grande número dos consumidores não estejam em dia com suas obrigações.

e) Dados recentes da Associação Nacional dos Birôs de Crédito mostra que 59 milhões de consumidores não pode obter novos créditos.

Leia o texto a seguir para responder à questão 33.

Japão irá auxiliar Minas Gerais com a experiência no enfrentamento de tragédias

Acostumados a lidar com tragédias naturais, os japoneses costumam se reerguer em tempo recorde depois de catástrofes. Minas irá buscar experiência e tecnologias para superar a tragédia em Mariana

A partir de janeiro, Minas Gerais irá se espelhar na experiência de enfrentamento de catástrofes e tragédias do Japão, para tentar superar Mariana e recuperar os danos ambientais e sociais. Bombeiros mineiros deverão receber treinamento por meio da Agência de Cooperação Internacional do Japão (Jica), a exemplo da troca de experiências que já acontece no Estado com a polícia comunitária, espelhada no modelo japonês Koban.

O terremoto seguido de um tsunami que devastou a costa nordeste do Japão em 2011 deixando milhares de mortos e desaparecidos, e prejuízos que quase chegaram a US$ 200 bilhões, foi uma das muitas tragédias naturais que o país enfrentou nos últimos anos. Menos de um ano depois da catástrofe, no entanto, o Japão já voltava à rotina. É esse tipo de experiência que o Brasil vai buscar para lidar com a tragédia ocorrida em Mariana.

(Juliana Baeta, disponível em: http://www.otempo.com.br, 10.12.2015. Adaptado.)

33. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Em norma-padrão e com base nas informações apresentadas, outro título possível ao texto é:

a) Deverá servir de referencial para parceria entre Minas Gerais e Japão as tragédias ocorridas.

b) Para enfrentar tragédias, ocorrerá trocas de experiências entre Minas Gerais e Japão.

c) Troca de experiências para enfrentar tragédias nortearão parceria entre Minas Gerais e Japão.

d) Haverá trocas de experiências entre Minas Gerais e Japão para enfrentar tragédias.

e) Para enfrentar tragédias, Minas Gerais e Japão se une na troca de experiências.

34. (Unesp – Assistente Administrativo – Vunesp – Fev./2016)

Ao empregar no plural o termo destacado na frase – Não haverá mágico que consiga mudar essa realidade –, a redação correta, conforme a norma-padrão, será:

a) Não haverá mágicos que consigam mudar essa realidade.

b) Não haverá mágicos que consiga mudar essa realidade.

c) Não haverão mágicos que consigam mudar essa realidade.

d) Não haverão mágicos que consiga mudar essa realidade.

e) Não haverão mágicos que consigam mudarem essa realidade.

Leia o texto a seguir para responder à questão 35.

Para muitos, a vida pulsa no compasso das notificações que o *smartphone* recebe. Enquanto a tela pisca e mais um símbolo de aplicativo se enfileira no *display*, o usuário desempenha as suas atividades diárias. Com um olho no aparelho e outro no trabalho ou no estudo, ele trava uma luta para manter a produtividade e não se render às tentações dos compartilhamentos ou do grupo de bate-papo instantâneo. Há quem participe dessa disputa até enquanto dirige. A conexão permanente – facilitada pelos celulares com acesso à rede – já altera hábitos e modifica as relações sociais. Tanto que o termo *vício* tornou-se comum para definir as repetitivas conferências de postagem. Para alguns, pode se tratar, de fato, de uma patologia. Aos casos comuns, bastam algumas mudanças de hábito para evitar que o tempo, literalmente, escorra pelas mãos. Uma das etapas desta tomada de consciência é voltar à proposta inicial da tecnologia – a de agilizar tarefas para que se tenha mais tempo para se dedicar ao que realmente importa.

(Adaptado de Correio Braziliense, Sempre conectados, 4 de fevereiro de 2014)

35. (ESAF – MF – Assistente Técnico Administrativo – 2014)

Assinale a opção que não justifica corretamente o uso da flexão verbal.

a) Em “ render” (l. 4) para concordar com “ ele” (l. 3).

b) Em “ dirige” (l. 5) para concordar com “ quem” (l. 5).

c) Em “ tratar” (l. 7), para concordar com “ patologia” (l. 7).

d) Em “ bastam” (l. 8), para concordar com “ algumas mudanças” (l. 8).

e) Em “ voltar” (l. 9), para concordar com “ Uma das etapas” (l. 9).

Gabarito: 1. d; 2. e; 3. a; 4. d; 5. a; 6. d; 7. b; 8. b; 9. b; 10. d; 11. e; 12. c; 13. E; 14. E; 15. C; 16. C; 17. E; 18. C; 19. E; 20. C; 21. b; 22. e; 23. b; 24. c; 25. a; 26. e; 27. b; 28. d; 29. b; 30. c; 31. b; 32. c; 33. d; 34. a; 35. c.

Estudar concordância verbal é uma questão de lógica... As regras estão relacionadas à classificação do sujeito: quem sabe achar sujeito na frase consegue fazer a concordância correta!

Vamos resumir, então?

17.6. RESUMO

Simples	O verbo concorda com o único núcleo
Composto	Anteposto ao verbo – concordância total Posposto ao verbo – concordância → total parcial
Indeterminado com se (pis)	O verbo fica na 3ª pessoa do singular
Oração sem sujeito	O verbo fica na 3ª pessoa do singular
Sujeito oracional	O verbo fica na 3ª pessoa do singular

18 REGÊNCIA VERBAL

18.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

18.1.1. Regência dos verbos mais pedidos em provas

Regência a relação de dependência entre o verbo e seus complementos. A seguir, alguns verbos que oferecem dúvida quanto à sua predicação.

Atenção! Lembre-se de que este assunto requer, infelizmente, **memorização** da regência de alguns verbos. Para facilitar o seu estudo, sistematizamos os principais verbos em três grupos. A cada grupo de verbos, trouxemos frases para fixar os conceitos e algumas questões de concursos. Trata-se de assunto que você só aprenderá fazendo muitas questões. Evite memorizar os verbos sem os exercícios. É no treinamento constante que você adquirirá domínio de conteúdo. Portanto, aproveite as frases que preparamos e, no final deste capítulo, você perceberá que domina os principais verbos que são apresentados pelas provas de concursos públicos. Vamos a eles!

1º grupo: verbos que, quanto à predicação, normalmente não oferecem dúvida.
• Verbos transitivos diretos – v.t.d. (não regem preposição obrigatória); ajudar, adorar, abraçar, amar, atingir, esperar, namorar, referir (= relatar)... • Verbos transitivos indiretos – v.t.i. (regem preposição obrigatória); agradar (= ser agradável), obedecer, desobedecer, proceder (= dar início), referir-se, suceder (= substituir). Esses verbos regem preposição A. • Verbos que admitem dois complementos – v.t.d.i. (com e sem preposição); avisar, comunicar, certificar, cientificar, informar, proibir, preferir (não aceita mais, (do) que, antes)...

Exemplos de exercícios:

Use (C) para Certo e (E) para Errado nas frases abaixo.

1. Meu filho foi embora e eu não lhe abracei.

2. Você está namorando a Beatriz?

3. Todos esperavam Guilherme.

4. Todos esperavam por Guilherme.

5. Referiu os últimos acontecimentos.

6. Referiu o caso à mãe.

Comentários:

Na frase 1, o pronome lhe é complemento do verbo abraçar. Como vimos no tópico sobre Pronomes, os oblíquos átonos o(s), a(s) funcionam como complemento de verbos transitivos diretos e lhe(s) de verbos transitivos indiretos. **Abraçar** é V.T.D., logo o oblíquo usado seria o pronome o.

Resposta: E.

Na frase 2, o verbo **namorar** é T.D., não pede preposição (namorar com é considerado erro).

Resposta: C.

Nas frases 3 e 4, o verbo **esperar** (v.t.d.) aceita o uso da preposição *por*, quando se quer mostrar *desejo intenso*. Por isso, as duas formas estão corretas: *todos esperavam Guilherme* ou *todos esperavam por Guilherme*.

Resposta: Ambas estão certas.

Nas frases 5 e 6, o verbo **referir** (= relatar, contar) é T.D. Atenção: não confundir com **referir-se**, pronominal (= fazer referência), que é T.I. Na frase 5, é T.D. e na frase 6, T.D.I. (referir algo a alguém).

Respostas: Ambas estão certas.

7. Agradava os clientes mais próximos.

8. Costumo obedecer parceiros éticos.

9. É necessário que todos obedeçam às diretrizes estabelecidas.

10. Artur procederá a leitura da página oito.

11. O chefe procedeu ao levantamento das necessidades da seção.

12. Sucedeu o professor.

Comentários:

Essas frases tratam dos **verbos transitivos indiretos** do 1º grupo:

Na frase 7, **agradar** (= ser agradável) pede preposição a (*Agradava aos clientes*).

Resposta: E.

A frase 8 traz o verbo **obedecer**, transitivo indireto, pede preposição a, sem esta preposição.

Resposta: E.

Já a frase 9, "… obedeçam às diretrizes", é uma construção correta, já que o verbo pede preposição. Como a palavra feminina que se segue aceita artigo, crase.

Resposta: C.

Em relação ao verbo **proceder** 10 e 11, achamos por bem chamar atenção apenas para o sentido de dar início, pois, com esse valor semântico, o **proceder** pode gerar dúvidas.

Esse verbo, nesta acepção, rege preposição a. Na frase 10, como a palavra seguinte é feminina, aceita artigo, teríamos "Artur procederá à leitura…".

Resposta: E.

Já na frase 11, a preposição a aparece ("… procedeu ao levantamento…").

Resposta: C.

Outro verbo que pede preposição a é **suceder** (= substituir), frase 12. Teríamos, então, "Sucedeu ao professor".

Resposta: E.

13. Avisaram-no de que a reunião começaria no horário.

14. Certifiquei-lhe de que uma pessoa muito querida aniversariava neste mês.

15. Informou ao cliente de que o aviso chegara.

16. Cientificaram-no de que o cheque foi pago.

17. Proibiu ao filho que o visitasse.

18. Prefiro mais a cidade do que o campo.

19. Prefiro a democracia ao totalitarismo.

20. Prefiro combater os males que intimidar as próprias emoções.

Comentários:

Em questões de concurso público, quando a intenção é a de confundir o candidato, esses verbos (V.T.D.I.) aparecem com duas preposições, por exemplo, "**informar**/**avisar** a alguém de alguma coisa", o que é inaceitável, pois, se esses verbos são T.D.I., um complemento vem sem preposição, e o outro com.

Assim, as frases 14 e 15 estão erradas e a 13, correta. Poderíamos dizer na 14: "*Certifiquei-lhe* (objeto indireto) *que uma pessoa…* (objeto direto)" – certificar a alguém algo – ou "*Certifiquei-o* (objeto direto) *de que uma pessoa…* (objeto indireto)" – certificar alguém de alguma coisa.

Obs.: Lembre-se: **o(s), a(s)**, como complementos verbais, são *objetos diretos* e **lhe(s)**, *objetos indiretos*.

Na frase 13, um complemento é direto e outro indireto (avisar alguém de algo), seguindo a regência do verbo.

Respostas: 13 C; 14 E; 15 E.

As frases 16 e 17 seguem o modelo de regência desses verbos: T.D.I.: "certificar alguém de algo"; "proibir a alguém algo" ou "proibir algo a alguém".

Respostas: 16 C; 17 C.

Importante: Para esses verbos – avisar, certificar, informar, cientificar, proibir –, é indiferente usar coisa ou pessoa como objeto

direto ou objeto indireto.

Podemos dizer: Avisar/certificar/informar/cientificar/proibir algo a alguém ou alguém de algo.

O mais importante é lembrar que se o verbo vem com dois complementos: um é o objeto direto e o outro objeto indireto, independentemente se for coisa ou pessoa.

O verbo **preferir**, como T.D.I., não aceita nenhum termo intensificativo (mais, mil vezes...) ou comparativo (que, do que). Rege preposição a. Na frase 18, portanto, teríamos "Prefiro a cidade ao campo", como a estrutura da frase (19) mostra. Na (20), ficaria "Prefiro combater os males a intimidar as próprias emoções".

Respostas: 18 E; 19 C; 20 E.

2º grupo: verbos que exigem preposição. Com eles, o aluno costuma ter dúvidas quanto à preposição utilizada.

- CHEGAR e IR (preposição A + adjunto adverbial de lugar)
- MORAR, RESIDIR, SITUAR (preposição EM)
- PRESIDIR (transitivo direto ou indireto, seguido de preposição A)
- SATISFAZER (transitivo direto ou indireto, com preposição A)
- USUFRUIR e DESFRUTAR (transitivo direto ou indireto, com preposição DE)

21. Fomos na cidade pela manhã.

22. Chegou ao alto da colina.

23. Cheguei no colégio atrasado.

24. Cheguei na hora marcada.

Comentários:

Na oralidade, é comum usarmos a preposição **em** com os verbos **chegar** e **ir**. No entanto, segundo a norma culta, esses verbos regem preposição **a** quando vêm seguidos de expressões indicando **lugar**. Logo, na frase 21, a forma correta seria "Fomos à cidade..." (preposição a + artigo feminino a da palavra cidade.) A frase 22 está correta (chegar a). Na frase 23, seria "Cheguei ao colégio...".

Repare agora que na frase 24 o verbo **chegar** traz a preposição EM, no entanto, não vem seguido de expressão que indica lugar, e sim **tempo**.

Respostas: 21 E; 22 C; 23 E; 24 C.

25. Moro à rua dos Lírios.

26. O Colégio São Martins, sito à rua da União, encerrou suas atividades.

27. Resido na rua dos Lírios.

Comentários:

Esses verbos regem preposição **em** e não a preposição **a**, uso comum na oralidade. Logo, nas frases 25 e 26 teríamos; "Moro na rua dos Lírios" e " O colégio São Martins, sito na rua da União...".

A frase 27 segue a norma padrão: "Resido na rua..."

Respostas: 25 E; 26 E; 27 C.

Atenção: Se o verbo indicar direção, destino, deverá vir seguido da preposição A: Fui ao cinema. / Cheguei a casa. / Dirigi-me ao escritório. Se o verbo ou o nome indicar posicionamento, localização, deverá vir seguido da preposição EM: Estou em casa. / Moro no bairro. / Escritório situado na rua México.

28. Carlos presidiu a reunião.

29. Carlos presidiu à reunião.

30. Satisfez os desejos de sua mãe.

31. Usufruiu as coisas boas da vida.

Comentários:

Os verbos **presidir**, **satisfazer**, **usufruir** e **desfrutar** podem vir com ou sem preposição. Por isso, nas frases 28 e 29, "presidir a ..." e "presidir à..." estão corretas, assim como as frases 30 e 31. Nessas duas últimas, pela teoria apresentada, poderíamos ter também como formas corretas, "Satisfez aos desejos..." e "Usufruiu das coisas..". Com o **desfrutar** ocorreria o mesmo: "Desfrutou as coisas..." ou "Desfrutou das coisas...".

3º grupo: verbos que mudam a regência conforme a mudança de sentido.
ASPIRAR T.D. (= inspirar, sorver) T.I. (= almejar, desejar) T.I. (= ver, presenciar, caber, competir) ASSISTIR T.D. ou T.I. (= socorrer, dar assistência) Intransitivo (= morar) ATENDER T.D. ou T.I. (para coisa ou pessoa) T.D. (pedir presença, convocar)
CHAMAR T.I. (pedir ajuda) T.D. ou T.I. (apelidar, qualificar) T.I. (ser difícil) CUSTAR Intransitivo (ideia de preço) T.D. (não pronominais) ESQUECER /LEMBRAR T.I. (pronominais) T.D. (= acarretar) IMPLICAR T.I. (= aborrecer, importunar) Pronominal (prep. em) T.D. (= coisa) PAGAR/PERDOAR T.I. (= pessoa) T.D.I. T.D. (= ter vontade de, desejar) QUERER T.I. (= amar, estimar)

T.I. (para pessoa ou coisa a que se responde)
RESPONDER T.D.I. (objeto direto para coisa e indireto para pessoa)
T.D. (= estar a serviço de alguém, prestar serviço)
SERVIR T.I. (= ser útil, convir)
T.D.I. (oferecer algo a alguém)
Intransitivo (= prestar serviços militares)
T.D. (= mirar, apontar, pôr o visto)
VISAR T. I. (= pretender, desejar)

32. Quando era pequeno, todos implicavam comigo.

33. Pelo que diz o assessor, isso implica em gastar mais dinheiro.

34. Um novo congelamento de salário implicará uma reação dos trabalhadores.

35. O banqueiro implicou-se em negócios escusos.

36. Tal fato não implicará dificuldades.

Comentários:

Vamos agora aos comentários do 3º grupo, mais extenso, que trata de verbos especiais.

Aqui, observe que, na quase totalidade dos casos, o sentido do verbo vai determinar a transitividade.

Nas frases 32 a 36, o verbo é **implicar**. Na 32, **implicar** tem o sentido de aborrecer, importunar (transitivo indireto – "implicar com"). Em 33, 34 e 36, esse verbo traz a ideia de acarreta (transitivo direto – "implica gastar..."). A frase 35 mostra o verbo **implica** pronominal (implicar-se), que rege preposição EM.

Respostas: 32 C; 33 E; 34 C; 35 C; 36 C.

Importante: Em algumas provas elaboradas pela Esaf (Escola de Administração Fazendária), já apareceu questão que trazia o verbo implicar (= acarretar), que, segundo a norma culta, é transitivo direto, portanto, não pede preposição, seguido de preposição em (isso implica em aumentos diários) e a banca considerou a frase como certa. Infelizmente, nesses casos, devem-se observar as outras opções e procurar uma alternativa, um erro indiscutível. Em regência, a Esaf e a UnB costumam ter uma visão mais liberal em relação a esse assunto.

37. Chamei Antônio de desonesto.

38. Chamei-lhe de ignorante.

Comentários:

O verbo **chamar**, como transitivo direto (= pedir a presença, convocar – "chamei o funcionário") ou como transitivo indireto (= pedir ajuda, clamar – "chamou por Deus"), não oferece dificuldade quanto à regência.

Agora, com o sentido de apelidar, qualificar, pode haver dúvidas. Primeiramente, o verbo **chamar** nesta acepção pode aparecer com ou sem preposição (T.D. ou T.I.) – "chamei a Antônio..." ou "chamei Antônio..."). Além disso, o uso da preposição de após o complemento é facultativo. Com isso, podemos ter as seguintes construções com o **chamar** neste sentido nas frases 37 e 38:

Frase 37:

1. Chamei Antônio desonesto. (pouco usual)

2. Chamei Antônio de desonesto.

3. Chamei a Antônio desonesto.

4. Chamei a Antônio de desonesto.

Frase 38:

1. Chamei-o ignorante.

2. Chamei-o de ignorante.

3. Chamei-lhe ignorante.

4. Chamei-lhe de ignorante.

Atenção: "desonesto", "de desonesto", "ignorante", "de ignorante" não são objetos. São termos que qualificam, caracterizam o objeto (predicativos do objeto), e podem vir ou não antecedidos de preposição.

Respostas: 37 C; 38 C.

39. Não assistimos nenhum programa.

40. Esse direito não assiste ao servidor.

41. A enfermeira assistia o doente.

42. Assisto em Niterói.

Comentários:

O verbo **assistir**, na frase 39, com o sentido de ver, presenciar, e na 40 com o sentido de caber, competir, rege preposição a ("Não assistimos a nenhum programa" e "Esse direito não assiste ao servidor").

Na frase 41, pode ser transitivo direto ou indireto com a ideia de dar assistência, socorrer ("A enfermeira assistia o doente ou ao doente"). Na 42, embora desusado, com o sentido de morar pede preposição **em**.

Respostas: 39 E; 40 C; 41 C; 42 C.

43. Esqueci a aparência dela./Lembrei a aparência dela.

44. Esqueci-me da aparência dela./Lembrei-me da aparência dela.

45. Esqueceu-se da aparência dela./Lembrou-se da aparência dela.

46. Lembrei ao amigo que já era tarde.

Comentários:

Os verbos **lembrar** e **esquecer** podem aparecer com ou sem o pronome. Sem pronome, sem preposição (T.D.). Com pronome, com preposição (T.I.). Portanto, o que **não** cabe é "Esqueci/Lembrei da aparência" ou "Esqueci-me/Lembrei-me a aparência dela".

Na frase 46, o verbo **lembrar** é transitivo direto e indireto ("lembrar a alguém alguma coisa").

Respostas: 43 C; 44 C; 45 C; 46 C.

47. Respondeu à carta no mesmo dia.

48. Respondeu o diretor.

49. Respondeu a carta ao diretor.

Comentários:

O verbo **responder** é transitivo indireto para coisa ou pessoa. Na frase 47, aparece a preposição a ("Respondeu à carta"), mas na 48 isso não ocorre. Não é "respondeu o diretor" e sim ("Respondeu ao diretor"). Quando aparecem coisa **e** pessoa, transitivo direto e indireto ("Respondeu a carta ao diretor").

Respostas: 47 C; 48 E; 49 C.

50. Ainda não paguei o médico.

51. Pagou os impostos. / Perdoou a dívida.

52. Perdoou o inimigo. / Pagou o empregado.

53. Pagou o salário ao empregado.

Comentários:

Na frase 50, médico é pessoa, o verbo **pagar** pede preposição ("paguei ao médico"). Na 51, temos coisa como complemento, o **pagar** e **perdoar**, nesse caso, não pedem preposição. Já na 52, o objeto é representado por pessoa, transitivo indireto ("Perdoou ao inimigo" e "Pagou ao empregado"). Na 53, o **pagar** aparece como transitivo direto e indireto.

Respostas: 50 E; 51 C; 52 E; 53 C.

54. O secretário não atendeu ao pedido dos grevistas.

55. Não gostava de atender o telefone.

Comentários:

Apresentamos na teoria, em relação ao verbo **atender**, o que se vê em questões elaboradas por bancas como Esaf e Cespe/UnB: independentemente de se referir a coisa ou pessoa, aceita as duas transitividades (T.D. ou T.I.). Nas gramáticas, quando o complemento é representado por coisa, pede-se usar a transitividade indireta. Resumindo:

– O secretário não atendeu ao pedido… Certo.

– Não gostava de atender o telefone. Certo.

– Não gostava de atender ao telefone [é a preferência]. Certo.

Respostas: 54 C; 55 C.

56. Ia para a montanha para aspirar o ar puro.

57. Aspirava a um cargo público.

Comentários:

O verbo **aspirar** só pede preposição com o sentido de almejar, desejar ("Aspirava a um cargo público"). No sentido de inspirar, sorver é transitivo direto ("Ia para a montanha para aspirar o ar puro").

Respostas: 56 C; 57 C.

58. Eu custei a acreditar na tua história.

59. Custou-me acreditar na tua história.

60. O livro custa trinta reais.

Comentários:

A frase 58 mostra a regência do verbo **custar** usada na oralidade: "Eu custo a...". No entanto, para a norma culta, formal, essa forma estaria errada, pois "eu não custo nada", não tem sentido.

A forma considerada correta é "Custou-me acreditar..." ou, usando um nome no lugar do pronome, "Custou ao pai acreditar na tua história", já que o que custa, é difícil, é "acreditar na tua história", ou seja, "Acreditar na tua história custou a mim papai".

Já na frase 60, com a ideia de preço, não há preposição ("O livro custa trinta reais").

Respostas: 58 E; 59 C; 60 C.

61. O filho queria muito ao pai.

Comentários:

Em relação à regência do verbo **querer**, deve-se destacar o sentido de amar, gostar, querer bem, desse verbo, pois pede preposição a ("... queria ao pai").

Resposta: 61 C.

62. O empregado serviu o almoço.

63. Serviu-me uma bebida.

64. É uma solução que não lhe serve.

Comentários:

Na frase 62, **servir** (= prestar serviço) não pede preposição (T.D.). Em 63, com o sentido de "oferecer algo a alguém", é T.D.I., na 64, "É uma solução que não **lhe** (objeto direto) serve" traz esse verbo com o valor de convir, ser útil, transitivo indireto.

Respostas: 62 C; 63 C; 64 C.

65. O diretor visou os cheques.

66. O policial visou o alvo.

67. Esta medida visa o bem de todos.

Comentários:

O verbo **visar**, com os sentidos de dar o visto ou mirar, frases 65 e 66, respectivamente, não regem preposição (T.D.). Na 67, no sentido de almejar, pretender, a tendência é vir com a preposição a ("Esta medida visa ao bem de todos"), embora já se aceite a forma desse verbo nesta acepção sem preposição ("… visa ao bem…" ou "visa o bem…"), principalmente em provas elaboradas pela Esaf e Cespe/UnB.

Respostas: 65 C; 66 C; 67 E.

68. O escravo ama e obedece a seu senhor.

69. Até pouco tempo todos podiam consultar e aplicar nos fundos de aplicação financeira.

Comentários:

As frases 68 e 69 ilustram um caso de regência de dois verbos em coordenação. Quando isso ocorre, se os verbos forem de regências distintas (um é transitivo direto e o outro é transitivo indireto), deve-se fazer a distribuição:

– O escravo ama (T.D.) seu senhor e obedece (T.I.) a ele.

– Até pouco tempo, todos podiam consultar (T.D.) os fundos de aplicação financeira e aplicar (T.I.) neles.

Respostas: 68 E; 69 E.

Atenção: Quando os verbos possuem a mesma transitividade, mas pedem preposições diferentes, eles não devem compartilhar o mesmo objeto: cada um deve ter o seu. Exemplo:
Assisti e gostei do filme E.
(Assisti a … gostei de)
Por isso, o certo é dizer:
"Assisti ao filme e gostei dele."

18.2. REGÊNCIA COM PRONOME RELATIVO

18.2.1. Uso de preposição que antecede o pronome relativo

O pronome relativo dá início às orações adjetivas. Se, nessa oração, o verbo ou um nome exigir a preposição, esta

será deslocada para antes do pronome relativo.

Exs.:

A canção de que/da qual gosto foi premiada. (= eu gosto(de) da canção)

A canção com que/com a qual simpatizo foi premiada. (= eu simpatizo com a canção)

A mulher em quem pensas partiu ontem. (= tu pensas(em) na mulher)

Este é o livro a cujo autor aludi. (= aludi(a) ao autor)

A rua aonde queriam ir era deserta. (queriam ir a)

A rua donde vens é deserta. (vens de)

Obs.: Os conectivos que aparecem como pronome relativo são: que, o qual, a qual, os quais, as quais, quem, cujo(s), cuja(s), onde, como, quando e quanto.

18.2.2. Uso de onde, aonde, donde

O emprego desses vocábulos segue as noções de regência. Se a preposição exigida for **em**, usa--se **onde**.

Ex.: O bairro onde moras é tranquilo. (moras em)

Se a preposição exigida for **a**, usa-se **aonde**. Se a preposição for **de**, **donde** ou **de onde**.

Ex.: O bairro aonde vais é tranquilo. (vais a)

O bairro donde vens é tranquilo. (vens de)

18.3. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Levando em consideração as regras de regência verbal, marque certo (C) ou errado (E).

1. ( ) Mais do que uma simplificação, a adaptação de uma obra implica uma intervenção inadmissível em seu conteúdo.
2. ( ) Quem desobedece ao regulamento demonstra que não é disciplinado.
3. ( ) Aproveitamos para lembrá-la que essa conduta é prevista na Consolidação das Leis Trabalhistas.
4. ( ) Aspiro ao cargo de analista judiciário.
5. ( ) Essas medidas visam à reabilitação de nossa imagem.
6. ( ) Procedeu-se a leitura dos autos.
7. ( ) Adverti-lhes de que o número de vagas não era elevado.
8. ( ) Ele me perguntou se o espetáculo fora interessante e eu o respondi que sim.

9. ( ) Prefiro uísque a cerveja.

10. ( ) O suicida prefere a morte à vida.

11. ( ) Uma dor não pode causar a morte, mas os mecanismos psicológicos que se associam a ela podem levar nesse resultado.

12. ( ) O desmatamento implica em destruição e fome.

13. ( ) Avisei-o de que devia partir.

14. ( ) Júlia mora à rua do Passeio.

15. ( ) Chegamos na cidade antes do anoitecer.

16. ( ) Esqueceu-me o desejo discreto de conhecer as coisas de coração.

17. ( ) Perdoou ao nosso atraso.

18. ( ) Prefiro os casos que a inteligência discute a formas tecnocráticas da resolução dos problemas.

19. ( ) O pai perdoou ao filho.

20. ( ) Aqui se jogam as sementes para informar-lhes de que a cultura não deve ser acadêmica.

21. ( ) Lembrou ao amigo que já era tarde.

22. ( ) Procede-se com brandura quando querem detectar falhas no relacionamento humano.

23. ( ) Na verdade, não me simpatizo com suas ideias inovadoras.

24. ( ) Se todos chegam à mesma conclusão, devem estar certos.

25. ( ) Para trabalhar, muitos preferem a empresa privada ao serviço público.

26. ( ) Custa-me crer em tais injustiças.

27. ( ) A terra custou aos lavradores a vida.

28. ( ) Informamos a V.Sª. sobre os prazos de entrega das novas propostas, às quais devem ser respondidas com urgência.

29. ( ) Entrou e saiu da sala.

30. ( ) Repete que puni e premiei professores que discordavam ou concordavam com minhas ideias.

II. Use **o(s)/a(s)** ou **lhe(s)**.

1. Só não _____ chamei de louco, porque _____ quero muito bem. (o/lhe; o/lhe)

2. A reincidência poderá acarretar-_____ penalidades severas. (lo/lhe)

3. Não _____ desobedecerei jamais. (o/lhe)

4. Algumas ideias vinham ao encontro das reivindicações dos funcionários, contentando-_____, outras não. (os/lhes)

5. Eles se sentiam tão onerados com descontos, que intentaram uma reação conjunta: procuraram os responsáveis pela empresa e _____ inteiraram de sua decisão de _____ o andamento. (os/lhes; estorvá-lo/estorvar-lhe)

6. Queríamos _____ para a festa. (convidá-lo/convidar-lhe)

7. A verdade é que nós _____ queremos muito. (o/lhe)

8. Vi-_____ os olhos na festa. (os/lhes)

9. A minha resposta não _____ satisfez. (o/lhe)

10. Eu _____ ajudei naquela árdua tarefa. (o/lhe)

11. Teve um desempenho tão extraordinário que _____ consagraram merecidamente o maior jogador do mundo. (o/lhe)

12. No momento em que a linguística procurou o *status* de ciência, que desde Saussure _____ tem acompanhado, passou-se a discutir sua relação com outras ciências. (a/lhe)

13. Seu pai, que é libanês e tem uma loja de roupas no Brás, _____ presenteou com o Maverick 74 da família. (o/lhe)

14. Ele poderá escolher outros dois técnicos para _____ assessorar. (o/lhe)

15. Por que um mendigo dormindo incomodou-_____ tanto? (os/lhes)

16. Os que se propuseram a trabalhar nessa área tão difícil têm de compreender que sua convicção da necessidade de executar essa tarefa ninguém neles a incutiu, é - _____ inata. (os/lhes)

III. Complete as lacunas com a(s) forma(s) adequada(s).

1. Eis a ordem _____ nos insurgimos. (de que/contra a qual)

2. Há fatos _____ nunca esquecemos. (que/de que)

3. Há fatos _____ nunca nos esquecemos. (que/de que)

4. Aludiram a incidentes _____ já ninguém se lembrava. (que/de que)

5. Há casos _____ a dor, tornando-se insuportável, leva o indivíduo à morte. (que/em que)

6. Este autor tem ideias _____ todos simpatizamos. (de que/com que)

7. Qual o cargo _____ aspiras? (que/a que)

8. Surgiu uma mulher _____ figura os mais velhos se comoviam. (cuja/com cuja)

9. Surgiu uma mulher _____ figura já nos referimos. (cuja/a cuja)

10. Surgiu uma mulher _____ figura havia um ar de grande dama decadente. (cuja/em cuja)

11. Surgiu uma mulher _____ figura andara todo o regimento apaixonado. (cuja/por cuja)

12. O homem possui um inimigo que o aterroriza e _____ prefere nem pensar: a dor. (do qual/no qual)

13. A ideia de sofrimento intenso e intolerável, _____ está associado o conceito de dor, torna-a um flagelo _____ é necessário escapar de qualquer maneira. (a qual/à qual; no qual/do qual)

14. Esse foi o lugar _____ ele chegara com dificuldade. (onde/aonde/donde)

15. Esse foi o lugar _____ ele se estabelecera com a família (onde/aonde/donde)

16. Os deuses mantêm seus protetores nas casas _____ residem. (onde/aonde/donde)

17. A rua _____ gosto de correr foi asfaltada. (em que/onde/aonde/donde)

18. Foi essa a situação _____ ele encontrara. (que/em que)

19. Muitos foram os problemas _____ ele passara. (por que/pelo qual/que)

20. Poucos eram os recursos _____ ele podia dispor. (que/de que/com que)

21. O projeto, _____ também se incluirão mulheres e crianças, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde. (que/de que/em que)

22. O projeto, _____ também terão participação mulheres e crianças, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde. (que/ao qual/no qual)

23. O projeto, _____ também se vincularão mulheres e crianças, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde. (que/a que/ao qual/em que)

24. O projeto, _____ também participarão mulheres e crianças, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde. (que/de que/em que/no qual)

25. O projeto, _____ extensão também atingirá mulheres e crianças, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde. (cuja/em cuja/de cuja)

26. O exemplo mais brilhante dessa vocação deu-o anos atrás cavalheiro _____ nome não sei. (cujo/de cujo/a cujo)

27. O exemplo mais brilhante dessa vocação deu-o anos atrás cavalheiro _____ nome não tenha a menor confiança. (cujo/em cujo/de cujo)

28. O exemplo mais brilhante dessa vocação deu-o anos atrás cavalheiro _____ nome não consigo simpatizar. (cujo/de cujo/com cujo)

29. O exemplo mais brilhante dessa vocação deu-o anos atrás cavalheiro _____ nome pretendo não referir.

(cujo/a cujo/de cujo)

30. O exemplo mais brilhante dessa vocação deu-o anos atrás cavalheiro _____ nome não está associado esse fato. (cujo/a cujo/em cujo)

31. Conquista é quando você pula da cama de manhã e vai dormir à noite. E entre uma coisa e outra, só faz aquilo _____ gosta. (que/de que/por que)

32. O Banco Central investiu-se de um poder _____ as nações soberanas, ou quase isso, não abrem mão. (que/de que/por que)

33. É grande o dilema _____ vem experimentando a opinião pública brasileira. (que/a que/de que)

34. Não procuremos neles a beleza _____ dirigimos logo o olhar. (que/a que/em que)

35. É grande a perplexidade _____ estão tomados os latino-americanos. (que/de que/de quem/de cujos)

36. Esta é a única solução _____ podemos contar. (que/quem/com que/de quem)

37. Algumas pessoas costumam exorbitar da autoridade _____ se acham investidos. (que/a que/de que)

38. O texto legal _____ nos remeteu o professor para consulta exigia a cessão imediata dos direitos autorais à editora. (que/a que/para o qual)

39. Cético de gestos heroicos, confirmou ponto a ponto as críticas _____ se orgulhava de ter feito ao pretenso filantropo. (que/de que/a que)

40. O crime fora decorrente da crise _____ passava seu casamento. (que/em que/por que)

41. "A presença das enfermeiras devia lhe trazer lembranças de prazeres _____ agora não podia mais desfrutar." (que/de que/com que)

42. "Com o tempo, irás sabendo _____ leis, casos e fenômenos responde toda essa terminologia." (que/a que/de que)

Gabarito: I – 1. C; 2. C; 3. E; 4. C; 5. C; 6. E; 7. E; 8. E – lhe respondi; 9. C; 10. C; 11. E; 12. E; 13. C; 14. E; 15. E; 16. C; 17. E; 18. C; 19. C; 20. E; 21. C; 22. C; 23. E; 24. C; 25. C; 26. C; 27. C; 28. E; 29. E – Entrou na sala e saiu dela; 30. E – discordavam das minhas ideias ou concordavam com elas. **II** – 1. o ou lhe; lhe; 2. lhe; 3. lhe; 4. os; 5. os; estorvar-lhe; 6. convidá-lo; 7. lhe; 8. lhes; 9. o ou lhe; 10. o; 11. o; 12. a; 13. o; 14. o; 15. os; 16. lhes. **III** – 1. contra a qual; 2. que; 3. de que; 4. de que; 5. em que; 6. com que; 7. a que; 8. com cuja; 9. a cuja; 10. em cuja; 11. por cuja; 12. no qual; 13. à qual; do qual; 14. aonde; 15. onde; 16. onde; 17. onde; 18. que; 19. por que; 20. de que; 21. em que; 22. no qual; 23. a que ou ao qual; 24. de que; 25. cuja; 26. cujo; 27. em cujo; 28. com cujo; 29. cujo; 30. a cujo; 31. de que; 32. de que; 33. que; 34. a que; 35. de que; 36. com que; 37. de que; 38. que; 39. que; 40. por que; 41. de que ou que; 42. a que.

Vamos agora treinar com questões de concursos anteriores? Português se aprende pelas mãos...

18.4. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

1. (Cesgranrio/Banco do Brasil) Regência imprópria:

a) Não o via desde o ano passado.

b) Fomos à cidade pela manhã.

c) Informou ao cliente que o aviso chegara.

d) Respondeu à carta no mesmo dia.

e) Avisamos-lhe de que o cheque foi pago.

Comentários:

A letra A está correta: o verbo ver é v.t.d. e tem como o.d. o pronome oblíquo **o**. A letra B apresenta o verbo *ir*, que indica direção, por isso, deve vir seguido da preposição A. Na letra C, tem-se o verbo *informar*, que é direto e indireto e teve, mesmo, dois objetos: o direto, que é a oração *que o aviso chegara,* e o indireto, que é *ao cliente* (nessa frase, quem informa informa alguma coisa a alguém). O verbo *responder*, na letra D, vem adequadamente complementado por seu o.i. *à carta*: aqui, quem responde responde a alguma coisa. Já a letra E apresenta o verbo *avisar* com dupla transitividade, mas com dois objetos indiretos: um sob a forma pronominal (*lhe*); o outro sob a forma oracional (*de que o cheque foi pago*). Para a correção da frase, teríamos, portanto, duas opções: *avisamo-lo de que o cheque foi pago* ou *avisamos-lhe que o cheque foi pago*.

Resposta: E.

2. (FGV) Em qual das alternativas ocorre erro de regência verbal?

a) Esqueceu-me o desejo discreto de conhecer as coisas do coração.

b) Lembrou-me a inusitada transformação por que passa a universidade brasileira.

c) Prefiro os casos que a inteligência discute a formas tecnocráticas da resolução dos problemas.

d) Aqui se jogam as sementes para informar-lhes de que a cultura não deve ser acadêmica.

e) Procede-se com brandura quando querem detectar falhas no relacionamento humano.

Comentários:

Muitos que erraram a questão marcaram a letra A. Trata-se de uma construção em desuso, porém correta do verbo *esquecer* (o que também pode ocorrer com o verbo *lembrar*). A coisa esquecida passa a ser o sujeito do verbo, o que se pode perceber pela desinência verbal (*esqueceu-me*): nessa frase, *o desejo discreto de conhecer as coisas do coração* é que é o sujeito do verbo *esquecer*. Na ordem direta, a frase ficaria assim:

O desejo discreto de conhecer as coisas do coração esqueceu-me (= a mim).

Você deve estar se perguntando: mas como uma coisa pode esquecer alguém? Nesse caso, a coisa esquecida passa a

ser responsabilizada pelo esquecimento da pessoa. Talvez seja uma forma de se esquivar da responsabilidade... O fato é que haveria três formas de se dizer o mesmo:

Esqueci o desejo discreto de conhecer as coisas do coração.

(aqui, o verbo é *esquecer*, v.t.d., que tem como sujeito *eu* e objeto direto *o desejo discreto de conhecer as coisas do coração*).

Esqueci-me do desejo discreto de conhecer as coisas do coração.

(trata-se, agora, do verbo *esquecer-se*, que é v.t.i. e apresenta como sujeito *eu* e o.i. *do desejo discreto de conhecer as coisas do coração*).

Esqueceu-me o desejo discreto de conhecer as coisas do coração.

(essa foi a forma escolhida pela banca: *o desejo discreto de conhecer as coisas do coração* é o sujeito do verbo *esquecer*, que é v.t.i. e tem como o.i. o pronome oblíquo *me*).

Observe a letra B da questão: o verbo *lembrar* aparece aqui da mesma forma que o verbo *esquecer* apareceu na letra A. Veja que o verbo ficou na 3ª pessoa do singular, o que prova que o sujeito não é o pronome *eu,* e sim a informação que vem depois na frase (*a inusitada transformação por que passa a universidade brasileira*). O que dissemos, portanto, na letra A para o verbo *esquecer* vale também para o verbo *lembrar* na letra B. Haveria aqui, também, três formas de se reescrever a frase: Lembrei a inusitada transformação por que passa a universidade brasileira. / Lembrei-me da inusitada transformação por que passa a universidade brasileira. / Lembrou-me a inusitada transformação por que passa a universidade brasileira. Portanto, a letra B também está correta.

A letra C traz o verbo *preferir*, v.t.d.i., de forma adequada com dois objetos: *os casos que a inteligência discute*, que é o o.d., e *a formas tecnocratas da resolução dos problemas* que é o o.i.

Já a letra D, que apresenta o verbo *informar* como v.t.d.i., pecou por apresentar dois objetos indiretos: um sob a forma pronominal *lhes* e o outro oracional *de que a cultura não deve ser acadêmica*. O certo seria dizer "... para informar-lhes que a cultura não deve ser acadêmica" ou "... para informá-los de que a cultura não deve ser acadêmica".

A letra E está correta: apresenta o verbo *proceder* como intransitivo, com o sentido de agir.

Resposta: D.

3. (Cesgranrio) Assinale a única alternativa incorreta quanto à regência do verbo.

a) Perdoou nosso atraso no imposto.

b) Meu pai perdoou ao pai.

c) Lembrou ao amigo que já era tarde.

d) Vi-lhes os olhos na festa.

e) Era grande a mesa da sala a qual nos sentamos.

Comentários:

Eis uma boa questão para treinarmos a regência do verbo *perdoar*: *aquilo que se perdoa* é o objeto direto e *a quem se perdoa* é o objeto indireto. Daí, na letra A, o verbo *perdoar* está adequadamente colocado: ele é v.t.d. e vem seguido do o.d. *nosso atraso no imposto*. Já na letra B, o verbo *perdoar* vem seguido de um objeto indireto: trata-se de um objeto pessoa (*ao pai*). Nas duas alternativas, portanto, ele foi bem utilizado.

Na letra C, o verbo *lembrar* vem adequadamente seguido de dois objetos, um direto (*que já era tarde*) e outro indireto (*ao amigo*).

Na letra D, o verbo *ver* é v.t.d.: seu objeto direto é *os olhos*. Observe que o pronome *lhe,* apesar de vir ligado ao verbo por meio do hífen, não é o seu objeto: é pronome oblíquo com valor possessivo que se refere ao substantivo *olhos* (= seus olhos). Por isso, a frase está certa.

Já a letra E traz um erro na regência com relativo. Organizando a oração adjetiva, que vem após o pronome relativo, teríamos "nós nos sentamos <u>à mesa</u>". O verbo *sentar*, aqui, deve vir seguido da preposição *a*, com valor semântico de proximidade. Por isso, o certo seria dizer: "Era grande a mesa da sala à qual nos sentamos".

Resposta: E.

4. (Fundação João Goulart) No trecho "Nós nos entendíamos e amávamos mudamente (...)"o complemento serve a dois verbos de mesma regência. Das frases abaixo, aquela em que o complemento serve a verbos de regências diferentes é:

a) Poucos nos reconheceram e cumprimentaram.

b) O indivíduo nos perseguia e ameaçava.

c) Não nos admirava ou obedecia.

d) Ele nos avistara e evitara.

Comentários:

Na frase do enunciado, tem-se um pronome *nos* que é objeto direto de dois verbos com mesma regência *entender e amar*, que são verbos transitivos diretos. O mesmo ocorre com a letra A: os verbos *reconhecer* e *cumprimentar* são transitivos diretos.

Na letra B, o raciocínio se repete: o pronome *nos* é objeto direto de *perseguir* e *ameaçar*, que são transitivos diretos.

No entanto, a letra C apresenta um complemento *nos*, que é ao mesmo tempo objeto direto de *admirar* e indireto de *obedecer*: o que não é um problema, já que, como estudamos em pronomes, os pronomes oblíquos *me, te, se, nos* e *vos* são verdadeiros curingas, podem ser O.D. ou O.I.

Na letra D, temos novamente o raciocínio do exemplo que consta no enunciado: os dois verbos possuem a mesma

regência, são transitivos diretos, que têm como complemento o pronome *nos*.

Resposta: C.

5. (Vunesp/Fiscal de Rendas-SP) O único texto que obedece rigorosamente aos princípios de regência da língua culta escrita é:

a) Repete que puni e premiei professores que discordavam ou concordavam com minhas ideias.

b) Conquista é quando você pula da cama de manhã e vai dormir à noite. E entre uma coisa e outra, só faz o que gosta.

c) ... eis que o nosso Banco Central, que mal e porcamente cuida da nossa vida bancária cheia de abrolhos e escândalos, investiu-se de um poder que as nações soberanas, ou quase isso, não abrem mão.

d) ... os deuses mantêm seus protetores nas casas onde residem, o que implica que os soberanos dos céus e da terra tributam por sua vez um culto a seus pequenos deuses domésticos.

e) Temos por princípio não representar e nem formular Queixa perante o Tribunal de Ética da O.A.B., porém reservamo-nos no direito de aconselhá-lo a leitura do Código de Ética, do Estatuto da Ordem dos Advogados do Brasil.

Comentários:

A letra A apresenta, por duas vezes, verbos em coordenação que compartilham o mesmo complemento. Na primeira passagem, *punir* e *premiar* são transitivos diretos e possuem o mesmo objeto, *professores*, o que não caracteriza erro. Na segunda passagem, entretanto, aparecem os verbos *discordar* e *concordar* que, embora sejam transitivos indiretos, regem preposições distintas (*discordar de* e *concordar com*). Daí o erro: eles compartilharam o mesmo objeto. O certo seria dizer:

... que discordavam *das minhas ideias* ou concordavam *com elas*. A letra B também apresenta um erro: quem gosta gosta de, por isso o certo seria dizer: ... só o faz o (= aquilo) de que gosta. A letra C apresenta um erro de regência com pronome relativo, no final do período. Colocando a frase na ordem direta, teríamos: *as nações soberanas não abrem mão do poder*. Por isso, o correto seria dizer: ... um poder de que as nações soberanas não abrem mão. A letra D trouxe o verbo *implicar* corretamente utilizado: seguido do objeto direto oracional *que os soberanos dos céus e da terra tributam...* A letra E apresenta os verbos *representar* e *formular*, transitivos diretos, coordenados com o mesmo complemento *Queixa*, estando, quanto a isso, correta. Entretanto, trouxe um erro com o verbo *reservar*: *reservamo-nos o direito* e não *no direito*. Ou seja: *reservamos o direito (o.d.) a nós (o.i.).*

Resposta: D.

6. (FGV) Indique a opção em que o verbo responder está usado incorretamente, no que tange à regência.

a) Respondeu com mau humor à mãe.

b) O injustiçado responde às calúnias.

c) Os soldados responderam às balas.

d) Ninguém responde o juiz daquele jeito.

e) Respondi o que podia e o que não devia.

Comentários:

Questão boa para trabalhar o verbo *responder*: lembre-se de que *aquilo que se responde* (complemento coisa) é o objeto direto e *a quem ou a que se responde* (complemento pessoa ou coisa a que se responde) é o objeto indireto. Na letra A, *à mãe* é a pessoa a quem se respondeu. Nas letras B e C, tem-se novamente o *responder* como transitivo indireto: trata-se de objeto indireto *coisa a que se responde*. Nos dois casos, o verbo *responder* é transitivo indireto e vem seguido de objeto indireto *às calúnias* e *às balas*, respectivamente. O erro está na letra D: *o juiz* deveria ser objeto indireto. Nessa frase, quem responde responde *a alguém* e não alguém. Por isso, o certo seria dizer "Ninguém responde *ao juiz* daquele jeito". A letra E está correta: o verbo *responder* aparece como transitivo direto, com objeto direto, que é *aquilo que se responde*. Assim, temos um objeto direto *composto*: *o que podia e o que não devia*. A frase, portanto, está correta.

Resposta: D.

7. (Fundação Carlos Chagas) Em qual das alternativas o uso de **CUJO** não está conforme a norma culta?

a) Tenho um amigo cujos filhos vivem na Europa.

b) Rico é o livro cujas páginas há lições de vida.

c) Naquela sociedade havia um mito cuja memória não se apagava.

d) Eis o poeta cujo valor exaltamos.

e) Afirmam-se muitos fatos de cuja veracidade se deve desconfiar.

Comentários:

Esta questão trata do uso do pronome relativo cujo e da regência com esse conectivo. Vimos que o pronome cujo e variantes é usado entre dois substantivos com ideia de posse. Em todas as opções isso ocorre. O problema está, então, na falta da preposição. Na opção A ("… vivem **n**a Europa"), ela aparece – *vivem **em***. Na B, organizando, teríamos: "Há lições de vida **n**as páginas do livro". Portanto, a frase correta seria "Rico é o livro **em** cujas páginas…". Nas letras C e D, os verbos não pedem preposição ("… a memória não se *apagava*" e "*exaltamos* o valor"). Na letra E, o uso da preposição **de** se explica pela presença do verbo *desconfiar* ("Deve-se desconfiar **d**a veracidade dos fatos"). Lembre-se sempre de organizar a frase – **ordem direta** (sujeito + verbo + complementos).

Resposta: B.

8. (Vunesp) Assinale a opção cuja lacuna não pode ser preenchida pela preposição entre parênteses:

a) A alfabetização funcional, _____ cuja aquisição a escola deve preocupar-se. (com)

b) A alfabetização funcional, _____ cuja aquisição a escola deve refletir. (sobre)

c) A alfabetização funcional, _____ cuja aquisição a escola deve ser responsável. (a)

d) A alfabetização funcional, _____ cuja aquisição a escola deve cuidar. (de)

e) A alfabetização funcional, _____ cuja aquisição a escola deve estar preparada. (para)

Comentários:

Mais uma questão que envolve o uso da preposição antes do relativo. Organizando as orações adjetivas (iniciadas pelo pronome relativo):

… a escola deve-se preocupar com.

… a escola deve refletir sobre.

… a escola deve ser responsável **por**.

… a escola deve cuidar de.

… a escola deve estar preparada para.

Resposta: C.

9. (Esaf) Assinale o item que apresenta **erro** de regência verbal:

a) O espetáculo do grande desastre, sempre implícito na loucura das corridas de automóvel, esconde e omite o essencial, que apenas se adivinha com os recursos da imaginação: o ser humano que viaja dentro daquela cápsula em vias de se desmanchar com a fragilidade de uma casquinha de sorvete.

b) Cumpriu-se com Ayrton Senna mais um ritual de sacrifício consumado no altar da modernidade que, ao comercializar a velocidade, transformou o esporte do automobilismo em negócio.

c) Atingimos o ideal supremo do capitalismo: velocidade cada vez maior nos lucros. As firmas que patrocinam as corridas são sólidas empresas privadas que tocam os seus negócios com fervor apostolar e o autódromo de Ímola, antessala do além, é uma empresa privada.

d) O carro cheio de rótulos comerciais é hoje apenas a visão do fracasso tecnológico, da lamentável falência de uma máquina que se pretende perfeita, mas é tão precária como qualquer outra diante do menor obstáculo.

e) As letras impressas se acumulam, promovendo os generosos mecenas do esporte que cedem uma migalha dos seus lucros aos pilotos, assim seduzidos com mais um argumento para o jogo perigoso que se entregam apaixonadamente.

Comentários:

Aqui, observamos que, em quatro opções, não há a intenção de se apresentar nenhum caso especial de regência. Na

letra A, "esconde e omite o essencial" (os dois verbos são transitivos diretos). Na B, "consumado no" e "transformar o esporte... em negócio" seguem o padrão da norma culta. Na letra C, **atingir** é transitivo direto ("atingimos o ideal..."). Na D, não há nenhuma particularidade sobre regência: a frase está totalmente correta. Porém, na letra E, na penúltima linha, aparece o pronome relativo **que**. Ao organizar a oração que ele introduz, teríamos: "(Eles) se entregam **a**o jogo perigoso". Por isso, o certo seria dizer: "... para o jogo perigoso **a** que se entregam".

Resposta: E.

10. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a regência do verbo destacado está correta, segundo o registro culto e formal da língua.

a) Informei-a que o período turbulento havia terminado.

b) Assistia a derrota daqueles que não acreditaram na oportunidade.

c) Diante de tamanha pressão, chegou no seu limite.

d) Neste momento, diante do ocorrido, todos reivindicam por tranquilidade de vida.

e) A constatação de que aquilo era verdadeiro custou-lhe dias difíceis.

Comentários:

O verbo **informar**, na letra A, pede dois complementos, é v.t.d.i. ("Informei-a de que o período..."). Na B, o verbo **assistir** com a ideia de *presenciar* é transitivo indireto ("Assistia **à** derrota..."). Na letra C, **chegar** rege preposição **a** ("... chegou **a**o seu limite"). Na letra D, **reivindicar** é transitivo direto ("... todos reivindicam tranquilidade"). Na letra E, o verbo **custar** (= ser difícil) é transitivo direto e indireto ("A constatação... custou **dias difíceis** – O.D. – **a ele** – O.I.).

Resposta: E.

11. (Petrobras) Segundo o registro culto e formal da língua, a regência do verbo destacado está correta em:

a) O homem **lembrou-se** a infância ao ver a criança.

b) Depois de algum tempo, **pagou** o seu amigo o que devia.

c) Boas ações **implicam** benefícios futuros.

d) Os inimigos **aspiravam** a derrota de alguém vulnerável.

e) De um modo geral, **respeitava** aos princípios básicos da ética.

Comentários:

Na teoria, vimos que os verbos **lembrar** e **esquecer** podem aparecer com ou sem o pronome. **Lembrar** e **esquecer** são transitivos diretos; **lembrar-se** e **esquecer-se** são transitivos indiretos. Na letra A, se o verbo é pronominal, usaremos a preposição ("... lembrou-se **d**a infância..."). Na B, **pagar**, em relação a *pessoa*, é transitivo indireto ("...

pagou **a**o seu amigo...”). A letra C mostra o **implicar** (= acarretar), de acordo com o padrão culto da língua, como transitivo direto (“...implicam benefícios futuros”). Na D, **aspirar** (= *pretender*) é transitivo indireto (“... aspiravam **à** derrota...”). Na opção E, **respeitar** é transitivo direto (“... respeitaria os princípios...”).

Resposta: C.

Aqui, vale um recado:

Atenção: Não confunda a regência do verbo respeitar com a regência do verbo obedecer. Quem respeita (v.t.d.), respeita alguém, mas quem obedece (v.t.i.), obedece a alguém. Assim: Respeite os seus pais e obedeça a eles.

12. (Banco Central) A imprensa internacional foi convidada para assistir os debates em Copenhague.

De acordo com a norma escrita padrão da língua, na frase acima há um DESVIO de:

a) regência nominal.

b) regência verbal.

c) concordância nominal.

d) concordância verbal.

e) pontuação.

Comentários:

A regência trata da dependência entre o nome e seu complemento (regência nominal) e do verbo e seu complemento (regência verbal). A concordância nominal estuda as flexões de gênero e número entre os nomes (substantivo, adjetivo, pronome, numeral e advérbio). A concordância verbal trata da flexão de número e pessoa entre o sujeito e o verbo da oração.

Na frase dada, observamos que o problema se dá entre o verbo e seu complemento na passagem “... assistir os debates...”, porque **assistir** (= ver, presenciar) é transitivo indireto. Portanto, há um desvio quanto à *regência verbal*.

Resposta: B.

Agora, é a sua vez...

18.5. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (FCC – TRE-SE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – 2015)

A frase escrita com clareza e correção, quanto à norma-padrão da língua portuguesa, é:

a) O público infantil vem se apropriando a dispositivos eletrônicos cada vez mais recentemente, e estes têm dado preferência do uso privativo da internet.

b) Enquanto muitas crianças demonstram destreza em usar aplicativos em celulares, uma pequena porcentagem delas estão aptas a dar um laço nos cordões dos sapatos.

c) O estudo foi direcionado em pessoas de 9 a 16 anos, e se propôs de mostrar os hábitos que tais desenvolveram com a dedicação no uso de dispositivos eletrônicos.

d) Muitas crianças brasileiras têm a possibilidade em se conectar na internet, um terço às quais já portam de dispositivos móveis, que se comunicam com eficácia.

e) Além de averiguar ao comportamento domiciliar de adolescentes e crianças diante da internet, a pesquisa também deu enfoque no uso que os mesmos faziam da rede.

2. (TRF – 3ªR – Anal. Jud. – Biblio/2014)

Em nossa cultura, ... experiências ..... passamos soma- se ..... dor, considerada como um elemento formador do caráter, contexto ..... pathos pode converter-se em éthos.

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) às – porque – a – em que

b) às – pelas quais – à – de que

c) as – que – à – com que

d) às – por que – a – no qual

e) as – por que – a – do qual

3. (TJ-AP/ Anal. Jud. – 2014)

A expressão **de que** preenche corretamente a lacuna da seguinte frase:

a) Há lugares em nossa casa ..... nos ensejam uma sensação maior de familiaridade.

b) O homem que não consegue afastar-se da terra ..... lhe serviu de berço é, em princípio, um fraco.

c) É como se houvesse naquele cantinho da sala um apelo ..... não conseguimos nos esquivar.

d) O monge medieval ..... o autor do texto alude demonstra grande sabedoria ao avaliar os homens fortes e os fracos.

e) A interpretação ..... o autor do texto dá às palavras do monge pode e merece ser discutida.

4. (FCC – TRT – 2ª Região (SP) – Técnico Judiciário – Área Administrativa – 2014)

Quando se dizia "*livro*", todos entendiam um objeto de peso e volume, composto de folhas encadernadas, protegidas por papelão ou couro, <u>nas quais</u> se gravavam a tinta palavras ou imagens. A expressão acima destacada é equivalente à sublinhada na seguinte frase:

a) As janelas <u>sob as quais</u> foram gravadas as cenas eram pintadas de verde.

b) As folhas rubricadas, <u>as quais</u> entreguei à secretária, foram anexadas ao prontuário.

c) As urnas <u>em que</u> foram depositados os votos foram lacradas pela diretoria do clube.

d) Os rapazes <u>de quem</u> foram gravados os depoimentos foram entrevistados ontem.

e) O livro de onde retirei a citação está emprestado.

5. (FCC – TRT – 2ª Região (SP) – Técnico Judiciário – Área Administrativa – 2014)

Observadas a regência e a flexão verbal, está correta a seguinte frase:

a) Ressentiu-se, com razão, da oposição da prima, e pensou que, se expusesse com calma seus motivos, poderia obter sua concordância.

b) A casa que, na época, nos instalamos era a que podíamos pagar, mas tínhamos um pacto: se todos se mantessem firmes em seus empregos, moraríamos melhor.

c) Aborreceu-se de tanta conferência de abaixo-assinados e requis transferência para outro setor da administração.

d) Dizem que é ele que obstroi a discussão, por isso, para defender-se, aludiu o nome do responsável pelo atraso.

e) Medio, sim, seu encontro com esse advogado mais experiente, pois sei como você está temeroso pelo poder de argumentação do promotor.

6. (FCC – Câmara Municipal de São Paulo – SP – Procurador Legislativo – 2014)

Ao formular uma proposta educacional ..... centro estaria a ecologia, o autor do texto ressalta a importância ..... se vêm revestindo os estudos do meio.

Preenchem adequadamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) de cujo – em que

b) pela qual no – para a qual

c) aonde o – de cuja

d) onde o – pela qual

e) em cujo – de que

7. (FCC – TRT – 4ª Região (RS) – Analista Judiciário – Área Judiciária – 2015)

Em nenhum momento da história a sociedade, como um todo, conseguiu sustentar facilmente os custos exorbitantes da ópera.

Na frase acima, a locução verbal está empregada com regência idêntica à presente em:

a) O crítico elegeu o jovem cantor o maior artista da temporada.

b) Apresentou-nos currículo repleto de menções honrosas.

c) Sem falsa modéstia, recebeu a ovação com elegância e alegria.

d) Tentou cantar de modo condizente com as recomendações do maestro.

e) Jamais se afastou daquele velho conselho do pai.

8. (FCC – TRT – 15ª Região – Analista Judiciário – Odontologia – 2015)

No contexto dado, possui a mesma regência do verbo presente no segmento *A escravidão que denunciava com dureza*, o que se encontra sublinhado em:

a) *Quem fala, hoje, dos 30 milhões de escravos...*

b) *... número que hoje oscila entre os 13 milhões e os 14 milhões...*

c) *... antes de portugueses ou espanhóis comprarem negros na África rumo ao Novo Mundo.*

d) ... o Global Slavery Index *é um belo retrato da nossa miséria...*

e) *Não é preciso assistir a 12 Anos de Escravidão...*

9. (FCC – Manausprev – Técnico Previdenciário – 2015)

O elemento em destaque está empregado corretamente em:

a) As obras de arte de que se tenta retratar a natureza, emprestam-lhe voz humana.

b) A árvore é símbolo recorrente com que fazemos uso para falar de meio ambiente.

c) A natureza, por cuja preservação lutamos, nega-se, no entanto, a ser domesticada.

d) Natureza e arte não são elementos estanques, esta faz a que melhor compreendamos aquela.

e) Cada vez mais o mundo tecnológico nos afasta da natureza em que fazemos parte.

10. (FCC – TRE-RR – Analista Judiciário – Área Judiciária – 2015)

Não impressionou ao conde Afonso Celso, de quem contam que respondeu assim a um sujeito ...

A expressão sublinhada acima preenche corretamente a lacuna existente em:

a) O novo acadêmico demonstrou grande afeição ..... compartilha das mesmas ideias literárias e aborda os mesmos temas.

b) O discurso de recepção do novo integrante do grupo deveria ser pronunciado ..... apresentasse maior afinidade entre ambos.

c) Aqueles ..... caberia manifestar apoio aos defensores da causa em discussão ainda não haviam conseguido chegar à tribuna.

d) O acadêmico, ... todos esperavam um vigoroso aparte contrário ao pleito, permaneceu em silêncio na tumultuada sessão

e) Em decisão unânime, os acadêmicos ofereceram dados da agremiação ..... desejasse participar da discussão daquele dia.

11. (Copergás/PE – Téc. Seg. Trabalho – FCC – Jul./2016 – Adaptada)

O projeto apoiado pelo físico ambiciona produzir aeronaves do tamanho de um chip *usado em equipamentos eletrônicos e lançar milhares dessas "mininaves" na órbita da Terra.*

Esse trecho está corretamente reescrito, respeitando-se o sentido original, em:

O projeto apoiado pelo físico

a) visa à produzir aeronaves do tamanho de um *chip* usado em equipamentos eletrônicos como intuíto em lançar-lhe na órbita da Terra.

b) tem a intenção por produzir aeronaves do tamanho de um *chip* usado em equipamentos eletrônicos à fim de lançá-los na órbita da Terra.

c) busca à produção de aeronaves do tamanho de um *chip* usado em equipamentos eletrônicos à vista de lançar-lhes na órbita da Terra.

d) aspira à produção de aeronaves do tamanho de um *chip* usado em equipamentos eletrônicos para lançá-las na órbita da Terra.

e) objetiva à produção de aeronaves do tamanho de um *chip* usado em equipamentos eletrônicos com o proposito a lançá-lo na órbita da Terra.

12. (Copergás/PE – Analista Administrador – FCC – Jul./2016)

Quanto à **regência** e à **concordância**, considere:

I. Os mal-entendidos que nem se imaginavam existir no que concerne da universalidade da música devem-se à confusão criada entre o fenômeno e a linguagem da música.

II. Constam que todos os povos cultivam formas musicais, salientando-se as que apresentam um ritmo mais batido, que nos impelem de dançar.

III. Assiste-se, nos dias de hoje, ao fenômeno da expansão abusiva de músicas comerciais, pela qual são responsáveis os ambiciosos produtores de discos e diretores de rádios.

É inteiramente adequado o emprego de todas as formas verbais SOMENTE em

a) I.

b) II.

c) III.

d) I e II.

e) II e III.

13. (Eletrobras/Eletrosul – Adm. Empres. – FCC – Jun./2016)

Está correto o emprego de **ambos** os elementos sublinhados em:

a) O efeito <u>de que</u> as moças pretendem obter em suas fainas, ao fim e ao cabo <u>realizam-se</u> como pretendido.

b) A técnica ilusória <u>com cuja</u> as moças contam acaba por se mostrar favorável <u>diante do</u> batatal.

c) Consiste a magia das moças maoris, a cada plantação, de cantar e dançar para que se <u>alcance</u> os melhores resultados.

d) A magia de um rito, <u>cuja</u> força as moças convocam no plantio, não as <u>deixa</u> frustrar-se.

e) As sementeiras de batatas, <u>de cujo</u> plantio as moças se aplicam, estão sujeitas para com os efeitos do vento leste.

Leia o texto a seguir para responder à questão 14.

Texto I

Naquele novo apartamento da rua Visconde de Pirajá pela primeira vez teria um escritório para trabalhar. Não era um cômodo muito grande, mas dava para armar ali a minha tenda de reflexões e leitura: uma escrivaninha, um sofá e os livros. Na parede da esquerda ficaria a grande e sonhada estante onde caberiam todos os meus livros. Tratei de encomendá-la a seu Joaquim, um marceneiro que tinha oficina na rua Garcia D' Ávila com Barão da Torre.

O apartamento não ficava tão perto da oficina. Era quase em frente ao prédio onde morava Mário Pedrosa, entre a Farme de Amoedo e a antiga Montenegro, hoje Vinicius de Moraes. Estava ali havia uma semana e nem decorara ainda o número do prédio.

Tanto que, quando seu Joaquim, ao preencher a nota de encomenda, perguntou-me onde seria entregue a estante, tive um momento de hesitação. Mas foi só um momento. Pensei rápido: "Se o prédio do Mário é 228, o meu, que fica quase em frente, deve ser 227". Mas lembrei-me de que, ao ir ali pela primeira vez, observara que, apesar de ficar em frente ao do Mário, havia uma diferença na numeração.

– Visconde de Pirajá, 127 – respondi, e seu Joaquim desenhou o endereço na nota.

– Tudo bem, seu Ferreira. Dentro de um mês estará lá sua estante.

– Um mês, seu Joaquim! Tudo isso? Veja se reduz esse prazo.

– A estante é grande, dá muito trabalho... Digamos, três semanas.

Ferreira Gullar. A estante. In: *A estranha vida banal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989 (com adaptações).

14. (INSS – Técnico Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

Julgue o seguinte item como Certo (C) ou Errado (E), a respeito de aspectos linguísticos do texto I.

A correção gramatical e o sentido do texto seriam preservados, caso se substituísse o trecho "lembrei-me de que" (l. 11) por **lembrei que**.

Leia o texto a seguir para responder à questão 15.

As primeiras moedas, peças representando valores, geralmente em metal, surgiram na Lídia (atual Turquia), no século VII a.C. As características que se desejava ressaltar eram transportadas para as peças por meio da pancada de um objeto pesado, em primitivos cunhos. Com o surgimento da cunhagem a martelo e o uso de metais nobres, como o ouro e a prata, os signos monetários passaram a ser valorizados também pela nobreza dos metais neles empregados.

Embora a evolução dos tempos tenha levado à substituição do ouro e da prata por metais menos raros ou suas ligas, preservou-se, com o passar dos séculos, a associação dos atributos de beleza e expressão cultural ao valor monetário das moedas, que quase sempre, na atualidade, apresentam figuras representativas da história, da cultura, das riquezas e do poder das sociedades.

A necessidade de guardar as moedas em segurança levou ao surgimento dos bancos. Os negociantes de ouro e prata, por terem cofres e guardas a seu serviço, passaram a aceitar a responsabilidade de cuidar do dinheiro de seus clientes e a dar recibos escritos das quantias guardadas. Esses recibos passaram, com o tempo, a servir como meio de pagamento por seus possuidores, por ser mais seguro portá-los do que portar dinheiro vivo. Assim surgiram as primeiras cédulas de "papel moeda", ou cédulas de banco; concomitantemente ao surgimento das cédulas, a guarda dos valores em espécie dava origem a instituições bancárias.

Casa da Moeda do Brasil: 290 anos de História, 1694/1984

15. (Cespe – Caixa – Nível Superior – 2014)

No que se refere aos aspectos linguísticos, à classificação tipológica do texto acima e às ideias nele expressas, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

A substituição da preposição "a", em "a dar recibos escritos das quantias guardadas" (l. 12), pela preposição "de" manteria a correção gramatical do texto, embora acarretasse alteração de sentido.

Leia o texto a seguir para responder à questão 16.

Texto I

A moeda, como hoje é conhecida, é o resultado de uma longa evolução. No início, não havia moeda, praticava-se o escambo. Algumas mercadorias, pela sua utilidade, passaram a ser mais procuradas do que outras. Aceitas por todos, assumiram a função de moeda, circulando como elemento trocado por outros produtos e servindo para avaliar-lhes o valor. Eram as moedas-mercadorias. O gado, principalmente o bovino, foi dos mais utilizados. O sal foi outra moeda-mercadoria; de difícil obtenção, era muito utilizado na conservação de alimentos. Ambas deixaram marca de sua função como instrumento de troca no vocabulário português, em palavras como pecúnia e pecúlio, capital e salário.

Com o passar do tempo, as mercadorias se tornaram inconvenientes às transações comerciais, devido à oscilação de seu valor, pelo fato de não serem fracionáveis e por serem facilmente perecíveis, o que não permitia o acúmulo de riquezas. Surgiram, então, no século VII a.C., as primeiras moedas com características semelhantes às das atuais: pequenas peças de metal com peso e valor definidos e com a impressão do cunho oficial, isto é, a marca de quem as emitiu e garante o seu valor.

Os primeiros metais utilizados na cunhagem de moedas foram o ouro e a prata. O emprego desses metais se impôs, não só por sua raridade, beleza, imunidade à corrosão e por seu valor econômico, mas também por antigos costumes religiosos. Durante muitos séculos, os países cunharam em ouro suas moedas de maior valor, reservando a prata e o cobre para os valores menores. Esses sistemas se mantiveram até o final do século XIX, quando o cuproníquel e, posteriormente, outras ligas metálicas passaram a ser empregados e a moeda passou a circular pelo seu valor extrínseco, isto é, pelo valor gravado em sua face, que independe do metal nela contido.

Na Idade Média, surgiu o costume de guardar os valores com um ourives, pessoa que negociava objetos de ouro e prata e que, como garantia, entregava um recibo. Esse tipo de recibo passou a ser utilizado para efetuar pagamentos, circulando de mão em mão, e deu origem à moeda de papel. Com o tempo, da forma como ocorreu com as moedas, os governos passaram a conduzir a emissão de cédulas, controlando as falsificações e garantindo o poder de pagamento. Atualmente, quase todos os países possuem bancos centrais, encarregados das emissões de cédulas e moedas.

Disponível em: <www.bcb.gov.br> (com adaptações).

16. (Cespe – Caixa – Técnico Bancário – 2014)

Julgue o próximo item, relativo às ideias expressas no texto ao lado e a aspectos linguísticos desse texto, como Certo (C) ou Errado (E).

No trecho "devido à oscilação de seu valor, pelo fato de não serem fracionáveis e por serem facilmente perecíveis" (l. 8-9), a substituição dos elementos sublinhados por **ao** e **a**, respectivamente, preservaria a correção gramatical e o sentido original do texto.

Leia o texto a seguir para responder à questão 17.

O fator mais importante para prever a *performance* de um grupo é a igualdade da participação na conversa. Grupos em que poucas pessoas dominam o diálogo têm desempenho pior do que aqueles em que há mais troca. O segundo fator mais importante é a inteligência social dos seus membros, medida pela capacidade que eles têm de ler os sinais emitidos pelos outros membros do grupo. As mulheres têm mais inteligência social que os homens, por isso grupos mais diversificados têm desempenho melhor.

Gustavo Ioschpe. *Veja*, 31/12/2014, p. 33 (com adaptações)

17. (Cespe – FUB – 2015)

Julgue o item seguinte como Certo (C) ou Errado (E), referente às ideias e às estruturas linguísticas do texto acima.

Na linha 2, a supressão do termo “ em” manteria a correção gramatical e o sentido original do período.

Leia o texto a seguir para responder à questão 18.

A metrópole de São Paulo vem se tornando mais heterogênea econômica, social e espacialmente e menos desigual quanto a renda, inserção no mercado de trabalho e condições de vida de seus habitantes, mesmo nas áreas mais precárias. A imagem emerge dos treze ensaios que compõem o livro **A Metrópole de São Paulo no Século XXI – Espaços, Heterogeneidades e Desigualdades**, os quais abordam temas específicos, a partir de um diagnóstico comum, para construir um panorama atual da região metropolitana. Tal retrato resulta das mudanças de diversas dimensões pelas quais a metrópole passou na última década, do perfil da pobreza às dinâmicas migratórias e ligadas ao crescimento demográfico, dos moldes de segregação social à produção habitacional e à mobilidade urbana.

A fisionomia da metrópole, central na economia do país, reflete a conjuntura de modo especial, segundo o organizador. Assim, tiveram impactos particulares na região metropolitana a redemocratização, na década de 80 do século XX (com a volta das eleições regulares e com a constituição de sistemas nacionais de políticas públicas), estabilização econômica, a abertura do mercado interno da década de 90 e o crescimento econômico vigoroso da primeira década do século XXI.

Disponível em: <www.fflch.usp.br> (com adaptações).

18. (Pref. SP – Agente Gestão P. Públicas – Cespe – Maio/2016)

Seriam mantidas a coerência e a correção gramatical do texto IV, caso a forma verbal “ tiveram” (L. 10) fosse substituída por:

a) possuíram.

b) sofreram.

c) realizaram.

d) houve.

e) causaram.

Leia o texto a seguir para responder à questão 19.

Texto 1 – Problemas Sociais Urbanos

Dentre os problemas sociais urbanos, merece destaque a questão da segregação urbana, fruto da concentração de renda no espaço das cidades e da falta de planejamento público que vise à promoção de políticas de controle ao crescimento desordenado das cidades. A especulação imobiliária favorece o encarecimento dos locais mais próximos dos grandes centros, tornando-os inacessíveis à grande massa populacional. Além disso, à medida que as cidades crescem, áreas que antes eram baratas e de fácil acesso tornam--se mais caras, o que contribui para que a grande maioria da população pobre busque por moradias em regiões ainda mais distantes.

Essas pessoas sofrem com as grandes distâncias dos locais de residência com os centros comerciais e os locais onde trabalham, uma vez que a esmagadora maioria dos habitantes que sofrem com esse processo são trabalhadores com baixos salários. Incluem-se a isso as precárias condições de transporte público e a péssima infraestrutura dessas zonas segregadas, que às vezes não contam com saneamento básico ou asfalto e apresentam elevados índices de violência.

A especulação imobiliária também acentua um problema cada vez maior no espaço das grandes, médias e até pequenas cidades: a questão dos lotes vagos. Esse problema acontece por dois principais motivos: 1) falta de poder aquisitivo da população que

possui terrenos, mas que não possui condições de construir neles e 2) a espera pela valorização dos lotes para que esses se tornem mais caros para uma venda posterior. Esses lotes vagos geralmente apresentam problemas como o acúmulo de lixo, mato alto, e acabam tornando-se focos de doenças, como a dengue.

PENA, Rodolfo F. Alves. "Problemas socioambientais urbanos"; Brasil Escola. Disponível em http://brasilescola.uol.com.br/brasil/problemas-ambientais-sociais-decorrentes-urbanização.htm. Acesso em 14 de abril de 2016.

19. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

" que vise à promoção de políticas de controle"; nesse segmento de texto 1 emprega-se corretamente a regência do verbo *visar*, que muda de sentido conforme seja transitivo direto ou transitivo indireto.

O verbo abaixo em que NÃO ocorre a mesma possibilidade de dupla regência e duplo sentido é:

a) aspirar;

b) assistir;

c) carecer;

d) chamar;

e) precisar.

20. (BB – Escriturário – Cesgranrio – Out./2015)

De acordo com as regras de regência verbal estabelecidas pela norma-padrão da Língua Portuguesa, o elemento destacado está adequadamente empregado em:

a) Os inadimplentes infringem aos regulamentos estabelecidos pelas financeiras ao deixar de cumprir os prazos dos empréstimos.

b) Os comerciantes elogiaram aos bancos às medidas tomadas a favor de seus empreendimentos.

c) Vários executivos procuram realizar cursos de especialização porque cobiçam aos estágios mais avançados da carreira.

d) Os funcionários mais graduados das grandes empresas aspiram aos melhores cargos tendo em vista o aumento de seu poder aquisitivo.

e) Algumas grandes empresas responsáveis pelas redes sociais ludibriam aos princípios estabelecidos por lei ao permitir postagens agressivas.

21. (SEED-SP – An. Administrativo – Vunesp – Maio/2016)

Assinale a alternativa em que o trecho, adaptado da revista *IstoÉ*, edição de 06.03.2013, está correto quanto à colocação pronominal, à regência e à concordância.

a) No Rio, o que se entende por zona portuária reúne os bairros da Saúde, Gamboa e Santo Cristo, além dos morros da Conceição, Pinto, Providência e Livramento. Todos passarão por processos de revitalização urbana intensa até 2016.

b) No Rio, o que entende-se de zona portuária reúnem os bairros da Saúde, Gamboa e Santo Cristo, além dos morros da Conceição, Pinto, Providência e Livramento. Todos passarão por processos de revitalização urbana intenso até 2016.

c) No Rio, o que entendem-se por zona portuária reúnem os bairros da Saúde, Gamboa e Santo Cristo, além dos morros da Conceição, Pinto, Providência e Livramento. Todos passarão por processos de revitalização urbana intenso até 2016.

d) No Rio, o que entende-se pela zona portuária reúne os bairros da Saúde, Gamboa e Santo Cristo, além dos morros da Conceição, Pinto, Providência e Livramento. Todos passarão por processos de revitalização urbana intensa até 2016.

e) No Rio, o que se entendem em zona portuária reúne os bairros da Saúde, Gamboa e Santo Cristo, além dos morros da Conceição, Pinto, Providência e Livramento. Todos passarão por processos de revitalização urbana intensos até 2016.

22. (IPSMI – Procurador – Vunesp – Abril/2016)

A alternativa que apresenta, nos parênteses, regência verbal de acordo com a norma-padrão, em substituição à expressão destacada no trecho do texto, é:

a) ... empurram e **atropelam as outras** para entrar primeiro no vagão do trem (pisoteiam nas outras).

b) ...quando chega a casa já está na hora de **ir para o trabalho**. (dirigir-se no trabalho).

c) passou tardes longas **vendo pela milésima vez a segunda temporada** de " Grey's Anatomy" (assistindo pela milésima vez à segunda temporada).

d) ...e ambos **perceberam que a felicidade** é uma questão de tempo (conscientizaram-se que a felicidade).

e) ...se ela não **tivesse tanto tempo** não teria nem tempo para falar do tempo (dispusesse a tanto tempo).

23. (Unesp – Ass. Administrativo I – Vunesp – Abril/2016)

A alternativa que reescreve a passagem – Ser menino também pode não ser fácil, principalmente se os pais acreditarem que podem definir o que ele deve sentir ou gostar – apresentando regência de acordo com a norma-padrão é:

a) Ser menino também tende a não ser fácil, principalmente se os pais se puserem a definir aquilo de que ele deve gostar e o que deve sentir.

b) Ser menino também não costuma de ser fácil, principalmente se os pais se dispõem em definir do que ele deve sentir e gostar.

c) Ser menino também corre o risco de não ser fácil, principalmente se os pais decidirem a definir o que ele deve de gostar e sentir.

d) Ser menino também implica em dificuldades, principalmente se os pais se meterem em definir naquilo que ele deve sentir e no que deve gostar.

e) Ser menino também representa dificuldade, principalmente se os pais se intrometerem de definir o que ele deve gostar e do que deve sentir.

24. (Unifesp – Técnico Seg. Trab. – Vunesp – Abril/2016)

Muitos pensam em desistir _____ uma carreira, pois acreditam que não estejam aptos _____ enfrentar o difícil exame do vestibular.

Em conformidade com a norma-padrão, as lacunas da frase devem ser preenchidas, respectivamente, com:

a) de ... à

b) a ... em

c) em ... de

d) de ... para

e) à ... a

25. (MPE/SP- Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Assinale a alternativa correta quanto à regência verbal, de acordo com a norma-padrão.

a) Todos perdoavam do defeito ao Joaquim por não ser culpa dele.

b) Todos perdoavam o defeito para o Joaquim por não ser culpa dele.

c) Todos perdoavam ao defeito do Joaquim por não ser culpa dele.

d) Todos perdoavam o defeito ao Joaquim por não ser culpa dele.

e) Todos perdoavam ao defeito no Joaquim por não ser culpa dele.

Leia o texto a seguir para responder à questão 26.

Japão irá auxiliar Minas Gerais com a experiência no enfrentamento de tragédias

Acostumados a lidar com tragédias naturais, os japoneses costumam se reerguer em tempo recorde depois de catástrofes. Minas irá buscar experiência e tecnologias para superar a tragédia em Mariana

A partir de janeiro, Minas Gerais irá se espelhar na experiência de enfrentamento de catástrofes e tragédias do Japão, para tentar superar Mariana e recuperar os danos ambientais e sociais. Bombeiros mineiros deverão receber treinamento por meio da Agência de Cooperação Internacional do Japão (Jica), a exemplo da troca de experiências que já acontece no Estado com a polícia comunitária, espelhada no modelo japonês Koban.

O terremoto seguido de um tsunami que devastou a costa nordeste do Japão em 2011 deixando milhares de mortos e desaparecidos, e prejuízos que quase chegaram a US$ 200 bilhões, foi uma das muitas tragédias naturais que o país enfrentou nos últimos anos. Menos de um ano depois da catástrofe, no entanto, o Japão já voltava à rotina. É esse tipo de experiência que o Brasil vai buscar para lidar com a tragédia ocorrida em Mariana.

(Juliana Baeta. Disponível em: http://www.otempo.com.br, 10.12.2015. Adaptado.)

26. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Assinale a alternativa correta quanto à norma-padrão e aos sentidos do texto.

a) As parcerias nipo-brasileiras pautam-se em cooperação para contornar as tragédias.

b) Tanto o Brasil quanto o Japão estão certos que as parcerias nipo-brasileiras renderão bons frutos.

c) A experiência do Japão mostra que não há como discordar com as parcerias nipo-brasileira.

d) A catástrofe vivida em Mariana revela de que são importantes as parcerias nipos-brasileiras.

e) Não se pode esquecer a irrelevância dos momentos de tragédia e das parcerias nipo-brasileira.

27. (Unesp – Assistente Administrativo – Vunesp – Fev./2016)

Assinale a alternativa em que a expressão entre colchetes substitui corretamente aquela destacada em negrito, segundo a norma-padrão.

a) Se uma despesa avança em velocidade **incompatível com a** receita... [que não harmoniza-se da]

b) ... só há dois caminhos **para corrigir a** distorção... [que corrige-se a]

c) O orçamento de um governo é **semelhante ao** de uma pessoa comum. [comparável como]

d) Mas quem já paga tributos (muitos) **não vê com bons olhos** tal alternativa. [não mostra-se favorável de]

e) ... o sistema ativo **é insuficiente para garantir** o funcionamento da engrenagem... [não encontra-se apto à garantir]

Gabarito: 1. b; 2. b; 3. c; 4. c; 5. a; 6. e; 7. c; 8. c; 9. c; 10. d; 11. d; 12. c; 13. d; 14. C; 15. C; 16. E; 17. E; 18. d; 19. c; 20. d; 21. a; 22. c; 23. a; 24. d; 25. d; 26. a; 27. c.

19 CRASE

19.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

A crase é a fusão de duas vogais iguais. Na escrita, esse fenômeno vem marcado com o acento grave.

As **justificativas** para o uso do acento grave **são duas**:

1ª justificativa: casos de contração
a) preposição a + artigo definido a (a + a(s) = à(s)).
b) preposição a + pronomes demonstrativos a(s)(= aquela(s)), aquele(s), aquela(s), aquilo.
c) preposição a + pronome relativo a qual/as quais.

Importante: No caso de contração de preposição **A** com artigo feminino A, a preposição aparece por exigência de um verbo (regência verbal) ou de um nome (regência nominal). O artigo, por exigência de um substantivo feminino. Veja o modelo:
"Os universitários leem como se assistissem [a] à [a] televisão com um controle remoto."

Uma maneira prática de saber se a palavra feminina aceita ou não artigo é usá-la na função de sujeito. Na **ordem direta**, você diria "A televisão nos diverte" ou "Televisão nos diverte"? Com certeza, usaria a primeira forma. Portanto, a palavra "televisão" aceita artigo feminino. Se o verbo ou o nome não pedir preposição **A** ou se a palavra seguinte não aceitar artigo feminino, não ocorrerá o fenômeno da crase.

Essa explicação vai servir para mostrar os casos **em que há** o acento grave, **em que não há** e quando o uso do acento é **facultativo**.

Vejamos alguns exercícios comentados.

Complete as lacunas das frases usando a, à, as, às.

1. Cheguei cedo ( ) ___ ( ) repartição.
2. Pediram ( ) ___ ( ) jovem que comparecesse ( ) ___ ( ) secretaria.
3. Fiz alusão ( ) ____ ( ) crianças.
4. Fui ( ) ____ ( ) Grécia ano passado.
5. Fui ( ) ____ ( ) Brasília de minha infância.
6. Obedeça ( ) ____ ( ) senhorita/senhora/madame.

Comentários:

Nas frases de 1 a 6, observa-se a presença da preposição **a** exigida por "chegar [a]", "Pediram [a]... comparecessem

[a]", "alusão [a]", "Fui [a] e "Obedeça [a]". Como as palavras femininas que se seguem aceitam **artigo feminino** ("a [a] repartição", "[a] jovem… [a] secretaria", " [as] crianças, "[a] Grécia", " [a] Brasília de minha infância" e [a] senhorita/senhora/madame", ocorre o fenômeno da crase. Portanto, temos a fusão da preposição a com artigo definido a.

Aqui, vale um recado sobre as frases 4 e 5:

Atenção nas frases 4 e 5: Quando aparece nome de lugar (Grécia, Brasília...), para saber se aceita ou não artigo, procedemos da mesma maneira como foi apresentado na teoria: se, na função de sujeito, pudermos usar o artigo é porque o nome do lugar aceita. Caso contrário, só aparece a preposição a. Por exemplo:

– A Grécia é um país que me encanta. (aceita artigo)

(suj.)

– Brasília é a capital do Brasil (e não A Brasília é...; logo, Brasília não aceita artigo). No entanto, se o nome do lugar vier determinado, usaremos o artigo.

Na frase 6, o verbo "obedecer" pede preposição A e os pronomes de tratamento "senhorita", "senhora" e "madame" aceitam o artigo A. Mais à frente, veremos os pronomes de tratamento que não aceitam o artigo A.

As frases de 1 a 6 são exemplos de contração de preposição **a** + artigo feminino **a.**

Respostas: 1. à; 2. à; 3. às; 4. à; 5. à; 6. à.

7. Fiz referência ( ) ___ que gesticulava freneticamente.

8. Emprestei o livro ( ) aquela velha amiga.

9. Emprestei o livro ( ) aquele velho amigo.

Comentários:

Nas frases 7, 8 e 9, há contração de preposição **a** com **pronomes demonstrativos**: "Fiz referência [a] + a (= aquela) que gesticulava", "Emprestei o livro [a] + aquela" e "Emprestei o livro [a] + aquele".

Na frase 7, aparece o **a** como pronome demonstrativo. Aqui, vale um recado:

O pronome demonstrativo a(s) aparece, geralmente, antes de que relativo ou de preposição de, quando fica claro o valor semântico de demonstrativo. Observe:

"Refiro-me à (= àquela) da direita."

"Refiro-me à (= àquela) que chegou de branco."

Respostas: 7. à; 8. àquela; 9. àquele.

10. A moça a qual me referi [ ] era uma velha amiga.

Comentários:

A frase 10 mostra o pronome relativo a qual, que introduz oração adjetiva e já possui a letra a. Com esse conectivo, haverá acento no a do a qual se, dentro da oração adjetiva, algum termo pedir preposição a. Observe:

… a qual me referi (*Eu me referi a*). Logo, a preposição *a* do verbo *referir-se* encontra-se com o *a* de *a qual*: *… à qual me referi…*

Resposta: 10. à qual.

Crase obrigatória: – preposição a + artigo definido a(s) (frases 1 a 6) – preposição a + pronomes demonstrativos a(s), aquela(s), aquele(s), aquilo (frases 7 a 9) – preposição a + pronome relativo a qual/as quais (frase 10)

11. Falou ( ) ___ ( ) João.

12. Começou ( ) ___ ( ) ventar.

13. Aludiu ( ) ___ ( ) V.Exª/você.

14. Fui ( ) ___ ( ) Brasília.

15. Ofereci ajuda ( ) ___ ( ) esta/essa/uma/qualquer pessoa.

16. Dedicou o prêmio ( ) ___ ( ) ela.

Comentários:

Importante: usaremos o código [x] para mostrar que não se usa **a**.

Nas frases de 11 a 16, ocorre apenas a presença da preposição **a**, pois *João*, nome próprio masculino, não aceita artigo feminino (*Falou* [a] [x] João); *ventar* é verbo, não vem com artigo ("Começou [a] [x] ventar"); pronomes de tratamento não aceitam artigo, exceção feita aos tratamentos senhorita, senhora e madame da frase 6.

E por que esses tratamentos aceitam artigo e V. Exª e você não aceitam? No início desse assunto mostramos uma maneira prática de saber se substantivos ou pronomes aceitam ou não artigo: iniciar uma frase na **ordem direta** (sujeito + verbo + complemento). Por exemplo:

A *senhorita*/*senhora*/*madame* aceita minhas desculpas?

Agora, você diria "A V. Exª/você aceita minhas desculpas?" ou "V.Exª/você aceita minhas desculpas?". Certamente é a última que seria usada.

Aqui, vale um recado:

Atenção: Os pronomes de tratamento não aceitam artigo, com exceção a senhorita, senhora e madame.

Teríamos, portanto, na frase 13, só a preposição ("Aludiu [a] [x] V. Exª (você)").

Na 14, seguindo o mesmo princípio, Brasília não aceita artigo – *Brasília é a capital do Brasil* ("Fui [a] [x] Brasília"). Na frase 15, os pronomes esta, essa, qualquer e o pronome indefinido uma também não aceitam artigo

(forme uma frase, na **ordem direta,** usando esses pronomes na função de sujeito e verá que não vêm com artigo – *Esta*/*Essa*/*Qualquer pessoa inteligente*). *Uma pessoa esteve procurando*, e não A esta/essa/qualquer/uma pessoa esteve te procurando. Só preposição ("Ofereci ajuda [a] [x] esta…")

Na frase 16, a mesma explicação ("Dedicou o prêmio [a] [x] ela"), já que os pronomes pessoais também não aceitam artigo. Logo, se aparece apenas um **a**, não ocorrerá o fenômeno de crase.

Respostas: 11. a; 12. a; 13. a; 14. a; 15. a; 16. a.

17. A diretora ( ) que me referi chegou.

18. A diretora ( ) quem me referi chegou.

19. A escritora ( ) cuja obra me referi ganhou um prêmio.

20. A escritora ( ) a qual admiro ganhou um prêmio.

Comentários:

As frases 17, 18 e 19 exemplificam o uso de pronomes relativos antecedidos de preposição **a**, porque também esses conectivos não admitem a presença de artigo.

Na frase 20, *a qual* não recebe acento grave porque o verbo **admirar** não pede preposição **a** (confronte com a frase **10**, em que o **a** do a qual recebe acento porque o verbo referir-se rege preposição **a**).

Respostas: 17. a; 18. a; 19. a; 20. a qual.

Atenção: Antes do pronome relativo que só haverá acento no a quando o termo anterior pedir preposição a e aparecer um a com valor de demonstrativo, o que dá para perceber com certa facilidade. Veja a frase 7 ("Fiz referência à que gesticulava freneticamente"). Na 17 isso não ocorre ("A diretora aquela que me referi?"). Certamente, numa redação, você não usaria essa construção.

Portanto, vale sistematizar:

Os pronomes relativos e a crase:

1. Ocorrerá crase nos relativos a qual, as quais, se esses pronomes vierem antecedidos de preposição, exigida por um termo (verbo ou nome) que vem após esses relativos. (frase 10)
2. Diante do pronome relativo que, normalmente não há crase, pois esse pronome não admite artigo. O a que vem antes do que é apenas preposição. (frase 17). Entretanto, o pronome relativo que poderá vir antecedido de a acentuado, quando o a(s) for demonstrativo (= aquela). (frase 7)
3. Antes de quem, cujo, cuja, cujos, cujas, jamais ocorrerá crase, pois esses pronomes não aceitam artigo. O a que os anteceder será apenas preposição. (frases 18 e 19)

21. Perdeu o gol cara ( ) cara.

Comentários:

Na frase 21, mais um caso em que nunca se usa acento grave: entre palavras repetidas. Esse a é apenas preposição.

Resposta: 21. a.

Crase proibida:
1. antes de palavra masculina;
2. antes de verbos;
3. antes de pronomes de tratamento, como V.Exª, você, Sua Excelência...; exceto com madame, senhora e senhorita;
4. com nomes de lugar que não aceitam artigo a;
5. antes de pronomes demonstrativos este, esta, esse, essa;
6. com pronomes indefinidos (alguém, nenhum...);
7. antes de artigo indefinido (um, uma);
8. entre palavras repetidas.

22. Ofereci ajuda ( ) __ ( ) Maria.

23. Fez menção ( ) ___ ( ) Cecília Meireles.

24. Ofereci ajuda ( ) ___ ( ) minha/sua/nossa amiga.

25. Ofereci ajuda ( ) ___ ( ) minha amiga e não ( ) ___ ( ) sua.

26. Corri até ( ) ___ ( ) sala.

Comentários:

Nas frases de 22 a 26, temos exemplos de uso facultativo do acento grave. São três os casos de uso facultativo:

1º) Antes de nome próprio feminino: podemos usar o artigo ou não.

"A Maria esteve te procurando" ou "Maria esteve te procurando" ("Ofereci ajuda [a] [a] ou [x] Maria")

Antes de nomes ilustres, porém, não aparece artigo.

("Fez menção [a] [x] Cecília Meireles")

2º) Antes de pronome possessivo feminino singular: podemos usar o artigo ou não.

"A minha/sua/nossa amiga chegou" ou "Minha/Sua/Nossa amiga chegou" ("Ofereci ajuda [a] [a] ou [x] minha/sua/nossa amiga").

Todavia, antes de possessivo feminino singular com substantivo feminino subentendido, acento obrigatório. Veja:

"Ofereci ajuda [a] [a] ou [x] minha amiga e não [a] [a] sua (amiga)".

3º) Após a preposição até, é facultativo o uso do acento grave, uma vez que existe até (preposição) e até a (locução prepositiva que termina em a).

Respostas: 22. à ou a; 23. a; 24. à ou a; 25. à ou a; 26. à ou a.

Crase facultativa:
1. antes de nome próprio feminino;
2. antes de pronome possessivo feminino no singular;
3. após a preposição até.

2ª justificativa: casos de locuções femininas
- adverbiais: às vezes, às pressas, à toa, à beça, às duas horas, à mingua...
- prepositivas: à beira de, à espera de, às expensas de, à moda de, à procura de...
- conjuntivas: à medida que, à proporção que.

No início deste capítulo, dissemos que as justificativas para o uso do acento grave são duas. A primeira trata da **contração** da preposição **a** mais artigo definido feminino, pronomes demonstrativos e relativo a qual.

Agora, vamos ao segundo caso: **as locuções femininas.**

Diferentemente do primeiro, aqui não temos de achar dois as. Nas locuções, a questão é semântica, ou seja, aparecem expressões femininas com ideia de tempo, intensidade, modo, lugar, proporção etc.

A sistematização em adverbiais, prepositivas e conjuntivas é por causa da forma: as prepositivas terminam em preposição (à beira de, à moda de, à espera de, à procura de...); as conjuntivas, em conjunção (à medida que e à proporção que).

Já as adverbiais não têm uma terminação característica. Sabemos que são locuções adverbiais por causa dos valores circunstanciais próprios do advérbio (tempo, lugar, intensidade...).

Seguem alguns exercícios comentados.

Use o acento grave nas locuções femininas, quando se exigir.

1. Compro sempre _____ vista, nunca _____ prazo.

2. Gostava de churrasco _____ Osvaldo Aranha.

3. Queria tudo _____ claras.

Comentários:

Não custa nada lembrar: acento nas locuções só se for feminina.

Na frase 1, só a primeira (*à vista*) é locução feminina, pois prazo é vocábulo masculino.

Na 2, embora Osvaldo seja palavra masculina, subentende-se a locução prepositiva feminina à moda de.

Em 3, às claras é uma locução adverbial feminina de modo.

Respostas: 1. à vista/a prazo; 2. à Osvaldo Aranha; 3. às claras.

4. Vivia _____ espera de um milagre.

5. Saiu _____ cinco horas _____ fim de ver um filme.

Comentários:

Na frase 4, a locução prepositiva (*à espera de*) é formada por palavra feminina. Em 5, na primeira ocorrência, a locução adverbial é feminina indicando tempo, mas na segunda ocorrência há uma locução prepositiva representada

por palavra masculina – *fim*.

Respostas: 4. à espera de; 5. às cinco horas/a fim de.

6. Chegou _____ uma hora e saiu _____ oito.

7. Estou aqui desde _____ três horas.

Comentários:

Na frase 6, as locuções são representadas por palavra feminina – *hora*. No entanto, se as expressões de hora vierem antecedidas de preposição (após, desde), não haverá acento (frase 7).

Respostas: 6. à uma hora/às oito (horas); 7. desde as três horas.

8. Sentia-se mais _____ vontade _____ medida que ia se aproximando da reta final.

9. _____ medida que tomaste desagradou a todos.

Comentários:

Na frase 8, temos, respectivamente, uma locução adverbial feminina e uma locução conjuntiva feminina com ideia de proporção.

Repare que na frase 9 não há mais a ideia de proporção. Temos aí medida funcionando como sujeito de desagradou:

" A medida que tomaste desagradou a todos".

(suj.) or. adjetiva

Respostas: 8. à vontade/à medida que; 9. A medida.

10. _____ vezes, ela faz _____ vezes do professor.

11. Fez a prova _____ lápis.

12. Andei _____ cavalo pela fazenda.

13. _____ beira do rio, admirava o quadro _____ óleo que acabara de pintar.

14. Comia, _____ pressas, um angu _____ baiana.

Comentários:

Na frase 10, só na primeira ocorrência é que há ideia circunstancial de tempo (às vezes = de vez em quando).

Na segunda passagem, essa expressão funciona como objeto direto de **faz** (" ela faz as vezes"), não possui valor adverbial, *"ela faz algo* (= as vezes)*"*

Nas frases 11 e 12, as locuções são masculinas (lápis, cavalo). Na 13, a locução prepositiva é feminina (beira), mas a palavra *óleo*, na segunda passagem, é masculina.

Na frase 14, as duas locuções são adverbiais femininas.

Respostas: 10. Às vezes/as vezes; 11. a lápis; 12. a cavalo; 13. À beira de/a óleo; 14. às pressas/à baiana.

Observações finais:
a) Antes das palavras CASA e TERRA (em oposição a bordo) não ocorrerá o acento.
Exemplos:
Retornaram rapidamente a casa.
Quando o navio atracou pudemos ir a terra.
No entanto, se vierem determinadas, haverá o acento:
Retornaram rapidamente à casa dos pais.
Iria à terra dos avós.
b) Não se usa o acento grave no a antes de palavras tomadas em sentido geral.
Exemplos:
Este pano cheira a gasolina. (Este pano cheira a álcool.)
Ela se candidatou a deputada. (Ele se candidatou a deputado.)

Repare que ao trocar por palavra masculina não aparece artigo ("cheira a álcool e não ao álcool/se candidatou a deputado e não ao deputado"), logo não aparecerá artigo antes do nome feminino.

Reconhecemos que esse caso não é de fácil percepção, mas a boa notícia é que raríssimas são as questões de concurso público que exploram esse caso. Mais um exemplo:

Viso a melhores condições de trabalho.

Esse é o caso mais comum de palavra tomada em sentido geral: usar a preposição a antes de substantivo no plural. A ausência do artigo definido *as* confirma essa indeterminação.

Marque V ou F para os casos de crase abaixo. Nas situações de crase, indique a justificativa para o acento.

1. ( ) Ele fez referência a tarefa feita por nós.

Comentários: O substantivo *referência* pede preposição *a*. A palavra *tarefa* aceita artigo.

Resposta: a frase está errada, falta o acento.

2. ( ) Traçou uma reta oblíqua a do centro.

Comentários: O adjetivo *oblíqua* exige a preposição *a*. E essa preposição vai-se encontrar com o pronome demonstrativo *a* (= *aquela*) que vem antes de *do centro* (Traçou uma reta oblíqua *a* + *a do centro*).

Resposta: a frase está errada. Falta o acento.

3. ( ) Não conheço as que saíram.

Comentários: O verbo *conhecer* é transitivo direto, não pede preposição. A palavra *as* é só pronome demonstrativo (= *aquelas*).

Resposta: a frase está certa, não há fenômeno da crase.

4. ( ) Ele se referia as que saíram.

Comentários: O verbo *referir-se* é transitivo indireto, pede preposição *a*. E essa preposição vai-se encontrar com o pronome demonstrativo *as* (= *aquelas*), que vem antes da oração *que saíram* (Ele se referia *a* + *as que saíram*).

Resposta: a frase está errada, falta o acento.

5. ( ) Apresentou-lhe a esposa.

Comentários: O verbo *apresentar*, aqui, é transitivo direto e indireto e vem seguido de dois objetos: o indireto, sob a forma de pronome (*lhe*) e o direto (*a esposa*). Ora, se *a esposa* é objeto direto, não há que se iniciar com preposição e, sem ela, não ocorre o fenômeno da crase. O *a* que aparece na frase é artigo.

Resposta: a frase está certa.

6. ( ) Era uma camisa semelhante a que o diretor usava.

Comentários: O adjetivo *semelhante* exige a preposição *a*. E essa preposição encontra-se com o pronome demonstrativo *a (= aquela)*, antes do relativo *que* (*Era uma camisa semelhante a* + *a que o diretor usava*).

Resposta: falta o acento.

7. ( ) Ele não obedecia aquele regulamento.

Comentários: *Quem obedece, obedece a alguém,* ou *a alguma coisa*. O verbo *obedecer* é transitivo indireto e vem acompanhado da preposição *a*. E essa preposição encontra-se com o *a* que inicia o pronome demonstrativo *aquele*.

Resposta: a frase está errada, deveria vir com o acento.

8. ( ) Ele desconhecia aquele regulamento.

Comentários: O verbo *desconhecer* é transitivo direto, não exige preposição. Daí o fato de o pronome demonstrativo *aquele* não ter de vir com o acento grave.

Resposta: a frase está certa.

9. ( ) Não me refiro aquilo.

Comentários: *Referir-se* é transitivo indireto, e vem acompanhado da preposição *a*. E essa preposição *a* encontra-se com o *a* do demonstrativo *aquilo*. Falta o acento de *aquilo*.

Resposta: a frase está errada.

10. ( ) Esta é a lei a qual fiz alusão.

Comentários: Atenção: trata-se de regência com pronome relativo. Organize a frase que vem após o pronome relativo. Colocando-a na ordem direta, teremos: "(Eu) fiz alusão a + a qual". Ora, daí o erro.

Resposta: falta o acento do relativo <u>a qual</u>.

11. ( ) Esta é a lei a qual desconhecia.

Comentários: Agora, temos só o pronome relativo *a qual*. O verbo *desconhecer* não exige preposição, é transitivo direto.

Resposta: a frase está certa. Não há crase.

12. ( ) Esta é a mulher a quem fiz referência.

Comentários: Organizando a frase que vem após o relativo, teríamos "(Eu) fiz referência a". Só que essa preposição que o substantivo *referência* exige não se encontra com nenhum outro *a*, pois o pronome relativo *quem* não aceita artigo.

Resposta: a frase está certa, o a de *a* quem é só preposição.

13. ( ) Ele se dedica a empresa, respeita a hierarquia e obedece as leis.

Comentários: Observe que o grande segredo do uso da crase é saber regência. O verbo *dedicar-se* é transitivo indireto. Logo, exige a preposição *a*, que vai-se encontrar com o artigo *a* de empresa. Por isso, o primeiro erro: falta o acento. Já o verbo *respeitar* é transitivo direto, não pede preposição: o *a* que vem antes de *hierarquia* é só artigo. Quanto a isso, a frase está certa. Já o verbo *obedecer* exige preposição *a*, é transitivo indireto. E a preposição *a* encontra-se com o artigo *as* que antecede *leis*. Mais uma vez, falta o acento.

Resposta: a frase reescrita de forma correta ficaria assim: *Ele se dedica à empresa, respeita a hierarquia e obedece às leis*.

14. ( ) Nas próximas férias, iremos a Suécia, a Bélgica e a Portugal.

Comentários: Com nome de lugar, mais uma dica: utilize o verbo *voltar* seguido do nome do lugar para ver se o artigo aparece. Assim, teríamos: *voltei da Suécia, da Bélgica e de Portugal*. Ora, *Suécia* e *Bélgica* admitem artigo a, mas *Portugal* não.

Resposta: a frase está errada, faltam dois acentos graves. Reescrita de forma correta, a frase ficaria assim: "Nas próximas férias, iremos à Suécia, à Bélgica e a Portugal".

15. ( ) Viajaremos a Londres e a Roma do Coliseu.

Comentários: *Londres* não admite artigo *a*: "Voltei de Londres". A palavra *Roma*, se estivesse sozinha na frase também não admitiria ("Voltei de Roma"); só que aqui se fala *da Roma do Coliseu*. O nome de lugar está seguido de determinante, por isso deve vir antecedido de artigo. Faltou o acento grave antes de *Roma*.

Resposta: a frase está errada.

16. ( ) As vezes, o pessoal sai as escondidas.

Comentários: Duas locuções femininas: uma adverbial de tempo (*às vezes*) e outra adverbial de modo (*às escondidas*). As duas, portanto, deveriam vir acentuadas.

Resposta: a frase está errada.

17. ( ) A reunião vai das cinco as seis horas.

Comentários: Observe o paralelismo estrutural que se criou na frase: antes da palavra *cinco*, tem-se a contração da preposição *de* e o artigo *as*. Antes da palavra *seis*, o mesmo não ocorreu: a preposição *a* deveria ter-se contraído ao artigo *as*. Está faltando, portanto, o acento. O certo seria dizer: "A reunião vai das cinco às seis horas".

Resposta: frase errada.

18. ( ) A reunião vai durar de cinco a seis horas.

Comentários: Trata-se de intervalo de tempo. Antes da palavra *cinco* só aparece a preposição *de*. Antes da palavra *seis*, então, só deve aparecer a preposição *a*.

Resposta: a frase está certa.

19. ( ) Só as primeiras horas da noite pôde assistir a cerimônia.

Comentários: Falta o acento da locução adverbial de tempo *às primeiras horas da noite*. Além disso, o verbo *assistir*, que é transitivo indireto, exige a preposição *a*, que se encontra com o artigo que antecede o substantivo *cerimônia*. Falta também o acento.

Resposta: a frase, reescrita de forma correta, seria: "Só às primeiras horas da noite pôde assistir à cerimônia".

20. ( ) Ao sair, bata a porta.

Comentários: O verbo *bater*, aqui, é o mesmo que *fechar*, é transitivo direto. Logo, não vem seguido da preposição **a**. O **a** que aparece antes do substantivo porta é só artigo.

Resposta: a frase está certa.

21. ( ) Ele só chegará a uma hora.

Comentários: Trata-se de locução feminina adverbial de tempo. Assim como às duas horas, às três horas, à zero hora etc. Falta o acento.

Resposta: frase errada.

22. ( ) Você deve correr até à árvore.

Comentários: Crase facultativa. Após a preposição *até*, a preposição *a* é facultativa.

Resposta: a frase está certa e poderia ter vindo também sem acento.

23. ( ) Ele está aqui desde às dez horas.

Comentários: A locução adverbial de tempo já foi iniciada com uma preposição *desde*, por isso, não aceita outra preposição *a*.

Resposta: a frase está errada, o que deveria ter vindo após a preposição *desde* é apenas o artigo *as*.

24. ( ) O diretor fazia alusão a aluna alguma.

Comentários: O substantivo *alusão* pede preposição, mas o substantivo *aluna* vem seguido de um pronome indefinido *alguma*, que lhe dá um sentido vago, indefinido. Por isso, o artigo é proibido.

Resposta: a frase está certa. O a que aparece antes de *aluna* é preposição.

25. ( ) Meu médico me proibiu de ir à festa, batizado, casamento.

Comentários: O verbo *ir* veio adequadamente seguido da preposição *a*, indicando destino, lugar. Mas a palavra *festa* está tomada em sentido geral. Observe que, na sequência, vieram outros substantivos com sentido genérico (*todo tipo de festa, batizado, casamento*...). O artigo, portanto, é proibido.

Resposta: a frase está errada.

19.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

Vamos fixar? Após fazer os exercícios, confira seu gabarito!

I. Complete com a, à, as ou às.

1. Estava habituada ____ insondável capacidade de assombro do marido.
2. Os universitários leem como se assistissem ____ televisão com um controle remoto.
3. Os bancos oferecem linhas de crédito direto ao consumidor com taxas bem inferiores ____ do comércio.
4. ____ essa hora estou dormindo, respondeu-me ela.
5. ____ uma da tarde estava solucionado o problema.
6. O aceno antigo era por uma adesão equivocada, mas movida ____ utopia.
7. Uma torneira pingando pode deixar escoar 150 litros de água ____ cada 24 horas.
8. Quem recicla ajuda ____ diminuir a montanha de lixo.
9. Não se referiram ____ qualquer reforma mas ____ de 1971.
10. ____ língua deve-se querer como ____ pátria.
11. Tudo se recolhe: lata ____ lata vai-se juntando material reutilizável.
12. A discussão era ____ propósito de reformas ortográficas.
13. Supermercados que recebem embalagens plásticas dão em troca roupas para serem doadas ____ instituições de caridade.
14. ____ semelhança do que ocorre em outros países, o Brasil ainda não tem infraestrutura para testes em larga escala.

15. Os voluntários necessários serão escolhidos ____ critério das instituições envolvidas no projeto.

16. Proponho ____ Vossa Senhoria dar, àqueles que se destacarem, oportunidades de promoção; porém espero que tal promoção não se restrinja ____ pessoas do primeiro escalão, mas aplique-se ____ todos os funcionários da casa.

17. Os voluntários deverão responder ____ perguntas de um questionário sobre seu comportamento sexual.

18. As normas jurídicas devem corroborar ____ manifestações do povo.

19. As normas jurídicas devem anuir ____ manifestações do povo.

20. O voluntário deverá informar ____ pessoas responsáveis pela pesquisa todas as reações surgidas em decorrência do tratamento.

21. Ela deve dar ____ luz em junho.

22. Mulher: todos os dias elas dão ____ luz um mundo melhor.

23. A prova teve início após ____ oito horas.

24. Saí de casa ____ uma hora ____ fim de ir ____ praia.

25. São serviços essenciais ____ essa população.

26. São serviços essenciais ____ toda e qualquer população.

27. São serviços essenciais ____ nossa população.

28. São serviços essenciais ____ nossas cidades.

29. Um jornal noticiou há dois meses que dali ____ três semanas os cidadãos teriam acesso ____ novas tecnologias que ligariam ____ América ____ Europa ____ uma velocidade equivalente ____ da luz.

30. Está em exame na Casa Civil anteprojeto de lei que instituirá um sistema de incentivo ____ redução dos acidentes e de punição das empresas que submetem seus trabalhadores ____ risco. ____ intenção é reduzir pela metade ou dobrar ____ alíquotas de contribuição para cobertura de acidentes trabalhistas, dependendo do caso. Uma empresa que esteja abaixo da média nacional de acidentes, por exemplo, pode vir ____ pagar menos. O contrário acontecerá ____ empresa que tiver registrado número de acidentes muito acima da média do seu setor. Ela poderá ter ____ alíquota duplicada.

31. Completamente excluídos das engrenagens de desenvolvimento da sociedade, os miseráveis são reduzidos ____ uma condição subumana. Seu único horizonte passa ____ ser ____ luta feroz pela sobrevivência. No lixão de Valparaíso, ____ poucos quilômetros de Brasília, há gente disputando os restos com os animais.

Gabarito: 1. à; 2. à; 3. às; 4. A; 5. À; 6. A(1); 7. a; 8. a; 9. a; à; 10. À; à; 11. a; 12. a; 13. a ou às; 14. À; 15. a; 16. a; a ou às; a; 17. a ou às; 18. as; 19. às; 20. às; 21. à(2); 22. à(2); 23. as(3); 24. à; a; à; 25. a; 26. a; 27. a ou à (facultativo); 28. às; 29. a; às ou a; a; à; a; à; 30. à; a; A; as; a; à; a; 31. a; a; a; a.

19.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Finalmente, as questões de concursos comentadas.

1. (Fundec/Técnico – TRT) No trecho "entidade vinculada à Delegacia Regional do Trabalho do Rio Grande do Sul", está corretamente empregado o acento indicativo da crase, fato que não ocorre em:

a) Os trabalhadores recorreram à todas as instâncias para garantir seu direito.

b) Proibiam sempre às mesmas crianças que permanecessem nas ruas.

c) Só era permitido às crianças trabalhar durante o dia.

d) O governo deixava as crianças jogadas à própria sorte.

e) À falta do que fazer, os menores invadiam as ruas da cidade.

Comentários:

Na letra A, além de *todas* estar no plural e o *a* aparecer no singular, esse pronome é *indefinido*, o que proíbe o uso do acento no *a* por não se usar artigo definido *a* antes de pronomes indefinidos.

Em B, C e D, os termos *proibiam, permitido* e *jogadas* regem preposição *a* e as palavras femininas que se seguem *(crianças* e *sorte*) aceitam artigo feminino *a*. Na opção E, o acento ocorre por *à falta de* ser locução prepositiva feminina. Repare: em B, C e D, há exemplos de **contração** de preposição *a* + artigo feminino *a*; em E, caso de **locução feminina.**

Resposta: A.

2. (Fundec) A alternativa em que NÃO pode ocorrer o fenômeno da crase é:

a) Ninguém respondeu até hoje as perguntas sobre o assunto.

b) Só mesmo um deus perdoaria a seus flagelados.

c) Ele acabou obedecendo a vontade de seus pais.

d) Tais medidas visam a segurança de todos.

e) Cheguei a Itália em plena primavera!

Comentários:

O comando da questão pede para se assinalar a alternativa em que **não** se deve usar o acento grave. Na opção A, teríamos em "responder às perguntas", o encontro da preposição *a* (*respondeu a*) com o artigo feminino *as* (*as perguntas*). Em B, não haveria acento, pois aquele *a* não pode receber acento, já que *flagelados*, além de ser vocábulo masculino, está no plural. Portanto, o *a* em "a seus flagelados" é apenas preposição.

Em C, D e E, os verbos *obedecer*, *visar* e *chegar* regem preposição *a* e as palavras *vontade*, *segurança* e *Itália*

aceitam artigo *a*.

Resposta: B.

3. (FCC) A crase deverá ser empregada na seguinte alternativa:

a) As cidades as quais me refiro são estâncias turísticas.

b) Os alunos a quem me dirijo são inteligentes.

c) Encaminharei o discurso a Vossa Senhoria.

d) O documento visava a elucidar dúvidas.

e) Trata-se de pintura a óleo.

Comentários:

Na letra A, aparece o relativo *as quais*. Como vimos na teoria, com esse pronome, se na sequência, algum termo pedir preposição *a*, haverá o acento (em "às quais me refiro", o verbo *referir-se* pede preposição *a*).

Nas outras opções, só aparece a preposição *a,* pois *quem, Vossa Senhoria, elucidar* e *óleo* não pedem artigo definido feminino.

Resposta: A.

4. (FCC) _____ beira do leito, assistiu _____amiga. Hora _____hora, minuto _____minuto, sempre _____espera de um milagre.

a) A – à – à – a – à

b) À – a – a – a – à

c) A – a – a – a – à

d) A – a – à – à – à

Comentários:

Na passagem *à beira do leito*, temos uma locução prepositiva feminina. Em *assistiu à/a amiga*, como o verbo *assistir* (= dar assistência) pode ser transitivo direto ou indireto, a preposição *a* poderia aparecer ou não ("assistiu à amiga" ou "assistiu a amiga").

Entre palavras repetidas, não haverá jamais acento no *a* (*hora a hora/minuto a minuto)*. Por fim, em *à espera de*, tem-se mais uma locução prepositiva feminina.

Resposta: B.

5. (FCC) O poeta aspirava _____ felicidade, mas sem _____ volta da amada ele não _____ obteria. A afirmativa que completa corretamente as lacunas da frase acima é:

a) A – À – A

b) À – A – A

c) A – À – À

d) À – A – À

e) À – À – À

Comentários:

Na passagem *aspirava à felicidade*, o verbo *aspirar* (= desejar, almejar) pede preposição *a* e *felicidade* é palavra feminina que aceita artigo *a.* Em *sem a volta*, esse *a* é apenas artigo, já que nenhuma palavra anterior pede preposição *a*, o que aparece é a preposição *sem*. Já o *a* de *ele não a obteria* é pronome pessoal oblíquo, que retoma o substantivo *felicidade.*

Resposta: B.

6. (FCC) Disposto _____ recomeçar, o auxiliar judiciário referiu-se _____ palavras de apoio que ouviu, _____ entrada do serviço.

a) à – às – a

b) à – às – à

c) a – as – a

d) a – às – à

e) a – as – à

Comentários:

Em *Disposto a recomeçar*, *recomeçar* é verbo, portanto, não aceita artigo. Já em *referiu-se às palavras*, *referir-se* rege preposição *a* e *palavras,* substantivo feminino, aceita artigo feminino plural. Na expressão *à entrada do serviço*, há uma locução prepositiva feminina *à entrada de.*

Resposta: D.

7. (FCC) Ele aprendeu ____tempo que a obediência ____ leis dignifica o cidadão devotado ____ pátria.

a) há – as – a

b) a – às – a

c) há – as – à

d) à – às – à

e) há – às – à

Comentários:

No início do período, temos uma passagem em que aparece uma expressão que indica tempo decorrido, passado. Logo, não usaremos a preposição *a*, e sim o verbo *haver*, para mostrar essa ideia. Em *obediência às leis*, o nome *obediência* pede preposição *a* e *leis* aceita artigo feminino plural *as,* o que também ocorre em *devotado à pátria* (*devotado a + a pátria*).

Resposta: E.

8. (Senado – Analista) "É sabido que a terra não pertence aos índios; antes, são eles que pertencem à terra." No período acima, utilizou-se corretamente o acento indicativo de crase antes da palavra terra. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.

a) Voltarei à terra natal.

b) A sonda espacial retornará em breve à Terra.

c) Quando chegamos à terra, ainda sentíamos em nosso corpo o balanço do mar.

d) Eu me referia à terra dos meus antepassados.

e) Havendo descuido, a areia será misturada à terra.

Comentários:

Sabemos que *terra*, com o sentido de *chão firme*, fazendo oposição a *bordo,* não aceita artigo, por isso não pode vir antecedida de *a* com acento indicativo de crase, mas, em todos os outros sentidos, a palavra *terra* poderá vir antecedida de crase (se vier seguida de expressão determinante, se for o planeta Terra etc.).

Na frase do enunciado, *terra* não vem com esse sentido de oposição a bordo, tem o sentido de *solo*, *território*. Por isso, como o verbo *pertencer* é transitivo indireto e a palavra *terra* aceita artigo, houve a crase. A banca pedia a única alternativa com erro.

Nas letras A e D, a palavra *terra* vem especificada, seguida respectivamente dos determinantes *natal* e *dos meus antepassados*. Por isso, nas duas alternativas, *terra* aceita artigo e veio antecedida de *a* com acento indicativo de crase.

A letra B também está correta, já que o verbo *retornar* pede a preposição *a* indicando direção e o substantivo *Terra* (planeta) aceita artigo a.

Na letra C, *terra* vem com o sentido contrário a bordo, o que se pode perceber pela continuidade da frase ("… o balanço do mar"). Logo, embora o verbo *chegar* deva vir seguido da preposição *a* indicando direção, destino, o substantivo *terra* não aceita artigo. Por isso, o acento veio de forma indevida.

Na letra E, o verbo *misturar* vem seguido da preposição *a* e a palavra *terra* aceita artigo, já que não vem com o sentido contrário a bordo, como ocorreu na alternativa C.

Resposta: C.

9. (Cesgranrio/Petrobras – Bio) O sinal indicativo de crase deve ser usado somente no **a** presente em:

a) Mas a dor de dente pode passar a ser um problema.

b) Os pais costumam levar a seus filhos a obrigação de serem felizes.

c) Não se deve dar importância a chamada da capa da revista.

d) Os livros publicados por universidades devem ser levados a sério.

e) O dinheiro não traz a felicidade que se imagina, quando se luta por ele.

Comentários:

Na letra A, não há crase em nenhuma das ocorrências do vocábulo *a:* o primeiro *a* é artigo do substantivo *dor* e o segundo *a* é preposição que liga verbos de uma locução verbal (já que verbo não pode vir antecedido de artigo *a*).

Na letra B, o verbo levar é transitivo direto e indireto: vem com o objeto direto (*a obrigação de serem felizes*) e indireto (*a seus filhos*). Apesar de o verbo pedir a preposição *a*, o pronome possessivo masculino *seus* não admite artigo feminino. Daí na letra B não ocorrer a crase. Além disso, o outro *a* que aparece na frase é artigo de *obrigação*.

Já na letra C, o verbo *dar* pede dois complementos: um objeto direto (*importância*) e outro indireto (*à chamada da capa de revista*). Além disso, o substantivo *chamada* aceita artigo *a.* Portanto, o sinal indicativo de crase deveria estar presente na frase.

Na letra D, *a sério* é locução adverbial masculina, portanto, não aceita crase. E, na letra E, o verbo *trazer* é transitivo direto e não pede a preposição *a*. O *a* que aparece antes de *felicidade* é apenas artigo.

Resposta: C.

10. (FCC/PGE) Uma floresta secundária apresenta, segundo estudo recente, biodiversidade semelhante ____ da floresta original, embora haja especialistas que contestam o fato de que as matas da segunda geração evoluam de modo ____ garantir as condições ideais de sobrevivência ____ cada uma das espécies.

As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas por:

a) à – a – à

b) à – a – a

c) a – à – a

d) à – à – a

e) a – à – à

Comentários:

O adjetivo *semelhante* rege preposição *a*. E essa preposição se encontra com o pronome demonstrativo *a* (= aquela) em *da floresta original*. Assim, o que temos é *biodiversidade semelhante a + a da floresta original*. Logo, o primeiro *a* é com acento.

A locução prepositiva *de modo a* termina com a preposição *a,* mas o verbo garantir não aceita artigo feminino *a.* Portanto, o segundo *a* não vem com acento grave.

O verbo *garantir* nessa frase é transitivo direto e indireto, e vem seguido do objeto direto *as condições ideais de sobrevivência* e do objeto indireto *a cada uma das espécies.* Ora, ainda que o verbo peça a preposição *a*, antes do seu objeto indireto, o pronome indefinido *cada* não aceita artigo definido *a.* Por isso, o terceiro *a* do período também não vem com acento grave.

Resposta: B.

11. (FCC/DPE – SP – Superior) A presença do sinal indicativo de crase ou sua ausência estão inteiramente corretas na frase:

a) A publicidade, destinada a convencer pessoas à consumir determinados produtos, deve respeitar às normas morais vigentes na sociedade.

b) Peças publicitárias, vistas como obras de arte, não deveriam estar sujeitas à certos padrões sociais de comportamento.

c) A publicidade objetiva atingir à um público consumidor, a quem uma marca deverá ser ou parecer mais atraente do que a outra.

d) Destinadas as pessoas que tenham poder aquisitivo, algumas propagandas apelam à estilos de vida mais elegantes e charmosos.

e) A propaganda destina-se a convencer pessoas à escolha de um determinado produto, percebido como superior a outro.

Comentários:

Segundo o enunciado, a banca quer a alternativa correta, ou seja: todas as alternativas, exceto uma, possuem erro, ou quanto ao *uso* da crase ou quanto à sua *omissão*.

A letra A apresenta um erro por *uso* do sinal indicativo da crase. O verbo *convencer* é transitivo direto e indireto e pede a preposição *a*, mas o verbo *consumir* não aceita artigo feminino *a.* Por isso, o uso do acento foi indevido.

A letra B também está errada: o adjetivo *sujeitas* rege preposição *a*, mas o pronome indefinido *certos*, além do fato de ser um pronome indefinido, está no masculino plural e, por tudo isso, não aceita artigo definido feminino singular *a*. A letra B tem, portanto, erro pela *presença* da crase.

A letra C apresenta o verbo *atingir* seguido da preposição *a*, mas *público consumidor* vem antecedido de artigo

indefinido *um*, não aceitando, portanto, artigo feminino singular *a.* Erro na alternativa pelo *uso* indevido do acento indicativo de crase.

Já a letra D apresenta erro por um motivo diverso das demais alternativas: o adjetivo *destinadas* rege preposição *a* e o substantivo *pessoas* aceita artigo *as.* Falta, portanto, o acento em *as* (*Destinadas a + as pessoas*): o erro aqui é pela *ausência* do acento. Além disso, logo a seguir vem outro erro: o verbo *apelar* nessa frase é transitivo indireto e vem seguido da preposição *a*, mas o substantivo *estilos* não aceita artigo *a.* Mais um erro, dessa vez pelo *uso* indevido. Dois erros, portanto, na letra D: pela omissão do acento em *as pessoas* e pelo uso inadequado em *à estilos de vida.*

A letra E está correta: o verbo *destinar-se* é transitivo indireto, mas o verbo *convencer* não aceita artigo *a.* Na continuidade da frase, mais um acerto: o verbo *convencer* é transitivo direto e indireto; vem com o objeto direto (*pessoas*) e indireto (*à escolha de um determinado produto*). Já que ele pede a preposição *a* e o substantivo *escolha* aceita artigo *a,* o acento indicativo de crase foi corretamente utilizado. Além disso, o adjetivo *superior*, embora exigisse a preposição *a,* o pronome indefinido *outro* não aceitava artigo *a.* Por isso, em *superior a outro* a ausência do sinal indicativo da crase foi correta. Na alternativa E, as três ocorrências do vocábulo *a* estavam corretas.

Resposta: E.

12. (Esaf) Assinale o item cujas lacunas devem ser preenchidas pela sequência Há-A-À.

a) Daqui _____ alguns dias, _____ diretora apresentará _____ algumas pessoas o programa.

b) _____ vários exemplares de livros _____ disposição dos que _____ secretaria indicar.

c) _____ melhor colocação receberá _____ recompensa _____ que tem direito.

d) _____ dois dias, _____ prova chega _____ banca.

e) _____ tempos, vem _____ jovem visando _____ colocação digna de seus méritos.

Comentários:

Letra A: locução prepositiva *daqui a + alguns dias*. O pronome indefinido *alguns* não aceita artigo definido *a.* Em *a diretora*, esse *a* é só artigo (*a diretora* é sujeito do verbo *apresentar*). Em *a algumas pessoas*, o *a* é preposição que rege o verbo *apresentar*, já que o pronome indefinido *algumas* também não aceita artigo. Logo, a sequência correta dessa alternativa é A-A-A;

Letra B: em *há vários exemplares de livros*, tem-se o verbo *haver*. Em *à disposição dos que*, tem-se a locução prepositiva *à disposição de*, que, por ser feminina, deve vir acentuada. Já em *a secretaria indicar*, esse *a* é artigo, já que *a secretaria* é sujeito de indicar e, por isso mesmo, não pede preposição. A sequência correta aqui seria: HÁ-À-A.

Letra C: em *A melhor colocação* o *a* é artigo, pois *a melhor colocação* é sujeito do verbo *receberá.* O *a* de *a recompensa* também é artigo já que o verbo *receber* é transitivo direto e não rege preposição. Em *a que tem direito*,

esse *a* é preposição exigida pelo substantivo *direito*. Como o pronome relativo *que* não aceita artigo *a,* esse *a* é sem acento. Aqui, teríamos: A-A-A.

Letra D: o verbo *chegar* está no presente do indicativo, mas tem valor de futuro. Logo, a expressão *a dois dias* indica tempo futuro e não tempo decorrido, como muitos que fizeram a prova pensaram. Se fosse tempo decorrido, seria o verbo *haver*, mas como é tempo futuro, deve-se usar a preposição *a.* Já o *a* de *a prova* é artigo definido, pois *a prova* é sujeito do verbo *chegar*. Por fim, em *chega à banca*, tem-se a contração da preposição *a* do verbo *chegar* com o artigo *a* do substantivo *banca.* Sequência correta da letra D: A-A-À.

Letra E: agora sim, tem-se ideia de tempo decorrido. A expressão *há dois dias* deve vir com o verbo *haver*. Em *a jovem*, o *a* é artigo definido do sujeito *a jovem*. Já em *visando à colocação*, o verbo *visar* (= almejar) rege preposição *a* e o substantivo *colocação* aceita artigo feminino *a.* Sequência para a letra E: HÁ-A-À.

Resposta: E.

13. (AFC-Esaf) Indique a sequência que preenche corretamente as lacunas indicadas com (____).

De uma forma mais genérica, _____ que substituir _____ imagem centralizada e que tende _____ uniformidade de indivíduo cidadão possuidor de alguns direitos e submetido _____ deveres igualmente abstratos, isto é, desligados das circunstâncias sociais e culturais reais, o que reduz a vida social _____ relações do indivíduo e do Estado, pela imagem invertida de uma relação _____ mais direta possível entre a identidade pessoal ou coletiva e o universo aberto da técnica, das redes de comunicações e dos mercados.

a) há, a, à, a, às, a.

b) à, à, a, à, as, a.

c) há, à, a, à, às, a.

d) a, à, à, a, às, a.

e) a, há, à, a, as, a.

Comentários:

Na expressão *há que substituir*, temos o verbo *haver*, que compõe uma locução verbal junto ao verbo *substituir* (é o mesmo que *deve substituir*). Em *a imagem centralizada*, o *a* é apenas artigo definido de *imagem,* pois o verbo *substituir* não rege preposição, é transitivo direto. Em *tende à uniformidade*, tem-se o encontro da preposição do verbo *tender* com o artigo definido *a* de *uniformidade.* O adjetivo *submetido,* no entanto, pede preposição *a,* mas o substantivo masculino plural *deveres* não aceita artigo definido *a.* Já em *reduz a vida social às relações*, tem-se o encontro da preposição *a*, exigida pelo verbo *reduzir*, que é transitivo direto e indireto, com o artigo *as* de *as relações* (*reduz a + as relações*). No trecho *uma relação a mais direta possível*, o *a* é artigo definido da expressão *a mais possível,* que estudamos em concordância nominal: por isso, não deve receber acento grave.

Resposta: A.

14. (NCE/TRF) … não seguem a instrução à risca…; o item abaixo que mostra o acento grave indicativo da crase pela mesma razão da que o justifica no segmento destacado é:

a) As crianças não devem dormir à noite com luz acesa.

b) O pediatra recomenda às mães que apaguem a luz.

c) A criança não tem direito à luz no corredor.

d) O pai deve ficar atento à miopia dos filhos.

e) A pesquisa e útil à pediatria.

Comentários:

Eis uma questão que não busca erro nem acerto quanto ao uso do sinal indicativo de crase, apenas quer que o candidato explique o porquê da utilização do acento. Ora, na teoria, vimos que só existem duas justificativas para o uso do acento grave: pelo fenômeno (o encontro de um *a* com outro *a*) ou pela locução (o acento das locuções femininas).

O acento da expressão *à risca*, do exemplo que consta no enunciado, justifica-se por ser ela uma locução adverbial feminina. Assim, o candidato deveria buscar uma frase que apresentasse a mesma explicação para o acento indicativo de crase.

Na letra A, *à noite* é locução adverbial feminina, por isso veio acentuada. Na letra B, tem-se o encontro da preposição *a* exigida pelo verbo transitivo direto e indireto *recomendar* com o artigo *as* de *as mães.* Na letra C, o substantivo *direito* rege preposição *a* e o substantivo *luz* aceita artigo *a*. Na letra D, é o adjetivo *atento* que rege a preposição *a* e a palavra *miopia* aceita artigo *a.* Na letra E, também ocorre o encontro da preposição *a*, exigida pelo adjetivo *útil*, com o artigo *a* do substantivo *pediatria.*

Logo, as letras B, C, D e E apresentam acento indicativo de crase em função de fenômeno fonético. Apenas a letra A apresenta uma locução feminina acentuada.

Resposta: A.

A seguir, questões da banca Cespe-UnB sobre regência e crase. Julgue cada assertiva como certa ou errada. Os comentários vêm abaixo de cada item. Vamos lá!

(MTE – Cespe) Julgue as alternativas a seguir, de acordo com seus respectivos textos:

Assim, poderemos assegurar seu maior acesso à terra, às fontes de trabalho, à melhor qualidade de vida, à educação, à saúde, à habitação e a outros serviços básicos.

15. Na enumeração feita, o trecho "a outros serviços básicos" poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: *à outros serviços básicos*, ou seja, com sinal indicativo de crase.

Comentários:

Ainda que o substantivo *acesso* exija a preposição *a*, o pronome indefinido *outros* não aceita artigo *a,* por ser indefinido e por estar no masculino plural.

Resposta: por isso, a assertiva está errada.

"Não conseguia dormir direito por não conseguir juntar dinheiro sequer para retornar à minha cidade e rever a família", relatou.

16. O sinal indicativo de crase em "retornar à minha cidade" é facultativo e a sua omissão preservaria os sentidos do texto e a correção das estruturas linguísticas.

Comentários:

O verbo *retornar*, de fato, deve vir seguido da preposição *a*, indicando direção, destino, e o pronome possessivo singular *minha* tem artigo facultativo. Logo, o acento grave é facultativo: sua presença ou sua ausência não implicaria erro gramatical nem mudança de sentido da frase.

Resposta: a assertiva está certa.

Em 2009, a economia brasileira deverá crescer 2,59%, resultado bem abaixo do esperado para a alta do PIB em 2008, de 5,6%. Esta é a projeção da mais recente pesquisa de projeções macroeconômicas e expectativas de mercado, feita mensalmente pela Federação Brasileira de Bancos (Febraban) junto a analistas de 33 instituições.

17. No trecho "junto a analistas de 33 instituições", poderia ter sido empregado o sinal indicativo de crase em "a", pois se trata de caso em que esse emprego é facultativo.

Comentários:

Em *junto a analistas*, tem-se a locução prepositiva *junto a* que, por sua vez, vem seguida de substantivo masculino plural, que não aceita artigo *a.* Por isso, o sinal indicativo de crase é proibido. O *a* que antecede *analistas* é preposição.

Resposta: assertiva errada.

(IPAJM – Advogado) Julgue as alternativas a seguir, de acordo com seus respectivos textos:

Nada vemos de semelhante ao que aconteceu, no plano das ideias, em outro momento de grandes transformações da técnica e também de grandes descobertas — o século XVI —, com o renascimento de um mundo esquecido e das doutrinas dos velhos filósofos da Grécia e do Oriente, e, com elas, a crítica e a dissolução de antigas crenças que davam ao homem "a certeza do saber e a segurança da ação".

18. As relações de regência entre "semelhante" e "aconteceu" permitem que o trecho "ao que" seja substituído por **àquilo que**, sem prejudicar a coerência nem a correção gramatical do texto.

Comentários:

De fato, o adjetivo *semelhante* rege preposição *a*, que, no caso do texto, encontrou-se com o demonstrativo *o*, que

antecede o relativo *que.* Ora, o que a banca propõe é a substituição de *ao* por *àquilo*, ou seja, a troca de um demonstrativo *o* por outro demonstrativo *aquilo,* acrescentando--se o acento indicativo de crase. Seria uma reescritura perfeita, não acarretaria erro gramatical nem mudança de sentido da frase.

Resposta: a assertiva está correta.

19.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (TRF3 – Técnico Judiciário – FCC – Abril/2016)

O sinal indicativo de crase está empregado corretamente em:

a) Não era uma felicidade eufórica, semelhava-se mais à uma brisa de contentamento.

b) O vinho certamente me induziu àquela súbita vontade de abraçar uma árvore gigante.

c) Antes do fim da manhã, dediquei-me à escrever tudo o que me propusera para o dia.

d) A paineira sobreviverá a todas às 18 milhões de pessoas que hoje vivem em São Paulo.

e) Acho importante esclarecer que não sou afeito à essa tradição de se abraçar árvore.

2. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

Atente para as afirmativas abaixo.

I. Em... *presta homenagem às potências dominantes*... (1º parágrafo), o sinal indicativo de crase pode ser suprimido excluindo-se também o artigo definido, sem prejuízo para a correção.

II. O acento em " têm" (2º parágrafo) é de caráter diferencial, em razão da semelhança com a forma singular " tem", diferentemente do acento aplicado a " porém" (3º parágrafo), devido à tonicidade da última sílaba, terminada em " em".

III. Os acentos nos termos " excelência" (2º parágrafo) e " necessário" (3º parágrafo) devem-se à mesma razão.

Está correto o que consta em

a) I, II e III.

b) I, apenas.

c) I e III, apenas.

d) II, apenas.

e) II e III, apenas.

3. (2014 – FCC – DPE-RS – Defensor Público)

Considerada a norma-padrão escrita da língua, afirma-se com correção:

a) Em Quanto à China, continua velada na sua longa noite, brilhando apenas para si própria, o gerúndio exprime ideia de condição.

b) Transpondo, para o discurso direto, o discurso indireto presente em ouvi o finado William Gifford Palgrave [...] perguntar ao comandante do navio que vantagem lhe parecia ter advindo da descoberta da América, a forma obtida é: " – Comandante, que

vantagem lhe parecia ter advindo da descoberta da América?”.

c) Transposição da frase “ a curiosa questão havia sido proposta seriamente para um prêmio pela Academia de Lyon” para a voz ativa gerará adequadamente a forma verbal “ propusera”.

d) Em não passa [...] “ de uma declamação oca, onde não há nada a colher”, o pronome “ onde” está devidamente empregado, como o está a palavra que se destaca em “ Gosta de falar de improviso, é aonde, na maioria das vezes, ele peca”.

e) Em “ O livro merece por isso ser conservado, mas a época em que foi escrito, 1787, não permitia ainda que se pudesse avaliar a contribuição do Novo Mundo para o bem-estar da humanidade” é necessário um reparo, pois a forma “ à época”, com acento indicativo da crase, é, no contexto, obrigatória.

4. (TRT – 14R – Téc. Jud. – Área Adminis. – FCC – Fev./2016)

No que se refere ao emprego do acento indicativo de crase e à colocação do pronome, a alternativa que completa corretamente a frase *O palestrante deu um conselho...* é:

a) à alguns jovens que escutavam-no.

b) à estes jovens que o escutavam.

c) àqueles jovens que o escutavam.

d) à juventude que escutava-o.

e) à uma porção de jovens que o escutava.

Leia o texto a seguir para responder à questão 5.

O eixo norteador da gestão estratégica de recursos humanos é a ênfase nas pessoas como variável determinante do sucesso organizacional, visto que a busca pela competitividade impõe à organização a necessidade de contar com profissionais altamente qualificados, aptos a fazer frente às ameaças e oportunidades do mercado.

Essa construção competitiva sugere que a gestão estratégica de recursos humanos contribui para gerar vantagem competitiva sustentável por promover o desenvolvimento de competências e habilidades, produz e difunde conhecimento, desenvolve as relações sociais na organização.

A gestão deve ter como objetivo maior a melhoria das *performances* profissional e organizacional, principalmente por meio do desenvolvimento das pessoas em um sentido mais amplo. Dessa forma, o conhecimento e o desempenho representam, ao mesmo tempo, um valor econômico à organização e um valor social ao individuo.

Valdec Romero. Aprendizagem organizacional, gestão do conhecimento e universidade corporativa: instrumentos de um mesmo construto. Disponível em: <www.administradores.com.br> (com adaptações).

5. (FUB – Técnico Adm. – Cespe – Mar./2015)

Julgue o item subsequente como Certo (C) ou Errado (E), relativo às estruturas linguísticas e às ideias do texto.

Na linha 2, a forma verbal “ impõe” exige dois complementos: um, introduzido pela preposição “ a” – por isso, o acento indicativo de crase em “ à organização” –; e outro, sem preposição – de que decorre o não uso da crase em “ a necessidade”.

Leia o texto a seguir para responder à questão 6.

Texto 1 – Problemas Sociais Urbanos

Dentre os problemas sociais urbanos, merece destaque a questão da segregação urbana, fruto da concentração de renda no espaço das cidades e da falta de planejamento público que vise à promoção de políticas de controle ao crescimento desordenado das cidades. A especulação imobiliária favorece o encarecimento dos locais mais próximos dos grandes centros, tornando-os inacessíveis à grande massa populacional. Além disso, à medida que as cidades crescem, áreas que antes eram baratas e de fácil acesso tornam--se mais caras, o que contribui para que a grande maioria da população pobre busque por moradias em regiões ainda mais distantes.

Essas pessoas sofrem com as grandes distâncias dos locais de residência com os centros comerciais e os locais onde trabalham, uma vez que a esmagadora maioria dos habitantes que sofrem com esse processo são trabalhadores com baixos salários. Incluem-se a isso as precárias condições de transporte público e a péssima infraestrutura dessas zonas segregadas, que às vezes não contam com saneamento básico ou asfalto e apresentam elevados índices de violência.

A especulação imobiliária também acentua um problema cada vez maior no espaço das grandes, médias e até pequenas cidades: a questão dos lotes vagos. Esse problema acontece por dois principais motivos: 1) falta de poder aquisitivo da população que possui terrenos, mas que não possui condições de construir neles e 2) a espera pela valorização dos lotes para que esses se tornem mais caros para uma venda posterior. Esses lotes vagos geralmente apresentam problemas como o acúmulo de lixo, mato alto, e acabam tornando-se focos de doenças, como a dengue.

PENA, Rodolfo F. Alves. "Problemas socioambientais urbanos"; *Brasil Escola*. Disponível em http://brasilescola.uol.com.br/brasil/problemas-ambientais-sociais-decorrentes-urbanização.htm. Acesso em 14 de abril de 2016.

6. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

No texto 1, há quatro ocorrências do acento grave indicativo da crase: " vise à promoção de políticas de controle"(1), " tornando-os inacessíveis à grande massa populacional"(2), " Além disso, à medida que as cidades crescem"(3) e " que às vezes não contam com saneamento básico"(4).

Os casos de crase que correspondem à união de preposição + artigo definido são:

a) 1 e 2;

b) 1 e 4;

c) 2 e 3;

d) 3 e 4;

e) todos eles.

7. (Basa – Médico do Trabalho – Cesgranrio – Set./2015)

Observa-se o respeito à norma-padrão, no que se refere ao uso do acento indicativo de crase, na seguinte frase:

a) A medicina do trabalho é uma área criada à quase dois séculos.

b) A Revolução Industrial propiciou à criação da medicina do trabalho.

c) À muitas empresas que cuidam bem da saúde dos trabalhadores.

d) Atribui-se aos médicos à responsabilidade pela saúde do trabalhador.

e) As empresas, em geral, visam à manutenção da força de trabalho.

8. (Liquigás – Administrador Jr. – Cesgranrio – Set./2015)

A frase em que o acento grave está empregado de acordo com a norma-padrão é:

a) É muito importante lutar contra **à** fome no país.

b) Bastantes pessoas fazem oposição **à** programas de erradicação da pobreza.

c) Temos de ser favoráveis **à** medidas que mudem a vida de todos.

d) **À** muitos anos, luta-se pelo fim da miséria.

e) A taxa de mortes por fome no Brasil é superior **à** de muitos outros países.

9. (Petrobras – Advogado Jr. – Cesgranrio – Ago./2015)

De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, o sinal indicativo da crase é obrigatório na palavra destacada em:

a) Antigamente não existiam **a** comunicação via satélite, a internet e o telefone celular, dificultando a correspondência entre as pessoas situadas em países diferentes.

b) Os processos informacionais e comunicativos dos seres estão relacionados, atualmente, **a** modernas tecnologias da informação.

c) Nos dias de hoje, a rapidez na transmissão da informação está invariavelmente associada **a** evolução da tecnologia, própria da sociedade pós-industrial.

d) Até o século passado, o sentido da palavra informação estava restrito **a** dados que eram transmitidos ao receptor com certa defasagem temporal.

e) O desenvolvimento de *hardwares* e *softwares* garante **a** operacionalização da comunicação e dos processos deles decorrentes em meios virtuais.

10. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016 – Adaptada)

Assim como nas locuções **a vapor** e **a bordo**, também não há acento indicativo de crase no seguinte texto de uma mensagem que está contextualizada entre parênteses:

a) Angu a baiana (cardápio de restaurante)

b) Peixe a moda da casa (cardápio de restaurante)

c) Sujeito a guincho (mensagem aos motoristas)

d) Obras a frente (mensagem aos motoristas)

e) Bem-vindo a Bahia (mensagem aos motoristas)

11. (ANP – Téc. Reg. Petr&Der – Cesgranrio – Jan./2016)

De acordo com a norma-padrão da Língua Portuguesa, o emprego do sinal indicativo da crase é obrigatório no vocábulo destacado em:

a) O telefone celular exerce tal fascínio sobre a população que os aplicativos ligados **a** ele têm mobilizado pessoas, independentemente do nível de escolaridade.

b) O processo de desaceleração econômica mundial não causará impedimento **a** ascensão das novas tecnologias de comunicação e informação.

c) As pessoas mais jovens (de 16 a 25 anos) assistem a cerca de uma hora **a** menos de televisão por dia do que as mais velhas (acima dos 65 anos).

d) A Pesquisa Brasileira de Mídia, realizada em 2015, considerou **a** televisão o meio de comunicação mais utilizado pelos brasileiros.

e) Os meios de comunicação começam **a** criticar o excessivo uso da internet por usuários das diversas classes sociais.

12. (Basa – Téc. Bancário – Cesgranrio – Set./2015)

O emprego do sinal indicativo de crase está adequado à norma-padrão na seguinte frase:

a) Os agricultores são expostos **à** riscos de várias naturezas.

b) Faz-se referência **à** uma porcentagem de alimentos advindos da agricultura.

c) A agricultura sustentável evita danos nocivos **à** saúde.

d) A agricultura familiar visa **à** fixar o homem no campo.

e) A agricultura familiar proporciona **à** famílias uma cesta de produtos.

13. (BB – Escriturário – Cesgranrio – Out./2015)

O sinal indicativo da crase é obrigatório, de acordo com a norma-padrão da Língua Portuguesa, na palavra destacada em:

a) O atendimento **a** necessidades de imediatismo da sociedade justifica o crescimento das formas de pagamentos digitais.

b) Os sistemas baseados em pagamentos móveis têm chamado **a** atenção pela sua propagação em todo o mundo.

c) A opção pelas moedas digitais está vinculada **a** possibilidade de diminuir as operações financeiras com a utilização do papel-moeda.

d) Algumas tendências observadas no comportamento do consumidor e nas tecnologias devem influenciar **a** infraestrutura dos bancos.

e) Os clientes tradicionais dos bancos já se acostumaram **a** utilizar suas agências para efetuar suas atividades de negócio.

14. (SEED-SP – An. Administrativo – Vunesp – Maio/2016)

Chove muito forte na cidade. Raios e trovões. Alagamentos e árvores caídas. Balanço trágico: quatro mortos e um garoto desaparecido. Em meio ao trânsito parado, dois gaiatos (expressão supercarioca) pegam suas pranchas e vão para a rua alagada surfar no asfalto. Divertem-se, gritam, como se fosse necessário buscar prazer onde só há aborrecimento e lamentação. _____ cena se repetiu anteontem _____ noite, _____ beira da lagoa Rodrigo de Freitas. Virou onda surfar debochadamente na chuva.

(Paula Cesarino Costa, Notas sobre a carioquice. *Folha de S.Paulo*, 07.03.2013)

As lacunas do texto devem ser preenchidas, correta e respectivamente, com:

a) À ... à ... à

b) A ... à ... a

c) À ... à ... a

d) A ... a ... à

e) A ... à ... à

15. (C.M. Marília-SP – Proc. Jurídico – Vunesp – Abril/2016)

Comecei _____ conversar com a aluna e entendi que caberia a mim escolher o título de seu estudo. Perguntei _____ ela o que achava de " Garruchas e punhais". Não gostou. Então, dei outra sugestão _____ moça: " O mosteiro de tijolos de feltro".

De acordo com a norma-padrão, as lacunas da frase devem ser preenchidas, respectivamente, com:

a) a … a … àquela

b) à … a … àquela

c) a … à … aquela

d) à … à … aquela

e) a … à … àquela

16. (Unesp – Ass. Administrativo I – Vunesp – Abril/2016)

Assinale a alternativa em que o sinal indicativo de crase está corretamente empregado.

a) Permite-se **à** toda criança, menino ou menina, escolher com que brincar.

b) Dá-se o direito **às** meninas de praticar caratê, por que não?

c) São crianças: não se negue **à** nenhuma delas a escolha do próprio brinquedo.

d) Não se define **à** partir de que idade se pode brincar com aparelhos eletrônicos.

e) **À** certa altura, crianças começam a jogar jogos violentos.

17. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Observe:

Acostumados _____ tragédias naturais, os japoneses geralmente se reerguem em tempo recorde depois de catástrofes.

Menos de um ano depois da catástrofe, no entanto, o Japão já voltava _____ viver a sua rotina.

Um tsunami chegou _____ costa nordeste do Japão em 2011, deixando milhares de mortos e desaparecidos.

De acordo com a norma-padrão, as lacunas das frases devem ser preenchidas, respectivamente, com:

a) a … à … à

b) à … a … a

c) às … a … à

d) as … a … à

e) às … à … a

18. (ESAF – Analista de Planejamento e Orçamento – 2015)

Leia o texto que se segue.

Na área ficcional, opondo-se 1__ inconsciência, ou seja, reagindo 2__ má consciência, haveremos de governar, dentro do possível, a obra em geral e, em particular, as personagens. Negaremos 3 __ personagens, honestamente, qualquer parcela de vontade. Cada uma será assim porque nos pareceu, quase sempre ao cabo de cálculos e ensaios, acréscimos e cortes, que assim devia ser; e está no relato porque foi necessário, porque julgamos oportuno dar-lhe uma função ainda que fosse 4__ de parecer disponível. Nem uma palavra lhes será disponível sem licença ou aprovação. Ainda que alguns dos seus remotos modelos possam existir fora de nós, só existem 5__ partir do momento em que nossas palavras o efetivam.

Quanto ao uso do sinal indicativo da crase, assinale a opção que preenche, de forma gramaticalmente correta, as lacunas do texto.

a) a (1), a (2), as (3), a (4), a (5)

b) a (1), a (2), às (3), a (4), a (5)

c) a (1), a (2), as (3), à (4), a (5)

d) a (1), a (2), às (3), à (4), a (5)

e) à (1), à (2), às (3), a (4), a (5)

Gabarito: 1. b; 2. a; 3. c; 4. c; 5. C; 6. a; 7. e; 8. e; 9. c; 10. c; 11. b; 12. c; 13. c; 14. e; 15. a; 16. b; 17. c; 18. e.

Muitos fazem desse tópico um verdadeiro "bicho de sete cabeças", mas é simples não é? Vamos resumi-lo então?

19.5. RESUMO

Em crase, memorize que há duas regras (fenômeno fonético e locuções femininas), três casos de crase facultativa (pronome possessivo feminino singular seguido de substantivo; nome próprio feminino; depois da preposição até) e três casos de crase proibida (antes de palavras tomadas em sentido geral, antes de CASA e TERRA, se vierem sem determinantes).

20 PONTUAÇÃO

20.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

20.1.1. Vírgula

Vamos começar este capítulo por **uso da vírgula**. A vírgula indica pausa de pequena duração. Primeiramente, você precisa saber que **constitui erro grave separar *sujeito* do *verbo e verbo* do *complemento* (sujeito + verbo + complemento)**. Em frases simples, curtas, sabemos que você não teria problemas. Você jamais diria *João, comeu o bolo* ou *A menina estudava, o assunto*. Mas conhecer essa regra ajudará você a não errar inclusive as questões mais rebuscadas, com trechos mais complexos. Observe como isso pode ser explorado em uma questão de concurso público:

1. (TRT-AJ/adaptado) Há erro no emprego da vírgula na frase:

a) Deixe-me, senhora.

b) Dallas, 9 de julho de 1994.

c) Aliás, isto é conhecido de todos.

d) Espero, que ele venha.

e) "O alferes continuava a dominar em mim, embora a vida fosse menos intensa, e a consciência mais débil."

Comentários:

Embora ainda não tenhamos estudado as regras para uso das vírgulas, vamos resolver esta questão item por item. Até chegarmos ao erro, que é o que agora nos interessa. Na letra A, utilizou--se a vírgula para isolar o vocativo *senhora* do restante da oração. Na letra B, a vírgula foi usada para separar, na data, o nome do lugar (*Dallas*) do restante das informações (*9 de julho de 1994*). Na letra C, a palavra de retificação *aliás* deve, mesmo, vir isolada por vírgula. A letra E apresenta a oração adverbial concessiva intercalada (*embora a vida fosse menos intensa*), e, exatamente por ter saído da ordem direta (que seria ao final da frase), veio entre vírgulas. Portanto, todas as alternativas estavam corretas, exceto a letra D: nela, separou-se o verbo (*espero*) do seu objeto direto, que veio sob forma de oração (*que ele venha*). Interessante perceber que a banca não se utilizou de um objeto direto simples, sob forma de substantivo, e sim um objeto direto oracional. Assim, ficaria mais difícil o aluno perceber o erro da frase.

Vamos, então, conhecer as regras de utilização das vírgulas? Resolvemos trabalhar da seguinte forma: a cada regra, vamos trazer frases para você treinar seus conhecimentos e algumas questões de concursos em que essas regras tenham sido utilizadas. Dividimos o uso da vírgula em *sete casos*. Para que você não tenha de decorar uma série de regras que a gramática oferece, agrupamos tudo em apenas sete situações. Vamos lá?

Caso 1 – A vírgula separa o *aposto* e o *vocativo*

1. Pedro o gerente do banco ligou e deixou um recado.

2. Xapuri importante município a 150 quilômetros da capital do Acre Rio Branco foi o principal cenário de atuação de Chico Mendes.

Comentários:

Na frase 1, *o gerente do banco* é um termo explicativo de Pedro, aposto explicativo. Como vem intercalado, entre vírgulas: *Pedro, o gerente do banco*, ligou e deixou um recado.

Na frase 2, aparecem dois apostos explicativos: *importante município a 150 quilômetros da capital* explica o termo *Xapuri*; *Rio Branco* explica a *capital* do Acre. Lembre-se da teoria do *aposto*: termo de natureza substantiva ou pronominal que se refere a outro substantivo ou pronome. Pontuada corretamente, a frase ficaria assim: Xapuri, importante município a 150 quilômetros da capital do Acre, Rio Branco, foi o principal cenário de atuação de Chico Mendes.

3. Muito bom dia senhora!

4. Pedro o gerente do banco ligou e deixou um recado.

Comentários:

Nas frases 3 e 4, temos a presença do *vocativo* (é a pessoa ou coisa personificada a quem se chama). As frases, se pontuadas corretamente, ficariam assim:

Muito bom dia, *senhora*!

Pedro, o gerente do banco ligou e deixou um recado.

Repare como uma vírgula pode mudar tudo. Confronte as frases 1 e 4:

Pedro, o gerente do banco, ligou e deixou um recado.

Pedro, o gerente do banco ligou e deixou um recado.

Na frase 1, ao se usarem as vírgulas que isolam "o gerente do banco" você tem um sentido: quer deixar claro que o termo entre vírgulas (*gerente do banco*) explica quem é Pedro; na frase 4, ao se colocar uma vírgula após *Pedro*, tem-se a intenção de *chamar* essa pessoa, e não a de explicar quem é o Pedro. Portanto, as duas frases estão corretas, cada uma com seu sentido.

Caso 2 – A vírgula separa as *enumerações* (= termos de mesma função) e certas *repetições*

5. O Brasil é o centro de origem do abacaxi do açaí do amendoim do cacau da castanha do cupuaçu do maracujá.

6. Recitava versos discursos trechos latinos e uma antologia em trinta volumes.

7. A garotada nadou nadou nadou e veio morrer na praia da ingratidão nacional.

Observe como essas frases ficariam se pontuadas corretamente:

Na frase 5, as enumerações têm a função de *adjuntos adnominais* do substantivo *origem*.

"O Brasil é o centro de origem do abacaxi, do açaí, do amendoim, do cacau, da castanha, do cupuaçu, do maracujá."

As enumerações da frase 6 são *objetos diretos* do verbo *recitava*.

"Recitava versos, discursos, trechos latinos e uma antologia em trinta volumes."

A frase 7 é um exemplo de termos repetidos:

"A garotada nadou, nadou, nadou e veio morrer na praia da ingratidão nacional."

Importante!

Confronte as frases 5 e 6:

"O Brasil é o centro de origem do abacaxi, do açaí, do amendoim, do cacau, da castanha, do cupuaçu, do maracujá."

"Recitava versos, discursos, trechos latinos e uma antologia em trinta volumes."

Você deve estar se perguntando o seguinte: por que na frase 6 aparece o conectivo *e* fechando a enumeração e na 5 não?

Vamos lá. O normal é usarmos o conectivo *e* antes do último termo da enumeração para mostrar que são *apenas* esses elementos da enumeração, que não cabe mais nenhum (frase 6).

Entretanto, quando a intenção é a de deixar em aberto esses elementos, que existem outros além dos citados, não se utiliza o conectivo *e* antes do último elemento da enumeração (frase 5). Não é muito comum não ver o *e* antes do último elemento da enumeração, não é mesmo? O que ocorre é que, nesse tipo de construção, há uma tendência de se usar o *etc.* ("… da castanha, do cupuaçu, do maracujá etc."), o que seria uma forma também aceita. É questão de preferência, de estilo.

Para finalizar, mais uma dica:

Uso da vírgula antes de etc.
O uso da vírgula antes de etc. é facultativo ("… do maracujá etc."… do maracujá, etc."), mas o uso do ponto após etc. é obrigatório.

O uso das vírgulas nas enumerações é questão muito comum em provas de concursos públicos. O Cespe-UnB é uma banca que comumente retira trechos de textos que apresentaram vírgulas em enumerações perguntando ao aluno a justificativa dessas vírgulas. Observe:

Sua metodologia é simples – por meio de conversas frequentes com a família, <u>o voluntário receita cuidados básicos para evitar que a criança morra por falta de conhecimento, como os hábitos de higiene, a administração do soro caseiro e a adoção da farinha de multimistura na alimentação</u>, que se tornou uma solução simples e emblemática contra a desnutrição. Mas o seu segredo é um só: a persistência.

1. O emprego de vírgula após "higiene" justifica-se porque isola o elemento adverbial deslocado.

Comentários:

Observe que a vírgula utilizada após *higiene* se justifica em função da enumeração *dos cuidados básicos* de que o texto falava: *hábitos de higiene, a administração do soro caseiro* e *a adoção da farinha de multimistura na alimentação*. Logo, é importante que você tenha entendido no texto que houve uma sequência de elementos enumerados, de mesma função sintática (todos eram apostos explicativos de *cuidados básicos*).

Resposta: errada.

Como era de se esperar, com porto, aeroporto e estradas arruinados ou semidestruídos, com a escassez de água, alimentos e remédios, iniciaram-se ondas de saques, e o próprio governo local transferiu a administração da crise para outros países e instituições.

2. As vírgulas após "porto" e "água" têm a mesma justificativa gramatical.

Comentários:

Em ambas as situações, o que encontramos são enumerações. Todos os termos destacados têm a mesma função sintática: a preposição *com* que inicia a expressão *com porto, aeroporto e estradas* tem valor semântico de causa. Trata-se de adjuntos adverbiais de causa enumerados. Basta colocar o período na ordem direta e você entenderá: *Iniciaram-se ondas de saques... com porto, aeroporto e estradas... com a escassez de água, alimentos e remédios...* Na verdade, o que se quer dizer é que *os saques se iniciaram por causa de portos, aeroportos e estradas arruinados e por causa da escassez de água, alimentos e remédios.* Portanto, temos uma enumeração de termos de mesma função sintática.

Resposta: certa.

Caso 3 – A vírgula marca a *omissão* da palavra; é o que chamamos de **elipse**

8. Os jovens buscam a felicidade na novidade; os velhos nos hábitos.

9. Você pretende cursar Medicina; ela Odontologia.

Comentários:

As frases 8 e 9 são exemplos da vírgula que aparece para mostrar uma palavra facilmente subentendida, independentemente de esse vocábulo já ter aparecido no texto ou não. Observe como essas frases ficariam com as vírgulas marcando a omissão dos verbos:

"Os jovens buscam a felicidade na novidade; os velhos, nos hábitos. (elipse de *buscam*)

"Você pretende cursar Medicina; ela, Odontologia. (elipse de *pretende cursar*)

Caso 4 – Separa termos *explicativos*, *retificativos*, *de situação*

10. Sua redação por exemplo tem várias frases longas que prejudicam a clareza.

11. O bêbado andava isto é cambaleava.

12. Afinal o que tens a dizer?

Comentários:

As frases 10, 11 e 12 são exemplos de expressões que denotam explicação (*por exemplo, isto é, ou melhor*...), retificação (*isto é, ou melhor*...) e situação (*afinal, então*...)

Vêm sempre separadas por vírgula – no início ou no final do período – ou vírgulas – intercalada. Assim, teríamos:

"Sua redação, por exemplo, tem várias frases longas que prejudicam a clareza."

"O bêbado andava, isto é, cambaleava."

"Afinal, o que tens a dizer?"

Caso 5 – A vírgula é utilizada para separar as *orações coordenadas* (assindéticas ou sindéticas)

13. Arrumou as malas saiu lançou-se na vida.

14. Gostava da sociedade mas não amava os sócios.

15. Não conseguiu terminar o trabalho logo sairá tarde.

16. Saia imediatamente pois quero descansar.

17. "As pessoas desejam ascender em linguagem porém insisto na verdade linguística de que os alunos sabem a língua antes mesmo de entrarem na escola."

18. "As pessoas desejam ascender em linguagem; insisto porém na verdade linguística de que os alunos sabem a língua antes mesmo de entrarem na escola."

19. Permita-me portanto cumprimentá-lo por brilhante desempenho.

20. A cada momento entravam alunos e o diretor os recebia afavelmente.

Comentários:

Na frase 13, as vírgulas separam as orações coordenadas assindéticas, orações que vêm sem conectivo:

"Arrumou as malas, saiu, lançou-se na vida."

Nas frases de 14 a 17, aparecem as conjunções coordenativas. A vírgula, nesses casos, antecede as conjunções. Veja como ficam as orações com suas devidas vírgulas:

"Gostava da sociedade, mas não amava os sócios."

"Não conseguiu terminar o trabalho, logo sairá tarde."

"Saia imediatamente, pois quero descansar."

"As pessoas desejam ascender em linguagem, porém insisto na verdade linguística de que os alunos sabem a língua antes mesmo de entrarem na escola."

Sistematizando: As orações coordenadas assindéticas devem vir separadas por vírgulas. As orações coordenadas sindéticas também: nesse caso, a vírgula virá antes da conjunção que inicia a oração.

Observe novamente as frases 18 e 19:

"As pessoas desejam ascender em linguagem; insisto, porém, na verdade linguística de que os alunos sabem a língua antes mesmo de entrarem na escola."

Permita-me, portanto, cumprimentá-lo por brilhante desempenho.

As frases 18 e 19 mostram os conectivos deslocados para o meio do período, após o verbo. Isso pode ocorrer com as conjunções *adversativas* e *conclusivas*. Quando isso acontece, a tendência é de que elas venham entre vírgulas.

Atenção: As conjunções adversativas (porém, contudo, entretanto, no entanto) e conclusivas (por isso, portanto, por conseguinte, assim) podem vir deslocadas na frase e, quando isso ocorrer, ficam entre vírgulas.

Observe, agora, as frases 18 e 19, que apresentaram conjunções deslocadas, devidamente pontuadas:

"As pessoas desejam ascender em linguagem; insisto, porém, na verdade linguística de que os alunos sabem a língua antes mesmo de entrarem na escola."

"Permita-me, portanto, cumprimentá-lo por brilhante desempenho."

Caso 6 – Separa *termos deslocados* e *orações intercaladas*

Observações:
1. Ordem direta no período simples: sujeito + verbo + complemento + (adj. adv.)
Quando alguns deslocamentos, sobretudo no período simples, não
2. comprometem o sentido essencial da frase, o uso da(s) vírgula(s) é facultativo.

Procure pontuar as frases a seguir:

21. Surpreso o garoto procura o lugar de onde vem o comando.

22. Nos tempos atuais não existe país do primeiro mundo.

23. Existe no meio rural uma violência estrutural.

24. Geralmente as oposições não gostam dos governos.

Comentários:

Na frase 21, *surpreso* é predicativo que aparece deslocado para o início do período.

"Surpreso, o garoto procura o lugar de onde vem o comando."

Nas frases 22, 23 e 24, os adjuntos adverbiais *Nos tempos atuais*, *no meio rural* e *geralmente* vêm deslocados de sua posição original, que é no final do período.

Como são expressões curtas, de fácil entendimento, que – com a(s) vírgulas(s) ou sem – não comprometem o sentido original da frase, o uso da(s) vírgula(s) é *facultativo*, ou seja, você pode usar ou não. Entretanto, numa *redação*, ao deslocar um termo de sua posição original, use sempre a(s) vírgulas(s). Nunca se sabe se o professor que vai corrigir sua redação possui ou não um posicionamento mais tradicional. Assim, em relação às frases 22, 23 e 24, teríamos:

"Nos tempos atuais(,) não existe país de primeiro mundo."

"Existe(,) no meio rural(,) uma violência estrutural."

"Geralmente(,) as oposições não gostam dos governos."

Sistematizando: Os advérbios e as locuções adverbiais deslocados, por serem termos curtos, simples, de fácil entendimento, apresentarão vírgulas facultativas.

Agora, procure pontuar adequadamente as frases a seguir:

25. Eles quando todos chegaram puderam iniciar os trabalhos.
26. O Mercosul é uma experiência que ao mexer com posturas arraigadas impõe uma nova estratégia para o conjunto da sociedade.
27. Considerando as razões apresentadas penso que a solicitação será deferida.
28. Preciso ouvir disse a mãe ao menino a causa da briga.

Comentários:

As frases 25, 26 e 27 são exemplos de *orações* deslocadas, para o início ou para o meio do período, desenvolvidas (com conjunção) ou reduzidas (infinitivo, gerúndio, particípio). Nesses casos, não teríamos mais o uso facultativo: o uso da(s) vírgula(s) é obrigatório. Assim, as frases, pontuadas corretamente, ficariam:

"Eles, quando todos chegaram, puderam iniciar os trabalhos." (oração adverbial temporal desenvolvida)

"O Mercosul é uma experiência que, ao mexer com posturas arraigadas, impõe uma nova estratégia para o conjunto da sociedade." (oração adverbial temporal reduzida de infinitivo)

"Considerando as razões apresentadas, penso que a solicitação será deferida." (oração adverbial temporal reduzida de gerúndio)

Agora, voltemos à frase 28:

Preciso ouvir disse a mãe ao menino a causa da briga.

Nela, as vírgulas devem ser utilizadas, para mostrar a intercalação de uma oração, que corresponde à fala do interlocutor.

“Preciso ouvir, disse a mãe ao menino, a causa da briga.”

Sistematizando: Com as orações adverbiais deslocadas (ou seja, retiradas do final do período), bem como com as orações intercaladas, o uso das vírgulas será obrigatório.

Veja como o Cespe-UnB lida com esse tipo de questão. A seguir, duas assertivas para você julgar como certas ou erradas.

1. O emprego de vírgula após “anos”, em “Nos próximos anos, a questão da melhoria da qualidade do ensino deve ser uma obrigação dos governantes”, justifica-se por isolar termo adverbial, com noção de tempo, deslocado do final para o começo do período.

Comentários:

Ora, temos aqui um adjunto adverbial de tempo (*nos próximos anos*) antecipado: na ordem direta ficaria ao final do período.

Resposta: assertiva correta.

Ao estabelecer a obrigatoriedade na realização dos exames pré-admissional, periódico e demissional do trabalhador, criou recursos médico-periciais voltados à identificação do nexo da causalidade entre os danos sofridos e a ocupação desempenhada.

2. A vírgula logo depois de “trabalhador” é opcional e sua retirada preservaria a correção gramatical do texto, pois os três termos da enumeração que ela tem função de marcar já estão separados pela conjunção “e”: “exames pré-admissional, periódico e demissional do trabalhador”.

Comentários:

Atenção para não confundir a vírgula que vem após *pré-admissional* com a vírgula que vem após *trabalhador:* a primeira se justifica por separar termos de uma enumeração, mas a segunda deve ser explicada por isolar a oração antecipada, que começa em *Ao estabelecer a obrigatoriedade...* e termina no vocábulo *trabalhador*. Trata-se de uma oração adverbial temporal reduzida de infinitivo, que foi deslocada do final para o início do período. A vírgula, nesse caso, é obrigatória.

Resposta: assertiva errada.

Caso 7 – A vírgula separa as orações adjetivas explicativas

Pontue as frases a seguir:

29. O Tejo que é o maior rio de Portugal nasce na Espanha.

30. João que é um grande homem ajuda a todos.

Comentários:

As frases 29 e 30 são exemplos de *meros comentários*, *termos explicativos*. O *que* das duas frases é pronome relativo, já que retoma os substantivos "Tejo" e "João". Se a oração adjetiva é *explicativa*, o uso das vírgulas é obrigatório.

"O Tejo, que é o maior rio de Portugal, nasce na Espanha."

"João, que é um grande homem, ajuda a todos."

Entretanto, se a oração é restritiva, o uso das vírgulas é proibido. Perceba:

"Só sairão mais cedo os alunos que terminaram o dever de casa."

Ora, a oração adjetiva *que terminaram o dever de casa* delimita, restringe o substantivo antecedente. Sendo assim, ela não pode ser retirada da frase, devendo, portanto, vir sem vírgulas. Observe esta assertiva retirada de uma prova do Cespe-UnB:

Sua metodologia é simples — por meio de conversas frequentes com a família, o voluntário receita cuidados básicos para evitar que a criança morra por falta de conhecimento, como os hábitos de higiene, a administração do soro caseiro e a adoção da farinha de multimistura na alimentação, que se tornou uma solução simples e emblemática contra a desnutrição.

1. O trecho "que se tornou uma solução simples e emblemática contra a desnutrição" está precedido por vírgula porque se trata de um trecho com função restritiva.

Comentários:

Perceba que a oração destacada inicia-se com pronome relativo *que*, tratando-se, portanto, de oração subordinada adjetiva. Entretanto, como se caracteriza por ser uma informação adicional, vem isolada por vírgula. Assim, ela deve ser classificada como oração subordinada adjetiva explicativa, e não como oração adjetiva restritiva, como a banca sugere.

Resposta: assertiva errada.

Sistematizando: As orações subordinadas adjetivas são aquelas que se iniciam com pronome relativo. Se restringirem, delimitarem o sentido do substantivo antecedente, virão sem vírgulas. Se forem uma informação adicional, acessória, virão entre vírgulas.

20.1.2. Ponto e vírgula

Vamos, agora, falar do ponto e vírgula? O **ponto e vírgula** é uma pausa mais longa que a vírgula e menor que o ponto. Basicamente, pode ser utilizado em duas situações:

Caso 1 – Separa orações coordenadas

31. Esforçou-se bastante; não obteve, entretanto, o reconhecimento merecido.

32. Uns estudam; outros trabalham.

Caso 2 – Separa os itens de leis, decretos, regulamentos

33. Art. 1º O núcleo... abrangerá as seguintes matérias:

a) comunicação e expressão;

b) estudos sociais;

c) ciências.

Resolução nº...art. da Lei...

Comentários:

O ponto e vírgula pode separar também orações coordenadas. É o que vemos nas frases 31 e 32.

Na 33, temos um exemplo do ponto e vírgula separando enumerações.

20.1.3. Dois-pontos

E quanto aos **dois-pontos**? Você sabe utilizá-los? Este sinal pode, basicamente, ser utilizado em duas situações. Pode dar início a fala ou citação de outrem:

34. O professor disse:

– Eu sou a razão.

Os dois-pontos podem também introduzir uma explicação, enumeração, esclarecimento:

35. Encontrei um motivo para não encontrá-lo: uma viagem de última hora.

36. São três os autores a estudar: Machado, Alencar e Drummond.

Comentários:

A frase 34 exemplifica o início da fala de outrem.

Na frase 35, os dois-pontos introduzem uma explicação, um esclarecimento da afirmação anterior.

Na frase 36, os dois-pontos dão início a uma enumeração explicativa.

20.1.4. Aspas

As **aspas** são utilizadas, normalmente, em quatro situações:

Caso 1 – Isolam uma citação

37. Algum sábio já afirmou: "Agir na paixão é embarcar durante a tempestade".

Caso 2 – Isolam estrangeirismos, arcaísmos, neologismos, gírias

38. Estamos no "hall" do hotel.

39. Ele era considerado “ persona-non-grata”.

40. Qual a “ solucionática” desta problemática?

41. Achei-o muito “ careta”.

Comentários:

As “ aspas” da frase 37 mostram as palavras de outra pessoa, e não do autor do texto.

Já nas frases 38, 39, 40 e 41 temos, respectivamente, exemplos de estrangeirismo, arcaísmo (expressão que deixou de ser usada) e neologismo (palavras novas derivadas de outras já existentes, geralmente não registradas nos dicionários) e gíria.

Caso 3 – Dar destaque a uma palavra ou expressão

42. Diga-me “ como” direi isso a ela.

Comentários:

A frase traz um exemplo de uma palavra que se quer destacar, dar expressividade. Na oralidade, diríamos: *coooomo*!

Caso 4 – Mostrar uma palavra com sentido irônico ou uma palavra em sentido diverso do usual

43. Você foi “ brilhante” ao dizer aquela asneira.

Comentários:

Na frase 43, temos um exemplo de *ironia* (diz-se o contrário do que se pensa). Se o que ele disse foi uma *asneira*, não há brilhantismo nisso.

20.1.5. Travessões

E os travessões? Empregam-se os travessões para marcar a mudança de interlocutor nos diálogos e para dar destaque ou ênfase a determinados termos. Observe as frases a seguir:

44. Apontou para Luísa e disse: – Conheces aquele ali?

45. Machado de Assis – grande romancista brasileiro – também escreveu contos.

Comentários:

A frase 44 mostra o uso do travessão marcando a mudança do interlocutor.

A frase 45 é o caso de uso mais frequente do travessão: quando se quer dar destaque ou enfatizar certas palavras ou expressões. É comum, nas questões de concurso, reescreverem trechos do texto que estão separados por travessão substituindo-o por vírgulas, o que mantém correta a construção, pois os travessões, em geral, podem ser substituídos por vírgulas.

A utilização dos travessões para dar ênfase a uma explicação do texto é um recurso muito comum na escrita e bastante

explorado pelas bancas. O Cespe-UnB tem elaborado algumas questões de reescritura de frases, que sugerem ao candidato a troca dos travessões por outro sinal de pontuação. Observe:

Em uma empresa socialmente responsável, pode-se catalisar a inteligência instalada e lhe dar uma direção e um sentido. Isso fortalece a empresa, torna-a mais competitiva, aumenta a autoestima e a dedicação dos funcionários, amplia o sentimento de pertencimento — a vida das pessoas, em vez de ser ameaçada pelo trabalho, é fortalecida por ele. Essas empresas têm melhores condições de desempenho e, portanto, de prolongar sua vida.

1. Preservam-se tanto a coerência da argumentação quanto a correção gramatical do período caso se substitua o travessão antes de "a vida" pelo sinal de dois-pontos ou pelo de ponto e vírgula.

Comentários:

Observe que o travessão foi utilizado para enfatizar uma explicação para o que o autor quis dizer com *sentimento de pertencimento*. Trata-se de um segmento explicativo enfatizado pelo travessão. Ora, a troca pelos dois-pontos ou pelo ponto e vírgula não geraria erro gramatical nem mudança de sentido da frase: só se optaria pela perda da ênfase que o travessão confere à informação.

Resposta: assertiva certa.

Nos anos 90 do século passado, o país derrotou a inflação – que corroía salários, causava instabilidade política e irracionalidade econômica. Na primeira década deste século, os avanços deram-se em direção a uma agenda social, voltada para a redução da pobreza e da desigualdade estrutural.

2. A substituição do travessão por vírgula, em "derrotou a inflação – que corroía salários", prejudica a correção gramatical do período.

Comentários:

Mais uma vez, o travessão introduz uma explicação, dando-lhe ênfase. Trata-se de uma oração adjetiva explicativa (*que corroía salários...*), que se refere ao substantivo *inflação* antecedente. Portanto, a troca do travessão pela vírgula *não* geraria erro gramatical algum à frase (a banca diz que a substituição *prejudica* a correção gramatical do período).

Resposta: assertiva errada.

20.1.6. Parênteses

Parênteses são geralmente utilizados para isolar comentários acessórios. Observe:

46. "Bem sei que só matarei alguém (que Deus me livre e guarde) se for obrigado."

Atenção: De modo geral, os parênteses são usados quando se quer acrescentar uma informação acessória, uma interferência do autor do texto.

Será que é possível, então, em um texto, substituir os parênteses pelos travessões ou vice-versa? O que queremos saber é: diante de um segmento explicativo, que vem evidenciado no texto pelo uso dos travessões, a substituição desse sinal de pontuação pelos parênteses geraria erro gramatical ou mudança de sentido da frase?

O Cespe-UnB tem feito esse tipo de pergunta em prova. Veja uma questão:

Tão logo a catástrofe do terremoto no Haiti requisitou uma ação coletiva mundial, com inúmeros atores envolvidos na ajuda humanitária – países, organizações não governamentais, empresas e os milhares de anônimos e famosos –, a situação caótica do país devastado impôs um desafio: a quem caberá a organização das próximas etapas de reconstrução do país mais pobre do Ocidente?

Mantém-se a correção gramatical do período substituindo-se os travessões (ℓ. 2 e 3) por parênteses.

Comentários:

Ora, a informação que o autor quis evidenciar no texto (*países, organizações não governamentais, empresas e os milhares de anônimos e famosos*) pelo uso dos travessões poderia ser isolada pelo uso dos parênteses. O texto continuaria gramaticalmente correto.

Resposta: assertiva correta.

Antes de concluirmos este capítulo, achamos prudente treinar mais com você, por meio de frases que fixarão os conceitos ensinados. Vamos lá?

I. Pontue as frases, quando necessário.

1. Os candidatos aguardavam ansiosos o resultado do concurso.

Comentários: O adjetivo *ansiosos*, na função de predicativo do sujeito, aparece deslocado para o meio do período, intercalado.

Lembre-se sempre da ordem direta dos termos no período simples: sujeito + verbo + complemento + adjunto adverbial.

O predicativo, aqui, aparece entre o verbo e o seu objeto (= complemento).

Resposta: Os candidatos aguardavam, ansiosos, o resultado do concurso.

***Importante*!**

O uso das vírgulas, *nessa frase*, seria facultativo. Por quê? Nunca se esqueça do princípio básico do uso facultativo da(s) vírgula(s): se com ou sem a(s) vírgula(s) o sentido continua o mesmo, há clareza, pode-se usar ou não a(s) vírgula(s). Repare nessa frase:

Os candidatos aguardavam ansiosos o resultado do concurso.

Os candidatos aguardavam, ansiosos, o resultado do concurso.

Não há truncamento de ideia, é uma frase curta de perfeito entendimento com ou sem a(s) vírgula(s).

Isso normalmente acontece com termos curtos deslocados (advérbios ou locuções adverbiais, predicativos).

Agora, você já sabe. Todo comentário em que aparecer *uso facultativo*, a explicação será a mesma:

Se você puder fazer a dupla leitura (com a pausa ou sem a pausa), e isso não alterar o sentido da frase, nem houver truncamento sintático, o uso da(s) vírgula(s) será facultativo.

2. Deixe-me senhora.

Comentários: *Senhora* é a pessoa com quem se fala, vocativo.

Resposta: Deixe-me, senhora.

3. Dallas 9 de julho de 1994.

Comentários: Esse caso é um exemplo da vírgula que se usa para separar a data do nome do lugar.

Resposta: Dallas, 9 de julho de 1994.

4. Aliás isto é conhecido de todos.

Comentários: A vírgula também separa certas expressões de explicação, retificação, situação.

Resposta: Aliás, isto é conhecido de todos.

5. Espero que ela venha.

Comentários: Aqui não há justificativa para o uso da vírgula, pois os termos já estão na ordem – sujeito + verbo + complemento: "(Eu) *Espero* (verbo) *que ele venha* (objeto direto).

Resposta: Espero que ele venha.

Lembre-se: não se usa vírgula entre sujeito e verbo e entre verbo e complemento.

6. O Brasil produz café milho arroz ouro ferro.

Comentários: Nesta frase, temos um exemplo das vírgulas que separam termos de mesma função sintática (= enumerações), são objetos diretos.

Resposta: O Brasil produz café, milho, arroz, ouro, ferro.

7. "Papai do céu dá-me uma namorada linda fiel gentil e tarada."

Comentários: Aqui temos duas justificativas: a primeira vírgula separa o vocativo e as outras, termos de mesma função (= enumerações), são adjuntos adnominais.

Resposta: "Papai do céu, dá-me uma namorada linda, fiel, gentil e tarada."

8. "O homem sensato se adapta ao mundo o insensato insiste em tentar adaptar o mundo a ele. Todo progresso depende

portanto do homem insensato."

Comentários: Na primeira ocorrência, a vírgula separa orações coordenadas. Nesse caso, poderia ser substituída por ponto e vírgula, já que esse sinal de pontuação também pode separar orações coordenadas. Na segunda e terceira ocorrências, as vírgulas intercalam a conjunção conclusiva deslocada.

Resposta: "O homem sensato se adapta ao mundo, ou; o insensato insiste em tentar adaptar o mundo a ele. Todo progresso depende, portanto, do homem insensato."

9. "Não te enganes. A vida vai tratar-te mal. Portanto se queres viver tua vida vai e toma-a."

Comentários: Aqui temos uma oração adverbial condicional ("se queres viver tua vida") *intercalada*, entre vírgulas.

Resposta: "Não te enganes. A vida vai tratar-te mal. Portanto, se queres viver tua vida, vai e toma-a."

10. Se o Brasil se tornasse independente dos empréstimos externos poderia voltar a crescer no mesmo ritmo de desenvolvimento das décadas anteriores.

Comentários: Mais uma oração adverbial condicional deslocada, só que agora para o *início* do período, uma vírgula.

Resposta: Se o Brasil se tornasse independente dos empréstimos externos, poderia voltar a crescer no mesmo ritmo de desenvolvimento das décadas anteriores.

11. Todos os candidatos publicaram os jornais devem chegar no momento azado.

Comentários: Esta frase é um exemplo de oração intercalada, um comentário acessório.

Resposta: Todos os candidatos, publicaram os jornais, devem chegar no momento azado.

12. Na Suíça delegados de 103 países grande parte com vestes africanas determinaram a proibição total da caça aos elefantes.

Comentários: A primeira vírgula é de uso facultativo, pois temos um adjunto adverbial deslocado de curta extensão, não alterando o sentido original da frase.

As outras duas vírgulas vão intercalar o aposto explicativo.

Resposta: Na Suíça(,) delegados de 103 países, grande parte com vestes africanas, determinaram a proibição total da caça aos elefantes.

20.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

Vamos fixar? Faça os exercícios a seguir e verifique o gabarito ao final!

I. Pontue as frases, quando necessário.

1. "Depois de suportar Figueiredo Sarney Collor e Itamar o brasileiro passou a duvidar até da existência de Deus."

2. Em verdade a palavra da mendiga tinha um som místico uma espécie de melodia e fazia bem fitar-lhe os olhos

encarquilhados a mão trêmula segurando o dinheiro.

3. Solicitamos a Vossa Senhoria o obséquio de verificar o valor das mercadorias recebidas.

4. "O alferes continuava a dominar em mim embora a vida fosse menos intensa e a consciência mais débil."

5. Na década de 1970 o Brasil chegou a ser o país que mais crescia no mundo. Na década perdida dos anos 80 no entanto a economia brasileira se atolou no descontrole das contas públicas.

6. "O governador do Ceará Cid Gomes é muito família. Ele não agrada apenas à sogra mas também ao sogro aos irmãos aos sobrinhos..."

7. Se dirigir não beba se beber não dirija.

8. Inscreveram-se para aquele concurso oito mil seiscentos e trinta e cinco candidatos.

9. Participaram do sorteio dois milhões quinhentos e treze mil trezentos e quinze telespectadores.

II. Coloque C (certo) ou E (errado) nas frases que se seguem em relação aos sinais de pontuação.

1. ( ) A hospitalidade tem dois aspectos: um, geral, que se refere à convivência em sociedade e se confunde com o cerimonial e a etiqueta de cada povo; o outro, específico, que estabelece relações especiais entre anfitriões e convidados.

2. ( ) Baseadas no código de honra do deserto, as relações de hospitalidade árabe, dão ao hóspede direitos exorbitantes.

3. ( ) Os poetas árabes, que tanto cantaram as virtudes do perfeito anfitrião não dizem quase nada, a respeito dos hóspedes.

4. ( ) Aquele que recebe a hospitalidade é, ao mesmo tempo, um emir, um prisioneiro e um poeta, dizem os beduínos.

5. ( ) A hospitalidade no entanto, não é medida pela abundância da comida, mas particularmente, apreciada quando se pratica apesar dos meios limitados.

6. ( ) O traço todo da vida é para muitos um desenho de criança esquecido pelo homem, e ao qual este terá sempre de se cingir sem o saber.

7. ( ) Os primeiros anos de vida foram portanto, os de minha formação instintiva ou moral, definitiva.

8. ( ) Passei esse período inicial tão remoto e tão presente, em um engenho de Pernambuco, minha província natal.

9. ( ) A população do pequeno domínio, inteiramente fechado a qualquer ingerência de fora, como todos os outros feudos da escravidão, compunha-se de escravos, distribuídos pelos compartimentos da senzala, o grande pombal negro ao lado da casa de morada, e de rendeiros, ligados ao proprietário pelo benefício da casa de barro que os agasalhava ou de pequena cultura que ele lhes consentia em suas terras.

10. ( ) No centro do pequeno cantão de escravos levantava-se a residência do senhor, olhando para os edifícios da moagem, e tendo por trás, em uma ondulação de terreno a capela sob a invocação de São Mateus.

11. ( ) O ex-presidente do Banco Central, Gustavo Franco, afirmou que o Brasil precisa ser mais assumidamente capitalista, globalizado e moderno.

12. ( ) O presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, recebeu o presidente brasileiro em Camp David.

13. ( ) Os estabelecimentos fundados por portugueses, lá pelos anos de 1618, começavam no Pará, quase sob o Equador, e terminavam em Cananéia, além do trópico.

14. ( ) Entre uma e outra capitania havia longos espaços desertos, de dezenas de léguas de extensão. A população de língua europeia, cabia folgadamente em cinco algarismos.

15. ( ) A camada ínfima da população era formada por escravos, filhos da terra, africanos ou seus descendentes.

16. ( ) Os filhos da terra eram menos numerosos pela pouca densidade originária da população indígena, pelos grandes êxodos que os afastaram da costa, pelas constantes epidemias que os dizimaram, pelos embaraços, nem sempre inúteis, opostos ao seu escravizamento.

17. ( ) Acima desta população, sem terra e sem liberdade, seguiam-se os portugueses de nascimento ou origem, sem terra, porém livres: feitores, mestres-de-açúcar oficiais-mecânicos, vivendo dos seus salários ou do feitio de obras encomendadas.

18. ( ) "É através da dinâmica institucional que se fabrica, quase sempre, o delinquente juvenil. A instituição, ao invés de recuperar, perverte; ao invés de reintegrar e ressocializar, exclui e marginaliza; ao invés de proteger, estigmatiza." *(Vicente Faleiros)*

19. ( ) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis, que, num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.

20. ( ) "… ela novamente, encheu os pulmões de ar o máximo que pôde, e seu corpo acabou arrebentando como uma bola de soprar que se enche em excesso."

21. ( ) Comprei frutas, legumes, verduras, etc.

22. ( ) "O acordo visa à criação da Área de Livre Comércio Sul-Americana (ALCSA), que estaria plenamente constituída em 2005."

Gabarito: I – 1. Depois ... Figueiredo, Sarney, Collor e Itamar, ...; 2. Em verdade, a palavra ... místico, uma espécie de melodia, e fazia ... encarquilhados, a mão...; 3. Sem vírgula; 4. Os alferes ... em mim, embora ... intensa, e a consciência...; 5. uso facultativo (Na década de 70, o Brasil ...) / (,)no entanto(,); 6. ... do Ceará, Cid Gomes, é ... à sogra, mas também ao sogro, aos irmãos, aos sobrinhos...; 7. ..., não beba; se beber, não dirija; 8. Sem vírgula (não se usa vírgula entre o milhar e as centenas. Já o milhão é separado do milhar por vírgula, e também entre o bilhão e o milhão: três milhões, quinhentos e doze mil trezentos e quinze); 9. ... dois milhões, quinhentos e treze mil trezentos e quinze ...

II – 1. C; 2. E – Após “ árabe”. Separa sujeito do verbo. 3. E – Falta a vírgula após “ anfitrião”, para intercalar a oração adjetiva explicativa. A vírgula após “ nada” é outro erro. 4. C; 5. E – Falta a vírgula após “ hospitalidade”, para intercalar “ no entanto”. Em “ particularmente” temos outra intercalação. Ou usamos duas vírgulas (antes e depois de particularmente) ou nenhuma (mas particularmente apreciada...). 6. C – O uso das vírgulas em “ para muitos” é facultativo. 7. E – “ portanto”, deslocado, entre vírgulas (, portanto,), que seria a forma mais adequada, ou nenhuma (portanto). 8. E – ... inicial, tão remoto e tão presente, ...; 9. C; 10. E – ... por trás, em uma ondulação de terreno, ...; 11. E; 12. C. Obs.: Vírgula com nomes próprios: Em (11), não podem ocorrer aquelas vírgulas, já que ex-presidente existem vários, específico, pois. Em (12), presidente há um só, explicativo, pois. Essa explicação serve para qualquer outra construção que traga estrutura semelhante: explicativa / restritiva (diretor / ex-diretor, deputado / ex-deputado...). 13. C; 14. E – A vírgula após “ europeia” separa o sujeito do verbo. 15. C; 16. C; 17. E – Falta a vírgula da enumeração após “ mestres-de-açúcar”. 18. C; 19. C; 20. E – “ Novamente” entre vírgulas ou sem vírgula alguma. 21. C. Obs.1: Nas enumerações que se encerram com “ etc.”, a tendência é usar vírgula antes do “ etc.” (ou ponto-e-vírgula ou ponto, se os elementos da enumeração vierem separados por esses sinais de pontuação). Porém, se não aparecer esse sinal antes do “ etc”, a frase continua certa. Obs.2: Após o “ etc.” devemos sempre usar o ponto. 22. C

20.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

1. (FCC/TC-PB) Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:

a) Toda vez que é pronunciada, a palavra progresso, parece abrir a porta para um mundo, mágico de prosperidade garantida.

b) Por mínimas que pareçam, há providências inadiáveis, ações aparentemente irrisórias, cuja execução cotidiana é, no entanto, importantíssima.

c) O prestígio da palavra progresso, deve-se em grande parte ao modo irrefletido, com que usamos e abusamos, dessa palavrinha mágica.

d) Ainda que traga muitos benefícios, a construção de enormes represas, costuma trazer também uma série de consequências ambientais que, nem sempre, foram avaliadas.

e) Não há dúvida, de que o autor do texto aderiu a teses ambientalistas segundo as quais, o conceito de progresso está sujeito a uma permanente avaliação.

Comentários:

Na letra A, a primeira vírgula está correta: ela se justifica por isolar uma oração adverbial temporal (*Toda vez que é pronunciada*) antecipada. Já a segunda vírgula está errada: ela separa o sujeito (*a palavra progresso*) do verbo (*parece abrir*). Quanto à terceira vírgula, também se observa um erro: não se deveria separar um adjunto adnominal (*mágico*) do substantivo que ele restringe (*mundo*).

A letra B apresenta a primeira vírgula correta: oração adverbial concessiva antecipada (*por mínimas que pareçam*); uma segunda vírgula que se justifica por uma enumeração de termos (*providências inadiáveis* e *ações aparentemente irrisórias*); uma terceira vírgula que inicia uma oração explicativa (*cuja execução cotidiana é... importantíssima)* e

duas outras vírgulas pelo motivo que acabamos de explicar: a conjunção adversativa *no entanto* veio deslocada e, por isso, entre vírgulas.

A letra C apresenta três vírgulas indevidamente utilizadas: a primeira separa o sujeito (*o prestígio da palavra progresso*) do verbo (*deve-se*). A segunda vírgula separa uma oração adjetiva *restritiva* (*com que usamos e abusamos…*) do seu substantivo antecedente (*modo*). Ora, você já viu que só a oração adjetiva explicativa é que deve vir isolada por vírgula. A terceira vírgula também está errada por separar o verbo (*abusamos*) do seu complemento (*dessa palavrinha mágica*).

Na letra D, a primeira vírgula foi devidamente utilizada: ela isola a oração adverbial concessiva antecipada (*Ainda que traga muitos benefícios*). Entretanto, a segunda vírgula está errada: ela separa sujeito (*a construção de enormes represas*) de verbo (*costuma trazer*). As duas últimas vírgulas estão corretas: elas isolam o adjunto adverbial deslocado (*nem sempre*).

Na letra E, já percebemos um erro na primeira vírgula: ela separa o substantivo *dúvida* do seu complemento nominal oracional (*de que o autor do texto…*). Ora, não se separam termos integrantes por vírgulas (verbo de objeto, nome de complemento etc.). Observa-se outro erro na segunda vírgula: não faz sentido separar o pronome relativo *as quais* do restante da oração adjetiva.

Resposta: B.

2. (TRT / 3ª Região) O modo de produção capitalista não tem vocação suicida, e nada indica que ele esteja a ponto de morrer de morte natural.

No trecho acima, utilizou-se corretamente a vírgula antes da conjunção E. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.

a) Você deve sair antes de anoitecer, e antes de acenderem as luzes, e antes de fecharem o comércio.

b) Ele muito se esforçou para a realização daquele projeto, e acabou não sendo bem-sucedido.

c) Os irmãos compreendiam-se mutuamente, e, portanto, respeitavam-se.

d) A expedição encontrou um grupo perdido, e todos voltaram juntos.

e) A maioria dos estudantes aprovou a proposta, e seus pais acataram a decisão.

Comentários:

Vamos falar da vírgula antes da conjunção **e**? Analise novamente a frase a seguir:

A cada momento entravam alunos, e o diretor os recebia afavelmente.

Nela, a vírgula se justifica por separar orações coordenadas com sujeitos diferentes (alunos/diretor). Em relação ao conectivo *e*, aditivo, algumas gramáticas afirmam que o uso da vírgula pode ocorrer se esse conectivo ligar orações

com sujeitos diferentes. Caso o sujeito dos verbos das duas orações seja o mesmo, não se usará a vírgula.

Assim, segundo a gramática tradicional, teríamos:

O uso da vírgula antes do E

Se a conjunção coordenativa unir orações com sujeitos diferentes, o uso da vírgula é facultativo. Se o E unir orações com sujeitos iguais, o uso da vírgula é proibido.

Agora, tenha cuidado! Esta é uma questão polêmica, pois em provas de concurso público já vimos de tudo: algumas questões que aceitavam o uso da vírgula antes do **E** com orações de sujeitos iguais e outras questões que consideravam tal utilização da vírgula como errada. Bancas como Esaf e Cespe/UnB já trouxeram questões de vírgula antecedendo o *e*, em que as duas orações tinham o mesmo sujeito, e não consideraram erro. Nesses casos, teríamos de verificar as outras opções.

Nesta questão, observe que o exemplo do enunciado apresenta orações com sujeitos diferentes (*modo de produção* é o sujeito da primeira oração e *nada*, o sujeito da segunda). Daí a correta colocação da vírgula antes do **e**. Entenda que, nesse caso, a vírgula é facultativa: ela também poderia não ter aparecido.

Na letra A, não houve erro quanto ao uso das vírgulas antes das duas ocorrências do **e**: os sujeitos das orações são diferentes (o sujeito da primeira oração é *você* e das outras duas, indeterminado). A essa repetição dá-se o nome de polissíndeto.

Na letra B, apesar de as orações terem sujeitos iguais (*ele*), o conectivo *e* tem valor adversativo: nesse caso, a vírgula é facultativa.

Observe com cuidado a letra C: as duas últimas vírgulas se justificam pela conjunção conclusiva deslocada (*portanto*). Mas quanto à vírgula antes do **e**? Será que a banca considerará essa vírgula errada pelo fato de ela ligar orações com sujeitos iguais (*ele*)? Observe as outras alternativas antes de marcar essa como a resposta.

A letra D está indiscutivelmente certa: o conectivo **e** une orações com sujeitos diferentes (*expedição* é o sujeito da primeira oração e *todos* é o sujeito da segunda). Daí, a vírgula estar correta (como poderia também não ter aparecido na frase).

A letra E repete o raciocínio da letra D: o sujeito da primeira oração é *a maioria dos estudantes* e o da segunda oração é *seus pais*. Se os sujeitos são diferentes, a vírgula é facultativa.

Percebeu que só nos restou como possível resposta a letra C? Como a Fundação Getulio Vargas é uma banca tradicional, seguiu a gramática ao pé da letra: considerou errado o uso da vírgula antes do aditivo *e* que une orações de sujeitos iguais.

Resposta: C.

Antes de irmos a outra questão de concurso, mais um detalhe: você reparou que, na letra B desta questão, o conectivo **e**, embora unisse orações de mesmo sujeito, veio antecedido de vírgula, **por possuir valor adversativo**?

Pois é: isso pode ocorrer também se ele trouxer um valor conclusivo. Veja:

O menino estudou muito para a prova, **e** não passou.

O menino estudou muito para a prova, **e** passou em 1º lugar.

No primeiro exemplo, o conectivo **e** tem valor adversativo (= mas, porém) e, no segundo exemplo, tem valor conclusivo (= logo, portanto). Nos dois casos, os sujeitos eram iguais e a vírgula foi utilizada.

Sistematizando: Se o conectivo e apresentar valor adversativo ou conclusivo, ainda que una orações com sujeitos iguais, a vírgula será facultativa em frases curtas que não provoquem truncamento de ideias. Em frases mais longas, o mais adequado é usar a vírgula.

Agora, observe uma outra questão, retirada de uma prova para o TSE, elaborada pelo Cespe-UnB:

3. (Cespe-UnB/TSE – Analista Judiciário) Assinale a opção que apresenta erro de pontuação:

a) Pela primeira vez, a população de Belo Horizonte vai poder escolher, por meio da Internet, as obras que serão executadas na cidade. Disponível no período de 1º a 30 de novembro, a nova modalidade, conhecida por Orçamento Participativo Digital, tem parceria entre a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte (PBH) e o Tribunal Regional Eleitoral de Minas Gerais (TRE-MG).

b) O novo sistema baseia-se em dados fornecidos pelo TRE-MG à PBH (quantitativo de eleitores, número do título de eleitor etc.), e foi solicitado pelo prefeito de BH, Fernando Pimentel, há cerca de seis meses, ao então presidente da instituição, Armando Pinheiro Lago.

c) O voto via Internet será permitido apenas para aqueles com domicílio eleitoral na capital (aproximadamente 1,7 milhão de pessoas), que poderão decidir pelo conjunto de nove obras (quatro em cada regional) que serão feitas no município em um prazo máximo de dois anos.

d) Para votar, o cidadão deve entrar no sítio da PBH. Quem não tiver acesso à Internet em casa pode ir até um dos 175 postos públicos montados, pela PBH onde haverá monitores para ajudar aqueles que não estão acostumados a lidar com computador.

Comentários:

Todas as vírgulas da letra A estão corretas: a primeira isola o adjunto adverbial de tempo *pela primeira vez* antecipado. As outras duas isolam o adjunto adverbial de meio intercalado (*por meio da Internet*). Logo na sequência observam-se mais três vírgulas corretas: a primeira, que se justifica por isolar termo antecipado (*disponível no período de 1º a 30 de novembro*) e as outras duas que isolam uma explicação (*conhecida por Orçamento Participativo Digital*). As vírgulas da letra A foram corretamente utilizadas, portanto.

Observe com cuidado a letra B: a primeira vírgula antecede **e** que une orações de mesmo sujeito (*o novo sistema*). Será que a banca vai considerar essa vírgula errada? As outras vírgulas da letra B estão todas corretas: a que vem depois de *prefeito de BH* se justifica por anteceder o aposto *Fernando Pimentel*; as outras duas, por isolarem um

adjunto adverbial de tempo intercalado (*há cerca de seis meses*) e a última vírgula está correta por isolar o também aposto *Armando Pinheiro Lago.* Lembre-se de que ainda não sabemos se a letra B é a resposta: precisamos ver se há um erro ainda mais grave em outra alternativa.

A única vírgula presente na letra C também está correta: ela antecede oração adjetiva explicativa (*que poderão decidir pelo conjunto…*).

Na letra D, a primeira vírgula está correta: ela separa oração adverbial final antecipada. Entretanto, a letra D traz um erro gravíssimo: apresenta uma vírgula que separa o complemento nominal *pela PBH* do adjetivo a que ele se refere (*montados*). Vimos que não devemos separar termos integrantes por vírgulas.

Assim, percebemos que a banca considerou como correta a letra B, embora sua primeira vírgula separasse orações coordenadas de mesmo sujeito. Como dissemos anteriormente, bancas como Cespe e Esaf têm um posicionamento mais *liberal* quanto a esse caso: para elas a vírgula antes do *e* que une orações de mesmo sujeito seria possível. Só evite fazer isso em uma redação!

Resposta: D.

Vejamos como esses conceitos vêm sendo trabalhados nas provas.

4. (Inspetor de Polícia/NCE-UFRJ) "A favor da mesma tese, poderíamos dizer que, muitas vezes, a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público."; a segunda e terceira vírgulas desse segmento:

a) destacam um esclarecimento do autor.

b) separam o aposto do resto da frase.

c) mostram uma alteração na ordem direta dos termos.

d) indicam fala do autor com o leitor.

e) separam orações.

Comentários:

Muitos que fizeram a prova marcaram a letra B. Por acharem que tudo que vem entre vírgulas nesta vida é aposto… É claro que erraram… O que temos aqui é um adjunto adverbial de tempo (*muitas vezes*), que, na ordem direta, ficaria ao final do período e, na frase, veio intercalado. Vale lembrar que as vírgulas aqui seriam facultativas: o termo deslocado é curto, simples, de fácil entendimento.

Resposta: C.

5. (Anal. Judic.) "Vamos, por um momento que seja, cair na real…"; a regra abaixo que justifica o emprego das vírgulas nesse segmento do texto é:

a) separar elementos que exercem a mesma função sintática.

b) isolar o aposto.

c) isolar o adjunto adnominal antecipado.

d) indicar a supressão de uma palavra.

e) marcar a intercalação de elementos.

Comentários:

Tem-se aqui uma oração adverbial concessiva intercalada. Na ordem direta, o período deveria ficar assim: "Vamos cair na real por um momento que seja". Nem preciso dizer que muitos erraram quando marcaram a letra B, não é?

Resposta: E.

Veja uma questão de concurso, retirada de uma prova da Fundação Getulio Vargas. Observe as situações em que o ponto e vírgula pode aparecer:

6. No 6º parágrafo o autor utilizou o sinal de pontuação ponto e vírgula de acordo com as normas gramaticais. Nas frases abaixo as normas gramaticais também foram observadas na utilização do ponto e vírgula, exceto em:

a) Os professores compareceram à festa de formatura trajados a rigor; os alunos, trajados esportivamente.

b) Um dos alunos obteve nota suficiente para ser apenas aprovado; o outro, apesar de não ter a mesma capacidade de estudo, classificou-se em segundo lugar.

c) A iniciativa segura e coerente da direção; o esforço de alunos e professores; bem como a participação de pais e responsáveis nas atividades da escola dinamizaram-na e tornaram-na uma verdadeira casa de educação.

d) Investir em educação só traz retorno para a nação a longo prazo; mas os resultados são, normalmente, satisfatórios.

e) Não há como resolver os problemas da educação com soluções paliativas, de pouco alcance; há de se investir, de forma planejada, em projetos de longo prazo que priorizem o profissional da educação.

Comentários:

Na letra A, o ponto e vírgula separa orações coordenadas. Perceba que, se houvesse necessidade de se dar uma pausa discursiva ainda maior, ter-se-ia optado pelo ponto, e não pelo ponto e vírgula. Na letra B, o ponto e vírgula separa itens de uma enumeração (*Um dos alunos... O outro...)*, tendo sido, portanto, corretamente utilizado.

Observe que, na letra C, o ponto e vírgula separa núcleos de um sujeito composto (*A iniciativa...; o esforço...; bem como a participação...*). É como se construíssemos uma frase do tipo "João; José; Antônio chegaram." Faz sentido isso?

Na letra D, o ponto e vírgula separa uma oração coordenada assindética da sua oração coordenada sindética adversativa. Foi, portanto, adequadamente usado.

Na letra E, ele separa orações coordenadas assindéticas.

Resposta: C.

7. ... graças a algumas características: eles possuem objetivos claros, vários modos de atingir o sucesso e feedback rápido, ou seja, o jogador recebe uma consequência imediata após cada ação.

Os dois pontos introduzem no contexto:

a) um segmento enumerativo, com intenção explicativa.

b) um comentário pessoal, de caráter opinativo.

c) uma repetição enfática para atrair a atenção do leitor.

d) uma ressalva ao que vem sendo desenvolvido no parágrafo.

e) a retomada da ideia mais importante do texto.

Comentários:

Perceba que o que vem após o sinal de dois-pontos é uma enumeração do que o autor chamou de *características*. Trata-se de uma oração apositiva, que nada mais é do que um segmento enumerativo que tem a intenção de explicar um substantivo anteriormente citado.

Resposta: A.

O Cespe-UnB, por sua vez, comumente elabora questões que esperam do candidato a *explicação* para o uso dos dois-pontos. Observe algumas assertivas, julgando cada uma delas como certa ou errada:

Repitamos: o sertanejo emigrante realiza, ali, uma anomalia sobre a qual nunca é demasiado insistir: é o homem que trabalha para escravizar-se.

8. Na linha 1, o autor emprega o sinal de dois pontos, para indicar que pretende dar ênfase a uma assertiva e, na linha 2, para introduzir uma explicação do que considera ser "uma anomalia".

Comentários:

De fato, na linha 1 do texto, o que se quer é enfatizar o que se disse antes: isso você pode inclusive perceber pelo próprio vocábulo *Repitamos*. Na linha 2, os dois-pontos introduzem uma oração apositiva que explica o substantivo antecedente *anomalia*.

Resposta: assertiva correta.

A importância da Pastoral é palpável: a média nacional de mortalidade infantil para crianças de até 1 ano, que é de 22 indivíduos por mil nascidos vivos, cai para 12 por mil nos lugares atendidos pela instituição.

9. O emprego do sinal de dois-pontos em "é palpável:" justifica-se porque o trecho subsequente a esse sinal apresenta argumento comprobatório da afirmativa anterior.

Comentários:

Veja que o autor afirma que a *importância da Pastoral é palpável*, para, logo na sequência, explicar o que ele quis

dizer com o uso do adjetivo *palpável.* Trata-se, portanto, de uma explicação, uma informação que *comprova* o que se disse anteriormente.

Resposta: assertiva correta.

Agora, uma questão sobre aspas:

10. O emprego das aspas em algumas palavras do texto:

Algumas são exóticas também no sentido de "diferentes" ou "esquisitas"...

Nenhuma delas é nativa do Brasil. Dependendo das circunstâncias, podem ser "imigrantes" inofensivas...

... muitas vezes tornam-se organismos nocivos aos ecossistemas "naturais".

a) chama a atenção do leitor para a importância de seu sentido no contexto.

b) indica uso específico de termos técnicos para esclarecer alguns conceitos.

c) aponta para o sentido particular de certas palavras de uso comum na gíria.

d) mostra a inclusão de opiniões alheias, como um novo interlocutor no contexto.

e) atesta a participação de palavras de origem estrangeira no vocabulário nacional.

Comentários:

Essas provas dão um *show* de teoria, não é mesmo? Passeando pelas alternativas, percebemos que, em cada uma delas, fala-se de uma das regras de utilização das aspas. Só lendo as frases destacadas, portanto, você descobrirá a resposta.

Trata-se do uso das aspas para destacar palavras ou expressões no texto. Evidenciar informações.

Resposta: A.

20.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (FCC – Manausprev – Analista Previdenciário – 2015)

Atente para as afirmativas abaixo.

I. No segmento *para aprofundar questões referentes à* <u>*sincronicidade*</u> *entre arte e ciência*, o sinal indicativo de crase deverá ser suprimido caso se substitua o elemento sublinhado por "sincronização".

II. Sem prejuízo para a correção e o sentido, o sinal de travessão pode ser substituído por dois-pontos no segmento *usufruir uma obra de Tomie Ohtake propicia uma dupla experiência – incita a reflexão...*

III. O segmento sublinhado em <u>*que para a sua elaboração*</u> *prescinde da intencionalidade* pode ser isolado por vírgulas, sem prejuízo da correção.

Está correto o que se afirma APENAS em

a) I e III.

b) II e III.

c) III.

d) I.

e) I e II.

2. (FCC – TRE-AP – Analista Judiciário – Área Administrativa – 2015)

Embora o meu vocabulário seja voluntariamente pobre – uma espécie de Brasileiro Básico – a única leitura que jamais me cansa é a dos dicionários. Variados, sugestivos, atraentes, não são como os outros livros, que contam sempre a mesma estopada do começo ao fim.*

[...]

Na minha adolescência, todo e qualquer escritor se presumia de estilista, e isso, na época, significava riqueza vocabular... Imagine-se o mal que deve ter causado a autores novos e inocentes o grande estilista Coelho Neto: grande infanticida, isto é o que ele foi.

* aquilo que é maçante, enfadonho, aborrecedor.

(Adaptado de: QUINTANA, Mario. Dicionários. Caderno H. 7. ed. São Paulo: Globo, 1998, p.176)

Atente para as seguintes afirmações sobre o emprego dos sinais de pontuação:

I. Em *não são como os outros livros, que contam sempre a mesma estopada do começo ao fim*, a retirada da vírgula implicaria prejuízo ao sentido original.

II. A substituição por parênteses dos travessões que isolam o segmento *uma espécie de Brasileiro Básico* implicaria prejuízo para a correção da frase.

III. Em *e isso, na época, significava riqueza vocabular...*, a retirada da primeira vírgula acarretaria prejuízo para a correção da frase.

Está correto APENAS o que se afirma em

a) II e III.

b) I.

c) I e III.

d) II.

e) I e II.

3. (FCC – TRE-AP – Técnico Judiciário – Administrativo – 2015)

Para sobreviver, enfim, Michelangelo teve de enfrentar questões que afligem os seres humanos em qualquer tempo. Como no caso de sua resistência a trocar a escultura pela pintura, quem nunca tremeu nas bases ao ser forçado a sair de sua zona de conforto?

Atente para o que se afirma abaixo.

I. No segmento *Com o adiamento, Michelangelo recebeu um prêmio de consolação: pintar o teto de uma capela de uso reservado*..., os dois-pontos introduzem um esclarecimento.

II. Sem prejuízo do sentido, podem ser suprimidas as vírgulas do segmento: *O artista, que se considerava um escultor, cortava de forma peremptória*...

III. No terceiro parágrafo, o sinal de interrogação pode ser suprimido por se tratar de uma pergunta retórica.

Está correto o que se afirma APENAS em:

a) II e III.

b) I e II.

c) I.

d) II.

e) I e III.

4. (FCC – TRE-SE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – 2015)

A frase citada do texto que permanece correta após o acréscimo das vírgulas é:

a) Já trocamos, uns cinco *e-mails* e uns dez recados, pelo celular.

b) Acredito, que acabei me adaptando, a esse mundo moderno.

c) Há três semanas, que estou combinando, um almoço com um grande amigo.

d) Hoje cedo, eu me lembrei da minha mãe, à beira do fogão, separando os marinheiros do arroz e tirando as pedras do feijão.

e) Estou pensando, seriamente, em sair daqui uma hora dessas, chegar, à casa dele e tocar, a campainha.

5. (FCC – Metrô-SP – Agente de segurança – 2015)

Minha hipótese, caso correta, tem implicações metafísicas. Se a vida for como um cardápio, do outro lado teria que existir o Grand Chef, o criador do menu.

As frases abaixo referem-se à pontuação do texto.

I. Com as devidas alterações, no segmento...*tem implicações metafísicas. Se a vida for como um cardápio*..., pode-se substituir o ponto final por dois-pontos, uma vez que a ele se segue uma explicação.

II. Na frase *Ora, Alfredo, deixe de filosofar e escolha logo o prato*, o termo sublinhado pode ser substituído por uma vírgula.

III. No segmento ...*e estavam na varanda do Bar Lagoa, de onde se pode ver um cantinho de céu*..., pode-se acrescentar uma vírgula imediatamente após estavam.

Está correto o que se afirma APENAS em

a) I e III.

b) I.

c) I e II.

d) II e III.

e) III.

6. (FCC – TJ-AP – Analista Judiciário – Judiciária e Administrativa – 2014)

Considere as seguintes frases:

I. Ele ama os poemas de cordel, com que teve contato desde pequeno.

II. Respeito os autores de cordel, que normalmente não se preocupam com o grande mercado.

III. Ainda ontem de manhã, passei horas examinando os folhetos expostos na feira.

A supressão da vírgula ALTERA o sentido do que está APENAS em

a) I e II.

b) I e III.

c) II e III.

d) I.

e) II.

7. (FCC – TCE-GO – Analista de Controle Externo – 2014)

O pesquisador explica que os sistemas de integração e de plantio direto promovem benefícios vitais para o solo. Já o sequestro do carbono contribui para diminuir a emissão de gases de efeito estufa. Quando a terra é arada os restos são incorporados e os micro-organismos que decompõem esses restos morrem sem alimento e o carbono vai para a atmosfera. "Quando se deixam nutrientes no solo, os micro-organismos aumentam para decompor os nutrientes e ficam na terra se alimentando."

Sem prejuízo da correção e do sentido, uma vírgula pode ser inserida imediatamente após

a) " carbono", em *Já o sequestro do carbono...*

b) " arada", em *Quando a terra é arada...*

c) " aumentam", em *os micro-organismos aumentam...*

d) " explica", em *O pesquisador explica*

e) " micro-organismos", em *os micro-organismos que decompõem esses restos*

8. (FCC – METRÔ-SP – Administrador – 2014)

Atente para as seguintes frases:

I. Numa viagem de metrô, sentimos que o próprio tempo parece acelerar.

II. Ele prefere evitar o metrô, por conta de sua tendência claustrofóbica.

III. Ele optou pelo horário do metrô, que lhe parece mais conveniente.

A supressão da(s) vírgula(s) altera o sentido do que está APENAS em:

a) I e II.

b) II e III.

c) I e III.

d) II.

e) III.

9. (FCC – Câmara Municipal de São Paulo – SP – Consultor Técnico Legislativo – Informática – 2014)

Na redação das frases seguintes, a supressão da(s) vírgula(s) altera o sentido APENAS do que está em:

I. Neste texto, o autor avalia a importância da memória na representação ficcional.

II. As crianças, atingidas por traumas e embaladas por sonhos, guardam consigo a matéria da ficção.

III. A infância, rica como inferno ou como paraíso, tem inspirado contos e romances da mais alta expressão.

a) I e II.

b) II e III.

c) I e III.

d) II.

e) III.

10. (FCC- TRF – 3ª REGIÃO – Analista Judiciário – Informática – 2014)

Considere as frases abaixo.

I. Ao se suprimirem as vírgulas do trecho *A dor, juntamente com a morte, é sem dúvida a experiência humana*..., o verbo deverá ser flexionado no plural.

II. Na frase *Georges Canguilhem acrescenta que ela é um estado de "inconsciência em que o sujeito é de seu corpo"*, pode-se acrescentar uma vírgula imediatamente após *inconsciência*, sem prejuízo para a correção.

III. Na frase *De fato, na vida cotidiana o corpo se faz invisível, flexível; sua espessura é apagada pelas ritualidades sociais*..., o ponto e vírgula pode ser substituído, sem prejuízo para a correção e o sentido original, por dois-pontos.

Está correto o que se afirma APENAS em

a) II.

b) I e III.

c) II e III.

d) I e II.

e) I.

11. (FCC – MPE-PB – Técnico Ministerial – Administrativo – 2015)

O elemento que NÃO é um pronome está sublinhado em:

a) E a fortuna daqueles que a encontram

b) Porque o Tejo não é o rio que corre...

c) Para aqueles que veem em tudo...

d) Ninguém nunca pensou no que há...

e) O Tejo é mais belo que o rio...

12. (TRF3 – Técnico Judiciário – FCC – Abril/2016 – Adaptada)

O acréscimo de uma vírgula após o termo sublinhado não altera o sentido nem a correção do trecho:

a) A ideia de cidade inteligente sempre aparece relacionada à abertura de bases de dados por parte dos órgãos públicos.

b) Há experiências importantes em cidades brasileiras também.

c) ... uma parte prioriza a transparência como meio de prestação de contas e responsabilidade política frente à sociedade civil, como a ideia de governo aberto...

d) ...outra parte prioriza a participação popular através da interatividade, bem como a cooperação técnica para o reúso de dados abertos por entidades e empresas.

e) Contudo, existem estudos que apontam que bastariam meros quatro pontos de dados para identificar os movimentos de uma pessoa na cidade.

Leia o texto a seguir para responder à questão 13.

Depois que se tinha fartado de ouro, o mundo teve fome de açúcar, mas o açúcar consumia escravos. O esgotamento das minas – que de resto foi precedido pelo das florestas que forneciam o combustível para os fornos –, a abolição da escravatura e, finalmente, uma procura mundial crescente, orientam São Paulo e o seu porto de Santos para o café. De amarelo, passando pelo branco, o ouro tornou-se negro.

Mas, apesar de terem ocorrido essas transformações que tornaram Santos num dos centros do comércio internacional, o local conserva uma beleza secreta; à medida que o barco penetra lentamente por entre as ilhas, experimento aqui o primeiro sobressalto dos trópicos. Estamos encerrados num canal verdejante. Quase podíamos, só com estender a mão, agarrar essas plantas que o Rio ainda mantinha à distância nas suas estufas empoleiradas lá no alto. Aqui se estabelece, num palco mais modesto, o contato com a paisagem.

O arrabalde de Santos, uma planície inundada, crivada de lagoas e pântanos, entrecortada por riachos estreitos e canais, cujos contornos são perpetuamente esbatidos por uma bruma nacarada, assemelha-se à própria Terra, emergindo no começo da criação. As plantações de bananeiras que a cobrem são do verde mais jovem e terno que se possa imaginar: mais agudo que o ouro verde dos campos de juta no delta do Bramaputra, com o qual gosto de o associar na minha recordação; mas é que a própria fragilidade do matiz, a sua gracilidade inquieta, comparada com a suntuosidade tranquila da outra, contribuem para criar uma atmosfera primordial.

Durante cerca de meia hora, rolamos por entre bananeiras, mais plantas mastodontes do que árvores anãs, com troncos plenos de seiva que terminam numa girândola de folhas elásticas por sobre uma mão de 100 dedos que sai de um enorme lótus castanho e rosado. A seguir, a estrada eleva-se até os 800 metros de altitude, o cume da serra. Como acontece em toda parte nessa costa,

escarpas abruptas protegeram dos ataques do homem essa floresta virgem tão rica que para encontrarmos igual a ela teríamos de percorrer vários milhares de quilômetros para norte, junto da bacia amazônica. Enquanto o carro geme em curvas que já nem poderíamos qualificar como " cabeças de alfinete", de tal modo se sucedem em espiral, por entre um nevoeiro que imita a alta montanha de outros climas, posso examinar à vontade as árvores e as plantas estendendo-se perante o meu olhar como espécimes de museu.

(Adaptado de: Lévi-Strauss, Claude. *Tristes Trópicos*. Coimbra, Edições 70, 1979, p. 82-3)

13. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

Considere as frases abaixo.

I. O segmento que se estende de uma planície inundada até uma bruma nacarada (3º parágrafo) constitui explicação do termo antecedente, de maneira que poderia ser iniciado por " que é", sem prejuízo para o sentido.

II. Neste mesmo segmento, as vírgulas poderiam ser substituídas por ponto-e-vírgulas, uma vez que se trata de uma sequência de características atribuídas a um mesmo termo.

III. No mesmo período, a oração iniciada por emergindo pode tanto subordinar-se a assemelha-se como a Terra.

Está correto o que consta em

a) III, apenas.

b) I, II e III.

c) I e II, apenas.

d) I e III, apenas.

e) II, apenas.

Leia o texto a seguir para responder às questões 14 e 15.

Estava mal chegando a São Paulo, quando um repórter me provocou: " Mas como, Chico, mais um samba? Você não acha que isso já está superado?". Não tive tempo de me defender ou de atacar os outros, coisa que anda muito em voga. Já era hora de enfrentar o dragão, como diz o Tom, enfrentar as luzes, os cartazes, e a plateia, onde distingui um caro colega regendo um coro pra frente, de franca oposição. Fiquei um pouco desconcertado pela atitude do meu amigo, um homem sabidamente isento de preconceitos. Foi-se o tempo em que ele me censurava amargamente, numa roda revolucionária, pelo meu desinteresse em participar de uma passeata cívica contra a guitarra elétrica. Nunca tive nada contra esse instrumento, como nada tenho contra o tamborim. O importante é Mutantes e Martinho da Vila no mesmo palco.

Mas, como eu ia dizendo, estava voltando da Europa e de sua música estereotipada, onde samba, toada etc. são ritmos virgens para seus melhores músicos, indecifráveis para seus cérebros eletrônicos. " Só tenho uma opção, confessou-me um italiano – sangue novo ou a antimúsica. Veja, os Beatles, foram à Índia..." Donde se conclui como precipitada a opinião, entre nós, de que estaria morto o nosso ritmo, o lirismo e a malícia, a malemolência. É certo que se deve romper com as estruturas. Mas a música brasileira, ao contrário de outras artes, já traz dentro de si os elementos de renovação. Não se trata de defender a tradição, família ou propriedade de ninguém. Mas foi com o samba que João Gilberto rompeu as estruturas da nossa canção. E se o rompimento não foi universal, culpa é do brasileiro, que não tem vocação pra exportar coisa alguma.

Quanto a festival, acho justo que estejam todos ansiosos por um primeiro prêmio. Mas não é bom usar de qualquer recurso, nem

se deve correr com estrondo atrás do sucesso, senão ele se assusta e foge logo. E não precisa dar muito tempo para se perceber " que nem toda loucura é genial, como nem toda lucidez é velha".

(Adaptado de: HOLANDA, Chico Buarque de, apud Adélia B. de Menezes, *Desenho Mágico*: Poesia e Política em Chico Buarque, São Paulo, Ateliê, 2002, p. 28-29)

14. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

Sem prejuízo para a correção e o sentido, pode-se acrescentar uma vírgula imediatamente após o termo

a) " E", em E se o rompimento não foi universal... (2º parágrafo)

b) " Mas", em Mas não é bom usar de qualquer recurso... (3º parágrafo)

c) " e", em ... se assusta e foge logo (3º parágrafo)

d) " Mas", em Mas foi como o samba que João Gilberto... (2º parágrafo)

e) " Mas", em Mas como, Chico, mais um samba? (1º parágrafo)

15. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

Sem que se altere o sentido da frase, todas as vírgulas podem ser substituídas por travessão, EXCETO em:

a) *Não se trata de defender a tradição, família ou propriedade*... (2º parágrafo)

b) *Fiquei um pouco desconcertado pela atitude do meu amigo, um homem*... (1º parágrafo)

c) *Mas, como eu ia dizendo, estava voltando da Europa*... (2º parágrafo)

d) ... *como precipitada, entre nós, de que estaria morto*... (2º parágrafo)

e) *Mas a música brasileira, ao contrário de outras artes, já traz*... (2º parágrafo)

16. (TRT14R – Téc. Jud. – Área Adminis. – FCC – Fev./2016)

Considere as afirmações acerca da pontuação.

I. O acréscimo de uma vírgula antes do termo sublinhado não altera o sentido do trecho: *Nessas viagens, ele frequentemente encontrou tribos indígenas* <u>*que*</u> *não tinham contato com a civilização*...

II. O termo sublinhado pode estar entre vírgulas sem prejuízo para a correção gramatical do trecho: *Rondon contribuiu* <u>*também*</u> *para o reconhecimento e mapeamento de grandes áreas ainda inóspitas no interior do país*.

III. As vírgulas sinalizam uma enumeração no trecho: ... *levantou dados e informações de mineralogia, geologia, botânica, zoologia e antropologia*.

Está correto o que se afirma em

a) I, II e III.

b) I, apenas.

c) I e II, apenas.

d) II e III, apenas.

e) III, apenas.

17. (Copergás/PE – Analista Administrador – FCC – Jul./2016)

Está correta a seguinte afirmação sobre a pontuação empregada no texto:

a) Os travessões presentes no 1º e no 2º parágrafos precisam ser todos substituídos por sinais de dois-pontos.

b) O sinal de interrogação em *até que ponto?* (1º parágrafo) está servindo a uma pergunta retórica, cuja precisa resposta já é sabida.

c) A vírgula na expressão *Ao que tudo indica*, (2º parágrafo) é excessiva e prejudica o sentido da frase.

d) O ponto e vírgula em *"falas" determinadas*; (3º parágrafo) pode dar lugar ao emprego alternativo de uma vírgula.

e) A expressão, *em parte*, (3º parágrafo) não pode ser empregada entre vírgulas, neste contexto.

Leia o texto a seguir para responder à questão 18.

Texto I

Naquele novo apartamento da rua Visconde de Pirajá pela primeira vez teria um escritório para trabalhar. Não era um cômodo muito grande, mas dava para armar ali a minha tenda de reflexões e leitura: uma escrivaninha, um sofá e os livros. Na parede da esquerda ficaria a grande e sonhada estante onde caberiam todos os meus livros. Tratei de encomendá-la a seu Joaquim, um marceneiro que tinha oficina na rua Garcia D' Ávila com Barão da Torre.

O apartamento não ficava tão perto da oficina. Era quase em frente ao prédio onde morava Mário Pedrosa, entre a Farme de Amoedo e a antiga Montenegro, hoje Vinicius de Moraes. Estava ali havia uma semana e nem decorara ainda o número do prédio. Tanto que, quando seu Joaquim, ao preencher a nota de encomenda, perguntou-me onde seria entregue a estante, tive um momento de hesitação. Mas foi só um momento. Pensei rápido: " Se o prédio do Mário é 228, o meu, que fica quase em frente, deve ser 227". Mas lembrei-me de que, ao ir ali pela primeira vez, observara que, apesar de ficar em frente ao do Mário, havia uma diferença na numeração.

– Visconde de Pirajá, 127 – respondi, e seu Joaquim desenhou o endereço na nota.

– Tudo bem, seu Ferreira. Dentro de um mês estará lá sua estante.

– Um mês, seu Joaquim! Tudo isso? Veja se reduz esse prazo.

– A estante é grande, dá muito trabalho... Digamos, três semanas.

Ferreira Gullar. A estante. In: *A estranha vida banal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989 (com adaptações).

18. (INSS – Técnico Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

Julgue o seguinte item, a respeito de aspectos linguísticos do **texto I**.

No período " Tanto que, quando (...) momento de hesitação" (l. 8-9), o emprego de todas as vírgulas deve-se à mesma regra de pontuação.

Leia o texto a seguir para responder à questão 19.

Texto II

Bibliotecas sempre deram muito o que falar. Grandes monarquias jamais deixaram de possuir as suas, e cuidavam delas estrategicamente. Afinal, dotes de princesas foram negociados tendo livros como objetos de barganha; tratados diplomáticos versaram sobre essas coleções. Os monarcas portugueses, após o terremoto que dizimou Lisboa, se orgulhavam de, a despeito dos destroços, terem erguido uma grande biblioteca: a Real Livraria. D. José chamava-a de joia maior do tesouro real. D. João VI, mesmo na correria da partida para o Brasil, não se esqueceu dos livros. Em três diferentes levas, a Real Biblioteca aportou nos trópicos, e foi até mesmo tema de disputa.

Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br> (com adaptações).

19. (INSS – Técnico Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

Acerca de aspectos linguísticos e dos sentidos do texto acima, julgue o item que se segue.

O sinal de dois-pontos empregado imediatamente após " biblioteca" (l. 4-5) introduz um termo de natureza explicativa.

Leia o texto a seguir para responder à questão 20.

Levantou-se da cama o pobre namorado sem ter conseguido dormir. Vinha nascendo o Sol.

Quis ler os jornais e pediu-os.

Já os ia pondo de lado, por haver acabado de ler, quando repentinamente viu seu nome impresso no **Jornal do Comércio**.

Era um artigo *a pedido* com o título de **Uma Obra-Prima**.

Dizia o artigo:

Temos o prazer de anunciar ao país o próximo aparecimento de uma excelente comédia, estreia de um jovem literato fluminense, de nome Antônio Carlos de Oliveira.

Este robusto talento, por muito tempo incógnito, vai enfim entrar nos mares da publicidade, e para isso procurou logo ensaiar-se em uma obra de certo vulto.

Consta-nos que o autor, solicitado por seus numerosos amigos, leu há dias a comédia em casa do Sr. Dr. Estêvão Soares, diante de um luzido auditório, que aplaudiu muito e profetizou no Sr. Oliveira um futuro Shakespeare.

O Sr. Dr. Estêvão Soares levou a sua amabilidade ao ponto de pedir a comédia para ler segunda vez, e ontem ao encontrar-se na rua com o Sr. Oliveira, de tal entusiasmo vinha possuído que o abraçou estreitamente, com grande pasmo dos numerosos transeuntes.

Da parte de um juiz tão competente em matérias literárias este ato é honroso para o Sr. Oliveira.

Estamos ansiosos por ler a peça do Sr. Oliveira, e ficamos certos de que ela fará a fortuna de qualquer teatro.

O amigo das letras.

Machado de Assis. A mulher de preto. In: *Contos fluminenses*. São Paulo: Globo, 1997 (com adaptações).

20. (INSS – Analista Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

Acerca de aspectos linguísticos do texto, julgue o item a seguir.

A correção gramatical e o sentido do texto seriam mantidos caso o termo " em casa" (l. 11) fosse isolado por vírgulas.

Leia o texto a seguir para responder à questão 21.

Texto CB2A2BBB

O fenômeno da corrupção, em virtude de sua complexidade e de seu potencial danoso à sociedade, exige, além de uma atuação repressiva, também uma ação preventiva do Estado. Portanto, é preciso estimular a integridade no serviço público, para que seus agentes sempre atuem, de fato, em prol do interesse público.

Entende-se que a integridade pública representa o estado ou condição de um órgão ou entidade pública que está "completa, inteira, perfeita, sã", no sentido de uma atuação que seja imaculada ou sem desvios, conforme as normas e valores públicos.

De acordo com a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), a integridade é mais do que a ausência de corrupção, pois envolve aspectos positivos que, em última análise, influenciam os resultados da administração, e não apenas seus processos. Além disso, a OCDE compreende um sistema de integridade como um conjunto de arranjos institucionais, de gerenciamento, de controle e de regulamentações que visem à promoção da integridade e da transparência e à redução do risco de atitudes que violem os princípios éticos.

Nesse sentido, a gestão de integridade refere-se às atividades empreendidas para estimular e reforçar a integridade e também para prevenir a corrupção e outros desvios dentro de determinada organização.

Disponível em: <www.cgu.gov.br> (com adaptações).

21. (TCE-SC – Aud. Fiscal-Administ. – Cespe – Maio/2016)

Ainda com relação a aspectos linguísticos do texto CB2A2BBB, julgue o item subsequente.

O trecho "e também" (l. 15) poderia ser corretamente isolado por vírgulas, recurso que lhe conferiria ênfase.

Leia o texto a seguir para responder à questão 22.

Texto I

A moeda, como hoje é conhecida, é o resultado de uma longa evolução. No início, não havia moeda, praticava-se o escambo. Algumas mercadorias, pela sua utilidade, passaram a ser mais procuradas do que outras. Aceitas por todos, assumiram a função de moeda, circulando como elemento trocado por outros produtos e servindo para avaliar-lhes o valor. Eram as moedas-mercadorias. O gado, principalmente o bovino, foi dos mais utilizados. O sal foi outra moeda-mercadoria; de difícil obtenção, era muito utilizado na conservação de alimentos. Ambas deixaram marca de sua função como instrumento de troca no vocabulário português, em palavras como pecúnia e pecúlio, capital e salário.

Com o passar do tempo, as mercadorias se tornaram inconvenientes às transações comerciais, devido à oscilação de seu valor, pelo fato de não serem fracionáveis e por serem facilmente perecíveis, o que não permitia o acúmulo de riquezas. Surgiram, então, no século VII a.C., as primeiras moedas com características semelhantes às das atuais: pequenas peças de metal com peso e valor definidos e com a impressão do cunho oficial, isto é, a marca de quem as emitiu e garante o seu valor.

Os primeiros metais utilizados na cunhagem de moedas foram o ouro e a prata. O emprego desses metais se impôs, não só por sua raridade, beleza, imunidade à corrosão e por seu valor econômico, mas também por antigos costumes religiosos. Durante muitos séculos, os países cunharam em ouro suas moedas de maior valor, reservando a prata e o cobre para os valores menores. Esses sistemas se mantiveram até o final do século XIX, quando o cuproníquel e, posteriormente, outras ligas metálicas passaram a ser empregados e a moeda passou a circular pelo seu valor extrínseco, isto é, pelo valor gravado em sua face, que independe do metal nela contido.

Na Idade Média, surgiu o costume de guardar os valores com um ourives, pessoa que negociava objetos de ouro e prata e que, como garantia, entregava um recibo. Esse tipo de recibo passou a ser utilizado para efetuar pagamentos, circulando de mão em mão, e deu origem à moeda de papel. Com o tempo, da forma como ocorreu com as moedas, os governos passaram a conduzir a emissão de cédulas, controlando as falsificações e garantindo o poder de pagamento. Atualmente, quase todos os países possuem bancos centrais, encarregados das emissões de cédulas e moedas.

Disponível em: <www.bcb.gov.br> (com adaptações).

22. (CEF – Superior – Cespe – Mar./2014)

Julgue o próximo item como Certo (C) ou Errado (E), relativo às ideias expressas no texto e a aspectos linguísticos desse texto.

Seriam mantidas a correção gramatical e a coerência do texto caso a vírgula empregada imediatamente após " centrais" (l. 25) fosse suprimida, embora o sentido do trecho fosse alterado.

23. (Câmara dos Deputados – Técnico Legislativo – Cespe – Abril/2014)

Bill Watterson.

(Adaptado) Julgue o item subsequente, relativo ao diálogo entre os personagens Calvin e sua professora, Dona Doroteia, apresentado na tirinha.

No segundo quadrinho, a retirada da vírgula logo após " felicidade" modificaria a relação semântica e sintática entre essa palavra e o trecho " a qual é meu direito inalienável" e afetaria a coerência da argumentação.

Leia o texto a seguir para responder à questão 24.

Texto I

De acordo com uma lista da International Union for the Conservation of Nature, o Brasil é o país com o maior número de espécies de aves ameaçadas de extinção, com um total de 123 espécies sofrendo risco real de desaparecer da natureza em um futuro não tão distante. A Mata Atlântica concentra cerca de 80% de todas as aves ameaçadas no país, fato que resulta de muitos anos de exploração e desmatamentos. Atualmente, restam apenas cerca de 10% da floresta original, não sendo homogênea essa proporção de floresta remanescente ao longo de toda a Mata Atlântica. A situação é mais séria na região Nordeste, especialmente nos estados de Alagoas e Pernambuco, onde a maior parte da floresta original foi substituída por plantações de cana-de-açúcar. É nessa região que ainda podem ser encontrados os últimos exemplares das aves mais raras em todo o país, como o criticamente ameaçado limpa-folha-do-nordeste (Philydor novaesi). Essa pequena ave de dezoito centímetros vive no estrato médio e dossel de florestas bem conservadas e ricas em bromélias, onde procura artrópodes dos quais se alimenta. Atualmente, as duas únicas localidades onde a espécie pode ser encontrada são a Estação Ecológica de Murici, em Alagoas, e a Serra do Urubu, em Pernambuco.

Pedro F. Develey et al. O Brasil e suas aves. In: *Scientific American Brasil*, 2013 (com adaptações).

24. (ICMBIO – Nível Médio – Cespe – 2014)

Julgue o item seguinte, relativo às ideias e aos aspectos estruturais do texto.

A inserção de vírgula logo após o vocábulo " encontrada" (l. 12), além de preservar a correção gramatical do texto, daria ênfase à informação contida no trecho " as duas únicas localidades onde a espécie pode ser encontrada" (l. 11-12).

Leia o texto a seguir para responder à questão 25.

– Este livro não é meu! Meu Deus, o que fizeram do meu livro?

A exclamação, patética, vinha da famosa jornalista internacional Oriana Fallaci (no caso, como escritora), ao perceber que a tradução brasileira de seu livro **Um homem** (1981) não era fiel à estrutura paragráfica do original, construída em forma de monólogo compacto. O que a escritora concebera como blocos de longo discurso interior foi transformado, na tradução, em diálogos convencionais. Em posterior entrevista, Fallaci definiu, como criadora, seu ponto de vista:

– Em **Um homem**, todos os diálogos são dados sem parágrafo, e não só porque esse é notoriamente o meu modo de escrever, de obter o ritmo da página, a musicalidade da língua, mas porque isso corresponde a uma rigorosa necessidade de estilo ditada pela substância do livro. Nele, o diálogo é um diálogo recordado, um diálogo interior, e não um diálogo que determina um diálogo. É um livro em que a forma e a substância, o estilo e o significado se integram indissoluvelmente. E trabalhei tanto para escrevê-lo! Três longos anos sem nunca deixar aquele quarto e aquela pequena mesa, jamais uma interrupção, nada de férias, nada de domingos, nada de natais e páscoas. Sempre trabalhando, de manhã à noite, refazendo, corrigindo, limando o estilo, cuidando da ausência de parágrafos.

Com seu protesto, Oriana Fallaci levantou, na época, um sério problema de editoração, aliás, um problema duplo: a técnica literária do autor e – o mais importante para o editor de texto – o respeito em relação a essa técnica, que a autora definiu como estilo. Vejamos a questão por partes.

No que concerne à técnica literária dos diálogos, até o século XIX conheciam-se apenas o discurso direto e o discurso narrativo ou indireto. A partir de meados desse século, entretanto, surgiu o discurso aparente ou discurso indireto livre. De início, nesse caso, os autores usaram aspas para não confundir o leitor, mas estas seriam logo abandonadas como técnica narrativa.

Quanto ao estilo, foi com a Revolução Industrial, vale dizer, com o amadurecimento da sociedade capitalista, que os escritores começaram a ter consciência não da forma em geral, mas da forma individual, da maneira particular de exposição de cada autor como artista que produz obra única e consumada. A revolução das técnicas e do mercado, traduzindo-se no binômio velocidade-quantidade, suscitou a massificação do livro, contra a qual emergiu a figura do autor como artista, como criador por excelência, como aquele que domina a gramática para ter o direito de fraturá-la. Roland Barthes (1971) observa que, assim, começa a elaborar-se uma imagética do escritor-artesão que se fecha num lugar lendário, como um operário na oficina, e desbasta, talha, pule e engasta sua forma, exatamente como um lapidário extrai a arte da matéria, passando, nesse trabalho, horas regulares de solidão e esforço. Esse valor-trabalho substitui, de certa maneira, o valor-gênio; há uma certa vaidade em dizer que se trabalha bastante e longamente a forma.

Desde então, ao se trabalhar com obras em que o elemento primordial é a informação, existe a liberdade de redisposição dos originais em benefício da clareza, mas, com produção literária, impõe-se absoluto privilégio autoral, que é um princípio socialmente reconhecido, com o qual o editor de texto sempre convive.

Emanuel Araújo. A construção do livro: princípios da técnica de editoração. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Brasília: INL, 2000, p. 23 6 (com adaptações).

25. (IRB – Nível Superior – Cespe – 2014)

Com relação aos aspectos morfossintáticos do texto, julgue (C ou E) o seguinte item.

Na linha 2, as vírgulas que isolam o termo "patética" foram empregadas para enfatizar o atributo de "exclamação", mas a supressão dessa pontuação manteria a correção gramatical do trecho.

Leia o texto a seguir para responder à questão 26.

A história eleitoral do Brasil é uma das mais ricas do mundo. Durante o período colonial, a população das vilas e cidades elegia os representantes dos conselhos municipais. As primeiras eleições gerais para escolha dos representantes à Corte de Lisboa ocorreram em 1821. No ano seguinte, foi promulgada a primeira lei eleitoral brasileira, que regulou as eleições dos representantes da Constituinte de 1823. Desde 1824, quando aconteceu a primeira eleição pós-independência, foram eleitas cinquenta e uma legislaturas para a Câmara dos Deputados. Somente durante o Estado Novo (1937-1945), as eleições para a Câmara foram suspensas.

Hoje, os eleitores escolhem os representantes para os principais postos de poder (presidente, senador, deputado federal, governador, deputado estadual, prefeito e vereador) e pouca gente duvida da legitimidade do processo eleitoral brasileiro. As fraudes foram praticamente eliminadas. A urna eletrônica permite que os resultados sejam proclamados poucas horas depois do pleito. As eleições são competitivas, com enorme oferta de candidatos e partidos (uma média de trinta partidos por eleição). Quatro em cada cinco adultos compareceram às últimas eleições para votar. O sufrágio é universal, pois já não existem restrições significativas que impeçam qualquer cidadão com pelo menos dezesseis anos de idade de ser eleitor. Hoje, o Brasil tem o terceiro maior eleitorado do planeta, perdendo apenas para a Índia e os Estados Unidos da América.

Jairo Marconi Nicolau. *História do voto no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002, p. 7-8 (com adaptações).

26. (CEF – Nível Superior – Cespe – 2014)

No primeiro parágrafo, quatro períodos são iniciados por elemento adverbial, o que justifica a colocação de vírgula logo após "colonial" (L. 1), "seguinte" (L. 3), "1824" (L. 5) e "(1937-1945)" (L. 6).

Leia o texto a seguir para responder à questão 27.

A desigualdade está entre os principais fatores de risco que preocupam a elite mundial, a julgar pela atenção dada ao tema no fórum econômico de Davos.

Por outro lado, estudo recente do Banco Mundial mostra que, pela primeira vez desde a Revolução Industrial, caiu a diferença de renda entre os países na fronteira do desenvolvimento e os emergentes.

Após o fim da cortina de ferro e a abertura econômica da China e da Índia, centenas de milhões de pessoas passaram de um estado de subsistência precária à condição de nova classe média global. Entretanto, é preciso que os países não só reforcem políticas compensatórias para reduzir a exclusão, mas também atuem para promover a igualdade de oportunidades.

A educação, como sempre, é o instrumento decisivo para garantir que a sorte de um indivíduo não seja determinada por sua origem social ou geográfica.

Idem, ibidem (com adaptações).

27. (FUB – Nível Médio – Cespe – 2014)

Em relação ao fragmento de texto acima, julgue o próximo item.

O emprego de vírgula após “Índia” (l. 5) justifica-se por isolar adjunto adverbial anteposto, deslocado de sua posição tradicional.

Leia o texto a seguir para responder à questão 28.

As palavras estampadas na bandeira nacional poderiam receber o complemento de um adjetivo, diante do arcabouço de ideias e discussões que tratam do futuro do planeta. A depender da contribuição de especialistas em desenvolvimento sustentável da Universidade de Brasília, o lema de 1889, inspirado nos conceitos positivistas do francês Augusto Comte, teria a seguinte redação: “Ordem e um Novo Progresso”. Essa renovação de ideias, entretanto, precisa do apoio das novas gerações, pois o cenário mundial atual, e do Brasil em particular, é muito diferente do registrado há duas décadas, por exemplo. Na configuração geopolítica do século XXI, a supremacia dos Estados Unidos da América e da Europa é confrontada pelo dinamismo econômico de nações como a China, Índia, África do Sul e o próprio Brasil. O sobe e desce na disputa por espaço em debates estratégicos em nível internacional deu maior peso à palavra de países em desenvolvimento nas questões da sustentabilidade.

João Campos. Uma nova educação para um novo progresso. In: *Revista Darcy*, jun./2012 (com adaptações).

28. (ICMBIO – Nível Médio – Cespe – 2014)

Acerca dos aspectos estruturais e interpretativos do texto acima, julgue o item a seguir.

Na linha 2, o elemento “que” tem a função de restringir o sentido das expressões que o antecedem, a saber, “ideias” e “discussões”.

Leia o texto a seguir para responder à questão 29.

O conhecimento da especificidade da matriz energética brasileira é importante para o entendimento dos parâmetros que influenciam a visão da indústria brasileira sobre mudança do clima. Isso é particularmente relevante, uma vez que 75% das emissões de gases de efeito estufa (GEE) no Brasil são relacionadas ao uso da terra. A energia consumida no processo de produção industrial representa uma pequena parcela do total de emissões de GEE no Brasil. Esse fato deve ser levado em consideração para o dimensionamento da contribuição do setor industrial brasileiro aos esforços de mitigação.

No Brasil, apenas 8,8% das emissões de GEE são provenientes das atividades industriais. Isso reflete, em boa medida, a composição da matriz energética da indústria e se aplica, inclusive, aos setores industriais identificados na economia global como os de maior potencial de mitigação. A matriz energética brasileira é um ativo; um relevante ponto de partida para a formulação de posições nas negociações de mudança climática. A participação de energias renováveis na indústria brasileira é de 45%, enquanto a média mundial é de apenas 14%. A meta dos demais países é atingir 20% de fontes renováveis em 2020. Os números do Brasil são fatores positivos para a competitividade e a participação do Brasil nas negociações sobre mudança do clima.

Mudança do clima: uma contribuição da indústria brasileira. Brasília: CNI, 2009. Disponível em: <http://arquivos.portaldaindustria.com.br>. (com adaptações).

29. (INPI – Nível Médio/Superior – Cespe – 2013)

Julgue o item que se segue, relativo à estrutura linguística do texto.

A inserção de uma vírgula logo após o adjetivo “brasileira” (l. 2) não acarretaria prejuízo gramatical ao texto.

Leia o texto a seguir para responder à questão 30.

Talvez o distinto leitor ou a irresistível leitora sejam naturais, caso em que me apresso a esclarecer que nada tenho contra os naturais, antes pelo contrário. Na verdade, alguns dos meus melhores amigos são naturais. Como, por exemplo, o festejadíssimo cineasta patrício Geraldo Sarno, que é baiano e é natural – pois neste mundo as combinações mais loucas são possíveis. Certa feita, estava eu a trabalhar em sua ilustre companhia quando ele me convidou para almoçar (os cineastas, tradicionalmente, têm bastante mais dinheiro do que os escritores; deve ser porque se queixam muito melhor). Aceito o convite, ele me leva a um restaurante que, apesar de simpático, me pareceu um pouco estranho. Por que a maior parte das pessoas comia com ar religioso e contrito? Que prato seria aquele que, olhos revirados para cima, mastigação estoica, e expressão de quem cumpria dever penosíssimo, um casal comia, entre goles de uma substância esverdeada e viscosa que lentamente se decantava — para grande prejuízo de sua já emética aparência — numa jarra suspeitosa? Logo fui esclarecido, quando meu companheiro e anfitrião, os olhos cintilantes e arregalados, me anunciou:

– Surpresa! Vais comer um almoço natural!

João Ubaldo Ribeiro. A vida natural. In: *Arte e ciência de roubar galinha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

30. (CGP/PI – Auditor – Cespe – 2015)

Acerca das ideias e das estruturas linguísticas do texto I, julgue o item a seguir.

No trecho “ ele me leva a um restaurante que, apesar de simpático, me pareceu um pouco estranho” (l. 7), o elemento “ que” introduz oração de natureza restritiva, intercalada por estrutura de valor adverbial.

Leia o texto a seguir para responder à questão 31.

Nenhuma ação educativa pode prescindir de uma reflexão sobre o homem e de uma análise sobre suas condições culturais. Não há educação fora das sociedades humanas e não há homens isolados. O homem é um ser de raízes espaçotemporais. De forma que ele é, na expressão feliz de Marcel, um ser “ situado e temporalizado”. A instrumentação da educação – algo mais que a simples preparação de quadros técnicos para responder às necessidades de desenvolvimento de uma área – depende da harmonia que se consiga entre a vocação ontológica desse “ ser situado e temporalizado” e as condições especiais dessa temporalidade e dessa situacionalidade.

Se a vocação ontológica do homem é a de ser sujeito e não objeto, ele só poderá desenvolvê-la se, refletindo sobre suas condições espaçotemporais, introduzir-se nelas de maneira crítica. Quanto mais for levado a refletir sobre sua situacionalidade, sobre seu enraizamento espaçotemporal, mais “ emergirá” dela conscientemente “ carregado” de compromisso com sua realidade, da qual, porque é sujeito, não deve ser simples espectador, mas na qual deve intervir cada vez mais.

Paulo Freire. *Educação e mudança*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 61 (com adaptações).

31. (MEC – Nível Superior/Médio – Cespe – 2014)

Julgue o item seguinte, referente às ideias e a aspectos linguísticos do texto acima.

No primeiro parágrafo, a substituição dos travessões por parênteses (l. 4 e 5) manteria a correção gramatical e o sentido original do texto.

Leia o texto a seguir para responder à questão 32.

Neste ano, em especial, alguns cargos que tradicionalmente já são valorizados devem ficar ainda mais requisitados. São promissores cargos ligados à ciência de dados, em especial ao *big data* e aos dispositivos móveis, como celulares e *tablets*. Os

novos profissionais da área de tecnologia ganham relevância pela capacidade de aprofundar a análise de informações e pela criação de estratégias dentro de empresas. A tendência é que, à medida que esse mercado se desenvolva no Brasil, aumentem as oportunidades nos próximos anos. Em momentos de incerteza econômica, buscar soluções para aumentar a produtividade é uma escolha certeira para sobreviver e prosperar: nesse sentido, as empresas brasileiras estão fazendo o dever de casa.

Veja, 7/1/2015, p. 55 (com adaptações). Disponível em: <http://ibde.org.br> (com adaptações).

32. (FUB – Nível Médio/Superior – Cespe – 2015)

Com referência aos sentidos e às estruturas do texto acima, julgue o item a seguir.

Preservam-se as relações sintáticas e a correção gramatical entre as orações ao substituir o sinal de dois-pontos (l. 7) por ponto-e-vírgula ou vírgula.

33. (Pref. SP – Agente Gestão P. Públicas – Cespe – Maio/2016 – Adaptada)

Assinale a opção correta a respeito dos aspectos linguísticos e dos sentidos do trecho a seguir: "*Os lixões deverão dar lugar a aterros sanitários, que, se não representam uma solução perfeita, ao menos são locais mais adequados para o depósito dos rejeitos, uma vez que evitam problemas como os citados anteriormente*".

a) A substituição de " dar lugar" por **substituir** preservaria o sentido do trecho.

b) O pronome " que", em " que (...) ao menos são locais mais adequados", refere-se a " aterros sanitários".

c) A supressão da vírgula empregada logo após " sanitários" preservaria o sentido do trecho.

d) O sujeito da forma verbal " representam" é a expressão " Os lixões".

e) Seria preservado o sentido do trecho caso a expressão " ao menos" fosse deslocada para imediatamente após " adequados".

Leia o texto a seguir para responder à questão 34.

Texto IV

A metrópole de São Paulo vem se tornando mais heterogênea econômica, social e espacialmente e menos desigual quanto a renda, inserção no mercado de trabalho e condições de vida de seus habitantes, mesmo nas áreas mais precárias. A imagem emerge dos treze ensaios que compõem o livro **A Metrópole de São Paulo no Século XXI – Espaços, Heterogeneidades e Desigualdades**, os quais abordam temas específicos, a partir de um diagnóstico comum, para construir um panorama atual da região metropolitana. Tal retrato resulta das mudanças de diversas dimensões pelas quais a metrópole passou na última década, do perfil da pobreza às dinâmicas migratórias e ligadas ao crescimento demográfico, dos moldes de segregação social à produção habitacional e à mobilidade urbana.

A fisionomia da metrópole, central na economia do país, reflete a conjuntura de modo especial, segundo o organizador. Assim, tiveram impactos particulares na região metropolitana a redemocratização, na década de 80 do século XX (com a volta das eleições regulares e com a constituição de sistemas nacionais de políticas públicas), estabilização econômica, a abertura do mercado interno da década de 90 e o crescimento econômico vigoroso da primeira década do século XXI.

Disponível em: <www.fflch.usp.br> (com adaptações).

34. (Pref. SP – Agente Gestão P. Públicas – Cespe – Maio/2016)

Seriam mantidos o sentido original e a correção gramatical do texto IV caso fosse suprimida a vírgula empregada logo após:

a) “ demográfico” (L. 7).

b) “ renda” (L. 2).

c) “ comum” (L. 5).

d) “ metrópole” (L. 9).

e) “ redemocratização” (L. 10).

Leia o texto a seguir para responder à questão 35.

Texto CG1A1AAA

Em julho de 1955, Bertrand Russell e Albert Einstein lançaram um inusitado apelo aos povos do mundo, pedindo-lhes que “ pusessem de lado” seus fortes sentimentos a respeito de uma série de questões e se vissem “ exclusivamente como membros de uma espécie biológica que traz consigo uma história extraordinária e cujo desaparecimento ninguém pode desejar”. O dilema com que se defronta o mundo é “ claro, aterrador e incontornável: poremos fim à espécie humana ou a humanidade renunciará à guerra?”.

O mundo não renunciou à guerra. Muito pelo contrário. Hoje, a potência mundial hegemônica se dá o direito de fazer a guerra ao seu arbítrio, segundo uma doutrina de “ autodefesa antecipada” sem limites conhecidos. Com uma postura essencialmente farisaica, os Estados Unidos da América (EUA) são implacáveis na imposição do direito internacional e de tratados e regras da ordem mundial aos outros países, mas rejeitam-nos como irrelevantes quando se trata de si mesmos — uma prática antiga, levada a limites inauditos pelos governos de Reagan e Bush II.

Noam Chomsky. Estados fracassados: o abuso do poder e o ataque à democracia. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009 (com adaptações).

35. (PC-PE – Todos os Cargos – Conhec. Gerais – Cespe – Jun./2016)

No texto CG1A1AAA, o sinal de dois-pontos empregado logo após “ incontornável” (l. 5) introduz

a) uma expressão que o autor desejou realçar.

b) uma enumeração.

c) uma citação.

d) um esclarecimento acerca do que foi enunciado anteriormente no período.

e) uma exemplificação.

Leia o texto a seguir para responder às questão 36 e 37.

Texto IV

Em suas remotas origens helênicas, o termo “ caráter” significou gravar. Empregavam-no, então, tanto para exprimir o sinete como a marca deixada na cera dócil. Essa dupla significação ainda hoje é vernácula – senão corrente – em certas acepções. Na linguagem tipográfica, por exemplo, “ caráter” tanto é o tipo da imprensa como o sinal ou a letra gravada. Assim sendo, podemos dizer que o caráter de um homem não é somente o seu feitio moral, senão também a expressão e a impressão do indivíduo. Em arte, caráter será a personalidade do autor, o aspecto aparente e profundo da obra e o efeito dela. Fixada assim a verdadeira acepção do termo, podemos afirmar que o mérito maior do poema do Sr. Menotti del Picchia é “ o caráter”. Poesia profundamente simples e pessoal, de inspiração larga e sadia, tem a força das obras bem concebidas e a beleza das coisas naturais. Poesia de corpos

simples, poderíamos dizer, pela sobriedade de linhas no sentimento, no pensamento e na expressão. Sente-se que o autor procurou a naturalidade e não a arte, que é o melhor caminho para atingir a esta.

O segredo da arte é a naturalidade sem prejuízo da perfeição.

O Sr. Menotti del Picchia ainda não pôde naturalmente desvendar o segredo da arte. Se no buscar a expressão natural do seu lirismo alcançou a arte, não se despojou ainda das incertezas dessa procura, de certa fraqueza de técnica. Defeitos são todos estes transitórios, quase necessários em quem apenas se inicia.

A essência do livro é excelente.

Indica no autor uma personalidade inconfundível, que procura em si mesmo ou em torno de si os motivos de sua estética. Nem se distingue pela obsessão do isolamento, nem se perde por modelos estranhos. Daí lhe vem a superioridade de caráter individual. Se o caráter do autor provém dessa independência sem esforço, reside o da obra em sua originalidade natural; na conformidade com o meio, em uma perfeita radicação no solo pátrio, na simplicidade da construção e nas perfeitas proporções do ímpeto poético. O próprio desconcerto, em pormenores do poema principal e de outras produções secundárias, concorre para a individualidade desse esplêndido ensaio.

O caráter desse livro se conserva pela ressonância que tem. Não são versos agradáveis, suaves ou elegantes, que com tanto agrado se leem quanto facilmente se esquecem. São versos que lidos – ficam; gravam-se invencivelmente na memória, ora destacados, ora em bloco. A crítica, no julgar e no decompor as obras, não pode desprezar a intuição, se não é principalmente isso. E um dos mais seguros processos de intuição, no distinguir o valor das obras, é esse da permanência das sensações.

Os poemas do Sr. Menotti del Picchia deixam uma funda impressão de sua leitura: não pode haver melhor demonstração do seu " caráter". Quando essa impressão não se limitar aos leitores e aos críticos, e se estender à própria literatura nacional, terá a sua poesia atingido o grau supremo que lhe auguro.

Juca Mulato é um poema simples. Encerra uma lição profunda na singeleza do motivo e da intenção. É certo que a evidência da beleza não pode ser em arte um critério axiomático. Quantas vezes a paciência é o melhor guia da emoção estética? A exegese das sinfonias de Beethoven, como a dos dramas musicais de Wagner, aumenta a nossa receptividade para essa arte de titãs, se bem que a intuição íntima e a explicação individual sejam imprescindíveis.

O poema do Sr. Menotti del Picchia tem a simplicidade e a frescura das criações espontâneas e necessárias, onde o esforço da composição permanece obscuro como deve.

Para lhe realçar a beleza não se sente a crítica compelida a buscar símbolos problemáticos ou filosofias arbitrárias. Sendo o que é – um mal de amor impossível que leva a alma à desesperança, para se resignar depois e ressurgir consolada pela visão da terra amada, da felicidade atingível e do sonho necessário –, comove pelo simples aspecto de suas linhas harmoniosas.

A beleza maior do poema, que é também o seu caráter, está na sua simplicidade radical. O poeta reprimiu voluntariamente as possíveis exuberâncias ou ambições de seu lirismo para ficar dentro do assunto que escolheu. Ganhou com isso um grande poder virtual e marca mais do que se quisesse marcar: a acústica de uma construção humana nunca chega à acuidade de um eco natural.

Juca Mulato é a reconciliação do homem consigo mesmo, do brasileiro com sua terra, do bárbaro com seu isolamento. Reconciliação às vezes impossível, outras ilusória, sempre necessária, raramente realizada. O consolo de Juca Mulato é a indicação do caminho a seguir.

Alceu Amoroso Lima. Um poeta. In: *Estudos literários*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1966, p.133-5 (com adaptações).

(Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Com relação às ideias e às estruturas linguísticas do texto IV, julgue (C ou E) os itens a seguir.

36. A inserção de uma vírgula logo após "impossível", em "um mal de amor impossível que leva a alma à desesperança" (l. 41), obrigaria à interpretação de que todo mal de amor impossível leva a alma a tal consequência.

37. No período "Ganhou com isso (...) um eco natural" (l. 46-47), o sinal de dois-pontos poderia ser substituído por um travessão, sem que o sentido do texto e sua correção gramatical fossem prejudicados.

Leia o texto a seguir para responder à questão 38.

Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador

A medicina do trabalho, enquanto especialidade médica, surge na Inglaterra, na primeira metade do século XIX, com a Revolução Industrial.

Naquele momento, o consumo da força de trabalho, resultante da submissão dos trabalhadores a um processo acelerado e desumano de produção, exigiu uma intervenção, sob pena de tornar inviável a sobrevivência e a reprodução do próprio processo.

Quando Robert Dernham, proprietário de uma fábrica têxtil, preocupado com o fato de que seus operários não dispunham de nenhum cuidado médico a não ser aquele propiciado por instituições filantrópicas, procurou o Dr. Robert Baker, seu médico, pedindo que indicasse qual a maneira pela qual ele, como empresário, poderia resolver tal situação. Baker respondeu-lhe:

"Coloque no interior da sua fábrica o seu próprio médico, que servirá de intermediário entre você, os seus trabalhadores e o público. Deixe-o visitar a fábrica, sala por sala, sempre que existam pessoas trabalhando, de maneira que ele possa verificar o efeito do trabalho sobre as pessoas. E se ele verificar que qualquer dos trabalhadores está sofrendo a influência de causas que possam ser prevenidas, a ele competirá fazer tal prevenção. Dessa forma você poderá dizer: meu médico é a minha defesa, pois a ele dei toda a minha autoridade no que diz respeito à proteção da saúde e das condições físicas dos meus operários; se algum deles vier a sofrer qualquer alteração da saúde, o médico unicamente é que deve ser responsabilizado".

A resposta do empregador foi a de contratar Baker para trabalhar na sua fábrica, surgindo, assim, em 1830, o primeiro serviço de medicina do trabalho.

Na verdade, despontam, na resposta do fundador do primeiro serviço médico de empresa, os elementos básicos da expectativa do capital quanto às finalidades de tais serviços:

– deveriam ser serviços dirigidos por pessoas de inteira confiança do empresário e que se dispusessem a defendê-lo;

– deveriam ser serviços centrados na figura do médico;

– a prevenção dos danos à saúde resultantes dos riscos do trabalho deveria ser tarefa eminentemente médica;

– a responsabilidade pela ocorrência dos problemas de saúde ficava transferida ao médico.

A implantação de serviços baseados nesse modelo rapidamente expandiu-se por outros países, paralelamente ao processo de industrialização e, posteriormente, aos países periféricos, com a transnacionalização da economia. A inexistência ou fragilidade dos sistemas de assistência à saúde, quer como expressão do seguro social, quer diretamente providos pelo Estado, via serviços

de saúde pública, fez com que os serviços médicos de empresa passassem a exercer um papel vicariante, consolidando, ao mesmo tempo, sua vocação enquanto instrumento de criar e manter a dependência do trabalhador (e frequentemente também de seus familiares), ao lado do exercício direto do controle da força de trabalho.

MENDES, R; DIAS, E.C. Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador. *Revista Saúde Pública*, S.Paulo, 25: 341-9, 1991. Disponível em: <https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/2977.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2015. Adaptado.

38. (Basa – Médico do Trabalho – Cesgranrio – Set./2015)

No 6º parágrafo (l. 20), os dois-pontos cumprem o papel de anunciar uma

a) causa

b) distinção

c) enumeração

d) justificativa

e) exemplificação

39. (Liquigás – Administrador Jr. – Cesgranrio – Set./2015 – Adaptada)

Uma reescritura possível para o período "Perguntaram-me uma vez se eu saberia calcular o Brasil daqui a vinte e cinco anos", alterando-se a pontuação, mas preservando-se o seu sentido, está adequadamente apresentada em:

a) Perguntaram-me, uma vez se eu saberia calcular o Brasil, daqui a vinte e cinco anos.

b) Perguntaram-me, uma vez, se eu saberia calcular o Brasil daqui a vinte e cinco anos.

c) Perguntaram-me uma vez, se eu saberia calcular o Brasil, daqui a vinte e cinco anos.

d) Perguntaram-me uma vez se, eu, saberia calcular o Brasil daqui a vinte e cinco anos.

e) Perguntaram-me uma vez se eu saberia calcular o Brasil daqui, a vinte e cinco anos.

40. (Liquigás – Administrador Jr. – Cesgranrio – Set./2015 – Adaptada)

Em "Posso intensamente desejar que o problema mais urgente se resolva: o da fome", os dois-pontos cumprem o papel de introduzir uma

a) enumeração

b) explanação

c) retificação

d) especificação

e) contradição

41. (Petrobras – Advogado Jr. – Cesgranrio – Ago./2015 – Adaptada)

O emprego de duas vírgulas tem, entre outras, a função de isolar expressões que detalham uma informação anterior, como em "o principal traço característico do debate público sobre desenvolvimento, seja em nível local ou global, neste alvorecer do século XXI".

As vírgulas foram utilizadas com a mesma função em:

a) " definem um novo paradigma, o da tecnologia da informação, que expressa a essência da presente transformação tecnológica"

b) " seguem uma lógica técnica e, portanto, neutra e estão fora da interferência de fatores sociais e políticos"

c) " fatores sociais preexistentes como a criatividade, o espírito empreendedor, as condições da pesquisa científica afetam o avanço tecnológico"

d) " identificar o papel que essas novas tecnologias podem desempenhar no processo de desenvolvimento educacional e, isso posto, resolver como utilizá-las"

e) " aceleração do processo em direção à educação para todos, ao longo da vida, com qualidade e garantia de diversidade"

42. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016 – Adaptada)

Do trecho " Meu pai acreditava que todos os anos se devia fazer uma cura de banhos de mar", a única reescritura que emprega adequadamente os sinais de pontuação e não altera seu sentido original é:

a) Meu pai acreditava que, todos os anos, se devia fazer uma cura de banhos de mar.

b) Meu pai acreditava, que todos os anos se devia fazer uma cura de banhos de mar.

c) Meu pai acreditava que todos os anos, se devia fazer uma cura de banhos de mar.

d) Meu pai acreditava que todos os anos se devia fazer, uma cura de banhos de mar.

e) Meu pai, acreditava que todos os anos se devia fazer uma cura de banhos de mar.

43. (ANP – Téc. Reg. Petr&Der – Cesgranrio – Jan./2016)

A vírgula foi utilizada de acordo com a norma-padrão da Língua Portuguesa em:

a) Nos últimos tempos, nota-se que bens de consumo como celulares e computadores, que eram artigos de luxo estão ao alcance do povo, da maioria da população.

b) É importante que, em todos os bairros das grandes e pequenas cidades a internet seja considerada o principal meio de comunicação existente na atualidade.

c) As novas tecnologias da comunicação e da informação, já existem há algum tempo e só nos últimos anos começaram a expandir e influenciar na vida da sociedade.

d) A internet não pode ser considerada uma ferramenta perfeita porque, se não for utilizada corretamente, acarreta consequências prejudiciais às pessoas.

e) O prestígio da internet é tão grande que, se ela desaparecesse muitas pessoas ficariam desempregadas pois empresas seriam fechadas.

44. (Basa – Téc. Bancário – Cesgranrio – Set./2015 – Adaptada)

Os seguintes trechos tiveram sua pontuação alterada.

A alteração que **NÃO** respeita a norma-padrão é:

a) responderia " A primeira alternativa". [...] *responderia*: " *A primeira alternativa*".

b) quando ele perdesse o emprego porque substituíssem o elevador antigo por um moderno, daqueles com música ambiental, diria [...] *quando ele perdesse o emprego porque substituíssem o elevador antigo por um moderno (daqueles com música ambiental) diria*

c) Pode-se imaginar que muitos ascensoristas tenham tentado combater o tédio [...] *Pode-se imaginar, que muitos ascensoristas tenham tentado combater o tédio*

d) Era certamente a mais tediosa das profissões [...] *Era, certamente, a mais tediosa das profissões*

e) Mas, como toda arte tende para o excesso, o ascensorista entediado chegaria fatalmente ao preciosismo.[...] *Mas, como toda arte tende para o excesso, o ascensorista, entediado, chegaria fatalmente ao preciosismo*.

45. (Liquigás –Ass. Adminis. – Cesgranrio – Set./2015)

A vírgula está empregada de acordo com a língua escrita padrão em

a) As agências, bancárias das pequenas comunidades prestam serviços aos moradores.

b) Os moradores poderão agora pagar as suas contas de água de, luz e gás encanado.

c) As lojas da comunidade vendem roupas, alimentos e material de construção mais baratos.

d) As oficinas de capacitação profissional e economia, doméstica melhoraram a vida de todos.

e) Os trabalhadores fizeram empréstimos para construir, casas de alvenaria de dois andares.

46. (IPSMI – Procurador – Vunesp – Abril/2016)

Assinale a alternativa em que a passagem – Quando se conheceram, ele percebeu que não adiantava correr atrás do tempo porque o tempo sempre vai correr mais rápido – está reescrita sem prejuízo de sentido e com a pontuação de acordo com a norma-padrão.

a) Ele percebeu, ao se conhecerem, que não adiantava correr atrás do tempo, pois o tempo sempre vai correr mais rápido.

b) Tão logo se conheceram, ele percebeu que: não adiantava correr atrás do tempo, portanto, o tempo sempre vai correr mais rápido.

c) Ele percebeu que tendo-se conhecido, não adiantava correr atrás do tempo, visto que, o tempo, sempre, vai correr mais rápido.

d) Assim que se conheceram ele percebeu: que não adiantava correr atrás do tempo; entretanto, o tempo sempre vai correr mais rápido.

e) Conhecendo-se ele percebeu que, não adiantava correr atrás do tempo, contanto que o tempo sempre vai correr mais rápido.

Leia o texto a seguir para responder à questão 47.

Vira e mexe alguns *blogs* maternos publicam textos sobre " As vantagens de ser mãe de menina" ou " Por que é bom ser mãe de menino": " meninos não têm frescura", " meninas são mais delicadas", " eles são mais corajosos", " elas são mais choronas" e por aí vai. Leio isso e tenho vontade de gritar por ver estereótipos de gênero tão pesados serem perpetuados sem nenhuma reflexão. Já pensou que seu filho é uma figura única e a infinidade de coisas que pode ser ou sentir não cabe em listas, caixas ou rótulos? Pior: que você definir como ele deve ser ou se comportar dependendo de seu gênero pode ser muito, muito cruel?

Aos meninos são permitidas vivências mais amplas. Eles podem subir muros, escalar os brinquedos do *playground*, enquanto as meninas não, veja bem, vai sujar seu sapato de princesa, filha, vai mostrar sua calcinha, não pega bem, filha, não é assim que

uma menina brinca. E por isso, só por isso, que se perpetua a ideia de que os meninos são mais " aventureiros" e " danados" e as meninas mais " cuidadosas". Fazemos as meninas mais infelizes, isso sim.

Ser menino também pode não ser fácil, principalmente se os pais acreditarem que podem definir o que ele deve sentir ou gostar. Meu filho adorava brincar com os carrinhos de boneca das meninas do *playground* do prédio. Só depois de eu dizer que " tudo bem" as mães ou babás ficavam à vontade em deixá-lo empurrar as bonecas ou carregá-las. Por que tanto receio? O que um menino pode virar depois de brincar de boneca? Um pai carinhoso e dedicado no futuro?

Uma vez, em uma loja de brinquedos, meu filho ficou empolgadíssimo ao ver uma pia que funcionava de verdade, com uma torneirinha de água. E pediu muito para que eu comprasse. As opções de cores deixavam claro para quem o brinquedo era fabricado: só havia pias rosa e lilás. " Esse brinquedo é de menina", alertou a vendedora, cheia de boa vontade, como se eu estivesse me distraído e não percebido o " engano" ao considerar a compra. Eu disse para ela que na minha casa lavar louça é uma atividade unissex, que o pai do meu filho encara muito prato e panela suja e, por isso, brincar de casinha é uma brincadeira de menino sim. Meu filho saiu da loja feliz da vida com seu brinquedo rosa que, aliás, para ele é só uma cor, como outra qualquer. O avô estranhou o presente até eu levá-lo à reflexão: " Quantas pias de louça suja você lavou e lava na sua vida, para manter sua casa em ordem?". E só daí meu pai percebeu o tamanho da bobagem que fazia ao acreditar que lavar louça é uma atividade exclusivamente feminina.

E para quem gosta de listas, proponho uma única: " As vantagens de ser mãe de uma criança feliz". É essa que eu espero estar escrevendo, no dia a dia, ao não determinar como meu filho pode ou não ser.

(Rita Lisauskas, A crueldade de dividir o mundo entre "coisas de menino" e "coisas de meninas". Disponível em: <vida-estilo.estadao.com.br>. Acesso em 10-02-2016. Adaptado)

47. (Unesp – Ass. Administrativo I – Vunesp – Abril/2016)

Observe as expressões colocadas entre aspas:

" As vantagens de ser mãe de menina"/ " Por que é bom ser mãe de menino": " meninos não têm frescura", " meninas são mais delicadas", " eles são mais corajosos", " elas são mais choronas" (1º parágrafo); – " Esse brinquedo é de menina" (4º parágrafo).

É correto afirmar que, no contexto em que estão empregadas, as aspas sinalizam

a) a citação das opiniões da própria autora acerca dos fatos narrados.

b) referências a situações concretas que a autora afirma serem verdadeiras.

c) comentários de pessoas não identificadas, os quais sustentam as opiniões da autora.

d) a intenção de expor ideias compatíveis com as atitudes tomadas pela autora.

e) a expressão de pontos de vista não compartilhados pela autora.

48. (Unesp – Ass. Administrativo I – Vunesp – Abril/2016)

Assinale a alternativa correta quanto ao emprego de vírgulas e à colocação do pronome destacado.

a) Ali, só havia pias rosa e lilás, o que não deixava-nos dúvida de que o brinquedo era fabricado, para meninas.

b) Cheia de boa vontade a vendedora, alertaria-nos que um certo brinquedo, " era de menina".

c) Na minha casa lavar louça, é uma atividade unissex, por isso, conclui-se que brincar de casinha é uma brincadeira de menino

sim.

d) O meu filho, uma vez, em uma loja de brinquedos, empolgou-se ao ver uma pia que funcionava de verdade.

e) Como para o meu filho, rosa é, apenas uma cor, ele saiu da loja feliz da vida com a pia, carregando-a nos braços.

49. (MPE/SP- Analista Técnico Científico – Vunesp – Jul./2016)

Assinale a alternativa em que os sinais de pontuação estão empregados segundo os mesmos princípios da norma-padrão adotados na passagem – com certa diferença na duração do mandato: o dos senadores, mais longo; o dos deputados, mais curto.

a) A separação os fez perder muita coisa: ele, a guarda dos filhos; ela, a casa em que morava com as crianças.

b) Há algo importante a explicar: a perda de clientes, muitos deles inadimplentes; entretanto, ninguém fala nada.

c) Os meios de divulgação são os seguintes: internet, mensagem de celular e jornais; com eles, atingiremos o público.

d) Foi o que disse o funcionário: o carregamento não chegou, ainda; e os pedidos estão se acumulando, mais e mais.

e) Fui reticente, mas agora me explico: meu dinheiro acabou, nada me resta; e meu pai não pode me ajudar, coitado.

50. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Assinale a alternativa correta quanto à pontuação e à regência, de acordo com a norma-padrão.

a) De forma mais lenta, reagem, o emprego e o mercado de crédito, ante a mudança de direção da economia.

b) O emprego e o mercado de crédito, reagem na mudança de direção da economia de forma mais lenta.

c) O emprego e o mercado de crédito reagem, de forma mais lenta, para a mudança de direção da economia.

d) Reagem à mudança de direção da economia, de forma mais lenta, o emprego e o mercado de crédito.

e) Diante a mudança de direção da economia reagem o emprego e o mercado de crédito, de forma mais lenta.

51. (MPE/SP- Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016 – Adaptada)

Na passagem – Casara-se com d. Laura, que [....] era mais inteligente e instruída que ele –, emprega-se a vírgula para indicar uma

a) conversa entre as personagens do conto.

b) conclusão sintetizando as divergências entre as personagens.

c) explicação quanto às qualidades de d. Laura.

d) correção relativa à personalidade de d. Laura.

e) citação contendo o pensamento de Garcia.

Gabarito: 1. b; 2. c; 3. c; 4. d; 5. c; 6. a; 7. b; 8. e; 9. b; 10. c; 11. e; 12. b; 13. d; 14. a; 15. a; 16. d; 17. d; 18. C; 19. C; 20. E; 21. E; 22. C; 23. C; 24. E; 25. C; 26. C; 27. C; 28. C; 29. E; 30. C; 31. C; 32. C; 33. e; 34. a; 35. c; 36. C; 37. C; 38. c; 39. b; 40. d; 41. a; 42. a; 43. d; 44. c; 45. c; 46. a; 47. e; 48. d; 49. a; 50. d; 51. c.

Agora que chegamos ao final deste capítulo tão importante, vamos resumir? A seguir, um resumo sobre o uso das vírgulas.

20.5. RESUMO

USO DA VÍRGULA – REGRAS PRÁTICAS:

- Emprega-se a vírgula para isolar vocativo. (“João, entre já!”)
- Emprega-se a vírgula para isolar aposto. (“João, o professor, chegou”)
- Usa-se a vírgula para separar elementos de mesma função sintática (enumerações). (“Comprou banana, uva, pera e maçã”)
- Separa-se na data o nome do lugar e para indicar supressão de uma palavra. (“Brasília, 30 de dezembro de 2010”/”João comprou as bebidas; Maria, o jantar”).
- Separa as orações coordenadas assindéticas. (“Acordou, banhou-se e foi ao trabalho”).
- Usa-se a vírgula para separar orações coordenadas sindéticas. As conjunções adversativas (mas, porém, contudo, todavia,...) e conclusivas (logo, portanto, por conseguinte,...), se deslocadas, devem ficar entre vírgulas. (“João chegou tarde, porém saiu cedo.”/ “João chegou tarde; saiu, porém, cedo.”)

Obs.: Quando a conjunção **e** unir sujeitos diferentes ou se apresentar com valor adversativo: vírgulas facultativas. (“João saiu cedo, e Maria chegou em seguida”/”João estudou, e não passou”) Caso una orações com sujeitos iguais, vírgula proibida (“João chegou e ligou para sua mãe”).

- O uso da vírgula é facultativo nos advérbios e locuções deslocados. (“Ontem, meu tio veio, com a família, me visitar” ou “Ontem meu tio veio com a família me visitar”)
- As expressões deslocadas na frase (isto é, ou melhor, digo, aliás, por exemplo,...) devem vir separadas por vírgulas. (“Meu pai, ou melhor, meu irmão chegou”)
- A vírgula é usada para separar as orações adverbiais deslocadas (“Se chegar cedo, ligue-me”) e as orações adjetivas explicativas (“O homem, que é um ser mortal, tem alma imortal”).

21 AS PALAVRAS QUE E SE

21.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

21.1.1. A palavra que

Todos sabemos como é difícil classificar essa palavra... Isso acontece porque ela pode ter muitas classificações, na verdade, é um resumo de tudo o que você estudou...

Uma boa maneira de estudar essa palavra é entendendo de fato cada classificação. Sem decoreba... Você vai perceber que todas estas classificações fazem sentido, tudo tem uma lógica. Assim, fica bem mais fácil.

Vamos lá então? Primeiro, vamos ver tudo o que o QUE pode ser...

1. Pronome

Quando substitui ou determina um substantivo.

a) Indefinido – tem um sentido vago.

Que felicidade!

Que diferença de preço!

b) Interrogativo – aparece em orações interrogativas.

Que professor me substituirá? (interrogativa direta)

Não sei que professor me substituirá. (interrogativa indireta)

c) Relativo – retoma um antecedente, evitando sua repetição.

"Eu preparo uma canção que faça acordar os homens e adormecer as crianças." (Carlos Drummond de Andrade)

2. Preposição

Quando equivale à preposição de. Aparece no meio de uma locução verbal.

"A gente não tem que fazer tudo o que a gente tem que fazer."

3. Interjeição

Aparece em construções que denotam admiração, espanto.

Quê! Ela te contou isso?

4. Advérbio

Modifica um adjetivo ou um advérbio, denotando intensidade.

Que simpático é Guilherme!

5. Conjunção

É um conectivo que dá início às orações coordenadas (conjunções coordenativas) ou às subordinadas (conjunções subordinativas).

Coordenativa

• Aditiva: Grita que grita.

• Explicativa: Vá dormir, que já é tarde.

Algumas gramáticas dão exemplos ainda do que como alternativo e adversativo.

Subordinativa

• Integrante – dá início às orações substantivas.

“A crise mostra que a velha esquerda não tem programa.”

– consecutiva: Estava tão emocionado que chorava a cada homenagem que recebia.

• Adverbial (dá início – comparativa: Esforçava-se mais que o irmão.

às orações adverbiais) – concessiva: Que trouxesse o presente mais caro, não o perdoaria

– causal: Chegarei tarde, que tenho trabalho a fazer.

– final: Emprestei-lhe o casaco que não sentisse frio.

Há também registros do que como temporal e condicional.

6. Partícula expletiva ou de realce

Serve para dar expressividade ao que se quer enunciar. Pode ser retirada da frase, sem prejuízo sintático ou semântico.

Quase que caí da árvore.

Nós é que chegamos primeiro. (expressão de realce é que)

7. Substantivo

Quando vem determinado (geralmente por artigo ou pronome). Sempre acentuado.

Este quê tem a função de sujeito.

21.1.2. A palavra se

Agora vamos ao SE?

1. **Pronome reflexivo**

Quando equivale a a si mesmo.

Pedi a ela que se afastasse da cadeira.

2. **Pronome recíproco**

Quando equivale a um ao outro.

Os amigos se abraçaram na despedida.

3. **Pronome apassivador**

Partícula que se liga ao verbo para tornar o sujeito paciente. Esse verbo será transitivo direto ou transitivo direto e indireto. A frase pode ser transformada em voz passiva analítica.

Nunca se viram tantos suicídios. (= Tantos suicídios nunca foram vistos.)

4. **Índice de indeterminação do sujeito**

Sua função é tornar o sujeito indeterminado. O verbo, em geral, não será transitivo direto.

Trabalha-se muito naquela seção.

5. **Parte integrante do verbo**

Aparece nos verbos pronominais.

Queixavam-se da vida sem razão.

6. **Conjunção**

Estabelece ligação entre duas orações.

a) Conjunção subordinativa integrante – dá início à oração subordinada substantiva.

Perguntei se precisavam de ajuda.

b) Conjunção subordinativa condicional – dá início à oração subordinada adverbial condicional.

Se quiseres, voltarei mais tarde.

c) conjunção subordinativa causal – dá início à oração subordinada adverbial causal.

Se você depende desse emprego, não arrume confusão. (= já que)

d) Conjunção subordinativa concessiva – dá início à oração adverbial concessiva.

Se o acesso à escola melhorou muito, a qualidade de ensino tem se mostrado aquém do esperado.

Há também registros do se como comparativo.

7. **Substantivo**

Quando vem determinado por artigo ou pronome.

O sê desta frase é uma conjunção.

8. **Partícula expletiva (ou de realce)**

Pode ser retirado da frase sem prejuízo semântico. Não há alteração na estruturação sintática da frase.

Foi-se embora de manhã.

Próximo passo: classificar os "quês" e os "sês" em textos. Quem sabe de fato, consegue classificar nos textos... Então, teste seus conhecimentos!

21.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Classifique o *que* e o *se* dos textos a seguir.

Texto I

Defendo a ideia de que deveria haver porte de celular como há porte de arma, e não só para evitar – está bem, dificultar um pouco – que caia na mão dos bandidos. Acho que o celular se juntará ao cigarro como um divisor da Humanidade. Com o cigarro pegamos o câncer dos outros, com o celular somos atacados pela intimidade dos outros, sem qualquer possibilidade de defesa. Você fica indeciso entre dois impulsos, o de sair de perto para não ouvir mais detalhes sobre o furúnculo da Adalgisa e chegar mais perto para ouvir os dois lados da conversa e ter, pelo menos, o consolo da bisbilhotice total. Em geral não pode fazer nem uma coisa nem outra. Fica ali, semi-imerso na vida de outro e fingindo ser surdo. Um agravante é que as pessoas parecem adquirir, junto com o celular, uma desinibição de penitentes. Dizem tudo com furor confessional e para serem ouvidas no céu. Cresce uma rejeição ao celular parecida com a que o cigarro provoca nos não fumantes e logo haverá a segregação, setores só para os com-celular e avisos oficiais que o celular pode causar problemas de saúde para quem usa, com a defenestração. Mas desconfio que, do jeito que vai, nós, os sem-celular, é que acabaremos discriminados, reunidos em pequenos oásis de silêncio e recato enquanto todos à nossa volta se comunicam o tempo todo sem parar.

Luís Fernando Veríssimo

que (l.1) _____

1º que (l.2) _____

2º que (l.2) _____

que (l.8) _____

que (l.10) _____

que (l.12) _____

1º que (l.13) _____

2º que (l.13) _____

Texto II

Costuma-se ouvir que as universidades públicas estão sendo "sucateadas". Trata-se de uma comprovação cabal da injunção de Goebbels de que uma mentira repetida à exaustão torna-se verdade.

1º se (l.1) _____

2º se (l.1) _____

se (l.2) _____

Texto III

Nas cidades brasileiras, o comum é aumentar os espaços de circulação dos carros. Diminuem-se as calçadas. Constroem-se viadutos, túneis e passagens de nível para seu uso exclusivo. Na Paris de Delanoë, trabalha-se no sentido contrário. Corredores de ônibus, ciclovias, calçadões para pedestres e reservas para novas áreas verdes formam uma combinação que avança com ímpeto sobre os espaços onde antes o carro reinava.

se (l.1) _____

se (l.2) _____

se (l.3) _____

que (l.4) _____

Texto IV

Ignorância e preconceito

Lya Luft

(…) O preconceito, doença que turva nosso olhar e entorta nossa alma, que nos diminui e nos emburrece, é uma das enfermidades mais sérias deste nosso mundo. E, atenção, não falo apenas do preconceito contra deficientes nem do preconceito contra muçulmanos, cristãos, negros, índios ou brancos. Não me refiro apenas ao preconceito contra pobres ou ricos, mas também ao lamentável preconceito contra a classe média. Contra isso que os promotores do ódio de classes chamam indiscriminadamente "as elites". Que incluem bancários, professores, auxiliares de escritório, motoristas, domésticas, balconistas, trabalhadores em geral. Isto é, os que não dependem totalmente da ajuda dos governos.

Essa postura criminosa tanto perturba a mente das pessoas que numa manifestação de parentes de vítimas dos dois acidentes aéreos recentes, que envergonham este país, houve quem gritasse que aquela era uma manifestação "da elite". Tal intervenção, movida pelo ódio insensato e nascida da brutalidade, mostra que estamos seguindo um caminho muito perigoso. Estamos chegando a um ponto em que os que perderam mãe, pai, filho, marido ou esposa, por não serem realmente pobres, não têm direito nem de sofrer.

Quem sabe acabaremos como uma sociedade em que bancários, médicos, professores, balconistas, operários devem se esconder de vergonha por não pedir esmola na rua ou não viver de doações públicas? Alguém começa a acreditar que a classe média hoje tachada de "elite", os que com seu trabalho conseguem comer, morar, estudar, é exploradora e quer a desgraça dos demais? Se for assim, estamos tragicamente desorientados por aqui, confundindo perigosamente as coisas. Há no ar um tipo de estímulo a esse ódio de classes destrutivo e antidemocrático. Que censura até os que, às vezes com incalculável sacrifício, entram numa universidade, fazem seu mestrado, quem sabe seu doutorado no exterior – com bolsa de estudos, sim, porque com isso ajudam grandemente a melhorar as condições de vida dos mais desprotegidos em nosso país.

Se permitirmos que essa doença maligna – o preconceito, pai do ódio e filho da ignorância – nos domine, seremos em breve o mais atrasado no círculo dos povos atrasados, uma manada confusa obedecendo a qualquer chibata ideológica.

1º que (l.1) _____

2º que (l.1) _____

que (l.5) _____

Que (l.6) _____

que (l.7) _____

que (l.9) _____

que (l.10) _____

que (l.11) _____

que (l.12) _____

1º que (l.13) _____

2º que (l.13) _____

que (l.15) _____

se (l.16) _____

1º que (l.17) _____

2º que (l.17) _____

Se (l.19) _____

Que (l.20) _____

que (l.21) _____

Se (l.24) _____

Gabarito: Texto I – conjunção integrante; conjunção integrante; conjunção integrante; conjunção integrante; pronome relativo; conjunção integrante (Inicia oração subordinada substantiva completiva nominal. O uso da preposição "de" é facultativo.); conjunção integrante (Inicia oração subordinada substantiva objetiva indireta. Quando o objeto indireto aparece sob forma de oração, o uso da preposição é facultativo.); palavra de realce (= expletiva). A expressão de realce na linha 14 é "é que".

Texto II – pronome apassivador; índice de indeterminação do sujeito; parte integrante do verbo.

Texto III – pronome apassivador; pronome apassivador; índice de indeterminação do sujeito; pronome relativo.

Texto IV – pronome relativo; pronome relativo; pronome relativo; pronome relativo; pronome relativo; conjunção subordinada adverbial consecutiva; pronome relativo; conjunção integrante; conjunção integrante; pronome relativo; pronome relativo; pronome relativo; pronome reflexivo; conjunção integrante; pronome relativo; conjunção adverbial condicional; pronome relativo; pronome relativo; conjunção adverbial condicional.

21.3. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (Eletrobras/Eletrosul – Téc. Seg. Trab. – FCC – Jun./2016 – Adaptada)

Considere os seguintes trechos:

I. *E foi exatamente por causa da temperatura que foi construída em Abu Dhabi uma das maiores usinas de energia solar do mundo.*

II. *Não vão substituir o petróleo, que eles têm de sobra por mais 100 anos pelo menos.*

III. *Um traçado urbanístico ousado, que deixa os carros de fora.*

IV. *As ruas são bem estreitas para que um prédio faça sombra no outro.*

O termo "que" é pronome e pode ser substituído por "o qual" APENAS em

a) I e II.

b) II e III.

c) I, II e IV.

d) I e IV.

e) III e IV.

2. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

"É assim mesmo que está, e é irritante, o ser humano está em um estado de nervos que ele não está mais se controlando...”; a frase abaixo em que as duas ocorrências do vocábulo QUE pertencem à mesma classe gramatical é:

a) "Alma grande é aquela que percebe que o cachorro está com fome e lhe dá de beber" (La Serna);

b) "O arqueiro que ultrapassa o alvo falha tanto como aquele que não o alcança" (Montaigne);

c) "Mas a ambição do homem é tão grande que, para satisfazer uma vontade presente, não pensa no mal que dentro em breve daí

pode resultar" (Maquiavel);

d) " Não há encosta, por mais íngreme que seja, que duas pessoas juntas não possam galgar" (Ibsen);

e) " As pessoas vaidosas dizem o que pensam para os outros pensarem que elas sabem mais" (Nouailles).

3. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016 – Adaptada)

" As vítimas se contam às dezenas e incluem músicos, jornalistas, carteiros etc".

Nesse segmento, o vocábulo SE apresenta a função de partícula apassivadora; a frase abaixo em que as duas ocorrências desse vocábulo exercem essa mesma função é:

a) " Para o homem só há três acontecimentos: nascer, viver e morrer. Ele não se sente nascer, sofre morrendo e se esquece de viver" (La Bruyère);

b) " O açúcar seria caro demais se não se fizesse cultivar a planta que o produz por escravos" (Montesquieu);

c) " E se Adão não tivesse resistido àquela operação nas costelas a que tão prematuramente se submeteu?" (Eno T. Wanke);

d) " O amor é uma arte que nunca se aprende e sempre se sabe" (Galdós);

e) " Não ensines a teu aluno toda a tua ciência. Quem sabe se ele amanhã não se tornará o teu inimigo"? (Saadi).

4. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016 – Adaptada)

" No outro polo, verifica-se um crescimento da autossegregação..."; a função do pronome SE, nesse segmento, se repete na seguinte frase:

a) " Os abusos, como os dentes, nunca se arrancam sem dores" (Marquês de Maricá);

b) " O aborto é perigoso, porque, se fracassa, pode produzir uma criança" (Sofocleto);

c) " Meu desejo sincero seria que nossa Academia Brasileira não se esquecesse tanto de que é também de... letras" (Afonso Arinos);

d) " Envergonhar-nos-íamos frequentemente de nossas ações mais belas se o mundo visse os motivos que as produzem" (La Rochefoucauld);

e) " Ao lermos os grandes autores, temos a impressão de que todos se conheceram uns aos outros" (Elias Canetti).

Gabarito: 1. b; 2. b; 3. d; 4. a.

21.4. RESUMO

Vamos às dicas finais?

A palavra que

O **QUE** que retoma um substantivo é pronome relativo. Nesse caso, pode ser substituído por outro relativo.

Atenção à palavra de realce QUE. Pode vir sozinha ou pode compor a expressão " é que".

Há duas formas de se interrogar: direta e indiretamente.

Nem todo QUE que inicia oração substantiva é conjunção integrante. Se estiver se referindo a um substantivo, será pronome.

A palavra se

Diante de um SE, primeiro pergunte se ele é pronome apassivador.

Caso não seja pronome apassivador, verifique se ele é pronome indeterminador do sujeito.

Não pergunte de imediato se ele é palavra de realce: você sempre vai achar que é.

Memorize os verbos pronominais que mais aparecem nas provas de concursos públicos: nesses casos, o SE será parte integrante do verbo.

22 FIGURAS DE LINGUAGEM

As figuras de linguagem são divididas em três tipos, que serão estudados neste capítulo: figuras de palavras; figuras de sintaxe; e figuras de pensamento.

22.1. TEORIA SUCINTA

22.1.1. Figuras de palavras

1. **Metáfora**: emprego de palavra fora do seu sentido normal, por analogia.

   Ex.: A Amazônia é o pulmão do mundo.

   Na sua mente povoa só maldade.

   Obs.: quando há um confronto direto, temos o **Símile** ou **Comparação** (caracterizada pela presença de conjunções comparativas – *como, tal qual, assim como* ...).

   Ex.: Ele é rápido como a lebre.

2. **Sinestesia**: quando se cruzam sensações diferentes.

   Ex.: Doce esperança. (paladar *x* sentimento)

3. **Catacrese**: emprego impróprio de uma palavra, por não se dispor de palavra própria para designar certas ações.

   Ex.: Embarcar num trem. (trem não é barco)

   "Enterrar uma agulha na pele." (pele não é terra)

4. **Metonímia**: substituição de um nome por outro em virtude de uma semelhança (autor pela obra, concreto pelo abstrato, continente pelo conteúdo, causa pelo efeito e vice-versa...).

   Ex.: A juventude (= jovens) brasileira.

   Ler Machado de Assis.

22.1.2. Figuras de sintaxe

1. **Hipérbato** (= inversão): alteração da ordem direta dos termos.

   Ex.: Morreu o presidente.

   Obs.: quando há anteposição de um termo preposicionado, temos a **anástrofe.**

   Ex.: Tão bela dos seus anos na flor. (Tão bela na flor dos seus anos.)

2. **Pleonasmo**: repetição de significação do vocábulo ou termos oracionais com finalidade expressiva.

   Ex.: Ver com os próprios olhos.

   A mim ninguém me engana.

3. **Anacoluto**: quebra de estruturação sintática.

   Ex.: O meu cunhado, você se entende com ele.

   A expressão *O meu cunhado* não exerce nenhuma função sintática na frase.

4. **Elipse**: omissão de um termo facilmente subentendido.

   Ex.: Na praça, crianças brincando. (havia)

   Obs.: **Zeugma** é um tipo de elipse. Consiste na supressão de um termo já expresso anteriormente.

   Ex.: Alguns estudam, outros não. (estudam)

5. **Silepse**: concordância ideológica.

   Ex.: **V. Exª** é compreensiv**o**. (silepse de gênero)

   Todos fomos à festa. (silepse de pessoa)

6. **Hipálage**: aplica-se a um substantivo um adjetivo que corresponde a outro substantivo.

   Ex.: Maria fumava um cigarro lânguido. (Quem estava lânguida – sensual – era Maria, e não o cigarro.)

7. **Quiasmo**: os elementos se cruzam em X.

   Ex.: "No meio do caminho tinha uma pedra

   Tinha uma pedra no meio do caminho."

8. **Anáfora**: repetição de palavra no início de cada membro da frase.

   Ex.: Tudo era silencioso, tudo nebuloso, tudo confuso.

22.1.3. Figuras de pensamento

1. **Antítese**: oposição entre duas palavras ou pensamentos.

   Ex.: Não há no mundo alegria sem sobressalto, riqueza sem miséria.

2. **Enálage:** uso de um tempo verbal no lugar de outro.

   Ex.: Você me emprestaria a sua caneta? (Uso, por polidez, do futuro do pretérito em lugar do presente – empresta.)

3. **Oxímoro**: os vocábulos opostos formam um paradoxo (ideias aparentemente contraditórias).

Ex.: Viver só na multidão.

4. **Hipérbole**: exagero na mensagem.

   Ex.: Repetir um milhão de vezes.

5. **Eufemismo**: emprego de palavras ou expressões agradáveis em substituição às que têm sentido desagradável.

   Ex.: Faltou com a verdade. (=mentir)

   Deu o último suspiro. (= morrer)

6. **Ironia**: declarar o oposto do que se pensa.

   Ex.: Era fino como um hipopótamo.

7. **Prosopopeia** (= personificação): atribuição de ações ou qualidades humanas a seres inanimados.

   Ex.: "Os pinheiros pensavam coisas longas..."

22.2. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (Vunesp) "Na laranja e na couve

picada – as cores brasileiras

da feijoada. (...)" (Luiz Bacellar)

No excerto acima, ocorre a figura de sintaxe a que se denomina:

a) zeugma.

b) pleonasmo.

c) anáfora.

d) elipse.

e) anacoluto.

2. (Banco do Brasil) Na oração "Por sua cabeça passam **mil e uma** questões", o numeral tem seu sentido original modificado, pois uma quantidade certa está empregada para expressar uma indeterminação exagerada. Recorde-se, agora, de que a exageração de uma ideia dá origem a uma conhecida figura de linguagem. Assinale a alternativa em que se utiliza tal figura:

a) Lemos Machado de Assis nas aulas de literatura brasileira.

b) Por estar com sede, bebeu três copos.

c) Eu, parece-me que vou mal.

d) A liberdade concedida não deixa de ser uma forma de prisão.

e) A cidade amanheceu debaixo d'água.

3. (Vunesp) Em "Rios te correrão dos olhos, se chorares." (Olavo Bilac), identifica-se a figura de linguagem:

a) hipérbato.

b) hipérbole.

c) eufemismo.

d) metonímia.

e) paradoxo.

4. (NCE-UFRJ) Ao estabelecer uma comparação entre a ação da águia e a dos homens, o texto compõe uma:

a) anástrofe.

b) metáfora.

c) hipérbole.

d) metonímia.

e) silepse.

5. (Cesgranrio) "Sofreu inutilmente por mais dois dias antes de tocar de novo o acorde final", no fragmento ocorre um(a):

a) personificação.

b) onomatopeia.

c) eufemismo.

d) comparação.

e) metonímia.

6. (Cesgranrio) A propósito do emprego da linguagem figurada presente no poema de Vinícius de Moraes, é correto afirmar que, nos versos "Sendo a sua liberdade/Era a sua escravidão", há:

a) antítese.

b) comparação.

c) eufemismo.

d) metáfora.

e) metonímia.

7. (Cesgranrio) "Nike renova com a CBF até 2018."

Sem alarde, a Nike renovou seu contrato com a CBF até 2018.

(Revista Veja)

Podemos afirmar que nesse trecho há uma figura de linguagem conhecida como:

a) metonímia.

b) hipérbole.

c) metáfora.

d) hipérbato.

e) comparação.

8. (Cesgranrio) No trecho "A obra-prima da agressão sonora são uns automóveis cujos porta-malas se abrem revelando uma bateria de alto-falantes, terrível usina de decibéis.", observa-se um exagero do articulista, o qual se justifica pela sua indignação ao que está expondo. A esse recurso estilístico denomina-se:

a) antítese.

b) eufemismo.

c) metonímia.

d) hipérbole.

e) personificação.

9. (Cesgranrio) "Mas a **mim** é que não **me** escardincham (...)"

Há entre os vocábulos grifados uma relação:

a) pleonástica.

b) irônica.

c) metafórica.

d) antitética.

e) eufemística.

Gabarito: 1. d; 2. e; 3. b; 4. b; 5. c; 6. a; 7. a; 8. d; 9. a.

Parte IV

Interpretação de textos

23 TIPOLOGIA TEXTUAL

23.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

23.1.1. Os modos e os tipos de texto

Não se pode falar em compreensão e intelecção textual sem que se aprenda a diferenciar os modos de texto. Ao aprender a classificar um texto, o aluno não só se prepara para as questões que versam sobre tipologia textual, como também estabelece o primeiro contato com o seu objeto de estudo.

Podemos destacar quatro maneiras de organizar um discurso: por meio da **narração**, **descrição**, **dissertação** e **argumentação**. Muitas vezes, é importante ressaltar, utilizamo-nos de mais de um recurso na elaboração de um único texto.

23.1.2. A narração

É a modalidade de texto que se relaciona com objetos do mundo real. Na narração, o objetivo do autor é contar um fato, relatar acontecimentos, reais ou imaginários.

23.1.2.1. As modalidades da narração

O texto narrativo apresenta-se em diversas modalidades; entre as principais, pode-se citar:

1. **Romance:** narrativa longa que não se compõe apenas de uma trama – além do núcleo principal, outras tramas se desenrolam em paralelo. É composição que pode vir escrita em prosa ou em verso.
2. **Crônica:** é o relato de acontecimentos do quotidiano, do nosso dia a dia, que se desenrolam em uma sucessão cronológica. Reflete a vida social, a política, os costumes de uma época.
3. **Conto:** narrativa curta e concisa que se desenvolve em torno de um único núcleo. Pode ter características reais ou ser apenas fruto da imaginação do autor.
4. **Fábula:** uma espécie de conto, em forma de prosa ou verso. Tem como objetivo uma lição de aprendizado, o ensinamento de uma moral. Utiliza-se de personagens animais, mas com características humanas.
5. **Anedota:** narrativa que tem como objetivo provocar humor. É breve e pode se apresentar também na linguagem oral.
6. **Lenda:** história fictícia que se utiliza de lugares ou personagens reais. Mistura realidade e fantasia. Seu registro escrito normalmente é precedido de uma tradição oral.

7. **Parábola:** narrativa alegórica. Texto cujo objetivo é veicular uma mensagem, um ensinamento, por meio de uma comparação ou analogia. É a versão da fábula com personagens humanas.

23.1.2.2. Os elementos da narração

No texto narrativo, não se deve deixar de lado a análise do aspecto temporal: os acontecimentos se sucedem na linha cronológica, existindo, portanto, uma relação de anterioridade e posterioridade, que acabam por compor uma história que nos é contada por um narrador. Tem-se assim a composição de três elementos:

AÇÕES X PERSONAGENS X NARRADOR.

23.1.2.2.1. As ações

As ações são relatadas numa narrativa obedecendo à seguinte ordenação:

1. **Introdução**

Apresenta a ideia-núcleo ou ideia principal, podendo surgir ideias secundárias. Representa um estado de harmonia inicial, de equilíbrio.

Ex. 1: Texto 1

"O índio da Transamazônica todo dia passava pelas obras, com um menino nas mãos e um livro debaixo do braço."

2. **Desenvolvimento**

O fato narrativo propriamente dito (uma série de ações que levam os personagens a sofrerem diversas transformações). No desenvolvimento, observamos o enredo da história, a ocorrência da desarmonia. No desenrolar de uma narrativa, o(s) personagem(ns), em busca de soluções para a carência apresentada na introdução, passa(m) por uma série de transformações, que culminarão em um resultado final. Há nesse momento do texto, portanto, um conflito, um ponto extremo de tensão, que só será solucionado no desfecho da narração.

Exemplo: continuação Texto 1

"Um dia, o engenheiro perguntou a ele:

– *Onde vai com estes livros?*

– *Pra escola!*

O engenheiro ficou maravilhado!

– *Que coisa edificante ver um índio brasileiro levar uma criança para a escola.*

– *Não é criança, não. Quem vai à escola é índio mesmo*!"

Importante ressaltar que, no gênero narrativo, ao relatar as ações através de uma evolução cronológica, faz-se necessário o uso de verbos de ação que encadeiam os fatos ("A mulher foi passear na capital. Após um tempo, o marido dela recebeu um telegrama.") e de conectivos temporais, que organizam os fatos da narrativa, situando-os uns em relação aos outros. ("O crime ocorreu no domingo. Dias depois, os jornais já noticiavam.")

3. **Conclusão**

A conclusão pode ser ideia sucinta do fato narrado, um comentário pessoal do autor ou uma simples generalização. Representa também a resolução da carência, isto é, um resultado, sob a forma de uma melhora, de uma permanência ou de uma degradação do estado inicial. É o desfecho do texto, que tanto pode ser a volta ao equilíbrio inicial como o aparecimento de uma nova, uma outra situação de equilíbrio não apresentada no início do texto.

Ex.: fechamento Texto 1

– Ah... que empolgante – falou o engenheiro. Aí, deu uma paradinha, uma pensadinha e perguntou: – E o menino?

– Ah! – falou o índio – menino é merenda!"

23.1.2.2.2. Os personagens

Os personagens são elementos fundamentais na narrativa, possuindo cada um o seu papel para a evolução da história. Interessante observar que o vocábulo "personagem" se origina do grego (persona = máscara): é por meio dos personagens que o autor transmite as mensagens que deseja.

Há os personagens principais – o antagonista e o protagonista – e os secundários – constrói-se entre eles uma hierarquia de valor.

23.1.2.2.3. O narrador

O narrador é o organizador da história contada, podendo ser o próprio autor do texto narrativo ou até mesmo um personagem criado pelo autor. Contando a história para o leitor, ele poderá interferir no texto através de pronomes ("nós podemos concluir o que ela poderia estar pensando..."), do uso do presente genérico ("sabíamos que ele poderia não estar dizendo a verdade"), comentários sobre o fato narrado ("descrevendo-a desta maneira, é fácil imaginar por que ele a amava") ou até interpelando diretamente o leitor ("Preste atenção, minha cara leitora, a este artista que temos"). Podemos ainda caracterizar o narrador como o de primeira ("Já contei algumas vezes esta história") ou de terceira pessoa ("A mulher estendeu-lhe a mão e sorriu").

De uma forma prática, teríamos:

a) ***Narrador personagem****: é aquele que conta a história e dela participa. A história é contada em* 1ª *pessoa.*

Ex.: "Percebi que minha avó não me olhava. A princípio, achei inexplicável ela fizesse isso, pois costumava fitar-me, longamente, com uma ternura que incomodava. Tive raiva do que me parecia um capricho e, como represália, fui para a cama."

b) ***Narrador observador**: caracteriza-se como o narrador que relata acontecimentos na qualidade de alguém que observa e transmite suas impressões ao leitor. Conta-se a história em 3ª pessoa.*

Ex.: "O menino pisou com o calcanhar a procissão de formigas atarantadas. Só então percebeu que lhe escorria do joelho esfolado um filete de sangue."

c) ***Narrador onisciente**: é aquele que não só observa os acontecimentos, mas também sabe tudo sobre os personagens, inclusive seus sentimentos e pensamentos. A narração se desenrola em 3ª pessoa, mas muitas vezes a fala do narrador se mistura às dos personagens, o que caracteriza o discurso indireto livre.*

Ex.: "No fundo, Ana sempre tivera necessidade de sentir a raiz firme das coisas. E isso um lar lhe dera. Por caminhos tortos, viera a cair num destino de mulher, com a surpresa de nele caber como se o tivesse inventado. O homem com quem casara era verdadeiro, os filhos que tivera eram filhos verdadeiros. Sua juventude anterior parecia-lhe estranha como uma doença de vida."

23.1.2.2.4. O narrador e os tipos de discurso

No texto narrativo, os personagens dialogam entre si, manifestando, assim, o seu discurso. Cabe ao narrador a reprodução desses discursos ao longo da narração. Assim, podemos citar três formas de reprodução do discurso alheio – **discurso direto, discurso indireto** e **discurso indireto livre**. A seguir, a análise de cada um deles:

Discurso direto

Nesse caso, o narrador reproduz as falas dos personagens por meio das próprias palavras deles. A reprodução do discurso ocorre como se o leitor ouvisse literalmente o que os personagens disseram.

Algumas marcas linguísticas são evidenciadas: uso dos dois pontos e travessão; aparecimento de verbos que anunciam a fala do personagem

("disse", "falou"...) – são os chamados verbos de elocução ou verbos dicendi e a presença de palavras que se vinculam à situação de produção textual em que se proferiu o discurso.

Ex.: "– O rio já encheu mais? – perguntou a *mãe*.

– Chi, ta um mar d'água! Qué vê, espia, – apontou o menino com o dedo para fora do rancho."

Discurso indireto

Nesse tipo de discurso, o narrador reproduz as palavras dos personagens sem priorizar sua forma linguística e sim seu conteúdo. Aqui, o que se pretende não é reproduzir literalmente o que o personagem falou, mas reescrever tal fala por

meio das palavras do narrador.

As marcas linguísticas desse tipo de discurso incluem também verbos que reproduzem as falas dos personagens ("dizer", "afirmar", "perguntar", "responder" etc.); a fala do narrador não é isolada por sinal de pontuação, mas por partículas introdutórias (normalmente, as conjunções integrantes que e se); os pronomes, os verbos e outros vocábulos da fala do personagem são substituídos por outros que se vinculem ao tempo em que se situa o narrador.

Ex.: "Assim que a encontrei, perguntei se nós poderíamos nos encontrar naquela noite."

Discurso indireto livre

Essa é a forma mais sutil de se reproduzir a fala de um personagem – não *há* indicadores muito evidentes de limites entre a fala do narrador e a fala do personagem. Nesse caso, é preciso que o leitor pressuponha que aquelas palavras não pertencem ao narrador e sim a um personagem da narrativa. É o discurso que aproxima ambos, dando-nos a impressão de que falam em uma só voz.

Ex.: "Toda a fascinação da vida o golpeou, uma tão profunda delícia e gosto de viver, uma tão ardente e comovida saudade, que retesou os músculos do corpo, esticou as pernas, sentiu um leve ardor nos olhos. Não quero morrer!"

Transposição do discurso direto para o indireto

Discurso direto	Discurso indireto
→ pronomes e flexão verbal em 1ª ou 2ª pessoa: – Quero dormir – disse a menina.	→ pronomes e flexão verbal em 3ª pessoa: A menina disse que queria dormir.
→ Tempos verbais (ordenados em relação ao momento da fala) a) Presente do Indicativo – A situação é a mesma – afirmou o policial.	→ Tempos verbais (em correlação com o tempo em que se situa o narrador) a) Pretérito Imperfeito O policial afirmou que a situação era a mesma.
b) Pretérito Perfeito – Tudo permaneceu com antes – lembrou o rapaz. c) Futuro do Presente – Tudo estará acabado em breve – sentenciou a mulher. d) Modo Imperativo – Não entre aí, disse a mãe.	b) Pretérito Mais-que-perfeito O rapaz lembrou que tudo permanecera como antes. c) Futuro do Pretérito A mulher sentenciou que tudo estaria acabado em pouco tempo. d) Modo Subjuntivo A mãe mandou que não entrasse ali.
→ Frases interrogativas diretas – Tudo bem aí? – perguntou a mulher.	→ Frases interrogativas indiretas A mulher perguntou se estava tudo bem ali.
→ Pronomes demonstrativos de 1ª e 2ª pessoa (esta/este/isto; esse/essa/isso) – Essa sua atitude não é educada – repreendeu o pai.	→ Pronomes demonstrativos de 3ª pessoa (aquele/aquela/aquilo) O pai lhe falou que aquela atitude não era educada.

23.1.3. A narração e os tempos verbais

Quanto aos tempos verbais, pode-se afirmar que nesse gênero de texto há predominância de verbos no pretérito perfeito, já que o que se pretende é relatar acontecimentos que ocorreram em um momento passado.

Ex.: "Tudo quieto, o primeiro cururu surgiu na margem, molhado, reluzente na semi-escuridão. Engoliu um mosquito; baixou a cabeçorra; tragou um cascudinho; mergulhou de novo, e bum-bum! Soou uma nota soturna do concerto interrompido." (Lima, Jorge de. *Calunga; O anjo*.)

Nesse texto, o que se observa são ações no pretérito perfeito que se sucedem na linha do tempo – surgiu, engoliu, mergulhou, baixou, tragou, mergulhou, soou.

Entretanto, é comum também a presença da troca dos tempos verbais na narração – do pretérito perfeito para o presente do indicativo –, quando o que se pretende é aproximar os acontecimentos que ocorreram no passado do momento em que se os narra. É a utilização do *Presente do Indicativo* no lugar do *Pretérito Perfeito*.

Ex.: "A moça chega com sapatinho baixo, saia curta, cabelos lisos castanhos arrumados em rabo-de-cavalo, sorri dentes branquinhos muito pequenos, como de primeira dentição, e fala o senhor me deixa telefonar? de maneira inescapável." (Ângelo, Ivan. Bar. – Adaptado)

De uma forma prática, pode-se observar na narração a articulação dos seguintes elementos:

1. Quem? → os personagens que se envolvem na trama.
2. Quê? → o enredo – os fatos em si, a trama, os acontecimentos.
3. Onde? → o local onde se desenvolve o enredo.
4. Quando? → o momento em que se desenrolou a trama.
5. Como? → a forma como se desenvolveram os acontecimentos.
6. Por quê? → as causas, os motivos que suscitaram os eventos.
7. Para quê? → possíveis finalidades, consequências desejadas pelos personagens da trama.

23.1.4. A narração e a descrição

Vale lembrar que é muito comum que a narração contenha aspectos descritivos. No texto narrativo, observa-se a presença constante não apenas da caracterização das cenas em que se desenrola a trama, mas também a qualificação dos personagens que dela participam.

Ex.: "Ouvi primeiro o ruído de cascos pisando a grama, mas continuei deitado de bruços na esteira que havia estendido ao lado da barraca. Senti nitidamente o cheiro acre muito próximo. Virei-me devagar, abri os olhos. O cavalo erguia-se interminável à minha frente. Em cima dele havia uma espingarda apontada para mim e atrás da espingarda um velhinho de chapéu de palha, que disse logo o seguinte:

– Filhos de uma puta." (Piroli, Wander. *Crítica da razão pura*.)

Neste trecho, que inicia uma narração, o que se percebe é o comprometimento inicial do autor em caracterizar não só a cena como também os personagens da história que se inicia.

23.1.5. A descrição

É a modalidade de texto que trata das características de uma pessoa, de um objeto, de uma paisagem ou de uma simples situação, em determinado período de tempo. Em uma modalidade abstrata, a descrição pode caracterizar sentimentos, sensações. É o tipo de texto que lida com detalhamentos, pormenores do elemento que retrata.

Ex.: "O amor estava de chambre verde, recostado na cama cheia de almofadas. As mãos branquíssimas descansando entrelaçadas na altura do peito. Ao lado, um livro aberto e cujo título deixei para ler depois e não fiquei sabendo." (Telles, Lygia Fagundes. *A estrutura da bolha de sabão*.)

23.1.5.1. A passagem do tempo na descrição

Importante lembrar que se torna quase impossível desenvolver uma descrição pura, onde não apareçam trechos de narração ou até de dissertação. A descrição consiste não em fazer progredir uma história (tarefa da narração), mas em interrompê-la, detendo-se em um personagem, um objeto, um lugar etc. Na descrição, não existe relação de anterioridade e de posterioridade entre os enunciados, os movimentos ocorrem ao mesmo tempo, sem haver progressão de um estado a outro. As ações reproduzidas na descrição são simultâneas. Ao ocorrer progressão cronológica, tem-se o texto narrativo.

Ex.: "Cheguei em casa carregando a pasta cheia de papéis, relatórios, estudos, pesquisas, propostas, contratos. Minha mulher, jogando paciência na cama, um copo de uísque na mesa da cabeceira. (...) Os sons da casa: minha filha no quarto dela treinando empostação de voz, a música quadrafônica do quarto do meu filho. (...) A copeira servia à francesa, meus filhos tinham crescido, eu e a minha mulher estávamos gordos." (Fonseca, Rubem. *Passeio noturno*.)

O trecho inicia-se com uma narração – ações evoluindo em uma sequência cronológica ("Cheguei em casa..."). Entretanto, logo a seguir, o autor interrompe sua sequência narrativa para caracterizar uma cena – tem-se uma pausa na narração para um trecho descritivo. Na descrição, as ações são concomitantes ("minha mulher jogando paciência", "minha filha no quarto treinando empostação de voz", "a copeira servia à francesa").

23.1.5.2. Os tipos de descrição

Basicamente, o texto descritivo pode se voltar para objetos, assuntos científicos, seres humanos ou paisagens.

23.1.5.2.1. Descrição de objetos

Os objetos podem ser caracterizados de forma objetiva, com linguagem denotativa; ou de maneira subjetiva, com a

intervenção do ponto de vista do observador.

Ex.:

Descrição objetiva

"A cachorra Baleia estava para morrer. Tinha emagrecido, o pêlo caíra-lhe em vários pontos, as costelas avultavam num fundo róseo, onde manchas escuras supuravam e sangravam, cobertas de moscas. As chagas da boca e a inchação dos beiços dificultavam-lhe a comida e a bebida." (Ramos, Graciliano. *Baleia*.)

Descrição subjetiva

"Se me falam em virtude, em moralidade ou imoralidade, em condutas, enfim, em tudo que se relacione com o bem e o mal, eu vejo Mamãe em minha ideia. Mamãe – não. O pescoço de Mamãe, a sua garganta branca e tremente, quando gozava a sua risadinha como quem bebe café no pires. (...) Ela não se pintava nunca, mas não sei como fazia para ficar com aquela lisura de louça lavada. Nela, até a transpiração era como vidraça molhada: escorregadia, mas não suja." (Queiroz, Dinah Silveira de. *A moralista*.)

23.1.5.2.2. Descrição de fatos científicos

Nesse tipo de descrição, podemos inserir a descrição de fato da ciência, em que o objeto retratado caracteriza-se como do âmbito científico. Aqui, o objetivo maior do observador é o de informar o leitor sobre as características do elemento descrito. O discurso científico destaca o conteúdo das informações feitas, não priorizando, portanto, a subjetividade daquele que produz o texto.

Ex.: "Genoma é o conjunto simples de cromossomos de uma célula (cariótipo). É o conjunto formado por apenas um cromossomo de cada tipo, na espécie estudada. No ser humano o genoma é constituído de 23 cromossomos diferentes."

23.1.5.2.3. Descrição de seres humanos

Nesse caso, o tema-núcleo da descrição é uma pessoa. Nesse texto descritivo, o autor pode tanto se voltar para os aspectos físicos do ser retratado, como para suas características psicológicas, psíquicas.

Ex.: "A família foi pouco a pouco chegando. Os que vieram de Olaria estavam muito bem vestidos porque a visita significava ao mesmo tempo um passeio a Copacabana. A nora de Olaria apareceu de azul-marinho, com enfeites de paetês e um drapejado disfarçando a barriga sem cinta. O marido não veio por razões óbvias – não queria ver os irmãos. Mas mandara sua mulher para que nem todos os laços fossem cortados – e esta vinha com o seu melhor vestido para mostrar que não precisava de nenhum deles, acompanhada dos três filhos: duas meninas já de peito nascendo, infantilizadas em babados cor-de-rosa e anáguas engomadas, e o menino acovardado pelo terno novo e pela gravata." (Lispector, Clarice. *Feliz Aniversário*.)

23.1.5.2.4. Descrição de paisagens

Ao descrever paisagens, o autor tanto pode ter a simples intenção de localizar o leitor em relação ao espaço em que se desenvolve o texto narrativo, como pode pretender seduzir o leitor sobre as qualidades da paisagem observada, com o intuito de apresentar seu julgamento sobre o espaço retratado. A descrição pode ser panorâmica, abrangente ou pode se ater a detalhamentos, pormenores do seu tema-núcleo.

Ex.: "Agradável na manhã seguinte o percurso numa rodovia que não era de seu tempo. Ônibus e caminhões escureciam as estradas de poeira. Ao pé de uma serra calcárea,que conhecera intacta, as chaminés de uma fábrica de cimento emitiam rolos de uma fumaça escura. Mais adiante, os fornos de uma siderúrgica." (Machado, Aníbal. *Viagem aos seios de Duília*.)

23.1.6. A dissertação

Aquilo que chamamos didaticamente de dissertação consiste na exposição de ideias, razões. Se, por um lado, na descrição e narração predominam termos concretos, que se referem a pessoas do mundo, ao menos presumidamente, real, na dissertação, predominam os conceitos abstratos, muitas vezes fora das esferas do tempo e do espaço. Não há, portanto, em princípio, uma progressão temporal entre os enunciados, mas relações de natureza lógica (causa e efeito, uma premissa e uma conclusão…).

Em textos de concursos públicos, costuma-se subdividir os textos dissertativos em duas modalidades – o texto dissertativo expositivo e o texto dissertativo opinativo-argumentativo. O primeiro tem por objetivo discutir um assunto, expor o que se sabe sobre ele sem defesa de ponto de vista do autor. Já a segunda modalidade tem como meta a persuasão, o convencimento – neste tipo de texto o autor utiliza estratégias argumentativas que visam defender sua tese.

23.1.6.1. O texto dissertativo expositivo

É o texto que expõe ideias, explana, discute, revela o que o autor sabe sobre determinado assunto. Sua linguagem é objetiva, clara, impessoal. Traz abordagem abrangente sobre um tema, permitindo que o leitor desenvolva sua própria opinião sobre o assunto. Nesse texto, o autor não manifesta, ao menos explicitamente, suas opiniões sobre o tema tratado. Ainda que em alguns momentos do texto ele opine, sua intenção não é defender seu ponto de vista sobre o tema em questão.

Ex.*:* Desde o final do século XV, com a invenção de novos equipamentos de navegação e as grandes descobertas, a Globalização se espalhou por todo o planeta, ao mesmo tempo em que aumentava a influência européia no mundo. No século XIX, o telégrafo submarino reduziu o tempo com que as informações, as ordens e as diversas decisões importantes chegavam a diversos lugares do mundo – em pontos específicos, em quantidades limitadas e com alguma defasagem de tempo. (Buarque, Cristovam. *Admirável mundo atual* – Adaptado)

Como se vê, nesse tipo de texto, o autor expõe aquilo que sabe sobre determinado assunto, sem a preocupação de julgar, emitir opinião em relação ao assunto sobre o qual discorre.

Há textos expositivos que apresentam informações sobre um objeto ou fato específico, sua descrição, a enumeração de suas características, com o objetivo de aumentar o conhecimento do leitor sobre determinado assunto. É o texto informativo. Com linguagem objetiva e impessoal, este tipo de texto pressupõe acréscimo de informação para quem o lê. O texto dissertativo informativo é o tipo de texto que procura tratar de assunto de interesse do leitor e busca a novidade – algo que, ao menos presumidamente, seja desconhecido do público ao qual é veiculado.

Ex.: "Recente documento, elaborado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), revela que o Brasil é um país mergulhado na sujeira: metade dos municípios não têm serviço de esgoto sanitário, 70% do lixo das cidades são jogados em lixões e alagados (rios, lagos, mar, etc.) e apenas poucos municípios fazem coleta seletiva de lixo."

Nesse caso, o objetivo do texto é aumentar o número de informações do leitor sobre o assunto do lixo. Por meio de dados estatísticos e exemplos e de uma linguagem objetiva, o autor atinge seu objetivo – apresentar possíveis novidades ao seu leitor.

23.1.6.2. O texto dissertativo opinativo

Também chamado de argumentativo. Esse texto difere do dissertativo expositivo, pois, além de expor o que se sabe sobre um assunto – e, muitas vezes, também informar –, o texto dissertativo argumentativo tem por finalidade principal persuadir o leitor sobre determinado assunto, modificar seu comportamento.

Ex.: "Viver 'plugado' a uma corrente de pessoas e informações pode ser divertido e útil. Mas agride o que o ser humano tem de melhor e mais insubstituível: o seu gosto, o seu erro, a sua miséria e sua glória."

Aqui, o autor emite sua opinião, por meio do auxílio de adjetivos com valor subjetivo ("melhor", "insubstituível"). Assim, a mensagem transmitida ao autor deixa de ser fato, para ser julgamento – característica do texto opinativo.

Muitas vezes, o autor, com o intuito de transparecer seu posicionamento, utiliza-se de algumas marcas linguísticas capazes de persuadir o leitor, tais como verbos na 1ª pessoa do singular ou plural e expressões de modalidade – os modalizadores (vocábulos indicativos da opinião do autor). É o que se observa no seguinte texto:

"O dever do Estado é proteger a propriedade de todos da sanha de cada um e a propriedade de cada um da sanha de todos. A pichação dos bens públicos ou particulares viola ambos os princípios e, portanto, é dever da autoridade competente tomar medidas coercitivas. Eu, como milhões de cidadãos, gosto de ver a minha cidade limpa. Faço minha parte, de um lado mantendo meu muro pintado e de outro pagando impostos para que a Prefeitura faça o mesmo com os nossos monumentos. Se os pichadores têm seus "direitos" de expressarem-se livremente, eu também tenho os meus de querer minha cidade em ordem e bonita. Com uma diferença: eu pago impostos para

exercer a minha cidadania e eles, tão-somente, adquirem uma lata de aerossol."

Por meio de pronomes da 1ª pessoa do singular ("Eu", "minha", "meu") ou da 1ª pessoa do plural ("nossos"), aquele que redige emite seu juízo de valor acerca do assunto abordado. Além disso, expressões, como "viola", "faço minha parte", "cidade em ordem e bonita", demonstram comprometimento com o assunto retratado – são os modalizadores textuais. Assim, todos esses recursos estão sendo utilizados a favor de um único objetivo: o de o autor demonstrar a validade de seus argumentos, de suas opiniões sobre o tema discutido.

23.1.6.3. A estruturação argumentativa

Ao argumentarmos, expomos o assunto de modo pessoal (nosso ponto de vista ou tese), podendo também utilizar outros pontos de vista a respeito do mesmo tema (ideia principal). Assim, no intuito de defendermos nossa tese, oferecemos argumentos que a apoiem. Para isso, estruturamos nossas ideias em uma sequência lógica, progressiva e correta.

Um plano de dissertação deve conter três partes: introdução, desenvolvimento e conclusão. A seguir, uma análise dos segmentos que constituem uma dissertação.

1. **Introdução**

Inicialmente se faz a introdução, que determinará o desenrolar do desenvolvimento. É neste momento em que se apresenta o tema a ser discutido, a ideia-núcleo ou ideia principal, a tese.

2. **Desenvolvimento**

Na segunda fase do texto argumentativo, faz-se a análise crítica dos argumentos usados de apoio para sua tese. Cada argumento é exposto em um parágrafo próprio. Dois a três parágrafos é o padrão do desenvolvimento de um texto argumentativo. Ao argumento que normalmente inicia o parágrafo de desenvolvimento dá-se o nome de **tópico frasal**.

Inicia-se, portanto, cada parágrafo do desenvolvimento com o que denominamos de tópico frasal – que se constitui na ideia que irá direcionar o parágrafo, sendo, portanto, sua base. A seguir, desenvolve-se a discussão iniciada pelo tópico frasal, na qual são utilizados diversos recursos que servirão de apoio para o argumento defendido – exemplos, comparações, narrativas, descrições, opiniões próprias – de forma coerente e organizada.

3. **Conclusão**

O parágrafo final é reservado à conclusão, na qual o autor retoma a ideia-núcleo, reescrevendo-a e acrescentado-lhe, em geral, um juízo crítico, de forma a enriquecer os argumentos defendidos. É o momento em que o autor opina, critica e, muitas vezes, oferece soluções concretas ao problema discutido ao longo da argumentação.

Ex.: *Texto retirado de uma prova elaborada pela Cespe/UnB* para análise de um texto argumentativo.

O leitor é personagem da modernidade, produto da sociedade burguesa e capitalista, livre dos laços de dependência da aristocracia feudal e do estreitamento corporativista das ligas medievais. A emancipação do leitor encena, de certo

modo, o processo de libertação de que se originou a sociedade moderna. Nesse sentido, narrar a formação da leitura no Brasil significa também narrar, sob esse viés, a história da modernização de nossa sociedade.

Vários fatores criaram o espaço social necessário para transformar certo número de pessoas associadas a certas práticas sociais em leitores: o individualismo da sociedade burguesa, a visão de mundo antropocêntrica estimulada pela Renascença e difundida pela filosofia humanista, o progresso tecnológico que facultou o desenvolvimento da imprensa, a expansão da escola e do pensamento pedagógico apoiado na alfabetização, o fortalecimento de instituições culturais como as universidades, as bibliotecas e as academias de escritores.

Disso resultaram duas noções: de um lado, a noção de público, massa coletiva e anônima que, não obstante o anonimato, pode ter vontade própria e direção definida, incidindo em linhas de ação que a literatura, em parte ou no todo, acata ou não; de outro, a noção de leitor, indivíduo habilitado à leitura, com preferências demarcadas, figura que o escritor busca seduzir, lançando mão de técnicas e de artifícios contabilizados pela crítica e história da literatura.

Mesmo sendo presença suficientemente poderosa para influenciar os mecanismos literários, o leitor não se mostra figura unidimensional nem unidirecional. E exatamente o que é fugidio em sua história desdobra-se nos ângulos diferenciados que o leitor e a leitura foram assumindo ao longo do tempo.

Não que a leitura seja prática sólida no Brasil; nem que as instituições culturais e pedagógicas encarregadas de sua difusão tenham consistência ou estejam a salvo de críticas que, desde o século XIX, a elas são dirigidas. Desde a separação de Portugal, reclama-se (e com razão) uma atuação mais positiva e competente do Estado, no sentido de melhorar a educação e a cultura do país; nada indica que hoje essas reivindicações tenham perdido legitimidade e razão de ser.

Marisa Dajolo e Regina Zilberman. A formação da leitura no Brasil. São Paulo: Ática, 1998, p. 9-10 (com adaptações)

– ***Introdução com apresentação do tema****: o objetivo das autoras é discorrer sobre a formação da leitura brasileira sob um viés cronológico – a história da modernização da sociedade no Brasil.*

– ***1º parágrafo de desenvolvimento****: as autoras se propõem a discorrer sobre as causas que contribuíram para a formação dos leitores. O parágrafo segue a estruturação padrão: apresenta-se o tópico frasal logo no início para, na sequência, desenvolvê-lo.*

– ***2º parágrafo de desenvolvimento****: já no início do parágrafo, depreende-se seu tópico frasal – o objetivo é apresentar as consequências, as noções que resultaram dos fatores explicitados no parágrafo anterior.*

– ***3º parágrafo de desenvolvimento****: as autoras iniciam o parágrafo utilizando-se de um recurso coesivo ("mesmo sendo presença suficientemente poderosa para influenciar os mecanismos literários"), por meio do qual ele retoma o parágrafo anterior. Logo a seguir, apresenta-se o tópico frasal que originou o parágrafo: "o leitor não é figura unidimensional nem unidirecional", que será desenvolvido posteriormente.*

– ***Conclusão do texto****: aqui, as autoras retomam o tema do texto – a formação dos leitores no contexto brasileiro, veiculando seu ponto de vista acerca do assunto ("reclama-se e com razão uma atuação mais*

positiva e competente do Estado"). É a conclusão também o momento de se apresentarem sugestões acerca do tema discutido – "no sentido de melhorar a educação e a cultura do país".

A argumentação caracteriza-se como um procedimento do autor para fazer o leitor aderir às suas teses defendidas em um texto. Ao argumentarmos, construímos ideias, justificamo-las ordenando-as, buscando também seduzir o leitor, dirigindo os argumentos de modo a atingir nossa meta de persuasão.

Eis algumas características do texto argumentativo:

1. *O texto dissertativo argumentativo volta-se para uma única ideia, que é a tese do texto. Tudo o que se afirma ao longo da argumentação se volta para essa ideia.*
2. *O bom texto argumentativo evita a redundância. Todos os argumentos devem ser variados, entretanto, devem se voltar para o tema central, buscando, assim, a variedade, sem fugir do objeto da argumentação.*
3. *Um bom recurso que normalmente é explorado pelo argumentador para conferir maior veracidade ao seu texto é a utilização de citações autorizadas de outros escritores, que tratem do mesmo tema.*
4. *É comum encontrar no texto argumentativo a utilização de relações de causa e efeito para as afirmações produzidas, estabelecendo uma correlação lógica entre os fatos.*
5. *O bom texto argumentativo é coeso, com cada uma de suas partes amarradas em torno de um tema central, e coerente, com articulação lógica entre seus segmentos.*
6. *O uso de exemplos é estratégia comumente utilizada pelo argumentador e confere confiabilidade ao que se lê, na medida em que concretiza as ideias, em geral abstratas, expostas na argumentação.*

23.1.6.4. Outras modalidades do texto dissertativo

Além dos textos dissertativos expositivos e opinativos, observam-se nas provas outras modalidades de textos. Entre elas, podemos citar as seguintes:

23.1.6.4.1. Texto didático

É aquele que transmite conhecimentos com o objetivo de ensinar. Apresenta riqueza de detalhes e utiliza linguagem clara e objetiva. São os livros escolares, os textos de congressos.

Ex.: "A entrevista consiste em inquirir tecnicamente, de forma hábil, dentro de um plano e sequência previamente estudados, levando o interrogado ou entrevistado a se pronunciar sobre aquilo que desejamos saber e a emitir sua opinião, muitas vezes sem que formulemos a pergunta diretamente. É a maneira racional de levar alguém a fornecer os informes e as informações que possui em determinada área.

É uma técnica de comunicação direta entre duas pessoas que possuem alguns interesses em comum. Forma de pesquisa realizada através de diálogo estudado e preparado dentro de um plano e sequência previamente

analisados, levando, sutilmente, o entrevistado a se manifestar sobre assuntos de seu conhecimento." (Nogueira, A. *Processamento da entrevista*.)

Como se pode observar, o texto didático apresenta definições, detalhes do tema tratado. Nesse caso, o que o autor pretende é que o leitor aprenda a realizar uma entrevista.

23.1.6.4.2. Texto preditivo

É o texto que se utiliza de deduções com base em informações prévias. O texto preditivo lida com probabilidades, não com certezas. São as previsões meteorológicas, os textos de astrologia, as previsões na economia.

Ex.: "Noventa e sete por cento das espécies vivas, 80.000 proteínas produzidas pelo corpo e bilhões de galáxias ainda não foram identificados. Quase nada sabemos da natureza do Universo, da origem da Vida, do funcionamento dos climas, do desenvolvimento do embrião e do cérebro.

Provavelmente não se descobrirá ainda no século XXI de onde surgiu o Universo, nem como começou a vida na Terra, nem como o cérebro engendra o pensamento e a consciência, nem se outras formas de vida existem em outros lugares. Em compensação, outras questões que hoje não são formuladas serão resolvidas, pois se descobrirá que certas respostas consideradas definitivas estavam totalmente equivocadas."

Aqui, o autor parte de dados sobre o assunto – "Noventa e sete por cento das espécies vivas, 80.000 proteínas produzidas pelo corpo e bilhões de galáxias" – para, na sequência, estabelecer um discurso preditivo – "... pois se descobrirá que certas respostas consideradas definitivas estavam totalmente equivocadas". Eis a marca do texto preditivo: informação aliada a previsão.

23.1.6.4.3. Texto polêmico

Neste texto, o objetivo do autor é demonstrar ao leitor mais de um ponto de vista sobre um assunto, mesmo que em alguns textos se observe claramente a opinião do autor. O texto polêmico permite ao leitor o contato com mais de um posicionamento sobre o tema explorado, o que normalmente não ocorre no texto argumentativo.

Ex.: "O budismo faz tanto sucesso no Ocidente porque possui características que correspondem às tendências da pós-modernidade neoliberal. Num mundo em que muitas religiões se sustentam em estruturas autoritárias e apresentam desvios fundamentalistas, o budismo apresenta-se como uma não religião, uma filosofia de vida que não possui hierarquias, estruturas nem códigos canônicos. No budismo não há a ideia de Deus, nem de pecado. Centrado no indivíduo e baseado na prática da yoga e da meditação, o budismo não exige compromissos sociais de seus adeptos, nem submissão a uma comunidade ou crença em verdades reveladas. Há, contudo, muitos budistas engajados em lutas sociais e políticas. Nessa cultura do elixir da eterna juventude, em que o envelhecimento e morte são encarados, não como destinos, mas como fatalidades, o budismo oferece a crença na reencarnação." (Betto, Frei. Por que o Budismo encanta o Ocidente?)

Ainda que o autor emita seu juízo de valor ao longo do texto, seu objetivo é contrapor o budismo às outras religiões, utilizando-se de uma comparação baseada no contraste entre as características de ambos os elementos.

23.1.6.4.4. Texto injuntivo

É o texto que exprime instruções ao leitor com a finalidade de que ele execute ou não determinada tarefa. Apresenta normalmente verbos no imperativo e pressupõe uma ação por parte do interlocutor.

Ex.: "Quer manter a postura sempre perfeita? De manhã, antes de se vestir, amarre um fio de linha em volta da cintura, sem deixar folga. Ele não deve apertar, mas precisa estar justo. Ao longo do dia, ao sentir a presença do fio, coloque a barriga para dentro e endireite as costas."

Esse texto é retirado de uma revista sobre saúde e bem-estar. Logo no início, apresenta-se o tema – a busca de uma postura perfeita. Na sequência, enumeram-se ações que deverão ser realizadas pelo leitor ("amarre", "coloque", "endireite"). Tem-se, portanto, o perfil do texto injuntivo – apresentar instruções, em uma linguagem imperativa, que pressupõe consequentes ações por parte do leitor.

23.1.7. Tipologia textual – esquema

Quanto às modalidades textuais e os diferentes tipos de textos, podemos sistematizar as seguintes características:

23.1.7.1. Modos de texto: estrutura/organização do texto

Narrativo	Relatar acontecimentos.	SIM. Antes e depois. Marca fundamental.	Verbos de ação. Conectores temporais.
Descritivo	Caracterizar, qualificar cenas, personagens etc.	NÃO. Tempo congela. Fatos ocorrem ao mesmo tempo.	Substantivos. Adjetivos.
Dissertativo	Discutir, abstrair, discorrer, conceituar. Não descrever.	Não é relevante.	Relações de subordinação. (Causa e Efeito). Aparecimento de testemunhos de autoridade, dados estatísticos, exemplos.

23.1.7.2. Tipos de textos: finalidade do texto

1. **Informativo:** Informar, veicular conhecimento que o leitor desconhece. É mais específico do que expositivo. Exs.: jornal, bula de remédio, etc. Tem por marcas linguísticas frequentes a clareza e a precisão. Procura meios de atrair a atenção do leitor para o que é veiculado. Traz implícita a ideia de que o conteúdo do texto é de interesse dos leitores.
2. **Didático:** Ensinar, também são informações que o leitor desconhece. Ex.: livros didáticos.
3. **Expositivo:** Expõe o que se sabe, sem opinar. Ex.: questões discursivas em concursos públicos.

4. **Opinativo:** Também chamado de **Argumentativo**. Diferente do expositivo. Há a colocação da opinião do autor. Ex.: os editoriais dos jornais.
5. **Polêmico:** Neste texto aparecem, ao menos, dois pontos de vista sobre um assunto. Ex.: artigos que tratam de temas polêmicos – aborto, o sistema de reserva de quotas para negros nas universidades etc.
6. **Injuntivo:** Tem por objetivo instruir em vista de uma ação. Ex.: manuais.

23.1.8. Enunciados de tipologia textual

A seguir, os enunciados mais comuns de provas de concursos públicos sobre o assunto:

"O texto deve ser classificado de forma mais adequada…"; "Os textos narrativos/ informativos/ didáticos caracterizam-se por…"; "O texto lido poderia ser classificado como…"; "Quanto ao modo de organização do discurso, pode-se afirmar que o texto lido é…"; "O texto lido deve ser considerado prioritariamente como…"; "A finalidade principal desse texto é a de…"; "O objeto maior do texto é…", entre outros.

23.2. EXEMPLOS COMENTADOS

I. Reconheça o tipo de discurso das frases a seguir.

1. Tô morrendo de fome, disse Pereba.

   Resposta: Discurso direto.

2. – Você é menor e eles estão precisando evitar escândalos.

   Resposta: Discurso direto.

3. Perguntei se tudo estava solucionado.

   Resposta: Discurso indireto.

4. Mande que todos se comportem de forma adequada.

   Resposta: Discurso indireto.

5. Para mim esta é a melhor hora do dia – Ema disse, voltando do quarto dos meninos. – Com as crianças na cama, a casa fica tão sossegada.

   Resposta: Discurso direto.

6. Bárbara estranhou a amiga. O que está se passando nessa cabecinha?

   Resposta: Discurso indireto livre.

7. "É força de expressão, sua boba. O dia acaba quando eu vou dormir, isto é, o dia tem vinte e quatro horas e a semana tem sete dias, não está certo?"

Resposta: Discurso direto.

8. Gritou, se ajoelhou e se pôs a chorar – macaco é quase como gente – a mulher implorando que não maltratasse o bicho.

Resposta: Discurso direto.

II. Faça transposição do discurso direto para o indireto e vice-versa.

1. Entre imediatamente – gritei sem paciência.

Resposta: Ordenei que entrasse imediatamente.

2. O que você quer para o café?

Resposta: Perguntei o que ele(a) queria para o café.

3. Disse-lhe que naquele momento aquela conversa não me interessava.

Resposta: Nesse momento, essa conversa não me interessa – eu disse.

4. A governanta perguntou se o casal voltaria para o jantar.

Resposta: *Vocês voltarão para o jantar*? – perguntou a *governanta ao casal.*

5. A nossa reunião se reduziu a dois minutos de diálogo – reclamou o estagiário.

Resposta: O estagiário lamentou que sua reunião se reduzira a dois minutos de diálogo.

6. Mande que as crianças entrem imediatamente.

Resposta: "Entrem imediatamente!"

7. Eu me chamo João. E você?

Resposta: Disse que meu nome era João e perguntei o seu nome.

8. O professor pediu que o aluno anotasse todas as suas dúvidas.

Resposta: Anote todas as suas dúvidas – o professor disse ao aluno.

III. Analise os trechos a seguir, classificando-os quanto ao modo de organização do discurso (NARRAÇÃO, DESCRIÇÃO, DISSERTAÇÃO).

1. *Na manhã seguinte o seu primeiro desejo foi voltar à casa; mas não teve coragem; via o rosto colérico da mãe, faces contraídas, narinas dilatadas pelo ódio, o olho direito saliente, a penetrar-lhe até o fundo do coração.*

Comentários: O autor começa o seu texto por uma narração, mas logo em seguida se atém à descrição, objetivo maior do texto. Predominância de caracterizações (faces contraídas, narinas dilatadas pelo ódio).

Resposta: texto descritivo.

2. *Uma das maiores manifestações linguísticas na fronteira entre os séculos XX e XXI é a ideia de globalização como*

um processo de internacionalização. O fato é que existe um vasto mercado para exportação na América do Sul que não pode ser desconsiderado. Politicamente, esse é o mercado do Brasil, e o Brasil é o mercado para sua viabilização.

Comentários: O autor deixa clara a sua intenção de discutir um assunto – a globalização.

Resposta: texto dissertativo.

3. *"No Antigo Egito, o gato foi honrado e enaltecido. Sendo considerado como um animal santo. Nesta mesma época, a gata transformou-se na representação da deusa Bastef, fêmea do deus sol Rá. […] Na Europa, o gato se desenvolveu com as conquistas romanas. Ele foi admirado por sua beleza e dupla personalidade (ora um selvagem independente, ora um animal doce e afável), e apreciado ainda no século XI quando o rato negro invadiu a Europa. No século XIII desenvolveram-se as superstições e o gato passou de criatura adorada a infernal, associada aos cultos pagãos e a feitiçaria. A Igreja lhe virou as costas. […] No Século XVIII ele voltou majestoso e em perfeito acordo com os poetas, pintores e escritores que prestam homenagem à sua graça e à beleza de seu corpo."*

Comentários: O autor expõe o que sabe a respeito de um tema – a importância dos gatos na sociedade, no decorrer da história. Apesar de parecer que se está narrando, contando uma história, o que se vê é a análise de um tema, ao longo do tempo.

Resposta: texto dissertativo.

4. *Há poucos dias, assistindo a um desses debates universitários que a gente pensa que não vão dar em nada, ouvi um raciocínio que não me saiu mais da cabeça. Ouvi-o de um professor – um professor brilhante, é bom que se diga.*

Comentários: O conector temporal – há poucos dias –, além da presença de verbos no pretérito perfeito (ouvi, saiu) indicam que o autor pretende relatar acontecimentos. Entretanto, com a caracterização do professor (um professor brilhante) percebe-se a presença de características descritivas no texto.

Resposta: texto narrativo, com aspectos descritivos.

5. *Vários historiadores têm procurado entender a originalidade da monarquia brasileira vinculando-a à chegada da família real ao Brasil em 1808. De fato, é no mínimo inusitado pensar numa colônia sediando a capital de um império.*

Comentários: O autor anuncia a análise de um tema: a originalidade da monarquia brasileira. Trata-se, portanto, de discussão, dissertação.

Resposta: texto dissertativo.

6. *"Para um modesto país de Terceiro Mundo, temos algumas realizações na tecnologia. Nossos aviões voltam a vender bem. Há ônibus da empresa brasileira Marcopolo rodando em Washington. O último número da revista Shooting Times mostra uma nova pistola Taurus que vai dar trabalho aos concorrentes. Exportamos insulina.*

Continuamos a exportar máquinas-ferramentas e agora exportamos parte da programação de robôs da Brown Boveri. Provavelmente construiremos com êxito algum pedacinho da nova estação espacial (quem sabe, a churrasqueira). Tudo isso vai na direção certa, mas precisamos de mais. E, acima de tudo, não podemos esmorecer nesse esforço de inventar modas, tão próximas quanto possível da fronteira tecnológica. Mas quando focalizamos a tecnologia do cotidiano descobrimos que a situação é calamitosa. O botão salta da camisa. A calça encolhe ou desbota. A saia justa rasga, o tijolo esfarinha na mão, a torneira vaza e a laje infiltra. A água limpa mareja no meio da parede, a água usada não vai a lugar nenhum. A fechadura trava. O fio dá choque. A cadeira desaba, o verniz se desgasta. O pastel dá dor de barriga. E o maldito envelope não fecha com a cola que vem de fábrica. […] É preciso que se ponha inteligência e atenção na tecnologia do cotidiano. É essa tecnologia que permite aumentar a qualidade de vida do povão. Temos um programa espacial. Quando tentamos, a coisa anda. […]"

Comentários: Observa-se como intenção maior do texto a defesa de um julgamento do autor: "é preciso que se ponha inteligência e atenção na tecnologia do cotidiano." E para a defesa de sua tese, o autor se utiliza de caracterizações da nossa rotina (O botão salta da camisa, a saia justa rasga, a cadeira desaba), o que confere ao texto aspectos descritivos.

Resposta: texto dissertativo, com características descritivas.

7. *Toda interação pressupõe uma relação de reciprocidade, uma relação mútua entre dois ou mais objetos, entre duas ou mais pessoas. Multiplicam-se, atualmente, os programas interativos nos espetáculos de variedades da TV, surgem os primeiros filmes e as primeiras peças de teatro interativas, exigindo do espectador uma atitude crítica ao lidar com as diversas questões apresentadas e uma postura mais ativa ao intervir no desdobramento do que é visto nas telas, nos palcos e nos salões.*

Comentários: O autor se propõe a defender uma tese – a multiplicidade de relações que a arte pode estabelecer. E, para defender sua tese, utiliza-se da exposição de exemplos de manifestações artísticas, o que garante ao texto características descritivas.

Resposta: texto dissertativo, com aspectos descritivos.

8. *Tente imaginar esta cena: homens, animais e florestas convivendo em harmonia. Os homens retiram das plantas apenas os frutos necessários e cuidam para que elas continuem frutificando; não matam animais sem motivo, não sujam as águas de seus rios e não enchem de fumaça seu ar. Em outras palavras: as relações entre os seres vivos e o ambiente em que vivem, bem como as influências que uns exercem sobre os outros, estão em equilíbrio. (…)*

Comentários: O objetivo do autor é de fato caracterizar uma cena, como ele mesmo propõe no início do texto. Por meio de suas impressões (Os homens retiram das plantas apenas os frutos necessários, não sujam as águas de seus rios), fica evidente sua intenção de descrição. Deve-se atentar ao fato de que as ações que ocorrem são simultâneas, daí não podermos considerar esse texto narrativo.

Resposta: texto descritivo.

9. *Uma ideia muito difundida atualmente é a associação da violência à pobreza. Justificando ou acusando, acredita-se que são as pessoas mais pobres que praticam os crimes, elas são os suspeitos em potencial. Tal associação revela a concepção de criminalidade e os mecanismos de criminalização presentes na nossa sociedade. É esse o assunto que vamos discutir agora.*

Comentários: O autor abstrai, trata de ideias, conceitos (a associação da violência à pobreza). Vale observar que ao final do trecho, o próprio autor deixa evidente sua intenção de dissertar, ao anunciar: É esse o assunto que vamos discutir agora.

Resposta: texto dissertativo.

10. *"Durante os piores momentos do apartheid, a África do Sul teve uma única moeda, tanto para os brancos como para os negros. O Brasil, durante algumas décadas, teve duas moedas, uma para os pobres e outra para os ricos e pessoas de classe média. A primeira desvalorizava enquanto a outra era corrigida diariamente. A correção monetária é um monumento à brutalidade da elite brasileira, capaz de imaginar com genialidade a possibilidade de uma nação ter duas moedas, separando suas classes sociais. Graças a ela, sucessivos governos puderam investir mais do que arrecadavam em subsídios para investimentos, exportações, infraestrutura, provocando inflação e jogando o seu peso concentrado sobre a parcela pobre que não tinha acesso aos mecanismos de correção da poupança ou do salário."*

Comentários: O autor inicia seu texto por uma narração entremeada de descrições ("Durante os piores momentos do apartheid, a África do Sul teve uma única moeda, tanto para os brancos como para os negros. O Brasil, durante algumas décadas, teve duas moedas, uma para os pobres e outra para os ricos e pessoas de classe média. A primeira desvalorizava enquanto a outra era corrigida diariamente"). Entretanto, logo a seguir deixa claro que sua intenção é a de defender a tese de que "A correção monetária é um monumento à brutalidade da elite brasileira". Daí, poder-se afirmar que a narração inicial serviu apenas como ponto de partida para a discussão que iria se desenrolar no texto.

Resposta: texto dissertativo, com aspectos narrativos/descritivos.

11. *"Como uma ilha azul que se avista a distância, pouco a pouco ela ia ganhando contorno e detalhes, e, já próxima, revelava formas originais e intrigantes – a silhueta elegante, forte, que eu já vira outras vezes. Um certo ar de quem percorreu grandes distâncias em paz, e marcas de beleza que só as viagens e o tempo trazem. Não era íntima conhecida mas uma paixão que me perseguia havia um bom tempo. A escuna azul, um veleiro viajante de dois mastros que de tempos em tempos aparecia no Brasil, e que eu nunca deixava escapar sem uma pequena abordagem. Rapa Nui, nome polinésio da Ilha da Páscoa, lindo nome para um barco azul e cheio de histórias."*

Comentários: Observa-se que o autor tem como objetivo textual a caracterização de um barco. Por meio de muitos substantivos e adjetivos ("A escuna azul, uma espécie de máquina de viajar por mar, lindo nome para um barco azul e cheio de histórias"), o texto gira em torno de uma única intenção – a de qualificar, caracterizar um objeto.

Resposta: texto descritivo.

12. *"A exigência da perfeição física para as modelos profissionais é apenas o sintoma mais visível de uma ansiedade que também massacra a mulher e o homem comuns. Para onde quer que se olhe – televisão, publicidade, revistas femininas –, a pessoa vê rostos perfeitos e corpos deslumbrantes, magros e nos lugares certos. Nem na rua a dona-de-casa pode andar em paz. Do alto dos outdoors, moças e rapazes impecáveis estão olhando para ela. Pouco a pouco cria-se um sentimento de insatisfação com o próprio corpo. […] Não espanta que 90% das mulheres e 60% dos homens se confessem tão aborrecidos com o rosto ou o corpo que não hesitariam em recorrer a uma cirurgia embelezadora."*

Comentários: Ainda que o texto apresente descrições ("rostos perfeitos e corpos deslumbrantes, magros e nos lugares certos"), constata-se que seu objetivo maior foi o de discutir um assunto, claramente delineado no início do texto – "A exigência da perfeição física para as modelos profissionais é apenas o sintoma mais visível de uma ansiedade que também massacra a mulher e o homem comuns".

Resposta: texto dissertativo, com aspectos descritivos.

13. *Na manhã seguinte o seu primeiro desejo foi voltar à casa; mas não teve coragem; via o rosto colérico da mãe, faces contraídas, narinas dilatadas pelo ódio, o olho direito saliente, a penetrar-lhe até o fundo do coração.*

Comentários: O texto inicia-se por uma narração – "Na manhã seguinte, o seu primeiro desejo foi voltar à casa" – mas se atém à descrição da personagem (o rosto colérico da mãe, faces contraídas, narinas dilatadas pelo ódio, o olho direito saliente). Fica evidente que o objetivo maior do texto era a caracterização de uma pessoa.

Resposta: texto descritivo, com aspectos narrativos.

14. *Quando começa a modernidade? A escolha de uma data ou de um evento não é indiferente. O momento que elegemos como originário depende certamente da ideia de nós mesmos que preferimos, hoje, contemplar. E vice-versa: a visão de nosso presente decide das origens que confessamos (ou até inventamos). Assim acontece com as histórias de nossas vidas que contamos para os amigos e para o espelho: os inícios estão sempre em função da imagem de nós mesmos de que gostamos e que queremos divulgar. As coisas funcionam do mesmo jeito para os tempos que consideramos "nossos", ou seja, para a modernidade.*

Comentários: A intenção única do autor é a de defender sua linha de raciocínio – o momento que elegemos como data de início da modernidade está relacionado à ideia de nós mesmos que preferimos, contemplar. E, para defender sua tese, utiliza-se inclusive da estratégia de comparação ("Assim acontece com as histórias de nossas vidas que contamos para os amigos e para o espelho").

Resposta: texto dissertativo.

15. *A chuva caía meticulosamente, sem pressa de cessar. A palha do rancho porejava água, fedia a podre, derrubando dentro da casa uma infinidade de bichos que a sua podridão gerava.*

Comentários: As ações ("A chuva caía meticulosamente, A palha do rancho porejava água, fedia a podre") são

simultâneas, não vêm caracterizar uma narração. A intenção do autor é a de caracterizar uma cena, uma paisagem.

Resposta: texto descritivo.

16. *Perdoar alguém é renunciar ao ressentimento, à ira ou a outras reações justificadas por algo que essa pessoa tenha feito. Isso levanta um problema filosófico: essa pessoa é tratada de forma melhor do que ela merece; mas como pode exigir-se, ou mesmo como permitir-se, tratar alguém de uma maneira que não merece? Santo Agostinho aconselhava-nos a detestar o pecado, mas não o pecador, o que também indica uma atitude objetiva ou impessoal para com o pecador, como se o caráter do agente estivesse apenas acidentalmente ligado ao caráter detestável de suas ações.*

Comentários: O autor, por meio de uma frase interrogativa – mas como pode exigir-se, ou mesmo como permitir-se, tratar alguém de uma maneira que não merece? –, anuncia seu objetivo de discutir um assunto, abstrair, discorrer. Vale observar o recurso de utilização de um testemunho de autoridade para embasar tal discussão – as palavras de Santo Agostinho.

Resposta: texto dissertativo.

17. *"Há muito tempo, os deuses navajos organizaram uma grande cerimônia de cura. 'Que caminhemos na beleza', cantavam todos, pedindo que estivessem em harmonia com a terra onde viviam. Mas alguma coisa andava errada: duas canções soavam ao mesmo tempo, duas canções em idiomas diferentes. Ao perceber o que acontecia, a Mãe-Terra resolveu congelar a cerimônia. Transformou todos os deuses em rochas e os aprisionou para sempre no espaço e no tempo. E tudo caiu no silêncio."*

Comentários: A intenção textual é evidentemente a de relatar acontecimentos ("os deuses navajos organizaram uma grande cerimônia de cura/ a Mãe-Terra resolveu congelar a cerimônia/ transformou todos os deuses em rochas"). Os verbos no pretérito perfeito, a evolução cronológica – as ações se sucederam no tempo – marcam o objetivo da narração. Vale observar que ao longo do relato pôde-se observar caracterizações (duas canções soavam ao mesmo tempo, duas canções em idiomas diferentes), o que confere aspectos também descritivos ao texto.

Resposta: texto narrativo, com aspectos descritivos.

18. *Embora não vejamos um comercial promovendo explicitamente o consumo de cocaína, ou de maconha, ou de crack, a verdade é que os meios de comunicação nos bombardeiam, durante 24 horas por dia, com a propaganda não de drogas, mas do efeito das drogas.*

Comentários: O autor externa suas opiniões em torno da defesa de uma tese – "a verdade é que os meios de comunicação nos bombardeiam …com a propaganda … do efeito das drogas".

Resposta: texto dissertativo.

19. *As novas descobertas e as novas invenções demonstram a incapacidade da ciência de atingir a verdade, pois estão sempre corrigindo o caminho percorrido.*

Comentários: O autor se utiliza de constatações ("as novas descobertas e as novas invenções demonstram...") para defender seu ponto de vista – "a incapacidade da ciência de atingir a verdade".

Resposta: texto dissertativo.

20. *Aqui até os mais pobres moram de rosto voltado para a maravilha da natureza que a incúria dos governos ainda não conseguiu desfigurar. As favelas têm por fundo a Serra dos Órgãos.*

Comentários: O texto tem como meta a caracterização de uma paisagem – a da cidade do Rio de Janeiro. Ainda que ele opine, vale observar que não se trata de uma dissertação – o autor não pretende defender uma tese. Sua intenção é a de descrever o Rio de Janeiro, externando sua opinião.

Resposta: texto descritivo.

21. *Boaventura lembra a incapacidade de redistribuição da riqueza, permitindo que o capitalismo opere contra o pobre e não a favor dele. Chama essa situação de fascismo social.*

Comentários: Por meio da exposição da opinião de outro autor sobre um assunto, o texto vem discutir a questão da má distribuição de renda do capitalismo.

Resposta: texto dissertativo.

22. *"As águas do Oceano Pacífico cobrem um terço do planeta. No meio dessa vastidão azul, nos mares da Polinésia, desponta uma pequena ilha conhecida como Ofu. Embora formada por imponentes blocos de rochas vulcânicas, Ofu é recoberta pelo verde intenso de uma exuberante vegetação tropical. Os contornos da ilha são um tanto suavizados pelas brumas que rondam o alto das montanhas, de onde rompem cataratas em direção ao mar. [...]"*

Comentários: O objetivo do autor é caracterizar uma ilha de nome Ofu. Por meio de grande quantidade de substantivos e adjetivos (verde intenso/exuberante vegetação tropical), torna-se evidente a intenção do autor de descrever. Vale observar que as ações que ocorrem são simultâneas (brumas que rondam o alto das montanhas/de onde rompem cataratas em direção ao mar), não caracterizando, assim, uma narração.

Resposta: texto descritivo.

23. *Deita-se com a cabeça na areia e confusamente ouve a conversa de uma barraca perto, gente discutindo uma fita de cinema. Murmura, baixo, um palavrão para eles.*

Comentários: Ainda que se apresentem características descritivas (barraca perto/ gente discutindo uma fita de cinema), observa-se que a intenção do autor do texto é a de relatar acontecimentos que se desenrolam em um lapso temporal (Deita-se/ouve a conversa/murmura um palavrão).

Resposta: texto narrativo, com aspectos descritivos.

24. *"Quando a democracia surgiu na Grécia, por volta de 500 a.C., os atenienses fizeram questão de traçar uma linha nítida entre as esferas pública e privada. O poder do Estado terminava onde começava a privacidade do lar.*

No âmbito doméstico, reinava a vontade do patriarca, que tinha o poder de determinar os direitos e deveres de seus filhos, mulher e escravos. Para os gregos, não havia atividade mais apaixonante e gloriosa do que participar da condução da pólis. A política era a maneira civilizada de decidir os destinos da nação por meio do diálogo e da persuasão. O cidadão revelava sua grandeza de espírito e sua importância para a comunidade no debate de ideias, na defesa de proposições e nas vitórias no âmbito público. Um homem que levasse uma vida exclusivamente privada não passava de um insignificante animal doméstico, incapaz de participar da elaboração das decisões políticas que afetavam os destinos da nação. Se Aristóteles ressuscitasse no final do século XX, ficaria horrorizado com a interferência do Estado na privacidade do cidadão. A sociedade moderna sequestrou a intimidade do indivíduo. É inimaginável uma atividade pública ou privada que não seja regulamentada por lei, por estatuto ou por norma. (...)"

Comentários: O autor inicia seu texto com a utilização de um relato sobre o surgimento da democracia, com características descritivas (atividade mais apaixonante e gloriosa, o cidadão revelava sua grandeza de espírito e sua importância). Entretanto, ao longo do texto, induz-se o leitor a descobrir sua verdadeira intenção – criticar a interferência do Estado na privacidade do indivíduo. Em termos argumentativos, a narração serviu como estratégia de defesa da tese do autor.

Resposta: texto dissertativo, com características narrativas e descritivas.

25. *Vovô Tomé era um desses casos raros do artista que passa veloz e diretamente da primeira à terceira categoria. Atribuem a sua proeza e a sua maestria no ofício ao sofrimento, que é uma das vias para se atingir o absoluto e a glória.*

Comentários: A intenção do autor do texto é a descrever Vovô Tomé, por meio de qualificações (um desses casos raros do artista/a sua proeza e a sua maestria no oficio).

Resposta: texto descritivo.

26. *A solidariedade proclamada no texto constitucional deve ser espontânea, colhida na consciência de cada um e, pelo menos, da população mais aquinhoada em favor dos que têm pouco.*

Comentários: O autor procura defender sua linha argumentativa no texto – a de que a solidariedade prevista na Constituição deve vir espontaneamente do povo.

Resposta: texto dissertativo. Defesa de tese.

27. *O processo atual de globalização se diferencia do iniciado há centenas de milhares de anos porque o mundo se tornou um só e instantâneo.*

Comentários: O objetivo do texto é analisar a globalização em suas feições atuais. Estabelecimento de relação de causa e efeito porque o mundo se tornou um só e instantâneo.

Resposta: texto dissertativo. Análise de um tema.

28. *O estrangeiro provoca a nossa desconfiança, às vezes o nosso medo. Nem sempre entendemos os seus gestos e certamente não compreendemos a sua língua. Ele não se veste como nós, a sua fisionomia pode ser diferente da nossa e não adora os nossos deuses.*

Comentários: O objetivo do trecho é caracterizar, qualificar, descrever o estrangeiro. Trata-se de descrever o estrangeiro. Trata-se de uma descrição subjetiva, em que o autor qualifica o estrangeiro com base em suas impressões pessoais. Importante não confundir essa descrição subjetiva com o texto dissertativo.

Resposta: texto descritivo.

29. *A loja de antiguidades tinha o cheiro de uma arca de sacristia com seus panos embolorados e livros comidos de traça. Com as pontas dos dedos, o homem tocou numa pilha de quadros. Uma mariposa levantou voo e foi chocar-se contra uma imagem de mãos decepadas.*

Comentários: O texto inicia-se com uma descrição ("A loja de antiguidades tinha o cheiro de uma arca de sacristia com seus panos embolorados e livros comidos de traça"). Entretanto, logo na sequência, observam-se ações que evoluem em um lapso de tempo (o homem tocou numa pilha de quadros/ uma mariposa levantou voo e foi chocar-se contra uma imagem). Assim, ainda que apareçam trechos descritivos, o objetivo do autor é evidentemente relatar o que aconteceu em uma loja de antiguidades.

Resposta: texto narrativo, com aspectos descritivos.

30. *Para psicanalistas, o projeto que propõe acabar com a prisão de usuários e dependentes de drogas é um avanço. O psicanalista Eduardo Losicer diz que a nova resolução não restringe a liberdade do cidadão de usar pequenas quantidades de drogas – em muitos casos para fins medicinais, como a maconha para glaucoma e certas dores – e reduz as relações de corrupção entre a polícia e o usuário. – O projeto ainda não retira o consumo de drogas do âmbito policial. O consumidor ainda é flagrado pela polícia e deve ser apresentado a um juiz. Mas, pelo menos, não vai preso. A indicação de um tratamento, se ele for um usuário compulsivo, é sem dúvida melhor que a exclusão social numa prisão – diz Losicer.*

Comentários: Por meio de uma linguagem objetiva, o autor trata de um assunto de forma neutra, sem opinar. Seu objetivo é informar o leitor sobre o projeto que pretende acabar com a prisão de usuários e dependentes de drogas.

Resposta: texto dissertativo.

31. *Rádio é mesmo uma coisa misteriosa. Começou fazendo sucesso na sala de visitas, acabou na cozinha. Cedeu lugar à televisão, que já vai pelo mesmo caminho.*

Comentários: A intenção do autor do texto é de contar a história do rádio. Ainda que ele se inicie com uma descrição ("Rádio é mesmo uma coisa misteriosa"), observa-se que a predominância é da narração. Destaquem-se os verbos no pretérito perfeito (começou fazendo sucesso, acabou na cozinha, cedeu lugar à televisão), que caracterizam a estrutura narrativa.

Resposta: texto narrativo, com aspectos descritivos.

32. *Uma entrevista de Jean-Claude Carrière a propósito da morte de dois grandes cineastas, o sueco Ingmar Berman e o italiano Michelangelo Antonioni, coincidentemente mortos no mesmo dia 30 de julho inspira este comentário. São desaparecimentos que acentuam os paralelismos de concepção de vida, pois tanto Bergman quanto Antonioni fizeram filmes sobre a inevitável solidão, os permanentes recomeços, a dolorosa consciência de finitude e o orgulho humano de enfrentar a morte a cada dia...*

Comentários: Iniciando o texto com um breve relato de acontecimentos (a morte de dois grandes cineastas), o autor volta sua atenção para a análise de uma questão – os paralelismos de concepção de vida. Trata-se, portanto, de ênfase ao objetivo dissertativo.

Resposta: texto dissertativo, com aspectos narrativos.

33. *A primeira liberdade moderna é o transporte próprio. BMW ou bicicleta, o que conta é a sensação de poder sentar-se ao veículo e resolver em que direção partir.*

Comentários: Por meio da apresentação de sua opinião, o autor desenvolve o seguinte tema: os objetos de consumo e a liberdade moderna.

Resposta: texto dissertativo.

34. *Mas nesse ínterim chegava suado, gordo e ofegante ao recinto uma personagem bastante próxima da realidade... Vinha imbuído de formalismo, dignidade e prerrogativas do seu cargo, além de premido pelo medo de perdê-lo.*

Comentários: Embora esse texto inicie-se por passagem narrativa (mas nesse ínterim, chegava...), o que indica que ele se origina de uma narração, o que se observa neste caso é ênfase à descrição. O objetivo do autor do texto é o de qualificar um personagem, por meio de grande quantidade de substantivos e adjetivos (suado, gordo e ofegante, ..., imbuído de formalismo, dignidade e prerrogativas)

Resposta: texto descritivo, com aspectos narrativos.

35. *Uma desconfiança incômoda me obrigou a olhar melhor e então deparei com um sujeito igual a mim mesmo, apenas um pouco mais novo. Sacudido por uma espécie de insulto, experimentei o tremor de estar sendo sorrateiramente substituído.*

Comentários: Transparece-se o relato de acontecimentos (Uma desconfiança me obrigou a olhar/ e então deparei com um sujeito / experimentei o tremor). Ênfase aos verbos no pretérito perfeito e às ações que evoluem no tempo. Importa observar também que o autor entremeia sua narrativa com passagens descritivas (um sujeito igual a mim mesmo/ um pouco mais novo).

Resposta: texto predominantemente narrativo, com características descritivas.

36. *O farol dos automóveis apagava nas águas da Lagoa o reflexo das últimas estrelas. Um casal abraçava-se debaixo de uma amendoeira. Sentia-se só. A vida era para os outros.*

Comentários: Ações que ocorrem ao mesmo tempo (o farol dos automóveis apagava/um casal abraçava-se/sentia-se só). Impressões do autor em relação a uma paisagem – a Lagoa Rodrigo de Freitas.

Resposta: texto descritivo.

37. *O combate à fome e à pobreza foi adotado pelo governo federal, a partir de 2003, como política de governo. Dentro dessa política, por exemplo, foi criado o Programa Bolsa-Família que beneficia mais da metade das famílias pobres do país. O programa é de responsabilidade do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, que tem hoje o maior orçamento já investido no Brasil para combater a fome e promover o desenvolvimento Social – R$ 17 bilhões.*

Comentários: Ainda que o autor inicie seu texto por meio de um relato (o combate à fome e à pobreza foi adotado pelo governo federal, a partir de 2003), observa-se que sua intenção é a de expor o que se sabe sobre um assunto – o Programa Bolsa-Família. Trata-se, portanto, de uma dissertação que se desenvolve por meio de uma linguagem simples e objetiva.

Resposta: texto dissertativo, com características narrativas.

38. *Quando alguém começa a frase com "Eu não sou racista, mas…", você pode estar certo de que o que se segue será uma declaração racista que desmentirá espetacularmente o seu preâmbulo. Ninguém é mais racista do que quem começa dizendo que não é.*

Comentários: Importa ao autor, nesse caso, defender sua tese de que "Ninguém é mais racista do que quem começa dizendo que não é". Presença de expressões que indicam a opinião do autor (você pode estar certo/ espetacularmente).

Resposta: texto dissertativo.

39. *O Estatuto do Desarmamento, aprovado no fim do ano, e ainda em fase de regulamentação, surgiu por uma questão de sobrevivência. O contexto que deflagrou o movimento político pelo endurecimento da legislação sobre armas é no mínimo dramático. Em 20 anos, de 1980 a 2000, conforme estudo do IBGE, 600 mil brasileiros foram assassinados, uma média de 30 mil por ano.*

Comentários: Observa-se a exposição do contexto social que deflagrou a aprovação do Estatuto do Desarmamento. O autor discorre sobre o assunto transparecendo também ao leitor sua opinião (o contexto…é no mínimo dramático).

Resposta: texto dissertativo.

40. *O meu pai dizia não saber bem o porquê da existência e vivia mudando de trabalho, de mulher e de cidade. A característica mais marcante do meu pai era a sua rotatividade. Dizia-se filósofo sem livros, com uma única fortuna: o pensamento.*

Comentários: A intenção do autor é a de caracterizar um personagem – vivia mudando de trabalho, a sua rotatividade, Dizia-se filósofo sem livros.

Resposta: texto descritivo.

41. *Eu olhava para a janela e tinha a impressão de que jamais na vida chegaríamos a Nhuporã. Que pedaço brabo. O camaleão se esfregava no chassi e o pai praguejava.*

Comentários: Presença de ações que ocorrem ao mesmo tempo (eu olhava para a janela/o camaleão se esfregava/o pai praguejava), o que se destaca é a intenção do autor de caracterizar uma paisagem. Destaque à frase nominal – Que pedaço brabo – que acaba por enfatizar ainda mais a descrição.

Resposta: texto descritivo.

42. *Mas o caminho era do diabo, ele mesmo tinha dito. A pouco mais de légua de Nhuporã, o caminhão derrapou, deu um solavanco e tombou de ré.*

Comentários: Presença de verbos no pretérito perfeito (o caminhão derrapou/ deu um solavanco/ tombou de ré), que caracterizam a evolução dos acontecimentos no tempo. Relação de anterioridade e posterioridade.

Resposta: texto narrativo.

43. *Eu amo meu marido. De manhã à noite. Mal acordo, ofereço-lhe café. Ele suspira exausto da noite sempre maldormida e começa a barbear-se. Bato-lhe à porta três vezes antes que o café esfrie.*

Comentários: Ainda que a autora inicie seu texto com a exposição de um ponto de vista, observa-se logo a seguir sua intenção de relatar acontecimentos, que evoluem no tempo ("acordo", "ofereço-lhe café", "ele suspira exausto", "começa a barbear-se").

Resposta: texto narrativo.

44. *Aos poucos, a camada de pintura branca que cobria a casa de Jeffrey entrou em entendimento definitivo com o sol e com a chuva, fundindo sua obediência a ambos numa única tonalidade cinzenta. Começou a descascar.*

Comentários: Ainda que o autor apresente algumas ações que evoluem no tempo ("entrou em entendimento", "começou a descascar"), vê-se que seu objetivo é caracterizar, por meio de uma linguagem figurada, a deterioração da pintura da parede de uma casa.

Resposta: texto descritivo.

45. *Para se fazer uma revista de divulgação científica hoje, três diretrizes devem ser observadas. A primeira é o que queremos dizer e o que temos para dizer em uma revista. A segunda, se temos os meios humanos e financeiros para realizar o projeto. A terceira se refere à necessidade urgente de ampliar a "infraestrutura" de conhecimentos necessários para que a educação encontre raízes profundas em nossa sociedade, nos laboratórios de pesquisa, na natureza e na história que vivemos.*

Comentários: A intenção do autor é a de discutir um assunto – os pré-requisitos necessários para se fazer uma revista de divulgação científica.

Resposta: texto dissertativo.

46. *Calou-se e notei que os olhos do velho se tinham orvalhado. Enxugou discretamente os olhos e perguntou-me se queria ver o tal livro. Respondi-lhe que sim. Chamou o criado, deu-lhe as instruções e explicou-me que perdera todos os filhos, só lhe restando uma filha casada, cuja prole, porém, estava reduzida a um filho, débil de corpo e de saúde frágil e oscilante.*

Comentários: Eis uma característica comum ao texto narrativo: o aparecimento de aspectos descritivos ao longo do relato. Aqui o objetivo do autor é o de reproduzir acontecimentos – "calou-se", "enxugou discretamente os olhos", "chamou o criado". Entretanto, o texto não deixa de transparecer características descritivas – "os olhos do velho orvalhados", "um filho débil de corpo e de saúde frágil e oscilante".

Resposta: texto narrativo.

47. *É engraçado que eu entenda tanto de peixe e quase não pesque, mas entendo. Os peixes miúdos de moqueca são: o carapicu, o garapau, o chicharro e a sardinha.*

Comentários: A intenção do autor é falar sobre um assunto – os tipos de peixe.

Resposta: texto dissertativo.

48. *Na minha cabeça zumbem moscas, não as vejo porque voam internamente, mas as suponho coloridas, são varejeiras, mil, batem na parte interna do crânio, enchem-me a cabeça de som, cascalho e loucura.*

Comentários: Ainda que apresente ações, o texto evidencia sua intenção de caracterizar uma cena imaginária – moscas que zumbem em uma cabeça doente.

Resposta: texto descritivo.

49. *Sempre que se reúnem para lamuriar, os empresários falam no Custo Brasil, no preço que pagam para fazer negócios num país com regras obsoletas e vícios incrustados.*

Comentários: Nesse trecho, pretende-se discorrer sobre um tema – o Custo Brasil.

Resposta: texto dissertativo.

50. *Baleia assustou-se. Que faziam aqueles animais soltos de noite? A obrigação dela era levantar-se, conduzi-los ao bebedouro. Franziu as ventas, procurando distinguir os meninos. Estranhou a ausência deles.*

Comentários: Ações que evoluem no tempo – "assustou-se", "franziu as ventas", "estranhou a ausência" – caracterizam esse texto narrativo.

Resposta: texto narrativo.

51. *Baleia respirava depressa, a boca aberta, os queixos desgovernados, a língua pendente e insensível. Não sabia o que tinha se sucedido. O estrondo, a pancada que recebera no quarto, e a viagem difícil do barreiro ao fim do pátio desvaneciam-se no seu espírito.*

Comentários: Interrupção da passagem do tempo. Caracterização do personagem, não só quanto aos aspectos

externos (boca aberta, queixos desgovernados), mas também em relação às suas características psicológicas ("O estrondo, a pancada,..., desvaneciam-se no seu espírito.").

Resposta: texto descritivo.

52. *E enquanto o humilde lavrador sussurra a sua indignação, o homem, que antes era apenas vulto, já avança pela quinta fila, agora de lado, da direção do diretor e de sua assistente, que só o veem quando já está a algumas poltronas deles.*

Comentários: Ainda que haja um breve lapso temporal, a intenção do autor é a de caracterizar uma cena – um humilde lavrador, um diretor e sua assistente, bem como um estranho que deles se aproxima.

Resposta: texto descritivo.

53. *Peri lançou um olhar de desespero para as margens que se destacam alguma distância sobre a corrente plácida do rio. Quebrou o laço que prendia a canoa, impeliu-a para a terra com toda a força do remo que fendeu a água rapidamente.*

Comentários: Ações que se sucedem no decorrer do tempo – "lançou um olhar", "quebrou o laço", "impeliu-a para a terra", "fendeu rapidamente". Presença de características descritivas – "um olhar de desespero", "o laço que prendia a canoa".

Resposta: texto narrativo.

54. *Geminiano era um preto risonho, manso por fora mas espinhento por dentro. Quando alguém lhe dizia alguma coisa que não caía bem, ele parava o riso no meio e virava o avesso do pano.*

Comentários: O objetivo do autor é o de descrever, caracterizar uma personagem – Geminiano. Qualificações não só externas – "preto risonho", "manso por fora" –, mas também psicológicas – "espinhento por dentro".

Resposta: texto descritivo.

55. *O patriotismo é a dedicação a tudo que diz com a sorte do país natal e deve ser sincero como uma religião.*

Comentários: Nesse caso, o que se pretende é discorrer sobre um determinado assunto – o patriotismo. O autor não só discute o assunto como também expõe seu ponto de vista ("deve ser sincero como uma religião.").

Resposta: texto dissertativo.

56. *Somos um povo impetuoso e generoso, capaz de disciplina e de indocilidade. Somos um povo carnavalesco, mas um povo sofrido: um povo com senso de humor e com repentes de ira sagrada.*

Comentários: Intenção de caracterizar – somos um povo impetuoso e generoso. Presença de substantivos e adjetivos.

Resposta: texto descritivo.

57. *O Custo Brasil dos lamentos empresariais existe, como existem empresários responsáveis que pelo menos*

reconhecem a pilhagem, mas muito mais lamentável e atrasado é o Desperdício Brasil.

Comentários: O autor tem como intenção argumentar em relação ao Desperdício Brasil. Presença de aspectos opinativos – muito mais lamentável e atrasado.

Resposta: texto dissertativo.

58. *Para entender a sua soberania até os confins da vontade, último termo da evolução mental, para subjugar os corações, há de a religião exercitar as suas forças sublimes no terreno da igualdade e da tolerância...*

Comentários: O autor se posiciona acerca de um tema – a religião. Objetivo de discutir, discorrer sobre determinado assunto.

Resposta: texto dissertativo.

59. *Ela entrou na ponta dos pés. Tirou os sapatos para subir a escada. O terceiro degrau rangia. Pulou-o apoiando-se no corrimão.*

Comentários: O texto trabalha com o tempo: os fatos se sucedem (Ela entrou na ponta dos pés/Tirou os sapatos/Pulou-o...). Aparecimento de características de descrição (O terceiro degrau rangia).

Resposta: texto narrativo.

60. *Quando minha prima e eu descemos do táxi, já era quase noite. Ficamos imóveis diante do velho sobrado de janelas ovaladas, iguais a dois olhos tristes, um deles vazado por uma pedrada.*

Comentários: Ainda que se inicie com um relato, observa-se que o autor interrompe sua narrativa para se ater à caracterização de um velho sobrado. Presença de substantivos e adjetivos (velho sobrado, janelas ovaladas, olhos tristes).

Resposta: texto descritivo.

61. *A saleta era escura, atulhada de móveis velhos, desparelhados. No sofá de palhinha furada no assento, duas almofadas que pareciam ter sido feitas com os restos de um antigo vestido, os bordados salpicados de ladrilhos.*

Comentários: Não há lapso temporal. Impressões do autor (almofadas que pareciam ter sido feitas com os restos de um vestido antigo). Predominância de substantivos e adjetivos (saleta escura, móveis velhos). Aparecimento de frases nominais, cuja base é de verbo na forma nominal (atulhada de móveis velhos, bordados salpicados de ladrilho).

Resposta: texto descritivo.

62. *Eis o dilema do homem atual: ou se curva à moral e renuncia à felicidade, ou busca a felicidade e deixa de lado a moral.*

Comentários: Discussão de um assunto – o dilema do homem atual, no confronto entre a moral e a felicidade.

Resposta: texto dissertativo.

Selecionamos algumas questões para que você perceba a aplicabilidade desses conceitos em provas de concursos públicos. Aproveite os comentários!

23.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Veja uma questão de concurso, elaborada pela Fundação Euclides da Cunha, que ilustra esse assunto.

A SANTA CRUZ DA ESTIVA

No final do século passado, existia, rodeada por pequeno cemitério, outra igrejinha próxima ao local onde hoje está erguida a Capela de Santa Cruz da Estiva. Junto à estrada que passa diante da Capela, residia, então, um humilde lavrador que trabalhava as terras, auxiliado por sete filhos. Rapagões fortes e destemidos, eram o orgulho do pai.

Foi quando surgiu a febre amarela, ceifando vidas sem piedade. Por ironia, ela foi levando um por um os sete filhos do lavrador, deixando-o sozinho com sua dor.

Passada a epidemia, o desventurado buscou consolo em Deus. E se propôs, apesar de passar por dificuldades econômicas, a construir uma Capela nova junto à antiga, pedindo ao Senhor amparo para as almas de seus sete rapazes, conseguindo-lhes, assim, a absolvição dos pecados possivelmente cometidos.

Obteve com seus rogos que a dona da fazenda fizesse a doação de uma faixa de terreno e, com os amigos e conhecidos, acertou o empreendimento de um mutirão.

Assim foi construída a Capela de Santa Cruz da Estiva, segundo se diz por aí…

(Adaptação de lenda de autor desconhecido)

1. A lenda "A Santa Cruz da Estiva", quanto ao modo de organização textual e à justificativa para a classificação, pode ser considerada um texto:

a) narrativo, porque relata mudanças progressivas de personagens e coisas através do tempo;

b) descritivo, porque transmite imagens positivas ou negativas dos elementos descritos;

c) dissertativo, porque analisa e interpreta dados da realidade por meio de conceitos abstratos;

d) poético, porque utiliza jogos de figuras de modo a ocultar uma visão de mundo subjetiva.

Comentários:

Observe que o objetivo do texto é contar uma história. Atente à passagem do tempo e aos verbos no pretérito perfeito, indicando um antes e um depois (*Foi quando surgiu a febre amarela*/ *Obteve com seus rogos*/ *Assim foi construída*…). Procure analisar o início de cada parágrafo: o que se tem são ações que se organizam em uma relação de anterioridade e posterioridade. Muitos alunos ficariam em dúvida, talvez, em relação à letra B, porque, de fato, o texto traz imagens dos elementos descritos ao longo da narração. Mas será que o *objetivo* do autor é descrever uma cena ou *relatar* uma história? Ainda que haja aspectos descritivos, o texto é predominantemente narrativo.

Você percebeu que este texto apresentava, logo no seu início, uma passagem totalmente descritiva? O seu primeiro parágrafo era descritivo: seu objetivo foi caracterizar uma paisagem (*igrejinha próxima ao local...)* e personagens (*humilde lavrador/ rapagões fortes e destemidos*...). É exatamente isso: o texto narrativo pode vir entremeado de aspectos descritivos. Afinal, você se lembra dos clássicos que líamos na infância? Aquelas histórias eram constantemente interrompidas por descrições.

Predominam na descrição substantivos e adjetivos, bem como verbos na forma nominal (*recostado*, *entrelaçadas*...), porque esta tem como objetivo maior a **caracterização** e os nomes auxiliam o texto nessa tarefa.

Você percebeu que na descrição o tempo não evolui? Lembra que, na escola, a professora nos dizia que, quando descrevemos, é como se tirássemos uma fotografia ou congelássemos uma cena? O tempo para...

Vale uma dica:

Uma boa maneira de diferenciar a narração da descrição é observar o aspecto temporal. Na descrição, não existe relação de anterioridade e de posterioridade entre os enunciados, os movimentos ocorrem ao mesmo tempo, sem haver progressão de um estado a outro. As ações reproduzidas na descrição são simultâneas. Ao ocorrer progressão cronológica, tem-se o texto narrativo.

Os alunos costumam nos relatar que a maior dificuldade, diante de uma questão de prova, ocorre quando existe mais de uma modalidade discursiva em um mesmo texto. Por exemplo, se houver narração e descrição dentro de um mesmo texto, como classificá-lo?

Resposta: A.

Veja a seguir uma prova em que a banca pedia que se identificasse um trecho descritivo.

(BNDES – Técnico – Cesgranrio)

A ERA DO TÔ ME ACHANDO

"Bacanas teus óculos", falei. Leves, classudos, num tom esportivamente escuro, cada lente com uma sombra que subia de baixo para cima, tornavam misterioso o olhar do amigo, um jovem editor. Comentei que nunca o tinha visto de óculos. Ele devolveu: "Pois é, mas eu estava com a vista cada vez mais cansada, até que fui ao oculista e ele me disse que precisava usar. Dois graus de miopia. Excesso de leitura. Fazer o quê...", compungiu-se, o olhar vago, empurrando o par de lentes nariz acima com um charme intelectualmente sofrido. Mês depois, encontrei uma amiga cujo pai é oftalmologista. Entre anedota e outra, ela me contou que um curioso cliente do pai havia pedido um modelo de óculos sem grau. É, era ele mesmo – o editor.

Vivemos tempos curiosos. A cada segundo, e através de todos os meios possíveis, somos expostos aos corpos mais perfeitos, às biografias mais irretocáveis, à pose generalizada de famosos e anônimos. Vaidade pura. Mas um momento: você já experimentou sair por aí todo mulambento, comparecer despenteado a uma entrevista de emprego, esconder de parentes e amigos aquele êxito nos estudos? Impossível, não? Porque, hoje, não ter vaidade – não ter o hábito de apregoar aos quatro cantos, reais e virtuais, o quanto você pode ser atraente, sensacional e único – parece ser

um dos maiores pecados da nossa era, esse tempo em que todo mundo parece estar "se achando".

Por isso, os óculos de araque do meu amigo. No meio altamente intelectualizado em que ele vive, circulando entre Festas Literárias de Paraty e debates seguidos de sessões de autógrafo nas livrarias mais chiques do eixo Rio-São Paulo, ostentar uma armação bacanuda é o equivalente, em termos culturais, às pernas muito bem torneadas – horas de academia – da mocinha da novela das 8. Ou seja: tudo é vaidade.

BRESSANE, Ronaldo. Revista vida simples. out. 2009.

2. Em qual sequência é caracterizada uma descrição?

a) "Leves, classudos, num tom esportivamente escuro, cada lente com uma sombra que subia de baixo para cima,"

b) "'Pois é, mas eu estava com a vista cada vez mais cansada, até que fui ao oculista…'"

c) "Mês depois, encontrei uma amiga cujo pai é oftalmologista."

d) "ela me contou que um curioso cliente do pai havia pedido um modelo de óculos sem grau."

e) "É, era ele mesmo – o editor."

Comentários:

Observe que, nas letras B, C, D e E, o que se vê é a evolução de acontecimentos em uma narrativa. Atente aos verbos no pretérito perfeito (*fui ao oculista*/*encontrei uma amiga*/*ela me contou*). Perceba que a única alternativa que tem como objetivo caracterizar, qualificar é a letra A, que apresenta adjetivos (*leves, classudos*). Seu objetivo não é contar uma história, mas interrompê-la, caracterizando um personagem.

Agora, o mais interessante sobre este texto, a banca não perguntou. Você percebeu que, embora ele apresentasse descrição e narração, seu objetivo não foi o de contar uma história? Sua meta era a de discutir um assunto, a tese de que não ter vaidade é um dos maiores pecados da nossa era? Ora, isso faz com que o texto não seja nem narrativo nem descritivo, mas sim dissertativo. Seu objetivo é defender uma tese, a opinião do autor, expressa logo no seu título: *A era do tô me achando*. O objetivo da dissertação é só um: discutir um assunto, abstrair.

Resposta: A.

Um texto que considero um clássico de concursos públicos veio de uma prova elaborada pelo NCE e é emblemático de tudo isso sobre que estamos conversando. Além de tudo, é de nosso tão saudoso Saramago. Observe:

VIOLÊNCIA NO CAMPO

José Saramago

No dia 17 de abril de 1996, no estado brasileiro do Pará, perto de uma povoação chamada Eldorado dos Carajás (Eldorado: como pode ser sarcástico o destino de certas palavras…), 155 soldados da polícia militarizada, armados de espingardas e metralhadoras, abriram fogo contra uma manifestação de camponeses que bloqueavam a estrada em ação de protesto pelo atraso dos procedimentos legais de expropriação de terras, como parte do esboço ou simulacro de uma

suposta reforma agrária na qual, entre avanços mínimos e dramáticos recuos, se gastaram já cinquenta anos, sem que alguma vez tivesse sido dada suficiente satisfação aos gravíssimos problemas de subsistência (seria mais rigoroso dizer sobrevivência) dos trabalhadores do campo. Naquele dia, no chão de Eldorado dos Carajás ficaram 19 mortos, além de umas quantas dezenas de pessoas feridas.

Passados três meses sobre este sangrento acontecimento, a polícia do estado do Pará, arvorando-se a si mesma em juiz numa causa em que, obviamente, só poderia ser a parte acusada, veio a público declarar inocentes de qualquer culpa os seus 155 soldados, alegando que tinham agido em legítima defesa, e, como se isto lhe parecesse pouco, reclamou procedimento judicial contra três dos camponeses, por desacato, lesões e detenção ilegal de armas. O arsenal bélico dos manifestantes era constituído por três pistolas, pedras e instrumentos de lavoura mais ou menos manejáveis. Demasiado sabemos que, muito antes da invenção das primeiras armas de fogo, já as pedras, as foices e os chuços haviam sido considerados ilegais nas mãos daqueles que, obrigados pela necessidade a reclamar pão para comer e terra para trabalhar, encontraram pela frente a polícia militarizada do tempo, armada de espadas, lanças e albardas. Ao contrário do que geralmente se pretende fazer acreditar, não há nada mais fácil de compreender que a história do mundo, que muita gente ilustrada ainda teima em afirmar ser complicada demais para o entendimento rude do povo.

3. O texto é mais adequadamente classificado como:

a) descritivo.

b) narrativo.

c) argumentativo.

d) expositivo.

e) informativo.

Comentários:

Veja que o texto começa com uma narração entremeada de descrições. As ações se sucedem no tempo (*155 soldados...abriram fogo*; *Naquele dia, no chão de Eldorado dos Carajás ficaram 19 mortos...*), o que caracteriza o primeiro parágrafo como predominantemente narrativo. Por outro lado, vemos muitos trechos cujo objetivo é caracterizar cenas e personagens (*155 soldados...armados de espingardas e metralhadoras...umas quantas dezenas de pessoas feridas...*). Assim, devemos classificar o primeiro parágrafo como predominantemente narrativo, com aspectos descritivos.

Entretanto, no segundo parágrafo, percebemos que a narração evolui para uma discussão. Sentimos que o autor utilizou-se da história relatada ao longo do texto como pretexto para apresentar sua tese: *não há nada mais fácil de compreender que a história do mundo*. Se você reparar bem é só na segunda metade do segundo parágrafo que o autor deixa transparecer sua real intenção: ele pretende discutir um assunto, abstrair, dissertar. É a defesa de uma tese – o texto é predominantemente dissertativo argumentativo com aspectos narrativos e descritivos. E o mais

interessante é que, apesar de a dissertação só ter tomado forma mesmo ao final do texto, é ela que predomina. Porque essa é a *intenção do autor*.

Aqui, vale um recado:

> Toda vez que a banca pedir que se classifique um texto em sua predominância, lembre-se de que esse critério não tem a ver com o número de linhas como se, supostamente, forem dez linhas de narração e seis de dissertação, o texto seria predominantemente narrativo??? Se fosse assim, classificar um texto seria algo mais perto da matemática... Classificar um texto significa identificar a intenção do autor, seu objetivo ao produzir o texto.

Veja mais uma prova:

O MEDO SOCIAL

Jurandir Freire Costa

No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado. De repente foi assaltada por um adolescente, que a roubou, ameaçando cortar a garganta do garoto. Dias depois, a mesma senhora reconhece o assaltante na rua. Acelera o carro, atropela-o e mata-o, com a aprovação dos que presenciaram a cena. Verídica ou não, a história é exemplar. Ilustra o que é a cultura da violência, a sua nova feição no Brasil.

Ela segue regras próprias. Ao expor as pessoas a constantes ataques à sua integridade física e moral, a violência começa a gerar expectativas, a fornecer padrões de respostas.Episódios truculentos e situações-limite passam a ser imaginados e repetidos com o fim de caucionar a ideia de que só a força resolve conflitos. A violência torna-se um item obrigatório na visão do mundo que nos é transmitida. Cria a convicção tácita de que o crime e a brutalidade são inevitáveis. O problema, então, é entender como chegamos a esse ponto. Como e por que estamos nos familiarizando com a violência, tornando-a nosso cotidiano.

Em primeiro lugar, é preciso que a violência se torne corriqueira para que a lei deixe de ser concebida como o instrumento de escolha na aplicação da justiça. Sua proliferação indiscriminada mostra que as leis perderam o valor normativo e os meios legais de coerção, a força que deveriam ter. Nesse vácuo, indivíduos e grupos passam a arbitrar o que é justo ou injusto, segundo decisões privadas, dissociadas de princípios éticos válidos para todos. O crime é, assim, relativizado em seu valor de infração. Os criminosos agem com consciências felizes. Não se julgam fora da lei ou da moral, pois conduzem-se de acordo com o que estipulam ser o preceito correto. A imoralidade da cultura da violência consiste justamente na disseminação de sistemas morais particularizados e irredutíveis a ideais comuns, condição prévia para que qualquer atitude criminosa possa ser justificada e legítima.

4. "No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado. De repente foi assaltada por um adolescente..."; a passagem do pretérito imperfeito para o pretérito perfeito marca a mudança de:

a) um texto descritivo para um texto narrativo.

b) a fala do narrador para a fala do personagem.

c) um tempo passado para um tempo presente.

d) um tempo presente para um tempo passado.

e) a mudança de narrador.

5. O texto acima pode ser classificado, de forma mais adequada, como:

a) narrativo moralizante.

b) informativo didático.

c) dissertativo opinativo.

d) normativo regulamentador.

e) dissertativo polêmico.

Comentários:

Questão 4: Observe que o parágrafo começa com uma descrição de uma cena (*No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado*). Logo em seguida, observa-se um conector temporal (*de repente*), que indica uma ruptura: uma passagem da modalidade descritiva para a narrativa. Do conector temporal em diante, o que se observa é a evolução de uma história.

Resposta: A.

Aqui, vale uma dica:

Em geral, a narração utiliza verbos no pretérito perfeito, já que seu objetivo é relatar acontecimentos que evoluem em uma sequência cronológica. Já na descrição, a tendência é a de que os verbos apareçam no pretérito imperfeito.

Questão 5:

Quanto à letra A, o texto seria narrativo moralizante se seu objetivo fosse contar uma história e, ao seu final, apresentasse uma moral, um conselho. Não foi o caso. Se fosse a letra B, o seu objetivo teria sido o de informar o leitor, aumentar seu conhecimento sobre um determinado assunto. Mais do que isso: sendo didático, teria como meta ensinar o leitor.

Normativo regulamentador, que é o que se diz na letra D, ele não é: seu objetivo não é estabelecer normas, regulamentar relações. Isso é meta dos estatutos, das leis que vocês estudam por aí…

Normalmente, o aluno fica em dúvida entre as letras C e E. Dissertativo polêmico (letra E) ele não é: seria polêmico se o seu objetivo fosse apresentar duas visões a respeito de determinado assunto. Não foi isso que o autor procurou desenvolver – sua meta foi utilizar-se de uma narração, entremeada de aspectos descritivos, que serviria de pretexto para uma discussão. O mote do texto era falar da *cultura da violência, sua nova feição no Brasil.* Ora, se o objetivo do autor era discutir um assunto, sob seu ponto de vista, pode-se dizer que o texto é predominantemente dissertativo

opinativo (ou argumentativo), com aspectos narrativos e descritivos.

Você deve estar se perguntando: quantas modalidades de texto dissertativo existem? Qual é a diferença entre texto dissertativo opinativo e expositivo? Texto opinativo é sinônimo de argumentativo? Dizer que um texto é dissertativo informativo é dizer que ele também é expositivo?

Se surgirem essas dúvidas, você pode retomar o conteúdo no decorrer deste capítulo, como o explicado no tópico 23.1.6. Porém, para ajudar e refrescar a memória, segue um resumo a respeito.

Em textos de concursos públicos, costuma-se subdividir os textos dissertativos em duas modalidades – o texto dissertativo expositivo e o texto dissertativo opinativo-argumentativo. O primeiro tem por objetivo discutir um assunto, expor o que se sabe sobre ele sem defesa de ponto de vista do autor. Já a segunda modalidade tem como meta a persuasão, o convencimento – neste tipo de texto o autor utiliza estratégias argumentativas que visam defender sua tese.

O texto dissertativo expositivo expõe ideias, explana, discute, revela o que o autor sabe sobre determinado assunto. Sua linguagem é objetiva, clara, impessoal. Traz abordagem abrangente sobre um tema, permitindo que o leitor desenvolva sua própria opinião sobre o assunto. Nesse texto, o autor não manifesta, ao menos explicitamente, suas opiniões sobre o tema tratado. Ainda que em alguns momentos do texto ele opine, sua intenção não é defender seu ponto de vista sobre o tema em questão.

Neste tipo de texto, o autor simplesmente expõe aquilo que sabe sobre determinada matéria, sem a preocupação de julgar, emitir opinião em relação ao assunto sobre o qual discorre. São fatos, e não julgamentos.

Além de revelar tudo que sabe sobre determinado assunto, você percebeu que o texto tem como objetivo aumentar o *seu* conhecimento sobre o tema? Trazer novidades, acrescentar conhecimento para o leitor?

O texto dissertativo informativo é uma modalidade de texto dissertativo expositivo. É que há textos expositivos que apresentam informações sobre um objeto ou fato específico, sua descrição, a enumeração de suas características, com o objetivo de aumentar o conhecimento do leitor sobre determinado assunto. Esse tipo de texto é chamado de **informativo**. Com linguagem objetiva e impessoal, ele pressupõe acréscimo de informação para quem o lê. O texto dissertativo informativo é o tipo de texto que procura tratar de assunto de interesse do leitor e busca a novidade, algo que o público não conheça.

Por meio de dados estatísticos e exemplos e de uma linguagem objetiva, o autor atinge seu objetivo – apresentar possíveis novidades ao seu leitor. O que se tem é um texto em que o autor não só expõe o que sabe sobre determinado assunto (daí ser chamado de expositivo), mas também acrescenta informações a quem o lê (por isso, é informativo). Assim, poderíamos resumir:

Todo texto informativo é também expositivo, pois o autor expõe o que sabe sobre um assunto com a intenção de aumentar o conhecimento do leitor. Mas nem todo texto expositivo é informativo – o texto será apenas expositivo se o autor pretender unicamente expor o que sabe sobre determinada matéria sem a pretensão de acrescentar informações a quem o lê.

De qualquer forma, sendo o texto unicamente expositivo ou também informativo, o que se observa é que nesses textos não há intenção de se defender uma tese, ou apresentar argumentos do autor. O que se vê são **fatos**. Se o objetivo do texto for defender opinião, julgamentos, ele será dissertativo opinativo – ou argumentativo.

O **texto dissertativo opinativo**, também chamado de argumentativo, difere do dissertativo expositivo, pois, além de expor o que se sabe sobre um assunto – e, muitas vezes, também informar –, o texto dissertativo argumentativo tem por finalidade principal persuadir o leitor sobre determinado assunto, modificar seu comportamento.

Percebe-se, ao longo deste tipo de texto, palavras que indicavam o posicionamento do autor. Muitas vezes, o autor, com o intuito de transparecer sua opinião, utiliza-se de algumas marcas linguísticas capazes de persuadir o leitor, tais como verbos na 1ª pessoa do singular ou plural e expressões de modalidade – são os chamados modalizadores (vocábulos indicativos da opinião do autor, que podem ajudar você a diferenciar no texto o fato do julgamento).

Veja uma prova elaborada pela Fundação Euclides da Cunha, em que se apresentava uma questão de tipologia textual:

RIO + 10 … POR CENTO!

APENAS UMA DÉCADA DEPOIS

Encerrada há pouco em Johannesburgo, África do Sul, a Conferência Rio + 10 terminou pateticamente, sob o olhar desalentado de ambientalistas, jornalistas, economistas e políticos.

O Secretário de Estado dos EUA, Collin Powell, foi vaiado por afirmar que os Estados Unidos estão, sim, preocupados com a saúde ambiental do planeta. O presidente Fernando Henrique Cardoso viu derrotada – ao som da bem orquestrada banda regida pela Casa Branca e que incluía Rússia, China, Índia e países árabes exportadores de petróleo – a proposta brasileira para que, dentro de oito anos, 10% da matriz energética mundial viesse de fontes renováveis. Inclusive a tecnologia *made in Brazil* ancorada no etanol, *of course*. Ao mesmo tempo, o polêmico chefe de Estado venezuelano, Hugo Chávez, sob tímidos aplausos, dizia que "enquanto nós, governantes, vamos de conferência em conferência, nossos povos vão de abismo em abismo".

De concreto, mesmo, o que se produziu na Rio + 10 foi apenas uma vaga carta de intenções, com frases do tipo "vamos reduzir a perda de espécies", "reconhecemos que países pobres precisarão de ajuda financeira para cumprir os objetivos", e "reconhecemos o princípio da repartição de benefícios obtidos com espécies de países pobres, ou seja, asseguramos que as comunidades locais devem usufruir de benefícios decorrentes da exploração de recursos naturais encontrados em suas terras". Tudo isso pomposamente dito, mas sem metas definidas ou prazos para implementação.

Travestidos de Tomaso de Lampedusa, afirmamos que algo deve mudar para que tudo continue como está. Até quando?

(FAVARETTO, J. A. UNO Notícias. Informativo do Sistema UNO de Ensino, n. 4, outubro de 2002, p. 3.)

6. Considerando-se o modo de organização do discurso, é possível afirmar que o texto acima:

a) tem uma estrutura argumentativa, desenvolvida com elementos que deixam clara a opinião favorável do autor a respeito do fato polêmico abordado.

b) pode ser definido como dissertativo, pois nele o autor realiza uma explanação dos acontecimentos que caracterizaram a Conferência Rio + 10.

c) é narrativo, em estilo jornalístico, com elementos que assinalam a presença do narrador e a sua opinião sobre os resultados da Conferência Rio + 10.

d) foi construído com uma parte narrativa e outra descritiva, sendo forte nesta última a opinião desfavorável do autor sobre os resultados da Conferência Rio + 10.

e) contém uma descrição detalhada das diversas correntes de interesses que se apresentaram na Conferência Rio + 10.

Comentários:

Observe que o objetivo do texto não é dissertar sobre uma conferência realizada, mas apresentar relatos que se organizam em uma sequência cronológica – os acontecimentos da Conferência Rio + 10. Assim, eliminam-se as alternativas A e B.

Quanto à letra D, ainda que ocorram aspectos descritivos (*bem orquestrada banda regida*/*tímidos aplausos*), não se pode afirmar que o texto se divida em uma parte narrativa e outra descritiva. Além disso, quando o autor demonstra sua *opinião desfavorável sobre os resultados da Conferência Rio + 10*, o que se tem é *dissertação*, e não descrição.

Assim, ainda que haja passagens descritivas e opinativas no texto, o que se percebe é que o autor veio relatar acontecimentos de uma conferência, com opiniões ao longo de seu relato. O texto é narrativo, com aspectos descritivos e opinativos.

Resposta: C.

CRITÉRIO ARRISCADO

O exemplo veio da maior economia do mundo: as agências de regulação e desenvolvimento – caso da SEC (Securities Exchange Comission) americana, e da CVM brasileira – têm que ser mantidas a salvo da submissão ou das influências políticas. Esta é a melhor forma de preservar a independência de organismos desse tipo cuja eficiência e utilidade para a economia do país são consequência direta de sua credibilidade e da independência de seus dirigentes.

Recentemente, nos Estados Unidos, o presidente da SEC, Harvey Pitt, viu-se compelido a renunciar a seu mandato. Motivo? Ele teria iludido seus colegas de conselho (diretoria da SEC), para conseguir maioria na escolha de William Webster para a liderança de um novo comitê que supervisionará a indústria da contabilidade no país.

Para conseguir o que pretendia, Pitt deixara de informar os demais membros do conselho da SEC que Webster fora chefe de auditoria de uma das companhias que, recentemente, se envolveram com fraudes contábeis. Pitt havia sido indicado para o cargo por Bush, no ano passado, e deveria cumprir um mandato de quatro anos. Diante dos fatos que envolviam Webster, e que eram parte da onda de escândalos financeiros que assola os Estados Unidos há mais de um

ano, Pitt não teve alternativa.

No Brasil, o mandato fixo, de quatro anos, para os diretores e presidente da CVM, existe como forma de preservar sua independência.

Ao serem empossados em seus cargos, o presidente e diretores da Comissão de Valores Mobiliários assumem com o país os compromissos de moralidade e legalidade de seus atos, que são comuns todos os servidores públicos. E tendo em vista a gravidade de sua missão, frequentemente confrontada com interesses do mercado e do próprio governo, têm como forma de defesa de sua independência a duração de seu mandato.

A lição recente dos Estados Unidos, em que o mandato fixo não foi suficiente para amparar a ilegalidade, é boa para americanos e serve para o Brasil. O episódio Pitt mostra que o mandato de quatro anos é bom para preservar a independência dos dirigentes da agência, mas não pode servir de escudo no momento em que o agente público atue contra os superiores interesses da moralidade e da legalidade.

Mostra, também, que a melhor forma de evitar constrangimentos futuros, na escolha de dirigentes com mandatos fixos, ainda é a observância dos critérios de competência técnica e de moralidade. A pura e simples filiação partidária não deve habilitar ninguém a cargos desse tipo. O risco é um eventual constrangimento, como o que Bush experimentou ao nomear Harvey Pitt.

(Jornal do Brasil, 17/11/2002, p. A14.)

7. Do ponto de vista do modo de organização do discurso, pode-se afirmar que os parágrafos do texto são:

a) narrativos, apesar de o objetivo do texto ser essencialmente argumentativo.

b) argumentativos, mas estruturados de acordo com o modelo narrativo.

c) argumentativos, sendo que o segundo e o terceiro parágrafos têm estrutura narrativa.

d) narrativos, sendo que o primeiro, o quarto e o quinto parágrafos têm estrutura argumentativa.

e) descritivos, mas a serviço de um texto cujo objetivo é predominantemente narrativo.

Comentários:

O texto é predominantemente dissertativo argumentativo. Sua meta é defender uma tese explicitada nos dois últimos parágrafos – a de que o mandato de quatro anos "não pode servir de escudo no momento em que o agente público atue contra os superiores interesses de moralidade e legalidade", bem como "a melhor forma de evitar constrangimentos futuros, na escolha de dirigentes com mandatos fixos, ainda é a observância dos critérios de competência técnica e de moralidade".

Resposta: C.

Veja agora este texto de nosso tão saudoso Machado de Assis, retirado de prova elaborada pelo Cespe/UnB, para o Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro:

Há dessas reminiscências que não descansam antes que a pena ou língua as publique. Um antigo dizia arrenegar de conviva que tem memória. A vida é cheia de tais convivas, e eu sou acaso um deles, conquanto a prova de ter a memória fraca seja exatamente não me acudir agora o nome de tal antigo; mas era um antigo, e basta.

Não, não, a minha memória não é boa. Ao contrário, é comparável a alguém que tivesse vivido por hospedarias, sem guardar delas nem caras nem nomes; e somente raras circunstâncias. A quem passe a vida na mesma casa de família, com os seus eternos móveis e costumes, pessoas e afeições, é que se lhe grava tudo pela continuidade e repetição. Como eu invejo os que não esqueceram a cor das primeiras calças que vestiram! Eu não atino com a das que enfiei ontem. Juro só que não eram amarelas porque execro essa cor; mas isso mesmo pode ser olvido e confusão.

E antes seja olvido que confusão; explico-me. Nada se emenda bem nos livros confusos, mas tudo se pode meter nos livros omissos. Eu, quando leio algum desta outra casta, não me aflijo nunca. O que faço, em chegando ao fim, é cerrar os olhos e evocar todas as coisas que não achei nele. Quantas ideias finas me acodem, então! Que de reflexões profundas! Os rios, as montanhas, as igrejas que não vi nas folhas lidas, todos me aparecem agora com as suas águas, as suas árvores, os seus altares; e os generais sacam das espadas que tinham ficado na bainha, e os clarins soltam as notas que dormiam no metal, e tudo marcha com uma alma imprevista.

É que tudo se acha fora de um livro falho, leitor amigo. Assim preencho as lacunas alheias; assim podes também preencher as minhas.

Machado de Assis. Dom Casmurro. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996, p. 79.

8. Assinale a opção que apresenta uma frase narrativa do texto:

a) "Há dessas reminiscências."

b) "Um antigo dizia arrenegar de conviva que tem memória."

c) "A vida é cheia de tais convivas."

d) "Não, não, a minha memória não é boa."

e) "Quantas ideias finas me acodem, então."

Comentários:

Observe nas letras A, C, D e E, temos exemplos de dissertação: são frases que apresentam conceitos, ideias, abstrações. Veja com especial atenção as letras D e E, que apresentam o uso da 1ª pessoa do singular (*minha*, *me*), como forma de veicular a opinião do autor. Ora, tais recursos podem inclusive ajudar você a perceber que os trechos são argumentativos.

No entanto, observe a letra B: ela indica que, nesse trecho, o autor relata acontecimentos de sua vida, *conta a história de um amigo que se zangava com aqueles que tinham memória* – o que caracteriza o trecho como narrativo.

Resposta: B.

MAIS UM RETIRADO DE PROVA DO CESPE/UNB:

A Revolução Industrial provocou a dissociação entre dois pensamentos: o científico e tecnológico e o humanista. A partir do século XIX, a liberdade do homem começa a ser identificada com a eficiência em dominar e transformar a natureza em bens e serviços. O conceito de liberdade começa a ser sinônimo de consumo. Perde importância a prática das artes e consolidam-se a ciência e a tecnologia. Relega-se a preocupação ética. A procura da liberdade social se faz sem considerar-se sua distribuição. A militância política passa a ser tolerada, mas como opção pessoal de cada um.

Essa ruptura teve o importante papel de contribuir para a revolução do conhecimento científico e tecnológico. A sociedade humana se transformou, com a eficiência técnica e a consequente redução do tempo social necessário à produção dos bens de sobrevivência.

O privilégio da eficiência na dominação da natureza gerou, contudo, as distorções hoje conhecidas: em vez de usar o tempo livre para a prática da liberdade, o homem reorganizou seu projeto e refez seu objetivo no sentido de ampliar o consumo. O avanço técnico e científico, de instrumento da liberdade, adquiriu autonomia e passou a determinar uma estrutura social opressiva, que servisse ao avanço técnico e científico. A liberdade identificou-se com ideia de consumo. Os meios de produção, que surgiram do avanço técnico, visam ampliar o nível dos meios de produção.

Graças a essa especialização e priorização, foi possível obter-se o elevado nível de potencial-de-liberdade que o final do século XX oferece à humanidade. O sistema capitalista permitiu que o homem atingisse as vésperas da liberdade em relação ao trabalho alienado, às doenças e à escassez. Mas não consegue permitir que o potencial criado pela ciência e tecnologia seja usado com a eficiência desejada.

(Cristovam Buarque. Na fronteira do futuro. Brasília: EDUnB, 1989. p.13 (com adaptações).

9. Quanto à organização do texto, julgue os itens a seguir.

a) A argumentação do texto estrutura-se em três eixos principais: ciência e tecnologia, busca da liberdade e militância política.

b) A tese para esse texto argumentativo pode assim ser resumida: nem todo "potencial-de-liberdade" gera liberdade com a eficiência desejada.

c) Para organizar o texto, predominantemente argumentativo, o autor recorre a ilustrações temáticas e trechos descritivos sobre condições das sociedades.

d) O fragmento a seguir, caso fosse utilizado como continuidade do texto, manteria a coerência da argumentação: Existe, assim, uma ambiguidade entre a ampliação dos horizontes da liberdade e os resultados, de fato, alcançados pelo homem.

A letra A está errada, pois a argumentação do texto não se estrutura em torno de três eixos, mas de dois: um eixo científico e tecnológico e o outro humanista.

Quanto à letra B, de fato essa é a tese, que aparece explicitada no último parágrafo do texto, com as palavras "Mas

não consegue permitir que o potencial criado pela ciência e tecnologia seja usado com a eficiência desejada". Assertiva certa, portanto.

Já a letra C está errada: o texto é mesmo predominantemente argumentativo, mas não se utilizam ilustrações temáticas (que são o mesmo que *exemplos*) nem trechos descritivos para fundamentar--se a tese.

Quanto à letra D, de fato essa frase é uma *reescritura da tese do texto*. Sabendo-se que um fragmento, para que possa representar uma possível continuidade de um texto, só precisa reescrever sua ideia central, vê-se que a frase apresentada pela banca repete a tese do autor. O objetivo do texto era fazer oposição entre *o potencial-de-liberdade que a tecnologia proporciona e as limitações que o consumo impõe à liberdade que o homem tanto almeja.*

Agora é com você! Selecionamos algumas questões para que você verifique se realmente fixou os conteúdos. Ao final, você terá um gabarito com comentários. Boa sorte!

23.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO COMENTADO NO FINAL)

Texto I (Aux. Cart.-CGJ-UFRJ/02)

O NECROLÓGICO DOS DESILUDIDOS DE AMOR

Carlos Drummond de Andrade

Os médicos estão fazendo autópsia dos que se mataram.

Que grandes corações eles possuíam

Vísceras imensas, tripas sentimentais

e um estômago cheio de poesia.

Texto II (Aux. Cart.-CGJ-UFRJ/02)

INFORMAÇÃO

O Observatório Nacional informou que os brasileiros assistirão no dia 4 de janeiro a um eclipse parcial do sol. No Rio, a luz solar sofrerá uma redução de 69% entre 11 e 12 horas. O fenômeno provocará no meio do dia o aspecto de um entardecer.

1. A oposição INCORRETA entre, respectivamente, os texto I e II é:

a) verso / prosa.

b) poesia / informação.

c) sensibilidade / verdade.

d) vocábulos formais / vocábulos informais.

e) passado / futuro.

Texto III

PROTESTO TÍMIDO

Fernando Sabino

Ainda há pouco eu vinha para casa a pé, feliz da minha vida e faltavam dez minutos para a meia-noite. Perto da praça General Osório, olhei para o lado e vi, junto à parede, antes da esquina, algo que me pareceu uma trouxa de roupa, um saco de lixo. Alguns passos mais e pude ver que era um menino.

Escurinho, de seus seis ou sete anos, não mais. Deitado de lado, braços dobrados como dois gravetos, as mãos protegendo a cabeça. Tinha os gambitos também encolhidos e enfiados dentro da camisa de meia esburacada, para se defender contra o frio da noite. Estava dormindo, como podia estar morto. Outros, como eu, iam passando, sem tomar conhecimento de sua existência.

Não era um ser humano, era um bicho, um saco de lixo mesmo, um traste inútil, abandonado, sobre a calçada. Um menor abandonado.

Quem nunca viu um menor abandonado? A cinco passos, na casa de sucos de frutas, vários casais de jovens tomavam sucos de frutas, alguns mastigavam sanduíches. Além, na esquina da praça, o carro da radiopatrulha estacionando, dois boinas-pretas conversando do lado de fora. Ninguém tomava conhecimento da existência do menino.

Segundo as estatísticas, como ele existem nada menos que 25 milhões no Brasil, que se pode fazer? Qual seria a reação do menino se eu o acordasse para lhe dar todo o dinheiro que trazia no bolso? Resolveria o seu problema? O problema do menor abandonado? A injustiça social?

(...)

Vinte e cinco milhões de menores – um dado abstrato, que a imaginação não alcança. Um menino sem pai nem mãe, sem o que comer nem onde dormir – isto é um menor abandonado. Para entender, só mesmo imaginando meu filho largado no mundo aos seis, oito ou dez anos de idade, sem ter para onde ir nem para quem apelar. Imagino que ele venha a ser um desses que se esgueiram como ratos em torno aos botequins e lanchonetes e nos importunam cutucando-nos de leve – gesto que nos desperta mal contida irritação – para nos pedir um trocado. Não temos disposição sequer para olhá-lo e simplesmente o atendemos (ou não) para nos livrarmos depressa de sua incômoda presença. Com o sentimento que sufocamos no coração, escreveríamos toda a obra de Dickens. Mas estamos em pleno século XX, vivendo a era do progresso para o Brasil, conquistando um futuro melhor para os nossos filhos. Até lá, que o menor abandonado não chateie, isto é problema para o juizado de menores. Mesmo porque são todos delinquentes, pivetes na escola do crime, cedo terminarão na cadeia ou crivados de balas pelo Esquadrão da Morte.

Pode ser. Mas a verdade é que hoje eu vi meu filho dormindo na rua, exposto ao frio da noite, e além de nada ter feito por ele, ainda o confundi com um monte de lixo.

1. Uma crônica, como a que você acaba de ler, tem como melhor definição:

a) registro de fatos históricos em ordem cronológica.

b) pequeno texto descritivo geralmente baseado em fatos do cotidiano.

c) seção ou coluna de jornal sobre tema especializado.

d) texto narrativo de pequena extensão, de conteúdo e estrutura bastante variados.

e) pequeno conto com comentários, sobre temas atuais.

2. O texto começa com os tempos verbais no pretérito imperfeito – vinha, faltavam – e, depois, ocorre a mudança para o pretérito perfeito – olhei, vi etc; essa mudança marca a passagem:

a) do passado para o presente.

b) da descrição para a narração.

c) do impessoal para o pessoal.

d) do geral para o específico.

e) do positivo para o negativo.

3. O uso da primeira pessoa na crônica tem um efeito de:

a) construir uma narrativa impessoal, já que o cronista é observador neutro.

b) seguir o modelo típico de um texto jornalístico, como este.

c) manifestar no discurso a opinião dos leitores.

d) expressar o ponto de vista do narrador.

e) transformar o texto em algo objetivo e popular.

4. O tom predominante na crônica é o de:

a) comiseração.

b) remorso.

c) revolta.

d) desprezo.

e) tristeza.

5. Dentre as perguntas abaixo, aquela que poderia ser considerada como pergunta retórica é:

a) " Quem nunca viu um menor abandonado?".

b) " Segundo as estatísticas, como ele existem nada menos que 25 milhões no Brasil, que se pode fazer?".

c) " Qual seria a reação do menino se eu o acordasse para lhe dar todo o dinheiro que trazia no bolso?".

d) " Resolveria o seu problema?".

e) " (Resolveria) A injustiça social?".

Texto IV

DA " LIVRE MANIFESTAÇÃO" AO VANDALISMO

João Mellão Neto

[...] Recordo-me de um bar, no centro de São Paulo onde, na década de 60, nos toaletes, aparecia a seguinte inscrição: " Não risque as paredes. Se você acredita que seu pensamento seja tão original a ponto de merecer sua inscrição aqui, não se constranja. Procure a gerência e nós mesmos nos encarregamos de autorizá-lo".

O mesmo raciocínio vale para os pichadores. Se o que eles têm a manifestar tem algum valor artístico ou filosófico, sem dúvida existirão proprietários de muros dispostos a permitir-lhes a inscrição. Agora, pichação de bens públicos ou de muros

particulares, à revelia do proprietário, não é manifestação artística, é vandalismo. E, como tal, deve ser coibido.

O dever do Estado é proteger a propriedade de todos da sanha de cada um e a propriedade de cada um da sanha de todos. A pichação dos bens públicos ou particulares viola ambos os princípios e, portanto, é dever da autoridade competente tomar medidas coercitivas. Eu, como milhões de cidadãos, gosto de ver a minha cidade limpa. Faço minha parte, de um lado mantendo meu muro pintado e de outro pagando impostos para que a Prefeitura faça o mesmo com os nossos monumentos. Se os pichadores têm seus " direitos" de expressarem-se livremente, eu também tenho os meus de querer minha cidade em ordem e bonita. Com uma diferença: eu pago impostos para exercer a minha cidadania e eles, tão somente, adquirem uma lata de aerossol.

1. No título do texto IV, a expressão " livre manifestação" aparece entre aspas para:

a) distinguir uma citação do resto do contexto.

b) fazer sobressair termos não peculiares à linguagem normal.

c) acentuar o valor significativo de uma palavra ou expressão.

d) realçar ironicamente uma palavra ou expressão.

e) destacar o termo de maior valor do texto.

2. No título, os termos livre manifestação e vandalismo:

a) representam duas maneiras de encarar o mesmo fato.

b) falam, respectivamente, do aspecto ilegal e legal das pichações.

c) são argumentos favoráveis ao aparecimento de pichações.

d) indicam o pensamento das autoridades sobre as pichações.

e) mostram duas realidades que ocorrem simultaneamente.

3. O texto IV deve ser classificado, de forma mais adequada, como:

a) descritivo.

b) narrativo.

c) dissertativo expositivo.

d) dissertativo polêmico.

e) dissertativo informativo.

Texto V: " As fronteiras políticas das nações-estados são estreitas e limitadas demais para definir o escopo e o alcance da empresa moderna." (J. Spencer)

Texto VI: " As estruturas políticas mundiais são inteiramente obsoletas. Não mudaram em pelo menos cem anos e estão lamentavelmente desafinadas como progresso tecnológico." (J. Maisonrouge)

1. A afirmação correta em relação aos textos V e VI:

a) o texto V é narrativo enquanto o texto VI é dissertativo.

b) o texto V trata de tema menos amplo que o texto VI.

c) ambos os textos mostram que a tecnologia é prejudicial.

d) só o texto 3 defende a alteração das fronteiras políticas atuais.

e) os dois textos têm caráter descritivo.

Texto VII

SAIBA MAIS SOBRE O PROBLEMA

Recente documento, elaborado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), revela que o Brasil é um país mergulhado na sujeira: metade dos municípios não têm serviço de esgoto sanitário, 70% do lixo das cidades são jogados em lixões e alagados (rios, lagos, mar, etc.) e apenas poucos municípios fazem coleta seletiva de lixo.

Os brasileiros produzem todos os dias mais de 125.000 toneladas de lixo, além dos 14,5 milhões de metros cúbicos de esgoto. O destino inadequado de todo esse lixo e esgoto ajuda a explicar por que ainda sofremos com doenças do século XIX, como a febre amarela, as hepatites, as diarreias, os vermes e mesmo as recentes epidemias de Dengue.

Outros fatos preocupantes são:

- o grande volume de lixo encontrado nas ruas, o que segundo a COMLURB demonstra a falta de educação da população que joga lixo de todos os tipos nas vias públicas;
- as milhares de crianças que trabalham revirando lixo nos lixões, disputando com moscas, ratos e urubus, os restos de comida ou objetos que podem ser reaproveitados ou vendidos;
- o chorume, líquido contaminado liberado pelo lixo em decomposição, atinge rios, lagos e a Baía de Guanabara, dentre outros, contaminando peixes, aves e o próprio Homem, gerando graves doenças, problemas sociais e ambientais.

1. Este é um texto retirado de um pequeno jornal de um colégio do Rio de Janeiro e seu valor está no assunto que aborda: o lixo. Para dar valor ao que nele é expresso, o autor procurou destacar dois aspectos, manifestados na primeira linha do texto:

a) atualidade e credibilidade.

b) objetividade e cientificismo.

c) autoridade e sentimentalismo.

d) suspense e negativismo.

e) verdade e nacionalismo.

2. A finalidade principal do texto VII deve ser a de:

a) criticar as autoridades governamentais.

b) denunciar a poluição ambiental.

c) procurar aumentar o conhecimento do assunto.

d) mostrar soluções para o problema do lixo.

e) indicar os principais problemas do país.

3. O documento elaborado pelo IBGE tem valor prioritário de:

a) conselho.

b) denúncia.

c) acusação.

d) crítica.

e) elogio.

Texto VIII

A MARCA DA MORTE NOS CIGARROS

A partir de 1º de fevereiro, começa a circular no Brasil a nova safra de maços de cigarros impressos de acordo com a resolução da Agência Nacional de Vigilância Sanitária. A regra diz que as sessenta marcas vendidas no país devem estampar no verso da embalagem uma entre nove imagens associadas aos malefícios do cigarro. A iniciativa foi copiada de uma experiência bem-sucedida no Canadá. Com imagens explícitas, agressivas até – uma boca com dentes podres e a gengiva inflamada, um coração infartado ou um cérebro com as artérias estouradas – a campanha do Canadá provocou uma primeira reação negativa da sociedade, principalmente entre os não-tabagistas. É que muita gente não queria ser obrigada a conviver com as cenas repugnantes. O saldo final, no entanto, foi ótimo. Uma pesquisa realizada pela Sociedade Canadense do Câncer, com mais de 2000 pessoas, revela que a contrapropaganda surtiu efeitos positivos. Por causa das ilustrações, cerca de 45% dos fumantes ficaram motivados a abandonar o cigarro.

Veja, ed. 1735

1. O título do texto VIII se justifica porque:

a) o vício do fumo provoca doença em milhares de pessoas.

b) a maioria dos fumantes não sabe os riscos que corre.

c) as embalagens de cigarro vão aludir aos males que provoca.

d) fabricantes vão esconder dos fumantes os riscos que correm.

e) o vício do fumo está aumentando os óbitos por câncer.

2. O fato de vir por extenso a denominação "Agência Nacional de Vigilância Sanitária" em lugar da forma abreviada ANVS, mostra que:

a) o texto não pretende apresentar-se em forma resumida.

b) em textos informativos não se usam abreviaturas.

c) o público a que se dirige o texto não é da classe culta.

d) o texto pretende enfatizar o poder legal.

e) para o jornalista, nem sempre as abreviaturas são claras.

3. A resolução da ANVS e o texto-imagem dos maços de cigarros são respectivamente representantes de textos dos

tipos:

a) didático/informativo.

b) informativo/normativo.

c) normativo/publicitário.

d) publicitário/expressivo.

e) expressivo/didático.

4. Os textos informativos, como o texto VIII, só NÃO se caracterizam por:

a) objetividade e precisão.

b) abordagem de algo desconhecido do leitor.

c) reduzida participação do autor do texto no enunciado.

d) conteúdo de hipotético interesse de leitores.

e) profunda interação com o leitor.

Texto IX

TENTE LER ESTE ANÚNCIO DIRIGINDO

O anúncio de revista é rico em informações. Pode dar toda a literatura necessária sobre um produto. Explicar o que é, como funciona, a forma de pagamento, enfim, pode dar todos os detalhes tintim por tintim.

Ele é fantástico para um sujeito que dispõe desse tempo que você está tendo agora. Para folhear calmamente, lendo artigos e anúncios.

Já no trânsito, para passar a mensagem a quem está passando, aí o outdoor é imbatível.

Ele é rápido, telegráfico, gigante. Ótimo para anúncios institucionais ou promocionais de qualquer produto ou serviço.

O outdoor também apresenta um dos recalls mais elevados, dentro de uma relação custo/benefício bem atraente.

Dependendo do produto e seu mercado, você pode utilizar o outdoor para cercar o Brasil inteiro, um estado, uma cidade ou simplesmente um bairro. E vender tanto para o Brasil quanto para um bairro com a mesma eficiência, é uma versatilidade que nenhum outro veículo tem.

Além do quê, o outdoor é seu último apelo ao consumidor antes da compra. Porque ele está ali, na rua, bem próximo ao seu ponto de venda. E, você há de concordar, num mercado tão competitivo quanto o nosso, isso pode ser decisivo.

São detalhes como esse que você, anunciante, não pode deixar de levar em conta na hora de programar sua mídia. Principalmente se você quiser atingir um público como esse nosso, dirigido.

1. O anúncio de revista pode ser rico em informações porque:

a) o leitor dispõe de tempo para lê-lo.

b) todo produto a ser anunciado requer isso.

c) o leitor precisa ser convencido a comprar o produto.

d) apela para o gosto estético do leitor.

e) o anunciante exige que isso assim seja.

2. "Explicar o que é, como funciona..."; os dois tipos de textos a que se alude nesse segmento são, respectivamente:

a) jornalístico, publicitário.

b) publicitário, informativo.

c) informativo, instrucional.

d) instrucional, didático.

e) didático, jornalístico.

3. O quarto parágrafo mostra que este texto é:

a) publicitário, pois anuncia o próprio outdoor.

b) informativo, pois explica as qualidades do cartaz de rua.

c) didático, pois ensina o que é um outdoor.

d) jornalístico, pois destaca o surpreendente de um outdoor.

e) poético, pois apela para o bom-gosto do leitor.

4. "O anúncio de revista é rico em informações"; o item abaixo em que a relação expressa pelos elementos sublinhados é INADEQUADA:

a) o horóscopo é rico em previsões.

b) o livro didático é rico em ensinamentos.

c) o dicionário é rico em definições.

d) a bula de remédio é rica em informações.

e) o outdoor é rico em detalhes.

Texto X

PROCESSAMENTO DA ENTREVISTA

A Nogueira de Faria

A entrevista consiste em inquirir tecnicamente, de forma hábil, dentro de um plano e sequência previamente estudados, levando o interrogado ou entrevistado a se pronunciar sobre aquilo que desejamos saber e a emitir sua opinião, muitas vezes sem que formulemos a pergunta diretamente. É a maneira racional de levar alguém a fornecer os informes e as informações que possui em determinada área.

É uma técnica de comunicação direta entre duas pessoas que possuem alguns interesses em comum. Forma de pesquisa realizada através de diálogo estudado e preparado dentro de um plano e sequência previamente analisados, levando, sutilmente, o entrevistado a se manifestar sobre assuntos de seu conhecimento.

Pode ser entendida como sendo uma conversa planejada, capaz de conduzir à transmissão de uma mensagem, em que o

entrevistador orientou a produção e codificação das próprias mensagens por parte do entrevistado, para obter as informações que deseja.

Trata-se de um processo interpessoal de comunicação, com numerosas limitações no tempo e no e no espaço, pois o comportamento das pessoas varia muito. As entrevistas devem ser personalizadas e adaptadas às características do entrevistado, sua cultura, posição social, conhecimento técnico, etc.

Existe uma grande diferença entre a entrevista e a conversa informal entre duas pessoas. É necessário saber distinguir quando o diálogo informal é uma introdução e quando ele perde as características, acabando por se transformar numa palestra inconsistente, tomando tempo e prejudicando o processamento da entrevista propriamente dita.

Organização e métodos. Livros Técnicos e Científicos Edit. RJ, 1982

1. O parágrafo do texto que apresenta uma estrutura distinta da dos demais é o:

a) 1º .

b) 2º .

c) 3º.

d) 4º.

e) 5º.

Texto XI

ÁGUA INSALUBRE

Márcia Peltier. O Globo, 21/10/2002

Estudo do Pacific Institute of Oakland, na Califórnia, prevê que 76 milhões de pessoas morrerão de doenças relacionadas à água até 2020. As crianças serão as mais afetadas por males causados pelo uso e ingestão de água contaminada. No mesmo período, serão registrados 65 milhões de casos fatais em consequência da Aids em todo o mundo.

1. O título dado à notícia é "Água insalubre". Sabendo-se que "insalubre" significa "nocivo à saúde", pode-se dizer que:

a) o título nada esclarece sobre o conteúdo do texto.

b) parte do conteúdo do texto é antecipado pelo título.

c) o adjetivo "insalubre" contradiz o conteúdo do texto.

d) o título pretende atrair o leitor pelo aspecto trágico.

e) a menção da água contaminada introduz o assunto da Aids.

2. O texto lido poderia ser classificado como:

a) didático.

b) informativo.

c) normativo.

d) preditivo.

e) publicitário.

Texto XII

RAÍZES

Heloísa Seixas Domingo, n. 1336

Diante da minha janela havia uma pedra.

Não, não vou fazer imitação de poesia. Nada tem de poética a história que eu vou contar. A pedra de que falo é na verdade uma imensa pedreira, de topo liso, coberto em alguns pontos pela vegetação rasteira, uma espécie de enclave rural em pleno Leblon, onde às vezes cabras pastavam e onde um galo alucinado insistia em cantar na hora errada, no início da madrugada. Era o lugar ideal para, nas tardes de domingo, uma menina se deitar, sentindo nas costas o calor do sol retido pela pedra, enquanto olhava as pipas agitando-se no ar. Eu ia com meus irmãos e seus amigos, quando eles subiam lá para soltar pipa. São só lembranças. Essa pedra não existe mais. Ou pelo menos não existe assim, como a descrevo agora, a pedra da minha infância. Hoje, é uma pedra nua, morta.

Sua base ainda está lá e servirá, pelo que sei, de fundação para um shopping. Mas a superfície foi toda raspada, a vegetação desapareceu, a pedreira foi rebaixada em quatro ou cinco metros, retalhada durante dois anos por uma orquestra de britadeiras, e nela foram erguidos os primeiros andares do que seria um estacionamento.

Assim que começaram a destruir a pedreira, pensei com alarme numa pequena árvore, uma muda de amendoeira cujo crescimento árduo eu vinha acompanhado havia anos. A árvore crescera numa das laterais da pedra e seu tronco se encorpava, equilibrando-se de forma improvável no paredão íngreme. Eu admirava sua bravura, tirando seiva de um lugar onde não havia terra, fazendo um esforço enorme para crescer na ranhura mínima que encontrara. E caminhei um dia até o local onde ela crescia, para ver se, com as obras que tinham começado, a pequena árvore sobreviveria. Mas cheguei tarde demais. Só encontrei o tronco, decepado. Em torno, as raízes, que por anos se haviam agarrado à pedra com tanto esforço, agora condenadas a secar, inúteis.

O tempo passou. E eu não pensei mais no assunto. Até que, outro dia, assistindo a um documentário sobre os talibãs, vi uma inglesa de origem afegã mostrando a foto de um jardim onde brincava na infância e que fora destruído pela guerra civil. O documentário, feito antes da guerra com os Estados Unidos, fora gravado em solo afegão, e a moça conseguira chegar ao local do tal jardim. Mas não encontrou nada. A comparação com a foto que trazia nas mãos era chocante. Todo o verde havia desaparecido. No meio de um descampado monocromático, restara apenas o círculo de pedra de uma velha fonte seca. E a única coisa que não mudara na paisagem eram as montanhas, ao fundo, testemunhas da devastação que hoje sabemos estava apenas no princípio.

Aquela mulher e seu jardim desaparecido me fizeram pensar na pequena amendoeira que crescera na pedra e que também fora decepada. E, com isso em mente, voltei ao ponto do paredão onde ela um dia se agarrara. Com surpresa, descobri que das raízes deixadas na pedra surgiam brotos, com folhas de um verde limpo.

A amendoeira teimava em renascer como talvez fizesse o jardim afegão, apesar da fúria dos homens.

1. "Nada tem de poética a história que vou contar"; a história contada pela autora tem como ponto de partida cronológico:

a) a existência de uma pedra diante da janela da autora.

b) a foto de um jardim onde uma afegã brincara na infância.

c) o crescimento de uma pequena amendoeira na pedra.

d) o fato de a amendoeira ter sido decepada.

e) as lembranças da infância da autora.

Texto XIII

OS NÚMEROS

George Ifrah

Houve um tempo em que o ser humano não sabia contar. A prova: atualmente existem ainda homens incapazes de conceber qualquer número abstrato e que não sabem nem que dois e dois são quatro.

Inúmeras hordas " primitivas" se encontram, ainda hoje, nesse " grau zero" – se assim podemos dizer – quanto ao conhecimento dos números. É, por exemplo, o caso dos zulus e dos pigmeus, da África, dos aranda e dos kamilarai, da Austrália, dos aborígenes das Ilhas Murray e dos botocudos, do Brasil. " Um", " dois" e... " muitos" constituem as únicas grandezas numéricas desses indígenas que ainda vivem na Idade da Pedra.

Eles só conhecem dois " nomes de números" propriamente ditos: um para a unidade e um outro para o par. Dentre eles, os melhores em aritmética chegam certamente a exprimir os números 3 e 4 articulando algo como dois-um e dois-dois. Mas não avançam mais. Além daí é a imprecisão, a confusão: empregam então palavras ou expressões que poderíamos traduzir por muitos, vários, uma multidão. E é tão difícil para eles imaginar um número superior ou igual a 5 quanto é para nós representar quantidades como um trilhão de bilhões. De tal modo que, quando se trata de mais de 3 ou 4, alguns deles se contentam em mostrar a cabeleira, como se dissessem: " É tão inumerável quanto os cabelos da cabeça!"

1. A finalidade principal desse texto é:

a) ensinar.

b) comprovar.

c) informar.

d) contradizer.

e) protestar.

Texto XIV

BRASIL E O MUNDO PODEM PREJUDICAR A SUA SAÚDE

Minha profissão é ver o mal do mundo. Um dia, a depressão bate. Não aguento mais ver a cara do Bush ostentando rugas na testa de preocupação com o nosso destino (que ele azedou), não aguento mais o Lula de boné dançando xaxado, não aguento ver o Sarney feliz, mandando no país, guardando o PT no bolso do jaquetão, enquanto os petistas, comunistas, tucanistas e fascistas discutem para ver quem é mais de esquerda ou de direita, enquanto o país afunda em violência e miséria, com o Estado sendo loteado entre esquerdistas sem emprego; não dá mais para ouvir que há transgênicos de esquerda ou de direita, principalmente quando ninguém consegue impedir as queimadas na Amazônia; passo mal também quando vejo a cara dos oportunistas do MST, com a bênção da Pastoral da Terra, liderando pobres diabos para a revolução contra o capitalismo; não aguento secretários de

Segurança falando em forças-tarefa, em presídios perfeitos que não conseguem nem bloquear celulares; não suporto ver que o Exército se recusa a ajudar na repressão ao crime, com generais tão eficazes para arrasar a guerrilha urbana nos anos setenta.

Texto da Internet falsamente atribuído a Arnaldo Jabor

1. A melhor caracterização do texto o define como:

a) narrativo de tema político.

b) expositivo de tom crítico.

c) informativo de base argumentativa.

d) descritivo de situação.

e) argumentativo de tema social.

Texto XV

DO MUNDO VIRTUAL

Carlos Heitor Cony

Insisto em comentar as vantagens e desvantagens do mundo virtual. Não perderei tempo em lembrar as vantagens, elas entram pela cara da gente, tornam-se dia a dia mais indispensáveis e mais fáceis de manuseio.

Fico então com as desvantagens, e uma delas me remete ao processo de pensar, de refletir. Desde que Aristóteles criou o método peripatético, os melhores pensamentos da humanidade vieram quando filósofos, inventores, matemáticos, músicos e poetas obedeciam àquele processo de pensar caminhando, ou de caminhar pensando.

Beethoven passeava na floresta quando voltou correndo, com a Sexta Sinfonia inteira na cabeça. Kant era metódico, todos os dias saía para seu passeio à tarde, os vizinhos podiam acertar o relógio pela hora em que ele percorria o bosque de Konigsberg. E foi assim que ele criou seu monumental sistema dedicado à razão pura.

Strauss compunha suas valsas passeando pelos bosques de Viena e Anchieta escreveu seu poema nas areias de uma praia. Ficar " plugado" a uma tomada pode ser prático, mas não é criador. (...)

Viver " plugado" a uma corrente de pessoas e informações pode ser divertido e útil. Mas agride o que o ser humano tem de melhor e mais insubstituível: o seu gosto, o seu erro, a sua miséria e sua glória.

1. O segmento do texto que mostra interferência do autor no seu conteúdo é:

a) " Mas agride o que o ser humano tem de melhor".

b) " Viver " plugado" a uma corrente de pessoas e informações pode ser divertido e útil".

c) " Strauss compunha as suas valsas passeando pelos bosques de Viena".

d) " Fico então com as desvantagens".

e) " Desde que Aristóteles criou o método peripatético".

2. A melhor classificação do texto lido o enquadra entre os textos:

a) conversacionais.

b) descritivos.

c) narrativos.

d) dissertativos expositivos.

e) dissertativos argumentativos.

Texto XVI

O PIERCING: SER OU NÃO SER

Quando o meu filho Pedro, de 16 anos, falou da vontade de colocar piercing, antes de dizer-lhe um sonoro " não", ponderei o fato de meu filho não ser um veículo para que eu coloque em prática o meu projeto de ser humano. Muito pelo contrário: Ele é um ser independente, com projetos próprios e que tem como orientação básica o respeito ao ser humano e a consciência de que o mundo deve ser mais justo, inteligente, diversificado e saboroso. A partir daí, não me preocupa se ele fará drama ou comédia, com argola no nariz ou gravata no pescoço. O importante não será a sua forma, mais sim o seu conteúdo. (...) O adolescente, pelo menos, faz por festa, para treinar a sua rebeldia. Depois, o tempo passa e todas essas bandeiras pelo corpo vão perdendo a importância e para aqueles que só fazem onda, a coisa ficará no passado. Para os autênticos, a rebeldia fica adulta e muda de lugar. Vai pro olhar.

Texto XVII

ARREPENDIMENTO

Certo dia, no início deste ano, uma moça de 19 anos apareceu no gabinete no deputado Campos Machado na Assembleia Legislativa de São Paulo e contou uma história triste. Ela disse que quando tinha 15 anos se encantou com as tatuagens que viu nas colegas e resolveu entrar na onda da arte corporal. Hoje chora de arrependimento. Ao tentar ingressar na Aeronáutica, ela foi reprovada no exame médico justamente por causa do desenho estampado no corpo. Fez uma cirurgia reparadora, prestou exame e, mais uma vez, foi rejeitada em razão das cicatrizes incriminadoras.

1. O texto XVII mostra, ao final, diante do piercing, as posições do pai e do filho, que são, respectivamente, de:

a) aceitação / aprovação.

b) reprovação / aceitação.

c) aprovação / reprovação.

d) indiferença / arrependimento.

e) neutralidade / reprovação.

2. Oposição INCORRETA sobre os dois textos:

a) piercing X tatuagens.

b) realização X arrependimento.

c) aceitação X condenação.

d) primeira pessoa X terceira pessoa.

e) narração X descrição.

Texto XVIII

FRONTEIRAS

Heloísa Seixas

Tenho refletido sobre fronteiras. Sobre a linha tênue e imprecisa que divide realidade e sonho, sanidade e loucura. E me vem à mente história narrada por Otto Friedrich em seu livro Going Crazy (Enlouquecendo). Ele diz que andava um dia pelas ruas de Nova York a caminho do trabalho – como fazia todas as manhãs – quando de repente, diante de um cruzamento, parou, assaltado por uma sensação desconhecida. Era algo avassalador, a impressão exata de que algo se rompera, seguida de uma sensação de impotência e pânico. Ficou ali na calçada, paralisado, sem saber o que se passava. Demorou alguns segundos até compreender. Como fazia o mesmo percurso todos os dias, costumava andar totalmente desligado, imerso em seus pensamentos, o "piloto automático". Ocorre que, naquele dia, se deparava de repente com um sinal de trânsito quebrado – um elemento estranho à sua rotina. E aquela "ruptura" provocara uma espécie de curto-circuito em seu cérebro, justamente por estar num estágio de semiconsciência, tal a sua disposição. O sinal quebrado provocara uma pane em seu sistema de percepção. Fora coisa rápida, não mais do que alguns segundos. Mas o que perturbava era perceber que, naqueles instantes, vivera numa fronteira: estivera à beira do que se convencionou chamar "loucura".

1. A história narrada no texto da autora tem o papel de:

a) ilustrar um pensamento da autora.

b) demonstrar a correção do pensamento da autora.

c) mostrar que a preocupação da autora é universal.

d) indicar que sua preocupação é válida.

e) testemunhar algo narrado pela própria autora.

Texto XIX

DIAGNÓSTICO

O Globo, 15/10/2004

Em oito anos, o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio – é alarmante esse grau crescente de insegurança. Por maior que tenha sido a indignação manifestada pelo governo federal, são números que reforçam o alerta do Departamento de Estado americano a agências de turismo dos Estados Unidos, divulgado no início do mês, a respeito do perigo que apresentam o Rio e outras grandes cidades brasileiras.

Não é exagero classificar de urgente a tarefa de fazer o turista se sentir mais seguro no Rio, considerando que os visitantes movimentaram 13% da economia da cidade e que dentro de três anos teremos aqui o Pan.

Parte da solução é simples: reforçar o policiamento ostensivo. A Secretaria de Segurança do Estado informa que há quase duas centenas de policiais patrulhando a orla, do Leblon ao Leme, mas não é o que vê – nem é o que percebem os assaltantes.

Muitos destes aliás, são menores de idade com que o poder público simplesmente não sabe lidar, por falta de ação integrada entre autoridades estaduais e municipais, empenhadas num jogo de empurra sobre a responsabilidade por tirá-los das ruas. O

que lhes confere uma percepção de impunidade que só faz piorar a situação. Impunidade é também a sensação que resulta do deficiente trabalho de investigação policial: se não se consegue impedir o crime, sua gravação pelas câmeras da orla de pouco serve, pois não há um esquema eficaz de inteligência nem estrutura técnica adequada para seguir pistas. É fácil atribuir todos os problemas à falta de verbas. Mas é mais justo falar em dinheiro mal aplicado. As próprias autoridades anunciam fartos investimentos em aparato tecnológico contra o crime; o retorno que deveria produzir a aplicação eficiente desse dinheiro seria o que não está acontecendo: a redução a níveis mínimos dos assaltos a turistas.

1. O texto, por sua estrutura e características, deve ser prioritariamente classificado como:

a) expositivo.

b) narrativo.

c) informativo.

d) argumentativo.

e) descritivo.

Texto XX

A VIDA COMO ELA SERÁ

Jerônimo Teixeira

Daqui a mais ou menos 1 bilhão de anos, a Terra não será mais habitável. No limite do seu material combustível, o Sol estará se expandindo. A elevação da temperatura no terceiro planeta do sistema solar tornará inviável a sobrevivência de qualquer criatura. Isso significa que a vida em nosso mundo já ultrapassou a meia-idade. Estamos nós, seres vivos, mais perto do fim que do começo. No tempo que resta, que cara terá a vida sobre a Terra? Que espécies surgirão e quais estarão fadadas a desaparecer na trilha das mudanças evolucionárias? E por quanto tempo ainda viveremos nós, seres humanos, para presenciar essas mudanças?

1. Por seu conteúdo e estrutura, o texto lido tem como finalidade prioritária:

a) especular.

b) informar.

c) explicar.

d) ensinar.

e) prever.

Texto XXI

RACISMO, DISCRIMINAÇÃO, PRECONCEITO... COLOCANDO OS PINGOS NOS " IS"

Maria Aparecida da Silva

Recentemente assisti ao programa esportivo Cartão Verde, da TV Cultura, no qual se discutia, de maneira tímida, a discriminação racial que um jogador branco do Palmeiras (Paulo Nunes) teria praticado contra dois jogadores negros, Rincón (Corinthians) e Wagner (São Paulo), em momentos distintos. Havia controvérsias quanto à veracidade dos fatos, quanto à sinceridade dos protagonistas, quanto à oportunidade ou oportunismo das denúncias. Mas o que de fato despertou minha atenção foi a

relativização do racismo presente no futebol brasileiro. Os cronistas utilizavam a todo tempo a expressão preconceito, quando as situações em foco constituíam, na verdade, práticas de discriminação racial. Depois de feita essa constatação, procurei explicar para mim mesma porque existe tanta confusão em torno das palavras preconceito, discriminação racial e racismo. É preciso entender exatamente o significado de cada uma dessas expressões.

Estabelecendo diferenças

O preconceito é basicamente um sentimento negativo (é necessário que haja alguma possibilidade de comparação), um estado de espírito negativamente determinado com relação a um grupo ou pessoa. Ele é fruto da ignorância, de opiniões inexatas e de estereótipos. Os preconceitos são muito genéricos e disseminados. Em todas as épocas e em todo o mundo, os grupos humanos alimentaram preconceitos uns em relação aos outros. Diariamente, enfrentamos inúmeros preconceitos. O racial é um deles.

A discriminação é a materialização dos preconceitos. São as atitudes práticas que dão corpo e ação à disposição psicológica dos preconceitos. No caso específico da discriminação racial são as atitudes de vetar, impedir, dificultar, preterir pessoas (predominantemente negras, no caso brasileiro) em seu processo de desenvolvimento pleno como seres humanos.

O racismo. Ah, o racismo... tão presente em nossas vidas, nas instituições, na cultura e nas relações pessoais e tão ausente do rol de preocupações da intelectualidade brasileira e dos veículos formadores de opinião. A dificuldade de defini-lo – e assumir sua existência entre nós – vem do fato de o racismo constituir-se numa prática social negativa, cruel, humanamente repreensível, com a qual, ninguém, em sã consciência (afora os racistas declarados), deseja se identificar.

Revista Raça Brasil. São Paulo: Símbolo, ano 4, n. 39, nov. 1999, p. 51.

1. O texto lido deve ser considerado prioritariamente:

a) narrativo.

b) publicitário.

c) didático.

d) informativo.

e) normativo.

Texto XXII

CONSUMO ENERGÉTICO E IMPACTOS AMBIENTAIS

Demétrio Magnoli e Regina Araújo

Atualmente, os recursos energéticos mais utilizados no mundo são o carvão, o petróleo e o gás natural, à água e os minerais radioativos: juntos, eles correspondem a cerca de 90% do consumo energético mundial. A utilização de qualquer um deles acarreta danos ambientais. As fontes de energias limpas e renováveis, tais como a energia solar, a eólica e a geotérmica, ainda constituem parcelas desprezíveis no balanço energético mundial, em que pese os grandes investimentos em pesquisa realizados para torná-las mais eficientes e menos caras.

A queima do petróleo, do carvão e, em menor escala, do gás natural, libera gases poluentes na atmosfera, inclusive os gases de estufa. No caso do carvão, os impactos ambientais começam já nos procedimentos de extração – a exploração das grandes minas carboníferas devasta a cobertura vegetal. O transporte marítimo do petróleo é outra atividade potencialmente impactante, devido aos riscos de vazamento.

As grandes usinas hidrelétricas exigem a inundação de vastas áreas, causando alterações profundas nos ecossistemas. Também a fauna aquática dos rios pode ser seriamente afetada pela construção de barragens, que muitas vezes impossibilitam a migração sazonal, necessária para a reprodução de muitas espécies de peixes. Nas regiões onde a pesca é uma atividade econômica importante, o problema se torna ainda maior.

A energia nuclear, além do risco de acidentes, gera resíduos com grande poder de contaminação. A água aquecida pelos reatores transfere calor para os rios, mares e depósitos subterrâneos pelos quais circula, causando um tipo especial de poluição térmica capaz de comprometer os ecossistemas.

Certas correntes do pensamento ambientalista sustentam que despoluir o planeta implica diminuir a utilização desses recursos, ou, pelo menos, mantê-la em níveis próximos aos atuais. Entretanto os níveis de consumo vigentes nos países ricos são muitas vezes superiores aos dos países pobres. Assim, os patamares atuais excluem grande parte da humanidade não apenas da condição de poluidores, mas, principalmente, do consumo de bens e serviços considerados essenciais, e que precisam de energia para ser produzidos e distribuídos. Por isso, outras correntes defendem que a solução mais correta seria a adoção de padrões de consumo compatíveis com a sustentabilidade ambiental dos países ricos.

1. O texto lido pertence ao tipo de texto informativo; pode-se dizer sobre a estrutura desse texto que:

a) os dados fornecidos como informação são totalmente desconhecidos dos leitores.

b) o autor procura despertar interesse, por meio do suspense, nos possíveis leitores.

c) as informações fornecidas são fundamentadas em opiniões pessoais dos autores do texto.

d) os autores partem do pressuposto de que as informações dadas possuem algum interesse para os leitores.

e) a linguagem empregada é a mais coloquial possível, para que o entendimento do texto seja feito por todas as camadas sociais.

Texto XXIII

POR TRÁS DOS LINKS, AS PESSOAS

O matemático suíço Leonhard Euler foi, em 1780, o precursor do pensamento analítico sobre redes. Suas primeiras ideias diziam que eram compostas por nós e links – elos que ligam os nós. Os links são aleatoriamente espalhados entre os nós, formando redes de distribuição aleatória. A teoria de Euler aponta para o caos, ao sustentar que não existem nós centrais e que toda a rede é desprovida de hierarquia.

A palavra rede tem assumido novas conotações, e novas estruturas de comunicação surgiram, potencializando as possibilidades de conversação e circulação da informação. As estruturas matemáticas criadas por Euler para análise das redes passaram a ganhar maior relevância, mas muitas de suas previsões se mostraram sem sentido quando começamos a olhar para as redes sociais, a forma como os seres humanos se organizam – e para como se articulam nossas ações em rede. Se Euler estivesse correto, os quase 6 bilhões de seres humanos (nós) no planeta deveriam ter aproximadamente o mesmo número de amigos (links). No entanto, nos anos 60, Stanley Milgram, um pesquisador da Universidade de Harvard, realizou um experimento que ficou conhecido como " os seis graus de separação".

A compreensão popular do experimento de Milgram aponta que estamos a apenas seis graus de qualquer pessoa no mundo. Exemplo: será que conheço alguém, que conhece outro alguém, que conhece alguém que te conhece? Estar no máximo a seis níveis de separação de qualquer outra pessoa significa que o mundo é pequeno pra caramba. Entretanto, os resultados que Milgram obteve de seus experimentos foram mais radicais. Bem diferentes. Ele descobriu situações como as seguintes:

- três níveis de separação: algumas pessoas possuem links privilegiados, logo conseguem conectar-se com outras por três níveis de separação;
- cem níveis de separação: outras pessoas precisam em torno de cem links para chegarem a outras pessoas. É sinal de que são grupos de pessoas bem mal conectados, mal posicionados na estrutura das redes sociais;
- sem links: muitas pessoas possuem poucos ou nenhum link, restando como verdadeiras ilhas isoladas dentro da sociedade.

Surge, do experimento de Milgram, uma nova forma de enxergar as redes. O foco está nas experiências sociais. Os nós não seriam conectados aleatoriamente uns aos outros. Alguns deles aglutinam posições estratégicas, como elos. Ou seja, pessoas assumem papéis de protagonismo social a partir de suas possibilidades de conexão com outras pessoas.

Para validar tal premissa, um sociólogo norte-americano, Mark Granovetter, realizou um outro experimento no final dos anos 60. Tinha por objetivo pesquisar a forma como as pessoas procuravam emprego. Granovetter identificou que a sociedade era formada por grupos de pessoas, ou clusters. Ele percebeu que as pessoas que possuíam conexões ou relações distantes com outras fora do círculo familiar tinham duas vezes mais chances de conseguir uma vaga do que pessoas que tinham mais conexões próximas apenas no âmbito da família e dos amigos próximos. A análise de Granovetter era que grupos próximos mais fortemente conectados possuíam interesses similares, logo com menos possibilidades de inserção.

Essas descobertas geraram uma revolução no pensamento da sociologia da época. Novas propostas de como potencializar as conexões entre as redes sociais começaram a surgir. Pensando estrategicamente, o número de conexões era fundamental para ampliar a circulação da informação, seja de ideias, de vagas de emprego ou de experiências compartilhadas.

Coincidentemente ou não, estamos falando da mesma época do surgimento da Internet, as primeiras conexões entre computadores, permitindo que mensagens bastante simples fossem trocadas e que pessoas pudessem estabelecer novos links de conexão entre si.

A tecnologia que vinha sendo desenvolvida parecia permitir uma ampliação nesse potencial de conexão entre as pessoas, criando novas possibilidades de ampliação da capilaridade das redes sociais. Novas formas de conexão, de estabelecimento de links, novas formas de desenharmos nossas próprias redes e os grupos de pessoas organizados em torno da tecnologia. Surgia a dinâmica do virtual, do e-mail, das listas de discussões e das possibilidades de nos linkarmos usando as tecnologias da rede.

De lá para cá, muitas ideias foram implementadas, muitas tecnologias foram desenvolvidas. Surgiram Yahoo, Google, Orkut, MySpace, Facebook, Ning, Blogger, Youtube e tantas outras possibilidades de conversação em rede. Das muitas promessas de ampliação da conexão e do " todos conversando com todos", que as tecnologias da informação trouxeram, ainda observamos os mesmos padrões de comportamento das redes: clusters extremamente influentes nas articulações em rede e grupos isolados, com pouca ou nenhuma conectividade.

Novas tecnologias e novos desafios pela frente. O cenário está montado. Emerge um espaço para construção de um diálogo contínuo por várias lentes e percepções das dinâmicas de conversação, de desenvolvimento e ação que as novas tecnologias permitem a partir da construção de novas formas de redes sociais.

(Dalton Martins e Hernani Dimantas. In: Le Monde Diplomatique Brasil, outubro de 2007)

1. O texto XXIII deve ser classificado como:

a) descritivo, somente.

b) narrativo, somente.

c) narrativo-descritivo.

d) dissertativo.

e) injuntivo.

Texto XXIV

CRITÉRIO ARRISCADO

O exemplo veio da maior economia do mundo: as agências de regulação e desenvolvimento – caso da SEC (Securities Exchange Comission) americana, e da CVM brasileira – têm que ser mantidas a salvo da submissão ou das influências políticas. Esta é a melhor forma de preservar a independência de organismos desse tipo cuja eficiência e utilidade para a economia do país são consequência direta de sua credibilidade e da independência de seus dirigentes.

Recentemente, nos Estados Unidos, o presidente da SEC, Harvey Pitt, viu-se compelido a renunciar a seu mandato. Motivo? Ele teria iludido seus colegas de conselho (diretoria da SEC), para conseguir maioria na escolha de William Webster para a liderança de um novo comitê que supervisionará a indústria da contabilidade no país.

Para conseguir o que pretendia, Pitt deixara de informar os demais membros do conselho da SEC que Webster fora chefe de auditoria de uma das companhias que, recentemente, se envolveram com fraudes contábeis. Pitt havia sido indicado para o cargo por Bush, no ano passado, e deveria cumprir um mandato de quatro anos. Diante dos fatos que envolviam Webster, e que eram parte da onda de escândalos financeiros que assola os Estados Unidos há mais de um ano, Pitt não teve alternativa.

No Brasil, o mandato fixo, de quatro anos, para os diretores e presidente da CVM, existe como forma de preservar sua independência.

Ao serem empossados em seus cargos, o presidente e diretores da Comissão de Valores Mobiliários assumem com o país os compromissos de moralidade e legalidade de seus atos, que são comuns todos os servidores públicos. E tendo em vista a gravidade de sua missão, frequentemente confrontada com interesses do mercado e do próprio governo, têm como forma de defesa de sua independência a duração de seu mandato.

A lição recente dos Estados Unidos, em que o mandato fixo não foi suficiente para amparar a ilegalidade, é boa para americanos e serve para o Brasil. O episódio Pitt mostra que o mandato de quatro anos é bom para preservar a independência dos dirigentes da agência, mas não pode servir de escudo no momento em que o agente público atue contra os superiores interesses da moralidade e da legalidade.

Mostra, também, que a melhor forma de evitar constrangimentos futuros, na escolha de dirigentes com mandatos fixos, ainda é a observância dos critérios de competência técnica e de moralidade. A pura e simples filiação partidária não deve habilitar ninguém a cargos desse tipo. O risco é um eventual constrangimento, como o que Bush experimentou ao nomear Harvey Pitt.

(Jornal do Brasil, 17/11/2002, p. A14.)

1. Do ponto de vista do modo de organização do discurso, pode-se afirmar que os parágrafos do texto são:

a) narrativos, apesar de o objetivo do texto ser essencialmente argumentativo.

b) argumentativos, mas estruturados de acordo com o modelo narrativo.

c) argumentativos, sendo que o segundo e o terceiro parágrafos têm estrutura narrativa.

d) narrativos, sendo que o primeiro, o quarto e o quinto parágrafos têm estrutura argumentativa.

e) descritivos, mas a serviço de um texto cujo objetivo é predominantemente narrativo.

Texto XXV

Vários historiadores têm procurado entender a originalidade da monarquia brasileira vinculando-a à chegada da família real ao Brasil em 1808. de fato, é no mínimo inusitado pensar numa colônia sediando a capital de um império. Chamada por Maria Odila Leite da Silva Dias de a " internacionalização da metrópole", a instalação no Brasil da corte portuguesa, que fugia das tropas napoleônicas, significou não apenas um acidente fortuito, mas um momento angular da história nacional e de um processo singular de emancipação. Fuga ou golpe político, o fato é que com D. João e sua família, e contando com a ajuda inglesa, transferiram-se para o país a própria corte portuguesa – cujo número estimado de pessoas chegava a 20 mil, sendo que a cidade do Rio possuía apenas 60 mil almas – e várias instituições metropolitanas. Mas não era só: comerciantes ingleses e franceses, artistas italianos e naturalistas austríacos vinham junto com os baús. Difícil imaginar choque cultural maior.

Transformado em Reino Unido já em 1815, o Brasil passou a distanciar-se, aos poucos, de seu antigo estatuto colonial, ganhando uma autonomia relativa jamais conhecida naquele contexto. A partir de então, o Rio de Janeiro tornou-se capital de Portugal e de suas possessões na África e na Ásia, e os portos brasileiros se abriram ao comércio britânico (seguindo o acerto feito com a Inglaterra, que assegurou o transporte da corte, mas o trocou por esse acordo comercial). Tais fatos alteraram radicalmente a situação da colônia portuguesa na América.

(Adaptado de SCHWARCZ, Lilia Moritz. As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 35-36.)

1. Quanto à organização, afirma-se corretamente que o texto

a) mescla narração e dissertação, mas dá relevo àquela, uma vez que, para a autora, devem ser destacados os acontecimentos e não os comentários avaliativo que eles suscitaram.

b) descreve o modelo administrativo e a organização hierárquica da corte que se transferiu para o Brasil, oferecendo detalhado panorama dos aspectos burocráticos que redundaram no específico feitio da nação brasileira

c) Se restringe à narração do episódio da fuga da família real para a América, destacando suas causas, os meios pelos quais se efetivou e seu impacto sobre a pátria que aqui se formara.

d) Reúne as datas e os acontecimentos tomados como mais relevantes no processo de emancipação do país, para defender a ideia de que, na configuração de um dado quadro político, o mais importante são os antecedentes históricos imediatos.

e) Mobiliza dados históricos e outros trabalhos que se debruçam sobre o tema, com o fito de comprovar a hipótese apresentada sobre a formação da monarquia brasileira.

Texto XXVI

SECRETÁRIA

Luís Fernando Veríssimo

O teste definitivo para você saber se está ou não integrado no mundo moderno é a secretária eletrônica. O que você faz quando liga para alguém e quem atende é uma máquina.

Tem gente que nem pensa nisso. Falam com a secretária eletrônica com a maior naturalidade, qual é o problema? É apenas um gravador estranho com uma função a mais. Mas aí é que está. Não é uma máquina como qualquer outra. É uma máquina de atender

telefone. O telefone (que eu não sei como funciona, ainda estou tentando entender o estilingue) pressupõe um contato com alguém e não com alguma coisa. A secretária eletrônica abre um buraco nesta expectativa estabelecida. É desconcertante. Atendem – e é alguém dizendo que não está lá! Seguem instruções para esperar o bip e gravar a mensagem.

É aí que começa o teste. Como falar com ninguém no telefone? Um telefonema é como aqueles livros que a gente gosta de ler, que só tem diálogos. É travessão você fala,

travessão fala o outro. E de repente você está falando sozinho. Não é nem monólogo. É diálogo só de um.

– Ahn, sim, bom, mmm... olha, eu telefono depois. Tchau.

O " tchau" é para a máquina. Porque temos este absurdo medo de magoá-la. Medo de que a máquina nos telefone de volta e nos xingue, ou pelo menos nos bipe com reprovação.

Sei de gente que muda a voz para falar com secretária eletrônica. Fica formal, cuida a construção da frase. Às vezes precisa resistir à tentação de ligar de novo para regravar a mensagem porque errou a colocação do pronome.

Outros não resistem. Ao saber que estão sendo gravados, limpam a garganta, esperam o bip e anunciam:

– De Augustín Lara...

E gravam um bolero.

Talvez seja a única atitude sensata.

1. Considerando o texto como um todo, podemos classificá-lo predominantemente como:

a) narrativo.

b) descritivo.

c) expositivo.

d) argumentativo.

e) conversacional.

Texto XXVII

A FLOR DO GEÓGRAFO

Dom Marcos Barbosa O.S.B.

Creio que é a terceira vez que venho falar de motoristas. Até parece que vivo andando de táxi. E tenho sempre a sorte de encontrar no volante, ao contrário dos outros, um verdadeiro gentleman.

Para que não me acusem de suspeição e de especial simpatia pela classe, aviso logo que o fato de hoje não se deu comigo, mas como professor francês Pierre Desfontaines. Jamais esqueci, porém, a frase obscura que o ilustre geógrafo foi colher na trepidante Paulicéia.

Pierre Desfontaines, cujo nome nos fala de pedra e de fonte, não podia ser, realmente um geógrafo como os outros...

Ah, os geógrafos! Eles eram todos, quase todos, como o geógrafo do Petit Prince, que se contentava em anotar as montanhas, os rios e as cidades que os exploradores houvessem visto; mas não as flores, santo Deus! porque as flores eram efêmeras. Também não lhe interessava se os vulcões estavam extintos ou não. Só queria saber da terra, da montanha. Não do risco corrido pelos

homens, tão efêmeros quanto a flor. Anotava tudo a lápis. Só depois cobria à tinta, se o explorador se mostrasse fidedigno e trouxesse provas...

Mas felizmente alguns vieram a descobrir a "geografia humana", a geografia em função do homem; e eu vim a descobrir, por minha vez, a geografia humaníssima de Desfontaines, que me fez lamentar o árido estudo do meu tempo de ginásio e as áridas geografias que ainda hoje vejo nas mãos de tantos alunos.

O professor Desfontaines está longe de desprezar as coisas efêmeras. E por isso me trouxe a frase de quatro pétalas, que guardei como flor ressequida em velho livro, e que o chofer lhe entregara.

Voltara Desfontaines a São Paulo, onde havia estado anteriormente e morara algum tempo. Tendo contratado um carro para levá-lo não sei onde, reconheceu, ao passar, o sítio da sua antiga casa. Pediu ao chofer que parasse, saltou, foi redescobrir a fachada que lhe sorriu entre as outras, e em cujas janelas viu aparecerem a mulher e as filhas ausentes, mais moça aquela, menos crescidas estas... Viu-se a si mesmo como era, como fora, como havia sido. Até que, caindo em si – ou antes caindo de si – deu com o automóvel que largo tempo o esperava.

Subiu depressa ao carro, bateu a porta, pediu ao chofer que corresse. Quando chegou, atrasado, ao término da viagem e perguntou o preço, viu com surpresa que o chofer pedia o mesmo que antes haviam combinado.

– Mas (protestou Desfontaines) o senhor esteve parado muito tempo; não quero causar-lhe prejuízo!

E foi então que o chofer disse lentamente a sua frase, a sua flor: " Saudades não se pagam..."

1. Os quatro últimos parágrafos do texto exemplificam um modo de organização discursiva caracterizado como:

a) argumentativo.

b) informativo.

c) expositivo.

d) descritivo.

e) narrativo.

Texto XXVIII

O MEDO SOCIAL

Jurandir Freire Costa

No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado. De repente foi assaltada por um adolescente, que a roubou, ameaçando cortar a garganta do garoto. Dias depois, a mesma senhora reconhece o assaltante na rua. Acelera o carro, atropela-o e mata-o, com a aprovação dos que presenciaram a cena. Verídica ou não, a história é exemplar. Ilustra o que é a cultura da violência, a sua nova feição no Brasil.

Ela segue regras próprias. Ao expor as pessoas a constantes ataques à sua integridade física e moral, a violência começa a gerar expectativas, a fornecer padrões de respostas.Episódios truculentos e situações-limite passam a ser imaginados e repetidos com o fim de caucionar a ideia de que só a força resolve conflitos. A violência torna-se um item obrigatório na visão do mundo que nos é transmitida. Cria a convicção tácita de que o crime e a brutalidade são inevitáveis. O problema, então, é entender como chegamos a esse ponto. Como e por que estamos nos familiarizando com a violência, tornando-a nosso cotidiano.

Em primeiro lugar, é preciso que a violência se torne corriqueira para que a lei deixe de ser concebida como o instrumento de escolha na aplicação da justiça. Sua proliferação indiscriminada mostra que as leis perderam o valor normativo e os meios legais de coerção, a força que deveriam ter. Nesse vácuo, indivíduos e grupos passam a arbitrar o que é justo ou injusto, segundo decisões privadas, dissociadas de princípios éticos válidos para todos. O crime é, assim, relativizado em seu valor de infração. Os criminosos agem com consciências felizes. Não se julgam fora da lei ou da moral, pois conduzem-se de acordo com o que estipulam ser o preceito correto. A imoralidade da cultura da violência consiste justamente na disseminação de sistemas morais particularizados e irredutíveis a ideais comuns, condição prévia para que qualquer atitude criminosa possa ser justificada e legítima.

1. "No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado. De repente foi assaltada por um adolescente…"; a passagem do pretérito imperfeito para o pretérito perfeito marca a mudança de:

a) um texto descritivo para um texto narrativo.

b) a fala do narrador para a fala do personagem.

c) um tempo passado para um tempo presente.

d) um tempo presente para um tempo passado.

e) a mudança de narrador.

2. A narrativa contida no primeiro parágrafo tem a função textual de:

a) exemplificar algo que vai ser explicitado depois.

b) justificar a reação social contra a violência.

c) despertar a atenção do leitor para o problema da violência.

d) mostrar a violência nas grandes cidades.

e) relatar algo que vai justificar uma reação social.

3. O texto acima pode ser classificado, de forma mais adequada, como:

a) narrativo moralizante.

b) informativo didático.

c) dissertativo opinativo.

d) normativo regulamentador.

e) dissertativo polêmico.

Texto XXIX

A PUBLICIDADE INFANTIL DEVE SER PROIBIDA POR LEI?

Gilberto C. Leifert

Há um caminho simples: proibir. Há o caminho correto: educar. Pois cidadãos responsáveis e consumidores conscientes se forjam com informação.

Até recentemente, a sociedade entendia ser a educação tarefa exclusiva de pais e professores. Sabiamente, esse conceito evoluiu. Cobra-se, agora, o compromisso de educar também de veículos de comunicação, publicidade, das artes etc. Não poderia haver reivindicação mais justa, dada a importância da educação – desde que não se esqueça o essencial: a responsabilidade de pais e professores continua sendo intransferível.

O Conar aplica o Código Brasileiro, que cuida da publicidade em geral e que acaba de ser atualizado e ampliado em relação aos anúncios de produtos e serviços destinados a crianças e adolescentes. A autorregulamentação recomenda ainda que os anúncios não desmereçam valores sociais ou provoquem discriminação, em particular daqueles que não sejam consumidores do produto, tampouco associem crianças e adolescentes a situações incompatíveis com sua condição, sejam elas ilegais, perigosas ou socialmente condenáveis.

Mais: a publicidade, entre outras recomendações, não deve: impor a noção de que o consumo do produto proporciona superioridade ou, na sua falta, inferioridade; provocar situação de constrangimento aos pais com o propósito de impingir o consumo; empregar crianças e adolescentes como modelos para vocalizar apelo direto, recomendação ou sugestão de uso ou consumo, tipo " peça para mamãe comprar" ou " faça como eu, use".

Essas recomendações – e outras mais – são, para o Conar, contribuições muito mais efetivas à formação dos futuros consumidores do que a simplista proibição das mensagens.

Lembrando B. Russel: para todo problema complicado há uma solução simples, rápida, de baixo custo e ... errada.

1. O texto é do tipo argumentativo e a tese apresentada por seu autor pode ser resumida do seguinte modo:

a) educar, sim; proibir, não.

b) proibir é melhor que educar.

c) educar é mais fácil que proibir.

d) educar é proibir.

e) proibir, segundo a lei.

Texto XXX

FASCISMO SOCIAL NO PAÍS DO SOCIÓLOGO

Walter Ceneviva – Folha de São Paulo, 16/06/2001

A definição dos objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil está no artigo 3º de nossa Constituição. São todos de grande nobreza e esperança. Valem como pólos de concentração ideal para o povo, como destinos a serem alcançados pelo Brasil, na permanente viagem de nossos sonhos.

O primeiro desses objetivos consiste em realizar uma sociedade livre, justa e solidária. Para ser livre, a sociedade terá liberdades públicas asseguradas a todos. Cidadania livre é cidadania sem intervenção excessiva do poder. No país das medidas provisórias, o cidadão acorda tolhido, dia após dia, com e sem " apagões" e " caladões". Para que a sociedade possa ser tida como justa, é necessário diminuir as distâncias sociais, com pobres menos pobres. Depois que a moeda se estabilizou, durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, honra seja feita, houve melhora nesse campo, mas o Brasil ainda é dos mais atrasados do mundo na satisfação das necessidades sociais do ser humano.

A solidariedade proclamada no texto constitucional deve ser espontânea, colhida na consciência de cada um e, pelo menos, da

população mais aquinhoada em favor dos que têm pouco. A solidariedade do artigo 3º da Constituição precisa, porém, ser catalisada pelo Estado para o trabalho espontâneo em favor dos menos favorecidos. O objetivo social exigirá da administração pública e de seus funcionários que atuem em favor dos cidadãos, com eles e não contra eles, como se os considerassem inimigos. O desenvolvimento nacional, segunda das grandes metas do país, tem ido bem no plano econômico. Progredimos em termos materiais, mas não o quanto baste.

O terceiro e o quarto objetivos fundamentais, previstos no artigo 3º, são projetos de um sonho estratosférico. Erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir desigualdades sociais e regionais é trabalho para séculos. Não há nação do mundo sem faixas de miserabilidades – nem as mais ricas. A promoção do bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação carece de remédio forte, como criminalização das condutas contrárias. Sem a ameaça grave de sanções, a cobra raivosa do preconceito continuará agindo no coração de muitas pessoas.

A Carta proíbe a discriminação entre o homem e a mulher (artigo 5º, I, e artigo 226, parágrafo 5º), contra as liberdades fundamentais, e a prática do racismo (artigo 5º, incisos XLI e XLII). No trabalho, veda distinções quanto ao salário, ao exercício de funções e aos critérios de admissão por motivo de sexo, idade, cor ou estado civil (artigo 7º, inciso XXX). O sociólogo português Boaventura de Souza Santos, professor da faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, falando recentemente a esta Folha, verberou a polarização da riqueza em muitos países, inclusive no nosso, em condições parecidas com a dos Estados fascistas tradicionais. Exemplificou com grupos criminosos que substituem o Estado em certas regiões (vide o PCC) e com a parte corrupta da polícia, colaboradora do crime organizado, não se sabendo onde acaba a administração pública e começa a sociedade.

Boaventura lembra a incapacidade de redistribuição da riqueza, permitindo que o capitalismo opere contra o pobre, e não a favor dele. Chama essa situação de fascismo social. Neste país, presidido por um sociólogo, precisamos meditar sobre as insuficiências gerais e as do direito em particular, afirmadas pelo sábio sociólogo português. Meditar para corrigi-las.

1. O texto que serve de motivo a esta prova pode ser classificado, de forma mais adequada, como:

a) argumentativo opinativo.

b) narrativo moralizante.

c) expositivo informativo.

d) argumentativo polêmico.

e) expositivo didático.

Texto XXXI

AS RAÍZES DO CARÁTER NACIONAL

Dante Moreira Leite

Parece possível distinguir duas tendências fundamentais na reação ao grupo estranho: uma de admiração e aceitação, outra de desprezo e recusa.

Aparentemente, quase todos os seres humanos apresentam essas duas tendências fundamentais. A participação em nosso grupo provoca sentimentos de segurança e bem-estar, pois supomos entender que os que falam a nossa língua têm um passado em comum conosco, e também sabem o que esperar de nós. Mesmo quando nos desentendemos, sabemos por que isso ocorre,

podemos esperar que nosso interlocutor acabe por nos entender e aceitar. E nisso talvez a linguagem desempenhe um papel fundamental, pois os homens geralmente são incapazes de utilizar perfeitamente mais que uma língua, e só naquela aprendida na infância somos capazes de exprimir todas as sutilezas do pensamento, todas as formas de ódio e amor. Além disso, o local em que nascemos e crescemos, a paisagem que conhecemos, tudo isso parece constituir um universo próximo e amigo, cujo reencontro é sempre uma alegria e uma consolação.

No outro extremo, o estrangeiro provoca a nossa desconfiança, às vezes o nosso medo. Nem sempre entendemos os seus gestos e certamente não compreendemos a sua língua. Ele não se veste como nós, a sua fisionomia pode ser diferente da nossa e não adora nossos deuses. Entre os primitivos, o estrangeiro passava por uma complexa cerimônia, destinada a afastar os malefícios que trouxesse de seus demônios; ao voltar de uma viagem, as pessoas deveriam permanecer isoladas por algum tempo, até que delas se afastassem os demônios estranhos, acaso encontrados pelos caminhos.

E, no entanto, sentimos que o contrário também é verdade. Frequentemente sonhamos com o país distante, a terra prometida onde possamos realizar nossos desejos. Sentimos que aqueles que mais nos conhecem são também capazes de ignorar o que de melhor trazemos conosco. E o provérbio " ninguém é profeta em sua terra" traduz precisamente essa ideia de que não podemos compreender integralmente quem está muito próximo de nós. As situações novas, além disso, são atraentes e provocantes: o novo ou o desconhecido parece, pelo menos durante algum tempo, mais belo e atraente do que o velho; os nossos olhos parecem mais penetrantes ao observar a nova paisagem, ao admirar outras figuras humanas.

O caráter nacional brasileiro, SP. Pioneira, 1976. p.11.

1. O texto pode ser predominantemente classificado como:

a) descritivo.

b) narrativo.

c) argumentativo.

d) conversacional.

e) didático.

Texto XXXII

Um novo fantasma ronda os consultórios pediátricos: as lesões músculo-esqueléticas. O alerta vem do médico Clóvis Artur Almeida da Silva, responsável pela Unidade de Reumatologia Pediátrica, do Instituto da Criança, do Hospital das Clínicas (HC), em São Paulo. Segundo o especialista, é cada vez maior o número de pacientes com dores e lesões músculo-esqueléticas provocadas pelo uso excessivo de videogames e computadores. Os sintomas da doença são dores nas mãos e nos punhos, fadiga, comportamento agressivo, cefaléia e dores no abdômen, na coluna e no tórax. Além disso, o médico alerta para outros problemas que podem estar associados ao uso de computadores e videogames: a obesidade, o desinteresse pelo alimento (anorexia) e as convulsões por fotoestimulação, que acontecem em crianças já propensas ao problema.

1. Pelo conteúdo e estrutura do texto, pode-se dizer que sua preocupação maior é:

a) ensinar.

b) informar.

c) prever.

d) prevenir.

e) atemorizar.

Texto XXXIII

POR QUE O BUDISMO ENCANTA O OCIDENTE?

Frei Betto

O budismo faz tanto sucesso no Ocidente porque possui características que correspondem às tendências da pós-modernidade neoliberal. Num mundo em que muitas religiões se sustentam em estruturas autoritárias e apresentam desvios fundamentalistas, o budismo apresenta-se como uma não religião, uma filosofia de vida que não possui hierarquias, estruturas nem códigos canônicos. No budismo não há a ideia de Deus, nem de pecado. Centrado no indivíduo e baseado na prática da yoga e da meditação, o budismo não exige compromissos sociais de seus adeptos, nem submissão a uma comunidade ou crença em verdades reveladas. Há, contudo, muitos budistas engajados em lutas sociais e políticas. Nessa cultura do elixir da eterna juventude, em que o envelhecimento e morte são encarados, não como destinos, mas como fatalidades, o budismo oferece a crença na reencarnação. Acreditar que será possível viver outras vidas além dessa é sempre consolo e esperança para quem se deixa seduzir pela ideia da imortalidade e não se sente plenamente realizado nessa existência.

Outro aspecto do budismo que o torna tão palatável no Ocidente é a sua adequação a qualquer tendência religiosa. Pode-se ser católico ou protestante e abraçar o budismo como disciplina mental e espiritual, sem conflitos. Mesclar diferentes tradições religiosas é uma tendência crescente para quem respira a ideologia pós-moderna do individualismo exacerbado, segundo a qual cada um de nós pode ser seu próprio papa ou pastor, sem necessidade de referências objetivas. Como método espiritual, o budismo é de grande riqueza, pois nos ensina a lidar, sem angústia, com o sofrimento; a limpar a mente de inquietações; a adotar atitudes éticas; a esvaziar o coração de vaidades e ambições desmedidas; a ir ao encontro do mais íntimo de nós mesmos, lá onde habita aquele Outro que funda a nossa verdadeira identidade.

1. Pela estrutura e conteúdo, a melhor definição para esse tipo de texto é:

a) narrativo didático, pois ensina e mostra diferentes aspectos em ordem cronológica.

b) expositivo preditivo, pois antecipa situações futuras das relações entre as crenças.

c) argumentativo polêmico, pois apresenta ideias que defendem uma posição contra outras possíveis.

d) descritivo informativo, pois informa características novas sobre o budismo, que são de interesse geral.

e) dissertativo normativo, pois visa dar normas de conduta aos leitores.

Texto XXXIV

A CIÊNCIA NO SÉCULO XXI

Noventa e sete por cento das espécies vivas, 80.000 proteínas produzidas pelo corpo e bilhões de galáxias ainda não foram identificados. Quase nada sabemos da natureza do Universo, da origem da Vida, do funcionamento dos climas, do desenvolvimento do embrião e do cérebro.

Provavelmente não se descobrirá ainda no século XXI de onde surgiu o Universo, nem como começou a vida na Terra, nem como o cérebro engendra o pensamento e a consciência, nem se outras formas de vida existem em outros lugares. Em compensação, outras questões que hoje não são formuladas serão resolvidas, pois se descobrirá que certas respostas consideradas definitivas

estavam totalmente equivocadas.

(Dicionário do século XXI – Jacques Attali)

1. O livro de onde foi retirado esse texto é um dicionário sobre o século XXI, publicado no século XX, o que o mostra como um livro de profecias.

Analise os itens a seguir:

I. " Noventa e sete por cento das espécies vivas, 80.000 proteínas produzidas pelo corpo e bilhões de galáxias ainda não foram identificados."

II. " Quase nada sabemos da natureza do Universo, da origem da Vida, do funcionamento dos climas, do desenvolvimento do embrião e do cérebro."

III. " Provavelmente não se descobrirá ainda no século XXI de onde surgiu o Universo, nem como começou a vida na Terra."

IV. " Em compensação, outras questões que hoje não são formuladas serão resolvidas."

O(s) item(s) que melhor mostra(m) a presença desse discurso preditivo é/são:

a) I – II

b) III – IV

c) IV

d) II – III – IV

e) I – II – III – IV

Texto XXXV

A ARTE NA NOSSA VIDA

Jô Oliveira e Lucília Garcez

Você pode pensar que não conhece arte, que não convive com objetos artísticos, mas estamos todos muito próximos da arte. Nossa vida está cercada dela por todos os lados. Ao acordar pela manhã e olhar o relógio para saber a hora, você tem o primeiro contato do dia com a arte. O relógio, qualquer que seja o seu desenho, passou por um processo de produção que exigiu planejamento visual. Especialistas estudaram e aplicaram noções de arte. A forma do seu relógio é resultado de uma longa história da imaginação humana e das suas preferências. A cor, a forma, o volume, o material que foram escolhidos estão testemunhando o tempo e a transformação do gosto e da técnica. Ao observá-lo, você observa que é um objeto antigo ou moderno, você reconhece que quem o desenhou preferia formas curvas ou retas, ou ainda dourado, e até pedrinhas brilhantes. Quem escolhe um relógio para comprar decide com base em suas preferência pessoais. Alguns preferem os mais elaborados, outros preferem os mais simples. É o gosto pessoal que predomina, e este pode variar infinitamente. Varia porque recebe influências de acordo com a idade, com a época, com o meio social em que a pessoa vive. E, como nos diz a sabedoria popular: " gosto não se discute". Mas, quem sabe, possamos discutir o gosto? Em outros objetos do seu quarto e de seu cotidiano você pode observar a presença da arte: na estampa de seu lençol, no desenho da sua cama, no formato da sua escova de dentes, no desenho da torneira e da pia do banheiro, na xícara que você toma leite, nos talheres, no modelo do carro, no formato do telefone. Em todos os objetos há um pouco de arte aplicada. Esse esforço para produzir objetos bonitos, agradáveis ao olhar atraentes e

harmoniosos, está em todas as culturas, em todas as civilizações. E em nosso dia a dia.

1. Pela leitura do texto, podemos classificá-lo como:

a) informativo.

b) didático.

c) publicitário.

d) instrucional.

e) normativo.

Texto XXXVI

AS TARTARUGAS DE HERON

Heloísa Seixas

Amanhece na ilha de Heron. Sobre a imensa faixa de areia, que se estende em curva até desaparecer na bruma da manhã, despeja-se uma lua violácea, que pouco a pouco se encorpa. Mas é somente quando o sol oblíquo já incide sobre as areias e a água, sobre a vegetação rasteira e os tufos de algas que brilham nas pedras com a maré baixa, é só então – nunca antes – que se pode notar o primeiro movimento na praia.

De início, quase imperceptível. Alguns grãos de areia deslocados, apenas. Depois um movimento um pouco mais brusco, mais ousado, pequeno terremoto subterrâneo que suga a areia para dentro de si mesma. Os grãos estremecem, revoltam-se, até que, finalmente, após longa luta, uma forma de cor escura irrompe à superfície. É a cabecinha de uma tartaruga.

Logo, surgem outras. E mais outras, por toda parte. Ao longo de uma enorme extensão de areia, as tartarugas recém-nascidas caminham com seus passos incertos em direção ao mar da Austrália. Nem todas conseguirão alcançá-lo. Muitas morrerão ao longo do caminho até as ondas, levadas por aves predadoras, ou se perderão, confundidas pelo sol. Outras, tenazes, resistirão. Serão mais rápidas ou terão mais sorte – e logo seus pequenos corpos escuros serão apenas uma nódoa no mar de esmeralda líquida. Estarão salvas para cumprir seu destino.

E esse destino é nadar, seguir em frente. As tartarugas de Heron, assim que mergulham no mar, nadam incansavelmente em direção à Nova Zelândia, atravessando as águas do Mar da Tasmânia por anos a fio. Levam praticamente a vida toda nessa travessia, apenas para, um dia, voltar. Então, descrevem uma longa curva e atravessam de volta o oceano, rumo à mesma praia da ilha de Heron onde nasceram. Ali, já adultas, vão pôr seus ovos na areia – para que o ciclo da vida recomece.

Soube de tudo isso ao assistir a um documentário na televisão. E fiquei pensando. As tartarugas de Heron se parecem um pouco conosco.

Elas, como nós, atravessam o longo arco da vida – tão atribulada, tão cheia de batalhas – e, no fim das contas, vão parar no mesmo lugar. São navegantes sem sentido, mas que continuam, sempre e sempre, nadando rumo a seu destino. Nadam com grande afinco, empregando nas braças toda a sua energia, ano após ano, sem saber bem por que o fazem, talvez sem sequer pensar no sentido dessa trajetória. Mas vão em frente, navegam – como nós. Porque é preciso.

1. O texto começa pela descrição da ilha de Heron. Um texto descritivo é caracterizado fundamentalmente por:

a) ações que ocorrem em uma sequência cronológica.

b) reflexões sobre aspectos problemáticos da vida.

c) registro de elementos caracterizadores de uma realidade.

d) citação de informações sobre determinado objeto.

e) conjunto de pensamentos inacabados.

2. Fernando Pessoa, grande poeta português, disse em um de seus poemas que "Navegar é preciso, mas viver não é preciso"; as últimas palavras do texto:

a) demonstram que a autora do texto plagiou o poeta.

b) mostram que Fernando Pessoa conhecia a vida das tartarugas.

c) indicam a presença de um texto em outro.

d) documentam uma paródia das palavras do poeta.

e) ironizam as belas palavras do poema.

Texto XXXVII

PRISÃO DE VENTRE NA ALMA (fragmento)

Leandro Konder

Todos estamos nos tornando, hoje, mais desconfiados do que no passado. Com exceção das pessoas que se dispõem a pagar um preço altíssimo por uma unidade monolítica, somos todos bastante divididos interiormente.

Para o bem ou para o mal, vão rareando as convicções inabaláveis. Uma parte de nós quer acreditar, outra é descrente. Gostaríamos de ter segurança para acreditar em coisas que ninguém pode assegurar que são inteiramente dignas de nossa confiança.

As verdades do crente dependem da fé, enquanto a fé existe. Mas a fé também pode deixar de existir; ela não depende da razão, nem da ciência; depende de Deus, que a deu e pode tirá-la. O filósofo Pascal já no século XVII afirmava que a nossa razão serve, no máximo, para nos ajudar a fazer apostas mais convenientes.

As verdades científicas, por sua vez, dependem da história, são periodicamente revistas, reformuladas. As novas descobertas e as novas invenções não se limitam a complementar os conhecimentos já adquiridos: exigem que eles sejam rediscutidos e às vezes drasticamente modificados.

E as verdades filosóficas? Quanto maiores forem os pensadores que as enunciam, mais acirrada será a controvérsia entre eles. As verdades filosóficas se contradizem, umas questionam as outras.

Somos envolvidos, então, por uma onda de ceticismo. É possível que essa onda já tenha tido alguns efeitos favoráveis à liberdade espiritual dos indivíduos, ao fortalecimento neles do espírito crítico. É possível que ela tenha de algum modo "limpado o terreno" para um diálogo mais desenvolto entre as criaturas, para valores mais comprometidos com o pluralismo, contribuindo para a superação de algumas formas rígidas e dogmáticas de pensar.

Dentro de limites razoáveis, o ceticismo atenua certezas, suaviza conclusões peremptórias e abre brechas no fanatismo. Na medida em que se espraia indefinidamente, contudo, ele traz riscos graves. A própria dinâmica de um ceticismo ilimitado apresenta uma contradição insuperável.

O poeta Brecht expressou esse impasse num poeminha que tem apenas três versos e que não pode deixar de ser reproduzido aqui:

“ Só acredite no que seus olhos veem e no que seus ouvidos escutam.

Não acredite nem no que seus olhos veem e seus ouvidos escutam.

E saiba que, afinal, não acreditar ainda é acreditar.”

Realmente, quem não acredita, para estar convencido de que não está acreditando, precisa acreditar em seu poder de não acreditar. Aquele que não crê, curiosamente, está crendo na sua descrença.

1. O texto de Leandro Konder deve ser considerado como:

a) didático.

b) informativo.

c) argumentativo.

d) expressivo.

e) narrativo.

2. Característica abaixo que marca predominantemente os textos descritivos é:

a) a atenção às ações ou acontecimentos.

b) a sucessão temporal.

c) uso do pretérito perfeito do indicativo.

d) a presença marcante de substantivos e adjetivos.

e) pretende discutir, informar ou expor.

Gabarito comentado:

Textos I e II

1. D. Ambos os textos apresentam linguagem formal, sem apresentarem discurso coloquial.

Texto III

1. D. O texto “ Protesto tímido” é um exemplo de crônica, por ser narrativo, com aspectos dissertativos. O autor vem relatar o que lhe aconteceu certo dia ao se deparar com um menor abandonado. Ao longo do texto, ele descreve características do menor, bem como das cenas em que se envolveu, tecendo também comentários sobre o problema que a narração ilustra. A letra A, portanto, é eliminada, já que se trata de narração e não de registros históricos; a letra B não deve ser considerada, já que o estilo a predominar é o narrativo. Quanto à letra C, não se trata necessariamente de uma coluna de jornal. No entanto, a letra D diz que este é um pequeno conto, fato que pode se perceber pela extensão do texto, que não é verdadeiro.

2. B. Os tempos verbais – pretérito imperfeito e pretérito perfeito – são características dos modos descritivo e narrativo, respectivamente. A descrição indica ações contínuas, duradouras – representadas pelo pretérito imperfeito. Já o pretérito perfeito evidencia ações que se sucederam em uma evolução cronológica – característica do texto narrativo.

3. D. O uso da primeira pessoa do plural é uma forma de o narrador se incluir no texto, manifestar sua opinião. Nesse caso,

eliminam-se automaticamente as outras opções da questão.

4. B. Ainda que o narrador manifeste comiseração (“ escurinho, de seis ou sete anos, não mais”), certa revolta (“ vinte e cinco milhões de menores – um dado abstrato, que a imaginação não alcança”), desprezo (“ Imagino que ele venha a ser um desses que se esgueiram como ratos em trono aos botequins e lanchonetes e nos importunam cutucando-nos de leve – gesto que nos desperta mal contida irritação”) e tristeza (“ Para entender, só mesmo imaginando meu filho largado no mundo...”), o tom predominante no texto, que aparece fortemente ao final do texto é o de remorso (“ Mas a verdade é que hoje eu vi meu filho dormindo na rua, exposto ao frio da noite, e além de nada ter feito por ele, ainda o confundi com um monte de lixo.”).

5. A. Pergunta retórica é aquela que não busca resposta por parte do interlocutor, muitas vezes por ser esta óbvia, que é o que ocorre com a letra A. As outras perguntas não são retóricas por suscitarem reflexão por parte do leitor do texto – suas respostas são importantes para a compreensão da mensagem do texto.

Texto IV

1. D. O título do texto apresenta tom irônico. O autor, com o uso das aspas, já indica sua opinião – o ato de pichar é mais um comportamento vândalo do que um ato de livre manifestação.

2. A. O texto IV é dissertativo polêmico, pois apresenta duas formas de se encarar a mesma questão: o ato de pichar como resultado da liberdade de expressão ou como vandalismo. Quanto à letra B, o que se tem é a inversão das características: a liberdade de expressão é legal e o vandalismo é ilegal. Já a letra C não está correta porque só o primeiro argumento é a favor do aparecimento das pichações, não os dois. No entanto, a letra D extrapola o texto, pois não se tratou do pensamento das autoridades sobre as pichações. E a letra E está errada, pois não são duas realidades que ocorrem simultaneamente: pelo contrário – elas se excluem.

3. D. Ainda que o autor manifeste claramente sua crítica a respeito do tema, o texto é dissertativo polêmico, pois apresenta duas visões do mesmo assunto.

Textos V e VI

Letra A – Ambos os textos são dissertativos. Assertiva errada.

Letra B – Assertiva certa. O primeiro texto fala das fronteiras das nações-estados e as fronteiras da empresa moderna, tema mais específico, menos amplo do que o do segundo texto, que trata das estruturas políticas mundiais.

Letra C – Assertiva errada. Ambos os textos trazem a tecnologia sob uma visão positiva.

Letra D – Assertiva errada. O texto V é que fala da alteração das políticas atuais.

Letra E – Assertiva errada. Ambos os textos são dissertativos. *Das nações-estados* e *o alcance da empresa moderna*. Já o segundo texto trata de um âmbito mais amplo, de nível mundial.

Texto VII

1. A. A primeira linha do texto é reescrita na letra A, pois, ao se falar em “ recente documento”, está se falando em “ atualidade” e ao mencionar “ elaborado pelo IBGE”, quer-se dizer “ credibilidade”.

2. C. As letras A e D são eliminadas por falarem em “ criticar” e “ mostrar soluções”, características do texto argumentativo, e não informativo. A letra B extrapola o problema apresentado pelo texto ao mencionar “ poluição ambiental”. Da mesma forma, a letra E extrapola, pois o texto não trata dos principais problemas do país. Por ser informativo, o texto tem como meta aumentar

o conhecimento do leitor sobre o assunto em questão – o lixo.

3. B. O texto é informativo, tem como função prioritária denunciar um grave problema. As outras alternativas devem ser eliminadas, pois o texto não é argumentativo, com valor de conselho, acusação, crítica ou elogio.

Texto VIII

1. C. Ao se falar da " marca da morte", alude-se aos males produzidos pelo fumo; além disso, a expressão " marca nos cigarros" alude às embalagens do cigarro. A letra A omite a informação sobre as embalagens dos cigarros, presente no título. A letra B extrapola o título. A letra D contradiz o texto. A letra E, embora seja condizente com o texto, não é a reescritura do seu título.

2. E. O que se depreende do texto é que o jornalista, ao citar por extenso o significado da forma abreviada ANVS, pretendia esclarecer eventuais dúvidas por parte de algum leitor. A letra A não é verdadeira porque a tradução de uma abreviatura não transforma um texto algo mais ou menos resumido. A letra B é uma generalização excessiva – os textos informativos podem ou não usar abreviaturas. A letra C é uma extrapolação, pois explicitar uma abreviatura não significa direcionar um texto para uma classe não culta. Já a letra D vai além do objetivo do autor do texto, pois esclarecer uma abreviatura não pode significar a intenção do autor de enfatizar o poder de uma lei.

3. C. A resolução da ANVS é um texto normativo, pois estabelece regulamento, norma. Já o texto-imagem é publicitário, pois procura convencer o leitor a aderir a uma ideia: fumar prejudica a saúde.

4. E. Todas as alternativas representam características do texto informativo, exceto a última: o autor procura ser objetivo e impessoal, daí não serem comuns trechos interativos com o leitor.

Texto IX

1. A. O início do 2º parágrafo é a chave para essa resposta, pois afirma que o anúncio de revista é " fantástico para um sujeito que dispõe desse tempo...". A letra B apresenta uma generalização excessiva. Quanto à letra C, o texto não afirma que somente o texto rico em informações é capaz de convencer o leitor a comprar um produto; no entanto, a letra D confunde quantidade de informações com gosto estético e a letra E extrapola o texto.

2. C. O texto que explica, expõe dados, é o texto informativo. Já aquele que trata do funcionamento de algum objeto é o texto instrucional, que instrui o leitor a realizar algum tipo de ação. Eliminam-se, portanto, as outras alternativas.

3. A. Mais explicitamente no quarto parágrafo, o autor deixa clara a sua intenção de " vender uma ideia" – o outdoor (" Ótimo para anúncios institucionais ou promocionais de qualquer produto ou serviço"). Excluem-se automaticamente as outras opções.

4. E. O horóscopo, por ser um texto preditivo, é rico em previsões; o livro didático possui como meta ensinar; o dicionário é um texto que apresenta definições, conceitos; a bula de remédio, por ser um texto informativo, é rica em informações. Entretanto, o outdoor possui como característica principal a ausência de detalhes. A letra E contradiz o texto.

Texto X

1. E. O texto deve ser classificado como dissertativo didático – seu objetivo é ensinar o leitor como se processa uma entrevista. O único parágrafo que não apresenta tal tom didático, por veicular uma opinião do leitor, é o último: ele é o único parágrafo com características argumentativas.

Texto XI

1. B. Ao se falar em água insalubre, o autor antecipa a conotação negativa da água, que será tratada no texto, daí eliminarmos as letras A e C. Quanto à letra D, o título só anuncia um problema, não tendo, portanto, conteúdo trágico. A letra E é falsa, pois o assunto da Aids é mencionado no texto, não no título.

2. B. O texto tem como meta informar, acrescentar informações ao leitor acerca de um grave problema – a água.

Texto XII

1. B. O texto " Raízes" é um texto narrativo, composto de duas histórias – uma narrativa que se inicia na linha 3, que é secundária, sobre uma pedreira – e uma narrativa principal, que é a base do texto, sobre uma inglesa de origem afegã. É a essa narrativa que o autor alude na 3ª linha, quando anuncia " a história que eu vou contar".

Texto XIII

1. C. O texto XIII é informativo, sua principal finalidade é informar sobre uma época em que o ser humano não sabia contar.

Texto XIV

1. B. O texto XIV é expositivo – ele expõe fatos, problemas. Além disso, o autor manifesta, ao longo de sua exposição, um tom de crítica. Entretanto, não podemos considerar o texto argumentativo, pois ele não vem defender uma tese – ele somente expõe evidências.

Texto XV

1. D. Ao solicitar segmento do texto em que o autor interfira no seu conteúdo, o que se pretende é um trecho que seja responsável pela organização da argumentação do texto, que é " fico então com as desvantagens". Aqui, o autor organiza o conteúdo textual, anunciando que a base argumentativa do texto é falar sobre as desvantagens do mundo virtual.

2. E. O texto é dissertativo argumentativo. Sua meta é defender a tese, devidamente explicitada em seu último parágrafo do texto: " Viver plugado a uma corrente de pessoas e informações...agride o que o ser humano tem de melhor e insubstituível...".

Textos XVI e XVII

1. A. Segundo o texto, o pai não chega a aprovar o comportamento do filho, apenas o aceita " ponderei o fato de meu filho não ser um veículo para que eu coloque em prática o meu projeto de ser humano". No entanto, a postura do filho é de aprovação, já que o piercing foi sua escolha.

2. E. Ambos os texto são narrativos – relatam acontecimentos.

Texto XVIII

1. A. O texto é dissertativo – nele o autor utiliza-se de abstrações, conceitos. Sua meta é falar sobre " a linha tênue e imprecisa que divide realidade e sonho, sanidade e loucura". Sendo assim, sua narrativa caracteriza-se como uma estratégia de discurso – seu objetivo é ilustrar o pensamento do autor.

Texto XIX

1. D. Ainda que o texto apresente muitas informações – dados estatísticos resultantes de pesquisas – sua meta é defender a urgência de " fazer o turista se sentir mais seguro no Rio".

Texto XX

1. A. O objetivo do texto é especular, conjecturar sobre a vida daqui a uma grande quantidade de anos. Vale observar que o autor não apresenta tom de certeza, precisão, daí não ser esse texto informativo. Da mesma forma, o texto não prevê o futuro, pelo contrário, ele é finalizado por meio de uma série de perguntas, questionamentos.

Texto XXI

1. C. O objetivo da autora é ensinar a diferença entre racismo, discriminação e preconceito. Atente aos detalhamentos do texto e à apresentação de definições – tudo isso confere um tom didático ao texto lido. Assim, eliminam-se as outras alternativas. A letra D é falsa, pois o texto vai além da tarefa de informar – ele pretende ensinar.

Texto XXII

1. D. A letra A não está correta, pois não se pode afirmar que os dados apresentados pelo texto sejam totalmente desconhecidos pelos leitores. Quanto à letra B, não se pode afirmar que o texto se utilize de suspense – o autor apresenta de imediato as informações ao leitor. Na letra C, não se pode afirmar, tratando-se de um texto informativo, que suas informações são fruto de opiniões do autor. A letra D está correta, pois apresenta uma característica marcante do texto informativo – seu conteúdo deve ter, ao menos presumidamente, conteúdo de interesse para o leitor. Quanto à letra E, o texto não trata de linguagem coloquial – o texto informativo deve ter linguagem simples, mas não informal.

Texto XXIII

1. D.

Texto XXIV

1. C. O texto é predominantemente dissertativo argumentativo. Sua meta é defender uma tese explicitada nos dois últimos parágrafos do texto – a de que o mandato de quatro anos " não pode servir de escudo no momento em que o agente público atue contra os superiores interesses da moralidade e da legalidade", bem como " a melhor forma de evitar constrangimentos futuros, na escolha de dirigentes com mandatos fixos, ainda é a observância dos critérios de competência técnica e de moralidade". Vale observar que, ainda que a argumentação predomine, pode-se observar no texto características expositivas (4º e 5º parágrafos), onde o autor expõe o que sabe sobre o assunto, assim como narrativas (2º e 3º parágrafos), em que o autor relata acontecimentos sobre o episódio Pitt.

Texto XXV

1. E. O texto deve ser classificado como dissertativo, pois discorre sobre um assunto apresentado no início e retomado ao final do texto: a originalidade da monarquia brasileira. Seu objetivo não é contar a história sobre a vinda da família real ao Brasil, mas de apresentar fatos que ilustrem essa hipótese. Dessa forma, eliminam-se as letras A e C. A letra B, ao utilizar o verbo " descreve", a banca insinua que o texto é descritivo, fato que não é verdadeiro. A letra D é falsa, pois o texto não defende a ideia de que " o mais importante são os antecedentes históricos imediatos".

Texto XXVI

1. D. O objetivo do texto é o de discorrer sobre as transformações do mundo moderno e o autor utiliza a secretária eletrônica como um símbolo de modernidade. Sendo assim, o texto deve ser caracterizado como predominantemente dissertativo opinativo. A narração é uma estratégia utilizada para ilustrar sua tese – uma maneira de ilustrar o seu pensamento.

Texto XXVII

1. A. O texto lido deve ser classificado como predominantemente dissertativo argumentativo. Seu objetivo é discorrer sobre as vantagens da geografia humana em detrimento da árida geografia física. Entretanto, os quatro últimos parágrafos apresentam uma narrativa, utilizada para ilustrar o pensamento apresentado pelo texto.

Texto XXVIII

1. A. Na passagem do verbo no pretérito imperfeito (" dirigia") ao pretérito perfeito (" foi assaltada"), assinalou-se uma mudança de um trecho descritivo, em que o autor caracterizava uma cena, a um texto narrativo, com evolução cronológica.

2. A. O trecho narrativo é utilizado para ilustrar a defesa de tese que será desenvolvida na sequência textual. Conta-se uma história primeiro, para se defender uma tese depois – a banalização da violência.

3. C. O texto deve ser classificado como dissertativo opinativo, ou argumentativo, pois sua intenção é discorrer sobre uma tese, já elucidada ao final do 1º parágrafo (" o que é a cultura da violência, sua nova feição no Brasil") e retomada ao final do texto (" a imoralidade da cultura da violência"). A narração, mesclada com descrição, apresentada no 1º parágrafo serviu apenas para ilustrar a tese do autor.

Texto XXIX

1. A. Esse texto é um bom exemplo de argumentação. Por meio de argumentos apresentados ao longo da dissertação, o autor pretende defender a tese de que o melhor é educar e não proibir (" Há um caminho simples: proibir. Há o caminho correto: educar.").

Texto XXX

1. A. O objetivo do texto é o de defender uma tese – a de que os objetivos fundamentais do art. 3º da Constituição valem como destinos a serem alcançados pelo Brasil. Eliminam-se as outras alternativas. Atente à letra D: a intenção do autor não é a de provocar polêmica, dividir opiniões, mas sim de defender seu posicionamento.

Texto XXXI

1. C. A intenção do autor é a de defender o seguinte argumento central: o ser humano possui atitudes opostas em relação ao estrangeiro – de aceitação e de recusa.

Texto XXXII

1. D. Apesar de apresentar traços informativos, o objetivo do texto é alertar, prevenir o leitor quanto às lesões músculo-esqueléticas.

Texto XXXIII

1. C. O objetivo do texto é apresentar a filosofia budista contrapondo-a às outras religiões – característica do texto polêmico.

Texto XXXIV

1. B. O discurso preditivo é marcado pelos verbos no futuro do presente (" Provavelmente não se descobrirá ainda..."; " ... outras questões que hoje não são formuladas serão resolvidas"). Os trechos I e II não são preditivos, são informativos.

Texto XXXV

1. B. A intenção dos autores é nos ensinar a perceber a presença da arte em todos os detalhes da nossa vida. Além da intenção de

ensinar, pode-se perceber neste texto a presença de substantivos e adjetivos e o detalhamento nas caracterizações da presença da arte.

Texto XXXVI

1. C. Característica marcante dos textos descritivos é a presença de elementos que caracterizam uma realidade (substantivos e adjetivos). Quanto à letra A, vale observar que o 1º parágrafo não relata acontecimentos, descreve uma cena. O fato de o texto não ser dissertativo elimina as alternativas B e E. Quanto à letra D, não se pode falar em citação de informações, pois o trecho não é informativo.
2. C. Eis um exemplo de intertextualidade por alusão. O autor faz menção a outro autor em seu texto.

Texto XXXVII

1. C O texto deve ser classificado como dissertativo argumentativo. Seu objetivo é o de defender uma tese – a de que " todos estamos nos tornando, hoje, mais desconfiados do que no passado".
2. D. Como já vimos, o texto descritivo é marcado por uma forte presença de substantivos e adjetivos, pois seu objetivo é o de caracterizar, qualificar. Quanto às letras A, B e C, pode-se observar aí características de textos narrativos. A letra E apresenta perfil de texto dissertativo.

23.5. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

Leia o texto a seguir para responder à questão 1

Medo da eternidade

Jamais esquecerei o meu aflitivo e dramático contato com a eternidade.

Quando eu era muito pequena ainda não tinha provado chicles e mesmo em Recife falava-se pouco deles. Eu nem sabia bem de que espécie de bala ou bombom se tratava. Mesmo o dinheiro que eu tinha não dava para comprar: com o mesmo dinheiro eu lucraria não sei quantas balas.

Afinal minha irmã juntou dinheiro, comprou e ao sairmos de casa para a escola me explicou:

– Tome cuidado para não perder, porque esta bala nunca se acaba. Dura a vida inteira.

– Como não acaba? – Parei um instante na rua, perplexa.

– Não acaba nunca, e pronto.

Eu estava boba: parecia-me ter sido transportada para o reino de histórias de príncipes e fadas. Peguei a pequena pastilha cor-de-rosa que representava o elixir do longo prazer. Examinei-a, quase não podia acreditar no milagre. Eu que, como outras crianças, às vezes tirava da boca uma bala ainda inteira, para chupar depois, só para fazê-la durar mais. E eis-me com aquela coisa cor-de-rosa, de aparência tão inocente, tornando possível o mundo impossível do qual eu já começara a me dar conta.

Com delicadeza, terminei afinal pondo o chicle na boca.

– E agora que é que eu faço? – perguntei para não errar no ritual que certamente deveria haver.

– Agora chupe o chicle para ir gostando do docinho dele, e só depois que passar o gosto você começa a mastigar. E aí mastiga a vida inteira. A menos que você perca, eu já perdi vários. Perder a eternidade? Nunca.

O adocicado do chicle era bonzinho, não podia dizer que era ótimo. E, ainda perplexa, encaminhávamo--nos para a escola.

− Acabou-se o docinho. E agora?

− Agora mastigue para sempre.

Assustei-me, não saberia dizer por quê. Comecei a mastigar e em breve tinha na boca aquele puxa-puxa cinzento de borracha que não tinha gosto de nada. Mastigava, mastigava. Mas me sentia contrafeita. Na verdade eu não estava gostando do gosto. E a vantagem de ser bala eterna me enchia de uma espécie de medo, como se tem diante da ideia de eternidade ou de infinito.

Eu não quis confessar que não estava à altura da eternidade. Que só me dava era aflição. Enquanto isso, eu mastigava obedientemente, sem parar.

Até que não suportei mais, e, atravessando o portão da escola, dei um jeito de o chicle mastigado cair no chão de areia.

− Olha só o que me aconteceu! – disse eu em fingidos espanto e tristeza. Agora não posso mastigar mais! A bala acabou!

− Já lhe disse, repetiu minha irmã, que ela não acaba nunca. Mas a gente às vezes perde. Até de noite a gente pode ir mastigando, mas para não engolir no sono a gente prega o chicle na cama. Não fique triste, um dia lhe dou outro, e esse você não perderá.

Eu estava envergonhada diante da bondade de minha irmã, envergonhada da mentira que pregara dizendo que o chicle caíra da boca por acaso.

Mas aliviada. Sem o peso da eternidade sobre mim.

06 de junho de 1970

(LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo* – crônicas. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p.289-91)

1. (SEDU-ES – Professor B – FCC – Jan./2016)

Ainda que se saiba da liberdade com que Clarice Lispector lidava com esse gênero, pode-se assegurar que **Medo da eternidade** é uma **crônica** na medida em que se trata

a) de uma dissertação filosófica sobre uma questão fundamental da vida humana, ainda que a escritora acabe se valendo de sua experiência pessoal para ilustrar a tese que se dispõe a defender.

b) de uma visão subjetiva, pessoal, de um acontecimento do cotidiano imediato, muito embora vivenciado na infância, que acaba dando margem à reflexão sobre uma questão capaz de interessar a todos.

c) de um texto poético, mesmo que em prosa, em que os acontecimentos vividos no passado ganham uma tonalidade lírica e, em lugar de serem explicitamente narrados, são dados a conhecer de modo alusivo e sugestivo.

d) da rememoração de um episódio ocorrido na infância e que é narrado tal como foi vivido, sem deixar transparecer as crenças e convicções do adulto que rememora.

e) de um texto alegórico, em que a história narrada oculta um sentido que vai muito além dela, servindo apenas como veículo da expressão de ideias abstratas que os acontecimentos permitem concretizar.

Leia o texto a seguir para responder à questão 2.

A velhinha contrabandista

Todos os dias uma velhinha atravessava a ponte entre dois países, de bicicleta e carregando uma bolsa. E todos os dias era

revistada pelos guardas da fronteira, à procura de contrabando. Os guardas tinham certeza que a velhinha era contrabandista, mas revistavam a velhinha, revistavam a sua bolsa e nunca encontravam nada. Todos os dias a mesma coisa: nada. Até que um dia um dos guardas decidiu seguir a velhinha, para flagrá-la vendendo a muamba, ficar sabendo o que ela contrabandeava e, principalmente, como. E seguiu a velhinha até o seu próspero comércio de bicicletas e bolsas.

Como todas as fábulas, esta traz uma lição, só nos cabendo descobrir qual. Significa que quem se concentra no mal aparentemente disfarçado descuida do mal disfarçado de aparente, ou que muita atenção ao detalhe atrapalha a percepção do todo, ou que o hábito de só pensar o óbvio é a pior forma de distração.

(VERISSIMO, Luis Fernando. *O mundo é bárbaro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008, p. 41)

2. (Copergás/PE – Analista Administrador – FCC – Jul./2016)

Os dois parágrafos que compõem o texto constituem-se, respectivamente, de uma

a) tese exposta de modo categórico e sua demonstração factual.

b) narrativa de sentido intrigante e sua elucidação aberta em hipóteses.

c) narrativa de propósito moral e sua contestação no confronto com outro fato.

d) fábula de sentido enigmático e a busca inútil de seu esclarecimento.

e) fábula formulada como hipótese e a confirmação cabal de seu sentido.

Leia o texto a seguir para responder à questão 3.

Texto CB2A2BBB

O fenômeno da corrupção, em virtude de sua complexidade e de seu potencial danoso à sociedade, exige, além de uma atuação repressiva, também uma ação preventiva do Estado. Portanto, é preciso estimular a integridade no serviço público, para que seus agentes sempre atuem, de fato, em prol do interesse público.

Entende-se que a integridade pública representa o estado ou condição de um órgão ou entidade pública que está " completa, inteira, perfeita, sã", no sentido de uma atuação que seja imaculada ou sem desvios, conforme as normas e valores públicos.

De acordo com a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), a integridade é mais do que a ausência de corrupção, pois envolve aspectos positivos que, em última análise, influenciam os resultados da administração, e não apenas seus processos. Além disso, a OCDE compreende um sistema de integridade como um conjunto de arranjos institucionais, de gerenciamento, de controle e de regulamentações que visem à promoção da integridade e da transparência e à redução do risco de atitudes que violem os princípios éticos.

Nesse sentido, a gestão de integridade refere-se às atividades empreendidas para estimular e reforçar a integridade e também para prevenir a corrupção e outros desvios dentro de determinada organização.

Disponível em: <www.cgu.gov.br> (com adaptações).

3. (TCE-SC – Aud. Fiscal-Administ. – Cespe – Maio/2016)

Julgue o próximo item, relativo a aspectos linguísticos e às ideias do texto CB2A2BBB.

Nesse texto, de natureza informativo-argumentativa, busca-se convencer o leitor de que a integridade, como qualidade de órgãos e entidades públicas, contribui para que os agentes do serviço público atuem prevenindo a corrupção e em prol do interesse

público.

Leia o texto a seguir para responder à questão 4.

Texto IV

A metrópole de São Paulo vem se tornando mais heterogênea econômica, social e espacialmente e menos desigual quanto a renda, inserção no mercado de trabalho e condições de vida de seus habitantes, mesmo nas áreas mais precárias. A imagem emerge dos treze ensaios que compõem o livro **A Metrópole de São Paulo no Século XXI – Espaços, Heterogeneidades e Desigualdades**, os quais abordam temas específicos, a partir de um diagnóstico comum, para construir um panorama atual da região metropolitana. Tal retrato resulta das mudanças de diversas dimensões pelas quais a metrópole passou na última década, do perfil da pobreza às dinâmicas migratórias e ligadas ao crescimento demográfico, dos moldes de segregação social à produção habitacional e à mobilidade urbana.

A fisionomia da metrópole, central na economia do país, reflete a conjuntura de modo especial, segundo o organizador. Assim, tiveram impactos particulares na região metropolitana a redemocratização, na década de 80 do século XX (com a volta das eleições regulares e com a constituição de sistemas nacionais de políticas públicas), estabilização econômica, a abertura do mercado interno da década de 90 e o crescimento econômico vigoroso da primeira década do século XXI.

Disponível em: <www.fflch.usp.br> (com adaptações).

4. (Pref. SP – Agente Gestão P. Públicas – Cespe – Maio/2016)

O texto IV

a) é predominantemente narrativo, pois conta uma história cuja personagem central é a cidade de São Paulo.

b) é uma apresentação, pois introduz ao leitor textos fictícios ambientados na metrópole de São Paulo.

c) expressa uma opinião muito particular e pejorativa sobre a região metropolitana de São Paulo, não embasada em estudos ou fatos.

d) é predominantemente descritivo, pois descreve detalhadamente os espaços urbanos da capital paulista.

e) recupera e resume ideias de autores que analisaram a situação da metrópole de São Paulo.

Leia o texto a seguir para responder à questão 5.

Texto 1 – O futuro da medicina

O avanço da tecnologia afetou as bases de boa parte das profissões. As vítimas se contam às dezenas e incluem músicos, jornalistas, carteiros etc. Um ofício relativamente poupado até aqui é o de médico. Até aqui. A crer no médico e "geek" Eric Topol, autor de "The Patient Will See You Now" (o paciente vai vê-lo agora), está no forno uma revolução da qual os médicos não escaparão, mas que terá impactos positivos para os pacientes.

Para Topol, o futuro está nos *smartphones*. O autor nos coloca a par de incríveis tecnologias, já disponíveis ou muito próximas disso, que terão grande impacto sobre a medicina. Já é possível, por exemplo, fotografar pintas suspeitas e enviar as imagens a um algoritmo que as analisa e diz com mais precisão do que um dermatologista se a mancha é inofensiva ou se pode ser um câncer, o que exige medidas adicionais.

Está para chegar ao mercado um apetrecho que transforma o celular num verdadeiro laboratório de análises clínicas, realizando

mais de 50 exames a uma fração do custo atual. Também é possível, adquirindo lentes que custam centavos, transformar o *smartphone* num supermicroscópio que permite fazer diagnósticos ainda mais sofisticados.

Tudo isso aliado à democratização do conhecimento, diz Topol, fará com que as pessoas administrem mais sua própria saúde, recorrendo ao médico em menor número de ocasiões e de preferência por via eletrônica. É o momento, assegura o autor, de ampliar a autonomia do paciente e abandonar o paternalismo que desde Hipócrates assombra a medicina.

Concordando com as linhas gerais do pensamento de Topol, mas acho que, como todo entusiasta da tecnologia, ele provavelmente exagera. Acho improvável, por exemplo, que os hospitais caminhem para uma rápida extinção. Dando algum desconto para as previsões, " The Patient..." é uma excelente leitura para os interessados nas transformações da medicina.

Folha de S. Paulo online – Coluna Hélio Schwartsman – 17/01/2016.

5. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

" Para Topol, o futuro está nos *smartphones*. O autor nos coloca a par de incríveis tecnologias, já disponíveis ou muito próximas disso, que terão grande impacto sobre a medicina."

Segundo esse segmento do texto 1, pode-se inferir que o texto de Topol pertence ao seguinte modo de organização:

a) informativo;

b) histórico;

c) argumentativo;

d) instrucional;

e) injuntivo.

Leia os textos a seguir para responder à questão 6.

Texto I

Banhos de mar

Meu pai acreditava que todos os anos se devia fazer uma cura de banhos de mar. E nunca fui tão feliz quanto naquelas temporadas de banhos em Olinda, Recife.

Meu pai também acreditava que o banho de mar salutar era o tomado antes de o sol nascer. Como explicar o que eu sentia de presente prodigioso em sair de casa de madrugada e pegar o bonde vazio que nos levaria para Olinda ainda na escuridão?

De noite eu ia dormir, mas o coração se mantinha acordado, em expectativa. E de puro alvoroço, eu acordava às quatro e pouco da madrugada e despertava o resto da família. Nós nos vestíamos depressa e saíamos em jejum. Porque meu pai acreditava que assim devia ser: em jejum.

Saímos para uma rua toda escura, recebendo a brisa da pré-madrugada. E esperávamos o bonde. Até que lá de longe ouvíamos o seu barulho se aproximando. Eu me sentava bem na ponta do banco, e minha felicidade começava. Atravessar a cidade escura me dava algo que jamais tive de novo. No bonde mesmo o tempo começava a clarear, e uma luz trêmula de sol escondido nos banhava e banhava o mundo.

Eu olhava tudo: as poucas pessoas na rua, a passagem pelo campo com os bichos-de-pé: " Olhe, um porco de verdade!" gritei uma vez, e a frase de deslumbramento ficou sendo uma das brincadeiras da minha família, que de vez em quando me dizia rindo:

“ Olhe, um porco de verdade”.

Eu não sei da infância alheia. Mas essa viagem diária me tornava uma criança completa de alegria. E me serviu como promessa de felicidade para o futuro. Minha capacidade de ser feliz se revelava. Eu me agarrava, dentro de uma infância muito infeliz, a essa ilha encantada que era a viagem diária.

LISPECTOR, C. *A Descoberta do Mundo*. São Paulo: Rocco, 1999, p. 175. Adaptado.

Texto II

Festival reúne caravelas em barcos

Dizem que o passado não volta, mas a cada cinco anos boa parte da história marítima da Europa se reúne para navegar junto entre o Mar do Norte e o canal de Amsterdã. Caravelas e barcos a vapor do século passado se juntam a veleiros e lanchas contemporâneas que vêm de vários países para um dos maiores encontros náuticos gratuitos do mundo. Durante o Amsterdam Sail, entre os dias 19 e 23 de agosto, cerca de 600 embarcações celebram a arte de deslizar sobre as águas.

Desde 1975 o grande encontro aquático junta apaixonados pelo mar e curiosos às margens dos canais para ver barcos históricos e gente fazendo festa ao longo de cinco dias – na última edição, o público estimado foi de 1,7 milhão de pessoas. Há aulas de vela e de remo para adultos e crianças, além de atrações musicais. [...]

Você pode até achar que é coisa de criança, mas o jogo em que cada um leva o próprio balde e simula as tarefas a bordo de um navio é instrutivo e divertido para todas as idades.

MORTARA, F. *O Estado de S. Paulo, São Paulo*, 4 ago. 2015, Caderno D, p. 10. Adaptado.

6. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016)

Comparando-se o conteúdo e a tipologia do Texto I e do Texto II, tem-se que

a) há uma conexão temática entre os dois textos, já que ambos fazem menção ao mar.

b) ambos combinam o domínio literário com o domínio jornalístico.

c) predomina no Texto I a informatividade e no Texto II a narratividade.

d) é natural haver bondes e canais em textos que enaltecem as belezas do mar.

e) a infância é o tempo mais adequado para conhecer embarcações e tomar banhos de mar.

Leia o texto a seguir para responder à questão 7.

Entrevista com Frédéric Martel

Uma guerra mundial pelo conteúdo dos meios de comunicação se trava pela conquista do público dentro e fora dos países criadores. Batalhas se desenrolam pelo domínio da notícia, do formato de programas de TV e pela exibição de filmes, vídeos, música, livros. Nesse processo, um gigante domina: os Estados Unidos, com sua capacidade de produzir cultura de massas que agrada ao grande público em todos os continentes. Essa penetração cultural americana, que muitos críticos preferem chamar de imperialismo, leva os filmes, a música e a televisão americana para o mundo. Sua arma é o inverso da alta cultura, da contracultura, da subcultura, de nichos especializados. Visa o público em geral, cultura de massa, de milhões. Tornou-se a cultura internacional dominante, principal, a chamada *mainstream*, conforme o título do livro escrito pelo sociólogo francês Frédéric Martel. Para escrever *Mainstream*, ele percorreu 30 países durante cinco anos, entrevistou mais de 1.200 pessoas em

todas as capitais do *entertainment*, analisou a ação dos protagonistas, a lógica dos grupos e acompanhou a circulação internacional de conteúdo.

É um imperialismo diferente daquele político e militar. É uma espécie de imperialismo cultural que é bem recebido no mundo. A esse respeito, afirma Frédéric Martel: " É o que basicamente chamamos de *soft power*. *Soft power* significa influenciar as pessoas com coisas legais. Você é amigável, não é contundente. Você tem as forças armadas, tem a diplomacia tradicional e grandes empresas econômicas, que formam o *hard power*, e tem o *soft power*, que influencia as pessoas através de filmes, de livros, da internet e de valores".

" A língua é importante. Eu acredito – e essa é a principal conclusão do meu livro – que, no mundo em que estamos entrando, que reúne globalização e digitalização, a língua é importante. E eu acredito que a batalha, a luta, mesmo a guerra de conteúdo, será uma batalha a respeito da cultura nacional. Você pode ouvir Lady Gaga, gostar de *Avatar* e ler *O Código Da Vinci*, mas, no final das contas, a maior parte da cultura que você consome e ama geralmente é nacional, local, regional, e não global. A cultura global é apenas uma pequena parte do que você gosta. Então, no final das contas, os americanos são os únicos a poder prover essa cultura dominante global, mas essa cultura dominante global continua pequena.

Por quê? Porque a língua é muito importante, porque a identidade é muito importante. Quando você compra um livro de não ficção, quer saber o que acontece aqui, no seu país, e não na Coreia do Sul, por exemplo. Na Coreia do Sul você quer ouvir K-pop, que é a música pop coreana, e ver um drama coreano, e não ouvir uma música brasileira. Portanto, nós estamos em um mundo cada vez mais global, mas, ao mesmo tempo, a cultura ainda é e será muito nacional. Para resumir as coisas, eu diria que todos temos duas culturas: a nossa e a americana."

" Nós, como europeus, temos o mesmo tipo de relação que você, como brasileiro, tem com os EUA. Nós os amamos e odiamos. É uma complicada relação de amor e ódio. Nós esperamos que eles sejam como são; nós queremos criticá-los, mas, ao mesmo tempo, nós protestamos contra eles com tênis Nike nos pés. Nós trabalhamos para ser um pouco como eles, muito embora nós queiramos manter nossa identidade e cultura. E, a propósito, a boa notícia é que o debate no mundo hoje e no futuro não será entre nós – brasileiros, franceses, europeus – e os americanos. Será entre todos nós. O que eu quero dizer é que hoje não há apenas dois povos: nós e os EUA. O mundo é muito mais complicado, com países emergentes, que serão fundamentais nesse novo jogo."

" Para resumir, afirma Martel, eu diria que os EUA continuarão sendo peça importante da guerra de conteúdo, podemos dizer, nos próximos anos e décadas. Eu não acredito e não compro a ideia do declínio da cultura americana. Eu acho que eles são fortes e continuarão sendo fortes. Mas eles não são os únicos no jogo. Agora temos os países emergentes, que estão emergindo não só demográfica e economicamente, como pensávamos. E eu fui um dos primeiros a mostrar que eles estão emergindo com sua cultura, sua mídia e com a internet."

" Nesse mundo, a internet pode ser uma peça importante. O Brasil, por exemplo, vai crescer com a internet, com certeza. Criam-se ferramentas inovadoras de alfabetização, por exemplo, em comunidades, em favelas, em lugares onde os moradores não têm acesso a uma livraria ou biblioteca. Mas eles terão acesso à internet em *lan houses*, por exemplo, e mesmo no telefone. Hoje, todo mundo tem um telefone celular barato. Mesmo na África, todos têm celulares com funções básicas. Em cinco anos, todos terão um *smartphone*, pois os preços estão caindo muito. Assim, todos poderão acessar a internet pelo *smartphone*. Se você tem acesso à internet, pode baixar livros, acessar a rede, pode ver filmes e daí por diante."

" A questão não é se essa tecnologia é boa, conclui Martel. A questão é: ela não será boa ou ruim sozinha. Ela será o que você, o povo, o governo deste país e nós formos capazes de fazer com ela, criando uma boa internet e uma maneira melhor de ter acesso ao

conteúdo através da internet."

BOCCANERA, S. Entrevista concedida pelo sociólogo Frédéric Martel, Programa Milênio, Globo News. Disponível em: <http://www.conjur.com.br/2013-jan-25/ideias-milenio-frederic-martel-sociologo-jornalista-frances>. Acesso em: 10 nov. 2015. Adaptado.

7. (ANP – Téc. Reg. Petr&Der – Cesgranrio – Jan./2016)

Esse texto tem caráter argumentativo, porque o sociólogo entrevistado apresenta sua opinião a respeito da guerra mundial pelo conteúdo dos meios de comunicação.

Para defender a tese de que, apesar da globalização, as culturas nacionais vão sobreviver, ele utiliza como argumento a ideia de que

a) a maior parte da cultura que as pessoas consomem e com a qual se identificam geralmente é local, regional, e não global.

b) o imperialismo cultural, ao contrário do imperialismo político e militar, domina as pessoas sem que elas o percebam.

c) a penetração cultural americana tem origem na produção de cultura de massas que agrada ao grande público.

d) as pessoas criticam os americanos, mas, ao mesmo tempo, utilizam seus produtos, como o tênis Nike nos pés.

e) o mundo hoje é muito mais complicado, com países emergentes que serão fundamentais nas novas relações de poder.

Gabarito: 1. b; 2. b; 3. C; 4. e; 5. c; 6. a; 7. a.

24 ESTRUTURAÇÃO ARGUMENTATIVA

24.1. TEORIA RESUMIDA

Muitas provas de concursos públicos, além de buscarem do aluno seu conhecimento acerca da classificação dos textos, como narrativos, descritivos ou dissertativos, esperam que o candidato esteja apto a achar a tese de um texto dissertativo, resumir seus parágrafos, buscar uma assertiva que seja capaz de concluir tal texto, entre outros conceitos. Para isso, é preciso que o aluno domine as técnicas de estruturação argumentativa. Para esse tipo de questão, é preciso que você esteja apto a desvendar a estruturação de um texto dissertativo: achar sua tese, buscar em cada parágrafo o seu tópico frasal, entender como foram estruturados sua introdução, desenvolvimento e conclusão. Enfim, agregar conhecimentos que ajudarão você inclusive a redigir melhor, pois, ao observar os textos das provas, será possível entender as técnicas que se utilizam em produção textual. **Redigir é ato que deriva da leitura.**

Nosso próximo passo é ensinar você a desvendar as artimanhas de um texto dissertativo, que é a modalidade que mais aparece nas provas de concursos públicos. A partir daí, você estará apto a resolver questões que são as *preferidas* de bancas como Cespe, Esaf e FCC. Vamos lá?

Compreender um texto é muito mais que juntar palavras, frases. É depreender da leitura seu sentido maior, ultrapassando sua superfície. Uma boa maneira de interpretar um texto é buscar nele suas principais ideias, observando como foram estruturadas na argumentação.

Inicialmente, deparamo-nos com o **TEMA** sobre o qual repousa a discussão do texto. Caracteriza-se, portanto, por ser o assunto, o motivo da argumentação. Eis aí a diferença entre tema e tese. **A TESE** caracteriza-se por ser a tomada de posição do autor em relação ao tema e aparece, em um texto padrão, no 1º parágrafo. Será ela não só a ideia central do 1º parágrafo, ou **INTRODUÇÃO**, mas do texto em sua totalidade, o qual terá como compromisso desenvolver argumentos que a comprovem.

Nos parágrafos seguintes – que estruturarão o **DESENVOLVIMENTO** –, observa-se a presença dos **TÓPICOS FRASAIS**, que são os argumentos centrais de cada parágrafo. Serão eles desenvolvidos das mais variadas formas: apresentação de relações de causa e efeito, utilização de exemplos, comparações, analogias, dados estatísticos, testemunhos de autoridade etc.

Por fim, o último parágrafo, ou **CONCLUSÃO**, surge no texto representando a retomada da tese. É neste momento que, em geral, o autor externa suas opiniões, críticas, ou ainda sugestões sobre a discussão desenvolvida em sua dissertação, finalizando-se, assim, o ciclo textual.

Texto comentado

QUALIDADE DE VIDA

Estudo de uma tipologia textual – Educação/UFRJ

É de conhecimento geral que a qualidade de vida nas regiões rurais é, em alguns aspectos, superior à da zona urbana1, porque no campo inexiste a agitação das grandes metrópoles2, há maiores possibilidades de

se obterem alimentos adequados3 e, além do mais, as pessoas dispõem de maior tempo para estabelecer relações humanas mais profundas e duradouras4.

Ninguém desconhece que o ritmo de trabalho de uma metrópole é intenso5. O espírito de concorrência, a busca de se obter uma melhor qualificação profissional, enfim, a conquista de novos espaços lança o ambiente urbano em meio a um turbilhão de constantes solicitações. Esse ritmo excessivamente intenso torna a vida bastante agitada, ao contrário do que se poderia dizer sobre os moradores da zona rural.

Por outro lado, nas áreas campestres há maior qualidade de alimentos saudáveis6. Em contrapartida, o homem da cidade costuma receber gêneros alimentícios colhidos antes do tempo de maturação, para garantir maior durabilidade durante o período de transporte e comercialização.

Ainda convém lembrar a maneira como as pessoas se relacionam nas zonas rurais7. Ela difere da convivência habitual estabelecida pelos habitantes metropolitanos. Os moradores das grandes cidades, pelos fatos já expostos, de pouco tempo dispõem para alimentar relações humanas mais profundas.

Por isso tudo, entendemos que a zona rural proporciona a seus habitantes maiores possibilidades de viver com tranquilidade8. Só nos resta esperar que as dificuldades que afligem os habitantes metropolitanos não venham a se agravar com o passar do tempo9.

24.1.1. O parágrafo argumentativo

Segundo Othon M. Garcia, "o parágrafo é uma unidade de composição constituída por um ou mais de um período, em que se desenvolve determinada ideia central, ou nuclear, a que se agregam outras, secundárias, intimamente relacionadas pelo sentido e logicamente decorrente dela". O parágrafo seria, portanto, uma espécie de minitexto em que se poderia destacar – exatamente como se faz no texto argumentativo padrão – ao menos dois momentos: introdução (apresentação do argumento) e desenvolvimento (fundamentação do argumento), sendo a conclusão, portanto, facultativa.

Conhecer o parágrafo padrão seria fundamental ao leitor, já que diante de um texto curto – de apenas um parágrafo – poder-se-ia analisá-lo como um texto argumentativo padrão. E na hipótese de o aluno estar diante de um texto composto de mais de um parágrafo, analisar cada um separadamente lhe garantiria o método necessário para a intelecção do que está escrito.

24.1.2. O tópico frasal

Inicialmente, vale lembrar que **tópico frasal** é a ideia ou argumento central do parágrafo, apresentada de forma genérica. É a ideia-chave, a síntese do pensamento, a essência do parágrafo. Tudo que se afirma no parágrafo girará, portanto, em torno da fundamentação do tópico frasal.

No texto padrão, o tópico frasal inicia o parágrafo e na sequência vem a sua fundamentação. Esse é o método dedutivo de raciocínio, em que o autor parte da generalização para o seu detalhamento (GERAL → ESPECÍFICO).

Ex.: Conclui-se, sem esforço e sem exagero, que, **no Brasil, registram-se duas grandes falhas**: a) há um excesso na importação de produtos culturais; b) falta discernimento na escolha, havendo uma preferência, da parte dos empresários e, em consequência, da parte do consumidor – na TV, nos livros, na música – por coisas de nível inferior, pelo lixo cultural da época.

Pode também o parágrafo apresentar seu argumento principal no início ou no fim da argumentação. Aqui, o autor parte das definições, exemplos, comparações, dados estatísticos, para, na sequência, apresentar o tópico frasal. São parágrafos menos comuns, pautados no método indutivo de raciocínio (ESPECÍFICO → GERAL).

Ex.: Pesquisa da CNTE (Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação), realizada em 2003, mostrou que 51,1% dos professores em atividade estavam na faixa dos 40 aos 59 anos, e 38,4% tinham entre 25 e 39 anos. Só 2,9% se encontravam na categoria entre 19 e 24 anos. A pergunta inescapável é: **quem vai substituir os atuais mestres à medida que eles forem se aposentando?**

Além disso, o tópico frasal pode não ser explicitado claramente no texto. Ele pode estar diluído ao longo da argumentação, cabendo ao leitor juntar-lhe os segmentos e dar-lhe forma.

Ex.: As estimativas variam, mas podemos arriscar que há 50 milhões de brasileiros **abaixo da linha da pobreza**, cerca de 21,3 milhões de indigentes (com renda abaixo de R$ 60,00 por mês). Quarenta e cinco por cento deles são menores de 16 anos. E mais de 3 milhões de crianças até 6 anos não contam com alimentação adequada. Trinta e três por cento dos pobres das regiões urbanas têm até quatro anos de idade.

Nesse exemplo, o objetivo do parágrafo era criticar a situação de pobreza em que vive grande parte dos brasileiros. Os dados estatísticos apresentados seriam, portanto, capazes de induzir o leitor a compreender tal mensagem.

24.1.3. A estruturação do parágrafo argumentativo

De modo geral, o parágrafo de dissertação deve ser uma unidade completa de informação, sendo, portanto, constituído de:

1. uma ideia-núcleo (ou tópico frasal) – em geral apresentada no início do parágrafo;
2. desenvolvimento dessa ideia, que é então devidamente especificada, fundamentada, justificada logo a seguir;
3. conclusão, a qual se caracteriza por ser facultativa, representada, em geral, pela retomada do tópico frasal ou a apresentação da ideia-núcleo do parágrafo seguinte.

Ex.: "O governo federal foca seus esforços no aumento das exportações brasileiras e na direção certa, mas há um alvo maior e possível: a América do Sul. **(1)** Há uma agenda aguardando definição e atos, particularmente no que diz respeito aos juros. Espera-se também uma maior disponibilidade de recursos nos programas de fomento às exportações; uma reforma tributária, que é urgente e um aperfeiçoamento da legislação trabalhista. (...) **(2)** Esse conjunto de fatores – enquanto não definidos ou implementados – é que torna as empresas brasileiras vulneráveis no jogo do comércio internacional. Mas a questão da América do Sul merece uma análise especial.**(3)**"

24.1.4. Análise da estruturação do parágrafo

(1) Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal:

O governo federal foca seus esforços no aumento das exportações brasileiras e na direção certa, mas há uma agenda aguardando definições e atos,

(2) Desenvolvimento do parágrafo enumeração de detalhes:

(...) particularmente no que diz respeito aos juros – que precisam ser reduzidos a patamares compatíveis com os praticados nos lugares do mundo onde nossos concorrentes se financiam. Espera-se também uma maior disponibilidade de recursos nos programas de fomento às exportações; uma reforma tributária, que é urgente; um aperfeiçoamento da legislação trabalhista e uma ampliação e melhoria da infraestrutura nacional, principalmente no setor de transportes.

(3) Conclusão do parágrafo com reafirmação do tópico frasal e apresentação de consequências:

Esse conjunto de fatores – enquanto não definidos e implementados – é que torna as empresas brasileiras vulneráveis no jogo do comércio internacional.

24.1.5. Como expandir o parágrafo

Desenvolver o parágrafo significa expandir sua ideia-núcleo, de modo a torná-lo claro e bem fundamentado. Tal fundamentação pode ocorrer por diversos critérios, lembrando que, em um único parágrafo, o autor pode utilizar mais de um artifício na busca da maneira mais convincente de se expressar.

A seguir, observaremos algumas formas de se desenvolver o tópico frasal (a ideia-núcleo).

1. Enumeração ou descrição de detalhes

Neste caso, a ideia-núcleo é especificada por meio de detalhes, pormenores. Estabelece-se, portanto, uma explanação da ideia-núcleo, que é então desenvolvida, de modo a aprofundar a discussão iniciada pelo tópico frasal.

Ex.: Quem caminha pelos mais de 70 quilômetros de praia da Ilha Comprida, no litoral sul de São Paulo, pode perceber uma paisagem peculiar **(tópico frasal).** Em meio às dunas da restinga, onde deveria existir apenas vegetação rasteira, grandes pinheiros brotam por toda parte. A sombra das árvores é um bem-vindo refresco para os moradores da região, mas a verdade ecológica é que elas não deveriam estar ali – assim como os pombos não deveriam estar nas praças das cidades, nem as tilápias nas águas dos rios, nem o mosquito da dengue picando pessoas dentro de casa ou as moscas varejeiras rondando raspas de frutas nas feiras.

2. Estabelecimento de comparação (paralelo e contraste)

É o estabelecimento de um contraste (que enfoca as diferenças) ou um paralelo (que destaca as semelhanças) entre ideias, seres, fatos etc.

Ex.: Mas os saberes científicos têm uma característica inescapável: os enunciados que produzem são necessariamente provisórios, estão sempre sujeitos à superação e à renovação **(tópico frasal)**. Outros exercícios do espírito humano, como a cogitação filosófica, a inspiração poética ou a exaltação mística

poderão talvez aspirar a pronunciar verdades últimas; as ciências só podem pretender formular verdades transitórias, sempre inacabadas.

3. Apresentação de causas e/ou consequências

Aqui, ou o tópico frasal é a causa e seu desenvolvimento expõe suas consequências, ou será ele a consequência e o restante do parágrafo desenvolverá suas causas.

Ex.: A educação é uma função tão natural e universal da comunidade humana que, pela própria evidência, **(tópico frasal)** leva muito tempo a atingir a plena consciência daqueles que a recebem e praticam, sendo, por isso, relativamente tardio o seu primeiro vestígio na tradição literária **(consequências)**.

4. Apresentação de explicação ou esclarecimento

Neste caso, elucida-se o tópico frasal, quando este apresenta certa obscuridade, uma necessidade de maior clareza.

Ex.: As discussões sobre a liberdade assentam necessariamente e em princípio na negação de suas próprias bases possibilitadoras **(tópico frasal)**. Quero dizer que o único pressuposto histórico viável para que se possa instaurar a inteireza do entendimento da questão está na ausência de liberdade.

5. Utilização de exemplos

Os exemplos caracterizam-se como uma maneira bem elucidativa de concretizar o que há de abstrato no tópico frasal. Seguindo esse critério, o parágrafo se desenvolve por meio da ilustração da ideia-núcleo, constituindo-se em uma das formas mais simples de se demonstrar aquilo que se afirma.

Ex.: Dependendo das circunstâncias, as espécies invasoras podem ser meras "imigrantes" inofensivas ou invasoras altamente nocivas **(tópico frasal).** Dentro do sistema produtivo, por exemplo, o búfalo e o pinus são apenas espécies exóticas. Quando escapam para a natureza, entretanto, muitas vezes tornam-se organismos nocivos aos ecossistemas "naturais".

6. Divisão ou explanação das ideias em cadeia

Nesse tipo de fundamentação de tópico frasal, o autor divide sua ideia inicialmente apresentada em duas ou mais partes, e, na sequência, as explana, cada uma a seu momento. Essa explanação em cadeia pode durar o parágrafo inteiro ou pode avançar ao longo do texto, dependendo da dimensão da discussão.

Ex.: As cidades em processo rápido de crescimento no Brasil indicam pelo menos três modalidades de crescimento dos organismos urbanos **(tópico frasal)**: <u>um crescimento horizontal</u> por partilha de espaços de antigas chácaras ou glebas congeladas para especulação, de dinâmica similar a uma mancha de óleo em expansão; <u>um crescimento vertical</u>, à custa de edifícios de muitos andares, aproveitando as facilidades aparentes dos espaços centrais e subcentrais das cidades de porte médio, acumulando funções residenciais em uma área de permanência duvidosa para tais funções; e, por fim, <u>mecanismo de maior gravidade</u>, a partilha de glebas situadas em posições descontínuas, a quilômetros de distância da área central, inicialmente semi-isoladas no

meio de sítios e fazendas, os quais, por sua vez, são espaços potenciais para loteamentos ulteriores e instalações de unidades industriais, com eliminação quase total das funções agrárias que responderam pelo crescimento e a riqueza iniciais da própria cidade.

Para se ter uma ideia da importância que o tópico frasal possui em relação a tudo que se enuncia no restante do parágrafo, observemos um dos sermões de Padre Antônio Vieira:

(...) O sermão há de ser duma só cor, há de ter um só objeto, um só assunto, uma só matéria.

Há de tomar o pregador uma só matéria, há de defini-la para que se conheça, há de dividi-la para que se distinga, há de prová-la com a Escritura, há de declará-la com a razão, há de confirmá-la com o exemplo, há de amplificá-la com as causas, com os efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências que se hão de seguir, com os inconvenientes que se há de evitar, há de responder às dúvidas, há de satisfazer às dificuldades, há de impugnar e refutar com toda a força da eloquência os argumentos contrários, e depois disto há de colher, há de apertar, há de concluir, há de persuadir, há de acabar. Isto é sermão, isto é pregar, e o que não é isto, é falar de mais alto. Não nego nem quero dizer que o sermão não haja de ter variedade de discursos, mas esses hão de nascer todos da mesma matéria, e continuar e acabar nela.

(Sermão da Sexagésima. In: Os sermões. São Paulo, Difel, 1968. VI, p. 99.)

Ter uma só cor, um só objeto significa abordar a mesma ideia, ter um argumento como central, que em geral se apresenta no início do parágrafo. Posteriormente a essa introdução vem a fase do desenvolvimento em que o autor utiliza artifícios para comprovar seu argumento: definições ("há de defini-la para que se distinga"), testemunhos de autoridade ("há de prová-la com a Escritura"), explicações e esclarecimentos ("há de declará-la com a razão"), utilização de exemplos ("há de confirmá-la com o exemplo"), apresentação de causas ou efeito e outras relações semânticas – finalidade, tempo, concessão, condição. Por fim, surge a conclusão, em que o autor retoma o argumento que iniciou o parágrafo, optando ou não por acrescentar seu juízo de valor ("e depois disto há de colher, há de apertar, há de concluir, há de persuadir").

Conhecer a estruturação de um texto argumentativo constitui, portanto, uma forma de o aluno ir além da estrutura superficial do texto, compreendendo-o de fato. Com isso, o tempo de resolução de prova também diminui, pois o candidato não precisaria reler todo o texto a cada questão objetiva.

A seguir, as etapas de intelecção de um texto de prova aqui propostas:

1. Ler o texto do início ao fim para saber do que se trata.
2. Ir às questões objetivas, procurando resolver primeiramente aquelas que se refiram exclusivamente à gramática.
3. Voltar ao texto, sublinhando suas principais ideias – tese, argumentos.
4. Evidenciar as relações entre as ideias no texto – vincular por meio de setas cada exemplo, testemunho de autoridade, comparação etc. ao seu tópico frasal.

5. Voltar às questões da prova, agora com as ideias do texto já relacionadas entre si, podendo recorrer a elas com mais rapidez.

Bem, hora de treinar... Vamos verificar se você já consegue analisar os parágrafos, desvendando a forma como foram estruturados na argumentação. Assim, você não só aprenderá a ler os textos dissertativos com mais técnica, como também já estará se preparando para fazer redações. Aproveite os comentários!

24.2. EXEMPLOS COMENTADOS

Os trechos a seguir foram retirados de textos concursos públicos. Constitui cada qual uma única linha de raciocínio que apresenta as frases organizadas em torno de um tópico frasal, voltadas para um único fim: desenvolver ou retomar a ideia-núcleo, aumentando-lhe a compreensão.

Desta forma, destaque suas **ideias-núcleo**, indicando o seu **desenvolvimento** e, caso haja, sua **conclusão**. Analise também a(s) forma(s) como foram desenvolvidos os tópicos frasais ao longo dos parágrafos.

1. Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos. Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitar e dar afeto.

   Comentários:

   Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana". Desenvolvimento do parágrafo com enumeração de exemplos: "Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos". Conclusão do parágrafo com retomada do tópico frasal e acréscimo de consequências: "Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitar e dar afeto".

2. No início deste período, o homem inventou a escrita, graças à qual os conhecimentos venceram o tempo e o espaço. Venceram o tempo, pois, as experiências acumuladas puderam, sob a forma escrita, ser transmitidas com precisão às gerações seguintes. Venceram o espaço, pois os conhecimentos passaram a ser transportados de um lugar para o outro em papiros, papéis e demais materiais desenvolvidos para a fixação da escrita. Com o registro e com a circulação da informação, o homem se beneficiou de um crescente repertório de experiências, as quais lhe permitiram inventar mais, e mais facilmente.

   Comentários:

   Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "No início deste período, o homem inventou a

escrita, graças à qual os conhecimentos venceram o tempo e o espaço". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de explicações: "Venceram o tempo, pois, as experiências acumuladas puderam, sob a forma escrita, ser transmitidas com precisão às gerações seguintes. Venceram o espaço, pois os conhecimentos passaram a ser transportados de um lugar para o outro em papiros, papéis e demais materiais desenvolvidos para a fixação da escrita". Conclusão do parágrafo com retomada do tópico frasal e acréscimo de consequências: "Com o registro e com a circulação da informação, o homem se beneficiou de um crescente repertório de experiências, as quais lhe permitiram inventar mais, e mais facilmente".

3. Algumas pessoas refugiam-se nas drogas na tentativa de esquecer seus problemas. Em função disso, acabam tornando-se dependentes dos psicotrópicos dos quais se utilizam e, na maioria das vezes, transformam-se em pessoas inúteis para si mesmas e para a comunidade.

   Comentários:

   Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Algumas pessoas refugiam-se nas drogas na tentativa de esquecer seus problemas". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação consequências: "Em função disso, acabam tornando-se dependentes dos psicotrópicos dos quais se utilizam e, na maioria das vezes, transformam-se em pessoas inúteis para si mesmas e para a comunidade". Parágrafo sem conclusão.

4. Só o esforço conjunto de toda a nação brasileira conseguirá vencer os gravíssimos problemas econômicos, por todos há muito conhecidos. Quaisquer medidas econômicas, por si sós, não são capazes de alterar a realidade, se as autoridades que as elaboram não contarem com o apoio da opinião pública, em meio a uma comunidade de cidadãos conscientes.

   Comentários:

   Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Só o esforço conjunto de toda a nação brasileira conseguirá vencer os gravíssimos problemas econômicos, por todos há muito conhecidos". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento: "Quaisquer medidas econômicas, por si sós, não são capazes de alterar a realidade, se as autoridades que as elaboram não contarem com o apoio da opinião pública, em meio a uma comunidade de cidadãos conscientes". Parágrafo sem conclusão.

5. Liderança é um aspecto da personalidade, uma característica que alguns indivíduos têm e outros não. Por definição, bons líderes são pessoas diferentes da média. Eles têm mais determinação do que outros. Sua presença é tão marcante que ficam na memória das pessoas. Por isso, liderança não é para qualquer um, é um dom.

   Comentários:

   Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Liderança é um aspecto da personalidade, uma característica que alguns indivíduos têm e outros não". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de definição/esclarecimento: "Por definição, bons líderes são pessoas diferentes da média. Eles têm mais

determinação do que outros. Sua presença é tão marcante que ficam na memória das pessoas". Conclusão do parágrafo com retomada do tópico frasal: "Por isso, liderança não é para qualquer um, é um dom".

6. Há muitos tipos de líder, e gosto de destacar três. A primeira categoria é dos líderes que marcam diferença por serem grande estrategistas, objetivos e com visão de futuro. O legado deles é o método. O segundo tipo tem forte poder intelectual, mergulha com intensidade nas questões teóricas, disseca e diagnostica problemas como ninguém. São líderes que deixam ideias originais, com marca própria. E um terceiro tipo chamo de líderes inspiradores. Eles entendem as demandas do povo, suas paixões, conseguem entender emocionalmente as pessoas. Os maiores líderes da história têm força porque reúnem método, intelecto e habilidade de tocar nos sentimentos de seus liderados.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Há muitos tipos de líder, e gosto de destacar três". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de enumeração de detalhes: "A primeira categoria é dos líderes que marcam diferença por serem grande estrategistas, objetivos e com visão de futuro. O legado deles é o método. O segundo tipo tem forte poder intelectual, mergulha com intensidade nas questões teóricas, disseca e diagnostica problemas como ninguém. São líderes que deixam ideias originais, com marca própria. E um terceiro tipo chamo de líderes inspiradores. Eles entendem as demandas do povo, suas paixões, conseguem entender emocionalmente as pessoas". Conclusão do parágrafo com retomada do tópico frasal e acréscimo de opinião do autor: "Os maiores líderes da história têm força porque reúnem método, intelecto e habilidade de tocar nos sentimentos de seus liderados".

7. O homem hoje em dia desenvolveu para tudo que costumava fazer com o próprio corpo, extensões ou prolongamentos desse mesmo corpo. A evolução de suas armas começa pelos dentes e punhos e termina com a bomba atômica. Indumentária e casas são extensões dos mecanismos biológicos de controle da temperatura do corpo. A mobília substitui o acocorar-se e sentar-se no chão. Instrumentos mecânicos, lentes, televisão, telefones e livros que levam a voz através do tempo e do espaço constituem exemplos de extensões materiais. Dinheiro é meio de estender os benefícios e de armazenar trabalho. Nosso sistema de transporte faz agora o que costumávamos fazer com os pés e as costas. De fato, podemos tratar de todas as coisas materiais feitas pelo homem como extensões ou prolongamentos do que ele fazia com o corpo ou com alguma parte especializada do corpo.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "O homem hoje em dia desenvolveu para tudo que costumava fazer com o próprio corpo, extensões ou prolongamentos desse mesmo corpo". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de exemplos: "A evolução de suas armas começa pelos dentes e punhos e termina com a bomba atômica. Indumentária e casas são extensões dos mecanismos biológicos de controle da temperatura do corpo. A mobília substitui o acocorar-se e sentar-se no chão. Instrumentos mecânicos, lentes,

televisão, telefones e livros que levam a voz através do tempo e do espaço constituem exemplos de extensões materiais. Dinheiro é meio de estender os benefícios e de armazenar trabalho. Nosso sistema de transporte faz agora o que costumávamos fazer com os pés e as costas". Conclusão do parágrafo com reafirmação do tópico frasal: "De fato, podemos tratar de todas as coisas materiais feitas pelo homem como extensões ou prolongamentos do que ele fazia com o corpo ou com alguma parte especializada do corpo".

8. Existe uma grande diferença entre a entrevista e a conversa informal entre duas pessoas. É necessário saber distinguir quando o diálogo informal é uma introdução e quando ela perde as características, acabando por se transformar numa palestra inconsistente, tomando tempo e prejudicando o processamento da entrevista propriamente dita.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Existe uma grande diferença entre a entrevista e a conversa informal entre duas pessoas". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento: "É necessário saber distinguir quando o diálogo informal é uma introdução e quando ela perde as características". Conclusão do parágrafo com apresentação de consequências: "acabando por se transformar numa palestra inconsistente, tomando tempo e prejudicando o processamento da entrevista propriamente dita".

9. Estudo do Pacific Institute of Oakland, na Califórnia, prevê que 76 milhões de pessoas morrerão de doenças relacionadas à água até 2020. As crianças serão as mais afetadas por males causados pelo uso e ingestão de água contaminada. No mesmo período, serão registrados 65 milhões de casos fatais em consequência da Aids em todo o mundo.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Estudo do Pacific Institute of Oakland, na Califórnia, prevê que 76 milhões de pessoas morrerão de doenças relacionadas à água até 2020". Desenvolvimento do parágrafo com enumeração de detalhes e estabelecimento de comparação: "As crianças serão as mais afetadas por males causados pelo uso e ingestão de água contaminada. No mesmo período, serão registrados 65 milhões de casos fatais em consequência da Aids em todo o mundo". Parágrafo sem conclusão.

10. O Estatuto do Desarmamento, aprovado no fim do ano, e ainda em fase de regulamentação, surgiu por uma questão de sobrevivência. O contexto que deflagrou o movimento político pelo endurecimento da legislação sobre armas é no mínimo dramático. Em 20 anos, de 1980 a 2000, conforme estudo do IBGE, 600 mil brasileiros foram assassinados, uma média de 30 mil por ano.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "O Estatuto do Desarmamento, aprovado no fim do ano, e ainda em fase de regulamentação, surgiu por uma questão de sobrevivência". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento e dados estatísticos: "O contexto que deflagrou o movimento

político pelo endurecimento da legislação sobre armas é no mínimo dramático. Em 20 anos, de 1980 a 2000, conforme estudo do IBGE, 600 mil brasileiros foram assassinados, uma média de 30 mil por ano". Parágrafo sem conclusão.

11. O resultado foi a banalização do uso e do porte de armas e, como consequência, milhares de tragédias no cotidiano. Essa banalização impulsionou as estatísticas sobre violência: o número de homicídios, nesse período de vinte anos, aumentou 130%. E pior: a grande maioria das vítimas tem sido de jovens de 15 a 24 anos. Assim, famílias se desestabilizam e o futuro é cortado pela raiz.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "O resultado foi a banalização do uso e do porte de armas e, como consequência, milhares de tragédias no cotidiano". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de dados estatísticos: "O resultado foi a banalização do uso e do porte de armas e, como consequência, milhares de tragédias no cotidiano". Conclusão do parágrafo com apresentação de consequências: "Assim, famílias se desestabilizam e o futuro é cortado pela raiz".

12. Inúmeras hordas "primitivas" se encontram, ainda hoje, nesse "grau zero" – se assim podemos dizer – quanto ao conhecimento dos números. É, por exemplo, o caso dos zulus e dos pigmeus, da África, dos aranda e dos kamilarai, da Austrália, dos aborígenes das Ilhas Murray e dos botocudos, do Brasil. "Um", "dois" e... "muitos" constituem as únicas grandezas numéricas desses indígenas que ainda vivem na Idade da Pedra.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Inúmeras hordas 'primitivas' se encontram, ainda hoje, nesse 'grau zero' – se assim podemos dizer – quanto ao conhecimento dos números". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de exemplos: "É, por exemplo, o caso dos zulus e dos pigmeus, da África, dos aranda e dos kamilarai, da Austrália, dos aborígenes das Ilhas Murray e dos botocudos, do Brasil". Conclusão do parágrafo com correlação entre o exemplo fornecido e o tópico frasal: "'Um', 'dois' e... 'muitos' constituem as únicas grandezas numéricas desses indígenas que ainda vivem na Idade da Pedra".

13. Pois bem. Observemos como se transformou a vida humana. Em 99% desses 500 mil anos, alterou-se relativamente pouco. O homem aprendeu a fazer algumas ferramentas e armas com paus e pedras, a pintar na parede das cavernas e a plantar e colher. A partir de um grito primordial, conseguiu ainda desenvolver a fala, graças à qual pôde conversar, exprimir sentimentos e melhor compartilhar experiências com os membros do grupo. De qualquer modo, foi ainda bem pouco para quase cinco centenas de milhares de anos.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Pois bem. Observemos como se transformou a vida humana". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de exemplos, bem como relação de causa e efeito: "O homem aprendeu a fazer algumas ferramentas e armas com paus e pedras, a pintar na parede das cavernas e a

plantar e colher. A partir de um grito primordial, conseguiu ainda desenvolver a fala, graças à qual pôde conversar, exprimir sentimentos e melhor compartilhar experiências com os membros do grupo". Conclusão do parágrafo com reafirmação do tópico

14. A favor da mesma tese, poderíamos dizer que, muitas vezes, a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público. Inúmeros esforços publicitários não resultam em nada. Continuemos no campo das substancias ilícitas. Existem insistentes campanhas antidrogas nos meios de comunicação, algumas um tanto soporíferas, outras mais terroristas, e todas fracassam. Moral da história? Nem que seja para consumir produtos químicos ilegais, ainda somos minimamente livres diante do poder da mídia. Temos alguma autonomia para formar nossas decisões.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "A favor da mesma tese, poderíamos dizer que, muitas vezes, a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento e exemplos: "Inúmeros esforços publicitários não resultam em nada. Continuemos no campo das substancias ilícitas. Existem insistentes campanhas antidrogas nos meios de comunicação, algumas um tanto soporíferas, outras mais terroristas, e todas fracassam". Conclusão do parágrafo com correlação entre o exemplo fornecido e o tópico frasal: "Moral da história? Nem que seja para consumir produtos químicos ilegais, ainda somos minimamente livres diante do poder da mídia. Temos alguma autonomia para formar nossas decisões".

15. O terceiro e o quarto objetivos fundamentais, previstos no artigo 3º, são projetos de um sonho estratosférico. Erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir desigualdades sociais e regionais é trabalho para séculos. Não há nação do mundo sem faixas de miserabilidades – nem as mais ricas. A promoção do bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação carece de remédio forte, como criminalização das condutas contrárias. Sem a ameaça grave de sanções, a cobra raivosa do preconceito continuará agindo no coração de muitas pessoas.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "O terceiro e o quarto objetivos fundamentais, previstos no artigo 3º, são projetos de um sonho estratosférico". Desenvolvimento do parágrafo por esclarecimento: 3º objetivo – "Erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir desigualdades sociais e regionais é trabalho para séculos. Não há nação do mundo sem faixas de miserabilidades – nem as mais ricas". 4º objetivo – "A promoção do bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação carece de remédio forte, como criminalização das condutas contrárias. Sem a ameaça grave de sanções, a cobra raivosa do preconceito continuará agindo no coração de muitas pessoas". Parágrafo sem conclusão.

16. No outro extremo, o estrangeiro provoca a nossa desconfiança, às vezes o nosso medo. Nem sempre entendemos os seus gestos e certamente não compreendemos a sua língua. Ele não se veste como nós, a sua fisionomia pode ser diferente da nossa e não adora nossos deuses. Entre os primitivos, o estrangeiro passava por uma complexa cerimônia, destinada a afastar os malefícios que trouxesse de seus demônios; ao voltar de uma viagem, as pessoas deveriam permanecer isoladas por algum tempo, até que delas se afastassem os demônios estranhos, acaso encontrados pelos caminhos.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "No outro extremo, o estrangeiro provoca a nossa desconfiança, às vezes o nosso medo". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento e exemplos: "Nem sempre entendemos os seus gestos e certamente não compreendemos a sua língua. Ele não se veste como nós, a sua fisionomia pode ser diferente da nossa e não adora nossos deuses. Entre os primitivos, o estrangeiro passava por uma complexa cerimônia, destinada a afastar os malefícios que trouxesse de seus demônios; ao voltar de uma viagem, as pessoas deveriam permanecer isoladas por algum tempo, até que delas se afastassem os demônios estranhos, acaso encontrados pelos caminhos". Parágrafo sem conclusão.

17. Vários fatores criaram o espaço social necessário para transformar certo número de pessoas associadas a certas práticas sociais em leitores: o individualismo da sociedade burguesa, a visão de mundo antropocêntrica estimulada pela Renascença e difundida pela filosofia humanista, o progresso tecnológico que facultou o desenvolvimento da imprensa, a expansão da escola e do pensamento pedagógico apoiado na alfabetização, o fortalecimento de instituições culturais como as universidades, as bibliotecas e as academias de escritores.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Vários fatores criaram o espaço social necessário para transformar certo número de pessoas associadas a certas práticas sociais em leitores". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de exemplos: "o individualismo da sociedade burguesa, a visão de mundo antropocêntrica estimulada pela Renascença e difundida pela filosofia humanista, o progresso tecnológico que facultou o desenvolvimento da imprensa, a expansão da escola e do pensamento pedagógico apoiado na alfabetização, o fortalecimento de instituições culturais como as universidades, as bibliotecas e as academias de escritores".

18. Disso resultaram duas noções: de um lado, a noção de público, massa coletiva e anônima que, não obstante o anonimato, pode ter vontade própria e direção definida, incidindo em linhas de ação que a literatura, em parte ou no todo, acata ou não; de outro, a noção de leitor, indivíduo habilitado à leitura, com preferências demarcadas, figura que o escritor busca seduzir, lançando mão de técnicas e de artifícios contabilizados pela crítica e história da literatura.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Disso resultaram duas noções". Desenvolvimento do parágrafo com enumeração de detalhes: "de um lado, a noção de público, massa coletiva e anônima que, não obstante o anonimato, pode ter vontade própria e direção definida, incidindo em linhas de ação que a literatura, em parte ou no todo, acata ou não; de outro, a noção de leitor, indivíduo habilitado à leitura, com preferências demarcadas, figura que o escritor busca seduzir, lançando mão de técnicas e de artifícios contabilizados pela crítica e história da literatura". Parágrafo sem conclusão.

19. Comemoramos o nosso dia (8 de dezembro) sob o fogo cruzado da má vontade e da desinformação. O Judiciário não pode ser culpabilizado pelo que a mídia chama com exagero de impunidade. A polícia não prende, não investiga e nós, presos à aplicação da lei, pagamos o pato. Além disso, há um cipoal de leis, medidas provisórias e atos normativos que acabam por atravancar nossos corredores.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Comemoramos o nosso dia (8 de dezembro) sob o fogo cruzado da má vontade e da desinformação". Desenvolvimento do parágrafo com enumeração de detalhes: "A desinformação – O Judiciário não pode ser culpabilizado pelo que a mídia chama com exagero de impunidade. A polícia não prende, não investiga e nós, presos à aplicação da lei, pagamos o pato. A má vontade: Além disso, há um cipoal de leis, medidas provisórias e atos normativos que acabam por atravancar nossos corredores". Parágrafo sem conclusão.

20. Dinheiro é um facilitador das transações, mas não é a única forma de relação comercial. O mundo moderno não pode menosprezar a sabedoria de nossos antepassados, que sobreviveram séculos fazendo trocas. Um bom exemplo de alinhamento entre estratégias empresariais e apoio governamental, que resultou em uma equação, é o caso da Odebrecht em Angola: esta construtora constrói a hidrelétrica de que o país africano necessita, e o governo angolano paga com petróleo, produto abundante naquele país.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Dinheiro é um facilitador das transações, mas não é a única forma de relação comercial". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento e exemplos: "O mundo moderno não pode menosprezar a sabedoria de nossos antepassados, que sobreviveram séculos fazendo trocas. Um bom exemplo de alinhamento entre estratégias empresariais e apoio governamental, que resultou em uma equação, é o caso da Odebrecht em Angola: esta construtora constrói a hidrelétrica de que o país africano necessita, e o governo angolano paga com petróleo, produto abundante naquele país". Parágrafo sem conclusão.

21. Em oito anos, o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do

estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio – é alarmante esse grau crescente de insegurança.

Comentários:

Parágrafo indutivo. Fundamentação do tópico frasal com apresentação dos dados estatísticos: "Em oito anos, o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio". Apresentação do tópico frasal: "é alarmante esse grau crescente de insegurança".

22. Quando começa a modernidade? A escolha de uma data ou de um evento não é indiferente. O momento que elegemos como originário depende certamente da ideia de nós mesmos que preferimos, hoje, contemplar. E vice-versa: a visão de nosso presente decide das origens que confessamos (ou até inventamos). Assim acontece com as histórias de nossas vidas que contamos para os amigos e para o espelho: os inícios estão sempre em função da imagem de nós mesmos de que gostamos e que queremos divulgar. As coisas funcionam do mesmo jeito para os tempos que consideramos "nossos", ou seja, para a modernidade.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal, sob forma de pergunta/resposta: "Quando começa a modernidade? A escolha de uma data ou de um evento não é indiferente". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento e comparação por semelhança: "O momento que elegemos como originário depende certamente da ideia de nós mesmos que preferimos, hoje, contemplar. E vice-versa: a visão de nosso presente decide das origens que confessamos (ou até inventamos). Assim acontece com as histórias de nossas vidas que contamos para os amigos e para o espelho: os inícios estão sempre em função da imagem de nós mesmos de que gostamos e que queremos divulgar". Conclusão do parágrafo com reafirmação do tópico frasal: "As coisas funcionam do mesmo jeito para os tempos que consideramos 'nossos', ou seja, para a modernidade".

23. A consciência universal sobre a importância dos direitos humanos chegou a uma nitidez nunca antes atingida. Entende-se: já comemoramos o cinquentenário da Declaração Universal dos Direitos do Homem (aprovada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, de 10 de dezembro de 1948, em Paris).

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "A consciência universal sobre a importância dos direitos humanos chegou a uma nitidez nunca antes atingida". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento: "Entende-se: já comemoramos o cinquentenário da Declaração Universal dos Direitos do Homem (aprovada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, de 10 de dezembro de 1948, em Paris)".

Parágrafo sem conclusão.

24. Talvez não haja algum fenômeno social que assalte de forma tão brusca os direitos humanos como a pobreza o faz, por desgastar ou anular os direitos econômicos e sociais, como: direito à alimentação, à água potável, à saúde, à educação, à habitação, à segurança pessoal, à justiça e à dignidade. Embora todos esses direitos sejam interligados e interdependentes, observa-se que, para as pessoas que vivem na pobreza, talvez eles não passem de um sonho muito distante de se tornar realidade.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Talvez não haja algum fenômeno social que assalte de forma tão brusca os direitos humanos como a pobreza o faz". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de causas: "por desgastar ou anular os direitos econômicos e sociais, como: direito à alimentação, à água potável, à saúde, à educação, à habitação, à segurança pessoal, à justiça e à dignidade". Conclusão do parágrafo com reafirmação do tópico frasal: "Embora todos esses direitos sejam interligados e interdependentes, observa-se que, para as pessoas que vivem na pobreza, talvez eles não passem de um sonho muito distante de se tornar realidade".

25. Lagartixas são excelentes alpinistas: escalam paredes com uma velocidade que pode atingir um metro por segundo. O mecanismo usado por esses répteis para se fixarem às superfícies foi descrito pela equipe do biólogo Kellar Autumn, professor em Portland (EUA). Quando a lagartixa sobe pela parede, a geometria especial de seus dedos produz forças de Van der Waals, interações eletromagnéticas fracas que garantem adesão segura entre as patas do réptil e a superfície.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Lagartixas são excelentes alpinistas". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento, seguido de testemunho de autoridade: "escalam paredes com uma velocidade que pode atingir um metro por segundo. O mecanismo usado por esses répteis para se fixarem às superfícies foi descrito pela equipe do biólogo Kellar Autumn, professor em Portland (EUA). Quando a lagartixa sobe pela parede, a geometria especial de seus dedos produz forças de Van der Waals, interações eletromagnéticas fracas que garantem adesão segura entre as patas do réptil e a superfície". Parágrafo sem conclusão.

ANÁLISE DOS ENUNCIADOS DAS PROVAS

No estudo das técnicas de compreensão e interpretação de textos, assim como em outras disciplinas, faz-se necessário estabelecer um método de análise dos enunciados que comumente aparecem em provas de concursos públicos. É importante, por este motivo, que o aluno perceba que há uma técnica por trás da elaboração das questões e que, portanto, será a aplicação desta técnica na resolução de provas que irá garantir uma boa preparação para o seu concurso.

Enunciados mais comuns:

"O texto se estrutura...”; "Os argumentos do autor se fundamentam em...”; "Ao se distribuir o texto adequadamente em parágrafos...”; "O parágrafo que expressa a ideia geral do texto...”; "No texto, o autor defende, sobretudo, a tese de que...”; "O tema do texto é...”; "O trecho a seguir tem a função textual/ a utilidade textual de...”

24.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Nos exercícios de fixação deste capítulo, você já treinou as técnicas de leitura e decodificação de um parágrafo dissertativo. Alguns desses parágrafos você voltará a ver agora nas provas que escolhemos para análise. Nosso intuito é que você perceba como as bancas costumam cobrar tal conhecimento nas questões de concursos.

Primeiramente, veja uma prova elaborada pelo NCE, do concurso para a CVM, que trouxe um único texto. Ele servirá como exemplo do que se chama de texto dissertativo padrão.

"O homem hoje em dia desenvolveu para tudo que costumava fazer com o próprio corpo, extensões ou prolongamentos desse mesmo corpo. A evolução de suas armas começa pelos dentes e punhos e termina com a bomba atômica. Indumentária e casas são extensões dos mecanismos biológicos de controle de temperatura do corpo. A mobília substitui o acocorar-se e sentar-se no chão. Instrumentos mecânicos, lentes, televisão, telefones e livros que levam a voz através do tempo e do espaço constituem exemplos de extensões materiais. Dinheiro é meio de estender os benefícios e de armazenar trabalho. Nosso sistema de transportes faz agora o que costumávamos fazer com os pés e as costas. De fato, podemos tratar de todas as coisas materiais feitas pelo homem como extensões ou prolongamentos do que ele fazia com o corpo ou com alguma parte especializada do corpo".

(Leslie A. White, *The science of culture*)

1. Entre o primeiro e o último período do texto 1 há uma série de afirmações que têm a finalidade de:

a) dar credibilidade ao que é afirmado, já que as afirmações se apoiam em fatos historicamente comprovados.

b) explicitar o que são as "extensões" ou os "prolongamentos" do próprio corpo, vocábulos citados no primeiro período.

c) desenvolver, explicando, a afirmação feita no período inicial, por meio de exemplos esclarecedores.

d) opor-se a pensamentos contrários ao que é exposto no primeiro período, por tratar-se de um ponto de vista novo.

e) apresentar argumentos que comprovem a sua tese, argumentos esses apoiados em descobertas históricas recentes.

2. "**De fato**, podemos tratar de todas as coisas materiais feitas pelo homem como extensões ou prolongamentos..."; a expressão destacada tem a finalidade de:

a) retificar informações anteriores.

b) ampliar informações já fornecidas.

c) confirmar informação prestada anteriormente.

d) explicar informações pouco claras.

e) acrescentar dados aos já fornecidos.

Comentários:

1. Quanto à letra A, observe que o objetivo do que vem após o primeiro período do texto não é *dar credibilidade* ao que se disse anteriormente: credibilidade seria se o autor optasse pela citação de um *testemunho de autoridade* no assunto (as palavras de outro autor renomado). Não foi o caso.

   A letra B, por sua vez, reduz informações do texto: a fundamentação não fala só das *extensões ou prolongamentos do corpo*, mas também *de tudo que o homem costumava fazer com o próprio corpo.* Reduzir informações do texto também é erro de interpretação.

   Quanto à letra D, veja que contradição: a fundamentação do tópico frasal não apresenta pensamentos que sejam *contrários* ao que foi exposto no primeiro período. É justamente o oposto: ela apresenta *exemplos* que apoiam aquilo que foi dito no primeiro período do texto. Não se trata, portanto, de um *ponto de vista novo*, mas o mesmo ponto de vista.

   A letra E começou perfeita; de fato, trata-se de argumentos que comprovam a tese apresentada no primeiro período do texto, mas eles não se apoiam *em descobertas históricas recentes*. São exemplos que confirmam aquilo que se disse no início do texto.

   Tem-se, portanto, um texto que se inicia pela apresentação da tese (*O homem hoje em dia desenvolveu para tudo que costumava fazer com o próprio corpo, extensões ou prolongamentos desse mesmo corpo).* Logo a seguir, tem-se sua fundamentação, que é o desenvolvimento do texto, que ocorre por meio da apresentação de exemplos. Por fim, no último período do texto, tem-se sua conclusão, representada pela retomada do tópico frasal apresentado no início do texto (*De fato, podemos tratar de todas as coisas materiais feitas pelo homem como extensões ou prolongamentos do que ele fazia com o corpo ou com alguma parte especializada do corpo*).

   Resposta: C.

2. Como você viu, o último período do texto é a reafirmação do que se disse no primeiro período. Assim, o conectivo *de fato*, que é um adjunto adverbial de afirmação, exerce mesmo essa tarefa de *confirmar* o que se disse anteriormente.

   Dessa forma, elimina-se a letra A: o objetivo do texto não é *retificar*, *corrigir* o que foi dito anteriormente. As letras B e E são muito parecidas: o que se quer não é *dizer mais* do que foi dito, apenas *reafirmar*.

   Quanto à letra D, entenda que o último período não *explica* o que foi dito anteriormente, apenas *reescreve.*

   Reescrever o que se disse é *confirmar* uma afirmação, que é exatamente o que diz a letra C.

   Resposta: C.

Você percebeu pela questão que as bancas buscam também do candidato sua capacidade de descobrir a estratégia utilizada pelo autor para **fundamentar o tópico frasal introdutório do parágrafo**? Na verdade, o que se quer é que o aluno esteja apto a detectar o tipo de fundamentação que o autor utilizou em determinado parágrafo: a estratégia que se escolheu para desenvolver um parágrafo.

Você conhece as formas mais comuns de se desenvolver um parágrafo? Desenvolver o parágrafo significa expandir sua ideia-núcleo, de modo a torná-lo claro e bem fundamentado. Tal fundamentação pode ocorrer por diversos critérios, lembrando que, em um único parágrafo, o autor pode utilizar mais de um artifício na busca da maneira mais convincente de se expressar.

Antes de seguirmos com a análise de textos, é importante que você conheça as formas mais comuns de se desenvolver o tópico frasal (a ideia-núcleo do parágrafo).

Uma forma muito comum de se desenvolver um argumento é por meio de **enumeração ou descrição de detalhes:** nesse caso, a ideia-núcleo é especificada por meio de detalhes, pormenores. Estabelece-se, portanto, uma explanação da ideia-núcleo, que é então desenvolvida, de modo a aprofundar a discussão iniciada pelo tópico frasal. Veja um exemplo, que é um trecho retirado de uma prova elaborada pela Fundação Carlos Chagas, para o MPU:

> *Quem caminha pelos mais de 70 quilômetros de praia da Ilha Comprida, no litoral sul de São Paulo, pode perceber uma paisagem peculiar* ***(tópico frasal).*** *Em meio às dunas da restinga, onde deveria existir apenas vegetação rasteira, grandes pinheiros brotam por toda parte. A sombra das árvores é um bem-vindo refresco para os moradores da região.*

Nesse caso, o tópico frasal foi desenvolvido por meio de detalhamento, descrições: *grandes pinheiros*, *sombra das árvores…*

Além da apresentação de detalhes, enumerações, pode-se desenvolver um parágrafo pelo **estabelecimento de comparação**. Nesse caso, desenvolve-se uma ideia pela apresentação de <u>contrastes</u> (que enfocam as diferenças) ou <u>paralelos</u> (que destacam as semelhanças) entre ideias, seres, fatos etc.

Observe um trecho retirado de uma prova também da Fundação Carlos Chagas, que se desenvolveu por meio de *contrastes*:

> *Mas os saberes científicos têm uma característica inescapável: os enunciados que produzem são necessariamente provisórios, estão sempre sujeitos à superação e à renovação* ***(tópico frasal)****. Outros exercícios do espírito humano, como a cogitação filosófica, a inspiração poética ou a exaltação mística poderão talvez aspirar a pronunciar verdades últimas; as ciências só podem pretender formular verdades transitórias, sempre inacabadas.*

Nesse trecho, o autor opta por desenvolver um argumento (*a constante transformação das verdades científicas*), por meio da comparação entre a *ciência* e a *filosofia* ou *a poesia*.

Pode-se também desenvolver um argumento por meio da **apresentação de suas causas e/ou consequências**, estratégia, aliás, muito comum nos textos dissertativos. Nesse caso, ou o tópico frasal é a causa e seu desenvolvimento expõe suas consequências, ou será ele a consequência e o restante do parágrafo desenvolverá suas causas. Veja mais um trecho retirado de prova elaborada pela Fundação Carlos Chagas:

A educação é uma função tão natural e universal da comunidade humana que, pela própria evidência, ***(tópico frasal)*** *leva muito tempo a atingir a plena consciência daqueles que a recebem e praticam, sendo, por isso, relativamente tardio o seu primeiro vestígio na tradição literária* ***(consequências)****.*

É um texto filosófico, de difícil compreensão, sabemos disso, mas procure detectar a técnica utilizada pelo autor ao fundamentar seu parágrafo. Após a apresentação do tópico frasal, tem-se a concretização dessa ideia por meio de consequências.

Muitas vezes, o autor, para desenvolver um tópico frasal, opta por sua fundamentação por meio de simples **explicação ou esclarecimento**. É exatamente isto: afirma-se algo e, na sequência do parágrafo, diz-se o que foi dito antes, só que com outras palavras. Veja um exemplo:

As discussões sobre a liberdade assentam necessariamente e em princípio na negação de suas próprias bases possibilitadoras ***(tópico frasal)****. Quero dizer que o único pressuposto histórico viável para que se possa instaurar a inteireza do entendimento da questão está na ausência de liberdade.*

Percebeu como o autor, no segundo período do parágrafo, diz o que se disse anteriormente, com a utilização de outras palavras? É a fundamentação de uma ideia por meio de *explicação*.

Além da explicação, é muito comum que a fundamentação de um parágrafo ocorra por meio da **apresentação de exemplos**. Os exemplos caracterizam-se como uma maneira bem elucidativa de concretizar o que há de abstrato no tópico frasal. Seguindo esse critério, o parágrafo se desenvolve por meio da ilustração da ideia-núcleo, constituindo-se em uma das formas mais simples de se demonstrar aquilo que se afirma. Observe:

Dependendo das circunstâncias, as espécies invasoras podem ser meras "imigrantes" inofensivas ou invasoras altamente nocivas ***(tópico frasal).*** *Dentro do sistema produtivo, por exemplo, o búfalo e o pinus são apenas espécies exóticas. Quando escapam para a natureza, entretanto, muitas vezes tornam-se organismos nocivos aos ecossistemas "naturais".*

Percebeu como os exemplos facilitam a intelecção do que foi dito? Procure utilizá-los também em suas redações. Eles tornam o texto mais claro, evitando que ele se transforme em um amontoado de conceitos. Os exemplos *concretizam* o texto.

Além dessas estratégias de fundamentação de parágrafo, podemos citar algumas outras: **citação de testemunhos de autoridade** (que são depoimentos de um outro autor respeitado sobre o assunto discutido), **apresentação de dados estatísticos** (que são informações retiradas de pesquisas), **apresentação de narrações** (que são histórias utilizadas para ilustrar o tema discutido), entre outros recursos.

Elaboramos um exercício que tem como meta ensinar você a desvendar a estruturação de um parágrafo argumentativo. Com ele, você, não só aprenderá a ler com mais técnica, como também desenvolverá técnicas de redação. Todos os trechos foram retirados de textos de concursos públicos. Constitui cada qual uma única linha de raciocínio que

apresenta as frases organizadas em torno de um tópico frasal, voltadas para um único fim: desenvolver ou retomar a ideia-núcleo, aumentando--lhe a compreensão.

Dessa forma, destaque suas **ideias-núcleo**, indicando o seu **desenvolvimento** e, caso haja, sua **conclusão**. Analise também a(s) forma(s) como foram desenvolvidos os tópicos frasais ao longo dos parágrafos.

1. "Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos. Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitar e dar afeto."

Na introdução do parágrafo, tem-se a apresentação do tópico frasal: "Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana."

A seguir, desenvolve-se o argumento inicial com a enumeração de exemplos: "Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos."

Observe que, na conclusão, o autor não só retomou o tópico frasal, mas optou também por acrescentar consequências: "Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitar e dar afeto".

Trata-se, assim, de um parágrafo padrão, com introdução, desenvolvimento e conclusão.

2. "No início deste período, o homem inventou a escrita, graças à qual os conhecimentos venceram o tempo e o espaço. Venceram o tempo, pois, as experiências acumuladas puderam, sob a forma escrita, ser transmitidas com precisão às gerações seguintes. Venceram o espaço, pois os conhecimentos passaram a ser transportados de um lugar para o outro em papiros, papéis e demais materiais desenvolvidos para a fixação da escrita. Com o registro e com a circulação da informação, o homem se beneficiou de um crescente repertório de experiências, as quais lhe permitiram inventar mais, e mais facilmente."

Mais uma vez, introduz-se o parágrafo por meio da apresentação do tópico frasal: "No início deste período, o homem inventou a escrita, graças à qual *os conhecimentos venceram o tempo e o espaço*."

A seguir, desenvolve-se o argumento inicial por meio da apresentação de explicações: "*Venceram o tempo*, pois, as experiências acumuladas puderam, sob a forma escrita, ser transmitidas com precisão às gerações seguintes. *Venceram o espaço*, pois os conhecimentos passaram a ser transportados de um lugar para o outro em papiros, papéis e demais materiais desenvolvidos para a fixação da escrita".

Novamente, conclui-se o parágrafo com a retomada do tópico frasal e acréscimo de consequências: "Com o registro e com a circulação da informação, o homem se beneficiou de um crescente repertório de experiências, as quais lhe permitiram inventar mais, e mais facilmente".

3. "Liderança é um aspecto da personalidade, uma característica que alguns indivíduos têm e outros não. Por definição, bons líderes

são pessoas diferentes da média. Eles têm mais determinação do que outros. Sua presença é tão marcante que ficam na memória das pessoas. Por isso, liderança não é para qualquer um, é um dom."

Outro parágrafo organizado de forma padrão. Apresenta-se, de início, o tópico frasal: "Liderança é um aspecto da personalidade, uma característica que alguns indivíduos têm e outros não". A seguir, fundamenta-se o argumento central por meio de sua definição, que, nada mais é que seu *esclarecimento*: "Por definição, bons líderes são pessoas diferentes da média. Eles têm mais determinação do que outros. Sua presença é tão marcante que ficam na memória das pessoas".

Ao final do parágrafo, o autor retoma o tópico frasal inicial, que vem antecedido de um conector conclusivo: "Por isso, liderança não é para qualquer um, é um dom".

Bom de ler e de copiar em uma futura redação, não é?

4. "Há muitos tipos de líder, e gosto de destacar três. A primeira categoria é dos líderes que marcam diferença por serem grande estrategistas, objetivos e com visão de futuro. O legado deles é o método. O segundo tipo tem forte poder intelectual, mergulha com intensidade nas questões teóricas, disseca e diagnostica problemas como ninguém. São líderes que deixam ideias originais, com marca própria. E um terceiro tipo chamo de líderes inspiradores. Eles entendem as demandas do povo, suas paixões, conseguem entender emocionalmente as pessoas. Os maiores líderes da história têm força porque reúnem método, intelecto e habilidade de tocar nos sentimentos de seus liderados."

Introduz-se o parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Há muitos tipos de líder, e gosto de destacar três".

Logo a seguir desenvolve-se o parágrafo com a enumeração dos *três tipos de líder* citados na primeira linha do texto: "A primeira categoria é dos líderes que marcam diferença por serem grande estrategistas, objetivos e com visão de futuro. O legado deles é o método. O segundo tipo tem forte poder intelectual, mergulha com intensidade nas questões teóricas, disseca e diagnostica problemas como ninguém. São líderes que deixam ideias originais, com marca própria. E um terceiro tipo chamo de líderes inspiradores. Eles entendem as demandas do povo, suas paixões, conseguem entender emocionalmente as pessoas".

Observe que, na conclusão, o autor retoma tópico frasal acrescentando sua opinião: "Os maiores líderes da história têm força porque reúnem método, intelecto e habilidade de tocar nos sentimentos de seus liderados".

5. "Em oito anos, o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio – é alarmante esse grau crescente de insegurança."

Você consegue perceber que esse parágrafo está estruturado de forma diferente dos parágrafos anteriores? É que ele se inicia pelos dados estatísticos, e não pelo tópico frasal. Esse é o *parágrafo indutivo*, que foge ao padrão: ele vai da fundamentação à ideia, e não o contrário. Vai do concreto ao abstrato. Somente ao final do parágrafo é que se descobre qual é o argumento que o enseja: é alarmante esse grau crescente de insegurança.

Resumindo:

Parágrafo dedutivo é aquele que vai do tópico frasal à sua fundamentação: do abstrato ao concreto. Parágrafo indutivo é aquele que se inicia pela fundamentação do tópico (exemplos, dados estatísticos etc.) e só a seguir é que se apresenta o argumento que motivou o parágrafo.

24.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

Leia o texto a seguir para responder à questão 1.

Depois que se tinha fartado de ouro, o mundo teve fome de açúcar, mas o açúcar consumia escravos. O esgotamento das minas – que de resto foi precedido pelo das florestas que forneciam o combustível para os fornos –, a abolição da escravatura e, finalmente, uma procura mundial crescente, orientam São Paulo e o seu porto de Santos para o café. De amarelo, passando pelo branco, o ouro tornou-se negro.

Mas, apesar de terem ocorrido essas transformações que tornaram Santos num dos centros do comércio internacional, o local conserva uma beleza secreta; à medida que o barco penetra lentamente por entre as ilhas, experimento aqui o primeiro sobressalto dos trópicos. Estamos encerrados num canal verdejante. Quase podíamos, só com estender a mão, agarrar essas plantas que o Rio ainda mantinha à distância nas suas estufas empoleiradas lá no alto. Aqui se estabelece, num palco mais modesto, o contato com a paisagem.

O arrabalde de Santos, uma planície inundada, crivada de lagoas e pântanos, entrecortada por riachos estreitos e canais, cujos contornos são perpetuamente esbatidos por uma bruma nacarada, assemelha-se à própria Terra, emergindo no começo da criação. As plantações de bananeiras que a cobrem são do verde mais jovem e terno que se possa imaginar: mais agudo que o ouro verde dos campos de juta no delta do Bramaputra, com o qual gosto de o associar na minha recordação; mas é que a própria fragilidade do matiz, a sua gracilidade inquieta, comparada com a suntuosidade tranquila da outra, contribuem para criar uma atmosfera primordial.

Durante cerca de meia hora, rolamos por entre bananeiras, mais plantas mastodontes do que árvores anãs, com troncos plenos de seiva que terminam numa girândola de folhas elásticas por sobre uma mão de 100 dedos que sai de um enorme lótus castanho e rosado. A seguir, a estrada eleva-se até os 800 metros de altitude, o cume da serra. Como acontece em toda parte nessa costa, escarpas abruptas protegeram dos ataques do homem essa floresta virgem tão rica que para encontrarmos igual a ela teríamos de percorrer vários milhares de quilômetros para norte, junto da bacia amazônica. Enquanto o carro geme em curvas que já nem poderíamos qualificar como " cabeças de alfinete", de tal modo se sucedem em espiral, por entre um nevoeiro que imita a alta montanha de outros climas, posso examinar à vontade as árvores e as plantas estendendo-se perante o meu olhar como espécimes de museu.

(Adaptado de: LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes Trópicos*. Coimbra, Edições 70, 1979, p. 82-3)

1. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

O excerto, que narra a passagem de Lévi-Strauss por Santos, rumo a São Paulo,

a) representa com minúcia uma natureza que foi preservada graças ao desenvolvimento de Santos, impulsionado pelo cultivo do café.

b) descreve a natureza pujante da região, a despeito de seu desenvolvimento econômico, a ponto de recorrer a imagens de cunho religioso para melhor ilustrar seu ponto de vista.

c) tece juízo de valor a respeito do desenvolvimento econômico do Brasil, tendo como pano de fundo sua riqueza natural inexplorada.

d) compara a natureza litorânea de Santos à encontradiça junto ao leito do rio Bramaputra, com vistas a mostrar, paralelamente, o

quão luxuriante é a natureza brasileira.

e) lamenta o comércio que teria destruído praticamente toda a beleza natural, reduzindo-a a pequenos e secretos lugares, observáveis apenas em expedições como a que conduzia.

Leia o texto a seguir para responder à questão 2.

Medo da eternidade

Jamais esquecerei o meu aflitivo e dramático contato com a eternidade.

Quando eu era muito pequena ainda não tinha provado chicles e mesmo em Recife falava-se pouco deles. Eu nem sabia bem de que espécie de bala ou bombom se tratava. Mesmo o dinheiro que eu tinha não dava para comprar: com o mesmo dinheiro eu lucraria não sei quantas balas.

Afinal minha irmã juntou dinheiro, comprou e ao sairmos de casa para a escola me explicou:

– Tome cuidado para não perder, porque esta bala nunca se acaba. Dura a vida inteira.

– Como não acaba? – Parei um instante na rua, perplexa.

– Não acaba nunca, e pronto.

Eu estava boba: parecia-me ter sido transportada para o reino de histórias de príncipes e fadas. Peguei a pequena pastilha cor-de-rosa que representava o elixir do longo prazer. Examinei-a, quase não podia acreditar no milagre. Eu que, como outras crianças, às vezes tirava da boca uma bala ainda inteira, para chupar depois, só para fazê-la durar mais. E eis-me com aquela coisa cor-de-rosa, de aparência tão inocente, tornando possível o mundo impossível do qual eu já começara a me dar conta.

Com delicadeza, terminei afinal pondo o chicle na boca.

– E agora que é que eu faço? – perguntei para não errar no ritual que certamente deveria haver.

– Agora chupe o chicle para ir gostando do docinho dele, e só depois que passar o gosto você começa a mastigar. E aí mastiga a vida inteira. A menos que você perca, eu já perdi vários. Perder a eternidade? Nunca.

O adocicado do chicle era bonzinho, não podia dizer que era ótimo. E, ainda perplexa, encaminhávamo--nos para a escola.

– Acabou-se o docinho. E agora?

– Agora mastigue para sempre.

Assustei-me, não saberia dizer por quê. Comecei a mastigar e em breve tinha na boca aquele puxa-puxa cinzento de borracha que não tinha gosto de nada. Mastigava, mastigava. Mas me sentia contrafeita. Na verdade eu não estava gostando do gosto. E a vantagem de ser bala eterna me enchia de uma espécie de medo, como se tem diante da ideia de eternidade ou de infinito.

Eu não quis confessar que não estava à altura da eternidade. Que só me dava era aflição. Enquanto isso, eu mastigava obedientemente, sem parar.

Até que não suportei mais, e, atravessando o portão da escola, dei um jeito de o chicle mastigado cair no chão de areia.

– Olha só o que me aconteceu! – disse eu em fingidos espanto e tristeza. Agora não posso mastigar mais! A bala acabou!

– Já lhe disse, repetiu minha irmã, que ela não acaba nunca. Mas a gente às vezes perde. Até de noite a gente pode ir mastigando, mas para não engolir no sono a gente prega o chicle na cama. Não fique triste, um dia lhe dou outro, e esse você não perderá.

Eu estava envergonhada diante da bondade de minha irmã, envergonhada da mentira que pregara dizendo que o chicle caíra da boca por acaso.

Mas aliviada. Sem o peso da eternidade sobre mim.

06 de junho de 1970

(LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo* – crônicas. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p. 289-91)

2. (SEDU-ES – Professor B – FCC – Jan./2016)

As expressões *reino de histórias de príncipes e fadas, elixir do longo prazer e milagre* (7º parágrafo) são mobilizadas pela autora para

a) deixar entrever como a criança, a partir da descrição do chiclete pela irmã com palavras que sugerem a sua imperecibilidade, acabou por associá-lo ao mundo do maravilhoso e da fantasia.

b) ilustrar o modo como, para uma criança pobre, uma coisa simples e barata como um chiclete pode ser tão difícil de obter que a sua compra é associada à esfera do imaginário ou do miraculoso.

c) sugerir o caráter fictício do episódio, que no entanto é narrado como se realmente tivesse acontecido, o que leva ao embaralhamento entre o que seria próprio da ficção e o que pertenceria à realidade.

d) argumentar que, na infância, a imaginação sempre predomina sobre a realidade, o que faz com que a criança vivencie situações concretas como se estivesse no mundo da fantasia.

e) enfatizar a desconfiança da criança em relação à veracidade do que é dito pela irmã sobre o chiclete, pois antes de experimentá-lo não lhe parecia crível a existência de uma bala que não se acabava nunca.

Leia o texto a seguir para responder à questão 3.

O revolucionário projeto de viagem interestelar apoiado por Stephen Hawking para tentar "salvar a humanidade"

Um programa de pesquisa de US$ 100 milhões (cerca de R$ 350 milhões) para o desenvolvimento de "naves estelares" do tamanho de pequenos *chips* eletrônicos foi lançado pelo milionário Yuri Milner e apoiado pelo fundador do Facebook, Mark Zuckerberg.

A viagem interestelar tem sido um sonho para muitos, mas ainda enfrenta barreiras tecnológicas. Entretanto, o físico Stephen Hawking disse à BBC News que a fantasia pode ser realizada mais cedo do que se pensa. "Para que nossa espécie sobreviva, precisamos finalmente alcançar as estrelas", disse. "Os astrônomos acreditam que haja uma chance razoável de termos um planeta parecido com a Terra orbitando estrelas no sistema Alfa Centauri. Mas saberemos mais nas próximas duas décadas por intermédio de dados dos nossos telescópios na Terra e no espaço."

O projeto apoiado pelo físico ambiciona produzir aeronaves do tamanho de um chip usado em equipamentos eletrônicos e lançar milhares dessas "mininaves" na órbita da Terra. Mas antes de projetar naves espaciais capazes de chegar a outras estrelas, há muitos problemas a serem superados. Uma prioridade é desenvolver câmeras, instrumentos e sensores em miniatura.

Stephen Hawking acredita que o que antes era um sonho distante pode e deve se tornar uma realidade dentro de três décadas. "Não é sábio manter todos os novos ovos em uma cesta frágil", disse ele. "A vida na Terra enfrenta perigos astronômicos como asteroides e supernovas."

(Adaptado de: GHOSH, Pallab. O revolucionário projeto de viagem interestelar apoiado por Stephen Hawking para tentar "salvar a humanidade".

Disponível em: www.bbc.com/portuguese/ noticias/2016/04/160412 _interestelar_np)

3. (Copergás/PE – Téc. Seg. Trabalho – FCC – Jul./2016)

Ao afirmar " Não é sábio manter todos os novos ovos em uma cesta frágil" (4º parágrafo), Stephen Hawking reforça a tese de que

a) o conhecimento que o homem adquiriu sobre o universo é capaz de prevenir grandes catástrofes.

b) é preciso encontrar um planeta semelhante à Terra para abrigar parte das nossas próximas gerações.

c) a humanidade deveria desistir de enviar pessoas ao espaço, concentrando-se em naves minúsculas.

d) não devemos nos preocupar com o futuro distante, visto que a destruição da Terra está próxima.

e) a viagem interestelar será inviável e os humanos deveriam se ocupar dos problemas internos da Terra.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 4 e 5.

Abu Dhabi constrói cidade do futuro, com tudo movido a energia solar

Bem no meio do deserto, há um lugar onde o calor é extremo. Sessenta e três graus ou até mais no verão. E foi exatamente por causa da temperatura que foi construída em Abu Dhabi uma das maiores usinas de energia solar do mundo.

Os Emirados Árabes estão investindo em fontes energéticas renováveis. Não vão substituir o petróleo, que eles têm de sobra por mais 100 anos pelo menos. O que pretendem é diversificar e poluir menos. Uma aposta no futuro.

A preocupação com o planeta levou Abu Dhabi a tirar do papel a cidade sustentável de Masdar. Dez por cento do planejado está pronto. Um traçado urbanístico ousado, que deixa os carros de fora. Lá só se anda a pé ou de bicicleta. As ruas são bem estreitas para que um prédio faça sombra no outro. É perfeito para o deserto. Os revestimentos das paredes isolam o calor. E a direção dos ventos foi estudada para criar corredores de brisa.

(Adaptado de: " Abu Dhabi constrói cidade do futuro, com tudo movido a energia solar". Disponível em: <http://g1.globo.com/globoreporter/noticia/2016/04/abu-dhabi-constroi-cidade-do-futuro-com-tudo-movido-energia-solar.html>.)

4. (Eletrobras/Eletrosul – Téc. Seg. Trab. – FCC – Jun./2016)

A construção de uma das maiores usinas de energia solar do mundo em Abu Dhabi se justifica pela preocupação dos Emirados Árabes em

a) eliminar as fontes de calor, especialmente no verão.

b) preservar as minas de petróleo que ainda restam.

c) emitir menos poluentes durante a geração de energia.

d) fornecer energia a baixo custo para a população local.

e) pôr fim imediato à poluição gerada pelo uso do petróleo.

5. (Eletrobras/Eletrosul – Téc. Seg. Trab. – FCC – Jun./2016)

Acerca da cidade de Masdar, é correto afirmar que

a) foi projetada com estratégias para reduzir o calor.

b) permanece no papel, pois sua execução é inviável.

c) partiu de um projeto testado antes em outra região.

d) foi planejada durante uma época anterior aos carros.

e) é bem convencional, inspirada nas grandes metrópoles.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 6 e 7.

Ofertas do Google

Uma das coisas que admiro nas pessoas que sabem muito é o desapego. Elas não se contentam em saber – espalham generosamente o que sabem, vivem prontas a ensinar e fazem isso de graça, pelo prazer de ajudar. O conhecimento não é para ser guardado a ferros, mas dividido – aliás, a única maneira de multiplicá-lo.

Tive a sorte de trabalhar ou conviver com alguns verdadeiros arquivos vivos, gente capaz de responder na lata sobre muitos assuntos além dos de sua área – entre outros, Otto Maria Carpeaux e Franklin de Oliveira. Uma pergunta a um deles era a garantia de uma aula.

De 15 anos para cá, o Google se esforça para substituir as sumidades do conhecimento. É o maior banco de dados do mundo e ameaça tornar ociosos os dicionários, enciclopédias e compêndios – já absorvidos por ele, ao alcance de consultas rápidas e, melhor ainda, grátis.

Ou não? Posso estar errado, mas tenho visto que, de algum tempo para cá, ao procurar por qualquer assunto no Google, ele nos cumula de pechinchas comerciais sobre o dito assunto. Se você pesquisar " sorvete", " livro" ou " apartamento", ele aproveitará para apregoar um irritante varejo desses produtos.

(Adaptado de: CASTRO, Ruy. "Ofertas do Google". Disponível em: <www.folha.uol.com.br/colunas/ruycastro/2016/03/1748685-ofertas-do-google.shtml>.)

6. (Eletrobras/Eletrosul – Téc. Seg. Trab. – FCC – Jun./2016)

O autor faz uma crítica

a) ao fato de o Google ter feito com que os homens sábios parecessem charlatões.

b) à maneira como o Google divulga informações sem dar crédito aos autores.

c) à superficialidade do conteúdo do Google comparado com os livros tradicionais.

d) à falta de variedade de conteúdo disponível para pesquisas rápidas no Google.

e) à divulgação de conhecimento no Google aliada a interesses comerciais.

7. (Eletrobras/Eletrosul – Téc. Seg. Trab. – FCC – Jun./2016)

A expressão sublinhada tem seu sentido expresso, em outras palavras, em:

a) ... *ameaça tornar <u>ociosos</u> os dicionários, enciclopédias e compêndios*... (3º parágrafo) / obsoletos

b) ... *a única maneira de <u>multiplicá-lo</u>*. (1º parágrafo) / decompô-lo.

c) ... *o Google se esforça para substituir <u>as sumidades</u> do conhecimento*. (3º parágrafo) / os inábeis

d) *Uma pergunta a um deles era a <u>garantia</u> de uma aula*. (2º parágrafo) / prepotência

e) *De 15 anos para cá, o Google* *se esforça* *para substituir...* (3º parágrafo) / se surpreende

8. (Eletrobras/Eletrosul – Téc. Seg. Trab. – FCC – Jun./2016)

Considere o texto abaixo.

Da paginação

Os livros de poemas devem ter margens largas e muitas páginas em branco e suficientes claros nas páginas impressas, para que as crianças possam enchê-los de desenhos – gatos, homens, aviões, casas, chaminés, árvores, luas, pontes, automóveis, cachorros, cavalos, bois, tranças, estrelas – que passarão também a fazer parte dos poemas...

(QUINTANA, Mario. *Sapato florido*. São Paulo, Globo, 2005, p. 33)

Para o autor, os livros de poemas devem ter uma apresentação que

a) elimine a chance de mais de uma interpretação.

b) induza a uma leitura realista e bem objetiva.

c) estimule a participação ativa das crianças.

d) ensine as crianças a se portar com bons modos.

e) seja compreensível a pessoas que são analfabetas.

Leia o texto a seguir para responder à questão 9.

Em 2015, o Brasil comemorou os 150 anos de nascimento de Cândido Mariano da Silva Rondon, mais conhecido como Marechal Rondon, militar e sertanista brasileiro que desbravou as regiões Centro-Oeste e Norte nos séculos 19 e 20. Por causa das expedições que comandou, passou a ser habitada a região onde está situado o estado de Rondônia, assim denominado em sua homenagem.

Rondon nasceu em Mimoso (MT), no dia 5 de maio de 1865. Descendente, por parte de mãe, dos índios terenas e bororo, e por parte de pai, dos índios guanás, logo ficou órfão, sendo criado pelo avô. Depois de sua morte, transferiu-se para o Rio de Janeiro e ingressou na Escola Militar. Depois de se formar bacharel em Ciências Físicas e Naturais e tornar-se tenente, em 1890, foi transferido para o setor do Exército que implantava linhas telegráficas por todo o país.

A partir daí, durante quase vinte anos, Rondon viajou por todo o Brasil implantando o telégrafo e eventualmente abrindo estradas. Nessas viagens, ele frequentemente encontrou tribos indígenas que não tinham contato com a civilização e, aos poucos, desenvolveu uma técnica de aproximação amigável. Rondon contribuiu também para o reconhecimento e mapeamento de grandes áreas ainda inóspitas no interior do país. A partir daí, levantou dados e informações de mineralogia, geologia, botânica, zoologia e antropologia. E encontrou, em 1906, as ruínas do Real Forte do Príncipe da Beira, a maior relíquia histórica de Rondônia.

Em 1910, organizou e passou a dirigir o Serviço de Proteção aos Índios, que viria a se tornar a Fundação Nacional do Índio (Funai). Em 1952, propôs a criação do Parque Indígena do Xingu e, no ano seguinte, inaugurou o Museu Nacional do Índio.

Rondon morreu em 1958, no Rio de Janeiro, com quase 93 anos. Dedicou a vida a promover a colonização do interior do país, pacificando e tratando os índios. Ficou conhecido pelo lema indigenista: " Morrer se for preciso, matar nunca".

(Adaptado de: "Congresso comemora na próxima semana os 150 anos do Marechal Rondon". Agência Senado. Disponível em: <www12.senado.leg.br/noticias/materias/2015/04/30/congresso-comemora-na-proxima-semana-os-150-anos-do-marechal-rondon>.)

9. (TRT14R – Téc. Jud. – Área Adminis. – FCC – Fev./2016)

Destaca-se em Rondon

a) a personalidade instável e irascível.

b) o perfil autoritário e truculento.

c) o comportamento passivo e hesitante.

d) a atitude conformista e servil.

e) o espírito pacífico e desbravador.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 10 e 11.

Nós, o rio e o tempo

Fico olhando, Maria, o nosso rio,
o Madeira da nossa Juventude.
Na enchente, em constante inquietude
vencendo a cada curva um desafio.
Para depois, no decorrer do estio,
com a ribanceira em sua plenitude
toda plantada pelo braço rude
de quem espera o fruto do plantio.
Mas o tempo, Maria, nos comprova
que a cada instante o rio se renova
e nós a cada instante envelhecemos.
Por certo ele será sempre criança
e o seu poente um canto de esperança
na saudade daquilo que vivemos.

(SILVA, Antônio Cândido da. Disponível em: <www.acler.-com.br/?conteudo=artigosmostra&cod=318&autor=6>.)

10. (TRT14R – Téc. Jud. – Área Adminis. – FCC – Fev./2016)

Percebe-se, no poema, a

a) representação do tempo como algo imutável.

b) caracterização da natureza degradada pelo homem.

c) predominância de uma ambientação urbana.

d) descrição do eterno conflito entre homem e mulher.

e) expressão de um sentimento nostálgico.

11. (TRT14R – Téc. Jud. – Área Adminis. – FCC – Fev./2016)

Apresentam significações opostas, no poema, os termos

a) *rio* e *enchente*, já que o primeiro equivale à calmaria e o segundo, à agitação.

b) *plenitude* e *Juventude*, já que o primeiro representa a tradição e o segundo, o progresso.

c) *estio* e *ribanceira*, já que o primeiro faz referência à escassez e o segundo, à fartura.

d) *poente* e *saudade*, já que o primeiro se refere ao futuro e o segundo, ao passado.

e) *criança* e *canto*, já que o primeiro remete à alegria e o segundo, à tristeza.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 12 e 13.

Idades e verdades

O médico e jornalista Drauzio Varella escreveu outro dia no jornal uma crônica muito instigante. Destaco este trecho: " Nada mais ofensivo para o velho do que dizer que ele tem 'cabeça de jovem'. É considerá-lo mais inadequado do que o rapaz de 20 anos que se comporta como criança de dez. Ainda que maldigamos o envelhecimento, é ele que nos traz a aceitação das ambiguidades, das diferenças, do contraditório e abre espaço para uma diversidade de experiências com as quais nem sonhávamos anteriormente".

Tomo a liberdade de adicionar meu comentário de velho: não preciso que os jovens acreditem em mim, tampouco estou aberto para receber lições dos mocinhos. Nossa alternativa: ao nos defrontarmos com uma questão de comum interesse, discutirmos honestamente que sentido ela tem para nós. O que nos unirá não serão nossas diferenças, mas o que nos desafia.

(LAMEIRA, Viriato, *inédito*)

12. (Copergás/PE – Analista Administrador – FCC – Jul./2016)

Deve-se entender que as afirmações de Drauzio Varella e as do autor do texto mantêm entre si

a) uma clara relação de causa e efeito, na ordem em que são expostas.

b) uma relação de independência, uma vez que não os move uma questão comum.

c) uma interligação compulsória, pois não se entende uma sem a presença da outra.

d) um caráter de alguma complementaridade, dado que a segunda é motivada pela primeira.

e) uma relação de subordinação, pois a segunda é uma simples dedução da primeira.

13. (Copergás/PE – Analista Administrador – FCC – Jul./2016)

O texto citado de Drauzio Varella parte de uma premissa que ele considera

a) verdadeira: os velhos, apesar da experiência acumulada, têm nostalgia dos anos dourados da juventude.

b) enganosa: a de que os velhos gostariam de ser aceitos como se mantivessem a pujança da juventude.

c) aceitável: há algo de pueril na velhice, mas que não obsta aos velhos demonstrar tudo o que aprenderam.

d) legítima: desde cedo somos obrigados a enfrentar as ambiguidades e os paradoxos do nosso pensamento.

e) preconceituosa: a de que os velhos tendam a amaldiçoar sua idade, quando o que sucede é exatamente o contrário.

Leia o texto a seguir para responder à questão 14.

Uma energia que vem de longe

O aproveitamento de recursos hídricos nas formas e em escala que conhecemos hoje só se tornou possível no final do século XIX, após o domínio das leis da mecânica dos fluidos, o consequente aperfeiçoamento das máquinas hidráulicas até o rendimento máximo e, por fim, o desenvolvimento da fantástica indústria da eletricidade. Sua história, porém, remonta à época da emergência daquelas civilizações, na Ásia e na África, das quais toda a cultura moderna é tributária, e está intimamente associada ao desenvolvimento dos primeiros grandes sistemas energéticos da humanidade, baseados na cultura irrigada de cereais.

(LOPES, Bernardina Reina, *inédito*)

14. (Eletrobras/Eletrosul – Adm. Empres. – FCC – Jun./2016)

Deve-se entender do texto que o aproveitamento de recursos hídricos

a) mantém-se tecnicamente tão eficaz quanto já o era ao tempo dos primeiros grandes sistemas energéticos.

b) está dando uma contribuição decisiva para o surgimento da fundamental indústria da eletricidade.

c) deve muito de seu atual estágio aos avanços resultantes do domínio da mecânica dos fluidos.

d) remonta ao final do século XIX, quando se aperfeiçoou o sistema de irrigação da cultura de cereais.

e) é tributário da cultura moderna e ainda se vale significativamente das técnicas das antigas civilizações orientais.

Leia o texto a seguir para responder à questão 15.

Designado para fazer a crítica dos espetáculos líricos de setembro de 1846 a outubro do ano seguinte no *Jornal do Comércio*, Martins Pena se revelou um profundo conhecedor da arte cênica, tanto no que se refere à prática teatral (cenário, representação, maquinarias) quanto a sua história, sendo não raro seus incisivos argumentos a causa de grandes polêmicas no teatro representado na corte brasileira.

Pena ganhou evidência como comediógrafo a partir de 1838, ano em que foi encenada sua peça *O Juiz de Paz na Roça*. Embora tenha produzido alguns dramas (que lhe renderam duras críticas), destacou-se de fato pelas suas comédias e farsas, nas quais retratou a cultura e os costumes da sociedade do seu tempo.

Nas suas obras, Pena buscou uma tomada de consciência de um momento da história de nosso país, que recém adquiria uma limitada independência, e tentou pensar criticamente nossa cultura, com as restrições que o contexto impunha ao trabalho intelectual, desvencilhando-se da tradição clássica, das comédias francesas, do teatro lírico e do melodrama, para criar uma nova comédia com traços muito pessoais, o que lhe garantiu sucesso imediato em seu tempo e um significado ímpar na história do teatro brasileiro.

Disponível em: <www.questaodecritica.com.br> (com adaptações).

15. (INSS – Analista Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

Julgue o item subsequente, que versa sobre os sentidos e os aspectos linguísticos do texto acima.

Verifica-se uma contradição na argumentação do autor, uma vez que o sentido do trecho “ criar uma nova comédia com traços muito pessoais” (l. 11) é incompatível com o sentido do trecho “ retratou a cultura e os costumes da sociedade do seu tempo” (l. 7).

Leia o texto a seguir para responder à questão 16.

Texto CB2A2AAA

É inegável que o Estado representa um ônus para a sociedade, já que, para assegurar o seu funcionamento, consome riquezas da sociedade. Representa, porém, um mal necessário, pois até agora não se conseguiu arquitetar mecanismo distinto para catalisar a vida em comunidade. Então, se do Estado ainda não pode prescindir a civilização, cabe-lhe aprimorá-lo, buscando otimizar o seu funcionamento, de modo a torná-lo menos oneroso, mais eficiente e eficaz.

O bom funcionamento do Estado, que inclui também o bom funcionamento de suas estruturas encarregadas do controle público (Ministério Público, Poder Legislativo e tribunais de contas, entre outros), vem sendo alçado à condição de direito fundamental dos indivíduos. Pressupõe, notadamente sob as luzes do princípio constitucional da eficiência, os deveres de cuidado e de cooperação.

O dever de cuidado é consequência direta do postulado da indisponibilidade do interesse público. Em decorrência desse postulado, todo agente público tem o dever de, no cumprimento fiel de suas atribuições, perseguir o interesse público manifesto na Constituição Federal e nas leis. Conduz, portanto, à ideia de vedação da omissão, já que deixar de cumprir tais atribuições evidenciaria conduta ilícita.

O dever de cuidado conduz, ainda, a uma ampla interação entre as estruturas públicas de controle, ou seja, é um dever de cooperação, não como faculdade, mas como obrigação que, em regra, dispensa formas especiais, como previsões normativas específicas, convênios e acordos.

Sob essa perspectiva, o controle público do Estado deve incorporar à sua cultura institucional o compromisso com o direito fundamental ao bom funcionamento do Estado. Nesse contexto, os deveres de cuidado e de cooperação se impõem a todas as estruturas do Estado destinadas a promover o controle da máquina estatal.

A observância do dever de cuidado e do de cooperação – traduzida, portanto, na atuação comprometida e concertada das estruturas orientadas para a função de controle da gestão pública – deve promover, entre os agentes e órgãos de controle, comportamentos de responsabilidade e responsividade. Por responsabilidade entenda-se o genuíno compromisso com a integralidade do ordenamento jurídico, o que pressupõe, acima de tudo, o reconhecimento de um regime de vedação da omissão. Responsividade, por sua vez, traduz o comportamento orientado a oferecer respostas rápidas e proativas, impregnadas de verdadeiro compromisso com a ideia-chave de promover o bom funcionamento do Estado.

Diogo Roberto Ringenberg. Direito fundamental ao bom funcionamento do controle público. In: Controle Público, nº 10, abr./2011, p. 55 (com adaptações).

16. (TCE-SC – Aud. Fiscal-Administ. – Cespe – Maio/2016)

A respeito das ideias veiculadas no texto CB2A2AAA, julgue o item que se segue.

A tese defendida pelo autor do texto resume-se à ideia expressa na seguinte assertiva: o Estado é um peso para toda a sociedade, mas, como não se pode prescindir dele, devem-se arquitetar mecanismos para que os impostos pagos pela sociedade sejam distribuídos em favor dos mais pobres.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 17 – 20.

Texto II

O índio não teve muita sorte na literatura brasileira, depois do Romantismo. Enquanto nas letras hispano-americanas viceja um esplêndido indigenismo pelo século XX adentro, com tantos e tão importantes criadores dedicando-se a transpor o índio para a ficção, no Brasil se podem contar nos dedos das mãos os casos.

Torna a trazer o assunto à baila o aparecimento e grande vendagem de **Maíra**, romance de Darcy Ribeiro. O renomado antropólogo já tinha em seu acervo de realizações uma respeitável brasiliana, incluindo vários trabalhos sobre os índios, um dos quais, a história de Uirá, fora transformado em filme no início da década de 70. **Maíra** é, portanto, a primeira incursão do autor pelo épico, a menos que se considere a história de Uirá como uma primeira aproximação ao gênero.

O relato, como o filme, dá conta do trágico percurso de Uirá, da tribo Urubu-Kaapor, no Maranhão deste século, o qual um dia fica *iñaron* quando, após muitas desgraças comuns ao destino dos índios brasileiros, como fome, espoliação, epidemias, perseguições, perde também um dos filhos.

A palavra tupi *iñaron* designa um estado de fúria sagrada, associado ao sofrimento excessivo, não deixando de lembrar as famosas fúrias dos heróis gregos: Hércules, uma vez acometido por um desses acessos, enviado pela vingativa Hera, matou, sem o saber, seus três filhos e esposa, tal como vem narrado na tragédia **Héracles Furioso**, de Eurípedes. Nas **Bacantes**, do mesmo autor, Agave, fora de si, participa do desmembramento de seu filho adulto, Penteu, rei de Tebas. E talvez o mais formidável exemplo seja o da cólera de Aquiles, que dá nascimento à inteira composição da **Ilíada**, desencadeada por sua recusa a continuar lutando. Devido à recusa de Aquiles, quase foi perdida a guerra de Troia e, não fosse sua fúria, o poema não teria sido composto.

Em meio ao furacão histórico da fase do capitalismo selvagem no país, quando o acirramento da acumulação leva multinacionais e suas cabeças-de-ponte nacionais a apropriar-se dos mais recônditos confins com vistas ao lucro, encontram-se, estonteados, os índios. O único problema dos Mairum – nome inventado, tribo arquetípica de todas as tribos, povo de Maíra – é como sobreviver e como fazer sua cultura sobreviver, com crescente dificuldade.

O romance inteiro soa como uma lamentação, um carpir sobre o fim de uma civilização das mais admiráveis. Seus trechos mais bem realizados são aqueles nos quais uma espécie de narrador coletivo índio dá conta de sua maneira de ver o mundo, de como compreende e interpreta seus hábitos e tradições; e, o que é mais importante, franqueia para o leitor seu tremendo desejo de sobrevivência e alegria de viver.

A produção e publicação de um romance como esse, agora, mostra como o índio está mais vivo do que nunca em sua conexão com a literatura brasileira. Tampouco deve ser uma coincidência que, neste exato momento, outras ficções, filmes, romances, peças de teatro, novelas de televisão, canções, estejam sendo feitos, todos sobre os índios, todos lutando em defesa de sua preservação para a História. Quando há tanta desconfiança em relação à pulsão destrutiva da civilização ocidental e entre nós é tão escandaloso o capitalismo selvagem, isso pode vir a significar alguma coisa. Talvez uma postura mais cautelosa e menos arrogante, de quem está aprendendo a perceber que outras civilizações encontraram saídas melhores e, sobretudo, não suicidas para males que hoje parecem irremediáveis, como o problema do poder, da proliferação e potenciação dos armamentos, da destruição da natureza, do Estado e de seu aparelho, da igualdade nunca encontrada. A alegoria da moça branca morta ao parir mestiços mortos poderá significar também o caráter heteroletal e autoletal da etnia branca? Pode ser que a importância da civilização indígena esteja, final e penosamente, penetrando na consciência do corpo social brasileiro.

Walnice Nogueira Galvão. Indianismo revisitado. In: *Esboço de figura – Homenagem a Antonio Candido.* São Paulo: Duas Cidades, 1979, p. 379-89 (com adaptações).

(Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Julgue (C ou E) os itens seguintes, relacionados às ideias desenvolvidas no texto II.

17. Ao citar exemplos da literatura grega antiga, Walnice Nogueira Galvão indica que a organização tribal é capaz de gerar conflitos e tensões que transcendem o Brasil ou o espaço hispano-americano.

18. Com o trecho "encontram-se, estonteados, os índios" (l. 23), a autora do texto evidencia o confronto entre o "capitalismo selvagem no país" (l. 21) e a cultura indígena.

19. Tanto o romance **Maíra** quanto o relato de Uirá exibem enredos marcados pelas dificuldades enfrentadas por tribos indígenas, atingidas por flagelos trazidos pela civilização não indígena.

20. Ao afirmar que "o índio está mais vivo do que nunca em sua conexão com a literatura" (l. 30 e 31), a autora defende que romances como **Maíra** têm o mérito de salvar tribos e civilizações indígenas das forças destrutivas que predominam nas sociedades.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 21 e 22.

Texto I

Descaso com saneamento deixa rios em estado de alerta

A crise hídrica transformou a paisagem urbana em muitas cidades paulistas. Casas passaram a contar com cisternas e caixas-d'água azuis se multiplicaram por telhados, lajes e até em garagens. Em regiões mais nobres, jardins e portarias de prédios ganharam placas que alertam sobre a utilização de água de reúso. As pessoas mudaram seu comportamento, economizaram e cobraram soluções.

As discussões sobre a gestão da água, nos mais diversos aspectos, saíram dos setores tradicionais e técnicos e ganharam espaço no cotidiano. Porém, vieram as chuvas, as enchentes e os rios urbanos voltaram a ficar tomados por lixo, mascarando, de certa forma, o enorme volume de esgoto que muitos desses corpos de água recebem diariamente.

É como se não precisássemos de cada gota de água desses rios urbanos e como se a água limpa que consumimos em nossas casas, em um passe de mágica, voltasse a existir em tamanha abundância, nos proporcionando o luxo de continuar a poluir centenas de córregos e milhares de riachos nas nossas cidades. Para completar, todo esse descaso decorrente da falta de saneamento se reverte em contaminação e em graves doenças de veiculação hídrica.

Dados do monitoramento da qualidade da água – que realizamos em rios, córregos e lagos de onze Estados brasileiros e do Distrito Federal – revelaram que 36,3% dos pontos de coleta analisados apresentam qualidade ruim ou péssima. Apenas 13 pontos foram avaliados com qualidade de água boa (4,5%) e os outros 59,2% estão em situação regular, o que significa um estado de alerta. Nenhum dos pontos analisados foi avaliado como ótimo.

Divulgamos esse grave retrato no Dia Mundial da Água (22 de março), com base nas análises realizadas entre março de 2015 e fevereiro de 2016, em 289 pontos de coleta distribuídos em 76 municípios.

(MANTOVANI, Mário; RIBEIRO, Malu. *UOL Notícias*, abril/2016.)

21. (Pref. Paulínia-SP – Ag. Fiscaliz. – FGV – Maio/2016)

"*A crise hídrica transformou a paisagem urbana em muitas cidades paulistas. Casas passaram a contar com cisternas e caixas-d'água azuis se multiplicaram por telhados, lajes e até em garagens. Em regiões mais nobres, jardins e portarias de*

prédios ganharam placas que alertam sobre a utilização de água de reúso."

Nesse segmento há três períodos. O segundo e o terceiro períodos, em relação ao primeiro, funcionam como

a) explicação da transformação ocorrida.

b) exemplificação de mudanças a partir da crise hídrica.

c) conclusão do que é dito anteriormente.

d) justificativa das transformações feitas pela população.

e) ironia sobre as medidas inócuas adotadas.

22. (Pref. Paulínia-SP – Ag. Fiscaliz – FGV – Maio/2016)

"*Dados do monitoramento da qualidade da água – que realizamos em rios, córregos e lagos de onze Estados brasileiros e do Distrito Federal – revelaram que 36,3% dos pontos de coleta analisados apresentam qualidade ruim ou péssima. Apenas 13 pontos foram avaliados com qualidade de água boa (4,5%) e os outros 59,2% estão em situação regular, o que significa um estado de alerta. Nenhum dos pontos analisados foi avaliado como ótimo*."

A função principal desse parágrafo do texto é

a) demonstrar o valor das pesquisas para os textos jornalísticos.

b) mostrar a seriedade da pesquisa realizada.

c) comprovar a qualidade do veículo divulgador da notícia.

d) indicar a qualidade dos autores do texto.

e) alertar contra a péssima qualidade da água.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 23 - 25.

Texto 1 – O futuro da medicina

O avanço da tecnologia afetou as bases de boa parte das profissões. As vítimas se contam às dezenas e incluem músicos, jornalistas, carteiros etc. Um ofício relativamente poupado até aqui é o de médico. Até aqui. A crer no médico e "geek" Eric Topol, autor de "The Patient Will See You Now" (o paciente vai vê-lo agora), está no forno uma revolução da qual os médicos não escaparão, mas que terá impactos positivos para os pacientes.

Para Topol, o futuro está nos *smartphones*. O autor nos coloca a par de incríveis tecnologias, já disponíveis ou muito próximas disso, que terão grande impacto sobre a medicina. Já é possível, por exemplo, fotografar pintas suspeitas e enviar as imagens a um algoritmo que as analisa e diz com mais precisão do que um dermatologista se a mancha é inofensiva ou se pode ser um câncer, o que exige medidas adicionais.

Está para chegar ao mercado um apetrecho que transforma o celular num verdadeiro laboratório de análises clínicas, realizando mais de 50 exames a uma fração do custo atual. Também é possível, adquirindo lentes que custam centavos, transformar o *smartphone* num supermicroscópio que permite fazer diagnósticos ainda mais sofisticados.

Tudo isso aliado à democratização do conhecimento, diz Topol, fará com que as pessoas administrem mais sua própria saúde, recorrendo ao médico em menor número de ocasiões e de preferência por via eletrônica. É o momento, assegura o autor, de ampliar

a autonomia do paciente e abandonar o paternalismo que desde Hipócrates assombra a medicina.

Concordando com as linhas gerais do pensamento de Topol, mas acho que, como todo entusiasta da tecnologia, ele provavelmente exagera. Acho improvável, por exemplo, que os hospitais caminhem para uma rápida extinção. Dando algum desconto para as previsões, " The Patient..." é uma excelente leitura para os interessados nas transformações da medicina.

Folha de S. Paulo online – Coluna Hélio Schwartsman – 17/01/2016.

23. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

O segundo, o terceiro e o quarto parágrafos do texto 1 têm a função de:

a) demonstrar que a revolução já é uma realidade;

b) criticar os exageros do livro indicado;

c) resumir a obra de Topol;

d) justificar o título do livro referido;

e) explicitar o conteúdo do livro citado.

24. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

O primeiro parágrafo do texto 1 mostra uma estratégia no tratamento do tema, que é partir:

a) do passado para o presente;

b) do geral para o particular;

c) do todo para as partes;

d) do abstrato para o concreto;

e) do objetivo para o subjetivo.

25. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

" Para Topol, o futuro está nos *smartphones*. O autor nos coloca a par de incríveis tecnologias, já disponíveis ou muito próximas disso, que terão grande impacto sobre a medicina."

O segundo período desse segmento do texto 1, em relação ao período anterior, funciona como:

a) oposição à afirmação feita;

b) enumeração das tecnologias referidas anteriormente;

c) explicação do termo " smartphones";

d) justificativa de uma afirmação;

e) consequência de uma causa previamente citada.

Leia o texto a seguir para responder à questão 26.

Texto 2 – Manual de princípios éticos para sites de medicina e saúde na internet

A veiculação de informações, a oferta de serviços e a venda de produtos médicos na Internet têm o potencial de promover a saúde

mas também podem causar danos aos internautas, usuários e consumidores.

O CREMESP define a seguir princípios éticos norteadores de uma política de autorregulamentação e critérios de conduta dos sites de saúde e medicina na Internet.

1) TRANSPARÊNCIA

Deve ser transparente e pública toda informação que possa interferir na compreensão das mensagens veiculadas ou no consumo dos serviços e produtos oferecidos pelos sites com conteúdo de saúde e medicina. Deve estar claro o propósito do site: se é apenas educativo ou se tem fins comerciais na venda de espaço publicitário, produtos, serviços, atenção médica personalizada, assessoria ou aconselhamento. É obrigatória a apresentação dos nomes do responsável, mantenedor e patrocinadores diretos ou indiretos do site.

2) HONESTIDADE

Muitos sites de saúde estão a serviço exclusivamente dos patrocinadores, geralmente empresas de produtos e equipamentos médicos, além da indústria farmacêutica que, em alguns casos, interferem no conteúdo e na linha editorial, pois estão interessados em vender seus produtos.

A verdade deve ser apresentada sem que haja interesses ocultos. Deve estar claro quando o conteúdo educativo ou científico divulgado (afirmações sobre a eficácia, efeitos, impactos ou benefícios de produtos ou serviços de saúde) tiver o objetivo de publicidade, promoção e venda, conforme Resolução CFM Nº 1.595/2000.

3) QUALIDADE

A informação de saúde apresentada na Internet deve ser exata, atualizada, de fácil entendimento, em linguagem objetiva e cientificamente fundamentada. Da mesma forma produtos e serviços devem ser apresentados e descritos com exatidão e clareza. Dicas e aconselhamentos em saúde devem ser prestados por profissionais qualificados, com base em estudos, pesquisas, protocolos, consensos e prática clínica.

Os sites com objetivo educativo ou científico devem garantir a autonomia e independência de sua política editorial e de suas práticas, sem vínculo ou interferência de eventuais patrocinadores.

Deve estar visível a data da publicação ou da revisão da informação, para que o usuário tenha certeza da atualidade do site. Os sites devem citar todas as fontes utilizadas para as informações, critério de seleção de conteúdo e política editorial do site, com destaque para nome e contato com os responsáveis.

26. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

O título do texto 2 já define o seu conteúdo como:

a) preditivo;

b) informativo;

c) publicitário;

d) normativo;

e) instrucional.

Leia o texto a seguir para reponder à questão 27.

Texto 1 – Problemas Sociais Urbanos

Dentre os problemas sociais urbanos, merece destaque a questão da segregação urbana, fruto da concentração de renda no espaço das cidades e da falta de planejamento público que vise à promoção de políticas de controle ao crescimento desordenado das cidades. A especulação imobiliária favorece o encarecimento dos locais mais próximos dos grandes centros, tornando-os inacessíveis à grande massa populacional. Além disso, à medida que as cidades crescem, áreas que antes eram baratas e de fácil acesso tornam--se mais caras, o que contribui para que a grande maioria da população pobre busque por moradias em regiões ainda mais distantes.

Essas pessoas sofrem com as grandes distâncias dos locais de residência com os centros comerciais e os locais onde trabalham, uma vez que a esmagadora maioria dos habitantes que sofrem com esse processo são trabalhadores com baixos salários. Incluem-se a isso as precárias condições de transporte público e a péssima infraestrutura dessas zonas segregadas, que às vezes não contam com saneamento básico ou asfalto e apresentam elevados índices de violência.

A especulação imobiliária também acentua um problema cada vez maior no espaço das grandes, médias e até pequenas cidades: a questão dos lotes vagos. Esse problema acontece por dois principais motivos: 1) falta de poder aquisitivo da população que possui terrenos, mas que não possui condições de construir neles e 2) a espera pela valorização dos lotes para que esses se tornem mais caros para uma venda posterior. Esses lotes vagos geralmente apresentam problemas como o acúmulo de lixo, mato alto, e acabam tornando-se focos de doenças, como a dengue.

PENA, Rodolfo F. Alves. "Problemas socioambientais urbanos"; *Brasil Escola*. Disponível em: http://brasilescola.uol.com.br/brasil/problemas-ambientais-sociais-decorrentes-urbanização.htm. Acesso em 14 de abril de 2016.

27. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

A estruturação do texto 1 é feita do seguinte modo:

a) uma introdução definidora dos problemas sociais urbanos e um desenvolvimento com destaque de alguns problemas;

b) uma abordagem direta dos problemas com seleção e explicação de um deles, visto como o mais importante;

c) uma apresentação de caráter histórico seguida da explicitação de alguns problemas ligados às grandes cidades;

d) uma referência imediata a um dos problemas sociais urbanos, sua explicitação, seguida da citação de um segundo problema;

e) um destaque de um dos problemas urbanos, seguido de sua explicação histórica, motivo de crítica às atuais autoridades.

Leia o texto a seguir para responder à questão 28.

Texto 2 – Violência e favelas

O crescimento dos índices de violência e a dramática transformação do crime manifestados nas grandes metrópoles são alarmantes, sobretudo, na cidade do Rio de Janeiro, sendo as favelas as mais afetadas nesse processo.

" A violência está o cúmulo do absurdo. É geral, não é? É geral, não tem, não está distinguindo raça, cor, dinheiro, com dinheiro, sem dinheiro, tá de pessoa para pessoa, não interessa se eu te conheço ou se eu não te conheço. Me irritou na rua eu te dou um tiro. É assim mesmo que está, e é irritante, o ser humano está em um estado de nervos que ele não está mais se controlando, aí junta a falta de dinheiro, junta falta de tudo, e quem tem mais tá querendo mais, e quem tem menos tá querendo alguma coisa e vai descontar em cima de quem tem mais, e tá uma rivalidade, uma violência que não tem mais tamanho, tá uma coisa insuportável." (moradora da Rocinha)

A recente escalada da violência no país está relacionada ao processo de globalização que se verifica, inclusive, ao nível das redes de criminalidade. A comunicação entre as redes internacionais ligadas ao crime organizado são realizadas para negociar armas e drogas. Por outro lado, verifica-se hoje, com as CPIs (Comissão Parlamentar de Inquérito) instaladas, ligações entre atores presentes em instituições estatais e redes do narcotráfico.

Nesse contexto, as camadas populares e seus bairros/favelas são crescentemente objeto de estigmatização, percebidos como causa da desordem social o que contribui para aprofundar a segregação nesses espaços. No outro polo, verifica-se um crescimento da autossegregação, especialmente por parte das elites que se encastelam nos enclaves fortificados na tentativa de se proteger da violência.

(Maria de Fátima Cabral Marques Gomes, *Scripta Nova*)

28. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

A fala da moradora da Rocinha tem a seguinte finalidade:

a) demonstrar que as favelas são o centro da violência;

b) enumerar as consequências da violência nas favelas;

c) confirmar uma afirmação do parágrafo anterior;

d) mostrar a insignificância da vida humana;

e) provar que a violência é fruto da globalização.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 29 – 32.

Texto 1

Há pessoas que preferem enfrentar as gélidas noites paulistanas na rua a buscar acolhimento nos abrigos municipais. As razões para tal atitude, mesmo em meio a uma onda de frio que assola São Paulo, são várias: de inadequação às regras dos albergues a condições supostamente insalubres de alguns desses locais.

Mesmo quem busca uma vaga tem reclamações a fazer sobre os abrigos municipais: eles dizem que os banheiros e as roupas de cama estão em más condições e se queixam de tratamento desrespeitoso por parte de alguns funcionários.

(UOL Cotidiano, *Notícias*, junho de 2016)

29. (Compesa – A.S.G. – Técn. Segur. Trab. – FGV – Jul./2016)

O principal objetivo do texto é:

a) criticar as autoridades responsáveis pelos abrigos municipais.

b) mostrar as dificuldades no tratamento com os moradores de rua.

c) explicar as razões da recusa de os moradores de rua se recolherem nos abrigos municipais.

d) destacar a gravidade da situação dos que não têm onde morar.

e) demonstrar a necessidade urgente da melhora dos abrigos municipais.

30. (Compesa – A.S.G. – Técn. Segur. Trab. – FGV – Jul./2016)

No primeiro parágrafo do texto há dois períodos. Em relação ao primeiro, o segundo período desempenha o seguinte papel:

a) justificar a preferência de alguns moradores de rua.

b) reiterar as más condições climáticas no momento da elaboração do texto.

c) enumerar os problemas dos abrigos municipais de São Paulo.

d) destacar os motivos de os abrigos serem recusados por um morador de rua.

e) criticar as preferências de algumas pessoas por continuarem nas ruas.

31. (Compesa – A.S.G. – Técn. Segur. Trab. – FGV – Jul./2016)

O texto aborda um problema sem identificar os seus personagens e sem especificar o conteúdo de vários termos.

Assinale a opção que apresenta o termo que, ao contrário dos demais, mostra valor específico.

a) Pessoas.

b) Más condições.

c) Tratamento desrespeitoso.

d) Tal atitude.

e) Regras dos albergues.

32. (Compesa – A.S.G. – Técn. Segur. Trab. – FGV – Jul./2016)

Leia a frase: " *Sou como uma planta do deserto. Uma única gota de orvalho é suficiente* <u>*para me alimentar*</u>".

Nesse pensamento há uma oração reduzida sublinhada; essa oração, se modificada para a forma de uma oração desenvolvida, deveria ser:

a) para que me alimentasse.

b) para que eu fosse alimentado.

c) para a minha alimentação.

d) para que eu me alimente.

e) para eu ser alimentado.

33. (Compesa – An. Gest. Médico do Trabalho – FGV – Jul./2016)

Na frase " *Você quer estar certo ou quer ser feliz*"? ocorre

a) uma antítese paradoxal.

b) uma pergunta retórica.

c) uma ambiguidade intencional.

d) uma falsa oposição.

e) uma ausência de paralelismo.

Leia o texto a seguir para responder à questão 34.

Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador

A medicina do trabalho, enquanto especialidade médica, surge na Inglaterra, na primeira metade do século XIX, com a Revolução Industrial.

Naquele momento, o consumo da força de trabalho, resultante da submissão dos trabalhadores a um processo acelerado e desumano de produção, exigiu uma intervenção, sob pena de tornar inviável a sobrevivência e a reprodução do próprio processo.

Quando Robert Dernham, proprietário de uma fábrica têxtil, preocupado com o fato de que seus operários não dispunham de nenhum cuidado médico a não ser aquele propiciado por instituições filantrópicas, procurou o Dr. Robert Baker, seu médico, pedindo que indicasse qual a maneira pela qual ele, como empresário, poderia resolver tal situação. Baker respondeu-lhe:

" Coloque no interior da sua fábrica o seu próprio médico, que servirá de intermediário entre você, os seus trabalhadores e o público. Deixe-o visitar a fábrica, sala por sala, sempre que existam pessoas trabalhando, de maneira que ele possa verificar o efeito do trabalho sobre as pessoas. E se ele verificar que qualquer dos trabalhadores está sofrendo a influência de causas que possam ser prevenidas, a ele competirá fazer tal prevenção. Dessa forma você poderá dizer: meu médico é a minha defesa, pois a ele dei toda a minha autoridade no que diz respeito à proteção da saúde e das condições físicas dos meus operários; se algum deles vier a sofrer qualquer alteração da saúde, o médico unicamente é que deve ser responsabilizado".

A resposta do empregador foi a de contratar Baker para trabalhar na sua fábrica, surgindo, assim, em 1830, o primeiro serviço de medicina do trabalho.

Na verdade, despontam, na resposta do fundador do primeiro serviço médico de empresa, os elementos básicos da expectativa do capital quanto às finalidades de tais serviços:

- deveriam ser serviços dirigidos por pessoas de inteira confiança do empresário e que se dispusessem a defendê-lo;

- deveriam ser serviços centrados na figura do médico;

- a prevenção dos danos à saúde resultantes dos riscos do trabalho deveria ser tarefa eminentemente médica;

- a responsabilidade pela ocorrência dos problemas de saúde ficava transferida ao médico.

A implantação de serviços baseados nesse modelo rapidamente expandiu-se por outros países, paralelamente ao processo de industrialização e, posteriormente, aos países periféricos, com a transnacionalização da economia. A inexistência ou fragilidade dos sistemas de assistência à saúde, quer como expressão do seguro social, quer diretamente providos pelo Estado, via serviços de saúde pública, fez com que os serviços médicos de empresa passassem a exercer um papel vicariante, consolidando, ao mesmo tempo, sua vocação enquanto instrumento de criar e manter a dependência do trabalhador (e frequentemente também de seus familiares), ao lado do exercício direto do controle da força de trabalho.

MENDES, R; DIAS, E.C. Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador. *Revista Saúde Pública*, S.Paulo, 25: 341-9, 1991. Disponível em: <https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/2977.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2015. Adaptado.

34. (Basa – Médico do Trabalho – Cesgranrio – Set./2015)

No primeiro parágrafo do texto, o destaque para o contexto histórico em que surgiu a medicina do trabalho tem por objetivo

a) mostrar que esse tipo de medicina constituía uma necessidade apenas daquela época.

b) apontar o desenvolvimento industrial como determinante para o cuidado com a força de trabalho.

c) conduzir o leitor a uma percepção dessa área médica como uma tendência efêmera.

d) questionar o poder de alcance da medicina do trabalho dentro da indústria.

e) enfatizar uma exigência das leis britânicas no que se refere à saúde do trabalhador.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 35 e 36.

Daqui a vinte e cinco anos

Perguntaram-me uma vez se eu saberia calcular o Brasil daqui a vinte e cinco anos. Nem daqui a vinte e cinco minutos, quanto mais vinte e cinco anos. Mas a impressão-desejo é a de que num futuro não muito remoto talvez compreendamos que os movimentos caóticos atuais já eram os primeiros passos afinando-se e orquestrando-se para uma situação econômica mais digna de um homem, de uma mulher, de uma criança. E isso porque o povo já tem dado mostras de ter maior maturidade política do que a grande maioria dos políticos, e é quem um dia terminará liderando os líderes. Daqui a vinte e cinco anos o povo terá falado muito mais.

Mas se não sei prever, posso pelo menos desejar. Posso intensamente desejar que o problema mais urgente se resolva: o da fome. Muitíssimo mais depressa, porém, do que em vinte e cinco anos, porque não há mais tempo de esperar: milhares de homens, mulheres e crianças são verdadeiros moribundos ambulantes que tecnicamente deviam estar internados em hospitais para subnutridos. Tal é a miséria, que se justificaria ser decretado estado de prontidão, como diante de calamidade pública. Só que é pior: a fome é a nossa endemia, já está fazendo parte orgânica do corpo e da alma. E, na maioria das vezes, quando se descrevem as características físicas, morais e mentais de um brasileiro, não se nota que na verdade se estão descrevendo os sintomas físicos, morais e mentais da fome. Os líderes que tiverem como meta a solução econômica do problema da comida serão tão abençoados por nós como, em comparação, o mundo abençoará os que descobrirem a cura do câncer.

LISPECTOR, C. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. p. 33.

35. (Liquigás – Administrador Jr. – Cesgranrio – Set./2015)

No texto, a autora projeta como seu principal desejo a(o)

a) abolição da censura

b) diminuição da fome

c) cura do câncer

d) aumento da desigualdade

e) fim da corrupção

36. (Liquigás – Administrador Jr. – Cesgranrio – Set./2015)

No texto, a autora intensifica seu ponto de vista

a) mostrando não saber o que deseja para daqui a vinte e cinco anos.

b) afirmando ser o brasileiro um povo imaturo politicamente.

c) relacionando o câncer ao problema da fome no país.

d) expondo a ideia de que os políticos se importam com os necessitados.

e) desejando que, no futuro, os líderes sejam liderados pelo povo.

Leia o texto a seguir para responder à questão 37.

Texto I

Banhos de mar

Meu pai acreditava que todos os anos se devia fazer uma cura de banhos de mar. E nunca fui tão feliz quanto naquelas temporadas de banhos em Olinda, Recife.

Meu pai também acreditava que o banho de mar salutar era o tomado antes de o sol nascer. Como explicar o que eu sentia de presente prodigioso em sair de casa de madrugada e pegar o bonde vazio que nos levaria para Olinda ainda na escuridão?

De noite eu ia dormir, mas o coração se mantinha acordado, em expectativa. E de puro alvoroço, eu acordava às quatro e pouco da madrugada e despertava o resto da família. Nós nos vestíamos depressa e saíamos em jejum. Porque meu pai acreditava que assim devia ser: **em jejum**.

Saímos para uma rua toda escura, recebendo a brisa da pré-madrugada. E esperávamos o bonde. Até que lá de longe ouvíamos o seu barulho se aproximando. Eu me sentava bem na ponta do banco, e minha felicidade começava. Atravessar a cidade escura me dava algo que jamais tive de novo. No bonde mesmo o tempo começava a clarear, e uma luz trêmula de sol escondido nos banhava e banhava o mundo.

Eu olhava tudo: as poucas pessoas na rua, a passagem pelo campo com os bichos-de-pé: " Olhe, um porco de verdade!" gritei uma vez, e a frase de deslumbramento ficou sendo uma das brincadeiras da minha família, que de vez em quando me dizia rindo: " Olhe, um porco de verdade".

Eu não sei da infância alheia. Mas essa viagem diária me tornava uma criança completa de alegria. E me serviu como promessa de felicidade para o futuro. Minha capacidade de ser feliz se revelava. Eu me agarrava, dentro de uma infância muito infeliz, a essa ilha encantada que era a viagem diária.

LISPECTOR, C. *A Descoberta do Mundo*. São Paulo: Rocco, 1999, p. 175. Adaptado.

37. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016)

A leitura atenta do Texto I permite sustentar que a narradora

a) pertencia a uma família que era possuidora de uma casa em Olinda, Recife.

b) tinha uma alegria enorme quando chegavam as temporadas de banho de mar com a família.

c) sofria com uma infância infeliz e só se alegrava quando via um porco de verdade.

d) levantava mais cedo do que toda a família para tomar café e ir logo para a praia.

e) ficava assustada com o pouco movimento das ruas quase desertas.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 38 e 39.

Entrevista com Frédéric Martel

Uma guerra mundial pelo conteúdo dos meios de comunicação se trava pela conquista do público dentro e fora dos países criadores. Batalhas se desenrolam pelo domínio da notícia, do formato de programas de TV e pela exibição de filmes, vídeos,

música, livros. Nesse processo, um gigante domina: os Estados Unidos, com sua capacidade de produzir cultura de massas que agrada ao grande público em todos os continentes. Essa penetração cultural americana, que muitos críticos preferem chamar de imperialismo, leva os filmes, a música e a televisão americana para o mundo. Sua arma é o inverso da alta cultura, da contracultura, da subcultura, de nichos especializados. Visa o público em geral, cultura de massa, de milhões. Tornou-se a cultura internacional dominante, principal, a chamada *mainstream*, conforme o título do livro escrito pelo sociólogo francês Frédéric Martel. Para escrever *Mainstream*, ele percorreu 30 países durante cinco anos, entrevistou mais de 1.200 pessoas em todas as capitais do *entertainment*, analisou a ação dos protagonistas, a lógica dos grupos e acompanhou a circulação internacional de conteúdo.

É um imperialismo diferente daquele político e militar. É uma espécie de imperialismo cultural que é bem recebido no mundo. A esse respeito, afirma Frédéric Martel: " É o que basicamente chamamos de *soft power*. *Soft power* significa influenciar as pessoas com coisas legais. Você é amigável, não é contundente. Você tem as forças armadas, tem a diplomacia tradicional e grandes empresas econômicas, que formam o *hard power*, e tem o *soft power*, que influencia as pessoas através de filmes, de livros, da internet e de valores".

" A língua é importante. Eu acredito – e essa é a principal conclusão do meu livro – que, no mundo em que estamos entrando, que reúne globalização e digitalização, a língua é importante. E eu acredito que a batalha, a luta, mesmo a guerra de conteúdo, será uma batalha a respeito da cultura nacional. Você pode ouvir Lady Gaga, gostar de *Avatar* e ler *O Código Da Vinci*, mas, no final das contas, a maior parte da cultura que você consome e ama geralmente é nacional, local, regional, e não global. A cultura global é apenas uma pequena parte do que você gosta. Então, no final das contas, os americanos são os únicos a poder prover essa cultura dominante global, mas essa cultura dominante global continua pequena.

Por quê? Porque a língua é muito importante, porque a identidade é muito importante. Quando você compra um livro de não ficção, quer saber o que acontece aqui, no seu país, e não na Coreia do Sul, por exemplo. Na Coreia do Sul você quer ouvir K-pop, que é a música pop coreana, e ver um drama coreano, e não ouvir uma música brasileira. Portanto, nós estamos em um mundo cada vez mais global, mas, ao mesmo tempo, a cultura ainda é e será muito nacional. Para resumir as coisas, eu diria que todos temos duas culturas: a nossa e a americana."

" Nós, como europeus, temos o mesmo tipo de relação que você, como brasileiro, tem com os EUA. Nós os amamos e odiamos. É uma complicada relação de amor e ódio. Nós esperamos que eles sejam como são; nós queremos criticá-los, mas, ao mesmo tempo, nós protestamos contra eles com tênis Nike nos pés. Nós trabalhamos para ser um pouco como eles, muito embora nós queiramos manter nossa identidade e cultura. E, a propósito, a boa notícia é que o debate no mundo hoje e no futuro não será entre nós – brasileiros, franceses, europeus – e os americanos. Será entre todos nós. O que eu quero dizer é que hoje não há apenas dois povos: nós e os EUA. O mundo é muito mais complicado, com países emergentes, que serão fundamentais nesse novo jogo."

" Para resumir, afirma Martel, eu diria que os EUA continuarão sendo peça importante da guerra de conteúdo, podemos dizer, nos próximos anos e décadas. Eu não acredito e não compro a ideia do declínio da cultura americana. Eu acho que eles são fortes e continuarão sendo fortes. Mas eles não são os únicos no jogo. Agora temos os países emergentes, que estão emergindo não só demográfica e economicamente, como pensávamos. E eu fui um dos primeiros a mostrar que eles estão emergindo com sua cultura, sua mídia e com a internet."

" Nesse mundo, a internet pode ser uma peça importante. O Brasil, por exemplo, vai crescer com a internet, com certeza. Criam-se ferramentas inovadoras de alfabetização, por exemplo, em comunidades, em favelas, em lugares onde os moradores não têm acesso a uma livraria ou biblioteca. Mas eles terão acesso à internet em *lan houses*, por exemplo, e mesmo no telefone. Hoje, todo

mundo tem um telefone celular barato. Mesmo na África, todos têm celulares com funções básicas. Em cinco anos, todos terão um *smartphone*, pois os preços estão caindo muito. Assim, todos poderão acessar a internet pelo *smartphone*. Se você tem acesso à internet, pode baixar livros, acessar a rede, pode ver filmes e daí por diante."

" A questão não é se essa tecnologia é boa, conclui Martel. A questão é: ela não será boa ou ruim sozinha. Ela será o que você, o povo, o governo deste país e nós formos capazes de fazer com ela, criando uma boa internet e uma maneira melhor de ter acesso ao conteúdo através da internet."

BOCCANERA, S. Entrevista concedida pelo sociólogo Frédéric Martel, Programa Milênio, *Globo News*. Disponível em: <http://www.conjur.com.br/2013-jan-25/ideias-milenio-frederic-martel-sociologo-jornalista-frances>. Acesso em: 10 nov. 2015. Adaptado.

38. (ANP – Téc. Reg. Petr&Der – Cesgranrio – Jan./2016)

Para garantir uma compreensão adequada de um texto, é preciso reconhecer o modo como o tema foi desenvolvido, identificando a sequência em que as ideias nele foram expostas.

Assim, antes de o texto apresentar a opinião do sociólogo Martel sobre a convivência entre a cultura globalizada e as culturas locais (3º parágrafo), refere-se

a) ao aparecimento de países emergentes que podem interferir na polarização entre americanos e europeus no domínio dos bens culturais.

b) ao imperialismo cultural de origem americana promovido pela capacidade de produzir cultura de massas que agrada ao grande público.

c) à possibilidade de declínio da cultura americana devido à competição com os meios de comunicação dominados por países europeus.

d) à importância crescente da internet para criação de ferramentas inovadoras de alfabetização, para pessoas que não têm acesso a uma livraria ou biblioteca.

e) à complexa relação de amor e ódio que existe entre alguns povos do mundo e os americanos, devido à grande penetração em termos de cultura de massas.

39. (ANP – Téc. Reg. Petr&Der – Cesgranrio – Jan./2016)

O 6º parágrafo do texto pode ser sintetizado em:

a) A criação de ferramentas inovadoras de alfabetização para atender às comunidades pobres das favelas tem o objetivo de ampliar o acesso a livrarias e bibliotecas.

b) A prova de que a tecnologia só traz benefícios às pessoas é que a queda dos preços dos *smartphones* no Brasil e na África permitirá a veiculação das diferentes culturas nacionais a países de todo o mundo.

c) O crescimento da internet, promovido por programas governamentais de criação de *lan houses* e venda de *smartphones*, permitirá a ampliação do poder da cultura de massas de origem americana no Brasil.

d) A popularização dos meios de comunicação digital, como telefones celulares, permitirá que pessoas de classes desfavorecidas possam ter acesso às informações veiculadas na rede mundial de computadores.

e) O investimento em alfabetização, os programas de doação de livros e de acesso a bibliotecas são estratégias governamentais para possibilitar que todas as pessoas tenham acesso à informação e à cultura de massas.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 40 e 41.

Moeda digital deve revolucionar a sociedade

Nas sociedades primitivas, a produção de bens era limitada e feita por famílias que trocavam seus produtos de subsistência através do escambo, organizado em locais públicos, decorrendo daí a origem do termo "pregão" da Bolsa. Com o passar do tempo, especialmente na antiguidade, época em que os povos já dominavam a navegação, o comércio internacional se modernizou e engendrou a criação de moedas, com o intuito de facilitar a circulação de mercadorias, que tinham como lastro elas mesmas, geralmente alcunhadas em ouro, prata ou bronze, metais preciosos desde sempre.

A Revolução Industrial ocorrida inicialmente na Inglaterra e na Holanda, por volta de 1750, viria a criar uma quantidade de riqueza acumulada tão grande que transformaria o próprio dinheiro em mercadoria. Nascia o mercado financeiro em Amsterdã, que depois se espalharia por toda a Europa e pelo mundo. A grande inovação na época foi o mecanismo de compensação nos pagamentos, mais seguro e prático, no qual um banco emitia uma ordem de pagamento para outro em favor de determinada pessoa e esta poderia sacá-la sem que uma quantidade enorme de dinheiro ou ouro tivesse de ser transportada entre continentes. Essa ordem de pagamento, hoje reconhecida no mundo financeiro como "título cambial", tem como instrumento mais conhecido o cheque, "neto" da letra de câmbio, amplamente usada pela burguesia em transações financeiras na alta idade média. A teoria nos ensina que são três as suas principais características: a cartularidade, a autonomia e a abstração.

Ora, o que isso tem a ver com *bitcoins*? Foi necessária essa pequena exegese para refletirmos que não importa a forma como a sociedade queira se organizar, ela é sempre motivada por um fenômeno humano. Como nos ensina Platão, a necessidade é a mãe das invenções. Considerando o dinamismo da evolução da sociedade da informação, inicialmente revolucionada pela invenção do códex e da imprensa nos idos de 1450, que possibilitou na Idade Média o armazenamento e a circulação de grandes volumes de informação, e, recentemente, o fenômeno da internet, que eliminou distâncias e barreiras culturais, transformando o mundo em uma aldeia global, seria impossível que o próprio mundo virtual não desenvol-vesse sua moeda, não somente por questão financeira, mas sobretudo para afirmação de sua identidade cultural.

Criada por um "personagem virtual", cuja identidade no mundo real é motivo de grande especulação, a *bitcoin*, resumidamente, é uma moeda virtual que pode ser utilizada na aquisição de produtos e serviços dos mais diversos no mundo virtual. Trata-se de um título cambial digital, sem emissor, sem cártula, e, portanto, sem lastro, uma aberração no mundo financeiro, que, não obstante isso, tem valor.

No entanto, ao que tudo indica, essa questão do lastro está prestes a ser resolvida. Explico. Grandes corporações começam a acenar com a possibilidade de aceitar *bitcoins* na compra de serviços. Se a indústria pesada da tecnologia realmente adotar políticas reconhecendo e incluindo bitcoins como moeda válida, estará dado o primeiro passo para a criação de um mercado financeiro global de *bitcoins*. Esse assunto é de alta relevância para a sociedade como um todo e poderá abrir as portas para novos serviços nas estruturas que se formarão não somente no mercado financeiro, em todas as suas facetas – refiro-me à Bolsa de Valores, inclusive, bem como em novos campos do direito e na atividade estatal de regulação dessa nova moeda.

Certamente a consolidação dos *bitcoins* não revogará as outras modalidades de circulação de riqueza criadas ao longo da história, posto que ainda é possível trocar mercadorias, emitir letras de câmbio, transacionar com moedas e outros títulos. Ao longo do tempo aprendemos também que os instrumentos se renovaram e se tornaram mais sofisticados, fato que constitui um desafio para o mundo do direito.

AVANZI, Dane. UOL TV Todo Dia. Disponível em: <http://portal.tododia.uol.com.br/_conteudo/2015/03/opiniao/65848-moeda-digital-deve-

revolucionar-a-sociedade.php>. Acesso em: 09 ago. 2015. Adaptado.

40. (BB – Escriturário – Cesgranrio – Out./2015)

No texto, afirma-se que " a necessidade é a mãe das invenções" (l. 19) para justificar a ideia de que

a) as moedas virtuais podem tornar obsoleta a emissão de letras de câmbio, de cheques e demais títulos monetários.

b) a criação de uma moeda virtual atende às exigências da sociedade atual, marcada pela globalização da informação.

c) a manutenção do sistema financeiro global depende da criação de mecanismos virtuais de circulação de dinheiro.

d) a exigência de lastro para que as moedas virtuais sejam aceitas impossibilita o uso de *bitcoins* para transações na internet.

e) as transações financeiras devem ser realizadas virtualmente para que seja garantida maior segurança ao sistema bancário.

41. (BB – Escriturário – Cesgranrio – Out./2015)

Para que a leitura de um texto seja bem sucedida, é preciso reconhecer a sequência em que os conteúdos foram apresentados.

Esse texto, antes de explicar como eram realizadas as transações financeiras na época medieval, refere-se

a) à importância da criação de novos serviços na área financeira, o que é de grande relevância para a sociedade.

b) à possibilidade de criação de lastro para as moedas virtuais devido à adesão de grandes empresas mundiais.

c) à invenção de um documento financeiro para evitar o transporte de valores entre grandes distâncias.

d) à criação de instrumento a ser utilizado na aquisição de produtos e serviços por meio eletrônico.

e) ao surgimento do fenômeno da internet, responsável pela transformação do mundo em uma aldeia global.

Leia o texto a seguir para responder à questão 42.

O Rio de Janeiro voltou a ser a cidade que inspira o Brasil. Aos poucos, recupera a influência que tinha nos anos 1950 e 1960, época em que Burle Marx rasgava jardins e Oscar Niemeyer projetava os edifícios que faziam do Rio uma cidade ainda mais maravilhosa – digna de ser cantada nos versos de Tom Jobim e Vinícius de Moraes. No passado, a pujança cultural do Rio se escorava num time de criadores geniais como eles. Hoje, ela se deve principalmente à recuperação econômica, que fez com que florescessem na cidade novos polos de moda, cinema, música e esporte. Em cada um desses campos, novos criadores cariocas começam a deixar sua marca. A soma entre o dinheiro e a perspectiva de exposição internacional com dois grandes eventos esportivos – Copa do Mundo e Olimpíada – também atraiu o interesse de arquitetos de renome, além de movimentar o turismo. Com tudo isso, o carioca, aos poucos, começa a recuperar a autoestima.

Nas últimas décadas, os elogios ao Rio vinham sempre acompanhados de conjunções adversativas.

(*Época*, 04.03.2013)

42. (SEED-SP – An. Administrativo – Vunesp – Maio/2016)

O último parágrafo do texto pode ser exemplificado como o seguinte enunciado:

a) Cidade tão linda que inspirou os visitantes.

b) Cidade linda, no entanto violenta.

c) Cidade cara e pouco receptiva.

d) Cidade mágica, porque encanta.

e) Cidade não só violenta mas também suja.

Leia o texto a seguir para responder à questão 43.

CONTRATEMPOS

Ele nunca entendeu o tédio, essa impressão de que existem mais horas do que coisas para se fazer com elas. Sempre faltou tempo para tanta coisa: faltou minuto para tanta música, faltou dia para tanto sol, faltou domingo para tanta praia, faltou noite para tanto filme, faltou ano para tanta vida.

Existem dois tipos de pessoa. As pessoas com mais coisa que tempo e as pessoas com mais tempo que coisas para fazer com o tempo.

As pessoas com menos tempo que coisa são as que buzinam assim que o sinal fica verde, e ficam em pé no avião esperando a porta se abrir, e empurram e atropelam as outras para entrar primeiro no vagão do trem, e leem livros que enumeram os " livros que você tem que ler antes de morrer" ao invés de ler diretamente os livros que você tem de ler antes de morrer.

Esse é o caso dele, que chega ao trabalho perguntando onde é a festa, e chega à festa querendo saber onde é a próxima, e chega à próxima festa pedindo táxi para a outra, e chega à outra percebendo que era melhor ter ficado na primeira, e quando chega a casa já está na hora de ir para o trabalho.

Ela sempre pertenceu ao segundo tipo de pessoa. Sempre teve tempo de sobra, por isso sempre leu romances longos, e passou tardes longas vendo pela milésima vez a segunda temporada de " Grey's Anatomy" mas, por ter tempo demais, acabava sobrando tempo demais para se preocupar com uma hérnia imaginária, ou para tentar fazer as pazes com pessoas que nem sabiam que estavam brigadas com ela, ou escrever cartas longas dentro da cabeça para o ex-namorado, os pais, o país, ou culpar o sol ou a chuva, ou comentar " e esse calor dos infernos?", achando que a culpa é do mau tempo quando na verdade a culpa é da sobra de tempo, porque se ela não tivesse tanto tempo não teria nem tempo para falar do tempo.

Quando se conheceram, ele percebeu que não adiantava correr atrás do tempo porque o tempo sempre vai correr mais rápido, e ela percebeu que às vezes é bom correr para pensar menos, e pensar menos é uma maneira de ser feliz, e ambos perceberam que a felicidade é uma questão de tempo. Questão de ter tempo o suficiente para ser feliz, mas não o bastante para perceber que essa felicidade não faz o menor sentido.

(Gregório Duvivier. *Folha de S. Paulo*, 30.11.2015. Adaptado)

43. (IPSMI – Procurador – Vunesp – Abril/2016)

O último parágrafo, ao tratar do encontro das duas personagens, relata

a) uma mudança de ponto de vista das personagens, ao mesmo tempo que expressa uma visão negativa da felicidade.

b) a opção por se entregar à felicidade, vivendo-a no tempo sempre com a expectativa de que ela o vença.

c) o desejo de que o encontro da felicidade represente uma renovação na maneira de viver o cotidiano.

d) o anseio por desfrutar momentos felizes sem a interferência das racionalizações, que surgem quando se tem tempo.

e) novas maneiras de encarar a felicidade, anulando pensamentos que possam atrapalhar o tempo do convívio.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 44 e 45.

Vira e mexe alguns *blogs* maternos publicam textos sobre " As vantagens de ser mãe de menina" ou " Por que é bom ser mãe de menino": " meninos não têm frescura", " meninas são mais delicadas", " eles são mais corajosos", " elas são mais choronas" e por aí vai. Leio isso e tenho vontade de gritar por ver estereótipos de gênero tão pesados serem perpetuados sem nenhuma reflexão. Já pensou que seu filho é uma figura única e a infinidade de coisas que pode ser ou sentir não cabe em listas, caixas ou rótulos? Pior: que você definir como ele deve ser ou se comportar dependendo de seu gênero pode ser muito, muito cruel?

Aos meninos são permitidas vivências mais amplas. Eles podem subir muros, escalar os brinquedos do *playground*, enquanto as meninas não, veja bem, vai sujar seu sapato de princesa, filha, vai mostrar sua calcinha, não pega bem, filha, não é assim que uma menina brinca. E por isso, só por isso, que se perpetua a ideia de que os meninos são mais " aventureiros" e " danados" e as meninas mais " cuidadosas". Fazemos as meninas mais infelizes, isso sim.

Ser menino também pode não ser fácil, principalmente se os pais acreditarem que podem definir o que ele deve sentir ou gostar. Meu filho adorava brincar com os carrinhos de boneca das meninas do *playground* do prédio. Só depois de eu dizer que " tudo bem" as mães ou babás ficavam à vontade em deixá-lo empurrar as bonecas ou carregá-las. Por que tanto receio? O que um menino pode virar depois de brincar de boneca? Um pai carinhoso e dedicado no futuro?

Uma vez, em uma loja de brinquedos, meu filho ficou empolgadíssimo ao ver uma pia que funcionava de verdade, com uma torneirinha de água. E pediu muito para que eu comprasse. As opções de cores deixavam claro para quem o brinquedo era fabricado: só havia pias rosa e lilás. " Esse brinquedo é de menina", alertou a vendedora, cheia de boa vontade, como se eu estivesse me distraído e não percebido o " engano" ao considerar a compra. Eu disse para ela que na minha casa lavar louça é uma atividade *unissex*, que o pai do meu filho encara muito prato e panela suja e, por isso, brincar de casinha é uma brincadeira de menino sim. Meu filho saiu da loja feliz da vida com seu brinquedo rosa que, aliás, para ele é só uma cor, como outra qualquer. O avô estranhou o presente até eu levá-lo à reflexão: " Quantas pias de louça suja você lavou e lava na sua vida, para manter sua casa em ordem?". E só daí meu pai percebeu o tamanho da bobagem que fazia ao acreditar que lavar louça é uma atividade exclusivamente feminina.

E para quem gosta de listas, proponho uma única: " As vantagens de ser mãe de uma criança feliz". É essa que eu espero estar escrevendo, no dia a dia, ao não determinar como meu filho pode ou não ser.

(Rita Lisauskas, A crueldade de dividir o mundo entre "coisas de menino" e "coisas de meninas". Disponível em: <vida-estilo.estadao.com.br>. Acesso em 10-02-2016. Adaptado)

44. (Unesp – Ass. Administrativo I – Vunesp – Abril/2016)

É correto concluir que a autora

a) defende brincadeiras próprias para meninos, que as meninas devem evitar.

b) não permite que seu filho tenha brinquedos que comprometam seu desenvolvimento.

c) mostra-se contrária à atribuição de papéis e atitudes exclusivos a meninos e meninas.

d) põe limites a brincadeiras que possam prejudicar a masculinidade ou a feminilidade.

e) considera melhor ser mãe de meninas por estas serem mais delicadas e cuidadosas.

45. (Unesp – Ass. Administrativo I – Vunesp – Abril/2016)

O argumento usado pela autora para defender que seu filho brincasse com carrinhos de boneca está no reconhecimento de que

a) o gesto infantil antecipa o do pai que o menino será no futuro.

b) as crianças não conseguem escolher seus brinquedos sem ajuda dos pais.

c) não se deve censurar a opção por brinquedos perigosos.

d) meninos têm bastante força para empurrar carrinhos.

e) as meninas não se importavam em ceder os carrinhos a ele.

Leia o texto a seguir para responder à questão 46.

Comida "feia" também faz bem para a saúde

Frequentemente desprezadas por terem um aspecto que não está de acordo com os " padrões de beleza" impostos pela indústria, as frutas e verduras " feias" voltaram a ser um objeto atrativo pelos que lutam contra o desperdício de alimentos.

O agricultor francês Nicolas Chabanne, fundador do movimento em defesa dos " alimentos feios", trabalha para posicionar esses produtos no mercado e já tem mil parceiros no mundo todo.

Sua estratégia é simples. Vender uma maçã com um rótulo cujo logotipo mostra um rosto com um único dente aos produtores que se comprometem a colocá-la entre seus alimentos " feios", oferecendo-os pelo menor preço. Depois, parte do dinheiro arrecadado é destinada a associações de caridade e de consumidores.

" Quando você coloca uma maçã feia ao lado de outras muito bonitas, nossos olhos fixam antes nas mais bonitas", disse Chabanne, que se esforça para mostrar às pessoas que os produtos menos esteticamente atrativos também são de qualidade e, inclusive, mais baratos.

A iniciativa começou com frutos e legumes, mas, pouco a pouco, está se expandindo. Agora, engloba também outros produtos, como queijos e cereais ingeridos no café da manhã.

" É um negócio social e rentável porque aproveita a luta contra os resíduos a fim de voltar a vender parte da produção que não é normalmente valorizada", afirmou Thomas Pocher, proprietário de um supermercado no norte da França.

(EFE, disponível em: <http://exame.abril.com.br>. Adaptado)

46. (Unesp – Assistente Administrativo – Vunesp – Fev/2016)

As aspas empregadas em *Comida "feia"* (título), *frutas e verduras "feias"* (1º parágrafo) e *alimentos "feios"* (3º parágrafo) têm a função de

a) comparar os alimentos a produtos de beleza, os quais servem para enfeitar as pessoas.

b) sinalizar que a ideia de feiura se apresenta com conotação irônica, equivalendo a beleza.

c) sugerir uma crítica à distinção que se faz entre os alimentos a partir de um critério estético.

d) explicitar que a noção de beleza é consensual e, por isso, não deve ser questionada.

e) reproduzir a fala de cientistas que provaram que a aparência dos alimentos é irrelevante.

Gabarito: 1.b; 2. a; 3. b; 4. c; 5. a; 6. e; 7. a; 8. c; 9. e; 10. e; 11. d; 12. d; 13. b; 14. c; 15. E; 16. E; 17. E, 18. C; 19. C; 20. E; 21. b; 22. e; 23. e; 24. b; 25. d; 26. d; 27. b; 28. c; 29. c; 30. a; 31. d; 32. d; 33. d; 34. b; 35. b; 36. c; 37. b; 38. b; 39. d; 40. b; 41. c; 42. b; 43. a; 44. c; 45. a; 46. c.

25 COESÃO E COERÊNCIA

25.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Agora que você já conhece um parágrafo de dissertação e já consegue ler com mais técnica, vamos falar de coesão e coerência?

Diante de um texto bem construído, percebemos que as informações não se colocam de forma caótica entre si – pelo contrário, um texto de qualidade apresenta suas informações interligadas, conectadas. A essa conexão dá-se o nome de **coesão**. A coesão textual é o resultado da realização de recursos semânticos, por meio dos quais uma informação do texto se conecta à outra. O conceito de coesão textual está, portanto, relacionado aos elementos que estabelecem ligações linguísticas na superfície do texto.

No entanto, para que um texto faça sentido, faz-se necessário que as informações se encaixem de modo que a mensagem não se torne desconexa, ilógica. A essa correlação entre os conceitos de um texto dá-se o nome de **coerência**. Enquanto a coesão se relaciona aos elementos explícitos no texto, a coerência cuida do seu *sentido*, do seu *aspecto conceitual*.

Resumindo:
Coesão → Elementos de ligação explícitos no texto. → Superfície textual
Coerência → Conexão harmônica entre as informações do texto → Lógica textual

Você deve estar se perguntando: é possível haver coerência sem coesão?

Sim. É possível construir um texto coerente sem coesão, um texto cujas informações produzam sentido, mas que não se concatenem por meio de articuladores textuais:

Pedro estudou bastante. Pedro passou em 1º lugar.

Você consegue entender a informação veiculada, mas o texto não tem qualidade: bastaria utilizar-se uma conjunção e o segmento estaria mais bem elaborado (*Pedro estudou bastante, logo passou em 1º lugar*).

Em sentido contrário, é possível haver coesão que não produza coerência?

Sim. Pode-se ter um texto que apresente conectivos, só que mal utilizados, incapazes de produzir lógica, concatenação entre seus enunciados – *um texto com coesão e sem coerência:*

Pedro estudou bastante. Outrossim, o Botafogo ganhou o campeonato.

Utilizou-se um belíssimo conector de acréscimo (*outrossim*), que, no entanto, une orações que não fazem sentido quando relacionadas. Trata-se de *um trecho com coesão, mas sem coerência*.

Agora, você deve estar se fazendo mais uma pergunta: então, por que, quando se fala em coesão, fala-se também de coerência? Porque, para que um texto *seja de fato um texto* – para que ele apresente textualidade – é preciso que ele alie coesão a coerência. A utilização de elementos coesivos fornece ao texto clareza e maior legibilidade e contribui para que ele se torne mais facilmente compreendido pelo leitor. Daí ser a coesão tão desejável à produção de um texto coerente.

Assim:

COESÃO + COERÊNCIA = TEXTUALIDADE

Selecionamos algumas questões de concursos que versam sobre esse assunto. Vamos a elas?

25.2. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Primeiramente, veja esta questão de prova elaborada pelo Cespe/UnB, para o Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro:

> Debruçando-se sobre o estudo do exercício da política, Maquiavel dissecou a anatomia do poder de sua época: dos senhores feudais e da igreja medieval. E, por isso mesmo, por botar o dedo na ferida, foi considerado um autor maldito. Ele se mostra preocupado com o fato de que na política não existem regras fixas. Governar, isto é, tomar atitudes políticas, é um trabalho extremamente criativo e, por isso mesmo, sem parâmetros anteriores. Assim, essa preocupação do filósofo, por incrível que pareça, torna-se um bom instrumento para repensarmos a ética. Hoje, com o fim das garantias tradicionais, estamos todos mais ou menos na posição do príncipe de Maquiavel — isto é, em um mundo de incertezas, dentro do qual temos de inventar nossa melhor posição. É mergulhado nesse mundo de incertezas, de instabilidade social e política, de culto ao individualismo, que construímos nossa identidade, nosso modo de agir. Como seres humanos, nosso fim último é a felicidade. Como indivíduos sociais, precisamos entender que, por melhores que sejam nossos objetivos na vida, os meios para alcançá-los não podem entrar em contradição com a nobreza dos fins. Desse modo, não basta termos fins nobres, é necessário também que os meios para alcançá-los sejam adequados a essa nobreza.
>
> Planeta, jul./2006, p. 59 (com adaptações).

1. Na organização do texto, os termos que se referem a Maquiavel não incluem:

a) "se" em "Debruçando-se".

b) "autor maldito".

c) "Ele".

d) "filósofo".

e) "príncipe".

Comentários:

Trata-se de uma clássica questão de *coesão e coerência*. O que a banca quer é o único vocábulo que não se refira a Maquiavel. Quando um vocábulo se refere a outro no texto, ambos *possuem o mesmo referente*: representam a mesma realidade semântica textual.

O texto se inicia com uma palavra-chave – Maquiavel – que, por ser palavra importante na argumentação, irá voltar ao longo da estrutura textual de várias maneiras. Cada palavra que retomar "Maquiavel", já que estará sendo sua repetição, possuirá seu mesmo referente. Possuir o mesmo referente seria, portanto, fazer referência ao mesmo objeto no texto. Observe a seguir a análise de cada item da questão:

a) A partícula "se" aqui possui semanticamente o valor de "a si mesmo" e faz referência a Maquiavel, já que é ele que se "debruça sobre o estudo da política".

b) A expressão "autor maldito" é uma qualificação que, de fato, se refere a Maquiavel – é a sua qualificação.

c) O pronome reto "ele" é uma referência direta a Maquiavel.

d) O substantivo "filósofo" é um termo geral, um hiperônimo, que retoma Maquiavel, um termo mais específico; Saiba que hiperônimo é um termo geral, que retoma um outro, mais específico no texto.

e) O "príncipe" seria a única palavra a não fazer referência a Maquiavel, pois diz respeito não ao autor, mas a seu personagem de sua renomada obra "O Príncipe". Por não retomar Maquiavel no texto, não possuiria um mesmo referente.

Resposta: E.

Mais uma da mesma prova:

A crescente escassez de profissionais qualificados no mercado de trabalho doméstico está obrigando a Companhia Vale do Rio Doce a lançar uma campanha global de recrutamento para arregimentar pessoal especializado nos EUA, na Inglaterra, na Austrália e no Canadá. A previsão é de 62 mil contratações nos próximos cinco anos.

O Estado de S. Paulo, 21/03/2008 (com adaptações).

2. Assinale a opção que constitui continuação coesa e coerente para o fragmento de texto acima.

a) Essa disputa se tornou tão acirrada que elevou o nível médio salarial. Um soldador, por exemplo, hoje tem um ordenado inicial entre R$ 1,2 mil e R$ 2,1 mil. Nas escolas do SESI e do SENAC, os formandos são disputados pelos empregadores.

b) Essa é a iniciativa mais audaciosa já tomada por uma empresa brasileira em matéria de oferta de emprego, e é mais uma das consequências da globalização da economia.

c) Entretanto, com o extraordinário crescimento da produção industrial chinesa, nos últimos anos, o preço das commodities no mercado internacional disparou, o que abriu caminho para a expansão dos setores de mineração, siderurgia, petróleo e equipamentos de transporte pesado.

d) Desde então, as empresas mais competitivas desses setores criaram milhares de novos postos de trabalho e, de

forma cada vez mais agressiva, vêm disputando trabalhadores preparados para ocupá-los.

e) Todas essas empresas vêm publicando anúncios em inglês, em busca de profissionais qualificados de nível técnico superior. As empresas também vêm contratando trabalhadores aposentados e procurando atrair profissionais qualificados da PETROBRAS.

Comentários:

Primeiramente, aqui vai uma dica:

Avaliar uma possível continuidade para o texto significa que a alternativa a ser julgada deve repetir a ideia central do texto em questão, ainda que eventualmente acrescente informações que não foram antes mencionadas. É repetir a ideia inicial com eventuais acréscimos.

A informação central do texto é a de que a Companhia Vale do Rio Doce, em função de não dispor da quantidade necessária de profissionais qualificados, recruta tal mão de obra no exterior. Com base nessa direção argumentativa, vamos à análise das alternativas:

a) Alternativa errada. A alternativa utiliza uma expressão "essa disputa" que não possui antecedente lógico no texto. O texto não fala de uma "disputa de formandos por parte de empregadores nas escolas", mas sim da iniciativa de recrutamento do profissional no exterior.

b) Alternativa certa. Com a utilização do recurso coesivo "essa é a iniciativa mais audaciosa", retoma-se a "campanha global de recrutamento" do texto inicial. Além de reforçar a informação central, acresce que tal iniciativa seria "uma das consequências da globalização da economia".

c) Alternativa errada. Há aqui uma fuga ao assunto – passa-se a falar do "extraordinário crescimento da produção industrial chinesa", assunto não enfocado pelo texto.

d) Alternativa errada. Com a utilização do conector "Desde então", o trecho se propõe a apresentar um acontecimento que sucedeu o texto inicial na linha do tempo. Entretanto, esse trecho não reforça a informação central de que uma companhia vem necessitando buscar trabalhador especializado no exterior – aqui apenas se fala da criação de novos postos de trabalho e disputa por mão de obra para ocupá-los.

e) Alternativa errada. Ao utilizar o elemento de coesão "Todas essas empresas", a alternativa apresenta uma incoerência – o texto não menciona mais de uma empresa, apenas a Companhia Vale do Rio Doce.

Resposta: B.

Há cinco anos, sob o comando de George W. Bush, os Estados Unidos da América (EUA) invadiam o Iraque. Já se mostrou à exaustão que a aventura foi uma catástrofe humanitária e um fracasso político que encalacrou o Pentágono numa ocupação militar sem perspectiva de solução. Verifica-se, agora, que foi também um desastre financeiro.

Folha de S. Paulo, 20/03/2008 (com adaptações).

3. (Cespe/UnB) Assinale a opção em que o fragmento constitui continuação coesa e coerente para o texto acima.

a) Entretanto, Joseph Stiglitz, Prêmio Nobel de Economia, calcula que a empreitada poderá sair por assombrosos US$ 4 trilhões ou mais, dependendo de quanto tempo a ocupação durar.

b) Mas, agora que o país se encontra numa situação de déficit fiscal, a conta da guerra contribui para a crescente desvalorização da moeda norte-americana, num movimento que dificulta o combate à crise de crédito nos EUA e agrava suas repercussões globais.

c) Às vésperas da invasão, a Casa Branca estimava que gastaria algo entre US$ 50 bilhões e US$ 60 bilhões para derrubar Saddam Hussein e instalar um novo governo no país. Hoje, a conta está em US$ 600 bilhões e continua subindo.

d) Avaliações mais conservadoras, como a do Escritório de Orçamento do Congresso, órgão que municia o Poder Legislativo com informações técnicas, concluem que a ocupação não atingirá efetivamente a economia norte-americana.

e) Portanto, nada indica que o próximo presidente dos EUA terá condições de colocar um fim rápido à aventura. Fala-se em retirar as tropas até o fim de 2009. Isso, é claro, no melhor cenário. E o problema é que, no Iraque, o melhor cenário nunca se materializa.

Comentários:

Como já falamos anteriormente, buscar-se a continuação coesa e coerente significa encontrar uma alternativa que reafirme a ideia central do texto anterior, dando a ela uma sequência. Vale lembrar que o texto tem como tema central a questão da *invasão do Iraque pelos EUA como um desastre financeiro*.

a) Alternativa errada. O conector "Entretanto" deveria apresentar algo que se opusesse à questão do desastre financeiro, mas o que se tem na continuidade é algo que reforça a ideia inicial.

b) Alternativa errada. A conjunção adversativa também deve introduzir contraste, oposição, e o que se tem é algo que *reforça* a questão do desastre financeiro (*déficit fiscal, desvalorização da moeda...*).

c) Resposta certa. Por meio de informações como "a conta está em US$ 600 bilhões", este trecho reafirma o tema apresentado pelo texto.

d) Alternativa errada. Essa alternativa contradiz o texto ao afirmar que "a ocupação não atingirá efetivamente a economia norte-americana".

e) Alternativa errada. Aqui, apresenta-se evidente fuga ao tema: essa alternativa não fala da questão do desastre financeiro.

Resposta: C.

O conflito do Tibete, que se arrasta desde o século 13, requer solução pacífica pautada pelo signo da não violência.

Invadida pela China em 1950, a província luta pela autonomia há cinco décadas. Pequim resiste. Além de constante desrespeito aos direitos humanos, procede ao que o dalai-lama denomina "genocídio cultural" – sistemático esmagamento das tradições da região.

Com o controle dos meios de comunicação, as autoridades chinesas exercem violenta censura à informação e à livre circulação de pessoas. A tevê só mostra imagens liberadas pelos administradores locais. O mesmo ocorre com as notícias e certos sítios da Internet. Jornalistas e turistas encontram as fronteiras fechadas.

Torna-se difícil, assim, avaliar as dimensões e as consequências dos protestos que eclodiram recentemente. Pequim soma 13 mortos. Os tibetanos falam em mais de 100 e de centenas de prisões de dissidentes. Suspeita-se, com razão, do incremento da repressão.

Correio Braziliense, 20/03/2008 (com adaptações).

4. (Cespe/UnB) Assinale a opção que apresenta as ideias principais do texto acima.

a) Pequim controla os tibetanos, que vivem sob censura, sem possibilidade de livre circulação em sua própria região.

b) A tevê só mostra imagens liberadas pelos administradores locais, e as fronteiras estão fechadas para turistas e jornalistas.

c) Para Pequim, houve treze mortos nos conflitos recentes; para os tibetanos, houve mais de cem mortos e centenas de prisões de dissidentes.

d) A China procede a um genocídio cultural no Tibete, quando esmaga as tradições da região.

e) Embora haja controle dos meios de comunicação e das fronteiras, suspeita-se do aumento da repressão no Tibete, que luta pela autonomia, pois é ocupado pela China há mais de cinquenta anos.

Comentários:

Ao se requerer do candidato uma opção que apresente as ideias principais do texto, o que se quer é uma alternativa que resuma suas informações centrais, que componham sua introdução, seu desenvolvimento e posterior conclusão.

Neste texto, dividido em três parágrafos, o que se deve fazer é reescrever cada parágrafo, por meio de uma informação que resuma cada um deles. Assim, teríamos:

1º parágrafo: China invade Tibete. Conflito entre os países. Esmagamento cultural daquele país sobre esta região.

2º parágrafo: Controle dos meios de comunicação do Tibete, por parte das autoridades chinesas.

3º parágrafo: A repressão parece aumentar.

Após a reescritura dos parágrafos, deve o candidato partir à análise das alternativas, buscando aquela que seja capaz de juntar as três ideias mais importantes do texto.

a) Alternativa errada. Aqui só se mencionam ideias do 2º parágrafo.

b) Alternativa errada. Observa-se o mesmo equívoco da alternativa anterior: só se reescrevem informações do 2º

parágrafo.

c) Alternativa errada. Nessa alternativa só se reescreve informação do último parágrafo do texto.

d) Alternativa errada. Assim como as outras, essa opção só menciona um momento do texto, não o resume na sua totalidade. Nesse caso, a alternativa só reescreve o 1º parágrafo.

e) Resposta certa. Essa opção apresenta um resumo das três partes que compõem o texto.

Resposta: E.

5. (Cespe/UnB) Assinale a opção que constitui continuação coesa e coerente para o texto abaixo:

Até aqui o governo se dedicou a expor seu ponto de vista e começou a mover suas pedras no tabuleiro, a partir de sua opção pela prioridade sul-americana e do Mercosul. Estabeleceu, em seguida, uma série de pontes e alianças possíveis com a África e a Ásia, como aconteceu com o G21, na reunião de Cancun da OMC, e como está acontecendo nas negociações do G3, com a África do Sul e com a Índia. Ou ainda, como vem ocorrendo nas novas parcerias tecnológicas com a Ucrânia, a Rússia, a China, ou com os projetos infraestruturais com a Venezuela, a Bolívia, o Peru e a Argentina.

a) Não há dúvida, porquanto, de que essas principais disputas giraram em torno das divergências econômicas entre os Estados Unidos e o Brasil, em particular as negociações da OMC, FMI e ALCA.

b) O que se vê é a afirmação de uma nova política externa, ativa, presente, baseada no interesse nacional brasileiro e na afinidade histórica e territorial do Brasil com o resto da América do Sul, bem como na sua afinidade de interesses com os demais grandes países em desenvolvimento.

c) E do outro lado, naquele momento, estarão os grupos econômicos e as forças sociais, intelectuais e políticas que sempre lutaram por um projeto de desenvolvimento para o Brasil.

d) E aqui, não há como se enganar sobre as forças que esta batalha despertava, dentro e fora do governo: de um lado estarão, como sempre estiveram, os grupos de interesse que defendem uma relação subserviente com os Estados Unidos, em troca de uma acesso mais favorecido ao mercado interno americano.

e) Orientando-se pelos interesses nacionais do povo e não apenas pelos interesses imediatos e particulares do seu *agrobusiness*, e dos seus grupos financeiros defendidos e acobertados pela retórica diletante e pela política escandalosamente subserviente dos "diplomatas descalços".

Comentários:

Nesta questão, o que se busca é um trecho que dê continuidade à seguinte ideia central do texto: "a opção pelo governo brasileiro pela prioridade sul-americana e do Mercosul".

a) A alternativa fala de "disputas", enquanto o texto menciona "parcerias" e "alianças". Alternativa errada, portanto.

b) Resposta correta. Aqui, há um reforço à ideia central do texto ao se mencionar "uma nova política externa, ativa,

presente…".

c) Presença de um *conector sem antecedente* lógico no *texto* – "E do outro lado". O texto original não havia apresentado o *primeiro lado*. Além do mais, a alternativa não retoma a ideia central – as parcerias com os países do Sul.

d) Ao mencionar "as forças que esta batalha despertava", o trecho menciona uma batalha, que é o oposto do que se fala no texto original. Não há embates, há alianças.

e) Além de o trecho ter problemas de redação – lança-se uma oração subordinada "Orientando--se pelos interesses…" sem uma oração principal a ela correspondente, ele foge ao assunto por não mencionar a política de alianças.

Resposta: B.

Por fim, uma questão para ordenar fragmentos de um texto. Trata-se de um clássico muito utilizado em provas elaboradas pela Esaf:

6. (Cespe/UnB) Os trechos a seguir constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e aponte a opção correta:

( ) A aguda crise social desdobrou-se, então, em quatro vertentes de alternativa política: o fascismo italiano, o nazismo alemão, a social democracia sueca e o New Deal norte-americano.

( ) O desemprego é uma tragédia social com profundas implicações políticas.

( ) Um dado dessa natureza é importante, pois estabelece a conexão entre a crise social e o efeito político-eleitoral.

( ) A esmagadora maioria dos eleitores nas últimas eleições apontava esse fenômeno como o mais grave problema do país.

( ) Tal conexão apareceu pela primeira vez na História, claramente, há mais de 70 anos, nos principais países capitalistas, na Grande Depressão.

a) 5, 1, 3, 2, 4.

b) 3, 5, 1, 4, 2.

c) 2, 4, 3, 5, 1.

d) 4, 1, 3, 5, 2.

e) 2, 1, 4 5, 3.

Comentários:

O que se busca na questão é a ordenação dos trechos de modo que eles passem a formar um único texto. Nesse caso, a estratégia a ser utilizada consiste basicamente em observar em cada segmento sua ideia central e, na sequência, encontrar o trecho que apresente elemento de conexão que reforce a informação encontrada – procedimento que se

repetirá até o último segmento.

O trecho a iniciar o texto não deve possuir nenhum elemento de coesão que retome informações anteriores, afinal ele é o início do texto. Nesta questão específica, o único trecho que é passível de iniciar o texto é:

(1) O desemprego é uma tragédia social com profundas implicações políticas.

O próximo passo consiste em buscar a continuidade desse segmento. Nesse caso, o que se busca é um trecho que fale sobre o problema social que é *o desemprego* e que desdobre também suas *implicações políticas*. Logo, o trecho de continuidade seria:

(2) A esmagadora maioria dos eleitores nas últimas eleições (*implicações políticas*) apontava esse fenômeno como o mais grave problema do país (*tragédia social*).

A seguir, busca-se o trecho que retome também as informações essenciais de (2) mais importantes – *desemprego* e *resultados das últimas eleições*. Assim, teríamos:

(3) Um dado dessa natureza é importante, pois estabelece a conexão entre a crise social (*desemprego*) e o efeito político eleitoral *(últimas eleições*).

Como continuidade da cadeia coesiva que se forma, busca-se na sequência um trecho que mencione a questão da *conexão entre a crise social e seu efeito político eleitoral.* Assim:

(4) Tal conexão *(expressão que retoma "conexão" do trecho anterior)* apareceu pela primeira vez na História, claramente há mais de 70 anos, nos principais países capitalistas, na Grande Depressão.

Da mesma forma, o item que finalizará o texto deverá ser aquele que repise a ideia principal do trecho anterior, que, nesse caso, foi "a conexão … pela primeira vez na História … nos países capitalistas". Assim, observa-se o fechamento do texto em:

(5) A aguda crise social (*que se iniciou com o desemprego*) desdobrou-se, então,em quatro vertentes de alternativa política: o fascismo italiano, o nazismo alemão, a social democracia sueca e o New Deal norte-americano. (*principais países capitalistas mencionados no trecho imediatamente anterior*).

Resposta: A (5, 1, 3, 2, 4).

Aqui, vale uma dica:

Um trecho será uma possível continuidade do outro quando retomar aquilo que o anterior teve de essencial: sua informação mais importante.

Muitos concurseiros resolvem uma questão como essa por meio da estratégia de eliminação.

Assim, sabendo-se que somente o 2º trecho seria capaz de iniciar o texto, por não possuir nenhum elemento de conexão com ideias anteriores, o período a receber numeração **1** seria *O desemprego é uma tragédia social com profundas implicações políticas*. Logo, teríamos como possíveis respostas as alternativas A, D ou E, pois são elas

que apontam esse trecho como a introdução do texto. A partir daí, bastaria descobrir qual trecho poderia receber a numeração **2**. Nesse caso, vale a dica de que **2** deverá reforçar aquilo que **1** tinha de essencial: é o trecho *A esmagadora maioria dos eleitores nas últimas eleições apontava esse fenômeno como o mais grave problema do país* que reforça *as implicações políticas do desemprego*. Logo, a alternativa que apresenta essa numeração seria a letra A. É uma outra forma de resolver a mesma questão: a velha tática de eliminação...

Por fim, vamos resolver algumas provas anteriores, abordando com maior ênfase as estratégias de retomada nos textos (anáfora, catáfora, dêixis).

25.3. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

Texto I

O teste definitivo para você saber se você está ou não integrado no mundo moderno é a secretária eletrônica. O que você faz quando liga para alguém e quem atende é uma máquina. Tem gente que nem pensa nisso. Falam com a secretária eletrônica com a maior naturalidade, qual é o problema?

1. "O que você faz quando liga para alguém e quem atende é uma máquina". O comentário correto sobre o vocábulo O, colocado ao início desse período do texto, é que se trata de:

a) um pronome demonstrativo, referindo-se a "teste".

b) um artigo definido, determinando a oração seguinte.

c) um pronome pessoal, equivalendo a "ele".

d) um pronome interrogativo, juntamente com "que".

e) um pronome indefinido, correspondendo a "algum".

2. "Tem gente que nem pensa **nisso**." O pronome sublinhado se refere:

a) à existência de secretárias eletrônicas.

b) ao fato de sermos atendidos por máquinas.

c) ao teste de integração no mundo moderno.

d) à impossibilidade de falar com alguém para quem se ligou.

e) à dificuldade de dialogar com uma máquina.

Texto II

MAQUIAGEM

Nesta época, no ano passado, começou a se constatar nas prateleiras dos supermercados uma "maquiagem" de produtos. Consistia, basicamente, em reduzir a quantidade de mercadoria embalada, mantendo o preço de venda. O assunto despertou celeuma entre associações de consumidores, fábricas e autoridades governamentais. O Ministério da Justiça acabou por reagir, multando empresas que, segundo seu entendimento, haviam ludibriado a boa-fé dos consumidores. Um ano depois, pode-se dizer que houve alguma melhora na situação. Houve alguma confusão acerca do que estava errado na prática da "maquiagem".

(...)

Folha de São Paulo, dezembro de 2002.

1. "Nesta época" e "um ano depois", referem-se exata e respectivamente a:

a) dezembro de 2002 e dezembro de 2003.

b) dezembro de 2002 e dezembro de 2002.

c) dezembro de 2001 e dezembro de 2002.

d) dezembro de 2001 e dezembro de 2003.

e) dezembro de 2000 e dezembro de 2002.

2. "…a temperatura corporal elevada ajuda o sistema de defesa do organismo a identificar a causa de uma infecção e combatê-la"; o pronome *la*, ao final da frase, se refere ao seguinte termo anterior:

a) temperatura corporal elevada.

b) sistema orgânico.

c) causa de uma infecção.

d) defesa do organismo.

e) temperatura corporal e defesa do organismo.

3. Na construção de um texto, para sua coesão, alguns termos retomam termos anteriores; o termo em negrito cujo termo anterior NÃO foi corretamente destacado em maiúsculas é:

a) "Até recentemente, a sociedade entendia SER A EDUCAÇÃO TAREFA EXCLUSIVA DE PAIS E PROFESSORES. Sabiamente esse conceito evoluiu".

b) "COBRA-SE, AGORA, O COMPROMISSO DE EDUCAR TAMBÉM DE VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO, PUBLICIDADE, DAS ARTES etc. Não poderia haver reivindicação mais justa".

c) "O código recomenda ainda que os anúncios não desmereçam valores sociais ou provoquem discriminação, em particular DAQUELES que não sejam consumidores do produto".

d) "tampouco associem crianças e adolescentes a SITUAÇÕES INCOMPATÍVEIS com sua condição, sejam elas ilegais, perigosas ou socialmente condenáveis".

e) "a publicidade (...) não deve: IMPOR A NOÇÃO DE QUE O PRODUTO PROPORCIONA SUPERIORIDADE (...); PROVOCAR SITUAÇÃO DE CONSTRANGIMENTO AOS PAIS (...). Essas recomendações são, para o Conar, contribuições muito mais efetivas...".

Texto III

Sustentabilidade, Consumo e Publicidade

Nos últimos cinquenta anos, a população mundial mais do que dobrou, indo de 2,5 bilhões (1950) para 6 bilhões (2000). Durante esse mesmo período, a industrialização permitiu que o consumo aumentasse exponencialmente; como consequência, a poluição e o lixo também aumentaram. Já faz algum tempo que o planeta vem dando sinais de que não pode suportar o nosso

modo de vida, e estudos indicam que hoje, mesmo com grande parte da população mundial excluída, já consumimos 20% por ano a mais de recursos naturais renováveis do que o planeta Terra é capaz de regenerar.

1. O primeiro parágrafo emprega por duas vezes a palavra "já". Seus valores morfológicos são idênticos, mas semanticamente se distinguem. A frase abaixo em que a palavra "já" está empregada com um terceiro valor semântico é:

a) a sociedade já teve atitudes mais firmes.

b) se houver apagão, já sabemos o motivo.

c) os estudos já estão publicados na imprensa.

d) todos já começam a se preocupar com o futuro.

e) faz já décadas que a poluição é grande.

Texto IV

Dos três irmãos, dois fazem parte de um grupo cada vez mais comum na família brasileira contemporânea. São os jovens endividados. Além de adiar a saída de casa, mesmo depois de terminar a faculdade e arrumar trabalho, esses moços e moças não conseguem ajudar nas despesas de casa, nem tampouco pagar as próprias contas. Pior: acumulam dívidas. Muitos estão simplesmente falidos e entram na lista negra das entidades de proteção ao crédito.

1. "Muitos estão simplesmente falidos". O indefinido empregado nesse trecho serve para retomar o termo:

a) consumidores.

b) balzaquianos.

c) moços e moças.

d) três irmãos.

e) bancos e financeiras.

Texto V

Essa nova fase da filantropia americana surge num contexto em que sobressaem uma virtude e uma falha. A virtude é o estágio atual do próprio sistema capitalista, capaz, em sua forma mais avançada, de gerar excedentes vultosos que retornam à sociedade pela mão de empresários conscientes e abnegados. A falha é dos governos e das instituições internacionais, como o Banco Mundial, que se mostraram ineficazes no combate à pobreza e às endemias do mundo. Pessoas como Buffett e Gates, portanto, indicam um caminho para supri-la.

1. "Pessoas como Buffett e Gates, portanto, indicam um caminho para supri-**la**"; o pronome sublinhado se refere a:

a) pobreza.

b) endemia.

c) falha.

d) filantropia.

e) sociedade.

Texto VI

Estudo do Pacific Institute of Oakland, na Califórnia, prevê que 76 milhões de pessoas morrerão de doenças relacionadas à água até 2020. As crianças serão as mais afetadas por males causados pelo uso e ingestão de água contaminada. No mesmo período, serão registrados 65 milhões de casos fatais em consequência da Aids em todo o mundo.

1. Vocábulos do texto que NÃO apresentam o mesmo referente são:

a) pessoas / as crianças

b) doenças / males

c) água / água contaminada

d) até 2002 / mesmo período

e) morrerão / serão registrados 65 milhões de casos fatais

Texto VII

PETRÓLEO

Eduardo Frieiro

Os fatos desta vez deram razão a Monteiro Lobato. Existe o petróleo. Resta saber, e o grande escritor morreu antes que pudesse observá-lo, resta saber se o cobiçado líquido brindará os brasileiros com uma vida decente, ou fará do país outra Venezuela, onde, há um quarto de século, se põe fora, sem proveito para o povo, a maior fartura petrolífera da América Latina. (1948)

Texto VIII

PETRÓLEO

Monteiro Lobato

Esse produto é o sangue da terra; é a alma da indústria moderna; é a eficiência do poder militar; é a soberania; é a dominação. Tê-lo é ter o sésamo abridor de todas as portas. Não tê-lo é ser escravo.

1. "… resta saber se o cobiçado líquido brindará os brasileiros…"; para evitar a repetição do termo *petróleo*, o autor do texto se utilizou, no segmento em destaque, de um processo que também aparece em:

a) " ... e o grande escritor morreu antes que pudesse observá-lo..." (texto VII)

b) " ... se põe fora, sem proveito para o povo, a maior fartura petrolífera da América Latina." (texto VII)

c) " ... brindará os brasileiros com uma vida decente, ou fará do país outra Venezuela,..." (texto VII)

d) " Esse produto é o sangue da terra; é a alma da indústria moderna;" (texto VIII)

e) " Não tê-lo é ser escravo."

2. A ideia de o petróleo ser uma panaceia universal aparece no texto de Monteiro Lobato (texto VIII), e de forma mais específica no segmento:

a) " Esse produto é o sangue da terra".

b) " é a alma da indústria moderna".

c) “ é a eficiência do poder militar”.

d) “ é a soberania; é a dominação”.

e) “ tê-lo é ter o sésamo abridor de todas as portas”.

Texto IX

VIOLÊNCIA NO CAMPO

José Saramago

No dia 17 de abril de 1996, no estado brasileiro do Pará, perto de uma povoação chamada Eldorado dos Carajás (Eldorado: como pode ser sarcástico o destino de certas palavras...), 155 soldados da polícia militarizada, armados de espingardas e metralhadoras, abriram fogo contra uma manifestação de camponeses que bloqueavam a estrada em ação de protesto pelo atraso dos procedimentos legais de expropriação de terras, como parte do esboço ou simulacro de uma suposta reforma agrária na qual, entre avanços mínimos e dramáticos recuos, se gastaram já cinquenta anos, sem que alguma vez tivesse sido dada suficiente satisfação aos gravíssimos problemas de subsistência (seria mais rigoroso dizer sobrevivência) dos trabalhadores do campo. Naquele dia, no chão de Eldorado dos Carajás ficaram 19 mortos, além de umas quantas dezenas de pessoas feridas.

(...)

1. “Naquele dia, no chão de Eldorado dos Carajás…”; o emprego de naquele, neste contexto:

a) indica que o dia referido na frase não deve ser confundido com outro.

b) mostra que o dia referido está distante no tempo.

c) assinala uma distância de lugar.

d) identifica o dia como algo a ser esquecido.

e) refere-se a um dia que o leitor desconhece.

2. “Há detalhes que parecem insignificantes, mas revelam estágios de cidadania: respeitar-se o sinal vermelho no trânsito, não jogar papel na rua, não destruir telefones públicos. Por trás desse comportamento está o respeito à coisa pública”; nesse parágrafo, a expressão “ desse comportamento”:

a) refere-se à última das ações citadas.

b) retoma o conjunto de ações anteriores.

c) alude somente a aspectos negativos.

d) corresponde a um procedimento condenável.

e) traz em si mesma um conteúdo positivo.

Texto X

Infelizmente, a hipocrisia abunda no mundo, principalmente nas elites. Em troca do status de um nobre homem, pessoas vendem a alma ao diabo, traindo escancaradamente sua própria consciência e bom senso. A cretinice assume grau espantoso nos debates, e qualquer um que esteja mais preocupado com a verdade que com as aparências de suas intenções perde a paciência ao notar que está dando murro em ponta de faca. O interesse dessa elite pérfida não é a busca sincera pela verdade e resultados; mas, sim, o

conforto psíquico de apresentar ser bem intencionado. O mensageiro que traz a notícia, que destaca os fatos verdadeiros, que demonstra o absurdo das teorias românticas, esse é o culpado, um insensível, egoísta. A hipocrisia, aliada à ignorância de muitos, acaba vencendo a lógica e a verdade. A necessidade da mente humana de acreditar em explicações simplistas, culpar fatores exógenos e bodes expiatórios, e buscar conforto mesmo que na mentira alimenta bastante essa hipocrisia. Esse texto é um apelo para darmos um basta a isso.

1. " Em troca do status de um nobre homem"; a mesma ideia contida nesse segmento do texto aparece repetida em:

a) " vendem a alma ao diabo".

b) " aparentar ser bem intencionado".

c) " destaca os fatos verdadeiros".

d) " culpar fatores exógenos e bodes expiatórios".

e) " demonstra o absurdo das teorias românticas".

Texto XI

Mais de cem vezes o presidente George W. Bush ameaçou vetar projetos que fossem aprovados pelo Congresso americano, mas até agora ele nunca tinha cumprido a ameaça, ou precisado cumprir – por ter sido ela suficiente para levar os parlamentares a recuar rapidamente.

1. No primeiro parágrafo do texto ocorrem repetições de termos anteriores; a alternativa em que os dois termos sublinhados NÃO são exatamente um exemplo de repetição por não possuírem o mesmo referente é:

a) o presidente George W. Bush – ele.

b) projetos – que.

c) ameaçou vetar projetos – a ameaça.

d) a ameaça – ela.

e) Congresso americano – ele.

2. A alternativa em que NÃO há qualquer referência ao momento de ocorrência do fato comentado pela notícia do jornal é:

a) " mas até agora nunca tinha cumprido a ameaça".

b) " Mas ontem ele fez uso do veto".

c) " aprovada por 63 votos a 37 no Senado, terça-feira".

d) " um ano depois de sua aprovação na Câmara dos Representantes".

e) " O projeto, que há tempos seria impensável".

3. E, portanto, comprometidos demais para fazermos um juízo exato a esse respeito. Esse comprometimento inclui vítimas e algozes"; o tipo de relação de coesão exemplificado nesse segmento do texto entre as palavras sublinhadas se repete em:

a) toda a população está atemorizada demais com a violência e esse medo tem causado muitos problemas.

b) os direitos humanos têm sido desprezados pelas autoridades e se os desprezamos, caímos no caos.

c) as autoridades políticas estão bastante atarefadas e esse trabalho exagerado tem impedido que projetos mais importantes sejam discutidos.

d) as leis têm-se mostrado muito permissivas e essa permissividade tem incentivado a criminalidade.

e) são bastante contraditórias as leis dos direitos humanos e essa oposição tem prejudicado a sua discussão.

Texto XII

O PASTOREIO POLÍTICO

Luiz Carlos Lisboa

O século que se orgulha de grandes conquistas no terreno dos direitos humanos e das liberdades públicas é o mesmo em que se desenvolveram as formas mais requintadas e esmagadoras de dominação política e de intimidação coletiva. Essa contradição flagrante, escândalo de nosso tempo, é pouco analisada porque estamos todos muito imersos nela. E, portanto, comprometidos demais para fazermos um juízo exato a seu respeito. Esse comprometimento inclui vítimas e algozes, e cega a ambos da mesma forma.

1. O termo "ambos", presente na última linha do texto, refere-se a:

a) defensores e críticos dos direitos humanos.

b) os que possuem e não possuem liberdades públicas.

c) os que praticam e sofrem injustiças.

d) as vítimas e os que sofrem intimidação coletiva.

e) os que sofrem dominação política e intimidação coletiva.

Texto XIII

UM SENTIDO PARA A EDUCAÇÃO SEXUAL

A proposta de educação sexual nos currículos da escola de ensino médio é uma ideia que surge mais fortemente agora no Brasil. Um dos argumentos a favor da implantação da educação sexual nas escolas é o grande número de gestações na adolescência e o problema da Aids. Entretanto, não se observa redução nem no número de gestações indesejadas nem nas doenças sexualmente transmissíveis onde a educação sexual foi adotada como solução para este problema.

Nos Estados Unidos, a educação sexual foi considerada como a solução e a implantação dos programas aconteceu intensamente; no entanto, os resultados são deploráveis. Por que a educação sexual tal como foi implantada não é a solução? O desastre começa no próprio conceito. A educação sexual apresentada não toma como base valores morais, e se orienta para a informação restrita de contracepção e prevenção de doenças.

Isso não é educação sexual. Educação sexual é parte de algo mais complexo na vida do ser humano, e por isso não se pode restringir à informação sobre anatomia e fisiologia, ensino de meios contraceptivos e prevenção da Aids e outras doenças sexualmente transmissíveis. Educação sexual é antes de tudo educação de valores, educação do verdadeiro amor, amor de doação, incluindo-se a sexualidade. [...]

1. No terceiro parágrafo do texto, a educação sexual referida na primeira linha é:

a) a que já foi anteriormente implantada no Brasil.

b) a que está sendo implantada no Brasil.

c) a que foi implantada nos Estados Unidos e anteriormente implantada no Brasil.

d) a que foi implantada nos Estados Unidos e recentemente implantada no Brasil.

e) a que foi implantada nos Estados Unidos.

Texto XIV

A VERDADE E A FANTASIA

Miguel Pachá – Presidente do TJ/RJ

Um espectro ronda a Justiça brasileira neste final de ano: a Reforma do Judiciário. Espectro porque a realidade do Judiciário e a necessidade da sua reforma foram, nos últimos meses, deformados pelo " manto diáfano da fantasia".

Comemoramos o nosso dia (8 de dezembro) sob o fogo cruzado da má vontade e da desinformação. O Judiciário não pode ser culpabilizado pelo que a mídia chama com exagero de impunidade. A polícia não prende, não investiga e nós, presos à aplicação da lei, pagamos o pato. Além disso, há um cipoal de leis, medidas provisórias e atos normativos que acabam por atravancar nossos corredores.

Temos oferecido à sociedade ideias e propostas de melhoria da prestação de Justiça. Um exemplo: o julgamento virtual, que acelera a tramitação, elimina papel e dispensa deslocamentos de advogados. Quanto ao apregoado controle do Judiciário, pensamos que deveria antes vir de dentro que de fora, pelo ajuste de normas e práticas processuais, bem como pela supervisão sistemática. A autonomia financeira deu ao nosso Tribunal a possibilidade de ser um dos melhores do país: um dos mais ágeis e seguros, em condições objetivas de enfrentar o descrédito geral da Justiça.

A autonomia dos poderes – lembremos ainda uma vez – é a única garantia que temos da estabilidade da República e, em última instância, da continuidade do regime democrático – o pior de todos, com exceção dos outros. Falar em cidadania é falar em Judiciário. Em muitas sociedades tradicionais a norma de estabilidade é a do " poder trava poder". Ao invés do controle externo, sempre perigoso, talvez se pudesse confiar mais nesse controle sistêmico. De resto, temos à disposição diversos mecanismos endógenos, eficazes, de controle (os tribunais de conta, as corregedorias etc.).

A sociedade global, estimulada pelos formadores de opinião, não tem sido capaz de captar a verdade do Judiciário. Sob um cerco total de má vontade e desinformação, vemos exageradas as nossas deficiências e erros. " Sobre a nudez forte da verdade, o manto diáfano da fantasia" – parodiemos o slogan do velho Eça de Queiroz. E qual é a nossa verdade? Antes de enunciá-la, reconheçamos nossos erros e dificuldades, algumas conjunturais, de mais fácil correção, outras estruturais, mais difíceis. Recente pesquisa da OAB, mostrou que 55% da população mal conhece o Judiciário. E é ela a segunda instituição menos confiável do país. Nosso programa para o ano que se inicia é, pois, estabelecer a verdade da distribuição de Justiça em nosso Estado e vê-la reconhecida, senão por todos, ao menos pela maioria de nossos concidadãos.

Informativo TJ/RJ e EMERJ, n.12.

1. " De resto, temos à disposição diversos mecanismos endógenos, eficazes, de controle…"; a ideia aqui presente se repete aproximadamente em:

a) “ Quanto ao apregoado controle do Judiciário, pensamos que antes deveria vir de dentro que de fora...”

b) “ A sociedade global, estimulada pelos formadores de opinião, não tem sido capaz de captar a verdade do Judiciário.”

c) “ Sobre a nudez forte da verdade, o manto diáfano da fantasia.”

d) “ A autonomia dos poderes [...] é a única garantia que temos da estabilidade da República...”

e) “ Falar em cidadania é falar em Judiciário.”

2. Em relação aos “ mecanismos endógenos”, referidos no 4º parágrafo do texto, analise os itens a seguir:

I. “ ... antes vir de dentro que de fora, pelo ajuste de normas e práticas processuais,...”

II. “ Em muitas sociedades a norma de estabilidade é a do ‘ poder trava poder’ .”

III. “ Ao invés do controle externo, sempre perigoso, talvez se pudesse confiar mais nesse controle sistêmico.”

Os mecanismos referidos no enunciado correspondem a:

a) I – III

b) I – II – III

c) II – III

d) I – II

e) III

Texto XV

ANO NOVO, VELHOS PROBLEMAS

Ubiratan Iorio

A cada início de ano, é costume renovar esperanças e fortalecer confianças em relação ao futuro. Tempo de limpar gavetas, fazer faxinas e vestir cores que – acreditam muitos – ajudem a realizar antigos desejos e aspirações. Nada existe de errado com esses hábitos, descontado o teor de superstição que costuma motivá-los, nem com o fato de se os estender para o campo das relações econômicas. Afinal, também na economia a esperança pode mover montanhas. Mas para tal precisa fundamentar-se em fatos concretos.

Um pouco de realismo sempre faz bem. Os atos econômicos não são praticados em um vazio institucional, já que o homo economicus, aquele robô frio, calculista, pronto a maximizar resultados, sejam lucros, utilidades, taxas de retornos ou quaisquer outros, só existe nos livros de economia. Na vida real, as relações entre economia, política, direito, ética e outros campos da ação humana objetiva e subjetiva, são inevitáveis, sendo a soma dessas inter-relações o que se chama, reverentemente, de sociedade. O hábito arraigado de separar o econômico do social, do político, do ético e do legal, de que é exemplo o discurso de contrapor o “ mercado” ao “ social” – quase sempre denegrindo o primeiro e enaltecendo o segundo – é uma das causas das repetidas frustrações das esperanças de crescimento econômico sustentado.

1. “ Um pouco de realismo sempre faz bem.”; a mesma ideia reaparece em:

a) “ Afinal, também na economia a esperança pode mover montanhas.”

b) “ Mas para tal precisa fundamentar-se em fatos concretos.”

c) “ Os atos econômicos não são praticados em um vazio institucional...”

d) “ ... pessimistas nada mais são do que otimistas bem informados,...”

e) “ uma carga tributária extorsiva e crescente.”

2. Na progressão textual, a fim de evitar-se a repetição de palavras idênticas, ocorre a substituição de termos anteriores por uma série de diferentes elementos. O item em que a identificação do termo substituto do segmento sublinhado está INCORRETA é:

a) “ Afinal também na economia a esperança pode mover montanhas. Mas para tal precisa fundamentar-se em atos concretos.” – pronome demonstrativo

b) “ busquemos, apenas, ser realistas e olhemos para as instituições que nos circundam.” – pronome relativo

c) “ Tempo de limpar gavetas, fazer faxinas e vestir cores que – acreditam muitos – ajudem a realizar antigos desejos e aspirações. Nada existe de errado contra esses hábitos,...” – hiperônimo

d) “ Nada existe de errado contra esses hábitos, descontado o teor de superstição que costuma motivá-los,...” – pronome relativo

e) “ Nada existe de errado contra esses hábitos [...] nem com o fato de se os estender para o campo das relações econômicas.” – pronome pessoal

3. “ O hábito arraigado de separar o econômico do social, do político, do ético e do legal, de que é exemplo o discurso de contrapor o “ mercado” ao “ social” – quase sempre denegrindo **o primeiro** e enaltecendo **o segundo** – é uma das causas…”; mantendo-se o sentido original, os termos sublinhados poderiam ser corretamente substituídos, respectivamente, por:

a) este / aquele

b) este / esse

c) aquele / este

d) aquele / esse

e) esse / este

Texto XVI

O NECROLÓGIO DOS DESILUDIDOS DE AMOR

Carlos Drummond de Andrade

Os médicos estão fazendo a autópsia dos que se mataram.

Que grandes corações eles possuíam

Vísceras imensas, tripas sentimentais

e um estômago cheio de poesia.

1. Os “ desiludidos do amor” reaparecem em:

a) “ os médicos estão fazendo a autópsia...”.

b) “ ... dos que se mataram”.

c) “ Que grandes corações eles possuíam”.

d) “ Vísceras imensas, tripas sentimentais”.

e) “ estômago cheio de poesia”.

2. “ Bibliotecas. Vistas de dentro de grandes monumentos, elas parecem indestrutíveis. Mas, de fato, a história mostra que bibliotecas estão sempre sendo destruídas e cada vez que uma delas vem abaixo muito da civilização desaba com ela”; nesse segmento o termo que NÃO apresenta corretamente o termo anterior ao qual se refere ou que substitui é:

a) elas = bibliotecas

b) ela = uma delas

c) grandes monumentos = bibliotecas

d) desaba = vem abaixo

e) delas = das bibliotecas

Texto XVII

“ O rádio foi uma tragédia para os surdos. A televisão é uma tragédia para os cegos. É também, de quando em quando, uma tragédia para o espectador sensível, para quem contemplar a mediocridade é uma dolorosa experiência.” (Steve Allen)

1. “ É também, de quando em quando, uma tragédia para o espectador sensível, para quem contemplar a mediocridade é uma dolorosa experiência.”; o pronome *quem* se refere:

a) a qualquer espectador de TV.

b) ao espectador sensível.

c) à pessoa que não participa da dolorosa experiência.

d) ao espectador que contempla a mediocridade.

e) ao espectador de programas medíocres.

Texto XVIII

IMPÉRIO À DERIVA

Patrick Wilcken

Em 1807, no auge das Guerras Napoleônicas, o príncipe regente português D. João VI tomou uma decisão extraordinária. Embora aterrorizado com a ideia de viagens marítimas, optou por transplantar toda a sua corte e seu governo para a maior colônia de Portugal: o Brasil. Com as tropas francesas aproximando-se de Lisboa, aristocratas, ministros, padres e criados – no assombroso total de 10 mil pessoas – embarcaram às pressas na precária frota portuguesa. Após uma turbulenta travessia transatlântica, sob escolta britânica, desembarcaram imundos, cobertos de piolhos e esfarrapados, para espanto de seus súditos no Novo Mundo. Assim se iniciou um período excepcional de treze anos de governo imperial exercido nos trópicos.

1. Em uma outra obra sobre a chegada da família real ao Brasil, que comemorará 200 anos em 2008, o autor

(Laurentrino Gomes) escreve na capa do livro: "Como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a história de Portugal e do Brasil". De todas as referências presentes nesse segmento, a única que aparece comprovada no texto principal desta prova é:

a) a rainha de Portugal ser louca.

b) o príncipe regente ser medroso.

c) a corte portuguesa ser corrupta.

d) os portugueses terem enganado Napoleão.

e) a história de Portugal e Brasil ter sido mudada.

Texto XIX

Num dia quente de verão do primeiro semestre do novo milênio, a humanidade atravessou uma ponte rumo a uma nova era de tremenda importância. Ao mundo inteiro foi transmitido um pronunciamento, com destaque em praticamente todos os jornais mais importantes, apregoando que o primeiro rascunho do genoma humano, nosso manual de instruções, havia sido concluído.

(*A linguagem de Deus*, Francis S. Collins)

1. Ao dizer que a humanidade "atravessou uma ponte rumo a uma nova era", o autor do texto expressa simultaneamente um conjunto de ideias; entre elas, NÃO está presente a ideia de:

a) superação de obstáculos.

b) progresso da ciência.

c) conhecimento de novos espaços.

d) comunicação com o novo.

e) abandono do passado.

Texto XX

CIÊNCIA E NAVEGAÇÃO

Bento Ribeiro Dantas

A história da humanidade contém sagas de extraordinária beleza, mas nenhuma suplanta a história dos descobrimentos marítimos dos séculos XVI e XVII. Foi uma época em que os homens de coragem e de saber, em busca de conhecimento e riquezas, aventuraram-se por mares e oceanos totalmente desconhecidos. Para isso foram necessários avanços técnicos que transformaram e desenvolveram a ciência da construção naval e dos planos vélicos das embarcações, a arte da cartografia e os métodos de aquisição das informações geográficas essenciais à sua precisão, a navegação pela observação astronômica, os instrumentos e a matemática indispensáveis à sua utilização. Enfim, todos os meios que tornaram possível aos portugueses, e mais tarde aos demais europeus, a descoberta de mais de dois terços da Terra – até aquela época, para eles, incógnitos. A chegada ao Brasil foi fruto desse esforço heróico, que não deixou nada ao acaso.

1. Alguns elementos de um texto se referem a termos anteriormente expressos; o elemento do texto cuja referência a termos anteriores está corretamente identificada é:

a) “ mas *nenhuma* suplanta...” = extraordinária beleza

b) “ Foi *uma época*...” = séculos XV e XVI

c) “ Para *isso*...” = homens de coragem e de saber

d) “ ... essenciais à *sua* precisão,...” = informações geográficas

e) “ ... até aquela época, para *eles*, incógnitos.” = portugueses

Texto XXI

MISTURA PERIGOSA

Revista *Isto É*, 26/09/2007.

Em qualquer idade, o alcoolismo é uma tragédia. Na maioria dos casos, ele destrói o indivíduo, desequilibra a família e traz um custo imenso para a sociedade. Quando atinge pessoas jovens, no entanto, ganha cores ainda mais dramáticas – dá para imaginar, então, quando o álcool se associa à adolescência. Esse é um cenário que se está tornando comum no Brasil: os adolescentes participam de forma cada vez mais expressiva da estatística do alcoolismo no país e já correspondem a 10% da parcela dos brasileiros que bebem muito, somando um total de 3,5 milhões de jovens. Muitos não se preocupam com a dependência nem encaram a bebida como droga. Mas, segundo a Organização Mundial de Saúde, o álcool é a droga mais consumida no mundo, com dois bilhões de usuários.

1. Num texto, vários elementos repetem ou retomam elementos anteriores; a alternativa em que o termo destacado NÃO tem o elemento anterior corretamente identificado é:

a) “ Em qualquer idade, o alcoolismo é uma tragédia. Na maioria dos casos, ele destrói o indivíduo, desequilibra a família e traz um custo imenso para a sociedade.” – o alcoolismo

b) “ Quando atinge pessoas jovens, no entanto, ganha cores ainda mais dramáticas – dá para imaginar, então, quando o álcool se associa à adolescência” – o alcoolismo

c) “ Esse é um cenário que se está tornando comum no Brasil: os adolescentes participam de forma cada vez mais expressiva da estatística do alcoolismo no país” – um cenário

d) “ ... e já correspondem a 10% da parcela dos brasileiros que bebem muito, somando um total de 3,5 milhões de jovens” – 10%

e) “ Muitos não se preocupam com a dependência nem encaram a bebida como droga” – brasileiros

Texto XXII

A VIDA COMO ELA SERÁ

Jerônimo Teixeira

Daqui a mais ou menos 1 bilhão de anos, a Terra não será mais habitável. No limite do seu material combustível, o Sol estará se expandindo. A elevação da temperatura no terceiro planeta do sistema solar tornará inviável a sobrevivência de qualquer criatura. Isso significa que a vida em nosso mundo já ultrapassou a meia-idade. Estamos nós, seres vivos, mais perto do fim que do começo. No tempo que resta, que cara terá a vida sobre a Terra? Que espécies surgirão e quais estarão fadadas a desaparecer na trilha das mudanças evolucionárias? E por quanto tempo ainda viveremos nós, seres humanos, para presenciar essas mudanças?

1. A alternativa em que o termo sublinhado tem seu valor dependente da situação geral de produção do texto é:

a) " Daqui a mais ou menos 1 bilhão de anos."

b) " A elevação da temperatura no terceiro planeta do sistema solar."

c) " Estamos nós, seres vivos..."

d) " E por quanto tempo ainda viveremos nós..."

e) " Isso significa que a vida em nosso mundo..."

2. Se tivéssemos o raciocínio: " A Terra não será mais habitável daqui a 1 bilhão de anos já que o Sol estará se expandindo", o raciocínio apresenta um argumento em que:

a) se troca o efeito pela causa.

b) se troca a causa pela consequência.

c) se apela ao princípio da autoridade.

d) se troca a razão pela intuição.

e) ocorre desvio do assunto.

3. Num texto há muitas palavras anafóricas, ou seja, palavras cuja função é retomar algo que já foi expresso. A alternativa que mostra um termo sublinhado que NÃO é anafórico é:

a) " No limite do seu material combustível, o Sol estará se expandindo."

b) " A elevação da temperatura no terceiro planeta do sistema solar."

c) " Isso significa que a vida em nosso mundo..."

d) " para presenciar essas mudanças?"

e) " Isso significa que a vida em nosso mundo."

Texto XXIII

Tchecov escreveu: " Daqui a duzentos ou trezentos anos, ou mesmo mil anos – não se trata de exatidão – haverá uma vida nova. Nova e feliz. Não tomaremos parte nessa vida, é verdade... Mas é para ela que estamos vivendo hoje. É para ela que trabalhamos e, se bem que a soframos, nós a criamos. É nisso que está o objetivo de nossa existência aqui."

1. Algumas palavras têm sentido dêitico, ou seja, apresentam significado dependente da situação de produção do texto. *Daqui*, por exemplo, tem significado dependente do momento de produção do texto. Assinale o item em que a palavra sublinhada tem valor dêitico:

a) a partir de hoje teremos uma vida nova.

b) os homens nunca irão viver eternamente.

c) a vida na Terra é breve.

d) o futuro sempre está distante.

e) a partir de 1992, o mundo mudou.

2. "Não tomaremos parte **nessa** vida, é verdade…"; o uso do demonstrativo *nessa* se justifica pelo motivo seguinte: emprega-se *esse, essa, esses, essas:*

a) com referência a um termo expresso anteriormente.

b) em referência a um lugar próximo do interlocutor.

c) em relação a um tempo passado, anteriormente definido.

d) em correspondência com um tempo futuro, indeterminado.

e) para indicação de um lugar fictício.

3. Para evitar a repetição do termo *vida*, o autor substituiu-o por:

a) pronomes pessoais e demonstrativos.

b) pronomes pessoais e artigos.

c) artigos e pronomes demonstrativos.

d) pronomes pessoais.

e) pronomes demonstrativos.

Texto XXIV

O Piercing: ser ou não ser

Quando o meu filho Pedro, de 16 anos, falou da vontade de colocar *piercing*, antes de dizer-lhe um sonoro "não", ponderei o fato de meu filho não ser um veículo para que eu coloque em prática o meu projeto de ser humano. Muito pelo contrário: Ele é um ser independente, com projetos próprios e que tem como orientação básica o respeito ao ser humano e a consciência que de o mundo deve ser mais justo, inteligente, diversificado e saboroso. A partir daí, não me preocupa se ele fará drama ou comédia, com argola no nariz ou gravata no pescoço. O importante não será a sua forma, mais sim o seu conteúdo. (...) O adolescente, pelo menos, faz por festa, para treinar a sua rebeldia. Depois, o tempo passa e todas essas bandeiras pelo corpo vão perdendo a importância e para aqueles que só fazem onda, a coisa ficará no passado. Para os autênticos, a rebeldia fica adulta e muda de lugar. Vai pro olhar.

1. O elemento do texto cujo significado é indicado por elementos externos a ele é:

a) " Quando o meu filho Pedro, de 16 anos..."

b) " ... antes de dizer-lhe um sonoro não"

c) " Muito pelo contrário, ele é um ser independente..."

d) " A partir daí, não me preocupa..."

e) " Para treinar a sua rebeldia..."

Texto XXV

Quando eu me desespero, lembro-me de que, por toda a história, a verdade e o amor sempre vencem. Existiram assassinos e

tiranos e, por um tempo, eles pareceram invencíveis. Mas, no fim, eles sempre caíram. Penso nisso, sempre. (Mahatma Gandhi)

1. Em "penso nisso", o pronome "isso" teria como explicitação mais adequada:

a) que a verdade e o amor sempre vencem.

b) que existiram assassinos e tiranos.

c) que assassinos e tiranos parecem invencíveis.

d) que eles caíram.

e) que, apesar de invencíveis, os tiranos sempre caíram.

Gabarito: Texto I – 1. a; 2. b; **Texto II** – 1. c; 2. c; 3. d; **Texto III** – 1. a; **Texto IV** – 1. c; **Texto V** – 1. c; **Texto VI** – 1. a; **Textos VII e VIII** – 1. a; 2. e; **Texto IX** – 1. b; 2. b; **Texto X** – 1. b; **Texto XI** – 1. e; 2. e; 3. d; **Texto XII** – 1. c; **Texto XIII** – 1. d; **Texto XIV** – 1. a; 2. b; **Texto XV** – 1. b; 2. d; 3. c; **Texto XVI** – 1. b; 2. c; **Texto XVII** – 1. b; **Texto XVIII** – 1. b; **Texto XIX** – 1. e; **Texto XX** – 1. b; **Texto XXI** – 1. d; **Texto XXII** – 1. a; 2. a; 3. a; **Texto XXIII** – 1. a; 2. e; 3. d; **Texto XXIV** – 1. a; **Texto XXV** – 1. a.

26 COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

Nas provas de concursos públicos, em média, 30 a 40% são questões de compreensão e interpretação de textos. Geralmente, textos longos, algumas vezes até filosóficos, que demandam técnica e experiência do concurseiro.

Quem nunca teve de ler várias vezes um texto em uma prova, ou se perdeu na leitura? Quem nunca teve a sensação de olhar para um enunciado e nem saber como proceder, por onde começar? Há até casos de quem levou tanto tempo na prova de Língua Portuguesa e acabou por prejudicar completamente as questões de outras disciplinas.

Entender as técnicas de **compreensão e interpretação de textos**, além de ser importante para responder às questões específicas, com técnica e no tempo certo, é fundamental para que você compreenda o enunciado das questões de direito, de matemática, raciocínio lógico, por exemplo. Muitos candidatos, ainda que dominem tais disciplinas, acabam se prejudicando nas provas por não entenderem o que se pede no enunciado. Já pensou, nadar, nadar e morrer na praia? Nem pensar... O que se quer é dominar o conteúdo e saber fazer prova!

Pensando nisso, trouxe um passo a passo para você resolver a prova de Língua Portuguesa, otimizar seu tempo, solucionar as questões com técnica. É claro que sempre devemos considerar as particularidades de cada aluno, mas, de modo geral, existe uma metodologia, sim, para se resolver as questões relativas ao texto. Não se pode apenas "deixar fluir", ou "ver no que vai dar"... O que queremos é que você resolva a prova de Português com assertividade e ganhe tempo também para resolver as provas das outras disciplinas.

Vamos lá?

Oito Dicas de Compreensão e Interpretação de Textos

1. Leia o texto do início ao fim, para saber do que se trata.

2. Resolva primeiramente as questões de gramática. Reserve as de compreensão e intepretação de textos.

3. Leia o texto pela segunda vez. Na segunda leitura, marque em cada parágrafo o que representa a sua ideia central. Na introdução, a ideia central é chamada de tese. Nos parágrafos de desenvolvimento, é o tópico frasal. Na conclusão, a tese volta novamente.

4. Quando encontrar algum trecho que suscite dúvidas no texto, marque-o , faça uma interrogação na margem da folha para chamar sua atenção. Não perca muito tempo com ele. Desapegue-se. Ao longo das questões, "sua ficha vai caindo" e muito provavelmente você entenderá o que não lhe pareceu claro inicialmente.

5. Muita atenção aos enunciados! Muitas vezes o candidato perde uma questão por não entender exatamente o que pede o enunciado. Sempre destaque as palavras-chave do enunciado.

6. Existem dois tipos de questão de interpretação: recorrência (compreensão de textos) e inferência (interpretação de

textos). Na recorrência, você recorre ao texto e encontra a resposta, que não virá exatamente com as mesmas palavras do texto, mas sob a forma de paráfrase.

7. INFERÊNCIA é aquela em que você é levado a inferir, deduzir, concluir algo sobre o que leu, com base em pressupostos textuais.

8. O erro da recorrência e da inferência são as extrapolações: extrapolar é ir além do que diz o texto, normalmente com base em experiência e opiniões próprias.

26.1. COMPREENSÃO DE TEXTOS

Compreender um texto é identificar a ideia central de cada parágrafo. É conseguir resumi-lo. É também identificar o que é principal e o que é secundário, bem como estabelecer a correlação das informações entre si.

Entender um texto é ser capaz de dividi-lo em partes. Todo texto é feito seguindo um esquema lógico de pensamento. Sublinhar o que é mais importante em cada parágrafo e colocar setas, indicando ideias que se repetem e que se relacionam, é essencial para que você domine e compreenda efetivamente o que você está lendo.

Sempre digo que texto que não está sublinhado não é confiável. Após essa leitura "esquemática" do texto, com a identificação de suas ideias centrais, parte-se para a resolução das questões. A modalidade mais comum é a questão de Compreensão de Textos (ou Intelecção ou Recorrência), em que o candidato é convidado pela banca a localizar informações que estão lá no texto.

Você deve estar se perguntando... Se estão lá, por que eu não as encontro??? Bem, muitas vezes o candidato tem dificuldade de responder a esse tipo de questão, porque não entendeu muito bem o texto, não consegue encontrar as informações lá.

Ao responder a uma questão de recorrência, você deve estar apto a identificar a paráfrase. Paráfrase é o mesmo que reescritura. Isso porque a resposta que você vai marcar não estará lá no texto com as mesmas palavras com que está na alternativa. Parafrasear é dizer o mesmo que se disse, só que com outras palavras...

Um outro problema muito comum é que o candidato acaba querendo interagir com o texto, responder às questões com base em suas experiências pessoais... Costumo dizer que, nessa hora, tem-se que ter frieza mesmo, esquecer o que se pensa, suas convicções...

Selecionei uma bateria de questões de recorrência, de variadas bancas de concursos públicos, para que você treine bastante o reconhecimento de paráfrases!

Antes, quero ensinar direitinho como deve ser seu raciocínio, diante de cada alternativa da questão. Vou, então, comentar algumas questões para você depois resolver as outras sozinho!

Vamos lá?

RECORRÊNCIA Texto – Democracia refém (José Roberto de Toledo)

Desde 2008, o Ibope pergunta à população em idade de votar quão satisfeita ela está com o funcionamento da democracia no Brasil. Os resultados nunca foram brilhantes ainda menos se comparados com países latino-americanos como Uruguai e Argentina, mas jamais haviam sido tão chocantes quanto agora. Só 15% dos brasileiros se dizem "satisfeitos" (14%) ou "muito satisfeitos" (1%) com o jeito que o regime democrático funciona no país. (*Estado de S. Paulo*, 04/09/2015)

1. (Codemig – Analista de Desenvolvimento Econômico – FGV – 2015) O jornalista autor do texto 2 informa que os resultados da pesquisa foram muito chocantes, isso porque:

a) deixaram de ser brilhantes pela primeira vez;

b) mostraram concentração de respostas positivas;

c) indicaram reprovação do governo;

d) apontavam mais de 80% de reprovação;

e) destacaram insatisfação da população.

Como saber que essa questão é de recorrência?

Ao dizer "O autor do texto informa", tem-se a indicação de um enunciado de recorrência. É como se a banca estivesse batendo no seu ombro e dizendo assim: vá ao texto e localize o trecho em que o jornalista autor fale que os resultados da pesquisa foram muito chocantes e depois ache o porquê dessa informação.

O porquê deve vir logo depois da informação. O "porquê" que a banca pede está nos arredores, no contexto. Depois de localizar tal informação e ler o que vem ao redor dela, você irá voltar às alternativas e procurar aquela que seja a sua paráfrase, a sua reescritura, entende?

No texto, diz-se "os resultados da pesquisa jamais haviam sido tão chocantes quanto agora". Localizou a informação? Pois bem. O porquê vem logo depois disso. Continue lendo. Há um momento em que se diz "Só 15% dos brasileiros se dizem satisfeitos…". Esse é o porquê!

Então, primeiro ele afirma que os resultados nunca haviam sido tão chocantes quanto agora, e logo depois ele explica: só 15% dos brasileiros… Pronto, achamos o porquê!

Por fim, você vai voltar às assertivas que a banca oferece e vai buscar aquela que mais bem reescreva o que você acabou de ler.

A resposta é letra D ("apontavam mais de 80% de reprovação"). Isso é o mesmo que se dizer que "só 15% se dizem satisfeitos ou muito satisfeitos". A letra D é paráfrase do que você acabou de ler no texto, entendeu?

A letra A diz assim: "deixaram de ser brilhantes pela primeira vez", foi isso que você acabou de ler no texto? Vou repetir, a banca quer saber por que o autor disse que os resultados nunca foram tão chocantes quanto agora. Não, o autor não disse que foi "pela primeira vez", ele disse que "nunca foram tão chocantes quanto agora", mas não disse

“pela primeira vez”. Os resultados já podem ter sido pouco brilhantes, só que agora foram mais chocantes, entende?

Na letra B, diz-se que os resultados mostraram concentração de respostas positivas. O texto diz isso? Não, pelo contrário, 80% de reprovação. A letra “B” contradiz o texto.

Quanto à letra C, diz-se que os resultados indicam reprovação do governo? De fato, a maioria reprova, mas a letra C está generalizando excessivamente; a letra C é uma generalização excessiva; quando ela diz “indicaram reprovação do governo”, está-se generalizando, dizendo que todos reprovaram. Não, mais de 80% reprovaram, mas não foram todos que reprovaram. Portanto, a letra C vai além, extrapola o resultado da pesquisa.

Na letra E, fala-se que os resultados “destacaram insatisfação da população”. Não, eles não destacaram insatisfação, eles vieram falar daqueles que estão satisfeitos, que realmente são poucos! Mas não se pode afirmar “insatisfação” da população, pois, ao se falar assim, está-se também generalizando excessivamente. Você entendeu a diferença entre D e E? A letra D é a que mais bem reescreve o que veio logo depois da frase do enunciado, a letra E extrapola.

Você entendeu como se deve resolver uma questão de recorrência? Você tem que ir à frase do enunciado, depois localizá-la no texto, então olhar os arredores da informação (contexto) e marcar a alternativa que mais bem reescreva o que você acabou de ler, está bem?

É cruel, eu sei, porque dá vontade de marcar outra, mas você tem que se ater ao que está no texto, é assim que se resolve uma questão de recorrência. Tenha sempre cuidado com as extrapolações (ir além do texto), contradições (dizer o contrário do que diz o texto) e as generalizações excessivas (tomar algo que é particular e ampliar excessivamente).

Texto – A conquista do Brasil

Por gerações, o brasileiro se acostumou a ver o seu país, sua história e sua cultura como exemplos de paz e confraternização sem paralelo entre as nações. A imagem do brasileiro como um povo cordial que aceita melhor a miscigenação e é mais tolerante com as diferenças sociais e políticas, num país conciliador, que não se envolve em guerras e se mantém neutro diante de conflitos, se sobrepõe como traço cultural, sem grandes traumas nem contestações.

Os brasileiros se orgulham de pensar que o Brasil não precisou de uma guerra como a que separou os Estados Unidos da Inglaterra, nem passou por conflitos internos sangrentos como a Secessão. Manteve-se afastado das conflagrações, a começar pelas duas guerras mundiais que marcaram a primeira metade do século XX – na segunda delas, meio pró-forma, enviou expedicionários à Itália, numa fase em que o conflito já se encaminhava para o fim. O país manteve-se neutro na maioria dos grandes conflitos passados, recentes e contemporâneos.

E saiu pacificamente de uma ditadura militar de 21 anos, em 1985, com o restabelecimento do governo civil e, depois, da democracia. Ao construir um modelo de concórdia, que combina com a fachada do povo pobre, mas alegre, que se expressa pelo carnaval, o samba e o futebol, o Brasil esqueceu muita coisa. Foi o último país do mundo a abolir a escravidão, em 13 de maio de 1888. Um dos seus maiores heróis nacionais, Tiradentes, foi esquartejado. O Brasil dizimou a população masculina de um país vizinho na Guerra do Paraguai. Deixou uma esteira de mortos nos porões do

regime militar, que pela via do golpe havia derrubado em 1964 o presidente João Goulart.

Aliviaram-se tensões sociais latentes e sepultou-se o passado beligerante sobre o qual foi construída uma nação homogênea, mesmo em meio a tanta diversidade. O Brasil acomodou-se à versão oficial de sua história, em que foram escondidas as rupturas, as questões sociais e os fatos que não interessam tanto a sua autoimagem dentro do mundo civilizado. (Thales Guaracy)

2. **(Prefeitura de Cuiabá – Nutricionista – FGV – 2015)** Em certa passagem do texto, o autor diz que "o Brasil esqueceu muita coisa". Segundo o texto, essa "muita coisa" que nosso país esqueceu

a) demonstra a ignorância da população em relação ao seu passado histórico.

b) indica razões que se contrapõem à imagem de "país cordial".

c) mostra a semelhança entre nossa história e a dos países vizinhos.

d) ironiza a atitude intelectual de nossos historiadores.

e) comprova uma diferença entre a visão oficial e a visão dos historiadores.

A banca diz "em certa passagem do texto o autor diz…" Pronto! Questão de recorrência.

Como agir? Você não vai ficar lendo as opções que a banca dá, não (a, b, c, d, e), senão você vai se apaixonar por todas… Você vai fazer exatamente como eu fiz na questão anterior. Primeiro, você vai localizar esse trecho no texto, ler os arredores (contexto), e depois, sim, aí você vai ler cada uma das cinco alternativas e vai buscar a que mais bem reescreva o que você leu no texto.

Bom, no texto, diz-se "o Brasil esqueceu muita coisa" e a banca quer saber o que que quer dizer esse "muita coisa'', então isso esta lá no penúltimo paragrafo, vamos lá!

Lá, ao ler o contexto, o autor diz : Ao construir um modelo de concórdia, que combina com a fachada do povo pobre, mas alegre, que se expressa pelo carnaval, o samba e o futebol, o Brasil esqueceu muita coisa". Pronto! Perceba que antes desse trecho, estava-se falando de coisas positivas do Brasil, e que agora só vai se falar do negativo. Continue lendo… Porque o que você vai ler agora é o que você vai marcar como resposta.

É a reescritura do que vem depois desse trecho que será a resposta. Você entendeu como é que você vai agir na hora da questão? Você vai continuar lendo. Perceba que, na sequência, você vai ler: "…Foi o último país do mundo a abolir a escravidão, um dos seus maiores heróis nacionais Tiradentes foi esquartejado, o Brasil dizimou uma população masculina de um país vizinho…" Entendeu? Pois bem!

Agora você vai buscar a alternativa que mais bem reescreva o que você acabou de ler. A resposta é letra B. Por que que a resposta é a letra B? Porque a letra B reescreve o que veio no contexto. A letra B, olha que perfeição, ela reescreve o que veio antes e o depois, indica razões que se contrapõem à imagem de país cordial. Por que se contrapõe? Você acabou de ler, esse muita coisa é o quê? É tudo de ruim que o Brasil fez, quer dizer, Tiradentes foi esquartejado, dizimou a população… A letra B é a paráfrase do que você acabou de ler, entendeu?

Vamos ver as outras opções?

A letra A fala em "ignorância da população em relação ao seu passado histórico". Quem marcou letra A pensou mais ou menos assim, "ah realmente esse povo é muito ignorante, não sabe do seu passado…". Trata-se de uma extrapolação.

Na letra C, menciona-se uma "semelhança entre nossa história e os países vizinhos". O autor não veio falar isso, ele veio contrapor aspectos positivos e negativos da imagem do brasileiro. A letra C extrapola.

Quanto à letra D, fala-se em ironia à atitude intelectual dos historiadores. O texto tem esse objetivo? Volte ao texto, releia aquele trecho que indiquei, se necessário, e você verá que temos aqui mais uma extrapolação.

Na letra E, diz-se "…Comprova uma diferença entre uma visão oficial e a visão dos historiadores…". Não, realmente há uma diferença entre duas visões, mas a visão oficial do texto é a visão dos historiadores… Fala-se da mesma coisa duas vezes!

26.2. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

Leia o texto a seguir para responder à questão 1.

Abraçando árvore

Não era uma felicidade eufórica, estava mais pra uma brisa de contentamento, como se eu bebesse vinho branco à beira-mar.

Eu tinha acordado cedo naquela sexta – e acordar cedo sempre me predispõe à felicidade. O trabalho havia rendido bem e, antes do fim da manhã, já tinha acabado de escrever tudo o que me propusera para o dia. À uma, fui almoçar com o meu editor. Ele estava com alguns capítulos do meu livro novo desde dezembro e eu temia que não tivesse gostado. Gostou. Comemos um peixe na brasa – peixe e brasa também costumam me predispor à felicidade – e como era sexta-feira, e como somos amigos, e como comemorávamos essa pequena alegria que é uma parceria funcionar, brindamos com vinho branco – não à beira-mar, mas à beira do Cemitério da Consolação, que pode não ter a grandeza de um Atlântico, mas também tem lá os seus pacíficos encantos.

Saí andando meio emocionado, meio sem rumo pela tarde ensolarada e quando vi estava em frente à paineira da Biblioteca Mario de Andrade. É uma árvore gigante, que provavelmente já estava ali antes do Mario de Andrade nascer, continuou ali depois de ele morrer e continuará ali depois que todos os 18 milhões de habitantes que hoje perambulam pela cidade de São Paulo estiverem abaixo de suas raízes. Talvez tenha sido o assombro com essa longevidade, talvez acordar cedo, talvez os elogios ao livro, e o vinho certamente colaborou: fato é que senti uma súbita vontade de abraçar aquela árvore.

Acho importante deixar claro, inclemente leitor, que não sou do tipo que abraça árvore. Na verdade, sou do tipo que faz piada com quem abraça árvore. Se me contassem, até a última sexta, que algum amigo meu foi visto abraçando uma paineira na rua da Consolação eu diria, sem pestanejar: enlouqueceu. Mas...

Olhei prum lado. Olhei pro outro. Tomei coragem e foi só sentir o rosto tocar o tronco para ouvir: "Antonio?!". Era meu editor. Foram dois segundos de desespero durante os quais contemplei o distrato do livro, a infâmia pública, o alcoolismo e a mendicância, mas só dois segundos, pois meu inconsciente, consciente do perigo, me lançou a ideia salvadora. "Uma braçada", disse eu, girando pra esquerda e envolvendo a árvore novamente, "duas braçadas e... três". Então encarei, seguro, meu possível verdugo: "Três braçadas dá o quê? Uns cinco metros de perímetro? Tava medindo pra descrever, no livro. Tem uma parte mais no

fim em que essa paineira é importante".

Colou. Nos despedimos. Ele foi embora prum lado, a minha felicidade pro outro e agora estou aqui, já noite alta desta sexta-feira, tentando enfiar a todo custo um tronco de quase dois metros de diâmetro num livro em que, até então, não havia nem uma samambaia.

(Adaptado de: PRATA, Antonio. Disponível em: www.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/2016/01/1730364-abracando-arvore.shtml. Acesso em: 18.01.2016.)

1. (TRF3 – Técnico Judiciário – FCC – Abril/2016)

Para o autor, o ato de abraçar a paineira representou

a) a possibilidade de acelerar a conclusão de seu novo livro, já que a árvore era o elemento que faltava para enriquecer sua história.

b) o transbordamento de um estado de exaltação em face da beleza natural que contrastava com o aspecto deprimente da cidade de São Paulo.

c) a expressão de um sentimento aprazível, que dá lugar à frustração e ao constrangimento após ser flagrado por seu editor.

d) o desfecho infeliz de uma manhã de projetos bem-sucedidos, em razão do qual seu trabalho se viu malogrado de modo irreversível.

e) a demonstração de seu amor pela cidade de São Paulo, a qual, por ser cosmopolita, serve de ambientação a seu novo livro.

Leia o texto a seguir para responder à questão 2.

Cidades inteligentes, até demais

O conceito de "cidade inteligente" se popularizou como estratégia de solução e gerenciamento de problemas urbanos. Diz respeito à confluência de informação que circula em grandes cidades e ao uso da tecnologia para automatizar a gestão de setores urbanos, desde bases de dados de saúde e educação públicas, por exemplo, até os dados pessoais que circulam em redes sociais e aplicativos móveis. O advogado Cristiano Therrien, pesquisador em Direito da Tecnologia na Universidade de Montreal, no Canadá, conversou com o **Observatório da Privacidade e Vigilância** sobre o tema.

Observatório da Privacidade e Vigilância: O que é uma cidade inteligente?

Cristiano Therrien: Cidades inteligentes, cidades conectadas, cibercidades, cidades responsivas, são muitas as nomenclaturas usadas para destacar a dimensão informativa da cidade. Quando usamos essa terminologia, falamos da cidade enquanto um espaço de fluxos. A maioria das tecnologias necessárias para as cidades inteligentes já são viáveis economicamente em todo o mundo – fácil acessibilidade da computação em nuvem, dispositivos baratos de internet, sistemas de TI cada vez mais flexíveis. As duas cidades mais destacadas nos estudos de cidades inteligentes são Londres e Barcelona. Há experiências importantes em cidades brasileiras também.

OPV: A ideia de cidade inteligente sempre aparece relacionada à abertura de bases de dados por parte dos órgãos públicos. Você pode falar sobre isso?

CT: Encontramos muitas experiências diferentes em andamento nas cidades: uma parte prioriza a transparência como meio de prestação de contas e responsabilidade política frente à sociedade civil, como a ideia de governo aberto; outra parte prioriza a participação popular através da interatividade, bem como a cooperação técnica para o reúso de dados abertos por entidades e

empresas.

Mas, se pensarmos na alternativa de projetos de cidades inteligentes que não envolvam políticas públicas de dados abertos, que não prestem conta detalhada de suas atividades, ao mesmo tempo em que disponham dos sofisticados sistemas para o gerenciamento de dados de cidadãos em larga escala, encontraremos condições para o surgimento de um estado de vigilância e controle, pondo em risco as liberdades individuais.

Em nome da eficiência administrativa, podem-se armazenar, por exemplo, enormes massas de dados de mobilidade urbana (placas e identificação por radiofrequência em veículos, passes e GPS em ônibus), cujos bancos de dados podem ou não intencionalmente identificar seus usuários. Dados de mobilidade são de grande utilidade pública e podem ser " anonimizados" (ter os seus identificadores pessoais eliminados) e abertos. Contudo, existem estudos que apontam que bastariam meros quatro pontos de dados para identificar os movimentos de uma pessoa na cidade.

(Adaptado de: "Observatório da Privacidade e Vigilância". Disponível em: www.cartacapital.com.br/sociedade/cidadesinteligentes-atedemais. Acesso em: 18.01.2016.)

2. (TRF3 – Técnico Judiciário – FCC – Abril/2016)

O conceito de " cidade inteligente" envolve, entre outros,

a) a ideia de governança transparente, que equivale ao tratamento consensual dado a questões de ordem pública.

b) a solução de problemas públicos, por meio da contratação de consórcios privados ofertados em ambiente virtual.

c) o registro e a circulação de dados informatizados, visando ao atendimento de demandas da administração pública.

d) o rastreamento de indivíduos, promovido por empresas especializadas em prevenir a violência em meios digitalizados.

e) a eficiência administrativa, obtida pela criação de aplicativos móveis que priorizem a troca de dados pessoais.

Leia o texto a seguir para responder à questão 3.

Bem no fundo

no fundo, no fundo,

bem lá no fundo,

a gente gostaria

de ver nossos problemas

resolvidos por decreto

a partir desta data,

aquela mágoa sem remédio

é considerada nula

e sobre ela – silêncio perpétuo

extinto por lei todo o remorso,

maldito seja quem olhar pra trás,

Lá pra trás não há nada,

e nada mais

mas problemas não se resolvem,

problemas têm família grande,

e aos domingos saem todos passear

o problema, sua senhora

e outros pequenos probleminhas.

(LEMINSKI, Paulo. *Poesia contemporânea*. Instituto Cultural Itaú. São Paulo: ICI, 1997, p. 61. [Cadernos Poesia Brasileira; v. 4])

3. (TRF3 – Técnico Judiciário – FCC – Abril/2016)

Para o poeta,

a) problemas coletivos só vão se resolver com a cooperação dos indivíduos.

b) problemas familiares tornam-se insolúveis se destituídos da mediação das leis.

c) problemas pessoais se agravam quando sua resolução não é imediata.

d) problemas estruturais não se resolvem por meio de regulamentações.

e) problemas sociais não podem ser resolvidos senão com a intervenção do governo.

Leia o texto a seguir para responder à questão 4.

O museu é considerado um instrumento de neutralização – e talvez o seja de fato. Os objetos que nele se encontram reunidos trazem o testemunho de disputas sociais, de conflitos políticos e religiosos. Muitas obras antigas celebram vitórias militares e conquistas: a maior parte presta homenagem às potências dominantes, suas financiadoras. As obras modernas são, mais genericamente, animadas pelo espírito crítico: elas protestam contra os fatos da realidade, os poderes, o estado das coisas. O museu reúne todas essas manifestações de sentido oposto. Expõe tudo junto em nome de um valor que se presume partilhado por elas: a qualidade artística. Suas diferenças funcionais, suas divergências políticas são apagadas. A violência de que participavam, ou que combatiam, é esquecida. O museu parece assim desempenhar um papel de pacificação social. A guerra das imagens extingue-se na pacificação dos museus.

Todos os objetos reunidos ali têm como princípio o fato de terem sido retirados de seu contexto. Desde então, dois pontos de vista concorrentes são possíveis. De acordo com o primeiro, o museu é por excelência o lugar de advento da Arte enquanto tal, separada de seus pretextos, libertada de suas sujeições. Para o segundo, e pela mesma razão, é um " depósito de despojos". Por um lado, o museu facilita o acesso das obras a um status estético que as exalta. Por outro, as reduz a um destino igualmente estético, mas, desta vez, concebido como um estado letárgico.

A colocação em museu foi descrita e denunciada frequentemente como uma desvitalização do simbólico, e a musealização progressiva dos objetos de uso como outros tantos escândalos sucessivos. Ainda seria preciso perguntar sobre a razão do " escândalo". Para que haja escândalo, é necessário que tenha havido atentado ao sagrado. Diante de cada crítica escandalizada dirigida ao museu, seria interessante desvendar que valor foi previamente sacralizado. A Religião? A Arte? A singularidade absoluta da obra? A Revolta? A Vida autêntica? A integridade do Contexto original? Estranha inversão de perspectiva. Porque, simultaneamente, a crítica mais comum contra o museu apresenta-o como sendo, ele próprio, um órgão de sacralização. O

museu, por retirar as obras de sua origem, é realmente " o lugar simbólico onde o trabalho de abstração assume seu caráter mais violento e mais ultrajante". Porém, esse trabalho de abstração e esse efeito de alienação operam em toda parte. É a ação do tempo, conjugada com nossa ilusão da presença mantida e da arte conservada.

(Adaptado de: GALARD, Jean. *Beleza Exorbitante*. São Paulo, Fap.-Unifesp, 2012, p. 68-71)

4. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

De acordo com o texto,

a) o museu, enquanto depósito de despojos, confere destaque às características estéticas das obras, uma vez que apaga seu contexto social de produção.

b) o caráter antagônico dos museus pode ser expresso por dois pontos de vista: o da neutralização das obras modernas e o da evidenciação das lutas políticas nas obras antigas.

c) a crítica ao museu como um lugar que desmistifica a arte traz em seu bojo uma contradição, pois as acusações mais comuns lhe imputavam o mais das vezes a sacralização das obras.

d) o contexto original das obras, restaurado pelos museus, não oblitera as razões sociopolíticas que as engendraram, o que costuma ser motivo de crítica a essas instituições.

e) a junção das mais diversas obras de arte evidencia os conflitos políticos que as motivaram e que opõem diferentes matrizes estéticas, de modo que a função pacificadora dos museus pode ser questionada.

Leia o texto a seguir para responder à questão 5.

Platão argumenta que o tempo (*chrónos*) " é a imagem móvel da eternidade (*aión*) movida segundo o número" (**Timeu**, 37d). Partindo do dualismo entre mundo inteligível e mundo sensível, Platão concebe o tempo como uma aparência mutável e perecível de uma essência imutável e imperecível – eternidade. Enquanto que o tempo (*chrónos*) é a esfera tangível móbil, a eternidade (*aión*) é a esfera intangível imóbil. Sendo uma ordem mensurável em movimento, o tempo está em permanente alteridade. O seu domínio é caracterizado pelo devir contínuo dos fenômenos em ininterrupta mudança.

Posto que o tempo (*chrónos*) é uma imagem, ele não passa de uma imitação (*mímesis*) da eternidade (*aión*). Ou seja, o tempo é uma cópia imperfeita de um modelo perfeito – eternidade. Isso significa que o tempo é uma mera sombra da eternidade. Considerando que somente a região imaterial das formas puras existe em si e por si, podemos dizer que o tempo platônico é uma ilusão. Ele é real apenas na medida em que participa do ser da eternidade.

(DIVINO, Rafael. Sobre O tempo em Platão e Aristóteles, de R. Brague. Disponível em: https://serurbano.wordpress.com/ 2010/02/26/tempo-em-platao/. Acessado em: 28.12.2015)

5. (SEDU-ES – Professor B – FCC – Jan./2016)

De acordo com o texto,

a) o tempo, na visão platônica, não existe senão no mundo das ideias, pois a realidade é na verdade marcada pela ausência de mudanças, por mais que as aparências insistam em indicar o contrário.

b) tempo e eternidade, segundo Platão, são ambos ilusórios, já que o tempo apenas imita a eternidade, ao passo que esta não pode ter sua existência comprovada pelos sentidos.

c) as transformações vistas por nós ao longo do tempo, de acordo com Platão, participam do mundo sensível e, desse modo, são apenas reflexo da eternidade que caracteriza o mundo inteligível.

d) o dualismo platônico leva o filósofo grego ao estabelecimento de uma separação estanque entre o tempo, que conhecemos por meio dos sentidos, e o devir, que só é alcançado pelas ideias.

e) os fenômenos do mundo sensível e os modelos do mundo inteligível, segundo Platão, sofrem a ação do tempo, mas a constatação dessas pequenas mudanças não pode se dar em prejuízo do reconhecimento da preeminência da eternidade.

Leia o texto a seguir para responder à questão 6.

O revolucionário projeto de viagem interestelar apoiado por Stephen Hawking para tentar "salvar a humanidade"

Um programa de pesquisa de US$ 100 milhões (cerca de R$ 350 milhões) para o desenvolvimento de " naves estelares" do tamanho de pequenos *chips* eletrônicos foi lançado pelo milionário Yuri Milner e apoiado pelo fundador do Facebook, Mark Zuckerberg.

A viagem interestelar tem sido um sonho para muitos, mas ainda enfrenta barreiras tecnológicas. Entretanto, o físico Stephen Hawking disse à BBC News que a fantasia pode ser realizada mais cedo do que se pensa. " Para que nossa espécie sobreviva, precisamos finalmente alcançar as estrelas", disse. " Os astrônomos acreditam que haja uma chance razoável de termos um planeta parecido com a Terra orbitando estrelas no sistema Alfa Centauri. Mas saberemos mais nas próximas duas décadas por intermédio de dados dos nossos telescópios na Terra e no espaço."

O projeto apoiado pelo físico ambiciona produzir aeronaves do tamanho de um chip usado em equipamentos eletrônicos e lançar milhares dessas " mininaves" na órbita da Terra. Mas antes de projetar naves espaciais capazes de chegar a outras estrelas, há muitos problemas a serem superados. Uma prioridade é desenvolver câmeras, instrumentos e sensores em miniatura.

Stephen Hawking acredita que o que antes era um sonho distante pode e deve se tornar uma realidade dentro de três décadas. " Não é sábio manter todos os novos ovos em uma cesta frágil", disse ele. " A vida na Terra enfrenta perigos astronômicos como asteroides e supernovas."

(Adaptado de: GHOSH, Pallab. O revolucionário projeto de viagem interestelar apoiado por Stephen Hawking para tentar "salvar a humanidade". Disponível em: www.bbc.com/portuguese/ noticias/2016/04/160412 _interestelar_np)

6. (Copergás/PE – Téc. Seg. Trabalho – FCC – Jul./2016)

Uma afirmativa condizente com as informações do texto é:

a) Nas próximas décadas, um projeto milionário deverá construir espaçonaves capazes de transportar humanos a estrelas do sistema Alfa Centauri.

b) Naves de tamanho muito pequeno foram produzidas por pesquisadores financiados pelo milionário Yuri Milner e por Mark Zuckerberg.

c) O projeto apoiado por Stephen Hawking tem o objetivo de evitar que asteroides se choquem com a Terra nos próximos vinte anos.

d) O físico Stephen Hawking lidera pesquisadores na confecção de *chips* que serão inseridos em pequenos telescópios na Terra e no espaço.

e) Ainda existem muitos obstáculos a serem vencidos até que seja possível concretizar o projeto de lançar as pequenas naves ao

espaço.

Leia o texto a seguir para responder à questão 7.

Paraíso achado

Durante muito tempo, apenas a olhava de longe, sem outra pretensão que apenas apreciá-la. Até que um dia, num passeio demonstrativo de canoagem, o mar estava agitado e nos obrigou a ancorar naquela praia pequena e deserta, de onde avistávamos a cidade do outro lado do canal do estuário. Tão pequena, que nos deixava ouvir claramente cada onda se desmanchar ao tocar a areia. Tão simples, que abrigava poucas construções.

Passei a manhã e a tarde naquele paraíso recém-descoberto e vaguei pelas ruelas, visitando um novo mundo.

Desde então, penso naquele refúgio com carinho especial e o visito sempre que posso, para sorver seu silêncio, a areia fofa, os cães sem nome, os moradores e seus afazeres. A pele vai ficando escura; os pensamentos, claros.

(MARTINS, Madô. Paraíso achado. In: Rubem – *Revista da Crônica* – Notícias, entrevistas, resenhas e textos feitos ao rés-do-chão. Disponível em: https://rubem.wordpress.com/2016/04/08/paraiso-achado-mado-martins)

7. (Copergás/PE – Téc. Seg. Trabalho – FCC – Jul./2016)

Com a expressão *"novo mundo"* (2º parágrafo), a autora

a) caracteriza a praia na qual ancorou forçosamente como um lugar protegido contra os males da civilização.

b) descreve um cenário paradisíaco, criado por sua imaginação enquanto permanece no canal do estuário de sua cidade.

c) representa um lugar selvagem e inabitado próximo à cidade em que mora, aonde vai descansar quando possível.

d) apresenta a ilha que visitou por ocasião de um passeio de canoagem muito tranquilo nas proximidades de sua cidade.

e) retrata um refúgio de calmaria e belezas naturais que encontrou para pernoitar durante uma viagem de navio.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 8 e 9.

Inquilinos

Ninguém é responsável pelo funcionamento do mundo. Nenhum de nós precisa acordar cedo para acender as caldeiras e checar se a Terra está girando em torno de seu próprio eixo na velocidade apropriada e em torno do Sol, de modo a garantir a correta sucessão das estações. Como num prédio bem administrado, os serviços básicos do planeta são providenciados sem que se enxergue o síndico – e sem taxa de administração. Imagine se coubesse à humanidade, com sua conhecida tendência ao desleixo e à improvisação, manter a Terra na sua órbita e nos seus horários, ou se – coroando o mais delirante dos sonhos liberais – sua gerência fosse entregue a uma empresa privada, com poderes para remanejar os ventos e suprimir correntes marítimas, encurtar ou alongar dias e noites, e até mudar de galáxia, conforme as conveniências do mercado, e ainda por cima sujeita a decisões catastróficas, fraudes e falência.

É verdade que, mesmo sob o atual regime impessoal, o mundo apresenta falhas na distribuição dos seus benefícios, favorecendo alguns andares do prédio metafórico e martirizando outros, tudo devido ao que só pode ser chamado de incompetência administrativa. Mas a responsabilidade não é nossa. A infraestrutura já estava pronta quando nós chegamos.

(Adaptado de: VERISSIMO, Luis Fernando. *O mundo é bárbaro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008, p. 19)

8. (Eletrobras/Eletrosul – Adm. Empres. – FCC – Jun./2016)

Para bem comparar o funcionamento do mundo à boa administração de um prédio, o autor do texto se vale do fato de que, em ambos os casos,

a) as necessidades humanas imprimem a tudo as leis do mercado, a fim de evitar nossas falhas pessoais.

b) a distribuição e a qualidade dos serviços costumam ser justas, salvo em casos excepcionais.

c) a presença de um síndico só se faz sentir de modo positivo quando se trata de prevenir catástrofes.

d) a infraestrutura se acomoda às necessidades dos usuários, não cabendo falar em incompetência administrativa.

e) os serviços se oferecem com certa naturalidade, sem que se perceba a presença de um responsável.

9. (Eletrobras/Eletrosul – Adm. Empres. – FCC – Jun./2016)

Atente para as seguintes afirmações:

I. O autor mostra-se descrente quanto à competência dos homens para administrar o funcionamento do mundo, tal como acusa o segmento *mesmo sob o atual regime impessoal*.

II. As expressões *gerência* (...) *entregue a uma empresa privada* e *conveniências do mercado* ajudam a ilustrar o que entende o autor por *sonhos liberais*.

III. Ao dizer que a *infraestrutura já estava pronta quando nós chegamos*, o autor exime a humanidade de responder pelo que seriam as falhas de funcionamento do mundo natural.

Em relação ao texto, está correto o que se afirma em

a) I, II e III.

b) I e II, apenas.

c) I e III, apenas.

d) II e III, apenas.

e) II, apenas.

Leia o texto a seguir para responder às questões de 10 – 12.

Texto I

Naquele novo apartamento da rua Visconde de Pirajá pela primeira vez teria um escritório para trabalhar. Não era um cômodo muito grande, mas dava para armar ali a minha tenda de reflexões e leitura: uma escrivaninha, um sofá e os livros. Na parede da esquerda ficaria a grande e sonhada estante onde caberiam todos os meus livros. Tratei de encomendá-la a seu Joaquim, um marceneiro que tinha oficina na rua Garcia D' Ávila com Barão da Torre.

O apartamento não ficava tão perto da oficina. Era quase em frente ao prédio onde morava Mário Pedrosa, entre a Farme de Amoedo e a antiga Montenegro, hoje Vinicius de Moraes. Estava ali havia uma semana e nem decorara ainda o número do prédio. Tanto que, quando seu Joaquim, ao preencher a nota de encomenda, perguntou-me onde seria entregue a estante, tive um momento de hesitação. Mas foi só um momento. Pensei rápido: " Se o prédio do Mário é 228, o meu, que fica quase em frente, deve ser 227". Mas lembrei-me de que, ao ir ali pela primeira vez, observara que, apesar de ficar em frente ao do Mário, havia uma diferença na numeração.

– Visconde de Pirajá, 127 – respondi, e seu Joaquim desenhou o endereço na nota.

– Tudo bem, seu Ferreira. Dentro de um mês estará lá sua estante.

– Um mês, seu Joaquim! Tudo isso? Veja se reduz esse prazo.

– A estante é grande, dá muito trabalho... Digamos, três semanas.

Ferreira Gullar. A estante. In: *A estranha vida banal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989 (com adaptações).

(INSS – Técnico Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

No que se refere aos sentidos do **texto I**, julgue os próximos itens.

10. O trecho "dá muito trabalho" (l. 16) constitui uma referência de seu Joaquim à confecção da estante, tarefa que, segundo ele, seria trabalhosa.

11. De acordo com as informações do texto, Vinicius de Moraes passou a morar no apartamento onde antes residia Mário Pedrosa.

12. O "momento de hesitação" (l. 9) vivido pelo narrador deveu-se ao medo de informar o endereço a um desconhecido.

Leia o texto a seguir para responder à questão 13.

Levantou-se da cama o pobre namorado sem ter conseguido dormir. Vinha nascendo o Sol.

Quis ler os jornais e pediu-os.

Já os ia pondo de lado, por haver acabado de ler, quando repentinamente viu seu nome impresso no **Jornal do Comércio**.

Era um artigo *a pedido* com o título de **Uma Obra-Prima**.

Dizia o artigo:

Temos o prazer de anunciar ao país o próximo aparecimento de uma excelente comédia, estreia de um jovem literato fluminense, de nome Antônio Carlos de Oliveira.

Este robusto talento, por muito tempo incógnito, vai enfim entrar nos mares da publicidade, e para isso procurou logo ensaiar-se em uma obra de certo vulto.

Consta-nos que o autor, solicitado por seus numerosos amigos, leu há dias a comédia em casa do Sr. Dr. Estêvão Soares, diante de um luzido auditório, que aplaudiu muito e profetizou no Sr. Oliveira um futuro Shakespeare.

O Sr. Dr. Estêvão Soares levou a sua amabilidade ao ponto de pedir a comédia para ler segunda vez, e ontem ao encontrar-se na rua com o Sr. Oliveira, de tal entusiasmo vinha possuído que o abraçou estreitamente, com grande pasmo dos numerosos transeuntes.

Da parte de um juiz tão competente em matérias literárias este ato é honroso para o Sr. Oliveira.

Estamos ansiosos por ler a peça do Sr. Oliveira, e ficamos certos de que ela fará a fortuna de qualquer teatro.

O amigo das letras.

Machado de Assis. A mulher de preto. In: *Contos fluminenses*. São Paulo: Globo, 1997 (com adaptações).

13. (INSS – Analista Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

No que se refere aos sentidos e às características tipológicas do texto, julgue o item que se segue.

No texto, a palavra " fortuna" (l. 18) pode ser interpretada tanto como **sucesso** quanto como **riqueza**.

Leia o texto a seguir para responder à questão 14.

Texto II

Os lixões são depósitos sem qualquer controle, fontes de enormes impactos ambientais, causadores de contaminações – como, por exemplo, contaminações do solo, dos lençóis freáticos, das fontes de água – e lugares responsáveis pela proliferação de insetos transmissores de inúmeras doenças. São, portanto, um perigo constante à saúde e à qualidade de vida de todos. Os lixões deverão dar lugar a aterros sanitários, que, se não representam uma solução perfeita, ao menos são locais mais adequados para o depósito dos rejeitos, uma vez que evitam problemas como os citados anteriormente.

As cidades precisam se comprometer a dar cumprimento à Lei Nacional de Resíduos Sólidos. Uma maneira de fazer isso é adotar políticas de gestão eficiente dos resíduos a fim de que a menor quantidade possível desses materiais precise ser encaminhada para os aterros. Para que isso seja possível, será necessária a implantação ou a ampliação da coleta seletiva de lixo, além de apoio efetivo ao trabalho desenvolvido pelas cooperativas de catadores. Capacitar essas pessoas e dar-lhes condições dignas de trabalho são requisitos fundamentais para o sucesso da lei e para a melhoria das condições de vida e de trabalho desses profissionais. Mais de um milhão de pessoas trabalham e sobrevivem da reciclagem, muitas delas em condições bastante precárias.

O Brasil produz mais de 220 mil toneladas de lixo domiciliar por dia, o que resulta em mais de um quilo de lixo por pessoa. Ao menos 90% de todo esse material poderia ser reaproveitado, reutilizado ou reciclado. Apenas 3% acabam sendo efetivamente reciclados, um destino mais nobre do que o de se degradar e contaminar o nosso ambiente. Os especialistas calculam que o Brasil deixa de ganhar ao menos 8 bilhões de reais por ano por não reciclar toda essa grande quantidade de resíduos gerados no país.

Reinaldo Canto. As cidades brasileiras conseguirão tratar seu lixo? Disponível em: <www.cartacapital.com.br> (com adaptações).

14. (Pref. SP – Agente Gestão P. Públicas – Cespe – Maio/2016)

Para o autor do texto II, a solução do problema do lixo nas cidades grandes passa pela:

a) atribuição da responsabilidade pelos lixões às cooperativas de catadores.

b) diminuição da quantidade diária de resíduos produzidos pelas pessoas.

c) estipulação de uma política de gestão dos resíduos para acabar com os aterros.

d) capacitação e valorização dos trabalhadores que lidam com o lixo.

e) promoção da reciclagem doméstica do lixo para não sobrecarregar os trabalhadores dos aterros.

Leia o texto a seguir para responder à questão 15.

Texto CG1A1BBB

Eu tinha muito orgulho daquela espada dourada, não mais de dois centímetros, espetada na gola da camisa do colégio. Na minha turma da quarta série primária, era a única. Não me lembro que houvesse outras como ela entre os meus colegas da escola. Não do meu candidato. O broche que algumas crianças usavam trazia uma pequena vassoura. E era do " meu" adversário.

Porque aqueles símbolos, diminutos, eram tão fortes, talvez explique o fato de que – até muito tempo depois da tristeza e perplexidade que senti na derrota de Lott diante de Jânio Quadros – quando pensava naquela que foi a minha "primeira" campanha, eu lembrasse dela, basicamente, como uma eleição na qual minha espada havia sido, inexplicavelmente, derrotada por uma vassoura.

Aquele ano marcaria o despertar do meu interesse pela política.

Antônio Lavareda. *Emoções ocultas e estratégias eleitorais*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009 (com adaptações).

15. (PC-PE – Todos os Cargos – Conhec. Gerais – Cespe – Jun./2016)

Com relação ao texto CG1A1BBB e às ideias nele presentes, assinale a opção correta.

a) A maioria das crianças do colégio tinha preferência pelo candidato Lott.

b) O texto apresenta características típicas do gênero relato.

c) A vassoura representa, no texto, a candidatura de Lott.

d) O texto é predominantemente argumentativo.

e) No texto, o narrador descreve as emoções que teve ao votar pela primeira vez em eleições oficiais.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 16 – 19.

Texto I

"Ah, o Brasil, que país!", exclama uma personagem de **La Vie Dangereuse**. "Que país, esse Brasil!", repetirão, com diferentes entonações, o melancólico capitão de longo curso, um agente da Terceira Internacional, a mulher de um diplomata reformado. Na verdade, as dimensões míticas desse subcontinente verde, sobrecarregado de movimento e de vida, só poderiam fascinar a imaginação de Blaise Cendrars. Viajante sem bagagem e sem descanso, o poeta do **Transiberiano** já se havia declarado irrevogavelmente contra as descrições de paisagens. Penetrar as coisas, interpretá-las, descrever ao seu modo animais e homens era a missão do viajante algo entediado.

A dança da paisagem... As sempre mesmas Europas... Diante delas: o Brasil, vaga expressão geográfica, país novo, quase um desconhecido de si mesmo, imenso laboratório de culturas onde coexistiam as mais contraditórias experiências de tempo social. A síntese psicológica e cultural, a paisagem humana feita de contrastes tão variados do Brasil teriam de exercer gradativamente sobre Cendrars atração irresistível.

Mesmo antes da Grande Guerra – está-se farto de saber –, o jovem escritor suíço pretendia, com argumentos mais ou menos míticos, haver conhecido os países decisivos do mundo, da China aos Estados Unidos da América, da Alemanha ao Egito. O seu prestígio no mundo literário, consolidado já a partir de 1912 – data da primeira edição de **Les Pâques à New York** –, crescera definitivamente, no ano seguinte, com a **Prose du Transsibérien et de la Petite Jehanne de France**, para não falarmos de outros textos que publica em revistas de vanguarda. É preciso não esquecer também algumas *plaquettes* ilustradas pelos pintores cubistas mais conhecidos, e que os colecionadores disputam. A **Anthologie Nègre**, de 1921, vem a ser um êxito de público e de crítica; consegue mesmo rejuvenescer um pouco ainda a moda primitivista, já em desfavor nos meios mais à vanguarda.

É depois da publicação da **Anthologie** que o compositor Darius Milhaud, interessado pelo *jazz* desde o final da guerra, procura a colaboração do poeta para um balé de tema negro que deseja compor. De 1917 a 1918, Milhaud fora adido à Legação francesa

no Rio de Janeiro. Viera para essa cidade a convite de Paul Claudel, então chefe da missão diplomática do seu país junto ao governo brasileiro, e que não desejava interromper a colaboração intelectual que ambos mantinham na Europa. Compositor e poeta continuarão a trabalhar juntos no Brasil, em busca de uma integração dramática entre música e teatro declamado. Para Darius Milhaud, entretanto, que também escreve a música incidental para a farsa lírica **O Urso e a Lua**, do seu chefe, a descoberta da música popular brasileira – o maxixe, o choro, o tanguinho, o samba –, com os seus problemas específicos de ritmo, foi muito estimulante. No Rio, ele conhecera o jovem Villa-Lobos – para quem Stravinski acabara de ser uma revelação –, que começava a encarar a possibilidade de utilizar, de maneira orgânica, o vasto folclore nacional. Por sua vez, Milhaud, introduzido no ambiente da música popular do Rio, recolhe o material que utilizará em seguida no **Boeuf sur le Toît**, chaplinesca " cinema-sinfonia sobre temas sul-americanos", cujo título e frenético dinamismo se inspiram, entre outros motivos, no maxixe **Boi no Telhado**, de Zé Boiadêro.

Darius Milhaud foi, sem dúvida, o primeiro intelectual a despertar a curiosidade de Cendrars pelo Brasil. Conhecedor do singular temperamento do amigo novo, o compositor percebeu o interesse que a experiência de um mundo inteiramente inédito – dessa paisagem deveras *anônima*, conforme Gobineau a classificara com hepático mau humor cinquenta anos antes – iria provocar no poeta do **Panama**. Mesmo assim, é pouco provável que, nessa época, Cendrars alimentasse o mais vago propósito de partir para a América do Sul, rumo ao país delirante e ingênuo dos bois no telhado. Os acontecimentos, porém, se precipitam.

La Création du Monde seria dançada pelos Ballets Suédois, de Rolf de Maré, em outubro de 1923, e, em janeiro do ano seguinte, com o irônico desprendimento do turista ocasional, Cendrars estava zarpando para o Brasil a bordo do Formoso, vapor que batia bandeira francesa.

Alexandre Eulálio. *A aventura brasileira de Blaise Cendrars*. São Paulo: Quíron, 1978, p.14-6 (com adaptações).

(Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Com relação às ideias desenvolvidas no texto I, julgue (C ou E) os itens subsequentes.

16. O trecho "paisagem deveras *anônima*" (l. 37), que apresenta expressão atribuída a Gobineau, faz referência a um lugar novo e ainda desconhecido, tendo sentido similar ao do trecho "um mundo inteiramente inédito" (l. 37).

17. Segundo o autor do texto, Blaise Cendrars foi instigado a viajar ao Brasil devido à existência, no país, de ritmos musicais exóticos, entre os quais o maxixe.

18. Darius Milhaud, compositor que exerceu funções diplomáticas no Rio de Janeiro, inspirou-se na música popular carioca para compor o **Boeuf sur le Toît**.

19. Porquanto, conforme o texto, Blaise Cendrars era "Viajante sem bagagem e sem descanso" (l. 5) e exibia "o irônico desprendimento do turista ocasional" (l. 43), é correto concluir que o "poeta do **Transiberiano**" (l. 5) viajava ao acaso, sem que o motivasse maior curiosidade pelos lugares a que se dirigia.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 20 – 22.

Texto 1 – O futuro da medicina

O avanço da tecnologia afetou as bases de boa parte das profissões. As vítimas se contam às dezenas e incluem músicos, jornalistas, carteiros etc. Um ofício relativamente poupado até aqui é o de médico. Até aqui. A crer no médico e "geek" Eric

Topol, autor de “ The Patient Will See You Now” (o paciente vai vê-lo agora), está no forno uma revolução da qual os médicos não escaparão, mas que terá impactos positivos para os pacientes.

Para Topol, o futuro está nos *smartphones*. O autor nos coloca a par de incríveis tecnologias, já disponíveis ou muito próximas disso, que terão grande impacto sobre a medicina. Já é possível, por exemplo, fotografar pintas suspeitas e enviar as imagens a um algoritmo que as analisa e diz com mais precisão do que um dermatologista se a mancha é inofensiva ou se pode ser um câncer, o que exige medidas adicionais.

Está para chegar ao mercado um apetrecho que transforma o celular num verdadeiro laboratório de análises clínicas, realizando mais de 50 exames a uma fração do custo atual. Também é possível, adquirindo lentes que custam centavos, transformar o *smartphone* num supermicroscópio que permite fazer diagnósticos ainda mais sofisticados.

Tudo isso aliado à democratização do conhecimento, diz Topol, fará com que as pessoas administrem mais sua própria saúde, recorrendo ao médico em menor número de ocasiões e de preferência por via eletrônica. É o momento, assegura o autor, de ampliar a autonomia do paciente e abandonar o paternalismo que desde Hipócrates assombra a medicina.

Concordando com as linhas gerais do pensamento de Topol, mas acho que, como todo entusiasta da tecnologia, ele provavelmente exagera. Acho improvável, por exemplo, que os hospitais caminhem para uma rápida extinção. Dando algum desconto para as previsões, “ The Patient...” é uma excelente leitura para os interessados nas transformações da medicina.

Folha de S. Paulo online – Coluna Hélio Schwartsman – 17/01/2016.

20. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

Segundo o autor citado no texto 1, o futuro da medicina:

a) encontra-se ameaçado pela alta tecnologia;

b) deverá contar com o apoio positivo da tecnologia;

c) levará à extinção da profissão de médico;

d) independerá completamente dos médicos;

e) estará limitado aos meios eletrônicos.

21. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

“ O avanço da tecnologia afetou as bases de boa parte das profissões. As vítimas se contam às dezenas e incluem músicos, jornalistas, carteiros etc.”.

Sobre os componentes desse segmento do texto 1, a afirmativa adequada é:

a) muitas profissões já foram perturbadas pelos avanços tecnológicos;

b) o emprego do vocábulo “ vítimas” mostra que algumas profissões já foram extintas;

c) as profissões mais afetadas foram as que oferecem serviços ao público;

d) o segundo período enumera as dezenas de profissões afetadas;

e) a forma “ etc.” mostra a desvalorização das profissões citadas.

22. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

De acordo com o texto 1, o título do livro de Topol – O paciente vai vê-lo agora – já mostra uma revolução, pois:

a) aponta mais conhecimento dos pacientes sobre as doenças;

b) mostra maior interesse dos pacientes pelo tratamento;

c) inverte as posições de médico e paciente;

d) indica maior rapidez no atendimento médico;

e) critica o mau atendimento dos médicos.

Leia o texto a seguir para responder à questão 23.

Texto 2 – Violência e favelas

O crescimento dos índices de violência e a dramática transformação do crime manifestados nas grandes metrópoles são alarmantes, sobretudo, na cidade do Rio de Janeiro, sendo as favelas as mais afetadas nesse processo.

" A violência está o cúmulo do absurdo. É geral, não é? É geral, não tem, não está distinguindo raça, cor, dinheiro, com dinheiro, sem dinheiro, tá de pessoa para pessoa, não interessa se eu te conheço ou se eu não te conheço. Me irritou na rua eu te dou um tiro. É assim mesmo que está, e é irritante, o ser humano está em um estado de nervos que ele não está mais se controlando, aí junta a falta de dinheiro, junta falta de tudo, e quem tem mais tá querendo mais, e quem tem menos tá querendo alguma coisa e vai descontar em cima de quem tem mais, e tá uma rivalidade, uma violência que não tem mais tamanho, tá uma coisa insuportável." (moradora da Rocinha)

A recente escalada da violência no país está relacionada ao processo de globalização que se verifica, inclusive, ao nível das redes de criminalidade. A comunicação entre as redes internacionais ligadas ao crime organizado são realizadas para negociar armas e drogas. Por outro lado, verifica-se hoje, com as CPIs (Comissão Parlamentar de Inquérito) instaladas, ligações entre atores presentes em instituições estatais e redes do narcotráfico.

Nesse contexto, as camadas populares e seus bairros/favelas são crescentemente objeto de estigmatização, percebidos como causa da desordem social o que contribui para aprofundar a segregação nesses espaços. No outro polo, verifica-se um crescimento da autossegregação, especialmente por parte das elites que se encastelam nos enclaves fortificados na tentativa de se proteger da violência.

(Maria de Fátima Cabral Marques Gomes, *Scripta Nova*)

23. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

O primeiro parágrafo do texto 2 alude à " dramática transformação do crime"; essa transformação só NÃO se refere à(às):

a) quantificação dos índices de violência;

b) internacionalização da criminalidade;

c) tipologia das atividades criminosas;

d) consequências do processo de globalização;

e) modificações nas penalidades legais.

Leia o texto a seguir para responder à questão 24.

Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador

A medicina do trabalho, enquanto especialidade médica, surge na Inglaterra, na primeira metade do século XIX, com a Revolução Industrial.

Naquele momento, o consumo da força de trabalho, resultante da submissão dos trabalhadores a um processo acelerado e desumano de produção, exigiu uma intervenção, sob pena de tornar inviável a sobrevivência e a reprodução do próprio processo.

Quando Robert Dernham, proprietário de uma fábrica têxtil, preocupado com o fato de que seus operários não dispunham de nenhum cuidado médico a não ser aquele propiciado por instituições filantrópicas, procurou o Dr. Robert Baker, seu médico, pedindo que indicasse qual a maneira pela qual ele, como empresário, poderia resolver tal situação, Baker respondeu-lhe:

" Coloque no interior da sua fábrica o seu próprio médico, que servirá de intermediário entre você, os seus trabalhadores e o público. Deixe-o visitar a fábrica, sala por sala, sempre que existam pessoas trabalhando, de maneira que ele possa verificar o efeito do trabalho sobre as pessoas. E se ele verificar que qualquer dos trabalhadores está sofrendo a influência de causas que possam ser prevenidas, a ele competirá fazer tal prevenção. Dessa forma você poderá dizer: meu médico é a minha defesa, pois a ele dei toda a minha autoridade no que diz respeito à proteção da saúde e das condições físicas dos meus operários; se algum deles vier a sofrer qualquer alteração da saúde, o médico unicamente é que deve ser responsabilizado".

A resposta do empregador foi a de contratar Baker para trabalhar na sua fábrica, surgindo, assim, em 1830, o primeiro serviço de medicina do trabalho.

Na verdade, despontam, na resposta do fundador do primeiro serviço médico de empresa, os elementos básicos da expectativa do capital quanto às finalidades de tais serviços:

– deveriam ser serviços dirigidos por pessoas de inteira confiança do empresário e que se dispusessem a defendê-lo;

– deveriam ser serviços centrados na figura do médico;

– a prevenção dos danos à saúde resultantes dos riscos do trabalho deveria ser tarefa eminentemente médica;

– a responsabilidade pela ocorrência dos problemas de saúde ficava transferida ao médico.

A implantação de serviços baseados nesse modelo rapidamente expandiu-se por outros países, paralelamente ao processo de industrialização e, posteriormente, aos países periféricos, com a transnacionalização da economia. A inexistência ou fragilidade dos sistemas de assistência à saúde, quer como expressão do seguro social, quer diretamente providos pelo Estado, via serviços de saúde pública, fez com que os serviços médicos de empresa passassem a exercer um papel vicariante, consolidando, ao mesmo tempo, sua vocação enquanto instrumento de criar e manter a dependência do trabalhador (e frequentemente também de seus familiares), ao lado do exercício direto do controle da força de trabalho.

MENDES, R; DIAS, E.C. Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador. *Revista Saúde Pública*, S.Paulo, 25: 341-9, 1991. Disponível em: <https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/2977.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2015. Adaptado.

24. (Basa – Médico do Trabalho – Cesgranrio – Set./2015)

Conforme se lê no 2º parágrafo do texto, a medicina do trabalho é criada em virtude de os industriais se preocuparem com

a) o bem-estar social do trabalhador

b) a submissão dos trabalhadores

c) a convivência harmoniosa nas fábricas

d) o descaso em relação aos trabalhadores

e) a viabilidade do processo de produção

Leia o texto a seguir para responder à questão 25.

A sociedade da informação e seus desafios

Dificilmente alguém discordaria de que a sociedade da informação é o principal traço característico do debate público sobre desenvolvimento, seja em nível local ou global, neste alvorecer do século XXI. Das propostas políticas oriundas dos países industrializados e das discussões acadêmicas, a ex-pressão " sociedade de informação" transformou-se rapidamente em jargão nos meios de comunicação, alcançando, de forma conceitualmente imprecisa, o universo vocabular do cidadão.

A expressão " sociedade da informação" passou a ser utilizada como substituta para o conceito complexo de " sociedade pós-industrial", como forma de transmitir o conteúdo específico do " novo paradigma técnico-econômico". A realidade que os conceitos das ciências sociais procuram expressar refere-se às transformações técnicas, organizacionais e administrativas que têm como " fator-chave" não mais os insumos baratos de energia – como na sociedade industrial – mas os insumos baratos de informação propiciados pelos avanços tecnológicos na microeletrônica e nas telecomunicações.

Nesta sociedade pós-industrial, ou " informacional", as transformações em direção à sociedade da informação, em estágio avançado nos países industrializados, constituem uma tendência dominante mesmo para economias menos industrializadas e definem um novo paradigma, o da tecnologia da informação, que expressa a essência da presente transformação tecnológica em suas relações com a economia e a sociedade. Esse novo paradigma tem as seguintes características fundamentais: a informação é sua matéria--prima (no passado, o objetivo dominante era utilizar informação para agir sobre as tecnologias); os efeitos das novas tecnologias têm alta penetrabilidade (a informação é parte integrante de toda atividade humana, individual ou coletiva e, portanto, todas essas atividades tendem a ser afetadas diretamente pela nova tecnologia); a tecnologia favorece processos reversíveis devido a sua flexibilidade; trajetórias de desenvolvimento tecnológico em diversas áreas do saber tornam-se interligadas e transformam-se as categorias segundo as quais pensamos todos os processos (microeletrônica, telecomunicações, optoeletrônica, por exemplo).

O foco sobre a tecnologia pode alimentar a visão ingênua de determinismo tecnológico segundo o qual as transformações em direção à sociedade da informação resultam da tecnologia, seguem uma lógica técnica e, portanto, neutra e estão fora da interferência de fatores sociais e políticos. Nada mais equivocado: processos sociais e transformação tecnológica resultam de uma interação complexa em que fatores sociais preexistentes como a criatividade, o espírito empreendedor, as condições da pesquisa científica afetam o avanço tecnológico e suas aplicações sociais.

No campo educacional dos países em desenvolvimento, decisões sobre investimentos para a incorporação da informática e da telemática implicam também riscos e desafios. Será essencial identificar o papel que essas novas tecnologias podem dessempenhar no processo de desenvolvimento educacional e, isso posto, resolver como utilizá-las de forma a facilitar uma efetiva aceleração do processo em direção à educação para todos, ao longo da vida, com qualidade e garantia de diversidade. As novas tecnologias de informação e comunicação tornam-se, hoje, parte de um vasto instrumental historicamente mobilizado para a educação e a aprendizagem. Cabe a cada sociedade decidir que composição do conjunto de tecnologias educacionais mobilizar para atingir suas metas de desenvolvimento.

A Unesco tem atuado de forma sistemática no sentido de apoiar as iniciativas dos Estados-Membros na definição de políticas de

integração das novas tecnologias aos seus objetivos de desenvolvimento. No Programa Informação para Todos, as ações desse organismo internacional estão concentradas em duas áreas principais: conteúdo para a sociedade da informação e "infoestrutura" para esta sociedade em evolução, por meio da cooperação para treinamento, apoio ao estabelecimento de políticas de informação e promoção de conexões em rede.

No espírito da Declaração Universal dos Direitos do Homem, que constitui a base dos direitos à infor-mação na sociedade da informação, e levando em consideração os valores e a visão delineados anteriormente, o novo Programa Informação para Todos deverá prover uma plataforma para a discussão global sobre acesso à informação, participação de todos na sociedade da informação global e as consequências éticas, legais e societárias do uso das tecnologias de informação e comunicação. Deverá prover também a estrutura para colaboração internacional e parcerias nessas áreas e apoiar o desenvolvimento de ferramentas comuns, métodos e estratégias para a construção de uma sociedade de informação global e justa.

WERTHEIN, J. *Ciência da Informação*. Brasília, v. 29, n. 2, p. 71-77, maio/ago. 2000. Disponível em:<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/254>. Acesso em: 10 maio 2015. Adaptado.

25. (Petrobras – Advogado Jr. – Cesgranrio – Ago./2015)

De acordo com o ordenamento das ideias no texto, observa-se que, depois de afirmar que há uma interação complexa entre processos sociais e transformação tecnológica, de modo que a criatividade e o espírito empreendedor interfiram nas aplicações sociais da tecnologia, o texto se refere à ideia de que

a) a expressão "sociedade de informação" foi incorporada ao vocabulário comum por meio do jargão dos meios de comunicação.

b) o conceito de "sociedade pós-industrial" relaciona-se às transformações técnicas e organizacionais provocadas pelos avanços tecnológicos nas telecomunicações.

c) as atividades humanas, no novo paradigma da sociedade de informação, são afetadas diretamente pelas novas tecnologias porque a informação é parte integrante delas.

d) a visão de que as transformações tecnológicas em direção à sociedade da informação estão fora da interferência de fatores sociais e políticos é inadequada.

e) os países estão sendo auxiliados por órgão internacional na tarefa de integrar as novas tecnologias ao processo de desenvolvimento.

Leia o texto a seguir para responder à questão 26.

Texto I

Banhos de mar

Meu pai acreditava que todos os anos se devia fazer uma cura de banhos de mar. E nunca fui tão feliz quanto naquelas temporadas de banhos em Olinda, Recife.

Meu pai também acreditava que o banho de mar salutar era o tomado antes de o sol nascer. Como explicar o que eu sentia de presente prodigioso em sair de casa de madrugada e pegar o bonde vazio que nos levaria para Olinda ainda na escuridão?

De noite eu ia dormir, mas o coração se mantinha acordado, em expectativa. E de puro alvoroço, eu acordava às quatro e pouco da madrugada e despertava o resto da família. Nós nos vestíamos depressa e saíamos em jejum. Porque meu pai acreditava que assim devia ser: em jejum.

Saímos para uma rua toda escura, recebendo a brisa da pré-madrugada. E esperávamos o bonde. Até que lá de longe ouvíamos o seu barulho se aproximando. Eu me sentava bem na ponta do banco, e minha felicidade começava. Atravessar a cidade escura me dava algo que jamais tive de novo. No bonde mesmo o tempo começava a clarear, e uma luz trêmula de sol escondido nos banhava e banhava o mundo.

Eu olhava tudo: as poucas pessoas na rua, a passagem pelo campo com os bichos-de-pé: " Olhe, um porco de verdade!" gritei uma vez, e a frase de deslumbramento ficou sendo uma das brincadeiras da minha família, que de vez em quando me dizia rindo: " Olhe, um porco de verdade."

Eu não sei da infância alheia. Mas essa viagem diária me tornava uma criança completa de alegria. E me serviu como promessa de felicidade para o futuro. Minha capacidade de ser feliz se revelava. Eu me agarrava, dentro de uma infância muito infeliz, a essa ilha encantada que era a viagem diária.

LISPECTOR, C. *A Descoberta do Mundo*. São Paulo: Rocco, 1999, p. 175. Adaptado.

26. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016)

Que fragmento do Texto I comprova a valorização especial que a narradora dava a esse momento de sua infância?

a) " Meu pai também acreditava que o banho de mar salutar era o tomado antes de o sol nascer" (l. 3)

b) " Nós nos vestíamos depressa e saíamos em jejum" (l. 7-8)

c) " No bonde mesmo o tempo começava a clarear" (l. 11-12)

d) " a frase de deslumbramento ficou sendo uma das brincadeiras da minha família" (l. 14-15)

e) " Eu me agarrava [...] a essa ilha encantada que era a viagem diária" (l. 17-18)

Leia o texto a seguir para responder à questão 27

Texto I

Agricultura familiar

O que é agricultura familiar?

A agricultura familiar consiste em uma forma de organização social, cultural, econômica e ambiental, na qual são trabalhadas atividades agropecuárias e não agropecuárias de base familiar, desenvolvidas em estabelecimento rural ou em áreas comunitárias próximas, gerenciadas por uma família com predominância de mão de obra familiar e apresenta papel relevante para o desenvolvimento do País.

Por que a agricultura familiar é importante?

A agricultura familiar apresenta importante função para garantir a segurança alimentar; preserva os alimentos tradicionais, além de contribuir para uma alimentação balanceada, para a proteção da agrobiodiversidade e para o uso sustentável dos recursos naturais.

No cenário nacional, a agricultura familiar responde por 38% do valor bruto da produção agropecuária e é responsável por mais de 70% dos alimentos que chegam à mesa dos brasileiros.

Considerando-se o número de estabelecimentos rurais, a agricultura familiar consegue empregar três vezes mais do que a agricultura não familiar.

Disponível em: <http://www.bancoamazonia.com.br/index.php/agriculturaa-familiar>. Acesso em: 29 jul. 2015. Adaptado.

27. (Basa – Téc. Bancário – Cesgranrio – Set./2015)

No Texto I, compreende-se a agricultura familiar como uma

a) mão de obra estabelecida em cooperativas de cunho pecuário.

b) atividade de base familiar e de mão de obra predominantemente familiar.

c) forma de organização social, na qual são trabalhadas apenas atividades agrícolas.

d) agricultura que exerce um papel dispensável para o desenvolvimento nacional.

e) atividade familiar de ênfase cultural.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 28 e 29.

Donos do próprio dinheiro

Quando pensamos em bancos, imaginamos grandes empresas com agências elegantes, equipadas com caixas eletrônicos e funcionários engravatados, muita burocracia e mil procedimentos de segurança. Mas dezenas de pequenas instituições financeiras estão mudando a relação que milhares de brasileiros têm com o próprio dinheiro. São os bancos comunitários, que contam com moeda e sistema de crédito próprios e desenvolvem as economias locais.

Todas as agências são geridas e fiscalizadas pela comunidade. Hoje já existem 104 dessas instituições no país, e elas estão proliferando. De 2006 a 2012, o número de bancos comunitários aumentou dez vezes, de nove para 98 agências. Diferentemente das agências convencionais, essas instituições não consultam o nome do cliente no Serasa ou no Serviço de Proteção ao Crédito antes de abrir uma conta. Consultam a comunidade.

Uma das condições para a criação de um banco comunitário, como o próprio nome já dá a entender, é o envolvimento da comunidade. Isso porque o objetivo final não é o lucro, e sim o desenvolvimento da economia do entorno. Para tanto é criada uma moeda própria, que circula apenas na comunidade. O dinheiro para iniciar os bancos comunitários também vem do local, seja de rifas, seja de vaquinhas ou de eventos de arrecadação de fundos.

Os moradores podem pegar dois tipos de empréstimo: um para produção, como reforma de uma loja ou compra de estoque, em reais, e outro para consumo, compra de alimentos e outros produtos, na moeda do banco.

Dessa forma, artigos como alimentos, roupas, sapatos e até serviços de beleza ou aulas são consumidos na comunidade, nas lojas que aceitam a nova moeda, fazendo com que o dinheiro não deixe a região e sirva para desenvolver a economia local.

VELOSO, L. *Revista Planeta*. n. 504, novembro 2014. Adaptado.

28. (Liquigás –Ass. Adminis. – Cesgranrio – Set./2015)

De acordo com o texto, os bancos comunitários são

a) agências com funcionários engravatados e muita burocracia.

b) lojas que vendem alimentos, roupas, sapatos e emprestam dinheiro.

c) empresas com agências elegantes, equipadas com caixas eletrônicos.

d) instituições financeiras que criam uma moeda própria da comunidade.

e) estabelecimentos para emprestar dinheiro a pessoas de outras comunidades.

29. (Liquigás –Ass. Adminis. – Cesgranrio – Set./2015)

De acordo com o texto, um dos benefícios que os bancos trazem aos moradores é

a) aumentar o consumo de produtos importados.

b) avaliar a forma como empregam seu dinheiro.

c) aumentar o valor do salário recebido todo mês.

d) melhorar a relação entre os membros da comunidade.

e) facilitar o acesso a empréstimos com várias finalidades.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 30 e 31.

É permitido sonhar

Os bastidores do vestibular são cheios de histórias – curiosas, estranhas, comoventes. O jovem que chega atrasado por alguns segundos, por exemplo, é uma figura clássica, e patética. Mas existem outras figuras capazes de chamar a atenção.

Takeshi Nojima é um caso. Ele fez vestibular para a Faculdade de Medicina da Universidade do Paraná. Veio do Japão aos 11 anos, trabalhou em várias coisas, e agora quer começar uma carreira médica.

Nada surpreendente, não fosse a idade do Takeshi: ele tem 80 anos. Isto mesmo, 80. Numa fase em que outros já passaram até da aposentadoria compulsória, ele se prepara para iniciar nova vida. E o faz tranquilo: " Cuidei de meus pais, cuidei dos meus filhos. Agora posso realizar um sonho que trago da infância".

Não faltará quem critique Takeshi Nojima: ele está tirando o lugar de jovens, dirá algum darwinista social. Eu ponderaria que nem tudo na vida se regula pelo critério cronológico. Há pais que passam muito pouco tempo com os filhos e nem por isso são maus pais; o que interessa é a qualidade do tempo, não a quantidade. Talvez a expectativa de vida não permita ao vestibulando Nojima uma longa carreira na profissão médica. Mas os anos, ou meses, ou mesmo os dias que dedicar a seus pacientes terão em si a carga afetiva de uma existência inteira.

Não sei se Takeshi Nojima passou no vestibular; a notícia que li não esclarecia a respeito. Mas ele mesmo disse que isto não teria importância: se fosse reprovado, começaria tudo de novo. E aí de novo ele dá um exemplo. Os resultados do difícil exame trazem desilusão para muitos jovens, e não são poucos os que pensam em desistir por causa de um fracasso. A estes eu digo: antes de abandonar a luta, pensem em Takeshi Nojima, pensem na força de seu sonho. Sonhar não é proibido. É um dever.

(Moacyr Scliar. *Minha mãe não dorme enquanto eu não chegar*, 1996. Adaptado)

30. (Unifesp – Técnico Seg. Trab. – Vunesp – Abril/2016)

Para o narrador, a história de Takeshi Nojima chama a atenção porque este

a) inventou novos sonhos para não levar uma vida ociosa.

b) veio do Japão e trabalhou em várias coisas antes de estudar.

c) foi um filho dedicado e um pai responsável.

d) é um senhor de 80 anos que decidiu voltar a estudar.

e) está preocupado em obter a aposentadoria compulsória.

31. (Unifesp – Técnico Seg. Trab. – Vunesp – Abril/2016)

Em relação à atitude de Takeshi Nojima, o narrador

a) concorda com ela, pois acredita que a expectativa de vida dele será muito alta.

b) discorda dela, pois acredita que ele realmente estará tirando o lugar de jovens.

c) concorda com ela, pois acredita que uma pessoa deva perseguir os seus sonhos.

d) discorda dela, pois acredita que ele terá uma atuação profissional lastimável.

e) concorda com ela, pois acredita que ele esteja só se divertindo com a situação.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 32 e 33.

McLuhan já alertava que a aldeia global resultante das mídias eletrônicas não implica necessariamente harmonia, implica, sim, que cada participante das novas mídias terá um envolvimento gigantesco na vida dos demais membros, que terá a chance de meter o bedelho onde bem quiser e fazer o uso que quiser das informações que conseguir. A aclamada transparência da coisa pública carrega consigo o risco de fim da privacidade e a superexposição de nossas pequenas ou grandes fraquezas morais ao julgamento da comunidade de que escolhemos participar.

Não faz sentido falar de dia e noite das redes sociais, apenas em número de atualizações nas páginas e na capacidade dos usuários de distinguir essas variações como relevantes no conjunto virtualmente infinito das possibilidades das redes. Para achar o fio de Ariadne no labirinto das redes sociais, os usuários precisam ter a habilidade de identificar e estimar parâmetros, aprender a extrair informações relevantes de um conjunto finito de observações e reconhecer a organização geral da rede de que participam.

O fluxo de informação que percorre as artérias das redes sociais é um poderoso fármaco viciante. Um dos neologismos recentes vinculados à dependência cada vez maior dos jovens a esses dispositivos é a " nomobofobia" (ou " pavor de ficar sem conexão no telefone celular"), descrito como a ansiedade e o sentimento de pânico experimentados por um número crescente de pessoas quando acaba a bateria do dispositivo móvel ou quando ficam sem conexão com a Internet. Essa informação, como toda nova droga, ao embotar a razão e abrir os poros da sensibilidade, pode tanto ser um remédio quanto um veneno para o espírito.

(Vinicius Romanini, Tudo azul no universo das redes. *Revista USP,* nº 92. Adaptado)

32. (MPE/SP – Analista Técnico Científico – Vunesp – Jul./2016)

Do ponto de vista do autor, as redes sociais

a) são um universo ao qual os usuários resistem porque são afeitos à discrição nos relacionamentos.

b) preservam identidades e opiniões, sendo, portanto, ponto de referência para a busca de informações qualificadas.

c) garantem julgamentos justos, pela comunidade, dos usuários que nelas expõem seus hábitos e ideologias.

d) disponibilizam abundantes informações, o que exige que seus usuários filtrem o que de fato interessa.

e) condensam a infinidade de dados nelas circulantes, caracterizando-se como um meio confiável de exposição pessoal.

33. (MPE/SP- Analista Técnico Científico – Vunesp – Jul./2016)

Entre os aspectos negativos que se apontam para usuários das mídias eletrônicas estão

a) a possibilidade de exibição da intimidade e a ansiedade devido à falta de conexão em rede.

b) a superposição de virtudes a grandes fraquezas morais e a ênfase ao cultivo da individualidade.

c) a possibilidade de imiscuir-se na vida alheia e o consumo de remédios viciantes.

d) o convívio ilimitado com os demais usuários da rede e o uso regulado de informações.

e) o envenenamento do espírito e a harmonia entre os membros do grupo de usuários.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 34 e 35.

Fora do jogo

Quando a economia muda de direção, há variáveis que logo se alteram, como o tamanho das jornadas de trabalho e o pagamento de horas extras, e outras que respondem de forma mais lenta, como o emprego e o mercado de crédito. Tendências negativas nesses últimos indicadores, por isso mesmo, costumam ser duradouras.

Daí por que são preocupantes os dados mais recentes da Associação Nacional dos Birôs de Crédito, que congrega empresas do setor de crédito e financiamento.

Segundo a entidade, havia, em outubro, 59 milhões de consumidores impedidos de obter novos créditos por não estarem em dia com suas obrigações. Trata-se de alta de 1,8 milhão em dois meses.

Causa consternação conhecer a principal razão citada pelos consumidores para deixar de pagar as dívidas: a perda de emprego, que tem forte correlação com a capacidade de pagamento das famílias.

Até há pouco, as empresas evitavam demitir, pois tendem a perder investimentos em treinamento e incorrer em custos trabalhistas. Dado o colapso da atividade econômica, porém, jogaram a toalha.

O impacto negativo da disponibilidade de crédito é imediato. O indivíduo não só perde a capacidade de pagamento mas também enfrenta grande dificuldade para obter novos recursos, pois não possui carteira de trabalho assinada.

Tem-se aí outro aspecto perverso da recessão, que se soma às muitas evidências de reversão de padrões positivos da última década – o aumento da informalidade, o retorno de jovens ao mercado de trabalho e a alta do desemprego.

(*Folha de S.Paulo*, 08.12.2015. Adaptado)

34. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

As informações dos três parágrafos iniciais do texto sustentam a seguinte ideia:

a) o fato de 59 milhões de consumidores estarem impedidos de obter novos créditos limita os prejuízos à economia do país.

b) a Associação Nacional dos Birôs de Crédito tem alterado o tamanho das jornadas de trabalho e o pagamento de horas extras.

c) o aumento dos créditos aos consumidores teve como consequência imediata o não atendimento às suas obrigações.

d) o emprego e o mercado de crédito têm-se mantido inabalados diante de um cenário negativo da economia brasileira.

e) a alteração nos rumos da economia nacional fez com que expressiva parcela da população se tornasse inadimplente.

35. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Na conclusão no texto, “ o aumento da informalidade, o retorno de jovens ao mercado de trabalho e a alta do desemprego” são apontados como características

a) positivas e vivenciadas na economia da última década.

b) negativas e distantes do cenário econômico atual.

c) negativas e típicas do atual período de retração econômica.

d) negativas e improváveis na situação econômica presente.

e) positivas e marcantes da economia no presente do País.

Leia o texto a seguir para responder à questão 36.

Entre as boas figuras de boa-fé do Rio de Janeiro figurava o Garcia, bom homem, cujo único defeito era ser fraco de inteligência, defeito que todos lhe perdoavam por não ser culpa dele.

O nosso herói não se empregava absolutamente em outra coisa que não fosse comer, beber, dormir e trocar as pernas pela cidade. Tinha herdado dos pais o suficiente para levar essa vida folgada e milagrosa, e só gastava o rendimento do seu patrimônio.

Casara-se com d. Laura, que, não sendo formosa que o inquietasse, nem feia que lhe repugnasse, era mais inteligente e instruída que ele. Esta superioridade dava-lhe certo ascendente, de que ela usava e abusava no lar doméstico, onde só a sua vontade e a sua opinião prevaleciam sempre.

O Garcia não se revoltava contra a passividade a que era submetido pela mulher: reconhecia que d. Laura tinha sobre ele grandes vantagens intelectuais e, se era honesta e fiel aos seus deveres conjugais, que lhe importava a ele o resto?

(Artur Azevedo, O espírito. Em: *Seleção de Contos*, 2014. Adaptado)

36. (MPE/SP- Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

De acordo com a descrição do texto, Garcia era um homem de

a) limitada inteligência, não trabalhava e vivia com o rendimento do patrimônio deixado pelos pais.

b) razoável inteligência, não trabalhava porque aumentava o rendimento do patrimônio deixado pelos pais.

c) debilitada inteligência, não podia trabalhar, apesar de viver mal com o rendimento do patrimônio deixado pelos pais.

d) excepcional inteligência, e a explorava trabalhando muito para manter o rendimento do patrimônio deixado pelos pais.

e) nenhuma inteligência, trabalhava na cidade, pois não conseguia viver com o rendimento do patrimônio deixado pelos pais.

Gabarito: 1. c; 2. c; 3. d; 4. c; 5. c; 6. e; 7. a; 8. e; 9. d; 10. C; 11. E; 12. E; 13. C; 14. d; 15. e; 16. C; 17. E; 18. C; 19. E; 20. b; 21. a; 22. c; 23. e; 24. e; 25. e; 26. e; 27. b; 28. d; 29. e; 30. d; 31. c; 32. d; 33. a; 34. e; 35. c; 36. a.

26.3. RESUMO

Enunciados mais comuns de Compreensão de Textos:

De acordo com o texto…

Segundo o texto...

O texto diz...

O texto fala...

Ideia presente no texto...

Segundo o autor...

Compreende-se no texto...

26.4. INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

Bem, o mais importante é que você entenda que interpretar um texto é diferente de compreender. Até aqui, você viu que as questões de compreensão de textos são aquelas em que você precisa estar apto para localizar informações no texto, com técnica e agilidade. E precisa treinar o reconhecimento de paráfrases (reescrituras do texto).

Agora, vamos ver como são as questões de Interpretação de Textos. Interpretação é o mesmo que inferência, dedução. Neste caso, você precisa ir um pouco além do que diz o texto, concluir com base no que se leu.

Você deve estar aí pensando... Mas e se eu extrapolar? E, se na hora de eu responder, acabar indo muito além do que o texto permite?

Sim, esse é o cuidado que se deve ter! Como nas questões de inferência, você é convidado a sair "um pouquinho" do texto, o grande perigo é você viajar demais...

Por isso, sempre digo que, na hora de inferir, você deve buscar uma pista textual que permita tal inferência, tal dedução. É como se fosse uma discussão em uma relação. Você discute com seu parceiro(a), mas, quando vai analisar a fundo os motivos, acaba pensando que não há por quê... Nesse caso, você extrapolou!

Agora, se a discussão tem base em uma pista, algo que se disse ou que se fez, aí sim... Nesse caso, você tem um pressuposto textual.

Implícitos textuais são informações que se deduzem a partir do que foi lido. E normalmente haverá palavras ou expressões do texto que ensejam conclusões, inferências. Gosto de chamá-las de pistas textuais – são os pressupostos!

Veja exemplos. Ao dizer a uma pessoa que ela é a amiga mais querida que você tem, há aí uma pista para uma inferência. O vocábulo "mais" é a pista para que se deduza que "há outras amigas".

Ao se falar "Eu prefiro ficar aqui hoje", o verbo "preferir" é um pressuposto para que se deduza que há outras opções, mas a pessoa escolheu a alternativa de estar ali.

Quando se diz, por exemplo, que o Brasil ainda não alcançou certo grau de desenvolvimento, tem-se aí uma mensagem otimista. Pode-se deduzir, com base no pressuposto textual "ainda", que é certo que o país atinja esse nível.

Bem, vamos às questões de inferência?

Primeiro, vou dar exemplos, vou comentar duas questões, assertiva por assertiva, para você. Depois é a sua vez, ok?

QUESTÕES COMENTADAS

Texto 3 – Normose, um distúrbio da vida moderna

A sociedade moderna, com o corre-corre, a falta de tempo para o cuidado espiritual e o imediatismo fez com que as pessoas desenvolvessem com mais facilidade algumas doenças psicossomáticas. O pânico e a depressão são duas delas, assim como a normose. A última é uma "prima" menos conhecida e, por isso mesmo, menos identificada, segundo especialistas. "Ela (normose) surge quando o sistema no qual nós existimos encontra-se dominantemente doente, desequilibrado, corrompido, e quando predomina a violência, a competição e o egocentrismo. Uma pessoa adaptada a esse sistema está doente", explica o eminente psicólogo e antropólogo Roberto Crema, um dos especialistas do assunto no Brasil.

1. (TCE – Sergipe – Analista T.I. – Desenv. – FGV 2015) Pode-se inferir do segmento "A sociedade moderna, com o corre-corre, a falta de tempo para o cuidado espiritual e o imediatismo fez com que as pessoas desenvolvessem com mais facilidade algumas doenças psicossomáticas" que:

a) algumas doenças psicossomáticas são originadas do descuido geral com a saúde, por falta de tempo e dinheiro;

b) o corre-corre da vida moderna é a causa do distanciamento do espiritual e do imediatismo;

c) atualmente há mais possibilidade do desenvolvimento de doenças psicossomáticas do que anteriormente;

d) a falta de cuidado espiritual traz como consequência o relaxamento com os valores materiais;

e) as doenças psicossomáticas surgiram a partir das atribulações da vida moderna.

No trecho, tem-se a seguinte informação: "a sociedade moderna com o corre-corre, a falta de tempo para o cuidado espiritual e o imediatismo fez com que as pessoas desenvolvessem com mais facilidade".

E a banca quer que você assinale uma possível dedução. O que fazer? Primeiramente, resuma mentalmente o que você entendeu desse trecho. Resumir é organizar sintaticamente a frase, extraindo dela somente o que é essencial: sujeito, verbo, complemento.

Depois disso, busque, nas alternativas que a banca oferece, apenas aquela que tenha uma pista, um pressuposto para ela. Lembre-se de que só será uma possível inferência aquela que tiver um pressuposto no texto. Caso contrário, não será inferência, será extrapolação.

"A sociedade moderna fez com que as pessoas desenvolvessem com mais facilidade…". Já se consegue visualizar aqui um pressuposto textual… Ao se usar o vocábulo "mais", está se dizendo que na modernidade algo ficou mais fácil do que era… Está se querendo dizer que há uma facilidade na modernidade maior do que no passado. Por que eu deduzi isso?

Pressuposto textual. Quando o autor disse "a sociedade moderna fez com que as pessoas desenvolvessem com mais facilidade", então eu posso deduzir que atualmente é mais possível que isso aconteça do que anteriormente. Você entendeu o que é que é uma dedução? A dedução diz um pouco mais do que diz o texto, mas ela não viaja, não é uma extrapolação… Ela se atém ao que está no texto, só que se baseia em um pressuposto, em uma pista, que, nesse caso, a foi "mais facilidade". Pense comigo: se eu tenho mais facilidade numa sociedade moderna é porque antigamente era mais difícil isso.

Por isso, a resposta foi letra C. A palavra "anteriormente" na letra C não está no texto, mas é a inferência a partir do que se leu.

A letra A cria uma falsa relação de causa e efeito, que não está no texto. Pode até ser uma verdade da vida, mas o texto nem fala de falta de dinheiro… Extrapolação, portanto.

A letra B cria também uma falsa relação de causa e efeito entre ideias que estavam paralelas, coordenadas no texto. Observe que há uma enumeração nas primeiras linhas do texto (coordenação, portanto) entre o corre-corre, a falta de tempo para o cuidado espiritual e o imediatismo, mas essas ideias não se relacionam por causa e efeito.

A letra D cria também uma relação de causa e efeito falaciosa. O texto não diz que a falta de cuidado espiritual gera distanciamento dos valores materiais. Isso pode ser uma verdade da vida também, mas vai além do que se leu.

E, na letra E, há uma generalização excessiva. Não se pode dizer que todas as doenças psicossomáticas surgiram a partir das atribulações da vida moderna. O texto só nos permite dizer que "algumas surgiram" daí.

Todas extrapolam, portanto, somente a letra C é uma inferência possível a partir do que se leu.

Texto

A Prefeitura de São Paulo vai criar um manual para orientar funcionários de empresas de limpeza urbana sobre como proceder ao se depararem com grafites e pichações em muros públicos. Uma lei municipal proíbe inscrições em espaços públicos sem autorização. O problema é que obras autorizadas já foram apagadas por servidores da limpeza. Previsto para outubro, o documento tentará esclarecer funcionários da limpeza sobre o que deve ou não ser apagado. Os agentes passarão por um treinamento. A limpeza de grafites gerou constrangimento nas últimas duas gestões municipais.

2. (Prefeitura Cuiabá – Administrador Hospitalar – Superior – FGV 2015)

Deduz-se do texto que

a) os funcionários de limpeza urbana apagam todas as pichações.

b) os servidores da Prefeitura de São Paulo seguem a lei.

c) algumas pichações constrangedoras foram apagadas.

d) nem toda inscrição deve ser considerada vandalismo.

e) o treinamento vai ensinar como apagar as inscrições de rua.

Mais uma questão de inferência… Inicialmente, vamos resumir o que entendemos do texto (repare que a banca não destacou nenhum trecho do texto, as alternativas poderão se referir a qualquer parte do texto).

Bem, entendemos que haverá um manual para orientar funcionários para como se proceder diante de pichações em espaços públicos. E que há espaços públicos que têm autorização para pichação e há espaços sem autorização.

Vamos agora buscar a assertiva que possa ser deduzida com base em um pressuposto do texto. Lembre-se: somente uma poderá ser deduzida, as outras irão além do que permite o texto ou o contradirão.

A resposta é letra D. Por que eu posso deduzir que nem toda inscrição deve ser considerada vandalismo? A letra D diz que "nem toda inscrição deve ser considerada vandalismo" Tem-se aqui uma informação com pressupostos no texto. Um deles é quando se diz "o problema é que obras autorizadas já foram apagadas por servidores da limpeza". Ao se falar "obras autorizadas", está-se falando indiretamente que há obras não autorizadas.

Outro pressuposto presente no texto é quando se diz que "o documento tentará esclarecer funcionários da limpeza sobre o deve ou não deve ser apagado". Ao se dizer isso, subentende-se que nem toda pichação é vandalismo.

Vamos às outras?

A letra A contradiz o texto, dizendo que os funcionários apagam todas as pichações. Não todas.

A letra B mistura informações do texto. O texto fala em lei, mas, ao falar de lei, não diz que os funcionários da prefeitura a seguem. Apenas diz que a lei municipal proíbe inscrições em espaços públicos sem autorização. Além disso, percebeu que há também uma extrapolação? A letra B fala em "servidores da prefeitura" e o texto fala em "servidores de empresas de limpeza urbana". Não são todos os funcionários.

A letra C fala em "pichações constrangedoras", mas, segundo o texto, houve um constrangimento nas "gestões municipais".

A letra E também extrapola… O treinamento não vai ensinar a "apagar as inscrições", mas vai ensinar os funcionários a como "proceder ao ser depararem com grafites e pichações em muros públicos".

Agora é a sua vez…

26.5. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

Leia o texto a seguir para responder à questão 1.

Estava mal chegando a São Paulo, quando um repórter me provocou: "Mas como, Chico, mais um samba? Você não acha que isso já está superado?". Não tive tempo de me defender ou de atacar os outros, coisa que anda muito em voga. Já era hora de enfrentar o dragão, como diz o Tom, enfrentar as luzes, os cartazes, e a plateia, onde distingui um caro colega regendo um coro pra frente, de franca oposição. Fiquei um pouco desconcertado pela atitude do meu amigo, um homem sabidamente isento de preconceitos. Foi-se o tempo em que ele me censurava amargamente, numa roda revolucionária, pelo meu desinteresse em participar de uma passeata cívica contra a guitarra elétrica. Nunca tive nada contra esse instrumento, como nada tenho contra o tamborim. O importante é Mutantes e Martinho da Vila no mesmo palco.

Mas, como eu ia dizendo, estava voltando da Europa e de sua música estereotipada, onde samba, toada etc. são ritmos virgens para seus melhores músicos, indecifráveis para seus cérebros eletrônicos. " Só tenho uma opção, confessou-me um italiano – sangue novo ou a antimúsica. Veja, os Beatles, foram à Índia..." Donde se conclui como precipitada a opinião, entre nós, de que estaria morto o nosso ritmo, o lirismo e a malícia, a malemolência. É certo que se deve romper com as estruturas. Mas a música brasileira, ao contrário de outras artes, já traz dentro de si os elementos de renovação. Não se trata de defender a tradição, família ou propriedade de ninguém. Mas foi com o samba que João Gilberto rompeu as estruturas da nossa canção. E se o rompimento não foi universal, culpa é do brasileiro, que não tem vocação pra exportar coisa alguma.

Quanto a festival, acho justo que estejam todos ansiosos por um primeiro prêmio. Mas não é bom usar de qualquer recurso, nem se deve correr com estrondo atrás do sucesso, senão ele se assusta e foge logo. E não precisa dar muito tempo para se perceber " que nem toda loucura é genial, como nem toda lucidez é velha".

(Adaptado de: HOLANDA, Chico Buarque de, apud Adélia B. de Menezes, *Desenho Mágico*: Poesia e Política em Chico Buarque, São Paulo, Ateliê, 2002, p. 28-29)

1. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

Depreende-se da frase ... *nem toda loucura é genial, como nem toda lucidez é velha* que

a) a loucura, o mais das vezes, é vista como uma característica que marca a singularidade, enquanto a lucidez é um atributo costumeiro da velhice.

b) essas duas características, lucidez e loucura, devem ser vistas com reserva, uma vez que a fronteira entre ambas nem sempre é clara.

c) as inovações, por mais lúcidas que sejam, devem algo à loucura, pois é mediante o abandono da causalidade natural que se obtém algo inusitado.

d) ambas as características podem conviver em obras de arte de vanguarda, uma vez que não são conflitantes.

e) a genialidade pode ter algo de lucidez, embora, para que isso ocorra, tenha de negar a loucura, podendo ocorrer o inverso, o que caracteriza essencialmente a inovação.

Leia o texto a seguir para responder à questão 2.

Medo da eternidade

Jamais esquecerei o meu aflitivo e dramático contato com a eternidade.

Quando eu era muito pequena ainda não tinha provado chicles e mesmo em Recife falava-se pouco deles. Eu nem sabia bem de que espécie de bala ou bombom se tratava. Mesmo o dinheiro que eu tinha não dava para comprar: com o mesmo dinheiro eu lucraria não sei quantas balas.

Afinal minha irmã juntou dinheiro, comprou e ao sairmos de casa para a escola me explicou:

− Tome cuidado para não perder, porque esta bala nunca se acaba. Dura a vida inteira.

− Como não acaba? – Parei um instante na rua, perplexa.

− Não acaba nunca, e pronto.

Eu estava boba: parecia-me ter sido transportada para o reino de histórias de príncipes e fadas. Peguei a pequena pastilha cor-

de-rosa que representava o elixir do longo prazer. Examinei-a, quase não podia acreditar no milagre. Eu que, como outras crianças, às vezes tirava da boca uma bala ainda inteira, para chupar depois, só para fazê-la durar mais. E eis-me com aquela coisa cor-de-rosa, de aparência tão inocente, tornando possível o mundo impossível do qual eu já começara a me dar conta.

Com delicadeza, terminei afinal pondo o chicle na boca.

– E agora que é que eu faço? – perguntei para não errar no ritual que certamente deveria haver.

– Agora chupe o chicle para ir gostando do docinho dele, e só depois que passar o gosto você começa a mastigar. E aí mastiga a vida inteira. A menos que você perca, eu já perdi vários. Perder a eternidade? Nunca.

O adocicado do chicle era bonzinho, não podia dizer que era ótimo. E, ainda perplexa, encaminhávamo--nos para a escola.

– Acabou-se o docinho. E agora?

– Agora mastigue para sempre.

Assustei-me, não saberia dizer por quê. Comecei a mastigar e em breve tinha na boca aquele puxa-puxa cinzento de borracha que não tinha gosto de nada. Mastigava, mastigava. Mas me sentia contrafeita. Na verdade eu não estava gostando do gosto. E a vantagem de ser bala eterna me enchia de uma espécie de medo, como se tem diante da ideia de eternidade ou de infinito.

Eu não quis confessar que não estava à altura da eternidade. Que só me dava era aflição. Enquanto isso, eu mastigava obedientemente, sem parar.

Até que não suportei mais, e, atravessando o portão da escola, dei um jeito de o chicle mastigado cair no chão de areia.

– Olha só o que me aconteceu! – disse eu em fingidos espanto e tristeza. Agora não posso mastigar mais! A bala acabou!

– Já lhe disse, repetiu minha irmã, que ela não acaba nunca. Mas a gente às vezes perde. Até de noite a gente pode ir mastigando, mas para não engolir no sono a gente prega o chicle na cama. Não fique triste, um dia lhe dou outro, e esse você não perderá.

Eu estava envergonhada diante da bondade de minha irmã, envergonhada da mentira que pregara dizendo que o chicle caíra da boca por acaso.

Mas aliviada. Sem o peso da eternidade sobre mim.

06 de junho de 1970

(LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo* – crônicas. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p.289-91)

2. (SEDU-ES – Professor B – FCC – Jan./2016)

Atente para as afirmações abaixo.

I. Em *Jamais esquecerei o meu aflitivo e dramático contato com a eternidade* (1º parágrafo), os adjetivos empregados para qualificar esse *contato* visam estabelecer um contraste com os acontecimentos que serão efetivamente narrados, deixando entrever a sugestão da autora de que esses fatos, aparentemente importantes, seriam na verdade banais e corriqueiros.

II. Em *Mastigava, mastigava. Mas me sentia contrafeita* (15º parágrafo), a repetição do verbo "mastigar", cujo início ecoa ainda na conjunção *Mas* que inicia a frase seguinte, busca sugerir no campo da própria expressão o que havia de repetitivo nessa atividade e o aborrecimento que já advinha do mascar da goma insossa.

III. Em – *Olha só o que me aconteceu! – disse eu em fingidos espanto e tristeza. Agora não posso mastigar mais! A bala*

acabou! (18º parágrafo), o reiterado emprego do sinal de exclamação sugere o exagero próprio do fingimento.

Está correto o que se afirma APENAS em

a) I e II.

b) I e III.

c) I.

d) III.

e) II e III.

Leia o texto a seguir para responder à questão 3.

Um pequeno tesouro literário, guardado com esmero durante quatro gerações, veio a público nesta quinta-feira (15.10.2015). Dezenas de documentos, fotos e 61 cartas do crítico e acadêmico José Veríssimo, recebidas do escritor Machado de Assis, foram entregues pela família de Veríssimo à Academia Brasileira de Letras (ABL).

Textos manuscritos, datados do início do século passado, e até uma fotografia e 12 cartas inéditas do patrono da Academia ficaram guardados por décadas em um antigo gaveteiro de madeira, que veio passando de geração em geração e, por último, estava no apartamento da aposentada Helena Araújo Lima Veríssimo, viúva do jornalista Jorge Luiz Veríssimo, um dos netos de José Veríssimo.

Apesar do valor histórico e sentimental do material, a família achou melhor entregar a guarda dos documentos à ABL, que tem condições ideais para preservar a coleção, em que se destaca uma foto inédita de Machado de Assis. "O acervo do José Veríssimo estava com o marechal [Inácio José Veríssimo, filho do acadêmico], que era uma pessoa voltada para a literatura, apesar de ser militar. O marechal organizou o acervo, escreveu uma biografia de José Veríssimo e depois passou tudo para meu marido", disse Helena.

Para o presidente da ABL, Geraldo Holanda Cavalcanti, trata-se de um acervo precioso e que pode incentivar outras famílias, detentoras de material histórico sobre os acadêmicos, a também doarem o acervo à Academia. "Isto pode despertar a atenção de outras pessoas que tenham documentos em casa e se disponham a trazer para a Academia, que é a guardiã desse tipo de acervo, que é muito difícil de ser guardado em casa, pois o tempo destrói e aqui temos a melhor técnica de conservação de documentos", disse Cavalcanti.

(Adaptado de: OLIVEIRA, Gomes. Cartas inéditas de Machado de Assis são doadas à Academia Brasileira de Letras. Disponível em: <www.folharondoniense.com.br/cultura/cartas-ineditas-de-machado-de-assis-sao-doadas-a-academia-brasileira-de-letras>.)

3. (TRT14R – Téc. Jud. – Área Adminis. – FCC – Fev./2016)

O acervo do José Veríssimo estava com o marechal [Inácio José Veríssimo, filho do acadêmico], que era uma pessoa voltada para a literatura, apesar de ser militar.

A passagem destacada permite concluir que, na opinião de Helena Araújo Lima Veríssimo,

a) não é muito comum haver militares interessados em literatura.

b) não é raro encontrar militares que entendam profundamente de literatura.

c) é esperado que os militares de alta patente entendam de literatura.

d) é natural que um filho de acadêmico se torne um militar apaixonado por literatura.

e) é frequente encontrar militares com formação especializada em literatura.

Leia o texto a seguir para responder à questão 4.

Texto I

Naquele novo apartamento da rua Visconde de Pirajá pela primeira vez teria um escritório para trabalhar. Não era um cômodo muito grande, mas dava para armar ali a minha tenda de reflexões e leitura: uma escrivaninha, um sofá e os livros. Na parede da esquerda ficaria a grande e sonhada estante onde caberiam todos os meus livros. Tratei de encomendá-la a seu Joaquim, um marceneiro que tinha oficina na rua Garcia D' Ávila com Barão da Torre.

O apartamento não ficava tão perto da oficina. Era quase em frente ao prédio onde morava Mário Pedrosa, entre a Farme de Amoedo e a antiga Montenegro, hoje Vinicius de Moraes. Estava ali havia uma semana e nem decorara ainda o número do prédio. Tanto que, quando seu Joaquim, ao preencher a nota de encomenda, perguntou-me onde seria entregue a estante, tive um momento de hesitação. Mas foi só um momento. Pensei rápido: " Se o prédio do Mário é 228, o meu, que fica quase em frente, deve ser 227". Mas lembrei-me de que, ao ir ali pela primeira vez, observara que, apesar de ficar em frente ao do Mário, havia uma diferença na numeração.

– Visconde de Pirajá, 127 – respondi, e seu Joaquim desenhou o endereço na nota.

– Tudo bem, seu Ferreira. Dentro de um mês estará lá sua estante.

– Um mês, seu Joaquim! Tudo isso? Veja se reduz esse prazo.

– A estante é grande, dá muito trabalho... Digamos, três semanas.

Ferreira Gullar. A estante. In: *A estranha vida banal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989 (com adaptações).

4.(INSS – Técnico Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

No que se refere aos sentidos do texto I, julgue o próximo item.

De acordo com as informações do texto, é correto inferir que seu Joaquim era analfabeto, uma vez que ele " desenhou o endereço na nota" (l. 13).

Leia o texto a seguir para reponder às questões 5 – 7.

Levantou-se da cama o pobre namorado sem ter conseguido dormir. Vinha nascendo o Sol.

Quis ler os jornais e pediu-os.

Já os ia pondo de lado, por haver acabado de ler, quando repentinamente viu seu nome impresso no **Jornal do Comércio**.

Era um artigo *a pedido* com o título de **Uma Obra-Prima**.

Dizia o artigo:

Temos o prazer de anunciar ao país o próximo aparecimento de uma excelente comédia, estreia de um jovem literato fluminense, de nome Antônio Carlos de Oliveira.

Este robusto talento, por muito tempo incógnito, vai enfim entrar nos mares da publicidade, e para isso procurou logo ensaiar-se em uma obra de certo vulto.

Consta-nos que o autor, solicitado por seus numerosos amigos, leu há dias a comédia em casa do Sr. Dr. Estêvão Soares, diante de um luzido auditório, que aplaudiu muito e profetizou no Sr. Oliveira um futuro Shakespeare.

O Sr. Dr. Estêvão Soares levou a sua amabilidade ao ponto de pedir a comédia para ler segunda vez, e ontem ao encontrar-se na rua com o Sr. Oliveira, de tal entusiasmo vinha possuído que o abraçou estreitamente, com grande pasmo dos numerosos transeuntes.

Da parte de um juiz tão competente em matérias literárias este ato é honroso para o Sr. Oliveira.

Estamos ansiosos por ler a peça do Sr. Oliveira, e ficamos certos de que ela fará a fortuna de qualquer teatro.

O amigo das letras.

Machado de Assis. A mulher de preto. In: *Contos fluminenses*. São Paulo: Globo, 1997 (com adaptações).

(INSS – Analista Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

No que se refere aos sentidos e às características tipológicas do texto, julgue os itens que se seguem.

5. Do texto não é possível concluir se "o pobre namorado" (l. 1) é Antônio Carlos de Oliveira ou o Sr. Dr. Estêvão Soares.

6. Dada a assinatura "O amigo das letras" (l. 20), é correto concluir que o trecho publicado no Jornal do Comércio é uma carta.

7. Depreende-se do texto que Antônio Carlos de Oliveira vai iniciar uma atividade profissional ligada à propaganda, para a qual tem muito talento.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 8 e 9.

Texto CB2A2AAA

É inegável que o Estado representa um ônus para a sociedade, já que, para assegurar o seu funcionamento, consome riquezas da sociedade. Representa, porém, um mal necessário, pois até agora não se conseguiu arquitetar mecanismo distinto para catalisar a vida em comunidade. Então, se do Estado ainda não pode prescindir a civilização, cabe-lhe aprimorá-lo, buscando otimizar o seu funcionamento, de modo a torná-lo menos oneroso, mais eficiente e eficaz.

O bom funcionamento do Estado, que inclui também o bom funcionamento de suas estruturas encarregadas do controle público (Ministério Público, Poder Legislativo e tribunais de contas, entre outros), vem sendo alçado à condição de direito fundamental dos indivíduos. Pressupõe, notadamente sob as luzes do princípio constitucional da eficiência, os deveres de cuidado e de cooperação.

O dever de cuidado é consequência direta do postulado da indisponibilidade do interesse público. Em decorrência desse postulado, todo agente público tem o dever de, no cumprimento fiel de suas atribuições, perseguir o interesse público manifesto na Constituição Federal e nas leis. Conduz, portanto, à ideia de vedação da omissão, já que deixar de cumprir tais atribuições evidenciaria conduta ilícita.

O dever de cuidado conduz, ainda, a uma ampla interação entre as estruturas públicas de controle, ou seja, é um dever de cooperação, não como faculdade, mas como obrigação que, em regra, dispensa formas especiais, como previsões normativas específicas, convênios e acordos.

Sob essa perspectiva, o controle público do Estado deve incorporar à sua cultura institucional o compromisso com o direito fundamental ao bom funcionamento do Estado. Nesse contexto, os deveres de cuidado e de cooperação se impõem a todas as estruturas do Estado destinadas a promover o controle da máquina estatal.

A observância do dever de cuidado e do de cooperação – traduzida, portanto, na atuação comprometida e concertada das estruturas orientadas para a função de controle da gestão pública – deve promover, entre os agentes e órgãos de controle, comportamentos de responsabilidade e responsividade. Por responsabilidade entenda-se o genuíno compromisso com a integralidade do ordenamento jurídico, o que pressupõe, acima de tudo, o reconhecimento de um regime de vedação da omissão. Responsividade, por sua vez, traduz o comportamento orientado a oferecer respostas rápidas e proativas, impregnadas de verdadeiro compromisso com a ideia-chave de promover o bom funcionamento do Estado.

Diogo Roberto Ringenberg. Direito fundamental ao bom funcionamento do controle público. In: *Controle Público*, nº 10, abr./2011, p. 55 (com adaptações).

(TCE-SC – Aud. Fiscal-Administ. – Cespe – Maio/2016)

A respeito das ideias veiculadas no texto **CB2A2AAA**, julgue os itens que se seguem.

8. Infere-se do texto que os tribunais de contas agem sob a égide do dever de cuidado não apenas ao zelarem pelo interesse público expresso nos dispositivos legais, mas também ao se obrigarem a atuar em cooperação com as demais estruturas públicas de controle.

9. Depreende-se do texto que o não cumprimento do dever de cuidado por omissão poderá resultar na aplicação de sanções ao servidor público.

Leia o texto a seguir para responder à questão 10.

Texto II

Os lixões são depósitos sem qualquer controle, fontes de enormes impactos ambientais, causadores de contaminações – como, por exemplo, contaminações do solo, dos lençóis freáticos, das fontes de água – e lugares responsáveis pela proliferação de insetos transmissores de inúmeras doenças. São, portanto, um perigo constante à saúde e à qualidade de vida de todos. Os lixões deverão dar lugar a aterros sanitários, que, se não representam uma solução perfeita, ao menos são locais mais adequados para o depósito dos rejeitos, uma vez que evitam problemas como os citados anteriormente.

As cidades precisam se comprometer a dar cumprimento à Lei Nacional de Resíduos Sólidos. Uma maneira de fazer isso é adotar políticas de gestão eficiente dos resíduos a fim de que a menor quantidade possível desses materiais precise ser encaminhada para os aterros. Para que isso seja possível, será necessária a implantação ou a ampliação da coleta seletiva de lixo, além de apoio efetivo ao trabalho desenvolvido pelas cooperativas de catadores. Capacitar essas pessoas e dar-lhes condições dignas de trabalho são requisitos fundamentais para o sucesso da lei e para a melhoria das condições de vida e de trabalho desses profissionais. Mais de um milhão de pessoas trabalham e sobrevivem da reciclagem, muitas delas em condições bastante precárias.

O Brasil produz mais de 220 mil toneladas de lixo domiciliar por dia, o que resulta em mais de um quilo de lixo por pessoa. Ao menos 90% de todo esse material poderia ser reaproveitado, reutilizado ou reciclado. Apenas 3% acabam sendo efetivamente reciclados, um destino mais nobre do que o de se degradar e contaminar o nosso ambiente. Os especialistas calculam que o Brasil deixa de ganhar ao menos 8 bilhões de reais por ano por não reciclar toda essa grande quantidade de resíduos gerados no

país.

Reinaldo Canto. As cidades brasileiras conseguirão tratar seu lixo? Disponível em: <www.cartacapital.com.br> (com adaptações).

10. (Pref. SP – Agente Gestão P. Públicas – Cespe – Maio/2016)

Depreende-se do texto II que seu autor:

a) acredita que a solução para o lixo das cidades resume-se à coleta seletiva.

b) é contrário à existência dos lixões.

c) acredita que os governos precisam criar mais espaços como os lixões nas cidades.

d) é a favor da ideia de que no máximo 90% do lixo do Brasil seja reciclado.

e) defende que os lixões sejam privatizados.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 11 – 14.

Texto II

O índio não teve muita sorte na literatura brasileira, depois do Romantismo. Enquanto nas letras hispano-americanas viceja um esplêndido indigenismo pelo século XX adentro, com tantos e tão importantes criadores dedicando-se a transpor o índio para a ficção, no Brasil se podem contar nos dedos das mãos os casos.

Torna a trazer o assunto à baila o aparecimento e grande vendagem de **Maíra**, romance de Darcy Ribeiro. O renomado antropólogo já tinha em seu acervo de realizações uma respeitável brasiliana, incluindo vários trabalhos sobre os índios, um dos quais, a história de Uirá, fora transformado em filme no início da década de 70. **Maíra** é, portanto, a primeira incursão do autor pelo épico, a menos que se considere a história de Uirá como uma primeira aproximação ao gênero.

O relato, como o filme, dá conta do trágico percurso de Uirá, da tribo Urubu-Kaapor, no Maranhão deste século, o qual um dia fica *iñaron* quando, após muitas desgraças comuns ao destino dos índios brasileiros, como fome, espoliação, epidemias, perseguições, perde também um dos filhos.

A palavra tupi *iñaron* designa um estado de fúria sagrada, associado ao sofrimento excessivo, não deixando de lembrar as famosas fúrias dos heróis gregos: Hércules, uma vez acometido por um desses acessos, enviado pela vingativa Hera, matou, sem o saber, seus três filhos e esposa, tal como vem narrado na tragédia **Héracles Furioso**, de Eurípedes. Nas **Bacantes**, do mesmo autor, Agave, fora de si, participa do desmembramento de seu filho adulto, Penteu, rei de Tebas. E talvez o mais formidável exemplo seja o da cólera de Aquiles, que dá nascimento à inteira composição da **Ilíada**, desencadeada por sua recusa a continuar lutando. Devido à recusa de Aquiles, quase foi perdida a guerra de Troia e, não fosse sua fúria, o poema não teria sido composto.

Em meio ao furacão histórico da fase do capitalismo selvagem no país, quando o acirramento da acumulação leva multinacionais e suas cabeças-de-ponte nacionais a apropriar-se dos mais recônditos confins com vistas ao lucro, encontram-se, estonteados, os índios. O único problema dos Mairum — nome inventado, tribo arquetípica de todas as tribos, povo de Maíra — é como sobreviver e como fazer sua cultura sobreviver, com crescente dificuldade.

O romance inteiro soa como uma lamentação, um carpir sobre o fim de uma civilização das mais admiráveis. Seus trechos mais bem realizados são aqueles nos quais uma espécie de narrador coletivo índio dá conta de sua maneira de ver o mundo, de como compreende e interpreta seus hábitos e tradições; e, o que é mais importante, franqueia para o leitor seu tremendo desejo de sobrevivência e alegria de viver.

A produção e publicação de um romance como esse, agora, mostra como o índio está mais vivo do que nunca em sua conexão com a literatura brasileira. Tampouco deve ser uma coincidência que, neste exato momento, outras ficções, filmes, romances, peças de teatro, novelas de televisão, canções, estejam sendo feitos, todos sobre os índios, todos lutando em defesa de sua preservação para a História. Quando há tanta desconfiança em relação à pulsão destrutiva da civilização ocidental e entre nós é tão escandaloso o capitalismo selvagem, isso pode vir a significar alguma coisa. Talvez uma postura mais cautelosa e menos arrogante, de quem está aprendendo a perceber que outras civilizações encontraram saídas melhores e, sobretudo, não suicidas para males que hoje parecem irremediáveis, como o problema do poder, da proliferação e potenciação dos armamentos, da destruição da natureza, do Estado e de seu aparelho, da igualdade nunca encontrada. A alegoria da moça branca morta ao parir mestiços mortos poderá significar também o caráter heteroletal e autoletal da etnia branca? Pode ser que a importância da civilização indígena esteja, final e penosamente, penetrando na consciência do corpo social brasileiro.

Walnice Nogueira Galvão. Indianismo revisitado. In: *Esboço de figura – Homenagem a Antonio Candido*. São Paulo: Duas Cidades, 1979, p. 379-89 (com adaptações).

(Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Considerando as relações semântico-sintáticas estabelecidas no texto II, julgue (C ou E) os itens a seguir.

11. As relações semântico-sintáticas no período "Nas **Bacantes**, do mesmo autor, Agave, fora de si, participa do desmembramento de seu filho adulto, Penteu, rei de Tebas" (l. 16 e 17) sustentam a inferência de que Agave tinha mais de um filho e apenas um deles era adulto.

12. O trecho "viceja um esplêndido indigenismo" (l. 2) indica que, para a autora, prosperou na literatura hispano-americana, durante todo o século XX, a imagem do índio como herói, como bom selvagem, ou seja, como elemento diferenciador da identidade de nações sul-americanas.

13. A oração reduzida iniciada pelo gerúndio "incluindo" (l. 6-7) poderia ser corretamente substituída pela seguinte oração desenvolvida: no qual se inclui vários trabalhos sobre os índios.

14. Infere-se do texto que, na tribo Urubu-Kaapor, a fúria sagrada se manifesta sempre que um parente, em especial, um filho, morre, o que, por consequência, demonstra que os índios dessa tribo valorizam os laços familiares e não aceitam a impermanência da existência humana.

Leia o texto a seguir para responder à questão 15.

Texto I

Descaso com saneamento deixa rios em estado de alerta

A crise hídrica transformou a paisagem urbana em muitas cidades paulistas. Casas passaram a contar com cisternas e caixas-d'água azuis se multiplicaram por telhados, lajes e até em garagens. Em regiões mais nobres, jardins e portarias de prédios ganharam placas que alertam sobre a utilização de água de reúso. As pessoas mudaram seu comportamento, economizaram e cobraram soluções.

As discussões sobre a gestão da água, nos mais diversos aspectos, saíram dos setores tradicionais e técnicos e ganharam espaço no cotidiano. Porém, vieram as chuvas, as enchentes e os rios urbanos voltaram a ficar tomados por lixo, mascarando, de certa forma, o enorme volume de esgoto que muitos desses corpos de água recebem diariamente.

É como se não precisássemos de cada gota de água desses rios urbanos e como se a água limpa que consumimos em nossas casas, em um passe de mágica, voltasse a existir em tamanha abundância, nos proporcionando o luxo de continuar a poluir centenas de córregos e milhares de riachos nas nossas cidades. Para completar, todo esse descaso decorrente da falta de saneamento se reverte em contaminação e em graves doenças de veiculação hídrica.

Dados do monitoramento da qualidade da água – que realizamos em rios, córregos e lagos de onze Estados brasileiros e do Distrito Federal – revelaram que 36,3% dos pontos de coleta analisados apresentam qualidade ruim ou péssima. Apenas 13 pontos foram avaliados com qualidade de água boa (4,5%) e os outros 59,2% estão em situação regular, o que significa um estado de alerta. Nenhum dos pontos analisados foi avaliado como ótimo.

Divulgamos esse grave retrato no Dia Mundial da Água (22 de março), com base nas análises realizadas entre março de 2015 e fevereiro de 2016, em 289 pontos de coleta distribuídos em 76 municípios.

(MANTOVANI, Mário; RIBEIRO, Malu. *UOL Notícias*, abril/2016.)

15. (Pref. Paulínia-SP – Ag. Fiscaliz – FGV – Maio/2016)

"*A crise hídrica transformou a paisagem urbana em muitas cidades paulistas. Casas passaram a contar com cisternas e caixas-d'água azuis se multiplicaram por telhados, lajes e até em garagens. Em regiões mais nobres, jardins e portarias de prédios ganharam placas que alertam sobre a utilização de água de reúso.*"

Infere-se corretamente desse segmento do texto que

a) a utilização da água de reúso é uma estratégia menos sofisticada.

b) a reutilização da água traz perigo à saúde, daí as placas de alerta.

c) as caixas-d'água se localizam em telhados para recolherem água da chuva.

d) as lajes passaram a substituir telhados por serem mais seguras.

e) as garagens são a localização mais comum para as caixas-d'água.

Leia o texto a seguir para responder à questão 16.

Texto 1 – Problemas Sociais Urbanos

Dentre os problemas sociais urbanos, merece destaque a questão da segregação urbana, fruto da concentração de renda no espaço das cidades e da falta de planejamento público que vise à promoção de políticas de controle ao crescimento desordenado das cidades. A especulação imobiliária favorece o encarecimento dos locais mais próximos dos grandes centros, tornando-os inacessíveis à grande massa populacional. Além disso, à medida que as cidades crescem, áreas que antes eram baratas e de fácil acesso tornam-se mais caras, o que contribui para que a grande maioria da população pobre busque por moradias em regiões ainda mais distantes.

Essas pessoas sofrem com as grandes distâncias dos locais de residência com os centros comerciais e os locais onde trabalham, uma vez que a esmagadora maioria dos habitantes que sofrem com esse processo são trabalhadores com baixos salários. Incluem-se a isso as precárias condições de transporte público e a péssima infraestrutura dessas zonas segregadas, que às vezes não contam com saneamento básico ou asfalto e apresentam elevados índices de violência.

A especulação imobiliária também acentua um problema cada vez maior no espaço das grandes, médias e até pequenas cidades: a

questão dos lotes vagos. Esse problema acontece por dois principais motivos: 1) falta de poder aquisitivo da população que possui terrenos, mas que não possui condições de construir neles e 2) a espera pela valorização dos lotes para que esses se tornem mais caros para uma venda posterior. Esses lotes vagos geralmente apresentam problemas como o acúmulo de lixo, mato alto, e acabam tornando-se focos de doenças, como a dengue.

PENA, Rodolfo F. Alves. "Problemas socioambientais urbanos"; *Brasil Escola*. Disponível em http://brasilescola.uol.com.br/brasil/problemas-ambientais-sociais-decorrentes-urbanização.htm. Acesso em 14 de abril de 2016.

16. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

" Dentre os problemas sociais urbanos, merece destaque a questão da segregação urbana, fruto da concentração de renda no espaço das cidades e da falta de planejamento público que vise à promoção de políticas de controle ao crescimento desordenado das cidades."

Pode ser inferido desse segmento do texto 1 que:

a) não há concentração de renda em todas as cidades;

b) os problemas sociais urbanos resumem-se à segregação;

c) o planejamento público se destina a impedir o crescimento das cidades;

d) as políticas de controle impediriam a concentração de renda;

e) os problemas sociais urbanos são vários e passíveis de controle.

Leia o texto a seguir para responder à questão 17.

Texto 2 – Violência e favelas

O crescimento dos índices de violência e a dramática transformação do crime manifestados nas grandes metrópoles são alarmantes, sobretudo, na cidade do Rio de Janeiro, sendo as favelas as mais afetadas nesse processo.

" A violência está o cúmulo do absurdo. É geral, não é? É geral, não tem, não está distinguindo raça, cor, dinheiro, com dinheiro, sem dinheiro, tá de pessoa para pessoa, não interessa se eu te conheço ou se eu não te conheço. Me irritou na rua eu te dou um tiro. É assim mesmo que está, e é irritante, o ser humano está em um estado de nervos que ele não está mais se controlando, aí junta a falta de dinheiro, junta falta de tudo, e quem tem mais tá querendo mais, e quem tem menos tá querendo alguma coisa e vai descontar em cima de quem tem mais, e tá uma rivalidade, uma violência que não tem mais tamanho, tá uma coisa insuportável." (moradora da Rocinha)

A recente escalada da violência no país está relacionada ao processo de globalização que se verifica, inclusive, ao nível das redes de criminalidade. A comunicação entre as redes internacionais ligadas ao crime organizado são realizadas para negociar armas e drogas. Por outro lado, verifica-se hoje, com as CPIs (Comissão Parlamentar de Inquérito) instaladas, ligações entre atores presentes em instituições estatais e redes do narcotráfico.

Nesse contexto, as camadas populares e seus bairros/favelas são crescentemente objeto de estigmatização, percebidos como causa da desordem social o que contribui para aprofundar a segregação nesses espaços. No outro polo, verifica-se um crescimento da autossegregação, especialmente por parte das elites que se encastelam nos enclaves fortificados na tentativa de se proteger da violência.

(Maria de Fátima Cabral Marques Gomes, *Scripta Nova*)

17. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

“ Por outro lado, verifica-se hoje, com as CPIs (Comissão Parlamentar de Inquérito) instaladas, ligações entre atores presentes em instituições estatais e redes do narcotráfico”.

Esse segmento do texto 2 alude ao seguinte fato:

a) preocupação das autoridades com a ampliação do crime;

b) investigação policial sobre o crime organizado;

c) corrupção em altos escalões do poder;

d) crescimento do crime em nosso país;

e) chegada ao Brasil do crime organizado.

Leia o texto a seguir para responder à questão 18.

Texto I

Banhos de mar

Meu pai acreditava que todos os anos se devia fazer uma cura de banhos de mar. E nunca fui tão feliz quanto naquelas temporadas de banhos em Olinda, Recife.

Meu pai também acreditava que o banho de mar salutar era o tomado antes de o sol nascer. Como ex- plicar o que eu sentia de presente prodigioso em sair de casa de madrugada e pegar o bonde vazio que nos levaria para Olinda ainda na escuridão?

De noite eu ia dormir, mas o coração se mantinha acordado, em expectativa. E de puro alvoroço, eu acordava às quatro e pouco da madrugada e despertava o resto da família. Nós nos vestíamos depressa e saíamos em jejum. Porque meu pai acreditava que assim devia ser: em jejum.

Saímos para uma rua toda escura, recebendo a brisa da pré-madrugada. E esperávamos o bonde. Até que lá de longe ouvíamos o seu barulho se aproximando. Eu me sentava bem na ponta do banco, e minha felicidade começava. Atravessar a cidade escura me dava algo que jamais tive de novo. No bonde mesmo o tempo começava a clarear, e uma luz trêmula de sol escondido nos banhava e banhava o mundo.

Eu olhava tudo: as poucas pessoas na rua, a passagem pelo campo com os bichos-de-pé: “ Olhe, um porco de verdade!” gritei uma vez, e a frase de deslumbramento ficou sendo uma das brincadeiras da minha família, que de vez em quando me dizia rindo: “ Olhe, um porco de verdade.”

Eu não sei da infância alheia. Mas essa viagem diária me tornava uma criança completa de alegria. E me serviu como promessa de felicidade para o futuro. Minha capacidade de ser feliz se revelava. Eu me agarrava, dentro de uma infância muito infeliz, a essa ilha encantada que era a viagem diária.

LISPECTOR, C. *A Descoberta do Mundo*. São Paulo: Rocco, 1999, p. 175. Adaptado.

18. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016)

No Texto I, a narradora diz que “ uma luz trêmula de sol escondido nos banhava e banhava o mundo” (l. 12). Essa imagem apresenta indícios de que

a) o sol estava encoberto, talvez por nuvens, talvez por folhagens.

b) uma inversão entre o sol e sua luz justifica essa visão subjetiva.

c) a luz parecia reproduzir as mesmas emoções da menina.

d) o dia amanhecia mais tarde do que o costumeiro.

e) os banhos de mar aconteciam em qualquer lugar.

Leia o texto a seguir para responder às questões 19 e 20.

Uma noite no mar Cáspio

Na semana passada, uma aluna da Sorbonne foi encarregada de fazer um estudo sobre a literatura latino-americana, mal informada de tudo, inclusive sobre a América Latina. Veio entrevistar algumas pessoas e, não sei por que, pediu-me que a recebesse para uma conversa que pudesse explicar o Brasil com apenas um título que serviria de roteiro para o trabalho que deveria apresentar.

Já me pediram coisas extravagantes, recusei algumas, aceitei outras. Aleguei minha incompetência para titular qualquer coisa.

Mas não quis decepcionar a moça. Pensando na atual crise política, sugeri " Garruchas e punhais" – era o nome da briga entre os meninos da rua Cabuçu contra os meninos da rua Lins de Vasconcelos. Morei nas duas e era considerado um espião a soldo de uma ou de outra. O que no fundo era verdade, considerava idiotas os dois lados.

A moça riu mas não gostou. Todos os países têm garruchas e punhais. Dei outra sugestão: " O mosteiro de tijolos de feltro". Ela não gostou – nem eu. Parti então para uma terceira via, por sinal, a mais estúpida. Pensou um pouco, inicialmente recusou. Olhou bem para mim e aprovou: " Uma noite no mar Cáspio". Para meu espanto, ela aceitou. Acredito que os professores da Sorbonne também gostarão. E eu nem sei onde fica o mar Cáspio, embora também não saiba onde fica o Brasil.

(Carlos Heitor Cony. *Folha de S.Paulo,* 26.01.2016. Adaptado)

19. (C.M. Marília-SP – Proc. Jurídico – Vunesp – Abril/2016)

Com as passagens do texto " mal informada de tudo" (1º parágrafo) e " Mas não quis decepcionar a moça." (3º parágrafo), o narrador mostra-se

a) hostil, embora a aluna da Sorbonne não evidenciasse entusiasmo pelo assunto do trabalho a ser realizado.

b) apreensivo, pois a aluna da Sorbonne não demonstrava interesse no assunto do trabalho a ser realizado.

c) receptivo, ainda que a aluna da Sorbonne não dominasse o assunto do trabalho a ser realizado.

d) indiferente, tanto que a aluna da Sorbonne não manifestou conhecimento do assunto do trabalho a ser realizado.

e) confuso, à medida que a aluna da Sorbonne dava indícios de desconhecer o assunto do trabalho a ser realizado.

20. (C.M. Marília-SP – Proc. Jurídico – Vunesp – Abril/2016)

A frase – Morei nas duas e era considerado um espião a soldo de uma ou de outra. O que no fundo era verdade, considerava idiotas os dois lados (3º parágrafo) indica que o narrador, em suas brincadeiras de criança,

a) acreditava que a rivalidade entre as duas ruas era algo sem propósito.

b) orgulhava-se por ser espião nas duas ruas, principalmente pelo pagamento.

c) pagava aos meninos de ambas as ruas para não se envolver em suas brigas.

d) atendia os pedidos dos amigos, pois se considerava o melhor espião do lugar.

e) encantava-se com a richa entre as ruas, por isso defendia a mais forte.

(Leia o texto a seguir para responder à questão 21.

Vira e mexe alguns *blogs* maternos publicam textos sobre " As vantagens de ser mãe de menina" ou " Por que é bom ser mãe de menino": " meninos não têm frescura", " meninas são mais delicadas", " eles são mais corajosos", " elas são mais choronas" e por aí vai. Leio isso e tenho vontade de gritar por ver estereótipos de gênero tão pesados serem perpetuados sem nenhuma reflexão. Já pensou que seu filho é uma figura única e a infinidade de coisas que pode ser ou sentir não cabe em listas, caixas ou rótulos? Pior: que você definir como ele deve ser ou se comportar dependendo de seu gênero pode ser muito, muito cruel?

Aos meninos são permitidas vivências mais amplas. Eles podem subir muros, escalar os brinquedos do *playground*, enquanto as meninas não, veja bem, vai sujar seu sapato de princesa, filha, vai mostrar sua calcinha, não pega bem, filha, não é assim que uma menina brinca. E por isso, só por isso, que se perpetua a ideia de que os meninos são mais " aventureiros" e " danados" e as meninas mais " cuidadosas". Fazemos as meninas mais infelizes, isso sim.

Ser menino também pode não ser fácil, principalmente se os pais acreditarem que podem definir o que ele deve sentir ou gostar. Meu filho adorava brincar com os carrinhos de boneca das meninas do *playground* do prédio. Só depois de eu dizer que " tudo bem" as mães ou babás ficavam à vontade em deixá-lo empurrar as bonecas ou carregá-las. Por que tanto receio? O que um menino pode virar depois de brincar de boneca? Um pai carinhoso e dedicado no futuro?

Uma vez, em uma loja de brinquedos, meu filho ficou empolgadíssimo ao ver uma pia que funcionava de verdade, com uma torneirinha de água. E pediu muito para que eu comprasse. As opções de cores deixavam claro para quem o brinquedo era fabricado: só havia pias rosa e lilás. " Esse brinquedo é de menina", alertou a vendedora, cheia de boa vontade, como se eu estivesse me distraído e não percebido o " engano" ao considerar a compra. Eu disse para ela que na minha casa lavar louça é uma atividade *unissex*, que o pai do meu filho encara muito prato e panela suja e, por isso, brincar de casinha é uma brincadeira de menino sim. Meu filho saiu da loja feliz da vida com seu brinquedo rosa que, aliás, para ele é só uma cor, como outra qualquer. O avô estranhou o presente até eu levá-lo à reflexão: " Quantas pias de louça suja você lavou e lava na sua vida, para manter sua casa em ordem?". E só daí meu pai percebeu o tamanho da bobagem que fazia ao acreditar que lavar louça é uma atividade exclusivamente feminina.

E para quem gosta de listas, proponho uma única: " As vantagens de ser mãe de uma criança feliz". É essa que eu espero estar escrevendo, no dia a dia, ao não determinar como meu filho pode ou não ser.

(Rita Lisauskas, A crueldade de dividir o mundo entre "coisas de menino" e "coisas de meninas". Disponível em: <vida-estilo.estadao.com.br>. Acesso em 10-02-2016. Adaptado)

21. (Unesp – Ass. Administrativo I – Vunesp – Abril/2016)

O episódio ocorrido em uma loja de brinquedos demonstra que

a) a vendedora imaginou que a autora procurava um brinquedo de menina para presentear alguém.

b) o brinquedo que interessou ao menino é convencionalmente associado a uma atividade feminina.

c) brincar de casinha não merece a aprovação da autora, especialmente porque seu filho pode se interessar por isso.

d) o avô do garoto não acatou o argumento da filha e continuou sendo contrário a homem lavar louça.

e) a autora teve dificuldade em aceitar a escolha do filho, fazendo juízos equivocados das escolhas dele.

Leia o texto a seguir para responder à questão 22.

É permitido sonhar

Os bastidores do vestibular são cheios de histórias – curiosas, estranhas, comoventes. O jovem que chega atrasado por alguns segundos, por exemplo, é uma figura clássica, e patética. Mas existem outras figuras capazes de chamar a atenção.

Takeshi Nojima é um caso. Ele fez vestibular para a Faculdade de Medicina da Universidade do Paraná. Veio do Japão aos 11 anos, trabalhou em várias coisas, e agora quer começar uma carreira médica.

Nada surpreendente, não fosse a idade do Takeshi: ele tem 80 anos. Isto mesmo, 80. Numa fase em que outros já passaram até da aposentadoria compulsória, ele se prepara para iniciar nova vida. E o faz tranquilo: "Cuidei de meus pais, cuidei dos meus filhos. Agora posso realizar um sonho que trago da infância".

Não faltará quem critique Takeshi Nojima: ele está tirando o lugar de jovens, dirá algum darwinista social. Eu ponderaria que nem tudo na vida se regula pelo critério cronológico. Há pais que passam muito pouco tempo com os filhos e nem por isso são maus pais; o que interessa é a qualidade do tempo, não a quantidade. Talvez a expectativa de vida não permita ao vestibulando Nojima uma longa carreira na profissão médica. Mas os anos, ou meses, ou mesmo os dias que dedicar a seus pacientes terão em si a carga afetiva de uma existência inteira.

Não sei se Takeshi Nojima passou no vestibular; a notícia que li não esclarecia a respeito. Mas ele mesmo disse que isto não teria importância: se fosse reprovado, começaria tudo de novo. E aí de novo ele dá um exemplo. Os resultados do difícil exame trazem desilusão para muitos jovens, e não são poucos os que pensam em desistir por causa de um fracasso. A estes eu digo: antes de abandonar a luta, pensem em Takeshi Nojima, pensem na força de seu sonho. Sonhar não é proibido. É um dever.

(Moacyr Scliar. *Minha mãe não dorme enquanto eu não chegar*, 1996. Adaptado)

22. (Unifesp – Técnico Seg. Trab. – Vunesp – Abril/2016)

No último parágrafo do texto, na passagem –… se fosse reprovado, começaria tudo **de novo**. E aí **de novo** ele dá um exemplo. –, a repetição das expressões em destaque ressalta a ideia de

a) perseverança.

b) desilusão.

c) proibição.

d) abandono.

e) fracasso.

Leia o texto a seguir para responder à questão 23.

Entre as boas figuras de boa-fé do Rio de Janeiro figurava o Garcia, bom homem, cujo único defeito era ser fraco de inteligência, defeito que todos lhe perdoavam por não ser culpa dele.

O nosso herói não se empregava absolutamente em outra coisa que não fosse comer, beber, dormir e trocar as pernas pela cidade. Tinha herdado dos pais o suficiente para levar essa vida folgada e milagrosa, e só gastava o rendimento do seu patrimônio.

Casara-se com d. Laura, que, não sendo formosa que o inquietasse, nem feia que lhe repugnasse, era mais inteligente e instruída

que ele. Esta superioridade dava-lhe certo ascendente, de que ela usava e abusava no lar doméstico, onde só a sua vontade e a sua opinião prevaleciam sempre.

O Garcia não se revoltava contra a passividade a que era submetido pela mulher: reconhecia que d. Laura tinha sobre ele grandes vantagens intelectuais e, se era honesta e fiel aos seus deveres conjugais, que lhe importava a ele o resto?

(Artur Azevedo, O espírito. Em: *Seleção de Contos*, 2014. Adaptado)

23. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Ao dizer que uma das coisas que Garcia fazia era " trocar as pernas pela cidade", o narrador pretende dizer que o homem

a) andava sempre acompanhado.

b) ia a poucos lugares.

c) dava passos largos.

d) tinha as pernas fracas.

e) caminhava sem rumo.

Leia o texto a seguir para responder à questão 24.

Tato

Na poltrona da sala
as minhas mãos sob a nuca
    sinto nos dedos
    a dureza dos ossos da cabeça
    a seda dos cabelos
    que são meus
A morte é uma certeza invencível
    mas o tato me dá
    a consistente realidade
    de minha presença no mundo

(Ferreira Gullar, *Muitas vozes*, 2013)

24. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

A leitura do poema revela que a criação poética baseia-se em

a) uma situação prosaica.

b) um momento melancólico.

c) uma cena imaginária.

d) um fato inusitado.

e) uma circunstância irreal.

Gabarito: 1. a; 2. e; 3. a; 4. E; 5. C; 6. E; 7. E; 8. C; 9. C; 10. b; 11. C; 12. E; 13. E; 14. E; 15. b; 16. e; 17. c; 18. a; 19. c; 20. a; 21. b; 22. a; 23. e; 24. a.

26.6. RESUMO

Enunciados mais comuns de inferência:

• *Depreende-se/infere-se/conclui-se do texto que...*

• *O texto permite deduzir/inferir que...*

• *É possível subentender do texto que...*

• *Qual a intenção do autor quando afirma que...*

• *O texto possibilita o entendimento de que...*

• *O autor pretende mostrar que...*

Referências

BECHARA, Evanildo. *Gramática escolar da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

CARNEIRO, Agostinho Dias. *Redação em construção*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2001.

CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Luís Felipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FÁVERO, Leonor Lopes. *Coesão e coerência textuais*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. *Para entender o texto*. 12. ed. São Paulo: Ática, 1996.

GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna*. 20. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KOCH, Ingedore Villaça. *A coesão textual*. 11. ed. São Paulo: Contexto, 1999.

LUFT, Celso Pedro. *Dicionário prático de regência verbal*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995.

RIBEIRO, Manoel Pinto. *Nova gramática aplicada da Língua Portuguesa*. 16. ed. Rio de Janeiro: Metáfora, 2006.

RYAN, Maria Aparecida. *Conjugação dos verbos em português*. 9. ed. São Paulo: Ática, 1993.

TERRA, Ernani. *Curso prático de gramática*. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2007.

1 Os exemplos utilizados para explicar como se constrói uma narrativa são tirados de um mesmo texto de Ziraldo.

“750 frases comentadas
+650 questões de concursos com gabarito ao final”

GRÁTIS
VIDEOAULAS COM RESOLUÇÃO DE QUESTÕES

GRAMÁTICA COMENTADA COM INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS para concursos

Adriana Figueiredo

5ª edição

Indicado em 2014 pelo portal CONCURSOS PÚBLICOS da Revista Exame como um dos 10 LIVROS DE PORTUGUÊS INDISPENSÁVEIS PARA CONCURSEIROS

saraiva uni

saraiva aprova

ISBN 9788547217846

Figueiredo, Adriana
Gramática comentada com interpretação de textos para concursos / Adriana Figueiredo. – 5. ed. – São Paulo : Saraiva, 2017.
1. Português - Concursos 2. Português - Exames, questões etc. 3. Português - Gramática 4. Português - Gramática (Vestibular) 5. Português - Gramática - Estudo e ensino 6. Textos - Interpretação I. Título.
16-1492 CDU 469.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Gramática : Português : Linguística 469.5

Presidente Eduardo Mufarej

Vice-presidente Claudio Lensing

Diretora editorial Flávia Alves Bravin

Conselho editorial

Presidente Carlos Ragazzo

Gerente de aquisição Roberta Densa

Consultor acadêmico Murilo Angeli

Gerente de concursos Roberto Navarro

Gerente editorial Thaís de Camargo Rodrigues

Edição Liana Ganiko Brito Catenacci | Sergio Lopes de Carvalho

Produção editorial Maria Izabel B. B. Bressan (coord.) | Carolina Massanhi | Claudirene de Moura S. Silva | Cecília Devus | Daniele Debora de Souza | Denise Pisaneschi | Ivani Aparecida Martins Cazarim | Ivone Rufino Calabria | Willians Calazans de V. de Melo
Clarissa Boraschi Maria (coord.) | Kelli Priscila Pinto | Marília Cordeiro | Mônica Landi | Tatiana dos Santos Romão | Tiago Dela Rosa

Diagramação (Livro Físico) Perfekta Soluções Editoriais

Revisão Amanda Maria de Carvalho Anhoque

Comunicação e MKT Elaine Cristina da Silva

Capa Guilherme P. Pinto

Livro digital (E-pub)

Produção do e-pub Guilherme Henrique Martins Salvador

Serviços editoriais Surane Vellenich

Data de fechamento da edição: 10-1-2017

Dúvidas?

Acesse www.editorasaraiva.com.br/direito

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Saraiva.
A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei n. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Quase sempre o apego é a causa do insucesso.

Mokiti Okada

Sumário

Agradecimentos

Prefácio

Apresentação

Parte I - Ortografia e semântica

1 Estudo da Sílaba

1.1. Teoria e Exemplos Comentados

1.1.1. Sílaba tônica

1.1.2. Encontros vocálicos

1.1.3. Encontros consonantais

1.1.4. Dígrafo

1.2. Questões de concursos PROPOSTAS (COM gabarito no final)

2 Acentuação Gráfica (sob o Novo Acordo Ortográfico)

2.1. Teoria e Exemplos Comentados

2.1.1. Regra geral

2.1.2. Outros casos

2.2. Questões de concursos propostas (com gabarito no final)

2.3. Resumo

3 Hífen

3.1. Teoria e Exemplos Comentados

3.1.1. Prefixos

3.1.2. Sufixos

3.1.3. Nomes compostos

4 Homônimos e Parônimos

4.1. Teoria e Exemplos Comentados

4.2. Questões de concursos propostas (com gabarito no final)

5 Uso de por que, por quê, porque e porquê

5.1. Teoria e Exemplos Comentados

6 Uso de expressões cotidianas

6.1. Teoria e Exemplos Comentados

6.1.1. Uso de há e a

6.1.2. Outras expressões que costumam suscitar dúvidas

6.2. Questões de concursos comentadas

6.3. Questões de Concursos Propostas (com gabarito no final)

Parte II - Morfologia

7 Classes Gramaticais

7.1. Teoria e Exemplos Comentados

7.1.1. Artigo

7.1.2. Substantivo

7.1.3. Adjetivo

7.1.4. Advérbio

7.1.5. Plural dos nomes compostos

7.1.5.1. Plural dos substantivos compostos

7.1.5.2. Plural dos adjetivos compostos

7.2. Exercícios de Fixação (COM GABARITO nO FINAL)
7.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS
7.4. Questões de Concursos Propostas (Com Gabarito no Final)
7.5. Resumo
8 FLEXÃO VERBAL
8.1. Principais verbos que se conjugam a partir de outros
8.1.1. Pôr (líder)
8.1.2. Ter (líder)
8.1.3. Ver (líder)
8.1.4. Vir (líder)
8.1.5. Dizer (líder)
8.1.6. Fazer (líder)
8.1.7. Querer (líder)
8.1.8. Valer (líder)
8.2. Falsos Amigos Conjugados
8.2.1. Prover
8.2.2. Requerer
8.3. Verbos Defectivos
8.3.1. Reaver
8.3.2. Precaver
8.4. Outros verbos irregulares que merecem um cuidado especial
8.4.1. Agredir
8.4.2. Ferir
8.4.3. Fugir

8.4.4. Crer
8.4.5. Ir
8.4.6. Haver
8.5. Verbos em -EAR
8.6. Verbos em -IAR
8.7. Tempos Compostos
8.8. Formação do Imperativo
8.9. Formas Nominais
8.10. A semântica dos verbos
8.10.1. Modo Indicativo
8.10.2. Modo Subjuntivo
8.11. Exercícios de Fixação (com gabarito No final)
8.12. Questões de Concursos Comentadas
8.13. QUESTÕES DE CONCURSOS propostas (com gabarito no final)
9 Pronomes
9.1. Pronomes Pessoais
9.1.1. Retos
9.1.2. Oblíquos
9.1.2.1. Colocação dos pronomes oblíquos átonos
9.1.2.2. Reflexivos
9.1.2.3. Recíprocos
9.2. Pronomes de Tratamento
9.3. Pronomes Possessivos
9.4. Pronomes Indefinidos

9.5. Pronomes Interrogativos
9.6. Pronomes Demonstrativos
9.7. As funções textuais dos pronomes
9.8. Pronomes Relativos
9.9. Exercícios de Fixação (COM Gabarito No Final)
9.10. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS
9.11. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (com gabarito no final)
9.12. RESUMO
10 Preposição
10.1. Teoria e Exemplos Comentados
10.2. Valor relacional e nocional da preposição
10.3. Questões de concursos comentadas
11 Conjunções
11.1. Teoria e Exemplos Comentados
11.1.1. Conjunções coordenativas
11.1.2. Conjunções subordinativas
11.1.3. Valores semânticos das principais conjunções
11.1.4. Como estudar as conjunções
11.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)
11.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS
11.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (com gabarito no final)
11.5. RESUMO
Parte III - Sintaxe

12 Predicação Verbal

12.1. Teoria e Exemplos Comentados

12.1.1. Verbo intransitivo

12.1.2. Verbo transitivo

12.1.3. Verbo de ligação

12.1.4. Tipos de predicado

12.2. Exercícios de Fixação (com gabarito no final)

12.3. Questões de Concursos Comentadas

13 Termos da Oração

13.1. Teoria e Exemplos Comentados

13.1.1. Termos integrantes

13.1.2. Termos acessórios

13.2. Exercícios de Fixação (Com Gabarito No Final)

13.3. Questões de Concursos Comentadas

13.4. QUESTÕES DE CONCURSOS propostas (com gabarito no final)

13.5. Resumo

14 Vozes Verbais

14.1. Teoria e Exemplos Comentados

14.2. Reescritura de Frases (Como passar uma frase de uma voz à outra)

14.3. Exercícios de Fixação (COM Gabarito No Final)

14.4. Questões que perguntam se a frase admite transportação para a voz passiva

14.5. Questões que pedem para passar de uma voz à outra

14.6. Questões para se identificar a voz da frase

14.6. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (com gabarito no final)

14.7. Resumo

15 Período Composto

15.1. Teoria e Exemplos Comentados

15.2. Orações Coordenadas X Orações Subordinadas

15.2.1. Orações coordenadas

15.2.2. Orações subordinadas

15.3. As funções sintáticas do pronome relativo

15.4. Orações reduzidas

15.5. Exercícios de Fixação (COM Gabarito No Final)

15.6. Questões de concursos comentadas

15.7. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM gabarito No final)

15.8. RESUMO

16 Concordância Nominal

16.1. Teoria e Exemplos comentados

16.1.1. Introdução

16.1.2. Concordância nominal: Parte I – As funções sintáticas do adjetivo

16.1.2.1. Adjetivo na função de adjunto adnominal posposto aos substantivos

16.1.2.2. Adjetivo na função de adjunto adnominal anteposto aos substantivos

16.1.2.3. Adjetivo na função de predicativo

16.1.3. Concordância nominal: Parte II – Casos especiais

16.1.3.1. As expressões é bom, é proibido...

16.1.3.2. Plural do adjetivo composto

16.1.3.3. Expressões mesmo, próprio, obrigado, anexo...

16.1.3.4. Expressões menos, pseudo, alerta, um e outro, um ou outro...

16.1.3.5. Expressões só, meio, bastante, caro, barato...

16.1.3.6. Expressões o mais possível, a olhos visto, haja vista...

16.1.3.7. Um substantivo modificado por dois ou mais adjetivos

16.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (com gabarito no final)

16.3. QUESTÕES DE CONCURSOs COMENTADAS

16.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM Gabarito No Final)

16.5. RESUMO

17 Concordância Verbal

17.1. Teoria e Exemplos Comentados

17.1.1. Concordância verbal: Parte I – Tipos de sujeito

17.1.1.1. Concordância verbal com o sujeito simples

17.1.1.2. Concordância verbal com o sujeito composto

17.1.1.3. Concordância verbal com o sujeito indeterminado

17.1.1.4. Concordância verbal com o sujeito oracional

17.1.2. Concordância verbal: Parte II – Casos especiais

17.1.2.1. Concordância do verbo SER

17.1.2.2. Concordância com a preposição COM

17.1.2.3. Concordância com pronomes indefinidos

17.1.2.4. Concordância com a conjunção OU

17.1.2.5. Concordância com as expressões um ou outro, um e outro, nem um nem outro

17.1.2.6. Concordância com palavras sinônimas ou em gradação e com verbos no infinitivo

17.1.2.7. Concordância com o sujeito coletivo, com porcentagem e expressões a maioria de, grande parte de…

17.1.2.8. Concordância com as expressões qual de nós, quais de vós…

17.1.2.9. Concordância com as expressões mais de, cerca de…

17.1.2.10. Concordância com as expressões que, quem, um dos que

17.1.2.11. Concordância ideológica (silepse)

17.1.2.12. Concordância com verbos no infinitivo

17.2. Exemplos comentados

17.3. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (com gabarito no final)

17.4. QUESTÕES DE CONCURSOs COMENTADAS

17.5. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (com gabarito no final)

17.6. RESUMO

18 Regência Verbal

18.1. Teoria e Exemplos comentados

18.1.1. Regência dos verbos mais pedidos em provas

18.2. Regência com Pronome Relativo

18.2.1. Uso de preposição que antecede o pronome relativo

18.2.2. Uso de onde, aonde, donde

18.3. Exercícios de Fixação (com gabarito no final)

18.4. Questões de Concursos Comentadas

18.5. Questões de Concursos Propostas (com gabarito No final)

19 Crase

19.1. Teoria e Exemplos comentados
19.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (com gabarito no final)
19.3. QUESTÕES DE CONCURSOs COMENTADAS
19.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (com gabarito No final)
19.5. RESUMO
20 Pontuação
20.1. Teoria e Exemplos Comentados
20.1.1. Vírgula
20.1.2. Ponto e vírgula
20.1.3. Dois-pontos
20.1.4. Aspas
20.1.5. Travessões
20.1.6. Parênteses
20.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (com gabarito no final)
20.3. Questões de Concursos Comentadas
20.4. Questões de Concursos Propostas (com gabarito no final)
20.5. RESUMO
21 As Palavras Que e Se
21.1. Teoria e Exemplos comentados
21.1.1. A palavra que
21.1.2. A palavra se
21.2. Exercícios de fixação (com gabarito no final)
21.3. Questões de Concursos Propostas (com gabarito no final)
21.4. RESUMO

22 Figuras de Linguagem
22.1. Teoria sucinta
22.1.1. Figuras de palavras
22.1.2. Figuras de sintaxe
22.1.3. Figuras de pensamento
22.2. Questões de concursoS Propostas (com gabarito no final)

Parte IV - Interpretação de textos
23 Tipologia Textual
23.1. Teoria e Exemplos comentados
23.1.1. Os modos e os tipos de texto
23.1.2. A narração
23.1.2.1. As modalidades da narração
23.1.2.2. Os elementos da narração
23.1.2.2.1. As ações
23.1.2.2.2. Os personagens
23.1.2.2.3. O narrador
23.1.2.2.4. O narrador e os tipos de discurso
23.1.3. A narração e os tempos verbais
23.1.4. A narração e a descrição
23.1.5. A descrição
23.1.5.1. A passagem do tempo na descrição
23.1.5.2. Os tipos de descrição
23.1.5.2.1. Descrição de objetos

23.1.5.2.2. Descrição de fatos científicos

23.1.5.2.3. Descrição de seres humanos

23.1.5.2.4. Descrição de paisagens

23.1.6. A dissertação

23.1.6.1. O texto dissertativo expositivo

23.1.6.2. O texto dissertativo opinativo

23.1.6.3. A estruturação argumentativa

23.1.6.4. Outras modalidades do texto dissertativo

23.1.6.4.1. Texto didático

23.1.6.4.2. Texto preditivo

23.1.6.4.3. Texto polêmico

23.1.6.4.4. Texto injuntivo

23.1.7. Tipologia textual – esquema

23.1.7.1. Modos de texto: estrutura/organização do texto

23.1.7.2. Tipos de textos: finalidade do texto

23.1.8. Enunciados de tipologia textual

23.2. Exemplos comentados

23.3. Questões de Concursos Comentadas

23.4. Questões de ConcursoS Propostas (com Gabarito COMENTADO no final)

23.5. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

24 Estruturação Argumentativa

24.1. Teoria Resumida

24.1.1. O parágrafo argumentativo

24.1.2. O tópico frasal

24.1.3. A estruturação do parágrafo argumentativo

24.1.4. Análise da estruturação do parágrafo

24.1.5. Como expandir o parágrafo

24.2. Exemplos Comentados

24.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

24.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

25 Coesão e Coerência

25.1. Teoria e Exemplos Comentados

25.2. questões de concursoS Comentadas

25.3. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

26 Compreensão e Interpretação de Textos

26.1. COMPREENSÃO DE TEXTOS

26.2. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

26.3. Resumo

26.4. INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

26.5. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

26.6. Resumo

Referências

Agradecimentos

Ao meu amado marido, Marcelo, amigo, parceiro, meu maior incentivador.

Aos meus filhos, Fernanda, Guilherme e Nicholas, luzes da minha vida.

Aos meus alunos amigos, que sempre foram a razão da minha constante busca pela melhor maneira de ensinar.

Prefácio

Altíloqua, **b**enévola, **c**élebre, **d**escomunal, **e**minente... **z**elosa – mesmo buscando todas as letras do alfabeto ainda continua impossível encontrar aquele vocábulo que sintetize todas as características de Adriana Figueiredo. Mas encontramos ao menos uma palavra perfeita para adjetivar a **f**abulosa e **g**enerosa mestre: **h**eroica, na conjugação da maternidade com o magistério.

Ao longo de vinte anos de magistério, Adriana foi seguidas vezes **l**aureada pelos alunos, sendo que vários se tornaram seus discípulos, consagrando-se, ela, sem exagero, a **m**elhor professora de Língua Portuguesa do segmento de concursos públicos e, como consequência natural, **n**otável autora.

Paulo Freire frisa que todo professor, ao passar pela vida de um aluno, deixa sua marca. A marca de Adriana é fazer crer que todos são capazes de aprender e compreender a Língua Portuguesa, que não existe mistério, fórmula mágica ou estrutura pré-moldada. O que há: compreensão. Adriana transforma cada aluno em protagonista do aprendizado – técnica dominada por poucos – propiciando o raciocínio para a descoberta dos segredos da Língua Portuguesa. Isso se materializa nesta obra.

É muito difícil a um professor não desejar ensinar. Peço licença, portanto, para uma singela lição. Fórmulas, bússolas, macetes, nada disso é eficaz e perpétuo. A preparação para concursos públicos sofre uma profunda transformação nos últimos anos. As bancas, cada vez mais, exploram questões valorativas do raciocínio. A famigerada decoreba desacompanhada da compreensão perde espaço com celeridade. É preciso que o candidato tenha materiais propiciadores do aprendizado profundo, com qualidade e objetividade. Desse modo, *Gramática comentada com interpretação de textos para concursos* cumpre sua função com maestria, sendo **o**portuna e **p**recisa.

Afirmo, sem receio, que a **q**uerida Adriana, no exercício do magistério e nesta obra, une a morfologia com a sintaxe de forma reluzente, desmitificando a Língua Portuguesa, tornando-a acessível a todos e, com isso, aniquilando todas as dificuldades.

Gramática comentada com interpretação de textos para concursos é, nesse sentido, um marco no segmento de concursos públicos, transformando a Língua Portuguesa, uma das disciplinas temidas pelos candidatos e explorada com afinco pelas bancas, uma matéria acessível e, por conseguinte, fácil de ser compreendida.

A obra compõe-se de 25 capítulos, estruturados em três etapas. A primeira, destinada à teoria, apresentada de forma objetiva e profunda, não causando perda de tempo ao candidato. A segunda etapa destina-se aos exercícios de fixação. São testes diretos e sucintos, todos comentados. Dessa maneira, o aluno revê a teoria e a fixa, estando, ao final, apto a encarar a última etapa, que são as questões de concursos anteriores. É o método ideal, que deveria ser utilizado em todas as disciplinas: teoria, fixação por meio de exercício e provas anteriores.

Ao cumprir todos os ciclos nos diversos capítulos, o leitor verificará ser o livro **s**imples – dom dos sábios –,

teórico – raridade no mundo contemporâneo – e, por conseguinte, **ú**nico.

Atualmente, o candidato não pode perder tempo com materiais complexos e oblíquos – características inexistentes nesta obra. *Gramática comentada com interpretação de textos para concursos* propicia ao leitor aquilo de que ele mais necessita: um aprendizado **v**ertiginoso da Língua Portuguesa num ritmo **w**agneriano. A dualidade simplicidade/aprofundamento teórico conduz ao **X** da questão. A união de estruturas opostas é algo difícil; para muitos, impossível e, contudo, perfeita. Utilizando-se dos ensinamentos orientais, Adriana realizou uma obra ***yin-yang***.

Ao final do livro, o leitor verificará que este trabalho não agrada apenas a Fernanda, Guilherme, Nicholas, Marcelo, alunos, discípulos e amigos da Adriana, mas a todos.

Caro leitor, uma excelente obra está em suas mãos. Delicie-se.

Rio de Janeiro, fevereiro de 2015.

Carlos Eduardo Guerra de Moraes

Professor da Faculdade de Direito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e do Centro de Estudos Guerra de Moraes (CEGM).

Diretor da Faculdade de Direito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), quadriênio março de 2012 a março de 2016.

Advogado.

Apresentação

Esta obra, com uma metodologia resultante de anos de experiência em sala de aula, compreende as **três etapas** que consideramos essenciais para assegurar uma abordagem prática e objetiva do aprendizado:

A **primeira** é a apresentação de teoria, que é desenvolvida de forma lógica, para que o leitor não se perca em meio a uma série de informações amontoadas. Dicas essenciais são sinalizadas durante a apresentação do conteúdo. Além disso, em cada tópico, há os exemplos comentados, que ajudarão no esclarecimento dos conceitos. São frases, seguidas de sua explicação.

Na **segunda etapa**, expandem-se os conceitos aprendidos com questões de concursos, referentes a todos os tópicos do capítulo, detalhadamente comentadas. Nos comentários de cada questão, contrapõe-se a alternativa certa às erradas, explicando-se item por item.

O objetivo da **terceira etapa** é aprofundar o aprendizado. Para isso, nos tópicos mais complexos, você vai treinar à exaustão, com uma bateria de exercícios de fixação: frases simples selecionadas para praticar a essência da teoria e os fundamentos-chave aprendidos. Por fim, ao final de cada capítulo, selecionamos questões, com gabarito, das principais instituições organizadoras de concursos público, para que o leitor tenha uma preparação completa. Quem sabe Português se prepara para qualquer concurso.

Além disso, um benefício: para os tópicos mais frequentes em concursos, há um resumo, essencial para sistematizar o conteúdo apreendido e facilitar a resolução de questões de provas.

Quanto aos assuntos, esta gramática está dividida em quatro partes: **Ortografia e semântica; Morfologia; Sintaxe;** e **Interpretação de textos.**

Procurei, sempre que possível, utilizar uma linguagem informal, que facilitasse seus estudos. Esta é a gramática que elaborei para você: com uma linguagem simples e lógica, como deve ser o aprendizado da nossa língua.

Tudo isso faz com que esta gramática tenha este diferencial no mercado: ela é completa. Gramática com interpretação de textos. E comentada. Tudo isso em um só livro.

A Autora

Parte I

Ortografia e semântica

1 ESTUDO DA SÍLABA

1.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

1.1.1. Sílaba tônica

Para começar, faremos uma revisão de **ortografia**. Você sabe o que significa sílaba tônica? **Sílaba tônica** é a sílaba da palavra que é pronunciada com maior intensidade. Quanto à posição da sílaba tônica, as palavras classificam-se em:

a) oxítonas – a sílaba tônica é a última da palavra:

maracu**já**, ca**fé**, recom**por**

b) paroxítonas – a sílaba tônica é a penúltima da palavra:

ca**dei**ra, ca**rá**ter, **me**sa

c) proparoxítonas – a sílaba tônica é a antepenúltima da palavra:

sílaba, meta**fí**sica, **lâm**pada

Para o estudo das regras de acentuação gráfica, também será preciso que você entenda a diferença de um monossílabo átono para um monossílabo tônico. **Monossílabos átonos** são aqueles que são pronunciados com pouca intensidade no interior da frase. Veja um exemplo:

O menino **me** perguntou quando **lhe** entregarei **o** pedido.

Observe que os monossílabos grifados acima são pronunciados de forma tão fraca, que muitos, por exemplo, pronunciariam o **me** como /**mi**/, o **lhe** como /**lhi**/, o **o** como /**u**/. São tão *fracos* que se descaracterizam ao serem pronunciados.

Já os **monossílabos tônicos** são aqueles que são pronunciados com bastante intensidade no interior da frase. Veja:

No **mês** passado, **tu** disseste a **mim** que sentias **dor** de dente.

1.1.2. Encontros vocálicos

Você sabe a diferença entre encontros vocálicos, encontros consonantais e dígrafos? **Encontros vocálicos** são agrupamentos de vogais ou de vogais e semivogais sem consoante intermediária. Há três tipos de encontros vocálicos: o ditongo, o tritongo e o hiato. **Ditongo** é o encontro de uma vogal e uma semivogal, ou vice-versa, na mesma sílaba. Há quatro tipos de ditongo: no ditongo **crescente**, a semivogal vem antes da vogal (lí**rio**, q**ua**ndo, freq**ue**nte). É quando se vai do som mais fraco para o mais forte. Há também o ditongo **decrescente**, em que a vogal vem antes da semivogal (p**ai**, p**õe**). Aqui, ocorre o contrário: vai-se do som mais forte para o mais fraco, por isso, ele é *decrescente.* Além desses

dois tipos, o ditongo pode ser **oral**, quando a vogal é oral (mág**oa**) ou **nasal**, quando a vogal é nasal (m**ão**).

Além do ditongo, há outros dois tipos de encontros vocálicos: o **tritongo**, que é o encontro de semivogal+vogal+semivogal, nessa ordem, na mesma sílaba. Veja:

Parag**uai**, q**uão**.

E, por fim, o **hiato**, que é o encontro imediato de duas vogais, em sílabas distintas. Assim:

R**ai**z, s**aú**de.

1.1.3. Encontros consonantais

Além dos encontros vocálicos, existem os **encontros consonantais**, que são grupos formados por mais de uma consoante sem vogal intermediária. Observe:

Blusa, **pr**ata, a**ft**a, a**pn**eia.

Repare que as consoantes vêm uma seguida da outra, na mesma sílaba, ou em sílabas distintas. Separe as sílabas e você verá: **bl**u-sa, **pr**a-ta, a**f-t**a, a**p-n**eia.

1.1.4. Dígrafo

Agora, o grande cuidado que você deve ter é para não confundir encontro consonantal com dígrafo. No encontro consonantal, as duas consoantes são pronunciadas, já no dígrafo, as duas letras possuem um único som: ou seja, uma delas não é pronunciada. Observe atentamente o conceito de dígrafo:

Dígrafo é o encontro de duas letras para representar um único fonema. Podem ser consonantais ou vocálicos. **Dígrafos consonantais** são aqueles em que as duas consoantes representam um único som (ch, lh, nh, rr, sc, sç, ss, xc, gu, qu). As gramáticas dizem que são dois grafemas para um único fonema. Veja os exemplos:

Chave, te**lh**a, ni**nh**o, ca**rr**o, cre**sc**er, na**sç**o, e**xc**eto, **gu**e**rr**a, **qu**ilo.

Entenda que aqui não temos um encontro consonantal *porque uma das consoantes não é pronunciada.* Trata-se, portanto, de dígrafo consonantal.

Já os **dígrafos vocálicos** são aqueles em que a vogal é nasalizada por um **m** ou um **n** que venha na sequência (am, an, em, en, im, in, om, on, um, un). Observe:

T**am**pa, t**em**po, t**in**ta, b**om**ba, c**on**ta, b**um**bo, f**un**do.

Atenção: As letras m e n não representam consoantes, apenas indicam que a vogal anterior é nasal.

Devidamente entendidos quanto à diferença entre encontros vocálicos, encontros consonantais e dígrafos? Vamos fazer um exercício para cada conceito, antes de estudarmos as regras de acentuação gráfica. Aproveitaremos os exercícios

também para você relembrar como se separam as sílabas das palavras. Tempos bons aqueles…

1. Identifique os encontros vocálicos das palavras a seguir.

a) saguão

Resposta: sa-g**uão** – **tritongo**

b) ruim

Resposta: r**u**-**i**m – **hiato**

c) séria

Resposta: sé-r**ia** – **ditongo crescente**

d) seria

Resposta: se-**r**i-**a** – **hiato**

e) enxaguais

Resposta: en-xa-g**uais** – **tritongo**

en-xa-guais – **dígrafo vocálico**

f) álcoois

Resposta: ál-c**o**-**o**is – **hiato**

ál-co-**oi**s – **ditongo decrescente**

g) minguou

Resposta: min-g**uou** – **tritongo**

m**in**-guou – **dígrafo vocálico**

h) quieto

Resposta: q**ui**-e-to – **dígrafo**

qu**i**-**e**-to – **hiato**

i) voo

Resposta: v**o**-**o** – **hiato**

2. Identifique os encontros consonantais a seguir.

a) Castro

Resposta: Cas-**tr**o

b) flecha

Resposta: **fl**e-cha

c) ritmo

Resposta: ri**t-m**o

d) trabalho

Resposta: **tr**a-ba-lho

3. Reconheça os dígrafos.

a) prorromper

Respostas: pro**rr*om***per (**rr** / **om**)

b) digníssimo

Resposta: digní**ss**imo (**ss**)

c) aquele

Resposta: a**qu**ele (**qu**)

d) triunfo

Resposta: tri**un**fo (**un**)

e) quem

Resposta: **qu**em (**qu**)

1.2. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (Banco do Brasil) Noite:

a) hiato.

b) ditongo.

c) tritongo.

d) dígrafo.

e) encontro consonantal.

2. (ITA) Dadas as palavras:

1. tung-stê-nio

2. bis-a-vô

3. du-e-lo

Constatamos que a separação silábica está correta:

a) apenas na palavra n. 1.

b) apenas na palavra n. 2.

c) apenas na palavra n. 3.

d) em todas as palavras.

e) n.d.a.

3. (ITA) Dadas as palavras:

1. des-a-len-to

2. sub-es-ti-mar

3. trans-tor-no,

Constatamos que a separação silábica está correta:

a) apenas na número 1.

b) apenas na número 2.

c) apenas na número 3.

d) em todas as palavras.

e) n.d.a.

4. (Aman) Assinale a opção em que a divisão silábica não está corretamente feita:

a) a-bai-xa-do

b) si-me-tria

c) es-fi-a-pa-da

d) ba-i-nhas

e) ha-vi-a

5. (Imes) Assinale a alternativa em que a palavra não tem as suas sílabas corretamente separadas:

a) in-te-lec-ção

b) cons-ci-ên-cia

c) oc-ci-pi-tal

d) psi-co-lo-gia

e) ca-a-tin-ga

6. (Furg-RS) A sequência de palavras cujas sílabas estão separadas corretamente é:

a) a-dje-ti-va-ção / im-per-do-á-vel / bo-ia-dei-ro

b) in-ter-ve-io / tec-no-lo-gi-a / su-bli-nhar

c) in-tu-i-to / co-ro-i-nha / pers-pec-ti-va

d) co-ro-lá-rio / subs-tan-ti-vo / bis-a-vó

e) flui-do / at-mos-fe-ra / in-ter-vei-o

7. (Furg-RS) Assinale a sequência em que todas as palavras estão partidas corretamente:

a) trans-a-tlân-ti-co, fi-el, sub-ro-gar

b) bis-a-vô, du-e-lo, fo-ga-réu

c) sub-lin-gual, bis-ne-to, de-ses-pe-rar

d) des-li-gar, sub-ju-gar, sub-scre-ver

e) cis-an-di-no, es-pé-cie, a-teu

8. (UFV-MG) As sílabas das palavras psicossocial e traído estão corretamente separadas em:

a) psi-cos-so-ci-al / tra-í-do

b) p-si-cos-so-cial / tra-í-do

c) psi-co-sso-ci-al / traí-do

d) p-si-co-sso-cial / tra-í-do

e) psi-co-sso-cial / tra-í-do

9. (Acafe-SC) Na frase "No restaurante, onde entrei arrastando os cascos como um dromedário, resolvi-me ver livre das galochas", existem:

a) dois ditongos, sendo um crescente e um decrescente.

b) três ditongos, sendo dois crescentes e um decrescente.

c) três ditongos, sendo um crescente e dois decrescentes.

d) quatro ditongos, sendo dois crescentes e dois decrescentes.

e) quatro ditongos, sendo três crescentes e um decrescente.

10. (UEPG-PR) Nesta relação, as sílabas tônicas estão sublinhadas. Uma delas, porém, está sublinhada incorretamente. Assinale-a:

a) in-te-<u>rim</u>

b) pu-<u>di</u>-co

c) ru-<u>bri</u>-ca

d) gra-<u>tui</u>-to

e) i-nau-<u>di</u>-to

11. (Unirio) "O bom tempo passou e vieram as chuvas. Os animais todos, arrepiados, passavam os dias cochilando." No trecho, temos:

a) dois ditongos e três hiatos.

b) cinco ditongos e dois hiatos.

c) quatro ditongos e três hiatos.

d) três ditongos e três hiatos.

e) quatro ditongos e dois hiatos.

12. (Unirio) Assinale a melhor resposta. Em papagaio, temos:

a) um ditongo.

b) um trissílabo.

c) um dígrafo.

d) um proparoxítono.

e) um tritongo.

13. (Esaf) Indique a alternativa em que há erro(s) de divisão silábica:

a) res-sur-gir, a-ve-ri-güeis, vô-o, quais-quer

b) ca-í-ram, co-o-pe-rar, pig-meu, op-ção, cons-ti-tu-in-tes

c) tu-a, ai-ro-so, e-gí-pcio, su-bs-tan-ti-vo, pneu-má-ti-co

d) ab-di-ca-ção, o-ci-den-tal, sor-rin-do, sou-bes-te, mne-mô-ni-ca

e) a-do-les-cen-te, mai-o-res, sub-ju-gar, me-lan-co-li-a, cir-cui-to

14. (ESPCEX) Assinale a alternativa correta quanto à divisão silábica das palavras dadas:

a) sa-gu-ão, mín-guam, a-bs-tra-to, de-lin-qüi-u, plúm-beo

b) fric-ção, rit-mo, pneu-má-ti-co, cai-ais, bo-ê-mia

c) mag-ne-tis-mo, en-xa-güei, ni-nha-ri-a, res-pe-i-to, mei-os

d) su-blo-car, ca-iu, re-ce-pção, a-cces-sí-vel, subs-cre-ver

e) coi-ta-do, trans-a-tlân-ti-co, pis-ci-na, suas, põem

15. (PUC-RS) Aponte o único conjunto onde há erro na divisão silábica:

a) flui-do, sa-guão, dig-no

b) cir-cuns-cre-ver, trans-cen-den-tal, tran-sal-pi-no

c) con-vic-ção, tung-stê-nio, rit-mo

d) ins-tru-ir, an-te-pas-sa-do, se-cre-ta-ri-a

e) co-o-pe-rar, dis-tân-cia, bi-sa-vô

16. (UFF) Apenas num dos seguintes casos a divisão silábica não está feita de acordo com as normas vigentes. Assinale-o:

a) tran-sa-tlân-ti-co

b) ab-di-ca-ção

c) subs-ta-be-le-cer

d) fri-ís-si-mo

e) cis-an-di-no

17. (TRE-MG) Assinale a palavra que contém exemplo de ditongo decrescente e dígrafo:

a) companhia

b) exceção

c) répteis

d) cãimbra

e) gratuito

18. (TRE-MT) A separação de sílabas está incorreta na alternativa:

a) mi-nis-té-rio

b) ab-so-lu-tas

c) ne-nhu-ma

d) té-cni-co

e) res-sen-ti-men-tos

19. (TRE-MG) Ambas as palavras contêm exemplo de hiato em:

a) árduo / mãe

b) área / chapéu

c) diário / quota

d) pavio / moer

e) luar / anzóis

20. (TTN) Marque a alternativa correta quanto à divisão silábica:

a) fi-a-do, flui-do, ru-im

b) se-cre-ta-ri-a, ins-tru-ir, né-ctar

c) co-o-pe-rar, tung-stê-nio, i-guais

d) cir-cui-to, subs-cre-ver, a-po-te-ose

e) abs-ces-so, ri-tmo, sub-ju-gar

21. (Unirio) Assinale a opção em que o vocábulo apresenta ao mesmo tempo um encontro consonantal, um dígrafo consonantal e um ditongo fonético:

a) ninguém

b) coalhou

c) iam

d) nenhum

e) murcham

22. (TRT-ES) Leia o texto e assinale o item que apresenta correta divisão silábica: Atualmente, as plantas medicinais voltam a suscitar grande interesse, tanto na área dos profissionais da saúde como na própria sociedade.

a) mui-to / su-sci-tar

b) saú-de / so-cie-da-de

c) me-di-ci-na-is / sa-ú-de

d) sus-ci-tar / me-di-ci-nais

e) in-te-res-se / a-tual-men-te

Gabarito: 1. b; 2. c; 3. c; 4. b; 5. d; 6. e; 7. c; 8. a; 9. c; 10. a; 11. a; 12. a; 13. c; 14. b; 15. c; 16. e; 17. b; 18. d; 19. d; 20. a; 21. e; 22. d.

Finalmente, vamos às regras de acentuação gráfica. Destacamos aquelas que mudaram com o Novo Acordo Ortográfico no que se refere à acentuação gráfica, mantendo aquelas em que não houve alteração. Toda vez que apresentarmos uma regra que foi modificada segundo o Novo Acordo, vamos avisar, ok? Assim, você aprende as regras de acentuação ao mesmo tempo em que fica por dentro de tudo que mudou desde então.

2 ACENTUAÇÃO GRÁFICA (SOB O NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO)

2.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

2.1.1. Regra geral

1. Oxítonos: são acentuados os terminados em **a(s), e(s), o(s), em(ens)**.

Exs.: sofá(s), cajá(s), encontrá-lo, café(s), obtê-lo, avô, avó, dispô-lo, alguém, também, ele contém, ele intervém, armazéns, tu intervéns...

2. Paroxítonos: são acentuados os não terminados em **a(s), e(s), o(s), em(ens)** e os terminados em **ditongo**.

Exs.: cáqui, ônix, túnel, hífen, açúcar, bônus, ímã, Méier, destróier, bênção, órfão, túneis...

3. Proparoxítonos: todos são acentuados.

Exs.: lâmpada, médico, álibi, ínterim, álcool, alcoólicos...

Atenção: Pelo Novo Acordo, entram na regra dos proparoxítonos os chamados ocasionais, terminados em ditongo crescente (história, série...).

4. Monossílabos tônicos: terminados em **a(s), e(s), o(s)**.

Exs.: pá, gás, fé, mês, dó, pôs, pô-lo...

Para fixarmos essas regras iniciais, procure testar seus conhecimentos resolvendo esta questão do Cespe/UnB:

1. Em relação à acentuação gráfica, julgue os itens seguintes:

1) "Previsíveis" e "úteis" acentuam-se pela mesma razão.

2) Em "más", há emprego de acento diferencial.

3) Em "biquíni" e "ônus" o emprego do acento nas duas palavras tem a mesma justificativa.

4) Em "mantém", o acento se justifica para estabelecer a diferença com a forma da 3ª pessoa do plural.

Comentários:

Em (1), os dois vocábulos são paroxítonos terminados em ditongo.

Resposta: assertiva certa.

Em (2), o acento ocorre por ser palavra monossílaba terminada em *a(s)*, e não acento diferencial.

Resposta: assertiva errada.

Em (3), as duas palavras são paroxítonas e terminam em *i* e *us*.

Resposta: assertiva certa.

Em (4), o acento aparece por esse vocábulo ser oxítono terminado em *em*. Na 3ª pessoa do plural é que seria acentuado para estabelecer diferença com o singular (eles mantêm).

Resposta: assertiva errada.

2.1.2. Outros casos

1. Ditongos abertos (éi, éu, ói): acento agudo nas palavras **oxítonas** e **monossílabos tônicos**.

Ex.: anéis, papéis, hotéis, pastéis, troféu, céu, réu, herói, dói, mói…

Atenção: Pelo Novo Acordo, não são acentuados os ditongos ei e oi de palavras paroxítonas terminadas em a, o.
Exs.: assembleia, heroico, ideia.

2. Quando a **2a vogal do hiato** for **"i" ou "u", tônica.**

Ex.: saída, saíste, caí, juíza, reúno, saúde, baú, Grajaú…

Observação 1: Se após a 2a vogal do hiato aparecer nh ou outra letra, sem ser o **s**, na mesma sílaba, não haverá acento:
Exs.: rainha, bainha, juiz, cairdes.

Observação 2: Não se acentua a 2a vogal do hiato em letras repetidas; não se acentua o primeiro o de palavras paroxítonas terminadas em oo:
Exs.: vadiice; voo, perdoo, abençoo.

Atenção 1: Pelo Novo Acordo, não se acentua o primeiro e das formas verbais terminadas em eem (verbos ler, ver, crer, dar e derivados). Observe: Eles veem, reveem, leem, releem, creem, deem.

Atenção 2: Pelo Novo Acordo, não se acentuam i e u quando formam hiato com um ditongo anterior.
Exs.: feiura, baiuca...
Exceção: as vogais tônicas i e u, em posição final, das palavras oxítonas precedidas de ditongo levam acento. Ex.: Piauí, teiú...

3. Acentos diferenciais: quanto aos acentos diferenciais, após o Novo Acordo Ortográfico, só permaneceram os seguintes:

a) ter, vir e derivados na **3ª pessoa do plural** do presente do indicativo.

Exs.: eles têm, retêm, vêm, intervêm;

b) de intensidade (que é o acento que diferencia um vocábulo átono do tônico): pôr (verbo no infinitivo), para diferenciar da preposição por;

c) de timbre, que é o acento que diferencia o timbre fechado do timbre aberto: pôde (3ª pessoa do singular do pretérito perfeito), para diferenciar da forma pode (3ª pessoa do singular do presente do indicativo).

Observação: O Novo Acordo Ortográfico determinou também que o acento do substantivo *fôrma* seria facultativo, para diferenciar tal vocábulo do substantivo *forma*. Assim, o que se entende é que ele só seria utilizado nas situações em que se pudesse encontrar alguma dificuldade de intelecção. Por exemplo:

A *forma* da *fôrma* do bolo é criativa.

Aqui, se não usássemos o acento, o leitor poderia ter dificuldades para entender a essência da informação.

Veja agora duas questões do NCE/UFRJ que trata desses outros casos de acentuação. Procuramos, aqui, adaptá-la ao Novo Acordo.

1. Assinale a frase incorreta quanto à acentuação gráfica.

a) A funcionária remeterá os formulários até o início do próximo mês.

b) Ninguém poderia prever que a catástrofe traria tamanho ônus para o país.

c) Este vôo está atrasado: os senhores tem que embarcar pela ponte aerea e fazer conexão no Rio para Florianópolis.

d) O pronunciamento feito pelo diretor na assembleia revestia-se de caráter inadiável.

e) Segundo o regulamento em vigor, o órgão competente tomará as providências cabíveis.

Comentários: Na letra A, *funcionária*, *formulários* e *início* estariam na mesma regra. Pelo Novo Acordo, a tendência seria incluir essas palavras terminadas em ditongo crescente (*ia*, *io(s)*) na regra dos proparoxítonos. *Remeterá* e *até* seriam exemplos de oxítonos terminados em *a* e *e*. A palavra *próximo* é acentuada por ser proparoxítona. Em *mês*, teríamos um caso de monossílabo tônico terminado em *es*.

Na letra B, a palavra *ninguém* é acentuada por ser oxítono terminado em *em*; *catástrofe* é proparoxítona; *ônus* é paroxítono terminado em *us* e *país* entra na justificativa da 2ª vogal do hiato, *i*, tônica, seguida ou não de *s*.

Na letra C, pelo Novo Acordo, paroxítonas que dobram a vogal *o* não recebem mais acento. O verbo *ter*, na 3ª pessoal do plural, recebe acento circunflexo ("Este voo está atrasado: os senhores têm…").

Na letra D, o ditongo *ei*, em palavras paroxítonas terminadas em *a*, não recebe mais acento agudo. Em *caráter* e *inadiável*, temos palavras paroxítonas terminadas em *r* e *l*.

Na letra E, *órgão* e *cabíveis* estariam na justificativa dos paroxítonos terminados em ditongo (ór--gão; ca-bí-veis). *Tomará*, oxítono terminado em *a,* e *providências*, pelo Novo Acordo, seria proparoxítona em ditongo crescente (proparoxítonas aparentes).

Resposta: C.

2. Quanto à acentuação, marque a(s) forma(s) correta(s):

a) Itaipú / Icaraí

Comentários: Não se acentua oxítono terminado em **u**. Em Icaraí, temos a vogal **i** como 2ª do hiato, tônica, acentuada.

Resposta: Icaraí.

b) Bocaiúva / chapéu

Comentários: A palavra Bocaiuva não recebe acento porque, embora a vogal **u** seja a 2a do hiato, vem antecedida de ditongo (regra 3 – obs.: c). Os ditongos **éi**, **éu** e **ói** continuam a receber acento quando forem **oxítonos** e **monossílabos**.

Resposta: chapéu.

c) pôr (verbo) / pára (verbo)

Comentários: Dos acentos diferenciais de intensidade, só o verbo **pôr** será acentuado, para diferir da preposição **por**. Os outros caíram (para, pelo, polo, pera...).

Resposta: pôr.

d) gratuíto / eu traí

Comentários: Embora na oralidade algumas pessoas pronunciem **gratuito** com o *i* tônico, isso não ocorre. A pronúncia correta é como ditongo (gra-tui-to) e não grã-tu-í-to. **Traí** recebe acento porque o **i** aparece como 2ª vogal do hiato, tônica.

Resposta: traí.

e) enjôo / eles provêm

Comentários: O acento no 1º **o** de vocábulos paroxítonos em **oo** caiu. Já nos verbos *ter*, *vir* e *derivados*, na **3ª pessoa do plural** do presente do indicativo, o acento se mantém, não houve alteração dessa regra (eles têm, retêm, vêm, intervêm...).

Resposta: eles provêm (= provir, derivado de *vir*) .

f) eles prevêem / ele prevê

Comentários: O acento no primeiro **e** dos verbos *ler*, *ver*, *crer*, *dar* e *derivados* não se usa mais. Agora fica: eles leem, veem, creem, deem etc. Em **ele prevê** temos a regra do oxítono terminado em **e**.

Resposta: ele prevê.

g) destróier / heróico

Comentários: Os ditongos **ei** e **oi**, em palavras **paroxítonas** com pronúncia aberta, não recebem mais acento, à exceção dos terminados em *r*, pois entram na regra geral (paroxítono terminado em **r** é acentuado: açúcar, caráter,

destróier...). Em **heroico** temos paroxítono terminado em *o*, daí não receber acento.

Resposta: destróier.

h) eu apóio / o apoio

Comentários: Os ditongos *oi* e *ei*, paroxítonos com pronúncia aberta, deixam de receber acento quando terminam em *o(s)*, *a(s)* (heroico, europeia, ideia...). Em *o apoio*, este *o* tem pronuncia fechada, é o substantivo.

Resposta: o apoio.

i) ele detém / eles detêem

Comentários: O verbo **deter** na 3ª pessoa do singular recebe acento por ser um oxítono terminado em **em** (armazém, ninguém, ele detém...). Esse verbo, na 3ª pessoa do plural, **não** dobra a letra **e**: eles detêm (verbos **ter**, **vir** e **derivados**, na 3ª pessoa do plural, um **e** e acento circunflexo).

Resposta: ele detém.

j) pêra (subst.) / pôneis

Comentários: O substantivo **pera**, com a nova reforma, perdeu o acento circunflexo. Em **pôneis**, o acento se dá por ser esse vocábulo um paroxítono terminado em ditongo.

Resposta: pôneis.

k) "Ele reconstrói a imagem colocando sobre ela elementos de uso cotidiano, como molho de tomate, geleia de amora e soldadinho de plástico em forma de mosaico."

Comentários: Nessa frase, aparecem os ditongos **oi** e **ei**. Em *reconstrói*, usaremos o acento, pois esse vocábulo é oxítono. Já em *geleia* isso não ocorrerá, já que essa palavra é paroxítona, casos em que esse ditongo não é mais acentuado. Plástico é proparoxítono.

Resposta: geleia / reconstrói / plástico.

E o **trema?** Foi totalmente abolido. A pronúncia, porém, continua a mesma. Ninguém por aí vai deixar de falar **linguiça** e **pinguim** como falava anteriormente, só porque o trema desapareceu.

Ex.: questão, tranquilo, iniquidade, consequência, pinguim, sequestro, frequência, cinquenta, aguentar, arguir, averiguemos, quinquênio, antiguidade, liquidação, sanguíneo...

2.2. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (TJ-AP – Técnico Judiciário – Judiciária e Administrativa – FCC – 2014)

Acentuam-se devido à mesma regra os seguintes vocábulos do texto:

a) também, mantêm, experiências.

b) indígenas, séculos, específico.

c) acúmulo, importância, intercâmbio.

d) políticas, história, Pará.

e) até, três, índios.

2. (TRF – 1ª Região – Analista Judiciário – FCC – 2014)

Considere a tirinha reproduzida abaixo.

(Revista Língua Portuguesa, ano 4, n. 46. São Paulo: Segmento, agosto de 2009, p.7)

Seguindo-se a regra determinada pelo novo acordo ortográfico, tal como referida no primeiro quadrinho, também deixaria de receber o acento agudo a palavra:

a) Tatuí.

b) graúdo.

c) baiúca.

d) cafeína.

e) Piauí.

3. (TRT 3ª Região – Analista Judiciário – Área Judiciária – Especialidade Oficial de Justiça Avaliador Federal – FCC – Jul./2015)

Perguntando-me a mim mesmo por que processo de associação ela me viera à memória, não atinei com o porquê. Pensei, então, no motivo de eu lastimar sua ausência e não obtive de imediato a resposta. Passaram se muitos meses quando, de repente, percebi o sentido disso tudo: ela era, sempre fora e sempre seria a concretização da fantasia primeira da minha adolescência.

Considere o trecho acima e as afirmações que seguem:

I. Em *Perguntando-me a mim mesmo*, há duas formas – *me e a mim mesmo* – que expressam reflexividade da ação, motivo pelo qual uma delas pode ser elidida sem prejuízo do sentido.

II. Em *por que processo de associação ela me viera à memória*, o segmento destacado está grafado segundo as normas gramaticais.

III. Em *não atinei com o porquê*, a palavra destacada apresenta erro de grafia: o acento gráfico não é justificável.

IV. Em *percebi o sentido disso tudo*, a palavra destacada resume as razões citadas após os dois-pontos.

Está correto o que se afirma APENAS em

a) I.

b) I e II.

c) II e III.

d) III e IV.

e) II e IV.

4. (Cespe – TJ Acre – Técnico – 2012)

Julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E):

As palavras " conteúdo", " calúnia" e " injúria" são acentuadas de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.

5. (Cespe – MPU – Analista/Técnico – 2015)

Julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E):

A palavra " cível" recebe acento gráfico em decorrência da mesma regra que determina o emprego de acento em **amável** e **útil**.

6. (Pol. Fed. (Adaptada) – Cespe)

Em relação à acentuação gráfica julgue os itens a seguir como Certo (C) ou Errado (E):

I. Em " más", há emprego de acento diferencial.

II. Em " biquíni" e " ônus", o emprego do acento nas duas palavras tem a mesma justificativa.

III. Em " mantém", o acento se justifica para estabelecer a diferença com a forma da 3ª pessoa do plural.

Leia o texto a seguir para responder à questão 7:

Texto II

Festival reúne caravelas em barcos

Dizem que o passado não volta, mas a cada cinco anos boa parte da história marítima da Europa se reúne para navegar junto entre o Mar do Norte e o canal de Amsterdã. Caravelas e barcos a vapor do século passado se juntam a veleiros e lanchas contemporâneas que vêm de vários países para um dos maiores encontros náuticos gratuitos do mundo. Durante o Amsterdam Sail, entre os dias 19 e 23 de agosto, cerca de 600 embarcações celebram a arte de deslizar sobre as águas.

Desde 1975 o grande encontro aquático junta apaixonados pelo mar e curiosos às margens dos canais para ver barcos históricos e gente fazendo festa ao longo de cinco dias – na última edição, o público estimado foi de 1,7 milhão de pessoas. Há aulas de vela e de remo para adultos e crianças, além de atrações musicais. [...]

Você pode até achar que é coisa de criança, mas o jogo em que cada um leva o próprio balde e simula as tarefas a bordo de um navio é instrutivo e divertido para todas as idades.

MORTARA, F. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 4 ago. 2015, Caderno D, p. 10. Adaptado.

7. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016)

Das palavras acentuadas (todas retiradas do Texto II) **reúne**, **países**, **águas**, **última** e **vêm**, as duas que recebem acento por seguirem a mesma norma ortográfica são:

a) **águas** e **vêm**

b) **última** e **vêm**

c) **reúne** e **águas**

d) **reúne** e **países**

e) **países** e **última**

8. (ANP – Téc. Reg. Petr&Der – Cesgranrio – Jan./2016)

O grupo de palavras que obedecem às normas de acentuação da Língua Portuguesa é

a) raizes, dificil, século

b) rúbrica, saúva, amavel

c) também, possível, êxito

d) idolo, parabéns, ciencia

e) indústria, saude, ninguem

9. (Liquigás –Ass. Adminis. – Cesgranrio – Set./2015)

O par de palavras grafadas corretamente é

a) chaminé, xícara

b) chave, xipanzé

c) enxente, chale

d) enxada, xuxu

e) fachina, chifre

10. (Liquigás –Ass. Adminis. – Cesgranrio – Set./2015)

A palavra que deve ser acentuada graficamente, de acordo com as regras da norma-padrão do Português, é

a) ali

b) antes

c) dificil

d) pacto

e) potente

11. (Ministério do Turismo – Todos os cargos – ESAF – 2013)

Assinale a opção que indica a necessidade de modificar a colocação de acento gráfico para que o texto fique gramaticalmente correto.

É urgentemente **necessário** (a) promover o aumento da entrada de estrangeiros.

Deve-se completar o trabalho da natureza, oferecendo segurança e transporte **publico** (b) eficientes, preparação do pessoal

receptivo, serviço decente de telecomunicações, controle de **endemias**, (c) limpeza das cidades, pronto-atendimento de **saúde**, (d) preços honestos e boa qualidade em hotéis e restaurantes, além, é claro, de carga **tributária** (e) que não espante o freguês.

(Adaptado de *Correio Braziliense*, 31/12/2013)

a) necessário > necessario

b) publico > público

c) endemias > endêmias

d) saúde > saude

e) tributária > tributaria

Leia o texto a seguir para responder à questão 12:

Criado há dois anos, o Programa Mais Médicos voltou a ser motivo de uma ferina disputa entre o governo federal e as entidades da área de saúde. Agora, não é mais a atuação dos cubanos o foco da ira dos profissionais brasileiros, e sim a expansão dos cursos de medicina no país. No início de junho, os Ministérios da Saúde e da Educação autorizaram instituições privadas a oferecer 2.290 vagas de graduação em 36 municípios do interior. Por outro edital, foram selecionadas mais 22 cidades para abrigar novas escolas no Norte, Nordeste e Centro-Oeste, regiões vistas como prioritárias, por possuir maior déficit de profissionais.

A reação não tardou. O Conselho Federal de Medicina e a Associação Brasileira de Escolas Médicas decidiram criar um modelo próprio de avaliação dos cursos da área, independente daquele adotado pelo governo. O Conselho Regional de Medicina de São Paulo prometeu ingressar na Justiça contra a abertura dos novos cursos. As entidades acusam o governo de promover uma expansão indiscriminada das faculdades de medicina em locais com infraestrutura inadequada, o que colocaria em risco a qualidade da formação.

(Rodrigo Martins, "Sobre a quantidade de jalecos brancos". *Carta capital*, 5 de agosto de 2015. Ano XXI. n. 861)

12. (ESAF- Analista de Planejamento e Orçamento – ESAF – 2015)

(Adaptada) Julgue a assertiva a seguir como " certa" ou " errada":

As palavras " área" (l. 2), "Ministérios" (l. 3) e " prioritárias" (l. 6) são acentuadas devido à mesma regra de acentuação gráfica.

Leia o texto a seguir para responder à questão 13:

Como estamos às vésperas de celebrar os 500 anos da palavra " utopia" e do romance filosófico de Thomas Morus que a consagrou, o momento é mais do que oportuno para examinar que novas feições ela adquiriu após tantos sonhos desfeitos e outros tantos pervertidos e que atualização lhe deram as expectativas geradas pela informática, pelas biotecnologias, pelas nanociências, pelas ciências cognitivas e as perspectivas de clonagem, ectogênese (fecundação de útero artificial), artificialização dos órgãos do corpo e prolongamento da vida, abertas por elas.

Seu étimo grego, significando não lugar, lugar nenhum ou, trocadilhescamente, lugar da felicidade (eutropia), designou primeiro uma ilha dos mares do Novo Mundo, em que foi bater um navegante português ligado a Américo Vespúcio. Terra prodigiosa, em tudo diferente da Europa do século 16, a perfeição imperava em suas cinquenta e poucas cidades. Morus imaginou-a empolgado pela descoberta da América e do " novo homem" que a habitava. Se bem que a República platônica já configurasse uma utopia, foi na ilha " descoberta" por Rafael Hitlodeu que surgiu o conceito de utopia como representação imaginária de uma sociedade

que tenha encontrado soluções exemplares para todos os seus problemas.

Outras sociedades ideais, fundamentadas em leis justas e instituições político-econômicas comprometidas com o bem-estar da coletividade, nasceram da imaginação de romancistas e pensadores, nos séculos seguintes, com particular insistência no século 19, auge do utopismo socialista de Charles Fourier, Étienne Cabet, Edward Bellamy e William Morris. A esses devaneios igualitários a dupla Marx-Engels combateu e contrapôs outro, supostamente científico, cuja caracterização como utopia pode livrar a cara do comunismo, mas não das sociedades que às suas ideias básicas deram concretude, a partir da revolução bolchevique, uma utopia que virou distopia.

A distopia é uma distorção ou uma mutação da utopia, um sonho que se transforma em pesadelo. A ficção científica e a literatura de antecipação são pródigas em fantasias do gênero. De Jules Verne (Capitão Nemo era um utopista) ao Aldous Huxley de *Admirável Mundo Novo*, ao Orwell de 1984 e ao Ray Bradbury de *Fahrenheit 451*. Serão todos lembrados ao longo do ciclo.

(Adaptação da matéria "Um sonho de 500 anos", de Sérgio Augusto – jornal *O Estado de São Paulo*, 02 de agosto de 2015)

13. (ESAF – Analista de Planejamento e Orçamento – 2015)

(Adaptada) Julgue a assertiva a seguir como " certa" ou " errada":

O acento nas palavras " vésperas" (l. 1), " ciências" (l. 4) e " econômicas" (l. 14) justifica-se devido à mesma regra de acentuação gráfica.

Leia o texto a seguir para responder à questão 14:

Por que é preciso passar pelo equipamento de raios X?

São normas internacionais de segurança. É proibido portar objetos cortantes ou perfurantes. Se você se esqueceu de despachá-los, esses itens terão de ser descartados no momento da inspeção.

Como devo proceder na hora de passar pelo equipamento detector de metais?

A inspeção dos passageiros por detector de metais é obrigatória. O passageiro que, por motivo justificado, não puder ser inspecionado por meio de equipamento detector de metal deverá submeter-se à busca pessoal. As mulheres grávidas podem solicitar a inspeção por meio de detector manual de metais ou por meio de busca pessoal.

Disponível em: <http://www.infraero.gov.br/images/stories/guia/2014/guiapassageiro2014_portugues.pdf>.Acesso em: 4/1/2016 (com adaptações).

14. (ANAC – Técnico Administrativo – ESAF – 2016)

Em relação às regras de acentuação, assinale a opção correta.

a) Acentua-se o verbo " é" (l. 1), quando átono, para diferenciá-lo da conjunção " e".

b) " Você" (l. 2) é palavra acentuada por ser paroxítona terminada na vogal " e" fechada.

c) " Despachá-los" (l. 3) se acentua pelo mesmo motivo de " deverá" (l. 6).

d) Ocorre acento grave em " à busca pessoal" (l. 6) em razão do emprego de locução com substantivo no feminino.

e) O acento agudo em " grávidas" (l. 7) se deve por se tratar de palavra paroxítona terminada em ditongo.

Gabarito: 1. b; 2. c; 3. b; 4. e; 5. c; 6. I-E, II-C, III-E; 7. d; 8. c; 9. a; 10. c; 11. b; 12. certa; 13. errada; 14. c.

Para memorizar as regras de acentuação gráfica é necessário… Vamos resumir o que você estudou?

2.3. RESUMO

- Em acentuação gráfica, temos quatro regras gerais (monossílabos, oxítonos, paroxítonos e proparoxítonos), dois casos especiais (“ i”e “ u” como segunda vogal do hiato e os ditongos abertos éi, éu e ói) e três acentos diferenciais.
- Memorize que a regra geral de acentuação das paroxítonas é o contrário das oxítonas, finais a(s), e(s), o(s), em(ens)
- O acento diferencial dos verbos ter, vir e derivados é o circunflexo (de plural).
- O Novo Acordo Ortográfico aboliu o acento dos ditongos ei, oi nas paroxítonas, os acentos do hiato oo e dos verbos crer, dar, ler, ver e derivados.

3 HÍFEN

3.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Agora, vamos ao estudo do hífen. Como muita coisa não se explica, procuramos preparar um material bem prático, principalmente para que você possa consultá-lo, já que a maioria dos materiais que temos visto por aí não agrupa as regras, dificultando, assim, até a consulta por parte do usuário da língua. Após observar as novas orientações, faça o exercício, consultando-as e, aos poucos, você irá internalizá-las. Vamos lá?

3.1.1. Prefixos

1. Com os prefixos **ante, anti, arqui, auto, circum, contra, entre, extra, hiper, infra, intra, semi, sobre, sub, ultra...;** ou falsos prefixos **aero, agro, anfi, audio, bio, eletro, foto, geo, hidro, macro, maxi, mega, micro, mini, multi, neo, orto, proto, pseudo, poli, retro, tele...:**

Emprega-se o hífen quando o 1º elemento termina por **vogal igual à que inicia o 2º elemento** e nas formações em que o 2º elemento começa por **h**:

Ex.: anti-inflamatório, arqui-inimigo, semi-interno, poli-insaturado, pseudo-occipital, eletro-óptico, sobre-estimar, auto-observação, contra-arrazoado, bio-história, poli-hidroxila, sub-horizonte, ultra-hiperbólico, neo-helênico etc.

Mas: coobrigação, coerdeiro (com o prefixo **co**, este se aglutina em geral com o 2º elemento).

Observação 1:

a) Se o 1o elemento terminar por vogal diferente daquela que inicia o 2o elemento, escreve-se junto, sem hífen.
Exs.: antiético, anteontem, agroindustrial, aeroespacial, eletroemissão, extraescolar, coeducação...

b) Quando o 1o elemento terminar por vogal e o 2o elemento começa por r ou s, devemos dobrar as consoantes, sem hífen.
Ex.: biorritmo, infrassom, microssistema, antessala, antirrepublicano, contrarréplica, minissubmarino, cossenhor...

c) Com os prefixos hiper, inter e super, usaremos hífen se o 2o elemento iniciar por h ou r.
Exs.: hiper-hedonista, inter-hemisfério, super-homem, hiper-requintado, inter-resistente, super-revista...

d) Haverá hífen com os prefixos circum e pan, quando o 2o elemento começar por vogal, m ou n (além de h, como aparece na regra 1).
Exs.: circum-escolar, circum-navegação, pan-africano, pan-negritude, pan-helenismo...

As mudanças que ocorreram relativas ao uso do hífen se concentram, em sua quase totalidade, nessa 1ª regra e nas observações ***a*** e ***b***. No restante, as regras são aquelas que já existiam. Daí a intenção de começar logo por elas, para efeito de memorização, já que, infelizmente, esse assunto requer muita prática para assimilar todas as regras.

Observação 2:

a) Se não houver perda do som da vogal final do 1o elemento, e o elemento seguinte começar com h, serão usadas as duas formas gráficas:

Exs.: cardi-hepático ou cardiepático; aero-hidropatia ou aeroidropatia.

b) Havendo perda do som da vogal do 1o elemento ou se as palavras já são de uso consagrado, deve ser escrita sem hífen.

Exs.: clorídrico, reidratar, reumanizar, reabilitar, reaver...

c) Com os prefixos des e in não se emprega o hífen quando o 2o elemento perde o h inicial; se a palavra não aparecer com função prefixal, não se emprega o hífen.

Exs.: desumano, desidratar, inábil, inumanidade; não violência, não alinhado...

2. Emprega-se o hífen nos compostos em que o 1º elemento é representado pelas formas **além**, **aquém**, **bem**, **ex**, **recém**, **sem**, **grão**, **grã**, **bel**, **soto**, **sota**, **vice**, **vizo**, **pré**, **pró**, **pós** (tônicos).

Exs.: além-mar, aquém-mar, bem-querer, bem-humorado(mas, benfazejo, benfeitor), recém--casado, sem-número, grã-cruz, ex-presidente, sota-capitão, sota-vento, vice-cônsul, vizo-rei, pré-escolar, pós-graduação, pró-germânico...

Obs.: a) **pre**, **pro**, **pos**, átonos, se aglutinam com o 2º elemento.

Exs.: precondicionamento, propor, pospor...

b) Emprega-se o hífen com a forma **mal**, quando forma com o 2º elemento uma unidade semântica e tal elemento começa por **vogal** ou **h**.

Exs.: mal-estar, mal-humorado etc.

3. Com os prefixos **ab**, **ob**, **sob**, **sub**, se o 2º elemento iniciar por **r** ou **b**, será empregado o hífen.

Exs.: sub-base, ab-reptício, ob-rogar, sub-reitor...

Obs.: com o prefixo **ad**, se o 2º elemento começar por **r** ou **d**, usaremos o hífen.

Ex.: ad-referendar, ad-digital...

3.1.2. Sufixos

O hífen emprega-se nos vocábulos terminados pelos sufixos **açu**, **guaçu**, **mirim**.

Exs.: capim-açu, Ceará-mirim...

3.1.3. Nomes compostos

Emprega-se o hífen nos compostos representados por substantivos, adjetivos, numerais e verbos; elementos repetidos; reduções; gentílicos derivados de topônimos compostos; compostos que designam espécies botânicas, zoológicas.

Exs.: decreto-lei, primeiro-ministro, alto-relevo, porta-aviões, tico-tico, grão-mestre, belo-horizontino, erva-doce, couve-flor, bem-me-quer...

Observação: Em geral, nas locuções de qualquer tipo não se usa o hífen, exceto em alguns casos que o uso já legitimou. Aqui é que mora um problema: o Novo Acordo fala que o hífen permanece os vocábulos que o uso validou, mas até você memorizar todos aqueles consagrados pelo uso...

Exs.: café com leite, sala de jantar, pé de chinelo, disse me disse, bumba meu boi, dia a dia, comum de dois, ponto e vírgula...
Mas (consagrados pelo uso): água-de-colônia, cor-de-rosa, à queima-roupa, pé-de-meia, dois-pontos, mais-que-perfeito...

Vamos treinar?

I. Marque a forma correta.

1. contra-atacar / contraatacar

Comentários: Com o prefixo **contra**, usaremos hífen se a vogal inicial do 2º elemento iniciar por essa mesma vogal.

Resposta: contra-atacar.

2. anti-sociável / antissociável

Comentários: Ainda com relação à 1ª regra, o prefixo **anti** receberá hífen se a palavra seguinte começar pela mesma letra com que esse prefixo termina **i** ou começar por **h**. Logo, não recebe hífen. Se as letras que iniciarem o 2º elemento forem **s** ou **r**, dobramos essas consoantes (Obs.: b).

Resposta: antissociável.

3. mini-saia / minissaia

Comentários: O mesmo comentário. O prefixo termina por vogal e a palavra seguinte começa por **s**. Dobra-se essa letra.

Resposta: minissaia.

4. contra-balançar / contrabalançar

Comentários: Esse prefixo (**contra**) pertence à regra 1. Se o 2º elemento não começa pela mesma vogal com que esse prefixo termina (**a**), não há hífen.

Resposta: contrabalançar.

5. contra-regra / contrarregra

Comentários: Agora, esse mesmo prefixo vem seguido de palavra que começa por **r** (regra 1, obs.: b). Dobra-se essa consoante.

Resposta: contrarregra.

6. anti-imperialismo / antiimperialismo

Comentários: O prefixo **anti** termina em **i**. O 2º elemento (imperialismo) inicia por **i** (pela mesma vogal). Quando isso acontece, pelo Novo Acordo, hífen.

Resposta: anti-imperialismo.

7. anti-horário / antiorário

Comentários: A regra 1 mostra o uso do hífen em alguns prefixos que terminarem na mesma letra com que se inicia o 2º elemento ou se este começar por **h**.

Resposta: anti-horário.

8. mini-retrospectiva / minirretrospectiva

Comentários: Ainda a regra 1. O 2º elemento começa por **r**. Dobra-se essa consoante.

Resposta: minirretrospectiva.

9. co-seno / cosseno

Comentários: Prefixo **co** seguido da palavra que inicia por **s** (regra 1, obs.: b).

Resposta: cosseno.

10. micro-onda / microonda

Comentários: O prefixo **micro** termina em **o** e a palavra **onda** inicia por **o**, hífen.

Resposta: micro-onda.

11. hiper-realista / hiperrealista

Comentários: Agora, temos o prefixo **hiper**. A regra 1, obs.: c, diz que os prefixos **hiper**, **inter** e **super** recebem hífen se o 2º elemento começar por **h** ou **r**.

Resposta: hiper-realista.

12. sub-região / subrregião

13. sub-braquial / subraquial

Comentários: Na regra 3, aparece o prefixo **sub**. Será empregado o hífen se o 2º elemento iniciar por **r** ou **b**.

Respostas: sub-região / sub-braquial.

14. pré-gravação / pregravação

15. pré-estabelecido / preestabelecido

16. pré-eminente / preemininte

17. pró-britânico / probritânico

18. pró-romper / prorromper

19. pré-fixado / prefixado

Comentários:

Com os prefixos **pré**, **pró** e **pós**, haverá o uso do hífen se esses prefixos forem tônicos (acentuados). Se forem átonos,

eles se aglutinam com o 2º elemento. O que ocorre é que, em relação à pronúncia de algumas palavras com esses prefixos, ocorrem vacilações. Afinal é pré-fixado ou prefixado? Vamos então às pronúncias corretas de alguns desses vocábulos:

Respostas: pré-gravação (tônica) / preestabelecido (átona) / preeminente (átona) / pró-britânico (tônica) / prorromper (átono) / prefixado (átono).

20. poli-híbrido / poliíbrido

Comentários: Voltando à regra 1, o prefixo **poli** receberá hífen se a palavra seguinte começar por **i** ou por **h.**

Resposta: poli-híbrido.

21. contra-indicação / contraindicação

Comentários: O prefixo **contra** termina em **a**, mas o 2º elemento não inicia por **a**, mas sim por outra vogal (regra 1, obs.: a).

Resposta: contraindicação.

22. contra-senso / contrassenso

Comentários: Se aparecerem as letras **r** ou **s** após os prefixos da regra 1, dobram-se essas consoantes.

Resposta: contrassenso.

23. infra-estrutura / infraestrutura

Comentários: Após o prefixo **infra**, usaremos o hífen se o 2º elemento iniciar por **a** ou **h**. Como a palavra **estrutura** inicia por **e**, o correto é sem hífen.

Resposta: infraestrutura.

24. auto-análise / autoanálise

Comentários: A explicação da anterior vale também para essa palavra. O prefixo **auto** termina em **o** e **análise** se inicia por **a**. Sem hífen, portanto.

Resposta: autoanálise.

25. ante-estreia / anteestreia

Comentários: Agora, a vogal que inicia o 2º elemento (**e**) é a mesma que finaliza o prefixo (**e**). Pelo Novo Acordo, hífen.

Resposta: ante-estreia.

26. ante-sala / antessala

Comentários: Após o prefixo **ante**, se o 2º elemento iniciar por **r** ou **s**, dobram-se essas consoantes. Se o 2º

elemento iniciar por **e** ou **h**, hífen.

Respostas: antessala / ante-histórico.

27. mal-assombrado / malassombrado

Comentários: Com o prefixo **mal**, se o 2º elemento iniciar por **vogal** ou **h**, formando uma unidade semântica, hífen.

Resposta: mal-assombrado.

28. multi-racial / multirracial

Comentários: O prefixo **multi** é seguido de palavra iniciada por **r**. Dobra-se essa consoante.

Resposta: multirracial.

29. vice-imperador / viceimperador

Comentários: A regra 2 fala desse prefixo. Com as formas **além**, **aquém**, **bem**, **ex…vice…**, emprega-se o hífen, independentemente da vogal que inicia o 2º elemento.

Resposta: vice-imperador.

4 HOMÔNIMOS E PARÔNIMOS

4.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Vamos falar de semântica?

Antes de tudo, é preciso que você entenda a diferença entre homônimos e parônimos. **Homônimos** são vocábulos iguais (na pronúncia, na grafia ou em ambos), mas de sentido diferente. Subdividem-se em:

a) **homônimos homógrafos**: a grafia é igual, mas a pronúncia é diferente:

colher (verbo) / colher (substantivo)

b) **homônimos homófonos**: a pronúncia é igual, mas a grafia é diferente:

seção / sessão / cessão etc.

c) **homônimos perfeitos**: a pronúncia e a grafia são iguais:

lima (fruta) / lima (ferramenta)

Já os **Parônimos** são vocábulos semelhantes na pronúncia e na grafia, mas de sentidos diferentes. Ex.: eminente ≠ iminente; inflação ≠ infração etc.

Segue agora uma lista das palavras que mais geram dúvidas sobre seu significado. Achamos melhor sistematizar aqueles vocábulos que aparecem nas provas de concursos públicos e depois levar você logo aos exercícios, para que memorize os principais naturalmente, sem muito esforço, ok?

Quadro 4.1 – Homônimos e parônimos

Acender (pôr fogo)	Ascender (elevar-se, subir)
Acessório (secundário)	Assessório (relativo a assessor)
Apreçar (colocar o preço)	Apressar (correr, acelerar)
Arrear (pôr os arreios)	Arriar (abaixar, descer)
Asado (que tem asas, alado)	Azado (marcado, determinado)
Brocha (prego de cabeça larga e chata)	Broxa (pincel grande)
Caçar (perseguir animais)	Cassar (anular)
Cela (quarto pequeno)	Sela (arreio)

Cerrar (fechar)	Serrar (cortar)
Cesta (guarda objetos)	Sesta (descanso após o almoço)
Chá (bebida)	Xá (soberano do Irã)
Coser (costurar)	Cozer (cozinhar)
Deferir (despachar)	Diferir (divergir, discordar)
Descrição (enumeração)	Discrição (prudência, recato)
Descriminar (inocentar)	Discriminar (separar, distinguir)
Despercebido (sem ser notado)	Desapercebido (desatento)
Destratar (maltratar)	Distratar (anular, rescindir)
Discente (relativo a alunos)	Docente (que ensina, professor)
Eminente (elevado, sublime)	Iminente (ameaça acontecer)
Esbaforido (ofegante)	Espavorido (apavorado)
Esperto (inteligente, ativo)	Experto (experiente)
Espiar (observar)	Expiar (cumprir pena)
Esterno (osso do peito)	Externo (lado de fora)
Estrato (nuvem, camada)	Extrato (resumo)
Incerto (impreciso)	Inserto (introduzido)
Incipiente (inexperiente)	Insipiente (ignorante)
Infestado (invadido)	Enfestado (empinado, dobrado)
Infringir (transgredir, violar)	Infligir (aplicar a pena)
Intercessão (intervenção)	Interseção (corte, cruzamento)
Intimorato (destemido)	Intemerato (íntegro, puro)
Mandado (ordem judicial)	Mandato (procuração, incumbência)
Pleito (eleição, debate)	Preito (homenagem)
Prescrever (determinar, ordenar)	Proscrever (banir, expulsar)
Remissão (perdão, clemência)	Remição (libertação, resgate)
Retificar (corrigir)	Ratificar (confirmar)

Vultoso (volumoso)	Vultuoso (congestão na face)

4.2. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. Complete as lacunas com a expressão correta (entre parênteses):

" O _____ (cervo – servo) prendia-se nos arbustos, fugindo dos _____ (cartuchos – cartuxos) que pipocavam por toda a _____ (área – aria);

a) cervo – cartuxos – área

b) servo – cartuchos – aria

c) cervo – cartuchos – área

d) servo – cartuchos – área

e) servo – cartuchos – aria

2. Complete as lacunas, com a expressão necessária, que consta nos parênteses:

É necessário _____ (cegar-segar) os galhos salientes do _____ (bucho-buxo), de modo a que se possa fazer _____ (xá-chá) com as folhas mais novas."

a) segar – buxo – chá

b) segar – bucho – xá

c) cegar – buxo – xá

d) cegar – bucha – chá

e) segar – bucha – xá

3. O _____ (emérito-imérito) causídico _____ (dilatou-delatou) o plano de fuga do meliante, que se encontrava na _____(eminência-iminência) de escapar da prisão:

a) emérito – delatou – iminência

b) imérito – dilatou – eminência

c) emérito – dilatou – iminência

d) imérito – delatou – iminência

e) emérito – dilatou – eminência

4. O _____ (extrato-estrato) da conta bancária é, por si só, insuficiente para cobrir o _____(cheque-xeque), ainda que haja algum capital (incerto-inserto).

a) extrato – xeque – inserto

b) estrato – cheque – incerto

c) extrato – cheque – inserto

d) estrato – xeque – incerto

e) extrato – xeque – incerto

5. Complete as lacunas usando adequadamente (mas / mais / mal / mau):

" Pedro e João ____ entraram em casa, perceberam que as coisas não iam bem,pois sua irmã caçula escolhera um ____ momento para comunicar aos pais que iria viajar nas férias; _____ seus dois irmãos deixaram os pais _____ sossegados quando disseram que a jovem iria com os primos e a tia."

a) mau – mal – mais – mas

b) mal – mal – mais – mais

c) mal – mau – mas – mais

d) mal – mau – mas – mas

e) mau – mau – mas – mais

Leia o texto a seguir para responder à questão 6.

Texto I

Naquele novo apartamento da rua Visconde de Pirajá pela primeira vez teria um escritório para trabalhar. Não era um cômodo muito grande, mas dava para armar ali a minha tenda de reflexões e leitura: uma escrivaninha, um sofá e os livros. Na parede da esquerda ficaria a grande e sonhada estante onde caberiam todos os meus livros. Tratei de encomendá-la a seu Joaquim, um marceneiro que tinha oficina na rua Garcia D' Ávila com Barão da Torre.

O apartamento não ficava tão perto da oficina. Era quase em frente ao prédio onde morava Mário Pedrosa, entre a Farme de Amoedo e a antiga Montenegro, hoje Vinicius de Moraes. Estava ali havia uma semana e nem decorara ainda o número do prédio. Tanto que, quando seu Joaquim, ao preencher a nota de encomenda, perguntou-me onde seria entregue a estante, tive um momento de hesitação. Mas foi só um momento. Pensei rápido: " Se o prédio do Mário é 228, o meu, que fica quase em frente, deve ser 227". Mas lembrei-me de que, ao ir ali pela primeira vez, observara que, apesar de ficar em frente ao do Mário, havia uma diferença na numeração.

– Visconde de Pirajá, 127 – respondi, e seu Joaquim desenhou o endereço na nota.

– Tudo bem, seu Ferreira. Dentro de um mês estará lá sua estante.

– Um mês, seu Joaquim! Tudo isso? Veja se reduz esse prazo.

– A estante é grande, dá muito trabalho... Digamos, três semanas.

Ferreira Gullar. A estante. In: *A estranha vida banal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989 (com adaptações).

6. (INSS – Técnico Seg. Soc. – CESPE – Maio/2016)

No que se refere aos sentidos do **texto I**, julgue o próximo item como Certo (C) ou Errado (E):

A expressão " armar ali a minha tenda" (l. 2) foi empregada no texto em sentido figurado.

Leia o texto a seguir para responder à questão 7.

Texto III

Pergunto: e agora? Como é que meu Padrinho foi degolado num quarto de pesadas paredes sem janelas, cuja porta fora trancada, por dentro, por ele mesmo? Como foi que os assassinos ali penetraram, sem ter por onde? Como foi que saíram, deixando o quarto trancado por dentro? Quem foram esses assassinos? Como foi que raptaram Sinésio, aquele rapaz alumioso, que concentrava em si as esperanças dos Sertanejos por um Reino de glória, de justiça, de beleza e de grandeza para todos? Bem, não posso avançar nada, porque aí é que está o nó! Este é o "centro de enigma e sangue" da minha história. Lembro que o genial poeta Nicolau Fagundes Varela adverte todos nós, Brasileiros, de que "os irônicos estrangeiros" vivem sempre vigilantes, sempre à espreita do menor deslize nosso para, então, "ridicularizar o pátrio pensamento":

Fatal destino o dos brasílios Mestres!

Fatal destino o dos brasílios Vates!

Política nefanda, horrenda e negra,

pestilento Bulcão abafa e mata

quanto, aos olhos de irônico estrangeiro,

podia honrar o pátrio pensamento!

Ora, um dos argumentos que os "irônicos estrangeiros" mais invocam para isso é dizer que nós, Brasileiros, somos incapazes de forjar uma verdadeira trança, uma intrincada teia, um insolúvel enredo de "romance de crime e sangue". Dizem eles que não é necessário nem um adulto dotado de argúcia especial: qualquer adolescente estrangeiro é capaz de decifrar os enigmas brasileiros, os quais, tecidos por um Povo superficial, à luz de um Sol por demais luminoso, são pouco sombrios, pouco maldosos e subterrâneos, transparentes ao primeiro exame, facílimos de desenredar.

Ah, e se fossem somente os estrangeiros, ainda ia: mas até o excelso Gênio brasileiro Tobias Barreto, aí é demais! Diz Tobias Barreto que, no Brasil, é impossível aparecer um "romance de gênio", porque "a nossa vida pública e particular não é bastante fértil de peripécias e lances romanescos". Lamenta que seja raro, entre nós, "um amor sincero, delirante, terrível e sanguinário", ou que, quando apareça, seja num velho como o Desembargador Pontes Visgueiro, o célebre assassino alagoano do Segundo Império. E comenta, ácido: "Um ou outro crime, mesmo, que porventura erga a cabeça acima do nível da vulgaridade, são coisas que não desmancham a impressão geral da monotonia contínua. Até na estatística criminal o nosso país revela-se mesquinho. O delito mais comum é justamente o mais frívolo e estúpido: o furto de cavalos".

A gente lê uma coisa dessas e fica até desanimado, julgando ser impossível a um Brasileiro ultrapassar Homero e outros conceituados gênios estrangeiros! A sorte é que, na mesma hora, o Doutor Samuel nos lembra que a conquista da América Latina "foi uma Epopeia". Vemos que somos muito maiores do que a Grécia – aquela porqueirinha de terra! – e aí descansamos o pobre coração, amargurado pelas injustiças, mas também incendiado de esperanças! Sim, nobres Senhores e belas Damas: porque eu, Dom Pedro Quaderna (Quaderna, O Astrólogo, Quaderna, O Decifrador, como tantas vezes fui chamado); eu, Poeta--guerreiro e soberano de um Reino cujos súditos são, quase todos, cavalarianos, trocadores e ladrões de cavalo, desafio qualquer irônico, estrangeiro ou Brasileiro, primeiro a narrar uma história de amor mais sangrenta, terrível, cruel e delirante do que a minha; e, depois, a decifrar, antes que eu o faça, o centro enigmático de crime e sangue da minha história, isto é, a degola do meu Padrinho e a "desaparição profética" de seu filho Sinésio, O Alumioso, esperança e bandeira do Reino Sertanejo.

Ariano Suassuna. *A pedra do reino*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972, 3ª ed., p. 27-30 (com adaptações).

7. (Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Com referência ao texto III, julgue (C ou E) o item que se segue.

No excerto apresentado, são exemplos do uso da linguagem formal escrita: a construção com o pronome relativo " cujos" (l. 37) e o emprego da forma verbal " faça" na oração " antes que eu o faça" (l. 39).

8. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

O segmento abaixo que mostra exemplo de linguagem coloquial é:

a) " A informação de saúde apresentada na Internet deve ser exata, atualizada, de fácil entendimento, em linguagem objetiva e cientificamente fundamentada";

b) " Da mesma forma produtos e serviços devem ser apresentados e descritos com exatidão e clareza";

c) " Dicas e aconselhamentos em saúde devem ser prestados por profissionais qualificados, com base em estudos, pesquisas, protocolos, consensos e prática clínica";

d) " Deve estar visível a data da publicação ou da revisão da informação, para que o usuário tenha certeza da atualidade do site";

e) " Os sites devem citar todas as fontes utilizadas para as informações, critério de seleção de conteúdo e política editorial do site, com destaque para nome e contato com os responsáveis".

9. (Petrobras – Advogado Jr. – Cesgranrio – Ago./2015 – Adaptada)

As palavras são empregadas no sentido denotativo, literal, em estado de dicionário ou no sentido conotativo, figurado.

A palavra destacada está empregada no sentido figurado em:

a) " o principal traço característico do debate público sobre desenvolvimento global, seja em nível local ou global, neste **alvorecer** do século XXI."

b) " alcançando, de forma conceitualmente imprecisa, o universo vocabular do **cidadão**."

c) " em estágio avançado nos países **industrializados**, constituem uma tendência dominante mesmo para economias menos industrializadas."

d) " Esse novo paradigma tem as seguintes **características** fundamentais: a informação é sua matéria-prima."

e) " processos sociais e **transformação** tecnológica resultam de uma interação complexa."

Leia o texto a seguir para responder à questão 10.

Donos do próprio dinheiro

Quando pensamos em bancos, imaginamos grandes empresas com agências elegantes, equipadas com caixas eletrônicos e funcionários engravatados, muita burocracia e mil procedimentos de segurança. Mas dezenas de pequenas instituições financeiras estão mudando a relação que milhares de brasileiros têm com o próprio dinheiro. São os bancos comunitários, que contam com moeda e sistema de crédito próprios e desenvolvem as economias locais.

Todas as agências são geridas e fiscalizadas pela comunidade. Hoje já existem 104 dessas instituições no país, e elas estão proliferando. De 2006 a 2012, o número de bancos comunitários aumentou dez vezes, de nove para 98 agências. Diferentemente das agências convencionais, essas instituições não consultam o nome do cliente no Serasa ou no Serviço de Proteção ao

Crédito antes de abrir uma conta. Consultam a comunidade.

Uma das condições para a criação de um banco comunitário, como o próprio nome já dá a entender, é o envolvimento da comunidade. Isso porque o objetivo final não é o lucro, e sim o desenvolvimento da economia do entorno. Para tanto é criada uma moeda própria, que circula apenas na comunidade. O dinheiro para iniciar os bancos comunitários também vem do local, seja de rifas, seja de vaquinhas ou de eventos de arrecadação de fundos.

Os moradores podem pegar dois tipos de empréstimo: um para produção, como reforma de uma loja ou compra de estoque, em reais, e outro para consumo, compra de alimentos e outros produtos, na moeda do banco.

Dessa forma, artigos como alimentos, roupas, sapatos e até serviços de beleza ou aulas são consumidos na comunidade, nas lojas que aceitam a nova moeda, fazendo com que o dinheiro não deixe a região e sirva para desenvolver a economia local.

VELOSO, L. *Revista Planeta*. n. 504, novembro 2014. Adaptado.

10. (Liquigás – Ass. Adminis. – Cesgranrio – Set./2015)

No trecho " fazendo com que o dinheiro não deixe a região e sirva para **desenvolver** a economia local" (l. 20-21), a palavra que tem o sentido contrário ao da palavra destacada é

a) orientar

b) organizar

c) fortalecer

d) alimentar

e) reduzir

Leia o texto a seguir para responder à questão 11.

Chove muito forte na cidade. Raios e trovões. Alagamentos e árvores caídas. Balanço trágico: quatro mortos e um garoto desaparecido. Em meio ao trânsito parado, dois gaiatos (expressão supercarioca) pegam suas pranchas e vão para a rua alagada surfar no asfalto. Divertem-se, gritam, como se fosse necessário buscar prazer onde só há aborrecimento e lamentação. _____ cena se repetiu anteontem _____ noite, _____ beira da lagoa Rodrigo de Freitas. Virou onda surfar debochadamente na chuva.

(Paula Cesarino Costa, Notas sobre a carioquice. *Folha de S.Paulo*, 07.03.2013)

11. (SEED-SP – An. Administrativo – Vunesp – Maio/2016)

Há emprego de linguagem figurada na seguinte passagem do texto:

a) trânsito parado.

b) aborrecimento e lamentação.

c) Virou onda.

d) Raios e trovões.

e) quatro mortos.

12. (MPE/SP – Analista Técnico Científico – Vunesp – Jul./2016)

Assinale a alternativa em que se caracteriza o emprego de palavras em sentido figurado.

a) Um dos neologismos recentes vinculados à dependência cada vez maior dos jovens a esses dispositivos é a "nomobofobia"...

b) ... a superexposição de nossas pequenas ou grandes fraquezas morais ao julgamento da comunidade...

c) ... a ansiedade e o sentimento de pânico experimentados por um número crescente de pessoas quando acaba a bateria do dispositivo móvel...

d) ... os usuários precisam ter a habilidade de identificar e estimar parâmetros, aprender a extrair informações relevantes...

e) O fluxo de informação que percorre as artérias das redes sociais é um poderoso fármaco viciante.

13. (MPE/SP – Analista Técnico Científico – Vunesp – Jul./2016)

As expressões destacadas nos trechos – **meter o bedelho** / **estimar** parâmetros / **embotar** a razão – têm sinônimos adequados respectivamente em:

a) procurar / gostar de / ilustrar

b) imiscuir-se / avaliar / enfraquecer

c) interferir / propor / embrutecer

d) intrometer-se / prezar / esclarecer

e) contrapor-se / consolidar / iluminar

Leia o texto a seguir para responder às questões 14 e 15.

Fora do jogo

Quando a economia muda de direção, há variáveis que logo se alteram, como o tamanho das jornadas de trabalho e o pagamento de horas extras, e outras que respondem de forma mais lenta, como o emprego e o mercado de crédito. Tendências negativas nesses últimos indicadores, por isso mesmo, costumam ser duradouras.

Daí por que são preocupantes os dados mais recentes da Associação Nacional dos Birôs de Crédito, que congrega empresas do setor de crédito e financiamento.

Segundo a entidade, havia, em outubro, 59 milhões de consumidores impedidos de obter novos créditos por não estarem em dia com suas obrigações. Trata-se de alta de 1,8 milhão em dois meses.

Causa consternação conhecer a principal razão citada pelos consumidores para deixar de pagar as dívidas: a perda de emprego, que tem forte correlação com a capacidade de pagamento das famílias.

Até há pouco, as empresas evitavam demitir, pois tendem a perder investimentos em treinamento e incorrer em custos trabalhistas. Dado o colapso da atividade econômica, porém, jogaram a toalha.

O impacto negativo da disponibilidade de crédito é imediato. O indivíduo não só perde a capacidade de pagamento mas também enfrenta grande dificuldade para obter novos recursos, pois não possui carteira de trabalho assinada.

Tem-se aí outro aspecto perverso da recessão, que se soma às muitas evidências de reversão de padrões positivos da última década – o aumento da informalidade, o retorno de jovens ao mercado de trabalho e a alta do desemprego.

(*Folha de S.Paulo*, 08.12.2015. Adaptado)

14. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Na passagem do 4º parágrafo – Causa **consternação** conhecer a principal razão citada pelos consumidores... –, o termo em destaque é sinônimo de

a) indignação.

b) irritação.

c) resignação.

d) comoção.

e) satisfação.

15. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Dado o colapso da atividade econômica, porém, jogaram a toalha (5º parágrafo).

Analisando-se o sentido que a expressão " jogaram a toalha" confere ao texto, conclui-se que ela está construída em sentido

a) próprio, mostrando a dispensa dos funcionários como desnecessária, já que há evidente recuperação na economia.

b) figurado, ironizando a ideia das empresas de evitar dispensas, já que estão mais preocupadas com os custos trabalhistas.

c) figurado, deixando claro que as empresas demitiram seus funcionários, porque o cenário econômico é desfavorável.

d) próprio, reforçando a ideia de que as empresas mantiveram seu plano inicial de manter os funcionários no emprego.

e) próprio, sugerindo que as empresas terão prejuízos mantendo os funcionários em um cenário de crise econômica.

Gabarito: 1. c; 2. a; 3. a; 4. c; 5. c; 6. C; 7. C; 8. c; 9. a; 10. e; 11. c; 12. e; 13. b; 14. d; 15. c.

5 USO DE POR QUE, POR QUÊ, PORQUE E PORQUÊ

5.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

As frases de 1 a 6 a seguir mostram as diferentes formas do "porquê". Antes de resolvermos os exercícios, vamos à explicação do uso deste vocábulo.

Em linhas gerais, podemos afirmar que "por que", separado sem acento, é usado em frases interrogativas, diretas ou indiretas (com ou sem ponto de interrogação), ou quando equivale a pelo qual, pela qual (nesse caso, o que será pronome relativo).

Se vier em final de período, sendo pronunciado, portanto, com tonicidade, será separado e com acento ("por quê").

O uso do "porque", junto sem acento, se dá quando se introduz uma explicação ou causa da oração anterior (= conjunção explicativa ou causal). Já o "porquê", junto com acento, é substantivo, vem determinado (antecedido de artigo ou de qualquer outro determinante).

Visto isso, seguem as frases.

1. _____ chegas sempre atrasado? (Por que / Por quê / Porque)

Comentários: A frase é interrogativa direta, vem com o ponto de interrogação.

Resposta: Por que.

2. As dificuldades _____ passamos são muitas. (por que / por quê / porque)

Comentários: Nessa frase, o "por que" equivale a *pelas quais* (As dificuldades pelas quais passamos…).

Resposta: por que.

3. Você saiu _____? (por que / por quê / porque)

Comentários: Agora, a frase é interrogativa e aparece em *final* de período. Separado com acento.

Resposta: por quê.

4. Não entendi o _____ de tua bronca. (por que / porque / porquê)

Comentários: A presença do artigo antecedendo essa palavra tem a finalidade de substantivá-la.

Resposta: porquê.

5. Não sabemos _____ ele sai tão cedo. (por que / porque / por quê)

Comentários: Talvez essa construção seja a mais sutil no caso do uso dos "porquês". A frase é interrogativa *indireta*. Uma forma prática é transformá-la em direta. (Por que ele sai tão cedo? Não sabemos). Com isso você comprovou que a frase é interrogativa.

Resposta: por que.

6. Faltei _____ estava com febre (por que / porque / por quê)

Comentários: Nesse período, esse vocábulo vai funcionar como conectivo causal (Faltei por este motivo, por esta razão). É conjunção.

Resposta: porque.

6 USO DE EXPRESSÕES COTIDIANAS

6.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

6.1.1. Uso de **há** e **a**

Usaremos **há** quando houver ideia de **tempo passado** ou com sentido de **existir**. Já a preposição **a** ocorre quando aparece ideia de **distância** ou **futuro**.

Para praticar, complete as frases a seguir.

1. Não o via _____ três semanas. (há / a)

Comentários: Nessa construção, percebe-se a ideia de *tempo passado*, *decorrido*.

Resposta: há.

2. _____ muitas pessoas na sala. (Há / A)

Comentários: Aqui, o sentido é de *existir* (Existem muitas pessoas na sala).

Resposta: Há.

3. Daqui _____ três semanas estarei chegando. (há / a)

Comentários: Percebe-se, agora, que não há ideia de *tempo decorrido* nem de *existir*. O sentido é de tempo futuro.

Resposta: a.

6.1.2. Outras expressões que costumam suscitar dúvidas

4. Conversávamos _____ música. (acerca de / há cerca de)

5. _____ cem alunos na sala. (Acerca de / Há cerca de)

6. _____ cinquenta mil candidatos se inscreveram no concurso. (Há cerca de / Cerca de)

Comentários:

A expressão **acerca de** equivale a **a respeito de**, **sobre**. **Há cerca de** indica tempo transcorrido e **cerca de** equivale a **aproximadamente**.

Respostas: 4. acerca de; 5. Há cerca de; 6. Cerca de.

7. _____ houver engarrafamento, chegarei na hora. (Senão / Se não)

8. Entregue o trabalho no prazo _____ cancelo o contrato. (se não / senão)

9. Ninguém, _____ um santo, seria capaz de tamanho sacrifício. (se não / senão)

Comentários: Usamos **senão** como conjunção (alternativa ou adversativa) e também com o valor de **exceto**.

Se não é conjunção condicional ou integrante **se** seguida de advérbio de negação.

Na frase 7, há ideia de condição ("Caso não haja engarrafamento…"). Na 8, a ideia é de alternância ("Entregue o trabalho no prazo *ou* cancelo o contrato"). Na frase 9, temos o valor de **exceto**, **a não ser** ("Ninguém, exceto/a não ser um santo…").

Respostas: 7. Se não; 8. senão; 9. senão.

10. Assim que chegou, foi _____ pais. (ao encontro dos / de encontro aos).

11. O seu _____ é não prestar atenção nas coisas. (mal / mau).

Comentários: A expressão **ao encontro de** significa **a favor de**, **na direção de.** Já **de encontro a** indica **contrariedade**, **em oposição**.

Respostas: 10. ao encontro de; 11. **Mal** pode aparecer como substantivo (como é o caso), advérbio e conjunção. **Mau** é adjetivo.

12. _____ de ficar triste, alegrou-se com a notícia. (Ao invés de / Em vez de)

13. _____ irmos ao jogo, fomos ao cinema. (Ao invés de / Em vez de)

Comentários:

Usaremos *ao invés de* para indicar *ao contrário de* e *em vez de* no sentido de no *lugar de*.

Respostas: 12. Ao invés de; 13. Em vez de.

Agora, para ver se você aprendeu mesmo, só resolvendo algumas questões de concursos.

6.2. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

1. (TRT – ES) Assinale a opção em que a palavra sublinhada está mal empregada:

a) Durma cedo, <u>senão</u> acordará tarde amanhã.

b) <u>Mal</u> começou a chover, o barraco deslizou.

c) Disse que <u>há</u> cinco anos ganhou na loteria.

d) Estava <u>mau</u> informado, por isso equivocou-se.

e) De hoje <u>a</u> dois meses pedirei novo empréstimo.

Comentários:

A letra A mostra o *senão* como conjunção alternativa (ou dorme cedo, ou acordará tarde). Na letra B, temos a palavra

mal usada como conjunção temporal (Assim que começou a chover...). Esse vocábulo pode também aparecer como *substantivo* (O mal que causaste foi grande) e como *advérbio* (Dormi mal essa noite).

Na letra C, o verbo *haver* aparece indicando tempo passado ("Ganhou há cinco anos" / faz cinco anos).

Na letra D, a palavra correta seria *mal*, já que modifica o adjetivo *informado*. Se modifica adjetivo é advérbio (mal). *Mau* é adjetivo, se refere a substantivo (Homem mau).

Na letra E, a ideia é de tempo *futuro*, portanto, se usa a preposição *a*, e não o verbo *haver*.

Resposta: D.

2. (Telerj) Apenas em uma das opções abaixo é **inadequado** preencher a lacuna com a respectiva palavra ou expressão entre parênteses. Marque-a.

a) A mensagem enviada pelo fax não chegou a tempo, _____ o telegrama. (tampouco)

b) As novas funcionárias trabalhavam ali _____ de duas semanas. (há cerca)

c) Chegou finalmente o momento _____ todos esperavam. (por que)

d) O funcionário veterano não esqueceu o _____ aos companheiros recém-chegados. (cumprimento)

e) As chuvas causaram _____ prejuízo aos aparelhos telefônicos. (vultuoso)

Comentários:

Na letra A, *tampouco* equivale ao conectivo *nem*, correto, portanto, o seu uso. Essa palavra funciona como conectivo aditivo, usado em frases negativas (não...tampouco).

Na letra B, há ideia de tempo decorrido ("faz duas semanas que elas trabalhavam ali").

Na alternativa C, o uso do *por que* separado se justifica, já que equivale a *pela qual* ("Todas esperavam pelo momento"). Na letra D, *cumprimento* é do verbo *cumprimentar*, que é o sentido usado nesta frase.

Já a letra E troca *vultoso* por *vultuoso*. Pelo sentido da frase, quer se usar *vultoso* (de grande volume) e não *vultuoso* (congestão na face, colérico)

Resposta: E.

3. (TTN) Assinale o item que contém erro de ortografia.

a) Na cultura oriental, fica desonrado para sempre quem inflinge as regras da hospitalidade.

b) Não conseguindo adivinhar o resultado a que chegariam, sentiu-se frustrado.

c) A digressão ocorreu por excesso de fatos ilustrativos em seu discurso.

d) Sentimentos indescritíveis, porventura, seriam rememorados durante a sessão de julgamento.

e) Ao contrário de outros, trazia consigo autoconhecimento e autoafirmação.

Comentários:

A letra A mostra a forma inadequada de *inflige*. Pelo sentido da frase, é *infringe* (transgride, viola). Além disso, o verbo é *infligir* (castigar, aplicar) e não *inflingir*, não existe a segunda letra *n*. Resumindo: tudo errado – sentido e grafia.

A letra B mostra a forma correta do verbo *adivinhar*, com a letra *i*.

A letra C traz a palavra *digressão* também escrita corretamente.

Na D, a palavra *sessão* equivale a *espaço de tempo que dura uma reunião*, adequada, portanto, ao sentido da frase. *Seção* quer dizer *divisão* e *cessão* é relativo ao verbo *ceder*.

A letra E mostra a palavra *consigo* no sentido correto (com ele mesmo, valor reflexivo). Além disso, pela Nova Ortografia, *autoconhecimento* e *autoafirmação* se escrevem junto, sem hífen.

Resposta: A.

4. (PGJ) A palavra **tráfico** não deve ser confundida com **tráfego**, seu parônimo.

Em que item a seguir o par de vocábulos é exemplo de homonímia e não de paronímia?

a) estrato/extrato.

b) flagrante/fragrante.

c) eminente/iminente.

d) inflação/infração.

e) cavaleiro/cavalheiro.

Comentários:

Homônimos são vocábulos *iguais* (na pronúncia, na grafia ou em ambos), mas de sentidos diferentes.

Na letra A, a *pronúncia* é a mesma, são homônimos homófonos (*mesma pronúncia*), as grafias diferentes. As outras opções são exemplos de parônimos (vocábulos parecidos na pronúncia e na grafia, de sentidos diferentes).

Resposta: A.

Na questão de nº 5, o texto contém um erro, que pode ser de natureza gramatical, de propriedade vocabular ou de adequação ao estilo culto e formal da língua. Identifique, entre os itens sublinhados, aquele que deve ser corrigido para que a sentença onde ele ocorre se torne correta e adequada.

5. (TRF/Esaf) A(1) **cerca**(2) de uma dezena de matérias jornalísticas, **só**(3) na última edição do matutino de circulação nacional, **acerca**(4) das suspeitas de corrupção nas **adjacências**(5) do Governo.

a) 1.

b) 2.

c) 3.

d) 4.

e) 5.

Comentários:

A expressão **A**(1) **cerca**(2) equivale a *aproximadamente.* Nesse trecho, a ideia não é de quantidade aproximada, e sim "*Existe* cerca de uma dezena de matérias…". A palavra *só* (3) equivale a somente. Em (4), **acerca** tem o sentido da preposição sobre, correto, pois. Na palavra **adjacências** (5), a grafia está também correta.

Resposta: (1) *Há* cerca de.

6.3. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. Marque a frase em que deve ser empregada a primeira das duas palavras que aparecem entre parênteses.

a) Essas hipóteses _____ das circunstâncias (emergem– imergem).

b) Nunca o encontro na _____ em que trabalha (sessão – seção).

c) Já era decorrido um_____ que ela havia partido, (lustre – lustro).

d) O prazo já estava _____ (prescrito – proscrito).

e) O fato passou completamente _____ (desapercebido – despercebido).

2. Marque a frase que se completa com o segundo elemento do parênteses:

a) A recessão econômica do país faz com que muitos _____ (emigrem– imigrem).

b) Antes de ser promulgada, a Constituição já pedia muitos _____ (consertos – concertos).

c) A ditadura _____ muitos políticos de oposição (caçou – cassou).

d) Ao sair do barco, o assaltante foi preso em_____ (flagrante – fragrante).

e) O juiz _____ expulsou o atleta violento (incontinenti – incontinente).

3. Marque a alternativa que se completa corretamente com o segundo elemento do parênteses:

a) O sapato velho foi restaurado com a aplicação de algumas _____ (tachas – taxas).

b) Sílvio _____ na floresta para caçar macacos (imergiu – emergiu).

c) Para impedir a corrente de ar, Luís _____ a porta (cerrou – serrou).

d) Bonifácio _____ pelo buraco da fechadura (expiava – espiava).

e) Quando foi realizado o último _____ ? (censo – senso).

4. Marque a alternativa que se completa com o primeiro elemento do parênteses:

a) A polícia federal combate o _____ de cocaína (tráfego – tráfico).

b) No Brasil é vedada a _____ racial; embora haja quem a pratique (discriminação – descriminação).

c) Você precisa melhorar seu _____ de humor (censo – senso).

d) O presidente _____ antecipou a queda do muro de Berlim (ruço – russo).

e) O balão, tremelizindo _____ para o céu estrelado (acendeu – ascendeu).

5. Em "o prefeito **deferiu** o requerimento do contribuinte", o termo destacado poderia perfeitamente ser substituído por:

a) apreciou

b) arquivou

c) despachou favoravelmente

d) invalidou

e) despachou negativamente

6. As ideias liberais saíram **incólumes**, ainda que se pensasse que seriam **dilapidadas**, completamente. Os termos grifados são sinônimos, respectivamente de:

a) arrasadas – dilaceradas

b) intactas – arrasadas

c) intactas – dilaceradas

d) depauperadas – prestigiadas

e) n.r.a.

7. Complete as lacunas com a expressão correta (entre parênteses):

" O _____ (cervo – servo) prendia-se nos arbustos, fugindo dos _____ (cartuchos – cartuxos) que pipocavam por toda a _____ (área – aria)."

a) cervo – cartuxos – área

b) servo – cartuchos – aria

c) cervo – cartuchos – área

d) servo – cartuchos – área

e) servo – cartuchos – aria

8. Complete as lacunas, com a expressão necessária, que consta nos parênteses:

É necessário _____ (cegar – segar) os galhos salientes do _____ (bucho – buxo), de modo a que se possa fazer _____ (xá – chá) com as folhas mais novas.

a) segar – buxo – chá

b) segar – bucho – xá

c) cegar – buxo – xá

d) cegar – bucha – chá

e) segar – bucha – xá

9. O _____ (emérito-imérito) causídico _____ (dilatou-delatou) o plano de fuga do meliante, que se encontrava na _____(eminência-iminência) de escapar da prisão:

a) emérito – delatou – iminência

b) imérito – dilatou – eminência

c) emérito – dilatou – iminência

d) imérito – delatou – iminência

e) emérito – dilatou – eminência

10. O _____ (extrato-estrato) da conta bancária é, por si só, insuficiente para cobrir o _____ (cheque-xeque), ainda que haja algum capital _____ (incerto-inserto).

a) extrato – xeque – inserto

b) estrato – cheque – incerto

c) extrato – cheque – inserto

d) estrato – xeque – incerto

e) extrato – xeque – incerto

11. Complete as lacunas usando adequadamente (mas / mais / mal / mau):

" Pedro e João ____ entraram em casa, perceberam que as coisas não iam bem,pois sua irmã caçula escolhera um ____ momento para comunicar aos pais que iria viajar nas férias; _____ seus, dois irmãos deixaram os pais _____ sossegados quando disseram que a jovem iria com os primos e a tia."

a) mau – mal – mais – mas

b) mal – mal – mais – mais

c) mal – mau – mas – mais

d) mal – mau – mas – mas

e) mau – mau – mas – mais

12. Marque a alternativa que completa corretamente as lacunas:

" Estou _____ de que tais _____ deveriam ser _____ a bem da moralidade do serviço público."

a) cônscio – privilégios – extintos

b) côncio – privilégios – estintos

c) cônscio – privilégios – estintos

d) côncio – previlégios – estintos

e) cônscio – previlégios – extintos

13. Observe as orações seguintes:

I. Por que não apontas a vendedora por que foste ludibriado?

II. A secretária não informa por que linha de ônibus chega-se ao escritório.

III. Por que será que o governo não divulga o porquê da inflação.

Há erro na grafia:

a) na I apenas.

b) em duas apenas.

c) na II apenas.

d) na III apenas.

e) em nenhuma.

14. Complete as lacunas com (estada / estadia /onde / aonde):

" _____ quer que eu me hospede, procuro logo saber o preço da _____, quanto custa a _____de um carro alugado, bem como _____ se possa ir à noite."

a) aonde – estadia – estada – onde

b) onde – estada – estadia – aonde

c) onde – estadia – estada – aonde

d) aonde – estada – estadia – onde

e) onde – estadia – estadia – aonde

15. Leia as frases abaixo:

I. Assisti ao _____ do balé Bolshoi;

II. Daqui _____ pouco vão dizer que _____ vida em Marte.

III. As _____ da câmara são verdadeiros programas de humor.

IV. _____ dias que não falo com Alfredo.

Escolha a alternativa que oferece a sequência correta de vocábulos para as lacunas existentes:

a) concerto – há – a – cessões – há

b) conserto – a – há – sessões – há

c) concerto – a – há – seções – a

d) concerto – a – há – sessões – há

e) conserto – há – a – sessões – a

16. Indique a alternativa que contém a seqüência necessária para completar as lacunas abaixo:

“ A _____ de uma guerra nuclear provoca uma grande _____ na humanidade e a deixa _____com relação ao futuro da vida na terra.”

a) espectativa – tensão – exitante

b) espectativa – tenção – hesitante

c) expectativa – tensão – hesitante

d) expectativa – tensão – hezitante

e) espectativa – tenção – exitante

17. Complete corretamente as lacunas:

“ O _____ de veículos de grande porte, em vias urbanas, provoca _____ no trânsito; forçando a que os motoristas dos carros menores _____, muitas delas, completamente sem_____.

a) tráfico – infrações – inflijam– concerto

b) tráfego – infrações – inflijam– conserto

c) tráfego – inflações – infrinjam– conserto

d) tráfego – infrações – infrações – conserto

e) tráfico – infrações – infrações – concerto

Leia o texto a seguir para responder à questão 18:

Texto III

Pergunto: e agora? Como é que meu Padrinho foi degolado num quarto de pesadas paredes sem janelas, cuja porta fora trancada, por dentro, por ele mesmo? Como foi que os assassinos ali penetraram, sem ter por onde? Como foi que saíram, deixando o quarto trancado por dentro? Quem foram esses assassinos? Como foi que raptaram Sinésio, aquele rapaz alumioso, que concentrava em si as esperanças dos Sertanejos por um Reino de glória, de justiça, de beleza e de grandeza para todos? Bem, não posso avançar nada, porque aí é que está o nó! Este é o “ centro de enigma e sangue” da minha história. Lembro que o genial poeta Nicolau Fagundes Varela adverte todos nós, Brasileiros, de que “ os irônicos estrangeiros” vivem sempre vigilantes, sempre à espreita do menor deslize nosso para, então, “ ridicularizar o pátrio pensamento”:

Fatal destino o dos brasílios Mestres!

Fatal destino o dos brasílios Vates!

Política nefanda, horrenda e negra,

pestilento Bulcão abafa e mata

quanto, aos olhos de irônico estrangeiro,

podia honrar o pátrio pensamento!

Ora, um dos argumentos que os “ irônicos estrangeiros” mais invocam para isso é dizer que nós, Brasileiros, somos incapazes de forjar uma verdadeira trança, uma intrincada teia, um insolúvel enredo de “ romance de crime e sangue”. Dizem eles que não é

necessário nem um adulto dotado de argúcia especial: qualquer adolescente estrangeiro é capaz de decifrar os enigmas brasileiros, os quais, tecidos por um Povo superficial, à luz de um Sol por demais luminoso, são pouco sombrios, pouco maldosos e subterrâneos, transparentes ao primeiro exame, facílimos de desenredar.

Ah, e se fossem somente os estrangeiros, ainda ia: mas até o excelso Gênio brasileiro Tobias Barreto, aí é demais! Diz Tobias Barreto que, no Brasil, é impossível aparecer um " romance de gênio", porque " a nossa vida pública e particular não é bastante fértil de peripécias e lances romanescos". Lamenta que seja raro, entre nós, " um amor sincero, delirante, terrível e sanguinário", ou que, quando apareça, seja num velho como o Desembargador Pontes Visgueiro, o célebre assassino alagoano do Segundo Império. E comenta, ácido: " Um ou outro crime, mesmo, que porventura erga a cabeça acima do nível da vulgaridade, são coisas que não desmancham a impressão geral da monotonia contínua. Até na estatística criminal o nosso país revela-se mesquinho. O delito mais comum é justamente o mais frívolo e estúpido: o furto de cavalos".

A gente lê uma coisa dessas e fica até desanimado, julgando ser impossível a um Brasileiro ultrapassar Homero e outros conceituados gênios estrangeiros! A sorte é que, na mesma hora, o Doutor Samuel nos lembra que a conquista da América Latina " foi uma Epopeia". Vemos que somos muito maiores do que a Grécia – aquela porqueirinha de terra! – e aí descansamos o pobre coração, amargurado pelas injustiças, mas também incendiado de esperanças! Sim, nobres Senhores e belas Damas: porque eu, Dom Pedro Quaderna (Quaderna, O Astrólogo, Quaderna, O Decifrador, como tantas vezes fui chamado); eu, Poeta--guerreiro e soberano de um Reino cujos súditos são, quase todos, cavalarianos, trocadores e ladrões de cavalo, desafio qualquer irônico, estrangeiro ou Brasileiro, primeiro a narrar uma história de amor mais sangrenta, terrível, cruel e delirante do que a minha; e, depois, a decifrar, antes que eu o faça, o centro enigmático de crime e sangue da minha história, isto é, a degola do meu Padrinho e a " desaparição profética" de seu filho Sinésio, O Alumioso, esperança e bandeira do Reino Sertanejo.

Ariano Suassuna. *A pedra do reino*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972, 3ª ed., p. 27-30 (com adaptações).

18. (Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Com referência ao texto III, julgue (C ou E) o item que se segue.

No trecho " porque eu, Dom Pedro Quaderna" (l. 35-36), a conjunção " porque" é expressão de realce, empregada de modo expletivo, visto que não estabelece relação entre a oração que ela introduz e outra oração do período.

19. (Liquigás – Administrador Jr. – Cesgranrio – Set./2015 – Adaptada)

No trecho " E isso **porque** o povo já tem dado mostras de ter maior maturidade política do que a grande maioria dos políticos", verifica-se a grafia adequada da expressão destacada, uma vez que funciona como conjunção explicativa.

A frase em que a expressão em destaque também está adequadamente empregada é

a) Não se sabe **por que** a desigualdade social ainda existe.

b) É comum não se compreender o **por quê** da fome no país.

c) **Por quê** os políticos não se movimentam para acabar com a fome?

d) O povo liderará os governantes **por que** tem maior maturidade política.

e) A fome é uma doença, mas não se entende **por que**.

20. (Basa – Téc. Bancário – Cesgranrio – Set./2015)

A palavra ou expressão em destaque está grafada corretamente e de acordo com a norma-padrão em:

a) A agricultura familiar é importante **por que** preserva os alimentos tradicionais.

b) A Agricultura Familiar é importante **por quê**?

c) A Agricultura Familiar apresenta importante função **porquê** garante a segurança alimentar.

d) O Texto I esclarece o motivo **porque** a Agricultura Familiar contribui para o uso sustentável dos recursos naturais.

e) O Texto I expõe o **porque** de a Agricultura Familiar ser importante para o país.

Gabarito: 1. d; 2. a; 3. d; 4. b; 5. c; 6. b; 7. c; 8. a; 9. a; 10. c; 11. c; 12. a; 13. e; 14. b; 15. d; 16. c; 17. d; 18. C; 19. a; 20. b.

Parte II

Morfologia

7 CLASSES GRAMATICAIS

7.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

7.1.1. Artigo

São as palavras **o** e **um**, com suas flexões, que sempre antecedem os substantivos, designando seres determinados ou indeterminados.

Exs.: O homem, um homem, a mulher, as mulheres, uma mulher etc.

O artigo, em português, tem grande importância na indicação do gênero, permitindo, também, distinguir os substantivos homônimos.

Exs.: a mão, o pão, o/a artista, o/a cabeça etc.

7.1.2. Substantivo

É o nome com que designamos os seres em geral (pessoas, animais e coisas) flexionando-se em **gênero** e **número**. O substantivo é classe de palavra que sempre pode ser antecedida de artigo.

7.1.3. Adjetivo

"É a expressão modificadora do substantivo que denota **qualidade**, **condição** ou **estado** de um ***ser***." (Evanildo Bechara)

Veja o exemplo:

"… era feito aquela gente *honesta, boa e comovida*

que caminha para a morte

pensando em vencer na vida."

Aqui, os adjetivos *honesta*, *boa* e *comovida* referem-se ao substantivo *gente*, qualificando-o.

Locução adjetiva: formada, geralmente, de preposição + substantivo com valor de adjetivo.

Observe o exemplo:

"… eu quero que o meu caixão

tenha uma forma bizarra

a forma *de coração*

a forma *de guitarra"*

As expressões *de coração* e *de guitarra*, embora sejam formadas de preposição e substantivo, têm valor de adjetivo, pois fazem o papel de um adjetivo modificam o substantivo.

Vamos treinar?

Classifique as palavras destacadas em destaque como substantivo ou adjetivo.

1. Recebeu uma vaia **monstro**.

Comentários: Refere-se ao substantivo *vaia*, qualificando-o.

Resposta: Adjetivo.

2. Veio fantasiado de **monstro**.

Comentários: Agora, a palavra monstro nomeia. É *o monstro*.

Resposta: Substantivo.

3. O seu **viver** é um exemplo para todos.

Comentários: O verbo *viver* foi substantivado por meio do artigo definido *o*.

Resposta: Substantivo.

4. O **orgulhoso** não se deu por vencido.

Comentários: *Orgulhoso*, aqui, foi substantivado, está nomeando.

Resposta: Substantivo.

5. Era um homem muito **orgulhoso**.

Comentários: Nesta frase, *orgulhoso* qualifica o substantivo *homem*.

Resposta: Adjetivo.

6. Possuía muita **confiança**.

Comentários: *A confiança* que possuía.

Resposta: Substantivo.

7. Estava antes do jogo pouco **confiante**.

Comentários: Confiante qualifica o sujeito implícito *eu* ou *ele*.

Resposta: Adjetivo.

8. "Não sou propriamente um **autor** defunto,

Comentários: Trata-se de um autor que é defunto.

Resposta: *Autor* é substantivo e *defunto* é adjetivo.

9. … mas um defunto **autor**." (Machado de Assis)

Comentários: Agora, tem-se um *defunto* que é *autor*.

Resposta: *Defunto* passou a ser substantivo e *autor*, adjetivo.

10. Teve muita **calma**.

Comentários: *A calma* que ele teve. A palavra *calma* nomeia e pode ser antecedida de artigo.

Resposta: Substantivo.

11. Extasiou-se com o **azul** do céu.

Comentários: *Azul*, que é uma cor representada pelo adjetivo, aqui está nomeando. Observe o poder que o artigo tem de substantivar palavras.

Resposta: Substantivo.

12. O bicho **homem** precisa evoluir mais.

Comentários: *Homem* qualifica *bicho*. É o bicho que é homem.

Resposta: Adjetivo.

13. Deu um drible **moleque** no guarda.

Comentários: Trata-se de um *drible* que foi *moleque*. *Moleque* qualifica *drible*.

Resposta: Adjetivo.

Resumindo:
Substantivo é classe que dá nome. É variável. Pode vir sempre antecedida de artigo.
Adjetivo é classe que se refere ao substantivo. É variável, acompanha a flexão do substantivo.

Agora que você sabe diferenciar um substantivo de um adjetivo, vamos conhecer o advérbio.

7.1.4. Advérbio

Palavra invariável que, fundamentalmente, modifica o verbo exprimindo uma circunstância (tempo, lugar, modo etc.). Pode ainda o advérbio modificar o adjetivo ou outro advérbio. Observe os exemplos:

Trabalhamos **muito**.

Aqui, o advérbio modifica um verbo, indicando-lhe ideia de intensidade. É o advérbio de intensidade.

Homem **muito** bom.

Nesse caso, o advérbio também traz valor de intensidade, só que, desta vez, modificando o adjetivo bom.

Fala **muito** bem.

Por fim, um exemplo de advérbio que modifica outro advérbio (*bem*), também com valor de intensidade.

Conclusão: embora na maioria das vezes o advérbio modifique um verbo, ele pode também se referir a um adjetivo ou a um advérbio.

Locução adverbial:

Formada, normalmente, de preposição mais substantivo com valor e emprego de advérbio.

Exemplo:

Ele saiu **às pressas**.

Nesse caso, a expressão às pressas refere-se ao verbo *sair* indicando circunstância de *modo*: é a locução adverbial de modo.

Atenção! Não confunda a locução adjetiva com a locução adverbial. Embora as duas tenham, em geral, a mesma estrutura (substantivo + adjetivo), a primeira se refere a um substantivo e a segunda, a um verbo.

Veja os exemplos a seguir:

A casa *de madeira* foi construída.

A casa foi construída *de madeira*.

A locução *de madeira*, na primeira frase, modifica o substantivo *casa* e, no segundo, a locução verbal *foi construída*. Daí, na primeira frase, ela ser locução adjetiva e na segunda, locução adverbial.

Vamos treinar?

Classifique as expressões em destaque como **adjetivo/locução adjetiva ou advérbio/locução adverbial**.

1. As mulheres ganharam dos homens **disparado**.

   Comentários: *Disparado* é o modo como as mulheres ganharam. Refere-se ao verbo. Observe a não variação. Se fosse adjetivo, concordaria com o substantivo.

   Resposta: Advérbio.

2. Ele é muito **melhor** que você.

   Comentários: *Melhor* refere-se ao pronome *ele*, qualificando-o. Na dúvida, procure jogar a frase para o plural (*Eles são melhores*). Se for advérbio, a tendência é não ir ao plural.

   Resposta: Adjetivo.

3. Você fala **grosso**, mas na hora de mostrar coragem…

   Comentários: *Grosso* é o modo como se fala. Se a frase fosse ao plural, teríamos: "Vocês falam grosso".

Resposta: Advérbio.

4. O professor saiu **sério** da sala.

Comentários: *Sério* é o estado do professor e não o modo de sair. Se a frase fosse ao plural, teríamos "os professores saíram sérios".

Resposta: Adjetivo.

5. O professor falou **sério**, não falou brincando, não.

Comentários: Aqui, *sério* é o modo como o professor falou, não o estado do professor. Pluralizando a frase, teríamos: "os professores falaram sério".

Resposta: A não variação é uma dica de que é advérbio.

6. Os corintianos entravam **duro** nos palmeirenses, que reclamavam.

Comentários: *Duro* é o modo como os corintianos entravam.

Resposta: Advérbio.

7. Ela se mostrava como uma mulher **à toa**.

Comentários: À toa qualifica o substantivo *mulher*.

Resposta: Locução adjetiva.

8. Trabalhou **à toa** nos últimos anos.

Comentários: À toa refere-se ao verbo *trabalhou*, dando-lhe circunstância de modo.

Resposta: Locução adverbial.

9. As festas **de dezembro** já iniciarão.

Comentários: *De dezembro* refere-se ao substantivo *festas*, caracterizando-o.

Resposta: Locução adjetiva.

10. As festas iniciarão **em dezembro**.

Comentários: *Em dezembro* refere-se ao verbo *iniciarão*, indicando circunstância de tempo.

Resposta: Locução adverbial.

11. Nosso tio vagava pelas ruas **com fome.**

Comentários: Cuidado! *Com fome* não é modo, jeito, forma de uma pessoa andar pelas ruas. É o estado do tio. Equivale ao adjetivo *faminto*.

Resposta: Locução adjetiva.

Resumindo:

Adjetivo é classe que se refere a substantivo. Qualifica, caracteriza. É classe variável.

Advérbio é classe que modifica verbo, adjetivo ou outro advérbio. Indica circunstância (tempo, lugar, intensidade...). É invariável.

Na dúvida, tente flexionar a palavra, mandá-la ao plural ou ao feminino. Se for advérbio, não variará. Só não proceda assim para diferenciar as locuções adjetivas das adverbiais. A tendência é a de as locuções, de um modo geral, não variarem.

7.1.5. Plural dos nomes compostos

7.1.5.1. Plural dos substantivos compostos

subst. + subst. subst. + adj. adj. + subst.		variáveis		prefixo		invariáveis

Exs.: cirurgiões-dentistas, guardas-civis, altos-relevos, segundas-feiras, contra-ataques, vice--diretores, alto-falantes, abaixo-assinados.

Obs.:

1. O verbo, aqui, não recebe **s**: guarda-roupas, guarda-chuvas, beija-flores, arranha-céus, os leva-e-traz.
2. Varia o primeiro elemento: se houver preposição, clara ou oculta, ou se o segundo elemento exprimir fim, semelhança, qualidade: pés-de-meia, cavalos-vapor, saias-balão, bananas--maçã...
3. Varia o último elemento: com as formas reduzidas **grão**, **grã**, **bel**; palavras repetidas; nos compostos de três ou mais elementos, não sendo o segundo uma preposição: grão-duques, grã-cruzes, bel-prazeres, reco-recos, tique-taques, bem-te-vis...

Obs.: corre-corres ou corres-corres (verbos repetidos: varia o último ou os dois vão ao plural).

7.1.5.2. Plural dos adjetivos compostos

1. Somente o último se flexiona quando formado de adjetivo + adjetivo ou palavra invariável + adjetivo: amizades luso-brasileiras, unidades médico-veterinárias, parcerias público-privadas, crianças recém-nascidas.
2. Não variam os compostos formados de cor + substantivo: camisas verde-garrafa, vestidos vermelho-sangue, faixas amarelo-ouro.

Obs.:

1. azul-marinho e azul-celeste: são invariáveis
2. surdo-mudo: variam os dois
3. tecidos palha, sapatos cinza, blusas abóbora, esmaltes gelo: cor, representada por substantivo, não varia.

7.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

1. Dê o plural dos substantivos compostos.

criado-mudo:	coautor:	arranha-céu:
escola-modelo:	lança-perfume:	primeira-dama:
guarda-noturno:	amor-perfeito:	contra-ataque:
pão de ló:	obra-prima:	abaixo-assinado:
mal-estar:	grão-mestre:	leva e traz:
pisca-pisca:	tico-tico:	papel-moeda:
segunda-feira:	couve-flor:	vice-diretor:
salvo-conduto:	mula sem cabeça:	batata-doce:
salário-família:	samba-enredo:	caminhão-tanque:
banana-prata:	porta-luvas:	homem-rã:
saca-rolha:	manga-rosa:	salário-mínimo:
guarda-comida:	peixe-espada:	mestre-sala:
quebra-cabeça:	puro-sangue:	porta-bandeira
sempre-viva:	lugar-comum:	

2. Dê o plural dos adjetivos compostos.

grupo hispano-argentino:

disputa sino-soviética:

obra lítero-musical:

remédio anglo-francês:

autoridade administrativo-tributária:

informação econômico-financeira:

menino surdo-mudo:

menina surda-muda:

olho azul-claro:

terno cinza-chumbo:

céu azul-topázio:

blusa amarelo-ouro:

blusa amarelo-dourada:

livro ibero-americano:

poema herói-cômico:

acordo luso-franco-brasileiro:

gravata verde-oliva:

camisa azul-piscina:

Gabarito 1: criados-mudos; escolas-modelo; guardas-noturnos; pães-de-ló; mal-estares; pisca-piscas ou piscas-piscas; segundas-feiras; salvo-condutos ou salvos-condutos; salários-família; bananas-prata; saca-rolhas; guarda-comidas; quebra-cabeças; sempre-vivas; coautores; lança-perfumes; amores-perfeitos; obras-primas; grão-mestres; tico-ticos; couves-flores; mulas-sem-cabeça; sambas-enredo; porta-luvas; mangas-rosa; peixes-espada; puros-sangues; lugares-comuns; arranha-céus; primeiras-damas; contra-ataques; abaixo-assinados; os leva-e-traz; papéis-moeda; vice-diretores; batatas-doces; caminhões-tanque; homens--rã; salários-mínimos; mestres-sala; porta-bandeiras.

Gabarito 2: grupos hispano-argentinos; disputas sino-soviéticas; obras lítero-musicais; remédios anglo-franceses; autoridades administrativo-tributárias; informações econômico-financeiras; meninos surdos-mudos; meninas surdas-mudas; olhos azul-claros; ternos cinza-chumbo; céus azul-topázio; blusas amarelo-ouro; blusas amarelo-douradas; livros ibero-americanos; poemas herói-cômicos; acordos luso-franco-brasileiros; gravatas verde-oliva; camisas azul-piscina.

7.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Agora, treinando com questões de concursos.

1. (Sen. Federal / Anal. Leg.) Assinale a alternativa em que a palavra indicada se classifica como advérbio.

a) … funcionam de maneira mais livre…

b) … lançar o mundo numa profunda recessão.

c) … na promoção de uma melhor operação…

d) … essas frases devem nos deixar algo perplexos.

e) … após algumas décadas…

Comentários:

Na letra A, *livre* se refere a *maneira* (substantivo). É adjetivo (classe modificadora de substantivo que denota *qualidade*, *condição*, *estado*, *característica*), o que também ocorre nas alternativas B e C (*profunda* e *melhor*

modificam os substantivos *recessão* e *operação*, respectivamente). Na D, *algo* se refere a *perplexos* (adjetivo). Se modifica adjetivo é *advérbio* (no caso, de intensidade).

Na E, *após* é preposição.

Resposta: D.

2. (Sen. Fed. / Técn. Leg.) Assinale a alternativa em que se encontre um advérbio.

a) Os terríveis efeitos...

b) E, a partir de 1934,...

c) Menos de 18% do empréstimo foi amortizado...

d) ... declarando possuir não mais 7, mas 12 apólices...

e) ... os mercados desabaram no mundo inteiro.

Comentários:

Na letra A, *terríveis* se refere a efeitos (substantivo), com valor de adjetivo. Na B, *partir* é verbo. Na C, *menos* modifica a expressão que indica a porcentagem (numeral substantivo), com valor de indefinição (pronome indefinido).

Já na opção D, a palavra *mais* se refere ao verbo *possuir*, é advérbio com ideia de tempo.

Na E, *inteiro* modifica *mundo* (substantivo), é adjetivo.

Resposta: D.

3. (Min. Educ.) "Trata-se da construção de uma alternativa à lógica dominante, ao ajustamento de todas as sociedades..."

No trecho acima há:

a) Quatro adjetivos.

b) Três adjetivos.

c) Dois adjetivos.

d) Um adjetivo.

e) Nenhum adjetivo.

Comentários:

Nesta questão, as opções mostram a quantidade de *adjetivos*, e não de palavra com *valor* de adjetivo, que é diferente, como iremos ver a seguir.

Neste trecho, só a palavra *dominante* aparece como adjetivo, modificando o substantivo *lógica*. Vocábulos como *construção*, *alternativa*, *lógica*, *ajustamento* e *sociedades* são substantivos.

Resposta: D.

4. (Sen. Fed. / Técn. Leg.) "… existe a percepção de que algo tem que ser feito a mais para de fato levar a saúde a toda a população."

A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:

I. Em *levar a saúde a toda a população*, há uma preposição e dois artigos.

II. Em *levar a saúde a toda a população*, a última ocorrência da palavra **a** poderia ser suprimida sem provocar grave alteração de sentido.

III. Em levar a saúde a toda a população, a primeira ocorrência da palavra **a** poderia ser suprimida sem provocar grave alteração de sentido.

Assinale:

a) Se somente os itens II e III estiverem corretos.

b) Se todos os itens estiverem corretos.

c) Se nenhum item estiver correto.

d) Se somente os itens I e II estiverem corretos.

e) Se somente os itens I e III estiverem corretos.

Comentários:

No item I, *levar* é verbo transitivo direto e indireto. A expressão *a saúde* é objeto direto, logo esse *a* é artigo e *a toda a população* é objeto indireto, sendo o primeiro *a* preposição (levar saúde *a*...) e o segundo, artigo de *população*. Correto.

No item II, temos a expressão *toda a*, que é diferente de *toda*. A primeira tem valor de *inteira*, *completa*. A segunda, valor de indefinição: *qualquer*, *cada*. Observem que há alteração de sentido.

No item III, a ausência do artigo não provoca "grave alteração de sentido", pois em *levar saúde* ou *levar a saúde* o *objetivo* continua o mesmo, independentemente da definição ou da indeterminação.

Resposta: E.

5. (Pol. Fed. / Anal. Leg.) "Atinge toda a região e a si mesmo, pois o Equador é credor no âmbito do CCR, e a efetiva realização da ameaça de não honrar compromisso assumido o impedirá de receber aquilo que lhe é devido."

No trecho acima há:

a) Sete artigos.

b) Seis artigos.

c) Cinco artigos.

d) Quatro artigos.

e) Três artigos.

Comentários:

Artigo são as palavras *o(s)*, *a(s)*, *um*, *uma*, *uns*, *umas* que antecedem os **substantivos**. Então, vamos lá!

O primeiro artigo aparece antes do substantivo *região*, o segundo, antes de *Equador*. Lembre que, nas contrações *no*, *na*, *do*, *da* etc., aparece *artigo* contraído à preposição.

Logo, em "... n*o* âmbito d*o* CCR..." os termos destacados são *artigo* dos substantivos que se seguem. Em "... *a* efetiva realização...", aquele *a* é artigo de *realização*. Na sequência, mais uma contração (*da*), prep. *de* + art. def. fem. *a*. Teríamos, assim, *seis artigos*.

Resposta: B.

6. (Inspetor Pol. Civil) "Ora, as mazelas da imigração só podem ser resolvidas com a integração dos estrangeiros às sociedades, associada a uma enfática cooperação internacional, a fim de extrair da miséria e da desesperança a larga franja demográfica em que nascerá o futuro ser humano a expulsar."

No trecho acima, há:

a) 9 artigos definidos e 4 ocorrências da preposição a.

b) 8 artigos definidos e 4 ocorrências da preposição a.

c) 7 artigos definidos e 3 ocorrências da preposição a.

d) 9 artigos definidos e 3 ocorrências da preposição a.

e) 8 artigos definidos e 2 ocorrências da preposição a.

Comentários:

Agora, além de identificar os artigos no texto, repare que as opções só falam de artigo *definido*, pede-se também a quantidade de preposições (que aparecem por exigência de um *nome* – regência nominal – ou de um *verbo* – regência verbal).

Assim sendo, os *artigos* seriam, pela ordem de aparecimento:

1º ... *as* mazelas

2º ... d*a* imigração

3º ... *a* integração

4º ... d*os* estrangeiros

5º ... às sociedades (prep. *a* + art. *as*)

6º ... d*a* miséria

7º ... d*a* desesperança

8º ... *a* larga franja

9º ... *o* futuro

As preposições seriam:

1ª ... integração (que pede preposição *a*) ... às sociedades...

2ª ... associada (que pede preposição *a*) *a* uma enfática...

3ª ... *a* fim de (*fim* é palavra masculina, logo esse *a* só pode ser prep.)

4ª ... *a* expulsar (verbo, o *a*, com certeza, não é artigo)

Resposta: A.

7. (Inspetor Pol. Civil) "Somando-se essa possibilidade à fresca barbárie do governo republicano dos EUA, o mundo desenvolvido desgasta aguda e paulatinamente sua autoridade moral para cobrar valores humanistas de outros governos."

A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:

I. O pronome *essa* tem valor anafórico.

II. A palavra aguda classifica-se como advérbio.

III. Há, no trecho, oito substantivos.

Assinale:

a) Se todos os itens estiverem corretos.

b) Se somente os itens I e III estiverem corretos.

c) Se nenhum item estiver correto.

d) Se somente os itens II e III estiverem corretos.

e) Se somente os itens I e II estiverem corretos.

Comentários:

No item I, o pronome *essa*, independentemente de aparecer o texto ou não, remete à *possibilidade* que *já apareceu*. Quando o pronome remete o leitor a alguma informação que veio *antes*, tem valor *anafórico*. No item II, *aguda* se refere ao verbo (*desgosta*), é advérbio. Repare que o conectivo *e* adiciona termos de mesma função. No caso de esse conectivo adicionar dois advérbios terminados em *mente*, pede-se usar essa terminação apenas após o último deles

(para não termos agudamente e paulatinamente).

No item III, os *substantivos* seriam:

1. possibilidade 5. mundo

2. barbárie 6. autoridade

3. governo 7. valores

4. EUA 8. governo

Resposta: A.

8. (Sen. Fed. / Anal. Leg.) Assinale a alternativa em que o termo indicado **não** tenha valor adjetivo.

a) ... Poder Legislativo, cujas competências foram ampliadas.

b) ... configura alguns desafios.

c) ... a existência de muitos dispositivos.

d) Esse pacto...

e) ... resolvidos na atual Constituição...

Comentários:

Atente, nesta questão, ao enunciado: termo que não tenha **valor** adjetivo. Com essa palavra, além do próprio *adjetivo*, o *numeral*, o *pronome*, quando vêm junto ao substantivo, têm *valor* adjetivo.

Agora, sim, vamos às questões, já que o mesmo enunciado se repete nas questões seguintes.

Na letra A, *ampliadas* **não** tem valor adjetivo, pois pertence a uma estrutura de *voz passiva analítica* (verbo *ser* + *particípio*). Logo, nessa frase, *ampliada* é verbo no *particípio*. Em B, *alguns* é pronome indefinido que se refere a substantivo, pronome adjetivo – *valor* adjetivo, pois. Na C e na D, *muitos* – pronome indefinido – e *esse* – pronome demonstrativo se referem, respectivamente, a *dispositivos*, *pacto*. Na E, *atual* é adjetivo de *Constituição*.

Resposta: A.

9. (TRT / Anal. Jud.) Assinale a alternativa em que o termo indicado não tenha valor adjetivo.

a) ... dividido em dois sistemas.

b) ... o custo de todo o petróleo.

c) ... o muro foi erguido pelos holandeses e derrubado pelos ingleses.

d) ... sistemas capitalista e socialista.

e) Se a queda ... trouxe mais liberdade.

Comentários:

Na opção A, o numeral *dois* se refere a *sistemas* (substantivo), numeral adjetivo. Na B, o pronome indefinido *todo* vem junto ao substantivo *petróleo*. Na letra C, a tal da *estrutura de voz passiva analítica* (ser + particípio): "… o muro *foi erguido* pelos holandeses e (*foi*) *derrubado* pelos ingleses". Verbo no particípio. Na D, *socialista,* assim como *capitalista* são adjetivos de *sistemas*. Na E, *mais* é pronome indefinido adjetivo, pois aparece junto ao substantivo *liberdade.*

Resposta: C.

10. (Inspetor Pol. Civil) Assinale a alternativa em que o termo, na canção de Chico Buarque, não exerça papel adjetivo.

a) Aliso teus seios…

b) Aeromoça nervosa pede calma.

c) Aeromoça nervosa pede calma.

d) … avisto alguma salvação.

e) Qual esquina dobrei…

Comentários:

Já sabemos que este enunciado é abrangente, pois *papel* adjetivo pode ser representado por pronome, numeral e o próprio adjetivo. Na letra A, o pronome *teus* se refere ao substantivo *seios*, exerce papel adjetivo. Na B, a palavra *calma* é substantivo, não qualifica nem caracteriza nenhum substantivo, na C, *nervosa* acrescenta ao substantivo *aeromoça* um estado, adjetivo, portanto. Na opção D, *alguma* é pronome indefinido que se refere a *salvação*. Na E, o pronome *qual* modifica o substantivo *esquina*.

Resposta: B.

11. (Sen. Fed. / Anal. Leg.) Assinale a alternativa em que o termo indicado *não* tenha valor adjetivo.

a) O voto deixa claro que o respeito ao voto e à Constituição…

b) … não faz mais sentido opor…

c) … entre as diversas etnias…

d) … direito inalienável dos índios.

e) Dois pontos merecem…

Comentários:

Na letra A, a palavra *claro*, embora esteja ao lado do verbo *deixa* (e, por esse motivo, possa parecer um advérbio), refere-se à oração que vem logo a seguir, iniciada pela conjunção integrante *que.* Trata-se de uma oração substantiva. Sendo assim, na ordem direta, teríamos a seguinte estrutura: "O voto deixa *isto* claro". É por isso que *claro* é adjetivo, e não advérbio.

Já na letra B, a palavra *mais*, embora anteceda o substantivo *sentido*, está ligada ao verbo *fazer*, indicando circunstância de tempo. É como se disséssemos *não faz sentido agora*, *antes fazia, agora não mais.* Trata-se, portanto, de advérbio de tempo.

Na letra C, *diversas* é adjetivo de *etnias*.

Na letra D, o substantivo *direito* tem duas adjetivações: *inalienável* (adjetivo) e *dos índios* (locução adjetiva).

E na letra E temos um numeral adjetivo, junto ao substantivo *pontos*.

Resposta: B.

12. (Pol. Civil / Perito Crim.) Assinale a alternativa em que a palavra indicada *não* tenha valor adjetivo.

a) ... criaram condições para <u>essa</u> consolidação.

b) ... essa era a <u>primeira</u> coisa...

c) ... o código tem de ser preservado e <u>respeitado</u> para que a disputa...

d) ... deixar de ser um texto abstrato e <u>distante</u>.

e) ... escrever com bico <u>de pena</u>...

Comentários:

Na letra A, temos um pronome demonstrativo em função adjetiva, por acompanhar o substantivo *consolidação*.

Na letra B, observa-se um numeral ordinal também em função adjetiva, que se refere ao substantivo *coisa*.

No entanto, o que se vê na letra C é um verbo no particípio que é verbo principal de uma locução verbal. Uma dica, aqui, seria que você observasse os verbos auxiliares que os antecedem: *tem de ser*. E, toda vez que o particípio fizer parte de uma locução verbal, será verbo, e não adjetivo. É claro que se disséssemos *código respeitado* é o ideal, por exemplo, o vocábulo *respeitado* seria adjetivo, e não verbo. Mas não foi o caso.

Na letra D, temos um adjetivo *distante*.

E, na letra E, uma locução adjetiva, que vem se referindo ao substantivo antecedente *bico*.

Resposta: C.

13. (Pol. Civil / Perito Crim.) Assinale a alternativa em que, no texto, o termo não tenha valor adjetivo.

a) Com <u>alguma</u> frequência...

b) <u>Seus</u> governantes.

c) <u>Tal</u> tipo de dívida...

d) Tal tipo de dívida foi <u>contraída</u>...

e) Empresa de capital <u>nacional</u>...

Comentários:

Na letra A, temos um pronome indefinido com função adjetiva, por acompanhar o substantivo *frequência*.

Na letra B, o pronome possessivo *seus* também está em função adjetiva, junto ao substantivo *governantes*.

Na letra C, o que se vê é um pronome demonstrativo, que se refere ao substantivo *tipo*, estando, portanto, em função adjetiva.

Já, na letra D, o particípio *contraída*, por fazer parte de uma locução verbal (observe só o auxiliar que o antecede: *foi*), é verbo, e não adjetivo.

E, na letra E, *nacional* é adjetivo de *capital*.

Resposta: D.

7.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (TRT – 3ª Região (MG) – Analista Judiciário – Área Judiciária – FCC 2015)

A guerra continua, está aí, espalhada pelo mundo, camuflada por diferentes nomenclaturas, inconfundível, salvo em breves hiatos sem hostilidades, porém com intensos ressentimentos.

Justifica-se o emprego do advérbio *aí*, na frase, do seguinte modo:

a) a palavra delimita o lugar da guerra, aquele em que o interlocutor se encontra.

b) a palavra remete ao lugar a que se fez referência anteriormente: ao espaço dos *Aliados*.

c) a palavra tem o sentido de " nesse ponto", como em " É aí que está o X da questão".

d) a palavra compõe expressão que tem o sentido de " apresenta-se por lugares incertos, de modo disseminado".

e) a palavra tem seu sentido associado ao da palavra *inconfundível*, para expressarem, juntas, a ideia de " contorno único".

2. (Sabesp – Advogado – FCC – 2014)

<u>Atualmente</u>, também se associa o Desenvolvimento Sustentável ou Sustentabilidade à responsabilidade social. Responsabilidade social é a forma ética e responsável pela qual a Empresa desenvolve todas as suas ações, políticas, práticas e atitudes, tanto com a comunidade quanto com o seu corpo funcional. <u>Enfim</u>, com o ambiente interno e externo à Organização e com todos os agentes interessados no processo.

<u>Assim</u>, as definições de Educação Ambiental são abrangentes e refletem a história do pensamento e visões sobre educação, meio ambiente e desenvolvimento sustentável.

Os advérbios grifados no trecho acima podem ser substituídos corretamente, na ordem dada, por:

a) Nos dias de hoje – Por fim – Desse modo

b) Consentaneamente – Afinal de contas – Desse modo

c) Nos dias de hoje – Ultimamente – Do mesmo modo

d) Consentaneamente – Por derradeiro – Destarte

e) Presentemente – Afinal de contas – De todo modo

3. (SEDU-ES – Professor B – FCC – Jan./2016 – Adaptada)

Um dos elementos mais importantes na organização do texto de Clarice Lispector é o advérbio de tempo, como o que se encontra grifado em:

I. *Jamais esquecerei o meu aflitivo e dramático contato com a eternidade.*

II. *E eis-me com aquela coisa cor-de-rosa, de aparência tão inocente, tornando possível o mundo impossível do qual eu já começara a me dar conta.*

III. *– E agora que é que eu faço? – perguntei para não errar no ritual que certamente deveria haver.*

IV. *Enquanto isso, eu mastigava obedientemente, sem parar.*

Atende ao enunciado APENAS o que consta de

a) I, II e IV.

b) II e IV.

c) II e III.

d) I e III.

e) I, III e IV.

Leia o texto a seguir para responder à questão 4.

As relações que as sociedades ocidentais industriais mantêm com os temas da ciência e da tecnologia não se constituem numa constante. No transcorrer da história dessas sociedades, a ciência deixa de ser entendida apenas como um tipo de conhecimento tido como válido e passa a se conjugar com as técnicas, conformando uma aplicação prática e útil desse conhecimento.

Isso ocorre desde os desdobramentos da Revolução Industrial no século XIX, quando ciência e tecnologia passaram a constituir um binômio, abreviadamente expresso por C&T, no qual, cada vez mais, conhecimento científico e técnica se entrelaçam. A tecnologia vai-se tornando plena de ciência e esta tende a incorporar crescentemente a técnica. Já no século XX, o desenvolvimento de ciência e tecnologia passou a utilizar intensivamente grandes investimentos financeiros, tendo em vista o domínio tanto da natureza quanto das sociedades.

A partir de então, e dada a intensificação dos processos técnico-científicos da contemporaneidade, surgem posicionamentos antagônicos em relação à temática da aceleração tecnológica. Por um lado, estabelece-se uma compreensão de que o incremento de ciência e tecnologia é algo determinante, ou até mesmo fundamental para um desenvolvimento econômico e social satisfatório, além de ser politicamente neutro e desprovido de normatividade.

Desde outra perspectiva, desenvolvem-se reflexões sobre as incertezas e indeterminações acerca do destino das sociedades como consequência dos principais modelos e sistemas técnico-científicos contemporâneos. Questiona-se o papel da ciência e da tecnologia como fator determinante e como atividade neutra de valores.

Raquel Folmer Corrêa. Tecnologia e sociedade: análise de tecnologias sociais no Brasil contemporâneo. Porto Alegre: UFRGS, 2010. Dissertação de mestrado. In: Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br> (com adaptações).

4. (Inpi – Nível Médio/Superior – Cespe – 2013)

Julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Nas linhas 5 e 16, as ocorrências do vocábulo " desde" introduzem circunstâncias temporais.

Leia o texto a seguir para responder à questão 5.

Texto I

Enquanto aumenta o ritmo de inovação tecnológica no país e cresce a aplicação da informática nos mais diversos setores da sociedade, formam-se cerca de 30 mil profissionais por ano em áreas ligadas à tecnologia da informação e comunicação (TIC). Ainda assim, as empresas reclamam da falta de profissionais. " Temos uma janela de oportunidades em TIC no país. O que falta é gente qualificada", alerta Pier Carlo Sola, diretor-presidente de um parque tecnológico pernambucano que abriga 68 empresas da área.

Apesar de não haver estatísticas que revelem a expansão do setor, especialistas estimam o crescimento em torno de 10% ao ano. Com isso, a não regulamentação das profissões ligadas à computação torna ainda mais acirrada a disputa por vagas e delega ao mercado a seleção do bom profissional.

" Independentemente da formação, o profissional de TIC tem de estar comprometido com o aprendizado contínuo e interessado em trabalhar com gestão de projetos, saber se comunicar e trabalhar em diversas equipes", diz o gerente de carreiras Marcos Vono.

Essa é uma carreira multifacetada, que encontra espaço em consultorias, cooperativas, grandes empresas, locais que terceirizam mão de obra ou no empreendedorismo. " O profissional tem de ter visão do negócio e conhecer a realidade da empresa que atende, senão ficará sem emprego", alerta Ivair Rodrigues, agente de pesquisa em tecnologia da informação (TI).

Segundo o cadastro das instituições de educação superior do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, há 1.021 cursos superiores ligados a 31 computação, informática, TI e análise de sistemas. " Mas só metade dos alunos tem formação adequada, ou seja, de 12 mil a 16 mil novos profissionais precisam passar por uma requalificação logo que saem da universidade para poder entrar no mercado de trabalho", diz Pier Carlo Sola.

Disponível em: <www1.folha.uol.com.br> (com adaptações).

5. (Cespe – CEF – Médio – 2014)

Com base nas informações veiculadas no texto, em sua estrutura e em seus aspectos gramaticais, julgue o próximo item como Certo (C) ou Errado (E).

No trecho " o profissional de TIC tem de estar comprometido com o aprendizado contínuo e interessado em trabalhar com gestão de projetos" (l. 9-10), o termo " interessado" qualifica " o aprendizado".

Leia o texto a seguir para responder à questão 6.

Texto I

De acordo com uma lista da International Union for the Conservation of Nature, o Brasil é o país com o maior número de espécies de aves ameaçadas de extinção, com um total de 123 espécies sofrendo risco real de desaparecer da natureza em um futuro não tão distante. A Mata Atlântica concentra cerca de 80% de todas as aves ameaçadas no país, fato que resulta de muitos

anos de exploração e desmatamentos. Atualmente, restam apenas cerca de 10% da floresta original, não sendo homogênea essa proporção de floresta remanescente ao longo de toda a Mata Atlântica. A situação é mais séria na região Nordeste, especialmente nos estados de Alagoas e Pernambuco, onde a maior parte da floresta original foi substituída por plantações de cana-de-açúcar. É nessa região que ainda podem ser encontrados os últimos exemplares das aves mais raras em todo o país, como o criticamente ameaçado limpa-folha-do-nordeste (*Philydor novaesi*). Essa pequena ave de dezoito centímetros vive no estrato médio e dossel de florestas bem conservadas e ricas em bromélias, onde procura artrópodes dos quais se alimenta. Atualmente, as duas únicas localidades onde a espécie pode ser encontrada são a Estação Ecológica de Murici, em Alagoas, e a Serra do Urubu, em Pernambuco.

Pedro F. Develey et al. O Brasil e suas aves. In: *Scientific American Brasil*, 2013 (com adaptações).

6. (Cespe – ICMBIO – Superior – 2014)

Julgue o item seguinte, relativo às ideias e aos aspectos estruturais do texto, como Certo (C) ou Errado (E).

Nas sequências "**toda a Mata Atlântica**" (l. 6) e "**todo o país**" (l. 9), os artigos definidos "**a**" e "**o**" são opcionais, podendo ser suprimidos sem que haja prejuízo à correção gramatical e à significação dos períodos de que fazem parte.

7. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016 – Adaptada)

" Um ofício relativamente poupado até aqui é o de médico. Até aqui."

Sobre esse segmento acima, é correto afirmar que:

a) o advérbio " relativamente" mostra que a profissão de médico ainda não foi atingida pela revolução;

b) a expressão " até aqui" tem valor semântico de lugar;

c) a expressão " até aqui" é repetida a fim de destacar-se um elemento importante no texto;

d) o pronome " o" refere-se a " médico";

e) o vocábulo " um" em " um ofício" tem noção de quantidade.

8. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

Segundo o gramático Celso Cunha, os adjetivos em língua portuguesa expressam qualificações, características, estados e relações; o adjetivo abaixo que expressa relação é:

a) fácil entendimento;

b) linguagem objetiva;

c) profissionais qualificados;

d) prática clínica;

e) informação transparente.

Leia o texto a seguir para responder à questão 9.

Texto 1 – Problemas Sociais Urbanos

Dentre os problemas sociais urbanos, merece destaque a questão da segregação urbana, fruto da concentração de renda no espaço das cidades e da falta de planejamento público que vise à promoção de políticas de controle ao crescimento desordenado

das cidades. A especulação imobiliária favorece o encarecimento dos locais mais próximos dos grandes centros, tornando-os inacessíveis à grande massa populacional. Além disso, à medida que as cidades crescem, áreas que antes eram baratas e de fácil acesso tornam--se mais caras, o que contribui para que a grande maioria da população pobre busque por moradias em regiões ainda mais distantes.

Essas pessoas sofrem com as grandes distâncias dos locais de residência com os centros comerciais e os locais onde trabalham, uma vez que a esmagadora maioria dos habitantes que sofrem com esse processo são trabalhadores com baixos salários. Incluem-se a isso as precárias condições de transporte público e a péssima infraestrutura dessas zonas segregadas, que às vezes não contam com saneamento básico ou asfalto e apresentam elevados índices de violência.

A especulação imobiliária também acentua um problema cada vez maior no espaço das grandes, médias e até pequenas cidades: a questão dos lotes vagos. Esse problema acontece por dois principais motivos: 1) falta de poder aquisitivo da população que possui terrenos, mas que não possui condições de construir neles e 2) a espera pela valorização dos lotes para que esses se tornem mais caros para uma venda posterior. Esses lotes vagos geralmente apresentam problemas como o acúmulo de lixo, mato alto, e acabam tornando-se focos de doenças, como a dengue.

PENA, Rodolfo F. Alves. "Problemas socioambientais urbanos". *Brasil Escola*. Disponível em: <http://brasilescola.uol.com.br/brasil/problemas-ambientais-sociais-decorrentes-urbanização.htm>. Acesso em 14 de abril de 2016.

9. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

" Além disso, à medida que as cidades crescem, áreas que antes eram baratas e de fácil acesso tornam-se mais caras, o que contribui para que a grande maioria da população pobre busque por moradias em regiões ainda mais distantes."

Nesse segmento do texto 1, o vocábulo *mais* aparece duas vezes, com a mesma classe gramatical; a frase abaixo em que esse mesmo vocábulo apresenta classe diferente é:

a) " Quem está embaixo não pode cair mais fundo" (Samuel Butler);

b) " A avareza é mais contrária à economia que a liberdade" (La Rochefoucauld);

c) " O avarento é o mais leal e fiel depositário dos bens dos seus herdeiros" (Marquês de Maricá);

d) " A coisa mais semelhante a reviver a própria vida é relembrá-la e tornar essa lembrança o mais durável possível" (Franklin);

e) " O pecado de mais culpa é o adultério" (Nouailles).

10. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

O segmento abaixo em que NÃO é possível trocar de posição os elementos textuais sublinhados é:

a) " Incluem-se a isso <u>as precárias condições de transporte público</u> e <u>a péssima infraestrutura dessas zonas segregadas</u>, que às vezes não contam com saneamento básico ou asfalto e apresentam elevados índices de violência";

b) " às vezes não contam com <u>saneamento básico</u> ou <u>asfalto</u> e apresentam elevados índices de violência";

c) " Essas pessoas sofrem com as grandes distâncias dos locais de residência com <u>os centros comerciais</u> e <u>os locais onde trabalham</u>";

d) " Além disso, à medida que as cidades crescem, áreas que antes eram <u>baratas</u> e <u>de fácil acesso</u> tornam-se mais caras";

e) " merece destaque a questão da segregação urbana, fruto <u>da concentração de renda no espaço das cidades</u> e <u>da falta de</u>

planejamento público que vise à promoção de políticas de controle ao crescimento desordenado das cidades."

Leia o texto a seguir para responder à questão 11.

Texto 2 – Violência e favelas

O crescimento dos índices de violência e a dramática transformação do crime manifestados nas grandes metrópoles são alarmantes, sobretudo, na cidade do Rio de Janeiro, sendo as favelas as mais afetadas nesse processo.

" A violência está o cúmulo do absurdo. É geral, não é? É geral, não tem, não está distinguindo raça, cor, dinheiro, com dinheiro, sem dinheiro, tá de pessoa para pessoa, não interessa se eu te conheço ou se eu não te conheço. Me irritou na rua eu te dou um tiro. É assim mesmo que está, e é irritante, o ser humano está em um estado de nervos que ele não está mais se controlando, aí junta a falta de dinheiro, junta falta de tudo, e quem tem mais tá querendo mais, e quem tem menos tá querendo alguma coisa e vai descontar em cima de quem tem mais, e tá uma rivalidade, uma violência que não tem mais tamanho, tá uma coisa insuportável." (moradora da Rocinha)

A recente escalada da violência no país está relacionada ao processo de globalização que se verifica, inclusive, ao nível das redes de criminalidade. A comunicação entre as redes internacionais ligadas ao crime organizado são realizadas para negociar armas e drogas. Por outro lado, verifica-se hoje, com as CPIs (Comissão Parlamentar de Inquérito) instaladas, ligações entre atores presentes em instituições estatais e redes do narcotráfico.

Nesse contexto, as camadas populares e seus bairros/favelas são crescentemente objeto de estigmatização, percebidos como causa da desordem social o que contribui para aprofundar a segregação nesses espaços. No outro polo, verifica-se um crescimento da autossegregação, especialmente por parte das elites que se encastelam nos enclaves fortificados na tentativa de se proteger da violência.

(Maria de Fátima Cabral Marques Gomes, *Scripta Nova*)

11. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

" ...O crescimento dos índices de violência e a dramática transformação do crime manifestados nas grandes metrópoles são alarmantes, sobretudo, na cidade do Rio de Janeiro."

O termo " sobretudo" só NÃO pode ser substituído adequadamente por:

a) principalmente;

b) geralmente;

c) especialmente;

d) destacadamente;

e) particularmente.

12. (Compesa – A.S.G. – Técn. Segur. Trab. – FGV – Jul./2016)

A frase em que a palavra ***mais*** tem sentido ***diferente*** do das outras frases é:

a) " A mais estranha coisa sobre o futuro é que alguém evocará nossa época como os bons e velhos tempos".

b) " O futuro não é mais o que costumava ser".

c) “ Muito poucos são os que vivem no presente, a maioria se prepara para viver mais tarde”.

d) “ Devemos procurar mais sermos pais de nosso futuro do que filhos de nosso passado”.

e) “ Há ladrões que não castigamos, mas que nos roubam o que é mais precioso: o tempo”.

13. (Compesa – A.S.G. – Técn. Segur. Trab. – FGV – Jul./2016)

Assinale a frase em que houve a troca ***indevida*** da palavra *mal* por *mau* ou vice-versa.

a) “ A ironia é uma forma elegante de ser mau”.

b) “ Não há mau que sempre dure nem bem que nunca se acabe”.

c) “ Basta um drinque para me deixar mal. Mas nunca sei se é o 13º ou o 14º”.

d) “ O mal de comprar coisas de segunda mão é que elas nunca são de segunda mão”.

e) “ O mal das encrencas é que elas começam bem devagarinho”.

14. (Pref. Paulínia-SP – Eng. Agrôn. – FGV – Maio/2016)

“ *O bom médico não deixa ver nada de suas apreensões ao seu paciente.*”

A mesma relação semântica entre as palavras sublinhadas se repete nos pares a seguir, ***à exceção de um***. Assinale-o.

a) advogado/cliente.

b) mestre/discípulo.

c) santo/devoto.

d) senhorio/inquilino.

e) religião/militante.

15. (Pref. Paulínia-SP – Eng. Agrôn. – FGV – Maio/2016)

“ *O falar é perigoso para as nossas ilusões.*”

(**Machado de Assis**)

Sobre os componentes do fragmento acima, assinale a afirmativa ***incorreta***.

a) O termo “ *o falar*” é um exemplo de palavra substantivada.

b) No adjetivo “ *perigoso*”, o sufixo -oso forma adjetivos a partir de substantivos.

c) A preposição “ *para*” mostra valor de finalidade.

d) O pronome possessivo “ *nossas*” tem valor universal.

e) O adjetivo “ *perigoso*” expressa uma opinião do enunciador.

16. (Pref. Paulínia-SP – Eng. Agrôn. – FGV – Maio/2016)

Entre as frases de Machado de Assis a seguir, assinale aquela em que a locução adjetiva sublinhada mostra uma substituição ***inadequada***.

a) "*A fantasia é um vidro de cor, porém mentiroso.*" / colorido

b) "*Sem ter passado por provas da experiência, é muito raro dizer coisa com coisa.*" / experientes

c) "*Admiremos os diplomatas que sabem guardar consigo os segredos dos governos.*" / governamentais

d) "*Amor ou eleições, não falta matéria às discórdias dos homens.*" / humanas

e) "*A tática do parlamento de tomar tempo com discursos até o fim das sessões não é nova.*"/ parlamentar

17. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016 – Adaptada)

No trecho " Como explicar o que eu sentia de presente prodigioso em sair de casa de madrugada e pegar o bonde vazio que nos levaria para Olinda ainda na escuridão?", são palavras de classes gramaticais diferentes

a) **em** e **que**

b) **sair** e **pegar**

c) **como** e **ainda**

d) **prodigioso** e **vazio**

e) **presente** e **madrugada**

18. (Unesp – Ass. Administrativo I – Vunesp – Abril/2016)

O advérbio destacado na passagem – ... você definir como ele deve ser ou se comportar dependendo de seu gênero pode ser **muito**, **muito** cruel? – tem equivalente em:

a) Só gente **muito** preconceituosa pensa assim.

b) Há **muito** ponto de vista errado acerca desse assunto.

c) **Muito** do que é hoje deve aos pais, sempre dedicados a ele.

d) Só por **muito** ele aceita defender o réu.

e) O vírus transmitido pelo mosquito vem causando **muito** sofrimento às pessoas.

19. (Unifesp – Técnico Seg. Trab. – Vunesp – Abril/2016)

Observe as passagens:

– … e **agora** quer começar uma carreira médica. (2º parágrafo);

– … ele tem 80 anos. **Isto mesmo**, 80. (3º parágrafo);

– **Talvez** a expectativa de vida não permita… (4º parágrafo).

As expressões destacadas expressam, respectivamente, sentido de

a) lugar, modo e causa.

b) tempo, afirmação e dúvida.

c) afirmação, afirmação e dúvida.

d) tempo, modo e afirmação.

e) modo, dúvida e intensidade.

20. (Unifesp – Técnico Seg. Trab. – Vunesp – Abril/2016)

O emprego do adjetivo anteposto ao substantivo realça a qualidade que a este se atribui, o que se pode comprovar com a expressão em destaque na seguinte passagem do texto:

a) Os bastidores do vestibular são cheios de **histórias** – **curiosas, estranhas, comoventes**.

b) O jovem que chega atrasado por alguns segundos, por exemplo, é uma **figura clássica**...

c) Veio do Japão aos 11 anos, (…) e agora quer começar uma **carreira médica**.

d) Eu ponderaria que nem tudo na vida se regula pelo **critério cronológico**.

e) Os resultados do **difícil exame** trazem desilusão para muitos jovens…

21. (MPE/SP- Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

(Hagar, Dik Browne. *Folha de S.Paulo*, 31.10.2015. Adaptado)

Os advérbios " bem" (1ª quadrinho) e " Talvez" (2ª quadrinho) expressam, respectivamente, circunstância de

a) modo e tempo.

b) afirmação e modo.

c) dúvida e afirmação.

d) afirmação e intensidade.

e) modo e dúvida.

22. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

No trecho – **Bombeiros mineiros** deverão receber treinamento... – (1º parágrafo), a expressão em destaque é formada por substantivo + adjetivo, nessa ordem. Essa relação também se verifica na expressão destacada em:

a) A **imprudente atitude** do advogado trouxe-me danos.

b) Entrou silenciosamente, com um **espanto indisfarçável**.

c) **Alguma pessoa** teve acesso aos documentos da reunião?

d) Trata-se de um lutador **bastante forte** e preparado.

e) Estiveram presentes à festa meus **estimados padrinhos**.

23. (Unesp – Assistente Administrativo – Vunesp – Fev./2016)

Uma palavra que substitui a expressão destacada em – A iniciativa começou com frutos e legumes, mas, **pouco a pouco**, está se expandindo –, sem alteração de sentido, é:

a) subitamente.

b) paulatinamente.

c) repentinamente.

d) provavelmente.

e) impreterivelmente.

Leia o texto a seguir para responder à questão 24.

Qualquer movimento para interromper a construção de uma rodovia é uma tentativa de fazer que o velho caos volte à vida. A despeito de esporádicos êxitos locais, ninguém tem demonstrado possuir poder suficiente para enfrentar o vasto poder acumulado da rodovia. Isso sugere que o modernismo tem suas próprias contradições e tensões dialéticas e que determinadas formas de pensamento e visão modernistas podem solidificar-se em ortodoxias dogmáticas e tornar-se arcaicas. A aspiração contemporânea por uma cidade abertamente turbulenta, mas intensamente viva, corresponde à aspiração de voltar a expor feridas antigas, mas especificamente modernas. É a aspiração de conviver abertamente com o caráter dividido e irreconciliável de nossas vidas e extrair energia do âmago mesmo de nossos esforços, aonde quer que isso nos conduza no final.

(Berman, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986, p.165, Adaptado).

24. (DNIT – Analista Administrativo – ESAF – 2013)

(Adaptada). Julgue a assertiva a seguir como certa ou errada.

Seria preservada a correção gramatical do texto se o advérbio “ aonde” (l. 8) fosse substituído por “ onde”.

Leia o texto a seguir para responder à questão 25.

O antigo laço de amizade que me liga a Oscar Niemeyer levou-me a transmitir-lhe minhas preocupações sobre os erros que eu acreditava terem sido cometidos em Brasília em consequência do planejamento puramente estético e quase ditatorial.

Entretanto, fiquei estupefato com seu otimismo. Ele me disse que, em Brasília, os ajustamentos sociais que me estavam preocupando seriam, gradativamente, solucionados em harmonia com a nova arquitetura.

(Freyre, Gilberto. *Palavras repatriadas*. Brasília: Editora UnB; São Paulo: Imprensa Oficial SP, 2003, p.244-6, Adaptado).

25. (DNIT – Analista Administrativo – ESAF – 2013)

(Adaptada). Julgue a assertiva a seguir como certa ou errada.

Atende à norma gramatical da língua padrão e preserva o sentido do texto original a seguinte substituição:

“ gradativamente, solucionados em harmonia com a nova arquitetura” (l. 5) por “ gradativa e harmonicamente solucionados à nova arquitetura”.

26. (DNIT – Técnico Administrativo – ESAF – 2012)

Na transcrição do fragmento de texto abaixo, foram desrespeitadas regras gramaticais da língua portuguesa. Assinale a opção em que a grafia de palavra ou o uso de estrutura linguística está incorreto.

A intensa migração, o encarecimento dos terrenos centrais, mais bem (A) situados, e demais fatores criaram incentivos para a configuração espacial das nossas metrópoles: as classes de menor poder aquisitivo acabam por se concentrar (B) nas periferias. Lá os preços dos terrenos são menores, compensando a baixa acessibilidade e a insuficiência (C) de infraestrutura. Ou seja, a classe com menores condições reside distante dos locais de emprego, consumo e entretenimento. Além disso, essa classe depende de transporte público pouco eficiente e de baixa qualidade, pois este não foi priorizado ao longo de décadas. Mais ainda, quando membros dessa classe conseguem obterem (D) crescimento de renda e acesso a (E) crédito, desprivilegiados que são em sua mobilidade, têm como principal impulso a aquisição de automóveis. Isso, por sua vez, somente agrava ainda mais o quadro de engarrafamentos em massa das metrópoles.

(Adaptado de Vladimir Fernandes Maciel, Problemas e desafios do transporte público urbano. Disponível em: <http://www.pucrs.br>).

a) A

b) B

c) C

d) D

e) E

Leia o texto a seguir para responder à questão 27.

No Brasil, a criação e a paulatina expansão das ouvidorias são consequência da centralidade dos direitos fundamentais e do princípio da dignidade da pessoa humana na Constituição de 1988, relacionando-se à democratização do Estado e da sociedade brasileira.

Na administração pública, além de concretizar o direito constitucional de petição, fornecendo aos cidadãos um canal adequado para tratamento de reclamações, denúncias e sugestões, as ouvidorias ampliam a transparência de órgãos e entidades estatais, além de ensejar o contato do gestor público com problemas da população.

De forma complementar, as ouvidorias públicas emergem como um importante instrumento de gestão participativa, aproximando o Estado da população, que pode sugerir correções de medidas governamentais e se informar do amplo portfólio de políticas públicas. Ademais, podem impedir a judicialização de pleitos ordinários, o que não é pouco, visto que os direitos podem ser efetivados com mais celeridade.

(Adaptado de Paulo Otto von Sperling. *Ouvidorias, eficiência e efetivação de direitos*. Correio Braziliense, 18 mar. 2014.)

27. (Receita Federal – Auditor Fiscal – ESAF – 2014)

No desenvolvimento da textualidade, ficam prejudicadas as relações de coesão e a coerência argumentativa ao retirar do texto

a) o artigo em " a paulatina" (l. 1).

b) o artigo na contração em " Na administração" (l. 4), escrevendo apenas **Em**.

c) o artigo em " o direito" (l. 4).

d) o artigo em “ as ouvidorias” (l. 5).

e) o artigo na contração em “ da população” (l. 7), escrevendo apenas de.

Leia o texto a seguir para responder às questões 28 e 29.

A despeito das suas imperfeições, a Lei da Transparência Tributária representa um notável avanço institucional. A conscientização da população brasileira é fundamental para a construção de uma República efetivamente democrática, em que os eleitores tenham plena ciência da repercussão das decisões tomadas pelos seus representantes. Somente assim poderão exigir a construção de um sistema tributário simples, coerente e justo, que não onere os cidadãos carentes e não seja regressivo, gravando os contribuintes menos abastados de modo (proporcionalmente) mais severo que os mais favorecidos economicamente.

(Adaptado de Andrei Pitten Velloso, Lei da transparência tributária: vitória da cidadania. Disponível em: <http://www.cartaforense.com.br/conteudo /colunas>. Acesso em: 18 mar. 2014.)

28. (Receita Federal – Auditor Fiscal – ESAF – 2014)

(Adaptada). Julgue a assertiva a seguir como certa ou errada.

O advérbio “ assim” (l. 4) tem a função coesiva de resumir e retomar as ideias do período sintático imediatamente anterior.

29. (Receita Federal – Auditor Fiscal – ESAF – 2014)

(Adaptada). Julgue a assertiva a seguir como certa ou errada

O uso do gerúndio em “ gravando” (l. 5) imprime à oração uma ideia do modo de funcionamento do sistema tributário.

Leia o texto a seguir para responder à questão 30.

Não vamos discorrer sobre a pré-história da aviação, sonho dos antigos egípcios e gregos, que representavam alguns de seus deuses por figuras aladas, nem sobre o vulto de estudiosos do problema, como Leonardo da Vinci, que no século XV construiu um modelo de avião em forma de pássaro. Pode-se localizar o início da aviação nas experiências de alguns pioneiros que, desde os últimos anos do século XIX, tentaram o voo de aparelhos então denominados mais pesados do que o ar, para diferenciá-los dos balões, cheios de gases, mais leves do que o ar.

Ao contrário dos balões, que se sustentavam na atmosfera por causa da menor densidade do gás em seu interior, os aviões precisavam de um meio mecânico de sustentação para que se elevassem por seus próprios recursos. O brasileiro Santos Dumont foi o primeiro aeronauta que demonstrou a viabilidade do voo do mais pesado do que o ar. O seu voo no “ 14-Bis” em Paris, em 23 de outubro de 1906, na presença de inúmeras testemunhas, constituiu um marco na história da aviação, embora a primazia do voo em avião seja disputada por vários países.

Disponível em: <http://www.portalbrasil.net/aviacao_historia.htm>. Acesso em: 13/12/2015 (com adaptações).

30. (ANAC – Analista Administrativo – ESAF – 2015)

(Adaptada) – Julgue a assertiva a seguir como certa ou errada.

A substituição de “ então” (l. 5) por **naquela época** prejudica as informações originais do texto.

Gabarito: 1. d; 2. a; 3. d; 4. E; 5. E; 6. E; 7. c; 8. d; 9. e; 10. a; 11. b; 12. b; 13. b; 14. e; 15. c; 16. b; 17. a; 18. a; 19. b; 20. e; 21. e; 22. b; 23. b; 24. errada; 25. errada; 26. d; 27. e; 28. certa; 29. errada; 30. errada.

Artigo, substantivo, adjetivo e advérbio... A diferenciação entre essas classes é assunto que vem sendo explorado muito nas provas. Vamos sistematizar?

7.5. RESUMO

- Artigo é classe que se refere sempre a substantivo.
- Substantivo nomeia. Sempre pode vir antecedido de artigo.
- Adjetivo sempre se refere a substantivo. É classe variável.
- Advérbio é classe que modifica verbo, adjetivo ou outro advérbio. É invariável.

8 FLEXÃO VERBAL

A seguir, um quadro de todos os tempos verbais existentes e a 1ª pessoa do singular de cada um deles. O quadro é bom por dois motivos: toda vez que você não souber como começa cada tempo verbal, você recorrerá a ele. Além disso, ajuda você a entender os tempos verbais. É uma boa sistematização.

Verbos de 1ª conjugação – vogal temática **a** (amar, cantar);

Verbos de 2ª conjugação – vogal temática **e** (beber, vender);

Verbos de 3ª conjugação – vogal temática **i** (partir, digerir).

(Não existe 4ª conjugação. Por exemplo, *pôr* é um verbo de 2ª conjugação.)

I – Indicativo	presente – eu falo...		
	pretérito		imperfeito – eu falava... perfeito – eu falei... mais-que-perfeito – eu falara...
	futuro		do presente – eu falarei... do pretérito – eu falaria...

II – Subjuntivo		presente – que eu fale... pretérito imperfeito – se eu falasse... futuro – quando eu falar...

III – Imperativo		afirmativo – fala tu, fale você, falemos nós, falai vós, falem vocês. negativo – não fales tu, não fale você, não falemos nós, não faleis vós, não falem vocês.

Observe que são três os modos verbais:

1. Indicativo: é o modo que assegura algo.

2. Subjuntivo: é o modo que indica possibilidade, hipótese.

3. Imperativo: é o modo que apresenta ideias de ordem, pedido, convite, súplica.

No indicativo e no subjuntivo, temos, então, os tempos do presente, pretérito e futuro.

Após se ter uma visão panorâmica do quadro de conjugação verbal, é necessário conhecer o paradigma da conjugação verbal. Com esse paradigma, você aprende que não precisa saber conjugar todos os tempos que existem. O quadro mostra que existe uma relação entre tempos primitivos e derivados e diz como se sai de um primitivo e se chega

a um derivado. É simples: se a banca pede o presente do subjuntivo do verbo *digerir*, basta que você acesse o presente do indicativo do verbo e você terá o que se pede. Sim, porque o presente do subjuntivo *deriva* do presente do indicativo. A notícia boa é que você não precisa saber conjugar os tempos derivados. A notícia ruim é que sem os primitivos não se chega a lugar algum. Mas eles são apenas três. Assim, você, para fazer prova, precisa conhecer os tempos primitivos dos verbos que são comuns em concursos. Vamos, então, conhecer o paradigma da conjugação verbal?

PRIMITIVOS 1) Presente do indicativo (Radical da 1ª pessoa do sing.) agredir_____	DERIVADOS Presente do subjuntivo (-**e**, -**a**) _____

Nesse caso, vai-se à 1ª pessoa do singular (eu) do presente do indicativo, extrai-se o "o", e, com o radical, chega-se à 1ª pessoa do singular do presente do subjuntivo, acrescentando-se a desinência (para verbos de 1ª conjugação – *e*; verbos de 2ª e 3ª conjugação, – *a*). Vale lembrar que o presente do subjuntivo é aquele em que, na escola, utilizávamos o *que* antes do verbo: *que eu agrida*.

Assim, teríamos:

Eu agrid*o* que eu agrid*a*

Depois, é só continuar, utilizando-se o radical que você adquiriu ao acessar o presente do indicativo, mantendo-se a D.M.T. (desinência modo-temporal) – *a* – e acrescentando-se as D.N.P. (desinências número-pessoais), características de cada pessoa: *que eu agrid**a**, que tu agrid**a**s, que ele agrid**a**, que nós agrid**a**mos, que vós agrid**a**is, que eles agrid**a**m.*

A seguir, o 2º bloco de primitivos e derivados. Observe cada tempo derivado com sua desinência característica (D.M.T. – desinência modo-temporal), entre os parênteses.

2) Pretérito perfeito	Pret. mais-que-perfeito (-ra)
	Imperfeito do subjuntivo (-sse)
	Futuro do subjuntivo (-r)

Acesse a 3ª pessoa do plural – *eles* –, elimine a desinência *-ram* e fique com o radical. Partindo dele, acrescente as novas desinências dos tempos derivados.

Assim, teríamos:

Eles coube*ram* coube**ra**, coube**sse**, coube**r**

Nosso último bloco de primitivos e derivados:

	Futuro do presente (-re, -ra)

3) Infinitivo Impessoal	Futuro do pretérito (-ria)
	Imperfeito do indicativo (-va, -a)

Nesse caso, extrai-se o "R" do infinitivo impessoal (que é o nome do verbo – *falar, beber, partir*...), acrescentando-se as novas desinências. Observe que no **pretérito imperfeito** do indicativo temos duas possibilidades de D.M.T.: **-va** para verbos de 1ª conjugação e –**a** para verbos de 2ª e 3ª conjugação (ex.: *fal**ar** – fala**va**; beb**er** – bebi**a**; part**ir** – parti**a***).

Assim, teríamos:

digeri*r* digeri**rei**, digeri**ria**, digeri**a**.

Importante: o quadro que organiza os tempos verbais em dois grupos (primitivos e derivados) ajudará você a conjugar a maioria dos verbos em Língua Portuguesa, porém há exceções, como os verbos pôr, ser, ir, haver, entre outros, que estudaremos separadamente ao final.

A seguir, algumas questões que tratam de modos e tempos verbais.

1. (FCC/TRF – 2ª Região) A segunda novidade **apontava** os pesticidas e herbicidas químicos...

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o verbo em destaque acima está na frase:

a) Mas Ehrlich *errou*.

b) ... não *existia* terra suficiente para alimentar todas elas.

c) ... com o que *cresce* em 2 mil metros quadrados...

d) As algas se *multiplicam* a rodo...

e) Diante disso, muitos consumidores *partiram* para uma alternativa...

Comentários:

O verbo da frase no enunciado está no pretérito imperfeito do indicativo (desinência -*va*). As letras A e E trazem o verbo no pretérito perfeito do indicativo. A letra B apresenta o verbo no pretérito imperfeito do indicativo, mas, como o verbo é de 3ª conjugação, a desinência é -*a*. A letra C mostra um verbo no presente do indicativo, bem como a letra D.

Resposta: B.

2. (FCC/TRF – 2ª Região) Considere a flexão verbal em *viviam – vivem – viverão*. A mesma sequência está corretamente reproduzida nas formas:

a) queriam – querem – quiserão.

b) davam – dão – dariam.

c) exigiram – exigem – exigerão.

d) permitiam – permitem – permitirão.

e) criam – criavam – criarão.

Comentários:

A sequência de verbos do enunciado está, respectivamente, no pretérito imperfeito, presente e futuro do presente do indicativo.

A letra A tem erro só na forma *quiserão*, que não existe: o verbo *querer* no futuro do presente é *quererão* (é só você se lembrar do quadro: o futuro do presente deriva do infinitivo).

Na letra B, há erro só na forma *dariam*, que corresponde ao futuro do pretérito, e não futuro do presente do indicativo.

Na letra C há dois erros: no primeiro verbo (*exigiram* é pretérito perfeito; no imperfeito seria *exigiam*) e no último (*exigerão* não existe: é *exigirão* – lembre-se: o futuro do presente deriva do infinitivo *exigir* e não *exiger*).

A letra D traz a sequência correta: pretérito imperfeito do indicativo, presente do indicativo e futuro do presente.

Já a letra E erra na 1ª forma (*criam* é presente do indicativo e não pretérito imperfeito – *criavam*) e na 2ª forma (*criavam*, como já vimos, é pretérito imperfeito, e não presente do indicativo).

Resposta: D.

Fechamos nossa 1ª parte do assunto: agora você já sabe como sair de um tempo primitivo e chegar a um derivado. Então, estamos combinados: você precisa saber como conjugar os tempos primitivos dos verbos que mais aparecem nas provas.

Você deve estar se perguntando: quantos verbos terei de saber para fazer uma boa prova? Fique tranquilo: não são muitos. Na verdade, você precisa saber conjugar alguns verbos que são *líderes* de outros comuns em concursos. Por exemplo: se aparecer o verbo *advir* em uma questão, basta você conhecer o *vir*, que apresenta o mesmo radical. Daí, o verbo *vir* ser um *líder*. Da mesma forma, o *depor*, que vem do *pôr*; o *abster*, que vem do *ter*, e assim sucessivamente.

Preparamos uma lista de verbos conjugados, que servirá como consulta para os exercícios que faremos a seguir. Dividimos essa lista em três partes:

8.1. PRINCIPAIS VERBOS QUE SE CONJUGAM A PARTIR DE OUTROS

8.1.1. Pôr (líder)

Modo Indicativo:

Presente: ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem; **pretérito perfeito:** pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes,

puseram; **pretérito imperfeito:** punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham; **pretérito mais-que-perfeito:** pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram; **futuro do presente:** porei, porás, porá, poremos, poreis, porão; **futuro do pretérito:** poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham; **pretérito imperfeito:** pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, pusésseis, pusessem; **futuro:** puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem.

Como o verbo pôr, conjugam-se antepor, apor, compor, contrapor, decompor, depor, dispor, entrepor, expor, impor, interpor, justapor, opor, pospor, predispor, pressupor, propor, recompor, repor, sobrepor, supor.

8.1.2. Ter **(líder)**

Modo Indicativo:

Presente: tenho, tens, tem, temos, tendes, têm; **pretérito perfeito:** tive, tiveste, teve, tivemos, tivestes, tiveram; **pretérito imperfeito:** tinha, tinhas, tinha, tínhamos, tínheis, tinham; **pretérito mais-que-perfeito:** tivera, tiveras, tivera, tivéramos, tivéreis, tiveram**; futuro do presente:** terei, terás, terá, teremos, tereis, terão; **futuro do pretérito:** teria, terias, teria, teríamos, teríeis, teriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: tenha, tenhas, tenha, tenhamos, tenhais, tenham; **pretérito imperfeito:** tivesse, tivesses, tivesse, tivéssemos, tivésseis, tivessem; **futuro:** tiver, tiveres, tiver, tivermos, tiverdes, tiverem.

Como o verbo ter, conjugam-se abster-se, ater-se, conter, deter, entreter, manter, obter, reter, suster.

8.1.3. **Ver (líder)**

Modo Indicativo:

Presente: vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem; **pretérito perfeito:** vi, viste, viu, vimos, vistes, viram; **pretérito imperfeito:** via, vias, via, víamos, víeis, viam; **pretérito mais-que-perfeito:** vira, viras, vira, víramos, víreis, viram; **futuro do presente:** verei, verás, verá, veremos, vereis, verão; **futuro do pretérito:** veria, verias, veria, veríamos, veríeis, veriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam; **pretérito imperfeito:** visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem; **futuro:** vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.

Como o verbo ver, conjugam-se entrever, antever, prever, rever.

8.1.4. **Vir (líder)**

Modo Indicativo:

Presente: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm; **pretérito perfeito:** vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram; **pretérito imperfeito:** vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham; **pretérito mais-que-perfeito:** viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram; **futuro do presente:** virei, virás, virá, viremos, vireis, virão; **futuro do pretérito:** viria, virias, viria, viríamos, viríeis, viriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham; **pretérito imperfeito:** viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem; **futuro:** vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.

Como o verbo vir, conjugam-se advir, avir-se, convir, desavir-se, intervir, provir, sobrevir.

8.1.5. Dizer (líder)

Modo Indicativo:

Presente: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem; **pretérito perfeito:** disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram; **pretérito imperfeito:** dizia, dizias, dizia, dizíamos, dizíeis, diziam; **pretérito mais-que-perfeito:** dissera, disseras, dissera, disséramos, disséreis, disseram; **futuro do presente:** direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão; **futuro do pretérito:** diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: diga, digas, diga, digamos, digais, digam; **pretérito imperfeito:** dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, disséssseis, dissessem; **futuro:** disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem.

Como o verbo dizer, conjugam-se bendizer, condizer, contradizer, desdizer (assim, se é *eu digo*, será eu *bendigo*…).

8.1.6. Fazer (líder)

Modo Indicativo:

Presente: faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem; **pretérito perfeito:** fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram; **pretérito imperfeito:** fazia, fazias, fazia, fazíamos, fazíeis, faziam; **pretérito mais-que-perfeito:** fizera, fizeras, fizera, fizéramos, fizéreis, fizeram; **futuro do presente:** farei, farás, fará, faremos, fareis, farão; **futuro do pretérito:** faria, farias, faria, faríamos, faríeis, fariam.

Modo Subjuntivo:

Presente: faça, faças, faça, façamos, façais, façam; **Pretérito imperfeito:** fizesse, fizesses, fizesse, fizéssemos, fizésseis, fizessem; **futuro:** fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem.

Como o verbo fazer, conjugam-se afazer, benfazer, desfazer, refazer, satisfazer (assim, se é *eu faço*, será eu *benfaço*…).

8.1.7. Querer (líder)

Modo Indicativo:

Presente: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem; **Pretérito perfeito:** quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram; **pretérito imperfeito:** queria, querias, queria, queríamos, queríeis, queriam; **pretérito mais-que-perfeito:** quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram; **futuro do presente:** quererei, quererás, quererá, quereremos, querereis, quererão; **futuro do pretérito:** quereria, quererias, quereria, quereríamos, quereríeis, quereriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram; **pretérito imperfeito:** quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem; **futuro:** quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem.

Como o verbo querer, conjugam-se bem-querer, desquerer, mal-querer (assim, se é *eu quero*, será eu *bem-quero*).

8.1.8. Valer (líder)

Modo Indicativo:

Presente: valho, vales, vale, valemos, valeis, valem; **pretérito perfeito:** vali, valeste, valeu, valemos, valestes, valeram; **pretérito imperfeito:** valia, valias, valia, valíamos, valíeis, valiam; **pretérito mais-que-perfeito:** valera, valeras, valera, valêramos, valêreis, valeram; **futuro do presente:** valerei, valerás, valerá, valeremos, valereis, valerão; **futuro do pretérito:** valeria, valerias, valeria, valeríamos, valeríeis, valeriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham; **pretérito imperfeito:** valesse, valesses, valesse, valêssemos, valêsseis, valessem; **futuro:** valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valerem.

Como o verbo valer, conjugam-se desvaler, equivaler (assim, se é *eu valho*, será eu *equivalho*).

Como já dissemos anteriormente, as bancas costumam pedir ao aluno, além da conjugação desses líderes, a dos seus derivados. Um bom exercício seria que você conjugasse os verbos derivados, partindo dos líderes. Exemplo: treine a conjugação do *interpor*, a partir da conjugação do *pôr*.

A seguir, a conjugação de verbos nos quais não se pode confiar. Isso porque, ao conjugar o *requerer,* por exemplo, é muito comum que o aluno faça analogia com o *querer*, não é mesmo? Mas o *requerer* não se conjuga como o *querer*. Da mesma forma, o verbo *prover* não vai seguir o paradigma do verbo *ver* em todos os tempos, só no presente. Daí, a importância de sistematizá-los.

8.2. FALSOS AMIGOS CONJUGADOS

8.2.1. Prover

Modo Indicativo:

Presente: provejo, provês, provê, provemos, provedes, proveem; **pretérito perfeito:** provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram; **pretérito imperfeito:** provia, provias, provia, províamos, províeis, proviam; **pretérito mais-que-perfeito:** provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram; **futuro do presente:** proverei, proverás, proverá, proveremos, provereis, proverão; **futuro do pretérito**: proveria, proverias, proveria, proveríamos, proveríeis, proveriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam; **pretérito imperfeito:** provesse, provesses, provesse, provêssemos, provêsseis, provessem; **futuro:** prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.

Resumindo:
Basta que você pense no PROVER da seguinte forma: ele se conjuga como o VER só nos tempos do presente – presente do indicativo e presente do subjuntivo; nos outros tempos, é regular, como o BEBER. Assim, o grande cuidado que se deve ter é para não conjugá-lo como o VER o tempo inteiro. No pretérito imperfeito do subjuntivo, por exemplo, se ele se conjugasse como o VER seria se eu provisse, enquanto o correto é se eu provesse (tal qual o BEBER – se eu bebesse).

8.2.2. Requerer

Modo Indicativo:

Presente: requeiro, requeres, requer, requeremos, requereis, requerem; **pretérito perfeito:** requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram; **pretérito imperfeito:** requeria, requerias, requeria, requeríamos, requeríeis, requeriam; **pretérito mais-que-perfeito:** requerera, requereras, requerera, requerêramos, requerêreis, requereram; **futuro do presente:** requererei, requererás, requererá, requereremos, requerereis, requererão; **futuro do pretérito:** requereria, requererias, requereria, requereríamos, requereríeis, requereriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram; **pretérito imperfeito:** requeresse, requeresses, requeresse, requerêssemos, requerêsseis, requeressem; **futuro:** requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.

Resumindo: Quanto ao REQUERER, pense da seguinte forma: ele recebe a vogal i, após o 2º e do radical, apenas na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo. O mesmo ocorre em todo o presente do subjuntivo, que dela deriva. Nos outros tempos, é regular e conjuga-se como o BEBER. Não pense no QUERER. Assim, por exemplo, se ele fosse como o QUERER, no pretérito perfeito do indicativo seria eu requis e não eu requeri (tal qual o BEBER: eu bebi).

A seguir, apresentamos os verbos defectivos que são campeões em concursos públicos: os verbos REAVER e

PRECAVER. Partindo do conceito de que um verbo defectivo é um verbo que não se conjuga em todos os tempos e em todas as pessoas, o 1º cuidado que você deve tomar é em não conjugá-los nos tempos em que eles não existem. Assim, você não deve, por exemplo, dizer *eu me precavejo contra esse tipo de problema*, simplesmente porque essa forma verbal não existe. O jeito é falar *eu tomo as minhas precauções*... Além disso, é preciso sistematizá-los para que você não cometa nenhuma imprudência na flexão das formas em que tais verbos se conjugam. Vamos a eles!

8.3. VERBOS DEFECTIVOS

8.3.1. Reaver

Modo Indicativo:

No presente do indicativo só possui *nós* e *vós (reavemos* e *reaveis*). Em função disso, também não possui o presente do subjuntivo. Nos outros tempos do Indicativo: **pretérito perfeito:** reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram; **pretérito imperfeito:** reavia, reavias, reavia, reavíamos, reavíeis, reaviam; **pretérito mais-que-perfeito:** reouvera, reouveras, reouvera, reouvéramos, reouvéreis, reouveram; **futuro do presente:** reaverei, reaverás, reaverá, reaveremos, reavereis, reaverão; **futuro do pretérito:** reaveria, reaverias, reaveria, reaveríamos, reaveríeis, reaveriam.

Modo Subjuntivo:

Pretérito imperfeito: reouvesse, reouvesses, reouvesse, reouvéssemos, reouvésseis, reouvessem; **futuro:** reouver, reouveres, reouver, reouvermos, reouverdes, reouverem.

Resumindo: Com o REAVER, basta pensar da seguinte forma: memorizar em que tempos aparece a sua defectividade – presente do indicativo e presente do subjuntivo; nos outros tempos, lembrar que ele se conjuga como o verbo HAVER.

8.3.2. Precaver

Modo Indicativo:

No presente do indicativo só possui *nós* e *vós (precavemos* e *precaveis*). Em função disso, também não possui o presente do subjuntivo. Nos outros tempos do Indicativo: **pretérito perfeito:** precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram; **pretérito imperfeito:** precavia, precavias, precavia, precavíamos, precavíeis, precaviam; **pretérito mais-que-perfeito:** precavera, precaveras, precavera, precavêramos, precavêreis, precaveram; **futuro do presente:** precaverei, precaverás, precaverá, precaveremos, precavereis, precaverão; **futuro do pretérito:** precaveria, precaverias, precaveria, precaveríamos, precaveríeis, precaveriam.

Modo Subjuntivo:

Pretérito imperfeito: precavesse, precavesses, precavesse, precavêssemos, precavêsseis, precavessem; **futuro:** precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.

Resumindo: O PRECAVER é ainda mais fácil que o REAVER: memorize em que tempos ele é defectivo (presente do indicativo e presente do subjuntivo) e nos outros tempos, observe que ele é um verbo regular. Logo, pense em outro regular: BEBER. Só não confunda o PRECAVER com o VER! Logo, no imperfeito do subjuntivo, por exemplo, será se eu me precavesse (como se eu bebesse), e não se eu me precavisse (seria assim se ele se conjugasse como o verbo VER).

Por fim, imaginamos que seria mais prático para o aluno se ele obtivesse uma lista de outros verbos irregulares que aparecem muito nas provas. Aconselhamos que você os conjugue da seguinte forma:

1. Comece pelo presente do indicativo e vá ao presente do subjuntivo, lembrando que o segundo deriva da primeira pessoa do singular do primeiro.
2. Depois vá ao pretérito perfeito. Partindo da 3ª pessoa do plural, chegue ao pretérito mais--que-perfeito, imperfeito do subjuntivo e futuro do subjuntivo.
3. Por fim, conjugue os que faltaram: pretérito imperfeito do indicativo, futuro do presente e futuro do pretérito. Lembre-se de que eles derivam do infinitivo. Como os verbos que você vai conjugar são os irregulares, vale observar que esses três tempos, ao saírem do infinitivo, apresentarão irregularidades. Quero dizer que muitos deles não apresentarão os radicais exatamente como eram no infinitivo. Mas então aproveite essas dicas: para conjugar o imperfeito do indicativo, use o advérbio *antigamente* (*antigamente eu dizia*, *antigamente eu valia*...); para conjugar o futuro do presente, use o advérbio *amanhã* (*amanhã eu direi*, *amanhã eu valerei*); quanto ao futuro do pretérito, lembre-se de acrescentar a desinência *–ria* (*eu diria*, *eu valeria*...).

Vamos à lista.

8.4. OUTROS VERBOS IRREGULARES QUE MERECEM UM CUIDADO ESPECIAL

8.4.1. Agredir

Modo Indicativo:

Presente: agrido, agrides, agride, agredimos, agredis, agridem; **pretérito perfeito:** agredi, agrediste, agrediu, agredimos, agredistes, agrediram; **pretérito imperfeito:** agredia, agredias, agredia, agredíamos, agredíeis, agrediam; **pretérito mais-que-perfeito:** agredira, agrediras, agredira, agredíramos, agredíreis, agrediram; **futuro do presente:** agredirei, agredirás, agredirá, agrediremos, agredireis, agredirão**: futuro do pretérito:** agrediria, agredirias, agrediria, agrediríamos, agrediríeis, agrediriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: agrida, agridas, agrida, agridamos, agridais, agridam; **pretérito imperfeito:** agredisse, agredisses, agredisse, agredíssemos, agredísseis, agredissem; **futuro:** agredir, agredires, agredir, agredirmos, agredirdes, agredirem.

Como o verbo agredir, conjugam-se – apesar de não se parecerem com ele – cerzir, denegrir, prevenir, progredir, regredir, transgredir (assim, se é *eu agr**i**do*, será eu *c**i**rzo, den**i**gro, prev**i**no, progr**i**do, regr**i**do, transgr**i**do.* Observe que, nesses verbos, o *e* do radical vira *i,* em todas as pessoas do presente do indicativo, exceto em *nós* e *vós*, e em todo o

presente do subjuntivo. Nos outros tempos, esses verbos são regulares).

8.4.2. Ferir

Modo Indicativo:

Presente: firo, feres, fere, ferimos, feris, ferem; **pretérito perfeito:** feri feriste, feriu, ferimos, feristes, feriram; **pretérito imperfeito:** feria, ferias, feria, feríamos, feríeis, feriam; **pretérito mais-que-perfeito:** ferira, feriras, ferira, feríramos, feríreis, feriram; **futuro do presente:** ferirei, ferirás, ferirá, feriremos, ferireis, ferirão; **futuro do pretérito:** feriria, feririas, feriria, feriríamos, feriríeis, feririam.

Modo Subjuntivo:

Presente: fira, firas, fira, firamos, firais, firam; **pretérito imperfeito:** ferisse, ferisses, ferisse, feríssemos, ferísseis, ferissem; **futuro:** ferir, ferires, ferir, ferirmos, ferirdes, ferirem.

Como o verbo ferir, conjugam-se – apesar de não se parecerem com ele – aderir, advertir, aferir, aspergir, assentir, auferir, compelir, competir, consentir, deferir, digerir, discernir, divergir, expelir, preferir, prosseguir, vestir, referir, repelir, repetir, ressentir. Assim, se é *eu firo*, será *eu adiro, advirto, afiro, aspirjo, assinto, aufiro, compilo, compito, consinto, defiro, digiro, discirno*... Observe que, com esses verbos, o *e* do radical vira *i,* somente na 1ª pessoa do presente do indicativo e em todo o presente do subjuntivo. Nos outros tempos, esses verbos são regulares.

8.4.3. Fugir

Modo Indicativo:

Presente: fujo, foges, foge, fugimos, fugis, fogem; **pretérito perfeito:** fugi, fugiste, fugiu, fugimos, fugistes, fugiram; **pretérito imperfeito:** fugia, fugias, fugia, fugíamos, fugíeis, fugiam; **pretérito mais-que-perfeito:** fugira, fugiras, fugira, fugíramos, fugíreis, fugiram; **futuro do presente:** fugirei, fugirás, fugirá, fugiremos, fugireis, fugirão; **futuro do pretérito:** fugiria, fugirias, fugiria, fugiríamos, fugiríeis, fugiriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: fuja, fujas, fuja, fujamos, fujais, fujam; **pretérito imperfeito:** fugisse, fugisses, fugisse, fugíssemos, fugísseis, fugissem; **futuro:** fugir, fugires, fugir, fugirmos, fugirdes, fugirem.

Como o verbo fugir, conjugam-se – apesar de também não se parecerem com ele – acudir, bulir, consumir, cuspir, desentupir, entupir, escapulir, sacudir, subir, sumir. Assim, se é *eu fujo*, será *eu acudo, eu bulo, eu consumo, eu cuspo*... Observe que, com esses verbos, o *u* do radical vira *o,* somente nas 2ª e 3ª pessoas do singular e 3ª pessoa do plural do presente do indicativo; nos outros tempos, esses verbos são regulares.

8.4.4. Crer

Modo Indicativo:

Presente: creio, crês, crê, cremos, credes, creem; **pretérito perfeito**: cri, creste, creu, cremos, crestes, creram; **pretérito imperfeito:** cria, crias, cria, críamos, críeis, criam; **pretérito mais-que-perfeito**: crera, creras, crera, crêramos, crêreis, creram; **futuro do presente:** crerei, crerás, crerá, creremos, crereis, crerão; **futuro do pretérito**: creria, crerias, creria, creríamos, creríeis, creriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: creia, creias, creia, creiamos, creiais, creiam; **pretérito imperfeito:** cresse, cresses, cresse, crêssemos, crêsseis, cressem; **futuro:** crer, creres, crermos, crerdes, crerem.

Como o verbo crer, conjugam-se os verbos descrer, ler e reler. Assim, se é *eu creio*, será *eu descreio, eu leio, eu releio*… Observe o pretérito perfeito do verbo *crer*, alguns alunos estranham as formas *eu cri* e *ele creu*.

8.4.5. Ir

Modo Indicativo:

Presente: vou, vais, vai, vamos, ides, vão; **pretérito perfeito:** fui, foste, foi, fomos, fostes, foram; **pretérito imperfeito:** ia, ias, ia, íamos, íeis, iam; **pretérito mais-que-perfeito:** fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram; **futuro do presente:** irei, irás, irá, iremos, ireis, irão; **futuro do pretérito:** iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: vá, vás, vá, vamos, vades, vão; **pretérito imperfeito:** fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem; futuro: for, fores, for, formos, fordes, forem.

O verbo ir é chamado de anômalo, pois possui mais de um radical quando é conjugado. Daí, ele necessitar de um estudo isolado. Quanto a esse verbo, valem três recados:

1. No presente do indicativo e no presente do subjuntivo, nós e eles possuem formas idênticas: não estranhe. Assim, no presente do indicativo teríamos uma frase do tipo: nós sempre vamos à biblioteca. Da mesma forma, no presente do subjuntivo, seria nossos pais querem que nós vamos à biblioteca.

2. Não confunda a forma vós ides no presente do indicativo com vós vades no presente do subjuntivo. Assim, teríamos: vós ides à biblioteca sempre? (presente do indicativo); e desejo que vós vades à biblioteca com mais frequência (presente do subjuntivo).

3. Atenção também com o verbo VIR, para não confundir a 1ª pessoa do plural do presente do indicativo (nós vimos) com a 1ª pessoa do plural do pretérito perfeito (nós viemos). A troca de uma forma pela outra é muito comum, como em frases do tipo: hoje nós "viemos" aqui, e não hoje nós vimos aqui.

8.4.6. Haver

Modo Indicativo:

Presente: hei, hás, há, havemos ou hemos, haveis ou heis, hão; **pretérito perfeito:** houve, houveste, houve, houvemos, houvestes, houveram; **pretérito imperfeito:** havia, havias, havia, havíamos, havíeis, haviam; **pretérito mais-que-perfeito:** houvera, houveras, houvera, houvéramos, houvéreis, houveram; **futuro do presente:** haverei,

haverás, haverá, haveremos, havereis, haverão; **futuro do pretérito:** haveria, haverias, haveria, haveríamos, haveríeis, haveriam.

Modo do Subjuntivo:

Presente: haja, hajas, haja, hajamos, hajais, hajam; **pretérito imperfeito:** houvesse, houvesses, houvesse, houvéssemos, houvésseis, houvessem; **futuro:** houver, houveres, houver, houvermos, houverdes, houverem.

Muitos estranham a conjugação do verbo HAVER, pois não estão acostumados a conjugá-lo. Isso ocorre porque esse verbo é muito usado com o sentido de existir e, com esse sentido, de fato, ele só se conjuga na 3ª pessoa do singular (há, houve, havia, haverá). Assim, teríamos: havia muitas pessoas na festa (haver com sentido de existir).

Entretanto, ele se conjugará normalmente se apresentar outros sentidos. Observe: "Houvemos por bem convidar os amigos para o jantar" (aqui, o haver significa dignar-se, julgar oportuno); "Elas se houveram bem sem empregada" (nesse caso, haver é pronominal e tem sentido de portar-se); "Eles haviam estudado todo o assunto" (aqui, o haver é auxiliar de uma locução verbal, conjugando-se normalmente em todas as pessoas).

Vamos exercitar e juntar todos os conceitos para conjugar os verbos a seguir.

Complete as frases abaixo, com os verbos solicitados entre os parênteses.

1. Para que todos _____ bem confortáveis, alugaremos um ônibus. (VIAJAR, presente do subjuntivo)

Comentários: Vá à 1ª pessoa do presente do indicativo: *eu viajo*, extraia o ***o***, utilize o radical para acrescentar as novas desinências: *que eu viaje*, *que tu viajes*, *que ele viaje*...

Resposta: viajem.

2. Ontem eles _____ todo o dinheiro roubado. (REAVER, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: Lembre-se de que no pretérito perfeito o REAVER se conjuga como o HAVER. Assim, se é *eles houveram*, será *eles reouveram*, e não "*reaveram*".

Resposta: reouveram.

3. O juiz não _____ na briga entre os jogadores. (INTERVIR, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: O verbo intervir é derivado de vir. Portanto, se é ele veio, será ele interveio, e não interviu!

Resposta: interveio.

4. Quando ele nos _____, poderá entregar-nos a encomenda. (VER, futuro do subjuntivo)

Comentários: Aqui, todo mundo fica na dúvida: quando *ele ver* ou quando *ele vir*? Ora, é só lembrar que o futuro do subjuntivo deriva do pretérito perfeito. O pretérito perfeito é *eu vi*, *tu viste*..., *eles viram*; logo, o futuro do subjuntivo será *quando eu vir*, *quando tu vires*, *quando ele vir*...

Resposta: vir.

5. Eles ficarão felizes quando nós _____ esta reformulação. (PROPOR, futuro do subjuntivo)

Comentários: propor vem do pôr. Logo, se é quando *eu puser*, *quando tu puseres*, *quando ele puser*, será *quando*

eu propuser, *quando tu propuseres*, *quando ele propuser*, e não *quando eu "propor", quando tu "propores", quando ele "propor"…*

Resposta: propusermos.

6. Eles não _____ os fugitivos. (DETER, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: deter vem do ter. Assim, se é *eu tive, tu tiveste, ele teve*, será *eu detive, tu detiveste, ele deteve,* e não *ele "deteu"*.

Resposta: detiveram.

7. O aluno _____ o adiantamento das provas. (REQUERER, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: Não pense no querer! requerer, no pretérito perfeito, se conjuga como o BEBER: *ele bebeu = ele requereu*, e não *ele "requis"*.

Resposta: requereu.

8. Eles só _____ paciência com os mais velhos. (TER, presente do indicativo)

Comentários: Aqui, é só lembrar: no singular, é sem acento – ele tem –, mas o plural, para diferenciar do singular, é com acento circunflexo: o acento diferencial de número.

Resposta: têm.

9. Eu não _____ tanto. (VALER, presente do indicativo)

Comentários: O verbo valer na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo apresenta uma irregularidade: o ***l*** vira ***lh*** (eu valho). O presente do subjuntivo, por ser derivado, herdará a mesma irregularidade (*que eu valha, que tu valhas, que ele valha…*

Resposta: valho.

10. Estes homens _____ de um lugar distante. (PROVIR, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: O verbo provir deriva do vir. Logo, se é *eu vim, tu vieste, ele veio*, será *eu provim, tu provieste, ele proveio.*

Resposta: provieram.

11. Ele só virá, quando nós lhe _____ a verdade. (DIZER, futuro do subjuntivo)

Comentários: Caso você não saiba como é o futuro do subjuntivo do verbo dizer, basta ir ao pretérito perfeito, seu tempo primitivo. Assim, no pretérito perfeito, temos *eles disseram*, logo teremos no futuro do *subjuntivo quando eu disser*, *quando tu disseres, quando ele disser…*

Resposta: dissermos.

12. Seria necessário que eles _____ o mesmo ritmo. (MANTER, pretérito imperfeito do subjuntivo)

Comentários: O verbo manter deriva do ter. Assim, o imperfeito do subjuntivo *é se eu tivesse, se tu tivesses, se ele tivesse*, então, com o *manter*, será *se eu mantivesse, se tu mantivesses, se ele mantivesse...*

Resposta: mantivessem.

13. Só entendi o que os brasileiros _____ (EXPOR, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: O verbo expor deriva do pôr. Logo, se o pretérito perfeito do pôr é *eu pus, tu puseste, ele pôs...*, o pretérito perfeito do expor será *eu expus, tu expuseste, ele expôs*.

Resposta: expuseram.

14. Preciso que tu _____ até a minha casa. (IR, presente do subjuntivo)

Comentários: Lembre-se: *que eu vá, que tu vás, que ele vá...*

Resposta: vás.

15. Aqui eu não _____ (CABER, presente do indicativo)

Comentários: O verbo caber possui uma irregularidade na 1ª pessoa do presente do indicativo e em todo o presente do subjuntivo: o ***a*** do radical recebe um ***i***. Assim, temos: *eu caibo, tu cabes, ele cabe... que eu caiba, que tu caibas, que ele caiba...*

Resposta: caibo.

16. Ele quer que nós _____ outro livro. (LER, presente do subjuntivo)

Comentários: O verbo ler conjuga-se como o crer: *que eu creia, que tu creias, que ele creia = que eu leia, que tu leias, que ele leia...*

Resposta: leiamos.

17. Eu _____ que todos viriam à reunião. (SUPOR, pretérito imperfeito do indicativo)

Comentários: supor conjuga-se como o pôr. Como o que se quer é o pretérito imperfeito do indicativo do verbo *supor*, basta conjugarmos o *pôr*: "antigamente" *eu punha, tu punhas, ele punha*. Logo, será "antigamente" *eu supunha, tu supunhas, ele supunha...*

Resposta: supunha.

18. Nós _____ até aqui hoje, pois ontem não foi possível. (VIR, presente do indicativo)

Comentários: Lembre-se: *hoje nós vimos*, *ontem nós viemos*. Parece confuso, porque é idêntico ao verbo ver no pretérito perfeito! Veja só: *hoje nós vimos à sua casa* – **vir** no presente do indicativo; *ontem nós vimos o seu irmão na rua* – **ver** no pretérito perfeito.

Resposta: vimos.

19. Ontem nós não _____ à aula. (VIR, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: Não confundir o presente do indicativo do verbo *vir* (vimos) com o pretérito perfeito do verbo *vir* (viemos).

Resposta: viemos.

20. Se eles _____ e não te _____, retornarão chateados. (VIR e VER, presente do indicativo)

Comentários: O verbo vir na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo é *ele vem*, e a 3ª pessoa do plural recebe acento circunflexo: *eles vêm*. Já o verbo ver no presente do indicativo é *ele vê*, *eles veem* – a 3ª pessoa do plural perdeu o acento circunflexo – antes era *vêem* – em função do Novo Acordo Ortográfico.

Resposta: vêm/veem.

21. Vós _____ com quem desejais. (IR, presente do indicativo)

Comentários: Não confundir o presente do indicativo do verbo *ir* (vós ides) com o presente do subjuntivo do verbo *ir* (vós vades).

Resposta: ides.

22. Todos esperamos que vós _____ conosco. (IR, presente do subjuntivo)

Comentários: Lembre-se de não confundir o presente do indicativo – *hoje vós ides pelo bom caminho* – com o presente do subjuntivo – *espero que vós vades pelo bom caminho*.

Resposta: vades.

23. Esperava-se que eles _____ a casa com o necessário. (PROVER, imperfeito do subjuntivo)

Comentários: Atenção, o prover só se conjuga como o ver nos tempos do presente. Nos outros tempos, ele é como o beber. Logo, se é *esperava-se que eles bebessem*, será *esperava-se que eles provessem*, e não "*provissem"*, se ele seguisse o verbo *ver*.

Resposta: provessem.

Agora, algumas questões de concursos comentadas:

1. (FGV/Oficial de Cartório/2008) "Se interviessem, implodiriam as contas públicas". Assinale a alternativa que apresente erro em uma das formas verbais.

a) Se o comando reouvesse o prestígio, os criminosos desistiriam.

b) Se os policiais requisessem maiores salários, tudo se arrumaria.

c) Se os criminosos se acovardassem, a polícia os deteria.

d) Se os jornais proviessem de fora, as notícias entreteriam mais.

e) Se as autoridades quisessem, nada disso se faria.

Comentários:

Na letra A, temos o verbo **reaver**, que nos tempos em que é conjugado, segue o verbo **haver**. Ora, se fosse o **haver**, seria *se o comando houvesse*, logo, será *se o comando reouvesse*.

A letra B traz o verbo **requerer**, que não segue o **querer**, e sim um verbo regular como o **beber**. Logo, não é *se os policiais requisessem* – seria assim se fosse como o **querer** – e sim *se os policiais requeressem*.

A letra C apresenta um verbo regular – **acovardar-se** – no imperfeito do subjuntivo, 3ª pessoa do plural, corretamente conjugado.

A letra D apresenta o verbo **provir**, que se conjuga como o **vir**. Ora, se fosse o **vir**, seria *se os jornais viessem*; como é o **provir**, será *se os jornais proviessem.*

A letra E apresenta o verbo **querer**, um verbo irregular, corretamente conjugado no imperfeito do subjuntivo, 3ª pessoa do plural.

Resposta: B.

2. (Cesgranrio/Petrobras) O verbo grifado está corretamente flexionado na frase:

a) Empresários do agronegócio <u>manteram-se</u> atentos às previsões de escassez de chuvas.

b) Técnicos do governo <u>creem</u> que serão resolvidos os conflitos entre investidores e ambientalistas.

c) O governo, atento às instáveis condições do mercado, <u>interviu</u> na cotação do dólar.

d) Como <u>sobreviram</u> contratempos, foi inevitável a quebra da safra de grãos no ano passado.

e) Técnicos <u>preveram</u> queda na arrecadação, devido às elevadas taxas de juros.

Comentários:

A letra A está errada. O verbo **manter** conjuga-se como o **ter**. Ora, se fosse o **ter**, seria *os empresários tiveram*, logo deve ser *os empresários mantiveram-se.*

A letra B está correta. Segundo o Novo Acordo Ortográfico, o 1º **e** dos verbos **crer, dar, ler e ver** perde o acento circunflexo.

A letra C traz o verbo **intervir**, que se conjuga como o **vir**, e não como o **ver.** Logo, é *interveio* e não *interviu*.

A letra D apresenta o verbo **sobrevir**, que também se conjuga como o **vir** e não como o **ver**. Por isso, o correto é *sobrevieram* e não *sobreviram*.

Na letra E, tem-se o verbo **prever**, que se conjuga como o **ver** – *previram*, e não *preveram*.

Resposta: B.

3. (Cesgranrio/Petrobras) "Para que se DIGA...","que o governo GARANTA...". Se em lugar dos verbos destacados, tivéssemos, respectivamente, os verbos PROVER e INTERVIR, as formas correspondentes seriam:

a) proveja / intervinha

b) prove / interveja

c) provenha / intervisse

d) proveja / intervenha

e) provenha / interveja

Comentários:

Nesta questão, busca-se a conjugação dos verbos **prover** e **intervir** no presente do subjuntivo. Ora, neste tempo verbal em questão, o verbo **prover** se conjuga como o **ver**. Se fosse o verbo **ver**, seria *que se veja*; logo, com o **prover** será *que se proveja*. Já o verbo **intervir** conjuga-se como o **vir** em todos os tempos. Assim, se fosse o **vir**, seria *que o governo venha*, logo, com o **intervir**, será *que o governo intervenha*.

Resposta: D.

Agora que você já aprendeu a correlação entre tempos primitivos e derivados, bem como a lógica de verbos que se conjugam como outros, precisamos dar uma especial atenção aos verbos de terminação -ear/-iar, que aparecem muito em concursos. Eles ensejam dúvidas do tipo: eu maqueio ou eu maquio? Eu penteio ou eu pentio? Ele freiou ou freou o carro?

8.5. VERBOS EM -EAR

Todos os verbos terminados em **-ear** são **irregulares**, pois recebem um ***i*** nas formas da 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular e 3ª pessoa do plural do **presente do indicativo** e do **presente do subjuntivo.** Nos outros tempos, a conjugação desses verbos terminados em **-ear** é regular.

Exemplo: ARREAR (= pôr os arreios)

• Presente do indicativo: arre**i**o, arre**i**as, arre**i**a, arreamos, arreais, arre**i**am.

• Presente do subjuntivo: arre**i**e, arre**i**es, arre**i**e, arreemos, arreeis, arre**i**em.

Repare que nas formas **nós** e **vós** não há a presença do **i**.

Por esse modelo conjugam-se cear, passear, recear, semear, macaquear, estrear...

O verbo estrear, **pelo Novo Acordo Ortográfico**, perdeu o acento agudo: estre**i**o, estre**i**as, estre**i**a, estreamos, estreais, estre**i**am. / estre**i**e, estre**i**es, estre**i**e, estreemos, estreeis, estre**i**em.

8.6. VERBOS EM -IAR

Os verbos terminados em **-iar** são regulares.

Exemplo: arriar (= abaixar-se)

• Presente do indicativo: arrio, arrias, arria, arriamos, arriais, arriam.

• Presente do subjuntivo: arrie, arries, arrie, arriemos, arrieis, arriem.

Por esse modelo, conjugam-se copiar, adiar, maquiar, negligenciar, premiar...

Há, porém, cinco verbos em -iar que recebem a letra ***e*** nas formas da 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular e 3ª pessoa do plural do **presente do indicativo** e do **presente do subjuntivo.** São eles: **m**ediar, **a**nsiar, **r**emediar, **i**ncendiar, **o**diar.

As letras iniciais desses verbos formam o nome Mario.

O verbo INTERMEDIAR é derivado de MEDIAR, portanto, se conjuga por este.

Exemplo: mediar

• Presente do indicativo: med**e**io, med**e**ias, med**e**ia, mediamos, mediais, med**e**iam.

• Presente do subjuntivo: med**e**ie, med**e**ies, med**e**ie, mediemos, medieis, med**e**iem.

Nas formas **nós** e **vós** não há a presença do **e**.

Por esse modelo conjugam-se intermediar, ansiar, remediar, incendiar e odiar.

Resumindo: Todos os verbos terminados em -ear e os cincos verbos em -iar recebem um (EI) nas formas da 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular e da 3ª pessoa do plural nos tempos do PRESENTE.

A seguir, algumas questões de concursos comentadas:

1. **(Fundação Euclides da Cunha/TRF)** Na oração "como o que Bush experimentou ao **nomear** Harvey Pitt", o verbo **nomear** foi usado na forma do infinitivo. Se usado em uma forma finita, este verbo e todos os outros terminados em **-ear**, bem como alguns terminados em **-iar**, apresentam formas ditongadas e não ditongadas, segundo a norma culta da língua. Considerando essa característica de flexão, está incorreta a forma usada na frase:

a) É conveniente que hasteemos a bandeira da moralidade nos negócios públicos.

b) Um dirigente que demonstre competência não receia enfrentar problemas de gerenciamento.

c) As sociedades anseiam por dirigentes que primem pela competência e moralidade.

d) O presidente Bush freiou a iniciativa espúria de Harvey Pitt.

e) Uma ação sensata do presidente sempre remedeia possíveis situações constrangedoras.

Comentários:

Nas letras A e B, os verbos hastear e recear possuem a terminação -ear. O verbo hastear, por estar na 1ª pessoa do plural do presente do subjuntivo, não recebe a letra ***i***. Já o verbo recear, por estar na 3ª pessoa do singular, recebe essa mesma letra.

Nas letras C e E, aparecem os verbos ansiar e remediar, que terminam em -iar. Esses verbos fazem parte do Mario. Como estão conjugados, respectivamente, na 3ª pessoa do plural e 3ª pessoa do singular do presente do indicativo recebem a letra ***e***.

Na letra D, o verbo frear não está conjugado nos tempos do presente, logo não recebe a letra ***i***. O verbo frear, no pretérito perfeito, se conjuga da seguinte forma: freei, freaste, freou, freamos, freastes, frearam.

Resposta: D.

2. (NCE-UFRJ/Oficial de Justiça) "Para outras, é apenas o prazer de saber que a distância não mais **cerceia** a comunicação, por boba que seja."; a frase abaixo em que há uma forma, ligada aos verbos terminados em -ear, grafada erradamente é:

a) É perigoso que passeiemos à noite.

b) A civilização sofre freadas em seu progresso.

c) O homem receoso não luta pela liberdade.

d) Todos nós ceamos no Natal.

e) É injusto que os países totalitários cerceiem a comunicação.

Comentários:

A letra A apresenta o verbo passear flexionado na 1ª pessoa do plural do presente do subjuntivo. Nessa forma, vimos que não há a presença da letra ***i***. A forma correta seria passeemos.

Na letra B, o verbo frear não aparece conjugado nos tempos do presente, e sim na forma de particípio. Daí não receber a letra **i**.

Na letra C, receoso é adjetivo. Não confundir com RECEIO, substantivo.

Na letra D, o verbo cear aparece na 1ª pessoa do plural, que não recebe a letra ***i***. Já na letra E, o verbo cercear está flexionado na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo, que recebe a letra ***i***. Formas corretas, portanto.

Resposta: A.

3. (Cesgranrio/Petrobras) A forma verbal em negrito não está conjugada corretamente em:

a) A natureza **premia** com felicidade ou infelicidade.

b) É importante que **nomeiem** logo o diretor.

c) Chegue cedo para que **principiemos** a reunião na hora.

d) O ser humano **anseia** por uma felicidade perene.

e) O professor **incendia** o debate com perguntas polêmicas.

Comentários:

Nas letras A, C, D e E, aparecem verbos em -iar. Com essa terminação, vimos que são cinco os verbos que recebem a letra ***e*** nas formas da 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular e 3ª pessoa do plural nos tempos do presente (do indicativo e do subjuntivo). Os verbos premiar e principiar não pertencem ao Mario, portanto, não recebem a letra ***e***.

Nas opções D e E, os verbos ansiar e incendiar pertencem a esse grupo. Logo, o verbo INCENDIAR, na 3ª pessoa do singular, é *incendeia*.

Na letra B, o verbo nomear pertence à terminação -ear, recebendo um ***i*** na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo.

Resposta: E.

Ainda em conjugação verbal, é necessário que se aprenda a identificar os tempos compostos. Aprender a conjugá-los é simples, pois o que se memoriza para os tempos compostos do indicativo vale também para o subjuntivo. Vamos a eles.

8.7. TEMPOS COMPOSTOS

Formam-se com os auxiliares **TER** ou **HAVER** mais **Particípio**.

Na maioria dos casos, o nome do tempo composto quem determina é o verbo auxiliar.

No Indicativo:

Terei falado. **(futuro do presente composto)**

Teria falado. **(futuro do pretérito composto)**

Ter falado. **(infinito composto)**

Tendo falado. **(gerúndio composto)**

No Subjuntivo:

Tiver falado. **(futuro composto)**

No entanto, merecem atenção especial duas formas:

1. **Pretérito perfeito composto**: verbo auxiliar no presente mais o particípio.

   Indica a repetição ou continuidade de um fato iniciado no passado até o presente.

   Tem falado, **tenho** contado...

2. **Pretérito mais-que-perfeito composto**: verbo auxiliar no imperfeito mais particípio.

   É empregado como o simples, para expressar um fato já concluído antes de outro também no passado.

Tinha falado, **havia** falado, **tinha** contado...

Repare que, nessas formas, o nome do tempo composto não corresponde ao verbo auxiliar. Em concurso, quando o assunto é tempo composto, esses são os tempos mais pedidos.

Vamos a três questões de concurso que falam do assunto:

1. **(Técnico Judiciário/TJ)** "... que realmente **havia levado** a máquina para casa..."; a forma verbal em destaque equivale a:

   a) levava

   b) levou

   c) leva

   d) levara

   e) levasse

   Comentários:

   A forma verbal havia levado traz o verbo auxiliar (haver) no pretérito imperfeito, caracterizando, assim, o pretérito mais-que-perfeito do indicativo, que equivale à forma simples desse mesmo tempo.

   Resposta: D.

2. **(Auxiliar Judiciário/TJ)** "Publicidade oficial **tem sido**, quase sempre...". O emprego do tempo verbal destacado expressa:

   a) uma ação ou estados permanentes ou assim considerados.

   b) um fato futuro, mas próximo.

   c) uma ação passada habitual ou repetida.

   d) uma ação produzida em certo momento do passado.

   e) a continuidade de um ato até o presente.

   Comentários:

   A forma destacada no enunciado tem o verbo auxiliar (ter) no presente do indicativo, o que caracteriza o pretérito perfeito do indicativo. Embora o auxiliar esteja no presente, repare que a ideia tem início no passado e vem até o momento presente. Se "Publicidade oficial tem sido, quase sempre...", é porque essa ação *vem ocorrendo*, ou seja, não terminou no passado, se prolonga até o presente.

   Resposta: E.

3. **(FGV/Perito Criminal da Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro/2008)** "O público brasileiro tem ouvido,

com alguma frequência, notícias a respeito de possível rebelião de países vizinhos contra aquilo que seus governantes chamam de dívidas ilegítimas."

No trecho acima, as formas verbais estão, respectivamente, no:

a) presente do indicativo e presente do indicativo.

b) presente do indicativo e presente do subjuntivo.

c) presente do subjuntivo e presente do indicativo.

d) pretérito perfeito do indicativo e presente do subjuntivo.

e) pretérito perfeito do indicativo e presente do indicativo.

Comentários:

Trata-se de uma questão que busca a identificação dos tempos das formas verbais *tem ouvido* e *chamam.* Muitos alunos que erraram a questão marcaram a letra A, pois não perceberam que o verbo *ter* vinha seguido de particípio, formando, assim, um tempo composto. Ora, se o auxiliar vem no presente do indicativo mais particípio, estamos diante do pretérito perfeito composto do indicativo, enquanto a forma *chamam* está no presente do indicativo. Atente ao fato de que a banca também não menciona pretérito perfeito *composto*, e sim pretérito perfeito, o que torna a questão mais difícil.

Resposta: E.

Hoje, é muito comum que as provas contenham questões que requerem do aluno a conjugação de verbos no imperativo. Vamos recordar?

8.8. FORMAÇÃO DO IMPERATIVO

Quando aparecem verbos que denotam *ordem, pedido, desejo, súplica,* temos o modo **imperativo**, que se forma da seguinte maneira:

1. **Afirmativo**:

- **tu** e **vós**: retiradas do presente do indicativo com a supressão do ***S*** final.

Fala (tu), falai (vós).

- **você, nós e vocês*:*** retiradas do presente do subjuntivo sem alteração.

Fale (você), falemos (nós), falem (vocês).

Obs.:

1) Verbo ser: Sê tu / Sede vós;

2) Terminação -zer / -zir: faze ou faz tu;

Conduze ou conduz tu.

2. **Negativo**: conjugação igual à do presente do subjuntivo, acrescentando-se a negativa antes da forma verbal.

Não fales tu, não fale você, não falemos nós, não faleis vós, não falem vocês.

Simples, não é? Então, vamos às questões. Há aquelas que só pedem que o candidato reconheça o modo imperativo nas frases, como a que se tem a seguir:

1. (FCC/TRF – 5ª Região) … **respeite** pai e mãe…

O verbo flexionado de modo idêntico ao do destaque acima está também grifado na frase:

a) Todos desejavam que o recém-chegado se comportasse de acordo com os costumes locais.

b) Esperava-se aceitação bem maior das novas determinações estabelecidas pela instituição.

c) Leia este manual com bastante atenção, para conhecimento das normas de convivência da empresa.

d) Sempre se soube que a organização de um grupo depende de regras, respeitadas por seus integrantes.

e) É preciso que se observem as normas, para garantir uma convivência agradável em qualquer ambiente.

Comentários:

Na frase retirada do texto, observamos a presença do verbo respeitar (respeite) que denota uma ordem, um pedido. Temos aí a forma do imperativo afirmativo. Quando aparecem verbos no imperativo, o primeiro passo é observar **a pessoa**, porque, como vimos na teoria, as formas tu e vós são retiradas do presente do indicativo sem o S final. As outras formas (você, nós e vocês) são retiradas integralmente do presente do subjuntivo. Isso posto, na frase retirada do texto, o verbo (*respeite*) aparece flexionado na 3ª pessoa do singular (você). Na letra A, o verbo comportar--se está flexionado no pretérito imperfeito do subjuntivo. Na letra B, o verbo esperar aparece no pretérito imperfeito do indicativo. Na letra C, o verbo ler aparece com esse mesmo tom de imperativo (*Leia este manual…*) na 3ª pessoa do singular. Na D, o verbo depender aparece no presente do indicativo e, na E, no presente do subjuntivo.

Resposta: C.

Ainda quanto ao imperativo, há aquelas questões que trabalham na mesma frase a forma afirmativa e a negativa. Eis um exemplo:

2. (NCE-UFRJ/Ministério Público) "Recuse o convite e não troque o Brasil pela Itália."; se, em lugar da terceira pessoa, o autor do texto empregasse a segunda pessoa do singular, as formas convenientes dos verbos seriam:

a) recusa / não troca

b) recusas / não trocas

c) recusa / não troques

d) recuse / não troca

e) recuses / não trocas

Comentários:

Na frase retirada do texto, o verbo recusar aparece no imperativo afirmativo (3ª pessoa do singular) e o verbo trocar no imperativo negativo, antecedido do advérbio de negação *não*. O comando da questão pede para empregar a 2ª pessoa do singular. No imperativo afirmativo, as segundas pessoas (tu e vós) são retiradas do **presente do indicativo** sem o S final. Com o verbo recusar, então, ficaria recusa. Como o imperativo negativo é retirado integralmente do **presente do subjuntivo**, a 2ª pessoa do singular seria troques.

Resposta: C.

3. (FGV) Quase Nada

(Fábio Moon e Gabriel Bá. *Folha de São Paulo*, 28 de dezembro de 2008.)

Assinale a alternativa com correta passagem da fala do segundo quadrinho para o plural.

a) Acordais, gatos.

b) Acordai, gatos.

c) Acordem, gatos.

d) Acordeis, gatos.

e) Acordei, gatos.

Comentários:

Inicialmente, é preciso descobrir em que pessoa foi conjugada a forma de imperativo "acorda", presente no 2º quadrinho. Ora, *acorda* é 2ª pessoa do singular – tu – presente do indicativo, sem o s. Assim, como o enunciado pede que se transponha a fala para o plural – vós, temos que ir também ao presente do indicativo e extrair o s: *acordai*.

Resposta: B.

4. (FGV/Senado Federal – Analista Legislativo – Tradução e Interpretação/2008) "Mudar para vencer! *Muda, Brasil!*', grita entusiasmado."

Assinale a alternativa em que se tenha a correta passagem para o plural e para a negativa da forma verbal do trecho grifado acima.

a) Não mudas, Brasil!

b) Não mudais, Brasil!

c) Não mudai, Brasil!

d) Não mudeis, Brasil!

Comentários:

A forma verbal em destaque no enunciado está no imperativo afirmativo (2ª pessoa do singular – tu). Ao se transportar ao plural – vós, no imperativo negativo (todo ele retirado do presente do subjuntivo), teremos a forma *não mudeis, Brasil!*

Resposta: D.

8.9. FORMAS NOMINAIS

Ao estudar conjugação verbal, é preciso que se dê especial atenção às **formas nominais** do verbo: infinitivo, gerúndio e particípio. São chamados de formas nominais tais tempos, porque, ao lado do seu valor verbal, podem desempenhar função de nomes (substantivo, adjetivo e advérbio).

Assim, teríamos:

Fumar é proibido.

Aqui, o infinitivo exerce papel de substantivo, pois é sujeito do verbo *ser*.

Tempo **perdido**.

Nesse caso, o particípio exerce papel de adjetivo do substantivo *tempo*.

Amanhecendo, partiremos.

Aqui, o gerúndio apresenta um valor adverbial, pois indica circunstância de tempo à forma verbal *partiremos*.

Vamos, então, estudar as formas nominais do verbo. Aproveite para observar as desinências características dessas formas, destacadas a seguir:

Infinitivo – Gerúndio – Particípio

Infinitivo: fala**r**, bebe**r**, parti**r**

Gerúndio: fala**ndo**, bebe**ndo**, parti**ndo**

Particípio: fala**do**, bebi**do**, parti**do**

Importante: O infinitivo pode ser **pessoal** ou **impessoal**.

O infinitivo **pessoal** é dividido em **flexionado** e **não flexionado**.

Infinitivo flexionado: indica o agente da ação – falar, falares, falar, falarmos, falardes, falarem.

Assim, teríamos:

Para **passares** em concurso, é preciso estudo.

Aqui, a desinência do infinitivo – **res** – indica que o agente da ação é **tu**. É um caso de infinitivo com desinência, com flexão.

Infinitivo não flexionado: apresenta uma só forma para as seis pessoas (falar).

É importante que estudemos para **passar** em concurso.

Aqui, não há desinência para a forma de infinitivo, mas inferimos pelo verbo da oração anterior – *estudemos* – que o agente do infinitivo é **nós**. Logo, tem-se um infinitivo pessoal, com sujeito, mas sem flexão. Vale lembrar que a opção por não flexão é apenas uma forma de enfatizar a ação verbal, tendo em vista que o sujeito está claramente identificado na forma verbal *estudemos*.

Observação: A flexão do infinitivo é assunto que deve ser estudado com mais profundidade em concordância verbal.

O infinitivo **impessoal** enuncia uma ação vaga, indeterminada:

É preciso **acabar** com a miséria no país.

Repare que nessa forma do verbo não há a intenção de se mostrar o agente da ação. É o infinitivo com sujeito indeterminado: o infinitivo impessoal.

Atenção: Em relação a esse assunto, o que se vê nas provas é o infinitivo em confronto com o futuro do subjuntivo. Nos verbos regulares, essas formas são idênticas. Exemplo: Infinitivo pessoal do verbo amar: amar, amares, amar, amarmos, amardes, amarem. Futuro do subjuntivo do verbo amar: amar, amares, amar, amarmos, amardes, amarem.

Logo, vem a pergunta: como não confundi-los?

Dicas:

1. Com conjunção, será sempre futuro do subjuntivo. Com preposição ou sem conectivo algum, será infinitivo.
2. Na dúvida, troque o verbo em questão por um outro irregular, que não apresente tal semelhança. Use, por exemplo, o verbo FAZER, que tem como infinitivo a forma fazer e como futuro do subjuntivo fizer.

A seguir, veremos uma questão, com um índice de erro bastante acentuado, que buscava a distinção entre as duas formas: **futuro do subjuntivo x infinitivo pessoal.**

1. (NCE/Psicólogo) … não se deve *dizer* mal de ninguém…; a frase em que a forma verbal destacada está no mesmo tempo e modo do verbo sublinhado é:

a) Quando sair para a cidade, irei de táxi.

b) Ao chegar à exposição, ficarei deslumbrado.

c) Assim que lanchar, partirei.

d) Se viajar, será de avião.

e) Logo que puder, dormirei.

Comentários:

A forma *dizer* está no infinitivo impessoal, até porque, se estivesse no futuro do subjuntivo, seria *disser*.

Nas letras A, C, D e E, os verbos estão no futuro do subjuntivo: observe a presença de conjunções *quando* (letra A) e *se* (letra D), bem como das locuções conjuntivas *assim que* (letra C) e *logo que* (letra E). Substitua mentalmente tais formas verbais por *fizer* (*quando fizer, assim que fizer, se fizer, logo que fizer*), e você terá a certeza de que elas estão no futuro do subjuntivo. Já na letra B, vemos a preposição **a** em *ao chegar*, o que indica que o verbo está no infinitivo. Basta trocar a forma verbal *chegar* por *fazer* e você terá certeza de que é infinitivo (*ao fazer*).

Resposta: B.

Além do infinitivo, convém darmos especial atenção ao uso do gerúndio, assunto muito comum nas provas de concursos públicos. Nesse caso, vale observar que o bom uso do gerúndio aconselha que o utilizemos para indicar uma ação que ocorra simultaneamente a outra, a fim de que não produza ambiguidade. Assim, teríamos:

Andava pelas ruas sorrindo.

Aqui, temos duas ações – andar e sorrir – que ocorrem ao mesmo tempo: bom uso do gerúndio.

No entanto, devemos evitar construções do tipo:

Escreveu o relatório, enviando-o ao gerente.

Nesse caso, o gerúndio está sendo utilizado para indicar uma ação posterior a outra, o que é inadequado, por suscitar a seguinte dúvida: escreveu o relatório e, ao mesmo tempo, o enviou ao gerente, ou escreveu e depois o enviou ao gerente? O melhor seria não usar o gerúndio, e sim o pretérito perfeito: *escreveu o relatório e o enviou ao gerente*.

Tal inadequação vem sendo trabalhada em algumas provas. Eis uma questão que nos servirá como exemplo:

2. (NCE/Corregedoria) "… que a roubou, ameaçando cortar a garganta do garoto". O bom uso do gerúndio requer que sua ação seja simultânea à do verbo principal, como ocorre nesse segmento do texto. Assim, é exemplo de mau uso do gerúndio a frase:

a) O assaltante gritou, abrindo a porta…".

b) O motorista acovardou-se, abaixando o vidro.

c) O assaltante entrou, sentando-se no banco traseiro.

d) O marginal ameaçou-o, mostrando a arma.

e) O motorista obedeceu, acelerando o carro.

Comentários:

Nas letras A, B, D e E, observa-se o uso do gerúndio que indica uma ação concomitante a outra. Na letra A, o assaltante grita e abre a porta ao mesmo tempo; na letra B, o motorista se acovarda e abaixa o vidro simultaneamente; na letra D, ao mesmo tempo em que o marginal ameaça, ele mostra a arma; e na letra E o motorista obedece e acelera o carro simultaneamente. Todas elas indicam um bom uso do gerúndio. Já a letra C apresenta a ação de *sentar* no gerúndio, que não é concomitante e sim posterior à ação de *entrar*: temos um uso inadequado do gerúndio. Melhor seria dizer: *o assaltante entrou e se sentou no banco traseiro*.

Resposta: C.

Para finalizar o estudo das formas nominais do verbo, vamos falar sobre o particípio. Quanto a esse assunto, vale focar dois pontos importantes:

a) Há verbos que possuem duas formas de particípio: o regular (de terminação *-do*) e o irregular (que não possui terminação *-do*). Eis alguns exemplos:

aceitar: aceitado, aceito;

entregar: entregado, entregue;

limpar: limpado, limpo;

inserir: inserido, inserto;

suspender: suspendido, suspenso;

prender: prendido, preso;

imprimir: imprimido, impresso.

O que se convém é usar a forma regular do particípio com os verbos auxiliares *ter* e *haver* e a forma irregular com os auxiliares *ser* e *estar* ou em qualquer outra hipótese. Assim, teríamos como exemplo:

Verbo aceitar: **Duplo particípio** regular (ter ou haver / tenho aceitado)

irregular (ser ou estar / foi aceito)

b) Em algumas questões, cobra-se o verbo vir e derivados nas formas do gerúndio e do particípio. Isso porque é o único verbo que tem gerúndio e particípio idênticos. Assim, teríamos:

Eu estou vindo para casa.

O verbo *vir* está no gerúndio. Basta substituí-lo por chegar: *eu estou chegando*.

Eu tenho vindo muito a este lugar.

Aqui, o verbo *vir* está no particípio. A troca por outro verbo no particípio pode ajudar você a chegar a tal constatação: *eu tenho chegado*.

Essa coincidência de formas do verbo vir no gerúndio e particípio já foi trabalhada em algumas questões de provas. Observe:

3. (NCE-UFRJ/Ministério Público) *Noticiando* é forma do gerúndio do verbo *noticiar;* a frase em que a forma verbal destacada pode não estar no gerúndio é:

a) As notícias estão chegando da Itália cada vez mais rapidamente.

b) Transformando-se o ódio em amor, acabam-se as guerras.

c) Vindo o resultado, os clientes começaram a protestar.

d) Os jogadores italianos estão reclamando dos estrangeiros.

e) O atleta viajou, completando sua missão.

Comentários:

Em todas as alternativas, exceto em uma, temos verbos que estão no gerúndio: chegando, transformando, reclamando e completando. Na letra C, vê-se o caso do verbo vir que, na frase em que se encontra, tanto pode estar no gerúndio ("Chegando o resultado...") como pode estar no particípio ("Chegado o resultado..."). Observe que, no enunciado, houve o cuidado de se afirmar que se trata de uma forma que *pode* não estar no gerúndio: a própria frase é ambígua.

Resposta: C.

Agora, vamos a uma questão que não permite ambiguidade e ilustra bem a semelhança das formas de gerúndio e particípio do verbo vir:

4. (NCE-UFRJ/Auxiliar de Cartório) Como sabemos, o morfema -NDO forma gerúndios, de que *fazendo* é um exemplo. O item em que a forma em maiúscula não corresponde a um gerúndio é:

a) CHEGANDO os corpos, será feita a autópsia.

b) Os médicos estiveram REALIZANDO exames.

c) Os poetas tinham VINDO ao sepultamento do colega.

d) TENDO tempo, todos participarão do exame.

e) Ganhará dinheiro, VENDENDO bugigangas.

Comentários:

As letras A, B, D e E apresentam verbos no gerúndio: *chegando*, *realizando*, *tendo* e *vendendo*. Na letra C, temos o verbo vir no particípio: basta substituí-lo por **chegar** – *os poetas tinham chegado*...

Resposta: C.

Bem, agora que você já aprendeu a conjugar verbos em seus tempos simples e compostos; estudou os verbos terminados em -ear/-iar; entendeu como se conjuga o imperativo; e conheceu as formas nominais do verbo (ufa...), vale complementar seus estudos com um breve passeio pela semântica dos verbos. É nesse assunto que vamos aprender como se utilizam os principais tempos verbais e perceber como as bancas trabalham esses conceitos nas provas.

8.10. A SEMÂNTICA DOS VERBOS

8.10.1. Modo Indicativo

Expressa um fato real, de maneira definida. Divide-se nos seguintes tempos:

a) Presente

É empregado para expressar um fato que ocorre no momento em que se fala.

Ex.: Guilherme **está** cansado.

É algo que ocorre no momento em que se fala.

Pode ser usado também para exprimir outras ideias:

• descrever um fato permanente.

Ex.: A Terra **gira** em torno do Sol.

• expressar um hábito.

Ex.: Fernanda **estuda** aos domingos.

• conferir realidade a fatos passados.

Ex.: Em 1.500 Cabral **descobre** o Brasil.

• indicar futuro próximo.

Ex.: **Vou** amanhã para Búzios.

b) Pretérito imperfeito

Pode ser utilizado para expressar:

• fatos repetidos, frequentes, habituais no passado.

Ex.: Quando **era** pequena, **brincava** de boneca.

Observe que as duas ações que estão no pretérito imperfeito indicam fatos frequentes no passado.

• uma ação que estava ocorrendo quando outra, geralmente no pretérito perfeito, aconteceu. Ex.: Pedro **tomava** banho quando o telefone tocou.

Temos aqui duas ações pretéritas: a ação de *tomar banho* é durativa, enquanto a ação de *o telefone tocar* é

instantânea, estando, pois, no pretérito perfeito.

• uma ação planejada, esperada, e não realizada.

Ex.: **Pretendíamos** ir até sua casa, mas não foi possível.

c) Pretérito perfeito simples

Expressa um fato que **começou e terminou** no passado, próximo ou distante.

Ex.: Conversei com Andreia hoje (passado próximo)

em 1990 (passado distante).

d) Pretérito mais-que-perfeito

É utilizado, em geral, para expressar um fato já terminado antes de outro no passado. Gosto de dizer que ele é o **passado anterior** ao pretérito perfeito.

Ex.: Ele já **estudara** quando sua namorada ligou.

Observe que há duas ações no passado: a ação de *estudar* ocorre antes da ação de *ligar*, daí ela vir no pretérito mais-que-perfeito.

e) Futuro do presente

Em geral, é usado para indicar um fato futuro em relação ao momento em que se fala. É um fato futuro, posterior ao presente.

Ex.: **Viajarei** na próxima semana.

Pode indicar também incerteza, dúvida:

Ex.: **Estaremos** aqui juntos futuramente?

f) Futuro do pretérito

É utilizado nas seguintes situações:

• para indicar um fato futuro em relação a **outro no passado**.

Ex.: Ele disse que **faria** todos os deveres.

Esse é o uso mais comum do futuro do pretérito: ele aqui vem combinado ao pretérito perfeito – *disse* – e indica uma ação futura, posterior a outra no passado.

• para expressar dúvida, incerteza.

Ex.: Quem **estaria** lá?

Perceba que tanto o futuro do presente quanto o futuro do pretérito podem, portanto, indicar dúvida, incerteza.

• para denotar desejo, em tom polido.

Ex.: **Gostaria** de um café?

Observe que, nesse caso, poderíamos até usar um verbo no presente do indicativo – *aceita um café?* – mas a frase perderia seu tom polido, educado.

8.10.2. Modo Subjuntivo

Expressa um fato incerto, duvidoso ou até irreal. Suas principais subdivisões são:

a) Presente

Pode indicar semanticamente presente ou futuro.

Exs.: É pena que eles **estejam** doentes. (possibilidade no presente)

Espero que **chova**. (hipótese no futuro)

b) Pretérito imperfeito

Expressa uma ação posterior a outro fato na oração principal.

Exs.: Duvidei que ele **terminasse** o trabalho.

Gostaria que você **trouxesse** as crianças.

Pode expressar também ideia de condição ou desejo.

Ex.: Se ele **viesse** ao clube participaria do campeonato.

c) Futuro

Indica uma ação eventual (que pode ocorrer ou não) em um momento futuro.

Ex.: Quando ele **vier** à loja, levará as encomendas.

8.11. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

Complete as frases com a forma verbal solicitada entre parênteses

1. Se _____ verdadeiro em tuas pinturas... (IR – futuro do subjuntivo)
2. Se _____ verdadeiro em vossas pinturas... (IR – futuro do subjuntivo)
3. Os pais não _____ onde deixar suas crianças. (TER – presente do indicativo)
4. Os pais só _____ as crianças quando se dispõem a brincar com elas. (ENTRETER – presente do indicativo)
5. Os pais só _____ as crianças quando voltam para casa. (REVER – presente do indicativo)
6. Os pais _____ as crianças depois que se _____ a voltar para casa. (REAVER – pretérito perfeito do indicativo / DISPOR – pretérito perfeito do indicativo)

7. Os pais não se _____ a ficar com as crianças quando estas lhes _____. (DISPOR – pretérito imperfeito do indicativo / CONTRADIZER – pretérito imperfeito do indicativo)

8. Os pais _____ as crianças quando _____ em seus maus costumes. (DESDIZER – pretérito perfeito do indicativo / INTERVIR – pretérito perfeito do indicativo)

9. Talvez no elevador do prédio não _____ mais do que cinco pessoas. (CABER – presente do subjuntivo)

10. Se outra pessoa _____ o mesmo mar, fará outra descrição. (VER – futuro do subjuntivo)

11. O motor do elevador _____ de São Paulo. (PROVIR – pretérito perfeito do indicativo)

12. Os economistas já _____ ao Governo os mais diversos planos de ação. (PROPOR – pretérito perfeito do indicativo)

13. O gerente só deve procurar-nos quando _____ seus conceitos sobre o mercado. (REVER – futuro do subjuntivo)

14. Ele não trabalhava; apenas se _____ lendo o futuro nas mãos dos amigos. (ENTRETER – pretérito imperfeito do indicativo)

15. Se _____ uma outra crônica, argumente que não há espaço nesta edição. (PROPOR – futuro do subjuntivo.)

16. Com a cooperação de todos, o jornalista _____ que havia condição de escrever a reportagem. (CRER – pretérito perfeito do indicativo)

17. Os candidatos só poderão se inscrever no concurso de crônicas se o _____. (REQUERER – futuro do subjuntivo)

18. Os alunos da minha escola jamais _____ incentivo para redigir textos em crônicas. (OBTER – pretérito perfeito do indicativo)

19. Se o autor _____ na questão, não ocorrerão críticas. (INTERVIR – futuro do subjuntivo)

20. Os burgueses só deixarão o poder quando isto lhes _____. (CONVIR – futuro do subjuntivo)

21. Quem se _____ ao regime não sobreviverá. (CONTRAPOR – futuro do subjuntivo)

22. Se a burguesia não _____ seu modo de vida, acabará arruinada. (REVER – futuro do subjuntivo)

23. Todas trabalhavam para que os nobres se _____ no ócio. (ENTRETER – pretérito imperfeito do subjuntivo)

24. Seria bom que a Igreja _____ o poder que detinha. (REAVER – pretérito Imperfeito do subjuntivo)

25. Essa necessidade _____ da atual carência de recursos nessa área. (ADVIR – presente do indicativo)

26. Essas caixas _____ objetos quebráveis. (CONTER – presente do indicativo)

27. Elas _____ aqui sempre que podem. (VIR – presente do indicativo)

28. Eles se _____ como os donos da verdade. (VER – presente do indicativo)

29. Se o país _____ o clima cultural dos anos 60... (REAVER – futuro do subjuntivo)

30. Se lhe _____ reunir o grupo para discutir, ficaremos contentes. (APRAZER – futuro do subjuntivo)

31. Se os jovens se _____ de votar, perderemos uma chance de mudar o atual quadro. (ABSTER – futuro do subjuntivo)

Gabarito: 1. fores; 2. fordes; 3. têm; 4. entretêm; 5. reveem; 6. reouveram / dispuseram; 7. dispunham / contradiziam; 8. desdisseram / intervieram; 9. caibam; 10. vir; 11. proveio; 12. propuseram; 13. revir; 14. entretinha; 15. propuser; 16. creu; 17. requerer; 18. obtiveram; 19. intervier; 20. convier; 21. contrapuser; 22. revir; 23. entretivessem; 24. reouvesse; 25. advém; 26. contêm; 27. vêm; 28. veem; 29. reouver; 30. aprouver; 31. abstiverem.

8.12. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Vamos às questões de concursos que tratam desse tema? A seguir, uma sequência de questões de **semântica dos tempos e modos verbais** e seus respectivos comentários.

1. (NCE-UFRJ / Ministério Público) A imprensa brasileira vem noticiando uma proposta milionária do Lazio da Itália, que pretende adquirir o passe do zagueiro Juan por 10 milhões de dólares. Este é o time cuja torcida já agrediu o jogador brasileiro Antonio Carlos, do Roma, e perdeu o mando de campo por incitamento racista em pleno estádio.

Considerando que a ação de agredir o jogador brasileiro Antonio Carlos ocorreu antes de o Lazio perder o mando de campo, ação também passada, o verbo agredir deveria estar no:

a) mais-que-perfeito do indicativo.

b) imperfeito do indicativo.

c) futuro do pretérito.

d) imperfeito do subjuntivo.

e) presente do subjuntivo.

Comentários:

Vale notar que se trata de duas ações no passado: a ação de a torcida *agredir* o jogador e a ação de o time *perder* o mando de campo. Considerando-se que a agressão ocorreu antes da perda do mando de campo, o verbo agredir deveria estar no pretérito mais-que-perfeito e não no pretérito perfeito, por indicar um passado anterior ao pretérito perfeito. Assim, a frase deveria ser:

"Este é o time cuja torcida já **agredira** o jogador brasileiro Antonio Carlos, do Roma, e **perdeu** o mando de campo por incitamento racista em pleno estádio".

Resposta: A.

2. (TRT / Técn. Judic.) No período "Em contrapartida, o corajoso que se aventure, hoje, a ler os tratados morais de

Santo Agostinho cogitará que a única felicidade possível vem com o assentimento do homem a uma moral objetiva, a qual respeita a natureza de todas as coisas criadas – e que o mal é, sempre, parasitário de algum bem que o transcende...", a forma verbal flexionada para exprimir fato que deve ser entendido como uma conjectura é:

a) aventure

b) cogitará

c) vem

d) respeita

e) transcende

Comentários:

Nas letras B, C, D e E, as formas verbais indicam fatos, pois os verbos estão no modo indicativo. Como a banca pedia uma forma verbal que indicasse conjectura, teríamos de achar uma que se apresentasse no modo subjuntivo, o que ocorreu com a forma *aventure*.

Resposta: A.

3. (TRF) A opção em que a explicação dada para o sentido da forma verbal grifada está incorreta é:

a) No século III a.C. chega o latim à Península Ibérica: presente histórico.

b) Furacão mata 20 adultos e 3 crianças na Califórnia (manchete de jornal); presente com valor de pretérito.

c) Eu aceitaria um cafezinho: futuro do pretérito indicando momento posterior a um tempo passado.

d) Eu aceitava um cafezinho: pretérito imperfeito para indicar polidez.

e) Eu aceito um cafezinho: presente simultâneo ao ato de fala.

Comentários:

Observe que a questão não trata de flexão verbal – aqui, não temos que julgar as formas verbais e verificar se vieram corretamente flexionadas. A questão espera que se julgue a **explicação** para o sentido da forma verbal grifada: trata-se de semântica dos tempos verbais.

Na letra A, temos o presente do indicativo utilizado no lugar do pretérito perfeito, para atualizar acontecimentos históricos: é o chamado presente histórico.

Na letra B, tem-se o presente do indicativo também substituindo o pretérito perfeito: é o presente no lugar do pretérito. Aqui, também estaria certo dizer "Furacão matou 20 adultos...".

Veja que interessante: é comum, principalmente na linguagem informal, usarmos um tempo em lugar de outro, o que não configura erro.

Nas letras C e D, vemos uma intenção de se fazer um pedido utilizando-se de tom polido, o que nos faz perceber que

tanto o futuro do pretérito quanto o pretérito imperfeito podem indicar polidez. Só que a letra C apresentou uma **explicação** errada para o uso do futuro do pretérito.

A letra E apresenta o presente do indicativo indicando uma ação que ocorre no momento em que se fala.

Resposta: C.

4. (TRF) Considerando as formas verbais grifadas nas cinco frases abaixo, assinale a afirmativa falsa:

(1) Saiu o doente de quem Vanessa **tomava** conta.

(2) Chegou o doente de quem Vanessa **tomou** conta.

(3) Estamos afirmando hoje que amanhã **viajaremos**.

(4) Afirmamos anteontem que ontem **viajaríamos**.

(5) Afirmamos ontem que anteontem **viajáramos**.

a) em 1, o verbo dá ideia de uma ação habitual de valor durativo.

b) em 2, o verbo refere-se a um fato que ocorreu uma vez no passado.

c) em 3, o verbo refere-se a um fato posterior ao presente.

d) em 4, o verbo refere-se a uma ação posterior a um fato passado.

e) em 5, o verbo refere-se a uma ação posterior a um momento passado.

Comentários:

Trata-se de uma questão de semântica dos tempos verbais. O que se busca é a explicação para cada forma verbal utilizada nas alternativas.

Na letra A, tem-se o pretérito imperfeito indicando uma ação de continuidade, de repetição no passado.

Na letra B, o verbo está no pretérito perfeito, indicando uma ação que começou e acabou no passado.

Na letra C, observa-se o futuro do presente, que é uma ação futura, posterior à afirmação feita no presente: hoje *afirmamos* que amanhã *viajaremos*.

Na letra D, tem-se o uso tradicional do futuro do pretérito: uma ação futura em relação ao pretérito perfeito – anteontem *afirmamos* que ontem *viajaríamos*.

A letra E traz o pretérito mais-que-perfeito que, como vimos na teoria da nossa aula, indica uma ação anterior e não posterior a outra no pretérito perfeito: a ação de *viajar* ocorreu antes da ação de *afirmar*, na linha do tempo.

Resposta: E.

5. (TRE / Anal. Judic.) Os tempos e os modos verbais apresentam-se adequadamente articulados na frase:

a) Fôssemos todos atores, o culto das aparências será a chave que nos libertasse do nosso destino.

b) Os atores sempre nos enganarão, a cada vez que encarnarem os personagens de que costumam se fantasiar.

c) Enquanto o culto das aparências for a chave do sucesso, estaríamos todos preocupados com o papel que desempenhemos.

d) Desde idos tempos os atores gozariam de uma admiração que só não será maior por conta da desconfiança que temos de todo fingimento.

e) O autor estaria convencido de que nosso vizinho seja capaz de fingir tão bem quanto um ator, quando tivesse desfilado com um carro que não é seu.

Comentários:

Letra A: o primeiro verbo traz ideia de pretérito (está no imperfeito do subjuntivo). Logo, o segundo deve traduzir o mesmo valor semântico, ficando no futuro do pretérito, e não futuro do presente. Logo, a frase, para estar correta, deve ficar *Fôssemos todos atores, o culto das aparência seria a chave que nos libertasse do destino*.

Letra B: o verbo *enganarão* está no futuro do presente. Logo, está mesmo correta a forma *encarnarem*, que é futuro do subjuntivo. Da mesma forma, está correta a construção *costumam se fantasiar*, cujo verbo auxiliar está no presente do indicativo, tempo correlato semanticamente ao futuro do *presente*.

Letra C: o primeiro verbo da frase está no futuro do subjuntivo (*for*). Logo, o outro verbo, que está a ele correlato, deveria vir futuro do presente, não no futuro do pretérito, que é um futuro para o passado. Observe que não há problema algum quanto ao último verbo da frase (*desempenhemos*), que está no presente do subjuntivo, mas traz ideia de hipótese no futuro. Assim, uma sugestão de reescritura para essa frase seria: *Enquanto o culto das aparências for a chave do sucesso, estaremos todos preocupados com o papel que desempenhemos.*

Letra D: nesse caso, o que temos de mudar mesmo é o tempo do primeiro verbo da frase... Não faz sentido dizer *Desde idos tempos os atores gozariam...* O jeito é colocar o primeiro verbo no presente do indicativo *Desde idos tempos os atores gozam de uma admiração que só não é maior por conta da desconfiança que temos de todo fingimento.*

Letra E: mantendo o primeiro verbo no futuro do pretérito (*estaria*), uma boa sugestão seria modificar o segundo (*seja*), que está no presente do subjuntivo, mas deveria ficar no *imperfeito* do subjuntivo (*fosse*). Aí, não haveria problema em manter-se o terceiro verbo da forma como está. Entenda que o que oferecemos aqui é *uma opção* de reescritura para a frase, mas muitas vezes há outras formas de se corrigir a mesma informação.

Resposta: B.

6. (TRT / Anal. Judic.) Está inteiramente adequada a articulação entre os tempos e os modos verbais na frase:

a) Se a liberdade da imprensa fosse um direito apenas dos jornalistas, cada vez que se desrespeite a liberdade de imprensa a sociedade não terá como reclamar.

b) Enquanto os jornalistas pensarem apenas em seus próprios interesses, não haveria como resguardar o direito da

sociedade à livre informação.

c) No caso de vir a ser desrespeitado o direito social à livre informação, jogar-se fora uma das principais características das democracias modernas.

d) Espera-se que dos três grandes debates promovidos pela RDLI resultem propostas práticas, que venham a reforçar o direito à liberdade de imprensa.

e) Ainda que houvesse uma absoluta liberdade para a circulação de ideias e de informações, será necessário lutar para que nada a ameaçasse.

Comentários:

Letra A: observe o primeiro verbo (*fosse*). Ele está no pretérito imperfeito do subjuntivo, ou seja, começa-se um período com um verbo com valor semântico de passado. Daí o erro nas formas verbais que vêm logo depois: *desrespeite*, *terá*. O certo seria dizer *desrespeitasse* (pretérito imperfeito do subjuntivo) e *teria* (futuro do pretérito). Ora, se o objetivo é falar do passado, não faz sentido utilizar verbos no presente do subjuntivo (*desrespeite*) e futuro do presente (*terá*).

Letra B: o primeiro verbo está no futuro do subjuntivo (*pensarem*). Logo, não há sentido em se manter o verbo seguinte (*haveria*) no futuro do *pretérito*, já que não está se falando do passado, e sim do futuro. Adequada seria a substituição de *haveria* por *haverá*.

Letra C: a locução verbal que inicia a frase (*vir a ser desrespeitado*) expressa valor semântico de futuro. Logo, correto seria dizer *jogar-se-á fora…,* e não o que se vê na frase.

Letra D: o primeiro verbo do período está no presente do indicativo (*Espera-se*). Assim, os verbos seguintes também vieram no presente, só que do subjuntivo, pois expressam valor semântico de hipótese (*resultem/venham*). Construção correta, semanticamente simétrica.

Letra E: *houvesse* é pretérito imperfeito do subjuntivo. Assim, o que se espera, na sequência, é futuro do pretérito (*seria*), e não futuro do presente (*será*). Falta, portanto, paralelismo semântico entre os tempos verbais.

Resposta: D.

7. (TRT/AL – Técn. Adm.) Considere o emprego das formas verbais nas frases **não produzem riqueza** e **que produzam riqueza**.

É correto afirmar:

a) Ambas as frases apresentam o mesmo sentido, já que se emprega o mesmo verbo, com flexão idêntica.

b) Na 2ª frase, o emprego da forma verbal indica uma possibilidade, enquanto na 1ª, o fato é real e concreto.

c) A mudança de flexão entre *produzem* e *produzam* deve-se ao fato de uma forma ser negativa e outra, positiva.

d) Houve equívoco na flexão do verbo, que admite apenas a forma *produzem*, registrada na 1ª frase.

e) Ambas as formas encontram-se na voz ativa e não aceitam ser transpostas para a voz passiva.

Comentários:

Em semântica dos *modos* verbais, vimos que o *modo Indicativo* exprime, em geral, um fato certo, real. O *Subjuntivo*, um fato possível, provável. E o *imperativo*, ordem, convite, pedido, súplica.

Em *produzem*, temos a forma do Indicativo e em *produzam*, Subjuntivo, o que faz que o sentido não seja o mesmo pela teoria exposta sobre a semântica dos modos verbais.

Com isso, eliminamos as opções A, C e D.

Na opção E, é incorreta a afirmação, pois os verbos que *não* admitem transposição de voz ativa para passiva seriam os *intransitivos*, *transitivo indireto* e de *ligação*. Como o verbo *produzir*, nas frases em que aparece, é transitivo direto, aceita voz passiva.

Resposta: B.

8. *Não* há a devida correlação temporal das formas verbais em:

a) Seria conveniente que o time ficasse sem saber quem era o adversário.

b) É conveniente que o time ficaria sem saber quem é o adversário.

c) Era conveniente que o time ficasse sem saber quem foi o adversário.

d) Será conveniente que o time fique sem saber quem é o adversário.

e) Foi conveniente que o time ficasse sem saber quem era o adversário.

Comentários:

Letra A: *Seria* é verbo *ser* no futuro do pretérito. Logo, faz todo sentido que o verbo correlato a esse esteja no pretérito imperfeito do subjuntivo (*ficasse*). Está adequada a correlação semântica entre os tempos verbais. Além disso, observe o verbo *ser* no final do período (*era*), que também tem valor semântico de *passado* (pretérito imperfeito do indicativo).

Letra B: o primeiro verbo (é) está no presente do indicativo. Logo, não é coerente utilizar-se um verbo no futuro do *pretérito* na sequência do período (*ficaria*). Melhor teria sido dizer: É conveniente que o time fique sem saber quem é o adversário.

Letra C: *Era* é pretérito imperfeito do indicativo. Assim, é semanticamente adequado utilizar-se o imperfeito do subjuntivo (*ficasse*) e o pretérito perfeito do indicativo (*foi*) na continuidade da frase.

Letra D: o primeiro verbo do período está no futuro do presente (*Será*). Logo, é coerente utilizar--se o *presente* do subjuntivo (*fique*) logo depois. Afinal, o presente do subjuntivo, nessa frase, também apresenta valor semântico de futuro.

Letra E: *Foi* é pretérito perfeito do indicativo. Assim, está correta a forma *ficasse* (imperfeito do subjuntivo), bem como a construção *era* (imperfeito do indicativo). Perceba que todas giram em torno do passado.

Resposta: B.

9. (TRF da 5ª Região) Não _____ nos surpreender se a minoria econômica dominante _____ de prestar contas a quem mais _____

Preenche corretamente as lacunas da frase acima a seguinte sequência de formas verbais:

a) deveremos – deixou – venha a prejudicar

b) devemos – deixa – esteja prejudicando

c) deveríamos – deixou – prejudicaria

d) deveríamos – deixe – prejudicaria

e) devamos – deixasse – prejudicaria

Comentários:

Na letra A, para manter a ideia de futuro iniciada por *deveremos*, seria *deixar* e *vier*.

Na B, repare que todas as formas estão no tempo presente (*devemos*, *deixa* e *esteja*), mantendo correlação entre os tempos verbais.

Nas letras C e D, o futuro do pretérito (*deveríamos*) levaria os verbos, na sequência, ao imperfeito do subjetivo (*deixasse, prejudicasse*).

Na letra E, seguindo a forma *devamos* (presente do subjuntivo), teríamos *deixa, prejudique*.

Resposta: B.

8.13. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

Leia o texto a seguir para responder à questão 1.

Depois que se tinha fartado de ouro, o mundo teve fome de açúcar, mas o açúcar consumia escravos. O esgotamento das minas – que de resto foi precedido pelo das florestas que forneciam o combustível para os fornos –, a abolição da escravatura e, finalmente, uma procura mundial crescente, orientam São Paulo e o seu porto de Santos para o café. De amarelo, passando pelo branco, o ouro tornou-se negro.

Mas, apesar de terem ocorrido essas transformações que tornaram Santos num dos centros do comércio internacional, o local conserva uma beleza secreta; à medida que o barco penetra lentamente por entre as ilhas, experimento aqui o primeiro sobressalto dos trópicos. Estamos encerrados num canal verdejante. Quase podíamos, só com estender a mão, agarrar essas plantas que o Rio ainda mantinha à distância nas suas estufas empoleiradas lá no alto. Aqui se estabelece, num palco mais modesto, o contato com a paisagem.

O arrabalde de Santos, uma planície inundada, crivada de lagoas e pântanos, entrecortada por riachos estreitos e canais, cujos contornos são perpetuamente esbatidos por uma bruma nacarada, assemelha-se à própria Terra, emergindo no começo da criação. As plantações de bananeiras que a cobrem são do verde mais jovem e terno que se possa imaginar: mais agudo que o ouro verde dos campos de juta no delta do Bramaputra, com o qual gosto de o associar na minha recordação; mas é que a própria fragilidade do matiz, a sua gracilidade inquieta, comparada com a suntuosidade tranquila da outra, contribuem para criar uma atmosfera primordial.

Durante cerca de meia hora, rolamos por entre bananeiras, mais plantas mastodontes do que árvores anãs, com troncos plenos de seiva que terminam numa girândola de folhas elásticas por sobre uma mão de 100 dedos que sai de um enorme lótus castanho e rosado. A seguir, a estrada eleva-se até os 800 metros de altitude, o cume da serra. Como acontece em toda parte nessa costa, escarpas abruptas protegeram dos ataques do homem essa floresta virgem tão rica que para encontrarmos igual a ela teríamos de percorrer vários milhares de quilômetros para norte, junto da bacia amazônica. Enquanto o carro geme em curvas que já nem poderíamos qualificar como " cabeças de alfinete", de tal modo se sucedem em espiral, por entre um nevoeiro que imita a alta montanha de outros climas, posso examinar à vontade as árvores e as plantas estendendo-se perante o meu olhar como espécimes de museu.

(Adaptado de: Lévi-Strauss, Claude. *Tristes Trópicos*. Coimbra, Edições 70, 1979, p. 82-3)

1. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

Mantendo-se a correlação verbal na primeira frase do texto, a substituição de " Depois que" por " Caso" acarretará as seguintes mudanças nas formas verbais:

a) fartasse – terá – iria consumir

b) fartara – tivera – consumira

c) teria fartado – teria tido – teria consumido

d) tenha fartado – terá – consumirá

e) tivesse fartado – teria – consumiria

2. (Eletrobras/Eletrosul – Téc. Seg. Trab. – FCC – Jun./2016 – Adaptada)

*A preocupação com o planeta **levou** Abu Dhabi <u>a tirar</u> do papel a cidade sustentável de Masdar.*

Ao substituir-se a forma " levou" pela construção " fez com que", o segmento sublinhado deverá ser substituído, preservando-se a correlação verbal, por

a) tirará.

b) tira.

c) tirava.

d) tirasse.

e) tirar.

3. (Copergás/PE – Analista Administrador – FCC – Jul./2016)

Está plenamente adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase:

a) Não seria de se esperar que todas as músicas alcançaram igual repercussão onde quer que se produzissem.

b) Se todos os povos frequentassem a mesma linguagem musical, a universalidade de sentido terá sido indiscutível.

c) A cada vez que se propaga em escala industrial, a música poderia se transformar num fetiche do mercado.

d) Dado que as culturas são muito diferentes, é de se esperar que as linguagens da música também o sejam.

e) As diferentes manifestações musicais trariam consigo linguagens que se marcarão como particulares.

4. (Eletrobras/Eletrosul – Adm. Empres. – FCC – Jun./2016)

Há adequada correlação entre os tempos e os modos verbais presentes na seguinte frase:

a) A responsabilidade pelos defeitos do mundo só seria nossa caso já não estivessem prontos os elementos que constituem essa imensa infraestrutura, à qual todos estamos submetidos.

b) Nenhum de nós terá qualquer responsabilidade na injusta distribuição dos males e benefícios do mundo, a menos que a algum de nós caberia a tomada de todas as decisões.

c) Provavelmente o mundo natural apresentaria ainda mais falhas, se viermos a tomar as decisões que implicassem uma profunda alteração na ordem dos fenômenos.

d) Quem ousará remanejar os ventos e suprimir correntes marítimas, se tais poderes estivessem à disposição dos nossos interesses e caprichos?

e) Na opinião do autor do texto, o síndico ideal seria aquele cujos serviços sequer se notem, pois ele manterá com discrição sua eficiência e sua dedicação ao trabalho.

Leia o texto a seguir para responder à questão 5.

O termo saudade, monopólio sentimental da língua portuguesa, geralmente se traduz em alemão pela palavra " sehnsucht". No entanto, as duas palavras têm uma história e uma carga sentimental diferentes. A saudade é um sentimento geralmente voltado para o passado *e para os conteúdos perdidos que o passado abrigava*. Embora M. Rodrigues Lapa, referindo-se ao sentimento da saudade nos povos célticos, empregue esse termo como " ânsia do infinito", não é esse o uso mais generalizado. Emprega-se a palavra, tanto na linguagem corrente como na poesia, principalmente com referência a objetos conhecidos e amados, mas que foram levados pela voragem do tempo ou afastados pela distância.

A " sehnsucht" alemã abrange ao contrário tanto o passado como o futuro. Quando usada com relação ao passado, é mais ou menos equivalente ao termo português, *sem que, contudo, lhe seja inerente toda a escala cromática de valores* elaborados durante uma longa história de ausências e surgidos em consequência do temperamento amoroso e sentimental do português. Falta à palavra alemã a riqueza etimológica, o eco múltiplo que ainda hoje vibra na palavra portuguesa.

A expressão " sehnsucht", todavia, tem a sua aplicação principal precisamente para significar aquela " ânsia do infinito" *que Rodrigues Lapa atribuiu à saudade*. No uso popular e poético emprega-se o termo com frequência para exprimir a aspiração a estados ou objetos desconhecidos e apenas pressentidos ou vislumbrados, os quais, no entanto, se julgam mais perfeitos que os conhecidos e os quais se espera alcançar ou obter no futuro.

Assim, a saudade parece ser, antes de tudo, um sentimento do coração envelhecido *que relembra os tempos idos, ao passo que a "sehnsucht" seria a expressão da adolescência* que, cheia de esperanças e ilusões, vive com o olhar firmado num futuro

incerto, mas supostamente prometedor. Ambas as palavras têm certa equivalência no tocante ao seu sentido intermediário, ou seja, à sua ambivalência doce-amarga, ao seu oscilar entre a satisfação e a insatisfação. Mas, como algumas de suas janelas dão para o futuro, a palavra alemã é portadora de um acento menos lânguido e a insatisfação nela contida transforma-se com mais facilidade em mola de ação.

(Adaptado de: ROSENFELD, Anatol. **Doze estudos**. São Paulo, Imprensa oficial do Estado, 1959, p. 25-27)

(FCC – TRT – 15ª Região – Técnico Judiciário – 2015)

5. *Embora M. Rodrigues Lapa [...] <u>empregue</u> esse termo como "ânsia do infinito"...* (1º parágrafo)

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está empregado em:

a) ... *que Rodrigues Lapa atribuiu à saudade*. (3º parágrafo)

b) ... *e para os conteúdos perdidos que o passado abrigava*. (1º parágrafo)

c) ... *sem que, contudo, lhe seja inerente toda a escala cromática de valores*... (2º parágrafo)

d) ... *que relembra os tempos idos*... (4º parágrafo)

e) ... *ao passo que a* " sehnsucht" *seria a expressão da adolescência*... (4º parágrafo)

6. (FCC – Manausprev – Analista Previdenciário – 2015)

na época, o látex <u>representava</u> 50% da exportação do Brasil.

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima encontra-se em:

a) ... *mas conheço um pouco o interior da Amazônia.*

b) ... *quando já era uma fortaleza avançada dos portugueses...*

c) *A temática amazônica se impõe...*

d) ... *escreveria sobre Paraty ou Pequim, certamente.*

e) *E teve uma importância econômica fundamental durante 40 anos...*

7. (FCC – Manausprev – Técnico Previdenciário – Administrativa – 2015)

Na frase ***Desejaríamos*** *que falassem, como <u>falam</u> os animais*..., caso o verbo em negrito assuma o mesmo tempo e modo que o sublinhado, teremos as seguintes formas verbais no segmento inicial:

a) Desejam que falem.

b) Desejamos que falassem.

c) Desejam que falassem.

d) Desejamos que falem.

e) Desejemos que falam.

8. (FCC – TRE-RR – Técnico Judiciário – Operação de Computador – 2015)

(nem creio que <u>venha</u> a ter)

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o sublinhado acima está em:

a) ... *que existam pássaros*...

b) ... *que ele entendia*...

c) ... *o que lhes ensinam*...

d) ... *que assim se chama*.

e) ... *que uns dizem com voz rouca*...

9. (FCC – Sabesp/Advogado – 2014)

É importante que a inserção da perspectiva da sustentabilidade na cultura empresarial, por meio das ações e projetos de Educação Ambiental, esteja alinhada a esses conceitos.

O verbo empregado nos mesmos tempo e modo que o verbo grifado na frase acima está em:

a) ... a Empresa desenvolve todas as suas ações, políticas...

b) ... as definições de Educação Ambiental são abrangentes...

c) ... também se associa o Desenvolvimento Sustentável...

d) ... e incorporou [...] também aspectos de desenvolvimento humano.

e) ... e reforce a identidade das comunidades.

10. (FCC – TRF – 1ª Região/ Anal. Jud. – Biblio/2014)

No período "*É possível que eu o diga de um modo que provavelmente pareça patético*", o autor utiliza os verbos dizer e parecer no presente do subjuntivo. Encontram-se estes mesmos tempos e modo verbais em:

a) é a criação poética, ou o que **chamamos** de criação.

b) mistura de esquecimento e lembrança do que **lemos.**

c) quero que **seja** uma confidência.

d) com uma letra gótica que não **posso** ler.

e) uma felicidade de que **dispomos**.

11. (FCC – TRF – 3ª Região/ Anal. Jud. – 2014)

(...) O material dessas leituras em voz alta, decidido de antemão pelos operários (que pagavam o " lector" do próprio salário), ia de histórias e tratados políticos a romances e coleções de poesia. Tinham seus prediletos: O conde de Monte Cristo, de Alexandre Dumas, por exemplo, tornou-se uma escolha tão popular que um grupo de trabalhadores escreveu ao autor pouco antes da morte dele, em 1870, pedindo--lhe que cedesse o nome de seu herói para um charuto; Dumas consentiu.(...)

Tinham seus prediletos ...

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:

a) Dumas consentiu.

b) ... levaram com eles a instituição do " lector".

c) ... enquanto uma fileira de trabalhadores enrolam charutos...

d) Despontava a nova capital mundial do Havana.

e) ... que cedesse o nome de seu herói...

12. (FCC – TCE-CE – Analista de Controle Externo – 2015)

Os tempos e os modos verbais estarão corretamente articulados na frase:

a) Eduardo Coutinho, morto em 2014, destacara-se como um mestre dos documentários, cuja arte contemplasse o depoimento vivo, sempre que rejeitava o retrato estereotipado das pessoas.

b) A exemplo do que houvesse na arte de Eduardo Coutinho, o primeiro passo de toda política deveria ter levado em conta o respeito pela condição singular do outro, conquanto, para isso, surgiam dificuldades.

c) Caso não fizesse dessa obsessão um eixo de sua trajetória, Coutinho não viveria como um artista crítico, para quem já houvesse arte encarnada no corpo e suspensa no espírito do outro.

d) Em seu processo criativo, Coutinho saberia ver e ouvir e, consequentemente, havia se acercado da história de cada um como um processo sensível e inacabado, sem que fosse necessário ajustar conceitos.

e) A obsessão que Coutinho demonstraria pela cena da vida era similar à que tivesse pela arte, e isso fez com que seja quase impossível, para Coutinho, opor personagem a pessoa.

13. (FCC – TCE-CE – Técnico – Administração – 2015)

A articulação entre os tempos e os modos verbais está adequada na frase:

a) Uma vez que o preconceito se revelasse inevitável será oportuna a criação de leis com o intuito de que foram coibidas atitudes preconceituosas.

b) É natural que há preconceito nas relações interpessoais: mesmo que percebemos tenhamos externado uma avaliação preconceituosa.

c) Qualquer sociedade tem preconceitos, mas era importante que existissem leis para que pessoas preconceituosas forem exemplarmente julgadas e punidas.

d) É preciso que se tenha cautela com nosso comportamento em sociedade, pois seria possível que reações preconceituosas surjam mesmo sem que nós possamos perceber.

e) O preconceito teria raízes sociais fundas: ele se disseminaria pelas pessoas e, quando déssemos por nós, estaríamos repetindo algo que sequer teríamos investigado.

14. (FCC – TRT – 3ª Região (MG) – Técnico – Administração – 2015)

Os tempos e modos verbais encontram-se adequadamente articulados na frase:

a) Se alguém me perguntasse a respeito da necessidade de se preservar em álbuns as fotos familiares, não hesitarei em lhe dizer que eu alimentasse grande simpatia por esse hábito.

b) A cada vez que alguém me perguntar se estou entusiasmado com as novas técnicas digitais, eu teria dito que não, que tenho

preferência pelas velhas fotos em papel.

c) Quando eu me punha a examinar os velhos álbuns de fotografia, era tomado por uma grande nostalgia, e passava a reconstituir histórias até então esquecidas.

d) Caso todos prefiram aderir aos arquivos de computador, as velhas fotografias teriam sido relegadas a um cruel desaparecimento.

e) Talvez ainda venha a ocorrer a revalorização das velhas fotografias, caso as pessoas percebessem que estas contam uma história preciosa.

15. (TRT 3ª Região – Analista Judiciário – Área Judiciária – Especialidade Oficial de Justiça Avaliador Federal – FCC – Jul./2015)

Considerando a norma padrão da língua e o emprego de forma verbal, é correta a seguinte frase:

a) Embora não apoiemos, não nos opomos a que gaste tanto tempo com assuntos supérfluos, contanto que não interrompe a faculdade.

b) Independentemente de onde provierem os recursos, convirjam ou não os pareceres dos técnicos consultados, eles, sempre destemidos, iniciarão a obra.

c) Eles proveem de uma região em que a destruição de bens naturais ou culturais de importância reconhecida é considerada crime de lesa pátria.

d) Os jogadores pleitearam que os juízes não intervissem a cada pequena confusão provocada por um choque de corpos ou por discussão banal.

e) Enquanto aquela norma vigiu, não houve como solucionar o impasse e retirar o depósito que a justiça reteve em prol dos menores de idade.

16. (TRT 3ª Região – Analista Judiciário – Área Judiciária – Especialidade Oficial de Justiça Avaliador Federal – FCC – Jul./2015)

Considere o trecho abaixo, extraído da Nova gramática do português contemporâneo, de Celso Cunha e Luís F. Lindley Cintra.

...o gerúndio apresenta duas formas: uma simples [...], outra composta [...].

A forma composta é de caráter perfeito e indica uma ação concluída anteriormente à que exprime o verbo da oração principal [...].

O que está exposto acima justifica o emprego do gerúndio na frase:

a) Sendo considerada em plena posse de seu juízo no momento de depor, pôde falar a favor da sobrinha.

b) Combinamos que, no horário das 13 às 15h, estarei atendendo aos fornecedores de laticínios.

c) Os alunos estão indo para o laboratório porque já vai começar a aula de Biologia.

d) Tendo já se consumido em lágrimas, despediu-se de todos e partiu.

e) A professora lia sorrindo a narrativa do aluno espirituoso.

Leia o texto a seguir para responder à questão 17.

A graça da não notícia

A leitura crítica dos jornais brasileiros pode produzir momentos interessantes, não propriamente pelo que dizem, mas principalmente pelo que tentam esconder. O hábito de analisar criticamente o conteúdo da mídia tradicional produz calos no cérebro, e eventualmente o observador passa a enxergar não mais a notícia, mas a não notícia, ou seja, aquilo que o noticiário dissimula ou omite.

Trata-se de um exercício divertido, como se o leitor estivesse desfazendo um jogo de palavras cruzadas já preenchido. É mais ou menos como adivinhar, a partir das palavras que se interconectam num texto, o sentido que o autor pretendeu dar à sua construção, uma espécie de jogo de " interpretação reversa".

Transparece o aspecto ambíguo da imprensa quando, por exemplo, para defender o pluralismo de sua linha editorial, jornais propõem artigos sobre tema da atualidade a serem tratados por dois distintos analistas – " o leitor pode apreciar duas opiniões diferentes". Ocorre que as propostas, normalmente sob a forma de pergunta, são formuladas de modo a garantir a perspectiva de que um ponto de vista se oponha frontalmente ao outro – um analista representa um " sim", o outro um " não" ao que está sendo perguntado pelos editores. Como se vê, a tal " pluralidade" já nasce condicionada, porque a imprensa brasileira quer convencer o leitor de que existem apenas duas interpretações possíveis para questões complexas como as que são postas aos analistas. São complexas, ou, no mínimo, controversas, porque é isso que define uma notícia.

Uma árvore caiu. Por que a árvore caiu? – mesmo num evento corriqueiro e aparentemente banal, há muitas respostas possíveis.

Por que a imprensa brasileira tenta pintar tudo em preto e branco, sem considerar as muitas tonalidades entre os dois extremos? Ora, porque a imprensa faz parte do sistema de poder na sociedade moderna, e exerce esse poder fazendo pender as opiniões para um lado ou para outro, usa o mito da objetividade para valorizar seus produtos e cobra de seus financiadores um custo por esse trabalho.

Mas pode-se elaborar melhor essa análise. O observador arriscaria afirmar que a narrativa jornalística, tal como foi construída ao longo do tempo, já não dá conta de acompanhar a percepção da realidade, amplificada pelo domínio da imagem transmitida globalmente em tempo real. Como notou o filósofo Vilém Flusser, a superfície ínfima da tela substitui o mundo real. O que a imprensa faz é comentar essa superficialidade, não a realidade.

17. (FCC – TRT – 3ª Região – Analista Judiciário – Área Adm. – Jul./2015 – Adaptada)

É legítimo o seguinte comentário:

a) (linha 8) O aspecto ambíguo da imprensa é apreendido em decorrência de uma leitura reversa, aquela que vai do que está na superfície da página ao ponto de partida do texto.

b) (linha 17) Em " Por que a árvore caiu?", tem se exemplo de pergunta retórica, aquela que se formula sem objetivo de receber uma resposta, pois a questão proposta é insolúvel.

c) (linhas 18 e 19) Se o segmento sem considerar as muitas tonalidades entre os dois extremos fosse redigido de outra forma – " sem que as muitas tonalidades entre os dois extremos possam ser consideradas" –, seu sentido original estaria preservado.

d) (linha 24) Em " já não dá conta de acompanhar a percepção da realidade", a substituição de já por " de imediato" preserva o sentido original da frase.

e) (linhas 24 e 25) O segmento amplificada pelo domínio da imagem transmitida globalmente em tempo real representa, segundo o autor, uma qualidade distintiva da realidade que pode ou não se fazer presente.

18. (FCC – TRT – 3ª Região – Analista Judiciário – Área Adm. – Jul./2015 – Adaptada)

Nem bem chegara de lá e já tinha de ouvir o que diziam dele depois que partira. A primeira a anunciar uma das fofocas foi a vizinha, sempre disposta a disseminar novidades, verdadeiras ou não.

– Então, Antônio, soube que rompeu o noivado.

Sobre o que se tem acima, afirma-se corretamente, levando em conta a norma padrão:

a) A forma tinha de ouvir situa a ação no mesmo tempo expresso pela forma verbal " ouvia", mas agrega a ideia de obrigatoriedade à ação praticada.

b) A forma verbal chegara indica que a ação se dá em simultaneidade com a ação expressa por tinha de ouvir.

c) Transpondo o discurso direto acima para o indireto, a formulação obtida deve ser " A vizinha disse que, então, sabia que Antônio rompeu o noivado".

d) A palavra fofoca, de uso informal, deve ser evitada em textos escritos, mesmo que se trate de uma narrativa, como se tem nesse trecho.

e) Se, em vez de A primeira, houvesse " Uma das primeiras", o verbo deveria obrigatoriamente ir para o plural " anunciarem".

Leia o texto a seguir para responder à questão 19.

– Este livro não é meu! Meu Deus, o que fizeram do meu livro?

A exclamação, patética, vinha da famosa jornalista internacional Oriana Fallaci (no caso, como escritora), ao perceber que a tradução brasileira de seu livro *Um homem* (1981) não era fiel à estrutura paragráfica do original, construída em forma de monólogo compacto. O que a escritora concebera como blocos de longo discurso interior foi transformado, na tradução, em diálogos convencionais. Em posterior entrevista, Fallaci definiu, como criadora, seu ponto de vista:

– Em *Um homem*, todos os diálogos são dados sem parágrafo, e não só porque esse é notoriamente o meu modo de escrever, de obter o ritmo da página, a musicalidade da língua, mas porque isso corresponde a uma rigorosa necessidade de estilo ditada pela substância do livro. Nele, o diálogo é um diálogo recordado, um diálogo interior, e não um diálogo que determina um diálogo. É um livro em que a forma e a substância, o estilo e o significado se integram indissoluvelmente. E trabalhei tanto para escrevê-lo! Três longos anos sem nunca deixar aquele quarto e aquela pequena mesa, jamais uma interrupção, nada de férias, nada de domingos, nada de natais e páscoas. Sempre trabalhando, de manhã à noite, refazendo, corrigindo, limando o estilo, cuidando da ausência de parágrafos.

Com seu protesto, Oriana Fallaci levantou, na época, um sério problema de editoração, aliás, um problema duplo: a técnica literária do autor e – o mais importante para o editor de texto – o respeito em relação a essa técnica, que a autora definiu como estilo. Vejamos a questão por partes.

No que concerne à técnica literária dos diálogos, até o século XIX conheciam-se apenas o discurso direto e o discurso narrativo ou indireto. A partir de meados desse século, entretanto, surgiu o discurso aparente ou discurso indireto livre. De início, nesse caso, os autores usaram aspas para não confundir o leitor, mas estas seriam logo abandonadas como técnica narrativa.

Quanto ao estilo, foi com a Revolução Industrial, vale dizer, com o amadurecimento da sociedade capitalista, que os escritores começaram a ter consciência não da forma em geral, mas da forma individual, da maneira particular de exposição de cada autor como artista que produz obra única e consumada. A revolução das técnicas e do mercado, traduzindo-se no binômio velocidade-

quantidade, suscitou a massificação do livro, contra a qual emergiu a figura do autor como artista, como criador por excelência, como aquele que domina a gramática para ter o direito de fraturá-la. Roland Barthes (1971) observa que, assim, começa a elaborar-se uma imagética do escritor-artesão que se fecha num lugar lendário, como um operário na oficina, e desbasta, talha, pule e engasta sua forma, exatamente como um lapidário extrai a arte da matéria, passando, nesse trabalho, horas regulares de solidão e esforço. Esse valor-trabalho substitui, de certa maneira, o valor-gênio; há uma certa vaidade em dizer que se trabalha bastante e longamente a forma.

Desde então, ao se trabalhar com obras em que o elemento primordial é a informação, existe a liberdade de redisposição dos originais em benefício da clareza, mas, com produção literária, impõe-se absoluto privilégio autoral, que é um princípio socialmente reconhecido, com o qual o editor de texto sempre convive.

Emanuel Araújo. *A construção do livro*: princípios da técnica de editoração. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Brasília: INL, 2000, p. 23 6 (com adaptações).

19. (TJ/AL – Analista – Cespe – Set./2012)

Com relação aos aspectos morfossintáticos do texto, julgue (**C** ou **E**) o seguinte item.

O emprego de "concebera" (l. 4), no pretérito mais-que-perfeito do indicativo, justifica-se, no texto, como traço estilístico da linguagem culta formal, visto que, em normas estritamente gramaticais, não há respaldo para esse uso.

Leia o texto a seguir para responder à questão 20.

Que me perdoem os devotos machadianos, eu prefiro Euclides da Cunha e Lima Barreto, com todos os defeitos que ambos possam ter, a Machado de Assis, com todas as suas qualidades. E, até onde pude entender, Millôr Fernandes tem opinião parecida com a minha. Tanto assim que, segundo afirmou, não incluiria qualquer dos livros de Machado de Assis entre os dez maiores romances brasileiros.

A meu ver, ao falar assim, Millôr Fernandes levou em conta apenas livros como Dom Casmurro, em que, na minha opinião, Machado incorre naquela miopia contra a qual o músico Jayme Ovalle reclamava. Mas esqueceu de *Quincas Borba*, que inclui Machado de Assis na linhagem cervantina da literatura e em que a insânia de Rubião se aproxima da insânia do Cavaleiro da Triste Figura.

Mas, talvez por causa da ironia sem compaixão de Machado de Assis, a loucura de Rubião gira somente em torno de sua pessoa, jamais partindo ele para qualquer ação no sentido de corrigir "os desconcertos do mundo" — como acontecia com o cavaleiro manchego. De modo que o personagem mais generosamente quixotesco da literatura brasileira não é Rubião, é Policarpo Quaresma. Lima Barreto é nosso escritor mais puramente humorístico, tomada a palavra em seu verdadeiro sentido, que inclui, ao lado do riso, a compaixão, que a ironia de Machado de Assis ou impede ou mancha.

Alguns escritores que desprezam o Brasil e seu povo costumam usar Policarpo Quaresma como pretexto para escarnecer de ambos. Pensam, talvez, que Lima Barreto era um deles. Esquecem que, em seu romance, o grande escritor carioca ri, antes de tudo, de si mesmo. E, sobretudo, não veem tais escritores que, se a realidade brutal e mesquinha (inclusive a da política) desmente e destrói, a cada instante, as ações generosas de Policarpo Quaresma, a pureza de seu sonho permanece intocada até a morte, o que o coloca muito acima dos poderosos e "realistas" que o cercam.

Ariano Suassuna. In: Cadernos de literatura brasileira – Millôr Fernandes, nº 15, Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 2003, p. 18-9 (com adaptações).

20. (IRB – Diplomata – Cespe – Abril/2014)

Acerca das ideias desenvolvidas no texto acima, julgue (**C** ou **E**) o item subsequente.

No trecho que inicia o terceiro parágrafo, mesmo que presente o advérbio "talvez" (l. 9), que exigiria o emprego do modo subjuntivo, o autor do texto optou pelo emprego da forma verbal no indicativo ("gira"), privilegiando, assim, a assertividade de seu discurso, conforme descrito na gramática normativa a respeito desse modo verbal.

Leia o texto a seguir para responder à questão 21.

Texto II

A persecução penal se desenvolve em duas fases: uma fase administrativa, de inquérito policial, e uma fase jurisdicional, de ação penal. Assim, nada mais é o inquérito policial que um procedimento administrativo destinado a reunir elementos necessários à apuração da prática de uma infração penal e de sua autoria. Em outras palavras, o inquérito policial é um procedimento policial que tem por finalidade construir um lastro probatório mínimo, ensejando justa causa para que o titular da ação penal possa formar seu convencimento, a *opinio delicti*, e, assim, instaurar a ação penal cabível. Nessa linha, percebe-se que o destinatário imediato do inquérito policial é o Ministério Público, nos casos de ação penal pública, e o ofendido, nos casos de ação penal privada.

De acordo com o conceito ora apresentado, para que o titular da ação penal possa, enfim, ajuizá-la, é necessário que haja justa causa. A justa causa, identificada por parte da doutrina como uma condição da ação autônoma, consiste na obrigatoriedade de que existam prova acerca da materialidade delitiva e, ao menos, indícios de autoria, de modo a existir fundada suspeita acerca da prática de um fato de natureza penal. Dessa forma, é imprescindível que haja provas acerca da possível existência de um fato criminoso e indicações razoáveis do sujeito que tenha sido o autor desse fato.

Evidencia-se, portanto, que é justamente na fase do inquérito policial que serão coletadas as informações e as provas que irão formar o convencimento do titular da ação penal, isto é, a *opinio delicti*. É com base nos elementos apurados no inquérito que o promotor de justiça, convencido da existência de justa causa para a ação penal, oferece a denúncia, encerrando a fase administrativa da persecução penal.

Hálinna Regina de Lira Rolim. *A possibilidade de investigação do Ministério Público na fase pré-processual penal.* Artigo científico. Rio de Janeiro: Escola de Magistratura do Estado do Rio de Janeiro, 2010, p. 4. Disponível em: <www.emerj.tjrj.jus.br>. (com adaptações).

21. (MPU - Analista – Cespe – Março/2015)

Conforme as ideias contidas no texto II, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

A correção gramatical e a coerência do texto seriam preservadas, caso as formas verbais "possa formar" (l. 5) e "instaurar" (l. 6) fossem substituídas, respectivamente, por **forme** e **instaure**.

Leia o texto a seguir para responder à questão 22.

Em 1880, o deputado Rui Barbosa, da Bahia, redigiu, a pedido do presidente do Conselho de Ministros, José Antônio Saraiva, o projeto de lei de reforma eleitoral. Em abril de 1880, o Ministério do Império enviaria o documento à Câmara dos Deputados. Aprovado posteriormente pelo Senado, em janeiro do ano seguinte seria transformado no Decreto nº 3.029 e ficaria popularmente conhecido como Lei Saraiva. Por intermédio dela, seriam instituídas eleições diretas no país para todos os cargos, à exceção do de regente, amparado pelo Ato Adicional.

Naquela época, o voto não era universal: para participar do processo eleitoral, requeriam-se 200 mil réis de renda líquida anual comprovada. Havia, no entanto, a previsão de dispensa de comprovação de rendimentos, que se aplicava a inúmeras autoridades, como, entre outros, ministros, conselheiros de estado, bispos, presidentes de província, deputados, promotores públicos. Praças militares e policiais não podiam alistar-se.

Para candidatar-se, o cidadão, além de não ter sido pronunciado em processo criminal, deveria auferir renda proporcional à importância do cargo pretendido. Deveria, ainda, solicitar por escrito o seu alistamento na paróquia em que fosse domiciliado. Candidatos a vereador e a juiz de paz tinham apenas de comprovar residência no município e no distrito por mais de dois anos; candidatos a deputado provincial, dois anos na província; candidatos a deputado geral, renda anual de 800 mil réis; e candidatos a senador deviam comprovar, além da idade de quarenta anos, a percepção de renda anual de um milhão e seiscentos mil réis.

Uma modificação digna de nota é que, a partir daquela década, os trabalhos eleitorais não seriam mais precedidos de cerimônias religiosas, como era habitual antes da edição da Lei Saraiva. Refletindo a relação entre o Estado e a Igreja, já havia ocorrido que algumas eleições fossem realizadas em templos religiosos; a partir da lei, apenas na falta de outros edifícios os pleitos poderiam ser realizados em igrejas, muito embora fosse possível afixar nelas – como locais públicos que eram – editais informando eliminações, inclusões e alterações nos alistamentos.

Títulos eleitorais: 1881-2008. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral, Secretaria de Gestão da Informação, 2009, p. 11-2. Internet: <www.tse.jus.br> (com adaptações).

22. (TRE/GO – Técnico Judiciário – Cespe – 2015)

Com relação às estruturas linguísticas do texto I, julgue o item seguinte como Certo (C) ou Errado (E).

O tempo empregado nas formas verbais “ enviaria” (l. 3), “ seria transformado” (l. 4), “ ficaria” (l. 4) e “ seriam instituídas” (l. 5) dá a entender que as ações correspondentes a essas formas verbais não se concretizaram, de fato, no ano de 1880.

Leia o texto a seguir para responder à questão 23.

A partir de uma ação do Ministério Público Federal (MPF), o Tribunal Regional Federal da 2ª Região (TRF2) determinou que a Google Brasil retirasse, em até 72 horas, vídeos do YouTube que disseminam o preconceito, a intolerância e a discriminação a religiões de matriz africana, e fixou multa diária de R$ 50.000,00 em caso de descumprimento da ordem judicial. Na ação civil pública, a Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão (PRDC/RJ) alegou que a Constituição garante aos cidadãos não apenas a obrigação do Estado em respeitar as liberdades, mas também a obrigação de zelar para que elas sejam respeitadas pelas pessoas em suas relações recíprocas.

Para a PRDC/RJ, somente a imediata exclusão dos vídeos da Internet restauraria a dignidade de tratamento, que, nesse caso, foi negada às religiões de matrizes africanas. Corroborando a visão do MPF, o TRF2 entendeu que a veiculação de vídeos potencialmente ofensivos e fomentadores do ódio, da discriminação e da intolerância contra religiões de matrizes africanas não corresponde ao legítimo exercício do direito à liberdade de expressão. O tribunal considerou que a liberdade de expressão não se pode traduzir em desrespeito às diferentes manifestações dessa mesma liberdade, pois ela encontra limites no próprio exercício de outros direitos fundamentais.

Disponível em: <http://ibde.org.br> (com adaptações).

23. (MPU – Técnico Administrativo – Cespe – 2015)

A respeito das ideias e das estruturas linguísticas do texto II, julgue o item subsequente como Certo (C) ou Errado (E).

Mantém-se a correção gramatical do período ao se substituir " restauraria" (l. 8) por **poderia restaurar.**

Leia o texto a seguir para responder à questão 24.

Neste ano, em especial, alguns cargos que tradicionalmente já são valorizados devem ficar ainda mais requisitados. São promissores cargos ligados a ciência de dados, em especial ao big data e aos dispositivos móveis, como celulares e *tablets*. Os novos profissionais da área de tecnologia ganham relevância pela capacidade de aprofundar a análise de informações e pela criação de estratégias dentro de empresas. A tendência é que, à medida que esse mercado se desenvolva no Brasil, aumentem as oportunidades nos próximos anos. Em momentos de incerteza econômica, buscar soluções para aumentar a produtividade é uma escolha certeira para sobreviver e prosperar: nesse sentido, as empresas brasileiras estão fazendo o dever de casa.

Veja, 7/1/2015, p. 55 (com adaptações). Disponível em: <http://ibde.org.br> (com adaptações).

24. (FUB – Técnico Admin. – Cespe – Março/2015)

Com referência aos sentidos e às estruturas do texto acima, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

No texto, o uso das formas verbais no modo subjuntivo em " desenvolva" e " aumentem", ambas na linha 5, reforça a ideia de hipótese conferida ao substantivo " tendência" (l. 5).

Leia o texto a seguir para responder à questão 25.

Texto CG1A1CCC

Alguns nascem surdos, mudos ou cegos. Outros dão o primeiro choro com um estrabismo deselegante, lábio leporino ou angioma feio no meio do rosto. Às vezes, ainda há quem venha ao mundo com um pé torto, até com um membro já morto antes mesmo de ter vivido. Guylain Vignolles, esse, entrara na vida tendo como fardo o infeliz trocadilho proporcionado pela junção de seu nome com seu sobrenome: Vilain Guignol, algo como " palhaço feio", um jogo de palavras ruim que ecoara em seus ouvidos desde seus primeiros passos na existência para nunca mais abandoná-lo.

Jean-Paul Didierlaurent. *O leitor do trem das 6h27*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015 (com adaptações).

25. (PC-PE – Todos os Cargos – Conhec. Gerais – Cespe – Jun./2016)

Seriam mantidos os sentidos e a correção gramatical do texto CG1A1CCC caso a forma verbal " entrara" (l. 3) fosse substituída por

a) **entrava.**

b) **haveria entrado.**

c) **tinha entrado.**

d) **há de entrar.**

e) **entraria.**

Leia o texto a seguir para responder à questão 26.

Texto IV

Em suas remotas origens helênicas, o termo “ caráter” significou gravar. Empregavam-no, então, tanto para exprimir o sinete como a marca deixada na cera dócil. Essa dupla significação ainda hoje é vernácula – senão corrente – em certas acepções. Na linguagem tipográfica, por exemplo, “ caráter” tanto é o tipo da imprensa como o sinal ou a letra gravada. Assim sendo, podemos dizer que o caráter de um homem não é somente o seu feitio moral, senão também a expressão e a impressão do indivíduo. Em arte, caráter será a personalidade do autor, o aspecto aparente e profundo da obra e o efeito dela. Fixada assim a verdadeira acepção do termo, podemos afirmar que o mérito maior do poema do Sr. Menotti del Picchia é “ o caráter”. Poesia profundamente simples e pessoal, de inspiração larga e sadia, tem a força das obras bem concebidas e a beleza das coisas naturais. Poesia de corpos simples, poderíamos dizer, pela sobriedade de linhas no sentimento, no pensamento e na expressão. Sente-se que o autor procurou a naturalidade e não a arte, que é o melhor caminho para atingir a esta.

O segredo da arte é a naturalidade sem prejuízo da perfeição.

O Sr. Menotti del Picchia ainda não pôde naturalmente desvendar o segredo da arte. Se no buscar a expressão natural do seu lirismo alcançou a arte, não se despojou ainda das incertezas dessa procura, de certa fraqueza de técnica. Defeitos são todos estes transitórios, quase necessários em quem apenas se inicia.

A essência do livro é excelente.

Indica no autor uma personalidade inconfundível, que procura em si mesmo ou em torno de si os motivos de sua estética. Nem se distingue pela obsessão do isolamento, nem se perde por modelos estranhos. Daí lhe vem a superioridade de caráter individual. Se o caráter do autor provém dessa independência sem esforço, reside o da obra em sua originalidade natural; na conformidade com o meio, em uma perfeita radicação no solo pátrio, na simplicidade da construção e nas perfeitas proporções do ímpeto poético. O próprio desconcerto, em pormenores do poema principal e de outras produções secundárias, concorre para a individualidade desse esplêndido ensaio.

O caráter desse livro se conserva pela ressonância que tem. Não são versos agradáveis, suaves ou elegantes, que com tanto agrado se leem quanto facilmente se esquecem. São versos que lidos – ficam; gravam-se invencivelmente na memória, ora destacados, ora em bloco. A crítica, no julgar e no decompor as obras, não pode desprezar a intuição, se não é principalmente isso. E um dos mais seguros processos de intuição, no distinguir o valor das obras, é esse da permanência das sensações.

Os poemas do Sr. Menotti del Picchia deixam uma funda impressão de sua leitura: não pode haver melhor demonstração do seu “ caráter”. Quando essa impressão não se limitar aos leitores e aos críticos, e se estender à própria literatura nacional, terá a sua poesia atingido o grau supremo que lhe auguro.

Juca Mulato é um poema simples. Encerra uma lição profunda na singeleza do motivo e da intenção. É certo que a evidência da beleza não pode ser em arte um critério axiomático. Quantas vezes a paciência é o melhor guia da emoção estética? A exegese das sinfonias de Beethoven, como a dos dramas musicais de Wagner, aumenta a nossa receptividade para essa arte de titãs, se bem que a intuição íntima e a explicação individual sejam imprescindíveis.

O poema do Sr. Menotti del Picchia tem a simplicidade e a frescura das criações espontâneas e necessárias, onde o esforço da composição permanece obscuro como deve.

Para lhe realçar a beleza não se sente a crítica compelida a buscar símbolos problemáticos ou filosofias arbitrárias. Sendo o que é – um mal de amor impossível que leva a alma à desesperança, para se resignar depois e ressurgir consolada pela visão da terra amada, da felicidade atingível e do sonho necessário –, comove pelo simples aspecto de suas linhas harmoniosas.

A beleza maior do poema, que é também o seu caráter, está na sua simplicidade radical. O poeta reprimiu voluntariamente as

possíveis exuberâncias ou ambições de seu lirismo para ficar dentro do assunto que escolheu. Ganhou com isso um grande poder virtual e marca mais do que se quisesse marcar: a acústica de uma construção humana nunca chega à acuidade de um eco natural.

Juca Mulato é a reconciliação do homem consigo mesmo, do brasileiro com sua terra, do bárbaro com seu isolamento. Reconciliação às vezes impossível, outras ilusória, sempre necessária, raramente realizada. O consolo de Juca Mulato é a indicação do caminho a seguir.

Alceu Amoroso Lima. Um poeta. In: *Estudos literários*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1966, p.133-5 (com adaptações).

26. (Instituto Rio Branco – Diplomata – CESPE – Jul./2016)

Julgue (C ou E) o item seguinte, relativo a acentuação de palavras e a aspectos gramaticais do texto IV.

A forma " pôde" (l. 13) poderia ser corretamente substituída por **pode**, visto que o seu tempo verbal é depreendido pelo contexto do parágrafo e que o acento nela empregado é opcional.

27. (Pref. Paulínia-SP – Eng. Agrôn. – FGV – Maio/2016)

" *Teria sido o mundo criado jamais se o seu criador tivesse medo de suscitar confusão? Criar vida quer dizer criar confusão*."

Sobre a estruturação gramatical da frase acima, assinale a afirmativa correta.

a) A forma ativa correspondente a " *Teria sido criado*" é " *teria criado*".

b) O advérbio "*jamais*" traz o significado prioritário de negação.

c) O pronome possessivo " *seu*" teria que, por clareza, ser substituído por " *dele*".

d) A forma verbal " *tivesse*" expressa o valor de tempo futuro.

e) A forma verbal " *suscitar*" poderia ser corretamente substituída por " *que suscite*".

Leia o texto a seguir para responder às questões 28 e 29.

Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador

A medicina do trabalho, enquanto especialidade médica, surge na Inglaterra, na primeira metade do século XIX, com a Revolução Industrial.

Naquele momento, o consumo da força de trabalho, resultante da submissão dos trabalhadores a um processo acelerado e desumano de produção, exigiu uma intervenção, sob pena de tornar inviável a sobrevivência e a reprodução do próprio processo.

Quando Robert Dernham, proprietário de uma fábrica têxtil, preocupado com o fato de que seus operários não dispunham de nenhum cuidado médico a não ser aquele propiciado por instituições filantrópicas, procurou o Dr. Robert Baker, seu médico, pedindo que indicasse qual a maneira pela qual ele, como empresário, poderia resolver tal situação, Baker respondeu-lhe:

" Coloque no interior da sua fábrica o seu próprio médico, que servirá de intermediário entre você, os seus trabalhadores e o público. Deixe-o visitar a fábrica, sala por sala, sempre que existam pessoas trabalhando, de maneira que ele possa verificar o efeito do trabalho sobre as pessoas. E se ele verificar que qualquer dos trabalhadores está sofrendo a influência de causas que

possam ser prevenidas, a ele competirá fazer tal prevenção. Dessa forma você poderá dizer: meu médico é a minha defesa, pois a ele dei toda a minha autoridade no que diz respeito à proteção da saúde e das condições físicas dos meus operários; se algum deles vier a sofrer qualquer alteração da saúde, o médico unicamente é que deve ser responsabilizado".

A resposta do empregador foi a de contratar Baker para trabalhar na sua fábrica, surgindo, assim, em 1830, o primeiro serviço de medicina do trabalho.

Na verdade, despontam, na resposta do fundador do primeiro serviço médico de empresa, os elementos básicos da expectativa do capital quanto às finalidades de tais serviços:

– deveriam ser serviços dirigidos por pessoas de inteira confiança do empresário e que se dispusessem a defendê-lo;

– deveriam ser serviços centrados na figura do médico;

– a prevenção dos danos à saúde resultantes dos riscos do trabalho deveria ser tarefa eminentemente médica;

– a responsabilidade pela ocorrência dos problemas de saúde ficava transferida ao médico.

A implantação de serviços baseados nesse modelo rapidamente expandiu-se por outros países, paralelamente ao processo de industrialização e, posteriormente, aos países periféricos, com a transnacionalização da economia. A inexistência ou fragilidade dos sistemas de assistência à saúde, quer como expressão do seguro social, quer diretamente providos pelo Estado, via serviços de saúde pública, fez com que os serviços médicos de empresa passassem a exercer um papel vicariante, consolidando, ao mesmo tempo, sua vocação enquanto instrumento de criar e manter a dependência do trabalhador (e frequentemente também de seus familiares), ao lado do exercício direto do controle da força de trabalho.

MENDES, R; DIAS, E.C. Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador. *Revista Saúde Pública*, S.Paulo, 25: 341-9, 1991.Disponível em: <https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/2977.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2015. Adaptado.

28. (Basa – Médico do Trabalho – Cesgranrio – Set./2015)

No 4º parágrafo, insere-se no texto a voz do Dr. Robert Baker, médico que ensina ao empresário Robert Dernham o que fazer com a saúde de seus trabalhadores.

Tal fala apresenta um tom de aconselhamento, o que se exemplifica por meio do uso de

a) verbos no modo imperativo

b) linguagem informal

c) coordenação sintática

d) pontuação exagerada

e) palavras repetidas

29. (Liquigás – Administrador Jr. – Cesgranrio – Set./2015 – Adaptada)

Em " os movimentos caóticos atuais já **eram** os primeiros passos afinando-se e orquestrando-se para uma situação econômica mais digna", observa-se a adequada flexão do verbo destacado, o que também se verifica em

a) O povo brasileiro **sois** articulado politicamente.

b) Se **fôssemos** menos explorados, o país prosperaria mais.

c) Quando **fores** corretos os políticos brasileiros, a fome terá fim.

d) É fundamental que **sejemos** um povo mais politizado.

e) A população deseja que o sistema de saúde **sejais** melhor.

30. (Liquigás – Administrador Jr. – Cesgranrio – Set./2015 – Adaptada)

Caso se indeterminasse o sujeito em " Mas se não sei prever, posso pelo menos desejar.", constituiria adequada reescritura o seguinte período:

a) Mas se não sabemos prever, podemos pelo menos desejar.

b) Mas se não sabeis prever, podeis pelo menos desejar.

c) Mas se não sabe prever, pode pelo menos desejar.

d) Mas se não sabem prever, podem pelo menos desejar.

e) Mas se não sabes prever, podes pelo menos desejar.

31. (ANP – Téc. Reg. Petr&Der – Cesgranrio – Jan./2016)

As formas verbais estão empregadas coerente e adequadamente, de acordo com a norma-padrão da Língua Portuguesa, em:

a) É desejável que a escola não desse importância apenas à futura profissão dos alunos, mas que também atendesse às necessidades relativas à formação desses estudantes.

b) Os países em desenvolvimento teriam possibilidade de maior crescimento se a população fosse atendida em suas necessidades básicas e tivesse oportunidade de estudar.

c) Se os resultados das pesquisas de mercado fossem positivos, o diretor da empresa apresentará aos clientes detalhes do novo projeto a ser implementado.

d) É necessário que as empresas de comunicação global investissem em programas de popularização dos meios de compartilhamento de informação.

e) As mudanças do mercado digital dependem das ações que as empresas desenvolverão junto aos seus funcionários para que eles tivessem sucesso.

32. (Basa – Téc. Bancário – Cesgranrio – Set./2015)

O verbo em destaque está conjugado de acordo com a norma-padrão em:

a) **Pegue** o outro elevador, por favor.

b) É preciso que você **esteje** atento a situações de perigo.

c) Será muito bom se você **propor** um outro acesso aos passageiros.

d) **Seje** sempre bem-humorado com os passageiros.

e) Gostaríamos de que você **vesse** esse filme.

33. (Liquigás –Ass. Adminis. – Cesgranrio – Set./2015)

A forma verbal destacada está empregada de acordo com a norma-padrão em:

a) Quando as pessoas **fazerem** compras nas lojas locais, poderão usar o cartão de crédito comunitário.

b) Os consumidores preocupados com os gastos tinham **trago** pouco dinheiro para as suas compras.

c) Os financiamentos serão ampliados quando os bancos **estarem** com os juros baixos.

d) O ideal seria que os clientes dos bancos comunitários **pudessem** aumentar sua renda mensal.

e) Se os bancos **darem** mais crédito aos moradores, aumentará a construção de casas na comunidade.

34. (Basa – Médico do Trabalho – Cesgranrio – Set./2015 – Adaptada)

O presente do indicativo, em " A medicina do trabalho, enquanto especialidade médica, **surge** na Inglaterra, na primeira metade do século XIX, com a Revolução Industrial", produz o seguinte efeito de sentido:

a) aproxima o leitor do que é narrado.

b) põe em dúvida o contexto histórico referido.

c) confere um caráter de continuidade ao que é dito.

d) dissocia a origem da medicina do trabalho e o século XIX.

e) atribui à medicina do trabalho um valor anacrônico.

35. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016 – Adaptada)

O emprego dos verbos destacados no trecho " 'Eu me **sentava** bem na ponta do banco, e minha felicidade **começava**" mostra as lembranças da narradora sobre um fato que ocorreu com ela repetidas vezes no passado.

Se, respeitando-se o contexto original, a frase mostrasse um fato que ocorreu com ela uma única vez no passado, os verbos adequados seriamos que se destacam em:

a) Eu me **sentaria** bem na ponta do banco, e minha felicidade **começaria**.

b) Eu me **sentei** bem na ponta do banco, e minha felicidade **começou**.

c) Se eu me **sentasse** bem na ponta do banco, minha felicidade **começaria**.

d) Eu me **sento** bem na ponta do banco para que minha felicidade **comece**.

e) Eu **ficava sentada** bem na ponta do banco, e minha felicidade **estava começando**.

36. (IPSMI – Procurador – Vunesp – Abril/2016)

Assinale a alternativa em que a colocação pronominal e a conjugação dos verbos estão de acordo com a norma-padrão.

a) Eles se disporão a colaborar comigo, se verem que não prejudicarei-os nos negócios.

b) Propusemo-nos ajudá-lo, desde que se mantivesse calado.

c) Tendo avisado-as do perigo que corriam, esperava que elas se contessem ao dirigir na estrada.

d) Todos ali se predisporam a ajudar-nos, para que nos sentíssemos à vontade.

e) Os que nunca enganaram-se são poucos, mas gostam de que se alardeiem seus méritos.

37. (C.M. Marília-SP – Proc. Jurídico – Vunesp – Abril/2016)

Assinale a alternativa em que os verbos destacados, flexionados em conformidade com a norma-padrão, mantêm a mesma relação

de tempo e modo que os destacados em: E eu nem **sei** onde fica o mar Cáspio, embora também não **saiba** onde fica o Brasil.

a) E eu nem me ative à localização do mar Cáspio, embora também não me atenho à localização do Brasil.

b) E eu nem guardei a localização do mar Cáspio, embora também não guarde a localização do Brasil.

c) E eu nem conheço a localização do mar Cáspio, embora também não conheço a localização do Brasil.

d) E eu nem vi a localização do mar Cáspio, embora também não vejo a localização do Brasil.

e) E eu nem disponho da localização do mar Cáspio, embora também não disponha da localização do Brasil.

38. (MPE/SP- Analista Técnico Científico – Vunesp – Jul./2016)

Assinale a alternativa que preenche as lacunas do texto a seguir, observando o emprego do sinal de crase e a conjugação verbal, segundo a norma-padrão.

Implantaremos um sistema capaz de levar _____ consumidores fiéis informações sobre nossas promoções, _____ partir do momento em que forem lançadas. Se de recursos suficientes, anunciaremos prêmios que atraiam clientes, para que _____ incondicionalmente _____ campanhas promocionais.

a) aqueles ... a ... dispormos ... aderem ... as

b) àqueles ... a ... dispusermos ... adiram ... às

c) àqueles ... à ... dispusermos ... aderem ... às

d) aqueles ... à ... dispormos ... adiram ... as

e) aqueles ... a ... dispormos ... adiram ... as

39. (MPE/SP- Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Assinale a alternativa correta quanto ao emprego do verbo, em conformidade com a norma-padrão.

a) Caso Minas Gerais usa a experiência do Japão, pode superar Mariana e recuperar os danos ambientais e sociais.

b) Se Minas Gerais se propuser a usar a experiência do Japão, poderá superar Mariana e recuperar os danos ambientais e sociais.

c) Se o Japão se dispor a auxiliar Minas Gerais, Mariana é superada e os danos ambientais e sociais recuperados.

d) Se o Japão manter seu auxílio a Minas Gerais, Mariana poderá ser superada e os danos ambientais e sociais recuperados.

e) Caso Minas Gerais faz uso da experiência do Japão, poderá superar Mariana e recuperar os danos ambientais e sociais.

40. (ESAF – MF – Assistente Técnico Administrativo – 2012)

Assinale a opção em que o texto foi transcrito com erro *no uso do verbo sublinhado.*

Animado com os indicadores positivos mais recentes, o governo reforçou ontem o tom otimista sobre a recuperação da atividade econômica, apesar de analistas do mercado financeiro estarem (A) ainda céticos sobre o ritmo do crescimento. O tom otimista foi usado em declarações da Presidenta, do Ministro da Fazenda e do presidente do Banco Central, a quem coube (B) o recado mais importante, ao afirmar (C)que o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) vai acelerar nos próximos meses, mas com preços sob controle. Os estímulos dados pelo governo já obteram (D) uma resposta positiva da atividade econômica, mas ainda não produziram plenamente seus efeitos. Por isso a tendência é de recuperação mais à frente, sem que exista (E) risco de a inflação fugir da meta estabelecida para este ano.

(Adaptado do *Correio Braziliense*, 18 de agosto de 2012)

a) A

b) B

c) C

d) D

e) E

Leia o texto a seguir para responder à questão 41.

A oferta total de crédito na economia brasileira dobrou nos últimos oito anos. A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito. Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e tem sido um dos principais dínamos do PIB. Mas começam a ficar evidentes os sinais de fadiga nessa expansão econômica baseada no endividamento. Mesmo com o barateamento do dinheiro provido pelo Banco Central, o crédito ficou mais caro para os consumidores. Preocupado com a falta de vigor da economia, o governo determinou que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal reduzissem as suas taxas. No cheque especial e no financiamento de veículos, por exemplo, os juros que agora serão cobrados pelos bancos públicos são praticamente a metade das taxas médias de mercado.

(Adaptado de *Veja*, 18 de abril, 2012)

41. (ESAF – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012)

Provoca-se erro gramatical e/ou incoerência textual ao fazer a seguinte alteração nos verbos do fragmento acima.

a) virão a ser em lugar de " serão"(L. 9).

b) têm contribuído em lugar de " contribuíram"(L. 3).

c) vem sendo em lugar de " tem sido"(L. 4).

d) reduzam em lugar de " reduzissem"(L. 8).

e) dobrara em lugar de " dobrou"(L. 1).

Leia o texto a seguir para responder à questão 42.

A prefeitura municipal, através da Secretaria de Assistência Social, promove a Campanha Imposto de Renda Solidário, projeto cujo objetivo é, através de doação do imposto de renda devido, ajudar a financiar projetos de defesa e promoção dos direitos de crianças e adolescentes de Chapadão do Sul.

A ideia é que todos que queiram participar direcionem parte do valor devido ao Fundo Municipal dos Direitos da Infância e Adolescência (FMDCA) e assim participem da Campanha. A doação, estabelecida pela Lei n. 8.069/90, é simples, não traz ônus a quem colabora e os valores doados são abatidos do imposto de renda devido.

O valor destinado ao Fundo Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, respeitados os limites legais, é integralmente deduzido do IR devido na declaração anual ou acrescido ao IR a restituir. Quem quiser contribuir deve procurar um escritório de contabilidade e solicitar que seu imposto de renda seja destinado ao FMDCA de Chapadão do Sul.

A doação pode ser dirigida a um projeto de escolha do doador, desde que esteja inscrito no CMDCA Conselho Municipal de Direitos da Criança e do Adolescente, que analisará e aprovará o repasse do recurso e posteriormente fiscalizará sua execução.

(Adaptado de: <http://www.ocorreionews.com.br>. Acesso em: 19 mar. 2014.)

42. (ESAF – Receita Federal – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2014)

No desenvolvimento da argumentação do texto, o modo e tempo verbais são usados para indicar uma possibilidade, uma hipótese em:

a) " ajudar a financiar" (l. 2 e 3).

b) " queiram participar" (l. 4).

c) " são abatidos" (l. 6).

d) " deve procurar" (l. 10).

e) " analisará e aprovará" (l. 13).

Gabarito: 1. e; 2. d; 3. d; 4. a; 5. c; 6. b; 7. d; 8. a; 9. e; 10. c; 11. d; 12. c; 13. e; 14. c; 15. b; 16. d; 17. a; 18. a; 19. E; 20. E; 21. C; 22. E; 23. C; 24. C; 25. b; 26. E; 27. a; 28. a; 29. b; 30. d; 31. b; 32. a; 33. d; 34. a; 35. b; 36. b; 37. e; 38. b; 39. b; 40. d; 41. e; 42. b.

9 PRONOMES

O primeiro conceito importante que se deve saber sobre pronomes é que eles podem desempenhar funções adjetivas, quando se referirem a substantivos (pronomes adjetivos), ou funções substantivas, quando ocuparem o lugar do substantivo (pronomes substantivos). É exatamente assim: um pronome, além de ser classificado como relativo, demonstrativo, possessivo etc., pode ser substantivo ou adjetivo.

Exemplo:

Este produto é importado **Isto** é importado

pronome adjetivo pronome substantivo

Observe uma questão de concurso que trabalhou essa nomenclatura.

1. (TRT/RJ) A alternativa em que o pronome indefinido exerce função substantiva é:

a) de uma etnia e de uma cultura.

b) que exterminassem as demais.

c) depois de vários séculos.

d) marcada muitas vezes.

e) nenhum grupo pode.

Comentários:

Na letra A, **uma** refere-se a **etnia** e **cultura, sendo artigo indefinido;** na letra C, **vários** acompanha o substantivo **séculos, classificando-se como pronome indefinido em função adjetiva;** na letra D, **muitas** se refere a **vezes, é pronome indefinido adjetivo também**; na letra E, o pronome indefinido **nenhum** se refere ao substantivo **grupo, e exerce, portanto, função adjetiva.** Apenas na letra B, o pronome indefinido **demais** não acompanha substantivo: aparece no lugar dele, antecedido pelo artigo **as.** Daí exerce uma função substantiva.

Resposta: B.

Os pronomes podem ser: pessoais, possessivos, demonstrativos, indefinidos, interrogativos e relativos.

9.1. PRONOMES PESSOAIS

Designam as três pessoas do discurso. Classificam-se em **retos** e **oblíquos.**

Pessoa	Caso reto	Caso oblíquo	
		Átono	**Tônico**
1ª	eu	me	mim, comigo
2ª	tu	te	ti, contigo
3ª	ele	se, o, a, lhe	si, consigo, ele, ela*
1ª	nós	nos	* nós, conosco
2ª	vós	vos	* vós, convosco
3ª	eles	se,os, as, lhes	si, eles, elas*

***Ele, nós, vós, eles:** quando oblíquos sempre preposicionados.

Ex.: Ora se dirigia a nós, ora a eles.

Observação: Quando os verbos terminam em **r, s, z** e os pronomes pedidos são **o(s), a(s),** ocorre a queda daquelas terminações, acrescentando-se o **l (lo(s), la(s));** quando os verbos terminarem em som nasal (**m** ou **til**), acrescenta-se o **n** (no(s), na(s)).

Ex.: Quero comprá-**las.** (= comprar + as) / Expusemo-**la**. (Expusemos + a) / Fê-**los** com rapidez. (Fez + os) / Trouxeram-**no** (Trouxeram + o)**.**

9.1.1. Retos

Funcionam, na maior parte dos casos, como sujeito ou predicativo.

Ex.: **Tu** não és **eu**. / O fato de **ele** reconhecer o erro…

suj. p.s. suj.

9.1.2. Oblíquos

Funcionam, geralmente, como complemento (objeto direto, objeto indireto, complemento nominal).

Ex.: Vi – **o** na rua. / Obedeci-**lhe**. / A decisão **lhe** foi favorável.

o.d. o.i. c.n

Agora vamos a alguns exercícios de fixação para apreender a teoria exposta sobre os pronomes pessoais retos e oblíquos. Nas questões de prova, observamos que esse assunto aparece por meio de reescritura, daí a importância de se associar a classe à função que ela desempenha na frase.

Lembre-se: os pronomes pessoais retos funcionam, em geral, como sujeito, e os oblíquos como complementos de verbo ou de

nome.

I. Use eu/tu, mim/ti.

1. Você só sairá se _____ permitir.

Comentários: aqui aparecem dois verbos. Para todo verbo, temos de achar um sujeito. O sujeito de *sairá* é *Você*. Fica faltando o sujeito para o verbo *permitir*, daí o uso do pronome pessoal reto *eu*.

Resposta: eu.

2. Nenhum problema surgiu entre _____ e o teu chefe.

Comentários: nesta frase observamos que aparece apenas um verbo – *surgiu* – com seu respectivo sujeito *Nenhum problema*. Logo, teremos de usar o complemento *mim*.

Resposta: mim.

3. Entre _____ pedir e você atender...

Comentários: neste período aparecem dois verbos: *pedir* e *atender*. O sujeito de *atender* é *você*. Ficaria faltando o sujeito do verbo *pedir*, por isso, teremos de completar a lacuna com o pronome pessoal reto *eu*.

Resposta: eu.

4. Houve muitos desentendimentos entre _____ e _____.

Comentários: aqui aparece apenas o verbo *Houve*, com o sentido de *existir*. Quando o verbo *haver* aparece com esse sentido, temos um caso de **oração sem sujeito**, logo não poderemos completar as lacunas com sujeito, e sim com complementos *mim* e *ti*.

Respostas: mim e ti.

II. Substitua o termo em destaque pelo pronome correspondente.

1. O movimento visa encontrar **soluções**.

Comentários: o termo destacado exerce a função de objeto direto de *encontrar*. Ao se reescrever a frase, o objeto, que é um complemento de verbo, será substituído por um pronome oblíquo correspondente – *las*. Lembre-se de que quando o verbo termina em *r*, *s* ou *z* e os pronomes pedidos são *o(s), a(s)*, cortam-se aquelas terminações e acrescenta-se o *l*.

Resposta: encontrá-las.

2. Deixaram **as chaves** no carro.

Comentários: outra vez o termo destacado funciona como **complemento** de verbo, portanto, usaremos o pronome oblíquo átono correspondente. Como a terminação é em som nasal, acrescenta-se o *n*.

Resposta: Deixaram-nas.

3. Faltaram **os aplausos** no fim do espetáculo.

Comentários: repare que nesta frase a expressão destacada funciona como sujeito do verbo *faltar*. Por isso, o uso do pronome reto correspondente – *eles* – na função de sujeito.

Resposta: Faltaram eles ou, na ordem direta, Eles faltaram.

4. **A violência** começa a gerar **expectativas**.

Comentários: nesta frase as expressões destacadas funcionam, respectivamente, como *sujeito* e *objeto direto*. Reescrevendo o sujeito *A violência*, temos o pronome reto *ela*; reescrevendo o objeto direto *expectativas*, o pronome oblíquo correspondente *-las*.

Respostas: Ela e gerá-las.

9.1.2.1. Colocação dos pronomes oblíquos átonos

me – te – se – o(s) – a(s) – lhe(s) – nos – vos

Próclise: quando o pronome átono aparece **antes** do verbo.

Ex.: Eu **o** ajudei naquela difícil tarefa.

Mesóclise: quando o pronome átono aparece no **meio** do verbo.

Ex.: Ajudá-**lo**-ei naquela difícil tarefa.

Ênclise: quando o pronome átono aparece **após** o verbo.

Ex.: Ajudei-**o** naquela difícil tarefa.

Observamos que a possibilidade de se usar o oblíquo átono é muito maior do que a proibição. Portanto, estudaremos aqui os casos em que o uso do pronome átono é proibido.

É proibido:

a) iniciar **oração** com oblíquo átono;

Exs.: **Me** espere hoje às seis horas. (errado)

Espere-**me** hoje às seis horas. (certo)

b) colocá-los **após** futuros e particípio.

Exs.: Direi-**te** a verdade. (errado)

Havia falado-**me** a verdade. (errado)

Dir-**te**-ei a verdade. (certo)

Havia-**me** falado a verdade. (certo)

Observações:

1. Havendo palavra **invariável** (palavra que não tem feminino nem plural – que, quem, caso, se, em, ninguém, alguém, tudo…) antes do verbo, próclise.

   Ex.: **Para** me responder... / **Não** te ouvi.

   Na locução verbal, se aparecer palavra **invariável** e o pronome vier preso ao auxiliar por hífen, estará **errada** a construção.

   Ex.: **Ninguém** queria-**me** ouvir. (errado)

   Ninguém me queria ouvir. (certo)

   Ninguém queria me ouvir. (certo: mesmo havendo palavra indefinida, o pronome pode ficar proclítico ao verbo principal)

2. Após infinitivo, sempre certo o uso do pronome átono.

   Ex.: Para responder-me…

   Ninguém queria ouvir-me.

3. Com conjunção coordenativa (*e, ou, mas,* …): próclise ou ênclise.

   Ex.: Chegou e se deitou ou Chegou e deitou-se.

   Antes das questões de concursos, vamos fixar as regras de colocação pronominal.

Use o pronome oblíquo átono entre parênteses em todas as posições possíveis. Quando houver caso de mesóclise, escreva ao lado a forma correta.

1. _____ dize _____ com quem andas, _____ direi _____ quem és. (me/te)

   Comentários: observe que nas duas passagens os verbos dão início às orações. Como não podemos iniciar oração com pronome oblíquo átono, usaremos a ênclise no primeiro caso e a mesóclise no segundo.

   Resposta: Dize-me e dir-te-ei.

2. _____ caberia _____ mostrar patriotismo (lhe).

   Comentários: neste caso, não podemos usar a próclise por ser início de oração, mas também não podemos usar a ênclise já que o verbo aparece no futuro, o que, nos dois casos, consistiria erro. Aqui a única possibilidade é a mesóclise.

   Resposta: Caber-lhe-ia.

3. O dinheiro que _____ entreguei _____ era meu. (lhe)

   Comentários: nesta frase, a palavra *que*, invariável, atrai o pronome oblíquo átono.

Resposta: que lhe entreguei.

4. Os falantes de português _____ tornaram _____ maioria no litoral brasileiro. (se)

Comentários: aqui as duas formas estão corretas porque não há nenhuma proibição. Não é início de oração, o verbo não está no futuro nem há palavra invariável antes do verbo que obrigaria uso da próclise. Portanto, próclise ou ênclise.

Resposta: se tornaram ou tornaram-se.

Agora, algumas questões de concursos anteriores comentadas.

1. (FCC/TRF-SP) Devaneios, quem não **tem devaneios**? **Têm devaneios** as crianças e os jovens, **dão aos devaneios** menos crédito os adultos, mas é impossível **abolir os devaneios** completamente.

Evitam-se as indesejáveis repetições da frase anterior substituindo-se os elementos em destaque, na ordem dada, por:

a) os tem – Têm-lhes – dão-lhes – abolir-lhes

b) tem eles – Têm-nos – dão-lhes – abolir-lhes

c) os tem – Têm eles – dão-nos – aboli-los

d) tem a eles – Os têm – dão a eles – abolir a eles

e) os tem – Têm-nos – dão-lhes – aboli-los

Comentários:

Vimos na teoria que questões de reescritura por meio de pronome pessoal obedecem a um padrão: o **sujeito** é substituído por pronome pessoal **reto** e o **complemento**, por pronome pessoal **oblíquo**. Além disso, quando os pronomes pedidos são o(s), a(s) (objetos diretos), dependendo das terminações, viram lo(s), la(s) ou no(s), na(s).

Nesta questão, *devaneios*, em todas as passagens, funciona como objeto dos respectivos verbos. Nas 1ª e 2ª ocorrências, é objeto direto de **tem**. Na 3ª, é objeto indireto de **dão** (veja a presença da preposição) e na 4ª, objeto direto de **abolir**. Como os pronomes usados são os oblíquos átonos, além do uso, temos de atentar para a **colocação**. No primeiro caso, o **não** atrai o pronome (*não os tem*). Nos segundo e terceiro casos, iniciam oração (Têm-nos) e (dão-lhes). Na quarta ocorrência, nada proíbe o uso da próclise ou da ênclise (... *impossível os abolir* ou *aboli-los*).

Resposta: E.

2. (FCC/TRT – 18ª Região) As eleições são importantes, mas não **se empreste às eleições** um valor absoluto, ainda que muitos ainda **vejam as eleições** como finalidade última do processo democrático, sem falar nos que **consideram as eleições** uma aborrecida obrigação.

Evitam-se as viciosas repetições do texto acima substituindo-se os elementos destacados, respectivamente, por:

a) se lhes empreste – as vejam – as consideram

b) se as empresta – as vejam – lhes consideram

c) se empreste-lhes – vejam-nas – lhes consideram

d) se empreste a elas – lhes vejam – as consideram

e) se lhes empreste – vejam-lhes – consideram elas

Comentários:

Aqui, logo pela primeira passagem, ao usar o oblíquo átono, por causa da palavra invariável **se**, ficaríamos apenas com duas opções: A e E. Lembre que o pronome átono **lhe**, como complemento de verbo, substitui o **objeto indireto** (*emprestar um valor absoluto às eleições*). Nas outras ocorrências, *eleições* funciona como objeto direto dos respectivos verbos.

Quanto à colocação, próclise nos dois casos, pois as palavras invariáveis **ainda** e **que** atraem os pronomes átonos.

Na letra D, estaria correto o uso do oblíquo tônico **a elas**, já que substitui o objeto indireto, com preposição, pois. Mas a passagem *lhes vejam* estaria errada.

Resposta: A.

3. (FCC/PMSAL – Guarda Municipal) O autor explica ao leitor mais jovem quem eram os guardas-noturnos, como a população **admirava os guardas-noturnos**, como **confiava aos guardas-noturnos** a tarefa de velar pelo sono de todos, como **tomava os guardas-noturnos** como exemplo de dedicação profissional.

Evita-se o uso abusivo de repetições na frase acima substituindo-se os elementos destacados, respectivamente, por:

a) admirava eles – confiava neles – os tomava

b) os admirava – lhes confiava – os tomava

c) lhes admirava – os confiava – tomava a estes

d) admirava-os – confiava-lhes – tomava-lhes

e) admirava-lhes – lhes confiava – lhes tomava

Comentários:

Nas primeira e terceira passagens, *guardas-noturnos* aparece como objeto direto (sem preposição) dos verbos **admirar** e **tomar**. Na primeira, como nada proíbe (veja a teoria) a próclise ou a ênclise, caberiam *"… a população os admirava"* ou *"… a população admirava-os"*, mas na terceira a palavra **como** (invariável) atrai o pronome átono (*como os tomava*). Na segunda ocorrência, esse mesmo vocábulo aparece como **objeto indireto**, daí a substituição por **lhe**. A próclise se dá por causa da presença da palavra **como** (invariável).

Resposta: B.

9.1.2.2. Reflexivos

Referem-se à mesma pessoa, correspondendo a **a mim mesmo, a si mesmo** etc.

Exs.: Eu **me** cortei. / Ele **se** feriu. / Olhou-**se** no espelho. / Trazia **consigo** as lembranças do passado.

9.1.2.3. Recíprocos

Indicam ideia mútua, recíproca, correspondendo a **um ao outro.**

Exs.: Eles **se** abraçaram.

Os namorados olhavam-**se** apaixonadamente.

Vejamos um exemplo de questão.

1. (NCE/TJ – Analista Judiciário) "As verdades filosóficas se contradizem…"

O item a seguir em que o SE apresenta valor idêntico àquele que possui nesse segmento da frase acima:

a) Procura-se um meio de fazer o homem menos cético.

b) Os homens modernos esconderam-se da verdade.

c) Pascal se declarou irracionalista.

d) A ciência e a fé se digladiam.

e) As doutrinas filosóficas queixam-se do ceticismo moderno.

Comentários:

A partícula **se** do enunciado funciona como *pronome recíproco* (**uma** verdade contradiz **a outra**).

Na letra A, o **se** é pronome *apassivador* (um meio é procurado). Em vozes verbais falaremos sobre ele. Nas opções B e C, o pronome funciona como *reflexivo* ("esconderam **a si mesmos**" e "declarou **ele mesmo** irracionalista"). Na opção D, é *recíproco*, pois **uma** se digladia com **a outra**. Na E, o verbo em questão é *queixar-se* (pronominal), sendo o pronome parte integrante do verbo.

Resposta: D.

9.2. PRONOMES DE TRATAMENTO

Certos vocábulos ou locuções valem por pronomes pessoais. São os **pronomes pessoais de tratamento.** Referem-se à segunda pessoa, mas o verbo e os pronomes correspondentes vão para a 3ª pessoa.

Exs.: Você, Senhor, Senhora, Vossa Excelência, Vossa Eminência etc.

Vejamos um exemplo de questão.

1. (FCC/TRT – 2ª Região – Téc. Judic.) Considere o final de uma reivindicação dos moradores de um bairro, dirigida ao prefeito da cidade:

"Esperamos que _____, senhor prefeito, _____ verificar as condições por nós apontadas, e que sejam tomadas as medidas necessárias no sentido de solucionar tais problemas…

A _____ dispor, atentos às providências,

Os moradores."

As lacunas estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:

a) V.Sa. – mandeis – vosso

b) V.Exa. – mande – seu

c) V.Exa. – mandeis – seu

d) V.Sa. – mande – vosso

e) V.Exa. – mande – vosso

Comentários:

Esta é uma questão que trata do emprego dos pronomes de tratamento. Usamos *V.Exa* para altas autoridades (presidentes, governadores, ministros, prefeitos…). Além disso, os verbos e os pronomes correspondentes vão para a 3ª pessoa (mande e seu).

Resposta: B.

9.3. PRONOMES POSSESSIVOS

São aqueles que indicam a posse em referência às três pessoas do discurso:

1ª pessoa: meu(s), minha(s), nosso(s), nossa(s)

2ª pessoa: teu(s), tua(s), vosso(s), vossa(s)

3ª pessoa: seu(s), sua(s)

Quanto aos pronomes possessivos, atenção:

Há duas maneiras de indicar a posse no discurso: utilizando-se de um pronome possessivo ou por meio de um pronome oblíquo átono com valor possessivo. Assim, teríamos:

Beijou-**lhe** a face. (Beijou a **sua** face)

Beijou-**me** a face. (Beijou a **minha** face)

À noite, apareceram-**lhe** em casa alguns amigos. (em **sua** casa)

É exatamente isso: um pronome oblíquo átono pode ter o mesmo valor semântico que um pronome possessivo. A seguir, alguns exemplos.

Assinale as opções em que o pronome lhe apresenta o mesmo valor significativo que possui em "uma espécie de riso sardônico e feroz contraía-lhe as negras mandíbulas.":

Observe que aqui o que se pede é o pronome oblíquo átono com valor de posse. Nesse caso, ele irá sempre se referir a um substantivo e poderá ser substituído por um outro pronome possessivo.

a) A mãe apalpava-lhe o coração.

(Isso é o mesmo que a mãe apalpava o seu coração, o coração dele.)

b) Aconteceu-lhe uma desgraça.

(Aconteceu uma desgraça a ele, e não dele.)

c) Tudo lhe era indiferente.

(Tudo era indiferente a ele.)

d) Afastou-lhe os cabelos.

(Afastou os seus cabelos, os cabelos dele.)

e) Ao inimigo, não lhe nego perdão.

(Não nego perdão a ele, e não o perdão dele.)

f) Não lhe contei o segredo.

(Não contei o segredo a ele.)

g) Apertou-lhe gentilmente a mão.

(Apertou a sua mão, a mão dele.)

Resposta: as alternativas que apresentam pronomes oblíquos com valor possessivo são A, D e G.

Vejamos como esse assunto aparece nas provas.

1. (Cespe/UnB/MTE) Assinale a opção em que o pronome "lhe" não tem o mesmo sentido que em: "O tempo arrebata-lhe a garganta".

a) Afagou-lhe os cabelos com amor.

b) A luz sempre lhe afugenta o sono.

c) O marido sempre lhe nega a resposta.

d) Ajeitou-lhe o colar e saiu mansamente.

Comentários:

O pronome oblíquo da frase do enunciado possui valor possessivo – pode ser trocado por outro possessivo ("O tempo arrebata a *sua* garganta").

Na letra A, o pronome *lhe* equivale a *seus* ("Afagou os *seus* cabelos com amor").

Na letra B, o pronome oblíquo *lhe* pode também ser substituído por um possessivo ("O tempo afugenta o *seu* sono").

A letra C traz um pronome oblíquo que funciona como complemento do verbo, e não possui valor possessivo ("O marido sempre nega a resposta *a ela*").

Já a letra D apresenta um pronome oblíquo com valor possessivo: ajeitou o *seu* colar e saiu...

Resposta: C.

2. (Cespe-UnB) Assinale a única frase em que o pronome *lhe* **NÃO** tem sentido possessivo.

a) O tempo mudou-lhe o rosto.

b) Não lhe pude conhecer a generosidade.

c) O sabor das balas de tangerina encheu-lhe a boca.

d) O entusiasmo abriu-lhe os olhos.

e) Deram-lhe um emprego perto de casa.

Comentários:

Nas letras A, B, C e D, os pronomes oblíquos têm valor possessivo: referem-se a substantivos e podem ser substituídos por outros possessivos. Assim, teríamos: o tempo mudou o *seu* rosto; não pude conhecer a *sua* generosidade; o sabor das balas de tangerina encheu a *sua* boca; o entusiasmo abriu os *seus* olhos. Apenas na letra E o pronome oblíquo não tem sentido possessivo, ele é complemento do verbo: "deram um emprego *a ele* – e não um emprego *dele* – perto de casa".

Resposta: E.

9.4. PRONOMES INDEFINIDOS

Agora, vamos falar sobre os pronomes indefinidos. Estes têm sentido vago ou indeterminado. Aplicam-se à 3ª pessoa: algum, nenhum, todo, outro, muito, certo, vários, tanto, quanto, qualquer, alguém, ninguém, tudo, outrem, nada, cada, algo, mais, menos, que, quem. Veja os exemplos:

"**Todo** dia ela faz tudo sempre igual." (Chico Buarque)

Havia **muita** preocupação no Congresso.

Chegarão **mais** livros na próxima semana.

Observe que os pronomes indefinidos referem-se a substantivos, como todos os pronomes fazem, indicando ideia vaga, generalizando: essa é a função de um pronome indefinido. Além dos pronomes indefinidos, existem também **as locuções pronominais indefinidas**, que são um grupo de vocábulos com valor de pronome indefinido: cada um, cada qual, qualquer um etc. Os pronomes indefinidos, muitas vezes, interrogam e, nesse caso, são chamados de pronomes indefinidos interrogativos ou, simplesmente, pronomes interrogativos. Vamos conhecê-los?

9.5. PRONOMES INTERROGATIVOS

São os pronomes indefinidos **que**, **quem**, **qual**, e **quanto**, usados nas interrogações (diretas ou indiretas). Exemplos:

Quem precisa de um novo Fidel?

Nesse caso, o pronome indefinido *quem* está inserido em uma frase interrogativa direta: com ponto de interrogação.

Desconheço **quem** organizou a festa.

Observe que, aqui, o pronome também é interrogativo, mas se insere em uma frase interrogativa indireta, sem ponto de interrogação.

Aqui, vale um recado:

Frase interrogativa indireta é aquela que vem sem ponto de interrogação, mas que também espera uma resposta. São as conjecturas. Utilizam-se de informações do tipo: desconheço, gostaria de saber, não sei...

Os pronomes indefinidos e interrogativos podem se confundir com adjetivos ou advérbios. Isso porque eles também se referem a substantivos – como os adjetivos fazem. Além disso, muitas palavras que aparecem como adjetivos ou advérbios também podem ser pronomes indefinidos: *muito*, *vários*, *todo*...

Falaremos do substantivo, adjetivo e advérbio em concordância, mas já podemos definir essas classes agora, a fim de não confundi-las com os pronomes indefinidos.

Adjetivo é a classe de palavra que se refere ao substantivo, indicando-lhe qualidade, condição ou estado. É classe de palavra variável.

Advérbio é a classe de palavra que modifica verbo, adjetivo ou o próprio advérbio. Indica circunstância (tempo, intensidade, lugar etc.) e é normalmente invariável.

Pronome indefinido modifica substantivo ou entra no lugar dele. Semanticamente, indica ideia vaga. Na maioria das vezes, é classe de palavra variável (algum, qualquer, todo...), ainda que alguns pronomes indefinidos não variem (alguém, ninguém...).

Atenção: Dizer que uma classe de palavra é variável significa dizer que ela se flexiona em gênero (masculino/feminino) e número (singular/plural).

Vamos treinar?

Complete as lacunas de acordo com o código abaixo:

(1) Adjetivo ou locução adjetiva

(2) Advérbio ou locução adverbial

(3) Pronome indefinido

a) ( ) Maria é muito calma.

Aqui, a palavra *muito* se refere a *calma*; *calma* é adjetivo; *muito* é advérbio. Observe que ele não se flexionou; o que ratifica que é um advérbio, classe de palavra invariável.

b) ( ) Precisou de muita calma para resolver o impasse.

Calma agora é substantivo. Ora, se *muita* se refere a um substantivo, indicando ideia vaga, é pronome indefinido.

c) ( ) Precisou de muito dinheiro para comprar a casa.

Muito se refere ao substantivo *dinheiro*, indicando sentido vago, indeterminado. É pronome indefinido.

d) ( ) Beijo pouco, falo menos ainda.

Menos modifica o verbo falo, indicando intensidade. É advérbio.

e) ( ) Hoje disponho de pouco tempo para diversão; e o que é pior, de menos disposição.

Pouco se refere a *tempo*, substantivo; *menos* se refere a *disposição*, também um substantivo. Ambos indicam ideia vaga, generalizam. São pronomes indefinidos.

f) ( ) Cantava bem baixo para ninguém ouvi-lo.

Baixo modifica o verbo *cantava*, indicando ideia de modo. É advérbio.

g) ( ) Tinha bastante orgulho da irmã.

Bastante se refere ao substantivo *orgulho*. É o mesmo que *muito orgulho*. Indica valor vago: pronome indefinido.

h) ( ) Era uma pessoa bastante orgulhosa.

Bastante refere-se ao adjetivo *orgulhosa*, intensificando esse adjetivo. É advérbio de intensidade; tanto é advérbio que, se flexionássemos as informações para o plural, essa palavra se manteria invariável: *eram pessoas bastante orgulhosas*.

i) ( ) Depositava confiança bastante no bom senso da filha.

Agora, *bastante*, que se refere a um substantivo, está o qualificando. É o mesmo que *suficiente*. É, portanto, adjetivo.

j) ( ) Tenha mais paciência.

Mais se refere ao substantivo *paciência*, indicando ideia vaga, indeterminada. É o mesmo que *muita paciência*. É pronome indefinido.

k) ( ) Seja mais paciente.

Mais se refere a *paciente*, que é adjetivo, intensificando-o. É advérbio de intensidade.

l) ( ) Sempre leio os jornais da manhã.

Essa expressão se refere ao substantivo jornal, caracterizando-o. É uma locução adjetiva. Nesse caso, poderíamos inclusive trocar essa locução por outro adjetivo: *matutinos*.

m) ( ) Sempre leio os jornais de manhã.

A expressão se refere ao verbo, dando-lhe ideia de tempo: *leio de manhã, pela manhã*. É locução adverbial de tempo.

Gabarito: a) 2; b) 3; c) 3; d) 2; e) 3; f) 2; g) 3; h) 2; i) 1; j) 3; k) 2; l) 2; m) 1 e 2.

Tendo visto os pronomes indefinidos e em que eles diferem dos advérbios e adjetivos, resta-nos falar dos pronomes demonstrativos. É neste assunto que vamos aprender a diferenciá-los e a detectar as funções que eles desempenham no texto.

9.6. PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Antes de tudo, é preciso entender que os pronomes demonstrativos podem indicar a posição dos elementos em relação a três hipóteses distintas: tempo, espaço, texto. Assim:

O pronome demonstrativo pode apontar para objetos localizados no **espaço**, perto ou distante do falante.

O pronome demonstrativo pode fazer referência ao **tempo** presente, passado ou futuro.

O demonstrativo pode também retomar informações já mencionadas no **texto** ou que virão a seguir na sequência textual.

Para cada situação, existem regras que farão você optar por qual demonstrativo utilizar. Preparamos um quadro resumido que irá ajudá-lo a organizar esses conceitos:

	No espaço	No tempo	No texto
Isto / este(s) / esta(s)	Apontam para o que está perto do falante. Ex.: Este material aqui é meu.	Momento presente. Ex.: Estes dias têm sido agradáveis. Momento futuro próximo. Ex.: Nestas férias viajarei.	Apontam para uma informação que virá adiante no texto. Ex.: Este número é a dica do teste – sete.
	Apontam para o		

Isso / esse(s) / essa(s)	que está perto do ouvinte. Ex.: Esse material aí é meu.	Passado não distante. Ex.: Nesse domingo fui ao Maracanã.	Indicam uma informação que já apareceu no texto. Atenção: se a informação já foi mencionada e está próxima, modernamente, costuma se utilizar Isto/Este/Esta. Ex.: "Dois" – Esse/Este número é a dica do teste.
Aquilo / aquele(s) aquela(s)	Apontam ao que está distante de ambos. Ex.: Aquele material ali é meu.	Passado ou futuro distante. Ex.: Aquelas férias de 2000/2020 foram/serão maravilhosas.	Com dois antecedentes: "este" para o mais próximo; "aquele" para o mais distante. "Esse" traria ambiguidade. Ex.: José e João estudaram. Este (João)/Aquele (José) foi aprovado.

Lembre-se: para estabelecer a distinção entre duas coisas ou pessoas anteriormente citadas, usamos este(s), esta(s), isto para o termo mais próximo e aquele(s), aquela(s), aquilo para o mais distante. Veja um exemplo:

"Há que se fazer a distinção entre acidentes do trabalho e doença do trabalho. Enquanto esta é inerente a determinados ramos de atividade, aqueles ocorrem pelo exercício do trabalho, provocando lesão corporal."

Mais treinamento?

Complete as lacunas com os demonstrativos adequados.

1. _____ livro que estás lendo é infantil?

Comentários: Espaço: perto do ouvinte.

Resposta: Esse.

2. Não. _____ livro que estou lendo é sobre política.

Comentários: Espaço: perto do falante.

Resposta: Este.

3. Guilherme, traga-me _____ CD que ficou lá no seu quarto.

Comentários: Espaço: distante de ambos.

Resposta: Aquele.

4. Um dia _____ visitarei o seu pai.

Comentários: Tempo: futuro não distante.

Resposta: destes.

5. Guilherme, dê-me _____ CD que está aí.

Comentários: Espaço: perto do ouvinte.

Resposta: Esse.

6. "Qual é a relação entre dialética e retórica? A _____ pergunta Aristóteles responde desde a primeira frase do seu livro."

Comentários: Texto: retomando o que foi dito anteriormente.

Resposta: Essa.

7. _____ é a pergunta que Aristóteles responde desde a primeira frase do seu livro: qual é a relação entre dialética e retórica?

Comentários: Texto: apontando para o que será dito adiante.

Resposta: Esta.

8. Luísa, _____ é o Eduardo?

Comentários: Espaço: perto do ouvinte.

Resposta: Esse.

9. _____ ano que passou foi muito proveitoso para mim.

Comentários: Tempo: passado não distante.

Resposta: Esse.

10. _____ mês que passou choveu muito. Para _____ mês que começa, porém, a previsão é de tempo bom.

Comentários: Tempo: passado não distante e futuro próximo.

Resposta: Nesse / este.

11. _____ aqui são meus primos.

Comentários: Espaço: perto do falante.

Resposta: Estes.

12. Ao comparar os diversos rios do mundo com o Amazonas, defendia com azedume e paixão a proeminência _____ sobre cada um _____.

Comentários: Texto: fazendo distinção entre o mais próximo e o mais distante.

Resposta: deste / daqueles.

13. Atentem para _____: o que se guarda no coração jamais se esquece.

Comentários: Texto: apresentando o que será dito a seguir.

Resposta: Isto.

14. Homens e mulheres participaram das festividades. _____, simpáticas e elegantes. _____, sérios e tímidos.

Comentários: Texto: diferenciando o elemento mais próximo – *mulheres* – do mais distante – *homens*.

Resposta: Estas e aqueles.

15. O que foi combinado aqui não pode sair _____ sala.

Comentários: Espaço: perto do falante.

Resposta: desta.

Observações:

a) O pronome **o** (a, os, as) é demonstrativo quando equivale a **aquele(s)**, **aquela(s)**, **aquilo, isso**. Veja o exemplo:

Alguém, antes que Wilson **o** fizesse, teve vontade de falar **o** que foi dito.

Nesse caso, a palavra **o**, em suas duas ocorrências, pode ser substituída por um outro demonstrativo.

b) Aparecem ainda como demonstrativos os vocábulos **tal**, **mesmo**, **próprio** e **semelhante**. Veja exemplos:

Tal atitude não se esperava dele. / Ele **mesmo/próprio** fez o pedido.

Aqui, vale mais um recado: A palavra o – e suas variações – pode ser:

1. Artigo (quando anteceder um substantivo): "O menino chegou".
2. Pronome pessoal oblíquo (quando puder ser substituído por outro pronome pessoal): "Cumprimentei-o na festa". (É o mesmo que se dizer "cumprimentei a ele").
3. Pronome demonstrativo (quando puder ser substituído por outro demonstrativo, normalmente antes do pronome relativo QUE ou da preposição DE): "Quero o que você comprou"/"Prefiro a de tampa azul".

Veja uma questão de prova que abordou tal assunto:

1. (Cespe-UnB/TJ – Analista) Assinale a opção em que a partícula "o" sublinhada aparece com o mesmo emprego que se apresenta no seguinte trecho do texto:

"A primeira é **o** que queremos dizer."

a) Eles devem realizar logo <u>o</u> projeto do grupo.

b) Responda-me: <u>o</u> que você tem com isso?

c) Seu sucesso depende de <u>o</u> livro ser aceito.

d) É preciso conhecer a rotina <u>do</u> laboratório.

e) Este livro foi <u>o</u> que você indicou.

Comentários:

Preliminarmente, a palavra *o* do enunciado classifica-se como pronome demonstrativo ("A primeira é *aquilo* que queremos dizer"). Nas letras A, C e D, a palavra *o* está antecedendo substantivos, funcionando, portanto, como artigos. Logo, restam as alternativas B e E. Na letra B, observamos um pronome interrogativo antecedido de um artigo perfeitamente dispensável – poderíamos simplesmente perguntar: "que você tem com isso?". No entanto, na letra E, observamos a presença de um *o* que pode ser trocado por outro demonstrativo ("Este livro foi *aquele* que

você indicou”).

Resposta: E.

9.7. AS FUNÇÕES TEXTUAIS DOS PRONOMES

Os pronomes podem apontar para algo que já foi ou que ainda vai ser mencionado no texto. Trata-se de uma característica que todos os pronomes têm (pronomes pessoais, possessivos etc.) Com relação aos demonstrativos, como forma mais adequada, pede-se usar **esse(s)/essa(s)/isso** para o que já foi mencionado anteriormente **(anafórico)** e **este(s)/esta(s)/isto** para algo que vai ser mencionado **(catafórico)**. Veja exemplos:

“A previsão do tempo não era muito favorável. O vento aumentara um pouco e decidi reduzir as velas para o primeiro rizo. Conversávamos no convés sobre **esses** problemas.”

Nesse caso, o pronome *esses* tem a função de retomar informações que foram citadas anteriormente: **função anafórica**.

Isto é o que mais incomoda os homens honestos: o ciúme.

Aqui, o pronome exerce o papel de apontar para uma informação que será dita a seguir no texto. Diz-se que ele tem, portanto, **função catafórica**.

Tanto a função anafórica quanto a catafórica indicam, portanto, informações que foram ou serão mencionadas *dentro do texto*, informações que fazem parte do corpo textual. Daí, ambas também ser chamadas de **funções endofóricas**. Cada banca organizadora utiliza a nomenclatura que melhor lhe convém.

No entanto, se o pronome se referir a uma informação que não foi mencionada no texto, mas que pode ser deduzida a partir do que foi lido, diz-se que ele tem **função exofórica** (o que, para algumas bancas organizadoras de concursos, é sinônimo de **função dêitica**). O pronome que tem função exofórica, para ser compreendido na sua totalidade, necessita de informações que estão vinculadas à **situação de produção textual**: o local de produção textual, o momento de produção do texto ou o enunciador textual. Observe exemplos:

“**Nesta** casa todos são felizes.”

Aqui, o pronome demonstrativo está vinculado ao **local** onde o texto foi produzido.

“**Nessas** férias, encontramos velhos amigos na praia.”

Nesse caso, o leitor, para saber de que férias se trata, precisa conhecer o **momento** em que o texto foi produzido.

“**Meu** filho fez algumas tatuagens pelo corpo.”

O pronome possessivo em destaque está vinculado ao enunciador do texto: para saber de quem é o filho, é preciso identificar a pessoa que produziu o texto. Ora, se anteriormente no texto o autor tivesse se identificado, o pronome deixaria de ter função exofórica, para ter função endofórica/anafórica: “Sou Maria. Meu filho fez algumas tatuagens pelo

corpo".

Resumindo: O pronome terá função exofórica toda vez que buscar informações que devem ser deduzidas a partir do texto: Quem? (autor do texto) Quando? (quando o texto foi produzido) Onde? (onde se produziu o texto)

Antes de resolvermos algumas questões de concursos anteriores, vamos fixar os conceitos estudados. Classifique os pronomes em destaque segundo a função textual que eles desempenham, com a ajuda do código abaixo:

(a) função anafórica

(b) função catafórica

(c) função exofórica

1. "[...] a habitação conjugal, e a **essa** se recusa a voltar." (Art. 234 – Código Civil)

   Comentários: O pronome retoma informação que foi dita anteriormente – a habitação conjugal.

   Resposta: função anafórica.

2. **Este** sempre foi seu objetivo – a aprovação.

   Comentários: O pronome menciona uma informação que virá adiante no texto – *a aprovação*.

   Resposta: função catafórica.

3. "Salvo disposição especial **deste** código e não tendo sido ajustado da época para o pagamento, o credor pode exigi-lo imediatamente."

   Comentários: A palavra **deste** está vinculada ao código onde se encontra tal artigo – depende de informação que está fora do texto: função exofórica. Já o pronome **o** (-lo) remete ao vocábulo <u>pagamento</u>.

   Resposta: função anafórica.

4. "A cessão de crédito não vale em relação ao devedor, senão quando a este notificada [...]"

   Comentários: O pronome retoma o que foi dito anteriormente – *o devedor*.

   Resposta: função anafórica.

5. Este país não tem mais jeito, é o que repetem usualmente nossos conterrâneos.

   Comentários: O pronome depende do local de produção do texto.

   Resposta: função exofórica.

6. "Cabe ao juiz suprir a outorga da mulher, quando esta a denegue sem motivo justo, ou lhe seja impossível dá-la (arts. 235, 238 e 239)." (Art. 237 – Código Civil)

Comentários: O pronome retoma informação do texto – a mulher.

Resposta: função anafórica.

7. "… o alerta do Departamento de Estado americano a agências de turismo dos Estados Unidos, divulgado no início deste mês…"

Comentários: A palavra *deste* está vinculada ao momento em que o texto foi produzido.

Resposta: função exofórica.

9.8. PRONOMES RELATIVOS

Os pronomes relativos referem-se a um termo anterior chamado antecedente (um substantivo ou pronome substantivo). Dão início às orações adjetivas – restritivas ou explicativas, assunto que estudaremos mais detalhadamente no Capítulo 12 (Predicação verbal).

Ex.: O livro **que você ganhou** é novo.

Oração subordinada adjetiva restritiva

"O homem, **que é mortal**, tem alma imortal."

Oração subordinada adjetiva explicativa

Aparecem como pronomes relativos:

• **Que**, **o qual** (e flexões): quando o antecedente for *coisa* ou *pessoa;*

• **Quem**: quando o antecedente for *pessoa*. Sempre antecedido de preposição;

• **Cujo** (e flexões): entre dois substantivos indicando ideia de *posse*; não deve vir seguido de artigo;

• **Onde**: quando o antecedente indica *lugar*;

• **Como**: quando o antecedente forem as palavras *modo*, *maneira*…

• **Quando**: quando o antecedente dá ideia de *tempo*;

• **Quanto**: quando o antecedente dá ideia de *quantidade.*

Importante:

Ao usar os relativos, devemos observar dois pontos importantes:

a) quando usar os relativos *que, quem, cujo* etc. (veja acima);

b) reparar se o termo que vem **após** o relativo pede preposição.

Este é o livro **que** ganhei. (que = o livro; eu ganhei <u>o livro</u>)

Este é o livro **a que** me referi. (que = ao livro; eu me referi <u>ao livro</u>)

Vamos fixar as regras de uso dos pronomes relativos?

Sublinhe a(s) forma(s) que completa(m) a lacuna:

1. O assunto _____ me referi não foi este. (que – a que – ao qual – o qual – a quem)

Comentários: O relativo *que* é usado para coisa ou pessoa: "o assunto que...". Como o verbo *referir-se* pede preposição *a*, temos "O assunto **a que me referi**". Lembre-se: *que* e *quem* podem ser trocados por *o qual*, *a qual*, *os quais*, *as quais*. Como o **antecedente** do relativo é masculino singular (*assunto*), usaremos *o qual*. Com a preposição do *referir-se*, **a**o qual. As duas formas estão corretas.

Resposta: a que, ao qual.

2. Aí está a pessoa _____ me apaixonei. (quem – por quem – pela qual – que – a quem)

Comentários: Como o **antecedente** é pessoa, de preferência usa-se **quem**. O verbo *apaixonar--se* rege preposição *por:* eu me apaixonei **pela** pessoa, **por** alguém.

Resposta: por quem, pela qual.

3. Chegou o diretor _____ relatório ninguém gostou. (que – de que – cujo – o qual – de cujo)

Comentários: Aqui, aparecem dois substantivos (*diretor* e *relatório*). Há, entre eles, uma ideia de **posse** (o relatório **do** diretor). Com isso, o relativo a ser usado **só pode** ser *cujo*. Como o verbo da oração (*gostar*) pede preposição *de*, temos a forma **de cujo**.

Resposta: de cujo.

4. Esta é a cidade _____ eu morei. (onde – aonde – em que – na qual – donde)

Comentários: A palavra *cidade* indica o **lugar**. De preferência usaremos *onde*, mas, como esse vocábulo também pode se encaixar em "coisa" e não "pessoa", *que* e *a qual* também respondem à questão. Quanto à regência, o verbo *morar* pede preposição *em.* Nesses casos, quando o relativo a ser usado for *onde* e o verbo da oração pedir essa preposição, usaremos *onde* e não *aonde*. Repare que, com os relativos *que* e *a qual,* teremos *em que* e *na qual*, já que com esses pronomes o procedimento é igual ao dos exercícios anteriores.

Resposta: onde, em que, na qual

5. Esta é a cidade _____ gosto de ir sempre. (onde – aonde – a qual)

Comentários: Agora, o verbo *ir* pede preposição *a* (gosto de ir sempre *a*). Como o **antecedente** indica lugar, usaremos *onde* (*a* + *onde* = *aonde*).

Resposta: aonde.

6. Esta é a cidade _____ vêm os visitantes. (onde – aonde – donde – em que)

Comentários: Nessa construção, teríamos, na ordem direta, "Os visitantes vêm *de...*" (*de* + *onde* = *donde*).

Resposta: donde.

Uso de onde, aonde e donde: Onde: usaremos esse conectivo se a preposição exigida for em. Aonde: usaremos esse conectivo se a preposição exigida for a. Donde ou de onde: usaremos esse conectivo se a preposição exigida for de.

9.9. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Substitua os termos sublinhados pelos pronomes pessoais adequados. Lembre-se: o pronome **reto** substitui o **sujeito**. Já o **oblíquo** substitui o **complemento**.

1. Entregou os documentos necessários? (os / eles / lhes)
2. Continuam as acusações ao Judiciário. (nas / elas)
3. Os processos muito demorados constituem afastamento da regra geral. (no / ele)
4. De seu esforço e força de vontade emergem os trabalhadores. (nos / eles)
5. Pagaram ao funcionário as suas férias? (lhe / a ele / ele)
6. Encontrou um grupo de desconhecidos. (o / ele / lhe)
7. Pusemos o livro na estante. (lo / ele)
8. Brotam as flores por toda parte. (nas / elas / lhes)
9. É necessário fechar suas fronteiras. (las / elas)
10. O país toma medidas protecionistas. (as / elas)
11. É fundamental defender o contribuinte. (lo / ele / lhe)
12. Estamos obrigados a liquidar a fatura. (la / ela / lhe)
13. A enorme variedade de canções de Noel, quase todas produzidas em cerca de seis anos, havia conferido genialidade ao artista. (ela / a ela)
14. Uma vez que tal medida implica transformações lesivas ao egoísmo do "establishment". (as / elas)
15. Pobre é a vida de um homem. (ela / a ela)
16. Na favela, tal como está organizada, reproduz-se semelhante estrutura. (na / lhe / ela)
17. Foi então que surgiu o problema. (o / ele / lhe)
18. Esses momentos históricos apresentam facetas negativas. (nas / elas / lhes)
19. Mandei o mordomo entrar. (ele / o)

20. Fez o amigo pagar a conta. (lo / ele)

II. Complete com eu / mim / tu / ti.

1. Para _____ nada mais interessa.
2. Para _____ chegar a tempo, peguei um táxi.
3. Por _____ todos hão de se classificar.
4. Aquele livro é para _____ leres.
5. Entre _____ e você tudo acabou.
6. Entre _____ e os teus amigos, já não há divergências.
7. Entre _____ pedir e você acatar, que distância!
8. Ela é mais aplicada do que _____.
9. Ele chegou antes de _____ sair.
10. Não sei se ela sentiu a mesma estranheza que _____.
11. Isto não é trabalho para _____ fazer.
12. É difícil para _____ acreditar em tuas palavras.
13. As reivindicações chegaram até _____.
14. Até _____ acreditei nas palavras do nosso ministro.
15. Para _____, arranjar patrocinador não será difícil.
16. Para _____ compreender o filme, tive de assistir a uma nova sessão.

III. Supondo-se que você queira se dirigir a um juiz, utilizando uma linguagem correta e adequada, faça as devidas alterações nos trechos a seguir:

1. Meritíssimo Juiz, Sua Excelência deveis saber que o réu é pessoa que goza de merecido prestígio entre empresários, pois já tomastes conhecimento pelos órgãos da imprensa de seus inúmeros empreendimentos.

_____

_____

_____

2. Pelo que dizeis em vossa bem escrita sentença, foram os meus atos que vos deram o discernimento que manifestastes em vossa decisão.

_____

_____

IV. Classifique os pronomes em destaque como reflexivos ou recíprocos.

1. Olhou-**se** no espelho e assustou-**se** com seu olhar doentio.

2. Os namorados olhavam-**se** apaixonadamente.

3. Eles **se** vestiram rapidamente.

4. Eles **se** cumprimentaram na rua.

5. As mulheres **se** afastaram das mesas.

6. O médico vê-**se** estendido no chão.

7. Os meninos sempre **se** ajudam.

V. Use o pronome oblíquo entre parênteses de todas as formas possíveis. Havendo caso de mesóclise, escreva ao lado a forma correta.

1. A torcida _____ aplaudiu _____ com entusiasmo. (o)

2. Ele _____ trancou _____ no quarto. (se)

3. _____ explicarei _____ todo o serviço. (te)

4. _____ seria _____ muito útil usar esse argumento. (me)

5. Gritei para _____ alertar _____. (os)

6. Não _____ vá _____ tão cedo; _____ custa _____ ficar mais? (se / lhe)

7. Quem _____ chamou _____? (te)

8. Se você chegar agora, _____ encontrará _____ satisfeito. (me)

9. Deus _____ pague _____! (lhe)

10. Se ninguém _____ disse _____ a verdade, e se precisei lutar para _____ encontrar _____, nada _____ falou _____ a respeito. (me / a / se)

11. Maria, _____ diga _____ a verdade. (me)

12. _____ Informaram _____ da decisão.(me)

13. _____ Revelarias _____ o sonho de Maria? (nos)

14. _____ Encontraremos _____ com Maria. (nos)

15. Ninguém _____ falou _____ de Maria. (nos)

16. Quem _____ teria _____ contado _____ o segredo? (lhe)

17. _____ Teriam _____ contado _____ o segredo? (lhe)

18. Se _____ reporta _____ a crimes comuns, o *impeachment* _____ reduz _____ a uma espécie de licença para o julgamento do presidente pelo Supremo Tribunal Federal. (se / se)

19. Não é o PT que _____ vai _____ ensinar _____ oposição. (me)

20. Se eu vou lá na comissão, de visita, garanto que _____ não _____ transmitem _____ informações. (me)

21. No caso do motorista, o senhor não _____ está julgando _____? (o)

22. _____ Diriam _____ vocês a verdade, se _____ perguntasse _____ sobre o procedimento de certos políticos? (me / lhes)

23. Já o mesmo não _____ pode _____ dizer _____ de um serviço de bondes. (se)

24. Já o mesmo não _____ deveria _____ dizer _____ de um serviço de bondes. (se)

25. Ninguém _____ daria _____ bem naquele emprego. (se)

VI. Identifique nas frases a seguir os antecedentes dos pronomes relativos em destaque:

1. Agora mesmo está nas telas uma risonha Regina Duarte grata à confiança **que** a população deposita nos Correios. (_____)

2. O festival de autocongratulação consumiu boa parte dos 120 milhões de reais **que** o governo (só a administração direta) gastou no ano passado. (_____)

3. Há muitas comparações **que** não deixam dúvidas sobre o que produz melhores resultados. (_____)

4. ... ou muito menos para anunciar a existência de uma Ouvidoria **que** acolhe queixas da população contra barbaridades policiais? (_____)

5. Basta dar uma espiada no panorama nacional, em **que** pululam temas para campanhas... (_____)

6. Canudos nasceu com o nome de Belo Monte, fundada por Antônio Conselheiro, a **quem** os sertanejos de toda a região atribuíam poderes de cura, poderes divinos. (_____)

7. A cidade, **cuja** infraestrutura de saneamento era quase inexistente, chegou a abrigar 25 mil pessoas em 5.200 casas, segundo o levantamento do Exército, feito após a guerra. (_____)

8. Formou-se ao seu redor um importante e complexo polo religioso e comercial **que** atraía gente de todas as partes. (_____)

9. "A televisão é a amiga dos entrevados, dos abandonados, dos **que** a vida esqueceu para um canto." (_____)

10. Os fonemas de uma língua costumam ser representados por uma série de sinais gráficos denominados letras, **cujo**

conjunto forma a palavra. (_____)

11. "… há no meu corpo um incêndio **que** queima sem esperança / a própria terra **que** piso vira um abismo e me come / corre em meu sangue um veneno, veneno **que** tem teu nome." (Ferreira Gullar)

1o que – _____

2o que – _____

3o que – _____

12. Noel Rosa procurou escrever sobre tudo **quanto** expressasse o jeito de ser carioca. (_____)

13. Não se pode transmitir o **que** a mente não criou. (_____)

VII. Sublinhe a(s) forma(s) que completa(m) a lacuna.

1. "Existe alguém esperando por você _____ vai comprar sua juventude." (que – a que – ao qual – o qual – a quem)

2. "Recebia em casa dois jornais locais, _____ leitura demorava mais de uma hora." (cuja – em cuja – em que)

3. "O que lhe movia o coração era o amor, a quase obsessão pelo Brasil e seu povo, _____ futuro sempre acreditou com veemência e combatividade…" (que – em que – cujo – em cujo – onde)

4. "Tudo é belo naquilo _____ amamos. Tudo o _____ amamos tem espírito." (que – quem – quanto – como – cujo) (que – onde – como – quando)

5. Compreendo a maneira _____ ele se mostra. (em que – onde – quando – cujos – como)

6. "Estava sentado numa mesa _____ havia uma pilha de livros." (que – onde – sobre a qual – à qual – aonde)

7. Marcelo é o professor _____ sempre admirei. (que – quem – a quem – a qual – a que)

8. "Na casa dela mora um quadro _____ eu pintei." (quem – por quem – pela qual – que – a quem)

9. "Tinha entre os dentes um alvíssimo palito _____ ponta mastigava." (que – de que – cuja – o qual – de cujo)

10. Foi demitido o analista _____ ideias não concordava. (cujo – cujas – com cujas – cujas as – com cuja as)

11. Aquela é a livraria _____ Ana trabalhava e _____ sou cliente. (onde – aonde – em que – na qual – donde) (onde – de que – da qual – cujo)

12. Búzios é a cidade _____ gosto sempre de ir. (onde – aonde – a qual – para a qual – que)

13. Não se descobriu o esconderijo _____ os sequestradores escaparam. (onde – aonde – donde – em que –

do qual)

14. "O caso que vou relatar comprova, como disse alguém _____ nome não recordo, que a verdade é mais estranha que a ficção." (onde – o qual – cujo – de cujo)

15. "O caso que vou relatar comprova, como disse alguém _____ nome não lembro, que a verdade é mais estranha que a ficção." (onde – o qual – cujo – de cujo)

16. "O caso que vou relatar comprova, como disse alguém _____ nome não me esqueci, que a verdade é mais estranha que a ficção." (onde – o qual – cujo – de cujo)

17. "O crime para Forrester é o silêncio ou o 'discurso lacunar' _____ se valem os donos do poder para preservar suas riquezas." (de que – de quem – cujo – de cujo)

18. "A prioridade não é o bem-estar ou a sobrevivência das populações, mas sim o 'andamento dos mercados', o lucro e seu horror, _____ só interessa ou só é 'útil' o homem que for rentável." (no qual – em que – ao qual – onde)

19. Deram-me ontem um novo endereço da loja, _____ referências não foram boas. (que – cujas – cujas as – a que)

20. "… como em Santa Marta, _____ quadra ministros das várias religiões e líderes comunitários vão estar reunidos…" (onde – aonde – cuja – em cuja – com cuja)

Gabarito: I – 1. Entregou-os; 2. Continuam elas, ou, na ordem, Elas continuam; 3. constituem-no; 4. emergem eles ou Eles emergem; 5. Pagaram-lhe ou Pagaram a ele; 6. Encontrou-o; 7. Pusemo-lo; 8. Brotam elas ou Elas brotam; 9. fechá-las; 10. tomas-as; 11. defendê-lo; 12. liquidá-la; 13. Ela; 14. Implica-as; 15. Ela; 16. reproduz-se ela ou ela se reproduz; 17. surgiu ele ou ele surgiu; 18. apresentam-nas; 19. Mandei-o; 20. Fê-lo. **II** – 1. mim; 2. eu; 3. mim; 4. tu; 5. mim; 6. ti ou mim; 7. eu; 8. eu; 9. eu; 10. eu; 11. eu; 12. mim; 13. mim; 14. eu; 15. mim; 16. eu. **III** – 1. Vossa Excelência <u>deve</u> saber… já <u>tomou</u>; 2. Pelo que <u>diz</u> em <u>sua</u>… que <u>lhe</u> deram… <u>manifesta</u> em <u>sua</u>. **IV** – 1. pron. reflexivo / pron. reflexivo; 2. pron. recíproco; 3. pron. reflexivo ou recíproco (depende do contexto); 4. pron. recíproco; 5. pron. reflexivo; 6. pron. reflexivo; 7. pron. recíproco. **V** – 1. o aplaudiu ou aplaudiu-o; 2. se trancou (mais adequado. ou… trancou-se; 3. Explicar-te-ei; 4. Ser-me-ia; 5. para os alertar ou alertá-los; 6. Não se vá; custa-lhe; 7. Quem te chamou?; 8. encontrar-me-á; 9. Deus lhe pague! (próclise com expressões que indicam desejo); 10. me disse / para a encontrar ou encontrá-la / nada se falou…; 11. diga-me; 12. Informaram-me; 13. Revelar-nos-ias; 14. Encontrar-nos-emos; 15. Ninguém nos falou; 16. Quem lhe teria ou Quem teria lhe contado; 17. Ter-lhe-iam ou Teriam lhe contado; 18. Se se reporta… / se reduz ou reduz-se; 19. que me vai ou que vai me ensinar ou que vai ensinar-me; 20. que me não ou que não me transmitem; 21. não o está ou não está julgando-o; 22. Dir-me-iam / se lhes perguntasse…; 23. não se pode ou não pode se dizer ou não pode dizer-se; 24. não se deveria ou não deveria se dizer ou não deveria dizer-se; 25. Ninguém se daria. **VI** – 1. confiança; 2. milhões; 3. comparações; 4. Ouvidoria; 5. panorama; 6. Antônio Conselheiro; 7. cidade; 8. polo; 9. os (= pron. demonstrativo); 10. sinais; 11. incêndio / terra / veneno; 12. tudo; 13. o (= pron.

demonstrativo). **VII** – 1. que / o qual; 2. em cuja; 3. em cujo; 4. que / que; 5. como; 6. sobre a qual; 7. que / a quem; 8. que; 9. cuja; 10. com cujas; 11. onde / em que / na qual; de que /da qual; 12. aonde / para a qual; 13. donde / do qual; 14. cujo; 15. cujo; 16. de cujo; 17. de que; 18. ao qual; 19. cujas; 20. em cuja.

9.10. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

1. (Cesgranrio) Na oração: '**Certos** amigos não chegaram a ser jamais amigos **certos**.' Os termos em destaque são respectivamente:

a) adjetivo e pronome adjetivo.

b) pronome adjetivo e adjetivo.

c) pronome substantivo e pronome adjetivo.

d) pronome adjetivo e pronome indefinido.

e) adjetivo anteposto e adjetivo posposto.

Comentários:

Em sua primeira ocorrência, a palavra *certos* se refere a um substantivo, indicando ideia vaga, generalizando. É o mesmo que *alguns amigos*. Logo, é um pronome adjetivo indefinido (*adjetivo* porque vem ao lado do substantivo). Na sua segunda ocorrência, a palavra *certos* continua se referindo a um substantivo, só que vem qualificando-o: é o mesmo que *amigos corretos*, *verdadeiros*. É, portanto, adjetivo.

Resposta: B. (Observe que, na letra B, a banca teve a "maldade" de não dizer pronome adjetivo indefinido, e sim pronome adjetivo, o que dá no mesmo…)

2. (Cesgranrio) Considere as afirmações a seguir sobre o emprego dos pronomes nas frases.

I. "O vento da noite cortava-**lhes** o lombo." – Pronome pessoal com sentido possessivo.

II. "Os pescadores de largo curso olhavam para eles com **certo** desprezo." – Pronome indefinido atenuando o sentido do substantivo **desprezo**.

III. "Era como se **todo** o mundo se aproximasse para aconchegá-los." – Pronome indefinido **todo** equivalendo a **qualquer**.

É(São) verdadeira(s), **APENAS**, a(s) afirmação(ões):

a) I

b) II

c) III

d) I e II

e) II e III

Comentários:

No item I, o pronome oblíquo refere-se ao substantivo *lombo*, indicando valor de posse. É o mesmo que "O vento da noite cortava o *seu* lombo". No item II, o pronome *certo* tem valor de *algum*, indica ideia vaga e, semanticamente, dá leveza ao substantivo *desprezo*, atenuando seu valor negativo. Já no item III, o pronome *todo* não equivale a *qualquer*, e sim a *inteiro*. O que se quer afirmar na frase é que *o mundo inteiro se aproximava para aconchegá-los*, e não *qualquer pessoa se aproximava para aconchegá-los*. O pronome *todo* teria sentido de *qualquer* se não fosse seguido do artigo o ("todo mundo se aproximasse para aconchegá-los").

Resposta: D.

Atenção: Não confunda todo mundo com todo o mundo. Nesse caso, a inserção do artigo muda o sentido da frase! Todo o mundo quer dizer o mundo inteiro e todo mundo quer dizer qualquer pessoa.

3. (TRT) A colocação das palavras e das expressões na construção frasal leva o leitor a perceber, em alguns casos, significados diversos. É o caso das expressões assinaladas, nas frases abaixo.

O candidato leu todo o Edital do concurso.

Todo Edital de concursos deve ser lido pelos candidatos.

O significado correto, respectivamente, dessas expressões está em:

a) O Edital inteiro/parte do Edital.

b) Parte do Edital/o Edital inteiro.

c) Qualquer Edital/parte do Edital.

d) O Edital inteiro/qualquer Edital.

e) Parte do Edital/o Edital inteiro.

Comentários:

Conforme o enunciado, a inserção de palavras na frase é capaz de modificar por completo o seu sentido. Foi o que ocorreu nas frases do enunciado, em que a inserção do artigo implicou alteração semântica na frase.

Resposta: D.

4. (Petrobras) "em todas as épocas e em todo o mundo"; a alternativa em que houve troca indevida entre as expressões "todo mundo" e "todo o mundo" é:

a) O jogador percorreu todo o mundo.

b) O atleta falou com todo mundo para pedir desculpas.

c) Ele conhecia todo o mundo na festa.

d) Via todo o mundo em seus filmes.

e) Todo o mundo está poluído.

Comentários:

Como vimos, *todo o mundo* quer dizer *o mundo inteiro* e *todo mundo* é o mesmo que *todas as pessoas*. Na letra A, diz-se que o jogador percorreu o mundo inteiro. Na letra B, o atleta falou com todas as pessoas para se desculpar. Já na letra C, não é possível conhecer o mundo inteiro em uma única festa, e sim qualquer pessoa. Na letra D, vê-se o mundo inteiro nos filmes e, na letra E, diz-se que o mundo todo está poluído.

Resposta: C.

5. (NCE/TJ) "O hábito arraigado de separar o econômico do social, do político, do ético e do legal, de que é o exemplo de contrapor o 'mercado' ao 'social' – quase sempre denegrindo o **primeiro** e enaltecendo o **segundo** – é uma das causas...”; mantendo-se o sentido original, os termos sublinhados poderiam ser corretamente substituídos, respectivamente, por:

a) este / aquele

b) este / esse

c) aquele / este

d) aquele / esse

e) esse / este

Comentários:

O numeral ordinal **primeiro** retoma o substantivo **mercado**, que é o elemento mais distante no texto. Já o numeral **segundo** refere-se ao substantivo **social**, que é o elemento mais próximo. Lembre-se de que **esse**, com dois elementos, para fazer diferenciação entre o mais próximo e o mais distante, nunca deve ser utilizado!

Resposta: C.

Violência no Campo

José Saramago

No dia 17 de abril de 1996, no estado brasileiro do Pará, perto de uma povoação chamada Eldorado dos Carajás (Eldorado: como pode ser sarcástico o destino de certas palavras...), 155 soldados da polícia militarizada, armados de espingardas e metralhadoras, abriram fogo contra uma manifestação de camponeses que bloqueavam a estrada em ação de protesto pelo atraso dos procedimentos legais de expropriação de terras, como parte do esboço ou simulacro de uma suposta reforma agrária na qual, entre avanços mínimos e dramáticos recuos, se gastaram já cinquenta anos, sem que alguma vez tivesse sido dada suficiente satisfação aos gravíssimos problemas de subsistência (seria mais rigoroso dizer

sobrevivência) dos trabalhadores do campo. *Naquele dia*, no chão de Eldorado dos Carajás ficaram 19 mortos, além de umas quantas dezenas de pessoas feridas. (…)

"Naquele dia, no chão de Eldorado dos Carajás…".

6. O emprego de *naquele*, neste contexto:

a) indica que o dia referido na frase não deve ser confundido com outro.

b) mostra que o dia referido está distante no tempo.

c) assinala uma distância de lugar.

d) identifica o dia como algo a ser esquecido.

e) refere-se a um dia que o leitor desconhece.

Comentários:

Trata-se de uso do pronome demonstrativo que faz referência a uma informação, que está distante no tempo (dia 17 de abril de 1996). Logo, *naquele* está sendo usado para indicar um passado distante. Muitos alunos, ao errar, marcariam a letra A, que só caberia se houvesse dois dias anteriormente referidos no texto, o que não foi o caso.

Resposta: B.

7. (FCC/ANS – Técnico) … *os peixes morrem e boiam na superfície. Quem chega muito perto fica com os olhos ardendo e algumas pessoas têm dificuldade para respirar. Esses são alguns dos efeitos das marés vermelhas…*

Ao introduzir a frase transcrita acima, o pronome demonstrativo grifado:

a) antecipa a conceituação necessária para o fenômeno que é o assunto do texto.

b) estabelece uma repetição enfática, porém desnecessária, dos fenômenos já citados.

c) especifica o tempo e o espaço em que ocorrem os fenômenos antes citados.

d) indica a retomada dos fenômenos antes relacionados, em uma referência única.

e) redistribui as consequências dos fenômenos assinalados, acentuando seu efeito nas pessoas.

Comentários:

Trata-se de uso do pronome demonstrativo que se refere a informações citadas anteriormente no texto. Assim, eliminam-se automaticamente as letras C e E. A letra B apresenta erro quando menciona que a repetição dos fenômenos citados é desnecessária – ela é um recurso coesivo bastante útil no texto.

Resposta: D.

8. (FCC / TRT – Técn. Judic.) Assinale, entre as frases abaixo, elaboradas a partir do tema do texto, aquela em que se deveria usar ESTE(A) ou NESTE(A), em vez de ESSE(A) ou NESSE(A):

a) Li a regulamentação publicitária. E, nesse instante, compreendi-a melhor.

b) Ainda repercute aqui, nesse cérebro, a culpa de ter feito o anúncio prejudicial.

c) As leis foram publicadas e contra essa publicação se voltaram os anunciantes.

d) Se vocês, publicitários, conhecessem melhor essa regulamentação que está diante de seus olhos, não teriam errado.

e) As recomendações aí estão e são essas a que devemos obedecer.

Comentários:

Na letra A, o pronome demonstrativo *nesse* está adequadamente retomando o que foi dito anteriormente no texto. Já na letra B, o pronome, por apontar para algo que está perto do falante – trata-se do *seu cérebro* – deveria ser *neste* e não *nesse*. Na letra C, o pronome está adequadamente retomando o que foi dito anteriormente, daí utilizar-se *essa*. Na letra D, o pronome aponta para o que está perto do ouvinte – *essa regulamentação…diante de seus olhos* e, na letra E, a mesma situação se repete – *as recomendações aí estão*.

Resposta: B.

9. (NCE / TJ) O vocábulo *atual*, presente na primeira frase do texto, tem seu significado dependente do momento de produção do texto; a frase em que NÃO aparece um elemento do mesmo tipo é:

a) "Recentemente, porém, trata-se da independência da ciência e da técnica."

b) "Agora, esta realidade se estende a todo o Terceiro Mundo."

c) "Agora mundializado, o espaço geográfico redefine-se pela combinação desses signos."

d) "é frequentemente chamada de período técnico-científico."

e) "De um lado, o período atual vem marcado por uma verdadeira unicidade técnica…"

Comentários:

Pela leitura do enunciado, percebe-se que a banca busca um vocábulo com função exofórica, quando diz que tal vocábulo *tem seu significado dependente do momento de produção do texto*. Ora, o que se quer é a única frase que não apresente um vocábulo do mesmo tipo. Na letra A, o advérbio *recentemente* está vinculado ao momento em que o texto foi produzido. Nas letras B e C, o mesmo ocorre com o advérbio *agora*: ele possui, em ambas, função exofórica. Na letra D, o advérbio *frequentemente* não depende de quando se produziu o texto – trata-se de algo que ocorre com bastante frequência, independentemente do tempo. No entanto, a letra E apresenta o adjetivo *atual*, vinculado à época de produção do texto.

Resposta: D.

10. (FGV / Pol. Civil) Em texto da *Folha de São Paulo*, um morador das margens de uma grande rodovia declarava o seguinte: "Hoje já passaram por aqui milhares de caminhões e automóveis, mas eu e minha família já estamos habituados com isso; os garotos até brincam, jogando pedra nos pneus."

Há, nesse texto, um conjunto de palavras cujo significado depende da enunciação, ou seja, da situação em que o texto foi produzido. Entre as alternativas abaixo, aquela que indica um termo que não está nesse caso é:

a) hoje

b) aqui

c) eu

d) minha família

e) isso

Comentários:

Pelo que se depreende do enunciado, todas as alternativas – exceto uma – apresentam vocábulos com função exofórica. Na letra A, o advérbio *hoje* depende do momento de produção textual. Na letra B, o advérbio *aqui* está vinculado ao local onde o texto foi produzido. Nas letras C e D, *eu* e *minha família* dependem do enunciador do texto, logo possuem também função exofórica. Já a letra E apresenta o pronome demonstrativo *isso* que retoma informação anteriormente mencionada no texto – "hoje já passaram por aqui milhares de caminhões e automóveis", possuindo, portanto, função anafórica, e não exofórica.

Resposta: E.

11. (FCC / Anac) O segmento do texto em que o termo destacado se refere textualmente a um elemento anteriormente expresso, e não a um elemento posterior, é:

a) Parece possível distinguir duas tendências fundamentais na reação ao grupo estranho: uma de admiração e aceitação, outra de desprezo e recusa. Aparentemente, quase todos os seres humanos apresentam <u>essas</u> duas tendências fundamentais.

b) … pois supomos entender que <u>os</u> que falam a nossa língua têm um passado comum conosco …

c) e também sabem <u>o</u> que esperar de nós…

d) Sentimos que <u>aqueles</u> que mais nos conhecem…

e) … capazes de ignorar <u>o</u> que de melhor trazemos.

Comentários:

Podemos observar, pelo enunciado, que a banca busca um vocábulo com função anafórica (*um elemento anteriormente expresso*), e não catafórica (*um elemento posterior*). A letra A apresenta um demonstrativo que retoma as *duas tendências* citadas na primeira linha do trecho, tendo, portanto, função anafórica. Nas alternativas seguintes, os pronomes demonstrativos destacados apontam para informações que vêm logo a seguir no texto: *os* aponta para *que falam a nossa língua*; *o* indica *que esperar de nós*; *aqueles* aponta para *que mais nos conhecem* e *o*, para *que de melhor trazemos*. Todos, exceto um, têm função catafórica.

Resposta: A.

12. (TRF – Analista Judiciário) Dentre as frases a seguir, aquela em que o pronome relativo está mal-empregado é:

a) A pesquisa histórica é tarefa cuja realização se deve aos grandes historiadores.

b) O estudo das fontes históricas, o qual tanto atrai os historiadores, é tão importante quanto o da própria História.

c) Analisou tantos fatos quantos pudessem interessar à pesquisa histórica.

d) Às vezes, verificam-se fatos históricos que os historiadores não conseguem determinar suas causas.

e) O modo como a pesquisa histórica evolui às vezes surpreende o próprio historiador.

Comentários:

Ao se usar o pronome relativo devemos, antes de tudo, observar o **antecedente**, como vimos na teoria. Na letra A, o relativo *cuja* aparece entre dois substantivos indicando posse (realização da tarefa). Na B, o pronome relativo *o qual* vem antecedido do núcleo *estudo* (coisa). Na letra C, o pronome relativo *quantos* vem antecedido de *tantos* (indicando quantidade). Na letra D, o pronome relativo *que* não está adequado ao sentido da frase. Nela observamos a ideia de posse (causas dos fatos). Logo, a frase correta seria: " Às vezes, verificam-se fatos históricos **cujas causas** os historiadores não conseguem determinar". Na letra E, o **antecedente** do relativo *como* é a palavra *modo*. Nesses casos, quando os antecedentes são as palavras *modo*, *maneira*, *forma*, o relativo adequado é *como*.

Resposta: D.

9.11. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (FCC – TRE-AP – Técnico Judiciário – Administrativo – 2015)

Michelangelo resistiu a pintar a capela...

...que afligem os seres humanos...

O jovem Michelangelo penou para demonstrar o valor de seu gênio...

Fazendo-se as alterações necessárias, os elementos sublinhados acima foram corretamente substituídos por um pronome, respectivamente, em:

a) lhe pintar – lhes afligem – o demonstrar

b) pintar-lhe – afligem-nos – demonstrar-lhe

c) pintá-la – afligem-lhes – demonstrá-lo

d) pintá-la – os afligem – demonstrá-lo

e) pintar-lhe – os afligem – lhe demonstrar

2. (FCC – Manausprev – Analista Previdenciário – 2015)

Considere:

recuperar esse valor intrínseco

mostram numerosas oportunidades

compreender seus mecanismos

Fazendo-se as alterações necessárias, os segmentos sublinhados acima foram corretamente substituídos por um pronome, na ordem dada, em:

a) o recuperar – mostram-lhes – os compreender

b) lhe recuperar – as mostram – compreendê-los

c) recuperar-lhe – mostram-nas – compreender-lhes

d) recuperá-lo – mostram-nas – compreendê-los

e) recuperá-lo – lhes mostram – lhes compreender

3. (FCC – TJ-AP – Técnico Judiciário – Judiciária e Administrativa – 2014)

Considere o seguinte enunciado:

A jornalista Eliane Brum aproximou-se das parteiras amapaenses e ***entrevistou as parteiras amapaenses*** *para* ***apresentar as parteiras amapaenses*** *ao restante do Brasil.*

Para eliminar as repetições viciosas, as expressões destacadas devem ser substituídas, de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, respectivamente, por:

a) as entrevistou – lhes apresentar

b) entrevistou-nas – as apresentar

c) entrevistou-as – apresentá-las

d) entrevistou-lhes – apresentar-lhes

e) lhes entrevistou – apresentar-nas

4. (FCC – SEFAZ-PE – Auditor Fiscal do Tesouro Estadual – 2014)

A substituição do elemento grifado pelo pronome correspondente foi realizada de modo INCORRETO em:

a) pôs em evidência o fator comum = pô-lo em evidência

b) eliminou imediatamente a variante = eliminou-na imediatamente

c) arremedar a marcha desgovernada de um tabético = arremedá-la

d) trocou por outras as botinas escarrapachadas = trocou-as por outras

e) ela destruía a unidade física do tipo = ela a destruía

5. (Copergás/PE – Téc. Seg. Trabalho – FCC – Jul./2016)

A frase escrita conforme a norma-padrão da língua portuguesa é:

a) Permita-me perguntar a ti, prezado senhor: se o sol apaga, nós sobrevivêramos?

b) Permita-me prezado, senhor, perguntar-te: se o sol apagava, nós sobreviveríamos?

c) Permita-me, prezado senhor, perguntar-lhe: se o sol apagar, nós sobreviveremos?

d) Permita-me, prezado senhor perguntar-vos: se o sol apagasse, nós sobrevivemos?

e) Permita-me perguntar, a vós prezado senhor: se o sol tivesse apagado, nós sobrevivíamos?

Leia o texto a seguir para responder à questão 6.

Texto CB2A2AAA

É inegável que o Estado representa um ônus para a sociedade, já que, para assegurar o seu funcionamento, consome riquezas da sociedade. Representa, porém, um mal necessário, pois até agora não se conseguiu arquitetar mecanismo distinto para catalisar a vida em comunidade. Então, se do Estado ainda não pode prescindir a civilização, cabe-lhe aprimorá-lo, buscando otimizar o seu funcionamento, de modo a torná-lo menos oneroso, mais eficiente e eficaz.

O bom funcionamento do Estado, que inclui também o bom funcionamento de suas estruturas encarregadas do controle público (Ministério Público, Poder Legislativo e tribunais de contas, entre outros), vem sendo alçado à condição de direito fundamental dos indivíduos. Pressupõe, notadamente sob as luzes do princípio constitucional da eficiência, os deveres de cuidado e de cooperação.

O dever de cuidado é consequência direta do postulado da indisponibilidade do interesse público. Em decorrência desse postulado, todo agente público tem o dever de, no cumprimento fiel de suas atribuições, perseguir o interesse público manifesto na Constituição Federal e nas leis. Conduz, portanto, à ideia de vedação da omissão, já que deixar de cumprir tais atribuições evidenciaria conduta ilícita.

O dever de cuidado conduz, ainda, a uma ampla interação entre as estruturas públicas de controle, ou seja, é um dever de cooperação, não como faculdade, mas como obrigação que, em regra, dispensa formas especiais, como previsões normativas específicas, convênios e acordos.

Sob essa perspectiva, o controle público do Estado deve incorporar à sua cultura institucional o compromisso com o direito fundamental ao bom funcionamento do Estado. Nesse contexto, os deveres de cuidado e de cooperação se impõem a todas as estruturas do Estado destinadas a promover o controle da máquina estatal.

A observância do dever de cuidado e do de cooperação – traduzida, portanto, na atuação comprometida e concertada das estruturas orientadas para a função de controle da gestão pública – deve promover, entre os agentes e órgãos de controle, comportamentos de responsabilidade e responsividade. Por responsabilidade entenda-se o genuíno compromisso com a integralidade do ordenamento jurídico, o que pressupõe, acima de tudo, o reconhecimento de um regime de vedação da omissão. Responsividade, por sua vez, traduz o comportamento orientado a oferecer respostas rápidas e proativas, impregnadas de verdadeiro compromisso com a ideia-chave de promover o bom funcionamento do Estado.

Diogo Roberto Ringenberg. Direito fundamental ao bom funcionamento do controle público. In: *Controle Público*, nº 10, abr./2011, p. 55 (com adaptações).

6. (TCE-SC – Aud. Fiscal-Administ. – Cespe – Maio/2016)

Com relação às estruturas linguísticas do texto **CB2A2AAA**, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

No terceiro período do texto, as formas pronominais “ lo”, em suas duas ocorrências – “ aprimorá-lo” e “ torná-lo” –, e “ seu” referem-se a “ Estado”.

Leia o texto a seguir para responder à questão 7.

Texto I

A moeda, como hoje é conhecida, é o resultado de uma longa evolução. No início, não havia moeda, praticava-se o escambo. Algumas mercadorias, pela sua utilidade, passaram a ser mais procuradas do que outras. Aceitas por todos, assumiram a função de moeda, circulando como elemento trocado por outros produtos e servindo para avaliar-lhes o valor. Eram as moedas-mercadorias. O gado, principalmente o bovino, foi dos mais utilizados. O sal foi outra moeda-mercadoria; de difícil obtenção, era muito utilizado na conservação de alimentos. Ambas deixaram marca de sua função como instrumento de troca no vocabulário português, em palavras como pecúnia e pecúlio, capital e salário.

Com o passar do tempo, as mercadorias se tornaram inconvenientes às transações comerciais, devido à oscilação de seu valor, pelo fato de não serem fracionáveis e por serem facilmente perecíveis, o que não permitia o acúmulo de riquezas. Surgiram, então, no século VII a.C., as primeiras moedas com características semelhantes às das atuais: pequenas peças de metal com peso e valor definidos e com a impressão do cunho oficial, isto é, a marca de quem as emitiu e garante o seu valor.

Os primeiros metais utilizados na cunhagem de moedas foram o ouro e a prata. O emprego desses metais se impôs, não só por sua raridade, beleza, imunidade à corrosão e por seu valor econômico, mas também por antigos costumes religiosos. Durante muitos séculos, os países cunharam em ouro suas moedas de maior valor, reservando a prata e o cobre para os valores menores. Esses sistemas se mantiveram até o final do século XIX, quando o cuproníquel e, posteriormente, outras ligas metálicas passaram a ser empregados e a moeda passou a circular pelo seu valor extrínseco, isto é, pelo valor gravado em sua face, que independe do metal nela contido.

Na Idade Média, surgiu o costume de guardar os valores com um ourives, pessoa que negociava objetos de ouro e prata e que, como garantia, entregava um recibo. Esse tipo de recibo passou a ser utilizado para efetuar pagamentos, circulando de mão em mão, e deu origem à moeda de papel. Com o tempo, da forma como ocorreu com as moedas, os governos passaram a conduzir a emissão de cédulas, controlando as falsificações e garantindo o poder de pagamento. Atualmente, quase todos os países possuem bancos centrais, encarregados das emissões de cédulas e moedas.

Disponível em: <www.bcb.gov.br> (com adaptações).

7. (CEF – Cespe – Técnico Bancário – 2014)

Julgue o próximo item, relativo às ideias expressas no texto e a aspectos linguísticos desse texto como Certo (C) ou Errado (E).

Em “ servindo para avaliar-lhes o valor” (l. 4), o pronome “ lhes”, que retoma “ outros produtos” (l. 3-4), equivale, em sentido, ao pronome **seu.**

Leia o texto a seguir para responder à questão 8.

Texto I

Muitas vezes, na divulgação midiática de pesquisas e projetos científicos, o profissional da área de comunicação tropeça em questões teóricas, não dá a devida importância para a pesquisa em si, põe em foco questões do processo de pesquisa que são irrelevantes para o projeto e para o pesquisador, ou mesmo propaga conhecimentos e crenças populares em vez de ser “ fiel” ao

trabalho do pesquisador. Já o pesquisador, ao escrever sobre seu projeto ou pesquisa, esquece por vezes que aqueles que lerão nem sempre têm conhecimento linguístico da área e utiliza uma linguagem não acessível a pessoas que não pertencem ao meio acadêmico e, dessa forma, dificulta a divulgação de sua pesquisa.

O jornalista está dentro de uma esfera que tem como foco a comunicação em si e não o que se comunica. O foco é uma linguagem acessível, interessante e que chame a atenção do público para comprar e consumir os textos e artigos que são escritos e, se for necessário, ele sacrifica o conteúdo em prol da atenção do público e da linguagem. Já o pesquisador está em uma esfera cujo foco é o conteúdo, o objeto de pesquisa e a pesquisa em si e, muitas vezes, ele sacrifica um grupo extenso de leitores ao empregar linguagem específica, científica e não acessível. Portanto, ao escrever, os dois profissionais têm de ter em mente que sua esfera de atividade humana e, por consequência, de comunicação, se torna mais complexa. O jornalista deve ter em mente que, quando escreve sobre um projeto científico, não atua apenas em sua área de atividade humana, a comunicação, mas na comunicação científica. O cientista ou pesquisador deve considerar que a divulgação de sua pesquisa não deve ser feita apenas para a comunidade científica, mas para o público em geral. Dessa forma, o pesquisador precisa constantemente pensar mais nesse público e, consequentemente, na linguagem utilizada. O jornalista, por sua vez, precisa ficar mais atento à pesquisa que está sendo divulgada. Cada um precisa aprender com o outro, permitindo-se entrar mais em uma esfera de atividade humana à qual não pertence originalmente. O principal motivo desse intercâmbio de intenções ao escrever é aumentar o acesso do público à ciência.

A academia não pode estar voltada apenas para seu público interno. É muito importante que as informações sejam divulgadas e não permaneçam circulando em um grupo fechado, até para que haja crescimento da própria comunidade científica.

Camila Delmondes Dias et al. Divulgando a arqueologia: comunicando o conhecimento para a sociedade. In: *Ciência e Cultura*. São Paulo, v. 65, nº 2, jun./2013. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br> (com adaptações).

8. (FUB – Nível Superior – Cespe – 2014)

Com referência às estruturas linguísticas do texto, julgue o item seguinte como Certo (C) ou Errado (E).

O pronome "sua" (l. 14) remete ao termo "os dois profissionais" (l. 13), que, por sua vez, se refere conjuntamente a "O jornalista" (l. 8) e a "o pesquisador" (l. 11).

9. (Basa – Médico do Trabalho – Cesgranrio – Set./2015 – Adaptada)

No trecho "deveriam ser serviços dirigidos por pessoas de inteira confiança do empresário e que se dispusessem a defendê-lo", o pronome oblíquo "o" exerce uma função coesiva, ao retomar, como seu referente, a expressão

a) fundador

b) serviço médico

c) trabalho

d) capital

e) empresário

10. (Basa – Médico do Trabalho – Cesgranrio – Set./2015 – Adaptada)

No trecho "A medicina do trabalho, enquanto especialidade médica", a palavra **enquanto** pode ser substituída, conforme a norma-padrão e sem mudança do sentido original da frase, por

a) onde

b) porém

c) todavia

d) como

e) assim

11. (ANP – Téc. Reg. Petr&Der – Cesgranrio – Jan./2016)

O pronome de tratamento está empregado de acordo com a norma-padrão em:

a) Vossa Excelência, que é assim tratado por ser presidente desta empresa, deveria proporcionar cursos de aperfeiçoamento aos seus funcionários interessados no mercado digital.

b) As medidas para a prevenção de doenças cardíacas foram acatadas por Sua Excelência, o Ministro da Saúde, com muita propriedade.

c) Senhor Bispo, solicitamos que Vossa Senhoria apresente os dados relativos ao encontro internacional da juventude, realizado no Brasil em 2014.

d) Os funcionários da Universidade não aceitaram a posição de Sua Eminência, o Reitor, sobre o período destinado às férias escolares.

e) Sua Excelência Reverendíssima, o padre, pediu que os coordenadores das atividades da paróquia comparecessem pontualmente à reunião.

12. (C.M. Marília-SP – Proc. Jurídico – Vunesp – Abril/2016)

_____uma aluna da Sorbonne que a recebesse para uma conversa que pudesse explicar o Brasil com apenas um título que _____ de roteiro para o trabalho que deveria apresentar. Já me pediram coisas extravagantes, recusei algumas, aceitei outras. Mas não _____ .

Em conformidade com a norma-padrão, as lacunas da frase devem ser preenchidas, respectivamente, com:

a) Pediu-me … serviria-lhe … lhe quis decepcionar

b) Me pediu … servir-lhe-ia … quis decepcioná-la

c) Pediu-me … lhe serviria … a quis decepcionar

d) Me pediu … o serviria … quis decepcionar-lhe

e) Pediu-me … serviria-o … quis decepcioná-la

13. (Unesp – Ass. Administrativo I – Vunesp – Abril/2016)

A alternativa em que os pronomes destacados estão empregados segundo a norma-padrão é:

a) Havendo brinquedos no playground, meninos podem escalar-**lhes**.

b) Na loja havia uma pia que funcionava de verdade, e meu filho se empolgou quando viu **ela**.

c) Cuidado com seu sapato de princesa, filha! Não vai sujar **ele**!

d) Com esse modo de pensar sobre as meninas nós fazemos-**lhes** infelizes.

e) Meninos são tidos como diferentes e vivências mais amplas **lhes** são permitidas.

14. (Unifesp – Técnico Seg. Trab. – Vunesp – Abril/2016)

Leia os quadrinhos.

(*Folha de S.Paulo*, 09.01.2016. Adaptado)

Em conformidade com a norma-padrão da língua portuguesa, as lacunas da fala da personagem, no primeiro quadrinho, devem ser preenchidas, respectivamente, com:

a) algum ... me livrar

b) o ... livrar eu

c) esse ... me livrar

d) um ... livrar eu

e) este ... me livrar

Leia o texto a seguir para responder à questão 15.

Texto I

Na Vila Telebrasília, onde mora, poucos conhecem Abiesel Alves Cavalcanti pelo nome completo. Lá ele é Bisa, o pescador. Há 35 anos, o pernambucano veio atrás do progresso na capital. Acompanhado pelo irmão, trouxe algumas roupas e a tarrafa, sua ferramenta de trabalho. “ Eu falei para o mano: se lá tem água, tem peixe. De fome a gente não morre”, lembra Bisa. O Lago Paranoá alimentou toda a sua família, composta de mulher e dez filhos. No começo, quando a pesca com tarrafa era proibida, Bisa saía na madrugada em uma canoa e trabalhava escondido. Depois, quando a captura com malha foi autorizada, ele se destacou entre os colegas. Chegava a voltar com até 300 quilos de peixe na embarcação. Hoje, o lago já não é tão abundante quanto há uma década e meia, mas ele ainda chega com o barco cheio. Entre tilápias, tucunarés, carpas e traíras, soma 250 quilos de peixe por semana e perto de dois mil reais por mês. Bisa rema quase sete horas para chegar até a altura da Ermida Dom Bosco e, às vezes, dorme na mata e retorna para casa só na manhã seguinte. “ É uma vida de muito trabalho, mas necessidade eu nunca passei”, diz o pescador.

Lilian Tahan. Vivendo de pescaria. In: *Veja Brasília*, 2/10/2013 (com adaptações).

15. (Cespe – ICMBIO – Médio – 2014)

Julgue o próximo item, relativo às ideias e às estruturas linguísticas do texto como Certo (C) ou Errado (E).

Na oração “ ele se destacou entre os colegas” (l. 7), é obrigatório o uso do pronome “ se” em posição pré-verbal, devido ao fator atrativo exercido pelo elemento que o antecede.

Leia o texto a seguir para responder à questão 16.

Texto I

Construímos coisas o tempo todo, mas como saberemos quanto tempo vão durar? Se construirmos depósitos para resíduos nucleares, precisaremos ter certeza de que os contêineres vão resistir até que o material dentro deles não mais seja perigoso. E, se não quisermos encher o planeta de lixo, é bom sabermos quanto tempo leva para que plásticos e outros materiais se decomponham. A única forma de termos certeza é submetendo esses materiais a testes de estresse por cerca de 100 mil anos para ver como reagem. Então, poderíamos aprender a construir coisas que realmente duram — ou que se decompõem de uma forma " verde". Experimentos submeteriam materiais ao desgaste e a ataques químicos, como variações de alcalinidade, e, ainda, alterariam a temperatura ambiente para simular os ciclos de dia e noite e das estações. Com as técnicas de simulação em laboratórios de que dispomos atualmente, por exemplo, não se pode prever como será o desempenho da bateria de um carro elétrico nos próximos quinze anos. As simulações de computador podem, por fim, tornar-se sofisticadas a ponto de substituir experimentos de longo prazo. Enquanto isso, no entanto, precisamos adotar cautela extra ao construirmos coisas que precisam durar.

Kristin Persson. Como os materiais se decompõem? In: *Scientific American Brasil*, s/d, 2013 (com adaptações).

16. (Cespe – ICMBIO – Superior – 2014)

Acerca de aspectos estruturais do texto e das ideias nele contidas, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Em " se decompõem" (l. 6) e " se pode" (l. 10), o pronome " se" poderia ser proposto à forma verbal – **decompõem-se** e **pode-se** – sem prejuízo para a correção gramatical do texto.

Leia o texto a seguir para responder à questão 17.

Texto I

Um estudo da Universidade da Califórnia, em Davis – EUA, mostra que a curiosidade é importante no aprendizado. Imagens dos cérebros de universitários revelaram que ela estimula a atividade cerebral do hormônio dopamina, que parece fortalecer a memória das pessoas. A dopamina está ligada à sensação de recompensa, o que sugere que a curiosidade estimula os mesmos circuitos neurais ativados por uma guloseima ou uma droga. Na média, os alunos testados deram 35 respostas corretas a 50 perguntas acerca de temas que os deixavam curiosos e 27 de 50 questões sobre assuntos que não os atraíam. Estimular a curiosidade ajuda a aprender.

Planeta, dez/2014, p. 14 (com adaptações).

17. (Cespe – FUB – Técnico Administrativo – 2015)

A respeito das ideias e das estruturas linguísticas do texto acima, julgue o item que segue como Certo (C) ou Errado (E).

Em um uso mais formal da língua, as regras de colocação pronominal do padrão culto permitem que o pronome átono em " que não os atraíam" (l. 6) seja também utilizado depois do verbo, sob a forma de **nos**, ligada ao verbo por um hífen.

Leia o texto a seguir para responder à questão 18.

Texto 2 – Violência e favelas

O crescimento dos índices de violência e a dramática transformação do crime manifestados nas grandes metrópoles são

alarmantes, sobretudo, na cidade do Rio de Janeiro, sendo as favelas as mais afetadas nesse processo.

“ A violência está o cúmulo do absurdo. É geral, não é? É geral, não tem, não está distinguindo raça, cor, dinheiro, com dinheiro, sem dinheiro, tá de pessoa para pessoa, não interessa se eu te conheço ou se eu não te conheço. Me irritou na rua eu te dou um tiro. É assim mesmo que está, e é irritante, o ser humano está em um estado de nervos que ele não está mais se controlando, aí junta a falta de dinheiro, junta falta de tudo, e quem tem mais tá querendo mais, e quem tem menos tá querendo alguma coisa e vai descontar em cima de quem tem mais, e tá uma rivalidade, uma violência que não tem mais tamanho, tá uma coisa insuportável.” (moradora da Rocinha)

A recente escalada da violência no país está relacionada ao processo de globalização que se verifica, inclusive, ao nível das redes de criminalidade. A comunicação entre as redes internacionais ligadas ao crime organizado são realizadas para negociar armas e drogas. Por outro lado, verifica-se hoje, com as CPIs (Comissão Parlamentar de Inquérito) instaladas, ligações entre atores presentes em instituições estatais e redes do narcotráfico.

Nesse contexto, as camadas populares e seus bairros/favelas são crescentemente objeto de estigmatização, percebidos como causa da desordem social o que contribui para aprofundar a segregação nesses espaços. No outro polo, verifica-se um crescimento da autossegregação, especialmente por parte das elites que se encastelam nos enclaves fortificados na tentativa de se proteger da violência.

(Maria de Fátima Cabral Marques Gomes, *Scripta Nova*)

18. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

“ A violência está o cúmulo do absurdo. É geral, não é? É geral, não tem, não está distinguindo raça, cor, dinheiro, com dinheiro, sem dinheiro, tá de pessoa para pessoa, não interessa se eu te conheço ou se eu não te conheço. Me irritou na rua eu te dou um tiro.”

A fala da moradora da Rocinha mostra certas características distintas da variedade padrão de linguagem; a única característica que NÃO está comprovada pelo exemplo dado é:

a) segmentos desconexos: “ não tem”;

b) formas reduzidas: “ tá de pessoa para pessoa”;

c) explicações desnecessárias: “ com dinheiro, sem dinheiro”;

d) mistura de tratamento: “ se eu te conheço ou se eu não te conheço”;

e) erros gramaticais: “ me irritou na rua”.

19. (Liquigás – Administrador Jr. – Cesgranrio – Set./2015)

A frase em que a colocação do pronome se mostra adequada à norma-padrão é:

a) Não **nos** conformemos com a condição miserável de muitos!

b) Daqui a vinte e cinco anos, ainda desejar-**se**-á que o país progrida.

c) É necessário que encontrem-**se** medidas urgentes para o combate à fome.

d) **Me** surpreende que, no Brasil de hoje, a fome ainda mate.

e) Até que dia desrepeitaremo-**nos** tanto quanto hoje?

20. (Petrobras – Advogado Jr. – Cesgranrio – Ago./2015)

De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, o pronome destacado está colocado adequadamente em:

a) Quando todas as instituições educacionais **se** interessarem pela inclusão digital, a sociedade será muito beneficiada em diferentes aspectos do seu desenvolvimento.

b) Atualmente, há uma intensa pressão social para que o indivíduo sempre mantenha-**se** a par das novas tecnologias lançadas em outras regiões do mundo.

c) Não pouparam-**se** esforços para que todos os funcionários daquela empresa tivessem acesso às mídias digitais por meio de renovação dos equipamentos.

d) Os pesquisadores das áreas sociais e tecnológicas nunca enganam-**se** a respeito da grande importância da presença da internet em nossa sociedade.

e) Se o preço dos equipamentos eletrônicos ficar muito elevado, poderá-**se** procurar pesquisar mais atentamente.

21. (BB – Escriturário – Cesgranrio – Out./2015)

A colocação do pronome destacado atende às exigências da norma-padrão da Língua Portuguesa em:

a) Os clientes mais exigentes sempre comportaram-**se** bem diante das medidas favoráveis oferecidas pelos bancos.

b) Efetivando-**se** os pagamentos com moedas virtuais, os clientes terão confiança para utilizar esse recurso financeiro.

c) Os usuários constantes da internet não enganam-**se** a respeito das vantagens do comércio *on-line*.

d) É preciso observar que a população interessa-**se** pelas formas de aprendizagem condizentes com a sua cultura.

e) Os turistas tinham organizado-**se** para viajar quando as condições econômicas melhorassem.

22. (MPE/SP – Analista Técnico Científico – Vunesp – Jul./2016)

O contexto em que, segundo a norma-padrão, o pronome " se" pode ser colocado antes ou depois do verbo, é:

a) ... como todas as repúblicas que se prezam...

b) Chamava-se o deputado Felixhimino ben Karpatoso.

c) ... de cinquenta em cinquenta anos descobria-se nele um produto...

d) ... não se sabia bem...

e) ... embora nada se conhecesse dele.

23. (MPE/SP- Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Leia os quadrinhos.

(Níquel Náusea. Fernando Gonsales. *Folha de S.Paulo*, 17/04/2015. Adaptado)

Em conformidade com a norma-padrão, as lacunas na fala da personagem devem ser preenchidas, respectivamente, com:

a) Me morda ... mim

b) Morda-me ... eu

c) Me morde ... mim

d) Morde eu ... eu

e) Morda-me ... mim

Leia o texto a seguir para responder à questão 24.

Texto II

Bibliotecas sempre deram muito o que falar. Grandes monarquias jamais deixaram de possuir as suas, e cuidavam delas estrategicamente. Afinal, dotes de princesas foram negociados tendo livros como objetos de barganha; tratados diplomáticos versaram sobre essas coleções. Os monarcas portugueses, após o terremoto que dizimou Lisboa, se orgulhavam de, a despeito dos destroços, terem erguido uma grande biblioteca: a Real Livraria. D. José chamava-a de joia maior do tesouro real. D. João VI, mesmo na correria da partida para o Brasil, não se esqueceu dos livros. Em três diferentes levas, a Real Biblioteca aportou nos trópicos, e foi até mesmo tema de disputa.

Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br> (com adaptações).

24. (INSS – Técnico Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

Acerca de aspectos linguísticos e dos sentidos do texto acima, julgue o item que se segue como Certo (C) ou Errado (E).

A expressão “ essas coleções” (l. 3) retoma, por coesão, o termo “ Bibliotecas” (l. 1).

Leia o texto a seguir para responder à questão 25.

O ABCerrado e a Matomática (“ matemática do mato”), metodologias criadas por um professor da UnB, apoiam-se em dois princípios: o da elevação da autoestima de alunos e professores e o do envolvimento com o meio ambiente para a construção, de

forma lúdica e interdisciplinar, da cidadania e do respeito mútuo. “ Fazemos a aproximação por meio de elementos do contexto onde as crianças estão inseridas. As atividades de leitura, interpretação e escrita associam-se ao tema do cerrado na forma de poesias, música, desenho, pintura e jogos”, explica uma professora da Faculdade de Educação da UnB. Atualmente, a universidade trabalha para expandir a aplicação do ABCerrado na rede de ensino do DF. “ Ainda prevalece uma visão conservadora sobre o que é educação”, conta a professora. “ A natureza possui uma dimensão formadora. Isso subverte a forma de se tratar a relação entre o ser humano e o meio ambiente no cerne de um processo educativo. Não se trata de educar o ser humano para o domínio e a apropriação da natureza, mas de educar a humanidade para ser capaz de trocar e de aprender com ela”, completa.

João Campos. O ABC do cerrado. In: *Revista Darcy*, jun./2012 (com adaptações).

25. (Cespe – ICMBIO – 2014)

Com relação aos aspectos linguísticos e aos sentidos do texto acima, julgue o item subsequente como Certo (c) ou Errado (E).

O termo “ Isso” (l. 9) refere-se à expressão “ visão conservadora” (l. 8).

Leia o texto a seguir para responder à questão 26.

A busca de uma convenção para medir riquezas e trocar mercadorias é quase tão antiga quanto a vida em sociedade. Ao longo da história, os mais diversos artigos foram usados com essa finalidade, como o chocolate, entre os astecas, e o bacalhau seco, entre os noruegueses, tendo cabido aos gregos do século VII a.C. a criação de uma moeda metálica com um valor padronizado pelo Estado. “ Foi uma invenção revolucionária. Ela facilitou o acesso das camadas mais pobres às riquezas, o acúmulo de dinheiro e a coleta de impostos – coisas muito difíceis de fazer quando os valores eram contados em bois ou imóveis”, afirma a arqueóloga Maria Beatriz Florenzano, da Universidade de São Paulo. A segunda grande revolução na história do dinheiro, o papel-moeda, teve uma origem mais confusa. Existiam cédulas na China do ano 960, mas elas não se espalharam para outros lugares e caíram em desuso no fim do século XIV.

As notas só apareceram na Europa – e daí para o mundo – em 1661, na Suécia. Há quem acredite que cartões de crédito e caixas eletrônicos em rede já representam uma terceira revolução monetária. “ Com a informática, o dinheiro se transformou em impulsos eletrônicos invisíveis, livres do espaço, do tempo e do controle de governos e corporações”, afirma o antropólogo Jack Weatherford, da Faculdade Macalester, nos Estados Unidos da América.

Disponível em: <http://super.abril.com.br> (com adaptações).

26. (Cespe – CEF – Superior – 2014)

Em relação às ideias e aos aspectos linguísticos do texto, julgue o próximo item como Certo (C) ou Errado (E).

A expressão “ essa finalidade” (l. 2) refere-se ao trecho “ para medir riquezas e trocar mercadorias” (l. 1)

Leia o texto a seguir para responder à questão 27.

Já se tornou crônica a escassez de mão de obra qualificada no Brasil, o que pode comprometer ainda mais a capacidade produtiva do país nos próximos anos. Se nada for feito urgentemente para começar a reverter esse quadro, o país estará condenado a ter por muito tempo ainda o crescimento econômico reduzido que apresenta hoje, com efeitos negativos na distribuição de riqueza.

Desde 2012, o número de trabalhadores pouco escolarizados diminuiu, mas os indicadores apontam para o fato de que a escolarização ainda continua sendo muito precária, insuficiente para atender à demanda cada vez maior das indústrias e mesmo

dos setores de serviços e da construção civil, que tradicionalmente exigem menos especialistas na hora de contratar.

O Estado de S.Paulo, 26/1/2014 (com adaptações).

27. (FUB – Cespe – Médio/Superior – 2014)

Julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E), relativo às ideias e às estruturas linguísticas do texto acima.

A expressão " esse quadro" (l. 3) é elemento coesivo que retoma informação contida no período anterior.

Leia o texto a seguir para responder à questão 28.

Texto III

O Decreto nº 21.076, de 24 de fevereiro de 1932, primeiro Código Eleitoral pátrio, instituiu a justiça eleitoral no Brasil, com funções contenciosas e administrativas. Eram seus órgãos: um Tribunal Superior (de justiça eleitoral – o decreto não menciona justiça eleitoral), na capital da República; um tribunal regional, na capital de cada estado, no DF e na sede do governo do território do Acre, além de juízes eleitorais nas comarcas e nos distritos. O Tribunal Superior – de justiça eleitoral – com jurisdição em todo o território nacional, compunha-se de oito membros efetivos e oito substitutos, e era presidido pelo vice-presidente do Supremo Tribunal Federal (STF). A ele se somavam dois membros efetivos e dois substitutos, sorteados dentre os ministros do STF, além de dois efetivos e dois substitutos, sorteados dentre os desembargadores da Corte de Apelação do DF. Por fim, integravam a Corte três membros efetivos e quatro substitutos, escolhidos pelo chefe do governo provisório dentre quinze cidadãos, indicados pelo STF, desde que atendessem aos requisitos de notável saber jurídico e idoneidade moral. Dentre seus membros, elegia o Tribunal Superior, em escrutínio secreto, por meio de cédulas com o nome do juiz e a designação do cargo, um vice-presidente e um procurador para exercer as funções do Ministério Público, tendo este último a denominação de procurador-geral da justiça eleitoral. Em relação a esse cargo, nota-se uma peculiaridade, à época da criação do Tribunal Superior: o procurador-geral da justiça eleitoral não era o procurador-geral da República, mas sim um membro do próprio tribunal.

As formas de composição do TSE: de 1932 aos dias atuais. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral, Secretaria de Gestão da Informação, 2008, p. 11. Disponível em: <www.tse.jus.br> (com adaptações).

28. (TRE/GO – Superior – Cespe – 2015)

Com referência às estruturas linguísticas do texto III, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Na linha 14, a expressão " este último" remete ao último órgão mencionado no período: o " Ministério Público".

Leia o texto a seguir para responder à questão 29.

Texto 1

Há pessoas que preferem enfrentar as gélidas noites paulistanas na rua a buscar acolhimento nos abrigos municipais. As razões para tal atitude, mesmo em meio a uma onda de frio que assola São Paulo, são várias: de inadequação às regras dos albergues a condições supostamente insalubres de alguns desses locais.

Mesmo quem busca uma vaga tem reclamações a fazer sobre os abrigos municipais: eles dizem que os banheiros e as roupas de cama estão em más condições e se queixam de tratamento desrespeitoso por parte de alguns funcionários.

(UOL Cotidiano, *Notícias*, junho de 2016)

29. (Compesa – A.S.G. – Técn. Segur. Trab. – FGV – Jul./2016)

As razões para tal atitude, mesmo em meio a uma onda de frio que assola São Paulo, são várias: de inadequação às regras dos albergues a condições supostamente insalubres de alguns desses locais.

Assinale a opção que apresenta o comentário correto sobre um dos elementos sublinhados.

a) O termo tal atitude se refere à busca de acolhimento nos abrigos.

b) O termo em meio a uma onda de frio reitera gélidas noites paulistanas.

c) O termo várias indica obrigatoriamente grande quantidade.

d) O termo supostamente mostra confiança no que foi informado.

e) O termo desses locais se refere às ruas de São Paulo.

30. (Compesa – An. Gest. Médico do Trabalho – FGV – Jul./2016)

Assinale a opção que indica a frase em que o emprego do demonstrativo sublinhado está adequado.

a) "*As principais ameaças nessa vida são as pessoas que querem mudar tudo... ou nada.*"

b) "*O mundo anda mudando tão rápido que aquele que diz que alguma coisa não pode ser feita é geralmente interrompido por alguém fazendo esta coisa.*"

c) "*Crianças e loucos dizem a verdade. Por isso se educam essas e se encarceram estes.*"

d) "*O pior dos problemas da gente é que ninguém tem nada com isto.*"

e) "*Lamentar aquilo que não temos é desperdiçar aquilo que possuímos.*"

31. (Pref. Paulínia-SP – Eng. Agrôn. – FGV – Maio/2016)

"*É próprio das famílias numerosas brigarem, fazerem as pazes e tornarem a brigar.*"

(**Machado de Assis**)

No fragmento acima, o vocábulo *próprio* mostra o mesmo valor que na seguinte frase:

a) O restaurante serve pratos finos, próprios a paladares exigentes.

b) Os idosos gostam de jogos próprios de sua idade.

c) Ele próprio preparava a comida.

d) Assinou o documento com seu nome próprio.

e) Eu sempre morei em apartamento próprio.

32. (BB – Escriturário – Cesgranrio – Out./2015 – Adaptada)

Nos fragmentos a seguir, a palavra ou expressão a que o termo destacado se refere está corretamente explicitada entre colchetes em:

a) "A teoria nos ensina que são três as **suas** principais características" [ordem de pagamento]

b) "Criada por um 'personagem virtual', **cuja** identidade no mundo real é motivo de grande especulação" [moeda virtual]

c) “ trocavam seus produtos de subsistência através do escambo, organizado em locais públicos, decorrendo **daí** a origem do termo ‘pregão’ da Bolsa” [produção de bens]

d) “ **ela** é sempre motivada por um fenômeno humano” [essa pequena exegese]

e) “ o que **isso** tem a ver com *bitcoins*?” [transação financeira virtual]

33. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

(Hagar, Dik Browne. *Folha de S.Paulo*, 31.10.2015. Adaptado)

Em conformidade com a norma-padrão, as lacunas nas falas das personagens devem ser preenchidas, respectivamente, com:

a) Esses ... sinto-me... me sentiria

b) Estes ... me sinto ... me sentiria

c) Eles ... sinto-me... sentiria-me

d) Esses ... me sinto ... sentir-me-ia

e) Estes ... sinto-me... sentir-me-ia

Leia o texto a seguir para responder à questão 34.

O museu é considerado um instrumento de neutralização – e talvez o seja de fato. Os objetos que nele se encontram reunidos trazem o testemunho de disputas sociais, de conflitos políticos e religiosos. Muitas obras antigas celebram vitórias militares e conquistas: a maior parte presta homenagem às potências dominantes, suas financiadoras. As obras modernas são, mais genericamente, animadas pelo espírito crítico: elas protestam contra os fatos da realidade, os poderes, o estado das coisas. O museu reúne todas essas manifestações de sentido oposto. Expõe tudo junto em nome de um valor que se presume partilhado por elas: a qualidade artística. Suas diferenças funcionais, suas divergências políticas são apagadas. A violência de que participavam, ou que combatiam, é esquecida. O museu parece assim desempenhar um papel de pacificação social. A guerra das imagens extingue-se na pacificação dos museus.

Todos os objetos reunidos ali têm como princípio o fato de terem sido retirados de seu contexto. Desde então, dois pontos de vista concorrentes são possíveis. De acordo com o primeiro, o museu é por excelência o lugar de advento da Arte enquanto tal, separada de seus pretextos, libertada de suas sujeições. Para o segundo, e pela mesma razão, é um “ depósito de despojos”. Por um lado, o museu facilita o acesso das obras a um status estético que as exalta. Por outro, as reduz a um destino igualmente

estético, mas, desta vez, concebido como um estado letárgico.

A colocação em museu foi descrita e denunciada frequentemente como uma desvitalização do simbólico, e a musealização progressiva dos objetos de uso como outros tantos escândalos sucessivos. Ainda seria preciso perguntar sobre a razão do " escândalo". Para que haja escândalo, é necessário que tenha havido atentado ao sagrado. Diante de cada crítica escandalizada dirigida ao museu, seria interessante desvendar que valor foi previamente sacralizado. A Religião? A Arte? A singularidade absoluta da obra? A Revolta? A Vida autêntica? A integridade do Contexto original? Estranha inversão de perspectiva. Porque, simultaneamente, a crítica mais comum contra o museu apresenta-o como sendo, ele próprio, um órgão de sacralização. O museu, por retirar as obras de sua origem, é realmente " o lugar simbólico onde o trabalho de abstração assume seu caráter mais violento e mais ultrajante". Porém, esse trabalho de abstração e esse efeito de alienação operam em toda parte. É a ação do tempo, conjugada com nossa ilusão da presença mantida e da arte conservada.

(Adaptado de: GALARD, Jean. *Beleza Exorbitante*. São Paulo, Fap.-Unifesp, 2012, p. 68-71)

34. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

... *suas financiadoras* (1º parágrafo)

Suas diferenças funcionais... (1º parágrafo)

... *seu caráter mais violento*... (3º parágrafo)

Os pronomes dos trechos acima referem-se, respectivamente, a:

a) vitórias militares − manifestações − museu

b) vitórias militares − obras modernas − museu

c) potências dominantes − obras modernas − trabalho de abstração

d) potências dominantes − manifestações − trabalho de abstração

e) potências dominantes − obras modernas − museu

Leia o texto a seguir para responder à questão 35.

Texto I

A moeda, como hoje é conhecida, é o resultado de uma longa evolução. No início, não havia moeda, praticava-se o escambo. Algumas mercadorias, pela sua utilidade, passaram a ser mais procuradas do que outras. Aceitas por todos, assumiram a função de moeda, circulando como elemento trocado por outros produtos e servindo para avaliar-lhes o valor. Eram as moedas-mercadorias. O gado, principalmente o bovino, foi dos mais utilizados. O sal foi outra moeda-mercadoria; de difícil obtenção, era muito utilizado na conservação de alimentos. Ambas deixaram marca de sua função como instrumento de troca no vocabulário português, em palavras como pecúnia e pecúlio, capital e salário.

Com o passar do tempo, as mercadorias se tornaram inconvenientes às transações comerciais, devido à oscilação de seu valor, pelo fato de não serem fracionáveis e por serem facilmente perecíveis, o que não permitia o acúmulo de riquezas. Surgiram, então, no século VII a.C., as primeiras moedas com características semelhantes às das atuais: pequenas peças de metal com peso e valor definidos e com a impressão do cunho oficial, isto é, a marca de quem as emitiu e garante o seu valor.

Os primeiros metais utilizados na cunhagem de moedas foram o ouro e a prata. O emprego desses metais se impôs, não só por sua

raridade, beleza, imunidade à corrosão e por seu valor econômico, mas também por antigos costumes religiosos. Durante muitos séculos, os países cunharam em ouro suas moedas de maior valor, reservando a prata e o cobre para os valores menores. Esses sistemas se mantiveram até o final do século XIX, quando o cuproníquel e, posteriormente, outras ligas metálicas passaram a ser empregados e a moeda passou a circular pelo seu valor extrínseco, isto é, pelo valor gravado em sua face, que independe do metal nela contido.

Na Idade Média, surgiu o costume de guardar os valores com um ourives, pessoa que negociava objetos de ouro e prata e que, como garantia, entregava um recibo. Esse tipo de recibo passou a ser utilizado para efetuar pagamentos, circulando de mão em mão, e deu origem à moeda de papel. Com o tempo, da forma como ocorreu com as moedas, os governos passaram a conduzir a emissão de cédulas, controlando as falsificações e garantindo o poder de pagamento. Atualmente, quase todos os países possuem bancos centrais, encarregados das emissões de cédulas e moedas.

Disponível em: <www.bcb.gov.br> (com adaptações).

35. (CEF – Nível Médio – Cespe – Março/2014)

Julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

O referente do sujeito da oração " e garante o seu valor" (l. 12) é " marca" (l. 12).

Leia o texto a seguir para responder à questão 36.

Depois que se tinha fartado de ouro, o mundo teve fome de açúcar, mas o açúcar consumia escravos. O esgotamento das minas – que de resto foi precedido pelo das florestas que forneciam o combustível para os fornos –, a abolição da escravatura e, finalmente, uma procura mundial crescente, orientam São Paulo e o seu porto de Santos para o café. De amarelo, passando pelo branco, o ouro tornou-se negro.

Mas, apesar de terem ocorrido essas transformações que tornaram Santos num dos centros do comércio internacional, o local conserva uma beleza secreta; à medida que o barco penetra lentamente por entre as ilhas, experimento aqui o primeiro sobressalto dos trópicos. Estamos encerrados num canal verdejante. Quase podíamos, só com estender a mão, agarrar essas plantas que o Rio ainda mantinha à distância nas suas estufas empoleiradas lá no alto. Aqui se estabelece, num palco mais modesto, o contato com a paisagem.

O arrabalde de Santos, uma planície inundada, crivada de lagoas e pântanos, entrecortada por riachos estreitos e canais, cujos contornos são perpetuamente esbatidos por uma bruma nacarada, assemelha-se à própria Terra, emergindo no começo da criação. As plantações de bananeiras que a cobrem são do verde mais jovem e terno que se possa imaginar: mais agudo que o ouro verde dos campos de juta no delta do Bramaputra, com o qual gosto de o associar na minha recordação; mas é que a própria fragilidade do matiz, a sua gracilidade inquieta, comparada com a suntuosidade tranquila da outra, contribuem para criar uma atmosfera primordial.

Durante cerca de meia hora, rolamos por entre bananeiras, mais plantas mastodontes do que árvores anãs, com troncos plenos de seiva que terminam numa girândola de folhas elásticas por sobre uma mão de 100 dedos que sai de um enorme lótus castanho e rosado. A seguir, a estrada eleva-se até os 800 metros de altitude, o cume da serra. Como acontece em toda parte nessa costa, escarpas abruptas protegeram dos ataques do homem essa floresta virgem tão rica que para encontrarmos igual a ela teríamos de percorrer vários milhares de quilômetros para norte, junto da bacia amazônica. Enquanto o carro geme em curvas que já nem poderíamos qualificar como " cabeças de alfinete", de tal modo se sucedem em espiral, por entre um nevoeiro que imita a alta montanha de outros climas, posso examinar à vontade as árvores e as plantas estendendo-se perante o meu olhar como espécimes

de museu.

(Adaptado de: Lévi-Strauss, Claude. *Tristes Trópicos*. Coimbra, Edições 70, 1979, p. 82-3)

36. (TRF3- Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

As plantações de bananeiras que a cobrem... (3º parágrafo)

... com troncos plenos de seiva que terminam numa girândola de folhas... (4º parágrafo)

... que sai de um enorme lótus castanho e rosado... (4º parágrafo)

Os pronomes sublinhados referem-se respectivamente a:

a) bruma – seiva – mão

b) planície – troncos – mão

c) planície – troncos – dedos

d) Terra – seiva – mão

e) bruma – troncos – dedos

37. (TRT14R – Téc. Jud. – Área Adminis. – FCC – Fev./2016)

"*Isto pode despertar a atenção de outras pessoas que tenham documentos em casa e se disponham a trazer para a Academia, que é a guardiã desse tipo de acervo, que é muito difícil de ser guardado em casa, pois o tempo destrói e aqui temos a melhor técnica de conservação de documentos", disse Cavalcanti.*

O termo sublinhado faz referência a

a) pessoas.

b) acervo.

c) Academia.

d) tempo.

e) casa.

38. (TRT14R – Téc. Jud. – Área Adminis. – FCC – Fev./2016)

Considere o texto abaixo.

*O rio Madeira banha os estados de Rondônia e do Amazonas. ...***I***... esse nome, pois no período de chuvas seu nível sobe e inunda grandes porções da planície florestal, trazendo troncos e restos de madeira da floresta. É um dos principais rios da bacia do Amazonas e ...***II***... já foram dedicados textos literários, muitos ...***III***... possuem grande valor artístico.*

As lacunas **I**, **II** e **III** do texto acima devem ser preenchidas, correta e respectivamente, com:

	I	II	III
a)	Deram-no	para ele	os quais

b)	Deram-lhe	a ele	dos quais
c)	Deram-lhe	ante ele	aos quais
d)	Deram-no	dele	pelos quais
e)	Deram-lhe	nele	nos quais

Leia o texto a seguir para responder à questão 39.

Texto I

Naquele novo apartamento da rua Visconde de Pirajá pela primeira vez teria um escritório para trabalhar. Não era um cômodo muito grande, mas dava para armar ali a minha tenda de reflexões e leitura: uma escrivaninha, um sofá e os livros. Na parede da esquerda ficaria a grande e sonhada estante onde caberiam todos os meus livros. Tratei de encomendá-la a seu Joaquim, um marceneiro que tinha oficina na rua Garcia D' Ávila com Barão da Torre.

O apartamento não ficava tão perto da oficina. Era quase em frente ao prédio onde morava Mário Pedrosa, entre a Farme de Amoedo e a antiga Montenegro, hoje Vinicius de Moraes. Estava ali havia uma semana e nem decorara ainda o número do prédio. Tanto que, quando seu Joaquim, ao preencher a nota de encomenda, perguntou-me onde seria entregue a estante, tive um momento de hesitação. Mas foi só um momento. Pensei rápido: " Se o prédio do Mário é 228, o meu, que fica quase em frente, deve ser 227". Mas lembrei-me de que, ao ir ali pela primeira vez, observara que, apesar de ficar em frente ao do Mário, havia uma diferença na numeração.

– Visconde de Pirajá, 127 – respondi, e seu Joaquim desenhou o endereço na nota.

– Tudo bem, seu Ferreira. Dentro de um mês estará lá sua estante.

– Um mês, seu Joaquim! Tudo isso? Veja se reduz esse prazo.

– A estante é grande, dá muito trabalho... Digamos, três semanas.

Ferreira Gullar. A estante. In: *A estranha vida banal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989 (com adaptações).

39. (INSS – Técnico Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

Julgue o seguinte item como Certo (C) ou Errado (E), a respeito de aspectos linguísticos do **texto I**.

Seria mantida a correção do texto caso o trecho " onde caberiam" (*l*.6) fosse substituído por **que caberia**.

Leia o texto a seguir para responder à questão 40.

Texto III

A história do grafite no Brasil iniciou-se na década de 70 do século XX, precisamente na cidade de São Paulo, em uma época conturbada da história do Brasil, época essa silenciada pela censura resultante da chegada dos militares ao poder.

Paralelamente ao movimento que despontava em Nova York, o grafite surgiu no cenário da metrópole brasileira como uma arte transgressora, a linguagem da rua, da marginalidade, que não pedia licença e que gritava nas paredes da cidade os incômodos de uma geração.

A partir disso, a arte de grafitar se transformou em um importante veículo de comunicação urbano, corroborando, de alguma

maneira, a existência de outras vozes, de outros sujeitos históricos e ativos que participam da cidade.

É importante ressaltar que o grafite, inicialmente, foi uma arte caracterizada pela autoria anônima, por meio da qual o grafiteiro transformava a cidade em um importante suporte de comunicação artística sem delimitação de espaço, de mensagem ou de mensageiro.

Portanto, o que importava naquele momento era a arte em si e não o nome de seu autor. Por esse motivo, os ditos " cânones" são retirados de sua posição central e imperativa para dar lugar a uma arte de todos e para todos; arte da rua, na rua e para a rua; arte da cidade, na cidade e para a cidade: o grafite. Nesse sentido, a arte se funde com a vida do cidadão da metrópole por meio do movimento mútuo de transformação e de identificação de seus sujeitos.

Disponível em: <www.todamateria.com.br> (com adaptações).

40. (Pref. SP – Agente Gestão P. Públicas – Cespe – Maio/2016)

No texto III, o pronome isso, em " A partir disso" (L. 7, 3ª§), refere-se:

a) à história do surgimento do grafite no Brasil.

b) ao contexto histórico brasileiro na década de 70 do século XX.

c) a " arte transgressora" (L. 5).

d) às características do grafite.

e) a " paredes da cidade" (L. 6).

Leia o texto a seguir para responder à questão 41.

Texto CG1A1AAA

Em julho de 1955, Bertrand Russell e Albert Einstein lançaram um inusitado apelo aos povos do mundo, pedindo-lhes que " pusessem de lado" seus fortes sentimentos a respeito de uma série de questões e se vissem " exclusivamente como membros de uma espécie biológica que traz consigo uma história extraordinária e cujo desaparecimento ninguém pode desejar". O dilema com que se defronta o mundo é " claro, aterrador e incontornável: poremos fim à espécie humana ou a humanidade renunciará à guerra?".

O mundo não renunciou à guerra. Muito pelo contrário. Hoje, a potência mundial hegemônica se dá o direito de fazer a guerra ao seu arbítrio, segundo uma doutrina de " autodefesa antecipada" sem limites conhecidos. Com uma postura essencialmente farisaica, os Estados Unidos da América (EUA) são implacáveis na imposição do direito internacional e de tratados e regras da ordem mundial aos outros países, mas rejeitam-nos como irrelevantes quando se trata de si mesmos – uma prática antiga, levada a limites inauditos pelos governos de Reagan e Bush II.

Noam Chomsky. *Estados fracassados: o abuso do poder e o ataque à democracia*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009 (com adaptações).

41. (PC-PE – Todos os Cargos – Conhec. Gerais – Cespe – Jun./2016)

No texto CG1A1AAA, a forma pronominal

a) " nos" (l. 10) retoma " outros países" (l. 9).

b) " consigo" (l. 3) refere-se a " membros" (l. 3).

c) “ lhes” (l. 2) refere-se a “ Bertrand Russell e Albert Einstein” (l. 1).

d) “ se” (l. 2) refere-se a “ povos do mundo” (l. 1).

e) “ cujo” (l. 4) retoma “ membros de uma espécie” (l. 3).

42. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

“ Já é possível, por exemplo, fotografar pintas suspeitas e enviar as imagens a um algoritmo que as analisa e diz com mais precisão do que um dermatologista se a mancha é inofensiva ou se pode ser um câncer, o que exige medidas adicionais”.

Entre os elementos abaixo, aquele que NÃO se relaciona semanticamente a um termo anterior é:

a) que;

b) as;

c) o;

d) as imagens;

e) um câncer.

43. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

“ Essas pessoas sofrem com as grandes distâncias dos locais de residência com os centros comerciais e os locais onde trabalham”; a frase abaixo em que o vocábulo *onde/aonde* foi mal empregado é:

a) “ Muitos suicidas se detiveram no limiar da morte ao pensar no café aonde vão todas as noites para sua partida de dominó” (Balzac);

b) “ Onde há casamento sem amor, vai haver amor sem casamento” (Franklin);

c) “ Circo é o lugar onde se permite a cavalos, pôneis e elefantes verem homens, mulheres e crianças bancarem idiotas” (Ambrose Bierce);

d) “ As pessoas onde é difícil achar defeitos devem ser difíceis de achar” (Nouailles);

e) “ *Os Lusíadas* se tornaram para nós um pesadelo, porque ninguém sabia onde o diabo escondia o sujeito da oração naqueles versos retorcidos” (Fernando Sabino).

44. (Compesa – An. Gest. Médico do Trabalho – FGV – Jul./2016)

As opções a seguir apresentam pensamentos em que os pronomes sublinhados estabelecem coesão com elementos anteriores.

Assinale a frase em que esse referente anterior é uma oração.

a) “ *Um diplomata é um sujeito que pensa duas vezes antes de não dizer nada*”.

b) “ *A minha vontade é forte, mas a minha disposição de obedecer-lhe é fraca*”.

c) “ *Não existe assunto desinteressante, o que existe são pessoas desinteressadas*”.

d) “ *A dúvida é uma margarida que jamais termina de se despetalar*”.

e) “ *Se você pensa que não tem falhas, isso já é uma*”.

45. (Petrobras – Advogado Jr. – Cesgranrio – Ago./2015)

Considerem-se os períodos abaixo.

I – Antigamente era usado esse conceito.

II – As ciências sociais hoje discordam desse conceito.

Unindo-se esses períodos em um só, suprimindo-se as repetições e respeitando-se a norma-padrão, tem--se o seguinte período:

a) Antigamente era usado esse conceito, ao qual as ciências sociais hoje discordam.

b) Antigamente era usado esse conceito, como qual as ciências sociais hoje discordam.

c) Antigamente era usado esse conceito, pelo qual as ciências sociais hoje discordam.

d) Antigamente era usado esse conceito, do qual as ciências sociais hoje discordam.

e) Antigamente era usado esse conceito, para o qual as ciências sociais hoje discordam.

46. (Basa – Téc. Bancário – Cesgranrio – Set./2015)

A combinação do pronome relativo com a preposição exigida pelo verbo em destaque está de acordo com a norma-padrão em:

a) Os elevadores modernos em que se **refere** o texto possuem música ambiente.

b) Os elevadores antigos com que nos **lembramos** ainda possuíam portas pantográficas.

c) Os termos de que se **limita** a maioria dos ascensoristas são " sobe" e " desce".

d) A profissão pela qual **trata** o Texto II é uma das mais tediosas.

e) O ascensorista de quem se **fala** no texto parece sempre bem-humorado.

47. (BB – Escriturário – Cesgranrio – Out./2015 – Adaptada)

Nos fragmentos a seguir, a palavra ou expressão a que se refere o termo destacado está expressa adequadamente entre colchetes em

a) " a produção de bens era limitada e feita por famílias **que** trocavam seus produtos" [sociedades primitivas]

b) " poderá abrir as portas para novos serviços nas estruturas **que** se formarão não somente no mercado financeiro, em todas as suas facetas" [as portas]

c) " como intuito de facilitar a circulação de mercadorias, **que** tinham como lastro elas mesmas." [moedas]

d) " Nascia o mercado financeiro em Amsterdã, **que** depois se espalharia por toda a Europa e pelo mundo." [Amsterdã]

e) " uma aberração no mundo financeiro, **que**, não obstante isso, tem valor." [mundo financeiro]

48. (IPSMI – Procurador – Vunesp – Abril/2016)

O emprego dos termos destacados e do sinal indicativo de crase está de acordo com a norma-padrão em:

a) Sei que para **mim** chegar **onde** cheguei a luta foi dura, frente à frente com muitas dificuldades.

b) Sempre soube que em **mim** existe uma tendência à vencer, que me leva **aonde** eu desejo.

c) O homem sabe que vai **aonde** quiser, graças à ação de um poder maior que **lhe** conduz os passos.

d) Agimos à partir da hora em que deixaram **nós** sozinhos, naquele escritório **aonde** não havia nada.

e) Foi à luta, pensando que **onde** fosse estaria sem amigos que **lhe** apoiassem.

49. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016 – Adaptada)

Em conformidade com a norma-padrão, na passagem " O Garcia não se revoltava contra a passividade **a que era submetido pela mulher**...", a parte em destaque pode ser reescrita da seguinte forma:

a) ... a que era imposto pela mulher.

b) ... que era infligido pela mulher.

c) ... que lhe era imposta pela mulher.

d) ... de que era imposta pela mulher.

e) ... em que era infligida pela mulher.

50. (FCC – TRT 3ª Região – Analista Judiciário Área Adm. – Jul./2015)

É adequado o seguinte comentário:

a) A frase " **Este é o jovem cujo trabalho li com atenção**" pode ser redigida, de modo claro e condizente com a norma padrão, assim: " O jovem que eu li o trabalho dele com atenção é este".

b) " Os meninos **por cujos destinos** tanto lutamos andam já por conta própria" é frase com inadequação no segmento destacado, que seria sanada com sua substituição por " cujos os destinos".

c) Em " Os meninos por cujos destinos tanto lutamos **andam já por conta própria",** a substituição do segmento destacado por " andam já por si só" mantém a correção e o sentido originais.

d) Em " A orientadora do grupo, **a qual** é excelente, faltou hoje", emprega-se o que está em destaque para evitar o duplo sentido que o emprego da palavra " que", em seu lugar, originaria.

e) A frase " Maria e Solange machucaram se" evidencia que as duas receberam machucados, sem que se instale a dúvida: " uma machucou a outra?"; a palavra que poderia ser acrescentada para indicar esse segundo sentido seria " reciprocamente".

51. (FCC – TRT – 16ª Região (MA) – Médico – 2014)

As lacunas da frase **Um prefácio ..... nossa inteira atenção esteja voltada certamente conterá qualidades ..... força é impossível resistir** preenchem-se adequadamente, na ordem dada, pelos seguintes elementos:

a) para o qual – a cuja

b) ao qual – de cuja a

c) com o qual – por cuja

d) aonde – de que a

e) por onde – as quais a

52. (FCC – TRT – 2ª Região (SP) – Analista Judiciário – Área Administrativa – 2014)

A construção da frase *eu pressuponho esse futuro* <u>*com o qual nada me autoriza a contar*</u> permanecerá correta caso se substitua

o elemento sublinhado por

a) perante o qual não sei avaliar.

b) em cujo nada posso desconfiar.

c) de cujo pouco posso prever.

d) por quem nada posso antecipar.

e) do qual nada me é dado esperar.

53. (DNIT – Técnico Administrativo – ESAF – 2013)

Assinale a expressão que, nas relações de coesão, não é usada para se referir ao autor das palavras transcritas no fragmento abaixo.

“ Precisamos melhorar bastante o transporte coletivo. Muito, muitíssimo”, enfatiza o professor da Escola de Engenharia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Luis Antonio Lindau. Ele não vê a realização de grandes obras viárias como uma solução para o problema. “ Não tem como resolver fazendo isso. Se hoje dispuséssemos de uma fortuna para investir em obras, isso não resolveria o problema, pois ele cresce de uma forma muito maior que nossa capacidade de fazer obras”, destaca. O especialista enfatiza que a criação de corredores exclusivos para os ônibus e de uma rede de transporte coletivo de alta eficiência são caminhos para se resolver o problema. “ Precisamos de uma solução de maior intensidade. Vamos nos concentrar no transporte coletivo”, diz ele.

(Adaptado de Juliano Tatsch – *Jornal do Comércio*, Solução para problemas no trânsito está no transporte coletivo. Disponível em: http://portoimagem.wordpress.com/2011/03/24, acesso em 5 dez. 20012)

a) “ professor da Escola de Engenharia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul”(l. 1 e 2)

b) “ Ele”(l. 2)

c) “ ele”(l. 5)

d) “ O especialista”(l. 5)

e) “ ele”(l. 8)

Leia o texto a seguir para responder à questão 54.

O conceito de brasileiro cordial cai por terra ante a violência que se alastra de norte a sul do país. Não se fala aqui apenas de atos imoderados como os praticados pelos *black blocs*; ou de ação de justiceiros que algemam pessoas a poste; ou de bandidos que ateiam fogo a ônibus e a seres humanos; ou de sequestros relâmpagos que assustam cidadãos e lhes limitam o direito de ir e vir; ou de homicídios que ultrapassam cifras registradas em países em guerra. Fala-se do crime de racismo. Discriminar adultos e crianças com base na cor da pele é, além de caduco, inaceitável. Baseia-se no prejulgamento de que há seres superiores e inferiores não em decorrência de obras por eles realizadas, mas de característica física biologicamente herdada. Além da punição prevista em lei, impõem-se ações aptas a evitar que cenas de preconceito se repitam. Entre elas, campanhas governamentais destinadas à mudança de mentalidade da população. O brasileiro pode tornar-se cordial de fato. Ser movido pelo coração pressupõe valores humanistas e democráticos. Conviver com as diferenças é fruto da civilização.

(Adaptado do *Correio Braziliense*, 18/02/2014.)

54. (Receita Federal – Auditor Fiscal – ESAF – 2014)

(Adaptada) Julgue a assertiva a seguir como certa ou errada.

O pronome “ elas” (l. 9) retoma o antecedente “ cenas de preconceito” (l. 8).

Leia o texto a seguir para responder à questão 55.

Como estamos às vésperas de celebrar os 500 anos da palavra “ utopia” e do romance filosófico de Thomas Morus que a consagrou, o momento é mais do que oportuno para examinar que novas feições ela adquiriu após tantos sonhos desfeitos e outros tantos pervertidos e que atualização lhe deram as expectativas geradas pela informática, pelas biotecnologias, pelas nanociências, pelas ciências cognitivas e as perspectivas de clonagem, ectogênese (fecundação de útero artificial), artificialização dos órgãos do corpo e prolongamento da vida, abertas por elas.

Seu étimo grego, significando não lugar, lugar nenhum ou, trocadilhescamente, lugar da felicidade (eutropia), designou primeiro uma ilha dos mares do Novo Mundo, em que foi bater um navegante português ligado a Américo Vespúcio. Terra prodigiosa, em tudo diferente da Europa do século 16, a perfeição imperava em suas cinquenta e poucas cidades. Morus imaginou-a empolgado pela descoberta da América e do “ novo homem” que a habitava. Se bem que a República platônica já configurasse uma utopia, foi na ilha “ descoberta” por Rafael Hitlodeu que surgiu o conceito de utopia como representação imaginária de uma sociedade que tenha encontrado soluções exemplares para todos os seus problemas.

Outras sociedades ideais, fundamentadas em leis justas e instituições político-econômicas comprometidas com o bem-estar da coletividade, nasceram da imaginação de romancistas e pensadores, nos séculos seguintes, com particular insistência no século 19, auge do utopismo socialista de Charles Fourier, Étienne Cabet, Edward Bellamy e William Morris. A esses devaneios igualitários a dupla Marx-Engels combateu e contrapôs outro, supostamente científico, cuja caracterização como utopia pode livrar a cara do comunismo, mas não das sociedades que às suas ideias básicas deram concretude, a partir da revolução bolchevique, uma utopia que virou distopia.

A distopia é uma distorção ou uma mutação da utopia, um sonho que se transforma em pesadelo. A ficção científica e a literatura de antecipação são pródigas em fantasias do gênero. De Jules Verne (Capitão Nemo era um utopista) ao Aldous Huxley de *Admirável Mundo Novo*, ao Orwell de 1984 e ao Ray Bradbury de *Fahrenheit 451*. Serão todos lembrados ao longo do ciclo.

(Adaptação da matéria “Um sonho de 500 anos”, de Sérgio Augusto – jornal *O Estado de São Paulo*, 02 de agosto de 2015)

55. (Analista de Planejamento e Orçamento – ESAF – 2015)

(Adaptada) Julgue a assertiva a seguir como certa ou errada.

No trecho “ abertas por elas” (l. 6), o pronome “ elas” retoma “ novas feições” (l. 2).

Leia o texto a seguir para responder à questão 56.

O Brasil é um exemplo de país para o qual a modernidade, em todas as fases de sua história nos últimos cinco séculos, impõe-se, sobretudo, como abertura aos ventos de fora.

Com o neoliberalismo, é frequente o abandono da ideia do nacional brasileiro, com a sedução de um imaginário influenciado por forte apelo da técnica e aceitação tranquila da força totalitária dos fatores da globalização. Em todos os casos, avulta como corrente condutora e força propulsora e indiscutível a modernidade alienígena e alienante.

Que seria uma modernidade à brasileira e como poderemos alcançá-la? Cumpriria, em primeiro lugar, não enxergar a modernidade

como um dogma, uma obrigação, um credo.

Em duas palavras, isso implicaria não seguir o conselho do poeta Rimbaud, para quem a modernidade era algo a tomar a qualquer preço. Ao contrário, o que se postula é uma modernidade guiada por um objetivo nacional brasileiro.

Se antes isso já era possível, agora o é muito mais, embora nos façam crer que há apenas uma opção, um caminho, com vistas à construção do futuro.

A grande originalidade do presente período histórico é a visibilidade, em todos os cantos do mundo, das novas possibilidades oferecidas por ele e a consciência de que é possível uma multiplicidade de combinações.

Essas não têm que ser obrigatoriamente condutoras de alienação, podendo construir-se a partir de um modo de ser característico da nação considerada como um todo, uma edificação secular onde as mudanças não suprimam a identidade, mas renovem o seu sentido a partir das novas realidades. Não se trata, assim, de recusar o mundo, mas de assegurar um movimento conjunto, em que o país não seja exclusivamente tributário, mas soberanamente partícipe na produção de uma história universal.

Disponível em: <http://www.oocities.org/br/madsonpardo/ms/artigos/msa03.htm>. Acesso em: 04/01/2016 (Milton Santos, com adaptações).

56. (ESAF – ANAC – Analista Administrativo – 2016)

(Adaptada) Após leitura do texto acima, julgue certa ou errada a questão a seguir:

A substituição de " alcançá-la" (l. 7) por " alcançar-lhe" provoca erro gramatical ou incoerência textual.

Leia o texto a seguir para responder à questão 57.

A despeito das suas imperfeições, a Lei da Transparência Tributária representa um notável avanço institucional. A conscientização da população brasileira é fundamental para a construção de uma República efetivamente democrática, em que os eleitores tenham plena ciência da repercussão das decisões tomadas pelos seus representantes. Somente assim poderão exigir a construção de um sistema tributário simples, coerente e justo, que não onere os cidadãos carentes e não seja regressivo, gravando os contribuintes menos abastados de modo (proporcionalmente) mais severo que os mais favorecidos economicamente.

(Adaptado de Andrei Pitten Velloso, Lei da transparência tributária: vitória da cidadania. Disponível em: <http://www.cartaforense.com.br/conteudo /colunas>. Acesso em: 18 mar. 2014.)

57. (ESAF – Receita Federal – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2014)

(Adaptada) Em relação às estruturas linguísticas do texto, julgue a assertiva a seguir como certa ou errada.

O uso da preposição em " em que" (l. 3) torna-se desnecessário se, no lugar de " que", o pronome utilizado for " a qual".

Leia o texto a seguir para responder à questão 58.

O filósofo e doutor em educação Mário Sérgio Cortella, 61 anos, começa a entrevista dizendo: " Hoje, o Boko Haram matou cem pessoas no norte de Camarões… Todo dia há notícias assim". O grupo fanático que ele menciona tenta fazer da Nigéria, vizinha de Camarões, uma república islâmica. E usa a barbárie para suplantar a marginalização política, econômica e social a que fora relegado pelos últimos governos. Essa facção sanguinária tornou-se conhecida do público ao sequestrar 200 meninas nigerianas numa escola, em 2014. Muitas foram estupradas. Disputam o noticiário as degolas de civis por outro bando de radicais, o Estado Islâmico, e, ainda, os rescaldos do atentado ao semanário francês *Charlie Hebdo*, com a rejeição generalizada aos que professam o islamismo, a religião maometana que não prega o ódio – muito menos a matança.

(Adaptado de Patrícia Zaidan. Fonte: http://www.contioutra.com/todo-preconceituoso-e-covarde-o-ofendido-precisa-compreender-isso-afirma-mario-sergio-cortella/. Acesso em 30.07.2015)

58. (ESAF – Analista de Planejamento e Orçamento – 2015)

Assinale a opção incorreta a respeito do uso das estruturas linguísticas do texto.

a) As expressões " O grupo fanático que ele menciona" (l. 2-3) e " Essa facção sanguinária" (l. 5) referem-se a Boko Haram (l. 2).

b) O termo " Muitas" (l. 6) da oração " Muitas foram estupradas" retoma " cem pessoas no norte de Camarões" (l. 2).

c) O pronome " ele" (l. 3), na oração " que ele menciona", refere-se a Mário Sérgio Cortella (l. 1).

d) O sujeito de " Disputam o noticiário" (l. 6) é " as degolas de civis por outro bando de radicais, o Estado Islâmico, e, ainda, os rescaldos do atentado ao semanário francês Charlie Hebdo" (l. 6 a 8).

e) O travessão, antes da expressão " muito menos a matança" (l. 9), serve para enfatizar essa expressão e pode ser substituído por vírgula sem causar erro gramatical.

59. (ESAF – Receita Federal – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2014)

Assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia de palavra inserido na transcrição do texto.

A Receita Federal nem sempre teve **esse** (1) nome. Secretaria da Receita Federal é apenas a mais recente denominação da Administração Tributária Brasileira nestes cinco séculos de existência. Sua criação **tornou-se** (2) necessária para modernizar a máquina arrecadadora e fiscalizadora, bem como para promover uma maior integração entre o Fisco e os Contribuintes, facilitando o cumprimento **expontâneo** (3) das obrigações tributárias e a solução dos eventuais problemas, bem como o acesso **às** (4) informações pessoais privativas de interesse de cada cidadão.

O surgimento da Secretaria da Receita Federal representou um significativo avanço na facilitação do cumprimento das obrigações tributárias, contribuindo para o aumento da arrecadação **a partir** (5) do final dos anos 60.

(Adaptado de Acesso em: 17 mar. 2014.)

a) (1)

b) (2)

c) (3)

d) (4)

e) (5)

Gabarito: 1. d; 2. d; 3. c; 4. b; 5. c; 6. C; 7. C; 8. C; 9. e; 10. d; 11. b; 12. c; 13. e; 14. e; 15. E; 16. E; 17. E; 18. d; 19. a; 20. a; 21. b; 22. c; 23. b; 24. C; 25. E; 26. C; 27. C; 28. E; 29. b; 30. e; 31. a; 32. a; 33. b; 34. d; 35. E; 36. b; 37. b; 38. b; 39. E; 40. e; 41. c; 42. e; 43. d; 44. e; 45. d; 46. e; 47. c; 48. c; 49. c; 50. d; 51. a; 52. e; 53. c; 54. errada; 55. errada; 56. certa; 57. errada; 58. b; 59. c.

9.12. RESUMO

São muitos os pronomes... Pessoais, possessivos, indefinidos, relativos... Vamos resumir tudo que é mais

relevante sobre pronomes?

- Pronome indefinido é classe que se refere a substantivo. Indica ideia vaga, generaliza.
- Tanto o pronome indefinido quanto o adjetivo referem-se a substantivo. A diferença entre eles é semântica: o adjetivo qualifica o substantivo e o pronome indefinido indica ideia indefinida, vaga.
-

Atenção aos vocábulos "certo", "vários", "bastante": quando se referem ao substantivo e vêm antes, são pronomes indefinidos; quando vêm depois do substantivo, são adjetivos.

- Pronome pessoal reto substitui sujeito. Para substituir complementos, use o pronome pessoal oblíquo.
- Os pronomes oblíquos **o, a, os, as** substituem objetos diretos, complementos sem preposição. Os pronomes oblíquos **lhe** e **lhes** substituem objetos indiretos, complementos com preposição.
- Já os curingas (**me, te, se, nos, vos**) podem ser objetos diretos ou indiretos. Tudo vai depender da regência do verbo.
- Pronomes de tratamento são pronomes de 2ª pessoa do discurso (com quem se fala), mas carrega o verbo e os demais pronomes para a 3ª pessoa do discurso (= você).
- Em colocação pronominal, lembre-se de que há 3 proibições, 1 regra e 2 exceções. Ao julgar uma frase como certa ou errada, comece pensando nas proibições. Parta do princípio de que o que não é proibido está correto
- Ao utilizar os demonstrativos em frases, não se esqueça de perguntar primeiramente se ele se refere ao espaço/tempo/texto.
- Quando o pronome remete o leitor para uma informação que está dentro do texto, diz-se que ele tem função endofórica. Tal função pode se subdividir em anafórica (o pronome retoma) ou catafórica (o pronome avança no texto).
- O pronome terá função exofórica quando remeter o leitor para uma informação fora do texto: algo que tem de se deduzido. É a função do "onde", "quando", "quem.
- Pronomes relativos têm sempre função anafórica. Lembre-se de que o pronome cujo não pode ser substituído por nenhum outro relativo.
- Para saber a preposição que antecederá o relativo, basta colocar a oração que vem após o relativo na ordem direta, verificando se há ali verbo ou nome que peça preposição.

10 PREPOSIÇÃO

10.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

É palavra invariável que liga vocábulos ou orações, subordinando um ao outro. Caracteriza-se, assim, por ser um conectivo. Veja os exemplos:

Casa **de** José

Nesse caso, a preposição liga dois termos, dois substantivos.

Correu **para** chegar a tempo.

Já nesse exemplo, a preposição liga duas orações. É exatamente isso: preposição é conectivo que pode ligar termos ou orações.

Classificam-se as preposições em:

a) essenciais: apresentam-se sempre como preposição: a, ante, até, após, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por, sem, sob, sobre, trás.

b) acidentais: são aquelas que originalmente pertencem a outra classe gramatical (conjunções, advérbios...), mas, em determinadas frases, passam a usar-se como preposição.

como (= na qualidade de), durante (= por), conforme, segundo (= de acordo com) etc. Veja os exemplos:

Tinha-o **como** amigo.

Nesse exemplo, a palavra **como**, que, normalmente é conjunção, funciona como **preposição acidental**, pois equivale a uma outra preposição (" na qualidade de").

Segundo as previsões, teremos sol neste domingo.

Aqui, a palavra **segundo**, que pode ser numeral ou conjunção, funciona como **preposição acidental**. Basta trocá-la por uma locução prepositiva (" de acordo com") e você verá o valor de preposição que ela possui na frase.

Locução prepositiva: conjunto de palavras que funciona como preposição. Termina sempre por preposição.

Exs.: abaixo de, antes de, de acordo com, a respeito de, devido a, apesar de, a despeito de, em virtude de, em razão de, graças a etc.

10.2. VALOR RELACIONAL E NOCIONAL DA PREPOSIÇÃO

Diz-se que a preposição pode apresentar valor relacional ou nocional. A preposição possui valor relacional quando

aparece na frase por uma exigência gramatical do termo anterior. Nesse caso, ela é resultado de regência verbal ou nominal.

Necessito **de** sua ajuda imediata.

Aqui, a preposição aparece na frase em função do verbo *necessitar*, que a exigiu: regência verbal.

Tenho necessidade **de** sua ajuda imediata.

Nesse caso, a preposição veio à frase por solicitação gramatical do substantivo que a antecede. Trata-se de regência nominal (regência do nome).

O que os dois exemplos anteriores têm em comum é o fato de a preposição ter aparecido na frase por exigência gramatical. É o **valor relacional** da preposição, ou, como muitas vezes é chamado nas provas, **valor gramatical**.

No entanto, as preposições, ao ligarem vocábulos ou orações, podem estabelecer valor semântico. Nesse caso, elas aparecem na frase, não por serem exigidas gramaticalmente pelo termo anterior, mas para indicar uma nova noção. É o chamado **valor nocional** ou **semântico**. Nos exemplos a seguir, as preposições estabelecem valores semânticos:

Desenho a lápis. (instrumento)

Chegou com a namorada. (companhia)

Estremeceu com a notícia. (causa)

Falar de futebol. (assunto)

Viver de renda. (meio)

Correr de medo. (causa)

Ir para a rua. (direção)

Treina muito para vencer. (finalidade)

Como o valor gramatical será estudado em regência, ficaremos neste capítulo apenas com os valores semânticos que as preposições podem estabelecer. É preciso treinar muito para se habituar à nomenclatura utilizada nas provas. Vamos apresentar uma ampla lista de valores nocionais das preposições e, ao longo dos exercícios, você irá se deparar também com outros. Vamos lá?

Numere os parênteses abaixo de acordo com as relações semânticas que as preposições ou locuções prepositivas estabelecem.

1. causa	7. posse	13. tempo
2. companhia	8. assunto	14. acréscimo
3. finalidade	9. direção	15. concessão

4. origem	10. instrumento	16. ausência
5. lugar	11. matéria	17. conteúdo
6. meio	12. modo	

1. ( ) "Para seres amado, ama."

   Comentários: É o mesmo que "*a fim de* seres amado".

   Resposta: 3.

2. ( ) Viemos de Brasília de avião.

   Comentários: Brasília é a *origem* de onde viemos e avião é o *meio* de transporte utilizado.

   Resposta: 4 e 6.

3. ( ) Foi direto para a casa de Maria.

   Comentários: Foi *em direção à* casa de Maria; Maria *possui* a casa.

   Resposta: 9 e 7.

4. ( ) É preciso que além de uma sólida base filosófica de valores exista a parceria com os pais.

   Comentários: Precisa-se não só de base filosófica; precisa-se *também* de parceria com os pais.

   Resposta: 14.

5. ( ) Devido à falta de luz, não haverá aula hoje.

   Comentários: Não haverá aula *em função*, *por causa da* falta de luz.

   Resposta: 1.

6. ( ) Fez de tudo para não ser olhado com medo.

   Comentários: Não queria ser olhado *deste modo*, *desta forma*: com medo.

   Resposta: 12.

7. ( ) Abriu a porta com a chave.

   Comentários: A chave foi o *instrumento* utilizado para abrir a porta.

   Resposta: 10.

8. ( ) À tardinha, voltamos ao local combinado.

   Comentários: Voltamos ao local combinado *durante* a tardinha.

   Resposta: 13.

9. ( ) Conversamos muito sobre política.

Comentários: Política é o *assunto* sobre o qual conversamos.

Resposta: 8.

10. ( ) Para quem mora na favela, o medo é constante.

Comentários: Favela é *onde* se mora, o *local*.

Resposta: 5.

11. ( ) Foi detido por desacato.

Comentários: Desacato foi a *causa* para sua detenção.

Resposta: 1.

12. ( ) "Muitas vezes você é obrigado a amar o Botafogo, apesar do Botafogo."

Comentários: Amar o Botafogo é uma *concessão* aos problemas que o time traz, é algo *contraditório*.

Resposta: 15.

13. ( ) Gostei da sala de visitas.

Comentários: É uma sala com a *finalidade de* receber visitas.

Resposta: 3.

14. ( ) Ela se afastou com um súbito choro.

Comentários: Chorando foi a *forma*, o *modo* como ela se afastou.

Resposta: 12.

15. ( ) Tinha empobrecido com a seca.

Comentários: A seca foi a *causa* para a sua pobreza.

Resposta: 1.

16. ( ) Deve-se rir com alguém, não de alguém.

Comentários: Deve-se rir *em companhia de* alguém.

Resposta: 2.

17. ( ) Ele se confundiu com a minha resposta.

Comentários: A minha resposta foi a *causa* para a confusão dele, ela fez com que ele se confundisse.

Resposta: 1.

18. ( ) Copo de vinho.

Comentários: Aqui, aceitam-se duas respostas, dependendo do contexto em que essa frase esteja inserida. Ou o vinho é o *conteúdo* do copo, ou se trata de um copo *para* servir vinho, com a *finalidade de*.

Resposta: 17 ou 3.

19. ( ) Comprou um chapéu de palha.

Comentários: Palha é a *matéria* com que é feito o chapéu, seu *material*.

Resposta: 11.

20. ( ) A árvore caiu com o vento.

Comentários: O vento é a *causa* para a queda da árvore.

Resposta: 1.

21. ( ) O coração batia de alegria.

Comentários: A alegria fazia com que o coração batesse, era a *causa* para tal.

Resposta: 1.

22. ( ) Óculos sem aro.

Comentários: São óculos que *não possuem* aro: o aro é ausente nos óculos.

Resposta: 16.

Vamos treinar esse assunto em questões de concursos anteriores.

10.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

1. (FCC) A substituição da locução em destaque pela que se encontra à direita alteraria sensivelmente o sentido do enunciado no trecho:

a) "declino minha solidariedade em relação a sua preocupação" / no que concerne a.

b) "o médico tem [...] de administrar seu posicionamento em função das características da doença" / sem embargo de.

c) "Tento entender a posição do paciente diante de sua doença" / em face de.

d) "Procuro respeitar sua vontade, colocando-a à frente da tecnologia" / adiante de.

e) "devem também participar do encaminhamento das soluções médicas, em prol de posições mais humanas" / em favor de.

Comentários:

Na letra A, ambas as locuções prepositivas apresentam valor semântico de *assunto*. Na letra C, o valor semântico é

de *causa*; na letra D, a noção que se expressa é de *lugar*, *posicionamento*. Na letra E, as locuções estão com valor semântico de *favor* e se reescrevem. Apenas na letra B as expressões não se substituem: *em função das* indica causa e *sem embargo de* indicaria concessão.

Resposta: B.

2. (NCE) O valor relacional da preposição em destaque está indicado com erro na alternativa:

a) "prolongar vidas de pacientes de forma inacreditável" / modo.

b) "conviver com incertezas" / companhia.

c) "discutir os inerentes aspectos técnicos sem desvinculá-los do lado emocional" / motivo.

d) "refletir sobre o sentido da vida" / assunto.

e) "preparar para a viagem final" / fim.

Comentários:

Mais uma vez, o que a banca espera é que o aluno identifique os valores semânticos das preposições e assinale o único que esteja incorretamente identificado. Na letra A, prolongam-se vidas de pacientes de determinada *forma*, *modo*; na letra B, convive-se *na companhia de* incertezas. Já na letra C, o valor é de *modo* e não *motivo*: discutem-se os aspectos técnicos *dessa forma* – sem desvinculá-los do lado emocional. Na letra D, o sentido da vida é o *assunto* sobre o qual se discute e, na letra E, a viagem final é a *finalidade* da preparação.

Resposta: C.

3. (NCE) Em "Procuro respeitar sua vontade, colocando-a à frente da tecnologia, **por** entender que a morte, assim como a vida, merece dignidade", a preposição **por** está empregada com o mesmo valor relacional que em:

a) Inês, dama de rara beleza, morreu por amor.

b) Examinaremos toda a questão, mas por partes.

c) Vagamos, distraídos, por toda a cidade.

d) A casa tem dois pavimentos, ligados por uma escada.

e) Ele sempre lutou por conseguir um bom emprego.

Comentários:

Na frase do enunciado, a preposição possui valor semântico de *causa* (é o mesmo que "*porque* entendo que a morte, assim como a vida..."). Na letra A, Inês morreu *por causa do* amor: o valor semântico é de *causa*. Na letra B, a questão será examinada deste *modo*: por partes; na letra C, a cidade é o *lugar* por onde vagamos distraídos; na letra D, a escada é o *meio* de ligação entre os dois pavimentos e, na letra E, a conquista de um bom emprego é a *finalidade* da luta dele.

Resposta: A.

4. (NCE/Ministério Público) A frase abaixo em que a preposição DE tem seu valor corretamente indicado é:

a) pulseira de plástico = qualidade

b) morreu de cansaço = causa

c) rosto de anjo = origem

d) tampa da panela = matéria

e) viagem de longe = parte

Comentários:

Na letra A, o valor semântico da preposição é de *matéria*: plástico é o material com que foi feita a pulseira. Na letra B, o valor é mesmo de *causa*: o cansaço foi a causa para a morte. Na letra C, anjo não é a *origem* do rosto, o valor é de *semelhança*: tem-se um rosto à semelhança de um anjo; na letra D, o valor semântico é de *posse*: a panela é *da* tampa e, na letra E, o valor é de *origem*, e não de parte.

Resposta: B.

5. (FCC/TRF) Alterou-se sensivelmente o sentido do trecho a seguir na opção: "O Mercosul (...) é, no momento, o mais notável bloco do Sul, devido ao peso específico das economias nele contidas e pelo seu rápido avanço".

a) O Mercosul é, no momento, o mais notável bloco do Sul, em virtude do peso específico das economias nele contidas e pelo seu rápido avanço.

b) Pelo peso específico das economias nele contidas e pelo seu rápido avanço, o Mercosul é, no momento, o mais notável bloco do Sul.

c) O Mercosul é, no momento, o mais notável bloco do Sul, por causa do peso específico das economias nele contidas e do seu rápido avanço.

d) Devido ao peso específico das economias nele contidas e pelo seu rápido avanço, o Mercosul é, no momento, o mais notável bloco do Sul.

e) O Mercosul é, no momento, o mais notável bloco do Sul, apesar do peso específico das economias nele contidas e pelo seu rápido avanço.

Comentários:

A locução prepositiva que aparece na frase do enunciado (*devido a*) tem valor de causa. Na letra A, tem-se a locução *em virtude de* com o mesmo valor causal. Na letra B, as duas ocorrências da preposição *pelo* indicam também causa. Na letra C, mais uma locução com valor causal: *por causa de*. Na letra D, duas preposições com valor de causa: *devido a* e *pelo*. Somente na letra E, a locução *apesar de* não indica causa, e sim concessão.

Resposta: E.

6. **(FCC)** Em "**Por** ser antes de tudo uma máquina de vender e, mais que isso, de vender o prazer do consumo e o consumo do prazer, ela atira contra nós mesmos o nosso desejo de consumir ao máximo...", a preposição sublinhada expressa uma relação com o sentido de:

a) causa

b) condição

c) consequência

d) concessão

e) posse

Comentários:

Tem-se, na frase do enunciado, uma relação de *causa e consequência*: o fato de ser uma máquina de vender o prazer e o consumo é a *causa* para se atirar contra nós mesmos o nosso desejo de consumir muito. Logo, a preposição tem o valor semântico de causa.

Resposta: A.

11 CONJUNÇÕES

11.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

11.1.1. Conjunções coordenativas

As **conjunções coordenativas** são aquelas que ligam orações de sentido completo, independente, que não exercem função sintática entre si: uma não é sujeito, objeto direto... da outra. Essa é a principal diferença entre as conjunções coordenativas e as subordinativas: a relação sintática que não existe entre as primeiras ocorre com as últimas. Mas você deve estar se perguntando: vou ter de pensar nisso tudo na hora de classificar as conjunções? Fique tranquilo, a resposta é não. Para identificar as conjunções, não será preciso pensar em análise sintática. Basta entender o que cada conjunção indica: o que é adicionar, opor, o que é causa, concessão, efeito etc.

Assim, comecemos pelas coordenativas, que integram o primeiro bloco, entendendo cada ideia que elas iniciam, aproveitando também para conhecer as conjunções e, se possível, memorizar, ao menos, meia dúzia de cada uma delas, para poupar futuramente seu tempo de resolução de prova. As conjunções coordenativas podem ser: aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas ou explicativas.

As **conjunções aditivas** são aquelas que ligam orações ou palavras, expressando ideia de acrescentamento ou adição. São elas: *e, nem* (= e não), além das expressões correlativas, que vêm em pares e também somam: *não só... mas também, não só... como também, bem como, não só... mas ainda.* Veja a frase:

A sua pesquisa é clara *e* objetiva.

Aqui, a conjunção aditiva liga termos (adjetivos) e não orações (sim, porque não se engane achando que a conjunção só pode ligar orações). Tais informações se adicionam, acrescentam.

Observe ainda:

Ele *não só* entrou na sala *como também* dirigiu-se aos pais.

Nesse caso, temos as expressões correlativas, que ligam duas orações, indicando ações que se somam.

As **conjunções adversativas** são aquelas que ligam duas orações ou palavras, expressando ideia de contraste ou compensação. São elas*: mas, porém, todavia, contudo, entretanto, no entanto, não obstante.* Em relação às conjunções adversativas, é interessante frisar que elas nem sempre opõem, mas podem também compensam, ressalvam.

Veja:

Tentei chegar mais cedo, *porém* não consegui.

Aqui, a conjunção adversativa opõe, o que podemos observar pelas expressões "tentei chegar" e "não consegui".

Logo, esse exemplo nos traz uma conjunção adversativa com valor de oposição, contraste.

Agora, observe:

Seu discurso foi breve, *mas* violento.

Nesse caso, temos palavras que não se contrastam: *breve* não é contrário de *violento*, mas é sua compensação. Logo, temos aqui conjunção adversativa com valor de ressalva, compensação.

As **conjunções alternativas** são aquelas que ligam orações ou palavras, expressando ideia de alternância ou escolha, indicando fatos que se realizam separadamente. São elas: *ou, ou... ou, ora... ora, já... já, quer... quer, seja... seja.* O que é interessante evidenciar nesse conceito é que elas podem, então, indicar, basicamente, duas ideias:

Ou saio eu, *ou* sai ele desta sala. (exclusão, escolha)

O cavalo avançava *ora* para a esquerda, *ora* para a direita. (alternância)

Você deve estar se perguntando: por que é preciso saber que a conjunção alternativa indica duas ideias (alternância ou exclusão)? Por dois motivos: primeiro, porque assim você não se engana achando que, se a conjunção é alternativa, só pode indicar alternância. Depois porque, em algumas questões, o examinador pode exigir um conhecimento mais específico: não que se diga apenas o nome da conjunção, mas que se explique o valor semântico que ela traz.

As **conjunções conclusivas** são aquelas que ligam à anterior uma oração que expressa ideia de conclusão ou consequência. São elas: *logo, pois* (dica importante: quando deslocado na oração, depois do verbo)*, portanto, por conseguinte, por isso, assim.*

Veja um exemplo:

Ele estava bem preparado para o teste, *portanto*, não ficou nervoso.

Aqui, o fato de *não ficar nervoso* é o resultado de *ele ter se preparado bem para o teste.* É a sua conclusão.

As **conjunções explicativas** são aquelas que justificam a ideia da oração a que se referem. São elas: *que*, *porque*, *pois* (dica importante: quando iniciar a oração, antes do verbo), *porquanto*.

Assim, temos:

Venha para casa, *pois* está começando a chover.

Não demore, *que* o filme vai começar.

Interessante observar que as conjunções explicativas normalmente vêm ligadas a orações com verbos no imperativo – ordem, pedido, conselho ("*venha* para casa", "não *demore*"). Isso ocorre porque é uma questão de educação dar a ordem e, na sequência, explicar, justificar o porquê daquele comando. Essa é uma boa dica para reconhecer as conjunções explicativas com mais rapidez nas frases. Eis uma notícia boa: ao ver uma oração com verbo no imperativo, ligada a um *porque, pois, porquanto*, normalmente a conjunção será explicativa. A notícia ruim é que a conjunção explicativa pode vir também ligada a oração sem verbo no imperativo. Mas aí, para identificá-la facilmente, é só se lembrar do seu

conceito: ela indica a explicação, a justificativa para o que foi dito anteriormente. Assim,

"Fazia tudo para ser agradável, *pois* não deixava uma pergunta sem respostas." (E. Bechara)

Aqui, a segunda oração explica, justifica aquilo que se disse na primeira. A conjunção é, então, explicativa.

Uma prova que tratou da conjunção explicativa ligada a verbo no imperativo foi a de Perito Criminal da Polícia Civil, Fundação Getulio Vargas, realizada em 2009. Veja:

Quase Nada

(Fábio Moon e Gabriel Bá. *Folha de São Paulo*, 28 de dezembro de 2008.)

1. No quarto quadrinho, a palavra **que** introduz uma:

a) causa.

b) consequência.

c) explicação.

d) condição.

e) concessão.

Comentários:

A conjunção *que* aparece ligada a verbo no imperativo – acorda – indicando uma explicação para o que se disse na outra oração. Poderíamos até trocar o *que* por outra conjunção explicativa – *porque*, *pois*. Observe que a banca não se preocupa tanto se a conjunção é coordenativa ou subordinativa, e sim com o valor semântico que ela indica – *explicação*. É uma tendência das bancas atuais: não cobrar do aluno memorização da nomenclatura, mas compreensão das ideias expressas pelos conectores.

Resposta: C.

Antes de partirmos à análise de outras questões de concursos, vamos fixar os conceitos por meio de frases curtas, para verificar se você entendeu a teoria.

Classifique as conjunções coordenativas das frases abaixo.

1. Fale baixo, **porque** todos estão dormindo.

   Comentários: Ordem seguida da explicação.

   Resposta: conjunção explicativa.

2. **Não só** passeia, **mas ainda** cumpre a obrigação.

   Comentários: As duas ações se somam, *ele passeia* e *cumpre a obrigação*: "não só, mas ainda".

   Resposta: conjunções aditivas.

3. Estudou muito **e** não foi aprovado.

   Comentários: Apesar de a conjunção "e" ser normalmente aditiva, aqui ela contrasta, não segue o esperado: o que se esperava seria *estudar* e *ser aprovado*.

   Resposta: conjunção adversativa.

4. Estudou muito **e** foi aprovado.

   Comentários: Nesse caso, a conjunção não soma nem opõe, ela indica o resultado, a conclusão.

   Resposta: conjunção conclusiva.

5. Você leu as cláusulas do contrato; não reclame, **pois**, das dificuldades que surgirem.

   Comentários: Observe bem: a conjunção *pois* veio após o verbo, entre vírgulas, o que indica o seu deslocamento; além do mais, traz ideia de resultado.

   Resposta: conjunção conclusiva.

6. **Nem** estuda **nem** deixa os outros estudarem.

   Comentários: Dizer que *nem estuda nem deixa os outros estudarem* é o mesmo que dizer que não se fazem as *duas* coisas: não estuda *e* não deixa os outros estudarem.

   Resposta: conjunção aditiva. Cuidado para não confundir com as alternativas: não são ações que se alternam e sim que se somam.

7. Analisamos o projeto com muita atenção, estamos, **pois**, aptos a executá-lo.

   Comentários: Novamente, o *pois* deslocado. As vírgulas são uma preciosa dica. Ideia de resultado, conclusão.

   Resposta: conjunção conclusiva.

8. O regulamento era bastante claro a esse respeito; **no entanto**, muitas pessoas teimavam em fingir que não sabiam de nada.

   Apesar da *clareza do regulamento*, pessoas *fingiam não saber de nada*: oposição, contraste.

   Resposta: conjunção adversativa. Além do mais, as conjunções *entretanto, porém, no entanto* serão sempre

adversativas!

9. **Ou** não entendeu, **ou** fingiu-se de tolo.

Comentários: Duas opções que se excluem.

Resposta: as conjunções são alternativas e o valor semântico é de exclusão, escolha: uma coisa ou outra.

10. As autoridades levantaram-se **e** aplaudiram o velho professor.

Comentários: Finalmente um *e* que soma: duas ações que se adicionam.

Resposta: conjunção aditiva.

11. Saia da varanda, **que** está muito frio.

Comentários: Aproveite a estruturação da frase: temos a ordem (verbo no imperativo), seguida da explicação.

Resposta: conjunção explicativa.

12. Ele agradeceu a mim **bem como** a todos os presentes pela ajuda recebida.

Comentários: Ele agradeceu a mim *e* a todos.

Resposta: conjunção aditiva.

Vamos resolver algumas questões? Mas antes uma dica importante: nas provas atuais de concursos públicos, podemos observar duas tendências de questões em relação ao assunto que estamos abordando. Entenda:

Existem as questões que retiram um trecho do texto e pedem que você classifique a conjunção destacada ou, simplesmente, indique o valor semântico que ela representa.

Há também as questões de reescritura, em que se retira um trecho de um texto, com determinada conjunção em destaque, para que o aluno julgue que outras conjunções seriam capazes de substituí-la, mantendo-se o sentido original da frase.

Para resolver as questões do primeiro tipo, é preciso que você identifique a conjunção na frase em destaque, analisando a ideia que ela indica. Eis um exemplo:

1. (FCC/TRF – 2ª Região) No texto, o segmento "… podem ora ser consideradas como orientação geral, ora como disposição…" expressa ideias de ações:

a) opostas.

b) repetidas.

c) alternadas.

d) simultâneas.

e) concomitantes.

Comentários:

O que temos na frase são ações que se alternam. Os próprios conectivos *ora, ora* confirmam essa ideia. A letra A seria a resposta, caso se tratasse de conjunção adversativa. Quanto à letra B, imaginamos que a banca esteja tratando de ações que se somam (aditivas). Já as letras D e E referem-se às conjunções temporais, que podem indicar ações que ocorrem ao mesmo tempo (simultâneas, concomitantes).

Conclusão: para resolver uma questão como essa, basta que você leia a frase com cuidado para entender o valor semântico indicado pela conjunção.

Resposta: C.

2. (FCC/TRF-SP) O emprego do elemento sublinhado compromete a coerência da frase:

a) Cada época tem os adolescentes que merece, <u>pois</u> estes são influenciados pelos valores socialmente dominantes.

b) Os jovens perderam a capacidade de sonhar alto, <u>por conseguinte</u> alguns ainda resistem ao pragmatismo moderno.

c) Nos tempos modernos, sonhar faz muita falta ao adolescente, <u>bem como</u> alimentar a confiança em sua própria capacidade criativa.

d) <u>A menos que</u> se mudem alguns paradigmas culturais, as gerações seguintes serão tão conformistas quanto a atual.

e) Há quem fique desanimado com os jovens de hoje, <u>porquanto</u> parece faltar-lhes a capacidade de sonhar mais alto.

Comentários:

O enunciado busca a alternativa que apresente uma conjunção mal escolhida, ou seja, que não expresse a ideia que ela deveria indicar.

A alternativa B traz o conectivo *por conseguinte*, cuja ideia é de conclusão. No entanto, esse conectivo está introduzindo uma oposição: *os jovens perderam a capacidade de sonhar alto, mas alguns ainda resistem ao pragmatismo moderno*. Assim, a conjunção que deveria unir essas duas orações deveria ser adversativa (*mas, porém, contudo, todavia* etc.), e não conclusiva. A letra A apresenta uma afirmativa seguida de sua explicação, confirmada pelo conectivo *pois*. A letra C apresenta duas informações que adicionam, o que se percebe pela conjunção aditiva *bem como*. A letra D introduz uma condição para que a outra oração ocorra, o que estudaremos nas conjunções adverbiais condicionais. Finalmente, a letra E traz um *porquanto*, que estabelece uma explicação para a outra oração.

Resposta: B.

Atenção: não confunda a conjunção porquanto com portanto. Porquanto é o mesmo que porque.

Conclusão: nesse tipo de questão, além de entender a ideia que cada conjunção está veiculando, é necessário ter memorizado uma lista básica de conjunções para cada classificação. Isso agiliza o tempo de resolução da questão. De outra forma, além de ler cada frase e entender a sua mensagem, o aluno teria de fazer um certo esforço para lembrar o que

cada uma das conjunções normalmente indica. Aqui, então, você precisaria entender a ideia estabelecida por cada conjunção e memorizar uma lista mínima de conectores.

São duas questões que necessitam que detectemos em cada frase o valor semântico que a conjunção expressa (oposição, ressalva, explicação etc.).

Há também as questões que buscam reescritura de frases, ou seja substituições de conjunções por outras que expressem a mesma ideia, entendemos que a memorização da lista das conjunções seja mais importante do que a compreensão do que está escrito na frase.

Veja um item de uma prova para o Ministério das Relações Exteriores, da banca organizadora Cespe/UnB, ocorrida no ano de 2009. Nela, esperava-se que o candidato julgasse a assertiva como certa ou errada.

1. "Essas disputas, contudo, podem ter mais relação com o perfil de potência regional do Brasil, **uma vez que** suas empresas multinacionais competem de modo mais agressivo por negócios além das fronteiras brasileiras."

   a) A expressão "uma vez que" pode, sem prejuízo para a correção gramatical do período e sem alteração das informações originais, ser substituída por qualquer uma das seguintes: visto que, já que, pois, porque, porquanto.

   Comentários:

   Nesse caso, o mais importante não era entender a frase do texto, e sim ter memorizado as conjunções. Consulte a lista de conjunções explicativas que você possui e veja se não estão todas lá. Simples, não é? Já para o aluno que não memorizou...

   Resposta: certa.

Mais uma questão do mesmo concurso: pedia-se o de sempre, ou seja, julgar a alternativa como certa ou errada.

2. "Com isso, a partir de janeiro de 2009, a produção terá redução total de 4,2 milhões de barris diários. A medida, que foi acompanhada por países fora do cartel, não conseguiu, **no entanto**, segurar o preço da *commodity*, que caiu abaixo dos US$ 40." (O Globo, 18/12/2008.)

   a) O termo "no entanto" pode, sem prejuízo para a correção gramatical do período e sem alteração das informações originais, ser substituído por qualquer um dos seguintes: porém, contudo, conquanto, contanto que.

   Comentários: A conjunção *no entanto* é adversativa. Na lista das coordenativas adversativas só aparecem as duas primeiras: *porém* e *contudo*.

   Conquanto é uma conjunção concessiva, que, apesar de indicar a mesma ideia de contrariedade, levaria o verbo para o subjuntivo. Logo, tal conjunção até manteria a ideia da adversativa "no entanto", mas prejudicaria a correção gramatical do período.

   Contanto que é conjunção condicional, que nada tem de semelhança com a conjunção adversativa do texto.

   Resposta: errada.

Você deve estar se perguntando: então, para resolver as questões de conjunções, basta que eu decore a lista de cada uma delas? Infelizmente, não. Ainda que para algumas questões a memorização baste, entender as relações semânticas que as conjunções estabelecem nas frases é fundamental por alguns motivos:

1. Algumas conjunções estabelecem mais de uma ideia, aparecem em mais de uma lista. Você vai aprender que um *porque* pode ser causal, explicativo ou final. Um *pois* pode ser conclusivo, explicativo ou causal. Além dessas conjunções, há outras que podem ter mais de uma classificação (*desde que*, *que*, *se*...). Assim, só uma leitura cuidadosa da frase permitiria a classificação da conjunção. Nesse caso, ter memorizado as conjunções ajuda, mas não resolve a questão.

2. Há questões que pedem que se identifique o valor semântico da conjunção, e não simplesmente que dê a sua classificação. Vimos, por exemplo, que a conjunção adversativa *mas* pode indicar adversidade ou ressalva: haverá questões que vão buscar que você identifique qual das duas ideias a conjunção indica. Decorar a lista, aqui, resolveria o seu problema?

11.1.2. Conjunções subordinativas

Vamos agora ao estudo das conjunções adverbiais, que estatisticamente são aquelas que mais aparecem nas provas de concursos públicos de variadas bancas.

Conjunção subordinativa é a palavra ou locução conjuntiva que liga duas orações, sendo uma delas dependente da outra. A oração dependente, introduzida pelas conjunções subordinativas, recebe o nome de oração subordinada.

Ex.: O baile já tinha começado quando ele chegou.

or. principal ↑ or. subordinada

conj. subord.

As conjunções subordinativas subdividem-se em **adverbiais** e **integrantes**. Vamos a elas...

As **conjunções adverbiais** são aquelas que indicam circunstâncias. Lembre-se de que circunstância é uma ideia que se adiciona à frase sem ser necessária. É a história do fofoqueiro: onde?, como?, por quê?, para quê?... Certa vez, o professor Evanildo Bechara comentou, em uma palestra, que *circunstância é algo que a frase não pede, só a nossa curiosidade*... Pois bem, cabe ao aluno conhecer as ideias circunstanciais que se acrescentam à ideia principal de um texto, desenvolvendo-a. Podem ser causais, consecutivas, concessivas, condicionais, comparativas, conformativas, finais, temporais e proporcionais.

Primeiramente, temos as **conjunções causais** (*porque, que, como (= porque), pois que, uma vez que, visto que, porquanto, já que* etc.), que são aquelas que indicam *um fato que faz com que o outro ocorra*. Logo, para cada causa haverá um efeito. Se você não achar o efeito, então não havia causa. Daí, o exemplo:

Ele não fez a pesquisa *porque* não dispunha de meios.

O fato de *ele não dispor de meios* é que fez com que *ele não fizesse a pesquisa*. Agora, cuidado! Não confunda a causa com o efeito. Antes de classificar a conjunção, lembre-se de que **a conjunção recebe o nome da ideia que vem depois dela, não antes**. Se o que vem depois do *porque* é que fez com que *ele não fizesse a pesquisa*, então *porque* é uma conjunção causal.

Aqui, valem dois recados:

Atenção:
1. Tenha em mente, ao resolver a questão, o conceito de causa: ela é um fato que faz com que o outro ocorra.
2. Antes de classificar a conjunção, cuidado para não olhar para o lugar errado: a conjunção recebe a classificação do que ela inicia, não do que veio antes dela.

Você deve estar perguntando: e se a conjunção iniciasse a oração *ele não fez a pesquisa* e não a outra oração? Aí, ela seria *consecutiva*, pois estaria iniciando o efeito, a consequência.

Assim, surge a **conjunção consecutiva**, que é aquela que introduz uma oração que expressa a consequência da principal. São elas: *de sorte que, de modo que, de forma que, sem que (= que não), que* (tendo como antecedente na oração principal uma palavra como *tal, tão, cada, tanto, tamanho)* etc.

Portanto, temos a frase:

Estudou tanto durante a noite *que* dormiu na hora do exame.

O primeiro passo é reconhecer que há, nessa frase, **uma relação de causa e efeito**. Triste é quando a gente sequer enxerga isso no texto…

Em seguida, organizar, na frase, o que é causa e o que é o efeito.

Lembre-se de que:
1. Na linha do tempo, a causa antecede o efeito: acontece antes.
2. A conjunção recebe o nome da ideia que ela inicia.

Assim, temos:

O fato de *estudar tanto durante a noite* aconteceu antes de *ter dormido na hora do exame*: estudar muito **fez com que** dormisse na prova. Logo, *estudar* é a causa e *dormir* é o efeito. Ora, se a conjunção inicia o fato de *ter dormido na hora do exame*, que é a consequência, ela é consecutiva e não causal.

As conjunções concessivas introduzem uma oração que expressa ideia contrária à da principal, sem, no entanto, impedir sua realização. São elas: *ainda que, apesar de que, embora, mesmo que, conquanto, se bem que, por mais que, posto que* etc. Observe:

Embora fosse tarde, fomos visitá-lo.

O fato de *ser tarde* não impediu que *fôssemos visitá-lo*. São informações contrárias, que não se excluem. Além do

mais, o verbo está no subjuntivo (*fosse*), o que acaba sendo uma característica marcante das conjunções concessivas.

Atenção:

1. As conjunções concessivas indicam contrariedade, oposição.

2. A fim de não confundi-las com as coordenativas adversativas, que também contrastam, não deixe de memorizar as conjunções de cada lista e de lembrar que a conjunção concessiva, normalmente, leva o verbo para o subjuntivo, o que não ocorre com as adversativas.

Mais um exemplo para você fixar: Eu não desistirei desse plano *mesmo que* todos me abandonem.

O fato de *todos me abandonarem* não impedirá que *eu desista desse plano*: ideia de concessão. Atenção ao verbo "abandonem", que está no presente do subjuntivo.

As **conjunções condicionais** introduzem uma oração que indica a hipótese ou a condição para a ocorrência da principal. São elas: *se, contanto que, salvo se, desde que, a menos que, a não ser que, caso* etc.

Veja o exemplo:

Se precisar de minha ajuda, telefone-me.

A ação de me telefonar só ocorrerá *caso seja necessária a minha ajuda*. É a **hipótese** para a ocorrência da outra oração. Observe que o verbo está no subjuntivo – *precisar*, o que enfatiza a ideia hipotética que a oração traz.

As **conjunções conformativas** introduzem uma oração em que se exprime a conformidade de um fato com outro. São elas: *conforme, como (= conforme), segundo, consoante* etc. Pense sempre assim: a conjunção conformativa indica um fato que se realiza *de acordo com outro*, *em conformidade com outro*. Assim:

Arrume a exposição *segundo* as ordens do professor.

A exposição será arrumada *em conformidade*, *de acordo com* o que o professor ordenar.

As **conjunções finais** introduzem uma oração que expressa a finalidade ou o objetivo com que se realiza a principal. São elas: *para que, a fim de que, porque (= para que), que* etc. É mais uma conjunção que, por também indicar hipótese, apresenta, em geral, o verbo no subjuntivo. Veja:

Toque o sinal *para que* todos entrem no salão.

A finalidade, o objetivo da primeira oração ("toque o sinal") é de que *todos entrem no salão*. Veja como *a finalidade é uma consequência desejada, almejada, hipotética*.

As **conjunções proporcionais** introduzem uma oração que expressa um fato relacionado proporcionalmente à ocorrência principal. São elas: *à medida que, à proporção que, ao passo que* e as combinações *quanto mais...* (mais), *quanto mais...* (menos), *quanto menos...* (mais), *quanto menos...* (menos) etc. É simples: uma ideia que se realiza proporcionalmente à outra. Assim:

O preço fica mais caro *à medida que* os produtos escasseiam.

Eis o que a conjunção proporcional indica: *quanto mais o preço fica caro, mais os produtos escasseiam*. São ações diretamente proporcionais. Podemos ter até ações inversamente proporcionais:

Quanto mais reclamava, menos atenção recebia.

Na sequência, temos as **conjunções temporais**, que são aquelas que introduzem uma oração que acrescenta uma circunstância de tempo ao fato expresso na oração principal. São elas: *quando, enquanto, assim que, logo que, todas as vezes que, desde que, depois que, sempre que, mal (= assim que)* etc. Essa ideia de tempo pode iniciar um tempo simultâneo, concomitante:

A briga começou *assim que* saímos da festa.

As duas ações ocorrem ao mesmo tempo. É conjunção temporal que indica *tempo simultâneo*. Mas não será sempre assim. Veja:

A cidade ficou mais triste *depois que* ele partiu.

A conjunção é temporal, indicando tempo anterior. Que interessante: a locução conjuntiva *depois que* está iniciando uma oração com valor de anterioridade (*ele partiu* aconteceu antes de *a cidade ficar mais triste*) e não de posterioridade. Por isso, é tão importante você se adestrar e, antes de classificar a conjunção, olhar para a oração que **vem depois dela**, não antes!

Agora, vêm as que consideramos mais fáceis: as conjunções comparativas. As **conjunções comparativas** introduzem uma oração que expressa ideia de comparação com referência à oração principal. São elas: *como, assim como, tal como, como se, (tão)... como, tanto como, tanto quanto, tal, qual, tal qual, que* (combinado com *menos* ou *mais*) etc. Assim, temos:

O jogo de hoje será mais difícil *que* o de ontem.

Vemos aqui *ações que se comparam*. Observe: o verbo das orações comparativas normalmente vem implícito, por ser o mesmo da outra oração. É como se eu dissesse: o jogo de hoje será difícil como o de ontem *foi difícil*. Observe mais um exemplo:

Ele é preguiçoso *tal como* o irmão.

É como se disséssemos: *ele é preguiçoso como o irmão é preguiçoso*.

Atenção: A oração comparativa vem com verbo implícito, contando, portanto, como uma oração. Se houver uma questão que pergunte quantos verbos há no período, não deixe de contar com o verbo da oração comparativa, embora ele não esteja explícito.

Por fim, temos as **conjunções integrantes**. Deixamos essas conjunções para o final, porque elas não integram o bloco das adverbiais, **não trazem ideia circunstancial**. O seu papel é iniciar oração substantiva, a oração que vale por um substantivo. Lá na escola, a professora nos aconselhava a substituir a oração substantiva por **isto**, que é um pronome substantivo, só para ter certeza de que ela é substantiva. Assim, teríamos:

Espero *que* ele traga os documentos necessários.

A conjunção integrante *que* integra a oração substantiva (*que ele traga os documentos necessários*), oração que vale por um substantivo, que pode ser trocada por **isto**. Veja que ela não tem nenhum dos valores semânticos que estudamos anteriormente (causa, condição, concessão…), apenas inicia uma oração substantiva. Mais um exemplo:

Não sei *se* José foi aprovado.

Eis um exemplo de conjunção integrante *se:* ela inicia uma oração que vale por um substantivo (*aprovação de João*). É a conjunção integrante.

Atenção:

1. As conjunções subordinativas dividem-se em dois blocos: integrantes (sem valor semântico) e adverbiais (que indicam ideia circunstancial, apresentando os valores de causa, condição, concessão etc.)
2. Reconhecer a conjunção integrante é simples: basta trocar a oração que ela inicia por um substantivo, ou, simplesmente, por isto.

Que tal treinarmos um pouco antes de encararmos as questões de concursos? A seguir, apresentamos algumas frases para fixarmos os conceitos.

Classifique as conjunções subordinativas destacadas nas frases a seguir:

1. Não vieram **porque** chovia muito.

Comentários: O fato de *chover muito* fez com que *não viessem*: inicia a causa.

Resposta: conjunção causal.

2. **Por mais qu**e estude, corre o risco de ser reprovado.

Comentários: O esperado seria que, *estudando muito, fosse aprovado*. Tem-se a ideia de oposição.

Resposta: conjunção concessiva. Atenção ao verbo no subjuntivo.

3. **Como** todos sabem, tenho um nome respeitado.

Comentários: A conjunção *como* tem valor de *conforme*, *de acordo com*.

Resposta: conjunção conformativa.

4. Ninguém sabe **se** ele está vivo ou morto.

Comentários: Ninguém sabe *isto*.

Resposta: a conjunção inicia oração substantiva, integrante.

5. Estava tão cansado, **que** adormeceu na poltrona.

Comentários: Lá vem ela: a relação de causa e efeito. Organize o seu raciocínio: o fato de *estar cansado* fez com que *ele adormecesse na poltrona*. A causa é *o cansaço*, o efeito é *adormecer na poltrona*.

Resposta: a conjunção *que* inicia o efeito, ela é consecutiva. Além do mais, quem já memorizou sabe que um *que*

antecedido de *tão* normalmente é consecutivo.

6. Menti **porque** precisava.

Comentários: O fato de *precisar* fez com que *eu mentisse*. *Precisar* é a causa, *mentir* é a consequência.

Resposta: a conjunção inicia a causa: ela é causal.

7. Menti **porque** não fosses punido.

Comentários: Esse *porque* pode ser trocado por *para que*, *a fim de que*. O verbo, além disso, está no subjuntivo, indicando hipótese.

Resposta: conjunção final.

8. **Ainda que** me ameaces, nada revelarei.

Comentários: Relação de oposição, contrariedade, um fato que não impede que o outro ocorra: o fato de *me ameaçar* não vai impedir que *eu nada revele*. E o verbo no subjuntivo.

Resposta: conjunção concessiva.

9. **Como** ele se despedisse, acompanhamo-lo à porta.

Comentários: Relação de causa e efeito: o fato de *ele se despedir* fez com que *o acompanhássemos até a porta*.

Resposta: inicia a causa, a conjunção é causal.

10. **Sempre que** estou estudando, não gosto que façam barulho.

Comentários: Indica ideia de tempo. Não gosto que façam barulho *quando* estou estudando.

Resposta: conjunção temporal.

11. **Caso** ela me beije, pensarei no caso.

Comentários: A ação de *pensar no caso* só ocorrerá *se ela me beijar*. Valor de hipótese, condição. E verbo no subjuntivo – *beije*.

Resposta: conjunção condicional.

12. **Quanto mais** trabalho, **menos** tempo tenho para ganhar dinheiro.

Comentários: Ações inversamente proporcionais: quanto mais *se trabalha*, menos *se ganha dinheiro*.

Resposta: conjunção proporcional.

13. **Se bem que** estude muito, não aprende tudo.

Comentários: O verbo no subjuntivo – estude – e uma ideia de oposição: o fato de *estudar muito* não garante *o aprendizado da matéria*.

Resposta: conjunção concessiva.

14. **Desde que** saiu, não consigo raciocinar direito.

Comentários: A ação de *não raciocinar direito* ocorre desde o momento em que *alguém saiu*. Ideia de tempo anterior.

Resposta: conjunção temporal.

15. **Como** seu irmão, Mariana sabia se comportar.

Comentários: A conjunção *como* equivale a *do mesmo modo que*. É como se disséssemos: Mariana sabe se comportar *do mesmo modo que* seu irmão sabe se comportar. O verbo vem implícito, por ser o mesmo da outra oração. São ideias que se comparam.

Resposta: conjunção comparativa.

Devidamente treinados em relação às conjunções subordinativas? Esperamos que sim. Agora, chegamos ao momento mais importante deste capítulo: a mistura das conjunções coordenativas e subordinativas. O aluno que sabe mesmo não se confunde quando vêm todas juntas. As dicas são muito simples:

Não se preocupe com a nomenclatura *coordenativa* ou *subordinativa*. O mais importante é a ideia que cada conjunção traz. Exemplo: se a conjunção iniciar uma ideia de explicação e não de causa, será coordenativa, e não subordinativa. O mais importante é identificar o valor semântico da oração que a conjunção inicia.

Não deixe de memorizar uma lista mínima para cada bloco de conjunções: isso poupará tempo de resolução de prova. Exemplo: o aluno que não memoriza que *conquanto* será sempre conjunção concessiva, pode perder muito tempo pensando sobre as outras ideias (causal, explicativa, conformativa...).

Não deixe de olhar para o que vem depois da conjunção, não para o que vem antes. Na dúvida, procure também substituir a conjunção por outras que tenham o mesmo sentido, para ter certeza da resposta certa.

E o mais importante: procure lidar com a frase da forma como ela está no texto. Não imagine situações, não extrapole o que está escrito. Exemplo: diante de uma *conjunção condicional*, que é a *hipótese* para a ocorrência da outra oração, não fique imaginando um contexto em que essa hipótese viesse a ocorrer. Se fosse assim, ela seria *causal* e não *condicional*. Dessa forma, você acaba errando porque pensou em outra coisa.

Classifique as conjunções a seguir:

1. Convém **que** tomes cuidado.

Comentários: Convém *isto*. A conjunção inicia oração substantiva.

Resposta: conjunção subordinativa integrante.

2. **Mesmo que** me peça, não atenderei.

Comentários: Algo que não se espera, contraditório. Verbo no subjuntivo. É o mesmo que *embora, ainda que*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial concessiva.

3. Nem canta **nem** assovia.

Comentários: Não realiza as duas ações: cantar e assoviar. *Nem* é o mesmo que *e não*.

Resposta: conjunção coordenativa aditiva.

4. **Ora** canta, **ora** assovia.

Comentários: Ações que se alternam: algumas vezes canta, outras assovia.

Resposta: conjunções coordenativas alternativas.

5. **Quanto mais** canta, mais feliz fica.

Comentários: Ações diretamente proporcionais. É o mesmo que *à medida que*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial proporcional.

6. Vai logo, **que** chegarás atrasado.

Comentários: Ordem seguida da sua explicação. Atente ao verbo da primeira oração no imperativo. *Que*, aqui, equivale a *pois*.

Resposta: conjunção coordenativa explicativa.

7. Ele se complicou, **por isso** foi repreendido.

Comentários: Ser repreendido é a conclusão de ele ter se complicado. Não confunda com a subordinativa consecutiva: *por isso* pertence à lista das conclusivas. É o mesmo que *logo*, *portanto*.

Resposta: conjunção coordenativa conclusiva.

8. Ele falou tanto **que** foi repreendido.

Comentários: O fato de muito ter falado fez com que ele fosse repreendido. Atenção ao *que* antecedido de *tanto*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial consecutiva.

9. Vem, **que** eu te abraçarei.

Comentários: Pedido seguido de sua explicação. O *que*, aqui, equivale ao *pois*.

Resposta: conjunção coordenativa explicativa.

10. Conversa mais **que** trabalha.

Comentários: Comparam-se as ações de conversar e trabalhar.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial comparativa.

11. Estudou, **logo** foi aprovado.

Comentários: Ser aprovado é a conclusão de ter estudado. É o mesmo que *por isso*, *por conseguinte*, *portanto*.

Resposta: conjunção coordenativa conclusiva.

12. Estava tão cansado, **que** adormeceu na poltrona.

Comentários: *Que* antecedido de *tão*. Adormecer na poltrona é a consequência de estar muito cansado.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial consecutiva.

13. **Que** eu saiba, Luís não é casado.

Comentários: É o mesmo que *conforme eu saiba*, *de acordo com o que eu sei*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial conformativa.

14. **Sem que** eu tenha este documento nas mãos, nada poderei fazer.

Comentários: Ter o documento nas mãos é a condição para que eu faça algo. Atenção ao verbo *tenha*, no presente do subjuntivo.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial condicional.

15. Comprei as mangas, verdes **que** estivessem.

Comentários: O fato de as mangas estarem verdes não impediu que as comprasse. É o mesmo que *embora, ainda que estivessem verdes*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial concessiva.

16. No elogio há sempre menos sinceridade **que** na censura.

Comentários: Ações que se comparam. Observe que o verbo da segunda oração está implícito: "No elogio há sempre menos sinceridade que *há sinceridade* na censura".

Resposta: conjunção subordinativa adverbial comparativa.

17. Entre em silêncio **que** as crianças não acordem.

Comentários: As crianças não acordarem é a finalidade de se entrar em silêncio. Veja o verbo *acordem* no subjuntivo. É o mesmo *que a fim de que, para que as crianças não acordem*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial final.

18. Foi ao clube, **porém** não tinha ânimo.

Comentários: Ideia de adversidade, oposição. É o mesmo que *mas, contudo, todavia*. Não confunda com a conjunção concessiva, que possui a mesma ideia de contrariedade, mas leva o verbo para o subjuntivo.

Resposta: conjunção coordenativa adversativa.

19. **Embora** não tivesse ânimo, foi ao clube.

Comentários: Agora sim: o verbo está no subjuntivo. Ideia de oposição, contrariedade. Um fato (*não ter ânimo*) que

não impede que o outro (*ir ao clube*) ocorra. É o mesmo que *ainda que não tivesse ânimo*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial concessiva.

11.1.3. Valores semânticos das principais conjunções

Antes de treinarmos as questões de concursos, uma pausa para uma boa sistematização. Pelos exercícios anteriores, você já deve ter percebido que determinadas conjunções aparecem em mais de uma lista. Exemplo: o conector *porque*, que você conhecia como causal ou explicativo, pode ser também final. Assim, pensamos que seria didático sistematizar as conjunções que aparecem em mais de uma lista, de modo que você saiba tudo que cada uma pode ser. Fica mais fácil na hora de estudar. Vamos lá?

• **E:** A conjunção **e** pode indicar as seguintes ideias:

Ele trabalha **e** estuda. (aditiva)

Estudou, **e** não passou. (= mas: adversativa)

Estudou, **e** passou em 1º lugar. (= logo: conclusiva)

• **POIS:** Quando inicia a oração pode ser causal ou explicativa. Se deslocada, será sempre conclusiva.

Estude bastante, **pois** tudo correrá bem. (explicativa)

Ele passou em 1º lugar, **pois** muito se esforçou. (causal)

Ele muito se esforçou; passou, **pois**, em 1º lugar. (conclusiva)

• **OU:** Como conjunção alternativa, pode excluir ou retificar. Pode ser também conjunção aditiva.

João **ou** José casará com Maria. (*um ou outro*; alternativa com valor de exclusão)

O professor **ou** os professores dirigiram-se ao departamento. ("os professores" corrige a informação anterior; alternativa com valor de retificação)

O fumo **ou** a bebida fazem mal à saúde. (= *e*: aditiva)

• **DESDE QUE**

Desde que acordou, não parou de estudar. (= *desde que*: temporal)

Desde que se esforce, tudo correrá bem. (= *caso*: condicional)

• **QUE**

Fala, **que** fala, **que** fala, **que** fala. (= *e*: aditiva)

Entre, **que** estamos atrasados. (= *pois*: explicativa)

Sei **que** serei aprovado. (*Sei isto*: integrante)

Choveu, **que** o dia foi muito quente. (= *porque*; causal)

O dia foi tão quente, **que** choveu. (*que* antecedido de *tão*: consecutiva)

Que ele insistisse, eu não iria à festa. (= *embora*: concessiva)

Esforce-se **que** tudo corra bem. (= *para que*: final)

• **SE**

Não sei **se** ele foi aprovado. (*Não sei isto*: integrante)

Se ele foi aprovado, não sei. (*Não sei isto*: só houve mudança da ordem da frase: integrante)

Se ele for aprovado, seus pais ficarão contentes. (= *caso ele seja*: condicional)

Se vocês já estão aqui, então, vamos começar a reunião. (= *já que*: causal)

Se eles eram felizes, não demonstravam contentamento. (= *embora*: concessiva)

• **COMO**

Ele fala **como** o irmão. (= *do mesmo modo que*: comparativa)

Como morava perto do amigo, resolveu visitá-lo. (= *já que*: causal)

Viajaremos **como** combinamos. (= *conforme*: conformativa)

11.1.4. Como estudar as conjunções

Sabemos que estudar as conjunções é tarefa que compreende as seguintes etapas:

• Entender o valor semântico que cada conjunção expressa: saber o que é adição, alternância, adversidade etc.

• Sistematizar as conjunções que podem apresentar mais de uma ideia. A conjunção alternativa, por exemplo, não indica só alternância, pode indicar também escolha ou exclusão.

• Memorizar uma lista básica de conjunções para cada grupo (aditivas, explicativas...).

• Apresentar as conjunções que podem aparecer em mais de uma lista. A conjunção *e*, por exemplo, pode ser aditiva, adversativa ou conclusiva. Sistematizar essas conjunções poupará ao aluno tempo de raciocínio para resolução da questão.

• Treinar, treinar e treinar.

11.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Classifique as conjunções coordenativas seguindo este código.

(1) aditiva

(2) adversativa

(3) alternativa

(4) conclusiva

(5) explicativa

1. ( ) Foi transferido, logo não nos veremos com muita frequência.
2. ( ) Agora verificamos um trabalho mais efetivo com a palavra não apenas como meta para o desenvolvimento, mas como um trabalho de resgate do próprio homem.
3. ( ) Podem me acusar, pois estou com a consciência tranquila.
4. ( ) "Esforço-me para aproximá-lo de Jesus, no entanto o senhor acerca-se do Papa."
5. ( ) O atleta teve um ótimo desempenho e não conseguiu vencer a prova.
6. ( ) O futebol já é o quarto maior mercado de capitais do mundo, todavia só agora a Receita começa a prestar atenção nos jogadores.
7. ( ) "Tente não se tornar um homem de sucesso, e sim um homem de valores."
8. ( ) Eles merecem perdão ou reparação total?
9. ( ) Sente aqui, que precisamos conversar.
10. ( ) "A água lhe bate nos olhos. Percebe, entretanto, que a água o está levando para o lado das pedras."
11. ( ) Você participou do debate; diga-me, pois, as novidades.
12. ( ) "Já não era a flor do bairro, senão de toda a cidade."
13. ( ) "Você não entendeu meu bilhete, portanto não cumprirá minhas orientações."
14. ( ) "Tanto ele como o irmão são meus amigos."
15. ( ) "Não achou os documentos nem as fotocópias."
16. ( ) Queria estar atento à palestra, contudo o sono chegou.
17. ( ) Peguei um táxi e fui à casa do Wilson.
18. ( ) Conhecemos pessoas materialmente ricas, porém pobres espiritualmente.
19. ( ) "Você se prepara para o futuro corretamente ou fica metade do tempo se preocupando e nada mais?"
20. ( ) Não insista, porque não irei ao jogo.

II. Classifique as conjunções ou locuções subordinativas destacadas usando este código.

(1) causal

(2) concessiva

(3) condicional

(4) conformativa

(5) final

(6) proporcional

(7) temporal

(8) comparativa

(9) consecutiva

(10) integrante

1. ( ) ( ) A crise mostra que o Brasil progride enquanto dorme.

2. ( ) Não sabia se voltaria para casa.

3. ( ) "Se você sentir saudade, por favor não dê na vista."

4. ( ) "Como escreveu o divino Dante: 'Percam todas as esperanças. Estamos todos no inferno'."

5. ( ) Como estivesse doente faltei à escola.

6. ( ) Ainda que chova, sairei de casa.

7. ( ) Serás aprovado desde que estudes.

8. ( ) "Como nas novelas, vemos que o Brasil está se dividindo entre babacas e psicopatas."

9. ( ) "A crise ensina que nossa política é tão medíocre, que nos últimos anos bastou a economia."

10. ( ) "Quando terminei a inspeção do que estava feito, eu não me senti bem."

11. ( ) "A roupa tinha certa decência, posto que não fosse absolutamente nova."

12. ( ) "Escrevi este texto enquanto assistia à morte do papa na TV."

13. ( ) Ao perceber o que tinham feito com seus livros, gritou que parecia um louco.

14. ( ) ( ) "O poeta é um fingidor. Finge tão completamente que chega a fingir que é dor a dor que deveras sente."

15. ( ) Conquanto os cavalos fossem a trote largo, longa pareceu a viagem ao doutor."

16. ( ) "Os ricos são tão pobres que não percebem a triste pobreza em que usufruem suas malditas riquezas."

17. ( ) "Uma vez que o ser humano olha só a aparência fica preso apenas à forma."

18. ( ) "Ninguém ignora que a corrupção é geral em todos os setores."

19. ( ) "Quanto mais juntamos dinheiro, mais difícil se torna a sua entrada."

20. ( ) Mal a novela teve início, iniciou-se a polêmica.

21. ( ) São dilemas tão rotineiros quanto escolher o que comer.

22. ( ) Oremos porque tudo termine bem.

23. ( ) Foram feitas algumas exigências para que obtivesse crédito.

24. ( ) "A sordidez do que acontece no Brasil é tal que até criticar o governo só serve para legitimá-lo."

25. ( ) "Os olhos de uma pessoa se iluminarem quando ela tem uma percepção nova não é um clichê literário, é a luz deste alvorecer saindo pelos olhos."

26. ( ) "Se permitirmos que o preconceito nos domine, seremos em breve o mais atrasado no círculo dos povos atrasados."

27. ( ) A vida dos deficientes físicos é mais difícil do que a vida da maioria de nós.

28. ( ) "Os lampiões acendiam à medida que a noite aos poucos se acentuava."

29. ( ) Recebemos a notícia de que o melhor jogador do mundo virou espanhol.

30. ( ) A língua, como os costumes, segue uma evolução.

III. Complete as lacunas com o conectivo (conjunção ou locução conjuntiva, preposição ou locução prepositiva) mais adequado.

1. O Botafogo foi o time que fez a melhor campanha do campeonato. Teria, _____, que ser o campeão este ano. (no entanto / portanto / isto é)

2. _____ Sabesp estar tratando a água da represa de Guarapiranga, o gosto da água nas regiões sul e oeste não melhorou. (Pela / Apesar de a / Devido a)

3. _____ não saia de casa, você pode dar grande contribuição à preservação ambiental. (Contanto que / Mesmo que / Uma vez que)

4. Ele não merece crédito _____ suas mentiras. (apesar de / devido a / não obstante)

5. _____ os deputados deponham na CPI e ajudem a elucidar os episódios obscuros do caso dos precatórios, a confiança na instituição foi abalada. (Uma vez que / Para que / Mesmo que)

6. _____ recursos públicos investidos na área, nas últimas décadas vem se formando ali um cinturão de prosperidade. (Graças aos / Apesar dos / De acordo com os)

7. Todo texto está aberto a uma atribuição de significados, que depende da experiência prévia de leitura de quem o lê._____, qualquer significado que seja atribuído ao texto, independentemente de quão ambíguo ou provisório, é sempre adequado, _____ vai ao encontro das expectativas de um leitor específico. (Portanto / No entanto / E) (porém / pois / e)

8. A negociação de acordos bilaterais é suficientemente importante para justificar uma abertura do governo com vistas a discutir essa questão com o setor privado, sobretudo agora, diante da perspectiva da desaceleração das economias desenvolvidas e do crescimento do comércio mundial, _____ crise de crédito que vem dos Estados Unidos. (apesar da / não obstante a / em consequência da)

Gabarito: I – 1. (4); 2. (1); 3. (5); 4. (2); 5. (2); 6. (2); 7. (2); 8. (3); 9. (5); 10. (2); 11. (4); 12. (2); 13. (4); 14. (1); 15. (1); 16. (2); 17. (1); 18. (2); 19. (3); 20. (5). **II** – 1. (10) (7); 2. (10); 3. (3); 4. (4); 5. (1); 6. (2); 7. (3); 8. (8); 9. (9); 10. (7); 11. (2); 12. (7); 13. (9); 14. (9) (10); 15. (2); 16. (9); 17. (1); 18. (10); 19. (6); 20. (7); 21. (8); 22. (5); 23. (5); 24. (9); 25. (7); 26. (3); 27. (8); 28. (6); 29. (10); 30. (8). **III** – 1. portanto; 2. Apesar de a; 3. Mesmo que; 4. devido a; 5. Mesmo que; 6. Graças aos; 7. Portanto / pois; 8. em consequência da.

11.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Vejamos questões de concursos anteriores.

1. (FCC/CADEP) Na frase "mudamos de vontade como muda de cor o camaleão", o autor:

a) estabelece uma comparação entre seres, sendo a volubilidade o termo comum.

b) se vale de duas formas do mesmo verbo para estabelecer uma oposição de sentido entre as ações representadas.

c) estabelece uma relação de *causa e efeito* entre duas ações.

d) emprega as palavras *vontade* e *cor* de modo *estranho* ao seu sentido literal.

e) emprega a palavra *como* para acentuar a ideia de uma proporção.

Comentários:

Na frase retirada do texto, temos o conectivo *como* para estabelecer uma relação de comparação ("*mudamos de vontade* como *o camaleão muda de cor"*, ou seja, compara-se a mudança da nossa vontade com a mudança de cor do camaleão). Observe que, em quatro opções, a linguagem usada é a seguinte: comparação na letra A, oposição na B, causa e efeito na C e proporção na E. A letra D fala dos valores semânticos (sentido) das palavras *vontade* e *cor* de forma errada, pois os sentidos não são estranhos ao que representam esses vocábulos.

Resposta: A.

2. (FCC/TRT – 18ª Região) Pensador consequente, a Cícero não importavam as questões secundárias, interessavam-lhe os valores essenciais da conduta humana.

O sentido da frase acima permanecerá inalterado caso ela seja introduzida por:

a) conquanto fosse.

b) muito embora sendo.

c) ainda quando fosse.

d) por ter sido.

e) mesmo que tenha sido.

Comentários:

Nesta questão, pede-se usar um conectivo no início do período. Repare que, embora não haja elemento coesivo na frase, temos uma relação de *causa* e *consequência* ("as questões secundárias não lhe interessavam porque Cícero era um pensador consequente, coerente, racional. Interessavam-lhe os valores essenciais"*)*. Nesta aula, vimos que as preposições também podem estabelecer valores semânticos de **modo**, **companhia**, **causa** etc. Em quatro opções (A, B, C e E), os conectivos expressam ideia de *concessão*. Na letra D, a preposição *por*, na forma reduzida *por ter sido*, confirma a ideia de *causa*.

Resposta: D.

3. (FCC/TRF) Um deles é o tipo A, que acelera o envelhecimento da pele, **por penetrar em camadas mais profundas**. O trecho destacado indica, em relação ao restante do período, valor semântico de:

a) causa.

b) condição.

c) consequência.

d) finalidade.

e) temporalidade.

Comentários:

Apresentamos mais uma questão em que aparece a relação de *causa* e *consequência* ("acelera o envelhecimento porque penetra em camadas mais profundas"*)*. Aqui, também, a preposição *por* confirma essa ideia. Lembre-se: o mais importante é guardar os **nomes das relações** existentes no texto – causa, condição, consequência, concessão, conclusão, explicação etc. –, já que a **mesma** preposição pode estabelecer vários sentidos.

Resposta: A.

4. (FCC/TRF) O estudo do cérebro conheceu avanços sem precedentes nas últimas duas décadas, **com o surgimento de tecnologias** que permitem observar o que acontece durante atividades.

A frase destacada acima introduz, no contexto, noção de:

a) causa.

b) conclusão.

c) ressalva.

d) temporalidade.

e) finalidade.

Comentários:

Esta questão reforça os **Comentários** feitos na anterior. A preposição *com* só confirma a relação de causa que se estabelece com a oração "O estudo do cérebro conheceu avanços sem precedentes nas últimas duas décadas". Ou seja, foi **por causa** do *surgimento de tecnologias que permitem observar o que acontece durante atividades...*, é que o *estudo do cérebro conheceu avanços sem precedentes*.

Resposta: A.

5. (FCC/TRF) Mas, passada a crise do petróleo, as pressões dos produtores por reajustes voltaram.

O sentido do segmento destacado acima está transposto corretamente, em outras palavras, em:

a) No entanto, conforme se passava a crise de petróleo...

b) Caso, contudo, se passasse a crise de petróleo...

c) Senão, enquanto se passava a crise de petróleo...

d) À medida, conquanto, que se passava a crise de petróleo...

e) Porém, depois que passou a crise de petróleo...

Comentários:

Antes de olhar as opções, observe as relações existentes nesta frase, na ordem direta: "Mas as pressões dos produtores por reajustes voltaram, passada a crise do petróleo". A conjunção *mas* introduz, em relação ao que foi dito no texto, uma ideia de *adversidade* (aqui não há necessidade de conhecermos a oração que antecede esse período). Logo, só poderíamos considerar as opções A e E (no entanto e porém são *adversativas*).

Na última oração ("passada a crise") temos a ideia de *tempo posterior* (as pressões voltaram *quando/depois que* a crise do petróleo passou).

Resposta: E.

6. (FCC/METRO) *... ainda que à custa do sacrifício das finanças das estradas.*

A última frase do texto introduz, no período, noção de:

a) temporalidade.

b) consequência.

c) proporcionalidade.

d) ressalva.

e) causa.

Comentários:

Nesta frase retirada do texto, não haveria necessidade de se retornar a ele, pois a locução conjuntiva *ainda que* é concessiva, portanto, a ideia que se tem é de *ressalva*, *exceção*. Lembre-se de que a memorização de alguns conectivos é essencial para a resolução de algumas questões que buscam exatamente o conhecimento de tal assunto por parte do candidato.

Resposta: D.

7. (FCC/TCE-AL) *Nossa história e nosso passado não são nem cargas indesejadas, nem determinações absolutas.*

Mantêm-se o sentido e a correção da frase acima substituindo-se o segmento sublinhado por:

a) nem tanto cargas indesejadas quanto determinações absolutas;

b) cargas indesejadas, nem ao menos determinações absolutas;

c) cargas indesejadas, assim como não são determinações absolutas;

d) nem cargas indesejadas, quando não determinações absolutas;

e) nem mesmo cargas indesejadas, quanto mais determinações absolutas.

Comentários:

Neste período, se "nossa história e nosso passado não são nem cargas indesejadas, nem determinações absolutas" é porque não são as **duas coisas,** adição, portanto. Nas letras A e D, são só *determinações absolutas*, pois as expressões *nem tanto* e *nem* retiram o valor aditivo de *cargas indesejadas*. Na letra B, *nem ao menos* exclui as *determinações absolutas*. Na letra C, *são cargas indesejadas* ***e*** *determinações absolutas*, adição. Na letra E, a palavra *mesmo* denota uma ideia de inclusão que não aparece na frase original, cuja finalidade é apenas *somar*, *adicionar*.

Resposta: C.

8. (FCC/METRO) *Não apenas a construção, mas também a operação das ferrovias dependeu de subsídios estatais.*

O sentido correto da afirmativa acima está, em outras palavras, em:

a) Não apenas a construção, nem também a operação das ferrovias dependeram de subsídios estatais.

b) Tanto a construção quanto a operação das ferrovias dependeram de subsídios estatais.

c) Não era apenas a construção, mas somente a operação das ferrovias que dependeu de subsídios estatais.

d) Não foi apenas a construção, nem a operação das ferrovias, que dependeram de subsídios estatais.

e) Apenas a construção, e não somente a operação das ferrovias, dependeu de subsídios estatais.

Comentários:

Nas conjunções coordenativas *aditivas*, vimos que uma delas é a expressão *não apenas...mas também*, chamada *correlativa*. Na frase em questão, entendemos, pois, que **as duas coisas** dependeram de *subsídios estatais*. Nas letras A e D, não há soma e sim *exclusão* das duas. Na letra C, a palavra *somente* produz incoerência, pois a intenção é a de *somar* e não de excluir. Na letra E, diz-se que *apenas* a *construção dependeu de subsídios estatais.*

Resposta: B.

9. (FCC/TRT – 2ª Região – Tec. Judic.) Identifica-se relação de causa e consequência em:

a) A população rural ainda deve aumentar nos próximos dez anos, antes de entrar em declínio gradativo.

b) Desde cedo, a cidade teve o mérito de dar ao homem a possibilidade de evoluir além da luta pela sobrevivência pura e simples.

c) Sua primeira função foi de local de proteção, de armazenagem de alimentos e de entreposto de trocas.

d) praticamente todo o crescimento populacional do planeta ocorrerá nas cidades, nas quais viverão sete em cada dez pessoas em 2050.

e) mas o trânsito pode ser tão congestionado que se torna difícil usufruir as ofertas.

Comentários:

Nas opções A e B, os conectivos *antes de* e *desde* estabelecem uma relação de *tempo*. Na letra C, temos a conjunção *e* adicionando termos na oração (conjunção aditiva). Na letra D, o conectivo que aparece é o pronome relativo *as quais* antecedido de preposição (*nas quais*). Sabemos que o pronome relativo dá início às orações adjetivas. Temos aqui, portanto, uma oração adjetiva explicativa, já que vem antecedida de vírgula. Na letra E, a relação entre as orações é de causa e consequência (o fato de o trânsito ser congestionado leva à dificuldade de se usufruírem as ofertas).

Resposta: E.

10. (FCC/TRF – 2ª Região – Aux. Adm.) ... os alimentos orgânicos, que ignoram os pesticidas e fertilizantes químicos **em nome de integrar a lavoura à natureza**.

O segmento grifado está reescrito com outras palavras e sem alteração do sentido original em:

a) de modo que as plantações estejam bem cuidadas.

b) com escolha de terras naturalmente férteis para a lavoura.

c) sem que se cultivem alguns produtos com adubos naturais.

d) visto que os produtos tóxicos podem surgir no ambiente natural.

e) para que se façam plantações com respeito e proteção ao meio ambiente.

Comentários:

Esta é a típica questão que valoriza a ideia e não a memorização dos conectivos. Devemos entender dessa afirmação que *os alimentos orgânicos que não contêm pesticidas e fertilizantes químicos integram a lavoura à natureza,* ou seja, *fazem isso com a finalidade de integrar a lavoura à natureza.* Na letra A, *de modo que* é consecutivo. Na B, a preposição *com* levaria à ideia de causa. Na letra C, *sem que* é condicional. Na D, *visto que* é causal. Na letra E, *para que* é uma locução conjuntiva que estabelece ideia de finalidade.

Resposta: E.

11. (FCC/TRF – 2ª Região – Aux. Adm.) Eles **não** são terríveis só contra os insetos que destroem lavouras, **mas também** contra borboletas, pássaros e outras formas de vida.

A sequência grifada na frase acima assinala, considerando-se o contexto, a noção de:

a) oposição, já que os pesticidas destroem insetos prejudiciais à lavoura, preservando as borboletas, pássaros e outras formas de vida.

b) alternativa, tendo em vista que os pesticidas destroem apenas os insetos, ou ainda, somente as borboletas, pássaros e outras formas de vida.

c) adição, pois os pesticidas, além de destruir os insetos prejudiciais às lavouras, destroem ainda borboletas, pássaros e outras formas de vida.

d) conclusão, por informar o emprego específico das substâncias referidas, como solução final dos problemas das lavouras.

e) explicação, pois insiste no sentido da palavra pesticidas, como destruidores apenas das pragas das lavouras.

Comentários:

Mais uma vez uma questão que traz a expressão correlativa *não só... mas também*, que denota *adição* (*elas são terríveis contra os insetos* ***e*** *contra borboletas, pássaros e outras formas de vida*).

Resposta: C.

12. (FCC/TRF – 5ª Região) "Naquele período era preciso definir quem pertencia à família ou não, e com quem se deveriam compartilhar os alimentos. **Portanto** era necessário criar regras específicas".

O sentido que a conjunção destacada acima introduz no contexto é o de:

a) temporalidade, que caracteriza as ações humanas na época abordada.

b) restrição, acerca da época em que tais fatos ocorreram.

c) condição, que vai justificar determinadas ações dos homens nessa época.

d) causa, que determina certo tipo de comportamento da humanidade.

e) conclusão, adequada e coerente, diante da situação exposta.

Comentários:

A conjunção destacada nesta frase indica *conclusão* (*portanto, por conseguinte, logo…*). As opções trazem os valores de *tempo*, *restrição*, *condição, causa* e *conclusão*. Essa é mais uma questão que resolvemos pelo conhecimento dos conectivos. A conjunção negritada no texto indica *conclusão.*

Resposta: E.

11.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (FCC – Metrô-SP – Técnico em Mecânica – 2014)

Nascido no bairro do Pari, em uma São Paulo em construção após o levante constitucionalista de 1932, Germano Mathias compõe a santíssima trindade do samba paulistano, ... Adoniran Barbosa e Geraldo Filme.

(Adaptado de: DINIZ, André, op. cit.)

Preenche corretamente a lacuna da frase acima:

a) *em face à*

b) *lado a lado*

c) *ao lado de*

d) *lado* à *lado com*

e) *junto à*

Leia o texto a seguir para responder à questão 2.

Texto CB2A2AAA

É inegável que o Estado representa um ônus para a sociedade, já que, para assegurar o seu funcionamento, consome riquezas da sociedade. Representa, porém, um mal necessário, pois até agora não se conseguiu arquitetar mecanismo distinto para catalisar a vida em comunidade. Então, se do Estado ainda não pode prescindir a civilização, cabe-lhe aprimorá-lo, buscando otimizar o seu funcionamento, de modo a torná-lo menos oneroso, mais eficiente e eficaz.

O bom funcionamento do Estado, que inclui também o bom funcionamento de suas estruturas encarregadas do controle público (Ministério Público, Poder Legislativo e tribunais de contas, entre outros), vem sendo alçado à condição de direito fundamental dos indivíduos. Pressupõe, notadamente sob as luzes do princípio constitucional da eficiência, os deveres de cuidado e de cooperação.

O dever de cuidado é consequência direta do postulado da indisponibilidade do interesse público. Em decorrência desse postulado, todo agente público tem o dever de, no cumprimento fiel de suas atribuições, perseguir o interesse público manifesto na Constituição Federal e nas leis. Conduz, portanto, à ideia de vedação da omissão, já que deixar de cumprir tais atribuições evidenciaria conduta ilícita.

O dever de cuidado conduz, ainda, a uma ampla interação entre as estruturas públicas de controle, ou seja, é um dever de cooperação, não como faculdade, mas como obrigação que, em regra, dispensa formas especiais, como previsões normativas

específicas, convênios e acordos.

Sob essa perspectiva, o controle público do Estado deve incorporar à sua cultura institucional o compromisso com o direito fundamental ao bom funcionamento do Estado. Nesse contexto, os deveres de cuidado e de cooperação se impõem a todas as estruturas do Estado destinadas a promover o controle da máquina estatal.

A observância do dever de cuidado e do de cooperação – traduzida, portanto, na atuação comprometida e concertada das estruturas orientadas para a função de controle da gestão pública – deve promover, entre os agentes e órgãos de controle, comportamentos de responsabilidade e responsividade. Por responsabilidade entenda-se o genuíno compromisso com a integralidade do ordenamento jurídico, o que pressupõe, acima de tudo, o reconhecimento de um regime de vedação da omissão. Responsividade, por sua vez, traduz o comportamento orientado a oferecer respostas rápidas e proativas, impregnadas de verdadeiro compromisso com a ideia-chave de promover o bom funcionamento do Estado.

Diogo Roberto Ringenberg. Direito fundamental ao bom funcionamento do controle público. In: *Controle Público*, nº 10, abr./2011, p. 55 (com adaptações).

2. (TCE-SC – Aud. Fiscal – Administ. – Cespe – Maio/2016)

Com relação às estruturas linguísticas do texto **CB2A2AAA**, julgue os itens a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

No trecho " de modo a torná-lo menos oneroso, mais eficiente e eficaz" (l. 4-5), detalha-se e explicita-se o que se deve entender por " buscando otimizar o seu funcionamento" (l. 4).

Leia o texto a seguir para responder à questão 3.

Texto II

Os lixões são depósitos sem qualquer controle, fontes de enormes impactos ambientais, causadores de contaminações – como, por exemplo, contaminações do solo, dos lençóis freáticos, das fontes de água – e lugares responsáveis pela proliferação de insetos transmissores de inúmeras doenças. São, portanto, um perigo constante à saúde e à qualidade de vida de todos. Os lixões deverão dar lugar a aterros sanitários, que, se não representam uma solução perfeita, ao menos são locais mais adequados para o depósito dos rejeitos, uma vez que evitam problemas como os citados anteriormente.

As cidades precisam se comprometer a dar cumprimento à Lei Nacional de Resíduos Sólidos. Uma maneira de fazer isso é adotar políticas de gestão eficiente dos resíduos a fim de que a menor quantidade possível desses materiais precise ser encaminhada para os aterros. Para que isso seja possível, será necessária a implantação ou a ampliação da coleta seletiva de lixo, além de apoio efetivo ao trabalho desenvolvido pelas cooperativas de catadores. Capacitar essas pessoas e dar-lhes condições dignas de trabalho são requisitos fundamentais para o sucesso da lei e para a melhoria das condições de vida e de trabalho desses profissionais. Mais de um milhão de pessoas trabalham e sobrevivem da reciclagem, muitas delas em condições bastante precárias.

O Brasil produz mais de 220 mil toneladas de lixo domiciliar por dia, o que resulta em mais de um quilo de lixo por pessoa. Ao menos 90% de todo esse material poderia ser reaproveitado, reutilizado ou reciclado. Apenas 3% acabam sendo efetivamente reciclados, um destino mais nobre do que o de se degradar e contaminar o nosso ambiente. Os especialistas calculam que o Brasil deixa de ganhar ao menos 8 bilhões de reais por ano por não reciclar toda essa grande quantidade de resíduos gerados no país.

Reinaldo Canto. As cidades brasileiras conseguirão tratar seu lixo? Disponível em: <www.cartacapital.com.br> (com adaptações).

3. (Pref. SP – Agente Gestão P. Públicas – Cespe – Maio/2016)

Seriam mantidos o sentido original e a correção gramatical do texto II caso o trecho " por não reciclar" (L. 19) fosse substituído por:

a) quando não recicla

b) se não reciclar

c) sem reciclar

d) para não reciclar

e) porque não recicla

Leia o texto a seguir para responder à questão 4.

Texto II

O índio não teve muita sorte na literatura brasileira, depois do Romantismo. Enquanto nas letras hispano--americanas viceja um esplêndido indigenismo pelo século XX adentro, com tantos e tão importantes criadores dedicando-se a transpor o índio para a ficção, no Brasil se podem contar nos dedos das mãos os casos.

Torna a trazer o assunto à baila o aparecimento e grande vendagem de **Maíra**, romance de Darcy Ribeiro. O renomado antropólogo já tinha em seu acervo de realizações uma respeitável brasiliana, incluindo vários trabalhos sobre os índios, um dos quais, a história de Uirá, fora transformado em filme no início da década de 70. **Maíra** é, portanto, a primeira incursão do autor pelo épico, a menos que se considere a história de Uirá como uma primeira aproximação ao gênero.

O relato, como o filme, dá conta do trágico percurso de Uirá, da tribo Urubu-Kaapor, no Maranhão deste século, o qual um dia fica *iñaron* quando, após muitas desgraças comuns ao destino dos índios brasileiros, como fome, espoliação, epidemias, perseguições, perde também um dos filhos.

A palavra tupi *iñaron* designa um estado de fúria sagrada, associado ao sofrimento excessivo, não deixando de lembrar as famosas fúrias dos heróis gregos: Hércules, uma vez acometido por um desses acessos, enviado pela vingativa Hera, matou, sem o saber, seus três filhos e esposa, tal como vem narrado na tragédia **Héracles Furioso**, de Eurípedes. Nas **Bacantes**, do mesmo autor, Agave, fora de si, participa do desmembramento de seu filho adulto, Penteu, rei de Tebas. E talvez o mais formidável exemplo seja o da cólera de Aquiles, que dá nascimento à inteira composição da **Ilíada**, desencadeada por sua recusa a continuar lutando. Devido à recusa de Aquiles, quase foi perdida a guerra de Troia e, não fosse sua fúria, o poema não teria sido composto.

Em meio ao furacão histórico da fase do capitalismo selvagem no país, quando o acirramento da acumulação leva multinacionais e suas cabeças-de-ponte nacionais a apropriar-se dos mais recônditos confins com vistas ao lucro, encontram-se, estonteados, os índios. O único problema dos Mairum – nome inventado, tribo arquetípica de todas as tribos, povo de Maíra – é como sobreviver e como fazer sua cultura sobreviver, com crescente dificuldade.

O romance inteiro soa como uma lamentação, um carpir sobre o fim de uma civilização das mais admiráveis. Seus trechos mais bem realizados são aqueles nos quais uma espécie de narrador coletivo índio dá conta de sua maneira de ver o mundo, de como compreende e interpreta seus hábitos e tradições; e, o que é mais importante, franqueia para o leitor seu tremendo desejo de sobrevivência e alegria de viver.

A produção e publicação de um romance como esse, agora, mostra como o índio está mais vivo do que nunca em sua conexão com

a literatura brasileira. Tampouco deve ser uma coincidência que, neste exato momento, outras ficções, filmes, romances, peças de teatro, novelas de televisão, canções, estejam sendo feitos, todos sobre os índios, todos lutando em defesa de sua preservação para a História. Quando há tanta desconfiança em relação à pulsão destrutiva da civilização ocidental e entre nós é tão escandaloso o capitalismo selvagem, isso pode vir a significar alguma coisa. Talvez uma postura mais cautelosa e menos arrogante, de quem está aprendendo a perceber que outras civilizações encontraram saídas melhores e, sobretudo, não suicidas para males que hoje parecem irremediáveis, como o problema do poder, da proliferação e potenciação dos armamentos, da destruição da natureza, do Estado e de seu aparelho, da igualdade nunca encontrada. A alegoria da moça branca morta ao parir mestiços mortos poderá significar também o caráter heteroletal e autoletal da etnia branca? Pode ser que a importância da civilização indígena esteja, final e penosamente, penetrando na consciência do corpo social brasileiro.

Walnice Nogueira Galvão. Indianismo revisitado. In: *Esboço de figura – Homenagem a Antonio Candido*. São Paulo: Duas Cidades, 1979, p. 379-89 (com adaptações).

4. (Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Acerca das relações semântico-sintáticas e do vocabulário do texto II, julgue (C ou E) o item seguinte.

Sem prejuízo da correção gramatical e do sentido do texto, a expressão "contar nos dedos das mãos" (l. 3) poderia ser substituída por **contar pelos dedos**.

5. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

"que terão grande impacto sobre a medicina"; nessa frase está corretamente empregada a forma "sobre". Assinale a frase abaixo em que ocorreu confusão entre sob/sobre:

a) "Se tudo está sob controle é porque não se está indo suficientemente rápido" (Mário Andretti);

b) "A interpretação é a vingança do intelecto sobre a arte" (Susan Sontag);

c) "Filosofar: pôr tijolos sobre tijolos sem construir uma casa" (anônimo);

d) "Infância é vida sob uma ditadura" (Graham Greene);

e) "Nada de novo sobre o sol" (Horácio).

6. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

O segmento de texto abaixo em que a preposição *para* tem seu valor semântico corretamente indicado é:

a) "Para Topol, o futuro está nos smartphones" / opinião;

b) "Está para chegar ao mercado um apetrecho" / direção;

c) "os hospitais caminhem para uma rápida extinção" / tempo;

d) "Dando algum desconto para as previsões, "The Patient" / concessão;

e) "...é uma excelente leitura para os interessados nas transformações da medicina" / causa.

7. (Compesa – An. Gest. Médico do Trabalho – FGV – Jul./2016)

Assinale a frase em que houve troca ***indevida*** entre *sob/sobre*.

a) "*Infância é vida sob uma ditadura*".

b) “ *Falar sobre música é como dançar* <u>*sobre*</u> *arquitetura*”.

c) “ *O verso é uma vitória* <u>*sobre*</u> *os limites da linguagem*”.

d) “ *A interpretação é a vingança do intelecto* <u>*sob*</u> *a arte*”.

e) “ *Se tudo está* <u>*sob*</u> *controle é porque não se está indo suficientemente rápido*”.

8. (Unifesp – Técnico Seg. Trab. – Vunesp – Abril/2016)

Assinale a alternativa em que a preposição “ de” expressa sentido de origem.

a) Mas existem outras figuras capazes **de** chamar a atenção.

b) “ Agora posso realizar um sonho que trago **da** infância”.

c) Nada surpreendente, não fosse a idade **do** Takeshi...

d) ... pensam em desistir por causa **de** um fracasso.

e) E aí **de** novo ele dá um exemplo.

9. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Leia a charge.

(www.folha.uol.com.br/colunas/mercadoaberto, 01.12.2015. Adaptado)

Assinale a alternativa cujos termos preenchem, respectivamente, as lacunas da charge, garantindo-lhe a coesão e a coerência; e cujo sentido estabelecido entre eles está corretamente indicado entre parênteses.

a) sob ... sobre (causa)

b) em ... sem (modo)

c) sem ... com (oposição)

d) sob ... em (lugar)

e) sobre ... em (consequência)

10. (ESAF – Receita Federal – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2014)

Assinale a opção que preenche a lacuna do texto de forma a torná-lo gramaticalmente correto, coeso e coerente.

Normalmente o Estado de Direito é confundido com o Estado Constitucional (Estado Democrático de Direito), entretanto, isto é um equívoco.

_____

Com efeito, se é a legislação que serve de parâmetro para atuação estatal, então, esta mesma legislação, por conseguinte, é livre.

Em tais Estados (Estado de Direito), o absolutismo do rei é substituído pelo absolutismo do parlamento (supremacia do parlamento e não da constituição).

a) Conquanto, no Estado Constitucional, a constituição funciona como fundamento de validade de toda ordem jurídica, disciplinando não só a atuação do Executivo e Judiciário, como também do legislativo, vigendo, aí sim, a supremacia da constituição.

b) Embora, no Estado Constitucional, o legislador encontra limites jurídicos nas normas constitucionais, as quais traçam o perfil de cada exação, de forma que a competência tributária é delimitada através da conjugação das normas que tratam especificamente de cada tributo com os princípios constitucionais.

c) Daí podermos concluir que, no Brasil, por força de uma séria de disposições constitucionais, não há falar em poder tributário (incontrastável, absoluto), mas, tão somente, em competência tributária (regrada, disciplinada pelo Direito).

d) Isso porque no Estado de Direito os atos do Executivo e do Judiciário estão submetidos ao princípio da legalidade; contudo, o Legislativo é livre para atuar, já que esse princípio não pode ser aplicado, por imposição lógica, à legislação.

e) Portanto, poder tributário tinha a Assembleia Constituinte, que era soberana. Ela realmente tinha um poder ilimitado, inclusive em matéria tributária. Contudo, a partir do momento em que foi promulgada a Constituição, o Poder Tributário retornou ao povo, restando aos poderes constituídos as competências tributárias.

11. (FCC – TRT – 4ª Região (RS) – Analista Judiciário – Tecnologia da Informação – 2015)

O rubor pode subir às faces de alguém que está sendo objeto da atenção de uma plateia, mesmo que esta atenção seja motivada pelo elogio, pelo recebimento de um prêmio, portanto acompanhada de um juízo positivo.

Outra redação para o segmento acima manterá o sentido e a correção se o elemento destacado, e apenas ele, for substituído por:

a) conforme.

b) ainda que.

c) embora.

d) conquanto que.

e) sempre que.

12. (FCC – TRE-AP – Técnico Judiciário – Administrativo – 2015)

Michelangelo fugiu de Roma ao ser comunicado que, antes de produzir as estátuas da futura tumba do papa Júlio II, deveria pintar o teto da Capela Sistina. Só a muito custo foi convencido a se aventurar na pintura, meio que julgava não dominar tão bem quanto a escultura. ..... , ao ser tirado da zona de conforto, o artista criaria sua obra máxima.

Mantendo-se as relações de sentido e a correção gramatical, preenche corretamente a lacuna acima o que se encontra em:

a) Porquanto

b) Embora

c) Contudo

d) Uma vez que

e) Conquanto

13. (FCC – TRT – 3ª Região (MG) – Analista Judiciário – Área Judiciária – 2015)

Abre parêntese: há momentos – felizmente raros – em que a história pessoal se impõe às percepções conjunturais e o relato na primeira pessoa, embora singular, parcial, às vezes suspeito, sobrepõe-se à narrativa impessoal, ampla, genérica. Fecha parêntese.

Sem que haja prejuízo do sentido e correção originais, a conjunção acima destacada pode ser substituída por:

a) contudo.

b) apesar de.

c) quando.

d) porque.

e) já que.

14. (FCC – Manausprev – Técnico Previdenciário – Administrativa – 2015)

Mantendo-se o sentido original, na frase *Como não conseguiram achar Miracanguera...* (5º parágrafo), o elemento sublinhado pode ser corretamente substituído por:

a) De modo que

b) Uma vez que

c) Por mais que

d) Conforme

e) Ainda que

15. (TRF3 – Técnico Judiciário – FCC – Abril/2016)

No contexto da frase, o segmento sublinhado tem seu sentido expresso entre colchetes em:

a) *Diz respeito à confluência de informação que circula em grandes cidades e ao uso da tecnologia para automatizar a gestão de setores urbanos...* [finalidade]

b) *Quando usamos essa terminologia, falamos da cidade enquanto um espaço de fluxos.* [proporção]

c) *... fácil acessibilidade da computação em nuvem, dispositivos baratos de internet, sistemas de TI cada vez mais flexíveis.* [partição]

d) *... outra parte prioriza a participação popular através da interatividade, bem como a cooperação técnica...* [afirmação]

e) *... podem-se armazenar, por exemplo, enormes massas de dados de mobilidade urbana* [...], *cujos bancos de dados podem ou não intencionalmente identificar seus usuários.* [condição]

16. (TRF3 – Técnico Judiciário – FCC – Abril/2016)

Mas, se pensarmos na alternativa de projetos de cidades inteligentes que não envolvam políticas públicas de dados

abertos, que não prestem conta detalhada de suas atividades, ao mesmo tempo em que disponham dos sofisticados sistemas para o gerenciamento de dados de cidadãos em larga escala, encontraremos condições para o surgimento de um estado de vigilância e controle...

Preservando-se a correlação entre as formas verbais, os elementos destacados podem ser substituídos, respectivamente, por:

a) pensaremos – envolviam – prestavam – disponham – encontremos

b) pensamos – envolvem – prestam – dispunham – encontrávamos

c) pensemos – envolveriam – prestariam – disporiam – encontrássemos

d) pensássemos – envolvessem – prestassem – dispusessem – encontraríamos

e) pensávamos – envolveram – prestaram – disporam – encontramos

Leia o texto a seguir para responder à questão 17.

Abraçando árvore

Não era uma felicidade eufórica, estava mais pra uma brisa de contentamento, como se eu bebesse vinho branco à beira-mar.

Eu tinha acordado cedo naquela sexta – e acordar cedo sempre me predispõe à felicidade. O trabalho havia rendido bem e, antes do fim da manhã, já tinha acabado de escrever tudo o que me propusera para o dia. À uma, fui almoçar com o meu editor. Ele estava com alguns capítulos do meu livro novo desde dezembro e eu temia que não tivesse gostado. Gostou. Comemos um peixe na brasa – peixe e brasa também costumam me predispor à felicidade – e como era sexta-feira, e como somos amigos, e como comemorávamos essa pequena alegria que é uma parceria funcionar, brindamos com vinho branco – não à beira-mar, mas à beira do Cemitério da Consolação, que pode não ter a grandeza de um Atlântico, mas também tem lá os seus pacíficos encantos.

Saí andando meio emocionado, meio sem rumo pela tarde ensolarada e quando vi estava em frente à paineira da Biblioteca Mario de Andrade. É uma árvore gigante, que provavelmente já estava ali antes do Mario de Andrade nascer, continuou ali depois de ele morrer e continuará ali depois que todos os 18 milhões de habitantes que hoje perambulam pela cidade de São Paulo estiverem abaixo de suas raízes. Talvez tenha sido o assombro com essa longevidade, talvez acordar cedo, talvez os elogios ao livro, e o vinho certamente colaborou: fato é que senti uma súbita vontade de abraçar aquela árvore.

Acho importante deixar claro, inclemente leitor, que não sou do tipo que abraça árvore. Na verdade, sou do tipo que faz piada com quem abraça árvore. Se me contassem, até a última sexta, que algum amigo meu foi visto abraçando uma paineira na rua da Consolação eu diria, sem pestanejar: enlouqueceu. Mas...

Olhei prum lado. Olhei pro outro. Tomei coragem e foi só sentir o rosto tocar o tronco para ouvir: “ Antonio?!”. Era meu editor. Foram dois segundos de desespero durante os quais contemplei o distrato do livro, a infâmia pública, o alcoolismo e a mendicância, mas só dois segundos, pois meu inconsciente, consciente do perigo, me lançou a ideia salvadora. “ Uma braçada”, disse eu, girando pra esquerda e envolvendo a árvore novamente, “ duas braçadas e... três”. Então encarei, seguro, meu possível verdugo: “ Três braçadas dá o quê? Uns cinco metros de perímetro? Tava medindo pra descrever, no livro. Tem uma parte mais no fim em que essa paineira é importante”.

Colou. Nos despedimos. Ele foi embora prum lado, a minha felicidade pro outro e agora estou aqui, já noite alta desta sexta-feira, tentando enfiar a todo custo um tronco de quase dois metros de diâmetro num livro em que, até então, não havia nem uma samambaia.

(Adaptado de: PRATA, Antonio. Disponível em: <www.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/2016/01/1730364-abracando-arvore.shtml>. Acesso em: 18.01.2016.)

17. (TRF3 – Técnico Judiciário – FCC – Abril/2016)

Considere as frases abaixo.

I. O início do terceiro parágrafo expõe uma consequência para o que se conta no segundo.

II. O quarto parágrafo apresenta uma ressalva para o que se relata no quinto.

III. O sexto parágrafo enuncia uma consequência do que se revela no quinto.

Está correto o que se afirma em

a) I, II e III.

b) I e II, apenas.

c) II e III, apenas.

d) I, apenas.

e) III, apenas.

Leia o texto a seguir para responder às questões 18 a 20.

Depois que se tinha fartado de ouro, o mundo teve fome de açúcar, mas o açúcar consumia escravos. O esgotamento das minas – que de resto foi precedido pelo das florestas que forneciam o combustível para os fornos –, a abolição da escravatura e, finalmente, uma procura mundial crescente, orientam São Paulo e o seu porto de Santos para o café. De amarelo, passando pelo branco, o ouro tornou-se negro.

Mas, apesar de terem ocorrido essas transformações que tornaram Santos num dos centros do comércio internacional, o local conserva uma beleza secreta; à medida que o barco penetra lentamente por entre as ilhas, experimento aqui o primeiro sobressalto dos trópicos. Estamos encerrados num canal verdejante. Quase podíamos, só com estender a mão, agarrar essas plantas que o Rio ainda mantinha à distância nas suas estufas empoleiradas lá no alto. Aqui se estabelece, num palco mais modesto, o contato com a paisagem.

O arrabalde de Santos, uma planície inundada, crivada de lagoas e pântanos, entrecortada por riachos estreitos e canais, cujos contornos são perpetuamente esbatidos por uma bruma nacarada, assemelha-se à própria Terra, emergindo no começo da criação. As plantações de bananeiras que a cobrem são do verde mais jovem e terno que se possa imaginar: mais agudo que o ouro verde dos campos de juta no delta do Bramaputra, com o qual gosto de o associar na minha recordação; mas é que a própria fragilidade do matiz, a sua gracilidade inquieta, comparada com a suntuosidade tranquila da outra, contribuem para criar uma atmosfera primordial.

Durante cerca de meia hora, rolamos por entre bananeiras, mais plantas mastodontes do que árvores anãs, com troncos plenos de seiva que terminam numa girândola de folhas elásticas por sobre uma mão de 100 dedos que sai de um enorme lótus castanho e rosado. A seguir, a estrada eleva-se até os 800 metros de altitude, o cume da serra. Como acontece em toda parte nessa costa, escarpas abruptas protegeram dos ataques do homem essa floresta virgem tão rica que para encontrarmos igual a ela teríamos de percorrer vários milhares de quilômetros para norte, junto da bacia amazônica. Enquanto o carro geme em curvas que já nem poderíamos qualificar como “ cabeças de alfinete”, de tal modo se sucedem em espiral, por entre um nevoeiro que imita a alta

montanha de outros climas, posso examinar à vontade as árvores e as plantas estendendo-se perante o meu olhar como espécimes de museu.

(Adaptado de: Lévi-Strauss, Claude. *Tristes Trópicos*. Coimbra, Edições 70, 1979, p. 82-3)

18. (TRF3- Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

Em relação à primeira parte da frase, o segmento ... *orientam São Paulo e o seu porto de Santos para o café* (1º parágrafo) expressa:

a) finalidade.

b) causa.

c) decorrência.

d) conformidade.

e) proporcionalidade.

19. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

A oração ... *de tal modo se sucedem em espiral*... (último parágrafo):

a) expressa a consequência da oração precedente, além de introduzir matiz de intensidade.

b) além de introduzir a causa da oração anterior, expressa certo grau de intensidade.

c) além de introduzir complemento de modo ou instrumento, expressa uma consequência.

d) expressa condição, aliada a certo grau de proporcionalidade.

e) expressa concessão, resultante de uma relação de proporcionalidade.

20. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

Uma redação alternativa para o segmento " ... mas é que a própria fragilidade do matiz, a sua gracilidade inquieta, comparada com a suntuosidade tranquila da outra, contribuem para criar uma atmosfera primordial" (3º parágrafo), sem prejuízo da correção e do sentido, está em:

a) conquanto seja a fragilidade mesma do colorido, aliada à graciosidade fugaz, em contraposição à riqueza consolidada da outra, que contribui para a formação de um clima primaz.

b) não obstante a própria instabilidade da coloração, à sua gratuidade pode-se comparar o fausto despreocupado da outra, que contribui para instaurar um ambiente primevo.

c) todavia, é devido à própria fragilidade do tom – à sua graciosidade irrequieta – posta em paralelo com o fausto inabalável da outra, que contribui para inventar um ambiente primordial.

d) mas é, no entanto, a própria delicadeza do matiz, sua gratuidade inconstante, que, comparada ao luxo estável da outra, contribui para a conformação de um meio ambiente ancestral.

e) é, todavia, porque a própria fragilidade da coloração e a sua graciosidade instável, comparada ao fausto tranquilo da outra, contribuem para conformar uma ambientação primitiva.

Leia o texto a seguir para responder à questão 21.

As palavras estampadas na bandeira nacional poderiam receber o complemento de um adjetivo, diante do arcabouço de ideias e discussões que tratam do futuro do planeta. A depender da contribuição de especialistas em desenvolvimento sustentável da Universidade de Brasília, o lema de 1889, inspirado nos conceitos positivistas do francês Augusto Comte, teria a seguinte redação: "Ordem e um Novo Progresso". Essa renovação de ideias, entretanto, precisa do apoio das novas gerações, pois o cenário mundial atual, e do Brasil em particular, é muito diferente do registrado há duas décadas, por exemplo. Na configuração geopolítica do século XXI, a supremacia dos Estados Unidos da América e da Europa é confrontada pelo dinamismo econômico de nações como a China, Índia, África do Sul e o próprio Brasil. O sobe e desce na disputa por espaço em debates estratégicos em nível internacional deu maior peso à palavra de países em desenvolvimento nas questões da sustentabilidade.

João Campos. Uma nova educação para um novo progresso. In: *Revista Darcy*, jun./2012 (com adaptações).

21. (ICMBIO – Nível Médio – Cespe – Maio/2014)

Acerca dos aspectos estruturais e interpretativos do texto, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Na linha 5, a substituição do vocábulo "entretanto" pelo vocábulo "portanto" não acarretaria mudança de significado no período em questão.

Leia o texto a seguir para responder à questão 22.

Nenhuma ação educativa pode prescindir de uma reflexão sobre o homem e de uma análise sobre suas condições culturais. Não há educação fora das sociedades humanas e não há homens isolados. O homem é um ser de raízes espaçotemporais. De forma que ele é, na expressão feliz de Marcel, um ser "situado e temporalizado". A instrumentação da educação – algo mais que a simples preparação de quadros técnicos para responder às necessidades de desenvolvimento de uma área – depende da harmonia que se consiga entre a vocação ontológica desse "ser situado e temporalizado" e as condições especiais dessa temporalidade e dessa situacionalidade.

Se a vocação ontológica do homem é a de ser sujeito e não objeto, ele só poderá desenvolvê-la se, refletindo sobre suas condições espaçotemporais, introduzir-se nelas de maneira crítica. Quanto mais for levado a refletir sobre sua situacionalidade, sobre seu enraizamento espaçotemporal, mais "emergirá" dela conscientemente "carregado" de compromisso com sua realidade, da qual, porque é sujeito, não deve ser simples espectador, mas na qual deve intervir cada vez mais.

Paulo Freire. *Educação e mudança*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 61 (com adaptações).

22. (MEC – Nível Superior – Cespe – Abril/2014)

Julgue o item seguinte como Certo (C) ou Errado (E), referente às ideias e a aspectos linguísticos do texto.

O termo "porque" (l. 11) poderia, sem prejuízo para a correção gramatical e o sentido do texto, ser substituído por **por que**.

Leia o texto a seguir para responder à questão 23.

"O preconceito linguístico é um equívoco, e tão nocivo quanto os outros. Segundo Marcos Bagno, especialista no assunto, dizer que o brasileiro não sabe português é um dos mitos que compõem o preconceito mais presente na cultura brasileira: o linguístico".

A redação acima poderia ter sido extraída do editorial de uma revista, mas é parte do texto O oxente e o ok, primeiro lugar na categoria opinião da 4ª Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro, realizada pelo Ministério da Educação em

parceria com a Fundação Itaú Social e o Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (CENPEC).

A autora do artigo é estudante do 2º ano do ensino médio em uma escola estadual do Ceará, e foi premiada ao lado de outros dezenove alunos de escolas públicas brasileiras, durante um evento em Brasília, no último mês de dezembro. Como nos três anos anteriores, vinte alunos foram vencedores – cinco em cada gênero trabalhado pelo projeto. Além de opinião (2º e 3º anos do ensino médio), a olimpíada destacou produções em crônica (9º ano do ensino fundamental), poema (5º e 6º anos) e memória (7º e 8º anos). Tudo regido por um só tema: " O lugar em que vivo".

Língua Portuguesa, 1/2015. Internet: <www.revistalingua.uol.com.br> (com adaptações).

23. (FUB – Téc. Administrativo – Cespe – Março/2015)

No que se refere aos sentidos, à estrutura textual e aos aspectos gramaticais do texto, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

O elemento coesivo " mas" (l. 4) inicia uma oração coordenada que exprime a ideia de concessão em uma sequência de fatos.

Leia o texto a seguir para responder à questão 24.

Texto III

O surgimento da Internet remonta à década de 60 do século passado, em um projeto do governo norte-americano no combate à guerra, pelo qual as comunicações intragovernamentais passaram a ser internalizadas, para evitar a publicação de dados relevantes à segurança nacional.

Posteriormente, na década de 70, foi criado o protocolo Internet, que permitiu a comunicação entre os seus poucos usuários até então, uma vez que ela ainda estava restrita aos centros de pesquisa dos Estados Unidos da América.

Na década de 80, foi ampliado o uso da Internet para a forma comercial e, finalmente, na década de 90, a Internet alcançou o seu auge, pois atingiu praticamente todos os meios de comunicação. O histórico dos crimes cibernéticos, por sua vez, remonta à década de 70, quando, pela primeira vez, foi definido o termo hacker, como sendo aquele indivíduo que, dotado de conhecimentos técnicos, promove a invasão de sistemas operacionais privados e a difusão de pragas virtuais.

Artur Barbosa da Silveira. Os crimes cibernéticos e a Lei nº 12.737/2012. In: Internet: <www.conteudojuridico.com.br> (com adaptações).

24. (MPU – Analista/Técnico – Cespe – 2015)

Julgue o item que se segue como Certo (C) ou Errado (E), acerca das ideias, das estruturas linguísticas e da tipologia do texto III.

Mantêm-se a correção gramatical e o sentido original do período ao se substituir a expressão " uma vez que" (l. 5) por qualquer um dos seguintes termos: porque, já que, pois, por conseguinte.

Leia o texto a seguir para responder à questão 25.

Texto I

O Brasil é um país de cidades novas. A maior parte de seus núcleos urbanos surgiu no século passado. Há cidades, entretanto, que já existem há bastante tempo. Contemporâneas dos primeiros tempos da colonização, algumas delas já ultrapassaram inclusive a marca do quarto centenário. Poucas são as cidades brasileiras, contudo, que ainda apresentam vestígios materiais consideráveis do passado.

Se hoje o Rio de Janeiro, fundado em 1565, vangloria-se de seu " corredor cultural", que preserva edificações da área central construídas na virada do século XIX para o XX, é importante lembrar que as edificações aí situadas substituíram inúmeras outras antes existentes no mesmo local. Nem mesmo o berço histórico da cidade existe mais, arrasado devido à destruição do Morro do Castelo em 1922. E o que falar de São Paulo, fundada em 1554? Da pauliceia colonial e imperial quase mais nada existe, e, se ainda temos uma boa noção do que foi a cidade da primeira metade do século XX, é porque contamos com a paisagem eternizada das fotografias e com os belíssimos trabalhos realizados pelos geógrafos paulistas por ocasião do quarto centenário da cidade.

Há outros exemplos. Olinda, fundada em 1537, orgulha-se de ser patrimônio cultural da humanidade, mas esse título não lhe foi conferido em razão dos testemunhos que sobraram da cidade antiga, em grande parte substituída por construções em estilo eclético ou art déco do início do século passado. E se Salvador, criada em 1549, e Ouro Preto, fundada em 1711, podem gabar-se de manter ainda um patrimônio histórico-arquitetônico apreciável, isso se deve muito mais à longa decadência econômica pela qual passaram, que atenuou os ataques ao parque construído, do que a qualquer veleidade preservacionista local.

Em suma, não é muito comum encontrarem-se vestígios materiais do passado nas cidades brasileiras, mesmo naquelas que já existem há bastante tempo. Há, entretanto, algo novo acontecendo em todas elas. Independentemente de qual tenha sido o estoque de materialidades históricas que tenham conseguido salvar da destruição, as cidades do país vêm hoje engajando-se decisivamente em um movimento de preservação do que sobrou de seu passado, em uma indicação flagrante de que muita coisa mudou na forma como a sociedade brasileira se relaciona com as suas memórias.

Mauricio Abreu. Sobre a memória das cidades. In: Ana Fani Alessandri Carlos et al (Orgs.). *A produção do espaço urbano*: agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo: Editora Contexto, 2013, p. 21-2 (com adaptações).

25. (Pref. SP – Agente Gestão P. Públicas – Cespe – Maio/2016)

No texto I, a conjunção " entretanto" (l. 2) introduz, no período em que ocorre, uma ideia de:

a) condição.

b) causa.

c) consequência.

d) oposição.

e) adição.

Leia o texto a seguir para responder à questão 26.

Texto III

A história do grafite no Brasil iniciou-se na década de 70 do século XX, precisamente na cidade de São Paulo, em uma época conturbada da história do Brasil, época essa silenciada pela censura resultante da chegada dos militares ao poder.

Paralelamente ao movimento que despontava em Nova York, o grafite surgiu no cenário da metrópole brasileira como uma arte transgressora, a linguagem da rua, da marginalidade, que não pedia licença e que gritava nas paredes da cidade os incômodos de uma geração.

A partir disso, a arte de grafitar se transformou em um importante veículo de comunicação urbano, corroborando, de alguma maneira, a existência de outras vozes, de outros sujeitos históricos e ativos que participam da cidade.

É importante ressaltar que o grafite, inicialmente, foi uma arte caracterizada pela autoria anônima, por meio da qual o grafiteiro

transformava a cidade em um importante suporte de comunicação artística sem delimitação de espaço, de mensagem ou de mensageiro.

Portanto, o que importava naquele momento era a arte em si e não o nome de seu autor. Por esse motivo, os ditos " cânones" são retirados de sua posição central e imperativa para dar lugar a uma arte de todos e para todos; arte da rua, na rua e para a rua; arte da cidade, na cidade e para a cidade: o grafite. Nesse sentido, a arte se funde com a vida do cidadão da metrópole por meio do movimento mútuo de transformação e de identificação de seus sujeitos.

Disponível em: <www.todamateria.com.br> (com adaptações).

26. (Pref. SP – Agente Gestão P. Públicas – Cespe – Maio/2016)

Seriam mantidos o sentido e a correção gramatical do texto III caso a palavra " Portanto", no trecho " Portanto, o que importava naquele momento era a arte em si e não o nome de seu autor" (l. 13), fosse substituída por:

a) Pois.

b) No entanto.

c) Logo.

d) Entretanto.

e) Porquanto.

Leia o texto a seguir para responder à questão 27.

Texto III

Pergunto: e agora? Como é que meu Padrinho foi degolado num quarto de pesadas paredes sem janelas, cuja porta fora trancada, por dentro, por ele mesmo? Como foi que os assassinos ali penetraram, sem ter por onde? Como foi que saíram, deixando o quarto trancado por dentro? Quem foram esses assassinos? Como foi que raptaram Sinésio, aquele rapaz alumioso, que concentrava em si as esperanças dos Sertanejos por um Reino de glória, de justiça, de beleza e de grandeza para todos? Bem, não posso avançar nada, porque aí é que está o nó! Este é o " centro de enigma e sangue" da minha história. Lembro que o genial poeta Nicolau Fagundes Varela adverte todos nós, Brasileiros, de que " os irônicos estrangeiros" vivem sempre vigilantes, sempre à espreita do menor deslize nosso para, então, " ridicularizar o pátrio pensamento":

Fatal destino o dos brasílios Mestres!

Fatal destino o dos brasílios Vates!

Política nefanda, horrenda e negra,

pestilento Bulcão abafa e mata

quanto, aos olhos de irônico estrangeiro,

podia honrar o pátrio pensamento!

Ora, um dos argumentos que os " irônicos estrangeiros" mais invocam para isso é dizer que nós, Brasileiros, somos incapazes de forjar uma verdadeira trança, uma intrincada teia, um insolúvel enredo de " romance de crime e sangue". Dizem eles que não é necessário nem um adulto dotado de argúcia especial: qualquer adolescente estrangeiro é capaz de decifrar os enigmas brasileiros, os quais, tecidos por um Povo superficial, à luz de um Sol por demais luminoso, são pouco sombrios, pouco

maldosos e subterrâneos, transparentes ao primeiro exame, facílimos de desenredar.

Ah, e se fossem somente os estrangeiros, ainda ia: mas até o excelso Gênio brasileiro Tobias Barreto, aí é demais! Diz Tobias Barreto que, no Brasil, é impossível aparecer um " romance de gênio", porque " a nossa vida pública e particular não é bastante fértil de peripécias e lances romanescos". Lamenta que seja raro, entre nós, " um amor sincero, delirante, terrível e sanguinário", ou que, quando apareça, seja num velho como o Desembargador Pontes Visgueiro, o célebre assassino alagoano do Segundo Império. E comenta, ácido: " Um ou outro crime, mesmo, que porventura erga a cabeça acima do nível da vulgaridade, são coisas que não desmancham a impressão geral da monotonia contínua. Até na estatística criminal o nosso país revela-se mesquinho. O delito mais comum é justamente o mais frívolo e estúpido: o furto de cavalos".

A gente lê uma coisa dessas e fica até desanimado, julgando ser impossível a um Brasileiro ultrapassar Homero e outros conceituados gênios estrangeiros! A sorte é que, na mesma hora, o Doutor Samuel nos lembra que a conquista da América Latina " foi uma Epopeia". Vemos que somos muito maiores do que a Grécia – aquela porqueirinha de terra! – e aí descansamos o pobre coração, amargurado pelas injustiças, mas também incendiado de esperanças! Sim, nobres Senhores e belas Damas: porque eu, Dom Pedro Quaderna (Quaderna, O Astrólogo, Quaderna, O Decifrador, como tantas vezes fui chamado); eu, Poeta--guerreiro e soberano de um Reino cujos súditos são, quase todos, cavalarianos, trocadores e ladrões de cavalo, desafio qualquer irônico, estrangeiro ou Brasileiro, primeiro a narrar uma história de amor mais sangrenta, terrível, cruel e delirante do que a minha; e, depois, a decifrar, antes que eu o faça, o centro enigmático de crime e sangue da minha história, isto é, a degola do meu Padrinho e a " desaparição profética" de seu filho Sinésio, O Alumioso, esperança e bandeira do Reino Sertanejo.

Ariano Suassuna. *A pedra do reino*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972, 3ª ed., p. 27-30 (com adaptações).

27. (Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Com referência ao texto III, julgue (C ou E) o item que se segue.

Sem prejuízo da informação veiculada no relato e da correção gramatical do texto, a vírgula empregada logo após " janelas" (l. 1) poderia ser substituída pelo conector **e**.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 28 e 29.

Texto IV

Em suas remotas origens helênicas, o termo " caráter" significou gravar. Empregavam-no, então, tanto para exprimir o sinete como a marca deixada na cera dócil. Essa dupla significação ainda hoje é vernácula – se não corrente – em certas acepções. Na linguagem tipográfica, por exemplo, " caráter" tanto é o tipo da imprensa como o sinal ou a letra gravada. Assim sendo, podemos dizer que o caráter de um homem não é somente o seu feitio moral, senão também a expressão e a impressão do indivíduo. Em arte, caráter será a personalidade do autor, o aspecto aparente e profundo da obra e o efeito dela. Fixada assim a verdadeira acepção do termo, podemos afirmar que o mérito maior do poema do Sr. Menotti del Picchia é " o caráter". Poesia profundamente simples e pessoal, de inspiração larga e sadia, tem a força das obras bem concebidas e a beleza das coisas naturais. Poesia de corpos simples, poderíamos dizer, pela sobriedade de linhas no sentimento, no pensamento e na expressão. Sente-se que o autor procurou a naturalidade e não a arte, que é o melhor caminho para atingir a esta.

O segredo da arte é a naturalidade sem prejuízo da perfeição.

O Sr. Menotti del Picchia ainda não pôde naturalmente desvendar o segredo da arte. Se no buscar a expressão natural do seu lirismo alcançou a arte, não se despojou ainda das incertezas dessa procura, de certa fraqueza de técnica. Defeitos são todos

estes transitórios, quase necessários em quem apenas se inicia.

A essência do livro é excelente.

Indica no autor uma personalidade inconfundível, que procura em si mesmo ou em torno de si os motivos de sua estética. Nem se distingue pela obsessão do isolamento, nem se perde por modelos estranhos. Daí lhe vem a superioridade de caráter individual. Se o caráter do autor provém dessa independência sem esforço, reside o da obra em sua originalidade natural; na conformidade com o meio, em uma perfeita radicação no solo pátrio, na simplicidade da construção e nas perfeitas proporções do ímpeto poético. O próprio desconcerto, em pormenores do poema principal e de outras produções secundárias, concorre para a individualidade desse esplêndido ensaio.

O caráter desse livro se conserva pela ressonância que tem. Não são versos agradáveis, suaves ou elegantes, que com tanto agrado se leem quanto facilmente se esquecem. São versos que lidos – ficam; gravam--se invencivelmente na memória, ora destacados, ora em bloco. A crítica, no julgar e no decompor as obras, não pode desprezar a intuição, se não é principalmente isso. E um dos mais seguros processos de intuição, no distinguir o valor das obras, é esse da permanência das sensações.

Os poemas do Sr. Menotti del Picchia deixam uma funda impressão de sua leitura: não pode haver melhor demonstração do seu " caráter". Quando essa impressão não se limitar aos leitores e aos críticos, e se estender à própria literatura nacional, terá a sua poesia atingido o grau supremo que lhe auguro.

Juca Mulato é um poema simples. Encerra uma lição profunda na singeleza do motivo e da intenção. É certo que a evidência da beleza não pode ser em arte um critério axiomático. Quantas vezes a paciência é o melhor guia da emoção estética? A exegese das sinfonias de Beethoven, como a dos dramas musicais de Wagner, aumenta a nossa receptividade para essa arte de titãs, se bem que a intuição íntima e a explicação individual sejam imprescindíveis.

O poema do Sr. Menotti del Picchia tem a simplicidade e a frescura das criações espontâneas e necessárias, onde o esforço da composição permanece obscuro como deve.

Para lhe realçar a beleza não se sente a crítica compelida a buscar símbolos problemáticos ou filosofias arbitrárias. Sendo o que é – um mal de amor impossível que leva a alma à desesperança, para se resignar depois e ressurgir consolada pela visão da terra amada, da felicidade atingível e do sonho necessário –, comove pelo simples aspecto de suas linhas harmoniosas.

A beleza maior do poema, que é também o seu caráter, está na sua simplicidade radical. O poeta reprimiu voluntariamente as possíveis exuberâncias ou ambições de seu lirismo para ficar dentro do assunto que escolheu. Ganhou com isso um grande poder virtual e marca mais do que se quisesse marcar: a acústica de uma construção humana nunca chega à acuidade de um eco natural.

Juca Mulato é a reconciliação do homem consigo mesmo, do brasileiro com sua terra, do bárbaro com seu isolamento. Reconciliação às vezes impossível, outras ilusória, sempre necessária, raramente realizada. O consolo de Juca Mulato é a indicação do caminho a seguir.

Alceu Amoroso Lima. Um poeta. In: *Estudos literários*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1966, p.133-5 (com adaptações).

(Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Com relação às ideias e às estruturas linguísticas do texto IV, julgue (C ou E) os itens a seguir.

28. Seriam mantidos o sentido original e a correção gramatical do trecho " se bem que a intuição íntima e a explicação individual sejam imprescindíveis" (l. 36 e 37), caso a expressão " se bem que" e a forma verbal " sejam" fossem

substituídas, respectivamente, pelo termo **porquanto** e pela forma verbal **são**.

29. O trecho “ se não corrente” (l. 2 e 3) poderia ser corretamente substituído por **se não for corrente**, preservando-se o sentido original do texto.

Leia o texto a seguir para responder às questões 30 e 31.

Texto 1 – O futuro da medicina

O avanço da tecnologia afetou as bases de boa parte das profissões. As vítimas se contam às dezenas e incluem músicos, jornalistas, carteiros etc. Um ofício relativamente poupado até aqui é o de médico. Até aqui. A crer no médico e “ geek” Eric Topol, autor de “ The Patient Will See You Now” (o paciente vai vê-lo agora), está no forno uma revolução da qual os médicos não escaparão, mas que terá impactos positivos para os pacientes.

Para Topol, o futuro está nos smartphones. O autor nos coloca a par de incríveis tecnologias, já disponíveis ou muito próximas disso, que terão grande impacto sobre a medicina. Já é possível, por exemplo, fotografar pintas suspeitas e enviar as imagens a um algoritmo que as analisa e diz com mais precisão do que um dermatologista se a mancha é inofensiva ou se pode ser um câncer, o que exige medidas adicionais.

Está para chegar ao mercado um apetrecho que transforma o celular num verdadeiro laboratório de análises clínicas, realizando mais de 50 exames a uma fração do custo atual. Também é possível, adquirindo lentes que custam centavos, transformar o smartphone num supermicroscópio que permite fazer diagnósticos ainda mais sofisticados.

Tudo isso aliado à democratização do conhecimento, diz Topol, fará com que as pessoas administrem mais sua própria saúde, recorrendo ao médico em menor número de ocasiões e de preferência por via eletrônica. É o momento, assegura o autor, de ampliar a autonomia do paciente e abandonar o paternalismo que desde Hipócrates assombra a medicina.

Concordando com as linhas gerais do pensamento de Topol, mas acho que, como todo entusiasta da tecnologia, ele provavelmente exagera. Acho improvável, por exemplo, que os hospitais caminhem para uma rápida extinção. Dando algum desconto para as previsões, “ The Patient...” é uma excelente leitura para os interessados nas transformações da medicina.

Folha de S. Paulo online – Coluna Hélio Schwartsman – 17/01/2016.

30. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

“ A crer no médico e “ geek” Eric Topol”; essa oração reduzida equivale semanticamente a:

a) embora creiamos;

b) quando cremos;

c) se crermos;

d) à medida que cremos;

e) para que crêssemos.

31. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

“ está no forno uma revolução da qual os médicos não escaparão, / mas que terá impactos positivos para os pacientes”.

O emprego da conjunção “ mas” supõe uma oposição entre o primeiro e o segundo segmento desse trecho do texto 1.

Tal oposição se verifica entre os seguintes termos:

a) estar no forno / ter impactos positivos;

b) revolução / impactos positivos;

c) médicos / pacientes;

d) não escapar / ter impactos;

e) médicos não escaparão / impactos positivos para os pacientes.

32. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

" Dentre os problemas sociais urbanos, merece destaque a questão da segregação urbana, fruto da concentração de renda no espaço das cidades e da falta de planejamento público que vise à promoção de políticas de controle ao crescimento desordenado das cidades".

Os dois elementos ligados pela conjunção E são fatores bastante diferentes; o pensamento abaixo em que os termos ligados por essa conjunção podem ser considerados sinônimos é:

a) " A Academia Francesa é como a Universidade: uma e outra eram necessárias num tempo de ignorância e de mau gosto; hoje são ridículas" (Voltaire);

b) " A agulha é pequena e delgada; no entanto sustenta uma família toda" (Steinberg);

c) " O amor e a amizade excluem-se mutuamente" (La Bruyère);

d) " A amizade de alguns homens é mais funesta e danosa do que o seu ódio ou aversão" (Marquês de Maricá);

e) " Todo bajulador tem de ser forçosamente um malévolo e um ingrato" (Nestor Vítor).

33. (Compesa – NA. Gest. Médico do Trabalho – FGV – Jul./2016)

Todos os pensamentos a seguir são construídos por dois blocos.

Assinale a opção que indica o conectivo que uniria um desses dois blocos de forma conveniente.

a) "*A única coisa sem mistério é a felicidade: _____ ela se justifica por si só.*" – **portanto**.

b) "*Milhares de velas podem ser acesas de uma única vela e a vida da vela não será encurtada; _____ a felicidade nunca diminui ao ser compartilhada.*" – **por isso**.

c) "*Felicidade é um modo de viajar, _____ não um destino.*" – **embora**.

d) "*Felicidade é um como, _____ não um quê.*" – **porém**.

e) "*Felicidade é como um beijo: _____ você deve compartilhar para aproveitá-lo.*" – **porque**.

34. (Compesa – NA. Gest. Médico do Trabalho – FGV – Jul./2016)

Assinale a opção que indica a frase em que a substituição do conectivo sublinhado foi feita de forma ***inadequada***.

a) "*Nenhuma moralidade pode fundar-se na autoridade, mesmo que a autoridade fosse divina*". – **malgrado**

b) "*Se os teus princípios morais te deixam triste, pode estar certo de que estão errados*". – **quando**

c) “ *A honestidade é elogiada por todos, mas morre de frio*”. – **no entanto**

d) “ *Tudo acontece conforme manda a natureza*”. – **segundo**

e) “ *Tudo é artificial, uma vez que a natureza é a arte de Deus*”. – **visto que**

35. (Pref. Paulínia-SP – Eng. Agrôn. – FGV – Maio/2016)

O conectivo sublinhado nas frases a seguir – da autoria de Machado de Assis – que tem seu valor semântico corretamente indicado é:

a) “ *A fantasia é um vidro de cor, um óculo brilhante, porém mentiroso.*” / conclusão

b) “ *Nada está perdido enquanto o coração espera alguma coisa.*” / proporção

c) “ *Quando dois corações se querem entender, ainda que falem hebraico, descobrem-se logo um ao outro.*” / concessão

d) “ *Aprofunde mais os corações alheios, se quiser encontrar a verdade.*” / causa

e) “ *Conquanto a credulidade seja eterna, é preciso fazer com ela o que se faz com a moda: variar o feitio.*” / tempo

Leia o texto a seguir para responder à questão 36.

A sociedade da informação e seus desafios

Dificilmente alguém discordaria de que a sociedade da informação é o principal traço característico do debate público sobre desenvolvimento, seja em nível local ou global, neste alvorecer do século XXI. Das propostas políticas oriundas dos países industrializados e das discussões acadêmicas, a expressão “ sociedade de informação” transformou-se rapidamente em jargão nos meios de comunicação, alcançando, de forma conceitualmente imprecisa, o universo vocabular do cidadão.

A expressão “ sociedade da informação” passou a ser utilizada como substituta para o conceito complexo de “ sociedade pós-industrial”, como forma de transmitir o conteúdo específico do “ novo paradigma técnico-econômico”. A realidade que os conceitos das ciências sociais procuram expressar refere-se às transformações técnicas, organizacionais e administrativas que têm como “ fator-chave” não mais os insumos baratos de energia – como na sociedade industrial – mas os insumos baratos de informação propiciados pelos avanços tecnológicos na microeletrônica e nas telecomunicações.

Nesta sociedade pós-industrial, ou “ informacional”, as transformações em direção à sociedade da informação, em estágio avançado nos países industrializados, constituem uma tendência dominante mesmo para economias menos industrializadas e definem um novo paradigma, o da tecnologia da informação, que expressa a essência da presente transformação tecnológica em suas relações com a economia e a sociedade. Esse novo paradigma tem as seguintes características fundamentais: a informação é sua matéria--prima (no passado, o objetivo dominante era utilizar informação para agir sobre as tecnologias); os efeitos das novas tecnologias têm alta penetrabilidade (a informação é parte integrante de toda atividade humana, individual ou coletiva e, portanto, todas essas atividades tendem a ser afetadas diretamente pela nova tecnologia); a tecnologia favorece processos reversíveis devido a sua flexibilidade; trajetórias de desenvolvimento tecnológico em diversas áreas do saber tornam-se interligadas e transformam-se as categorias segundo as quais pensamos todos os processos (microeletrônica, telecomunicações, optoeletrônica, por exemplo).

O foco sobre a tecnologia pode alimentar a visão ingênua de determinismo tecnológico segundo o qual as transformações em direção à sociedade da informação resultam da tecnologia, seguem uma lógica técnica e, portanto, neutra e estão fora da interferência de fatores sociais e políticos. Nada mais equivo-cado: processos sociais e transformação tecnológica resultam de

uma interação complexa em que fatores sociais preexistentes como a criatividade, o espírito empreendedor, as condições da pesquisa científica afetam o avanço tecnológico e suas aplicações sociais.

No campo educacional dos países em desenvolvimento, decisões sobre investimentos para a incorporação da informática e da telemática implicam também riscos e desafios. Será essencial identificar o papel que essas novas tecnologias podem desempenhar no processo de desenvolvimento educacional e, isso posto, resolver como utilizá-las de forma a facilitar uma efetiva aceleração do processo em direção à educação para todos, ao longo da vida, com qualidade e garantia de diversidade. As novas tecnologias de informação e comunicação tornam-se, hoje, parte de um vasto instrumental historicamente mobilizado para a educação e a aprendizagem. Cabe a cada sociedade decidir que composição do conjunto de tecnologias educacionais mobilizar para atingir suas metas de desenvolvimento.

A Unesco tem atuado de forma sistemática no sentido de apoiar as iniciativas dos Estados Membros na definição de políticas de integração das novas tecnologias aos seus objetivos de desenvolvimento. No Programa Informação para Todos, as ações desse organismo internacional estão concentradas em duas áreas principais: conteúdo para a sociedade da informação e "infoestrutura" para esta sociedade em evolução, por meio da cooperação para treinamento, apoio ao estabelecimento de políticas de informação e promoção de conexões em rede.

No espírito da Declaração Universal dos Direitos do Homem, que constitui a base dos direitos à infor-mação na sociedade da informação, e levando em consideração os valores e a visão delineados anteriormente, o novo Programa Informação para Todos deverá prover uma plataforma para a discussão global sobre acesso à informação, participação de todos na sociedade da informação global e as consequências éticas, legais e societárias do uso das tecnologias de informação e comunicação. Deverá prover também a estrutura para colaboração internacional e parcerias nessas áreas e apoiar o desenvolvimento de ferramentas comuns, métodos e estratégias para a construção de uma sociedade de informação global e justa.

WERTHEIN, J. *Ciência da Informação*. Brasília, v. 29, n. 2, p. 71-77, maio/ago. 2000. Disponível em:<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/254>. Acesso em: 10 maio 2015. Adaptado.

36. (Petrobras – Advogado Jr. – Cesgranrio – Ago./2015)

Para construir o sentido do texto, diferentes relações lógicas se estabelecem entre as ideias que o compõem.

A relação entre os trechos está adequadamente expressa entre colchetes em:

a) "A expressão 'sociedade da informação' passou a ser utilizada como substituta para o conceito complexo de 'sociedade pós-industrial'" / "como forma de transmitir o conteúdo específico do 'novo paradigma técnico-econômico'". (l. 6-8) [contraposição]

b) "a informação é sua matéria-prima" / "no passado, o objetivo dominante era utilizar informação para agir sobre as tecnologias" (l. 16-17) [condição]

c) "os efeitos das novas tecnologias têm alta penetrabilidade" / "a informação é parte integrante de toda atividade humana, individual ou coletiva" (l. 17-19) [causalidade]

d) "Nada mais equivocado" / "processos sociais e transformação tecnológica resultam de uma interação complexa" (l. 26-27) [finalidade]

e) "As novas tecnologias de informação e comunicação tornam-se, hoje, parte de um vasto instrumental historicamente mobilizado para a educação e a aprendizagem" / "Cabe a cada sociedade decidir que composição do conjunto de tecnologias

educacionais mobilizar" (l. 34-37) [explicação]

37. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016 – Adaptada)

Considere o trecho: " Você pode até achar que é coisa de criança, mas o jogo em que cada um leva o próprio balde e simula as tarefas a bordo de um navio é instrutivo e divertido para todas as idades".

Se essa frase, mantendo-se o sentido original, for construída substituindo-se a conjunção **mas** por uma forma equivalente subordinativa, o resultado adequado será:

a) Você pode até achar que é coisa de criança, porém o jogo em que cada um leva o próprio balde e simula as tarefas a bordo de um navio é instrutivo e divertido para todas as idades.

b) Embora você possa até achar que é coisa de criança, o jogo em que cada um leva o próprio balde e simula as tarefas a bordo de um navio é instrutivo e divertido para todas as idades.

c) Talvez você até ache que é coisa de criança, pois o jogo em que cada um leva o próprio balde e simula as tarefas a bordo de um navio é instrutivo e divertido para todas as idades.

d) Admitamos que você até ache que é coisa de criança o jogo em que cada um leva o próprio balde e simula as tarefas a bordo de um navio, algo instrutivo e divertido para todas as idades.

e) Caso até você ache que é coisa de criança o jogo em que cada um leva o próprio balde e simula as tarefas a bordo de um navio, garanto ser instrutivo e divertido para todas as idades.

38. (ANP – Téc. Reg. Petr&Der – Cesgranrio – Jan./2016 – Adaptada)

Considere-se o trecho " Sua arma é o inverso da alta cultura, da contracultura, da subcultura, de nichos especializados. Visa o público em geral, cultura de massa, de milhões."

Se o trecho for reescrito em um só período, mantendo-se seu sentido original, as duas orações poderão ser relacionadas por meio da conjunção

a) consoante

b) contanto

c) embora

d) entretanto

e) porque

39. (ANP – Téc. Reg. Petr&Der – Cesgranrio – Jan./2016 – Adaptada)

A relação lógica expressa pela palavra em destaque está indicada adequadamente entre colchetes em:

a) " Tornou-se a cultura internacional dominante, principal, a chamada *mainstream*, **conforme** o título do livro escrito pelo sociólogo francês Frédéric Martel." [concessão]

b) " Você pode ouvir Lady Gaga, gostar de *Avatar* e ler *O Código Da Vinci*, **mas**, no final das contas, a maior parte da cultura que você consome e ama geralmente é nacional." [condição]

c) " **Para** resumir as coisas, eu diria que todos temos duas culturas: a nossa e a americana." [causa]

d) “ Por quê? **Porque** a língua é muito importante, porque a identidade é muito importante.” [finalidade]

e) “ **Portanto**, nós estamos em um mundo cada vez mais global, mas, ao mesmo tempo, a cultura ainda é e será muito nacional.” [conclusão]

40. (Basa – Téc. Bancário – Cesgranrio – Set./2015 – Adaptada)

A expressão abaixo que substitui a palavra **Mas** em: “ Mas, como toda arte tende para o excesso, o ascensorista entediado chegaria fatalmente ao preciosismo. Quando perguntassem ‘ Sobe? ’, responderia ‘ É o que veremos...’ Ou então, ‘ Como a Virgem Maria’ .”, modificando o sentido original do trecho em que ela está empregada é:

a) Contudo

b) Embora

c) Porém

d) Todavia

e) No entanto

41. (BB – Escriturário – Cesgranrio – Out./2015 – Adaptada)

A frase que está adequadamente reescrita entre colchetes, de modo a manter a relação lógica entre suas ideias, estabelecida pela palavra ou pela expressão destacada, é:

a) “ Foi necessária essa pequena exegese **para** refletirmos que não importa a forma como a sociedade queira se organizar, ela é sempre motivada por um fenômeno humano.”

[Foi necessária essa pequena exegese à medida que refletimos que não importa a forma como a sociedade queira se organizar, ela é sempre motivada por um fenômeno humano.]

b) “ **Se** a indústria pesada da tecnologia realmente adotar políticas reconhecendo e incluindo *bitcoins* como moeda válida, estará dado o primeiro passo para a criação de um mercado financeiro global de *bitcoins*.”

[Quando a indústria pesada da tecnologia realmente adotar políticas reconhecendo e incluindo *bitcoins* como moeda válida, estará dado o primeiro passo para a criação de um mercado financeiro global de *bitcoins*.]

c) “ o comércio internacional se modernizou e engendrou a criação de moedas, **com o intuito de** facilitar a circulação de mercadorias”

[o comércio internacional se modernizou e engendrou a criação de moedas, embora facilitasse a circulação de mercadorias]

d) “ A Revolução Industrial ocorrida inicialmente na Inglaterra e na Holanda, por volta de 1750, viria a criar uma quantidade de riqueza acumulada **tão** grande **que** transformaria o próprio dinheiro em mercadoria.”

[A Revolução Industrial ocorrida inicialmente na Inglaterra e na Holanda, por volta de 1750, viria a criar uma grande quantidade de riqueza acumulada, para transformar o próprio dinheiro em mercadoria.]

e) “ Trata-se de um título cambial digital, sem emissor, sem cártula, e, portanto, sem lastro, uma aberração no mundo financeiro, que, **não obstante isso**, tem valor.”

[Apesar de se tratar de um título cambial digital, sem emissor, sem cártula, e, portanto, sem lastro, uma aberração no mundo

financeiro, tem valor.]

42. (IPSMI – Procurador – Vunesp – Abril/2016 – Adaptada)

No trecho – As pessoas [...] que buzinam **assim que o sinal fica verde** – o trecho destacado expressa, em relação ao verbo que o antecede,

a) lugar da ação.

b) modo da ação.

c) finalidade da ação.

d) comparação das ações.

e) tempo concomitante das ações.

Leia o texto a seguir para responder à questão 43.

Uma noite no mar Cáspio

Na semana passada, uma aluna da Sorbonne foi encarregada de fazer um estudo sobre a literatura latino-americana, mal informada de tudo, inclusive sobre a América Latina. Veio entrevistar algumas pessoas e, não sei por que, pediu-me que a recebesse para uma conversa que pudesse explicar o Brasil com apenas um título que serviria de roteiro para o trabalho que deveria apresentar.

Já me pediram coisas extravagantes, recusei algumas, aceitei outras. Aleguei minha incompetência para titular qualquer coisa.

Mas não quis decepcionar a moça. Pensando na atual crise política, sugeri " Garruchas e punhais" – era o nome da briga entre os meninos da rua Cabuçu contra os meninos da rua Lins de Vasconcelos. Morei nas duas e era considerado um espião a soldo de uma ou de outra. O que no fundo era verdade, considerava idiotas os dois lados.

A moça riu mas não gostou. Todos os países têm garruchas e punhais. Dei outra sugestão: " O mosteiro de tijolos de feltro". Ela não gostou – nem eu. Parti então para uma terceira via, por sinal, a mais estúpida. Pensou um pouco, inicialmente recusou. Olhou bem para mim e aprovou: " Uma noite no mar Cáspio". Para meu espanto, ela aceitou. Acredito que os professores da Sorbonne também gostarão. E eu nem sei onde fica o mar Cáspio, embora também não saiba onde fica o Brasil.

(Carlos Heitor Cony. *Folha de S.Paulo*, 26.01.2016. Adaptado)

43. (C.M. Marília-SP – Proc. Jurídico – Vunesp – Abril/2016)

A relação de sentido estabelecida entre as orações no trecho do segundo parágrafo – ... recusei algumas, aceitei outras. – também está presente em:

a) Veio entrevistar algumas pessoas e, não sei por que, pediu-me...

b) ... que serviria de roteiro para o trabalho que deveria apresentar.

c) Pensando na atual crise política, sugeri " Garruchas e punhais"...

d) A moça riu mas não gostou.

e) Ela não gostou – nem eu.

44. (Unesp – Ass. Administrativo I – Vunesp – Abril/2016)

No trecho – Meu filho saiu da loja feliz da vida com seu brinquedo rosa que, aliás, para ele é só uma cor, **como** outra qualquer –, o termo destacado estabelece relação de sentido de

a) causa e equivale a **porque**.

b) tempo e equivale a **enquanto.**

c) condição e equivale a **caso**.

d) comparação e equivale a **tal qual**.

e) finalidade e equivale a **para**.

45. (MPE/SP – Analista Técnico Científico – Vunesp – Jul./2016)

Observe a relação de sentido entre os trechos (I) e (II): (I) Os governos taxavam-no a mais não poder, (II) de modo que os países rivais, mais parcimoniosos na decretação de impostos sobre produtos semelhantes, acabavam, na concorrência, por derrotar a Bruzundanga.

É correto afirmar que

a) o trecho (I) expressa o tempo em que ocorre o que se afirma no trecho (II).

b) o trecho (II) expressa a maneira como ocorre o fato afirmado no trecho (I).

c) o trecho (II) expressa o efeito do que se afirma no trecho (I).

d) o trecho (I) expressa o modo como ocorre o fato afirmado no trecho (II).

e) o trecho (II) expressa a causa determinante do que se afirma no trecho (I).

46. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Mantendo-se as ideias do texto original, a passagem do 6º parágrafo – O indivíduo não só perde a capacidade de pagamento mas também enfrenta grande dificuldade para obter novos recursos... – pode ser reescrita da seguinte forma:

a) O indivíduo perde a capacidade de pagamento e enfrenta grande dificuldade para obter novos recursos.

b) O indivíduo só perde a capacidade de pagamento, mas não enfrenta grande dificuldade para obter novos recursos.

c) O indivíduo perde a capacidade de pagamento, portanto também enfrenta grande dificuldade para obter novos recursos.

d) O indivíduo não só perde a capacidade de pagamento, porém enfrenta grande dificuldade para obter novos recursos.

e) O indivíduo ou só perde a capacidade de pagamento ou também enfrenta grande dificuldade para obter novos recursos.

47. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

(Hagar, Dik Browne. *Folha de S.Paulo*, 31.10.2015. Adaptado)

Na oração – **Já que** tenho um peixinho dourado como mascote… –, o sentido expresso pela conjunção em destaque é de

a) oposição e, nesse contexto, pode ser substituída por " Mas".

b) explicação e, nesse contexto, pode ser substituída por " Pois".

c) causa e, nesse contexto, pode ser substituída por " Como".

d) conclusão e, nesse contexto, pode ser substituída por " Portanto".

e) conformidade e, nesse contexto, pode ser substituída por " Conforme".

Leia o texto a seguir para responder à questão 48.

Entre as boas figuras de boa-fé do Rio de Janeiro figurava o Garcia, bom homem, cujo único defeito era ser fraco de inteligência, defeito que todos lhe perdoavam por não ser culpa dele.

O nosso herói não se empregava absolutamente em outra coisa que não fosse comer, beber, dormir e trocar as pernas pela cidade. Tinha herdado dos pais o suficiente para levar essa vida folgada e milagrosa, e só gastava o rendimento do seu patrimônio.

Casara-se com d. Laura, que, não sendo formosa que o inquietasse, nem feia que lhe repugnasse, era mais inteligente e instruída que ele. Esta superioridade dava-lhe certo ascendente, de que ela usava e abusava no lar doméstico, onde só a sua vontade e a sua opinião prevaleciam sempre.

O Garcia não se revoltava contra a passividade a que era submetido pela mulher: reconhecia que d. Laura tinha sobre ele grandes vantagens intelectuais e, se era honesta e fiel aos seus deveres conjugais, que lhe importava a ele o resto?

(Artur Azevedo, O espírito. Em: *Seleção de Contos*, 2014. Adaptado)

48. (MPE/SP- Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Observe as passagens do 3º parágrafo do texto:

– ... não sendo **formosa** que o inquietasse, nem **feia** que lhe repugnasse...;

– ... era mais inteligente e instruída **que** ele.

O par de adjetivos em destaque, na primeira passagem, e a conjunção em destaque, na segunda, estabelecem entre as informações do texto, respectivamente, as seguintes relações de sentido:

a) equivalência e conclusão.

b) equivalência e comparação.

c) oposição e comparação.

d) oposição e causa.

e) equivalência e consequência.

49. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Nos versos – as minhas mãos **sob** a nuca – e – **mas** o tato me dá –, o sentido expresso pela preposição **sob** e o expresso pela conjunção **mas** são, respectivamente, de

a) posição paralela e explicação.

b) posição superior e adição.

c) posição contígua e comparação.

d) posição inferior e oposição.

e) posição lateral e conclusão.

50. (Unesp – Assistente Administrativo – Vunesp – Fev./2016)

Um termo que introduz uma exemplificação no enunciado está em destaque na seguinte passagem:

a) Frequentemente desprezadas **por** terem um aspecto que não está de acordo com os "padrões de beleza" impostos pela indústria… (1º parágrafo)

b) Vender uma maçã com um rótulo **cujo** logotipo mostra um rosto com um único dente aos produtores… (3º parágrafo)

c) … os produtos menos esteticamente atrativos também são de qualidade e, **inclusive**, mais baratos. (4º parágrafo)

d) Agora, engloba também outros produtos, **como** queijos e cereais ingeridos no café da manhã. (5º parágrafo)

e) ... aproveita a luta contra os resíduos a fim de voltar a vender parte da produção **que**

51. (Unesp – Assistente Administrativo – Vunesp – Fev./2016)

O segmento destacado em – **Se uma despesa avança** em velocidade incompatível com a receita usada para bancá-la, só há dois caminhos para corrigir a distorção… – estará corretamente substituído, preservando-se o sentido e a correção gramatical, por:

a) Caso uma despesa avance…

b) Ainda que uma despesa avance…

c) Contudo uma despesa avança…

d) Pois uma despesa avança…

e) Para que uma despesa avance…

Leia o texto a seguir para responder à questão 52.

O Senado Federal aprovou em plenário, em 31/10/2012, o projeto de lei originário da Câmara dos Deputados (PL nº

2.793/2011) que tipifica como criminosas algumas condutas cometidas no meio digital, sobretudo a invasão de computadores. A imprensa tem noticiado como se fosse a primeira aprovação desse tipo no Brasil e alguns setores comemoraram como se a existência de uma lei para os crimes eletrônicos fosse tudo o que faltava para diminuir a delinquência cibernética. Sendo o Brasil um país de tradições positivistas e sendo vedada a aplicação de analogia para criar tipos penais, não resta dúvida da necessidade de aprovação da lei. Talvez com a previsão dessas condutas específicas, haja melhores resultados punitivos.

A falta de estrutura na maioria das delegacias civis do país e a ausência de previsão legal que estabeleça a obrigatoriedade da guarda de logs acabam por inviabilizar a investigação dos crimes digitais, em muitos casos. Com o Marco Civil da Internet (PL nº 2.126/2011), o legislador poderia sanar esse problema ao prever o armazenamento de tais registros, sem dar margem à violação da privacidade, evidentemente. No entanto, no último parecer ao projeto, no mês julho, o deputado relator retirou a obrigatoriedade do armazenamento dos dados pelos provedores de aplicações à Internet, os chamados provedores de conteúdo, deixando essa previsão apenas aos 5 provedores de conexão. O fato é que os registros de conexão nem sempre são suficientes para uma eficiente coleta de provas. O certo seria obrigar também os provedores de conteúdo a fazer esse registro, o que permitiria investigar e punir não só os crimes digitais como também outros, tais como os de difamação, calúnia e injúria, tão comuns nas redes sociais.

Rafael Fernandes Maciel. In: *Consultor Jurídico*, 9/11/2012. Disponível em: <www.conjur.com.br> (com adaptações).

52. (TJ/Acre – Téc. Administrativo – Cespe – Dez/2012)

Julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Mantendo-se a relação de sentido estabelecida entre os períodos, a expressão “ **No entanto**” (l. 11-12) poderia ser substituída, corretamente, por **Com tudo**.

53. (Câmara dos Deputados – Técnico Legislativo – Cespe – Abril/2014)

Bill Watterson.

(Adaptado) Julgue o item subsequente como Certo (C) ou Errado (E), relativo ao diálogo entre os personagens Calvin e sua professora, Dona Doroteia, apresentado na tirinha.

No terceiro quadrinho, a expressão “ Sendo assim” poderia, sem prejuízo para a correção e a coerência do texto, ser substituída por qualquer um dos seguintes conectores: Portanto, Por conseguinte, Conquanto.

Leia o texto a seguir para responder às questões 54 e 55.

Texto I

Na Vila Telebrasília, onde mora, poucos conhecem Abiesel Alves Cavalcanti pelo nome completo. Lá ele é Bisa, o pescador. Há 35 anos, o pernambucano veio atrás do progresso na capital. Acompanhado pelo irmão, trouxe algumas roupas e a tarrafa, sua ferramenta de trabalho. “ Eu falei para o mano: se lá tem água, tem peixe. De fome a gente não morre”, lembra Bisa. O Lago Paranoá alimentou toda a sua família, composta de mulher e dez filhos. No começo, quando a pesca com tarrafa era proibida, Bisa

saía na madrugada em uma canoa e trabalhava escondido. Depois, quando a captura com malha foi autorizada, ele se destacou entre os colegas. Chegava a voltar com até 300 quilos de peixe na embarcação. Hoje, o lago já não é tão abundante quanto há uma década e meia, mas ele ainda chega com o barco cheio. Entre tilápias, tucunarés, carpas e traíras, soma 250 quilos de peixe por semana e perto de dois mil reais por mês. Bisa rema quase sete horas para chegar até a altura da Ermida Dom Bosco e, às vezes, dorme na mata e retorna para casa só na manhã seguinte. "É uma vida de muito trabalho, mas necessidade eu nunca passei", diz o pescador.

Lilian Tahan. Vivendo de pescaria. In: *Veja Brasília*, 2/10/2013 (com adaptações).

(ICMBIO – Nível Médio – Cespe – Maio/2014)

Julgue os próximos itens como Certo (C) ou Errado (E), relativo às ideias e às estruturas linguísticas do texto.

54. Com a devida alteração de maiúscula e minúscula, o ponto final imediatamente após a palavra "colegas" (l. 7) poderia ser substituído por vírgula, seguida do elemento articulador **visto que**.

55. O vocábulo "mas" (l. 8) é um elemento coesivo que introduz relação de conclusão entre a informação expressa no período de que faz parte e a informação expressa no período que o antecede.

Leia o texto a seguir para responder à questão 56.

Texto I

Construímos coisas o tempo todo, mas como saberemos quanto tempo vão durar? Se construirmos depósitos para resíduos nucleares, precisaremos ter certeza de que os contêineres vão resistir até que o material dentro deles não mais seja perigoso. E, se não quisermos encher o planeta de lixo, é bom sabermos quanto tempo leva para que plásticos e outros materiais se decomponham. A única forma de termos certeza é submetendo esses materiais a testes de estresse por cerca de 100 mil anos para ver como reagem. Então, poderíamos aprender a construir coisas que realmente duram – ou que se decompõem de uma forma "verde". Experimentos submeteriam materiais ao desgaste e a ataques químicos, como variações de alcalinidade, e, ainda, alterariam a temperatura ambiente para simular os ciclos de dia e noite e das estações. Com as técnicas de simulação em laboratórios de que dispomos atualmente, por exemplo, não se pode prever como será o desempenho da bateria de um carro elétrico nos próximos quinze anos. As simulações de computador podem, por fim, tornar-se sofisticadas a ponto de substituir experimentos de longo prazo. Enquanto isso, no entanto, precisamos adotar cautela extra ao construirmos coisas que precisam durar.

Kristin Persson. Como os materiais se decompõem? In: *Scientific American Brasil*, s/d, 2013 (com adaptações).

56. (ICMBIO – Nível Superior – Cespe – Maio/2014)

Acerca de aspectos estruturais do texto acima e das ideias nele contidas, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E):

A expressão "no entanto" (l. 12) poderia ser substituída pelo vocábulo **entretanto**, sem que houvesse prejuízo à correção gramatical e ao sentido do texto.

Leia o texto a seguir para responder à questão 57.

Tem um personagem de Voltaire que um dia descobre, encantado, que falou em prosa toda a sua vida, sem saber.

Estamos metidos em muito mais coisas do que nos damos conta. Pertencemos, simultaneamente, a vários sistemas que mal

compreendemos, começando pelo nosso próprio corpo e terminando pelo sistema solar, que, por sua vez, faz parte de outro sistema ainda maior e mais incompreensível. Coisas espantosas acontecem conosco, a cada segundo, pelo simples fato de existirmos. Agora mesmo, enquanto escrevo – ou enquanto você lê –, fatos fantásticos e dramáticos se desenrolam dentro de nós. Células se reproduzem aos milhões. Bando de bactérias percorrem nossas vias interiores, procurando encrenca. Nossos sucos se encontram e se misturam em alquimias inacreditáveis. E giramos em torno do Sol, que, por sua vez, se desloca pelo espaço, em alta velocidade, cuspindo fogo. Não podemos pedir dispensa do Universo e de suas explosões por razões de consciência. Estamos todos na mesma louca aventura. Você, eu e o vizinho. E, ainda por cima, falamos em prosa.

(Verissimo, Luis Fernando. *Orgias*. Porto Alegre, RS: L&PM Editores, 1989, p.80-1, Adaptado).

57. (ESAF – DNIT – Técnico Administrativo – 2013)

(Adaptada) Com relação ao desenvolvimento das ideias do texto, julgue a assertiva a seguir como " certa" ou " errada".

No período " Coisas espantosas (...) existirmos" (l. 5-6), o autor estabelece uma relação de causa e efeito em que a causa é inerente à própria existência humana, o que torna o efeito irreversível.

Leia o texto a seguir para responder à questão 58.

Em um regime democrático, todo poder emana do povo, prevalecendo a vontade da maioria sobre a vontade de indivíduos ou de grupos. Desse modo, o bom governante é aquele que compreende as demandas da população e se empenha em atendê-las. No entanto, numa democracia saudável, é também responsabilidade dos dirigentes tomar medidas que podem eventualmente desagradar a uma parte dos eleitores, pois eles devem administrar pensando no conjunto da sociedade que governam, e não na estridência de interesses insatisfeitos ou contrariados.

(Adaptado de *O Estado de S. Paulo*, 9/2/2014)

58. (ESAF – MF – Assistente Técnico Administrativo – 2014)

Em relação às estruturas linguísticas do texto, julgue a assertiva a seguir como " certa" ou " errada".

Preservam-se as relações sintáticas e a correção gramatical do período ao se substituir " No entanto" (l. 3) por qualquer um dos seguintes termos: Contudo, Entretanto, Porquanto, Uma vez que.

Leia o texto a seguir para responder à questão 59.

Ônibus lotados, alguns em péssimo estado, engarrafamentos, demora em chegar ao local desejado. A péssima qualidade do transporte coletivo é um problema que atinge muitas capitais brasileiras. Para especialistas em planejamento urbano, o crescimento desordenado pode ser apontado como o responsável por essa situação. Isso gera uma fragmentação de espaços que exige que as pessoas façam longos deslocamentos. Consequentemente, a maioria das grandes cidades hoje no Brasil, por terem essa característica, geram esses problemas de congestionamentos e transporte públicos lotados. Resolver estes problemas é alguns dos grandes desafios dos prefeitos nas médias e grandes cidades. Cabe a eles garantir a mobilidade das pessoas nos lugares onde elas vivem. O transporte público coletivo é responsabilidade das prefeituras e o usuário espera que funcione.

(Adaptado de http://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2012/08/veja-o-papel-das-prefeituras-quanto-aos-problemas-do-transporte-coletivo.html, acesso em 4/12/2012)

59. (DNIT – Técnico Administrativo – ESAF – 2013)

Assinale a estrutura sintática que, no texto, tem valor significativo de causa.

Parte superior do formulário

a) “ demora em chegar ao local desejado”(L. 1)

b) “ que atinge muitas capitais brasileiras.”(L. 2)

c) “ pode ser apontado como o responsável por essa situação.”(L. 3-4)

d) “ que as pessoas façam longos deslocamentos.”(L. 4-5)

e) “ por terem essa característica”(L. 5)

Gabarito: 1. c; 2. C; 3. a; 4. e; 5. e; 6. a; 7. d; 8. b; 9. c; 10. d; 11. b; 12. c; 13. b; 14. b; 15. a; 16. d; 17. a; 18. c; 19. b; 20. e; 21. E; 22. e; 23. E; 24. E; 25. a; 26. c; 27. C; 28. E; 29. C; 30. c; 31. b; 32. d; 33. d; 34. b; 35. c; 36. c; 37. b; 38. e; 39. e; 40. b; 41. e; 42. e; 43. d; 44. d; 45. c; 46. a; 47. c; 48. c; 49. d; 50. d; 51. a; 52. E; 53. E; 54. C; 55. E; 56. C; 57. certa; 58. errada; 59. e.

Conjunções é assunto certo em qualquer que seja a prova. É importante também para a interpretação e produção textual, pois dá ao texto coesão e coerência. Vamos resumir o que foi estudado no capítulo?

11.5. RESUMO

- Conjunções coordenativas relacionam orações, podendo indicar cinco ideias: aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas e explicativas.
- Conjunções subordinativas podem ser integrantes – sem valor adverbial (=isto) ou adverbiais (com valor semântico).
- Conjunções subordinativas adverbiais podem indicar nove valores semânticos (6 Cs + FTP): causais, concessivas, condicionais, conformativas, consecutivas, comparativas, finais, temporais, proporcionais.
- Na hora de classificar a conjunção, lembre-se de olhar a oração que vem após ela, não antes.
- A causa e o efeito são ideias que sempre caminham juntas. Se a conjunção iniciar a causa, será causal. Se iniciar a consequência, será consecutiva. Lembre-se de que, na linha do tempo, a causa antecede a consequência.
- As conjunções consecutivas e conclusivas, bem como as adversativas e concessivas são paráfrases: indicam a mesma ideia. Para não confundi-las, é essencial memorizar suas listas.

Parte III

Sintaxe

12 PREDICAÇÃO VERBAL

12.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

É a relação de dependência entre o verbo e seus complementos.

Os verbos *transitivos* e *intransitivos* exprimem, normalmente, *ação*, *fenômeno* e *movimento*.

12.1.1. Verbo intransitivo

Não necessita de um termo (objeto) que complete o seu sentido.

Exs.: a) Correm os dias, os meses, os anos.

b) O outono chegou.

c) O marido desapareceu entre as ruelas.

d) O rapaz chegou gravemente ferido ao hospital.

e) Falei bastante ontem.

f) Estudou bastante.

Comentários:

Em A, a frase está invertida. Na ordem, seria: "Os dias, os meses, os anos correm". O verbo não pede complemento (= objeto). Na B, o verbo encerra o período, também sem pedir *objeto*.

Nas frases de C a F, aparecem adjuntos adverbiais e predicativo após os respectivos verbos, e não objeto:

c) "entre as ruelas" (= adjunto adverbial de lugar);

d) "ferido" (= predicativo do sujeito); "ao hospital" (= adjunto adverbial de lugar);

e) "bastante" (= adjunto adverbial de intensidade); "ontem" (= adjunto adnominal de tempo);

f) "bastante" (= adjunto adverbial de intensidade).

Portanto, para a gramática, verbo **intransitivo** é aquele que denota *ação*, *movimento*, e não pede *complemento* (= objeto).

12.1.2. Verbo transitivo

O sentido do verbo é completado por um termo (objeto).

O objeto direto completa o verbo sem preposição obrigatória (amar, ajudar, adorar, namorar etc.).

Exs.: a) Essa atitude implicou sua demissão.

b) Falei a verdade.

Comentários:

Agora, aparecem verbos que pedem complemento direto (= objeto direto), *sem preposição* (*verbos transitivos diretos*):

"sua demissão" (= objeto direto)

"a verdade" (= objeto direto)

Já o objeto indireto completa o verbo com preposição obrigatória (obedecer, desobedecer, aludir, anuir, referir-se etc.).

Exs.: a) Obedece **a**os mais velhos.

b) Gostava **de** música.

c) Falei **a**os filhos.

Comentários:

Verbos como *obedecer* e *gostar* regem, obrigatoriamente, preposição. São *transitivos indiretos*.

Em "Falei aos filhos", o verbo falar, nessa frase, pede preposição a. Não teria sentido dizer "Falei os filhos".

"Obedecia aos mais velhos." (= objeto indireto)

"Gostava de música." (= objeto indireto)

"Falei aos filhos." (= objeto indireto)

O verbo pode pedir dois complementos. Trata-se do objeto direto e indireto. Um sem preposição e o outro com preposição (avisar, comunicar, certificar, informar, proibir etc.).

Exs.: a) Comuniquei o ocorrido aos pais.

b) Falei a verdade aos filhos.

Comentários:

Quando o verbo pede dois complementos, é chamado de *transitivo direto e indireto* (um termo sem preposição, o outro, com preposição):

"*o ocorrido* (= objeto direto) *aos pais* (= objeto indireto)"

"*a verdade* (= objeto direto) *aos filhos* (= objeto indireto)"

12.1.3. Verbo de ligação

O verbo estabelece uma ligação entre o sujeito e seu atributo ou característica (= predicativo).

Exs.: a) Eu sou **feliz**. (predicativo do sujeito)

b) Estava **cansado**. (predicativo do sujeito)

c) Ele acha-se **triste**. (predicativo do sujeito)

Comentários:

O *verbo de ligação*, que, diferentemente dos transitivos e intransitivos – que denotam *ação*, *movimento* – traz uma ideia de *estado*. Geralmente são os verbos *ser*, *estar*, *ficar*, *parecer*, *continuar*, *achar-se* etc.

Fundamentalmente, o seu papel é o de ligar o sujeito a sua *característica*, *qualidade*, a seu *atributo* (= predicativo do sujeito). Logo, *se o verbo é de ligação*, não temos objeto na frase, e sim *predicativo do sujeito*.

Nas frases A, B, C, *feliz*, *cansado* e *triste* são adjetivos que caracterizam o sujeito, e os verbos ser, estar e achar-se, indicam estado, de ligação.

Importante: Na maioria das vezes, a predicação do verbo só pode ser determinada na frase, e não isoladamente. O mesmo verbo que em um contexto possui uma determinada transitividade, em outro vem com transitividade diferente.
Observe que mostramos isso com o verbo falar:
Falei bastante ontem. (verbo intransitivo)
Falei a verdade. (verbo transitivo direto)
Falei aos filhos. (verbo transitivo indireto)
Falei a verdade aos filhos. (verbo transitivo direto e indireto)

Vamos fixar os conceitos? Dê a predicação dos verbos nas frases seguintes.

1. As crianças **brincavam** alegremente no pátio.

   Comentários: O verbo *brincar*, nesta frase, não pede complemento. Após esse verbo aparecem circunstâncias (adjuntos adverbiais) de modo – *alegremente* – e de lugar – *no pátio*.

   Resposta: verbo intransitivo.

2. Muitos amigos **chegaram** cedo.

   Comentários: A palavra cedo indica o tempo da chegada, adjunto adverbial. Não há objeto (= complemento).

   Resposta: verbo intransitivo.

3. O salão **estava** todo pintado.

   Comentários: O verbo *estar* liga o sujeito (*salão*) a seu predicativo (*pintado*), indicando *estado*.

   Resposta: verbo de ligação.

4. Márcia **deu** um brinde a cada participante.

Comentários: Nessa frase, o verbo dar pede dois complementos:

"… deu um brinde…" (sem preposição – objeto direto)

"… deu a cada participante (com preposição – objeto indireto)

"Márcia deu um brinde a cada participante."

Resposta: verbo transitivo direto e indireto.

5. Muitas pessoas **receberam** donativos.

Comentários: O vocábulo *donativos* completa o sentido do verbo sem preposição, é objeto direto.

Resposta: verbo transitivo direto.

6. **Confiei** em suas palavras.

Comentários: Repare que, nesse período, se retirarmos a preposição *em*, a frase fica sem sentido. É porque o verbo *confiar* pede obrigatoriamente essa preposição ("Confiei em suas palavras").

Resposta: verbo transitivo indireto.

7. **Ficamos** contentes com seu retorno.

Comentários: Em "Ficamos contentes", o termo destacado não é objeto, porque mostra um estado do sujeito (*Nós*). Palavra que indica *estado*, *qualidade*, *característica* do sujeito é *predicativo*.

Além disso, o verbo *ficar* mostra uma *mudança de estado* e não uma *ação*, um *movimento*.

Resposta: verbo de ligação.

8. **Ofereci** uma recompensa aos funcionários.

Comentários: Mais um verbo que pede, na frase em que se encontra, dois complementos: um sem preposição, o outro com preposição:

"Ofereci uma recompensa…" (sem preposição – objeto direto)

"Ofereci aos funcionários…" (com preposição – objeto indireto)

Resposta: verbo transitivo direto e indireto.

9. **Pedi** a conta e **saí** do restaurante.

Comentários: Esse período traz dois verbos com transitividades diferentes: "Pedi a conta…", "… saí do restaurante". Na primeira passagem, o complemento do verbo aparece sem preposição (*a conta* – objeto direto); na segunda, temos uma ideia circunstancial (*do restaurante* – adjunto adverbial de lugar), e não objeto indireto.

Resposta: verbo transitivo direto e verbo intransitivo.

10. O mar **parecia** traiçoeiro naquela manhã.

Comentários: Mais um verbo cuja finalidade é ligar o sujeito a sua característica (predicativo). O vocábulo *traiçoeiro* é um adjetivo que se refere ao sujeito, é, portanto, um predicativo do sujeito. Como o verbo não indica ação nem movimento, não pode ser transitivo nem intransitivo.

Resposta: verbo de ligação.

11. **Trouxe** a lembrança de Natal.

Comentários: Aqui, temos um complemento do verbo *trazer* sem preposição (*a lembrança*) e uma locução que indica o lugar, a origem (*de Natal*), que funciona como adjunto adverbial.

Resposta: verbo transitivo direto.

12. Não **existem** mais sentimentos verdadeiros.

Comentários: Observe, primeiro, que a frase está invertida. Na ordem, teríamos: "Sentimentos verdadeiros não existem mais". Com isso, nos certificamos de que o verbo *existir* não pede complemento (= objeto), já que *mais* acrescenta ao verbo uma ideia de tempo, adjunto adverbial, pois.

Resposta: verbo intransitivo.

13. A moça **vivia** preocupada.

Comentários: O verbo *vivia*, nesta construção, indica um *estado* permanente, ligando o sujeito (*A moça*) ao seu predicativo (*preocupada*).

Resposta: verbo de ligação.

14. Ela **ficou** esperançosa.

Comentários: Mais um verbo que tem o papel de *ligar* o sujeito a seu estado, característica, qualidade (predicativo).

Resposta: verbo de ligação.

15. Ela **ficou** no escritório.

Comentários: Veja agora a diferença: *no escritório* indica o *lugar* onde *ela ficou*. Nesse caso, o verbo não *liga* nada. Não há predicativo nem objeto, e sim adjunto adverbial de lugar.

Resposta: verbo intransitivo.

16. **Fomos** a Fortaleza.

Comentários: Outra frase que mostra uma expressão (*a Fortaleza*) cuja finalidade é se referir ao verbo indicando uma circunstância (adjunto adverbial).

Resposta: verbo intransitivo.

17. **Lembrou-se** dos amigos.

18. **Lembrei** a data do seu aniversário.

Comentários: Em regência, vimos que o verbo *lembrar* pode aparecer com ou sem o pronome. Se vier *com* o pronome (*lembrar-se*) pede preposição; *sem* o pronome (*lembrar*), não pede preposição.

Respostas: 17. verbo transitivo indireto; 18. verbo transitivo direto.

19. **Surgem** os primeiros raios de sol.

Comentários: Assim como na frase 12, essa também mostra uma inversão dos termos. Na ordem, seria: "Os primeiros raios de sol surgem". Logo, não pede nenhum tipo de complemento, o sentido fica completo.

Resposta: verbo intransitivo.

20. Ninguém **reparou** nos maus modos daquela menina.

21. O pedreiro **reparou** o muro parcialmente destruído.

Comentários: Esses períodos são exemplos de verbos que, dependendo do sentido, mudam a predicação. Na frase 20, o *reparar* (= *dar atenção*, *dar importância*), pede preposição.

Já na 21, esse mesmo verbo equivale a *restaurar*, *fazer conserto*. Nesse caso, não pede preposição.

Respostas: 20. verbo transitivo indireto; 21. verbo transitivo direto.

Já que você consegue detectar a classificação de um verbo, o próximo passo é aprender os tipos de predicado.

12.1.4. Tipos de predicado

Predicado: é o que se declara acerca do sujeito. Divide-se em **verbal**, **nominal** e **verbo--nominal**.

Verbal: não tem predicativo. O verbo **não** indica estado.

Ex.: O funcionário chegou.

Nominal: tem **predicativo**. O verbo indica **estado**.

Ex.: O funcionário estava contente.

Verbo-nominal: o verbo **não** indica estado. Tem **predicativo** (do sujeito ou do objeto).

Ex.: O funcionário chegou contente.

Vamos treinar?

Separar o sujeito e classificar o predicado.

1. Os jovens cantavam uma bela canção.

Sujeito: Os jovens

Predicado: cantavam uma bela canção

Comentários: O predicado não possui predicativo. Quando isso ocorre o predicado só pode ser verbal.

Resposta: predicado verbal.

2. Os jovens pareciam felizes.

Sujeito: Os jovens

Predicado: pareciam felizes

Comentários: Agora, temos no predicado a presença de um verbo de ligação (indica estado) e de predicativo (*felizes*).

Resposta: predicado nominal.

3. Os jovens cantavam uma bela canção felizes.

Sujeito: Os jovens

Predicado: cantavam uma bela canção felizes

Comentários: Nesse período, há um verbo que não indica estado (*cantavam*) e predicativo (*felizes*). Se o verbo *não* indica estado, o predicado é *verbal*; se há predicativo, o predicado é *nominal*. Como nessa construção há as duas ocorrências, o predicado é verbo-nominal.

Resposta: predicado verbo-nominal.

4. Achei-o competente.

Sujeito: (*Eu*)

Predicado: Achei-o competente

Comentários: Observe que o adjetivo *competente* se refere ao objeto direto (*o*), qualificando-o. Esse adjetivo, sintaticamente, funciona como *predicativo do objeto*. Aparecendo predicativo do objeto no predicado, só pode ser classificado como verbo-nominal.

Resposta: predicado verbo-nominal.

5. O desenvolvimento depende da produtividade.

Sujeito: O desenvolvimento

Predicado: depende da produtividade

Comentários: O verbo *depende não* indica estado e *não há predicativo* na frase.

Resposta: predicado verbal.

6. O desenvolvimento é um processo complexo.

Sujeito: O desenvolvimento

Predicado: é um processo complexo

Comentários: Agora temos um verbo de *ligação* (*é* – indicando estado) e predicativo do sujeito.

Resposta: predicado nominal.

12.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

Dê a predicação dos verbos sublinhados seguindo este código:

(1) verbo intransitivo (4) verbo transitivo direto e indireto

(2) verbo transitivo direto (5) verbo auxiliar (usado na locução verbal)

(3) verbo transitivo indireto (6) verbo de ligação:

(6a) estado permanente

(6b) estado passageiro

(6c) mudança de estado

(6d) continuidade de estado

(6e) aparência

1. ( ) Ela <u>ligou</u> o ferro silenciosa.

2. ( ) Impecável, <u>transitava</u> o marido pelo tempo.

3. ( ) Paulo <u>está</u> adoentado.

4. ( ) Paulo <u>está</u> no hospital.

5. ( ) As discussões <u>continuaram</u> pela noite.

6. ( ) <u>Permaneciam</u> abertas as listas de adesão às emendas.

7. ( ) Um congressista <u>compareceu</u> à sessão preocupado.

8. ( ) <u>Deve</u> chover bastante.

9. ( ) Eu <u>sou</u> sempre a estrela matutina.

10. ( ) <u>Surgiu</u>, pela esquina, assobiando.

11. ( ) Os operários <u>perfuravam</u> a rocha com suas brocas e picaretas.

12. ( ) <u>Existe</u> em Nova Lima uma importante mina de ouro.

13. ( ) <u>Contou</u>-me um amigo uma história exemplar.

14. ( ) Uma das janelas vivia aberta.

15. ( ) Estava, naquele dia, em Friburgo.

16. ( ) Ela parece triste.

17. ( ) Distribuímos as cartas na mesa.

18. ( ) Chegamos alegres.

19. ( ) José caiu doente.

20. ( ) " Aquela estrela no peito é uma predestinação, símbolo ao mesmo tempo de fulgor e solidão."

Gabarito: 1. (2) ferro: objeto direto / silenciosa: predicativo do sujeito; 2. (1) impecável: predicativo do sujeito / pelo tempo: adjunto adverbial; 3. (6b) adoentado: predicativo do sujeito; 4. (1) no hospital: adjunto adverbial; 5. (1) pela noite: adjunto adverbial; 6. (6d) abertas: predicativo do sujeito; 7. (1) à sessão: adjunto adverbial / preocupado: predicativo do sujeito; 8. (5); 9. (6a) estrela: predicativo do sujeito; 10. (5); 11. (2) rocha: objeto direto / com suas brocas e picaretas: adjunto adverbial (instrumento); 12. (1) em Nova Lima: adjunto adverbial; 13. (4) história: objeto direto / me: objeto indireto; 14. (6a) aberta: predicativo do sujeito; 15. (1) naquele dia: adjunto adverbial / em Friburgo: adjunto adverbial; 16. (6e) triste: predicativo do sujeito; 17. (2) as cartas: objeto direto / na mesa: adjunto adverbial; 18. (1) alegres: predicativo do sujeito; 19. (6c) doente: predicativo do sujeito; 20. (6a) predestinação/símbolo: predicativo do sujeito.

12.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

A seguir, observe como são trabalhadas as questões de predicação verbal nas provas de concursos públicos.

1. (MPU – FCC) *… elas também causam impactos significativos na agricultura e na saúde humana.*

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o do grifado acima está na frase:

a) … grandes pinheiros brotam por toda parte.

b) … mas que chegaram ao Brasil…

c) … e aqui encontraram espaço…

d) …o búfalo e o pinus são apenas espécies exóticas.

e) … e competindo com elas por alimento.

Comentários:

O verbo da frase do enunciado é transitivo direto, vem seguido de seu objeto direto *impactos significativos*. Observe que a expressão *na agricultura e na saúde humana* não pode ser considerada objeto do verbo, é seu adjunto adverbial de lugar (responde à pergunta *onde?*).

Na letra A, tem-se um verbo intransitivo, seguido de um adjunto adverbial de lugar (*por toda parte*). Na letra B, o mesmo acontece: o verbo *chegar* é intransitivo, porque não vem seguido de complemento, e sim de circunstância lugar (*ao Brasil*), que, na sintaxe, é chamada de adjunto adverbial de lugar. É na letra C que encontramos um outro verbo transitivo direto, seguido de seu objeto direto *espaço.* Na letra D, temos um verbo de ligação, que liga o sujeito *o búfalo e o pinus* ao seu predicativo *espécies exóticas*. Por fim, a letra E, que traz um verbo transitivo indireto, com seu objeto indireto *com elas* e seu adjunto adverbial de causa *por alimento.*

Resposta: C.

2. (Cesgranrio) O verbo virar foi usado da mesma maneira que em "… o trabalho vira dinheiro." Em:

a) O pintor tropeça e vira a lata de tinta.

b) O mar, que estava de ressaca, virou o barco.

c) O petróleo, depois de devidamente processado, vira gasolina.

d) O mecânico, quando faz uma boa revisão, vira o carro do avesso.

e) Os policiais viraram todo o carro à procura de novas pistas.

Comentários:

A transitividade de um verbo é algo relativo, depende da frase. O verbo da frase do enunciado indica mudança de estado: o trabalho *se transforma* em dinheiro; é, portanto, verbo de ligação. Nas letras A, B, D e E, o verbo *virar* indica ação, movimento, sendo, nas quatro frases, transitivo direto. Apenas na letra C, o verbo *virar* vem indicar, mais uma vez, mudança de estado, sendo, portanto, classificado como verbo de ligação, com seu predicativo *gasolina*.

Resposta: C.

13 TERMOS DA ORAÇÃO

13.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Primeiramente, vamos conhecer os termos **integrantes** da oração. E, logo depois, os acessórios.

13.1.1. Termos integrantes

a) Objeto direto: complemento que integra a significação do verbo **sem o auxílio de preposição obrigatória.**

Ex.: A crise financeira estimulou a crença no intervencionismo do Estado. (estimulou-a)

b) Objeto indireto: complemento que integra a significação do verbo, ligando-se a este por meio de **preposição obrigatória**.

Ex.: As alunas responderam ao professor. (responderam-lhe)

c) Complemento nominal: complemento **preposicionado** de um substantivo, de um adjetivo ou de um advérbio.

Obs.: Quando esse termo preposicionado completa o substantivo, tem valor passivo. Se o termo preposicionado completar adjetivo ou advérbio, só pode ser complemento nominal.

Ex.: Venda de armas.

(subst. abstr.) (ideia passiva – as armas foram vendidas)

Estou certo da vitória.

(adj.)

Favoravelmente aos empresários.

(adv.)

d) Agente da passiva: termo preposicionado que **exerce a ação verbal** na voz passiva.

Ex.: Ele foi reconhecido pela mulher.

Só fixando, mesmo, para ver o assunto ficou claro: vamos misturar todos os termos integrantes...

Importante!

Lembre sempre que objeto (direto – sem preposição – ou indireto – com preposição) é complemento de verbo; complemento nominal é complemento preposicionado de nome substantivo, adjetivo ou advérbio; o agente da passiva é o termo preposicionado que pratica a ação verbal na voz passiva.

Classifique os termos sublinhados usando (1) para objeto direto; (2) objeto indireto; (3) complemento nominal; e

(4) agente da passiva.

1. ( ) Precisávamos de tua ajuda.

Comentários: A expressão *preposicionada* completa o sentido do *verbo* transitivo indireto.

Resposta: 2.

2. ( ) Tinha certeza de sua chegada.

Comentários: O vocábulo certeza é substantivo (nome) seguido de expressão preposicionada.

Resposta: 3.

3. ( ) Estava certo de sua chegada.

Comentários: A expressão destacada completa um adjetivo (nome) com preposição.

Resposta: 3.

4. ( ) Comemoramos a sua promoção.

Comentários: Agora, o *complemento do verbo* vem sem preposição.

Resposta: 1.

5. ( ) Sua promoção foi comemorada pelos familiares.

Comentários: Observe que nesse período o sujeito recebe a ação verbal ("A promoção *foi comemorada*"), é um sujeito paciente. A expressão sublinhada é o termo que age na voz passiva.

Resposta: 4.

6. ( ) Necessito de um favor seu.

Comentários: Mais uma frase em que a preposição aparece por exigência de um verbo.

Resposta: 2.

7. ( ) Tinha necessidade de sua presença.

Comentários:

Confronte essa frase com a anterior. Aqui, o termo preposicionado completa um *nome substantivo* (necessidade), e não um verbo.

Resposta: 3.

8. ( ) Demoliram aquele prédio antigo.

Comentários: O verbo *demolir* não pede preposição, é transitivo direto. Logo, no complemento, não aparece preposição.

Resposta: 1.

Por fim, os termos **acessórios**, aqueles que a gramática classifica como dispensáveis na frase:

13.1.2. Termos acessórios

a) Adjunto adnominal: "termo que limita, individua a significação de um substantivo."

Ex.: Dois alunos; O / Um aluno; Aluno inteligente / de inteligência.

(num.) (art.) (adj.) (loc.adj.)

Meu aluno; Invasão dos mosquitos.

(pron.) (loc.adj.)

b) Adjunto adverbial: vocábulo ou expressão que denota alguma circunstância (tempo, lugar, modo...) do fato expresso pelo verbo. Pode ainda modificar o adjetivo ou o próprio advérbio.

Ex.: Falavam muito; Homem muito bom; Saíram muito cedo.

(verbo) (adj.) (adv.)

Falava sobre música; Correu de medo; Estava em casa.

(verbo) (verbo) (verbo)

c) Aposto: "termo de natureza substantiva ou pronominal que se acrescenta a outro substantivo ou pronome." Os tipos de aposto são:

1. explicativo: Machado de Assis, um dos maiores nomes da nossa literatura, escreveu livros inesquecíveis.

2. enumerativo: Naquele instante, recorri a dois amigos: Gilson e Itamar.

3. distributivo: Érico Veríssimo e José de Alencar foram grandes escritores brasileiros, este do Romantismo e aquele do Modernismo.

4. resumitivo: Empresários, trabalhadores, ninguém confia em nossos governantes.

5. especificativo: A cidade de Paris é encantadora.

6. *em referência a uma oração: Ele agora trabalhava com dedicação, o que é elogiável.

*Obs.: Esse tipo de aposto é representado, normalmente, pelo pronome demonstrativo o ou pelos substantivos coisa, razão, motivo etc.

d) Vocativo: termo que se usa para chamar por alguém ou coisa personificada.

Ex.: José, venha cá.

e) Predicativo: qualidade atribuída ao sujeito ou ao objeto.

Ex.: Todos voltaram satisfeitos.

(suj.) (predicativo do sujeito)

Considero-o apto.

(o.d.) (predicativo do objeto)

Vejamos alguns exercícios de fixação.

Classifique os termos sublinhados usando (1) para adjunto adnominal; (2) adjunto adverbial; (3) aposto; (4) vocativo; (5) predicativo do sujeito; e (6) predicativo do objeto.

1. ( ) Bom dia, meu caro senhor!

Comentários: Quando chamamos por alguém, ou coisa personificada, tem-se o vocativo.

Resposta: 4.

2. ( ) Chegou ao escritório às nove horas.

Comentários: Nesse período, os termos preposicionados se referem ao *verbo* indicando, respectivamente, *circunstâncias* de lugar e tempo.

Resposta: 2.

3. ( ) Fernanda, a representante da turma, saiu neste instante.

Comentários: Quando um substantivo (*representante*) ou pronome se refere a outro substantivo (*Fernanda*), temos o aposto. Como a finalidade é explicar, esclarecer o termo anterior, o aposto é chamado de explicativo.

Resposta: 3.

4. ( ) Cinema, rádio, televisão, nada o distraía.

Comentários: Agora, o pronome *nada* se refere aos substantivos com a intenção de resumir a informação prestada por esses termos. O aposto é resumitivo.

Resposta: 3.

5. ( ) ( ) Ao longe, uma nuvem surgiu carregada.

Comentários: A expressão *Ao longe* remete ao *lugar* onde *surgia* a nuvem. Na segunda ocorrência, o adjetivo *carregada* se refere ao sujeito *nuvem*.

Respostas: 2 e 5.

6. ( ) Chamou o amigo de ingrato.

Comentários: Temos em *de ingrato* uma característica atribuída ao objeto direto *amigo*.

Resposta: 6.

7. ( ) ( ) ( ) As minhas sugestões eram simples.

Comentários: Repare que o substantivo *sugestão* vem delimitado pelo artigo (*As*) e pelo pronome (*minhas*). Essas palavras vêm *junto* ao nome substantivo. Já o adjetivo *simples* se refere ao substantivo *sugestões*, que funciona como sujeito, e vem *separado* por um verbo, e não junto.

Respostas: 1, 1 e 5.

8. ( ) ( ) Coração sem amor é um campo minado.

Comentários: A locução *sem amor*, preposicionada, vem junto ao substantivo *coração*, assim como o adjetivo *minado* vem *junto* ao substantivo *campo*.

Respostas: 1 e 1.

9. ( ) ( ) As suas mãos tremiam de medo.

Comentários: O pronome *suas*, ao lado do substantivo, delimita as *mãos*, já a expressão *de medo* se refere ao *verbo* indicando circunstância de causa.

Respostas: 1 e 2.

10. ( ) ( ) O velho ranzinza arquejava cansado.

Comentários: O adjetivo *ranzinza* vem *junto* ao substantivo *velho* e o adjetivo *cansado*, separado pelo verbo, se refere ao sujeito.

Respostas: 1 e 5.

Resumindo: Cuidado com os termos **preposicionados**!

objeto indireto x adjunto adverbial
Objeto indireto
Completa o sentido de um verbo transitivo indireto (com preposição obrigatória). Não há ideia circunstancial.
Ex.: Lembrou-se do ocorrido.
Adjunto adverbial
Refere-se ao verbo acrescentando a ele uma ideia circunstancial (tempo, lugar, modo, causa, intensidade...).
Ex.: Chegamos ao anoitecer (ideia de tempo).

complemento nominal x adjunto
Complemento nominal
Sempre preposicionado.
Completa um substantivo, um adjetivo ou um advérbio. Quando completa um substantivo, a expressão preposicionada tem valor passivo.
Ex.: Reforma da praça.
(subst.) (ideia passiva = a praça foi reformada)
Adjunto adnominal
Aparecendo preposição, a ideia é ativa.
Ex.: Construção do arquiteto.

(subst.) (ideia ativa = o arquiteto construiu)

Obs.: essa dúvida é mais frequente quando o termo preposicionado completa substantivo abstrato (indica ação, sentimento, qualidade – protesto, viagem, amor, tristeza, reforma, construção...)

adjunto adnominal x predicativo do objeto

Adjunto adnominal

Termo acessório, pode ser retirado da frase sem prejuízo do seu sentido.

Ex.: Fizeram perguntas tolas.

Predicativo do objeto

Aparece por extensão semântica do verbo. Sua retirada prejudica o perfeito entendimento da frase.

Ex.: Julguei as suas perguntas tolas.

Mais questões para exercitar.

Use os seguintes códigos para classificar as frases.

(1) objeto indireto

(2) adjunto adverbial

(3) adjunto adnominal

(4) predicativo do sujeito

(5) predicativo do objeto

(6) aposto

(7) complemento nominal

(8) agente da passiva

1. ( ) Os profissionais competentes enfrentaram muitas dificuldades.

Comentários: Adjetivo que vem *junto* ao substantivo é adjunto adnominal.

Resposta: 3.

2. ( ) Os profissionais eram muito competentes.

Comentários: Agora, o mesmo adjetivo vem separado por um verbo e se refere ao sujeito.

Resposta: 4.

3. ( ) Consideramos aqueles profissionais competentes.

Comentários: Repare que, embora o adjetivo venha junto ao substantivo, que funciona como objeto direto, a retirada desse vocábulo prejudica o entendimento da frase (consideramos aqueles profissionais...?). Qual é a consideração sobre eles? Logo, não pode ser classificado como adjunto adnominal.

Resposta: 5.

4. ( ) O rapaz foi preso pelo detetive.

Comentários: O termo sublinhado *exerce a ação verbal* na voz passiva (o detetive age, prende o ladrão).

Resposta: 8.

5. ( ) Tinha grande amor à humanidade.

Comentários: A expressão sublinhada completa o sentido de um nome substantivo com preposição. Há ideia passiva (a humanidade *recebe* a ação do *amor*, a humanidade não ama, não é ativa).

Resposta: 7.

6. ( ) O coração não resistiu à emoção.

Comentários: O verbo *resistir* pede preposição obrigatória (*à emoção* completa o sentido de um verbo transitivo indireto).

Resposta: 1.

7. ( ) Existe, nesta cidade, um clima de paz.

Comentários: A expressão sublinhada indica o *lugar* onde *existe* um clima de paz.

Resposta: 2.

8. ( ) Rui, o orador, logo se pronunciou.

Comentários: Um substantivo (*orador*) que determina, explica outro substantivo (Rui).

Resposta: 6.

9. ( ) Beber demais é prejudicial à saúde.

Comentários: Nesse período, *à saúde* completa o sentido do *nome adjetivo* (*prejudicial*) com preposição.

Resposta: 7.

10. ( ) A felicidade dos candidatos contagiava o ambiente.

Comentários: A expressão destacada se refere ao substantivo, vem junto. Repare que em construções como essa é comum confundir adjunto adnominal com complemento nominal. Nesse caso, verifique a ideia do *termo preposicionado*: se for ativa, será adjunto adnominal; se for passiva, complemento nominal.

Em "A felicidade dos candidatos", eles estavam felizes, ideia ativa, portanto.

Resposta: 3.

11. ( ) Tinha necessidade de afeto.

Comentários: Mais um termo preposicionado em relação ao nome, só que com ideia passiva (*o afeto* recebe a ação do nome, é uma necessidade voltada *ao afeto*, e não *o afeto* necessita de algo).

Resposta: 7.

12. ( ) ( ) Os candidatos chegaram apressados ao local da prova.

Comentários: O adjetivo *apressados*, separado por um verbo, se refere ao *sujeito*; *ao local da prova* indica *o lugar* a que chegaram.

Respostas: 4 e 2.

13.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Classifique os termos acessórios sublinhados usando o seguinte código:

(1) adjunto adnominal (3) aposto

(2) adjunto adverbial (4) vocativo

1. ( ) Na ausência do marido, a mulher responderá pela dívida.

2. ( ) Para quem mora na cidade existem dois espaços bem diferenciados: o morro e a rua.

3. ( ) Evento realizado nesta semana em São Paulo.

4. ( ) A cidade de Florianópolis é encantadora.

5. ( ) Os cidadãos de Florianópolis estão mais confiantes no governo.

6. ( ) Eram habitantes daquele lugar onde se matam pobres.

7. ( ) A pobre Antônia tem, nos olhos grandes, uma tristeza milenar.

8. ( ) "Brasil, mostra a tua cara."

9. ( ) Os meninos correram de medo.

10. ( ) Era esposa descuidada.

11. ( ) Um dia notou a mulher um leve afrouxar-se das pálpebras.

12. ( ) Realizaram ações de vulto.

13. ( ) ( ) ( ) "Uma língua é uma coisa bela, mutável e misteriosa como um arco-íris."

14. ( ) Se a reforma é tão pequena, para que fazê-la?

15. ( ) Ele agora trabalhava com dedicação, o que é elogiável.

II. Distinga o adjunto adnominal (1) do complemento nominal (2).

Obs.: Aqui, trataremos apenas dos termos preposicionados.

1. ( ) Era um homem de juízo.

2. ( ) Tinha horror à pasteurização.

3. ( ) Ninguém fica indiferente à publicidade.

4. ( ) O código de trânsito vai ser incluído no currículo escolar.

5. ( ) A imaginação das agências é inesgotável.

6. ( ) Estamos no país da "solucionática".

7. ( ) Gastava rios de dinheiro com regozijo.

8. ( ) Este ano haverá treinamento de professores.

9. ( ) As palmas do público ecoavam por todo o teatro.

10. ( ) Tinham certeza da vitória.

III. Use (1) adjunto adverbial; (2) objeto indireto; (3) objeto direto; (4) objeto direto preposicionado; (5) adjunto adnominal; e (6) predicativo do objeto para classificar os termos sublinhados.

1. ( ) Tratou do assunto com calma.

2. ( ) Aludiu às conquistas do avô.

3. ( ) Agora esperava por uma oferta.

4. ( ) Vi ontem um filme.

5. ( ) Transmitiu aos rapazes segurança.

6. ( ) Apesar das dificuldades, venceremos.

7. ( ) Chamam-no de artista.

8. ( ) Não consideraram os votos em branco.

9. ( ) Agora o tinham por ídolo.

10. ( ) ( ) Aquele amor impossível deixava-o impaciente.

11. ( ) Duvidei de suas palavras.

12. ( ) Amou aos pais com grandeza de alma.

13. ( ) Enfrentava as dificuldades sem reclamar.

14. ( ) Ele entrou pela porta da frente.

15. ( ) Ele entrou pela porta da frente.

IV. Use: (1) predicativo do sujeito; (2) agente da passiva; (3) aposto; (4) adjunto adverbial; (5) complemento nominal; e (6) adjunto adnominal para classificar os termos em destaque nas seguintes frases.

1. ( ) Recuperadas, as antigas fazendas de café do Rio de Janeiro abrem as portas a visitantes.

2. ( ) "Naquele casal aliava-se tudo que é nobre: o amor e a confiança. É este o segredo dos casamentos felizes."

3. ( ) A felicidade do filho era contagiante.

4. ( ) "Por maior que seja a tranquilidade de um homem quando resolve abandonar a vida, é-lhe sempre agradável achar um pretexto para prolongá-la um pouco mais."

5. ( ) A cidade do Rio de Janeiro continua linda.

6. ( ) O povo do Rio de Janeiro demonstra o seu inconformismo diante da violência.

7. ( ) "Um dia se descobriu num gesto longo e demorado olhando a esquife longamente."

8. ( ) As salas de aula estão cheias de crianças e jovens.

9. ( ) As ruas foram lavadas pela chuva.

10. ( ) ( ) "Se é para o bem de todos e felicidade geral da nação, diga ao povo que fico!" (D. Pedro I)

11. ( ) Fumar é prejudicial à saúde.

12. ( ) Vivia cercado de amigos sinceros.

13. ( ) ( ) Os meios de comunicação e as novas tecnologias mudaram a vida das pessoas.

14. ( ) O amor ao próximo era a sua maior virtude.

15. ( ) Pegou um pano úmido e, silenciosa, ligou o ferro.

16. ( ) Qualquer forma de violência deve ser desprezada.

17. ( ) A difusão da violência é iminente.

18. ( ) Percebe-se com frequência a sabotagem do idioma.

19. ( ) O significado das palavras, em geral, se dá no contexto.

20. ( ) As crianças saíram do cinema apressadas.

21. ( ) Montes, rios, ervas, árvores, terra – tudo é manifestação da vida de Deus.

Gabarito: I – 1. (1); 2. (3); 3. (2); 4. (3); 5. (1); 6. (1); 7. (2); 8. (4); 9. (2); 10. (1); 11. (2); 12. (1); 13. (1)(1)(1); 14. (2); 15. (3). **II** – 1. (1); 2. (2); 3. (2); 4. (1); 5. (1); 6. (1); 7. (1); 8. (2); 9. (1); 10. (2). **III** – 1. (1); 2. (2); 3. (4); 4. (3); 5. (2); 6. (1); 7. (6); 8. (5); 9. (6); 10. (5)(6); 11. (2); 12. (4); 13. (3); 14. (5); 15. (1). **IV** – 1. (1); 2. (3); 3. (6); 4. (5); 5. (3); 6. (6); 7. (4); 8. (5); 9. (2); 10. (6)(6); 11. (5); 12. (2); 13. (6)(6); 14. (5); 15. (1); 16. (6); 17. (5); 18. (5); 19. (6); 20. (1); 21. (3).

13.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Algumas questões de concursos para você treinar:

1. (FCC) A alternativa em que o elemento sublinhado indica o agente e não o paciente do termo anterior é:

a) "A utilização de qualquer um deles."

b) "A queima do petróleo."

c) "Inundação de vastas áreas."

d) "A fauna aquática dos rios."

e) "Construção de barragem."

Comentários:

Ora, ao se pedir o elemento agente e não paciente, excluem-se as hipóteses de ser o termo um objeto indireto ou um complemento nominal: tanto um quanto outro, por serem complementos, o primeiro de verbo e o segundo de nome, possuem valor passivo.

Na letra A, temos um substantivo abstrato *utilização*, seguido de uma expressão preposicionada com valor passivo (*de qualquer um deles*). Basta reescrever a frase e você verá tal valor passivo: *qualquer um deles é utilizado*. É, portanto, complemento nominal. Nas letras B, C e E, a história se repete: temos substantivos abstratos (*queima, inundação* e *construção*), seguidos de seus complementos, todos com valor passivo. Como dissemos anteriormente, procure reescrever as frases e você verá o valor passivo: *o petróleo é queimado* (letra B); *vastas áreas são inundadas* (letra C) e *a barragem é construída* (letra E). Todas as três alternativas sendo, portanto, complementos nominais.

Somente na letra D encontramos uma expressão preposicionada que se refere a um substantivo concreto (*fauna*). Veja também a ideia de posse que essa expressão traz: *os rios possuem a fauna aquática*. O adjunto adnominal, que as gramáticas mencionam ter um valor ativo, pode também trazer, quando junto ao substantivo concreto, um valor de posse. E isso pode ajudar você a identificá-lo mais facilmente na frase.

Resposta: D.

2. (TJ – NCE) O item a seguir em que o termo destacado representa um agente e não um paciente do termo anterior é:

a) código de trânsito.

b) educação para o trânsito.

c) formação do magistério.

d) treinamento de professores.

e) atender a mais esta nova exigência.

Comentários:

Mais uma vez: em todas as alternativas haverá elementos sintáticos com valor passivo (objetos indiretos ou

complementos nominais), só em uma frase isso não ocorrerá.

Na letra A, o termo preposicionado não traz ideia passiva. A expressão **de trânsito** especifica o substantivo, ideia ativa.

Na letra B, tem-se um substantivo abstrato (*educação*), seguido de uma expressão com valor passivo (o trânsito não forma, ele é *alvo* da "formação", *recebe* essa "formação"). Na letra C, mais um substantivo abstrato seguido de uma expressão com valor passivo. Reescreva a frase e verá: *o magistério é formado*. O mesmo ocorre na letra D: substantivo abstrato (*treinamento*), seguido de expressão com valor passivo (*professores são treinados*). Letras B, C e D, portanto, com a mesma função sintática: todos os termos são complementos nominais.

A letra E traz um complemento, como as letras B, C e D trouxeram, mas, desta vez, *complemento de um verbo*: trata-se de um verbo transitivo indireto (*atender*), seguido de um objeto indireto (*a mais esta nova exigência*). Ora, como comentamos anteriormente, tanto o objeto indireto como o complemento nominal, por serem complementos, possuem valor passivo.

Resposta: A.

3. (FCC) A função sintática da palavra sublinhada em: "Parecia muito preso à vida de rei" é a mesma de:

a) Duvido de sua capacidade profissional.

b) Apenas nos víamos em festas rurais.

c) Ficaria encantado com a novidade.

d) Achava-se apto para o trabalho.

Comentários:

Complemento nominal completa adjetivo, advérbio e substantivo abstrato. Na frase do enunciado, temos uma expressão que completa um adjetivo (*preso*): só pode ser, então, complemento nominal.

Na letra A, a expressão grifada completa um verbo transitivo indireto (*duvidar*). Trata-se de objeto indireto.

Na letra B, o pronome oblíquo completa um verbo transitivo direto (*ver*): é, portanto, objeto direto. Na letra C, o verbo é de ligação, indica *estado*: a expressão grifada é predicativo do sujeito.

Apenas na letra D, tem-se uma expressão que completa o adjetivo *apto*: trata-se, portanto, de um complemento nominal, tal qual o da frase do enunciado.

Resposta: D.

13.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (FCC – TRE-AP – Analista Judiciário – Área Administrativa – 2015)

Três vezes voltou Saint-Hilaire ao interior do Brasil...

O elemento em destaque na frase acima exerce a mesma função sintática que o segmento grifado em:

a) " Os livros de Auguste Saint-Hilaire (...) leem-se aos quinze anos como..."

b) Nenhum estrangeiro deixou entre nós lembrança mais simpática.

c) Pelo desconforto dos nossos dias, apesar das estradas de ferro e do automóvel, podemos avaliar as dificuldades e fadigas...

d) A fama de Auguste Saint-Hilaire não teve a projeção da de seu irmão Geoffroy, o continuador de Lamarck...

e) " ...exposta com tanta clareza e simplicidade que a profundeza do julgamento parece apenas bom senso".

2. (FCC – TRE-AP – Técnico Judiciário – Administrativo – 2015)

...antes de fazer o túmulo, resolveu reconstruir a Catedral de São Pedro.

O elemento que possui a mesma função sintática do sublinhado acima se encontra também sublinhado em:

a) Recém-chegado a Roma em 1505...

b) ... havia uma forte insegurança.

c) O corpo humano foi o campo de batalha artística de Michelangelo.

d) Como definiu o pintor futurista Umberto Boccioni...

e) Mas Júlio II mudou de ideia...

Leia o texto a seguir para responder à questão 3.

O Tejo tem grandes navios

E navega nele ainda,

Para aqueles que veem em tudo o que lá não está,

A memória das naus.

E por isso, porque pertence a menos gente,

É mais livre e maior o rio da minha aldeia.

Para além do Tejo há a América

E a fortuna daqueles que a encontram

3. (2015 – FCC – MPE-PB – Técnico Ministerial – Administrativo)

E o Tejo entra no mar em Portugal

O elemento que exerce a mesma função sintática que o sublinhado acima encontra-se em

a) a fortuna. (4ª estrofe)

b) A memória das naus. (2ª estrofe)

c) grandes navios. (2ª estrofe)

d) menos gente. (3ª estrofe)

e) a América. (4ª estrofe)

4. (FCC – TRE-RR – Técnico Judiciário – Operação de Computador – 2015)

O jogador busca o sucesso pessoal...

A mesma relação sintática entre verbo e complemento, sublinhados acima, está em:

a) É indiscutível que no mundo contemporâneo...

b) ... o futebol tem implicações e significações psicológicas coletivas...

c) ... e funciona como escape para as pressões do cotidiano.

d) A solução para muitos é a reconversão em técnico**...**

e) ... que depende das qualidades pessoais de seus membros.

5. (FCC – DPE-RS – Defensor Público – 2014)

Há na vida das nações um período em que ainda não **lhes** foi revelado o papel que deverão desempenhar.

Sobre o pronome destacado acima, afirma-se com correção, considerada a norma padrão escrita:

a) está empregado em próclise, mas poderia adequadamente estar enclítico à forma verbal.

b) pode ser apropriadamente substituído por " à elas", posicionada a expressão após a palavra revelado.

c) constitui um dos complementos exigidos pela forma verbal presente na oração.

d) está empregado com sentido possessivo, como se tem em " Dois equívocos comprometeram-lhe o texto".

e) dado o contexto em que está inserido, se sofrer elipse, não altera o sentido original da frase.

6. (FCC – TRF – 4ª Região – Analista Judiciário – Informática – 2014 – Adaptada)

... o culto que a aristocracia do seu país dedicava a tudo o que era francês...

O segmento que possui a mesma função sintática do grifado acima está também grifado em:

a) *... a morfologia e a sintaxe alemãs teriam afinidades com as gregas.*

b) *... a afirmação é geralmente atribuída a Heidegger, filósofo cujo tema precípuo é o ser.*

c) *Estranho é que haja franceses ou brasileiros...*

d) *O latim foi a língua da filosofia e da ciência na Europa...*

e) *... a superficialidade que atribui ao pensamento ocidental moderno...*

7. (CNMP – Téc. Adm. – 2015)

*... **facilita** o surgimento econômico e político de uma classe média...*

O verbo que, no contexto, possui o mesmo tipo de complemento que o do sublinhado acima está empregado em:

a) Mas nada assegura que a configuração de fatores...

b) ... o principal determinante da estabilidade democrática foi o crescimento econômico.

c) A democracia surge historicamente em sociedades...

d) ... o regime democrático sabidamente convive com níveis infamantes...

e) ... certa tensão entre os conceitos institucional e substantivo da democracia existe por toda parte...

Leia o texto a seguir para responder às questões 8 e 9.

Levantou-se da cama o pobre namorado sem ter conseguido dormir. Vinha nascendo o Sol.

Quis ler os jornais e pediu-os.

Já os ia pondo de lado, por haver acabado de ler, quando repentinamente viu seu nome impresso no **Jornal do Comércio**.

Era um artigo *a pedido* com o título de **Uma Obra-Prima**.

Dizia o artigo:

Temos o prazer de anunciar ao país o próximo aparecimento de uma excelente comédia, estreia de um jovem literato fluminense, de nome Antônio Carlos de Oliveira.

Este robusto talento, por muito tempo incógnito, vai enfim entrar nos mares da publicidade, e para isso procurou logo ensaiar-se em uma obra de certo vulto.

Consta-nos que o autor, solicitado por seus numerosos amigos, leu há dias a comédia em casa do Sr. Dr. Estêvão Soares, diante de um luzido auditório, que aplaudiu muito e profetizou no Sr. Oliveira um futuro Shakespeare.

O Sr. Dr. Estêvão Soares levou a sua amabilidade ao ponto de pedir a comédia para ler segunda vez, e ontem ao encontrar-se na rua com o Sr. Oliveira, de tal entusiasmo vinha possuído que o abraçou estreitamente, com grande pasmo dos numerosos transeuntes.

Da parte de um juiz tão competente em matérias literárias este ato é honroso para o Sr. Oliveira.

Estamos ansiosos por ler a peça do Sr. Oliveira, e ficamos certos de que ela fará a fortuna de qualquer teatro.

O amigo das letras.

Machado de Assis. A mulher de preto. In: *Contos fluminenses*. São Paulo: Globo, 1997 (com adaptações).

8. (INSS – Analista Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

No que se refere aos sentidos e às características tipológicas do texto, julgue o item que se segue como Certo (C) ou Errado (E).

Na linha 18, a oração introduzida pela preposição “ por” remete a uma ação anterior ao estado descrito na oração “ Estamos ansiosos”.

9. (INSS – Analista Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

Acerca de aspectos linguísticos do texto, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Na linha 14, o termo introduzido pela preposição “ para” exerce a função de complemento do verbo “ pedir”.

Leia o texto a seguir para responder à questão 10.

A desigualdade está entre os principais fatores de risco que preocupam a elite mundial, a julgar pela atenção dada ao tema no fórum econômico de Davos.

Por outro lado, estudo recente do Banco Mundial mostra que, pela primeira vez desde a Revolução Industrial, caiu a diferença de renda entre os países na fronteira do desenvolvimento e os emergentes.

Após o fim da cortina de ferro e a abertura econômica da China e da Índia, centenas de milhões de pessoas passaram de um estado de subsistência precária à condição de nova classe média global. Entretanto, é preciso que os países não só reforcem políticas compensatórias para reduzir a exclusão, mas também atuem para promover a igualdade de oportunidades.

A educação, como sempre, é o instrumento decisivo para garantir que a sorte de um indivíduo não seja determinada por sua origem social ou geográfica.

Idem, ibidem (com adaptações).

10. (FUB – Médio – Cespe – Mar./2014)

Em relação ao fragmento de texto, julgue o próximo item como Certo (C) ou Errado (E).

A expressão " como sempre" (l. 9) está entre vírgulas porque constitui aposto explicativo.

Leia o texto a seguir para responder às questões 11 e 12.

Há muito tempo a sociedade demonstra interesse por assuntos relacionados à ciência e à tecnologia. Na verdade, desde a pré-história, o homem busca explicações para a realidade e os mistérios do mundo que o cerca. Observou os movimentos das estrelas, manuseou o fogo, aprendeu a usar ferramentas em seu favor, buscou respostas para os fenômenos da natureza. Independentemente dos mitos, lendas e crenças que moldaram as culturas mais primitivas, o pensamento humano sempre esteve, de alguma forma, atrelado ao conhecimento científico, que se renovou e se disseminou com o passar dos séculos.

Mesmo com todo o aparato tecnológico, que tem possibilitado o acesso praticamente instantâneo à informação, questionam-se tanto aspectos quantitativos como qualitativos dos conteúdos sobre ciência veiculados pelos meios de comunicação de massa. A divulgação, por meio do jornalismo científico, está longe do ideal. Na grande mídia, a ciência e a tecnologia ficam relegadas a segundo plano, restritas a notas e notícias isoladas, em uma cobertura que busca sempre valorizar o espetáculo e o sensacionalismo. A televisão aberta, principal veículo condutor de conteúdos culturais, não contribui como deveria para o processo de " alfabetização científica", exibindo programas sobre o tema em horários de baixa audiência.

Mas até que ponto é relevante incluir a sociedade de massa na esfera de discussão de um grupo seleto de estudiosos? A promoção da informação científica contribui para o processo de construção da cidadania, quando possibilita a ampliação do conhecimento e da compreensão do público leigo a respeito do processo científico e de sua lógica, no momento em que constrói uma opinião pública informada sobre os impactos do desenvolvimento científico e tecnológico sobre a sociedade e quando permite a ampliação da possibilidade e da qualidade de participação da sociedade na formulação de políticas públicas e na escolha de opções tecnológicas, especialmente em um país onde a grande maioria dos investimentos na área são públicos.

Luiz Fernando Dal Pian Nobre. Do jornal para o livro: ensaios curtos de cientistas. Disponível em: <www.portcom.intercom.org.br> (com adaptações).

11. (FUB – Superior – Cespe – Mar./2014)

Julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

A vírgula imediatamente após " aberta" (l. 12) foi empregada para separar dois termos de mesma função sintática, uma vez que tanto " aberta" quanto " principal veículo condutor de conteúdos culturais" (l. 12) exercem a função de adjunto adnominal do nome " televisão" (l. 11-12).

12. (FUB – Superior – Cespe – Mar./2014)

Julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Em " o cerca" (l. 3), o pronome " o", que se refere ao termo " o homem" (l. 2), exerce a função de complemento da forma verbal " cerca".

Leia o texto a seguir para responder à questão 13.

Texto I

Muitas vezes, na divulgação midiática de pesquisas e projetos científicos, o profissional da área de comunicação tropeça em questões teóricas, não dá a devida importância para a pesquisa em si, põe em foco questões do processo de pesquisa que são irrelevantes para o projeto e para o pesquisador, ou mesmo propaga conhecimentos e crenças populares em vez de ser " fiel" ao trabalho do pesquisador. Já o pesquisador, ao escrever sobre seu projeto ou pesquisa, esquece por vezes que aqueles que lerão nem sempre têm conhecimento linguístico da área e utiliza uma linguagem não acessível a pessoas que não pertencem ao meio acadêmico e, dessa forma, dificulta a divulgação de sua pesquisa.

O jornalista está dentro de uma esfera que tem como foco a comunicação em si e não o que se comunica. O foco é uma linguagem acessível, interessante e que chama a atenção do público para comprar e consumir os textos e artigos que são escritos e, se for necessário, ele sacrifica o conteúdo em prol da atenção do público e da linguagem. Já o pesquisador está em uma esfera cujo foco é o conteúdo, o objeto de pesquisa e a pesquisa em si e, muitas vezes, ele sacrifica um grupo extenso de leitores ao empregar linguagem específica, científica e não acessível. Portanto, ao escrever, os dois profissionais têm de ter em mente que sua esfera de atividade humana e, por consequência, de comunicação, se torna mais complexa. O jornalista deve ter em mente que, quando escreve sobre um projeto científico, não atua apenas em sua área de atividade humana, a comunicação, mas na comunicação científica. O cientista ou pesquisador deve considerar que a divulgação de sua pesquisa não deve ser feita apenas para a comunidade científica, mas para o público em geral. Dessa forma, o pesquisador precisa constantemente pensar mais nesse público e, consequentemente, na linguagem utilizada. O jornalista, por sua vez, precisa ficar mais atento à pesquisa que está sendo divulgada. Cada um precisa aprender com o outro, permitindo-se entrar mais em uma esfera de atividade humana à qual não pertence originalmente. O principal motivo desse intercâmbio de intenções ao escrever é aumentar o acesso do público à ciência.

A academia não pode estar voltada apenas para seu público interno. É muito importante que as informações sejam divulgadas e não permaneçam circulando em um grupo fechado, até para que haja crescimento da própria comunidade científica.

Camila Delmondes Dias et al. Divulgando a arqueologia: comunicando o conhecimento para a sociedade. In: *Ciência e Cultura*. São Paulo, v. 65, nº 2, jun./2013. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br> (com adaptações).

13. (FUB – SUPERIOR – Cespe – Mar./2014)

Com referência às estruturas linguísticas do texto, julgue o item seguinte como Certo (C) ou Errado (E).

Na linha 5, o pronome " aqueles" exerce a função de sujeito das formas verbais " lerão" e " têm", o que justifica o emprego do plural nessas formas.

Leia o texto a seguir para responder à questão 14.

Texto I

Na Vila Telebrasília, onde mora, poucos conhecem Abiesel Alves Cavalcanti pelo nome completo. Lá ele é Bisa, o pescador. Há 35 anos, o pernambucano veio atrás do progresso na capital. Acompanhado pelo irmão, trouxe algumas roupas e a tarrafa, sua ferramenta de trabalho. " Eu falei para o mano: se lá tem água, tem peixe. De fome a gente não morre", lembra Bisa. O Lago Paranoá alimentou toda a sua família, composta de mulher e dez filhos. No começo, quando a pesca com tarrafa era proibida, Bisa saía na madrugada em uma canoa e trabalhava escondido. Depois, quando a captura com malha foi autorizada, ele se destacou entre os colegas. Chegava a voltar com até 300 quilos de peixe na embarcação. Hoje, o lago já não é tão abundante quanto há uma década e meia, mas ele ainda chega com o barco cheio. Entre tilápias, tucunarés, carpas e traíras, soma 250 quilos de peixe por semana e perto de dois mil reais por mês. Bisa rema quase sete horas para chegar até a altura da Ermida Dom Bosco e, às vezes, dorme na mata e retorna para casa só na manhã seguinte. " É uma vida de muito trabalho, mas necessidade eu nunca passei", diz o pescador.

Lilian Tahan. Vivendo de pescaria. In: *Veja Brasília*, 2/10/2013 (com adaptações).

14. (ICMBIO – Médio – Cespe – Mar./2014)

Julgue o próximo item como Certo (C) ou Errado (E), relativo às ideias e às estruturas linguísticas do texto acima.

O complemento da forma verbal " passei" (l. 12) não está explicitamente expresso no texto, devendo ser inferido pelo leitor.

Leia o texto a seguir para responder à questão 15.

A correspondência de Mário de Andrade é uma das fontes sobre os sentimentos que abateram a intelectualidade paulista, sobretudo no trauma de 1932, quando São Paulo foi invadido por tropas federais, que ocuparam a capital e se alastraram pelo interior (" Disputam esfomeadamente a presa sublime, e desgraçadamente está certo, essa é a lei dos homens. Dos homens selvagens", desabafa Mário em carta a Paulo Duarte). As consequências dos expedientes da ditadura abateram um estado cujos habitantes eram considerados por Mário como " diferentes mesmo". O que se fizesse naquele estado, apostava, se irradiaria como política e como orientação pelo país, uma reedição, por via da cultura, do velho slogan: " São Paulo, a locomotiva puxando os vagões".

" Minha pátria é São Paulo. E isso não me desagrada", confessa o poeta paulista a Drummond no calor de um conflito que os encontrou em lados opostos. Drummond já estava na chefia de gabinete do secretário de Interior e Justiça de Minas Gerais, aliado ao poder central naquele momento, e Mário era partidário da causa da Revolução Constitucionalista de 1932. O paulista sabia que estava acometido de um estado extraordinário de mobilização, frustração e abatimento, como revela o seguinte trecho de carta a Drummond.

" Você, Carlos, perdoe um ser descalibrado. Este é o castigo de viver sempre apaixonadamente a toda hora e em 25 qualquer minuto, que é o sentido da minha vida. No momento, eu faria tudo, daria tudo pra São Paulo se separar do Brasil. Não meço consequências, não tenho doutrina, apenas continuo entregue à unanimidade, apaixonadamente entregue..."

Helena Bomeny. Um poeta na política – Mário de Andrade, paixão e compromisso. 1ª ed., Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012, p. 71-2 (com adaptações).

15. (IRB – Superior – Cespe – Abr./2014)

No que concerne a aspectos gramaticais do texto acima, julgue (**C** ou **E**) o próximo item.

Na linha 16, a forma preposicional contraída " pra" introduz um dos complementos da forma verbal " daria".

Leia o texto a seguir para reponder às questões 16 e 17.

O Decreto nº 21.076, de 24 de fevereiro de 1932, primeiro Código Eleitoral pátrio, instituiu a justiça eleitoral no Brasil, com funções contenciosas e administrativas. Eram seus órgãos: um Tribunal Superior (de justiça eleitoral — o decreto não menciona justiça eleitoral), na capital da República; um tribunal regional, na capital de cada estado, no DF e na sede do governo do território do Acre, além de juízes eleitorais nas comarcas e nos distritos. O Tribunal Superior – de justiça eleitoral – com jurisdição em todo o território nacional, compunha-se de oito membros efetivos e oito substitutos, e era presidido pelo vice-presidente do Supremo Tribunal Federal (STF). A ele se somavam dois membros efetivos e dois substitutos, sorteados dentre os ministros do STF, além de dois efetivos e dois substitutos, sorteados dentre os desembargadores da Corte de Apelação do DF. Por fim, integravam a Corte três membros efetivos e quatro substitutos, escolhidos pelo chefe do governo provisório dentre quinze cidadãos, indicados pelo STF, desde que atendessem aos requisitos de notável saber jurídico e idoneidade moral. Dentre seus membros, elegia o Tribunal Superior, em escrutínio secreto, por meio de cédulas com o nome do juiz e a designação do cargo, um vice-presidente e um procurador para exercer as funções do Ministério Público, tendo este último a denominação de procurador-geral da justiça eleitoral. Em relação a esse cargo, nota-se uma peculiaridade, à época da criação do Tribunal Superior: o procurador-geral da justiça eleitoral não era o procurador-geral da República, mas sim um membro do próprio tribunal.

As formas de composição do TSE: de 1932 aos dias atuais. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral, Secretaria de Gestão da Informação, 2008, p. 11. Disponível em: <www.tse.jus.br> (com adaptações).

16. (TRE/GO – Analista/Técnico – Cespe – Mar./2015 – Adaptada)

De acordo com as informações apresentadas no texto, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Se a preposição a presente na contração “ aos” (l. 11) fosse suprimida, a função sintática da expressão “ requisitos de notável saber jurídico e idoneidade moral” (l. 11) seria alterada, mas a correção gramatical do texto seria mantida.

17. (TRE/GO – Analista/Técnico – Cespe – Mar./2015)

Na linha 12, o sujeito da forma verbal “ elegia” é o termo “ o Tribunal Superior”.

Leia o texto a seguir para responder às questões 18 e 19.

“ O preconceito linguístico é um equívoco, e tão nocivo quanto os outros. Segundo Marcos Bagno, especialista no assunto, dizer que o brasileiro não sabe português é um dos mitos que compõem o preconceito mais presente na cultura brasileira: o linguístico”.

A redação acima poderia ter sido extraída do editorial de uma revista, mas é parte do texto *O oxente e o ok*, primeiro lugar na categoria opinião da 4ª Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro, realizada pelo Ministério da Educação em parceria com a Fundação Itaú Social e o Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (CENPEC).

A autora do artigo é estudante do 2º ano do ensino médio em uma escola estadual do Ceará, e foi premiada ao lado de outros dezenove alunos de escolas públicas brasileiras, durante um evento em Brasília, no último mês de dezembro. Como nos três anos anteriores, vinte alunos foram vencedores – cinco em cada gênero trabalhado pelo projeto. Além de opinião (2º e 3º anos do ensino médio), a olimpíada destacou produções em crônica (9º ano do ensino fundamental), poema (5º e 6º anos) e memória (7º e 8º anos). Tudo regido por um só tema: “ O lugar em que vivo”.

Língua Portuguesa, 1/2015. Internet: <www.revistalingua.uol.com.br> (com adaptações).

18. (FUB – Técnico Adm. – Cespe – Mar./2014)

No que se refere aos sentidos, à estrutura textual e aos aspectos gramaticais do texto, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

O termo " o brasileiro" (l. 2) exerce a função de sujeito da oração em que se insere.

19. (FUB – Técnico Adm. – Cespe – Mar./2015)

Julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Os trechos " especialista no assunto" (l. 1 e 2), " o linguístico" (l. 3) e " primeiro lugar na categoria opinião da 4ª Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro" (l. 5) exercem a mesma função sintática, a de aposto.

Leia o texto a seguir para responder à questão 20.

Texto I

Um estudo da Universidade da Califórnia, em Davis – EUA, mostra que a curiosidade é importante no aprendizado. Imagens dos cérebros de universitários revelaram que ela estimula a atividade cerebral do hormônio dopamina, que parece fortalecer a memória das pessoas. A dopamina está ligada à sensação de recompensa, o que sugere que a curiosidade estimula os mesmos circuitos neurais ativados por uma guloseima ou uma droga. Na média, os alunos testados deram 35 respostas corretas a 50 perguntas acerca de temas que os deixavam curiosos e 27 de 50 questões sobre assuntos que não os atraíam. Estimular a curiosidade ajuda a aprender.

Planeta, dez./2014, p. 14 (com adaptações).

20. (FUB – Técnico Adm. – Cespe – Mar./2015)

A respeito das ideias e das estruturas linguísticas do texto acima, julgue o item subsecutivo como Certo (C) ou Errado (E).

A retirada do termo " o" em " o que sugere" (l. 4) preserva a relação entre as ideias, bem como a correção gramatical do texto, com a vantagem de ressaltar o paralelismo com o período sintático anterior.

Leia o texto a seguir para responder à questão 21.

Texto I

O Brasil é um país de cidades novas. A maior parte de seus núcleos urbanos surgiu no século passado. Há cidades, entretanto, que já existem há bastante tempo. Contemporâneas dos primeiros tempos da colonização, algumas delas já ultrapassaram inclusive a marca do quarto centenário. Poucas são as cidades brasileiras, contudo, que ainda apresentam vestígios materiais consideráveis do passado.

Se hoje o Rio de Janeiro, fundado em 1565, vangloria-se de seu " corredor cultural", que preserva edificações da área central construídas na virada do século XIX para o XX, é importante lembrar que as edificações aí situadas substituíram inúmeras outras antes existentes no mesmo local. Nem mesmo o berço histórico da cidade existe mais, arrasado devido à destruição do Morro do Castelo em 1922. E o que falar de São Paulo, fundada em 1554? Da pauliceia colonial e imperial quase mais nada existe, e, se ainda temos uma boa noção do que foi a cidade da primeira metade do século XX, é porque contamos com a paisagem eternizada das fotografias e com os belíssimos trabalhos realizados pelos geógrafos paulistas por ocasião do quarto centenário da cidade.

Há outros exemplos. Olinda, fundada em 1537, orgulha-se de ser patrimônio cultural da humanidade, mas esse título não lhe foi conferido em razão dos testemunhos que sobraram da cidade antiga, em grande parte substituída por construções em estilo

eclético ou art déco do início do século passado. E se Salvador, criada em 1549, e Ouro Preto, fundada em 1711, podem gabar-se de manter ainda um patrimônio histórico-arquitetônico apreciável, isso se deve muito mais à longa decadência econômica pela qual passaram, que atenuou os ataques ao parque construído, do que a qualquer veleidade preservacionista local.

Em suma, não é muito comum encontrarem-se vestígios materiais do passado nas cidades brasileiras, mesmo naquelas que já existem há bastante tempo. Há, entretanto, algo novo acontecendo em todas elas. Independentemente de qual tenha sido o estoque de materialidades históricas que tenham conseguido salvar da destruição, as cidades do país vêm hoje engajando-se decisivamente em um movimento de preservação do que sobrou de seu passado, em uma indicação flagrante de que muita coisa mudou na forma como a sociedade brasileira se relaciona com as suas memórias.

Mauricio Abreu. Sobre a memória das cidades. In: Ana Fani Alessandri Carlos et al (Orgs.). *A produção do espaço urbano*: agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo: Editora Contexto, 2013, p. 21-2 (com adaptações).

21. (Pref. SP – Agente Gestão P. Públicas – Cespe – Maio/2016)

Assinale a opção que apresenta um termo que exerce a função de objeto direto na oração do Texto I que ocorre.

a) " o berço histórico da cidade" (L. 7-8)

b) " vestígios materiais do passado" (L. 4)

c) " muita coisa" (L. 24)

d) " cidades" (L. 2).

e) " esse título" (L. 14)

Leia o texto a seguir para responder à questão 22.

Texto CG1A1CCC

Alguns nascem surdos, mudos ou cegos. Outros dão o primeiro choro com um estrabismo deselegante, lábio leporino ou angioma feio no meio do rosto. Às vezes, ainda há quem venha ao mundo com um pé torto, até com um membro já morto antes mesmo de ter vivido. Guylain Vignolles, esse, entrara na vida tendo como fardo o infeliz trocadilho proporcionado pela junção de seu nome com seu sobrenome: Vilain Guignol, algo como " palhaço feio", um jogo de palavras ruim que ecoara em seus ouvidos desde seus primeiros passos na existência para nunca mais abandoná-lo.

Jean-Paul Didierlaurent. *O leitor do trem das 6h27*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015 (com adaptações).

22. (PC-PE – Todos os Cargos – Conhec. Gerais – Cespe – Jun./2016)

Na oração em que é empregado no texto CG1A1CCC, o termo " surdos, mudos ou cegos" (l. 1) exerce a função de

a) predicativo do sujeito.

b) objeto direto.

c) adjunto adnominal.

d) sujeito.

e) adjunto adverbial.

Leia o texto a seguir para responder à questão 23.

Texto II

O índio não teve muita sorte na literatura brasileira, depois do Romantismo. Enquanto nas letras hispano-americanas viceja um esplêndido indigenismo pelo século XX adentro, com tantos e tão importantes criadores dedicando-se a transpor o índio para a ficção, no Brasil se podem contar nos dedos das mãos os casos.

Torna a trazer o assunto à baila o aparecimento e grande vendagem de **Maíra**, romance de Darcy Ribeiro. O renomado antropólogo já tinha em seu acervo de realizações uma respeitável brasiliana, incluindo vários trabalhos sobre os índios, um dos quais, a história de Uirá, fora transformado em filme no início da década de 70. **Maíra** é, portanto, a primeira incursão do autor pelo épico, a menos que se considere a história de Uirá como uma primeira aproximação ao gênero.

O relato, como o filme, dá conta do trágico percurso de Uirá, da tribo Urubu-Kaapor, no Maranhão deste século, o qual um dia fica *iñaron* quando, após muitas desgraças comuns ao destino dos índios brasileiros, como fome, espoliação, epidemias, perseguições, perde também um dos filhos.

A palavra tupi *iñaron* designa um estado de fúria sagrada, associado ao sofrimento excessivo, não deixando de lembrar as famosas fúrias dos heróis gregos: Hércules, uma vez acometido por um desses acessos, enviado pela vingativa Hera, matou, sem o saber, seus três filhos e esposa, tal como vem narrado na tragédia **Héracles Furioso**, de Eurípedes. Nas **Bacantes**, do mesmo autor, Agave, fora de si, participa do desmembramento de seu filho adulto, Penteu, rei de Tebas. E talvez o mais formidável exemplo seja o da cólera de Aquiles, que dá nascimento à inteira composição da **Ilíada**, desencadeada por sua recusa a continuar lutando. Devido à recusa de Aquiles, quase foi perdida a guerra de Troia e, não fosse sua fúria, o poema não teria sido composto.

Em meio ao furacão histórico da fase do capitalismo selvagem no país, quando o acirramento da acumulação leva multinacionais e suas cabeças-de-ponte nacionais a apropriar-se dos mais recônditos confins com vistas ao lucro, encontram-se, estonteados, os índios. O único problema dos Mairum – nome inventado, tribo arquetípica de todas as tribos, povo de Maíra – é como sobreviver e como fazer sua cultura sobreviver, com crescente dificuldade.

O romance inteiro soa como uma lamentação, um carpir sobre o fim de uma civilização das mais admiráveis. Seus trechos mais bem realizados são aqueles nos quais uma espécie de narrador coletivo índio dá conta de sua maneira de ver o mundo, de como compreende e interpreta seus hábitos e tradições; e, o que é mais importante, franqueia para o leitor seu tremendo desejo de sobrevivência e alegria de viver.

A produção e publicação de um romance como esse, agora, mostra como o índio está mais vivo do que nunca em sua conexão com a literatura brasileira. Tampouco deve ser uma coincidência que, neste exato momento, outras ficções, filmes, romances, peças de teatro, novelas de televisão, canções, estejam sendo feitos, todos sobre os índios, todos lutando em defesa de sua preservação para a História. Quando há tanta desconfiança em relação à pulsão destrutiva da civilização ocidental e entre nós é tão escandaloso o capitalismo selvagem, isso pode vir a significar alguma coisa. Talvez uma postura mais cautelosa e menos arrogante, de quem está aprendendo a perceber que outras civilizações encontraram saídas melhores e, sobretudo, não suicidas para males que hoje parecem irremediáveis, como o problema do poder, da proliferação e potenciação dos armamentos, da destruição da natureza, do Estado e de seu aparelho, da igualdade nunca encontrada. A alegoria da moça branca morta ao parir mestiços mortos poderá significar também o caráter heteroletal e autoletal da etnia branca? Pode ser que a importância da civilização indígena esteja, final e penosamente, penetrando na consciência do corpo social brasileiro.

Walnice Nogueira Galvão. Indianismo revisitado. In: *Esboço de figura – Homenagem a Antonio Candido*. São Paulo: Duas Cidades, 1979, p. 379-89 (com adaptações).

23. (Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Acerca das relações semântico-sintáticas e do vocabulário do texto II, julgue (C ou E) o item seguinte.

Os termos " trágico" (l. 10), " de Uirá" (l. 10) e " deste século" (l. 11) exercem a mesma função sintática, na oração em que ocorrem.

Leia o texto a seguir para responder à questão 24.

Texto III

Pergunto: e agora? Como é que meu Padrinho foi degolado num quarto de pesadas paredes sem janelas, cuja porta fora trancada, por dentro, por ele mesmo? Como foi que os assassinos ali penetraram, sem ter por onde? Como foi que saíram, deixando o quarto trancado por dentro? Quem foram esses assassinos? Como foi que raptaram Sinésio, aquele rapaz alumioso, que concentrava em si as esperanças dos Sertanejos por um Reino de glória, de justiça, de beleza e de grandeza para todos? Bem, não posso avançar nada, porque aí é que está o nó! Este é o " centro de enigma e sangue" da minha história. Lembro que o genial poeta Nicolau Fagundes Varela adverte todos nós, Brasileiros, de que " os irônicos estrangeiros" vivem sempre vigilantes, sempre à espreita do menor deslize nosso para, então, " ridicularizar o pátrio pensamento":

Fatal destino o dos brasílios Mestres!

Fatal destino o dos brasílios Vates!

Política nefanda, horrenda e negra,

pestilento Bulcão abafa e mata

quanto, aos olhos de irônico estrangeiro,

podia honrar o pátrio pensamento!

Ora, um dos argumentos que os " irônicos estrangeiros" mais invocam para isso é dizer que nós, Brasileiros, somos incapazes de forjar uma verdadeira trança, uma intrincada teia, um insolúvel enredo de " romance de crime e sangue". Dizem eles que não é necessário nem um adulto dotado de argúcia especial: qualquer adolescente estrangeiro é capaz de decifrar os enigmas brasileiros, os quais, tecidos por um Povo superficial, à luz de um Sol por demais luminoso, são pouco sombrios, pouco maldosos e subterrâneos, transparentes ao primeiro exame, facílimos de desenredar.

Ah, e se fossem somente os estrangeiros, ainda ia: mas até o excelso Gênio brasileiro Tobias Barreto, aí é demais! Diz Tobias Barreto que, no Brasil, é impossível aparecer um " romance de gênio", porque " a nossa vida pública e particular não é bastante fértil de peripécias e lances romanescos". Lamenta que seja raro, entre nós, " um amor sincero, delirante, terrível e sanguinário", ou que, quando apareça, seja num velho como o Desembargador Pontes Visgueiro, o célebre assassino alagoano do Segundo Império. E comenta, ácido: " Um ou outro crime, mesmo, que porventura erga a cabeça acima do nível da vulgaridade, são coisas que não desmancham a impressão geral da monotonia contínua. Até na estatística criminal o nosso país revela-se mesquinho. O delito mais comum é justamente o mais frívolo e estúpido: o furto de cavalos".

A gente lê uma coisa dessas e fica até desanimado, julgando ser impossível a um Brasileiro ultrapassar Homero e outros conceituados gênios estrangeiros! A sorte é que, na mesma hora, o Doutor Samuel nos lembra que a conquista da América Latina " foi uma Epopeia". Vemos que somos muito maiores do que a Grécia – aquela porqueirinha de terra! – e aí descansamos o pobre coração, amargurado pelas injustiças, mas também incendiado de esperanças! Sim, nobres Senhores e belas Damas: porque eu,

Dom Pedro Quaderna (Quaderna, O Astrólogo, Quaderna, O Decifrador, como tantas vezes fui chamado); eu, Poeta--guerreiro e soberano de um Reino cujos súditos são, quase todos, cavalarianos, trocadores e ladrões de cavalo, desafio qualquer irônico, estrangeiro ou Brasileiro, primeiro a narrar uma história de amor mais sangrenta, terrível, cruel e delirante do que a minha; e, depois, a decifrar, antes que eu o faça, o centro enigmático de crime e sangue da minha história, isto é, a degola do meu Padrinho e a " desaparição profética" de seu filho Sinésio, O Alumioso, esperança e bandeira do Reino Sertanejo.

Ariano Suassuna. *A pedra do reino*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972, 3ª ed., p. 27-30 (com adaptações).

24. (Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Com referência ao texto III, julgue (C ou E) o item que se segue.

No sintagma " os 'irônicos estrangeiros'" (l. 16), o vocábulo 'irônicos' é o núcleo do sujeito, o que é confirmado pelo emprego de " irônico" em " desafio qualquer irônico" (l. 38).

Leia o texto a seguir para responder à questão 25.

Texto IV

Em suas remotas origens helênicas, o termo " caráter" significou gravar. Empregavam-no, então, tanto para exprimir o sinete como a marca deixada na cera dócil. Essa dupla significação ainda hoje é vernácula – senão corrente – em certas acepções. Na linguagem tipográfica, por exemplo, " caráter" tanto é o tipo da imprensa como o sinal ou a letra gravada. Assim sendo, podemos dizer que o caráter de um homem não é somente o seu feitio moral, senão também a expressão e a impressão do indivíduo. Em arte, caráter será a personalidade do autor, o aspecto aparente e profundo da obra e o efeito dela. Fixada assim a verdadeira acepção do termo, podemos afirmar que o mérito maior do poema do Sr. Menotti del Picchia é " o caráter". Poesia profundamente simples e pessoal, de inspiração larga e sadia, tem a força das obras bem concebidas e a beleza das coisas naturais. Poesia de corpos simples, poderíamos dizer, pela sobriedade de linhas no sentimento, no pensamento e na expressão. Sente-se que o autor procurou a naturalidade e não a arte, que é o melhor caminho para atingir a esta.

O segredo da arte é a naturalidade sem prejuízo da perfeição.

O Sr. Menotti del Picchia ainda não pôde naturalmente desvendar o segredo da arte. Se no buscar a expressão natural do seu lirismo alcançou a arte, não se despojou ainda das incertezas dessa procura, de certa fraqueza de técnica. Defeitos são todos estes transitórios, quase necessários em quem apenas se inicia.

A essência do livro é excelente.

Indica no autor uma personalidade inconfundível, que procura em si mesmo ou em torno de si os motivos de sua estética. Nem se distingue pela obsessão do isolamento, nem se perde por modelos estranhos. Daí lhe vem a superioridade de caráter individual. Se o caráter do autor provém dessa independência sem esforço, reside o da obra em sua originalidade natural; na conformidade com o meio, em uma perfeita radicação no solo pátrio, na simplicidade da construção e nas perfeitas proporções do ímpeto poético. O próprio desconcerto, em pormenores do poema principal e de outras produções secundárias, concorre para a individualidade desse esplêndido ensaio.

O caráter desse livro se conserva pela ressonância que tem. Não são versos agradáveis, suaves ou elegantes, que com tanto agrado se leem quanto facilmente se esquecem. São versos que lidos – ficam; gravam--se invencivelmente na memória, ora destacados, ora em bloco. A crítica, no julgar e no decompor as obras, não pode desprezar a intuição, se não é principalmente isso. E um dos mais seguros processos de intuição, no distinguir o valor das obras, é esse da permanência das sensações.

Os poemas do Sr. Menotti del Picchia deixam uma funda impressão de sua leitura: não pode haver melhor demonstração do seu "caráter". Quando essa impressão não se limitar aos leitores e aos críticos, e se estender à própria literatura nacional, terá a sua poesia atingido o grau supremo que lhe auguro.

Juca Mulato é um poema simples. Encerra uma lição profunda na singeleza do motivo e da intenção. É certo que a evidência da beleza não pode ser em arte um critério axiomático. Quantas vezes a paciência é o melhor guia da emoção estética? A exegese das sinfonias de Beethoven, como a dos dramas musicais de Wagner, aumenta a nossa receptividade para essa arte de titãs, se bem que a intuição íntima e a explicação individual sejam imprescindíveis.

O poema do Sr. Menotti del Picchia tem a simplicidade e a frescura das criações espontâneas e necessárias, onde o esforço da composição permanece obscuro como deve.

Para lhe realçar a beleza não se sente a crítica compelida a buscar símbolos problemáticos ou filosofias arbitrárias. Sendo o que é – um mal de amor impossível que leva a alma à desesperança, para se resignar depois e ressurgir consolada pela visão da terra amada, da felicidade atingível e do sonho necessário –, comove pelo simples aspecto de suas linhas harmoniosas.

A beleza maior do poema, que é também o seu caráter, está na sua simplicidade radical. O poeta reprimiu voluntariamente as possíveis exuberâncias ou ambições de seu lirismo para ficar dentro do assunto que escolheu. Ganhou com isso um grande poder virtual e marca mais do que se quisesse marcar: a acústica de uma construção humana nunca chega à acuidade de um eco natural.

Juca Mulato é a reconciliação do homem consigo mesmo, do brasileiro com sua terra, do bárbaro com seu isolamento. Reconciliação às vezes impossível, outras ilusória, sempre necessária, raramente realizada. O consolo de Juca Mulato é a indicação do caminho a seguir.

Alceu Amoroso Lima. Um poeta. In: *Estudos literários*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1966, p.133-5 (com adaptações).

25. (Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Julgue (C ou E) o item seguinte, relativo a acentuação de palavras e a aspectos gramaticais do texto IV.

No trecho "É certo que a evidência da beleza não pode ser em arte um critério axiomático" (l. 32-33), tanto o termo "certo" quanto o termo "axiomático" caracterizam, respectivamente, referentes que constituem sujeitos oracionais.

26. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

"A veiculação <u>de informações</u>, a oferta <u>de serviços</u> e a venda <u>de produtos médicos</u> na Internet têm o potencial de promover a saúde...".

Os termos sublinhados podem ter a função de agentes ou pacientes dos termos anteriores; exerce(m) a função de agente:

a) todos eles;

b) nenhum deles;

c) somente o primeiro;

d) somente o segundo;

e) somente o segundo e o terceiro.

Leia o texto a seguir para responder às questões 27 e 28.

Texto 1 – Problemas Sociais Urbanos

Dentre os problemas sociais urbanos, merece destaque a questão da segregação urbana, fruto da concentração de renda no espaço das cidades e da falta de planejamento público que vise à promoção de políticas de controle ao crescimento desordenado das cidades. A especulação imobiliária favorece o encarecimento dos locais mais próximos dos grandes centros, tornando-os inacessíveis à grande massa populacional. Além disso, à medida que as cidades crescem, áreas que antes eram baratas e de fácil acesso tornam--se mais caras, o que contribui para que a grande maioria da população pobre busque por moradias em regiões ainda mais distantes.

Essas pessoas sofrem com as grandes distâncias dos locais de residência com os centros comerciais e os locais onde trabalham, uma vez que a esmagadora maioria dos habitantes que sofrem com esse processo são trabalhadores com baixos salários. Incluem-se a isso as precárias condições de transporte público e a péssima infraestrutura dessas zonas segregadas, que às vezes não contam com saneamento básico ou asfalto e apresentam elevados índices de violência.

A especulação imobiliária também acentua um problema cada vez maior no espaço das grandes, médias e até pequenas cidades: a questão dos lotes vagos. Esse problema acontece por dois principais motivos: 1) falta de poder aquisitivo da população que possui terrenos, mas que não possui condições de construir neles e 2) a espera pela valorização dos lotes para que esses se tornem mais caros para uma venda posterior. Esses lotes vagos geralmente apresentam problemas como o acúmulo de lixo, mato alto, e acabam tornando-se focos de doenças, como a dengue.

PENA, Rodolfo F. Alves. "Problemas socioambientais urbanos"; *Brasil Escola*. Disponível em: http://brasilescola.uol.com.br/brasil/problemas-ambientais-sociais-decorrentes-urbanização.htm. Acesso em 14 de abril de 2016.

27. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

" Dentre os problemas sociais urbanos, merece destaque a questão da segregação urbana, fruto da concentração de renda no espaço das cidades e da falta de planejamento público que vise à promoção de políticas de controle ao crescimento desordenado das cidades".

Nesse primeiro período do texto 1, o termo que se liga sintaticamente a um termo anterior, de forma diferente dos demais, é:

a) concentração <u>de renda</u>;

b) espaço <u>das cidades</u>;

c) falta <u>de planejamento</u>;

d) promoção <u>de políticas</u>;

e) crescimento <u>das cidades</u>.

28. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

Os verbos de estado indicam: estado permanente, estado transitório, mudança de estado, aparência de estado e continuidade de estado. A frase do texto 1 que mostra um verbo de estado com valor de mudança de estado é:

a) " áreas que antes eram baratas e de fácil acesso";

b) " tornam-se mais caras";

c) " habitantes que sofrem com esse processo são trabalhadores com baixos salários";

d) “ Além disso, à medida que as cidades crescem”;

e) “ a grande maioria da população pobre busque por moradias em regiões ainda mais distantes”.

29. (Petrobras – Advogado Jr. – Cesgranrio - Ago./2015 – Adaptada)

No trecho “ as transformações em direção **à sociedade da informação**, em estágio avançado nos países industrializados”, a expressão em destaque tem a função de completar o sentido da palavra **direção**, sendo, portanto, essencial à construção da frase.

A mesma função pode ser observada na expressão destacada em:

a) “ alcançando, de forma conceitualmente imprecisa, o universo vocabular **do cidadão**.”

b) “ decidir que composição do conjunto de tecnologias educacionais mobilizar para atingir suas metas **de desenvolvimento**.”

c) “ A Unesco tem atuado de forma sistemática no sentido de apoiar as iniciativas **dos Estados Membros**”

d) “ as ações **desse organismo internacional** estão concentradas em duas áreas principais:”

e) “ métodos e estratégias para a construção **de uma sociedade** de informação global e justa.”

Leia o texto a seguir para responder à questão 30.

Como estamos às vésperas de celebrar os 500 anos da palavra “ utopia” e do romance filosófico de Thomas Morus que a consagrou, o momento é mais do que oportuno para examinar que novas feições ela adquiriu após tantos sonhos desfeitos e outros tantos pervertidos e que atualização lhe deram as expectativas geradas pela informática, pelas biotecnologias, pelas nanociências, pelas ciências cognitivas e as perspectivas de clonagem, ectogênese (fecundação de útero artificial), artificialização dos órgãos do corpo e prolongamento da vida, abertas por elas.

Seu étimo grego, significando não lugar, lugar nenhum ou, trocadilhescamente, lugar da felicidade (eutropia), designou primeiro uma ilha dos mares do Novo Mundo, em que foi bater um navegante português ligado a Américo Vespúcio. Terra prodigiosa, em tudo diferente da Europa do século 16, a perfeição imperava em suas cinquenta e poucas cidades. Morus imaginou-a empolgado pela descoberta da América e do “ novo homem” que a habitava. Se bem que a República platônica já configurasse uma utopia, foi na ilha “ descoberta” por Rafael Hitlodeu que surgiu o conceito de utopia como representação imaginária de uma sociedade que tenha encontrado soluções exemplares para todos os seus problemas.

Outras sociedades ideais, fundamentadas em leis justas e instituições político-econômicas comprometidas com o bem-estar da coletividade, nasceram da imaginação de romancistas e pensadores, nos séculos seguintes, com particular insistência no século 19, auge do utopismo socialista de Charles Fourier, Étienne Cabet, Edward Bellamy e William Morris. A esses devaneios igualitários a dupla Marx-Engels combateu e contrapôs outro, supostamente científico, cuja caracterização como utopia pode livrar a cara do comunismo, mas não das sociedades que às suas ideias básicas deram concretude, a partir da revolução bolchevique, uma utopia que virou distopia.

A distopia é uma distorção ou uma mutação da utopia, um sonho que se transforma em pesadelo. A ficção científica e a literatura de antecipação são pródigas em fantasias do gênero. De Jules Verne (Capitão Nemo era um utopista) ao Aldous Huxley de *Admirável Mundo Novo*, ao Orwell de 1984 e ao Ray Bradbury de *Fahrenheit 451*. Serão todos lembrados ao longo do ciclo.

(Adaptação da matéria “Um sonho de 500 anos”, de Sérgio Augusto – jornal *O Estado de S. Paulo,* 02 de agosto de 2015)

30. (ESAF – Analista de Planejamento e Orçamento – 2015)

(Adaptada) No que concerne às estruturas linguísticas do texto, julgue a assertiva a seguir como " certa" ou " errada":

A expressão " uma distorção" (l. 21) funciona, sintaticamente, como objeto direto de " A distopia" (l. 21).

Leia o texto a seguir para responder às questões 31 e 32.

Os cristãos enfrentam uma perseguição cada vez maior em todo o mundo, alimentada principalmente pelo extremismo islâmico e por governos repressivos, o que levou o papa a advertir sobre " uma forma de genocídio" e ativistas a falarem em " limpeza étnico-religiosa". A escala dos ataques a cristãos no Oriente Médio, na África Subsaariana, na Ásia e na América Latina alarmou organizações que monitoram a perseguição religiosa. A maioria relata uma deterioração significativa nos últimos anos.

Em sua recente viagem à América Latina, o papa Francisco disse ter ficado decepcionado " ao ver como no Oriente Médio e em outras partes do mundo muitos de nossos irmãos e irmãs são perseguidos, torturados e mortos por sua fé em Jesus". Ele continuou: " Nesta terceira guerra mundial, travada em capítulos, que hoje experimentamos, ocorre uma forma de genocídio, que tem de terminar".

(Harriet Sherwood, "Com os leões, sem Daniel". Tradução de Luiz Roberto Mendes Gonçalves. *Carta capital*, 05 de agosto de 2015. Ano XXI. n.861)

(ESAF – Analista de Planejamento e Orçamento – 2015)

(Adaptada) No que diz respeito às estruturas linguísticas do texto, julgue as assertivas a seguir como " certa" ou " errada"::

31. Na expressão " uma deterioração significativa" (l. 5), " deterioração" é o núcleo do objeto direto.

32. A expressão " nos últimos anos" (l. 5) tem a função sintática de adjunto adverbial de lugar.

Gabarito: 1. e; 2. b; 3. b; 4. b; 5. c; 6. c; 7. a; 8. E; 9. E; 10. E; 11. E; 12. C; 13. E; 14. E; 15. e; 16. C; 17. c; 18. C; 19. C; 20. E; 21. e; 22. a; 23. C; 24. C; 25. E; 26. b; 27. b; 28. b; 29. e; 30. errada; 31. certa; 32. errada.

13.5. RESUMO

Bem, agora que já vimos todos os termos da oração, faz-se necessário organizá-los… Vamos lá?

- Objetos direto e indireto são chamados de **complementos verbais.**
- A diferença entre objeto indireto e objeto direto preposicionado está na **regência do verbo**. No objeto direto preposicionado, a preposição não é solicitada pelo verbo.
- **Complemento nominal** é termo substantivo que pode completar outro substantivo, um adjetivo ou um advérbio.
- **Adjunto adnominal** sempre se liga a substantivo. Pode ser artigo, numeral, pronome, adjetivo ou locução adjetiva. É termo que especifica o substantivo e pode aparecer em qualquer lugar da frase.
- **Adjunto adverbial** normalmente se liga a verbo, mas pode também se conectar a um adjetivo ou a outro advérbio. Indica sempre circunstância e pode ser retirado da frase. Na morfologia, pode vir representado pelo advérbio ou pela locução adverbial.

- **Nem tudo** que vem com preposição e se liga a verbo é objeto indireto. Se indicar circunstância, será adjunto adverbial.
- **Agente da passiva** não é termo obrigatório na frase. Vem sempre na voz passiva analítica e antecedido de preposição.
- O predicativo do sujeito vem sempre no predicado. O adjunto adnominal vem junto ao substantivo, em qualquer lugar da frase.
- Toda vez que um **adjetivo** se referir a um objeto, só será predicativo do objeto, **se o verbo pedir sua presença na frase**.
- **Aposto** é termo de **natureza substantiva**, nunca adjetiva. Toda vez que você estiver diante de um nome (de rua, de praça, de cidade…), será aposto, e não adjunto adnominal.
- **Vocativo é chamamento**. Não deve ser confundido com sujeito, que normalmente vem implícito na desinência do verbo no imperativo.
- Se o termo se refere a um substantivo concreto, é A.A. Se completa adjetivo ou advérbio, é C.N. Caso ele se refira a um substantivo abstrato, procure reescrever a frase e verificar se o valor da expressão é ativo (A.A.) ou passivo (C.N.).

14 VOZES VERBAIS

14.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Vamos, então, à próxima etapa: o estudo das vozes do verbo. É neste capítulo que você vai se preparar para as questões que hoje aparecem em grande quantidade nas provas, as que buscam reescritura de frases: a substituição de uma frase na voz ativa pela equivalente na passiva e vice-versa.

Voz verbal é aquela que indica a forma em que o verbo se encontra para mostrar a relação entre ele e o sujeito. Daí serem três os tipos de vozes verbais. Quando o sujeito age, pratica a ação verbal, tem-se a **voz ativa**. Veja um exemplo:

O professor recomendou a leitura deste livro.

Aqui, *o professor* exerce a ação de recomendar, ele é agente: a voz é ativa. No entanto, o sujeito pode receber a ação verbal, ser paciente do verbo. Nesse caso, tem-se a **voz passiva**. Veja:

A leitura deste livro foi recomendada pelo professor.

Agora, o sujeito *a leitura deste livro* não exerce a ação de recomendar, é seu alvo, elemento paciente. Veja que, comparando os dois exemplos, o segundo insere mais informações: enquanto o primeiro exemplo só continha um verbo (*recomendou*), o outro acrescentou mais um (*foi recomendada*). É uma forma de se reescrever a frase com mais palavras: é a **voz passiva analítica** ou **voz passiva com auxiliar**. Ela recebe este nome – analítica – porque acrescenta um verbo: diz o que se disse na voz ativa, só que com mais informações. Pense assim: toda vez que queremos *analisar* um problema, não aumentamos esse problema? A voz passiva analítica também aumenta, acrescentando um verbo… Por outro lado:

Vendeu-se o apartamento.

Nesse caso, o sujeito *o apartamento* também sofre a ação de ser vendido, é sujeito paciente, a voz é passiva. Só que, nesta frase, o que se tem é uma síntese de informações: diz-se que o apartamento foi vendido, sem se querer mencionar quem o vendeu. É a **voz passiva sintética**: nela, a tendência é a de não se mencionar o agente da passiva. Daí ela ser econômica, sintética. É uma forma de se impessoalizar, indeterminar o agente, o elemento que exerce a ação.

Ainda:

O rapaz se vestiu.

Aqui, o sujeito (o rapaz) exerce e sofre a ação do verbo. O sujeito e o objeto, representados pelo pronome reflexivo *se,* são a mesma pessoa. Diz-se que a voz é **reflexiva**.

Resumindo:

• Quando o sujeito exerce a ação, a voz é ativa. • Quando o sujeito sofre a ação, a voz é passiva. Será voz passiva analítica se vier com o verbo auxiliar de voz passiva (ser/estar/ficar+ particípio). Será passiva sintética se apresentar o pronome se, chamado de pronome apassivador ou partícula apassivadora.
• Quando o sujeito exerce e sofre a ação, tem-se a voz reflexiva. Nesse caso, o pronome oblíquo se será chamado de pronome reflexivo.

14.2. REESCRITURA DE FRASES (COMO PASSAR UMA FRASE DE UMA VOZ À OUTRA)

Vamos às questões de reescritura de frases (que pedem transposição da ativa para a passiva ou da passiva para a ativa):

Na passagem da ativa para a passiva, só interessam três termos: o objeto direto, o verbo e o sujeito. Isso ocorre porque:

1. O objeto direto da ativa vira sujeito paciente na passiva.

   O professor recomendou **o livro**. (objeto direto: o livro)

   O livro foi recomendado pelo professor. (sujeito paciente: o livro)

   Se o objeto direto vier representado por um pronome pessoal oblíquo, ao virar sujeito, o pronome oblíquo virará pronome reto:

   O professor **o** recomendou.

   Ele foi recomendado pelo professor.

2. O verbo da voz ativa ganhará um verbo auxiliar (*ser/estar/ficar*), que ficará no mesmo tempo e modo, seguido do verbo principal no particípio.

   O professor **recomendou** o livro.

   *verbo *recomendar* no pretérito perfeito do indicativo

   O livro **foi recomendado** pelo professor.

   *locução verbal: verbo *ser* no pretérito perfeito seguido de *recomendar* no particípio

   Se, na voz ativa, o tempo é composto, na passagem para a passiva, mantenha o auxiliar do tempo composto e acrescente apenas o auxiliar de passiva *sido*:

   O professor **tem recomendado** o livro.

   *locução verbal de tempo composto

   O livro **tem sido recomendado** pelo professor.

   *Agora, você tem dois auxiliares: um, de tempo composto (*tem*) e outro, de voz passiva (*sido*).

3. O sujeito da voz ativa transforma-se em agente da passiva.

O professor recomendou o livro. (sujeito: o professor)

O livro foi recomendado **pelo professor**. (agente da passiva: pelo professor)

Se, na voz ativa, o verbo estiver na 3ª pessoa do plural, sem sujeito expresso na frase, o sujeito será indeterminado. Aí, na passiva, o agente não será mencionado:

Recomendaram o livro (verbo na 3ª p. pl.: sujeito indeterminado).

O livro foi recomendado (agente da passiva também indeterminado).

Passando uma frase da voz ativa para a passiva:

a) O objeto direto vira sujeito.

b) O verbo ganha um auxiliar (ser/estar/ficar), no mesmo tempo e modo do verbo da voz ativa.

c) O sujeito da ativa vira agente da passiva.

Agora, vamos fazer o contrário? Na passagem da passiva analítica para a ativa, precisamos nos preocupar com o agente da passiva, o verbo e o sujeito. Isso porque:

4. O agente da passiva volta a ser sujeito na ativa.

O aluno foi elogiado **pelo professor**. (agente da passiva: pelo professor)

O professor elogiou o aluno. (sujeito agente: o professor)

Se, na voz passiva, não houver agente da passiva, o verbo na voz ativa ficará na 3ª pessoa do plural, para marcar um sujeito indeterminado:

O aluno foi elogiado. (agente da passiva não mencionado)

Elogiaram o aluno. (verbo na 3ª p. pl.: sujeito indeterminado)

5. A locução verbal de voz passiva perde o auxiliar de passiva (normalmente o verbo *ser*). O verbo da voz ativa ficará no mesmo tempo do auxiliar da passiva.

O aluno **foi** elogiado pelo professor. (verbo auxiliar *ser* no pret. perf.)

O professor **elogiou** o aluno. (verbo *elogiar* no pret. perf.)

Se a frase na voz passiva possuir, além do auxiliar de voz passiva, outro verbo auxiliar, ele continuará a existir na voz ativa; lembre-se: você só retirará o auxiliar de voz passiva, não tente se livrar de todos os verbos!:

O aluno **tem sido elogiado** pelo professor.

locução verbal com dois auxiliares: um de tempo composto – *tem* – e outro de passiva – *sido*; lembre-se de só retirar o auxiliar de passiva.

O professor **tem elogiado** o aluno.

locução verbal com apenas um auxiliar, que é o do tempo composto.

6. O sujeito da voz passiva volta a ser objeto direto na ativa:

O aluno foi elogiado pelo professor. (sujeito paciente: o aluno)

O professor elogiou **o aluno**. (objeto direto: o aluno)

Já está ficando zonzo com tanta informação? Então, vamos sistematizar...

Passando uma frase da voz passiva analítica para a voz ativa:

a) O agente da passiva vira sujeito agente na ativa.

b) A locução verbal perde o auxiliar de voz passiva, que transmite o tempo verbal ao verbo da voz ativa.

c) O sujeito da voz passiva vira objeto direto na ativa.

Bem, para entender de fato todo esse raciocínio, só fazendo questões de concursos. Como dissemos anteriormente, as questões que mais aparecem em relação ao assunto de vozes verbais são aquelas que buscam reescrituras – passagem da ativa para a passiva e vice-versa. O assunto, em si, não é tão complexo, mas você deve se preocupar com o tempo de resolução da questão. É preciso ser rápido e, para isso, é preciso ter método. Por isso, resolvemos separar esse tipo de questão em dois blocos, para treinar você de forma mais eficaz. O primeiro tipo de questão é aquela em que se busca a **reescritura da voz ativa para a passiva analítica**.

Atenção!

1. Destacar, na frase, o núcleo do objeto direto, que virará sujeito. Com ele, o verbo deverá concordar.
2. Detectar o tempo do verbo na voz ativa. O auxiliar da passiva que será acrescentado à frase deverá estar nesse tempo verbal. Lembre-se sempre de somar um verbo: se há um verbo na frase, então serão dois; se há dois, serão três, e assim por diante.
3. O sujeito vira agente antecedido da preposição por, mas normalmente as bancas nem se preocupam tanto com a identificação do agente da passiva.
4. Os outros termos sintáticos que eventualmente existirem na frase (adjuntos adverbiais, predicativos etc.) ficarão intactos: não se preocupe com eles, para não perder tempo de resolução da questão.
5. Faça mentalmente a transposição da ativa para a passiva: evite olhar cada alternativa, pois você pode se perder em meio a tantas opções.

Vamos, então, aprender a sair da passiva sintética e ir à ativa? Nesse caso, o sujeito da passiva (casas) volta a ser objeto direto; a partícula apassivadora é extraída da frase e o verbo fica na 3ª pessoa do plural para marcar a indeterminação do sujeito. De uma forma mais prática, teríamos:

Reescritura da voz passiva sintética para voz ativa

a) Retire o pronome apassivador da frase.

b) Passe o verbo para a 3ª pessoa do plural, se ele já não estiver, mantendo o tempo.

Seguindo o mesmo raciocínio, podemos realizar a reescritura da passiva sintética para a passiva analítica. Nesse

caso, lembre-se de que, já que você está indo para a passiva analítica, é preciso *acrescentar* um verbo auxiliar (normalmente *ser*), que ficará no mesmo tempo verbal.

Reescritura da voz passiva sintética para a voz passiva analítica a) O sujeito paciente da voz passiva sintética permanecerá sendo sujeito na voz passiva analítica. b) Acrescente o verbo auxiliar ser, que ficará no mesmo tempo e modo da frase original.

Vamos ver se funciona? Veja uma questão de prova resolvida como exemplo.

1. (TRT-SP – Ag. Fisc. Fin.) … de que as reservas de gás de Bahia Blanca, ao sul de Buenos Aires, **se estão esgotando**.

A forma verbal destacada acima pode ser corretamente substituída, sem prejuízo do sentido original, por:

a) está para esgotar.

b) vai ser esgotado.

c) estão sendo esgotadas.

d) vinham sendo esgotadas.

e) vem esgotando.

Comentários:

A frase que aparece no enunciado está na voz passiva sintética e podemos perceber pelas opções oferecidas pela banca que o que se quer é que o aluno transponha a frase para a passiva analítica.

Logo, detecte o sujeito (*as reservas de gás de Bahia Blanca*) e o tempo do verbo (nesse caso, como se tem uma locução verbal, não deixe de olhar para o último verbo, que é o principal – *esgotando*). É nesse tempo que ficará o auxiliar da voz passiva analítica. Assim, teríamos: "As reservas de gás… estão <u>sendo</u> esgotadas"). Observe que, como você foi para a passiva analítica, você ganhou um verbo: se havia dois (*estão esgotando*), ficamos com três (*estão sendo esgotadas*).

E não esqueça: evite olhar para as outras alternativas, caso contrário você se apaixona pela errada e acaba marcando…

Resposta: C.

14.3. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Identifique as vozes verbais.

1. A cozinha era antiga e escura.

_____

2. A cozinha era reformada aos poucos.

3. Uma senhora foi assaltada por um adolescente.

4. Assaltou-se uma senhora.

5. Arrumou-se para o jantar.

6. Recebeu-se o projeto com ceticismo.

7. A comunidade científica recebeu o projeto com ceticismo.

8. O projeto foi recebido com ceticismo pela comunidade científica.

9. Fazendeiros brasileiros ajudam a equipar a polícia.

10. Os resultados foram divulgados via TV.

11. "A Bíblia é uma coleção de lendas veneráveis, mas primitivas e infantis." (Albert Einstein)

II. Nas frases a seguir, transforme a voz ativa em passiva analítica.

1. Algumas pessoas colecionam moedas e selos antigos.

2. O pessoal não vê o autoritarismo como alternativa.

3. "O Governo de nosso Estado combate e denuncia todas as formas de violência."

4. "O escândalo do Orçamento expôs definitivamente a indústria da miséria."

5. “O Brasil não resolverá os problemas da miséria.”

_____

6. “O irmão pobre, se morre e apodrece, leva o irmão rico de cambulhada.”

_____

7. “No Brasil, matam crianças à bala.”

_____

8. “O Governo havia transferido tarefas e recursos aos municípios.”

_____

9. Obedeceu-se às ordens.

_____

10. Muitos cientistas não acreditam em Deus.

_____

III. Nas frases a seguir, passe para a voz passiva sintética.

1. Os presos eram proibidos de usar barbas e cabelos longos.

_____

2. Contaram a verdade.

_____

3. Aqui são dadas aulas inesquecíveis.

_____

4. Esconderam armas de destruição maciça.

_____

5. O projeto foi recebido com ceticismo.

_____

IV. Nas frases a seguir, transforme a voz passiva em ativa.

1. Os presos eram proibidos de usar barbas e cabelos longos.

_____

2. Com verba do Estado, dezoito composições já estão sendo reformadas.

_____

3. Esperavam-se resultados mais animadores.

_____

4. As palavras precisavam ser interpretadas.

_____

5. A cidade era sacudida e inquietada por uma trovoada surda e cava.

_____

6. Para não ser olhado com medo, resolveu ceder.

_____

7. No nosso país, deveriam ser instituídas leis mais rigorosas.

_____

8. Recusou-se o convite.

_____

9. As negociações deverão ser concluídas até outubro.

_____

10. A história do Brasil pode ser contada de vários modos e sob vários ângulos.

_____

Gabarito: I – 1. voz ativa (antiga/ escura: predicativos do sujeito); 2. voz passiva analítica; 3. voz passiva analítica; 4. voz passiva sintética; 5. voz reflexiva; 6. voz passiva sintética; 7. voz ativa; 8. voz passiva analítica; 9. voz ativa; 10. voz passiva analítica; 11. voz ativa. **II** – 1. Moedas e selos antigos são colecionados por algumas pessoas. 2. O autoritarismo não é visto pelo pessoal como alternativa. 3. Todas as formas de violência são combatidas e denunciadas pelo Governo de nosso Estado. 4. A indústria da miséria foi exposta definitivamente pelo escândalo do orçamento. 5. Os problemas da miséria não serão resolvidos pelo Brasil. 6. O irmão rico é levado de cambulhada pelo irmão pobre. 7. No Brasil, crianças são mortas à bala. 8. Tarefas e recursos haviam sido transferidos pelo Governo aos municípios. 9. As ordens foram obedecidas. (Ver observação (b) da p. 13). 10. Esta frase não pode ser transformada em voz passiva, pois o verbo é transitivo indireto. **III** – 1. Proibiam-se os presos...; 2. Contou-se a verdade; 3. Aqui dão-se aulas...; 4. Esconderam-se armas...; 5. Recebeu-se o projeto... **IV** – 1. Proibiam os presos... 2. Com verba do Estado, estão reformando dezoito composições. 3. Esperavam resultados mais animadores. 4. Precisavam interpretar as palavras. 5. Uma trovoada surda e cava sacudia e inquietava a cidade. 6. Para não o olharem com medo... 7. No nosso país, deveriam instituir leis... 8. Recusaram o convite. 9. Deverão concluir as negociações... 10. Podem contar a história do Brasil...

Nas provas de concursos públicos, quanto a vozes verbais, costuma-se trabalhar com três tipos de questões. Vamos sistematizar:

- O primeiro tipo de questão é aquela em que a banca quer saber se a frase admite transportação da voz ativa para a passiva.
- O segundo tipo, que é a mais comum a todas as bancas, pede que o aluno reescreva da ativa para a passiva ou vice-versa.
- Há ainda as questões que pedem apenas que o candidato identifique a voz do verbo (ativa/passiva/reflexiva).

É com base nesses três tipos de questões que vamos organizar este capítulo sobre vozes verbais. E, para cada assunto estudado, questões de concursos para você resolver. Vamos lá?

14.4. QUESTÕES QUE PERGUNTAM SE A FRASE ADMITE TRANSPORTAÇÃO PARA A VOZ PASSIVA

Uma frase na voz ativa admitirá a passagem para a voz passiva se possuir objeto direto que possa virar sujeito. Isso porque a voz passiva, em geral, representa a reescritura da ativa, só que dá ênfase ao objeto direto da ativa, que passa a funcionar como sujeito. Ora, então é preciso que a voz ativa apresente objeto direto, o que ocorre com os verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos. Por isso, nas questões em que se perguntar se há ou não possibilidade de transportação para a passiva, vá correndo procurar na frase, que está na voz ativa, um objeto direto. Se houver, em geral, ela admitirá transportação. Bancas como a Fundação Carlos Chagas e a Cesgranrio elaboram muitas questões desse tipo. Veja algumas delas:

1. (FCC – TRF 4ª Região – Anal. Judic.) A seguinte construção não admite transposição para a voz passiva:

a) Isso esclarece um pouco a razão das tensões (…)

b) (…) detestamos a hipocrisia e a falsidade (…)

c) Vivemos, assim, sobre esse fio de navalha entre a verdade e o disfarce.

d) As chamadas "regras de convívio" supõem, sempre, algum "mascaramento".

e) (…) que nos olhe nos olhos (…)

Comentários:

Na letra A, o verbo *esclarecer* é transitivo direto e vem seguido de seu objeto direto *a razão das tensões*. Admite, portanto, transportação. Na letra B, o verbo *detestar* também é transitivo direto, seguido de seu objeto direto composto *a hipocrisia e a falsidade*. Na letra D, o mesmo ocorre: o verbo *supor* é verbo transitivo direto e vem seguido de seu objeto direto *algum mascaramento*. E, na letra E, a história se repete: o verbo *olhar* é transitivo direto e vem seguido de seu objeto direto *nos*. A única frase que não traz um verbo transitivo direto é a letra C, que apresenta um verbo intransitivo – *vivemos* – seguido de um adjunto adverbial de lugar *sobre esse fio de navalha entre a verdade e o disfarce*. É o único verbo que não permite a transportação para a voz passiva.

Resposta: C.

2. (Cesgranrio) A frase que admite transposição para a voz passiva é:

a) A prova de que não somos uma coisa só está em cada dia que amanhece.

b) Outro dia recortei da internet este fragmento de um blog (…).

c) A humanidade não tem jeito.

d) O pessimista não é inimigo das idealizações, muito pelo contrário.

e) Nem tudo está perdido.

Comentários:

A letra A apresenta dois verbos que não são transitivos diretos: *somos*, que é verbo de ligação e vem seguido de um predicativo do sujeito *uma coisa só*, e o *está*, que é intransitivo, vindo seguido de um adjunto adverbial *em cada dia que amanhece.*

A letra B traz o verbo *recortar*, transitivo direto, com seu objeto direto *este fragmento de um blog*.

A letra C, embora apresente verbo transitivo direto, trata-se de um verbo que não admite transportação por impedimento semântico. Tente passar essa frase mentalmente para a voz passiva: "Jeito não é tido pela humanidade" por impedimento semântico. Faz sentido isso?

As letras D e E apresentam verbos de ligação, não admitindo, portanto, transportação para a passiva.

Resposta: B.

Aqui, vale um recado:

De fato, só admite passagem para a passiva um verbo que tenha transitividade direta.

Fernanda elogiou duas colegas. (voz ativa)

Duas colegas foram elogiadas por Fernanda. (voz passiva)

Pelo que podemos observar, o objeto direto da ativa – *duas colegas* – virou sujeito paciente na voz passiva, e o sujeito *Fernanda* transformou-se em agente da passiva (*por Fernanda*).

Entretanto, o contrário não se afirma: nem todo verbo transitivo direto pode ser construído na voz passiva. Veja as frases:

Guilherme quer um presente.

Fernanda pode tudo.

Arthur tem bons modos.

Há crianças na sala.

Tente passar essas frases para a passiva. Teríamos aberrações do tipo: *Um presente é querido por Guilherme; Tudo é podido por Fernanda* e *Bons modos são tidos por Arthur; Crianças são havidas na sala.* Fazem sentido essas frases?

Ainda que só verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos admitam voz passiva, há verbos transitivos indiretos que admitem passiva. O uso coloquial acabou consagrando em textos cultos construções do tipo:

Os empregados foram pagos.

Os pais devem ser obedecidos.

O jogo foi assistido por todos.

A carta foi respondida.

Os verbos *pagar, obedecer, assistir* (= ver, presenciar) e *responder* são transitivos indiretos, mas admitem voz passiva. São frases consagradas do uso coloquial, mas que já aparecem em algumas provas. Mas cuidado: é sempre bom, diante das questões, analisar cada alternativa a fim de ver se a banca admitiu ou considerou errado esse tipo de construção, pois há divergências em relação a isso.

Resumindo:
- Em princípio, só verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos admitem voz passiva.
- Há verbos transitivos diretos que não admitem voz passiva (ter, haver, poder, querer...).
- Há verbos transitivos indiretos que admitem voz passiva (obedecer, pagar, responder, assistir...).

Mais questões:

3. (FCC/TRF – 2ª Região – Téc. Adm.) A construção que admite transposição para a voz passiva é:

a) São inúmeras as consequências dessa idolatria.

b) As leis do mercado favorecem esse culto da juventude.

c) A juventude deixou de ser uma fase da vida.

d) Resulta disso tudo uma espécie de código comportamental.

e) Cresce a olhos vistos a oferta de produtos associados à juventude.

Comentários:

A banca busca a única frase que apresente um verbo com transitividade direta. A letra A apresenta verbo de ligação (seu sujeito é *as consequências dessa idolatria* e seu predicativo é *inúmeras*). Ora, verbo de ligação não admite transposição para a passiva. A letra B, por sua vez, apresenta um verbo transitivo direto, *favorecem*, seguido de seu objeto direto *esse culto da juventude*. Na letra C, o verbo principal da locução verbal é um verbo de ligação, *ser*, que vem seguido de seu predicativo *uma fase da vida*. A letra D está fora de ordem, procure organizá-la antes de classificar o verbo: *Uma espécie de código fundamental resulta disso tudo*. O verbo *resultar* é transitivo indireto,

não admitindo, portanto, passagem para a passiva. Na letra E, temos o verbo *crescer*, que é intransitivo. Portanto, a única frase que apresenta um verbo com transitividade direta será a que permitirá transposição para a passiva.

Resposta: B.

4. (FCC/TRF – 2ª Região – Téc. Adm.) Essa situação **é agravada** pelo fato de quinze desses gigantes estarem localizados em países pobres ou emergentes.

O verbo que admite o mesmo tipo de transposição ocorrida no exemplo destacado acima está também grifado na frase:

a) Em todo o mundo muitas cidades crescem sem nenhum planejamento.

b) A maior parte da população do planeta já mora em cidades.

c) A vida em cidades depende de normas comuns de comportamento.

d) A população das grandes cidades está sujeita a problemas de trânsito e de violência.

e) Neste ano a população urbana ultrapassará o número de moradores das áreas rurais.

Comentários:

A frase que aparece no enunciado está na passiva analítica: o sujeito (*essa situação*) sofre a ação. Além disso, ela apresenta uma locução verbal de voz passiva (*é agravada*). A banca procura aqui uma frase que esteja na voz ativa, mas que admita transposição para a passiva. Nas letras A e B, os verbos *crescer* e *morar* são intransitivos. Na letra C, mais um verbo que não admite transportação – *depende* – por ser transitivo indireto (seguido de seu objeto indireto *de normas comuns de comportamento*). A letra D, por sua vez, traz um verbo de ligação *está* (seguido de seu predicativo *sujeita*). Só a letra E apresenta um verbo transitivo direto – *ultrapassará* – seguido de seu objeto direto *o número de moradores das áreas rurais*.

Resposta: E.

5. (FCC/TRF – 18ª Região) Não admite transposição para a voz passiva o seguinte segmento:

a) Resolvi bem esse problema (…).

b) É preciso, pois, desenvolver o ethos da nação (…).

c) Ele precisa valorizar essa convivência (…).

d) (…) está na ética uma garantia para um pleno convívio social.

e) (…) que as ações dos outros encontrem nele plena aprovação.

Comentários:

Em todas as frases haverá um verbo com transitividade direta, exceto em uma. Na letra A, o verbo *resolver* é transitivo direto e vem seguido de seu objeto direto *esse problema*. Na letra B, o verbo *desenvolver* é transitivo

direto e vem seguido de seu objeto *o ethos da nação*, o mesmo ocorrendo com o *valorizar* na letra C, que tem como objeto direto *essa convivência*. Quanto à letra D, procure organizá-la antes de analisar o verbo: *Uma garantia para um pleno convívio social está na ética*. O sujeito, aqui, é *uma garantia para um pleno convívio social* e o verbo *estar* é intransitivo e vem seguido de seu adjunto adverbial de lugar *na ética*. Com a letra E, o perigo é o mesmo – é preciso colocá-la na ordem direta antes de analisar o verbo. Teríamos, portanto: *Que as ações dos outros encontrem plena aprovação nele*. Veja se agora não ficou mais fácil: *as ações dos outros* é sujeito, o verbo *encontrar* é transitivo direto e indireto, *plena aprovação* é objeto direto e *nele*, objeto indireto. Ora, o único verbo que não admite transportação para a passiva é o *estar*, da letra D.

Resposta: D.

Você já percebeu que a tendência das bancas é trabalhar com frases fora da ordem direta, para confundir o aluno? Por isso, não se esqueça de, nas frases mais complexas, desenvolver um passo a passo para a organização do período, procedendo da seguinte forma:

Ordem direta no período simples
1. Vá ao verbo e pergunte pelo sujeito.
2. Depois de detectar o sujeito, pergunte por seus complementos: objetos diretos ou indiretos.
3. Se a frase possuir predicativo, esse deverá ficar após os complementos verbais.
4. Os adjuntos adverbiais ficarão sempre ao final.

6. (TCE/AL) A transposição para a voz passiva é possível apenas em:

a) Novos gestos incutem à nossa vida um novo sentido.

b) A liberdade aposta, sempre, em novas possibilidades.

c) Na nossa capacidade de escolha estaria a nossa liberdade.

d) A resolução desse dilema depende de uma grave decisão.

e) As ideias fatalistas conspiram contra as ações libertárias.

Comentários:

A letra A traz um verbo transitivo direto e indireto: *um novo sentido* é objeto direto e *à nossa vida* é objeto indireto. As letras B, D e E apresentam verbos transitivos indiretos: *apostar* tem como objeto indireto *em novas possibilidades*, *depender* vem com o objeto indireto *de uma grave decisão* e *conspirar*, com objeto indireto *contra as ações libertárias.* Já a letra C, colocando-a na ordem, temos: "A nossa liberdade estaria na nossa capacidade de escolha". O verbo *estar* é intransitivo e vem seguido de adjunto adverbial de lugar *na nossa capacidade de escolha*. Como a questão pedia a única alternativa que admitisse a passagem para a passiva, tem-se apenas a letra A com um verbo de transitividade direta.

Resposta: A.

7. (Cesgranrio/Biocombustível) O indiscutível êxito do produto demonstra que as dúvidas foram dissipadas...

O verbo que admite transformação em voz passiva, tal como o grifado acima, está também grifado na frase:

a) A economia nacional parece hoje mais estável.

b) O carro bicombustível chegou ao mercado brasileiro há pouco tempo.

c) A indústria brasileira já vendeu 5 milhões de carros bicombustíveis.

d) O álcool combustível permanece mais barato do que a gasolina.

e) O Proálcool foi a resposta brasileira às crises do petróleo.

Comentários:

A frase do enunciado está na passiva analítica: o sujeito *as dúvidas* sofre a ação e aparece uma locução verbal de voz passiva (*foram dissipadas*). A banca buscava uma frase que admitisse tal transformação, ou seja, uma frase com verbo de transitividade direta.

As letras A, D e E apresentam verbos de ligação: na letra A, tem-se o verbo *parecer*, seguido de seu predicativo *mais estável*; na letra D, observa-se o verbo *permanece*, seguido de seu predicativo *mais barato*; na letra E, tem-se o verbo de ligação *ser*, com seu predicativo *a resposta brasileira*. Se todas as três apresentam verbos de ligação, elas não admitem a passagem para a passiva.

A letra B traz um verbo intransitivo, *chegou*, seguido de dois adjuntos adverbiais: *ao mercado brasileiro*, que indica lugar e *há pouco tempo*, que é adjunto adverbial de tempo. Ora, verbo intransitivo também não admite transportação.

Só a letra C apresenta verbo transitivo direto – *vender* – seguido de seu objeto direto, que é *5 milhões de carros biocombustíveis*.

Resposta: C.

14.5. QUESTÕES QUE PEDEM PARA PASSAR DE UMA VOZ À OUTRA

Vamos ao segundo tipo de questão, aquela em que se pede para passar de uma voz à outra? São as questões de reescritura de frases.

1. (TRE – AP) Transpondo-se para a voz passiva a frase *Ele gasta dinheiro que nem água*, a forma verbal resultante será:

a) será gasta.

b) foi gasta.

c) está sendo gasto.

d) será gasto.

e) é gasto.

Comentários:

O núcleo do objeto direto é *dinheiro*. O verbo na voz ativa (*gasta*) está no presente do indicativo, portanto, o auxiliar da passiva ficará também no presente do indicativo (*é*). Lembre-se de que o particípio, na voz passiva, concorda com o seu sujeito em gênero e número. Portanto, teremos: "*dinheiro* é *gasto* que nem água". Observe que nós nem olhamos para as outras opções: com o devido raciocínio, você irá diretamente à resposta.

Resposta: E.

2. (TRF – 4ª Região – Anal. Judic.) Transpondo-se para a voz passiva a frase *transmiti o respeito de meus pais pelas ficções*, a forma verbal resultante será:

a) terá sido transmitido.

b) transmitiram-me.

c) fora transmitido.

d) transmitiram-se.

e) foi transmitido.

Comentários:

O núcleo do objeto direto é *respeito*: destacando o núcleo, você fará a concordância do verbo com mais rapidez. O verbo na voz ativa está no pretérito perfeito do indicativo: assim ficará o verbo *ser*, auxiliar de voz passiva (*foi*). Assim, teríamos: *O respeito de meus pais pelas ficções foi transmitido por mim.*

Resposta: letra E.

3. (PMSAL) … a literatura carioca já **registrava** com frequência o termo samba.

Transpondo para a voz passiva, a forma verbal destacada passa a ser, corretamente:

a) registrou.

b) devia registrar.

c) fora registrado.

d) era registrado.

e) seria registrada.

Comentários:

O objeto direto, *o termo samba*, tem como núcleo o substantivo *termo*. O verbo na voz ativa está no pretérito imperfeito do indicativo, portanto, o verbo *ser* ficará também no pretérito imperfeito: *era*. O sujeito *a literatura*

carioca vira agente da passiva, mas observe que a banca nem se preocupa com isso. Os outros termos sintáticos permanecem inalterados. Assim, teríamos: *O termo samba era registrado com frequência pela literatura carioca*.

Resposta: D.

4. (TRT – 2ª Região) Transpondo-se para a voz passiva o segmento *ninguém descobre sua timidez*, a forma verbal resultante será:

a) não terá descoberto.

b) não será descoberta.

c) não terá sido descoberta.

d) não é descoberta.

e) não tem descoberto.

Comentários:

O objeto direto é *sua timidez*. O verbo na voz ativa está no presente do indicativo, logo o auxiliar de passiva ficará no mesmo tempo (*é*). O verbo da voz ativa vai para o particípio, concordando em gênero e número com o sujeito. Assim, teremos: *Sua timidez não é descoberta por ninguém.*

Resposta: D.

5. (TRT – 2ª Região – Anal. Judic.) Transpondo-se para a voz passiva a construção *a voz do futuro nos acorda*, a forma verbal resultante será:

a) temos sido acordados.

b) temos acordado.

c) teremos acordado.

d) seremos acordados.

e) somos acordados.

Comentários:

O objeto direto vem representado pelo pronome oblíquo *nos*, portanto, na voz passiva, ao virar sujeito, virá representado por um pronome reto (*nós*). O verbo da voz ativa – *acorda* – está no presente do indicativo: assim ficará o auxiliar da passiva. Sempre se lembre de somar um verbo: se possuímos um verbo na voz ativa, na passiva analítica, serão dois. Assim, teremos: *(Nós) somos acordados pela voz do futuro.* Observe o que a banca fez nas letras B e C: usou auxiliar (*ter*) que nem é de voz passiva. Na letra A, mais uma maldade: acrescentou mais um verbo, o que não é permitido: se temos um verbo na voz ativa, ficaremos apenas com dois na passiva analítica, não com três.

Resposta: E.

6. (TRF – Taquigrafia) Transpondo a frase *os extraordinários acontecimentos pareciam dividir nitidamente o mundo entre os defensores e os inimigos da liberdade e do progresso social* para a voz passiva, a forma verbal corretamente obtida é:

a) parecia ser dividido.

b) pareciam ter sido divididos.

c) tinha sido dividido.

d) tinha parecido dividir.

e) pareciam dividirem.

Comentários:

O objeto direto da voz ativa é *o mundo*. Mas desta vez tenha mais cuidado: temos uma locução verbal na voz ativa composta de um verbo auxiliar (*pareciam*) e um principal (*dividir*). Lembre-se de somar um auxiliar a essa locução verbal, que será o verbo *ser* e ficará no tempo verbal do *dividir*. Com o tempo verbal do auxiliar *pareciam,* você não irá mexer. Logo, se temos dois verbos, ficaremos com três. Assim: *O mundo parecia ser dividido nitidamente entre os defensores e os inimigos da liberdade e do progresso social pelos extraordinários acontecimentos*. Não se preocupe com os outros termos sintáticos, enfoque atentamente apenas o objeto direto e a locução verbal da ativa, antes de passar a frase para a passiva analítica.

Resposta: A.

Agora está na hora de você conhecer a voz passiva sintética ou pronominal. Ela recebe esse nome por espécie de síntese de informações: ela normalmente não menciona o agente da passiva nem apresenta o verbo auxiliar da voz passiva analítica. Observe:

Alugam-se casas.

Nessa frase, *casas* é o sujeito, que vem posposto ao verbo, **por isso, cuidado para não confundi-lo com o objeto direto**. O pronome se que aparece na frase é a chamada partícula apassivadora ou pronome apassivador.

Bom de treinar, não é? Agora, vamos ao terceiro tipo de questão: aquela em que se quer a identificação da voz da frase.

14.6. QUESTÕES PARA SE IDENTIFICAR A VOZ DA FRASE

Antes de irmos a elas, vale lembrar:

1. Voz ativa: os homens dirão a verdade. (sujeito agente: os homens; objeto direto: a verdade)
2. Voz passiva analítica: sujeito paciente + verbo auxiliar ser, estar, ficar + particípio (verbo principal) + agente da passiva (caso

exista na frase): A verdade será dita pelos homens.

3. Voz passiva pronominal: verbo transitivo direto + pronome apassivador se + sujeito (o agente da passiva, em geral, não é mencionado): Dir-se-á a verdade.

4. Voz reflexiva: sujeito + verbo + pronome se reflexivo: Ela se enganava. (= Ela enganava a si mesma)

1. (NCE/Minist. Saúde) Muitas vezes no texto, como em "se a mãe for bem alimentada", se utiliza a voz passiva; a alternativa em que isso também ocorre é:

a) "O corpo humano necessita de alimentos".

b) "para se manter ativo".

c) "a fim de que tenha energia suficiente".

d) "se não for atendida essa necessidade".

e) "para se desenvolver fisicamente".

Comentários:

Na letra A, temos um verbo que, embora tenha um sentido passivo (chamamos isso de *passividade*), está na voz ativa: *o corpo humano* exerce a ação de necessitar de alimentos.

Na letra B, o pronome *se* é reflexivo, tem o valor de *a si mesmo*: a frase está na voz reflexiva. O mesmo ocorre na letra E, cuja frase equivale a *para desenvolver a si mesmo fisicamente.* Assim, excluem-se as letras B e E.

Na letra C, o sujeito exerce a ação de *ter*: a voz é ativa. Apenas na letra D, o sujeito é paciente: a frase está na voz passiva analítica, compõe-se de uma locução verbal *for atendida*.

Resposta: D.

Quanto à letra A desta questão, vale um recado:

Não confunda voz passiva com passividade. Na voz passiva, o verbo ou vem com auxiliar de passiva (voz passiva analítica) ou com o pronome apassivador se (voz passiva sintética), ou seja, há uma forma especial para se indicar que algo ou alguém recebe a ação do verbo.

Passividade tem a ver com o sentido da frase: o verbo tem valor passivo. E isso pode ocorrer inclusive com frases na voz ativa. Exemplos:

Esperei por você a vida inteira.

A criança recebeu o merecido castigo.

Essas frases estão na voz ativa, embora seus verbos tenham sentido passivo. Portanto, nem sempre a passividade corresponde à voz passiva!

2. (NCE) A frase abaixo que se encontra em voz passiva é:

a) "Quantos morreram pela liberdade de sua pátria?"

b) "Quantos foram presos ou espancados pela liberdade de dizer o que pensam?"

c) "Quantos lutaram pela libertação dos escravos?"

d) “O primeiro templo da liberdade burguesa é o supermercado.”

e) “a maioria já não sofre agressões a essas liberdades tão vitais…”

Comentários:

Na letra A, o sujeito exerce a ação de *morrer*: voz ativa. Na letra C, o mesmo acontece: o sujeito exerce a ação de *lutar*: voz ativa. Na letra D, o sujeito *o primeiro templo da liberdade burguesa* é agente do verbo *ser*, a frase está na voz ativa. Na letra E, embora o verbo tenha sentido passivo (passividade, lembra?), a frase está na voz ativa: o sujeito *a maioria* exerce a ação de sofrer. Somente na letra B o sujeito é paciente: a frase está na voz passiva e possui duas locuções verbais de passiva (*foram presos/*(*foram*) *espancados*).

Resposta: B.

14.6. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (TRF3 – Técnico Judiciário – FCC – Abril/2016)

Foram dois segundos de desespero durante os quais <u>*contemplei*</u> *o distrato do livro, a infâmia pública, o alcoolismo e a mendicância...*

Transpondo-se para a voz passiva o verbo sublinhado, a forma resultante será:

a) contemplavam-se.

b) foram contemplados.

c) contemplam-se.

d) eram contemplados.

e) tinham sido contemplados.

Leia o texto a seguir para responder às questões 2 e 3.

Depois que se tinha fartado de ouro, o mundo teve fome de açúcar, mas o açúcar consumia escravos. O esgotamento das minas – que de resto foi precedido pelo das florestas que forneciam o combustível para os fornos –, a abolição da escravatura e, finalmente, uma procura mundial crescente, orientam São Paulo e o seu porto de Santos para o café. De amarelo, passando pelo branco, o ouro tornou-se negro.

Mas, apesar de terem ocorrido essas transformações que tornaram Santos num dos centros do comércio internacional, o local conserva uma beleza secreta; à medida que o barco penetra lentamente por entre as ilhas, experimento aqui o primeiro sobressalto dos trópicos. Estamos encerrados num canal verdejante. Quase podíamos, só com estender a mão, agarrar essas plantas que o Rio ainda mantinha à distância nas suas estufas empoleiradas lá no alto. Aqui se estabelece, num palco mais modesto, o contato com a paisagem.

O arrabalde de Santos, uma planície inundada, crivada de lagoas e pântanos, entrecortada por riachos estreitos e canais, cujos contornos são perpetuamente esbatidos por uma bruma nacarada, assemelha-se à própria Terra, emergindo no começo da criação. As plantações de bananeiras que a cobrem são do verde mais jovem e terno que se possa imaginar: mais agudo que o ouro verde

dos campos de juta no delta do Bramaputra, com o qual gosto de o associar na minha recordação; mas é que a própria fragilidade do matiz, a sua gracilidade inquieta, comparada com a suntuosidade tranquila da outra, contribuem para criar uma atmosfera primordial.

Durante cerca de meia hora, rolamos por entre bananeiras, mais plantas mastodontes do que árvores anãs, com troncos plenos de seiva que terminam numa girândola de folhas elásticas por sobre uma mão de 100 dedos que sai de um enorme lótus castanho e rosado. A seguir, a estrada eleva-se até os 800 metros de altitude, o cume da serra. Como acontece em toda parte nessa costa, escarpas abruptas protegeram dos ataques do homem essa floresta virgem tão rica que para encontrarmos igual a ela teríamos de percorrer vários milhares de quilômetros para norte, junto da bacia amazônica. Enquanto o carro geme em curvas que já nem poderíamos qualificar como " cabeças de alfinete", de tal modo se sucedem em espiral, por entre um nevoeiro que imita a alta montanha de outros climas, posso examinar à vontade as árvores e as plantas estendendo-se perante o meu olhar como espécimes de museu.

(Adaptado de: Lévi-Strauss, Claude. *Tristes Trópicos*. Coimbra, Edições 70, 1979, p. 82-3)

2. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

A alteração da voz do verbo poder, nas duas vezes em que ocorre no último parágrafo, deverá resultar nas seguintes formas, respectivamente:

a) se poderia – se pode

b) poder-se-ia – podem-se

c) poderiam-se – pode-se

d) se poderiam – podem-se

e) se poderiam – se pode

3. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

A frase que NÃO admite transposição para a voz passiva encontra-se em:

a) ... *o acesso das obras a um* status *estético que as exalta*. (2º parágrafo)

b) ... *elas protestam contra os fatos da realidade, os poderes*... (1º parágrafo)

c) *Muitas obras antigas celebram vitórias militares e conquistas*... (1º parágrafo)

d) *O museu, por retirar as obras de sua origem*... (3º parágrafo)

e) ... *a crítica mais comum contra o museu apresenta-o*... (3º parágrafo)

4. (Copergás/PE – Téc. Seg. Trabalho – FCC – Jul./2016 – Adaptada)

O segmento reescrito corretamente com a forma verbal sublinhada na voz passiva correspondente está em:

a) *A vida na Terra* <u>*enfrenta*</u> *perigos astronômicos*... / Perigos astronômicos são enfrentados pela vida na Terra...

b) *Não é sábio* <u>*manter*</u> *todos os novos ovos em uma cesta frágil*... / Não é sábio que se mantesse todos os novos ovos em uma cesta frágil...

c) *Mas antes de* <u>*projetar*</u> *naves espaciais*... / Mas antes que projetarão-se naves espaciais...

d) *Uma prioridade é desenvolver câmeras, instrumentos e sensores em miniatura.* / Uma prioridade é ser desenvolvido câmeras, instrumentos e sensores em miniatura.

e) ... *mas ainda enfrenta barreiras tecnológicas.* / ... mas ainda enfrentaram-se barreiras tecnológicas.

5. (Eletrobras/Eletrosul – Téc. Seg. Trab. – FCC – Jun./2016 – Adaptada)

Os revestimentos das paredes isolam o calor.

Essa oração está corretamente reescrita na voz passiva em:

a) Isola o calor os revestimentos das paredes.

b) O calor é isolado pelos revestimentos das paredes.

c) Isolam-se o calor ao ser revestido as paredes.

d) O calor é que isola os revestimentos das paredes.

e) Os revestimentos das paredes são isolado do calor.

6. (TRT14R – Téc. Jud. – Área Adminis. – FCC – Fev./2016)

O marechal organizou o acervo...

A forma verbal está corretamente transposta para a voz passiva em:

a) estava organizando

b) tinha organizado

c) organizando-se

d) foi organizado

e) está organizado

7. (Copergás/PE – Analista Administrador – FCC – Jul./2016)

Transpondo-se para a voz passiva a frase **Um dos guardas seguia a velhinha para que a flagrasse como contrabandista**, as formas verbais resultantes deverão ser

a) era seguida – fosse flagrada

b) tinha seguido – vir a flagrá-la

c) tinha sido seguida – se flagrasse

d) estava seguindo – se tivesse flagrado

e) teria seguido – tivesse sido flagrada

8. (Eletrobras/Eletrosul – Adm. Empres. – FCC – Jun./2016)

Transpondo-se para a voz **ativa** a frase ***Eficazes sistemas de irrigação teriam sido utilizados pelos antigos em suas culturas de cereais***, a forma verbal resultante deverá ser

a) seriam utilizados.

b) teriam utilizado.

c) foram utilizados.

d) utilizaram-se.

e) haveriam de utilizar.

Leia o texto a seguir para responder à questão 9.

Designado para fazer a crítica dos espetáculos líricos de setembro de 1846 a outubro do ano seguinte no **Jornal do Comércio**, Martins Pena se revelou um profundo conhecedor da arte cênica, tanto no que se refere à prática teatral (cenário, representação, maquinarias) quanto a sua história, sendo não raro seus incisivos argumentos a causa de grandes polêmicas no teatro representado na corte brasileira.

Pena ganhou evidência como comediógrafo a partir de 1838, ano em que foi encenada sua peça **O Juiz de Paz na Roça**. Embora tenha produzido alguns dramas (que lhe renderam duras críticas), destacou-se de fato pelas suas comédias e farsas, nas quais retratou a cultura e os costumes da sociedade do seu tempo.

Nas suas obras, Pena buscou uma tomada de consciência de um momento da história de nosso país, que recém adquiria uma limitada independência, e tentou pensar criticamente nossa cultura, com as restrições que o contexto impunha ao trabalho intelectual, desvencilhando-se da tradição clássica, das comédias francesas, do teatro lírico e do melodrama, para criar uma nova comédia com traços muito pessoais, o que lhe garantiu sucesso imediato em seu tempo e um significado ímpar na história do teatro brasileiro.

Disponível em: <www.questaodecritica.com.br> (com adaptações).

9. (INSS – Analista Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

Julgue o item subsequente, que versa sobre os sentidos e os aspectos linguísticos do texto acima, como Certo (C) ou Errado (E).

A substituição de " destacou-se" (l. 6) por foi destacado prejudicaria o sentido original do período.

Leia o texto a seguir para responder à questão 10.

Texto II

O índio não teve muita sorte na literatura brasileira, depois do Romantismo. Enquanto nas letras hispano-americanas viceja um esplêndido indigenismo pelo século XX adentro, com tantos e tão importantes criadores dedicando-se a transpor o índio para a ficção, no Brasil se podem contar nos dedos das mãos os casos.

Torna a trazer o assunto à baila o aparecimento e grande vendagem de **Maíra**, romance de Darcy Ribeiro. O renomado antropólogo já tinha em seu acervo de realizações uma respeitável brasiliana, incluindo vários trabalhos sobre os índios, um dos quais, a história de Uirá, fora transformado em filme no início da década de 70. **Maíra** é, portanto, a primeira incursão do autor pelo épico, a menos que se considere a história de Uirá como uma primeira aproximação ao gênero.

O relato, como o filme, dá conta do trágico percurso de Uirá, da tribo Urubu-Kaapor, no Maranhão deste século, o qual um dia fica *iñaron* quando, após muitas desgraças comuns ao destino dos índios brasileiros, como fome, espoliação, epidemias, perseguições, perde também um dos filhos.

A palavra tupi *iñaron* designa um estado de fúria sagrada, associado ao sofrimento excessivo, não deixando de lembrar as

famosas fúrias dos heróis gregos: Hércules, uma vez acometido por um desses acessos, enviado pela vingativa Hera, matou, sem o saber, seus três filhos e esposa, tal como vem narrado na tragédia **Héracles Furioso**, de Eurípedes. Nas **Bacantes**, do mesmo autor, Agave, fora de si, participa do desmembramento de seu filho adulto, Penteu, rei de Tebas. E talvez o mais formidável exemplo seja o da cólera de Aquiles, que dá nascimento à inteira composição da **Ilíada**, desencadeada por sua recusa a continuar lutando. Devido à recusa de Aquiles, quase foi perdida a guerra de Troia e, não fosse sua fúria, o poema não teria sido composto.

Em meio ao furacão histórico da fase do capitalismo selvagem no país, quando o acirramento da acumulação leva multinacionais e suas cabeças-de-ponte nacionais a apropriar-se dos mais recônditos confins com vistas ao lucro, encontram-se, estonteados, os índios. O único problema dos Mairum – nome inventado, tribo arquetípica de todas as tribos, povo de Maíra – é como sobreviver e como fazer sua cultura sobreviver, com crescente dificuldade.

O romance inteiro soa como uma lamentação, um carpir sobre o fim de uma civilização das mais admiráveis. Seus trechos mais bem realizados são aqueles nos quais uma espécie de narrador coletivo índio dá conta de sua maneira de ver o mundo, de como compreende e interpreta seus hábitos e tradições; e, o que é mais importante, franqueia para o leitor seu tremendo desejo de sobrevivência e alegria de viver.

A produção e publicação de um romance como esse, agora, mostra como o índio está mais vivo do que nunca em sua conexão com a literatura brasileira. Tampouco deve ser uma coincidência que, neste exato momento, outras ficções, filmes, romances, peças de teatro, novelas de televisão, canções, estejam sendo feitos, todos sobre os índios, todos lutando em defesa de sua preservação para a História. Quando há tanta desconfiança em relação à pulsão destrutiva da civilização ocidental e entre nós é tão escandaloso o capitalismo selvagem, isso pode vir a significar alguma coisa. Talvez uma postura mais cautelosa e menos arrogante, de quem está aprendendo a perceber que outras civilizações encontraram saídas melhores e, sobretudo, não suicidas para males que hoje parecem irremediáveis, como o problema do poder, da proliferação e potenciação dos armamentos, da destruição da natureza, do Estado e de seu aparelho, da igualdade nunca encontrada. A alegoria da moça branca morta ao parir mestiços mortos poderá significar também o caráter heteroletal e autoletal da etnia branca? Pode ser que a importância da civilização indígena esteja, final e penosamente, penetrando na consciência do corpo social brasileiro.

Walnice Nogueira Galvão. Indianismo revisitado. In: *Esboço de figura – Homenagem a Antonio Candido*. São Paulo: Duas Cidades, 1979, p. 379-89 (com adaptações).

10. (Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Acerca das relações semântico-sintáticas e do vocabulário do texto II, julgue (C ou E) o item seguinte.

Mantendo-se a correção gramatical do texto, o segmento “ fora transformado em filme” (l. 7) poderia ser reescrito da seguinte forma: “ foi transposto para o cinema”.

11. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016 – Adaptada)

Considere-se o seguinte trecho, que está construído na voz ativa e tem verbo transitivo: “ Eu olhava tudo”

O mesmo tipo de construção ocorre em:

a) O apelido de Clarice Lispector era Flor-de-Lis.

b) Clarice virou cidadã brasileira no ano de 1943.

c) Clarice é uma das escritoras mais importantes de nossa literatura.

d) O prêmio literário Jabuti foi duas vezes concedido a Clarice Lispector.

e) Os editores da época recusaram os textos muito reflexivos de Clarice.

Leia o texto a seguir para responder à questão 12.

O Subsecretário de Aduana e Relações Internacionais da Receita Federal comentou os resultados das atividades aduaneiras em 2013. De acordo com o Subsecretário, os números corroboram uma série de avanços nos processos administrados pela Receita Federal como, por exemplo, na questão de controle de exportações e importações. "Dentro da diretriz de ter mais agilidade, celeridade e transparência, conseguimos reduzir tempos de despacho aduaneiro tanto na exportação quanto na importação, e o destaque é que na exportação a redução do tempo foi da ordem de 34%".

Ressaltou ainda que houve melhora nos resultados de controle, com aumento nos valores de créditos lançados na auditoria, fiscalização e incremento no número de operações nas fronteiras do país. Ao longo de 2013, foram realizadas 2.999 operações de vigilância e repressão ao contrabando e descaminho. O número representa um crescimento de 11,9% em relação ao mesmo período de 2012. A apreensão total de mercadorias processadas pela Receita resultou em um montante de R$ 1,68 bilhão. Entre as mercadorias apreendidas encontram-se produtos falsificados, tóxicos, medicamentos, entre outros.

(Adaptado de: <http://www.receita.fazenda.gov.br/AutomaticoSRF/sinot/2014/02/11>. Acesso em: 17 mar. 2014.)

12. (ESAF – Receita Federal – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2014)

(Adaptada) Julgue a assertiva a seguir como "certa" ou "errada".

Prejudica-se a correção gramatical do período e a coerência textual ao se substituir "foram realizadas" (l. 9) por **realizaram-se**.

Gabarito: 1. b; 2. d; 3. b; 4. a; 5. b; 6. d; 7. a; 8. b; 9. C; 10. C; 11. E; 12. errada.

14.7. RESUMO

Bem, chegamos ao final deste tópico... Vamos sistematizar?

- Uma frase que admite transposição da ativa para a passiva é aquela que possui **VDT ou VTDI.**
- Diante de um "se" na frase, verifique a transitividade do verbo e tente **transportar tal frase para a passiva analítica. Em caso positivo, você estará diante de voz** passiva sintética e o "se" será pronome apassivador.
- **A voz passiva reescreve a ativa, com a diferença** de que a primeira enfatiza o objeto direto da segunda, que passa a funcionar como sujeito paciente.
- Na voz passiva, **não existe, portanto, objeto direto, e sim sujeito paciente, apesar de o verbo ter** transitividade direta. Por isso, atenção à concordância verbal na voz passiva sintética.

15 PERÍODO COMPOSTO

15.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Antes de tudo, vamos colocar uns pingos nos is... Você sabe a diferença entre frase, oração e período? Frase é qualquer enunciado que produza sentido. Pode ser **nominal** ("Oi!") ou **verbal** ("Cheguei!"). Já oração precisa possuir verbo: **oração é a frase verbal**. Lembra que, na escola, contávamos as orações pelo número de verbos: para cada verbo, uma oração... E o **período é a composição de orações**. Pode ser simples (nesse caso, a única oração que ele possui é a chamada oração absoluta) ou composto (com duas ou mais orações).

Observe uma assertiva, do estilo certo ou errado, de uma prova do Cespe-UnB, que buscava exatamente esse conceito:

> Um Brasil com desemprego zero. Um Brasil bem distante das estatísticas que apontam para uma taxa de desocupação em torno de 9%.
>
> 1) O primeiro período do texto tem natureza nominal.

O que é, portanto, ter natureza nominal? É não ter verbo. A assertiva é, portanto, verdadeira. Agora, caso se dissesse "O Brasil *possui* desemprego zero", aí seria uma frase verbal, e não nominal.

O período composto se subdivide em dois blocos: por **coordenação** e por **subordinação**. Lembra que, na escola, tínhamos o péssimo hábito de, para saber se o período era composto por coordenação ou subordinação, retirar uma das orações da frase para verificar se a sua ausência fazia realmente falta ao período? Se a oração saísse da frase e tudo ficasse bonito, então, ela era coordenada; no entanto, se retirada e fizesse falta, seria subordinada... Isso, por si só, não é muito estranho? Hoje, já não se deve ensinar assim. Observe:

15.2. ORAÇÕES COORDENADAS X ORAÇÕES SUBORDINADAS

> A diferença entre o período composto por coordenação e o período composto por subordinação é que as orações coordenadas só se relacionam entre si semanticamente, não sintaticamente. São independentes sob o ponto de vista sintático. Já as subordinadas recebem essa classificação por se subordinarem sintaticamente entre si.

Parece confuso? É simples: as orações coordenadas só possuem valor semântico entre si: adição, adversidade, explicação... No entanto, as subordinadas exercem função sintática (uma é sujeito da outra, objeto direto, adjunto adverbial...). Mas não é somente com base nesse critério que você vai classificar as orações. Existem outras formas ainda mais simples de você pensar. As conjunções, por exemplo, vão ajudar bastante na classificação das orações. Vamos então organizar esses conceitos?

No **período composto por coordenação**, tem-se, portanto, uma sequência de orações em que uma não exerce

função sintática da outra, ou seja: uma oração *não* é sujeito, objeto, complemento nominal, adjunto da outra. Veja um exemplo:

Encontrei meu amigo/ e cumprimentei-o.

Repare que há uma *independência* sintática, já que, ao analisarmos a primeira oração, verificamos que todos os seus *termos* (sujeito, objeto...) estão dentro dela mesmo, o mesmo ocorrendo com a segunda oração:

(Eu) – *sujeito* – encontrei – *verbo* – meu amigo – *objeto direto* / (Eu – *sujeito* – cumprimentei – *verbo* – o – *objeto direto*.)

No **período composto por subordinação**, o que se vê é uma sequência de orações em que uma é termo sintático da outra, ou seja: uma oração *é* sujeito, objeto, complemento nominal, adjunto da outra. Aqui, os termos da oração (sujeito, objeto, complemento nominal, adjuntos...) aparecem sob *forma de oração* – sujeito oracional, objeto oracional etc. Observe:

Desejo / que sejas feliz.

Nesse exemplo, há uma *dependência* sintática, pois o objeto direto do verbo *desejo* não se encontra na primeira oração, e sim na segunda.

(Eu – *sujeito* – desejo – *verbo* – (o quê?) / que sejas feliz – *objeto direto.)*

Vamos agora à divisão dessas orações. Em um quadro sucinto, teríamos:

– aditivas

– alternativas

• Orações coordenadas – adversativas

– conclusivas

– explicativas

• Orações subordinadas

– subjetivas

– objetivas diretas

– objetivas indiretas

– substantivas – completivas nominais

– predicativas

– apostivas

– agente da passiva

– causais

– comparativas

– concessivas

– adverbiais – condicionais

– conformativas

– consecutivas

– finais

– proporcionais

– temporais

– adjetivas – restritivas

– explicativas

Obs.: As orações coordenadas e as subordinadas podem aparecer sob forma *desenvolvida* – quando são introduzidas por *conjunção* ou *pronome relativo* – ou *reduzida* – quando aparecem verbos no *infinitivo*, no *gerúndio* ou no *particípio*.

15.2.1. Orações coordenadas

a) Assindéticas (sem conectivo):

Ex.: Não corra, não mate, não morra.

As orações coordenadas *assindéticas* não vêm com conectivo, com conjunção: Não corra, não mate, não morra.

b) Sindéticas (conectivas – vêm com conjunção e se dividem em):

• aditivas – exprimem ideia de soma, adição.

Ex.: Chegou [e se divertiu.]

A segunda oração *acrescenta* uma ação à ocorrida na primeira oração.

As principais conjunções são: e, nem, não só...mas também etc.

• adversativas – exprimem ideia de oposição, contraste, ressalva.

Ex.: Saiu cedo de casa, [mas chegou atrasado ao trabalho.]

A segunda oração contrasta com a informação da primeira. Se ele saiu cedo de casa, o normal seria *não* chegar atrasado.

As principais conjunções são: mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto etc.

• alternativas – exprimem ideia de alternância, escolha.

Ex.: Ora chovia, [ora fazia sol.] alternância

Fale agora, [ou se cale para sempre.] escolha

As principais conjunções são: ou, ou... ou, ora...ora, já...já, quer... quer etc.

• conclusivas – exprimem ideia de conclusão.

Ex.: Trabalhou muito, [logo foi recompensado.]

A segunda oração conclui algo mais ou menos esperado do que se afirmou na primeira.

As principais conjunções são: logo, portanto, por conseguinte, pois (quando vem posposto ao verbo) etc.

• explicativas – exprimem uma justificativa para o que se disse na outra oração.

Ex.: Aguarde um instante [pois estou chegando.]

A segunda oração explica, justifica o pedido feito na primeira.

As principais conjunções são: que, pois (antes do verbo), porque, porquanto etc.

Pelo que você deve estar percebendo, tudo isso nada mais é do que uma revisão do que estudamos lá no capítulo de conjunções. Por isso, vale sistematizar:

Para classificar uma oração coordenada, basta verificar a relação semântica entre as orações. Ela se subdivide em cinco tipos: aditiva, adversativa, alternativa, conclusiva e explicativa.

Antes de passarmos à classificação das orações subordinadas, vamos fixar um pouco esses conceitos?

Use o seguinte código para classificar as orações coordenadas destacadas abaixo:

(1) oração coordenada assindética;

(2) oração coordenada sindética aditiva;

(3) oração coordenada sindética alternativa;

(4) oração coordenada sindética adversativa;

(5) oração coordenada sindética conclusiva;

(6) oração coordenada sindética explicativa.

1. ( ) “Foi até a esquina, parou, tomou fôlego.”

Comentários: Aparecem, aqui, três orações sem estarem ligadas por conjunções. Todas são coordenadas assindéticas.

Resposta: 1.

2. ( ) Penso, *logo existo*.

Comentários: A segunda oração conclui uma afirmação feita na oração anterior.

Resposta: 5.

3. ( ) Comprou os ingressos, *porém não conseguiu assistir ao jogo.*

Comentários: O que se esperava na segunda oração era que ele conseguisse assistir ao jogo, já que comprou os ingressos. No entanto, isso *não* ocorreu.

Resposta: 4.

4. ( ) Venha *e fique à vontade.*

Comentários: Aqui, *dois* pedidos são feitos: *venha* e *fique*, um se soma ao outro.

Resposta: 2.

5. ( ) Chore, *porque alivia a dor.*

Comentários: A segunda oração *justifica* o pedido feito na anterior. Observe que a outra oração está com verbo no imperativo: isso pode ajudar a entender que a outra oração é a explicação para o conselho inicial.

Resposta: 6.

6. ( ) Ora falava sem parar, *ora se calava demoradamente.*

Comentários: As ações vão se alternando no tempo.

Resposta: 3.

7. ( ) O filho chegou *e a mãe nem notou.*

Comentários: O normal seria a mãe notar a chegada do filho, porém isso não ocorreu.

Resposta: 4.

Obs.: Essa última frase é um bom exemplo do que já mostramos na aula de conjunções: mais importante que decorar algumas conjunções é enxergar a *ideia* que se estabelece entre as orações. O *e* deste exemplo introduz um valor de *adversidade* em relação ao que se disse antes, e não adição.

15.2.2. Orações subordinadas

Agora, vamos às orações subordinadas. A oração que não possui o conectivo será chamada de oração *principal* e a

outra que se relaciona com ela será a *subordinada* (lembre-se de que, no período composto por coordenação, a oração que não tinha o conectivo era chamada de **coordenada assindética**? Aqui, em subordinação, o nome é **principal**). Quanto às subordinadas, elas se subdividem em três blocos:

a) Substantivas (equivalem a um substantivo, exercendo as funções próprias do substantivo)

Apresentam-se em forma *desenvolvida* (introduzidas pelas **conjunções integrantes que** ou **se** ou por **pronome indefinido**, **pronome** ou **advérbio interrogativo**) e em forma *reduzida* (infinitivo).

• **Subjetivas:** exercem a função sintática do sujeito.

Verbo na 3ª pessoa do singular (*convir, cumprir, importar, urgir, acontecer, parecer etc.*) seguidos de *que, se* ou de *infinitivo*.

Ex.: Urge [que chegues no horário.]

Expressões na voz passiva: *sabe-se, soube-se, diz-se, conta-se, é sabido, estava decidido etc.*

Ex.: Diz-se [que ela mentiu.]

Verbo de ligação mais predicativo: *é bom, é conveniente, está claro etc.*

Ex.: Está claro [que ela mentiu.]

Aqui vale uma dica:

Atenção: Quando o sujeito aparece sob forma de oração, normalmente aparecem essas construções (convém, importa, sabe-se, é sabido, é bom, está claro) na oração principal. A oração subordinada é sujeito da oração principal quando não se acha o sujeito da oração principal na oração principal.

Veja:

Ex.: Urge / que chegues no horário.

(or. princ.) (or. subord. subst. subjetiva)

A segunda oração é sujeito da primeira porque, ao se analisar a oração principal, não encontramos o sujeito de *urge* nessa oração: Ele urge? Alguém urge? Não tem sentido. O que se entende é: Urge isto (que chegues no horário). Na ordem, teríamos: Isto (= que chegues no horário) urge. O mesmo ocorre com os outros exemplos:

Ex.: Diz-se / que ela mentiu.

(or. princ.) (or. subord. subst. subjetiva)

Ele diz-se? Alguém diz-se?

Ou: Diz-se isto (= que ela mentiu) Na ordem:

Isto (= que ela mentiu) se diz.

Mais um exemplo:

Ex.: Está claro / que ela mentiu.

(or. princ.) (or. subord. subst. subjetiva)

Ou: Está claro isto (= que ela mentiu). Na ordem direta, teríamos:

Ex.: Isto (= que ela mentiu) está claro.

• **Objetivas diretas:** exercem a função de objeto direto.

Ex.: Espero [que ela volte logo.]

Não sei [se volto amanhã.]

Os **verbos** *espero* e *sei* são transitivos diretos. O complemento é o objeto direto.

Ex.: (Eu) Espero / que ela volte logo.

(or. princ.) (or. subord. subst. objetiva direta)

Ex.: (Eu) Não sei / se volto amanhã.

(or. princ.) (or. subord. subst. objetiva direta)

• **Objetivas indiretas**: exercem a função de objeto indireto.

Ex.: Necessito [de que me ajudem nesta tarefa.]

(or. princ.) (or. subord. subst. objetiva indireta)

O **verbo** *necessito* pede preposição obrigatória, é transitivo indireto. O complemento é o objeto indireto.

• **Completivas nominais**: exercem a função de complemento nominal.

Ex.: Tenho necessidade [de que me auxilies.]

(or. princ.) (or. subord. subst. completiva nominal)

Ex.: Tinha esperança [de que revelasses o segredo.]

(or. princ.) (or. subord. subst. completiva nominal)

Agora o que temos são os **nomes**, *necessidade* e *esperança*, que pedem preposição. O complemento de nome substantivo é complemento nominal.

• **Predicativas**: exercem a função de predicativo.

Ex.: Minha esperança é [que consiga esse emprego.]

(or. princ.) (or. subord. subst. predicativa)

Atenção: A oração subordinada é predicativa quando vem após um verbo de ligação.

- **Apositivas**: exercem a função de aposto.

Ex.: Havia uma esperança: [que contasse a verdade.]

(or. princ.) (or. subord. subst. apositiva)

A oração subordinada "que contasse a verdade" **explica** a *esperança* que havia. Aposto sob forma de oração.

- **Agente da passiva**: aparecem sem conjunção e são introduzidas por pronome indefinido, seguido de **por** ou **de**.

Ex.: Foi substituído [por quem o criticava.]

(or. princ.) (or. subord. subst. agente da passiva)

Foi substituído [por quem o criticava.]

A oração subordinada é o termo que **age** nesse período: *quem o criticava* é que o substitui.

Vamos sistematizar?

Uma boa dica para identificar facilmente uma oração substantiva é trocá-la por um substantivo ou por isto (pronome substantivo).
Após verificar que ela é subordinada substantiva, faça a análise sintática da oração principal: comece pelo verbo, pergunte por seu sujeito, seus objetos...

Vamos fixar os conceitos apreendidos?

Use o seguinte código para classificar as orações subordinadas substantivas destacadas:

(1) subjetiva;

(2) objetiva direta;

(3) objetiva indireta;

(4) completiva nominal;

(5) predicativa;

(6) apositiva;

(7) agente da passiva.

1. ( ) Reafirmo meu desejo: *que todos tenham boa sorte.*

Comentários: A oração destacada explica, esclarece o *desejo* apresentado na oração principal.

Resposta: 6.

2. ( ) Lembrou-se *de que a reunião fora adiada.*

Comentários: A oração subordinada completa um verbo transitivo indireto, vem com preposição obrigatória.

Resposta: 3.

3. ( ) É indispensável *que todos entendam o problema*.

Comentários: O sujeito do verbo da oração principal (*É*) não aparece na oração principal (Ele é indispensável?). Logo, o sujeito é toda a oração que se segue: "que todos entendam o problema". Isto é, "É indispensável isto (= que todos entendam o problema). Na ordem: Isto é indispensável.

(suj.)

Resposta: 1.

4. ( ) Tenho a impressão *de que mentiste para mim*.

Comentários: Observe que agora o termo preposicionado completa um substantivo (*impressão*), e não um verbo. Quem completa verbo é objeto; quem completa nome é complemento nominal.

Resposta: 4.

5. ( ) O pai esperava *que o filho reagisse.*

Comentários: A oração em destaque completa o sentido de um verbo transitivo direto, *não* pede preposição.

Resposta: 2.

6. ( ) O desejo da família era *que se formasse logo.*

Comentários: Temos neste período uma oração subordinada que se segue a um *verbo de ligação.* Aparecendo esse tipo de verbo, o que temos não é um objeto, e sim predicativo.

Resposta: 5.

7. ( ) Parece *que a decisão foi justa*.

Comentários: Agora, o que aparece após o verbo é o seu sujeito, pois na oração principal não encontramos o seu sujeito (Ele parece? Alguém?). Portanto, o sujeito do *parece* é toda a oração subordinada: *"Parece isto*. Na ordem: *"Isto parece"*.

(suj.)

Resposta: 1.

8. ( ) Peço a todos *que não se atrasem.*

Comentários: O verbo, nessa frase, pede dois complementos: um com preposição, objeto indireto (*a todos*) e outro sem preposição, objeto direto (*que não se atrasem*) sob forma de oração.

Resposta: 2.

b) Adverbiais: modificam o verbo, como um advérbio. Equivalem a um adjunto adverbial. São introduzidas pelas

conjunções subordinativas adverbiais (= orações desenvolvidas). Podem aparecer sob forma *reduzida* (de infinitivo, de gerúndio ou de particípio).

- **Causais**: indicam o *motivo*, a *razão* do que ocorre na oração principal.

Ex.: *Como chovia muito*, não fui à escola.

"Chover muito" foi o *motivo* que fez ele "não ir à escola".

As principais conjunções são: porque, como, já que, visto que, uma vez que...

- **Consecutivas**: indicam o *resultado* de uma ação.

Ex.: Gritou tanto *que perdeu a voz*.

Agora, "perder a voz" e o *resultado* de ter "gritado tanto", ou seja, a consequência.

As principais conjunções são: que (precedido de tão, tanto, tal), de modo que, de sorte que...

- **Concessivas**: exprimem sentido de *oposição, exceção*, *aceitar uma ideia oposta*.

Ex.: Foi à escola, *embora chovesse muito*.

Observe que o fato de "chover muito" não evitou a "ida à escola". Havia adversidade, mas não impediu que um fato ocorresse.

As principais conjunções são: embora, conquanto, mesmo que, ainda que, por mais que... Lembre-se de que, com elas, o verbo vem no subjuntivo.

- **Condicionais**: indicam uma *hipótese* para a realização de um fato.

Ex.: *Se vieres*, darei a festa.

Eu só "darei a festa" na *condição*, na *hipótese* de "vires".

As principais conjunções são: se, caso, desde que, contanto que...

- **Comparativas**: exprimem uma ideia de *comparação* entre dois termos.

Ex.: É inteligente *como o pai*.

Nesse período, a intenção é *comparar* a "inteligência do filho" com a "do pai". Nas comparativas, normalmente o verbo vem subentendido: "É inteligente como o pai (é)".

As principais conjunções são: como, que (antecedido de mais, menos), quanto, assim como...

- **Conformativas**: indicam a *conformidade* de um fato com outro.

Ex.: Não compareceu, *conforme se previa*.

De acordo com a previsão, ele *não compareceu.* Ou seja, não há contradição, já era algo esperado.

As principais conjunções são: como, conforme, consoante...

- **Finais**: indicam a *finalidade*, o *objetivo*.

Ex.: Comportaram-se *para que não fossem castigados*.

Aqui, havia um *objetivo*: "não ser castigado", por isso se comportaram.

As principais são: a fim de que, que, para que, porque...

- **Proporcionais**: relação entre duas ações em que uma delas acarreta *mudança* na outra.

Ex.: *À medida que o tempo passava*, ia ficando mais preocupado.

Nessa frase, observamos que "a preocupação ia aumentando" na mesma proporção que o "tempo passava".

As principais conjunções são: à medida que, à proporção que, ao passo que...

- **Temporais**: indicam o *momento* em que ocorre um fato.

Ex.: *Quando chegou*, todos o aplaudiram.

Os "aplausos" aconteceram no *momento* de sua chegada, indicando um tempo simultâneo.

As principais conjunções: quando, mal, enquanto, desde que, logo que...

Vale sistematizar: As orações subordinadas adverbiais são aquelas que indicam circunstâncias ao verbo da oração principal (tempo, causa, finalidade etc.) Uma forma simples de classificá-las é se guiar pelas conjunções que as iniciam: são as conjunções subordinativas adverbiais.

Antes de treinarmos, vamos falar do último bloco das orações subordinadas: **as orações subordinadas adjetivas**.

c) Adjetivas

Quanto às orações adjetivas, entenda que:

As orações adjetivas, por terem um valor adjetivo, referem-se ao substantivo da oração principal. Quando desenvolvidas, iniciam-se por um pronome relativo, que é conectivo que retoma o substantivo ou o pronome substantivo da oração principal. Podem aparecer sob forma reduzida (de infinitivo, de gerúndio ou de particípio).

Fácil reconhecê-las, não é? Saiba ainda que a oração adjetiva funciona como adjunto adnominal de um substantivo ou pronome da oração principal, ora tendo **função restritiva** (sem vírgulas), outras vezes com **função explicativa** (entre vírgulas). Assim:

"O homem / *que trabalha* / perde tempo precioso."

or. sub. adj. restritiva

Aqui, a oração em destaque refere-se ao substantivo *homem*, é seu adjunto adnominal e tem valor semântico de restrição: está-se falando aqui de um homem específico – o homem *que trabalha*, e não de qualquer homem. Agora, perceba a diferença para este outro exemplo:

Fernanda / *que é ótima aluna*, / obedece aos pais.

or. sub. adj. explicativa

Entenda que, nesse caso, a oração destacada também é adjunto adnominal do seu substantivo antecedente *Fernanda*, só que, agora, tem valor de explicação, é uma *informação adicional*, e não uma restrição. Por isso, a oração veio entre vírgulas.

A essa altura, você pode estar um pouco confuso com tantas informações: qual seria, então, a diferença entre a oração adjetiva restritiva e a explicativa? As duas têm, sintaticamente, a mesma função: são adjuntos adnominais, só que, *quanto ao sentido* são diferentes: uma restringe, a outra explica. Ou seja, a primeira se refere ao antecedente particularizando-o. A segunda se refere ao antecedente de maneira geral.

Após ter entendido bem o conceito de oração adjetiva, vale sistematizar:

Oração adjetiva é aquela que se inicia com pronome relativo (que, quem, o qual etc.).
Sintaticamente, ela será sempre um adjunto adnominal do substantivo antecedente.
Semanticamente, ela pode restringir (sem vírgulas) ou explicar (entre vírgulas, ou, se vier ao final do período, com uma vírgula e um ponto) esse substantivo. Daí, poder ser chamada de restritiva ou explicativa.

Agora sim, vamos treinar.

Use o código abaixo para classificar as orações subordinas adverbiais ou adjetivas destacadas:

(1) oração subordinada adverbial causal;

(2) oração subordinada adverbial consecutiva;

(3) oração subordinada adverbial concessiva;

(4) oração subordinada adverbial condicional;

(5) oração subordinada adverbial comparativa;

(6) oração subordinada adverbial conformativa;

(7) oração subordinada adverbial final;

(8) oração subordinada adverbial proporcional;

(9) oração subordinada adverbial temporal;

(10) oração subordinada adjetiva restritiva;

(11) oração subordinada adjetiva explicativa.

1. ( ) O que você faria *se ela entrasse por aquela porta*?

Comentários: A oração subordinada estabelece uma *condição* para o que se questiona na principal.

Resposta: 4.

2. ( ) *Antes que essa coluna fosse publicada*, tomei a decisão.

Comentários: A "tomada de decisão" se deu *antes* da publicação da coluna.

Resposta: 9.

3. ( ) "Coisas *que passaram* e pessoas *que perdi* estão comigo, nas belas memórias."

Comentários: Agora, o conectivo *que*, nas duas passagens, *retoma um antecedente*, é pronome relativo. Como não aparece vírgula antecedendo esses conectivos, restringem, particularizam os antecedentes.

Resposta: 10.

4. ( ) "Nossa aventura existencial terá mais ou menos chance *à medida que esse chão for confiável*."

Comentários: Ao se usarem os conectivos *à medida que*, *à proporção que*, *ao passo que*, o que se quer é estabelecer uma ideia de proporção.

Resposta: 8.

5. ( ) "Eu, *que ia escrever sobre viagens*, acabo escrevendo sobre música ruim."

Comentários: Mais um exemplo em que o conectivo *que* retoma um antecedente. Mas, ao se usarem as vírgulas, a finalidade é a de *explicar* o que "eu iria escrever".

Resposta: 11.

6. ( ) *Conquanto estivesse descontente*, não desistia do plano.

Comentários: O fato de "ele estar descontente" não impediu que insistisse no plano, ou seja, o obstáculo não impediu que um fato ocorresse.

Resposta: 3.

7. ( ) *Segundo previu o economista*, o mercado se estabilizou.

Comentários: O "mercado se estabilizou" *de acordo com* a previsão do economista.

Resposta: 6.

8. ( ) As vendas subirão, *uma vez que os juros baixaram*.

Comentários: É por *causa* de "os juros terem baixado" que as vendas subirão, relação de causa e efeito.

Resposta: 1.

9. ( ) A comida era tão boa *que todos silenciaram em volta da mesa*.

Comentários: O "silêncio" é a consequência de "a comida estar saborosa", ou seja, foi por causa disso que todos silenciaram.

Resposta: 2.

10. ( ) As mulheres sempre são mais maldosas *que os homens*.

Comentários: Entre essas duas orações, há a intenção de se *comparar* a *maldade* das mulheres com a dos homens, em um grau de superioridade.

Resposta: 5.

11. ( ) Faremos esforço, *para que não haja conflitos*.

Comentários: O "esforço" vai ser feito com a *finalidade* de "não haver conflitos."

Resposta: 7.

12. ( ) *Mal se sentou na cadeira presidencial*, passou a ver conspirações em tudo.

Comentários: A oração destacada mostra o *momento* em que "passou a ver conspirações": quando se sentou na cadeira presidencial.

Resposta: 9.

13. ( ) Os juros custam caro para o governo, *que é o maior devedor do país*.

Comentários: Mais um período em que o conectivo *que* retoma um *antecedente*, antecedido de vírgula.

Resposta: 11.

14. ( ) *Mesmo que insista no pedido*, não irei à posse do prefeito.

Comentários: O fato de "insistir no pedido" deveria ser suficiente para ele "ir à posse", porém isso *não* ocorre.

Resposta: 3.

15.3. AS FUNÇÕES SINTÁTICAS DO PRONOME RELATIVO

Como concursando é o cara que não tem paz nunca, vamos à próxima etapa: diante de uma oração adjetiva, é comum que as bancas perguntem ao aluno a função sintática do pronome relativo que a inicia. É exatamente isso: o

pronome relativo pode ser sujeito, objeto direto, complemento nominal etc., na oração adjetiva a que ele pertence. Para descobrir sua função, basta substituir o pronome relativo por seu antecedente e colocar a oração adjetiva na ordem direta. Observe:

"A verdade é tudo aquilo / que os políticos negam."

(= aquilo)

Organizando a frase: Os políticos negam aquilo. (= objeto direto)

Logo, o *que* será objeto direto.

Sabemos que não parece tão simples assim. Se análise sintática, por si só, já é um assunto muitas vezes complicado para o aluno, podemos imaginar o quanto pareça complexo ter de detectar a função sintática de um *que, cujo* etc.

Por isso, achamos melhor criar um passo a passo para você chegar à classificação do relativo, sem o risco de se confundir com as muitas informações que, na maioria das vezes, o período apresenta. Assim, leia com atenção nossas orientações:

Instruções para a classificação da função sintática do pronome relativo:
1. Isolar a oração adjetiva.
2. Destacar o pronome relativo presente na oração adjetiva e substituí-lo por seu antecedente na oração principal.
3. Colocar a oração adjetiva na ordem direta (sujeito → verbo → complementos).
4. Não confundir a função sintática do pronome relativo com a função do seu antecedente na oração principal.

Vamos treinar? Nas frases a seguir, classifique as orações adjetivas destacadas e dê a função sintática dos pronomes relativos que as iniciam:

1. "As pessoas que a gente ama deviam morrer com todas as suas coisas."

Comentários: Antecedente do relativo: *pessoas*. Colocando a oração adjetiva na ordem direta, teríamos: "a gente ama as pessoas". *Pessoas* é objeto direto do verbo *amar*. Logo, o *que* é objeto direto. Atenção para não confundir a função do *que* com a função sintática do substantivo *pessoas* na oração principal, que é sujeito da locução verbal *deviam morrer*. Por isso, é tão importante isolar a oração adjetiva: de outra forma, você poderia se perder na sua leitura e acabar por fazer a análise sintática da oração principal *As pessoas deviam morrer com todas as suas coisas*.

Resposta: que = objeto direto.

2. Aquele era o lugar onde as pessoas tomavam chá.

Comentários: O pronome relativo *onde* retoma o substantivo *lugar*. Na ordem direta, a oração adjetiva deve ficar: "as pessoas tomavam chá **no lugar**". Ora, *no lugar* traz ideia circunstancial ao verbo, sendo, portanto, seu adjunto adverbial de lugar. Aliás, como o pronome relativo *onde* indica circunstância de lugar, ele será sempre adjunto adverbial de lugar.

Resposta: onde = adjunto adverbial de lugar.

3. As roupas que ia vestir já estavam passadas.

Comentários: O pronome relativo *que* retoma o substantivo *roupas*. A oração adjetiva, na ordem direta, ficaria: "ia vestir *as roupas*". A expressão destacada é objeto direto do verbo *vestir*.

Resposta: que = objeto direto.

4. "Aqueles que aceitam ceder liberdades essenciais em troca de segurança temporária não merecem nem segurança nem liberdade."

Comentários: O pronome relativo retoma o pronome demonstrativo antecedente *aqueles*. A oração adjetiva já está na ordem direta. Substituindo o relativo por seu antecedente, teríamos: "*Aqueles* aceitam ceder liberdades essenciais...". *Aqueles* é sujeito do verbo *aceitam*. Logo, o pronome *que* tem a mesma função.

Resposta: que = sujeito.

5. Pelas alamedas, o que se ouvia era música americana.

Comentários: A palavra *que* retoma o demonstrativo *o* (= *aquilo*). Na ordem direta, a oração adjetiva ficaria "*Aquilo* se ouvia", que é o mesmo que "aquilo era ouvido" (voz passiva analítica). *Aquilo* é sujeito de ouvia, portanto, o *que* é sujeito. Cuidado com o pronome **se** apassivador, passe a frase para a passiva analítica, o que torna mais fácil a análise dos termos.

Resposta: que = sujeito.

6. É singular o grau de desinteresse que os alunos mostram pelo livro didático.

Comentários: O pronome *que* retoma o substantivo *grau* da expressão *grau de desinteresse*. Na ordem direta, teríamos: "os alunos mostram *o grau de desinteresse* pelo livro didático". O verbo *mostrar* é transitivo direto nessa frase. Logo, o *que* é objeto direto.

Resposta: que = objeto direto.

7. Prefiro o que ele foi ao que ele é.

Comentários: Muita calma agora... Vamos analisar cada oração adjetiva: na primeira, o *que* retoma o pronome demonstrativo *o* (= *aquilo*). Assim, na ordem direta, teríamos: "ele foi *aquilo*". Ora, diante do verbo de ligação *foi*, temos a certeza de que o *que* é predicativo do sujeito.

Verifique que o mesmo ocorre na outra oração adjetiva: o pronome *que* retoma o pronome demonstrativo *o* da combinação *ao*. Dessa forma, na ordem direta, a segunda oração adjetiva deve ficar assim: "ele é *aquilo*". De novo, um verbo de ligação (*é*): o pronome relativo é, novamente, predicativo do sujeito.

Resposta: 1º que = predicativo do sujeito./2º que = predicativo do sujeito.

8. A morte é a única coisa de que tenho medo.

Comentários: O pronome relativo *que* retoma *coisa*. Colocando a oração adjetiva na ordem direta, teríamos: "tenho medo *da coisa*". A expressão destacada refere-se ao substantivo *medo*, completa esse termo e tem valor passivo, é *seu complemento nominal*.

Resposta: que = complemento nominal.

9. "Aqueles a quem os deuses amam morrem jovens."

Comentários: O pronome relativo *quem* retoma o pronome demonstrativo *aqueles*. Na ordem direta, a oração adjetiva fica: "Os deuses amam *àqueles*." Você observou que o pronome *quem* veio antecedido da preposição *a*? Veja também que o verbo *amar* é *transitivo direto*, não pede preposição, mas ainda assim ela apareceu. É o objeto direto preposicionado: a preposição aparece para dar ênfase ao verbo.

Resposta: quem = objeto direto preposicionado.

10. A amiga com quem andas não é muito confiável.

Comentários: O pronome relativo *quem* retoma o substantivo *amiga*. Assim, a frase destacada, na ordem direta, ficaria: "Andas *com a amiga*". A expressão *com a amiga* indica circunstância de companhia para o verbo a qual se refere *andas*.

Resposta: quem = adjunto adverbial de companhia.

11. Chegou a pessoa por quem fui representado.

Comentários: O pronome *quem* retoma o substantivo *pessoa.* Na ordem direta, teríamos: "fui apresentado *pela pessoa*". Percebeu que a locução verbal *fui apresentado* indica que a frase está na voz passiva analítica (o sujeito *eu* sofre a ação, é paciente)? O termo *pela pessoa* é o elemento que age, que *exerce a ação na voz passiva*. É, portanto, o agente da passiva. Lembre-se de que você só substituiu o pronome *quem* pelo substantivo *pessoa* para saber a função sintática do relativo, e não do substantivo *pessoa.* Só estamos falando isso para lembrar que o relativo *quem* é que é o agente da passiva, e o substantivo *pessoa* é sujeito da oração principal "Chegou a pessoa". **Cada um terá a sua função sintática na oração a que pertence.**

Resposta: quem = agente da passiva.

12. A música de Noel, cuja repercussão vara os tempos, é dotada de grande variedade melódica.

Comentários: *Cuja* está substituindo o substantivo *música*, da expressão *A música de Noel.* Na ordem direta, teríamos: A repercussão *da música de Noel* vara os tempos. Perceba a ideia de posse que existe no termo *da música de Noel*, que se refere ao substantivo *repercussão*. Trata-se, portanto, de *adjunto adnominal*. Nas provas de concursos públicos, o pronome relativo *cujo* e suas variações (*cuja, cujos, cujas*) normalmente são adjuntos adnominais, pois indicam valor semântico de posse.

Resposta: cuja = adjunto adnominal.

13. Invento novas dificuldades a que dedico horas.

Comentários: A palavra *que* retoma o substantivo *dificuldades*. Na ordem direta, teríamos: "Dedico horas *às novas dificuldades*". Perceba a regência do verbo *dedicar:* quem dedica, nessa frase, dedica algo a alguém ou a alguma coisa; ele é transitivo direto e indireto. Seu objeto direto é o substantivo *horas* e seu objeto indireto, o pronome relativo *a que*.

Resposta: que = objeto indireto.

15.4. ORAÇÕES REDUZIDAS

Vamos concluir este capítulo com as **orações reduzidas**, que são aquelas que apresentam o seu verbo (principal ou auxiliar, este último nas locuções verbais) no **infinitivo**, **gerúndio** ou **particípio**. Elas recebem este nome – reduzidas – porque perderam a conjunção ou o pronome relativo. Observe:

É preciso seguir em frente. (reduzido de infinitivo)

Precisando de ajuda, chamou-me. (reduzido de gerúndio)

Chegada a hora, saiu rapidamente. (reduzida de particípio)

Precisando chegar na hora marcada, saiu voando. (reduzida de gerúndio, locução verbal)

Obs.: Em geral, uma oração reduzida pode ser reescrita em desenvolvida. (iniciada por conjunção ou pronome relativo)

Ex.: É preciso seguir em frente. (= É preciso que você siga em frente.)

Precisando de ajuda, chamou-me. (= Como precisava de ajuda, chamou-me.)

Chegada a hora, saiu rapidamente (= Quando chegou a hora, saiu rapidamente.)

Vamos ver isso na prática? Para cada frase a seguir, proceda da seguinte forma:

a) Desenvolva a oração reduzida.

Lembre-se de que desenvolver uma oração é acrescentar a conjunção ou o pronome relativo. Antes de escolher o conector adequado, verifique se ela é substantiva, adjetiva (referindo-se a um substantivo ou pronome antecedente na oração principal) ou adverbial (com ideia circunstancial).

b) Classifique a oração reduzida.

Não se esqueça de olhar para o verbo antes de classificar: ele virá na forma nominal (infinitivo/gerúndio/particípio). Se a oração apresentar locução verbal, é para o verbo auxiliar que você deverá olhar a fim de saber se a oração é reduzida de infinitivo, gerúndio ou particípio.

1. Sua palavra foi a primeira a perder o significado.

Comentários: A oração se refere ao termo antecedente (*primeira*), restringindo esse termo. Trata-se, portanto, de oração adjetiva; para desenvolvê-la, basta acrescentar o pronome relativo.

Assim, teríamos: "Sua palavra foi a primeira *que perdeu o significado*".

Resposta: oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de infinitivo.

2. Nada conseguindo, a mais nova fugiu.

Comentários: Veja que a oração em destaque indica circunstância de causa para aquela a que ela se refere. Assim, desenvolver essa oração significa acrescentar qualquer conjunção subordinativa adverbial causal (como, já que, visto que...). Uma sugestão: "Já que nada conseguira, a mais nova fugiu".

Resposta: oração subordinada adverbial causal reduzida de gerúndio.

3. "Se dependesse de mim, teria vetado a roda por não se parecer nada com o pé."

Comentários: Mais uma vez, um valor semântico de causa. Utilize, portanto, qualquer conjunção causal. Uma possível resposta: "Se dependesse de mim, teria vetado a roda, porque não se parece nada com o pé".

Resposta: oração subordinada adverbial causal reduzida de infinitivo.

4. "O liberalismo pensa estar defendendo o indivíduo ao negar a primazia do social ou ao dizer que uma sociedade é apenas um conjunto de ambições autônomas."

Comentários: A combinação *ao* normalmente indica tempo (= *quando*). Veja que as orações, de fato, indicam circunstância de tempo. Desenvolvendo-as, teríamos: "O liberalismo pensa estar defendendo o indivíduo quando nega a primazia do social ou quando diz que uma sociedade é apenas um conjunto de ambições autônomas".

Resposta: orações adverbiais temporais reduzidas de infinitivo.

5. Peço-te saíres da minha vida!

Comentários: Veja que a oração em destaque vale por um substantivo (= "Peço-te *isto*."). Ao desenvolvê-la, portanto, basta acrescentar a conjunção integrante *que*. Assim, teríamos: "Peço-te que saias da minha vida!"

Percebeu que o verbo *pedir* é transitivo direto e indireto e que a oração é o seu objeto direto?

Resposta: oração subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo.

6. Terminada a aula, todos se retiraram.

Comentários: A oração destacada indica circunstância de tempo à oração principal. Portanto, desenvolva-a acrescentando uma conjunção temporal (*quando, assim que, logo que* etc.). Uma sugestão: Assim que terminou a aula, todos se retiraram.

Resposta: oração subordinada adverbial temporal reduzida de particípio.

7. É preciso diminuir as distâncias sociais.

Comentários: Não é o mesmo que dizer "É preciso *isto*"? A oração em destaque é, portanto, substantiva. Desenvolva-a acrescentando uma conjunção integrante (*que*). Assim, teríamos: É preciso que diminuam as distâncias sociais.

Percebeu que ela é *sujeito* da oração principal ("*Isto* é preciso")?

Resposta: Oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo.

8. Há muitos alunos estudando com afinco.

Comentários: A oração destacada tem valor adjetivo: refere-se ao substantivo *alunos* da oração principal. Quando desenvolvida, deve-se iniciar, portanto, com pronome relativo. Dessa forma, teríamos: "Há muitos alunos que estudam com afinco".

Como ela vem sem vírgulas, restringe o substantivo antecedente, sendo, portanto, restritiva.

Resposta: oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de gerúndio.

9. Apesar de ser torcedor fanático, não vai aos estádios.

Comentários: *Apesar de* é locução prepositiva com valor de oposição, concessão. Lembre-se de que desenvolver a oração é substituir a preposição por uma conjunção de mesmo valor semântico. Caberia, aqui, qualquer conjunção subordinativa adverbial concessiva (*embora, conquanto, ainda que, se bem que* etc.). Assim, a oração desenvolvida poderia ser: Embora seja torcedor fanático, não vai aos estádios.

O valor semântico da oração não é de concessão? Então, ela é subordinada adverbial concessiva.

Resposta: oração subordinada adverbial concessiva reduzida de infinitivo.

15.5. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Classifique as orações coordenadas em destaque.

1. "Não desejo nada, não temo nada. Sou livre."

_____

2. Sente aqui, que precisamos conversar.

_____

3. "Dario abre a boca, move os lábios, não se ouve resposta."

_____

4. "Apaguei as luzes do carro e acelerei."

_____

5. Três quartos da população do Afeganistão não sabem ler nem escrever.

_____

6. A irmã mais nova dominava perfeitamente o inglês, pois estudara em escolas americanas.

_____

7. Eu odeio telefone celular, mas acabei tendo um, como todo mundo.

_____

8. Trabalhou com afinco durante anos naquela empresa e não obteve reconhecimento.

_____

9. Ora estava alegre, ora ficava calado em um canto.

_____

10. Eles se admiravam, contudo não se falavam.

_____

11. "As provas intrínsecas são criadas pelo orador; dependem, pois, de seu método e de seu talento pessoal."

_____

II. Classifique as orações subordinadas substantivas em destaque.

1. Quem fala em flor não diz tudo.

_____

2. Sou favorável a que o aprovem.

_____

3. Meu desejo é que você passe nos exames.

_____

4. Desejo-te isto: que sejas feliz.

_____

5. Lembre-se de que sonhos sem riscos produzem conquistas sem méritos.

_____

6. Parece claro que os juros falam mais alto.

_____

7. Não se sabe se ele agiu conforme as normas da empresa.

_____

8. Os indicadores econômicos mostram que não houve nenhuma catástrofe.

_____

9. "Muito acerta quem suspeita que sempre erra."

_____

10. O Banco Central calcula que algumas dezenas de novas instituições poderão gerir mais fundos de aposentadoria.

_____

11. Tenho necessidade de me apoiares nesta complicada situação.

_____

12. Ninguém nega que o país passou a viver um sério quadro de déficit público, a partir da crise asiática.

_____

13. Vejam como é bom ser feliz.

_____

14. Viu chegarem os convidados.

_____

15. "Lembre-se de que Deus está do lado."

_____

16. Não sei se a história é verdadeira.

_____

17. Naquele momento, teve a intuição de que entrara em uma aeronave errada.

_____

18. "Ainda nos é impossível estimar a importância de Saramago para o idioma português."

_____

19. Não imaginava onde estava entrando.

_____

20. Tem certeza de que essa é a sua casa?

_____

III. Classifique as orações subordinadas adjetivas e dê a função sintática do pronome relativo.

1. É melhor uma verdade que dói do que uma mentira que conforta.

_____

2. Os juros custam caro para o governo, que é o maior devedor do país.

_____

3. "Todo país onde não me entedio é um país que nada me ensina."

_____

4. "O contato com esse mundo de perfeição, beleza, coerência e racionalidade, que é o mundo da boa literatura, torna os leitores muito mais conscientes do mundo em que vivem."

_____

5. Noel Rosa procurou escrever sobre tudo quanto expressasse o jeito de ser carioca.

_____

6. Diga-me a hora em que ele virá para cá.

_____

7. Sabemos perfeitamente o que lhe acontece.

_____

IV. Classifique as orações subordinadas adverbiais destacadas.

1. As previsões de crescimento continuam mais baixas que as do ano passado.

_____

2. Se o cenário externo permitir, o governo ousará mais.

_____

3. Conforme previu o economista, o mercado estabilizou-se.

_____

4. O consumidor ficou inadimplente porque gastou mais do que podia.

_____

5. Eles compunham uma grande coleção, que foi se dispersando à medida que seus filhos se casavam.

_____

6. Era tal sua generosidade, que ouvia a todos.

_____

7. Falou alto para que todos escutassem.

8. Conquanto estivesse descontente, não desistia do plano.

9. "O ar da tia era tão jovem, a exortação tão meiga e cheia de um perdão antecipado, que ela achou ali uma confidente e amiga."

V. Classifique as orações subordinadas (substantivas, adjetivas ou adverbiais) destacadas.

1. É urgente reconhecer a necessidade de um trabalho mais efetivo com a palavra.

2. Quem tem a palavra detém o poder.

3. Mudar a sociedade é mudar o homem.

4. Sei que esperavas desde o início que eu te dissesse hoje o meu canto solene.

5. Sei que a única alma que eu possuo é mais numerosa que os cardumes do mar.

6. Basta que ele tenha existido para que a memória o corrompa com lembranças superpostas.

7. Não sei no que pensa.

8. A escola não está vencendo o desafio de alfabetizar funcionalmente a parcela da população que consegue chegar a ela.

9. Entende-se bem que D. Tonica observasse a contemplação dos dois.

10. Ao analisar o desempenho da economia brasileira, os empresários afirmaram que os resultados eram bastante razoáveis.

11. Se quiserem, serão beneficiados com a comenda.

12. Todos aqui sabem se eles virão ao culto esta noite?

13. É certo que as coisas melhorarão daqui em diante.

14. Alguém percebeu, logo, que tudo era uma farsa.

15. Dê-me a caixa que está sobre a mesa.

16. "Para amamentar o próprio filho, até que este complete seis meses de idade, terá a mulher direito, durante a jornada, a dois descansos especiais, de meia hora cada um."

17. Pergunte hoje a uma pessoa qualquer o que o Brasil precisa fazer para sair da crise.

18. Não me esquecerei de que, vigorando a lei, estará perdido.

19. A verdade é que preciso deste emprego.

20. "Devagar se vai ao longe, mas, quando se chega lá, não se encontra mais ninguém."

21. "Pensei que todas as pessoas deveriam sair por aí sem rumo, para poder achar o elo perdido em seu interior."

22. "Quem determina a maciez da cama é o nível de ansiedade da nossa mente."

VI. Classifique as orações reduzidas em destaque e desenvolva-as.

1. Criticar as viagens internacionais do Presidente da República ou de outros dirigentes parece despropositado.

2. "O Estado moderno, não obstante apresentar-se como um Estado minimalista, é potencialmente um Estado maximalista."

Gabarito: I – 1. oração coordenada assindética/oração coordenada assindética/oração coordenada assindética; 2. oração coordenada sindética explicativa; 3. oração coord. assindética, oração coord. assindética, oração coord. assindética; 4. oração coordenada sindética aditiva; 5. oração coordenada sindética aditiva; 6. oração coordenada sindética explicativa; 7. oração coordenada sindética adversativa; 8. oração coordenada sindética adversativa; 9. oração coordenada sindética alternativa; 10. oração coordenada sindética adversativa; 11. oração coordenada sindética conclusiva.

II – 1. oração subordinada substantiva subjetiva; 2. oração subordinada substantiva completiva nominal; 3. oração subordinada substantiva predicativa; 4. oração subordinada substantiva apositiva; 5. oração subordinada substantiva objetiva indireta; 6. oração subordinada substantiva subjetiva; 7. oração subordinada substantiva subjetiva; 8. oração subordinada substantiva objetiva direta; 9. oração subordinada substantiva subjetiva; 10. oração subordinada substantiva objetiva direta; 11. oração subordinada substantiva completiva nominal (reduzida de infinitivo); 12. oração subordinada substantiva objetiva direta; 13. oração subordinada substantiva subjetiva (reduzida de infinitivo); 14. oração subordinada substantiva objetiva direta (reduzida de infinitivo = Viu / que os convidados chegavam); 15. oração subordinada substantiva objetiva indireta (o uso da preposição, no objeto indireto sob forma de oração é facultativo); 16. oração subordinada substantiva objetiva direta; 17. oração subordinada substantiva completiva nominal; 18. oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo; 19. oração subordinada substantiva objetiva direta; 20. oração subordinada substantiva completiva nominal.

III

1. oração subordinada adjetiva restritiva / oração subordinada adjetiva restritiva

• função sintática do pronome relativo que: que = verdade / que = mentira.

Organizando: A verdade dói. Logo, o que = sujeito.

(sujeito)

A mentira conforta. Logo, o que = sujeito.

2. oração subordinada adjetiva explicativa

• função sintática do pronome relativo que: que = o governo.

Organizando: O governo é o maior devedor do país. Logo, o que = sujeito.

(sujeito)

3. oração subordinada adjetiva restritiva

• função sintática do pronome relativo onde: onde = país.

Organizando: (Eu) não me entedio no país. Logo, o onde = ajunto adverbial de lugar.

(adj.adv.)

4. oração subordinada adjetiva explicativa / oração subordinada adjetiva restritiva

• função sintática do pronome relativo que: que = esse mundo / que = o mundo

Organizando: Esse mundo é o mundo da boa leitura. Logo, o que = sujeito.

(sujeito)

(os leitores) vivem no mundo. Logo, o que = adjunto adverbial.

(adj.adv.)

5. oração subordinada adjetiva restritiva

• função sintática do pronome relativo quanto: quanto = tudo.

Organizando: Tudo expressava... Logo, o quanto = sujeito.

(sujeito)

6. oração subordinada adjetiva restritiva

• função sintática do pronome relativo que: (em)que = na hora.

Organizando: Ele virá para cá na hora. Logo, o que = adjunto adverbial de tempo.

(adj. adv.)

7. oração subordinada adjetiva restritiva

• função sintática do pronome relativo que: que = o (= aquilo).

Organizando: Aquilo lhe acontece. Logo, o que = sujeito.

(sujeito)

IV – 1. oração subordinada adverbial comparativa; 2. oração subordinada adverbial condicional; 3. oração subordinada adverbial conformativa; 4. oração subordinada adverbial causal; 5. oração subordinada adverbial proporcional; 6. oração subordinada adverbial consecutiva; 7. oração subordinada adverbial final; 8. oração subordinada adverbial concessiva; 9. oração subordinada adverbial consecutiva.

V – 1. oração subordinada substantiva subjetiva (reduzida de infinitivo); 2. oração subordinada substantiva subjetiva; 3. oração subordinada substantiva predicativa (reduzida de infinitivo); 4. oração subordinada substantiva objetiva direta / objetiva direta; 5. oração subord. adjetiva restritiva / oração subord. adverbial comparativa; 6. oração subordinada substantiva subjetiva / oração subordinada adverbial final; 7. oração subordinada adjetiva restritiva (que = o(=aquilo). Pensa naquilo); 8. oração subordinada adjetiva restritiva; 9.

oração subordinada substantiva subjetiva; 10. oração subordinada adverbial temporal (reduzida de infinitivo) / oração subordinada substantiva objetiva direta; 11. oração subordinada adverbial condicional; 12. oração subordinada substantiva objetiva direta; 13. oração subordinada substantiva subjetiva; 14. oração subordinada substantiva objetiva direta; 15. oração subordinada adjetiva restritiva; 16. oração subordinada adverbial final (reduzida de infinitivo) / oração subordinada adverbial temporal; 17. oração subordinada adjetiva restritiva (que = o(=aquilo)) / oração subordinada adverbial final (reduzida de infinitivo); 18. oração subordinada substantiva objetiva indireta (de que estará perdido) / oração subordinada adverbial temporal (reduzida de gerúndio – vigorando a lei); 19. oração subordinada substantiva predicativa; 20. oração subordinada adverbial temporal; 21. oração subordinada substantiva objetiva direta/oração subordinada adverbial final; 22. oração subordinada substantiva subjetiva.

VI

1. oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo

A crítica às viagens internacionais do Presidente da República ou de outros dirigentes parece despropositada.

2. oração subordinada adverbial concessiva reduzida de infinitivo

O Estado moderno, embora se apresente como um Estado minimalista, ...

15.6. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Vamos, então, apreciar algumas questões de concursos comentadas?

1. **(NCE/Eletrobras)** "Felipe lembrou-se da história do Rei do Oriente que, desejando conhecer a história da humanidade, recebeu de um sábio quinhentos volumes; ocupado com negócios de Estado, pediu-lhe que a condensasse"; os vocábulos sublinhados exercem, respectivamente, as funções de:

   a) sujeito / sujeito.

   b) sujeito / objeto direto.

   c) objeto direto / objeto direto.

   d) objeto direto / sujeito.

   e) objeto direto / objeto indireto.

   Comentários:

   Antes de tudo, lembre-se de isolar a oração adjetiva: *que recebeu de um sábio quinhentos volumes*. Para a sua leitura ficar mais fácil, pule a oração intercalada "desejando conhecer a história da humanidade". Assim, você olha somente para a oração adjetiva.

   O próximo passo é substituir o pronome relativo *que* por seu antecedente, que é o substantivo *Rei* da expressão *o Rei*

do Oriente. Agora, coloque a oração adjetiva na ordem direta: "*O Rei do Oriente* recebeu de um sábio quinhentos volumes". Vá ao verbo e pergunte por seu sujeito: "Quem recebeu quinhentos volumes de um sábio"? A resposta não é *o Rei do Oriente*? O pronome relativo *que* é, portanto, sujeito do verbo *receber*.

Já o pronome oblíquo *a* refere-se ao verbo *condensar*, que é transitivo direto. Trata-se, portanto, de seu objeto direto.

Resposta: B.

2. (Cesgranrio/Petrobras) Indique a frase a seguir em que o pronome relativo destacado não tem seu antecedente ou sua função sintática corretamente indicados.

a) "… 1994 entrará para a história como o ano em que o Brasil mostrou a sua cara…" – ano / adjunto adverbial.

b) "… deu-se conta da existência de um irmão siamês do Terceiro Mundo que, se morre e apodrece, leva o outro irmão consigo"… – Terceiro Mundo / sujeito.

c) "… habitante daquele lugar onde se matam pobres de fome e crianças à bala." – lugar / adjunto adverbial.

d) "Mas a espoleta final, que ajudou simbolicamente a desfraldar a bandeira da cidadania no País…" – espoleta / sujeito.

e) "… é esse desabrochar da cidadania que, a médio prazo, se transformará em pressão irresistível…" – desabrochar / sujeito.

Comentários:

Na letra A, o pronome relativo *que* retoma o substantivo *ano*. A frase na ordem direta, seria "O Brasil mostrou a sua cara *no ano*". A expressão em destaque indica circunstância de tempo ao verbo. É, de fato, adjunto adverbial de tempo.

Na letra B, o pronome relativo *que* retoma o substantivo *irmão*, que é núcleo da expressão *um irmão siamês do Terceiro Mundo*. Mais uma vez, siga o nosso conselho: para detectar a função sintática do relativo *que,* pule a oração intercalada que vem após esse relativo e coloque a oração adjetiva na ordem direta. Assim, teríamos "<u>O irmão siamês do Terceiro Mundo</u> leva o outro irmão consigo". O pronome relativo *que* é, portanto, sujeito do verbo *leva*. Mas não retoma a expressão *Terceiro Mundo,* e sim *um irmão siamês* do Terceiro Mundo. Quanto à função sintática, a alternativa está correta, mas quanto ao antecedente do relativo, não.

Quanto à letra C, nem perca tempo: o pronome relativo *onde* retoma, de fato, o substantivo antecedente *lugar*. Quanto à função sintática que esse relativo exerce, você já sabe que *onde* indica lugar. É, de fato, adjunto adverbial de lugar.

Na letra D, tanto o antecedente do relativo como a sua função sintática estão corretamente identificados: o pronome relativo *que* retoma o substantivo *espoleta*, que é núcleo da expressão *espoleta final*. Na ordem direta, a oração adjetiva ficaria: "*A espoleta final* ajudou simbolicamente a desfraldar a bandeira…". Logo, a expressão é sujeito do verbo *ajudar*.

A letra E está igualmente correta: o pronome *que* retoma *desabrochar,* que é o núcleo da expressão *o desabrochar da cidadania*. Colocando a oração adjetiva na ordem direta, teríamos: "O desabrochar da cidadania se transformará em pressão irresistível". A expressão grifada é, portanto, sujeito do verbo *transformar.*

Resposta: B.

3. (TRF) A opção em que melhor se justifica a vírgula empregada no trecho a seguir é: "O acordo visa à criação da Área de Livre Comércio Sul-Americana (ALCSA), que estaria plenamente constituída em 2005." (GUTIÉRREZ, Estella, O livre mercado sul-americano.)

a) Separa oração subordinada adjetiva explicativa.

b) Separa oração subordinada adverbial consecutiva.

c) Separa oração subordinada adjetiva restritiva.

d) Separa oração subordinada substantiva apositiva.

e) Separa oração coordenada sindética explicativa.

Comentários:

Observe que a oração a ser classificada iniciou-se com um pronome relativo (*que*) que retoma o substantivo antecedente *Área,* da expressão *Área de Livre Comércio Sul-Americana (ALCSA).* Ora, se a oração se inicia com pronome relativo e também retoma um substantivo antecedente, ela é uma oração adjetiva, e, se vem antecedida de vírgula, ela deve ser classificada como oração subordinada adjetiva explicativa. Muitos marcaram a letra D na prova, achando que tudo que vem entre vírgulas é aposto, mas não esqueça: se a oração se inicia com pronome relativo, ela é adjetiva, jamais poderia ser substantiva apositiva.

Resposta: A.

4. (Cespe-UnB – Inca/2010) *Sua metodologia é simples – por meio de conversas frequentes com a família, o voluntário receita cuidados básicos para evitar que a criança morra por falta de conhecimento, como os hábitos de higiene, a administração do soro caseiro e a adoção da farinha de multimistura na alimentação,* **que se tornou uma solução simples e emblemática contra a desnutrição**. *Mas o seu segredo é um só: a persistência.*

Julgue a assertiva a seguir de acordo com o texto acima:

O trecho "que se tornou uma solução simples e emblemática contra a desnutrição" está precedido por vírgula porque se trata de um trecho com função restritiva.

Comentários:

Mais uma oração que se inicia com pronome relativo e se refere ao substantivo *farinha*, que é núcleo da expressão *farinha de multimistura*. Como ela se refere a um substantivo antecedente, deve ser classificada como adjetiva, e, por vir iniciada por vírgula, é explicativa, e não restritiva como a banca sugere.

Resposta: errada.

A seguir, algumas assertivas retiradas de provas aleatórias do Cespe-UnB para você perceber a forma como a banca apresenta esse tipo de questão. Cada alternativa vem antecedida por seu respectivo texto. Resolvi numerá-las para tornar mais fácil a correção:

A sentença determina, entre outras 7 medidas, que as penitenciárias somente acolham presos que residam em um raio de 200 km. Segundo o juiz, as medidas que tomou são previstas pela Lei de Execução Penal e objetivam acabar com a violação dos direitos humanos da população carcerária e "abrir o debate a respeito da regionalização dos presídios".

Ele alega que muitos presos das penitenciárias da região são de famílias pobres da Grande São Paulo, que não dispõem de condições financeiras para visitá-los semanalmente, o que prejudica o trabalho de reeducação e de ressocialização. Sua sentença foi muito elogiada. Contudo, o governo estadual anunciou que irá recorrer ao Tribunal de Justiça, sob a alegação de que, se os estabelecimentos penais não puderem receber mais presos, os juízes das varas de execuções não poderão julgar réus acusados de crimes violentos, como homicídio, latrocínio, sequestro ou estupro.

1. As orações subordinadas "que as penitenciárias somente acolham presos", "que tomou" e "que irá recorrer ao Tribunal de Justiça" desempenham a função de complemento do verbo.

Falara com voz sincera, exaltando a beleza da paisagem e revelando que, se dependesse só dele, passaria o resto da vida ali, morreria na varanda, abraçado à visão do rio e da floresta. Era isso o que mais queria, se Alícia estivesse ao seu lado.

2. As orações "se dependesse só dele" e "se Alicia estivesse ao seu lado" estabelecem circunstância de condição em relação às orações às quais se subordinam.

Se a humanidade quiser a paz efetiva, deve estar disposta a remover tudo aquilo que a impede. E a buscar tudo aquilo que a possibilita. Antes de tudo, remover a falsa paz: A paz concordista que aceita, com tolerância descabida, situações injustas.

3. A oração "Se a humanidade quiser a paz efetiva" estabelece uma relação de condição.

Sua sentença foi muito elogiada. Contudo, o governo estadual anunciou que recorrerá ao Tribunal de Justiça, sob a alegação de que, se os estabelecimentos penais não puderem receber mais presos, os juízes das varas de execuções não poderão julgar réus acusados de crimes violentos, como homicídio, latrocínio, sequestro ou estupro.

4. Na linha 1, o emprego da conjunção "Contudo" estabelece uma relação de causa e efeito entre as orações.

Não parecia estar no iate, e sim em sua casa, em Manaus: sentado, pernas e pés juntos, tronco ereto, a cabeça oscilando, como se fizesse um não em câmera lenta.

5. A oração "como se fizesse um não em câmera lenta" expressa uma comparação estabelecida pelo narrador.

Com os olhos pestanejando de curiosidade, no começo de sua miopia, ele se indagava por que uma vez conseguia

mover a família, e outra vez não.

6. No trecho "ele se indagava", o termo "se" estabelece uma condição à realização da ação.

O fogo começa com pequenas queimadas feitas para abrir pastagens e acaba atingindo áreas de preservação. Os bombeiros levaram 11 dias para controlar o fogo no Parque Nacional da Chapada dos Guimarães.

7. Em suas duas ocorrências, a preposição "para" introduz orações que têm o sentido de finalidade.

Comentários:

Assertiva n. 1: Em "A sentença determina que as penitenciárias somente acolham presos", observe que a oração sublinhada é objeto direto do verbo determinar, que é transitivo direto. Quanto à segunda oração, verifique que ela se inicia com um pronome relativo *que*, o qual está retomando o substantivo antecedente *medidas* ("as medidas que tomou"). Trata-se, portanto, de uma oração subordinada adjetiva restritiva, que é adjunto adnominal do substantivo, e não complemento do verbo como a banca sugere. A terceira oração, por sua vez, faz o mesmo que a primeira: é objeto direto do verbo *anunciar* ("... o governo estadual anunciou que irá recorrer ao Tribunal de Justiça"). Dessa forma, a primeira e a terceira orações são, de fato, complementos de verbos (objetos diretos), mas a segunda não.

Resposta: errada.

Assertiva n. 2: A classificação das orações está diretamente ligada à classificação das conjunções que as iniciam. Nesse caso, ambas as conjunções são subordinativas adverbiais condicionais, o que faz com que as orações que elas iniciam sejam subordinadas adverbiais condicionais.

Resposta: certa.

Assertiva n. 3: Mais uma vez, uma conjunção condicional. Veja como o próprio verbo no subjuntivo (*quiser*) contribui para que você perceba o valor de condição da oração. Observe que a banca nem se preocupou com o nome completo da oração (oração subordinada adverbial condicional), e sim com o valor semântico que ela indica (*relação de condição*).

Resposta: certa.

Assertiva n. 4: Causa e efeito só haveria se a conjunção fosse adverbial *causal* ou adverbial *consecutiva*. *Contudo* é conjunção coordenativa adversativa, que indica oposição, ressalva. Logo, o valor semântico que se estabelece entre as informações não é de causa e efeito, e sim de oposição.

Resposta: errada.

Assertiva n. 5: Mais uma vez, a conjunção ajudando você a classificar a oração. Observe que o conector *como* tem o mesmo valor que *do mesmo modo que*, *da mesma forma que*: ele estabelece *comparação* entre as informações. A oração que ele inicia é, portanto, oração subordinada adverbial comparativa.

Resposta: certa.

Assertiva n. 6: Desta vez, o *se* nem é conjunção. Observe como ele tem valor semântico de *a si mesmo*: "Ele se indagava (= ele indagava a si mesmo)". Não há ideia de condição. Trata-se de um pronome reflexivo.

Resposta: errada.

Assertiva n. 7: Ambas as preposições têm valor semântico de *a fim de*, *com a finalidade de*, sendo, de fato, finais. As orações que elas iniciam são orações subordinadas adverbiais finais.

Resposta: certa.

15.7. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

Leia o texto a seguir para responder às questões 1 e 2.

Depois que se tinha fartado de ouro, o mundo teve fome de açúcar, mas o açúcar consumia escravos. O esgotamento das minas – que de resto foi precedido pelo das florestas que forneciam o combustível para os fornos –, a abolição da escravatura e, finalmente, uma procura mundial crescente, orientam São Paulo e o seu porto de Santos para o café. De amarelo, passando pelo branco, o ouro tornou-se negro.

Mas, apesar de terem ocorrido essas transformações que tornaram Santos num dos centros do comércio internacional, o local conserva uma beleza secreta; à medida que o barco penetra lentamente por entre as ilhas, experimento aqui o primeiro sobressalto dos trópicos. Estamos encerrados num canal verdejante. Quase podíamos, só com estender a mão, agarrar essas plantas que o Rio ainda mantinha à distância nas suas estufas empoleiradas lá no alto. Aqui se estabelece, num palco mais modesto, o contato com a paisagem.

O arrabalde de Santos, uma planície inundada, crivada de lagoas e pântanos, entrecortada por riachos estreitos e canais, cujos contornos são perpetuamente esbatidos por uma bruma nacarada, assemelha-se à própria Terra, emergindo no começo da criação. As plantações de bananeiras que a cobrem são do verde mais jovem e terno que se possa imaginar: mais agudo que o ouro verde dos campos de juta no delta do Bramaputra, com o qual gosto de o associar na minha recordação; mas é que a própria fragilidade do matiz, a sua gracilidade inquieta, comparada com a suntuosidade tranquila da outra, contribuem para criar uma atmosfera primordial.

Durante cerca de meia hora, rolamos por entre bananeiras, mais plantas mastodontes do que árvores anãs, com troncos plenos de seiva que terminam numa girândola de folhas elásticas por sobre uma mão de 100 dedos que sai de um enorme lótus castanho e rosado. A seguir, a estrada eleva-se até os 800 metros de altitude, o cume da serra. Como acontece em toda parte nessa costa, escarpas abruptas protegeram dos ataques do homem essa floresta virgem tão rica que para encontrarmos igual a ela teríamos de percorrer vários milhares de quilômetros para norte, junto da bacia amazônica. Enquanto o carro geme em curvas que já nem poderíamos qualificar como "cabeças de alfinete", de tal modo se sucedem em espiral, por entre um nevoeiro que imita a alta montanha de outros climas, posso examinar à vontade as árvores e as plantas estendendo-se perante o meu olhar como espécimes de museu.

(Adaptado de: Lévi-Strauss, Claude. *Tristes Trópicos*. Coimbra, Edições 70, 1979, p. 82-3)

1. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

No primeiro período do segundo parágrafo, as duas orações que não se subordinam a nenhuma outra contêm os seguintes

verbos:

a) conserva – experimento

b) terem ocorrido – conserva

c) tornaram – penetra

d) tornaram – experimento

e) conserva – penetra

2. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

As orações reduzidas ... para encontrarmos igual a ela... (4º parágrafo) e ... estendendo-se perante o meu olhar... (último parágrafo), no contexto em que ocorrem, podem ser distendidas da seguinte forma:

a) para que tivéssemos encontrado igual a ela / de modo que se estendem perante o meu olhar

b) para que encontremos igual a ela / as quais se estendem perante o meu olhar

c) para que encontrássemos igual a ela / que se estendem perante o meu olhar

d) para que encontrássemos igual a ela / quando se estendem perante o meu olhar

e) para que encontremos igual a ela / desde que se estendam perante o meu olhar

Leia o texto a seguir para responder à questão 3.

Estava mal chegando a São Paulo, quando um repórter me provocou: " Mas como, Chico, mais um samba? Você não acha que isso já está superado?". Não tive tempo de me defender ou de atacar os outros, coisa que anda muito em voga. Já era hora de enfrentar o dragão, como diz o Tom, enfrentar as luzes, os cartazes, e a plateia, onde distingui um caro colega regendo um coro pra frente, de franca oposição. Fiquei um pouco desconcertado pela atitude do meu amigo, um homem sabidamente isento de preconceitos. Foi-se o tempo em que ele me censurava amargamente, numa roda revolucionária, pelo meu desinteresse em participar de uma passeata cívica contra a guitarra elétrica. Nunca tive nada contra esse instrumento, como nada tenho contra o tamborim. O importante é Mutantes e Martinho da Vila no mesmo palco.

Mas, como eu ia dizendo, estava voltando da Europa e de sua música estereotipada, onde samba, toada etc. são ritmos virgens para seus melhores músicos, indecifráveis para seus cérebros eletrônicos. " Só tenho uma opção, confessou-me um italiano – sangue novo ou a antimúsica. Veja, os Beatles, foram à Índia..." Donde se conclui como precipitada a opinião, entre nós, de que estaria morto o nosso ritmo, o lirismo e a malícia, a malemolência. É certo que se deve romper com as estruturas. Mas a música brasileira, ao contrário de outras artes, já traz dentro de si os elementos de renovação. Não se trata de defender a tradição, família ou propriedade de ninguém. Mas foi com o samba que João Gilberto rompeu as estruturas da nossa canção. E se o rompimento não foi universal, culpa é do brasileiro, que não tem vocação pra exportar coisa alguma.

Quanto a festival, acho justo que estejam todos ansiosos por um primeiro prêmio. Mas não é bom usar de qualquer recurso, nem se deve correr com estrondo atrás do sucesso, senão ele se assusta e foge logo. E não precisa dar muito tempo para se perceber " que nem toda loucura é genial, como nem toda lucidez é velha".

(Adaptado de: HOLANDA, Chico Buarque de, apud Adélia B. de Menezes, *Desenho Mágico*: Poesia e Política em Chico Buarque, São Paulo, Ateliê, 2002, p. 28-29)

3. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

Considere as afirmativas abaixo.

I. O termo " coisa" (1º parágrafo) pode ser substituído por " o" com função de pronome, uma vez que, no período, retoma o segmento que o antecede.

II. As orações " de atacar os outros" (1º parágrafo) e " de defender a tradição" (2º parágrafo) servem de complemento ao sentido do verbo a que se referem.

III. Na frase *Mas foi com o samba que João Gilberto rompeu...* (2º parágrafo), o pronome " que" retoma " samba", além de ser elemento subordinante a introduzir uma nova oração.

Está correto o que consta de

a) II e III, apenas.

b) I, II e III.

c) I e II, apenas.

d) I, apenas.

e) III, apenas.

4. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016 – Adaptada)

A violência de que participavam, ou que combatiam, é esquecida. O museu parece assim desempenhar um papel de pacificação social.

Mantendo-se, em linhas gerais, o sentido original, caso a segunda frase seja subordinada à primeira, o período resultante será:

a) Como a violência de que participavam, ou que combatiam, é esquecida, o museu parece desempenhar um papel de pacificação social.

b) A violência de que participavam, ou que combatiam, é esquecida, de maneira que o museu parece desempenhar um papel de pacificação social.

c) A violência de que participavam, ou que combatiam, é esquecida; portanto, o museu parece desempenhar um papel de pacificação social.

d) O museu parece desempenhar um papel de pacificação social, uma vez que a violência de que participavam, ou que combatiam, é esquecida.

e) Conquanto o museu pareça desempenhar um papel de pacificação social, a violência de que participavam, ou que combatiam, é esquecida.

5. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016 – Adaptada)

Na frase *Diante de cada crítica escandalizada dirigida ao museu, seria interessante desvendar* <u>*que valor foi previamente sacralizado*</u>, a oração sublinhada complementa o sentido de

a) um substantivo, e pode ser considerada como interrogativa indireta.

b) um verbo, e pode ser considerada como interrogativa direta.

c) um verbo, e pode ser considerada como interrogativa indireta.

d) um substantivo, e pode ser considerada como interrogativa direta.

e) um advérbio, e pode ser considerada como interrogativa indireta.

Leia o texto a seguir para responder à questão 6.

Levantou-se da cama o pobre namorado sem ter conseguido dormir. Vinha nascendo o Sol.

Quis ler os jornais e pediu-os.

Já os ia pondo de lado, por haver acabado de ler, quando repentinamente viu seu nome impresso no **Jornal do Comércio**.

Era um artigo *a pedido* com o título de **Uma Obra-Prima**.

Dizia o artigo:

Temos o prazer de anunciar ao país o próximo aparecimento de uma excelente comédia, estreia de um jovem literato fluminense, de nome Antônio Carlos de Oliveira.

Este robusto talento, por muito tempo incógnito, vai enfim entrar nos mares da publicidade, e para isso procurou logo ensaiar-se em uma obra de certo vulto.

Consta-nos que o autor, solicitado por seus numerosos amigos, leu há dias a comédia em casa do Sr. Dr. Estêvão Soares, diante de um luzido auditório, que aplaudiu muito e profetizou no Sr. Oliveira um futuro Shakespeare.

O Sr. Dr. Estêvão Soares levou a sua amabilidade ao ponto de pedir a comédia para ler segunda vez, e ontem ao encontrar-se na rua com o Sr. Oliveira, de tal entusiasmo vinha possuído que o abraçou estreitamente, com grande pasmo dos numerosos transeuntes.

Da parte de um juiz tão competente em matérias literárias este ato é honroso para o Sr. Oliveira.

Estamos ansiosos por ler a peça do Sr. Oliveira, e ficamos certos de que ela fará a fortuna de qualquer teatro.

O amigo das letras.

Machado de Assis. A mulher de preto. In: *Contos fluminenses*. São Paulo: Globo, 1997 (com adaptações).

6. (INSS – Analista Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

Acerca de aspectos linguísticos do texto, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Na linha 11, o vocábulo " que" classifica-se como conjunção e introduz o sujeito da oração " Consta-nos".

Leia o texto a seguir para responder à questão 7.

A soberania popular pode ser exercida, juridicamente, por meio de três modelos: democracia participativa ou direta, democracia representativa ou indireta e democracia semidireta. Na democracia direta, o povo participa diretamente da vida política do Estado, exercendo os poderes governamentais, fazendo leis, administrando e julgando. É, pois, aquela em que o povo exerce de modo imediato as funções públicas. Na democracia indireta ou representativa, o povo não exerce seu poder de modo imediato, mas por meio de seus representantes, eleitos periodicamente, a quem são delegadas as funções de governo. A democracia representativa pressupõe um conjunto de instituições que disciplinam a participação popular no processo político, que formam os direitos políticos que qualificam a cidadania, como, por exemplo, as eleições, o sistema eleitoral, os partidos políticos; enfim, mecanismos disciplinadores para a escolha dos representantes do povo. Na democracia semidireta, são assegurados

instrumentos de participação direta do povo nas funções de governo. Esses instrumentos de participação dão ao povo, conservadas, embora em parte, as formas representativas, a palavra final relativa a todo o ato governativo. Como exemplo desses instrumentos, podem ser citados o referendo e o plebiscito.

Disponível em: <www.planalto.gov.br> (com adaptações).

7. (TRE/MS – Técnico – Cespe – Jan./2013)

O sujeito da oração cujo núcleo do predicado é a forma verbal " formam" (l. 8) é

a) o pronome " que" imediatamente antecedente.

b) oculto.

c) indeterminado.

d) a expressão " um conjunto de instituições" (l. 7).

e) a expressão " os direitos políticos" (l. 8).

Leia o texto a seguir para responder à questão 8.

Se a Dinamarca tivesse seguido a corrente rodoviária dominante desde a década de 60 do século passado, nunca viraria um modelo de planejamento urbano. Em uma época em que parecia fazer mais sentido priorizar o trânsito de carros, Copenhague apostou na criação da primeira rua para pedestres do país. Antes de se tornar o maior calçadão da Europa, com um quilômetro de extensão, a Strøget era uma rua comercial dominada por automóveis, assim como todo o centro da cidade. O arquiteto por trás da iniciativa, Jan Gehl, acreditava que os espaços urbanos deveriam servir para a interação social. Na época, foi criticado pela imprensa e por comerciantes, que ponderavam que as pessoas não passariam muito tempo ao ar livre em uma capital gélida. Erraram. As vendas triplicaram, e a rua de pedestres foi ocupada pelos moradores. A experiência reforçou as convicções de Gehl, que defende o planejamento das cidades para o usufruto e o conforto das pessoas.

Camilo Gomide. Cidades prazerosas. In: *Planeta*, fev./2014 (com adaptações).

8. (ICMBIO – Superior – Cespe – Maio/2014)

Julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Nas sequências " acreditava que os espaços urbanos" (l. 6) e " ponderavam que as pessoas não passariam" (l. 7), o " que" introduz complementos oracionais para as formas verbais " acreditava" e " ponderavam".

9. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

Em todos os segmentos abaixo há exemplos de formas de gerúndio; o valor semântico de uma dessas formas que está corretamente indicado é:

a) " Está para chegar ao mercado um apetrecho que transforma o celular num verdadeiro laboratório de análises clínicas, <u>realizando</u> mais de 50 exames a uma fração do custo atual" / finalidade;

b) " Também é possível, <u>adquirindo</u> lentes que custam centavos, transformar o smartphone num supermicroscópio" / meio;

c) " ..., fará com que as pessoas administrem mais sua própria saúde, <u>recorrendo</u> ao médico em menor número de ocasiões" / modo;

d) " <u>Dando</u> algum desconto para as previsões,..." / concessão;

e) “ Concordando com as linhas gerais do pensamento de Topol” / tempo.

10. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

“ A comunicação entre as redes internacionais ligadas ao crime organizado são realizadas para negociar armas e drogas.”

A oração reduzida sublinhada teria como forma nominalizada equivalente:

a) para que se negociem armas e drogas;

b) para a negociação de armas e drogas;

c) para que sejam negociadas armas e drogas;

d) para que se negociassem armas e drogas;

e) para o negócio de armas e drogas ser realizado.

11. (Compesa – An. Gest. Médico do Trabalho – FGV – Jul./2016)

Muitas orações se estruturam na forma reduzida – com formas verbais no particípio, gerúndio ou infinitivo; nas frases a seguir, pretendeu-se reescrever as formas reduzidas de infinitivo sublinhadas em forma de orações desenvolvidas.

Assinale a opção que indica a frase em que essa reescritura foi feita de forma adequada.

a) “ *É melhor acender uma vela do que amaldiçoar a escuridão.*” / o acendimento de uma vela.

b) “ *Não é preciso acender uma vela para o sol.*” / que se acenda.

c) “ *Hipótese é uma coisa que não é, mas a gente faz de conta que é, para ver como seria se ela fosse.*” / para que víssemos.

d) “ *A última função da razão é reconhecer que há uma infinidade de coisas que a ultrapassam.*” / o reconhecimento de.

e) “ *A sutileza do pensamento consiste em descobrir a semelhança das coisas diferentes e a diferença das coisas semelhantes.*” / na descoberta da semelhança.

12. (Compesa – An. Gest. Médico do Trabalho – FGV – Jul./2016)

Assinale a opção que apresenta a frase em que a substituição da oração adjetiva sublinhada pelo termo em destaque é ***inadequada***.

a) “ *O que é a felicidade além da simples harmonia entre o homem e a vida que ele leva?*” – **vivida por ele**.

b) “ *Sucesso é conseguir o que você quer e felicidade é gostar do que você conseguiu.*” – **desejado**.

c) “ *Você não será mais feliz com mais até ser feliz com o que você já tem.*” – **já obtido**.

d) “ *A felicidade é um bem que se multiplica ao ser dividido.*” – **multiplicável**.

e) “ *Felicidade é como uma flor que não se deve colher.*” – **recolhida**.

Leia o texto a seguir para responder à questão 13.

É preciso considerar a direção que devem tomar as políticas públicas para alcançar maior eficiência. Primeiramente, deve-se pensar em maneiras para motivar o servidor de carreira, incentivando-o a empreender ações que propiciem melhoras na administração pública. Isso inclui tanto a oferta de treinamento adequado, quanto uma maior interação entre órgãos de controle:

Controladoria-Geral, Tribunal de Contas, Ministério Público e o restante da administração pública. Outra ideia para motivar os servidores públicos de carreira é a regulamentação da possibilidade de ascensão funcional, das atividades de nível médio para outras de nível superior, por meio de concursos internos.

(Adaptado de http://www.brasil-economia-governo.org.br/2012/11/21/gestao-publica-mais-eficiente/)

13. (ESAF – MF – Assistente Técnico Administrativo – 2014)

(Adaptada) Julgue a assertiva a seguir como " certa" ou " errada", em relação às estruturas linguísticas do texto.

O segmento " que propiciem melhoras na administração pública" (l. 3) tem natureza explicativa.

Leia o texto a seguir para responder à questão 14.

Um estudo demonstrou que é possível transportar amostras de sangue em drones pequenos para a realização de exames sem alterar a qualidade da amostra. A estratégia pode ajudar a tornar exames de rotina mais acessíveis em regiões isoladas, com pouco acesso por estrada, por exemplo. A pesquisa que chegou a essa conclusão – feita pela Universidade Johns Hopkins, nos Estados Unidos – foi publicada na revista científica *Plos one* nesta quarta-feira (29).

O que os cientistas queriam avaliar era se as amostras não perdem a qualidade depois de jornadas de até 40 minutos a bordo do drone. Além do tempo do percurso, preocupava os pesquisadores a aceleração no lançamento do veículo e o impacto quando o drone pousa em seu destino. " Tais movimentos poderiam destruir células do sangue ou fazer com que o sangue coagulasse, então eu pensava que todo o tipo de teste de sangue poderia ser afetado, mas nosso estudo mostra que eles não foram afetados e isso foi legal", disse o médico patologista Timothy Amukele, da Escola de Medicina da Universidade Johns Hopkins.

(Fonte: http://g1.globo.com/bem-estar/noticia/2015/07/drone-pode-transportar-amostra-de-sangue-para-exame-em-zonas-remotas.html. Acesso em 30.07.2015)

14. (ESAF – ESAF – Analista de Planejamento e Orçamento – 2015)

(Adaptada) Julgue a assertiva a seguir como " certa" ou " errada".

A oração " que é possível transportar amostras de sangue em drones pequenos para a realização de exames sem alterar a qualidade da amostra" (l. 1-2) tem função de objeto direto.

Gabarito: 1. a; 2. c; 3. d; 4. b; 5. c; 6. c; 7. a; 8. C; 9. b; 10. b; 11. b; 12. e; 13. errada; 14. certa.

15.8. RESUMO

Classificar orações é sempre um grande desafio! Até porque, nas provas, elas vêm misturadas, o mais difícil sempre é não confundi-las… Vamos às dicas finais?

- Orações devem ser contadas pelo número de verbos: para cada verbo, uma oração.
- No período composto por coordenação, a oração sem conectivo é chamada de assindética. Já no período composto por subordinação, a oração sem conectivo é chamada de principal.
- As orações coordenadas não possuem relação sintática entre si, apenas semântica. As orações subordinadas relacionam-se sintaticamente (uma é sujeito da outra, ou objeto direto etc.).

- Ao classificar as orações, você deverá pensar em quatro tipos: coordenadas ou subordinadas adverbiais (que podem ser identificadas pelo valor semântico que suas conjunções apresentam); subordinadas substantivas (que podem ser substituídas por "isto") ou subordinadas adjetivas (que se iniciam com pronome relativo, ligando-se a um substantivo antecedente).

16 CONCORDÂNCIA NOMINAL

16.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Concordância nominal é assunto que será dividido em duas partes: no primeiro segmento, apresentaremos os casos em que, antes de se fazer a concordância do adjetivo, é preciso detectar a função sintática que ele desempenha na frase. Por exemplo:

Tiradentes possuía cabelos e barba longos/longa.

Nessa frase, antes de fazer a flexão do adjetivo *longo*, você precisaria identificar sua função sintática. O fato de ele ser um adjunto adnominal posposto aos substantivos permite as duas opções: ele pode concordar com todos os substantivos ou apenas com o mais próximo. É na primeira parte do assunto, portanto, que vamos ensinar a você a identificação das funções sintáticas do adjetivo e todas as possibilidades de concordância que tais funções permitem.

No segundo segmento do assunto, você conhecerá os casos especiais da concordância nominal. São casos bastante explorados nas provas de concursos: a flexão de palavras como *bastante*, *anexo*, *quite*, *leso*, *junto*... Nessas situações, você não precisará perder tanto tempo raciocinando na frase: não será preciso identificar a função sintática do adjetivo, basta identificar a classe gramatical da palavra na frase. Se for uma classe variável (pronome, adjetivo, numeral etc.), a tendência será a variação; se for uma classe de palavra invariável (advérbio, palavra denotativa etc.), não poderá ir ao feminino nem ao plural.

De qualquer forma, nossa meta é a de que você não tenha de decorar uma série de regrinhas, mas aprenda a raciocinar de acordo com a frase.

Vamos começar? Então, entenda: são dois grandes blocos de concordância nominal. A primeira parte abordará os casos 1, 2, 3 e 4 e a segunda, do caso 5 até o final. Para cada regra, procuramos apresentar frases que vão servir de exemplo, devidamente comentadas. Ao final de cada segmento, elaboramos exercícios de fixação para você internalizar o raciocínio.

16.1.1. Introdução

A concordância pode ser:

a) Rígida ou gramatical: total ou parcial

- Atitude e caráter *apropriados*/*apropriado* (total: o adjetivo concorda em gênero e número com todos os substantivos ou com o mais próximo).
- *Apropriada* atitude e caráter (parcial: concorda em gênero e número com o substantivo mais próximo).

b) Ideológica: silepse

• Vossa Senhoria é generos**o.** (silepse de gênero)

O pronome de tratamento está no feminino e o adjetivo no masculino.

• A *meninada* se divertia. *Risonhas*, elas cantavam. (silepse de número)

O substantivo coletivo está no singular e o adjetivo no plural.

16.1.2. Concordância nominal: Parte I – As funções sintáticas do adjetivo

Aqui, veremos os casos em que o adjetivo, dependendo de sua **função sintática**, poderá concordar com dois ou mais substantivos ou apenas com um deles. Nesse caso, é fundamental conhecermos as funções que o adjetivo exerce na frase. Vamos a elas!

Revisando:

1. Adjunto adnominal

(especifica o substantivo)

Adjetivo

2. Predicativo (atributo dado ao sujeito ou ao objeto)

Subdivide-se em: do sujeito e do objeto

Exemplos:

Olhos negros (adjunto adnominal)

Rua silenciosa (adjunto adnominal)

Seus olhos são negros. (predicativo do sujeito)

(sujeito)

A rua estava silenciosa. (predicativo do sujeito)

(sujeito)

O povo achou os governantes incompetentes.

(objeto direto) (predicativo do objeto)

Aqui vale um recado!

Atenção: O adjunto adnominal vem junto ao nome substantivo (olhos negros). O predicativo do sujeito vem separado por um verbo (seus olhos são negros). Já o predicativo do objeto vai se referir ao objeto (O povo achou os governantes incompetentes.) É aqui que poderá ocorrer dúvida. Se a palavra incompetente vem junto ao substantivo governantes, por que não classificá-la como adjunto adnominal?

Qual é a diferença entre adjunto adnominal e predicativo do objeto?

Uma maneira prática de se fazer essa distinção é retirar o adjetivo da frase e observar se há ou não sentido. Se ficar faltando informação, é predicativo do objeto, se não, adjunto adnominal.

Exemplo:

O povo achou os governantes? (Tem sentido? Não. Então, incompetentes é predicativo do objeto).

Tinha um único vício: a mentira. (Tinha um vício: a mentira. Tem sentido? Sim. Então é adjunto adnominal).

Visto isso, vamos aos casos de concordância nominal que envolvem a identificação da função sintática do adjetivo e suas posições.

16.1.2.1. Adjetivo na função de adjunto adnominal posposto aos substantivos

a) Adjetivo na função de adjunto adnominal posposto a dois ou mais substantivos do mesmo gênero: vai para o plural do gênero comum ou concorda com o mais próximo.

b) Adjetivo na função de adjunto adnominal posposto a dois ou mais substantivos de genêros diferentes: vai para o plural masculino ou concorda com o mais próximo.

* O adjetivo concordará apenas com o último substantivo se o sentido exigir.

Exs.:

1. Prédio e apartamento *antigos* ou *antigo*
2. Documentação e bagagem *intactas* ou *intacta*
3. Comprei calça e camisa *novas*/*nova*

Comentários:

Na frase 1, prédio e apartamento são masculinos. Ao concordar, em gênero e número, com os dois substantivos, masculino plural (*antigos*), com o mais próximo – apartamento, masculino singular – *antigo*.

Nas frases 2 e 3, os dois substantivos são femininos (*documentação/bagagem; calça/camisa*). Concordando com os dois, feminino plural (*intactas; novas*), com o mais próximo, feminino singular (*intacta; nova*).

4. Defeitos e virtudes *verdadeiros*/*verdadeiras.*
5. Ação e julgamento *éticos*/*ético.*
6. Uvas e pêssegos *deliciosos*.

Comentários:

Nas frases 4 e 5 temos substantivos de gêneros diferentes – defeitos, masculino, virtudes, feminino; ação, feminino, julgamento, masculino. Quando isso ocorre, concordando com os dois em gênero e número, masculino plural

(*verdadeiros*/*éticos*). Com o mais próximo – virtudes *verdadeiras*, julgamento *ético*. Na frase 6, só pode ser deliciosos, pois, concordando com os dois substantivos (*uvas* – feminino e *pêssegos* – masculino), masculino plural. Como o substantivo mais próximo está no masculino plural (*pêssegos*), só há uma resposta – *deliciosos*.

16.1.2.2. Adjetivo na função de adjunto adnominal anteposto aos substantivos

a) Adjetivo *anteposto*, na função de *adj. adn.*, a dois ou mais substantivos:

A concordância se faz com o substantivo mais próximo.

b) Adjetivo *anteposto* a nome de pessoas ilustres:

O adjetivo vai para o plural dos substantivos.

Exs.:

7. *Antigas* revistas e jornais.

8. Os *ilustres* Drummond e Cecília Meireles.

Comentários:

Na frase 7, o adjetivo, na função de adjunto adnominal, vem anteposto a dois substantivos. Quando isso ocorre, as gramáticas recomendam a concordância em gênero e número com o substantivo mais próximo. Já na frase 8, por se tratar de nomes de pessoa, concorda com os dois substantivos em gênero e número.

16.1.2.3. Adjetivo na função de predicativo

a) Adjetivo na função de *predicativo* (do sujeito ou do objeto):

Concorda com o substantivo a que se refere.

b) Adjetivo na função de *predicativo do sujeito composto*:

Quando vier posposto ao sujeito composto concorda com todos os núcleos. Se vier anteposto, pode concordar com o mais próximo, se o verbo também o fizer. Se o verbo estiver no plural, o predicativo ficará no plural.

c) Adjetivo na função de *predicativo do objeto composto*:

Vai para o plural dos substantivos.

Exs.:

9. Sua reivindicação é *justa*.

10. É um relógio que torna *inesquecíveis* todas as horas.

Comentários:

Vimos no caso 3 (a) que tanto o predicativo do sujeito quanto o predicativo do objeto concordam com os

respectivos termos (o sujeito e o objeto). Como o adjetivo é uma classe variável (flexiona-se em gênero e número), *justa* – feminino singular – concorda com o sujeito – *reivindicação* – e *inesquecíveis* – adjetivo que só se flexiona em número – concorda com o objeto *horas*. É o que ocorre nas frases 9 e 10.

Nota:

Em Língua Portuguesa, alguns adjetivos não têm flexão de gênero (adjetivos uniformes, só uma forma para os dois gêneros, masculino ou feminino). Por exemplo:

Homem triste / mulher triste

Homens tristes / mulheres tristes

O adjetivo triste varia em número, mas não em gênero, assim como o adjetivo inesquecíveis.

11. A assistência técnica e o ensino eram *gratuitos*.

12. Eram *gratuitos* a assistência técnica e o ensino.

13. Era *gratuita* a assistência técnica e o ensino.

Comentários:

As frases 11, 12 e 13 exemplificam o caso 3 (b). Se o sujeito é composto, o predicativo do sujeito concorda em gênero e número com todos os núcleos (*assistência* e *ensino*, feminino e masculino).

Na frase 11, o adjetivo *gratuitos* ficou no masculino plural, portanto, para concordar com *assistência* e *ensino*. Nas frases 12 e 13, a concordância do predicativo do sujeito depende da concordância do verbo de ligação, que vem anteposto. Nesses casos, o verbo indica se o predicativo do sujeito concorda com todos os núcleos ou com o mais próximo. Se o verbo aparecer no plural (concordando com todos os núcleos – *assistência* e *ensino*), o predicativo também o fará (*Eram gratuit**os***). Se o verbo estiver no singular (concordando com o núcleo mais próximo – *assistência*), o predicativo do sujeito concorda em gênero e número com o mais próximo (*Era gratuita*).

14. Acho a proposta e o trabalho *irrecusáveis*/*irrecusável*.

15. Encontrei *abertos*/*aberta* a janela e o portão.

Comentários:

Agora, temos exemplos de adjetivos que se referem ao objeto composto. Observamos que, quando isso ocorre, o predicativo do objeto, anteposto ou posposto, pode concordar com todos os núcleos do objeto em gênero e número ou com o núcleo mais próximo em gênero e número.

Vamos aos exemplos comentados.

Complete com a(s) forma(s) adequada(s):

1. Gestos e atitudes _____. (belicoso)

Comentários: Adjetivo posposto na função de adjunto adnominal – concorda com todos os substantivos em gênero e número ou com o mais próximo.

Resposta: belicosos ou belicosas.

2. _____ atitudes e gestos. (belicoso)

Comentários: Adjetivo anteposto na função de adjunto adnominal – concorda em gênero e número com o substantivo mais próximo.

Resposta: Belicosas.

3. Aprecio a cultura e a história _____ . (europeia)

Comentários: Mais uma frase em que temos adjunto posposto na função de adjunto adnominal, como na frase 1. Como os dois substantivos são femininos, plural feminino – concordância total – ou singular feminino – concordância atrativa.

Resposta: europeias ou europeia.

4. O ministro mostrou _____ cultura e talento. (belo)

Comentários: Como na frase 2, temos adjetivo anteposto na função de adjunto adnominal concorda com o substantivo mais próximo em gênero e número.

Resposta: bela.

5. A área e os meios de atuação dos funcionários tornam-se _____. (limitado)

Comentários: Aqui, o adjetivo vem separado dos substantivos por um verbo, funcionando como predicativo do sujeito – termo que, mesmo de longe, determina o sujeito. Nesse caso, só pode concordar com todos os núcleos em gênero e número. Como o sujeito composto é representado por substantivos de gêneros diferentes, masculino plural.

Resposta: limitados.

6. Tornam-se _____ a área e os meios de atuação dos funcionários. (limitado)

Comentários: Agora, o adjetivo, na função de predicativo do sujeito, vem anteposto ao sujeito – esta frase é a mesma que a anterior, só que invertida, logo a análise é a mesma. Quando isso ocorre, o verbo é que determina a flexão do adjetivo. Como o verbo anteposto está concordando com todos os núcleos, o adjetivo predicativo do sujeito concorda em gênero e número com todos eles.

Resposta: limitados.

7. Torna-se _____ a área e os meios de atuação dos funcionários. (limitado)

Comentários: Nesta frase, o verbo (*torna-se*) vem anteposto ao sujeito composto concordando com o núcleo mais próximo – *área*; singular. Por isso, o adjetivo na função de predicativo do sujeito concorda com o substantivo área, feminino singular.

Resposta: limitada.

8. Deixei _____ para o leitor meus pontos de vista sobre o assunto. (claro)

Comentários: O adjetivo *claro* aparece na função de predicativo do objeto ("Deixei meus pontos de vista..."), já que "claros" são os pontos de vista, ou seja, na ordem direta, a frase ficaria assim: "Deixei meus pontos de vista claros para o leitor."

Resposta: claros.

9. Comprou frutas, ovos e carne _____ . (bovino)

Comentários: O adjetivo bovino vem posposto na função de adjunto adnominal. Só que, nessa construção, razões semânticas fazem com que o termo bovino só possa concordar com o substantivo mais próximo – *carne* –, pois seria impossível você comprar *ovos* e *frutas* de boi.

Resposta: bovina.

10. Essa professora contou-nos _____ lendas e contos. (antigo)

Comentários: Aqui, o adjetivo, na função de adjunto adnominal, vem anteposto. A recomendação das gramáticas, nesses casos, é a de que o adjetivo concorde, em gênero e número, com o substantivo mais próximo (*lendas*).

Resposta: antigas.

16.1.3. Concordância nominal: Parte II – Casos especiais

Agora que você já estudou a concordância nominal que varia de acordo com a função do adjetivo na frase, vamos conhecer os casos especiais, que são muito explorados em provas.

16.1.3.1. As expressões é bom, é proibido...

a) Se o sujeito não vier determinado: O predicativo fica invariável.

b) Se houver determinação do sujeito: A concordância será normal.

Exemplos:

16. Vitamina é *bom* para a saúde.

17. Entrada é *proibido.*

18. Esta cerveja é *deliciosa*.

19. A entrada é *proibida*.

Comentários:

Nas frases 16 a 19, temos um caso especial de concordância nominal: as expressões *é bom*, *é proibido*, *é deliciosa*..., representadas por verbo de ligação ser mais predicativo. Se o substantivo na função de sujeito vier

determinado (acompanhado de artigo, pronome) o adjetivo concorda com o sujeito – frases 18 e 19. Se não vier determinado, fica invariável (masculino singular) – frases 16 e 17.

16.1.3.2. Plural do adjetivo composto

a) Adjetivo composto formado de *adjetivo* + *adjetivo*:

O primeiro elemento fica invariável, e o último concorda com o substantivo a que se refere.

Obs.: 1) azul-marinho, azul-celeste, ultravioleta: são invariáveis.

2) surdo-mudo: variam os dois elementos.

b) Adjetivo composto formado de *adjetivo* + *substantivo*:

Os dois elementos ficam invariáveis. Quando a cor vier representada por substantivo não varia.

Exs.:

20. Amizades *luso-brasileiras*.

21. Todas usavam saias *vermelho-claras*.

22. Assisti a reuniões *político-sociais*.

23. Descobertas *médico-científicas* contribuem para o bem da humanidade.

24. Comprou dois ternos *azul-marinho*.

25. Raios *ultravioleta*.

26. Meninos *surdos-mudos*.

Comentários:

A maioria dos exemplos de adjetivos compostos em Língua Portuguesa é aquela cuja formação é de dois adjetivos. Como vimos na teoria, só o último elemento se flexiona em gênero e número, exceções feitas a: *azul-marinho*, *azul-celeste* e *ultravioleta*, que não se flexionam. Em *surdo-mudo*, embora seja um adjetivo composto formado por dois adjetivos, a gramática determina que os dois elementos variem em gênero e número (*surdos-mudos*, *surdas-mudas*).

27. Adorava tecidos *verde-limão*.

28. Bermudas *amarelo-ouro*.

Comentários:

Se aparecer substantivo no adjetivo composto, nenhum elemento se flexiona, ficam invariáveis.

29. Blusas *laranja*.

30. Sapatos *cinza*.

31. Calças *gelo*.

Comentários:

Em português, observa-se que o adjetivo é a classe que denota cor (*blusas azuis*, *vermelhas*, *amarelas*, *brancas*...). Quando a cor vem representada por substantivo (*laranja*, *cinza, gelo*, *abóbora*...), não varia, já que não é papel de substantivo denotar cor.

16.1.3.3. Expressões mesmo, próprio, obrigado, anexo...

As expressões mesmo, próprio, anexo, quite, obrigado, incluso, leso, junto, tal concordam com o nome ou pronome a que se referem.

Obs.: *Em anexo*: fica invariável.

Exs.:

32. Elas *mesmas* não sabiam a questão.

33. Ela *própria* escreveu o bilhete.

34. Enviou-lhe *anexas*/*em anexo* neste envelope as duplicatas necessárias.

35. Vinham *inclusas* na pasta a carta e a procuração.

36. Estamos *quites* com todos vocês.

37. Muito *obrigada*, respondeu a moça.

38. Cometeram-se crimes de *leso*-idioma./ *lesa*-pátria.

39. Os filhos são *tais qual* o pai./ O filho é *tal quais* os pais.

40. Ana e Rosa saem sempre *juntas*.

41. Fernanda chegou *junto com* Lúcia à escola.

Comentários:

Nas frases 32 e 33, *mesmas* refere-se a *elas* e *própria*, a *ela*. Na frase 34, o adjetivo *anexas* está se referindo a duplicatas. Na ordem direta, teríamos: "Enviou-lhe as duplicatas necessárias anexas". Uma outra forma de se dizer o mesmo seria com a expressão *em anexo*, que é invariável e está sempre certa. Na frase 35, *inclusas* é adjetivo de *carta e procuração*. Na ordem direta, teríamos: "A carta e a procuração vinham inclusas". Na frase 36, *quites* é adjetivo de *nós*, é o mesmo que *desobrigados*. Vem do verbo *quitar*, é seu particípio irregular, mas, aqui, tem valor de adjetivo e concorda com o pronome (nós) a que se refere. *Obrigada*, na frase 37, é adjetivo e concorda com o substantivo *moça*. É por isso que meninos dizem *obrigado* e meninas, *obrigada*. Na frase 38, *leso* é

adjetivo: é o mesmo que *lesado*, *prejudicado*. Daí ele concordar em gênero e número com o substantivo com o qual forma uma composição (*idioma* e *pátria*). Na frase 39, *tal* e *qual* concordam com o nome ou pronome que determinam: *tal* concorda com o antecedente e *qual*, com o elemento seguinte. No primeiro exemplo, *tais* concordou com *filhos* e *qual*, com *pai*. No segundo exemplo, *tal* concordou com *filho* e *quais*, com *pais*. Na frase 40, *juntas* é adjetivo que se refere aos substantivos *Ana* e Rosa. Já na frase 41, tem-se a locução prepositiva *junto com* invariável.

16.1.3.4. Expressões menos, pseudo, alerta, um e outro, um ou outro...

a) Monstro (como adjetivo), menos, pseudo, alerta:

Ficam invariáveis

b) Um e outro, nem um nem outro, um ou outro:

Com essas expressões o **substantivo** não se flexiona.

Exs.:

42. Compareceram *menos* pessoas que o esperado.

43. Se você quiser manter a elegância, coma *menos*.

44. Ainda existem alguns *pseudo*-heróis.

45. Os soldados continuavam *alerta.*

46. São duas criaturas *monstro*.

47. Um e outro *remédio* eram necessários.

48. Nem um nem outro *namorado* a entendia.

Comentários:

Na frase 42, *menos*, apesar de ser pronome adjetivo indefinido, que é uma classe, na maioria das vezes, variável, refere-se ao substantivo *pessoas*, mas não varia. Já na frase 43, ele é advérbio e, por isso mesmo, invariável. *Menos* não varia nem como pronome indefinido, nem como advérbio: não varia nunca!

Pseudo é elemento grego que significa *falso*, ligando-se ao elemento seguinte, mas mantendo--se sempre invariável. É o que se observa na frase 44.

Alerta é rigorosamente advérbio, ainda que muitos tentem usar tal vocábulo como adjetivo, o que se deve evitar: daí na frase 45 não aparecer flexionado. *Alerta* só deve assumir papel de adjetivo se vier junto ao substantivo, como na frase: "Naquele momento, todos tinham os sentidos *alertas*".

Aqui, ele é adjetivo e concorda com o substantivo *sentidos*, fato que não ocorreu na frase 45: ali *alerta* era

advérbio e se referia ao verbo *continuavam*.

Na frase 46, *monstro*, apesar de ser adjetivo de *criaturas*, não admite variação.

Frases 47 e 48: *um e outro*, *um ou outro* e *nem um nem outro* levam obrigatoriamente o substantivo para o singular. O que poderá se flexionar, em algumas situações, será o verbo, assunto de que vamos tratar no capítulo sobre concordância verbal.

16.1.3.5. Expressões só, meio, bastante, caro, barato...

As expressões concordam com o substantivo a que se referem. Se aparecerem como advérbios ou palavras denotativas, ficam invariáveis.

Obs.: *A sós*: fica invariável.

Exemplos:

49. *Só* eles compareceram à cerimônia de posse.

50. Eles se encontravam *sós/só* naquele lugar deserto.

51. Percebi que eles *só* desejam o nosso bem.

52. As moças jamais ficarão *sós*.

Comentários:

Na frase 49, *só* equivale a *somente* ("*somente* eles compareceram à cerimônia de posse"): é palavra denotativa de exclusão, sendo, portanto, invariável. Já na frase 50, em um primeiro momento, o que se quis dizer é que "eles se encontravam *sozinhos* naquele lugar deserto": *só* seria adjetivo e concordaria com o pronome *eles*. No entanto, podemos ler tal frase de uma outra forma:

Eles se encontravam só (= somente) naquele lugar deserto.

Teríamos, aqui, outra leitura: "eles se encontravam *apenas* naquele lugar deserto, em nenhum outro lugar". Por isso, as duas opções estariam corretas na frase 50.

Já na frase 51, não há ambiguidade: *só* equivale a *somente*, *apenas*, sendo, portanto, invariável. Na frase 52, *sós* é adjetivo que se refere a *moças*. É claro que também estaria certa a expressão *a sós*, que é invariável e está sempre certa!

53. Traga-me *meia* caneca de café.

54. Ela andava *meio* esquisita.

Comentários:

Meia, na frase 53, é numeral fracionário. Refere-se ao substantivo *caneca* e, já que é numeral, trata-se de classe

variável. Já na frase 54, é advérbio, referindo-se ao adjetivo *esquisita*, mantendo-se, assim, sem se flexionar.

55. Eu não o vejo há *bastantes* dias.

56. Havia livros *bastantes* naquela estante.

57. Conhecemos pessoas *bastante* agradáveis.

58. Trabalharam *bastante* para entregar o serviço no prazo.

Comentários:

Bastante, na frase 55, equivale a *muitos*, refere-se a *dias*: é pronome indefinido, sendo, portanto, variável. Na frase 56, é adjetivo, equivalendo a *suficientes*: qualifica o substantivo *livros* e concorda com ele. Já nas frases 57 e 58, *bastante* funciona como advérbio, referindo-se ao adjetivo *agradáveis* e ao verbo *trabalharam*, respectivamente. E, como já vimos, sendo advérbio, será invariável.

Só pode ser adjetivo (= sozinho) ou palavra denotativa de exclusão (= somente). Se for adjetivo, irá variar. Como palavra denotativa de exclusão, não varia.

Meio pode ser numeral (= metade) ou advérbio (= um pouco). Quando for numeral, concordará com o substantivo a que se referir. Quando for advérbio, permanecerá invariável.

Bastante, quando se referir a substantivo, poderá ser pronome indefinido ou adjetivo (= suficiente). Nos dois casos, concordará com o substantivo a que se referir. Só será invariável quando funcionar como advérbio, referindo-se a verbo/adjetivo/advérbio.

59. Aquelas roupas estão *caras*/ *baratas*. (caro/barato)

60. Os gêneros alimentícios permanecem *caros*/*baratos*.

61. Os gêneros alimentícios custam *caro*/*barato* ou *caros/baratos.*

Comentários:

Caro e *barato* podem atuar como adjetivos ou advérbios. Se adjetivos, irão variar. Se forem advérbios, permanecerão invariáveis. Na frase 59, são adjetivos que se referem ao substantivo *roupas*. O mesmo acontece na frase 60: são adjetivos do substantivo *gêneros*. No entanto, pode--se ler a frase 61 de duas maneiras:

Os gêneros alimentícios custam caro/barato.

(Aqui, *caro*/*barato* seriam advérbios de preço do verbo *custar*, sendo, por isso, invariáveis).

Os gêneros alimentícios custam caros/baratos.

(Nesse caso, *caros*/*baratos* seriam adjetivos de *gêneros*, concordando com esse substantivo).

Repare que nas frases 59 e 60 esses adjetivos aparecem com verbo de ligação na frase (*estar*, *permanecer*). Nesse caso, serão sempre adjetivos, na função de predicativos do sujeito, e irão variar. Já na frase 61, o verbo **não** é de ligação, o que permite dupla possibilidade de concordância: os vocábulos *caro*/*barato* poderão se referir ao substantivo ou ao verbo.

16.1.3.6. Expressões o mais possível, a olhos visto, haja vista...

a) O adjetivo **possível** concordará com o determinante.

b) A expressão **a olhos vistos** fica invariável ou a palavra *visto* concorda com o substantivo ou pronome a que se refere.

c) em **haja vista**, o substantivo **vista** fica invariável. Essa expressão (haja vista) estará **sempre** certa.

62. Comportamentos o mais insensatos *possível*.

63. Comportamentos os mais insensatos *possíveis*.

Comentários:

Com *o mais*, *o menos*, *o melhor*, *o pior possível*: o adjetivo *possível* concorda com o artigo "o", ficando, portanto, no singular. Foi o que aconteceu na frase 62. Porém:

Gestos *os* mais carinhosos *possíveis*.

Atitudes *as* mais modestas *possíveis*.

Com o plural *os*/*as mais*, *os*/*as menos* etc., o adjetivo *possível* vai ao plural, seguindo a flexão do artigo. Foi o caso da frase 63.

Portanto, as duas respostas estão igualmente corretas.

64. Ela tem piorado a olhos *vistos*/ a olhos *vista*.

Comentários:

Vistos concorda normalmente com *olhos*. Mas existe uma outra opção, ainda que desusada, que é a de o vocábulo *visto* concordar com aquilo que se vê (sujeito da frase). Na frase acima, têm--se, então, as duas opções: *vistos* concordando com *olhos* ou *vista* concordando com *ela*. Se fosse *elas*, seria *elas têm piorado a olhos vistos/vistas* etc.

65. *Haja vista* o resultado.

66. *Haja vista*/*Hajam vista* os resultados.

67. *Haja vista* dos resultados.

68. *Haja vista*/*Hajam vista* as dificuldades por que passamos.

Comentários:

Haja vista será uma construção **sempre** certa, é o que se vê nas frases 65 a 68. O que seria erro, segundo a norma culta da língua, seria "*Haja vist**o*** o resultado". Na frase 66, além de *haja vista*, tem-se uma outra possibilidade, que é a de se considerar *os resultados* como sujeito e fazer a flexão do verbo. É uma construção desusada nos dias

de hoje, porém correta e possível de aparecer em prova. Observe que na frase 67 já não se pode ter o mesmo raciocínio: iniciado por preposição, "dos resultados" não pode ser considerado sujeito, e sim objeto indireto. Daí o verbo não se flexionar. A frase 68 apresenta a mesma lógica da 66: pode-se considerar *as dificuldades* objeto direto, e não se flexionar o verbo, ou sujeito, fazendo a concordância do verbo.

16.1.3.7. Um substantivo modificado por dois ou mais adjetivos

Um substantivo modificado por dois ou mais adjetivos:

Os adjetivos ficam no singular.

69. As literaturas *portuguesa* e *brasileira*.

70. Comunica-se nas línguas *inglesa*, *francesa* e *alemã*.

71. A literatura *portuguesa* e a *brasileira*.

Comentários:

Quando há um só núcleo seguido de dois ou mais adjuntos, o substantivo pode ficar no singular ou ir para o plural. Nas frases 69 e 70, os substantivos ficaram no plural e os adjetivos, no singular. Já na frase 71, observa-se a outra possibilidade: o substantivo *literatura* ficou no singular, bem como seus adjetivos, com a repetição do artigo no singular antes de brasileira. Nesses casos, os adjetivos, com a repetição do artigo, ficam no singular porque o sentido da frase exige.

Aproveite a seguir os exemplos comentados.

Julgue os casos de concordância a seguir. Nas situações de erro de concordância, indique a forma que melhor se adequaria à norma culta.

1. Anexa àquela carta destinada ao pai da moça, foram remetidas as joias.

Comentários: *Anexa* é adjetivo que se refere a *joias*: precisa concordar com ele.

Resposta: errada a assertiva. O certo seria *anexas*. Na ordem direta, teríamos a seguinte frase: "As joias foram remetidas anexas àquela carta".

2. Naquelas bagagens havia joias bastante preciosas.

Comentários: *Bastante* é advérbio que modifica o adjetivo *preciosas*, daí não poder variar.

Resposta: a frase está correta.

3. Fica instituído no Quadro de Pessoal a classe de Técnico de Tributação.

Comentários: *Instituído* é adjetivo particípio que se refere ao substantivo *classe*. Na ordem direta, teríamos "A classe de Técnico de Tributação fica *instituída* no Quadro de Pessoal." Por isso, o certo seria *instituída*.

Resposta: assertiva errada.

4. O professor qualificou de inaceitável aquelas gírias.

Comentários: *Inaceitável* é adjetivo que se refere a *gírias*. Basta organizar a frase e você verá: "O professor qualificou aquelas gírias de inaceitáveis".

Resposta: assertiva errada.

5. Pagando cem mil-réis, ele estaria quite com o velho.

Comentários: *Quite* é adjetivo que se refere a *ele*, por isso está no singular.

Resposta: a frase está certa.

6. O Tribunal qualificou de ilegal aquelas nomeações.

Comentários: Mais uma vez, a frase fora de ordem pode causar problemas: *ilegal* refere-se a *nomeações* ("O Tribunal qualificou aquelas nomeações de ilegais").

Resposta: frase errada.

7. Segue anexa a documentação pedida sobre a linguagem dos estudantes.

Comentários: *Anexa* é adjetivo que caracteriza *documentação*.

Resposta: a frase está certa. Também se poderia utilizar a locução *em anexo*.

8. Houve crime de leso-humanidade.

Comentários: *Leso* é adjetivo que se refere a *humanidade*, portanto, deve concordar com este substantivo.

Resposta: frase errada. O certo seria dizer *lesa-humanidade*.

9. Parecia meio aborrecida a mulher do mestre Amaro.

Comentários: *Meio* é advérbio que modifica o adjetivo *aborrecida*.

Resposta: como advérbio, não deve variar, a frase está certa.

10. Não usem de meio palavras, já que estamos meio desconfiadas.

Comentários: *Meio* agora é numeral que se refere a *palavras*. Numeral é classe de palavra variável.

Resposta: a frase está errada. O certo seria dizer *meias palavras*.

11. As gírias ouvidas neste colégio são tais quais as que podemos observar em qualquer grupo de jovens.

Comentários: *Tais* é pronome que se refere a *gírias* e *quais*, ao pronome *as* (= aquelas).

Resposta: a frase está certa.

12. As garotas chegaram juntas, mas depois cada uma foi embora junto com o namorado.

Comentários: *Juntas* é adjetivo que se refere a *garotas*. Observe na mesma frase a locução prepositiva *junto com*, que é invariável.

Resposta: assertiva certa.

13. Encerrado os debates, bastantes deputados ainda pediam a palavra.

Comentários: *Encerrado* é adjetivo particípio que se refere a *debates*, por isso deve concordar com ele. O certo seria dizer *encerrados os debates*. Já o vocábulo *bastantes*, por ser pronome indefinido (= muitos) está adequadamente concordando com o substantivo *deputados*.

Resposta: parcialmente errada, portanto, a frase.

14. As pessoas pareciam meio distraídas durante a palestra.

Comentários: *Meio* é advérbio que se refere a *distraídas*. Deve ficar invariável.

Resposta: frase certa.

15. Aquela loja fazia ofertas o mais tentador possível.

Comentários: O adjetivo *possível* está no singular, em função do artigo *o*. Quanto a isso, a frase está correta. Mas o adjetivo *tentador*, que se refere a *ofertas*, deveria com este substantivo concordar. O certo seria dizer: "Aquela loja fazia ofertas o mais tentadoras possível."

Resposta: frase errada.

16. Os operários fizeram duas horas extra.

Comentários: *Extra* é adjetivo que se refere a *horas*. Por isso, deve concordar com tal substantivo.

Resposta: frase errada. O certo seria dizer *duas horas extras*.

17. Eu lhes peço que as deixem sós.

Comentários: *Sós* é adjetivo que se refere ao pronome oblíquo átono *as*. Daí a flexão.

Resposta: a frase está certa. Também seria certo utilizar a locução *a sós*.

18. Só alunos são admitidos na reunião.

Comentários: *Só*, aqui, equivale a *somente*. É palavra denotativa de exclusão. Portanto, deve ficar invariável, como está.

Resposta: frase certa.

19. As questões serão tais qual o programa.

Comentários: *Tais* está adequadamente concordando com *questões* e *qual* com *programa*.

Resposta: frase certa.

20. Estando pronto os preparativos para o início da corrida, foi dada a largada.

Comentários: *Pronto* é adjetivo que se refere a *preparativos*, por isso deveria estar no plural.

Resposta: frase errada. O certo seria dizer *estando prontos os preparativos*…

21. Estejamos sempre alerta para evitar contratempos maiores.

Comentários: *Alerta* aqui é advérbio. Portanto, invariável.

Resposta: frase certa.

22. É um relógio que torna inesquecível todas as horas.

Comentários: Basta organizar a frase e você verá o erro: "É um relógio que torna todas as horas *inesquecíveis*". *Inesquecível* é adjetivo que se refere a *horas* e deve concordar com este substantivo.

Resposta: a frase está errada.

23. Era a mim mesmo que ele se referia – disse a moça.

Comentários: *Mesmo* é pronome que se refere ao substantivo *moça*. Deve concordar com ele.

Resposta: frase errada: o certo seria dizer "era a mim mesma que ele se referia".

24. Os fatos falam por si só.

Comentários: *Só*, aqui, é adjetivo que modifica *fatos*. É o mesmo que *sozinhos*: "Os fatos falam por si sozinhos".

Resposta: a frase está errada. O certo seria dizer "Os fatos falam por si sós".

25. Eles próprios entenderão a matéria.

Comentários: *Próprios* refere-se a *eles* e está adequadamente concordando com o pronome.

Resposta: frase certa.

26. Vai incluso à carta meu documento.

Comentários: Organize a frase: "Meu documento vai incluso à carta". *Incluso* refere-se a *documento*, por isso, está no masculino singular.

Resposta: a frase está certa.

27. Nenhuns obstáculos conseguirão impedir nossa vitória.

Comentários: *Nenhuns* é pronome indefinido que se refere a *obstáculos*, por isso está no masculino plural. Estranha a frase, não é? Se fosse o pronome *alguns* você também não o colocaria no masculino singular?

Resposta: a frase está correta.

28. Todos os soldados do quartel estavam alertas.

Comentários: Mais uma vez, *alerta* apareceu como advérbio: não deve variar.

Resposta: a frase está errada. O certo seria dizer "Todos os soldados do quartel estavam alerta".

29. Foi iniciado com meia hora de atraso a votação no Congresso.

Comentários: *Iniciado* refere-se a *votação*, por isso deveria estar no feminino singular. Na ordem direta, teríamos a seguinte frase: "A votação no Congresso foi iniciada com meia hora de atraso".

Resposta: frase errada.

30. Parece possíveis distinguir duas tendências fundamentais.

Comentários: *Possível* é adjetivo que está modificando a oração "distinguir duas tendências fundamentais". Por isso, não deve se flexionar. Observe que o próprio verbo não se flexionou.

Resposta: a frase está errada. Basta colocá-la na ordem e você verá: "Distinguir duas tendências fundamentais parece *possível*".

16.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

Agora, é a sua vez! Vamos fixar tudo o que você aprendeu?

I. Complete as frases a seguir com a expressão entre parênteses.

1. Faca e navalha _____ / _____. (afiado)
2. Aquele quadro era um símbolo de uma estética e época _____ / _____. (tedioso)
3. Amor e agradecimento _____ / _____. (eterno)
4. Códigos e senhas _____ / _____. (alterado)
5. Mãe e pai _____ / _____. (moderno)
6. Argumentos e justificativas _____ / _____. (pífio)
7. Rio consome frutas e legumes _____. (contaminado)
8. Supermercado Y: qualidade e preço _____. (baixo)
9. Comprou legumes, frutas e carne _____ (bovino)
10. Vendia pães e frutas _____. (maduro)
11. _____ clima e terra. (desconhecido)
12. _____ faca e navalha. (afiado)
13. _____ atitudes e gestos. (belicoso)
14. _____ cores e tamanhos. (variado)

15. Os _____ Gil e Caetano. (famoso)

16. As _____ mãe e filha. (corajoso)

17. As meninas vieram _____. (acompanhado)

18. Sua reivindicação é _____. (justo)

19. A crise financeira deixou _____ os cofres do clube. (vazio)

20. É um relógio que torna _____ todas as horas. (inesquecível)

21. A neve e o jardim eram _____. (branco)

22. Eram _____ a neve e o jardim. (branco)

23. Era _____ a neve e o jardim. (branco)

24. Encontrei a janela e o portão _____ / _____. (aberto)

25. Encontrei _____ / _____ a janela e o portão. (aberto)

26. As culturas _____, _____ e _____. (indígena, negro e europeu)

27. A cultura _____, a _____ e a _____. (indígena, negro e europeu)

28. As gramáticas _____ e _____. (inglês e alemão)

29. A gramática _____ e a _____. (inglês e alemão)

30. Conselhos _____ e _____ de engenharia. (federal e regional)

31. Fé é _____. (necessário)

32. É _____ entrada de pessoas estranhas ao serviço. (proibido)

33. A fé é _____. (necessário)

34. É _____ a entrada de pessoas estranhas ao serviço. (proibido)

35. As verdades descobertas são as mais variadas _____. (possível)

36. As verdades descobertas são o mais variadas _____. (possível)

37. Deve ser um bom livro, _____ as suas edições sucessivas. (haja vista)

38. Suas forças definhavam a olhos _____. (visto)

39. Um e outro _____ serão promovidos. (funcionário)

40. Nem um nem outro _____ conseguiu aprovação. (aluno)

41. Conheço uma ou outra _____. (hipótese)

42. Os filhos são _____ _____ a mãe. (tal qual)

43. _____ ao presente documento, encaminhamos a fotocópia do decreto x. (anexo)

44. Vão _____ à carta meus documentos. (anexo)

45. Vão _____ à carta meus documentos. (em anexo)

46. Estou _____ com todos vocês. (quite)

47. Estamos _____ com todos vocês. (quite)

48. Muito _____, respondeu a tia. (obrigado)

49. Seguem _____ aos documentos as fotografias. (incluso)

50. Sua opinião é um crime de _____-inteligência. (leso)

51. Ana e Rosa saem sempre _____. (junto)

52. Elas _____ entenderão o recado. (próprio)

53. Trabalhas _____ que eu. (menos)

54. Havia, naquela festa, _____ mulheres que homens. (menos)

55. Os candidatos estavam _____. (alerta)

56. Ficou _____ portão. (junto a)

57. Fernanda chegou _____ Guilherme ao colégio. (junto com)

58. Entrou em casa e deixou _____ os dois jovens debaixo das amendoeiras do portal. (só)

59. Os fatos falam por si _____. (só)

60. _____ alunos são admitidos na reunião. (só)

61. Bebeu sozinho _____ caneca de vinho. (meio)

62. Eram pessoas _____ estranhas. (meio)

63. Há _____ exemplos neste livro. (bastante)

64. Comprou livros _____. (bastante)

65. Comprou livros _____ antigos. (bastante)

66. Só dois atos seus não pareciam _____ a esta imagem. (conforme)

67. Elas _____ entenderão o recado. (mesmo)

68. _____ as crianças entenderão o recado. (mesmo)

69. As canetas eram _____. (caro; barato)

70. O camelô vendia _____ as canetas. (caro; barato)

71. Processos _____. (administrativo-fiscal)

72. Parcerias _____. (público-privado)

73. Grupos _____. (hispano-argentino)

74. Crianças _____. (recém-nascido)

75. Ternos _____. (azul-marinho; azul-celeste)

76. Jovens _____. (surdo-mudo)

77. Crianças _____. (surdo-mudo)

78. Blusas _____. (verde-garrafa)

79. Vestidos _____. (vermelho-sangue)

80. Calças _____. (cinza-chumbo)

81. Tecidos _____. (palha; cinza; laranja; rosa)

II. Levando em consideração as regras de concordância nominal, marque certo (C) ou errado (E).

1. ( ) Estava com baixo autoestima.

2. ( ) Estas foram as sós palavras que ele disse.

3. ( ) Os setores público e privado devem estar integrados.

4. ( ) Aquela menina nada tem de engraçado.

5. ( ) Perdi meu óculos escuros.

6. ( ) Nenhuns obstáculos conseguirão impedir nossa vitória.

7. ( ) As milhares de pessoas que assistiram àquele espetáculo saíram felizes.

8. ( ) As cópias estavam conformes com as originais.

9. ( ) Anexa àquela carta destinada ao pai da moça, foram remetidas as joias.

10. ( ) Naquelas bagagens havia joias bastantes preciosas.

11. ( ) O Tribunal qualificou de ilegal aquelas nomeações.

12. ( ) Vossa Senhoria é muito competente e qualificado.

13. ( ) Fica instituído no Quadro de Pessoal a classe de Técnico de Tributação.

14. ( ) Existem meios para tudo.

15. ( ) O relógio bateu meio-dia e meio.

16. ( ) O professor qualificou de inaceitável aquelas gírias.

17. ( ) As gírias ouvidas neste colégio são tais quais as que podemos observar em qualquer grupo de jovens.

18. ( ) Os partidos de cana mostravam tonalidades verde-esmeraldas.

19. ( ) Pagando cem reais, ele estaria quites com o velho.

20. ( ) Os famosos Machado e Alencar.

21. ( ) Seguem em anexo as fotos.

22. ( ) Seguem anexas as fotos.

23. ( ) Os candidatos não eram nenhum bobocas.

24. ( ) Não votaram em candidato nenhum.

25. ( ) Persistência é necessário para obtermos um bom resultado.

26. ( ) As questões serão tais qual o programa.

27. ( ) Anexo à correspondência vão documentos importantes.

28. ( ) Estejamos sempre alertas para evitar contratempos maiores.

29. ( ) Os alertas foram dados. As pessoas alertas correram.

30. ( ) Ela era considerada um monstro por seus inimigos.

31. ( ) O primeiro e o segundo atos.

III. Complete as lacunas com a(s) forma(s) adequada(s).

1. Elas _____ providenciaram os atestados, que enviaram _____ às procurações, como instrumentos _____ para os fins colimados. (mesmo/anexo/bastante)

2. São bastante _____ tais ideias e opiniões sobre o computador. (difundido)

3. Serão _____ tanto os técnicos quanto as pessoas menos qualificadas. (promovido)

4. Tornam-se muito _____ a área e os meios de atuação dos funcionários. (limitado)

5. Torna-se muito _____ a área e os meios de atuação dos funcionários. (limitado)

6. Podem ser neste ponto _____ a tarefa dos antigos artesãos e a dos modernos operários. (comparado)

7. Pode ser neste ponto _____ a tarefa dos antigos artesãos e a dos modernos operários. (comparado)

8. Ficam _____ nas mãos de poucos todos os conhecimentos e habilidades. (concentrado)

9. _____ montes e várzeas se sucediam na paisagem. (florido)

10. Aprecio a cultura e a história _____. (europeu)

11. Comprou jornais e revistas _____. (brasileiro)

12. Os meninos estavam com os pés e as mãos _____. (sujo)

13. Encontrei _____ as cadeiras e o sofá. (reformado)

14. A professora contou-nos _____ lendas e contos. (antigo)

15. Não houve chuvas _____ para resolver o problema da agricultura. (bastante)

16. Tinha _____ chances de conseguir o emprego. (bastante)

17. As novas tecnologias eram _____ prejudiciais aos trabalhadores. (bastante)

18. Esses diretores não costumam aceitar nossas reivindicações, _____ que sejam elas. (qualquer)

19. Pode-se ver do alto daquele prédio as bandeiras _____. (brasileiro e português)

20. Veio _____ ao requerimento a planta da casa reformada. (anexo)

21. Aquela loja fazia ofertas o mais _____ possível. (tentador)

22. As observações do autor do texto foram as mais pertinentes _____. (possível)

23. Julgamos _____ ao espírito humano as indagações constantes sobre o que é verdade. Ocorre porém que, em nosso presente estágio evolutivo, as verdades descobertas são o mais variadas _____. (natural/possível)

24. O uso de certas máquinas deixa mais _____ os legumes. (barato)

25. Com o uso de certas máquinas, os legumes estão ficando muito mais _____. (caro)

26. O uso de certas máquinas faz com que custem mais _____ as batatas. (barato)

27. O filósofo alemão Jügen Habermas vem insistindo: o fim do Estado Nacional como instância reguladora do mercado também torna _____ as formas tradicionais do exercício da cidadania. (obsoleto)

28. O seleiro sentiu o papel e a nota _____ no bolso. (novo)

29. O Direito e o fato social não existem por si _____ no seio da sociedade. (só)

30. Por mais _____ que lhes pareça a resolução desses exercícios, apliquem-se, e verão quão menos _____ na verdade o são. (difícil/complicado)

31. Corriam _____ nossa imaginação e nosso pensamento, naquele tempo em que quaisquer ameaças à nossa felicidade pareciam _____. (solto/impossível)

32. Seria _____, numa hora como esta, contar com a ajuda de pessoas que nunca buscaram estar minimamente _____ de mim? (oportuno/próximo)

33. O mais duvidoso, em meio às tuas propostas, é que _____ uma delas obtenha o consenso há tantos dias inutilmente _____. (qualquer/perseguido)

34. Aqueles papéis, que sempre lhes pareceu _____ guardar, revelaram-se de importância absolutamente _____ para eles. (inútil/vital)

35. _____ está a carta, os recibos e os documentos pedidos. (anexo)

Gabarito: I – 1. afiadas / afiada; 2. tediosas / tediosa; 3. eternos / eterno; 4. alterados / alteradas; 5. modernos / moderno; 6. pífios / pífias; 7. contaminados; 8. baixo; 9. bovina; 10. maduras. Obs.: Nas frases 8, 9 e 10, o sentido exige a concordância atrativa; 11. Desconhecido; 12. Afiada; 13. Belicosas; 14. Variadas; 15. famosos; 16. corajosas; 17. acompanhadas; 18. justa; 19. vazios; 20. inesquecíveis; 21. brancos; 22. brancos; 23. branca; 24. abertos / aberto; 25. abertos /aberta; 26. indígena / negra e europeia; 27. indígena / negra e europeia; 28. inglesa / alemã; 29. inglesa / alemã; 30. federal / regional; 31. necessário; 32. proibido; 33. necessária; 34. proibida; 35. possíveis; 36. possível; 37. haja vista; 38. vistos. Obs.: As expressões "haja vista" e "olhos vistos" podem concordar com seus respectivos sujeitos (... hajam vista suas edições e suas forças vistas aos olhos definhavam); 39. funcionário; 40. aluno; 41. hipótese; 42. tais qual; 43. Anexa; 44. anexos; 45. em anexo; 46. quite; 47. quites; 48. obrigada; 49. inclusas; 50. lesa; 51. juntas; 52. próprias; 53. menos (advérbio); 54. menos (pronome); 55. alerta. Obs.: A palavra **menos** é invariável, independentemente de sua classificação morfológica. O vocábulo "alerta", como está empregado na frase 55, é advérbio, portanto invariável. Conforme a frase, "alerta" pode aparecer como adjetivo (homens alertas) ou substantivo (Os alertas foram dados), variando, pois; 56. junto ao; 57. junto com; 58. sós; 59. sós; 60. Só; 61. meia; 62. meio; 63. bastantes (pronome); 64. bastantes (adjetivo); 65. bastante (advérbio); 66. conformes (adjetivo); 67. mesmas (pronome); 68. Mesmo (palavra denotativa de inclusão); 69. caras / baratas (adjetivos); 70. caro / barato (advérbio); 71. administrativo-fiscais; 72. público-privadas; 73. hispano-argentinos; 74. recém-nascidas; 75. azul-marinho / azul-celeste; 76. surdos-mudos; 77. surdas-mudas; 78. verde-garrafa; 79. vermelho-sangue; 80. cinza-chumbo; 81. palha; cinza; laranja; rosa.

II – 1. E; 2. c; 3. c; 4. c (Com expressões constituídos por nada, algo... + preposição + adjetivo, a tendência é não flexionar o adjetivo. Algumas gramáticas, porém, aceitam a flexão do adjetivo.); 5. e ("Óculos" leva o determinante ao plural – meus óculos.); 6. c; 7. e ("Milhar" é palavra masculina.); 8. c ("Conformes", nesta frase, equivale a *idênticas*, adjetivo, pois.); 9. e ("Anexas". Refere-se a "joias".); 10. e ("Bastante" modifica "preciosas", advérbio, pois.); 11. e ("Ilegais". Refere-se a "nomeações".); 12. c (Silepse.); 13. e (Instituída.); 14. c; 15. e ("Meia" é numeral, concorda com a palavra "hora", subentendida.); 16. e ("Inaceitáveis" são as "gírias".); 17. c; 18. e; 19. e; 20. c; 21. c; 22. c; 23. e (Nenhuns.); 24. c; 25. c; 26. c; 27. E ("Anexos" vão os "documentos".); 28. E; 29. C; 30. C ("Monstro", como adjetivo, não varia.); 31. C (Quando numerais ordinais modificam um substantivo, este poderá ficar no singular ou plural – **ato** ou **atos** – se os numerais vierem antecedidos de artigo, como é o caso. Usaremos o substantivo no plural se não houver a repetição do artigo – **O primeiro e segundo atos** – ou se vier antes dos numerais – **Os atos primeiro e segundo**.).

III – 1. mesmas / anexos / bastantes; 2. difundidas; 3. promovidos; 4. limitados; 5. limitada; 6. comparadas; 7. comparada; 8. concentrados; 9. Floridos; 10. europeias / europeia; 11. brasileiros / brasileiras; 12. sujos / sujas; 13. reformados / reformadas (predicativo do objeto – caso 3 (c)); 14. antigas (adjunto adnominal anteposto – caso 2 (A)); 15. bastantes (adjetivo); 16. bastantes (pronome indefinido); 17. bastante (advérbio); 18. quaisquer; 19. brasileira e portuguesa; 20. anexa; 21. tentadoras ("ofertas tentadoras"); 22. possíveis; 23. naturais / possível; 24. baratos; 25. caros; 26. barato (Nesta frase, a tendência é considerar como advérbio.); 27. obsoletas (Predicativo do objeto.); 28. novos / nova; 29. sós; 30. difícil / complicados; 31.

soltos / impossíveis; 32. oportuno / próximas; 33. qualquer / perseguido; 34. inútil / vital; 35. Anexa.

16.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

1. (Cesgranrio) "para ela mesma se alimentar"; a alternativa que mostra uma construção errada com o vocábulo mesmo é:

a) Nós mesmos fomos até lá.

b) Mesmo ela não compreendeu a questão.

c) Os mesmos carros foram vendidos.

d) Elas mesmas ficaram doentes após o contato.

e) Ela falava consigo mesmo o dia inteiro.

Comentários:

A concordância nominal, basicamente, é dividida em duas partes: os casos que envolvem a identificação das classes gramaticais – variáveis ou invariáveis – e os casos que mostram o adjetivo e suas funções.

Esta questão trata dos valores do vocábulo mesmo, que pode ser pronome ou adjetivo (classes variáveis) ou palavra denotativa que indica inclusão (classe invariável).

Nas opções A, D e E, aparecem com o valor de pronomes.

Na C, o valor é de adjetivo. Na opção B, o sentido é de inclusão, não variando. Como o pronome é uma classe variável, a letra E ficaria "Ela falava consigo mesma".

Resposta: E.

2. (Petrobras) A opção em que a concordância nominal está correta, segundo o registro culto e formal da língua, é:

a) Eu mesmo, disse a senhora, providenciarei a água filtrada para o gari.

b) No condomínio em frente, havia menas gente cuidadosa.

c) Haja visto o seu bom humor, pedi-lhe que me ajudasse nas tarefas.

d) Ao recolher os sacos de lixo, eles estavam feliz.

e) No verão, água gelada é bom para minimizar o calor.

Comentários:

A letra A apresenta o termo mesmo se referindo a "senhora", erro, portanto. A letra B traz uma palavra que não existe (menos é palavra invariável).

Na letra C, "Haja visto" está errado, pois o termo é "vista", sempre. A letra D mostra o adjetivo "feliz" no singular

se referindo a “eles” no plural.

A opção E mostra o caso das expressões é bom, é proibido, é permitido... que não se flexionam se o substantivo não vier determinado. Só haverá a concordância se o substantivo vier acompanhado de artigo, pronome.

Resposta: E.

3. (Petrobras) Na passagem “...somos responsáveis por nós mesmos”, o vocábulo destacado é variável. Em qual das frases abaixo há uma transgressão ao registro culto e formal da língua, quanto à flexão dos vocábulos destacados?

a) Felizmente, bastantes pessoas foram corajosas para enfrentar seus problemas emocionais.

b) Alguns ficaram meio irritados por não entenderem a sutil diferença entre dar a mão e acorrentar uma alma.

c) Os seus atos e temperamento custaram caro para você.

d) Haja visto o resultado final, começou a entender melhor suas derrotas.

e) Acredito que só as verdadeiras amizades se mantêm para toda a vida.

Comentários:

A letra A mostra a palavra “bastante” se referindo a “pessoas”, que é substantivo com a ideia de muitas, ou seja, pronome indefinido, classe variável.

Nas opções B e C, “meio” e “caro” são advérbios (não variam), já que modificam adjetivo e verbo, respectivamente.

A letra E traz o vocábulo “só” com o valor semântico de exclusão, palavra denotativa (invariável).

A letra D apresenta “visto” de uma forma errada, pois na expressão “Haja vista” essa palavra não varia.

Resposta: D.

4. (FCC / TRT) No segmento “os povos egípcio e israelita”, o substantivo aparece no plural e os dois adjetivos no singular. O item abaixo em que os adjetivos poderiam ocorrer no plural é:

a) as atuais bandeiras brasileira e portuguesa;

b) as séries primeira e segunda do ensino médio;

c) os idiomas francês e inglês;

d) os jornais paulista e carioca da atualidade;

e) os territórios brasileiro e argentino.

Comentários:

Esta questão exemplifica o caso de concordância em que temos um substantivo modificado por dois adjetivos, em que, pelo sentido exigir, os adjetivos têm de ficar no singular (“povos” existem vários, mas só um é egípcio, só um israelita).

Essa explicação serve para as opções A, B, C e E.

Na letra D, há possibilidade de os adjetivos aparecerem no plural, uma vez que existe mais de um jornal paulista e carioca.

Resposta: D.

5. (FCC / TRT) O item em que concordância é aceitável na norma culta é:

a) O filósofo considerou estranho a pesquisa dos universitários.

b) Está difícil a quitação do empréstimo bancário feita no ano passado.

c) Uma pequena parte do texto é compreendido.

d) Os livros traziam 30 páginas de textos rasgados.

e) Tornou-se clara para o leitor minha posição sobre o assunto.

Comentários:

Na letra A, "estranho" se refere a "pesquisa", então estaria errado ("…considero a pesquisa dos universitários estranha"). Na B, o "empréstimo" é que foi "feito". Na C, a "parte" do texto foi "compreendida". A letra D traz o adjetivo "rasgados" concordando com "textos", o que também caracteriza um erro, pois "rasgadas" seriam as "páginas". Na opção E, "clara" é a "posição", concordância correta.

Resposta: E.

16.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (TRF3 – Técnico Judiciário – FCC – Abril/2016)

A alternativa em que a expressão sublinhada pode ser substituída pelo que se apresenta entre colchetes, respeitando-se a concordância, e sem quaisquer outras alterações no enunciado, é:

a) *A maioria das tecnologias necessárias para as cidades inteligentes já são viáveis economicamente em todo o mundo...* [viável]

b) *A ideia de cidade inteligente sempre aparece relacionada à abertura de bases de dados por parte dos órgãos públicos.* [relacionado]

c) *Em nome da eficiência administrativa, podem-se armazenar, por exemplo, enormes massas de dados de mobilidade urbana...* [são possíveis]

d) *...desde bases de dados de saúde e educação públicas, por exemplo, até os dados pessoais...* [pública]

e) *Contudo, existem estudos que apontam que bastariam meros quatro pontos de dados...* [bastaria]

2. (TRF3 – Técnico Judiciário – FCC – Abril/2016)

A frase cuja redação está inteiramente correta é:

a) Obtido pela identificação por radiofrequência, os dados das placas de veículos são passíveis em oferecer informações valiosas acerca dos motoristas.

b) Na cidade inteligente, a automatização da gestão de setores urbanos são facilitadores de serviços imprecindíveis, como saúde, educação e segurança.

c) Londres e Barcelona estão entre as cidades que mais destaca-se em termos de inteligência, com avançados centros de operação de dados.

d) São necessários viabilizar projetos de cidades inteligentes, amparados em políticas públicas que salvaguardam os dados abertos dos cidadãos.

e) O aprimoramento de técnicas de informatização de dados permitiu que surgisse um novo conceito de cidade, concebido como espaço de fluxos.

3. (FCC – TRT – 4ª Região (RS) – Analista Judiciário – Tecnologia da Informação – 2015)

Expressões utilizadas no texto motivaram a redação de outras frases. A frase que respeita as orientações da norma-padrão da língua, no que se refere à concordância, é:

a) Parece muito óbvio, de acordo com o noticiário, a intenção de os artistas de ópera pugnarem por melhores condições de trabalho e por melhores salários.

b) No planejamento constam várias cotações para a compra dos instrumentos, e nota-se que é bastante caro os de corda, como o violino e a harpa.

c) De acordo com o especialista, são muito fugaz, mesmo, as variações de tom no canto inicial, mas é exatamente essa diversificação que dá brilho ao trecho.

d) Foram realmente débeis, por confrontos com outras encenações, a série de entradas do tenor em cena, mas isso foi atribuído à insegurança de um iniciante.

e) A ópera, considerados sua concepção e entendimento atuais, pode ser tida como uma arte menos exótica, mas sempre transformadora.

4. (FCC – TRT – 4ª Região (RS) – Técnico Judiciário – Tecnologia da Informação – 2015)

As normas de concordância verbal e nominal estão inteiramente respeitadas em:

a) Quem escrevia nos jornais sulistas do final do século XIX e início do século XX não criaram os modelos ideais de boas mães e esposas virtuosas, pois reproduziam o que já fazia parte do imaginário ocidental, e podia ser encontrado na literatura, nos sermões das missas e nas tradições locais.

b) Formadas por casais oriundas das ilhas dos Açores e da Madeira, a população que ocupou parte do Rio Grande do Sul, a partir de meados do século XVIII, tornaram-se responsáveis pelo desenvolvimento econômico da região.

c) A escolha de numerosas imagens de mulher denota uma preocupação muito viva com a definição dos papéis femininos, mas é difícil saber como eram vividas, experimentadas no cotidiano, essas imagens que os jornais reproduziam.

d) Em cada capital do Sul, os grupos de pessoas mais abastados assumiram diferentes configurações, porém foi principalmente os comerciantes e pequenos industriais ligados à população de imigração recente que ditou as características das novas elites urbanas.

e) O surgimento de inúmeros conflitos regionais levaram ao estabelecimento de costumes diferenciados do restante do país, e registra-se vários testemunhos de viajantes sobre o modo de vida familiar nessa época, destacando o papel de mulheres que comandavam pequenas propriedades.

Leia o texto a seguir para responder à questão 5.

O fator mais importante para prever a performance de um grupo é a igualdade da participação na conversa. Grupos em que poucas pessoas dominam o diálogo têm desempenho pior do que aqueles em que há mais troca. O segundo fator mais importante é a inteligência social dos seus membros, medida pela capacidade que eles têm de ler os sinais emitidos pelos outros membros do grupo. As mulheres têm mais inteligência social que os homens, por isso grupos mais diversificados têm desempenho melhor.

Gustavo Ioschpe. *Veja*, 31/12/2014, p. 33 (com adaptações)

5. (FUB – Técnico Administrativo – Cespe – 2015)

Julgue o item seguinte como Certo (C) ou Errado (E), referentes às ideias e às estruturas linguísticas do texto acima.

Com o uso do pronome masculino " eles" (l. 4), excluem-se da argumentação as mulheres, razão pela qual são citadas no período final do texto.

6. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

" Muitos sites de saúde estão a serviço exclusivamente dos patrocinadores, geralmente empresas de produtos e equipamentos médicos, além da indústria farmacêutica que, em alguns casos, interferem no conteúdo e na linha editorial, pois estão interessados em vender seus produtos".

Sobre a concordância nesse segmento do texto 2, a afirmação <u>inadequada</u> é:

a) " muitos" concorda com " sites";

b) " interessados" deveria ser substituído por " interessadas";

c) " editorial" concorda exclusivamente com " linha";

d) " médicos" se refere a " produtos e equipamentos";

e) " farmacêutica" concorda com " indústria".

7. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016)

Considere-se este trecho: " Mas essa viagem diária me tornava uma criança completa de alegria."

Há um desvio de concordância na seguinte reescritura desse trecho:

a) Mas essas viagens diárias enchiam de alegria aquela criança.

b) Como me tornava uma criança completa de alegria essa viagem diária!

c) Mas essas viagens diárias me tornavam uma criança completa de alegria.

d) Essa viagem diária me tornava uma criança, completo de alegria.

e) Eu me tornava uma criança completa de alegria por causa dessa viagem diária.

8. (BB – Escriturário – Cesgranrio – Out./2015)

A palavra destacada apresenta a concordância nominal de acordo com a norma-padrão da Língua Portuguesa em:

a) Várias agências bancárias estão implementando a biometria, nos caixas eletrônicos, **baseados** nas características físicas dos clientes.

b) O avanço dos serviços bancários e sucesso das moedas virtuais, **ocorridas** nos últimos anos, oferecem aos usuários conectados experiências prazerosas.

c) O aumento do uso dos cartões **fornecido** por vários bancos representa um dos elementos mais importantes e característicos na área financeira do século XX.

d) A construção estratégica de curto e médio prazos, **compatível** com os padrões de competitividade do mercado bancário, tornou os mecanismos de prevenção mais eficientes.

e) As tecnologias de mobilidade e a competência dos funcionários são **característicos** da rede bancária na atualidade.

9. (MPE/SP – Analista Técnico Científico – Vunesp – Jul./2016)

Assinale a alternativa que reescreve passagem do texto respeitando a norma-padrão de concordância verbal e nominal.

a) Bastava cinquenta anos para que fosse descoberto no país produtos novos, que acabava sendo a riqueza do país.

b) Os mandatos de senador e deputado durava tempo diferente, sendo mais longos o dos primeiros.

c) Na Bruzundanga haviam Senado e Câmara de Deputados, que o povo, em massa, apoiavam confiantes.

d) Naquele ano, isto já faziam dez anos, surgiu um deputado muito bem falante em assuntos financeiros.

e) Todas as repúblicas que se prezam possuem Senado e Câmara escolhidos pelos cidadãos, o mais possível confiantes em seus representantes.

Gabarito: 1. d; 2. e; 3. e; 4. c; 5. E; 6. b; 7. d; 8. d; 9. e.

Depois de se estudarem as regras de concordância nominal, tem-se a sensação de que é muito a decorar... Mas é simples, vamos sistematizá-las e tudo ficará mais fácil!

16.5. RESUMO

O adjetivo pode ter três funções sintáticas na frase:

• adjunto adnominal;

• predicativo do sujeito (com ou sem verbo de ligação);

• predicativo do objeto (se retirado, muda o sentido da frase, é solicitado pelo verbo).

Adjetivo na função de:	Posposto ao substantivo	Anteposto ao substantivo
Adjunto adnominal	Concordância pode ser: TOTAL ou PARCIAL	A melhor é a concordância PARCIAL
Predicativo do sujeito	Concordância é:	Segue a concordância verbal

	TOTAL	
Predicativo do objeto	Concordância é: TOTAL	Concordância pode ser: TOTAL (melhor opção) ou PARCIAL (mais moderna)

17 CONCORDÂNCIA VERBAL

17.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

O princípio básico na concordância verbal é o de que, para todo verbo, temos de achar um sujeito. Pensando nisso, esta gramática dividirá este tópico em duas partes: Parte I (Concordância verbal e os tipos de sujeito) e Parte II (Casos especiais de concordância verbal).

17.1.1. Concordância verbal: Parte I – Tipos de sujeito

Nesta Parte I, você vai aprender a flexionar o verbo partindo da classificação do sujeito. Quem sabe achar sujeito faz a concordância verbal adequada.

Os tipos de sujeito, basicamente, são quatro:

1. **Simples**: quando há apenas um núcleo. Lembre-se de que o núcleo do sujeito é representado por um substantivo ou pronome substantivo.

   Ex.: O economista fez uma intervenção. / Os economistas fizeram uma intervenção.

2. **Composto:** aparecem dois ou mais núcleos.

   Ex.: O diretor e o chefe compareceram à reunião.

3. **Indeterminado:** representado de duas formas:

a) verbo na 3ª pessoa do plural, sem sujeito expresso na frase.

   Ex.: Pediram silêncio.

b) verbo na 3ª pessoa do singular + pronome indeterminador SE. Em geral o verbo não é transitivo direto.

   Ex.: Trabalha-se muito aqui.

   (verbo intransitivo)

   Observe que, quando a intenção é não mencionar o sujeito, há essas possibilidades para indeterminá-lo.

4. **Oração sem sujeito**: quando o verbo é impessoal (não se refere a nenhuma pessoa gramatical, uma vez que o sentido do verbo não permite).

   Os casos mais comuns:

   • expressões que indicam fenômenos da natureza;

   • verbo haver (= existir, ocorrer);

• verbos que indicam tempo decorrido.

O verbo, nesses casos, fica na 3ª pessoa do singular.

Antes de mostrarmos os casos de concordância verbal, vamos reconhecer e classificar os sujeitos das frases abaixo.

Importante: O sujeito é o responsável pela flexão verbal. Essa teoria serve para os casos de sujeito simples e composto.

a) Começava a cair a noite.

Na ordem direta, teríamos: "*A noite começava a cair".* O responsável pela flexão da locução verbal *"começava a cair"* é a ***"noite"*** – sujeito simples.

b) Os professores e os funcionários daquela escola decidiram pela greve.

Aparecem dois núcleos como agentes do verbo *"decidiram"* – professores/funcionários – sujeito composto.

c) Naquele instante, bateram à porta.

O verbo na 3ª pessoa do plural, nesta frase, não traz nenhum agente claro. A intenção é, pois, a de indeterminar o sujeito – sujeito indeterminado.

d) Assistiu-se a jogos importantes.

O emprego de *"se"* junto ao verbo transitivo indireto – assistir **a** – obriga o uso do verbo na 3ª pessoa do singular – sujeito indeterminado.

e) Amanheceu rapidamente.

Qualquer verbo que indica fenômenos naturais – amanhecer, chover, nevar... – caracteriza um caso de oração sem sujeito, é um verbo impessoal.

f) Havia dúvidas frequentes sobre aquele ponto da matéria.

Quando o verbo "haver" aparece com o sentido de existir, não há possibilidade, por causa do valor semântico do verbo, de se identificar sujeito na frase – verbo impessoal, 3ª pessoa do singular, oração sem sujeito.

g) Fez dois anos de sua morte.

Mais um exemplo de verbo impessoal: verbo "fazer" indicando tempo passado, decorrido. Novamente, é impossível identificar-se o agente dessa ação verbal – oração sem sujeito.

Agora que você já sabe achar e classificar sujeito, vamos às regras.

17.1.1.1. Concordância verbal com o sujeito simples

Sujeito simples: representado por apenas um núcleo. O verbo concordará com ele em número e pessoa.

1. Faltaram, durante a posse do prefeito, os aplausos.

2. Deram/Bateram/Soaram três horas no relógio da igreja.

3. O relógio da igreja deu/bateu/soou três horas.

Comentários:

Como vimos na teoria inicial, o sujeito é o responsável pela flexão verbal. Na frase 1, entendemos que "os aplausos" é que "faltaram". Nas frases 2 e 3, quando aparecem os verbos dar, bater e soar, normalmente existem duas possibilidades: o sujeito pode ser o número de horas ou o vocábulo relógio. Na 2, "três horas deram/bateram/soaram no relógio", ou seja, o sujeito é o número de horas. Já na frase 3, "O relógio deu/bateu/soou três horas".

4. Hão de existir limites justos.

5. Podem ocorrer novos deslizamentos.

Comentários:

As frases 4 e 5 são exemplos de locuções verbais com seus respectivos sujeitos (*limites*/*deslizamentos*) no plural. Nas locuções, o verbo auxiliar é que se flexiona (*limites hão de existir*/*deslizamentos podem ocorrer*).

6. Preencheram-se as requisições.

7. Verificou-se, entre indivíduos tensos ou agitados, a queima de até 800 calorias diárias.

Comentários:

Agora temos frases em que aparece a partícula **se**. Nas frases 6 e 7, o **se** é apassivador, porque as frases podem ser reescritas, identificando-se, com isso, o sujeito. A frase 6 ("Preencheram-se as requisições" equivale a "As requisições foram preenchidas") traz um sujeito paciente, o que se confirma com a troca da voz passiva sintética – *Preencheram-**se*** – por "foram preenchidas", voz passiva analítica. Na 7, "verificou-se a queima" equivale a "a queima foi verificada". Para nós, essa é a maneira mais direta, objetiva de se identificar o **se** apassivador. E quando o **se** é apassivador há sujeito na frase, daí o verbo poder ficar no singular ou no plural, de acordo com o seu sujeito.

Resumindo:
Quando aparece pronome se (= apassivador): o verbo concorda com o sujeito expresso na frase.

17.1.1.2. Concordância verbal com o sujeito composto

Sujeito composto: representado por dois ou mais núcleos.

a) Anteposto ao verbo: verbo no plural.

b) Posposto ao verbo: o verbo ficará no plural ou concordará com o núcleo mais próximo.

Obs.: Havendo ideia de reciprocidade, verbo no plural.

Exemplos:

8. O pai e a mãe compareceram à reunião.

9. Compareceu ou compareceram à reunião o pai e a mãe.

10. Tu, ela e eu saímos.

11. Abraçaram-se o poeta e o músico.

Comentários:

O sujeito composto impõe verbo no plural, vindo posposto ou anteposto a este (frases 8 e 9). O que ocorre é que, quando o verbo vem anteposto a um sujeito composto (frase 9), pode concordar com todos os núcleos – plural – ou com o mais próximo – *pai*, no singular. Na frase 10, o sujeito composto é representado por pronomes pessoais retos. Nesse caso, dá-se preferência à 1ª pessoa (*eu*). Plural da 1ª pessoa do singular é nós, 1ª pessoa do plural, saímos. Na frase 11, a ideia é de reciprocidade. O sentido obriga o verbo no plural – *um se abraçou ao outro.*

17.1.1.3. Concordância verbal com o sujeito indeterminado

a) **Sujeito indeterminado pela partícula se:** o verbo ficará, obrigatoriamente, na 3ª pessoa do singular.

b) **Oração sem sujeito:** com verbos impessoais (verbos que indicam fenômenos naturais, haver (= existir, ocorrer), verbo com ideia de tempo decorrido...): não possuem sujeito. Ficam também na 3ª pessoa do singular.

Ex.:

12. Obedeceu-se às ordens.

13. Havia vantagens para o índio no contato com o civilizado.

14. Deve haver limites justos.

15. Há vários séculos as línguas indígenas têm tradições apenas oral.

16. Vai para cinco anos de sua partida.

Comentários:

A frase 12 mostra um **se** indeterminador. Repare que agora não podemos reescrever a frase (Às ordens foi obedecida?). O **se**, quando é **índice de indeterminação do sujeito**, aparece, na quase totalidade dos casos, junto a verbo **intransitivo** ou **transitivo indireto**. "Obedecer a". Logo, o sujeito é indeterminado, verbo na **3ª pessoa do singular.**

Nas frases 13 a 16, os verbos são **impessoais** (ficam na 3ª pessoa do singular). Temos, portanto, oração sem sujeito. Na 13, *haver* com sentido de *existir* não varia. Na frase 14, há uma locução verbal. Como o verbo principal – é sempre o **último** verbo da locução – é o *haver* (= existir), o auxiliar **não pode variar**. *Deve* haver limites...)

As frases 15 e 16 exemplificam a oração sem sujeito com verbos que indicam **tempo passado** (Há vários séculos…/Vai para…). Repare que nesses casos de oração sem sujeito **o sentido do verbo** impede a identificação do sujeito.

17.1.1.4. Concordância verbal com o sujeito oracional

Sujeito oracional: aparece em certas construções como:

a) Verbos do tipo convém, basta, falta, parece, importa…

b) Verbo de ligação + predicativo do sujeito: é bom, está claro…

c) Expressões na Voz Passiva: sabe-se, é sabido, conta-se…

Quando o sujeito aparece sob forma de oração, o verbo ou a expressão da oração principal **não varia.**

Exs.:

17. Parece/que ela chega hoje.

or. princ. or. subjetiva

18. Convém/insistir no pedido.

or. princ. or. subjetiva (reduzida de infinitivo)

19. Está claro/que todos reconhecerão o erro.

or. princ. or. subjetiva

20. Sabe-se/que eles mentiram.

or. princ. or. subjetiva

Comentários:

Temos agora um caso muito especial de concordância verbal. Até agora vimos que o sujeito era representado por substantivo ou pronome substantivo (sujeito simples ou composto). Quando o sujeito era indeterminado ou aparecia verbo impessoal (oração sem sujeito), havia impedimento semântico para se identificar o sujeito. Com o sujeito oracional devemos considerar toda a oração e não um substantivo ou pronome. Na frase 17, "Parece que ela chega hoje", não é ela ou alguém que parece, e sim toda a oração que se segue (Isto – *que ela chega hoje* – parece). Na frase 18, "Convém insistir no pedido", temos o mesmo raciocínio: não é ele ou alguém que convém insistir e sim "Insistir no pedido convém" (= Isto convém). Lembre-se: pense o que a frase quer dizer, coloque a frase na ordem direta e descobrirá o sujeito. Na frase 19, o que *está claro* é o fato de que todos reconhecerão o erro, ou seja, "Isto está claro".

Na frase 20, o **se** é apassivador, a frase pode ser reescrita (Isto – *que todos mentiram* – é sabido). Observe que quando

o sujeito é toda a oração, o verbo da oração principal não varia.

Vamos treinar concordância verbal – Parte I?

Complete a lacuna com a forma adequada.

1. Nos últimos 50 anos, _____ fatos que aumentaram o nosso índice de felicidade. (ocorreu/ocorreram)

Comentários: Entendemos, nessa frase, que "fatos ocorreram", sujeito simples no plural, verbo no plural.

Resposta: ocorreram.

2. _____ 50 anos que os índices de felicidade _____ aumentando gradativamente. (Há/Hão; vem/vêm)

Comentários: O verbo "haver", nesse caso tem ideia de tempo passado, não se flexionando. Na 2ª lacuna "índices" é sujeito da locução verbal "vêm aumentando". Vimos que, quando aparece locução verbal, quem se flexiona é o verbo auxiliar.

Resposta: Há e vêm.

3. Nos últimos 50 anos, _____ as possibilidades de maior felicidade. (acentuou-se/acentuaram-se)

Comentários: Essa frase traz o verbo com a partícula **se**. Aqui, o **se** é apassivador, há sujeito na frase, pois equivaleria a "As possibilidades foram acentuadas", voz passiva analítica.

Resposta: acentuaram-se.

4. Daqui a 50 anos, _____ que as pessoas encontrem a felicidade. (é possível/são possíveis)

Comentários: Aqui, o sujeito vem representado por uma oração – "que as pessoas encontrem a felicidade é possível", ou seja, "Isto é possível". Quando o sujeito é oracional, a expressão da oração principal não varia.

Resposta: é possível.

5. _____ de viagem meu irmão e meu sobrinho. (Chegou/Chegaram)

Comentários: O sujeito composto "meu irmão e meu sobrinho" aparece após o verbo, ou seja, o verbo vem **anteposto** a um sujeito composto. Nesse caso, o verbo vai ao plural, já que o sujeito é composto, mas pode também concordar com o núcleo mais próximo – **irmão**, no singular.

Resposta: Chegou ou Chegaram.

6. A crescente disseminação de instituições que trabalham contra os interesses populares _____ um verdadeiro flagelo dos tempos modernos. (constitui/constituem)

Comentários: Vimos desde o início que, na quase totalidade dos casos, o verbo concorda com o **núcleo** do sujeito. A frase acima já está na ordem direta e o núcleo do sujeito é "disseminação".

Resposta: constitui.

7. Aquilo _____ manias de mulher. (é/são)

Comentários: O verbo **ser** pode ficar no singular ou no plural quando o sujeito vier representado por **coisa** no singular ou **pronomes** – tudo, isto, aquilo etc. – e o predicativo estiver no plural.

Resposta: é ou **são**.

8. Os representantes _____ nós. (são/somos)

Comentários: Aparecendo pronome reto, o verbo **ser** só pode concordar com o pronome reto.

Resposta: somos.

9. Dois anos _____ muito tempo. (é/são)

Comentários: Verbo **ser** em expressões de **tempo**, **medida** ou **quantidade** não varia.

Resposta: é.

10. _____ meio-dia e meia quando ela chegou. (Era/Eram)

11. _____ duas horas quando ela chegou. (Era/Eram)

Comentários: Nas expressões de **horas**, o verbo **ser** vai concordar com essas expressões. Logo, se vierem no singular, verbo **ser** no singular. Caso a expressão de horas apareça no plural, verbo **ser** no plural.

Respostas: 10. Era; 11. Eram.

17.1.2. Concordância verbal: Parte II – Casos especiais

17.1.2.1. Concordância do verbo SER

a) Quando o sujeito for nome de **coisa** ou um dos pronomes **tudo**, **nada**, **isso**, **isto**, **aquilo** + predicativo no plural: o verbo <u>ser</u> concorda com o sujeito ou com o predicativo (mais comum).

1. A casa era/eram ruínas.

2. Isto é/são alegrias.

b) Quando aparecer **pessoa**: o verbo **ser** concorda sempre com a **pessoa**. No entanto, se aparecer pronome pessoal do caso **reto**, a concordância se fará com o pronome.

3. Maria era as alegrias da casa.

4. Meu orgulho são os meus filhos.

5. Ela era os meus sonhos.

6. O médico aqui sou eu.

Com os pronomes interrogativos **que**, **quem**, **o que**: o verbo **ser** concorda com o nome ou pronome que vem após.

7. Quem são os interessados?

8. O que são asteroides?

Comentários:

A concordância do verbo SER, basicamente, divide-se em duas partes: a primeira parte, que tem as frases de 1 a 8 como exemplos, mostra a concordância do verbo **ser** com **nome** (representado por **coisa** ou **pessoa**) e **pronome**.

Como vimos na teoria, o verbo **ser** pode concordar com o sujeito ou com o predicativo, quando o sujeito vier representado por coisa ou **pronomes** (tudo isto...), frases 1 e 2.

Se aparecer **pessoa**, como sujeito ou predicativo – frases 3 e 4 –, o verbo **ser** só pode concordar com a pessoa. Agora, se o sujeito ou o predicativo for um **pronome reto** (frases 5 e 6) esse verbo **só pode concordar** com o pronome.

Já com os pronomes interrogativos (frases 7 e 8), o verbo **ser** tem de concordar com o nome ou pronome que se segue.

d) Com as expressões **é muito**, **é pouco**, **é bastante**, **é mais de** etc: o verbo **ser** ficará no singular quando essas expressões denotarem ideia de **preço**, **medida** ou **quantidade**.

9. Dez mil dólares é pouco.

10. Cinco metros é mais do que preciso.

e) Nas expressões de **horas**, **datas** ou **distâncias**: o verbo **ser** concorda com essas expressões.

11. Eram nove horas quando ele chegou.

12. É uma hora e quinze.

13. Hoje são 12 de abril.

14. Daqui a minha casa são cinco quilômetros.

Comentários:

As frases de 9 a 14 exemplificam a segunda parte da concordância do verbo SER: são as expressões.

Nas frases 9 e 10, o verbo **ser** não varia com expressões que trazem ideia de preço, medida, quantidade. Já nas frases de 11 a 14, se as expressões de horas, datas ou distâncias vierem no **plural**, verbo **ser** no **plural** (frases 11, 13 e 14). Se aparecerem no singular, verbo ser no singular (frase 12). Na frase "Hoje são 12 de abril" há a possibilidade de o verbo ficar no singular se aparecer a palavra dia: "Hoje é dia 12 de abril".

17.1.2.2. Concordância com a preposição COM

Sujeito composto ligado por **com**: Verbo no plural.

Observações:

1. Quando se quiser realçar um dos núcleos (= sujeito simples), com ele concordará o verbo.

2. Se a expressão iniciada por com vier entre vírgulas, o verbo concorda com o termo que antecede essa expressão. (= sujeito simples)

Exs.:

1. A carta com o anexo *está extraviada/estão extraviados*.

2. O guarda, **com** os transeuntes, *prendeu* o ladrão.

Comentários:

Diante de sujeitos ligados pela preposição **com**, podem-se utilizar duas opções: a primeira – que é a mais comum – seria o verbo no plural, por se considerar o sujeito como composto. Assim, na frase "A carta **com** o anexo estão extraviados", a preposição **com** tem valor de **e**. É como se fosse "A carta **e** o anexo estão extraviados". É exatamente isso: a preposição **com** teria, aqui, valor de adição.

A segunda opção seria o verbo no singular, por uma questão de ênfase no primeiro núcleo. Assim, na frase "A carta com o anexo está extraviada", o que se quer é realçar o núcleo "a carta". A preposição teria, então, um valor de companhia. É como se eu dissesse "A carta, em companhia do anexo, está extraviada".

Mas atenção: essas duas opções (de o verbo concordar com os dois núcleos ou só com o primeiro) só valem se a expressão iniciada pela preposição **com não** vier entre vírgulas. Porque, se ela vier isolada pelas vírgulas, o verbo só poderá concordar com o primeiro núcleo. Assim, na frase "O guarda, com os transeuntes, prendeu o ladrão", o verbo deverá necessariamente ficar no singular concordando com *guarda*. A expressão *com os transeuntes* seria um adjunto adverbial de companhia deslocado na frase. Na ordem direta, essa frase ficaria assim: "O guarda prendeu o ladrão com os transeuntes" (Você vai aprender no capítulo de análise sintática que na ordem direta o adjunto adverbial fica no final da frase). Já que é adjunto adverbial, e não sujeito, o verbo só pode concordar com o primeiro núcleo.

Resumindo: Com substantivos ligados pela preposição com, pense da seguinte forma:

A expressão iniciada pela preposição com não vem entre vírgulas: cabem as duas opções (o verbo concorda com os dois núcleos ou só com o primeiro).

A expressão iniciada pela preposição com vem entre vírgulas: o verbo só concorda com o primeiro núcleo.

17.1.2.3. Concordância com pronomes indefinidos

a) Sujeito composto resumido por um pronome indefinido: o verbo concorda com o pronome indefinido (na função de aposto resumitivo).

b) Sujeito composto modificado pelo pronome **cada**: verbo no singular.

Exs.:

3. Jovens, trabalhadores, empresários, **ninguém** *acredita* em nossos parlamentares.

Comentários:

Eis um caso especialíssimo de concordância: o verbo deixa de concordar com o sujeito para concordar com o aposto. Se alguém perguntar se o pronome indefinido *ninguém* é sujeito do verbo, cuidado para não se distrair e dizer que sim! O sujeito da frase é composto ("jovens, trabalhadores, empresários"), mas o verbo *acredita* concorda com o aposto resumitivo *ninguém*.

4. **Cada** criança, **cada** homem, **cada** mulher *ajudava* os flagelados.

Comentários:

Mais uma vez, algo atípico na concordância verbal: apesar de o sujeito ser composto de três núcleos, o verbo fica no singular. Isso ocorre por causa da palavra **cada**, *que enfatiza individualmente os núcleos*. É isto mesmo: o sujeito é composto, mas, se o verbo fosse ao plural, a frase estaria errada!

17.1.2.4. Concordância com a conjunção OU

Sujeito composto ligado por **ou**:

a) Com ideia de exclusão ou retificação: o verbo concordará com o núcleo mais próximo.

b) Se a ideia se refere a todo o sujeito: verbo no plural.

Exs.:

5. Pedro **ou** João *casará* com Joana.

Comentários:

O sujeito tem dois núcleos, mas a conjunção **ou** tem valor de exclusão: *só um* vai casar com *Joana*. O verbo fica no singular.

6. O responsável **ou** os responsáveis *cuidarão* da festa.

Comentários:

A conjunção **ou** tem valor corretivo, de retificação: o verbo concorda com o núcleo mais próximo. É como se eu dissesse: "O responsável, *ou melhor*, ou responsáveis *cuidarão* da festa". *Ou*, aqui, é o mesmo que *ou melhor*, *digo*.

7. Cigarro ou charuto prejudicam igualmente a saúde.

Comentários:

Nesse caso, não há ideia de exclusão: a conjunção *ou* tem valor aditivo. É o mesmo que: "O cigarro e o charuto prejudicam igualmente a saúde".

17.1.2.5. Concordância com as expressões um ou outro, um e outro, nem um nem outro

a) Sujeito formado pela expressão um ou outro: verbo no singular.

b) Sujeito formado pelas expressões *um e outro, nem um nem outro, nem … nem…*: verbo no singular ou no plural.

8. **Um ou outro estilo** *agrada*.

Comentários:

Aqui, mais uma vez a conjunção **ou** tem valor de exclusão: só um dos estilos agrada.

9. **Uma e outra forma** me *fascinam*/*fascina*.

Comentários:

Nesse caso, as duas opções estão corretas. O verbo no plural enfatiza o *todo*: *as duas formas me fascinam*. O verbo no singular enfatiza as *partes* que compõem o sujeito. É como se eu dissesse "uma forma me fascina e outra também me fascina".

10. **Nem um nem outro** *comentou*/*comentaram* o ocorrido.

Comentários:

Manter o verbo no singular é a opção que soa melhor aos nossos ouvidos, e é, mesmo, a mais adequada. Afinal, quando se diz *nem um nem outro*, o que se quer dizer é que *ninguém comentou o ocorrido*.

Entretanto, embora alguns gramáticos discordem quanto a este aspecto, ao se dizer *nem um nem outro*, pode-se pensar que *um não e outro também não comentaram o ocorrido*. Ou seja: pensar no valor de adição que a conjunção *nem* possui. Então a flexão do verbo no plural também estaria correta – ainda que não seja essa a forma mais adequada.

Resumindo:
Um ou outro: verbo no singular.
Um e outro: verbo no plural ou no singular.
Nem um nem outro: verbo no singular (mais adequada) ou no plural (menos comum).

17.1.2.6. Concordância com palavras sinônimas ou em gradação e com verbos no infinitivo

a) Sujeito composto de palavras sinônimas ou em gradação de ideias: o verbo, de preferência, concorda com o núcleo mais próximo.

b) Sujeito composto formado de verbos substantivados no infinitivo: verbo no singular.

Se forem **antônimos** ou vierem **determinados**, o verbo fica no plural.

11. Um olhar, um sorriso, um gesto *serviu/serviram* como alerta para ele.

Comentários:

Apesar de o sujeito ser composto por mais de um núcleo (*olhar*, *sorriso*, *gesto*), a concordância mais adequada é a que enfatiza o valor de gradação que esses núcleos apresentam – verbo no singular. Entretanto, o plural também está correto, até porque o sujeito é composto.

12. Estudar e trabalhar *engrandece* o homem.

13. Rir e chorar *fazem* parte da vida.

14. O falar e o escrever *caracterizam* homens dinâmicos.

Comentários:

Na frase 12, apesar de o sujeito ser composto, seus núcleos são verbos. Por isso, o verbo tem de ficar no singular. Mas na frase 13 os núcleos são antônimos: *rir* é o oposto de *chorar*; até para enfatizar a oposição entre os núcleos do sujeito (*rir/chorar*), o verbo fica no plural. Na frase 14, os artigos determinam, especificam os núcleos: o verbo ficará também no plural. Se não houvesse tais artigos, voltaríamos à situação da frase 12: o verbo ficaria no singular.

17.1.2.7. Concordância com o sujeito coletivo, com porcentagem e expressões a maioria de, grande parte de...

a) Sujeito coletivo: o verbo concorda com o sujeito coletivo.

b) O sujeito é representado pelas expressões: a maioria de, grande parte de, grande número de etc. + nome no plural = o verbo fica no **singular** ou no **plural**.

c) Sujeito formado por número percentual: o verbo concorda com o numeral ou com o termo posposto.

15. O bando *desapareceu*.

Comentários:

Ainda que *bando* dê uma ideia de pluralidade, coletivo, trata-se de um substantivo no singular: daí o verbo ficar no singular. Também que coisa horrível seria dizer *o bando desapareceram*!

16. A maioria das pessoas *gostou/gostaram* do espetáculo.

Comentários:

Com as expressões *a maioria de*, *grande parte de* etc., o verbo pode concordar com o núcleo do sujeito – que é a forma mais adequada – ou concordar com o termo posposto a ele (adjunto adnominal). Assim, teríamos duas opções: *gostou*, concordando com *maioria*, ou *gostaram*, concordando com *pessoas*. Repito: a melhor opção é a do verbo no singular, concordando com o núcleo.

Pense sempre assim: Quando houver duas opções de concordância, a melhor (a ser utilizada nas redações, em textos mais formais) será sempre aquela com o núcleo.

17. Oitenta por cento da população *acreditam/acredita* na moeda.

18. Os 30% da produção de arroz *estragaram*.

Comentários:

Para a frase 17, utilize o mesmo raciocínio da frase 16: o verbo pode ficar no plural, concordando com o núcleo, que é o numeral *oitenta*; **ou** pode concordar com o termo posposto a ele – *população* – ficando no singular. Mais uma vez, a melhor opção aqui é a concordância com o núcleo *oitenta*: verbo no plural.

Já na frase 18, o artigo aparece, e o verbo só poderá ficar no plural, concordando com esse determinante. Por isso, seria erro dizer *os 30% da produção de arroz estragou*: aqui, o verbo não poderia concordar com o termo posposto ao núcleo (*produção de arroz*).

Na concordância com numerais, tenha cuidado de observar que até o algarismo 2, o verbo ficará no singular. Só de 2 em diante, o verbo irá ao plural. Assim, teríamos:

O 1,36 kg de queijo que comprei **está** sobre a mesa.

Seu 1,92 m **chama** a atenção de quem a vê.

Seus 2,20 m **impõem** respeito.

17.1.2.8. Concordância com as expressões qual de nós, quais de vós...

a) Sujeito constituído por **qual de nós**, **qual de vós**, **algum de nós** etc.: o verbo fica no singular.

b) Sujeito constituído por **quais de nós**, **quais de vós**, **alguns de nós** etc.: o verbo concorda com os pronomes nós/vós ou vai para a 3ª pessoa do plural.

19. **Qual de vós** *encontrará* a solução?

20. **Quais de nós** *votaram/votamos* conscientemente?

21. **Nenhum de nós** *foi* capaz de resolver o programa.

Comentários:

Ao se perguntar, na frase 19, *qual de vós encontrará a solução*, subentende-se que *somente uma pessoa* vai encontrar a solução. É por isso que o verbo concorda com o núcleo *qual*, ficando no singular, e não pode concordar com o pronome posposto ao núcleo, *vós*.

Já na frase 20, entende-se que *mais de uma pessoa* votou conscientemente. Nesse caso, o verbo pode concordar com o núcleo ou com o termo a ele posposto. Assim, teríamos: *votaram* concordando com *quais* ou *votamos* concordando com *nós*.

A frase 21 segue a mesma lógica da frase 20: ao se dizer que *nenhum foi capaz*, o pronome *nenhum* no singular exige que o verbo também fique no singular, concordando com esse pronome. É a única opção de concordância.

17.1.2.9. Concordância com as expressões mais de, cerca de...

a) O sujeito é a expressão **mais de um**: verbo no singular. se a expressão vier **repetida** ou houver ideia de **reciprocidade**, verbo no plural.

b) Com as expressões **mais de**, **perto de**, **cerca de** etc.: o verbo concorda com o termo que vem após essas expressões.

22. **Mais de um** aluno *obteve* boa nota.

23. **Mais de um** policial, **mais de um** bandido *foram mortos*.

24. **Mais de um** torcedor se *agrediram*.

Comentários:

A frase 22 mostra-nos que a lógica da língua portuguesa não é a mesma lógica da matemática. Ainda que, segundo a matemática, *mais de um aluno* sejam *dois, três* etc., o verbo deverá ficar no singular, pois o núcleo do sujeito (*aluno*) está no singular.

Já a frase 23 apresenta dois núcleos do sujeito: *policial* e *bandido*. Então, faz todo sentido manter o verbo no plural. Nesse caso, o sujeito é composto.

A frase 24 apresenta um pronome recíproco *se*, que indica pluralidade (= *um ao outro*). É por isso que, apesar de o núcleo do sujeito (*torcedor*) estar no singular, o verbo ficará obrigatoriamente no plural. É a ideia de reciprocidade do pronome que impõe isso.

25. Cerca de três alunos chegaram.

26. Perto de cem pessoas chegaram.

Comentários:

Em relação às frases 25 e 26, pense da seguinte forma: os núcleos são, respectivamente, *alunos* e *pessoas*. Logo, não há outra opção, a não ser a de o verbo concordar com esses núcleos.

17.1.2.10. Concordância com as expressões que, quem, um dos que

a) Sujeito constituído pelos pronomes **que** e **quem**: com o relativo **que** na função de sujeito, o verbo concorda com o antecedente desse pronome, com o pronome **quem**, o verbo fica na 3ª pessoa do singular ou concorda com o antecedente.

b) Expressão *um dos que*: verbo no singular ou plural.

27. Fui eu **que** *li* a carta.

28. Fomos nós **quem** *lemos/leu* a carta.

29. Aquele romance foi **um dos que** mais me *agradou/agradaram*.

Comentários:

Antes de qualquer explicação, vamos organizar a frase 27: nela há dois verbos, duas orações. Dividindo o período, teríamos:

Fui eu /que li a carta.

A 1ª oração é *fui eu*, que tem como verbo *fui* e sujeito *eu*. A 2ª oração, que restringe a 1ª, é *que li a carta*: seu verbo "*li*" tem como sujeito o pronome relativo *que*. Vamos estudar esse assunto de forma mais aprofundada no tópico sobre período composto. O fato é que o sujeito do verbo *ler* é o pronome relativo *que*, mas, como o *que* é pronome relativo (e todo relativo, como já vimos, retoma um antecedente), o verbo não concordará com o pronome em si, mas com o antecedente que ele retoma. No caso da frase 27, o antecedente do relativo é o pronome *eu*. Leia a frase como se o relativo não existisse e você não errará a concordância:

… **eu** (que) **li** a carta.

Já na frase 28, temos também duas orações:

Fomos nós /quem *lemos* (ou *leu*) a carta.

Só que aqui se trata do pronome *quem*. Com ele, há duas possibilidades de concordância. Observe:

1. Podemos considerar o pronome *quem* também como relativo (como o *que* da frase 27). Nesse caso, o verbo também concordaria com o antecedente do *quem*:

Fomos **nós** (quem) **lemos** a carta.

2. Ou podemos classificar o *quem* como pronome indefinido (= alguém). Nesse caso, o verbo concordaria com o próprio pronome *quem*:

Fomos nós **quem leu** a carta.

Construção estranha, não é? Então, coloque na ordem direta e ela lhe parecerá mais sonora:

Quem leu fomos nós.

Resumindo (frases 27 e 28):
Concordância com a palavra QUE: o pronome é classificado como relativo, e o verbo concorda com o antecedente desse relativo.
Concordância com a palavra QUEM: o verbo concordará com o antecedente do quem (nesse caso, quem é pronome relativo); ou o verbo concorda com o próprio pronome quem (aí, quem será classificado como pronome indefinido).

Vamos dividir o período da frase 29?

Aquele romance foi um dos/**que** mais me agradou (ou agradaram).

Para cada verbo, um sujeito. O sujeito da primeira oração é aquele romance. Já o sujeito da segunda oração é o pronome relativo *que*. Temos aqui um raciocínio muito parecido com o da frase 27: o que é pronome relativo na função de sujeito do verbo agradar. O verbo deverá, portanto, concordar com o antecedente do relativo. Só que, nesse

caso, têm-se dois possíveis antecedentes do que: *um* ou *dos*. É por isso que se aceitam as duas opções: a de singular (nesse caso, o pronome relativo estaria retomando o antecedente *um*) ou a de plural (e, então, o pronome relativo retomaria o pronome demonstrativo *os*, da contração *dos*).

Assim, seriam duas as possibilidades de leitura:

Aquele romance foi **um** (que) me **agradou**.

Dos (que) me **agradaram**, aquele romance foi um.

Resumindo: Com a expressão um dos que, o verbo pode ficar no singular (nesse caso, o que retomaria um, que é o núcleo da expressão); ou no plural (se o antecedente do que for o pronome os).

Caso perguntem a você qual das duas opções é a melhor, diga o de sempre: a melhor é com o núcleo da expressão. Portanto, a melhor é aquela com **verbo no singular**, concordando com **um,** núcleo da expressão **um dos que**.

17.1.2.11. Concordância ideológica (silepse)

A concordância ideológica, ou silepse, difere dos casos de concordância que vínhamos estudando, por se desviar da norma rígida, por ser uma concordância com o sentido. Então, entenda: os casos que vimos anteriormente são de concordância rígida. Os que vamos ver agora são de concordância ideológica ou psicológica. É simples: basta você conhecer as três situações em que tal desvio pode ocorrer. Vamos a elas?

1. "V. Exª. é muito simpático."

Veja que o sujeito é representado por uma palavra feminina ("excelência"), mas o adjetivo "simpático" ficou no masculino. A concordância deixou de se fazer com o vocábulo e passou a ser feita com a ideia: trata-se de homem. Do feminino ao masculino: é a **silepse de gênero**.

2. "A criançada chegou. *Alegres*, *brincavam* por todos os lados."

Observe que o adjetivo e o verbo da 2ª oração foram ao plural, apesar de *criançada* ser palavra no singular; isso ocorre em função da ideia de coletivo que a palavra *criançada* apresenta. Do singular ao plural: é a **silepse de número**.

3. "Todos somos brasileiros".

Nem parece silepse, não é? Mas houve, sim, um desvio da concordância rígida: o sujeito *todos* é 3ª pessoa do plural (*eles*), mas o verbo foi para a 1ª pessoa do plural (*nós*). Esse recurso é muito utilizado em textos argumentativos, quando o autor quer se incluir na frase. Da 3ª pessoa à 1ª: é a **silepse de pessoa**.

Portanto, entenda que silepse é um desvio das regras rígidas de concordância. Deixa-se de concordar gramaticalmente, para se fazer uma concordância ideológica.

17.1.2.12. Concordância com verbos no infinitivo

Em nossa língua há dois infinitivos:

• **Infinitivo impessoal** – ação verbal de modo vago, indeterminado;

• **Infinitivo pessoal** – não flexionado (uma só forma para todas as pessoas)

flexionado (falar, falares, falar, falarmos...)

Falamos sobre infinitivo impessoal em sujeito indeterminado. Em relação à flexão do infinitivo, podemos sintetizar da seguinte forma:

a) **não se flexiona o infinitivo:** como verbo principal de uma locução ou quando o sujeito do infinitivo for um pronome oblíquo, antecedido dos verbos *mandar, deixar, fazer, ver, sentir, ouvir*. A flexão, no entanto, pode ocorrer se o sujeito for um substantivo.

b) **não se flexiona o infinitivo:** quando este aparecer em oração reduzida com sujeito idêntico ao do verbo da oração principal.

c) **flexiona-se o infinitivo:** quando o infinitivo tem sujeito próprio ou quando o sujeito do infinitivo está claro na frase, regido ou não de preposição (flexão facultativa).

d) **com os verbos *dever, poder, costumar* + *se* + *infinitivo* + *nome no plural*:** esses verbos ficam no singular (= sujeito oracional) ou concordam com o nome no plural.

17.2. EXEMPLOS COMENTADOS

Bem, teoria encerrada. Vamos aos exemplos comentados?

Quanto à concordância verbal, julgue as alternativas abaixo como certas ou erradas, corrigindo as frases com erro. Caso haja mais uma possibilidade de concordância, indique-a.

1. **Choveu** garrafas na cabeça do árbitro; aliás, **estava** chovendo até pilhas de rádio.

Comentários: O que é que choveu? *Garrafas choveram. Pilhas estavam chovendo*.

Resposta: Frase errada: O certo é *choveram* e *estavam chovendo*.

2. **Deu** dez horas o relógio da matriz, mas no meu já **deu** onze.

Comentários: *O relógio é que deu dez horas*. A primeira oração está certa. Mas a segunda oração não: o sujeito passa a ser *onze* e *no meu*, adjunto adverbial de lugar (= "no meu relógio").

Resposta: o certo é "Deu dez horas o relógio da matriz, mas no meu já *deram* onze".

3. Não **existe** nas cidades próximas nenhum posto de gasolina aberto.

Comentários: O que é que não existe nas cidades próximas? *Nenhum posto de gasolina aberto*. Ora, o núcleo do sujeito é *posto*.

Resposta: a frase está correta.

4. Não **deve** existir ciúmes em um relacionamento sincero e sadio.

Comentários: Atenção: na locução verbal, olhe para o último verbo (verbo principal), pergunte por seu sujeito, mas não se esqueça de que quem irá se flexionar ou não é o verbo auxiliar. Portanto, qual é o sujeito de *existir*? *Ciúmes*. Logo, o auxiliar deverá ficar no plural.

Resposta: a frase está errada. O certo seria dizer "Não *devem* existir ciúmes..."

5. **Acabou** as aulas, **começou** as férias.

Comentários: O que é que acabou? *As aulas*. O que é começou? *As férias*. Ambos os sujeitos estão no plural, logo os verbos deverão ficar no plural.

Resposta: o certo é: "Acabaram as aulas, começaram as férias".

6. Não **pode** faltar nas indústrias tanta matéria-prima quanto se diz.

Comentários: O que é que não pode faltar nas indústrias? *Matéria-prima*. O núcleo é singular, por isso, o verbo auxiliar deve mesmo ficar no singular.

Resposta: frase correta.

7. **Faz** dez dias que não durmo direito; **faz** cinco que não trabalho.

Comentários: Eis, nas duas orações, o verbo *fazer* com sentido de tempo decorrido. Ele é impessoal, a oração não possui sujeito. Por isso, os verbos devem mesmo ficar no singular.

Resposta: frase certa.

8. **Costuma** haver abalos de terra nesta região.

Comentários: Mais uma vez, locução verbal. Observe o último verbo: principal. Ele tem sujeito? Não, pois é *haver* com sentido de *existir*. Por isso, seu auxiliar não se flexiona, deve ficar na 3ª pessoa do singular. Cuidado: *abalos* não é sujeito, é objeto direto.

Resposta: frase certa.

9. A maioria das garrafas vazias **estão jogadas** ali no lixão.

Comentários: A locução verbal está adequadamente concordando com a expressão *garrafas vazias que, sintaticamente, é adjunto adnominal do substantivo "maioria"*. A frase está certa, mas haveria uma outra possibilidade de concordância, que, inclusive seria a mais adequada em uma redação: "A maioria das garrafas vazias está jogada...". Nesse caso, **está jogada** estaria concordando com o núcleo do sujeito **maioria**. E a concordância com o núcleo é sempre a melhor...

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de flexão.

10. Vassouras **ficam** no Estado do Rio; Campinas fica em São Paulo.

Comentários: Nome de lugar ou de obra no plural, o verbo fica no singular, a não ser que o nome seja antecedido de artigo.

Resposta: a frase está parcialmente errada. O certo é *Vassouras fica*. Quanto à segunda oração, tudo certo.

11. Os Estados Unidos **são** um país capitalista.

Comentários: Nome de lugar no plural antecedido de artigo. O verbo deverá ficar no plural, seguindo o artigo.

Resposta: frase certa.

12. Grande parte dos melões vendidos **está** madura.

Comentários: O sujeito é *grande parte dos melões*; o núcleo é *parte* e *dos melões* é o adjunto adnominal. Nessa frase, o verbo está concordando com o núcleo do sujeito. Mas poderia concordar com *melões*, que é o termo posposto. Também estaria certo dizer "Grande parte dos melões estão maduros".

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de concordância.

13. Cinco por cento da produção **se perdeu** com as chuvas, mas esses 5% não **significam** muito prejuízo.

Comentários: *Cinco por cento da produção se perdeu* ou *se perderam*: as duas estariam certas. No singular, o verbo concorda com *produção*; no plural, com o núcleo *cinco*. Quanto à segunda metade da frase, tudo certo: o verbo está adequadamente concordando com o sujeito *esses 5%*.

Resposta: frase certa.

14. 1% dos alunos daquele colégio **passaram** no vestibular.

Comentários: Aqui, haveria duas possibilidades: *passaram* concordando com *alunos* e *passou*, com *1%*.

Resposta: a frase está certa, e haveria mais uma opção de flexão do verbo.

15. Os 15% de comissão **foram** para Hersílio, e não para mim.

Comentários: Já que a porcentagem vem antecedida de determinante (artigo), o verbo só pode concordar com o numeral 15%.

Resposta: frase certa.

16. Foram eles que **pagaram** as despesas; fomos nós que **comemos**.

Comentários: Quando o sujeito é *que*, o verbo concorda com o antecedente do relativo. Nas orações acima, os antecedentes eram *eles* e *nós*.

Resposta: frase correta.

17. Foram eles quem **pagou** as despesas; fomos nós quem **comeu**.

Comentários: Com *quem*: o verbo fica no singular ou concorda com o termo que vem antes do *quem*. Poderíamos também dizer *foram eles quem pagaram, fomos nós quem comemos*.

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de flexão.

18. Algum de nós **morrerá** antes do ano 2030.

Comentários: O núcleo da expressão é singular, o verbo só pode concordar com ele.

Resposta: frase certa.

19. Alguns de nós **morrerão** antes do ano 2030.

Comentários: O núcleo da expressão é plural (*alguns*): o verbo pode concordar com o núcleo ou com o termo que vem posposto (*nós*). Logo, estaria também certo dizer *alguns de nós morreremos*.

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de flexão.

20. Cada um de nós seis **compraremos** um livro.

Comentários: Com a palavra *cada*, o verbo deverá ficar no singular. Lembre-se: a palavra *cada* individualiza o núcleo. O certo seria dizer "Cada um de nós seis comprará…".

Resposta: frase errada.

21. V. Exª. **ireis** viajar amanhã?

Comentários: Com pronome de tratamento, o verbo fica na 3ª pessoa do singular. O certo seria dizer "V. Exª. *irá* viajar amanhã?"

Resposta: frase errada.

22. Mais de um abacate **apodreceram**, menos de duas peras **foi comida**.

Comentários: O núcleo do 1º sujeito é *abacate* e do 2º, *peras*. Por isso, certo seria dizer "Mais de um abacate apodreceu…, menos de duas peras foram comidas".

Resposta: frase errada.

23. Fui um dos que não **disse** nada na reunião.

Comentários: *Disse* concordando com *um*; *disseram* concordando com **dos**. Por isso, tanto faz dizer *fui um dos que disse*, como *fui um dos que disseram*.

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de flexão.

24. Perto de três crianças **se perderam** na praia.

Comentários: O núcleo do sujeito é *crianças*. Por isso, o verbo está no plural.

Resposta: frase certa.

25. **Bastará** três pessoas para erguer esse peso.

Comentários: Organize a frase: *três pessoas bastarão*.

Resposta: frase errada.

26. **Passará** logo meu interesse e minha esperança.

Comentários: Sujeito composto posposto. Tanto faz: o verbo ficou no singular concordando com o núcleo mais próximo, mas também poderia ter ido ao plural, concordando com todos os núcleos.

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de concordância ("passarão").

27. **Abraçaram-se** o rapaz e a garota.

Comentários: Com o pronome *se* recíproco, o verbo deverá ficar apenas no plural.

Resposta: frase certa.

28. Luís e Manuel vadiaram o ano todo; um e outro rapaz, mesmo assim, **passou**.

Comentários: Um e outro: verbo no singular ou no plural.

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de concordância ("passaram").

29. Nem um nem outro caçador **conhecem** esta região.

Comentários: Embora não seja comum, essa construção não está errada. O mais correto, entretanto, seria dizer "Nem um nem outro caçador conhece…".

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de flexão.

30. Um dia, uma hora, um minuto, **bastam** para acontecer uma tragédia.

Comentários: Sujeito composto de núcleos em gradação: singular (mais adequada) ou plural.

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de flexão *(basta)*.

31. Comer e dormir em seguida **engorda**.

Comentários: Núcleos do sujeito composto com verbos no infinitivo: o verbo fica no singular.

Resposta: frase certa.

32. O comer bem e o dormir bastante **engordam**.

Comentários: Agora, os verbos estão antecedidos de artigo. O verbo deve ficar no plural.

Resposta: frase certa.

33. Céu, mar, terra, rios, sol, planetas, animais, tudo se **constitui** dos mesmos elementos.

Comentários: O pronome *tudo* resume as informações anteriores. O verbo deve concordar com o pronome, ficando

no singular.

Resposta: frase certa.

34. O príncipe com a princesa **estiveram** na festa.

Comentários: Tanto faz: plural ou singular. O plural enfatiza os dois núcleos; o singular enfatiza o primeiro.

Resposta: a frase está certa e teria outra possibilidade de concordância (“esteve”).

35. Filipe ou Virgílio **dirigirá** o automóvel.

Comentários: *Só um vai dirigir*: *ou* com valor de exclusão. O verbo deverá ficar no singular.

Resposta: frase certa.

36. A vida ou a morte eternas não **existe**.

Comentários: Agora, *ou* com valor de adição. O que se quer dizer é que a vida *e* a morte eternas não *existem*.

Resposta: frase errada.

17.3. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Complete com as formas verbais adequadas.

1. Altamente irreais, suas palavras só _____ valores supérfluos. (contém/contêm)
2. “A ordem social e humana nem sempre se _____ sem o grotesco.” (alcança/alcançam)
3. _____ muito barulho aqueles meninos. (Faz/Fazem)
4. _____ vinte minutos para as dez horas. (Falta/Faltam)
5. _____ duas palavras de incentivo. (Basta/Bastam)
6. Vossa Excelência _____ triste com a repercussão do caso. (ficou/ficastes)
7. Vossas Excelências _____ tristes com a repercussão (ficaram/ficastes)
8. _____ propostas de trabalho para ele. (Choveu/Choveram)
9. _____ existir dúvidas sobre aquele ponto da matéria. (Deve/Devem)
10. _____ ocorrer novas rebeliões. (Poderá/Poderão)
11. Embora _____ ocorrido alguns distúrbios, ele não se inteirava da condição do mundo. (tivesse/tivessem)
12. Eles _____ entender o problema (parecia/pareciam)
13. _____ sala comercial. (Aluga-se/Alugam-se)

14. _____ salas comerciais. (Aluga-se/Alugam-se)

15. _____ medidas para baratear os produtos editoriais. (Impõe-se/Impõem-se)

16. _____ cinco horas no relógio da sala. (Deu/Deram)

17. _____ cinco horas o relógio da sala. (Deu/Deram)

18. _____ uma hora. (Soou/Soaram)

19. _____ seis horas no relógio da igreja. (Bateu/Bateram)

20. Mais de um caso _____. (foi analisado/foram analisados)

21. Mais de um amigo se _____. (abraçou/abraçaram)

22. Mais de dois casos _____. (foi analisado/foram analisados)

23. Cerca de trinta pessoas _____ mudanças. (exigia/exigiam)

24. Qual de nós _____ do caso? (cuidará/cuidaremos)

25. Algum de nós _____ a tempo. (chegará/chegaremos)

26. Quais de nós _____ do caso? (cuidarão/cuidaremos)

27. Alguns de nós _____ a tempo. (chegarão/chegaremos)

28. A maioria dos professores _____ à cerimônia de posse do novo reitor. (compareceu/compareceram)

29. A maior parte da turma _____ ao primeiro dia de aula. (faltou/faltaram)

30. Setenta por cento da turma _____ de ano. (passou/passaram) / Os setenta por cento da turma _____ de ano. (passou/passaram)

31. Setenta por cento dos eleitores não _____ nos governantes. (confia/confiam)

32. Um por cento do eleitorado _____ o voto. (anulou/anularam)

33. Um por cento dos eleitores _____ o voto. (anulou/anularam)

34. Os Estados Unidos _____ perversamente _____ em 11 de setembro. (foi; atacado/foram; atacados)

35. Minas Gerais _____ a visita de dois ministros. (recebeu/receberam)

36. Os Lusíadas _____ uma epopeia. (conta/contam)

37. Fernanda e Guilherme _____ aqui agora há pouco. (estava/estavam)

38. _____ aqui agora há pouco Fernando e Guilherme. (Estava/ Estavam)

39. Acordava de manhã e lá _____ o meu pão torrado, o meu chá e o meu ovo cozido. (estava/estavam)

40. O diretor e o chefe _____ entender o problema. (parecia/pareciam)

41. Ela e eu _____ para jantar. (saíram/saímos)

42. _____ ela e eu para jantar. (Saímos/Saiu)

43. _____ irmão e irmã. (Abraçou-se/Abraçaram-se)

44. Chás, política, escândalos, nada _____ a sua concentração. (atrapalhava/atrapalhavam)

45. Engenheiros, técnicos, secretárias, todos _____. (foi demitido/foram demitidos)

46. O funcionário com o chefe _____ cedo. (chegou/chegaram)

47. O funcionário, com o chefe, _____ cedo. (chegou/chegaram)

48. Wilson ou Ricardo _____ o novo presidente do conselho fiscal. (será/serão)

49. O funcionário ou os funcionários _____ o novo representante. (anunciará/anunciarão)

50. O riso ou a lágrima _____ parte da minha vida. (faz/fazem)

51. A competição, a disputa não o _____. (seduzia/seduziam)

52. A paixão, o devotamento, a alma não _____ àquele homem. (falta/faltam)

53. Correr e nadar _____ parte do treinamento diário daquele atleta. (faz/fazem)

54. Agora, calar e falar já não _____ nada. (adianta/adiantam)

55. O falar e o escrever _____ dele um aluno especial. (fazia/faziam)

56. _____ bastante por aqui. (Trabalha-se/Trabalham-se)

57. _____ às ordens. (Obedeceu-se/Obedeceram-se)

58. _____ aos levantamentos. (Procedeu-se/Procederam-se)

59. Nunca se _____ totalmente pessimista. (é/são)

60. É preciso _____ com a impunidade no país. (acabar/acabarem)

61. _____ bastante em alguns bairros. (Choveu/Choveram)

62. _____ dúvidas sobre aquele ponto da matéria. (Havia/Haviam)

63. _____ vantagens para o índio no contato com o civilizado. (Havia/Haviam)

64. _____ haver vantagens para o índio no contato com o civilizado. (Devia/Deviam)

65. _____ haver novas rebeliões. (Poderá/Poderão)

66. Falei da angústia que _____ dias me devorava. (havia/haviam)

67. _____ dez meses que não recebo notícias dele. (Faz/Fazem)

68. _____ para dois anos de sua partida. (Vai/Vão)

69. _____ reclamações. (Chega de/Chegam de)

70. _____ duas horas. (Passa de/Passam de)

71. _____ que estejas aqui na hora marcada. (Convém/Convêm)

72. _____ mudar as regras. (Convém/Convêm)

73. _____ que as reações não podem ser diferentes. (Está claro/Estão claros)

74. Os dois _____ que haviam acabado de comer a maçã proibida. (parecia/pareciam)

75. Os dois _____ entenderem o problema. (parecia/pareciam)

76. _____ agora que tudo era mentira. (Sabe-se/Sabem-se)

77. Um e outro tipo _____ marcas profundas. (deixou/deixaram)

78. Nem o pai nem a mãe _____ o problema. (resolveu/resolveram)

79. Não só o funcionário mas também o diretor se _____ para a reunião. (atrasou/atrasaram)

80. Um ou outro estilo _____. (agrada/agradam)

81. Nem um nem outro trabalho _____ elogio. (recebeu/receberam)

82. Fui eu que _____ a verdade. (falei/falou)

83. Fomos nós que _____ a verdade. (falou/falamos)

84. Era árdua a tarefa que os _____ juntos. (mantinha/mantinham)

85. Fui eu quem _____ a verdade. (falei/falou)

86. Sou eu quem _____ a conta. (paga/pago)

87. Fomos nós quem _____ a verdade. (falou/falamos)

88. Ele é um dos jovens que _____ esse moderno sistema de telefonia. (usa/usam)

89. Aquele escritor foi um dos brasileiros que mais _____ no futuro do país. (acreditou/acreditaram)

90. "Napoleão foi um dos guerreiros de fama que _____ na ilha de Santa Helena." (morreu/morreram) (Ivan Alves)

91. O prédio _____ ruínas. (era/eram)

92. Tudo _____ ilusões. (é/são)

93. Guilherme _____ as preocupações da família. (era/eram)

94. O responsável _____ eu. / Eu _____ o responsável. (é/sou)

95. Os responsáveis_____ nós. / Nós _____ os responsáveis. (são/somos)

96. Quem _____ os representantes da turma? (era/eram)

97. O que _____ conectores? (é/são)

98. Os homens _____ complicam as coisas. (é que/são que)

99. _____ aquelas palavras que me serviram como estímulo. (Foi/Foram)

100. Vinte quilos _____. (é muito/são muito)

101. Cinco pessoas _____. (é suficiente/são suficientes)

102. _____ dez horas. (É/São)

103. _____ uma hora e vinte. (Era/Eram)

104. Hoje _____ seis de dezembro. (é/são)

105. Daqui a minha casa _____ três quilômetros. (é/são)

106. As pessoas pareciam _____ o problema. (entender/entenderem)

107. Resolvemos _____ rapidamente. (agir/agirem)

108. Mandei-os _____ os ingressos. (devolver/devolverem)

109. Viu-os _____ imóvel. (chegar/chegarem)

110. Fê-los _____. (chorar/chorarem)

111. Fez os ouvintes _____. (chorar/chorarem)

112. Minha filha chegou sem _____. (perceber/percebermos)

113. Os empresários falaram no preço que pagam para _____ negócio no Brasil. (fazer/fazerem)

114. Não se _____ proibir manifestações do povo. (deve/devem)

115. Os cariocas _____ um povo alegre. (verbo SER, silepse de pessoa)

116. A multidão não se continha. _____ justiça. (verbo PEDIR, silepse de número)

II. Levando em consideração as regras de concordância verbal, marque certo (C) ou errado (E).

1. ( ) A presença de pessoas estranhas, num momento como este, poderiam perturbar a atenção das candidatas, até aqui inteiramente dirigida para as questões da prova.

2. ( ) Quando se aplicam a todos os seres de uma espécie ou quando designam abstrações, o substantivo é chamado "comum".

3. ( ) Os peregrinos, que em longa caravana caminhavam respeitosos, mostravam-se dispostos a enfrentar qualquer

adversidade que se lhes apresentasse.

4. ( ) Já era quase nove horas, nenhum dos meninos pareciam querer se levantar, nada faziam os pais imaginarem os rumores da véspera.

5. ( ) Com a canção popular, hoje, costuma ocorrer frequentemente fatos diversos.

6. ( ) Com a canção popular, hoje, podem haver fatos diversos.

7. ( ) Há uma série de outras motivações que não cabe aqui mencionar.

8. ( ) É uma cidade onde falta verdade, honra e vergonha.

9. ( ) Os fatos que houveram causaram espanto, por ter sido os carros-bomba lançados contra um grupo de crianças inocentes.

10. ( ) Na discussão do assunto, lança-se mão de dois recursos, com base em dados socioeconômicos.

11. ( ) Tratam-se, talvez, das referências mais citadas para defender valores mais expressivos para os salários-família.

12. ( ) Não se apanha moscas com vinagre.

13. ( ) Com o projeto, fornecer-se-ão dados estatísticos sobre a propagação da Aids no país.

14. ( ) Alterou-se cerca de 600 palavras.

15. ( ) Indenizar-se-á em dinheiro as benfeitorias úteis e necessárias.

16. ( ) Não se poderiam esquecer tantas emoções.

17. ( ) Em outros campos, despreza-se palavras que dão o seu recado com eficiente simplicidade.

18. ( ) Havia um templo em que se cultuavam aos deuses.

19. ( ) No fim do mês, feitas as contas, veem-se que os gastos foram absurdos.

20. ( ) Ao se tomar conhecimento dos números dessas pesquisas, fica-se perplexo.

21. Esperam-se que não surjam, no atual cenário latino-americano, os aventureiros de sempre.

22. ( ) Um por cento da população brasileira buscam profissionalizar-se.

23. ( ) Quarenta por cento da população brasileira busca profissionalizar-se.

24. ( ) 1,13% morreu em acidentes de trânsito.

25. ( ) 1,20% dos jovens morreram por outras razões.

26. ( ) 12,49% dos jovens morrem em acidentes.

27. ( ) Trinta por cento da conta de energia correspondem ao consumo gerado por chuveiro elétrico e geladeira.

28. ( ) Se o consumo é muito alto, umas poucas providências em casa já o reduz.

29. ( ) Vários voluntários procuram os Centros de Testagem Anônima; quinze por cento, aproximadamente, apresenta resultado positivo.

30. ( ) O grande responsável pelo reequilíbrio das reservas foi o povo, a quem coube muitos sacrifícios.

31. ( ) Sempre existirão os que aceitam a economia de mercado, como sempre haverão os que lhe são contrários.

32. ( ) Quantos dias faz que não o vemos? Há de haver bem uns dez.

33. ( ) Não me haviam alertado para o perigo os técnicos do laboratório.

34. ( ) Refaria esses trabalhos e quantos mais houvessem para refazer.

35. ( ) Pouco mais de mil pessoas havia nas salas de aula.

36. ( ) Houveram por bem sair mais cedo os professores.

37. ( ) É provável que hajam falhas graves nesse projeto.

38. ( ) Os Estados Unidos não tinha a necessária infraestrutura para recrutar voluntários.

39. ( ) A Fundação Instituto Oswaldo Cruz com a Universidade Federal de Minas Gerais iniciaram um projeto de verificação da incidência de HIV em homossexuais e bissexuais.

40. ( ) O Hospital Clementino Fraga Filho é um dos que selecionarão pessoas para determinar a incidência de HIV em homossexuais e bissexuais entre 18 e 35 anos.

41. ( ) Os Lusíadas são o grande poema épico de Portugal.

42. ( ) Na juventude tudo são alegrias.

43. ( ) Convêm descobrir as fórmulas secretas.

44. ( ) São atitudes como essa que te convém evitar.

45. ( ) Pensou-se que faltava algumas modificações.

46. ( ) Podiam haver divergências entre pronúncia e grafia.

47. ( ) Não podia haver mais complicações.

48. ( ) Já vai fazer dez anos que me radiquei em Fortaleza.

49. ( ) Falta-nos a paixão, o devotamento, a alma.

50. ( ) Houve erros de previsão grosseiros.

51. ( ) Não haverão de mim nada com ameaças.

III. Complete as lacunas com a(s) forma(s) adequada(s).

1. _____ ele, você e eu esperando o chefe. (Ficamos/Ficou)

2. Brasileiros e latino-americanos _____ constantemente a crítica da prevalência. (fazem/fazemos)

3. _____ nas classes trabalhadoras o desejo de ter acesso à leitura. (Aumenta/Aumentam)

4. A maioria dos nossos produtos editoriais não _____ ao orçamento doméstico do trabalhador. (é acessível/são acessíveis)

5. _____ um estudo mais acurado as ideias de baratear a comercialização dos produtos editoriais. (Merece/Merecem)

6. Vislumbra-se um mundo em que tudo _____ botões de computador. (é/são)

7. Tudo, carrinhos, robôs e bonecas, _____ adquirir nova forma e valor nas mãos da criança. (pode/podem)

8. Nem a criança nem o adulto _____ deixar de continuamente exercer o poder de criar. (deve/devem)

9. Grande parte dos objetos hoje utilizados numa casa _____ do processo de industrialização. (resulta/resultam)

10. Tu e eu _____ convencidos de que _____ em erro. (seremos/sereis; andamos/andais)

11. A maioria das pessoas aqui não _____ do que está falando. (sabe/sabem)

12. Um e outro ecologista _____ contra a derrubada de eucaliptos. (protestou/protestaram)

13. _____ dar quatro horas no relógio da praça. (Ia/Iam)

14. _____ o meio ambiente a comunidade e o vigário. (Defendia/Defendiam)

15. A história que vou referir só a _____, em toda esta cidade, minha mulher e eu. (sabe/sabemos)

16. Não _____ falta nenhuma o eucalipto e os cupins. (faz/fazem)

17. O perito e assistente técnico _____ de todos os meios necessários para o desempenho de suas funções. (utilizou-se/utilizaram-se)

18. Os Estados Unidos _____ uma grande potência. (é/são)

19. Alagoas _____ um belo estado. (é/são)

20. Os Lusíadas _____ o grande poema épico da literatura portuguesa. (é/são)

21. Vinte reais _____ suficiente. (é/são)

22. Já _____ uma hora da tarde e ele ainda não chegou. (é/são)

23. "E quanto enfim cuidava e quanto via, _____ tudo memórias de alegria." (Camões) – (era/eram)

24. _____ V. Exª os meus votos de distinta consideração. (Aceita/Aceitais)

25. Cada um dos jogadores daquele quadro já _____ um prêmio. (ganhou/ganharam)

26. Qual de vocês _____ o rio? (atravessará/atravessarão)

27. Qual dos três cientistas _____ o prêmio este ano? (ganhará/ganharão)

28. Quanto de nós _____ realmente dispostos a ajudar o próximo? (estarão/estaremos)

29. _____ três anos que ele viajara para Belém. (Fazia/Faziam)

30. Na reunião só _____ cinco representantes do sindicato. (havia/haviam)

31. _____ árvores derrubadas perto do rio. (Havia/Haviam)

32. "Os sentenciados _____ do poder público a comutação da pena." (G. Góis) – (houve/houveram)

33. _____ existir pelo menos mais de três documentos guardados. (Deve/Devem)

34. _____ haver campanhas educativas sobre o trânsito de nossa cidade. (Deveria/Deveriam)

35. O projeto de integração que _____ realizando as frágeis democracias _____, _____ e _____ é um esforço inegavelmente significativo para o cone sul. (vem/vêm; uruguaia, argentina e brasileira/uruguaias, argentinas e brasileiras)

36. _____ as regras de mera convenção ser menosprezadas. (Pode/Podem)

37. No caso não _____, nem jamais _____, asseguro-lhe, prevenções de ordem pessoal. (existe/existem; existiu/existiram)

38. Não se _____ esquecer tantas atenções. (poderia/poderiam)

39. _____ todos os ritmos da metrificação portuguesa. (Adotou-se/Adotaram-se)

40. A forma de morte em questão é a seguinte: inicialmente _____ as mãos de uma pessoa. (amarra-se/amarram-se)

41. Oitenta por cento dos alunos _____ preparados. (está/estão)

42. Está acertado que 1% dos recursos _____ para a educação, e os 99% restantes _____ em obras de saneamento básico do município. (irá/irão; será empregado/serão empregados)

43. Grande parte das poesias não _____ uniformidade nas estrofes. (tem/têm)

44. Grande número de programas _____ sido _____, nos EUA, para áreas consideradas prioritárias pelo Estado, como matemática e ciências. (tem/têm; direcionado/direcionados)

45. A maioria dos jovens _____ acompanhando pelos jornais as notícias sobre a Croácia. (vem/vêm)

46. Foi o prefeito César Maia quem _____ a pregar a solução. (correu/correram)

47. As sardinhas fomos nós quem _____. (pescou/pescamos)

48. Fui eu quem _____ um manifesto contra irregularidades dessa repartição. (encabeçou/encabecei)

49. Não fui a que _____ primeiro. (cheguei/chegou)

50. "Um dos soldadinhos que me _____ chorava como um desgraçado." (G. Ramos) – (acompanhava/acompanhavam)

51. Ele é um dos que mais _____ o meio ambiente. (defende/defendem)

52. Mais de um nativo _____ o problema. (entendeu/entenderam)

53. "Aqui _____ a burguesia, o mercador, a população." (Eça de Queiroz) – (habita/habitam)

54. Naquela guerra entre quadrilhas, _____ um dos chefes e alguns moradores das proximidades. (morreu/morreram)

55. O certo e que o orgulho, a soberba _____ verdades supremas. (cobre/cobrem)

56. Quando chove, as árvores _____ que ficam verdes. (parece/parecem)

57. Eram casos fortuitos que não _____ em seu poder prevenir. (estava/estavam)

58. Os ritmos utilizados me pareceu _____ melhor com o que eu pretendia exprimir. (quadrar/quadrarem)

59. _____-lhes aclarar muitos pontos importantes. (Falta/Faltam)

60. São atitudes como essa que _____ evitar. (convém/convêm)

61. "O conselho se reuniu, e _____ recomeçar a guerra." (B. Guimarães) – (decidiu/decidiram)

62. Não _____ nexos lógicos entre "tom de documentário" e "convenção de novela", por se _____ de assuntos diferentes. (ocorre/ocorrem; tratar/tratarem)

63. A premissa é a de que de uma quantidade menor de línguas _____ menos maneiras diferentes de pensar, menos chances para desentendimentos e conflitos. (decorrerá/decorrerão)

64. "Mas não _____ o governo, o sistema, o modelo social os únicos responsáveis (ou irresponsáveis) nessa situação." (E. Franchi) – (é/são)

65. "Mas, para Adélia, nem tudo _____ elogios e, de vez em quando, até um grande poeta tem que conviver com o amargor da faca afiada da crítica." (é/são)

66. Nas conversas dos parlamentares e juristas, no Congresso, o assunto _____ sempre as trapalhadas do governo para conter a inflação e a base monetária. (era/eram)

67. Nas conversas de sindicalistas e economistas, no DIEESE, o assunto _____ sempre as altas taxas de desemprego e o arrocho salarial. (era/eram)

68. Nada mal para as empresas que, mesmo sem capital de giro e sem condições de vender, por falta de compradores,

_____ de se ajustar, demitindo pessoal. (haverá/haverão)

69. Ninguém sabe se _____ haver ou não novas inscrições para o concurso anunciado há duas semanas. (vai/vão)

70. Todas as opiniões que _____ entre os participantes do encontro seriam debatidas democraticamente. (houvesse/houvessem)

71. Embora muitas dificuldades _____ surgido, os trabalhos foram concluídos em tempo hábil. (houvesse/houvessem)

72. Se _____ desistências, as vagas não poderão ser preenchidas por candidatos sem habilitação legal. (houver/houverem)

73. _____, entre os meses de outubro e dezembro, ocorrido pancadas de chuva tão violentas que as estradas estavam em péssimas condições. (Havia/Haviam)

74. "Mas _____ livros que, lidos no momento certo, fizeram de mim a pessoa que sou." (houve/houveram)

75. "Nem os olhos nem o gesto _____ poesia nenhuma." (Machado de Assis) – (tinha/tinham)

76. Tudo mal para os trabalhadores que, com a demissão batendo à porta, devido à crise recessiva, _____ de se contentar com o rebaixamento do poder aquisitivo. (terá/terão)

77. As condições concretas, sociais, políticas e econômicas em que foram executados os planos de estabilização de economias em estado de crise, durante o nosso século, _____ cética nossa visão sobre o futuro. (torna/tornam)

78. Para completar o elenco de "Uma relação tão delicada" foi chamado o ator R. Adruim, a quem _____ dois papéis ingratos – o de namorado de Charlotte e o de marido de Jeanne... (coube/couberam)

79. Desta forma, solicito que nos _____ mais alguns dias para entregar o material. (seja concedido/sejam concedidos)

80. Estamos encaminhando, para _____ em reunião da comissão tripartite, as normas para eleição do novo chefe do Departamento. (ser apreciado/serem apreciadas)

81. É sabido que de uma maneira geral a qualidade dos Sistemas de Informação desenvolvidos _____ muito longe das satisfações e necessidades de seus usuários. (está/estão)

Gabarito: I – 1. contêm; 2. alcança; 3. Fazem; 4. Faltam; 5. Bastam; 6. ficou; 7. ficaram. Obs.: Pronome de tratamento leva o verbo para a 3ª pessoa; 8. Choveram (o verbo "chover", aqui, não é impessoal, pois aparece com sentido figurado. Seu sujeito é "propostas"); 9. Devem; 10. Poderão (na locução verbal, quem se flexiona é o verbo

auxiliar: se o sujeito aparecer no plural, o verbo auxiliar ficará no plural); 11. tivessem; 12. pareciam; 13. Aluga-se (sujeito: sala / Sala comercial é alugada.); 14. Alugam-se (sujeito: salas / Salas comerciais são alugadas.); 15. Impõem-se (sujeito: medidas /Medidas são impostas.); 16. Deram; 17. Deu; 18. Soou; 19. Bateram; 20. foi analisado; 21. abraçaram (nesse caso, com pronome recíproco, verbo no plural); 22. foram analisados; 23. exigiam; 24. cuidará; 25. chegará; 26. cuidarão ou cuidaremos; 27. chegarão ou chegaremos; 28. compareceu ou compareceram; 29. faltou; 30. passaram ou passou / passaram; 31. confiam; 32. anulou; 33. anulou ou anularam; 34. foram atacados; 35. recebeu; 36. conta ou contam (com nome de "obra", aceita-se a concordância com a ideia, no singular.); 37. estavam; 38. Estava ou Estavam; 39. Estava ou estavam; 40. pareciam; 41. Saímos [3ª pessoa (ela) + 1ª pessoa (eu) = 1ª pessoa do plural (nós)]: com sujeito composto representado por pessoas diferentes, o verbo vai ao plural da pessoa que tiver preferência – a 1ª pessoa prevalece sobre a 2ª pessoa e a 3ª pessoa; a 2ª pessoa prevalece sobre a 3ª: Tu e ela chegastes ou chegaram. Nesse caso, aceita-se a 3ª pessoa do plural – chegaram – , pois o "vós" está em desuso; 42. Saímos ou Saiu (Verbo anteposto a sujeito composto: concorda com todos os núcleos ou com o mais próximo.); 43. Abraçaram-se ("se" recíproco – verbo na 3ª pessoa do plural); 44. atrapalhava (caso 2 – b); 45. foram demitidos (idem); 46. chegaram ou chegou; 47. chegou (É a melhor concordância. Algumas gramáticas, porém, aceitam o plural nesse tipo de construção.); 48. será; 49. anunciarão; 50. fazem; 51. seduzia ou seduziam; 52. falta ou faltam; 53. faz; 54. adiantam; 55. faziam; 56. Trabalha-se; 57. Obedeceu-se; 58. Procedeu-se; 59. é; 60. acabar; 61. Choveu; 62. Havia; 63. Havia; 64. Devia; 65. Poderá; 66. havia; 67. Faz; 68. Vai; 69. Chega de; 70. Passa de; 71. Convém; 72. Convém; 73. Está claro; 74. parecia (= Parecia/que os dois haviam acabado de comer a maçã proibida); 75. parecia (= Parecia/ que os dois entenderam o problema); 76. Sabe-se; 77. deixou ou deixaram; 78. resolveu ou resolveram; 79. atrasaram (é a preferência); 80. agrada; 81. recebeu ou receberam; 82. falei; 83. falamos; 84. mantinha; 85. falei ou falou; 86. paga ou pago; 87. falou ou falamos; 88. usa ou usam; 89. acreditou ou acreditaram; 90. morreu (o sentido exige o singular); 91. era ou eram; 92. é ou são; 93. era; 94. sou/sou; 95. somos/somos; 96. eram; 97. são; 98. é que; 99. Foram; 100. é muito; 101. é suficiente; 102. São; 103. Era; 104. são; 105. são; 106. entender; 107. agir; 108. devolver; 109. chegar; 110. chorar; 111. chorar ou chorarem; 112. percebermos (sujeito próprio); 113. fazer ou fazerem; 114. deve ou devem; 115. somos; 116. Pediam.

II – 1. E – A presença ... poderia perturbar; 2. E – Quando se aplica ... o substantivo ...; 3. C; 4. E – Já eram ... nove horas ; nenhum dos meninos parecia ... ; nada fazia ...; 5. E – ...costumam ocorrer ... fatos; 6. E – pode haver; 7. C; 8. C; 9. E – houve ; terem sido lançados; 10. C; 11. E – Trata-se – Sujeito indeterminado, o "se" é indeterminador; 12. E – apanham – O "se" é apassivador, o sujeito é "moscas"; 13. C; 14. E – Alteram-se ... palavras – O "se" é apassivador; 15. E – Indenizar-se-ão ... as benfeitorias – O "se" é apassivador; 16. C – caberia também "poderia" – Ver "Flexão do Infinitivo" d); 17. E – desprezam-se palavras ... A explicação é a mesma das frases 12 a 15.); 18. E – se cultuava – Sujeito indeterminado, "se" indeterminador; 19. E – vê-se – Sujeito oracional "que os gastos foram absurdos", verbo da oração principal no singular; 20. C; 21. E – – A mesma explicação da frase 19 Espera-se/que...); 22. E – Um por cento da população busca...; 23. C – ou buscam; 24. C; 25. C – ou morreu; 26. C; 27. C – ou corresponde; 28. E – ... providências ... reduzem; 29. E – apresentam; 30. E – ... a quem couberam muitos sacrifícios; 31. E – haverá; 32. C; 33. C; 34. E – houvesse; 35. C; 36. C – o "haver", aqui, não é impessoal; 37. E – haja; 38. E – tinham; 39. C – ou iniciou; 40. C – ou selecionará; 41. C – ou é; 42. C – ou é; 43. E – Convém/descobrir... sujeito

oracional); 44. C; 45. E – ... faltavam ... modificações; 46. E – Podia haver; 47. C; 48. C; 49. C; 50. C; 51. C – o "haver", aqui, não é impessoal.

III – 1. Ficamos ou Ficou; 2. fazem ou fazemos (silepse); 3. Aumenta; 4. é acessível ou são acessíveis; 5. Merecem; 6. é ou são; 7. pode; 8. deve ou devem; 9. resulta ou resultam; 10. seremos/andamos; 11. sabe ou sabem; 12. protestou ou protestaram; 13. Iam; 14. Defendia ou Defendiam (verbo anteposto a sujeito composto); 15. sabe ou sabemos (idem); 16. faz ou fazem (idem); 17. utilizou-se (é uma pessoa só: Ele é perito e assistente); 18. são; 19. é; 20. é ou são; 21. é; 22. é; 23. era ou eram; 24. Aceita; 25. ganhou; 26. atravessará; 27. ganhará; 28. estarão ou estaremos; 29. Fazia; 30. havia; 31. Havia; 32. houveram; 33. Devem; 34. Deveria; 35. vêm/uruguaia, argentina e brasileira; 36. Podem; 37. existem/existiram; 38. poderiam ou poderia; 39. Adotaram-se; 40. amarram-se; 41. estão; 42. irá ou irão/serão empregados; 43. tem ou têm; 44. tem sido direcionado ou têm sido direcionados; 45. vem ou vêm; 46. correu; 47. pescou ou pescamos; 48. encabeçou ou encabecei; 49. chegou; 50. acompanhava ou acompanhavam; 51. defende ou defendem; 52. entendeu; 53. habita ou habitam; 54. morreu ou morreram; 55. cobre ou cobrem (núcleos sinônimos); 56. parece (Parece/que as árvores...). or.princ. or.subjetiva; 57. estava (prevenir casos não estava em seu poder); 58. quadrarem (Pareceu-me/que os ritmos quadravam melhor). or.princ. or.subjetiva; 59. Falta-lhes/aclarar... or.princ. or.subjetiva (reduzida de infinitivo); 60. Convém/evitar (idem); 61. decidiu ou decidiram (silepse); 62. ocorrem/tratar; 63. decorrerão; 64. é ou são; 65. é ou são; 66. era ou eram; 67. era ou eram; 68. haverão; 69. vai; 70. houvesse; 71. houvessem; 72. houver; 73. Haviam; 74. houve; 75. tinha ou tinham; 76. terão; 77. tornam; 78. couberam; 79. sejam concedidos; 80. serem apreciadas; 81. está.

17.4. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Por fim, vamos às questões. FCC, Vunesp, Cespe-UnB e Cesgranrio são algumas das bancas que mais trabalham questões de concordância verbal em suas provas. Aproveite cada alternativa, procurando explicar a regra de concordância utilizada na frase.

1. (FCC/TRE-AP) As normas de concordância verbal estão inteiramente respeitadas na frase:

a) Sempre houve quem esbanjassem os recursos naturais.

b) Se não houverem trabalho nem produção, não haverá atividade econômica.

c) Alimentava-se muitas ilusões quanto ao custo e à disponibilidade da água.

d) Nenhuma saída a curto prazo se avistam em nossos horizontes.

e) Poderão vir a faltar outros recursos naturais, se não os pouparmos.

Comentários:

A letra A traz o pronome "quem" como sujeito do verbo esbanjar, portanto, verbo no singular (... *quem esbanjasse...*). Na B, o verbo "haver" é impessoal (sentido de existir, não varia). Na letra C, o pronome é apassivador ("Alimentavam-se muitas ilusões" é o mesmo que "Muitas ilusões eram alimentadas", verbo no plural). Na opção D, o núcleo do sujeito (saída) está no singular, verbo no singular. A letra E, está correta, pois o núcleo do sujeito está no plural (recursos). Vimos que, na locução verbal, quem se flexiona é o verbo auxiliar.

Resposta: E.

2. (Cesgranrio) Entre os que observavam os acontecimentos _____ muitos gritos.

De acordo com a norma culta da língua, a forma verbal que deve ser usada para preencher a lacuna acima é:

a) aconteceu

b) houve

c) houveram

d) ouviu-se

e) percebeu-se

Comentários:

Nesta questão, há três opções que trazem verbos pessoais, que possuem sujeito (letras A, D e E). Como o sujeito é "muitos gritos", esses verbos viriam no plural (aconteceram, ouviram-se, perceberam-se). Nas letras B e C, o verbo "haver" é impessoal, equivale a "ocorrer", por isso **não pode se flexionar**.

Resposta: B.

3. (FCC) Em qual das frases a seguir a concordância verbal segue a norma culta?

a) Mais de um jornal comentaram o lançamento do novo dicionário.

b) Ontem foi lançado, com um grande evento, mais dois volumes da Enciclopédia.

c) Tanto o Aurélio quanto o Houaiss passam por atualizações periódicas.

d) O Aurélio ou o Houaiss receberam o prêmio de melhor dicionário do ano.

e) Trinta por cento dos dicionários apresenta algum verbete falso.

Comentários:

Na opção A, o sujeito é "Mais de um jornal", cujo núcleo é "jornal", verbo no singular.

("Mais de um jornal comentou..."). Na letra B, a ordem direta da frase seria "Mais de dois volumes da Enciclopédia foram lançados ontem", verbo no plural, pois o sujeito é composto (Aurélio/Houaiss) com verbo posposto, plural. Correta a frase. A letra D traz dois núcleos ligados por **ou** com valor de <u>exclusão</u> (só um receberá o prêmio). Verbo no singular. Na opção E, tanto a porcentagem (*Trinta por cento*) quanto o substantivo que se segue (*dicionários*) levam o verbo ao plural – apresentam. Já a letra C apresenta a expressão "tanto... quanto...", que indica soma, por isso, está correta a forma "passam".

Resposta: C.

4. (FCC) Na passagem "A maioria dos profissionais já viveu uma sensação de impasse na carreira", a concordância

verbal está de acordo com a norma culta. Assinale a opção cuja concordância verbal está, segundo essa mesma norma, correta.

a) Sempre houveram impasses na sua vida profissional.

b) A reparação dos erros cometidos são possíveis.

c) Investiga-se, nesse momento, as falhas ocorridas.

d) Faz alguns meses que iniciamos o trabalho.

e) Soou oito horas no relógio da sala.

Comentários:

Nesta questão, vale a pena explicar a frase retirada do texto "A maioria dos profissionais já viveu...". Na teoria, vimos que os chamados coletivos partitivos (a maioria de, grande parte de...) e as porcentagens (um por cento de, trinta por cento de...) seguem o mesmo padrão: o verbo pode concordar com o núcleo (maioria, parte; um, trinta) ou com o termo que se segue. Portanto, nessa frase, além de "viveu" – concordando com o núcleo "maioria" – poderia vir "viveram" – concordando com "profissionais".

As letras A e D trazem verbos impessoais (haver = existir; fazer = tempo passado), não podendo, por isso, se flexionar. Portanto, a letra A está errada e a D correta. Na letra B, o núcleo do sujeito é "reparação", singular ("A reparação... é possível"). Na C, "as falhas são investigadas" ("Investigam-se as falhas"). Na letra E, o sujeito é o número de horas ("Oito horas soaram no relógio").

Resposta: D.

5. (FCC) Indique a única frase em que o verbo está flexionado corretamente.

a) 95% das televisões está diariamente em uso no país.

b) Para o consumo industrial, 17. 578 watts não representa nada.

c) Considera-se que até mesmo 1% de economia de água é bom para a Terra.

d) A imprensa noticia que menos de 10% dos cidadãos se preocupa com o meio ambiente.

e) Milhares de árvores da Floresta Amazônica é abatida mensalmente.

Comentários:

As letras A, C e D mostram o caso das porcentagens, em que o verbo ou concorda com elas ou com o termo seguinte. As letras A e D só podem vir com verbo no plural, já que tanto as porcentagens quanto os substantivos que se seguem estão no plural (*95% das televisões estão...*) e (*10% dos cidadãos se preocupam*). Na letra C, tanto a porcentagem quanto o substantivo estão no singular, verbo no singular (*1% da economia de água é bom...*). Correta a frase. Nas letras B e E, os verbos teriam de aparecer no plural (*representam/são abatidos ou são abatidas, já que as duas leituras podem ser feitas: milhares de árvores são abatidos ou milhares de árvores são abatidas*).

Resposta: C.

17.5. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016 – Adaptada)

O verbo que pode ser indiferentemente flexionado no singular ou no plural encontra-se em:

a) *... enfrentar as luzes, os cartazes, e a plateia...*

b) *Mas a música brasileira, ao contrário de outras artes, já traz dentro de si os elementos de renovação.*

c) *Veja, os Beatles, foram à Índia...*

d) *O importante é Mutantes e Martinho da Vila no mesmo palco.*

e) *... onde samba, toada etc. são ritmos virgens para seus melhores músicos...*

Leia o texto a seguir para responder à questão 2.

Cada um no seu *tablet*: conheça o perfil das crianças brasileiras na web

Há tempos a internet não é lugar frequentado apenas por adultos. As crianças aprendem a navegar na web antes mesmo de amarrar os cadarços. Um levantamento da AVG Technologies comprova que 57% dos pequenos de até 5 anos sabem usar aplicativos em *smartphones*, mas só 14% são capazes de dar um laço nos cordões dos sapatos.

Além de ter acesso a dispositivos eletrônicos cada vez mais cedo, o público infantil tem uma tendência ao uso privativo da internet. As informações são do relatório mais recente da ICT Kids Online Brazil. O estudo foi realizado com pessoas de 9 a 16 anos, e indica que meninos e meninas acessam a rede principalmente de casa. E o Brasil é onde as crianças mais acessam a internet por dispositivos móveis, como *smartphones* e *tablets* – um terço delas estão conectadas.

Apesar do amplo acesso à web dentro de casa, a realidade não é a mesma no ambiente escolar. A pesquisa chama a atenção para o pouco uso da rede nas escolas brasileiras.

(Adaptado de: www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/tecnologia/2015/09/04/interna_tecnologia,497349/cada-um-no-seutablet-conheca-o-perfil-das-criancas-brasileiras-na-we.shtml. Acessado em: 05.09.2015)

2. (FCC – TRE-SE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – 2015)

A frase redigida corretamente e em conformidade com as informações do texto é:

a) Grande parte das crianças brasileiras aprende a usar a internet logo cedo, devido à falta de restrição do acesso à rede nas escolas.

b) Um terço das crianças brasileiras têm acesso à internet em seu domicílio, enquanto não há computadores em suas escolas.

c) A maioria das crianças brasileiras acessa a internet por dispositivos móveis, por isso ainda há pouco uso da rede nas escolas.

d) As crianças brasileiras tendem a usar a internet em casa, ainda que as escolas ofereçam amplo acesso à rede.

e) Muitas crianças brasileiras utilizam a internet em suas casas, ao passo que o acesso à rede é escasso nas escolas.

3. (FCC – TRE-SE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – 2015)

A frase escrita com clareza e de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa é:

a) Já faz anos que as crianças vêm usando a internet, e é admirável a rapidez com que elas aprendem a lidar com os aplicativos que surgem a cada dia.

b) Hoje parecem haver crianças que já nascem com uma predisposição para usar os recursos tecnológicos, que lhe atraem desde cedo.

c) Muitos adultos que se mantém alheio à comunicação virtual são excluídos do diálogo com os mais novos, o que acarreta conflitos intergeracionais.

d) É possível que ocorra alguns desencontros entre as gerações, mas muitos jovens estão consciente da importância de ajudar os mais velhos a usar as novas tecnologias.

e) São úteis, nos dias de hoje, utilizar ferramentas de comunicação virtual para se manter bem informado e estar próximo de quem mora em lugares distantes.

4. (FCC – TRE-SE – Analista Judiciário – Área Administrativa – 2015)

As normas de concordância verbal estão plenamente observadas na frase:

a) Vincula-se ao nosso antigo complexo de povo colonizado hábitos como o que nos leva ao emprego indiscriminado de termos estrangeiros.

b) Somente no caso de haverem razões plenamente justificáveis admite-se, na opinião do autor do texto, o uso de vocábulos estrangeiros.

c) Constam nos programas de congressos acadêmicos, como se fosse natural, chamamento em inglês para o nosso brasileiríssimo cafezinho.

d) O emprego de termos estrangeiros cujas acepções originais não têm tradução adequada conta com o respaldo do autor do texto.

e) Aquilo que os estrangeiros parecem dizer melhor, com palavras mais apropriadas, quase sempre encontram perfeita tradução em nosso idioma.

5. (FCC – TCE-CE – Analista de Controle Externo – 2015)

O verbo indicado entre parênteses deve flexionar-se de modo a concordar com o elemento sublinhado na seguinte frase:

a) A <u>rejeição</u> que demonstra Coutinho a preconceitos sociais (**distinguir**) sua obra da de outros documentaristas.

b) Grupos ou classes sociais, numa visão a distância, não (**merecer**) desse <u>cineasta</u> qualquer atenção especial.

c) Não (**dever**) satisfazer-se um bom documentarista com os <u>paradigmas</u> já cristalizados.

d) Aos <u>tipos</u> sociais já reconhecidos (**faltar**) a imprescindível singularização dos indivíduos.

e) Sertanejos nordestinos e peões de fábrica são designações que não (**derivar**) senão de uma mera <u>tipologia</u>.

6. (FCC – TRT – 3ª Região (MG) – Técnico – Administração – 2015)

As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na seguinte frase:

a) Já quase não se coleciona em álbum, em função das técnicas digitais, as fotografias familiares que tanto contavam de nossa

história.

b) Para muita gente já não são mais necessários conservar os velhos álbuns de fotografias, substituídos que foram pelos arquivos digitais.

c) Aquelas velhas fotos não convêm ninguém desprezar, estão sendo cada vez mais raras, e algum dia acabará por converter-se num precioso documento.

d) Uma sucessão de fotos pode ilustrar um segmento importante de uma história familiar, à qual pertenceram aqueles velhos rostos e expressões.

e) A todas as pessoas deveriam caber, em respeito aos que as antecederam, conservar as imagens de outro tempo, de outros hábitos.

7. (FCC – TRT – 15ª Região – Analista Judiciário – Tecnologia da Informação – 2015)

O verbo em negrito deve sua flexão ao elemento sublinhado em:

a) *A Índia, tal como o livro de Benjamin Skinner já* ***anunciava****...*

b) *... com um número que hoje* ***oscila*** *entre os 13 milhões...*

c) *Pessoalmente,* ***interessam****-me duas.*

d) *A escravidão que* ***denunciava*** *com dureza..*

e) *... o ruidoso silêncio que a escravidão moderna* ***merece****...*

8. (FCC – Manausprev – Técnico Previdenciário – Administrativa – 2015)

A forma verbal que pode ser flexionada indiferentemente no singular e no plural encontra-se em:

a) *...a variedade de formas existentes nos sítios onde escavou...*

b) *De fato, a maior parte dos despojos dos miracangueras era composta de cinzas.*

c) *... as quais lembram congêneres da Grécia Clássica.*

d) *Havia peças mais elaboradas, certamente para pessoas de posição mais elevada...*

e) *...o grupo indígena dos miracangueras não era originário da região...*

9. (FCC – TRE-RR – Analista Judiciário – Área Judiciária – 2015)

Considere as alterações propostas nas alternativas abaixo para alguns segmentos do texto. Mantém-se a correção gramatical no que consta em:

a) *Não basta um estado de espírito.* Não basta algumas decisões tomadas nesse sentido.

b) *Essa é uma exigência que se impõe tanto em tempos de guerra quanto em tempos de paz.* Essa é uma das exigências que se impõem tanto em tempos de guerra quanto em tempos de paz.

c) *É preciso algo mais.* Faz-se necessário as mudanças de visão e de atitudes.

d) *... para que ela tenha um sentido.* ... para que as metas estabelecidas a cada um tenha um sentido.

e) *Na raiz da palavra resistere se encontra um sentido* ... Na raiz da palavra resisterese encontra algumas indicações de seu significado ...

10. (FCC – CNMP – Técnico – Administração – 2015)

O elemento que justifica a flexão verbal em destaque está sublinhado em:

a) ... ***é*** *hoje dominante o entendimento de que democracia...*

b) *Mas nada assegura que a configuração de fatores relevantes para a estabilidade* ***permanecerá*** *a mesma até, digamos, a metade do presente século...*

c) *... não significa que o corpo de hipóteses históricas e empíricas que explica a consolidação da democracia como sistema em casos concretos* ***possa passar*** *ao largo...*

d) *De fato, certa tensão entre os conceitos institucional e substantivo da democracia existe por toda parte, mas* ***articula-se*** *de maneira específica...*

e) *Mesmo democracias que no início pareciam débeis* ***foram se robustecendo****...*

11. (Copergás/PE – Analista Administrador – FCC – Jul./2016)

O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se, obrigatoriamente, numa forma do PLURAL para integrar de modo adequado a seguinte frase:

a) Aos guardas da fronteira não (**despertar**) suspeitas o que era mais evidente nos pertences da velhinha.

b) Muitas vezes nos (**escapar**) a unidade dos detalhes expostos, ao atentarmos para a singularidade de cada um.

c) Às fabulas tradicionais (**caber**) desenvolver narrativas cujo sentido moral reste plenamente exemplificado.

d) Tantas vezes nos (**desorientar**) a evidência dos detalhes que perdemos o sentido do conjunto.

e) A revista que (**fazer**) da bolsa da velhinha não esclarecia os guardas quanto à natureza do contrabando.

12. (Eletrobras/Eletrosul – Adm. Empres. – FCC – Jun./2016)

As normas de concordância verbal encontram-se plenamente atendidas na seguinte frase:

a) Não cabe aos responsáveis pelo mau funcionamento do mundo quaisquer tipos de sanção, uma vez que sequer logramos identificá-los.

b) O desleixo e a improvisação, que na ordem humana constitui um defeito incorrigível, estão perversamente implicados na política e na economia.

c) Torna-se difícil projetar as imagens de um mundo natural que fosse administrado pela consciência humana, à qual se devem as decisões mais injustas.

d) Acabam por tornar visíveis as falhas do mundo natural o desequilíbrio injusto na distribuição dos favores e das desgraças que acometem a humanidade.

e) Os liberais dizem que se devem confiar nas vantagens do livre mercado, cujo funcionamento por si só se responsabilizariam pela estabilidade da economia.

Leia o texto a seguir para responder à questão 13.

Texto I

Naquele novo apartamento da rua Visconde de Pirajá pela primeira vez teria um escritório para trabalhar. Não era um cômodo muito grande, mas dava para armar ali a minha tenda de reflexões e leitura: uma escrivaninha, um sofá e os livros. Na parede da esquerda ficaria a grande e sonhada estante onde caberiam todos os meus livros. Tratei de encomendá-la a seu Joaquim, um marceneiro que tinha oficina na rua Garcia D' Ávila com Barão da Torre.

O apartamento não ficava tão perto da oficina. Era quase em frente ao prédio onde morava Mário Pedrosa, entre a Farme de Amoedo e a antiga Montenegro, hoje Vinicius de Moraes. Estava ali havia uma semana e nem decorara ainda o número do prédio. Tanto que, quando seu Joaquim, ao preencher a nota de encomenda, perguntou-me onde seria entregue a estante, tive um momento de hesitação. Mas foi só um momento. Pensei rápido: " Se o prédio do Mário é 228, o meu, que fica quase em frente, deve ser 227". Mas lembrei-me de que, ao ir ali pela primeira vez, observara que, apesar de ficar em frente ao do Mário, havia uma diferença na numeração.

– Visconde de Pirajá, 127 – respondi, e seu Joaquim desenhou o endereço na nota.

– Tudo bem, seu Ferreira. Dentro de um mês estará lá sua estante.

– Um mês, seu Joaquim! Tudo isso? Veja se reduz esse prazo.

– A estante é grande, dá muito trabalho... Digamos, três semanas.

Ferreira Gullar. A estante. In: *A estranha vida banal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989 (com adaptações).

13. (INSS – Técnico Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

Julgue o seguinte item como Certo (C) ou Errado (E), a respeito de aspectos linguísticos do **texto I**.

A forma verbal " teria" (l. 1) está flexionada na terceira pessoa do singular, para concordar com " apartamento" (l. 1), núcleo do sujeito da oração em que ocorre.

Leia o texto a seguir para reponder à questão 14.

Texto CB2A2BBB

O fenômeno da corrupção, em virtude de sua complexidade e de seu potencial danoso à sociedade, exige, além de uma atuação repressiva, também uma ação preventiva do Estado. Portanto, é preciso estimular a integridade no serviço público, para que seus agentes sempre atuem, de fato, em prol do interesse público.

Entende-se que a integridade pública representa o estado ou condição de um órgão ou entidade pública que está " completa, inteira, perfeita, sã", no sentido de uma atuação que seja imaculada ou sem desvios, conforme as normas e valores públicos.

De acordo com a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), a integridade é mais do que a ausência de corrupção, pois envolve aspectos positivos que, em última análise, influenciam os resultados da administração, e não apenas seus processos. Além disso, a OCDE compreende um sistema de integridade como um conjunto de arranjos institucionais, de gerenciamento, de controle e de regulamentações que visem à promoção da integridade e da transparência e à redução do risco de atitudes que violem os princípios éticos.

Nesse sentido, a gestão de integridade refere-se às atividades empreendidas para estimular e reforçar a integridade e também para

prevenir a corrupção e outros desvios dentro de determinada organização.

Disponível em: <www.cgu.gov.br> (com adaptações).

14. (TCE-SC – Aud. Fiscal-Administ. – Cespe – Maio/2016)

Com relação a aspectos linguísticos do texto CB2A2BBB, julgue o item subsequente como Certo (C) ou Errado (E).

A coesão e a correção gramatical do trecho " e à redução do risco de atitudes que violem os princípios éticos" (l. 12 e 13) seriam mantidas caso a forma verbal " violem" fosse flexionada no singular, passando, então, a concordância a restringir-se ao termo " risco".

Leia o texto a seguir para responder à questão 15.

A história eleitoral do Brasil é uma das mais ricas do mundo. Durante o período colonial, a população das vilas e cidades elegia os representantes dos conselhos municipais. As primeiras eleições gerais para escolha dos representantes à Corte de Lisboa ocorreram em 1821. No ano seguinte, foi promulgada a primeira lei eleitoral brasileira, que regulou as eleições dos representantes da Constituinte de 1823. Desde 1824, quando aconteceu a primeira eleição pós-independência, foram eleitas cinquenta e uma legislaturas para a Câmara dos Deputados. Somente durante o Estado Novo (1937-1945), as eleições para a Câmara foram suspensas.

Hoje, os eleitores escolhem os representantes para os principais postos de poder (presidente, senador, deputado federal, governador, deputado estadual, prefeito e vereador) e pouca gente duvida da legitimidade do processo eleitoral brasileiro. As fraudes foram praticamente eliminadas. A urna eletrônica permite que os resultados sejam proclamados poucas horas depois do pleito. As eleições são competitivas, com enorme oferta de candidatos e partidos (uma média de trinta partidos por eleição). Quatro em cada cinco adultos compareceram às últimas eleições para votar. O sufrágio é universal, pois já não existem restrições significativas que impeçam qualquer cidadão com pelo menos dezesseis anos de idade de ser eleitor. Hoje, o Brasil tem o terceiro maior eleitorado do planeta, perdendo apenas para a Índia e os Estados Unidos da América.

Jairo Marconi Nicolau. *História do voto no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002, p. 7-8 (com adaptações).

15. (Câmara dos Deputados – Técn. legislativo – Cespe – 2014)

Em relação ao texto acima, julgue o seguinte item como Certo (C) ou Errado (E).

Os termos " eleitores" (L. 8), " gente" (L. 9), " fraudes" (L. 10), " restrições" (L. 14) e " Brasil" (L. 15) são núcleos do sujeito da oração em que se inserem.

Leia o texto a seguir para responder à questão 16.

Na organização do poder político 1 no Estado moderno, à luz da tradição iluminista, o direito tem por função a preservação da liberdade humana, de maneira a coibir a desordem do estado de natureza, que, em virtude do risco da dominação dos mais fracos pelos mais fortes, exige a existência de um poder institucional. Mas a conquista da liberdade humana também reclama a distribuição do poder em ramos diversos, com a disposição de meios que assegurem o controle recíproco entre eles para o advento de um cenário de equilíbrio e harmonia nas sociedades estatais. A concentração do poder em um só órgão ou pessoa viria sempre em detrimento do exercício da liberdade. É que, como observou Montesquieu, " todo homem que tem poder tende a abusar dele; ele vai até onde encontra limites. Para que não se possa abusar do poder, é preciso que, pela disposição das coisas, o poder limite o poder".

Até Montesquieu, não eram identificadas com clareza as esferas de abrangência dos poderes políticos: “ só se concebia sua união nas mãos de um só ou, então, sua separação; ninguém se arriscava a apresentar, sob a forma de sistema coerente, as consequências de conceitos diversos”. Pensador francês do século XVIII, Montesquieu situa-se entre o racionalismo cartesiano e o empirismo de origem baconiana, não abandonando o rigor das certezas matemáticas em suas certezas morais. Porém, refugindo às especulações metafísicas que, no plano da idealidade, serviram aos filósofos do pacto social para a explicação dos fundamentos do Estado ou da sociedade civil, ele procurou ingressar no terreno dos fatos.

Fernanda Leão de Almeida. A garantia institucional do Ministério Público em função da proteção dos direitos humanos. Tese de doutorado. São Paulo: USP, 2010, p. 18-9. Disponível em: <www.teses.usp.br> (com adaptações).

16. (MPU – Analista – Cespe – 2015)

Julgue o item subsequente, relativo às estruturas linguísticas do texto I, como Certo (C) ou Errado (E).

A flexão plural em “ eram identificadas” (l. 10) decorre da concordância com o sujeito dessa forma verbal: “ as esferas de abrangência dos poderes políticos” (l. 10).

Leia o texto a seguir para responder à questão 17.

Estação do ano mais aguardada pelos brasileiros, o verão não é sinônimo apenas de praia, corpos à mostra e pele bronzeada. O calor extremo provocado por massas de ar quente – fenômeno comum nessa época do ano, mas acentuado na última década pelas mudanças climáticas – traz desconfortos e riscos à saúde. Não se trata somente de desidratação e insolação. Um estudo da Faculdade de Saúde Pública de Harvard (EUA), o maior a respeito do tema feito até o momento, mostrou que as temperaturas altas aumentam hospitalizações por falência renal, infecções do trato urinário e até mesmo sepse, entre outras enfermidades. “ Embora tenhamos feito o estudo apenas nos EUA, as ondas de calor são um fenômeno mundial. Portanto, os resultados podem ser considerados universais”, diz Francesca Domininci, professora de bioestatística da faculdade e principal autora do estudo, publicado no jornal Jama, da Associação Médica dos Estados Unidos. No Brasil, não há estudos específicos que associem as ondas de calor a tipos de internações. “ Não é só aí. No mundo todo, há pouquíssimas investigações a respeito dessa relação”, afirma Domininci. “ Precisamos que os colegas de outras partes do planeta façam pesquisas semelhantes para compreendermos melhor essa importante questão para a saúde pública”, observa.

Internet: <www.correioweb.com.br> (com adaptações)

17. (FUB – Técnico Administrativo – Cespe – 2015)

Julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Mantêm-se a correção gramatical e o sentido original do texto ao se substituir “ há” (l. 10) por **existe**.

Leia o texto a seguir para responder à questão 18.

Os primeiros anos que se seguiram à Proclamação da República foram de grandes incertezas quanto aos trilhos que a nova forma de governo deveria seguir. Em uma rápida olhada, identificam-se dois grupos que defendiam diferentes formas de se exercer o poder da República: os civis e os militares. Os civis, representados pelas elites das principais províncias – São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul –,queriam uma república federativa que desse muita autonomia às unidades regionais. Os militares, por outro lado, defendiam um Poder Executivo forte e se opunham à autonomia buscada pelos civis. Isso sem mencionar as acirradas disputas internas de cada grupo. Esse era um quadro que demonstrava a grande instabilidade sentida pelos cidadãos que viveram naqueles anos. Mas havia cidadãos?

Formalmente, a Constituição de 1891 definia como cidadãos os brasileiros natos e, em regra, os naturalizados. Podiam votar os cidadãos com mais de vinte e um anos de idade que tivessem se alistado conforme determinação legal. Mas o que, exatamente, significava isso? Em 1894, na primeira eleição para presidente da República, votaram 2,2% da população. Tudo indica que, apesar de a República ter abolido o critério censitário e adotado o voto direto, a participação popular continuou sendo muito baixa em virtude, principalmente, da proibição do voto dos analfabetos e das mulheres.

No que se refere à legislação eleitoral, alguns instrumentos legais vieram a público, mas nenhum deles alterou profundamente o processo eleitoral da época. As principais alterações promovidas na legislação contemplaram o fim do voto censitário e a manutenção do voto direto. Essas modificações, embora importantes, tiveram pouca repercussão prática, já que o voto ainda era restrito – analfabetos e mulheres não votavam – e o processo eleitoral continuava permeado por toda sorte de fraudes.

Ane Ferrari Ramos Cajado, Thiago Dornelles e Amanda Camylla Pereira. Eleições no Brasil: uma história de 500 anos. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral, 2014, p. 27-8. Internet: <www.tse.jus.br> (com adaptações).

18. (TRE-GO – Analista/Técnico – Cargos 1 e 2 – Cespe – 2015)

Julgue o item que se segue, acerca das estruturas linguísticas do texto I, como Certo (C) ou Errado (E).

O trecho " votaram 2,2% da população" (l. 12) poderia, sem prejuízo gramatical ou de sentido para o texto, ser reescrito da seguinte forma: 2,2% da população votou.

Leia o texto a seguir para responder à questão 19.

A crônica não é um " gênero maior". Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse. Portanto, parece mesmo que a crônica é um gênero menor.

" Graças a Deus", seria o caso de dizer, porque, sendo assim, ela fica mais perto de nós. E para muitos pode servir de caminho não apenas para a vida, que ela serve de perto, mas para a literatura. Por meio dos assuntos, da composição solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. Na sua despretensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorrateira, recuperar com a outra mão certa profundidade de significado e certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada, embora discreta, candidata à perfeição.

Antonio Candido. A vida ao rés do chão. In: *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993,p. 23 (com adaptações).

19. (Cespe – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2014)

Ainda em relação ao texto, julgue (C ou E) o item subsequente. As formas verbais " imagina" (l. 1), " atribuir" (l. 2) e " servir" (l. 6) foram utilizadas como verbos transitivos indiretos.

Leia o texto a seguir para responder à questão 20.

Texto II

O índio não teve muita sorte na literatura brasileira, depois do Romantismo. Enquanto nas letras hispano-americanas viceja um esplêndido indigenismo pelo século XX adentro, com tantos e tão importantes criadores dedicando-se a transpor o índio para a ficção, no Brasil se podem contar nos dedos das mãos os casos.

Torna a trazer o assunto à baila o aparecimento e grande vendagem de **Maíra**, romance de Darcy Ribeiro. O renomado

antropólogo já tinha em seu acervo de realizações uma respeitável brasiliana, incluindo vários trabalhos sobre os índios, um dos quais, a história de Uirá, fora transformado em filme no início da década de 70. **Maíra** é, portanto, a primeira incursão do autor pelo épico, a menos que se considere a história de Uirá como uma primeira aproximação ao gênero.

O relato, como o filme, dá conta do trágico percurso de Uirá, da tribo Urubu-Kaapor, no Maranhão deste século, o qual um dia fica *iñaron* quando, após muitas desgraças comuns ao destino dos índios brasileiros, como fome, espoliação, epidemias, perseguições, perde também um dos filhos.

A palavra tupi *iñaron* designa um estado de fúria sagrada, associado ao sofrimento excessivo, não deixando de lembrar as famosas fúrias dos heróis gregos: Hércules, uma vez acometido por um desses acessos, enviado pela vingativa Hera, matou, sem o saber, seus três filhos e esposa, tal como vem narrado na tragédia **Héracles Furioso**, de Eurípedes. Nas **Bacantes**, do mesmo autor, Agave, fora de si, participa do desmembramento de seu filho adulto, Penteu, rei de Tebas. E talvez o mais formidável exemplo seja o da cólera de Aquiles, que dá nascimento à inteira composição da **Ilíada**, desencadeada por sua recusa a continuar lutando. Devido à recusa de Aquiles, quase foi perdida a guerra de Troia e, não fosse sua fúria, o poema não teria sido composto.

Em meio ao furacão histórico da fase do capitalismo selvagem no país, quando o acirramento da acumulação leva multinacionais e suas cabeças-de-ponte nacionais a apropriar-se dos mais recônditos confins com vistas ao lucro, encontram-se, estonteados, os índios. O único problema dos Mairum – nome inventado, tribo arquetípica de todas as tribos, povo de Maíra – é como sobreviver e como fazer sua cultura sobreviver, com crescente dificuldade.

O romance inteiro soa como uma lamentação, um carpir sobre o fim de uma civilização das mais admiráveis. Seus trechos mais bem realizados são aqueles nos quais uma espécie de narrador coletivo índio dá conta de sua maneira de ver o mundo, de como compreende e interpreta seus hábitos e tradições; e, o que é mais importante, franqueia para o leitor seu tremendo desejo de sobrevivência e alegria de viver.

A produção e publicação de um romance como esse, agora, mostra como o índio está mais vivo do que nunca em sua conexão com a literatura brasileira. Tampouco deve ser uma coincidência que, neste exato momento, outras ficções, filmes, romances, peças de teatro, novelas de televisão, canções, estejam sendo feitos, todos sobre os índios, todos lutando em defesa de sua preservação para a História. Quando há tanta desconfiança em relação à pulsão destrutiva da civilização ocidental e entre nós é tão escandaloso o capitalismo selvagem, isso pode vir a significar alguma coisa. Talvez uma postura mais cautelosa e menos arrogante, de quem está aprendendo a perceber que outras civilizações encontraram saídas melhores e, sobretudo, não suicidas para males que hoje parecem irremediáveis, como o problema do poder, da proliferação e potenciação dos armamentos, da destruição da natureza, do Estado e de seu aparelho, da igualdade nunca encontrada. A alegoria da moça branca morta ao parir mestiços mortos poderá significar também o caráter heteroletal e autoletal da etnia branca? Pode ser que a importância da civilização indígena esteja, final e penosamente, penetrando na consciência do corpo social brasileiro.

Walnice Nogueira Galvão. Indianismo revisitado. In: *Esboço de figura – Homenagem a Antonio Candido*. São Paulo: Duas Cidades, 1979, p. 379-89 (com adaptações).

20. (Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Acerca das relações semântico-sintáticas e do vocabulário do texto II, julgue (C ou E) o item seguinte.

Na oração que inicia o segundo parágrafo, o verbo concorda com o primeiro núcleo do sujeito posposto, concordância verbal abonada pela gramática normativa.

21. (Compesa – A.S.G. – Técn. Segur. Trab. – FGV – Jul./2016)

Assinale a opção em que a lacuna da frase deve ser corretamente preenchida com a forma **há**.

a) "*Não há profissão mais bela do que _____ de tio da América.*"

b) "*Onde é necessária a astúcia não _____ lugar para a força.*"

c) "*O mérito tem seu pudor, como _____ castidade.*"

d) "*Há lugares em que emana _____ inteligência.*"

e) "*Não existe pecado, exceto _____ estupidez.*"

22. (Pref. Paulínia-SP – Eng. Agrôn. – FGV – Maio/2016)

"*Em geral os arquitetos temos de nos ater às plantas que nos apresentam os proprietários. Nisso nos parecemos com os médicos. Há quem os chame para que diagnostiquem a enfermidade que deseja ter, e lhe receite o regime que deseja seguir.*" (**Jacinto Benavente**)

Nesse pensamento há um erro de forma verbal, no que diz respeito à concordância. Assinale a opção em que esse erro é adequadamente corrigido.

a) temos/têm.

b) apresentam/apresenta.

c) chame/chamem.

d) diagnostiquem/diagnostique.

e) receite/receitem.

23. (Petrobras – Advogado Jr. – Cesgranrio – Ago./2015)

A concordância verbal dos termos destacados obedece às exigências da norma-padrão da Língua Portuguesa em:

a) As ações dos dirigentes políticos para que a tecnologia afete positivamente a população **parece** crescer cada vez mais nas sociedades modernas do século XXI.

b) Em algumas instituições, **concentram**-se cérebros responsáveis por estabelecer os novos parâmetros da sociedade da informação, essencial ao debate público sobre desenvolvimento.

c) **Têm** gerado consequências indiscutíveis no processo educacional o desenvolvimento tecnológico dos países que investem em pesquisas avançadas na área de informática.

d) **Buscam**-se, nos países industrializados, espírito empreendedor para que os avanços na produção e na transmissão de informação beneficiem uma grande parcela da população mundial.

e) É essencial que se **considere** essas características da sociedade de informação como um novo paradigma técnico-econômico relacionado às transformações técnicas e organizacionais.

24. (ANP – Téc. Reg. Petr&Der – Cesgranrio – Jan./2016 – Adaptada)

No trecho "Criam-se ferramentas inovadoras de alfabetização, por exemplo, em comunidades, em favelas, em lugares onde os moradores não têm acesso a uma livraria ou biblioteca", o verbo **criar** foi utilizado no plural para adequar-se às exigências da norma-padrão da Língua Portuguesa.

O verbo destacado abaixo foi utilizado adequadamente no plural em:

a) Como desenvolvimento da internet, **delegam**-se aos países produtores de conteúdo a missão de estabelecer as características da nova cultura de massas.

b) Nos países em desenvolvimento, **assistem**-se a inúmeros programas de popularização do acesso aos meios de comunicação digital.

c) Nos filmes de ficção científica do século XX, **previam**-se inúmeras sociedades comandadas pelos computadores superpoderosos.

d) Para evitar a manipulação das redes sociais nessa era de globalização, **necessitam**-se de leis severas de utilização da internet.

e) Para conquistar posição de vanguarda na atual guerra cultural, **obedecem**-se aos princípios básicos de criatividade e inovação tecnológica.

25. (Basa – Téc. Bancário – Cesgranrio – Set./2015)

A concordância do verbo em destaque está adequada à norma-padrão em:

a) A agricultura de famílias **cria** estratégias capazes de melhorar a realidade dos produtores.

b) O agricultor, assessorado pelos órgãos responsáveis, **são** mais bem atendidos.

c) A predominância de mão de obra familiar **apresentam** um papel relevante para o desenvolvimento do país.

d) Os empreendimentos rurais desenvolvidos em estabelecimento rural **compreende** papel relevante para o desenvolvimento do país.

e) A geração de empregos e de rendas **promovem** a permanência do homem no campo.

26. (BB – Escriturário – Cesgranrio – Out./2015)

A concordância do verbo destacado obedece ao que determina a norma-padrão da Língua Portuguesa em:

a) O financiamento de imóveis populares a baixo custo **caracterizam** a missão social dos bancos estatais.

b) **Necessitam**-se de muitas iniciativas para ampliar a informatização do acesso bancário de modo a aumentar sua eficiência.

c) A criação de moedas digitais que tem ocorrido na internet **devem** provocar relevantes mudanças sociais.

d) A política de desenvolvimento social das comunidades carentes **podem** promover melhorias na vida de sua população.

e) Na última década, **criaram**-se muitas oportunidades de negociação para consumidores endividados.

27. (Liquigás – Ass. Adminis. – Cesgranrio – Set./2015)

A concordância do verbo destacado está empregada de acordo com a norma-padrão em:

a) Os moradores são cadastrados para que **possa** utilizar o dinheiro local nas lojas da comunidade.

b) A melhoria do nível de vida dos moradores **demonstra** que o sistema bancário local funciona.

c) Uma solução para comprar roupas baratas **são** observadas nas liquidações anuais das grandes lojas.

d) Muitos empréstimos aos moradores nos bancos comunitários **é** de valores pequenos.

e) Todo mundo que frequenta os bancos comunitários **conseguem** fazer um empréstimo.

28. (SEED-SP – An. Administrativo – Vunesp – Maio/2016)

Se da frase – A soma entre o dinheiro e a perspectiva de exposição internacional com dois grandes eventos esportivos (...) atraiu o interesse de arquitetos de renome – for eliminada a expressão " A soma entre", a concordância entre o verbo e o sujeito se dará pelo mesmo motivo que na frase:

a) Trata-se de um desejo indelével de justiça social, apoio mútuo entre os cidadãos e respeito.

b) Havia nas terras descobertas por Cabral riquezas em abundância e nativos para a catequese.

c) Depois de muito viajar pelo mundo, em competições, retornou à terra natal o tenista e sua esposa.

d) A ética e a probidade fazem do profissional um agente do bem social, ou seja, um promovedor da cidadania.

e) A guerra e a batalha constante entre os povos consome a todos intensa e indistintamente.

29. (IPSMI – Procurador – Vunesp – Abril/2016)

Assinale a alternativa em que o trecho destacado na passagem – Ele nunca entendeu o tédio, essa impressão de que **existem mais horas do que coisas para se fazer com elas** –, reescrito, apresenta concordância e correlação de tempos verbais de acordo com a norma-padrão.

a) ... têm mais horas do que coisas que se faça com elas.

b) ... há mais horas do que coisas que se façam com elas.

c) ... haviam mais horas do que coisas que se faziam com elas.

d) ... podia existir mais horas do que coisas que se faziam com elas.

e) ...houveram mais horas do que coisas que se fez com elas.

30. (Unesp – Ass. Administrativo I – Vunesp – Abril/2016)

Assinale a alternativa em que a frase está redigida de acordo com a norma-padrão de concordância nominal e verbal.

a) Só existia nas lojas de brinquedo pias rosas e lilases.

b) Os avós dele achou estranho o presente até eu levá-los à reflexão.

c) Basta-nos pensar que nossos filhos são figuras únicas.

d) As vendedoras alertaram que nenhum desses brinquedos eram de meninas.

e) E só daí foi percebido por meu pai as bobagens que fazia.

31. (Unifesp – Técnico Seg. Trab. – Vunesp – Abril/2016)

Assinale a alternativa correta quanto à concordância nominal e verbal, de acordo com a norma-padrão.

a) Ainda que se viva tão espremido nos centros urbanos, existem muita gente isolada, pois, cada vez menos, se faz contatos humanos.

b) Ainda que vivam tão espremidas nos centros urbanos, existem muitas pessoas isoladas, pois, cada vez menos, ocorrem contatos humanos.

c) Ainda que viva tão espremida nos centros urbanos, se vê muitas pessoas isoladas, pois, cada vez menos, acontece contatos

humanos.

d) Ainda que se vivam tão espremidas nos centros urbanos, há muita gente isolada, pois, cada vez menos, tem contatos humanos.

e) Ainda que vivam tão espremidas nos centros urbanos, existe muitas pessoas isoladas, pois, cada vez menos, se estabelecem contatos humanos.

32. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal.

a) A mudança de direção da economia fazem com que se altere o tamanho das jornadas de trabalho, por exemplo.

b) Existe indivíduos que, sem carteira de trabalho assinada, enfrentam grande dificuldade para obter novos recursos.

c) Os investimentos realizados e os custos trabalhistas fizeram com que muitas empresas optassem por manter seus funcionários.

d) São as dívidas que faz com que grande número dos consumidores não estejam em dia com suas obrigações.

e) Dados recentes da Associação Nacional dos Birôs de Crédito mostra que 59 milhões de consumidores não pode obter novos créditos.

Leia o texto a seguir para responder à questão 33.

Japão irá auxiliar Minas Gerais com a experiência no enfrentamento de tragédias

Acostumados a lidar com tragédias naturais, os japoneses costumam se reerguer em tempo recorde depois de catástrofes. Minas irá buscar experiência e tecnologias para superar a tragédia em Mariana

A partir de janeiro, Minas Gerais irá se espelhar na experiência de enfrentamento de catástrofes e tragédias do Japão, para tentar superar Mariana e recuperar os danos ambientais e sociais. Bombeiros mineiros deverão receber treinamento por meio da Agência de Cooperação Internacional do Japão (Jica), a exemplo da troca de experiências que já acontece no Estado com a polícia comunitária, espelhada no modelo japonês Koban.

O terremoto seguido de um tsunami que devastou a costa nordeste do Japão em 2011 deixando milhares de mortos e desaparecidos, e prejuízos que quase chegaram a US$ 200 bilhões, foi uma das muitas tragédias naturais que o país enfrentou nos últimos anos. Menos de um ano depois da catástrofe, no entanto, o Japão já voltava à rotina. É esse tipo de experiência que o Brasil vai buscar para lidar com a tragédia ocorrida em Mariana.

(Juliana Baeta, disponível em: http://www.otempo.com.br, 10.12.2015. Adaptado.)

33. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Em norma-padrão e com base nas informações apresentadas, outro título possível ao texto é:

a) Deverá servir de referencial para parceria entre Minas Gerais e Japão as tragédias ocorridas.

b) Para enfrentar tragédias, ocorrerá trocas de experiências entre Minas Gerais e Japão.

c) Troca de experiências para enfrentar tragédias nortearão parceria entre Minas Gerais e Japão.

d) Haverá trocas de experiências entre Minas Gerais e Japão para enfrentar tragédias.

e) Para enfrentar tragédias, Minas Gerais e Japão se une na troca de experiências.

34. (Unesp – Assistente Administrativo – Vunesp – Fev./2016)

Ao empregar no plural o termo destacado na frase – Não haverá mágico que consiga mudar essa realidade –, a redação correta, conforme a norma-padrão, será:

a) Não haverá mágicos que consigam mudar essa realidade.

b) Não haverá mágicos que consiga mudar essa realidade.

c) Não haverão mágicos que consigam mudar essa realidade.

d) Não haverão mágicos que consiga mudar essa realidade.

e) Não haverão mágicos que consigam mudarem essa realidade.

Leia o texto a seguir para responder à questão 35.

Para muitos, a vida pulsa no compasso das notificações que o *smartphone* recebe. Enquanto a tela pisca e mais um símbolo de aplicativo se enfileira no *display*, o usuário desempenha as suas atividades diárias. Com um olho no aparelho e outro no trabalho ou no estudo, ele trava uma luta para manter a produtividade e não se render às tentações dos compartilhamentos ou do grupo de bate-papo instantâneo. Há quem participe dessa disputa até enquanto dirige. A conexão permanente – facilitada pelos celulares com acesso à rede – já altera hábitos e modifica as relações sociais. Tanto que o termo *vício* tornou-se comum para definir as repetitivas conferências de postagem. Para alguns, pode se tratar, de fato, de uma patologia. Aos casos comuns, bastam algumas mudanças de hábito para evitar que o tempo, literalmente, escorra pelas mãos. Uma das etapas desta tomada de consciência é voltar à proposta inicial da tecnologia – a de agilizar tarefas para que se tenha mais tempo para se dedicar ao que realmente importa.

(Adaptado de Correio Braziliense, Sempre conectados, 4 de fevereiro de 2014)

35. (ESAF – MF – Assistente Técnico Administrativo – 2014)

Assinale a opção que não justifica corretamente o uso da flexão verbal.

a) Em “ render” (l. 4) para concordar com “ ele” (l. 3).

b) Em “ dirige” (l. 5) para concordar com “ quem” (l. 5).

c) Em “ tratar” (l. 7), para concordar com “ patologia” (l. 7).

d) Em “ bastam” (l. 8), para concordar com “ algumas mudanças” (l. 8).

e) Em “ voltar” (l. 9), para concordar com “ Uma das etapas” (l. 9).

Gabarito: 1. d; 2. e; 3. a; 4. d; 5. a; 6. d; 7. b; 8. b; 9. b; 10. d; 11. e; 12. c; 13. E; 14. E; 15. C; 16. C; 17. E; 18. C; 19. E; 20. C; 21. b; 22. e; 23. b; 24. c; 25. a; 26. e; 27. b; 28. d; 29. b; 30. c; 31. b; 32. c; 33. d; 34. a; 35. c.

Estudar concordância verbal é uma questão de lógica... As regras estão relacionadas à classificação do sujeito: quem sabe achar sujeito na frase consegue fazer a concordância correta!

Vamos resumir, então?

17.6. RESUMO

Simples	O verbo concorda com o único núcleo
Composto	Anteposto ao verbo – concordância total Posposto ao verbo – concordância → total parcial
Indeterminado com se (pis)	O verbo fica na 3ª pessoa do singular
Oração sem sujeito	O verbo fica na 3ª pessoa do singular
Sujeito oracional	O verbo fica na 3ª pessoa do singular

18 REGÊNCIA VERBAL

18.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

18.1.1. Regência dos verbos mais pedidos em provas

Regência a relação de dependência entre o verbo e seus complementos. A seguir, alguns verbos que oferecem dúvida quanto à sua predicação.

Atenção! Lembre-se de que este assunto requer, infelizmente, **memorização** da regência de alguns verbos. Para facilitar o seu estudo, sistematizamos os principais verbos em três grupos. A cada grupo de verbos, trouxemos frases para fixar os conceitos e algumas questões de concursos. Trata-se de assunto que você só aprenderá fazendo muitas questões. Evite memorizar os verbos sem os exercícios. É no treinamento constante que você adquirirá domínio de conteúdo. Portanto, aproveite as frases que preparamos e, no final deste capítulo, você perceberá que domina os principais verbos que são apresentados pelas provas de concursos públicos. Vamos a eles!

1º grupo: verbos que, quanto à predicação, normalmente não oferecem dúvida.
• Verbos transitivos diretos – v.t.d. (não regem preposição obrigatória); ajudar, adorar, abraçar, amar, atingir, esperar, namorar, referir (= relatar)... • Verbos transitivos indiretos – v.t.i. (regem preposição obrigatória); agradar (= ser agradável), obedecer, desobedecer, proceder (= dar início), referir-se, suceder (= substituir). Esses verbos regem preposição A. • Verbos que admitem dois complementos – v.t.d.i. (com e sem preposição); avisar, comunicar, certificar, cientificar, informar, proibir, preferir (não aceita mais, (do) que, antes)...

Exemplos de exercícios:

Use (C) para Certo e (E) para Errado nas frases abaixo.

1. Meu filho foi embora e eu não lhe abracei.

2. Você está namorando a Beatriz?

3. Todos esperavam Guilherme.

4. Todos esperavam por Guilherme.

5. Referiu os últimos acontecimentos.

6. Referiu o caso à mãe.

Comentários:

Na frase 1, o pronome lhe é complemento do verbo abraçar. Como vimos no tópico sobre Pronomes, os oblíquos átonos o(s), a(s) funcionam como complemento de verbos transitivos diretos e lhe(s) de verbos transitivos indiretos. **Abraçar** é V.T.D., logo o oblíquo usado seria o pronome o.

Resposta: E.

Na frase 2, o verbo **namorar** é T.D., não pede preposição (namorar com é considerado erro).

Resposta: C.

Nas frases 3 e 4, o verbo **esperar** (v.t.d.) aceita o uso da preposição *por*, quando se quer mostrar *desejo intenso*. Por isso, as duas formas estão corretas: *todos esperavam Guilherme* ou *todos esperavam por Guilherme*.

Resposta: Ambas estão certas.

Nas frases 5 e 6, o verbo **referir** (= relatar, contar) é T.D. Atenção: não confundir com **referir-se**, pronominal (= fazer referência), que é T.I. Na frase 5, é T.D. e na frase 6, T.D.I. (referir algo a alguém).

Respostas: Ambas estão certas.

7. Agradava os clientes mais próximos.

8. Costumo obedecer parceiros éticos.

9. É necessário que todos obedeçam às diretrizes estabelecidas.

10. Artur procederá a leitura da página oito.

11. O chefe procedeu ao levantamento das necessidades da seção.

12. Sucedeu o professor.

Comentários:

Essas frases tratam dos **verbos transitivos indiretos** do 1º grupo:

Na frase 7, **agradar** (= ser agradável) pede preposição a (*Agradava aos clientes*).

Resposta: E.

A frase 8 traz o verbo **obedecer**, transitivo indireto, pede preposição a, sem esta preposição.

Resposta: E.

Já a frase 9, "… obedeçam às diretrizes", é uma construção correta, já que o verbo pede preposição. Como a palavra feminina que se segue aceita artigo, crase.

Resposta: C.

Em relação ao verbo **proceder** 10 e 11, achamos por bem chamar atenção apenas para o sentido de dar início, pois, com esse valor semântico, o **proceder** pode gerar dúvidas.

Esse verbo, nesta acepção, rege preposição a. Na frase 10, como a palavra seguinte é feminina, aceita artigo, teríamos "Artur procederá à leitura…".

Resposta: E.

Já na frase 11, a preposição a aparece ("… procedeu ao levantamento…").

Resposta: C.

Outro verbo que pede preposição a é **suceder** (= substituir), frase 12. Teríamos, então, "Sucedeu ao professor".

Resposta: E.

13. Avisaram-no de que a reunião começaria no horário.

14. Certifiquei-lhe de que uma pessoa muito querida aniversariava neste mês.

15. Informou ao cliente de que o aviso chegara.

16. Cientificaram-no de que o cheque foi pago.

17. Proibiu ao filho que o visitasse.

18. Prefiro mais a cidade do que o campo.

19. Prefiro a democracia ao totalitarismo.

20. Prefiro combater os males que intimidar as próprias emoções.

Comentários:

Em questões de concurso público, quando a intenção é a de confundir o candidato, esses verbos (V.T.D.I.) aparecem com duas preposições, por exemplo, "**informar**/**avisar** a alguém de alguma coisa", o que é inaceitável, pois, se esses verbos são T.D.I., um complemento vem sem preposição, e o outro com.

Assim, as frases 14 e 15 estão erradas e a 13, correta. Poderíamos dizer na 14: "*Certifiquei-lhe* (objeto indireto) *que uma pessoa…* (objeto direto)" – certificar a alguém algo – ou "*Certifiquei-o* (objeto direto) *de que uma pessoa…* (objeto indireto)" – certificar alguém de alguma coisa.

Obs.: Lembre-se: **o(s), a(s)**, como complementos verbais, são *objetos diretos* e **lhe(s)**, *objetos indiretos*.

Na frase 13, um complemento é direto e outro indireto (avisar alguém de algo), seguindo a regência do verbo.

Respostas: 13 C; 14 E; 15 E.

As frases 16 e 17 seguem o modelo de regência desses verbos: T.D.I.: "certificar alguém de algo"; "proibir a alguém algo" ou "proibir algo a alguém".

Respostas: 16 C; 17 C.

Importante: Para esses verbos – avisar, certificar, informar, cientificar, proibir –, é indiferente usar coisa ou pessoa como objeto

direto ou objeto indireto.

Podemos dizer: Avisar/certificar/informar/cientificar/proibir algo a alguém ou alguém de algo.

O mais importante é lembrar que se o verbo vem com dois complementos: um é o objeto direto e o outro objeto indireto, independentemente se for coisa ou pessoa.

O verbo **preferir**, como T.D.I., não aceita nenhum termo intensificativo (mais, mil vezes...) ou comparativo (que, do que). Rege preposição a. Na frase 18, portanto, teríamos "Prefiro a cidade ao campo", como a estrutura da frase (19) mostra. Na (20), ficaria "Prefiro combater os males a intimidar as próprias emoções".

Respostas: 18 E; 19 C; 20 E.

2º grupo: verbos que exigem preposição. Com eles, o aluno costuma ter dúvidas quanto à preposição utilizada.

- CHEGAR e IR (preposição A + adjunto adverbial de lugar)
- MORAR, RESIDIR, SITUAR (preposição EM)
- PRESIDIR (transitivo direto ou indireto, seguido de preposição A)
- SATISFAZER (transitivo direto ou indireto, com preposição A)
- USUFRUIR e DESFRUTAR (transitivo direto ou indireto, com preposição DE)

21. Fomos na cidade pela manhã.

22. Chegou ao alto da colina.

23. Cheguei no colégio atrasado.

24. Cheguei na hora marcada.

Comentários:

Na oralidade, é comum usarmos a preposição **em** com os verbos **chegar** e **ir**. No entanto, segundo a norma culta, esses verbos regem preposição **a** quando vêm seguidos de expressões indicando **lugar**. Logo, na frase 21, a forma correta seria "Fomos à cidade..." (preposição a + artigo feminino a da palavra cidade.) A frase 22 está correta (chegar a). Na frase 23, seria "Cheguei ao colégio...".

Repare agora que na frase 24 o verbo **chegar** traz a preposição EM, no entanto, não vem seguido de expressão que indica lugar, e sim **tempo**.

Respostas: 21 E; 22 C; 23 E; 24 C.

25. Moro à rua dos Lírios.

26. O Colégio São Martins, sito à rua da União, encerrou suas atividades.

27. Resido na rua dos Lírios.

Comentários:

Esses verbos regem preposição **em** e não a preposição **a**, uso comum na oralidade. Logo, nas frases 25 e 26 teríamos; "Moro na rua dos Lírios" e " O colégio São Martins, sito na rua da União...".

A frase 27 segue a norma padrão: "Resido na rua..."

Respostas: 25 E; 26 E; 27 C.

Atenção: Se o verbo indicar direção, destino, deverá vir seguido da preposição A: Fui ao cinema. / Cheguei a casa. / Dirigi-me ao escritório. Se o verbo ou o nome indicar posicionamento, localização, deverá vir seguido da preposição EM: Estou em casa. / Moro no bairro. / Escritório situado na rua México.

28. Carlos presidiu a reunião.

29. Carlos presidiu à reunião.

30. Satisfez os desejos de sua mãe.

31. Usufruiu as coisas boas da vida.

Comentários:

Os verbos **presidir**, **satisfazer**, **usufruir** e **desfrutar** podem vir com ou sem preposição. Por isso, nas frases 28 e 29, "presidir a ..." e "presidir à..." estão corretas, assim como as frases 30 e 31. Nessas duas últimas, pela teoria apresentada, poderíamos ter também como formas corretas, "Satisfez aos desejos..." e "Usufruiu das coisas..". Com o **desfrutar** ocorreria o mesmo: "Desfrutou as coisas..." ou "Desfrutou das coisas...".

3º grupo: verbos que mudam a regência conforme a mudança de sentido.
ASPIRAR T.D. (= inspirar, sorver) T.I. (= almejar, desejar) T.I. (= ver, presenciar, caber, competir) ASSISTIR T.D. ou T.I. (= socorrer, dar assistência) Intransitivo (= morar) ATENDER T.D. ou T.I. (para coisa ou pessoa) T.D. (pedir presença, convocar)
CHAMAR T.I. (pedir ajuda) T.D. ou T.I. (apelidar, qualificar) T.I. (ser difícil) CUSTAR Intransitivo (ideia de preço) T.D. (não pronominais) ESQUECER /LEMBRAR T.I. (pronominais) T.D. (= acarretar) IMPLICAR T.I. (= aborrecer, importunar) Pronominal (prep. em) T.D. (= coisa) PAGAR/PERDOAR T.I. (= pessoa) T.D.I. T.D. (= ter vontade de, desejar) QUERER T.I. (= amar, estimar)

T.I. (para pessoa ou coisa a que se responde)
RESPONDER T.D.I. (objeto direto para coisa e indireto para pessoa)
T.D. (= estar a serviço de alguém, prestar serviço)
SERVIR T.I. (= ser útil, convir)
T.D.I. (oferecer algo a alguém)
Intransitivo (= prestar serviços militares)
T.D. (= mirar, apontar, pôr o visto)
VISAR T. I. (= pretender, desejar)

32. Quando era pequeno, todos implicavam comigo.

33. Pelo que diz o assessor, isso implica em gastar mais dinheiro.

34. Um novo congelamento de salário implicará uma reação dos trabalhadores.

35. O banqueiro implicou-se em negócios escusos.

36. Tal fato não implicará dificuldades.

Comentários:

Vamos agora aos comentários do 3º grupo, mais extenso, que trata de verbos especiais.

Aqui, observe que, na quase totalidade dos casos, o sentido do verbo vai determinar a transitividade.

Nas frases 32 a 36, o verbo é **implicar**. Na 32, **implicar** tem o sentido de aborrecer, importunar (transitivo indireto – "implicar com"). Em 33, 34 e 36, esse verbo traz a ideia de acarreta (transitivo direto – "implica gastar..."). A frase 35 mostra o verbo **implica** pronominal (implicar-se), que rege preposição EM.

Respostas: 32 C; 33 E; 34 C; 35 C; 36 C.

Importante: Em algumas provas elaboradas pela Esaf (Escola de Administração Fazendária), já apareceu questão que trazia o verbo implicar (= acarretar), que, segundo a norma culta, é transitivo direto, portanto, não pede preposição, seguido de preposição em (isso implica em aumentos diários) e a banca considerou a frase como certa. Infelizmente, nesses casos, devem-se observar as outras opções e procurar uma alternativa, um erro indiscutível. Em regência, a Esaf e a UnB costumam ter uma visão mais liberal em relação a esse assunto.

37. Chamei Antônio de desonesto.

38. Chamei-lhe de ignorante.

Comentários:

O verbo **chamar**, como transitivo direto (= pedir a presença, convocar – "chamei o funcionário") ou como transitivo indireto (= pedir ajuda, clamar – "chamou por Deus"), não oferece dificuldade quanto à regência.

Agora, com o sentido de apelidar, qualificar, pode haver dúvidas. Primeiramente, o verbo **chamar** nesta acepção pode aparecer com ou sem preposição (T.D. ou T.I.) – "chamei a Antônio..." ou "chamei Antônio..."). Além disso, o uso da preposição de após o complemento é facultativo. Com isso, podemos ter as seguintes construções com o **chamar** neste sentido nas frases 37 e 38:

Frase 37:

1. Chamei Antônio desonesto. (pouco usual)

2. Chamei Antônio de desonesto.

3. Chamei a Antônio desonesto.

4. Chamei a Antônio de desonesto.

Frase 38:

1. Chamei-o ignorante.

2. Chamei-o de ignorante.

3. Chamei-lhe ignorante.

4. Chamei-lhe de ignorante.

Atenção: "desonesto", "de desonesto", "ignorante", "de ignorante" não são objetos. São termos que qualificam, caracterizam o objeto (predicativos do objeto), e podem vir ou não antecedidos de preposição.

Respostas: 37 C; 38 C.

39. Não assistimos nenhum programa.

40. Esse direito não assiste ao servidor.

41. A enfermeira assistia o doente.

42. Assisto em Niterói.

Comentários:

O verbo **assistir**, na frase 39, com o sentido de ver, presenciar, e na 40 com o sentido de caber, competir, rege preposição a ("Não assistimos a nenhum programa" e "Esse direito não assiste ao servidor").

Na frase 41, pode ser transitivo direto ou indireto com a ideia de dar assistência, socorrer ("A enfermeira assistia o doente ou ao doente"). Na 42, embora desusado, com o sentido de morar pede preposição **em**.

Respostas: 39 E; 40 C; 41 C; 42 C.

43. Esqueci a aparência dela./Lembrei a aparência dela.

44. Esqueci-me da aparência dela./Lembrei-me da aparência dela.

45. Esqueceu-se da aparência dela./Lembrou-se da aparência dela.

46. Lembrei ao amigo que já era tarde.

Comentários:

Os verbos **lembrar** e **esquecer** podem aparecer com ou sem o pronome. Sem pronome, sem preposição (T.D.). Com pronome, com preposição (T.I.). Portanto, o que **não** cabe é "Esqueci/Lembrei da aparência" ou "Esqueci-me/Lembrei-me a aparência dela".

Na frase 46, o verbo **lembrar** é transitivo direto e indireto ("lembrar a alguém alguma coisa").

Respostas: 43 C; 44 C; 45 C; 46 C.

47. Respondeu à carta no mesmo dia.

48. Respondeu o diretor.

49. Respondeu a carta ao diretor.

Comentários:

O verbo **responder** é transitivo indireto para coisa ou pessoa. Na frase 47, aparece a preposição a ("Respondeu à carta"), mas na 48 isso não ocorre. Não é "respondeu o diretor" e sim ("Respondeu ao diretor"). Quando aparecem coisa **e** pessoa, transitivo direto e indireto ("Respondeu a carta ao diretor").

Respostas: 47 C; 48 E; 49 C.

50. Ainda não paguei o médico.

51. Pagou os impostos. / Perdoou a dívida.

52. Perdoou o inimigo. / Pagou o empregado.

53. Pagou o salário ao empregado.

Comentários:

Na frase 50, médico é pessoa, o verbo **pagar** pede preposição ("paguei ao médico"). Na 51, temos coisa como complemento, o **pagar** e **perdoar**, nesse caso, não pedem preposição. Já na 52, o objeto é representado por pessoa, transitivo indireto ("Perdoou ao inimigo" e "Pagou ao empregado"). Na 53, o **pagar** aparece como transitivo direto e indireto.

Respostas: 50 E; 51 C; 52 E; 53 C.

54. O secretário não atendeu ao pedido dos grevistas.

55. Não gostava de atender o telefone.

Comentários:

Apresentamos na teoria, em relação ao verbo **atender**, o que se vê em questões elaboradas por bancas como Esaf e Cespe/UnB: independentemente de se referir a coisa ou pessoa, aceita as duas transitividades (T.D. ou T.I.). Nas gramáticas, quando o complemento é representado por coisa, pede-se usar a transitividade indireta. Resumindo:

– O secretário não atendeu ao pedido… Certo.

– Não gostava de atender o telefone. Certo.

– Não gostava de atender ao telefone [é a preferência]. Certo.

Respostas: 54 C; 55 C.

56. Ia para a montanha para aspirar o ar puro.

57. Aspirava a um cargo público.

Comentários:

O verbo **aspirar** só pede preposição com o sentido de almejar, desejar ("Aspirava a um cargo público"). No sentido de inspirar, sorver é transitivo direto ("Ia para a montanha para aspirar o ar puro").

Respostas: 56 C; 57 C.

58. Eu custei a acreditar na tua história.

59. Custou-me acreditar na tua história.

60. O livro custa trinta reais.

Comentários:

A frase 58 mostra a regência do verbo **custar** usada na oralidade: "Eu custo a...". No entanto, para a norma culta, formal, essa forma estaria errada, pois "eu não custo nada", não tem sentido.

A forma considerada correta é "Custou-me acreditar..." ou, usando um nome no lugar do pronome, "Custou ao pai acreditar na tua história", já que o que custa, é difícil, é "acreditar na tua história", ou seja, "Acreditar na tua história custou a mim papai".

Já na frase 60, com a ideia de preço, não há preposição ("O livro custa trinta reais").

Respostas: 58 E; 59 C; 60 C.

61. O filho queria muito ao pai.

Comentários:

Em relação à regência do verbo **querer**, deve-se destacar o sentido de amar, gostar, querer bem, desse verbo, pois pede preposição a ("... queria ao pai").

Resposta: 61 C.

62. O empregado serviu o almoço.

63. Serviu-me uma bebida.

64. É uma solução que não lhe serve.

Comentários:

Na frase 62, **servir** (= prestar serviço) não pede preposição (T.D.). Em 63, com o sentido de "oferecer algo a alguém", é T.D.I., na 64, "É uma solução que não **lhe** (objeto direto) serve" traz esse verbo com o valor de convir, ser útil, transitivo indireto.

Respostas: 62 C; 63 C; 64 C.

65. O diretor visou os cheques.

66. O policial visou o alvo.

67. Esta medida visa o bem de todos.

Comentários:

O verbo **visar**, com os sentidos de dar o visto ou mirar, frases 65 e 66, respectivamente, não regem preposição (T.D.). Na 67, no sentido de almejar, pretender, a tendência é vir com a preposição a ("Esta medida visa ao bem de todos"), embora já se aceite a forma desse verbo nesta acepção sem preposição ("… visa ao bem…" ou "visa o bem…"), principalmente em provas elaboradas pela Esaf e Cespe/UnB.

Respostas: 65 C; 66 C; 67 E.

68. O escravo ama e obedece a seu senhor.

69. Até pouco tempo todos podiam consultar e aplicar nos fundos de aplicação financeira.

Comentários:

As frases 68 e 69 ilustram um caso de regência de dois verbos em coordenação. Quando isso ocorre, se os verbos forem de regências distintas (um é transitivo direto e o outro é transitivo indireto), deve-se fazer a distribuição:

– O escravo ama (T.D.) seu senhor e obedece (T.I.) a ele.

– Até pouco tempo, todos podiam consultar (T.D.) os fundos de aplicação financeira e aplicar (T.I.) neles.

Respostas: 68 E; 69 E.

Atenção: Quando os verbos possuem a mesma transitividade, mas pedem preposições diferentes, eles não devem compartilhar o mesmo objeto: cada um deve ter o seu. Exemplo:
Assisti e gostei do filme E.
(Assisti a … gostei de)
Por isso, o certo é dizer:
"Assisti ao filme e gostei dele."

18.2. REGÊNCIA COM PRONOME RELATIVO

18.2.1. Uso de preposição que antecede o pronome relativo

O pronome relativo dá início às orações adjetivas. Se, nessa oração, o verbo ou um nome exigir a preposição, esta

será deslocada para antes do pronome relativo.

Exs.:

A canção de que/da qual gosto foi premiada. (= eu gosto(de) da canção)

A canção com que/com a qual simpatizo foi premiada. (= eu simpatizo com a canção)

A mulher em quem pensas partiu ontem. (= tu pensas(em) na mulher)

Este é o livro a cujo autor aludi. (= aludi(a) ao autor)

A rua aonde queriam ir era deserta. (queriam ir a)

A rua donde vens é deserta. (vens de)

Obs.: Os conectivos que aparecem como pronome relativo são: que, o qual, a qual, os quais, as quais, quem, cujo(s), cuja(s), onde, como, quando e quanto.

18.2.2. Uso de onde, aonde, donde

O emprego desses vocábulos segue as noções de regência. Se a preposição exigida for **em**, usa--se **onde**.

Ex.: O bairro onde moras é tranquilo. (moras em)

Se a preposição exigida for **a**, usa-se **aonde**. Se a preposição for **de**, **donde** ou **de onde**.

Ex.: O bairro aonde vais é tranquilo. (vais a)

O bairro donde vens é tranquilo. (vens de)

18.3. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Levando em consideração as regras de regência verbal, marque certo (C) ou errado (E).

1. ( ) Mais do que uma simplificação, a adaptação de uma obra implica uma intervenção inadmissível em seu conteúdo.
2. ( ) Quem desobedece ao regulamento demonstra que não é disciplinado.
3. ( ) Aproveitamos para lembrá-la que essa conduta é prevista na Consolidação das Leis Trabalhistas.
4. ( ) Aspiro ao cargo de analista judiciário.
5. ( ) Essas medidas visam à reabilitação de nossa imagem.
6. ( ) Procedeu-se a leitura dos autos.
7. ( ) Adverti-lhes de que o número de vagas não era elevado.
8. ( ) Ele me perguntou se o espetáculo fora interessante e eu o respondi que sim.

9. ( ) Prefiro uísque a cerveja.

10. ( ) O suicida prefere a morte à vida.

11. ( ) Uma dor não pode causar a morte, mas os mecanismos psicológicos que se associam a ela podem levar nesse resultado.

12. ( ) O desmatamento implica em destruição e fome.

13. ( ) Avisei-o de que devia partir.

14. ( ) Júlia mora à rua do Passeio.

15. ( ) Chegamos na cidade antes do anoitecer.

16. ( ) Esqueceu-me o desejo discreto de conhecer as coisas de coração.

17. ( ) Perdoou ao nosso atraso.

18. ( ) Prefiro os casos que a inteligência discute a formas tecnocráticas da resolução dos problemas.

19. ( ) O pai perdoou ao filho.

20. ( ) Aqui se jogam as sementes para informar-lhes de que a cultura não deve ser acadêmica.

21. ( ) Lembrou ao amigo que já era tarde.

22. ( ) Procede-se com brandura quando querem detectar falhas no relacionamento humano.

23. ( ) Na verdade, não me simpatizo com suas ideias inovadoras.

24. ( ) Se todos chegam à mesma conclusão, devem estar certos.

25. ( ) Para trabalhar, muitos preferem a empresa privada ao serviço público.

26. ( ) Custa-me crer em tais injustiças.

27. ( ) A terra custou aos lavradores a vida.

28. ( ) Informamos a V.Sª. sobre os prazos de entrega das novas propostas, às quais devem ser respondidas com urgência.

29. ( ) Entrou e saiu da sala.

30. ( ) Repete que puni e premiei professores que discordavam ou concordavam com minhas ideias.

II. Use **o(s)/a(s)** ou **lhe(s)**.

1. Só não _____ chamei de louco, porque _____ quero muito bem. (o/lhe; o/lhe)

2. A reincidência poderá acarretar-_____ penalidades severas. (lo/lhe)

3. Não _____ desobedecerei jamais. (o/lhe)

4. Algumas ideias vinham ao encontro das reivindicações dos funcionários, contentando-_____, outras não. (os/lhes)

5. Eles se sentiam tão onerados com descontos, que intentaram uma reação conjunta: procuraram os responsáveis pela empresa e _____ inteiraram de sua decisão de _____ o andamento. (os/lhes; estorvá-lo/estorvar-lhe)

6. Queríamos _____ para a festa. (convidá-lo/convidar-lhe)

7. A verdade é que nós _____ queremos muito. (o/lhe)

8. Vi-_____ os olhos na festa. (os/lhes)

9. A minha resposta não _____ satisfez. (o/lhe)

10. Eu _____ ajudei naquela árdua tarefa. (o/lhe)

11. Teve um desempenho tão extraordinário que _____ consagraram merecidamente o maior jogador do mundo. (o/lhe)

12. No momento em que a linguística procurou o *status* de ciência, que desde Saussure _____ tem acompanhado, passou-se a discutir sua relação com outras ciências. (a/lhe)

13. Seu pai, que é libanês e tem uma loja de roupas no Brás, _____ presenteou com o Maverick 74 da família. (o/lhe)

14. Ele poderá escolher outros dois técnicos para _____ assessorar. (o/lhe)

15. Por que um mendigo dormindo incomodou-_____ tanto? (os/lhes)

16. Os que se propuseram a trabalhar nessa área tão difícil têm de compreender que sua convicção da necessidade de executar essa tarefa ninguém neles a incutiu, é - _____ inata. (os/lhes)

III. Complete as lacunas com a(s) forma(s) adequada(s).

1. Eis a ordem _____ nos insurgimos. (de que/contra a qual)

2. Há fatos _____ nunca esquecemos. (que/de que)

3. Há fatos _____ nunca nos esquecemos. (que/de que)

4. Aludiram a incidentes _____ já ninguém se lembrava. (que/de que)

5. Há casos _____ a dor, tornando-se insuportável, leva o indivíduo à morte. (que/em que)

6. Este autor tem ideias _____ todos simpatizamos. (de que/com que)

7. Qual o cargo _____ aspiras? (que/a que)

8. Surgiu uma mulher _____ figura os mais velhos se comoviam. (cuja/com cuja)

9. Surgiu uma mulher _____ figura já nos referimos. (cuja/a cuja)

10. Surgiu uma mulher _____ figura havia um ar de grande dama decadente. (cuja/em cuja)

11. Surgiu uma mulher _____ figura andara todo o regimento apaixonado. (cuja/por cuja)

12. O homem possui um inimigo que o aterroriza e _____ prefere nem pensar: a dor. (do qual/no qual)

13. A ideia de sofrimento intenso e intolerável, _____ está associado o conceito de dor, torna-a um flagelo _____ é necessário escapar de qualquer maneira. (a qual/à qual; no qual/do qual)

14. Esse foi o lugar _____ ele chegara com dificuldade. (onde/aonde/donde)

15. Esse foi o lugar _____ ele se estabelecera com a família (onde/aonde/donde)

16. Os deuses mantêm seus protetores nas casas _____ residem. (onde/aonde/donde)

17. A rua _____ gosto de correr foi asfaltada. (em que/onde/aonde/donde)

18. Foi essa a situação _____ ele encontrara. (que/em que)

19. Muitos foram os problemas _____ ele passara. (por que/pelo qual/que)

20. Poucos eram os recursos _____ ele podia dispor. (que/de que/com que)

21. O projeto, _____ também se incluirão mulheres e crianças, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde. (que/de que/em que)

22. O projeto, _____ também terão participação mulheres e crianças, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde. (que/ao qual/no qual)

23. O projeto, _____ também se vincularão mulheres e crianças, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde. (que/a que/ao qual/em que)

24. O projeto, _____ também participarão mulheres e crianças, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde. (que/de que/em que/no qual)

25. O projeto, _____ extensão também atingirá mulheres e crianças, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde. (cuja/em cuja/de cuja)

26. O exemplo mais brilhante dessa vocação deu-o anos atrás cavalheiro _____ nome não sei. (cujo/de cujo/a cujo)

27. O exemplo mais brilhante dessa vocação deu-o anos atrás cavalheiro _____ nome não tenha a menor confiança. (cujo/em cujo/de cujo)

28. O exemplo mais brilhante dessa vocação deu-o anos atrás cavalheiro _____ nome não consigo simpatizar. (cujo/de cujo/com cujo)

29. O exemplo mais brilhante dessa vocação deu-o anos atrás cavalheiro _____ nome pretendo não referir.

(cujo/a cujo/de cujo)

30. O exemplo mais brilhante dessa vocação deu-o anos atrás cavalheiro _____ nome não está associado esse fato. (cujo/a cujo/em cujo)

31. Conquista é quando você pula da cama de manhã e vai dormir à noite. E entre uma coisa e outra, só faz aquilo _____ gosta. (que/de que/por que)

32. O Banco Central investiu-se de um poder _____ as nações soberanas, ou quase isso, não abrem mão. (que/de que/por que)

33. É grande o dilema _____ vem experimentando a opinião pública brasileira. (que/a que/de que)

34. Não procuremos neles a beleza _____ dirigimos logo o olhar. (que/a que/em que)

35. É grande a perplexidade _____ estão tomados os latino-americanos. (que/de que/de quem/de cujos)

36. Esta é a única solução _____ podemos contar. (que/quem/com que/de quem)

37. Algumas pessoas costumam exorbitar da autoridade _____ se acham investidos. (que/a que/de que)

38. O texto legal _____ nos remeteu o professor para consulta exigia a cessão imediata dos direitos autorais à editora. (que/a que/para o qual)

39. Cético de gestos heroicos, confirmou ponto a ponto as críticas _____ se orgulhava de ter feito ao pretenso filantropo. (que/de que/a que)

40. O crime fora decorrente da crise _____ passava seu casamento. (que/em que/por que)

41. "A presença das enfermeiras devia lhe trazer lembranças de prazeres _____ agora não podia mais desfrutar." (que/de que/com que)

42. "Com o tempo, irás sabendo _____ leis, casos e fenômenos responde toda essa terminologia." (que/a que/de que)

Gabarito: I – 1. C; 2. C; 3. E; 4. C; 5. C; 6. E; 7. E; 8. E – lhe respondi; 9. C; 10. C; 11. E; 12. E; 13. C; 14. E; 15. E; 16. C; 17. E; 18. C; 19. C; 20. E; 21. C; 22. C; 23. E; 24. C; 25. C; 26. C; 27. C; 28. E; 29. E – Entrou na sala e saiu dela; 30. E – discordavam das minhas ideias ou concordavam com elas. **II** – 1. o ou lhe; lhe; 2. lhe; 3. lhe; 4. os; 5. os; estorvar-lhe; 6. convidá-lo; 7. lhe; 8. lhes; 9. o ou lhe; 10. o; 11. o; 12. a; 13. o; 14. o; 15. os; 16. lhes. **III** – 1. contra a qual; 2. que; 3. de que; 4. de que; 5. em que; 6. com que; 7. a que; 8. com cuja; 9. a cuja; 10. em cuja; 11. por cuja; 12. no qual; 13. à qual; do qual; 14. aonde; 15. onde; 16. onde; 17. onde; 18. que; 19. por que; 20. de que; 21. em que; 22. no qual; 23. a que ou ao qual; 24. de que; 25. cuja; 26. cujo; 27. em cujo; 28. com cujo; 29. cujo; 30. a cujo; 31. de que; 32. de que; 33. que; 34. a que; 35. de que; 36. com que; 37. de que; 38. que; 39. que; 40. por que; 41. de que ou que; 42. a que.

Vamos agora treinar com questões de concursos anteriores? Português se aprende pelas mãos...

18.4. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

1. (Cesgranrio/Banco do Brasil) Regência imprópria:

a) Não o via desde o ano passado.

b) Fomos à cidade pela manhã.

c) Informou ao cliente que o aviso chegara.

d) Respondeu à carta no mesmo dia.

e) Avisamos-lhe de que o cheque foi pago.

Comentários:

A letra A está correta: o verbo ver é v.t.d. e tem como o.d. o pronome oblíquo **o**. A letra B apresenta o verbo *ir*, que indica direção, por isso, deve vir seguido da preposição A. Na letra C, tem-se o verbo *informar*, que é direto e indireto e teve, mesmo, dois objetos: o direto, que é a oração *que o aviso chegara,* e o indireto, que é *ao cliente* (nessa frase, quem informa informa alguma coisa a alguém). O verbo *responder*, na letra D, vem adequadamente complementado por seu o.i. *à carta*: aqui, quem responde responde a alguma coisa. Já a letra E apresenta o verbo *avisar* com dupla transitividade, mas com dois objetos indiretos: um sob a forma pronominal (*lhe*); o outro sob a forma oracional (*de que o cheque foi pago*). Para a correção da frase, teríamos, portanto, duas opções: *avisamo-lo de que o cheque foi pago* ou *avisamos-lhe que o cheque foi pago*.

Resposta: E.

2. (FGV) Em qual das alternativas ocorre erro de regência verbal?

a) Esqueceu-me o desejo discreto de conhecer as coisas do coração.

b) Lembrou-me a inusitada transformação por que passa a universidade brasileira.

c) Prefiro os casos que a inteligência discute a formas tecnocráticas da resolução dos problemas.

d) Aqui se jogam as sementes para informar-lhes de que a cultura não deve ser acadêmica.

e) Procede-se com brandura quando querem detectar falhas no relacionamento humano.

Comentários:

Muitos que erraram a questão marcaram a letra A. Trata-se de uma construção em desuso, porém correta do verbo *esquecer* (o que também pode ocorrer com o verbo *lembrar*). A coisa esquecida passa a ser o sujeito do verbo, o que se pode perceber pela desinência verbal (*esqueceu-me*): nessa frase, *o desejo discreto de conhecer as coisas do coração* é que é o sujeito do verbo *esquecer*. Na ordem direta, a frase ficaria assim:

O desejo discreto de conhecer as coisas do coração esqueceu-me (= a mim).

Você deve estar se perguntando: mas como uma coisa pode esquecer alguém? Nesse caso, a coisa esquecida passa a

ser responsabilizada pelo esquecimento da pessoa. Talvez seja uma forma de se esquivar da responsabilidade... O fato é que haveria três formas de se dizer o mesmo:

Esqueci o desejo discreto de conhecer as coisas do coração.

(aqui, o verbo é *esquecer*, v.t.d., que tem como sujeito *eu* e objeto direto *o desejo discreto de conhecer as coisas do coração*).

Esqueci-me do desejo discreto de conhecer as coisas do coração.

(trata-se, agora, do verbo *esquecer-se*, que é v.t.i. e apresenta como sujeito *eu* e o.i. *do desejo discreto de conhecer as coisas do coração*).

Esqueceu-me o desejo discreto de conhecer as coisas do coração.

(essa foi a forma escolhida pela banca: *o desejo discreto de conhecer as coisas do coração* é o sujeito do verbo *esquecer*, que é v.t.i. e tem como o.i. o pronome oblíquo *me*).

Observe a letra B da questão: o verbo *lembrar* aparece aqui da mesma forma que o verbo *esquecer* apareceu na letra A. Veja que o verbo ficou na 3ª pessoa do singular, o que prova que o sujeito não é o pronome *eu,* e sim a informação que vem depois na frase (*a inusitada transformação por que passa a universidade brasileira*). O que dissemos, portanto, na letra A para o verbo *esquecer* vale também para o verbo *lembrar* na letra B. Haveria aqui, também, três formas de se reescrever a frase: Lembrei a inusitada transformação por que passa a universidade brasileira. / Lembrei-me da inusitada transformação por que passa a universidade brasileira. / Lembrou-me a inusitada transformação por que passa a universidade brasileira. Portanto, a letra B também está correta.

A letra C traz o verbo *preferir*, v.t.d.i., de forma adequada com dois objetos: *os casos que a inteligência discute*, que é o o.d., e *a formas tecnocratas da resolução dos problemas* que é o o.i.

Já a letra D, que apresenta o verbo *informar* como v.t.d.i., pecou por apresentar dois objetos indiretos: um sob a forma pronominal *lhes* e o outro oracional *de que a cultura não deve ser acadêmica*. O certo seria dizer "... para informar-lhes que a cultura não deve ser acadêmica" ou "... para informá-los de que a cultura não deve ser acadêmica".

A letra E está correta: apresenta o verbo *proceder* como intransitivo, com o sentido de agir.

Resposta: D.

3. (Cesgranrio) Assinale a única alternativa incorreta quanto à regência do verbo.

a) Perdoou nosso atraso no imposto.

b) Meu pai perdoou ao pai.

c) Lembrou ao amigo que já era tarde.

d) Vi-lhes os olhos na festa.

e) Era grande a mesa da sala a qual nos sentamos.

Comentários:

Eis uma boa questão para treinarmos a regência do verbo *perdoar*: *aquilo que se perdoa* é o objeto direto e *a quem se perdoa* é o objeto indireto. Daí, na letra A, o verbo *perdoar* está adequadamente colocado: ele é v.t.d. e vem seguido do o.d. *nosso atraso no imposto*. Já na letra B, o verbo *perdoar* vem seguido de um objeto indireto: trata-se de um objeto pessoa (*ao pai*). Nas duas alternativas, portanto, ele foi bem utilizado.

Na letra C, o verbo *lembrar* vem adequadamente seguido de dois objetos, um direto (*que já era tarde*) e outro indireto (*ao amigo*).

Na letra D, o verbo *ver* é v.t.d.: seu objeto direto é *os olhos*. Observe que o pronome *lhe,* apesar de vir ligado ao verbo por meio do hífen, não é o seu objeto: é pronome oblíquo com valor possessivo que se refere ao substantivo *olhos* (= seus olhos). Por isso, a frase está certa.

Já a letra E traz um erro na regência com relativo. Organizando a oração adjetiva, que vem após o pronome relativo, teríamos "nós nos sentamos <u>à mesa</u>". O verbo *sentar*, aqui, deve vir seguido da preposição *a*, com valor semântico de proximidade. Por isso, o certo seria dizer: "Era grande a mesa da sala à qual nos sentamos".

Resposta: E.

4. (Fundação João Goulart) No trecho "Nós nos entendíamos e amávamos mudamente (...)"o complemento serve a dois verbos de mesma regência. Das frases abaixo, aquela em que o complemento serve a verbos de regências diferentes é:

a) Poucos nos reconheceram e cumprimentaram.

b) O indivíduo nos perseguia e ameaçava.

c) Não nos admirava ou obedecia.

d) Ele nos avistara e evitara.

Comentários:

Na frase do enunciado, tem-se um pronome *nos* que é objeto direto de dois verbos com mesma regência *entender e amar*, que são verbos transitivos diretos. O mesmo ocorre com a letra A: os verbos *reconhecer* e *cumprimentar* são transitivos diretos.

Na letra B, o raciocínio se repete: o pronome *nos* é objeto direto de *perseguir* e *ameaçar*, que são transitivos diretos.

No entanto, a letra C apresenta um complemento *nos*, que é ao mesmo tempo objeto direto de *admirar* e indireto de *obedecer*: o que não é um problema, já que, como estudamos em pronomes, os pronomes oblíquos *me, te, se, nos* e *vos* são verdadeiros curingas, podem ser O.D. ou O.I.

Na letra D, temos novamente o raciocínio do exemplo que consta no enunciado: os dois verbos possuem a mesma

regência, são transitivos diretos, que têm como complemento o pronome *nos*.

Resposta: C.

5. (Vunesp/Fiscal de Rendas-SP) O único texto que obedece rigorosamente aos princípios de regência da língua culta escrita é:

a) Repete que puni e premiei professores que discordavam ou concordavam com minhas ideias.

b) Conquista é quando você pula da cama de manhã e vai dormir à noite. E entre uma coisa e outra, só faz o que gosta.

c) ... eis que o nosso Banco Central, que mal e porcamente cuida da nossa vida bancária cheia de abrolhos e escândalos, investiu-se de um poder que as nações soberanas, ou quase isso, não abrem mão.

d) ... os deuses mantêm seus protetores nas casas onde residem, o que implica que os soberanos dos céus e da terra tributam por sua vez um culto a seus pequenos deuses domésticos.

e) Temos por princípio não representar e nem formular Queixa perante o Tribunal de Ética da O.A.B., porém reservamo-nos no direito de aconselhá-lo a leitura do Código de Ética, do Estatuto da Ordem dos Advogados do Brasil.

Comentários:

A letra A apresenta, por duas vezes, verbos em coordenação que compartilham o mesmo complemento. Na primeira passagem, *punir* e *premiar* são transitivos diretos e possuem o mesmo objeto, *professores*, o que não caracteriza erro. Na segunda passagem, entretanto, aparecem os verbos *discordar* e *concordar* que, embora sejam transitivos indiretos, regem preposições distintas (*discordar de* e *concordar com*). Daí o erro: eles compartilharam o mesmo objeto. O certo seria dizer:

... que discordavam *das minhas ideias* ou concordavam *com elas*. A letra B também apresenta um erro: quem gosta gosta de, por isso o certo seria dizer: ... só o faz o (= aquilo) de que gosta. A letra C apresenta um erro de regência com pronome relativo, no final do período. Colocando a frase na ordem direta, teríamos: *as nações soberanas não abrem mão do poder*. Por isso, o correto seria dizer: ... um poder de que as nações soberanas não abrem mão. A letra D trouxe o verbo *implicar* corretamente utilizado: seguido do objeto direto oracional *que os soberanos dos céus e da terra tributam...* A letra E apresenta os verbos *representar* e *formular*, transitivos diretos, coordenados com o mesmo complemento *Queixa*, estando, quanto a isso, correta. Entretanto, trouxe um erro com o verbo *reservar*: *reservamo-nos o direito* e não *no direito*. Ou seja: *reservamos o direito (o.d.) a nós (o.i.).*

Resposta: D.

6. (FGV) Indique a opção em que o verbo responder está usado incorretamente, no que tange à regência.

a) Respondeu com mau humor à mãe.

b) O injustiçado responde às calúnias.

c) Os soldados responderam às balas.

d) Ninguém responde o juiz daquele jeito.

e) Respondi o que podia e o que não devia.

Comentários:

Questão boa para trabalhar o verbo *responder*: lembre-se de que *aquilo que se responde* (complemento coisa) é o objeto direto e *a quem ou a que se responde* (complemento pessoa ou coisa a que se responde) é o objeto indireto. Na letra A, *à mãe* é a pessoa a quem se respondeu. Nas letras B e C, tem-se novamente o *responder* como transitivo indireto: trata-se de objeto indireto *coisa a que se responde*. Nos dois casos, o verbo *responder* é transitivo indireto e vem seguido de objeto indireto *às calúnias* e *às balas*, respectivamente. O erro está na letra D: *o juiz* deveria ser objeto indireto. Nessa frase, quem responde responde *a alguém* e não alguém. Por isso, o certo seria dizer "Ninguém responde *ao juiz* daquele jeito". A letra E está correta: o verbo *responder* aparece como transitivo direto, com objeto direto, que é *aquilo que se responde*. Assim, temos um objeto direto *composto*: *o que podia e o que não devia*. A frase, portanto, está correta.

Resposta: D.

7. (Fundação Carlos Chagas) Em qual das alternativas o uso de **CUJO** não está conforme a norma culta?

a) Tenho um amigo cujos filhos vivem na Europa.

b) Rico é o livro cujas páginas há lições de vida.

c) Naquela sociedade havia um mito cuja memória não se apagava.

d) Eis o poeta cujo valor exaltamos.

e) Afirmam-se muitos fatos de cuja veracidade se deve desconfiar.

Comentários:

Esta questão trata do uso do pronome relativo cujo e da regência com esse conectivo. Vimos que o pronome cujo e variantes é usado entre dois substantivos com ideia de posse. Em todas as opções isso ocorre. O problema está, então, na falta da preposição. Na opção A ("… vivem **n**a Europa"), ela aparece – *vivem **em***. Na B, organizando, teríamos: "Há lições de vida **n**as páginas do livro". Portanto, a frase correta seria "Rico é o livro **em** cujas páginas…". Nas letras C e D, os verbos não pedem preposição ("… a memória não se *apagava*" e "*exaltamos* o valor"). Na letra E, o uso da preposição **de** se explica pela presença do verbo *desconfiar* ("Deve-se desconfiar **d**a veracidade dos fatos"). Lembre-se sempre de organizar a frase – **ordem direta** (sujeito + verbo + complementos).

Resposta: B.

8. (Vunesp) Assinale a opção cuja lacuna não pode ser preenchida pela preposição entre parênteses:

a) A alfabetização funcional, _____ cuja aquisição a escola deve preocupar-se. (com)

b) A alfabetização funcional, _____ cuja aquisição a escola deve refletir. (sobre)

c) A alfabetização funcional, _____ cuja aquisição a escola deve ser responsável. (a)

d) A alfabetização funcional, _____ cuja aquisição a escola deve cuidar. (de)

e) A alfabetização funcional, _____ cuja aquisição a escola deve estar preparada. (para)

Comentários:

Mais uma questão que envolve o uso da preposição antes do relativo. Organizando as orações adjetivas (iniciadas pelo pronome relativo):

… a escola deve-se preocupar com.

… a escola deve refletir sobre.

… a escola deve ser responsável **por**.

… a escola deve cuidar de.

… a escola deve estar preparada para.

Resposta: C.

9. (Esaf) Assinale o item que apresenta **erro** de regência verbal:

a) O espetáculo do grande desastre, sempre implícito na loucura das corridas de automóvel, esconde e omite o essencial, que apenas se adivinha com os recursos da imaginação: o ser humano que viaja dentro daquela cápsula em vias de se desmanchar com a fragilidade de uma casquinha de sorvete.

b) Cumpriu-se com Ayrton Senna mais um ritual de sacrifício consumado no altar da modernidade que, ao comercializar a velocidade, transformou o esporte do automobilismo em negócio.

c) Atingimos o ideal supremo do capitalismo: velocidade cada vez maior nos lucros. As firmas que patrocinam as corridas são sólidas empresas privadas que tocam os seus negócios com fervor apostolar e o autódromo de Ímola, antessala do além, é uma empresa privada.

d) O carro cheio de rótulos comerciais é hoje apenas a visão do fracasso tecnológico, da lamentável falência de uma máquina que se pretende perfeita, mas é tão precária como qualquer outra diante do menor obstáculo.

e) As letras impressas se acumulam, promovendo os generosos mecenas do esporte que cedem uma migalha dos seus lucros aos pilotos, assim seduzidos com mais um argumento para o jogo perigoso que se entregam apaixonadamente.

Comentários:

Aqui, observamos que, em quatro opções, não há a intenção de se apresentar nenhum caso especial de regência. Na

letra A, "esconde e omite o essencial" (os dois verbos são transitivos diretos). Na B, "consumado no" e "transformar o esporte... em negócio" seguem o padrão da norma culta. Na letra C, **atingir** é transitivo direto ("atingimos o ideal..."). Na D, não há nenhuma particularidade sobre regência: a frase está totalmente correta. Porém, na letra E, na penúltima linha, aparece o pronome relativo **que**. Ao organizar a oração que ele introduz, teríamos: "(Eles) se entregam **a**o jogo perigoso". Por isso, o certo seria dizer: "... para o jogo perigoso **a** que se entregam".

Resposta: E.

10. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a regência do verbo destacado está correta, segundo o registro culto e formal da língua.

a) Informei-a que o período turbulento havia terminado.

b) Assistia a derrota daqueles que não acreditaram na oportunidade.

c) Diante de tamanha pressão, chegou no seu limite.

d) Neste momento, diante do ocorrido, todos reivindicam por tranquilidade de vida.

e) A constatação de que aquilo era verdadeiro custou-lhe dias difíceis.

Comentários:

O verbo **informar**, na letra A, pede dois complementos, é v.t.d.i. ("Informei-a de que o período..."). Na B, o verbo **assistir** com a ideia de *presenciar* é transitivo indireto ("Assistia **à** derrota..."). Na letra C, **chegar** rege preposição **a** ("... chegou **a**o seu limite"). Na letra D, **reivindicar** é transitivo direto ("... todos reivindicam tranquilidade"). Na letra E, o verbo **custar** (= ser difícil) é transitivo direto e indireto ("A constatação... custou **dias difíceis** – O.D. – **a ele** – O.I.).

Resposta: E.

11. (Petrobras) Segundo o registro culto e formal da língua, a regência do verbo destacado está correta em:

a) O homem **lembrou-se** a infância ao ver a criança.

b) Depois de algum tempo, **pagou** o seu amigo o que devia.

c) Boas ações **implicam** benefícios futuros.

d) Os inimigos **aspiravam** a derrota de alguém vulnerável.

e) De um modo geral, **respeitava** aos princípios básicos da ética.

Comentários:

Na teoria, vimos que os verbos **lembrar** e **esquecer** podem aparecer com ou sem o pronome. **Lembrar** e **esquecer** são transitivos diretos; **lembrar-se** e **esquecer-se** são transitivos indiretos. Na letra A, se o verbo é pronominal, usaremos a preposição ("... lembrou-se **d**a infância..."). Na B, **pagar**, em relação a *pessoa*, é transitivo indireto ("...

pagou **a**o seu amigo...”). A letra C mostra o **implicar** (= acarretar), de acordo com o padrão culto da língua, como transitivo direto (“...implicam benefícios futuros”). Na D, **aspirar** (= *pretender*) é transitivo indireto (“... aspiravam **à** derrota...”). Na opção E, **respeitar** é transitivo direto (“... respeitaria os princípios...”).

Resposta: C.

Aqui, vale um recado:

Atenção: Não confunda a regência do verbo respeitar com a regência do verbo obedecer. Quem respeita (v.t.d.), respeita alguém, mas quem obedece (v.t.i.), obedece a alguém. Assim: Respeite os seus pais e obedeça a eles.

12. (Banco Central) A imprensa internacional foi convidada para assistir os debates em Copenhague.

De acordo com a norma escrita padrão da língua, na frase acima há um DESVIO de:

a) regência nominal.

b) regência verbal.

c) concordância nominal.

d) concordância verbal.

e) pontuação.

Comentários:

A regência trata da dependência entre o nome e seu complemento (regência nominal) e do verbo e seu complemento (regência verbal). A concordância nominal estuda as flexões de gênero e número entre os nomes (substantivo, adjetivo, pronome, numeral e advérbio). A concordância verbal trata da flexão de número e pessoa entre o sujeito e o verbo da oração.

Na frase dada, observamos que o problema se dá entre o verbo e seu complemento na passagem “... assistir os debates...”, porque **assistir** (= ver, presenciar) é transitivo indireto. Portanto, há um desvio quanto à *regência verbal*.

Resposta: B.

Agora, é a sua vez...

18.5. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (FCC – TRE-SE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – 2015)

A frase escrita com clareza e correção, quanto à norma-padrão da língua portuguesa, é:

a) O público infantil vem se apropriando a dispositivos eletrônicos cada vez mais recentemente, e estes têm dado preferência do uso privativo da internet.

b) Enquanto muitas crianças demonstram destreza em usar aplicativos em celulares, uma pequena porcentagem delas estão aptas a dar um laço nos cordões dos sapatos.

c) O estudo foi direcionado em pessoas de 9 a 16 anos, e se propôs de mostrar os hábitos que tais desenvolveram com a dedicação no uso de dispositivos eletrônicos.

d) Muitas crianças brasileiras têm a possibilidade em se conectar na internet, um terço às quais já portam de dispositivos móveis, que se comunicam com eficácia.

e) Além de averiguar ao comportamento domiciliar de adolescentes e crianças diante da internet, a pesquisa também deu enfoque no uso que os mesmos faziam da rede.

2. (TRF – 3ªR – Anal. Jud. – Biblio/2014)

Em nossa cultura, ... experiências ..... passamos soma- se ..... dor, considerada como um elemento formador do caráter, contexto ..... pathos pode converter-se em éthos.

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) às – porque – a – em que

b) às – pelas quais – à – de que

c) as – que – à – com que

d) às – por que – a – no qual

e) as – por que – a – do qual

3. (TJ-AP/ Anal. Jud. – 2014)

A expressão **de que** preenche corretamente a lacuna da seguinte frase:

a) Há lugares em nossa casa ..... nos ensejam uma sensação maior de familiaridade.

b) O homem que não consegue afastar-se da terra ..... lhe serviu de berço é, em princípio, um fraco.

c) É como se houvesse naquele cantinho da sala um apelo ..... não conseguimos nos esquivar.

d) O monge medieval ..... o autor do texto alude demonstra grande sabedoria ao avaliar os homens fortes e os fracos.

e) A interpretação ..... o autor do texto dá às palavras do monge pode e merece ser discutida.

4. (FCC – TRT – 2ª Região (SP) – Técnico Judiciário – Área Administrativa – 2014)

Quando se dizia "*livro*", todos entendiam um objeto de peso e volume, composto de folhas encadernadas, protegidas por papelão ou couro, <u>nas quais</u> se gravavam a tinta palavras ou imagens. A expressão acima destacada é equivalente à sublinhada na seguinte frase:

a) As janelas <u>sob as quais</u> foram gravadas as cenas eram pintadas de verde.

b) As folhas rubricadas, <u>as quais</u> entreguei à secretária, foram anexadas ao prontuário.

c) As urnas <u>em que</u> foram depositados os votos foram lacradas pela diretoria do clube.

d) Os rapazes <u>de quem</u> foram gravados os depoimentos foram entrevistados ontem.

e) O livro de onde retirei a citação está emprestado.

5. (FCC – TRT – 2ª Região (SP) – Técnico Judiciário – Área Administrativa – 2014)

Observadas a regência e a flexão verbal, está correta a seguinte frase:

a) Ressentiu-se, com razão, da oposição da prima, e pensou que, se expusesse com calma seus motivos, poderia obter sua concordância.

b) A casa que, na época, nos instalamos era a que podíamos pagar, mas tínhamos um pacto: se todos se mantessem firmes em seus empregos, moraríamos melhor.

c) Aborreceu-se de tanta conferência de abaixo-assinados e requis transferência para outro setor da administração.

d) Dizem que é ele que obstroi a discussão, por isso, para defender-se, aludiu o nome do responsável pelo atraso.

e) Medio, sim, seu encontro com esse advogado mais experiente, pois sei como você está temeroso pelo poder de argumentação do promotor.

6. (FCC – Câmara Municipal de São Paulo – SP – Procurador Legislativo – 2014)

Ao formular uma proposta educacional ..... centro estaria a ecologia, o autor do texto ressalta a importância ..... se vêm revestindo os estudos do meio.

Preenchem adequadamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) de cujo – em que

b) pela qual no – para a qual

c) aonde o – de cuja

d) onde o – pela qual

e) em cujo – de que

7. (FCC – TRT – 4ª Região (RS) – Analista Judiciário – Área Judiciária – 2015)

Em nenhum momento da história a sociedade, como um todo, conseguiu sustentar facilmente os custos exorbitantes da ópera.

Na frase acima, a locução verbal está empregada com regência idêntica à presente em:

a) O crítico elegeu o jovem cantor o maior artista da temporada.

b) Apresentou-nos currículo repleto de menções honrosas.

c) Sem falsa modéstia, recebeu a ovação com elegância e alegria.

d) Tentou cantar de modo condizente com as recomendações do maestro.

e) Jamais se afastou daquele velho conselho do pai.

8. (FCC – TRT – 15ª Região – Analista Judiciário – Odontologia – 2015)

No contexto dado, possui a mesma regência do verbo presente no segmento *A escravidão que denunciava com dureza*, o que se encontra sublinhado em:

a) *Quem fala, hoje, dos 30 milhões de escravos...*

b) *... número que hoje oscila entre os 13 milhões e os 14 milhões...*

c) *... antes de portugueses ou espanhóis comprarem negros na África rumo ao Novo Mundo.*

d) ... o Global Slavery Index *é um belo retrato da nossa miséria...*

e) *Não é preciso assistir a 12 Anos de Escravidão...*

9. (FCC – Manausprev – Técnico Previdenciário – 2015)

O elemento em destaque está empregado corretamente em:

a) As obras de arte de que se tenta retratar a natureza, emprestam-lhe voz humana.

b) A árvore é símbolo recorrente com que fazemos uso para falar de meio ambiente.

c) A natureza, por cuja preservação lutamos, nega-se, no entanto, a ser domesticada.

d) Natureza e arte não são elementos estanques, esta faz a que melhor compreendamos aquela.

e) Cada vez mais o mundo tecnológico nos afasta da natureza em que fazemos parte.

10. (FCC – TRE-RR – Analista Judiciário – Área Judiciária – 2015)

Não impressionou ao conde Afonso Celso, de quem contam que respondeu assim a um sujeito ...

A expressão sublinhada acima preenche corretamente a lacuna existente em:

a) O novo acadêmico demonstrou grande afeição ..... compartilha das mesmas ideias literárias e aborda os mesmos temas.

b) O discurso de recepção do novo integrante do grupo deveria ser pronunciado ..... apresentasse maior afinidade entre ambos.

c) Aqueles ..... caberia manifestar apoio aos defensores da causa em discussão ainda não haviam conseguido chegar à tribuna.

d) O acadêmico, ... todos esperavam um vigoroso aparte contrário ao pleito, permaneceu em silêncio na tumultuada sessão

e) Em decisão unânime, os acadêmicos ofereceram dados da agremiação ..... desejasse participar da discussão daquele dia.

11. (Copergás/PE – Téc. Seg. Trabalho – FCC – Jul./2016 – Adaptada)

O projeto apoiado pelo físico ambiciona produzir aeronaves do tamanho de um chip *usado em equipamentos eletrônicos e lançar milhares dessas "mininaves" na órbita da Terra.*

Esse trecho está corretamente reescrito, respeitando-se o sentido original, em:

O projeto apoiado pelo físico

a) visa à produzir aeronaves do tamanho de um *chip* usado em equipamentos eletrônicos como intuíto em lançar-lhe na órbita da Terra.

b) tem a intenção por produzir aeronaves do tamanho de um *chip* usado em equipamentos eletrônicos à fim de lançá-los na órbita da Terra.

c) busca à produção de aeronaves do tamanho de um *chip* usado em equipamentos eletrônicos à vista de lançar-lhes na órbita da Terra.

d) aspira à produção de aeronaves do tamanho de um *chip* usado em equipamentos eletrônicos para lançá-las na órbita da Terra.

e) objetiva à produção de aeronaves do tamanho de um *chip* usado em equipamentos eletrônicos com o proposito a lançá-lo na órbita da Terra.

12. (Copergás/PE – Analista Administrador – FCC – Jul./2016)

Quanto à **regência** e à **concordância**, considere:

I. Os mal-entendidos que nem se imaginavam existir no que concerne da universalidade da música devem-se à confusão criada entre o fenômeno e a linguagem da música.

II. Constam que todos os povos cultivam formas musicais, salientando-se as que apresentam um ritmo mais batido, que nos impelem de dançar.

III. Assiste-se, nos dias de hoje, ao fenômeno da expansão abusiva de músicas comerciais, pela qual são responsáveis os ambiciosos produtores de discos e diretores de rádios.

É inteiramente adequado o emprego de todas as formas verbais SOMENTE em

a) I.

b) II.

c) III.

d) I e II.

e) II e III.

13. (Eletrobras/Eletrosul – Adm. Empres. – FCC – Jun./2016)

Está correto o emprego de **ambos** os elementos sublinhados em:

a) O efeito <u>de que</u> as moças pretendem obter em suas fainas, ao fim e ao cabo <u>realizam-se</u> como pretendido.

b) A técnica ilusória <u>com cuja</u> as moças contam acaba por se mostrar favorável <u>diante do</u> batatal.

c) Consiste a magia das moças maoris, a cada plantação, de cantar e dançar para que se <u>alcance</u> os melhores resultados.

d) A magia de um rito, <u>cuja</u> força as moças convocam no plantio, não as <u>deixa</u> frustrar-se.

e) As sementeiras de batatas, <u>de cujo</u> plantio as moças se aplicam, estão sujeitas para com os efeitos do vento leste.

Leia o texto a seguir para responder à questão 14.

Texto I

Naquele novo apartamento da rua Visconde de Pirajá pela primeira vez teria um escritório para trabalhar. Não era um cômodo muito grande, mas dava para armar ali a minha tenda de reflexões e leitura: uma escrivaninha, um sofá e os livros. Na parede da esquerda ficaria a grande e sonhada estante onde caberiam todos os meus livros. Tratei de encomendá-la a seu Joaquim, um marceneiro que tinha oficina na rua Garcia D' Ávila com Barão da Torre.

O apartamento não ficava tão perto da oficina. Era quase em frente ao prédio onde morava Mário Pedrosa, entre a Farme de Amoedo e a antiga Montenegro, hoje Vinicius de Moraes. Estava ali havia uma semana e nem decorara ainda o número do prédio.

Tanto que, quando seu Joaquim, ao preencher a nota de encomenda, perguntou-me onde seria entregue a estante, tive um momento de hesitação. Mas foi só um momento. Pensei rápido: "Se o prédio do Mário é 228, o meu, que fica quase em frente, deve ser 227". Mas lembrei-me de que, ao ir ali pela primeira vez, observara que, apesar de ficar em frente ao do Mário, havia uma diferença na numeração.

– Visconde de Pirajá, 127 – respondi, e seu Joaquim desenhou o endereço na nota.

– Tudo bem, seu Ferreira. Dentro de um mês estará lá sua estante.

– Um mês, seu Joaquim! Tudo isso? Veja se reduz esse prazo.

– A estante é grande, dá muito trabalho... Digamos, três semanas.

Ferreira Gullar. A estante. In: *A estranha vida banal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989 (com adaptações).

14. (INSS – Técnico Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

Julgue o seguinte item como Certo (C) ou Errado (E), a respeito de aspectos linguísticos do texto I.

A correção gramatical e o sentido do texto seriam preservados, caso se substituísse o trecho "lembrei-me de que" (l. 11) por **lembrei que**.

Leia o texto a seguir para responder à questão 15.

As primeiras moedas, peças representando valores, geralmente em metal, surgiram na Lídia (atual Turquia), no século VII a.C. As características que se desejava ressaltar eram transportadas para as peças por meio da pancada de um objeto pesado, em primitivos cunhos. Com o surgimento da cunhagem a martelo e o uso de metais nobres, como o ouro e a prata, os signos monetários passaram a ser valorizados também pela nobreza dos metais neles empregados.

Embora a evolução dos tempos tenha levado à substituição do ouro e da prata por metais menos raros ou suas ligas, preservou-se, com o passar dos séculos, a associação dos atributos de beleza e expressão cultural ao valor monetário das moedas, que quase sempre, na atualidade, apresentam figuras representativas da história, da cultura, das riquezas e do poder das sociedades.

A necessidade de guardar as moedas em segurança levou ao surgimento dos bancos. Os negociantes de ouro e prata, por terem cofres e guardas a seu serviço, passaram a aceitar a responsabilidade de cuidar do dinheiro de seus clientes e a dar recibos escritos das quantias guardadas. Esses recibos passaram, com o tempo, a servir como meio de pagamento por seus possuidores, por ser mais seguro portá-los do que portar dinheiro vivo. Assim surgiram as primeiras cédulas de "papel moeda", ou cédulas de banco; concomitantemente ao surgimento das cédulas, a guarda dos valores em espécie dava origem a instituições bancárias.

Casa da Moeda do Brasil: 290 anos de História, 1694/1984

15. (Cespe – Caixa – Nível Superior – 2014)

No que se refere aos aspectos linguísticos, à classificação tipológica do texto acima e às ideias nele expressas, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

A substituição da preposição "a", em "a dar recibos escritos das quantias guardadas" (l. 12), pela preposição "de" manteria a correção gramatical do texto, embora acarretasse alteração de sentido.

Leia o texto a seguir para responder à questão 16.

Texto I

A moeda, como hoje é conhecida, é o resultado de uma longa evolução. No início, não havia moeda, praticava-se o escambo. Algumas mercadorias, pela sua utilidade, passaram a ser mais procuradas do que outras. Aceitas por todos, assumiram a função de moeda, circulando como elemento trocado por outros produtos e servindo para avaliar-lhes o valor. Eram as moedas-mercadorias. O gado, principalmente o bovino, foi dos mais utilizados. O sal foi outra moeda-mercadoria; de difícil obtenção, era muito utilizado na conservação de alimentos. Ambas deixaram marca de sua função como instrumento de troca no vocabulário português, em palavras como pecúnia e pecúlio, capital e salário.

Com o passar do tempo, as mercadorias se tornaram inconvenientes às transações comerciais, devido à oscilação de seu valor, pelo fato de não serem fracionáveis e por serem facilmente perecíveis, o que não permitia o acúmulo de riquezas. Surgiram, então, no século VII a.C., as primeiras moedas com características semelhantes às das atuais: pequenas peças de metal com peso e valor definidos e com a impressão do cunho oficial, isto é, a marca de quem as emitiu e garante o seu valor.

Os primeiros metais utilizados na cunhagem de moedas foram o ouro e a prata. O emprego desses metais se impôs, não só por sua raridade, beleza, imunidade à corrosão e por seu valor econômico, mas também por antigos costumes religiosos. Durante muitos séculos, os países cunharam em ouro suas moedas de maior valor, reservando a prata e o cobre para os valores menores. Esses sistemas se mantiveram até o final do século XIX, quando o cuproníquel e, posteriormente, outras ligas metálicas passaram a ser empregados e a moeda passou a circular pelo seu valor extrínseco, isto é, pelo valor gravado em sua face, que independe do metal nela contido.

Na Idade Média, surgiu o costume de guardar os valores com um ourives, pessoa que negociava objetos de ouro e prata e que, como garantia, entregava um recibo. Esse tipo de recibo passou a ser utilizado para efetuar pagamentos, circulando de mão em mão, e deu origem à moeda de papel. Com o tempo, da forma como ocorreu com as moedas, os governos passaram a conduzir a emissão de cédulas, controlando as falsificações e garantindo o poder de pagamento. Atualmente, quase todos os países possuem bancos centrais, encarregados das emissões de cédulas e moedas.

Disponível em: <www.bcb.gov.br> (com adaptações).

16. (Cespe – Caixa – Técnico Bancário – 2014)

Julgue o próximo item, relativo às ideias expressas no texto ao lado e a aspectos linguísticos desse texto, como Certo (C) ou Errado (E).

No trecho "devido à oscilação de seu valor, pelo fato de não serem fracionáveis e por serem facilmente perecíveis" (l. 8-9), a substituição dos elementos sublinhados por **ao** e **a**, respectivamente, preservaria a correção gramatical e o sentido original do texto.

Leia o texto a seguir para responder à questão 17.

O fator mais importante para prever a *performance* de um grupo é a igualdade da participação na conversa. Grupos em que poucas pessoas dominam o diálogo têm desempenho pior do que aqueles em que há mais troca. O segundo fator mais importante é a inteligência social dos seus membros, medida pela capacidade que eles têm de ler os sinais emitidos pelos outros membros do grupo. As mulheres têm mais inteligência social que os homens, por isso grupos mais diversificados têm desempenho melhor.

Gustavo Ioschpe. *Veja*, 31/12/2014, p. 33 (com adaptações)

17. (Cespe – FUB – 2015)

Julgue o item seguinte como Certo (C) ou Errado (E), referente às ideias e às estruturas linguísticas do texto acima.

Na linha 2, a supressão do termo “ em” manteria a correção gramatical e o sentido original do período.

Leia o texto a seguir para responder à questão 18.

A metrópole de São Paulo vem se tornando mais heterogênea econômica, social e espacialmente e menos desigual quanto a renda, inserção no mercado de trabalho e condições de vida de seus habitantes, mesmo nas áreas mais precárias. A imagem emerge dos treze ensaios que compõem o livro **A Metrópole de São Paulo no Século XXI – Espaços, Heterogeneidades e Desigualdades**, os quais abordam temas específicos, a partir de um diagnóstico comum, para construir um panorama atual da região metropolitana. Tal retrato resulta das mudanças de diversas dimensões pelas quais a metrópole passou na última década, do perfil da pobreza às dinâmicas migratórias e ligadas ao crescimento demográfico, dos moldes de segregação social à produção habitacional e à mobilidade urbana.

A fisionomia da metrópole, central na economia do país, reflete a conjuntura de modo especial, segundo o organizador. Assim, tiveram impactos particulares na região metropolitana a redemocratização, na década de 80 do século XX (com a volta das eleições regulares e com a constituição de sistemas nacionais de políticas públicas), estabilização econômica, a abertura do mercado interno da década de 90 e o crescimento econômico vigoroso da primeira década do século XXI.

Disponível em: <www.fflch.usp.br> (com adaptações).

18. (Pref. SP – Agente Gestão P. Públicas – Cespe – Maio/2016)

Seriam mantidas a coerência e a correção gramatical do texto IV, caso a forma verbal “ tiveram” (L. 10) fosse substituída por:

a) possuíram.

b) sofreram.

c) realizaram.

d) houve.

e) causaram.

Leia o texto a seguir para responder à questão 19.

Texto 1 – Problemas Sociais Urbanos

Dentre os problemas sociais urbanos, merece destaque a questão da segregação urbana, fruto da concentração de renda no espaço das cidades e da falta de planejamento público que vise à promoção de políticas de controle ao crescimento desordenado das cidades. A especulação imobiliária favorece o encarecimento dos locais mais próximos dos grandes centros, tornando-os inacessíveis à grande massa populacional. Além disso, à medida que as cidades crescem, áreas que antes eram baratas e de fácil acesso tornam--se mais caras, o que contribui para que a grande maioria da população pobre busque por moradias em regiões ainda mais distantes.

Essas pessoas sofrem com as grandes distâncias dos locais de residência com os centros comerciais e os locais onde trabalham, uma vez que a esmagadora maioria dos habitantes que sofrem com esse processo são trabalhadores com baixos salários. Incluem-se a isso as precárias condições de transporte público e a péssima infraestrutura dessas zonas segregadas, que às vezes não contam com saneamento básico ou asfalto e apresentam elevados índices de violência.

A especulação imobiliária também acentua um problema cada vez maior no espaço das grandes, médias e até pequenas cidades: a questão dos lotes vagos. Esse problema acontece por dois principais motivos: 1) falta de poder aquisitivo da população que

possui terrenos, mas que não possui condições de construir neles e 2) a espera pela valorização dos lotes para que esses se tornem mais caros para uma venda posterior. Esses lotes vagos geralmente apresentam problemas como o acúmulo de lixo, mato alto, e acabam tornando-se focos de doenças, como a dengue.

PENA, Rodolfo F. Alves. "Problemas socioambientais urbanos"; Brasil Escola. Disponível em http://brasilescola.uol.com.br/brasil/problemas-ambientais-sociais-decorrentes-urbanização.htm. Acesso em 14 de abril de 2016.

19. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

" que vise à promoção de políticas de controle"; nesse segmento de texto 1 emprega-se corretamente a regência do verbo *visar*, que muda de sentido conforme seja transitivo direto ou transitivo indireto.

O verbo abaixo em que NÃO ocorre a mesma possibilidade de dupla regência e duplo sentido é:

a) aspirar;

b) assistir;

c) carecer;

d) chamar;

e) precisar.

20. (BB – Escriturário – Cesgranrio – Out./2015)

De acordo com as regras de regência verbal estabelecidas pela norma-padrão da Língua Portuguesa, o elemento destacado está adequadamente empregado em:

a) Os inadimplentes infringem aos regulamentos estabelecidos pelas financeiras ao deixar de cumprir os prazos dos empréstimos.

b) Os comerciantes elogiaram aos bancos às medidas tomadas a favor de seus empreendimentos.

c) Vários executivos procuram realizar cursos de especialização porque cobiçam aos estágios mais avançados da carreira.

d) Os funcionários mais graduados das grandes empresas aspiram aos melhores cargos tendo em vista o aumento de seu poder aquisitivo.

e) Algumas grandes empresas responsáveis pelas redes sociais ludibriam aos princípios estabelecidos por lei ao permitir postagens agressivas.

21. (SEED-SP – An. Administrativo – Vunesp – Maio/2016)

Assinale a alternativa em que o trecho, adaptado da revista *IstoÉ*, edição de 06.03.2013, está correto quanto à colocação pronominal, à regência e à concordância.

a) No Rio, o que se entende por zona portuária reúne os bairros da Saúde, Gamboa e Santo Cristo, além dos morros da Conceição, Pinto, Providência e Livramento. Todos passarão por processos de revitalização urbana intensa até 2016.

b) No Rio, o que entende-se de zona portuária reúnem os bairros da Saúde, Gamboa e Santo Cristo, além dos morros da Conceição, Pinto, Providência e Livramento. Todos passarão por processos de revitalização urbana intenso até 2016.

c) No Rio, o que entendem-se por zona portuária reúnem os bairros da Saúde, Gamboa e Santo Cristo, além dos morros da Conceição, Pinto, Providência e Livramento. Todos passarão por processos de revitalização urbana intenso até 2016.

d) No Rio, o que entende-se pela zona portuária reúne os bairros da Saúde, Gamboa e Santo Cristo, além dos morros da Conceição, Pinto, Providência e Livramento. Todos passarão por processos de revitalização urbana intensa até 2016.

e) No Rio, o que se entendem em zona portuária reúne os bairros da Saúde, Gamboa e Santo Cristo, além dos morros da Conceição, Pinto, Providência e Livramento. Todos passarão por processos de revitalização urbana intensos até 2016.

22. (IPSMI – Procurador – Vunesp – Abril/2016)

A alternativa que apresenta, nos parênteses, regência verbal de acordo com a norma-padrão, em substituição à expressão destacada no trecho do texto, é:

a) ... empurram e **atropelam as outras** para entrar primeiro no vagão do trem (pisoteiam nas outras).

b) ...quando chega a casa já está na hora de **ir para o trabalho**. (dirigir-se no trabalho).

c) passou tardes longas **vendo pela milésima vez a segunda temporada** de " Grey's Anatomy" (assistindo pela milésima vez à segunda temporada).

d) ...e ambos **perceberam que a felicidade** é uma questão de tempo (conscientizaram-se que a felicidade).

e) ...se ela não **tivesse tanto tempo** não teria nem tempo para falar do tempo (dispusesse a tanto tempo).

23. (Unesp – Ass. Administrativo I – Vunesp – Abril/2016)

A alternativa que reescreve a passagem – Ser menino também pode não ser fácil, principalmente se os pais acreditarem que podem definir o que ele deve sentir ou gostar – apresentando regência de acordo com a norma-padrão é:

a) Ser menino também tende a não ser fácil, principalmente se os pais se puserem a definir aquilo de que ele deve gostar e o que deve sentir.

b) Ser menino também não costuma de ser fácil, principalmente se os pais se dispõem em definir do que ele deve sentir e gostar.

c) Ser menino também corre o risco de não ser fácil, principalmente se os pais decidirem a definir o que ele deve de gostar e sentir.

d) Ser menino também implica em dificuldades, principalmente se os pais se meterem em definir naquilo que ele deve sentir e no que deve gostar.

e) Ser menino também representa dificuldade, principalmente se os pais se intrometerem de definir o que ele deve gostar e do que deve sentir.

24. (Unifesp – Técnico Seg. Trab. – Vunesp – Abril/2016)

Muitos pensam em desistir _____ uma carreira, pois acreditam que não estejam aptos _____ enfrentar o difícil exame do vestibular.

Em conformidade com a norma-padrão, as lacunas da frase devem ser preenchidas, respectivamente, com:

a) de ... à

b) a ... em

c) em ... de

d) de ... para

e) à ... a

25. (MPE/SP- Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Assinale a alternativa correta quanto à regência verbal, de acordo com a norma-padrão.

a) Todos perdoavam do defeito ao Joaquim por não ser culpa dele.

b) Todos perdoavam o defeito para o Joaquim por não ser culpa dele.

c) Todos perdoavam ao defeito do Joaquim por não ser culpa dele.

d) Todos perdoavam o defeito ao Joaquim por não ser culpa dele.

e) Todos perdoavam ao defeito no Joaquim por não ser culpa dele.

Leia o texto a seguir para responder à questão 26.

Japão irá auxiliar Minas Gerais com a experiência no enfrentamento de tragédias

Acostumados a lidar com tragédias naturais, os japoneses costumam se reerguer em tempo recorde depois de catástrofes. Minas irá buscar experiência e tecnologias para superar a tragédia em Mariana

A partir de janeiro, Minas Gerais irá se espelhar na experiência de enfrentamento de catástrofes e tragédias do Japão, para tentar superar Mariana e recuperar os danos ambientais e sociais. Bombeiros mineiros deverão receber treinamento por meio da Agência de Cooperação Internacional do Japão (Jica), a exemplo da troca de experiências que já acontece no Estado com a polícia comunitária, espelhada no modelo japonês Koban.

O terremoto seguido de um tsunami que devastou a costa nordeste do Japão em 2011 deixando milhares de mortos e desaparecidos, e prejuízos que quase chegaram a US$ 200 bilhões, foi uma das muitas tragédias naturais que o país enfrentou nos últimos anos. Menos de um ano depois da catástrofe, no entanto, o Japão já voltava à rotina. É esse tipo de experiência que o Brasil vai buscar para lidar com a tragédia ocorrida em Mariana.

(Juliana Baeta. Disponível em: http://www.otempo.com.br, 10.12.2015. Adaptado.)

26. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Assinale a alternativa correta quanto à norma-padrão e aos sentidos do texto.

a) As parcerias nipo-brasileiras pautam-se em cooperação para contornar as tragédias.

b) Tanto o Brasil quanto o Japão estão certos que as parcerias nipo-brasileiras renderão bons frutos.

c) A experiência do Japão mostra que não há como discordar com as parcerias nipo-brasileira.

d) A catástrofe vivida em Mariana revela de que são importantes as parcerias nipos-brasileiras.

e) Não se pode esquecer a irrelevância dos momentos de tragédia e das parcerias nipo-brasileira.

27. (Unesp – Assistente Administrativo – Vunesp – Fev./2016)

Assinale a alternativa em que a expressão entre colchetes substitui corretamente aquela destacada em negrito, segundo a norma-padrão.

a) Se uma despesa avança em velocidade **incompatível com a** receita... [que não harmoniza-se da]

b) ... só há dois caminhos **para corrigir a** distorção... [que corrige-se a]

c) O orçamento de um governo é **semelhante ao** de uma pessoa comum. [comparável como]

d) Mas quem já paga tributos (muitos) **não vê com bons olhos** tal alternativa. [não mostra-se favorável de]

e) ... o sistema ativo **é insuficiente para garantir** o funcionamento da engrenagem... [não encontra-se apto à garantir]

Gabarito: 1. b; 2. b; 3. c; 4. c; 5. a; 6. e; 7. c; 8. c; 9. c; 10. d; 11. d; 12. c; 13. d; 14. C; 15. C; 16. E; 17. E; 18. d; 19. c; 20. d; 21. a; 22. c; 23. a; 24. d; 25. d; 26. a; 27. c.

19 CRASE

19.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

A crase é a fusão de duas vogais iguais. Na escrita, esse fenômeno vem marcado com o acento grave.

As **justificativas** para o uso do acento grave **são duas**:

1ª justificativa: casos de contração
a) preposição a + artigo definido a (a + a(s) = à(s)).
b) preposição a + pronomes demonstrativos a(s)(= aquela(s)), aquele(s), aquela(s), aquilo.
c) preposição a + pronome relativo a qual/as quais.

Importante: No caso de contração de preposição **A** com artigo feminino A, a preposição aparece por exigência de um verbo (regência verbal) ou de um nome (regência nominal). O artigo, por exigência de um substantivo feminino. Veja o modelo:
"Os universitários leem como se assistissem [a] à [a] televisão com um controle remoto."

Uma maneira prática de saber se a palavra feminina aceita ou não artigo é usá-la na função de sujeito. Na **ordem direta**, você diria "A televisão nos diverte" ou "Televisão nos diverte"? Com certeza, usaria a primeira forma. Portanto, a palavra "televisão" aceita artigo feminino. Se o verbo ou o nome não pedir preposição **A** ou se a palavra seguinte não aceitar artigo feminino, não ocorrerá o fenômeno da crase.

Essa explicação vai servir para mostrar os casos **em que há** o acento grave, **em que não há** e quando o uso do acento é **facultativo**.

Vejamos alguns exercícios comentados.

Complete as lacunas das frases usando a, à, as, às.

1. Cheguei cedo ( ) ___ ( ) repartição.
2. Pediram ( ) ___ ( ) jovem que comparecesse ( ) ___ ( ) secretaria.
3. Fiz alusão ( ) ____ ( ) crianças.
4. Fui ( ) ____ ( ) Grécia ano passado.
5. Fui ( ) ____ ( ) Brasília de minha infância.
6. Obedeça ( ) ____ ( ) senhorita/senhora/madame.

Comentários:

Nas frases de 1 a 6, observa-se a presença da preposição **a** exigida por "chegar [a]", "Pediram [a]... comparecessem

[a]", "alusão [a]", "Fui [a] e "Obedeça [a]". Como as palavras femininas que se seguem aceitam **artigo feminino** ("a [a] repartição", "[a] jovem… [a] secretaria", " [as] crianças, "[a] Grécia", " [a] Brasília de minha infância" e [a] senhorita/senhora/madame", ocorre o fenômeno da crase. Portanto, temos a fusão da preposição a com artigo definido a.

Aqui, vale um recado sobre as frases 4 e 5:

Atenção nas frases 4 e 5: Quando aparece nome de lugar (Grécia, Brasília...), para saber se aceita ou não artigo, procedemos da mesma maneira como foi apresentado na teoria: se, na função de sujeito, pudermos usar o artigo é porque o nome do lugar aceita. Caso contrário, só aparece a preposição a. Por exemplo:

– A Grécia é um país que me encanta. (aceita artigo)

(suj.)

– Brasília é a capital do Brasil (e não A Brasília é...; logo, Brasília não aceita artigo). No entanto, se o nome do lugar vier determinado, usaremos o artigo.

Na frase 6, o verbo "obedecer" pede preposição A e os pronomes de tratamento "senhorita", "senhora" e "madame" aceitam o artigo A. Mais à frente, veremos os pronomes de tratamento que não aceitam o artigo A.

As frases de 1 a 6 são exemplos de contração de preposição **a** + artigo feminino **a.**

Respostas: 1. à; 2. à; 3. às; 4. à; 5. à; 6. à.

7. Fiz referência ( ) ___ que gesticulava freneticamente.

8. Emprestei o livro ( ) aquela velha amiga.

9. Emprestei o livro ( ) aquele velho amigo.

Comentários:

Nas frases 7, 8 e 9, há contração de preposição **a** com **pronomes demonstrativos**: "Fiz referência [a] + a (= aquela) que gesticulava", "Emprestei o livro [a] + aquela" e "Emprestei o livro [a] + aquele".

Na frase 7, aparece o **a** como pronome demonstrativo. Aqui, vale um recado:

O pronome demonstrativo a(s) aparece, geralmente, antes de que relativo ou de preposição de, quando fica claro o valor semântico de demonstrativo. Observe:

"Refiro-me à (= àquela) da direita."

"Refiro-me à (= àquela) que chegou de branco."

Respostas: 7. à; 8. àquela; 9. àquele.

10. A moça a qual me referi [ ] era uma velha amiga.

Comentários:

A frase 10 mostra o pronome relativo a qual, que introduz oração adjetiva e já possui a letra a. Com esse conectivo, haverá acento no a do a qual se, dentro da oração adjetiva, algum termo pedir preposição a. Observe:

… a qual me referi (*Eu me referi a*). Logo, a preposição *a* do verbo *referir-se* encontra-se com o *a* de *a qual*: *… à qual me referi…*

Resposta: 10. à qual.

Crase obrigatória: – preposição a + artigo definido a(s) (frases 1 a 6) – preposição a + pronomes demonstrativos a(s), aquela(s), aquele(s), aquilo (frases 7 a 9) – preposição a + pronome relativo a qual/as quais (frase 10)

11. Falou ( ) ___ ( ) João.

12. Começou ( ) ___ ( ) ventar.

13. Aludiu ( ) ___ ( ) V.Exª/você.

14. Fui ( ) ___ ( ) Brasília.

15. Ofereci ajuda ( ) ___ ( ) esta/essa/uma/qualquer pessoa.

16. Dedicou o prêmio ( ) ___ ( ) ela.

Comentários:

Importante: usaremos o código [x] para mostrar que não se usa **a**.

Nas frases de 11 a 16, ocorre apenas a presença da preposição **a**, pois *João*, nome próprio masculino, não aceita artigo feminino (*Falou* [a] [x] João); *ventar* é verbo, não vem com artigo ("Começou [a] [x] ventar"); pronomes de tratamento não aceitam artigo, exceção feita aos tratamentos senhorita, senhora e madame da frase 6.

E por que esses tratamentos aceitam artigo e V. Exª e você não aceitam? No início desse assunto mostramos uma maneira prática de saber se substantivos ou pronomes aceitam ou não artigo: iniciar uma frase na **ordem direta** (sujeito + verbo + complemento). Por exemplo:

A *senhorita*/*senhora*/*madame* aceita minhas desculpas?

Agora, você diria "A V. Exª/você aceita minhas desculpas?" ou "V.Exª/você aceita minhas desculpas?". Certamente é a última que seria usada.

Aqui, vale um recado:

Atenção: Os pronomes de tratamento não aceitam artigo, com exceção a senhorita, senhora e madame.

Teríamos, portanto, na frase 13, só a preposição ("Aludiu [a] [x] V. Exª (você)").

Na 14, seguindo o mesmo princípio, Brasília não aceita artigo – *Brasília é a capital do Brasil* ("Fui [a] [x] Brasília"). Na frase 15, os pronomes esta, essa, qualquer e o pronome indefinido uma também não aceitam artigo

(forme uma frase, na **ordem direta,** usando esses pronomes na função de sujeito e verá que não vêm com artigo – *Esta*/*Essa*/*Qualquer pessoa inteligente*). *Uma pessoa esteve procurando*, e não A esta/essa/qualquer/uma pessoa esteve te procurando. Só preposição ("Ofereci ajuda [a] [x] esta…")

Na frase 16, a mesma explicação ("Dedicou o prêmio [a] [x] ela"), já que os pronomes pessoais também não aceitam artigo. Logo, se aparece apenas um **a**, não ocorrerá o fenômeno de crase.

Respostas: 11. a; 12. a; 13. a; 14. a; 15. a; 16. a.

17. A diretora ( ) que me referi chegou.

18. A diretora ( ) quem me referi chegou.

19. A escritora ( ) cuja obra me referi ganhou um prêmio.

20. A escritora ( ) a qual admiro ganhou um prêmio.

Comentários:

As frases 17, 18 e 19 exemplificam o uso de pronomes relativos antecedidos de preposição **a**, porque também esses conectivos não admitem a presença de artigo.

Na frase 20, *a qual* não recebe acento grave porque o verbo **admirar** não pede preposição **a** (confronte com a frase **10**, em que o **a** do a qual recebe acento porque o verbo referir-se rege preposição **a**).

Respostas: 17. a; 18. a; 19. a; 20. a qual.

Atenção: Antes do pronome relativo que só haverá acento no a quando o termo anterior pedir preposição a e aparecer um a com valor de demonstrativo, o que dá para perceber com certa facilidade. Veja a frase 7 ("Fiz referência à que gesticulava freneticamente"). Na 17 isso não ocorre ("A diretora aquela que me referi?"). Certamente, numa redação, você não usaria essa construção.

Portanto, vale sistematizar:

Os pronomes relativos e a crase:

1. Ocorrerá crase nos relativos a qual, as quais, se esses pronomes vierem antecedidos de preposição, exigida por um termo (verbo ou nome) que vem após esses relativos. (frase 10)
2. Diante do pronome relativo que, normalmente não há crase, pois esse pronome não admite artigo. O a que vem antes do que é apenas preposição. (frase 17). Entretanto, o pronome relativo que poderá vir antecedido de a acentuado, quando o a(s) for demonstrativo (= aquela). (frase 7)
3. Antes de quem, cujo, cuja, cujos, cujas, jamais ocorrerá crase, pois esses pronomes não aceitam artigo. O a que os anteceder será apenas preposição. (frases 18 e 19)

21. Perdeu o gol cara ( ) cara.

Comentários:

Na frase 21, mais um caso em que nunca se usa acento grave: entre palavras repetidas. Esse a é apenas preposição.

Resposta: 21. a.

Crase proibida:
1. antes de palavra masculina;
2. antes de verbos;
3. antes de pronomes de tratamento, como V.Exª, você, Sua Excelência...; exceto com madame, senhora e senhorita;
4. com nomes de lugar que não aceitam artigo a;
5. antes de pronomes demonstrativos este, esta, esse, essa;
6. com pronomes indefinidos (alguém, nenhum...);
7. antes de artigo indefinido (um, uma);
8. entre palavras repetidas.

22. Ofereci ajuda ( ) __ ( ) Maria.

23. Fez menção ( ) ___ ( ) Cecília Meireles.

24. Ofereci ajuda ( ) ___ ( ) minha/sua/nossa amiga.

25. Ofereci ajuda ( ) ___ ( ) minha amiga e não ( ) ___ ( ) sua.

26. Corri até ( ) ___ ( ) sala.

Comentários:

Nas frases de 22 a 26, temos exemplos de uso facultativo do acento grave. São três os casos de uso facultativo:

1º) Antes de nome próprio feminino: podemos usar o artigo ou não.

"A Maria esteve te procurando" ou "Maria esteve te procurando" ("Ofereci ajuda [a] [a] ou [x] Maria")

Antes de nomes ilustres, porém, não aparece artigo.

("Fez menção [a] [x] Cecília Meireles")

2º) Antes de pronome possessivo feminino singular: podemos usar o artigo ou não.

"A minha/sua/nossa amiga chegou" ou "Minha/Sua/Nossa amiga chegou" ("Ofereci ajuda [a] [a] ou [x] minha/sua/nossa amiga").

Todavia, antes de possessivo feminino singular com substantivo feminino subentendido, acento obrigatório. Veja:

"Ofereci ajuda [a] [a] ou [x] minha amiga e não [a] [a] sua (amiga)".

3º) Após a preposição até, é facultativo o uso do acento grave, uma vez que existe até (preposição) e até a (locução prepositiva que termina em a).

Respostas: 22. à ou a; 23. a; 24. à ou a; 25. à ou a; 26. à ou a.

Crase facultativa:
1. antes de nome próprio feminino;
2. antes de pronome possessivo feminino no singular;
3. após a preposição até.

2ª justificativa: casos de locuções femininas
- adverbiais: às vezes, às pressas, à toa, à beça, às duas horas, à mingua...
- prepositivas: à beira de, à espera de, às expensas de, à moda de, à procura de...
- conjuntivas: à medida que, à proporção que.

No início deste capítulo, dissemos que as justificativas para o uso do acento grave são duas. A primeira trata da **contração** da preposição **a** mais artigo definido feminino, pronomes demonstrativos e relativo a qual.

Agora, vamos ao segundo caso: **as locuções femininas.**

Diferentemente do primeiro, aqui não temos de achar dois as. Nas locuções, a questão é semântica, ou seja, aparecem expressões femininas com ideia de tempo, intensidade, modo, lugar, proporção etc.

A sistematização em adverbiais, prepositivas e conjuntivas é por causa da forma: as prepositivas terminam em preposição (à beira de, à moda de, à espera de, à procura de...); as conjuntivas, em conjunção (à medida que e à proporção que).

Já as adverbiais não têm uma terminação característica. Sabemos que são locuções adverbiais por causa dos valores circunstanciais próprios do advérbio (tempo, lugar, intensidade...).

Seguem alguns exercícios comentados.

Use o acento grave nas locuções femininas, quando se exigir.

1. Compro sempre _____ vista, nunca _____ prazo.

2. Gostava de churrasco _____ Osvaldo Aranha.

3. Queria tudo _____ claras.

Comentários:

Não custa nada lembrar: acento nas locuções só se for feminina.

Na frase 1, só a primeira (*à vista*) é locução feminina, pois prazo é vocábulo masculino.

Na 2, embora Osvaldo seja palavra masculina, subentende-se a locução prepositiva feminina à moda de.

Em 3, às claras é uma locução adverbial feminina de modo.

Respostas: 1. à vista/a prazo; 2. à Osvaldo Aranha; 3. às claras.

4. Vivia _____ espera de um milagre.

5. Saiu _____ cinco horas _____ fim de ver um filme.

Comentários:

Na frase 4, a locução prepositiva (*à espera de*) é formada por palavra feminina. Em 5, na primeira ocorrência, a locução adverbial é feminina indicando tempo, mas na segunda ocorrência há uma locução prepositiva representada

por palavra masculina – *fim*.

Respostas: 4. à espera de; 5. às cinco horas/a fim de.

6. Chegou _____ uma hora e saiu _____ oito.

7. Estou aqui desde _____ três horas.

Comentários:

Na frase 6, as locuções são representadas por palavra feminina – *hora*. No entanto, se as expressões de hora vierem antecedidas de preposição (após, desde), não haverá acento (frase 7).

Respostas: 6. à uma hora/às oito (horas); 7. desde as três horas.

8. Sentia-se mais _____ vontade _____ medida que ia se aproximando da reta final.

9. _____ medida que tomaste desagradou a todos.

Comentários:

Na frase 8, temos, respectivamente, uma locução adverbial feminina e uma locução conjuntiva feminina com ideia de proporção.

Repare que na frase 9 não há mais a ideia de proporção. Temos aí medida funcionando como sujeito de desagradou:

" A medida que tomaste desagradou a todos".

(suj.) or. adjetiva

Respostas: 8. à vontade/à medida que; 9. A medida.

10. _____ vezes, ela faz _____ vezes do professor.

11. Fez a prova _____ lápis.

12. Andei _____ cavalo pela fazenda.

13. _____ beira do rio, admirava o quadro _____ óleo que acabara de pintar.

14. Comia, _____ pressas, um angu _____ baiana.

Comentários:

Na frase 10, só na primeira ocorrência é que há ideia circunstancial de tempo (às vezes = de vez em quando).

Na segunda passagem, essa expressão funciona como objeto direto de **faz** (" ela faz as vezes"), não possui valor adverbial, *"ela faz algo* (= as vezes)*"*

Nas frases 11 e 12, as locuções são masculinas (lápis, cavalo). Na 13, a locução prepositiva é feminina (beira), mas a palavra *óleo*, na segunda passagem, é masculina.

Na frase 14, as duas locuções são adverbiais femininas.

Respostas: 10. Às vezes/as vezes; 11. a lápis; 12. a cavalo; 13. À beira de/a óleo; 14. às pressas/à baiana.

Observações finais:
a) Antes das palavras CASA e TERRA (em oposição a bordo) não ocorrerá o acento.
Exemplos:
Retornaram rapidamente a casa.
Quando o navio atracou pudemos ir a terra.
No entanto, se vierem determinadas, haverá o acento:
Retornaram rapidamente à casa dos pais.
Iria à terra dos avós.
b) Não se usa o acento grave no a antes de palavras tomadas em sentido geral.
Exemplos:
Este pano cheira a gasolina. (Este pano cheira a álcool.)
Ela se candidatou a deputada. (Ele se candidatou a deputado.)

Repare que ao trocar por palavra masculina não aparece artigo ("cheira a álcool e não ao álcool/se candidatou a deputado e não ao deputado"), logo não aparecerá artigo antes do nome feminino.

Reconhecemos que esse caso não é de fácil percepção, mas a boa notícia é que raríssimas são as questões de concurso público que exploram esse caso. Mais um exemplo:

Viso a melhores condições de trabalho.

Esse é o caso mais comum de palavra tomada em sentido geral: usar a preposição a antes de substantivo no plural. A ausência do artigo definido *as* confirma essa indeterminação.

Marque V ou F para os casos de crase abaixo. Nas situações de crase, indique a justificativa para o acento.

1. ( ) Ele fez referência a tarefa feita por nós.

Comentários: O substantivo *referência* pede preposição *a*. A palavra *tarefa* aceita artigo.

Resposta: a frase está errada, falta o acento.

2. ( ) Traçou uma reta oblíqua a do centro.

Comentários: O adjetivo *oblíqua* exige a preposição *a*. E essa preposição vai-se encontrar com o pronome demonstrativo *a* (= *aquela*) que vem antes de *do centro* (Traçou uma reta oblíqua *a* + *a do centro*).

Resposta: a frase está errada. Falta o acento.

3. ( ) Não conheço as que saíram.

Comentários: O verbo *conhecer* é transitivo direto, não pede preposição. A palavra *as* é só pronome demonstrativo (= *aquelas*).

Resposta: a frase está certa, não há fenômeno da crase.

4. ( ) Ele se referia as que saíram.

Comentários: O verbo *referir-se* é transitivo indireto, pede preposição *a*. E essa preposição vai-se encontrar com o pronome demonstrativo *as* (= *aquelas*), que vem antes da oração *que saíram* (Ele se referia *a* + *as que saíram*).

Resposta: a frase está errada, falta o acento.

5. ( ) Apresentou-lhe a esposa.

Comentários: O verbo *apresentar*, aqui, é transitivo direto e indireto e vem seguido de dois objetos: o indireto, sob a forma de pronome (*lhe*) e o direto (*a esposa*). Ora, se *a esposa* é objeto direto, não há que se iniciar com preposição e, sem ela, não ocorre o fenômeno da crase. O *a* que aparece na frase é artigo.

Resposta: a frase está certa.

6. ( ) Era uma camisa semelhante a que o diretor usava.

Comentários: O adjetivo *semelhante* exige a preposição *a*. E essa preposição encontra-se com o pronome demonstrativo *a (= aquela)*, antes do relativo *que* (*Era uma camisa semelhante a* + *a que o diretor usava*).

Resposta: falta o acento.

7. ( ) Ele não obedecia aquele regulamento.

Comentários: *Quem obedece, obedece a alguém,* ou *a alguma coisa*. O verbo *obedecer* é transitivo indireto e vem acompanhado da preposição *a*. E essa preposição encontra-se com o *a* que inicia o pronome demonstrativo *aquele*.

Resposta: a frase está errada, deveria vir com o acento.

8. ( ) Ele desconhecia aquele regulamento.

Comentários: O verbo *desconhecer* é transitivo direto, não exige preposição. Daí o fato de o pronome demonstrativo *aquele* não ter de vir com o acento grave.

Resposta: a frase está certa.

9. ( ) Não me refiro aquilo.

Comentários: *Referir-se* é transitivo indireto, e vem acompanhado da preposição *a*. E essa preposição *a* encontra-se com o *a* do demonstrativo *aquilo*. Falta o acento de *aquilo*.

Resposta: a frase está errada.

10. ( ) Esta é a lei a qual fiz alusão.

Comentários: Atenção: trata-se de regência com pronome relativo. Organize a frase que vem após o pronome relativo. Colocando-a na ordem direta, teremos: "(Eu) fiz alusão a + a qual". Ora, daí o erro.

Resposta: falta o acento do relativo <u>a qual</u>.

11. ( ) Esta é a lei a qual desconhecia.

Comentários: Agora, temos só o pronome relativo *a qual*. O verbo *desconhecer* não exige preposição, é transitivo direto.

Resposta: a frase está certa. Não há crase.

12. ( ) Esta é a mulher a quem fiz referência.

Comentários: Organizando a frase que vem após o relativo, teríamos "(Eu) fiz referência a". Só que essa preposição que o substantivo *referência* exige não se encontra com nenhum outro *a*, pois o pronome relativo *quem* não aceita artigo.

Resposta: a frase está certa, o a de *a* quem é só preposição.

13. ( ) Ele se dedica a empresa, respeita a hierarquia e obedece as leis.

Comentários: Observe que o grande segredo do uso da crase é saber regência. O verbo *dedicar-se* é transitivo indireto. Logo, exige a preposição *a*, que vai-se encontrar com o artigo *a* de empresa. Por isso, o primeiro erro: falta o acento. Já o verbo *respeitar* é transitivo direto, não pede preposição: o *a* que vem antes de *hierarquia* é só artigo. Quanto a isso, a frase está certa. Já o verbo *obedecer* exige preposição *a*, é transitivo indireto. E a preposição *a* encontra-se com o artigo *as* que antecede *leis*. Mais uma vez, falta o acento.

Resposta: a frase reescrita de forma correta ficaria assim: *Ele se dedica à empresa, respeita a hierarquia e obedece às leis*.

14. ( ) Nas próximas férias, iremos a Suécia, a Bélgica e a Portugal.

Comentários: Com nome de lugar, mais uma dica: utilize o verbo *voltar* seguido do nome do lugar para ver se o artigo aparece. Assim, teríamos: *voltei da Suécia, da Bélgica e de Portugal*. Ora, *Suécia* e *Bélgica* admitem artigo a, mas *Portugal* não.

Resposta: a frase está errada, faltam dois acentos graves. Reescrita de forma correta, a frase ficaria assim: "Nas próximas férias, iremos à Suécia, à Bélgica e a Portugal".

15. ( ) Viajaremos a Londres e a Roma do Coliseu.

Comentários: *Londres* não admite artigo *a*: "Voltei de Londres". A palavra *Roma*, se estivesse sozinha na frase também não admitiria ("Voltei de Roma"); só que aqui se fala *da Roma do Coliseu*. O nome de lugar está seguido de determinante, por isso deve vir antecedido de artigo. Faltou o acento grave antes de *Roma*.

Resposta: a frase está errada.

16. ( ) As vezes, o pessoal sai as escondidas.

Comentários: Duas locuções femininas: uma adverbial de tempo (*às vezes*) e outra adverbial de modo (*às escondidas*). As duas, portanto, deveriam vir acentuadas.

Resposta: a frase está errada.

17. ( ) A reunião vai das cinco as seis horas.

Comentários: Observe o paralelismo estrutural que se criou na frase: antes da palavra *cinco*, tem-se a contração da preposição *de* e o artigo *as*. Antes da palavra *seis*, o mesmo não ocorreu: a preposição *a* deveria ter-se contraído ao artigo *as*. Está faltando, portanto, o acento. O certo seria dizer: "A reunião vai das cinco às seis horas".

Resposta: frase errada.

18. ( ) A reunião vai durar de cinco a seis horas.

Comentários: Trata-se de intervalo de tempo. Antes da palavra *cinco* só aparece a preposição *de*. Antes da palavra *seis*, então, só deve aparecer a preposição *a*.

Resposta: a frase está certa.

19. ( ) Só as primeiras horas da noite pôde assistir a cerimônia.

Comentários: Falta o acento da locução adverbial de tempo *às primeiras horas da noite*. Além disso, o verbo *assistir*, que é transitivo indireto, exige a preposição *a*, que se encontra com o artigo que antecede o substantivo *cerimônia*. Falta também o acento.

Resposta: a frase, reescrita de forma correta, seria: "Só às primeiras horas da noite pôde assistir à cerimônia".

20. ( ) Ao sair, bata a porta.

Comentários: O verbo *bater*, aqui, é o mesmo que *fechar*, é transitivo direto. Logo, não vem seguido da preposição **a**. O **a** que aparece antes do substantivo porta é só artigo.

Resposta: a frase está certa.

21. ( ) Ele só chegará a uma hora.

Comentários: Trata-se de locução feminina adverbial de tempo. Assim como às duas horas, às três horas, à zero hora etc. Falta o acento.

Resposta: frase errada.

22. ( ) Você deve correr até à árvore.

Comentários: Crase facultativa. Após a preposição *até*, a preposição *a* é facultativa.

Resposta: a frase está certa e poderia ter vindo também sem acento.

23. ( ) Ele está aqui desde às dez horas.

Comentários: A locução adverbial de tempo já foi iniciada com uma preposição *desde*, por isso, não aceita outra preposição *a*.

Resposta: a frase está errada, o que deveria ter vindo após a preposição *desde* é apenas o artigo *as*.

24. ( ) O diretor fazia alusão a aluna alguma.

Comentários: O substantivo *alusão* pede preposição, mas o substantivo *aluna* vem seguido de um pronome indefinido *alguma*, que lhe dá um sentido vago, indefinido. Por isso, o artigo é proibido.

Resposta: a frase está certa. O a que aparece antes de *aluna* é preposição.

25. ( ) Meu médico me proibiu de ir à festa, batizado, casamento.

Comentários: O verbo *ir* veio adequadamente seguido da preposição *a*, indicando destino, lugar. Mas a palavra *festa* está tomada em sentido geral. Observe que, na sequência, vieram outros substantivos com sentido genérico (*todo tipo de festa, batizado, casamento*...). O artigo, portanto, é proibido.

Resposta: a frase está errada.

19.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

Vamos fixar? Após fazer os exercícios, confira seu gabarito!

I. Complete com a, à, as ou às.

1. Estava habituada ____ insondável capacidade de assombro do marido.
2. Os universitários leem como se assistissem ____ televisão com um controle remoto.
3. Os bancos oferecem linhas de crédito direto ao consumidor com taxas bem inferiores ____ do comércio.
4. ____ essa hora estou dormindo, respondeu-me ela.
5. ____ uma da tarde estava solucionado o problema.
6. O aceno antigo era por uma adesão equivocada, mas movida ____ utopia.
7. Uma torneira pingando pode deixar escoar 150 litros de água ____ cada 24 horas.
8. Quem recicla ajuda ____ diminuir a montanha de lixo.
9. Não se referiram ____ qualquer reforma mas ____ de 1971.
10. ____ língua deve-se querer como ____ pátria.
11. Tudo se recolhe: lata ____ lata vai-se juntando material reutilizável.
12. A discussão era ____ propósito de reformas ortográficas.
13. Supermercados que recebem embalagens plásticas dão em troca roupas para serem doadas ____ instituições de caridade.
14. ____ semelhança do que ocorre em outros países, o Brasil ainda não tem infraestrutura para testes em larga escala.

15. Os voluntários necessários serão escolhidos ____ critério das instituições envolvidas no projeto.

16. Proponho ____ Vossa Senhoria dar, àqueles que se destacarem, oportunidades de promoção; porém espero que tal promoção não se restrinja ____ pessoas do primeiro escalão, mas aplique-se ____ todos os funcionários da casa.

17. Os voluntários deverão responder ____ perguntas de um questionário sobre seu comportamento sexual.

18. As normas jurídicas devem corroborar ____ manifestações do povo.

19. As normas jurídicas devem anuir ____ manifestações do povo.

20. O voluntário deverá informar ____ pessoas responsáveis pela pesquisa todas as reações surgidas em decorrência do tratamento.

21. Ela deve dar ____ luz em junho.

22. Mulher: todos os dias elas dão ____ luz um mundo melhor.

23. A prova teve início após ____ oito horas.

24. Saí de casa ____ uma hora ____ fim de ir ____ praia.

25. São serviços essenciais ____ essa população.

26. São serviços essenciais ____ toda e qualquer população.

27. São serviços essenciais ____ nossa população.

28. São serviços essenciais ____ nossas cidades.

29. Um jornal noticiou há dois meses que dali ____ três semanas os cidadãos teriam acesso ____ novas tecnologias que ligariam ____ América ____ Europa ____ uma velocidade equivalente ____ da luz.

30. Está em exame na Casa Civil anteprojeto de lei que instituirá um sistema de incentivo ____ redução dos acidentes e de punição das empresas que submetem seus trabalhadores ____ risco. ____ intenção é reduzir pela metade ou dobrar ____ alíquotas de contribuição para cobertura de acidentes trabalhistas, dependendo do caso. Uma empresa que esteja abaixo da média nacional de acidentes, por exemplo, pode vir ____ pagar menos. O contrário acontecerá ____ empresa que tiver registrado número de acidentes muito acima da média do seu setor. Ela poderá ter ____ alíquota duplicada.

31. Completamente excluídos das engrenagens de desenvolvimento da sociedade, os miseráveis são reduzidos ____ uma condição subumana. Seu único horizonte passa ____ ser ____ luta feroz pela sobrevivência. No lixão de Valparaíso, ____ poucos quilômetros de Brasília, há gente disputando os restos com os animais.

Gabarito: 1. à; 2. à; 3. às; 4. A; 5. À; 6. A(1); 7. a; 8. a; 9. a; à; 10. À; à; 11. a; 12. a; 13. a ou às; 14. À; 15. a; 16. a; a ou às; a; 17. a ou às; 18. as; 19. às; 20. às; 21. à(2); 22. à(2); 23. as(3); 24. à; a; à; 25. a; 26. a; 27. a ou à (facultativo); 28. às; 29. a; às ou a; a; à; a; à; 30. à; a; A; as; a; à; a; 31. a; a; a; a.

19.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Finalmente, as questões de concursos comentadas.

1. (Fundec/Técnico – TRT) No trecho "entidade vinculada à Delegacia Regional do Trabalho do Rio Grande do Sul", está corretamente empregado o acento indicativo da crase, fato que não ocorre em:

a) Os trabalhadores recorreram à todas as instâncias para garantir seu direito.

b) Proibiam sempre às mesmas crianças que permanecessem nas ruas.

c) Só era permitido às crianças trabalhar durante o dia.

d) O governo deixava as crianças jogadas à própria sorte.

e) À falta do que fazer, os menores invadiam as ruas da cidade.

Comentários:

Na letra A, além de *todas* estar no plural e o *a* aparecer no singular, esse pronome é *indefinido*, o que proíbe o uso do acento no *a* por não se usar artigo definido *a* antes de pronomes indefinidos.

Em B, C e D, os termos *proibiam, permitido* e *jogadas* regem preposição *a* e as palavras femininas que se seguem *(crianças* e *sorte*) aceitam artigo feminino *a*. Na opção E, o acento ocorre por *à falta de* ser locução prepositiva feminina. Repare: em B, C e D, há exemplos de **contração** de preposição *a* + artigo feminino *a*; em E, caso de **locução feminina.**

Resposta: A.

2. (Fundec) A alternativa em que NÃO pode ocorrer o fenômeno da crase é:

a) Ninguém respondeu até hoje as perguntas sobre o assunto.

b) Só mesmo um deus perdoaria a seus flagelados.

c) Ele acabou obedecendo a vontade de seus pais.

d) Tais medidas visam a segurança de todos.

e) Cheguei a Itália em plena primavera!

Comentários:

O comando da questão pede para se assinalar a alternativa em que **não** se deve usar o acento grave. Na opção A, teríamos em "responder às perguntas", o encontro da preposição *a* (*respondeu a*) com o artigo feminino *as* (*as perguntas*). Em B, não haveria acento, pois aquele *a* não pode receber acento, já que *flagelados*, além de ser vocábulo masculino, está no plural. Portanto, o *a* em "a seus flagelados" é apenas preposição.

Em C, D e E, os verbos *obedecer*, *visar* e *chegar* regem preposição *a* e as palavras *vontade*, *segurança* e *Itália*

aceitam artigo *a*.

Resposta: B.

3. (FCC) A crase deverá ser empregada na seguinte alternativa:

a) As cidades as quais me refiro são estâncias turísticas.

b) Os alunos a quem me dirijo são inteligentes.

c) Encaminharei o discurso a Vossa Senhoria.

d) O documento visava a elucidar dúvidas.

e) Trata-se de pintura a óleo.

Comentários:

Na letra A, aparece o relativo *as quais*. Como vimos na teoria, com esse pronome, se na sequência, algum termo pedir preposição *a*, haverá o acento (em "às quais me refiro", o verbo *referir-se* pede preposição *a*).

Nas outras opções, só aparece a preposição *a,* pois *quem, Vossa Senhoria, elucidar* e *óleo* não pedem artigo definido feminino.

Resposta: A.

4. (FCC) _____ beira do leito, assistiu _____amiga. Hora _____hora, minuto _____minuto, sempre _____espera de um milagre.

a) A – à – à – a – à

b) À – a – a – a – à

c) A – a – a – a – à

d) A – a – à – à – à

Comentários:

Na passagem *à beira do leito*, temos uma locução prepositiva feminina. Em *assistiu à/a amiga*, como o verbo *assistir* (= dar assistência) pode ser transitivo direto ou indireto, a preposição *a* poderia aparecer ou não ("assistiu à amiga" ou "assistiu a amiga").

Entre palavras repetidas, não haverá jamais acento no *a* (*hora a hora/minuto a minuto)*. Por fim, em *à espera de*, tem-se mais uma locução prepositiva feminina.

Resposta: B.

5. (FCC) O poeta aspirava _____ felicidade, mas sem _____ volta da amada ele não _____ obteria. A afirmativa que completa corretamente as lacunas da frase acima é:

a) A – À – A

b) À – A – A

c) A – À – À

d) À – A – À

e) À – À – À

Comentários:

Na passagem *aspirava à felicidade*, o verbo *aspirar* (= desejar, almejar) pede preposição *a* e *felicidade* é palavra feminina que aceita artigo *a.* Em *sem a volta*, esse *a* é apenas artigo, já que nenhuma palavra anterior pede preposição *a*, o que aparece é a preposição *sem*. Já o *a* de *ele não a obteria* é pronome pessoal oblíquo, que retoma o substantivo *felicidade.*

Resposta: B.

6. (FCC) Disposto _____ recomeçar, o auxiliar judiciário referiu-se _____ palavras de apoio que ouviu, _____ entrada do serviço.

a) à – às – a

b) à – às – à

c) a – as – a

d) a – às – à

e) a – as – à

Comentários:

Em *Disposto a recomeçar*, *recomeçar* é verbo, portanto, não aceita artigo. Já em *referiu-se às palavras*, *referir-se* rege preposição *a* e *palavras,* substantivo feminino, aceita artigo feminino plural. Na expressão *à entrada do serviço*, há uma locução prepositiva feminina *à entrada de.*

Resposta: D.

7. (FCC) Ele aprendeu ____tempo que a obediência ____ leis dignifica o cidadão devotado ____ pátria.

a) há – as – a

b) a – às – a

c) há – as – à

d) à – às – à

e) há – às – à

Comentários:

No início do período, temos uma passagem em que aparece uma expressão que indica tempo decorrido, passado. Logo, não usaremos a preposição *a*, e sim o verbo *haver*, para mostrar essa ideia. Em *obediência às leis*, o nome *obediência* pede preposição *a* e *leis* aceita artigo feminino plural *as,* o que também ocorre em *devotado à pátria* (*devotado a + a pátria*).

Resposta: E.

8. (Senado – Analista) "É sabido que a terra não pertence aos índios; antes, são eles que pertencem à terra." No período acima, utilizou-se corretamente o acento indicativo de crase antes da palavra terra. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.

a) Voltarei à terra natal.

b) A sonda espacial retornará em breve à Terra.

c) Quando chegamos à terra, ainda sentíamos em nosso corpo o balanço do mar.

d) Eu me referia à terra dos meus antepassados.

e) Havendo descuido, a areia será misturada à terra.

Comentários:

Sabemos que *terra*, com o sentido de *chão firme*, fazendo oposição a *bordo,* não aceita artigo, por isso não pode vir antecedida de *a* com acento indicativo de crase, mas, em todos os outros sentidos, a palavra *terra* poderá vir antecedida de crase (se vier seguida de expressão determinante, se for o planeta Terra etc.).

Na frase do enunciado, *terra* não vem com esse sentido de oposição a bordo, tem o sentido de *solo*, *território*. Por isso, como o verbo *pertencer* é transitivo indireto e a palavra *terra* aceita artigo, houve a crase. A banca pedia a única alternativa com erro.

Nas letras A e D, a palavra *terra* vem especificada, seguida respectivamente dos determinantes *natal* e *dos meus antepassados*. Por isso, nas duas alternativas, *terra* aceita artigo e veio antecedida de *a* com acento indicativo de crase.

A letra B também está correta, já que o verbo *retornar* pede a preposição *a* indicando direção e o substantivo *Terra* (planeta) aceita artigo a.

Na letra C, *terra* vem com o sentido contrário a bordo, o que se pode perceber pela continuidade da frase ("… o balanço do mar"). Logo, embora o verbo *chegar* deva vir seguido da preposição *a* indicando direção, destino, o substantivo *terra* não aceita artigo. Por isso, o acento veio de forma indevida.

Na letra E, o verbo *misturar* vem seguido da preposição *a* e a palavra *terra* aceita artigo, já que não vem com o sentido contrário a bordo, como ocorreu na alternativa C.

Resposta: C.

9. (Cesgranrio/Petrobras – Bio) O sinal indicativo de crase deve ser usado somente no **a** presente em:

a) Mas a dor de dente pode passar a ser um problema.

b) Os pais costumam levar a seus filhos a obrigação de serem felizes.

c) Não se deve dar importância a chamada da capa da revista.

d) Os livros publicados por universidades devem ser levados a sério.

e) O dinheiro não traz a felicidade que se imagina, quando se luta por ele.

Comentários:

Na letra A, não há crase em nenhuma das ocorrências do vocábulo *a:* o primeiro *a* é artigo do substantivo *dor* e o segundo *a* é preposição que liga verbos de uma locução verbal (já que verbo não pode vir antecedido de artigo *a*).

Na letra B, o verbo levar é transitivo direto e indireto: vem com o objeto direto (*a obrigação de serem felizes*) e indireto (*a seus filhos*). Apesar de o verbo pedir a preposição *a*, o pronome possessivo masculino *seus* não admite artigo feminino. Daí na letra B não ocorrer a crase. Além disso, o outro *a* que aparece na frase é artigo de *obrigação*.

Já na letra C, o verbo *dar* pede dois complementos: um objeto direto (*importância*) e outro indireto (*à chamada da capa de revista*). Além disso, o substantivo *chamada* aceita artigo *a.* Portanto, o sinal indicativo de crase deveria estar presente na frase.

Na letra D, *a sério* é locução adverbial masculina, portanto, não aceita crase. E, na letra E, o verbo *trazer* é transitivo direto e não pede a preposição *a*. O *a* que aparece antes de *felicidade* é apenas artigo.

Resposta: C.

10. (FCC/PGE) Uma floresta secundária apresenta, segundo estudo recente, biodiversidade semelhante ____ da floresta original, embora haja especialistas que contestam o fato de que as matas da segunda geração evoluam de modo ____ garantir as condições ideais de sobrevivência ____ cada uma das espécies.

As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas por:

a) à – a – à

b) à – a – a

c) a – à – a

d) à – à – a

e) a – à – à

Comentários:

O adjetivo *semelhante* rege preposição *a*. E essa preposição se encontra com o pronome demonstrativo *a* (= aquela) em *da floresta original*. Assim, o que temos é *biodiversidade semelhante a + a da floresta original*. Logo, o primeiro *a* é com acento.

A locução prepositiva *de modo a* termina com a preposição *a,* mas o verbo garantir não aceita artigo feminino *a.* Portanto, o segundo *a* não vem com acento grave.

O verbo *garantir* nessa frase é transitivo direto e indireto, e vem seguido do objeto direto *as condições ideais de sobrevivência* e do objeto indireto *a cada uma das espécies.* Ora, ainda que o verbo peça a preposição *a*, antes do seu objeto indireto, o pronome indefinido *cada* não aceita artigo definido *a.* Por isso, o terceiro *a* do período também não vem com acento grave.

Resposta: B.

11. (FCC/DPE – SP – Superior) A presença do sinal indicativo de crase ou sua ausência estão inteiramente corretas na frase:

a) A publicidade, destinada a convencer pessoas à consumir determinados produtos, deve respeitar às normas morais vigentes na sociedade.

b) Peças publicitárias, vistas como obras de arte, não deveriam estar sujeitas à certos padrões sociais de comportamento.

c) A publicidade objetiva atingir à um público consumidor, a quem uma marca deverá ser ou parecer mais atraente do que a outra.

d) Destinadas as pessoas que tenham poder aquisitivo, algumas propagandas apelam à estilos de vida mais elegantes e charmosos.

e) A propaganda destina-se a convencer pessoas à escolha de um determinado produto, percebido como superior a outro.

Comentários:

Segundo o enunciado, a banca quer a alternativa correta, ou seja: todas as alternativas, exceto uma, possuem erro, ou quanto ao *uso* da crase ou quanto à sua *omissão*.

A letra A apresenta um erro por *uso* do sinal indicativo da crase. O verbo *convencer* é transitivo direto e indireto e pede a preposição *a*, mas o verbo *consumir* não aceita artigo feminino *a.* Por isso, o uso do acento foi indevido.

A letra B também está errada: o adjetivo *sujeitas* rege preposição *a*, mas o pronome indefinido *certos*, além do fato de ser um pronome indefinido, está no masculino plural e, por tudo isso, não aceita artigo definido feminino singular *a*. A letra B tem, portanto, erro pela *presença* da crase.

A letra C apresenta o verbo *atingir* seguido da preposição *a*, mas *público consumidor* vem antecedido de artigo

indefinido *um*, não aceitando, portanto, artigo feminino singular *a.* Erro na alternativa pelo *uso* indevido do acento indicativo de crase.

Já a letra D apresenta erro por um motivo diverso das demais alternativas: o adjetivo *destinadas* rege preposição *a* e o substantivo *pessoas* aceita artigo *as.* Falta, portanto, o acento em *as* (*Destinadas a + as pessoas*): o erro aqui é pela *ausência* do acento. Além disso, logo a seguir vem outro erro: o verbo *apelar* nessa frase é transitivo indireto e vem seguido da preposição *a*, mas o substantivo *estilos* não aceita artigo *a.* Mais um erro, dessa vez pelo *uso* indevido. Dois erros, portanto, na letra D: pela omissão do acento em *as pessoas* e pelo uso inadequado em *à estilos de vida.*

A letra E está correta: o verbo *destinar-se* é transitivo indireto, mas o verbo *convencer* não aceita artigo *a.* Na continuidade da frase, mais um acerto: o verbo *convencer* é transitivo direto e indireto; vem com o objeto direto (*pessoas*) e indireto (*à escolha de um determinado produto*). Já que ele pede a preposição *a* e o substantivo *escolha* aceita artigo *a,* o acento indicativo de crase foi corretamente utilizado. Além disso, o adjetivo *superior*, embora exigisse a preposição *a,* o pronome indefinido *outro* não aceitava artigo *a.* Por isso, em *superior a outro* a ausência do sinal indicativo da crase foi correta. Na alternativa E, as três ocorrências do vocábulo *a* estavam corretas.

Resposta: E.

12. (Esaf) Assinale o item cujas lacunas devem ser preenchidas pela sequência Há-A-À.

a) Daqui _____ alguns dias, _____ diretora apresentará _____ algumas pessoas o programa.

b) _____ vários exemplares de livros _____ disposição dos que _____ secretaria indicar.

c) _____ melhor colocação receberá _____ recompensa _____ que tem direito.

d) _____ dois dias, _____ prova chega _____ banca.

e) _____ tempos, vem _____ jovem visando _____ colocação digna de seus méritos.

Comentários:

Letra A: locução prepositiva *daqui a + alguns dias*. O pronome indefinido *alguns* não aceita artigo definido *a.* Em *a diretora*, esse *a* é só artigo (*a diretora* é sujeito do verbo *apresentar*). Em *a algumas pessoas*, o *a* é preposição que rege o verbo *apresentar*, já que o pronome indefinido *algumas* também não aceita artigo. Logo, a sequência correta dessa alternativa é A-A-A;

Letra B: em *há vários exemplares de livros*, tem-se o verbo *haver*. Em *à disposição dos que*, tem-se a locução prepositiva *à disposição de*, que, por ser feminina, deve vir acentuada. Já em *a secretaria indicar*, esse *a* é artigo, já que *a secretaria* é sujeito de indicar e, por isso mesmo, não pede preposição. A sequência correta aqui seria: HÁ-À-A.

Letra C: em *A melhor colocação* o *a* é artigo, pois *a melhor colocação* é sujeito do verbo *receberá.* O *a* de *a recompensa* também é artigo já que o verbo *receber* é transitivo direto e não rege preposição. Em *a que tem direito*,

esse *a* é preposição exigida pelo substantivo *direito*. Como o pronome relativo *que* não aceita artigo *a,* esse *a* é sem acento. Aqui, teríamos: A-A-A.

Letra D: o verbo *chegar* está no presente do indicativo, mas tem valor de futuro. Logo, a expressão *a dois dias* indica tempo futuro e não tempo decorrido, como muitos que fizeram a prova pensaram. Se fosse tempo decorrido, seria o verbo *haver*, mas como é tempo futuro, deve-se usar a preposição *a.* Já o *a* de *a prova* é artigo definido, pois *a prova* é sujeito do verbo *chegar*. Por fim, em *chega à banca*, tem-se a contração da preposição *a* do verbo *chegar* com o artigo *a* do substantivo *banca.* Sequência correta da letra D: A-A-À.

Letra E: agora sim, tem-se ideia de tempo decorrido. A expressão *há dois dias* deve vir com o verbo *haver*. Em *a jovem*, o *a* é artigo definido do sujeito *a jovem*. Já em *visando à colocação*, o verbo *visar* (= almejar) rege preposição *a* e o substantivo *colocação* aceita artigo feminino *a.* Sequência para a letra E: HÁ-A-À.

Resposta: E.

13. (AFC-Esaf) Indique a sequência que preenche corretamente as lacunas indicadas com (____).

De uma forma mais genérica, _____ que substituir _____ imagem centralizada e que tende _____ uniformidade de indivíduo cidadão possuidor de alguns direitos e submetido _____ deveres igualmente abstratos, isto é, desligados das circunstâncias sociais e culturais reais, o que reduz a vida social _____ relações do indivíduo e do Estado, pela imagem invertida de uma relação _____ mais direta possível entre a identidade pessoal ou coletiva e o universo aberto da técnica, das redes de comunicações e dos mercados.

a) há, a, à, a, às, a.

b) à, à, a, à, as, a.

c) há, à, a, à, às, a.

d) a, à, à, a, às, a.

e) a, há, à, a, as, a.

Comentários:

Na expressão *há que substituir*, temos o verbo *haver*, que compõe uma locução verbal junto ao verbo *substituir* (é o mesmo que *deve substituir*). Em *a imagem centralizada*, o *a* é apenas artigo definido de *imagem,* pois o verbo *substituir* não rege preposição, é transitivo direto. Em *tende à uniformidade*, tem-se o encontro da preposição do verbo *tender* com o artigo definido *a* de *uniformidade.* O adjetivo *submetido,* no entanto, pede preposição *a,* mas o substantivo masculino plural *deveres* não aceita artigo definido *a.* Já em *reduz a vida social às relações*, tem-se o encontro da preposição *a*, exigida pelo verbo *reduzir*, que é transitivo direto e indireto, com o artigo *as* de *as relações* (*reduz a + as relações*). No trecho *uma relação a mais direta possível*, o *a* é artigo definido da expressão *a mais possível,* que estudamos em concordância nominal: por isso, não deve receber acento grave.

Resposta: A.

14. (NCE/TRF) … não seguem a instrução à risca…; o item abaixo que mostra o acento grave indicativo da crase pela mesma razão da que o justifica no segmento destacado é:

a) As crianças não devem dormir à noite com luz acesa.

b) O pediatra recomenda às mães que apaguem a luz.

c) A criança não tem direito à luz no corredor.

d) O pai deve ficar atento à miopia dos filhos.

e) A pesquisa e útil à pediatria.

Comentários:

Eis uma questão que não busca erro nem acerto quanto ao uso do sinal indicativo de crase, apenas quer que o candidato explique o porquê da utilização do acento. Ora, na teoria, vimos que só existem duas justificativas para o uso do acento grave: pelo fenômeno (o encontro de um *a* com outro *a*) ou pela locução (o acento das locuções femininas).

O acento da expressão *à risca*, do exemplo que consta no enunciado, justifica-se por ser ela uma locução adverbial feminina. Assim, o candidato deveria buscar uma frase que apresentasse a mesma explicação para o acento indicativo de crase.

Na letra A, *à noite* é locução adverbial feminina, por isso veio acentuada. Na letra B, tem-se o encontro da preposição *a* exigida pelo verbo transitivo direto e indireto *recomendar* com o artigo *as* de *as mães.* Na letra C, o substantivo *direito* rege preposição *a* e o substantivo *luz* aceita artigo *a*. Na letra D, é o adjetivo *atento* que rege a preposição *a* e a palavra *miopia* aceita artigo *a.* Na letra E, também ocorre o encontro da preposição *a*, exigida pelo adjetivo *útil*, com o artigo *a* do substantivo *pediatria.*

Logo, as letras B, C, D e E apresentam acento indicativo de crase em função de fenômeno fonético. Apenas a letra A apresenta uma locução feminina acentuada.

Resposta: A.

A seguir, questões da banca Cespe-UnB sobre regência e crase. Julgue cada assertiva como certa ou errada. Os comentários vêm abaixo de cada item. Vamos lá!

(MTE – Cespe) Julgue as alternativas a seguir, de acordo com seus respectivos textos:

Assim, poderemos assegurar seu maior acesso à terra, às fontes de trabalho, à melhor qualidade de vida, à educação, à saúde, à habitação e a outros serviços básicos.

15. Na enumeração feita, o trecho "a outros serviços básicos" poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: *à outros serviços básicos*, ou seja, com sinal indicativo de crase.

Comentários:

Ainda que o substantivo *acesso* exija a preposição *a*, o pronome indefinido *outros* não aceita artigo *a,* por ser indefinido e por estar no masculino plural.

Resposta: por isso, a assertiva está errada.

"Não conseguia dormir direito por não conseguir juntar dinheiro sequer para retornar à minha cidade e rever a família", relatou.

16. O sinal indicativo de crase em "retornar à minha cidade" é facultativo e a sua omissão preservaria os sentidos do texto e a correção das estruturas linguísticas.

Comentários:

O verbo *retornar*, de fato, deve vir seguido da preposição *a*, indicando direção, destino, e o pronome possessivo singular *minha* tem artigo facultativo. Logo, o acento grave é facultativo: sua presença ou sua ausência não implicaria erro gramatical nem mudança de sentido da frase.

Resposta: a assertiva está certa.

Em 2009, a economia brasileira deverá crescer 2,59%, resultado bem abaixo do esperado para a alta do PIB em 2008, de 5,6%. Esta é a projeção da mais recente pesquisa de projeções macroeconômicas e expectativas de mercado, feita mensalmente pela Federação Brasileira de Bancos (Febraban) junto a analistas de 33 instituições.

17. No trecho "junto a analistas de 33 instituições", poderia ter sido empregado o sinal indicativo de crase em "a", pois se trata de caso em que esse emprego é facultativo.

Comentários:

Em *junto a analistas*, tem-se a locução prepositiva *junto a* que, por sua vez, vem seguida de substantivo masculino plural, que não aceita artigo *a.* Por isso, o sinal indicativo de crase é proibido. O *a* que antecede *analistas* é preposição.

Resposta: assertiva errada.

(IPAJM – Advogado) Julgue as alternativas a seguir, de acordo com seus respectivos textos:

Nada vemos de semelhante ao que aconteceu, no plano das ideias, em outro momento de grandes transformações da técnica e também de grandes descobertas — o século XVI —, com o renascimento de um mundo esquecido e das doutrinas dos velhos filósofos da Grécia e do Oriente, e, com elas, a crítica e a dissolução de antigas crenças que davam ao homem "a certeza do saber e a segurança da ação".

18. As relações de regência entre "semelhante" e "aconteceu" permitem que o trecho "ao que" seja substituído por **àquilo que**, sem prejudicar a coerência nem a correção gramatical do texto.

Comentários:

De fato, o adjetivo *semelhante* rege preposição *a*, que, no caso do texto, encontrou-se com o demonstrativo *o*, que

antecede o relativo *que.* Ora, o que a banca propõe é a substituição de *ao* por *àquilo*, ou seja, a troca de um demonstrativo *o* por outro demonstrativo *aquilo,* acrescentando--se o acento indicativo de crase. Seria uma reescritura perfeita, não acarretaria erro gramatical nem mudança de sentido da frase.

Resposta: a assertiva está correta.

19.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (TRF3 – Técnico Judiciário – FCC – Abril/2016)

O sinal indicativo de crase está empregado corretamente em:

a) Não era uma felicidade eufórica, semelhava-se mais à uma brisa de contentamento.

b) O vinho certamente me induziu àquela súbita vontade de abraçar uma árvore gigante.

c) Antes do fim da manhã, dediquei-me à escrever tudo o que me propusera para o dia.

d) A paineira sobreviverá a todas às 18 milhões de pessoas que hoje vivem em São Paulo.

e) Acho importante esclarecer que não sou afeito à essa tradição de se abraçar árvore.

2. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

Atente para as afirmativas abaixo.

I. Em... *presta homenagem às potências dominantes*... (1º parágrafo), o sinal indicativo de crase pode ser suprimido excluindo-se também o artigo definido, sem prejuízo para a correção.

II. O acento em " têm" (2º parágrafo) é de caráter diferencial, em razão da semelhança com a forma singular " tem", diferentemente do acento aplicado a " porém" (3º parágrafo), devido à tonicidade da última sílaba, terminada em " em".

III. Os acentos nos termos " excelência" (2º parágrafo) e " necessário" (3º parágrafo) devem-se à mesma razão.

Está correto o que consta em

a) I, II e III.

b) I, apenas.

c) I e III, apenas.

d) II, apenas.

e) II e III, apenas.

3. (2014 – FCC – DPE-RS – Defensor Público)

Considerada a norma-padrão escrita da língua, afirma-se com correção:

a) Em Quanto à China, continua velada na sua longa noite, brilhando apenas para si própria, o gerúndio exprime ideia de condição.

b) Transpondo, para o discurso direto, o discurso indireto presente em ouvi o finado William Gifford Palgrave [...] perguntar ao comandante do navio que vantagem lhe parecia ter advindo da descoberta da América, a forma obtida é: " – Comandante, que

vantagem lhe parecia ter advindo da descoberta da América?”.

c) Transposição da frase “ a curiosa questão havia sido proposta seriamente para um prêmio pela Academia de Lyon” para a voz ativa gerará adequadamente a forma verbal “ propusera”.

d) Em não passa [...] “ de uma declamação oca, onde não há nada a colher”, o pronome “ onde” está devidamente empregado, como o está a palavra que se destaca em “ Gosta de falar de improviso, é aonde, na maioria das vezes, ele peca”.

e) Em “ O livro merece por isso ser conservado, mas a época em que foi escrito, 1787, não permitia ainda que se pudesse avaliar a contribuição do Novo Mundo para o bem-estar da humanidade” é necessário um reparo, pois a forma “ à época”, com acento indicativo da crase, é, no contexto, obrigatória.

4. (TRT – 14R – Téc. Jud. – Área Adminis. – FCC – Fev./2016)

No que se refere ao emprego do acento indicativo de crase e à colocação do pronome, a alternativa que completa corretamente a frase *O palestrante deu um conselho...* é:

a) à alguns jovens que escutavam-no.

b) à estes jovens que o escutavam.

c) àqueles jovens que o escutavam.

d) à juventude que escutava-o.

e) à uma porção de jovens que o escutava.

Leia o texto a seguir para responder à questão 5.

O eixo norteador da gestão estratégica de recursos humanos é a ênfase nas pessoas como variável determinante do sucesso organizacional, visto que a busca pela competitividade impõe à organização a necessidade de contar com profissionais altamente qualificados, aptos a fazer frente às ameaças e oportunidades do mercado.

Essa construção competitiva sugere que a gestão estratégica de recursos humanos contribui para gerar vantagem competitiva sustentável por promover o desenvolvimento de competências e habilidades, produz e difunde conhecimento, desenvolve as relações sociais na organização.

A gestão deve ter como objetivo maior a melhoria das *performances* profissional e organizacional, principalmente por meio do desenvolvimento das pessoas em um sentido mais amplo. Dessa forma, o conhecimento e o desempenho representam, ao mesmo tempo, um valor econômico à organização e um valor social ao individuo.

Valdec Romero. Aprendizagem organizacional, gestão do conhecimento e universidade corporativa: instrumentos de um mesmo construto. Disponível em: <www.administradores.com.br> (com adaptações).

5. (FUB – Técnico Adm. – Cespe – Mar./2015)

Julgue o item subsequente como Certo (C) ou Errado (E), relativo às estruturas linguísticas e às ideias do texto.

Na linha 2, a forma verbal “ impõe” exige dois complementos: um, introduzido pela preposição “ a” – por isso, o acento indicativo de crase em “ à organização” –; e outro, sem preposição – de que decorre o não uso da crase em “ a necessidade”.

Leia o texto a seguir para responder à questão 6.

Texto 1 – Problemas Sociais Urbanos

Dentre os problemas sociais urbanos, merece destaque a questão da segregação urbana, fruto da concentração de renda no espaço das cidades e da falta de planejamento público que vise à promoção de políticas de controle ao crescimento desordenado das cidades. A especulação imobiliária favorece o encarecimento dos locais mais próximos dos grandes centros, tornando-os inacessíveis à grande massa populacional. Além disso, à medida que as cidades crescem, áreas que antes eram baratas e de fácil acesso tornam--se mais caras, o que contribui para que a grande maioria da população pobre busque por moradias em regiões ainda mais distantes.

Essas pessoas sofrem com as grandes distâncias dos locais de residência com os centros comerciais e os locais onde trabalham, uma vez que a esmagadora maioria dos habitantes que sofrem com esse processo são trabalhadores com baixos salários. Incluem-se a isso as precárias condições de transporte público e a péssima infraestrutura dessas zonas segregadas, que às vezes não contam com saneamento básico ou asfalto e apresentam elevados índices de violência.

A especulação imobiliária também acentua um problema cada vez maior no espaço das grandes, médias e até pequenas cidades: a questão dos lotes vagos. Esse problema acontece por dois principais motivos: 1) falta de poder aquisitivo da população que possui terrenos, mas que não possui condições de construir neles e 2) a espera pela valorização dos lotes para que esses se tornem mais caros para uma venda posterior. Esses lotes vagos geralmente apresentam problemas como o acúmulo de lixo, mato alto, e acabam tornando-se focos de doenças, como a dengue.

PENA, Rodolfo F. Alves. "Problemas socioambientais urbanos"; *Brasil Escola*. Disponível em http://brasilescola.uol.com.br/brasil/problemas-ambientais-sociais-decorrentes-urbanização.htm. Acesso em 14 de abril de 2016.

6. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

No texto 1, há quatro ocorrências do acento grave indicativo da crase: " vise à promoção de políticas de controle"(1), " tornando-os inacessíveis à grande massa populacional"(2), " Além disso, à medida que as cidades crescem"(3) e " que às vezes não contam com saneamento básico"(4).

Os casos de crase que correspondem à união de preposição + artigo definido são:

a) 1 e 2;

b) 1 e 4;

c) 2 e 3;

d) 3 e 4;

e) todos eles.

7. (Basa – Médico do Trabalho – Cesgranrio – Set./2015)

Observa-se o respeito à norma-padrão, no que se refere ao uso do acento indicativo de crase, na seguinte frase:

a) A medicina do trabalho é uma área criada à quase dois séculos.

b) A Revolução Industrial propiciou à criação da medicina do trabalho.

c) À muitas empresas que cuidam bem da saúde dos trabalhadores.

d) Atribui-se aos médicos à responsabilidade pela saúde do trabalhador.

e) As empresas, em geral, visam à manutenção da força de trabalho.

8. (Liquigás – Administrador Jr. – Cesgranrio – Set./2015)

A frase em que o acento grave está empregado de acordo com a norma-padrão é:

a) É muito importante lutar contra **à** fome no país.

b) Bastantes pessoas fazem oposição **à** programas de erradicação da pobreza.

c) Temos de ser favoráveis **à** medidas que mudem a vida de todos.

d) **À** muitos anos, luta-se pelo fim da miséria.

e) A taxa de mortes por fome no Brasil é superior **à** de muitos outros países.

9. (Petrobras – Advogado Jr. – Cesgranrio – Ago./2015)

De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, o sinal indicativo da crase é obrigatório na palavra destacada em:

a) Antigamente não existiam **a** comunicação via satélite, a internet e o telefone celular, dificultando a correspondência entre as pessoas situadas em países diferentes.

b) Os processos informacionais e comunicativos dos seres estão relacionados, atualmente, **a** modernas tecnologias da informação.

c) Nos dias de hoje, a rapidez na transmissão da informação está invariavelmente associada **a** evolução da tecnologia, própria da sociedade pós-industrial.

d) Até o século passado, o sentido da palavra informação estava restrito **a** dados que eram transmitidos ao receptor com certa defasagem temporal.

e) O desenvolvimento de *hardwares* e *softwares* garante **a** operacionalização da comunicação e dos processos deles decorrentes em meios virtuais.

10. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016 – Adaptada)

Assim como nas locuções **a vapor** e **a bordo**, também não há acento indicativo de crase no seguinte texto de uma mensagem que está contextualizada entre parênteses:

a) Angu a baiana (cardápio de restaurante)

b) Peixe a moda da casa (cardápio de restaurante)

c) Sujeito a guincho (mensagem aos motoristas)

d) Obras a frente (mensagem aos motoristas)

e) Bem-vindo a Bahia (mensagem aos motoristas)

11. (ANP – Téc. Reg. Petr&Der – Cesgranrio – Jan./2016)

De acordo com a norma-padrão da Língua Portuguesa, o emprego do sinal indicativo da crase é obrigatório no vocábulo destacado em:

a) O telefone celular exerce tal fascínio sobre a população que os aplicativos ligados **a** ele têm mobilizado pessoas, independentemente do nível de escolaridade.

b) O processo de desaceleração econômica mundial não causará impedimento **a** ascensão das novas tecnologias de comunicação e informação.

c) As pessoas mais jovens (de 16 a 25 anos) assistem a cerca de uma hora **a** menos de televisão por dia do que as mais velhas (acima dos 65 anos).

d) A Pesquisa Brasileira de Mídia, realizada em 2015, considerou **a** televisão o meio de comunicação mais utilizado pelos brasileiros.

e) Os meios de comunicação começam **a** criticar o excessivo uso da internet por usuários das diversas classes sociais.

12. (Basa – Téc. Bancário – Cesgranrio – Set./2015)

O emprego do sinal indicativo de crase está adequado à norma-padrão na seguinte frase:

a) Os agricultores são expostos **à** riscos de várias naturezas.

b) Faz-se referência **à** uma porcentagem de alimentos advindos da agricultura.

c) A agricultura sustentável evita danos nocivos **à** saúde.

d) A agricultura familiar visa **à** fixar o homem no campo.

e) A agricultura familiar proporciona **à** famílias uma cesta de produtos.

13. (BB – Escriturário – Cesgranrio – Out./2015)

O sinal indicativo da crase é obrigatório, de acordo com a norma-padrão da Língua Portuguesa, na palavra destacada em:

a) O atendimento **a** necessidades de imediatismo da sociedade justifica o crescimento das formas de pagamentos digitais.

b) Os sistemas baseados em pagamentos móveis têm chamado **a** atenção pela sua propagação em todo o mundo.

c) A opção pelas moedas digitais está vinculada **a** possibilidade de diminuir as operações financeiras com a utilização do papel-moeda.

d) Algumas tendências observadas no comportamento do consumidor e nas tecnologias devem influenciar **a** infraestrutura dos bancos.

e) Os clientes tradicionais dos bancos já se acostumaram **a** utilizar suas agências para efetuar suas atividades de negócio.

14. (SEED-SP – An. Administrativo – Vunesp – Maio/2016)

Chove muito forte na cidade. Raios e trovões. Alagamentos e árvores caídas. Balanço trágico: quatro mortos e um garoto desaparecido. Em meio ao trânsito parado, dois gaiatos (expressão supercarioca) pegam suas pranchas e vão para a rua alagada surfar no asfalto. Divertem-se, gritam, como se fosse necessário buscar prazer onde só há aborrecimento e lamentação. _____ cena se repetiu anteontem _____ noite, _____ beira da lagoa Rodrigo de Freitas. Virou onda surfar debochadamente na chuva.

(Paula Cesarino Costa, Notas sobre a carioquice. *Folha de S.Paulo*, 07.03.2013)

As lacunas do texto devem ser preenchidas, correta e respectivamente, com:

a) À ... à ... à

b) A ... à ... a

c) À ... à ... a

d) A ... a ... à

e) A ... à ... à

15. (C.M. Marília-SP – Proc. Jurídico – Vunesp – Abril/2016)

Comecei _____ conversar com a aluna e entendi que caberia a mim escolher o título de seu estudo. Perguntei _____ ela o que achava de " Garruchas e punhais". Não gostou. Então, dei outra sugestão _____ moça: " O mosteiro de tijolos de feltro".

De acordo com a norma-padrão, as lacunas da frase devem ser preenchidas, respectivamente, com:

a) a … a … àquela

b) à … a … àquela

c) a … à … aquela

d) à … à … aquela

e) a … à … àquela

16. (Unesp – Ass. Administrativo I – Vunesp – Abril/2016)

Assinale a alternativa em que o sinal indicativo de crase está corretamente empregado.

a) Permite-se **à** toda criança, menino ou menina, escolher com que brincar.

b) Dá-se o direito **às** meninas de praticar caratê, por que não?

c) São crianças: não se negue **à** nenhuma delas a escolha do próprio brinquedo.

d) Não se define **à** partir de que idade se pode brincar com aparelhos eletrônicos.

e) **À** certa altura, crianças começam a jogar jogos violentos.

17. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Observe:

Acostumados _____ tragédias naturais, os japoneses geralmente se reerguem em tempo recorde depois de catástrofes.

Menos de um ano depois da catástrofe, no entanto, o Japão já voltava _____ viver a sua rotina.

Um tsunami chegou _____ costa nordeste do Japão em 2011, deixando milhares de mortos e desaparecidos.

De acordo com a norma-padrão, as lacunas das frases devem ser preenchidas, respectivamente, com:

a) a … à … à

b) à … a … a

c) às … a … à

d) as … a … à

e) às … à … a

18. (ESAF – Analista de Planejamento e Orçamento – 2015)

Leia o texto que se segue.

Na área ficcional, opondo-se 1__ inconsciência, ou seja, reagindo 2__ má consciência, haveremos de governar, dentro do possível, a obra em geral e, em particular, as personagens. Negaremos 3 __ personagens, honestamente, qualquer parcela de vontade. Cada uma será assim porque nos pareceu, quase sempre ao cabo de cálculos e ensaios, acréscimos e cortes, que assim devia ser; e está no relato porque foi necessário, porque julgamos oportuno dar-lhe uma função ainda que fosse 4__ de parecer disponível. Nem uma palavra lhes será disponível sem licença ou aprovação. Ainda que alguns dos seus remotos modelos possam existir fora de nós, só existem 5__ partir do momento em que nossas palavras o efetivam.

Quanto ao uso do sinal indicativo da crase, assinale a opção que preenche, de forma gramaticalmente correta, as lacunas do texto.

a) a (1), a (2), as (3), a (4), a (5)

b) a (1), a (2), às (3), a (4), a (5)

c) a (1), a (2), as (3), à (4), a (5)

d) a (1), a (2), às (3), à (4), a (5)

e) à (1), à (2), às (3), a (4), a (5)

Gabarito: 1. b; 2. a; 3. c; 4. c; 5. C; 6. a; 7. e; 8. e; 9. c; 10. c; 11. b; 12. c; 13. c; 14. e; 15. a; 16. b; 17. c; 18. e.

Muitos fazem desse tópico um verdadeiro "bicho de sete cabeças", mas é simples não é? Vamos resumi-lo então?

19.5. RESUMO

Em crase, memorize que há duas regras (fenômeno fonético e locuções femininas), três casos de crase facultativa (pronome possessivo feminino singular seguido de substantivo; nome próprio feminino; depois da preposição até) e três casos de crase proibida (antes de palavras tomadas em sentido geral, antes de CASA e TERRA, se vierem sem determinantes).

20 PONTUAÇÃO

20.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

20.1.1. Vírgula

Vamos começar este capítulo por **uso da vírgula**. A vírgula indica pausa de pequena duração. Primeiramente, você precisa saber que **constitui erro grave separar *sujeito* do *verbo e verbo* do *complemento* (sujeito + verbo + complemento)**. Em frases simples, curtas, sabemos que você não teria problemas. Você jamais diria *João, comeu o bolo* ou *A menina estudava, o assunto*. Mas conhecer essa regra ajudará você a não errar inclusive as questões mais rebuscadas, com trechos mais complexos. Observe como isso pode ser explorado em uma questão de concurso público:

1. (TRT-AJ/adaptado) Há erro no emprego da vírgula na frase:

a) Deixe-me, senhora.

b) Dallas, 9 de julho de 1994.

c) Aliás, isto é conhecido de todos.

d) Espero, que ele venha.

e) "O alferes continuava a dominar em mim, embora a vida fosse menos intensa, e a consciência mais débil."

Comentários:

Embora ainda não tenhamos estudado as regras para uso das vírgulas, vamos resolver esta questão item por item. Até chegarmos ao erro, que é o que agora nos interessa. Na letra A, utilizou--se a vírgula para isolar o vocativo *senhora* do restante da oração. Na letra B, a vírgula foi usada para separar, na data, o nome do lugar (*Dallas*) do restante das informações (*9 de julho de 1994*). Na letra C, a palavra de retificação *aliás* deve, mesmo, vir isolada por vírgula. A letra E apresenta a oração adverbial concessiva intercalada (*embora a vida fosse menos intensa*), e, exatamente por ter saído da ordem direta (que seria ao final da frase), veio entre vírgulas. Portanto, todas as alternativas estavam corretas, exceto a letra D: nela, separou-se o verbo (*espero*) do seu objeto direto, que veio sob forma de oração (*que ele venha*). Interessante perceber que a banca não se utilizou de um objeto direto simples, sob forma de substantivo, e sim um objeto direto oracional. Assim, ficaria mais difícil o aluno perceber o erro da frase.

Vamos, então, conhecer as regras de utilização das vírgulas? Resolvemos trabalhar da seguinte forma: a cada regra, vamos trazer frases para você treinar seus conhecimentos e algumas questões de concursos em que essas regras tenham sido utilizadas. Dividimos o uso da vírgula em *sete casos*. Para que você não tenha de decorar uma série de regras que a gramática oferece, agrupamos tudo em apenas sete situações. Vamos lá?

Caso 1 – A vírgula separa o *aposto* e o *vocativo*

1. Pedro o gerente do banco ligou e deixou um recado.

2. Xapuri importante município a 150 quilômetros da capital do Acre Rio Branco foi o principal cenário de atuação de Chico Mendes.

Comentários:

Na frase 1, *o gerente do banco* é um termo explicativo de Pedro, aposto explicativo. Como vem intercalado, entre vírgulas: *Pedro, o gerente do banco*, ligou e deixou um recado.

Na frase 2, aparecem dois apostos explicativos: *importante município a 150 quilômetros da capital* explica o termo *Xapuri*; *Rio Branco* explica a *capital* do Acre. Lembre-se da teoria do *aposto*: termo de natureza substantiva ou pronominal que se refere a outro substantivo ou pronome. Pontuada corretamente, a frase ficaria assim: Xapuri, importante município a 150 quilômetros da capital do Acre, Rio Branco, foi o principal cenário de atuação de Chico Mendes.

3. Muito bom dia senhora!

4. Pedro o gerente do banco ligou e deixou um recado.

Comentários:

Nas frases 3 e 4, temos a presença do *vocativo* (é a pessoa ou coisa personificada a quem se chama). As frases, se pontuadas corretamente, ficariam assim:

Muito bom dia, *senhora*!

Pedro, o gerente do banco ligou e deixou um recado.

Repare como uma vírgula pode mudar tudo. Confronte as frases 1 e 4:

Pedro, o gerente do banco, ligou e deixou um recado.

Pedro, o gerente do banco ligou e deixou um recado.

Na frase 1, ao se usarem as vírgulas que isolam "o gerente do banco" você tem um sentido: quer deixar claro que o termo entre vírgulas (*gerente do banco*) explica quem é Pedro; na frase 4, ao se colocar uma vírgula após *Pedro*, tem-se a intenção de *chamar* essa pessoa, e não a de explicar quem é o Pedro. Portanto, as duas frases estão corretas, cada uma com seu sentido.

Caso 2 – A vírgula separa as *enumerações* (= termos de mesma função) e certas *repetições*

5. O Brasil é o centro de origem do abacaxi do açaí do amendoim do cacau da castanha do cupuaçu do maracujá.

6. Recitava versos discursos trechos latinos e uma antologia em trinta volumes.

7. A garotada nadou nadou nadou e veio morrer na praia da ingratidão nacional.

Observe como essas frases ficariam se pontuadas corretamente:

Na frase 5, as enumerações têm a função de *adjuntos adnominais* do substantivo *origem*.

"O Brasil é o centro de origem do abacaxi, do açaí, do amendoim, do cacau, da castanha, do cupuaçu, do maracujá."

As enumerações da frase 6 são *objetos diretos* do verbo *recitava*.

"Recitava versos, discursos, trechos latinos e uma antologia em trinta volumes."

A frase 7 é um exemplo de termos repetidos:

"A garotada nadou, nadou, nadou e veio morrer na praia da ingratidão nacional."

Importante!

Confronte as frases 5 e 6:

"O Brasil é o centro de origem do abacaxi, do açaí, do amendoim, do cacau, da castanha, do cupuaçu, do maracujá."

"Recitava versos, discursos, trechos latinos e uma antologia em trinta volumes."

Você deve estar se perguntando o seguinte: por que na frase 6 aparece o conectivo *e* fechando a enumeração e na 5 não?

Vamos lá. O normal é usarmos o conectivo *e* antes do último termo da enumeração para mostrar que são *apenas* esses elementos da enumeração, que não cabe mais nenhum (frase 6).

Entretanto, quando a intenção é a de deixar em aberto esses elementos, que existem outros além dos citados, não se utiliza o conectivo *e* antes do último elemento da enumeração (frase 5). Não é muito comum não ver o *e* antes do último elemento da enumeração, não é mesmo? O que ocorre é que, nesse tipo de construção, há uma tendência de se usar o *etc.* ("… da castanha, do cupuaçu, do maracujá etc."), o que seria uma forma também aceita. É questão de preferência, de estilo.

Para finalizar, mais uma dica:

Uso da vírgula antes de etc.
O uso da vírgula antes de etc. é facultativo ("… do maracujá etc."… do maracujá, etc."), mas o uso do ponto após etc. é obrigatório.

O uso das vírgulas nas enumerações é questão muito comum em provas de concursos públicos. O Cespe-UnB é uma banca que comumente retira trechos de textos que apresentaram vírgulas em enumerações perguntando ao aluno a justificativa dessas vírgulas. Observe:

Sua metodologia é simples – por meio de conversas frequentes com a família, <u>o voluntário receita cuidados básicos para evitar que a criança morra por falta de conhecimento, como os hábitos de higiene, a administração do soro caseiro e a adoção da farinha de multimistura na alimentação</u>, que se tornou uma solução simples e emblemática contra a desnutrição. Mas o seu segredo é um só: a persistência.

1. O emprego de vírgula após "higiene" justifica-se porque isola o elemento adverbial deslocado.

Comentários:

Observe que a vírgula utilizada após *higiene* se justifica em função da enumeração *dos cuidados básicos* de que o texto falava: *hábitos de higiene, a administração do soro caseiro* e *a adoção da farinha de multimistura na alimentação*. Logo, é importante que você tenha entendido no texto que houve uma sequência de elementos enumerados, de mesma função sintática (todos eram apostos explicativos de *cuidados básicos*).

Resposta: errada.

Como era de se esperar, com porto, aeroporto e estradas arruinados ou semidestruídos, com a escassez de água, alimentos e remédios, iniciaram-se ondas de saques, e o próprio governo local transferiu a administração da crise para outros países e instituições.

2. As vírgulas após "porto" e "água" têm a mesma justificativa gramatical.

Comentários:

Em ambas as situações, o que encontramos são enumerações. Todos os termos destacados têm a mesma função sintática: a preposição *com* que inicia a expressão *com porto, aeroporto e estradas* tem valor semântico de causa. Trata-se de adjuntos adverbiais de causa enumerados. Basta colocar o período na ordem direta e você entenderá: *Iniciaram-se ondas de saques... com porto, aeroporto e estradas... com a escassez de água, alimentos e remédios...* Na verdade, o que se quer dizer é que *os saques se iniciaram por causa de portos, aeroportos e estradas arruinados e por causa da escassez de água, alimentos e remédios.* Portanto, temos uma enumeração de termos de mesma função sintática.

Resposta: certa.

Caso 3 – A vírgula marca a *omissão* da palavra; é o que chamamos de **elipse**

8. Os jovens buscam a felicidade na novidade; os velhos nos hábitos.

9. Você pretende cursar Medicina; ela Odontologia.

Comentários:

As frases 8 e 9 são exemplos da vírgula que aparece para mostrar uma palavra facilmente subentendida, independentemente de esse vocábulo já ter aparecido no texto ou não. Observe como essas frases ficariam com as vírgulas marcando a omissão dos verbos:

"Os jovens buscam a felicidade na novidade; os velhos, nos hábitos. (elipse de *buscam*)

"Você pretende cursar Medicina; ela, Odontologia. (elipse de *pretende cursar*)

Caso 4 – Separa termos *explicativos*, *retificativos*, *de situação*

10. Sua redação por exemplo tem várias frases longas que prejudicam a clareza.

11. O bêbado andava isto é cambaleava.

12. Afinal o que tens a dizer?

Comentários:

As frases 10, 11 e 12 são exemplos de expressões que denotam explicação (*por exemplo, isto é, ou melhor*...), retificação (*isto é, ou melhor*...) e situação (*afinal, então*...)

Vêm sempre separadas por vírgula – no início ou no final do período – ou vírgulas – intercalada. Assim, teríamos:

"Sua redação, por exemplo, tem várias frases longas que prejudicam a clareza."

"O bêbado andava, isto é, cambaleava."

"Afinal, o que tens a dizer?"

Caso 5 – A vírgula é utilizada para separar as *orações coordenadas* (assindéticas ou sindéticas)

13. Arrumou as malas saiu lançou-se na vida.

14. Gostava da sociedade mas não amava os sócios.

15. Não conseguiu terminar o trabalho logo sairá tarde.

16. Saia imediatamente pois quero descansar.

17. "As pessoas desejam ascender em linguagem porém insisto na verdade linguística de que os alunos sabem a língua antes mesmo de entrarem na escola."

18. "As pessoas desejam ascender em linguagem; insisto porém na verdade linguística de que os alunos sabem a língua antes mesmo de entrarem na escola."

19. Permita-me portanto cumprimentá-lo por brilhante desempenho.

20. A cada momento entravam alunos e o diretor os recebia afavelmente.

Comentários:

Na frase 13, as vírgulas separam as orações coordenadas assindéticas, orações que vêm sem conectivo:

"Arrumou as malas, saiu, lançou-se na vida."

Nas frases de 14 a 17, aparecem as conjunções coordenativas. A vírgula, nesses casos, antecede as conjunções. Veja como ficam as orações com suas devidas vírgulas:

"Gostava da sociedade, mas não amava os sócios."

"Não conseguiu terminar o trabalho, logo sairá tarde."

"Saia imediatamente, pois quero descansar."

"As pessoas desejam ascender em linguagem, porém insisto na verdade linguística de que os alunos sabem a língua antes mesmo de entrarem na escola."

Sistematizando: As orações coordenadas assindéticas devem vir separadas por vírgulas. As orações coordenadas sindéticas também: nesse caso, a vírgula virá antes da conjunção que inicia a oração.

Observe novamente as frases 18 e 19:

"As pessoas desejam ascender em linguagem; insisto, porém, na verdade linguística de que os alunos sabem a língua antes mesmo de entrarem na escola."

Permita-me, portanto, cumprimentá-lo por brilhante desempenho.

As frases 18 e 19 mostram os conectivos deslocados para o meio do período, após o verbo. Isso pode ocorrer com as conjunções *adversativas* e *conclusivas*. Quando isso acontece, a tendência é de que elas venham entre vírgulas.

Atenção: As conjunções adversativas (porém, contudo, entretanto, no entanto) e conclusivas (por isso, portanto, por conseguinte, assim) podem vir deslocadas na frase e, quando isso ocorrer, ficam entre vírgulas.

Observe, agora, as frases 18 e 19, que apresentaram conjunções deslocadas, devidamente pontuadas:

"As pessoas desejam ascender em linguagem; insisto, porém, na verdade linguística de que os alunos sabem a língua antes mesmo de entrarem na escola."

"Permita-me, portanto, cumprimentá-lo por brilhante desempenho."

Caso 6 – Separa *termos deslocados* e *orações intercaladas*

Observações:
1. Ordem direta no período simples: sujeito + verbo + complemento + (adj. adv.)
Quando alguns deslocamentos, sobretudo no período simples, não
2. comprometem o sentido essencial da frase, o uso da(s) vírgula(s) é facultativo.

Procure pontuar as frases a seguir:

21. Surpreso o garoto procura o lugar de onde vem o comando.

22. Nos tempos atuais não existe país do primeiro mundo.

23. Existe no meio rural uma violência estrutural.

24. Geralmente as oposições não gostam dos governos.

Comentários:

Na frase 21, *surpreso* é predicativo que aparece deslocado para o início do período.

"Surpreso, o garoto procura o lugar de onde vem o comando."

Nas frases 22, 23 e 24, os adjuntos adverbiais *Nos tempos atuais*, *no meio rural* e *geralmente* vêm deslocados de sua posição original, que é no final do período.

Como são expressões curtas, de fácil entendimento, que – com a(s) vírgulas(s) ou sem – não comprometem o sentido original da frase, o uso da(s) vírgula(s) é *facultativo*, ou seja, você pode usar ou não. Entretanto, numa *redação*, ao deslocar um termo de sua posição original, use sempre a(s) vírgulas(s). Nunca se sabe se o professor que vai corrigir sua redação possui ou não um posicionamento mais tradicional. Assim, em relação às frases 22, 23 e 24, teríamos:

"Nos tempos atuais(,) não existe país de primeiro mundo."

"Existe(,) no meio rural(,) uma violência estrutural."

"Geralmente(,) as oposições não gostam dos governos."

Sistematizando: Os advérbios e as locuções adverbiais deslocados, por serem termos curtos, simples, de fácil entendimento, apresentarão vírgulas facultativas.

Agora, procure pontuar adequadamente as frases a seguir:

25. Eles quando todos chegaram puderam iniciar os trabalhos.
26. O Mercosul é uma experiência que ao mexer com posturas arraigadas impõe uma nova estratégia para o conjunto da sociedade.
27. Considerando as razões apresentadas penso que a solicitação será deferida.
28. Preciso ouvir disse a mãe ao menino a causa da briga.

Comentários:

As frases 25, 26 e 27 são exemplos de *orações* deslocadas, para o início ou para o meio do período, desenvolvidas (com conjunção) ou reduzidas (infinitivo, gerúndio, particípio). Nesses casos, não teríamos mais o uso facultativo: o uso da(s) vírgula(s) é obrigatório. Assim, as frases, pontuadas corretamente, ficariam:

"Eles, quando todos chegaram, puderam iniciar os trabalhos." (oração adverbial temporal desenvolvida)

"O Mercosul é uma experiência que, ao mexer com posturas arraigadas, impõe uma nova estratégia para o conjunto da sociedade." (oração adverbial temporal reduzida de infinitivo)

"Considerando as razões apresentadas, penso que a solicitação será deferida." (oração adverbial temporal reduzida de gerúndio)

Agora, voltemos à frase 28:

Preciso ouvir disse a mãe ao menino a causa da briga.

Nela, as vírgulas devem ser utilizadas, para mostrar a intercalação de uma oração, que corresponde à fala do interlocutor.

“Preciso ouvir, disse a mãe ao menino, a causa da briga.”

Sistematizando: Com as orações adverbiais deslocadas (ou seja, retiradas do final do período), bem como com as orações intercaladas, o uso das vírgulas será obrigatório.

Veja como o Cespe-UnB lida com esse tipo de questão. A seguir, duas assertivas para você julgar como certas ou erradas.

1. O emprego de vírgula após “anos”, em “Nos próximos anos, a questão da melhoria da qualidade do ensino deve ser uma obrigação dos governantes”, justifica-se por isolar termo adverbial, com noção de tempo, deslocado do final para o começo do período.

Comentários:

Ora, temos aqui um adjunto adverbial de tempo (*nos próximos anos*) antecipado: na ordem direta ficaria ao final do período.

Resposta: assertiva correta.

Ao estabelecer a obrigatoriedade na realização dos exames pré-admissional, periódico e demissional do trabalhador, criou recursos médico-periciais voltados à identificação do nexo da causalidade entre os danos sofridos e a ocupação desempenhada.

2. A vírgula logo depois de “trabalhador” é opcional e sua retirada preservaria a correção gramatical do texto, pois os três termos da enumeração que ela tem função de marcar já estão separados pela conjunção “e”: “exames pré-admissional, periódico e demissional do trabalhador”.

Comentários:

Atenção para não confundir a vírgula que vem após *pré-admissional* com a vírgula que vem após *trabalhador:* a primeira se justifica por separar termos de uma enumeração, mas a segunda deve ser explicada por isolar a oração antecipada, que começa em *Ao estabelecer a obrigatoriedade...* e termina no vocábulo *trabalhador*. Trata-se de uma oração adverbial temporal reduzida de infinitivo, que foi deslocada do final para o início do período. A vírgula, nesse caso, é obrigatória.

Resposta: assertiva errada.

Caso 7 – A vírgula separa as orações adjetivas explicativas

Pontue as frases a seguir:

29. O Tejo que é o maior rio de Portugal nasce na Espanha.

30. João que é um grande homem ajuda a todos.

Comentários:

As frases 29 e 30 são exemplos de *meros comentários*, *termos explicativos*. O *que* das duas frases é pronome relativo, já que retoma os substantivos "Tejo" e "João". Se a oração adjetiva é *explicativa*, o uso das vírgulas é obrigatório.

"O Tejo, que é o maior rio de Portugal, nasce na Espanha."

"João, que é um grande homem, ajuda a todos."

Entretanto, se a oração é restritiva, o uso das vírgulas é proibido. Perceba:

"Só sairão mais cedo os alunos que terminaram o dever de casa."

Ora, a oração adjetiva *que terminaram o dever de casa* delimita, restringe o substantivo antecedente. Sendo assim, ela não pode ser retirada da frase, devendo, portanto, vir sem vírgulas. Observe esta assertiva retirada de uma prova do Cespe-UnB:

Sua metodologia é simples — por meio de conversas frequentes com a família, o voluntário receita cuidados básicos para evitar que a criança morra por falta de conhecimento, como os hábitos de higiene, a administração do soro caseiro e a adoção da farinha de multimistura na alimentação, que se tornou uma solução simples e emblemática contra a desnutrição.

1. O trecho "que se tornou uma solução simples e emblemática contra a desnutrição" está precedido por vírgula porque se trata de um trecho com função restritiva.

Comentários:

Perceba que a oração destacada inicia-se com pronome relativo *que*, tratando-se, portanto, de oração subordinada adjetiva. Entretanto, como se caracteriza por ser uma informação adicional, vem isolada por vírgula. Assim, ela deve ser classificada como oração subordinada adjetiva explicativa, e não como oração adjetiva restritiva, como a banca sugere.

Resposta: assertiva errada.

Sistematizando: As orações subordinadas adjetivas são aquelas que se iniciam com pronome relativo. Se restringirem, delimitarem o sentido do substantivo antecedente, virão sem vírgulas. Se forem uma informação adicional, acessória, virão entre vírgulas.

20.1.2. Ponto e vírgula

Vamos, agora, falar do ponto e vírgula? O **ponto e vírgula** é uma pausa mais longa que a vírgula e menor que o ponto. Basicamente, pode ser utilizado em duas situações:

Caso 1 – Separa orações coordenadas

31. Esforçou-se bastante; não obteve, entretanto, o reconhecimento merecido.

32. Uns estudam; outros trabalham.

Caso 2 – Separa os itens de leis, decretos, regulamentos

33. Art. 1º O núcleo... abrangerá as seguintes matérias:

a) comunicação e expressão;

b) estudos sociais;

c) ciências.

Resolução nº...art. da Lei...

Comentários:

O ponto e vírgula pode separar também orações coordenadas. É o que vemos nas frases 31 e 32.

Na 33, temos um exemplo do ponto e vírgula separando enumerações.

20.1.3. Dois-pontos

E quanto aos **dois-pontos**? Você sabe utilizá-los? Este sinal pode, basicamente, ser utilizado em duas situações. Pode dar início a fala ou citação de outrem:

34. O professor disse:

– Eu sou a razão.

Os dois-pontos podem também introduzir uma explicação, enumeração, esclarecimento:

35. Encontrei um motivo para não encontrá-lo: uma viagem de última hora.

36. São três os autores a estudar: Machado, Alencar e Drummond.

Comentários:

A frase 34 exemplifica o início da fala de outrem.

Na frase 35, os dois-pontos introduzem uma explicação, um esclarecimento da afirmação anterior.

Na frase 36, os dois-pontos dão início a uma enumeração explicativa.

20.1.4. Aspas

As **aspas** são utilizadas, normalmente, em quatro situações:

Caso 1 – Isolam uma citação

37. Algum sábio já afirmou: "Agir na paixão é embarcar durante a tempestade".

Caso 2 – Isolam estrangeirismos, arcaísmos, neologismos, gírias

38. Estamos no "hall" do hotel.

39. Ele era considerado “ persona-non-grata”.

40. Qual a “ solucionática” desta problemática?

41. Achei-o muito “ careta”.

Comentários:

As “ aspas” da frase 37 mostram as palavras de outra pessoa, e não do autor do texto.

Já nas frases 38, 39, 40 e 41 temos, respectivamente, exemplos de estrangeirismo, arcaísmo (expressão que deixou de ser usada) e neologismo (palavras novas derivadas de outras já existentes, geralmente não registradas nos dicionários) e gíria.

Caso 3 – Dar destaque a uma palavra ou expressão

42. Diga-me “ como” direi isso a ela.

Comentários:

A frase traz um exemplo de uma palavra que se quer destacar, dar expressividade. Na oralidade, diríamos: *coooomo*!

Caso 4 – Mostrar uma palavra com sentido irônico ou uma palavra em sentido diverso do usual

43. Você foi “ brilhante” ao dizer aquela asneira.

Comentários:

Na frase 43, temos um exemplo de *ironia* (diz-se o contrário do que se pensa). Se o que ele disse foi uma *asneira*, não há brilhantismo nisso.

20.1.5. Travessões

E os travessões? Empregam-se os travessões para marcar a mudança de interlocutor nos diálogos e para dar destaque ou ênfase a determinados termos. Observe as frases a seguir:

44. Apontou para Luísa e disse: – Conheces aquele ali?

45. Machado de Assis – grande romancista brasileiro – também escreveu contos.

Comentários:

A frase 44 mostra o uso do travessão marcando a mudança do interlocutor.

A frase 45 é o caso de uso mais frequente do travessão: quando se quer dar destaque ou enfatizar certas palavras ou expressões. É comum, nas questões de concurso, reescreverem trechos do texto que estão separados por travessão substituindo-o por vírgulas, o que mantém correta a construção, pois os travessões, em geral, podem ser substituídos por vírgulas.

A utilização dos travessões para dar ênfase a uma explicação do texto é um recurso muito comum na escrita e bastante

explorado pelas bancas. O Cespe-UnB tem elaborado algumas questões de reescritura de frases, que sugerem ao candidato a troca dos travessões por outro sinal de pontuação. Observe:

Em uma empresa socialmente responsável, pode-se catalisar a inteligência instalada e lhe dar uma direção e um sentido. Isso fortalece a empresa, torna-a mais competitiva, aumenta a autoestima e a dedicação dos funcionários, amplia o sentimento de pertencimento — a vida das pessoas, em vez de ser ameaçada pelo trabalho, é fortalecida por ele. Essas empresas têm melhores condições de desempenho e, portanto, de prolongar sua vida.

1. Preservam-se tanto a coerência da argumentação quanto a correção gramatical do período caso se substitua o travessão antes de "a vida" pelo sinal de dois-pontos ou pelo de ponto e vírgula.

Comentários:

Observe que o travessão foi utilizado para enfatizar uma explicação para o que o autor quis dizer com *sentimento de pertencimento*. Trata-se de um segmento explicativo enfatizado pelo travessão. Ora, a troca pelos dois-pontos ou pelo ponto e vírgula não geraria erro gramatical nem mudança de sentido da frase: só se optaria pela perda da ênfase que o travessão confere à informação.

Resposta: assertiva certa.

Nos anos 90 do século passado, o país derrotou a inflação – que corroía salários, causava instabilidade política e irracionalidade econômica. Na primeira década deste século, os avanços deram-se em direção a uma agenda social, voltada para a redução da pobreza e da desigualdade estrutural.

2. A substituição do travessão por vírgula, em "derrotou a inflação – que corroía salários", prejudica a correção gramatical do período.

Comentários:

Mais uma vez, o travessão introduz uma explicação, dando-lhe ênfase. Trata-se de uma oração adjetiva explicativa (*que corroía salários...*), que se refere ao substantivo *inflação* antecedente. Portanto, a troca do travessão pela vírgula *não* geraria erro gramatical algum à frase (a banca diz que a substituição *prejudica* a correção gramatical do período).

Resposta: assertiva errada.

20.1.6. Parênteses

Parênteses são geralmente utilizados para isolar comentários acessórios. Observe:

46. "Bem sei que só matarei alguém (que Deus me livre e guarde) se for obrigado."

Atenção: De modo geral, os parênteses são usados quando se quer acrescentar uma informação acessória, uma interferência do autor do texto.

Será que é possível, então, em um texto, substituir os parênteses pelos travessões ou vice-versa? O que queremos saber é: diante de um segmento explicativo, que vem evidenciado no texto pelo uso dos travessões, a substituição desse sinal de pontuação pelos parênteses geraria erro gramatical ou mudança de sentido da frase?

O Cespe-UnB tem feito esse tipo de pergunta em prova. Veja uma questão:

Tão logo a catástrofe do terremoto no Haiti requisitou uma ação coletiva mundial, com inúmeros atores envolvidos na ajuda humanitária – países, organizações não governamentais, empresas e os milhares de anônimos e famosos –, a situação caótica do país devastado impôs um desafio: a quem caberá a organização das próximas etapas de reconstrução do país mais pobre do Ocidente?

Mantém-se a correção gramatical do período substituindo-se os travessões (ℓ. 2 e 3) por parênteses.

Comentários:

Ora, a informação que o autor quis evidenciar no texto (*países, organizações não governamentais, empresas e os milhares de anônimos e famosos*) pelo uso dos travessões poderia ser isolada pelo uso dos parênteses. O texto continuaria gramaticalmente correto.

Resposta: assertiva correta.

Antes de concluirmos este capítulo, achamos prudente treinar mais com você, por meio de frases que fixarão os conceitos ensinados. Vamos lá?

I. Pontue as frases, quando necessário.

1. Os candidatos aguardavam ansiosos o resultado do concurso.

Comentários: O adjetivo *ansiosos*, na função de predicativo do sujeito, aparece deslocado para o meio do período, intercalado.

Lembre-se sempre da ordem direta dos termos no período simples: sujeito + verbo + complemento + adjunto adverbial.

O predicativo, aqui, aparece entre o verbo e o seu objeto (= complemento).

Resposta: Os candidatos aguardavam, ansiosos, o resultado do concurso.

***Importante*!**

O uso das vírgulas, *nessa frase*, seria facultativo. Por quê? Nunca se esqueça do princípio básico do uso facultativo da(s) vírgula(s): se com ou sem a(s) vírgula(s) o sentido continua o mesmo, há clareza, pode-se usar ou não a(s) vírgula(s). Repare nessa frase:

Os candidatos aguardavam ansiosos o resultado do concurso.

Os candidatos aguardavam, ansiosos, o resultado do concurso.

Não há truncamento de ideia, é uma frase curta de perfeito entendimento com ou sem a(s) vírgula(s).

Isso normalmente acontece com termos curtos deslocados (advérbios ou locuções adverbiais, predicativos).

Agora, você já sabe. Todo comentário em que aparecer *uso facultativo*, a explicação será a mesma:

Se você puder fazer a dupla leitura (com a pausa ou sem a pausa), e isso não alterar o sentido da frase, nem houver truncamento sintático, o uso da(s) vírgula(s) será facultativo.

2. Deixe-me senhora.

Comentários: *Senhora* é a pessoa com quem se fala, vocativo.

Resposta: Deixe-me, senhora.

3. Dallas 9 de julho de 1994.

Comentários: Esse caso é um exemplo da vírgula que se usa para separar a data do nome do lugar.

Resposta: Dallas, 9 de julho de 1994.

4. Aliás isto é conhecido de todos.

Comentários: A vírgula também separa certas expressões de explicação, retificação, situação.

Resposta: Aliás, isto é conhecido de todos.

5. Espero que ela venha.

Comentários: Aqui não há justificativa para o uso da vírgula, pois os termos já estão na ordem – sujeito + verbo + complemento: "(Eu) *Espero* (verbo) *que ele venha* (objeto direto).

Resposta: Espero que ele venha.

Lembre-se: não se usa vírgula entre sujeito e verbo e entre verbo e complemento.

6. O Brasil produz café milho arroz ouro ferro.

Comentários: Nesta frase, temos um exemplo das vírgulas que separam termos de mesma função sintática (= enumerações), são objetos diretos.

Resposta: O Brasil produz café, milho, arroz, ouro, ferro.

7. "Papai do céu dá-me uma namorada linda fiel gentil e tarada."

Comentários: Aqui temos duas justificativas: a primeira vírgula separa o vocativo e as outras, termos de mesma função (= enumerações), são adjuntos adnominais.

Resposta: "Papai do céu, dá-me uma namorada linda, fiel, gentil e tarada."

8. "O homem sensato se adapta ao mundo o insensato insiste em tentar adaptar o mundo a ele. Todo progresso depende

portanto do homem insensato."

Comentários: Na primeira ocorrência, a vírgula separa orações coordenadas. Nesse caso, poderia ser substituída por ponto e vírgula, já que esse sinal de pontuação também pode separar orações coordenadas. Na segunda e terceira ocorrências, as vírgulas intercalam a conjunção conclusiva deslocada.

Resposta: "O homem sensato se adapta ao mundo, ou; o insensato insiste em tentar adaptar o mundo a ele. Todo progresso depende, portanto, do homem insensato."

9. "Não te enganes. A vida vai tratar-te mal. Portanto se queres viver tua vida vai e toma-a."

Comentários: Aqui temos uma oração adverbial condicional ("se queres viver tua vida") *intercalada*, entre vírgulas.

Resposta: "Não te enganes. A vida vai tratar-te mal. Portanto, se queres viver tua vida, vai e toma-a."

10. Se o Brasil se tornasse independente dos empréstimos externos poderia voltar a crescer no mesmo ritmo de desenvolvimento das décadas anteriores.

Comentários: Mais uma oração adverbial condicional deslocada, só que agora para o *início* do período, uma vírgula.

Resposta: Se o Brasil se tornasse independente dos empréstimos externos, poderia voltar a crescer no mesmo ritmo de desenvolvimento das décadas anteriores.

11. Todos os candidatos publicaram os jornais devem chegar no momento azado.

Comentários: Esta frase é um exemplo de oração intercalada, um comentário acessório.

Resposta: Todos os candidatos, publicaram os jornais, devem chegar no momento azado.

12. Na Suíça delegados de 103 países grande parte com vestes africanas determinaram a proibição total da caça aos elefantes.

Comentários: A primeira vírgula é de uso facultativo, pois temos um adjunto adverbial deslocado de curta extensão, não alterando o sentido original da frase.

As outras duas vírgulas vão intercalar o aposto explicativo.

Resposta: Na Suíça(,) delegados de 103 países, grande parte com vestes africanas, determinaram a proibição total da caça aos elefantes.

20.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

Vamos fixar? Faça os exercícios a seguir e verifique o gabarito ao final!

I. Pontue as frases, quando necessário.

1. "Depois de suportar Figueiredo Sarney Collor e Itamar o brasileiro passou a duvidar até da existência de Deus."

2. Em verdade a palavra da mendiga tinha um som místico uma espécie de melodia e fazia bem fitar-lhe os olhos

encarquilhados a mão trêmula segurando o dinheiro.

3. Solicitamos a Vossa Senhoria o obséquio de verificar o valor das mercadorias recebidas.

4. "O alferes continuava a dominar em mim embora a vida fosse menos intensa e a consciência mais débil."

5. Na década de 1970 o Brasil chegou a ser o país que mais crescia no mundo. Na década perdida dos anos 80 no entanto a economia brasileira se atolou no descontrole das contas públicas.

6. "O governador do Ceará Cid Gomes é muito família. Ele não agrada apenas à sogra mas também ao sogro aos irmãos aos sobrinhos..."

7. Se dirigir não beba se beber não dirija.

8. Inscreveram-se para aquele concurso oito mil seiscentos e trinta e cinco candidatos.

9. Participaram do sorteio dois milhões quinhentos e treze mil trezentos e quinze telespectadores.

II. Coloque C (certo) ou E (errado) nas frases que se seguem em relação aos sinais de pontuação.

1. ( ) A hospitalidade tem dois aspectos: um, geral, que se refere à convivência em sociedade e se confunde com o cerimonial e a etiqueta de cada povo; o outro, específico, que estabelece relações especiais entre anfitriões e convidados.

2. ( ) Baseadas no código de honra do deserto, as relações de hospitalidade árabe, dão ao hóspede direitos exorbitantes.

3. ( ) Os poetas árabes, que tanto cantaram as virtudes do perfeito anfitrião não dizem quase nada, a respeito dos hóspedes.

4. ( ) Aquele que recebe a hospitalidade é, ao mesmo tempo, um emir, um prisioneiro e um poeta, dizem os beduínos.

5. ( ) A hospitalidade no entanto, não é medida pela abundância da comida, mas particularmente, apreciada quando se pratica apesar dos meios limitados.

6. ( ) O traço todo da vida é para muitos um desenho de criança esquecido pelo homem, e ao qual este terá sempre de se cingir sem o saber.

7. ( ) Os primeiros anos de vida foram portanto, os de minha formação instintiva ou moral, definitiva.

8. ( ) Passei esse período inicial tão remoto e tão presente, em um engenho de Pernambuco, minha província natal.

9. ( ) A população do pequeno domínio, inteiramente fechado a qualquer ingerência de fora, como todos os outros feudos da escravidão, compunha-se de escravos, distribuídos pelos compartimentos da senzala, o grande pombal negro ao lado da casa de morada, e de rendeiros, ligados ao proprietário pelo benefício da casa de barro que os agasalhava ou de pequena cultura que ele lhes consentia em suas terras.

10. ( ) No centro do pequeno cantão de escravos levantava-se a residência do senhor, olhando para os edifícios da moagem, e tendo por trás, em uma ondulação de terreno a capela sob a invocação de São Mateus.

11. ( ) O ex-presidente do Banco Central, Gustavo Franco, afirmou que o Brasil precisa ser mais assumidamente capitalista, globalizado e moderno.

12. ( ) O presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, recebeu o presidente brasileiro em Camp David.

13. ( ) Os estabelecimentos fundados por portugueses, lá pelos anos de 1618, começavam no Pará, quase sob o Equador, e terminavam em Cananéia, além do trópico.

14. ( ) Entre uma e outra capitania havia longos espaços desertos, de dezenas de léguas de extensão. A população de língua europeia, cabia folgadamente em cinco algarismos.

15. ( ) A camada ínfima da população era formada por escravos, filhos da terra, africanos ou seus descendentes.

16. ( ) Os filhos da terra eram menos numerosos pela pouca densidade originária da população indígena, pelos grandes êxodos que os afastaram da costa, pelas constantes epidemias que os dizimaram, pelos embaraços, nem sempre inúteis, opostos ao seu escravizamento.

17. ( ) Acima desta população, sem terra e sem liberdade, seguiam-se os portugueses de nascimento ou origem, sem terra, porém livres: feitores, mestres-de-açúcar oficiais-mecânicos, vivendo dos seus salários ou do feitio de obras encomendadas.

18. ( ) "É através da dinâmica institucional que se fabrica, quase sempre, o delinquente juvenil. A instituição, ao invés de recuperar, perverte; ao invés de reintegrar e ressocializar, exclui e marginaliza; ao invés de proteger, estigmatiza." *(Vicente Faleiros)*

19. ( ) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis, que, num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.

20. ( ) "… ela novamente, encheu os pulmões de ar o máximo que pôde, e seu corpo acabou arrebentando como uma bola de soprar que se enche em excesso."

21. ( ) Comprei frutas, legumes, verduras, etc.

22. ( ) "O acordo visa à criação da Área de Livre Comércio Sul-Americana (ALCSA), que estaria plenamente constituída em 2005."

Gabarito: I – 1. Depois ... Figueiredo, Sarney, Collor e Itamar, ...; 2. Em verdade, a palavra ... místico, uma espécie de melodia, e fazia ... encarquilhados, a mão...; 3. Sem vírgula; 4. Os alferes ... em mim, embora ... intensa, e a consciência...; 5. uso facultativo (Na década de 70, o Brasil ...) / (,)no entanto(,); 6. ... do Ceará, Cid Gomes, é ... à sogra, mas também ao sogro, aos irmãos, aos sobrinhos...; 7. ..., não beba; se beber, não dirija; 8. Sem vírgula (não se usa vírgula entre o milhar e as centenas. Já o milhão é separado do milhar por vírgula, e também entre o bilhão e o milhão: três milhões, quinhentos e doze mil trezentos e quinze); 9. ... dois milhões, quinhentos e treze mil trezentos e quinze ...

II – 1. C; 2. E – Após “ árabe”. Separa sujeito do verbo. 3. E – Falta a vírgula após “ anfitrião”, para intercalar a oração adjetiva explicativa. A vírgula após “ nada” é outro erro. 4. C; 5. E – Falta a vírgula após “ hospitalidade”, para intercalar “ no entanto”. Em “ particularmente” temos outra intercalação. Ou usamos duas vírgulas (antes e depois de particularmente) ou nenhuma (mas particularmente apreciada...). 6. C – O uso das vírgulas em “ para muitos” é facultativo. 7. E – “ portanto”, deslocado, entre vírgulas (, portanto,), que seria a forma mais adequada, ou nenhuma (portanto). 8. E – ... inicial, tão remoto e tão presente, ...; 9. C; 10. E – ... por trás, em uma ondulação de terreno, ...; 11. E; 12. C. Obs.: Vírgula com nomes próprios: Em (11), não podem ocorrer aquelas vírgulas, já que ex-presidente existem vários, específico, pois. Em (12), presidente há um só, explicativo, pois. Essa explicação serve para qualquer outra construção que traga estrutura semelhante: explicativa / restritiva (diretor / ex-diretor, deputado / ex-deputado...). 13. C; 14. E – A vírgula após “ europeia” separa o sujeito do verbo. 15. C; 16. C; 17. E – Falta a vírgula da enumeração após “ mestres-de-açúcar”. 18. C; 19. C; 20. E – “ Novamente” entre vírgulas ou sem vírgula alguma. 21. C. Obs.1: Nas enumerações que se encerram com “ etc.”, a tendência é usar vírgula antes do “ etc.” (ou ponto-e-vírgula ou ponto, se os elementos da enumeração vierem separados por esses sinais de pontuação). Porém, se não aparecer esse sinal antes do “ etc”, a frase continua certa. Obs.2: Após o “ etc.” devemos sempre usar o ponto. 22. C

20.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

1. (FCC/TC-PB) Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:

a) Toda vez que é pronunciada, a palavra progresso, parece abrir a porta para um mundo, mágico de prosperidade garantida.

b) Por mínimas que pareçam, há providências inadiáveis, ações aparentemente irrisórias, cuja execução cotidiana é, no entanto, importantíssima.

c) O prestígio da palavra progresso, deve-se em grande parte ao modo irrefletido, com que usamos e abusamos, dessa palavrinha mágica.

d) Ainda que traga muitos benefícios, a construção de enormes represas, costuma trazer também uma série de consequências ambientais que, nem sempre, foram avaliadas.

e) Não há dúvida, de que o autor do texto aderiu a teses ambientalistas segundo as quais, o conceito de progresso está sujeito a uma permanente avaliação.

Comentários:

Na letra A, a primeira vírgula está correta: ela se justifica por isolar uma oração adverbial temporal (*Toda vez que é pronunciada*) antecipada. Já a segunda vírgula está errada: ela separa o sujeito (*a palavra progresso*) do verbo (*parece abrir*). Quanto à terceira vírgula, também se observa um erro: não se deveria separar um adjunto adnominal (*mágico*) do substantivo que ele restringe (*mundo*).

A letra B apresenta a primeira vírgula correta: oração adverbial concessiva antecipada (*por mínimas que pareçam*); uma segunda vírgula que se justifica por uma enumeração de termos (*providências inadiáveis* e *ações aparentemente irrisórias*); uma terceira vírgula que inicia uma oração explicativa (*cuja execução cotidiana é... importantíssima)* e

duas outras vírgulas pelo motivo que acabamos de explicar: a conjunção adversativa *no entanto* veio deslocada e, por isso, entre vírgulas.

A letra C apresenta três vírgulas indevidamente utilizadas: a primeira separa o sujeito (*o prestígio da palavra progresso*) do verbo (*deve-se*). A segunda vírgula separa uma oração adjetiva *restritiva* (*com que usamos e abusamos…*) do seu substantivo antecedente (*modo*). Ora, você já viu que só a oração adjetiva explicativa é que deve vir isolada por vírgula. A terceira vírgula também está errada por separar o verbo (*abusamos*) do seu complemento (*dessa palavrinha mágica*).

Na letra D, a primeira vírgula foi devidamente utilizada: ela isola a oração adverbial concessiva antecipada (*Ainda que traga muitos benefícios*). Entretanto, a segunda vírgula está errada: ela separa sujeito (*a construção de enormes represas*) de verbo (*costuma trazer*). As duas últimas vírgulas estão corretas: elas isolam o adjunto adverbial deslocado (*nem sempre*).

Na letra E, já percebemos um erro na primeira vírgula: ela separa o substantivo *dúvida* do seu complemento nominal oracional (*de que o autor do texto…*). Ora, não se separam termos integrantes por vírgulas (verbo de objeto, nome de complemento etc.). Observa-se outro erro na segunda vírgula: não faz sentido separar o pronome relativo *as quais* do restante da oração adjetiva.

Resposta: B.

2. (TRT / 3ª Região) O modo de produção capitalista não tem vocação suicida, e nada indica que ele esteja a ponto de morrer de morte natural.

No trecho acima, utilizou-se corretamente a vírgula antes da conjunção E. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.

a) Você deve sair antes de anoitecer, e antes de acenderem as luzes, e antes de fecharem o comércio.

b) Ele muito se esforçou para a realização daquele projeto, e acabou não sendo bem-sucedido.

c) Os irmãos compreendiam-se mutuamente, e, portanto, respeitavam-se.

d) A expedição encontrou um grupo perdido, e todos voltaram juntos.

e) A maioria dos estudantes aprovou a proposta, e seus pais acataram a decisão.

Comentários:

Vamos falar da vírgula antes da conjunção **e**? Analise novamente a frase a seguir:

A cada momento entravam alunos, e o diretor os recebia afavelmente.

Nela, a vírgula se justifica por separar orações coordenadas com sujeitos diferentes (alunos/diretor). Em relação ao conectivo *e*, aditivo, algumas gramáticas afirmam que o uso da vírgula pode ocorrer se esse conectivo ligar orações

com sujeitos diferentes. Caso o sujeito dos verbos das duas orações seja o mesmo, não se usará a vírgula.

Assim, segundo a gramática tradicional, teríamos:

O uso da vírgula antes do E

Se a conjunção coordenativa unir orações com sujeitos diferentes, o uso da vírgula é facultativo. Se o E unir orações com sujeitos iguais, o uso da vírgula é proibido.

Agora, tenha cuidado! Esta é uma questão polêmica, pois em provas de concurso público já vimos de tudo: algumas questões que aceitavam o uso da vírgula antes do **E** com orações de sujeitos iguais e outras questões que consideravam tal utilização da vírgula como errada. Bancas como Esaf e Cespe/UnB já trouxeram questões de vírgula antecedendo o *e*, em que as duas orações tinham o mesmo sujeito, e não consideraram erro. Nesses casos, teríamos de verificar as outras opções.

Nesta questão, observe que o exemplo do enunciado apresenta orações com sujeitos diferentes (*modo de produção* é o sujeito da primeira oração e *nada*, o sujeito da segunda). Daí a correta colocação da vírgula antes do **e**. Entenda que, nesse caso, a vírgula é facultativa: ela também poderia não ter aparecido.

Na letra A, não houve erro quanto ao uso das vírgulas antes das duas ocorrências do **e**: os sujeitos das orações são diferentes (o sujeito da primeira oração é *você* e das outras duas, indeterminado). A essa repetição dá-se o nome de polissíndeto.

Na letra B, apesar de as orações terem sujeitos iguais (*ele*), o conectivo *e* tem valor adversativo: nesse caso, a vírgula é facultativa.

Observe com cuidado a letra C: as duas últimas vírgulas se justificam pela conjunção conclusiva deslocada (*portanto*). Mas quanto à vírgula antes do **e**? Será que a banca considerará essa vírgula errada pelo fato de ela ligar orações com sujeitos iguais (*ele*)? Observe as outras alternativas antes de marcar essa como a resposta.

A letra D está indiscutivelmente certa: o conectivo **e** une orações com sujeitos diferentes (*expedição* é o sujeito da primeira oração e *todos* é o sujeito da segunda). Daí, a vírgula estar correta (como poderia também não ter aparecido na frase).

A letra E repete o raciocínio da letra D: o sujeito da primeira oração é *a maioria dos estudantes* e o da segunda oração é *seus pais*. Se os sujeitos são diferentes, a vírgula é facultativa.

Percebeu que só nos restou como possível resposta a letra C? Como a Fundação Getulio Vargas é uma banca tradicional, seguiu a gramática ao pé da letra: considerou errado o uso da vírgula antes do aditivo *e* que une orações de sujeitos iguais.

Resposta: C.

Antes de irmos a outra questão de concurso, mais um detalhe: você reparou que, na letra B desta questão, o conectivo **e**, embora unisse orações de mesmo sujeito, veio antecedido de vírgula, **por possuir valor adversativo**?

Pois é: isso pode ocorrer também se ele trouxer um valor conclusivo. Veja:

O menino estudou muito para a prova, **e** não passou.

O menino estudou muito para a prova, **e** passou em 1º lugar.

No primeiro exemplo, o conectivo **e** tem valor adversativo (= mas, porém) e, no segundo exemplo, tem valor conclusivo (= logo, portanto). Nos dois casos, os sujeitos eram iguais e a vírgula foi utilizada.

Sistematizando: Se o conectivo e apresentar valor adversativo ou conclusivo, ainda que una orações com sujeitos iguais, a vírgula será facultativa em frases curtas que não provoquem truncamento de ideias. Em frases mais longas, o mais adequado é usar a vírgula.

Agora, observe uma outra questão, retirada de uma prova para o TSE, elaborada pelo Cespe-UnB:

3. (Cespe-UnB/TSE – Analista Judiciário) Assinale a opção que apresenta erro de pontuação:

a) Pela primeira vez, a população de Belo Horizonte vai poder escolher, por meio da Internet, as obras que serão executadas na cidade. Disponível no período de 1º a 30 de novembro, a nova modalidade, conhecida por Orçamento Participativo Digital, tem parceria entre a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte (PBH) e o Tribunal Regional Eleitoral de Minas Gerais (TRE-MG).

b) O novo sistema baseia-se em dados fornecidos pelo TRE-MG à PBH (quantitativo de eleitores, número do título de eleitor etc.), e foi solicitado pelo prefeito de BH, Fernando Pimentel, há cerca de seis meses, ao então presidente da instituição, Armando Pinheiro Lago.

c) O voto via Internet será permitido apenas para aqueles com domicílio eleitoral na capital (aproximadamente 1,7 milhão de pessoas), que poderão decidir pelo conjunto de nove obras (quatro em cada regional) que serão feitas no município em um prazo máximo de dois anos.

d) Para votar, o cidadão deve entrar no sítio da PBH. Quem não tiver acesso à Internet em casa pode ir até um dos 175 postos públicos montados, pela PBH onde haverá monitores para ajudar aqueles que não estão acostumados a lidar com computador.

Comentários:

Todas as vírgulas da letra A estão corretas: a primeira isola o adjunto adverbial de tempo *pela primeira vez* antecipado. As outras duas isolam o adjunto adverbial de meio intercalado (*por meio da Internet*). Logo na sequência observam-se mais três vírgulas corretas: a primeira, que se justifica por isolar termo antecipado (*disponível no período de 1º a 30 de novembro*) e as outras duas que isolam uma explicação (*conhecida por Orçamento Participativo Digital*). As vírgulas da letra A foram corretamente utilizadas, portanto.

Observe com cuidado a letra B: a primeira vírgula antecede **e** que une orações de mesmo sujeito (*o novo sistema*). Será que a banca vai considerar essa vírgula errada? As outras vírgulas da letra B estão todas corretas: a que vem depois de *prefeito de BH* se justifica por anteceder o aposto *Fernando Pimentel*; as outras duas, por isolarem um

adjunto adverbial de tempo intercalado (*há cerca de seis meses*) e a última vírgula está correta por isolar o também aposto *Armando Pinheiro Lago.* Lembre-se de que ainda não sabemos se a letra B é a resposta: precisamos ver se há um erro ainda mais grave em outra alternativa.

A única vírgula presente na letra C também está correta: ela antecede oração adjetiva explicativa (*que poderão decidir pelo conjunto…*).

Na letra D, a primeira vírgula está correta: ela separa oração adverbial final antecipada. Entretanto, a letra D traz um erro gravíssimo: apresenta uma vírgula que separa o complemento nominal *pela PBH* do adjetivo a que ele se refere (*montados*). Vimos que não devemos separar termos integrantes por vírgulas.

Assim, percebemos que a banca considerou como correta a letra B, embora sua primeira vírgula separasse orações coordenadas de mesmo sujeito. Como dissemos anteriormente, bancas como Cespe e Esaf têm um posicionamento mais *liberal* quanto a esse caso: para elas a vírgula antes do *e* que une orações de mesmo sujeito seria possível. Só evite fazer isso em uma redação!

Resposta: D.

Vejamos como esses conceitos vêm sendo trabalhados nas provas.

4. (Inspetor de Polícia/NCE-UFRJ) "A favor da mesma tese, poderíamos dizer que, muitas vezes, a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público."; a segunda e terceira vírgulas desse segmento:

a) destacam um esclarecimento do autor.

b) separam o aposto do resto da frase.

c) mostram uma alteração na ordem direta dos termos.

d) indicam fala do autor com o leitor.

e) separam orações.

Comentários:

Muitos que fizeram a prova marcaram a letra B. Por acharem que tudo que vem entre vírgulas nesta vida é aposto… É claro que erraram… O que temos aqui é um adjunto adverbial de tempo (*muitas vezes*), que, na ordem direta, ficaria ao final do período e, na frase, veio intercalado. Vale lembrar que as vírgulas aqui seriam facultativas: o termo deslocado é curto, simples, de fácil entendimento.

Resposta: C.

5. (Anal. Judic.) "Vamos, por um momento que seja, cair na real…"; a regra abaixo que justifica o emprego das vírgulas nesse segmento do texto é:

a) separar elementos que exercem a mesma função sintática.

b) isolar o aposto.

c) isolar o adjunto adnominal antecipado.

d) indicar a supressão de uma palavra.

e) marcar a intercalação de elementos.

Comentários:

Tem-se aqui uma oração adverbial concessiva intercalada. Na ordem direta, o período deveria ficar assim: "Vamos cair na real por um momento que seja". Nem preciso dizer que muitos erraram quando marcaram a letra B, não é?

Resposta: E.

Veja uma questão de concurso, retirada de uma prova da Fundação Getulio Vargas. Observe as situações em que o ponto e vírgula pode aparecer:

6. No 6º parágrafo o autor utilizou o sinal de pontuação ponto e vírgula de acordo com as normas gramaticais. Nas frases abaixo as normas gramaticais também foram observadas na utilização do ponto e vírgula, exceto em:

a) Os professores compareceram à festa de formatura trajados a rigor; os alunos, trajados esportivamente.

b) Um dos alunos obteve nota suficiente para ser apenas aprovado; o outro, apesar de não ter a mesma capacidade de estudo, classificou-se em segundo lugar.

c) A iniciativa segura e coerente da direção; o esforço de alunos e professores; bem como a participação de pais e responsáveis nas atividades da escola dinamizaram-na e tornaram-na uma verdadeira casa de educação.

d) Investir em educação só traz retorno para a nação a longo prazo; mas os resultados são, normalmente, satisfatórios.

e) Não há como resolver os problemas da educação com soluções paliativas, de pouco alcance; há de se investir, de forma planejada, em projetos de longo prazo que priorizem o profissional da educação.

Comentários:

Na letra A, o ponto e vírgula separa orações coordenadas. Perceba que, se houvesse necessidade de se dar uma pausa discursiva ainda maior, ter-se-ia optado pelo ponto, e não pelo ponto e vírgula. Na letra B, o ponto e vírgula separa itens de uma enumeração (*Um dos alunos... O outro...)*, tendo sido, portanto, corretamente utilizado.

Observe que, na letra C, o ponto e vírgula separa núcleos de um sujeito composto (*A iniciativa...; o esforço...; bem como a participação...*). É como se construíssemos uma frase do tipo "João; José; Antônio chegaram." Faz sentido isso?

Na letra D, o ponto e vírgula separa uma oração coordenada assindética da sua oração coordenada sindética adversativa. Foi, portanto, adequadamente usado.

Na letra E, ele separa orações coordenadas assindéticas.

Resposta: C.

7. ... graças a algumas características: eles possuem objetivos claros, vários modos de atingir o sucesso e feedback rápido, ou seja, o jogador recebe uma consequência imediata após cada ação.

Os dois pontos introduzem no contexto:

a) um segmento enumerativo, com intenção explicativa.

b) um comentário pessoal, de caráter opinativo.

c) uma repetição enfática para atrair a atenção do leitor.

d) uma ressalva ao que vem sendo desenvolvido no parágrafo.

e) a retomada da ideia mais importante do texto.

Comentários:

Perceba que o que vem após o sinal de dois-pontos é uma enumeração do que o autor chamou de *características*. Trata-se de uma oração apositiva, que nada mais é do que um segmento enumerativo que tem a intenção de explicar um substantivo anteriormente citado.

Resposta: A.

O Cespe-UnB, por sua vez, comumente elabora questões que esperam do candidato a *explicação* para o uso dos dois-pontos. Observe algumas assertivas, julgando cada uma delas como certa ou errada:

Repitamos: o sertanejo emigrante realiza, ali, uma anomalia sobre a qual nunca é demasiado insistir: é o homem que trabalha para escravizar-se.

8. Na linha 1, o autor emprega o sinal de dois pontos, para indicar que pretende dar ênfase a uma assertiva e, na linha 2, para introduzir uma explicação do que considera ser "uma anomalia".

Comentários:

De fato, na linha 1 do texto, o que se quer é enfatizar o que se disse antes: isso você pode inclusive perceber pelo próprio vocábulo *Repitamos*. Na linha 2, os dois-pontos introduzem uma oração apositiva que explica o substantivo antecedente *anomalia*.

Resposta: assertiva correta.

A importância da Pastoral é palpável: a média nacional de mortalidade infantil para crianças de até 1 ano, que é de 22 indivíduos por mil nascidos vivos, cai para 12 por mil nos lugares atendidos pela instituição.

9. O emprego do sinal de dois-pontos em "é palpável:" justifica-se porque o trecho subsequente a esse sinal apresenta argumento comprobatório da afirmativa anterior.

Comentários:

Veja que o autor afirma que a *importância da Pastoral é palpável*, para, logo na sequência, explicar o que ele quis

dizer com o uso do adjetivo *palpável.* Trata-se, portanto, de uma explicação, uma informação que *comprova* o que se disse anteriormente.

Resposta: assertiva correta.

Agora, uma questão sobre aspas:

10. O emprego das aspas em algumas palavras do texto:

Algumas são exóticas também no sentido de "diferentes" ou "esquisitas"...

Nenhuma delas é nativa do Brasil. Dependendo das circunstâncias, podem ser "imigrantes" inofensivas...

... muitas vezes tornam-se organismos nocivos aos ecossistemas "naturais".

a) chama a atenção do leitor para a importância de seu sentido no contexto.

b) indica uso específico de termos técnicos para esclarecer alguns conceitos.

c) aponta para o sentido particular de certas palavras de uso comum na gíria.

d) mostra a inclusão de opiniões alheias, como um novo interlocutor no contexto.

e) atesta a participação de palavras de origem estrangeira no vocabulário nacional.

Comentários:

Essas provas dão um *show* de teoria, não é mesmo? Passeando pelas alternativas, percebemos que, em cada uma delas, fala-se de uma das regras de utilização das aspas. Só lendo as frases destacadas, portanto, você descobrirá a resposta.

Trata-se do uso das aspas para destacar palavras ou expressões no texto. Evidenciar informações.

Resposta: A.

20.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (FCC – Manausprev – Analista Previdenciário – 2015)

Atente para as afirmativas abaixo.

I. No segmento *para aprofundar questões referentes à* <u>*sincronicidade*</u> *entre arte e ciência*, o sinal indicativo de crase deverá ser suprimido caso se substitua o elemento sublinhado por "sincronização".

II. Sem prejuízo para a correção e o sentido, o sinal de travessão pode ser substituído por dois-pontos no segmento *usufruir uma obra de Tomie Ohtake propicia uma dupla experiência – incita a reflexão...*

III. O segmento sublinhado em <u>*que para a sua elaboração*</u> *prescinde da intencionalidade* pode ser isolado por vírgulas, sem prejuízo da correção.

Está correto o que se afirma APENAS em

a) I e III.

b) II e III.

c) III.

d) I.

e) I e II.

2. (FCC – TRE-AP – Analista Judiciário – Área Administrativa – 2015)

Embora o meu vocabulário seja voluntariamente pobre – uma espécie de Brasileiro Básico – a única leitura que jamais me cansa é a dos dicionários. Variados, sugestivos, atraentes, não são como os outros livros, que contam sempre a mesma estopada do começo ao fim.*

[...]

Na minha adolescência, todo e qualquer escritor se presumia de estilista, e isso, na época, significava riqueza vocabular... Imagine-se o mal que deve ter causado a autores novos e inocentes o grande estilista Coelho Neto: grande infanticida, isto é o que ele foi.

* aquilo que é maçante, enfadonho, aborrecedor.

(Adaptado de: QUINTANA, Mario. Dicionários. Caderno H. 7. ed. São Paulo: Globo, 1998, p.176)

Atente para as seguintes afirmações sobre o emprego dos sinais de pontuação:

I. Em *não são como os outros livros, que contam sempre a mesma estopada do começo ao fim*, a retirada da vírgula implicaria prejuízo ao sentido original.

II. A substituição por parênteses dos travessões que isolam o segmento *uma espécie de Brasileiro Básico* implicaria prejuízo para a correção da frase.

III. Em *e isso, na época, significava riqueza vocabular...*, a retirada da primeira vírgula acarretaria prejuízo para a correção da frase.

Está correto APENAS o que se afirma em

a) II e III.

b) I.

c) I e III.

d) II.

e) I e II.

3. (FCC – TRE-AP – Técnico Judiciário – Administrativo – 2015)

Para sobreviver, enfim, Michelangelo teve de enfrentar questões que afligem os seres humanos em qualquer tempo. Como no caso de sua resistência a trocar a escultura pela pintura, quem nunca tremeu nas bases ao ser forçado a sair de sua zona de conforto?

Atente para o que se afirma abaixo.

I. No segmento *Com o adiamento, Michelangelo recebeu um prêmio de consolação: pintar o teto de uma capela de uso reservado*..., os dois-pontos introduzem um esclarecimento.

II. Sem prejuízo do sentido, podem ser suprimidas as vírgulas do segmento: *O artista, que se considerava um escultor, cortava de forma peremptória*...

III. No terceiro parágrafo, o sinal de interrogação pode ser suprimido por se tratar de uma pergunta retórica.

Está correto o que se afirma APENAS em:

a) II e III.

b) I e II.

c) I.

d) II.

e) I e III.

4. (FCC – TRE-SE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – 2015)

A frase citada do texto que permanece correta após o acréscimo das vírgulas é:

a) Já trocamos, uns cinco *e-mails* e uns dez recados, pelo celular.

b) Acredito, que acabei me adaptando, a esse mundo moderno.

c) Há três semanas, que estou combinando, um almoço com um grande amigo.

d) Hoje cedo, eu me lembrei da minha mãe, à beira do fogão, separando os marinheiros do arroz e tirando as pedras do feijão.

e) Estou pensando, seriamente, em sair daqui uma hora dessas, chegar, à casa dele e tocar, a campainha.

5. (FCC – Metrô-SP – Agente de segurança – 2015)

Minha hipótese, caso correta, tem implicações metafísicas. Se a vida for como um cardápio, do outro lado teria que existir o Grand Chef, o criador do menu.

As frases abaixo referem-se à pontuação do texto.

I. Com as devidas alterações, no segmento...*tem implicações metafísicas. Se a vida for como um cardápio*..., pode-se substituir o ponto final por dois-pontos, uma vez que a ele se segue uma explicação.

II. Na frase *Ora, Alfredo, deixe de filosofar e escolha logo o prato*, o termo sublinhado pode ser substituído por uma vírgula.

III. No segmento ...*e estavam na varanda do Bar Lagoa, de onde se pode ver um cantinho de céu*..., pode-se acrescentar uma vírgula imediatamente após estavam.

Está correto o que se afirma APENAS em

a) I e III.

b) I.

c) I e II.

d) II e III.

e) III.

6. (FCC – TJ-AP – Analista Judiciário – Judiciária e Administrativa – 2014)

Considere as seguintes frases:

I. Ele ama os poemas de cordel, com que teve contato desde pequeno.

II. Respeito os autores de cordel, que normalmente não se preocupam com o grande mercado.

III. Ainda ontem de manhã, passei horas examinando os folhetos expostos na feira.

A supressão da vírgula ALTERA o sentido do que está APENAS em

a) I e II.

b) I e III.

c) II e III.

d) I.

e) II.

7. (FCC – TCE-GO – Analista de Controle Externo – 2014)

O pesquisador explica que os sistemas de integração e de plantio direto promovem benefícios vitais para o solo. Já o sequestro do carbono contribui para diminuir a emissão de gases de efeito estufa. Quando a terra é arada os restos são incorporados e os micro-organismos que decompõem esses restos morrem sem alimento e o carbono vai para a atmosfera. "Quando se deixam nutrientes no solo, os micro-organismos aumentam para decompor os nutrientes e ficam na terra se alimentando."

Sem prejuízo da correção e do sentido, uma vírgula pode ser inserida imediatamente após

a) " carbono", em *Já o sequestro do carbono...*

b) " arada", em *Quando a terra é arada...*

c) " aumentam", em *os micro-organismos aumentam...*

d) " explica", em *O pesquisador explica*

e) " micro-organismos", em *os micro-organismos que decompõem esses restos*

8. (FCC – METRÔ-SP – Administrador – 2014)

Atente para as seguintes frases:

I. Numa viagem de metrô, sentimos que o próprio tempo parece acelerar.

II. Ele prefere evitar o metrô, por conta de sua tendência claustrofóbica.

III. Ele optou pelo horário do metrô, que lhe parece mais conveniente.

A supressão da(s) vírgula(s) altera o sentido do que está APENAS em:

a) I e II.

b) II e III.

c) I e III.

d) II.

e) III.

9. (FCC – Câmara Municipal de São Paulo – SP – Consultor Técnico Legislativo – Informática – 2014)

Na redação das frases seguintes, a supressão da(s) vírgula(s) altera o sentido APENAS do que está em:

I. Neste texto, o autor avalia a importância da memória na representação ficcional.

II. As crianças, atingidas por traumas e embaladas por sonhos, guardam consigo a matéria da ficção.

III. A infância, rica como inferno ou como paraíso, tem inspirado contos e romances da mais alta expressão.

a) I e II.

b) II e III.

c) I e III.

d) II.

e) III.

10. (FCC- TRF – 3ª REGIÃO – Analista Judiciário – Informática – 2014)

Considere as frases abaixo.

I. Ao se suprimirem as vírgulas do trecho *A dor, juntamente com a morte, é sem dúvida a experiência humana*..., o verbo deverá ser flexionado no plural.

II. Na frase *Georges Canguilhem acrescenta que ela é um estado de "inconsciência em que o sujeito é de seu corpo"*, pode-se acrescentar uma vírgula imediatamente após *inconsciência*, sem prejuízo para a correção.

III. Na frase *De fato, na vida cotidiana o corpo se faz invisível, flexível; sua espessura é apagada pelas ritualidades sociais*..., o ponto e vírgula pode ser substituído, sem prejuízo para a correção e o sentido original, por dois-pontos.

Está correto o que se afirma APENAS em

a) II.

b) I e III.

c) II e III.

d) I e II.

e) I.

11. (FCC – MPE-PB – Técnico Ministerial – Administrativo – 2015)

O elemento que NÃO é um pronome está sublinhado em:

a) E a fortuna daqueles que a encontram

b) Porque o Tejo não é o rio que corre...

c) Para aqueles que veem em tudo...

d) Ninguém nunca pensou no que há...

e) O Tejo é mais belo que o rio...

12. (TRF3 – Técnico Judiciário – FCC – Abril/2016 – Adaptada)

O acréscimo de uma vírgula após o termo sublinhado não altera o sentido nem a correção do trecho:

a) A ideia de cidade inteligente sempre aparece relacionada à abertura de bases de dados por parte dos órgãos públicos.

b) Há experiências importantes em cidades brasileiras também.

c) ... uma parte prioriza a transparência como meio de prestação de contas e responsabilidade política frente à sociedade civil, como a ideia de governo aberto...

d) ...outra parte prioriza a participação popular através da interatividade, bem como a cooperação técnica para o reúso de dados abertos por entidades e empresas.

e) Contudo, existem estudos que apontam que bastariam meros quatro pontos de dados para identificar os movimentos de uma pessoa na cidade.

Leia o texto a seguir para responder à questão 13.

Depois que se tinha fartado de ouro, o mundo teve fome de açúcar, mas o açúcar consumia escravos. O esgotamento das minas – que de resto foi precedido pelo das florestas que forneciam o combustível para os fornos –, a abolição da escravatura e, finalmente, uma procura mundial crescente, orientam São Paulo e o seu porto de Santos para o café. De amarelo, passando pelo branco, o ouro tornou-se negro.

Mas, apesar de terem ocorrido essas transformações que tornaram Santos num dos centros do comércio internacional, o local conserva uma beleza secreta; à medida que o barco penetra lentamente por entre as ilhas, experimento aqui o primeiro sobressalto dos trópicos. Estamos encerrados num canal verdejante. Quase podíamos, só com estender a mão, agarrar essas plantas que o Rio ainda mantinha à distância nas suas estufas empoleiradas lá no alto. Aqui se estabelece, num palco mais modesto, o contato com a paisagem.

O arrabalde de Santos, uma planície inundada, crivada de lagoas e pântanos, entrecortada por riachos estreitos e canais, cujos contornos são perpetuamente esbatidos por uma bruma nacarada, assemelha-se à própria Terra, emergindo no começo da criação. As plantações de bananeiras que a cobrem são do verde mais jovem e terno que se possa imaginar: mais agudo que o ouro verde dos campos de juta no delta do Bramaputra, com o qual gosto de o associar na minha recordação; mas é que a própria fragilidade do matiz, a sua gracilidade inquieta, comparada com a suntuosidade tranquila da outra, contribuem para criar uma atmosfera primordial.

Durante cerca de meia hora, rolamos por entre bananeiras, mais plantas mastodontes do que árvores anãs, com troncos plenos de seiva que terminam numa girândola de folhas elásticas por sobre uma mão de 100 dedos que sai de um enorme lótus castanho e rosado. A seguir, a estrada eleva-se até os 800 metros de altitude, o cume da serra. Como acontece em toda parte nessa costa,

escarpas abruptas protegeram dos ataques do homem essa floresta virgem tão rica que para encontrarmos igual a ela teríamos de percorrer vários milhares de quilômetros para norte, junto da bacia amazônica. Enquanto o carro geme em curvas que já nem poderíamos qualificar como " cabeças de alfinete", de tal modo se sucedem em espiral, por entre um nevoeiro que imita a alta montanha de outros climas, posso examinar à vontade as árvores e as plantas estendendo-se perante o meu olhar como espécimes de museu.

(Adaptado de: Lévi-Strauss, Claude. *Tristes Trópicos*. Coimbra, Edições 70, 1979, p. 82-3)

13. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

Considere as frases abaixo.

I. O segmento que se estende de uma planície inundada até uma bruma nacarada (3º parágrafo) constitui explicação do termo antecedente, de maneira que poderia ser iniciado por " que é", sem prejuízo para o sentido.

II. Neste mesmo segmento, as vírgulas poderiam ser substituídas por ponto-e-vírgulas, uma vez que se trata de uma sequência de características atribuídas a um mesmo termo.

III. No mesmo período, a oração iniciada por emergindo pode tanto subordinar-se a assemelha-se como a Terra.

Está correto o que consta em

a) III, apenas.

b) I, II e III.

c) I e II, apenas.

d) I e III, apenas.

e) II, apenas.

Leia o texto a seguir para responder às questões 14 e 15.

Estava mal chegando a São Paulo, quando um repórter me provocou: " Mas como, Chico, mais um samba? Você não acha que isso já está superado?". Não tive tempo de me defender ou de atacar os outros, coisa que anda muito em voga. Já era hora de enfrentar o dragão, como diz o Tom, enfrentar as luzes, os cartazes, e a plateia, onde distingui um caro colega regendo um coro pra frente, de franca oposição. Fiquei um pouco desconcertado pela atitude do meu amigo, um homem sabidamente isento de preconceitos. Foi-se o tempo em que ele me censurava amargamente, numa roda revolucionária, pelo meu desinteresse em participar de uma passeata cívica contra a guitarra elétrica. Nunca tive nada contra esse instrumento, como nada tenho contra o tamborim. O importante é Mutantes e Martinho da Vila no mesmo palco.

Mas, como eu ia dizendo, estava voltando da Europa e de sua música estereotipada, onde samba, toada etc. são ritmos virgens para seus melhores músicos, indecifráveis para seus cérebros eletrônicos. " Só tenho uma opção, confessou-me um italiano – sangue novo ou a antimúsica. Veja, os Beatles, foram à Índia..." Donde se conclui como precipitada a opinião, entre nós, de que estaria morto o nosso ritmo, o lirismo e a malícia, a malemolência. É certo que se deve romper com as estruturas. Mas a música brasileira, ao contrário de outras artes, já traz dentro de si os elementos de renovação. Não se trata de defender a tradição, família ou propriedade de ninguém. Mas foi com o samba que João Gilberto rompeu as estruturas da nossa canção. E se o rompimento não foi universal, culpa é do brasileiro, que não tem vocação pra exportar coisa alguma.

Quanto a festival, acho justo que estejam todos ansiosos por um primeiro prêmio. Mas não é bom usar de qualquer recurso, nem

se deve correr com estrondo atrás do sucesso, senão ele se assusta e foge logo. E não precisa dar muito tempo para se perceber " que nem toda loucura é genial, como nem toda lucidez é velha".

(Adaptado de: HOLANDA, Chico Buarque de, apud Adélia B. de Menezes, *Desenho Mágico*: Poesia e Política em Chico Buarque, São Paulo, Ateliê, 2002, p. 28-29)

14. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

Sem prejuízo para a correção e o sentido, pode-se acrescentar uma vírgula imediatamente após o termo

a) " E", em E se o rompimento não foi universal... (2º parágrafo)

b) " Mas", em Mas não é bom usar de qualquer recurso... (3º parágrafo)

c) " e", em ... se assusta e foge logo (3º parágrafo)

d) " Mas", em Mas foi como o samba que João Gilberto... (2º parágrafo)

e) " Mas", em Mas como, Chico, mais um samba? (1º parágrafo)

15. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

Sem que se altere o sentido da frase, todas as vírgulas podem ser substituídas por travessão, EXCETO em:

a) *Não se trata de defender a tradição, família ou propriedade*... (2º parágrafo)

b) *Fiquei um pouco desconcertado pela atitude do meu amigo, um homem*... (1º parágrafo)

c) *Mas, como eu ia dizendo, estava voltando da Europa*... (2º parágrafo)

d) ... *como precipitada, entre nós, de que estaria morto*... (2º parágrafo)

e) *Mas a música brasileira, ao contrário de outras artes, já traz*... (2º parágrafo)

16. (TRT14R – Téc. Jud. – Área Adminis. – FCC – Fev./2016)

Considere as afirmações acerca da pontuação.

I. O acréscimo de uma vírgula antes do termo sublinhado não altera o sentido do trecho: *Nessas viagens, ele frequentemente encontrou tribos indígenas* <u>*que*</u> *não tinham contato com a civilização*...

II. O termo sublinhado pode estar entre vírgulas sem prejuízo para a correção gramatical do trecho: *Rondon contribuiu* <u>*também*</u> *para o reconhecimento e mapeamento de grandes áreas ainda inóspitas no interior do país*.

III. As vírgulas sinalizam uma enumeração no trecho: ... *levantou dados e informações de mineralogia, geologia, botânica, zoologia e antropologia*.

Está correto o que se afirma em

a) I, II e III.

b) I, apenas.

c) I e II, apenas.

d) II e III, apenas.

e) III, apenas.

17. (Copergás/PE – Analista Administrador – FCC – Jul./2016)

Está correta a seguinte afirmação sobre a pontuação empregada no texto:

a) Os travessões presentes no 1º e no 2º parágrafos precisam ser todos substituídos por sinais de dois-pontos.

b) O sinal de interrogação em *até que ponto?* (1º parágrafo) está servindo a uma pergunta retórica, cuja precisa resposta já é sabida.

c) A vírgula na expressão *Ao que tudo indica*, (2º parágrafo) é excessiva e prejudica o sentido da frase.

d) O ponto e vírgula em *"falas" determinadas*; (3º parágrafo) pode dar lugar ao emprego alternativo de uma vírgula.

e) A expressão, *em parte*, (3º parágrafo) não pode ser empregada entre vírgulas, neste contexto.

Leia o texto a seguir para responder à questão 18.

Texto I

Naquele novo apartamento da rua Visconde de Pirajá pela primeira vez teria um escritório para trabalhar. Não era um cômodo muito grande, mas dava para armar ali a minha tenda de reflexões e leitura: uma escrivaninha, um sofá e os livros. Na parede da esquerda ficaria a grande e sonhada estante onde caberiam todos os meus livros. Tratei de encomendá-la a seu Joaquim, um marceneiro que tinha oficina na rua Garcia D' Ávila com Barão da Torre.

O apartamento não ficava tão perto da oficina. Era quase em frente ao prédio onde morava Mário Pedrosa, entre a Farme de Amoedo e a antiga Montenegro, hoje Vinicius de Moraes. Estava ali havia uma semana e nem decorara ainda o número do prédio. Tanto que, quando seu Joaquim, ao preencher a nota de encomenda, perguntou-me onde seria entregue a estante, tive um momento de hesitação. Mas foi só um momento. Pensei rápido: " Se o prédio do Mário é 228, o meu, que fica quase em frente, deve ser 227". Mas lembrei-me de que, ao ir ali pela primeira vez, observara que, apesar de ficar em frente ao do Mário, havia uma diferença na numeração.

– Visconde de Pirajá, 127 – respondi, e seu Joaquim desenhou o endereço na nota.

– Tudo bem, seu Ferreira. Dentro de um mês estará lá sua estante.

– Um mês, seu Joaquim! Tudo isso? Veja se reduz esse prazo.

– A estante é grande, dá muito trabalho... Digamos, três semanas.

Ferreira Gullar. A estante. In: *A estranha vida banal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989 (com adaptações).

18. (INSS – Técnico Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

Julgue o seguinte item, a respeito de aspectos linguísticos do **texto I**.

No período " Tanto que, quando (...) momento de hesitação" (l. 8-9), o emprego de todas as vírgulas deve-se à mesma regra de pontuação.

Leia o texto a seguir para responder à questão 19.

Texto II

Bibliotecas sempre deram muito o que falar. Grandes monarquias jamais deixaram de possuir as suas, e cuidavam delas estrategicamente. Afinal, dotes de princesas foram negociados tendo livros como objetos de barganha; tratados diplomáticos versaram sobre essas coleções. Os monarcas portugueses, após o terremoto que dizimou Lisboa, se orgulhavam de, a despeito dos destroços, terem erguido uma grande biblioteca: a Real Livraria. D. José chamava-a de joia maior do tesouro real. D. João VI, mesmo na correria da partida para o Brasil, não se esqueceu dos livros. Em três diferentes levas, a Real Biblioteca aportou nos trópicos, e foi até mesmo tema de disputa.

Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br> (com adaptações).

19. (INSS – Técnico Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

Acerca de aspectos linguísticos e dos sentidos do texto acima, julgue o item que se segue.

O sinal de dois-pontos empregado imediatamente após " biblioteca" (l. 4-5) introduz um termo de natureza explicativa.

Leia o texto a seguir para responder à questão 20.

Levantou-se da cama o pobre namorado sem ter conseguido dormir. Vinha nascendo o Sol.

Quis ler os jornais e pediu-os.

Já os ia pondo de lado, por haver acabado de ler, quando repentinamente viu seu nome impresso no **Jornal do Comércio**.

Era um artigo *a pedido* com o título de **Uma Obra-Prima**.

Dizia o artigo:

Temos o prazer de anunciar ao país o próximo aparecimento de uma excelente comédia, estreia de um jovem literato fluminense, de nome Antônio Carlos de Oliveira.

Este robusto talento, por muito tempo incógnito, vai enfim entrar nos mares da publicidade, e para isso procurou logo ensaiar-se em uma obra de certo vulto.

Consta-nos que o autor, solicitado por seus numerosos amigos, leu há dias a comédia em casa do Sr. Dr. Estêvão Soares, diante de um luzido auditório, que aplaudiu muito e profetizou no Sr. Oliveira um futuro Shakespeare.

O Sr. Dr. Estêvão Soares levou a sua amabilidade ao ponto de pedir a comédia para ler segunda vez, e ontem ao encontrar-se na rua com o Sr. Oliveira, de tal entusiasmo vinha possuído que o abraçou estreitamente, com grande pasmo dos numerosos transeuntes.

Da parte de um juiz tão competente em matérias literárias este ato é honroso para o Sr. Oliveira.

Estamos ansiosos por ler a peça do Sr. Oliveira, e ficamos certos de que ela fará a fortuna de qualquer teatro.

O amigo das letras.

Machado de Assis. A mulher de preto. In: *Contos fluminenses*. São Paulo: Globo, 1997 (com adaptações).

20. (INSS – Analista Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

Acerca de aspectos linguísticos do texto, julgue o item a seguir.

A correção gramatical e o sentido do texto seriam mantidos caso o termo " em casa" (l. 11) fosse isolado por vírgulas.

Leia o texto a seguir para responder à questão 21.

Texto CB2A2BBB

O fenômeno da corrupção, em virtude de sua complexidade e de seu potencial danoso à sociedade, exige, além de uma atuação repressiva, também uma ação preventiva do Estado. Portanto, é preciso estimular a integridade no serviço público, para que seus agentes sempre atuem, de fato, em prol do interesse público.

Entende-se que a integridade pública representa o estado ou condição de um órgão ou entidade pública que está "completa, inteira, perfeita, sã", no sentido de uma atuação que seja imaculada ou sem desvios, conforme as normas e valores públicos.

De acordo com a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), a integridade é mais do que a ausência de corrupção, pois envolve aspectos positivos que, em última análise, influenciam os resultados da administração, e não apenas seus processos. Além disso, a OCDE compreende um sistema de integridade como um conjunto de arranjos institucionais, de gerenciamento, de controle e de regulamentações que visem à promoção da integridade e da transparência e à redução do risco de atitudes que violem os princípios éticos.

Nesse sentido, a gestão de integridade refere-se às atividades empreendidas para estimular e reforçar a integridade e também para prevenir a corrupção e outros desvios dentro de determinada organização.

Disponível em: <www.cgu.gov.br> (com adaptações).

21. (TCE-SC – Aud. Fiscal-Administ. – Cespe – Maio/2016)

Ainda com relação a aspectos linguísticos do texto CB2A2BBB, julgue o item subsequente.

O trecho "e também" (l. 15) poderia ser corretamente isolado por vírgulas, recurso que lhe conferiria ênfase.

Leia o texto a seguir para responder à questão 22.

Texto I

A moeda, como hoje é conhecida, é o resultado de uma longa evolução. No início, não havia moeda, praticava-se o escambo. Algumas mercadorias, pela sua utilidade, passaram a ser mais procuradas do que outras. Aceitas por todos, assumiram a função de moeda, circulando como elemento trocado por outros produtos e servindo para avaliar-lhes o valor. Eram as moedas-mercadorias. O gado, principalmente o bovino, foi dos mais utilizados. O sal foi outra moeda-mercadoria; de difícil obtenção, era muito utilizado na conservação de alimentos. Ambas deixaram marca de sua função como instrumento de troca no vocabulário português, em palavras como pecúnia e pecúlio, capital e salário.

Com o passar do tempo, as mercadorias se tornaram inconvenientes às transações comerciais, devido à oscilação de seu valor, pelo fato de não serem fracionáveis e por serem facilmente perecíveis, o que não permitia o acúmulo de riquezas. Surgiram, então, no século VII a.C., as primeiras moedas com características semelhantes às das atuais: pequenas peças de metal com peso e valor definidos e com a impressão do cunho oficial, isto é, a marca de quem as emitiu e garante o seu valor.

Os primeiros metais utilizados na cunhagem de moedas foram o ouro e a prata. O emprego desses metais se impôs, não só por sua raridade, beleza, imunidade à corrosão e por seu valor econômico, mas também por antigos costumes religiosos. Durante muitos séculos, os países cunharam em ouro suas moedas de maior valor, reservando a prata e o cobre para os valores menores. Esses sistemas se mantiveram até o final do século XIX, quando o cuproníquel e, posteriormente, outras ligas metálicas passaram a ser empregados e a moeda passou a circular pelo seu valor extrínseco, isto é, pelo valor gravado em sua face, que independe do metal nela contido.

Na Idade Média, surgiu o costume de guardar os valores com um ourives, pessoa que negociava objetos de ouro e prata e que, como garantia, entregava um recibo. Esse tipo de recibo passou a ser utilizado para efetuar pagamentos, circulando de mão em mão, e deu origem à moeda de papel. Com o tempo, da forma como ocorreu com as moedas, os governos passaram a conduzir a emissão de cédulas, controlando as falsificações e garantindo o poder de pagamento. Atualmente, quase todos os países possuem bancos centrais, encarregados das emissões de cédulas e moedas.

Disponível em: <www.bcb.gov.br> (com adaptações).

22. (CEF – Superior – Cespe – Mar./2014)

Julgue o próximo item como Certo (C) ou Errado (E), relativo às ideias expressas no texto e a aspectos linguísticos desse texto.

Seriam mantidas a correção gramatical e a coerência do texto caso a vírgula empregada imediatamente após " centrais" (l. 25) fosse suprimida, embora o sentido do trecho fosse alterado.

23. (Câmara dos Deputados – Técnico Legislativo – Cespe – Abril/2014)

Bill Watterson.

(Adaptado) Julgue o item subsequente, relativo ao diálogo entre os personagens Calvin e sua professora, Dona Doroteia, apresentado na tirinha.

No segundo quadrinho, a retirada da vírgula logo após " felicidade" modificaria a relação semântica e sintática entre essa palavra e o trecho " a qual é meu direito inalienável" e afetaria a coerência da argumentação.

Leia o texto a seguir para responder à questão 24.

Texto I

De acordo com uma lista da International Union for the Conservation of Nature, o Brasil é o país com o maior número de espécies de aves ameaçadas de extinção, com um total de 123 espécies sofrendo risco real de desaparecer da natureza em um futuro não tão distante. A Mata Atlântica concentra cerca de 80% de todas as aves ameaçadas no país, fato que resulta de muitos anos de exploração e desmatamentos. Atualmente, restam apenas cerca de 10% da floresta original, não sendo homogênea essa proporção de floresta remanescente ao longo de toda a Mata Atlântica. A situação é mais séria na região Nordeste, especialmente nos estados de Alagoas e Pernambuco, onde a maior parte da floresta original foi substituída por plantações de cana-de-açúcar. É nessa região que ainda podem ser encontrados os últimos exemplares das aves mais raras em todo o país, como o criticamente ameaçado limpa-folha-do-nordeste (Philydor novaesi). Essa pequena ave de dezoito centímetros vive no estrato médio e dossel de florestas bem conservadas e ricas em bromélias, onde procura artrópodes dos quais se alimenta. Atualmente, as duas únicas localidades onde a espécie pode ser encontrada são a Estação Ecológica de Murici, em Alagoas, e a Serra do Urubu, em Pernambuco.

Pedro F. Develey et al. O Brasil e suas aves. In: *Scientific American Brasil*, 2013 (com adaptações).

24. (ICMBIO – Nível Médio – Cespe – 2014)

Julgue o item seguinte, relativo às ideias e aos aspectos estruturais do texto.

A inserção de vírgula logo após o vocábulo " encontrada" (l. 12), além de preservar a correção gramatical do texto, daria ênfase à informação contida no trecho " as duas únicas localidades onde a espécie pode ser encontrada" (l. 11-12).

Leia o texto a seguir para responder à questão 25.

– Este livro não é meu! Meu Deus, o que fizeram do meu livro?

A exclamação, patética, vinha da famosa jornalista internacional Oriana Fallaci (no caso, como escritora), ao perceber que a tradução brasileira de seu livro **Um homem** (1981) não era fiel à estrutura paragráfica do original, construída em forma de monólogo compacto. O que a escritora concebera como blocos de longo discurso interior foi transformado, na tradução, em diálogos convencionais. Em posterior entrevista, Fallaci definiu, como criadora, seu ponto de vista:

– Em **Um homem**, todos os diálogos são dados sem parágrafo, e não só porque esse é notoriamente o meu modo de escrever, de obter o ritmo da página, a musicalidade da língua, mas porque isso corresponde a uma rigorosa necessidade de estilo ditada pela substância do livro. Nele, o diálogo é um diálogo recordado, um diálogo interior, e não um diálogo que determina um diálogo. É um livro em que a forma e a substância, o estilo e o significado se integram indissoluvelmente. E trabalhei tanto para escrevê-lo! Três longos anos sem nunca deixar aquele quarto e aquela pequena mesa, jamais uma interrupção, nada de férias, nada de domingos, nada de natais e páscoas. Sempre trabalhando, de manhã à noite, refazendo, corrigindo, limando o estilo, cuidando da ausência de parágrafos.

Com seu protesto, Oriana Fallaci levantou, na época, um sério problema de editoração, aliás, um problema duplo: a técnica literária do autor e – o mais importante para o editor de texto – o respeito em relação a essa técnica, que a autora definiu como estilo. Vejamos a questão por partes.

No que concerne à técnica literária dos diálogos, até o século XIX conheciam-se apenas o discurso direto e o discurso narrativo ou indireto. A partir de meados desse século, entretanto, surgiu o discurso aparente ou discurso indireto livre. De início, nesse caso, os autores usaram aspas para não confundir o leitor, mas estas seriam logo abandonadas como técnica narrativa.

Quanto ao estilo, foi com a Revolução Industrial, vale dizer, com o amadurecimento da sociedade capitalista, que os escritores começaram a ter consciência não da forma em geral, mas da forma individual, da maneira particular de exposição de cada autor como artista que produz obra única e consumada. A revolução das técnicas e do mercado, traduzindo-se no binômio velocidade-quantidade, suscitou a massificação do livro, contra a qual emergiu a figura do autor como artista, como criador por excelência, como aquele que domina a gramática para ter o direito de fraturá-la. Roland Barthes (1971) observa que, assim, começa a elaborar-se uma imagética do escritor-artesão que se fecha num lugar lendário, como um operário na oficina, e desbasta, talha, pule e engasta sua forma, exatamente como um lapidário extrai a arte da matéria, passando, nesse trabalho, horas regulares de solidão e esforço. Esse valor-trabalho substitui, de certa maneira, o valor-gênio; há uma certa vaidade em dizer que se trabalha bastante e longamente a forma.

Desde então, ao se trabalhar com obras em que o elemento primordial é a informação, existe a liberdade de redisposição dos originais em benefício da clareza, mas, com produção literária, impõe-se absoluto privilégio autoral, que é um princípio socialmente reconhecido, com o qual o editor de texto sempre convive.

Emanuel Araújo. A construção do livro: princípios da técnica de editoração. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Brasília: INL, 2000, p. 23 6 (com adaptações).

25. (IRB – Nível Superior – Cespe – 2014)

Com relação aos aspectos morfossintáticos do texto, julgue (C ou E) o seguinte item.

Na linha 2, as vírgulas que isolam o termo "patética" foram empregadas para enfatizar o atributo de "exclamação", mas a supressão dessa pontuação manteria a correção gramatical do trecho.

Leia o texto a seguir para responder à questão 26.

A história eleitoral do Brasil é uma das mais ricas do mundo. Durante o período colonial, a população das vilas e cidades elegia os representantes dos conselhos municipais. As primeiras eleições gerais para escolha dos representantes à Corte de Lisboa ocorreram em 1821. No ano seguinte, foi promulgada a primeira lei eleitoral brasileira, que regulou as eleições dos representantes da Constituinte de 1823. Desde 1824, quando aconteceu a primeira eleição pós-independência, foram eleitas cinquenta e uma legislaturas para a Câmara dos Deputados. Somente durante o Estado Novo (1937-1945), as eleições para a Câmara foram suspensas.

Hoje, os eleitores escolhem os representantes para os principais postos de poder (presidente, senador, deputado federal, governador, deputado estadual, prefeito e vereador) e pouca gente duvida da legitimidade do processo eleitoral brasileiro. As fraudes foram praticamente eliminadas. A urna eletrônica permite que os resultados sejam proclamados poucas horas depois do pleito. As eleições são competitivas, com enorme oferta de candidatos e partidos (uma média de trinta partidos por eleição). Quatro em cada cinco adultos compareceram às últimas eleições para votar. O sufrágio é universal, pois já não existem restrições significativas que impeçam qualquer cidadão com pelo menos dezesseis anos de idade de ser eleitor. Hoje, o Brasil tem o terceiro maior eleitorado do planeta, perdendo apenas para a Índia e os Estados Unidos da América.

Jairo Marconi Nicolau. *História do voto no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002, p. 7-8 (com adaptações).

26. (CEF – Nível Superior – Cespe – 2014)

No primeiro parágrafo, quatro períodos são iniciados por elemento adverbial, o que justifica a colocação de vírgula logo após "colonial" (L. 1), "seguinte" (L. 3), "1824" (L. 5) e "(1937-1945)" (L. 6).

Leia o texto a seguir para responder à questão 27.

A desigualdade está entre os principais fatores de risco que preocupam a elite mundial, a julgar pela atenção dada ao tema no fórum econômico de Davos.

Por outro lado, estudo recente do Banco Mundial mostra que, pela primeira vez desde a Revolução Industrial, caiu a diferença de renda entre os países na fronteira do desenvolvimento e os emergentes.

Após o fim da cortina de ferro e a abertura econômica da China e da Índia, centenas de milhões de pessoas passaram de um estado de subsistência precária à condição de nova classe média global. Entretanto, é preciso que os países não só reforcem políticas compensatórias para reduzir a exclusão, mas também atuem para promover a igualdade de oportunidades.

A educação, como sempre, é o instrumento decisivo para garantir que a sorte de um indivíduo não seja determinada por sua origem social ou geográfica.

Idem, ibidem (com adaptações).

27. (FUB – Nível Médio – Cespe – 2014)

Em relação ao fragmento de texto acima, julgue o próximo item.

O emprego de vírgula após “Índia” (l. 5) justifica-se por isolar adjunto adverbial anteposto, deslocado de sua posição tradicional.

Leia o texto a seguir para responder à questão 28.

As palavras estampadas na bandeira nacional poderiam receber o complemento de um adjetivo, diante do arcabouço de ideias e discussões que tratam do futuro do planeta. A depender da contribuição de especialistas em desenvolvimento sustentável da Universidade de Brasília, o lema de 1889, inspirado nos conceitos positivistas do francês Augusto Comte, teria a seguinte redação: “Ordem e um Novo Progresso”. Essa renovação de ideias, entretanto, precisa do apoio das novas gerações, pois o cenário mundial atual, e do Brasil em particular, é muito diferente do registrado há duas décadas, por exemplo. Na configuração geopolítica do século XXI, a supremacia dos Estados Unidos da América e da Europa é confrontada pelo dinamismo econômico de nações como a China, Índia, África do Sul e o próprio Brasil. O sobe e desce na disputa por espaço em debates estratégicos em nível internacional deu maior peso à palavra de países em desenvolvimento nas questões da sustentabilidade.

João Campos. Uma nova educação para um novo progresso. In: *Revista Darcy*, jun./2012 (com adaptações).

28. (ICMBIO – Nível Médio – Cespe – 2014)

Acerca dos aspectos estruturais e interpretativos do texto acima, julgue o item a seguir.

Na linha 2, o elemento “que” tem a função de restringir o sentido das expressões que o antecedem, a saber, “ideias” e “discussões”.

Leia o texto a seguir para responder à questão 29.

O conhecimento da especificidade da matriz energética brasileira é importante para o entendimento dos parâmetros que influenciam a visão da indústria brasileira sobre mudança do clima. Isso é particularmente relevante, uma vez que 75% das emissões de gases de efeito estufa (GEE) no Brasil são relacionadas ao uso da terra. A energia consumida no processo de produção industrial representa uma pequena parcela do total de emissões de GEE no Brasil. Esse fato deve ser levado em consideração para o dimensionamento da contribuição do setor industrial brasileiro aos esforços de mitigação.

No Brasil, apenas 8,8% das emissões de GEE são provenientes das atividades industriais. Isso reflete, em boa medida, a composição da matriz energética da indústria e se aplica, inclusive, aos setores industriais identificados na economia global como os de maior potencial de mitigação. A matriz energética brasileira é um ativo; um relevante ponto de partida para a formulação de posições nas negociações de mudança climática. A participação de energias renováveis na indústria brasileira é de 45%, enquanto a média mundial é de apenas 14%. A meta dos demais países é atingir 20% de fontes renováveis em 2020. Os números do Brasil são fatores positivos para a competitividade e a participação do Brasil nas negociações sobre mudança do clima.

Mudança do clima: uma contribuição da indústria brasileira. Brasília: CNI, 2009. Disponível em: <http://arquivos.portaldaindustria.com.br>. (com adaptações).

29. (INPI – Nível Médio/Superior – Cespe – 2013)

Julgue o item que se segue, relativo à estrutura linguística do texto.

A inserção de uma vírgula logo após o adjetivo “brasileira” (l. 2) não acarretaria prejuízo gramatical ao texto.

Leia o texto a seguir para responder à questão 30.

Talvez o distinto leitor ou a irresistível leitora sejam naturais, caso em que me apresso a esclarecer que nada tenho contra os naturais, antes pelo contrário. Na verdade, alguns dos meus melhores amigos são naturais. Como, por exemplo, o festejadíssimo cineasta patrício Geraldo Sarno, que é baiano e é natural – pois neste mundo as combinações mais loucas são possíveis. Certa feita, estava eu a trabalhar em sua ilustre companhia quando ele me convidou para almoçar (os cineastas, tradicionalmente, têm bastante mais dinheiro do que os escritores; deve ser porque se queixam muito melhor). Aceito o convite, ele me leva a um restaurante que, apesar de simpático, me pareceu um pouco estranho. Por que a maior parte das pessoas comia com ar religioso e contrito? Que prato seria aquele que, olhos revirados para cima, mastigação estoica, e expressão de quem cumpria dever penosíssimo, um casal comia, entre goles de uma substância esverdeada e viscosa que lentamente se decantava — para grande prejuízo de sua já emética aparência — numa jarra suspeitosa? Logo fui esclarecido, quando meu companheiro e anfitrião, os olhos cintilantes e arregalados, me anunciou:

– Surpresa! Vais comer um almoço natural!

João Ubaldo Ribeiro. A vida natural. In: *Arte e ciência de roubar galinha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

30. (CGP/PI – Auditor – Cespe – 2015)

Acerca das ideias e das estruturas linguísticas do texto I, julgue o item a seguir.

No trecho “ ele me leva a um restaurante que, apesar de simpático, me pareceu um pouco estranho” (l. 7), o elemento “ que” introduz oração de natureza restritiva, intercalada por estrutura de valor adverbial.

Leia o texto a seguir para responder à questão 31.

Nenhuma ação educativa pode prescindir de uma reflexão sobre o homem e de uma análise sobre suas condições culturais. Não há educação fora das sociedades humanas e não há homens isolados. O homem é um ser de raízes espaçotemporais. De forma que ele é, na expressão feliz de Marcel, um ser “ situado e temporalizado”. A instrumentação da educação – algo mais que a simples preparação de quadros técnicos para responder às necessidades de desenvolvimento de uma área – depende da harmonia que se consiga entre a vocação ontológica desse “ ser situado e temporalizado” e as condições especiais dessa temporalidade e dessa situacionalidade.

Se a vocação ontológica do homem é a de ser sujeito e não objeto, ele só poderá desenvolvê-la se, refletindo sobre suas condições espaçotemporais, introduzir-se nelas de maneira crítica. Quanto mais for levado a refletir sobre sua situacionalidade, sobre seu enraizamento espaçotemporal, mais “ emergirá” dela conscientemente “ carregado” de compromisso com sua realidade, da qual, porque é sujeito, não deve ser simples espectador, mas na qual deve intervir cada vez mais.

Paulo Freire. *Educação e mudança*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 61 (com adaptações).

31. (MEC – Nível Superior/Médio – Cespe – 2014)

Julgue o item seguinte, referente às ideias e a aspectos linguísticos do texto acima.

No primeiro parágrafo, a substituição dos travessões por parênteses (l. 4 e 5) manteria a correção gramatical e o sentido original do texto.

Leia o texto a seguir para responder à questão 32.

Neste ano, em especial, alguns cargos que tradicionalmente já são valorizados devem ficar ainda mais requisitados. São promissores cargos ligados à ciência de dados, em especial ao *big data* e aos dispositivos móveis, como celulares e *tablets*. Os

novos profissionais da área de tecnologia ganham relevância pela capacidade de aprofundar a análise de informações e pela criação de estratégias dentro de empresas. A tendência é que, à medida que esse mercado se desenvolva no Brasil, aumentem as oportunidades nos próximos anos. Em momentos de incerteza econômica, buscar soluções para aumentar a produtividade é uma escolha certeira para sobreviver e prosperar: nesse sentido, as empresas brasileiras estão fazendo o dever de casa.

Veja, 7/1/2015, p. 55 (com adaptações). Disponível em: <http://ibde.org.br> (com adaptações).

32. (FUB – Nível Médio/Superior – Cespe – 2015)

Com referência aos sentidos e às estruturas do texto acima, julgue o item a seguir.

Preservam-se as relações sintáticas e a correção gramatical entre as orações ao substituir o sinal de dois-pontos (l. 7) por ponto-e-vírgula ou vírgula.

33. (Pref. SP – Agente Gestão P. Públicas – Cespe – Maio/2016 – Adaptada)

Assinale a opção correta a respeito dos aspectos linguísticos e dos sentidos do trecho a seguir: "*Os lixões deverão dar lugar a aterros sanitários, que, se não representam uma solução perfeita, ao menos são locais mais adequados para o depósito dos rejeitos, uma vez que evitam problemas como os citados anteriormente*".

a) A substituição de " dar lugar" por **substituir** preservaria o sentido do trecho.

b) O pronome " que", em " que (...) ao menos são locais mais adequados", refere-se a " aterros sanitários".

c) A supressão da vírgula empregada logo após " sanitários" preservaria o sentido do trecho.

d) O sujeito da forma verbal " representam" é a expressão " Os lixões".

e) Seria preservado o sentido do trecho caso a expressão " ao menos" fosse deslocada para imediatamente após " adequados".

Leia o texto a seguir para responder à questão 34.

Texto IV

A metrópole de São Paulo vem se tornando mais heterogênea econômica, social e espacialmente e menos desigual quanto a renda, inserção no mercado de trabalho e condições de vida de seus habitantes, mesmo nas áreas mais precárias. A imagem emerge dos treze ensaios que compõem o livro **A Metrópole de São Paulo no Século XXI – Espaços, Heterogeneidades e Desigualdades**, os quais abordam temas específicos, a partir de um diagnóstico comum, para construir um panorama atual da região metropolitana. Tal retrato resulta das mudanças de diversas dimensões pelas quais a metrópole passou na última década, do perfil da pobreza às dinâmicas migratórias e ligadas ao crescimento demográfico, dos moldes de segregação social à produção habitacional e à mobilidade urbana.

A fisionomia da metrópole, central na economia do país, reflete a conjuntura de modo especial, segundo o organizador. Assim, tiveram impactos particulares na região metropolitana a redemocratização, na década de 80 do século XX (com a volta das eleições regulares e com a constituição de sistemas nacionais de políticas públicas), estabilização econômica, a abertura do mercado interno da década de 90 e o crescimento econômico vigoroso da primeira década do século XXI.

Disponível em: <www.fflch.usp.br> (com adaptações).

34. (Pref. SP – Agente Gestão P. Públicas – Cespe – Maio/2016)

Seriam mantidos o sentido original e a correção gramatical do texto IV caso fosse suprimida a vírgula empregada logo após:

a) “ demográfico” (L. 7).

b) “ renda” (L. 2).

c) “ comum” (L. 5).

d) “ metrópole” (L. 9).

e) “ redemocratização” (L. 10).

Leia o texto a seguir para responder à questão 35.

Texto CG1A1AAA

Em julho de 1955, Bertrand Russell e Albert Einstein lançaram um inusitado apelo aos povos do mundo, pedindo-lhes que “ pusessem de lado” seus fortes sentimentos a respeito de uma série de questões e se vissem “ exclusivamente como membros de uma espécie biológica que traz consigo uma história extraordinária e cujo desaparecimento ninguém pode desejar”. O dilema com que se defronta o mundo é “ claro, aterrador e incontornável: poremos fim à espécie humana ou a humanidade renunciará à guerra?”.

O mundo não renunciou à guerra. Muito pelo contrário. Hoje, a potência mundial hegemônica se dá o direito de fazer a guerra ao seu arbítrio, segundo uma doutrina de “ autodefesa antecipada” sem limites conhecidos. Com uma postura essencialmente farisaica, os Estados Unidos da América (EUA) são implacáveis na imposição do direito internacional e de tratados e regras da ordem mundial aos outros países, mas rejeitam-nos como irrelevantes quando se trata de si mesmos — uma prática antiga, levada a limites inauditos pelos governos de Reagan e Bush II.

Noam Chomsky. Estados fracassados: o abuso do poder e o ataque à democracia. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009 (com adaptações).

35. (PC-PE – Todos os Cargos – Conhec. Gerais – Cespe – Jun./2016)

No texto CG1A1AAA, o sinal de dois-pontos empregado logo após “ incontornável” (l. 5) introduz

a) uma expressão que o autor desejou realçar.

b) uma enumeração.

c) uma citação.

d) um esclarecimento acerca do que foi enunciado anteriormente no período.

e) uma exemplificação.

Leia o texto a seguir para responder às questão 36 e 37.

Texto IV

Em suas remotas origens helênicas, o termo “ caráter” significou gravar. Empregavam-no, então, tanto para exprimir o sinete como a marca deixada na cera dócil. Essa dupla significação ainda hoje é vernácula – senão corrente – em certas acepções. Na linguagem tipográfica, por exemplo, “ caráter” tanto é o tipo da imprensa como o sinal ou a letra gravada. Assim sendo, podemos dizer que o caráter de um homem não é somente o seu feitio moral, senão também a expressão e a impressão do indivíduo. Em arte, caráter será a personalidade do autor, o aspecto aparente e profundo da obra e o efeito dela. Fixada assim a verdadeira acepção do termo, podemos afirmar que o mérito maior do poema do Sr. Menotti del Picchia é “ o caráter”. Poesia profundamente simples e pessoal, de inspiração larga e sadia, tem a força das obras bem concebidas e a beleza das coisas naturais. Poesia de corpos

simples, poderíamos dizer, pela sobriedade de linhas no sentimento, no pensamento e na expressão. Sente-se que o autor procurou a naturalidade e não a arte, que é o melhor caminho para atingir a esta.

O segredo da arte é a naturalidade sem prejuízo da perfeição.

O Sr. Menotti del Picchia ainda não pôde naturalmente desvendar o segredo da arte. Se no buscar a expressão natural do seu lirismo alcançou a arte, não se despojou ainda das incertezas dessa procura, de certa fraqueza de técnica. Defeitos são todos estes transitórios, quase necessários em quem apenas se inicia.

A essência do livro é excelente.

Indica no autor uma personalidade inconfundível, que procura em si mesmo ou em torno de si os motivos de sua estética. Nem se distingue pela obsessão do isolamento, nem se perde por modelos estranhos. Daí lhe vem a superioridade de caráter individual. Se o caráter do autor provém dessa independência sem esforço, reside o da obra em sua originalidade natural; na conformidade com o meio, em uma perfeita radicação no solo pátrio, na simplicidade da construção e nas perfeitas proporções do ímpeto poético. O próprio desconcerto, em pormenores do poema principal e de outras produções secundárias, concorre para a individualidade desse esplêndido ensaio.

O caráter desse livro se conserva pela ressonância que tem. Não são versos agradáveis, suaves ou elegantes, que com tanto agrado se leem quanto facilmente se esquecem. São versos que lidos – ficam; gravam-se invencivelmente na memória, ora destacados, ora em bloco. A crítica, no julgar e no decompor as obras, não pode desprezar a intuição, se não é principalmente isso. E um dos mais seguros processos de intuição, no distinguir o valor das obras, é esse da permanência das sensações.

Os poemas do Sr. Menotti del Picchia deixam uma funda impressão de sua leitura: não pode haver melhor demonstração do seu " caráter". Quando essa impressão não se limitar aos leitores e aos críticos, e se estender à própria literatura nacional, terá a sua poesia atingido o grau supremo que lhe auguro.

Juca Mulato é um poema simples. Encerra uma lição profunda na singeleza do motivo e da intenção. É certo que a evidência da beleza não pode ser em arte um critério axiomático. Quantas vezes a paciência é o melhor guia da emoção estética? A exegese das sinfonias de Beethoven, como a dos dramas musicais de Wagner, aumenta a nossa receptividade para essa arte de titãs, se bem que a intuição íntima e a explicação individual sejam imprescindíveis.

O poema do Sr. Menotti del Picchia tem a simplicidade e a frescura das criações espontâneas e necessárias, onde o esforço da composição permanece obscuro como deve.

Para lhe realçar a beleza não se sente a crítica compelida a buscar símbolos problemáticos ou filosofias arbitrárias. Sendo o que é – um mal de amor impossível que leva a alma à desesperança, para se resignar depois e ressurgir consolada pela visão da terra amada, da felicidade atingível e do sonho necessário –, comove pelo simples aspecto de suas linhas harmoniosas.

A beleza maior do poema, que é também o seu caráter, está na sua simplicidade radical. O poeta reprimiu voluntariamente as possíveis exuberâncias ou ambições de seu lirismo para ficar dentro do assunto que escolheu. Ganhou com isso um grande poder virtual e marca mais do que se quisesse marcar: a acústica de uma construção humana nunca chega à acuidade de um eco natural.

Juca Mulato é a reconciliação do homem consigo mesmo, do brasileiro com sua terra, do bárbaro com seu isolamento. Reconciliação às vezes impossível, outras ilusória, sempre necessária, raramente realizada. O consolo de Juca Mulato é a indicação do caminho a seguir.

Alceu Amoroso Lima. Um poeta. In: *Estudos literários*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1966, p.133-5 (com adaptações).

(Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Com relação às ideias e às estruturas linguísticas do texto IV, julgue (C ou E) os itens a seguir.

36. A inserção de uma vírgula logo após "impossível", em "um mal de amor impossível que leva a alma à desesperança" (l. 41), obrigaria à interpretação de que todo mal de amor impossível leva a alma a tal consequência.

37. No período "Ganhou com isso (...) um eco natural" (l. 46-47), o sinal de dois-pontos poderia ser substituído por um travessão, sem que o sentido do texto e sua correção gramatical fossem prejudicados.

Leia o texto a seguir para responder à questão 38.

Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador

A medicina do trabalho, enquanto especialidade médica, surge na Inglaterra, na primeira metade do século XIX, com a Revolução Industrial.

Naquele momento, o consumo da força de trabalho, resultante da submissão dos trabalhadores a um processo acelerado e desumano de produção, exigiu uma intervenção, sob pena de tornar inviável a sobrevivência e a reprodução do próprio processo.

Quando Robert Dernham, proprietário de uma fábrica têxtil, preocupado com o fato de que seus operários não dispunham de nenhum cuidado médico a não ser aquele propiciado por instituições filantrópicas, procurou o Dr. Robert Baker, seu médico, pedindo que indicasse qual a maneira pela qual ele, como empresário, poderia resolver tal situação. Baker respondeu-lhe:

"Coloque no interior da sua fábrica o seu próprio médico, que servirá de intermediário entre você, os seus trabalhadores e o público. Deixe-o visitar a fábrica, sala por sala, sempre que existam pessoas trabalhando, de maneira que ele possa verificar o efeito do trabalho sobre as pessoas. E se ele verificar que qualquer dos trabalhadores está sofrendo a influência de causas que possam ser prevenidas, a ele competirá fazer tal prevenção. Dessa forma você poderá dizer: meu médico é a minha defesa, pois a ele dei toda a minha autoridade no que diz respeito à proteção da saúde e das condições físicas dos meus operários; se algum deles vier a sofrer qualquer alteração da saúde, o médico unicamente é que deve ser responsabilizado".

A resposta do empregador foi a de contratar Baker para trabalhar na sua fábrica, surgindo, assim, em 1830, o primeiro serviço de medicina do trabalho.

Na verdade, despontam, na resposta do fundador do primeiro serviço médico de empresa, os elementos básicos da expectativa do capital quanto às finalidades de tais serviços:

– deveriam ser serviços dirigidos por pessoas de inteira confiança do empresário e que se dispusessem a defendê-lo;

– deveriam ser serviços centrados na figura do médico;

– a prevenção dos danos à saúde resultantes dos riscos do trabalho deveria ser tarefa eminentemente médica;

– a responsabilidade pela ocorrência dos problemas de saúde ficava transferida ao médico.

A implantação de serviços baseados nesse modelo rapidamente expandiu-se por outros países, paralelamente ao processo de industrialização e, posteriormente, aos países periféricos, com a transnacionalização da economia. A inexistência ou fragilidade dos sistemas de assistência à saúde, quer como expressão do seguro social, quer diretamente providos pelo Estado, via serviços

de saúde pública, fez com que os serviços médicos de empresa passassem a exercer um papel vicariante, consolidando, ao mesmo tempo, sua vocação enquanto instrumento de criar e manter a dependência do trabalhador (e frequentemente também de seus familiares), ao lado do exercício direto do controle da força de trabalho.

MENDES, R; DIAS, E.C. Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador. *Revista Saúde Pública*, S.Paulo, 25: 341-9, 1991. Disponível em: <https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/2977.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2015. Adaptado.

38. (Basa – Médico do Trabalho – Cesgranrio – Set./2015)

No 6º parágrafo (l. 20), os dois-pontos cumprem o papel de anunciar uma

a) causa

b) distinção

c) enumeração

d) justificativa

e) exemplificação

39. (Liquigás – Administrador Jr. – Cesgranrio – Set./2015 – Adaptada)

Uma reescritura possível para o período "Perguntaram-me uma vez se eu saberia calcular o Brasil daqui a vinte e cinco anos", alterando-se a pontuação, mas preservando-se o seu sentido, está adequadamente apresentada em:

a) Perguntaram-me, uma vez se eu saberia calcular o Brasil, daqui a vinte e cinco anos.

b) Perguntaram-me, uma vez, se eu saberia calcular o Brasil daqui a vinte e cinco anos.

c) Perguntaram-me uma vez, se eu saberia calcular o Brasil, daqui a vinte e cinco anos.

d) Perguntaram-me uma vez se, eu, saberia calcular o Brasil daqui a vinte e cinco anos.

e) Perguntaram-me uma vez se eu saberia calcular o Brasil daqui, a vinte e cinco anos.

40. (Liquigás – Administrador Jr. – Cesgranrio – Set./2015 – Adaptada)

Em "Posso intensamente desejar que o problema mais urgente se resolva: o da fome", os dois-pontos cumprem o papel de introduzir uma

a) enumeração

b) explanação

c) retificação

d) especificação

e) contradição

41. (Petrobras – Advogado Jr. – Cesgranrio – Ago./2015 – Adaptada)

O emprego de duas vírgulas tem, entre outras, a função de isolar expressões que detalham uma informação anterior, como em "o principal traço característico do debate público sobre desenvolvimento, seja em nível local ou global, neste alvorecer do século XXI".

As vírgulas foram utilizadas com a mesma função em:

a) " definem um novo paradigma, o da tecnologia da informação, que expressa a essência da presente transformação tecnológica"

b) " seguem uma lógica técnica e, portanto, neutra e estão fora da interferência de fatores sociais e políticos"

c) " fatores sociais preexistentes como a criatividade, o espírito empreendedor, as condições da pesquisa científica afetam o avanço tecnológico"

d) " identificar o papel que essas novas tecnologias podem desempenhar no processo de desenvolvimento educacional e, isso posto, resolver como utilizá-las"

e) " aceleração do processo em direção à educação para todos, ao longo da vida, com qualidade e garantia de diversidade"

42. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016 – Adaptada)

Do trecho " Meu pai acreditava que todos os anos se devia fazer uma cura de banhos de mar", a única reescritura que emprega adequadamente os sinais de pontuação e não altera seu sentido original é:

a) Meu pai acreditava que, todos os anos, se devia fazer uma cura de banhos de mar.

b) Meu pai acreditava, que todos os anos se devia fazer uma cura de banhos de mar.

c) Meu pai acreditava que todos os anos, se devia fazer uma cura de banhos de mar.

d) Meu pai acreditava que todos os anos se devia fazer, uma cura de banhos de mar.

e) Meu pai, acreditava que todos os anos se devia fazer uma cura de banhos de mar.

43. (ANP – Téc. Reg. Petr&Der – Cesgranrio – Jan./2016)

A vírgula foi utilizada de acordo com a norma-padrão da Língua Portuguesa em:

a) Nos últimos tempos, nota-se que bens de consumo como celulares e computadores, que eram artigos de luxo estão ao alcance do povo, da maioria da população.

b) É importante que, em todos os bairros das grandes e pequenas cidades a internet seja considerada o principal meio de comunicação existente na atualidade.

c) As novas tecnologias da comunicação e da informação, já existem há algum tempo e só nos últimos anos começaram a expandir e influenciar na vida da sociedade.

d) A internet não pode ser considerada uma ferramenta perfeita porque, se não for utilizada corretamente, acarreta consequências prejudiciais às pessoas.

e) O prestígio da internet é tão grande que, se ela desaparecesse muitas pessoas ficariam desempregadas pois empresas seriam fechadas.

44. (Basa – Téc. Bancário – Cesgranrio – Set./2015 – Adaptada)

Os seguintes trechos tiveram sua pontuação alterada.

A alteração que **NÃO** respeita a norma-padrão é:

a) responderia " A primeira alternativa". [...] *responderia*: " *A primeira alternativa*".

b) quando ele perdesse o emprego porque substituíssem o elevador antigo por um moderno, daqueles com música ambiental, diria [...] *quando ele perdesse o emprego porque substituíssem o elevador antigo por um moderno (daqueles com música ambiental) diria*

c) Pode-se imaginar que muitos ascensoristas tenham tentado combater o tédio [...] *Pode-se imaginar, que muitos ascensoristas tenham tentado combater o tédio*

d) Era certamente a mais tediosa das profissões [...] *Era, certamente, a mais tediosa das profissões*

e) Mas, como toda arte tende para o excesso, o ascensorista entediado chegaria fatalmente ao preciosismo.[...] *Mas, como toda arte tende para o excesso, o ascensorista, entediado, chegaria fatalmente ao preciosismo*.

45. (Liquigás –Ass. Adminis. – Cesgranrio – Set./2015)

A vírgula está empregada de acordo com a língua escrita padrão em

a) As agências, bancárias das pequenas comunidades prestam serviços aos moradores.

b) Os moradores poderão agora pagar as suas contas de água de, luz e gás encanado.

c) As lojas da comunidade vendem roupas, alimentos e material de construção mais baratos.

d) As oficinas de capacitação profissional e economia, doméstica melhoraram a vida de todos.

e) Os trabalhadores fizeram empréstimos para construir, casas de alvenaria de dois andares.

46. (IPSMI – Procurador – Vunesp – Abril/2016)

Assinale a alternativa em que a passagem – Quando se conheceram, ele percebeu que não adiantava correr atrás do tempo porque o tempo sempre vai correr mais rápido – está reescrita sem prejuízo de sentido e com a pontuação de acordo com a norma-padrão.

a) Ele percebeu, ao se conhecerem, que não adiantava correr atrás do tempo, pois o tempo sempre vai correr mais rápido.

b) Tão logo se conheceram, ele percebeu que: não adiantava correr atrás do tempo, portanto, o tempo sempre vai correr mais rápido.

c) Ele percebeu que tendo-se conhecido, não adiantava correr atrás do tempo, visto que, o tempo, sempre, vai correr mais rápido.

d) Assim que se conheceram ele percebeu: que não adiantava correr atrás do tempo; entretanto, o tempo sempre vai correr mais rápido.

e) Conhecendo-se ele percebeu que, não adiantava correr atrás do tempo, contanto que o tempo sempre vai correr mais rápido.

Leia o texto a seguir para responder à questão 47.

Vira e mexe alguns *blogs* maternos publicam textos sobre " As vantagens de ser mãe de menina" ou " Por que é bom ser mãe de menino": " meninos não têm frescura", " meninas são mais delicadas", " eles são mais corajosos", " elas são mais choronas" e por aí vai. Leio isso e tenho vontade de gritar por ver estereótipos de gênero tão pesados serem perpetuados sem nenhuma reflexão. Já pensou que seu filho é uma figura única e a infinidade de coisas que pode ser ou sentir não cabe em listas, caixas ou rótulos? Pior: que você definir como ele deve ser ou se comportar dependendo de seu gênero pode ser muito, muito cruel?

Aos meninos são permitidas vivências mais amplas. Eles podem subir muros, escalar os brinquedos do *playground*, enquanto as meninas não, veja bem, vai sujar seu sapato de princesa, filha, vai mostrar sua calcinha, não pega bem, filha, não é assim que

uma menina brinca. E por isso, só por isso, que se perpetua a ideia de que os meninos são mais " aventureiros" e " danados" e as meninas mais " cuidadosas". Fazemos as meninas mais infelizes, isso sim.

Ser menino também pode não ser fácil, principalmente se os pais acreditarem que podem definir o que ele deve sentir ou gostar. Meu filho adorava brincar com os carrinhos de boneca das meninas do *playground* do prédio. Só depois de eu dizer que " tudo bem" as mães ou babás ficavam à vontade em deixá-lo empurrar as bonecas ou carregá-las. Por que tanto receio? O que um menino pode virar depois de brincar de boneca? Um pai carinhoso e dedicado no futuro?

Uma vez, em uma loja de brinquedos, meu filho ficou empolgadíssimo ao ver uma pia que funcionava de verdade, com uma torneirinha de água. E pediu muito para que eu comprasse. As opções de cores deixavam claro para quem o brinquedo era fabricado: só havia pias rosa e lilás. " Esse brinquedo é de menina", alertou a vendedora, cheia de boa vontade, como se eu estivesse me distraído e não percebido o " engano" ao considerar a compra. Eu disse para ela que na minha casa lavar louça é uma atividade unissex, que o pai do meu filho encara muito prato e panela suja e, por isso, brincar de casinha é uma brincadeira de menino sim. Meu filho saiu da loja feliz da vida com seu brinquedo rosa que, aliás, para ele é só uma cor, como outra qualquer. O avô estranhou o presente até eu levá-lo à reflexão: " Quantas pias de louça suja você lavou e lava na sua vida, para manter sua casa em ordem?". E só daí meu pai percebeu o tamanho da bobagem que fazia ao acreditar que lavar louça é uma atividade exclusivamente feminina.

E para quem gosta de listas, proponho uma única: " As vantagens de ser mãe de uma criança feliz". É essa que eu espero estar escrevendo, no dia a dia, ao não determinar como meu filho pode ou não ser.

(Rita Lisauskas, A crueldade de dividir o mundo entre "coisas de menino" e "coisas de meninas". Disponível em: <vida-estilo.estadao.com.br>. Acesso em 10-02-2016. Adaptado)

47. (Unesp – Ass. Administrativo I – Vunesp – Abril/2016)

Observe as expressões colocadas entre aspas:

" As vantagens de ser mãe de menina"/ " Por que é bom ser mãe de menino": " meninos não têm frescura", " meninas são mais delicadas", " eles são mais corajosos", " elas são mais choronas" (1º parágrafo); – " Esse brinquedo é de menina" (4º parágrafo).

É correto afirmar que, no contexto em que estão empregadas, as aspas sinalizam

a) a citação das opiniões da própria autora acerca dos fatos narrados.

b) referências a situações concretas que a autora afirma serem verdadeiras.

c) comentários de pessoas não identificadas, os quais sustentam as opiniões da autora.

d) a intenção de expor ideias compatíveis com as atitudes tomadas pela autora.

e) a expressão de pontos de vista não compartilhados pela autora.

48. (Unesp – Ass. Administrativo I – Vunesp – Abril/2016)

Assinale a alternativa correta quanto ao emprego de vírgulas e à colocação do pronome destacado.

a) Ali, só havia pias rosa e lilás, o que não deixava-nos dúvida de que o brinquedo era fabricado, para meninas.

b) Cheia de boa vontade a vendedora, alertaria-nos que um certo brinquedo, " era de menina".

c) Na minha casa lavar louça, é uma atividade unissex, por isso, conclui-se que brincar de casinha é uma brincadeira de menino

sim.

d) O meu filho, uma vez, em uma loja de brinquedos, empolgou-se ao ver uma pia que funcionava de verdade.

e) Como para o meu filho, rosa é, apenas uma cor, ele saiu da loja feliz da vida com a pia, carregando-a nos braços.

49. (MPE/SP- Analista Técnico Científico – Vunesp – Jul./2016)

Assinale a alternativa em que os sinais de pontuação estão empregados segundo os mesmos princípios da norma-padrão adotados na passagem – com certa diferença na duração do mandato: o dos senadores, mais longo; o dos deputados, mais curto.

a) A separação os fez perder muita coisa: ele, a guarda dos filhos; ela, a casa em que morava com as crianças.

b) Há algo importante a explicar: a perda de clientes, muitos deles inadimplentes; entretanto, ninguém fala nada.

c) Os meios de divulgação são os seguintes: internet, mensagem de celular e jornais; com eles, atingiremos o público.

d) Foi o que disse o funcionário: o carregamento não chegou, ainda; e os pedidos estão se acumulando, mais e mais.

e) Fui reticente, mas agora me explico: meu dinheiro acabou, nada me resta; e meu pai não pode me ajudar, coitado.

50. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Assinale a alternativa correta quanto à pontuação e à regência, de acordo com a norma-padrão.

a) De forma mais lenta, reagem, o emprego e o mercado de crédito, ante a mudança de direção da economia.

b) O emprego e o mercado de crédito, reagem na mudança de direção da economia de forma mais lenta.

c) O emprego e o mercado de crédito reagem, de forma mais lenta, para a mudança de direção da economia.

d) Reagem à mudança de direção da economia, de forma mais lenta, o emprego e o mercado de crédito.

e) Diante a mudança de direção da economia reagem o emprego e o mercado de crédito, de forma mais lenta.

51. (MPE/SP- Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016 – Adaptada)

Na passagem – Casara-se com d. Laura, que [....] era mais inteligente e instruída que ele –, emprega-se a vírgula para indicar uma

a) conversa entre as personagens do conto.

b) conclusão sintetizando as divergências entre as personagens.

c) explicação quanto às qualidades de d. Laura.

d) correção relativa à personalidade de d. Laura.

e) citação contendo o pensamento de Garcia.

Gabarito: 1. b; 2. c; 3. c; 4. d; 5. c; 6. a; 7. b; 8. e; 9. b; 10. c; 11. e; 12. b; 13. d; 14. a; 15. a; 16. d; 17. d; 18. C; 19. C; 20. E; 21. E; 22. C; 23. C; 24. E; 25. C; 26. C; 27. C; 28. C; 29. E; 30. C; 31. C; 32. C; 33. e; 34. a; 35. c; 36. C; 37. C; 38. c; 39. b; 40. d; 41. a; 42. a; 43. d; 44. c; 45. c; 46. a; 47. e; 48. d; 49. a; 50. d; 51. c.

Agora que chegamos ao final deste capítulo tão importante, vamos resumir? A seguir, um resumo sobre o uso das vírgulas.

20.5. RESUMO

USO DA VÍRGULA – REGRAS PRÁTICAS:

- Emprega-se a vírgula para isolar vocativo. (“João, entre já!”)
- Emprega-se a vírgula para isolar aposto. (“João, o professor, chegou”)
- Usa-se a vírgula para separar elementos de mesma função sintática (enumerações). (“Comprou banana, uva, pera e maçã”)
- Separa-se na data o nome do lugar e para indicar supressão de uma palavra. (“Brasília, 30 de dezembro de 2010”/”João comprou as bebidas; Maria, o jantar”).
- Separa as orações coordenadas assindéticas. (“Acordou, banhou-se e foi ao trabalho”).
- Usa-se a vírgula para separar orações coordenadas sindéticas. As conjunções adversativas (mas, porém, contudo, todavia,...) e conclusivas (logo, portanto, por conseguinte,...), se deslocadas, devem ficar entre vírgulas. (“João chegou tarde, porém saiu cedo.”/ “João chegou tarde; saiu, porém, cedo.”)

Obs.: Quando a conjunção **e** unir sujeitos diferentes ou se apresentar com valor adversativo: vírgulas facultativas. (“João saiu cedo, e Maria chegou em seguida”/”João estudou, e não passou”) Caso una orações com sujeitos iguais, vírgula proibida (“João chegou e ligou para sua mãe”).

- O uso da vírgula é facultativo nos advérbios e locuções deslocados. (“Ontem, meu tio veio, com a família, me visitar” ou “Ontem meu tio veio com a família me visitar”)
- As expressões deslocadas na frase (isto é, ou melhor, digo, aliás, por exemplo,...) devem vir separadas por vírgulas. (“Meu pai, ou melhor, meu irmão chegou”)
- A vírgula é usada para separar as orações adverbiais deslocadas (“Se chegar cedo, ligue-me”) e as orações adjetivas explicativas (“O homem, que é um ser mortal, tem alma imortal”).

21 AS PALAVRAS QUE E SE

21.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

21.1.1. A palavra que

Todos sabemos como é difícil classificar essa palavra... Isso acontece porque ela pode ter muitas classificações, na verdade, é um resumo de tudo o que você estudou...

Uma boa maneira de estudar essa palavra é entendendo de fato cada classificação. Sem decoreba... Você vai perceber que todas estas classificações fazem sentido, tudo tem uma lógica. Assim, fica bem mais fácil.

Vamos lá então? Primeiro, vamos ver tudo o que o QUE pode ser...

1. Pronome

Quando substitui ou determina um substantivo.

a) Indefinido – tem um sentido vago.

Que felicidade!

Que diferença de preço!

b) Interrogativo – aparece em orações interrogativas.

Que professor me substituirá? (interrogativa direta)

Não sei que professor me substituirá. (interrogativa indireta)

c) Relativo – retoma um antecedente, evitando sua repetição.

"Eu preparo uma canção que faça acordar os homens e adormecer as crianças." (Carlos Drummond de Andrade)

2. Preposição

Quando equivale à preposição de. Aparece no meio de uma locução verbal.

"A gente não tem que fazer tudo o que a gente tem que fazer."

3. Interjeição

Aparece em construções que denotam admiração, espanto.

Quê! Ela te contou isso?

4. Advérbio

Modifica um adjetivo ou um advérbio, denotando intensidade.

Que simpático é Guilherme!

5. Conjunção

É um conectivo que dá início às orações coordenadas (conjunções coordenativas) ou às subordinadas (conjunções subordinativas).

Coordenativa

• Aditiva: Grita que grita.

• Explicativa: Vá dormir, que já é tarde.

Algumas gramáticas dão exemplos ainda do que como alternativo e adversativo.

Subordinativa

• Integrante – dá início às orações substantivas.

“A crise mostra que a velha esquerda não tem programa.”

– consecutiva: Estava tão emocionado que chorava a cada homenagem que recebia.

• Adverbial (dá início – comparativa: Esforçava-se mais que o irmão.

às orações adverbiais) – concessiva: Que trouxesse o presente mais caro, não o perdoaria

– causal: Chegarei tarde, que tenho trabalho a fazer.

– final: Emprestei-lhe o casaco que não sentisse frio.

Há também registros do que como temporal e condicional.

6. Partícula expletiva ou de realce

Serve para dar expressividade ao que se quer enunciar. Pode ser retirada da frase, sem prejuízo sintático ou semântico.

Quase que caí da árvore.

Nós é que chegamos primeiro. (expressão de realce é que)

7. Substantivo

Quando vem determinado (geralmente por artigo ou pronome). Sempre acentuado.

Este quê tem a função de sujeito.

21.1.2. A palavra se

Agora vamos ao SE?

1. **Pronome reflexivo**

Quando equivale a a si mesmo.

Pedi a ela que se afastasse da cadeira.

2. **Pronome recíproco**

Quando equivale a um ao outro.

Os amigos se abraçaram na despedida.

3. **Pronome apassivador**

Partícula que se liga ao verbo para tornar o sujeito paciente. Esse verbo será transitivo direto ou transitivo direto e indireto. A frase pode ser transformada em voz passiva analítica.

Nunca se viram tantos suicídios. (= Tantos suicídios nunca foram vistos.)

4. **Índice de indeterminação do sujeito**

Sua função é tornar o sujeito indeterminado. O verbo, em geral, não será transitivo direto.

Trabalha-se muito naquela seção.

5. **Parte integrante do verbo**

Aparece nos verbos pronominais.

Queixavam-se da vida sem razão.

6. **Conjunção**

Estabelece ligação entre duas orações.

a) Conjunção subordinativa integrante – dá início à oração subordinada substantiva.

Perguntei se precisavam de ajuda.

b) Conjunção subordinativa condicional – dá início à oração subordinada adverbial condicional.

Se quiseres, voltarei mais tarde.

c) conjunção subordinativa causal – dá início à oração subordinada adverbial causal.

Se você depende desse emprego, não arrume confusão. (= já que)

d) Conjunção subordinativa concessiva – dá início à oração adverbial concessiva.

Se o acesso à escola melhorou muito, a qualidade de ensino tem se mostrado aquém do esperado.

Há também registros do se como comparativo.

7. **Substantivo**

Quando vem determinado por artigo ou pronome.

O sê desta frase é uma conjunção.

8. **Partícula expletiva (ou de realce)**

Pode ser retirado da frase sem prejuízo semântico. Não há alteração na estruturação sintática da frase.

Foi-se embora de manhã.

Próximo passo: classificar os "quês" e os "sês" em textos. Quem sabe de fato, consegue classificar nos textos... Então, teste seus conhecimentos!

21.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Classifique o *que* e o *se* dos textos a seguir.

Texto I

Defendo a ideia de que deveria haver porte de celular como há porte de arma, e não só para evitar – está bem, dificultar um pouco – que caia na mão dos bandidos. Acho que o celular se juntará ao cigarro como um divisor da Humanidade. Com o cigarro pegamos o câncer dos outros, com o celular somos atacados pela intimidade dos outros, sem qualquer possibilidade de defesa. Você fica indeciso entre dois impulsos, o de sair de perto para não ouvir mais detalhes sobre o furúnculo da Adalgisa e chegar mais perto para ouvir os dois lados da conversa e ter, pelo menos, o consolo da bisbilhotice total. Em geral não pode fazer nem uma coisa nem outra. Fica ali, semi-imerso na vida de outro e fingindo ser surdo. Um agravante é que as pessoas parecem adquirir, junto com o celular, uma desinibição de penitentes. Dizem tudo com furor confessional e para serem ouvidas no céu. Cresce uma rejeição ao celular parecida com a que o cigarro provoca nos não fumantes e logo haverá a segregação, setores só para os com-celular e avisos oficiais que o celular pode causar problemas de saúde para quem usa, com a defenestração. Mas desconfio que, do jeito que vai, nós, os sem-celular, é que acabaremos discriminados, reunidos em pequenos oásis de silêncio e recato enquanto todos à nossa volta se comunicam o tempo todo sem parar.

Luís Fernando Veríssimo

que (l.1) _____

1º que (l.2) _____

2º que (l.2) _____

que (l.8) _____

que (l.10) _____

que (l.12) _____

1º que (l.13) _____

2º que (l.13) _____

Texto II

Costuma-se ouvir que as universidades públicas estão sendo "sucateadas". Trata-se de uma comprovação cabal da injunção de Goebbels de que uma mentira repetida à exaustão torna-se verdade.

1º se (l.1) _____

2º se (l.1) _____

se (l.2) _____

Texto III

Nas cidades brasileiras, o comum é aumentar os espaços de circulação dos carros. Diminuem-se as calçadas. Constroem-se viadutos, túneis e passagens de nível para seu uso exclusivo. Na Paris de Delanoë, trabalha-se no sentido contrário. Corredores de ônibus, ciclovias, calçadões para pedestres e reservas para novas áreas verdes formam uma combinação que avança com ímpeto sobre os espaços onde antes o carro reinava.

se (l.1) _____

se (l.2) _____

se (l.3) _____

que (l.4) _____

Texto IV

Ignorância e preconceito

Lya Luft

(…) O preconceito, doença que turva nosso olhar e entorta nossa alma, que nos diminui e nos emburrece, é uma das enfermidades mais sérias deste nosso mundo. E, atenção, não falo apenas do preconceito contra deficientes nem do preconceito contra muçulmanos, cristãos, negros, índios ou brancos. Não me refiro apenas ao preconceito contra pobres ou ricos, mas também ao lamentável preconceito contra a classe média. Contra isso que os promotores do ódio de classes chamam indiscriminadamente "as elites". Que incluem bancários, professores, auxiliares de escritório, motoristas, domésticas, balconistas, trabalhadores em geral. Isto é, os que não dependem totalmente da ajuda dos governos.

Essa postura criminosa tanto perturba a mente das pessoas que numa manifestação de parentes de vítimas dos dois acidentes aéreos recentes, que envergonham este país, houve quem gritasse que aquela era uma manifestação "da elite". Tal intervenção, movida pelo ódio insensato e nascida da brutalidade, mostra que estamos seguindo um caminho muito perigoso. Estamos chegando a um ponto em que os que perderam mãe, pai, filho, marido ou esposa, por não serem realmente pobres, não têm direito nem de sofrer.

Quem sabe acabaremos como uma sociedade em que bancários, médicos, professores, balconistas, operários devem se esconder de vergonha por não pedir esmola na rua ou não viver de doações públicas? Alguém começa a acreditar que a classe média hoje tachada de "elite", os que com seu trabalho conseguem comer, morar, estudar, é exploradora e quer a desgraça dos demais? Se for assim, estamos tragicamente desorientados por aqui, confundindo perigosamente as coisas. Há no ar um tipo de estímulo a esse ódio de classes destrutivo e antidemocrático. Que censura até os que, às vezes com incalculável sacrifício, entram numa universidade, fazem seu mestrado, quem sabe seu doutorado no exterior – com bolsa de estudos, sim, porque com isso ajudam grandemente a melhorar as condições de vida dos mais desprotegidos em nosso país.

Se permitirmos que essa doença maligna – o preconceito, pai do ódio e filho da ignorância – nos domine, seremos em breve o mais atrasado no círculo dos povos atrasados, uma manada confusa obedecendo a qualquer chibata ideológica.

1º que (l.1) _____

2º que (l.1) _____

que (l.5) _____

Que (l.6) _____

que (l.7) _____

que (l.9) _____

que (l.10) _____

que (l.11) _____

que (l.12) _____

1º que (l.13) _____

2º que (l.13) _____

que (l.15) _____

se (l.16) _____

1º que (l.17) _____

2º que (l.17) _____

Se (l.19) _____

Que (l.20) _____

que (l.21) _____

Se (l.24) _____

Gabarito: Texto I – conjunção integrante; conjunção integrante; conjunção integrante; conjunção integrante; pronome relativo; conjunção integrante (Inicia oração subordinada substantiva completiva nominal. O uso da preposição "de" é facultativo.); conjunção integrante (Inicia oração subordinada substantiva objetiva indireta. Quando o objeto indireto aparece sob forma de oração, o uso da preposição é facultativo.); palavra de realce (= expletiva). A expressão de realce na linha 14 é "é que".

Texto II – pronome apassivador; índice de indeterminação do sujeito; parte integrante do verbo.

Texto III – pronome apassivador; pronome apassivador; índice de indeterminação do sujeito; pronome relativo.

Texto IV – pronome relativo; pronome relativo; pronome relativo; pronome relativo; pronome relativo; conjunção subordinada adverbial consecutiva; pronome relativo; conjunção integrante; conjunção integrante; pronome relativo; pronome relativo; pronome relativo; pronome reflexivo; conjunção integrante; pronome relativo; conjunção adverbial condicional; pronome relativo; pronome relativo; conjunção adverbial condicional.

21.3. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (Eletrobras/Eletrosul – Téc. Seg. Trab. – FCC – Jun./2016 – Adaptada)

Considere os seguintes trechos:

I. *E foi exatamente por causa da temperatura que foi construída em Abu Dhabi uma das maiores usinas de energia solar do mundo.*

II. *Não vão substituir o petróleo, que eles têm de sobra por mais 100 anos pelo menos.*

III. *Um traçado urbanístico ousado, que deixa os carros de fora.*

IV. *As ruas são bem estreitas para que um prédio faça sombra no outro.*

O termo "que" é pronome e pode ser substituído por "o qual" APENAS em

a) I e II.

b) II e III.

c) I, II e IV.

d) I e IV.

e) III e IV.

2. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

"É assim mesmo que está, e é irritante, o ser humano está em um estado de nervos que ele não está mais se controlando...”; a frase abaixo em que as duas ocorrências do vocábulo QUE pertencem à mesma classe gramatical é:

a) "Alma grande é aquela que percebe que o cachorro está com fome e lhe dá de beber" (La Serna);

b) "O arqueiro que ultrapassa o alvo falha tanto como aquele que não o alcança" (Montaigne);

c) "Mas a ambição do homem é tão grande que, para satisfazer uma vontade presente, não pensa no mal que dentro em breve daí

pode resultar" (Maquiavel);

d) " Não há encosta, por mais íngreme que seja, que duas pessoas juntas não possam galgar" (Ibsen);

e) " As pessoas vaidosas dizem o que pensam para os outros pensarem que elas sabem mais" (Nouailles).

3. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016 – Adaptada)

" As vítimas se contam às dezenas e incluem músicos, jornalistas, carteiros etc".

Nesse segmento, o vocábulo SE apresenta a função de partícula apassivadora; a frase abaixo em que as duas ocorrências desse vocábulo exercem essa mesma função é:

a) " Para o homem só há três acontecimentos: nascer, viver e morrer. Ele não se sente nascer, sofre morrendo e se esquece de viver" (La Bruyère);

b) " O açúcar seria caro demais se não se fizesse cultivar a planta que o produz por escravos" (Montesquieu);

c) " E se Adão não tivesse resistido àquela operação nas costelas a que tão prematuramente se submeteu?" (Eno T. Wanke);

d) " O amor é uma arte que nunca se aprende e sempre se sabe" (Galdós);

e) " Não ensines a teu aluno toda a tua ciência. Quem sabe se ele amanhã não se tornará o teu inimigo"? (Saadi).

4. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016 – Adaptada)

" No outro polo, verifica-se um crescimento da autossegregação..."; a função do pronome SE, nesse segmento, se repete na seguinte frase:

a) " Os abusos, como os dentes, nunca se arrancam sem dores" (Marquês de Maricá);

b) " O aborto é perigoso, porque, se fracassa, pode produzir uma criança" (Sofocleto);

c) " Meu desejo sincero seria que nossa Academia Brasileira não se esquecesse tanto de que é também de... letras" (Afonso Arinos);

d) " Envergonhar-nos-íamos frequentemente de nossas ações mais belas se o mundo visse os motivos que as produzem" (La Rochefoucauld);

e) " Ao lermos os grandes autores, temos a impressão de que todos se conheceram uns aos outros" (Elias Canetti).

Gabarito: 1. b; 2. b; 3. d; 4. a.

21.4. RESUMO

Vamos às dicas finais?

A palavra que

O **QUE** que retoma um substantivo é pronome relativo. Nesse caso, pode ser substituído por outro relativo.

Atenção à palavra de realce QUE. Pode vir sozinha ou pode compor a expressão " é que".

Há duas formas de se interrogar: direta e indiretamente.

Nem todo QUE que inicia oração substantiva é conjunção integrante. Se estiver se referindo a um substantivo, será pronome.

A palavra se

Diante de um SE, primeiro pergunte se ele é pronome apassivador.

Caso não seja pronome apassivador, verifique se ele é pronome indeterminador do sujeito.

Não pergunte de imediato se ele é palavra de realce: você sempre vai achar que é.

Memorize os verbos pronominais que mais aparecem nas provas de concursos públicos: nesses casos, o SE será parte integrante do verbo.

22 FIGURAS DE LINGUAGEM

As figuras de linguagem são divididas em três tipos, que serão estudados neste capítulo: figuras de palavras; figuras de sintaxe; e figuras de pensamento.

22.1. TEORIA SUCINTA

22.1.1. Figuras de palavras

1. **Metáfora**: emprego de palavra fora do seu sentido normal, por analogia.

   Ex.: A Amazônia é o pulmão do mundo.

   Na sua mente povoa só maldade.

   Obs.: quando há um confronto direto, temos o **Símile** ou **Comparação** (caracterizada pela presença de conjunções comparativas – *como, tal qual, assim como* ...).

   Ex.: Ele é rápido como a lebre.

2. **Sinestesia**: quando se cruzam sensações diferentes.

   Ex.: Doce esperança. (paladar *x* sentimento)

3. **Catacrese**: emprego impróprio de uma palavra, por não se dispor de palavra própria para designar certas ações.

   Ex.: Embarcar num trem. (trem não é barco)

   "Enterrar uma agulha na pele." (pele não é terra)

4. **Metonímia**: substituição de um nome por outro em virtude de uma semelhança (autor pela obra, concreto pelo abstrato, continente pelo conteúdo, causa pelo efeito e vice-versa...).

   Ex.: A juventude (= jovens) brasileira.

   Ler Machado de Assis.

22.1.2. Figuras de sintaxe

1. **Hipérbato** (= inversão): alteração da ordem direta dos termos.

   Ex.: Morreu o presidente.

   Obs.: quando há anteposição de um termo preposicionado, temos a **anástrofe.**

   Ex.: Tão bela dos seus anos na flor. (Tão bela na flor dos seus anos.)

2. **Pleonasmo**: repetição de significação do vocábulo ou termos oracionais com finalidade expressiva.

   Ex.: Ver com os próprios olhos.

   A mim ninguém me engana.

3. **Anacoluto**: quebra de estruturação sintática.

   Ex.: O meu cunhado, você se entende com ele.

   A expressão *O meu cunhado* não exerce nenhuma função sintática na frase.

4. **Elipse**: omissão de um termo facilmente subentendido.

   Ex.: Na praça, crianças brincando. (havia)

   Obs.: **Zeugma** é um tipo de elipse. Consiste na supressão de um termo já expresso anteriormente.

   Ex.: Alguns estudam, outros não. (estudam)

5. **Silepse**: concordância ideológica.

   Ex.: **V. Exª** é compreensiv**o**. (silepse de gênero)

   Todos fomos à festa. (silepse de pessoa)

6. **Hipálage**: aplica-se a um substantivo um adjetivo que corresponde a outro substantivo.

   Ex.: Maria fumava um cigarro lânguido. (Quem estava lânguida – sensual – era Maria, e não o cigarro.)

7. **Quiasmo**: os elementos se cruzam em X.

   Ex.: "No meio do caminho tinha uma pedra

   Tinha uma pedra no meio do caminho."

8. **Anáfora**: repetição de palavra no início de cada membro da frase.

   Ex.: Tudo era silencioso, tudo nebuloso, tudo confuso.

22.1.3. Figuras de pensamento

1. **Antítese**: oposição entre duas palavras ou pensamentos.

   Ex.: Não há no mundo alegria sem sobressalto, riqueza sem miséria.

2. **Enálage:** uso de um tempo verbal no lugar de outro.

   Ex.: Você me emprestaria a sua caneta? (Uso, por polidez, do futuro do pretérito em lugar do presente – empresta.)

3. **Oxímoro**: os vocábulos opostos formam um paradoxo (ideias aparentemente contraditórias).

Ex.: Viver só na multidão.

4. **Hipérbole**: exagero na mensagem.

   Ex.: Repetir um milhão de vezes.

5. **Eufemismo**: emprego de palavras ou expressões agradáveis em substituição às que têm sentido desagradável.

   Ex.: Faltou com a verdade. (=mentir)

   Deu o último suspiro. (= morrer)

6. **Ironia**: declarar o oposto do que se pensa.

   Ex.: Era fino como um hipopótamo.

7. **Prosopopeia** (= personificação): atribuição de ações ou qualidades humanas a seres inanimados.

   Ex.: "Os pinheiros pensavam coisas longas..."

22.2. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (Vunesp) "Na laranja e na couve

picada – as cores brasileiras

da feijoada. (...)" (Luiz Bacellar)

No excerto acima, ocorre a figura de sintaxe a que se denomina:

a) zeugma.

b) pleonasmo.

c) anáfora.

d) elipse.

e) anacoluto.

2. (Banco do Brasil) Na oração "Por sua cabeça passam **mil e uma** questões", o numeral tem seu sentido original modificado, pois uma quantidade certa está empregada para expressar uma indeterminação exagerada. Recorde-se, agora, de que a exageração de uma ideia dá origem a uma conhecida figura de linguagem. Assinale a alternativa em que se utiliza tal figura:

a) Lemos Machado de Assis nas aulas de literatura brasileira.

b) Por estar com sede, bebeu três copos.

c) Eu, parece-me que vou mal.

d) A liberdade concedida não deixa de ser uma forma de prisão.

e) A cidade amanheceu debaixo d'água.

3. (Vunesp) Em "Rios te correrão dos olhos, se chorares." (Olavo Bilac), identifica-se a figura de linguagem:

a) hipérbato.

b) hipérbole.

c) eufemismo.

d) metonímia.

e) paradoxo.

4. (NCE-UFRJ) Ao estabelecer uma comparação entre a ação da águia e a dos homens, o texto compõe uma:

a) anástrofe.

b) metáfora.

c) hipérbole.

d) metonímia.

e) silepse.

5. (Cesgranrio) "Sofreu inutilmente por mais dois dias antes de tocar de novo o acorde final", no fragmento ocorre um(a):

a) personificação.

b) onomatopeia.

c) eufemismo.

d) comparação.

e) metonímia.

6. (Cesgranrio) A propósito do emprego da linguagem figurada presente no poema de Vinícius de Moraes, é correto afirmar que, nos versos "Sendo a sua liberdade/Era a sua escravidão", há:

a) antítese.

b) comparação.

c) eufemismo.

d) metáfora.

e) metonímia.

7. (Cesgranrio) "Nike renova com a CBF até 2018."

Sem alarde, a Nike renovou seu contrato com a CBF até 2018.

(Revista Veja)

Podemos afirmar que nesse trecho há uma figura de linguagem conhecida como:

a) metonímia.

b) hipérbole.

c) metáfora.

d) hipérbato.

e) comparação.

8. (Cesgranrio) No trecho "A obra-prima da agressão sonora são uns automóveis cujos porta-malas se abrem revelando uma bateria de alto-falantes, terrível usina de decibéis.", observa-se um exagero do articulista, o qual se justifica pela sua indignação ao que está expondo. A esse recurso estilístico denomina-se:

a) antítese.

b) eufemismo.

c) metonímia.

d) hipérbole.

e) personificação.

9. (Cesgranrio) "Mas a **mim** é que não **me** escardincham (...)"

Há entre os vocábulos grifados uma relação:

a) pleonástica.

b) irônica.

c) metafórica.

d) antitética.

e) eufemística.

Gabarito: 1. d; 2. e; 3. b; 4. b; 5. c; 6. a; 7. a; 8. d; 9. a.

Parte IV

Interpretação de textos

23 TIPOLOGIA TEXTUAL

23.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

23.1.1. Os modos e os tipos de texto

Não se pode falar em compreensão e intelecção textual sem que se aprenda a diferenciar os modos de texto. Ao aprender a classificar um texto, o aluno não só se prepara para as questões que versam sobre tipologia textual, como também estabelece o primeiro contato com o seu objeto de estudo.

Podemos destacar quatro maneiras de organizar um discurso: por meio da **narração**, **descrição**, **dissertação** e **argumentação**. Muitas vezes, é importante ressaltar, utilizamo-nos de mais de um recurso na elaboração de um único texto.

23.1.2. A narração

É a modalidade de texto que se relaciona com objetos do mundo real. Na narração, o objetivo do autor é contar um fato, relatar acontecimentos, reais ou imaginários.

23.1.2.1. As modalidades da narração

O texto narrativo apresenta-se em diversas modalidades; entre as principais, pode-se citar:

1. **Romance:** narrativa longa que não se compõe apenas de uma trama – além do núcleo principal, outras tramas se desenrolam em paralelo. É composição que pode vir escrita em prosa ou em verso.
2. **Crônica:** é o relato de acontecimentos do quotidiano, do nosso dia a dia, que se desenrolam em uma sucessão cronológica. Reflete a vida social, a política, os costumes de uma época.
3. **Conto:** narrativa curta e concisa que se desenvolve em torno de um único núcleo. Pode ter características reais ou ser apenas fruto da imaginação do autor.
4. **Fábula:** uma espécie de conto, em forma de prosa ou verso. Tem como objetivo uma lição de aprendizado, o ensinamento de uma moral. Utiliza-se de personagens animais, mas com características humanas.
5. **Anedota:** narrativa que tem como objetivo provocar humor. É breve e pode se apresentar também na linguagem oral.
6. **Lenda:** história fictícia que se utiliza de lugares ou personagens reais. Mistura realidade e fantasia. Seu registro escrito normalmente é precedido de uma tradição oral.

7. **Parábola:** narrativa alegórica. Texto cujo objetivo é veicular uma mensagem, um ensinamento, por meio de uma comparação ou analogia. É a versão da fábula com personagens humanas.

23.1.2.2. Os elementos da narração

No texto narrativo, não se deve deixar de lado a análise do aspecto temporal: os acontecimentos se sucedem na linha cronológica, existindo, portanto, uma relação de anterioridade e posterioridade, que acabam por compor uma história que nos é contada por um narrador. Tem-se assim a composição de três elementos:

AÇÕES X PERSONAGENS X NARRADOR.

23.1.2.2.1. As ações

As ações são relatadas numa narrativa obedecendo à seguinte ordenação:

1. **Introdução**

Apresenta a ideia-núcleo ou ideia principal, podendo surgir ideias secundárias. Representa um estado de harmonia inicial, de equilíbrio.

Ex. 1: Texto 1

"O índio da Transamazônica todo dia passava pelas obras, com um menino nas mãos e um livro debaixo do braço."

2. **Desenvolvimento**

O fato narrativo propriamente dito (uma série de ações que levam os personagens a sofrerem diversas transformações). No desenvolvimento, observamos o enredo da história, a ocorrência da desarmonia. No desenrolar de uma narrativa, o(s) personagem(ns), em busca de soluções para a carência apresentada na introdução, passa(m) por uma série de transformações, que culminarão em um resultado final. Há nesse momento do texto, portanto, um conflito, um ponto extremo de tensão, que só será solucionado no desfecho da narração.

Exemplo: continuação Texto 1

"Um dia, o engenheiro perguntou a ele:

– *Onde vai com estes livros?*

– *Pra escola!*

O engenheiro ficou maravilhado!

– *Que coisa edificante ver um índio brasileiro levar uma criança para a escola.*

– *Não é criança, não. Quem vai à escola é índio mesmo*!"

Importante ressaltar que, no gênero narrativo, ao relatar as ações através de uma evolução cronológica, faz-se necessário o uso de verbos de ação que encadeiam os fatos ("A mulher foi passear na capital. Após um tempo, o marido dela recebeu um telegrama.") e de conectivos temporais, que organizam os fatos da narrativa, situando-os uns em relação aos outros. ("O crime ocorreu no domingo. Dias depois, os jornais já noticiavam.")

3. **Conclusão**

A conclusão pode ser ideia sucinta do fato narrado, um comentário pessoal do autor ou uma simples generalização. Representa também a resolução da carência, isto é, um resultado, sob a forma de uma melhora, de uma permanência ou de uma degradação do estado inicial. É o desfecho do texto, que tanto pode ser a volta ao equilíbrio inicial como o aparecimento de uma nova, uma outra situação de equilíbrio não apresentada no início do texto.

Ex.: fechamento Texto 1

– Ah... que empolgante – falou o engenheiro. Aí, deu uma paradinha, uma pensadinha e perguntou: – E o menino?

– Ah! – falou o índio – menino é merenda!"

23.1.2.2.2. Os personagens

Os personagens são elementos fundamentais na narrativa, possuindo cada um o seu papel para a evolução da história. Interessante observar que o vocábulo "personagem" se origina do grego (persona = máscara): é por meio dos personagens que o autor transmite as mensagens que deseja.

Há os personagens principais – o antagonista e o protagonista – e os secundários – constrói-se entre eles uma hierarquia de valor.

23.1.2.2.3. O narrador

O narrador é o organizador da história contada, podendo ser o próprio autor do texto narrativo ou até mesmo um personagem criado pelo autor. Contando a história para o leitor, ele poderá interferir no texto através de pronomes ("nós podemos concluir o que ela poderia estar pensando..."), do uso do presente genérico ("sabíamos que ele poderia não estar dizendo a verdade"), comentários sobre o fato narrado ("descrevendo-a desta maneira, é fácil imaginar por que ele a amava") ou até interpelando diretamente o leitor ("Preste atenção, minha cara leitora, a este artista que temos"). Podemos ainda caracterizar o narrador como o de primeira ("Já contei algumas vezes esta história") ou de terceira pessoa ("A mulher estendeu-lhe a mão e sorriu").

De uma forma prática, teríamos:

a) ***Narrador personagem****: é aquele que conta a história e dela participa. A história é contada em* 1ª *pessoa.*

Ex.: "Percebi que minha avó não me olhava. A princípio, achei inexplicável ela fizesse isso, pois costumava fitar-me, longamente, com uma ternura que incomodava. Tive raiva do que me parecia um capricho e, como represália, fui para a cama."

b) ***Narrador observador**: caracteriza-se como o narrador que relata acontecimentos na qualidade de alguém que observa e transmite suas impressões ao leitor. Conta-se a história em 3ª pessoa.*

Ex.: "O menino pisou com o calcanhar a procissão de formigas atarantadas. Só então percebeu que lhe escorria do joelho esfolado um filete de sangue."

c) ***Narrador onisciente**: é aquele que não só observa os acontecimentos, mas também sabe tudo sobre os personagens, inclusive seus sentimentos e pensamentos. A narração se desenrola em 3ª pessoa, mas muitas vezes a fala do narrador se mistura às dos personagens, o que caracteriza o discurso indireto livre.*

Ex.: "No fundo, Ana sempre tivera necessidade de sentir a raiz firme das coisas. E isso um lar lhe dera. Por caminhos tortos, viera a cair num destino de mulher, com a surpresa de nele caber como se o tivesse inventado. O homem com quem casara era verdadeiro, os filhos que tivera eram filhos verdadeiros. Sua juventude anterior parecia-lhe estranha como uma doença de vida."

23.1.2.2.4. O narrador e os tipos de discurso

No texto narrativo, os personagens dialogam entre si, manifestando, assim, o seu discurso. Cabe ao narrador a reprodução desses discursos ao longo da narração. Assim, podemos citar três formas de reprodução do discurso alheio – **discurso direto, discurso indireto** e **discurso indireto livre**. A seguir, a análise de cada um deles:

Discurso direto

Nesse caso, o narrador reproduz as falas dos personagens por meio das próprias palavras deles. A reprodução do discurso ocorre como se o leitor ouvisse literalmente o que os personagens disseram.

Algumas marcas linguísticas são evidenciadas: uso dos dois pontos e travessão; aparecimento de verbos que anunciam a fala do personagem

("disse", "falou"...) – são os chamados verbos de elocução ou verbos dicendi e a presença de palavras que se vinculam à situação de produção textual em que se proferiu o discurso.

Ex.: "– O rio já encheu mais? – perguntou a *mãe*.

– Chi, ta um mar d'água! Qué vê, espia, – apontou o menino com o dedo para fora do rancho."

Discurso indireto

Nesse tipo de discurso, o narrador reproduz as palavras dos personagens sem priorizar sua forma linguística e sim seu conteúdo. Aqui, o que se pretende não é reproduzir literalmente o que o personagem falou, mas reescrever tal fala por

meio das palavras do narrador.

As marcas linguísticas desse tipo de discurso incluem também verbos que reproduzem as falas dos personagens ("dizer", "afirmar", "perguntar", "responder" etc.); a fala do narrador não é isolada por sinal de pontuação, mas por partículas introdutórias (normalmente, as conjunções integrantes que e se); os pronomes, os verbos e outros vocábulos da fala do personagem são substituídos por outros que se vinculem ao tempo em que se situa o narrador.

Ex.: "Assim que a encontrei, perguntei se nós poderíamos nos encontrar naquela noite."

Discurso indireto livre

Essa é a forma mais sutil de se reproduzir a fala de um personagem – não *há* indicadores muito evidentes de limites entre a fala do narrador e a fala do personagem. Nesse caso, é preciso que o leitor pressuponha que aquelas palavras não pertencem ao narrador e sim a um personagem da narrativa. É o discurso que aproxima ambos, dando-nos a impressão de que falam em uma só voz.

Ex.: "Toda a fascinação da vida o golpeou, uma tão profunda delícia e gosto de viver, uma tão ardente e comovida saudade, que retesou os músculos do corpo, esticou as pernas, sentiu um leve ardor nos olhos. Não quero morrer!"

Transposição do discurso direto para o indireto

Discurso direto	Discurso indireto
→ pronomes e flexão verbal em 1ª ou 2ª pessoa: – Quero dormir – disse a menina.	→ pronomes e flexão verbal em 3ª pessoa: A menina disse que queria dormir.
→ Tempos verbais (ordenados em relação ao momento da fala) a) Presente do Indicativo – A situação é a mesma – afirmou o policial.	→ Tempos verbais (em correlação com o tempo em que se situa o narrador) a) Pretérito Imperfeito O policial afirmou que a situação era a mesma.
b) Pretérito Perfeito – Tudo permaneceu com antes – lembrou o rapaz. c) Futuro do Presente – Tudo estará acabado em breve – sentenciou a mulher. d) Modo Imperativo – Não entre aí, disse a mãe.	b) Pretérito Mais-que-perfeito O rapaz lembrou que tudo permanecera como antes. c) Futuro do Pretérito A mulher sentenciou que tudo estaria acabado em pouco tempo. d) Modo Subjuntivo A mãe mandou que não entrasse ali.
→ Frases interrogativas diretas – Tudo bem aí? – perguntou a mulher.	→ Frases interrogativas indiretas A mulher perguntou se estava tudo bem ali.
→ Pronomes demonstrativos de 1ª e 2ª pessoa (esta/este/isto; esse/essa/isso) – Essa sua atitude não é educada – repreendeu o pai.	→ Pronomes demonstrativos de 3ª pessoa (aquele/aquela/aquilo) O pai lhe falou que aquela atitude não era educada.

23.1.3. A narração e os tempos verbais

Quanto aos tempos verbais, pode-se afirmar que nesse gênero de texto há predominância de verbos no pretérito perfeito, já que o que se pretende é relatar acontecimentos que ocorreram em um momento passado.

Ex.: "Tudo quieto, o primeiro cururu surgiu na margem, molhado, reluzente na semi-escuridão. Engoliu um mosquito; baixou a cabeçorra; tragou um cascudinho; mergulhou de novo, e bum-bum! Soou uma nota soturna do concerto interrompido." (Lima, Jorge de. *Calunga; O anjo*.)

Nesse texto, o que se observa são ações no pretérito perfeito que se sucedem na linha do tempo – surgiu, engoliu, mergulhou, baixou, tragou, mergulhou, soou.

Entretanto, é comum também a presença da troca dos tempos verbais na narração – do pretérito perfeito para o presente do indicativo –, quando o que se pretende é aproximar os acontecimentos que ocorreram no passado do momento em que se os narra. É a utilização do *Presente do Indicativo* no lugar do *Pretérito Perfeito*.

Ex.: "A moça chega com sapatinho baixo, saia curta, cabelos lisos castanhos arrumados em rabo-de-cavalo, sorri dentes branquinhos muito pequenos, como de primeira dentição, e fala o senhor me deixa telefonar? de maneira inescapável." (Ângelo, Ivan. Bar. – Adaptado)

De uma forma prática, pode-se observar na narração a articulação dos seguintes elementos:

1. Quem? → os personagens que se envolvem na trama.
2. Quê? → o enredo – os fatos em si, a trama, os acontecimentos.
3. Onde? → o local onde se desenvolve o enredo.
4. Quando? → o momento em que se desenrolou a trama.
5. Como? → a forma como se desenvolveram os acontecimentos.
6. Por quê? → as causas, os motivos que suscitaram os eventos.
7. Para quê? → possíveis finalidades, consequências desejadas pelos personagens da trama.

23.1.4. A narração e a descrição

Vale lembrar que é muito comum que a narração contenha aspectos descritivos. No texto narrativo, observa-se a presença constante não apenas da caracterização das cenas em que se desenrola a trama, mas também a qualificação dos personagens que dela participam.

Ex.: "Ouvi primeiro o ruído de cascos pisando a grama, mas continuei deitado de bruços na esteira que havia estendido ao lado da barraca. Senti nitidamente o cheiro acre muito próximo. Virei-me devagar, abri os olhos. O cavalo erguia-se interminável à minha frente. Em cima dele havia uma espingarda apontada para mim e atrás da espingarda um velhinho de chapéu de palha, que disse logo o seguinte:

– Filhos de uma puta." (Piroli, Wander. *Crítica da razão pura*.)

Neste trecho, que inicia uma narração, o que se percebe é o comprometimento inicial do autor em caracterizar não só a cena como também os personagens da história que se inicia.

23.1.5. A descrição

É a modalidade de texto que trata das características de uma pessoa, de um objeto, de uma paisagem ou de uma simples situação, em determinado período de tempo. Em uma modalidade abstrata, a descrição pode caracterizar sentimentos, sensações. É o tipo de texto que lida com detalhamentos, pormenores do elemento que retrata.

Ex.: "O amor estava de chambre verde, recostado na cama cheia de almofadas. As mãos branquíssimas descansando entrelaçadas na altura do peito. Ao lado, um livro aberto e cujo título deixei para ler depois e não fiquei sabendo." (Telles, Lygia Fagundes. *A estrutura da bolha de sabão*.)

23.1.5.1. A passagem do tempo na descrição

Importante lembrar que se torna quase impossível desenvolver uma descrição pura, onde não apareçam trechos de narração ou até de dissertação. A descrição consiste não em fazer progredir uma história (tarefa da narração), mas em interrompê-la, detendo-se em um personagem, um objeto, um lugar etc. Na descrição, não existe relação de anterioridade e de posterioridade entre os enunciados, os movimentos ocorrem ao mesmo tempo, sem haver progressão de um estado a outro. As ações reproduzidas na descrição são simultâneas. Ao ocorrer progressão cronológica, tem-se o texto narrativo.

Ex.: "Cheguei em casa carregando a pasta cheia de papéis, relatórios, estudos, pesquisas, propostas, contratos. Minha mulher, jogando paciência na cama, um copo de uísque na mesa da cabeceira. (...) Os sons da casa: minha filha no quarto dela treinando empostação de voz, a música quadrafônica do quarto do meu filho. (...) A copeira servia à francesa, meus filhos tinham crescido, eu e a minha mulher estávamos gordos." (Fonseca, Rubem. *Passeio noturno*.)

O trecho inicia-se com uma narração – ações evoluindo em uma sequência cronológica ("Cheguei em casa..."). Entretanto, logo a seguir, o autor interrompe sua sequência narrativa para caracterizar uma cena – tem-se uma pausa na narração para um trecho descritivo. Na descrição, as ações são concomitantes ("minha mulher jogando paciência", "minha filha no quarto treinando empostação de voz", "a copeira servia à francesa").

23.1.5.2. Os tipos de descrição

Basicamente, o texto descritivo pode se voltar para objetos, assuntos científicos, seres humanos ou paisagens.

23.1.5.2.1. Descrição de objetos

Os objetos podem ser caracterizados de forma objetiva, com linguagem denotativa; ou de maneira subjetiva, com a

intervenção do ponto de vista do observador.

Ex.:

Descrição objetiva

"A cachorra Baleia estava para morrer. Tinha emagrecido, o pêlo caíra-lhe em vários pontos, as costelas avultavam num fundo róseo, onde manchas escuras supuravam e sangravam, cobertas de moscas. As chagas da boca e a inchação dos beiços dificultavam-lhe a comida e a bebida." (Ramos, Graciliano. *Baleia*.)

Descrição subjetiva

"Se me falam em virtude, em moralidade ou imoralidade, em condutas, enfim, em tudo que se relacione com o bem e o mal, eu vejo Mamãe em minha ideia. Mamãe – não. O pescoço de Mamãe, a sua garganta branca e tremente, quando gozava a sua risadinha como quem bebe café no pires. (...) Ela não se pintava nunca, mas não sei como fazia para ficar com aquela lisura de louça lavada. Nela, até a transpiração era como vidraça molhada: escorregadia, mas não suja." (Queiroz, Dinah Silveira de. *A moralista*.)

23.1.5.2.2. Descrição de fatos científicos

Nesse tipo de descrição, podemos inserir a descrição de fato da ciência, em que o objeto retratado caracteriza-se como do âmbito científico. Aqui, o objetivo maior do observador é o de informar o leitor sobre as características do elemento descrito. O discurso científico destaca o conteúdo das informações feitas, não priorizando, portanto, a subjetividade daquele que produz o texto.

Ex.: "Genoma é o conjunto simples de cromossomos de uma célula (cariótipo). É o conjunto formado por apenas um cromossomo de cada tipo, na espécie estudada. No ser humano o genoma é constituído de 23 cromossomos diferentes."

23.1.5.2.3. Descrição de seres humanos

Nesse caso, o tema-núcleo da descrição é uma pessoa. Nesse texto descritivo, o autor pode tanto se voltar para os aspectos físicos do ser retratado, como para suas características psicológicas, psíquicas.

Ex.: "A família foi pouco a pouco chegando. Os que vieram de Olaria estavam muito bem vestidos porque a visita significava ao mesmo tempo um passeio a Copacabana. A nora de Olaria apareceu de azul-marinho, com enfeites de paetês e um drapejado disfarçando a barriga sem cinta. O marido não veio por razões óbvias – não queria ver os irmãos. Mas mandara sua mulher para que nem todos os laços fossem cortados – e esta vinha com o seu melhor vestido para mostrar que não precisava de nenhum deles, acompanhada dos três filhos: duas meninas já de peito nascendo, infantilizadas em babados cor-de-rosa e anáguas engomadas, e o menino acovardado pelo terno novo e pela gravata." (Lispector, Clarice. *Feliz Aniversário*.)

23.1.5.2.4. Descrição de paisagens

Ao descrever paisagens, o autor tanto pode ter a simples intenção de localizar o leitor em relação ao espaço em que se desenvolve o texto narrativo, como pode pretender seduzir o leitor sobre as qualidades da paisagem observada, com o intuito de apresentar seu julgamento sobre o espaço retratado. A descrição pode ser panorâmica, abrangente ou pode se ater a detalhamentos, pormenores do seu tema-núcleo.

Ex.: "Agradável na manhã seguinte o percurso numa rodovia que não era de seu tempo. Ônibus e caminhões escureciam as estradas de poeira. Ao pé de uma serra calcárea,que conhecera intacta, as chaminés de uma fábrica de cimento emitiam rolos de uma fumaça escura. Mais adiante, os fornos de uma siderúrgica." (Machado, Aníbal. *Viagem aos seios de Duília*.)

23.1.6. A dissertação

Aquilo que chamamos didaticamente de dissertação consiste na exposição de ideias, razões. Se, por um lado, na descrição e narração predominam termos concretos, que se referem a pessoas do mundo, ao menos presumidamente, real, na dissertação, predominam os conceitos abstratos, muitas vezes fora das esferas do tempo e do espaço. Não há, portanto, em princípio, uma progressão temporal entre os enunciados, mas relações de natureza lógica (causa e efeito, uma premissa e uma conclusão…).

Em textos de concursos públicos, costuma-se subdividir os textos dissertativos em duas modalidades – o texto dissertativo expositivo e o texto dissertativo opinativo-argumentativo. O primeiro tem por objetivo discutir um assunto, expor o que se sabe sobre ele sem defesa de ponto de vista do autor. Já a segunda modalidade tem como meta a persuasão, o convencimento – neste tipo de texto o autor utiliza estratégias argumentativas que visam defender sua tese.

23.1.6.1. O texto dissertativo expositivo

É o texto que expõe ideias, explana, discute, revela o que o autor sabe sobre determinado assunto. Sua linguagem é objetiva, clara, impessoal. Traz abordagem abrangente sobre um tema, permitindo que o leitor desenvolva sua própria opinião sobre o assunto. Nesse texto, o autor não manifesta, ao menos explicitamente, suas opiniões sobre o tema tratado. Ainda que em alguns momentos do texto ele opine, sua intenção não é defender seu ponto de vista sobre o tema em questão.

Ex.*:* Desde o final do século XV, com a invenção de novos equipamentos de navegação e as grandes descobertas, a Globalização se espalhou por todo o planeta, ao mesmo tempo em que aumentava a influência européia no mundo. No século XIX, o telégrafo submarino reduziu o tempo com que as informações, as ordens e as diversas decisões importantes chegavam a diversos lugares do mundo – em pontos específicos, em quantidades limitadas e com alguma defasagem de tempo. (Buarque, Cristovam. *Admirável mundo atual* – Adaptado)

Como se vê, nesse tipo de texto, o autor expõe aquilo que sabe sobre determinado assunto, sem a preocupação de julgar, emitir opinião em relação ao assunto sobre o qual discorre.

Há textos expositivos que apresentam informações sobre um objeto ou fato específico, sua descrição, a enumeração de suas características, com o objetivo de aumentar o conhecimento do leitor sobre determinado assunto. É o texto informativo. Com linguagem objetiva e impessoal, este tipo de texto pressupõe acréscimo de informação para quem o lê. O texto dissertativo informativo é o tipo de texto que procura tratar de assunto de interesse do leitor e busca a novidade – algo que, ao menos presumidamente, seja desconhecido do público ao qual é veiculado.

Ex.: "Recente documento, elaborado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), revela que o Brasil é um país mergulhado na sujeira: metade dos municípios não têm serviço de esgoto sanitário, 70% do lixo das cidades são jogados em lixões e alagados (rios, lagos, mar, etc.) e apenas poucos municípios fazem coleta seletiva de lixo."

Nesse caso, o objetivo do texto é aumentar o número de informações do leitor sobre o assunto do lixo. Por meio de dados estatísticos e exemplos e de uma linguagem objetiva, o autor atinge seu objetivo – apresentar possíveis novidades ao seu leitor.

23.1.6.2. O texto dissertativo opinativo

Também chamado de argumentativo. Esse texto difere do dissertativo expositivo, pois, além de expor o que se sabe sobre um assunto – e, muitas vezes, também informar –, o texto dissertativo argumentativo tem por finalidade principal persuadir o leitor sobre determinado assunto, modificar seu comportamento.

Ex.: "Viver 'plugado' a uma corrente de pessoas e informações pode ser divertido e útil. Mas agride o que o ser humano tem de melhor e mais insubstituível: o seu gosto, o seu erro, a sua miséria e sua glória."

Aqui, o autor emite sua opinião, por meio do auxílio de adjetivos com valor subjetivo ("melhor", "insubstituível"). Assim, a mensagem transmitida ao autor deixa de ser fato, para ser julgamento – característica do texto opinativo.

Muitas vezes, o autor, com o intuito de transparecer seu posicionamento, utiliza-se de algumas marcas linguísticas capazes de persuadir o leitor, tais como verbos na 1ª pessoa do singular ou plural e expressões de modalidade – os modalizadores (vocábulos indicativos da opinião do autor). É o que se observa no seguinte texto:

"O dever do Estado é proteger a propriedade de todos da sanha de cada um e a propriedade de cada um da sanha de todos. A pichação dos bens públicos ou particulares viola ambos os princípios e, portanto, é dever da autoridade competente tomar medidas coercitivas. Eu, como milhões de cidadãos, gosto de ver a minha cidade limpa. Faço minha parte, de um lado mantendo meu muro pintado e de outro pagando impostos para que a Prefeitura faça o mesmo com os nossos monumentos. Se os pichadores têm seus "direitos" de expressarem-se livremente, eu também tenho os meus de querer minha cidade em ordem e bonita. Com uma diferença: eu pago impostos para

exercer a minha cidadania e eles, tão-somente, adquirem uma lata de aerossol."

Por meio de pronomes da 1ª pessoa do singular ("Eu", "minha", "meu") ou da 1ª pessoa do plural ("nossos"), aquele que redige emite seu juízo de valor acerca do assunto abordado. Além disso, expressões, como "viola", "faço minha parte", "cidade em ordem e bonita", demonstram comprometimento com o assunto retratado – são os modalizadores textuais. Assim, todos esses recursos estão sendo utilizados a favor de um único objetivo: o de o autor demonstrar a validade de seus argumentos, de suas opiniões sobre o tema discutido.

23.1.6.3. A estruturação argumentativa

Ao argumentarmos, expomos o assunto de modo pessoal (nosso ponto de vista ou tese), podendo também utilizar outros pontos de vista a respeito do mesmo tema (ideia principal). Assim, no intuito de defendermos nossa tese, oferecemos argumentos que a apoiem. Para isso, estruturamos nossas ideias em uma sequência lógica, progressiva e correta.

Um plano de dissertação deve conter três partes: introdução, desenvolvimento e conclusão. A seguir, uma análise dos segmentos que constituem uma dissertação.

1. **Introdução**

Inicialmente se faz a introdução, que determinará o desenrolar do desenvolvimento. É neste momento em que se apresenta o tema a ser discutido, a ideia-núcleo ou ideia principal, a tese.

2. **Desenvolvimento**

Na segunda fase do texto argumentativo, faz-se a análise crítica dos argumentos usados de apoio para sua tese. Cada argumento é exposto em um parágrafo próprio. Dois a três parágrafos é o padrão do desenvolvimento de um texto argumentativo. Ao argumento que normalmente inicia o parágrafo de desenvolvimento dá-se o nome de **tópico frasal**.

Inicia-se, portanto, cada parágrafo do desenvolvimento com o que denominamos de tópico frasal – que se constitui na ideia que irá direcionar o parágrafo, sendo, portanto, sua base. A seguir, desenvolve-se a discussão iniciada pelo tópico frasal, na qual são utilizados diversos recursos que servirão de apoio para o argumento defendido – exemplos, comparações, narrativas, descrições, opiniões próprias – de forma coerente e organizada.

3. **Conclusão**

O parágrafo final é reservado à conclusão, na qual o autor retoma a ideia-núcleo, reescrevendo-a e acrescentado-lhe, em geral, um juízo crítico, de forma a enriquecer os argumentos defendidos. É o momento em que o autor opina, critica e, muitas vezes, oferece soluções concretas ao problema discutido ao longo da argumentação.

Ex.: *Texto retirado de uma prova elaborada pela Cespe/UnB* para análise de um texto argumentativo.

O leitor é personagem da modernidade, produto da sociedade burguesa e capitalista, livre dos laços de dependência da aristocracia feudal e do estreitamento corporativista das ligas medievais. A emancipação do leitor encena, de certo

modo, o processo de libertação de que se originou a sociedade moderna. Nesse sentido, narrar a formação da leitura no Brasil significa também narrar, sob esse viés, a história da modernização de nossa sociedade.

Vários fatores criaram o espaço social necessário para transformar certo número de pessoas associadas a certas práticas sociais em leitores: o individualismo da sociedade burguesa, a visão de mundo antropocêntrica estimulada pela Renascença e difundida pela filosofia humanista, o progresso tecnológico que facultou o desenvolvimento da imprensa, a expansão da escola e do pensamento pedagógico apoiado na alfabetização, o fortalecimento de instituições culturais como as universidades, as bibliotecas e as academias de escritores.

Disso resultaram duas noções: de um lado, a noção de público, massa coletiva e anônima que, não obstante o anonimato, pode ter vontade própria e direção definida, incidindo em linhas de ação que a literatura, em parte ou no todo, acata ou não; de outro, a noção de leitor, indivíduo habilitado à leitura, com preferências demarcadas, figura que o escritor busca seduzir, lançando mão de técnicas e de artifícios contabilizados pela crítica e história da literatura.

Mesmo sendo presença suficientemente poderosa para influenciar os mecanismos literários, o leitor não se mostra figura unidimensional nem unidirecional. E exatamente o que é fugidio em sua história desdobra-se nos ângulos diferenciados que o leitor e a leitura foram assumindo ao longo do tempo.

Não que a leitura seja prática sólida no Brasil; nem que as instituições culturais e pedagógicas encarregadas de sua difusão tenham consistência ou estejam a salvo de críticas que, desde o século XIX, a elas são dirigidas. Desde a separação de Portugal, reclama-se (e com razão) uma atuação mais positiva e competente do Estado, no sentido de melhorar a educação e a cultura do país; nada indica que hoje essas reivindicações tenham perdido legitimidade e razão de ser.

Marisa Dajolo e Regina Zilberman. A formação da leitura no Brasil. São Paulo: Ática, 1998, p. 9-10 (com adaptações)

– ***Introdução com apresentação do tema****: o objetivo das autoras é discorrer sobre a formação da leitura brasileira sob um viés cronológico – a história da modernização da sociedade no Brasil.*

– ***1º parágrafo de desenvolvimento****: as autoras se propõem a discorrer sobre as causas que contribuíram para a formação dos leitores. O parágrafo segue a estruturação padrão: apresenta-se o tópico frasal logo no início para, na sequência, desenvolvê-lo.*

– ***2º parágrafo de desenvolvimento****: já no início do parágrafo, depreende-se seu tópico frasal – o objetivo é apresentar as consequências, as noções que resultaram dos fatores explicitados no parágrafo anterior.*

– ***3º parágrafo de desenvolvimento****: as autoras iniciam o parágrafo utilizando-se de um recurso coesivo ("mesmo sendo presença suficientemente poderosa para influenciar os mecanismos literários"), por meio do qual ele retoma o parágrafo anterior. Logo a seguir, apresenta-se o tópico frasal que originou o parágrafo: "o leitor não é figura unidimensional nem unidirecional", que será desenvolvido posteriormente.*

– ***Conclusão do texto****: aqui, as autoras retomam o tema do texto – a formação dos leitores no contexto brasileiro, veiculando seu ponto de vista acerca do assunto ("reclama-se e com razão uma atuação mais*

positiva e competente do Estado"). É a conclusão também o momento de se apresentarem sugestões acerca do tema discutido – "no sentido de melhorar a educação e a cultura do país".

A argumentação caracteriza-se como um procedimento do autor para fazer o leitor aderir às suas teses defendidas em um texto. Ao argumentarmos, construímos ideias, justificamo-las ordenando-as, buscando também seduzir o leitor, dirigindo os argumentos de modo a atingir nossa meta de persuasão.

Eis algumas características do texto argumentativo:

1. *O texto dissertativo argumentativo volta-se para uma única ideia, que é a tese do texto. Tudo o que se afirma ao longo da argumentação se volta para essa ideia.*
2. *O bom texto argumentativo evita a redundância. Todos os argumentos devem ser variados, entretanto, devem se voltar para o tema central, buscando, assim, a variedade, sem fugir do objeto da argumentação.*
3. *Um bom recurso que normalmente é explorado pelo argumentador para conferir maior veracidade ao seu texto é a utilização de citações autorizadas de outros escritores, que tratem do mesmo tema.*
4. *É comum encontrar no texto argumentativo a utilização de relações de causa e efeito para as afirmações produzidas, estabelecendo uma correlação lógica entre os fatos.*
5. *O bom texto argumentativo é coeso, com cada uma de suas partes amarradas em torno de um tema central, e coerente, com articulação lógica entre seus segmentos.*
6. *O uso de exemplos é estratégia comumente utilizada pelo argumentador e confere confiabilidade ao que se lê, na medida em que concretiza as ideias, em geral abstratas, expostas na argumentação.*

23.1.6.4. Outras modalidades do texto dissertativo

Além dos textos dissertativos expositivos e opinativos, observam-se nas provas outras modalidades de textos. Entre elas, podemos citar as seguintes:

23.1.6.4.1. Texto didático

É aquele que transmite conhecimentos com o objetivo de ensinar. Apresenta riqueza de detalhes e utiliza linguagem clara e objetiva. São os livros escolares, os textos de congressos.

Ex.: "A entrevista consiste em inquirir tecnicamente, de forma hábil, dentro de um plano e sequência previamente estudados, levando o interrogado ou entrevistado a se pronunciar sobre aquilo que desejamos saber e a emitir sua opinião, muitas vezes sem que formulemos a pergunta diretamente. É a maneira racional de levar alguém a fornecer os informes e as informações que possui em determinada área.

É uma técnica de comunicação direta entre duas pessoas que possuem alguns interesses em comum. Forma de pesquisa realizada através de diálogo estudado e preparado dentro de um plano e sequência previamente

analisados, levando, sutilmente, o entrevistado a se manifestar sobre assuntos de seu conhecimento." (Nogueira, A. *Processamento da entrevista*.)

Como se pode observar, o texto didático apresenta definições, detalhes do tema tratado. Nesse caso, o que o autor pretende é que o leitor aprenda a realizar uma entrevista.

23.1.6.4.2. Texto preditivo

É o texto que se utiliza de deduções com base em informações prévias. O texto preditivo lida com probabilidades, não com certezas. São as previsões meteorológicas, os textos de astrologia, as previsões na economia.

Ex.: "Noventa e sete por cento das espécies vivas, 80.000 proteínas produzidas pelo corpo e bilhões de galáxias ainda não foram identificados. Quase nada sabemos da natureza do Universo, da origem da Vida, do funcionamento dos climas, do desenvolvimento do embrião e do cérebro.

Provavelmente não se descobrirá ainda no século XXI de onde surgiu o Universo, nem como começou a vida na Terra, nem como o cérebro engendra o pensamento e a consciência, nem se outras formas de vida existem em outros lugares. Em compensação, outras questões que hoje não são formuladas serão resolvidas, pois se descobrirá que certas respostas consideradas definitivas estavam totalmente equivocadas."

Aqui, o autor parte de dados sobre o assunto – "Noventa e sete por cento das espécies vivas, 80.000 proteínas produzidas pelo corpo e bilhões de galáxias" – para, na sequência, estabelecer um discurso preditivo – "... pois se descobrirá que certas respostas consideradas definitivas estavam totalmente equivocadas". Eis a marca do texto preditivo: informação aliada a previsão.

23.1.6.4.3. Texto polêmico

Neste texto, o objetivo do autor é demonstrar ao leitor mais de um ponto de vista sobre um assunto, mesmo que em alguns textos se observe claramente a opinião do autor. O texto polêmico permite ao leitor o contato com mais de um posicionamento sobre o tema explorado, o que normalmente não ocorre no texto argumentativo.

Ex.: "O budismo faz tanto sucesso no Ocidente porque possui características que correspondem às tendências da pós-modernidade neoliberal. Num mundo em que muitas religiões se sustentam em estruturas autoritárias e apresentam desvios fundamentalistas, o budismo apresenta-se como uma não religião, uma filosofia de vida que não possui hierarquias, estruturas nem códigos canônicos. No budismo não há a ideia de Deus, nem de pecado. Centrado no indivíduo e baseado na prática da yoga e da meditação, o budismo não exige compromissos sociais de seus adeptos, nem submissão a uma comunidade ou crença em verdades reveladas. Há, contudo, muitos budistas engajados em lutas sociais e políticas. Nessa cultura do elixir da eterna juventude, em que o envelhecimento e morte são encarados, não como destinos, mas como fatalidades, o budismo oferece a crença na reencarnação." (Betto, Frei. Por que o Budismo encanta o Ocidente?)

Ainda que o autor emita seu juízo de valor ao longo do texto, seu objetivo é contrapor o budismo às outras religiões, utilizando-se de uma comparação baseada no contraste entre as características de ambos os elementos.

23.1.6.4.4. Texto injuntivo

É o texto que exprime instruções ao leitor com a finalidade de que ele execute ou não determinada tarefa. Apresenta normalmente verbos no imperativo e pressupõe uma ação por parte do interlocutor.

Ex.: "Quer manter a postura sempre perfeita? De manhã, antes de se vestir, amarre um fio de linha em volta da cintura, sem deixar folga. Ele não deve apertar, mas precisa estar justo. Ao longo do dia, ao sentir a presença do fio, coloque a barriga para dentro e endireite as costas."

Esse texto é retirado de uma revista sobre saúde e bem-estar. Logo no início, apresenta-se o tema – a busca de uma postura perfeita. Na sequência, enumeram-se ações que deverão ser realizadas pelo leitor ("amarre", "coloque", "endireite"). Tem-se, portanto, o perfil do texto injuntivo – apresentar instruções, em uma linguagem imperativa, que pressupõe consequentes ações por parte do leitor.

23.1.7. Tipologia textual – esquema

Quanto às modalidades textuais e os diferentes tipos de textos, podemos sistematizar as seguintes características:

23.1.7.1. Modos de texto: estrutura/organização do texto

Narrativo	Relatar acontecimentos.	SIM. Antes e depois. Marca fundamental.	Verbos de ação. Conectores temporais.
Descritivo	Caracterizar, qualificar cenas, personagens etc.	NÃO. Tempo congela. Fatos ocorrem ao mesmo tempo.	Substantivos. Adjetivos.
Dissertativo	Discutir, abstrair, discorrer, conceituar. Não descrever.	Não é relevante.	Relações de subordinação. (Causa e Efeito). Aparecimento de testemunhos de autoridade, dados estatísticos, exemplos.

23.1.7.2. Tipos de textos: finalidade do texto

1. **Informativo:** Informar, veicular conhecimento que o leitor desconhece. É mais específico do que expositivo. Exs.: jornal, bula de remédio, etc. Tem por marcas linguísticas frequentes a clareza e a precisão. Procura meios de atrair a atenção do leitor para o que é veiculado. Traz implícita a ideia de que o conteúdo do texto é de interesse dos leitores.
2. **Didático:** Ensinar, também são informações que o leitor desconhece. Ex.: livros didáticos.
3. **Expositivo:** Expõe o que se sabe, sem opinar. Ex.: questões discursivas em concursos públicos.

4. **Opinativo:** Também chamado de **Argumentativo**. Diferente do expositivo. Há a colocação da opinião do autor. Ex.: os editoriais dos jornais.
5. **Polêmico:** Neste texto aparecem, ao menos, dois pontos de vista sobre um assunto. Ex.: artigos que tratam de temas polêmicos – aborto, o sistema de reserva de quotas para negros nas universidades etc.
6. **Injuntivo:** Tem por objetivo instruir em vista de uma ação. Ex.: manuais.

23.1.8. Enunciados de tipologia textual

A seguir, os enunciados mais comuns de provas de concursos públicos sobre o assunto:

"O texto deve ser classificado de forma mais adequada…"; "Os textos narrativos/ informativos/ didáticos caracterizam-se por…"; "O texto lido poderia ser classificado como…"; "Quanto ao modo de organização do discurso, pode-se afirmar que o texto lido é…"; "O texto lido deve ser considerado prioritariamente como…"; "A finalidade principal desse texto é a de…"; "O objeto maior do texto é…", entre outros.

23.2. EXEMPLOS COMENTADOS

I. Reconheça o tipo de discurso das frases a seguir.

1. Tô morrendo de fome, disse Pereba.

   Resposta: Discurso direto.

2. – Você é menor e eles estão precisando evitar escândalos.

   Resposta: Discurso direto.

3. Perguntei se tudo estava solucionado.

   Resposta: Discurso indireto.

4. Mande que todos se comportem de forma adequada.

   Resposta: Discurso indireto.

5. Para mim esta é a melhor hora do dia – Ema disse, voltando do quarto dos meninos. – Com as crianças na cama, a casa fica tão sossegada.

   Resposta: Discurso direto.

6. Bárbara estranhou a amiga. O que está se passando nessa cabecinha?

   Resposta: Discurso indireto livre.

7. "É força de expressão, sua boba. O dia acaba quando eu vou dormir, isto é, o dia tem vinte e quatro horas e a semana tem sete dias, não está certo?"

Resposta: Discurso direto.

8. Gritou, se ajoelhou e se pôs a chorar – macaco é quase como gente – a mulher implorando que não maltratasse o bicho.

Resposta: Discurso direto.

II. Faça transposição do discurso direto para o indireto e vice-versa.

1. Entre imediatamente – gritei sem paciência.

Resposta: Ordenei que entrasse imediatamente.

2. O que você quer para o café?

Resposta: Perguntei o que ele(a) queria para o café.

3. Disse-lhe que naquele momento aquela conversa não me interessava.

Resposta: Nesse momento, essa conversa não me interessa – eu disse.

4. A governanta perguntou se o casal voltaria para o jantar.

Resposta: *Vocês voltarão para o jantar*? – perguntou a *governanta ao casal.*

5. A nossa reunião se reduziu a dois minutos de diálogo – reclamou o estagiário.

Resposta: O estagiário lamentou que sua reunião se reduzira a dois minutos de diálogo.

6. Mande que as crianças entrem imediatamente.

Resposta: "Entrem imediatamente!"

7. Eu me chamo João. E você?

Resposta: Disse que meu nome era João e perguntei o seu nome.

8. O professor pediu que o aluno anotasse todas as suas dúvidas.

Resposta: Anote todas as suas dúvidas – o professor disse ao aluno.

III. Analise os trechos a seguir, classificando-os quanto ao modo de organização do discurso (NARRAÇÃO, DESCRIÇÃO, DISSERTAÇÃO).

1. *Na manhã seguinte o seu primeiro desejo foi voltar à casa; mas não teve coragem; via o rosto colérico da mãe, faces contraídas, narinas dilatadas pelo ódio, o olho direito saliente, a penetrar-lhe até o fundo do coração.*

Comentários: O autor começa o seu texto por uma narração, mas logo em seguida se atém à descrição, objetivo maior do texto. Predominância de caracterizações (faces contraídas, narinas dilatadas pelo ódio).

Resposta: texto descritivo.

2. *Uma das maiores manifestações linguísticas na fronteira entre os séculos XX e XXI é a ideia de globalização como*

um processo de internacionalização. O fato é que existe um vasto mercado para exportação na América do Sul que não pode ser desconsiderado. Politicamente, esse é o mercado do Brasil, e o Brasil é o mercado para sua viabilização.

Comentários: O autor deixa clara a sua intenção de discutir um assunto – a globalização.

Resposta: texto dissertativo.

3. *"No Antigo Egito, o gato foi honrado e enaltecido. Sendo considerado como um animal santo. Nesta mesma época, a gata transformou-se na representação da deusa Bastef, fêmea do deus sol Rá. […] Na Europa, o gato se desenvolveu com as conquistas romanas. Ele foi admirado por sua beleza e dupla personalidade (ora um selvagem independente, ora um animal doce e afável), e apreciado ainda no século XI quando o rato negro invadiu a Europa. No século XIII desenvolveram-se as superstições e o gato passou de criatura adorada a infernal, associada aos cultos pagãos e a feitiçaria. A Igreja lhe virou as costas. […] No Século XVIII ele voltou majestoso e em perfeito acordo com os poetas, pintores e escritores que prestam homenagem à sua graça e à beleza de seu corpo."*

Comentários: O autor expõe o que sabe a respeito de um tema – a importância dos gatos na sociedade, no decorrer da história. Apesar de parecer que se está narrando, contando uma história, o que se vê é a análise de um tema, ao longo do tempo.

Resposta: texto dissertativo.

4. *Há poucos dias, assistindo a um desses debates universitários que a gente pensa que não vão dar em nada, ouvi um raciocínio que não me saiu mais da cabeça. Ouvi-o de um professor – um professor brilhante, é bom que se diga.*

Comentários: O conector temporal – há poucos dias –, além da presença de verbos no pretérito perfeito (ouvi, saiu) indicam que o autor pretende relatar acontecimentos. Entretanto, com a caracterização do professor (um professor brilhante) percebe-se a presença de características descritivas no texto.

Resposta: texto narrativo, com aspectos descritivos.

5. *Vários historiadores têm procurado entender a originalidade da monarquia brasileira vinculando-a à chegada da família real ao Brasil em 1808. De fato, é no mínimo inusitado pensar numa colônia sediando a capital de um império.*

Comentários: O autor anuncia a análise de um tema: a originalidade da monarquia brasileira. Trata-se, portanto, de discussão, dissertação.

Resposta: texto dissertativo.

6. *"Para um modesto país de Terceiro Mundo, temos algumas realizações na tecnologia. Nossos aviões voltam a vender bem. Há ônibus da empresa brasileira Marcopolo rodando em Washington. O último número da revista Shooting Times mostra uma nova pistola Taurus que vai dar trabalho aos concorrentes. Exportamos insulina.*

Continuamos a exportar máquinas-ferramentas e agora exportamos parte da programação de robôs da Brown Boveri. Provavelmente construiremos com êxito algum pedacinho da nova estação espacial (quem sabe, a churrasqueira). Tudo isso vai na direção certa, mas precisamos de mais. E, acima de tudo, não podemos esmorecer nesse esforço de inventar modas, tão próximas quanto possível da fronteira tecnológica. Mas quando focalizamos a tecnologia do cotidiano descobrimos que a situação é calamitosa. O botão salta da camisa. A calça encolhe ou desbota. A saia justa rasga, o tijolo esfarinha na mão, a torneira vaza e a laje infiltra. A água limpa mareja no meio da parede, a água usada não vai a lugar nenhum. A fechadura trava. O fio dá choque. A cadeira desaba, o verniz se desgasta. O pastel dá dor de barriga. E o maldito envelope não fecha com a cola que vem de fábrica. […] É preciso que se ponha inteligência e atenção na tecnologia do cotidiano. É essa tecnologia que permite aumentar a qualidade de vida do povão. Temos um programa espacial. Quando tentamos, a coisa anda. […]"

Comentários: Observa-se como intenção maior do texto a defesa de um julgamento do autor: "é preciso que se ponha inteligência e atenção na tecnologia do cotidiano." E para a defesa de sua tese, o autor se utiliza de caracterizações da nossa rotina (O botão salta da camisa, a saia justa rasga, a cadeira desaba), o que confere ao texto aspectos descritivos.

Resposta: texto dissertativo, com características descritivas.

7. *Toda interação pressupõe uma relação de reciprocidade, uma relação mútua entre dois ou mais objetos, entre duas ou mais pessoas. Multiplicam-se, atualmente, os programas interativos nos espetáculos de variedades da TV, surgem os primeiros filmes e as primeiras peças de teatro interativas, exigindo do espectador uma atitude crítica ao lidar com as diversas questões apresentadas e uma postura mais ativa ao intervir no desdobramento do que é visto nas telas, nos palcos e nos salões.*

Comentários: O autor se propõe a defender uma tese – a multiplicidade de relações que a arte pode estabelecer. E, para defender sua tese, utiliza-se da exposição de exemplos de manifestações artísticas, o que garante ao texto características descritivas.

Resposta: texto dissertativo, com aspectos descritivos.

8. *Tente imaginar esta cena: homens, animais e florestas convivendo em harmonia. Os homens retiram das plantas apenas os frutos necessários e cuidam para que elas continuem frutificando; não matam animais sem motivo, não sujam as águas de seus rios e não enchem de fumaça seu ar. Em outras palavras: as relações entre os seres vivos e o ambiente em que vivem, bem como as influências que uns exercem sobre os outros, estão em equilíbrio. (…)*

Comentários: O objetivo do autor é de fato caracterizar uma cena, como ele mesmo propõe no início do texto. Por meio de suas impressões (Os homens retiram das plantas apenas os frutos necessários, não sujam as águas de seus rios), fica evidente sua intenção de descrição. Deve-se atentar ao fato de que as ações que ocorrem são simultâneas, daí não podermos considerar esse texto narrativo.

Resposta: texto descritivo.

9. *Uma ideia muito difundida atualmente é a associação da violência à pobreza. Justificando ou acusando, acredita-se que são as pessoas mais pobres que praticam os crimes, elas são os suspeitos em potencial. Tal associação revela a concepção de criminalidade e os mecanismos de criminalização presentes na nossa sociedade. É esse o assunto que vamos discutir agora.*

Comentários: O autor abstrai, trata de ideias, conceitos (a associação da violência à pobreza). Vale observar que ao final do trecho, o próprio autor deixa evidente sua intenção de dissertar, ao anunciar: É esse o assunto que vamos discutir agora.

Resposta: texto dissertativo.

10. *"Durante os piores momentos do apartheid, a África do Sul teve uma única moeda, tanto para os brancos como para os negros. O Brasil, durante algumas décadas, teve duas moedas, uma para os pobres e outra para os ricos e pessoas de classe média. A primeira desvalorizava enquanto a outra era corrigida diariamente. A correção monetária é um monumento à brutalidade da elite brasileira, capaz de imaginar com genialidade a possibilidade de uma nação ter duas moedas, separando suas classes sociais. Graças a ela, sucessivos governos puderam investir mais do que arrecadavam em subsídios para investimentos, exportações, infraestrutura, provocando inflação e jogando o seu peso concentrado sobre a parcela pobre que não tinha acesso aos mecanismos de correção da poupança ou do salário."*

Comentários: O autor inicia seu texto por uma narração entremeada de descrições ("Durante os piores momentos do apartheid, a África do Sul teve uma única moeda, tanto para os brancos como para os negros. O Brasil, durante algumas décadas, teve duas moedas, uma para os pobres e outra para os ricos e pessoas de classe média. A primeira desvalorizava enquanto a outra era corrigida diariamente"). Entretanto, logo a seguir deixa claro que sua intenção é a de defender a tese de que "A correção monetária é um monumento à brutalidade da elite brasileira". Daí, poder-se afirmar que a narração inicial serviu apenas como ponto de partida para a discussão que iria se desenrolar no texto.

Resposta: texto dissertativo, com aspectos narrativos/descritivos.

11. *"Como uma ilha azul que se avista a distância, pouco a pouco ela ia ganhando contorno e detalhes, e, já próxima, revelava formas originais e intrigantes – a silhueta elegante, forte, que eu já vira outras vezes. Um certo ar de quem percorreu grandes distâncias em paz, e marcas de beleza que só as viagens e o tempo trazem. Não era íntima conhecida mas uma paixão que me perseguia havia um bom tempo. A escuna azul, um veleiro viajante de dois mastros que de tempos em tempos aparecia no Brasil, e que eu nunca deixava escapar sem uma pequena abordagem. Rapa Nui, nome polinésio da Ilha da Páscoa, lindo nome para um barco azul e cheio de histórias."*

Comentários: Observa-se que o autor tem como objetivo textual a caracterização de um barco. Por meio de muitos substantivos e adjetivos ("A escuna azul, uma espécie de máquina de viajar por mar, lindo nome para um barco azul e cheio de histórias"), o texto gira em torno de uma única intenção – a de qualificar, caracterizar um objeto.

Resposta: texto descritivo.

12. *"A exigência da perfeição física para as modelos profissionais é apenas o sintoma mais visível de uma ansiedade que também massacra a mulher e o homem comuns. Para onde quer que se olhe – televisão, publicidade, revistas femininas –, a pessoa vê rostos perfeitos e corpos deslumbrantes, magros e nos lugares certos. Nem na rua a dona-de-casa pode andar em paz. Do alto dos outdoors, moças e rapazes impecáveis estão olhando para ela. Pouco a pouco cria-se um sentimento de insatisfação com o próprio corpo. […] Não espanta que 90% das mulheres e 60% dos homens se confessem tão aborrecidos com o rosto ou o corpo que não hesitariam em recorrer a uma cirurgia embelezadora."*

Comentários: Ainda que o texto apresente descrições ("rostos perfeitos e corpos deslumbrantes, magros e nos lugares certos"), constata-se que seu objetivo maior foi o de discutir um assunto, claramente delineado no início do texto – "A exigência da perfeição física para as modelos profissionais é apenas o sintoma mais visível de uma ansiedade que também massacra a mulher e o homem comuns".

Resposta: texto dissertativo, com aspectos descritivos.

13. *Na manhã seguinte o seu primeiro desejo foi voltar à casa; mas não teve coragem; via o rosto colérico da mãe, faces contraídas, narinas dilatadas pelo ódio, o olho direito saliente, a penetrar-lhe até o fundo do coração.*

Comentários: O texto inicia-se por uma narração – "Na manhã seguinte, o seu primeiro desejo foi voltar à casa" – mas se atém à descrição da personagem (o rosto colérico da mãe, faces contraídas, narinas dilatadas pelo ódio, o olho direito saliente). Fica evidente que o objetivo maior do texto era a caracterização de uma pessoa.

Resposta: texto descritivo, com aspectos narrativos.

14. *Quando começa a modernidade? A escolha de uma data ou de um evento não é indiferente. O momento que elegemos como originário depende certamente da ideia de nós mesmos que preferimos, hoje, contemplar. E vice-versa: a visão de nosso presente decide das origens que confessamos (ou até inventamos). Assim acontece com as histórias de nossas vidas que contamos para os amigos e para o espelho: os inícios estão sempre em função da imagem de nós mesmos de que gostamos e que queremos divulgar. As coisas funcionam do mesmo jeito para os tempos que consideramos "nossos", ou seja, para a modernidade.*

Comentários: A intenção única do autor é a de defender sua linha de raciocínio – o momento que elegemos como data de início da modernidade está relacionado à ideia de nós mesmos que preferimos, contemplar. E, para defender sua tese, utiliza-se inclusive da estratégia de comparação ("Assim acontece com as histórias de nossas vidas que contamos para os amigos e para o espelho").

Resposta: texto dissertativo.

15. *A chuva caía meticulosamente, sem pressa de cessar. A palha do rancho porejava água, fedia a podre, derrubando dentro da casa uma infinidade de bichos que a sua podridão gerava.*

Comentários: As ações ("A chuva caía meticulosamente, A palha do rancho porejava água, fedia a podre") são

simultâneas, não vêm caracterizar uma narração. A intenção do autor é a de caracterizar uma cena, uma paisagem.

Resposta: texto descritivo.

16. *Perdoar alguém é renunciar ao ressentimento, à ira ou a outras reações justificadas por algo que essa pessoa tenha feito. Isso levanta um problema filosófico: essa pessoa é tratada de forma melhor do que ela merece; mas como pode exigir-se, ou mesmo como permitir-se, tratar alguém de uma maneira que não merece? Santo Agostinho aconselhava-nos a detestar o pecado, mas não o pecador, o que também indica uma atitude objetiva ou impessoal para com o pecador, como se o caráter do agente estivesse apenas acidentalmente ligado ao caráter detestável de suas ações.*

Comentários: O autor, por meio de uma frase interrogativa – mas como pode exigir-se, ou mesmo como permitir-se, tratar alguém de uma maneira que não merece? –, anuncia seu objetivo de discutir um assunto, abstrair, discorrer. Vale observar o recurso de utilização de um testemunho de autoridade para embasar tal discussão – as palavras de Santo Agostinho.

Resposta: texto dissertativo.

17. *"Há muito tempo, os deuses navajos organizaram uma grande cerimônia de cura. 'Que caminhemos na beleza', cantavam todos, pedindo que estivessem em harmonia com a terra onde viviam. Mas alguma coisa andava errada: duas canções soavam ao mesmo tempo, duas canções em idiomas diferentes. Ao perceber o que acontecia, a Mãe-Terra resolveu congelar a cerimônia. Transformou todos os deuses em rochas e os aprisionou para sempre no espaço e no tempo. E tudo caiu no silêncio."*

Comentários: A intenção textual é evidentemente a de relatar acontecimentos ("os deuses navajos organizaram uma grande cerimônia de cura/ a Mãe-Terra resolveu congelar a cerimônia/ transformou todos os deuses em rochas"). Os verbos no pretérito perfeito, a evolução cronológica – as ações se sucederam no tempo – marcam o objetivo da narração. Vale observar que ao longo do relato pôde-se observar caracterizações (duas canções soavam ao mesmo tempo, duas canções em idiomas diferentes), o que confere aspectos também descritivos ao texto.

Resposta: texto narrativo, com aspectos descritivos.

18. *Embora não vejamos um comercial promovendo explicitamente o consumo de cocaína, ou de maconha, ou de crack, a verdade é que os meios de comunicação nos bombardeiam, durante 24 horas por dia, com a propaganda não de drogas, mas do efeito das drogas.*

Comentários: O autor externa suas opiniões em torno da defesa de uma tese – "a verdade é que os meios de comunicação nos bombardeiam …com a propaganda … do efeito das drogas".

Resposta: texto dissertativo.

19. *As novas descobertas e as novas invenções demonstram a incapacidade da ciência de atingir a verdade, pois estão sempre corrigindo o caminho percorrido.*

Comentários: O autor se utiliza de constatações ("as novas descobertas e as novas invenções demonstram...") para defender seu ponto de vista – "a incapacidade da ciência de atingir a verdade".

Resposta: texto dissertativo.

20. *Aqui até os mais pobres moram de rosto voltado para a maravilha da natureza que a incúria dos governos ainda não conseguiu desfigurar. As favelas têm por fundo a Serra dos Órgãos.*

Comentários: O texto tem como meta a caracterização de uma paisagem – a da cidade do Rio de Janeiro. Ainda que ele opine, vale observar que não se trata de uma dissertação – o autor não pretende defender uma tese. Sua intenção é a de descrever o Rio de Janeiro, externando sua opinião.

Resposta: texto descritivo.

21. *Boaventura lembra a incapacidade de redistribuição da riqueza, permitindo que o capitalismo opere contra o pobre e não a favor dele. Chama essa situação de fascismo social.*

Comentários: Por meio da exposição da opinião de outro autor sobre um assunto, o texto vem discutir a questão da má distribuição de renda do capitalismo.

Resposta: texto dissertativo.

22. *"As águas do Oceano Pacífico cobrem um terço do planeta. No meio dessa vastidão azul, nos mares da Polinésia, desponta uma pequena ilha conhecida como Ofu. Embora formada por imponentes blocos de rochas vulcânicas, Ofu é recoberta pelo verde intenso de uma exuberante vegetação tropical. Os contornos da ilha são um tanto suavizados pelas brumas que rondam o alto das montanhas, de onde rompem cataratas em direção ao mar. [...]"*

Comentários: O objetivo do autor é caracterizar uma ilha de nome Ofu. Por meio de grande quantidade de substantivos e adjetivos (verde intenso/exuberante vegetação tropical), torna-se evidente a intenção do autor de descrever. Vale observar que as ações que ocorrem são simultâneas (brumas que rondam o alto das montanhas/de onde rompem cataratas em direção ao mar), não caracterizando, assim, uma narração.

Resposta: texto descritivo.

23. *Deita-se com a cabeça na areia e confusamente ouve a conversa de uma barraca perto, gente discutindo uma fita de cinema. Murmura, baixo, um palavrão para eles.*

Comentários: Ainda que se apresentem características descritivas (barraca perto/ gente discutindo uma fita de cinema), observa-se que a intenção do autor do texto é a de relatar acontecimentos que se desenrolam em um lapso temporal (Deita-se/ouve a conversa/murmura um palavrão).

Resposta: texto narrativo, com aspectos descritivos.

24. *"Quando a democracia surgiu na Grécia, por volta de 500 a.C., os atenienses fizeram questão de traçar uma linha nítida entre as esferas pública e privada. O poder do Estado terminava onde começava a privacidade do lar.*

No âmbito doméstico, reinava a vontade do patriarca, que tinha o poder de determinar os direitos e deveres de seus filhos, mulher e escravos. Para os gregos, não havia atividade mais apaixonante e gloriosa do que participar da condução da pólis. A política era a maneira civilizada de decidir os destinos da nação por meio do diálogo e da persuasão. O cidadão revelava sua grandeza de espírito e sua importância para a comunidade no debate de ideias, na defesa de proposições e nas vitórias no âmbito público. Um homem que levasse uma vida exclusivamente privada não passava de um insignificante animal doméstico, incapaz de participar da elaboração das decisões políticas que afetavam os destinos da nação. Se Aristóteles ressuscitasse no final do século XX, ficaria horrorizado com a interferência do Estado na privacidade do cidadão. A sociedade moderna sequestrou a intimidade do indivíduo. É inimaginável uma atividade pública ou privada que não seja regulamentada por lei, por estatuto ou por norma. (...)"

Comentários: O autor inicia seu texto com a utilização de um relato sobre o surgimento da democracia, com características descritivas (atividade mais apaixonante e gloriosa, o cidadão revelava sua grandeza de espírito e sua importância). Entretanto, ao longo do texto, induz-se o leitor a descobrir sua verdadeira intenção – criticar a interferência do Estado na privacidade do indivíduo. Em termos argumentativos, a narração serviu como estratégia de defesa da tese do autor.

Resposta: texto dissertativo, com características narrativas e descritivas.

25. *Vovô Tomé era um desses casos raros do artista que passa veloz e diretamente da primeira à terceira categoria. Atribuem a sua proeza e a sua maestria no ofício ao sofrimento, que é uma das vias para se atingir o absoluto e a glória.*

Comentários: A intenção do autor do texto é a descrever Vovô Tomé, por meio de qualificações (um desses casos raros do artista/a sua proeza e a sua maestria no oficio).

Resposta: texto descritivo.

26. *A solidariedade proclamada no texto constitucional deve ser espontânea, colhida na consciência de cada um e, pelo menos, da população mais aquinhoada em favor dos que têm pouco.*

Comentários: O autor procura defender sua linha argumentativa no texto – a de que a solidariedade prevista na Constituição deve vir espontaneamente do povo.

Resposta: texto dissertativo. Defesa de tese.

27. *O processo atual de globalização se diferencia do iniciado há centenas de milhares de anos porque o mundo se tornou um só e instantâneo.*

Comentários: O objetivo do texto é analisar a globalização em suas feições atuais. Estabelecimento de relação de causa e efeito porque o mundo se tornou um só e instantâneo.

Resposta: texto dissertativo. Análise de um tema.

28. *O estrangeiro provoca a nossa desconfiança, às vezes o nosso medo. Nem sempre entendemos os seus gestos e certamente não compreendemos a sua língua. Ele não se veste como nós, a sua fisionomia pode ser diferente da nossa e não adora os nossos deuses.*

Comentários: O objetivo do trecho é caracterizar, qualificar, descrever o estrangeiro. Trata-se de descrever o estrangeiro. Trata-se de uma descrição subjetiva, em que o autor qualifica o estrangeiro com base em suas impressões pessoais. Importante não confundir essa descrição subjetiva com o texto dissertativo.

Resposta: texto descritivo.

29. *A loja de antiguidades tinha o cheiro de uma arca de sacristia com seus panos embolorados e livros comidos de traça. Com as pontas dos dedos, o homem tocou numa pilha de quadros. Uma mariposa levantou voo e foi chocar-se contra uma imagem de mãos decepadas.*

Comentários: O texto inicia-se com uma descrição ("A loja de antiguidades tinha o cheiro de uma arca de sacristia com seus panos embolorados e livros comidos de traça"). Entretanto, logo na sequência, observam-se ações que evoluem em um lapso de tempo (o homem tocou numa pilha de quadros/ uma mariposa levantou voo e foi chocar-se contra uma imagem). Assim, ainda que apareçam trechos descritivos, o objetivo do autor é evidentemente relatar o que aconteceu em uma loja de antiguidades.

Resposta: texto narrativo, com aspectos descritivos.

30. *Para psicanalistas, o projeto que propõe acabar com a prisão de usuários e dependentes de drogas é um avanço. O psicanalista Eduardo Losicer diz que a nova resolução não restringe a liberdade do cidadão de usar pequenas quantidades de drogas – em muitos casos para fins medicinais, como a maconha para glaucoma e certas dores – e reduz as relações de corrupção entre a polícia e o usuário. – O projeto ainda não retira o consumo de drogas do âmbito policial. O consumidor ainda é flagrado pela polícia e deve ser apresentado a um juiz. Mas, pelo menos, não vai preso. A indicação de um tratamento, se ele for um usuário compulsivo, é sem dúvida melhor que a exclusão social numa prisão – diz Losicer.*

Comentários: Por meio de uma linguagem objetiva, o autor trata de um assunto de forma neutra, sem opinar. Seu objetivo é informar o leitor sobre o projeto que pretende acabar com a prisão de usuários e dependentes de drogas.

Resposta: texto dissertativo.

31. *Rádio é mesmo uma coisa misteriosa. Começou fazendo sucesso na sala de visitas, acabou na cozinha. Cedeu lugar à televisão, que já vai pelo mesmo caminho.*

Comentários: A intenção do autor do texto é de contar a história do rádio. Ainda que ele se inicie com uma descrição ("Rádio é mesmo uma coisa misteriosa"), observa-se que a predominância é da narração. Destaquem-se os verbos no pretérito perfeito (começou fazendo sucesso, acabou na cozinha, cedeu lugar à televisão), que caracterizam a estrutura narrativa.

Resposta: texto narrativo, com aspectos descritivos.

32. *Uma entrevista de Jean-Claude Carrière a propósito da morte de dois grandes cineastas, o sueco Ingmar Berman e o italiano Michelangelo Antonioni, coincidentemente mortos no mesmo dia 30 de julho inspira este comentário. São desaparecimentos que acentuam os paralelismos de concepção de vida, pois tanto Bergman quanto Antonioni fizeram filmes sobre a inevitável solidão, os permanentes recomeços, a dolorosa consciência de finitude e o orgulho humano de enfrentar a morte a cada dia...*

Comentários: Iniciando o texto com um breve relato de acontecimentos (a morte de dois grandes cineastas), o autor volta sua atenção para a análise de uma questão – os paralelismos de concepção de vida. Trata-se, portanto, de ênfase ao objetivo dissertativo.

Resposta: texto dissertativo, com aspectos narrativos.

33. *A primeira liberdade moderna é o transporte próprio. BMW ou bicicleta, o que conta é a sensação de poder sentar-se ao veículo e resolver em que direção partir.*

Comentários: Por meio da apresentação de sua opinião, o autor desenvolve o seguinte tema: os objetos de consumo e a liberdade moderna.

Resposta: texto dissertativo.

34. *Mas nesse ínterim chegava suado, gordo e ofegante ao recinto uma personagem bastante próxima da realidade... Vinha imbuído de formalismo, dignidade e prerrogativas do seu cargo, além de premido pelo medo de perdê-lo.*

Comentários: Embora esse texto inicie-se por passagem narrativa (mas nesse ínterim, chegava...), o que indica que ele se origina de uma narração, o que se observa neste caso é ênfase à descrição. O objetivo do autor do texto é o de qualificar um personagem, por meio de grande quantidade de substantivos e adjetivos (suado, gordo e ofegante, ..., imbuído de formalismo, dignidade e prerrogativas)

Resposta: texto descritivo, com aspectos narrativos.

35. *Uma desconfiança incômoda me obrigou a olhar melhor e então deparei com um sujeito igual a mim mesmo, apenas um pouco mais novo. Sacudido por uma espécie de insulto, experimentei o tremor de estar sendo sorrateiramente substituído.*

Comentários: Transparece-se o relato de acontecimentos (Uma desconfiança me obrigou a olhar/ e então deparei com um sujeito / experimentei o tremor). Ênfase aos verbos no pretérito perfeito e às ações que evoluem no tempo. Importa observar também que o autor entremeia sua narrativa com passagens descritivas (um sujeito igual a mim mesmo/ um pouco mais novo).

Resposta: texto predominantemente narrativo, com características descritivas.

36. *O farol dos automóveis apagava nas águas da Lagoa o reflexo das últimas estrelas. Um casal abraçava-se debaixo de uma amendoeira. Sentia-se só. A vida era para os outros.*

Comentários: Ações que ocorrem ao mesmo tempo (o farol dos automóveis apagava/um casal abraçava-se/sentia-se só). Impressões do autor em relação a uma paisagem – a Lagoa Rodrigo de Freitas.

Resposta: texto descritivo.

37. *O combate à fome e à pobreza foi adotado pelo governo federal, a partir de 2003, como política de governo. Dentro dessa política, por exemplo, foi criado o Programa Bolsa-Família que beneficia mais da metade das famílias pobres do país. O programa é de responsabilidade do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, que tem hoje o maior orçamento já investido no Brasil para combater a fome e promover o desenvolvimento Social – R$ 17 bilhões.*

Comentários: Ainda que o autor inicie seu texto por meio de um relato (o combate à fome e à pobreza foi adotado pelo governo federal, a partir de 2003), observa-se que sua intenção é a de expor o que se sabe sobre um assunto – o Programa Bolsa-Família. Trata-se, portanto, de uma dissertação que se desenvolve por meio de uma linguagem simples e objetiva.

Resposta: texto dissertativo, com características narrativas.

38. *Quando alguém começa a frase com "Eu não sou racista, mas…", você pode estar certo de que o que se segue será uma declaração racista que desmentirá espetacularmente o seu preâmbulo. Ninguém é mais racista do que quem começa dizendo que não é.*

Comentários: Importa ao autor, nesse caso, defender sua tese de que "Ninguém é mais racista do que quem começa dizendo que não é". Presença de expressões que indicam a opinião do autor (você pode estar certo/ espetacularmente).

Resposta: texto dissertativo.

39. *O Estatuto do Desarmamento, aprovado no fim do ano, e ainda em fase de regulamentação, surgiu por uma questão de sobrevivência. O contexto que deflagrou o movimento político pelo endurecimento da legislação sobre armas é no mínimo dramático. Em 20 anos, de 1980 a 2000, conforme estudo do IBGE, 600 mil brasileiros foram assassinados, uma média de 30 mil por ano.*

Comentários: Observa-se a exposição do contexto social que deflagrou a aprovação do Estatuto do Desarmamento. O autor discorre sobre o assunto transparecendo também ao leitor sua opinião (o contexto…é no mínimo dramático).

Resposta: texto dissertativo.

40. *O meu pai dizia não saber bem o porquê da existência e vivia mudando de trabalho, de mulher e de cidade. A característica mais marcante do meu pai era a sua rotatividade. Dizia-se filósofo sem livros, com uma única fortuna: o pensamento.*

Comentários: A intenção do autor é a de caracterizar um personagem – vivia mudando de trabalho, a sua rotatividade, Dizia-se filósofo sem livros.

Resposta: texto descritivo.

41. *Eu olhava para a janela e tinha a impressão de que jamais na vida chegaríamos a Nhuporã. Que pedaço brabo. O camaleão se esfregava no chassi e o pai praguejava.*

Comentários: Presença de ações que ocorrem ao mesmo tempo (eu olhava para a janela/o camaleão se esfregava/o pai praguejava), o que se destaca é a intenção do autor de caracterizar uma paisagem. Destaque à frase nominal – Que pedaço brabo – que acaba por enfatizar ainda mais a descrição.

Resposta: texto descritivo.

42. *Mas o caminho era do diabo, ele mesmo tinha dito. A pouco mais de légua de Nhuporã, o caminhão derrapou, deu um solavanco e tombou de ré.*

Comentários: Presença de verbos no pretérito perfeito (o caminhão derrapou/ deu um solavanco/ tombou de ré), que caracterizam a evolução dos acontecimentos no tempo. Relação de anterioridade e posterioridade.

Resposta: texto narrativo.

43. *Eu amo meu marido. De manhã à noite. Mal acordo, ofereço-lhe café. Ele suspira exausto da noite sempre maldormida e começa a barbear-se. Bato-lhe à porta três vezes antes que o café esfrie.*

Comentários: Ainda que a autora inicie seu texto com a exposição de um ponto de vista, observa-se logo a seguir sua intenção de relatar acontecimentos, que evoluem no tempo ("acordo", "ofereço-lhe café", "ele suspira exausto", "começa a barbear-se").

Resposta: texto narrativo.

44. *Aos poucos, a camada de pintura branca que cobria a casa de Jeffrey entrou em entendimento definitivo com o sol e com a chuva, fundindo sua obediência a ambos numa única tonalidade cinzenta. Começou a descascar.*

Comentários: Ainda que o autor apresente algumas ações que evoluem no tempo ("entrou em entendimento", "começou a descascar"), vê-se que seu objetivo é caracterizar, por meio de uma linguagem figurada, a deterioração da pintura da parede de uma casa.

Resposta: texto descritivo.

45. *Para se fazer uma revista de divulgação científica hoje, três diretrizes devem ser observadas. A primeira é o que queremos dizer e o que temos para dizer em uma revista. A segunda, se temos os meios humanos e financeiros para realizar o projeto. A terceira se refere à necessidade urgente de ampliar a "infraestrutura" de conhecimentos necessários para que a educação encontre raízes profundas em nossa sociedade, nos laboratórios de pesquisa, na natureza e na história que vivemos.*

Comentários: A intenção do autor é a de discutir um assunto – os pré-requisitos necessários para se fazer uma revista de divulgação científica.

Resposta: texto dissertativo.

46. *Calou-se e notei que os olhos do velho se tinham orvalhado. Enxugou discretamente os olhos e perguntou-me se queria ver o tal livro. Respondi-lhe que sim. Chamou o criado, deu-lhe as instruções e explicou-me que perdera todos os filhos, só lhe restando uma filha casada, cuja prole, porém, estava reduzida a um filho, débil de corpo e de saúde frágil e oscilante.*

Comentários: Eis uma característica comum ao texto narrativo: o aparecimento de aspectos descritivos ao longo do relato. Aqui o objetivo do autor é o de reproduzir acontecimentos – "calou-se", "enxugou discretamente os olhos", "chamou o criado". Entretanto, o texto não deixa de transparecer características descritivas – "os olhos do velho orvalhados", "um filho débil de corpo e de saúde frágil e oscilante".

Resposta: texto narrativo.

47. *É engraçado que eu entenda tanto de peixe e quase não pesque, mas entendo. Os peixes miúdos de moqueca são: o carapicu, o garapau, o chicharro e a sardinha.*

Comentários: A intenção do autor é falar sobre um assunto – os tipos de peixe.

Resposta: texto dissertativo.

48. *Na minha cabeça zumbem moscas, não as vejo porque voam internamente, mas as suponho coloridas, são varejeiras, mil, batem na parte interna do crânio, enchem-me a cabeça de som, cascalho e loucura.*

Comentários: Ainda que apresente ações, o texto evidencia sua intenção de caracterizar uma cena imaginária – moscas que zumbem em uma cabeça doente.

Resposta: texto descritivo.

49. *Sempre que se reúnem para lamuriar, os empresários falam no Custo Brasil, no preço que pagam para fazer negócios num país com regras obsoletas e vícios incrustados.*

Comentários: Nesse trecho, pretende-se discorrer sobre um tema – o Custo Brasil.

Resposta: texto dissertativo.

50. *Baleia assustou-se. Que faziam aqueles animais soltos de noite? A obrigação dela era levantar-se, conduzi-los ao bebedouro. Franziu as ventas, procurando distinguir os meninos. Estranhou a ausência deles.*

Comentários: Ações que evoluem no tempo – "assustou-se", "franziu as ventas", "estranhou a ausência" – caracterizam esse texto narrativo.

Resposta: texto narrativo.

51. *Baleia respirava depressa, a boca aberta, os queixos desgovernados, a língua pendente e insensível. Não sabia o que tinha se sucedido. O estrondo, a pancada que recebera no quarto, e a viagem difícil do barreiro ao fim do pátio desvaneciam-se no seu espírito.*

Comentários: Interrupção da passagem do tempo. Caracterização do personagem, não só quanto aos aspectos

externos (boca aberta, queixos desgovernados), mas também em relação às suas características psicológicas ("O estrondo, a pancada,..., desvaneciam-se no seu espírito.").

Resposta: texto descritivo.

52. *E enquanto o humilde lavrador sussurra a sua indignação, o homem, que antes era apenas vulto, já avança pela quinta fila, agora de lado, da direção do diretor e de sua assistente, que só o veem quando já está a algumas poltronas deles.*

Comentários: Ainda que haja um breve lapso temporal, a intenção do autor é a de caracterizar uma cena – um humilde lavrador, um diretor e sua assistente, bem como um estranho que deles se aproxima.

Resposta: texto descritivo.

53. *Peri lançou um olhar de desespero para as margens que se destacam alguma distância sobre a corrente plácida do rio. Quebrou o laço que prendia a canoa, impeliu-a para a terra com toda a força do remo que fendeu a água rapidamente.*

Comentários: Ações que se sucedem no decorrer do tempo – "lançou um olhar", "quebrou o laço", "impeliu-a para a terra", "fendeu rapidamente". Presença de características descritivas – "um olhar de desespero", "o laço que prendia a canoa".

Resposta: texto narrativo.

54. *Geminiano era um preto risonho, manso por fora mas espinhento por dentro. Quando alguém lhe dizia alguma coisa que não caía bem, ele parava o riso no meio e virava o avesso do pano.*

Comentários: O objetivo do autor é o de descrever, caracterizar uma personagem – Geminiano. Qualificações não só externas – "preto risonho", "manso por fora" –, mas também psicológicas – "espinhento por dentro".

Resposta: texto descritivo.

55. *O patriotismo é a dedicação a tudo que diz com a sorte do país natal e deve ser sincero como uma religião.*

Comentários: Nesse caso, o que se pretende é discorrer sobre um determinado assunto – o patriotismo. O autor não só discute o assunto como também expõe seu ponto de vista ("deve ser sincero como uma religião.").

Resposta: texto dissertativo.

56. *Somos um povo impetuoso e generoso, capaz de disciplina e de indocilidade. Somos um povo carnavalesco, mas um povo sofrido: um povo com senso de humor e com repentes de ira sagrada.*

Comentários: Intenção de caracterizar – somos um povo impetuoso e generoso. Presença de substantivos e adjetivos.

Resposta: texto descritivo.

57. *O Custo Brasil dos lamentos empresariais existe, como existem empresários responsáveis que pelo menos*

reconhecem a pilhagem, mas muito mais lamentável e atrasado é o Desperdício Brasil.

Comentários: O autor tem como intenção argumentar em relação ao Desperdício Brasil. Presença de aspectos opinativos – muito mais lamentável e atrasado.

Resposta: texto dissertativo.

58. *Para entender a sua soberania até os confins da vontade, último termo da evolução mental, para subjugar os corações, há de a religião exercitar as suas forças sublimes no terreno da igualdade e da tolerância...*

Comentários: O autor se posiciona acerca de um tema – a religião. Objetivo de discutir, discorrer sobre determinado assunto.

Resposta: texto dissertativo.

59. *Ela entrou na ponta dos pés. Tirou os sapatos para subir a escada. O terceiro degrau rangia. Pulou-o apoiando-se no corrimão.*

Comentários: O texto trabalha com o tempo: os fatos se sucedem (Ela entrou na ponta dos pés/Tirou os sapatos/Pulou-o...). Aparecimento de características de descrição (O terceiro degrau rangia).

Resposta: texto narrativo.

60. *Quando minha prima e eu descemos do táxi, já era quase noite. Ficamos imóveis diante do velho sobrado de janelas ovaladas, iguais a dois olhos tristes, um deles vazado por uma pedrada.*

Comentários: Ainda que se inicie com um relato, observa-se que o autor interrompe sua narrativa para se ater à caracterização de um velho sobrado. Presença de substantivos e adjetivos (velho sobrado, janelas ovaladas, olhos tristes).

Resposta: texto descritivo.

61. *A saleta era escura, atulhada de móveis velhos, desparelhados. No sofá de palhinha furada no assento, duas almofadas que pareciam ter sido feitas com os restos de um antigo vestido, os bordados salpicados de ladrilhos.*

Comentários: Não há lapso temporal. Impressões do autor (almofadas que pareciam ter sido feitas com os restos de um vestido antigo). Predominância de substantivos e adjetivos (saleta escura, móveis velhos). Aparecimento de frases nominais, cuja base é de verbo na forma nominal (atulhada de móveis velhos, bordados salpicados de ladrilho).

Resposta: texto descritivo.

62. *Eis o dilema do homem atual: ou se curva à moral e renuncia à felicidade, ou busca a felicidade e deixa de lado a moral.*

Comentários: Discussão de um assunto – o dilema do homem atual, no confronto entre a moral e a felicidade.

Resposta: texto dissertativo.

Selecionamos algumas questões para que você perceba a aplicabilidade desses conceitos em provas de concursos públicos. Aproveite os comentários!

23.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Veja uma questão de concurso, elaborada pela Fundação Euclides da Cunha, que ilustra esse assunto.

A SANTA CRUZ DA ESTIVA

No final do século passado, existia, rodeada por pequeno cemitério, outra igrejinha próxima ao local onde hoje está erguida a Capela de Santa Cruz da Estiva. Junto à estrada que passa diante da Capela, residia, então, um humilde lavrador que trabalhava as terras, auxiliado por sete filhos. Rapagões fortes e destemidos, eram o orgulho do pai.

Foi quando surgiu a febre amarela, ceifando vidas sem piedade. Por ironia, ela foi levando um por um os sete filhos do lavrador, deixando-o sozinho com sua dor.

Passada a epidemia, o desventurado buscou consolo em Deus. E se propôs, apesar de passar por dificuldades econômicas, a construir uma Capela nova junto à antiga, pedindo ao Senhor amparo para as almas de seus sete rapazes, conseguindo-lhes, assim, a absolvição dos pecados possivelmente cometidos.

Obteve com seus rogos que a dona da fazenda fizesse a doação de uma faixa de terreno e, com os amigos e conhecidos, acertou o empreendimento de um mutirão.

Assim foi construída a Capela de Santa Cruz da Estiva, segundo se diz por aí…

(Adaptação de lenda de autor desconhecido)

1. A lenda "A Santa Cruz da Estiva", quanto ao modo de organização textual e à justificativa para a classificação, pode ser considerada um texto:

a) narrativo, porque relata mudanças progressivas de personagens e coisas através do tempo;

b) descritivo, porque transmite imagens positivas ou negativas dos elementos descritos;

c) dissertativo, porque analisa e interpreta dados da realidade por meio de conceitos abstratos;

d) poético, porque utiliza jogos de figuras de modo a ocultar uma visão de mundo subjetiva.

Comentários:

Observe que o objetivo do texto é contar uma história. Atente à passagem do tempo e aos verbos no pretérito perfeito, indicando um antes e um depois (*Foi quando surgiu a febre amarela*/ *Obteve com seus rogos*/ *Assim foi construída*…). Procure analisar o início de cada parágrafo: o que se tem são ações que se organizam em uma relação de anterioridade e posterioridade. Muitos alunos ficariam em dúvida, talvez, em relação à letra B, porque, de fato, o texto traz imagens dos elementos descritos ao longo da narração. Mas será que o *objetivo* do autor é descrever uma cena ou *relatar* uma história? Ainda que haja aspectos descritivos, o texto é predominantemente narrativo.

Você percebeu que este texto apresentava, logo no seu início, uma passagem totalmente descritiva? O seu primeiro parágrafo era descritivo: seu objetivo foi caracterizar uma paisagem (*igrejinha próxima ao local...)* e personagens (*humilde lavrador/ rapagões fortes e destemidos*...). É exatamente isso: o texto narrativo pode vir entremeado de aspectos descritivos. Afinal, você se lembra dos clássicos que líamos na infância? Aquelas histórias eram constantemente interrompidas por descrições.

Predominam na descrição substantivos e adjetivos, bem como verbos na forma nominal (*recostado*, *entrelaçadas*...), porque esta tem como objetivo maior a **caracterização** e os nomes auxiliam o texto nessa tarefa.

Você percebeu que na descrição o tempo não evolui? Lembra que, na escola, a professora nos dizia que, quando descrevemos, é como se tirássemos uma fotografia ou congelássemos uma cena? O tempo para...

Vale uma dica:

Uma boa maneira de diferenciar a narração da descrição é observar o aspecto temporal. Na descrição, não existe relação de anterioridade e de posterioridade entre os enunciados, os movimentos ocorrem ao mesmo tempo, sem haver progressão de um estado a outro. As ações reproduzidas na descrição são simultâneas. Ao ocorrer progressão cronológica, tem-se o texto narrativo.

Os alunos costumam nos relatar que a maior dificuldade, diante de uma questão de prova, ocorre quando existe mais de uma modalidade discursiva em um mesmo texto. Por exemplo, se houver narração e descrição dentro de um mesmo texto, como classificá-lo?

Resposta: A.

Veja a seguir uma prova em que a banca pedia que se identificasse um trecho descritivo.

(BNDES – Técnico – Cesgranrio)

A ERA DO TÔ ME ACHANDO

"Bacanas teus óculos", falei. Leves, classudos, num tom esportivamente escuro, cada lente com uma sombra que subia de baixo para cima, tornavam misterioso o olhar do amigo, um jovem editor. Comentei que nunca o tinha visto de óculos. Ele devolveu: "Pois é, mas eu estava com a vista cada vez mais cansada, até que fui ao oculista e ele me disse que precisava usar. Dois graus de miopia. Excesso de leitura. Fazer o quê...", compungiu-se, o olhar vago, empurrando o par de lentes nariz acima com um charme intelectualmente sofrido. Mês depois, encontrei uma amiga cujo pai é oftalmologista. Entre anedota e outra, ela me contou que um curioso cliente do pai havia pedido um modelo de óculos sem grau. É, era ele mesmo – o editor.

Vivemos tempos curiosos. A cada segundo, e através de todos os meios possíveis, somos expostos aos corpos mais perfeitos, às biografias mais irretocáveis, à pose generalizada de famosos e anônimos. Vaidade pura. Mas um momento: você já experimentou sair por aí todo mulambento, comparecer despenteado a uma entrevista de emprego, esconder de parentes e amigos aquele êxito nos estudos? Impossível, não? Porque, hoje, não ter vaidade – não ter o hábito de apregoar aos quatro cantos, reais e virtuais, o quanto você pode ser atraente, sensacional e único – parece ser

um dos maiores pecados da nossa era, esse tempo em que todo mundo parece estar "se achando".

Por isso, os óculos de araque do meu amigo. No meio altamente intelectualizado em que ele vive, circulando entre Festas Literárias de Paraty e debates seguidos de sessões de autógrafo nas livrarias mais chiques do eixo Rio-São Paulo, ostentar uma armação bacanuda é o equivalente, em termos culturais, às pernas muito bem torneadas – horas de academia – da mocinha da novela das 8. Ou seja: tudo é vaidade.

BRESSANE, Ronaldo. Revista vida simples. out. 2009.

2. Em qual sequência é caracterizada uma descrição?

a) "Leves, classudos, num tom esportivamente escuro, cada lente com uma sombra que subia de baixo para cima,"

b) "'Pois é, mas eu estava com a vista cada vez mais cansada, até que fui ao oculista…'"

c) "Mês depois, encontrei uma amiga cujo pai é oftalmologista."

d) "ela me contou que um curioso cliente do pai havia pedido um modelo de óculos sem grau."

e) "É, era ele mesmo – o editor."

Comentários:

Observe que, nas letras B, C, D e E, o que se vê é a evolução de acontecimentos em uma narrativa. Atente aos verbos no pretérito perfeito (*fui ao oculista*/*encontrei uma amiga*/*ela me contou*). Perceba que a única alternativa que tem como objetivo caracterizar, qualificar é a letra A, que apresenta adjetivos (*leves, classudos*). Seu objetivo não é contar uma história, mas interrompê-la, caracterizando um personagem.

Agora, o mais interessante sobre este texto, a banca não perguntou. Você percebeu que, embora ele apresentasse descrição e narração, seu objetivo não foi o de contar uma história? Sua meta era a de discutir um assunto, a tese de que não ter vaidade é um dos maiores pecados da nossa era? Ora, isso faz com que o texto não seja nem narrativo nem descritivo, mas sim dissertativo. Seu objetivo é defender uma tese, a opinião do autor, expressa logo no seu título: *A era do tô me achando*. O objetivo da dissertação é só um: discutir um assunto, abstrair.

Resposta: A.

Um texto que considero um clássico de concursos públicos veio de uma prova elaborada pelo NCE e é emblemático de tudo isso sobre que estamos conversando. Além de tudo, é de nosso tão saudoso Saramago. Observe:

VIOLÊNCIA NO CAMPO

José Saramago

No dia 17 de abril de 1996, no estado brasileiro do Pará, perto de uma povoação chamada Eldorado dos Carajás (Eldorado: como pode ser sarcástico o destino de certas palavras…), 155 soldados da polícia militarizada, armados de espingardas e metralhadoras, abriram fogo contra uma manifestação de camponeses que bloqueavam a estrada em ação de protesto pelo atraso dos procedimentos legais de expropriação de terras, como parte do esboço ou simulacro de uma

suposta reforma agrária na qual, entre avanços mínimos e dramáticos recuos, se gastaram já cinquenta anos, sem que alguma vez tivesse sido dada suficiente satisfação aos gravíssimos problemas de subsistência (seria mais rigoroso dizer sobrevivência) dos trabalhadores do campo. Naquele dia, no chão de Eldorado dos Carajás ficaram 19 mortos, além de umas quantas dezenas de pessoas feridas.

Passados três meses sobre este sangrento acontecimento, a polícia do estado do Pará, arvorando-se a si mesma em juiz numa causa em que, obviamente, só poderia ser a parte acusada, veio a público declarar inocentes de qualquer culpa os seus 155 soldados, alegando que tinham agido em legítima defesa, e, como se isto lhe parecesse pouco, reclamou procedimento judicial contra três dos camponeses, por desacato, lesões e detenção ilegal de armas. O arsenal bélico dos manifestantes era constituído por três pistolas, pedras e instrumentos de lavoura mais ou menos manejáveis. Demasiado sabemos que, muito antes da invenção das primeiras armas de fogo, já as pedras, as foices e os chuços haviam sido considerados ilegais nas mãos daqueles que, obrigados pela necessidade a reclamar pão para comer e terra para trabalhar, encontraram pela frente a polícia militarizada do tempo, armada de espadas, lanças e albardas. Ao contrário do que geralmente se pretende fazer acreditar, não há nada mais fácil de compreender que a história do mundo, que muita gente ilustrada ainda teima em afirmar ser complicada demais para o entendimento rude do povo.

3. O texto é mais adequadamente classificado como:

a) descritivo.

b) narrativo.

c) argumentativo.

d) expositivo.

e) informativo.

Comentários:

Veja que o texto começa com uma narração entremeada de descrições. As ações se sucedem no tempo (*155 soldados...abriram fogo*; *Naquele dia, no chão de Eldorado dos Carajás ficaram 19 mortos...*), o que caracteriza o primeiro parágrafo como predominantemente narrativo. Por outro lado, vemos muitos trechos cujo objetivo é caracterizar cenas e personagens (*155 soldados...armados de espingardas e metralhadoras...umas quantas dezenas de pessoas feridas...*). Assim, devemos classificar o primeiro parágrafo como predominantemente narrativo, com aspectos descritivos.

Entretanto, no segundo parágrafo, percebemos que a narração evolui para uma discussão. Sentimos que o autor utilizou-se da história relatada ao longo do texto como pretexto para apresentar sua tese: *não há nada mais fácil de compreender que a história do mundo*. Se você reparar bem é só na segunda metade do segundo parágrafo que o autor deixa transparecer sua real intenção: ele pretende discutir um assunto, abstrair, dissertar. É a defesa de uma tese – o texto é predominantemente dissertativo argumentativo com aspectos narrativos e descritivos. E o mais

interessante é que, apesar de a dissertação só ter tomado forma mesmo ao final do texto, é ela que predomina. Porque essa é a *intenção do autor*.

Aqui, vale um recado:

> Toda vez que a banca pedir que se classifique um texto em sua predominância, lembre-se de que esse critério não tem a ver com o número de linhas como se, supostamente, forem dez linhas de narração e seis de dissertação, o texto seria predominantemente narrativo??? Se fosse assim, classificar um texto seria algo mais perto da matemática... Classificar um texto significa identificar a intenção do autor, seu objetivo ao produzir o texto.

Veja mais uma prova:

O MEDO SOCIAL

Jurandir Freire Costa

No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado. De repente foi assaltada por um adolescente, que a roubou, ameaçando cortar a garganta do garoto. Dias depois, a mesma senhora reconhece o assaltante na rua. Acelera o carro, atropela-o e mata-o, com a aprovação dos que presenciaram a cena. Verídica ou não, a história é exemplar. Ilustra o que é a cultura da violência, a sua nova feição no Brasil.

Ela segue regras próprias. Ao expor as pessoas a constantes ataques à sua integridade física e moral, a violência começa a gerar expectativas, a fornecer padrões de respostas.Episódios truculentos e situações-limite passam a ser imaginados e repetidos com o fim de caucionar a ideia de que só a força resolve conflitos. A violência torna-se um item obrigatório na visão do mundo que nos é transmitida. Cria a convicção tácita de que o crime e a brutalidade são inevitáveis. O problema, então, é entender como chegamos a esse ponto. Como e por que estamos nos familiarizando com a violência, tornando-a nosso cotidiano.

Em primeiro lugar, é preciso que a violência se torne corriqueira para que a lei deixe de ser concebida como o instrumento de escolha na aplicação da justiça. Sua proliferação indiscriminada mostra que as leis perderam o valor normativo e os meios legais de coerção, a força que deveriam ter. Nesse vácuo, indivíduos e grupos passam a arbitrar o que é justo ou injusto, segundo decisões privadas, dissociadas de princípios éticos válidos para todos. O crime é, assim, relativizado em seu valor de infração. Os criminosos agem com consciências felizes. Não se julgam fora da lei ou da moral, pois conduzem-se de acordo com o que estipulam ser o preceito correto. A imoralidade da cultura da violência consiste justamente na disseminação de sistemas morais particularizados e irredutíveis a ideais comuns, condição prévia para que qualquer atitude criminosa possa ser justificada e legítima.

4. "No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado. De repente foi assaltada por um adolescente..."; a passagem do pretérito imperfeito para o pretérito perfeito marca a mudança de:

a) um texto descritivo para um texto narrativo.

b) a fala do narrador para a fala do personagem.

c) um tempo passado para um tempo presente.

d) um tempo presente para um tempo passado.

e) a mudança de narrador.

5. O texto acima pode ser classificado, de forma mais adequada, como:

a) narrativo moralizante.

b) informativo didático.

c) dissertativo opinativo.

d) normativo regulamentador.

e) dissertativo polêmico.

Comentários:

Questão 4: Observe que o parágrafo começa com uma descrição de uma cena (*No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado*). Logo em seguida, observa-se um conector temporal (*de repente*), que indica uma ruptura: uma passagem da modalidade descritiva para a narrativa. Do conector temporal em diante, o que se observa é a evolução de uma história.

Resposta: A.

Aqui, vale uma dica:

Em geral, a narração utiliza verbos no pretérito perfeito, já que seu objetivo é relatar acontecimentos que evoluem em uma sequência cronológica. Já na descrição, a tendência é a de que os verbos apareçam no pretérito imperfeito.

Questão 5:

Quanto à letra A, o texto seria narrativo moralizante se seu objetivo fosse contar uma história e, ao seu final, apresentasse uma moral, um conselho. Não foi o caso. Se fosse a letra B, o seu objetivo teria sido o de informar o leitor, aumentar seu conhecimento sobre um determinado assunto. Mais do que isso: sendo didático, teria como meta ensinar o leitor.

Normativo regulamentador, que é o que se diz na letra D, ele não é: seu objetivo não é estabelecer normas, regulamentar relações. Isso é meta dos estatutos, das leis que vocês estudam por aí…

Normalmente, o aluno fica em dúvida entre as letras C e E. Dissertativo polêmico (letra E) ele não é: seria polêmico se o seu objetivo fosse apresentar duas visões a respeito de determinado assunto. Não foi isso que o autor procurou desenvolver – sua meta foi utilizar-se de uma narração, entremeada de aspectos descritivos, que serviria de pretexto para uma discussão. O mote do texto era falar da *cultura da violência, sua nova feição no Brasil.* Ora, se o objetivo do autor era discutir um assunto, sob seu ponto de vista, pode-se dizer que o texto é predominantemente dissertativo

opinativo (ou argumentativo), com aspectos narrativos e descritivos.

Você deve estar se perguntando: quantas modalidades de texto dissertativo existem? Qual é a diferença entre texto dissertativo opinativo e expositivo? Texto opinativo é sinônimo de argumentativo? Dizer que um texto é dissertativo informativo é dizer que ele também é expositivo?

Se surgirem essas dúvidas, você pode retomar o conteúdo no decorrer deste capítulo, como o explicado no tópico 23.1.6. Porém, para ajudar e refrescar a memória, segue um resumo a respeito.

Em textos de concursos públicos, costuma-se subdividir os textos dissertativos em duas modalidades – o texto dissertativo expositivo e o texto dissertativo opinativo-argumentativo. O primeiro tem por objetivo discutir um assunto, expor o que se sabe sobre ele sem defesa de ponto de vista do autor. Já a segunda modalidade tem como meta a persuasão, o convencimento – neste tipo de texto o autor utiliza estratégias argumentativas que visam defender sua tese.

O texto dissertativo expositivo expõe ideias, explana, discute, revela o que o autor sabe sobre determinado assunto. Sua linguagem é objetiva, clara, impessoal. Traz abordagem abrangente sobre um tema, permitindo que o leitor desenvolva sua própria opinião sobre o assunto. Nesse texto, o autor não manifesta, ao menos explicitamente, suas opiniões sobre o tema tratado. Ainda que em alguns momentos do texto ele opine, sua intenção não é defender seu ponto de vista sobre o tema em questão.

Neste tipo de texto, o autor simplesmente expõe aquilo que sabe sobre determinada matéria, sem a preocupação de julgar, emitir opinião em relação ao assunto sobre o qual discorre. São fatos, e não julgamentos.

Além de revelar tudo que sabe sobre determinado assunto, você percebeu que o texto tem como objetivo aumentar o *seu* conhecimento sobre o tema? Trazer novidades, acrescentar conhecimento para o leitor?

O texto dissertativo informativo é uma modalidade de texto dissertativo expositivo. É que há textos expositivos que apresentam informações sobre um objeto ou fato específico, sua descrição, a enumeração de suas características, com o objetivo de aumentar o conhecimento do leitor sobre determinado assunto. Esse tipo de texto é chamado de **informativo**. Com linguagem objetiva e impessoal, ele pressupõe acréscimo de informação para quem o lê. O texto dissertativo informativo é o tipo de texto que procura tratar de assunto de interesse do leitor e busca a novidade, algo que o público não conheça.

Por meio de dados estatísticos e exemplos e de uma linguagem objetiva, o autor atinge seu objetivo – apresentar possíveis novidades ao seu leitor. O que se tem é um texto em que o autor não só expõe o que sabe sobre determinado assunto (daí ser chamado de expositivo), mas também acrescenta informações a quem o lê (por isso, é informativo). Assim, poderíamos resumir:

Todo texto informativo é também expositivo, pois o autor expõe o que sabe sobre um assunto com a intenção de aumentar o conhecimento do leitor. Mas nem todo texto expositivo é informativo – o texto será apenas expositivo se o autor pretender unicamente expor o que sabe sobre determinada matéria sem a pretensão de acrescentar informações a quem o lê.

De qualquer forma, sendo o texto unicamente expositivo ou também informativo, o que se observa é que nesses textos não há intenção de se defender uma tese, ou apresentar argumentos do autor. O que se vê são **fatos**. Se o objetivo do texto for defender opinião, julgamentos, ele será dissertativo opinativo – ou argumentativo.

O **texto dissertativo opinativo**, também chamado de argumentativo, difere do dissertativo expositivo, pois, além de expor o que se sabe sobre um assunto – e, muitas vezes, também informar –, o texto dissertativo argumentativo tem por finalidade principal persuadir o leitor sobre determinado assunto, modificar seu comportamento.

Percebe-se, ao longo deste tipo de texto, palavras que indicavam o posicionamento do autor. Muitas vezes, o autor, com o intuito de transparecer sua opinião, utiliza-se de algumas marcas linguísticas capazes de persuadir o leitor, tais como verbos na 1ª pessoa do singular ou plural e expressões de modalidade – são os chamados modalizadores (vocábulos indicativos da opinião do autor, que podem ajudar você a diferenciar no texto o fato do julgamento).

Veja uma prova elaborada pela Fundação Euclides da Cunha, em que se apresentava uma questão de tipologia textual:

RIO + 10 … POR CENTO!

APENAS UMA DÉCADA DEPOIS

Encerrada há pouco em Johannesburgo, África do Sul, a Conferência Rio + 10 terminou pateticamente, sob o olhar desalentado de ambientalistas, jornalistas, economistas e políticos.

O Secretário de Estado dos EUA, Collin Powell, foi vaiado por afirmar que os Estados Unidos estão, sim, preocupados com a saúde ambiental do planeta. O presidente Fernando Henrique Cardoso viu derrotada – ao som da bem orquestrada banda regida pela Casa Branca e que incluía Rússia, China, Índia e países árabes exportadores de petróleo – a proposta brasileira para que, dentro de oito anos, 10% da matriz energética mundial viesse de fontes renováveis. Inclusive a tecnologia *made in Brazil* ancorada no etanol, *of course*. Ao mesmo tempo, o polêmico chefe de Estado venezuelano, Hugo Chávez, sob tímidos aplausos, dizia que "enquanto nós, governantes, vamos de conferência em conferência, nossos povos vão de abismo em abismo".

De concreto, mesmo, o que se produziu na Rio + 10 foi apenas uma vaga carta de intenções, com frases do tipo "vamos reduzir a perda de espécies", "reconhecemos que países pobres precisarão de ajuda financeira para cumprir os objetivos", e "reconhecemos o princípio da repartição de benefícios obtidos com espécies de países pobres, ou seja, asseguramos que as comunidades locais devem usufruir de benefícios decorrentes da exploração de recursos naturais encontrados em suas terras". Tudo isso pomposamente dito, mas sem metas definidas ou prazos para implementação.

Travestidos de Tomaso de Lampedusa, afirmamos que algo deve mudar para que tudo continue como está. Até quando?

(FAVARETTO, J. A. UNO Notícias. Informativo do Sistema UNO de Ensino, n. 4, outubro de 2002, p. 3.)

6. Considerando-se o modo de organização do discurso, é possível afirmar que o texto acima:

a) tem uma estrutura argumentativa, desenvolvida com elementos que deixam clara a opinião favorável do autor a respeito do fato polêmico abordado.

b) pode ser definido como dissertativo, pois nele o autor realiza uma explanação dos acontecimentos que caracterizaram a Conferência Rio + 10.

c) é narrativo, em estilo jornalístico, com elementos que assinalam a presença do narrador e a sua opinião sobre os resultados da Conferência Rio + 10.

d) foi construído com uma parte narrativa e outra descritiva, sendo forte nesta última a opinião desfavorável do autor sobre os resultados da Conferência Rio + 10.

e) contém uma descrição detalhada das diversas correntes de interesses que se apresentaram na Conferência Rio + 10.

Comentários:

Observe que o objetivo do texto não é dissertar sobre uma conferência realizada, mas apresentar relatos que se organizam em uma sequência cronológica – os acontecimentos da Conferência Rio + 10. Assim, eliminam-se as alternativas A e B.

Quanto à letra D, ainda que ocorram aspectos descritivos (*bem orquestrada banda regida*/*tímidos aplausos*), não se pode afirmar que o texto se divida em uma parte narrativa e outra descritiva. Além disso, quando o autor demonstra sua *opinião desfavorável sobre os resultados da Conferência Rio + 10*, o que se tem é *dissertação*, e não descrição.

Assim, ainda que haja passagens descritivas e opinativas no texto, o que se percebe é que o autor veio relatar acontecimentos de uma conferência, com opiniões ao longo de seu relato. O texto é narrativo, com aspectos descritivos e opinativos.

Resposta: C.

CRITÉRIO ARRISCADO

O exemplo veio da maior economia do mundo: as agências de regulação e desenvolvimento – caso da SEC (Securities Exchange Comission) americana, e da CVM brasileira – têm que ser mantidas a salvo da submissão ou das influências políticas. Esta é a melhor forma de preservar a independência de organismos desse tipo cuja eficiência e utilidade para a economia do país são consequência direta de sua credibilidade e da independência de seus dirigentes.

Recentemente, nos Estados Unidos, o presidente da SEC, Harvey Pitt, viu-se compelido a renunciar a seu mandato. Motivo? Ele teria iludido seus colegas de conselho (diretoria da SEC), para conseguir maioria na escolha de William Webster para a liderança de um novo comitê que supervisionará a indústria da contabilidade no país.

Para conseguir o que pretendia, Pitt deixara de informar os demais membros do conselho da SEC que Webster fora chefe de auditoria de uma das companhias que, recentemente, se envolveram com fraudes contábeis. Pitt havia sido indicado para o cargo por Bush, no ano passado, e deveria cumprir um mandato de quatro anos. Diante dos fatos que envolviam Webster, e que eram parte da onda de escândalos financeiros que assola os Estados Unidos há mais de um

ano, Pitt não teve alternativa.

No Brasil, o mandato fixo, de quatro anos, para os diretores e presidente da CVM, existe como forma de preservar sua independência.

Ao serem empossados em seus cargos, o presidente e diretores da Comissão de Valores Mobiliários assumem com o país os compromissos de moralidade e legalidade de seus atos, que são comuns todos os servidores públicos. E tendo em vista a gravidade de sua missão, frequentemente confrontada com interesses do mercado e do próprio governo, têm como forma de defesa de sua independência a duração de seu mandato.

A lição recente dos Estados Unidos, em que o mandato fixo não foi suficiente para amparar a ilegalidade, é boa para americanos e serve para o Brasil. O episódio Pitt mostra que o mandato de quatro anos é bom para preservar a independência dos dirigentes da agência, mas não pode servir de escudo no momento em que o agente público atue contra os superiores interesses da moralidade e da legalidade.

Mostra, também, que a melhor forma de evitar constrangimentos futuros, na escolha de dirigentes com mandatos fixos, ainda é a observância dos critérios de competência técnica e de moralidade. A pura e simples filiação partidária não deve habilitar ninguém a cargos desse tipo. O risco é um eventual constrangimento, como o que Bush experimentou ao nomear Harvey Pitt.

(Jornal do Brasil, 17/11/2002, p. A14.)

7. Do ponto de vista do modo de organização do discurso, pode-se afirmar que os parágrafos do texto são:

a) narrativos, apesar de o objetivo do texto ser essencialmente argumentativo.

b) argumentativos, mas estruturados de acordo com o modelo narrativo.

c) argumentativos, sendo que o segundo e o terceiro parágrafos têm estrutura narrativa.

d) narrativos, sendo que o primeiro, o quarto e o quinto parágrafos têm estrutura argumentativa.

e) descritivos, mas a serviço de um texto cujo objetivo é predominantemente narrativo.

Comentários:

O texto é predominantemente dissertativo argumentativo. Sua meta é defender uma tese explicitada nos dois últimos parágrafos – a de que o mandato de quatro anos "não pode servir de escudo no momento em que o agente público atue contra os superiores interesses de moralidade e legalidade", bem como "a melhor forma de evitar constrangimentos futuros, na escolha de dirigentes com mandatos fixos, ainda é a observância dos critérios de competência técnica e de moralidade".

Resposta: C.

Veja agora este texto de nosso tão saudoso Machado de Assis, retirado de prova elaborada pelo Cespe/UnB, para o Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro:

Há dessas reminiscências que não descansam antes que a pena ou língua as publique. Um antigo dizia arrenegar de conviva que tem memória. A vida é cheia de tais convivas, e eu sou acaso um deles, conquanto a prova de ter a memória fraca seja exatamente não me acudir agora o nome de tal antigo; mas era um antigo, e basta.

Não, não, a minha memória não é boa. Ao contrário, é comparável a alguém que tivesse vivido por hospedarias, sem guardar delas nem caras nem nomes; e somente raras circunstâncias. A quem passe a vida na mesma casa de família, com os seus eternos móveis e costumes, pessoas e afeições, é que se lhe grava tudo pela continuidade e repetição. Como eu invejo os que não esqueceram a cor das primeiras calças que vestiram! Eu não atino com a das que enfiei ontem. Juro só que não eram amarelas porque execro essa cor; mas isso mesmo pode ser olvido e confusão.

E antes seja olvido que confusão; explico-me. Nada se emenda bem nos livros confusos, mas tudo se pode meter nos livros omissos. Eu, quando leio algum desta outra casta, não me aflijo nunca. O que faço, em chegando ao fim, é cerrar os olhos e evocar todas as coisas que não achei nele. Quantas ideias finas me acodem, então! Que de reflexões profundas! Os rios, as montanhas, as igrejas que não vi nas folhas lidas, todos me aparecem agora com as suas águas, as suas árvores, os seus altares; e os generais sacam das espadas que tinham ficado na bainha, e os clarins soltam as notas que dormiam no metal, e tudo marcha com uma alma imprevista.

É que tudo se acha fora de um livro falho, leitor amigo. Assim preencho as lacunas alheias; assim podes também preencher as minhas.

Machado de Assis. Dom Casmurro. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996, p. 79.

8. Assinale a opção que apresenta uma frase narrativa do texto:

a) "Há dessas reminiscências."

b) "Um antigo dizia arrenegar de conviva que tem memória."

c) "A vida é cheia de tais convivas."

d) "Não, não, a minha memória não é boa."

e) "Quantas ideias finas me acodem, então."

Comentários:

Observe nas letras A, C, D e E, temos exemplos de dissertação: são frases que apresentam conceitos, ideias, abstrações. Veja com especial atenção as letras D e E, que apresentam o uso da 1ª pessoa do singular (*minha*, *me*), como forma de veicular a opinião do autor. Ora, tais recursos podem inclusive ajudar você a perceber que os trechos são argumentativos.

No entanto, observe a letra B: ela indica que, nesse trecho, o autor relata acontecimentos de sua vida, *conta a história de um amigo que se zangava com aqueles que tinham memória* – o que caracteriza o trecho como narrativo.

Resposta: B.

MAIS UM RETIRADO DE PROVA DO CESPE/UNB:

A Revolução Industrial provocou a dissociação entre dois pensamentos: o científico e tecnológico e o humanista. A partir do século XIX, a liberdade do homem começa a ser identificada com a eficiência em dominar e transformar a natureza em bens e serviços. O conceito de liberdade começa a ser sinônimo de consumo. Perde importância a prática das artes e consolidam-se a ciência e a tecnologia. Relega-se a preocupação ética. A procura da liberdade social se faz sem considerar-se sua distribuição. A militância política passa a ser tolerada, mas como opção pessoal de cada um.

Essa ruptura teve o importante papel de contribuir para a revolução do conhecimento científico e tecnológico. A sociedade humana se transformou, com a eficiência técnica e a consequente redução do tempo social necessário à produção dos bens de sobrevivência.

O privilégio da eficiência na dominação da natureza gerou, contudo, as distorções hoje conhecidas: em vez de usar o tempo livre para a prática da liberdade, o homem reorganizou seu projeto e refez seu objetivo no sentido de ampliar o consumo. O avanço técnico e científico, de instrumento da liberdade, adquiriu autonomia e passou a determinar uma estrutura social opressiva, que servisse ao avanço técnico e científico. A liberdade identificou-se com ideia de consumo. Os meios de produção, que surgiram do avanço técnico, visam ampliar o nível dos meios de produção.

Graças a essa especialização e priorização, foi possível obter-se o elevado nível de potencial-de-liberdade que o final do século XX oferece à humanidade. O sistema capitalista permitiu que o homem atingisse as vésperas da liberdade em relação ao trabalho alienado, às doenças e à escassez. Mas não consegue permitir que o potencial criado pela ciência e tecnologia seja usado com a eficiência desejada.

(Cristovam Buarque. Na fronteira do futuro. Brasília: EDUnB, 1989. p.13 (com adaptações).

9. Quanto à organização do texto, julgue os itens a seguir.

a) A argumentação do texto estrutura-se em três eixos principais: ciência e tecnologia, busca da liberdade e militância política.

b) A tese para esse texto argumentativo pode assim ser resumida: nem todo "potencial-de-liberdade" gera liberdade com a eficiência desejada.

c) Para organizar o texto, predominantemente argumentativo, o autor recorre a ilustrações temáticas e trechos descritivos sobre condições das sociedades.

d) O fragmento a seguir, caso fosse utilizado como continuidade do texto, manteria a coerência da argumentação: Existe, assim, uma ambiguidade entre a ampliação dos horizontes da liberdade e os resultados, de fato, alcançados pelo homem.

A letra A está errada, pois a argumentação do texto não se estrutura em torno de três eixos, mas de dois: um eixo científico e tecnológico e o outro humanista.

Quanto à letra B, de fato essa é a tese, que aparece explicitada no último parágrafo do texto, com as palavras "Mas

não consegue permitir que o potencial criado pela ciência e tecnologia seja usado com a eficiência desejada". Assertiva certa, portanto.

Já a letra C está errada: o texto é mesmo predominantemente argumentativo, mas não se utilizam ilustrações temáticas (que são o mesmo que *exemplos*) nem trechos descritivos para fundamentar--se a tese.

Quanto à letra D, de fato essa frase é uma *reescritura da tese do texto*. Sabendo-se que um fragmento, para que possa representar uma possível continuidade de um texto, só precisa reescrever sua ideia central, vê-se que a frase apresentada pela banca repete a tese do autor. O objetivo do texto era fazer oposição entre *o potencial-de-liberdade que a tecnologia proporciona e as limitações que o consumo impõe à liberdade que o homem tanto almeja.*

Agora é com você! Selecionamos algumas questões para que você verifique se realmente fixou os conteúdos. Ao final, você terá um gabarito com comentários. Boa sorte!

23.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO COMENTADO NO FINAL)

Texto I (Aux. Cart.-CGJ-UFRJ/02)

O NECROLÓGICO DOS DESILUDIDOS DE AMOR

Carlos Drummond de Andrade

Os médicos estão fazendo autópsia dos que se mataram.

Que grandes corações eles possuíam

Vísceras imensas, tripas sentimentais

e um estômago cheio de poesia.

Texto II (Aux. Cart.-CGJ-UFRJ/02)

INFORMAÇÃO

O Observatório Nacional informou que os brasileiros assistirão no dia 4 de janeiro a um eclipse parcial do sol. No Rio, a luz solar sofrerá uma redução de 69% entre 11 e 12 horas. O fenômeno provocará no meio do dia o aspecto de um entardecer.

1. A oposição INCORRETA entre, respectivamente, os texto I e II é:

a) verso / prosa.

b) poesia / informação.

c) sensibilidade / verdade.

d) vocábulos formais / vocábulos informais.

e) passado / futuro.

Texto III

PROTESTO TÍMIDO

Fernando Sabino

Ainda há pouco eu vinha para casa a pé, feliz da minha vida e faltavam dez minutos para a meia-noite. Perto da praça General Osório, olhei para o lado e vi, junto à parede, antes da esquina, algo que me pareceu uma trouxa de roupa, um saco de lixo. Alguns passos mais e pude ver que era um menino.

Escurinho, de seus seis ou sete anos, não mais. Deitado de lado, braços dobrados como dois gravetos, as mãos protegendo a cabeça. Tinha os gambitos também encolhidos e enfiados dentro da camisa de meia esburacada, para se defender contra o frio da noite. Estava dormindo, como podia estar morto. Outros, como eu, iam passando, sem tomar conhecimento de sua existência.

Não era um ser humano, era um bicho, um saco de lixo mesmo, um traste inútil, abandonado, sobre a calçada. Um menor abandonado.

Quem nunca viu um menor abandonado? A cinco passos, na casa de sucos de frutas, vários casais de jovens tomavam sucos de frutas, alguns mastigavam sanduíches. Além, na esquina da praça, o carro da radiopatrulha estacionando, dois boinas-pretas conversando do lado de fora. Ninguém tomava conhecimento da existência do menino.

Segundo as estatísticas, como ele existem nada menos que 25 milhões no Brasil, que se pode fazer? Qual seria a reação do menino se eu o acordasse para lhe dar todo o dinheiro que trazia no bolso? Resolveria o seu problema? O problema do menor abandonado? A injustiça social?

(...)

Vinte e cinco milhões de menores – um dado abstrato, que a imaginação não alcança. Um menino sem pai nem mãe, sem o que comer nem onde dormir – isto é um menor abandonado. Para entender, só mesmo imaginando meu filho largado no mundo aos seis, oito ou dez anos de idade, sem ter para onde ir nem para quem apelar. Imagino que ele venha a ser um desses que se esgueiram como ratos em torno aos botequins e lanchonetes e nos importunam cutucando-nos de leve – gesto que nos desperta mal contida irritação – para nos pedir um trocado. Não temos disposição sequer para olhá-lo e simplesmente o atendemos (ou não) para nos livrarmos depressa de sua incômoda presença. Com o sentimento que sufocamos no coração, escreveríamos toda a obra de Dickens. Mas estamos em pleno século XX, vivendo a era do progresso para o Brasil, conquistando um futuro melhor para os nossos filhos. Até lá, que o menor abandonado não chateie, isto é problema para o juizado de menores. Mesmo porque são todos delinquentes, pivetes na escola do crime, cedo terminarão na cadeia ou crivados de balas pelo Esquadrão da Morte.

Pode ser. Mas a verdade é que hoje eu vi meu filho dormindo na rua, exposto ao frio da noite, e além de nada ter feito por ele, ainda o confundi com um monte de lixo.

1. Uma crônica, como a que você acaba de ler, tem como melhor definição:

a) registro de fatos históricos em ordem cronológica.

b) pequeno texto descritivo geralmente baseado em fatos do cotidiano.

c) seção ou coluna de jornal sobre tema especializado.

d) texto narrativo de pequena extensão, de conteúdo e estrutura bastante variados.

e) pequeno conto com comentários, sobre temas atuais.

2. O texto começa com os tempos verbais no pretérito imperfeito – vinha, faltavam – e, depois, ocorre a mudança para o pretérito perfeito – olhei, vi etc; essa mudança marca a passagem:

a) do passado para o presente.

b) da descrição para a narração.

c) do impessoal para o pessoal.

d) do geral para o específico.

e) do positivo para o negativo.

3. O uso da primeira pessoa na crônica tem um efeito de:

a) construir uma narrativa impessoal, já que o cronista é observador neutro.

b) seguir o modelo típico de um texto jornalístico, como este.

c) manifestar no discurso a opinião dos leitores.

d) expressar o ponto de vista do narrador.

e) transformar o texto em algo objetivo e popular.

4. O tom predominante na crônica é o de:

a) comiseração.

b) remorso.

c) revolta.

d) desprezo.

e) tristeza.

5. Dentre as perguntas abaixo, aquela que poderia ser considerada como pergunta retórica é:

a) " Quem nunca viu um menor abandonado?".

b) " Segundo as estatísticas, como ele existem nada menos que 25 milhões no Brasil, que se pode fazer?".

c) " Qual seria a reação do menino se eu o acordasse para lhe dar todo o dinheiro que trazia no bolso?".

d) " Resolveria o seu problema?".

e) " (Resolveria) A injustiça social?".

Texto IV

DA " LIVRE MANIFESTAÇÃO" AO VANDALISMO

João Mellão Neto

[...] Recordo-me de um bar, no centro de São Paulo onde, na década de 60, nos toaletes, aparecia a seguinte inscrição: " Não risque as paredes. Se você acredita que seu pensamento seja tão original a ponto de merecer sua inscrição aqui, não se constranja. Procure a gerência e nós mesmos nos encarregamos de autorizá-lo".

O mesmo raciocínio vale para os pichadores. Se o que eles têm a manifestar tem algum valor artístico ou filosófico, sem dúvida existirão proprietários de muros dispostos a permitir-lhes a inscrição. Agora, pichação de bens públicos ou de muros

particulares, à revelia do proprietário, não é manifestação artística, é vandalismo. E, como tal, deve ser coibido.

O dever do Estado é proteger a propriedade de todos da sanha de cada um e a propriedade de cada um da sanha de todos. A pichação dos bens públicos ou particulares viola ambos os princípios e, portanto, é dever da autoridade competente tomar medidas coercitivas. Eu, como milhões de cidadãos, gosto de ver a minha cidade limpa. Faço minha parte, de um lado mantendo meu muro pintado e de outro pagando impostos para que a Prefeitura faça o mesmo com os nossos monumentos. Se os pichadores têm seus " direitos" de expressarem-se livremente, eu também tenho os meus de querer minha cidade em ordem e bonita. Com uma diferença: eu pago impostos para exercer a minha cidadania e eles, tão somente, adquirem uma lata de aerossol.

1. No título do texto IV, a expressão " livre manifestação" aparece entre aspas para:

a) distinguir uma citação do resto do contexto.

b) fazer sobressair termos não peculiares à linguagem normal.

c) acentuar o valor significativo de uma palavra ou expressão.

d) realçar ironicamente uma palavra ou expressão.

e) destacar o termo de maior valor do texto.

2. No título, os termos livre manifestação e vandalismo:

a) representam duas maneiras de encarar o mesmo fato.

b) falam, respectivamente, do aspecto ilegal e legal das pichações.

c) são argumentos favoráveis ao aparecimento de pichações.

d) indicam o pensamento das autoridades sobre as pichações.

e) mostram duas realidades que ocorrem simultaneamente.

3. O texto IV deve ser classificado, de forma mais adequada, como:

a) descritivo.

b) narrativo.

c) dissertativo expositivo.

d) dissertativo polêmico.

e) dissertativo informativo.

Texto V: " As fronteiras políticas das nações-estados são estreitas e limitadas demais para definir o escopo e o alcance da empresa moderna." (J. Spencer)

Texto VI: " As estruturas políticas mundiais são inteiramente obsoletas. Não mudaram em pelo menos cem anos e estão lamentavelmente desafinadas como progresso tecnológico." (J. Maisonrouge)

1. A afirmação correta em relação aos textos V e VI:

a) o texto V é narrativo enquanto o texto VI é dissertativo.

b) o texto V trata de tema menos amplo que o texto VI.

c) ambos os textos mostram que a tecnologia é prejudicial.

d) só o texto 3 defende a alteração das fronteiras políticas atuais.

e) os dois textos têm caráter descritivo.

Texto VII

SAIBA MAIS SOBRE O PROBLEMA

Recente documento, elaborado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), revela que o Brasil é um país mergulhado na sujeira: metade dos municípios não têm serviço de esgoto sanitário, 70% do lixo das cidades são jogados em lixões e alagados (rios, lagos, mar, etc.) e apenas poucos municípios fazem coleta seletiva de lixo.

Os brasileiros produzem todos os dias mais de 125.000 toneladas de lixo, além dos 14,5 milhões de metros cúbicos de esgoto. O destino inadequado de todo esse lixo e esgoto ajuda a explicar por que ainda sofremos com doenças do século XIX, como a febre amarela, as hepatites, as diarreias, os vermes e mesmo as recentes epidemias de Dengue.

Outros fatos preocupantes são:

- o grande volume de lixo encontrado nas ruas, o que segundo a COMLURB demonstra a falta de educação da população que joga lixo de todos os tipos nas vias públicas;
- as milhares de crianças que trabalham revirando lixo nos lixões, disputando com moscas, ratos e urubus, os restos de comida ou objetos que podem ser reaproveitados ou vendidos;
- o chorume, líquido contaminado liberado pelo lixo em decomposição, atinge rios, lagos e a Baía de Guanabara, dentre outros, contaminando peixes, aves e o próprio Homem, gerando graves doenças, problemas sociais e ambientais.

1. Este é um texto retirado de um pequeno jornal de um colégio do Rio de Janeiro e seu valor está no assunto que aborda: o lixo. Para dar valor ao que nele é expresso, o autor procurou destacar dois aspectos, manifestados na primeira linha do texto:

a) atualidade e credibilidade.

b) objetividade e cientificismo.

c) autoridade e sentimentalismo.

d) suspense e negativismo.

e) verdade e nacionalismo.

2. A finalidade principal do texto VII deve ser a de:

a) criticar as autoridades governamentais.

b) denunciar a poluição ambiental.

c) procurar aumentar o conhecimento do assunto.

d) mostrar soluções para o problema do lixo.

e) indicar os principais problemas do país.

3. O documento elaborado pelo IBGE tem valor prioritário de:

a) conselho.

b) denúncia.

c) acusação.

d) crítica.

e) elogio.

Texto VIII

A MARCA DA MORTE NOS CIGARROS

A partir de 1º de fevereiro, começa a circular no Brasil a nova safra de maços de cigarros impressos de acordo com a resolução da Agência Nacional de Vigilância Sanitária. A regra diz que as sessenta marcas vendidas no país devem estampar no verso da embalagem uma entre nove imagens associadas aos malefícios do cigarro. A iniciativa foi copiada de uma experiência bem-sucedida no Canadá. Com imagens explícitas, agressivas até – uma boca com dentes podres e a gengiva inflamada, um coração infartado ou um cérebro com as artérias estouradas – a campanha do Canadá provocou uma primeira reação negativa da sociedade, principalmente entre os não-tabagistas. É que muita gente não queria ser obrigada a conviver com as cenas repugnantes. O saldo final, no entanto, foi ótimo. Uma pesquisa realizada pela Sociedade Canadense do Câncer, com mais de 2000 pessoas, revela que a contrapropaganda surtiu efeitos positivos. Por causa das ilustrações, cerca de 45% dos fumantes ficaram motivados a abandonar o cigarro.

Veja, ed. 1735

1. O título do texto VIII se justifica porque:

a) o vício do fumo provoca doença em milhares de pessoas.

b) a maioria dos fumantes não sabe os riscos que corre.

c) as embalagens de cigarro vão aludir aos males que provoca.

d) fabricantes vão esconder dos fumantes os riscos que correm.

e) o vício do fumo está aumentando os óbitos por câncer.

2. O fato de vir por extenso a denominação "Agência Nacional de Vigilância Sanitária" em lugar da forma abreviada ANVS, mostra que:

a) o texto não pretende apresentar-se em forma resumida.

b) em textos informativos não se usam abreviaturas.

c) o público a que se dirige o texto não é da classe culta.

d) o texto pretende enfatizar o poder legal.

e) para o jornalista, nem sempre as abreviaturas são claras.

3. A resolução da ANVS e o texto-imagem dos maços de cigarros são respectivamente representantes de textos dos

tipos:

a) didático/informativo.

b) informativo/normativo.

c) normativo/publicitário.

d) publicitário/expressivo.

e) expressivo/didático.

4. Os textos informativos, como o texto VIII, só NÃO se caracterizam por:

a) objetividade e precisão.

b) abordagem de algo desconhecido do leitor.

c) reduzida participação do autor do texto no enunciado.

d) conteúdo de hipotético interesse de leitores.

e) profunda interação com o leitor.

Texto IX

TENTE LER ESTE ANÚNCIO DIRIGINDO

O anúncio de revista é rico em informações. Pode dar toda a literatura necessária sobre um produto. Explicar o que é, como funciona, a forma de pagamento, enfim, pode dar todos os detalhes tintim por tintim.

Ele é fantástico para um sujeito que dispõe desse tempo que você está tendo agora. Para folhear calmamente, lendo artigos e anúncios.

Já no trânsito, para passar a mensagem a quem está passando, aí o outdoor é imbatível.

Ele é rápido, telegráfico, gigante. Ótimo para anúncios institucionais ou promocionais de qualquer produto ou serviço.

O outdoor também apresenta um dos recalls mais elevados, dentro de uma relação custo/benefício bem atraente.

Dependendo do produto e seu mercado, você pode utilizar o outdoor para cercar o Brasil inteiro, um estado, uma cidade ou simplesmente um bairro. E vender tanto para o Brasil quanto para um bairro com a mesma eficiência, é uma versatilidade que nenhum outro veículo tem.

Além do quê, o outdoor é seu último apelo ao consumidor antes da compra. Porque ele está ali, na rua, bem próximo ao seu ponto de venda. E, você há de concordar, num mercado tão competitivo quanto o nosso, isso pode ser decisivo.

São detalhes como esse que você, anunciante, não pode deixar de levar em conta na hora de programar sua mídia. Principalmente se você quiser atingir um público como esse nosso, dirigido.

1. O anúncio de revista pode ser rico em informações porque:

a) o leitor dispõe de tempo para lê-lo.

b) todo produto a ser anunciado requer isso.

c) o leitor precisa ser convencido a comprar o produto.

d) apela para o gosto estético do leitor.

e) o anunciante exige que isso assim seja.

2. "Explicar o que é, como funciona..."; os dois tipos de textos a que se alude nesse segmento são, respectivamente:

a) jornalístico, publicitário.

b) publicitário, informativo.

c) informativo, instrucional.

d) instrucional, didático.

e) didático, jornalístico.

3. O quarto parágrafo mostra que este texto é:

a) publicitário, pois anuncia o próprio outdoor.

b) informativo, pois explica as qualidades do cartaz de rua.

c) didático, pois ensina o que é um outdoor.

d) jornalístico, pois destaca o surpreendente de um outdoor.

e) poético, pois apela para o bom-gosto do leitor.

4. "O anúncio de revista é rico em informações"; o item abaixo em que a relação expressa pelos elementos sublinhados é INADEQUADA:

a) o horóscopo é rico em previsões.

b) o livro didático é rico em ensinamentos.

c) o dicionário é rico em definições.

d) a bula de remédio é rica em informações.

e) o outdoor é rico em detalhes.

Texto X

PROCESSAMENTO DA ENTREVISTA

A Nogueira de Faria

A entrevista consiste em inquirir tecnicamente, de forma hábil, dentro de um plano e sequência previamente estudados, levando o interrogado ou entrevistado a se pronunciar sobre aquilo que desejamos saber e a emitir sua opinião, muitas vezes sem que formulemos a pergunta diretamente. É a maneira racional de levar alguém a fornecer os informes e as informações que possui em determinada área.

É uma técnica de comunicação direta entre duas pessoas que possuem alguns interesses em comum. Forma de pesquisa realizada através de diálogo estudado e preparado dentro de um plano e sequência previamente analisados, levando, sutilmente, o entrevistado a se manifestar sobre assuntos de seu conhecimento.

Pode ser entendida como sendo uma conversa planejada, capaz de conduzir à transmissão de uma mensagem, em que o

entrevistador orientou a produção e codificação das próprias mensagens por parte do entrevistado, para obter as informações que deseja.

Trata-se de um processo interpessoal de comunicação, com numerosas limitações no tempo e no e no espaço, pois o comportamento das pessoas varia muito. As entrevistas devem ser personalizadas e adaptadas às características do entrevistado, sua cultura, posição social, conhecimento técnico, etc.

Existe uma grande diferença entre a entrevista e a conversa informal entre duas pessoas. É necessário saber distinguir quando o diálogo informal é uma introdução e quando ele perde as características, acabando por se transformar numa palestra inconsistente, tomando tempo e prejudicando o processamento da entrevista propriamente dita.

Organização e métodos. Livros Técnicos e Científicos Edit. RJ, 1982

1. O parágrafo do texto que apresenta uma estrutura distinta da dos demais é o:

a) 1º .

b) 2º .

c) 3º.

d) 4º.

e) 5º.

Texto XI

ÁGUA INSALUBRE

Márcia Peltier. O Globo, 21/10/2002

Estudo do Pacific Institute of Oakland, na Califórnia, prevê que 76 milhões de pessoas morrerão de doenças relacionadas à água até 2020. As crianças serão as mais afetadas por males causados pelo uso e ingestão de água contaminada. No mesmo período, serão registrados 65 milhões de casos fatais em consequência da Aids em todo o mundo.

1. O título dado à notícia é "Água insalubre". Sabendo-se que "insalubre" significa "nocivo à saúde", pode-se dizer que:

a) o título nada esclarece sobre o conteúdo do texto.

b) parte do conteúdo do texto é antecipado pelo título.

c) o adjetivo "insalubre" contradiz o conteúdo do texto.

d) o título pretende atrair o leitor pelo aspecto trágico.

e) a menção da água contaminada introduz o assunto da Aids.

2. O texto lido poderia ser classificado como:

a) didático.

b) informativo.

c) normativo.

d) preditivo.

e) publicitário.

Texto XII

RAÍZES

Heloísa Seixas Domingo, n. 1336

Diante da minha janela havia uma pedra.

Não, não vou fazer imitação de poesia. Nada tem de poética a história que eu vou contar. A pedra de que falo é na verdade uma imensa pedreira, de topo liso, coberto em alguns pontos pela vegetação rasteira, uma espécie de enclave rural em pleno Leblon, onde às vezes cabras pastavam e onde um galo alucinado insistia em cantar na hora errada, no início da madrugada. Era o lugar ideal para, nas tardes de domingo, uma menina se deitar, sentindo nas costas o calor do sol retido pela pedra, enquanto olhava as pipas agitando-se no ar. Eu ia com meus irmãos e seus amigos, quando eles subiam lá para soltar pipa. São só lembranças. Essa pedra não existe mais. Ou pelo menos não existe assim, como a descrevo agora, a pedra da minha infância. Hoje, é uma pedra nua, morta.

Sua base ainda está lá e servirá, pelo que sei, de fundação para um shopping. Mas a superfície foi toda raspada, a vegetação desapareceu, a pedreira foi rebaixada em quatro ou cinco metros, retalhada durante dois anos por uma orquestra de britadeiras, e nela foram erguidos os primeiros andares do que seria um estacionamento.

Assim que começaram a destruir a pedreira, pensei com alarme numa pequena árvore, uma muda de amendoeira cujo crescimento árduo eu vinha acompanhado havia anos. A árvore crescera numa das laterais da pedra e seu tronco se encorpava, equilibrando-se de forma improvável no paredão íngreme. Eu admirava sua bravura, tirando seiva de um lugar onde não havia terra, fazendo um esforço enorme para crescer na ranhura mínima que encontrara. E caminhei um dia até o local onde ela crescia, para ver se, com as obras que tinham começado, a pequena árvore sobreviveria. Mas cheguei tarde demais. Só encontrei o tronco, decepado. Em torno, as raízes, que por anos se haviam agarrado à pedra com tanto esforço, agora condenadas a secar, inúteis.

O tempo passou. E eu não pensei mais no assunto. Até que, outro dia, assistindo a um documentário sobre os talibãs, vi uma inglesa de origem afegã mostrando a foto de um jardim onde brincava na infância e que fora destruído pela guerra civil. O documentário, feito antes da guerra com os Estados Unidos, fora gravado em solo afegão, e a moça conseguira chegar ao local do tal jardim. Mas não encontrou nada. A comparação com a foto que trazia nas mãos era chocante. Todo o verde havia desaparecido. No meio de um descampado monocromático, restara apenas o círculo de pedra de uma velha fonte seca. E a única coisa que não mudara na paisagem eram as montanhas, ao fundo, testemunhas da devastação que hoje sabemos estava apenas no princípio.

Aquela mulher e seu jardim desaparecido me fizeram pensar na pequena amendoeira que crescera na pedra e que também fora decepada. E, com isso em mente, voltei ao ponto do paredão onde ela um dia se agarrara. Com surpresa, descobri que das raízes deixadas na pedra surgiam brotos, com folhas de um verde limpo.

A amendoeira teimava em renascer como talvez fizesse o jardim afegão, apesar da fúria dos homens.

1. "Nada tem de poética a história que vou contar"; a história contada pela autora tem como ponto de partida cronológico:

a) a existência de uma pedra diante da janela da autora.

b) a foto de um jardim onde uma afegã brincara na infância.

c) o crescimento de uma pequena amendoeira na pedra.

d) o fato de a amendoeira ter sido decepada.

e) as lembranças da infância da autora.

Texto XIII

OS NÚMEROS

George Ifrah

Houve um tempo em que o ser humano não sabia contar. A prova: atualmente existem ainda homens incapazes de conceber qualquer número abstrato e que não sabem nem que dois e dois são quatro.

Inúmeras hordas " primitivas" se encontram, ainda hoje, nesse " grau zero" – se assim podemos dizer – quanto ao conhecimento dos números. É, por exemplo, o caso dos zulus e dos pigmeus, da África, dos aranda e dos kamilarai, da Austrália, dos aborígenes das Ilhas Murray e dos botocudos, do Brasil. " Um", " dois" e... " muitos" constituem as únicas grandezas numéricas desses indígenas que ainda vivem na Idade da Pedra.

Eles só conhecem dois " nomes de números" propriamente ditos: um para a unidade e um outro para o par. Dentre eles, os melhores em aritmética chegam certamente a exprimir os números 3 e 4 articulando algo como dois-um e dois-dois. Mas não avançam mais. Além daí é a imprecisão, a confusão: empregam então palavras ou expressões que poderíamos traduzir por muitos, vários, uma multidão. E é tão difícil para eles imaginar um número superior ou igual a 5 quanto é para nós representar quantidades como um trilhão de bilhões. De tal modo que, quando se trata de mais de 3 ou 4, alguns deles se contentam em mostrar a cabeleira, como se dissessem: " É tão inumerável quanto os cabelos da cabeça!"

1. A finalidade principal desse texto é:

a) ensinar.

b) comprovar.

c) informar.

d) contradizer.

e) protestar.

Texto XIV

BRASIL E O MUNDO PODEM PREJUDICAR A SUA SAÚDE

Minha profissão é ver o mal do mundo. Um dia, a depressão bate. Não aguento mais ver a cara do Bush ostentando rugas na testa de preocupação com o nosso destino (que ele azedou), não aguento mais o Lula de boné dançando xaxado, não aguento ver o Sarney feliz, mandando no país, guardando o PT no bolso do jaquetão, enquanto os petistas, comunistas, tucanistas e fascistas discutem para ver quem é mais de esquerda ou de direita, enquanto o país afunda em violência e miséria, com o Estado sendo loteado entre esquerdistas sem emprego; não dá mais para ouvir que há transgênicos de esquerda ou de direita, principalmente quando ninguém consegue impedir as queimadas na Amazônia; passo mal também quando vejo a cara dos oportunistas do MST, com a bênção da Pastoral da Terra, liderando pobres diabos para a revolução contra o capitalismo; não aguento secretários de

Segurança falando em forças-tarefa, em presídios perfeitos que não conseguem nem bloquear celulares; não suporto ver que o Exército se recusa a ajudar na repressão ao crime, com generais tão eficazes para arrasar a guerrilha urbana nos anos setenta.

Texto da Internet falsamente atribuído a Arnaldo Jabor

1. A melhor caracterização do texto o define como:

a) narrativo de tema político.

b) expositivo de tom crítico.

c) informativo de base argumentativa.

d) descritivo de situação.

e) argumentativo de tema social.

Texto XV

DO MUNDO VIRTUAL

Carlos Heitor Cony

Insisto em comentar as vantagens e desvantagens do mundo virtual. Não perderei tempo em lembrar as vantagens, elas entram pela cara da gente, tornam-se dia a dia mais indispensáveis e mais fáceis de manuseio.

Fico então com as desvantagens, e uma delas me remete ao processo de pensar, de refletir. Desde que Aristóteles criou o método peripatético, os melhores pensamentos da humanidade vieram quando filósofos, inventores, matemáticos, músicos e poetas obedeciam àquele processo de pensar caminhando, ou de caminhar pensando.

Beethoven passeava na floresta quando voltou correndo, com a Sexta Sinfonia inteira na cabeça. Kant era metódico, todos os dias saía para seu passeio à tarde, os vizinhos podiam acertar o relógio pela hora em que ele percorria o bosque de Konigsberg. E foi assim que ele criou seu monumental sistema dedicado à razão pura.

Strauss compunha suas valsas passeando pelos bosques de Viena e Anchieta escreveu seu poema nas areias de uma praia. Ficar " plugado" a uma tomada pode ser prático, mas não é criador. (...)

Viver " plugado" a uma corrente de pessoas e informações pode ser divertido e útil. Mas agride o que o ser humano tem de melhor e mais insubstituível: o seu gosto, o seu erro, a sua miséria e sua glória.

1. O segmento do texto que mostra interferência do autor no seu conteúdo é:

a) " Mas agride o que o ser humano tem de melhor".

b) " Viver " plugado" a uma corrente de pessoas e informações pode ser divertido e útil".

c) " Strauss compunha as suas valsas passeando pelos bosques de Viena".

d) " Fico então com as desvantagens".

e) " Desde que Aristóteles criou o método peripatético".

2. A melhor classificação do texto lido o enquadra entre os textos:

a) conversacionais.

b) descritivos.

c) narrativos.

d) dissertativos expositivos.

e) dissertativos argumentativos.

Texto XVI

O PIERCING: SER OU NÃO SER

Quando o meu filho Pedro, de 16 anos, falou da vontade de colocar piercing, antes de dizer-lhe um sonoro " não", ponderei o fato de meu filho não ser um veículo para que eu coloque em prática o meu projeto de ser humano. Muito pelo contrário: Ele é um ser independente, com projetos próprios e que tem como orientação básica o respeito ao ser humano e a consciência de que o mundo deve ser mais justo, inteligente, diversificado e saboroso. A partir daí, não me preocupa se ele fará drama ou comédia, com argola no nariz ou gravata no pescoço. O importante não será a sua forma, mais sim o seu conteúdo. (...) O adolescente, pelo menos, faz por festa, para treinar a sua rebeldia. Depois, o tempo passa e todas essas bandeiras pelo corpo vão perdendo a importância e para aqueles que só fazem onda, a coisa ficará no passado. Para os autênticos, a rebeldia fica adulta e muda de lugar. Vai pro olhar.

Texto XVII

ARREPENDIMENTO

Certo dia, no início deste ano, uma moça de 19 anos apareceu no gabinete no deputado Campos Machado na Assembleia Legislativa de São Paulo e contou uma história triste. Ela disse que quando tinha 15 anos se encantou com as tatuagens que viu nas colegas e resolveu entrar na onda da arte corporal. Hoje chora de arrependimento. Ao tentar ingressar na Aeronáutica, ela foi reprovada no exame médico justamente por causa do desenho estampado no corpo. Fez uma cirurgia reparadora, prestou exame e, mais uma vez, foi rejeitada em razão das cicatrizes incriminadoras.

1. O texto XVII mostra, ao final, diante do piercing, as posições do pai e do filho, que são, respectivamente, de:

a) aceitação / aprovação.

b) reprovação / aceitação.

c) aprovação / reprovação.

d) indiferença / arrependimento.

e) neutralidade / reprovação.

2. Oposição INCORRETA sobre os dois textos:

a) piercing X tatuagens.

b) realização X arrependimento.

c) aceitação X condenação.

d) primeira pessoa X terceira pessoa.

e) narração X descrição.

Texto XVIII

FRONTEIRAS

Heloísa Seixas

Tenho refletido sobre fronteiras. Sobre a linha tênue e imprecisa que divide realidade e sonho, sanidade e loucura. E me vem à mente história narrada por Otto Friedrich em seu livro Going Crazy (Enlouquecendo). Ele diz que andava um dia pelas ruas de Nova York a caminho do trabalho – como fazia todas as manhãs – quando de repente, diante de um cruzamento, parou, assaltado por uma sensação desconhecida. Era algo avassalador, a impressão exata de que algo se rompera, seguida de uma sensação de impotência e pânico. Ficou ali na calçada, paralisado, sem saber o que se passava. Demorou alguns segundos até compreender. Como fazia o mesmo percurso todos os dias, costumava andar totalmente desligado, imerso em seus pensamentos, o "piloto automático". Ocorre que, naquele dia, se deparava de repente com um sinal de trânsito quebrado – um elemento estranho à sua rotina. E aquela "ruptura" provocara uma espécie de curto-circuito em seu cérebro, justamente por estar num estágio de semiconsciência, tal a sua disposição. O sinal quebrado provocara uma pane em seu sistema de percepção. Fora coisa rápida, não mais do que alguns segundos. Mas o que perturbava era perceber que, naqueles instantes, vivera numa fronteira: estivera à beira do que se convencionou chamar "loucura".

1. A história narrada no texto da autora tem o papel de:

a) ilustrar um pensamento da autora.

b) demonstrar a correção do pensamento da autora.

c) mostrar que a preocupação da autora é universal.

d) indicar que sua preocupação é válida.

e) testemunhar algo narrado pela própria autora.

Texto XIX

DIAGNÓSTICO

O Globo, 15/10/2004

Em oito anos, o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio – é alarmante esse grau crescente de insegurança. Por maior que tenha sido a indignação manifestada pelo governo federal, são números que reforçam o alerta do Departamento de Estado americano a agências de turismo dos Estados Unidos, divulgado no início do mês, a respeito do perigo que apresentam o Rio e outras grandes cidades brasileiras.

Não é exagero classificar de urgente a tarefa de fazer o turista se sentir mais seguro no Rio, considerando que os visitantes movimentaram 13% da economia da cidade e que dentro de três anos teremos aqui o Pan.

Parte da solução é simples: reforçar o policiamento ostensivo. A Secretaria de Segurança do Estado informa que há quase duas centenas de policiais patrulhando a orla, do Leblon ao Leme, mas não é o que vê – nem é o que percebem os assaltantes.

Muitos destes aliás, são menores de idade com que o poder público simplesmente não sabe lidar, por falta de ação integrada entre autoridades estaduais e municipais, empenhadas num jogo de empurra sobre a responsabilidade por tirá-los das ruas. O

que lhes confere uma percepção de impunidade que só faz piorar a situação. Impunidade é também a sensação que resulta do deficiente trabalho de investigação policial: se não se consegue impedir o crime, sua gravação pelas câmeras da orla de pouco serve, pois não há um esquema eficaz de inteligência nem estrutura técnica adequada para seguir pistas. É fácil atribuir todos os problemas à falta de verbas. Mas é mais justo falar em dinheiro mal aplicado. As próprias autoridades anunciam fartos investimentos em aparato tecnológico contra o crime; o retorno que deveria produzir a aplicação eficiente desse dinheiro seria o que não está acontecendo: a redução a níveis mínimos dos assaltos a turistas.

1. O texto, por sua estrutura e características, deve ser prioritariamente classificado como:

a) expositivo.

b) narrativo.

c) informativo.

d) argumentativo.

e) descritivo.

Texto XX

A VIDA COMO ELA SERÁ

Jerônimo Teixeira

Daqui a mais ou menos 1 bilhão de anos, a Terra não será mais habitável. No limite do seu material combustível, o Sol estará se expandindo. A elevação da temperatura no terceiro planeta do sistema solar tornará inviável a sobrevivência de qualquer criatura. Isso significa que a vida em nosso mundo já ultrapassou a meia-idade. Estamos nós, seres vivos, mais perto do fim que do começo. No tempo que resta, que cara terá a vida sobre a Terra? Que espécies surgirão e quais estarão fadadas a desaparecer na trilha das mudanças evolucionárias? E por quanto tempo ainda viveremos nós, seres humanos, para presenciar essas mudanças?

1. Por seu conteúdo e estrutura, o texto lido tem como finalidade prioritária:

a) especular.

b) informar.

c) explicar.

d) ensinar.

e) prever.

Texto XXI

RACISMO, DISCRIMINAÇÃO, PRECONCEITO... COLOCANDO OS PINGOS NOS " IS"

Maria Aparecida da Silva

Recentemente assisti ao programa esportivo Cartão Verde, da TV Cultura, no qual se discutia, de maneira tímida, a discriminação racial que um jogador branco do Palmeiras (Paulo Nunes) teria praticado contra dois jogadores negros, Rincón (Corinthians) e Wagner (São Paulo), em momentos distintos. Havia controvérsias quanto à veracidade dos fatos, quanto à sinceridade dos protagonistas, quanto à oportunidade ou oportunismo das denúncias. Mas o que de fato despertou minha atenção foi a

relativização do racismo presente no futebol brasileiro. Os cronistas utilizavam a todo tempo a expressão preconceito, quando as situações em foco constituíam, na verdade, práticas de discriminação racial. Depois de feita essa constatação, procurei explicar para mim mesma porque existe tanta confusão em torno das palavras preconceito, discriminação racial e racismo. É preciso entender exatamente o significado de cada uma dessas expressões.

Estabelecendo diferenças

O preconceito é basicamente um sentimento negativo (é necessário que haja alguma possibilidade de comparação), um estado de espírito negativamente determinado com relação a um grupo ou pessoa. Ele é fruto da ignorância, de opiniões inexatas e de estereótipos. Os preconceitos são muito genéricos e disseminados. Em todas as épocas e em todo o mundo, os grupos humanos alimentaram preconceitos uns em relação aos outros. Diariamente, enfrentamos inúmeros preconceitos. O racial é um deles.

A discriminação é a materialização dos preconceitos. São as atitudes práticas que dão corpo e ação à disposição psicológica dos preconceitos. No caso específico da discriminação racial são as atitudes de vetar, impedir, dificultar, preterir pessoas (predominantemente negras, no caso brasileiro) em seu processo de desenvolvimento pleno como seres humanos.

O racismo. Ah, o racismo... tão presente em nossas vidas, nas instituições, na cultura e nas relações pessoais e tão ausente do rol de preocupações da intelectualidade brasileira e dos veículos formadores de opinião. A dificuldade de defini-lo – e assumir sua existência entre nós – vem do fato de o racismo constituir-se numa prática social negativa, cruel, humanamente repreensível, com a qual, ninguém, em sã consciência (afora os racistas declarados), deseja se identificar.

Revista Raça Brasil. São Paulo: Símbolo, ano 4, n. 39, nov. 1999, p. 51.

1. O texto lido deve ser considerado prioritariamente:

a) narrativo.

b) publicitário.

c) didático.

d) informativo.

e) normativo.

Texto XXII

CONSUMO ENERGÉTICO E IMPACTOS AMBIENTAIS

Demétrio Magnoli e Regina Araújo

Atualmente, os recursos energéticos mais utilizados no mundo são o carvão, o petróleo e o gás natural, à água e os minerais radioativos: juntos, eles correspondem a cerca de 90% do consumo energético mundial. A utilização de qualquer um deles acarreta danos ambientais. As fontes de energias limpas e renováveis, tais como a energia solar, a eólica e a geotérmica, ainda constituem parcelas desprezíveis no balanço energético mundial, em que pese os grandes investimentos em pesquisa realizados para torná-las mais eficientes e menos caras.

A queima do petróleo, do carvão e, em menor escala, do gás natural, libera gases poluentes na atmosfera, inclusive os gases de estufa. No caso do carvão, os impactos ambientais começam já nos procedimentos de extração – a exploração das grandes minas carboníferas devasta a cobertura vegetal. O transporte marítimo do petróleo é outra atividade potencialmente impactante, devido aos riscos de vazamento.

As grandes usinas hidrelétricas exigem a inundação de vastas áreas, causando alterações profundas nos ecossistemas. Também a fauna aquática dos rios pode ser seriamente afetada pela construção de barragens, que muitas vezes impossibilitam a migração sazonal, necessária para a reprodução de muitas espécies de peixes. Nas regiões onde a pesca é uma atividade econômica importante, o problema se torna ainda maior.

A energia nuclear, além do risco de acidentes, gera resíduos com grande poder de contaminação. A água aquecida pelos reatores transfere calor para os rios, mares e depósitos subterrâneos pelos quais circula, causando um tipo especial de poluição térmica capaz de comprometer os ecossistemas.

Certas correntes do pensamento ambientalista sustentam que despoluir o planeta implica diminuir a utilização desses recursos, ou, pelo menos, mantê-la em níveis próximos aos atuais. Entretanto os níveis de consumo vigentes nos países ricos são muitas vezes superiores aos dos países pobres. Assim, os patamares atuais excluem grande parte da humanidade não apenas da condição de poluidores, mas, principalmente, do consumo de bens e serviços considerados essenciais, e que precisam de energia para ser produzidos e distribuídos. Por isso, outras correntes defendem que a solução mais correta seria a adoção de padrões de consumo compatíveis com a sustentabilidade ambiental dos países ricos.

1. O texto lido pertence ao tipo de texto informativo; pode-se dizer sobre a estrutura desse texto que:

a) os dados fornecidos como informação são totalmente desconhecidos dos leitores.

b) o autor procura despertar interesse, por meio do suspense, nos possíveis leitores.

c) as informações fornecidas são fundamentadas em opiniões pessoais dos autores do texto.

d) os autores partem do pressuposto de que as informações dadas possuem algum interesse para os leitores.

e) a linguagem empregada é a mais coloquial possível, para que o entendimento do texto seja feito por todas as camadas sociais.

Texto XXIII

POR TRÁS DOS LINKS, AS PESSOAS

O matemático suíço Leonhard Euler foi, em 1780, o precursor do pensamento analítico sobre redes. Suas primeiras ideias diziam que eram compostas por nós e links – elos que ligam os nós. Os links são aleatoriamente espalhados entre os nós, formando redes de distribuição aleatória. A teoria de Euler aponta para o caos, ao sustentar que não existem nós centrais e que toda a rede é desprovida de hierarquia.

A palavra rede tem assumido novas conotações, e novas estruturas de comunicação surgiram, potencializando as possibilidades de conversação e circulação da informação. As estruturas matemáticas criadas por Euler para análise das redes passaram a ganhar maior relevância, mas muitas de suas previsões se mostraram sem sentido quando começamos a olhar para as redes sociais, a forma como os seres humanos se organizam – e para como se articulam nossas ações em rede. Se Euler estivesse correto, os quase 6 bilhões de seres humanos (nós) no planeta deveriam ter aproximadamente o mesmo número de amigos (links). No entanto, nos anos 60, Stanley Milgram, um pesquisador da Universidade de Harvard, realizou um experimento que ficou conhecido como " os seis graus de separação".

A compreensão popular do experimento de Milgram aponta que estamos a apenas seis graus de qualquer pessoa no mundo. Exemplo: será que conheço alguém, que conhece outro alguém, que conhece alguém que te conhece? Estar no máximo a seis níveis de separação de qualquer outra pessoa significa que o mundo é pequeno pra caramba. Entretanto, os resultados que Milgram obteve de seus experimentos foram mais radicais. Bem diferentes. Ele descobriu situações como as seguintes:

- três níveis de separação: algumas pessoas possuem links privilegiados, logo conseguem conectar-se com outras por três níveis de separação;
- cem níveis de separação: outras pessoas precisam em torno de cem links para chegarem a outras pessoas. É sinal de que são grupos de pessoas bem mal conectados, mal posicionados na estrutura das redes sociais;
- sem links: muitas pessoas possuem poucos ou nenhum link, restando como verdadeiras ilhas isoladas dentro da sociedade.

Surge, do experimento de Milgram, uma nova forma de enxergar as redes. O foco está nas experiências sociais. Os nós não seriam conectados aleatoriamente uns aos outros. Alguns deles aglutinam posições estratégicas, como elos. Ou seja, pessoas assumem papéis de protagonismo social a partir de suas possibilidades de conexão com outras pessoas.

Para validar tal premissa, um sociólogo norte-americano, Mark Granovetter, realizou um outro experimento no final dos anos 60. Tinha por objetivo pesquisar a forma como as pessoas procuravam emprego. Granovetter identificou que a sociedade era formada por grupos de pessoas, ou clusters. Ele percebeu que as pessoas que possuíam conexões ou relações distantes com outras fora do círculo familiar tinham duas vezes mais chances de conseguir uma vaga do que pessoas que tinham mais conexões próximas apenas no âmbito da família e dos amigos próximos. A análise de Granovetter era que grupos próximos mais fortemente conectados possuíam interesses similares, logo com menos possibilidades de inserção.

Essas descobertas geraram uma revolução no pensamento da sociologia da época. Novas propostas de como potencializar as conexões entre as redes sociais começaram a surgir. Pensando estrategicamente, o número de conexões era fundamental para ampliar a circulação da informação, seja de ideias, de vagas de emprego ou de experiências compartilhadas.

Coincidentemente ou não, estamos falando da mesma época do surgimento da Internet, as primeiras conexões entre computadores, permitindo que mensagens bastante simples fossem trocadas e que pessoas pudessem estabelecer novos links de conexão entre si.

A tecnologia que vinha sendo desenvolvida parecia permitir uma ampliação nesse potencial de conexão entre as pessoas, criando novas possibilidades de ampliação da capilaridade das redes sociais. Novas formas de conexão, de estabelecimento de links, novas formas de desenharmos nossas próprias redes e os grupos de pessoas organizados em torno da tecnologia. Surgia a dinâmica do virtual, do e-mail, das listas de discussões e das possibilidades de nos linkarmos usando as tecnologias da rede.

De lá para cá, muitas ideias foram implementadas, muitas tecnologias foram desenvolvidas. Surgiram Yahoo, Google, Orkut, MySpace, Facebook, Ning, Blogger, Youtube e tantas outras possibilidades de conversação em rede. Das muitas promessas de ampliação da conexão e do " todos conversando com todos", que as tecnologias da informação trouxeram, ainda observamos os mesmos padrões de comportamento das redes: clusters extremamente influentes nas articulações em rede e grupos isolados, com pouca ou nenhuma conectividade.

Novas tecnologias e novos desafios pela frente. O cenário está montado. Emerge um espaço para construção de um diálogo contínuo por várias lentes e percepções das dinâmicas de conversação, de desenvolvimento e ação que as novas tecnologias permitem a partir da construção de novas formas de redes sociais.

(Dalton Martins e Hernani Dimantas. In: Le Monde Diplomatique Brasil, outubro de 2007)

1. O texto XXIII deve ser classificado como:

a) descritivo, somente.

b) narrativo, somente.

c) narrativo-descritivo.

d) dissertativo.

e) injuntivo.

Texto XXIV

CRITÉRIO ARRISCADO

O exemplo veio da maior economia do mundo: as agências de regulação e desenvolvimento – caso da SEC (Securities Exchange Comission) americana, e da CVM brasileira – têm que ser mantidas a salvo da submissão ou das influências políticas. Esta é a melhor forma de preservar a independência de organismos desse tipo cuja eficiência e utilidade para a economia do país são consequência direta de sua credibilidade e da independência de seus dirigentes.

Recentemente, nos Estados Unidos, o presidente da SEC, Harvey Pitt, viu-se compelido a renunciar a seu mandato. Motivo? Ele teria iludido seus colegas de conselho (diretoria da SEC), para conseguir maioria na escolha de William Webster para a liderança de um novo comitê que supervisionará a indústria da contabilidade no país.

Para conseguir o que pretendia, Pitt deixara de informar os demais membros do conselho da SEC que Webster fora chefe de auditoria de uma das companhias que, recentemente, se envolveram com fraudes contábeis. Pitt havia sido indicado para o cargo por Bush, no ano passado, e deveria cumprir um mandato de quatro anos. Diante dos fatos que envolviam Webster, e que eram parte da onda de escândalos financeiros que assola os Estados Unidos há mais de um ano, Pitt não teve alternativa.

No Brasil, o mandato fixo, de quatro anos, para os diretores e presidente da CVM, existe como forma de preservar sua independência.

Ao serem empossados em seus cargos, o presidente e diretores da Comissão de Valores Mobiliários assumem com o país os compromissos de moralidade e legalidade de seus atos, que são comuns todos os servidores públicos. E tendo em vista a gravidade de sua missão, frequentemente confrontada com interesses do mercado e do próprio governo, têm como forma de defesa de sua independência a duração de seu mandato.

A lição recente dos Estados Unidos, em que o mandato fixo não foi suficiente para amparar a ilegalidade, é boa para americanos e serve para o Brasil. O episódio Pitt mostra que o mandato de quatro anos é bom para preservar a independência dos dirigentes da agência, mas não pode servir de escudo no momento em que o agente público atue contra os superiores interesses da moralidade e da legalidade.

Mostra, também, que a melhor forma de evitar constrangimentos futuros, na escolha de dirigentes com mandatos fixos, ainda é a observância dos critérios de competência técnica e de moralidade. A pura e simples filiação partidária não deve habilitar ninguém a cargos desse tipo. O risco é um eventual constrangimento, como o que Bush experimentou ao nomear Harvey Pitt.

(Jornal do Brasil, 17/11/2002, p. A14.)

1. Do ponto de vista do modo de organização do discurso, pode-se afirmar que os parágrafos do texto são:

a) narrativos, apesar de o objetivo do texto ser essencialmente argumentativo.

b) argumentativos, mas estruturados de acordo com o modelo narrativo.

c) argumentativos, sendo que o segundo e o terceiro parágrafos têm estrutura narrativa.

d) narrativos, sendo que o primeiro, o quarto e o quinto parágrafos têm estrutura argumentativa.

e) descritivos, mas a serviço de um texto cujo objetivo é predominantemente narrativo.

Texto XXV

Vários historiadores têm procurado entender a originalidade da monarquia brasileira vinculando-a à chegada da família real ao Brasil em 1808. de fato, é no mínimo inusitado pensar numa colônia sediando a capital de um império. Chamada por Maria Odila Leite da Silva Dias de a " internacionalização da metrópole", a instalação no Brasil da corte portuguesa, que fugia das tropas napoleônicas, significou não apenas um acidente fortuito, mas um momento angular da história nacional e de um processo singular de emancipação. Fuga ou golpe político, o fato é que com D. João e sua família, e contando com a ajuda inglesa, transferiram-se para o país a própria corte portuguesa – cujo número estimado de pessoas chegava a 20 mil, sendo que a cidade do Rio possuía apenas 60 mil almas – e várias instituições metropolitanas. Mas não era só: comerciantes ingleses e franceses, artistas italianos e naturalistas austríacos vinham junto com os baús. Difícil imaginar choque cultural maior.

Transformado em Reino Unido já em 1815, o Brasil passou a distanciar-se, aos poucos, de seu antigo estatuto colonial, ganhando uma autonomia relativa jamais conhecida naquele contexto. A partir de então, o Rio de Janeiro tornou-se capital de Portugal e de suas possessões na África e na Ásia, e os portos brasileiros se abriram ao comércio britânico (seguindo o acerto feito com a Inglaterra, que assegurou o transporte da corte, mas o trocou por esse acordo comercial). Tais fatos alteraram radicalmente a situação da colônia portuguesa na América.

(Adaptado de SCHWARCZ, Lilia Moritz. As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 35-36.)

1. Quanto à organização, afirma-se corretamente que o texto

a) mescla narração e dissertação, mas dá relevo àquela, uma vez que, para a autora, devem ser destacados os acontecimentos e não os comentários avaliativo que eles suscitaram.

b) descreve o modelo administrativo e a organização hierárquica da corte que se transferiu para o Brasil, oferecendo detalhado panorama dos aspectos burocráticos que redundaram no específico feitio da nação brasileira

c) Se restringe à narração do episódio da fuga da família real para a América, destacando suas causas, os meios pelos quais se efetivou e seu impacto sobre a pátria que aqui se formara.

d) Reúne as datas e os acontecimentos tomados como mais relevantes no processo de emancipação do país, para defender a ideia de que, na configuração de um dado quadro político, o mais importante são os antecedentes históricos imediatos.

e) Mobiliza dados históricos e outros trabalhos que se debruçam sobre o tema, com o fito de comprovar a hipótese apresentada sobre a formação da monarquia brasileira.

Texto XXVI

SECRETÁRIA

Luís Fernando Veríssimo

O teste definitivo para você saber se está ou não integrado no mundo moderno é a secretária eletrônica. O que você faz quando liga para alguém e quem atende é uma máquina.

Tem gente que nem pensa nisso. Falam com a secretária eletrônica com a maior naturalidade, qual é o problema? É apenas um gravador estranho com uma função a mais. Mas aí é que está. Não é uma máquina como qualquer outra. É uma máquina de atender

telefone. O telefone (que eu não sei como funciona, ainda estou tentando entender o estilingue) pressupõe um contato com alguém e não com alguma coisa. A secretária eletrônica abre um buraco nesta expectativa estabelecida. É desconcertante. Atendem – e é alguém dizendo que não está lá! Seguem instruções para esperar o bip e gravar a mensagem.

É aí que começa o teste. Como falar com ninguém no telefone? Um telefonema é como aqueles livros que a gente gosta de ler, que só tem diálogos. É travessão você fala,

travessão fala o outro. E de repente você está falando sozinho. Não é nem monólogo. É diálogo só de um.

– Ahn, sim, bom, mmm... olha, eu telefono depois. Tchau.

O " tchau" é para a máquina. Porque temos este absurdo medo de magoá-la. Medo de que a máquina nos telefone de volta e nos xingue, ou pelo menos nos bipe com reprovação.

Sei de gente que muda a voz para falar com secretária eletrônica. Fica formal, cuida a construção da frase. Às vezes precisa resistir à tentação de ligar de novo para regravar a mensagem porque errou a colocação do pronome.

Outros não resistem. Ao saber que estão sendo gravados, limpam a garganta, esperam o bip e anunciam:

– De Augustín Lara...

E gravam um bolero.

Talvez seja a única atitude sensata.

1. Considerando o texto como um todo, podemos classificá-lo predominantemente como:

a) narrativo.

b) descritivo.

c) expositivo.

d) argumentativo.

e) conversacional.

Texto XXVII

A FLOR DO GEÓGRAFO

Dom Marcos Barbosa O.S.B.

Creio que é a terceira vez que venho falar de motoristas. Até parece que vivo andando de táxi. E tenho sempre a sorte de encontrar no volante, ao contrário dos outros, um verdadeiro gentleman.

Para que não me acusem de suspeição e de especial simpatia pela classe, aviso logo que o fato de hoje não se deu comigo, mas como professor francês Pierre Desfontaines. Jamais esqueci, porém, a frase obscura que o ilustre geógrafo foi colher na trepidante Paulicéia.

Pierre Desfontaines, cujo nome nos fala de pedra e de fonte, não podia ser, realmente um geógrafo como os outros...

Ah, os geógrafos! Eles eram todos, quase todos, como o geógrafo do Petit Prince, que se contentava em anotar as montanhas, os rios e as cidades que os exploradores houvessem visto; mas não as flores, santo Deus! porque as flores eram efêmeras. Também não lhe interessava se os vulcões estavam extintos ou não. Só queria saber da terra, da montanha. Não do risco corrido pelos

homens, tão efêmeros quanto a flor. Anotava tudo a lápis. Só depois cobria à tinta, se o explorador se mostrasse fidedigno e trouxesse provas...

Mas felizmente alguns vieram a descobrir a "geografia humana", a geografia em função do homem; e eu vim a descobrir, por minha vez, a geografia humaníssima de Desfontaines, que me fez lamentar o árido estudo do meu tempo de ginásio e as áridas geografias que ainda hoje vejo nas mãos de tantos alunos.

O professor Desfontaines está longe de desprezar as coisas efêmeras. E por isso me trouxe a frase de quatro pétalas, que guardei como flor ressequida em velho livro, e que o chofer lhe entregara.

Voltara Desfontaines a São Paulo, onde havia estado anteriormente e morara algum tempo. Tendo contratado um carro para levá-lo não sei onde, reconheceu, ao passar, o sítio da sua antiga casa. Pediu ao chofer que parasse, saltou, foi redescobrir a fachada que lhe sorriu entre as outras, e em cujas janelas viu aparecerem a mulher e as filhas ausentes, mais moça aquela, menos crescidas estas... Viu-se a si mesmo como era, como fora, como havia sido. Até que, caindo em si – ou antes caindo de si – deu com o automóvel que largo tempo o esperava.

Subiu depressa ao carro, bateu a porta, pediu ao chofer que corresse. Quando chegou, atrasado, ao término da viagem e perguntou o preço, viu com surpresa que o chofer pedia o mesmo que antes haviam combinado.

– Mas (protestou Desfontaines) o senhor esteve parado muito tempo; não quero causar-lhe prejuízo!

E foi então que o chofer disse lentamente a sua frase, a sua flor: " Saudades não se pagam..."

1. Os quatro últimos parágrafos do texto exemplificam um modo de organização discursiva caracterizado como:

a) argumentativo.

b) informativo.

c) expositivo.

d) descritivo.

e) narrativo.

Texto XXVIII

O MEDO SOCIAL

Jurandir Freire Costa

No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado. De repente foi assaltada por um adolescente, que a roubou, ameaçando cortar a garganta do garoto. Dias depois, a mesma senhora reconhece o assaltante na rua. Acelera o carro, atropela-o e mata-o, com a aprovação dos que presenciaram a cena. Verídica ou não, a história é exemplar. Ilustra o que é a cultura da violência, a sua nova feição no Brasil.

Ela segue regras próprias. Ao expor as pessoas a constantes ataques à sua integridade física e moral, a violência começa a gerar expectativas, a fornecer padrões de respostas.Episódios truculentos e situações-limite passam a ser imaginados e repetidos com o fim de caucionar a ideia de que só a força resolve conflitos. A violência torna-se um item obrigatório na visão do mundo que nos é transmitida. Cria a convicção tácita de que o crime e a brutalidade são inevitáveis. O problema, então, é entender como chegamos a esse ponto. Como e por que estamos nos familiarizando com a violência, tornando-a nosso cotidiano.

Em primeiro lugar, é preciso que a violência se torne corriqueira para que a lei deixe de ser concebida como o instrumento de escolha na aplicação da justiça. Sua proliferação indiscriminada mostra que as leis perderam o valor normativo e os meios legais de coerção, a força que deveriam ter. Nesse vácuo, indivíduos e grupos passam a arbitrar o que é justo ou injusto, segundo decisões privadas, dissociadas de princípios éticos válidos para todos. O crime é, assim, relativizado em seu valor de infração. Os criminosos agem com consciências felizes. Não se julgam fora da lei ou da moral, pois conduzem-se de acordo com o que estipulam ser o preceito correto. A imoralidade da cultura da violência consiste justamente na disseminação de sistemas morais particularizados e irredutíveis a ideais comuns, condição prévia para que qualquer atitude criminosa possa ser justificada e legítima.

1. "No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado. De repente foi assaltada por um adolescente…"; a passagem do pretérito imperfeito para o pretérito perfeito marca a mudança de:

a) um texto descritivo para um texto narrativo.

b) a fala do narrador para a fala do personagem.

c) um tempo passado para um tempo presente.

d) um tempo presente para um tempo passado.

e) a mudança de narrador.

2. A narrativa contida no primeiro parágrafo tem a função textual de:

a) exemplificar algo que vai ser explicitado depois.

b) justificar a reação social contra a violência.

c) despertar a atenção do leitor para o problema da violência.

d) mostrar a violência nas grandes cidades.

e) relatar algo que vai justificar uma reação social.

3. O texto acima pode ser classificado, de forma mais adequada, como:

a) narrativo moralizante.

b) informativo didático.

c) dissertativo opinativo.

d) normativo regulamentador.

e) dissertativo polêmico.

Texto XXIX

A PUBLICIDADE INFANTIL DEVE SER PROIBIDA POR LEI?

Gilberto C. Leifert

Há um caminho simples: proibir. Há o caminho correto: educar. Pois cidadãos responsáveis e consumidores conscientes se forjam com informação.

Até recentemente, a sociedade entendia ser a educação tarefa exclusiva de pais e professores. Sabiamente, esse conceito evoluiu. Cobra-se, agora, o compromisso de educar também de veículos de comunicação, publicidade, das artes etc. Não poderia haver reivindicação mais justa, dada a importância da educação – desde que não se esqueça o essencial: a responsabilidade de pais e professores continua sendo intransferível.

O Conar aplica o Código Brasileiro, que cuida da publicidade em geral e que acaba de ser atualizado e ampliado em relação aos anúncios de produtos e serviços destinados a crianças e adolescentes. A autorregulamentação recomenda ainda que os anúncios não desmereçam valores sociais ou provoquem discriminação, em particular daqueles que não sejam consumidores do produto, tampouco associem crianças e adolescentes a situações incompatíveis com sua condição, sejam elas ilegais, perigosas ou socialmente condenáveis.

Mais: a publicidade, entre outras recomendações, não deve: impor a noção de que o consumo do produto proporciona superioridade ou, na sua falta, inferioridade; provocar situação de constrangimento aos pais com o propósito de impingir o consumo; empregar crianças e adolescentes como modelos para vocalizar apelo direto, recomendação ou sugestão de uso ou consumo, tipo " peça para mamãe comprar" ou " faça como eu, use".

Essas recomendações – e outras mais – são, para o Conar, contribuições muito mais efetivas à formação dos futuros consumidores do que a simplista proibição das mensagens.

Lembrando B. Russel: para todo problema complicado há uma solução simples, rápida, de baixo custo e ... errada.

1. O texto é do tipo argumentativo e a tese apresentada por seu autor pode ser resumida do seguinte modo:

a) educar, sim; proibir, não.

b) proibir é melhor que educar.

c) educar é mais fácil que proibir.

d) educar é proibir.

e) proibir, segundo a lei.

Texto XXX

FASCISMO SOCIAL NO PAÍS DO SOCIÓLOGO

Walter Ceneviva – Folha de São Paulo, 16/06/2001

A definição dos objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil está no artigo 3º de nossa Constituição. São todos de grande nobreza e esperança. Valem como pólos de concentração ideal para o povo, como destinos a serem alcançados pelo Brasil, na permanente viagem de nossos sonhos.

O primeiro desses objetivos consiste em realizar uma sociedade livre, justa e solidária. Para ser livre, a sociedade terá liberdades públicas asseguradas a todos. Cidadania livre é cidadania sem intervenção excessiva do poder. No país das medidas provisórias, o cidadão acorda tolhido, dia após dia, com e sem " apagões" e " caladões". Para que a sociedade possa ser tida como justa, é necessário diminuir as distâncias sociais, com pobres menos pobres. Depois que a moeda se estabilizou, durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, honra seja feita, houve melhora nesse campo, mas o Brasil ainda é dos mais atrasados do mundo na satisfação das necessidades sociais do ser humano.

A solidariedade proclamada no texto constitucional deve ser espontânea, colhida na consciência de cada um e, pelo menos, da

população mais aquinhoada em favor dos que têm pouco. A solidariedade do artigo 3º da Constituição precisa, porém, ser catalisada pelo Estado para o trabalho espontâneo em favor dos menos favorecidos. O objetivo social exigirá da administração pública e de seus funcionários que atuem em favor dos cidadãos, com eles e não contra eles, como se os considerassem inimigos. O desenvolvimento nacional, segunda das grandes metas do país, tem ido bem no plano econômico. Progredimos em termos materiais, mas não o quanto baste.

O terceiro e o quarto objetivos fundamentais, previstos no artigo 3º, são projetos de um sonho estratosférico. Erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir desigualdades sociais e regionais é trabalho para séculos. Não há nação do mundo sem faixas de miserabilidades – nem as mais ricas. A promoção do bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação carece de remédio forte, como criminalização das condutas contrárias. Sem a ameaça grave de sanções, a cobra raivosa do preconceito continuará agindo no coração de muitas pessoas.

A Carta proíbe a discriminação entre o homem e a mulher (artigo 5º, I, e artigo 226, parágrafo 5º), contra as liberdades fundamentais, e a prática do racismo (artigo 5º, incisos XLI e XLII). No trabalho, veda distinções quanto ao salário, ao exercício de funções e aos critérios de admissão por motivo de sexo, idade, cor ou estado civil (artigo 7º, inciso XXX). O sociólogo português Boaventura de Souza Santos, professor da faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, falando recentemente a esta Folha, verberou a polarização da riqueza em muitos países, inclusive no nosso, em condições parecidas com a dos Estados fascistas tradicionais. Exemplificou com grupos criminosos que substituem o Estado em certas regiões (vide o PCC) e com a parte corrupta da polícia, colaboradora do crime organizado, não se sabendo onde acaba a administração pública e começa a sociedade.

Boaventura lembra a incapacidade de redistribuição da riqueza, permitindo que o capitalismo opere contra o pobre, e não a favor dele. Chama essa situação de fascismo social. Neste país, presidido por um sociólogo, precisamos meditar sobre as insuficiências gerais e as do direito em particular, afirmadas pelo sábio sociólogo português. Meditar para corrigi-las.

1. O texto que serve de motivo a esta prova pode ser classificado, de forma mais adequada, como:

a) argumentativo opinativo.

b) narrativo moralizante.

c) expositivo informativo.

d) argumentativo polêmico.

e) expositivo didático.

Texto XXXI

AS RAÍZES DO CARÁTER NACIONAL

Dante Moreira Leite

Parece possível distinguir duas tendências fundamentais na reação ao grupo estranho: uma de admiração e aceitação, outra de desprezo e recusa.

Aparentemente, quase todos os seres humanos apresentam essas duas tendências fundamentais. A participação em nosso grupo provoca sentimentos de segurança e bem-estar, pois supomos entender que os que falam a nossa língua têm um passado em comum conosco, e também sabem o que esperar de nós. Mesmo quando nos desentendemos, sabemos por que isso ocorre,

podemos esperar que nosso interlocutor acabe por nos entender e aceitar. E nisso talvez a linguagem desempenhe um papel fundamental, pois os homens geralmente são incapazes de utilizar perfeitamente mais que uma língua, e só naquela aprendida na infância somos capazes de exprimir todas as sutilezas do pensamento, todas as formas de ódio e amor. Além disso, o local em que nascemos e crescemos, a paisagem que conhecemos, tudo isso parece constituir um universo próximo e amigo, cujo reencontro é sempre uma alegria e uma consolação.

No outro extremo, o estrangeiro provoca a nossa desconfiança, às vezes o nosso medo. Nem sempre entendemos os seus gestos e certamente não compreendemos a sua língua. Ele não se veste como nós, a sua fisionomia pode ser diferente da nossa e não adora nossos deuses. Entre os primitivos, o estrangeiro passava por uma complexa cerimônia, destinada a afastar os malefícios que trouxesse de seus demônios; ao voltar de uma viagem, as pessoas deveriam permanecer isoladas por algum tempo, até que delas se afastassem os demônios estranhos, acaso encontrados pelos caminhos.

E, no entanto, sentimos que o contrário também é verdade. Frequentemente sonhamos com o país distante, a terra prometida onde possamos realizar nossos desejos. Sentimos que aqueles que mais nos conhecem são também capazes de ignorar o que de melhor trazemos conosco. E o provérbio " ninguém é profeta em sua terra" traduz precisamente essa ideia de que não podemos compreender integralmente quem está muito próximo de nós. As situações novas, além disso, são atraentes e provocantes: o novo ou o desconhecido parece, pelo menos durante algum tempo, mais belo e atraente do que o velho; os nossos olhos parecem mais penetrantes ao observar a nova paisagem, ao admirar outras figuras humanas.

O caráter nacional brasileiro, SP. Pioneira, 1976. p.11.

1. O texto pode ser predominantemente classificado como:

a) descritivo.

b) narrativo.

c) argumentativo.

d) conversacional.

e) didático.

Texto XXXII

Um novo fantasma ronda os consultórios pediátricos: as lesões músculo-esqueléticas. O alerta vem do médico Clóvis Artur Almeida da Silva, responsável pela Unidade de Reumatologia Pediátrica, do Instituto da Criança, do Hospital das Clínicas (HC), em São Paulo. Segundo o especialista, é cada vez maior o número de pacientes com dores e lesões músculo-esqueléticas provocadas pelo uso excessivo de videogames e computadores. Os sintomas da doença são dores nas mãos e nos punhos, fadiga, comportamento agressivo, cefaléia e dores no abdômen, na coluna e no tórax. Além disso, o médico alerta para outros problemas que podem estar associados ao uso de computadores e videogames: a obesidade, o desinteresse pelo alimento (anorexia) e as convulsões por fotoestimulação, que acontecem em crianças já propensas ao problema.

1. Pelo conteúdo e estrutura do texto, pode-se dizer que sua preocupação maior é:

a) ensinar.

b) informar.

c) prever.

d) prevenir.

e) atemorizar.

Texto XXXIII

POR QUE O BUDISMO ENCANTA O OCIDENTE?

Frei Betto

O budismo faz tanto sucesso no Ocidente porque possui características que correspondem às tendências da pós-modernidade neoliberal. Num mundo em que muitas religiões se sustentam em estruturas autoritárias e apresentam desvios fundamentalistas, o budismo apresenta-se como uma não religião, uma filosofia de vida que não possui hierarquias, estruturas nem códigos canônicos. No budismo não há a ideia de Deus, nem de pecado. Centrado no indivíduo e baseado na prática da yoga e da meditação, o budismo não exige compromissos sociais de seus adeptos, nem submissão a uma comunidade ou crença em verdades reveladas. Há, contudo, muitos budistas engajados em lutas sociais e políticas. Nessa cultura do elixir da eterna juventude, em que o envelhecimento e morte são encarados, não como destinos, mas como fatalidades, o budismo oferece a crença na reencarnação. Acreditar que será possível viver outras vidas além dessa é sempre consolo e esperança para quem se deixa seduzir pela ideia da imortalidade e não se sente plenamente realizado nessa existência.

Outro aspecto do budismo que o torna tão palatável no Ocidente é a sua adequação a qualquer tendência religiosa. Pode-se ser católico ou protestante e abraçar o budismo como disciplina mental e espiritual, sem conflitos. Mesclar diferentes tradições religiosas é uma tendência crescente para quem respira a ideologia pós-moderna do individualismo exacerbado, segundo a qual cada um de nós pode ser seu próprio papa ou pastor, sem necessidade de referências objetivas. Como método espiritual, o budismo é de grande riqueza, pois nos ensina a lidar, sem angústia, com o sofrimento; a limpar a mente de inquietações; a adotar atitudes éticas; a esvaziar o coração de vaidades e ambições desmedidas; a ir ao encontro do mais íntimo de nós mesmos, lá onde habita aquele Outro que funda a nossa verdadeira identidade.

1. Pela estrutura e conteúdo, a melhor definição para esse tipo de texto é:

a) narrativo didático, pois ensina e mostra diferentes aspectos em ordem cronológica.

b) expositivo preditivo, pois antecipa situações futuras das relações entre as crenças.

c) argumentativo polêmico, pois apresenta ideias que defendem uma posição contra outras possíveis.

d) descritivo informativo, pois informa características novas sobre o budismo, que são de interesse geral.

e) dissertativo normativo, pois visa dar normas de conduta aos leitores.

Texto XXXIV

A CIÊNCIA NO SÉCULO XXI

Noventa e sete por cento das espécies vivas, 80.000 proteínas produzidas pelo corpo e bilhões de galáxias ainda não foram identificados. Quase nada sabemos da natureza do Universo, da origem da Vida, do funcionamento dos climas, do desenvolvimento do embrião e do cérebro.

Provavelmente não se descobrirá ainda no século XXI de onde surgiu o Universo, nem como começou a vida na Terra, nem como o cérebro engendra o pensamento e a consciência, nem se outras formas de vida existem em outros lugares. Em compensação, outras questões que hoje não são formuladas serão resolvidas, pois se descobrirá que certas respostas consideradas definitivas

estavam totalmente equivocadas.

(Dicionário do século XXI – Jacques Attali)

1. O livro de onde foi retirado esse texto é um dicionário sobre o século XXI, publicado no século XX, o que o mostra como um livro de profecias.

Analise os itens a seguir:

I. " Noventa e sete por cento das espécies vivas, 80.000 proteínas produzidas pelo corpo e bilhões de galáxias ainda não foram identificados."

II. " Quase nada sabemos da natureza do Universo, da origem da Vida, do funcionamento dos climas, do desenvolvimento do embrião e do cérebro."

III. " Provavelmente não se descobrirá ainda no século XXI de onde surgiu o Universo, nem como começou a vida na Terra."

IV. " Em compensação, outras questões que hoje não são formuladas serão resolvidas."

O(s) item(s) que melhor mostra(m) a presença desse discurso preditivo é/são:

a) I – II

b) III – IV

c) IV

d) II – III – IV

e) I – II – III – IV

Texto XXXV

A ARTE NA NOSSA VIDA

Jô Oliveira e Lucília Garcez

Você pode pensar que não conhece arte, que não convive com objetos artísticos, mas estamos todos muito próximos da arte. Nossa vida está cercada dela por todos os lados. Ao acordar pela manhã e olhar o relógio para saber a hora, você tem o primeiro contato do dia com a arte. O relógio, qualquer que seja o seu desenho, passou por um processo de produção que exigiu planejamento visual. Especialistas estudaram e aplicaram noções de arte. A forma do seu relógio é resultado de uma longa história da imaginação humana e das suas preferências. A cor, a forma, o volume, o material que foram escolhidos estão testemunhando o tempo e a transformação do gosto e da técnica. Ao observá-lo, você observa que é um objeto antigo ou moderno, você reconhece que quem o desenhou preferia formas curvas ou retas, ou ainda dourado, e até pedrinhas brilhantes. Quem escolhe um relógio para comprar decide com base em suas preferência pessoais. Alguns preferem os mais elaborados, outros preferem os mais simples. É o gosto pessoal que predomina, e este pode variar infinitamente. Varia porque recebe influências de acordo com a idade, com a época, com o meio social em que a pessoa vive. E, como nos diz a sabedoria popular: " gosto não se discute". Mas, quem sabe, possamos discutir o gosto? Em outros objetos do seu quarto e de seu cotidiano você pode observar a presença da arte: na estampa de seu lençol, no desenho da sua cama, no formato da sua escova de dentes, no desenho da torneira e da pia do banheiro, na xícara que você toma leite, nos talheres, no modelo do carro, no formato do telefone. Em todos os objetos há um pouco de arte aplicada. Esse esforço para produzir objetos bonitos, agradáveis ao olhar atraentes e

harmoniosos, está em todas as culturas, em todas as civilizações. E em nosso dia a dia.

1. Pela leitura do texto, podemos classificá-lo como:

a) informativo.

b) didático.

c) publicitário.

d) instrucional.

e) normativo.

Texto XXXVI

AS TARTARUGAS DE HERON

Heloísa Seixas

Amanhece na ilha de Heron. Sobre a imensa faixa de areia, que se estende em curva até desaparecer na bruma da manhã, despeja-se uma lua violácea, que pouco a pouco se encorpa. Mas é somente quando o sol oblíquo já incide sobre as areias e a água, sobre a vegetação rasteira e os tufos de algas que brilham nas pedras com a maré baixa, é só então – nunca antes – que se pode notar o primeiro movimento na praia.

De início, quase imperceptível. Alguns grãos de areia deslocados, apenas. Depois um movimento um pouco mais brusco, mais ousado, pequeno terremoto subterrâneo que suga a areia para dentro de si mesma. Os grãos estremecem, revoltam-se, até que, finalmente, após longa luta, uma forma de cor escura irrompe à superfície. É a cabecinha de uma tartaruga.

Logo, surgem outras. E mais outras, por toda parte. Ao longo de uma enorme extensão de areia, as tartarugas recém-nascidas caminham com seus passos incertos em direção ao mar da Austrália. Nem todas conseguirão alcançá-lo. Muitas morrerão ao longo do caminho até as ondas, levadas por aves predadoras, ou se perderão, confundidas pelo sol. Outras, tenazes, resistirão. Serão mais rápidas ou terão mais sorte – e logo seus pequenos corpos escuros serão apenas uma nódoa no mar de esmeralda líquida. Estarão salvas para cumprir seu destino.

E esse destino é nadar, seguir em frente. As tartarugas de Heron, assim que mergulham no mar, nadam incansavelmente em direção à Nova Zelândia, atravessando as águas do Mar da Tasmânia por anos a fio. Levam praticamente a vida toda nessa travessia, apenas para, um dia, voltar. Então, descrevem uma longa curva e atravessam de volta o oceano, rumo à mesma praia da ilha de Heron onde nasceram. Ali, já adultas, vão pôr seus ovos na areia – para que o ciclo da vida recomece.

Soube de tudo isso ao assistir a um documentário na televisão. E fiquei pensando. As tartarugas de Heron se parecem um pouco conosco.

Elas, como nós, atravessam o longo arco da vida – tão atribulada, tão cheia de batalhas – e, no fim das contas, vão parar no mesmo lugar. São navegantes sem sentido, mas que continuam, sempre e sempre, nadando rumo a seu destino. Nadam com grande afinco, empregando nas braças toda a sua energia, ano após ano, sem saber bem por que o fazem, talvez sem sequer pensar no sentido dessa trajetória. Mas vão em frente, navegam – como nós. Porque é preciso.

1. O texto começa pela descrição da ilha de Heron. Um texto descritivo é caracterizado fundamentalmente por:

a) ações que ocorrem em uma sequência cronológica.

b) reflexões sobre aspectos problemáticos da vida.

c) registro de elementos caracterizadores de uma realidade.

d) citação de informações sobre determinado objeto.

e) conjunto de pensamentos inacabados.

2. Fernando Pessoa, grande poeta português, disse em um de seus poemas que "Navegar é preciso, mas viver não é preciso"; as últimas palavras do texto:

a) demonstram que a autora do texto plagiou o poeta.

b) mostram que Fernando Pessoa conhecia a vida das tartarugas.

c) indicam a presença de um texto em outro.

d) documentam uma paródia das palavras do poeta.

e) ironizam as belas palavras do poema.

Texto XXXVII

PRISÃO DE VENTRE NA ALMA (fragmento)

Leandro Konder

Todos estamos nos tornando, hoje, mais desconfiados do que no passado. Com exceção das pessoas que se dispõem a pagar um preço altíssimo por uma unidade monolítica, somos todos bastante divididos interiormente.

Para o bem ou para o mal, vão rareando as convicções inabaláveis. Uma parte de nós quer acreditar, outra é descrente. Gostaríamos de ter segurança para acreditar em coisas que ninguém pode assegurar que são inteiramente dignas de nossa confiança.

As verdades do crente dependem da fé, enquanto a fé existe. Mas a fé também pode deixar de existir; ela não depende da razão, nem da ciência; depende de Deus, que a deu e pode tirá-la. O filósofo Pascal já no século XVII afirmava que a nossa razão serve, no máximo, para nos ajudar a fazer apostas mais convenientes.

As verdades científicas, por sua vez, dependem da história, são periodicamente revistas, reformuladas. As novas descobertas e as novas invenções não se limitam a complementar os conhecimentos já adquiridos: exigem que eles sejam rediscutidos e às vezes drasticamente modificados.

E as verdades filosóficas? Quanto maiores forem os pensadores que as enunciam, mais acirrada será a controvérsia entre eles. As verdades filosóficas se contradizem, umas questionam as outras.

Somos envolvidos, então, por uma onda de ceticismo. É possível que essa onda já tenha tido alguns efeitos favoráveis à liberdade espiritual dos indivíduos, ao fortalecimento neles do espírito crítico. É possível que ela tenha de algum modo "limpado o terreno" para um diálogo mais desenvolto entre as criaturas, para valores mais comprometidos com o pluralismo, contribuindo para a superação de algumas formas rígidas e dogmáticas de pensar.

Dentro de limites razoáveis, o ceticismo atenua certezas, suaviza conclusões peremptórias e abre brechas no fanatismo. Na medida em que se espraia indefinidamente, contudo, ele traz riscos graves. A própria dinâmica de um ceticismo ilimitado apresenta uma contradição insuperável.

O poeta Brecht expressou esse impasse num poeminha que tem apenas três versos e que não pode deixar de ser reproduzido aqui:

“ Só acredite no que seus olhos veem e no que seus ouvidos escutam.

Não acredite nem no que seus olhos veem e seus ouvidos escutam.

E saiba que, afinal, não acreditar ainda é acreditar.”

Realmente, quem não acredita, para estar convencido de que não está acreditando, precisa acreditar em seu poder de não acreditar. Aquele que não crê, curiosamente, está crendo na sua descrença.

1. O texto de Leandro Konder deve ser considerado como:

a) didático.

b) informativo.

c) argumentativo.

d) expressivo.

e) narrativo.

2. Característica abaixo que marca predominantemente os textos descritivos é:

a) a atenção às ações ou acontecimentos.

b) a sucessão temporal.

c) uso do pretérito perfeito do indicativo.

d) a presença marcante de substantivos e adjetivos.

e) pretende discutir, informar ou expor.

Gabarito comentado:

Textos I e II

1. D. Ambos os textos apresentam linguagem formal, sem apresentarem discurso coloquial.

Texto III

1. D. O texto “ Protesto tímido” é um exemplo de crônica, por ser narrativo, com aspectos dissertativos. O autor vem relatar o que lhe aconteceu certo dia ao se deparar com um menor abandonado. Ao longo do texto, ele descreve características do menor, bem como das cenas em que se envolveu, tecendo também comentários sobre o problema que a narração ilustra. A letra A, portanto, é eliminada, já que se trata de narração e não de registros históricos; a letra B não deve ser considerada, já que o estilo a predominar é o narrativo. Quanto à letra C, não se trata necessariamente de uma coluna de jornal. No entanto, a letra D diz que este é um pequeno conto, fato que pode se perceber pela extensão do texto, que não é verdadeiro.

2. B. Os tempos verbais – pretérito imperfeito e pretérito perfeito – são características dos modos descritivo e narrativo, respectivamente. A descrição indica ações contínuas, duradouras – representadas pelo pretérito imperfeito. Já o pretérito perfeito evidencia ações que se sucederam em uma evolução cronológica – característica do texto narrativo.

3. D. O uso da primeira pessoa do plural é uma forma de o narrador se incluir no texto, manifestar sua opinião. Nesse caso,

eliminam-se automaticamente as outras opções da questão.

4. B. Ainda que o narrador manifeste comiseração (“ escurinho, de seis ou sete anos, não mais”), certa revolta (“ vinte e cinco milhões de menores – um dado abstrato, que a imaginação não alcança”), desprezo (“ Imagino que ele venha a ser um desses que se esgueiram como ratos em trono aos botequins e lanchonetes e nos importunam cutucando-nos de leve – gesto que nos desperta mal contida irritação”) e tristeza (“ Para entender, só mesmo imaginando meu filho largado no mundo...”), o tom predominante no texto, que aparece fortemente ao final do texto é o de remorso (“ Mas a verdade é que hoje eu vi meu filho dormindo na rua, exposto ao frio da noite, e além de nada ter feito por ele, ainda o confundi com um monte de lixo.”).

5. A. Pergunta retórica é aquela que não busca resposta por parte do interlocutor, muitas vezes por ser esta óbvia, que é o que ocorre com a letra A. As outras perguntas não são retóricas por suscitarem reflexão por parte do leitor do texto – suas respostas são importantes para a compreensão da mensagem do texto.

Texto IV

1. D. O título do texto apresenta tom irônico. O autor, com o uso das aspas, já indica sua opinião – o ato de pichar é mais um comportamento vândalo do que um ato de livre manifestação.

2. A. O texto IV é dissertativo polêmico, pois apresenta duas formas de se encarar a mesma questão: o ato de pichar como resultado da liberdade de expressão ou como vandalismo. Quanto à letra B, o que se tem é a inversão das características: a liberdade de expressão é legal e o vandalismo é ilegal. Já a letra C não está correta porque só o primeiro argumento é a favor do aparecimento das pichações, não os dois. No entanto, a letra D extrapola o texto, pois não se tratou do pensamento das autoridades sobre as pichações. E a letra E está errada, pois não são duas realidades que ocorrem simultaneamente: pelo contrário – elas se excluem.

3. D. Ainda que o autor manifeste claramente sua crítica a respeito do tema, o texto é dissertativo polêmico, pois apresenta duas visões do mesmo assunto.

Textos V e VI

Letra A – Ambos os textos são dissertativos. Assertiva errada.

Letra B – Assertiva certa. O primeiro texto fala das fronteiras das nações-estados e as fronteiras da empresa moderna, tema mais específico, menos amplo do que o do segundo texto, que trata das estruturas políticas mundiais.

Letra C – Assertiva errada. Ambos os textos trazem a tecnologia sob uma visão positiva.

Letra D – Assertiva errada. O texto V é que fala da alteração das políticas atuais.

Letra E – Assertiva errada. Ambos os textos são dissertativos. *Das nações-estados* e *o alcance da empresa moderna*. Já o segundo texto trata de um âmbito mais amplo, de nível mundial.

Texto VII

1. A. A primeira linha do texto é reescrita na letra A, pois, ao se falar em “ recente documento”, está se falando em “ atualidade” e ao mencionar “ elaborado pelo IBGE”, quer-se dizer “ credibilidade”.

2. C. As letras A e D são eliminadas por falarem em “ criticar” e “ mostrar soluções”, características do texto argumentativo, e não informativo. A letra B extrapola o problema apresentado pelo texto ao mencionar “ poluição ambiental”. Da mesma forma, a letra E extrapola, pois o texto não trata dos principais problemas do país. Por ser informativo, o texto tem como meta aumentar

o conhecimento do leitor sobre o assunto em questão – o lixo.

3. B. O texto é informativo, tem como função prioritária denunciar um grave problema. As outras alternativas devem ser eliminadas, pois o texto não é argumentativo, com valor de conselho, acusação, crítica ou elogio.

Texto VIII

1. C. Ao se falar da " marca da morte", alude-se aos males produzidos pelo fumo; além disso, a expressão " marca nos cigarros" alude às embalagens do cigarro. A letra A omite a informação sobre as embalagens dos cigarros, presente no título. A letra B extrapola o título. A letra D contradiz o texto. A letra E, embora seja condizente com o texto, não é a reescritura do seu título.

2. E. O que se depreende do texto é que o jornalista, ao citar por extenso o significado da forma abreviada ANVS, pretendia esclarecer eventuais dúvidas por parte de algum leitor. A letra A não é verdadeira porque a tradução de uma abreviatura não transforma um texto algo mais ou menos resumido. A letra B é uma generalização excessiva – os textos informativos podem ou não usar abreviaturas. A letra C é uma extrapolação, pois explicitar uma abreviatura não significa direcionar um texto para uma classe não culta. Já a letra D vai além do objetivo do autor do texto, pois esclarecer uma abreviatura não pode significar a intenção do autor de enfatizar o poder de uma lei.

3. C. A resolução da ANVS é um texto normativo, pois estabelece regulamento, norma. Já o texto-imagem é publicitário, pois procura convencer o leitor a aderir a uma ideia: fumar prejudica a saúde.

4. E. Todas as alternativas representam características do texto informativo, exceto a última: o autor procura ser objetivo e impessoal, daí não serem comuns trechos interativos com o leitor.

Texto IX

1. A. O início do 2º parágrafo é a chave para essa resposta, pois afirma que o anúncio de revista é " fantástico para um sujeito que dispõe desse tempo...". A letra B apresenta uma generalização excessiva. Quanto à letra C, o texto não afirma que somente o texto rico em informações é capaz de convencer o leitor a comprar um produto; no entanto, a letra D confunde quantidade de informações com gosto estético e a letra E extrapola o texto.

2. C. O texto que explica, expõe dados, é o texto informativo. Já aquele que trata do funcionamento de algum objeto é o texto instrucional, que instrui o leitor a realizar algum tipo de ação. Eliminam-se, portanto, as outras alternativas.

3. A. Mais explicitamente no quarto parágrafo, o autor deixa clara a sua intenção de " vender uma ideia" – o outdoor (" Ótimo para anúncios institucionais ou promocionais de qualquer produto ou serviço"). Excluem-se automaticamente as outras opções.

4. E. O horóscopo, por ser um texto preditivo, é rico em previsões; o livro didático possui como meta ensinar; o dicionário é um texto que apresenta definições, conceitos; a bula de remédio, por ser um texto informativo, é rica em informações. Entretanto, o outdoor possui como característica principal a ausência de detalhes. A letra E contradiz o texto.

Texto X

1. E. O texto deve ser classificado como dissertativo didático – seu objetivo é ensinar o leitor como se processa uma entrevista. O único parágrafo que não apresenta tal tom didático, por veicular uma opinião do leitor, é o último: ele é o único parágrafo com características argumentativas.

Texto XI

1. B. Ao se falar em água insalubre, o autor antecipa a conotação negativa da água, que será tratada no texto, daí eliminarmos as letras A e C. Quanto à letra D, o título só anuncia um problema, não tendo, portanto, conteúdo trágico. A letra E é falsa, pois o assunto da Aids é mencionado no texto, não no título.

2. B. O texto tem como meta informar, acrescentar informações ao leitor acerca de um grave problema – a água.

Texto XII

1. B. O texto " Raízes" é um texto narrativo, composto de duas histórias – uma narrativa que se inicia na linha 3, que é secundária, sobre uma pedreira – e uma narrativa principal, que é a base do texto, sobre uma inglesa de origem afegã. É a essa narrativa que o autor alude na 3ª linha, quando anuncia " a história que eu vou contar".

Texto XIII

1. C. O texto XIII é informativo, sua principal finalidade é informar sobre uma época em que o ser humano não sabia contar.

Texto XIV

1. B. O texto XIV é expositivo – ele expõe fatos, problemas. Além disso, o autor manifesta, ao longo de sua exposição, um tom de crítica. Entretanto, não podemos considerar o texto argumentativo, pois ele não vem defender uma tese – ele somente expõe evidências.

Texto XV

1. D. Ao solicitar segmento do texto em que o autor interfira no seu conteúdo, o que se pretende é um trecho que seja responsável pela organização da argumentação do texto, que é " fico então com as desvantagens". Aqui, o autor organiza o conteúdo textual, anunciando que a base argumentativa do texto é falar sobre as desvantagens do mundo virtual.

2. E. O texto é dissertativo argumentativo. Sua meta é defender a tese, devidamente explicitada em seu último parágrafo do texto: " Viver plugado a uma corrente de pessoas e informações...agride o que o ser humano tem de melhor e insubstituível...".

Textos XVI e XVII

1. A. Segundo o texto, o pai não chega a aprovar o comportamento do filho, apenas o aceita " ponderei o fato de meu filho não ser um veículo para que eu coloque em prática o meu projeto de ser humano". No entanto, a postura do filho é de aprovação, já que o piercing foi sua escolha.

2. E. Ambos os texto são narrativos – relatam acontecimentos.

Texto XVIII

1. A. O texto é dissertativo – nele o autor utiliza-se de abstrações, conceitos. Sua meta é falar sobre " a linha tênue e imprecisa que divide realidade e sonho, sanidade e loucura". Sendo assim, sua narrativa caracteriza-se como uma estratégia de discurso – seu objetivo é ilustrar o pensamento do autor.

Texto XIX

1. D. Ainda que o texto apresente muitas informações – dados estatísticos resultantes de pesquisas – sua meta é defender a urgência de " fazer o turista se sentir mais seguro no Rio".

Texto XX

1. A. O objetivo do texto é especular, conjecturar sobre a vida daqui a uma grande quantidade de anos. Vale observar que o autor não apresenta tom de certeza, precisão, daí não ser esse texto informativo. Da mesma forma, o texto não prevê o futuro, pelo contrário, ele é finalizado por meio de uma série de perguntas, questionamentos.

Texto XXI

1. C. O objetivo da autora é ensinar a diferença entre racismo, discriminação e preconceito. Atente aos detalhamentos do texto e à apresentação de definições – tudo isso confere um tom didático ao texto lido. Assim, eliminam-se as outras alternativas. A letra D é falsa, pois o texto vai além da tarefa de informar – ele pretende ensinar.

Texto XXII

1. D. A letra A não está correta, pois não se pode afirmar que os dados apresentados pelo texto sejam totalmente desconhecidos pelos leitores. Quanto à letra B, não se pode afirmar que o texto se utilize de suspense – o autor apresenta de imediato as informações ao leitor. Na letra C, não se pode afirmar, tratando-se de um texto informativo, que suas informações são fruto de opiniões do autor. A letra D está correta, pois apresenta uma característica marcante do texto informativo – seu conteúdo deve ter, ao menos presumidamente, conteúdo de interesse para o leitor. Quanto à letra E, o texto não trata de linguagem coloquial – o texto informativo deve ter linguagem simples, mas não informal.

Texto XXIII

1. D.

Texto XXIV

1. C. O texto é predominantemente dissertativo argumentativo. Sua meta é defender uma tese explicitada nos dois últimos parágrafos do texto – a de que o mandato de quatro anos " não pode servir de escudo no momento em que o agente público atue contra os superiores interesses da moralidade e da legalidade", bem como " a melhor forma de evitar constrangimentos futuros, na escolha de dirigentes com mandatos fixos, ainda é a observância dos critérios de competência técnica e de moralidade". Vale observar que, ainda que a argumentação predomine, pode-se observar no texto características expositivas (4º e 5º parágrafos), onde o autor expõe o que sabe sobre o assunto, assim como narrativas (2º e 3º parágrafos), em que o autor relata acontecimentos sobre o episódio Pitt.

Texto XXV

1. E. O texto deve ser classificado como dissertativo, pois discorre sobre um assunto apresentado no início e retomado ao final do texto: a originalidade da monarquia brasileira. Seu objetivo não é contar a história sobre a vinda da família real ao Brasil, mas de apresentar fatos que ilustrem essa hipótese. Dessa forma, eliminam-se as letras A e C. A letra B, ao utilizar o verbo " descreve", a banca insinua que o texto é descritivo, fato que não é verdadeiro. A letra D é falsa, pois o texto não defende a ideia de que " o mais importante são os antecedentes históricos imediatos".

Texto XXVI

1. D. O objetivo do texto é o de discorrer sobre as transformações do mundo moderno e o autor utiliza a secretária eletrônica como um símbolo de modernidade. Sendo assim, o texto deve ser caracterizado como predominantemente dissertativo opinativo. A narração é uma estratégia utilizada para ilustrar sua tese – uma maneira de ilustrar o seu pensamento.

Texto XXVII

1. A. O texto lido deve ser classificado como predominantemente dissertativo argumentativo. Seu objetivo é discorrer sobre as vantagens da geografia humana em detrimento da árida geografia física. Entretanto, os quatro últimos parágrafos apresentam uma narrativa, utilizada para ilustrar o pensamento apresentado pelo texto.

Texto XXVIII

1. A. Na passagem do verbo no pretérito imperfeito (" dirigia") ao pretérito perfeito (" foi assaltada"), assinalou-se uma mudança de um trecho descritivo, em que o autor caracterizava uma cena, a um texto narrativo, com evolução cronológica.

2. A. O trecho narrativo é utilizado para ilustrar a defesa de tese que será desenvolvida na sequência textual. Conta-se uma história primeiro, para se defender uma tese depois – a banalização da violência.

3. C. O texto deve ser classificado como dissertativo opinativo, ou argumentativo, pois sua intenção é discorrer sobre uma tese, já elucidada ao final do 1º parágrafo (" o que é a cultura da violência, sua nova feição no Brasil") e retomada ao final do texto (" a imoralidade da cultura da violência"). A narração, mesclada com descrição, apresentada no 1º parágrafo serviu apenas para ilustrar a tese do autor.

Texto XXIX

1. A. Esse texto é um bom exemplo de argumentação. Por meio de argumentos apresentados ao longo da dissertação, o autor pretende defender a tese de que o melhor é educar e não proibir (" Há um caminho simples: proibir. Há o caminho correto: educar.").

Texto XXX

1. A. O objetivo do texto é o de defender uma tese – a de que os objetivos fundamentais do art. 3º da Constituição valem como destinos a serem alcançados pelo Brasil. Eliminam-se as outras alternativas. Atente à letra D: a intenção do autor não é a de provocar polêmica, dividir opiniões, mas sim de defender seu posicionamento.

Texto XXXI

1. C. A intenção do autor é a de defender o seguinte argumento central: o ser humano possui atitudes opostas em relação ao estrangeiro – de aceitação e de recusa.

Texto XXXII

1. D. Apesar de apresentar traços informativos, o objetivo do texto é alertar, prevenir o leitor quanto às lesões músculo-esqueléticas.

Texto XXXIII

1. C. O objetivo do texto é apresentar a filosofia budista contrapondo-a às outras religiões – característica do texto polêmico.

Texto XXXIV

1. B. O discurso preditivo é marcado pelos verbos no futuro do presente (" Provavelmente não se descobrirá ainda..."; " ... outras questões que hoje não são formuladas serão resolvidas"). Os trechos I e II não são preditivos, são informativos.

Texto XXXV

1. B. A intenção dos autores é nos ensinar a perceber a presença da arte em todos os detalhes da nossa vida. Além da intenção de

ensinar, pode-se perceber neste texto a presença de substantivos e adjetivos e o detalhamento nas caracterizações da presença da arte.

Texto XXXVI

1. C. Característica marcante dos textos descritivos é a presença de elementos que caracterizam uma realidade (substantivos e adjetivos). Quanto à letra A, vale observar que o 1º parágrafo não relata acontecimentos, descreve uma cena. O fato de o texto não ser dissertativo elimina as alternativas B e E. Quanto à letra D, não se pode falar em citação de informações, pois o trecho não é informativo.
2. C. Eis um exemplo de intertextualidade por alusão. O autor faz menção a outro autor em seu texto.

Texto XXXVII

1. C O texto deve ser classificado como dissertativo argumentativo. Seu objetivo é o de defender uma tese – a de que " todos estamos nos tornando, hoje, mais desconfiados do que no passado".
2. D. Como já vimos, o texto descritivo é marcado por uma forte presença de substantivos e adjetivos, pois seu objetivo é o de caracterizar, qualificar. Quanto às letras A, B e C, pode-se observar aí características de textos narrativos. A letra E apresenta perfil de texto dissertativo.

23.5. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

Leia o texto a seguir para responder à questão 1

Medo da eternidade

Jamais esquecerei o meu aflitivo e dramático contato com a eternidade.

Quando eu era muito pequena ainda não tinha provado chicles e mesmo em Recife falava-se pouco deles. Eu nem sabia bem de que espécie de bala ou bombom se tratava. Mesmo o dinheiro que eu tinha não dava para comprar: com o mesmo dinheiro eu lucraria não sei quantas balas.

Afinal minha irmã juntou dinheiro, comprou e ao sairmos de casa para a escola me explicou:

– Tome cuidado para não perder, porque esta bala nunca se acaba. Dura a vida inteira.

– Como não acaba? – Parei um instante na rua, perplexa.

– Não acaba nunca, e pronto.

Eu estava boba: parecia-me ter sido transportada para o reino de histórias de príncipes e fadas. Peguei a pequena pastilha cor-de-rosa que representava o elixir do longo prazer. Examinei-a, quase não podia acreditar no milagre. Eu que, como outras crianças, às vezes tirava da boca uma bala ainda inteira, para chupar depois, só para fazê-la durar mais. E eis-me com aquela coisa cor-de-rosa, de aparência tão inocente, tornando possível o mundo impossível do qual eu já começara a me dar conta.

Com delicadeza, terminei afinal pondo o chicle na boca.

– E agora que é que eu faço? – perguntei para não errar no ritual que certamente deveria haver.

– Agora chupe o chicle para ir gostando do docinho dele, e só depois que passar o gosto você começa a mastigar. E aí mastiga a vida inteira. A menos que você perca, eu já perdi vários. Perder a eternidade? Nunca.

O adocicado do chicle era bonzinho, não podia dizer que era ótimo. E, ainda perplexa, encaminhávamo--nos para a escola.

− Acabou-se o docinho. E agora?

− Agora mastigue para sempre.

Assustei-me, não saberia dizer por quê. Comecei a mastigar e em breve tinha na boca aquele puxa-puxa cinzento de borracha que não tinha gosto de nada. Mastigava, mastigava. Mas me sentia contrafeita. Na verdade eu não estava gostando do gosto. E a vantagem de ser bala eterna me enchia de uma espécie de medo, como se tem diante da ideia de eternidade ou de infinito.

Eu não quis confessar que não estava à altura da eternidade. Que só me dava era aflição. Enquanto isso, eu mastigava obedientemente, sem parar.

Até que não suportei mais, e, atravessando o portão da escola, dei um jeito de o chicle mastigado cair no chão de areia.

− Olha só o que me aconteceu! – disse eu em fingidos espanto e tristeza. Agora não posso mastigar mais! A bala acabou!

− Já lhe disse, repetiu minha irmã, que ela não acaba nunca. Mas a gente às vezes perde. Até de noite a gente pode ir mastigando, mas para não engolir no sono a gente prega o chicle na cama. Não fique triste, um dia lhe dou outro, e esse você não perderá.

Eu estava envergonhada diante da bondade de minha irmã, envergonhada da mentira que pregara dizendo que o chicle caíra da boca por acaso.

Mas aliviada. Sem o peso da eternidade sobre mim.

06 de junho de 1970

(LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo* – crônicas. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p.289-91)

1. (SEDU-ES – Professor B – FCC – Jan./2016)

Ainda que se saiba da liberdade com que Clarice Lispector lidava com esse gênero, pode-se assegurar que **Medo da eternidade** é uma **crônica** na medida em que se trata

a) de uma dissertação filosófica sobre uma questão fundamental da vida humana, ainda que a escritora acabe se valendo de sua experiência pessoal para ilustrar a tese que se dispõe a defender.

b) de uma visão subjetiva, pessoal, de um acontecimento do cotidiano imediato, muito embora vivenciado na infância, que acaba dando margem à reflexão sobre uma questão capaz de interessar a todos.

c) de um texto poético, mesmo que em prosa, em que os acontecimentos vividos no passado ganham uma tonalidade lírica e, em lugar de serem explicitamente narrados, são dados a conhecer de modo alusivo e sugestivo.

d) da rememoração de um episódio ocorrido na infância e que é narrado tal como foi vivido, sem deixar transparecer as crenças e convicções do adulto que rememora.

e) de um texto alegórico, em que a história narrada oculta um sentido que vai muito além dela, servindo apenas como veículo da expressão de ideias abstratas que os acontecimentos permitem concretizar.

Leia o texto a seguir para responder à questão 2.

A velhinha contrabandista

Todos os dias uma velhinha atravessava a ponte entre dois países, de bicicleta e carregando uma bolsa. E todos os dias era

revistada pelos guardas da fronteira, à procura de contrabando. Os guardas tinham certeza que a velhinha era contrabandista, mas revistavam a velhinha, revistavam a sua bolsa e nunca encontravam nada. Todos os dias a mesma coisa: nada. Até que um dia um dos guardas decidiu seguir a velhinha, para flagrá-la vendendo a muamba, ficar sabendo o que ela contrabandeava e, principalmente, como. E seguiu a velhinha até o seu próspero comércio de bicicletas e bolsas.

Como todas as fábulas, esta traz uma lição, só nos cabendo descobrir qual. Significa que quem se concentra no mal aparentemente disfarçado descuida do mal disfarçado de aparente, ou que muita atenção ao detalhe atrapalha a percepção do todo, ou que o hábito de só pensar o óbvio é a pior forma de distração.

(VERISSIMO, Luis Fernando. *O mundo é bárbaro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008, p. 41)

2. (Copergás/PE – Analista Administrador – FCC – Jul./2016)

Os dois parágrafos que compõem o texto constituem-se, respectivamente, de uma

a) tese exposta de modo categórico e sua demonstração factual.

b) narrativa de sentido intrigante e sua elucidação aberta em hipóteses.

c) narrativa de propósito moral e sua contestação no confronto com outro fato.

d) fábula de sentido enigmático e a busca inútil de seu esclarecimento.

e) fábula formulada como hipótese e a confirmação cabal de seu sentido.

Leia o texto a seguir para responder à questão 3.

Texto CB2A2BBB

O fenômeno da corrupção, em virtude de sua complexidade e de seu potencial danoso à sociedade, exige, além de uma atuação repressiva, também uma ação preventiva do Estado. Portanto, é preciso estimular a integridade no serviço público, para que seus agentes sempre atuem, de fato, em prol do interesse público.

Entende-se que a integridade pública representa o estado ou condição de um órgão ou entidade pública que está " completa, inteira, perfeita, sã", no sentido de uma atuação que seja imaculada ou sem desvios, conforme as normas e valores públicos.

De acordo com a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), a integridade é mais do que a ausência de corrupção, pois envolve aspectos positivos que, em última análise, influenciam os resultados da administração, e não apenas seus processos. Além disso, a OCDE compreende um sistema de integridade como um conjunto de arranjos institucionais, de gerenciamento, de controle e de regulamentações que visem à promoção da integridade e da transparência e à redução do risco de atitudes que violem os princípios éticos.

Nesse sentido, a gestão de integridade refere-se às atividades empreendidas para estimular e reforçar a integridade e também para prevenir a corrupção e outros desvios dentro de determinada organização.

Disponível em: <www.cgu.gov.br> (com adaptações).

3. (TCE-SC – Aud. Fiscal-Administ. – Cespe – Maio/2016)

Julgue o próximo item, relativo a aspectos linguísticos e às ideias do texto CB2A2BBB.

Nesse texto, de natureza informativo-argumentativa, busca-se convencer o leitor de que a integridade, como qualidade de órgãos e entidades públicas, contribui para que os agentes do serviço público atuem prevenindo a corrupção e em prol do interesse

público.

Leia o texto a seguir para responder à questão 4.

Texto IV

A metrópole de São Paulo vem se tornando mais heterogênea econômica, social e espacialmente e menos desigual quanto a renda, inserção no mercado de trabalho e condições de vida de seus habitantes, mesmo nas áreas mais precárias. A imagem emerge dos treze ensaios que compõem o livro **A Metrópole de São Paulo no Século XXI – Espaços, Heterogeneidades e Desigualdades**, os quais abordam temas específicos, a partir de um diagnóstico comum, para construir um panorama atual da região metropolitana. Tal retrato resulta das mudanças de diversas dimensões pelas quais a metrópole passou na última década, do perfil da pobreza às dinâmicas migratórias e ligadas ao crescimento demográfico, dos moldes de segregação social à produção habitacional e à mobilidade urbana.

A fisionomia da metrópole, central na economia do país, reflete a conjuntura de modo especial, segundo o organizador. Assim, tiveram impactos particulares na região metropolitana a redemocratização, na década de 80 do século XX (com a volta das eleições regulares e com a constituição de sistemas nacionais de políticas públicas), estabilização econômica, a abertura do mercado interno da década de 90 e o crescimento econômico vigoroso da primeira década do século XXI.

Disponível em: <www.fflch.usp.br> (com adaptações).

4. (Pref. SP – Agente Gestão P. Públicas – Cespe – Maio/2016)

O texto IV

a) é predominantemente narrativo, pois conta uma história cuja personagem central é a cidade de São Paulo.

b) é uma apresentação, pois introduz ao leitor textos fictícios ambientados na metrópole de São Paulo.

c) expressa uma opinião muito particular e pejorativa sobre a região metropolitana de São Paulo, não embasada em estudos ou fatos.

d) é predominantemente descritivo, pois descreve detalhadamente os espaços urbanos da capital paulista.

e) recupera e resume ideias de autores que analisaram a situação da metrópole de São Paulo.

Leia o texto a seguir para responder à questão 5.

Texto 1 – O futuro da medicina

O avanço da tecnologia afetou as bases de boa parte das profissões. As vítimas se contam às dezenas e incluem músicos, jornalistas, carteiros etc. Um ofício relativamente poupado até aqui é o de médico. Até aqui. A crer no médico e "geek" Eric Topol, autor de "The Patient Will See You Now" (o paciente vai vê-lo agora), está no forno uma revolução da qual os médicos não escaparão, mas que terá impactos positivos para os pacientes.

Para Topol, o futuro está nos *smartphones*. O autor nos coloca a par de incríveis tecnologias, já disponíveis ou muito próximas disso, que terão grande impacto sobre a medicina. Já é possível, por exemplo, fotografar pintas suspeitas e enviar as imagens a um algoritmo que as analisa e diz com mais precisão do que um dermatologista se a mancha é inofensiva ou se pode ser um câncer, o que exige medidas adicionais.

Está para chegar ao mercado um apetrecho que transforma o celular num verdadeiro laboratório de análises clínicas, realizando

mais de 50 exames a uma fração do custo atual. Também é possível, adquirindo lentes que custam centavos, transformar o *smartphone* num supermicroscópio que permite fazer diagnósticos ainda mais sofisticados.

Tudo isso aliado à democratização do conhecimento, diz Topol, fará com que as pessoas administrem mais sua própria saúde, recorrendo ao médico em menor número de ocasiões e de preferência por via eletrônica. É o momento, assegura o autor, de ampliar a autonomia do paciente e abandonar o paternalismo que desde Hipócrates assombra a medicina.

Concordando com as linhas gerais do pensamento de Topol, mas acho que, como todo entusiasta da tecnologia, ele provavelmente exagera. Acho improvável, por exemplo, que os hospitais caminhem para uma rápida extinção. Dando algum desconto para as previsões, " The Patient..." é uma excelente leitura para os interessados nas transformações da medicina.

Folha de S. Paulo online – Coluna Hélio Schwartsman – 17/01/2016.

5. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

" Para Topol, o futuro está nos *smartphones*. O autor nos coloca a par de incríveis tecnologias, já disponíveis ou muito próximas disso, que terão grande impacto sobre a medicina."

Segundo esse segmento do texto 1, pode-se inferir que o texto de Topol pertence ao seguinte modo de organização:

a) informativo;

b) histórico;

c) argumentativo;

d) instrucional;

e) injuntivo.

Leia os textos a seguir para responder à questão 6.

Texto I

Banhos de mar

Meu pai acreditava que todos os anos se devia fazer uma cura de banhos de mar. E nunca fui tão feliz quanto naquelas temporadas de banhos em Olinda, Recife.

Meu pai também acreditava que o banho de mar salutar era o tomado antes de o sol nascer. Como explicar o que eu sentia de presente prodigioso em sair de casa de madrugada e pegar o bonde vazio que nos levaria para Olinda ainda na escuridão?

De noite eu ia dormir, mas o coração se mantinha acordado, em expectativa. E de puro alvoroço, eu acordava às quatro e pouco da madrugada e despertava o resto da família. Nós nos vestíamos depressa e saíamos em jejum. Porque meu pai acreditava que assim devia ser: em jejum.

Saímos para uma rua toda escura, recebendo a brisa da pré-madrugada. E esperávamos o bonde. Até que lá de longe ouvíamos o seu barulho se aproximando. Eu me sentava bem na ponta do banco, e minha felicidade começava. Atravessar a cidade escura me dava algo que jamais tive de novo. No bonde mesmo o tempo começava a clarear, e uma luz trêmula de sol escondido nos banhava e banhava o mundo.

Eu olhava tudo: as poucas pessoas na rua, a passagem pelo campo com os bichos-de-pé: " Olhe, um porco de verdade!" gritei uma vez, e a frase de deslumbramento ficou sendo uma das brincadeiras da minha família, que de vez em quando me dizia rindo:

“ Olhe, um porco de verdade”.

Eu não sei da infância alheia. Mas essa viagem diária me tornava uma criança completa de alegria. E me serviu como promessa de felicidade para o futuro. Minha capacidade de ser feliz se revelava. Eu me agarrava, dentro de uma infância muito infeliz, a essa ilha encantada que era a viagem diária.

LISPECTOR, C. *A Descoberta do Mundo*. São Paulo: Rocco, 1999, p. 175. Adaptado.

Texto II

Festival reúne caravelas em barcos

Dizem que o passado não volta, mas a cada cinco anos boa parte da história marítima da Europa se reúne para navegar junto entre o Mar do Norte e o canal de Amsterdã. Caravelas e barcos a vapor do século passado se juntam a veleiros e lanchas contemporâneas que vêm de vários países para um dos maiores encontros náuticos gratuitos do mundo. Durante o Amsterdam Sail, entre os dias 19 e 23 de agosto, cerca de 600 embarcações celebram a arte de deslizar sobre as águas.

Desde 1975 o grande encontro aquático junta apaixonados pelo mar e curiosos às margens dos canais para ver barcos históricos e gente fazendo festa ao longo de cinco dias – na última edição, o público estimado foi de 1,7 milhão de pessoas. Há aulas de vela e de remo para adultos e crianças, além de atrações musicais. [...]

Você pode até achar que é coisa de criança, mas o jogo em que cada um leva o próprio balde e simula as tarefas a bordo de um navio é instrutivo e divertido para todas as idades.

MORTARA, F. *O Estado de S. Paulo, São Paulo*, 4 ago. 2015, Caderno D, p. 10. Adaptado.

6. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016)

Comparando-se o conteúdo e a tipologia do Texto I e do Texto II, tem-se que

a) há uma conexão temática entre os dois textos, já que ambos fazem menção ao mar.

b) ambos combinam o domínio literário com o domínio jornalístico.

c) predomina no Texto I a informatividade e no Texto II a narratividade.

d) é natural haver bondes e canais em textos que enaltecem as belezas do mar.

e) a infância é o tempo mais adequado para conhecer embarcações e tomar banhos de mar.

Leia o texto a seguir para responder à questão 7.

Entrevista com Frédéric Martel

Uma guerra mundial pelo conteúdo dos meios de comunicação se trava pela conquista do público dentro e fora dos países criadores. Batalhas se desenrolam pelo domínio da notícia, do formato de programas de TV e pela exibição de filmes, vídeos, música, livros. Nesse processo, um gigante domina: os Estados Unidos, com sua capacidade de produzir cultura de massas que agrada ao grande público em todos os continentes. Essa penetração cultural americana, que muitos críticos preferem chamar de imperialismo, leva os filmes, a música e a televisão americana para o mundo. Sua arma é o inverso da alta cultura, da contracultura, da subcultura, de nichos especializados. Visa o público em geral, cultura de massa, de milhões. Tornou-se a cultura internacional dominante, principal, a chamada *mainstream*, conforme o título do livro escrito pelo sociólogo francês Frédéric Martel. Para escrever *Mainstream*, ele percorreu 30 países durante cinco anos, entrevistou mais de 1.200 pessoas em

todas as capitais do *entertainment*, analisou a ação dos protagonistas, a lógica dos grupos e acompanhou a circulação internacional de conteúdo.

É um imperialismo diferente daquele político e militar. É uma espécie de imperialismo cultural que é bem recebido no mundo. A esse respeito, afirma Frédéric Martel: " É o que basicamente chamamos de *soft power*. *Soft power* significa influenciar as pessoas com coisas legais. Você é amigável, não é contundente. Você tem as forças armadas, tem a diplomacia tradicional e grandes empresas econômicas, que formam o *hard power*, e tem o *soft power*, que influencia as pessoas através de filmes, de livros, da internet e de valores".

" A língua é importante. Eu acredito – e essa é a principal conclusão do meu livro – que, no mundo em que estamos entrando, que reúne globalização e digitalização, a língua é importante. E eu acredito que a batalha, a luta, mesmo a guerra de conteúdo, será uma batalha a respeito da cultura nacional. Você pode ouvir Lady Gaga, gostar de *Avatar* e ler *O Código Da Vinci*, mas, no final das contas, a maior parte da cultura que você consome e ama geralmente é nacional, local, regional, e não global. A cultura global é apenas uma pequena parte do que você gosta. Então, no final das contas, os americanos são os únicos a poder prover essa cultura dominante global, mas essa cultura dominante global continua pequena.

Por quê? Porque a língua é muito importante, porque a identidade é muito importante. Quando você compra um livro de não ficção, quer saber o que acontece aqui, no seu país, e não na Coreia do Sul, por exemplo. Na Coreia do Sul você quer ouvir K-pop, que é a música pop coreana, e ver um drama coreano, e não ouvir uma música brasileira. Portanto, nós estamos em um mundo cada vez mais global, mas, ao mesmo tempo, a cultura ainda é e será muito nacional. Para resumir as coisas, eu diria que todos temos duas culturas: a nossa e a americana."

" Nós, como europeus, temos o mesmo tipo de relação que você, como brasileiro, tem com os EUA. Nós os amamos e odiamos. É uma complicada relação de amor e ódio. Nós esperamos que eles sejam como são; nós queremos criticá-los, mas, ao mesmo tempo, nós protestamos contra eles com tênis Nike nos pés. Nós trabalhamos para ser um pouco como eles, muito embora nós queiramos manter nossa identidade e cultura. E, a propósito, a boa notícia é que o debate no mundo hoje e no futuro não será entre nós – brasileiros, franceses, europeus – e os americanos. Será entre todos nós. O que eu quero dizer é que hoje não há apenas dois povos: nós e os EUA. O mundo é muito mais complicado, com países emergentes, que serão fundamentais nesse novo jogo."

" Para resumir, afirma Martel, eu diria que os EUA continuarão sendo peça importante da guerra de conteúdo, podemos dizer, nos próximos anos e décadas. Eu não acredito e não compro a ideia do declínio da cultura americana. Eu acho que eles são fortes e continuarão sendo fortes. Mas eles não são os únicos no jogo. Agora temos os países emergentes, que estão emergindo não só demográfica e economicamente, como pensávamos. E eu fui um dos primeiros a mostrar que eles estão emergindo com sua cultura, sua mídia e com a internet."

" Nesse mundo, a internet pode ser uma peça importante. O Brasil, por exemplo, vai crescer com a internet, com certeza. Criam-se ferramentas inovadoras de alfabetização, por exemplo, em comunidades, em favelas, em lugares onde os moradores não têm acesso a uma livraria ou biblioteca. Mas eles terão acesso à internet em *lan houses*, por exemplo, e mesmo no telefone. Hoje, todo mundo tem um telefone celular barato. Mesmo na África, todos têm celulares com funções básicas. Em cinco anos, todos terão um *smartphone*, pois os preços estão caindo muito. Assim, todos poderão acessar a internet pelo *smartphone*. Se você tem acesso à internet, pode baixar livros, acessar a rede, pode ver filmes e daí por diante."

" A questão não é se essa tecnologia é boa, conclui Martel. A questão é: ela não será boa ou ruim sozinha. Ela será o que você, o povo, o governo deste país e nós formos capazes de fazer com ela, criando uma boa internet e uma maneira melhor de ter acesso ao

conteúdo através da internet."

BOCCANERA, S. Entrevista concedida pelo sociólogo Frédéric Martel, Programa Milênio, Globo News. Disponível em: <http://www.conjur.com.br/2013-jan-25/ideias-milenio-frederic-martel-sociologo-jornalista-frances>. Acesso em: 10 nov. 2015. Adaptado.

7. (ANP – Téc. Reg. Petr&Der – Cesgranrio – Jan./2016)

Esse texto tem caráter argumentativo, porque o sociólogo entrevistado apresenta sua opinião a respeito da guerra mundial pelo conteúdo dos meios de comunicação.

Para defender a tese de que, apesar da globalização, as culturas nacionais vão sobreviver, ele utiliza como argumento a ideia de que

a) a maior parte da cultura que as pessoas consomem e com a qual se identificam geralmente é local, regional, e não global.

b) o imperialismo cultural, ao contrário do imperialismo político e militar, domina as pessoas sem que elas o percebam.

c) a penetração cultural americana tem origem na produção de cultura de massas que agrada ao grande público.

d) as pessoas criticam os americanos, mas, ao mesmo tempo, utilizam seus produtos, como o tênis Nike nos pés.

e) o mundo hoje é muito mais complicado, com países emergentes que serão fundamentais nas novas relações de poder.

Gabarito: 1. b; 2. b; 3. C; 4. e; 5. c; 6. a; 7. a.

24 ESTRUTURAÇÃO ARGUMENTATIVA

24.1. TEORIA RESUMIDA

Muitas provas de concursos públicos, além de buscarem do aluno seu conhecimento acerca da classificação dos textos, como narrativos, descritivos ou dissertativos, esperam que o candidato esteja apto a achar a tese de um texto dissertativo, resumir seus parágrafos, buscar uma assertiva que seja capaz de concluir tal texto, entre outros conceitos. Para isso, é preciso que o aluno domine as técnicas de estruturação argumentativa. Para esse tipo de questão, é preciso que você esteja apto a desvendar a estruturação de um texto dissertativo: achar sua tese, buscar em cada parágrafo o seu tópico frasal, entender como foram estruturados sua introdução, desenvolvimento e conclusão. Enfim, agregar conhecimentos que ajudarão você inclusive a redigir melhor, pois, ao observar os textos das provas, será possível entender as técnicas que se utilizam em produção textual. **Redigir é ato que deriva da leitura.**

Nosso próximo passo é ensinar você a desvendar as artimanhas de um texto dissertativo, que é a modalidade que mais aparece nas provas de concursos públicos. A partir daí, você estará apto a resolver questões que são as *preferidas* de bancas como Cespe, Esaf e FCC. Vamos lá?

Compreender um texto é muito mais que juntar palavras, frases. É depreender da leitura seu sentido maior, ultrapassando sua superfície. Uma boa maneira de interpretar um texto é buscar nele suas principais ideias, observando como foram estruturadas na argumentação.

Inicialmente, deparamo-nos com o **TEMA** sobre o qual repousa a discussão do texto. Caracteriza-se, portanto, por ser o assunto, o motivo da argumentação. Eis aí a diferença entre tema e tese. **A TESE** caracteriza-se por ser a tomada de posição do autor em relação ao tema e aparece, em um texto padrão, no 1º parágrafo. Será ela não só a ideia central do 1º parágrafo, ou **INTRODUÇÃO**, mas do texto em sua totalidade, o qual terá como compromisso desenvolver argumentos que a comprovem.

Nos parágrafos seguintes – que estruturarão o **DESENVOLVIMENTO** –, observa-se a presença dos **TÓPICOS FRASAIS**, que são os argumentos centrais de cada parágrafo. Serão eles desenvolvidos das mais variadas formas: apresentação de relações de causa e efeito, utilização de exemplos, comparações, analogias, dados estatísticos, testemunhos de autoridade etc.

Por fim, o último parágrafo, ou **CONCLUSÃO**, surge no texto representando a retomada da tese. É neste momento que, em geral, o autor externa suas opiniões, críticas, ou ainda sugestões sobre a discussão desenvolvida em sua dissertação, finalizando-se, assim, o ciclo textual.

Texto comentado

QUALIDADE DE VIDA

Estudo de uma tipologia textual – Educação/UFRJ

É de conhecimento geral que a qualidade de vida nas regiões rurais é, em alguns aspectos, superior à da zona urbana1, porque no campo inexiste a agitação das grandes metrópoles2, há maiores possibilidades de

se obterem alimentos adequados3 e, além do mais, as pessoas dispõem de maior tempo para estabelecer relações humanas mais profundas e duradouras4.

Ninguém desconhece que o ritmo de trabalho de uma metrópole é intenso5. O espírito de concorrência, a busca de se obter uma melhor qualificação profissional, enfim, a conquista de novos espaços lança o ambiente urbano em meio a um turbilhão de constantes solicitações. Esse ritmo excessivamente intenso torna a vida bastante agitada, ao contrário do que se poderia dizer sobre os moradores da zona rural.

Por outro lado, nas áreas campestres há maior qualidade de alimentos saudáveis6. Em contrapartida, o homem da cidade costuma receber gêneros alimentícios colhidos antes do tempo de maturação, para garantir maior durabilidade durante o período de transporte e comercialização.

Ainda convém lembrar a maneira como as pessoas se relacionam nas zonas rurais7. Ela difere da convivência habitual estabelecida pelos habitantes metropolitanos. Os moradores das grandes cidades, pelos fatos já expostos, de pouco tempo dispõem para alimentar relações humanas mais profundas.

Por isso tudo, entendemos que a zona rural proporciona a seus habitantes maiores possibilidades de viver com tranquilidade8. Só nos resta esperar que as dificuldades que afligem os habitantes metropolitanos não venham a se agravar com o passar do tempo9.

24.1.1. O parágrafo argumentativo

Segundo Othon M. Garcia, "o parágrafo é uma unidade de composição constituída por um ou mais de um período, em que se desenvolve determinada ideia central, ou nuclear, a que se agregam outras, secundárias, intimamente relacionadas pelo sentido e logicamente decorrente dela". O parágrafo seria, portanto, uma espécie de minitexto em que se poderia destacar – exatamente como se faz no texto argumentativo padrão – ao menos dois momentos: introdução (apresentação do argumento) e desenvolvimento (fundamentação do argumento), sendo a conclusão, portanto, facultativa.

Conhecer o parágrafo padrão seria fundamental ao leitor, já que diante de um texto curto – de apenas um parágrafo – poder-se-ia analisá-lo como um texto argumentativo padrão. E na hipótese de o aluno estar diante de um texto composto de mais de um parágrafo, analisar cada um separadamente lhe garantiria o método necessário para a intelecção do que está escrito.

24.1.2. O tópico frasal

Inicialmente, vale lembrar que **tópico frasal** é a ideia ou argumento central do parágrafo, apresentada de forma genérica. É a ideia-chave, a síntese do pensamento, a essência do parágrafo. Tudo que se afirma no parágrafo girará, portanto, em torno da fundamentação do tópico frasal.

No texto padrão, o tópico frasal inicia o parágrafo e na sequência vem a sua fundamentação. Esse é o método dedutivo de raciocínio, em que o autor parte da generalização para o seu detalhamento (GERAL → ESPECÍFICO).

Ex.: Conclui-se, sem esforço e sem exagero, que, **no Brasil, registram-se duas grandes falhas**: a) há um excesso na importação de produtos culturais; b) falta discernimento na escolha, havendo uma preferência, da parte dos empresários e, em consequência, da parte do consumidor – na TV, nos livros, na música – por coisas de nível inferior, pelo lixo cultural da época.

Pode também o parágrafo apresentar seu argumento principal no início ou no fim da argumentação. Aqui, o autor parte das definições, exemplos, comparações, dados estatísticos, para, na sequência, apresentar o tópico frasal. São parágrafos menos comuns, pautados no método indutivo de raciocínio (ESPECÍFICO → GERAL).

Ex.: Pesquisa da CNTE (Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação), realizada em 2003, mostrou que 51,1% dos professores em atividade estavam na faixa dos 40 aos 59 anos, e 38,4% tinham entre 25 e 39 anos. Só 2,9% se encontravam na categoria entre 19 e 24 anos. A pergunta inescapável é: **quem vai substituir os atuais mestres à medida que eles forem se aposentando?**

Além disso, o tópico frasal pode não ser explicitado claramente no texto. Ele pode estar diluído ao longo da argumentação, cabendo ao leitor juntar-lhe os segmentos e dar-lhe forma.

Ex.: As estimativas variam, mas podemos arriscar que há 50 milhões de brasileiros **abaixo da linha da pobreza**, cerca de 21,3 milhões de indigentes (com renda abaixo de R$ 60,00 por mês). Quarenta e cinco por cento deles são menores de 16 anos. E mais de 3 milhões de crianças até 6 anos não contam com alimentação adequada. Trinta e três por cento dos pobres das regiões urbanas têm até quatro anos de idade.

Nesse exemplo, o objetivo do parágrafo era criticar a situação de pobreza em que vive grande parte dos brasileiros. Os dados estatísticos apresentados seriam, portanto, capazes de induzir o leitor a compreender tal mensagem.

24.1.3. A estruturação do parágrafo argumentativo

De modo geral, o parágrafo de dissertação deve ser uma unidade completa de informação, sendo, portanto, constituído de:

1. uma ideia-núcleo (ou tópico frasal) – em geral apresentada no início do parágrafo;
2. desenvolvimento dessa ideia, que é então devidamente especificada, fundamentada, justificada logo a seguir;
3. conclusão, a qual se caracteriza por ser facultativa, representada, em geral, pela retomada do tópico frasal ou a apresentação da ideia-núcleo do parágrafo seguinte.

Ex.: "O governo federal foca seus esforços no aumento das exportações brasileiras e na direção certa, mas há um alvo maior e possível: a América do Sul. **(1)** Há uma agenda aguardando definição e atos, particularmente no que diz respeito aos juros. Espera-se também uma maior disponibilidade de recursos nos programas de fomento às exportações; uma reforma tributária, que é urgente e um aperfeiçoamento da legislação trabalhista. (...) **(2)** Esse conjunto de fatores – enquanto não definidos ou implementados – é que torna as empresas brasileiras vulneráveis no jogo do comércio internacional. Mas a questão da América do Sul merece uma análise especial.**(3)**"

24.1.4. Análise da estruturação do parágrafo

(1) Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal:

O governo federal foca seus esforços no aumento das exportações brasileiras e na direção certa, mas há uma agenda aguardando definições e atos,

(2) Desenvolvimento do parágrafo enumeração de detalhes:

(...) particularmente no que diz respeito aos juros – que precisam ser reduzidos a patamares compatíveis com os praticados nos lugares do mundo onde nossos concorrentes se financiam. Espera-se também uma maior disponibilidade de recursos nos programas de fomento às exportações; uma reforma tributária, que é urgente; um aperfeiçoamento da legislação trabalhista e uma ampliação e melhoria da infraestrutura nacional, principalmente no setor de transportes.

(3) Conclusão do parágrafo com reafirmação do tópico frasal e apresentação de consequências:

Esse conjunto de fatores – enquanto não definidos e implementados – é que torna as empresas brasileiras vulneráveis no jogo do comércio internacional.

24.1.5. Como expandir o parágrafo

Desenvolver o parágrafo significa expandir sua ideia-núcleo, de modo a torná-lo claro e bem fundamentado. Tal fundamentação pode ocorrer por diversos critérios, lembrando que, em um único parágrafo, o autor pode utilizar mais de um artifício na busca da maneira mais convincente de se expressar.

A seguir, observaremos algumas formas de se desenvolver o tópico frasal (a ideia-núcleo).

1. Enumeração ou descrição de detalhes

Neste caso, a ideia-núcleo é especificada por meio de detalhes, pormenores. Estabelece-se, portanto, uma explanação da ideia-núcleo, que é então desenvolvida, de modo a aprofundar a discussão iniciada pelo tópico frasal.

Ex.: Quem caminha pelos mais de 70 quilômetros de praia da Ilha Comprida, no litoral sul de São Paulo, pode perceber uma paisagem peculiar **(tópico frasal).** Em meio às dunas da restinga, onde deveria existir apenas vegetação rasteira, grandes pinheiros brotam por toda parte. A sombra das árvores é um bem-vindo refresco para os moradores da região, mas a verdade ecológica é que elas não deveriam estar ali – assim como os pombos não deveriam estar nas praças das cidades, nem as tilápias nas águas dos rios, nem o mosquito da dengue picando pessoas dentro de casa ou as moscas varejeiras rondando raspas de frutas nas feiras.

2. Estabelecimento de comparação (paralelo e contraste)

É o estabelecimento de um contraste (que enfoca as diferenças) ou um paralelo (que destaca as semelhanças) entre ideias, seres, fatos etc.

Ex.: Mas os saberes científicos têm uma característica inescapável: os enunciados que produzem são necessariamente provisórios, estão sempre sujeitos à superação e à renovação **(tópico frasal)**. Outros exercícios do espírito humano, como a cogitação filosófica, a inspiração poética ou a exaltação mística

poderão talvez aspirar a pronunciar verdades últimas; as ciências só podem pretender formular verdades transitórias, sempre inacabadas.

3. Apresentação de causas e/ou consequências

Aqui, ou o tópico frasal é a causa e seu desenvolvimento expõe suas consequências, ou será ele a consequência e o restante do parágrafo desenvolverá suas causas.

Ex.: A educação é uma função tão natural e universal da comunidade humana que, pela própria evidência, **(tópico frasal)** leva muito tempo a atingir a plena consciência daqueles que a recebem e praticam, sendo, por isso, relativamente tardio o seu primeiro vestígio na tradição literária **(consequências)**.

4. Apresentação de explicação ou esclarecimento

Neste caso, elucida-se o tópico frasal, quando este apresenta certa obscuridade, uma necessidade de maior clareza.

Ex.: As discussões sobre a liberdade assentam necessariamente e em princípio na negação de suas próprias bases possibilitadoras **(tópico frasal)**. Quero dizer que o único pressuposto histórico viável para que se possa instaurar a inteireza do entendimento da questão está na ausência de liberdade.

5. Utilização de exemplos

Os exemplos caracterizam-se como uma maneira bem elucidativa de concretizar o que há de abstrato no tópico frasal. Seguindo esse critério, o parágrafo se desenvolve por meio da ilustração da ideia-núcleo, constituindo-se em uma das formas mais simples de se demonstrar aquilo que se afirma.

Ex.: Dependendo das circunstâncias, as espécies invasoras podem ser meras "imigrantes" inofensivas ou invasoras altamente nocivas **(tópico frasal).** Dentro do sistema produtivo, por exemplo, o búfalo e o pinus são apenas espécies exóticas. Quando escapam para a natureza, entretanto, muitas vezes tornam-se organismos nocivos aos ecossistemas "naturais".

6. Divisão ou explanação das ideias em cadeia

Nesse tipo de fundamentação de tópico frasal, o autor divide sua ideia inicialmente apresentada em duas ou mais partes, e, na sequência, as explana, cada uma a seu momento. Essa explanação em cadeia pode durar o parágrafo inteiro ou pode avançar ao longo do texto, dependendo da dimensão da discussão.

Ex.: As cidades em processo rápido de crescimento no Brasil indicam pelo menos três modalidades de crescimento dos organismos urbanos **(tópico frasal)**: <u>um crescimento horizontal</u> por partilha de espaços de antigas chácaras ou glebas congeladas para especulação, de dinâmica similar a uma mancha de óleo em expansão; <u>um crescimento vertical</u>, à custa de edifícios de muitos andares, aproveitando as facilidades aparentes dos espaços centrais e subcentrais das cidades de porte médio, acumulando funções residenciais em uma área de permanência duvidosa para tais funções; e, por fim, <u>mecanismo de maior gravidade</u>, a partilha de glebas situadas em posições descontínuas, a quilômetros de distância da área central, inicialmente semi-isoladas no

meio de sítios e fazendas, os quais, por sua vez, são espaços potenciais para loteamentos ulteriores e instalações de unidades industriais, com eliminação quase total das funções agrárias que responderam pelo crescimento e a riqueza iniciais da própria cidade.

Para se ter uma ideia da importância que o tópico frasal possui em relação a tudo que se enuncia no restante do parágrafo, observemos um dos sermões de Padre Antônio Vieira:

(...) O sermão há de ser duma só cor, há de ter um só objeto, um só assunto, uma só matéria.

Há de tomar o pregador uma só matéria, há de defini-la para que se conheça, há de dividi-la para que se distinga, há de prová-la com a Escritura, há de declará-la com a razão, há de confirmá-la com o exemplo, há de amplificá-la com as causas, com os efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências que se hão de seguir, com os inconvenientes que se há de evitar, há de responder às dúvidas, há de satisfazer às dificuldades, há de impugnar e refutar com toda a força da eloquência os argumentos contrários, e depois disto há de colher, há de apertar, há de concluir, há de persuadir, há de acabar. Isto é sermão, isto é pregar, e o que não é isto, é falar de mais alto. Não nego nem quero dizer que o sermão não haja de ter variedade de discursos, mas esses hão de nascer todos da mesma matéria, e continuar e acabar nela.

(Sermão da Sexagésima. In: Os sermões. São Paulo, Difel, 1968. VI, p. 99.)

Ter uma só cor, um só objeto significa abordar a mesma ideia, ter um argumento como central, que em geral se apresenta no início do parágrafo. Posteriormente a essa introdução vem a fase do desenvolvimento em que o autor utiliza artifícios para comprovar seu argumento: definições ("há de defini-la para que se distinga"), testemunhos de autoridade ("há de prová-la com a Escritura"), explicações e esclarecimentos ("há de declará-la com a razão"), utilização de exemplos ("há de confirmá-la com o exemplo"), apresentação de causas ou efeito e outras relações semânticas – finalidade, tempo, concessão, condição. Por fim, surge a conclusão, em que o autor retoma o argumento que iniciou o parágrafo, optando ou não por acrescentar seu juízo de valor ("e depois disto há de colher, há de apertar, há de concluir, há de persuadir").

Conhecer a estruturação de um texto argumentativo constitui, portanto, uma forma de o aluno ir além da estrutura superficial do texto, compreendendo-o de fato. Com isso, o tempo de resolução de prova também diminui, pois o candidato não precisaria reler todo o texto a cada questão objetiva.

A seguir, as etapas de intelecção de um texto de prova aqui propostas:

1. Ler o texto do início ao fim para saber do que se trata.
2. Ir às questões objetivas, procurando resolver primeiramente aquelas que se refiram exclusivamente à gramática.
3. Voltar ao texto, sublinhando suas principais ideias – tese, argumentos.
4. Evidenciar as relações entre as ideias no texto – vincular por meio de setas cada exemplo, testemunho de autoridade, comparação etc. ao seu tópico frasal.

5. Voltar às questões da prova, agora com as ideias do texto já relacionadas entre si, podendo recorrer a elas com mais rapidez.

Bem, hora de treinar... Vamos verificar se você já consegue analisar os parágrafos, desvendando a forma como foram estruturados na argumentação. Assim, você não só aprenderá a ler os textos dissertativos com mais técnica, como também já estará se preparando para fazer redações. Aproveite os comentários!

24.2. EXEMPLOS COMENTADOS

Os trechos a seguir foram retirados de textos concursos públicos. Constitui cada qual uma única linha de raciocínio que apresenta as frases organizadas em torno de um tópico frasal, voltadas para um único fim: desenvolver ou retomar a ideia-núcleo, aumentando-lhe a compreensão.

Desta forma, destaque suas **ideias-núcleo**, indicando o seu **desenvolvimento** e, caso haja, sua **conclusão**. Analise também a(s) forma(s) como foram desenvolvidos os tópicos frasais ao longo dos parágrafos.

1. Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos. Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitar e dar afeto.

   Comentários:

   Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana". Desenvolvimento do parágrafo com enumeração de exemplos: "Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos". Conclusão do parágrafo com retomada do tópico frasal e acréscimo de consequências: "Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitar e dar afeto".

2. No início deste período, o homem inventou a escrita, graças à qual os conhecimentos venceram o tempo e o espaço. Venceram o tempo, pois, as experiências acumuladas puderam, sob a forma escrita, ser transmitidas com precisão às gerações seguintes. Venceram o espaço, pois os conhecimentos passaram a ser transportados de um lugar para o outro em papiros, papéis e demais materiais desenvolvidos para a fixação da escrita. Com o registro e com a circulação da informação, o homem se beneficiou de um crescente repertório de experiências, as quais lhe permitiram inventar mais, e mais facilmente.

   Comentários:

   Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "No início deste período, o homem inventou a

escrita, graças à qual os conhecimentos venceram o tempo e o espaço". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de explicações: "Venceram o tempo, pois, as experiências acumuladas puderam, sob a forma escrita, ser transmitidas com precisão às gerações seguintes. Venceram o espaço, pois os conhecimentos passaram a ser transportados de um lugar para o outro em papiros, papéis e demais materiais desenvolvidos para a fixação da escrita". Conclusão do parágrafo com retomada do tópico frasal e acréscimo de consequências: "Com o registro e com a circulação da informação, o homem se beneficiou de um crescente repertório de experiências, as quais lhe permitiram inventar mais, e mais facilmente".

3. Algumas pessoas refugiam-se nas drogas na tentativa de esquecer seus problemas. Em função disso, acabam tornando-se dependentes dos psicotrópicos dos quais se utilizam e, na maioria das vezes, transformam-se em pessoas inúteis para si mesmas e para a comunidade.

   Comentários:

   Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Algumas pessoas refugiam-se nas drogas na tentativa de esquecer seus problemas". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação consequências: "Em função disso, acabam tornando-se dependentes dos psicotrópicos dos quais se utilizam e, na maioria das vezes, transformam-se em pessoas inúteis para si mesmas e para a comunidade". Parágrafo sem conclusão.

4. Só o esforço conjunto de toda a nação brasileira conseguirá vencer os gravíssimos problemas econômicos, por todos há muito conhecidos. Quaisquer medidas econômicas, por si sós, não são capazes de alterar a realidade, se as autoridades que as elaboram não contarem com o apoio da opinião pública, em meio a uma comunidade de cidadãos conscientes.

   Comentários:

   Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Só o esforço conjunto de toda a nação brasileira conseguirá vencer os gravíssimos problemas econômicos, por todos há muito conhecidos". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento: "Quaisquer medidas econômicas, por si sós, não são capazes de alterar a realidade, se as autoridades que as elaboram não contarem com o apoio da opinião pública, em meio a uma comunidade de cidadãos conscientes". Parágrafo sem conclusão.

5. Liderança é um aspecto da personalidade, uma característica que alguns indivíduos têm e outros não. Por definição, bons líderes são pessoas diferentes da média. Eles têm mais determinação do que outros. Sua presença é tão marcante que ficam na memória das pessoas. Por isso, liderança não é para qualquer um, é um dom.

   Comentários:

   Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Liderança é um aspecto da personalidade, uma característica que alguns indivíduos têm e outros não". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de definição/esclarecimento: "Por definição, bons líderes são pessoas diferentes da média. Eles têm mais

determinação do que outros. Sua presença é tão marcante que ficam na memória das pessoas". Conclusão do parágrafo com retomada do tópico frasal: "Por isso, liderança não é para qualquer um, é um dom".

6. Há muitos tipos de líder, e gosto de destacar três. A primeira categoria é dos líderes que marcam diferença por serem grande estrategistas, objetivos e com visão de futuro. O legado deles é o método. O segundo tipo tem forte poder intelectual, mergulha com intensidade nas questões teóricas, disseca e diagnostica problemas como ninguém. São líderes que deixam ideias originais, com marca própria. E um terceiro tipo chamo de líderes inspiradores. Eles entendem as demandas do povo, suas paixões, conseguem entender emocionalmente as pessoas. Os maiores líderes da história têm força porque reúnem método, intelecto e habilidade de tocar nos sentimentos de seus liderados.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Há muitos tipos de líder, e gosto de destacar três". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de enumeração de detalhes: "A primeira categoria é dos líderes que marcam diferença por serem grande estrategistas, objetivos e com visão de futuro. O legado deles é o método. O segundo tipo tem forte poder intelectual, mergulha com intensidade nas questões teóricas, disseca e diagnostica problemas como ninguém. São líderes que deixam ideias originais, com marca própria. E um terceiro tipo chamo de líderes inspiradores. Eles entendem as demandas do povo, suas paixões, conseguem entender emocionalmente as pessoas". Conclusão do parágrafo com retomada do tópico frasal e acréscimo de opinião do autor: "Os maiores líderes da história têm força porque reúnem método, intelecto e habilidade de tocar nos sentimentos de seus liderados".

7. O homem hoje em dia desenvolveu para tudo que costumava fazer com o próprio corpo, extensões ou prolongamentos desse mesmo corpo. A evolução de suas armas começa pelos dentes e punhos e termina com a bomba atômica. Indumentária e casas são extensões dos mecanismos biológicos de controle da temperatura do corpo. A mobília substitui o acocorar-se e sentar-se no chão. Instrumentos mecânicos, lentes, televisão, telefones e livros que levam a voz através do tempo e do espaço constituem exemplos de extensões materiais. Dinheiro é meio de estender os benefícios e de armazenar trabalho. Nosso sistema de transporte faz agora o que costumávamos fazer com os pés e as costas. De fato, podemos tratar de todas as coisas materiais feitas pelo homem como extensões ou prolongamentos do que ele fazia com o corpo ou com alguma parte especializada do corpo.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "O homem hoje em dia desenvolveu para tudo que costumava fazer com o próprio corpo, extensões ou prolongamentos desse mesmo corpo". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de exemplos: "A evolução de suas armas começa pelos dentes e punhos e termina com a bomba atômica. Indumentária e casas são extensões dos mecanismos biológicos de controle da temperatura do corpo. A mobília substitui o acocorar-se e sentar-se no chão. Instrumentos mecânicos, lentes,

televisão, telefones e livros que levam a voz através do tempo e do espaço constituem exemplos de extensões materiais. Dinheiro é meio de estender os benefícios e de armazenar trabalho. Nosso sistema de transporte faz agora o que costumávamos fazer com os pés e as costas". Conclusão do parágrafo com reafirmação do tópico frasal: "De fato, podemos tratar de todas as coisas materiais feitas pelo homem como extensões ou prolongamentos do que ele fazia com o corpo ou com alguma parte especializada do corpo".

8. Existe uma grande diferença entre a entrevista e a conversa informal entre duas pessoas. É necessário saber distinguir quando o diálogo informal é uma introdução e quando ela perde as características, acabando por se transformar numa palestra inconsistente, tomando tempo e prejudicando o processamento da entrevista propriamente dita.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Existe uma grande diferença entre a entrevista e a conversa informal entre duas pessoas". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento: "É necessário saber distinguir quando o diálogo informal é uma introdução e quando ela perde as características". Conclusão do parágrafo com apresentação de consequências: "acabando por se transformar numa palestra inconsistente, tomando tempo e prejudicando o processamento da entrevista propriamente dita".

9. Estudo do Pacific Institute of Oakland, na Califórnia, prevê que 76 milhões de pessoas morrerão de doenças relacionadas à água até 2020. As crianças serão as mais afetadas por males causados pelo uso e ingestão de água contaminada. No mesmo período, serão registrados 65 milhões de casos fatais em consequência da Aids em todo o mundo.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Estudo do Pacific Institute of Oakland, na Califórnia, prevê que 76 milhões de pessoas morrerão de doenças relacionadas à água até 2020". Desenvolvimento do parágrafo com enumeração de detalhes e estabelecimento de comparação: "As crianças serão as mais afetadas por males causados pelo uso e ingestão de água contaminada. No mesmo período, serão registrados 65 milhões de casos fatais em consequência da Aids em todo o mundo". Parágrafo sem conclusão.

10. O Estatuto do Desarmamento, aprovado no fim do ano, e ainda em fase de regulamentação, surgiu por uma questão de sobrevivência. O contexto que deflagrou o movimento político pelo endurecimento da legislação sobre armas é no mínimo dramático. Em 20 anos, de 1980 a 2000, conforme estudo do IBGE, 600 mil brasileiros foram assassinados, uma média de 30 mil por ano.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "O Estatuto do Desarmamento, aprovado no fim do ano, e ainda em fase de regulamentação, surgiu por uma questão de sobrevivência". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento e dados estatísticos: "O contexto que deflagrou o movimento

político pelo endurecimento da legislação sobre armas é no mínimo dramático. Em 20 anos, de 1980 a 2000, conforme estudo do IBGE, 600 mil brasileiros foram assassinados, uma média de 30 mil por ano". Parágrafo sem conclusão.

11. O resultado foi a banalização do uso e do porte de armas e, como consequência, milhares de tragédias no cotidiano. Essa banalização impulsionou as estatísticas sobre violência: o número de homicídios, nesse período de vinte anos, aumentou 130%. E pior: a grande maioria das vítimas tem sido de jovens de 15 a 24 anos. Assim, famílias se desestabilizam e o futuro é cortado pela raiz.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "O resultado foi a banalização do uso e do porte de armas e, como consequência, milhares de tragédias no cotidiano". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de dados estatísticos: "O resultado foi a banalização do uso e do porte de armas e, como consequência, milhares de tragédias no cotidiano". Conclusão do parágrafo com apresentação de consequências: "Assim, famílias se desestabilizam e o futuro é cortado pela raiz".

12. Inúmeras hordas "primitivas" se encontram, ainda hoje, nesse "grau zero" – se assim podemos dizer – quanto ao conhecimento dos números. É, por exemplo, o caso dos zulus e dos pigmeus, da África, dos aranda e dos kamilarai, da Austrália, dos aborígenes das Ilhas Murray e dos botocudos, do Brasil. "Um", "dois" e... "muitos" constituem as únicas grandezas numéricas desses indígenas que ainda vivem na Idade da Pedra.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Inúmeras hordas 'primitivas' se encontram, ainda hoje, nesse 'grau zero' – se assim podemos dizer – quanto ao conhecimento dos números". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de exemplos: "É, por exemplo, o caso dos zulus e dos pigmeus, da África, dos aranda e dos kamilarai, da Austrália, dos aborígenes das Ilhas Murray e dos botocudos, do Brasil". Conclusão do parágrafo com correlação entre o exemplo fornecido e o tópico frasal: "'Um', 'dois' e... 'muitos' constituem as únicas grandezas numéricas desses indígenas que ainda vivem na Idade da Pedra".

13. Pois bem. Observemos como se transformou a vida humana. Em 99% desses 500 mil anos, alterou-se relativamente pouco. O homem aprendeu a fazer algumas ferramentas e armas com paus e pedras, a pintar na parede das cavernas e a plantar e colher. A partir de um grito primordial, conseguiu ainda desenvolver a fala, graças à qual pôde conversar, exprimir sentimentos e melhor compartilhar experiências com os membros do grupo. De qualquer modo, foi ainda bem pouco para quase cinco centenas de milhares de anos.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Pois bem. Observemos como se transformou a vida humana". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de exemplos, bem como relação de causa e efeito: "O homem aprendeu a fazer algumas ferramentas e armas com paus e pedras, a pintar na parede das cavernas e a

plantar e colher. A partir de um grito primordial, conseguiu ainda desenvolver a fala, graças à qual pôde conversar, exprimir sentimentos e melhor compartilhar experiências com os membros do grupo". Conclusão do parágrafo com reafirmação do tópico

14. A favor da mesma tese, poderíamos dizer que, muitas vezes, a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público. Inúmeros esforços publicitários não resultam em nada. Continuemos no campo das substancias ilícitas. Existem insistentes campanhas antidrogas nos meios de comunicação, algumas um tanto soporíferas, outras mais terroristas, e todas fracassam. Moral da história? Nem que seja para consumir produtos químicos ilegais, ainda somos minimamente livres diante do poder da mídia. Temos alguma autonomia para formar nossas decisões.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "A favor da mesma tese, poderíamos dizer que, muitas vezes, a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento e exemplos: "Inúmeros esforços publicitários não resultam em nada. Continuemos no campo das substancias ilícitas. Existem insistentes campanhas antidrogas nos meios de comunicação, algumas um tanto soporíferas, outras mais terroristas, e todas fracassam". Conclusão do parágrafo com correlação entre o exemplo fornecido e o tópico frasal: "Moral da história? Nem que seja para consumir produtos químicos ilegais, ainda somos minimamente livres diante do poder da mídia. Temos alguma autonomia para formar nossas decisões".

15. O terceiro e o quarto objetivos fundamentais, previstos no artigo 3º, são projetos de um sonho estratosférico. Erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir desigualdades sociais e regionais é trabalho para séculos. Não há nação do mundo sem faixas de miserabilidades – nem as mais ricas. A promoção do bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação carece de remédio forte, como criminalização das condutas contrárias. Sem a ameaça grave de sanções, a cobra raivosa do preconceito continuará agindo no coração de muitas pessoas.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "O terceiro e o quarto objetivos fundamentais, previstos no artigo 3º, são projetos de um sonho estratosférico". Desenvolvimento do parágrafo por esclarecimento: 3º objetivo – "Erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir desigualdades sociais e regionais é trabalho para séculos. Não há nação do mundo sem faixas de miserabilidades – nem as mais ricas". 4º objetivo – "A promoção do bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação carece de remédio forte, como criminalização das condutas contrárias. Sem a ameaça grave de sanções, a cobra raivosa do preconceito continuará agindo no coração de muitas pessoas". Parágrafo sem conclusão.

16. No outro extremo, o estrangeiro provoca a nossa desconfiança, às vezes o nosso medo. Nem sempre entendemos os seus gestos e certamente não compreendemos a sua língua. Ele não se veste como nós, a sua fisionomia pode ser diferente da nossa e não adora nossos deuses. Entre os primitivos, o estrangeiro passava por uma complexa cerimônia, destinada a afastar os malefícios que trouxesse de seus demônios; ao voltar de uma viagem, as pessoas deveriam permanecer isoladas por algum tempo, até que delas se afastassem os demônios estranhos, acaso encontrados pelos caminhos.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "No outro extremo, o estrangeiro provoca a nossa desconfiança, às vezes o nosso medo". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento e exemplos: "Nem sempre entendemos os seus gestos e certamente não compreendemos a sua língua. Ele não se veste como nós, a sua fisionomia pode ser diferente da nossa e não adora nossos deuses. Entre os primitivos, o estrangeiro passava por uma complexa cerimônia, destinada a afastar os malefícios que trouxesse de seus demônios; ao voltar de uma viagem, as pessoas deveriam permanecer isoladas por algum tempo, até que delas se afastassem os demônios estranhos, acaso encontrados pelos caminhos". Parágrafo sem conclusão.

17. Vários fatores criaram o espaço social necessário para transformar certo número de pessoas associadas a certas práticas sociais em leitores: o individualismo da sociedade burguesa, a visão de mundo antropocêntrica estimulada pela Renascença e difundida pela filosofia humanista, o progresso tecnológico que facultou o desenvolvimento da imprensa, a expansão da escola e do pensamento pedagógico apoiado na alfabetização, o fortalecimento de instituições culturais como as universidades, as bibliotecas e as academias de escritores.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Vários fatores criaram o espaço social necessário para transformar certo número de pessoas associadas a certas práticas sociais em leitores". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de exemplos: "o individualismo da sociedade burguesa, a visão de mundo antropocêntrica estimulada pela Renascença e difundida pela filosofia humanista, o progresso tecnológico que facultou o desenvolvimento da imprensa, a expansão da escola e do pensamento pedagógico apoiado na alfabetização, o fortalecimento de instituições culturais como as universidades, as bibliotecas e as academias de escritores".

18. Disso resultaram duas noções: de um lado, a noção de público, massa coletiva e anônima que, não obstante o anonimato, pode ter vontade própria e direção definida, incidindo em linhas de ação que a literatura, em parte ou no todo, acata ou não; de outro, a noção de leitor, indivíduo habilitado à leitura, com preferências demarcadas, figura que o escritor busca seduzir, lançando mão de técnicas e de artifícios contabilizados pela crítica e história da literatura.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Disso resultaram duas noções". Desenvolvimento do parágrafo com enumeração de detalhes: "de um lado, a noção de público, massa coletiva e anônima que, não obstante o anonimato, pode ter vontade própria e direção definida, incidindo em linhas de ação que a literatura, em parte ou no todo, acata ou não; de outro, a noção de leitor, indivíduo habilitado à leitura, com preferências demarcadas, figura que o escritor busca seduzir, lançando mão de técnicas e de artifícios contabilizados pela crítica e história da literatura". Parágrafo sem conclusão.

19. Comemoramos o nosso dia (8 de dezembro) sob o fogo cruzado da má vontade e da desinformação. O Judiciário não pode ser culpabilizado pelo que a mídia chama com exagero de impunidade. A polícia não prende, não investiga e nós, presos à aplicação da lei, pagamos o pato. Além disso, há um cipoal de leis, medidas provisórias e atos normativos que acabam por atravancar nossos corredores.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Comemoramos o nosso dia (8 de dezembro) sob o fogo cruzado da má vontade e da desinformação". Desenvolvimento do parágrafo com enumeração de detalhes: "A desinformação – O Judiciário não pode ser culpabilizado pelo que a mídia chama com exagero de impunidade. A polícia não prende, não investiga e nós, presos à aplicação da lei, pagamos o pato. A má vontade: Além disso, há um cipoal de leis, medidas provisórias e atos normativos que acabam por atravancar nossos corredores". Parágrafo sem conclusão.

20. Dinheiro é um facilitador das transações, mas não é a única forma de relação comercial. O mundo moderno não pode menosprezar a sabedoria de nossos antepassados, que sobreviveram séculos fazendo trocas. Um bom exemplo de alinhamento entre estratégias empresariais e apoio governamental, que resultou em uma equação, é o caso da Odebrecht em Angola: esta construtora constrói a hidrelétrica de que o país africano necessita, e o governo angolano paga com petróleo, produto abundante naquele país.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Dinheiro é um facilitador das transações, mas não é a única forma de relação comercial". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento e exemplos: "O mundo moderno não pode menosprezar a sabedoria de nossos antepassados, que sobreviveram séculos fazendo trocas. Um bom exemplo de alinhamento entre estratégias empresariais e apoio governamental, que resultou em uma equação, é o caso da Odebrecht em Angola: esta construtora constrói a hidrelétrica de que o país africano necessita, e o governo angolano paga com petróleo, produto abundante naquele país". Parágrafo sem conclusão.

21. Em oito anos, o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do

estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio – é alarmante esse grau crescente de insegurança.

Comentários:

Parágrafo indutivo. Fundamentação do tópico frasal com apresentação dos dados estatísticos: "Em oito anos, o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio". Apresentação do tópico frasal: "é alarmante esse grau crescente de insegurança".

22. Quando começa a modernidade? A escolha de uma data ou de um evento não é indiferente. O momento que elegemos como originário depende certamente da ideia de nós mesmos que preferimos, hoje, contemplar. E vice-versa: a visão de nosso presente decide das origens que confessamos (ou até inventamos). Assim acontece com as histórias de nossas vidas que contamos para os amigos e para o espelho: os inícios estão sempre em função da imagem de nós mesmos de que gostamos e que queremos divulgar. As coisas funcionam do mesmo jeito para os tempos que consideramos "nossos", ou seja, para a modernidade.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal, sob forma de pergunta/resposta: "Quando começa a modernidade? A escolha de uma data ou de um evento não é indiferente". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento e comparação por semelhança: "O momento que elegemos como originário depende certamente da ideia de nós mesmos que preferimos, hoje, contemplar. E vice-versa: a visão de nosso presente decide das origens que confessamos (ou até inventamos). Assim acontece com as histórias de nossas vidas que contamos para os amigos e para o espelho: os inícios estão sempre em função da imagem de nós mesmos de que gostamos e que queremos divulgar". Conclusão do parágrafo com reafirmação do tópico frasal: "As coisas funcionam do mesmo jeito para os tempos que consideramos 'nossos', ou seja, para a modernidade".

23. A consciência universal sobre a importância dos direitos humanos chegou a uma nitidez nunca antes atingida. Entende-se: já comemoramos o cinquentenário da Declaração Universal dos Direitos do Homem (aprovada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, de 10 de dezembro de 1948, em Paris).

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "A consciência universal sobre a importância dos direitos humanos chegou a uma nitidez nunca antes atingida". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento: "Entende-se: já comemoramos o cinquentenário da Declaração Universal dos Direitos do Homem (aprovada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, de 10 de dezembro de 1948, em Paris)".

Parágrafo sem conclusão.

24. Talvez não haja algum fenômeno social que assalte de forma tão brusca os direitos humanos como a pobreza o faz, por desgastar ou anular os direitos econômicos e sociais, como: direito à alimentação, à água potável, à saúde, à educação, à habitação, à segurança pessoal, à justiça e à dignidade. Embora todos esses direitos sejam interligados e interdependentes, observa-se que, para as pessoas que vivem na pobreza, talvez eles não passem de um sonho muito distante de se tornar realidade.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Talvez não haja algum fenômeno social que assalte de forma tão brusca os direitos humanos como a pobreza o faz". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de causas: "por desgastar ou anular os direitos econômicos e sociais, como: direito à alimentação, à água potável, à saúde, à educação, à habitação, à segurança pessoal, à justiça e à dignidade". Conclusão do parágrafo com reafirmação do tópico frasal: "Embora todos esses direitos sejam interligados e interdependentes, observa-se que, para as pessoas que vivem na pobreza, talvez eles não passem de um sonho muito distante de se tornar realidade".

25. Lagartixas são excelentes alpinistas: escalam paredes com uma velocidade que pode atingir um metro por segundo. O mecanismo usado por esses répteis para se fixarem às superfícies foi descrito pela equipe do biólogo Kellar Autumn, professor em Portland (EUA). Quando a lagartixa sobe pela parede, a geometria especial de seus dedos produz forças de Van der Waals, interações eletromagnéticas fracas que garantem adesão segura entre as patas do réptil e a superfície.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Lagartixas são excelentes alpinistas". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento, seguido de testemunho de autoridade: "escalam paredes com uma velocidade que pode atingir um metro por segundo. O mecanismo usado por esses répteis para se fixarem às superfícies foi descrito pela equipe do biólogo Kellar Autumn, professor em Portland (EUA). Quando a lagartixa sobe pela parede, a geometria especial de seus dedos produz forças de Van der Waals, interações eletromagnéticas fracas que garantem adesão segura entre as patas do réptil e a superfície". Parágrafo sem conclusão.

ANÁLISE DOS ENUNCIADOS DAS PROVAS

No estudo das técnicas de compreensão e interpretação de textos, assim como em outras disciplinas, faz-se necessário estabelecer um método de análise dos enunciados que comumente aparecem em provas de concursos públicos. É importante, por este motivo, que o aluno perceba que há uma técnica por trás da elaboração das questões e que, portanto, será a aplicação desta técnica na resolução de provas que irá garantir uma boa preparação para o seu concurso.

Enunciados mais comuns:

"O texto se estrutura...”; "Os argumentos do autor se fundamentam em...”; "Ao se distribuir o texto adequadamente em parágrafos...”; "O parágrafo que expressa a ideia geral do texto...”; "No texto, o autor defende, sobretudo, a tese de que...”; "O tema do texto é...”; "O trecho a seguir tem a função textual/ a utilidade textual de...”

24.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Nos exercícios de fixação deste capítulo, você já treinou as técnicas de leitura e decodificação de um parágrafo dissertativo. Alguns desses parágrafos você voltará a ver agora nas provas que escolhemos para análise. Nosso intuito é que você perceba como as bancas costumam cobrar tal conhecimento nas questões de concursos.

Primeiramente, veja uma prova elaborada pelo NCE, do concurso para a CVM, que trouxe um único texto. Ele servirá como exemplo do que se chama de texto dissertativo padrão.

"O homem hoje em dia desenvolveu para tudo que costumava fazer com o próprio corpo, extensões ou prolongamentos desse mesmo corpo. A evolução de suas armas começa pelos dentes e punhos e termina com a bomba atômica. Indumentária e casas são extensões dos mecanismos biológicos de controle de temperatura do corpo. A mobília substitui o acocorar-se e sentar-se no chão. Instrumentos mecânicos, lentes, televisão, telefones e livros que levam a voz através do tempo e do espaço constituem exemplos de extensões materiais. Dinheiro é meio de estender os benefícios e de armazenar trabalho. Nosso sistema de transportes faz agora o que costumávamos fazer com os pés e as costas. De fato, podemos tratar de todas as coisas materiais feitas pelo homem como extensões ou prolongamentos do que ele fazia com o corpo ou com alguma parte especializada do corpo".

(Leslie A. White, *The science of culture*)

1. Entre o primeiro e o último período do texto 1 há uma série de afirmações que têm a finalidade de:

a) dar credibilidade ao que é afirmado, já que as afirmações se apoiam em fatos historicamente comprovados.

b) explicitar o que são as "extensões" ou os "prolongamentos" do próprio corpo, vocábulos citados no primeiro período.

c) desenvolver, explicando, a afirmação feita no período inicial, por meio de exemplos esclarecedores.

d) opor-se a pensamentos contrários ao que é exposto no primeiro período, por tratar-se de um ponto de vista novo.

e) apresentar argumentos que comprovem a sua tese, argumentos esses apoiados em descobertas históricas recentes.

2. "**De fato**, podemos tratar de todas as coisas materiais feitas pelo homem como extensões ou prolongamentos..."; a expressão destacada tem a finalidade de:

a) retificar informações anteriores.

b) ampliar informações já fornecidas.

c) confirmar informação prestada anteriormente.

d) explicar informações pouco claras.

e) acrescentar dados aos já fornecidos.

Comentários:

1. Quanto à letra A, observe que o objetivo do que vem após o primeiro período do texto não é *dar credibilidade* ao que se disse anteriormente: credibilidade seria se o autor optasse pela citação de um *testemunho de autoridade* no assunto (as palavras de outro autor renomado). Não foi o caso.

   A letra B, por sua vez, reduz informações do texto: a fundamentação não fala só das *extensões ou prolongamentos do corpo*, mas também *de tudo que o homem costumava fazer com o próprio corpo.* Reduzir informações do texto também é erro de interpretação.

   Quanto à letra D, veja que contradição: a fundamentação do tópico frasal não apresenta pensamentos que sejam *contrários* ao que foi exposto no primeiro período. É justamente o oposto: ela apresenta *exemplos* que apoiam aquilo que foi dito no primeiro período do texto. Não se trata, portanto, de um *ponto de vista novo*, mas o mesmo ponto de vista.

   A letra E começou perfeita; de fato, trata-se de argumentos que comprovam a tese apresentada no primeiro período do texto, mas eles não se apoiam *em descobertas históricas recentes*. São exemplos que confirmam aquilo que se disse no início do texto.

   Tem-se, portanto, um texto que se inicia pela apresentação da tese (*O homem hoje em dia desenvolveu para tudo que costumava fazer com o próprio corpo, extensões ou prolongamentos desse mesmo corpo).* Logo a seguir, tem-se sua fundamentação, que é o desenvolvimento do texto, que ocorre por meio da apresentação de exemplos. Por fim, no último período do texto, tem-se sua conclusão, representada pela retomada do tópico frasal apresentado no início do texto (*De fato, podemos tratar de todas as coisas materiais feitas pelo homem como extensões ou prolongamentos do que ele fazia com o corpo ou com alguma parte especializada do corpo*).

   Resposta: C.

2. Como você viu, o último período do texto é a reafirmação do que se disse no primeiro período. Assim, o conectivo *de fato*, que é um adjunto adverbial de afirmação, exerce mesmo essa tarefa de *confirmar* o que se disse anteriormente.

   Dessa forma, elimina-se a letra A: o objetivo do texto não é *retificar*, *corrigir* o que foi dito anteriormente. As letras B e E são muito parecidas: o que se quer não é *dizer mais* do que foi dito, apenas *reafirmar*.

   Quanto à letra D, entenda que o último período não *explica* o que foi dito anteriormente, apenas *reescreve.*

   Reescrever o que se disse é *confirmar* uma afirmação, que é exatamente o que diz a letra C.

   Resposta: C.

Você percebeu pela questão que as bancas buscam também do candidato sua capacidade de descobrir a estratégia utilizada pelo autor para **fundamentar o tópico frasal introdutório do parágrafo**? Na verdade, o que se quer é que o aluno esteja apto a detectar o tipo de fundamentação que o autor utilizou em determinado parágrafo: a estratégia que se escolheu para desenvolver um parágrafo.

Você conhece as formas mais comuns de se desenvolver um parágrafo? Desenvolver o parágrafo significa expandir sua ideia-núcleo, de modo a torná-lo claro e bem fundamentado. Tal fundamentação pode ocorrer por diversos critérios, lembrando que, em um único parágrafo, o autor pode utilizar mais de um artifício na busca da maneira mais convincente de se expressar.

Antes de seguirmos com a análise de textos, é importante que você conheça as formas mais comuns de se desenvolver o tópico frasal (a ideia-núcleo do parágrafo).

Uma forma muito comum de se desenvolver um argumento é por meio de **enumeração ou descrição de detalhes:** nesse caso, a ideia-núcleo é especificada por meio de detalhes, pormenores. Estabelece-se, portanto, uma explanação da ideia-núcleo, que é então desenvolvida, de modo a aprofundar a discussão iniciada pelo tópico frasal. Veja um exemplo, que é um trecho retirado de uma prova elaborada pela Fundação Carlos Chagas, para o MPU:

> *Quem caminha pelos mais de 70 quilômetros de praia da Ilha Comprida, no litoral sul de São Paulo, pode perceber uma paisagem peculiar* ***(tópico frasal).*** *Em meio às dunas da restinga, onde deveria existir apenas vegetação rasteira, grandes pinheiros brotam por toda parte. A sombra das árvores é um bem-vindo refresco para os moradores da região.*

Nesse caso, o tópico frasal foi desenvolvido por meio de detalhamento, descrições: *grandes pinheiros*, *sombra das árvores…*

Além da apresentação de detalhes, enumerações, pode-se desenvolver um parágrafo pelo **estabelecimento de comparação**. Nesse caso, desenvolve-se uma ideia pela apresentação de <u>contrastes</u> (que enfocam as diferenças) ou <u>paralelos</u> (que destacam as semelhanças) entre ideias, seres, fatos etc.

Observe um trecho retirado de uma prova também da Fundação Carlos Chagas, que se desenvolveu por meio de *contrastes*:

> *Mas os saberes científicos têm uma característica inescapável: os enunciados que produzem são necessariamente provisórios, estão sempre sujeitos à superação e à renovação* ***(tópico frasal)****. Outros exercícios do espírito humano, como a cogitação filosófica, a inspiração poética ou a exaltação mística poderão talvez aspirar a pronunciar verdades últimas; as ciências só podem pretender formular verdades transitórias, sempre inacabadas.*

Nesse trecho, o autor opta por desenvolver um argumento (*a constante transformação das verdades científicas*), por meio da comparação entre a *ciência* e a *filosofia* ou *a poesia*.

Pode-se também desenvolver um argumento por meio da **apresentação de suas causas e/ou consequências**, estratégia, aliás, muito comum nos textos dissertativos. Nesse caso, ou o tópico frasal é a causa e seu desenvolvimento expõe suas consequências, ou será ele a consequência e o restante do parágrafo desenvolverá suas causas. Veja mais um trecho retirado de prova elaborada pela Fundação Carlos Chagas:

A educação é uma função tão natural e universal da comunidade humana que, pela própria evidência, ***(tópico frasal)*** *leva muito tempo a atingir a plena consciência daqueles que a recebem e praticam, sendo, por isso, relativamente tardio o seu primeiro vestígio na tradição literária* ***(consequências)****.*

É um texto filosófico, de difícil compreensão, sabemos disso, mas procure detectar a técnica utilizada pelo autor ao fundamentar seu parágrafo. Após a apresentação do tópico frasal, tem-se a concretização dessa ideia por meio de consequências.

Muitas vezes, o autor, para desenvolver um tópico frasal, opta por sua fundamentação por meio de simples **explicação ou esclarecimento**. É exatamente isto: afirma-se algo e, na sequência do parágrafo, diz-se o que foi dito antes, só que com outras palavras. Veja um exemplo:

As discussões sobre a liberdade assentam necessariamente e em princípio na negação de suas próprias bases possibilitadoras ***(tópico frasal)****. Quero dizer que o único pressuposto histórico viável para que se possa instaurar a inteireza do entendimento da questão está na ausência de liberdade.*

Percebeu como o autor, no segundo período do parágrafo, diz o que se disse anteriormente, com a utilização de outras palavras? É a fundamentação de uma ideia por meio de *explicação*.

Além da explicação, é muito comum que a fundamentação de um parágrafo ocorra por meio da **apresentação de exemplos**. Os exemplos caracterizam-se como uma maneira bem elucidativa de concretizar o que há de abstrato no tópico frasal. Seguindo esse critério, o parágrafo se desenvolve por meio da ilustração da ideia-núcleo, constituindo-se em uma das formas mais simples de se demonstrar aquilo que se afirma. Observe:

Dependendo das circunstâncias, as espécies invasoras podem ser meras "imigrantes" inofensivas ou invasoras altamente nocivas ***(tópico frasal).*** *Dentro do sistema produtivo, por exemplo, o búfalo e o pinus são apenas espécies exóticas. Quando escapam para a natureza, entretanto, muitas vezes tornam-se organismos nocivos aos ecossistemas "naturais".*

Percebeu como os exemplos facilitam a intelecção do que foi dito? Procure utilizá-los também em suas redações. Eles tornam o texto mais claro, evitando que ele se transforme em um amontoado de conceitos. Os exemplos *concretizam* o texto.

Além dessas estratégias de fundamentação de parágrafo, podemos citar algumas outras: **citação de testemunhos de autoridade** (que são depoimentos de um outro autor respeitado sobre o assunto discutido), **apresentação de dados estatísticos** (que são informações retiradas de pesquisas), **apresentação de narrações** (que são histórias utilizadas para ilustrar o tema discutido), entre outros recursos.

Elaboramos um exercício que tem como meta ensinar você a desvendar a estruturação de um parágrafo argumentativo. Com ele, você, não só aprenderá a ler com mais técnica, como também desenvolverá técnicas de redação. Todos os trechos foram retirados de textos de concursos públicos. Constitui cada qual uma única linha de raciocínio que

apresenta as frases organizadas em torno de um tópico frasal, voltadas para um único fim: desenvolver ou retomar a ideia-núcleo, aumentando--lhe a compreensão.

Dessa forma, destaque suas **ideias-núcleo**, indicando o seu **desenvolvimento** e, caso haja, sua **conclusão**. Analise também a(s) forma(s) como foram desenvolvidos os tópicos frasais ao longo dos parágrafos.

1. "Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos. Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitar e dar afeto."

Na introdução do parágrafo, tem-se a apresentação do tópico frasal: "Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana."

A seguir, desenvolve-se o argumento inicial com a enumeração de exemplos: "Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos."

Observe que, na conclusão, o autor não só retomou o tópico frasal, mas optou também por acrescentar consequências: "Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitar e dar afeto".

Trata-se, assim, de um parágrafo padrão, com introdução, desenvolvimento e conclusão.

2. "No início deste período, o homem inventou a escrita, graças à qual os conhecimentos venceram o tempo e o espaço. Venceram o tempo, pois, as experiências acumuladas puderam, sob a forma escrita, ser transmitidas com precisão às gerações seguintes. Venceram o espaço, pois os conhecimentos passaram a ser transportados de um lugar para o outro em papiros, papéis e demais materiais desenvolvidos para a fixação da escrita. Com o registro e com a circulação da informação, o homem se beneficiou de um crescente repertório de experiências, as quais lhe permitiram inventar mais, e mais facilmente."

Mais uma vez, introduz-se o parágrafo por meio da apresentação do tópico frasal: "No início deste período, o homem inventou a escrita, graças à qual *os conhecimentos venceram o tempo e o espaço*."

A seguir, desenvolve-se o argumento inicial por meio da apresentação de explicações: "*Venceram o tempo*, pois, as experiências acumuladas puderam, sob a forma escrita, ser transmitidas com precisão às gerações seguintes. *Venceram o espaço*, pois os conhecimentos passaram a ser transportados de um lugar para o outro em papiros, papéis e demais materiais desenvolvidos para a fixação da escrita".

Novamente, conclui-se o parágrafo com a retomada do tópico frasal e acréscimo de consequências: "Com o registro e com a circulação da informação, o homem se beneficiou de um crescente repertório de experiências, as quais lhe permitiram inventar mais, e mais facilmente".

3. "Liderança é um aspecto da personalidade, uma característica que alguns indivíduos têm e outros não. Por definição, bons líderes

são pessoas diferentes da média. Eles têm mais determinação do que outros. Sua presença é tão marcante que ficam na memória das pessoas. Por isso, liderança não é para qualquer um, é um dom."

Outro parágrafo organizado de forma padrão. Apresenta-se, de início, o tópico frasal: "Liderança é um aspecto da personalidade, uma característica que alguns indivíduos têm e outros não". A seguir, fundamenta-se o argumento central por meio de sua definição, que, nada mais é que seu *esclarecimento*: "Por definição, bons líderes são pessoas diferentes da média. Eles têm mais determinação do que outros. Sua presença é tão marcante que ficam na memória das pessoas".

Ao final do parágrafo, o autor retoma o tópico frasal inicial, que vem antecedido de um conector conclusivo: "Por isso, liderança não é para qualquer um, é um dom".

Bom de ler e de copiar em uma futura redação, não é?

4. "Há muitos tipos de líder, e gosto de destacar três. A primeira categoria é dos líderes que marcam diferença por serem grande estrategistas, objetivos e com visão de futuro. O legado deles é o método. O segundo tipo tem forte poder intelectual, mergulha com intensidade nas questões teóricas, disseca e diagnostica problemas como ninguém. São líderes que deixam ideias originais, com marca própria. E um terceiro tipo chamo de líderes inspiradores. Eles entendem as demandas do povo, suas paixões, conseguem entender emocionalmente as pessoas. Os maiores líderes da história têm força porque reúnem método, intelecto e habilidade de tocar nos sentimentos de seus liderados."

Introduz-se o parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Há muitos tipos de líder, e gosto de destacar três".

Logo a seguir desenvolve-se o parágrafo com a enumeração dos *três tipos de líder* citados na primeira linha do texto: "A primeira categoria é dos líderes que marcam diferença por serem grande estrategistas, objetivos e com visão de futuro. O legado deles é o método. O segundo tipo tem forte poder intelectual, mergulha com intensidade nas questões teóricas, disseca e diagnostica problemas como ninguém. São líderes que deixam ideias originais, com marca própria. E um terceiro tipo chamo de líderes inspiradores. Eles entendem as demandas do povo, suas paixões, conseguem entender emocionalmente as pessoas".

Observe que, na conclusão, o autor retoma tópico frasal acrescentando sua opinião: "Os maiores líderes da história têm força porque reúnem método, intelecto e habilidade de tocar nos sentimentos de seus liderados".

5. "Em oito anos, o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio – é alarmante esse grau crescente de insegurança."

Você consegue perceber que esse parágrafo está estruturado de forma diferente dos parágrafos anteriores? É que ele se inicia pelos dados estatísticos, e não pelo tópico frasal. Esse é o *parágrafo indutivo*, que foge ao padrão: ele vai da fundamentação à ideia, e não o contrário. Vai do concreto ao abstrato. Somente ao final do parágrafo é que se descobre qual é o argumento que o enseja: é alarmante esse grau crescente de insegurança.

Resumindo:

Parágrafo dedutivo é aquele que vai do tópico frasal à sua fundamentação: do abstrato ao concreto. Parágrafo indutivo é aquele que se inicia pela fundamentação do tópico (exemplos, dados estatísticos etc.) e só a seguir é que se apresenta o argumento que motivou o parágrafo.

24.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

Leia o texto a seguir para responder à questão 1.

Depois que se tinha fartado de ouro, o mundo teve fome de açúcar, mas o açúcar consumia escravos. O esgotamento das minas – que de resto foi precedido pelo das florestas que forneciam o combustível para os fornos –, a abolição da escravatura e, finalmente, uma procura mundial crescente, orientam São Paulo e o seu porto de Santos para o café. De amarelo, passando pelo branco, o ouro tornou-se negro.

Mas, apesar de terem ocorrido essas transformações que tornaram Santos num dos centros do comércio internacional, o local conserva uma beleza secreta; à medida que o barco penetra lentamente por entre as ilhas, experimento aqui o primeiro sobressalto dos trópicos. Estamos encerrados num canal verdejante. Quase podíamos, só com estender a mão, agarrar essas plantas que o Rio ainda mantinha à distância nas suas estufas empoleiradas lá no alto. Aqui se estabelece, num palco mais modesto, o contato com a paisagem.

O arrabalde de Santos, uma planície inundada, crivada de lagoas e pântanos, entrecortada por riachos estreitos e canais, cujos contornos são perpetuamente esbatidos por uma bruma nacarada, assemelha-se à própria Terra, emergindo no começo da criação. As plantações de bananeiras que a cobrem são do verde mais jovem e terno que se possa imaginar: mais agudo que o ouro verde dos campos de juta no delta do Bramaputra, com o qual gosto de o associar na minha recordação; mas é que a própria fragilidade do matiz, a sua gracilidade inquieta, comparada com a suntuosidade tranquila da outra, contribuem para criar uma atmosfera primordial.

Durante cerca de meia hora, rolamos por entre bananeiras, mais plantas mastodontes do que árvores anãs, com troncos plenos de seiva que terminam numa girândola de folhas elásticas por sobre uma mão de 100 dedos que sai de um enorme lótus castanho e rosado. A seguir, a estrada eleva-se até os 800 metros de altitude, o cume da serra. Como acontece em toda parte nessa costa, escarpas abruptas protegeram dos ataques do homem essa floresta virgem tão rica que para encontrarmos igual a ela teríamos de percorrer vários milhares de quilômetros para norte, junto da bacia amazônica. Enquanto o carro geme em curvas que já nem poderíamos qualificar como " cabeças de alfinete", de tal modo se sucedem em espiral, por entre um nevoeiro que imita a alta montanha de outros climas, posso examinar à vontade as árvores e as plantas estendendo-se perante o meu olhar como espécimes de museu.

(Adaptado de: LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes Trópicos*. Coimbra, Edições 70, 1979, p. 82-3)

1. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

O excerto, que narra a passagem de Lévi-Strauss por Santos, rumo a São Paulo,

a) representa com minúcia uma natureza que foi preservada graças ao desenvolvimento de Santos, impulsionado pelo cultivo do café.

b) descreve a natureza pujante da região, a despeito de seu desenvolvimento econômico, a ponto de recorrer a imagens de cunho religioso para melhor ilustrar seu ponto de vista.

c) tece juízo de valor a respeito do desenvolvimento econômico do Brasil, tendo como pano de fundo sua riqueza natural inexplorada.

d) compara a natureza litorânea de Santos à encontradiça junto ao leito do rio Bramaputra, com vistas a mostrar, paralelamente, o

quão luxuriante é a natureza brasileira.

e) lamenta o comércio que teria destruído praticamente toda a beleza natural, reduzindo-a a pequenos e secretos lugares, observáveis apenas em expedições como a que conduzia.

Leia o texto a seguir para responder à questão 2.

Medo da eternidade

Jamais esquecerei o meu aflitivo e dramático contato com a eternidade.

Quando eu era muito pequena ainda não tinha provado chicles e mesmo em Recife falava-se pouco deles. Eu nem sabia bem de que espécie de bala ou bombom se tratava. Mesmo o dinheiro que eu tinha não dava para comprar: com o mesmo dinheiro eu lucraria não sei quantas balas.

Afinal minha irmã juntou dinheiro, comprou e ao sairmos de casa para a escola me explicou:

– Tome cuidado para não perder, porque esta bala nunca se acaba. Dura a vida inteira.

– Como não acaba? – Parei um instante na rua, perplexa.

– Não acaba nunca, e pronto.

Eu estava boba: parecia-me ter sido transportada para o reino de histórias de príncipes e fadas. Peguei a pequena pastilha cor-de-rosa que representava o elixir do longo prazer. Examinei-a, quase não podia acreditar no milagre. Eu que, como outras crianças, às vezes tirava da boca uma bala ainda inteira, para chupar depois, só para fazê-la durar mais. E eis-me com aquela coisa cor-de-rosa, de aparência tão inocente, tornando possível o mundo impossível do qual eu já começara a me dar conta.

Com delicadeza, terminei afinal pondo o chicle na boca.

– E agora que é que eu faço? – perguntei para não errar no ritual que certamente deveria haver.

– Agora chupe o chicle para ir gostando do docinho dele, e só depois que passar o gosto você começa a mastigar. E aí mastiga a vida inteira. A menos que você perca, eu já perdi vários. Perder a eternidade? Nunca.

O adocicado do chicle era bonzinho, não podia dizer que era ótimo. E, ainda perplexa, encaminhávamo--nos para a escola.

– Acabou-se o docinho. E agora?

– Agora mastigue para sempre.

Assustei-me, não saberia dizer por quê. Comecei a mastigar e em breve tinha na boca aquele puxa-puxa cinzento de borracha que não tinha gosto de nada. Mastigava, mastigava. Mas me sentia contrafeita. Na verdade eu não estava gostando do gosto. E a vantagem de ser bala eterna me enchia de uma espécie de medo, como se tem diante da ideia de eternidade ou de infinito.

Eu não quis confessar que não estava à altura da eternidade. Que só me dava era aflição. Enquanto isso, eu mastigava obedientemente, sem parar.

Até que não suportei mais, e, atravessando o portão da escola, dei um jeito de o chicle mastigado cair no chão de areia.

– Olha só o que me aconteceu! – disse eu em fingidos espanto e tristeza. Agora não posso mastigar mais! A bala acabou!

– Já lhe disse, repetiu minha irmã, que ela não acaba nunca. Mas a gente às vezes perde. Até de noite a gente pode ir mastigando, mas para não engolir no sono a gente prega o chicle na cama. Não fique triste, um dia lhe dou outro, e esse você não perderá.

Eu estava envergonhada diante da bondade de minha irmã, envergonhada da mentira que pregara dizendo que o chicle caíra da boca por acaso.

Mas aliviada. Sem o peso da eternidade sobre mim.

06 de junho de 1970

(LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo* – crônicas. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p. 289-91)

2. (SEDU-ES – Professor B – FCC – Jan./2016)

As expressões *reino de histórias de príncipes e fadas, elixir do longo prazer e milagre* (7º parágrafo) são mobilizadas pela autora para

a) deixar entrever como a criança, a partir da descrição do chiclete pela irmã com palavras que sugerem a sua imperecibilidade, acabou por associá-lo ao mundo do maravilhoso e da fantasia.

b) ilustrar o modo como, para uma criança pobre, uma coisa simples e barata como um chiclete pode ser tão difícil de obter que a sua compra é associada à esfera do imaginário ou do miraculoso.

c) sugerir o caráter fictício do episódio, que no entanto é narrado como se realmente tivesse acontecido, o que leva ao embaralhamento entre o que seria próprio da ficção e o que pertenceria à realidade.

d) argumentar que, na infância, a imaginação sempre predomina sobre a realidade, o que faz com que a criança vivencie situações concretas como se estivesse no mundo da fantasia.

e) enfatizar a desconfiança da criança em relação à veracidade do que é dito pela irmã sobre o chiclete, pois antes de experimentá-lo não lhe parecia crível a existência de uma bala que não se acabava nunca.

Leia o texto a seguir para responder à questão 3.

O revolucionário projeto de viagem interestelar apoiado por Stephen Hawking para tentar "salvar a humanidade"

Um programa de pesquisa de US$ 100 milhões (cerca de R$ 350 milhões) para o desenvolvimento de "naves estelares" do tamanho de pequenos *chips* eletrônicos foi lançado pelo milionário Yuri Milner e apoiado pelo fundador do Facebook, Mark Zuckerberg.

A viagem interestelar tem sido um sonho para muitos, mas ainda enfrenta barreiras tecnológicas. Entretanto, o físico Stephen Hawking disse à BBC News que a fantasia pode ser realizada mais cedo do que se pensa. "Para que nossa espécie sobreviva, precisamos finalmente alcançar as estrelas", disse. "Os astrônomos acreditam que haja uma chance razoável de termos um planeta parecido com a Terra orbitando estrelas no sistema Alfa Centauri. Mas saberemos mais nas próximas duas décadas por intermédio de dados dos nossos telescópios na Terra e no espaço."

O projeto apoiado pelo físico ambiciona produzir aeronaves do tamanho de um chip usado em equipamentos eletrônicos e lançar milhares dessas "mininaves" na órbita da Terra. Mas antes de projetar naves espaciais capazes de chegar a outras estrelas, há muitos problemas a serem superados. Uma prioridade é desenvolver câmeras, instrumentos e sensores em miniatura.

Stephen Hawking acredita que o que antes era um sonho distante pode e deve se tornar uma realidade dentro de três décadas. "Não é sábio manter todos os novos ovos em uma cesta frágil", disse ele. "A vida na Terra enfrenta perigos astronômicos como asteroides e supernovas."

(Adaptado de: GHOSH, Pallab. O revolucionário projeto de viagem interestelar apoiado por Stephen Hawking para tentar "salvar a humanidade".

Disponível em: www.bbc.com/portuguese/ noticias/2016/04/160412 _interestelar_np)

3. (Copergás/PE – Téc. Seg. Trabalho – FCC – Jul./2016)

Ao afirmar " Não é sábio manter todos os novos ovos em uma cesta frágil" (4º parágrafo), Stephen Hawking reforça a tese de que

a) o conhecimento que o homem adquiriu sobre o universo é capaz de prevenir grandes catástrofes.

b) é preciso encontrar um planeta semelhante à Terra para abrigar parte das nossas próximas gerações.

c) a humanidade deveria desistir de enviar pessoas ao espaço, concentrando-se em naves minúsculas.

d) não devemos nos preocupar com o futuro distante, visto que a destruição da Terra está próxima.

e) a viagem interestelar será inviável e os humanos deveriam se ocupar dos problemas internos da Terra.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 4 e 5.

Abu Dhabi constrói cidade do futuro, com tudo movido a energia solar

Bem no meio do deserto, há um lugar onde o calor é extremo. Sessenta e três graus ou até mais no verão. E foi exatamente por causa da temperatura que foi construída em Abu Dhabi uma das maiores usinas de energia solar do mundo.

Os Emirados Árabes estão investindo em fontes energéticas renováveis. Não vão substituir o petróleo, que eles têm de sobra por mais 100 anos pelo menos. O que pretendem é diversificar e poluir menos. Uma aposta no futuro.

A preocupação com o planeta levou Abu Dhabi a tirar do papel a cidade sustentável de Masdar. Dez por cento do planejado está pronto. Um traçado urbanístico ousado, que deixa os carros de fora. Lá só se anda a pé ou de bicicleta. As ruas são bem estreitas para que um prédio faça sombra no outro. É perfeito para o deserto. Os revestimentos das paredes isolam o calor. E a direção dos ventos foi estudada para criar corredores de brisa.

(Adaptado de: " Abu Dhabi constrói cidade do futuro, com tudo movido a energia solar". Disponível em: <http://g1.globo.com/globoreporter/noticia/2016/04/abu-dhabi-constroi-cidade-do-futuro-com-tudo-movido-energia-solar.html>.)

4. (Eletrobras/Eletrosul – Téc. Seg. Trab. – FCC – Jun./2016)

A construção de uma das maiores usinas de energia solar do mundo em Abu Dhabi se justifica pela preocupação dos Emirados Árabes em

a) eliminar as fontes de calor, especialmente no verão.

b) preservar as minas de petróleo que ainda restam.

c) emitir menos poluentes durante a geração de energia.

d) fornecer energia a baixo custo para a população local.

e) pôr fim imediato à poluição gerada pelo uso do petróleo.

5. (Eletrobras/Eletrosul – Téc. Seg. Trab. – FCC – Jun./2016)

Acerca da cidade de Masdar, é correto afirmar que

a) foi projetada com estratégias para reduzir o calor.

b) permanece no papel, pois sua execução é inviável.

c) partiu de um projeto testado antes em outra região.

d) foi planejada durante uma época anterior aos carros.

e) é bem convencional, inspirada nas grandes metrópoles.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 6 e 7.

Ofertas do Google

Uma das coisas que admiro nas pessoas que sabem muito é o desapego. Elas não se contentam em saber – espalham generosamente o que sabem, vivem prontas a ensinar e fazem isso de graça, pelo prazer de ajudar. O conhecimento não é para ser guardado a ferros, mas dividido – aliás, a única maneira de multiplicá-lo.

Tive a sorte de trabalhar ou conviver com alguns verdadeiros arquivos vivos, gente capaz de responder na lata sobre muitos assuntos além dos de sua área – entre outros, Otto Maria Carpeaux e Franklin de Oliveira. Uma pergunta a um deles era a garantia de uma aula.

De 15 anos para cá, o Google se esforça para substituir as sumidades do conhecimento. É o maior banco de dados do mundo e ameaça tornar ociosos os dicionários, enciclopédias e compêndios – já absorvidos por ele, ao alcance de consultas rápidas e, melhor ainda, grátis.

Ou não? Posso estar errado, mas tenho visto que, de algum tempo para cá, ao procurar por qualquer assunto no Google, ele nos cumula de pechinchas comerciais sobre o dito assunto. Se você pesquisar " sorvete", " livro" ou " apartamento", ele aproveitará para apregoar um irritante varejo desses produtos.

(Adaptado de: CASTRO, Ruy. "Ofertas do Google". Disponível em: <www.folha.uol.com.br/colunas/ruycastro/2016/03/1748685-ofertas-do-google.shtml>.)

6. (Eletrobras/Eletrosul – Téc. Seg. Trab. – FCC – Jun./2016)

O autor faz uma crítica

a) ao fato de o Google ter feito com que os homens sábios parecessem charlatões.

b) à maneira como o Google divulga informações sem dar crédito aos autores.

c) à superficialidade do conteúdo do Google comparado com os livros tradicionais.

d) à falta de variedade de conteúdo disponível para pesquisas rápidas no Google.

e) à divulgação de conhecimento no Google aliada a interesses comerciais.

7. (Eletrobras/Eletrosul – Téc. Seg. Trab. – FCC – Jun./2016)

A expressão sublinhada tem seu sentido expresso, em outras palavras, em:

a) ... *ameaça tornar <u>ociosos</u> os dicionários, enciclopédias e compêndios*... (3º parágrafo) / obsoletos

b) ... *a única maneira de <u>multiplicá-lo</u>*. (1º parágrafo) / decompô-lo.

c) ... *o Google se esforça para substituir <u>as sumidades</u> do conhecimento*. (3º parágrafo) / os inábeis

d) *Uma pergunta a um deles era a <u>garantia</u> de uma aula*. (2º parágrafo) / prepotência

e) *De 15 anos para cá, o Google* *se esforça* *para substituir...* (3º parágrafo) / se surpreende

8. (Eletrobras/Eletrosul – Téc. Seg. Trab. – FCC – Jun./2016)

Considere o texto abaixo.

Da paginação

Os livros de poemas devem ter margens largas e muitas páginas em branco e suficientes claros nas páginas impressas, para que as crianças possam enchê-los de desenhos – gatos, homens, aviões, casas, chaminés, árvores, luas, pontes, automóveis, cachorros, cavalos, bois, tranças, estrelas – que passarão também a fazer parte dos poemas...

(QUINTANA, Mario. *Sapato florido*. São Paulo, Globo, 2005, p. 33)

Para o autor, os livros de poemas devem ter uma apresentação que

a) elimine a chance de mais de uma interpretação.

b) induza a uma leitura realista e bem objetiva.

c) estimule a participação ativa das crianças.

d) ensine as crianças a se portar com bons modos.

e) seja compreensível a pessoas que são analfabetas.

Leia o texto a seguir para responder à questão 9.

Em 2015, o Brasil comemorou os 150 anos de nascimento de Cândido Mariano da Silva Rondon, mais conhecido como Marechal Rondon, militar e sertanista brasileiro que desbravou as regiões Centro-Oeste e Norte nos séculos 19 e 20. Por causa das expedições que comandou, passou a ser habitada a região onde está situado o estado de Rondônia, assim denominado em sua homenagem.

Rondon nasceu em Mimoso (MT), no dia 5 de maio de 1865. Descendente, por parte de mãe, dos índios terenas e bororo, e por parte de pai, dos índios guanás, logo ficou órfão, sendo criado pelo avô. Depois de sua morte, transferiu-se para o Rio de Janeiro e ingressou na Escola Militar. Depois de se formar bacharel em Ciências Físicas e Naturais e tornar-se tenente, em 1890, foi transferido para o setor do Exército que implantava linhas telegráficas por todo o país.

A partir daí, durante quase vinte anos, Rondon viajou por todo o Brasil implantando o telégrafo e eventualmente abrindo estradas. Nessas viagens, ele frequentemente encontrou tribos indígenas que não tinham contato com a civilização e, aos poucos, desenvolveu uma técnica de aproximação amigável. Rondon contribuiu também para o reconhecimento e mapeamento de grandes áreas ainda inóspitas no interior do país. A partir daí, levantou dados e informações de mineralogia, geologia, botânica, zoologia e antropologia. E encontrou, em 1906, as ruínas do Real Forte do Príncipe da Beira, a maior relíquia histórica de Rondônia.

Em 1910, organizou e passou a dirigir o Serviço de Proteção aos Índios, que viria a se tornar a Fundação Nacional do Índio (Funai). Em 1952, propôs a criação do Parque Indígena do Xingu e, no ano seguinte, inaugurou o Museu Nacional do Índio.

Rondon morreu em 1958, no Rio de Janeiro, com quase 93 anos. Dedicou a vida a promover a colonização do interior do país, pacificando e tratando os índios. Ficou conhecido pelo lema indigenista: " Morrer se for preciso, matar nunca".

(Adaptado de: "Congresso comemora na próxima semana os 150 anos do Marechal Rondon". Agência Senado. Disponível em: <www12.senado.leg.br/noticias/materias/2015/04/30/congresso-comemora-na-proxima-semana-os-150-anos-do-marechal-rondon>.)

9. (TRT14R – Téc. Jud. – Área Adminis. – FCC – Fev./2016)

Destaca-se em Rondon

a) a personalidade instável e irascível.

b) o perfil autoritário e truculento.

c) o comportamento passivo e hesitante.

d) a atitude conformista e servil.

e) o espírito pacífico e desbravador.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 10 e 11.

Nós, o rio e o tempo

Fico olhando, Maria, o nosso rio,
o Madeira da nossa Juventude.
Na enchente, em constante inquietude
vencendo a cada curva um desafio.
Para depois, no decorrer do estio,
com a ribanceira em sua plenitude
toda plantada pelo braço rude
de quem espera o fruto do plantio.
Mas o tempo, Maria, nos comprova
que a cada instante o rio se renova
e nós a cada instante envelhecemos.
Por certo ele será sempre criança
e o seu poente um canto de esperança
na saudade daquilo que vivemos.

(SILVA, Antônio Cândido da. Disponível em: <www.acler.-com.br/?conteudo=artigosmostra&cod=318&autor=6>.)

10. (TRT14R – Téc. Jud. – Área Adminis. – FCC – Fev./2016)

Percebe-se, no poema, a

a) representação do tempo como algo imutável.

b) caracterização da natureza degradada pelo homem.

c) predominância de uma ambientação urbana.

d) descrição do eterno conflito entre homem e mulher.

e) expressão de um sentimento nostálgico.

11. (TRT14R – Téc. Jud. – Área Adminis. – FCC – Fev./2016)

Apresentam significações opostas, no poema, os termos

a) *rio* e *enchente*, já que o primeiro equivale à calmaria e o segundo, à agitação.

b) *plenitude* e *Juventude*, já que o primeiro representa a tradição e o segundo, o progresso.

c) *estio* e *ribanceira*, já que o primeiro faz referência à escassez e o segundo, à fartura.

d) *poente* e *saudade*, já que o primeiro se refere ao futuro e o segundo, ao passado.

e) *criança* e *canto*, já que o primeiro remete à alegria e o segundo, à tristeza.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 12 e 13.

Idades e verdades

O médico e jornalista Drauzio Varella escreveu outro dia no jornal uma crônica muito instigante. Destaco este trecho: " Nada mais ofensivo para o velho do que dizer que ele tem 'cabeça de jovem'. É considerá-lo mais inadequado do que o rapaz de 20 anos que se comporta como criança de dez. Ainda que maldigamos o envelhecimento, é ele que nos traz a aceitação das ambiguidades, das diferenças, do contraditório e abre espaço para uma diversidade de experiências com as quais nem sonhávamos anteriormente".

Tomo a liberdade de adicionar meu comentário de velho: não preciso que os jovens acreditem em mim, tampouco estou aberto para receber lições dos mocinhos. Nossa alternativa: ao nos defrontarmos com uma questão de comum interesse, discutirmos honestamente que sentido ela tem para nós. O que nos unirá não serão nossas diferenças, mas o que nos desafia.

(LAMEIRA, Viriato, *inédito*)

12. (Copergás/PE – Analista Administrador – FCC – Jul./2016)

Deve-se entender que as afirmações de Drauzio Varella e as do autor do texto mantêm entre si

a) uma clara relação de causa e efeito, na ordem em que são expostas.

b) uma relação de independência, uma vez que não os move uma questão comum.

c) uma interligação compulsória, pois não se entende uma sem a presença da outra.

d) um caráter de alguma complementaridade, dado que a segunda é motivada pela primeira.

e) uma relação de subordinação, pois a segunda é uma simples dedução da primeira.

13. (Copergás/PE – Analista Administrador – FCC – Jul./2016)

O texto citado de Drauzio Varella parte de uma premissa que ele considera

a) verdadeira: os velhos, apesar da experiência acumulada, têm nostalgia dos anos dourados da juventude.

b) enganosa: a de que os velhos gostariam de ser aceitos como se mantivessem a pujança da juventude.

c) aceitável: há algo de pueril na velhice, mas que não obsta aos velhos demonstrar tudo o que aprenderam.

d) legítima: desde cedo somos obrigados a enfrentar as ambiguidades e os paradoxos do nosso pensamento.

e) preconceituosa: a de que os velhos tendam a amaldiçoar sua idade, quando o que sucede é exatamente o contrário.

Leia o texto a seguir para responder à questão 14.

Uma energia que vem de longe

O aproveitamento de recursos hídricos nas formas e em escala que conhecemos hoje só se tornou possível no final do século XIX, após o domínio das leis da mecânica dos fluidos, o consequente aperfeiçoamento das máquinas hidráulicas até o rendimento máximo e, por fim, o desenvolvimento da fantástica indústria da eletricidade. Sua história, porém, remonta à época da emergência daquelas civilizações, na Ásia e na África, das quais toda a cultura moderna é tributária, e está intimamente associada ao desenvolvimento dos primeiros grandes sistemas energéticos da humanidade, baseados na cultura irrigada de cereais.

(LOPES, Bernardina Reina, *inédito*)

14. (Eletrobras/Eletrosul – Adm. Empres. – FCC – Jun./2016)

Deve-se entender do texto que o aproveitamento de recursos hídricos

a) mantém-se tecnicamente tão eficaz quanto já o era ao tempo dos primeiros grandes sistemas energéticos.

b) está dando uma contribuição decisiva para o surgimento da fundamental indústria da eletricidade.

c) deve muito de seu atual estágio aos avanços resultantes do domínio da mecânica dos fluidos.

d) remonta ao final do século XIX, quando se aperfeiçoou o sistema de irrigação da cultura de cereais.

e) é tributário da cultura moderna e ainda se vale significativamente das técnicas das antigas civilizações orientais.

Leia o texto a seguir para responder à questão 15.

Designado para fazer a crítica dos espetáculos líricos de setembro de 1846 a outubro do ano seguinte no *Jornal do Comércio*, Martins Pena se revelou um profundo conhecedor da arte cênica, tanto no que se refere à prática teatral (cenário, representação, maquinarias) quanto a sua história, sendo não raro seus incisivos argumentos a causa de grandes polêmicas no teatro representado na corte brasileira.

Pena ganhou evidência como comediógrafo a partir de 1838, ano em que foi encenada sua peça *O Juiz de Paz na Roça*. Embora tenha produzido alguns dramas (que lhe renderam duras críticas), destacou-se de fato pelas suas comédias e farsas, nas quais retratou a cultura e os costumes da sociedade do seu tempo.

Nas suas obras, Pena buscou uma tomada de consciência de um momento da história de nosso país, que recém adquiria uma limitada independência, e tentou pensar criticamente nossa cultura, com as restrições que o contexto impunha ao trabalho intelectual, desvencilhando-se da tradição clássica, das comédias francesas, do teatro lírico e do melodrama, para criar uma nova comédia com traços muito pessoais, o que lhe garantiu sucesso imediato em seu tempo e um significado ímpar na história do teatro brasileiro.

Disponível em: <www.questaodecritica.com.br> (com adaptações).

15. (INSS – Analista Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

Julgue o item subsequente, que versa sobre os sentidos e os aspectos linguísticos do texto acima.

Verifica-se uma contradição na argumentação do autor, uma vez que o sentido do trecho “ criar uma nova comédia com traços muito pessoais” (l. 11) é incompatível com o sentido do trecho “ retratou a cultura e os costumes da sociedade do seu tempo” (l. 7).

Leia o texto a seguir para responder à questão 16.

Texto CB2A2AAA

É inegável que o Estado representa um ônus para a sociedade, já que, para assegurar o seu funcionamento, consome riquezas da sociedade. Representa, porém, um mal necessário, pois até agora não se conseguiu arquitetar mecanismo distinto para catalisar a vida em comunidade. Então, se do Estado ainda não pode prescindir a civilização, cabe-lhe aprimorá-lo, buscando otimizar o seu funcionamento, de modo a torná-lo menos oneroso, mais eficiente e eficaz.

O bom funcionamento do Estado, que inclui também o bom funcionamento de suas estruturas encarregadas do controle público (Ministério Público, Poder Legislativo e tribunais de contas, entre outros), vem sendo alçado à condição de direito fundamental dos indivíduos. Pressupõe, notadamente sob as luzes do princípio constitucional da eficiência, os deveres de cuidado e de cooperação.

O dever de cuidado é consequência direta do postulado da indisponibilidade do interesse público. Em decorrência desse postulado, todo agente público tem o dever de, no cumprimento fiel de suas atribuições, perseguir o interesse público manifesto na Constituição Federal e nas leis. Conduz, portanto, à ideia de vedação da omissão, já que deixar de cumprir tais atribuições evidenciaria conduta ilícita.

O dever de cuidado conduz, ainda, a uma ampla interação entre as estruturas públicas de controle, ou seja, é um dever de cooperação, não como faculdade, mas como obrigação que, em regra, dispensa formas especiais, como previsões normativas específicas, convênios e acordos.

Sob essa perspectiva, o controle público do Estado deve incorporar à sua cultura institucional o compromisso com o direito fundamental ao bom funcionamento do Estado. Nesse contexto, os deveres de cuidado e de cooperação se impõem a todas as estruturas do Estado destinadas a promover o controle da máquina estatal.

A observância do dever de cuidado e do de cooperação – traduzida, portanto, na atuação comprometida e concertada das estruturas orientadas para a função de controle da gestão pública – deve promover, entre os agentes e órgãos de controle, comportamentos de responsabilidade e responsividade. Por responsabilidade entenda-se o genuíno compromisso com a integralidade do ordenamento jurídico, o que pressupõe, acima de tudo, o reconhecimento de um regime de vedação da omissão. Responsividade, por sua vez, traduz o comportamento orientado a oferecer respostas rápidas e proativas, impregnadas de verdadeiro compromisso com a ideia-chave de promover o bom funcionamento do Estado.

Diogo Roberto Ringenberg. Direito fundamental ao bom funcionamento do controle público. In: Controle Público, nº 10, abr./2011, p. 55 (com adaptações).

16. (TCE-SC – Aud. Fiscal-Administ. – Cespe – Maio/2016)

A respeito das ideias veiculadas no texto CB2A2AAA, julgue o item que se segue.

A tese defendida pelo autor do texto resume-se à ideia expressa na seguinte assertiva: o Estado é um peso para toda a sociedade, mas, como não se pode prescindir dele, devem-se arquitetar mecanismos para que os impostos pagos pela sociedade sejam distribuídos em favor dos mais pobres.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 17 – 20.

Texto II

O índio não teve muita sorte na literatura brasileira, depois do Romantismo. Enquanto nas letras hispano-americanas viceja um esplêndido indigenismo pelo século XX adentro, com tantos e tão importantes criadores dedicando-se a transpor o índio para a ficção, no Brasil se podem contar nos dedos das mãos os casos.

Torna a trazer o assunto à baila o aparecimento e grande vendagem de **Maíra**, romance de Darcy Ribeiro. O renomado antropólogo já tinha em seu acervo de realizações uma respeitável brasiliana, incluindo vários trabalhos sobre os índios, um dos quais, a história de Uirá, fora transformado em filme no início da década de 70. **Maíra** é, portanto, a primeira incursão do autor pelo épico, a menos que se considere a história de Uirá como uma primeira aproximação ao gênero.

O relato, como o filme, dá conta do trágico percurso de Uirá, da tribo Urubu-Kaapor, no Maranhão deste século, o qual um dia fica *iñaron* quando, após muitas desgraças comuns ao destino dos índios brasileiros, como fome, espoliação, epidemias, perseguições, perde também um dos filhos.

A palavra tupi *iñaron* designa um estado de fúria sagrada, associado ao sofrimento excessivo, não deixando de lembrar as famosas fúrias dos heróis gregos: Hércules, uma vez acometido por um desses acessos, enviado pela vingativa Hera, matou, sem o saber, seus três filhos e esposa, tal como vem narrado na tragédia **Héracles Furioso**, de Eurípedes. Nas **Bacantes**, do mesmo autor, Agave, fora de si, participa do desmembramento de seu filho adulto, Penteu, rei de Tebas. E talvez o mais formidável exemplo seja o da cólera de Aquiles, que dá nascimento à inteira composição da **Ilíada**, desencadeada por sua recusa a continuar lutando. Devido à recusa de Aquiles, quase foi perdida a guerra de Troia e, não fosse sua fúria, o poema não teria sido composto.

Em meio ao furacão histórico da fase do capitalismo selvagem no país, quando o acirramento da acumulação leva multinacionais e suas cabeças-de-ponte nacionais a apropriar-se dos mais recônditos confins com vistas ao lucro, encontram-se, estonteados, os índios. O único problema dos Mairum – nome inventado, tribo arquetípica de todas as tribos, povo de Maíra – é como sobreviver e como fazer sua cultura sobreviver, com crescente dificuldade.

O romance inteiro soa como uma lamentação, um carpir sobre o fim de uma civilização das mais admiráveis. Seus trechos mais bem realizados são aqueles nos quais uma espécie de narrador coletivo índio dá conta de sua maneira de ver o mundo, de como compreende e interpreta seus hábitos e tradições; e, o que é mais importante, franqueia para o leitor seu tremendo desejo de sobrevivência e alegria de viver.

A produção e publicação de um romance como esse, agora, mostra como o índio está mais vivo do que nunca em sua conexão com a literatura brasileira. Tampouco deve ser uma coincidência que, neste exato momento, outras ficções, filmes, romances, peças de teatro, novelas de televisão, canções, estejam sendo feitos, todos sobre os índios, todos lutando em defesa de sua preservação para a História. Quando há tanta desconfiança em relação à pulsão destrutiva da civilização ocidental e entre nós é tão escandaloso o capitalismo selvagem, isso pode vir a significar alguma coisa. Talvez uma postura mais cautelosa e menos arrogante, de quem está aprendendo a perceber que outras civilizações encontraram saídas melhores e, sobretudo, não suicidas para males que hoje parecem irremediáveis, como o problema do poder, da proliferação e potenciação dos armamentos, da destruição da natureza, do Estado e de seu aparelho, da igualdade nunca encontrada. A alegoria da moça branca morta ao parir mestiços mortos poderá significar também o caráter heteroletal e autoletal da etnia branca? Pode ser que a importância da civilização indígena esteja, final e penosamente, penetrando na consciência do corpo social brasileiro.

Walnice Nogueira Galvão. Indianismo revisitado. In: *Esboço de figura – Homenagem a Antonio Candido.* São Paulo: Duas Cidades, 1979, p. 379-89 (com adaptações).

(Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Julgue (C ou E) os itens seguintes, relacionados às ideias desenvolvidas no texto II.

17. Ao citar exemplos da literatura grega antiga, Walnice Nogueira Galvão indica que a organização tribal é capaz de gerar conflitos e tensões que transcendem o Brasil ou o espaço hispano-americano.

18. Com o trecho "encontram-se, estonteados, os índios" (l. 23), a autora do texto evidencia o confronto entre o "capitalismo selvagem no país" (l. 21) e a cultura indígena.

19. Tanto o romance **Maíra** quanto o relato de Uirá exibem enredos marcados pelas dificuldades enfrentadas por tribos indígenas, atingidas por flagelos trazidos pela civilização não indígena.

20. Ao afirmar que "o índio está mais vivo do que nunca em sua conexão com a literatura" (l. 30 e 31), a autora defende que romances como **Maíra** têm o mérito de salvar tribos e civilizações indígenas das forças destrutivas que predominam nas sociedades.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 21 e 22.

Texto I

Descaso com saneamento deixa rios em estado de alerta

A crise hídrica transformou a paisagem urbana em muitas cidades paulistas. Casas passaram a contar com cisternas e caixas-d'água azuis se multiplicaram por telhados, lajes e até em garagens. Em regiões mais nobres, jardins e portarias de prédios ganharam placas que alertam sobre a utilização de água de reúso. As pessoas mudaram seu comportamento, economizaram e cobraram soluções.

As discussões sobre a gestão da água, nos mais diversos aspectos, saíram dos setores tradicionais e técnicos e ganharam espaço no cotidiano. Porém, vieram as chuvas, as enchentes e os rios urbanos voltaram a ficar tomados por lixo, mascarando, de certa forma, o enorme volume de esgoto que muitos desses corpos de água recebem diariamente.

É como se não precisássemos de cada gota de água desses rios urbanos e como se a água limpa que consumimos em nossas casas, em um passe de mágica, voltasse a existir em tamanha abundância, nos proporcionando o luxo de continuar a poluir centenas de córregos e milhares de riachos nas nossas cidades. Para completar, todo esse descaso decorrente da falta de saneamento se reverte em contaminação e em graves doenças de veiculação hídrica.

Dados do monitoramento da qualidade da água – que realizamos em rios, córregos e lagos de onze Estados brasileiros e do Distrito Federal – revelaram que 36,3% dos pontos de coleta analisados apresentam qualidade ruim ou péssima. Apenas 13 pontos foram avaliados com qualidade de água boa (4,5%) e os outros 59,2% estão em situação regular, o que significa um estado de alerta. Nenhum dos pontos analisados foi avaliado como ótimo.

Divulgamos esse grave retrato no Dia Mundial da Água (22 de março), com base nas análises realizadas entre março de 2015 e fevereiro de 2016, em 289 pontos de coleta distribuídos em 76 municípios.

(MANTOVANI, Mário; RIBEIRO, Malu. *UOL Notícias*, abril/2016.)

21. (Pref. Paulínia-SP – Ag. Fiscaliz. – FGV – Maio/2016)

"*A crise hídrica transformou a paisagem urbana em muitas cidades paulistas. Casas passaram a contar com cisternas e caixas-d'água azuis se multiplicaram por telhados, lajes e até em garagens. Em regiões mais nobres, jardins e portarias de*

prédios ganharam placas que alertam sobre a utilização de água de reúso."

Nesse segmento há três períodos. O segundo e o terceiro períodos, em relação ao primeiro, funcionam como

a) explicação da transformação ocorrida.

b) exemplificação de mudanças a partir da crise hídrica.

c) conclusão do que é dito anteriormente.

d) justificativa das transformações feitas pela população.

e) ironia sobre as medidas inócuas adotadas.

22. (Pref. Paulínia-SP – Ag. Fiscaliz – FGV – Maio/2016)

"*Dados do monitoramento da qualidade da água – que realizamos em rios, córregos e lagos de onze Estados brasileiros e do Distrito Federal – revelaram que 36,3% dos pontos de coleta analisados apresentam qualidade ruim ou péssima. Apenas 13 pontos foram avaliados com qualidade de água boa (4,5%) e os outros 59,2% estão em situação regular, o que significa um estado de alerta. Nenhum dos pontos analisados foi avaliado como ótimo*."

A função principal desse parágrafo do texto é

a) demonstrar o valor das pesquisas para os textos jornalísticos.

b) mostrar a seriedade da pesquisa realizada.

c) comprovar a qualidade do veículo divulgador da notícia.

d) indicar a qualidade dos autores do texto.

e) alertar contra a péssima qualidade da água.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 23 - 25.

Texto 1 – O futuro da medicina

O avanço da tecnologia afetou as bases de boa parte das profissões. As vítimas se contam às dezenas e incluem músicos, jornalistas, carteiros etc. Um ofício relativamente poupado até aqui é o de médico. Até aqui. A crer no médico e "geek" Eric Topol, autor de "The Patient Will See You Now" (o paciente vai vê-lo agora), está no forno uma revolução da qual os médicos não escaparão, mas que terá impactos positivos para os pacientes.

Para Topol, o futuro está nos *smartphones*. O autor nos coloca a par de incríveis tecnologias, já disponíveis ou muito próximas disso, que terão grande impacto sobre a medicina. Já é possível, por exemplo, fotografar pintas suspeitas e enviar as imagens a um algoritmo que as analisa e diz com mais precisão do que um dermatologista se a mancha é inofensiva ou se pode ser um câncer, o que exige medidas adicionais.

Está para chegar ao mercado um apetrecho que transforma o celular num verdadeiro laboratório de análises clínicas, realizando mais de 50 exames a uma fração do custo atual. Também é possível, adquirindo lentes que custam centavos, transformar o *smartphone* num supermicroscópio que permite fazer diagnósticos ainda mais sofisticados.

Tudo isso aliado à democratização do conhecimento, diz Topol, fará com que as pessoas administrem mais sua própria saúde, recorrendo ao médico em menor número de ocasiões e de preferência por via eletrônica. É o momento, assegura o autor, de ampliar

a autonomia do paciente e abandonar o paternalismo que desde Hipócrates assombra a medicina.

Concordando com as linhas gerais do pensamento de Topol, mas acho que, como todo entusiasta da tecnologia, ele provavelmente exagera. Acho improvável, por exemplo, que os hospitais caminhem para uma rápida extinção. Dando algum desconto para as previsões, " The Patient..." é uma excelente leitura para os interessados nas transformações da medicina.

Folha de S. Paulo online – Coluna Hélio Schwartsman – 17/01/2016.

23. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

O segundo, o terceiro e o quarto parágrafos do texto 1 têm a função de:

a) demonstrar que a revolução já é uma realidade;

b) criticar os exageros do livro indicado;

c) resumir a obra de Topol;

d) justificar o título do livro referido;

e) explicitar o conteúdo do livro citado.

24. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

O primeiro parágrafo do texto 1 mostra uma estratégia no tratamento do tema, que é partir:

a) do passado para o presente;

b) do geral para o particular;

c) do todo para as partes;

d) do abstrato para o concreto;

e) do objetivo para o subjetivo.

25. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

" Para Topol, o futuro está nos *smartphones*. O autor nos coloca a par de incríveis tecnologias, já disponíveis ou muito próximas disso, que terão grande impacto sobre a medicina."

O segundo período desse segmento do texto 1, em relação ao período anterior, funciona como:

a) oposição à afirmação feita;

b) enumeração das tecnologias referidas anteriormente;

c) explicação do termo " smartphones";

d) justificativa de uma afirmação;

e) consequência de uma causa previamente citada.

Leia o texto a seguir para responder à questão 26.

Texto 2 – Manual de princípios éticos para sites de medicina e saúde na internet

A veiculação de informações, a oferta de serviços e a venda de produtos médicos na Internet têm o potencial de promover a saúde

mas também podem causar danos aos internautas, usuários e consumidores.

O CREMESP define a seguir princípios éticos norteadores de uma política de autorregulamentação e critérios de conduta dos sites de saúde e medicina na Internet.

1) TRANSPARÊNCIA

Deve ser transparente e pública toda informação que possa interferir na compreensão das mensagens veiculadas ou no consumo dos serviços e produtos oferecidos pelos sites com conteúdo de saúde e medicina. Deve estar claro o propósito do site: se é apenas educativo ou se tem fins comerciais na venda de espaço publicitário, produtos, serviços, atenção médica personalizada, assessoria ou aconselhamento. É obrigatória a apresentação dos nomes do responsável, mantenedor e patrocinadores diretos ou indiretos do site.

2) HONESTIDADE

Muitos sites de saúde estão a serviço exclusivamente dos patrocinadores, geralmente empresas de produtos e equipamentos médicos, além da indústria farmacêutica que, em alguns casos, interferem no conteúdo e na linha editorial, pois estão interessados em vender seus produtos.

A verdade deve ser apresentada sem que haja interesses ocultos. Deve estar claro quando o conteúdo educativo ou científico divulgado (afirmações sobre a eficácia, efeitos, impactos ou benefícios de produtos ou serviços de saúde) tiver o objetivo de publicidade, promoção e venda, conforme Resolução CFM Nº 1.595/2000.

3) QUALIDADE

A informação de saúde apresentada na Internet deve ser exata, atualizada, de fácil entendimento, em linguagem objetiva e cientificamente fundamentada. Da mesma forma produtos e serviços devem ser apresentados e descritos com exatidão e clareza. Dicas e aconselhamentos em saúde devem ser prestados por profissionais qualificados, com base em estudos, pesquisas, protocolos, consensos e prática clínica.

Os sites com objetivo educativo ou científico devem garantir a autonomia e independência de sua política editorial e de suas práticas, sem vínculo ou interferência de eventuais patrocinadores.

Deve estar visível a data da publicação ou da revisão da informação, para que o usuário tenha certeza da atualidade do site. Os sites devem citar todas as fontes utilizadas para as informações, critério de seleção de conteúdo e política editorial do site, com destaque para nome e contato com os responsáveis.

26. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

O título do texto 2 já define o seu conteúdo como:

a) preditivo;

b) informativo;

c) publicitário;

d) normativo;

e) instrucional.

Leia o texto a seguir para reponder à questão 27.

Texto 1 – Problemas Sociais Urbanos

Dentre os problemas sociais urbanos, merece destaque a questão da segregação urbana, fruto da concentração de renda no espaço das cidades e da falta de planejamento público que vise à promoção de políticas de controle ao crescimento desordenado das cidades. A especulação imobiliária favorece o encarecimento dos locais mais próximos dos grandes centros, tornando-os inacessíveis à grande massa populacional. Além disso, à medida que as cidades crescem, áreas que antes eram baratas e de fácil acesso tornam--se mais caras, o que contribui para que a grande maioria da população pobre busque por moradias em regiões ainda mais distantes.

Essas pessoas sofrem com as grandes distâncias dos locais de residência com os centros comerciais e os locais onde trabalham, uma vez que a esmagadora maioria dos habitantes que sofrem com esse processo são trabalhadores com baixos salários. Incluem-se a isso as precárias condições de transporte público e a péssima infraestrutura dessas zonas segregadas, que às vezes não contam com saneamento básico ou asfalto e apresentam elevados índices de violência.

A especulação imobiliária também acentua um problema cada vez maior no espaço das grandes, médias e até pequenas cidades: a questão dos lotes vagos. Esse problema acontece por dois principais motivos: 1) falta de poder aquisitivo da população que possui terrenos, mas que não possui condições de construir neles e 2) a espera pela valorização dos lotes para que esses se tornem mais caros para uma venda posterior. Esses lotes vagos geralmente apresentam problemas como o acúmulo de lixo, mato alto, e acabam tornando-se focos de doenças, como a dengue.

PENA, Rodolfo F. Alves. "Problemas socioambientais urbanos"; *Brasil Escola*. Disponível em: http://brasilescola.uol.com.br/brasil/problemas-ambientais-sociais-decorrentes-urbanização.htm. Acesso em 14 de abril de 2016.

27. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

A estruturação do texto 1 é feita do seguinte modo:

a) uma introdução definidora dos problemas sociais urbanos e um desenvolvimento com destaque de alguns problemas;

b) uma abordagem direta dos problemas com seleção e explicação de um deles, visto como o mais importante;

c) uma apresentação de caráter histórico seguida da explicitação de alguns problemas ligados às grandes cidades;

d) uma referência imediata a um dos problemas sociais urbanos, sua explicitação, seguida da citação de um segundo problema;

e) um destaque de um dos problemas urbanos, seguido de sua explicação histórica, motivo de crítica às atuais autoridades.

Leia o texto a seguir para responder à questão 28.

Texto 2 – Violência e favelas

O crescimento dos índices de violência e a dramática transformação do crime manifestados nas grandes metrópoles são alarmantes, sobretudo, na cidade do Rio de Janeiro, sendo as favelas as mais afetadas nesse processo.

" A violência está o cúmulo do absurdo. É geral, não é? É geral, não tem, não está distinguindo raça, cor, dinheiro, com dinheiro, sem dinheiro, tá de pessoa para pessoa, não interessa se eu te conheço ou se eu não te conheço. Me irritou na rua eu te dou um tiro. É assim mesmo que está, e é irritante, o ser humano está em um estado de nervos que ele não está mais se controlando, aí junta a falta de dinheiro, junta falta de tudo, e quem tem mais tá querendo mais, e quem tem menos tá querendo alguma coisa e vai descontar em cima de quem tem mais, e tá uma rivalidade, uma violência que não tem mais tamanho, tá uma coisa insuportável." (moradora da Rocinha)

A recente escalada da violência no país está relacionada ao processo de globalização que se verifica, inclusive, ao nível das redes de criminalidade. A comunicação entre as redes internacionais ligadas ao crime organizado são realizadas para negociar armas e drogas. Por outro lado, verifica-se hoje, com as CPIs (Comissão Parlamentar de Inquérito) instaladas, ligações entre atores presentes em instituições estatais e redes do narcotráfico.

Nesse contexto, as camadas populares e seus bairros/favelas são crescentemente objeto de estigmatização, percebidos como causa da desordem social o que contribui para aprofundar a segregação nesses espaços. No outro polo, verifica-se um crescimento da autossegregação, especialmente por parte das elites que se encastelam nos enclaves fortificados na tentativa de se proteger da violência.

(Maria de Fátima Cabral Marques Gomes, *Scripta Nova*)

28. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

A fala da moradora da Rocinha tem a seguinte finalidade:

a) demonstrar que as favelas são o centro da violência;

b) enumerar as consequências da violência nas favelas;

c) confirmar uma afirmação do parágrafo anterior;

d) mostrar a insignificância da vida humana;

e) provar que a violência é fruto da globalização.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 29 – 32.

Texto 1

Há pessoas que preferem enfrentar as gélidas noites paulistanas na rua a buscar acolhimento nos abrigos municipais. As razões para tal atitude, mesmo em meio a uma onda de frio que assola São Paulo, são várias: de inadequação às regras dos albergues a condições supostamente insalubres de alguns desses locais.

Mesmo quem busca uma vaga tem reclamações a fazer sobre os abrigos municipais: eles dizem que os banheiros e as roupas de cama estão em más condições e se queixam de tratamento desrespeitoso por parte de alguns funcionários.

(UOL Cotidiano, *Notícias*, junho de 2016)

29. (Compesa – A.S.G. – Técn. Segur. Trab. – FGV – Jul./2016)

O principal objetivo do texto é:

a) criticar as autoridades responsáveis pelos abrigos municipais.

b) mostrar as dificuldades no tratamento com os moradores de rua.

c) explicar as razões da recusa de os moradores de rua se recolherem nos abrigos municipais.

d) destacar a gravidade da situação dos que não têm onde morar.

e) demonstrar a necessidade urgente da melhora dos abrigos municipais.

30. (Compesa – A.S.G. – Técn. Segur. Trab. – FGV – Jul./2016)

No primeiro parágrafo do texto há dois períodos. Em relação ao primeiro, o segundo período desempenha o seguinte papel:

a) justificar a preferência de alguns moradores de rua.

b) reiterar as más condições climáticas no momento da elaboração do texto.

c) enumerar os problemas dos abrigos municipais de São Paulo.

d) destacar os motivos de os abrigos serem recusados por um morador de rua.

e) criticar as preferências de algumas pessoas por continuarem nas ruas.

31. (Compesa – A.S.G. – Técn. Segur. Trab. – FGV – Jul./2016)

O texto aborda um problema sem identificar os seus personagens e sem especificar o conteúdo de vários termos.

Assinale a opção que apresenta o termo que, ao contrário dos demais, mostra valor específico.

a) Pessoas.

b) Más condições.

c) Tratamento desrespeitoso.

d) Tal atitude.

e) Regras dos albergues.

32. (Compesa – A.S.G. – Técn. Segur. Trab. – FGV – Jul./2016)

Leia a frase: " *Sou como uma planta do deserto. Uma única gota de orvalho é suficiente* <u>*para me alimentar*</u>".

Nesse pensamento há uma oração reduzida sublinhada; essa oração, se modificada para a forma de uma oração desenvolvida, deveria ser:

a) para que me alimentasse.

b) para que eu fosse alimentado.

c) para a minha alimentação.

d) para que eu me alimente.

e) para eu ser alimentado.

33. (Compesa – An. Gest. Médico do Trabalho – FGV – Jul./2016)

Na frase " *Você quer estar certo ou quer ser feliz*"? ocorre

a) uma antítese paradoxal.

b) uma pergunta retórica.

c) uma ambiguidade intencional.

d) uma falsa oposição.

e) uma ausência de paralelismo.

Leia o texto a seguir para responder à questão 34.

Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador

A medicina do trabalho, enquanto especialidade médica, surge na Inglaterra, na primeira metade do século XIX, com a Revolução Industrial.

Naquele momento, o consumo da força de trabalho, resultante da submissão dos trabalhadores a um processo acelerado e desumano de produção, exigiu uma intervenção, sob pena de tornar inviável a sobrevivência e a reprodução do próprio processo.

Quando Robert Dernham, proprietário de uma fábrica têxtil, preocupado com o fato de que seus operários não dispunham de nenhum cuidado médico a não ser aquele propiciado por instituições filantrópicas, procurou o Dr. Robert Baker, seu médico, pedindo que indicasse qual a maneira pela qual ele, como empresário, poderia resolver tal situação. Baker respondeu-lhe:

" Coloque no interior da sua fábrica o seu próprio médico, que servirá de intermediário entre você, os seus trabalhadores e o público. Deixe-o visitar a fábrica, sala por sala, sempre que existam pessoas trabalhando, de maneira que ele possa verificar o efeito do trabalho sobre as pessoas. E se ele verificar que qualquer dos trabalhadores está sofrendo a influência de causas que possam ser prevenidas, a ele competirá fazer tal prevenção. Dessa forma você poderá dizer: meu médico é a minha defesa, pois a ele dei toda a minha autoridade no que diz respeito à proteção da saúde e das condições físicas dos meus operários; se algum deles vier a sofrer qualquer alteração da saúde, o médico unicamente é que deve ser responsabilizado".

A resposta do empregador foi a de contratar Baker para trabalhar na sua fábrica, surgindo, assim, em 1830, o primeiro serviço de medicina do trabalho.

Na verdade, despontam, na resposta do fundador do primeiro serviço médico de empresa, os elementos básicos da expectativa do capital quanto às finalidades de tais serviços:

- deveriam ser serviços dirigidos por pessoas de inteira confiança do empresário e que se dispusessem a defendê-lo;

- deveriam ser serviços centrados na figura do médico;

- a prevenção dos danos à saúde resultantes dos riscos do trabalho deveria ser tarefa eminentemente médica;

- a responsabilidade pela ocorrência dos problemas de saúde ficava transferida ao médico.

A implantação de serviços baseados nesse modelo rapidamente expandiu-se por outros países, paralelamente ao processo de industrialização e, posteriormente, aos países periféricos, com a transnacionalização da economia. A inexistência ou fragilidade dos sistemas de assistência à saúde, quer como expressão do seguro social, quer diretamente providos pelo Estado, via serviços de saúde pública, fez com que os serviços médicos de empresa passassem a exercer um papel vicariante, consolidando, ao mesmo tempo, sua vocação enquanto instrumento de criar e manter a dependência do trabalhador (e frequentemente também de seus familiares), ao lado do exercício direto do controle da força de trabalho.

MENDES, R; DIAS, E.C. Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador. *Revista Saúde Pública*, S.Paulo, 25: 341-9, 1991. Disponível em: <https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/2977.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2015. Adaptado.

34. (Basa – Médico do Trabalho – Cesgranrio – Set./2015)

No primeiro parágrafo do texto, o destaque para o contexto histórico em que surgiu a medicina do trabalho tem por objetivo

a) mostrar que esse tipo de medicina constituía uma necessidade apenas daquela época.

b) apontar o desenvolvimento industrial como determinante para o cuidado com a força de trabalho.

c) conduzir o leitor a uma percepção dessa área médica como uma tendência efêmera.

d) questionar o poder de alcance da medicina do trabalho dentro da indústria.

e) enfatizar uma exigência das leis britânicas no que se refere à saúde do trabalhador.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 35 e 36.

Daqui a vinte e cinco anos

Perguntaram-me uma vez se eu saberia calcular o Brasil daqui a vinte e cinco anos. Nem daqui a vinte e cinco minutos, quanto mais vinte e cinco anos. Mas a impressão-desejo é a de que num futuro não muito remoto talvez compreendamos que os movimentos caóticos atuais já eram os primeiros passos afinando-se e orquestrando-se para uma situação econômica mais digna de um homem, de uma mulher, de uma criança. E isso porque o povo já tem dado mostras de ter maior maturidade política do que a grande maioria dos políticos, e é quem um dia terminará liderando os líderes. Daqui a vinte e cinco anos o povo terá falado muito mais.

Mas se não sei prever, posso pelo menos desejar. Posso intensamente desejar que o problema mais urgente se resolva: o da fome. Muitíssimo mais depressa, porém, do que em vinte e cinco anos, porque não há mais tempo de esperar: milhares de homens, mulheres e crianças são verdadeiros moribundos ambulantes que tecnicamente deviam estar internados em hospitais para subnutridos. Tal é a miséria, que se justificaria ser decretado estado de prontidão, como diante de calamidade pública. Só que é pior: a fome é a nossa endemia, já está fazendo parte orgânica do corpo e da alma. E, na maioria das vezes, quando se descrevem as características físicas, morais e mentais de um brasileiro, não se nota que na verdade se estão descrevendo os sintomas físicos, morais e mentais da fome. Os líderes que tiverem como meta a solução econômica do problema da comida serão tão abençoados por nós como, em comparação, o mundo abençoará os que descobrirem a cura do câncer.

LISPECTOR, C. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. p. 33.

35. (Liquigás – Administrador Jr. – Cesgranrio – Set./2015)

No texto, a autora projeta como seu principal desejo a(o)

a) abolição da censura

b) diminuição da fome

c) cura do câncer

d) aumento da desigualdade

e) fim da corrupção

36. (Liquigás – Administrador Jr. – Cesgranrio – Set./2015)

No texto, a autora intensifica seu ponto de vista

a) mostrando não saber o que deseja para daqui a vinte e cinco anos.

b) afirmando ser o brasileiro um povo imaturo politicamente.

c) relacionando o câncer ao problema da fome no país.

d) expondo a ideia de que os políticos se importam com os necessitados.

e) desejando que, no futuro, os líderes sejam liderados pelo povo.

Leia o texto a seguir para responder à questão 37.

Texto I

Banhos de mar

Meu pai acreditava que todos os anos se devia fazer uma cura de banhos de mar. E nunca fui tão feliz quanto naquelas temporadas de banhos em Olinda, Recife.

Meu pai também acreditava que o banho de mar salutar era o tomado antes de o sol nascer. Como explicar o que eu sentia de presente prodigioso em sair de casa de madrugada e pegar o bonde vazio que nos levaria para Olinda ainda na escuridão?

De noite eu ia dormir, mas o coração se mantinha acordado, em expectativa. E de puro alvoroço, eu acordava às quatro e pouco da madrugada e despertava o resto da família. Nós nos vestíamos depressa e saíamos em jejum. Porque meu pai acreditava que assim devia ser: **em jejum**.

Saímos para uma rua toda escura, recebendo a brisa da pré-madrugada. E esperávamos o bonde. Até que lá de longe ouvíamos o seu barulho se aproximando. Eu me sentava bem na ponta do banco, e minha felicidade começava. Atravessar a cidade escura me dava algo que jamais tive de novo. No bonde mesmo o tempo começava a clarear, e uma luz trêmula de sol escondido nos banhava e banhava o mundo.

Eu olhava tudo: as poucas pessoas na rua, a passagem pelo campo com os bichos-de-pé: " Olhe, um porco de verdade!" gritei uma vez, e a frase de deslumbramento ficou sendo uma das brincadeiras da minha família, que de vez em quando me dizia rindo: " Olhe, um porco de verdade".

Eu não sei da infância alheia. Mas essa viagem diária me tornava uma criança completa de alegria. E me serviu como promessa de felicidade para o futuro. Minha capacidade de ser feliz se revelava. Eu me agarrava, dentro de uma infância muito infeliz, a essa ilha encantada que era a viagem diária.

LISPECTOR, C. *A Descoberta do Mundo*. São Paulo: Rocco, 1999, p. 175. Adaptado.

37. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016)

A leitura atenta do Texto I permite sustentar que a narradora

a) pertencia a uma família que era possuidora de uma casa em Olinda, Recife.

b) tinha uma alegria enorme quando chegavam as temporadas de banho de mar com a família.

c) sofria com uma infância infeliz e só se alegrava quando via um porco de verdade.

d) levantava mais cedo do que toda a família para tomar café e ir logo para a praia.

e) ficava assustada com o pouco movimento das ruas quase desertas.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 38 e 39.

Entrevista com Frédéric Martel

Uma guerra mundial pelo conteúdo dos meios de comunicação se trava pela conquista do público dentro e fora dos países criadores. Batalhas se desenrolam pelo domínio da notícia, do formato de programas de TV e pela exibição de filmes, vídeos,

música, livros. Nesse processo, um gigante domina: os Estados Unidos, com sua capacidade de produzir cultura de massas que agrada ao grande público em todos os continentes. Essa penetração cultural americana, que muitos críticos preferem chamar de imperialismo, leva os filmes, a música e a televisão americana para o mundo. Sua arma é o inverso da alta cultura, da contracultura, da subcultura, de nichos especializados. Visa o público em geral, cultura de massa, de milhões. Tornou-se a cultura internacional dominante, principal, a chamada *mainstream*, conforme o título do livro escrito pelo sociólogo francês Frédéric Martel. Para escrever *Mainstream*, ele percorreu 30 países durante cinco anos, entrevistou mais de 1.200 pessoas em todas as capitais do *entertainment*, analisou a ação dos protagonistas, a lógica dos grupos e acompanhou a circulação internacional de conteúdo.

É um imperialismo diferente daquele político e militar. É uma espécie de imperialismo cultural que é bem recebido no mundo. A esse respeito, afirma Frédéric Martel: " É o que basicamente chamamos de *soft power*. *Soft power* significa influenciar as pessoas com coisas legais. Você é amigável, não é contundente. Você tem as forças armadas, tem a diplomacia tradicional e grandes empresas econômicas, que formam o *hard power*, e tem o *soft power*, que influencia as pessoas através de filmes, de livros, da internet e de valores".

" A língua é importante. Eu acredito – e essa é a principal conclusão do meu livro – que, no mundo em que estamos entrando, que reúne globalização e digitalização, a língua é importante. E eu acredito que a batalha, a luta, mesmo a guerra de conteúdo, será uma batalha a respeito da cultura nacional. Você pode ouvir Lady Gaga, gostar de *Avatar* e ler *O Código Da Vinci*, mas, no final das contas, a maior parte da cultura que você consome e ama geralmente é nacional, local, regional, e não global. A cultura global é apenas uma pequena parte do que você gosta. Então, no final das contas, os americanos são os únicos a poder prover essa cultura dominante global, mas essa cultura dominante global continua pequena.

Por quê? Porque a língua é muito importante, porque a identidade é muito importante. Quando você compra um livro de não ficção, quer saber o que acontece aqui, no seu país, e não na Coreia do Sul, por exemplo. Na Coreia do Sul você quer ouvir K-pop, que é a música pop coreana, e ver um drama coreano, e não ouvir uma música brasileira. Portanto, nós estamos em um mundo cada vez mais global, mas, ao mesmo tempo, a cultura ainda é e será muito nacional. Para resumir as coisas, eu diria que todos temos duas culturas: a nossa e a americana."

" Nós, como europeus, temos o mesmo tipo de relação que você, como brasileiro, tem com os EUA. Nós os amamos e odiamos. É uma complicada relação de amor e ódio. Nós esperamos que eles sejam como são; nós queremos criticá-los, mas, ao mesmo tempo, nós protestamos contra eles com tênis Nike nos pés. Nós trabalhamos para ser um pouco como eles, muito embora nós queiramos manter nossa identidade e cultura. E, a propósito, a boa notícia é que o debate no mundo hoje e no futuro não será entre nós – brasileiros, franceses, europeus – e os americanos. Será entre todos nós. O que eu quero dizer é que hoje não há apenas dois povos: nós e os EUA. O mundo é muito mais complicado, com países emergentes, que serão fundamentais nesse novo jogo."

" Para resumir, afirma Martel, eu diria que os EUA continuarão sendo peça importante da guerra de conteúdo, podemos dizer, nos próximos anos e décadas. Eu não acredito e não compro a ideia do declínio da cultura americana. Eu acho que eles são fortes e continuarão sendo fortes. Mas eles não são os únicos no jogo. Agora temos os países emergentes, que estão emergindo não só demográfica e economicamente, como pensávamos. E eu fui um dos primeiros a mostrar que eles estão emergindo com sua cultura, sua mídia e com a internet."

" Nesse mundo, a internet pode ser uma peça importante. O Brasil, por exemplo, vai crescer com a internet, com certeza. Criam-se ferramentas inovadoras de alfabetização, por exemplo, em comunidades, em favelas, em lugares onde os moradores não têm acesso a uma livraria ou biblioteca. Mas eles terão acesso à internet em *lan houses*, por exemplo, e mesmo no telefone. Hoje, todo

mundo tem um telefone celular barato. Mesmo na África, todos têm celulares com funções básicas. Em cinco anos, todos terão um *smartphone*, pois os preços estão caindo muito. Assim, todos poderão acessar a internet pelo *smartphone*. Se você tem acesso à internet, pode baixar livros, acessar a rede, pode ver filmes e daí por diante."

" A questão não é se essa tecnologia é boa, conclui Martel. A questão é: ela não será boa ou ruim sozinha. Ela será o que você, o povo, o governo deste país e nós formos capazes de fazer com ela, criando uma boa internet e uma maneira melhor de ter acesso ao conteúdo através da internet."

BOCCANERA, S. Entrevista concedida pelo sociólogo Frédéric Martel, Programa Milênio, *Globo News*. Disponível em: <http://www.conjur.com.br/2013-jan-25/ideias-milenio-frederic-martel-sociologo-jornalista-frances>. Acesso em: 10 nov. 2015. Adaptado.

38. (ANP – Téc. Reg. Petr&Der – Cesgranrio – Jan./2016)

Para garantir uma compreensão adequada de um texto, é preciso reconhecer o modo como o tema foi desenvolvido, identificando a sequência em que as ideias nele foram expostas.

Assim, antes de o texto apresentar a opinião do sociólogo Martel sobre a convivência entre a cultura globalizada e as culturas locais (3º parágrafo), refere-se

a) ao aparecimento de países emergentes que podem interferir na polarização entre americanos e europeus no domínio dos bens culturais.

b) ao imperialismo cultural de origem americana promovido pela capacidade de produzir cultura de massas que agrada ao grande público.

c) à possibilidade de declínio da cultura americana devido à competição com os meios de comunicação dominados por países europeus.

d) à importância crescente da internet para criação de ferramentas inovadoras de alfabetização, para pessoas que não têm acesso a uma livraria ou biblioteca.

e) à complexa relação de amor e ódio que existe entre alguns povos do mundo e os americanos, devido à grande penetração em termos de cultura de massas.

39. (ANP – Téc. Reg. Petr&Der – Cesgranrio – Jan./2016)

O 6º parágrafo do texto pode ser sintetizado em:

a) A criação de ferramentas inovadoras de alfabetização para atender às comunidades pobres das favelas tem o objetivo de ampliar o acesso a livrarias e bibliotecas.

b) A prova de que a tecnologia só traz benefícios às pessoas é que a queda dos preços dos *smartphones* no Brasil e na África permitirá a veiculação das diferentes culturas nacionais a países de todo o mundo.

c) O crescimento da internet, promovido por programas governamentais de criação de *lan houses* e venda de *smartphones*, permitirá a ampliação do poder da cultura de massas de origem americana no Brasil.

d) A popularização dos meios de comunicação digital, como telefones celulares, permitirá que pessoas de classes desfavorecidas possam ter acesso às informações veiculadas na rede mundial de computadores.

e) O investimento em alfabetização, os programas de doação de livros e de acesso a bibliotecas são estratégias governamentais para possibilitar que todas as pessoas tenham acesso à informação e à cultura de massas.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 40 e 41.

Moeda digital deve revolucionar a sociedade

Nas sociedades primitivas, a produção de bens era limitada e feita por famílias que trocavam seus produtos de subsistência através do escambo, organizado em locais públicos, decorrendo daí a origem do termo "pregão" da Bolsa. Com o passar do tempo, especialmente na antiguidade, época em que os povos já dominavam a navegação, o comércio internacional se modernizou e engendrou a criação de moedas, com o intuito de facilitar a circulação de mercadorias, que tinham como lastro elas mesmas, geralmente alcunhadas em ouro, prata ou bronze, metais preciosos desde sempre.

A Revolução Industrial ocorrida inicialmente na Inglaterra e na Holanda, por volta de 1750, viria a criar uma quantidade de riqueza acumulada tão grande que transformaria o próprio dinheiro em mercadoria. Nascia o mercado financeiro em Amsterdã, que depois se espalharia por toda a Europa e pelo mundo. A grande inovação na época foi o mecanismo de compensação nos pagamentos, mais seguro e prático, no qual um banco emitia uma ordem de pagamento para outro em favor de determinada pessoa e esta poderia sacá-la sem que uma quantidade enorme de dinheiro ou ouro tivesse de ser transportada entre continentes. Essa ordem de pagamento, hoje reconhecida no mundo financeiro como "título cambial", tem como instrumento mais conhecido o cheque, "neto" da letra de câmbio, amplamente usada pela burguesia em transações financeiras na alta idade média. A teoria nos ensina que são três as suas principais características: a cartularidade, a autonomia e a abstração.

Ora, o que isso tem a ver com *bitcoins*? Foi necessária essa pequena exegese para refletirmos que não importa a forma como a sociedade queira se organizar, ela é sempre motivada por um fenômeno humano. Como nos ensina Platão, a necessidade é a mãe das invenções. Considerando o dinamismo da evolução da sociedade da informação, inicialmente revolucionada pela invenção do códex e da imprensa nos idos de 1450, que possibilitou na Idade Média o armazenamento e a circulação de grandes volumes de informação, e, recentemente, o fenômeno da internet, que eliminou distâncias e barreiras culturais, transformando o mundo em uma aldeia global, seria impossível que o próprio mundo virtual não desenvol-vesse sua moeda, não somente por questão financeira, mas sobretudo para afirmação de sua identidade cultural.

Criada por um "personagem virtual", cuja identidade no mundo real é motivo de grande especulação, a *bitcoin*, resumidamente, é uma moeda virtual que pode ser utilizada na aquisição de produtos e serviços dos mais diversos no mundo virtual. Trata-se de um título cambial digital, sem emissor, sem cártula, e, portanto, sem lastro, uma aberração no mundo financeiro, que, não obstante isso, tem valor.

No entanto, ao que tudo indica, essa questão do lastro está prestes a ser resolvida. Explico. Grandes corporações começam a acenar com a possibilidade de aceitar *bitcoins* na compra de serviços. Se a indústria pesada da tecnologia realmente adotar políticas reconhecendo e incluindo bitcoins como moeda válida, estará dado o primeiro passo para a criação de um mercado financeiro global de *bitcoins*. Esse assunto é de alta relevância para a sociedade como um todo e poderá abrir as portas para novos serviços nas estruturas que se formarão não somente no mercado financeiro, em todas as suas facetas – refiro-me à Bolsa de Valores, inclusive, bem como em novos campos do direito e na atividade estatal de regulação dessa nova moeda.

Certamente a consolidação dos *bitcoins* não revogará as outras modalidades de circulação de riqueza criadas ao longo da história, posto que ainda é possível trocar mercadorias, emitir letras de câmbio, transacionar com moedas e outros títulos. Ao longo do tempo aprendemos também que os instrumentos se renovaram e se tornaram mais sofisticados, fato que constitui um desafio para o mundo do direito.

AVANZI, Dane. UOL TV Todo Dia. Disponível em: <http://portal.tododia.uol.com.br/_conteudo/2015/03/opiniao/65848-moeda-digital-deve-

revolucionar-a-sociedade.php>. Acesso em: 09 ago. 2015. Adaptado.

40. (BB – Escriturário – Cesgranrio – Out./2015)

No texto, afirma-se que " a necessidade é a mãe das invenções" (l. 19) para justificar a ideia de que

a) as moedas virtuais podem tornar obsoleta a emissão de letras de câmbio, de cheques e demais títulos monetários.

b) a criação de uma moeda virtual atende às exigências da sociedade atual, marcada pela globalização da informação.

c) a manutenção do sistema financeiro global depende da criação de mecanismos virtuais de circulação de dinheiro.

d) a exigência de lastro para que as moedas virtuais sejam aceitas impossibilita o uso de *bitcoins* para transações na internet.

e) as transações financeiras devem ser realizadas virtualmente para que seja garantida maior segurança ao sistema bancário.

41. (BB – Escriturário – Cesgranrio – Out./2015)

Para que a leitura de um texto seja bem sucedida, é preciso reconhecer a sequência em que os conteúdos foram apresentados.

Esse texto, antes de explicar como eram realizadas as transações financeiras na época medieval, refere-se

a) à importância da criação de novos serviços na área financeira, o que é de grande relevância para a sociedade.

b) à possibilidade de criação de lastro para as moedas virtuais devido à adesão de grandes empresas mundiais.

c) à invenção de um documento financeiro para evitar o transporte de valores entre grandes distâncias.

d) à criação de instrumento a ser utilizado na aquisição de produtos e serviços por meio eletrônico.

e) ao surgimento do fenômeno da internet, responsável pela transformação do mundo em uma aldeia global.

Leia o texto a seguir para responder à questão 42.

O Rio de Janeiro voltou a ser a cidade que inspira o Brasil. Aos poucos, recupera a influência que tinha nos anos 1950 e 1960, época em que Burle Marx rasgava jardins e Oscar Niemeyer projetava os edifícios que faziam do Rio uma cidade ainda mais maravilhosa – digna de ser cantada nos versos de Tom Jobim e Vinícius de Moraes. No passado, a pujança cultural do Rio se escorava num time de criadores geniais como eles. Hoje, ela se deve principalmente à recuperação econômica, que fez com que florescessem na cidade novos polos de moda, cinema, música e esporte. Em cada um desses campos, novos criadores cariocas começam a deixar sua marca. A soma entre o dinheiro e a perspectiva de exposição internacional com dois grandes eventos esportivos – Copa do Mundo e Olimpíada – também atraiu o interesse de arquitetos de renome, além de movimentar o turismo. Com tudo isso, o carioca, aos poucos, começa a recuperar a autoestima.

Nas últimas décadas, os elogios ao Rio vinham sempre acompanhados de conjunções adversativas.

(*Época*, 04.03.2013)

42. (SEED-SP – An. Administrativo – Vunesp – Maio/2016)

O último parágrafo do texto pode ser exemplificado como o seguinte enunciado:

a) Cidade tão linda que inspirou os visitantes.

b) Cidade linda, no entanto violenta.

c) Cidade cara e pouco receptiva.

d) Cidade mágica, porque encanta.

e) Cidade não só violenta mas também suja.

Leia o texto a seguir para responder à questão 43.

CONTRATEMPOS

Ele nunca entendeu o tédio, essa impressão de que existem mais horas do que coisas para se fazer com elas. Sempre faltou tempo para tanta coisa: faltou minuto para tanta música, faltou dia para tanto sol, faltou domingo para tanta praia, faltou noite para tanto filme, faltou ano para tanta vida.

Existem dois tipos de pessoa. As pessoas com mais coisa que tempo e as pessoas com mais tempo que coisas para fazer com o tempo.

As pessoas com menos tempo que coisa são as que buzinam assim que o sinal fica verde, e ficam em pé no avião esperando a porta se abrir, e empurram e atropelam as outras para entrar primeiro no vagão do trem, e leem livros que enumeram os " livros que você tem que ler antes de morrer" ao invés de ler diretamente os livros que você tem de ler antes de morrer.

Esse é o caso dele, que chega ao trabalho perguntando onde é a festa, e chega à festa querendo saber onde é a próxima, e chega à próxima festa pedindo táxi para a outra, e chega à outra percebendo que era melhor ter ficado na primeira, e quando chega a casa já está na hora de ir para o trabalho.

Ela sempre pertenceu ao segundo tipo de pessoa. Sempre teve tempo de sobra, por isso sempre leu romances longos, e passou tardes longas vendo pela milésima vez a segunda temporada de " Grey's Anatomy" mas, por ter tempo demais, acabava sobrando tempo demais para se preocupar com uma hérnia imaginária, ou para tentar fazer as pazes com pessoas que nem sabiam que estavam brigadas com ela, ou escrever cartas longas dentro da cabeça para o ex-namorado, os pais, o país, ou culpar o sol ou a chuva, ou comentar " e esse calor dos infernos?", achando que a culpa é do mau tempo quando na verdade a culpa é da sobra de tempo, porque se ela não tivesse tanto tempo não teria nem tempo para falar do tempo.

Quando se conheceram, ele percebeu que não adiantava correr atrás do tempo porque o tempo sempre vai correr mais rápido, e ela percebeu que às vezes é bom correr para pensar menos, e pensar menos é uma maneira de ser feliz, e ambos perceberam que a felicidade é uma questão de tempo. Questão de ter tempo o suficiente para ser feliz, mas não o bastante para perceber que essa felicidade não faz o menor sentido.

(Gregório Duvivier. *Folha de S. Paulo*, 30.11.2015. Adaptado)

43. (IPSMI – Procurador – Vunesp – Abril/2016)

O último parágrafo, ao tratar do encontro das duas personagens, relata

a) uma mudança de ponto de vista das personagens, ao mesmo tempo que expressa uma visão negativa da felicidade.

b) a opção por se entregar à felicidade, vivendo-a no tempo sempre com a expectativa de que ela o vença.

c) o desejo de que o encontro da felicidade represente uma renovação na maneira de viver o cotidiano.

d) o anseio por desfrutar momentos felizes sem a interferência das racionalizações, que surgem quando se tem tempo.

e) novas maneiras de encarar a felicidade, anulando pensamentos que possam atrapalhar o tempo do convívio.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 44 e 45.

Vira e mexe alguns *blogs* maternos publicam textos sobre " As vantagens de ser mãe de menina" ou " Por que é bom ser mãe de menino": " meninos não têm frescura", " meninas são mais delicadas", " eles são mais corajosos", " elas são mais choronas" e por aí vai. Leio isso e tenho vontade de gritar por ver estereótipos de gênero tão pesados serem perpetuados sem nenhuma reflexão. Já pensou que seu filho é uma figura única e a infinidade de coisas que pode ser ou sentir não cabe em listas, caixas ou rótulos? Pior: que você definir como ele deve ser ou se comportar dependendo de seu gênero pode ser muito, muito cruel?

Aos meninos são permitidas vivências mais amplas. Eles podem subir muros, escalar os brinquedos do *playground*, enquanto as meninas não, veja bem, vai sujar seu sapato de princesa, filha, vai mostrar sua calcinha, não pega bem, filha, não é assim que uma menina brinca. E por isso, só por isso, que se perpetua a ideia de que os meninos são mais " aventureiros" e " danados" e as meninas mais " cuidadosas". Fazemos as meninas mais infelizes, isso sim.

Ser menino também pode não ser fácil, principalmente se os pais acreditarem que podem definir o que ele deve sentir ou gostar. Meu filho adorava brincar com os carrinhos de boneca das meninas do *playground* do prédio. Só depois de eu dizer que " tudo bem" as mães ou babás ficavam à vontade em deixá-lo empurrar as bonecas ou carregá-las. Por que tanto receio? O que um menino pode virar depois de brincar de boneca? Um pai carinhoso e dedicado no futuro?

Uma vez, em uma loja de brinquedos, meu filho ficou empolgadíssimo ao ver uma pia que funcionava de verdade, com uma torneirinha de água. E pediu muito para que eu comprasse. As opções de cores deixavam claro para quem o brinquedo era fabricado: só havia pias rosa e lilás. " Esse brinquedo é de menina", alertou a vendedora, cheia de boa vontade, como se eu estivesse me distraído e não percebido o " engano" ao considerar a compra. Eu disse para ela que na minha casa lavar louça é uma atividade *unissex*, que o pai do meu filho encara muito prato e panela suja e, por isso, brincar de casinha é uma brincadeira de menino sim. Meu filho saiu da loja feliz da vida com seu brinquedo rosa que, aliás, para ele é só uma cor, como outra qualquer. O avô estranhou o presente até eu levá-lo à reflexão: " Quantas pias de louça suja você lavou e lava na sua vida, para manter sua casa em ordem?". E só daí meu pai percebeu o tamanho da bobagem que fazia ao acreditar que lavar louça é uma atividade exclusivamente feminina.

E para quem gosta de listas, proponho uma única: " As vantagens de ser mãe de uma criança feliz". É essa que eu espero estar escrevendo, no dia a dia, ao não determinar como meu filho pode ou não ser.

(Rita Lisauskas, A crueldade de dividir o mundo entre "coisas de menino" e "coisas de meninas". Disponível em: <vida-estilo.estadao.com.br>. Acesso em 10-02-2016. Adaptado)

44. (Unesp – Ass. Administrativo I – Vunesp – Abril/2016)

É correto concluir que a autora

a) defende brincadeiras próprias para meninos, que as meninas devem evitar.

b) não permite que seu filho tenha brinquedos que comprometam seu desenvolvimento.

c) mostra-se contrária à atribuição de papéis e atitudes exclusivos a meninos e meninas.

d) põe limites a brincadeiras que possam prejudicar a masculinidade ou a feminilidade.

e) considera melhor ser mãe de meninas por estas serem mais delicadas e cuidadosas.

45. (Unesp – Ass. Administrativo I – Vunesp – Abril/2016)

O argumento usado pela autora para defender que seu filho brincasse com carrinhos de boneca está no reconhecimento de que

a) o gesto infantil antecipa o do pai que o menino será no futuro.

b) as crianças não conseguem escolher seus brinquedos sem ajuda dos pais.

c) não se deve censurar a opção por brinquedos perigosos.

d) meninos têm bastante força para empurrar carrinhos.

e) as meninas não se importavam em ceder os carrinhos a ele.

Leia o texto a seguir para responder à questão 46.

Comida "feia" também faz bem para a saúde

Frequentemente desprezadas por terem um aspecto que não está de acordo com os " padrões de beleza" impostos pela indústria, as frutas e verduras " feias" voltaram a ser um objeto atrativo pelos que lutam contra o desperdício de alimentos.

O agricultor francês Nicolas Chabanne, fundador do movimento em defesa dos " alimentos feios", trabalha para posicionar esses produtos no mercado e já tem mil parceiros no mundo todo.

Sua estratégia é simples. Vender uma maçã com um rótulo cujo logotipo mostra um rosto com um único dente aos produtores que se comprometem a colocá-la entre seus alimentos " feios", oferecendo-os pelo menor preço. Depois, parte do dinheiro arrecadado é destinada a associações de caridade e de consumidores.

" Quando você coloca uma maçã feia ao lado de outras muito bonitas, nossos olhos fixam antes nas mais bonitas", disse Chabanne, que se esforça para mostrar às pessoas que os produtos menos esteticamente atrativos também são de qualidade e, inclusive, mais baratos.

A iniciativa começou com frutos e legumes, mas, pouco a pouco, está se expandindo. Agora, engloba também outros produtos, como queijos e cereais ingeridos no café da manhã.

" É um negócio social e rentável porque aproveita a luta contra os resíduos a fim de voltar a vender parte da produção que não é normalmente valorizada", afirmou Thomas Pocher, proprietário de um supermercado no norte da França.

(EFE, disponível em: <http://exame.abril.com.br>. Adaptado)

46. (Unesp – Assistente Administrativo – Vunesp – Fev/2016)

As aspas empregadas em *Comida "feia"* (título), *frutas e verduras "feias"* (1º parágrafo) e *alimentos "feios"* (3º parágrafo) têm a função de

a) comparar os alimentos a produtos de beleza, os quais servem para enfeitar as pessoas.

b) sinalizar que a ideia de feiura se apresenta com conotação irônica, equivalendo a beleza.

c) sugerir uma crítica à distinção que se faz entre os alimentos a partir de um critério estético.

d) explicitar que a noção de beleza é consensual e, por isso, não deve ser questionada.

e) reproduzir a fala de cientistas que provaram que a aparência dos alimentos é irrelevante.

Gabarito: 1.b; 2. a; 3. b; 4. c; 5. a; 6. e; 7. a; 8. c; 9. e; 10. e; 11. d; 12. d; 13. b; 14. c; 15. E; 16. E; 17. E, 18. C; 19. C; 20. E; 21. b; 22. e; 23. e; 24. b; 25. d; 26. d; 27. b; 28. c; 29. c; 30. a; 31. d; 32. d; 33. d; 34. b; 35. b; 36. c; 37. b; 38. b; 39. d; 40. b; 41. c; 42. b; 43. a; 44. c; 45. a; 46. c.

25 COESÃO E COERÊNCIA

25.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Agora que você já conhece um parágrafo de dissertação e já consegue ler com mais técnica, vamos falar de coesão e coerência?

Diante de um texto bem construído, percebemos que as informações não se colocam de forma caótica entre si – pelo contrário, um texto de qualidade apresenta suas informações interligadas, conectadas. A essa conexão dá-se o nome de **coesão**. A coesão textual é o resultado da realização de recursos semânticos, por meio dos quais uma informação do texto se conecta à outra. O conceito de coesão textual está, portanto, relacionado aos elementos que estabelecem ligações linguísticas na superfície do texto.

No entanto, para que um texto faça sentido, faz-se necessário que as informações se encaixem de modo que a mensagem não se torne desconexa, ilógica. A essa correlação entre os conceitos de um texto dá-se o nome de **coerência**. Enquanto a coesão se relaciona aos elementos explícitos no texto, a coerência cuida do seu *sentido*, do seu *aspecto conceitual*.

Resumindo:
Coesão → Elementos de ligação explícitos no texto. → Superfície textual
Coerência → Conexão harmônica entre as informações do texto → Lógica textual

Você deve estar se perguntando: é possível haver coerência sem coesão?

Sim. É possível construir um texto coerente sem coesão, um texto cujas informações produzam sentido, mas que não se concatenem por meio de articuladores textuais:

Pedro estudou bastante. Pedro passou em 1º lugar.

Você consegue entender a informação veiculada, mas o texto não tem qualidade: bastaria utilizar-se uma conjunção e o segmento estaria mais bem elaborado (*Pedro estudou bastante, logo passou em 1º lugar*).

Em sentido contrário, é possível haver coesão que não produza coerência?

Sim. Pode-se ter um texto que apresente conectivos, só que mal utilizados, incapazes de produzir lógica, concatenação entre seus enunciados – *um texto com coesão e sem coerência:*

Pedro estudou bastante. Outrossim, o Botafogo ganhou o campeonato.

Utilizou-se um belíssimo conector de acréscimo (*outrossim*), que, no entanto, une orações que não fazem sentido quando relacionadas. Trata-se de *um trecho com coesão, mas sem coerência*.

Agora, você deve estar se fazendo mais uma pergunta: então, por que, quando se fala em coesão, fala-se também de coerência? Porque, para que um texto *seja de fato um texto* – para que ele apresente textualidade – é preciso que ele alie coesão a coerência. A utilização de elementos coesivos fornece ao texto clareza e maior legibilidade e contribui para que ele se torne mais facilmente compreendido pelo leitor. Daí ser a coesão tão desejável à produção de um texto coerente.

Assim:

COESÃO + COERÊNCIA = TEXTUALIDADE

Selecionamos algumas questões de concursos que versam sobre esse assunto. Vamos a elas?

25.2. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Primeiramente, veja esta questão de prova elaborada pelo Cespe/UnB, para o Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro:

> Debruçando-se sobre o estudo do exercício da política, Maquiavel dissecou a anatomia do poder de sua época: dos senhores feudais e da igreja medieval. E, por isso mesmo, por botar o dedo na ferida, foi considerado um autor maldito. Ele se mostra preocupado com o fato de que na política não existem regras fixas. Governar, isto é, tomar atitudes políticas, é um trabalho extremamente criativo e, por isso mesmo, sem parâmetros anteriores. Assim, essa preocupação do filósofo, por incrível que pareça, torna-se um bom instrumento para repensarmos a ética. Hoje, com o fim das garantias tradicionais, estamos todos mais ou menos na posição do príncipe de Maquiavel — isto é, em um mundo de incertezas, dentro do qual temos de inventar nossa melhor posição. É mergulhado nesse mundo de incertezas, de instabilidade social e política, de culto ao individualismo, que construímos nossa identidade, nosso modo de agir. Como seres humanos, nosso fim último é a felicidade. Como indivíduos sociais, precisamos entender que, por melhores que sejam nossos objetivos na vida, os meios para alcançá-los não podem entrar em contradição com a nobreza dos fins. Desse modo, não basta termos fins nobres, é necessário também que os meios para alcançá-los sejam adequados a essa nobreza.
>
> Planeta, jul./2006, p. 59 (com adaptações).

1. Na organização do texto, os termos que se referem a Maquiavel não incluem:

a) "se" em "Debruçando-se".

b) "autor maldito".

c) "Ele".

d) "filósofo".

e) "príncipe".

Comentários:

Trata-se de uma clássica questão de *coesão e coerência*. O que a banca quer é o único vocábulo que não se refira a Maquiavel. Quando um vocábulo se refere a outro no texto, ambos *possuem o mesmo referente*: representam a mesma realidade semântica textual.

O texto se inicia com uma palavra-chave – Maquiavel – que, por ser palavra importante na argumentação, irá voltar ao longo da estrutura textual de várias maneiras. Cada palavra que retomar "Maquiavel", já que estará sendo sua repetição, possuirá seu mesmo referente. Possuir o mesmo referente seria, portanto, fazer referência ao mesmo objeto no texto. Observe a seguir a análise de cada item da questão:

a) A partícula "se" aqui possui semanticamente o valor de "a si mesmo" e faz referência a Maquiavel, já que é ele que se "debruça sobre o estudo da política".

b) A expressão "autor maldito" é uma qualificação que, de fato, se refere a Maquiavel – é a sua qualificação.

c) O pronome reto "ele" é uma referência direta a Maquiavel.

d) O substantivo "filósofo" é um termo geral, um hiperônimo, que retoma Maquiavel, um termo mais específico; Saiba que hiperônimo é um termo geral, que retoma um outro, mais específico no texto.

e) O "príncipe" seria a única palavra a não fazer referência a Maquiavel, pois diz respeito não ao autor, mas a seu personagem de sua renomada obra "O Príncipe". Por não retomar Maquiavel no texto, não possuiria um mesmo referente.

Resposta: E.

Mais uma da mesma prova:

A crescente escassez de profissionais qualificados no mercado de trabalho doméstico está obrigando a Companhia Vale do Rio Doce a lançar uma campanha global de recrutamento para arregimentar pessoal especializado nos EUA, na Inglaterra, na Austrália e no Canadá. A previsão é de 62 mil contratações nos próximos cinco anos.

O Estado de S. Paulo, 21/03/2008 (com adaptações).

2. Assinale a opção que constitui continuação coesa e coerente para o fragmento de texto acima.

a) Essa disputa se tornou tão acirrada que elevou o nível médio salarial. Um soldador, por exemplo, hoje tem um ordenado inicial entre R$ 1,2 mil e R$ 2,1 mil. Nas escolas do SESI e do SENAC, os formandos são disputados pelos empregadores.

b) Essa é a iniciativa mais audaciosa já tomada por uma empresa brasileira em matéria de oferta de emprego, e é mais uma das consequências da globalização da economia.

c) Entretanto, com o extraordinário crescimento da produção industrial chinesa, nos últimos anos, o preço das commodities no mercado internacional disparou, o que abriu caminho para a expansão dos setores de mineração, siderurgia, petróleo e equipamentos de transporte pesado.

d) Desde então, as empresas mais competitivas desses setores criaram milhares de novos postos de trabalho e, de

forma cada vez mais agressiva, vêm disputando trabalhadores preparados para ocupá-los.

e) Todas essas empresas vêm publicando anúncios em inglês, em busca de profissionais qualificados de nível técnico superior. As empresas também vêm contratando trabalhadores aposentados e procurando atrair profissionais qualificados da PETROBRAS.

Comentários:

Primeiramente, aqui vai uma dica:

Avaliar uma possível continuidade para o texto significa que a alternativa a ser julgada deve repetir a ideia central do texto em questão, ainda que eventualmente acrescente informações que não foram antes mencionadas. É repetir a ideia inicial com eventuais acréscimos.

A informação central do texto é a de que a Companhia Vale do Rio Doce, em função de não dispor da quantidade necessária de profissionais qualificados, recruta tal mão de obra no exterior. Com base nessa direção argumentativa, vamos à análise das alternativas:

a) Alternativa errada. A alternativa utiliza uma expressão "essa disputa" que não possui antecedente lógico no texto. O texto não fala de uma "disputa de formandos por parte de empregadores nas escolas", mas sim da iniciativa de recrutamento do profissional no exterior.

b) Alternativa certa. Com a utilização do recurso coesivo "essa é a iniciativa mais audaciosa", retoma-se a "campanha global de recrutamento" do texto inicial. Além de reforçar a informação central, acresce que tal iniciativa seria "uma das consequências da globalização da economia".

c) Alternativa errada. Há aqui uma fuga ao assunto – passa-se a falar do "extraordinário crescimento da produção industrial chinesa", assunto não enfocado pelo texto.

d) Alternativa errada. Com a utilização do conector "Desde então", o trecho se propõe a apresentar um acontecimento que sucedeu o texto inicial na linha do tempo. Entretanto, esse trecho não reforça a informação central de que uma companhia vem necessitando buscar trabalhador especializado no exterior – aqui apenas se fala da criação de novos postos de trabalho e disputa por mão de obra para ocupá-los.

e) Alternativa errada. Ao utilizar o elemento de coesão "Todas essas empresas", a alternativa apresenta uma incoerência – o texto não menciona mais de uma empresa, apenas a Companhia Vale do Rio Doce.

Resposta: B.

Há cinco anos, sob o comando de George W. Bush, os Estados Unidos da América (EUA) invadiam o Iraque. Já se mostrou à exaustão que a aventura foi uma catástrofe humanitária e um fracasso político que encalacrou o Pentágono numa ocupação militar sem perspectiva de solução. Verifica-se, agora, que foi também um desastre financeiro.

Folha de S. Paulo, 20/03/2008 (com adaptações).

3. (Cespe/UnB) Assinale a opção em que o fragmento constitui continuação coesa e coerente para o texto acima.

a) Entretanto, Joseph Stiglitz, Prêmio Nobel de Economia, calcula que a empreitada poderá sair por assombrosos US$ 4 trilhões ou mais, dependendo de quanto tempo a ocupação durar.

b) Mas, agora que o país se encontra numa situação de déficit fiscal, a conta da guerra contribui para a crescente desvalorização da moeda norte-americana, num movimento que dificulta o combate à crise de crédito nos EUA e agrava suas repercussões globais.

c) Às vésperas da invasão, a Casa Branca estimava que gastaria algo entre US$ 50 bilhões e US$ 60 bilhões para derrubar Saddam Hussein e instalar um novo governo no país. Hoje, a conta está em US$ 600 bilhões e continua subindo.

d) Avaliações mais conservadoras, como a do Escritório de Orçamento do Congresso, órgão que municia o Poder Legislativo com informações técnicas, concluem que a ocupação não atingirá efetivamente a economia norte-americana.

e) Portanto, nada indica que o próximo presidente dos EUA terá condições de colocar um fim rápido à aventura. Fala-se em retirar as tropas até o fim de 2009. Isso, é claro, no melhor cenário. E o problema é que, no Iraque, o melhor cenário nunca se materializa.

Comentários:

Como já falamos anteriormente, buscar-se a continuação coesa e coerente significa encontrar uma alternativa que reafirme a ideia central do texto anterior, dando a ela uma sequência. Vale lembrar que o texto tem como tema central a questão da *invasão do Iraque pelos EUA como um desastre financeiro*.

a) Alternativa errada. O conector "Entretanto" deveria apresentar algo que se opusesse à questão do desastre financeiro, mas o que se tem na continuidade é algo que reforça a ideia inicial.

b) Alternativa errada. A conjunção adversativa também deve introduzir contraste, oposição, e o que se tem é algo que *reforça* a questão do desastre financeiro (*déficit fiscal, desvalorização da moeda...*).

c) Resposta certa. Por meio de informações como "a conta está em US$ 600 bilhões", este trecho reafirma o tema apresentado pelo texto.

d) Alternativa errada. Essa alternativa contradiz o texto ao afirmar que "a ocupação não atingirá efetivamente a economia norte-americana".

e) Alternativa errada. Aqui, apresenta-se evidente fuga ao tema: essa alternativa não fala da questão do desastre financeiro.

Resposta: C.

O conflito do Tibete, que se arrasta desde o século 13, requer solução pacífica pautada pelo signo da não violência.

Invadida pela China em 1950, a província luta pela autonomia há cinco décadas. Pequim resiste. Além de constante desrespeito aos direitos humanos, procede ao que o dalai-lama denomina "genocídio cultural" – sistemático esmagamento das tradições da região.

Com o controle dos meios de comunicação, as autoridades chinesas exercem violenta censura à informação e à livre circulação de pessoas. A tevê só mostra imagens liberadas pelos administradores locais. O mesmo ocorre com as notícias e certos sítios da Internet. Jornalistas e turistas encontram as fronteiras fechadas.

Torna-se difícil, assim, avaliar as dimensões e as consequências dos protestos que eclodiram recentemente. Pequim soma 13 mortos. Os tibetanos falam em mais de 100 e de centenas de prisões de dissidentes. Suspeita-se, com razão, do incremento da repressão.

Correio Braziliense, 20/03/2008 (com adaptações).

4. (Cespe/UnB) Assinale a opção que apresenta as ideias principais do texto acima.

a) Pequim controla os tibetanos, que vivem sob censura, sem possibilidade de livre circulação em sua própria região.

b) A tevê só mostra imagens liberadas pelos administradores locais, e as fronteiras estão fechadas para turistas e jornalistas.

c) Para Pequim, houve treze mortos nos conflitos recentes; para os tibetanos, houve mais de cem mortos e centenas de prisões de dissidentes.

d) A China procede a um genocídio cultural no Tibete, quando esmaga as tradições da região.

e) Embora haja controle dos meios de comunicação e das fronteiras, suspeita-se do aumento da repressão no Tibete, que luta pela autonomia, pois é ocupado pela China há mais de cinquenta anos.

Comentários:

Ao se requerer do candidato uma opção que apresente as ideias principais do texto, o que se quer é uma alternativa que resuma suas informações centrais, que componham sua introdução, seu desenvolvimento e posterior conclusão.

Neste texto, dividido em três parágrafos, o que se deve fazer é reescrever cada parágrafo, por meio de uma informação que resuma cada um deles. Assim, teríamos:

1º parágrafo: China invade Tibete. Conflito entre os países. Esmagamento cultural daquele país sobre esta região.

2º parágrafo: Controle dos meios de comunicação do Tibete, por parte das autoridades chinesas.

3º parágrafo: A repressão parece aumentar.

Após a reescritura dos parágrafos, deve o candidato partir à análise das alternativas, buscando aquela que seja capaz de juntar as três ideias mais importantes do texto.

a) Alternativa errada. Aqui só se mencionam ideias do 2º parágrafo.

b) Alternativa errada. Observa-se o mesmo equívoco da alternativa anterior: só se reescrevem informações do 2º

parágrafo.

c) Alternativa errada. Nessa alternativa só se reescreve informação do último parágrafo do texto.

d) Alternativa errada. Assim como as outras, essa opção só menciona um momento do texto, não o resume na sua totalidade. Nesse caso, a alternativa só reescreve o 1º parágrafo.

e) Resposta certa. Essa opção apresenta um resumo das três partes que compõem o texto.

Resposta: E.

5. (Cespe/UnB) Assinale a opção que constitui continuação coesa e coerente para o texto abaixo:

Até aqui o governo se dedicou a expor seu ponto de vista e começou a mover suas pedras no tabuleiro, a partir de sua opção pela prioridade sul-americana e do Mercosul. Estabeleceu, em seguida, uma série de pontes e alianças possíveis com a África e a Ásia, como aconteceu com o G21, na reunião de Cancun da OMC, e como está acontecendo nas negociações do G3, com a África do Sul e com a Índia. Ou ainda, como vem ocorrendo nas novas parcerias tecnológicas com a Ucrânia, a Rússia, a China, ou com os projetos infraestruturais com a Venezuela, a Bolívia, o Peru e a Argentina.

a) Não há dúvida, porquanto, de que essas principais disputas giraram em torno das divergências econômicas entre os Estados Unidos e o Brasil, em particular as negociações da OMC, FMI e ALCA.

b) O que se vê é a afirmação de uma nova política externa, ativa, presente, baseada no interesse nacional brasileiro e na afinidade histórica e territorial do Brasil com o resto da América do Sul, bem como na sua afinidade de interesses com os demais grandes países em desenvolvimento.

c) E do outro lado, naquele momento, estarão os grupos econômicos e as forças sociais, intelectuais e políticas que sempre lutaram por um projeto de desenvolvimento para o Brasil.

d) E aqui, não há como se enganar sobre as forças que esta batalha despertava, dentro e fora do governo: de um lado estarão, como sempre estiveram, os grupos de interesse que defendem uma relação subserviente com os Estados Unidos, em troca de uma acesso mais favorecido ao mercado interno americano.

e) Orientando-se pelos interesses nacionais do povo e não apenas pelos interesses imediatos e particulares do seu *agrobusiness*, e dos seus grupos financeiros defendidos e acobertados pela retórica diletante e pela política escandalosamente subserviente dos "diplomatas descalços".

Comentários:

Nesta questão, o que se busca é um trecho que dê continuidade à seguinte ideia central do texto: "a opção pelo governo brasileiro pela prioridade sul-americana e do Mercosul".

a) A alternativa fala de "disputas", enquanto o texto menciona "parcerias" e "alianças". Alternativa errada, portanto.

b) Resposta correta. Aqui, há um reforço à ideia central do texto ao se mencionar "uma nova política externa, ativa,

presente…".

c) Presença de um *conector sem antecedente* lógico no *texto* – "E do outro lado". O texto original não havia apresentado o *primeiro lado*. Além do mais, a alternativa não retoma a ideia central – as parcerias com os países do Sul.

d) Ao mencionar "as forças que esta batalha despertava", o trecho menciona uma batalha, que é o oposto do que se fala no texto original. Não há embates, há alianças.

e) Além de o trecho ter problemas de redação – lança-se uma oração subordinada "Orientando--se pelos interesses…" sem uma oração principal a ela correspondente, ele foge ao assunto por não mencionar a política de alianças.

Resposta: B.

Por fim, uma questão para ordenar fragmentos de um texto. Trata-se de um clássico muito utilizado em provas elaboradas pela Esaf:

6. (Cespe/UnB) Os trechos a seguir constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e aponte a opção correta:

( ) A aguda crise social desdobrou-se, então, em quatro vertentes de alternativa política: o fascismo italiano, o nazismo alemão, a social democracia sueca e o New Deal norte-americano.

( ) O desemprego é uma tragédia social com profundas implicações políticas.

( ) Um dado dessa natureza é importante, pois estabelece a conexão entre a crise social e o efeito político-eleitoral.

( ) A esmagadora maioria dos eleitores nas últimas eleições apontava esse fenômeno como o mais grave problema do país.

( ) Tal conexão apareceu pela primeira vez na História, claramente, há mais de 70 anos, nos principais países capitalistas, na Grande Depressão.

a) 5, 1, 3, 2, 4.

b) 3, 5, 1, 4, 2.

c) 2, 4, 3, 5, 1.

d) 4, 1, 3, 5, 2.

e) 2, 1, 4 5, 3.

Comentários:

O que se busca na questão é a ordenação dos trechos de modo que eles passem a formar um único texto. Nesse caso, a estratégia a ser utilizada consiste basicamente em observar em cada segmento sua ideia central e, na sequência, encontrar o trecho que apresente elemento de conexão que reforce a informação encontrada – procedimento que se

repetirá até o último segmento.

O trecho a iniciar o texto não deve possuir nenhum elemento de coesão que retome informações anteriores, afinal ele é o início do texto. Nesta questão específica, o único trecho que é passível de iniciar o texto é:

(1) O desemprego é uma tragédia social com profundas implicações políticas.

O próximo passo consiste em buscar a continuidade desse segmento. Nesse caso, o que se busca é um trecho que fale sobre o problema social que é *o desemprego* e que desdobre também suas *implicações políticas*. Logo, o trecho de continuidade seria:

(2) A esmagadora maioria dos eleitores nas últimas eleições (*implicações políticas*) apontava esse fenômeno como o mais grave problema do país (*tragédia social*).

A seguir, busca-se o trecho que retome também as informações essenciais de (2) mais importantes – *desemprego* e *resultados das últimas eleições*. Assim, teríamos:

(3) Um dado dessa natureza é importante, pois estabelece a conexão entre a crise social (*desemprego*) e o efeito político eleitoral *(últimas eleições*).

Como continuidade da cadeia coesiva que se forma, busca-se na sequência um trecho que mencione a questão da *conexão entre a crise social e seu efeito político eleitoral.* Assim:

(4) Tal conexão *(expressão que retoma "conexão" do trecho anterior)* apareceu pela primeira vez na História, claramente há mais de 70 anos, nos principais países capitalistas, na Grande Depressão.

Da mesma forma, o item que finalizará o texto deverá ser aquele que repise a ideia principal do trecho anterior, que, nesse caso, foi "a conexão … pela primeira vez na História … nos países capitalistas". Assim, observa-se o fechamento do texto em:

(5) A aguda crise social (*que se iniciou com o desemprego*) desdobrou-se, então,em quatro vertentes de alternativa política: o fascismo italiano, o nazismo alemão, a social democracia sueca e o New Deal norte-americano. (*principais países capitalistas mencionados no trecho imediatamente anterior*).

Resposta: A (5, 1, 3, 2, 4).

Aqui, vale uma dica:

Um trecho será uma possível continuidade do outro quando retomar aquilo que o anterior teve de essencial: sua informação mais importante.

Muitos concurseiros resolvem uma questão como essa por meio da estratégia de eliminação.

Assim, sabendo-se que somente o 2º trecho seria capaz de iniciar o texto, por não possuir nenhum elemento de conexão com ideias anteriores, o período a receber numeração **1** seria *O desemprego é uma tragédia social com profundas implicações políticas*. Logo, teríamos como possíveis respostas as alternativas A, D ou E, pois são elas

que apontam esse trecho como a introdução do texto. A partir daí, bastaria descobrir qual trecho poderia receber a numeração **2**. Nesse caso, vale a dica de que **2** deverá reforçar aquilo que **1** tinha de essencial: é o trecho *A esmagadora maioria dos eleitores nas últimas eleições apontava esse fenômeno como o mais grave problema do país* que reforça *as implicações políticas do desemprego*. Logo, a alternativa que apresenta essa numeração seria a letra A. É uma outra forma de resolver a mesma questão: a velha tática de eliminação...

Por fim, vamos resolver algumas provas anteriores, abordando com maior ênfase as estratégias de retomada nos textos (anáfora, catáfora, dêixis).

25.3. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

Texto I

O teste definitivo para você saber se você está ou não integrado no mundo moderno é a secretária eletrônica. O que você faz quando liga para alguém e quem atende é uma máquina. Tem gente que nem pensa nisso. Falam com a secretária eletrônica com a maior naturalidade, qual é o problema?

1. "O que você faz quando liga para alguém e quem atende é uma máquina". O comentário correto sobre o vocábulo O, colocado ao início desse período do texto, é que se trata de:

a) um pronome demonstrativo, referindo-se a "teste".

b) um artigo definido, determinando a oração seguinte.

c) um pronome pessoal, equivalendo a "ele".

d) um pronome interrogativo, juntamente com "que".

e) um pronome indefinido, correspondendo a "algum".

2. "Tem gente que nem pensa **nisso**." O pronome sublinhado se refere:

a) à existência de secretárias eletrônicas.

b) ao fato de sermos atendidos por máquinas.

c) ao teste de integração no mundo moderno.

d) à impossibilidade de falar com alguém para quem se ligou.

e) à dificuldade de dialogar com uma máquina.

Texto II

MAQUIAGEM

Nesta época, no ano passado, começou a se constatar nas prateleiras dos supermercados uma "maquiagem" de produtos. Consistia, basicamente, em reduzir a quantidade de mercadoria embalada, mantendo o preço de venda. O assunto despertou celeuma entre associações de consumidores, fábricas e autoridades governamentais. O Ministério da Justiça acabou por reagir, multando empresas que, segundo seu entendimento, haviam ludibriado a boa-fé dos consumidores. Um ano depois, pode-se dizer que houve alguma melhora na situação. Houve alguma confusão acerca do que estava errado na prática da "maquiagem".

(...)

Folha de São Paulo, dezembro de 2002.

1. "Nesta época" e "um ano depois", referem-se exata e respectivamente a:

a) dezembro de 2002 e dezembro de 2003.

b) dezembro de 2002 e dezembro de 2002.

c) dezembro de 2001 e dezembro de 2002.

d) dezembro de 2001 e dezembro de 2003.

e) dezembro de 2000 e dezembro de 2002.

2. "…a temperatura corporal elevada ajuda o sistema de defesa do organismo a identificar a causa de uma infecção e combatê-la"; o pronome *la*, ao final da frase, se refere ao seguinte termo anterior:

a) temperatura corporal elevada.

b) sistema orgânico.

c) causa de uma infecção.

d) defesa do organismo.

e) temperatura corporal e defesa do organismo.

3. Na construção de um texto, para sua coesão, alguns termos retomam termos anteriores; o termo em negrito cujo termo anterior NÃO foi corretamente destacado em maiúsculas é:

a) "Até recentemente, a sociedade entendia SER A EDUCAÇÃO TAREFA EXCLUSIVA DE PAIS E PROFESSORES. Sabiamente esse conceito evoluiu".

b) "COBRA-SE, AGORA, O COMPROMISSO DE EDUCAR TAMBÉM DE VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO, PUBLICIDADE, DAS ARTES etc. Não poderia haver reivindicação mais justa".

c) "O código recomenda ainda que os anúncios não desmereçam valores sociais ou provoquem discriminação, em particular DAQUELES que não sejam consumidores do produto".

d) "tampouco associem crianças e adolescentes a SITUAÇÕES INCOMPATÍVEIS com sua condição, sejam elas ilegais, perigosas ou socialmente condenáveis".

e) "a publicidade (...) não deve: IMPOR A NOÇÃO DE QUE O PRODUTO PROPORCIONA SUPERIORIDADE (...); PROVOCAR SITUAÇÃO DE CONSTRANGIMENTO AOS PAIS (...). Essas recomendações são, para o Conar, contribuições muito mais efetivas...".

Texto III

Sustentabilidade, Consumo e Publicidade

Nos últimos cinquenta anos, a população mundial mais do que dobrou, indo de 2,5 bilhões (1950) para 6 bilhões (2000). Durante esse mesmo período, a industrialização permitiu que o consumo aumentasse exponencialmente; como consequência, a poluição e o lixo também aumentaram. Já faz algum tempo que o planeta vem dando sinais de que não pode suportar o nosso

modo de vida, e estudos indicam que hoje, mesmo com grande parte da população mundial excluída, já consumimos 20% por ano a mais de recursos naturais renováveis do que o planeta Terra é capaz de regenerar.

1. O primeiro parágrafo emprega por duas vezes a palavra "já". Seus valores morfológicos são idênticos, mas semanticamente se distinguem. A frase abaixo em que a palavra "já" está empregada com um terceiro valor semântico é:

a) a sociedade já teve atitudes mais firmes.

b) se houver apagão, já sabemos o motivo.

c) os estudos já estão publicados na imprensa.

d) todos já começam a se preocupar com o futuro.

e) faz já décadas que a poluição é grande.

Texto IV

Dos três irmãos, dois fazem parte de um grupo cada vez mais comum na família brasileira contemporânea. São os jovens endividados. Além de adiar a saída de casa, mesmo depois de terminar a faculdade e arrumar trabalho, esses moços e moças não conseguem ajudar nas despesas de casa, nem tampouco pagar as próprias contas. Pior: acumulam dívidas. Muitos estão simplesmente falidos e entram na lista negra das entidades de proteção ao crédito.

1. "Muitos estão simplesmente falidos". O indefinido empregado nesse trecho serve para retomar o termo:

a) consumidores.

b) balzaquianos.

c) moços e moças.

d) três irmãos.

e) bancos e financeiras.

Texto V

Essa nova fase da filantropia americana surge num contexto em que sobressaem uma virtude e uma falha. A virtude é o estágio atual do próprio sistema capitalista, capaz, em sua forma mais avançada, de gerar excedentes vultosos que retornam à sociedade pela mão de empresários conscientes e abnegados. A falha é dos governos e das instituições internacionais, como o Banco Mundial, que se mostraram ineficazes no combate à pobreza e às endemias do mundo. Pessoas como Buffett e Gates, portanto, indicam um caminho para supri-la.

1. "Pessoas como Buffett e Gates, portanto, indicam um caminho para supri-**la**"; o pronome sublinhado se refere a:

a) pobreza.

b) endemia.

c) falha.

d) filantropia.

e) sociedade.

Texto VI

Estudo do Pacific Institute of Oakland, na Califórnia, prevê que 76 milhões de pessoas morrerão de doenças relacionadas à água até 2020. As crianças serão as mais afetadas por males causados pelo uso e ingestão de água contaminada. No mesmo período, serão registrados 65 milhões de casos fatais em consequência da Aids em todo o mundo.

1. Vocábulos do texto que NÃO apresentam o mesmo referente são:

a) pessoas / as crianças

b) doenças / males

c) água / água contaminada

d) até 2002 / mesmo período

e) morrerão / serão registrados 65 milhões de casos fatais

Texto VII

PETRÓLEO

Eduardo Frieiro

Os fatos desta vez deram razão a Monteiro Lobato. Existe o petróleo. Resta saber, e o grande escritor morreu antes que pudesse observá-lo, resta saber se o cobiçado líquido brindará os brasileiros com uma vida decente, ou fará do país outra Venezuela, onde, há um quarto de século, se põe fora, sem proveito para o povo, a maior fartura petrolífera da América Latina. (1948)

Texto VIII

PETRÓLEO

Monteiro Lobato

Esse produto é o sangue da terra; é a alma da indústria moderna; é a eficiência do poder militar; é a soberania; é a dominação. Tê-lo é ter o sésamo abridor de todas as portas. Não tê-lo é ser escravo.

1. "… resta saber se o cobiçado líquido brindará os brasileiros…"; para evitar a repetição do termo *petróleo*, o autor do texto se utilizou, no segmento em destaque, de um processo que também aparece em:

a) " ... e o grande escritor morreu antes que pudesse observá-lo..." (texto VII)

b) " ... se põe fora, sem proveito para o povo, a maior fartura petrolífera da América Latina." (texto VII)

c) " ... brindará os brasileiros com uma vida decente, ou fará do país outra Venezuela,..." (texto VII)

d) " Esse produto é o sangue da terra; é a alma da indústria moderna;" (texto VIII)

e) " Não tê-lo é ser escravo."

2. A ideia de o petróleo ser uma panaceia universal aparece no texto de Monteiro Lobato (texto VIII), e de forma mais específica no segmento:

a) " Esse produto é o sangue da terra".

b) " é a alma da indústria moderna".

c) “ é a eficiência do poder militar”.

d) “ é a soberania; é a dominação”.

e) “ tê-lo é ter o sésamo abridor de todas as portas”.

Texto IX

VIOLÊNCIA NO CAMPO

José Saramago

No dia 17 de abril de 1996, no estado brasileiro do Pará, perto de uma povoação chamada Eldorado dos Carajás (Eldorado: como pode ser sarcástico o destino de certas palavras...), 155 soldados da polícia militarizada, armados de espingardas e metralhadoras, abriram fogo contra uma manifestação de camponeses que bloqueavam a estrada em ação de protesto pelo atraso dos procedimentos legais de expropriação de terras, como parte do esboço ou simulacro de uma suposta reforma agrária na qual, entre avanços mínimos e dramáticos recuos, se gastaram já cinquenta anos, sem que alguma vez tivesse sido dada suficiente satisfação aos gravíssimos problemas de subsistência (seria mais rigoroso dizer sobrevivência) dos trabalhadores do campo. Naquele dia, no chão de Eldorado dos Carajás ficaram 19 mortos, além de umas quantas dezenas de pessoas feridas.

(...)

1. “Naquele dia, no chão de Eldorado dos Carajás…”; o emprego de naquele, neste contexto:

a) indica que o dia referido na frase não deve ser confundido com outro.

b) mostra que o dia referido está distante no tempo.

c) assinala uma distância de lugar.

d) identifica o dia como algo a ser esquecido.

e) refere-se a um dia que o leitor desconhece.

2. “Há detalhes que parecem insignificantes, mas revelam estágios de cidadania: respeitar-se o sinal vermelho no trânsito, não jogar papel na rua, não destruir telefones públicos. Por trás desse comportamento está o respeito à coisa pública”; nesse parágrafo, a expressão “ desse comportamento”:

a) refere-se à última das ações citadas.

b) retoma o conjunto de ações anteriores.

c) alude somente a aspectos negativos.

d) corresponde a um procedimento condenável.

e) traz em si mesma um conteúdo positivo.

Texto X

Infelizmente, a hipocrisia abunda no mundo, principalmente nas elites. Em troca do status de um nobre homem, pessoas vendem a alma ao diabo, traindo escancaradamente sua própria consciência e bom senso. A cretinice assume grau espantoso nos debates, e qualquer um que esteja mais preocupado com a verdade que com as aparências de suas intenções perde a paciência ao notar que está dando murro em ponta de faca. O interesse dessa elite pérfida não é a busca sincera pela verdade e resultados; mas, sim, o

conforto psíquico de apresentar ser bem intencionado. O mensageiro que traz a notícia, que destaca os fatos verdadeiros, que demonstra o absurdo das teorias românticas, esse é o culpado, um insensível, egoísta. A hipocrisia, aliada à ignorância de muitos, acaba vencendo a lógica e a verdade. A necessidade da mente humana de acreditar em explicações simplistas, culpar fatores exógenos e bodes expiatórios, e buscar conforto mesmo que na mentira alimenta bastante essa hipocrisia. Esse texto é um apelo para darmos um basta a isso.

1. " Em troca do status de um nobre homem"; a mesma ideia contida nesse segmento do texto aparece repetida em:

a) " vendem a alma ao diabo".

b) " aparentar ser bem intencionado".

c) " destaca os fatos verdadeiros".

d) " culpar fatores exógenos e bodes expiatórios".

e) " demonstra o absurdo das teorias românticas".

Texto XI

Mais de cem vezes o presidente George W. Bush ameaçou vetar projetos que fossem aprovados pelo Congresso americano, mas até agora ele nunca tinha cumprido a ameaça, ou precisado cumprir – por ter sido ela suficiente para levar os parlamentares a recuar rapidamente.

1. No primeiro parágrafo do texto ocorrem repetições de termos anteriores; a alternativa em que os dois termos sublinhados NÃO são exatamente um exemplo de repetição por não possuírem o mesmo referente é:

a) o presidente George W. Bush – ele.

b) projetos – que.

c) ameaçou vetar projetos – a ameaça.

d) a ameaça – ela.

e) Congresso americano – ele.

2. A alternativa em que NÃO há qualquer referência ao momento de ocorrência do fato comentado pela notícia do jornal é:

a) " mas até agora nunca tinha cumprido a ameaça".

b) " Mas ontem ele fez uso do veto".

c) " aprovada por 63 votos a 37 no Senado, terça-feira".

d) " um ano depois de sua aprovação na Câmara dos Representantes".

e) " O projeto, que há tempos seria impensável".

3. E, portanto, comprometidos demais para fazermos um juízo exato a esse respeito. Esse comprometimento inclui vítimas e algozes"; o tipo de relação de coesão exemplificado nesse segmento do texto entre as palavras sublinhadas se repete em:

a) toda a população está atemorizada demais com a violência e esse medo tem causado muitos problemas.

b) os direitos humanos têm sido desprezados pelas autoridades e se os desprezamos, caímos no caos.

c) as autoridades políticas estão bastante atarefadas e esse trabalho exagerado tem impedido que projetos mais importantes sejam discutidos.

d) as leis têm-se mostrado muito permissivas e essa permissividade tem incentivado a criminalidade.

e) são bastante contraditórias as leis dos direitos humanos e essa oposição tem prejudicado a sua discussão.

Texto XII

O PASTOREIO POLÍTICO

Luiz Carlos Lisboa

O século que se orgulha de grandes conquistas no terreno dos direitos humanos e das liberdades públicas é o mesmo em que se desenvolveram as formas mais requintadas e esmagadoras de dominação política e de intimidação coletiva. Essa contradição flagrante, escândalo de nosso tempo, é pouco analisada porque estamos todos muito imersos nela. E, portanto, comprometidos demais para fazermos um juízo exato a seu respeito. Esse comprometimento inclui vítimas e algozes, e cega a ambos da mesma forma.

1. O termo "ambos", presente na última linha do texto, refere-se a:

a) defensores e críticos dos direitos humanos.

b) os que possuem e não possuem liberdades públicas.

c) os que praticam e sofrem injustiças.

d) as vítimas e os que sofrem intimidação coletiva.

e) os que sofrem dominação política e intimidação coletiva.

Texto XIII

UM SENTIDO PARA A EDUCAÇÃO SEXUAL

A proposta de educação sexual nos currículos da escola de ensino médio é uma ideia que surge mais fortemente agora no Brasil. Um dos argumentos a favor da implantação da educação sexual nas escolas é o grande número de gestações na adolescência e o problema da Aids. Entretanto, não se observa redução nem no número de gestações indesejadas nem nas doenças sexualmente transmissíveis onde a educação sexual foi adotada como solução para este problema.

Nos Estados Unidos, a educação sexual foi considerada como a solução e a implantação dos programas aconteceu intensamente; no entanto, os resultados são deploráveis. Por que a educação sexual tal como foi implantada não é a solução? O desastre começa no próprio conceito. A educação sexual apresentada não toma como base valores morais, e se orienta para a informação restrita de contracepção e prevenção de doenças.

Isso não é educação sexual. Educação sexual é parte de algo mais complexo na vida do ser humano, e por isso não se pode restringir à informação sobre anatomia e fisiologia, ensino de meios contraceptivos e prevenção da Aids e outras doenças sexualmente transmissíveis. Educação sexual é antes de tudo educação de valores, educação do verdadeiro amor, amor de doação, incluindo-se a sexualidade. [...]

1. No terceiro parágrafo do texto, a educação sexual referida na primeira linha é:

a) a que já foi anteriormente implantada no Brasil.

b) a que está sendo implantada no Brasil.

c) a que foi implantada nos Estados Unidos e anteriormente implantada no Brasil.

d) a que foi implantada nos Estados Unidos e recentemente implantada no Brasil.

e) a que foi implantada nos Estados Unidos.

Texto XIV

A VERDADE E A FANTASIA

Miguel Pachá – Presidente do TJ/RJ

Um espectro ronda a Justiça brasileira neste final de ano: a Reforma do Judiciário. Espectro porque a realidade do Judiciário e a necessidade da sua reforma foram, nos últimos meses, deformados pelo " manto diáfano da fantasia".

Comemoramos o nosso dia (8 de dezembro) sob o fogo cruzado da má vontade e da desinformação. O Judiciário não pode ser culpabilizado pelo que a mídia chama com exagero de impunidade. A polícia não prende, não investiga e nós, presos à aplicação da lei, pagamos o pato. Além disso, há um cipoal de leis, medidas provisórias e atos normativos que acabam por atravancar nossos corredores.

Temos oferecido à sociedade ideias e propostas de melhoria da prestação de Justiça. Um exemplo: o julgamento virtual, que acelera a tramitação, elimina papel e dispensa deslocamentos de advogados. Quanto ao apregoado controle do Judiciário, pensamos que deveria antes vir de dentro que de fora, pelo ajuste de normas e práticas processuais, bem como pela supervisão sistemática. A autonomia financeira deu ao nosso Tribunal a possibilidade de ser um dos melhores do país: um dos mais ágeis e seguros, em condições objetivas de enfrentar o descrédito geral da Justiça.

A autonomia dos poderes – lembremos ainda uma vez – é a única garantia que temos da estabilidade da República e, em última instância, da continuidade do regime democrático – o pior de todos, com exceção dos outros. Falar em cidadania é falar em Judiciário. Em muitas sociedades tradicionais a norma de estabilidade é a do " poder trava poder". Ao invés do controle externo, sempre perigoso, talvez se pudesse confiar mais nesse controle sistêmico. De resto, temos à disposição diversos mecanismos endógenos, eficazes, de controle (os tribunais de conta, as corregedorias etc.).

A sociedade global, estimulada pelos formadores de opinião, não tem sido capaz de captar a verdade do Judiciário. Sob um cerco total de má vontade e desinformação, vemos exageradas as nossas deficiências e erros. " Sobre a nudez forte da verdade, o manto diáfano da fantasia" – parodiemos o slogan do velho Eça de Queiroz. E qual é a nossa verdade? Antes de enunciá-la, reconheçamos nossos erros e dificuldades, algumas conjunturais, de mais fácil correção, outras estruturais, mais difíceis. Recente pesquisa da OAB, mostrou que 55% da população mal conhece o Judiciário. E é ela a segunda instituição menos confiável do país. Nosso programa para o ano que se inicia é, pois, estabelecer a verdade da distribuição de Justiça em nosso Estado e vê-la reconhecida, senão por todos, ao menos pela maioria de nossos concidadãos.

Informativo TJ/RJ e EMERJ, n.12.

1. " De resto, temos à disposição diversos mecanismos endógenos, eficazes, de controle…"; a ideia aqui presente se repete aproximadamente em:

a) “ Quanto ao apregoado controle do Judiciário, pensamos que antes deveria vir de dentro que de fora...”

b) “ A sociedade global, estimulada pelos formadores de opinião, não tem sido capaz de captar a verdade do Judiciário.”

c) “ Sobre a nudez forte da verdade, o manto diáfano da fantasia.”

d) “ A autonomia dos poderes [...] é a única garantia que temos da estabilidade da República...”

e) “ Falar em cidadania é falar em Judiciário.”

2. Em relação aos “ mecanismos endógenos”, referidos no 4º parágrafo do texto, analise os itens a seguir:

I. “ ... antes vir de dentro que de fora, pelo ajuste de normas e práticas processuais,...”

II. “ Em muitas sociedades a norma de estabilidade é a do ‘ poder trava poder’ .”

III. “ Ao invés do controle externo, sempre perigoso, talvez se pudesse confiar mais nesse controle sistêmico.”

Os mecanismos referidos no enunciado correspondem a:

a) I – III

b) I – II – III

c) II – III

d) I – II

e) III

Texto XV

ANO NOVO, VELHOS PROBLEMAS

Ubiratan Iorio

A cada início de ano, é costume renovar esperanças e fortalecer confianças em relação ao futuro. Tempo de limpar gavetas, fazer faxinas e vestir cores que – acreditam muitos – ajudem a realizar antigos desejos e aspirações. Nada existe de errado com esses hábitos, descontado o teor de superstição que costuma motivá-los, nem com o fato de se os estender para o campo das relações econômicas. Afinal, também na economia a esperança pode mover montanhas. Mas para tal precisa fundamentar-se em fatos concretos.

Um pouco de realismo sempre faz bem. Os atos econômicos não são praticados em um vazio institucional, já que o homo economicus, aquele robô frio, calculista, pronto a maximizar resultados, sejam lucros, utilidades, taxas de retornos ou quaisquer outros, só existe nos livros de economia. Na vida real, as relações entre economia, política, direito, ética e outros campos da ação humana objetiva e subjetiva, são inevitáveis, sendo a soma dessas inter-relações o que se chama, reverentemente, de sociedade. O hábito arraigado de separar o econômico do social, do político, do ético e do legal, de que é exemplo o discurso de contrapor o “ mercado” ao “ social” – quase sempre denegrindo o primeiro e enaltecendo o segundo – é uma das causas das repetidas frustrações das esperanças de crescimento econômico sustentado.

1. “ Um pouco de realismo sempre faz bem.”; a mesma ideia reaparece em:

a) “ Afinal, também na economia a esperança pode mover montanhas.”

b) “ Mas para tal precisa fundamentar-se em fatos concretos.”

c) “ Os atos econômicos não são praticados em um vazio institucional...”

d) “ ... pessimistas nada mais são do que otimistas bem informados,...”

e) “ uma carga tributária extorsiva e crescente.”

2. Na progressão textual, a fim de evitar-se a repetição de palavras idênticas, ocorre a substituição de termos anteriores por uma série de diferentes elementos. O item em que a identificação do termo substituto do segmento sublinhado está INCORRETA é:

a) “ Afinal também na economia a esperança pode mover montanhas. Mas para tal precisa fundamentar-se em atos concretos.” – pronome demonstrativo

b) “ busquemos, apenas, ser realistas e olhemos para as instituições que nos circundam.” – pronome relativo

c) “ Tempo de limpar gavetas, fazer faxinas e vestir cores que – acreditam muitos – ajudem a realizar antigos desejos e aspirações. Nada existe de errado contra esses hábitos,...” – hiperônimo

d) “ Nada existe de errado contra esses hábitos, descontado o teor de superstição que costuma motivá-los,...” – pronome relativo

e) “ Nada existe de errado contra esses hábitos [...] nem com o fato de se os estender para o campo das relações econômicas.” – pronome pessoal

3. “ O hábito arraigado de separar o econômico do social, do político, do ético e do legal, de que é exemplo o discurso de contrapor o “ mercado” ao “ social” – quase sempre denegrindo **o primeiro** e enaltecendo **o segundo** – é uma das causas…”; mantendo-se o sentido original, os termos sublinhados poderiam ser corretamente substituídos, respectivamente, por:

a) este / aquele

b) este / esse

c) aquele / este

d) aquele / esse

e) esse / este

Texto XVI

O NECROLÓGIO DOS DESILUDIDOS DE AMOR

Carlos Drummond de Andrade

Os médicos estão fazendo a autópsia dos que se mataram.

Que grandes corações eles possuíam

Vísceras imensas, tripas sentimentais

e um estômago cheio de poesia.

1. Os “ desiludidos do amor” reaparecem em:

a) “ os médicos estão fazendo a autópsia...”.

b) “ ... dos que se mataram”.

c) “ Que grandes corações eles possuíam”.

d) “ Vísceras imensas, tripas sentimentais”.

e) “ estômago cheio de poesia”.

2. “ Bibliotecas. Vistas de dentro de grandes monumentos, elas parecem indestrutíveis. Mas, de fato, a história mostra que bibliotecas estão sempre sendo destruídas e cada vez que uma delas vem abaixo muito da civilização desaba com ela”; nesse segmento o termo que NÃO apresenta corretamente o termo anterior ao qual se refere ou que substitui é:

a) elas = bibliotecas

b) ela = uma delas

c) grandes monumentos = bibliotecas

d) desaba = vem abaixo

e) delas = das bibliotecas

Texto XVII

“ O rádio foi uma tragédia para os surdos. A televisão é uma tragédia para os cegos. É também, de quando em quando, uma tragédia para o espectador sensível, para quem contemplar a mediocridade é uma dolorosa experiência.” (Steve Allen)

1. “ É também, de quando em quando, uma tragédia para o espectador sensível, para quem contemplar a mediocridade é uma dolorosa experiência.”; o pronome *quem* se refere:

a) a qualquer espectador de TV.

b) ao espectador sensível.

c) à pessoa que não participa da dolorosa experiência.

d) ao espectador que contempla a mediocridade.

e) ao espectador de programas medíocres.

Texto XVIII

IMPÉRIO À DERIVA

Patrick Wilcken

Em 1807, no auge das Guerras Napoleônicas, o príncipe regente português D. João VI tomou uma decisão extraordinária. Embora aterrorizado com a ideia de viagens marítimas, optou por transplantar toda a sua corte e seu governo para a maior colônia de Portugal: o Brasil. Com as tropas francesas aproximando-se de Lisboa, aristocratas, ministros, padres e criados – no assombroso total de 10 mil pessoas – embarcaram às pressas na precária frota portuguesa. Após uma turbulenta travessia transatlântica, sob escolta britânica, desembarcaram imundos, cobertos de piolhos e esfarrapados, para espanto de seus súditos no Novo Mundo. Assim se iniciou um período excepcional de treze anos de governo imperial exercido nos trópicos.

1. Em uma outra obra sobre a chegada da família real ao Brasil, que comemorará 200 anos em 2008, o autor

(Laurentrino Gomes) escreve na capa do livro: "Como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a história de Portugal e do Brasil". De todas as referências presentes nesse segmento, a única que aparece comprovada no texto principal desta prova é:

a) a rainha de Portugal ser louca.

b) o príncipe regente ser medroso.

c) a corte portuguesa ser corrupta.

d) os portugueses terem enganado Napoleão.

e) a história de Portugal e Brasil ter sido mudada.

Texto XIX

Num dia quente de verão do primeiro semestre do novo milênio, a humanidade atravessou uma ponte rumo a uma nova era de tremenda importância. Ao mundo inteiro foi transmitido um pronunciamento, com destaque em praticamente todos os jornais mais importantes, apregoando que o primeiro rascunho do genoma humano, nosso manual de instruções, havia sido concluído.

(*A linguagem de Deus*, Francis S. Collins)

1. Ao dizer que a humanidade "atravessou uma ponte rumo a uma nova era", o autor do texto expressa simultaneamente um conjunto de ideias; entre elas, NÃO está presente a ideia de:

a) superação de obstáculos.

b) progresso da ciência.

c) conhecimento de novos espaços.

d) comunicação com o novo.

e) abandono do passado.

Texto XX

CIÊNCIA E NAVEGAÇÃO

Bento Ribeiro Dantas

A história da humanidade contém sagas de extraordinária beleza, mas nenhuma suplanta a história dos descobrimentos marítimos dos séculos XVI e XVII. Foi uma época em que os homens de coragem e de saber, em busca de conhecimento e riquezas, aventuraram-se por mares e oceanos totalmente desconhecidos. Para isso foram necessários avanços técnicos que transformaram e desenvolveram a ciência da construção naval e dos planos vélicos das embarcações, a arte da cartografia e os métodos de aquisição das informações geográficas essenciais à sua precisão, a navegação pela observação astronômica, os instrumentos e a matemática indispensáveis à sua utilização. Enfim, todos os meios que tornaram possível aos portugueses, e mais tarde aos demais europeus, a descoberta de mais de dois terços da Terra – até aquela época, para eles, incógnitos. A chegada ao Brasil foi fruto desse esforço heróico, que não deixou nada ao acaso.

1. Alguns elementos de um texto se referem a termos anteriormente expressos; o elemento do texto cuja referência a termos anteriores está corretamente identificada é:

a) “ mas *nenhuma* suplanta...” = extraordinária beleza

b) “ Foi *uma época*...” = séculos XV e XVI

c) “ Para *isso*...” = homens de coragem e de saber

d) “ ... essenciais à *sua* precisão,...” = informações geográficas

e) “ ... até aquela época, para *eles*, incógnitos.” = portugueses

Texto XXI

MISTURA PERIGOSA

Revista *Isto É*, 26/09/2007.

Em qualquer idade, o alcoolismo é uma tragédia. Na maioria dos casos, ele destrói o indivíduo, desequilibra a família e traz um custo imenso para a sociedade. Quando atinge pessoas jovens, no entanto, ganha cores ainda mais dramáticas – dá para imaginar, então, quando o álcool se associa à adolescência. Esse é um cenário que se está tornando comum no Brasil: os adolescentes participam de forma cada vez mais expressiva da estatística do alcoolismo no país e já correspondem a 10% da parcela dos brasileiros que bebem muito, somando um total de 3,5 milhões de jovens. Muitos não se preocupam com a dependência nem encaram a bebida como droga. Mas, segundo a Organização Mundial de Saúde, o álcool é a droga mais consumida no mundo, com dois bilhões de usuários.

1. Num texto, vários elementos repetem ou retomam elementos anteriores; a alternativa em que o termo destacado NÃO tem o elemento anterior corretamente identificado é:

a) “ Em qualquer idade, o alcoolismo é uma tragédia. Na maioria dos casos, ele destrói o indivíduo, desequilibra a família e traz um custo imenso para a sociedade.” – o alcoolismo

b) “ Quando atinge pessoas jovens, no entanto, ganha cores ainda mais dramáticas – dá para imaginar, então, quando o álcool se associa à adolescência” – o alcoolismo

c) “ Esse é um cenário que se está tornando comum no Brasil: os adolescentes participam de forma cada vez mais expressiva da estatística do alcoolismo no país” – um cenário

d) “ ... e já correspondem a 10% da parcela dos brasileiros que bebem muito, somando um total de 3,5 milhões de jovens” – 10%

e) “ Muitos não se preocupam com a dependência nem encaram a bebida como droga” – brasileiros

Texto XXII

A VIDA COMO ELA SERÁ

Jerônimo Teixeira

Daqui a mais ou menos 1 bilhão de anos, a Terra não será mais habitável. No limite do seu material combustível, o Sol estará se expandindo. A elevação da temperatura no terceiro planeta do sistema solar tornará inviável a sobrevivência de qualquer criatura. Isso significa que a vida em nosso mundo já ultrapassou a meia-idade. Estamos nós, seres vivos, mais perto do fim que do começo. No tempo que resta, que cara terá a vida sobre a Terra? Que espécies surgirão e quais estarão fadadas a desaparecer na trilha das mudanças evolucionárias? E por quanto tempo ainda viveremos nós, seres humanos, para presenciar essas mudanças?

1. A alternativa em que o termo sublinhado tem seu valor dependente da situação geral de produção do texto é:

a) " Daqui a mais ou menos 1 bilhão de anos."

b) " A elevação da temperatura no terceiro planeta do sistema solar."

c) " Estamos nós, seres vivos..."

d) " E por quanto tempo ainda viveremos nós..."

e) " Isso significa que a vida em nosso mundo..."

2. Se tivéssemos o raciocínio: " A Terra não será mais habitável daqui a 1 bilhão de anos já que o Sol estará se expandindo", o raciocínio apresenta um argumento em que:

a) se troca o efeito pela causa.

b) se troca a causa pela consequência.

c) se apela ao princípio da autoridade.

d) se troca a razão pela intuição.

e) ocorre desvio do assunto.

3. Num texto há muitas palavras anafóricas, ou seja, palavras cuja função é retomar algo que já foi expresso. A alternativa que mostra um termo sublinhado que NÃO é anafórico é:

a) " No limite do seu material combustível, o Sol estará se expandindo."

b) " A elevação da temperatura no terceiro planeta do sistema solar."

c) " Isso significa que a vida em nosso mundo..."

d) " para presenciar essas mudanças?"

e) " Isso significa que a vida em nosso mundo."

Texto XXIII

Tchecov escreveu: " Daqui a duzentos ou trezentos anos, ou mesmo mil anos – não se trata de exatidão – haverá uma vida nova. Nova e feliz. Não tomaremos parte nessa vida, é verdade... Mas é para ela que estamos vivendo hoje. É para ela que trabalhamos e, se bem que a soframos, nós a criamos. É nisso que está o objetivo de nossa existência aqui."

1. Algumas palavras têm sentido dêitico, ou seja, apresentam significado dependente da situação de produção do texto. *Daqui*, por exemplo, tem significado dependente do momento de produção do texto. Assinale o item em que a palavra sublinhada tem valor dêitico:

a) a partir de hoje teremos uma vida nova.

b) os homens nunca irão viver eternamente.

c) a vida na Terra é breve.

d) o futuro sempre está distante.

e) a partir de 1992, o mundo mudou.

2. "Não tomaremos parte **nessa** vida, é verdade…"; o uso do demonstrativo *nessa* se justifica pelo motivo seguinte: emprega-se *esse, essa, esses, essas:*

a) com referência a um termo expresso anteriormente.

b) em referência a um lugar próximo do interlocutor.

c) em relação a um tempo passado, anteriormente definido.

d) em correspondência com um tempo futuro, indeterminado.

e) para indicação de um lugar fictício.

3. Para evitar a repetição do termo *vida*, o autor substituiu-o por:

a) pronomes pessoais e demonstrativos.

b) pronomes pessoais e artigos.

c) artigos e pronomes demonstrativos.

d) pronomes pessoais.

e) pronomes demonstrativos.

Texto XXIV

O Piercing: ser ou não ser

Quando o meu filho Pedro, de 16 anos, falou da vontade de colocar *piercing*, antes de dizer-lhe um sonoro "não", ponderei o fato de meu filho não ser um veículo para que eu coloque em prática o meu projeto de ser humano. Muito pelo contrário: Ele é um ser independente, com projetos próprios e que tem como orientação básica o respeito ao ser humano e a consciência que de o mundo deve ser mais justo, inteligente, diversificado e saboroso. A partir daí, não me preocupa se ele fará drama ou comédia, com argola no nariz ou gravata no pescoço. O importante não será a sua forma, mais sim o seu conteúdo. (...) O adolescente, pelo menos, faz por festa, para treinar a sua rebeldia. Depois, o tempo passa e todas essas bandeiras pelo corpo vão perdendo a importância e para aqueles que só fazem onda, a coisa ficará no passado. Para os autênticos, a rebeldia fica adulta e muda de lugar. Vai pro olhar.

1. O elemento do texto cujo significado é indicado por elementos externos a ele é:

a) " Quando o meu filho Pedro, de 16 anos..."

b) " ... antes de dizer-lhe um sonoro não"

c) " Muito pelo contrário, ele é um ser independente..."

d) " A partir daí, não me preocupa..."

e) " Para treinar a sua rebeldia..."

Texto XXV

Quando eu me desespero, lembro-me de que, por toda a história, a verdade e o amor sempre vencem. Existiram assassinos e

tiranos e, por um tempo, eles pareceram invencíveis. Mas, no fim, eles sempre caíram. Penso nisso, sempre. (Mahatma Gandhi)

1. Em "penso nisso", o pronome "isso" teria como explicitação mais adequada:

a) que a verdade e o amor sempre vencem.

b) que existiram assassinos e tiranos.

c) que assassinos e tiranos parecem invencíveis.

d) que eles caíram.

e) que, apesar de invencíveis, os tiranos sempre caíram.

Gabarito: Texto I – 1. a; 2. b; **Texto II** – 1. c; 2. c; 3. d; **Texto III** – 1. a; **Texto IV** – 1. c; **Texto V** – 1. c; **Texto VI** – 1. a; **Textos VII e VIII** – 1. a; 2. e; **Texto IX** – 1. b; 2. b; **Texto X** – 1. b; **Texto XI** – 1. e; 2. e; 3. d; **Texto XII** – 1. c; **Texto XIII** – 1. d; **Texto XIV** – 1. a; 2. b; **Texto XV** – 1. b; 2. d; 3. c; **Texto XVI** – 1. b; 2. c; **Texto XVII** – 1. b; **Texto XVIII** – 1. b; **Texto XIX** – 1. e; **Texto XX** – 1. b; **Texto XXI** – 1. d; **Texto XXII** – 1. a; 2. a; 3. a; **Texto XXIII** – 1. a; 2. e; 3. d; **Texto XXIV** – 1. a; **Texto XXV** – 1. a.

26 COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

Nas provas de concursos públicos, em média, 30 a 40% são questões de compreensão e interpretação de textos. Geralmente, textos longos, algumas vezes até filosóficos, que demandam técnica e experiência do concurseiro.

Quem nunca teve de ler várias vezes um texto em uma prova, ou se perdeu na leitura? Quem nunca teve a sensação de olhar para um enunciado e nem saber como proceder, por onde começar? Há até casos de quem levou tanto tempo na prova de Língua Portuguesa e acabou por prejudicar completamente as questões de outras disciplinas.

Entender as técnicas de **compreensão e interpretação de textos**, além de ser importante para responder às questões específicas, com técnica e no tempo certo, é fundamental para que você compreenda o enunciado das questões de direito, de matemática, raciocínio lógico, por exemplo. Muitos candidatos, ainda que dominem tais disciplinas, acabam se prejudicando nas provas por não entenderem o que se pede no enunciado. Já pensou, nadar, nadar e morrer na praia? Nem pensar... O que se quer é dominar o conteúdo e saber fazer prova!

Pensando nisso, trouxe um passo a passo para você resolver a prova de Língua Portuguesa, otimizar seu tempo, solucionar as questões com técnica. É claro que sempre devemos considerar as particularidades de cada aluno, mas, de modo geral, existe uma metodologia, sim, para se resolver as questões relativas ao texto. Não se pode apenas "deixar fluir", ou "ver no que vai dar"... O que queremos é que você resolva a prova de Português com assertividade e ganhe tempo também para resolver as provas das outras disciplinas.

Vamos lá?

Oito Dicas de Compreensão e Interpretação de Textos

1. Leia o texto do início ao fim, para saber do que se trata.

2. Resolva primeiramente as questões de gramática. Reserve as de compreensão e intepretação de textos.

3. Leia o texto pela segunda vez. Na segunda leitura, marque em cada parágrafo o que representa a sua ideia central. Na introdução, a ideia central é chamada de tese. Nos parágrafos de desenvolvimento, é o tópico frasal. Na conclusão, a tese volta novamente.

4. Quando encontrar algum trecho que suscite dúvidas no texto, marque-o , faça uma interrogação na margem da folha para chamar sua atenção. Não perca muito tempo com ele. Desapegue-se. Ao longo das questões, "sua ficha vai caindo" e muito provavelmente você entenderá o que não lhe pareceu claro inicialmente.

5. Muita atenção aos enunciados! Muitas vezes o candidato perde uma questão por não entender exatamente o que pede o enunciado. Sempre destaque as palavras-chave do enunciado.

6. Existem dois tipos de questão de interpretação: recorrência (compreensão de textos) e inferência (interpretação de

textos). Na recorrência, você recorre ao texto e encontra a resposta, que não virá exatamente com as mesmas palavras do texto, mas sob a forma de paráfrase.

7. INFERÊNCIA é aquela em que você é levado a inferir, deduzir, concluir algo sobre o que leu, com base em pressupostos textuais.

8. O erro da recorrência e da inferência são as extrapolações: extrapolar é ir além do que diz o texto, normalmente com base em experiência e opiniões próprias.

26.1. COMPREENSÃO DE TEXTOS

Compreender um texto é identificar a ideia central de cada parágrafo. É conseguir resumi-lo. É também identificar o que é principal e o que é secundário, bem como estabelecer a correlação das informações entre si.

Entender um texto é ser capaz de dividi-lo em partes. Todo texto é feito seguindo um esquema lógico de pensamento. Sublinhar o que é mais importante em cada parágrafo e colocar setas, indicando ideias que se repetem e que se relacionam, é essencial para que você domine e compreenda efetivamente o que você está lendo.

Sempre digo que texto que não está sublinhado não é confiável. Após essa leitura "esquemática" do texto, com a identificação de suas ideias centrais, parte-se para a resolução das questões. A modalidade mais comum é a questão de Compreensão de Textos (ou Intelecção ou Recorrência), em que o candidato é convidado pela banca a localizar informações que estão lá no texto.

Você deve estar se perguntando... Se estão lá, por que eu não as encontro??? Bem, muitas vezes o candidato tem dificuldade de responder a esse tipo de questão, porque não entendeu muito bem o texto, não consegue encontrar as informações lá.

Ao responder a uma questão de recorrência, você deve estar apto a identificar a paráfrase. Paráfrase é o mesmo que reescritura. Isso porque a resposta que você vai marcar não estará lá no texto com as mesmas palavras com que está na alternativa. Parafrasear é dizer o mesmo que se disse, só que com outras palavras...

Um outro problema muito comum é que o candidato acaba querendo interagir com o texto, responder às questões com base em suas experiências pessoais... Costumo dizer que, nessa hora, tem-se que ter frieza mesmo, esquecer o que se pensa, suas convicções...

Selecionei uma bateria de questões de recorrência, de variadas bancas de concursos públicos, para que você treine bastante o reconhecimento de paráfrases!

Antes, quero ensinar direitinho como deve ser seu raciocínio, diante de cada alternativa da questão. Vou, então, comentar algumas questões para você depois resolver as outras sozinho!

Vamos lá?

RECORRÊNCIA Texto – Democracia refém (José Roberto de Toledo)

Desde 2008, o Ibope pergunta à população em idade de votar quão satisfeita ela está com o funcionamento da democracia no Brasil. Os resultados nunca foram brilhantes ainda menos se comparados com países latino-americanos como Uruguai e Argentina, mas jamais haviam sido tão chocantes quanto agora. Só 15% dos brasileiros se dizem "satisfeitos" (14%) ou "muito satisfeitos" (1%) com o jeito que o regime democrático funciona no país. (*Estado de S. Paulo*, 04/09/2015)

1. (Codemig – Analista de Desenvolvimento Econômico – FGV – 2015) O jornalista autor do texto 2 informa que os resultados da pesquisa foram muito chocantes, isso porque:

a) deixaram de ser brilhantes pela primeira vez;

b) mostraram concentração de respostas positivas;

c) indicaram reprovação do governo;

d) apontavam mais de 80% de reprovação;

e) destacaram insatisfação da população.

Como saber que essa questão é de recorrência?

Ao dizer "O autor do texto informa", tem-se a indicação de um enunciado de recorrência. É como se a banca estivesse batendo no seu ombro e dizendo assim: vá ao texto e localize o trecho em que o jornalista autor fale que os resultados da pesquisa foram muito chocantes e depois ache o porquê dessa informação.

O porquê deve vir logo depois da informação. O "porquê" que a banca pede está nos arredores, no contexto. Depois de localizar tal informação e ler o que vem ao redor dela, você irá voltar às alternativas e procurar aquela que seja a sua paráfrase, a sua reescritura, entende?

No texto, diz-se "os resultados da pesquisa jamais haviam sido tão chocantes quanto agora". Localizou a informação? Pois bem. O porquê vem logo depois disso. Continue lendo. Há um momento em que se diz "Só 15% dos brasileiros se dizem satisfeitos…". Esse é o porquê!

Então, primeiro ele afirma que os resultados nunca haviam sido tão chocantes quanto agora, e logo depois ele explica: só 15% dos brasileiros… Pronto, achamos o porquê!

Por fim, você vai voltar às assertivas que a banca oferece e vai buscar aquela que mais bem reescreva o que você acabou de ler.

A resposta é letra D ("apontavam mais de 80% de reprovação"). Isso é o mesmo que se dizer que "só 15% se dizem satisfeitos ou muito satisfeitos". A letra D é paráfrase do que você acabou de ler no texto, entendeu?

A letra A diz assim: "deixaram de ser brilhantes pela primeira vez", foi isso que você acabou de ler no texto? Vou repetir, a banca quer saber por que o autor disse que os resultados nunca foram tão chocantes quanto agora. Não, o autor não disse que foi "pela primeira vez", ele disse que "nunca foram tão chocantes quanto agora", mas não disse

“pela primeira vez”. Os resultados já podem ter sido pouco brilhantes, só que agora foram mais chocantes, entende?

Na letra B, diz-se que os resultados mostraram concentração de respostas positivas. O texto diz isso? Não, pelo contrário, 80% de reprovação. A letra “B” contradiz o texto.

Quanto à letra C, diz-se que os resultados indicam reprovação do governo? De fato, a maioria reprova, mas a letra C está generalizando excessivamente; a letra C é uma generalização excessiva; quando ela diz “indicaram reprovação do governo”, está-se generalizando, dizendo que todos reprovaram. Não, mais de 80% reprovaram, mas não foram todos que reprovaram. Portanto, a letra C vai além, extrapola o resultado da pesquisa.

Na letra E, fala-se que os resultados “destacaram insatisfação da população”. Não, eles não destacaram insatisfação, eles vieram falar daqueles que estão satisfeitos, que realmente são poucos! Mas não se pode afirmar “insatisfação” da população, pois, ao se falar assim, está-se também generalizando excessivamente. Você entendeu a diferença entre D e E? A letra D é a que mais bem reescreve o que veio logo depois da frase do enunciado, a letra E extrapola.

Você entendeu como se deve resolver uma questão de recorrência? Você tem que ir à frase do enunciado, depois localizá-la no texto, então olhar os arredores da informação (contexto) e marcar a alternativa que mais bem reescreva o que você acabou de ler, está bem?

É cruel, eu sei, porque dá vontade de marcar outra, mas você tem que se ater ao que está no texto, é assim que se resolve uma questão de recorrência. Tenha sempre cuidado com as extrapolações (ir além do texto), contradições (dizer o contrário do que diz o texto) e as generalizações excessivas (tomar algo que é particular e ampliar excessivamente).

Texto – A conquista do Brasil

Por gerações, o brasileiro se acostumou a ver o seu país, sua história e sua cultura como exemplos de paz e confraternização sem paralelo entre as nações. A imagem do brasileiro como um povo cordial que aceita melhor a miscigenação e é mais tolerante com as diferenças sociais e políticas, num país conciliador, que não se envolve em guerras e se mantém neutro diante de conflitos, se sobrepõe como traço cultural, sem grandes traumas nem contestações.

Os brasileiros se orgulham de pensar que o Brasil não precisou de uma guerra como a que separou os Estados Unidos da Inglaterra, nem passou por conflitos internos sangrentos como a Secessão. Manteve-se afastado das conflagrações, a começar pelas duas guerras mundiais que marcaram a primeira metade do século XX – na segunda delas, meio pró-forma, enviou expedicionários à Itália, numa fase em que o conflito já se encaminhava para o fim. O país manteve-se neutro na maioria dos grandes conflitos passados, recentes e contemporâneos.

E saiu pacificamente de uma ditadura militar de 21 anos, em 1985, com o restabelecimento do governo civil e, depois, da democracia. Ao construir um modelo de concórdia, que combina com a fachada do povo pobre, mas alegre, que se expressa pelo carnaval, o samba e o futebol, o Brasil esqueceu muita coisa. Foi o último país do mundo a abolir a escravidão, em 13 de maio de 1888. Um dos seus maiores heróis nacionais, Tiradentes, foi esquartejado. O Brasil dizimou a população masculina de um país vizinho na Guerra do Paraguai. Deixou uma esteira de mortos nos porões do

regime militar, que pela via do golpe havia derrubado em 1964 o presidente João Goulart.

Aliviaram-se tensões sociais latentes e sepultou-se o passado beligerante sobre o qual foi construída uma nação homogênea, mesmo em meio a tanta diversidade. O Brasil acomodou-se à versão oficial de sua história, em que foram escondidas as rupturas, as questões sociais e os fatos que não interessam tanto a sua autoimagem dentro do mundo civilizado. (Thales Guaracy)

2. **(Prefeitura de Cuiabá – Nutricionista – FGV – 2015)** Em certa passagem do texto, o autor diz que "o Brasil esqueceu muita coisa". Segundo o texto, essa "muita coisa" que nosso país esqueceu

a) demonstra a ignorância da população em relação ao seu passado histórico.

b) indica razões que se contrapõem à imagem de "país cordial".

c) mostra a semelhança entre nossa história e a dos países vizinhos.

d) ironiza a atitude intelectual de nossos historiadores.

e) comprova uma diferença entre a visão oficial e a visão dos historiadores.

A banca diz "em certa passagem do texto o autor diz…" Pronto! Questão de recorrência.

Como agir? Você não vai ficar lendo as opções que a banca dá, não (a, b, c, d, e), senão você vai se apaixonar por todas… Você vai fazer exatamente como eu fiz na questão anterior. Primeiro, você vai localizar esse trecho no texto, ler os arredores (contexto), e depois, sim, aí você vai ler cada uma das cinco alternativas e vai buscar a que mais bem reescreva o que você leu no texto.

Bom, no texto, diz-se "o Brasil esqueceu muita coisa" e a banca quer saber o que que quer dizer esse "muita coisa'', então isso esta lá no penúltimo paragrafo, vamos lá!

Lá, ao ler o contexto, o autor diz : Ao construir um modelo de concórdia, que combina com a fachada do povo pobre, mas alegre, que se expressa pelo carnaval, o samba e o futebol, o Brasil esqueceu muita coisa". Pronto! Perceba que antes desse trecho, estava-se falando de coisas positivas do Brasil, e que agora só vai se falar do negativo. Continue lendo… Porque o que você vai ler agora é o que você vai marcar como resposta.

É a reescritura do que vem depois desse trecho que será a resposta. Você entendeu como é que você vai agir na hora da questão? Você vai continuar lendo. Perceba que, na sequência, você vai ler: "…Foi o último país do mundo a abolir a escravidão, um dos seus maiores heróis nacionais Tiradentes foi esquartejado, o Brasil dizimou uma população masculina de um país vizinho…" Entendeu? Pois bem!

Agora você vai buscar a alternativa que mais bem reescreva o que você acabou de ler. A resposta é letra B. Por que que a resposta é a letra B? Porque a letra B reescreve o que veio no contexto. A letra B, olha que perfeição, ela reescreve o que veio antes e o depois, indica razões que se contrapõem à imagem de país cordial. Por que se contrapõe? Você acabou de ler, esse muita coisa é o quê? É tudo de ruim que o Brasil fez, quer dizer, Tiradentes foi esquartejado, dizimou a população… A letra B é a paráfrase do que você acabou de ler, entendeu?

Vamos ver as outras opções?

A letra A fala em "ignorância da população em relação ao seu passado histórico". Quem marcou letra A pensou mais ou menos assim, "ah realmente esse povo é muito ignorante, não sabe do seu passado…". Trata-se de uma extrapolação.

Na letra C, menciona-se uma "semelhança entre nossa história e os países vizinhos". O autor não veio falar isso, ele veio contrapor aspectos positivos e negativos da imagem do brasileiro. A letra C extrapola.

Quanto à letra D, fala-se em ironia à atitude intelectual dos historiadores. O texto tem esse objetivo? Volte ao texto, releia aquele trecho que indiquei, se necessário, e você verá que temos aqui mais uma extrapolação.

Na letra E, diz-se "…Comprova uma diferença entre uma visão oficial e a visão dos historiadores…". Não, realmente há uma diferença entre duas visões, mas a visão oficial do texto é a visão dos historiadores… Fala-se da mesma coisa duas vezes!

26.2. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

Leia o texto a seguir para responder à questão 1.

Abraçando árvore

Não era uma felicidade eufórica, estava mais pra uma brisa de contentamento, como se eu bebesse vinho branco à beira-mar.

Eu tinha acordado cedo naquela sexta – e acordar cedo sempre me predispõe à felicidade. O trabalho havia rendido bem e, antes do fim da manhã, já tinha acabado de escrever tudo o que me propusera para o dia. À uma, fui almoçar com o meu editor. Ele estava com alguns capítulos do meu livro novo desde dezembro e eu temia que não tivesse gostado. Gostou. Comemos um peixe na brasa – peixe e brasa também costumam me predispor à felicidade – e como era sexta-feira, e como somos amigos, e como comemorávamos essa pequena alegria que é uma parceria funcionar, brindamos com vinho branco – não à beira-mar, mas à beira do Cemitério da Consolação, que pode não ter a grandeza de um Atlântico, mas também tem lá os seus pacíficos encantos.

Saí andando meio emocionado, meio sem rumo pela tarde ensolarada e quando vi estava em frente à paineira da Biblioteca Mario de Andrade. É uma árvore gigante, que provavelmente já estava ali antes do Mario de Andrade nascer, continuou ali depois de ele morrer e continuará ali depois que todos os 18 milhões de habitantes que hoje perambulam pela cidade de São Paulo estiverem abaixo de suas raízes. Talvez tenha sido o assombro com essa longevidade, talvez acordar cedo, talvez os elogios ao livro, e o vinho certamente colaborou: fato é que senti uma súbita vontade de abraçar aquela árvore.

Acho importante deixar claro, inclemente leitor, que não sou do tipo que abraça árvore. Na verdade, sou do tipo que faz piada com quem abraça árvore. Se me contassem, até a última sexta, que algum amigo meu foi visto abraçando uma paineira na rua da Consolação eu diria, sem pestanejar: enlouqueceu. Mas...

Olhei prum lado. Olhei pro outro. Tomei coragem e foi só sentir o rosto tocar o tronco para ouvir: "Antonio?!". Era meu editor. Foram dois segundos de desespero durante os quais contemplei o distrato do livro, a infâmia pública, o alcoolismo e a mendicância, mas só dois segundos, pois meu inconsciente, consciente do perigo, me lançou a ideia salvadora. "Uma braçada", disse eu, girando pra esquerda e envolvendo a árvore novamente, "duas braçadas e... três". Então encarei, seguro, meu possível verdugo: "Três braçadas dá o quê? Uns cinco metros de perímetro? Tava medindo pra descrever, no livro. Tem uma parte mais no

fim em que essa paineira é importante".

Colou. Nos despedimos. Ele foi embora prum lado, a minha felicidade pro outro e agora estou aqui, já noite alta desta sexta-feira, tentando enfiar a todo custo um tronco de quase dois metros de diâmetro num livro em que, até então, não havia nem uma samambaia.

(Adaptado de: PRATA, Antonio. Disponível em: www.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/2016/01/1730364-abracando-arvore.shtml. Acesso em: 18.01.2016.)

1. (TRF3 – Técnico Judiciário – FCC – Abril/2016)

Para o autor, o ato de abraçar a paineira representou

a) a possibilidade de acelerar a conclusão de seu novo livro, já que a árvore era o elemento que faltava para enriquecer sua história.

b) o transbordamento de um estado de exaltação em face da beleza natural que contrastava com o aspecto deprimente da cidade de São Paulo.

c) a expressão de um sentimento aprazível, que dá lugar à frustração e ao constrangimento após ser flagrado por seu editor.

d) o desfecho infeliz de uma manhã de projetos bem-sucedidos, em razão do qual seu trabalho se viu malogrado de modo irreversível.

e) a demonstração de seu amor pela cidade de São Paulo, a qual, por ser cosmopolita, serve de ambientação a seu novo livro.

Leia o texto a seguir para responder à questão 2.

Cidades inteligentes, até demais

O conceito de "cidade inteligente" se popularizou como estratégia de solução e gerenciamento de problemas urbanos. Diz respeito à confluência de informação que circula em grandes cidades e ao uso da tecnologia para automatizar a gestão de setores urbanos, desde bases de dados de saúde e educação públicas, por exemplo, até os dados pessoais que circulam em redes sociais e aplicativos móveis. O advogado Cristiano Therrien, pesquisador em Direito da Tecnologia na Universidade de Montreal, no Canadá, conversou com o **Observatório da Privacidade e Vigilância** sobre o tema.

Observatório da Privacidade e Vigilância: O que é uma cidade inteligente?

Cristiano Therrien: Cidades inteligentes, cidades conectadas, cibercidades, cidades responsivas, são muitas as nomenclaturas usadas para destacar a dimensão informativa da cidade. Quando usamos essa terminologia, falamos da cidade enquanto um espaço de fluxos. A maioria das tecnologias necessárias para as cidades inteligentes já são viáveis economicamente em todo o mundo – fácil acessibilidade da computação em nuvem, dispositivos baratos de internet, sistemas de TI cada vez mais flexíveis. As duas cidades mais destacadas nos estudos de cidades inteligentes são Londres e Barcelona. Há experiências importantes em cidades brasileiras também.

OPV: A ideia de cidade inteligente sempre aparece relacionada à abertura de bases de dados por parte dos órgãos públicos. Você pode falar sobre isso?

CT: Encontramos muitas experiências diferentes em andamento nas cidades: uma parte prioriza a transparência como meio de prestação de contas e responsabilidade política frente à sociedade civil, como a ideia de governo aberto; outra parte prioriza a participação popular através da interatividade, bem como a cooperação técnica para o reúso de dados abertos por entidades e

empresas.

Mas, se pensarmos na alternativa de projetos de cidades inteligentes que não envolvam políticas públicas de dados abertos, que não prestem conta detalhada de suas atividades, ao mesmo tempo em que disponham dos sofisticados sistemas para o gerenciamento de dados de cidadãos em larga escala, encontraremos condições para o surgimento de um estado de vigilância e controle, pondo em risco as liberdades individuais.

Em nome da eficiência administrativa, podem-se armazenar, por exemplo, enormes massas de dados de mobilidade urbana (placas e identificação por radiofrequência em veículos, passes e GPS em ônibus), cujos bancos de dados podem ou não intencionalmente identificar seus usuários. Dados de mobilidade são de grande utilidade pública e podem ser " anonimizados" (ter os seus identificadores pessoais eliminados) e abertos. Contudo, existem estudos que apontam que bastariam meros quatro pontos de dados para identificar os movimentos de uma pessoa na cidade.

(Adaptado de: "Observatório da Privacidade e Vigilância". Disponível em: www.cartacapital.com.br/sociedade/cidadesinteligentes-atedemais. Acesso em: 18.01.2016.)

2. (TRF3 – Técnico Judiciário – FCC – Abril/2016)

O conceito de " cidade inteligente" envolve, entre outros,

a) a ideia de governança transparente, que equivale ao tratamento consensual dado a questões de ordem pública.

b) a solução de problemas públicos, por meio da contratação de consórcios privados ofertados em ambiente virtual.

c) o registro e a circulação de dados informatizados, visando ao atendimento de demandas da administração pública.

d) o rastreamento de indivíduos, promovido por empresas especializadas em prevenir a violência em meios digitalizados.

e) a eficiência administrativa, obtida pela criação de aplicativos móveis que priorizem a troca de dados pessoais.

Leia o texto a seguir para responder à questão 3.

Bem no fundo

no fundo, no fundo,

bem lá no fundo,

a gente gostaria

de ver nossos problemas

resolvidos por decreto

a partir desta data,

aquela mágoa sem remédio

é considerada nula

e sobre ela – silêncio perpétuo

extinto por lei todo o remorso,

maldito seja quem olhar pra trás,

Lá pra trás não há nada,

e nada mais

mas problemas não se resolvem,

problemas têm família grande,

e aos domingos saem todos passear

o problema, sua senhora

e outros pequenos probleminhas.

(LEMINSKI, Paulo. *Poesia contemporânea*. Instituto Cultural Itaú. São Paulo: ICI, 1997, p. 61. [Cadernos Poesia Brasileira; v. 4])

3. (TRF3 – Técnico Judiciário – FCC – Abril/2016)

Para o poeta,

a) problemas coletivos só vão se resolver com a cooperação dos indivíduos.

b) problemas familiares tornam-se insolúveis se destituídos da mediação das leis.

c) problemas pessoais se agravam quando sua resolução não é imediata.

d) problemas estruturais não se resolvem por meio de regulamentações.

e) problemas sociais não podem ser resolvidos senão com a intervenção do governo.

Leia o texto a seguir para responder à questão 4.

O museu é considerado um instrumento de neutralização – e talvez o seja de fato. Os objetos que nele se encontram reunidos trazem o testemunho de disputas sociais, de conflitos políticos e religiosos. Muitas obras antigas celebram vitórias militares e conquistas: a maior parte presta homenagem às potências dominantes, suas financiadoras. As obras modernas são, mais genericamente, animadas pelo espírito crítico: elas protestam contra os fatos da realidade, os poderes, o estado das coisas. O museu reúne todas essas manifestações de sentido oposto. Expõe tudo junto em nome de um valor que se presume partilhado por elas: a qualidade artística. Suas diferenças funcionais, suas divergências políticas são apagadas. A violência de que participavam, ou que combatiam, é esquecida. O museu parece assim desempenhar um papel de pacificação social. A guerra das imagens extingue-se na pacificação dos museus.

Todos os objetos reunidos ali têm como princípio o fato de terem sido retirados de seu contexto. Desde então, dois pontos de vista concorrentes são possíveis. De acordo com o primeiro, o museu é por excelência o lugar de advento da Arte enquanto tal, separada de seus pretextos, libertada de suas sujeições. Para o segundo, e pela mesma razão, é um " depósito de despojos". Por um lado, o museu facilita o acesso das obras a um status estético que as exalta. Por outro, as reduz a um destino igualmente estético, mas, desta vez, concebido como um estado letárgico.

A colocação em museu foi descrita e denunciada frequentemente como uma desvitalização do simbólico, e a musealização progressiva dos objetos de uso como outros tantos escândalos sucessivos. Ainda seria preciso perguntar sobre a razão do " escândalo". Para que haja escândalo, é necessário que tenha havido atentado ao sagrado. Diante de cada crítica escandalizada dirigida ao museu, seria interessante desvendar que valor foi previamente sacralizado. A Religião? A Arte? A singularidade absoluta da obra? A Revolta? A Vida autêntica? A integridade do Contexto original? Estranha inversão de perspectiva. Porque, simultaneamente, a crítica mais comum contra o museu apresenta-o como sendo, ele próprio, um órgão de sacralização. O

museu, por retirar as obras de sua origem, é realmente " o lugar simbólico onde o trabalho de abstração assume seu caráter mais violento e mais ultrajante". Porém, esse trabalho de abstração e esse efeito de alienação operam em toda parte. É a ação do tempo, conjugada com nossa ilusão da presença mantida e da arte conservada.

(Adaptado de: GALARD, Jean. *Beleza Exorbitante*. São Paulo, Fap.-Unifesp, 2012, p. 68-71)

4. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

De acordo com o texto,

a) o museu, enquanto depósito de despojos, confere destaque às características estéticas das obras, uma vez que apaga seu contexto social de produção.

b) o caráter antagônico dos museus pode ser expresso por dois pontos de vista: o da neutralização das obras modernas e o da evidenciação das lutas políticas nas obras antigas.

c) a crítica ao museu como um lugar que desmistifica a arte traz em seu bojo uma contradição, pois as acusações mais comuns lhe imputavam o mais das vezes a sacralização das obras.

d) o contexto original das obras, restaurado pelos museus, não oblitera as razões sociopolíticas que as engendraram, o que costuma ser motivo de crítica a essas instituições.

e) a junção das mais diversas obras de arte evidencia os conflitos políticos que as motivaram e que opõem diferentes matrizes estéticas, de modo que a função pacificadora dos museus pode ser questionada.

Leia o texto a seguir para responder à questão 5.

Platão argumenta que o tempo (*chrónos*) " é a imagem móvel da eternidade (*aión*) movida segundo o número" (**Timeu**, 37d). Partindo do dualismo entre mundo inteligível e mundo sensível, Platão concebe o tempo como uma aparência mutável e perecível de uma essência imutável e imperecível – eternidade. Enquanto que o tempo (*chrónos*) é a esfera tangível móbil, a eternidade (*aión*) é a esfera intangível imóbil. Sendo uma ordem mensurável em movimento, o tempo está em permanente alteridade. O seu domínio é caracterizado pelo devir contínuo dos fenômenos em ininterrupta mudança.

Posto que o tempo (*chrónos*) é uma imagem, ele não passa de uma imitação (*mímesis*) da eternidade (*aión*). Ou seja, o tempo é uma cópia imperfeita de um modelo perfeito – eternidade. Isso significa que o tempo é uma mera sombra da eternidade. Considerando que somente a região imaterial das formas puras existe em si e por si, podemos dizer que o tempo platônico é uma ilusão. Ele é real apenas na medida em que participa do ser da eternidade.

(DIVINO, Rafael. Sobre O tempo em Platão e Aristóteles, de R. Brague. Disponível em: https://serurbano.wordpress.com/ 2010/02/26/tempo-em-platao/. Acessado em: 28.12.2015)

5. (SEDU-ES – Professor B – FCC – Jan./2016)

De acordo com o texto,

a) o tempo, na visão platônica, não existe senão no mundo das ideias, pois a realidade é na verdade marcada pela ausência de mudanças, por mais que as aparências insistam em indicar o contrário.

b) tempo e eternidade, segundo Platão, são ambos ilusórios, já que o tempo apenas imita a eternidade, ao passo que esta não pode ter sua existência comprovada pelos sentidos.

c) as transformações vistas por nós ao longo do tempo, de acordo com Platão, participam do mundo sensível e, desse modo, são apenas reflexo da eternidade que caracteriza o mundo inteligível.

d) o dualismo platônico leva o filósofo grego ao estabelecimento de uma separação estanque entre o tempo, que conhecemos por meio dos sentidos, e o devir, que só é alcançado pelas ideias.

e) os fenômenos do mundo sensível e os modelos do mundo inteligível, segundo Platão, sofrem a ação do tempo, mas a constatação dessas pequenas mudanças não pode se dar em prejuízo do reconhecimento da preeminência da eternidade.

Leia o texto a seguir para responder à questão 6.

O revolucionário projeto de viagem interestelar apoiado por Stephen Hawking para tentar "salvar a humanidade"

Um programa de pesquisa de US$ 100 milhões (cerca de R$ 350 milhões) para o desenvolvimento de " naves estelares" do tamanho de pequenos *chips* eletrônicos foi lançado pelo milionário Yuri Milner e apoiado pelo fundador do Facebook, Mark Zuckerberg.

A viagem interestelar tem sido um sonho para muitos, mas ainda enfrenta barreiras tecnológicas. Entretanto, o físico Stephen Hawking disse à BBC News que a fantasia pode ser realizada mais cedo do que se pensa. " Para que nossa espécie sobreviva, precisamos finalmente alcançar as estrelas", disse. " Os astrônomos acreditam que haja uma chance razoável de termos um planeta parecido com a Terra orbitando estrelas no sistema Alfa Centauri. Mas saberemos mais nas próximas duas décadas por intermédio de dados dos nossos telescópios na Terra e no espaço."

O projeto apoiado pelo físico ambiciona produzir aeronaves do tamanho de um chip usado em equipamentos eletrônicos e lançar milhares dessas " mininaves" na órbita da Terra. Mas antes de projetar naves espaciais capazes de chegar a outras estrelas, há muitos problemas a serem superados. Uma prioridade é desenvolver câmeras, instrumentos e sensores em miniatura.

Stephen Hawking acredita que o que antes era um sonho distante pode e deve se tornar uma realidade dentro de três décadas. " Não é sábio manter todos os novos ovos em uma cesta frágil", disse ele. " A vida na Terra enfrenta perigos astronômicos como asteroides e supernovas."

(Adaptado de: GHOSH, Pallab. O revolucionário projeto de viagem interestelar apoiado por Stephen Hawking para tentar "salvar a humanidade". Disponível em: www.bbc.com/portuguese/ noticias/2016/04/160412 _interestelar_np)

6. (Copergás/PE – Téc. Seg. Trabalho – FCC – Jul./2016)

Uma afirmativa condizente com as informações do texto é:

a) Nas próximas décadas, um projeto milionário deverá construir espaçonaves capazes de transportar humanos a estrelas do sistema Alfa Centauri.

b) Naves de tamanho muito pequeno foram produzidas por pesquisadores financiados pelo milionário Yuri Milner e por Mark Zuckerberg.

c) O projeto apoiado por Stephen Hawking tem o objetivo de evitar que asteroides se choquem com a Terra nos próximos vinte anos.

d) O físico Stephen Hawking lidera pesquisadores na confecção de *chips* que serão inseridos em pequenos telescópios na Terra e no espaço.

e) Ainda existem muitos obstáculos a serem vencidos até que seja possível concretizar o projeto de lançar as pequenas naves ao

espaço.

Leia o texto a seguir para responder à questão 7.

Paraíso achado

Durante muito tempo, apenas a olhava de longe, sem outra pretensão que apenas apreciá-la. Até que um dia, num passeio demonstrativo de canoagem, o mar estava agitado e nos obrigou a ancorar naquela praia pequena e deserta, de onde avistávamos a cidade do outro lado do canal do estuário. Tão pequena, que nos deixava ouvir claramente cada onda se desmanchar ao tocar a areia. Tão simples, que abrigava poucas construções.

Passei a manhã e a tarde naquele paraíso recém-descoberto e vaguei pelas ruelas, visitando um novo mundo.

Desde então, penso naquele refúgio com carinho especial e o visito sempre que posso, para sorver seu silêncio, a areia fofa, os cães sem nome, os moradores e seus afazeres. A pele vai ficando escura; os pensamentos, claros.

(MARTINS, Madô. Paraíso achado. In: Rubem – *Revista da Crônica* – Notícias, entrevistas, resenhas e textos feitos ao rés-do-chão. Disponível em: https://rubem.wordpress.com/2016/04/08/paraiso-achado-mado-martins)

7. (Copergás/PE – Téc. Seg. Trabalho – FCC – Jul./2016)

Com a expressão *"novo mundo"* (2º parágrafo), a autora

a) caracteriza a praia na qual ancorou forçosamente como um lugar protegido contra os males da civilização.

b) descreve um cenário paradisíaco, criado por sua imaginação enquanto permanece no canal do estuário de sua cidade.

c) representa um lugar selvagem e inabitado próximo à cidade em que mora, aonde vai descansar quando possível.

d) apresenta a ilha que visitou por ocasião de um passeio de canoagem muito tranquilo nas proximidades de sua cidade.

e) retrata um refúgio de calmaria e belezas naturais que encontrou para pernoitar durante uma viagem de navio.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 8 e 9.

Inquilinos

Ninguém é responsável pelo funcionamento do mundo. Nenhum de nós precisa acordar cedo para acender as caldeiras e checar se a Terra está girando em torno de seu próprio eixo na velocidade apropriada e em torno do Sol, de modo a garantir a correta sucessão das estações. Como num prédio bem administrado, os serviços básicos do planeta são providenciados sem que se enxergue o síndico – e sem taxa de administração. Imagine se coubesse à humanidade, com sua conhecida tendência ao desleixo e à improvisação, manter a Terra na sua órbita e nos seus horários, ou se – coroando o mais delirante dos sonhos liberais – sua gerência fosse entregue a uma empresa privada, com poderes para remanejar os ventos e suprimir correntes marítimas, encurtar ou alongar dias e noites, e até mudar de galáxia, conforme as conveniências do mercado, e ainda por cima sujeita a decisões catastróficas, fraudes e falência.

É verdade que, mesmo sob o atual regime impessoal, o mundo apresenta falhas na distribuição dos seus benefícios, favorecendo alguns andares do prédio metafórico e martirizando outros, tudo devido ao que só pode ser chamado de incompetência administrativa. Mas a responsabilidade não é nossa. A infraestrutura já estava pronta quando nós chegamos.

(Adaptado de: VERISSIMO, Luis Fernando. *O mundo é bárbaro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008, p. 19)

8. (Eletrobras/Eletrosul – Adm. Empres. – FCC – Jun./2016)

Para bem comparar o funcionamento do mundo à boa administração de um prédio, o autor do texto se vale do fato de que, em ambos os casos,

a) as necessidades humanas imprimem a tudo as leis do mercado, a fim de evitar nossas falhas pessoais.

b) a distribuição e a qualidade dos serviços costumam ser justas, salvo em casos excepcionais.

c) a presença de um síndico só se faz sentir de modo positivo quando se trata de prevenir catástrofes.

d) a infraestrutura se acomoda às necessidades dos usuários, não cabendo falar em incompetência administrativa.

e) os serviços se oferecem com certa naturalidade, sem que se perceba a presença de um responsável.

9. (Eletrobras/Eletrosul – Adm. Empres. – FCC – Jun./2016)

Atente para as seguintes afirmações:

I. O autor mostra-se descrente quanto à competência dos homens para administrar o funcionamento do mundo, tal como acusa o segmento *mesmo sob o atual regime impessoal*.

II. As expressões *gerência* (...) *entregue a uma empresa privada* e *conveniências do mercado* ajudam a ilustrar o que entende o autor por *sonhos liberais*.

III. Ao dizer que a *infraestrutura já estava pronta quando nós chegamos*, o autor exime a humanidade de responder pelo que seriam as falhas de funcionamento do mundo natural.

Em relação ao texto, está correto o que se afirma em

a) I, II e III.

b) I e II, apenas.

c) I e III, apenas.

d) II e III, apenas.

e) II, apenas.

Leia o texto a seguir para responder às questões de 10 – 12.

Texto I

Naquele novo apartamento da rua Visconde de Pirajá pela primeira vez teria um escritório para trabalhar. Não era um cômodo muito grande, mas dava para armar ali a minha tenda de reflexões e leitura: uma escrivaninha, um sofá e os livros. Na parede da esquerda ficaria a grande e sonhada estante onde caberiam todos os meus livros. Tratei de encomendá-la a seu Joaquim, um marceneiro que tinha oficina na rua Garcia D' Ávila com Barão da Torre.

O apartamento não ficava tão perto da oficina. Era quase em frente ao prédio onde morava Mário Pedrosa, entre a Farme de Amoedo e a antiga Montenegro, hoje Vinicius de Moraes. Estava ali havia uma semana e nem decorara ainda o número do prédio. Tanto que, quando seu Joaquim, ao preencher a nota de encomenda, perguntou-me onde seria entregue a estante, tive um momento de hesitação. Mas foi só um momento. Pensei rápido: " Se o prédio do Mário é 228, o meu, que fica quase em frente, deve ser 227". Mas lembrei-me de que, ao ir ali pela primeira vez, observara que, apesar de ficar em frente ao do Mário, havia uma diferença na numeração.

– Visconde de Pirajá, 127 – respondi, e seu Joaquim desenhou o endereço na nota.

– Tudo bem, seu Ferreira. Dentro de um mês estará lá sua estante.

– Um mês, seu Joaquim! Tudo isso? Veja se reduz esse prazo.

– A estante é grande, dá muito trabalho... Digamos, três semanas.

Ferreira Gullar. A estante. In: *A estranha vida banal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989 (com adaptações).

(INSS – Técnico Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

No que se refere aos sentidos do **texto I**, julgue os próximos itens.

10. O trecho "dá muito trabalho" (l. 16) constitui uma referência de seu Joaquim à confecção da estante, tarefa que, segundo ele, seria trabalhosa.

11. De acordo com as informações do texto, Vinicius de Moraes passou a morar no apartamento onde antes residia Mário Pedrosa.

12. O "momento de hesitação" (l. 9) vivido pelo narrador deveu-se ao medo de informar o endereço a um desconhecido.

Leia o texto a seguir para responder à questão 13.

Levantou-se da cama o pobre namorado sem ter conseguido dormir. Vinha nascendo o Sol.

Quis ler os jornais e pediu-os.

Já os ia pondo de lado, por haver acabado de ler, quando repentinamente viu seu nome impresso no **Jornal do Comércio**.

Era um artigo *a pedido* com o título de **Uma Obra-Prima**.

Dizia o artigo:

Temos o prazer de anunciar ao país o próximo aparecimento de uma excelente comédia, estreia de um jovem literato fluminense, de nome Antônio Carlos de Oliveira.

Este robusto talento, por muito tempo incógnito, vai enfim entrar nos mares da publicidade, e para isso procurou logo ensaiar-se em uma obra de certo vulto.

Consta-nos que o autor, solicitado por seus numerosos amigos, leu há dias a comédia em casa do Sr. Dr. Estêvão Soares, diante de um luzido auditório, que aplaudiu muito e profetizou no Sr. Oliveira um futuro Shakespeare.

O Sr. Dr. Estêvão Soares levou a sua amabilidade ao ponto de pedir a comédia para ler segunda vez, e ontem ao encontrar-se na rua com o Sr. Oliveira, de tal entusiasmo vinha possuído que o abraçou estreitamente, com grande pasmo dos numerosos transeuntes.

Da parte de um juiz tão competente em matérias literárias este ato é honroso para o Sr. Oliveira.

Estamos ansiosos por ler a peça do Sr. Oliveira, e ficamos certos de que ela fará a fortuna de qualquer teatro.

O amigo das letras.

Machado de Assis. A mulher de preto. In: *Contos fluminenses*. São Paulo: Globo, 1997 (com adaptações).

13. (INSS – Analista Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

No que se refere aos sentidos e às características tipológicas do texto, julgue o item que se segue.

No texto, a palavra " fortuna" (l. 18) pode ser interpretada tanto como **sucesso** quanto como **riqueza**.

Leia o texto a seguir para responder à questão 14.

Texto II

Os lixões são depósitos sem qualquer controle, fontes de enormes impactos ambientais, causadores de contaminações – como, por exemplo, contaminações do solo, dos lençóis freáticos, das fontes de água – e lugares responsáveis pela proliferação de insetos transmissores de inúmeras doenças. São, portanto, um perigo constante à saúde e à qualidade de vida de todos. Os lixões deverão dar lugar a aterros sanitários, que, se não representam uma solução perfeita, ao menos são locais mais adequados para o depósito dos rejeitos, uma vez que evitam problemas como os citados anteriormente.

As cidades precisam se comprometer a dar cumprimento à Lei Nacional de Resíduos Sólidos. Uma maneira de fazer isso é adotar políticas de gestão eficiente dos resíduos a fim de que a menor quantidade possível desses materiais precise ser encaminhada para os aterros. Para que isso seja possível, será necessária a implantação ou a ampliação da coleta seletiva de lixo, além de apoio efetivo ao trabalho desenvolvido pelas cooperativas de catadores. Capacitar essas pessoas e dar-lhes condições dignas de trabalho são requisitos fundamentais para o sucesso da lei e para a melhoria das condições de vida e de trabalho desses profissionais. Mais de um milhão de pessoas trabalham e sobrevivem da reciclagem, muitas delas em condições bastante precárias.

O Brasil produz mais de 220 mil toneladas de lixo domiciliar por dia, o que resulta em mais de um quilo de lixo por pessoa. Ao menos 90% de todo esse material poderia ser reaproveitado, reutilizado ou reciclado. Apenas 3% acabam sendo efetivamente reciclados, um destino mais nobre do que o de se degradar e contaminar o nosso ambiente. Os especialistas calculam que o Brasil deixa de ganhar ao menos 8 bilhões de reais por ano por não reciclar toda essa grande quantidade de resíduos gerados no país.

Reinaldo Canto. As cidades brasileiras conseguirão tratar seu lixo? Disponível em: <www.cartacapital.com.br> (com adaptações).

14. (Pref. SP – Agente Gestão P. Públicas – Cespe – Maio/2016)

Para o autor do texto II, a solução do problema do lixo nas cidades grandes passa pela:

a) atribuição da responsabilidade pelos lixões às cooperativas de catadores.

b) diminuição da quantidade diária de resíduos produzidos pelas pessoas.

c) estipulação de uma política de gestão dos resíduos para acabar com os aterros.

d) capacitação e valorização dos trabalhadores que lidam com o lixo.

e) promoção da reciclagem doméstica do lixo para não sobrecarregar os trabalhadores dos aterros.

Leia o texto a seguir para responder à questão 15.

Texto CG1A1BBB

Eu tinha muito orgulho daquela espada dourada, não mais de dois centímetros, espetada na gola da camisa do colégio. Na minha turma da quarta série primária, era a única. Não me lembro que houvesse outras como ela entre os meus colegas da escola. Não do meu candidato. O broche que algumas crianças usavam trazia uma pequena vassoura. E era do " meu" adversário.

Porque aqueles símbolos, diminutos, eram tão fortes, talvez explique o fato de que – até muito tempo depois da tristeza e perplexidade que senti na derrota de Lott diante de Jânio Quadros – quando pensava naquela que foi a minha "primeira" campanha, eu lembrasse dela, basicamente, como uma eleição na qual minha espada havia sido, inexplicavelmente, derrotada por uma vassoura.

Aquele ano marcaria o despertar do meu interesse pela política.

Antônio Lavareda. *Emoções ocultas e estratégias eleitorais*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009 (com adaptações).

15. (PC-PE – Todos os Cargos – Conhec. Gerais – Cespe – Jun./2016)

Com relação ao texto CG1A1BBB e às ideias nele presentes, assinale a opção correta.

a) A maioria das crianças do colégio tinha preferência pelo candidato Lott.

b) O texto apresenta características típicas do gênero relato.

c) A vassoura representa, no texto, a candidatura de Lott.

d) O texto é predominantemente argumentativo.

e) No texto, o narrador descreve as emoções que teve ao votar pela primeira vez em eleições oficiais.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 16 – 19.

Texto I

"Ah, o Brasil, que país!", exclama uma personagem de **La Vie Dangereuse**. "Que país, esse Brasil!", repetirão, com diferentes entonações, o melancólico capitão de longo curso, um agente da Terceira Internacional, a mulher de um diplomata reformado. Na verdade, as dimensões míticas desse subcontinente verde, sobrecarregado de movimento e de vida, só poderiam fascinar a imaginação de Blaise Cendrars. Viajante sem bagagem e sem descanso, o poeta do **Transiberiano** já se havia declarado irrevogavelmente contra as descrições de paisagens. Penetrar as coisas, interpretá-las, descrever ao seu modo animais e homens era a missão do viajante algo entediado.

A dança da paisagem... As sempre mesmas Europas... Diante delas: o Brasil, vaga expressão geográfica, país novo, quase um desconhecido de si mesmo, imenso laboratório de culturas onde coexistiam as mais contraditórias experiências de tempo social. A síntese psicológica e cultural, a paisagem humana feita de contrastes tão variados do Brasil teriam de exercer gradativamente sobre Cendrars atração irresistível.

Mesmo antes da Grande Guerra – está-se farto de saber –, o jovem escritor suíço pretendia, com argumentos mais ou menos míticos, haver conhecido os países decisivos do mundo, da China aos Estados Unidos da América, da Alemanha ao Egito. O seu prestígio no mundo literário, consolidado já a partir de 1912 – data da primeira edição de **Les Pâques à New York** –, crescera definitivamente, no ano seguinte, com a **Prose du Transsibérien et de la Petite Jehanne de France**, para não falarmos de outros textos que publica em revistas de vanguarda. É preciso não esquecer também algumas *plaquettes* ilustradas pelos pintores cubistas mais conhecidos, e que os colecionadores disputam. A **Anthologie Nègre**, de 1921, vem a ser um êxito de público e de crítica; consegue mesmo rejuvenescer um pouco ainda a moda primitivista, já em desfavor nos meios mais à vanguarda.

É depois da publicação da **Anthologie** que o compositor Darius Milhaud, interessado pelo *jazz* desde o final da guerra, procura a colaboração do poeta para um balé de tema negro que deseja compor. De 1917 a 1918, Milhaud fora adido à Legação francesa

no Rio de Janeiro. Viera para essa cidade a convite de Paul Claudel, então chefe da missão diplomática do seu país junto ao governo brasileiro, e que não desejava interromper a colaboração intelectual que ambos mantinham na Europa. Compositor e poeta continuarão a trabalhar juntos no Brasil, em busca de uma integração dramática entre música e teatro declamado. Para Darius Milhaud, entretanto, que também escreve a música incidental para a farsa lírica **O Urso e a Lua**, do seu chefe, a descoberta da música popular brasileira – o maxixe, o choro, o tanguinho, o samba –, com os seus problemas específicos de ritmo, foi muito estimulante. No Rio, ele conhecera o jovem Villa-Lobos – para quem Stravinski acabara de ser uma revelação –, que começava a encarar a possibilidade de utilizar, de maneira orgânica, o vasto folclore nacional. Por sua vez, Milhaud, introduzido no ambiente da música popular do Rio, recolhe o material que utilizará em seguida no **Boeuf sur le Toît**, chaplinesca " cinema-sinfonia sobre temas sul-americanos", cujo título e frenético dinamismo se inspiram, entre outros motivos, no maxixe **Boi no Telhado**, de Zé Boiadêro.

Darius Milhaud foi, sem dúvida, o primeiro intelectual a despertar a curiosidade de Cendrars pelo Brasil. Conhecedor do singular temperamento do amigo novo, o compositor percebeu o interesse que a experiência de um mundo inteiramente inédito – dessa paisagem deveras *anônima*, conforme Gobineau a classificara com hepático mau humor cinquenta anos antes – iria provocar no poeta do **Panama**. Mesmo assim, é pouco provável que, nessa época, Cendrars alimentasse o mais vago propósito de partir para a América do Sul, rumo ao país delirante e ingênuo dos bois no telhado. Os acontecimentos, porém, se precipitam.

La Création du Monde seria dançada pelos Ballets Suédois, de Rolf de Maré, em outubro de 1923, e, em janeiro do ano seguinte, com o irônico desprendimento do turista ocasional, Cendrars estava zarpando para o Brasil a bordo do Formoso, vapor que batia bandeira francesa.

Alexandre Eulálio. *A aventura brasileira de Blaise Cendrars*. São Paulo: Quíron, 1978, p.14-6 (com adaptações).

(Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Com relação às ideias desenvolvidas no texto I, julgue (C ou E) os itens subsequentes.

16. O trecho "paisagem deveras *anônima*" (l. 37), que apresenta expressão atribuída a Gobineau, faz referência a um lugar novo e ainda desconhecido, tendo sentido similar ao do trecho "um mundo inteiramente inédito" (l. 37).

17. Segundo o autor do texto, Blaise Cendrars foi instigado a viajar ao Brasil devido à existência, no país, de ritmos musicais exóticos, entre os quais o maxixe.

18. Darius Milhaud, compositor que exerceu funções diplomáticas no Rio de Janeiro, inspirou-se na música popular carioca para compor o **Boeuf sur le Toît**.

19. Porquanto, conforme o texto, Blaise Cendrars era "Viajante sem bagagem e sem descanso" (l. 5) e exibia "o irônico desprendimento do turista ocasional" (l. 43), é correto concluir que o "poeta do **Transiberiano**" (l. 5) viajava ao acaso, sem que o motivasse maior curiosidade pelos lugares a que se dirigia.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 20 – 22.

Texto 1 – O futuro da medicina

O avanço da tecnologia afetou as bases de boa parte das profissões. As vítimas se contam às dezenas e incluem músicos, jornalistas, carteiros etc. Um ofício relativamente poupado até aqui é o de médico. Até aqui. A crer no médico e "geek" Eric

Topol, autor de “ The Patient Will See You Now” (o paciente vai vê-lo agora), está no forno uma revolução da qual os médicos não escaparão, mas que terá impactos positivos para os pacientes.

Para Topol, o futuro está nos *smartphones*. O autor nos coloca a par de incríveis tecnologias, já disponíveis ou muito próximas disso, que terão grande impacto sobre a medicina. Já é possível, por exemplo, fotografar pintas suspeitas e enviar as imagens a um algoritmo que as analisa e diz com mais precisão do que um dermatologista se a mancha é inofensiva ou se pode ser um câncer, o que exige medidas adicionais.

Está para chegar ao mercado um apetrecho que transforma o celular num verdadeiro laboratório de análises clínicas, realizando mais de 50 exames a uma fração do custo atual. Também é possível, adquirindo lentes que custam centavos, transformar o *smartphone* num supermicroscópio que permite fazer diagnósticos ainda mais sofisticados.

Tudo isso aliado à democratização do conhecimento, diz Topol, fará com que as pessoas administrem mais sua própria saúde, recorrendo ao médico em menor número de ocasiões e de preferência por via eletrônica. É o momento, assegura o autor, de ampliar a autonomia do paciente e abandonar o paternalismo que desde Hipócrates assombra a medicina.

Concordando com as linhas gerais do pensamento de Topol, mas acho que, como todo entusiasta da tecnologia, ele provavelmente exagera. Acho improvável, por exemplo, que os hospitais caminhem para uma rápida extinção. Dando algum desconto para as previsões, “ The Patient...” é uma excelente leitura para os interessados nas transformações da medicina.

Folha de S. Paulo online – Coluna Hélio Schwartsman – 17/01/2016.

20. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

Segundo o autor citado no texto 1, o futuro da medicina:

a) encontra-se ameaçado pela alta tecnologia;

b) deverá contar com o apoio positivo da tecnologia;

c) levará à extinção da profissão de médico;

d) independerá completamente dos médicos;

e) estará limitado aos meios eletrônicos.

21. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

“ O avanço da tecnologia afetou as bases de boa parte das profissões. As vítimas se contam às dezenas e incluem músicos, jornalistas, carteiros etc.”.

Sobre os componentes desse segmento do texto 1, a afirmativa adequada é:

a) muitas profissões já foram perturbadas pelos avanços tecnológicos;

b) o emprego do vocábulo “ vítimas” mostra que algumas profissões já foram extintas;

c) as profissões mais afetadas foram as que oferecem serviços ao público;

d) o segundo período enumera as dezenas de profissões afetadas;

e) a forma “ etc.” mostra a desvalorização das profissões citadas.

22. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

De acordo com o texto 1, o título do livro de Topol – O paciente vai vê-lo agora – já mostra uma revolução, pois:

a) aponta mais conhecimento dos pacientes sobre as doenças;

b) mostra maior interesse dos pacientes pelo tratamento;

c) inverte as posições de médico e paciente;

d) indica maior rapidez no atendimento médico;

e) critica o mau atendimento dos médicos.

Leia o texto a seguir para responder à questão 23.

Texto 2 – Violência e favelas

O crescimento dos índices de violência e a dramática transformação do crime manifestados nas grandes metrópoles são alarmantes, sobretudo, na cidade do Rio de Janeiro, sendo as favelas as mais afetadas nesse processo.

" A violência está o cúmulo do absurdo. É geral, não é? É geral, não tem, não está distinguindo raça, cor, dinheiro, com dinheiro, sem dinheiro, tá de pessoa para pessoa, não interessa se eu te conheço ou se eu não te conheço. Me irritou na rua eu te dou um tiro. É assim mesmo que está, e é irritante, o ser humano está em um estado de nervos que ele não está mais se controlando, aí junta a falta de dinheiro, junta falta de tudo, e quem tem mais tá querendo mais, e quem tem menos tá querendo alguma coisa e vai descontar em cima de quem tem mais, e tá uma rivalidade, uma violência que não tem mais tamanho, tá uma coisa insuportável." (moradora da Rocinha)

A recente escalada da violência no país está relacionada ao processo de globalização que se verifica, inclusive, ao nível das redes de criminalidade. A comunicação entre as redes internacionais ligadas ao crime organizado são realizadas para negociar armas e drogas. Por outro lado, verifica-se hoje, com as CPIs (Comissão Parlamentar de Inquérito) instaladas, ligações entre atores presentes em instituições estatais e redes do narcotráfico.

Nesse contexto, as camadas populares e seus bairros/favelas são crescentemente objeto de estigmatização, percebidos como causa da desordem social o que contribui para aprofundar a segregação nesses espaços. No outro polo, verifica-se um crescimento da autossegregação, especialmente por parte das elites que se encastelam nos enclaves fortificados na tentativa de se proteger da violência.

(Maria de Fátima Cabral Marques Gomes, *Scripta Nova*)

23. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

O primeiro parágrafo do texto 2 alude à " dramática transformação do crime"; essa transformação só NÃO se refere à(às):

a) quantificação dos índices de violência;

b) internacionalização da criminalidade;

c) tipologia das atividades criminosas;

d) consequências do processo de globalização;

e) modificações nas penalidades legais.

Leia o texto a seguir para responder à questão 24.

Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador

A medicina do trabalho, enquanto especialidade médica, surge na Inglaterra, na primeira metade do século XIX, com a Revolução Industrial.

Naquele momento, o consumo da força de trabalho, resultante da submissão dos trabalhadores a um processo acelerado e desumano de produção, exigiu uma intervenção, sob pena de tornar inviável a sobrevivência e a reprodução do próprio processo.

Quando Robert Dernham, proprietário de uma fábrica têxtil, preocupado com o fato de que seus operários não dispunham de nenhum cuidado médico a não ser aquele propiciado por instituições filantrópicas, procurou o Dr. Robert Baker, seu médico, pedindo que indicasse qual a maneira pela qual ele, como empresário, poderia resolver tal situação, Baker respondeu-lhe:

" Coloque no interior da sua fábrica o seu próprio médico, que servirá de intermediário entre você, os seus trabalhadores e o público. Deixe-o visitar a fábrica, sala por sala, sempre que existam pessoas trabalhando, de maneira que ele possa verificar o efeito do trabalho sobre as pessoas. E se ele verificar que qualquer dos trabalhadores está sofrendo a influência de causas que possam ser prevenidas, a ele competirá fazer tal prevenção. Dessa forma você poderá dizer: meu médico é a minha defesa, pois a ele dei toda a minha autoridade no que diz respeito à proteção da saúde e das condições físicas dos meus operários; se algum deles vier a sofrer qualquer alteração da saúde, o médico unicamente é que deve ser responsabilizado".

A resposta do empregador foi a de contratar Baker para trabalhar na sua fábrica, surgindo, assim, em 1830, o primeiro serviço de medicina do trabalho.

Na verdade, despontam, na resposta do fundador do primeiro serviço médico de empresa, os elementos básicos da expectativa do capital quanto às finalidades de tais serviços:

– deveriam ser serviços dirigidos por pessoas de inteira confiança do empresário e que se dispusessem a defendê-lo;

– deveriam ser serviços centrados na figura do médico;

– a prevenção dos danos à saúde resultantes dos riscos do trabalho deveria ser tarefa eminentemente médica;

– a responsabilidade pela ocorrência dos problemas de saúde ficava transferida ao médico.

A implantação de serviços baseados nesse modelo rapidamente expandiu-se por outros países, paralelamente ao processo de industrialização e, posteriormente, aos países periféricos, com a transnacionalização da economia. A inexistência ou fragilidade dos sistemas de assistência à saúde, quer como expressão do seguro social, quer diretamente providos pelo Estado, via serviços de saúde pública, fez com que os serviços médicos de empresa passassem a exercer um papel vicariante, consolidando, ao mesmo tempo, sua vocação enquanto instrumento de criar e manter a dependência do trabalhador (e frequentemente também de seus familiares), ao lado do exercício direto do controle da força de trabalho.

MENDES, R; DIAS, E.C. Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador. *Revista Saúde Pública*, S.Paulo, 25: 341-9, 1991. Disponível em: <https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/2977.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2015. Adaptado.

24. (Basa – Médico do Trabalho – Cesgranrio – Set./2015)

Conforme se lê no 2º parágrafo do texto, a medicina do trabalho é criada em virtude de os industriais se preocuparem com

a) o bem-estar social do trabalhador

b) a submissão dos trabalhadores

c) a convivência harmoniosa nas fábricas

d) o descaso em relação aos trabalhadores

e) a viabilidade do processo de produção

Leia o texto a seguir para responder à questão 25.

A sociedade da informação e seus desafios

Dificilmente alguém discordaria de que a sociedade da informação é o principal traço característico do debate público sobre desenvolvimento, seja em nível local ou global, neste alvorecer do século XXI. Das propostas políticas oriundas dos países industrializados e das discussões acadêmicas, a ex-pressão " sociedade de informação" transformou-se rapidamente em jargão nos meios de comunicação, alcançando, de forma conceitualmente imprecisa, o universo vocabular do cidadão.

A expressão " sociedade da informação" passou a ser utilizada como substituta para o conceito complexo de " sociedade pós-industrial", como forma de transmitir o conteúdo específico do " novo paradigma técnico-econômico". A realidade que os conceitos das ciências sociais procuram expressar refere-se às transformações técnicas, organizacionais e administrativas que têm como " fator-chave" não mais os insumos baratos de energia – como na sociedade industrial – mas os insumos baratos de informação propiciados pelos avanços tecnológicos na microeletrônica e nas telecomunicações.

Nesta sociedade pós-industrial, ou " informacional", as transformações em direção à sociedade da informação, em estágio avançado nos países industrializados, constituem uma tendência dominante mesmo para economias menos industrializadas e definem um novo paradigma, o da tecnologia da informação, que expressa a essência da presente transformação tecnológica em suas relações com a economia e a sociedade. Esse novo paradigma tem as seguintes características fundamentais: a informação é sua matéria--prima (no passado, o objetivo dominante era utilizar informação para agir sobre as tecnologias); os efeitos das novas tecnologias têm alta penetrabilidade (a informação é parte integrante de toda atividade humana, individual ou coletiva e, portanto, todas essas atividades tendem a ser afetadas diretamente pela nova tecnologia); a tecnologia favorece processos reversíveis devido a sua flexibilidade; trajetórias de desenvolvimento tecnológico em diversas áreas do saber tornam-se interligadas e transformam-se as categorias segundo as quais pensamos todos os processos (microeletrônica, telecomunicações, optoeletrônica, por exemplo).

O foco sobre a tecnologia pode alimentar a visão ingênua de determinismo tecnológico segundo o qual as transformações em direção à sociedade da informação resultam da tecnologia, seguem uma lógica técnica e, portanto, neutra e estão fora da interferência de fatores sociais e políticos. Nada mais equivocado: processos sociais e transformação tecnológica resultam de uma interação complexa em que fatores sociais preexistentes como a criatividade, o espírito empreendedor, as condições da pesquisa científica afetam o avanço tecnológico e suas aplicações sociais.

No campo educacional dos países em desenvolvimento, decisões sobre investimentos para a incorporação da informática e da telemática implicam também riscos e desafios. Será essencial identificar o papel que essas novas tecnologias podem dessempenhar no processo de desenvolvimento educacional e, isso posto, resolver como utilizá-las de forma a facilitar uma efetiva aceleração do processo em direção à educação para todos, ao longo da vida, com qualidade e garantia de diversidade. As novas tecnologias de informação e comunicação tornam-se, hoje, parte de um vasto instrumental historicamente mobilizado para a educação e a aprendizagem. Cabe a cada sociedade decidir que composição do conjunto de tecnologias educacionais mobilizar para atingir suas metas de desenvolvimento.

A Unesco tem atuado de forma sistemática no sentido de apoiar as iniciativas dos Estados-Membros na definição de políticas de

integração das novas tecnologias aos seus objetivos de desenvolvimento. No Programa Informação para Todos, as ações desse organismo internacional estão concentradas em duas áreas principais: conteúdo para a sociedade da informação e "infoestrutura" para esta sociedade em evolução, por meio da cooperação para treinamento, apoio ao estabelecimento de políticas de informação e promoção de conexões em rede.

No espírito da Declaração Universal dos Direitos do Homem, que constitui a base dos direitos à infor-mação na sociedade da informação, e levando em consideração os valores e a visão delineados anteriormente, o novo Programa Informação para Todos deverá prover uma plataforma para a discussão global sobre acesso à informação, participação de todos na sociedade da informação global e as consequências éticas, legais e societárias do uso das tecnologias de informação e comunicação. Deverá prover também a estrutura para colaboração internacional e parcerias nessas áreas e apoiar o desenvolvimento de ferramentas comuns, métodos e estratégias para a construção de uma sociedade de informação global e justa.

WERTHEIN, J. *Ciência da Informação*. Brasília, v. 29, n. 2, p. 71-77, maio/ago. 2000. Disponível em:<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/254>. Acesso em: 10 maio 2015. Adaptado.

25. (Petrobras – Advogado Jr. – Cesgranrio – Ago./2015)

De acordo com o ordenamento das ideias no texto, observa-se que, depois de afirmar que há uma interação complexa entre processos sociais e transformação tecnológica, de modo que a criatividade e o espírito empreendedor interfiram nas aplicações sociais da tecnologia, o texto se refere à ideia de que

a) a expressão "sociedade de informação" foi incorporada ao vocabulário comum por meio do jargão dos meios de comunicação.

b) o conceito de "sociedade pós-industrial" relaciona-se às transformações técnicas e organizacionais provocadas pelos avanços tecnológicos nas telecomunicações.

c) as atividades humanas, no novo paradigma da sociedade de informação, são afetadas diretamente pelas novas tecnologias porque a informação é parte integrante delas.

d) a visão de que as transformações tecnológicas em direção à sociedade da informação estão fora da interferência de fatores sociais e políticos é inadequada.

e) os países estão sendo auxiliados por órgão internacional na tarefa de integrar as novas tecnologias ao processo de desenvolvimento.

Leia o texto a seguir para responder à questão 26.

Texto I

Banhos de mar

Meu pai acreditava que todos os anos se devia fazer uma cura de banhos de mar. E nunca fui tão feliz quanto naquelas temporadas de banhos em Olinda, Recife.

Meu pai também acreditava que o banho de mar salutar era o tomado antes de o sol nascer. Como explicar o que eu sentia de presente prodigioso em sair de casa de madrugada e pegar o bonde vazio que nos levaria para Olinda ainda na escuridão?

De noite eu ia dormir, mas o coração se mantinha acordado, em expectativa. E de puro alvoroço, eu acordava às quatro e pouco da madrugada e despertava o resto da família. Nós nos vestíamos depressa e saíamos em jejum. Porque meu pai acreditava que assim devia ser: em jejum.

Saímos para uma rua toda escura, recebendo a brisa da pré-madrugada. E esperávamos o bonde. Até que lá de longe ouvíamos o seu barulho se aproximando. Eu me sentava bem na ponta do banco, e minha felicidade começava. Atravessar a cidade escura me dava algo que jamais tive de novo. No bonde mesmo o tempo começava a clarear, e uma luz trêmula de sol escondido nos banhava e banhava o mundo.

Eu olhava tudo: as poucas pessoas na rua, a passagem pelo campo com os bichos-de-pé: " Olhe, um porco de verdade!" gritei uma vez, e a frase de deslumbramento ficou sendo uma das brincadeiras da minha família, que de vez em quando me dizia rindo: " Olhe, um porco de verdade."

Eu não sei da infância alheia. Mas essa viagem diária me tornava uma criança completa de alegria. E me serviu como promessa de felicidade para o futuro. Minha capacidade de ser feliz se revelava. Eu me agarrava, dentro de uma infância muito infeliz, a essa ilha encantada que era a viagem diária.

LISPECTOR, C. *A Descoberta do Mundo*. São Paulo: Rocco, 1999, p. 175. Adaptado.

26. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016)

Que fragmento do Texto I comprova a valorização especial que a narradora dava a esse momento de sua infância?

a) " Meu pai também acreditava que o banho de mar salutar era o tomado antes de o sol nascer" (l. 3)

b) " Nós nos vestíamos depressa e saíamos em jejum" (l. 7-8)

c) " No bonde mesmo o tempo começava a clarear" (l. 11-12)

d) " a frase de deslumbramento ficou sendo uma das brincadeiras da minha família" (l. 14-15)

e) " Eu me agarrava [...] a essa ilha encantada que era a viagem diária" (l. 17-18)

Leia o texto a seguir para responder à questão 27

Texto I

Agricultura familiar

O que é agricultura familiar?

A agricultura familiar consiste em uma forma de organização social, cultural, econômica e ambiental, na qual são trabalhadas atividades agropecuárias e não agropecuárias de base familiar, desenvolvidas em estabelecimento rural ou em áreas comunitárias próximas, gerenciadas por uma família com predominância de mão de obra familiar e apresenta papel relevante para o desenvolvimento do País.

Por que a agricultura familiar é importante?

A agricultura familiar apresenta importante função para garantir a segurança alimentar; preserva os alimentos tradicionais, além de contribuir para uma alimentação balanceada, para a proteção da agrobiodiversidade e para o uso sustentável dos recursos naturais.

No cenário nacional, a agricultura familiar responde por 38% do valor bruto da produção agropecuária e é responsável por mais de 70% dos alimentos que chegam à mesa dos brasileiros.

Considerando-se o número de estabelecimentos rurais, a agricultura familiar consegue empregar três vezes mais do que a agricultura não familiar.

Disponível em: <http://www.bancoamazonia.com.br/index.php/agriculturaa-familiar>. Acesso em: 29 jul. 2015. Adaptado.

27. (Basa – Téc. Bancário – Cesgranrio – Set./2015)

No Texto I, compreende-se a agricultura familiar como uma

a) mão de obra estabelecida em cooperativas de cunho pecuário.

b) atividade de base familiar e de mão de obra predominantemente familiar.

c) forma de organização social, na qual são trabalhadas apenas atividades agrícolas.

d) agricultura que exerce um papel dispensável para o desenvolvimento nacional.

e) atividade familiar de ênfase cultural.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 28 e 29.

Donos do próprio dinheiro

Quando pensamos em bancos, imaginamos grandes empresas com agências elegantes, equipadas com caixas eletrônicos e funcionários engravatados, muita burocracia e mil procedimentos de segurança. Mas dezenas de pequenas instituições financeiras estão mudando a relação que milhares de brasileiros têm com o próprio dinheiro. São os bancos comunitários, que contam com moeda e sistema de crédito próprios e desenvolvem as economias locais.

Todas as agências são geridas e fiscalizadas pela comunidade. Hoje já existem 104 dessas instituições no país, e elas estão proliferando. De 2006 a 2012, o número de bancos comunitários aumentou dez vezes, de nove para 98 agências. Diferentemente das agências convencionais, essas instituições não consultam o nome do cliente no Serasa ou no Serviço de Proteção ao Crédito antes de abrir uma conta. Consultam a comunidade.

Uma das condições para a criação de um banco comunitário, como o próprio nome já dá a entender, é o envolvimento da comunidade. Isso porque o objetivo final não é o lucro, e sim o desenvolvimento da economia do entorno. Para tanto é criada uma moeda própria, que circula apenas na comunidade. O dinheiro para iniciar os bancos comunitários também vem do local, seja de rifas, seja de vaquinhas ou de eventos de arrecadação de fundos.

Os moradores podem pegar dois tipos de empréstimo: um para produção, como reforma de uma loja ou compra de estoque, em reais, e outro para consumo, compra de alimentos e outros produtos, na moeda do banco.

Dessa forma, artigos como alimentos, roupas, sapatos e até serviços de beleza ou aulas são consumidos na comunidade, nas lojas que aceitam a nova moeda, fazendo com que o dinheiro não deixe a região e sirva para desenvolver a economia local.

VELOSO, L. *Revista Planeta*. n. 504, novembro 2014. Adaptado.

28. (Liquigás –Ass. Adminis. – Cesgranrio – Set./2015)

De acordo com o texto, os bancos comunitários são

a) agências com funcionários engravatados e muita burocracia.

b) lojas que vendem alimentos, roupas, sapatos e emprestam dinheiro.

c) empresas com agências elegantes, equipadas com caixas eletrônicos.

d) instituições financeiras que criam uma moeda própria da comunidade.

e) estabelecimentos para emprestar dinheiro a pessoas de outras comunidades.

29. (Liquigás –Ass. Adminis. – Cesgranrio – Set./2015)

De acordo com o texto, um dos benefícios que os bancos trazem aos moradores é

a) aumentar o consumo de produtos importados.

b) avaliar a forma como empregam seu dinheiro.

c) aumentar o valor do salário recebido todo mês.

d) melhorar a relação entre os membros da comunidade.

e) facilitar o acesso a empréstimos com várias finalidades.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 30 e 31.

É permitido sonhar

Os bastidores do vestibular são cheios de histórias – curiosas, estranhas, comoventes. O jovem que chega atrasado por alguns segundos, por exemplo, é uma figura clássica, e patética. Mas existem outras figuras capazes de chamar a atenção.

Takeshi Nojima é um caso. Ele fez vestibular para a Faculdade de Medicina da Universidade do Paraná. Veio do Japão aos 11 anos, trabalhou em várias coisas, e agora quer começar uma carreira médica.

Nada surpreendente, não fosse a idade do Takeshi: ele tem 80 anos. Isto mesmo, 80. Numa fase em que outros já passaram até da aposentadoria compulsória, ele se prepara para iniciar nova vida. E o faz tranquilo: " Cuidei de meus pais, cuidei dos meus filhos. Agora posso realizar um sonho que trago da infância".

Não faltará quem critique Takeshi Nojima: ele está tirando o lugar de jovens, dirá algum darwinista social. Eu ponderaria que nem tudo na vida se regula pelo critério cronológico. Há pais que passam muito pouco tempo com os filhos e nem por isso são maus pais; o que interessa é a qualidade do tempo, não a quantidade. Talvez a expectativa de vida não permita ao vestibulando Nojima uma longa carreira na profissão médica. Mas os anos, ou meses, ou mesmo os dias que dedicar a seus pacientes terão em si a carga afetiva de uma existência inteira.

Não sei se Takeshi Nojima passou no vestibular; a notícia que li não esclarecia a respeito. Mas ele mesmo disse que isto não teria importância: se fosse reprovado, começaria tudo de novo. E aí de novo ele dá um exemplo. Os resultados do difícil exame trazem desilusão para muitos jovens, e não são poucos os que pensam em desistir por causa de um fracasso. A estes eu digo: antes de abandonar a luta, pensem em Takeshi Nojima, pensem na força de seu sonho. Sonhar não é proibido. É um dever.

(Moacyr Scliar. *Minha mãe não dorme enquanto eu não chegar*, 1996. Adaptado)

30. (Unifesp – Técnico Seg. Trab. – Vunesp – Abril/2016)

Para o narrador, a história de Takeshi Nojima chama a atenção porque este

a) inventou novos sonhos para não levar uma vida ociosa.

b) veio do Japão e trabalhou em várias coisas antes de estudar.

c) foi um filho dedicado e um pai responsável.

d) é um senhor de 80 anos que decidiu voltar a estudar.

e) está preocupado em obter a aposentadoria compulsória.

31. (Unifesp – Técnico Seg. Trab. – Vunesp – Abril/2016)

Em relação à atitude de Takeshi Nojima, o narrador

a) concorda com ela, pois acredita que a expectativa de vida dele será muito alta.

b) discorda dela, pois acredita que ele realmente estará tirando o lugar de jovens.

c) concorda com ela, pois acredita que uma pessoa deva perseguir os seus sonhos.

d) discorda dela, pois acredita que ele terá uma atuação profissional lastimável.

e) concorda com ela, pois acredita que ele esteja só se divertindo com a situação.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 32 e 33.

McLuhan já alertava que a aldeia global resultante das mídias eletrônicas não implica necessariamente harmonia, implica, sim, que cada participante das novas mídias terá um envolvimento gigantesco na vida dos demais membros, que terá a chance de meter o bedelho onde bem quiser e fazer o uso que quiser das informações que conseguir. A aclamada transparência da coisa pública carrega consigo o risco de fim da privacidade e a superexposição de nossas pequenas ou grandes fraquezas morais ao julgamento da comunidade de que escolhemos participar.

Não faz sentido falar de dia e noite das redes sociais, apenas em número de atualizações nas páginas e na capacidade dos usuários de distinguir essas variações como relevantes no conjunto virtualmente infinito das possibilidades das redes. Para achar o fio de Ariadne no labirinto das redes sociais, os usuários precisam ter a habilidade de identificar e estimar parâmetros, aprender a extrair informações relevantes de um conjunto finito de observações e reconhecer a organização geral da rede de que participam.

O fluxo de informação que percorre as artérias das redes sociais é um poderoso fármaco viciante. Um dos neologismos recentes vinculados à dependência cada vez maior dos jovens a esses dispositivos é a " nomobofobia" (ou " pavor de ficar sem conexão no telefone celular"), descrito como a ansiedade e o sentimento de pânico experimentados por um número crescente de pessoas quando acaba a bateria do dispositivo móvel ou quando ficam sem conexão com a Internet. Essa informação, como toda nova droga, ao embotar a razão e abrir os poros da sensibilidade, pode tanto ser um remédio quanto um veneno para o espírito.

(Vinicius Romanini, Tudo azul no universo das redes. *Revista USP,* nº 92. Adaptado)

32. (MPE/SP – Analista Técnico Científico – Vunesp – Jul./2016)

Do ponto de vista do autor, as redes sociais

a) são um universo ao qual os usuários resistem porque são afeitos à discrição nos relacionamentos.

b) preservam identidades e opiniões, sendo, portanto, ponto de referência para a busca de informações qualificadas.

c) garantem julgamentos justos, pela comunidade, dos usuários que nelas expõem seus hábitos e ideologias.

d) disponibilizam abundantes informações, o que exige que seus usuários filtrem o que de fato interessa.

e) condensam a infinidade de dados nelas circulantes, caracterizando-se como um meio confiável de exposição pessoal.

33. (MPE/SP- Analista Técnico Científico – Vunesp – Jul./2016)

Entre os aspectos negativos que se apontam para usuários das mídias eletrônicas estão

a) a possibilidade de exibição da intimidade e a ansiedade devido à falta de conexão em rede.

b) a superposição de virtudes a grandes fraquezas morais e a ênfase ao cultivo da individualidade.

c) a possibilidade de imiscuir-se na vida alheia e o consumo de remédios viciantes.

d) o convívio ilimitado com os demais usuários da rede e o uso regulado de informações.

e) o envenenamento do espírito e a harmonia entre os membros do grupo de usuários.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 34 e 35.

Fora do jogo

Quando a economia muda de direção, há variáveis que logo se alteram, como o tamanho das jornadas de trabalho e o pagamento de horas extras, e outras que respondem de forma mais lenta, como o emprego e o mercado de crédito. Tendências negativas nesses últimos indicadores, por isso mesmo, costumam ser duradouras.

Daí por que são preocupantes os dados mais recentes da Associação Nacional dos Birôs de Crédito, que congrega empresas do setor de crédito e financiamento.

Segundo a entidade, havia, em outubro, 59 milhões de consumidores impedidos de obter novos créditos por não estarem em dia com suas obrigações. Trata-se de alta de 1,8 milhão em dois meses.

Causa consternação conhecer a principal razão citada pelos consumidores para deixar de pagar as dívidas: a perda de emprego, que tem forte correlação com a capacidade de pagamento das famílias.

Até há pouco, as empresas evitavam demitir, pois tendem a perder investimentos em treinamento e incorrer em custos trabalhistas. Dado o colapso da atividade econômica, porém, jogaram a toalha.

O impacto negativo da disponibilidade de crédito é imediato. O indivíduo não só perde a capacidade de pagamento mas também enfrenta grande dificuldade para obter novos recursos, pois não possui carteira de trabalho assinada.

Tem-se aí outro aspecto perverso da recessão, que se soma às muitas evidências de reversão de padrões positivos da última década – o aumento da informalidade, o retorno de jovens ao mercado de trabalho e a alta do desemprego.

(*Folha de S.Paulo*, 08.12.2015. Adaptado)

34. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

As informações dos três parágrafos iniciais do texto sustentam a seguinte ideia:

a) o fato de 59 milhões de consumidores estarem impedidos de obter novos créditos limita os prejuízos à economia do país.

b) a Associação Nacional dos Birôs de Crédito tem alterado o tamanho das jornadas de trabalho e o pagamento de horas extras.

c) o aumento dos créditos aos consumidores teve como consequência imediata o não atendimento às suas obrigações.

d) o emprego e o mercado de crédito têm-se mantido inabalados diante de um cenário negativo da economia brasileira.

e) a alteração nos rumos da economia nacional fez com que expressiva parcela da população se tornasse inadimplente.

35. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Na conclusão no texto, “ o aumento da informalidade, o retorno de jovens ao mercado de trabalho e a alta do desemprego” são apontados como características

a) positivas e vivenciadas na economia da última década.

b) negativas e distantes do cenário econômico atual.

c) negativas e típicas do atual período de retração econômica.

d) negativas e improváveis na situação econômica presente.

e) positivas e marcantes da economia no presente do País.

Leia o texto a seguir para responder à questão 36.

Entre as boas figuras de boa-fé do Rio de Janeiro figurava o Garcia, bom homem, cujo único defeito era ser fraco de inteligência, defeito que todos lhe perdoavam por não ser culpa dele.

O nosso herói não se empregava absolutamente em outra coisa que não fosse comer, beber, dormir e trocar as pernas pela cidade. Tinha herdado dos pais o suficiente para levar essa vida folgada e milagrosa, e só gastava o rendimento do seu patrimônio.

Casara-se com d. Laura, que, não sendo formosa que o inquietasse, nem feia que lhe repugnasse, era mais inteligente e instruída que ele. Esta superioridade dava-lhe certo ascendente, de que ela usava e abusava no lar doméstico, onde só a sua vontade e a sua opinião prevaleciam sempre.

O Garcia não se revoltava contra a passividade a que era submetido pela mulher: reconhecia que d. Laura tinha sobre ele grandes vantagens intelectuais e, se era honesta e fiel aos seus deveres conjugais, que lhe importava a ele o resto?

(Artur Azevedo, O espírito. Em: *Seleção de Contos*, 2014. Adaptado)

36. (MPE/SP- Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

De acordo com a descrição do texto, Garcia era um homem de

a) limitada inteligência, não trabalhava e vivia com o rendimento do patrimônio deixado pelos pais.

b) razoável inteligência, não trabalhava porque aumentava o rendimento do patrimônio deixado pelos pais.

c) debilitada inteligência, não podia trabalhar, apesar de viver mal com o rendimento do patrimônio deixado pelos pais.

d) excepcional inteligência, e a explorava trabalhando muito para manter o rendimento do patrimônio deixado pelos pais.

e) nenhuma inteligência, trabalhava na cidade, pois não conseguia viver com o rendimento do patrimônio deixado pelos pais.

Gabarito: 1. c; 2. c; 3. d; 4. c; 5. c; 6. e; 7. a; 8. e; 9. d; 10. C; 11. E; 12. E; 13. C; 14. d; 15. e; 16. C; 17. E; 18. C; 19. E; 20. b; 21. a; 22. c; 23. e; 24. e; 25. e; 26. e; 27. b; 28. d; 29. e; 30. d; 31. c; 32. d; 33. a; 34. e; 35. c; 36. a.

26.3. RESUMO

Enunciados mais comuns de Compreensão de Textos:

De acordo com o texto…

Segundo o texto...

O texto diz...

O texto fala...

Ideia presente no texto...

Segundo o autor...

Compreende-se no texto...

26.4. INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

Bem, o mais importante é que você entenda que interpretar um texto é diferente de compreender. Até aqui, você viu que as questões de compreensão de textos são aquelas em que você precisa estar apto para localizar informações no texto, com técnica e agilidade. E precisa treinar o reconhecimento de paráfrases (reescrituras do texto).

Agora, vamos ver como são as questões de Interpretação de Textos. Interpretação é o mesmo que inferência, dedução. Neste caso, você precisa ir um pouco além do que diz o texto, concluir com base no que se leu.

Você deve estar aí pensando... Mas e se eu extrapolar? E, se na hora de eu responder, acabar indo muito além do que o texto permite?

Sim, esse é o cuidado que se deve ter! Como nas questões de inferência, você é convidado a sair "um pouquinho" do texto, o grande perigo é você viajar demais...

Por isso, sempre digo que, na hora de inferir, você deve buscar uma pista textual que permita tal inferência, tal dedução. É como se fosse uma discussão em uma relação. Você discute com seu parceiro(a), mas, quando vai analisar a fundo os motivos, acaba pensando que não há por quê... Nesse caso, você extrapolou!

Agora, se a discussão tem base em uma pista, algo que se disse ou que se fez, aí sim... Nesse caso, você tem um pressuposto textual.

Implícitos textuais são informações que se deduzem a partir do que foi lido. E normalmente haverá palavras ou expressões do texto que ensejam conclusões, inferências. Gosto de chamá-las de pistas textuais – são os pressupostos!

Veja exemplos. Ao dizer a uma pessoa que ela é a amiga mais querida que você tem, há aí uma pista para uma inferência. O vocábulo "mais" é a pista para que se deduza que "há outras amigas".

Ao se falar "Eu prefiro ficar aqui hoje", o verbo "preferir" é um pressuposto para que se deduza que há outras opções, mas a pessoa escolheu a alternativa de estar ali.

Quando se diz, por exemplo, que o Brasil ainda não alcançou certo grau de desenvolvimento, tem-se aí uma mensagem otimista. Pode-se deduzir, com base no pressuposto textual "ainda", que é certo que o país atinja esse nível.

Bem, vamos às questões de inferência?

Primeiro, vou dar exemplos, vou comentar duas questões, assertiva por assertiva, para você. Depois é a sua vez, ok?

QUESTÕES COMENTADAS

Texto 3 – Normose, um distúrbio da vida moderna

A sociedade moderna, com o corre-corre, a falta de tempo para o cuidado espiritual e o imediatismo fez com que as pessoas desenvolvessem com mais facilidade algumas doenças psicossomáticas. O pânico e a depressão são duas delas, assim como a normose. A última é uma "prima" menos conhecida e, por isso mesmo, menos identificada, segundo especialistas. "Ela (normose) surge quando o sistema no qual nós existimos encontra-se dominantemente doente, desequilibrado, corrompido, e quando predomina a violência, a competição e o egocentrismo. Uma pessoa adaptada a esse sistema está doente", explica o eminente psicólogo e antropólogo Roberto Crema, um dos especialistas do assunto no Brasil.

1. (TCE – Sergipe – Analista T.I. – Desenv. – FGV 2015) Pode-se inferir do segmento "A sociedade moderna, com o corre-corre, a falta de tempo para o cuidado espiritual e o imediatismo fez com que as pessoas desenvolvessem com mais facilidade algumas doenças psicossomáticas" que:

a) algumas doenças psicossomáticas são originadas do descuido geral com a saúde, por falta de tempo e dinheiro;

b) o corre-corre da vida moderna é a causa do distanciamento do espiritual e do imediatismo;

c) atualmente há mais possibilidade do desenvolvimento de doenças psicossomáticas do que anteriormente;

d) a falta de cuidado espiritual traz como consequência o relaxamento com os valores materiais;

e) as doenças psicossomáticas surgiram a partir das atribulações da vida moderna.

No trecho, tem-se a seguinte informação: "a sociedade moderna com o corre-corre, a falta de tempo para o cuidado espiritual e o imediatismo fez com que as pessoas desenvolvessem com mais facilidade".

E a banca quer que você assinale uma possível dedução. O que fazer? Primeiramente, resuma mentalmente o que você entendeu desse trecho. Resumir é organizar sintaticamente a frase, extraindo dela somente o que é essencial: sujeito, verbo, complemento.

Depois disso, busque, nas alternativas que a banca oferece, apenas aquela que tenha uma pista, um pressuposto para ela. Lembre-se de que só será uma possível inferência aquela que tiver um pressuposto no texto. Caso contrário, não será inferência, será extrapolação.

"A sociedade moderna fez com que as pessoas desenvolvessem com mais facilidade…". Já se consegue visualizar aqui um pressuposto textual… Ao se usar o vocábulo "mais", está se dizendo que na modernidade algo ficou mais fácil do que era… Está se querendo dizer que há uma facilidade na modernidade maior do que no passado. Por que eu deduzi isso?

Pressuposto textual. Quando o autor disse "a sociedade moderna fez com que as pessoas desenvolvessem com mais facilidade", então eu posso deduzir que atualmente é mais possível que isso aconteça do que anteriormente. Você entendeu o que é que é uma dedução? A dedução diz um pouco mais do que diz o texto, mas ela não viaja, não é uma extrapolação… Ela se atém ao que está no texto, só que se baseia em um pressuposto, em uma pista, que, nesse caso, a foi "mais facilidade". Pense comigo: se eu tenho mais facilidade numa sociedade moderna é porque antigamente era mais difícil isso.

Por isso, a resposta foi letra C. A palavra "anteriormente" na letra C não está no texto, mas é a inferência a partir do que se leu.

A letra A cria uma falsa relação de causa e efeito, que não está no texto. Pode até ser uma verdade da vida, mas o texto nem fala de falta de dinheiro… Extrapolação, portanto.

A letra B cria também uma falsa relação de causa e efeito entre ideias que estavam paralelas, coordenadas no texto. Observe que há uma enumeração nas primeiras linhas do texto (coordenação, portanto) entre o corre-corre, a falta de tempo para o cuidado espiritual e o imediatismo, mas essas ideias não se relacionam por causa e efeito.

A letra D cria também uma relação de causa e efeito falaciosa. O texto não diz que a falta de cuidado espiritual gera distanciamento dos valores materiais. Isso pode ser uma verdade da vida também, mas vai além do que se leu.

E, na letra E, há uma generalização excessiva. Não se pode dizer que todas as doenças psicossomáticas surgiram a partir das atribulações da vida moderna. O texto só nos permite dizer que "algumas surgiram" daí.

Todas extrapolam, portanto, somente a letra C é uma inferência possível a partir do que se leu.

Texto

A Prefeitura de São Paulo vai criar um manual para orientar funcionários de empresas de limpeza urbana sobre como proceder ao se depararem com grafites e pichações em muros públicos. Uma lei municipal proíbe inscrições em espaços públicos sem autorização. O problema é que obras autorizadas já foram apagadas por servidores da limpeza. Previsto para outubro, o documento tentará esclarecer funcionários da limpeza sobre o que deve ou não ser apagado. Os agentes passarão por um treinamento. A limpeza de grafites gerou constrangimento nas últimas duas gestões municipais.

2. (Prefeitura Cuiabá – Administrador Hospitalar – Superior – FGV 2015)

Deduz-se do texto que

a) os funcionários de limpeza urbana apagam todas as pichações.

b) os servidores da Prefeitura de São Paulo seguem a lei.

c) algumas pichações constrangedoras foram apagadas.

d) nem toda inscrição deve ser considerada vandalismo.

e) o treinamento vai ensinar como apagar as inscrições de rua.

Mais uma questão de inferência… Inicialmente, vamos resumir o que entendemos do texto (repare que a banca não destacou nenhum trecho do texto, as alternativas poderão se referir a qualquer parte do texto).

Bem, entendemos que haverá um manual para orientar funcionários para como se proceder diante de pichações em espaços públicos. E que há espaços públicos que têm autorização para pichação e há espaços sem autorização.

Vamos agora buscar a assertiva que possa ser deduzida com base em um pressuposto do texto. Lembre-se: somente uma poderá ser deduzida, as outras irão além do que permite o texto ou o contradirão.

A resposta é letra D. Por que eu posso deduzir que nem toda inscrição deve ser considerada vandalismo? A letra D diz que "nem toda inscrição deve ser considerada vandalismo" Tem-se aqui uma informação com pressupostos no texto. Um deles é quando se diz "o problema é que obras autorizadas já foram apagadas por servidores da limpeza". Ao se falar "obras autorizadas", está-se falando indiretamente que há obras não autorizadas.

Outro pressuposto presente no texto é quando se diz que "o documento tentará esclarecer funcionários da limpeza sobre o deve ou não deve ser apagado". Ao se dizer isso, subentende-se que nem toda pichação é vandalismo.

Vamos às outras?

A letra A contradiz o texto, dizendo que os funcionários apagam todas as pichações. Não todas.

A letra B mistura informações do texto. O texto fala em lei, mas, ao falar de lei, não diz que os funcionários da prefeitura a seguem. Apenas diz que a lei municipal proíbe inscrições em espaços públicos sem autorização. Além disso, percebeu que há também uma extrapolação? A letra B fala em "servidores da prefeitura" e o texto fala em "servidores de empresas de limpeza urbana". Não são todos os funcionários.

A letra C fala em "pichações constrangedoras", mas, segundo o texto, houve um constrangimento nas "gestões municipais".

A letra E também extrapola… O treinamento não vai ensinar a "apagar as inscrições", mas vai ensinar os funcionários a como "proceder ao ser depararem com grafites e pichações em muros públicos".

Agora é a sua vez…

26.5. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

Leia o texto a seguir para responder à questão 1.

Estava mal chegando a São Paulo, quando um repórter me provocou: "Mas como, Chico, mais um samba? Você não acha que isso já está superado?". Não tive tempo de me defender ou de atacar os outros, coisa que anda muito em voga. Já era hora de enfrentar o dragão, como diz o Tom, enfrentar as luzes, os cartazes, e a plateia, onde distingui um caro colega regendo um coro pra frente, de franca oposição. Fiquei um pouco desconcertado pela atitude do meu amigo, um homem sabidamente isento de preconceitos. Foi-se o tempo em que ele me censurava amargamente, numa roda revolucionária, pelo meu desinteresse em participar de uma passeata cívica contra a guitarra elétrica. Nunca tive nada contra esse instrumento, como nada tenho contra o tamborim. O importante é Mutantes e Martinho da Vila no mesmo palco.

Mas, como eu ia dizendo, estava voltando da Europa e de sua música estereotipada, onde samba, toada etc. são ritmos virgens para seus melhores músicos, indecifráveis para seus cérebros eletrônicos. " Só tenho uma opção, confessou-me um italiano – sangue novo ou a antimúsica. Veja, os Beatles, foram à Índia..." Donde se conclui como precipitada a opinião, entre nós, de que estaria morto o nosso ritmo, o lirismo e a malícia, a malemolência. É certo que se deve romper com as estruturas. Mas a música brasileira, ao contrário de outras artes, já traz dentro de si os elementos de renovação. Não se trata de defender a tradição, família ou propriedade de ninguém. Mas foi com o samba que João Gilberto rompeu as estruturas da nossa canção. E se o rompimento não foi universal, culpa é do brasileiro, que não tem vocação pra exportar coisa alguma.

Quanto a festival, acho justo que estejam todos ansiosos por um primeiro prêmio. Mas não é bom usar de qualquer recurso, nem se deve correr com estrondo atrás do sucesso, senão ele se assusta e foge logo. E não precisa dar muito tempo para se perceber " que nem toda loucura é genial, como nem toda lucidez é velha".

(Adaptado de: HOLANDA, Chico Buarque de, apud Adélia B. de Menezes, *Desenho Mágico*: Poesia e Política em Chico Buarque, São Paulo, Ateliê, 2002, p. 28-29)

1. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

Depreende-se da frase ... *nem toda loucura é genial, como nem toda lucidez é velha* que

a) a loucura, o mais das vezes, é vista como uma característica que marca a singularidade, enquanto a lucidez é um atributo costumeiro da velhice.

b) essas duas características, lucidez e loucura, devem ser vistas com reserva, uma vez que a fronteira entre ambas nem sempre é clara.

c) as inovações, por mais lúcidas que sejam, devem algo à loucura, pois é mediante o abandono da causalidade natural que se obtém algo inusitado.

d) ambas as características podem conviver em obras de arte de vanguarda, uma vez que não são conflitantes.

e) a genialidade pode ter algo de lucidez, embora, para que isso ocorra, tenha de negar a loucura, podendo ocorrer o inverso, o que caracteriza essencialmente a inovação.

Leia o texto a seguir para responder à questão 2.

Medo da eternidade

Jamais esquecerei o meu aflitivo e dramático contato com a eternidade.

Quando eu era muito pequena ainda não tinha provado chicles e mesmo em Recife falava-se pouco deles. Eu nem sabia bem de que espécie de bala ou bombom se tratava. Mesmo o dinheiro que eu tinha não dava para comprar: com o mesmo dinheiro eu lucraria não sei quantas balas.

Afinal minha irmã juntou dinheiro, comprou e ao sairmos de casa para a escola me explicou:

− Tome cuidado para não perder, porque esta bala nunca se acaba. Dura a vida inteira.

− Como não acaba? – Parei um instante na rua, perplexa.

− Não acaba nunca, e pronto.

Eu estava boba: parecia-me ter sido transportada para o reino de histórias de príncipes e fadas. Peguei a pequena pastilha cor-

de-rosa que representava o elixir do longo prazer. Examinei-a, quase não podia acreditar no milagre. Eu que, como outras crianças, às vezes tirava da boca uma bala ainda inteira, para chupar depois, só para fazê-la durar mais. E eis-me com aquela coisa cor-de-rosa, de aparência tão inocente, tornando possível o mundo impossível do qual eu já começara a me dar conta.

Com delicadeza, terminei afinal pondo o chicle na boca.

– E agora que é que eu faço? – perguntei para não errar no ritual que certamente deveria haver.

– Agora chupe o chicle para ir gostando do docinho dele, e só depois que passar o gosto você começa a mastigar. E aí mastiga a vida inteira. A menos que você perca, eu já perdi vários. Perder a eternidade? Nunca.

O adocicado do chicle era bonzinho, não podia dizer que era ótimo. E, ainda perplexa, encaminhávamo--nos para a escola.

– Acabou-se o docinho. E agora?

– Agora mastigue para sempre.

Assustei-me, não saberia dizer por quê. Comecei a mastigar e em breve tinha na boca aquele puxa-puxa cinzento de borracha que não tinha gosto de nada. Mastigava, mastigava. Mas me sentia contrafeita. Na verdade eu não estava gostando do gosto. E a vantagem de ser bala eterna me enchia de uma espécie de medo, como se tem diante da ideia de eternidade ou de infinito.

Eu não quis confessar que não estava à altura da eternidade. Que só me dava era aflição. Enquanto isso, eu mastigava obedientemente, sem parar.

Até que não suportei mais, e, atravessando o portão da escola, dei um jeito de o chicle mastigado cair no chão de areia.

– Olha só o que me aconteceu! – disse eu em fingidos espanto e tristeza. Agora não posso mastigar mais! A bala acabou!

– Já lhe disse, repetiu minha irmã, que ela não acaba nunca. Mas a gente às vezes perde. Até de noite a gente pode ir mastigando, mas para não engolir no sono a gente prega o chicle na cama. Não fique triste, um dia lhe dou outro, e esse você não perderá.

Eu estava envergonhada diante da bondade de minha irmã, envergonhada da mentira que pregara dizendo que o chicle caíra da boca por acaso.

Mas aliviada. Sem o peso da eternidade sobre mim.

06 de junho de 1970

(LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo* – crônicas. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p.289-91)

2. (SEDU-ES – Professor B – FCC – Jan./2016)

Atente para as afirmações abaixo.

I. Em *Jamais esquecerei o meu aflitivo e dramático contato com a eternidade* (1º parágrafo), os adjetivos empregados para qualificar esse *contato* visam estabelecer um contraste com os acontecimentos que serão efetivamente narrados, deixando entrever a sugestão da autora de que esses fatos, aparentemente importantes, seriam na verdade banais e corriqueiros.

II. Em *Mastigava, mastigava. Mas me sentia contrafeita* (15º parágrafo), a repetição do verbo "mastigar", cujo início ecoa ainda na conjunção *Mas* que inicia a frase seguinte, busca sugerir no campo da própria expressão o que havia de repetitivo nessa atividade e o aborrecimento que já advinha do mascar da goma insossa.

III. Em – *Olha só o que me aconteceu! – disse eu em fingidos espanto e tristeza. Agora não posso mastigar mais! A bala*

acabou! (18º parágrafo), o reiterado emprego do sinal de exclamação sugere o exagero próprio do fingimento.

Está correto o que se afirma APENAS em

a) I e II.

b) I e III.

c) I.

d) III.

e) II e III.

Leia o texto a seguir para responder à questão 3.

Um pequeno tesouro literário, guardado com esmero durante quatro gerações, veio a público nesta quinta-feira (15.10.2015). Dezenas de documentos, fotos e 61 cartas do crítico e acadêmico José Veríssimo, recebidas do escritor Machado de Assis, foram entregues pela família de Veríssimo à Academia Brasileira de Letras (ABL).

Textos manuscritos, datados do início do século passado, e até uma fotografia e 12 cartas inéditas do patrono da Academia ficaram guardados por décadas em um antigo gaveteiro de madeira, que veio passando de geração em geração e, por último, estava no apartamento da aposentada Helena Araújo Lima Veríssimo, viúva do jornalista Jorge Luiz Veríssimo, um dos netos de José Veríssimo.

Apesar do valor histórico e sentimental do material, a família achou melhor entregar a guarda dos documentos à ABL, que tem condições ideais para preservar a coleção, em que se destaca uma foto inédita de Machado de Assis. "O acervo do José Veríssimo estava com o marechal [Inácio José Veríssimo, filho do acadêmico], que era uma pessoa voltada para a literatura, apesar de ser militar. O marechal organizou o acervo, escreveu uma biografia de José Veríssimo e depois passou tudo para meu marido", disse Helena.

Para o presidente da ABL, Geraldo Holanda Cavalcanti, trata-se de um acervo precioso e que pode incentivar outras famílias, detentoras de material histórico sobre os acadêmicos, a também doarem o acervo à Academia. "Isto pode despertar a atenção de outras pessoas que tenham documentos em casa e se disponham a trazer para a Academia, que é a guardiã desse tipo de acervo, que é muito difícil de ser guardado em casa, pois o tempo destrói e aqui temos a melhor técnica de conservação de documentos", disse Cavalcanti.

(Adaptado de: OLIVEIRA, Gomes. Cartas inéditas de Machado de Assis são doadas à Academia Brasileira de Letras. Disponível em: <www.folharondoniense.com.br/cultura/cartas-ineditas-de-machado-de-assis-sao-doadas-a-academia-brasileira-de-letras>.)

3. (TRT14R – Téc. Jud. – Área Adminis. – FCC – Fev./2016)

O acervo do José Veríssimo estava com o marechal [Inácio José Veríssimo, filho do acadêmico], que era uma pessoa voltada para a literatura, apesar de ser militar.

A passagem destacada permite concluir que, na opinião de Helena Araújo Lima Veríssimo,

a) não é muito comum haver militares interessados em literatura.

b) não é raro encontrar militares que entendam profundamente de literatura.

c) é esperado que os militares de alta patente entendam de literatura.

d) é natural que um filho de acadêmico se torne um militar apaixonado por literatura.

e) é frequente encontrar militares com formação especializada em literatura.

Leia o texto a seguir para responder à questão 4.

Texto I

Naquele novo apartamento da rua Visconde de Pirajá pela primeira vez teria um escritório para trabalhar. Não era um cômodo muito grande, mas dava para armar ali a minha tenda de reflexões e leitura: uma escrivaninha, um sofá e os livros. Na parede da esquerda ficaria a grande e sonhada estante onde caberiam todos os meus livros. Tratei de encomendá-la a seu Joaquim, um marceneiro que tinha oficina na rua Garcia D' Ávila com Barão da Torre.

O apartamento não ficava tão perto da oficina. Era quase em frente ao prédio onde morava Mário Pedrosa, entre a Farme de Amoedo e a antiga Montenegro, hoje Vinicius de Moraes. Estava ali havia uma semana e nem decorara ainda o número do prédio. Tanto que, quando seu Joaquim, ao preencher a nota de encomenda, perguntou-me onde seria entregue a estante, tive um momento de hesitação. Mas foi só um momento. Pensei rápido: " Se o prédio do Mário é 228, o meu, que fica quase em frente, deve ser 227". Mas lembrei-me de que, ao ir ali pela primeira vez, observara que, apesar de ficar em frente ao do Mário, havia uma diferença na numeração.

– Visconde de Pirajá, 127 – respondi, e seu Joaquim desenhou o endereço na nota.

– Tudo bem, seu Ferreira. Dentro de um mês estará lá sua estante.

– Um mês, seu Joaquim! Tudo isso? Veja se reduz esse prazo.

– A estante é grande, dá muito trabalho... Digamos, três semanas.

Ferreira Gullar. A estante. In: *A estranha vida banal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989 (com adaptações).

4.(INSS – Técnico Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

No que se refere aos sentidos do texto I, julgue o próximo item.

De acordo com as informações do texto, é correto inferir que seu Joaquim era analfabeto, uma vez que ele " desenhou o endereço na nota" (l. 13).

Leia o texto a seguir para reponder às questões 5 – 7.

Levantou-se da cama o pobre namorado sem ter conseguido dormir. Vinha nascendo o Sol.

Quis ler os jornais e pediu-os.

Já os ia pondo de lado, por haver acabado de ler, quando repentinamente viu seu nome impresso no **Jornal do Comércio**.

Era um artigo *a pedido* com o título de **Uma Obra-Prima**.

Dizia o artigo:

Temos o prazer de anunciar ao país o próximo aparecimento de uma excelente comédia, estreia de um jovem literato fluminense, de nome Antônio Carlos de Oliveira.

Este robusto talento, por muito tempo incógnito, vai enfim entrar nos mares da publicidade, e para isso procurou logo ensaiar-se em uma obra de certo vulto.

Consta-nos que o autor, solicitado por seus numerosos amigos, leu há dias a comédia em casa do Sr. Dr. Estêvão Soares, diante de um luzido auditório, que aplaudiu muito e profetizou no Sr. Oliveira um futuro Shakespeare.

O Sr. Dr. Estêvão Soares levou a sua amabilidade ao ponto de pedir a comédia para ler segunda vez, e ontem ao encontrar-se na rua com o Sr. Oliveira, de tal entusiasmo vinha possuído que o abraçou estreitamente, com grande pasmo dos numerosos transeuntes.

Da parte de um juiz tão competente em matérias literárias este ato é honroso para o Sr. Oliveira.

Estamos ansiosos por ler a peça do Sr. Oliveira, e ficamos certos de que ela fará a fortuna de qualquer teatro.

O amigo das letras.

Machado de Assis. A mulher de preto. In: *Contos fluminenses*. São Paulo: Globo, 1997 (com adaptações).

(INSS – Analista Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

No que se refere aos sentidos e às características tipológicas do texto, julgue os itens que se seguem.

5. Do texto não é possível concluir se "o pobre namorado" (l. 1) é Antônio Carlos de Oliveira ou o Sr. Dr. Estêvão Soares.

6. Dada a assinatura "O amigo das letras" (l. 20), é correto concluir que o trecho publicado no Jornal do Comércio é uma carta.

7. Depreende-se do texto que Antônio Carlos de Oliveira vai iniciar uma atividade profissional ligada à propaganda, para a qual tem muito talento.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 8 e 9.

Texto CB2A2AAA

É inegável que o Estado representa um ônus para a sociedade, já que, para assegurar o seu funcionamento, consome riquezas da sociedade. Representa, porém, um mal necessário, pois até agora não se conseguiu arquitetar mecanismo distinto para catalisar a vida em comunidade. Então, se do Estado ainda não pode prescindir a civilização, cabe-lhe aprimorá-lo, buscando otimizar o seu funcionamento, de modo a torná-lo menos oneroso, mais eficiente e eficaz.

O bom funcionamento do Estado, que inclui também o bom funcionamento de suas estruturas encarregadas do controle público (Ministério Público, Poder Legislativo e tribunais de contas, entre outros), vem sendo alçado à condição de direito fundamental dos indivíduos. Pressupõe, notadamente sob as luzes do princípio constitucional da eficiência, os deveres de cuidado e de cooperação.

O dever de cuidado é consequência direta do postulado da indisponibilidade do interesse público. Em decorrência desse postulado, todo agente público tem o dever de, no cumprimento fiel de suas atribuições, perseguir o interesse público manifesto na Constituição Federal e nas leis. Conduz, portanto, à ideia de vedação da omissão, já que deixar de cumprir tais atribuições evidenciaria conduta ilícita.

O dever de cuidado conduz, ainda, a uma ampla interação entre as estruturas públicas de controle, ou seja, é um dever de cooperação, não como faculdade, mas como obrigação que, em regra, dispensa formas especiais, como previsões normativas específicas, convênios e acordos.

Sob essa perspectiva, o controle público do Estado deve incorporar à sua cultura institucional o compromisso com o direito fundamental ao bom funcionamento do Estado. Nesse contexto, os deveres de cuidado e de cooperação se impõem a todas as estruturas do Estado destinadas a promover o controle da máquina estatal.

A observância do dever de cuidado e do de cooperação – traduzida, portanto, na atuação comprometida e concertada das estruturas orientadas para a função de controle da gestão pública – deve promover, entre os agentes e órgãos de controle, comportamentos de responsabilidade e responsividade. Por responsabilidade entenda-se o genuíno compromisso com a integralidade do ordenamento jurídico, o que pressupõe, acima de tudo, o reconhecimento de um regime de vedação da omissão. Responsividade, por sua vez, traduz o comportamento orientado a oferecer respostas rápidas e proativas, impregnadas de verdadeiro compromisso com a ideia-chave de promover o bom funcionamento do Estado.

Diogo Roberto Ringenberg. Direito fundamental ao bom funcionamento do controle público. In: *Controle Público*, nº 10, abr./2011, p. 55 (com adaptações).

(TCE-SC – Aud. Fiscal-Administ. – Cespe – Maio/2016)

A respeito das ideias veiculadas no texto **CB2A2AAA**, julgue os itens que se seguem.

8. Infere-se do texto que os tribunais de contas agem sob a égide do dever de cuidado não apenas ao zelarem pelo interesse público expresso nos dispositivos legais, mas também ao se obrigarem a atuar em cooperação com as demais estruturas públicas de controle.

9. Depreende-se do texto que o não cumprimento do dever de cuidado por omissão poderá resultar na aplicação de sanções ao servidor público.

Leia o texto a seguir para responder à questão 10.

Texto II

Os lixões são depósitos sem qualquer controle, fontes de enormes impactos ambientais, causadores de contaminações – como, por exemplo, contaminações do solo, dos lençóis freáticos, das fontes de água – e lugares responsáveis pela proliferação de insetos transmissores de inúmeras doenças. São, portanto, um perigo constante à saúde e à qualidade de vida de todos. Os lixões deverão dar lugar a aterros sanitários, que, se não representam uma solução perfeita, ao menos são locais mais adequados para o depósito dos rejeitos, uma vez que evitam problemas como os citados anteriormente.

As cidades precisam se comprometer a dar cumprimento à Lei Nacional de Resíduos Sólidos. Uma maneira de fazer isso é adotar políticas de gestão eficiente dos resíduos a fim de que a menor quantidade possível desses materiais precise ser encaminhada para os aterros. Para que isso seja possível, será necessária a implantação ou a ampliação da coleta seletiva de lixo, além de apoio efetivo ao trabalho desenvolvido pelas cooperativas de catadores. Capacitar essas pessoas e dar-lhes condições dignas de trabalho são requisitos fundamentais para o sucesso da lei e para a melhoria das condições de vida e de trabalho desses profissionais. Mais de um milhão de pessoas trabalham e sobrevivem da reciclagem, muitas delas em condições bastante precárias.

O Brasil produz mais de 220 mil toneladas de lixo domiciliar por dia, o que resulta em mais de um quilo de lixo por pessoa. Ao menos 90% de todo esse material poderia ser reaproveitado, reutilizado ou reciclado. Apenas 3% acabam sendo efetivamente reciclados, um destino mais nobre do que o de se degradar e contaminar o nosso ambiente. Os especialistas calculam que o Brasil deixa de ganhar ao menos 8 bilhões de reais por ano por não reciclar toda essa grande quantidade de resíduos gerados no

país.

Reinaldo Canto. As cidades brasileiras conseguirão tratar seu lixo? Disponível em: <www.cartacapital.com.br> (com adaptações).

10. (Pref. SP – Agente Gestão P. Públicas – Cespe – Maio/2016)

Depreende-se do texto II que seu autor:

a) acredita que a solução para o lixo das cidades resume-se à coleta seletiva.

b) é contrário à existência dos lixões.

c) acredita que os governos precisam criar mais espaços como os lixões nas cidades.

d) é a favor da ideia de que no máximo 90% do lixo do Brasil seja reciclado.

e) defende que os lixões sejam privatizados.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 11 – 14.

Texto II

O índio não teve muita sorte na literatura brasileira, depois do Romantismo. Enquanto nas letras hispano-americanas viceja um esplêndido indigenismo pelo século XX adentro, com tantos e tão importantes criadores dedicando-se a transpor o índio para a ficção, no Brasil se podem contar nos dedos das mãos os casos.

Torna a trazer o assunto à baila o aparecimento e grande vendagem de **Maíra**, romance de Darcy Ribeiro. O renomado antropólogo já tinha em seu acervo de realizações uma respeitável brasiliana, incluindo vários trabalhos sobre os índios, um dos quais, a história de Uirá, fora transformado em filme no início da década de 70. **Maíra** é, portanto, a primeira incursão do autor pelo épico, a menos que se considere a história de Uirá como uma primeira aproximação ao gênero.

O relato, como o filme, dá conta do trágico percurso de Uirá, da tribo Urubu-Kaapor, no Maranhão deste século, o qual um dia fica *iñaron* quando, após muitas desgraças comuns ao destino dos índios brasileiros, como fome, espoliação, epidemias, perseguições, perde também um dos filhos.

A palavra tupi *iñaron* designa um estado de fúria sagrada, associado ao sofrimento excessivo, não deixando de lembrar as famosas fúrias dos heróis gregos: Hércules, uma vez acometido por um desses acessos, enviado pela vingativa Hera, matou, sem o saber, seus três filhos e esposa, tal como vem narrado na tragédia **Héracles Furioso**, de Eurípedes. Nas **Bacantes**, do mesmo autor, Agave, fora de si, participa do desmembramento de seu filho adulto, Penteu, rei de Tebas. E talvez o mais formidável exemplo seja o da cólera de Aquiles, que dá nascimento à inteira composição da **Ilíada**, desencadeada por sua recusa a continuar lutando. Devido à recusa de Aquiles, quase foi perdida a guerra de Troia e, não fosse sua fúria, o poema não teria sido composto.

Em meio ao furacão histórico da fase do capitalismo selvagem no país, quando o acirramento da acumulação leva multinacionais e suas cabeças-de-ponte nacionais a apropriar-se dos mais recônditos confins com vistas ao lucro, encontram-se, estonteados, os índios. O único problema dos Mairum — nome inventado, tribo arquetípica de todas as tribos, povo de Maíra — é como sobreviver e como fazer sua cultura sobreviver, com crescente dificuldade.

O romance inteiro soa como uma lamentação, um carpir sobre o fim de uma civilização das mais admiráveis. Seus trechos mais bem realizados são aqueles nos quais uma espécie de narrador coletivo índio dá conta de sua maneira de ver o mundo, de como compreende e interpreta seus hábitos e tradições; e, o que é mais importante, franqueia para o leitor seu tremendo desejo de sobrevivência e alegria de viver.

A produção e publicação de um romance como esse, agora, mostra como o índio está mais vivo do que nunca em sua conexão com a literatura brasileira. Tampouco deve ser uma coincidência que, neste exato momento, outras ficções, filmes, romances, peças de teatro, novelas de televisão, canções, estejam sendo feitos, todos sobre os índios, todos lutando em defesa de sua preservação para a História. Quando há tanta desconfiança em relação à pulsão destrutiva da civilização ocidental e entre nós é tão escandaloso o capitalismo selvagem, isso pode vir a significar alguma coisa. Talvez uma postura mais cautelosa e menos arrogante, de quem está aprendendo a perceber que outras civilizações encontraram saídas melhores e, sobretudo, não suicidas para males que hoje parecem irremediáveis, como o problema do poder, da proliferação e potenciação dos armamentos, da destruição da natureza, do Estado e de seu aparelho, da igualdade nunca encontrada. A alegoria da moça branca morta ao parir mestiços mortos poderá significar também o caráter heteroletal e autoletal da etnia branca? Pode ser que a importância da civilização indígena esteja, final e penosamente, penetrando na consciência do corpo social brasileiro.

Walnice Nogueira Galvão. Indianismo revisitado. In: *Esboço de figura – Homenagem a Antonio Candido*. São Paulo: Duas Cidades, 1979, p. 379-89 (com adaptações).

(Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Considerando as relações semântico-sintáticas estabelecidas no texto II, julgue (C ou E) os itens a seguir.

11. As relações semântico-sintáticas no período "Nas **Bacantes**, do mesmo autor, Agave, fora de si, participa do desmembramento de seu filho adulto, Penteu, rei de Tebas" (l. 16 e 17) sustentam a inferência de que Agave tinha mais de um filho e apenas um deles era adulto.

12. O trecho "viceja um esplêndido indigenismo" (l. 2) indica que, para a autora, prosperou na literatura hispano-americana, durante todo o século XX, a imagem do índio como herói, como bom selvagem, ou seja, como elemento diferenciador da identidade de nações sul-americanas.

13. A oração reduzida iniciada pelo gerúndio "incluindo" (l. 6-7) poderia ser corretamente substituída pela seguinte oração desenvolvida: no qual se inclui vários trabalhos sobre os índios.

14. Infere-se do texto que, na tribo Urubu-Kaapor, a fúria sagrada se manifesta sempre que um parente, em especial, um filho, morre, o que, por consequência, demonstra que os índios dessa tribo valorizam os laços familiares e não aceitam a impermanência da existência humana.

Leia o texto a seguir para responder à questão 15.

Texto I

Descaso com saneamento deixa rios em estado de alerta

A crise hídrica transformou a paisagem urbana em muitas cidades paulistas. Casas passaram a contar com cisternas e caixas-d'água azuis se multiplicaram por telhados, lajes e até em garagens. Em regiões mais nobres, jardins e portarias de prédios ganharam placas que alertam sobre a utilização de água de reúso. As pessoas mudaram seu comportamento, economizaram e cobraram soluções.

As discussões sobre a gestão da água, nos mais diversos aspectos, saíram dos setores tradicionais e técnicos e ganharam espaço no cotidiano. Porém, vieram as chuvas, as enchentes e os rios urbanos voltaram a ficar tomados por lixo, mascarando, de certa forma, o enorme volume de esgoto que muitos desses corpos de água recebem diariamente.

É como se não precisássemos de cada gota de água desses rios urbanos e como se a água limpa que consumimos em nossas casas, em um passe de mágica, voltasse a existir em tamanha abundância, nos proporcionando o luxo de continuar a poluir centenas de córregos e milhares de riachos nas nossas cidades. Para completar, todo esse descaso decorrente da falta de saneamento se reverte em contaminação e em graves doenças de veiculação hídrica.

Dados do monitoramento da qualidade da água – que realizamos em rios, córregos e lagos de onze Estados brasileiros e do Distrito Federal – revelaram que 36,3% dos pontos de coleta analisados apresentam qualidade ruim ou péssima. Apenas 13 pontos foram avaliados com qualidade de água boa (4,5%) e os outros 59,2% estão em situação regular, o que significa um estado de alerta. Nenhum dos pontos analisados foi avaliado como ótimo.

Divulgamos esse grave retrato no Dia Mundial da Água (22 de março), com base nas análises realizadas entre março de 2015 e fevereiro de 2016, em 289 pontos de coleta distribuídos em 76 municípios.

(MANTOVANI, Mário; RIBEIRO, Malu. *UOL Notícias*, abril/2016.)

15. (Pref. Paulínia-SP – Ag. Fiscaliz – FGV – Maio/2016)

"*A crise hídrica transformou a paisagem urbana em muitas cidades paulistas. Casas passaram a contar com cisternas e caixas-d'água azuis se multiplicaram por telhados, lajes e até em garagens. Em regiões mais nobres, jardins e portarias de prédios ganharam placas que alertam sobre a utilização de água de reúso.*"

Infere-se corretamente desse segmento do texto que

a) a utilização da água de reúso é uma estratégia menos sofisticada.

b) a reutilização da água traz perigo à saúde, daí as placas de alerta.

c) as caixas-d'água se localizam em telhados para recolherem água da chuva.

d) as lajes passaram a substituir telhados por serem mais seguras.

e) as garagens são a localização mais comum para as caixas-d'água.

Leia o texto a seguir para responder à questão 16.

Texto 1 – Problemas Sociais Urbanos

Dentre os problemas sociais urbanos, merece destaque a questão da segregação urbana, fruto da concentração de renda no espaço das cidades e da falta de planejamento público que vise à promoção de políticas de controle ao crescimento desordenado das cidades. A especulação imobiliária favorece o encarecimento dos locais mais próximos dos grandes centros, tornando-os inacessíveis à grande massa populacional. Além disso, à medida que as cidades crescem, áreas que antes eram baratas e de fácil acesso tornam-se mais caras, o que contribui para que a grande maioria da população pobre busque por moradias em regiões ainda mais distantes.

Essas pessoas sofrem com as grandes distâncias dos locais de residência com os centros comerciais e os locais onde trabalham, uma vez que a esmagadora maioria dos habitantes que sofrem com esse processo são trabalhadores com baixos salários. Incluem-se a isso as precárias condições de transporte público e a péssima infraestrutura dessas zonas segregadas, que às vezes não contam com saneamento básico ou asfalto e apresentam elevados índices de violência.

A especulação imobiliária também acentua um problema cada vez maior no espaço das grandes, médias e até pequenas cidades: a

questão dos lotes vagos. Esse problema acontece por dois principais motivos: 1) falta de poder aquisitivo da população que possui terrenos, mas que não possui condições de construir neles e 2) a espera pela valorização dos lotes para que esses se tornem mais caros para uma venda posterior. Esses lotes vagos geralmente apresentam problemas como o acúmulo de lixo, mato alto, e acabam tornando-se focos de doenças, como a dengue.

PENA, Rodolfo F. Alves. "Problemas socioambientais urbanos"; *Brasil Escola*. Disponível em http://brasilescola.uol.com.br/brasil/problemas-ambientais-sociais-decorrentes-urbanização.htm. Acesso em 14 de abril de 2016.

16. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

" Dentre os problemas sociais urbanos, merece destaque a questão da segregação urbana, fruto da concentração de renda no espaço das cidades e da falta de planejamento público que vise à promoção de políticas de controle ao crescimento desordenado das cidades."

Pode ser inferido desse segmento do texto 1 que:

a) não há concentração de renda em todas as cidades;

b) os problemas sociais urbanos resumem-se à segregação;

c) o planejamento público se destina a impedir o crescimento das cidades;

d) as políticas de controle impediriam a concentração de renda;

e) os problemas sociais urbanos são vários e passíveis de controle.

Leia o texto a seguir para responder à questão 17.

Texto 2 – Violência e favelas

O crescimento dos índices de violência e a dramática transformação do crime manifestados nas grandes metrópoles são alarmantes, sobretudo, na cidade do Rio de Janeiro, sendo as favelas as mais afetadas nesse processo.

" A violência está o cúmulo do absurdo. É geral, não é? É geral, não tem, não está distinguindo raça, cor, dinheiro, com dinheiro, sem dinheiro, tá de pessoa para pessoa, não interessa se eu te conheço ou se eu não te conheço. Me irritou na rua eu te dou um tiro. É assim mesmo que está, e é irritante, o ser humano está em um estado de nervos que ele não está mais se controlando, aí junta a falta de dinheiro, junta falta de tudo, e quem tem mais tá querendo mais, e quem tem menos tá querendo alguma coisa e vai descontar em cima de quem tem mais, e tá uma rivalidade, uma violência que não tem mais tamanho, tá uma coisa insuportável." (moradora da Rocinha)

A recente escalada da violência no país está relacionada ao processo de globalização que se verifica, inclusive, ao nível das redes de criminalidade. A comunicação entre as redes internacionais ligadas ao crime organizado são realizadas para negociar armas e drogas. Por outro lado, verifica-se hoje, com as CPIs (Comissão Parlamentar de Inquérito) instaladas, ligações entre atores presentes em instituições estatais e redes do narcotráfico.

Nesse contexto, as camadas populares e seus bairros/favelas são crescentemente objeto de estigmatização, percebidos como causa da desordem social o que contribui para aprofundar a segregação nesses espaços. No outro polo, verifica-se um crescimento da autossegregação, especialmente por parte das elites que se encastelam nos enclaves fortificados na tentativa de se proteger da violência.

(Maria de Fátima Cabral Marques Gomes, *Scripta Nova*)

17. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

“ Por outro lado, verifica-se hoje, com as CPIs (Comissão Parlamentar de Inquérito) instaladas, ligações entre atores presentes em instituições estatais e redes do narcotráfico”.

Esse segmento do texto 2 alude ao seguinte fato:

a) preocupação das autoridades com a ampliação do crime;

b) investigação policial sobre o crime organizado;

c) corrupção em altos escalões do poder;

d) crescimento do crime em nosso país;

e) chegada ao Brasil do crime organizado.

Leia o texto a seguir para responder à questão 18.

Texto I

Banhos de mar

Meu pai acreditava que todos os anos se devia fazer uma cura de banhos de mar. E nunca fui tão feliz quanto naquelas temporadas de banhos em Olinda, Recife.

Meu pai também acreditava que o banho de mar salutar era o tomado antes de o sol nascer. Como ex- plicar o que eu sentia de presente prodigioso em sair de casa de madrugada e pegar o bonde vazio que nos levaria para Olinda ainda na escuridão?

De noite eu ia dormir, mas o coração se mantinha acordado, em expectativa. E de puro alvoroço, eu acordava às quatro e pouco da madrugada e despertava o resto da família. Nós nos vestíamos depressa e saíamos em jejum. Porque meu pai acreditava que assim devia ser: em jejum.

Saímos para uma rua toda escura, recebendo a brisa da pré-madrugada. E esperávamos o bonde. Até que lá de longe ouvíamos o seu barulho se aproximando. Eu me sentava bem na ponta do banco, e minha felicidade começava. Atravessar a cidade escura me dava algo que jamais tive de novo. No bonde mesmo o tempo começava a clarear, e uma luz trêmula de sol escondido nos banhava e banhava o mundo.

Eu olhava tudo: as poucas pessoas na rua, a passagem pelo campo com os bichos-de-pé: “ Olhe, um porco de verdade!” gritei uma vez, e a frase de deslumbramento ficou sendo uma das brincadeiras da minha família, que de vez em quando me dizia rindo: “ Olhe, um porco de verdade.”

Eu não sei da infância alheia. Mas essa viagem diária me tornava uma criança completa de alegria. E me serviu como promessa de felicidade para o futuro. Minha capacidade de ser feliz se revelava. Eu me agarrava, dentro de uma infância muito infeliz, a essa ilha encantada que era a viagem diária.

LISPECTOR, C. *A Descoberta do Mundo*. São Paulo: Rocco, 1999, p. 175. Adaptado.

18. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016)

No Texto I, a narradora diz que “ uma luz trêmula de sol escondido nos banhava e banhava o mundo” (l. 12). Essa imagem apresenta indícios de que

a) o sol estava encoberto, talvez por nuvens, talvez por folhagens.

b) uma inversão entre o sol e sua luz justifica essa visão subjetiva.

c) a luz parecia reproduzir as mesmas emoções da menina.

d) o dia amanhecia mais tarde do que o costumeiro.

e) os banhos de mar aconteciam em qualquer lugar.

Leia o texto a seguir para responder às questões 19 e 20.

Uma noite no mar Cáspio

Na semana passada, uma aluna da Sorbonne foi encarregada de fazer um estudo sobre a literatura latino-americana, mal informada de tudo, inclusive sobre a América Latina. Veio entrevistar algumas pessoas e, não sei por que, pediu-me que a recebesse para uma conversa que pudesse explicar o Brasil com apenas um título que serviria de roteiro para o trabalho que deveria apresentar.

Já me pediram coisas extravagantes, recusei algumas, aceitei outras. Aleguei minha incompetência para titular qualquer coisa.

Mas não quis decepcionar a moça. Pensando na atual crise política, sugeri " Garruchas e punhais" – era o nome da briga entre os meninos da rua Cabuçu contra os meninos da rua Lins de Vasconcelos. Morei nas duas e era considerado um espião a soldo de uma ou de outra. O que no fundo era verdade, considerava idiotas os dois lados.

A moça riu mas não gostou. Todos os países têm garruchas e punhais. Dei outra sugestão: " O mosteiro de tijolos de feltro". Ela não gostou – nem eu. Parti então para uma terceira via, por sinal, a mais estúpida. Pensou um pouco, inicialmente recusou. Olhou bem para mim e aprovou: " Uma noite no mar Cáspio". Para meu espanto, ela aceitou. Acredito que os professores da Sorbonne também gostarão. E eu nem sei onde fica o mar Cáspio, embora também não saiba onde fica o Brasil.

(Carlos Heitor Cony. *Folha de S.Paulo,* 26.01.2016. Adaptado)

19. (C.M. Marília-SP – Proc. Jurídico – Vunesp – Abril/2016)

Com as passagens do texto " mal informada de tudo" (1º parágrafo) e " Mas não quis decepcionar a moça." (3º parágrafo), o narrador mostra-se

a) hostil, embora a aluna da Sorbonne não evidenciasse entusiasmo pelo assunto do trabalho a ser realizado.

b) apreensivo, pois a aluna da Sorbonne não demonstrava interesse no assunto do trabalho a ser realizado.

c) receptivo, ainda que a aluna da Sorbonne não dominasse o assunto do trabalho a ser realizado.

d) indiferente, tanto que a aluna da Sorbonne não manifestou conhecimento do assunto do trabalho a ser realizado.

e) confuso, à medida que a aluna da Sorbonne dava indícios de desconhecer o assunto do trabalho a ser realizado.

20. (C.M. Marília-SP – Proc. Jurídico – Vunesp – Abril/2016)

A frase – Morei nas duas e era considerado um espião a soldo de uma ou de outra. O que no fundo era verdade, considerava idiotas os dois lados (3º parágrafo) indica que o narrador, em suas brincadeiras de criança,

a) acreditava que a rivalidade entre as duas ruas era algo sem propósito.

b) orgulhava-se por ser espião nas duas ruas, principalmente pelo pagamento.

c) pagava aos meninos de ambas as ruas para não se envolver em suas brigas.

d) atendia os pedidos dos amigos, pois se considerava o melhor espião do lugar.

e) encantava-se com a richa entre as ruas, por isso defendia a mais forte.

(Leia o texto a seguir para responder à questão 21.

Vira e mexe alguns *blogs* maternos publicam textos sobre " As vantagens de ser mãe de menina" ou " Por que é bom ser mãe de menino": " meninos não têm frescura", " meninas são mais delicadas", " eles são mais corajosos", " elas são mais choronas" e por aí vai. Leio isso e tenho vontade de gritar por ver estereótipos de gênero tão pesados serem perpetuados sem nenhuma reflexão. Já pensou que seu filho é uma figura única e a infinidade de coisas que pode ser ou sentir não cabe em listas, caixas ou rótulos? Pior: que você definir como ele deve ser ou se comportar dependendo de seu gênero pode ser muito, muito cruel?

Aos meninos são permitidas vivências mais amplas. Eles podem subir muros, escalar os brinquedos do *playground*, enquanto as meninas não, veja bem, vai sujar seu sapato de princesa, filha, vai mostrar sua calcinha, não pega bem, filha, não é assim que uma menina brinca. E por isso, só por isso, que se perpetua a ideia de que os meninos são mais " aventureiros" e " danados" e as meninas mais " cuidadosas". Fazemos as meninas mais infelizes, isso sim.

Ser menino também pode não ser fácil, principalmente se os pais acreditarem que podem definir o que ele deve sentir ou gostar. Meu filho adorava brincar com os carrinhos de boneca das meninas do *playground* do prédio. Só depois de eu dizer que " tudo bem" as mães ou babás ficavam à vontade em deixá-lo empurrar as bonecas ou carregá-las. Por que tanto receio? O que um menino pode virar depois de brincar de boneca? Um pai carinhoso e dedicado no futuro?

Uma vez, em uma loja de brinquedos, meu filho ficou empolgadíssimo ao ver uma pia que funcionava de verdade, com uma torneirinha de água. E pediu muito para que eu comprasse. As opções de cores deixavam claro para quem o brinquedo era fabricado: só havia pias rosa e lilás. " Esse brinquedo é de menina", alertou a vendedora, cheia de boa vontade, como se eu estivesse me distraído e não percebido o " engano" ao considerar a compra. Eu disse para ela que na minha casa lavar louça é uma atividade *unissex*, que o pai do meu filho encara muito prato e panela suja e, por isso, brincar de casinha é uma brincadeira de menino sim. Meu filho saiu da loja feliz da vida com seu brinquedo rosa que, aliás, para ele é só uma cor, como outra qualquer. O avô estranhou o presente até eu levá-lo à reflexão: " Quantas pias de louça suja você lavou e lava na sua vida, para manter sua casa em ordem?". E só daí meu pai percebeu o tamanho da bobagem que fazia ao acreditar que lavar louça é uma atividade exclusivamente feminina.

E para quem gosta de listas, proponho uma única: " As vantagens de ser mãe de uma criança feliz". É essa que eu espero estar escrevendo, no dia a dia, ao não determinar como meu filho pode ou não ser.

(Rita Lisauskas, A crueldade de dividir o mundo entre "coisas de menino" e "coisas de meninas". Disponível em: <vida-estilo.estadao.com.br>. Acesso em 10-02-2016. Adaptado)

21. (Unesp – Ass. Administrativo I – Vunesp – Abril/2016)

O episódio ocorrido em uma loja de brinquedos demonstra que

a) a vendedora imaginou que a autora procurava um brinquedo de menina para presentear alguém.

b) o brinquedo que interessou ao menino é convencionalmente associado a uma atividade feminina.

c) brincar de casinha não merece a aprovação da autora, especialmente porque seu filho pode se interessar por isso.

d) o avô do garoto não acatou o argumento da filha e continuou sendo contrário a homem lavar louça.

e) a autora teve dificuldade em aceitar a escolha do filho, fazendo juízos equivocados das escolhas dele.

Leia o texto a seguir para responder à questão 22.

É permitido sonhar

Os bastidores do vestibular são cheios de histórias – curiosas, estranhas, comoventes. O jovem que chega atrasado por alguns segundos, por exemplo, é uma figura clássica, e patética. Mas existem outras figuras capazes de chamar a atenção.

Takeshi Nojima é um caso. Ele fez vestibular para a Faculdade de Medicina da Universidade do Paraná. Veio do Japão aos 11 anos, trabalhou em várias coisas, e agora quer começar uma carreira médica.

Nada surpreendente, não fosse a idade do Takeshi: ele tem 80 anos. Isto mesmo, 80. Numa fase em que outros já passaram até da aposentadoria compulsória, ele se prepara para iniciar nova vida. E o faz tranquilo: "Cuidei de meus pais, cuidei dos meus filhos. Agora posso realizar um sonho que trago da infância".

Não faltará quem critique Takeshi Nojima: ele está tirando o lugar de jovens, dirá algum darwinista social. Eu ponderaria que nem tudo na vida se regula pelo critério cronológico. Há pais que passam muito pouco tempo com os filhos e nem por isso são maus pais; o que interessa é a qualidade do tempo, não a quantidade. Talvez a expectativa de vida não permita ao vestibulando Nojima uma longa carreira na profissão médica. Mas os anos, ou meses, ou mesmo os dias que dedicar a seus pacientes terão em si a carga afetiva de uma existência inteira.

Não sei se Takeshi Nojima passou no vestibular; a notícia que li não esclarecia a respeito. Mas ele mesmo disse que isto não teria importância: se fosse reprovado, começaria tudo de novo. E aí de novo ele dá um exemplo. Os resultados do difícil exame trazem desilusão para muitos jovens, e não são poucos os que pensam em desistir por causa de um fracasso. A estes eu digo: antes de abandonar a luta, pensem em Takeshi Nojima, pensem na força de seu sonho. Sonhar não é proibido. É um dever.

(Moacyr Scliar. *Minha mãe não dorme enquanto eu não chegar*, 1996. Adaptado)

22. (Unifesp – Técnico Seg. Trab. – Vunesp – Abril/2016)

No último parágrafo do texto, na passagem –… se fosse reprovado, começaria tudo **de novo**. E aí **de novo** ele dá um exemplo. –, a repetição das expressões em destaque ressalta a ideia de

a) perseverança.

b) desilusão.

c) proibição.

d) abandono.

e) fracasso.

Leia o texto a seguir para responder à questão 23.

Entre as boas figuras de boa-fé do Rio de Janeiro figurava o Garcia, bom homem, cujo único defeito era ser fraco de inteligência, defeito que todos lhe perdoavam por não ser culpa dele.

O nosso herói não se empregava absolutamente em outra coisa que não fosse comer, beber, dormir e trocar as pernas pela cidade. Tinha herdado dos pais o suficiente para levar essa vida folgada e milagrosa, e só gastava o rendimento do seu patrimônio.

Casara-se com d. Laura, que, não sendo formosa que o inquietasse, nem feia que lhe repugnasse, era mais inteligente e instruída

que ele. Esta superioridade dava-lhe certo ascendente, de que ela usava e abusava no lar doméstico, onde só a sua vontade e a sua opinião prevaleciam sempre.

O Garcia não se revoltava contra a passividade a que era submetido pela mulher: reconhecia que d. Laura tinha sobre ele grandes vantagens intelectuais e, se era honesta e fiel aos seus deveres conjugais, que lhe importava a ele o resto?

(Artur Azevedo, O espírito. Em: *Seleção de Contos*, 2014. Adaptado)

23. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Ao dizer que uma das coisas que Garcia fazia era " trocar as pernas pela cidade", o narrador pretende dizer que o homem

a) andava sempre acompanhado.

b) ia a poucos lugares.

c) dava passos largos.

d) tinha as pernas fracas.

e) caminhava sem rumo.

Leia o texto a seguir para responder à questão 24.

Tato

Na poltrona da sala
as minhas mãos sob a nuca
    sinto nos dedos
    a dureza dos ossos da cabeça
    a seda dos cabelos
    que são meus
A morte é uma certeza invencível
    mas o tato me dá
    a consistente realidade
    de minha presença no mundo

(Ferreira Gullar, *Muitas vozes*, 2013)

24. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

A leitura do poema revela que a criação poética baseia-se em

a) uma situação prosaica.

b) um momento melancólico.

c) uma cena imaginária.

d) um fato inusitado.

e) uma circunstância irreal.

Gabarito: 1. a; 2. e; 3. a; 4. E; 5. C; 6. E; 7. E; 8. C; 9. C; 10. b; 11. C; 12. E; 13. E; 14. E; 15. b; 16. e; 17. c; 18. a; 19. c; 20. a; 21. b; 22. a; 23. e; 24. a.

26.6. RESUMO

Enunciados mais comuns de inferência:

• *Depreende-se/infere-se/conclui-se do texto que...*

• *O texto permite deduzir/inferir que...*

• *É possível subentender do texto que...*

• *Qual a intenção do autor quando afirma que...*

• *O texto possibilita o entendimento de que...*

• *O autor pretende mostrar que...*

Referências

BECHARA, Evanildo. *Gramática escolar da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

CARNEIRO, Agostinho Dias. *Redação em construção*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2001.

CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Luís Felipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FÁVERO, Leonor Lopes. *Coesão e coerência textuais*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. *Para entender o texto*. 12. ed. São Paulo: Ática, 1996.

GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna*. 20. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KOCH, Ingedore Villaça. *A coesão textual*. 11. ed. São Paulo: Contexto, 1999.

LUFT, Celso Pedro. *Dicionário prático de regência verbal*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995.

RIBEIRO, Manoel Pinto. *Nova gramática aplicada da Língua Portuguesa*. 16. ed. Rio de Janeiro: Metáfora, 2006.

RYAN, Maria Aparecida. *Conjugação dos verbos em português*. 9. ed. São Paulo: Ática, 1993.

TERRA, Ernani. *Curso prático de gramática*. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2007.

1 Os exemplos utilizados para explicar como se constrói uma narrativa são tirados de um mesmo texto de Ziraldo.

“750 frases comentadas
+650 questões de concursos com gabarito ao final”

GRÁTIS
VIDEOAULAS COM RESOLUÇÃO DE QUESTÕES

GRAMÁTICA COMENTADA COM INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS para concursos

Adriana Figueiredo

5ª edição

Indicado em 2014 pelo portal CONCURSOS PÚBLICOS da Revista Exame como um dos 10 LIVROS DE PORTUGUÊS INDISPENSÁVEIS PARA CONCURSEIROS

saraiva uni

saraiva aprova

ISBN 9788547217846

Figueiredo, Adriana
Gramática comentada com interpretação de textos para concursos / Adriana Figueiredo. – 5. ed. – São Paulo : Saraiva, 2017.
1. Português - Concursos 2. Português - Exames, questões etc. 3. Português - Gramática 4. Português - Gramática (Vestibular) 5. Português - Gramática - Estudo e ensino 6. Textos - Interpretação I. Título.
16-1492 CDU 469.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Gramática : Português : Linguística 469.5

Presidente Eduardo Mufarej

Vice-presidente Claudio Lensing

Diretora editorial Flávia Alves Bravin

Conselho editorial

Presidente Carlos Ragazzo

Gerente de aquisição Roberta Densa

Consultor acadêmico Murilo Angeli

Gerente de concursos Roberto Navarro

Gerente editorial Thaís de Camargo Rodrigues

Edição Liana Ganiko Brito Catenacci | Sergio Lopes de Carvalho

Produção editorial Maria Izabel B. B. Bressan (coord.) | Carolina Massanhi | Claudirene de Moura S. Silva | Cecília Devus | Daniele Debora de Souza | Denise Pisaneschi | Ivani Aparecida Martins Cazarim | Ivone Rufino Calabria | Willians Calazans de V. de Melo
Clarissa Boraschi Maria (coord.) | Kelli Priscila Pinto | Marília Cordeiro | Mônica Landi | Tatiana dos Santos Romão | Tiago Dela Rosa

Diagramação (Livro Físico) Perfekta Soluções Editoriais

Revisão Amanda Maria de Carvalho Anhoque

Comunicação e MKT Elaine Cristina da Silva

Capa Guilherme P. Pinto

Livro digital (E-pub)

Produção do e-pub Guilherme Henrique Martins Salvador

Serviços editoriais Surane Vellenich

Data de fechamento da edição: 10-1-2017

Dúvidas?

Acesse www.editorasaraiva.com.br/direito

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Saraiva.
A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei n. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Quase sempre o apego é a causa do insucesso.

Mokiti Okada

Sumário

Agradecimentos

Prefácio

Apresentação

Parte I - Ortografia e semântica

1 Estudo da Sílaba

1.1. Teoria e Exemplos Comentados

1.1.1. Sílaba tônica

1.1.2. Encontros vocálicos

1.1.3. Encontros consonantais

1.1.4. Dígrafo

1.2. Questões de concursos PROPOSTAS (COM gabarito no final)

2 Acentuação Gráfica (sob o Novo Acordo Ortográfico)

2.1. Teoria e Exemplos Comentados

2.1.1. Regra geral

2.1.2. Outros casos

2.2. Questões de concursos propostas (com gabarito no final)

2.3. Resumo

3 Hífen

3.1. Teoria e Exemplos Comentados

3.1.1. Prefixos

3.1.2. Sufixos

3.1.3. Nomes compostos

4 Homônimos e Parônimos

4.1. Teoria e Exemplos Comentados

4.2. Questões de concursos propostas (com gabarito no final)

5 Uso de por que, por quê, porque e porquê

5.1. Teoria e Exemplos Comentados

6 Uso de expressões cotidianas

6.1. Teoria e Exemplos Comentados

6.1.1. Uso de há e a

6.1.2. Outras expressões que costumam suscitar dúvidas

6.2. Questões de concursos comentadas

6.3. Questões de Concursos Propostas (com gabarito no final)

Parte II - Morfologia

7 Classes Gramaticais

7.1. Teoria e Exemplos Comentados

7.1.1. Artigo

7.1.2. Substantivo

7.1.3. Adjetivo

7.1.4. Advérbio

7.1.5. Plural dos nomes compostos

7.1.5.1. Plural dos substantivos compostos

7.1.5.2. Plural dos adjetivos compostos

7.2. Exercícios de Fixação (COM GABARITO nO FINAL)
7.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS
7.4. Questões de Concursos Propostas (Com Gabarito no Final)
7.5. Resumo
8 FLEXÃO VERBAL
8.1. Principais verbos que se conjugam a partir de outros
8.1.1. Pôr (líder)
8.1.2. Ter (líder)
8.1.3. Ver (líder)
8.1.4. Vir (líder)
8.1.5. Dizer (líder)
8.1.6. Fazer (líder)
8.1.7. Querer (líder)
8.1.8. Valer (líder)
8.2. Falsos Amigos Conjugados
8.2.1. Prover
8.2.2. Requerer
8.3. Verbos Defectivos
8.3.1. Reaver
8.3.2. Precaver
8.4. Outros verbos irregulares que merecem um cuidado especial
8.4.1. Agredir
8.4.2. Ferir
8.4.3. Fugir

8.4.4. Crer
8.4.5. Ir
8.4.6. Haver
8.5. Verbos em -EAR
8.6. Verbos em -IAR
8.7. Tempos Compostos
8.8. Formação do Imperativo
8.9. Formas Nominais
8.10. A semântica dos verbos
8.10.1. Modo Indicativo
8.10.2. Modo Subjuntivo
8.11. Exercícios de Fixação (com gabarito No final)
8.12. Questões de Concursos Comentadas
8.13. QUESTÕES DE CONCURSOS propostas (com gabarito no final)
9 Pronomes
9.1. Pronomes Pessoais
9.1.1. Retos
9.1.2. Oblíquos
9.1.2.1. Colocação dos pronomes oblíquos átonos
9.1.2.2. Reflexivos
9.1.2.3. Recíprocos
9.2. Pronomes de Tratamento
9.3. Pronomes Possessivos
9.4. Pronomes Indefinidos

9.5. Pronomes Interrogativos
9.6. Pronomes Demonstrativos
9.7. As funções textuais dos pronomes
9.8. Pronomes Relativos
9.9. Exercícios de Fixação (COM Gabarito No Final)
9.10. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS
9.11. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (com gabarito no final)
9.12. RESUMO
10 Preposição
10.1. Teoria e Exemplos Comentados
10.2. Valor relacional e nocional da preposição
10.3. Questões de concursos comentadas
11 Conjunções
11.1. Teoria e Exemplos Comentados
11.1.1. Conjunções coordenativas
11.1.2. Conjunções subordinativas
11.1.3. Valores semânticos das principais conjunções
11.1.4. Como estudar as conjunções
11.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)
11.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS
11.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (com gabarito no final)
11.5. RESUMO
Parte III - Sintaxe

12 Predicação Verbal

12.1. Teoria e Exemplos Comentados

12.1.1. Verbo intransitivo

12.1.2. Verbo transitivo

12.1.3. Verbo de ligação

12.1.4. Tipos de predicado

12.2. Exercícios de Fixação (com gabarito no final)

12.3. Questões de Concursos Comentadas

13 Termos da Oração

13.1. Teoria e Exemplos Comentados

13.1.1. Termos integrantes

13.1.2. Termos acessórios

13.2. Exercícios de Fixação (Com Gabarito No Final)

13.3. Questões de Concursos Comentadas

13.4. QUESTÕES DE CONCURSOS propostas (com gabarito no final)

13.5. Resumo

14 Vozes Verbais

14.1. Teoria e Exemplos Comentados

14.2. Reescritura de Frases (Como passar uma frase de uma voz à outra)

14.3. Exercícios de Fixação (COM Gabarito No Final)

14.4. Questões que perguntam se a frase admite transportação para a voz passiva

14.5. Questões que pedem para passar de uma voz à outra

14.6. Questões para se identificar a voz da frase

14.6. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (com gabarito no final)

14.7. Resumo

15 Período Composto

15.1. Teoria e Exemplos Comentados

15.2. Orações Coordenadas X Orações Subordinadas

15.2.1. Orações coordenadas

15.2.2. Orações subordinadas

15.3. As funções sintáticas do pronome relativo

15.4. Orações reduzidas

15.5. Exercícios de Fixação (COM Gabarito No Final)

15.6. Questões de concursos comentadas

15.7. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM gabarito No final)

15.8. RESUMO

16 Concordância Nominal

16.1. Teoria e Exemplos comentados

16.1.1. Introdução

16.1.2. Concordância nominal: Parte I – As funções sintáticas do adjetivo

16.1.2.1. Adjetivo na função de adjunto adnominal posposto aos substantivos

16.1.2.2. Adjetivo na função de adjunto adnominal anteposto aos substantivos

16.1.2.3. Adjetivo na função de predicativo

16.1.3. Concordância nominal: Parte II – Casos especiais

16.1.3.1. As expressões é bom, é proibido...

16.1.3.2. Plural do adjetivo composto

16.1.3.3. Expressões mesmo, próprio, obrigado, anexo...

16.1.3.4. Expressões menos, pseudo, alerta, um e outro, um ou outro...

16.1.3.5. Expressões só, meio, bastante, caro, barato...

16.1.3.6. Expressões o mais possível, a olhos visto, haja vista...

16.1.3.7. Um substantivo modificado por dois ou mais adjetivos

16.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (com gabarito no final)

16.3. QUESTÕES DE CONCURSOs COMENTADAS

16.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM Gabarito No Final)

16.5. RESUMO

17 Concordância Verbal

17.1. Teoria e Exemplos Comentados

17.1.1. Concordância verbal: Parte I – Tipos de sujeito

17.1.1.1. Concordância verbal com o sujeito simples

17.1.1.2. Concordância verbal com o sujeito composto

17.1.1.3. Concordância verbal com o sujeito indeterminado

17.1.1.4. Concordância verbal com o sujeito oracional

17.1.2. Concordância verbal: Parte II – Casos especiais

17.1.2.1. Concordância do verbo SER

17.1.2.2. Concordância com a preposição COM

17.1.2.3. Concordância com pronomes indefinidos

17.1.2.4. Concordância com a conjunção OU

17.1.2.5. Concordância com as expressões um ou outro, um e outro, nem um nem outro

17.1.2.6. Concordância com palavras sinônimas ou em gradação e com verbos no infinitivo

17.1.2.7. Concordância com o sujeito coletivo, com porcentagem e expressões a maioria de, grande parte de…

17.1.2.8. Concordância com as expressões qual de nós, quais de vós…

17.1.2.9. Concordância com as expressões mais de, cerca de…

17.1.2.10. Concordância com as expressões que, quem, um dos que

17.1.2.11. Concordância ideológica (silepse)

17.1.2.12. Concordância com verbos no infinitivo

17.2. Exemplos comentados

17.3. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (com gabarito no final)

17.4. QUESTÕES DE CONCURSOs COMENTADAS

17.5. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (com gabarito no final)

17.6. RESUMO

18 Regência Verbal

18.1. Teoria e Exemplos comentados

18.1.1. Regência dos verbos mais pedidos em provas

18.2. Regência com Pronome Relativo

18.2.1. Uso de preposição que antecede o pronome relativo

18.2.2. Uso de onde, aonde, donde

18.3. Exercícios de Fixação (com gabarito no final)

18.4. Questões de Concursos Comentadas

18.5. Questões de Concursos Propostas (com gabarito No final)

19 Crase

19.1. Teoria e Exemplos comentados
19.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (com gabarito no final)
19.3. QUESTÕES DE CONCURSOs COMENTADAS
19.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (com gabarito No final)
19.5. RESUMO
20 Pontuação
20.1. Teoria e Exemplos Comentados
20.1.1. Vírgula
20.1.2. Ponto e vírgula
20.1.3. Dois-pontos
20.1.4. Aspas
20.1.5. Travessões
20.1.6. Parênteses
20.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (com gabarito no final)
20.3. Questões de Concursos Comentadas
20.4. Questões de Concursos Propostas (com gabarito no final)
20.5. RESUMO
21 As Palavras Que e Se
21.1. Teoria e Exemplos comentados
21.1.1. A palavra que
21.1.2. A palavra se
21.2. Exercícios de fixação (com gabarito no final)
21.3. Questões de Concursos Propostas (com gabarito no final)
21.4. RESUMO

22 Figuras de Linguagem
22.1. Teoria sucinta
22.1.1. Figuras de palavras
22.1.2. Figuras de sintaxe
22.1.3. Figuras de pensamento
22.2. Questões de concursoS Propostas (com gabarito no final)

Parte IV - Interpretação de textos
23 Tipologia Textual
23.1. Teoria e Exemplos comentados
23.1.1. Os modos e os tipos de texto
23.1.2. A narração
23.1.2.1. As modalidades da narração
23.1.2.2. Os elementos da narração
23.1.2.2.1. As ações
23.1.2.2.2. Os personagens
23.1.2.2.3. O narrador
23.1.2.2.4. O narrador e os tipos de discurso
23.1.3. A narração e os tempos verbais
23.1.4. A narração e a descrição
23.1.5. A descrição
23.1.5.1. A passagem do tempo na descrição
23.1.5.2. Os tipos de descrição
23.1.5.2.1. Descrição de objetos

23.1.5.2.2. Descrição de fatos científicos

23.1.5.2.3. Descrição de seres humanos

23.1.5.2.4. Descrição de paisagens

23.1.6. A dissertação

23.1.6.1. O texto dissertativo expositivo

23.1.6.2. O texto dissertativo opinativo

23.1.6.3. A estruturação argumentativa

23.1.6.4. Outras modalidades do texto dissertativo

23.1.6.4.1. Texto didático

23.1.6.4.2. Texto preditivo

23.1.6.4.3. Texto polêmico

23.1.6.4.4. Texto injuntivo

23.1.7. Tipologia textual – esquema

23.1.7.1. Modos de texto: estrutura/organização do texto

23.1.7.2. Tipos de textos: finalidade do texto

23.1.8. Enunciados de tipologia textual

23.2. Exemplos comentados

23.3. Questões de Concursos Comentadas

23.4. Questões de ConcursoS Propostas (com Gabarito COMENTADO no final)

23.5. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

24 Estruturação Argumentativa

24.1. Teoria Resumida

24.1.1. O parágrafo argumentativo

24.1.2. O tópico frasal

24.1.3. A estruturação do parágrafo argumentativo

24.1.4. Análise da estruturação do parágrafo

24.1.5. Como expandir o parágrafo

24.2. Exemplos Comentados

24.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

24.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

25 Coesão e Coerência

25.1. Teoria e Exemplos Comentados

25.2. questões de concursoS Comentadas

25.3. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

26 Compreensão e Interpretação de Textos

26.1. COMPREENSÃO DE TEXTOS

26.2. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

26.3. Resumo

26.4. INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

26.5. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

26.6. Resumo

Referências

Agradecimentos

Ao meu amado marido, Marcelo, amigo, parceiro, meu maior incentivador.

Aos meus filhos, Fernanda, Guilherme e Nicholas, luzes da minha vida.

Aos meus alunos amigos, que sempre foram a razão da minha constante busca pela melhor maneira de ensinar.

Prefácio

Altíloqua, **b**enévola, **c**élebre, **d**escomunal, **e**minente... **z**elosa – mesmo buscando todas as letras do alfabeto ainda continua impossível encontrar aquele vocábulo que sintetize todas as características de Adriana Figueiredo. Mas encontramos ao menos uma palavra perfeita para adjetivar a **f**abulosa e **g**enerosa mestre: **h**eroica, na conjugação da maternidade com o magistério.

Ao longo de vinte anos de magistério, Adriana foi seguidas vezes **l**aureada pelos alunos, sendo que vários se tornaram seus discípulos, consagrando-se, ela, sem exagero, a **m**elhor professora de Língua Portuguesa do segmento de concursos públicos e, como consequência natural, **n**otável autora.

Paulo Freire frisa que todo professor, ao passar pela vida de um aluno, deixa sua marca. A marca de Adriana é fazer crer que todos são capazes de aprender e compreender a Língua Portuguesa, que não existe mistério, fórmula mágica ou estrutura pré-moldada. O que há: compreensão. Adriana transforma cada aluno em protagonista do aprendizado – técnica dominada por poucos – propiciando o raciocínio para a descoberta dos segredos da Língua Portuguesa. Isso se materializa nesta obra.

É muito difícil a um professor não desejar ensinar. Peço licença, portanto, para uma singela lição. Fórmulas, bússolas, macetes, nada disso é eficaz e perpétuo. A preparação para concursos públicos sofre uma profunda transformação nos últimos anos. As bancas, cada vez mais, exploram questões valorativas do raciocínio. A famigerada decoreba desacompanhada da compreensão perde espaço com celeridade. É preciso que o candidato tenha materiais propiciadores do aprendizado profundo, com qualidade e objetividade. Desse modo, *Gramática comentada com interpretação de textos para concursos* cumpre sua função com maestria, sendo **o**portuna e **p**recisa.

Afirmo, sem receio, que a **q**uerida Adriana, no exercício do magistério e nesta obra, une a morfologia com a sintaxe de forma reluzente, desmitificando a Língua Portuguesa, tornando-a acessível a todos e, com isso, aniquilando todas as dificuldades.

Gramática comentada com interpretação de textos para concursos é, nesse sentido, um marco no segmento de concursos públicos, transformando a Língua Portuguesa, uma das disciplinas temidas pelos candidatos e explorada com afinco pelas bancas, uma matéria acessível e, por conseguinte, fácil de ser compreendida.

A obra compõe-se de 25 capítulos, estruturados em três etapas. A primeira, destinada à teoria, apresentada de forma objetiva e profunda, não causando perda de tempo ao candidato. A segunda etapa destina-se aos exercícios de fixação. São testes diretos e sucintos, todos comentados. Dessa maneira, o aluno revê a teoria e a fixa, estando, ao final, apto a encarar a última etapa, que são as questões de concursos anteriores. É o método ideal, que deveria ser utilizado em todas as disciplinas: teoria, fixação por meio de exercício e provas anteriores.

Ao cumprir todos os ciclos nos diversos capítulos, o leitor verificará ser o livro **s**imples – dom dos sábios –,

teórico – raridade no mundo contemporâneo – e, por conseguinte, **ú**nico.

Atualmente, o candidato não pode perder tempo com materiais complexos e oblíquos – características inexistentes nesta obra. *Gramática comentada com interpretação de textos para concursos* propicia ao leitor aquilo de que ele mais necessita: um aprendizado **v**ertiginoso da Língua Portuguesa num ritmo **w**agneriano. A dualidade simplicidade/aprofundamento teórico conduz ao **X** da questão. A união de estruturas opostas é algo difícil; para muitos, impossível e, contudo, perfeita. Utilizando-se dos ensinamentos orientais, Adriana realizou uma obra ***yin-yang***.

Ao final do livro, o leitor verificará que este trabalho não agrada apenas a Fernanda, Guilherme, Nicholas, Marcelo, alunos, discípulos e amigos da Adriana, mas a todos.

Caro leitor, uma excelente obra está em suas mãos. Delicie-se.

Rio de Janeiro, fevereiro de 2015.

Carlos Eduardo Guerra de Moraes

Professor da Faculdade de Direito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e do Centro de Estudos Guerra de Moraes (CEGM).

Diretor da Faculdade de Direito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), quadriênio março de 2012 a março de 2016.

Advogado.

Apresentação

Esta obra, com uma metodologia resultante de anos de experiência em sala de aula, compreende as **três etapas** que consideramos essenciais para assegurar uma abordagem prática e objetiva do aprendizado:

A **primeira** é a apresentação de teoria, que é desenvolvida de forma lógica, para que o leitor não se perca em meio a uma série de informações amontoadas. Dicas essenciais são sinalizadas durante a apresentação do conteúdo. Além disso, em cada tópico, há os exemplos comentados, que ajudarão no esclarecimento dos conceitos. São frases, seguidas de sua explicação.

Na **segunda etapa**, expandem-se os conceitos aprendidos com questões de concursos, referentes a todos os tópicos do capítulo, detalhadamente comentadas. Nos comentários de cada questão, contrapõe-se a alternativa certa às erradas, explicando-se item por item.

O objetivo da **terceira etapa** é aprofundar o aprendizado. Para isso, nos tópicos mais complexos, você vai treinar à exaustão, com uma bateria de exercícios de fixação: frases simples selecionadas para praticar a essência da teoria e os fundamentos-chave aprendidos. Por fim, ao final de cada capítulo, selecionamos questões, com gabarito, das principais instituições organizadoras de concursos público, para que o leitor tenha uma preparação completa. Quem sabe Português se prepara para qualquer concurso.

Além disso, um benefício: para os tópicos mais frequentes em concursos, há um resumo, essencial para sistematizar o conteúdo apreendido e facilitar a resolução de questões de provas.

Quanto aos assuntos, esta gramática está dividida em quatro partes: **Ortografia e semântica; Morfologia; Sintaxe;** e **Interpretação de textos.**

Procurei, sempre que possível, utilizar uma linguagem informal, que facilitasse seus estudos. Esta é a gramática que elaborei para você: com uma linguagem simples e lógica, como deve ser o aprendizado da nossa língua.

Tudo isso faz com que esta gramática tenha este diferencial no mercado: ela é completa. Gramática com interpretação de textos. E comentada. Tudo isso em um só livro.

A Autora

Parte I

Ortografia e semântica

1 ESTUDO DA SÍLABA

1.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

1.1.1. Sílaba tônica

Para começar, faremos uma revisão de **ortografia**. Você sabe o que significa sílaba tônica? **Sílaba tônica** é a sílaba da palavra que é pronunciada com maior intensidade. Quanto à posição da sílaba tônica, as palavras classificam-se em:

a) oxítonas – a sílaba tônica é a última da palavra:

maracu**já**, ca**fé**, recom**por**

b) paroxítonas – a sílaba tônica é a penúltima da palavra:

ca**dei**ra, ca**rá**ter, **me**sa

c) proparoxítonas – a sílaba tônica é a antepenúltima da palavra:

sílaba, meta**fí**sica, **lâm**pada

Para o estudo das regras de acentuação gráfica, também será preciso que você entenda a diferença de um monossílabo átono para um monossílabo tônico. **Monossílabos átonos** são aqueles que são pronunciados com pouca intensidade no interior da frase. Veja um exemplo:

O menino **me** perguntou quando **lhe** entregarei **o** pedido.

Observe que os monossílabos grifados acima são pronunciados de forma tão fraca, que muitos, por exemplo, pronunciariam o **me** como /**mi**/, o **lhe** como /**lhi**/, o **o** como /**u**/. São tão *fracos* que se descaracterizam ao serem pronunciados.

Já os **monossílabos tônicos** são aqueles que são pronunciados com bastante intensidade no interior da frase. Veja:

No **mês** passado, **tu** disseste a **mim** que sentias **dor** de dente.

1.1.2. Encontros vocálicos

Você sabe a diferença entre encontros vocálicos, encontros consonantais e dígrafos? **Encontros vocálicos** são agrupamentos de vogais ou de vogais e semivogais sem consoante intermediária. Há três tipos de encontros vocálicos: o ditongo, o tritongo e o hiato. **Ditongo** é o encontro de uma vogal e uma semivogal, ou vice-versa, na mesma sílaba. Há quatro tipos de ditongo: no ditongo **crescente**, a semivogal vem antes da vogal (lír**io**, q**ua**ndo, freq**ue**nte). É quando se vai do som mais fraco para o mais forte. Há também o ditongo **decrescente**, em que a vogal vem antes da semivogal (p**ai**, p**õe**). Aqui, ocorre o contrário: vai-se do som mais forte para o mais fraco, por isso, ele é *decrescente.* Além desses

dois tipos, o ditongo pode ser **oral**, quando a vogal é oral (mág**oa**) ou **nasal**, quando a vogal é nasal (m**ão**).

Além do ditongo, há outros dois tipos de encontros vocálicos: o **tritongo**, que é o encontro de semivogal+vogal+semivogal, nessa ordem, na mesma sílaba. Veja:

Parag**uai**, q**uão**.

E, por fim, o **hiato**, que é o encontro imediato de duas vogais, em sílabas distintas. Assim:

R**ai**z, s**aú**de.

1.1.3. Encontros consonantais

Além dos encontros vocálicos, existem os **encontros consonantais**, que são grupos formados por mais de uma consoante sem vogal intermediária. Observe:

Blusa, **pr**ata, a**ft**a, a**pn**eia.

Repare que as consoantes vêm uma seguida da outra, na mesma sílaba, ou em sílabas distintas. Separe as sílabas e você verá: **bl**u-sa, **pr**a-ta, a**f-t**a, a**p-n**eia.

1.1.4. Dígrafo

Agora, o grande cuidado que você deve ter é para não confundir encontro consonantal com dígrafo. No encontro consonantal, as duas consoantes são pronunciadas, já no dígrafo, as duas letras possuem um único som: ou seja, uma delas não é pronunciada. Observe atentamente o conceito de dígrafo:

Dígrafo é o encontro de duas letras para representar um único fonema. Podem ser consonantais ou vocálicos. **Dígrafos consonantais** são aqueles em que as duas consoantes representam um único som (ch, lh, nh, rr, sc, sç, ss, xc, gu, qu). As gramáticas dizem que são dois grafemas para um único fonema. Veja os exemplos:

Chave, te**lh**a, ni**nh**o, ca**rr**o, cre**sc**er, na**sç**o, e**xc**eto, **gu**e**rr**a, **qu**ilo.

Entenda que aqui não temos um encontro consonantal *porque uma das consoantes não é pronunciada.* Trata-se, portanto, de dígrafo consonantal.

Já os **dígrafos vocálicos** são aqueles em que a vogal é nasalizada por um **m** ou um **n** que venha na sequência (am, an, em, en, im, in, om, on, um, un). Observe:

T**am**pa, t**em**po, t**in**ta, b**om**ba, c**on**ta, b**um**bo, f**un**do.

Atenção: As letras m e n não representam consoantes, apenas indicam que a vogal anterior é nasal.

Devidamente entendidos quanto à diferença entre encontros vocálicos, encontros consonantais e dígrafos? Vamos fazer um exercício para cada conceito, antes de estudarmos as regras de acentuação gráfica. Aproveitaremos os exercícios

também para você relembrar como se separam as sílabas das palavras. Tempos bons aqueles…

1. Identifique os encontros vocálicos das palavras a seguir.

a) saguão

Resposta: sa-g**uão** – **tritongo**

b) ruim

Resposta: r**u**-**i**m – **hiato**

c) séria

Resposta: sé-r**ia** – **ditongo crescente**

d) seria

Resposta: se-**r**i-**a** – **hiato**

e) enxaguais

Resposta: en-xa-g**uais** – **tritongo**

en-xa-guais – **dígrafo vocálico**

f) álcoois

Resposta: ál-c**o**-**o**is – **hiato**

ál-co-**oi**s – **ditongo decrescente**

g) minguou

Resposta: min-g**uou** – **tritongo**

m**in**-guou – **dígrafo vocálico**

h) quieto

Resposta: q**ui**-e-to – **dígrafo**

qu**i**-**e**-to – **hiato**

i) voo

Resposta: v**o**-**o** – **hiato**

2. Identifique os encontros consonantais a seguir.

a) Castro

Resposta: Cas-**tr**o

b) flecha

Resposta: **fl**e-cha

c) ritmo

Resposta: ri**t-m**o

d) trabalho

Resposta: **tr**a-ba-lho

3. Reconheça os dígrafos.

a) prorromper

Respostas: pro**rr*om***per (**rr** / **om**)

b) digníssimo

Resposta: digní**ss**imo (**ss**)

c) aquele

Resposta: a**qu**ele (**qu**)

d) triunfo

Resposta: tri**un**fo (**un**)

e) quem

Resposta: **qu**em (**qu**)

1.2. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (Banco do Brasil) Noite:

a) hiato.

b) ditongo.

c) tritongo.

d) dígrafo.

e) encontro consonantal.

2. (ITA) Dadas as palavras:

1. tung-stê-nio

2. bis-a-vô

3. du-e-lo

Constatamos que a separação silábica está correta:

a) apenas na palavra n. 1.

b) apenas na palavra n. 2.

c) apenas na palavra n. 3.

d) em todas as palavras.

e) n.d.a.

3. (ITA) Dadas as palavras:

1. des-a-len-to

2. sub-es-ti-mar

3. trans-tor-no,

Constatamos que a separação silábica está correta:

a) apenas na número 1.

b) apenas na número 2.

c) apenas na número 3.

d) em todas as palavras.

e) n.d.a.

4. (Aman) Assinale a opção em que a divisão silábica não está corretamente feita:

a) a-bai-xa-do

b) si-me-tria

c) es-fi-a-pa-da

d) ba-i-nhas

e) ha-vi-a

5. (Imes) Assinale a alternativa em que a palavra não tem as suas sílabas corretamente separadas:

a) in-te-lec-ção

b) cons-ci-ên-cia

c) oc-ci-pi-tal

d) psi-co-lo-gia

e) ca-a-tin-ga

6. (Furg-RS) A sequência de palavras cujas sílabas estão separadas corretamente é:

a) a-dje-ti-va-ção / im-per-do-á-vel / bo-ia-dei-ro

b) in-ter-ve-io / tec-no-lo-gi-a / su-bli-nhar

c) in-tu-i-to / co-ro-i-nha / pers-pec-ti-va

d) co-ro-lá-rio / subs-tan-ti-vo / bis-a-vó

e) flui-do / at-mos-fe-ra / in-ter-vei-o

7. (Furg-RS) Assinale a sequência em que todas as palavras estão partidas corretamente:

a) trans-a-tlân-ti-co, fi-el, sub-ro-gar

b) bis-a-vô, du-e-lo, fo-ga-réu

c) sub-lin-gual, bis-ne-to, de-ses-pe-rar

d) des-li-gar, sub-ju-gar, sub-scre-ver

e) cis-an-di-no, es-pé-cie, a-teu

8. (UFV-MG) As sílabas das palavras psicossocial e traído estão corretamente separadas em:

a) psi-cos-so-ci-al / tra-í-do

b) p-si-cos-so-cial / tra-í-do

c) psi-co-sso-ci-al / traí-do

d) p-si-co-sso-cial / tra-í-do

e) psi-co-sso-cial / tra-í-do

9. (Acafe-SC) Na frase "No restaurante, onde entrei arrastando os cascos como um dromedário, resolvi-me ver livre das galochas", existem:

a) dois ditongos, sendo um crescente e um decrescente.

b) três ditongos, sendo dois crescentes e um decrescente.

c) três ditongos, sendo um crescente e dois decrescentes.

d) quatro ditongos, sendo dois crescentes e dois decrescentes.

e) quatro ditongos, sendo três crescentes e um decrescente.

10. (UEPG-PR) Nesta relação, as sílabas tônicas estão sublinhadas. Uma delas, porém, está sublinhada incorretamente. Assinale-a:

a) in-te-<u>rim</u>

b) pu-<u>di</u>-co

c) ru-<u>bri</u>-ca

d) gra-<u>tui</u>-to

e) i-nau-<u>di</u>-to

11. (Unirio) "O bom tempo passou e vieram as chuvas. Os animais todos, arrepiados, passavam os dias cochilando." No trecho, temos:

a) dois ditongos e três hiatos.

b) cinco ditongos e dois hiatos.

c) quatro ditongos e três hiatos.

d) três ditongos e três hiatos.

e) quatro ditongos e dois hiatos.

12. (Unirio) Assinale a melhor resposta. Em papagaio, temos:

a) um ditongo.

b) um trissílabo.

c) um dígrafo.

d) um proparoxítono.

e) um tritongo.

13. (Esaf) Indique a alternativa em que há erro(s) de divisão silábica:

a) res-sur-gir, a-ve-ri-güeis, vô-o, quais-quer

b) ca-í-ram, co-o-pe-rar, pig-meu, op-ção, cons-ti-tu-in-tes

c) tu-a, ai-ro-so, e-gí-pcio, su-bs-tan-ti-vo, pneu-má-ti-co

d) ab-di-ca-ção, o-ci-den-tal, sor-rin-do, sou-bes-te, mne-mô-ni-ca

e) a-do-les-cen-te, mai-o-res, sub-ju-gar, me-lan-co-li-a, cir-cui-to

14. (ESPCEX) Assinale a alternativa correta quanto à divisão silábica das palavras dadas:

a) sa-gu-ão, mín-guam, a-bs-tra-to, de-lin-qüi-u, plúm-beo

b) fric-ção, rit-mo, pneu-má-ti-co, cai-ais, bo-ê-mia

c) mag-ne-tis-mo, en-xa-güei, ni-nha-ri-a, res-pe-i-to, mei-os

d) su-blo-car, ca-iu, re-ce-pção, a-cces-sí-vel, subs-cre-ver

e) coi-ta-do, trans-a-tlân-ti-co, pis-ci-na, suas, põem

15. (PUC-RS) Aponte o único conjunto onde há erro na divisão silábica:

a) flui-do, sa-guão, dig-no

b) cir-cuns-cre-ver, trans-cen-den-tal, tran-sal-pi-no

c) con-vic-ção, tung-stê-nio, rit-mo

d) ins-tru-ir, an-te-pas-sa-do, se-cre-ta-ri-a

e) co-o-pe-rar, dis-tân-cia, bi-sa-vô

16. (UFF) Apenas num dos seguintes casos a divisão silábica não está feita de acordo com as normas vigentes. Assinale-o:

a) tran-sa-tlân-ti-co

b) ab-di-ca-ção

c) subs-ta-be-le-cer

d) fri-ís-si-mo

e) cis-an-di-no

17. (TRE-MG) Assinale a palavra que contém exemplo de ditongo decrescente e dígrafo:

a) companhia

b) exceção

c) répteis

d) cãimbra

e) gratuito

18. (TRE-MT) A separação de sílabas está incorreta na alternativa:

a) mi-nis-té-rio

b) ab-so-lu-tas

c) ne-nhu-ma

d) té-cni-co

e) res-sen-ti-men-tos

19. (TRE-MG) Ambas as palavras contêm exemplo de hiato em:

a) árduo / mãe

b) área / chapéu

c) diário / quota

d) pavio / moer

e) luar / anzóis

20. (TTN) Marque a alternativa correta quanto à divisão silábica:

a) fi-a-do, flui-do, ru-im

b) se-cre-ta-ri-a, ins-tru-ir, né-ctar

c) co-o-pe-rar, tung-stê-nio, i-guais

d) cir-cui-to, subs-cre-ver, a-po-te-ose

e) abs-ces-so, ri-tmo, sub-ju-gar

21. (Unirio) Assinale a opção em que o vocábulo apresenta ao mesmo tempo um encontro consonantal, um dígrafo consonantal e um ditongo fonético:

a) ninguém

b) coalhou

c) iam

d) nenhum

e) murcham

22. (TRT-ES) Leia o texto e assinale o item que apresenta correta divisão silábica: Atualmente, as plantas medicinais voltam a suscitar grande interesse, tanto na área dos profissionais da saúde como na própria sociedade.

a) mui-to / su-sci-tar

b) saú-de / so-cie-da-de

c) me-di-ci-na-is / sa-ú-de

d) sus-ci-tar / me-di-ci-nais

e) in-te-res-se / a-tual-men-te

Gabarito: 1. b; 2. c; 3. c; 4. b; 5. d; 6. e; 7. c; 8. a; 9. c; 10. a; 11. a; 12. a; 13. c; 14. b; 15. c; 16. e; 17. b; 18. d; 19. d; 20. a; 21. e; 22. d.

Finalmente, vamos às regras de acentuação gráfica. Destacamos aquelas que mudaram com o Novo Acordo Ortográfico no que se refere à acentuação gráfica, mantendo aquelas em que não houve alteração. Toda vez que apresentarmos uma regra que foi modificada segundo o Novo Acordo, vamos avisar, ok? Assim, você aprende as regras de acentuação ao mesmo tempo em que fica por dentro de tudo que mudou desde então.

2 ACENTUAÇÃO GRÁFICA (SOB O NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO)

2.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

2.1.1. Regra geral

1. Oxítonos: são acentuados os terminados em **a(s), e(s), o(s), em(ens)**.

Exs.: sofá(s), cajá(s), encontrá-lo, café(s), obtê-lo, avô, avó, dispô-lo, alguém, também, ele contém, ele intervém, armazéns, tu intervéns...

2. Paroxítonos: são acentuados os não terminados em **a(s), e(s), o(s), em(ens)** e os terminados em **ditongo**.

Exs.: cáqui, ônix, túnel, hífen, açúcar, bônus, ímã, Méier, destróier, bênção, órfão, túneis...

3. Proparoxítonos: todos são acentuados.

Exs.: lâmpada, médico, álibi, ínterim, álcool, alcoólicos...

Atenção: Pelo Novo Acordo, entram na regra dos proparoxítonos os chamados ocasionais, terminados em ditongo crescente (história, série...).

4. Monossílabos tônicos: terminados em **a(s), e(s), o(s)**.

Exs.: pá, gás, fé, mês, dó, pôs, pô-lo...

Para fixarmos essas regras iniciais, procure testar seus conhecimentos resolvendo esta questão do Cespe/UnB:

1. Em relação à acentuação gráfica, julgue os itens seguintes:

1) "Previsíveis" e "úteis" acentuam-se pela mesma razão.

2) Em "más", há emprego de acento diferencial.

3) Em "biquíni" e "ônus" o emprego do acento nas duas palavras tem a mesma justificativa.

4) Em "mantém", o acento se justifica para estabelecer a diferença com a forma da 3ª pessoa do plural.

Comentários:

Em (1), os dois vocábulos são paroxítonos terminados em ditongo.

Resposta: assertiva certa.

Em (2), o acento ocorre por ser palavra monossílaba terminada em *a(s)*, e não acento diferencial.

Resposta: assertiva errada.

Em (3), as duas palavras são paroxítonas e terminam em *i* e *us*.

Resposta: assertiva certa.

Em (4), o acento aparece por esse vocábulo ser oxítono terminado em *em*. Na 3ª pessoa do plural é que seria acentuado para estabelecer diferença com o singular (eles mantêm).

Resposta: assertiva errada.

2.1.2. Outros casos

1. Ditongos abertos (éi, éu, ói): acento agudo nas palavras **oxítonas** e **monossílabos tônicos**.

Ex.: anéis, papéis, hotéis, pastéis, troféu, céu, réu, herói, dói, mói…

Atenção: Pelo Novo Acordo, não são acentuados os ditongos ei e oi de palavras paroxítonas terminadas em a, o.
Exs.: assembleia, heroico, ideia.

2. Quando a **2a vogal do hiato** for **"i" ou "u", tônica.**

Ex.: saída, saíste, caí, juíza, reúno, saúde, baú, Grajaú…

Observação 1: Se após a 2a vogal do hiato aparecer nh ou outra letra, sem ser o **s**, na mesma sílaba, não haverá acento:
Exs.: rainha, bainha, juiz, cairdes.

Observação 2: Não se acentua a 2a vogal do hiato em letras repetidas; não se acentua o primeiro o de palavras paroxítonas terminadas em oo:
Exs.: vadiice; voo, perdoo, abençoo.

Atenção 1: Pelo Novo Acordo, não se acentua o primeiro e das formas verbais terminadas em eem (verbos ler, ver, crer, dar e derivados). Observe: Eles veem, reveem, leem, releem, creem, deem.

Atenção 2: Pelo Novo Acordo, não se acentuam i e u quando formam hiato com um ditongo anterior.
Exs.: feiura, baiuca...
Exceção: as vogais tônicas i e u, em posição final, das palavras oxítonas precedidas de ditongo levam acento. Ex.: Piauí, teiú...

3. Acentos diferenciais: quanto aos acentos diferenciais, após o Novo Acordo Ortográfico, só permaneceram os seguintes:

a) ter, vir e derivados na **3ª pessoa do plural** do presente do indicativo.

Exs.: eles têm, retêm, vêm, intervêm;

b) de intensidade (que é o acento que diferencia um vocábulo átono do tônico): pôr (verbo no infinitivo), para diferenciar da preposição por;

c) de timbre, que é o acento que diferencia o timbre fechado do timbre aberto: pôde (3a pessoa do singular do pretérito perfeito), para diferenciar da forma pode (3ª pessoa do singular do presente do indicativo).

Observação: O Novo Acordo Ortográfico determinou também que o acento do substantivo *fôrma* seria facultativo, para diferenciar tal vocábulo do substantivo *forma*. Assim, o que se entende é que ele só seria utilizado nas situações em que se pudesse encontrar alguma dificuldade de intelecção. Por exemplo:

A *forma* da *fôrma* do bolo é criativa.

Aqui, se não usássemos o acento, o leitor poderia ter dificuldades para entender a essência da informação.

Veja agora duas questões do NCE/UFRJ que trata desses outros casos de acentuação. Procuramos, aqui, adaptá-la ao Novo Acordo.

1. Assinale a frase incorreta quanto à acentuação gráfica.

a) A funcionária remeterá os formulários até o início do próximo mês.

b) Ninguém poderia prever que a catástrofe traria tamanho ônus para o país.

c) Este vôo está atrasado: os senhores tem que embarcar pela ponte aerea e fazer conexão no Rio para Florianópolis.

d) O pronunciamento feito pelo diretor na assembleia revestia-se de caráter inadiável.

e) Segundo o regulamento em vigor, o órgão competente tomará as providências cabíveis.

Comentários: Na letra A, *funcionária*, *formulários* e *início* estariam na mesma regra. Pelo Novo Acordo, a tendência seria incluir essas palavras terminadas em ditongo crescente (*ia*, *io(s)*) na regra dos proparoxítonos. *Remeterá* e *até* seriam exemplos de oxítonos terminados em *a* e *e*. A palavra *próximo* é acentuada por ser proparoxítona. Em *mês*, teríamos um caso de monossílabo tônico terminado em *es*.

Na letra B, a palavra *ninguém* é acentuada por ser oxítono terminado em *em*; *catástrofe* é proparoxítona; *ônus* é paroxítono terminado em *us* e *país* entra na justificativa da 2ª vogal do hiato, *i*, tônica, seguida ou não de *s*.

Na letra C, pelo Novo Acordo, paroxítonas que dobram a vogal *o* não recebem mais acento. O verbo *ter*, na 3ª pessoal do plural, recebe acento circunflexo ("Este voo está atrasado: os senhores têm…").

Na letra D, o ditongo *ei*, em palavras paroxítonas terminadas em *a*, não recebe mais acento agudo. Em *caráter* e *inadiável*, temos palavras paroxítonas terminadas em *r* e *l*.

Na letra E, *órgão* e *cabíveis* estariam na justificativa dos paroxítonos terminados em ditongo (ór--gão; ca-bí-veis). *Tomará*, oxítono terminado em *a,* e *providências*, pelo Novo Acordo, seria proparoxítona em ditongo crescente (proparoxítonas aparentes).

Resposta: C.

2. Quanto à acentuação, marque a(s) forma(s) correta(s):

a) Itaipú / Icaraí

Comentários: Não se acentua oxítono terminado em **u**. Em Icaraí, temos a vogal **i** como 2ª do hiato, tônica, acentuada.

Resposta: Icaraí.

b) Bocaiúva / chapéu

Comentários: A palavra Bocaiuva não recebe acento porque, embora a vogal **u** seja a 2a do hiato, vem antecedida de ditongo (regra 3 – obs.: c). Os ditongos **éi**, **éu** e **ói** continuam a receber acento quando forem **oxítonos** e **monossílabos**.

Resposta: chapéu.

c) pôr (verbo) / pára (verbo)

Comentários: Dos acentos diferenciais de intensidade, só o verbo **pôr** será acentuado, para diferir da preposição **por**. Os outros caíram (para, pelo, polo, pera...).

Resposta: pôr.

d) gratuíto / eu traí

Comentários: Embora na oralidade algumas pessoas pronunciem **gratuito** com o *i* tônico, isso não ocorre. A pronúncia correta é como ditongo (gra-tui-to) e não grã-tu-í-to. **Traí** recebe acento porque o **i** aparece como 2ª vogal do hiato, tônica.

Resposta: traí.

e) enjôo / eles provêm

Comentários: O acento no 1º **o** de vocábulos paroxítonos em **oo** caiu. Já nos verbos *ter*, *vir* e *derivados*, na **3ª pessoa do plural** do presente do indicativo, o acento se mantém, não houve alteração dessa regra (eles têm, retêm, vêm, intervêm...).

Resposta: eles provêm (= provir, derivado de *vir*) .

f) eles prevêem / ele prevê

Comentários: O acento no primeiro **e** dos verbos *ler*, *ver*, *crer*, *dar* e *derivados* não se usa mais. Agora fica: eles leem, veem, creem, deem etc. Em **ele prevê** temos a regra do oxítono terminado em **e**.

Resposta: ele prevê.

g) destróier / heróico

Comentários: Os ditongos **ei** e **oi**, em palavras **paroxítonas** com pronúncia aberta, não recebem mais acento, à exceção dos terminados em *r*, pois entram na regra geral (paroxítono terminado em **r** é acentuado: açúcar, caráter,

destróier...). Em **heroico** temos paroxítono terminado em *o*, daí não receber acento.

Resposta: destróier.

h) eu apóio / o apoio

Comentários: Os ditongos *oi* e *ei*, paroxítonos com pronúncia aberta, deixam de receber acento quando terminam em *o(s)*, *a(s)* (heroico, europeia, ideia...). Em *o apoio*, este *o* tem pronuncia fechada, é o substantivo.

Resposta: o apoio.

i) ele detém / eles detêem

Comentários: O verbo **deter** na 3ª pessoa do singular recebe acento por ser um oxítono terminado em **em** (armazém, ninguém, ele detém...). Esse verbo, na 3ª pessoa do plural, **não** dobra a letra **e**: eles detêm (verbos **ter**, **vir** e **derivados**, na 3ª pessoa do plural, um **e** e acento circunflexo).

Resposta: ele detém.

j) pêra (subst.) / pôneis

Comentários: O substantivo **pera**, com a nova reforma, perdeu o acento circunflexo. Em **pôneis**, o acento se dá por ser esse vocábulo um paroxítono terminado em ditongo.

Resposta: pôneis.

k) "Ele reconstrói a imagem colocando sobre ela elementos de uso cotidiano, como molho de tomate, geleia de amora e soldadinho de plástico em forma de mosaico."

Comentários: Nessa frase, aparecem os ditongos **oi** e **ei**. Em *reconstrói*, usaremos o acento, pois esse vocábulo é oxítono. Já em *geleia* isso não ocorrerá, já que essa palavra é paroxítona, casos em que esse ditongo não é mais acentuado. Plástico é proparoxítono.

Resposta: geleia / reconstrói / plástico.

E o **trema?** Foi totalmente abolido. A pronúncia, porém, continua a mesma. Ninguém por aí vai deixar de falar **linguiça** e **pinguim** como falava anteriormente, só porque o trema desapareceu.

Ex.: questão, tranquilo, iniquidade, consequência, pinguim, sequestro, frequência, cinquenta, aguentar, arguir, averiguemos, quinquênio, antiguidade, liquidação, sanguíneo...

2.2. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (TJ-AP – Técnico Judiciário – Judiciária e Administrativa – FCC – 2014)

Acentuam-se devido à mesma regra os seguintes vocábulos do texto:

a) também, mantêm, experiências.

b) indígenas, séculos, específico.

c) acúmulo, importância, intercâmbio.

d) políticas, história, Pará.

e) até, três, índios.

2. (TRF – 1ª Região – Analista Judiciário – FCC – 2014)

Considere a tirinha reproduzida abaixo.

(Revista Língua Portuguesa, ano 4, n. 46. São Paulo: Segmento, agosto de 2009, p.7)

Seguindo-se a regra determinada pelo novo acordo ortográfico, tal como referida no primeiro quadrinho, também deixaria de receber o acento agudo a palavra:

a) Tatuí.

b) graúdo.

c) baiúca.

d) cafeína.

e) Piauí.

3. (TRT 3ª Região – Analista Judiciário – Área Judiciária – Especialidade Oficial de Justiça Avaliador Federal – FCC – Jul./2015)

Perguntando-me a mim mesmo por que processo de associação ela me viera à memória, não atinei com o porquê. Pensei, então, no motivo de eu lastimar sua ausência e não obtive de imediato a resposta. Passaram se muitos meses quando, de repente, percebi o sentido disso tudo: ela era, sempre fora e sempre seria a concretização da fantasia primeira da minha adolescência.

Considere o trecho acima e as afirmações que seguem:

I. Em *Perguntando-me a mim mesmo*, há duas formas – *me e a mim mesmo* – que expressam reflexividade da ação, motivo pelo qual uma delas pode ser elidida sem prejuízo do sentido.

II. Em *por que processo de associação ela me viera à memória*, o segmento destacado está grafado segundo as normas gramaticais.

III. Em *não atinei com o porquê*, a palavra destacada apresenta erro de grafia: o acento gráfico não é justificável.

IV. Em *percebi o sentido disso tudo*, a palavra destacada resume as razões citadas após os dois-pontos.

Está correto o que se afirma APENAS em

a) I.

b) I e II.

c) II e III.

d) III e IV.

e) II e IV.

4. (Cespe – TJ Acre – Técnico – 2012)

Julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E):

As palavras " conteúdo", " calúnia" e " injúria" são acentuadas de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.

5. (Cespe – MPU – Analista/Técnico – 2015)

Julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E):

A palavra " cível" recebe acento gráfico em decorrência da mesma regra que determina o emprego de acento em **amável** e **útil**.

6. (Pol. Fed. (Adaptada) – Cespe)

Em relação à acentuação gráfica julgue os itens a seguir como Certo (C) ou Errado (E):

I. Em " más", há emprego de acento diferencial.

II. Em " biquíni" e " ônus", o emprego do acento nas duas palavras tem a mesma justificativa.

III. Em " mantém", o acento se justifica para estabelecer a diferença com a forma da 3ª pessoa do plural.

Leia o texto a seguir para responder à questão 7:

Texto II

Festival reúne caravelas em barcos

Dizem que o passado não volta, mas a cada cinco anos boa parte da história marítima da Europa se reúne para navegar junto entre o Mar do Norte e o canal de Amsterdã. Caravelas e barcos a vapor do século passado se juntam a veleiros e lanchas contemporâneas que vêm de vários países para um dos maiores encontros náuticos gratuitos do mundo. Durante o Amsterdam Sail, entre os dias 19 e 23 de agosto, cerca de 600 embarcações celebram a arte de deslizar sobre as águas.

Desde 1975 o grande encontro aquático junta apaixonados pelo mar e curiosos às margens dos canais para ver barcos históricos e gente fazendo festa ao longo de cinco dias – na última edição, o público estimado foi de 1,7 milhão de pessoas. Há aulas de vela e de remo para adultos e crianças, além de atrações musicais. [...]

Você pode até achar que é coisa de criança, mas o jogo em que cada um leva o próprio balde e simula as tarefas a bordo de um navio é instrutivo e divertido para todas as idades.

MORTARA, F. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 4 ago. 2015, Caderno D, p. 10. Adaptado.

7. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016)

Das palavras acentuadas (todas retiradas do Texto II) **reúne**, **países**, **águas**, **última** e **vêm**, as duas que recebem acento por seguirem a mesma norma ortográfica são:

a) **águas** e **vêm**

b) **última** e **vêm**

c) **reúne** e **águas**

d) **reúne** e **países**

e) **países** e **última**

8. (ANP – Téc. Reg. Petr&Der – Cesgranrio – Jan./2016)

O grupo de palavras que obedecem às normas de acentuação da Língua Portuguesa é

a) raizes, dificil, século

b) rúbrica, saúva, amavel

c) também, possível, êxito

d) idolo, parabéns, ciencia

e) indústria, saude, ninguem

9. (Liquigás –Ass. Adminis. – Cesgranrio – Set./2015)

O par de palavras grafadas corretamente é

a) chaminé, xícara

b) chave, xipanzé

c) enxente, chale

d) enxada, xuxu

e) fachina, chifre

10. (Liquigás –Ass. Adminis. – Cesgranrio – Set./2015)

A palavra que deve ser acentuada graficamente, de acordo com as regras da norma-padrão do Português, é

a) ali

b) antes

c) dificil

d) pacto

e) potente

11. (Ministério do Turismo – Todos os cargos – ESAF – 2013)

Assinale a opção que indica a necessidade de modificar a colocação de acento gráfico para que o texto fique gramaticalmente correto.

É urgentemente **necessário** (a) promover o aumento da entrada de estrangeiros.

Deve-se completar o trabalho da natureza, oferecendo segurança e transporte **publico** (b) eficientes, preparação do pessoal

receptivo, serviço decente de telecomunicações, controle de **endemias**, (c) limpeza das cidades, pronto-atendimento de **saúde**, (d) preços honestos e boa qualidade em hotéis e restaurantes, além, é claro, de carga **tributária** (e) que não espante o freguês.

(Adaptado de *Correio Braziliense*, 31/12/2013)

a) necessário > necessario

b) publico > público

c) endemias > endêmias

d) saúde > saude

e) tributária > tributaria

Leia o texto a seguir para responder à questão 12:

Criado há dois anos, o Programa Mais Médicos voltou a ser motivo de uma ferina disputa entre o governo federal e as entidades da área de saúde. Agora, não é mais a atuação dos cubanos o foco da ira dos profissionais brasileiros, e sim a expansão dos cursos de medicina no país. No início de junho, os Ministérios da Saúde e da Educação autorizaram instituições privadas a oferecer 2.290 vagas de graduação em 36 municípios do interior. Por outro edital, foram selecionadas mais 22 cidades para abrigar novas escolas no Norte, Nordeste e Centro-Oeste, regiões vistas como prioritárias, por possuir maior déficit de profissionais.

A reação não tardou. O Conselho Federal de Medicina e a Associação Brasileira de Escolas Médicas decidiram criar um modelo próprio de avaliação dos cursos da área, independente daquele adotado pelo governo. O Conselho Regional de Medicina de São Paulo prometeu ingressar na Justiça contra a abertura dos novos cursos. As entidades acusam o governo de promover uma expansão indiscriminada das faculdades de medicina em locais com infraestrutura inadequada, o que colocaria em risco a qualidade da formação.

(Rodrigo Martins, "Sobre a quantidade de jalecos brancos". *Carta capital*, 5 de agosto de 2015. Ano XXI. n. 861)

12. (ESAF- Analista de Planejamento e Orçamento – ESAF – 2015)

(Adaptada) Julgue a assertiva a seguir como " certa" ou " errada":

As palavras " área" (l. 2), "Ministérios" (l. 3) e " prioritárias" (l. 6) são acentuadas devido à mesma regra de acentuação gráfica.

Leia o texto a seguir para responder à questão 13:

Como estamos às vésperas de celebrar os 500 anos da palavra " utopia" e do romance filosófico de Thomas Morus que a consagrou, o momento é mais do que oportuno para examinar que novas feições ela adquiriu após tantos sonhos desfeitos e outros tantos pervertidos e que atualização lhe deram as expectativas geradas pela informática, pelas biotecnologias, pelas nanociências, pelas ciências cognitivas e as perspectivas de clonagem, ectogênese (fecundação de útero artificial), artificialização dos órgãos do corpo e prolongamento da vida, abertas por elas.

Seu étimo grego, significando não lugar, lugar nenhum ou, trocadilhescamente, lugar da felicidade (eutropia), designou primeiro uma ilha dos mares do Novo Mundo, em que foi bater um navegante português ligado a Américo Vespúcio. Terra prodigiosa, em tudo diferente da Europa do século 16, a perfeição imperava em suas cinquenta e poucas cidades. Morus imaginou-a empolgado pela descoberta da América e do " novo homem" que a habitava. Se bem que a República platônica já configurasse uma utopia, foi na ilha " descoberta" por Rafael Hitlodeu que surgiu o conceito de utopia como representação imaginária de uma sociedade

que tenha encontrado soluções exemplares para todos os seus problemas.

Outras sociedades ideais, fundamentadas em leis justas e instituições político-econômicas comprometidas com o bem-estar da coletividade, nasceram da imaginação de romancistas e pensadores, nos séculos seguintes, com particular insistência no século 19, auge do utopismo socialista de Charles Fourier, Étienne Cabet, Edward Bellamy e William Morris. A esses devaneios igualitários a dupla Marx-Engels combateu e contrapôs outro, supostamente científico, cuja caracterização como utopia pode livrar a cara do comunismo, mas não das sociedades que às suas ideias básicas deram concretude, a partir da revolução bolchevique, uma utopia que virou distopia.

A distopia é uma distorção ou uma mutação da utopia, um sonho que se transforma em pesadelo. A ficção científica e a literatura de antecipação são pródigas em fantasias do gênero. De Jules Verne (Capitão Nemo era um utopista) ao Aldous Huxley de *Admirável Mundo Novo*, ao Orwell de 1984 e ao Ray Bradbury de *Fahrenheit 451*. Serão todos lembrados ao longo do ciclo.

(Adaptação da matéria "Um sonho de 500 anos", de Sérgio Augusto – jornal *O Estado de São Paulo*, 02 de agosto de 2015)

13. (ESAF – Analista de Planejamento e Orçamento – 2015)

(Adaptada) Julgue a assertiva a seguir como " certa" ou " errada":

O acento nas palavras " vésperas" (l. 1), " ciências" (l. 4) e " econômicas" (l. 14) justifica-se devido à mesma regra de acentuação gráfica.

Leia o texto a seguir para responder à questão 14:

Por que é preciso passar pelo equipamento de raios X?

São normas internacionais de segurança. É proibido portar objetos cortantes ou perfurantes. Se você se esqueceu de despachá-los, esses itens terão de ser descartados no momento da inspeção.

Como devo proceder na hora de passar pelo equipamento detector de metais?

A inspeção dos passageiros por detector de metais é obrigatória. O passageiro que, por motivo justificado, não puder ser inspecionado por meio de equipamento detector de metal deverá submeter-se à busca pessoal. As mulheres grávidas podem solicitar a inspeção por meio de detector manual de metais ou por meio de busca pessoal.

Disponível em: <http://www.infraero.gov.br/images/stories/guia/2014/guiapassageiro2014_portugues.pdf>.Acesso em: 4/1/2016 (com adaptações).

14. (ANAC – Técnico Administrativo – ESAF – 2016)

Em relação às regras de acentuação, assinale a opção correta.

a) Acentua-se o verbo " é" (l. 1), quando átono, para diferenciá-lo da conjunção " e".

b) " Você" (l. 2) é palavra acentuada por ser paroxítona terminada na vogal " e" fechada.

c) " Despachá-los" (l. 3) se acentua pelo mesmo motivo de " deverá" (l. 6).

d) Ocorre acento grave em " à busca pessoal" (l. 6) em razão do emprego de locução com substantivo no feminino.

e) O acento agudo em " grávidas" (l. 7) se deve por se tratar de palavra paroxítona terminada em ditongo.

Gabarito: 1. b; 2. c; 3. b; 4. e; 5. c; 6. I-E, II-C, III-E; 7. d; 8. c; 9. a; 10. c; 11. b; 12. certa; 13. errada; 14. c.

Para memorizar as regras de acentuação gráfica é necessário… Vamos resumir o que você estudou?

2.3. RESUMO

- Em acentuação gráfica, temos quatro regras gerais (monossílabos, oxítonos, paroxítonos e proparoxítonos), dois casos especiais (“ i”e “ u” como segunda vogal do hiato e os ditongos abertos éi, éu e ói) e três acentos diferenciais.
- Memorize que a regra geral de acentuação das paroxítonas é o contrário das oxítonas, finais a(s), e(s), o(s), em(ens)
- O acento diferencial dos verbos ter, vir e derivados é o circunflexo (de plural).
- O Novo Acordo Ortográfico aboliu o acento dos ditongos ei, oi nas paroxítonas, os acentos do hiato oo e dos verbos crer, dar, ler, ver e derivados.

3 HÍFEN

3.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Agora, vamos ao estudo do hífen. Como muita coisa não se explica, procuramos preparar um material bem prático, principalmente para que você possa consultá-lo, já que a maioria dos materiais que temos visto por aí não agrupa as regras, dificultando, assim, até a consulta por parte do usuário da língua. Após observar as novas orientações, faça o exercício, consultando-as e, aos poucos, você irá internalizá-las. Vamos lá?

3.1.1. Prefixos

1. Com os prefixos **ante, anti, arqui, auto, circum, contra, entre, extra, hiper, infra, intra, semi, sobre, sub, ultra...;** ou falsos prefixos **aero, agro, anfi, audio, bio, eletro, foto, geo, hidro, macro, maxi, mega, micro, mini, multi, neo, orto, proto, pseudo, poli, retro, tele...:**

Emprega-se o hífen quando o 1º elemento termina por **vogal igual à que inicia o 2º elemento** e nas formações em que o 2º elemento começa por **h**:

Ex.: anti-inflamatório, arqui-inimigo, semi-interno, poli-insaturado, pseudo-occipital, eletro-óptico, sobre-estimar, auto-observação, contra-arrazoado, bio-história, poli-hidroxila, sub-horizonte, ultra-hiperbólico, neo-helênico etc.

Mas: coobrigação, coerdeiro (com o prefixo **co**, este se aglutina em geral com o 2º elemento).

Observação 1:

a) Se o 1o elemento terminar por vogal diferente daquela que inicia o 2o elemento, escreve-se junto, sem hífen.
Exs.: antiético, anteontem, agroindustrial, aeroespacial, eletroemissão, extraescolar, coeducação...

b) Quando o 1o elemento terminar por vogal e o 2o elemento começa por r ou s, devemos dobrar as consoantes, sem hífen.
Ex.: biorritmo, infrassom, microssistema, antessala, antirrepublicano, contrarréplica, minissubmarino, cossenhor...

c) Com os prefixos hiper, inter e super, usaremos hífen se o 2o elemento iniciar por h ou r.
Exs.: hiper-hedonista, inter-hemisfério, super-homem, hiper-requintado, inter-resistente, super-revista...

d) Haverá hífen com os prefixos circum e pan, quando o 2o elemento começar por vogal, m ou n (além de h, como aparece na regra 1).
Exs.: circum-escolar, circum-navegação, pan-africano, pan-negritude, pan-helenismo...

As mudanças que ocorreram relativas ao uso do hífen se concentram, em sua quase totalidade, nessa 1ª regra e nas observações ***a*** e ***b***. No restante, as regras são aquelas que já existiam. Daí a intenção de começar logo por elas, para efeito de memorização, já que, infelizmente, esse assunto requer muita prática para assimilar todas as regras.

Observação 2:

a) Se não houver perda do som da vogal final do 1o elemento, e o elemento seguinte começar com h, serão usadas as duas formas gráficas:

Exs.: cardi-hepático ou cardiepático; aero-hidropatia ou aeroidropatia.

b) Havendo perda do som da vogal do 1o elemento ou se as palavras já são de uso consagrado, deve ser escrita sem hífen.

Exs.: clorídrico, reidratar, reumanizar, reabilitar, reaver...

c) Com os prefixos des e in não se emprega o hífen quando o 2o elemento perde o h inicial; se a palavra não aparecer com função prefixal, não se emprega o hífen.

Exs.: desumano, desidratar, inábil, inumanidade; não violência, não alinhado...

2. Emprega-se o hífen nos compostos em que o 1º elemento é representado pelas formas **além**, **aquém**, **bem**, **ex**, **recém**, **sem**, **grão**, **grã**, **bel**, **soto**, **sota**, **vice**, **vizo**, **pré**, **pró**, **pós** (tônicos).

Exs.: além-mar, aquém-mar, bem-querer, bem-humorado(mas, benfazejo, benfeitor), recém--casado, sem-número, grã-cruz, ex-presidente, sota-capitão, sota-vento, vice-cônsul, vizo-rei, pré-escolar, pós-graduação, pró-germânico...

Obs.: a) **pre**, **pro**, **pos**, átonos, se aglutinam com o 2º elemento.

Exs.: precondicionamento, propor, pospor...

b) Emprega-se o hífen com a forma **mal**, quando forma com o 2º elemento uma unidade semântica e tal elemento começa por **vogal** ou **h**.

Exs.: mal-estar, mal-humorado etc.

3. Com os prefixos **ab**, **ob**, **sob**, **sub**, se o 2º elemento iniciar por **r** ou **b**, será empregado o hífen.

Exs.: sub-base, ab-reptício, ob-rogar, sub-reitor...

Obs.: com o prefixo **ad**, se o 2º elemento começar por **r** ou **d**, usaremos o hífen.

Ex.: ad-referendar, ad-digital...

3.1.2. Sufixos

O hífen emprega-se nos vocábulos terminados pelos sufixos **açu**, **guaçu**, **mirim**.

Exs.: capim-açu, Ceará-mirim...

3.1.3. Nomes compostos

Emprega-se o hífen nos compostos representados por substantivos, adjetivos, numerais e verbos; elementos repetidos; reduções; gentílicos derivados de topônimos compostos; compostos que designam espécies botânicas, zoológicas.

Exs.: decreto-lei, primeiro-ministro, alto-relevo, porta-aviões, tico-tico, grão-mestre, belo-horizontino, erva-doce, couve-flor, bem-me-quer...

Observação: Em geral, nas locuções de qualquer tipo não se usa o hífen, exceto em alguns casos que o uso já legitimou. Aqui é que mora um problema: o Novo Acordo fala que o hífen permanece os vocábulos que o uso validou, mas até você memorizar todos aqueles consagrados pelo uso...

Exs.: café com leite, sala de jantar, pé de chinelo, disse me disse, bumba meu boi, dia a dia, comum de dois, ponto e vírgula...
Mas (consagrados pelo uso): água-de-colônia, cor-de-rosa, à queima-roupa, pé-de-meia, dois-pontos, mais-que-perfeito...

Vamos treinar?

I. Marque a forma correta.

1. contra-atacar / contraatacar

Comentários: Com o prefixo **contra**, usaremos hífen se a vogal inicial do 2º elemento iniciar por essa mesma vogal.

Resposta: contra-atacar.

2. anti-sociável / antissociável

Comentários: Ainda com relação à 1ª regra, o prefixo **anti** receberá hífen se a palavra seguinte começar pela mesma letra com que esse prefixo termina **i** ou começar por **h**. Logo, não recebe hífen. Se as letras que iniciarem o 2º elemento forem **s** ou **r**, dobramos essas consoantes (Obs.: b).

Resposta: antissociável.

3. mini-saia / minissaia

Comentários: O mesmo comentário. O prefixo termina por vogal e a palavra seguinte começa por **s**. Dobra-se essa letra.

Resposta: minissaia.

4. contra-balançar / contrabalançar

Comentários: Esse prefixo (**contra**) pertence à regra 1. Se o 2º elemento não começa pela mesma vogal com que esse prefixo termina (**a**), não há hífen.

Resposta: contrabalançar.

5. contra-regra / contrarregra

Comentários: Agora, esse mesmo prefixo vem seguido de palavra que começa por **r** (regra 1, obs.: b). Dobra-se essa consoante.

Resposta: contrarregra.

6. anti-imperialismo / antiimperialismo

Comentários: O prefixo **anti** termina em **i**. O 2º elemento (imperialismo) inicia por **i** (pela mesma vogal). Quando isso acontece, pelo Novo Acordo, hífen.

Resposta: anti-imperialismo.

7. anti-horário / antiorário

Comentários: A regra 1 mostra o uso do hífen em alguns prefixos que terminarem na mesma letra com que se inicia o 2º elemento ou se este começar por **h**.

Resposta: anti-horário.

8. mini-retrospectiva / minirretrospectiva

Comentários: Ainda a regra 1. O 2º elemento começa por **r**. Dobra-se essa consoante.

Resposta: minirretrospectiva.

9. co-seno / cosseno

Comentários: Prefixo **co** seguido da palavra que inicia por **s** (regra 1, obs.: b).

Resposta: cosseno.

10. micro-onda / microonda

Comentários: O prefixo **micro** termina em **o** e a palavra **onda** inicia por **o**, hífen.

Resposta: micro-onda.

11. hiper-realista / hiperrealista

Comentários: Agora, temos o prefixo **hiper**. A regra 1, obs.: c, diz que os prefixos **hiper**, **inter** e **super** recebem hífen se o 2º elemento começar por **h** ou **r**.

Resposta: hiper-realista.

12. sub-região / subrregião

13. sub-braquial / subraquial

Comentários: Na regra 3, aparece o prefixo **sub**. Será empregado o hífen se o 2º elemento iniciar por **r** ou **b**.

Respostas: sub-região / sub-braquial.

14. pré-gravação / pregravação

15. pré-estabelecido / preestabelecido

16. pré-eminente / preemininte

17. pró-britânico / probritânico

18. pró-romper / prorromper

19. pré-fixado / prefixado

Comentários:

Com os prefixos **pré**, **pró** e **pós**, haverá o uso do hífen se esses prefixos forem tônicos (acentuados). Se forem átonos,

eles se aglutinam com o 2º elemento. O que ocorre é que, em relação à pronúncia de algumas palavras com esses prefixos, ocorrem vacilações. Afinal é pré-fixado ou prefixado? Vamos então às pronúncias corretas de alguns desses vocábulos:

Respostas: pré-gravação (tônica) / preestabelecido (átona) / preeminente (átona) / pró-britânico (tônica) / prorromper (átono) / prefixado (átono).

20. poli-híbrido / poliíbrido

Comentários: Voltando à regra 1, o prefixo **poli** receberá hífen se a palavra seguinte começar por **i** ou por **h.**

Resposta: poli-híbrido.

21. contra-indicação / contraindicação

Comentários: O prefixo **contra** termina em **a**, mas o 2º elemento não inicia por **a**, mas sim por outra vogal (regra 1, obs.: a).

Resposta: contraindicação.

22. contra-senso / contrassenso

Comentários: Se aparecerem as letras **r** ou **s** após os prefixos da regra 1, dobram-se essas consoantes.

Resposta: contrassenso.

23. infra-estrutura / infraestrutura

Comentários: Após o prefixo **infra**, usaremos o hífen se o 2º elemento iniciar por **a** ou **h**. Como a palavra **estrutura** inicia por **e**, o correto é sem hífen.

Resposta: infraestrutura.

24. auto-análise / autoanálise

Comentários: A explicação da anterior vale também para essa palavra. O prefixo **auto** termina em **o** e **análise** se inicia por **a**. Sem hífen, portanto.

Resposta: autoanálise.

25. ante-estreia / anteestreia

Comentários: Agora, a vogal que inicia o 2º elemento (**e**) é a mesma que finaliza o prefixo (**e**). Pelo Novo Acordo, hífen.

Resposta: ante-estreia.

26. ante-sala / antessala

Comentários: Após o prefixo **ante**, se o 2º elemento iniciar por **r** ou **s**, dobram-se essas consoantes. Se o 2º

elemento iniciar por **e** ou **h**, hífen.

Respostas: antessala / ante-histórico.

27. mal-assombrado / malassombrado

Comentários: Com o prefixo **mal**, se o 2º elemento iniciar por **vogal** ou **h**, formando uma unidade semântica, hífen.

Resposta: mal-assombrado.

28. multi-racial / multirracial

Comentários: O prefixo **multi** é seguido de palavra iniciada por **r**. Dobra-se essa consoante.

Resposta: multirracial.

29. vice-imperador / viceimperador

Comentários: A regra 2 fala desse prefixo. Com as formas **além**, **aquém**, **bem**, **ex…vice…**, emprega-se o hífen, independentemente da vogal que inicia o 2º elemento.

Resposta: vice-imperador.

4 HOMÔNIMOS E PARÔNIMOS

4.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Vamos falar de semântica?

Antes de tudo, é preciso que você entenda a diferença entre homônimos e parônimos. **Homônimos** são vocábulos iguais (na pronúncia, na grafia ou em ambos), mas de sentido diferente. Subdividem-se em:

a) **homônimos homógrafos**: a grafia é igual, mas a pronúncia é diferente:

colher (verbo) / colher (substantivo)

b) **homônimos homófonos**: a pronúncia é igual, mas a grafia é diferente:

seção / sessão / cessão etc.

c) **homônimos perfeitos**: a pronúncia e a grafia são iguais:

lima (fruta) / lima (ferramenta)

Já os **Parônimos** são vocábulos semelhantes na pronúncia e na grafia, mas de sentidos diferentes. Ex.: eminente ≠ iminente; inflação ≠ infração etc.

Segue agora uma lista das palavras que mais geram dúvidas sobre seu significado. Achamos melhor sistematizar aqueles vocábulos que aparecem nas provas de concursos públicos e depois levar você logo aos exercícios, para que memorize os principais naturalmente, sem muito esforço, ok?

Quadro 4.1 – Homônimos e parônimos

Acender (pôr fogo)	Ascender (elevar-se, subir)
Acessório (secundário)	Assessório (relativo a assessor)
Apreçar (colocar o preço)	Apressar (correr, acelerar)
Arrear (pôr os arreios)	Arriar (abaixar, descer)
Asado (que tem asas, alado)	Azado (marcado, determinado)
Brocha (prego de cabeça larga e chata)	Broxa (pincel grande)
Caçar (perseguir animais)	Cassar (anular)
Cela (quarto pequeno)	Sela (arreio)

Cerrar (fechar)	Serrar (cortar)
Cesta (guarda objetos)	Sesta (descanso após o almoço)
Chá (bebida)	Xá (soberano do Irã)
Coser (costurar)	Cozer (cozinhar)
Deferir (despachar)	Diferir (divergir, discordar)
Descrição (enumeração)	Discrição (prudência, recato)
Descriminar (inocentar)	Discriminar (separar, distinguir)
Despercebido (sem ser notado)	Desapercebido (desatento)
Destratar (maltratar)	Distratar (anular, rescindir)
Discente (relativo a alunos)	Docente (que ensina, professor)
Eminente (elevado, sublime)	Iminente (ameaça acontecer)
Esbaforido (ofegante)	Espavorido (apavorado)
Esperto (inteligente, ativo)	Experto (experiente)
Espiar (observar)	Expiar (cumprir pena)
Esterno (osso do peito)	Externo (lado de fora)
Estrato (nuvem, camada)	Extrato (resumo)
Incerto (impreciso)	Inserto (introduzido)
Incipiente (inexperiente)	Insipiente (ignorante)
Infestado (invadido)	Enfestado (empinado, dobrado)
Infringir (transgredir, violar)	Infligir (aplicar a pena)
Intercessão (intervenção)	Interseção (corte, cruzamento)
Intimorato (destemido)	Intemerato (íntegro, puro)
Mandado (ordem judicial)	Mandato (procuração, incumbência)
Pleito (eleição, debate)	Preito (homenagem)
Prescrever (determinar, ordenar)	Proscrever (banir, expulsar)
Remissão (perdão, clemência)	Remição (libertação, resgate)
Retificar (corrigir)	Ratificar (confirmar)

Vultoso (volumoso)	Vultuoso (congestão na face)

4.2. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. Complete as lacunas com a expressão correta (entre parênteses):

" O _____ (cervo – servo) prendia-se nos arbustos, fugindo dos _____ (cartuchos – cartuxos) que pipocavam por toda a _____ (área – aria);

a) cervo – cartuxos – área

b) servo – cartuchos – aria

c) cervo – cartuchos – área

d) servo – cartuchos – área

e) servo – cartuchos – aria

2. Complete as lacunas, com a expressão necessária, que consta nos parênteses:

É necessário _____ (cegar-segar) os galhos salientes do _____ (bucho-buxo), de modo a que se possa fazer _____ (xá-chá) com as folhas mais novas."

a) segar – buxo – chá

b) segar – bucho – xá

c) cegar – buxo – xá

d) cegar – bucha – chá

e) segar – bucha – xá

3. O _____ (emérito-imérito) causídico _____ (dilatou-delatou) o plano de fuga do meliante, que se encontrava na _____(eminência-iminência) de escapar da prisão:

a) emérito – delatou – iminência

b) imérito – dilatou – eminência

c) emérito – dilatou – iminência

d) imérito – delatou – iminência

e) emérito – dilatou – eminência

4. O _____ (extrato-estrato) da conta bancária é, por si só, insuficiente para cobrir o _____(cheque-xeque), ainda que haja algum capital (incerto-inserto).

a) extrato – xeque – inserto

b) estrato – cheque – incerto

c) extrato – cheque – inserto

d) estrato – xeque – incerto

e) extrato – xeque – incerto

5. Complete as lacunas usando adequadamente (mas / mais / mal / mau):

" Pedro e João ____ entraram em casa, perceberam que as coisas não iam bem,pois sua irmã caçula escolhera um ____ momento para comunicar aos pais que iria viajar nas férias; _____ seus dois irmãos deixaram os pais _____ sossegados quando disseram que a jovem iria com os primos e a tia."

a) mau – mal – mais – mas

b) mal – mal – mais – mais

c) mal – mau – mas – mais

d) mal – mau – mas – mas

e) mau – mau – mas – mais

Leia o texto a seguir para responder à questão 6.

Texto I

Naquele novo apartamento da rua Visconde de Pirajá pela primeira vez teria um escritório para trabalhar. Não era um cômodo muito grande, mas dava para armar ali a minha tenda de reflexões e leitura: uma escrivaninha, um sofá e os livros. Na parede da esquerda ficaria a grande e sonhada estante onde caberiam todos os meus livros. Tratei de encomendá-la a seu Joaquim, um marceneiro que tinha oficina na rua Garcia D' Ávila com Barão da Torre.

O apartamento não ficava tão perto da oficina. Era quase em frente ao prédio onde morava Mário Pedrosa, entre a Farme de Amoedo e a antiga Montenegro, hoje Vinicius de Moraes. Estava ali havia uma semana e nem decorara ainda o número do prédio. Tanto que, quando seu Joaquim, ao preencher a nota de encomenda, perguntou-me onde seria entregue a estante, tive um momento de hesitação. Mas foi só um momento. Pensei rápido: " Se o prédio do Mário é 228, o meu, que fica quase em frente, deve ser 227". Mas lembrei-me de que, ao ir ali pela primeira vez, observara que, apesar de ficar em frente ao do Mário, havia uma diferença na numeração.

– Visconde de Pirajá, 127 – respondi, e seu Joaquim desenhou o endereço na nota.

– Tudo bem, seu Ferreira. Dentro de um mês estará lá sua estante.

– Um mês, seu Joaquim! Tudo isso? Veja se reduz esse prazo.

– A estante é grande, dá muito trabalho... Digamos, três semanas.

Ferreira Gullar. A estante. In: *A estranha vida banal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989 (com adaptações).

6. (INSS – Técnico Seg. Soc. – CESPE – Maio/2016)

No que se refere aos sentidos do **texto I**, julgue o próximo item como Certo (C) ou Errado (E):

A expressão " armar ali a minha tenda" (l. 2) foi empregada no texto em sentido figurado.

Leia o texto a seguir para responder à questão 7.

Texto III

Pergunto: e agora? Como é que meu Padrinho foi degolado num quarto de pesadas paredes sem janelas, cuja porta fora trancada, por dentro, por ele mesmo? Como foi que os assassinos ali penetraram, sem ter por onde? Como foi que saíram, deixando o quarto trancado por dentro? Quem foram esses assassinos? Como foi que raptaram Sinésio, aquele rapaz alumioso, que concentrava em si as esperanças dos Sertanejos por um Reino de glória, de justiça, de beleza e de grandeza para todos? Bem, não posso avançar nada, porque aí é que está o nó! Este é o "centro de enigma e sangue" da minha história. Lembro que o genial poeta Nicolau Fagundes Varela adverte todos nós, Brasileiros, de que "os irônicos estrangeiros" vivem sempre vigilantes, sempre à espreita do menor deslize nosso para, então, "ridicularizar o pátrio pensamento":

Fatal destino o dos brasílios Mestres!

Fatal destino o dos brasílios Vates!

Política nefanda, horrenda e negra,

pestilento Bulcão abafa e mata

quanto, aos olhos de irônico estrangeiro,

podia honrar o pátrio pensamento!

Ora, um dos argumentos que os "irônicos estrangeiros" mais invocam para isso é dizer que nós, Brasileiros, somos incapazes de forjar uma verdadeira trança, uma intrincada teia, um insolúvel enredo de "romance de crime e sangue". Dizem eles que não é necessário nem um adulto dotado de argúcia especial: qualquer adolescente estrangeiro é capaz de decifrar os enigmas brasileiros, os quais, tecidos por um Povo superficial, à luz de um Sol por demais luminoso, são pouco sombrios, pouco maldosos e subterrâneos, transparentes ao primeiro exame, facílimos de desenredar.

Ah, e se fossem somente os estrangeiros, ainda ia: mas até o excelso Gênio brasileiro Tobias Barreto, aí é demais! Diz Tobias Barreto que, no Brasil, é impossível aparecer um "romance de gênio", porque "a nossa vida pública e particular não é bastante fértil de peripécias e lances romanescos". Lamenta que seja raro, entre nós, "um amor sincero, delirante, terrível e sanguinário", ou que, quando apareça, seja num velho como o Desembargador Pontes Visgueiro, o célebre assassino alagoano do Segundo Império. E comenta, ácido: "Um ou outro crime, mesmo, que porventura erga a cabeça acima do nível da vulgaridade, são coisas que não desmancham a impressão geral da monotonia contínua. Até na estatística criminal o nosso país revela-se mesquinho. O delito mais comum é justamente o mais frívolo e estúpido: o furto de cavalos".

A gente lê uma coisa dessas e fica até desanimado, julgando ser impossível a um Brasileiro ultrapassar Homero e outros conceituados gênios estrangeiros! A sorte é que, na mesma hora, o Doutor Samuel nos lembra que a conquista da América Latina "foi uma Epopeia". Vemos que somos muito maiores do que a Grécia – aquela porqueirinha de terra! – e aí descansamos o pobre coração, amargurado pelas injustiças, mas também incendiado de esperanças! Sim, nobres Senhores e belas Damas: porque eu, Dom Pedro Quaderna (Quaderna, O Astrólogo, Quaderna, O Decifrador, como tantas vezes fui chamado); eu, Poeta--guerreiro e soberano de um Reino cujos súditos são, quase todos, cavalarianos, trocadores e ladrões de cavalo, desafio qualquer irônico, estrangeiro ou Brasileiro, primeiro a narrar uma história de amor mais sangrenta, terrível, cruel e delirante do que a minha; e, depois, a decifrar, antes que eu o faça, o centro enigmático de crime e sangue da minha história, isto é, a degola do meu Padrinho e a "desaparição profética" de seu filho Sinésio, O Alumioso, esperança e bandeira do Reino Sertanejo.

Ariano Suassuna. *A pedra do reino*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972, 3ª ed., p. 27-30 (com adaptações).

7. (Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Com referência ao texto III, julgue (C ou E) o item que se segue.

No excerto apresentado, são exemplos do uso da linguagem formal escrita: a construção com o pronome relativo " cujos" (l. 37) e o emprego da forma verbal " faça" na oração " antes que eu o faça" (l. 39).

8. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

O segmento abaixo que mostra exemplo de linguagem coloquial é:

a) " A informação de saúde apresentada na Internet deve ser exata, atualizada, de fácil entendimento, em linguagem objetiva e cientificamente fundamentada";

b) " Da mesma forma produtos e serviços devem ser apresentados e descritos com exatidão e clareza";

c) " Dicas e aconselhamentos em saúde devem ser prestados por profissionais qualificados, com base em estudos, pesquisas, protocolos, consensos e prática clínica";

d) " Deve estar visível a data da publicação ou da revisão da informação, para que o usuário tenha certeza da atualidade do site";

e) " Os sites devem citar todas as fontes utilizadas para as informações, critério de seleção de conteúdo e política editorial do site, com destaque para nome e contato com os responsáveis".

9. (Petrobras – Advogado Jr. – Cesgranrio – Ago./2015 – Adaptada)

As palavras são empregadas no sentido denotativo, literal, em estado de dicionário ou no sentido conotativo, figurado.

A palavra destacada está empregada no sentido figurado em:

a) " o principal traço característico do debate público sobre desenvolvimento global, seja em nível local ou global, neste **alvorecer** do século XXI."

b) " alcançando, de forma conceitualmente imprecisa, o universo vocabular do **cidadão**."

c) " em estágio avançado nos países **industrializados**, constituem uma tendência dominante mesmo para economias menos industrializadas."

d) " Esse novo paradigma tem as seguintes **características** fundamentais: a informação é sua matéria-prima."

e) " processos sociais e **transformação** tecnológica resultam de uma interação complexa."

Leia o texto a seguir para responder à questão 10.

Donos do próprio dinheiro

Quando pensamos em bancos, imaginamos grandes empresas com agências elegantes, equipadas com caixas eletrônicos e funcionários engravatados, muita burocracia e mil procedimentos de segurança. Mas dezenas de pequenas instituições financeiras estão mudando a relação que milhares de brasileiros têm com o próprio dinheiro. São os bancos comunitários, que contam com moeda e sistema de crédito próprios e desenvolvem as economias locais.

Todas as agências são geridas e fiscalizadas pela comunidade. Hoje já existem 104 dessas instituições no país, e elas estão proliferando. De 2006 a 2012, o número de bancos comunitários aumentou dez vezes, de nove para 98 agências. Diferentemente das agências convencionais, essas instituições não consultam o nome do cliente no Serasa ou no Serviço de Proteção ao

Crédito antes de abrir uma conta. Consultam a comunidade.

Uma das condições para a criação de um banco comunitário, como o próprio nome já dá a entender, é o envolvimento da comunidade. Isso porque o objetivo final não é o lucro, e sim o desenvolvimento da economia do entorno. Para tanto é criada uma moeda própria, que circula apenas na comunidade. O dinheiro para iniciar os bancos comunitários também vem do local, seja de rifas, seja de vaquinhas ou de eventos de arrecadação de fundos.

Os moradores podem pegar dois tipos de empréstimo: um para produção, como reforma de uma loja ou compra de estoque, em reais, e outro para consumo, compra de alimentos e outros produtos, na moeda do banco.

Dessa forma, artigos como alimentos, roupas, sapatos e até serviços de beleza ou aulas são consumidos na comunidade, nas lojas que aceitam a nova moeda, fazendo com que o dinheiro não deixe a região e sirva para desenvolver a economia local.

VELOSO, L. *Revista Planeta*. n. 504, novembro 2014. Adaptado.

10. (Liquigás – Ass. Adminis. – Cesgranrio – Set./2015)

No trecho " fazendo com que o dinheiro não deixe a região e sirva para **desenvolver** a economia local" (l. 20-21), a palavra que tem o sentido contrário ao da palavra destacada é

a) orientar

b) organizar

c) fortalecer

d) alimentar

e) reduzir

Leia o texto a seguir para responder à questão 11.

Chove muito forte na cidade. Raios e trovões. Alagamentos e árvores caídas. Balanço trágico: quatro mortos e um garoto desaparecido. Em meio ao trânsito parado, dois gaiatos (expressão supercarioca) pegam suas pranchas e vão para a rua alagada surfar no asfalto. Divertem-se, gritam, como se fosse necessário buscar prazer onde só há aborrecimento e lamentação. _____ cena se repetiu anteontem _____ noite, _____ beira da lagoa Rodrigo de Freitas. Virou onda surfar debochadamente na chuva.

(Paula Cesarino Costa, Notas sobre a carioquice. *Folha de S.Paulo*, 07.03.2013)

11. (SEED-SP – An. Administrativo – Vunesp – Maio/2016)

Há emprego de linguagem figurada na seguinte passagem do texto:

a) trânsito parado.

b) aborrecimento e lamentação.

c) Virou onda.

d) Raios e trovões.

e) quatro mortos.

12. (MPE/SP – Analista Técnico Científico – Vunesp – Jul./2016)

Assinale a alternativa em que se caracteriza o emprego de palavras em sentido figurado.

a) Um dos neologismos recentes vinculados à dependência cada vez maior dos jovens a esses dispositivos é a "nomobofobia"...

b) ... a superexposição de nossas pequenas ou grandes fraquezas morais ao julgamento da comunidade...

c) ... a ansiedade e o sentimento de pânico experimentados por um número crescente de pessoas quando acaba a bateria do dispositivo móvel...

d) ... os usuários precisam ter a habilidade de identificar e estimar parâmetros, aprender a extrair informações relevantes...

e) O fluxo de informação que percorre as artérias das redes sociais é um poderoso fármaco viciante.

13. (MPE/SP – Analista Técnico Científico – Vunesp – Jul./2016)

As expressões destacadas nos trechos – **meter o bedelho** / **estimar** parâmetros / **embotar** a razão – têm sinônimos adequados respectivamente em:

a) procurar / gostar de / ilustrar

b) imiscuir-se / avaliar / enfraquecer

c) interferir / propor / embrutecer

d) intrometer-se / prezar / esclarecer

e) contrapor-se / consolidar / iluminar

Leia o texto a seguir para responder às questões 14 e 15.

Fora do jogo

Quando a economia muda de direção, há variáveis que logo se alteram, como o tamanho das jornadas de trabalho e o pagamento de horas extras, e outras que respondem de forma mais lenta, como o emprego e o mercado de crédito. Tendências negativas nesses últimos indicadores, por isso mesmo, costumam ser duradouras.

Daí por que são preocupantes os dados mais recentes da Associação Nacional dos Birôs de Crédito, que congrega empresas do setor de crédito e financiamento.

Segundo a entidade, havia, em outubro, 59 milhões de consumidores impedidos de obter novos créditos por não estarem em dia com suas obrigações. Trata-se de alta de 1,8 milhão em dois meses.

Causa consternação conhecer a principal razão citada pelos consumidores para deixar de pagar as dívidas: a perda de emprego, que tem forte correlação com a capacidade de pagamento das famílias.

Até há pouco, as empresas evitavam demitir, pois tendem a perder investimentos em treinamento e incorrer em custos trabalhistas. Dado o colapso da atividade econômica, porém, jogaram a toalha.

O impacto negativo da disponibilidade de crédito é imediato. O indivíduo não só perde a capacidade de pagamento mas também enfrenta grande dificuldade para obter novos recursos, pois não possui carteira de trabalho assinada.

Tem-se aí outro aspecto perverso da recessão, que se soma às muitas evidências de reversão de padrões positivos da última década – o aumento da informalidade, o retorno de jovens ao mercado de trabalho e a alta do desemprego.

(*Folha de S.Paulo*, 08.12.2015. Adaptado)

14. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Na passagem do 4º parágrafo – Causa **consternação** conhecer a principal razão citada pelos consumidores... –, o termo em destaque é sinônimo de

a) indignação.

b) irritação.

c) resignação.

d) comoção.

e) satisfação.

15. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Dado o colapso da atividade econômica, porém, jogaram a toalha (5º parágrafo).

Analisando-se o sentido que a expressão " jogaram a toalha" confere ao texto, conclui-se que ela está construída em sentido

a) próprio, mostrando a dispensa dos funcionários como desnecessária, já que há evidente recuperação na economia.

b) figurado, ironizando a ideia das empresas de evitar dispensas, já que estão mais preocupadas com os custos trabalhistas.

c) figurado, deixando claro que as empresas demitiram seus funcionários, porque o cenário econômico é desfavorável.

d) próprio, reforçando a ideia de que as empresas mantiveram seu plano inicial de manter os funcionários no emprego.

e) próprio, sugerindo que as empresas terão prejuízos mantendo os funcionários em um cenário de crise econômica.

Gabarito: 1. c; 2. a; 3. a; 4. c; 5. c; 6. C; 7. C; 8. c; 9. a; 10. e; 11. c; 12. e; 13. b; 14. d; 15. c.

5 USO DE POR QUE, POR QUÊ, PORQUE E PORQUÊ

5.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

As frases de 1 a 6 a seguir mostram as diferentes formas do "porquê". Antes de resolvermos os exercícios, vamos à explicação do uso deste vocábulo.

Em linhas gerais, podemos afirmar que "por que", separado sem acento, é usado em frases interrogativas, diretas ou indiretas (com ou sem ponto de interrogação), ou quando equivale a pelo qual, pela qual (nesse caso, o que será pronome relativo).

Se vier em final de período, sendo pronunciado, portanto, com tonicidade, será separado e com acento ("por quê").

O uso do "porque", junto sem acento, se dá quando se introduz uma explicação ou causa da oração anterior (= conjunção explicativa ou causal). Já o "porquê", junto com acento, é substantivo, vem determinado (antecedido de artigo ou de qualquer outro determinante).

Visto isso, seguem as frases.

1. _____ chegas sempre atrasado? (Por que / Por quê / Porque)

Comentários: A frase é interrogativa direta, vem com o ponto de interrogação.

Resposta: Por que.

2. As dificuldades _____ passamos são muitas. (por que / por quê / porque)

Comentários: Nessa frase, o "por que" equivale a *pelas quais* (As dificuldades pelas quais passamos…).

Resposta: por que.

3. Você saiu _____? (por que / por quê / porque)

Comentários: Agora, a frase é interrogativa e aparece em *final* de período. Separado com acento.

Resposta: por quê.

4. Não entendi o _____ de tua bronca. (por que / porque / porquê)

Comentários: A presença do artigo antecedendo essa palavra tem a finalidade de substantivá-la.

Resposta: porquê.

5. Não sabemos _____ ele sai tão cedo. (por que / porque / por quê)

Comentários: Talvez essa construção seja a mais sutil no caso do uso dos "porquês". A frase é interrogativa *indireta*. Uma forma prática é transformá-la em direta. (Por que ele sai tão cedo? Não sabemos). Com isso você comprovou que a frase é interrogativa.

Resposta: por que.

6. Faltei _____ estava com febre (por que / porque / por quê)

Comentários: Nesse período, esse vocábulo vai funcionar como conectivo causal (Faltei por este motivo, por esta razão). É conjunção.

Resposta: porque.

6 USO DE EXPRESSÕES COTIDIANAS

6.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

6.1.1. Uso de **há** e **a**

Usaremos **há** quando houver ideia de **tempo passado** ou com sentido de **existir**. Já a preposição **a** ocorre quando aparece ideia de **distância** ou **futuro**.

Para praticar, complete as frases a seguir.

1. Não o via _____ três semanas. (há / a)

Comentários: Nessa construção, percebe-se a ideia de *tempo passado*, *decorrido*.

Resposta: há.

2. _____ muitas pessoas na sala. (Há / A)

Comentários: Aqui, o sentido é de *existir* (Existem muitas pessoas na sala).

Resposta: Há.

3. Daqui _____ três semanas estarei chegando. (há / a)

Comentários: Percebe-se, agora, que não há ideia de *tempo decorrido* nem de *existir*. O sentido é de tempo futuro.

Resposta: a.

6.1.2. Outras expressões que costumam suscitar dúvidas

4. Conversávamos _____ música. (acerca de / há cerca de)

5. _____ cem alunos na sala. (Acerca de / Há cerca de)

6. _____ cinquenta mil candidatos se inscreveram no concurso. (Há cerca de / Cerca de)

Comentários:

A expressão **acerca de** equivale a **a respeito de**, **sobre**. **Há cerca de** indica tempo transcorrido e **cerca de** equivale a **aproximadamente**.

Respostas: 4. acerca de; 5. Há cerca de; 6. Cerca de.

7. _____ houver engarrafamento, chegarei na hora. (Senão / Se não)

8. Entregue o trabalho no prazo _____ cancelo o contrato. (se não / senão)

9. Ninguém, _____ um santo, seria capaz de tamanho sacrifício. (se não / senão)

Comentários: Usamos **senão** como conjunção (alternativa ou adversativa) e também com o valor de **exceto**.

Se não é conjunção condicional ou integrante **se** seguida de advérbio de negação.

Na frase 7, há ideia de condição ("Caso não haja engarrafamento…"). Na 8, a ideia é de alternância ("Entregue o trabalho no prazo *ou* cancelo o contrato"). Na frase 9, temos o valor de **exceto**, **a não ser** ("Ninguém, exceto/a não ser um santo…").

Respostas: 7. Se não; 8. senão; 9. senão.

10. Assim que chegou, foi _____ pais. (ao encontro dos / de encontro aos).

11. O seu _____ é não prestar atenção nas coisas. (mal / mau).

Comentários: A expressão **ao encontro de** significa **a favor de**, **na direção de.** Já **de encontro a** indica **contrariedade**, **em oposição**.

Respostas: 10. ao encontro de; 11. **Mal** pode aparecer como substantivo (como é o caso), advérbio e conjunção. **Mau** é adjetivo.

12. _____ de ficar triste, alegrou-se com a notícia. (Ao invés de / Em vez de)

13. _____ irmos ao jogo, fomos ao cinema. (Ao invés de / Em vez de)

Comentários:

Usaremos *ao invés de* para indicar *ao contrário de* e *em vez de* no sentido de no *lugar de*.

Respostas: 12. Ao invés de; 13. Em vez de.

Agora, para ver se você aprendeu mesmo, só resolvendo algumas questões de concursos.

6.2. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

1. (TRT – ES) Assinale a opção em que a palavra sublinhada está mal empregada:

a) Durma cedo, <u>senão</u> acordará tarde amanhã.

b) <u>Mal</u> começou a chover, o barraco deslizou.

c) Disse que <u>há</u> cinco anos ganhou na loteria.

d) Estava <u>mau</u> informado, por isso equivocou-se.

e) De hoje <u>a</u> dois meses pedirei novo empréstimo.

Comentários:

A letra A mostra o *senão* como conjunção alternativa (ou dorme cedo, ou acordará tarde). Na letra B, temos a palavra

mal usada como conjunção temporal (Assim que começou a chover...). Esse vocábulo pode também aparecer como *substantivo* (O mal que causaste foi grande) e como *advérbio* (Dormi mal essa noite).

Na letra C, o verbo *haver* aparece indicando tempo passado ("Ganhou há cinco anos" / faz cinco anos).

Na letra D, a palavra correta seria *mal*, já que modifica o adjetivo *informado*. Se modifica adjetivo é advérbio (mal). *Mau* é adjetivo, se refere a substantivo (Homem mau).

Na letra E, a ideia é de tempo *futuro*, portanto, se usa a preposição *a*, e não o verbo *haver*.

Resposta: D.

2. (Telerj) Apenas em uma das opções abaixo é **inadequado** preencher a lacuna com a respectiva palavra ou expressão entre parênteses. Marque-a.

a) A mensagem enviada pelo fax não chegou a tempo, _____ o telegrama. (tampouco)

b) As novas funcionárias trabalhavam ali _____ de duas semanas. (há cerca)

c) Chegou finalmente o momento _____ todos esperavam. (por que)

d) O funcionário veterano não esqueceu o _____ aos companheiros recém-chegados. (cumprimento)

e) As chuvas causaram _____ prejuízo aos aparelhos telefônicos. (vultuoso)

Comentários:

Na letra A, *tampouco* equivale ao conectivo *nem*, correto, portanto, o seu uso. Essa palavra funciona como conectivo aditivo, usado em frases negativas (não...tampouco).

Na letra B, há ideia de tempo decorrido ("faz duas semanas que elas trabalhavam ali").

Na alternativa C, o uso do *por que* separado se justifica, já que equivale a *pela qual* ("Todas esperavam pelo momento"). Na letra D, *cumprimento* é do verbo *cumprimentar*, que é o sentido usado nesta frase.

Já a letra E troca *vultoso* por *vultuoso*. Pelo sentido da frase, quer se usar *vultoso* (de grande volume) e não *vultuoso* (congestão na face, colérico)

Resposta: E.

3. (TTN) Assinale o item que contém erro de ortografia.

a) Na cultura oriental, fica desonrado para sempre quem inflinge as regras da hospitalidade.

b) Não conseguindo adivinhar o resultado a que chegariam, sentiu-se frustrado.

c) A digressão ocorreu por excesso de fatos ilustrativos em seu discurso.

d) Sentimentos indescritíveis, porventura, seriam rememorados durante a sessão de julgamento.

e) Ao contrário de outros, trazia consigo autoconhecimento e autoafirmação.

Comentários:

A letra A mostra a forma inadequada de *inflige*. Pelo sentido da frase, é *infringe* (transgride, viola). Além disso, o verbo é *infligir* (castigar, aplicar) e não *inflingir*, não existe a segunda letra *n*. Resumindo: tudo errado – sentido e grafia.

A letra B mostra a forma correta do verbo *adivinhar*, com a letra *i*.

A letra C traz a palavra *digressão* também escrita corretamente.

Na D, a palavra *sessão* equivale a *espaço de tempo que dura uma reunião*, adequada, portanto, ao sentido da frase. *Seção* quer dizer *divisão* e *cessão* é relativo ao verbo *ceder*.

A letra E mostra a palavra *consigo* no sentido correto (com ele mesmo, valor reflexivo). Além disso, pela Nova Ortografia, *autoconhecimento* e *autoafirmação* se escrevem junto, sem hífen.

Resposta: A.

4. (PGJ) A palavra **tráfico** não deve ser confundida com **tráfego**, seu parônimo.

Em que item a seguir o par de vocábulos é exemplo de homonímia e não de paronímia?

a) estrato/extrato.

b) flagrante/fragrante.

c) eminente/iminente.

d) inflação/infração.

e) cavaleiro/cavalheiro.

Comentários:

Homônimos são vocábulos *iguais* (na pronúncia, na grafia ou em ambos), mas de sentidos diferentes.

Na letra A, a *pronúncia* é a mesma, são homônimos homófonos (*mesma pronúncia*), as grafias diferentes. As outras opções são exemplos de parônimos (vocábulos parecidos na pronúncia e na grafia, de sentidos diferentes).

Resposta: A.

Na questão de nº 5, o texto contém um erro, que pode ser de natureza gramatical, de propriedade vocabular ou de adequação ao estilo culto e formal da língua. Identifique, entre os itens sublinhados, aquele que deve ser corrigido para que a sentença onde ele ocorre se torne correta e adequada.

5. (TRF/Esaf) A(1) **cerca**(2) de uma dezena de matérias jornalísticas, **só**(3) na última edição do matutino de circulação nacional, **acerca**(4) das suspeitas de corrupção nas **adjacências**(5) do Governo.

a) 1.

b) 2.

c) 3.

d) 4.

e) 5.

Comentários:

A expressão **A**(1) **cerca**(2) equivale a *aproximadamente.* Nesse trecho, a ideia não é de quantidade aproximada, e sim "*Existe* cerca de uma dezena de matérias…". A palavra *só* (3) equivale a somente. Em (4), **acerca** tem o sentido da preposição sobre, correto, pois. Na palavra **adjacências** (5), a grafia está também correta.

Resposta: (1) *Há* cerca de.

6.3. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. Marque a frase em que deve ser empregada a primeira das duas palavras que aparecem entre parênteses.

a) Essas hipóteses _____ das circunstâncias (emergem– imergem).

b) Nunca o encontro na _____ em que trabalha (sessão – seção).

c) Já era decorrido um_____ que ela havia partido, (lustre – lustro).

d) O prazo já estava _____ (prescrito – proscrito).

e) O fato passou completamente _____ (desapercebido – despercebido).

2. Marque a frase que se completa com o segundo elemento do parênteses:

a) A recessão econômica do país faz com que muitos _____ (emigrem– imigrem).

b) Antes de ser promulgada, a Constituição já pedia muitos _____ (consertos – concertos).

c) A ditadura _____ muitos políticos de oposição (caçou – cassou).

d) Ao sair do barco, o assaltante foi preso em_____ (flagrante – fragrante).

e) O juiz _____ expulsou o atleta violento (incontinenti – incontinente).

3. Marque a alternativa que se completa corretamente com o segundo elemento do parênteses:

a) O sapato velho foi restaurado com a aplicação de algumas _____ (tachas – taxas).

b) Sílvio _____ na floresta para caçar macacos (imergiu – emergiu).

c) Para impedir a corrente de ar, Luís _____ a porta (cerrou – serrou).

d) Bonifácio _____ pelo buraco da fechadura (expiava – espiava).

e) Quando foi realizado o último _____ ? (censo – senso).

4. Marque a alternativa que se completa com o primeiro elemento do parênteses:

a) A polícia federal combate o _____ de cocaína (tráfego – tráfico).

b) No Brasil é vedada a _____ racial; embora haja quem a pratique (discriminação – descriminação).

c) Você precisa melhorar seu _____ de humor (censo – senso).

d) O presidente _____ antecipou a queda do muro de Berlim (ruço – russo).

e) O balão, tremelizindo _____ para o céu estrelado (acendeu – ascendeu).

5. Em "o prefeito **deferiu** o requerimento do contribuinte", o termo destacado poderia perfeitamente ser substituído por:

a) apreciou

b) arquivou

c) despachou favoravelmente

d) invalidou

e) despachou negativamente

6. As ideias liberais saíram **incólumes**, ainda que se pensasse que seriam **dilapidadas**, completamente. Os termos grifados são sinônimos, respectivamente de:

a) arrasadas – dilaceradas

b) intactas – arrasadas

c) intactas – dilaceradas

d) depauperadas – prestigiadas

e) n.r.a.

7. Complete as lacunas com a expressão correta (entre parênteses):

" O _____ (cervo – servo) prendia-se nos arbustos, fugindo dos _____ (cartuchos – cartuxos) que pipocavam por toda a _____ (área – aria)."

a) cervo – cartuxos – área

b) servo – cartuchos – aria

c) cervo – cartuchos – área

d) servo – cartuchos – área

e) servo – cartuchos – aria

8. Complete as lacunas, com a expressão necessária, que consta nos parênteses:

É necessário _____ (cegar – segar) os galhos salientes do _____ (bucho – buxo), de modo a que se possa fazer _____ (xá – chá) com as folhas mais novas.

a) segar – buxo – chá

b) segar – bucho – xá

c) cegar – buxo – xá

d) cegar – bucha – chá

e) segar – bucha – xá

9. O _____ (emérito-imérito) causídico _____ (dilatou-delatou) o plano de fuga do meliante, que se encontrava na _____(eminência-iminência) de escapar da prisão:

a) emérito – delatou – iminência

b) imérito – dilatou – eminência

c) emérito – dilatou – iminência

d) imérito – delatou – iminência

e) emérito – dilatou – eminência

10. O _____ (extrato-estrato) da conta bancária é, por si só, insuficiente para cobrir o _____ (cheque-xeque), ainda que haja algum capital _____ (incerto-inserto).

a) extrato – xeque – inserto

b) estrato – cheque – incerto

c) extrato – cheque – inserto

d) estrato – xeque – incerto

e) extrato – xeque – incerto

11. Complete as lacunas usando adequadamente (mas / mais / mal / mau):

" Pedro e João ____ entraram em casa, perceberam que as coisas não iam bem,pois sua irmã caçula escolhera um ____ momento para comunicar aos pais que iria viajar nas férias; _____ seus, dois irmãos deixaram os pais _____ sossegados quando disseram que a jovem iria com os primos e a tia."

a) mau – mal – mais – mas

b) mal – mal – mais – mais

c) mal – mau – mas – mais

d) mal – mau – mas – mas

e) mau – mau – mas – mais

12. Marque a alternativa que completa corretamente as lacunas:

" Estou _____ de que tais _____ deveriam ser _____ a bem da moralidade do serviço público."

a) cônscio – privilégios – extintos

b) côncio – privilégios – estintos

c) cônscio – privilégios – estintos

d) côncio – previlégios – estintos

e) cônscio – previlégios – extintos

13. Observe as orações seguintes:

I. Por que não apontas a vendedora por que foste ludibriado?

II. A secretária não informa por que linha de ônibus chega-se ao escritório.

III. Por que será que o governo não divulga o porquê da inflação.

Há erro na grafia:

a) na I apenas.

b) em duas apenas.

c) na II apenas.

d) na III apenas.

e) em nenhuma.

14. Complete as lacunas com (estada / estadia /onde / aonde):

" _____ quer que eu me hospede, procuro logo saber o preço da _____, quanto custa a _____de um carro alugado, bem como _____ se possa ir à noite."

a) aonde – estadia – estada – onde

b) onde – estada – estadia – aonde

c) onde – estadia – estada – aonde

d) aonde – estada – estadia – onde

e) onde – estadia – estadia – aonde

15. Leia as frases abaixo:

I. Assisti ao _____ do balé Bolshoi;

II. Daqui _____ pouco vão dizer que _____ vida em Marte.

III. As _____ da câmara são verdadeiros programas de humor.

IV. _____ dias que não falo com Alfredo.

Escolha a alternativa que oferece a sequência correta de vocábulos para as lacunas existentes:

a) concerto – há – a – cessões – há

b) conserto – a – há – sessões – há

c) concerto – a – há – seções – a

d) concerto – a – há – sessões – há

e) conserto – há – a – sessões – a

16. Indique a alternativa que contém a seqüência necessária para completar as lacunas abaixo:

“ A _____ de uma guerra nuclear provoca uma grande _____ na humanidade e a deixa _____com relação ao futuro da vida na terra.”

a) espectativa – tensão – exitante

b) espectativa – tenção – hesitante

c) expectativa – tensão – hesitante

d) expectativa – tensão – hezitante

e) espectativa – tenção – exitante

17. Complete corretamente as lacunas:

“ O _____ de veículos de grande porte, em vias urbanas, provoca _____ no trânsito; forçando a que os motoristas dos carros menores _____, muitas delas, completamente sem_____.

a) tráfico – infrações – inflijam– concerto

b) tráfego – infrações – inflijam– conserto

c) tráfego – inflações – infrinjam– conserto

d) tráfego – infrações – infrações – conserto

e) tráfico – infrações – infrações – concerto

Leia o texto a seguir para responder à questão 18:

Texto III

Pergunto: e agora? Como é que meu Padrinho foi degolado num quarto de pesadas paredes sem janelas, cuja porta fora trancada, por dentro, por ele mesmo? Como foi que os assassinos ali penetraram, sem ter por onde? Como foi que saíram, deixando o quarto trancado por dentro? Quem foram esses assassinos? Como foi que raptaram Sinésio, aquele rapaz alumioso, que concentrava em si as esperanças dos Sertanejos por um Reino de glória, de justiça, de beleza e de grandeza para todos? Bem, não posso avançar nada, porque aí é que está o nó! Este é o “ centro de enigma e sangue” da minha história. Lembro que o genial poeta Nicolau Fagundes Varela adverte todos nós, Brasileiros, de que “ os irônicos estrangeiros” vivem sempre vigilantes, sempre à espreita do menor deslize nosso para, então, “ ridicularizar o pátrio pensamento”:

Fatal destino o dos brasílios Mestres!

Fatal destino o dos brasílios Vates!

Política nefanda, horrenda e negra,

pestilento Bulcão abafa e mata

quanto, aos olhos de irônico estrangeiro,

podia honrar o pátrio pensamento!

Ora, um dos argumentos que os “ irônicos estrangeiros” mais invocam para isso é dizer que nós, Brasileiros, somos incapazes de forjar uma verdadeira trança, uma intrincada teia, um insolúvel enredo de “ romance de crime e sangue”. Dizem eles que não é

necessário nem um adulto dotado de argúcia especial: qualquer adolescente estrangeiro é capaz de decifrar os enigmas brasileiros, os quais, tecidos por um Povo superficial, à luz de um Sol por demais luminoso, são pouco sombrios, pouco maldosos e subterrâneos, transparentes ao primeiro exame, facílimos de desenredar.

Ah, e se fossem somente os estrangeiros, ainda ia: mas até o excelso Gênio brasileiro Tobias Barreto, aí é demais! Diz Tobias Barreto que, no Brasil, é impossível aparecer um " romance de gênio", porque " a nossa vida pública e particular não é bastante fértil de peripécias e lances romanescos". Lamenta que seja raro, entre nós, " um amor sincero, delirante, terrível e sanguinário", ou que, quando apareça, seja num velho como o Desembargador Pontes Visgueiro, o célebre assassino alagoano do Segundo Império. E comenta, ácido: " Um ou outro crime, mesmo, que porventura erga a cabeça acima do nível da vulgaridade, são coisas que não desmancham a impressão geral da monotonia contínua. Até na estatística criminal o nosso país revela-se mesquinho. O delito mais comum é justamente o mais frívolo e estúpido: o furto de cavalos".

A gente lê uma coisa dessas e fica até desanimado, julgando ser impossível a um Brasileiro ultrapassar Homero e outros conceituados gênios estrangeiros! A sorte é que, na mesma hora, o Doutor Samuel nos lembra que a conquista da América Latina " foi uma Epopeia". Vemos que somos muito maiores do que a Grécia – aquela porqueirinha de terra! – e aí descansamos o pobre coração, amargurado pelas injustiças, mas também incendiado de esperanças! Sim, nobres Senhores e belas Damas: porque eu, Dom Pedro Quaderna (Quaderna, O Astrólogo, Quaderna, O Decifrador, como tantas vezes fui chamado); eu, Poeta--guerreiro e soberano de um Reino cujos súditos são, quase todos, cavalarianos, trocadores e ladrões de cavalo, desafio qualquer irônico, estrangeiro ou Brasileiro, primeiro a narrar uma história de amor mais sangrenta, terrível, cruel e delirante do que a minha; e, depois, a decifrar, antes que eu o faça, o centro enigmático de crime e sangue da minha história, isto é, a degola do meu Padrinho e a " desaparição profética" de seu filho Sinésio, O Alumioso, esperança e bandeira do Reino Sertanejo.

Ariano Suassuna. *A pedra do reino*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972, 3ª ed., p. 27-30 (com adaptações).

18. (Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Com referência ao texto III, julgue (C ou E) o item que se segue.

No trecho " porque eu, Dom Pedro Quaderna" (l. 35-36), a conjunção " porque" é expressão de realce, empregada de modo expletivo, visto que não estabelece relação entre a oração que ela introduz e outra oração do período.

19. (Liquigás – Administrador Jr. – Cesgranrio – Set./2015 – Adaptada)

No trecho " E isso **porque** o povo já tem dado mostras de ter maior maturidade política do que a grande maioria dos políticos", verifica-se a grafia adequada da expressão destacada, uma vez que funciona como conjunção explicativa.

A frase em que a expressão em destaque também está adequadamente empregada é

a) Não se sabe **por que** a desigualdade social ainda existe.

b) É comum não se compreender o **por quê** da fome no país.

c) **Por quê** os políticos não se movimentam para acabar com a fome?

d) O povo liderará os governantes **por que** tem maior maturidade política.

e) A fome é uma doença, mas não se entende **por que**.

20. (Basa – Téc. Bancário – Cesgranrio – Set./2015)

A palavra ou expressão em destaque está grafada corretamente e de acordo com a norma-padrão em:

a) A agricultura familiar é importante **por que** preserva os alimentos tradicionais.

b) A Agricultura Familiar é importante **por quê**?

c) A Agricultura Familiar apresenta importante função **porquê** garante a segurança alimentar.

d) O Texto I esclarece o motivo **porque** a Agricultura Familiar contribui para o uso sustentável dos recursos naturais.

e) O Texto I expõe o **porque** de a Agricultura Familiar ser importante para o país.

Gabarito: 1. d; 2. a; 3. d; 4. b; 5. c; 6. b; 7. c; 8. a; 9. a; 10. c; 11. c; 12. a; 13. e; 14. b; 15. d; 16. c; 17. d; 18. C; 19. a; 20. b.

Parte II

Morfologia

7 CLASSES GRAMATICAIS

7.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

7.1.1. Artigo

São as palavras **o** e **um**, com suas flexões, que sempre antecedem os substantivos, designando seres determinados ou indeterminados.

Exs.: O homem, um homem, a mulher, as mulheres, uma mulher etc.

O artigo, em português, tem grande importância na indicação do gênero, permitindo, também, distinguir os substantivos homônimos.

Exs.: a mão, o pão, o/a artista, o/a cabeça etc.

7.1.2. Substantivo

É o nome com que designamos os seres em geral (pessoas, animais e coisas) flexionando-se em **gênero** e **número**. O substantivo é classe de palavra que sempre pode ser antecedida de artigo.

7.1.3. Adjetivo

"É a expressão modificadora do substantivo que denota **qualidade**, **condição** ou **estado** de um ***ser***." (Evanildo Bechara)

Veja o exemplo:

"… era feito aquela gente *honesta, boa e comovida*

que caminha para a morte

pensando em vencer na vida."

Aqui, os adjetivos *honesta*, *boa* e *comovida* referem-se ao substantivo *gente*, qualificando-o.

Locução adjetiva: formada, geralmente, de preposição + substantivo com valor de adjetivo.

Observe o exemplo:

"… eu quero que o meu caixão

tenha uma forma bizarra

a forma *de coração*

a forma *de guitarra"*

As expressões *de coração* e *de guitarra*, embora sejam formadas de preposição e substantivo, têm valor de adjetivo, pois fazem o papel de um adjetivo modificam o substantivo.

Vamos treinar?

Classifique as palavras destacadas em destaque como substantivo ou adjetivo.

1. Recebeu uma vaia **monstro**.

Comentários: Refere-se ao substantivo *vaia*, qualificando-o.

Resposta: Adjetivo.

2. Veio fantasiado de **monstro**.

Comentários: Agora, a palavra monstro nomeia. É *o monstro*.

Resposta: Substantivo.

3. O seu **viver** é um exemplo para todos.

Comentários: O verbo *viver* foi substantivado por meio do artigo definido *o*.

Resposta: Substantivo.

4. O **orgulhoso** não se deu por vencido.

Comentários: *Orgulhoso*, aqui, foi substantivado, está nomeando.

Resposta: Substantivo.

5. Era um homem muito **orgulhoso**.

Comentários: Nesta frase, *orgulhoso* qualifica o substantivo *homem*.

Resposta: Adjetivo.

6. Possuía muita **confiança**.

Comentários: *A confiança* que possuía.

Resposta: Substantivo.

7. Estava antes do jogo pouco **confiante**.

Comentários: Confiante qualifica o sujeito implícito *eu* ou *ele*.

Resposta: Adjetivo.

8. "Não sou propriamente um **autor** defunto,

Comentários: Trata-se de um autor que é defunto.

Resposta: *Autor* é substantivo e *defunto* é adjetivo.

9. … mas um defunto **autor**." (Machado de Assis)

Comentários: Agora, tem-se um *defunto* que é *autor*.

Resposta: *Defunto* passou a ser substantivo e *autor*, adjetivo.

10. Teve muita **calma**.

Comentários: *A calma* que ele teve. A palavra *calma* nomeia e pode ser antecedida de artigo.

Resposta: Substantivo.

11. Extasiou-se com o **azul** do céu.

Comentários: *Azul*, que é uma cor representada pelo adjetivo, aqui está nomeando. Observe o poder que o artigo tem de substantivar palavras.

Resposta: Substantivo.

12. O bicho **homem** precisa evoluir mais.

Comentários: *Homem* qualifica *bicho*. É o bicho que é homem.

Resposta: Adjetivo.

13. Deu um drible **moleque** no guarda.

Comentários: Trata-se de um *drible* que foi *moleque*. *Moleque* qualifica *drible*.

Resposta: Adjetivo.

Resumindo:
Substantivo é classe que dá nome. É variável. Pode vir sempre antecedida de artigo.
Adjetivo é classe que se refere ao substantivo. É variável, acompanha a flexão do substantivo.

Agora que você sabe diferenciar um substantivo de um adjetivo, vamos conhecer o advérbio.

7.1.4. Advérbio

Palavra invariável que, fundamentalmente, modifica o verbo exprimindo uma circunstância (tempo, lugar, modo etc.). Pode ainda o advérbio modificar o adjetivo ou outro advérbio. Observe os exemplos:

Trabalhamos **muito**.

Aqui, o advérbio modifica um verbo, indicando-lhe ideia de intensidade. É o advérbio de intensidade.

Homem **muito** bom.

Nesse caso, o advérbio também traz valor de intensidade, só que, desta vez, modificando o adjetivo bom.

Fala **muito** bem.

Por fim, um exemplo de advérbio que modifica outro advérbio (*bem*), também com valor de intensidade.

Conclusão: embora na maioria das vezes o advérbio modifique um verbo, ele pode também se referir a um adjetivo ou a um advérbio.

Locução adverbial:

Formada, normalmente, de preposição mais substantivo com valor e emprego de advérbio.

Exemplo:

Ele saiu **às pressas**.

Nesse caso, a expressão às pressas refere-se ao verbo *sair* indicando circunstância de *modo*: é a locução adverbial de modo.

Atenção! Não confunda a locução adjetiva com a locução adverbial. Embora as duas tenham, em geral, a mesma estrutura (substantivo + adjetivo), a primeira se refere a um substantivo e a segunda, a um verbo.

Veja os exemplos a seguir:

A casa *de madeira* foi construída.

A casa foi construída *de madeira*.

A locução *de madeira*, na primeira frase, modifica o substantivo *casa* e, no segundo, a locução verbal *foi construída*. Daí, na primeira frase, ela ser locução adjetiva e na segunda, locução adverbial.

Vamos treinar?

Classifique as expressões em destaque como **adjetivo/locução adjetiva ou advérbio/locução adverbial**.

1. As mulheres ganharam dos homens **disparado**.

   Comentários: *Disparado* é o modo como as mulheres ganharam. Refere-se ao verbo. Observe a não variação. Se fosse adjetivo, concordaria com o substantivo.

   Resposta: Advérbio.

2. Ele é muito **melhor** que você.

   Comentários: *Melhor* refere-se ao pronome *ele*, qualificando-o. Na dúvida, procure jogar a frase para o plural (*Eles são melhores*). Se for advérbio, a tendência é não ir ao plural.

   Resposta: Adjetivo.

3. Você fala **grosso**, mas na hora de mostrar coragem…

   Comentários: *Grosso* é o modo como se fala. Se a frase fosse ao plural, teríamos: "Vocês falam grosso".

Resposta: Advérbio.

4. O professor saiu **sério** da sala.

Comentários: *Sério* é o estado do professor e não o modo de sair. Se a frase fosse ao plural, teríamos "os professores saíram sérios".

Resposta: Adjetivo.

5. O professor falou **sério**, não falou brincando, não.

Comentários: Aqui, *sério* é o modo como o professor falou, não o estado do professor. Pluralizando a frase, teríamos: "os professores falaram sério".

Resposta: A não variação é uma dica de que é advérbio.

6. Os corintianos entravam **duro** nos palmeirenses, que reclamavam.

Comentários: *Duro* é o modo como os corintianos entravam.

Resposta: Advérbio.

7. Ela se mostrava como uma mulher **à toa**.

Comentários: À toa qualifica o substantivo *mulher*.

Resposta: Locução adjetiva.

8. Trabalhou **à toa** nos últimos anos.

Comentários: À toa refere-se ao verbo *trabalhou*, dando-lhe circunstância de modo.

Resposta: Locução adverbial.

9. As festas **de dezembro** já iniciarão.

Comentários: *De dezembro* refere-se ao substantivo *festas*, caracterizando-o.

Resposta: Locução adjetiva.

10. As festas iniciarão **em dezembro**.

Comentários: *Em dezembro* refere-se ao verbo *iniciarão*, indicando circunstância de tempo.

Resposta: Locução adverbial.

11. Nosso tio vagava pelas ruas **com fome.**

Comentários: Cuidado! *Com fome* não é modo, jeito, forma de uma pessoa andar pelas ruas. É o estado do tio. Equivale ao adjetivo *faminto*.

Resposta: Locução adjetiva.

Resumindo:

Adjetivo é classe que se refere a substantivo. Qualifica, caracteriza. É classe variável.

Advérbio é classe que modifica verbo, adjetivo ou outro advérbio. Indica circunstância (tempo, lugar, intensidade...). É invariável.

Na dúvida, tente flexionar a palavra, mandá-la ao plural ou ao feminino. Se for advérbio, não variará. Só não proceda assim para diferenciar as locuções adjetivas das adverbiais. A tendência é a de as locuções, de um modo geral, não variarem.

7.1.5. Plural dos nomes compostos

7.1.5.1. Plural dos substantivos compostos

subst. + subst. subst. + adj. adj. + subst.		variáveis		prefixo		invariáveis

Exs.: cirurgiões-dentistas, guardas-civis, altos-relevos, segundas-feiras, contra-ataques, vice--diretores, alto-falantes, abaixo-assinados.

Obs.:

1. O verbo, aqui, não recebe **s**: guarda-roupas, guarda-chuvas, beija-flores, arranha-céus, os leva-e-traz.
2. Varia o primeiro elemento: se houver preposição, clara ou oculta, ou se o segundo elemento exprimir fim, semelhança, qualidade: pés-de-meia, cavalos-vapor, saias-balão, bananas--maçã...
3. Varia o último elemento: com as formas reduzidas **grão**, **grã**, **bel**; palavras repetidas; nos compostos de três ou mais elementos, não sendo o segundo uma preposição: grão-duques, grã-cruzes, bel-prazeres, reco-recos, tique-taques, bem-te-vis...

Obs.: corre-corres ou corres-corres (verbos repetidos: varia o último ou os dois vão ao plural).

7.1.5.2. Plural dos adjetivos compostos

1. Somente o último se flexiona quando formado de adjetivo + adjetivo ou palavra invariável + adjetivo: amizades luso-brasileiras, unidades médico-veterinárias, parcerias público-privadas, crianças recém-nascidas.
2. Não variam os compostos formados de cor + substantivo: camisas verde-garrafa, vestidos vermelho-sangue, faixas amarelo-ouro.

Obs.:

1. azul-marinho e azul-celeste: são invariáveis
2. surdo-mudo: variam os dois
3. tecidos palha, sapatos cinza, blusas abóbora, esmaltes gelo: cor, representada por substantivo, não varia.

7.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

1. Dê o plural dos substantivos compostos.

criado-mudo:	coautor:	arranha-céu:
escola-modelo:	lança-perfume:	primeira-dama:
guarda-noturno:	amor-perfeito:	contra-ataque:
pão de ló:	obra-prima:	abaixo-assinado:
mal-estar:	grão-mestre:	leva e traz:
pisca-pisca:	tico-tico:	papel-moeda:
segunda-feira:	couve-flor:	vice-diretor:
salvo-conduto:	mula sem cabeça:	batata-doce:
salário-família:	samba-enredo:	caminhão-tanque:
banana-prata:	porta-luvas:	homem-rã:
saca-rolha:	manga-rosa:	salário-mínimo:
guarda-comida:	peixe-espada:	mestre-sala:
quebra-cabeça:	puro-sangue:	porta-bandeira
sempre-viva:	lugar-comum:	

2. Dê o plural dos adjetivos compostos.

grupo hispano-argentino:

disputa sino-soviética:

obra lítero-musical:

remédio anglo-francês:

autoridade administrativo-tributária:

informação econômico-financeira:

menino surdo-mudo:

menina surda-muda:

olho azul-claro:

terno cinza-chumbo:

céu azul-topázio:

blusa amarelo-ouro:

blusa amarelo-dourada:

livro ibero-americano:

poema herói-cômico:

acordo luso-franco-brasileiro:

gravata verde-oliva:

camisa azul-piscina:

Gabarito 1: criados-mudos; escolas-modelo; guardas-noturnos; pães-de-ló; mal-estares; pisca-piscas ou piscas-piscas; segundas-feiras; salvo-condutos ou salvos-condutos; salários-família; bananas-prata; saca-rolhas; guarda-comidas; quebra-cabeças; sempre-vivas; coautores; lança-perfumes; amores-perfeitos; obras-primas; grão-mestres; tico-ticos; couves-flores; mulas-sem-cabeça; sambas-enredo; porta-luvas; mangas-rosa; peixes-espada; puros-sangues; lugares-comuns; arranha-céus; primeiras-damas; contra-ataques; abaixo-assinados; os leva-e-traz; papéis-moeda; vice-diretores; batatas-doces; caminhões-tanque; homens--rã; salários-mínimos; mestres-sala; porta-bandeiras.

Gabarito 2: grupos hispano-argentinos; disputas sino-soviéticas; obras lítero-musicais; remédios anglo-franceses; autoridades administrativo-tributárias; informações econômico-financeiras; meninos surdos-mudos; meninas surdas-mudas; olhos azul-claros; ternos cinza-chumbo; céus azul-topázio; blusas amarelo-ouro; blusas amarelo-douradas; livros ibero-americanos; poemas herói-cômicos; acordos luso-franco-brasileiros; gravatas verde-oliva; camisas azul-piscina.

7.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Agora, treinando com questões de concursos.

1. (Sen. Federal / Anal. Leg.) Assinale a alternativa em que a palavra indicada se classifica como advérbio.

a) … funcionam de maneira mais livre…

b) … lançar o mundo numa profunda recessão.

c) … na promoção de uma melhor operação…

d) … essas frases devem nos deixar algo perplexos.

e) … após algumas décadas…

Comentários:

Na letra A, *livre* se refere a *maneira* (substantivo). É adjetivo (classe modificadora de substantivo que denota *qualidade*, *condição*, *estado*, *característica*), o que também ocorre nas alternativas B e C (*profunda* e *melhor*

modificam os substantivos *recessão* e *operação*, respectivamente). Na D, *algo* se refere a *perplexos* (adjetivo). Se modifica adjetivo é *advérbio* (no caso, de intensidade).

Na E, *após* é preposição.

Resposta: D.

2. (Sen. Fed. / Técn. Leg.) Assinale a alternativa em que se encontre um advérbio.

a) Os terríveis efeitos...

b) E, a partir de 1934,...

c) Menos de 18% do empréstimo foi amortizado...

d) ... declarando possuir não mais 7, mas 12 apólices...

e) ... os mercados desabaram no mundo inteiro.

Comentários:

Na letra A, *terríveis* se refere a efeitos (substantivo), com valor de adjetivo. Na B, *partir* é verbo. Na C, *menos* modifica a expressão que indica a porcentagem (numeral substantivo), com valor de indefinição (pronome indefinido).

Já na opção D, a palavra *mais* se refere ao verbo *possuir*, é advérbio com ideia de tempo.

Na E, *inteiro* modifica *mundo* (substantivo), é adjetivo.

Resposta: D.

3. (Min. Educ.) "Trata-se da construção de uma alternativa à lógica dominante, ao ajustamento de todas as sociedades..."

No trecho acima há:

a) Quatro adjetivos.

b) Três adjetivos.

c) Dois adjetivos.

d) Um adjetivo.

e) Nenhum adjetivo.

Comentários:

Nesta questão, as opções mostram a quantidade de *adjetivos*, e não de palavra com *valor* de adjetivo, que é diferente, como iremos ver a seguir.

Neste trecho, só a palavra *dominante* aparece como adjetivo, modificando o substantivo *lógica*. Vocábulos como *construção*, *alternativa*, *lógica*, *ajustamento* e *sociedades* são substantivos.

Resposta: D.

4. (Sen. Fed. / Técn. Leg.) "… existe a percepção de que algo tem que ser feito a mais para de fato levar a saúde a toda a população."

A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:

I. Em *levar a saúde a toda a população*, há uma preposição e dois artigos.

II. Em *levar a saúde a toda a população*, a última ocorrência da palavra **a** poderia ser suprimida sem provocar grave alteração de sentido.

III. Em levar a saúde a toda a população, a primeira ocorrência da palavra **a** poderia ser suprimida sem provocar grave alteração de sentido.

Assinale:

a) Se somente os itens II e III estiverem corretos.

b) Se todos os itens estiverem corretos.

c) Se nenhum item estiver correto.

d) Se somente os itens I e II estiverem corretos.

e) Se somente os itens I e III estiverem corretos.

Comentários:

No item I, *levar* é verbo transitivo direto e indireto. A expressão *a saúde* é objeto direto, logo esse *a* é artigo e *a toda a população* é objeto indireto, sendo o primeiro *a* preposição (levar saúde *a*...) e o segundo, artigo de *população*. Correto.

No item II, temos a expressão *toda a*, que é diferente de *toda*. A primeira tem valor de *inteira*, *completa*. A segunda, valor de indefinição: *qualquer*, *cada*. Observem que há alteração de sentido.

No item III, a ausência do artigo não provoca "grave alteração de sentido", pois em *levar saúde* ou *levar a saúde* o *objetivo* continua o mesmo, independentemente da definição ou da indeterminação.

Resposta: E.

5. (Pol. Fed. / Anal. Leg.) "Atinge toda a região e a si mesmo, pois o Equador é credor no âmbito do CCR, e a efetiva realização da ameaça de não honrar compromisso assumido o impedirá de receber aquilo que lhe é devido."

No trecho acima há:

a) Sete artigos.

b) Seis artigos.

c) Cinco artigos.

d) Quatro artigos.

e) Três artigos.

Comentários:

Artigo são as palavras *o(s)*, *a(s)*, *um*, *uma*, *uns*, *umas* que antecedem os **substantivos**. Então, vamos lá!

O primeiro artigo aparece antes do substantivo *região*, o segundo, antes de *Equador*. Lembre que, nas contrações *no*, *na*, *do*, *da* etc., aparece *artigo* contraído à preposição.

Logo, em "... n*o* âmbito d*o* CCR..." os termos destacados são *artigo* dos substantivos que se seguem. Em "... *a* efetiva realização...", aquele *a* é artigo de *realização*. Na sequência, mais uma contração (*da*), prep. *de* + art. def. fem. *a*. Teríamos, assim, *seis artigos*.

Resposta: B.

6. (Inspetor Pol. Civil) "Ora, as mazelas da imigração só podem ser resolvidas com a integração dos estrangeiros às sociedades, associada a uma enfática cooperação internacional, a fim de extrair da miséria e da desesperança a larga franja demográfica em que nascerá o futuro ser humano a expulsar."

No trecho acima, há:

a) 9 artigos definidos e 4 ocorrências da preposição a.

b) 8 artigos definidos e 4 ocorrências da preposição a.

c) 7 artigos definidos e 3 ocorrências da preposição a.

d) 9 artigos definidos e 3 ocorrências da preposição a.

e) 8 artigos definidos e 2 ocorrências da preposição a.

Comentários:

Agora, além de identificar os artigos no texto, repare que as opções só falam de artigo *definido*, pede-se também a quantidade de preposições (que aparecem por exigência de um *nome* – regência nominal – ou de um *verbo* – regência verbal).

Assim sendo, os *artigos* seriam, pela ordem de aparecimento:

1º ... *as* mazelas

2º ... d*a* imigração

3º ... *a* integração

4º ... d*os* estrangeiros

5º ... às sociedades (prep. *a* + art. *as*)

6º ... d*a* miséria

7º ... d*a* desesperança

8º ... *a* larga franja

9º ... *o* futuro

As preposições seriam:

1ª ... integração (que pede preposição *a*) ... às sociedades...

2ª ... associada (que pede preposição *a*) *a* uma enfática...

3ª ... *a* fim de (*fim* é palavra masculina, logo esse *a* só pode ser prep.)

4ª ... *a* expulsar (verbo, o *a*, com certeza, não é artigo)

Resposta: A.

7. (Inspetor Pol. Civil) "Somando-se essa possibilidade à fresca barbárie do governo republicano dos EUA, o mundo desenvolvido desgasta aguda e paulatinamente sua autoridade moral para cobrar valores humanistas de outros governos."

A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:

I. O pronome *essa* tem valor anafórico.

II. A palavra aguda classifica-se como advérbio.

III. Há, no trecho, oito substantivos.

Assinale:

a) Se todos os itens estiverem corretos.

b) Se somente os itens I e III estiverem corretos.

c) Se nenhum item estiver correto.

d) Se somente os itens II e III estiverem corretos.

e) Se somente os itens I e II estiverem corretos.

Comentários:

No item I, o pronome *essa*, independentemente de aparecer o texto ou não, remete à *possibilidade* que *já apareceu*. Quando o pronome remete o leitor a alguma informação que veio *antes*, tem valor *anafórico*. No item II, *aguda* se refere ao verbo (*desgosta*), é advérbio. Repare que o conectivo *e* adiciona termos de mesma função. No caso de esse conectivo adicionar dois advérbios terminados em *mente*, pede-se usar essa terminação apenas após o último deles

(para não termos agudamente e paulatinamente).

No item III, os *substantivos* seriam:

1. possibilidade 5. mundo

2. barbárie 6. autoridade

3. governo 7. valores

4. EUA 8. governo

Resposta: A.

8. (Sen. Fed. / Anal. Leg.) Assinale a alternativa em que o termo indicado **não** tenha valor adjetivo.

a) ... Poder Legislativo, cujas competências foram ampliadas.

b) ... configura alguns desafios.

c) ... a existência de muitos dispositivos.

d) Esse pacto...

e) ... resolvidos na atual Constituição...

Comentários:

Atente, nesta questão, ao enunciado: termo que não tenha **valor** adjetivo. Com essa palavra, além do próprio *adjetivo*, o *numeral*, o *pronome*, quando vêm junto ao substantivo, têm *valor* adjetivo.

Agora, sim, vamos às questões, já que o mesmo enunciado se repete nas questões seguintes.

Na letra A, *ampliadas* **não** tem valor adjetivo, pois pertence a uma estrutura de *voz passiva analítica* (verbo *ser* + *particípio*). Logo, nessa frase, *ampliada* é verbo no *particípio*. Em B, *alguns* é pronome indefinido que se refere a substantivo, pronome adjetivo – *valor* adjetivo, pois. Na C e na D, *muitos* – pronome indefinido – e *esse* – pronome demonstrativo se referem, respectivamente, a *dispositivos*, *pacto*. Na E, *atual* é adjetivo de *Constituição*.

Resposta: A.

9. (TRT / Anal. Jud.) Assinale a alternativa em que o termo indicado não tenha valor adjetivo.

a) ... dividido em dois sistemas.

b) ... o custo de todo o petróleo.

c) ... o muro foi erguido pelos holandeses e derrubado pelos ingleses.

d) ... sistemas capitalista e socialista.

e) Se a queda ... trouxe mais liberdade.

Comentários:

Na opção A, o numeral *dois* se refere a *sistemas* (substantivo), numeral adjetivo. Na B, o pronome indefinido *todo* vem junto ao substantivo *petróleo*. Na letra C, a tal da *estrutura de voz passiva analítica* (ser + particípio): "… o muro *foi erguido* pelos holandeses e (*foi*) *derrubado* pelos ingleses". Verbo no particípio. Na D, *socialista,* assim como *capitalista* são adjetivos de *sistemas*. Na E, *mais* é pronome indefinido adjetivo, pois aparece junto ao substantivo *liberdade.*

Resposta: C.

10. (Inspetor Pol. Civil) Assinale a alternativa em que o termo, na canção de Chico Buarque, não exerça papel adjetivo.

a) Aliso teus seios…

b) Aeromoça nervosa pede calma.

c) Aeromoça nervosa pede calma.

d) … avisto alguma salvação.

e) Qual esquina dobrei…

Comentários:

Já sabemos que este enunciado é abrangente, pois *papel* adjetivo pode ser representado por pronome, numeral e o próprio adjetivo. Na letra A, o pronome *teus* se refere ao substantivo *seios*, exerce papel adjetivo. Na B, a palavra *calma* é substantivo, não qualifica nem caracteriza nenhum substantivo, na C, *nervosa* acrescenta ao substantivo *aeromoça* um estado, adjetivo, portanto. Na opção D, *alguma* é pronome indefinido que se refere a *salvação*. Na E, o pronome *qual* modifica o substantivo *esquina*.

Resposta: B.

11. (Sen. Fed. / Anal. Leg.) Assinale a alternativa em que o termo indicado *não* tenha valor adjetivo.

a) O voto deixa claro que o respeito ao voto e à Constituição…

b) … não faz mais sentido opor…

c) … entre as diversas etnias…

d) … direito inalienável dos índios.

e) Dois pontos merecem…

Comentários:

Na letra A, a palavra *claro*, embora esteja ao lado do verbo *deixa* (e, por esse motivo, possa parecer um advérbio), refere-se à oração que vem logo a seguir, iniciada pela conjunção integrante *que.* Trata-se de uma oração substantiva. Sendo assim, na ordem direta, teríamos a seguinte estrutura: "O voto deixa *isto* claro". É por isso que *claro* é adjetivo, e não advérbio.

Já na letra B, a palavra *mais*, embora anteceda o substantivo *sentido*, está ligada ao verbo *fazer*, indicando circunstância de tempo. É como se disséssemos *não faz sentido agora*, *antes fazia, agora não mais.* Trata-se, portanto, de advérbio de tempo.

Na letra C, *diversas* é adjetivo de *etnias*.

Na letra D, o substantivo *direito* tem duas adjetivações: *inalienável* (adjetivo) e *dos índios* (locução adjetiva).

E na letra E temos um numeral adjetivo, junto ao substantivo *pontos*.

Resposta: B.

12. (Pol. Civil / Perito Crim.) Assinale a alternativa em que a palavra indicada *não* tenha valor adjetivo.

a) ... criaram condições para <u>essa</u> consolidação.

b) ... essa era a <u>primeira</u> coisa...

c) ... o código tem de ser preservado e <u>respeitado</u> para que a disputa...

d) ... deixar de ser um texto abstrato e <u>distante</u>.

e) ... escrever com bico <u>de pena</u>...

Comentários:

Na letra A, temos um pronome demonstrativo em função adjetiva, por acompanhar o substantivo *consolidação*.

Na letra B, observa-se um numeral ordinal também em função adjetiva, que se refere ao substantivo *coisa*.

No entanto, o que se vê na letra C é um verbo no particípio que é verbo principal de uma locução verbal. Uma dica, aqui, seria que você observasse os verbos auxiliares que os antecedem: *tem de ser*. E, toda vez que o particípio fizer parte de uma locução verbal, será verbo, e não adjetivo. É claro que se disséssemos *código respeitado* é o ideal, por exemplo, o vocábulo *respeitado* seria adjetivo, e não verbo. Mas não foi o caso.

Na letra D, temos um adjetivo *distante*.

E, na letra E, uma locução adjetiva, que vem se referindo ao substantivo antecedente *bico*.

Resposta: C.

13. (Pol. Civil / Perito Crim.) Assinale a alternativa em que, no texto, o termo não tenha valor adjetivo.

a) Com <u>alguma</u> frequência...

b) <u>Seus</u> governantes.

c) <u>Tal</u> tipo de dívida...

d) Tal tipo de dívida foi <u>contraída</u>...

e) Empresa de capital <u>nacional</u>...

Comentários:

Na letra A, temos um pronome indefinido com função adjetiva, por acompanhar o substantivo *frequência*.

Na letra B, o pronome possessivo *seus* também está em função adjetiva, junto ao substantivo *governantes*.

Na letra C, o que se vê é um pronome demonstrativo, que se refere ao substantivo *tipo*, estando, portanto, em função adjetiva.

Já, na letra D, o particípio *contraída*, por fazer parte de uma locução verbal (observe só o auxiliar que o antecede: *foi*), é verbo, e não adjetivo.

E, na letra E, *nacional* é adjetivo de *capital*.

Resposta: D.

7.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (TRT – 3ª Região (MG) – Analista Judiciário – Área Judiciária – FCC 2015)

A guerra continua, está aí, espalhada pelo mundo, camuflada por diferentes nomenclaturas, inconfundível, salvo em breves hiatos sem hostilidades, porém com intensos ressentimentos.

Justifica-se o emprego do advérbio *aí*, na frase, do seguinte modo:

a) a palavra delimita o lugar da guerra, aquele em que o interlocutor se encontra.

b) a palavra remete ao lugar a que se fez referência anteriormente: ao espaço dos *Aliados*.

c) a palavra tem o sentido de " nesse ponto", como em " É aí que está o X da questão".

d) a palavra compõe expressão que tem o sentido de " apresenta-se por lugares incertos, de modo disseminado".

e) a palavra tem seu sentido associado ao da palavra *inconfundível*, para expressarem, juntas, a ideia de " contorno único".

2. (Sabesp – Advogado – FCC – 2014)

<u>Atualmente</u>, também se associa o Desenvolvimento Sustentável ou Sustentabilidade à responsabilidade social. Responsabilidade social é a forma ética e responsável pela qual a Empresa desenvolve todas as suas ações, políticas, práticas e atitudes, tanto com a comunidade quanto com o seu corpo funcional. <u>Enfim</u>, com o ambiente interno e externo à Organização e com todos os agentes interessados no processo.

<u>Assim</u>, as definições de Educação Ambiental são abrangentes e refletem a história do pensamento e visões sobre educação, meio ambiente e desenvolvimento sustentável.

Os advérbios grifados no trecho acima podem ser substituídos corretamente, na ordem dada, por:

a) Nos dias de hoje – Por fim – Desse modo

b) Consentaneamente – Afinal de contas – Desse modo

c) Nos dias de hoje – Ultimamente – Do mesmo modo

d) Consentaneamente – Por derradeiro – Destarte

e) Presentemente – Afinal de contas – De todo modo

3. (SEDU-ES – Professor B – FCC – Jan./2016 – Adaptada)

Um dos elementos mais importantes na organização do texto de Clarice Lispector é o advérbio de tempo, como o que se encontra grifado em:

I. *Jamais esquecerei o meu aflitivo e dramático contato com a eternidade.*

II. *E eis-me com aquela coisa cor-de-rosa, de aparência tão inocente, tornando possível o mundo impossível do qual eu já começara a me dar conta.*

III. *– E agora que é que eu faço? – perguntei para não errar no ritual que certamente deveria haver.*

IV. *Enquanto isso, eu mastigava obedientemente, sem parar.*

Atende ao enunciado APENAS o que consta de

a) I, II e IV.

b) II e IV.

c) II e III.

d) I e III.

e) I, III e IV.

Leia o texto a seguir para responder à questão 4.

As relações que as sociedades ocidentais industriais mantêm com os temas da ciência e da tecnologia não se constituem numa constante. No transcorrer da história dessas sociedades, a ciência deixa de ser entendida apenas como um tipo de conhecimento tido como válido e passa a se conjugar com as técnicas, conformando uma aplicação prática e útil desse conhecimento.

Isso ocorre desde os desdobramentos da Revolução Industrial no século XIX, quando ciência e tecnologia passaram a constituir um binômio, abreviadamente expresso por C&T, no qual, cada vez mais, conhecimento científico e técnica se entrelaçam. A tecnologia vai-se tornando plena de ciência e esta tende a incorporar crescentemente a técnica. Já no século XX, o desenvolvimento de ciência e tecnologia passou a utilizar intensivamente grandes investimentos financeiros, tendo em vista o domínio tanto da natureza quanto das sociedades.

A partir de então, e dada a intensificação dos processos técnico-científicos da contemporaneidade, surgem posicionamentos antagônicos em relação à temática da aceleração tecnológica. Por um lado, estabelece-se uma compreensão de que o incremento de ciência e tecnologia é algo determinante, ou até mesmo fundamental para um desenvolvimento econômico e social satisfatório, além de ser politicamente neutro e desprovido de normatividade.

Desde outra perspectiva, desenvolvem-se reflexões sobre as incertezas e indeterminações acerca do destino das sociedades como consequência dos principais modelos e sistemas técnico-científicos contemporâneos. Questiona-se o papel da ciência e da tecnologia como fator determinante e como atividade neutra de valores.

Raquel Folmer Corrêa. Tecnologia e sociedade: análise de tecnologias sociais no Brasil contemporâneo. Porto Alegre: UFRGS, 2010. Dissertação de mestrado. In: Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br> (com adaptações).

4. (Inpi – Nível Médio/Superior – Cespe – 2013)

Julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Nas linhas 5 e 16, as ocorrências do vocábulo " desde" introduzem circunstâncias temporais.

Leia o texto a seguir para responder à questão 5.

Texto I

Enquanto aumenta o ritmo de inovação tecnológica no país e cresce a aplicação da informática nos mais diversos setores da sociedade, formam-se cerca de 30 mil profissionais por ano em áreas ligadas à tecnologia da informação e comunicação (TIC). Ainda assim, as empresas reclamam da falta de profissionais. " Temos uma janela de oportunidades em TIC no país. O que falta é gente qualificada", alerta Pier Carlo Sola, diretor-presidente de um parque tecnológico pernambucano que abriga 68 empresas da área.

Apesar de não haver estatísticas que revelem a expansão do setor, especialistas estimam o crescimento em torno de 10% ao ano. Com isso, a não regulamentação das profissões ligadas à computação torna ainda mais acirrada a disputa por vagas e delega ao mercado a seleção do bom profissional.

" Independentemente da formação, o profissional de TIC tem de estar comprometido com o aprendizado contínuo e interessado em trabalhar com gestão de projetos, saber se comunicar e trabalhar em diversas equipes", diz o gerente de carreiras Marcos Vono.

Essa é uma carreira multifacetada, que encontra espaço em consultorias, cooperativas, grandes empresas, locais que terceirizam mão de obra ou no empreendedorismo. " O profissional tem de ter visão do negócio e conhecer a realidade da empresa que atende, senão ficará sem emprego", alerta Ivair Rodrigues, agente de pesquisa em tecnologia da informação (TI).

Segundo o cadastro das instituições de educação superior do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, há 1.021 cursos superiores ligados a 31 computação, informática, TI e análise de sistemas. " Mas só metade dos alunos tem formação adequada, ou seja, de 12 mil a 16 mil novos profissionais precisam passar por uma requalificação logo que saem da universidade para poder entrar no mercado de trabalho", diz Pier Carlo Sola.

Disponível em: <www1.folha.uol.com.br> (com adaptações).

5. (Cespe – CEF – Médio – 2014)

Com base nas informações veiculadas no texto, em sua estrutura e em seus aspectos gramaticais, julgue o próximo item como Certo (C) ou Errado (E).

No trecho " o profissional de TIC tem de estar comprometido com o aprendizado contínuo e interessado em trabalhar com gestão de projetos" (l. 9-10), o termo " interessado" qualifica " o aprendizado".

Leia o texto a seguir para responder à questão 6.

Texto I

De acordo com uma lista da International Union for the Conservation of Nature, o Brasil é o país com o maior número de espécies de aves ameaçadas de extinção, com um total de 123 espécies sofrendo risco real de desaparecer da natureza em um futuro não tão distante. A Mata Atlântica concentra cerca de 80% de todas as aves ameaçadas no país, fato que resulta de muitos

anos de exploração e desmatamentos. Atualmente, restam apenas cerca de 10% da floresta original, não sendo homogênea essa proporção de floresta remanescente ao longo de toda a Mata Atlântica. A situação é mais séria na região Nordeste, especialmente nos estados de Alagoas e Pernambuco, onde a maior parte da floresta original foi substituída por plantações de cana-de-açúcar. É nessa região que ainda podem ser encontrados os últimos exemplares das aves mais raras em todo o país, como o criticamente ameaçado limpa-folha-do-nordeste (*Philydor novaesi*). Essa pequena ave de dezoito centímetros vive no estrato médio e dossel de florestas bem conservadas e ricas em bromélias, onde procura artrópodes dos quais se alimenta. Atualmente, as duas únicas localidades onde a espécie pode ser encontrada são a Estação Ecológica de Murici, em Alagoas, e a Serra do Urubu, em Pernambuco.

Pedro F. Develey et al. O Brasil e suas aves. In: *Scientific American Brasil*, 2013 (com adaptações).

6. (Cespe – ICMBIO – Superior – 2014)

Julgue o item seguinte, relativo às ideias e aos aspectos estruturais do texto, como Certo (C) ou Errado (E).

Nas sequências "**toda a Mata Atlântica**" (l. 6) e "**todo o país**" (l. 9), os artigos definidos "**a**" e "**o**" são opcionais, podendo ser suprimidos sem que haja prejuízo à correção gramatical e à significação dos períodos de que fazem parte.

7. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016 – Adaptada)

" Um ofício relativamente poupado até aqui é o de médico. Até aqui."

Sobre esse segmento acima, é correto afirmar que:

a) o advérbio " relativamente" mostra que a profissão de médico ainda não foi atingida pela revolução;

b) a expressão " até aqui" tem valor semântico de lugar;

c) a expressão " até aqui" é repetida a fim de destacar-se um elemento importante no texto;

d) o pronome " o" refere-se a " médico";

e) o vocábulo " um" em " um ofício" tem noção de quantidade.

8. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

Segundo o gramático Celso Cunha, os adjetivos em língua portuguesa expressam qualificações, características, estados e relações; o adjetivo abaixo que expressa relação é:

a) fácil entendimento;

b) linguagem objetiva;

c) profissionais qualificados;

d) prática clínica;

e) informação transparente.

Leia o texto a seguir para responder à questão 9.

Texto 1 – Problemas Sociais Urbanos

Dentre os problemas sociais urbanos, merece destaque a questão da segregação urbana, fruto da concentração de renda no espaço das cidades e da falta de planejamento público que vise à promoção de políticas de controle ao crescimento desordenado

das cidades. A especulação imobiliária favorece o encarecimento dos locais mais próximos dos grandes centros, tornando-os inacessíveis à grande massa populacional. Além disso, à medida que as cidades crescem, áreas que antes eram baratas e de fácil acesso tornam--se mais caras, o que contribui para que a grande maioria da população pobre busque por moradias em regiões ainda mais distantes.

Essas pessoas sofrem com as grandes distâncias dos locais de residência com os centros comerciais e os locais onde trabalham, uma vez que a esmagadora maioria dos habitantes que sofrem com esse processo são trabalhadores com baixos salários. Incluem-se a isso as precárias condições de transporte público e a péssima infraestrutura dessas zonas segregadas, que às vezes não contam com saneamento básico ou asfalto e apresentam elevados índices de violência.

A especulação imobiliária também acentua um problema cada vez maior no espaço das grandes, médias e até pequenas cidades: a questão dos lotes vagos. Esse problema acontece por dois principais motivos: 1) falta de poder aquisitivo da população que possui terrenos, mas que não possui condições de construir neles e 2) a espera pela valorização dos lotes para que esses se tornem mais caros para uma venda posterior. Esses lotes vagos geralmente apresentam problemas como o acúmulo de lixo, mato alto, e acabam tornando-se focos de doenças, como a dengue.

PENA, Rodolfo F. Alves. "Problemas socioambientais urbanos". *Brasil Escola*. Disponível em: <http://brasilescola.uol.com.br/brasil/problemas-ambientais-sociais-decorrentes-urbanização.htm>. Acesso em 14 de abril de 2016.

9. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

" Além disso, à medida que as cidades crescem, áreas que antes eram baratas e de fácil acesso tornam-se mais caras, o que contribui para que a grande maioria da população pobre busque por moradias em regiões ainda mais distantes."

Nesse segmento do texto 1, o vocábulo *mais* aparece duas vezes, com a mesma classe gramatical; a frase abaixo em que esse mesmo vocábulo apresenta classe diferente é:

a) " Quem está embaixo não pode cair mais fundo" (Samuel Butler);

b) " A avareza é mais contrária à economia que a liberdade" (La Rochefoucauld);

c) " O avarento é o mais leal e fiel depositário dos bens dos seus herdeiros" (Marquês de Maricá);

d) " A coisa mais semelhante a reviver a própria vida é relembrá-la e tornar essa lembrança o mais durável possível" (Franklin);

e) " O pecado de mais culpa é o adultério" (Nouailles).

10. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

O segmento abaixo em que NÃO é possível trocar de posição os elementos textuais sublinhados é:

a) " Incluem-se a isso <u>as precárias condições de transporte público</u> e <u>a péssima infraestrutura dessas zonas segregadas</u>, que às vezes não contam com saneamento básico ou asfalto e apresentam elevados índices de violência";

b) " às vezes não contam com <u>saneamento básico</u> ou <u>asfalto</u> e apresentam elevados índices de violência";

c) " Essas pessoas sofrem com as grandes distâncias dos locais de residência com <u>os centros comerciais</u> e <u>os locais onde trabalham</u>";

d) " Além disso, à medida que as cidades crescem, áreas que antes eram <u>baratas</u> e <u>de fácil acesso</u> tornam-se mais caras";

e) " merece destaque a questão da segregação urbana, fruto <u>da concentração de renda no espaço das cidades</u> e <u>da falta de</u>

planejamento público que vise à promoção de políticas de controle ao crescimento desordenado das cidades."

Leia o texto a seguir para responder à questão 11.

Texto 2 – Violência e favelas

O crescimento dos índices de violência e a dramática transformação do crime manifestados nas grandes metrópoles são alarmantes, sobretudo, na cidade do Rio de Janeiro, sendo as favelas as mais afetadas nesse processo.

" A violência está o cúmulo do absurdo. É geral, não é? É geral, não tem, não está distinguindo raça, cor, dinheiro, com dinheiro, sem dinheiro, tá de pessoa para pessoa, não interessa se eu te conheço ou se eu não te conheço. Me irritou na rua eu te dou um tiro. É assim mesmo que está, e é irritante, o ser humano está em um estado de nervos que ele não está mais se controlando, aí junta a falta de dinheiro, junta falta de tudo, e quem tem mais tá querendo mais, e quem tem menos tá querendo alguma coisa e vai descontar em cima de quem tem mais, e tá uma rivalidade, uma violência que não tem mais tamanho, tá uma coisa insuportável." (moradora da Rocinha)

A recente escalada da violência no país está relacionada ao processo de globalização que se verifica, inclusive, ao nível das redes de criminalidade. A comunicação entre as redes internacionais ligadas ao crime organizado são realizadas para negociar armas e drogas. Por outro lado, verifica-se hoje, com as CPIs (Comissão Parlamentar de Inquérito) instaladas, ligações entre atores presentes em instituições estatais e redes do narcotráfico.

Nesse contexto, as camadas populares e seus bairros/favelas são crescentemente objeto de estigmatização, percebidos como causa da desordem social o que contribui para aprofundar a segregação nesses espaços. No outro polo, verifica-se um crescimento da autossegregação, especialmente por parte das elites que se encastelam nos enclaves fortificados na tentativa de se proteger da violência.

(Maria de Fátima Cabral Marques Gomes, *Scripta Nova*)

11. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

" ...O crescimento dos índices de violência e a dramática transformação do crime manifestados nas grandes metrópoles são alarmantes, sobretudo, na cidade do Rio de Janeiro."

O termo " sobretudo" só NÃO pode ser substituído adequadamente por:

a) principalmente;

b) geralmente;

c) especialmente;

d) destacadamente;

e) particularmente.

12. (Compesa – A.S.G. – Técn. Segur. Trab. – FGV – Jul./2016)

A frase em que a palavra ***mais*** tem sentido ***diferente*** do das outras frases é:

a) " A mais estranha coisa sobre o futuro é que alguém evocará nossa época como os bons e velhos tempos".

b) " O futuro não é mais o que costumava ser".

c) “ Muito poucos são os que vivem no presente, a maioria se prepara para viver mais tarde”.

d) “ Devemos procurar mais sermos pais de nosso futuro do que filhos de nosso passado”.

e) “ Há ladrões que não castigamos, mas que nos roubam o que é mais precioso: o tempo”.

13. (Compesa – A.S.G. – Técn. Segur. Trab. – FGV – Jul./2016)

Assinale a frase em que houve a troca ***indevida*** da palavra *mal* por *mau* ou vice-versa.

a) “ A ironia é uma forma elegante de ser mau”.

b) “ Não há mau que sempre dure nem bem que nunca se acabe”.

c) “ Basta um drinque para me deixar mal. Mas nunca sei se é o 13º ou o 14º”.

d) “ O mal de comprar coisas de segunda mão é que elas nunca são de segunda mão”.

e) “ O mal das encrencas é que elas começam bem devagarinho”.

14. (Pref. Paulínia-SP – Eng. Agrôn. – FGV – Maio/2016)

“ *O bom médico não deixa ver nada de suas apreensões ao seu paciente.*”

A mesma relação semântica entre as palavras sublinhadas se repete nos pares a seguir, ***à exceção de um***. Assinale-o.

a) advogado/cliente.

b) mestre/discípulo.

c) santo/devoto.

d) senhorio/inquilino.

e) religião/militante.

15. (Pref. Paulínia-SP – Eng. Agrôn. – FGV – Maio/2016)

“ *O falar é perigoso para as nossas ilusões.*”

(**Machado de Assis**)

Sobre os componentes do fragmento acima, assinale a afirmativa ***incorreta***.

a) O termo “ *o falar*” é um exemplo de palavra substantivada.

b) No adjetivo “ *perigoso*”, o sufixo -oso forma adjetivos a partir de substantivos.

c) A preposição “ *para*” mostra valor de finalidade.

d) O pronome possessivo “ *nossas*” tem valor universal.

e) O adjetivo “ *perigoso*” expressa uma opinião do enunciador.

16. (Pref. Paulínia-SP – Eng. Agrôn. – FGV – Maio/2016)

Entre as frases de Machado de Assis a seguir, assinale aquela em que a locução adjetiva sublinhada mostra uma substituição ***inadequada***.

a) "*A fantasia é um vidro de cor, porém mentiroso.*" / colorido

b) "*Sem ter passado por provas da experiência, é muito raro dizer coisa com coisa.*" / experientes

c) "*Admiremos os diplomatas que sabem guardar consigo os segredos dos governos.*" / governamentais

d) "*Amor ou eleições, não falta matéria às discórdias dos homens.*" / humanas

e) "*A tática do parlamento de tomar tempo com discursos até o fim das sessões não é nova.*"/ parlamentar

17. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016 – Adaptada)

No trecho " Como explicar o que eu sentia de presente prodigioso em sair de casa de madrugada e pegar o bonde vazio que nos levaria para Olinda ainda na escuridão?", são palavras de classes gramaticais diferentes

a) **em** e **que**

b) **sair** e **pegar**

c) **como** e **ainda**

d) **prodigioso** e **vazio**

e) **presente** e **madrugada**

18. (Unesp – Ass. Administrativo I – Vunesp – Abril/2016)

O advérbio destacado na passagem – ... você definir como ele deve ser ou se comportar dependendo de seu gênero pode ser **muito**, **muito** cruel? – tem equivalente em:

a) Só gente **muito** preconceituosa pensa assim.

b) Há **muito** ponto de vista errado acerca desse assunto.

c) **Muito** do que é hoje deve aos pais, sempre dedicados a ele.

d) Só por **muito** ele aceita defender o réu.

e) O vírus transmitido pelo mosquito vem causando **muito** sofrimento às pessoas.

19. (Unifesp – Técnico Seg. Trab. – Vunesp – Abril/2016)

Observe as passagens:

– … e **agora** quer começar uma carreira médica. (2º parágrafo);

– … ele tem 80 anos. **Isto mesmo**, 80. (3º parágrafo);

– **Talvez** a expectativa de vida não permita… (4º parágrafo).

As expressões destacadas expressam, respectivamente, sentido de

a) lugar, modo e causa.

b) tempo, afirmação e dúvida.

c) afirmação, afirmação e dúvida.

d) tempo, modo e afirmação.

e) modo, dúvida e intensidade.

20. (Unifesp – Técnico Seg. Trab. – Vunesp – Abril/2016)

O emprego do adjetivo anteposto ao substantivo realça a qualidade que a este se atribui, o que se pode comprovar com a expressão em destaque na seguinte passagem do texto:

a) Os bastidores do vestibular são cheios de **histórias** – **curiosas, estranhas, comoventes**.

b) O jovem que chega atrasado por alguns segundos, por exemplo, é uma **figura clássica**...

c) Veio do Japão aos 11 anos, (…) e agora quer começar uma **carreira médica**.

d) Eu ponderaria que nem tudo na vida se regula pelo **critério cronológico**.

e) Os resultados do **difícil exame** trazem desilusão para muitos jovens…

21. (MPE/SP- Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

(Hagar, Dik Browne. *Folha de S.Paulo*, 31.10.2015. Adaptado)

Os advérbios " bem" (1ª quadrinho) e " Talvez" (2ª quadrinho) expressam, respectivamente, circunstância de

a) modo e tempo.

b) afirmação e modo.

c) dúvida e afirmação.

d) afirmação e intensidade.

e) modo e dúvida.

22. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

No trecho – **Bombeiros mineiros** deverão receber treinamento... – (1º parágrafo), a expressão em destaque é formada por substantivo + adjetivo, nessa ordem. Essa relação também se verifica na expressão destacada em:

a) A **imprudente atitude** do advogado trouxe-me danos.

b) Entrou silenciosamente, com um **espanto indisfarçável**.

c) **Alguma pessoa** teve acesso aos documentos da reunião?

d) Trata-se de um lutador **bastante forte** e preparado.

e) Estiveram presentes à festa meus **estimados padrinhos**.

23. (Unesp – Assistente Administrativo – Vunesp – Fev./2016)

Uma palavra que substitui a expressão destacada em – A iniciativa começou com frutos e legumes, mas, **pouco a pouco**, está se expandindo –, sem alteração de sentido, é:

a) subitamente.

b) paulatinamente.

c) repentinamente.

d) provavelmente.

e) impreterivelmente.

Leia o texto a seguir para responder à questão 24.

Qualquer movimento para interromper a construção de uma rodovia é uma tentativa de fazer que o velho caos volte à vida. A despeito de esporádicos êxitos locais, ninguém tem demonstrado possuir poder suficiente para enfrentar o vasto poder acumulado da rodovia. Isso sugere que o modernismo tem suas próprias contradições e tensões dialéticas e que determinadas formas de pensamento e visão modernistas podem solidificar-se em ortodoxias dogmáticas e tornar-se arcaicas. A aspiração contemporânea por uma cidade abertamente turbulenta, mas intensamente viva, corresponde à aspiração de voltar a expor feridas antigas, mas especificamente modernas. É a aspiração de conviver abertamente com o caráter dividido e irreconciliável de nossas vidas e extrair energia do âmago mesmo de nossos esforços, aonde quer que isso nos conduza no final.

(Berman, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986, p.165, Adaptado).

24. (DNIT – Analista Administrativo – ESAF – 2013)

(Adaptada). Julgue a assertiva a seguir como certa ou errada.

Seria preservada a correção gramatical do texto se o advérbio “ aonde” (l. 8) fosse substituído por “ onde”.

Leia o texto a seguir para responder à questão 25.

O antigo laço de amizade que me liga a Oscar Niemeyer levou-me a transmitir-lhe minhas preocupações sobre os erros que eu acreditava terem sido cometidos em Brasília em consequência do planejamento puramente estético e quase ditatorial.

Entretanto, fiquei estupefato com seu otimismo. Ele me disse que, em Brasília, os ajustamentos sociais que me estavam preocupando seriam, gradativamente, solucionados em harmonia com a nova arquitetura.

(Freyre, Gilberto. *Palavras repatriadas*. Brasília: Editora UnB; São Paulo: Imprensa Oficial SP, 2003, p.244-6, Adaptado).

25. (DNIT – Analista Administrativo – ESAF – 2013)

(Adaptada). Julgue a assertiva a seguir como certa ou errada.

Atende à norma gramatical da língua padrão e preserva o sentido do texto original a seguinte substituição:

“ gradativamente, solucionados em harmonia com a nova arquitetura” (l. 5) por “ gradativa e harmonicamente solucionados à nova arquitetura”.

26. (DNIT – Técnico Administrativo – ESAF – 2012)

Na transcrição do fragmento de texto abaixo, foram desrespeitadas regras gramaticais da língua portuguesa. Assinale a opção em que a grafia de palavra ou o uso de estrutura linguística está incorreto.

A intensa migração, o encarecimento dos terrenos centrais, mais bem (A) situados, e demais fatores criaram incentivos para a configuração espacial das nossas metrópoles: as classes de menor poder aquisitivo acabam por se concentrar (B) nas periferias. Lá os preços dos terrenos são menores, compensando a baixa acessibilidade e a insuficiência (C) de infraestrutura. Ou seja, a classe com menores condições reside distante dos locais de emprego, consumo e entretenimento. Além disso, essa classe depende de transporte público pouco eficiente e de baixa qualidade, pois este não foi priorizado ao longo de décadas. Mais ainda, quando membros dessa classe conseguem obterem (D) crescimento de renda e acesso a (E) crédito, desprivilegiados que são em sua mobilidade, têm como principal impulso a aquisição de automóveis. Isso, por sua vez, somente agrava ainda mais o quadro de engarrafamentos em massa das metrópoles.

(Adaptado de Vladimir Fernandes Maciel, Problemas e desafios do transporte público urbano. Disponível em: <http://www.pucrs.br>).

a) A

b) B

c) C

d) D

e) E

Leia o texto a seguir para responder à questão 27.

No Brasil, a criação e a paulatina expansão das ouvidorias são consequência da centralidade dos direitos fundamentais e do princípio da dignidade da pessoa humana na Constituição de 1988, relacionando-se à democratização do Estado e da sociedade brasileira.

Na administração pública, além de concretizar o direito constitucional de petição, fornecendo aos cidadãos um canal adequado para tratamento de reclamações, denúncias e sugestões, as ouvidorias ampliam a transparência de órgãos e entidades estatais, além de ensejar o contato do gestor público com problemas da população.

De forma complementar, as ouvidorias públicas emergem como um importante instrumento de gestão participativa, aproximando o Estado da população, que pode sugerir correções de medidas governamentais e se informar do amplo portfólio de políticas públicas. Ademais, podem impedir a judicialização de pleitos ordinários, o que não é pouco, visto que os direitos podem ser efetivados com mais celeridade.

(Adaptado de Paulo Otto von Sperling. *Ouvidorias, eficiência e efetivação de direitos*. Correio Braziliense, 18 mar. 2014.)

27. (Receita Federal – Auditor Fiscal – ESAF – 2014)

No desenvolvimento da textualidade, ficam prejudicadas as relações de coesão e a coerência argumentativa ao retirar do texto

a) o artigo em " a paulatina" (l. 1).

b) o artigo na contração em " Na administração" (l. 4), escrevendo apenas **Em**.

c) o artigo em " o direito" (l. 4).

d) o artigo em “ as ouvidorias” (l. 5).

e) o artigo na contração em “ da população” (l. 7), escrevendo apenas de.

Leia o texto a seguir para responder às questões 28 e 29.

A despeito das suas imperfeições, a Lei da Transparência Tributária representa um notável avanço institucional. A conscientização da população brasileira é fundamental para a construção de uma República efetivamente democrática, em que os eleitores tenham plena ciência da repercussão das decisões tomadas pelos seus representantes. Somente assim poderão exigir a construção de um sistema tributário simples, coerente e justo, que não onere os cidadãos carentes e não seja regressivo, gravando os contribuintes menos abastados de modo (proporcionalmente) mais severo que os mais favorecidos economicamente.

(Adaptado de Andrei Pitten Velloso, Lei da transparência tributária: vitória da cidadania. Disponível em: <http://www.cartaforense.com.br/conteudo /colunas>. Acesso em: 18 mar. 2014.)

28. (Receita Federal – Auditor Fiscal – ESAF – 2014)

(Adaptada). Julgue a assertiva a seguir como certa ou errada.

O advérbio “ assim” (l. 4) tem a função coesiva de resumir e retomar as ideias do período sintático imediatamente anterior.

29. (Receita Federal – Auditor Fiscal – ESAF – 2014)

(Adaptada). Julgue a assertiva a seguir como certa ou errada

O uso do gerúndio em “ gravando” (l. 5) imprime à oração uma ideia do modo de funcionamento do sistema tributário.

Leia o texto a seguir para responder à questão 30.

Não vamos discorrer sobre a pré-história da aviação, sonho dos antigos egípcios e gregos, que representavam alguns de seus deuses por figuras aladas, nem sobre o vulto de estudiosos do problema, como Leonardo da Vinci, que no século XV construiu um modelo de avião em forma de pássaro. Pode-se localizar o início da aviação nas experiências de alguns pioneiros que, desde os últimos anos do século XIX, tentaram o voo de aparelhos então denominados mais pesados do que o ar, para diferenciá-los dos balões, cheios de gases, mais leves do que o ar.

Ao contrário dos balões, que se sustentavam na atmosfera por causa da menor densidade do gás em seu interior, os aviões precisavam de um meio mecânico de sustentação para que se elevassem por seus próprios recursos. O brasileiro Santos Dumont foi o primeiro aeronauta que demonstrou a viabilidade do voo do mais pesado do que o ar. O seu voo no “ 14-Bis” em Paris, em 23 de outubro de 1906, na presença de inúmeras testemunhas, constituiu um marco na história da aviação, embora a primazia do voo em avião seja disputada por vários países.

Disponível em: <http://www.portalbrasil.net/aviacao_historia.htm>. Acesso em: 13/12/2015 (com adaptações).

30. (ANAC – Analista Administrativo – ESAF – 2015)

(Adaptada) – Julgue a assertiva a seguir como certa ou errada.

A substituição de “ então” (l. 5) por **naquela época** prejudica as informações originais do texto.

Gabarito: 1. d; 2. a; 3. d; 4. E; 5. E; 6. E; 7. c; 8. d; 9. e; 10. a; 11. b; 12. b; 13. b; 14. e; 15. c; 16. b; 17. a; 18. a; 19. b; 20. e; 21. e; 22. b; 23. b; 24. errada; 25. errada; 26. d; 27. e; 28. certa; 29. errada; 30. errada.

Artigo, substantivo, adjetivo e advérbio... A diferenciação entre essas classes é assunto que vem sendo explorado muito nas provas. Vamos sistematizar?

7.5. RESUMO

- Artigo é classe que se refere sempre a substantivo.
- Substantivo nomeia. Sempre pode vir antecedido de artigo.
- Adjetivo sempre se refere a substantivo. É classe variável.
- Advérbio é classe que modifica verbo, adjetivo ou outro advérbio. É invariável.

8 FLEXÃO VERBAL

A seguir, um quadro de todos os tempos verbais existentes e a 1ª pessoa do singular de cada um deles. O quadro é bom por dois motivos: toda vez que você não souber como começa cada tempo verbal, você recorrerá a ele. Além disso, ajuda você a entender os tempos verbais. É uma boa sistematização.

Verbos de 1ª conjugação – vogal temática **a** (amar, cantar);

Verbos de 2ª conjugação – vogal temática **e** (beber, vender);

Verbos de 3ª conjugação – vogal temática **i** (partir, digerir).

(Não existe 4ª conjugação. Por exemplo, *pôr* é um verbo de 2ª conjugação.)

I – Indicativo	presente – eu falo...		
	pretérito		imperfeito – eu falava... perfeito – eu falei... mais-que-perfeito – eu falara...
	futuro		do presente – eu falarei... do pretérito – eu falaria...

II – Subjuntivo		presente – que eu fale... pretérito imperfeito – se eu falasse... futuro – quando eu falar...

III – Imperativo		afirmativo – fala tu, fale você, falemos nós, falai vós, falem vocês. negativo – não fales tu, não fale você, não falemos nós, não faleis vós, não falem vocês.

Observe que são três os modos verbais:

1. Indicativo: é o modo que assegura algo.

2. Subjuntivo: é o modo que indica possibilidade, hipótese.

3. Imperativo: é o modo que apresenta ideias de ordem, pedido, convite, súplica.

No indicativo e no subjuntivo, temos, então, os tempos do presente, pretérito e futuro.

Após se ter uma visão panorâmica do quadro de conjugação verbal, é necessário conhecer o paradigma da conjugação verbal. Com esse paradigma, você aprende que não precisa saber conjugar todos os tempos que existem. O quadro mostra que existe uma relação entre tempos primitivos e derivados e diz como se sai de um primitivo e se chega

a um derivado. É simples: se a banca pede o presente do subjuntivo do verbo *digerir*, basta que você acesse o presente do indicativo do verbo e você terá o que se pede. Sim, porque o presente do subjuntivo *deriva* do presente do indicativo. A notícia boa é que você não precisa saber conjugar os tempos derivados. A notícia ruim é que sem os primitivos não se chega a lugar algum. Mas eles são apenas três. Assim, você, para fazer prova, precisa conhecer os tempos primitivos dos verbos que são comuns em concursos. Vamos, então, conhecer o paradigma da conjugação verbal?

PRIMITIVOS 1) Presente do indicativo (Radical da 1ª pessoa do sing.) agredir_____	DERIVADOS Presente do subjuntivo (-**e**, -**a**) _____

Nesse caso, vai-se à 1ª pessoa do singular (eu) do presente do indicativo, extrai-se o "o", e, com o radical, chega-se à 1ª pessoa do singular do presente do subjuntivo, acrescentando-se a desinência (para verbos de 1ª conjugação – *e*; verbos de 2ª e 3ª conjugação, – *a*). Vale lembrar que o presente do subjuntivo é aquele em que, na escola, utilizávamos o *que* antes do verbo: *que eu agrida*.

Assim, teríamos:

Eu agrid*o* que eu agrid*a*

Depois, é só continuar, utilizando-se o radical que você adquiriu ao acessar o presente do indicativo, mantendo-se a D.M.T. (desinência modo-temporal) – *a* – e acrescentando-se as D.N.P. (desinências número-pessoais), características de cada pessoa: *que eu agrid**a**, que tu agrid**a**s, que ele agrid**a**, que nós agrid**a**mos, que vós agrid**a**is, que eles agrid**a**m.*

A seguir, o 2º bloco de primitivos e derivados. Observe cada tempo derivado com sua desinência característica (D.M.T. – desinência modo-temporal), entre os parênteses.

2) Pretérito perfeito	Pret. mais-que-perfeito (-ra)
	Imperfeito do subjuntivo (-sse)
	Futuro do subjuntivo (-r)

Acesse a 3ª pessoa do plural – *eles* –, elimine a desinência *-ram* e fique com o radical. Partindo dele, acrescente as novas desinências dos tempos derivados.

Assim, teríamos:

Eles coube*ram* coube**ra**, coube**sse**, coube**r**

Nosso último bloco de primitivos e derivados:

	Futuro do presente (-re, -ra)

3) Infinitivo Impessoal	Futuro do pretérito (-ria)
	Imperfeito do indicativo (-va, -a)

Nesse caso, extrai-se o "R" do infinitivo impessoal (que é o nome do verbo – *falar, beber, partir*...), acrescentando-se as novas desinências. Observe que no **pretérito imperfeito** do indicativo temos duas possibilidades de D.M.T.: **-va** para verbos de 1ª conjugação e –**a** para verbos de 2ª e 3ª conjugação (ex.: *fal**ar** – fala**va**; beb**er** – bebi**a**; part**ir** – parti**a***).

Assim, teríamos:

digeri*r* digeri**rei**, digeri**ria**, digeri**a**.

Importante: o quadro que organiza os tempos verbais em dois grupos (primitivos e derivados) ajudará você a conjugar a maioria dos verbos em Língua Portuguesa, porém há exceções, como os verbos pôr, ser, ir, haver, entre outros, que estudaremos separadamente ao final.

A seguir, algumas questões que tratam de modos e tempos verbais.

1. (FCC/TRF – 2ª Região) A segunda novidade **apontava** os pesticidas e herbicidas químicos...

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o verbo em destaque acima está na frase:

a) Mas Ehrlich *errou*.

b) ... não *existia* terra suficiente para alimentar todas elas.

c) ... com o que *cresce* em 2 mil metros quadrados...

d) As algas se *multiplicam* a rodo...

e) Diante disso, muitos consumidores *partiram* para uma alternativa...

Comentários:

O verbo da frase no enunciado está no pretérito imperfeito do indicativo (desinência -*va*). As letras A e E trazem o verbo no pretérito perfeito do indicativo. A letra B apresenta o verbo no pretérito imperfeito do indicativo, mas, como o verbo é de 3ª conjugação, a desinência é -*a*. A letra C mostra um verbo no presente do indicativo, bem como a letra D.

Resposta: B.

2. (FCC/TRF – 2ª Região) Considere a flexão verbal em *viviam – vivem – viverão*. A mesma sequência está corretamente reproduzida nas formas:

a) queriam – querem – quiserão.

b) davam – dão – dariam.

c) exigiram – exigem – exigerão.

d) permitiam – permitem – permitirão.

e) criam – criavam – criarão.

Comentários:

A sequência de verbos do enunciado está, respectivamente, no pretérito imperfeito, presente e futuro do presente do indicativo.

A letra A tem erro só na forma *quiserão*, que não existe: o verbo *querer* no futuro do presente é *quererão* (é só você se lembrar do quadro: o futuro do presente deriva do infinitivo).

Na letra B, há erro só na forma *dariam*, que corresponde ao futuro do pretérito, e não futuro do presente do indicativo.

Na letra C há dois erros: no primeiro verbo (*exigiram* é pretérito perfeito; no imperfeito seria *exigiam*) e no último (*exigerão* não existe: é *exigirão* – lembre-se: o futuro do presente deriva do infinitivo *exigir* e não *exiger*).

A letra D traz a sequência correta: pretérito imperfeito do indicativo, presente do indicativo e futuro do presente.

Já a letra E erra na 1ª forma (*criam* é presente do indicativo e não pretérito imperfeito – *criavam*) e na 2ª forma (*criavam*, como já vimos, é pretérito imperfeito, e não presente do indicativo).

Resposta: D.

Fechamos nossa 1ª parte do assunto: agora você já sabe como sair de um tempo primitivo e chegar a um derivado. Então, estamos combinados: você precisa saber como conjugar os tempos primitivos dos verbos que mais aparecem nas provas.

Você deve estar se perguntando: quantos verbos terei de saber para fazer uma boa prova? Fique tranquilo: não são muitos. Na verdade, você precisa saber conjugar alguns verbos que são *líderes* de outros comuns em concursos. Por exemplo: se aparecer o verbo *advir* em uma questão, basta você conhecer o *vir*, que apresenta o mesmo radical. Daí, o verbo *vir* ser um *líder*. Da mesma forma, o *depor*, que vem do *pôr*; o *abster*, que vem do *ter*, e assim sucessivamente.

Preparamos uma lista de verbos conjugados, que servirá como consulta para os exercícios que faremos a seguir. Dividimos essa lista em três partes:

8.1. PRINCIPAIS VERBOS QUE SE CONJUGAM A PARTIR DE OUTROS

8.1.1. Pôr (líder)

Modo Indicativo:

Presente: ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem; **pretérito perfeito:** pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes,

puseram; **pretérito imperfeito:** punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham; **pretérito mais-que-perfeito:** pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram; **futuro do presente:** porei, porás, porá, poremos, poreis, porão; **futuro do pretérito:** poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham; **pretérito imperfeito:** pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, pusésseis, pusessem; **futuro:** puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem.

Como o verbo pôr, conjugam-se antepor, apor, compor, contrapor, decompor, depor, dispor, entrepor, expor, impor, interpor, justapor, opor, pospor, predispor, pressupor, propor, recompor, repor, sobrepor, supor.

8.1.2. Ter **(líder)**

Modo Indicativo:

Presente: tenho, tens, tem, temos, tendes, têm; **pretérito perfeito:** tive, tiveste, teve, tivemos, tivestes, tiveram; **pretérito imperfeito:** tinha, tinhas, tinha, tínhamos, tínheis, tinham; **pretérito mais-que-perfeito:** tivera, tiveras, tivera, tivéramos, tivéreis, tiveram**; futuro do presente:** terei, terás, terá, teremos, tereis, terão; **futuro do pretérito:** teria, terias, teria, teríamos, teríeis, teriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: tenha, tenhas, tenha, tenhamos, tenhais, tenham; **pretérito imperfeito:** tivesse, tivesses, tivesse, tivéssemos, tivésseis, tivessem; **futuro:** tiver, tiveres, tiver, tivermos, tiverdes, tiverem.

Como o verbo ter, conjugam-se abster-se, ater-se, conter, deter, entreter, manter, obter, reter, suster.

8.1.3. **Ver (líder)**

Modo Indicativo:

Presente: vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem; **pretérito perfeito:** vi, viste, viu, vimos, vistes, viram; **pretérito imperfeito:** via, vias, via, víamos, víeis, viam; **pretérito mais-que-perfeito:** vira, viras, vira, víramos, víreis, viram; **futuro do presente:** verei, verás, verá, veremos, vereis, verão; **futuro do pretérito:** veria, verias, veria, veríamos, veríeis, veriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam; **pretérito imperfeito:** visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem; **futuro:** vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.

Como o verbo ver, conjugam-se entrever, antever, prever, rever.

8.1.4. **Vir (líder)**

Modo Indicativo:

Presente: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm; **pretérito perfeito:** vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram; **pretérito imperfeito:** vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham; **pretérito mais-que-perfeito:** viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram; **futuro do presente:** virei, virás, virá, viremos, vireis, virão; **futuro do pretérito:** viria, virias, viria, viríamos, viríeis, viriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham; **pretérito imperfeito:** viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem; **futuro:** vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.

Como o verbo vir, conjugam-se advir, avir-se, convir, desavir-se, intervir, provir, sobrevir.

8.1.5. Dizer (líder)

Modo Indicativo:

Presente: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem; **pretérito perfeito:** disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram; **pretérito imperfeito:** dizia, dizias, dizia, dizíamos, dizíeis, diziam; **pretérito mais-que-perfeito:** dissera, disseras, dissera, disséramos, disséreis, disseram; **futuro do presente:** direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão; **futuro do pretérito:** diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: diga, digas, diga, digamos, digais, digam; **pretérito imperfeito:** dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, disséssseis, dissessem; **futuro:** disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem.

Como o verbo dizer, conjugam-se bendizer, condizer, contradizer, desdizer (assim, se é *eu digo*, será eu *bendigo*…).

8.1.6. Fazer (líder)

Modo Indicativo:

Presente: faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem; **pretérito perfeito:** fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram; **pretérito imperfeito:** fazia, fazias, fazia, fazíamos, fazíeis, faziam; **pretérito mais-que-perfeito:** fizera, fizeras, fizera, fizéramos, fizéreis, fizeram; **futuro do presente:** farei, farás, fará, faremos, fareis, farão; **futuro do pretérito:** faria, farias, faria, faríamos, faríeis, fariam.

Modo Subjuntivo:

Presente: faça, faças, faça, façamos, façais, façam; **Pretérito imperfeito:** fizesse, fizesses, fizesse, fizéssemos, fizésseis, fizessem; **futuro:** fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem.

Como o verbo fazer, conjugam-se afazer, benfazer, desfazer, refazer, satisfazer (assim, se é *eu faço*, será eu *benfaço*…).

8.1.7. Querer (líder)

Modo Indicativo:

Presente: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem; **Pretérito perfeito:** quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram; **pretérito imperfeito:** queria, querias, queria, queríamos, queríeis, queriam; **pretérito mais-que-perfeito:** quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram; **futuro do presente:** quererei, quererás, quererá, quereremos, querereis, quererão; **futuro do pretérito:** quereria, quererias, quereria, quereríamos, quereríeis, quereriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram; **pretérito imperfeito:** quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem; **futuro:** quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem.

Como o verbo querer, conjugam-se bem-querer, desquerer, mal-querer (assim, se é *eu quero*, será eu *bem-quero*).

8.1.8. Valer (líder)

Modo Indicativo:

Presente: valho, vales, vale, valemos, valeis, valem; **pretérito perfeito:** vali, valeste, valeu, valemos, valestes, valeram; **pretérito imperfeito:** valia, valias, valia, valíamos, valíeis, valiam; **pretérito mais-que-perfeito:** valera, valeras, valera, valêramos, valêreis, valeram; **futuro do presente:** valerei, valerás, valerá, valeremos, valereis, valerão; **futuro do pretérito:** valeria, valerias, valeria, valeríamos, valeríeis, valeriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham; **pretérito imperfeito:** valesse, valesses, valesse, valêssemos, valêsseis, valessem; **futuro:** valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valerem.

Como o verbo valer, conjugam-se desvaler, equivaler (assim, se é *eu valho*, será eu *equivalho*).

Como já dissemos anteriormente, as bancas costumam pedir ao aluno, além da conjugação desses líderes, a dos seus derivados. Um bom exercício seria que você conjugasse os verbos derivados, partindo dos líderes. Exemplo: treine a conjugação do *interpor*, a partir da conjugação do *pôr*.

A seguir, a conjugação de verbos nos quais não se pode confiar. Isso porque, ao conjugar o *requerer,* por exemplo, é muito comum que o aluno faça analogia com o *querer*, não é mesmo? Mas o *requerer* não se conjuga como o *querer*. Da mesma forma, o verbo *prover* não vai seguir o paradigma do verbo *ver* em todos os tempos, só no presente. Daí, a importância de sistematizá-los.

8.2. FALSOS AMIGOS CONJUGADOS

8.2.1. Prover

Modo Indicativo:

Presente: provejo, provês, provê, provemos, provedes, proveem; **pretérito perfeito:** provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram; **pretérito imperfeito:** provia, provias, provia, províamos, províeis, proviam; **pretérito mais-que-perfeito:** provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram; **futuro do presente:** proverei, proverás, proverá, proveremos, provereis, proverão; **futuro do pretérito**: proveria, proverias, proveria, proveríamos, proveríeis, proveriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam; **pretérito imperfeito:** provesse, provesses, provesse, provêssemos, provêsseis, provessem; **futuro:** prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.

Resumindo:
Basta que você pense no PROVER da seguinte forma: ele se conjuga como o VER só nos tempos do presente – presente do indicativo e presente do subjuntivo; nos outros tempos, é regular, como o BEBER. Assim, o grande cuidado que se deve ter é para não conjugá-lo como o VER o tempo inteiro. No pretérito imperfeito do subjuntivo, por exemplo, se ele se conjugasse como o VER seria se eu provisse, enquanto o correto é se eu provesse (tal qual o BEBER – se eu bebesse).

8.2.2. Requerer

Modo Indicativo:

Presente: requeiro, requeres, requer, requeremos, requereis, requerem; **pretérito perfeito:** requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram; **pretérito imperfeito:** requeria, requerias, requeria, requeríamos, requeríeis, requeriam; **pretérito mais-que-perfeito:** requerera, requereras, requerera, requerêramos, requerêreis, requereram; **futuro do presente:** requererei, requererás, requererá, requereremos, requerereis, requererão; **futuro do pretérito:** requereria, requererias, requereria, requereríamos, requereríeis, requereriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram; **pretérito imperfeito:** requeresse, requeresses, requeresse, requerêssemos, requerêsseis, requeressem; **futuro:** requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.

Resumindo: Quanto ao REQUERER, pense da seguinte forma: ele recebe a vogal i, após o 2º e do radical, apenas na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo. O mesmo ocorre em todo o presente do subjuntivo, que dela deriva. Nos outros tempos, é regular e conjuga-se como o BEBER. Não pense no QUERER. Assim, por exemplo, se ele fosse como o QUERER, no pretérito perfeito do indicativo seria eu requis e não eu requeri (tal qual o BEBER: eu bebi).

A seguir, apresentamos os verbos defectivos que são campeões em concursos públicos: os verbos REAVER e

PRECAVER. Partindo do conceito de que um verbo defectivo é um verbo que não se conjuga em todos os tempos e em todas as pessoas, o 1º cuidado que você deve tomar é em não conjugá-los nos tempos em que eles não existem. Assim, você não deve, por exemplo, dizer *eu me precavejo contra esse tipo de problema*, simplesmente porque essa forma verbal não existe. O jeito é falar *eu tomo as minhas precauções*... Além disso, é preciso sistematizá-los para que você não cometa nenhuma imprudência na flexão das formas em que tais verbos se conjugam. Vamos a eles!

8.3. VERBOS DEFECTIVOS

8.3.1. Reaver

Modo Indicativo:

No presente do indicativo só possui *nós* e *vós (reavemos* e *reaveis*). Em função disso, também não possui o presente do subjuntivo. Nos outros tempos do Indicativo: **pretérito perfeito:** reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram; **pretérito imperfeito:** reavia, reavias, reavia, reavíamos, reavíeis, reaviam; **pretérito mais-que-perfeito:** reouvera, reouveras, reouvera, reouvéramos, reouvéreis, reouveram; **futuro do presente:** reaverei, reaverás, reaverá, reaveremos, reavereis, reaverão; **futuro do pretérito:** reaveria, reaverias, reaveria, reaveríamos, reaveríeis, reaveriam.

Modo Subjuntivo:

Pretérito imperfeito: reouvesse, reouvesses, reouvesse, reouvéssemos, reouvésseis, reouvessem; **futuro:** reouver, reouveres, reouver, reouvermos, reouverdes, reouverem.

Resumindo: Com o REAVER, basta pensar da seguinte forma: memorizar em que tempos aparece a sua defectividade – presente do indicativo e presente do subjuntivo; nos outros tempos, lembrar que ele se conjuga como o verbo HAVER.

8.3.2. Precaver

Modo Indicativo:

No presente do indicativo só possui *nós* e *vós (precavemos* e *precaveis*). Em função disso, também não possui o presente do subjuntivo. Nos outros tempos do Indicativo: **pretérito perfeito:** precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram; **pretérito imperfeito:** precavia, precavias, precavia, precavíamos, precavíeis, precaviam; **pretérito mais-que-perfeito:** precavera, precaveras, precavera, precavêramos, precavêreis, precaveram; **futuro do presente:** precaverei, precaverás, precaverá, precaveremos, precavereis, precaverão; **futuro do pretérito:** precaveria, precaverias, precaveria, precaveríamos, precaveríeis, precaveriam.

Modo Subjuntivo:

Pretérito imperfeito: precavesse, precavesses, precavesse, precavêssemos, precavêsseis, precavessem; **futuro:** precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.

Resumindo: O PRECAVER é ainda mais fácil que o REAVER: memorize em que tempos ele é defectivo (presente do indicativo e presente do subjuntivo) e nos outros tempos, observe que ele é um verbo regular. Logo, pense em outro regular: BEBER. Só não confunda o PRECAVER com o VER! Logo, no imperfeito do subjuntivo, por exemplo, será se eu me precavesse (como se eu bebesse), e não se eu me precavisse (seria assim se ele se conjugasse como o verbo VER).

Por fim, imaginamos que seria mais prático para o aluno se ele obtivesse uma lista de outros verbos irregulares que aparecem muito nas provas. Aconselhamos que você os conjugue da seguinte forma:

1. Comece pelo presente do indicativo e vá ao presente do subjuntivo, lembrando que o segundo deriva da primeira pessoa do singular do primeiro.
2. Depois vá ao pretérito perfeito. Partindo da 3ª pessoa do plural, chegue ao pretérito mais--que-perfeito, imperfeito do subjuntivo e futuro do subjuntivo.
3. Por fim, conjugue os que faltaram: pretérito imperfeito do indicativo, futuro do presente e futuro do pretérito. Lembre-se de que eles derivam do infinitivo. Como os verbos que você vai conjugar são os irregulares, vale observar que esses três tempos, ao saírem do infinitivo, apresentarão irregularidades. Quero dizer que muitos deles não apresentarão os radicais exatamente como eram no infinitivo. Mas então aproveite essas dicas: para conjugar o imperfeito do indicativo, use o advérbio *antigamente* (*antigamente eu dizia*, *antigamente eu valia*...); para conjugar o futuro do presente, use o advérbio *amanhã* (*amanhã eu direi*, *amanhã eu valerei*); quanto ao futuro do pretérito, lembre-se de acrescentar a desinência *–ria* (*eu diria*, *eu valeria*...).

Vamos à lista.

8.4. OUTROS VERBOS IRREGULARES QUE MERECEM UM CUIDADO ESPECIAL

8.4.1. Agredir

Modo Indicativo:

Presente: agrido, agrides, agride, agredimos, agredis, agridem; **pretérito perfeito:** agredi, agrediste, agrediu, agredimos, agredistes, agrediram; **pretérito imperfeito:** agredia, agredias, agredia, agredíamos, agredíeis, agrediam; **pretérito mais-que-perfeito:** agredira, agrediras, agredira, agredíramos, agredíreis, agrediram; **futuro do presente:** agredirei, agredirás, agredirá, agrediremos, agredireis, agredirão**: futuro do pretérito:** agrediria, agredirias, agrediria, agrediríamos, agrediríeis, agrediriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: agrida, agridas, agrida, agridamos, agridais, agridam; **pretérito imperfeito:** agredisse, agredisses, agredisse, agredíssemos, agredísseis, agredissem; **futuro:** agredir, agredires, agredir, agredirmos, agredirdes, agredirem.

Como o verbo agredir, conjugam-se – apesar de não se parecerem com ele – cerzir, denegrir, prevenir, progredir, regredir, transgredir (assim, se é *eu agr**i**do*, será eu *c**i**rzo, den**i**gro, prev**i**no, progr**i**do, regr**i**do, transgr**i**do.* Observe que, nesses verbos, o *e* do radical vira *i,* em todas as pessoas do presente do indicativo, exceto em *nós* e *vós*, e em todo o

presente do subjuntivo. Nos outros tempos, esses verbos são regulares).

8.4.2. Ferir

Modo Indicativo:

Presente: firo, feres, fere, ferimos, feris, ferem; **pretérito perfeito:** feri feriste, feriu, ferimos, feristes, feriram; **pretérito imperfeito:** feria, ferias, feria, feríamos, feríeis, feriam; **pretérito mais-que-perfeito:** ferira, feriras, ferira, feríramos, feríreis, feriram; **futuro do presente:** ferirei, ferirás, ferirá, feriremos, ferireis, ferirão; **futuro do pretérito:** feriria, feririas, feriria, feriríamos, feriríeis, feririam.

Modo Subjuntivo:

Presente: fira, firas, fira, firamos, firais, firam; **pretérito imperfeito:** ferisse, ferisses, ferisse, feríssemos, ferísseis, ferissem; **futuro:** ferir, ferires, ferir, ferirmos, ferirdes, ferirem.

Como o verbo ferir, conjugam-se – apesar de não se parecerem com ele – aderir, advertir, aferir, aspergir, assentir, auferir, compelir, competir, consentir, deferir, digerir, discernir, divergir, expelir, preferir, prosseguir, vestir, referir, repelir, repetir, ressentir. Assim, se é *eu firo*, será *eu adiro, advirto, afiro, aspirjo, assinto, aufiro, compilo, compito, consinto, defiro, digiro, discirno*... Observe que, com esses verbos, o *e* do radical vira *i,* somente na 1ª pessoa do presente do indicativo e em todo o presente do subjuntivo. Nos outros tempos, esses verbos são regulares.

8.4.3. Fugir

Modo Indicativo:

Presente: fujo, foges, foge, fugimos, fugis, fogem; **pretérito perfeito:** fugi, fugiste, fugiu, fugimos, fugistes, fugiram; **pretérito imperfeito:** fugia, fugias, fugia, fugíamos, fugíeis, fugiam; **pretérito mais-que-perfeito:** fugira, fugiras, fugira, fugíramos, fugíreis, fugiram; **futuro do presente:** fugirei, fugirás, fugirá, fugiremos, fugireis, fugirão; **futuro do pretérito:** fugiria, fugirias, fugiria, fugiríamos, fugiríeis, fugiriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: fuja, fujas, fuja, fujamos, fujais, fujam; **pretérito imperfeito:** fugisse, fugisses, fugisse, fugíssemos, fugísseis, fugissem; **futuro:** fugir, fugires, fugir, fugirmos, fugirdes, fugirem.

Como o verbo fugir, conjugam-se – apesar de também não se parecerem com ele – acudir, bulir, consumir, cuspir, desentupir, entupir, escapulir, sacudir, subir, sumir. Assim, se é *eu fujo*, será *eu acudo, eu bulo, eu consumo, eu cuspo*... Observe que, com esses verbos, o *u* do radical vira *o,* somente nas 2ª e 3ª pessoas do singular e 3ª pessoa do plural do presente do indicativo; nos outros tempos, esses verbos são regulares.

8.4.4. Crer

Modo Indicativo:

Presente: creio, crês, crê, cremos, credes, creem; **pretérito perfeito**: cri, creste, creu, cremos, crestes, creram; **pretérito imperfeito:** cria, crias, cria, críamos, críeis, criam; **pretérito mais-que-perfeito**: crera, creras, crera, crêramos, crêreis, creram; **futuro do presente:** crerei, crerás, crerá, creremos, crereis, crerão; **futuro do pretérito**: creria, crerias, creria, creríamos, creríeis, creriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: creia, creias, creia, creiamos, creiais, creiam; **pretérito imperfeito:** cresse, cresses, cresse, crêssemos, crêsseis, cressem; **futuro:** crer, creres, crermos, crerdes, crerem.

Como o verbo crer, conjugam-se os verbos descrer, ler e reler. Assim, se é *eu creio*, será *eu descreio, eu leio, eu releio*… Observe o pretérito perfeito do verbo *crer*, alguns alunos estranham as formas *eu cri* e *ele creu*.

8.4.5. Ir

Modo Indicativo:

Presente: vou, vais, vai, vamos, ides, vão; **pretérito perfeito:** fui, foste, foi, fomos, fostes, foram; **pretérito imperfeito:** ia, ias, ia, íamos, íeis, iam; **pretérito mais-que-perfeito:** fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram; **futuro do presente:** irei, irás, irá, iremos, ireis, irão; **futuro do pretérito:** iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: vá, vás, vá, vamos, vades, vão; **pretérito imperfeito:** fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem; futuro: for, fores, for, formos, fordes, forem.

O verbo ir é chamado de anômalo, pois possui mais de um radical quando é conjugado. Daí, ele necessitar de um estudo isolado. Quanto a esse verbo, valem três recados:

1. No presente do indicativo e no presente do subjuntivo, nós e eles possuem formas idênticas: não estranhe. Assim, no presente do indicativo teríamos uma frase do tipo: nós sempre vamos à biblioteca. Da mesma forma, no presente do subjuntivo, seria nossos pais querem que nós vamos à biblioteca.

2. Não confunda a forma vós ides no presente do indicativo com vós vades no presente do subjuntivo. Assim, teríamos: vós ides à biblioteca sempre? (presente do indicativo); e desejo que vós vades à biblioteca com mais frequência (presente do subjuntivo).

3. Atenção também com o verbo VIR, para não confundir a 1ª pessoa do plural do presente do indicativo (nós vimos) com a 1ª pessoa do plural do pretérito perfeito (nós viemos). A troca de uma forma pela outra é muito comum, como em frases do tipo: hoje nós "viemos" aqui, e não hoje nós vimos aqui.

8.4.6. Haver

Modo Indicativo:

Presente: hei, hás, há, havemos ou hemos, haveis ou heis, hão; **pretérito perfeito:** houve, houveste, houve, houvemos, houvestes, houveram; **pretérito imperfeito:** havia, havias, havia, havíamos, havíeis, haviam; **pretérito mais-que-perfeito:** houvera, houveras, houvera, houvéramos, houvéreis, houveram; **futuro do presente:** haverei,

haverás, haverá, haveremos, havereis, haverão; **futuro do pretérito:** haveria, haverias, haveria, haveríamos, haveríeis, haveriam.

Modo do Subjuntivo:

Presente: haja, hajas, haja, hajamos, hajais, hajam; **pretérito imperfeito:** houvesse, houvesses, houvesse, houvéssemos, houvésseis, houvessem; **futuro:** houver, houveres, houver, houvermos, houverdes, houverem.

Muitos estranham a conjugação do verbo HAVER, pois não estão acostumados a conjugá-lo. Isso ocorre porque esse verbo é muito usado com o sentido de existir e, com esse sentido, de fato, ele só se conjuga na 3ª pessoa do singular (há, houve, havia, haverá). Assim, teríamos: havia muitas pessoas na festa (haver com sentido de existir).

Entretanto, ele se conjugará normalmente se apresentar outros sentidos. Observe: "Houvemos por bem convidar os amigos para o jantar" (aqui, o haver significa dignar-se, julgar oportuno); "Elas se houveram bem sem empregada" (nesse caso, haver é pronominal e tem sentido de portar-se); "Eles haviam estudado todo o assunto" (aqui, o haver é auxiliar de uma locução verbal, conjugando-se normalmente em todas as pessoas).

Vamos exercitar e juntar todos os conceitos para conjugar os verbos a seguir.

Complete as frases abaixo, com os verbos solicitados entre os parênteses.

1. Para que todos _____ bem confortáveis, alugaremos um ônibus. (VIAJAR, presente do subjuntivo)

Comentários: Vá à 1ª pessoa do presente do indicativo: *eu viajo*, extraia o ***o***, utilize o radical para acrescentar as novas desinências: *que eu viaje*, *que tu viajes*, *que ele viaje*...

Resposta: viajem.

2. Ontem eles _____ todo o dinheiro roubado. (REAVER, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: Lembre-se de que no pretérito perfeito o REAVER se conjuga como o HAVER. Assim, se é *eles houveram*, será *eles reouveram*, e não "*reaveram*".

Resposta: reouveram.

3. O juiz não _____ na briga entre os jogadores. (INTERVIR, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: O verbo intervir é derivado de vir. Portanto, se é ele veio, será ele interveio, e não interviu!

Resposta: interveio.

4. Quando ele nos _____, poderá entregar-nos a encomenda. (VER, futuro do subjuntivo)

Comentários: Aqui, todo mundo fica na dúvida: quando *ele ver* ou quando *ele vir*? Ora, é só lembrar que o futuro do subjuntivo deriva do pretérito perfeito. O pretérito perfeito é *eu vi*, *tu viste*..., *eles viram*; logo, o futuro do subjuntivo será *quando eu vir*, *quando tu vires*, *quando ele vir*...

Resposta: vir.

5. Eles ficarão felizes quando nós _____ esta reformulação. (PROPOR, futuro do subjuntivo)

Comentários: propor vem do pôr. Logo, se é quando *eu puser*, *quando tu puseres*, *quando ele puser*, será *quando*

eu propuser, *quando tu propuseres*, *quando ele propuser*, e não *quando eu "propor", quando tu "propores", quando ele "propor"…*

Resposta: propusermos.

6. Eles não _____ os fugitivos. (DETER, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: deter vem do ter. Assim, se é *eu tive, tu tiveste, ele teve*, será *eu detive, tu detiveste, ele deteve,* e não *ele "deteu"*.

Resposta: detiveram.

7. O aluno _____ o adiantamento das provas. (REQUERER, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: Não pense no querer! requerer, no pretérito perfeito, se conjuga como o BEBER: *ele bebeu = ele requereu*, e não *ele "requis"*.

Resposta: requereu.

8. Eles só _____ paciência com os mais velhos. (TER, presente do indicativo)

Comentários: Aqui, é só lembrar: no singular, é sem acento – ele tem –, mas o plural, para diferenciar do singular, é com acento circunflexo: o acento diferencial de número.

Resposta: têm.

9. Eu não _____ tanto. (VALER, presente do indicativo)

Comentários: O verbo valer na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo apresenta uma irregularidade: o ***l*** vira ***lh*** (eu valho). O presente do subjuntivo, por ser derivado, herdará a mesma irregularidade (*que eu valha, que tu valhas, que ele valha…*

Resposta: valho.

10. Estes homens _____ de um lugar distante. (PROVIR, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: O verbo provir deriva do vir. Logo, se é *eu vim, tu vieste, ele veio*, será *eu provim, tu provieste, ele proveio.*

Resposta: provieram.

11. Ele só virá, quando nós lhe _____ a verdade. (DIZER, futuro do subjuntivo)

Comentários: Caso você não saiba como é o futuro do subjuntivo do verbo dizer, basta ir ao pretérito perfeito, seu tempo primitivo. Assim, no pretérito perfeito, temos *eles disseram*, logo teremos no futuro do *subjuntivo quando eu disser*, *quando tu disseres, quando ele disser…*

Resposta: dissermos.

12. Seria necessário que eles _____ o mesmo ritmo. (MANTER, pretérito imperfeito do subjuntivo)

Comentários: O verbo manter deriva do ter. Assim, o imperfeito do subjuntivo *é se eu tivesse, se tu tivesses, se ele tivesse*, então, com o *manter*, será *se eu mantivesse, se tu mantivesses, se ele mantivesse...*

Resposta: mantivessem.

13. Só entendi o que os brasileiros _____ (EXPOR, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: O verbo expor deriva do pôr. Logo, se o pretérito perfeito do pôr é *eu pus, tu puseste, ele pôs...*, o pretérito perfeito do expor será *eu expus, tu expuseste, ele expôs*.

Resposta: expuseram.

14. Preciso que tu _____ até a minha casa. (IR, presente do subjuntivo)

Comentários: Lembre-se: *que eu vá, que tu vás, que ele vá...*

Resposta: vás.

15. Aqui eu não _____ (CABER, presente do indicativo)

Comentários: O verbo caber possui uma irregularidade na 1ª pessoa do presente do indicativo e em todo o presente do subjuntivo: o ***a*** do radical recebe um ***i***. Assim, temos: *eu caibo, tu cabes, ele cabe... que eu caiba, que tu caibas, que ele caiba...*

Resposta: caibo.

16. Ele quer que nós _____ outro livro. (LER, presente do subjuntivo)

Comentários: O verbo ler conjuga-se como o crer: *que eu creia, que tu creias, que ele creia = que eu leia, que tu leias, que ele leia...*

Resposta: leiamos.

17. Eu _____ que todos viriam à reunião. (SUPOR, pretérito imperfeito do indicativo)

Comentários: supor conjuga-se como o pôr. Como o que se quer é o pretérito imperfeito do indicativo do verbo *supor*, basta conjugarmos o *pôr*: "antigamente" *eu punha, tu punhas, ele punha*. Logo, será "antigamente" *eu supunha, tu supunhas, ele supunha...*

Resposta: supunha.

18. Nós _____ até aqui hoje, pois ontem não foi possível. (VIR, presente do indicativo)

Comentários: Lembre-se: *hoje nós vimos*, *ontem nós viemos*. Parece confuso, porque é idêntico ao verbo ver no pretérito perfeito! Veja só: *hoje nós vimos à sua casa* – **vir** no presente do indicativo; *ontem nós vimos o seu irmão na rua* – **ver** no pretérito perfeito.

Resposta: vimos.

19. Ontem nós não _____ à aula. (VIR, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: Não confundir o presente do indicativo do verbo *vir* (vimos) com o pretérito perfeito do verbo *vir* (viemos).

Resposta: viemos.

20. Se eles _____ e não te _____, retornarão chateados. (VIR e VER, presente do indicativo)

Comentários: O verbo vir na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo é *ele vem*, e a 3ª pessoa do plural recebe acento circunflexo: *eles vêm*. Já o verbo ver no presente do indicativo é *ele vê*, *eles veem* – a 3ª pessoa do plural perdeu o acento circunflexo – antes era *vêem* – em função do Novo Acordo Ortográfico.

Resposta: vêm/veem.

21. Vós _____ com quem desejais. (IR, presente do indicativo)

Comentários: Não confundir o presente do indicativo do verbo *ir* (vós ides) com o presente do subjuntivo do verbo *ir* (vós vades).

Resposta: ides.

22. Todos esperamos que vós _____ conosco. (IR, presente do subjuntivo)

Comentários: Lembre-se de não confundir o presente do indicativo – *hoje vós ides pelo bom caminho* – com o presente do subjuntivo – *espero que vós vades pelo bom caminho*.

Resposta: vades.

23. Esperava-se que eles _____ a casa com o necessário. (PROVER, imperfeito do subjuntivo)

Comentários: Atenção, o prover só se conjuga como o ver nos tempos do presente. Nos outros tempos, ele é como o beber. Logo, se é *esperava-se que eles bebessem*, será *esperava-se que eles provessem*, e não "*provissem"*, se ele seguisse o verbo *ver*.

Resposta: provessem.

Agora, algumas questões de concursos comentadas:

1. (FGV/Oficial de Cartório/2008) "Se interviessem, implodiriam as contas públicas". Assinale a alternativa que apresente erro em uma das formas verbais.

a) Se o comando reouvesse o prestígio, os criminosos desistiriam.

b) Se os policiais requisessem maiores salários, tudo se arrumaria.

c) Se os criminosos se acovardassem, a polícia os deteria.

d) Se os jornais proviessem de fora, as notícias entreteriam mais.

e) Se as autoridades quisessem, nada disso se faria.

Comentários:

Na letra A, temos o verbo **reaver**, que nos tempos em que é conjugado, segue o verbo **haver**. Ora, se fosse o **haver**, seria *se o comando houvesse*, logo, será *se o comando reouvesse*.

A letra B traz o verbo **requerer**, que não segue o **querer**, e sim um verbo regular como o **beber**. Logo, não é *se os policiais requisessem* – seria assim se fosse como o **querer** – e sim *se os policiais requeressem*.

A letra C apresenta um verbo regular – **acovardar-se** – no imperfeito do subjuntivo, 3ª pessoa do plural, corretamente conjugado.

A letra D apresenta o verbo **provir**, que se conjuga como o **vir**. Ora, se fosse o **vir**, seria *se os jornais viessem*; como é o **provir**, será *se os jornais proviessem.*

A letra E apresenta o verbo **querer**, um verbo irregular, corretamente conjugado no imperfeito do subjuntivo, 3ª pessoa do plural.

Resposta: B.

2. (Cesgranrio/Petrobras) O verbo grifado está corretamente flexionado na frase:

a) Empresários do agronegócio <u>manteram-se</u> atentos às previsões de escassez de chuvas.

b) Técnicos do governo <u>creem</u> que serão resolvidos os conflitos entre investidores e ambientalistas.

c) O governo, atento às instáveis condições do mercado, <u>interviu</u> na cotação do dólar.

d) Como <u>sobreviram</u> contratempos, foi inevitável a quebra da safra de grãos no ano passado.

e) Técnicos <u>preveram</u> queda na arrecadação, devido às elevadas taxas de juros.

Comentários:

A letra A está errada. O verbo **manter** conjuga-se como o **ter**. Ora, se fosse o **ter**, seria *os empresários tiveram*, logo deve ser *os empresários mantiveram-se.*

A letra B está correta. Segundo o Novo Acordo Ortográfico, o 1º **e** dos verbos **crer, dar, ler e ver** perde o acento circunflexo.

A letra C traz o verbo **intervir**, que se conjuga como o **vir**, e não como o **ver.** Logo, é *interveio* e não *interviu*.

A letra D apresenta o verbo **sobrevir**, que também se conjuga como o **vir** e não como o **ver**. Por isso, o correto é *sobrevieram* e não *sobreviram*.

Na letra E, tem-se o verbo **prever**, que se conjuga como o **ver** – *previram*, e não *preveram*.

Resposta: B.

3. (Cesgranrio/Petrobras) "Para que se DIGA...","que o governo GARANTA...". Se em lugar dos verbos destacados, tivéssemos, respectivamente, os verbos PROVER e INTERVIR, as formas correspondentes seriam:

a) proveja / intervinha

b) prove / interveja

c) provenha / intervisse

d) proveja / intervenha

e) provenha / interveja

Comentários:

Nesta questão, busca-se a conjugação dos verbos **prover** e **intervir** no presente do subjuntivo. Ora, neste tempo verbal em questão, o verbo **prover** se conjuga como o **ver**. Se fosse o verbo **ver**, seria *que se veja*; logo, com o **prover** será *que se proveja*. Já o verbo **intervir** conjuga-se como o **vir** em todos os tempos. Assim, se fosse o **vir**, seria *que o governo venha*, logo, com o **intervir**, será *que o governo intervenha*.

Resposta: D.

Agora que você já aprendeu a correlação entre tempos primitivos e derivados, bem como a lógica de verbos que se conjugam como outros, precisamos dar uma especial atenção aos verbos de terminação -ear/-iar, que aparecem muito em concursos. Eles ensejam dúvidas do tipo: eu maqueio ou eu maquio? Eu penteio ou eu pentio? Ele freiou ou freou o carro?

8.5. VERBOS EM -EAR

Todos os verbos terminados em **-ear** são **irregulares**, pois recebem um ***i*** nas formas da 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular e 3ª pessoa do plural do **presente do indicativo** e do **presente do subjuntivo.** Nos outros tempos, a conjugação desses verbos terminados em **-ear** é regular.

Exemplo: ARREAR (= pôr os arreios)

• Presente do indicativo: arre**i**o, arre**i**as, arre**i**a, arreamos, arreais, arre**i**am.

• Presente do subjuntivo: arre**i**e, arre**i**es, arre**i**e, arreemos, arreeis, arre**i**em.

Repare que nas formas **nós** e **vós** não há a presença do **i**.

Por esse modelo conjugam-se cear, passear, recear, semear, macaquear, estrear...

O verbo estrear, **pelo Novo Acordo Ortográfico**, perdeu o acento agudo: estre**i**o, estre**i**as, estre**i**a, estreamos, estreais, estre**i**am. / estre**i**e, estre**i**es, estre**i**e, estreemos, estreeis, estre**i**em.

8.6. VERBOS EM -IAR

Os verbos terminados em **-iar** são regulares.

Exemplo: arriar (= abaixar-se)

• Presente do indicativo: arrio, arrias, arria, arriamos, arriais, arriam.

• Presente do subjuntivo: arrie, arries, arrie, arriemos, arrieis, arriem.

Por esse modelo, conjugam-se copiar, adiar, maquiar, negligenciar, premiar...

Há, porém, cinco verbos em -iar que recebem a letra ***e*** nas formas da 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular e 3ª pessoa do plural do **presente do indicativo** e do **presente do subjuntivo.** São eles: **m**ediar, **a**nsiar, **r**emediar, **i**ncendiar, **o**diar.

As letras iniciais desses verbos formam o nome Mario.

O verbo INTERMEDIAR é derivado de MEDIAR, portanto, se conjuga por este.

Exemplo: mediar

• Presente do indicativo: med**e**io, med**e**ias, med**e**ia, mediamos, mediais, med**e**iam.

• Presente do subjuntivo: med**e**ie, med**e**ies, med**e**ie, mediemos, medieis, med**e**iem.

Nas formas **nós** e **vós** não há a presença do **e**.

Por esse modelo conjugam-se intermediar, ansiar, remediar, incendiar e odiar.

Resumindo: Todos os verbos terminados em -ear e os cincos verbos em -iar recebem um (EI) nas formas da 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular e da 3ª pessoa do plural nos tempos do PRESENTE.

A seguir, algumas questões de concursos comentadas:

1. **(Fundação Euclides da Cunha/TRF)** Na oração "como o que Bush experimentou ao **nomear** Harvey Pitt", o verbo **nomear** foi usado na forma do infinitivo. Se usado em uma forma finita, este verbo e todos os outros terminados em **-ear**, bem como alguns terminados em **-iar**, apresentam formas ditongadas e não ditongadas, segundo a norma culta da língua. Considerando essa característica de flexão, está incorreta a forma usada na frase:

a) É conveniente que hasteemos a bandeira da moralidade nos negócios públicos.

b) Um dirigente que demonstre competência não receia enfrentar problemas de gerenciamento.

c) As sociedades anseiam por dirigentes que primem pela competência e moralidade.

d) O presidente Bush freiou a iniciativa espúria de Harvey Pitt.

e) Uma ação sensata do presidente sempre remedeia possíveis situações constrangedoras.

Comentários:

Nas letras A e B, os verbos hastear e recear possuem a terminação -ear. O verbo hastear, por estar na 1ª pessoa do plural do presente do subjuntivo, não recebe a letra ***i***. Já o verbo recear, por estar na 3ª pessoa do singular, recebe essa mesma letra.

Nas letras C e E, aparecem os verbos ansiar e remediar, que terminam em -iar. Esses verbos fazem parte do Mario. Como estão conjugados, respectivamente, na 3ª pessoa do plural e 3ª pessoa do singular do presente do indicativo recebem a letra ***e***.

Na letra D, o verbo frear não está conjugado nos tempos do presente, logo não recebe a letra ***i***. O verbo frear, no pretérito perfeito, se conjuga da seguinte forma: freei, freaste, freou, freamos, freastes, frearam.

Resposta: D.

2. (NCE-UFRJ/Oficial de Justiça) "Para outras, é apenas o prazer de saber que a distância não mais **cerceia** a comunicação, por boba que seja."; a frase abaixo em que há uma forma, ligada aos verbos terminados em -ear, grafada erradamente é:

a) É perigoso que passeiemos à noite.

b) A civilização sofre freadas em seu progresso.

c) O homem receoso não luta pela liberdade.

d) Todos nós ceamos no Natal.

e) É injusto que os países totalitários cerceiem a comunicação.

Comentários:

A letra A apresenta o verbo passear flexionado na 1ª pessoa do plural do presente do subjuntivo. Nessa forma, vimos que não há a presença da letra ***i***. A forma correta seria passeemos.

Na letra B, o verbo frear não aparece conjugado nos tempos do presente, e sim na forma de particípio. Daí não receber a letra **i**.

Na letra C, receoso é adjetivo. Não confundir com RECEIO, substantivo.

Na letra D, o verbo cear aparece na 1ª pessoa do plural, que não recebe a letra ***i***. Já na letra E, o verbo cercear está flexionado na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo, que recebe a letra ***i***. Formas corretas, portanto.

Resposta: A.

3. (Cesgranrio/Petrobras) A forma verbal em negrito não está conjugada corretamente em:

a) A natureza **premia** com felicidade ou infelicidade.

b) É importante que **nomeiem** logo o diretor.

c) Chegue cedo para que **principiemos** a reunião na hora.

d) O ser humano **anseia** por uma felicidade perene.

e) O professor **incendia** o debate com perguntas polêmicas.

Comentários:

Nas letras A, C, D e E, aparecem verbos em -iar. Com essa terminação, vimos que são cinco os verbos que recebem a letra ***e*** nas formas da 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular e 3ª pessoa do plural nos tempos do presente (do indicativo e do subjuntivo). Os verbos premiar e principiar não pertencem ao Mario, portanto, não recebem a letra ***e***.

Nas opções D e E, os verbos ansiar e incendiar pertencem a esse grupo. Logo, o verbo INCENDIAR, na 3ª pessoa do singular, é *incendeia*.

Na letra B, o verbo nomear pertence à terminação -ear, recebendo um ***i*** na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo.

Resposta: E.

Ainda em conjugação verbal, é necessário que se aprenda a identificar os tempos compostos. Aprender a conjugá-los é simples, pois o que se memoriza para os tempos compostos do indicativo vale também para o subjuntivo. Vamos a eles.

8.7. TEMPOS COMPOSTOS

Formam-se com os auxiliares **TER** ou **HAVER** mais **Particípio**.

Na maioria dos casos, o nome do tempo composto quem determina é o verbo auxiliar.

No Indicativo:

Terei falado. **(futuro do presente composto)**

Teria falado. **(futuro do pretérito composto)**

Ter falado. **(infinito composto)**

Tendo falado. **(gerúndio composto)**

No Subjuntivo:

Tiver falado. **(futuro composto)**

No entanto, merecem atenção especial duas formas:

1. **Pretérito perfeito composto**: verbo auxiliar no presente mais o particípio.

   Indica a repetição ou continuidade de um fato iniciado no passado até o presente.

   Tem falado, **tenho** contado...

2. **Pretérito mais-que-perfeito composto**: verbo auxiliar no imperfeito mais particípio.

   É empregado como o simples, para expressar um fato já concluído antes de outro também no passado.

Tinha falado, **havia** falado, **tinha** contado...

Repare que, nessas formas, o nome do tempo composto não corresponde ao verbo auxiliar. Em concurso, quando o assunto é tempo composto, esses são os tempos mais pedidos.

Vamos a três questões de concurso que falam do assunto:

1. **(Técnico Judiciário/TJ)** "... que realmente **havia levado** a máquina para casa..."; a forma verbal em destaque equivale a:

   a) levava

   b) levou

   c) leva

   d) levara

   e) levasse

   Comentários:

   A forma verbal havia levado traz o verbo auxiliar (haver) no pretérito imperfeito, caracterizando, assim, o pretérito mais-que-perfeito do indicativo, que equivale à forma simples desse mesmo tempo.

   Resposta: D.

2. **(Auxiliar Judiciário/TJ)** "Publicidade oficial **tem sido**, quase sempre...". O emprego do tempo verbal destacado expressa:

   a) uma ação ou estados permanentes ou assim considerados.

   b) um fato futuro, mas próximo.

   c) uma ação passada habitual ou repetida.

   d) uma ação produzida em certo momento do passado.

   e) a continuidade de um ato até o presente.

   Comentários:

   A forma destacada no enunciado tem o verbo auxiliar (ter) no presente do indicativo, o que caracteriza o pretérito perfeito do indicativo. Embora o auxiliar esteja no presente, repare que a ideia tem início no passado e vem até o momento presente. Se "Publicidade oficial tem sido, quase sempre...", é porque essa ação *vem ocorrendo*, ou seja, não terminou no passado, se prolonga até o presente.

   Resposta: E.

3. **(FGV/Perito Criminal da Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro/2008)** "O público brasileiro tem ouvido,

com alguma frequência, notícias a respeito de possível rebelião de países vizinhos contra aquilo que seus governantes chamam de dívidas ilegítimas."

No trecho acima, as formas verbais estão, respectivamente, no:

a) presente do indicativo e presente do indicativo.

b) presente do indicativo e presente do subjuntivo.

c) presente do subjuntivo e presente do indicativo.

d) pretérito perfeito do indicativo e presente do subjuntivo.

e) pretérito perfeito do indicativo e presente do indicativo.

Comentários:

Trata-se de uma questão que busca a identificação dos tempos das formas verbais *tem ouvido* e *chamam.* Muitos alunos que erraram a questão marcaram a letra A, pois não perceberam que o verbo *ter* vinha seguido de particípio, formando, assim, um tempo composto. Ora, se o auxiliar vem no presente do indicativo mais particípio, estamos diante do pretérito perfeito composto do indicativo, enquanto a forma *chamam* está no presente do indicativo. Atente ao fato de que a banca também não menciona pretérito perfeito *composto*, e sim pretérito perfeito, o que torna a questão mais difícil.

Resposta: E.

Hoje, é muito comum que as provas contenham questões que requerem do aluno a conjugação de verbos no imperativo. Vamos recordar?

8.8. FORMAÇÃO DO IMPERATIVO

Quando aparecem verbos que denotam *ordem, pedido, desejo, súplica,* temos o modo **imperativo**, que se forma da seguinte maneira:

1. **Afirmativo**:

- **tu** e **vós**: retiradas do presente do indicativo com a supressão do ***S*** final.

Fala (tu), falai (vós).

- **você, nós e vocês*:*** retiradas do presente do subjuntivo sem alteração.

Fale (você), falemos (nós), falem (vocês).

Obs.:

1) Verbo ser: Sê tu / Sede vós;

2) Terminação -zer / -zir: faze ou faz tu;

Conduze ou conduz tu.

2. **Negativo**: conjugação igual à do presente do subjuntivo, acrescentando-se a negativa antes da forma verbal.

Não fales tu, não fale você, não falemos nós, não faleis vós, não falem vocês.

Simples, não é? Então, vamos às questões. Há aquelas que só pedem que o candidato reconheça o modo imperativo nas frases, como a que se tem a seguir:

1. (FCC/TRF – 5ª Região) … **respeite** pai e mãe…

O verbo flexionado de modo idêntico ao do destaque acima está também grifado na frase:

a) Todos desejavam que o recém-chegado se comportasse de acordo com os costumes locais.

b) Esperava-se aceitação bem maior das novas determinações estabelecidas pela instituição.

c) Leia este manual com bastante atenção, para conhecimento das normas de convivência da empresa.

d) Sempre se soube que a organização de um grupo depende de regras, respeitadas por seus integrantes.

e) É preciso que se observem as normas, para garantir uma convivência agradável em qualquer ambiente.

Comentários:

Na frase retirada do texto, observamos a presença do verbo respeitar (respeite) que denota uma ordem, um pedido. Temos aí a forma do imperativo afirmativo. Quando aparecem verbos no imperativo, o primeiro passo é observar **a pessoa**, porque, como vimos na teoria, as formas tu e vós são retiradas do presente do indicativo sem o S final. As outras formas (você, nós e vocês) são retiradas integralmente do presente do subjuntivo. Isso posto, na frase retirada do texto, o verbo (*respeite*) aparece flexionado na 3ª pessoa do singular (você). Na letra A, o verbo comportar--se está flexionado no pretérito imperfeito do subjuntivo. Na letra B, o verbo esperar aparece no pretérito imperfeito do indicativo. Na letra C, o verbo ler aparece com esse mesmo tom de imperativo (*Leia este manual…*) na 3ª pessoa do singular. Na D, o verbo depender aparece no presente do indicativo e, na E, no presente do subjuntivo.

Resposta: C.

Ainda quanto ao imperativo, há aquelas questões que trabalham na mesma frase a forma afirmativa e a negativa. Eis um exemplo:

2. (NCE-UFRJ/Ministério Público) "Recuse o convite e não troque o Brasil pela Itália."; se, em lugar da terceira pessoa, o autor do texto empregasse a segunda pessoa do singular, as formas convenientes dos verbos seriam:

a) recusa / não troca

b) recusas / não trocas

c) recusa / não troques

d) recuse / não troca

e) recuses / não trocas

Comentários:

Na frase retirada do texto, o verbo recusar aparece no imperativo afirmativo (3ª pessoa do singular) e o verbo trocar no imperativo negativo, antecedido do advérbio de negação *não*. O comando da questão pede para empregar a 2ª pessoa do singular. No imperativo afirmativo, as segundas pessoas (tu e vós) são retiradas do **presente do indicativo** sem o S final. Com o verbo recusar, então, ficaria recusa. Como o imperativo negativo é retirado integralmente do **presente do subjuntivo**, a 2ª pessoa do singular seria troques.

Resposta: C.

3. (FGV) Quase Nada

(Fábio Moon e Gabriel Bá. *Folha de São Paulo*, 28 de dezembro de 2008.)

Assinale a alternativa com correta passagem da fala do segundo quadrinho para o plural.

a) Acordais, gatos.

b) Acordai, gatos.

c) Acordem, gatos.

d) Acordeis, gatos.

e) Acordei, gatos.

Comentários:

Inicialmente, é preciso descobrir em que pessoa foi conjugada a forma de imperativo "acorda", presente no 2º quadrinho. Ora, *acorda* é 2ª pessoa do singular – tu – presente do indicativo, sem o s. Assim, como o enunciado pede que se transponha a fala para o plural – vós, temos que ir também ao presente do indicativo e extrair o s: *acordai*.

Resposta: B.

4. (FGV/Senado Federal – Analista Legislativo – Tradução e Interpretação/2008) "Mudar para vencer! *Muda, Brasil!*', grita entusiasmado."

Assinale a alternativa em que se tenha a correta passagem para o plural e para a negativa da forma verbal do trecho grifado acima.

a) Não mudas, Brasil!

b) Não mudais, Brasil!

c) Não mudai, Brasil!

d) Não mudeis, Brasil!

Comentários:

A forma verbal em destaque no enunciado está no imperativo afirmativo (2ª pessoa do singular – tu). Ao se transportar ao plural – vós, no imperativo negativo (todo ele retirado do presente do subjuntivo), teremos a forma *não mudeis, Brasil!*

Resposta: D.

8.9. FORMAS NOMINAIS

Ao estudar conjugação verbal, é preciso que se dê especial atenção às **formas nominais** do verbo: infinitivo, gerúndio e particípio. São chamados de formas nominais tais tempos, porque, ao lado do seu valor verbal, podem desempenhar função de nomes (substantivo, adjetivo e advérbio).

Assim, teríamos:

Fumar é proibido.

Aqui, o infinitivo exerce papel de substantivo, pois é sujeito do verbo *ser*.

Tempo **perdido**.

Nesse caso, o particípio exerce papel de adjetivo do substantivo *tempo*.

Amanhecendo, partiremos.

Aqui, o gerúndio apresenta um valor adverbial, pois indica circunstância de tempo à forma verbal *partiremos*.

Vamos, então, estudar as formas nominais do verbo. Aproveite para observar as desinências características dessas formas, destacadas a seguir:

Infinitivo – Gerúndio – Particípio

Infinitivo: fala**r**, bebe**r**, parti**r**

Gerúndio: fala**ndo**, bebe**ndo**, parti**ndo**

Particípio: fala**do**, bebi**do**, parti**do**

Importante: O infinitivo pode ser **pessoal** ou **impessoal**.

O infinitivo **pessoal** é dividido em **flexionado** e **não flexionado**.

Infinitivo flexionado: indica o agente da ação – falar, falares, falar, falarmos, falardes, falarem.

Assim, teríamos:

Para **passares** em concurso, é preciso estudo.

Aqui, a desinência do infinitivo – **res** – indica que o agente da ação é **tu**. É um caso de infinitivo com desinência, com flexão.

Infinitivo não flexionado: apresenta uma só forma para as seis pessoas (falar).

É importante que estudemos para **passar** em concurso.

Aqui, não há desinência para a forma de infinitivo, mas inferimos pelo verbo da oração anterior – *estudemos* – que o agente do infinitivo é **nós**. Logo, tem-se um infinitivo pessoal, com sujeito, mas sem flexão. Vale lembrar que a opção por não flexão é apenas uma forma de enfatizar a ação verbal, tendo em vista que o sujeito está claramente identificado na forma verbal *estudemos*.

Observação: A flexão do infinitivo é assunto que deve ser estudado com mais profundidade em concordância verbal.

O infinitivo **impessoal** enuncia uma ação vaga, indeterminada:

É preciso **acabar** com a miséria no país.

Repare que nessa forma do verbo não há a intenção de se mostrar o agente da ação. É o infinitivo com sujeito indeterminado: o infinitivo impessoal.

Atenção: Em relação a esse assunto, o que se vê nas provas é o infinitivo em confronto com o futuro do subjuntivo. Nos verbos regulares, essas formas são idênticas. Exemplo: Infinitivo pessoal do verbo amar: amar, amares, amar, amarmos, amardes, amarem. Futuro do subjuntivo do verbo amar: amar, amares, amar, amarmos, amardes, amarem.

Logo, vem a pergunta: como não confundi-los?

Dicas:

1. Com conjunção, será sempre futuro do subjuntivo. Com preposição ou sem conectivo algum, será infinitivo.
2. Na dúvida, troque o verbo em questão por um outro irregular, que não apresente tal semelhança. Use, por exemplo, o verbo FAZER, que tem como infinitivo a forma fazer e como futuro do subjuntivo fizer.

A seguir, veremos uma questão, com um índice de erro bastante acentuado, que buscava a distinção entre as duas formas: **futuro do subjuntivo x infinitivo pessoal.**

1. (NCE/Psicólogo) … não se deve *dizer* mal de ninguém…; a frase em que a forma verbal destacada está no mesmo tempo e modo do verbo sublinhado é:

a) Quando sair para a cidade, irei de táxi.

b) Ao chegar à exposição, ficarei deslumbrado.

c) Assim que lanchar, partirei.

d) Se viajar, será de avião.

e) Logo que puder, dormirei.

Comentários:

A forma *dizer* está no infinitivo impessoal, até porque, se estivesse no futuro do subjuntivo, seria *disser*.

Nas letras A, C, D e E, os verbos estão no futuro do subjuntivo: observe a presença de conjunções *quando* (letra A) e *se* (letra D), bem como das locuções conjuntivas *assim que* (letra C) e *logo que* (letra E). Substitua mentalmente tais formas verbais por *fizer* (*quando fizer, assim que fizer, se fizer, logo que fizer*), e você terá a certeza de que elas estão no futuro do subjuntivo. Já na letra B, vemos a preposição **a** em *ao chegar*, o que indica que o verbo está no infinitivo. Basta trocar a forma verbal *chegar* por *fazer* e você terá certeza de que é infinitivo (*ao fazer*).

Resposta: B.

Além do infinitivo, convém darmos especial atenção ao uso do gerúndio, assunto muito comum nas provas de concursos públicos. Nesse caso, vale observar que o bom uso do gerúndio aconselha que o utilizemos para indicar uma ação que ocorra simultaneamente a outra, a fim de que não produza ambiguidade. Assim, teríamos:

Andava pelas ruas sorrindo.

Aqui, temos duas ações – andar e sorrir – que ocorrem ao mesmo tempo: bom uso do gerúndio.

No entanto, devemos evitar construções do tipo:

Escreveu o relatório, enviando-o ao gerente.

Nesse caso, o gerúndio está sendo utilizado para indicar uma ação posterior a outra, o que é inadequado, por suscitar a seguinte dúvida: escreveu o relatório e, ao mesmo tempo, o enviou ao gerente, ou escreveu e depois o enviou ao gerente? O melhor seria não usar o gerúndio, e sim o pretérito perfeito: *escreveu o relatório e o enviou ao gerente*.

Tal inadequação vem sendo trabalhada em algumas provas. Eis uma questão que nos servirá como exemplo:

2. (NCE/Corregedoria) "… que a roubou, ameaçando cortar a garganta do garoto". O bom uso do gerúndio requer que sua ação seja simultânea à do verbo principal, como ocorre nesse segmento do texto. Assim, é exemplo de mau uso do gerúndio a frase:

a) O assaltante gritou, abrindo a porta…".

b) O motorista acovardou-se, abaixando o vidro.

c) O assaltante entrou, sentando-se no banco traseiro.

d) O marginal ameaçou-o, mostrando a arma.

e) O motorista obedeceu, acelerando o carro.

Comentários:

Nas letras A, B, D e E, observa-se o uso do gerúndio que indica uma ação concomitante a outra. Na letra A, o assaltante grita e abre a porta ao mesmo tempo; na letra B, o motorista se acovarda e abaixa o vidro simultaneamente; na letra D, ao mesmo tempo em que o marginal ameaça, ele mostra a arma; e na letra E o motorista obedece e acelera o carro simultaneamente. Todas elas indicam um bom uso do gerúndio. Já a letra C apresenta a ação de *sentar* no gerúndio, que não é concomitante e sim posterior à ação de *entrar*: temos um uso inadequado do gerúndio. Melhor seria dizer: *o assaltante entrou e se sentou no banco traseiro*.

Resposta: C.

Para finalizar o estudo das formas nominais do verbo, vamos falar sobre o particípio. Quanto a esse assunto, vale focar dois pontos importantes:

a) Há verbos que possuem duas formas de particípio: o regular (de terminação *-do*) e o irregular (que não possui terminação *-do*). Eis alguns exemplos:

aceitar: aceitado, aceito;

entregar: entregado, entregue;

limpar: limpado, limpo;

inserir: inserido, inserto;

suspender: suspendido, suspenso;

prender: prendido, preso;

imprimir: imprimido, impresso.

O que se convém é usar a forma regular do particípio com os verbos auxiliares *ter* e *haver* e a forma irregular com os auxiliares *ser* e *estar* ou em qualquer outra hipótese. Assim, teríamos como exemplo:

Verbo aceitar: **Duplo particípio** regular (ter ou haver / tenho aceitado)

irregular (ser ou estar / foi aceito)

b) Em algumas questões, cobra-se o verbo vir e derivados nas formas do gerúndio e do particípio. Isso porque é o único verbo que tem gerúndio e particípio idênticos. Assim, teríamos:

Eu estou vindo para casa.

O verbo *vir* está no gerúndio. Basta substituí-lo por chegar: *eu estou chegando*.

Eu tenho vindo muito a este lugar.

Aqui, o verbo *vir* está no particípio. A troca por outro verbo no particípio pode ajudar você a chegar a tal constatação: *eu tenho chegado*.

Essa coincidência de formas do verbo vir no gerúndio e particípio já foi trabalhada em algumas questões de provas. Observe:

3. (NCE-UFRJ/Ministério Público) *Noticiando* é forma do gerúndio do verbo *noticiar;* a frase em que a forma verbal destacada pode não estar no gerúndio é:

a) As notícias estão chegando da Itália cada vez mais rapidamente.

b) Transformando-se o ódio em amor, acabam-se as guerras.

c) Vindo o resultado, os clientes começaram a protestar.

d) Os jogadores italianos estão reclamando dos estrangeiros.

e) O atleta viajou, completando sua missão.

Comentários:

Em todas as alternativas, exceto em uma, temos verbos que estão no gerúndio: chegando, transformando, reclamando e completando. Na letra C, vê-se o caso do verbo vir que, na frase em que se encontra, tanto pode estar no gerúndio ("Chegando o resultado...") como pode estar no particípio ("Chegado o resultado..."). Observe que, no enunciado, houve o cuidado de se afirmar que se trata de uma forma que *pode* não estar no gerúndio: a própria frase é ambígua.

Resposta: C.

Agora, vamos a uma questão que não permite ambiguidade e ilustra bem a semelhança das formas de gerúndio e particípio do verbo vir:

4. (NCE-UFRJ/Auxiliar de Cartório) Como sabemos, o morfema -NDO forma gerúndios, de que *fazendo* é um exemplo. O item em que a forma em maiúscula não corresponde a um gerúndio é:

a) CHEGANDO os corpos, será feita a autópsia.

b) Os médicos estiveram REALIZANDO exames.

c) Os poetas tinham VINDO ao sepultamento do colega.

d) TENDO tempo, todos participarão do exame.

e) Ganhará dinheiro, VENDENDO bugigangas.

Comentários:

As letras A, B, D e E apresentam verbos no gerúndio: *chegando*, *realizando*, *tendo* e *vendendo*. Na letra C, temos o verbo vir no particípio: basta substituí-lo por **chegar** – *os poetas tinham chegado*...

Resposta: C.

Bem, agora que você já aprendeu a conjugar verbos em seus tempos simples e compostos; estudou os verbos terminados em -ear/-iar; entendeu como se conjuga o imperativo; e conheceu as formas nominais do verbo (ufa...), vale complementar seus estudos com um breve passeio pela semântica dos verbos. É nesse assunto que vamos aprender como se utilizam os principais tempos verbais e perceber como as bancas trabalham esses conceitos nas provas.

8.10. A SEMÂNTICA DOS VERBOS

8.10.1. Modo Indicativo

Expressa um fato real, de maneira definida. Divide-se nos seguintes tempos:

a) Presente

É empregado para expressar um fato que ocorre no momento em que se fala.

Ex.: Guilherme **está** cansado.

É algo que ocorre no momento em que se fala.

Pode ser usado também para exprimir outras ideias:

• descrever um fato permanente.

Ex.: A Terra **gira** em torno do Sol.

• expressar um hábito.

Ex.: Fernanda **estuda** aos domingos.

• conferir realidade a fatos passados.

Ex.: Em 1.500 Cabral **descobre** o Brasil.

• indicar futuro próximo.

Ex.: **Vou** amanhã para Búzios.

b) Pretérito imperfeito

Pode ser utilizado para expressar:

• fatos repetidos, frequentes, habituais no passado.

Ex.: Quando **era** pequena, **brincava** de boneca.

Observe que as duas ações que estão no pretérito imperfeito indicam fatos frequentes no passado.

• uma ação que estava ocorrendo quando outra, geralmente no pretérito perfeito, aconteceu. Ex.: Pedro **tomava** banho quando o telefone tocou.

Temos aqui duas ações pretéritas: a ação de *tomar banho* é durativa, enquanto a ação de *o telefone tocar* é

instantânea, estando, pois, no pretérito perfeito.

• uma ação planejada, esperada, e não realizada.

Ex.: **Pretendíamos** ir até sua casa, mas não foi possível.

c) Pretérito perfeito simples

Expressa um fato que **começou e terminou** no passado, próximo ou distante.

Ex.: Conversei com Andreia hoje (passado próximo)

em 1990 (passado distante).

d) Pretérito mais-que-perfeito

É utilizado, em geral, para expressar um fato já terminado antes de outro no passado. Gosto de dizer que ele é o **passado anterior** ao pretérito perfeito.

Ex.: Ele já **estudara** quando sua namorada ligou.

Observe que há duas ações no passado: a ação de *estudar* ocorre antes da ação de *ligar*, daí ela vir no pretérito mais-que-perfeito.

e) Futuro do presente

Em geral, é usado para indicar um fato futuro em relação ao momento em que se fala. É um fato futuro, posterior ao presente.

Ex.: **Viajarei** na próxima semana.

Pode indicar também incerteza, dúvida:

Ex.: **Estaremos** aqui juntos futuramente?

f) Futuro do pretérito

É utilizado nas seguintes situações:

• para indicar um fato futuro em relação a **outro no passado**.

Ex.: Ele disse que **faria** todos os deveres.

Esse é o uso mais comum do futuro do pretérito: ele aqui vem combinado ao pretérito perfeito – *disse* – e indica uma ação futura, posterior a outra no passado.

• para expressar dúvida, incerteza.

Ex.: Quem **estaria** lá?

Perceba que tanto o futuro do presente quanto o futuro do pretérito podem, portanto, indicar dúvida, incerteza.

• para denotar desejo, em tom polido.

Ex.: **Gostaria** de um café?

Observe que, nesse caso, poderíamos até usar um verbo no presente do indicativo – *aceita um café?* – mas a frase perderia seu tom polido, educado.

8.10.2. Modo Subjuntivo

Expressa um fato incerto, duvidoso ou até irreal. Suas principais subdivisões são:

a) Presente

Pode indicar semanticamente presente ou futuro.

Exs.: É pena que eles **estejam** doentes. (possibilidade no presente)

Espero que **chova**. (hipótese no futuro)

b) Pretérito imperfeito

Expressa uma ação posterior a outro fato na oração principal.

Exs.: Duvidei que ele **terminasse** o trabalho.

Gostaria que você **trouxesse** as crianças.

Pode expressar também ideia de condição ou desejo.

Ex.: Se ele **viesse** ao clube participaria do campeonato.

c) Futuro

Indica uma ação eventual (que pode ocorrer ou não) em um momento futuro.

Ex.: Quando ele **vier** à loja, levará as encomendas.

8.11. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

Complete as frases com a forma verbal solicitada entre parênteses

1. Se _____ verdadeiro em tuas pinturas... (IR – futuro do subjuntivo)
2. Se _____ verdadeiro em vossas pinturas... (IR – futuro do subjuntivo)
3. Os pais não _____ onde deixar suas crianças. (TER – presente do indicativo)
4. Os pais só _____ as crianças quando se dispõem a brincar com elas. (ENTRETER – presente do indicativo)
5. Os pais só _____ as crianças quando voltam para casa. (REVER – presente do indicativo)
6. Os pais _____ as crianças depois que se _____ a voltar para casa. (REAVER – pretérito perfeito do indicativo / DISPOR – pretérito perfeito do indicativo)

7. Os pais não se _____ a ficar com as crianças quando estas lhes _____. (DISPOR – pretérito imperfeito do indicativo / CONTRADIZER – pretérito imperfeito do indicativo)

8. Os pais _____ as crianças quando _____ em seus maus costumes. (DESDIZER – pretérito perfeito do indicativo / INTERVIR – pretérito perfeito do indicativo)

9. Talvez no elevador do prédio não _____ mais do que cinco pessoas. (CABER – presente do subjuntivo)

10. Se outra pessoa _____ o mesmo mar, fará outra descrição. (VER – futuro do subjuntivo)

11. O motor do elevador _____ de São Paulo. (PROVIR – pretérito perfeito do indicativo)

12. Os economistas já _____ ao Governo os mais diversos planos de ação. (PROPOR – pretérito perfeito do indicativo)

13. O gerente só deve procurar-nos quando _____ seus conceitos sobre o mercado. (REVER – futuro do subjuntivo)

14. Ele não trabalhava; apenas se _____ lendo o futuro nas mãos dos amigos. (ENTRETER – pretérito imperfeito do indicativo)

15. Se _____ uma outra crônica, argumente que não há espaço nesta edição. (PROPOR – futuro do subjuntivo.)

16. Com a cooperação de todos, o jornalista _____ que havia condição de escrever a reportagem. (CRER – pretérito perfeito do indicativo)

17. Os candidatos só poderão se inscrever no concurso de crônicas se o _____. (REQUERER – futuro do subjuntivo)

18. Os alunos da minha escola jamais _____ incentivo para redigir textos em crônicas. (OBTER – pretérito perfeito do indicativo)

19. Se o autor _____ na questão, não ocorrerão críticas. (INTERVIR – futuro do subjuntivo)

20. Os burgueses só deixarão o poder quando isto lhes _____. (CONVIR – futuro do subjuntivo)

21. Quem se _____ ao regime não sobreviverá. (CONTRAPOR – futuro do subjuntivo)

22. Se a burguesia não _____ seu modo de vida, acabará arruinada. (REVER – futuro do subjuntivo)

23. Todas trabalhavam para que os nobres se _____ no ócio. (ENTRETER – pretérito imperfeito do subjuntivo)

24. Seria bom que a Igreja _____ o poder que detinha. (REAVER – pretérito Imperfeito do subjuntivo)

25. Essa necessidade _____ da atual carência de recursos nessa área. (ADVIR – presente do indicativo)

26. Essas caixas _____ objetos quebráveis. (CONTER – presente do indicativo)

27. Elas _____ aqui sempre que podem. (VIR – presente do indicativo)

28. Eles se _____ como os donos da verdade. (VER – presente do indicativo)

29. Se o país _____ o clima cultural dos anos 60... (REAVER – futuro do subjuntivo)

30. Se lhe _____ reunir o grupo para discutir, ficaremos contentes. (APRAZER – futuro do subjuntivo)

31. Se os jovens se _____ de votar, perderemos uma chance de mudar o atual quadro. (ABSTER – futuro do subjuntivo)

Gabarito: 1. fores; 2. fordes; 3. têm; 4. entretêm; 5. reveem; 6. reouveram / dispuseram; 7. dispunham / contradiziam; 8. desdisseram / intervieram; 9. caibam; 10. vir; 11. proveio; 12. propuseram; 13. revir; 14. entretinha; 15. propuser; 16. creu; 17. requerer; 18. obtiveram; 19. intervier; 20. convier; 21. contrapuser; 22. revir; 23. entretivessem; 24. reouvesse; 25. advém; 26. contêm; 27. vêm; 28. veem; 29. reouver; 30. aprouver; 31. abstiverem.

8.12. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Vamos às questões de concursos que tratam desse tema? A seguir, uma sequência de questões de **semântica dos tempos e modos verbais** e seus respectivos comentários.

1. (NCE-UFRJ / Ministério Público) A imprensa brasileira vem noticiando uma proposta milionária do Lazio da Itália, que pretende adquirir o passe do zagueiro Juan por 10 milhões de dólares. Este é o time cuja torcida já agrediu o jogador brasileiro Antonio Carlos, do Roma, e perdeu o mando de campo por incitamento racista em pleno estádio.

Considerando que a ação de agredir o jogador brasileiro Antonio Carlos ocorreu antes de o Lazio perder o mando de campo, ação também passada, o verbo agredir deveria estar no:

a) mais-que-perfeito do indicativo.

b) imperfeito do indicativo.

c) futuro do pretérito.

d) imperfeito do subjuntivo.

e) presente do subjuntivo.

Comentários:

Vale notar que se trata de duas ações no passado: a ação de a torcida *agredir* o jogador e a ação de o time *perder* o mando de campo. Considerando-se que a agressão ocorreu antes da perda do mando de campo, o verbo agredir deveria estar no pretérito mais-que-perfeito e não no pretérito perfeito, por indicar um passado anterior ao pretérito perfeito. Assim, a frase deveria ser:

"Este é o time cuja torcida já **agredira** o jogador brasileiro Antonio Carlos, do Roma, e **perdeu** o mando de campo por incitamento racista em pleno estádio".

Resposta: A.

2. (TRT / Técn. Judic.) No período "Em contrapartida, o corajoso que se aventure, hoje, a ler os tratados morais de

Santo Agostinho cogitará que a única felicidade possível vem com o assentimento do homem a uma moral objetiva, a qual respeita a natureza de todas as coisas criadas – e que o mal é, sempre, parasitário de algum bem que o transcende...", a forma verbal flexionada para exprimir fato que deve ser entendido como uma conjectura é:

a) aventure

b) cogitará

c) vem

d) respeita

e) transcende

Comentários:

Nas letras B, C, D e E, as formas verbais indicam fatos, pois os verbos estão no modo indicativo. Como a banca pedia uma forma verbal que indicasse conjectura, teríamos de achar uma que se apresentasse no modo subjuntivo, o que ocorreu com a forma *aventure*.

Resposta: A.

3. (TRF) A opção em que a explicação dada para o sentido da forma verbal grifada está incorreta é:

a) No século III a.C. chega o latim à Península Ibérica: presente histórico.

b) Furacão mata 20 adultos e 3 crianças na Califórnia (manchete de jornal); presente com valor de pretérito.

c) Eu aceitaria um cafezinho: futuro do pretérito indicando momento posterior a um tempo passado.

d) Eu aceitava um cafezinho: pretérito imperfeito para indicar polidez.

e) Eu aceito um cafezinho: presente simultâneo ao ato de fala.

Comentários:

Observe que a questão não trata de flexão verbal – aqui, não temos que julgar as formas verbais e verificar se vieram corretamente flexionadas. A questão espera que se julgue a **explicação** para o sentido da forma verbal grifada: trata-se de semântica dos tempos verbais.

Na letra A, temos o presente do indicativo utilizado no lugar do pretérito perfeito, para atualizar acontecimentos históricos: é o chamado presente histórico.

Na letra B, tem-se o presente do indicativo também substituindo o pretérito perfeito: é o presente no lugar do pretérito. Aqui, também estaria certo dizer "Furacão matou 20 adultos...".

Veja que interessante: é comum, principalmente na linguagem informal, usarmos um tempo em lugar de outro, o que não configura erro.

Nas letras C e D, vemos uma intenção de se fazer um pedido utilizando-se de tom polido, o que nos faz perceber que

tanto o futuro do pretérito quanto o pretérito imperfeito podem indicar polidez. Só que a letra C apresentou uma **explicação** errada para o uso do futuro do pretérito.

A letra E apresenta o presente do indicativo indicando uma ação que ocorre no momento em que se fala.

Resposta: C.

4. (TRF) Considerando as formas verbais grifadas nas cinco frases abaixo, assinale a afirmativa falsa:

(1) Saiu o doente de quem Vanessa **tomava** conta.

(2) Chegou o doente de quem Vanessa **tomou** conta.

(3) Estamos afirmando hoje que amanhã **viajaremos**.

(4) Afirmamos anteontem que ontem **viajaríamos**.

(5) Afirmamos ontem que anteontem **viajáramos**.

a) em 1, o verbo dá ideia de uma ação habitual de valor durativo.

b) em 2, o verbo refere-se a um fato que ocorreu uma vez no passado.

c) em 3, o verbo refere-se a um fato posterior ao presente.

d) em 4, o verbo refere-se a uma ação posterior a um fato passado.

e) em 5, o verbo refere-se a uma ação posterior a um momento passado.

Comentários:

Trata-se de uma questão de semântica dos tempos verbais. O que se busca é a explicação para cada forma verbal utilizada nas alternativas.

Na letra A, tem-se o pretérito imperfeito indicando uma ação de continuidade, de repetição no passado.

Na letra B, o verbo está no pretérito perfeito, indicando uma ação que começou e acabou no passado.

Na letra C, observa-se o futuro do presente, que é uma ação futura, posterior à afirmação feita no presente: hoje *afirmamos* que amanhã *viajaremos*.

Na letra D, tem-se o uso tradicional do futuro do pretérito: uma ação futura em relação ao pretérito perfeito – anteontem *afirmamos* que ontem *viajaríamos*.

A letra E traz o pretérito mais-que-perfeito que, como vimos na teoria da nossa aula, indica uma ação anterior e não posterior a outra no pretérito perfeito: a ação de *viajar* ocorreu antes da ação de *afirmar*, na linha do tempo.

Resposta: E.

5. (TRE / Anal. Judic.) Os tempos e os modos verbais apresentam-se adequadamente articulados na frase:

a) Fôssemos todos atores, o culto das aparências será a chave que nos libertasse do nosso destino.

b) Os atores sempre nos enganarão, a cada vez que encarnarem os personagens de que costumam se fantasiar.

c) Enquanto o culto das aparências for a chave do sucesso, estaríamos todos preocupados com o papel que desempenhemos.

d) Desde idos tempos os atores gozariam de uma admiração que só não será maior por conta da desconfiança que temos de todo fingimento.

e) O autor estaria convencido de que nosso vizinho seja capaz de fingir tão bem quanto um ator, quando tivesse desfilado com um carro que não é seu.

Comentários:

Letra A: o primeiro verbo traz ideia de pretérito (está no imperfeito do subjuntivo). Logo, o segundo deve traduzir o mesmo valor semântico, ficando no futuro do pretérito, e não futuro do presente. Logo, a frase, para estar correta, deve ficar *Fôssemos todos atores, o culto das aparência seria a chave que nos libertasse do destino*.

Letra B: o verbo *enganarão* está no futuro do presente. Logo, está mesmo correta a forma *encarnarem*, que é futuro do subjuntivo. Da mesma forma, está correta a construção *costumam se fantasiar*, cujo verbo auxiliar está no presente do indicativo, tempo correlato semanticamente ao futuro do *presente*.

Letra C: o primeiro verbo da frase está no futuro do subjuntivo (*for*). Logo, o outro verbo, que está a ele correlato, deveria vir futuro do presente, não no futuro do pretérito, que é um futuro para o passado. Observe que não há problema algum quanto ao último verbo da frase (*desempenhemos*), que está no presente do subjuntivo, mas traz ideia de hipótese no futuro. Assim, uma sugestão de reescritura para essa frase seria: *Enquanto o culto das aparências for a chave do sucesso, estaremos todos preocupados com o papel que desempenhemos.*

Letra D: nesse caso, o que temos de mudar mesmo é o tempo do primeiro verbo da frase... Não faz sentido dizer *Desde idos tempos os atores gozariam...* O jeito é colocar o primeiro verbo no presente do indicativo *Desde idos tempos os atores gozam de uma admiração que só não é maior por conta da desconfiança que temos de todo fingimento.*

Letra E: mantendo o primeiro verbo no futuro do pretérito (*estaria*), uma boa sugestão seria modificar o segundo (*seja*), que está no presente do subjuntivo, mas deveria ficar no *imperfeito* do subjuntivo (*fosse*). Aí, não haveria problema em manter-se o terceiro verbo da forma como está. Entenda que o que oferecemos aqui é *uma opção* de reescritura para a frase, mas muitas vezes há outras formas de se corrigir a mesma informação.

Resposta: B.

6. (TRT / Anal. Judic.) Está inteiramente adequada a articulação entre os tempos e os modos verbais na frase:

a) Se a liberdade da imprensa fosse um direito apenas dos jornalistas, cada vez que se desrespeite a liberdade de imprensa a sociedade não terá como reclamar.

b) Enquanto os jornalistas pensarem apenas em seus próprios interesses, não haveria como resguardar o direito da

sociedade à livre informação.

c) No caso de vir a ser desrespeitado o direito social à livre informação, jogar-se fora uma das principais características das democracias modernas.

d) Espera-se que dos três grandes debates promovidos pela RDLI resultem propostas práticas, que venham a reforçar o direito à liberdade de imprensa.

e) Ainda que houvesse uma absoluta liberdade para a circulação de ideias e de informações, será necessário lutar para que nada a ameaçasse.

Comentários:

Letra A: observe o primeiro verbo (*fosse*). Ele está no pretérito imperfeito do subjuntivo, ou seja, começa-se um período com um verbo com valor semântico de passado. Daí o erro nas formas verbais que vêm logo depois: *desrespeite*, *terá*. O certo seria dizer *desrespeitasse* (pretérito imperfeito do subjuntivo) e *teria* (futuro do pretérito). Ora, se o objetivo é falar do passado, não faz sentido utilizar verbos no presente do subjuntivo (*desrespeite*) e futuro do presente (*terá*).

Letra B: o primeiro verbo está no futuro do subjuntivo (*pensarem*). Logo, não há sentido em se manter o verbo seguinte (*haveria*) no futuro do *pretérito*, já que não está se falando do passado, e sim do futuro. Adequada seria a substituição de *haveria* por *haverá*.

Letra C: a locução verbal que inicia a frase (*vir a ser desrespeitado*) expressa valor semântico de futuro. Logo, correto seria dizer *jogar-se-á fora…,* e não o que se vê na frase.

Letra D: o primeiro verbo do período está no presente do indicativo (*Espera-se*). Assim, os verbos seguintes também vieram no presente, só que do subjuntivo, pois expressam valor semântico de hipótese (*resultem/venham*). Construção correta, semanticamente simétrica.

Letra E: *houvesse* é pretérito imperfeito do subjuntivo. Assim, o que se espera, na sequência, é futuro do pretérito (*seria*), e não futuro do presente (*será*). Falta, portanto, paralelismo semântico entre os tempos verbais.

Resposta: D.

7. (TRT/AL – Técn. Adm.) Considere o emprego das formas verbais nas frases **não produzem riqueza** e **que produzam riqueza**.

É correto afirmar:

a) Ambas as frases apresentam o mesmo sentido, já que se emprega o mesmo verbo, com flexão idêntica.

b) Na 2ª frase, o emprego da forma verbal indica uma possibilidade, enquanto na 1ª, o fato é real e concreto.

c) A mudança de flexão entre *produzem* e *produzam* deve-se ao fato de uma forma ser negativa e outra, positiva.

d) Houve equívoco na flexão do verbo, que admite apenas a forma *produzem*, registrada na 1ª frase.

e) Ambas as formas encontram-se na voz ativa e não aceitam ser transpostas para a voz passiva.

Comentários:

Em semântica dos *modos* verbais, vimos que o *modo Indicativo* exprime, em geral, um fato certo, real. O *Subjuntivo*, um fato possível, provável. E o *imperativo*, ordem, convite, pedido, súplica.

Em *produzem*, temos a forma do Indicativo e em *produzam*, Subjuntivo, o que faz que o sentido não seja o mesmo pela teoria exposta sobre a semântica dos modos verbais.

Com isso, eliminamos as opções A, C e D.

Na opção E, é incorreta a afirmação, pois os verbos que *não* admitem transposição de voz ativa para passiva seriam os *intransitivos*, *transitivo indireto* e de *ligação*. Como o verbo *produzir*, nas frases em que aparece, é transitivo direto, aceita voz passiva.

Resposta: B.

8. *Não* há a devida correlação temporal das formas verbais em:

a) Seria conveniente que o time ficasse sem saber quem era o adversário.

b) É conveniente que o time ficaria sem saber quem é o adversário.

c) Era conveniente que o time ficasse sem saber quem foi o adversário.

d) Será conveniente que o time fique sem saber quem é o adversário.

e) Foi conveniente que o time ficasse sem saber quem era o adversário.

Comentários:

Letra A: *Seria* é verbo *ser* no futuro do pretérito. Logo, faz todo sentido que o verbo correlato a esse esteja no pretérito imperfeito do subjuntivo (*ficasse*). Está adequada a correlação semântica entre os tempos verbais. Além disso, observe o verbo *ser* no final do período (*era*), que também tem valor semântico de *passado* (pretérito imperfeito do indicativo).

Letra B: o primeiro verbo (é) está no presente do indicativo. Logo, não é coerente utilizar-se um verbo no futuro do *pretérito* na sequência do período (*ficaria*). Melhor teria sido dizer: É conveniente que o time fique sem saber quem é o adversário.

Letra C: *Era* é pretérito imperfeito do indicativo. Assim, é semanticamente adequado utilizar-se o imperfeito do subjuntivo (*ficasse*) e o pretérito perfeito do indicativo (*foi*) na continuidade da frase.

Letra D: o primeiro verbo do período está no futuro do presente (*Será*). Logo, é coerente utilizar--se o *presente* do subjuntivo (*fique*) logo depois. Afinal, o presente do subjuntivo, nessa frase, também apresenta valor semântico de futuro.

Letra E: *Foi* é pretérito perfeito do indicativo. Assim, está correta a forma *ficasse* (imperfeito do subjuntivo), bem como a construção *era* (imperfeito do indicativo). Perceba que todas giram em torno do passado.

Resposta: B.

9. (TRF da 5ª Região) Não _____ nos surpreender se a minoria econômica dominante _____ de prestar contas a quem mais _____

Preenche corretamente as lacunas da frase acima a seguinte sequência de formas verbais:

a) deveremos – deixou – venha a prejudicar

b) devemos – deixa – esteja prejudicando

c) deveríamos – deixou – prejudicaria

d) deveríamos – deixe – prejudicaria

e) devamos – deixasse – prejudicaria

Comentários:

Na letra A, para manter a ideia de futuro iniciada por *deveremos*, seria *deixar* e *vier*.

Na B, repare que todas as formas estão no tempo presente (*devemos*, *deixa* e *esteja*), mantendo correlação entre os tempos verbais.

Nas letras C e D, o futuro do pretérito (*deveríamos*) levaria os verbos, na sequência, ao imperfeito do subjetivo (*deixasse, prejudicasse*).

Na letra E, seguindo a forma *devamos* (presente do subjuntivo), teríamos *deixa, prejudique*.

Resposta: B.

8.13. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

Leia o texto a seguir para responder à questão 1.

Depois que se tinha fartado de ouro, o mundo teve fome de açúcar, mas o açúcar consumia escravos. O esgotamento das minas – que de resto foi precedido pelo das florestas que forneciam o combustível para os fornos –, a abolição da escravatura e, finalmente, uma procura mundial crescente, orientam São Paulo e o seu porto de Santos para o café. De amarelo, passando pelo branco, o ouro tornou-se negro.

Mas, apesar de terem ocorrido essas transformações que tornaram Santos num dos centros do comércio internacional, o local conserva uma beleza secreta; à medida que o barco penetra lentamente por entre as ilhas, experimento aqui o primeiro sobressalto dos trópicos. Estamos encerrados num canal verdejante. Quase podíamos, só com estender a mão, agarrar essas plantas que o Rio ainda mantinha à distância nas suas estufas empoleiradas lá no alto. Aqui se estabelece, num palco mais modesto, o contato com a paisagem.

O arrabalde de Santos, uma planície inundada, crivada de lagoas e pântanos, entrecortada por riachos estreitos e canais, cujos contornos são perpetuamente esbatidos por uma bruma nacarada, assemelha-se à própria Terra, emergindo no começo da criação. As plantações de bananeiras que a cobrem são do verde mais jovem e terno que se possa imaginar: mais agudo que o ouro verde dos campos de juta no delta do Bramaputra, com o qual gosto de o associar na minha recordação; mas é que a própria fragilidade do matiz, a sua gracilidade inquieta, comparada com a suntuosidade tranquila da outra, contribuem para criar uma atmosfera primordial.

Durante cerca de meia hora, rolamos por entre bananeiras, mais plantas mastodontes do que árvores anãs, com troncos plenos de seiva que terminam numa girândola de folhas elásticas por sobre uma mão de 100 dedos que sai de um enorme lótus castanho e rosado. A seguir, a estrada eleva-se até os 800 metros de altitude, o cume da serra. Como acontece em toda parte nessa costa, escarpas abruptas protegeram dos ataques do homem essa floresta virgem tão rica que para encontrarmos igual a ela teríamos de percorrer vários milhares de quilômetros para norte, junto da bacia amazônica. Enquanto o carro geme em curvas que já nem poderíamos qualificar como " cabeças de alfinete", de tal modo se sucedem em espiral, por entre um nevoeiro que imita a alta montanha de outros climas, posso examinar à vontade as árvores e as plantas estendendo-se perante o meu olhar como espécimes de museu.

(Adaptado de: Lévi-Strauss, Claude. *Tristes Trópicos*. Coimbra, Edições 70, 1979, p. 82-3)

1. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

Mantendo-se a correlação verbal na primeira frase do texto, a substituição de " Depois que" por " Caso" acarretará as seguintes mudanças nas formas verbais:

a) fartasse – terá – iria consumir

b) fartara – tivera – consumira

c) teria fartado – teria tido – teria consumido

d) tenha fartado – terá – consumirá

e) tivesse fartado – teria – consumiria

2. (Eletrobras/Eletrosul – Téc. Seg. Trab. – FCC – Jun./2016 – Adaptada)

*A preocupação com o planeta **levou** Abu Dhabi <u>a tirar</u> do papel a cidade sustentável de Masdar.*

Ao substituir-se a forma " levou" pela construção " fez com que", o segmento sublinhado deverá ser substituído, preservando-se a correlação verbal, por

a) tirará.

b) tira.

c) tirava.

d) tirasse.

e) tirar.

3. (Copergás/PE – Analista Administrador – FCC – Jul./2016)

Está plenamente adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase:

a) Não seria de se esperar que todas as músicas alcançaram igual repercussão onde quer que se produzissem.

b) Se todos os povos frequentassem a mesma linguagem musical, a universalidade de sentido terá sido indiscutível.

c) A cada vez que se propaga em escala industrial, a música poderia se transformar num fetiche do mercado.

d) Dado que as culturas são muito diferentes, é de se esperar que as linguagens da música também o sejam.

e) As diferentes manifestações musicais trariam consigo linguagens que se marcarão como particulares.

4. (Eletrobras/Eletrosul – Adm. Empres. – FCC – Jun./2016)

Há adequada correlação entre os tempos e os modos verbais presentes na seguinte frase:

a) A responsabilidade pelos defeitos do mundo só seria nossa caso já não estivessem prontos os elementos que constituem essa imensa infraestrutura, à qual todos estamos submetidos.

b) Nenhum de nós terá qualquer responsabilidade na injusta distribuição dos males e benefícios do mundo, a menos que a algum de nós caberia a tomada de todas as decisões.

c) Provavelmente o mundo natural apresentaria ainda mais falhas, se viermos a tomar as decisões que implicassem uma profunda alteração na ordem dos fenômenos.

d) Quem ousará remanejar os ventos e suprimir correntes marítimas, se tais poderes estivessem à disposição dos nossos interesses e caprichos?

e) Na opinião do autor do texto, o síndico ideal seria aquele cujos serviços sequer se notem, pois ele manterá com discrição sua eficiência e sua dedicação ao trabalho.

Leia o texto a seguir para responder à questão 5.

O termo saudade, monopólio sentimental da língua portuguesa, geralmente se traduz em alemão pela palavra " sehnsucht". No entanto, as duas palavras têm uma história e uma carga sentimental diferentes. A saudade é um sentimento geralmente voltado para o passado *e para os conteúdos perdidos que o passado abrigava*. Embora M. Rodrigues Lapa, referindo-se ao sentimento da saudade nos povos célticos, empregue esse termo como " ânsia do infinito", não é esse o uso mais generalizado. Emprega-se a palavra, tanto na linguagem corrente como na poesia, principalmente com referência a objetos conhecidos e amados, mas que foram levados pela voragem do tempo ou afastados pela distância.

A " sehnsucht" alemã abrange ao contrário tanto o passado como o futuro. Quando usada com relação ao passado, é mais ou menos equivalente ao termo português, *sem que, contudo, lhe seja inerente toda a escala cromática de valores* elaborados durante uma longa história de ausências e surgidos em consequência do temperamento amoroso e sentimental do português. Falta à palavra alemã a riqueza etimológica, o eco múltiplo que ainda hoje vibra na palavra portuguesa.

A expressão " sehnsucht", todavia, tem a sua aplicação principal precisamente para significar aquela " ânsia do infinito" *que Rodrigues Lapa atribuiu à saudade*. No uso popular e poético emprega-se o termo com frequência para exprimir a aspiração a estados ou objetos desconhecidos e apenas pressentidos ou vislumbrados, os quais, no entanto, se julgam mais perfeitos que os conhecidos e os quais se espera alcançar ou obter no futuro.

Assim, a saudade parece ser, antes de tudo, um sentimento do coração envelhecido *que relembra os tempos idos, ao passo que a "sehnsucht" seria a expressão da adolescência* que, cheia de esperanças e ilusões, vive com o olhar firmado num futuro

incerto, mas supostamente prometedor. Ambas as palavras têm certa equivalência no tocante ao seu sentido intermediário, ou seja, à sua ambivalência doce-amarga, ao seu oscilar entre a satisfação e a insatisfação. Mas, como algumas de suas janelas dão para o futuro, a palavra alemã é portadora de um acento menos lânguido e a insatisfação nela contida transforma-se com mais facilidade em mola de ação.

(Adaptado de: ROSENFELD, Anatol. **Doze estudos**. São Paulo, Imprensa oficial do Estado, 1959, p. 25-27)

(FCC – TRT – 15ª Região – Técnico Judiciário – 2015)

5. *Embora M. Rodrigues Lapa [...] <u>empregue</u> esse termo como "ânsia do infinito"...* (1º parágrafo)

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está empregado em:

a) ... *que Rodrigues Lapa atribuiu à saudade*. (3º parágrafo)

b) ... *e para os conteúdos perdidos que o passado abrigava*. (1º parágrafo)

c) ... *sem que, contudo, lhe seja inerente toda a escala cromática de valores*... (2º parágrafo)

d) ... *que relembra os tempos idos*... (4º parágrafo)

e) ... *ao passo que a* " sehnsucht" *seria a expressão da adolescência*... (4º parágrafo)

6. (FCC – Manausprev – Analista Previdenciário – 2015)

na época, o látex <u>representava</u> 50% da exportação do Brasil.

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima encontra-se em:

a) ... *mas conheço um pouco o interior da Amazônia.*

b) ... *quando já era uma fortaleza avançada dos portugueses...*

c) *A temática amazônica se impõe...*

d) ... *escreveria sobre Paraty ou Pequim, certamente.*

e) *E teve uma importância econômica fundamental durante 40 anos...*

7. (FCC – Manausprev – Técnico Previdenciário – Administrativa – 2015)

Na frase ***Desejaríamos*** *que falassem, como <u>falam</u> os animais*..., caso o verbo em negrito assuma o mesmo tempo e modo que o sublinhado, teremos as seguintes formas verbais no segmento inicial:

a) Desejam que falem.

b) Desejamos que falassem.

c) Desejam que falassem.

d) Desejamos que falem.

e) Desejemos que falam.

8. (FCC – TRE-RR – Técnico Judiciário – Operação de Computador – 2015)

(nem creio que <u>venha</u> a ter)

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o sublinhado acima está em:

a) ... *que existam pássaros*...

b) ... *que ele entendia*...

c) ... *o que lhes ensinam*...

d) ... *que assim se chama*.

e) ... *que uns dizem com voz rouca*...

9. (FCC – Sabesp/Advogado – 2014)

É importante que a inserção da perspectiva da sustentabilidade na cultura empresarial, por meio das ações e projetos de Educação Ambiental, esteja alinhada a esses conceitos.

O verbo empregado nos mesmos tempo e modo que o verbo grifado na frase acima está em:

a) ... a Empresa desenvolve todas as suas ações, políticas...

b) ... as definições de Educação Ambiental são abrangentes...

c) ... também se associa o Desenvolvimento Sustentável...

d) ... e incorporou [...] também aspectos de desenvolvimento humano.

e) ... e reforce a identidade das comunidades.

10. (FCC – TRF – 1ª Região/ Anal. Jud. – Biblio/2014)

No período "*É possível que eu o diga de um modo que provavelmente pareça patético*", o autor utiliza os verbos dizer e parecer no presente do subjuntivo. Encontram-se estes mesmos tempos e modo verbais em:

a) é a criação poética, ou o que **chamamos** de criação.

b) mistura de esquecimento e lembrança do que **lemos.**

c) quero que **seja** uma confidência.

d) com uma letra gótica que não **posso** ler.

e) uma felicidade de que **dispomos**.

11. (FCC – TRF – 3ª Região/ Anal. Jud. – 2014)

(...) O material dessas leituras em voz alta, decidido de antemão pelos operários (que pagavam o " lector" do próprio salário), ia de histórias e tratados políticos a romances e coleções de poesia. Tinham seus prediletos: O conde de Monte Cristo, de Alexandre Dumas, por exemplo, tornou-se uma escolha tão popular que um grupo de trabalhadores escreveu ao autor pouco antes da morte dele, em 1870, pedindo--lhe que cedesse o nome de seu herói para um charuto; Dumas consentiu.(...)

Tinham seus prediletos ...

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:

a) Dumas consentiu.

b) ... levaram com eles a instituição do " lector".

c) ... enquanto uma fileira de trabalhadores enrolam charutos...

d) Despontava a nova capital mundial do Havana.

e) ... que cedesse o nome de seu herói...

12. (FCC – TCE-CE – Analista de Controle Externo – 2015)

Os tempos e os modos verbais estarão corretamente articulados na frase:

a) Eduardo Coutinho, morto em 2014, destacara-se como um mestre dos documentários, cuja arte contemplasse o depoimento vivo, sempre que rejeitava o retrato estereotipado das pessoas.

b) A exemplo do que houvesse na arte de Eduardo Coutinho, o primeiro passo de toda política deveria ter levado em conta o respeito pela condição singular do outro, conquanto, para isso, surgiam dificuldades.

c) Caso não fizesse dessa obsessão um eixo de sua trajetória, Coutinho não viveria como um artista crítico, para quem já houvesse arte encarnada no corpo e suspensa no espírito do outro.

d) Em seu processo criativo, Coutinho saberia ver e ouvir e, consequentemente, havia se acercado da história de cada um como um processo sensível e inacabado, sem que fosse necessário ajustar conceitos.

e) A obsessão que Coutinho demonstraria pela cena da vida era similar à que tivesse pela arte, e isso fez com que seja quase impossível, para Coutinho, opor personagem a pessoa.

13. (FCC – TCE-CE – Técnico – Administração – 2015)

A articulação entre os tempos e os modos verbais está adequada na frase:

a) Uma vez que o preconceito se revelasse inevitável será oportuna a criação de leis com o intuito de que foram coibidas atitudes preconceituosas.

b) É natural que há preconceito nas relações interpessoais: mesmo que percebemos tenhamos externado uma avaliação preconceituosa.

c) Qualquer sociedade tem preconceitos, mas era importante que existissem leis para que pessoas preconceituosas forem exemplarmente julgadas e punidas.

d) É preciso que se tenha cautela com nosso comportamento em sociedade, pois seria possível que reações preconceituosas surjam mesmo sem que nós possamos perceber.

e) O preconceito teria raízes sociais fundas: ele se disseminaria pelas pessoas e, quando déssemos por nós, estaríamos repetindo algo que sequer teríamos investigado.

14. (FCC – TRT – 3ª Região (MG) – Técnico – Administração – 2015)

Os tempos e modos verbais encontram-se adequadamente articulados na frase:

a) Se alguém me perguntasse a respeito da necessidade de se preservar em álbuns as fotos familiares, não hesitarei em lhe dizer que eu alimentasse grande simpatia por esse hábito.

b) A cada vez que alguém me perguntar se estou entusiasmado com as novas técnicas digitais, eu teria dito que não, que tenho

preferência pelas velhas fotos em papel.

c) Quando eu me punha a examinar os velhos álbuns de fotografia, era tomado por uma grande nostalgia, e passava a reconstituir histórias até então esquecidas.

d) Caso todos prefiram aderir aos arquivos de computador, as velhas fotografias teriam sido relegadas a um cruel desaparecimento.

e) Talvez ainda venha a ocorrer a revalorização das velhas fotografias, caso as pessoas percebessem que estas contam uma história preciosa.

15. (TRT 3ª Região – Analista Judiciário – Área Judiciária – Especialidade Oficial de Justiça Avaliador Federal – FCC – Jul./2015)

Considerando a norma padrão da língua e o emprego de forma verbal, é correta a seguinte frase:

a) Embora não apoiemos, não nos opomos a que gaste tanto tempo com assuntos supérfluos, contanto que não interrompe a faculdade.

b) Independentemente de onde provierem os recursos, convirjam ou não os pareceres dos técnicos consultados, eles, sempre destemidos, iniciarão a obra.

c) Eles proveem de uma região em que a destruição de bens naturais ou culturais de importância reconhecida é considerada crime de lesa pátria.

d) Os jogadores pleitearam que os juízes não intervissem a cada pequena confusão provocada por um choque de corpos ou por discussão banal.

e) Enquanto aquela norma vigiu, não houve como solucionar o impasse e retirar o depósito que a justiça reteve em prol dos menores de idade.

16. (TRT 3ª Região – Analista Judiciário – Área Judiciária – Especialidade Oficial de Justiça Avaliador Federal – FCC – Jul./2015)

Considere o trecho abaixo, extraído da Nova gramática do português contemporâneo, de Celso Cunha e Luís F. Lindley Cintra.

...o gerúndio apresenta duas formas: uma simples [...], outra composta [...].

A forma composta é de caráter perfeito e indica uma ação concluída anteriormente à que exprime o verbo da oração principal [...].

O que está exposto acima justifica o emprego do gerúndio na frase:

a) Sendo considerada em plena posse de seu juízo no momento de depor, pôde falar a favor da sobrinha.

b) Combinamos que, no horário das 13 às 15h, estarei atendendo aos fornecedores de laticínios.

c) Os alunos estão indo para o laboratório porque já vai começar a aula de Biologia.

d) Tendo já se consumido em lágrimas, despediu-se de todos e partiu.

e) A professora lia sorrindo a narrativa do aluno espirituoso.

Leia o texto a seguir para responder à questão 17.

A graça da não notícia

A leitura crítica dos jornais brasileiros pode produzir momentos interessantes, não propriamente pelo que dizem, mas principalmente pelo que tentam esconder. O hábito de analisar criticamente o conteúdo da mídia tradicional produz calos no cérebro, e eventualmente o observador passa a enxergar não mais a notícia, mas a não notícia, ou seja, aquilo que o noticiário dissimula ou omite.

Trata-se de um exercício divertido, como se o leitor estivesse desfazendo um jogo de palavras cruzadas já preenchido. É mais ou menos como adivinhar, a partir das palavras que se interconectam num texto, o sentido que o autor pretendeu dar à sua construção, uma espécie de jogo de " interpretação reversa".

Transparece o aspecto ambíguo da imprensa quando, por exemplo, para defender o pluralismo de sua linha editorial, jornais propõem artigos sobre tema da atualidade a serem tratados por dois distintos analistas – " o leitor pode apreciar duas opiniões diferentes". Ocorre que as propostas, normalmente sob a forma de pergunta, são formuladas de modo a garantir a perspectiva de que um ponto de vista se oponha frontalmente ao outro – um analista representa um " sim", o outro um " não" ao que está sendo perguntado pelos editores. Como se vê, a tal " pluralidade" já nasce condicionada, porque a imprensa brasileira quer convencer o leitor de que existem apenas duas interpretações possíveis para questões complexas como as que são postas aos analistas. São complexas, ou, no mínimo, controversas, porque é isso que define uma notícia.

Uma árvore caiu. Por que a árvore caiu? – mesmo num evento corriqueiro e aparentemente banal, há muitas respostas possíveis.

Por que a imprensa brasileira tenta pintar tudo em preto e branco, sem considerar as muitas tonalidades entre os dois extremos? Ora, porque a imprensa faz parte do sistema de poder na sociedade moderna, e exerce esse poder fazendo pender as opiniões para um lado ou para outro, usa o mito da objetividade para valorizar seus produtos e cobra de seus financiadores um custo por esse trabalho.

Mas pode-se elaborar melhor essa análise. O observador arriscaria afirmar que a narrativa jornalística, tal como foi construída ao longo do tempo, já não dá conta de acompanhar a percepção da realidade, amplificada pelo domínio da imagem transmitida globalmente em tempo real. Como notou o filósofo Vilém Flusser, a superfície ínfima da tela substitui o mundo real. O que a imprensa faz é comentar essa superficialidade, não a realidade.

17. (FCC – TRT – 3ª Região – Analista Judiciário – Área Adm. – Jul./2015 – Adaptada)

É legítimo o seguinte comentário:

a) (linha 8) O aspecto ambíguo da imprensa é apreendido em decorrência de uma leitura reversa, aquela que vai do que está na superfície da página ao ponto de partida do texto.

b) (linha 17) Em " Por que a árvore caiu?", tem se exemplo de pergunta retórica, aquela que se formula sem objetivo de receber uma resposta, pois a questão proposta é insolúvel.

c) (linhas 18 e 19) Se o segmento sem considerar as muitas tonalidades entre os dois extremos fosse redigido de outra forma – " sem que as muitas tonalidades entre os dois extremos possam ser consideradas" –, seu sentido original estaria preservado.

d) (linha 24) Em " já não dá conta de acompanhar a percepção da realidade", a substituição de já por " de imediato" preserva o sentido original da frase.

e) (linhas 24 e 25) O segmento amplificada pelo domínio da imagem transmitida globalmente em tempo real representa, segundo o autor, uma qualidade distintiva da realidade que pode ou não se fazer presente.

18. (FCC – TRT – 3ª Região – Analista Judiciário – Área Adm. – Jul./2015 – Adaptada)

Nem bem chegara de lá e já tinha de ouvir o que diziam dele depois que partira. A primeira a anunciar uma das fofocas foi a vizinha, sempre disposta a disseminar novidades, verdadeiras ou não.

– Então, Antônio, soube que rompeu o noivado.

Sobre o que se tem acima, afirma-se corretamente, levando em conta a norma padrão:

a) A forma tinha de ouvir situa a ação no mesmo tempo expresso pela forma verbal " ouvia", mas agrega a ideia de obrigatoriedade à ação praticada.

b) A forma verbal chegara indica que a ação se dá em simultaneidade com a ação expressa por tinha de ouvir.

c) Transpondo o discurso direto acima para o indireto, a formulação obtida deve ser " A vizinha disse que, então, sabia que Antônio rompeu o noivado".

d) A palavra fofoca, de uso informal, deve ser evitada em textos escritos, mesmo que se trate de uma narrativa, como se tem nesse trecho.

e) Se, em vez de A primeira, houvesse " Uma das primeiras", o verbo deveria obrigatoriamente ir para o plural " anunciarem".

Leia o texto a seguir para responder à questão 19.

– Este livro não é meu! Meu Deus, o que fizeram do meu livro?

A exclamação, patética, vinha da famosa jornalista internacional Oriana Fallaci (no caso, como escritora), ao perceber que a tradução brasileira de seu livro *Um homem* (1981) não era fiel à estrutura paragráfica do original, construída em forma de monólogo compacto. O que a escritora concebera como blocos de longo discurso interior foi transformado, na tradução, em diálogos convencionais. Em posterior entrevista, Fallaci definiu, como criadora, seu ponto de vista:

– Em *Um homem*, todos os diálogos são dados sem parágrafo, e não só porque esse é notoriamente o meu modo de escrever, de obter o ritmo da página, a musicalidade da língua, mas porque isso corresponde a uma rigorosa necessidade de estilo ditada pela substância do livro. Nele, o diálogo é um diálogo recordado, um diálogo interior, e não um diálogo que determina um diálogo. É um livro em que a forma e a substância, o estilo e o significado se integram indissoluvelmente. E trabalhei tanto para escrevê-lo! Três longos anos sem nunca deixar aquele quarto e aquela pequena mesa, jamais uma interrupção, nada de férias, nada de domingos, nada de natais e páscoas. Sempre trabalhando, de manhã à noite, refazendo, corrigindo, limando o estilo, cuidando da ausência de parágrafos.

Com seu protesto, Oriana Fallaci levantou, na época, um sério problema de editoração, aliás, um problema duplo: a técnica literária do autor e – o mais importante para o editor de texto – o respeito em relação a essa técnica, que a autora definiu como estilo. Vejamos a questão por partes.

No que concerne à técnica literária dos diálogos, até o século XIX conheciam-se apenas o discurso direto e o discurso narrativo ou indireto. A partir de meados desse século, entretanto, surgiu o discurso aparente ou discurso indireto livre. De início, nesse caso, os autores usaram aspas para não confundir o leitor, mas estas seriam logo abandonadas como técnica narrativa.

Quanto ao estilo, foi com a Revolução Industrial, vale dizer, com o amadurecimento da sociedade capitalista, que os escritores começaram a ter consciência não da forma em geral, mas da forma individual, da maneira particular de exposição de cada autor como artista que produz obra única e consumada. A revolução das técnicas e do mercado, traduzindo-se no binômio velocidade-

quantidade, suscitou a massificação do livro, contra a qual emergiu a figura do autor como artista, como criador por excelência, como aquele que domina a gramática para ter o direito de fraturá-la. Roland Barthes (1971) observa que, assim, começa a elaborar-se uma imagética do escritor-artesão que se fecha num lugar lendário, como um operário na oficina, e desbasta, talha, pule e engasta sua forma, exatamente como um lapidário extrai a arte da matéria, passando, nesse trabalho, horas regulares de solidão e esforço. Esse valor-trabalho substitui, de certa maneira, o valor-gênio; há uma certa vaidade em dizer que se trabalha bastante e longamente a forma.

Desde então, ao se trabalhar com obras em que o elemento primordial é a informação, existe a liberdade de redisposição dos originais em benefício da clareza, mas, com produção literária, impõe-se absoluto privilégio autoral, que é um princípio socialmente reconhecido, com o qual o editor de texto sempre convive.

Emanuel Araújo. *A construção do livro*: princípios da técnica de editoração. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Brasília: INL, 2000, p. 23 6 (com adaptações).

19. (TJ/AL – Analista – Cespe – Set./2012)

Com relação aos aspectos morfossintáticos do texto, julgue (**C** ou **E**) o seguinte item.

O emprego de "concebera" (l. 4), no pretérito mais-que-perfeito do indicativo, justifica-se, no texto, como traço estilístico da linguagem culta formal, visto que, em normas estritamente gramaticais, não há respaldo para esse uso.

Leia o texto a seguir para responder à questão 20.

Que me perdoem os devotos machadianos, eu prefiro Euclides da Cunha e Lima Barreto, com todos os defeitos que ambos possam ter, a Machado de Assis, com todas as suas qualidades. E, até onde pude entender, Millôr Fernandes tem opinião parecida com a minha. Tanto assim que, segundo afirmou, não incluiria qualquer dos livros de Machado de Assis entre os dez maiores romances brasileiros.

A meu ver, ao falar assim, Millôr Fernandes levou em conta apenas livros como Dom Casmurro, em que, na minha opinião, Machado incorre naquela miopia contra a qual o músico Jayme Ovalle reclamava. Mas esqueceu de *Quincas Borba*, que inclui Machado de Assis na linhagem cervantina da literatura e em que a insânia de Rubião se aproxima da insânia do Cavaleiro da Triste Figura.

Mas, talvez por causa da ironia sem compaixão de Machado de Assis, a loucura de Rubião gira somente em torno de sua pessoa, jamais partindo ele para qualquer ação no sentido de corrigir "os desconcertos do mundo" — como acontecia com o cavaleiro manchego. De modo que o personagem mais generosamente quixotesco da literatura brasileira não é Rubião, é Policarpo Quaresma. Lima Barreto é nosso escritor mais puramente humorístico, tomada a palavra em seu verdadeiro sentido, que inclui, ao lado do riso, a compaixão, que a ironia de Machado de Assis ou impede ou mancha.

Alguns escritores que desprezam o Brasil e seu povo costumam usar Policarpo Quaresma como pretexto para escarnecer de ambos. Pensam, talvez, que Lima Barreto era um deles. Esquecem que, em seu romance, o grande escritor carioca ri, antes de tudo, de si mesmo. E, sobretudo, não veem tais escritores que, se a realidade brutal e mesquinha (inclusive a da política) desmente e destrói, a cada instante, as ações generosas de Policarpo Quaresma, a pureza de seu sonho permanece intocada até a morte, o que o coloca muito acima dos poderosos e "realistas" que o cercam.

Ariano Suassuna. In: Cadernos de literatura brasileira – Millôr Fernandes, nº 15, Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 2003, p. 18-9 (com adaptações).

20. (IRB – Diplomata – Cespe – Abril/2014)

Acerca das ideias desenvolvidas no texto acima, julgue (**C** ou **E**) o item subsequente.

No trecho que inicia o terceiro parágrafo, mesmo que presente o advérbio "talvez" (l. 9), que exigiria o emprego do modo subjuntivo, o autor do texto optou pelo emprego da forma verbal no indicativo ("gira"), privilegiando, assim, a assertividade de seu discurso, conforme descrito na gramática normativa a respeito desse modo verbal.

Leia o texto a seguir para responder à questão 21.

Texto II

A persecução penal se desenvolve em duas fases: uma fase administrativa, de inquérito policial, e uma fase jurisdicional, de ação penal. Assim, nada mais é o inquérito policial que um procedimento administrativo destinado a reunir elementos necessários à apuração da prática de uma infração penal e de sua autoria. Em outras palavras, o inquérito policial é um procedimento policial que tem por finalidade construir um lastro probatório mínimo, ensejando justa causa para que o titular da ação penal possa formar seu convencimento, a *opinio delicti*, e, assim, instaurar a ação penal cabível. Nessa linha, percebe-se que o destinatário imediato do inquérito policial é o Ministério Público, nos casos de ação penal pública, e o ofendido, nos casos de ação penal privada.

De acordo com o conceito ora apresentado, para que o titular da ação penal possa, enfim, ajuizá-la, é necessário que haja justa causa. A justa causa, identificada por parte da doutrina como uma condição da ação autônoma, consiste na obrigatoriedade de que existam prova acerca da materialidade delitiva e, ao menos, indícios de autoria, de modo a existir fundada suspeita acerca da prática de um fato de natureza penal. Dessa forma, é imprescindível que haja provas acerca da possível existência de um fato criminoso e indicações razoáveis do sujeito que tenha sido o autor desse fato.

Evidencia-se, portanto, que é justamente na fase do inquérito policial que serão coletadas as informações e as provas que irão formar o convencimento do titular da ação penal, isto é, a *opinio delicti*. É com base nos elementos apurados no inquérito que o promotor de justiça, convencido da existência de justa causa para a ação penal, oferece a denúncia, encerrando a fase administrativa da persecução penal.

Hálinna Regina de Lira Rolim. *A possibilidade de investigação do Ministério Público na fase pré-processual penal.* Artigo científico. Rio de Janeiro: Escola de Magistratura do Estado do Rio de Janeiro, 2010, p. 4. Disponível em: <www.emerj.tjrj.jus.br>. (com adaptações).

21. (MPU - Analista – Cespe – Março/2015)

Conforme as ideias contidas no texto II, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

A correção gramatical e a coerência do texto seriam preservadas, caso as formas verbais "possa formar" (l. 5) e "instaurar" (l. 6) fossem substituídas, respectivamente, por **forme** e **instaure**.

Leia o texto a seguir para responder à questão 22.

Em 1880, o deputado Rui Barbosa, da Bahia, redigiu, a pedido do presidente do Conselho de Ministros, José Antônio Saraiva, o projeto de lei de reforma eleitoral. Em abril de 1880, o Ministério do Império enviaria o documento à Câmara dos Deputados. Aprovado posteriormente pelo Senado, em janeiro do ano seguinte seria transformado no Decreto nº 3.029 e ficaria popularmente conhecido como Lei Saraiva. Por intermédio dela, seriam instituídas eleições diretas no país para todos os cargos, à exceção do de regente, amparado pelo Ato Adicional.

Naquela época, o voto não era universal: para participar do processo eleitoral, requeriam-se 200 mil réis de renda líquida anual comprovada. Havia, no entanto, a previsão de dispensa de comprovação de rendimentos, que se aplicava a inúmeras autoridades, como, entre outros, ministros, conselheiros de estado, bispos, presidentes de província, deputados, promotores públicos. Praças militares e policiais não podiam alistar-se.

Para candidatar-se, o cidadão, além de não ter sido pronunciado em processo criminal, deveria auferir renda proporcional à importância do cargo pretendido. Deveria, ainda, solicitar por escrito o seu alistamento na paróquia em que fosse domiciliado. Candidatos a vereador e a juiz de paz tinham apenas de comprovar residência no município e no distrito por mais de dois anos; candidatos a deputado provincial, dois anos na província; candidatos a deputado geral, renda anual de 800 mil réis; e candidatos a senador deviam comprovar, além da idade de quarenta anos, a percepção de renda anual de um milhão e seiscentos mil réis.

Uma modificação digna de nota é que, a partir daquela década, os trabalhos eleitorais não seriam mais precedidos de cerimônias religiosas, como era habitual antes da edição da Lei Saraiva. Refletindo a relação entre o Estado e a Igreja, já havia ocorrido que algumas eleições fossem realizadas em templos religiosos; a partir da lei, apenas na falta de outros edifícios os pleitos poderiam ser realizados em igrejas, muito embora fosse possível afixar nelas – como locais públicos que eram – editais informando eliminações, inclusões e alterações nos alistamentos.

Títulos eleitorais: 1881-2008. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral, Secretaria de Gestão da Informação, 2009, p. 11-2. Internet: <www.tse.jus.br> (com adaptações).

22. (TRE/GO – Técnico Judiciário – Cespe – 2015)

Com relação às estruturas linguísticas do texto I, julgue o item seguinte como Certo (C) ou Errado (E).

O tempo empregado nas formas verbais “ enviaria” (l. 3), “ seria transformado” (l. 4), “ ficaria” (l. 4) e “ seriam instituídas” (l. 5) dá a entender que as ações correspondentes a essas formas verbais não se concretizaram, de fato, no ano de 1880.

Leia o texto a seguir para responder à questão 23.

A partir de uma ação do Ministério Público Federal (MPF), o Tribunal Regional Federal da 2ª Região (TRF2) determinou que a Google Brasil retirasse, em até 72 horas, vídeos do YouTube que disseminam o preconceito, a intolerância e a discriminação a religiões de matriz africana, e fixou multa diária de R$ 50.000,00 em caso de descumprimento da ordem judicial. Na ação civil pública, a Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão (PRDC/RJ) alegou que a Constituição garante aos cidadãos não apenas a obrigação do Estado em respeitar as liberdades, mas também a obrigação de zelar para que elas sejam respeitadas pelas pessoas em suas relações recíprocas.

Para a PRDC/RJ, somente a imediata exclusão dos vídeos da Internet restauraria a dignidade de tratamento, que, nesse caso, foi negada às religiões de matrizes africanas. Corroborando a visão do MPF, o TRF2 entendeu que a veiculação de vídeos potencialmente ofensivos e fomentadores do ódio, da discriminação e da intolerância contra religiões de matrizes africanas não corresponde ao legítimo exercício do direito à liberdade de expressão. O tribunal considerou que a liberdade de expressão não se pode traduzir em desrespeito às diferentes manifestações dessa mesma liberdade, pois ela encontra limites no próprio exercício de outros direitos fundamentais.

Disponível em: <http://ibde.org.br> (com adaptações).

23. (MPU – Técnico Administrativo – Cespe – 2015)

A respeito das ideias e das estruturas linguísticas do texto II, julgue o item subsequente como Certo (C) ou Errado (E).

Mantém-se a correção gramatical do período ao se substituir " restauraria" (l. 8) por **poderia restaurar.**

Leia o texto a seguir para responder à questão 24.

Neste ano, em especial, alguns cargos que tradicionalmente já são valorizados devem ficar ainda mais requisitados. São promissores cargos ligados a ciência de dados, em especial ao big data e aos dispositivos móveis, como celulares e *tablets*. Os novos profissionais da área de tecnologia ganham relevância pela capacidade de aprofundar a análise de informações e pela criação de estratégias dentro de empresas. A tendência é que, à medida que esse mercado se desenvolva no Brasil, aumentem as oportunidades nos próximos anos. Em momentos de incerteza econômica, buscar soluções para aumentar a produtividade é uma escolha certeira para sobreviver e prosperar: nesse sentido, as empresas brasileiras estão fazendo o dever de casa.

Veja, 7/1/2015, p. 55 (com adaptações). Disponível em: <http://ibde.org.br> (com adaptações).

24. (FUB – Técnico Admin. – Cespe – Março/2015)

Com referência aos sentidos e às estruturas do texto acima, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

No texto, o uso das formas verbais no modo subjuntivo em " desenvolva" e " aumentem", ambas na linha 5, reforça a ideia de hipótese conferida ao substantivo " tendência" (l. 5).

Leia o texto a seguir para responder à questão 25.

Texto CG1A1CCC

Alguns nascem surdos, mudos ou cegos. Outros dão o primeiro choro com um estrabismo deselegante, lábio leporino ou angioma feio no meio do rosto. Às vezes, ainda há quem venha ao mundo com um pé torto, até com um membro já morto antes mesmo de ter vivido. Guylain Vignolles, esse, entrara na vida tendo como fardo o infeliz trocadilho proporcionado pela junção de seu nome com seu sobrenome: Vilain Guignol, algo como " palhaço feio", um jogo de palavras ruim que ecoara em seus ouvidos desde seus primeiros passos na existência para nunca mais abandoná-lo.

Jean-Paul Didierlaurent. *O leitor do trem das 6h27*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015 (com adaptações).

25. (PC-PE – Todos os Cargos – Conhec. Gerais – Cespe – Jun./2016)

Seriam mantidos os sentidos e a correção gramatical do texto CG1A1CCC caso a forma verbal " entrara" (l. 3) fosse substituída por

a) **entrava.**

b) **haveria entrado.**

c) **tinha entrado.**

d) **há de entrar.**

e) **entraria.**

Leia o texto a seguir para responder à questão 26.

Texto IV

Em suas remotas origens helênicas, o termo “ caráter” significou gravar. Empregavam-no, então, tanto para exprimir o sinete como a marca deixada na cera dócil. Essa dupla significação ainda hoje é vernácula – senão corrente – em certas acepções. Na linguagem tipográfica, por exemplo, “ caráter” tanto é o tipo da imprensa como o sinal ou a letra gravada. Assim sendo, podemos dizer que o caráter de um homem não é somente o seu feitio moral, senão também a expressão e a impressão do indivíduo. Em arte, caráter será a personalidade do autor, o aspecto aparente e profundo da obra e o efeito dela. Fixada assim a verdadeira acepção do termo, podemos afirmar que o mérito maior do poema do Sr. Menotti del Picchia é “ o caráter”. Poesia profundamente simples e pessoal, de inspiração larga e sadia, tem a força das obras bem concebidas e a beleza das coisas naturais. Poesia de corpos simples, poderíamos dizer, pela sobriedade de linhas no sentimento, no pensamento e na expressão. Sente-se que o autor procurou a naturalidade e não a arte, que é o melhor caminho para atingir a esta.

O segredo da arte é a naturalidade sem prejuízo da perfeição.

O Sr. Menotti del Picchia ainda não pôde naturalmente desvendar o segredo da arte. Se no buscar a expressão natural do seu lirismo alcançou a arte, não se despojou ainda das incertezas dessa procura, de certa fraqueza de técnica. Defeitos são todos estes transitórios, quase necessários em quem apenas se inicia.

A essência do livro é excelente.

Indica no autor uma personalidade inconfundível, que procura em si mesmo ou em torno de si os motivos de sua estética. Nem se distingue pela obsessão do isolamento, nem se perde por modelos estranhos. Daí lhe vem a superioridade de caráter individual. Se o caráter do autor provém dessa independência sem esforço, reside o da obra em sua originalidade natural; na conformidade com o meio, em uma perfeita radicação no solo pátrio, na simplicidade da construção e nas perfeitas proporções do ímpeto poético. O próprio desconcerto, em pormenores do poema principal e de outras produções secundárias, concorre para a individualidade desse esplêndido ensaio.

O caráter desse livro se conserva pela ressonância que tem. Não são versos agradáveis, suaves ou elegantes, que com tanto agrado se leem quanto facilmente se esquecem. São versos que lidos – ficam; gravam-se invencivelmente na memória, ora destacados, ora em bloco. A crítica, no julgar e no decompor as obras, não pode desprezar a intuição, se não é principalmente isso. E um dos mais seguros processos de intuição, no distinguir o valor das obras, é esse da permanência das sensações.

Os poemas do Sr. Menotti del Picchia deixam uma funda impressão de sua leitura: não pode haver melhor demonstração do seu “ caráter”. Quando essa impressão não se limitar aos leitores e aos críticos, e se estender à própria literatura nacional, terá a sua poesia atingido o grau supremo que lhe auguro.

Juca Mulato é um poema simples. Encerra uma lição profunda na singeleza do motivo e da intenção. É certo que a evidência da beleza não pode ser em arte um critério axiomático. Quantas vezes a paciência é o melhor guia da emoção estética? A exegese das sinfonias de Beethoven, como a dos dramas musicais de Wagner, aumenta a nossa receptividade para essa arte de titãs, se bem que a intuição íntima e a explicação individual sejam imprescindíveis.

O poema do Sr. Menotti del Picchia tem a simplicidade e a frescura das criações espontâneas e necessárias, onde o esforço da composição permanece obscuro como deve.

Para lhe realçar a beleza não se sente a crítica compelida a buscar símbolos problemáticos ou filosofias arbitrárias. Sendo o que é – um mal de amor impossível que leva a alma à desesperança, para se resignar depois e ressurgir consolada pela visão da terra amada, da felicidade atingível e do sonho necessário –, comove pelo simples aspecto de suas linhas harmoniosas.

A beleza maior do poema, que é também o seu caráter, está na sua simplicidade radical. O poeta reprimiu voluntariamente as

possíveis exuberâncias ou ambições de seu lirismo para ficar dentro do assunto que escolheu. Ganhou com isso um grande poder virtual e marca mais do que se quisesse marcar: a acústica de uma construção humana nunca chega à acuidade de um eco natural.

Juca Mulato é a reconciliação do homem consigo mesmo, do brasileiro com sua terra, do bárbaro com seu isolamento. Reconciliação às vezes impossível, outras ilusória, sempre necessária, raramente realizada. O consolo de Juca Mulato é a indicação do caminho a seguir.

Alceu Amoroso Lima. Um poeta. In: *Estudos literários*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1966, p.133-5 (com adaptações).

26. (Instituto Rio Branco – Diplomata – CESPE – Jul./2016)

Julgue (C ou E) o item seguinte, relativo a acentuação de palavras e a aspectos gramaticais do texto IV.

A forma " pôde" (l. 13) poderia ser corretamente substituída por **pode**, visto que o seu tempo verbal é depreendido pelo contexto do parágrafo e que o acento nela empregado é opcional.

27. (Pref. Paulínia-SP – Eng. Agrôn. – FGV – Maio/2016)

" *Teria sido o mundo criado jamais se o seu criador tivesse medo de suscitar confusão? Criar vida quer dizer criar confusão*."

Sobre a estruturação gramatical da frase acima, assinale a afirmativa correta.

a) A forma ativa correspondente a " *Teria sido criado*" é " *teria criado*".

b) O advérbio "*jamais*" traz o significado prioritário de negação.

c) O pronome possessivo " *seu*" teria que, por clareza, ser substituído por " *dele*".

d) A forma verbal " *tivesse*" expressa o valor de tempo futuro.

e) A forma verbal " *suscitar*" poderia ser corretamente substituída por " *que suscite*".

Leia o texto a seguir para responder às questões 28 e 29.

Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador

A medicina do trabalho, enquanto especialidade médica, surge na Inglaterra, na primeira metade do século XIX, com a Revolução Industrial.

Naquele momento, o consumo da força de trabalho, resultante da submissão dos trabalhadores a um processo acelerado e desumano de produção, exigiu uma intervenção, sob pena de tornar inviável a sobrevivência e a reprodução do próprio processo.

Quando Robert Dernham, proprietário de uma fábrica têxtil, preocupado com o fato de que seus operários não dispunham de nenhum cuidado médico a não ser aquele propiciado por instituições filantrópicas, procurou o Dr. Robert Baker, seu médico, pedindo que indicasse qual a maneira pela qual ele, como empresário, poderia resolver tal situação, Baker respondeu-lhe:

" Coloque no interior da sua fábrica o seu próprio médico, que servirá de intermediário entre você, os seus trabalhadores e o público. Deixe-o visitar a fábrica, sala por sala, sempre que existam pessoas trabalhando, de maneira que ele possa verificar o efeito do trabalho sobre as pessoas. E se ele verificar que qualquer dos trabalhadores está sofrendo a influência de causas que

possam ser prevenidas, a ele competirá fazer tal prevenção. Dessa forma você poderá dizer: meu médico é a minha defesa, pois a ele dei toda a minha autoridade no que diz respeito à proteção da saúde e das condições físicas dos meus operários; se algum deles vier a sofrer qualquer alteração da saúde, o médico unicamente é que deve ser responsabilizado".

A resposta do empregador foi a de contratar Baker para trabalhar na sua fábrica, surgindo, assim, em 1830, o primeiro serviço de medicina do trabalho.

Na verdade, despontam, na resposta do fundador do primeiro serviço médico de empresa, os elementos básicos da expectativa do capital quanto às finalidades de tais serviços:

– deveriam ser serviços dirigidos por pessoas de inteira confiança do empresário e que se dispusessem a defendê-lo;

– deveriam ser serviços centrados na figura do médico;

– a prevenção dos danos à saúde resultantes dos riscos do trabalho deveria ser tarefa eminentemente médica;

– a responsabilidade pela ocorrência dos problemas de saúde ficava transferida ao médico.

A implantação de serviços baseados nesse modelo rapidamente expandiu-se por outros países, paralelamente ao processo de industrialização e, posteriormente, aos países periféricos, com a transnacionalização da economia. A inexistência ou fragilidade dos sistemas de assistência à saúde, quer como expressão do seguro social, quer diretamente providos pelo Estado, via serviços de saúde pública, fez com que os serviços médicos de empresa passassem a exercer um papel vicariante, consolidando, ao mesmo tempo, sua vocação enquanto instrumento de criar e manter a dependência do trabalhador (e frequentemente também de seus familiares), ao lado do exercício direto do controle da força de trabalho.

MENDES, R; DIAS, E.C. Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador. *Revista Saúde Pública*, S.Paulo, 25: 341-9, 1991.Disponível em: <https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/2977.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2015. Adaptado.

28. (Basa – Médico do Trabalho – Cesgranrio – Set./2015)

No 4º parágrafo, insere-se no texto a voz do Dr. Robert Baker, médico que ensina ao empresário Robert Dernham o que fazer com a saúde de seus trabalhadores.

Tal fala apresenta um tom de aconselhamento, o que se exemplifica por meio do uso de

a) verbos no modo imperativo

b) linguagem informal

c) coordenação sintática

d) pontuação exagerada

e) palavras repetidas

29. (Liquigás – Administrador Jr. – Cesgranrio – Set./2015 – Adaptada)

Em " os movimentos caóticos atuais já **eram** os primeiros passos afinando-se e orquestrando-se para uma situação econômica mais digna", observa-se a adequada flexão do verbo destacado, o que também se verifica em

a) O povo brasileiro **sois** articulado politicamente.

b) Se **fôssemos** menos explorados, o país prosperaria mais.

c) Quando **fores** corretos os políticos brasileiros, a fome terá fim.

d) É fundamental que **sejemos** um povo mais politizado.

e) A população deseja que o sistema de saúde **sejais** melhor.

30. (Liquigás – Administrador Jr. – Cesgranrio – Set./2015 – Adaptada)

Caso se indeterminasse o sujeito em " Mas se não sei prever, posso pelo menos desejar.", constituiria adequada reescritura o seguinte período:

a) Mas se não sabemos prever, podemos pelo menos desejar.

b) Mas se não sabeis prever, podeis pelo menos desejar.

c) Mas se não sabe prever, pode pelo menos desejar.

d) Mas se não sabem prever, podem pelo menos desejar.

e) Mas se não sabes prever, podes pelo menos desejar.

31. (ANP – Téc. Reg. Petr&Der – Cesgranrio – Jan./2016)

As formas verbais estão empregadas coerente e adequadamente, de acordo com a norma-padrão da Língua Portuguesa, em:

a) É desejável que a escola não desse importância apenas à futura profissão dos alunos, mas que também atendesse às necessidades relativas à formação desses estudantes.

b) Os países em desenvolvimento teriam possibilidade de maior crescimento se a população fosse atendida em suas necessidades básicas e tivesse oportunidade de estudar.

c) Se os resultados das pesquisas de mercado fossem positivos, o diretor da empresa apresentará aos clientes detalhes do novo projeto a ser implementado.

d) É necessário que as empresas de comunicação global investissem em programas de popularização dos meios de compartilhamento de informação.

e) As mudanças do mercado digital dependem das ações que as empresas desenvolverão junto aos seus funcionários para que eles tivessem sucesso.

32. (Basa – Téc. Bancário – Cesgranrio – Set./2015)

O verbo em destaque está conjugado de acordo com a norma-padrão em:

a) **Pegue** o outro elevador, por favor.

b) É preciso que você **esteje** atento a situações de perigo.

c) Será muito bom se você **propor** um outro acesso aos passageiros.

d) **Seje** sempre bem-humorado com os passageiros.

e) Gostaríamos de que você **vesse** esse filme.

33. (Liquigás –Ass. Adminis. – Cesgranrio – Set./2015)

A forma verbal destacada está empregada de acordo com a norma-padrão em:

a) Quando as pessoas **fazerem** compras nas lojas locais, poderão usar o cartão de crédito comunitário.

b) Os consumidores preocupados com os gastos tinham **trago** pouco dinheiro para as suas compras.

c) Os financiamentos serão ampliados quando os bancos **estarem** com os juros baixos.

d) O ideal seria que os clientes dos bancos comunitários **pudessem** aumentar sua renda mensal.

e) Se os bancos **darem** mais crédito aos moradores, aumentará a construção de casas na comunidade.

34. (Basa – Médico do Trabalho – Cesgranrio – Set./2015 – Adaptada)

O presente do indicativo, em " A medicina do trabalho, enquanto especialidade médica, **surge** na Inglaterra, na primeira metade do século XIX, com a Revolução Industrial", produz o seguinte efeito de sentido:

a) aproxima o leitor do que é narrado.

b) põe em dúvida o contexto histórico referido.

c) confere um caráter de continuidade ao que é dito.

d) dissocia a origem da medicina do trabalho e o século XIX.

e) atribui à medicina do trabalho um valor anacrônico.

35. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016 – Adaptada)

O emprego dos verbos destacados no trecho " 'Eu me **sentava** bem na ponta do banco, e minha felicidade **começava**" mostra as lembranças da narradora sobre um fato que ocorreu com ela repetidas vezes no passado.

Se, respeitando-se o contexto original, a frase mostrasse um fato que ocorreu com ela uma única vez no passado, os verbos adequados seriamos que se destacam em:

a) Eu me **sentaria** bem na ponta do banco, e minha felicidade **começaria**.

b) Eu me **sentei** bem na ponta do banco, e minha felicidade **começou**.

c) Se eu me **sentasse** bem na ponta do banco, minha felicidade **começaria**.

d) Eu me **sento** bem na ponta do banco para que minha felicidade **comece**.

e) Eu **ficava sentada** bem na ponta do banco, e minha felicidade **estava começando**.

36. (IPSMI – Procurador – Vunesp – Abril/2016)

Assinale a alternativa em que a colocação pronominal e a conjugação dos verbos estão de acordo com a norma-padrão.

a) Eles se disporão a colaborar comigo, se verem que não prejudicarei-os nos negócios.

b) Propusemo-nos ajudá-lo, desde que se mantivesse calado.

c) Tendo avisado-as do perigo que corriam, esperava que elas se contessem ao dirigir na estrada.

d) Todos ali se predisporam a ajudar-nos, para que nos sentíssemos à vontade.

e) Os que nunca enganaram-se são poucos, mas gostam de que se alardeiem seus méritos.

37. (C.M. Marília-SP – Proc. Jurídico – Vunesp – Abril/2016)

Assinale a alternativa em que os verbos destacados, flexionados em conformidade com a norma-padrão, mantêm a mesma relação

de tempo e modo que os destacados em: E eu nem **sei** onde fica o mar Cáspio, embora também não **saiba** onde fica o Brasil.

a) E eu nem me ative à localização do mar Cáspio, embora também não me atenho à localização do Brasil.

b) E eu nem guardei a localização do mar Cáspio, embora também não guarde a localização do Brasil.

c) E eu nem conheço a localização do mar Cáspio, embora também não conheço a localização do Brasil.

d) E eu nem vi a localização do mar Cáspio, embora também não vejo a localização do Brasil.

e) E eu nem disponho da localização do mar Cáspio, embora também não disponha da localização do Brasil.

38. (MPE/SP- Analista Técnico Científico – Vunesp – Jul./2016)

Assinale a alternativa que preenche as lacunas do texto a seguir, observando o emprego do sinal de crase e a conjugação verbal, segundo a norma-padrão.

Implantaremos um sistema capaz de levar _____ consumidores fiéis informações sobre nossas promoções, _____ partir do momento em que forem lançadas. Se de recursos suficientes, anunciaremos prêmios que atraiam clientes, para que _____ incondicionalmente _____ campanhas promocionais.

a) aqueles ... a ... dispormos ... aderem ... as

b) àqueles ... a ... dispusermos ... adiram ... às

c) àqueles ... à ... dispusermos ... aderem ... às

d) aqueles ... à ... dispormos ... adiram ... as

e) aqueles ... a ... dispormos ... adiram ... as

39. (MPE/SP- Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Assinale a alternativa correta quanto ao emprego do verbo, em conformidade com a norma-padrão.

a) Caso Minas Gerais usa a experiência do Japão, pode superar Mariana e recuperar os danos ambientais e sociais.

b) Se Minas Gerais se propuser a usar a experiência do Japão, poderá superar Mariana e recuperar os danos ambientais e sociais.

c) Se o Japão se dispor a auxiliar Minas Gerais, Mariana é superada e os danos ambientais e sociais recuperados.

d) Se o Japão manter seu auxílio a Minas Gerais, Mariana poderá ser superada e os danos ambientais e sociais recuperados.

e) Caso Minas Gerais faz uso da experiência do Japão, poderá superar Mariana e recuperar os danos ambientais e sociais.

40. (ESAF – MF – Assistente Técnico Administrativo – 2012)

Assinale a opção em que o texto foi transcrito com erro *no uso do verbo sublinhado.*

Animado com os indicadores positivos mais recentes, o governo reforçou ontem o tom otimista sobre a recuperação da atividade econômica, apesar de analistas do mercado financeiro estarem (A) ainda céticos sobre o ritmo do crescimento. O tom otimista foi usado em declarações da Presidenta, do Ministro da Fazenda e do presidente do Banco Central, a quem coube (B) o recado mais importante, ao afirmar (C)que o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) vai acelerar nos próximos meses, mas com preços sob controle. Os estímulos dados pelo governo já obteram (D) uma resposta positiva da atividade econômica, mas ainda não produziram plenamente seus efeitos. Por isso a tendência é de recuperação mais à frente, sem que exista (E) risco de a inflação fugir da meta estabelecida para este ano.

(Adaptado do *Correio Braziliense*, 18 de agosto de 2012)

a) A

b) B

c) C

d) D

e) E

Leia o texto a seguir para responder à questão 41.

A oferta total de crédito na economia brasileira dobrou nos últimos oito anos. A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito. Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e tem sido um dos principais dínamos do PIB. Mas começam a ficar evidentes os sinais de fadiga nessa expansão econômica baseada no endividamento. Mesmo com o barateamento do dinheiro provido pelo Banco Central, o crédito ficou mais caro para os consumidores. Preocupado com a falta de vigor da economia, o governo determinou que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal reduzissem as suas taxas. No cheque especial e no financiamento de veículos, por exemplo, os juros que agora serão cobrados pelos bancos públicos são praticamente a metade das taxas médias de mercado.

(Adaptado de *Veja*, 18 de abril, 2012)

41. (ESAF – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012)

Provoca-se erro gramatical e/ou incoerência textual ao fazer a seguinte alteração nos verbos do fragmento acima.

a) virão a ser em lugar de " serão"(L. 9).

b) têm contribuído em lugar de " contribuíram"(L. 3).

c) vem sendo em lugar de " tem sido"(L. 4).

d) reduzam em lugar de " reduzissem"(L. 8).

e) dobrara em lugar de " dobrou"(L. 1).

Leia o texto a seguir para responder à questão 42.

A prefeitura municipal, através da Secretaria de Assistência Social, promove a Campanha Imposto de Renda Solidário, projeto cujo objetivo é, através de doação do imposto de renda devido, ajudar a financiar projetos de defesa e promoção dos direitos de crianças e adolescentes de Chapadão do Sul.

A ideia é que todos que queiram participar direcionem parte do valor devido ao Fundo Municipal dos Direitos da Infância e Adolescência (FMDCA) e assim participem da Campanha. A doação, estabelecida pela Lei n. 8.069/90, é simples, não traz ônus a quem colabora e os valores doados são abatidos do imposto de renda devido.

O valor destinado ao Fundo Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, respeitados os limites legais, é integralmente deduzido do IR devido na declaração anual ou acrescido ao IR a restituir. Quem quiser contribuir deve procurar um escritório de contabilidade e solicitar que seu imposto de renda seja destinado ao FMDCA de Chapadão do Sul.

A doação pode ser dirigida a um projeto de escolha do doador, desde que esteja inscrito no CMDCA Conselho Municipal de Direitos da Criança e do Adolescente, que analisará e aprovará o repasse do recurso e posteriormente fiscalizará sua execução.

(Adaptado de: <http://www.ocorreionews.com.br>. Acesso em: 19 mar. 2014.)

42. (ESAF – Receita Federal – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2014)

No desenvolvimento da argumentação do texto, o modo e tempo verbais são usados para indicar uma possibilidade, uma hipótese em:

a) " ajudar a financiar" (l. 2 e 3).

b) " queiram participar" (l. 4).

c) " são abatidos" (l. 6).

d) " deve procurar" (l. 10).

e) " analisará e aprovará" (l. 13).

Gabarito: 1. e; 2. d; 3. d; 4. a; 5. c; 6. b; 7. d; 8. a; 9. e; 10. c; 11. d; 12. c; 13. e; 14. c; 15. b; 16. d; 17. a; 18. a; 19. E; 20. E; 21. C; 22. E; 23. C; 24. C; 25. b; 26. E; 27. a; 28. a; 29. b; 30. d; 31. b; 32. a; 33. d; 34. a; 35. b; 36. b; 37. e; 38. b; 39. b; 40. d; 41. e; 42. b.

9 PRONOMES

O primeiro conceito importante que se deve saber sobre pronomes é que eles podem desempenhar funções adjetivas, quando se referirem a substantivos (pronomes adjetivos), ou funções substantivas, quando ocuparem o lugar do substantivo (pronomes substantivos). É exatamente assim: um pronome, além de ser classificado como relativo, demonstrativo, possessivo etc., pode ser substantivo ou adjetivo.

Exemplo:

Este produto é importado **Isto** é importado

pronome adjetivo pronome substantivo

Observe uma questão de concurso que trabalhou essa nomenclatura.

1. (TRT/RJ) A alternativa em que o pronome indefinido exerce função substantiva é:

a) de uma etnia e de uma cultura.

b) que exterminassem as demais.

c) depois de vários séculos.

d) marcada muitas vezes.

e) nenhum grupo pode.

Comentários:

Na letra A, **uma** refere-se a **etnia** e **cultura, sendo artigo indefinido;** na letra C, **vários** acompanha o substantivo **séculos, classificando-se como pronome indefinido em função adjetiva;** na letra D, **muitas** se refere a **vezes, é pronome indefinido adjetivo também**; na letra E, o pronome indefinido **nenhum** se refere ao substantivo **grupo, e exerce, portanto, função adjetiva.** Apenas na letra B, o pronome indefinido **demais** não acompanha substantivo: aparece no lugar dele, antecedido pelo artigo **as.** Daí exerce uma função substantiva.

Resposta: B.

Os pronomes podem ser: pessoais, possessivos, demonstrativos, indefinidos, interrogativos e relativos.

9.1. PRONOMES PESSOAIS

Designam as três pessoas do discurso. Classificam-se em **retos** e **oblíquos.**

Pessoa	Caso reto	Caso oblíquo	
		Átono	**Tônico**
1ª	eu	me	mim, comigo
2ª	tu	te	ti, contigo
3ª	ele	se, o, a, lhe	si, consigo, ele, ela*
1ª	nós	nos	* nós, conosco
2ª	vós	vos	* vós, convosco
3ª	eles	se,os, as, lhes	si, eles, elas*

***Ele, nós, vós, eles:** quando oblíquos sempre preposicionados.

Ex.: Ora se dirigia a nós, ora a eles.

Observação: Quando os verbos terminam em **r, s, z** e os pronomes pedidos são **o(s), a(s),** ocorre a queda daquelas terminações, acrescentando-se o **l (lo(s), la(s));** quando os verbos terminarem em som nasal (**m** ou **til**), acrescenta-se o **n** (no(s), na(s)).

Ex.: Quero comprá-**las.** (= comprar + as) / Expusemo-**la**. (Expusemos + a) / Fê-**los** com rapidez. (Fez + os) / Trouxeram-**no** (Trouxeram + o)**.**

9.1.1. Retos

Funcionam, na maior parte dos casos, como sujeito ou predicativo.

Ex.: **Tu** não és **eu**. / O fato de **ele** reconhecer o erro…

suj. p.s. suj.

9.1.2. Oblíquos

Funcionam, geralmente, como complemento (objeto direto, objeto indireto, complemento nominal).

Ex.: Vi – **o** na rua. / Obedeci-**lhe**. / A decisão **lhe** foi favorável.

o.d. o.i. c.n

Agora vamos a alguns exercícios de fixação para apreender a teoria exposta sobre os pronomes pessoais retos e oblíquos. Nas questões de prova, observamos que esse assunto aparece por meio de reescritura, daí a importância de se associar a classe à função que ela desempenha na frase.

Lembre-se: os pronomes pessoais retos funcionam, em geral, como sujeito, e os oblíquos como complementos de verbo ou de

nome.

I. Use eu/tu, mim/ti.

1. Você só sairá se _____ permitir.

Comentários: aqui aparecem dois verbos. Para todo verbo, temos de achar um sujeito. O sujeito de *sairá* é *Você*. Fica faltando o sujeito para o verbo *permitir*, daí o uso do pronome pessoal reto *eu*.

Resposta: eu.

2. Nenhum problema surgiu entre _____ e o teu chefe.

Comentários: nesta frase observamos que aparece apenas um verbo – *surgiu* – com seu respectivo sujeito *Nenhum problema*. Logo, teremos de usar o complemento *mim*.

Resposta: mim.

3. Entre _____ pedir e você atender...

Comentários: neste período aparecem dois verbos: *pedir* e *atender*. O sujeito de *atender* é *você*. Ficaria faltando o sujeito do verbo *pedir*, por isso, teremos de completar a lacuna com o pronome pessoal reto *eu*.

Resposta: eu.

4. Houve muitos desentendimentos entre _____ e _____.

Comentários: aqui aparece apenas o verbo *Houve*, com o sentido de *existir*. Quando o verbo *haver* aparece com esse sentido, temos um caso de **oração sem sujeito**, logo não poderemos completar as lacunas com sujeito, e sim com complementos *mim* e *ti*.

Respostas: mim e ti.

II. Substitua o termo em destaque pelo pronome correspondente.

1. O movimento visa encontrar **soluções**.

Comentários: o termo destacado exerce a função de objeto direto de *encontrar*. Ao se reescrever a frase, o objeto, que é um complemento de verbo, será substituído por um pronome oblíquo correspondente – *las*. Lembre-se de que quando o verbo termina em *r*, *s* ou *z* e os pronomes pedidos são *o(s), a(s)*, cortam-se aquelas terminações e acrescenta-se o *l*.

Resposta: encontrá-las.

2. Deixaram **as chaves** no carro.

Comentários: outra vez o termo destacado funciona como **complemento** de verbo, portanto, usaremos o pronome oblíquo átono correspondente. Como a terminação é em som nasal, acrescenta-se o *n*.

Resposta: Deixaram-nas.

3. Faltaram **os aplausos** no fim do espetáculo.

Comentários: repare que nesta frase a expressão destacada funciona como sujeito do verbo *faltar*. Por isso, o uso do pronome reto correspondente – *eles* – na função de sujeito.

Resposta: Faltaram eles ou, na ordem direta, Eles faltaram.

4. **A violência** começa a gerar **expectativas**.

Comentários: nesta frase as expressões destacadas funcionam, respectivamente, como *sujeito* e *objeto direto*. Reescrevendo o sujeito *A violência*, temos o pronome reto *ela*; reescrevendo o objeto direto *expectativas*, o pronome oblíquo correspondente *-las*.

Respostas: Ela e gerá-las.

9.1.2.1. Colocação dos pronomes oblíquos átonos

me – te – se – o(s) – a(s) – lhe(s) – nos – vos

Próclise: quando o pronome átono aparece **antes** do verbo.

Ex.: Eu **o** ajudei naquela difícil tarefa.

Mesóclise: quando o pronome átono aparece no **meio** do verbo.

Ex.: Ajudá-**lo**-ei naquela difícil tarefa.

Ênclise: quando o pronome átono aparece **após** o verbo.

Ex.: Ajudei-**o** naquela difícil tarefa.

Observamos que a possibilidade de se usar o oblíquo átono é muito maior do que a proibição. Portanto, estudaremos aqui os casos em que o uso do pronome átono é proibido.

É proibido:

a) iniciar **oração** com oblíquo átono;

Exs.: **Me** espere hoje às seis horas. (errado)

Espere-**me** hoje às seis horas. (certo)

b) colocá-los **após** futuros e particípio.

Exs.: Direi-**te** a verdade. (errado)

Havia falado-**me** a verdade. (errado)

Dir-**te**-ei a verdade. (certo)

Havia-**me** falado a verdade. (certo)

Observações:

1. Havendo palavra **invariável** (palavra que não tem feminino nem plural – que, quem, caso, se, em, ninguém, alguém, tudo…) antes do verbo, próclise.

   Ex.: **Para** me responder... / **Não** te ouvi.

   Na locução verbal, se aparecer palavra **invariável** e o pronome vier preso ao auxiliar por hífen, estará **errada** a construção.

   Ex.: **Ninguém** queria-**me** ouvir. (errado)

   Ninguém me queria ouvir. (certo)

   Ninguém queria me ouvir. (certo: mesmo havendo palavra indefinida, o pronome pode ficar proclítico ao verbo principal)

2. Após infinitivo, sempre certo o uso do pronome átono.

   Ex.: Para responder-me…

   Ninguém queria ouvir-me.

3. Com conjunção coordenativa (*e, ou, mas,* …): próclise ou ênclise.

   Ex.: Chegou e se deitou ou Chegou e deitou-se.

   Antes das questões de concursos, vamos fixar as regras de colocação pronominal.

Use o pronome oblíquo átono entre parênteses em todas as posições possíveis. Quando houver caso de mesóclise, escreva ao lado a forma correta.

1. _____ dize _____ com quem andas, _____ direi _____ quem és. (me/te)

   Comentários: observe que nas duas passagens os verbos dão início às orações. Como não podemos iniciar oração com pronome oblíquo átono, usaremos a ênclise no primeiro caso e a mesóclise no segundo.

   Resposta: Dize-me e dir-te-ei.

2. _____ caberia _____ mostrar patriotismo (lhe).

   Comentários: neste caso, não podemos usar a próclise por ser início de oração, mas também não podemos usar a ênclise já que o verbo aparece no futuro, o que, nos dois casos, consistiria erro. Aqui a única possibilidade é a mesóclise.

   Resposta: Caber-lhe-ia.

3. O dinheiro que _____ entreguei _____ era meu. (lhe)

   Comentários: nesta frase, a palavra *que*, invariável, atrai o pronome oblíquo átono.

Resposta: que lhe entreguei.

4. Os falantes de português _____ tornaram _____ maioria no litoral brasileiro. (se)

Comentários: aqui as duas formas estão corretas porque não há nenhuma proibição. Não é início de oração, o verbo não está no futuro nem há palavra invariável antes do verbo que obrigaria uso da próclise. Portanto, próclise ou ênclise.

Resposta: se tornaram ou tornaram-se.

Agora, algumas questões de concursos anteriores comentadas.

1. (FCC/TRF-SP) Devaneios, quem não **tem devaneios**? **Têm devaneios** as crianças e os jovens, **dão aos devaneios** menos crédito os adultos, mas é impossível **abolir os devaneios** completamente.

Evitam-se as indesejáveis repetições da frase anterior substituindo-se os elementos em destaque, na ordem dada, por:

a) os tem – Têm-lhes – dão-lhes – abolir-lhes

b) tem eles – Têm-nos – dão-lhes – abolir-lhes

c) os tem – Têm eles – dão-nos – aboli-los

d) tem a eles – Os têm – dão a eles – abolir a eles

e) os tem – Têm-nos – dão-lhes – aboli-los

Comentários:

Vimos na teoria que questões de reescritura por meio de pronome pessoal obedecem a um padrão: o **sujeito** é substituído por pronome pessoal **reto** e o **complemento**, por pronome pessoal **oblíquo**. Além disso, quando os pronomes pedidos são o(s), a(s) (objetos diretos), dependendo das terminações, viram lo(s), la(s) ou no(s), na(s).

Nesta questão, *devaneios*, em todas as passagens, funciona como objeto dos respectivos verbos. Nas 1ª e 2ª ocorrências, é objeto direto de **tem**. Na 3ª, é objeto indireto de **dão** (veja a presença da preposição) e na 4ª, objeto direto de **abolir**. Como os pronomes usados são os oblíquos átonos, além do uso, temos de atentar para a **colocação**. No primeiro caso, o **não** atrai o pronome (*não os tem*). Nos segundo e terceiro casos, iniciam oração (Têm-nos) e (dão-lhes). Na quarta ocorrência, nada proíbe o uso da próclise ou da ênclise (... *impossível os abolir* ou *aboli-los*).

Resposta: E.

2. (FCC/TRT – 18ª Região) As eleições são importantes, mas não **se empreste às eleições** um valor absoluto, ainda que muitos ainda **vejam as eleições** como finalidade última do processo democrático, sem falar nos que **consideram as eleições** uma aborrecida obrigação.

Evitam-se as viciosas repetições do texto acima substituindo-se os elementos destacados, respectivamente, por:

a) se lhes empreste – as vejam – as consideram

b) se as empresta – as vejam – lhes consideram

c) se empreste-lhes – vejam-nas – lhes consideram

d) se empreste a elas – lhes vejam – as consideram

e) se lhes empreste – vejam-lhes – consideram elas

Comentários:

Aqui, logo pela primeira passagem, ao usar o oblíquo átono, por causa da palavra invariável **se**, ficaríamos apenas com duas opções: A e E. Lembre que o pronome átono **lhe**, como complemento de verbo, substitui o **objeto indireto** (*emprestar um valor absoluto às eleições*). Nas outras ocorrências, *eleições* funciona como objeto direto dos respectivos verbos.

Quanto à colocação, próclise nos dois casos, pois as palavras invariáveis **ainda** e **que** atraem os pronomes átonos.

Na letra D, estaria correto o uso do oblíquo tônico **a elas**, já que substitui o objeto indireto, com preposição, pois. Mas a passagem *lhes vejam* estaria errada.

Resposta: A.

3. (FCC/PMSAL – Guarda Municipal) O autor explica ao leitor mais jovem quem eram os guardas-noturnos, como a população **admirava os guardas-noturnos**, como **confiava aos guardas-noturnos** a tarefa de velar pelo sono de todos, como **tomava os guardas-noturnos** como exemplo de dedicação profissional.

Evita-se o uso abusivo de repetições na frase acima substituindo-se os elementos destacados, respectivamente, por:

a) admirava eles – confiava neles – os tomava

b) os admirava – lhes confiava – os tomava

c) lhes admirava – os confiava – tomava a estes

d) admirava-os – confiava-lhes – tomava-lhes

e) admirava-lhes – lhes confiava – lhes tomava

Comentários:

Nas primeira e terceira passagens, *guardas-noturnos* aparece como objeto direto (sem preposição) dos verbos **admirar** e **tomar**. Na primeira, como nada proíbe (veja a teoria) a próclise ou a ênclise, caberiam *"… a população os admirava"* ou *"… a população admirava-os"*, mas na terceira a palavra **como** (invariável) atrai o pronome átono (*como os tomava*). Na segunda ocorrência, esse mesmo vocábulo aparece como **objeto indireto**, daí a substituição por **lhe**. A próclise se dá por causa da presença da palavra **como** (invariável).

Resposta: B.

9.1.2.2. Reflexivos

Referem-se à mesma pessoa, correspondendo a **a mim mesmo, a si mesmo** etc.

Exs.: Eu **me** cortei. / Ele **se** feriu. / Olhou-**se** no espelho. / Trazia **consigo** as lembranças do passado.

9.1.2.3. Recíprocos

Indicam ideia mútua, recíproca, correspondendo a **um ao outro.**

Exs.: Eles **se** abraçaram.

Os namorados olhavam-**se** apaixonadamente.

Vejamos um exemplo de questão.

1. (NCE/TJ – Analista Judiciário) "As verdades filosóficas se contradizem…"

O item a seguir em que o SE apresenta valor idêntico àquele que possui nesse segmento da frase acima:

a) Procura-se um meio de fazer o homem menos cético.

b) Os homens modernos esconderam-se da verdade.

c) Pascal se declarou irracionalista.

d) A ciência e a fé se digladiam.

e) As doutrinas filosóficas queixam-se do ceticismo moderno.

Comentários:

A partícula **se** do enunciado funciona como *pronome recíproco* (**uma** verdade contradiz **a outra**).

Na letra A, o **se** é pronome *apassivador* (um meio é procurado). Em vozes verbais falaremos sobre ele. Nas opções B e C, o pronome funciona como *reflexivo* ("esconderam **a si mesmos**" e "declarou **ele mesmo** irracionalista"). Na opção D, é *recíproco*, pois **uma** se digladia com **a outra**. Na E, o verbo em questão é *queixar-se* (pronominal), sendo o pronome parte integrante do verbo.

Resposta: D.

9.2. PRONOMES DE TRATAMENTO

Certos vocábulos ou locuções valem por pronomes pessoais. São os **pronomes pessoais de tratamento.** Referem-se à segunda pessoa, mas o verbo e os pronomes correspondentes vão para a 3ª pessoa.

Exs.: Você, Senhor, Senhora, Vossa Excelência, Vossa Eminência etc.

Vejamos um exemplo de questão.

1. (FCC/TRT – 2ª Região – Téc. Judic.) Considere o final de uma reivindicação dos moradores de um bairro, dirigida ao prefeito da cidade:

"Esperamos que _____, senhor prefeito, _____ verificar as condições por nós apontadas, e que sejam tomadas as medidas necessárias no sentido de solucionar tais problemas…

A _____ dispor, atentos às providências,

Os moradores."

As lacunas estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:

a) V.Sa. – mandeis – vosso

b) V.Exa. – mande – seu

c) V.Exa. – mandeis – seu

d) V.Sa. – mande – vosso

e) V.Exa. – mande – vosso

Comentários:

Esta é uma questão que trata do emprego dos pronomes de tratamento. Usamos *V.Exa* para altas autoridades (presidentes, governadores, ministros, prefeitos…). Além disso, os verbos e os pronomes correspondentes vão para a 3ª pessoa (mande e seu).

Resposta: B.

9.3. PRONOMES POSSESSIVOS

São aqueles que indicam a posse em referência às três pessoas do discurso:

1ª pessoa: meu(s), minha(s), nosso(s), nossa(s)

2ª pessoa: teu(s), tua(s), vosso(s), vossa(s)

3ª pessoa: seu(s), sua(s)

Quanto aos pronomes possessivos, atenção:

Há duas maneiras de indicar a posse no discurso: utilizando-se de um pronome possessivo ou por meio de um pronome oblíquo átono com valor possessivo. Assim, teríamos:

Beijou-**lhe** a face. (Beijou a **sua** face)

Beijou-**me** a face. (Beijou a **minha** face)

À noite, apareceram-**lhe** em casa alguns amigos. (em **sua** casa)

É exatamente isso: um pronome oblíquo átono pode ter o mesmo valor semântico que um pronome possessivo. A seguir, alguns exemplos.

Assinale as opções em que o pronome lhe apresenta o mesmo valor significativo que possui em "uma espécie de riso sardônico e feroz contraía-lhe as negras mandíbulas.":

Observe que aqui o que se pede é o pronome oblíquo átono com valor de posse. Nesse caso, ele irá sempre se referir a um substantivo e poderá ser substituído por um outro pronome possessivo.

a) A mãe apalpava-lhe o coração.

(Isso é o mesmo que a mãe apalpava o seu coração, o coração dele.)

b) Aconteceu-lhe uma desgraça.

(Aconteceu uma desgraça a ele, e não dele.)

c) Tudo lhe era indiferente.

(Tudo era indiferente a ele.)

d) Afastou-lhe os cabelos.

(Afastou os seus cabelos, os cabelos dele.)

e) Ao inimigo, não lhe nego perdão.

(Não nego perdão a ele, e não o perdão dele.)

f) Não lhe contei o segredo.

(Não contei o segredo a ele.)

g) Apertou-lhe gentilmente a mão.

(Apertou a sua mão, a mão dele.)

Resposta: as alternativas que apresentam pronomes oblíquos com valor possessivo são A, D e G.

Vejamos como esse assunto aparece nas provas.

1. (Cespe/UnB/MTE) Assinale a opção em que o pronome "lhe" não tem o mesmo sentido que em: "O tempo arrebata-lhe a garganta".

a) Afagou-lhe os cabelos com amor.

b) A luz sempre lhe afugenta o sono.

c) O marido sempre lhe nega a resposta.

d) Ajeitou-lhe o colar e saiu mansamente.

Comentários:

O pronome oblíquo da frase do enunciado possui valor possessivo – pode ser trocado por outro possessivo ("O tempo arrebata a *sua* garganta").

Na letra A, o pronome *lhe* equivale a *seus* ("Afagou os *seus* cabelos com amor").

Na letra B, o pronome oblíquo *lhe* pode também ser substituído por um possessivo ("O tempo afugenta o *seu* sono").

A letra C traz um pronome oblíquo que funciona como complemento do verbo, e não possui valor possessivo ("O marido sempre nega a resposta *a ela*").

Já a letra D apresenta um pronome oblíquo com valor possessivo: ajeitou o *seu* colar e saiu...

Resposta: C.

2. (Cespe-UnB) Assinale a única frase em que o pronome *lhe* **NÃO** tem sentido possessivo.

a) O tempo mudou-lhe o rosto.

b) Não lhe pude conhecer a generosidade.

c) O sabor das balas de tangerina encheu-lhe a boca.

d) O entusiasmo abriu-lhe os olhos.

e) Deram-lhe um emprego perto de casa.

Comentários:

Nas letras A, B, C e D, os pronomes oblíquos têm valor possessivo: referem-se a substantivos e podem ser substituídos por outros possessivos. Assim, teríamos: o tempo mudou o *seu* rosto; não pude conhecer a *sua* generosidade; o sabor das balas de tangerina encheu a *sua* boca; o entusiasmo abriu os *seus* olhos. Apenas na letra E o pronome oblíquo não tem sentido possessivo, ele é complemento do verbo: "deram um emprego *a ele* – e não um emprego *dele* – perto de casa".

Resposta: E.

9.4. PRONOMES INDEFINIDOS

Agora, vamos falar sobre os pronomes indefinidos. Estes têm sentido vago ou indeterminado. Aplicam-se à 3ª pessoa: algum, nenhum, todo, outro, muito, certo, vários, tanto, quanto, qualquer, alguém, ninguém, tudo, outrem, nada, cada, algo, mais, menos, que, quem. Veja os exemplos:

"**Todo** dia ela faz tudo sempre igual." (Chico Buarque)

Havia **muita** preocupação no Congresso.

Chegarão **mais** livros na próxima semana.

Observe que os pronomes indefinidos referem-se a substantivos, como todos os pronomes fazem, indicando ideia vaga, generalizando: essa é a função de um pronome indefinido. Além dos pronomes indefinidos, existem também **as locuções pronominais indefinidas**, que são um grupo de vocábulos com valor de pronome indefinido: cada um, cada qual, qualquer um etc. Os pronomes indefinidos, muitas vezes, interrogam e, nesse caso, são chamados de pronomes indefinidos interrogativos ou, simplesmente, pronomes interrogativos. Vamos conhecê-los?

9.5. PRONOMES INTERROGATIVOS

São os pronomes indefinidos **que**, **quem**, **qual**, e **quanto**, usados nas interrogações (diretas ou indiretas). Exemplos:

Quem precisa de um novo Fidel?

Nesse caso, o pronome indefinido *quem* está inserido em uma frase interrogativa direta: com ponto de interrogação.

Desconheço **quem** organizou a festa.

Observe que, aqui, o pronome também é interrogativo, mas se insere em uma frase interrogativa indireta, sem ponto de interrogação.

Aqui, vale um recado:

Frase interrogativa indireta é aquela que vem sem ponto de interrogação, mas que também espera uma resposta. São as conjecturas. Utilizam-se de informações do tipo: desconheço, gostaria de saber, não sei...

Os pronomes indefinidos e interrogativos podem se confundir com adjetivos ou advérbios. Isso porque eles também se referem a substantivos – como os adjetivos fazem. Além disso, muitas palavras que aparecem como adjetivos ou advérbios também podem ser pronomes indefinidos: *muito*, *vários*, *todo*...

Falaremos do substantivo, adjetivo e advérbio em concordância, mas já podemos definir essas classes agora, a fim de não confundi-las com os pronomes indefinidos.

Adjetivo é a classe de palavra que se refere ao substantivo, indicando-lhe qualidade, condição ou estado. É classe de palavra variável.

Advérbio é a classe de palavra que modifica verbo, adjetivo ou o próprio advérbio. Indica circunstância (tempo, intensidade, lugar etc.) e é normalmente invariável.

Pronome indefinido modifica substantivo ou entra no lugar dele. Semanticamente, indica ideia vaga. Na maioria das vezes, é classe de palavra variável (algum, qualquer, todo...), ainda que alguns pronomes indefinidos não variem (alguém, ninguém...).

Atenção: Dizer que uma classe de palavra é variável significa dizer que ela se flexiona em gênero (masculino/feminino) e número (singular/plural).

Vamos treinar?

Complete as lacunas de acordo com o código abaixo:

(1) Adjetivo ou locução adjetiva

(2) Advérbio ou locução adverbial

(3) Pronome indefinido

a) ( ) Maria é muito calma.

Aqui, a palavra *muito* se refere a *calma*; *calma* é adjetivo; *muito* é advérbio. Observe que ele não se flexionou; o que ratifica que é um advérbio, classe de palavra invariável.

b) ( ) Precisou de muita calma para resolver o impasse.

Calma agora é substantivo. Ora, se *muita* se refere a um substantivo, indicando ideia vaga, é pronome indefinido.

c) ( ) Precisou de muito dinheiro para comprar a casa.

Muito se refere ao substantivo *dinheiro*, indicando sentido vago, indeterminado. É pronome indefinido.

d) ( ) Beijo pouco, falo menos ainda.

Menos modifica o verbo falo, indicando intensidade. É advérbio.

e) ( ) Hoje disponho de pouco tempo para diversão; e o que é pior, de menos disposição.

Pouco se refere a *tempo*, substantivo; *menos* se refere a *disposição*, também um substantivo. Ambos indicam ideia vaga, generalizam. São pronomes indefinidos.

f) ( ) Cantava bem baixo para ninguém ouvi-lo.

Baixo modifica o verbo *cantava*, indicando ideia de modo. É advérbio.

g) ( ) Tinha bastante orgulho da irmã.

Bastante se refere ao substantivo *orgulho*. É o mesmo que *muito orgulho*. Indica valor vago: pronome indefinido.

h) ( ) Era uma pessoa bastante orgulhosa.

Bastante refere-se ao adjetivo *orgulhosa*, intensificando esse adjetivo. É advérbio de intensidade; tanto é advérbio que, se flexionássemos as informações para o plural, essa palavra se manteria invariável: *eram pessoas bastante orgulhosas*.

i) ( ) Depositava confiança bastante no bom senso da filha.

Agora, *bastante*, que se refere a um substantivo, está o qualificando. É o mesmo que *suficiente*. É, portanto, adjetivo.

j) ( ) Tenha mais paciência.

Mais se refere ao substantivo *paciência*, indicando ideia vaga, indeterminada. É o mesmo que *muita paciência*. É pronome indefinido.

k) ( ) Seja mais paciente.

Mais se refere a *paciente*, que é adjetivo, intensificando-o. É advérbio de intensidade.

l) ( ) Sempre leio os jornais da manhã.

Essa expressão se refere ao substantivo jornal, caracterizando-o. É uma locução adjetiva. Nesse caso, poderíamos inclusive trocar essa locução por outro adjetivo: *matutinos*.

m) ( ) Sempre leio os jornais de manhã.

A expressão se refere ao verbo, dando-lhe ideia de tempo: *leio de manhã, pela manhã*. É locução adverbial de tempo.

Gabarito: a) 2; b) 3; c) 3; d) 2; e) 3; f) 2; g) 3; h) 2; i) 1; j) 3; k) 2; l) 2; m) 1 e 2.

Tendo visto os pronomes indefinidos e em que eles diferem dos advérbios e adjetivos, resta-nos falar dos pronomes demonstrativos. É neste assunto que vamos aprender a diferenciá-los e a detectar as funções que eles desempenham no texto.

9.6. PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Antes de tudo, é preciso entender que os pronomes demonstrativos podem indicar a posição dos elementos em relação a três hipóteses distintas: tempo, espaço, texto. Assim:

O pronome demonstrativo pode apontar para objetos localizados no **espaço**, perto ou distante do falante.

O pronome demonstrativo pode fazer referência ao **tempo** presente, passado ou futuro.

O demonstrativo pode também retomar informações já mencionadas no **texto** ou que virão a seguir na sequência textual.

Para cada situação, existem regras que farão você optar por qual demonstrativo utilizar. Preparamos um quadro resumido que irá ajudá-lo a organizar esses conceitos:

	No espaço	No tempo	No texto
Isto / este(s) / esta(s)	Apontam para o que está perto do falante. Ex.: Este material aqui é meu.	Momento presente. Ex.: Estes dias têm sido agradáveis. Momento futuro próximo. Ex.: Nestas férias viajarei.	Apontam para uma informação que virá adiante no texto. Ex.: Este número é a dica do teste – sete.
	Apontam para o		

Isso / esse(s) / essa(s)	que está perto do ouvinte. Ex.: Esse material aí é meu.	Passado não distante. Ex.: Nesse domingo fui ao Maracanã.	Indicam uma informação que já apareceu no texto. Atenção: se a informação já foi mencionada e está próxima, modernamente, costuma se utilizar Isto/Este/Esta. Ex.: "Dois" – Esse/Este número é a dica do teste.
Aquilo / aquele(s) aquela(s)	Apontam ao que está distante de ambos. Ex.: Aquele material ali é meu.	Passado ou futuro distante. Ex.: Aquelas férias de 2000/2020 foram/serão maravilhosas.	Com dois antecedentes: "este" para o mais próximo; "aquele" para o mais distante. "Esse" traria ambiguidade. Ex.: José e João estudaram. Este (João)/Aquele (José) foi aprovado.

Lembre-se: para estabelecer a distinção entre duas coisas ou pessoas anteriormente citadas, usamos este(s), esta(s), isto para o termo mais próximo e aquele(s), aquela(s), aquilo para o mais distante. Veja um exemplo:

"Há que se fazer a distinção entre acidentes do trabalho e doença do trabalho. Enquanto esta é inerente a determinados ramos de atividade, aqueles ocorrem pelo exercício do trabalho, provocando lesão corporal."

Mais treinamento?

Complete as lacunas com os demonstrativos adequados.

1. _____ livro que estás lendo é infantil?

Comentários: Espaço: perto do ouvinte.

Resposta: Esse.

2. Não. _____ livro que estou lendo é sobre política.

Comentários: Espaço: perto do falante.

Resposta: Este.

3. Guilherme, traga-me _____ CD que ficou lá no seu quarto.

Comentários: Espaço: distante de ambos.

Resposta: Aquele.

4. Um dia _____ visitarei o seu pai.

Comentários: Tempo: futuro não distante.

Resposta: destes.

5. Guilherme, dê-me _____ CD que está aí.

Comentários: Espaço: perto do ouvinte.

Resposta: Esse.

6. "Qual é a relação entre dialética e retórica? A _____ pergunta Aristóteles responde desde a primeira frase do seu livro."

Comentários: Texto: retomando o que foi dito anteriormente.

Resposta: Essa.

7. _____ é a pergunta que Aristóteles responde desde a primeira frase do seu livro: qual é a relação entre dialética e retórica?

Comentários: Texto: apontando para o que será dito adiante.

Resposta: Esta.

8. Luísa, _____ é o Eduardo?

Comentários: Espaço: perto do ouvinte.

Resposta: Esse.

9. _____ ano que passou foi muito proveitoso para mim.

Comentários: Tempo: passado não distante.

Resposta: Esse.

10. _____ mês que passou choveu muito. Para _____ mês que começa, porém, a previsão é de tempo bom.

Comentários: Tempo: passado não distante e futuro próximo.

Resposta: Nesse / este.

11. _____ aqui são meus primos.

Comentários: Espaço: perto do falante.

Resposta: Estes.

12. Ao comparar os diversos rios do mundo com o Amazonas, defendia com azedume e paixão a proeminência _____ sobre cada um _____.

Comentários: Texto: fazendo distinção entre o mais próximo e o mais distante.

Resposta: deste / daqueles.

13. Atentem para _____: o que se guarda no coração jamais se esquece.

Comentários: Texto: apresentando o que será dito a seguir.

Resposta: Isto.

14. Homens e mulheres participaram das festividades. _____, simpáticas e elegantes. _____, sérios e tímidos.

Comentários: Texto: diferenciando o elemento mais próximo – *mulheres* – do mais distante – *homens*.

Resposta: Estas e aqueles.

15. O que foi combinado aqui não pode sair _____ sala.

Comentários: Espaço: perto do falante.

Resposta: desta.

Observações:

a) O pronome **o** (a, os, as) é demonstrativo quando equivale a **aquele(s)**, **aquela(s)**, **aquilo, isso**. Veja o exemplo:

Alguém, antes que Wilson **o** fizesse, teve vontade de falar **o** que foi dito.

Nesse caso, a palavra **o**, em suas duas ocorrências, pode ser substituída por um outro demonstrativo.

b) Aparecem ainda como demonstrativos os vocábulos **tal**, **mesmo**, **próprio** e **semelhante**. Veja exemplos:

Tal atitude não se esperava dele. / Ele **mesmo/próprio** fez o pedido.

Aqui, vale mais um recado: A palavra o – e suas variações – pode ser:

1. Artigo (quando anteceder um substantivo): "O menino chegou".
2. Pronome pessoal oblíquo (quando puder ser substituído por outro pronome pessoal): "Cumprimentei-o na festa". (É o mesmo que se dizer "cumprimentei a ele").
3. Pronome demonstrativo (quando puder ser substituído por outro demonstrativo, normalmente antes do pronome relativo QUE ou da preposição DE): "Quero o que você comprou"/"Prefiro a de tampa azul".

Veja uma questão de prova que abordou tal assunto:

1. (Cespe-UnB/TJ – Analista) Assinale a opção em que a partícula "o" sublinhada aparece com o mesmo emprego que se apresenta no seguinte trecho do texto:

"A primeira é **o** que queremos dizer."

a) Eles devem realizar logo <u>o</u> projeto do grupo.

b) Responda-me: <u>o</u> que você tem com isso?

c) Seu sucesso depende de <u>o</u> livro ser aceito.

d) É preciso conhecer a rotina <u>do</u> laboratório.

e) Este livro foi <u>o</u> que você indicou.

Comentários:

Preliminarmente, a palavra *o* do enunciado classifica-se como pronome demonstrativo ("A primeira é *aquilo* que queremos dizer"). Nas letras A, C e D, a palavra *o* está antecedendo substantivos, funcionando, portanto, como artigos. Logo, restam as alternativas B e E. Na letra B, observamos um pronome interrogativo antecedido de um artigo perfeitamente dispensável – poderíamos simplesmente perguntar: "que você tem com isso?". No entanto, na letra E, observamos a presença de um *o* que pode ser trocado por outro demonstrativo ("Este livro foi *aquele* que

você indicou”).

Resposta: E.

9.7. AS FUNÇÕES TEXTUAIS DOS PRONOMES

Os pronomes podem apontar para algo que já foi ou que ainda vai ser mencionado no texto. Trata-se de uma característica que todos os pronomes têm (pronomes pessoais, possessivos etc.) Com relação aos demonstrativos, como forma mais adequada, pede-se usar **esse(s)/essa(s)/isso** para o que já foi mencionado anteriormente **(anafórico)** e **este(s)/esta(s)/isto** para algo que vai ser mencionado **(catafórico)**. Veja exemplos:

“A previsão do tempo não era muito favorável. O vento aumentara um pouco e decidi reduzir as velas para o primeiro rizo. Conversávamos no convés sobre **esses** problemas.”

Nesse caso, o pronome *esses* tem a função de retomar informações que foram citadas anteriormente: **função anafórica**.

Isto é o que mais incomoda os homens honestos: o ciúme.

Aqui, o pronome exerce o papel de apontar para uma informação que será dita a seguir no texto. Diz-se que ele tem, portanto, **função catafórica**.

Tanto a função anafórica quanto a catafórica indicam, portanto, informações que foram ou serão mencionadas *dentro do texto*, informações que fazem parte do corpo textual. Daí, ambas também ser chamadas de **funções endofóricas**. Cada banca organizadora utiliza a nomenclatura que melhor lhe convém.

No entanto, se o pronome se referir a uma informação que não foi mencionada no texto, mas que pode ser deduzida a partir do que foi lido, diz-se que ele tem **função exofórica** (o que, para algumas bancas organizadoras de concursos, é sinônimo de **função dêitica**). O pronome que tem função exofórica, para ser compreendido na sua totalidade, necessita de informações que estão vinculadas à **situação de produção textual**: o local de produção textual, o momento de produção do texto ou o enunciador textual. Observe exemplos:

“**Nesta** casa todos são felizes.”

Aqui, o pronome demonstrativo está vinculado ao **local** onde o texto foi produzido.

“**Nessas** férias, encontramos velhos amigos na praia.”

Nesse caso, o leitor, para saber de que férias se trata, precisa conhecer o **momento** em que o texto foi produzido.

“**Meu** filho fez algumas tatuagens pelo corpo.”

O pronome possessivo em destaque está vinculado ao enunciador do texto: para saber de quem é o filho, é preciso identificar a pessoa que produziu o texto. Ora, se anteriormente no texto o autor tivesse se identificado, o pronome deixaria de ter função exofórica, para ter função endofórica/anafórica: “Sou Maria. Meu filho fez algumas tatuagens pelo

corpo".

Resumindo: O pronome terá função exofórica toda vez que buscar informações que devem ser deduzidas a partir do texto: Quem? (autor do texto) Quando? (quando o texto foi produzido) Onde? (onde se produziu o texto)

Antes de resolvermos algumas questões de concursos anteriores, vamos fixar os conceitos estudados. Classifique os pronomes em destaque segundo a função textual que eles desempenham, com a ajuda do código abaixo:

(a) função anafórica

(b) função catafórica

(c) função exofórica

1. "[...] a habitação conjugal, e a **essa** se recusa a voltar." (Art. 234 – Código Civil)

   Comentários: O pronome retoma informação que foi dita anteriormente – a habitação conjugal.

   Resposta: função anafórica.

2. **Este** sempre foi seu objetivo – a aprovação.

   Comentários: O pronome menciona uma informação que virá adiante no texto – *a aprovação*.

   Resposta: função catafórica.

3. "Salvo disposição especial **deste** código e não tendo sido ajustado da época para o pagamento, o credor pode exigi-lo imediatamente."

   Comentários: A palavra **deste** está vinculada ao código onde se encontra tal artigo – depende de informação que está fora do texto: função exofórica. Já o pronome **o** (-lo) remete ao vocábulo <u>pagamento</u>.

   Resposta: função anafórica.

4. "A cessão de crédito não vale em relação ao devedor, senão quando a este notificada [...]"

   Comentários: O pronome retoma o que foi dito anteriormente – *o devedor*.

   Resposta: função anafórica.

5. Este país não tem mais jeito, é o que repetem usualmente nossos conterrâneos.

   Comentários: O pronome depende do local de produção do texto.

   Resposta: função exofórica.

6. "Cabe ao juiz suprir a outorga da mulher, quando esta a denegue sem motivo justo, ou lhe seja impossível dá-la (arts. 235, 238 e 239)." (Art. 237 – Código Civil)

Comentários: O pronome retoma informação do texto – a mulher.

Resposta: função anafórica.

7. "… o alerta do Departamento de Estado americano a agências de turismo dos Estados Unidos, divulgado no início deste mês…"

Comentários: A palavra *deste* está vinculada ao momento em que o texto foi produzido.

Resposta: função exofórica.

9.8. PRONOMES RELATIVOS

Os pronomes relativos referem-se a um termo anterior chamado antecedente (um substantivo ou pronome substantivo). Dão início às orações adjetivas – restritivas ou explicativas, assunto que estudaremos mais detalhadamente no Capítulo 12 (Predicação verbal).

Ex.: O livro **que você ganhou** é novo.

Oração subordinada adjetiva restritiva

"O homem, **que é mortal**, tem alma imortal."

Oração subordinada adjetiva explicativa

Aparecem como pronomes relativos:

• **Que**, **o qual** (e flexões): quando o antecedente for *coisa* ou *pessoa;*

• **Quem**: quando o antecedente for *pessoa*. Sempre antecedido de preposição;

• **Cujo** (e flexões): entre dois substantivos indicando ideia de *posse*; não deve vir seguido de artigo;

• **Onde**: quando o antecedente indica *lugar*;

• **Como**: quando o antecedente forem as palavras *modo*, *maneira*…

• **Quando**: quando o antecedente dá ideia de *tempo*;

• **Quanto**: quando o antecedente dá ideia de *quantidade.*

Importante:

Ao usar os relativos, devemos observar dois pontos importantes:

a) quando usar os relativos *que, quem, cujo* etc. (veja acima);

b) reparar se o termo que vem **após** o relativo pede preposição.

Este é o livro **que** ganhei. (que = o livro; eu ganhei <u>o livro</u>)

Este é o livro **a que** me referi. (que = ao livro; eu me referi <u>ao livro</u>)

Vamos fixar as regras de uso dos pronomes relativos?

Sublinhe a(s) forma(s) que completa(m) a lacuna:

1. O assunto _____ me referi não foi este. (que – a que – ao qual – o qual – a quem)

Comentários: O relativo *que* é usado para coisa ou pessoa: "o assunto que...". Como o verbo *referir-se* pede preposição *a*, temos "O assunto **a que me referi**". Lembre-se: *que* e *quem* podem ser trocados por *o qual*, *a qual*, *os quais*, *as quais*. Como o **antecedente** do relativo é masculino singular (*assunto*), usaremos *o qual*. Com a preposição do *referir-se*, **a**o qual. As duas formas estão corretas.

Resposta: a que, ao qual.

2. Aí está a pessoa _____ me apaixonei. (quem – por quem – pela qual – que – a quem)

Comentários: Como o **antecedente** é pessoa, de preferência usa-se **quem**. O verbo *apaixonar--se* rege preposição *por:* eu me apaixonei **pela** pessoa, **por** alguém.

Resposta: por quem, pela qual.

3. Chegou o diretor _____ relatório ninguém gostou. (que – de que – cujo – o qual – de cujo)

Comentários: Aqui, aparecem dois substantivos (*diretor* e *relatório*). Há, entre eles, uma ideia de **posse** (o relatório **do** diretor). Com isso, o relativo a ser usado **só pode** ser *cujo*. Como o verbo da oração (*gostar*) pede preposição *de*, temos a forma **de cujo**.

Resposta: de cujo.

4. Esta é a cidade _____ eu morei. (onde – aonde – em que – na qual – donde)

Comentários: A palavra *cidade* indica o **lugar**. De preferência usaremos *onde*, mas, como esse vocábulo também pode se encaixar em "coisa" e não "pessoa", *que* e *a qual* também respondem à questão. Quanto à regência, o verbo *morar* pede preposição *em.* Nesses casos, quando o relativo a ser usado for *onde* e o verbo da oração pedir essa preposição, usaremos *onde* e não *aonde*. Repare que, com os relativos *que* e *a qual,* teremos *em que* e *na qual*, já que com esses pronomes o procedimento é igual ao dos exercícios anteriores.

Resposta: onde, em que, na qual

5. Esta é a cidade _____ gosto de ir sempre. (onde – aonde – a qual)

Comentários: Agora, o verbo *ir* pede preposição *a* (gosto de ir sempre *a*). Como o **antecedente** indica lugar, usaremos *onde* (*a* + *onde* = *aonde*).

Resposta: aonde.

6. Esta é a cidade _____ vêm os visitantes. (onde – aonde – donde – em que)

Comentários: Nessa construção, teríamos, na ordem direta, "Os visitantes vêm *de...*" (*de* + *onde* = *donde*).

Resposta: donde.

Uso de onde, aonde e donde: Onde: usaremos esse conectivo se a preposição exigida for em. Aonde: usaremos esse conectivo se a preposição exigida for a. Donde ou de onde: usaremos esse conectivo se a preposição exigida for de.

9.9. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Substitua os termos sublinhados pelos pronomes pessoais adequados. Lembre-se: o pronome **reto** substitui o **sujeito**. Já o **oblíquo** substitui o **complemento**.

1. Entregou os documentos necessários? (os / eles / lhes)
2. Continuam as acusações ao Judiciário. (nas / elas)
3. Os processos muito demorados constituem afastamento da regra geral. (no / ele)
4. De seu esforço e força de vontade emergem os trabalhadores. (nos / eles)
5. Pagaram ao funcionário as suas férias? (lhe / a ele / ele)
6. Encontrou um grupo de desconhecidos. (o / ele / lhe)
7. Pusemos o livro na estante. (lo / ele)
8. Brotam as flores por toda parte. (nas / elas / lhes)
9. É necessário fechar suas fronteiras. (las / elas)
10. O país toma medidas protecionistas. (as / elas)
11. É fundamental defender o contribuinte. (lo / ele / lhe)
12. Estamos obrigados a liquidar a fatura. (la / ela / lhe)
13. A enorme variedade de canções de Noel, quase todas produzidas em cerca de seis anos, havia conferido genialidade ao artista. (ela / a ela)
14. Uma vez que tal medida implica transformações lesivas ao egoísmo do "establishment". (as / elas)
15. Pobre é a vida de um homem. (ela / a ela)
16. Na favela, tal como está organizada, reproduz-se semelhante estrutura. (na / lhe / ela)
17. Foi então que surgiu o problema. (o / ele / lhe)
18. Esses momentos históricos apresentam facetas negativas. (nas / elas / lhes)
19. Mandei o mordomo entrar. (ele / o)

20. Fez o amigo pagar a conta. (lo / ele)

II. Complete com eu / mim / tu / ti.

1. Para _____ nada mais interessa.
2. Para _____ chegar a tempo, peguei um táxi.
3. Por _____ todos hão de se classificar.
4. Aquele livro é para _____ leres.
5. Entre _____ e você tudo acabou.
6. Entre _____ e os teus amigos, já não há divergências.
7. Entre _____ pedir e você acatar, que distância!
8. Ela é mais aplicada do que _____.
9. Ele chegou antes de _____ sair.
10. Não sei se ela sentiu a mesma estranheza que _____.
11. Isto não é trabalho para _____ fazer.
12. É difícil para _____ acreditar em tuas palavras.
13. As reivindicações chegaram até _____.
14. Até _____ acreditei nas palavras do nosso ministro.
15. Para _____, arranjar patrocinador não será difícil.
16. Para _____ compreender o filme, tive de assistir a uma nova sessão.

III. Supondo-se que você queira se dirigir a um juiz, utilizando uma linguagem correta e adequada, faça as devidas alterações nos trechos a seguir:

1. Meritíssimo Juiz, Sua Excelência deveis saber que o réu é pessoa que goza de merecido prestígio entre empresários, pois já tomastes conhecimento pelos órgãos da imprensa de seus inúmeros empreendimentos.

_____

_____

_____

2. Pelo que dizeis em vossa bem escrita sentença, foram os meus atos que vos deram o discernimento que manifestastes em vossa decisão.

_____

_____

IV. Classifique os pronomes em destaque como reflexivos ou recíprocos.

1. Olhou-**se** no espelho e assustou-**se** com seu olhar doentio.

2. Os namorados olhavam-**se** apaixonadamente.

3. Eles **se** vestiram rapidamente.

4. Eles **se** cumprimentaram na rua.

5. As mulheres **se** afastaram das mesas.

6. O médico vê-**se** estendido no chão.

7. Os meninos sempre **se** ajudam.

V. Use o pronome oblíquo entre parênteses de todas as formas possíveis. Havendo caso de mesóclise, escreva ao lado a forma correta.

1. A torcida _____ aplaudiu _____ com entusiasmo. (o)

2. Ele _____ trancou _____ no quarto. (se)

3. _____ explicarei _____ todo o serviço. (te)

4. _____ seria _____ muito útil usar esse argumento. (me)

5. Gritei para _____ alertar _____. (os)

6. Não _____ vá _____ tão cedo; _____ custa _____ ficar mais? (se / lhe)

7. Quem _____ chamou _____? (te)

8. Se você chegar agora, _____ encontrará _____ satisfeito. (me)

9. Deus _____ pague _____! (lhe)

10. Se ninguém _____ disse _____ a verdade, e se precisei lutar para _____ encontrar _____, nada _____ falou _____ a respeito. (me / a / se)

11. Maria, _____ diga _____ a verdade. (me)

12. _____ Informaram _____ da decisão.(me)

13. _____ Revelarias _____ o sonho de Maria? (nos)

14. _____ Encontraremos _____ com Maria. (nos)

15. Ninguém _____ falou _____ de Maria. (nos)

16. Quem _____ teria _____ contado _____ o segredo? (lhe)

17. _____ Teriam _____ contado _____ o segredo? (lhe)

18. Se _____ reporta _____ a crimes comuns, o *impeachment* _____ reduz _____ a uma espécie de licença para o julgamento do presidente pelo Supremo Tribunal Federal. (se / se)

19. Não é o PT que _____ vai _____ ensinar _____ oposição. (me)

20. Se eu vou lá na comissão, de visita, garanto que _____ não _____ transmitem _____ informações. (me)

21. No caso do motorista, o senhor não _____ está julgando _____? (o)

22. _____ Diriam _____ vocês a verdade, se _____ perguntasse _____ sobre o procedimento de certos políticos? (me / lhes)

23. Já o mesmo não _____ pode _____ dizer _____ de um serviço de bondes. (se)

24. Já o mesmo não _____ deveria _____ dizer _____ de um serviço de bondes. (se)

25. Ninguém _____ daria _____ bem naquele emprego. (se)

VI. Identifique nas frases a seguir os antecedentes dos pronomes relativos em destaque:

1. Agora mesmo está nas telas uma risonha Regina Duarte grata à confiança **que** a população deposita nos Correios. (_____)

2. O festival de autocongratulação consumiu boa parte dos 120 milhões de reais **que** o governo (só a administração direta) gastou no ano passado. (_____)

3. Há muitas comparações **que** não deixam dúvidas sobre o que produz melhores resultados. (_____)

4. ... ou muito menos para anunciar a existência de uma Ouvidoria **que** acolhe queixas da população contra barbaridades policiais? (_____)

5. Basta dar uma espiada no panorama nacional, em **que** pululam temas para campanhas... (_____)

6. Canudos nasceu com o nome de Belo Monte, fundada por Antônio Conselheiro, a **quem** os sertanejos de toda a região atribuíam poderes de cura, poderes divinos. (_____)

7. A cidade, **cuja** infraestrutura de saneamento era quase inexistente, chegou a abrigar 25 mil pessoas em 5.200 casas, segundo o levantamento do Exército, feito após a guerra. (_____)

8. Formou-se ao seu redor um importante e complexo polo religioso e comercial **que** atraía gente de todas as partes. (_____)

9. "A televisão é a amiga dos entrevados, dos abandonados, dos **que** a vida esqueceu para um canto." (_____)

10. Os fonemas de uma língua costumam ser representados por uma série de sinais gráficos denominados letras, **cujo**

conjunto forma a palavra. (_____)

11. "… há no meu corpo um incêndio **que** queima sem esperança / a própria terra **que** piso vira um abismo e me come / corre em meu sangue um veneno, veneno **que** tem teu nome." (Ferreira Gullar)

1o que – _____

2o que – _____

3o que – _____

12. Noel Rosa procurou escrever sobre tudo **quanto** expressasse o jeito de ser carioca. (_____)

13. Não se pode transmitir o **que** a mente não criou. (_____)

VII. Sublinhe a(s) forma(s) que completa(m) a lacuna.

1. "Existe alguém esperando por você _____ vai comprar sua juventude." (que – a que – ao qual – o qual – a quem)

2. "Recebia em casa dois jornais locais, _____ leitura demorava mais de uma hora." (cuja – em cuja – em que)

3. "O que lhe movia o coração era o amor, a quase obsessão pelo Brasil e seu povo, _____ futuro sempre acreditou com veemência e combatividade…" (que – em que – cujo – em cujo – onde)

4. "Tudo é belo naquilo _____ amamos. Tudo o _____ amamos tem espírito." (que – quem – quanto – como – cujo) (que – onde – como – quando)

5. Compreendo a maneira _____ ele se mostra. (em que – onde – quando – cujos – como)

6. "Estava sentado numa mesa _____ havia uma pilha de livros." (que – onde – sobre a qual – à qual – aonde)

7. Marcelo é o professor _____ sempre admirei. (que – quem – a quem – a qual – a que)

8. "Na casa dela mora um quadro _____ eu pintei." (quem – por quem – pela qual – que – a quem)

9. "Tinha entre os dentes um alvíssimo palito _____ ponta mastigava." (que – de que – cuja – o qual – de cujo)

10. Foi demitido o analista _____ ideias não concordava. (cujo – cujas – com cujas – cujas as – com cuja as)

11. Aquela é a livraria _____ Ana trabalhava e _____ sou cliente. (onde – aonde – em que – na qual – donde) (onde – de que – da qual – cujo)

12. Búzios é a cidade _____ gosto sempre de ir. (onde – aonde – a qual – para a qual – que)

13. Não se descobriu o esconderijo _____ os sequestradores escaparam. (onde – aonde – donde – em que –

do qual)

14. "O caso que vou relatar comprova, como disse alguém _____ nome não recordo, que a verdade é mais estranha que a ficção." (onde – o qual – cujo – de cujo)

15. "O caso que vou relatar comprova, como disse alguém _____ nome não lembro, que a verdade é mais estranha que a ficção." (onde – o qual – cujo – de cujo)

16. "O caso que vou relatar comprova, como disse alguém _____ nome não me esqueci, que a verdade é mais estranha que a ficção." (onde – o qual – cujo – de cujo)

17. "O crime para Forrester é o silêncio ou o 'discurso lacunar' _____ se valem os donos do poder para preservar suas riquezas." (de que – de quem – cujo – de cujo)

18. "A prioridade não é o bem-estar ou a sobrevivência das populações, mas sim o 'andamento dos mercados', o lucro e seu horror, _____ só interessa ou só é 'útil' o homem que for rentável." (no qual – em que – ao qual – onde)

19. Deram-me ontem um novo endereço da loja, _____ referências não foram boas. (que – cujas – cujas as – a que)

20. "… como em Santa Marta, _____ quadra ministros das várias religiões e líderes comunitários vão estar reunidos…" (onde – aonde – cuja – em cuja – com cuja)

Gabarito: I – 1. Entregou-os; 2. Continuam elas, ou, na ordem, Elas continuam; 3. constituem-no; 4. emergem eles ou Eles emergem; 5. Pagaram-lhe ou Pagaram a ele; 6. Encontrou-o; 7. Pusemo-lo; 8. Brotam elas ou Elas brotam; 9. fechá-las; 10. tomas-as; 11. defendê-lo; 12. liquidá-la; 13. Ela; 14. Implica-as; 15. Ela; 16. reproduz-se ela ou ela se reproduz; 17. surgiu ele ou ele surgiu; 18. apresentam-nas; 19. Mandei-o; 20. Fê-lo. **II** – 1. mim; 2. eu; 3. mim; 4. tu; 5. mim; 6. ti ou mim; 7. eu; 8. eu; 9. eu; 10. eu; 11. eu; 12. mim; 13. mim; 14. eu; 15. mim; 16. eu. **III** – 1. Vossa Excelência <u>deve</u> saber… já <u>tomou</u>; 2. Pelo que <u>diz</u> em <u>sua</u>… que <u>lhe</u> deram… <u>manifesta</u> em <u>sua</u>. **IV** – 1. pron. reflexivo / pron. reflexivo; 2. pron. recíproco; 3. pron. reflexivo ou recíproco (depende do contexto); 4. pron. recíproco; 5. pron. reflexivo; 6. pron. reflexivo; 7. pron. recíproco. **V** – 1. o aplaudiu ou aplaudiu-o; 2. se trancou (mais adequado. ou… trancou-se; 3. Explicar-te-ei; 4. Ser-me-ia; 5. para os alertar ou alertá-los; 6. Não se vá; custa-lhe; 7. Quem te chamou?; 8. encontrar-me-á; 9. Deus lhe pague! (próclise com expressões que indicam desejo); 10. me disse / para a encontrar ou encontrá-la / nada se falou…; 11. diga-me; 12. Informaram-me; 13. Revelar-nos-ias; 14. Encontrar-nos-emos; 15. Ninguém nos falou; 16. Quem lhe teria ou Quem teria lhe contado; 17. Ter-lhe-iam ou Teriam lhe contado; 18. Se se reporta… / se reduz ou reduz-se; 19. que me vai ou que vai me ensinar ou que vai ensinar-me; 20. que me não ou que não me transmitem; 21. não o está ou não está julgando-o; 22. Dir-me-iam / se lhes perguntasse…; 23. não se pode ou não pode se dizer ou não pode dizer-se; 24. não se deveria ou não deveria se dizer ou não deveria dizer-se; 25. Ninguém se daria. **VI** – 1. confiança; 2. milhões; 3. comparações; 4. Ouvidoria; 5. panorama; 6. Antônio Conselheiro; 7. cidade; 8. polo; 9. os (= pron. demonstrativo); 10. sinais; 11. incêndio / terra / veneno; 12. tudo; 13. o (= pron.

demonstrativo). **VII** – 1. que / o qual; 2. em cuja; 3. em cujo; 4. que / que; 5. como; 6. sobre a qual; 7. que / a quem; 8. que; 9. cuja; 10. com cujas; 11. onde / em que / na qual; de que /da qual; 12. aonde / para a qual; 13. donde / do qual; 14. cujo; 15. cujo; 16. de cujo; 17. de que; 18. ao qual; 19. cujas; 20. em cuja.

9.10. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

1. (Cesgranrio) Na oração: '**Certos** amigos não chegaram a ser jamais amigos **certos**.' Os termos em destaque são respectivamente:

a) adjetivo e pronome adjetivo.

b) pronome adjetivo e adjetivo.

c) pronome substantivo e pronome adjetivo.

d) pronome adjetivo e pronome indefinido.

e) adjetivo anteposto e adjetivo posposto.

Comentários:

Em sua primeira ocorrência, a palavra *certos* se refere a um substantivo, indicando ideia vaga, generalizando. É o mesmo que *alguns amigos*. Logo, é um pronome adjetivo indefinido (*adjetivo* porque vem ao lado do substantivo). Na sua segunda ocorrência, a palavra *certos* continua se referindo a um substantivo, só que vem qualificando-o: é o mesmo que *amigos corretos*, *verdadeiros*. É, portanto, adjetivo.

Resposta: B. (Observe que, na letra B, a banca teve a "maldade" de não dizer pronome adjetivo indefinido, e sim pronome adjetivo, o que dá no mesmo…)

2. (Cesgranrio) Considere as afirmações a seguir sobre o emprego dos pronomes nas frases.

I. "O vento da noite cortava-**lhes** o lombo." – Pronome pessoal com sentido possessivo.

II. "Os pescadores de largo curso olhavam para eles com **certo** desprezo." – Pronome indefinido atenuando o sentido do substantivo **desprezo**.

III. "Era como se **todo** o mundo se aproximasse para aconchegá-los." – Pronome indefinido **todo** equivalendo a **qualquer**.

É(São) verdadeira(s), **APENAS**, a(s) afirmação(ões):

a) I

b) II

c) III

d) I e II

e) II e III

Comentários:

No item I, o pronome oblíquo refere-se ao substantivo *lombo*, indicando valor de posse. É o mesmo que "O vento da noite cortava o *seu* lombo". No item II, o pronome *certo* tem valor de *algum*, indica ideia vaga e, semanticamente, dá leveza ao substantivo *desprezo*, atenuando seu valor negativo. Já no item III, o pronome *todo* não equivale a *qualquer*, e sim a *inteiro*. O que se quer afirmar na frase é que *o mundo inteiro se aproximava para aconchegá-los*, e não *qualquer pessoa se aproximava para aconchegá-los*. O pronome *todo* teria sentido de *qualquer* se não fosse seguido do artigo o ("todo mundo se aproximasse para aconchegá-los").

Resposta: D.

Atenção: Não confunda todo mundo com todo o mundo. Nesse caso, a inserção do artigo muda o sentido da frase! Todo o mundo quer dizer o mundo inteiro e todo mundo quer dizer qualquer pessoa.

3. (TRT) A colocação das palavras e das expressões na construção frasal leva o leitor a perceber, em alguns casos, significados diversos. É o caso das expressões assinaladas, nas frases abaixo.

O candidato leu todo o Edital do concurso.

Todo Edital de concursos deve ser lido pelos candidatos.

O significado correto, respectivamente, dessas expressões está em:

a) O Edital inteiro/parte do Edital.

b) Parte do Edital/o Edital inteiro.

c) Qualquer Edital/parte do Edital.

d) O Edital inteiro/qualquer Edital.

e) Parte do Edital/o Edital inteiro.

Comentários:

Conforme o enunciado, a inserção de palavras na frase é capaz de modificar por completo o seu sentido. Foi o que ocorreu nas frases do enunciado, em que a inserção do artigo implicou alteração semântica na frase.

Resposta: D.

4. (Petrobras) "em todas as épocas e em todo o mundo"; a alternativa em que houve troca indevida entre as expressões "todo mundo" e "todo o mundo" é:

a) O jogador percorreu todo o mundo.

b) O atleta falou com todo mundo para pedir desculpas.

c) Ele conhecia todo o mundo na festa.

d) Via todo o mundo em seus filmes.

e) Todo o mundo está poluído.

Comentários:

Como vimos, *todo o mundo* quer dizer *o mundo inteiro* e *todo mundo* é o mesmo que *todas as pessoas*. Na letra A, diz-se que o jogador percorreu o mundo inteiro. Na letra B, o atleta falou com todas as pessoas para se desculpar. Já na letra C, não é possível conhecer o mundo inteiro em uma única festa, e sim qualquer pessoa. Na letra D, vê-se o mundo inteiro nos filmes e, na letra E, diz-se que o mundo todo está poluído.

Resposta: C.

5. (NCE/TJ) "O hábito arraigado de separar o econômico do social, do político, do ético e do legal, de que é o exemplo de contrapor o 'mercado' ao 'social' – quase sempre denegrindo o **primeiro** e enaltecendo o **segundo** – é uma das causas...”; mantendo-se o sentido original, os termos sublinhados poderiam ser corretamente substituídos, respectivamente, por:

a) este / aquele

b) este / esse

c) aquele / este

d) aquele / esse

e) esse / este

Comentários:

O numeral ordinal **primeiro** retoma o substantivo **mercado**, que é o elemento mais distante no texto. Já o numeral **segundo** refere-se ao substantivo **social**, que é o elemento mais próximo. Lembre-se de que **esse**, com dois elementos, para fazer diferenciação entre o mais próximo e o mais distante, nunca deve ser utilizado!

Resposta: C.

Violência no Campo

José Saramago

No dia 17 de abril de 1996, no estado brasileiro do Pará, perto de uma povoação chamada Eldorado dos Carajás (Eldorado: como pode ser sarcástico o destino de certas palavras...), 155 soldados da polícia militarizada, armados de espingardas e metralhadoras, abriram fogo contra uma manifestação de camponeses que bloqueavam a estrada em ação de protesto pelo atraso dos procedimentos legais de expropriação de terras, como parte do esboço ou simulacro de uma suposta reforma agrária na qual, entre avanços mínimos e dramáticos recuos, se gastaram já cinquenta anos, sem que alguma vez tivesse sido dada suficiente satisfação aos gravíssimos problemas de subsistência (seria mais rigoroso dizer

sobrevivência) dos trabalhadores do campo. *Naquele dia*, no chão de Eldorado dos Carajás ficaram 19 mortos, além de umas quantas dezenas de pessoas feridas. (…)

"Naquele dia, no chão de Eldorado dos Carajás…".

6. O emprego de *naquele*, neste contexto:

a) indica que o dia referido na frase não deve ser confundido com outro.

b) mostra que o dia referido está distante no tempo.

c) assinala uma distância de lugar.

d) identifica o dia como algo a ser esquecido.

e) refere-se a um dia que o leitor desconhece.

Comentários:

Trata-se de uso do pronome demonstrativo que faz referência a uma informação, que está distante no tempo (dia 17 de abril de 1996). Logo, *naquele* está sendo usado para indicar um passado distante. Muitos alunos, ao errar, marcariam a letra A, que só caberia se houvesse dois dias anteriormente referidos no texto, o que não foi o caso.

Resposta: B.

7. (FCC/ANS – Técnico) … *os peixes morrem e boiam na superfície. Quem chega muito perto fica com os olhos ardendo e algumas pessoas têm dificuldade para respirar. Esses são alguns dos efeitos das marés vermelhas…*

Ao introduzir a frase transcrita acima, o pronome demonstrativo grifado:

a) antecipa a conceituação necessária para o fenômeno que é o assunto do texto.

b) estabelece uma repetição enfática, porém desnecessária, dos fenômenos já citados.

c) especifica o tempo e o espaço em que ocorrem os fenômenos antes citados.

d) indica a retomada dos fenômenos antes relacionados, em uma referência única.

e) redistribui as consequências dos fenômenos assinalados, acentuando seu efeito nas pessoas.

Comentários:

Trata-se de uso do pronome demonstrativo que se refere a informações citadas anteriormente no texto. Assim, eliminam-se automaticamente as letras C e E. A letra B apresenta erro quando menciona que a repetição dos fenômenos citados é desnecessária – ela é um recurso coesivo bastante útil no texto.

Resposta: D.

8. (FCC / TRT – Técn. Judic.) Assinale, entre as frases abaixo, elaboradas a partir do tema do texto, aquela em que se deveria usar ESTE(A) ou NESTE(A), em vez de ESSE(A) ou NESSE(A):

a) Li a regulamentação publicitária. E, nesse instante, compreendi-a melhor.

b) Ainda repercute aqui, nesse cérebro, a culpa de ter feito o anúncio prejudicial.

c) As leis foram publicadas e contra essa publicação se voltaram os anunciantes.

d) Se vocês, publicitários, conhecessem melhor essa regulamentação que está diante de seus olhos, não teriam errado.

e) As recomendações aí estão e são essas a que devemos obedecer.

Comentários:

Na letra A, o pronome demonstrativo *nesse* está adequadamente retomando o que foi dito anteriormente no texto. Já na letra B, o pronome, por apontar para algo que está perto do falante – trata-se do *seu cérebro* – deveria ser *neste* e não *nesse*. Na letra C, o pronome está adequadamente retomando o que foi dito anteriormente, daí utilizar-se *essa*. Na letra D, o pronome aponta para o que está perto do ouvinte – *essa regulamentação…diante de seus olhos* e, na letra E, a mesma situação se repete – *as recomendações aí estão*.

Resposta: B.

9. (NCE / TJ) O vocábulo *atual*, presente na primeira frase do texto, tem seu significado dependente do momento de produção do texto; a frase em que NÃO aparece um elemento do mesmo tipo é:

a) "Recentemente, porém, trata-se da independência da ciência e da técnica."

b) "Agora, esta realidade se estende a todo o Terceiro Mundo."

c) "Agora mundializado, o espaço geográfico redefine-se pela combinação desses signos."

d) "é frequentemente chamada de período técnico-científico."

e) "De um lado, o período atual vem marcado por uma verdadeira unicidade técnica…"

Comentários:

Pela leitura do enunciado, percebe-se que a banca busca um vocábulo com função exofórica, quando diz que tal vocábulo *tem seu significado dependente do momento de produção do texto*. Ora, o que se quer é a única frase que não apresente um vocábulo do mesmo tipo. Na letra A, o advérbio *recentemente* está vinculado ao momento em que o texto foi produzido. Nas letras B e C, o mesmo ocorre com o advérbio *agora*: ele possui, em ambas, função exofórica. Na letra D, o advérbio *frequentemente* não depende de quando se produziu o texto – trata-se de algo que ocorre com bastante frequência, independentemente do tempo. No entanto, a letra E apresenta o adjetivo *atual*, vinculado à época de produção do texto.

Resposta: D.

10. (FGV / Pol. Civil) Em texto da *Folha de São Paulo*, um morador das margens de uma grande rodovia declarava o seguinte: "Hoje já passaram por aqui milhares de caminhões e automóveis, mas eu e minha família já estamos habituados com isso; os garotos até brincam, jogando pedra nos pneus."

Há, nesse texto, um conjunto de palavras cujo significado depende da enunciação, ou seja, da situação em que o texto foi produzido. Entre as alternativas abaixo, aquela que indica um termo que não está nesse caso é:

a) hoje

b) aqui

c) eu

d) minha família

e) isso

Comentários:

Pelo que se depreende do enunciado, todas as alternativas – exceto uma – apresentam vocábulos com função exofórica. Na letra A, o advérbio *hoje* depende do momento de produção textual. Na letra B, o advérbio *aqui* está vinculado ao local onde o texto foi produzido. Nas letras C e D, *eu* e *minha família* dependem do enunciador do texto, logo possuem também função exofórica. Já a letra E apresenta o pronome demonstrativo *isso* que retoma informação anteriormente mencionada no texto – "hoje já passaram por aqui milhares de caminhões e automóveis", possuindo, portanto, função anafórica, e não exofórica.

Resposta: E.

11. (FCC / Anac) O segmento do texto em que o termo destacado se refere textualmente a um elemento anteriormente expresso, e não a um elemento posterior, é:

a) Parece possível distinguir duas tendências fundamentais na reação ao grupo estranho: uma de admiração e aceitação, outra de desprezo e recusa. Aparentemente, quase todos os seres humanos apresentam <u>essas</u> duas tendências fundamentais.

b) … pois supomos entender que <u>os</u> que falam a nossa língua têm um passado comum conosco …

c) e também sabem <u>o</u> que esperar de nós…

d) Sentimos que <u>aqueles</u> que mais nos conhecem…

e) … capazes de ignorar <u>o</u> que de melhor trazemos.

Comentários:

Podemos observar, pelo enunciado, que a banca busca um vocábulo com função anafórica (*um elemento anteriormente expresso*), e não catafórica (*um elemento posterior*). A letra A apresenta um demonstrativo que retoma as *duas tendências* citadas na primeira linha do trecho, tendo, portanto, função anafórica. Nas alternativas seguintes, os pronomes demonstrativos destacados apontam para informações que vêm logo a seguir no texto: *os* aponta para *que falam a nossa língua*; *o* indica *que esperar de nós*; *aqueles* aponta para *que mais nos conhecem* e *o*, para *que de melhor trazemos*. Todos, exceto um, têm função catafórica.

Resposta: A.

12. (TRF – Analista Judiciário) Dentre as frases a seguir, aquela em que o pronome relativo está mal-empregado é:

a) A pesquisa histórica é tarefa cuja realização se deve aos grandes historiadores.

b) O estudo das fontes históricas, o qual tanto atrai os historiadores, é tão importante quanto o da própria História.

c) Analisou tantos fatos quantos pudessem interessar à pesquisa histórica.

d) Às vezes, verificam-se fatos históricos que os historiadores não conseguem determinar suas causas.

e) O modo como a pesquisa histórica evolui às vezes surpreende o próprio historiador.

Comentários:

Ao se usar o pronome relativo devemos, antes de tudo, observar o **antecedente**, como vimos na teoria. Na letra A, o relativo *cuja* aparece entre dois substantivos indicando posse (realização da tarefa). Na B, o pronome relativo *o qual* vem antecedido do núcleo *estudo* (coisa). Na letra C, o pronome relativo *quantos* vem antecedido de *tantos* (indicando quantidade). Na letra D, o pronome relativo *que* não está adequado ao sentido da frase. Nela observamos a ideia de posse (causas dos fatos). Logo, a frase correta seria: " Às vezes, verificam-se fatos históricos **cujas causas** os historiadores não conseguem determinar". Na letra E, o **antecedente** do relativo *como* é a palavra *modo*. Nesses casos, quando os antecedentes são as palavras *modo*, *maneira*, *forma*, o relativo adequado é *como*.

Resposta: D.

9.11. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (FCC – TRE-AP – Técnico Judiciário – Administrativo – 2015)

Michelangelo resistiu a pintar a capela...

...que afligem os seres humanos...

O jovem Michelangelo penou para demonstrar o valor de seu gênio...

Fazendo-se as alterações necessárias, os elementos sublinhados acima foram corretamente substituídos por um pronome, respectivamente, em:

a) lhe pintar – lhes afligem – o demonstrar

b) pintar-lhe – afligem-nos – demonstrar-lhe

c) pintá-la – afligem-lhes – demonstrá-lo

d) pintá-la – os afligem – demonstrá-lo

e) pintar-lhe – os afligem – lhe demonstrar

2. (FCC – Manausprev – Analista Previdenciário – 2015)

Considere:

recuperar esse valor intrínseco

mostram numerosas oportunidades

compreender seus mecanismos

Fazendo-se as alterações necessárias, os segmentos sublinhados acima foram corretamente substituídos por um pronome, na ordem dada, em:

a) o recuperar – mostram-lhes – os compreender

b) lhe recuperar – as mostram – compreendê-los

c) recuperar-lhe – mostram-nas – compreender-lhes

d) recuperá-lo – mostram-nas – compreendê-los

e) recuperá-lo – lhes mostram – lhes compreender

3. (FCC – TJ-AP – Técnico Judiciário – Judiciária e Administrativa – 2014)

Considere o seguinte enunciado:

A jornalista Eliane Brum aproximou-se das parteiras amapaenses e ***entrevistou as parteiras amapaenses*** *para* ***apresentar as parteiras amapaenses*** *ao restante do Brasil.*

Para eliminar as repetições viciosas, as expressões destacadas devem ser substituídas, de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, respectivamente, por:

a) as entrevistou – lhes apresentar

b) entrevistou-nas – as apresentar

c) entrevistou-as – apresentá-las

d) entrevistou-lhes – apresentar-lhes

e) lhes entrevistou – apresentar-nas

4. (FCC – SEFAZ-PE – Auditor Fiscal do Tesouro Estadual – 2014)

A substituição do elemento grifado pelo pronome correspondente foi realizada de modo INCORRETO em:

a) pôs em evidência o fator comum = pô-lo em evidência

b) eliminou imediatamente a variante = eliminou-na imediatamente

c) arremedar a marcha desgovernada de um tabético = arremedá-la

d) trocou por outras as botinas escarrapachadas = trocou-as por outras

e) ela destruía a unidade física do tipo = ela a destruía

5. (Copergás/PE – Téc. Seg. Trabalho – FCC – Jul./2016)

A frase escrita conforme a norma-padrão da língua portuguesa é:

a) Permita-me perguntar a ti, prezado senhor: se o sol apaga, nós sobrevivêramos?

b) Permita-me prezado, senhor, perguntar-te: se o sol apagava, nós sobreviveríamos?

c) Permita-me, prezado senhor, perguntar-lhe: se o sol apagar, nós sobreviveremos?

d) Permita-me, prezado senhor perguntar-vos: se o sol apagasse, nós sobrevivemos?

e) Permita-me perguntar, a vós prezado senhor: se o sol tivesse apagado, nós sobrevivíamos?

Leia o texto a seguir para responder à questão 6.

Texto CB2A2AAA

É inegável que o Estado representa um ônus para a sociedade, já que, para assegurar o seu funcionamento, consome riquezas da sociedade. Representa, porém, um mal necessário, pois até agora não se conseguiu arquitetar mecanismo distinto para catalisar a vida em comunidade. Então, se do Estado ainda não pode prescindir a civilização, cabe-lhe aprimorá-lo, buscando otimizar o seu funcionamento, de modo a torná-lo menos oneroso, mais eficiente e eficaz.

O bom funcionamento do Estado, que inclui também o bom funcionamento de suas estruturas encarregadas do controle público (Ministério Público, Poder Legislativo e tribunais de contas, entre outros), vem sendo alçado à condição de direito fundamental dos indivíduos. Pressupõe, notadamente sob as luzes do princípio constitucional da eficiência, os deveres de cuidado e de cooperação.

O dever de cuidado é consequência direta do postulado da indisponibilidade do interesse público. Em decorrência desse postulado, todo agente público tem o dever de, no cumprimento fiel de suas atribuições, perseguir o interesse público manifesto na Constituição Federal e nas leis. Conduz, portanto, à ideia de vedação da omissão, já que deixar de cumprir tais atribuições evidenciaria conduta ilícita.

O dever de cuidado conduz, ainda, a uma ampla interação entre as estruturas públicas de controle, ou seja, é um dever de cooperação, não como faculdade, mas como obrigação que, em regra, dispensa formas especiais, como previsões normativas específicas, convênios e acordos.

Sob essa perspectiva, o controle público do Estado deve incorporar à sua cultura institucional o compromisso com o direito fundamental ao bom funcionamento do Estado. Nesse contexto, os deveres de cuidado e de cooperação se impõem a todas as estruturas do Estado destinadas a promover o controle da máquina estatal.

A observância do dever de cuidado e do de cooperação – traduzida, portanto, na atuação comprometida e concertada das estruturas orientadas para a função de controle da gestão pública – deve promover, entre os agentes e órgãos de controle, comportamentos de responsabilidade e responsividade. Por responsabilidade entenda-se o genuíno compromisso com a integralidade do ordenamento jurídico, o que pressupõe, acima de tudo, o reconhecimento de um regime de vedação da omissão. Responsividade, por sua vez, traduz o comportamento orientado a oferecer respostas rápidas e proativas, impregnadas de verdadeiro compromisso com a ideia-chave de promover o bom funcionamento do Estado.

Diogo Roberto Ringenberg. Direito fundamental ao bom funcionamento do controle público. In: *Controle Público*, nº 10, abr./2011, p. 55 (com adaptações).

6. (TCE-SC – Aud. Fiscal-Administ. – Cespe – Maio/2016)

Com relação às estruturas linguísticas do texto **CB2A2AAA**, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

No terceiro período do texto, as formas pronominais “ lo”, em suas duas ocorrências – “ aprimorá-lo” e “ torná-lo” –, e “ seu” referem-se a “ Estado”.

Leia o texto a seguir para responder à questão 7.

Texto I

A moeda, como hoje é conhecida, é o resultado de uma longa evolução. No início, não havia moeda, praticava-se o escambo. Algumas mercadorias, pela sua utilidade, passaram a ser mais procuradas do que outras. Aceitas por todos, assumiram a função de moeda, circulando como elemento trocado por outros produtos e servindo para avaliar-lhes o valor. Eram as moedas-mercadorias. O gado, principalmente o bovino, foi dos mais utilizados. O sal foi outra moeda-mercadoria; de difícil obtenção, era muito utilizado na conservação de alimentos. Ambas deixaram marca de sua função como instrumento de troca no vocabulário português, em palavras como pecúnia e pecúlio, capital e salário.

Com o passar do tempo, as mercadorias se tornaram inconvenientes às transações comerciais, devido à oscilação de seu valor, pelo fato de não serem fracionáveis e por serem facilmente perecíveis, o que não permitia o acúmulo de riquezas. Surgiram, então, no século VII a.C., as primeiras moedas com características semelhantes às das atuais: pequenas peças de metal com peso e valor definidos e com a impressão do cunho oficial, isto é, a marca de quem as emitiu e garante o seu valor.

Os primeiros metais utilizados na cunhagem de moedas foram o ouro e a prata. O emprego desses metais se impôs, não só por sua raridade, beleza, imunidade à corrosão e por seu valor econômico, mas também por antigos costumes religiosos. Durante muitos séculos, os países cunharam em ouro suas moedas de maior valor, reservando a prata e o cobre para os valores menores. Esses sistemas se mantiveram até o final do século XIX, quando o cuproníquel e, posteriormente, outras ligas metálicas passaram a ser empregados e a moeda passou a circular pelo seu valor extrínseco, isto é, pelo valor gravado em sua face, que independe do metal nela contido.

Na Idade Média, surgiu o costume de guardar os valores com um ourives, pessoa que negociava objetos de ouro e prata e que, como garantia, entregava um recibo. Esse tipo de recibo passou a ser utilizado para efetuar pagamentos, circulando de mão em mão, e deu origem à moeda de papel. Com o tempo, da forma como ocorreu com as moedas, os governos passaram a conduzir a emissão de cédulas, controlando as falsificações e garantindo o poder de pagamento. Atualmente, quase todos os países possuem bancos centrais, encarregados das emissões de cédulas e moedas.

Disponível em: <www.bcb.gov.br> (com adaptações).

7. (CEF – Cespe – Técnico Bancário – 2014)

Julgue o próximo item, relativo às ideias expressas no texto e a aspectos linguísticos desse texto como Certo (C) ou Errado (E).

Em “ servindo para avaliar-lhes o valor” (l. 4), o pronome “ lhes”, que retoma “ outros produtos” (l. 3-4), equivale, em sentido, ao pronome **seu.**

Leia o texto a seguir para responder à questão 8.

Texto I

Muitas vezes, na divulgação midiática de pesquisas e projetos científicos, o profissional da área de comunicação tropeça em questões teóricas, não dá a devida importância para a pesquisa em si, põe em foco questões do processo de pesquisa que são irrelevantes para o projeto e para o pesquisador, ou mesmo propaga conhecimentos e crenças populares em vez de ser “ fiel” ao

trabalho do pesquisador. Já o pesquisador, ao escrever sobre seu projeto ou pesquisa, esquece por vezes que aqueles que lerão nem sempre têm conhecimento linguístico da área e utiliza uma linguagem não acessível a pessoas que não pertencem ao meio acadêmico e, dessa forma, dificulta a divulgação de sua pesquisa.

O jornalista está dentro de uma esfera que tem como foco a comunicação em si e não o que se comunica. O foco é uma linguagem acessível, interessante e que chame a atenção do público para comprar e consumir os textos e artigos que são escritos e, se for necessário, ele sacrifica o conteúdo em prol da atenção do público e da linguagem. Já o pesquisador está em uma esfera cujo foco é o conteúdo, o objeto de pesquisa e a pesquisa em si e, muitas vezes, ele sacrifica um grupo extenso de leitores ao empregar linguagem específica, científica e não acessível. Portanto, ao escrever, os dois profissionais têm de ter em mente que sua esfera de atividade humana e, por consequência, de comunicação, se torna mais complexa. O jornalista deve ter em mente que, quando escreve sobre um projeto científico, não atua apenas em sua área de atividade humana, a comunicação, mas na comunicação científica. O cientista ou pesquisador deve considerar que a divulgação de sua pesquisa não deve ser feita apenas para a comunidade científica, mas para o público em geral. Dessa forma, o pesquisador precisa constantemente pensar mais nesse público e, consequentemente, na linguagem utilizada. O jornalista, por sua vez, precisa ficar mais atento à pesquisa que está sendo divulgada. Cada um precisa aprender com o outro, permitindo-se entrar mais em uma esfera de atividade humana à qual não pertence originalmente. O principal motivo desse intercâmbio de intenções ao escrever é aumentar o acesso do público à ciência.

A academia não pode estar voltada apenas para seu público interno. É muito importante que as informações sejam divulgadas e não permaneçam circulando em um grupo fechado, até para que haja crescimento da própria comunidade científica.

Camila Delmondes Dias et al. Divulgando a arqueologia: comunicando o conhecimento para a sociedade. In: *Ciência e Cultura*. São Paulo, v. 65, nº 2, jun./2013. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br> (com adaptações).

8. (FUB – Nível Superior – Cespe – 2014)

Com referência às estruturas linguísticas do texto, julgue o item seguinte como Certo (C) ou Errado (E).

O pronome "sua" (l. 14) remete ao termo "os dois profissionais" (l. 13), que, por sua vez, se refere conjuntamente a "O jornalista" (l. 8) e a "o pesquisador" (l. 11).

9. (Basa – Médico do Trabalho – Cesgranrio – Set./2015 – Adaptada)

No trecho "deveriam ser serviços dirigidos por pessoas de inteira confiança do empresário e que se dispusessem a defendê-lo", o pronome oblíquo "o" exerce uma função coesiva, ao retomar, como seu referente, a expressão

a) fundador

b) serviço médico

c) trabalho

d) capital

e) empresário

10. (Basa – Médico do Trabalho – Cesgranrio – Set./2015 – Adaptada)

No trecho "A medicina do trabalho, enquanto especialidade médica", a palavra **enquanto** pode ser substituída, conforme a norma-padrão e sem mudança do sentido original da frase, por

a) onde

b) porém

c) todavia

d) como

e) assim

11. (ANP – Téc. Reg. Petr&Der – Cesgranrio – Jan./2016)

O pronome de tratamento está empregado de acordo com a norma-padrão em:

a) Vossa Excelência, que é assim tratado por ser presidente desta empresa, deveria proporcionar cursos de aperfeiçoamento aos seus funcionários interessados no mercado digital.

b) As medidas para a prevenção de doenças cardíacas foram acatadas por Sua Excelência, o Ministro da Saúde, com muita propriedade.

c) Senhor Bispo, solicitamos que Vossa Senhoria apresente os dados relativos ao encontro internacional da juventude, realizado no Brasil em 2014.

d) Os funcionários da Universidade não aceitaram a posição de Sua Eminência, o Reitor, sobre o período destinado às férias escolares.

e) Sua Excelência Reverendíssima, o padre, pediu que os coordenadores das atividades da paróquia comparecessem pontualmente à reunião.

12. (C.M. Marília-SP – Proc. Jurídico – Vunesp – Abril/2016)

_____uma aluna da Sorbonne que a recebesse para uma conversa que pudesse explicar o Brasil com apenas um título que _____ de roteiro para o trabalho que deveria apresentar. Já me pediram coisas extravagantes, recusei algumas, aceitei outras. Mas não _____ .

Em conformidade com a norma-padrão, as lacunas da frase devem ser preenchidas, respectivamente, com:

a) Pediu-me … serviria-lhe … lhe quis decepcionar

b) Me pediu … servir-lhe-ia … quis decepcioná-la

c) Pediu-me … lhe serviria … a quis decepcionar

d) Me pediu … o serviria … quis decepcionar-lhe

e) Pediu-me … serviria-o … quis decepcioná-la

13. (Unesp – Ass. Administrativo I – Vunesp – Abril/2016)

A alternativa em que os pronomes destacados estão empregados segundo a norma-padrão é:

a) Havendo brinquedos no playground, meninos podem escalar-**lhes**.

b) Na loja havia uma pia que funcionava de verdade, e meu filho se empolgou quando viu **ela**.

c) Cuidado com seu sapato de princesa, filha! Não vai sujar **ele**!

d) Com esse modo de pensar sobre as meninas nós fazemos-**lhes** infelizes.

e) Meninos são tidos como diferentes e vivências mais amplas **lhes** são permitidas.

14. (Unifesp – Técnico Seg. Trab. – Vunesp – Abril/2016)

Leia os quadrinhos.

(*Folha de S.Paulo*, 09.01.2016. Adaptado)

Em conformidade com a norma-padrão da língua portuguesa, as lacunas da fala da personagem, no primeiro quadrinho, devem ser preenchidas, respectivamente, com:

a) algum ... me livrar

b) o ... livrar eu

c) esse ... me livrar

d) um ... livrar eu

e) este ... me livrar

Leia o texto a seguir para responder à questão 15.

Texto I

Na Vila Telebrasília, onde mora, poucos conhecem Abiesel Alves Cavalcanti pelo nome completo. Lá ele é Bisa, o pescador. Há 35 anos, o pernambucano veio atrás do progresso na capital. Acompanhado pelo irmão, trouxe algumas roupas e a tarrafa, sua ferramenta de trabalho. “ Eu falei para o mano: se lá tem água, tem peixe. De fome a gente não morre”, lembra Bisa. O Lago Paranoá alimentou toda a sua família, composta de mulher e dez filhos. No começo, quando a pesca com tarrafa era proibida, Bisa saía na madrugada em uma canoa e trabalhava escondido. Depois, quando a captura com malha foi autorizada, ele se destacou entre os colegas. Chegava a voltar com até 300 quilos de peixe na embarcação. Hoje, o lago já não é tão abundante quanto há uma década e meia, mas ele ainda chega com o barco cheio. Entre tilápias, tucunarés, carpas e traíras, soma 250 quilos de peixe por semana e perto de dois mil reais por mês. Bisa rema quase sete horas para chegar até a altura da Ermida Dom Bosco e, às vezes, dorme na mata e retorna para casa só na manhã seguinte. “ É uma vida de muito trabalho, mas necessidade eu nunca passei”, diz o pescador.

Lilian Tahan. Vivendo de pescaria. In: *Veja Brasília*, 2/10/2013 (com adaptações).

15. (Cespe – ICMBIO – Médio – 2014)

Julgue o próximo item, relativo às ideias e às estruturas linguísticas do texto como Certo (C) ou Errado (E).

Na oração “ ele se destacou entre os colegas” (l. 7), é obrigatório o uso do pronome “ se” em posição pré-verbal, devido ao fator atrativo exercido pelo elemento que o antecede.

Leia o texto a seguir para responder à questão 16.

Texto I

Construímos coisas o tempo todo, mas como saberemos quanto tempo vão durar? Se construirmos depósitos para resíduos nucleares, precisaremos ter certeza de que os contêineres vão resistir até que o material dentro deles não mais seja perigoso. E, se não quisermos encher o planeta de lixo, é bom sabermos quanto tempo leva para que plásticos e outros materiais se decomponham. A única forma de termos certeza é submetendo esses materiais a testes de estresse por cerca de 100 mil anos para ver como reagem. Então, poderíamos aprender a construir coisas que realmente duram — ou que se decompõem de uma forma " verde". Experimentos submeteriam materiais ao desgaste e a ataques químicos, como variações de alcalinidade, e, ainda, alterariam a temperatura ambiente para simular os ciclos de dia e noite e das estações. Com as técnicas de simulação em laboratórios de que dispomos atualmente, por exemplo, não se pode prever como será o desempenho da bateria de um carro elétrico nos próximos quinze anos. As simulações de computador podem, por fim, tornar-se sofisticadas a ponto de substituir experimentos de longo prazo. Enquanto isso, no entanto, precisamos adotar cautela extra ao construirmos coisas que precisam durar.

Kristin Persson. Como os materiais se decompõem? In: *Scientific American Brasil*, s/d, 2013 (com adaptações).

16. (Cespe – ICMBIO – Superior – 2014)

Acerca de aspectos estruturais do texto e das ideias nele contidas, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Em " se decompõem" (l. 6) e " se pode" (l. 10), o pronome " se" poderia ser proposto à forma verbal – **decompõem-se** e **pode-se** – sem prejuízo para a correção gramatical do texto.

Leia o texto a seguir para responder à questão 17.

Texto I

Um estudo da Universidade da Califórnia, em Davis – EUA, mostra que a curiosidade é importante no aprendizado. Imagens dos cérebros de universitários revelaram que ela estimula a atividade cerebral do hormônio dopamina, que parece fortalecer a memória das pessoas. A dopamina está ligada à sensação de recompensa, o que sugere que a curiosidade estimula os mesmos circuitos neurais ativados por uma guloseima ou uma droga. Na média, os alunos testados deram 35 respostas corretas a 50 perguntas acerca de temas que os deixavam curiosos e 27 de 50 questões sobre assuntos que não os atraíam. Estimular a curiosidade ajuda a aprender.

Planeta, dez/2014, p. 14 (com adaptações).

17. (Cespe – FUB – Técnico Administrativo – 2015)

A respeito das ideias e das estruturas linguísticas do texto acima, julgue o item que segue como Certo (C) ou Errado (E).

Em um uso mais formal da língua, as regras de colocação pronominal do padrão culto permitem que o pronome átono em " que não os atraíam" (l. 6) seja também utilizado depois do verbo, sob a forma de **nos**, ligada ao verbo por um hífen.

Leia o texto a seguir para responder à questão 18.

Texto 2 – Violência e favelas

O crescimento dos índices de violência e a dramática transformação do crime manifestados nas grandes metrópoles são

alarmantes, sobretudo, na cidade do Rio de Janeiro, sendo as favelas as mais afetadas nesse processo.

“ A violência está o cúmulo do absurdo. É geral, não é? É geral, não tem, não está distinguindo raça, cor, dinheiro, com dinheiro, sem dinheiro, tá de pessoa para pessoa, não interessa se eu te conheço ou se eu não te conheço. Me irritou na rua eu te dou um tiro. É assim mesmo que está, e é irritante, o ser humano está em um estado de nervos que ele não está mais se controlando, aí junta a falta de dinheiro, junta falta de tudo, e quem tem mais tá querendo mais, e quem tem menos tá querendo alguma coisa e vai descontar em cima de quem tem mais, e tá uma rivalidade, uma violência que não tem mais tamanho, tá uma coisa insuportável.” (moradora da Rocinha)

A recente escalada da violência no país está relacionada ao processo de globalização que se verifica, inclusive, ao nível das redes de criminalidade. A comunicação entre as redes internacionais ligadas ao crime organizado são realizadas para negociar armas e drogas. Por outro lado, verifica-se hoje, com as CPIs (Comissão Parlamentar de Inquérito) instaladas, ligações entre atores presentes em instituições estatais e redes do narcotráfico.

Nesse contexto, as camadas populares e seus bairros/favelas são crescentemente objeto de estigmatização, percebidos como causa da desordem social o que contribui para aprofundar a segregação nesses espaços. No outro polo, verifica-se um crescimento da autossegregação, especialmente por parte das elites que se encastelam nos enclaves fortificados na tentativa de se proteger da violência.

(Maria de Fátima Cabral Marques Gomes, *Scripta Nova*)

18. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

“ A violência está o cúmulo do absurdo. É geral, não é? É geral, não tem, não está distinguindo raça, cor, dinheiro, com dinheiro, sem dinheiro, tá de pessoa para pessoa, não interessa se eu te conheço ou se eu não te conheço. Me irritou na rua eu te dou um tiro.”

A fala da moradora da Rocinha mostra certas características distintas da variedade padrão de linguagem; a única característica que NÃO está comprovada pelo exemplo dado é:

a) segmentos desconexos: “ não tem”;

b) formas reduzidas: “ tá de pessoa para pessoa”;

c) explicações desnecessárias: “ com dinheiro, sem dinheiro”;

d) mistura de tratamento: “ se eu te conheço ou se eu não te conheço”;

e) erros gramaticais: “ me irritou na rua”.

19. (Liquigás – Administrador Jr. – Cesgranrio – Set./2015)

A frase em que a colocação do pronome se mostra adequada à norma-padrão é:

a) Não **nos** conformemos com a condição miserável de muitos!

b) Daqui a vinte e cinco anos, ainda desejar-**se**-á que o país progrida.

c) É necessário que encontrem-**se** medidas urgentes para o combate à fome.

d) **Me** surpreende que, no Brasil de hoje, a fome ainda mate.

e) Até que dia desrepeitaremo-**nos** tanto quanto hoje?

20. (Petrobras – Advogado Jr. – Cesgranrio – Ago./2015)

De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, o pronome destacado está colocado adequadamente em:

a) Quando todas as instituições educacionais **se** interessarem pela inclusão digital, a sociedade será muito beneficiada em diferentes aspectos do seu desenvolvimento.

b) Atualmente, há uma intensa pressão social para que o indivíduo sempre mantenha-**se** a par das novas tecnologias lançadas em outras regiões do mundo.

c) Não pouparam-**se** esforços para que todos os funcionários daquela empresa tivessem acesso às mídias digitais por meio de renovação dos equipamentos.

d) Os pesquisadores das áreas sociais e tecnológicas nunca enganam-**se** a respeito da grande importância da presença da internet em nossa sociedade.

e) Se o preço dos equipamentos eletrônicos ficar muito elevado, poderá-**se** procurar pesquisar mais atentamente.

21. (BB – Escriturário – Cesgranrio – Out./2015)

A colocação do pronome destacado atende às exigências da norma-padrão da Língua Portuguesa em:

a) Os clientes mais exigentes sempre comportaram-**se** bem diante das medidas favoráveis oferecidas pelos bancos.

b) Efetivando-**se** os pagamentos com moedas virtuais, os clientes terão confiança para utilizar esse recurso financeiro.

c) Os usuários constantes da internet não enganam-**se** a respeito das vantagens do comércio *on-line*.

d) É preciso observar que a população interessa-**se** pelas formas de aprendizagem condizentes com a sua cultura.

e) Os turistas tinham organizado-**se** para viajar quando as condições econômicas melhorassem.

22. (MPE/SP – Analista Técnico Científico – Vunesp – Jul./2016)

O contexto em que, segundo a norma-padrão, o pronome " se" pode ser colocado antes ou depois do verbo, é:

a) ... como todas as repúblicas que se prezam...

b) Chamava-se o deputado Felixhimino ben Karpatoso.

c) ... de cinquenta em cinquenta anos descobria-se nele um produto...

d) ... não se sabia bem...

e) ... embora nada se conhecesse dele.

23. (MPE/SP- Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Leia os quadrinhos.

(Níquel Náusea. Fernando Gonsales. *Folha de S.Paulo*, 17/04/2015. Adaptado)

Em conformidade com a norma-padrão, as lacunas na fala da personagem devem ser preenchidas, respectivamente, com:

a) Me morda ... mim

b) Morda-me ... eu

c) Me morde ... mim

d) Morde eu ... eu

e) Morda-me ... mim

Leia o texto a seguir para responder à questão 24.

Texto II

Bibliotecas sempre deram muito o que falar. Grandes monarquias jamais deixaram de possuir as suas, e cuidavam delas estrategicamente. Afinal, dotes de princesas foram negociados tendo livros como objetos de barganha; tratados diplomáticos versaram sobre essas coleções. Os monarcas portugueses, após o terremoto que dizimou Lisboa, se orgulhavam de, a despeito dos destroços, terem erguido uma grande biblioteca: a Real Livraria. D. José chamava-a de joia maior do tesouro real. D. João VI, mesmo na correria da partida para o Brasil, não se esqueceu dos livros. Em três diferentes levas, a Real Biblioteca aportou nos trópicos, e foi até mesmo tema de disputa.

Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br> (com adaptações).

24. (INSS – Técnico Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

Acerca de aspectos linguísticos e dos sentidos do texto acima, julgue o item que se segue como Certo (C) ou Errado (E).

A expressão “ essas coleções” (l. 3) retoma, por coesão, o termo “ Bibliotecas” (l. 1).

Leia o texto a seguir para responder à questão 25.

O ABCerrado e a Matomática (“ matemática do mato”), metodologias criadas por um professor da UnB, apoiam-se em dois princípios: o da elevação da autoestima de alunos e professores e o do envolvimento com o meio ambiente para a construção, de

forma lúdica e interdisciplinar, da cidadania e do respeito mútuo. “ Fazemos a aproximação por meio de elementos do contexto onde as crianças estão inseridas. As atividades de leitura, interpretação e escrita associam-se ao tema do cerrado na forma de poesias, música, desenho, pintura e jogos”, explica uma professora da Faculdade de Educação da UnB. Atualmente, a universidade trabalha para expandir a aplicação do ABCerrado na rede de ensino do DF. “ Ainda prevalece uma visão conservadora sobre o que é educação”, conta a professora. “ A natureza possui uma dimensão formadora. Isso subverte a forma de se tratar a relação entre o ser humano e o meio ambiente no cerne de um processo educativo. Não se trata de educar o ser humano para o domínio e a apropriação da natureza, mas de educar a humanidade para ser capaz de trocar e de aprender com ela”, completa.

João Campos. O ABC do cerrado. In: *Revista Darcy*, jun./2012 (com adaptações).

25. (Cespe – ICMBIO – 2014)

Com relação aos aspectos linguísticos e aos sentidos do texto acima, julgue o item subsequente como Certo (c) ou Errado (E).

O termo “ Isso” (l. 9) refere-se à expressão “ visão conservadora” (l. 8).

Leia o texto a seguir para responder à questão 26.

A busca de uma convenção para medir riquezas e trocar mercadorias é quase tão antiga quanto a vida em sociedade. Ao longo da história, os mais diversos artigos foram usados com essa finalidade, como o chocolate, entre os astecas, e o bacalhau seco, entre os noruegueses, tendo cabido aos gregos do século VII a.C. a criação de uma moeda metálica com um valor padronizado pelo Estado. “ Foi uma invenção revolucionária. Ela facilitou o acesso das camadas mais pobres às riquezas, o acúmulo de dinheiro e a coleta de impostos – coisas muito difíceis de fazer quando os valores eram contados em bois ou imóveis”, afirma a arqueóloga Maria Beatriz Florenzano, da Universidade de São Paulo. A segunda grande revolução na história do dinheiro, o papel-moeda, teve uma origem mais confusa. Existiam cédulas na China do ano 960, mas elas não se espalharam para outros lugares e caíram em desuso no fim do século XIV.

As notas só apareceram na Europa – e daí para o mundo – em 1661, na Suécia. Há quem acredite que cartões de crédito e caixas eletrônicos em rede já representam uma terceira revolução monetária. “ Com a informática, o dinheiro se transformou em impulsos eletrônicos invisíveis, livres do espaço, do tempo e do controle de governos e corporações”, afirma o antropólogo Jack Weatherford, da Faculdade Macalester, nos Estados Unidos da América.

Disponível em: <http://super.abril.com.br> (com adaptações).

26. (Cespe – CEF – Superior – 2014)

Em relação às ideias e aos aspectos linguísticos do texto, julgue o próximo item como Certo (C) ou Errado (E).

A expressão “ essa finalidade” (l. 2) refere-se ao trecho “ para medir riquezas e trocar mercadorias” (l. 1)

Leia o texto a seguir para responder à questão 27.

Já se tornou crônica a escassez de mão de obra qualificada no Brasil, o que pode comprometer ainda mais a capacidade produtiva do país nos próximos anos. Se nada for feito urgentemente para começar a reverter esse quadro, o país estará condenado a ter por muito tempo ainda o crescimento econômico reduzido que apresenta hoje, com efeitos negativos na distribuição de riqueza.

Desde 2012, o número de trabalhadores pouco escolarizados diminuiu, mas os indicadores apontam para o fato de que a escolarização ainda continua sendo muito precária, insuficiente para atender à demanda cada vez maior das indústrias e mesmo

dos setores de serviços e da construção civil, que tradicionalmente exigem menos especialistas na hora de contratar.

O Estado de S.Paulo, 26/1/2014 (com adaptações).

27. (FUB – Cespe – Médio/Superior – 2014)

Julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E), relativo às ideias e às estruturas linguísticas do texto acima.

A expressão " esse quadro" (l. 3) é elemento coesivo que retoma informação contida no período anterior.

Leia o texto a seguir para responder à questão 28.

Texto III

O Decreto nº 21.076, de 24 de fevereiro de 1932, primeiro Código Eleitoral pátrio, instituiu a justiça eleitoral no Brasil, com funções contenciosas e administrativas. Eram seus órgãos: um Tribunal Superior (de justiça eleitoral – o decreto não menciona justiça eleitoral), na capital da República; um tribunal regional, na capital de cada estado, no DF e na sede do governo do território do Acre, além de juízes eleitorais nas comarcas e nos distritos. O Tribunal Superior – de justiça eleitoral – com jurisdição em todo o território nacional, compunha-se de oito membros efetivos e oito substitutos, e era presidido pelo vice-presidente do Supremo Tribunal Federal (STF). A ele se somavam dois membros efetivos e dois substitutos, sorteados dentre os ministros do STF, além de dois efetivos e dois substitutos, sorteados dentre os desembargadores da Corte de Apelação do DF. Por fim, integravam a Corte três membros efetivos e quatro substitutos, escolhidos pelo chefe do governo provisório dentre quinze cidadãos, indicados pelo STF, desde que atendessem aos requisitos de notável saber jurídico e idoneidade moral. Dentre seus membros, elegia o Tribunal Superior, em escrutínio secreto, por meio de cédulas com o nome do juiz e a designação do cargo, um vice-presidente e um procurador para exercer as funções do Ministério Público, tendo este último a denominação de procurador-geral da justiça eleitoral. Em relação a esse cargo, nota-se uma peculiaridade, à época da criação do Tribunal Superior: o procurador-geral da justiça eleitoral não era o procurador-geral da República, mas sim um membro do próprio tribunal.

As formas de composição do TSE: de 1932 aos dias atuais. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral, Secretaria de Gestão da Informação, 2008, p. 11. Disponível em: <www.tse.jus.br> (com adaptações).

28. (TRE/GO – Superior – Cespe – 2015)

Com referência às estruturas linguísticas do texto III, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Na linha 14, a expressão " este último" remete ao último órgão mencionado no período: o " Ministério Público".

Leia o texto a seguir para responder à questão 29.

Texto 1

Há pessoas que preferem enfrentar as gélidas noites paulistanas na rua a buscar acolhimento nos abrigos municipais. As razões para tal atitude, mesmo em meio a uma onda de frio que assola São Paulo, são várias: de inadequação às regras dos albergues a condições supostamente insalubres de alguns desses locais.

Mesmo quem busca uma vaga tem reclamações a fazer sobre os abrigos municipais: eles dizem que os banheiros e as roupas de cama estão em más condições e se queixam de tratamento desrespeitoso por parte de alguns funcionários.

(UOL Cotidiano, *Notícias*, junho de 2016)

29. (Compesa – A.S.G. – Técn. Segur. Trab. – FGV – Jul./2016)

As razões para tal atitude, mesmo em meio a uma onda de frio que assola São Paulo, são várias: de inadequação às regras dos albergues a condições supostamente insalubres de alguns desses locais.

Assinale a opção que apresenta o comentário correto sobre um dos elementos sublinhados.

a) O termo tal atitude se refere à busca de acolhimento nos abrigos.

b) O termo em meio a uma onda de frio reitera gélidas noites paulistanas.

c) O termo várias indica obrigatoriamente grande quantidade.

d) O termo supostamente mostra confiança no que foi informado.

e) O termo desses locais se refere às ruas de São Paulo.

30. (Compesa – An. Gest. Médico do Trabalho – FGV – Jul./2016)

Assinale a opção que indica a frase em que o emprego do demonstrativo sublinhado está adequado.

a) "*As principais ameaças nessa vida são as pessoas que querem mudar tudo... ou nada.*"

b) "*O mundo anda mudando tão rápido que aquele que diz que alguma coisa não pode ser feita é geralmente interrompido por alguém fazendo esta coisa.*"

c) "*Crianças e loucos dizem a verdade. Por isso se educam essas e se encarceram estes.*"

d) "*O pior dos problemas da gente é que ninguém tem nada com isto.*"

e) "*Lamentar aquilo que não temos é desperdiçar aquilo que possuímos.*"

31. (Pref. Paulínia-SP – Eng. Agrôn. – FGV – Maio/2016)

"*É próprio das famílias numerosas brigarem, fazerem as pazes e tornarem a brigar.*"

(**Machado de Assis**)

No fragmento acima, o vocábulo *próprio* mostra o mesmo valor que na seguinte frase:

a) O restaurante serve pratos finos, próprios a paladares exigentes.

b) Os idosos gostam de jogos próprios de sua idade.

c) Ele próprio preparava a comida.

d) Assinou o documento com seu nome próprio.

e) Eu sempre morei em apartamento próprio.

32. (BB – Escriturário – Cesgranrio – Out./2015 – Adaptada)

Nos fragmentos a seguir, a palavra ou expressão a que o termo destacado se refere está corretamente explicitada entre colchetes em:

a) "A teoria nos ensina que são três as **suas** principais características" [ordem de pagamento]

b) "Criada por um 'personagem virtual', **cuja** identidade no mundo real é motivo de grande especulação" [moeda virtual]

c) “ trocavam seus produtos de subsistência através do escambo, organizado em locais públicos, decorrendo **daí** a origem do termo ‘pregão’ da Bolsa” [produção de bens]

d) “ **ela** é sempre motivada por um fenômeno humano” [essa pequena exegese]

e) “ o que **isso** tem a ver com *bitcoins*?” [transação financeira virtual]

33. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

(Hagar, Dik Browne. *Folha de S.Paulo*, 31.10.2015. Adaptado)

Em conformidade com a norma-padrão, as lacunas nas falas das personagens devem ser preenchidas, respectivamente, com:

a) Esses ... sinto-me... me sentiria

b) Estes ... me sinto ... me sentiria

c) Eles ... sinto-me... sentiria-me

d) Esses ... me sinto ... sentir-me-ia

e) Estes ... sinto-me... sentir-me-ia

Leia o texto a seguir para responder à questão 34.

O museu é considerado um instrumento de neutralização – e talvez o seja de fato. Os objetos que nele se encontram reunidos trazem o testemunho de disputas sociais, de conflitos políticos e religiosos. Muitas obras antigas celebram vitórias militares e conquistas: a maior parte presta homenagem às potências dominantes, suas financiadoras. As obras modernas são, mais genericamente, animadas pelo espírito crítico: elas protestam contra os fatos da realidade, os poderes, o estado das coisas. O museu reúne todas essas manifestações de sentido oposto. Expõe tudo junto em nome de um valor que se presume partilhado por elas: a qualidade artística. Suas diferenças funcionais, suas divergências políticas são apagadas. A violência de que participavam, ou que combatiam, é esquecida. O museu parece assim desempenhar um papel de pacificação social. A guerra das imagens extingue-se na pacificação dos museus.

Todos os objetos reunidos ali têm como princípio o fato de terem sido retirados de seu contexto. Desde então, dois pontos de vista concorrentes são possíveis. De acordo com o primeiro, o museu é por excelência o lugar de advento da Arte enquanto tal, separada de seus pretextos, libertada de suas sujeições. Para o segundo, e pela mesma razão, é um “ depósito de despojos”. Por um lado, o museu facilita o acesso das obras a um status estético que as exalta. Por outro, as reduz a um destino igualmente

estético, mas, desta vez, concebido como um estado letárgico.

A colocação em museu foi descrita e denunciada frequentemente como uma desvitalização do simbólico, e a musealização progressiva dos objetos de uso como outros tantos escândalos sucessivos. Ainda seria preciso perguntar sobre a razão do " escândalo". Para que haja escândalo, é necessário que tenha havido atentado ao sagrado. Diante de cada crítica escandalizada dirigida ao museu, seria interessante desvendar que valor foi previamente sacralizado. A Religião? A Arte? A singularidade absoluta da obra? A Revolta? A Vida autêntica? A integridade do Contexto original? Estranha inversão de perspectiva. Porque, simultaneamente, a crítica mais comum contra o museu apresenta-o como sendo, ele próprio, um órgão de sacralização. O museu, por retirar as obras de sua origem, é realmente " o lugar simbólico onde o trabalho de abstração assume seu caráter mais violento e mais ultrajante". Porém, esse trabalho de abstração e esse efeito de alienação operam em toda parte. É a ação do tempo, conjugada com nossa ilusão da presença mantida e da arte conservada.

(Adaptado de: GALARD, Jean. *Beleza Exorbitante*. São Paulo, Fap.-Unifesp, 2012, p. 68-71)

34. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

... *suas financiadoras* (1º parágrafo)

Suas diferenças funcionais... (1º parágrafo)

... *seu caráter mais violento*... (3º parágrafo)

Os pronomes dos trechos acima referem-se, respectivamente, a:

a) vitórias militares − manifestações − museu

b) vitórias militares − obras modernas − museu

c) potências dominantes − obras modernas − trabalho de abstração

d) potências dominantes − manifestações − trabalho de abstração

e) potências dominantes − obras modernas − museu

Leia o texto a seguir para responder à questão 35.

Texto I

A moeda, como hoje é conhecida, é o resultado de uma longa evolução. No início, não havia moeda, praticava-se o escambo. Algumas mercadorias, pela sua utilidade, passaram a ser mais procuradas do que outras. Aceitas por todos, assumiram a função de moeda, circulando como elemento trocado por outros produtos e servindo para avaliar-lhes o valor. Eram as moedas-mercadorias. O gado, principalmente o bovino, foi dos mais utilizados. O sal foi outra moeda-mercadoria; de difícil obtenção, era muito utilizado na conservação de alimentos. Ambas deixaram marca de sua função como instrumento de troca no vocabulário português, em palavras como pecúnia e pecúlio, capital e salário.

Com o passar do tempo, as mercadorias se tornaram inconvenientes às transações comerciais, devido à oscilação de seu valor, pelo fato de não serem fracionáveis e por serem facilmente perecíveis, o que não permitia o acúmulo de riquezas. Surgiram, então, no século VII a.C., as primeiras moedas com características semelhantes às das atuais: pequenas peças de metal com peso e valor definidos e com a impressão do cunho oficial, isto é, a marca de quem as emitiu e garante o seu valor.

Os primeiros metais utilizados na cunhagem de moedas foram o ouro e a prata. O emprego desses metais se impôs, não só por sua

raridade, beleza, imunidade à corrosão e por seu valor econômico, mas também por antigos costumes religiosos. Durante muitos séculos, os países cunharam em ouro suas moedas de maior valor, reservando a prata e o cobre para os valores menores. Esses sistemas se mantiveram até o final do século XIX, quando o cuproníquel e, posteriormente, outras ligas metálicas passaram a ser empregados e a moeda passou a circular pelo seu valor extrínseco, isto é, pelo valor gravado em sua face, que independe do metal nela contido.

Na Idade Média, surgiu o costume de guardar os valores com um ourives, pessoa que negociava objetos de ouro e prata e que, como garantia, entregava um recibo. Esse tipo de recibo passou a ser utilizado para efetuar pagamentos, circulando de mão em mão, e deu origem à moeda de papel. Com o tempo, da forma como ocorreu com as moedas, os governos passaram a conduzir a emissão de cédulas, controlando as falsificações e garantindo o poder de pagamento. Atualmente, quase todos os países possuem bancos centrais, encarregados das emissões de cédulas e moedas.

Disponível em: <www.bcb.gov.br> (com adaptações).

35. (CEF – Nível Médio – Cespe – Março/2014)

Julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

O referente do sujeito da oração " e garante o seu valor" (l. 12) é " marca" (l. 12).

Leia o texto a seguir para responder à questão 36.

Depois que se tinha fartado de ouro, o mundo teve fome de açúcar, mas o açúcar consumia escravos. O esgotamento das minas – que de resto foi precedido pelo das florestas que forneciam o combustível para os fornos –, a abolição da escravatura e, finalmente, uma procura mundial crescente, orientam São Paulo e o seu porto de Santos para o café. De amarelo, passando pelo branco, o ouro tornou-se negro.

Mas, apesar de terem ocorrido essas transformações que tornaram Santos num dos centros do comércio internacional, o local conserva uma beleza secreta; à medida que o barco penetra lentamente por entre as ilhas, experimento aqui o primeiro sobressalto dos trópicos. Estamos encerrados num canal verdejante. Quase podíamos, só com estender a mão, agarrar essas plantas que o Rio ainda mantinha à distância nas suas estufas empoleiradas lá no alto. Aqui se estabelece, num palco mais modesto, o contato com a paisagem.

O arrabalde de Santos, uma planície inundada, crivada de lagoas e pântanos, entrecortada por riachos estreitos e canais, cujos contornos são perpetuamente esbatidos por uma bruma nacarada, assemelha-se à própria Terra, emergindo no começo da criação. As plantações de bananeiras que a cobrem são do verde mais jovem e terno que se possa imaginar: mais agudo que o ouro verde dos campos de juta no delta do Bramaputra, com o qual gosto de o associar na minha recordação; mas é que a própria fragilidade do matiz, a sua gracilidade inquieta, comparada com a suntuosidade tranquila da outra, contribuem para criar uma atmosfera primordial.

Durante cerca de meia hora, rolamos por entre bananeiras, mais plantas mastodontes do que árvores anãs, com troncos plenos de seiva que terminam numa girândola de folhas elásticas por sobre uma mão de 100 dedos que sai de um enorme lótus castanho e rosado. A seguir, a estrada eleva-se até os 800 metros de altitude, o cume da serra. Como acontece em toda parte nessa costa, escarpas abruptas protegeram dos ataques do homem essa floresta virgem tão rica que para encontrarmos igual a ela teríamos de percorrer vários milhares de quilômetros para norte, junto da bacia amazônica. Enquanto o carro geme em curvas que já nem poderíamos qualificar como " cabeças de alfinete", de tal modo se sucedem em espiral, por entre um nevoeiro que imita a alta montanha de outros climas, posso examinar à vontade as árvores e as plantas estendendo-se perante o meu olhar como espécimes

de museu.

(Adaptado de: Lévi-Strauss, Claude. *Tristes Trópicos*. Coimbra, Edições 70, 1979, p. 82-3)

36. (TRF3- Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

As plantações de bananeiras que a cobrem... (3º parágrafo)

... com troncos plenos de seiva que terminam numa girândola de folhas... (4º parágrafo)

... que sai de um enorme lótus castanho e rosado... (4º parágrafo)

Os pronomes sublinhados referem-se respectivamente a:

a) bruma – seiva – mão

b) planície – troncos – mão

c) planície – troncos – dedos

d) Terra – seiva – mão

e) bruma – troncos – dedos

37. (TRT14R – Téc. Jud. – Área Adminis. – FCC – Fev./2016)

"*Isto pode despertar a atenção de outras pessoas que tenham documentos em casa e se disponham a trazer para a Academia, que é a guardiã desse tipo de acervo, que é muito difícil de ser guardado em casa, pois o tempo destrói e aqui temos a melhor técnica de conservação de documentos", disse Cavalcanti.*

O termo sublinhado faz referência a

a) pessoas.

b) acervo.

c) Academia.

d) tempo.

e) casa.

38. (TRT14R – Téc. Jud. – Área Adminis. – FCC – Fev./2016)

Considere o texto abaixo.

*O rio Madeira banha os estados de Rondônia e do Amazonas. ...***I***... esse nome, pois no período de chuvas seu nível sobe e inunda grandes porções da planície florestal, trazendo troncos e restos de madeira da floresta. É um dos principais rios da bacia do Amazonas e ...***II***... já foram dedicados textos literários, muitos ...***III***... possuem grande valor artístico.*

As lacunas **I**, **II** e **III** do texto acima devem ser preenchidas, correta e respectivamente, com:

	I	II	III
a)	Deram-no	para ele	os quais

b)	Deram-lhe	a ele	dos quais
c)	Deram-lhe	ante ele	aos quais
d)	Deram-no	dele	pelos quais
e)	Deram-lhe	nele	nos quais

Leia o texto a seguir para responder à questão 39.

Texto I

Naquele novo apartamento da rua Visconde de Pirajá pela primeira vez teria um escritório para trabalhar. Não era um cômodo muito grande, mas dava para armar ali a minha tenda de reflexões e leitura: uma escrivaninha, um sofá e os livros. Na parede da esquerda ficaria a grande e sonhada estante onde caberiam todos os meus livros. Tratei de encomendá-la a seu Joaquim, um marceneiro que tinha oficina na rua Garcia D' Ávila com Barão da Torre.

O apartamento não ficava tão perto da oficina. Era quase em frente ao prédio onde morava Mário Pedrosa, entre a Farme de Amoedo e a antiga Montenegro, hoje Vinicius de Moraes. Estava ali havia uma semana e nem decorara ainda o número do prédio. Tanto que, quando seu Joaquim, ao preencher a nota de encomenda, perguntou-me onde seria entregue a estante, tive um momento de hesitação. Mas foi só um momento. Pensei rápido: " Se o prédio do Mário é 228, o meu, que fica quase em frente, deve ser 227". Mas lembrei-me de que, ao ir ali pela primeira vez, observara que, apesar de ficar em frente ao do Mário, havia uma diferença na numeração.

– Visconde de Pirajá, 127 – respondi, e seu Joaquim desenhou o endereço na nota.

– Tudo bem, seu Ferreira. Dentro de um mês estará lá sua estante.

– Um mês, seu Joaquim! Tudo isso? Veja se reduz esse prazo.

– A estante é grande, dá muito trabalho... Digamos, três semanas.

Ferreira Gullar. A estante. In: *A estranha vida banal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989 (com adaptações).

39. (INSS – Técnico Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

Julgue o seguinte item como Certo (C) ou Errado (E), a respeito de aspectos linguísticos do **texto I**.

Seria mantida a correção do texto caso o trecho " onde caberiam" (*l*.6) fosse substituído por **que caberia**.

Leia o texto a seguir para responder à questão 40.

Texto III

A história do grafite no Brasil iniciou-se na década de 70 do século XX, precisamente na cidade de São Paulo, em uma época conturbada da história do Brasil, época essa silenciada pela censura resultante da chegada dos militares ao poder.

Paralelamente ao movimento que despontava em Nova York, o grafite surgiu no cenário da metrópole brasileira como uma arte transgressora, a linguagem da rua, da marginalidade, que não pedia licença e que gritava nas paredes da cidade os incômodos de uma geração.

A partir disso, a arte de grafitar se transformou em um importante veículo de comunicação urbano, corroborando, de alguma

maneira, a existência de outras vozes, de outros sujeitos históricos e ativos que participam da cidade.

É importante ressaltar que o grafite, inicialmente, foi uma arte caracterizada pela autoria anônima, por meio da qual o grafiteiro transformava a cidade em um importante suporte de comunicação artística sem delimitação de espaço, de mensagem ou de mensageiro.

Portanto, o que importava naquele momento era a arte em si e não o nome de seu autor. Por esse motivo, os ditos " cânones" são retirados de sua posição central e imperativa para dar lugar a uma arte de todos e para todos; arte da rua, na rua e para a rua; arte da cidade, na cidade e para a cidade: o grafite. Nesse sentido, a arte se funde com a vida do cidadão da metrópole por meio do movimento mútuo de transformação e de identificação de seus sujeitos.

Disponível em: <www.todamateria.com.br> (com adaptações).

40. (Pref. SP – Agente Gestão P. Públicas – Cespe – Maio/2016)

No texto III, o pronome isso, em " A partir disso" (L. 7, 3ª§), refere-se:

a) à história do surgimento do grafite no Brasil.

b) ao contexto histórico brasileiro na década de 70 do século XX.

c) a " arte transgressora" (L. 5).

d) às características do grafite.

e) a " paredes da cidade" (L. 6).

Leia o texto a seguir para responder à questão 41.

Texto CG1A1AAA

Em julho de 1955, Bertrand Russell e Albert Einstein lançaram um inusitado apelo aos povos do mundo, pedindo-lhes que " pusessem de lado" seus fortes sentimentos a respeito de uma série de questões e se vissem " exclusivamente como membros de uma espécie biológica que traz consigo uma história extraordinária e cujo desaparecimento ninguém pode desejar". O dilema com que se defronta o mundo é " claro, aterrador e incontornável: poremos fim à espécie humana ou a humanidade renunciará à guerra?".

O mundo não renunciou à guerra. Muito pelo contrário. Hoje, a potência mundial hegemônica se dá o direito de fazer a guerra ao seu arbítrio, segundo uma doutrina de " autodefesa antecipada" sem limites conhecidos. Com uma postura essencialmente farisaica, os Estados Unidos da América (EUA) são implacáveis na imposição do direito internacional e de tratados e regras da ordem mundial aos outros países, mas rejeitam-nos como irrelevantes quando se trata de si mesmos – uma prática antiga, levada a limites inauditos pelos governos de Reagan e Bush II.

Noam Chomsky. *Estados fracassados: o abuso do poder e o ataque à democracia*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009 (com adaptações).

41. (PC-PE – Todos os Cargos – Conhec. Gerais – Cespe – Jun./2016)

No texto CG1A1AAA, a forma pronominal

a) " nos" (l. 10) retoma " outros países" (l. 9).

b) " consigo" (l. 3) refere-se a " membros" (l. 3).

c) “ lhes” (l. 2) refere-se a “ Bertrand Russell e Albert Einstein” (l. 1).

d) “ se” (l. 2) refere-se a “ povos do mundo” (l. 1).

e) “ cujo” (l. 4) retoma “ membros de uma espécie” (l. 3).

42. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

“ Já é possível, por exemplo, fotografar pintas suspeitas e enviar as imagens a um algoritmo que as analisa e diz com mais precisão do que um dermatologista se a mancha é inofensiva ou se pode ser um câncer, o que exige medidas adicionais”.

Entre os elementos abaixo, aquele que NÃO se relaciona semanticamente a um termo anterior é:

a) que;

b) as;

c) o;

d) as imagens;

e) um câncer.

43. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

“ Essas pessoas sofrem com as grandes distâncias dos locais de residência com os centros comerciais e os locais onde trabalham”; a frase abaixo em que o vocábulo *onde/aonde* foi mal empregado é:

a) “ Muitos suicidas se detiveram no limiar da morte ao pensar no café aonde vão todas as noites para sua partida de dominó” (Balzac);

b) “ Onde há casamento sem amor, vai haver amor sem casamento” (Franklin);

c) “ Circo é o lugar onde se permite a cavalos, pôneis e elefantes verem homens, mulheres e crianças bancarem idiotas” (Ambrose Bierce);

d) “ As pessoas onde é difícil achar defeitos devem ser difíceis de achar” (Nouailles);

e) “ *Os Lusíadas* se tornaram para nós um pesadelo, porque ninguém sabia onde o diabo escondia o sujeito da oração naqueles versos retorcidos” (Fernando Sabino).

44. (Compesa – An. Gest. Médico do Trabalho – FGV – Jul./2016)

As opções a seguir apresentam pensamentos em que os pronomes sublinhados estabelecem coesão com elementos anteriores.

Assinale a frase em que esse referente anterior é uma oração.

a) “ *Um diplomata é um sujeito que pensa duas vezes antes de não dizer nada*”.

b) “ *A minha vontade é forte, mas a minha disposição de obedecer-lhe é fraca*”.

c) “ *Não existe assunto desinteressante, o que existe são pessoas desinteressadas*”.

d) “ *A dúvida é uma margarida que jamais termina de se despetalar*”.

e) “ *Se você pensa que não tem falhas, isso já é uma*”.

45. (Petrobras – Advogado Jr. – Cesgranrio – Ago./2015)

Considerem-se os períodos abaixo.

I – Antigamente era usado esse conceito.

II – As ciências sociais hoje discordam desse conceito.

Unindo-se esses períodos em um só, suprimindo-se as repetições e respeitando-se a norma-padrão, tem--se o seguinte período:

a) Antigamente era usado esse conceito, ao qual as ciências sociais hoje discordam.

b) Antigamente era usado esse conceito, como qual as ciências sociais hoje discordam.

c) Antigamente era usado esse conceito, pelo qual as ciências sociais hoje discordam.

d) Antigamente era usado esse conceito, do qual as ciências sociais hoje discordam.

e) Antigamente era usado esse conceito, para o qual as ciências sociais hoje discordam.

46. (Basa – Téc. Bancário – Cesgranrio – Set./2015)

A combinação do pronome relativo com a preposição exigida pelo verbo em destaque está de acordo com a norma-padrão em:

a) Os elevadores modernos em que se **refere** o texto possuem música ambiente.

b) Os elevadores antigos com que nos **lembramos** ainda possuíam portas pantográficas.

c) Os termos de que se **limita** a maioria dos ascensoristas são " sobe" e " desce".

d) A profissão pela qual **trata** o Texto II é uma das mais tediosas.

e) O ascensorista de quem se **fala** no texto parece sempre bem-humorado.

47. (BB – Escriturário – Cesgranrio – Out./2015 – Adaptada)

Nos fragmentos a seguir, a palavra ou expressão a que se refere o termo destacado está expressa adequadamente entre colchetes em

a) " a produção de bens era limitada e feita por famílias **que** trocavam seus produtos" [sociedades primitivas]

b) " poderá abrir as portas para novos serviços nas estruturas **que** se formarão não somente no mercado financeiro, em todas as suas facetas" [as portas]

c) " como intuito de facilitar a circulação de mercadorias, **que** tinham como lastro elas mesmas." [moedas]

d) " Nascia o mercado financeiro em Amsterdã, **que** depois se espalharia por toda a Europa e pelo mundo." [Amsterdã]

e) " uma aberração no mundo financeiro, **que**, não obstante isso, tem valor." [mundo financeiro]

48. (IPSMI – Procurador – Vunesp – Abril/2016)

O emprego dos termos destacados e do sinal indicativo de crase está de acordo com a norma-padrão em:

a) Sei que para **mim** chegar **onde** cheguei a luta foi dura, frente à frente com muitas dificuldades.

b) Sempre soube que em **mim** existe uma tendência à vencer, que me leva **aonde** eu desejo.

c) O homem sabe que vai **aonde** quiser, graças à ação de um poder maior que **lhe** conduz os passos.

d) Agimos à partir da hora em que deixaram **nós** sozinhos, naquele escritório **aonde** não havia nada.

e) Foi à luta, pensando que **onde** fosse estaria sem amigos que **lhe** apoiassem.

49. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016 – Adaptada)

Em conformidade com a norma-padrão, na passagem " O Garcia não se revoltava contra a passividade **a que era submetido pela mulher**...", a parte em destaque pode ser reescrita da seguinte forma:

a) ... a que era imposto pela mulher.

b) ... que era infligido pela mulher.

c) ... que lhe era imposta pela mulher.

d) ... de que era imposta pela mulher.

e) ... em que era infligida pela mulher.

50. (FCC – TRT 3ª Região – Analista Judiciário Área Adm. – Jul./2015)

É adequado o seguinte comentário:

a) A frase " **Este é o jovem cujo trabalho li com atenção**" pode ser redigida, de modo claro e condizente com a norma padrão, assim: " O jovem que eu li o trabalho dele com atenção é este".

b) " Os meninos **por cujos destinos** tanto lutamos andam já por conta própria" é frase com inadequação no segmento destacado, que seria sanada com sua substituição por " cujos os destinos".

c) Em " Os meninos por cujos destinos tanto lutamos **andam já por conta própria",** a substituição do segmento destacado por " andam já por si só" mantém a correção e o sentido originais.

d) Em " A orientadora do grupo, **a qual** é excelente, faltou hoje", emprega-se o que está em destaque para evitar o duplo sentido que o emprego da palavra " que", em seu lugar, originaria.

e) A frase " Maria e Solange machucaram se" evidencia que as duas receberam machucados, sem que se instale a dúvida: " uma machucou a outra?"; a palavra que poderia ser acrescentada para indicar esse segundo sentido seria " reciprocamente".

51. (FCC – TRT – 16ª Região (MA) – Médico – 2014)

As lacunas da frase **Um prefácio ..... nossa inteira atenção esteja voltada certamente conterá qualidades ..... força é impossível resistir** preenchem-se adequadamente, na ordem dada, pelos seguintes elementos:

a) para o qual – a cuja

b) ao qual – de cuja a

c) com o qual – por cuja

d) aonde – de que a

e) por onde – as quais a

52. (FCC – TRT – 2ª Região (SP) – Analista Judiciário – Área Administrativa – 2014)

A construção da frase *eu pressuponho esse futuro* <u>*com o qual nada me autoriza a contar*</u> permanecerá correta caso se substitua

o elemento sublinhado por

a) perante o qual não sei avaliar.

b) em cujo nada posso desconfiar.

c) de cujo pouco posso prever.

d) por quem nada posso antecipar.

e) do qual nada me é dado esperar.

53. (DNIT – Técnico Administrativo – ESAF – 2013)

Assinale a expressão que, nas relações de coesão, não é usada para se referir ao autor das palavras transcritas no fragmento abaixo.

“ Precisamos melhorar bastante o transporte coletivo. Muito, muitíssimo”, enfatiza o professor da Escola de Engenharia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Luis Antonio Lindau. Ele não vê a realização de grandes obras viárias como uma solução para o problema. “ Não tem como resolver fazendo isso. Se hoje dispuséssemos de uma fortuna para investir em obras, isso não resolveria o problema, pois ele cresce de uma forma muito maior que nossa capacidade de fazer obras”, destaca. O especialista enfatiza que a criação de corredores exclusivos para os ônibus e de uma rede de transporte coletivo de alta eficiência são caminhos para se resolver o problema. “ Precisamos de uma solução de maior intensidade. Vamos nos concentrar no transporte coletivo”, diz ele.

(Adaptado de Juliano Tatsch – *Jornal do Comércio*, Solução para problemas no trânsito está no transporte coletivo. Disponível em: http://portoimagem.wordpress.com/2011/03/24, acesso em 5 dez. 20012)

a) “ professor da Escola de Engenharia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul”(l. 1 e 2)

b) “ Ele”(l. 2)

c) “ ele”(l. 5)

d) “ O especialista”(l. 5)

e) “ ele”(l. 8)

Leia o texto a seguir para responder à questão 54.

O conceito de brasileiro cordial cai por terra ante a violência que se alastra de norte a sul do país. Não se fala aqui apenas de atos imoderados como os praticados pelos *black blocs*; ou de ação de justiceiros que algemam pessoas a poste; ou de bandidos que ateiam fogo a ônibus e a seres humanos; ou de sequestros relâmpagos que assustam cidadãos e lhes limitam o direito de ir e vir; ou de homicídios que ultrapassam cifras registradas em países em guerra. Fala-se do crime de racismo. Discriminar adultos e crianças com base na cor da pele é, além de caduco, inaceitável. Baseia-se no prejulgamento de que há seres superiores e inferiores não em decorrência de obras por eles realizadas, mas de característica física biologicamente herdada. Além da punição prevista em lei, impõem-se ações aptas a evitar que cenas de preconceito se repitam. Entre elas, campanhas governamentais destinadas à mudança de mentalidade da população. O brasileiro pode tornar-se cordial de fato. Ser movido pelo coração pressupõe valores humanistas e democráticos. Conviver com as diferenças é fruto da civilização.

(Adaptado do *Correio Braziliense*, 18/02/2014.)

54. (Receita Federal – Auditor Fiscal – ESAF – 2014)

(Adaptada) Julgue a assertiva a seguir como certa ou errada.

O pronome “ elas” (l. 9) retoma o antecedente “ cenas de preconceito” (l. 8).

Leia o texto a seguir para responder à questão 55.

Como estamos às vésperas de celebrar os 500 anos da palavra “ utopia” e do romance filosófico de Thomas Morus que a consagrou, o momento é mais do que oportuno para examinar que novas feições ela adquiriu após tantos sonhos desfeitos e outros tantos pervertidos e que atualização lhe deram as expectativas geradas pela informática, pelas biotecnologias, pelas nanociências, pelas ciências cognitivas e as perspectivas de clonagem, ectogênese (fecundação de útero artificial), artificialização dos órgãos do corpo e prolongamento da vida, abertas por elas.

Seu étimo grego, significando não lugar, lugar nenhum ou, trocadilhescamente, lugar da felicidade (eutropia), designou primeiro uma ilha dos mares do Novo Mundo, em que foi bater um navegante português ligado a Américo Vespúcio. Terra prodigiosa, em tudo diferente da Europa do século 16, a perfeição imperava em suas cinquenta e poucas cidades. Morus imaginou-a empolgado pela descoberta da América e do “ novo homem” que a habitava. Se bem que a República platônica já configurasse uma utopia, foi na ilha “ descoberta” por Rafael Hitlodeu que surgiu o conceito de utopia como representação imaginária de uma sociedade que tenha encontrado soluções exemplares para todos os seus problemas.

Outras sociedades ideais, fundamentadas em leis justas e instituições político-econômicas comprometidas com o bem-estar da coletividade, nasceram da imaginação de romancistas e pensadores, nos séculos seguintes, com particular insistência no século 19, auge do utopismo socialista de Charles Fourier, Étienne Cabet, Edward Bellamy e William Morris. A esses devaneios igualitários a dupla Marx-Engels combateu e contrapôs outro, supostamente científico, cuja caracterização como utopia pode livrar a cara do comunismo, mas não das sociedades que às suas ideias básicas deram concretude, a partir da revolução bolchevique, uma utopia que virou distopia.

A distopia é uma distorção ou uma mutação da utopia, um sonho que se transforma em pesadelo. A ficção científica e a literatura de antecipação são pródigas em fantasias do gênero. De Jules Verne (Capitão Nemo era um utopista) ao Aldous Huxley de *Admirável Mundo Novo*, ao Orwell de 1984 e ao Ray Bradbury de *Fahrenheit 451*. Serão todos lembrados ao longo do ciclo.

(Adaptação da matéria “Um sonho de 500 anos”, de Sérgio Augusto – jornal *O Estado de São Paulo*, 02 de agosto de 2015)

55. (Analista de Planejamento e Orçamento – ESAF – 2015)

(Adaptada) Julgue a assertiva a seguir como certa ou errada.

No trecho “ abertas por elas” (l. 6), o pronome “ elas” retoma “ novas feições” (l. 2).

Leia o texto a seguir para responder à questão 56.

O Brasil é um exemplo de país para o qual a modernidade, em todas as fases de sua história nos últimos cinco séculos, impõe-se, sobretudo, como abertura aos ventos de fora.

Com o neoliberalismo, é frequente o abandono da ideia do nacional brasileiro, com a sedução de um imaginário influenciado por forte apelo da técnica e aceitação tranquila da força totalitária dos fatores da globalização. Em todos os casos, avulta como corrente condutora e força propulsora e indiscutível a modernidade alienígena e alienante.

Que seria uma modernidade à brasileira e como poderemos alcançá-la? Cumpriria, em primeiro lugar, não enxergar a modernidade

como um dogma, uma obrigação, um credo.

Em duas palavras, isso implicaria não seguir o conselho do poeta Rimbaud, para quem a modernidade era algo a tomar a qualquer preço. Ao contrário, o que se postula é uma modernidade guiada por um objetivo nacional brasileiro.

Se antes isso já era possível, agora o é muito mais, embora nos façam crer que há apenas uma opção, um caminho, com vistas à construção do futuro.

A grande originalidade do presente período histórico é a visibilidade, em todos os cantos do mundo, das novas possibilidades oferecidas por ele e a consciência de que é possível uma multiplicidade de combinações.

Essas não têm que ser obrigatoriamente condutoras de alienação, podendo construir-se a partir de um modo de ser característico da nação considerada como um todo, uma edificação secular onde as mudanças não suprimam a identidade, mas renovem o seu sentido a partir das novas realidades. Não se trata, assim, de recusar o mundo, mas de assegurar um movimento conjunto, em que o país não seja exclusivamente tributário, mas soberanamente partícipe na produção de uma história universal.

Disponível em: <http://www.oocities.org/br/madsonpardo/ms/artigos/msa03.htm>. Acesso em: 04/01/2016 (Milton Santos, com adaptações).

56. (ESAF – ANAC – Analista Administrativo – 2016)

(Adaptada) Após leitura do texto acima, julgue certa ou errada a questão a seguir:

A substituição de " alcançá-la" (l. 7) por " alcançar-lhe" provoca erro gramatical ou incoerência textual.

Leia o texto a seguir para responder à questão 57.

A despeito das suas imperfeições, a Lei da Transparência Tributária representa um notável avanço institucional. A conscientização da população brasileira é fundamental para a construção de uma República efetivamente democrática, em que os eleitores tenham plena ciência da repercussão das decisões tomadas pelos seus representantes. Somente assim poderão exigir a construção de um sistema tributário simples, coerente e justo, que não onere os cidadãos carentes e não seja regressivo, gravando os contribuintes menos abastados de modo (proporcionalmente) mais severo que os mais favorecidos economicamente.

(Adaptado de Andrei Pitten Velloso, Lei da transparência tributária: vitória da cidadania. Disponível em: <http://www.cartaforense.com.br/conteudo /colunas>. Acesso em: 18 mar. 2014.)

57. (ESAF – Receita Federal – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2014)

(Adaptada) Em relação às estruturas linguísticas do texto, julgue a assertiva a seguir como certa ou errada.

O uso da preposição em " em que" (l. 3) torna-se desnecessário se, no lugar de " que", o pronome utilizado for " a qual".

Leia o texto a seguir para responder à questão 58.

O filósofo e doutor em educação Mário Sérgio Cortella, 61 anos, começa a entrevista dizendo: " Hoje, o Boko Haram matou cem pessoas no norte de Camarões… Todo dia há notícias assim". O grupo fanático que ele menciona tenta fazer da Nigéria, vizinha de Camarões, uma república islâmica. E usa a barbárie para suplantar a marginalização política, econômica e social a que fora relegado pelos últimos governos. Essa facção sanguinária tornou-se conhecida do público ao sequestrar 200 meninas nigerianas numa escola, em 2014. Muitas foram estupradas. Disputam o noticiário as degolas de civis por outro bando de radicais, o Estado Islâmico, e, ainda, os rescaldos do atentado ao semanário francês *Charlie Hebdo*, com a rejeição generalizada aos que professam o islamismo, a religião maometana que não prega o ódio – muito menos a matança.

(Adaptado de Patrícia Zaidan. Fonte: http://www.contioutra.com/todo-preconceituoso-e-covarde-o-ofendido-precisa-compreender-isso-afirma-mario-sergio-cortella/. Acesso em 30.07.2015)

58. (ESAF – Analista de Planejamento e Orçamento – 2015)

Assinale a opção incorreta a respeito do uso das estruturas linguísticas do texto.

a) As expressões " O grupo fanático que ele menciona" (l. 2-3) e " Essa facção sanguinária" (l. 5) referem-se a Boko Haram (l. 2).

b) O termo " Muitas" (l. 6) da oração " Muitas foram estupradas" retoma " cem pessoas no norte de Camarões" (l. 2).

c) O pronome " ele" (l. 3), na oração " que ele menciona", refere-se a Mário Sérgio Cortella (l. 1).

d) O sujeito de " Disputam o noticiário" (l. 6) é " as degolas de civis por outro bando de radicais, o Estado Islâmico, e, ainda, os rescaldos do atentado ao semanário francês Charlie Hebdo" (l. 6 a 8).

e) O travessão, antes da expressão " muito menos a matança" (l. 9), serve para enfatizar essa expressão e pode ser substituído por vírgula sem causar erro gramatical.

59. (ESAF – Receita Federal – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2014)

Assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia de palavra inserido na transcrição do texto.

A Receita Federal nem sempre teve **esse** (1) nome. Secretaria da Receita Federal é apenas a mais recente denominação da Administração Tributária Brasileira nestes cinco séculos de existência. Sua criação **tornou-se** (2) necessária para modernizar a máquina arrecadadora e fiscalizadora, bem como para promover uma maior integração entre o Fisco e os Contribuintes, facilitando o cumprimento **expontâneo** (3) das obrigações tributárias e a solução dos eventuais problemas, bem como o acesso **às** (4) informações pessoais privativas de interesse de cada cidadão.

O surgimento da Secretaria da Receita Federal representou um significativo avanço na facilitação do cumprimento das obrigações tributárias, contribuindo para o aumento da arrecadação **a partir** (5) do final dos anos 60.

(Adaptado de Acesso em: 17 mar. 2014.)

a) (1)

b) (2)

c) (3)

d) (4)

e) (5)

Gabarito: 1. d; 2. d; 3. c; 4. b; 5. c; 6. C; 7. C; 8. C; 9. e; 10. d; 11. b; 12. c; 13. e; 14. e; 15. E; 16. E; 17. E; 18. d; 19. a; 20. a; 21. b; 22. c; 23. b; 24. C; 25. E; 26. C; 27. C; 28. E; 29. b; 30. e; 31. a; 32. a; 33. b; 34. d; 35. E; 36. b; 37. b; 38. b; 39. E; 40. e; 41. c; 42. e; 43. d; 44. e; 45. d; 46. e; 47. c; 48. c; 49. c; 50. d; 51. a; 52. e; 53. c; 54. errada; 55. errada; 56. certa; 57. errada; 58. b; 59. c.

9.12. RESUMO

São muitos os pronomes... Pessoais, possessivos, indefinidos, relativos... Vamos resumir tudo que é mais

relevante sobre pronomes?

- Pronome indefinido é classe que se refere a substantivo. Indica ideia vaga, generaliza.
- Tanto o pronome indefinido quanto o adjetivo referem-se a substantivo. A diferença entre eles é semântica: o adjetivo qualifica o substantivo e o pronome indefinido indica ideia indefinida, vaga.
-

Atenção aos vocábulos "certo", "vários", "bastante": quando se referem ao substantivo e vêm antes, são pronomes indefinidos; quando vêm depois do substantivo, são adjetivos.

- Pronome pessoal reto substitui sujeito. Para substituir complementos, use o pronome pessoal oblíquo.
- Os pronomes oblíquos **o, a, os, as** substituem objetos diretos, complementos sem preposição. Os pronomes oblíquos **lhe** e **lhes** substituem objetos indiretos, complementos com preposição.
- Já os curingas (**me, te, se, nos, vos**) podem ser objetos diretos ou indiretos. Tudo vai depender da regência do verbo.
- Pronomes de tratamento são pronomes de 2ª pessoa do discurso (com quem se fala), mas carrega o verbo e os demais pronomes para a 3ª pessoa do discurso (= você).
- Em colocação pronominal, lembre-se de que há 3 proibições, 1 regra e 2 exceções. Ao julgar uma frase como certa ou errada, comece pensando nas proibições. Parta do princípio de que o que não é proibido está correto
- Ao utilizar os demonstrativos em frases, não se esqueça de perguntar primeiramente se ele se refere ao espaço/tempo/texto.
- Quando o pronome remete o leitor para uma informação que está dentro do texto, diz-se que ele tem função endofórica. Tal função pode se subdividir em anafórica (o pronome retoma) ou catafórica (o pronome avança no texto).
- O pronome terá função exofórica quando remeter o leitor para uma informação fora do texto: algo que tem de se deduzido. É a função do "onde", "quando", "quem.
- Pronomes relativos têm sempre função anafórica. Lembre-se de que o pronome cujo não pode ser substituído por nenhum outro relativo.
- Para saber a preposição que antecederá o relativo, basta colocar a oração que vem após o relativo na ordem direta, verificando se há ali verbo ou nome que peça preposição.

10 PREPOSIÇÃO

10.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

É palavra invariável que liga vocábulos ou orações, subordinando um ao outro. Caracteriza-se, assim, por ser um conectivo. Veja os exemplos:

Casa **de** José

Nesse caso, a preposição liga dois termos, dois substantivos.

Correu **para** chegar a tempo.

Já nesse exemplo, a preposição liga duas orações. É exatamente isso: preposição é conectivo que pode ligar termos ou orações.

Classificam-se as preposições em:

a) essenciais: apresentam-se sempre como preposição: a, ante, até, após, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por, sem, sob, sobre, trás.

b) acidentais: são aquelas que originalmente pertencem a outra classe gramatical (conjunções, advérbios...), mas, em determinadas frases, passam a usar-se como preposição.

como (= na qualidade de), durante (= por), conforme, segundo (= de acordo com) etc. Veja os exemplos:

Tinha-o **como** amigo.

Nesse exemplo, a palavra **como**, que, normalmente é conjunção, funciona como **preposição acidental**, pois equivale a uma outra preposição (" na qualidade de").

Segundo as previsões, teremos sol neste domingo.

Aqui, a palavra **segundo**, que pode ser numeral ou conjunção, funciona como **preposição acidental**. Basta trocá-la por uma locução prepositiva (" de acordo com") e você verá o valor de preposição que ela possui na frase.

Locução prepositiva: conjunto de palavras que funciona como preposição. Termina sempre por preposição.

Exs.: abaixo de, antes de, de acordo com, a respeito de, devido a, apesar de, a despeito de, em virtude de, em razão de, graças a etc.

10.2. VALOR RELACIONAL E NOCIONAL DA PREPOSIÇÃO

Diz-se que a preposição pode apresentar valor relacional ou nocional. A preposição possui valor relacional quando

aparece na frase por uma exigência gramatical do termo anterior. Nesse caso, ela é resultado de regência verbal ou nominal.

Necessito **de** sua ajuda imediata.

Aqui, a preposição aparece na frase em função do verbo *necessitar*, que a exigiu: regência verbal.

Tenho necessidade **de** sua ajuda imediata.

Nesse caso, a preposição veio à frase por solicitação gramatical do substantivo que a antecede. Trata-se de regência nominal (regência do nome).

O que os dois exemplos anteriores têm em comum é o fato de a preposição ter aparecido na frase por exigência gramatical. É o **valor relacional** da preposição, ou, como muitas vezes é chamado nas provas, **valor gramatical**.

No entanto, as preposições, ao ligarem vocábulos ou orações, podem estabelecer valor semântico. Nesse caso, elas aparecem na frase, não por serem exigidas gramaticalmente pelo termo anterior, mas para indicar uma nova noção. É o chamado **valor nocional** ou **semântico**. Nos exemplos a seguir, as preposições estabelecem valores semânticos:

Desenho a lápis. (instrumento)

Chegou com a namorada. (companhia)

Estremeceu com a notícia. (causa)

Falar de futebol. (assunto)

Viver de renda. (meio)

Correr de medo. (causa)

Ir para a rua. (direção)

Treina muito para vencer. (finalidade)

Como o valor gramatical será estudado em regência, ficaremos neste capítulo apenas com os valores semânticos que as preposições podem estabelecer. É preciso treinar muito para se habituar à nomenclatura utilizada nas provas. Vamos apresentar uma ampla lista de valores nocionais das preposições e, ao longo dos exercícios, você irá se deparar também com outros. Vamos lá?

Numere os parênteses abaixo de acordo com as relações semânticas que as preposições ou locuções prepositivas estabelecem.

1. causa	7. posse	13. tempo
2. companhia	8. assunto	14. acréscimo
3. finalidade	9. direção	15. concessão

4. origem	10. instrumento	16. ausência
5. lugar	11. matéria	17. conteúdo
6. meio	12. modo	

1. ( ) "Para seres amado, ama."

   Comentários: É o mesmo que "*a fim de* seres amado".

   Resposta: 3.

2. ( ) Viemos de Brasília de avião.

   Comentários: Brasília é a *origem* de onde viemos e avião é o *meio* de transporte utilizado.

   Resposta: 4 e 6.

3. ( ) Foi direto para a casa de Maria.

   Comentários: Foi *em direção à* casa de Maria; Maria *possui* a casa.

   Resposta: 9 e 7.

4. ( ) É preciso que além de uma sólida base filosófica de valores exista a parceria com os pais.

   Comentários: Precisa-se não só de base filosófica; precisa-se *também* de parceria com os pais.

   Resposta: 14.

5. ( ) Devido à falta de luz, não haverá aula hoje.

   Comentários: Não haverá aula *em função*, *por causa da* falta de luz.

   Resposta: 1.

6. ( ) Fez de tudo para não ser olhado com medo.

   Comentários: Não queria ser olhado *deste modo*, *desta forma*: com medo.

   Resposta: 12.

7. ( ) Abriu a porta com a chave.

   Comentários: A chave foi o *instrumento* utilizado para abrir a porta.

   Resposta: 10.

8. ( ) À tardinha, voltamos ao local combinado.

   Comentários: Voltamos ao local combinado *durante* a tardinha.

   Resposta: 13.

9. ( ) Conversamos muito sobre política.

Comentários: Política é o *assunto* sobre o qual conversamos.

Resposta: 8.

10. ( ) Para quem mora na favela, o medo é constante.

Comentários: Favela é *onde* se mora, o *local*.

Resposta: 5.

11. ( ) Foi detido por desacato.

Comentários: Desacato foi a *causa* para sua detenção.

Resposta: 1.

12. ( ) "Muitas vezes você é obrigado a amar o Botafogo, apesar do Botafogo."

Comentários: Amar o Botafogo é uma *concessão* aos problemas que o time traz, é algo *contraditório*.

Resposta: 15.

13. ( ) Gostei da sala de visitas.

Comentários: É uma sala com a *finalidade de* receber visitas.

Resposta: 3.

14. ( ) Ela se afastou com um súbito choro.

Comentários: Chorando foi a *forma*, o *modo* como ela se afastou.

Resposta: 12.

15. ( ) Tinha empobrecido com a seca.

Comentários: A seca foi a *causa* para a sua pobreza.

Resposta: 1.

16. ( ) Deve-se rir com alguém, não de alguém.

Comentários: Deve-se rir *em companhia de* alguém.

Resposta: 2.

17. ( ) Ele se confundiu com a minha resposta.

Comentários: A minha resposta foi a *causa* para a confusão dele, ela fez com que ele se confundisse.

Resposta: 1.

18. ( ) Copo de vinho.

Comentários: Aqui, aceitam-se duas respostas, dependendo do contexto em que essa frase esteja inserida. Ou o vinho é o *conteúdo* do copo, ou se trata de um copo *para* servir vinho, com a *finalidade de*.

Resposta: 17 ou 3.

19. ( ) Comprou um chapéu de palha.

Comentários: Palha é a *matéria* com que é feito o chapéu, seu *material*.

Resposta: 11.

20. ( ) A árvore caiu com o vento.

Comentários: O vento é a *causa* para a queda da árvore.

Resposta: 1.

21. ( ) O coração batia de alegria.

Comentários: A alegria fazia com que o coração batesse, era a *causa* para tal.

Resposta: 1.

22. ( ) Óculos sem aro.

Comentários: São óculos que *não possuem* aro: o aro é ausente nos óculos.

Resposta: 16.

Vamos treinar esse assunto em questões de concursos anteriores.

10.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

1. (FCC) A substituição da locução em destaque pela que se encontra à direita alteraria sensivelmente o sentido do enunciado no trecho:

a) "declino minha solidariedade em relação a sua preocupação" / no que concerne a.

b) "o médico tem [...] de administrar seu posicionamento em função das características da doença" / sem embargo de.

c) "Tento entender a posição do paciente diante de sua doença" / em face de.

d) "Procuro respeitar sua vontade, colocando-a à frente da tecnologia" / adiante de.

e) "devem também participar do encaminhamento das soluções médicas, em prol de posições mais humanas" / em favor de.

Comentários:

Na letra A, ambas as locuções prepositivas apresentam valor semântico de *assunto*. Na letra C, o valor semântico é

de *causa*; na letra D, a noção que se expressa é de *lugar*, *posicionamento*. Na letra E, as locuções estão com valor semântico de *favor* e se reescrevem. Apenas na letra B as expressões não se substituem: *em função das* indica causa e *sem embargo de* indicaria concessão.

Resposta: B.

2. (NCE) O valor relacional da preposição em destaque está indicado com erro na alternativa:

a) "prolongar vidas de pacientes de forma inacreditável" / modo.

b) "conviver com incertezas" / companhia.

c) "discutir os inerentes aspectos técnicos sem desvinculá-los do lado emocional" / motivo.

d) "refletir sobre o sentido da vida" / assunto.

e) "preparar para a viagem final" / fim.

Comentários:

Mais uma vez, o que a banca espera é que o aluno identifique os valores semânticos das preposições e assinale o único que esteja incorretamente identificado. Na letra A, prolongam-se vidas de pacientes de determinada *forma*, *modo*; na letra B, convive-se *na companhia de* incertezas. Já na letra C, o valor é de *modo* e não *motivo*: discutem-se os aspectos técnicos *dessa forma* – sem desvinculá-los do lado emocional. Na letra D, o sentido da vida é o *assunto* sobre o qual se discute e, na letra E, a viagem final é a *finalidade* da preparação.

Resposta: C.

3. (NCE) Em "Procuro respeitar sua vontade, colocando-a à frente da tecnologia, **por** entender que a morte, assim como a vida, merece dignidade", a preposição **por** está empregada com o mesmo valor relacional que em:

a) Inês, dama de rara beleza, morreu por amor.

b) Examinaremos toda a questão, mas por partes.

c) Vagamos, distraídos, por toda a cidade.

d) A casa tem dois pavimentos, ligados por uma escada.

e) Ele sempre lutou por conseguir um bom emprego.

Comentários:

Na frase do enunciado, a preposição possui valor semântico de *causa* (é o mesmo que "*porque* entendo que a morte, assim como a vida..."). Na letra A, Inês morreu *por causa do* amor: o valor semântico é de *causa*. Na letra B, a questão será examinada deste *modo*: por partes; na letra C, a cidade é o *lugar* por onde vagamos distraídos; na letra D, a escada é o *meio* de ligação entre os dois pavimentos e, na letra E, a conquista de um bom emprego é a *finalidade* da luta dele.

Resposta: A.

4. (NCE/Ministério Público) A frase abaixo em que a preposição DE tem seu valor corretamente indicado é:

a) pulseira de plástico = qualidade

b) morreu de cansaço = causa

c) rosto de anjo = origem

d) tampa da panela = matéria

e) viagem de longe = parte

Comentários:

Na letra A, o valor semântico da preposição é de *matéria*: plástico é o material com que foi feita a pulseira. Na letra B, o valor é mesmo de *causa*: o cansaço foi a causa para a morte. Na letra C, anjo não é a *origem* do rosto, o valor é de *semelhança*: tem-se um rosto à semelhança de um anjo; na letra D, o valor semântico é de *posse*: a panela é *da* tampa e, na letra E, o valor é de *origem*, e não de parte.

Resposta: B.

5. (FCC/TRF) Alterou-se sensivelmente o sentido do trecho a seguir na opção: "O Mercosul (...) é, no momento, o mais notável bloco do Sul, devido ao peso específico das economias nele contidas e pelo seu rápido avanço".

a) O Mercosul é, no momento, o mais notável bloco do Sul, em virtude do peso específico das economias nele contidas e pelo seu rápido avanço.

b) Pelo peso específico das economias nele contidas e pelo seu rápido avanço, o Mercosul é, no momento, o mais notável bloco do Sul.

c) O Mercosul é, no momento, o mais notável bloco do Sul, por causa do peso específico das economias nele contidas e do seu rápido avanço.

d) Devido ao peso específico das economias nele contidas e pelo seu rápido avanço, o Mercosul é, no momento, o mais notável bloco do Sul.

e) O Mercosul é, no momento, o mais notável bloco do Sul, apesar do peso específico das economias nele contidas e pelo seu rápido avanço.

Comentários:

A locução prepositiva que aparece na frase do enunciado (*devido a*) tem valor de causa. Na letra A, tem-se a locução *em virtude de* com o mesmo valor causal. Na letra B, as duas ocorrências da preposição *pelo* indicam também causa. Na letra C, mais uma locução com valor causal: *por causa de*. Na letra D, duas preposições com valor de causa: *devido a* e *pelo*. Somente na letra E, a locução *apesar de* não indica causa, e sim concessão.

Resposta: E.

6. **(FCC)** Em "**Por** ser antes de tudo uma máquina de vender e, mais que isso, de vender o prazer do consumo e o consumo do prazer, ela atira contra nós mesmos o nosso desejo de consumir ao máximo...", a preposição sublinhada expressa uma relação com o sentido de:

a) causa

b) condição

c) consequência

d) concessão

e) posse

Comentários:

Tem-se, na frase do enunciado, uma relação de *causa e consequência*: o fato de ser uma máquina de vender o prazer e o consumo é a *causa* para se atirar contra nós mesmos o nosso desejo de consumir muito. Logo, a preposição tem o valor semântico de causa.

Resposta: A.

11 CONJUNÇÕES

11.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

11.1.1. Conjunções coordenativas

As **conjunções coordenativas** são aquelas que ligam orações de sentido completo, independente, que não exercem função sintática entre si: uma não é sujeito, objeto direto... da outra. Essa é a principal diferença entre as conjunções coordenativas e as subordinativas: a relação sintática que não existe entre as primeiras ocorre com as últimas. Mas você deve estar se perguntando: vou ter de pensar nisso tudo na hora de classificar as conjunções? Fique tranquilo, a resposta é não. Para identificar as conjunções, não será preciso pensar em análise sintática. Basta entender o que cada conjunção indica: o que é adicionar, opor, o que é causa, concessão, efeito etc.

Assim, comecemos pelas coordenativas, que integram o primeiro bloco, entendendo cada ideia que elas iniciam, aproveitando também para conhecer as conjunções e, se possível, memorizar, ao menos, meia dúzia de cada uma delas, para poupar futuramente seu tempo de resolução de prova. As conjunções coordenativas podem ser: aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas ou explicativas.

As **conjunções aditivas** são aquelas que ligam orações ou palavras, expressando ideia de acrescentamento ou adição. São elas: *e, nem* (= e não), além das expressões correlativas, que vêm em pares e também somam: *não só... mas também, não só... como também, bem como, não só... mas ainda.* Veja a frase:

A sua pesquisa é clara *e* objetiva.

Aqui, a conjunção aditiva liga termos (adjetivos) e não orações (sim, porque não se engane achando que a conjunção só pode ligar orações). Tais informações se adicionam, acrescentam.

Observe ainda:

Ele *não só* entrou na sala *como também* dirigiu-se aos pais.

Nesse caso, temos as expressões correlativas, que ligam duas orações, indicando ações que se somam.

As **conjunções adversativas** são aquelas que ligam duas orações ou palavras, expressando ideia de contraste ou compensação. São elas*: mas, porém, todavia, contudo, entretanto, no entanto, não obstante.* Em relação às conjunções adversativas, é interessante frisar que elas nem sempre opõem, mas podem também compensam, ressalvam.

Veja:

Tentei chegar mais cedo, *porém* não consegui.

Aqui, a conjunção adversativa opõe, o que podemos observar pelas expressões "tentei chegar" e "não consegui".

Logo, esse exemplo nos traz uma conjunção adversativa com valor de oposição, contraste.

Agora, observe:

Seu discurso foi breve, *mas* violento.

Nesse caso, temos palavras que não se contrastam: *breve* não é contrário de *violento*, mas é sua compensação. Logo, temos aqui conjunção adversativa com valor de ressalva, compensação.

As **conjunções alternativas** são aquelas que ligam orações ou palavras, expressando ideia de alternância ou escolha, indicando fatos que se realizam separadamente. São elas: *ou, ou... ou, ora... ora, já... já, quer... quer, seja... seja.* O que é interessante evidenciar nesse conceito é que elas podem, então, indicar, basicamente, duas ideias:

Ou saio eu, *ou* sai ele desta sala. (exclusão, escolha)

O cavalo avançava *ora* para a esquerda, *ora* para a direita. (alternância)

Você deve estar se perguntando: por que é preciso saber que a conjunção alternativa indica duas ideias (alternância ou exclusão)? Por dois motivos: primeiro, porque assim você não se engana achando que, se a conjunção é alternativa, só pode indicar alternância. Depois porque, em algumas questões, o examinador pode exigir um conhecimento mais específico: não que se diga apenas o nome da conjunção, mas que se explique o valor semântico que ela traz.

As **conjunções conclusivas** são aquelas que ligam à anterior uma oração que expressa ideia de conclusão ou consequência. São elas: *logo, pois* (dica importante: quando deslocado na oração, depois do verbo)*, portanto, por conseguinte, por isso, assim.*

Veja um exemplo:

Ele estava bem preparado para o teste, *portanto*, não ficou nervoso.

Aqui, o fato de *não ficar nervoso* é o resultado de *ele ter se preparado bem para o teste.* É a sua conclusão.

As **conjunções explicativas** são aquelas que justificam a ideia da oração a que se referem. São elas: *que*, *porque*, *pois* (dica importante: quando iniciar a oração, antes do verbo), *porquanto*.

Assim, temos:

Venha para casa, *pois* está começando a chover.

Não demore, *que* o filme vai começar.

Interessante observar que as conjunções explicativas normalmente vêm ligadas a orações com verbos no imperativo – ordem, pedido, conselho ("*venha* para casa", "não *demore*"). Isso ocorre porque é uma questão de educação dar a ordem e, na sequência, explicar, justificar o porquê daquele comando. Essa é uma boa dica para reconhecer as conjunções explicativas com mais rapidez nas frases. Eis uma notícia boa: ao ver uma oração com verbo no imperativo, ligada a um *porque, pois, porquanto*, normalmente a conjunção será explicativa. A notícia ruim é que a conjunção explicativa pode vir também ligada a oração sem verbo no imperativo. Mas aí, para identificá-la facilmente, é só se lembrar do seu

conceito: ela indica a explicação, a justificativa para o que foi dito anteriormente. Assim,

"Fazia tudo para ser agradável, *pois* não deixava uma pergunta sem respostas." (E. Bechara)

Aqui, a segunda oração explica, justifica aquilo que se disse na primeira. A conjunção é, então, explicativa.

Uma prova que tratou da conjunção explicativa ligada a verbo no imperativo foi a de Perito Criminal da Polícia Civil, Fundação Getulio Vargas, realizada em 2009. Veja:

Quase Nada

(Fábio Moon e Gabriel Bá. *Folha de São Paulo*, 28 de dezembro de 2008.)

1. No quarto quadrinho, a palavra **que** introduz uma:

a) causa.

b) consequência.

c) explicação.

d) condição.

e) concessão.

Comentários:

A conjunção *que* aparece ligada a verbo no imperativo – acorda – indicando uma explicação para o que se disse na outra oração. Poderíamos até trocar o *que* por outra conjunção explicativa – *porque*, *pois*. Observe que a banca não se preocupa tanto se a conjunção é coordenativa ou subordinativa, e sim com o valor semântico que ela indica – *explicação*. É uma tendência das bancas atuais: não cobrar do aluno memorização da nomenclatura, mas compreensão das ideias expressas pelos conectores.

Resposta: C.

Antes de partirmos à análise de outras questões de concursos, vamos fixar os conceitos por meio de frases curtas, para verificar se você entendeu a teoria.

Classifique as conjunções coordenativas das frases abaixo.

1. Fale baixo, **porque** todos estão dormindo.

   Comentários: Ordem seguida da explicação.

   Resposta: conjunção explicativa.

2. **Não só** passeia, **mas ainda** cumpre a obrigação.

   Comentários: As duas ações se somam, *ele passeia* e *cumpre a obrigação*: "não só, mas ainda".

   Resposta: conjunções aditivas.

3. Estudou muito **e** não foi aprovado.

   Comentários: Apesar de a conjunção "e" ser normalmente aditiva, aqui ela contrasta, não segue o esperado: o que se esperava seria *estudar* e *ser aprovado*.

   Resposta: conjunção adversativa.

4. Estudou muito **e** foi aprovado.

   Comentários: Nesse caso, a conjunção não soma nem opõe, ela indica o resultado, a conclusão.

   Resposta: conjunção conclusiva.

5. Você leu as cláusulas do contrato; não reclame, **pois**, das dificuldades que surgirem.

   Comentários: Observe bem: a conjunção *pois* veio após o verbo, entre vírgulas, o que indica o seu deslocamento; além do mais, traz ideia de resultado.

   Resposta: conjunção conclusiva.

6. **Nem** estuda **nem** deixa os outros estudarem.

   Comentários: Dizer que *nem estuda nem deixa os outros estudarem* é o mesmo que dizer que não se fazem as *duas* coisas: não estuda *e* não deixa os outros estudarem.

   Resposta: conjunção aditiva. Cuidado para não confundir com as alternativas: não são ações que se alternam e sim que se somam.

7. Analisamos o projeto com muita atenção, estamos, **pois**, aptos a executá-lo.

   Comentários: Novamente, o *pois* deslocado. As vírgulas são uma preciosa dica. Ideia de resultado, conclusão.

   Resposta: conjunção conclusiva.

8. O regulamento era bastante claro a esse respeito; **no entanto**, muitas pessoas teimavam em fingir que não sabiam de nada.

   Apesar da *clareza do regulamento*, pessoas *fingiam não saber de nada*: oposição, contraste.

   Resposta: conjunção adversativa. Além do mais, as conjunções *entretanto, porém, no entanto* serão sempre

adversativas!

9. **Ou** não entendeu, **ou** fingiu-se de tolo.

Comentários: Duas opções que se excluem.

Resposta: as conjunções são alternativas e o valor semântico é de exclusão, escolha: uma coisa ou outra.

10. As autoridades levantaram-se **e** aplaudiram o velho professor.

Comentários: Finalmente um *e* que soma: duas ações que se adicionam.

Resposta: conjunção aditiva.

11. Saia da varanda, **que** está muito frio.

Comentários: Aproveite a estruturação da frase: temos a ordem (verbo no imperativo), seguida da explicação.

Resposta: conjunção explicativa.

12. Ele agradeceu a mim **bem como** a todos os presentes pela ajuda recebida.

Comentários: Ele agradeceu a mim *e* a todos.

Resposta: conjunção aditiva.

Vamos resolver algumas questões? Mas antes uma dica importante: nas provas atuais de concursos públicos, podemos observar duas tendências de questões em relação ao assunto que estamos abordando. Entenda:

Existem as questões que retiram um trecho do texto e pedem que você classifique a conjunção destacada ou, simplesmente, indique o valor semântico que ela representa.

Há também as questões de reescritura, em que se retira um trecho de um texto, com determinada conjunção em destaque, para que o aluno julgue que outras conjunções seriam capazes de substituí-la, mantendo-se o sentido original da frase.

Para resolver as questões do primeiro tipo, é preciso que você identifique a conjunção na frase em destaque, analisando a ideia que ela indica. Eis um exemplo:

1. (FCC/TRF – 2ª Região) No texto, o segmento "… podem ora ser consideradas como orientação geral, ora como disposição…" expressa ideias de ações:

a) opostas.

b) repetidas.

c) alternadas.

d) simultâneas.

e) concomitantes.

Comentários:

O que temos na frase são ações que se alternam. Os próprios conectivos *ora, ora* confirmam essa ideia. A letra A seria a resposta, caso se tratasse de conjunção adversativa. Quanto à letra B, imaginamos que a banca esteja tratando de ações que se somam (aditivas). Já as letras D e E referem-se às conjunções temporais, que podem indicar ações que ocorrem ao mesmo tempo (simultâneas, concomitantes).

Conclusão: para resolver uma questão como essa, basta que você leia a frase com cuidado para entender o valor semântico indicado pela conjunção.

Resposta: C.

2. (FCC/TRF-SP) O emprego do elemento sublinhado compromete a coerência da frase:

a) Cada época tem os adolescentes que merece, <u>pois</u> estes são influenciados pelos valores socialmente dominantes.

b) Os jovens perderam a capacidade de sonhar alto, <u>por conseguinte</u> alguns ainda resistem ao pragmatismo moderno.

c) Nos tempos modernos, sonhar faz muita falta ao adolescente, <u>bem como</u> alimentar a confiança em sua própria capacidade criativa.

d) <u>A menos que</u> se mudem alguns paradigmas culturais, as gerações seguintes serão tão conformistas quanto a atual.

e) Há quem fique desanimado com os jovens de hoje, <u>porquanto</u> parece faltar-lhes a capacidade de sonhar mais alto.

Comentários:

O enunciado busca a alternativa que apresente uma conjunção mal escolhida, ou seja, que não expresse a ideia que ela deveria indicar.

A alternativa B traz o conectivo *por conseguinte*, cuja ideia é de conclusão. No entanto, esse conectivo está introduzindo uma oposição: *os jovens perderam a capacidade de sonhar alto, mas alguns ainda resistem ao pragmatismo moderno*. Assim, a conjunção que deveria unir essas duas orações deveria ser adversativa (*mas, porém, contudo, todavia* etc.), e não conclusiva. A letra A apresenta uma afirmativa seguida de sua explicação, confirmada pelo conectivo *pois*. A letra C apresenta duas informações que adicionam, o que se percebe pela conjunção aditiva *bem como*. A letra D introduz uma condição para que a outra oração ocorra, o que estudaremos nas conjunções adverbiais condicionais. Finalmente, a letra E traz um *porquanto*, que estabelece uma explicação para a outra oração.

Resposta: B.

Atenção: não confunda a conjunção porquanto com portanto. Porquanto é o mesmo que porque.

Conclusão: nesse tipo de questão, além de entender a ideia que cada conjunção está veiculando, é necessário ter memorizado uma lista básica de conjunções para cada classificação. Isso agiliza o tempo de resolução da questão. De outra forma, além de ler cada frase e entender a sua mensagem, o aluno teria de fazer um certo esforço para lembrar o que

cada uma das conjunções normalmente indica. Aqui, então, você precisaria entender a ideia estabelecida por cada conjunção e memorizar uma lista mínima de conectores.

São duas questões que necessitam que detectemos em cada frase o valor semântico que a conjunção expressa (oposição, ressalva, explicação etc.).

Há também as questões que buscam reescritura de frases, ou seja substituições de conjunções por outras que expressem a mesma ideia, entendemos que a memorização da lista das conjunções seja mais importante do que a compreensão do que está escrito na frase.

Veja um item de uma prova para o Ministério das Relações Exteriores, da banca organizadora Cespe/UnB, ocorrida no ano de 2009. Nela, esperava-se que o candidato julgasse a assertiva como certa ou errada.

1. "Essas disputas, contudo, podem ter mais relação com o perfil de potência regional do Brasil, **uma vez que** suas empresas multinacionais competem de modo mais agressivo por negócios além das fronteiras brasileiras."

   a) A expressão "uma vez que" pode, sem prejuízo para a correção gramatical do período e sem alteração das informações originais, ser substituída por qualquer uma das seguintes: visto que, já que, pois, porque, porquanto.

   Comentários:

   Nesse caso, o mais importante não era entender a frase do texto, e sim ter memorizado as conjunções. Consulte a lista de conjunções explicativas que você possui e veja se não estão todas lá. Simples, não é? Já para o aluno que não memorizou...

   Resposta: certa.

Mais uma questão do mesmo concurso: pedia-se o de sempre, ou seja, julgar a alternativa como certa ou errada.

2. "Com isso, a partir de janeiro de 2009, a produção terá redução total de 4,2 milhões de barris diários. A medida, que foi acompanhada por países fora do cartel, não conseguiu, **no entanto**, segurar o preço da *commodity*, que caiu abaixo dos US$ 40." (O Globo, 18/12/2008.)

   a) O termo "no entanto" pode, sem prejuízo para a correção gramatical do período e sem alteração das informações originais, ser substituído por qualquer um dos seguintes: porém, contudo, conquanto, contanto que.

   Comentários: A conjunção *no entanto* é adversativa. Na lista das coordenativas adversativas só aparecem as duas primeiras: *porém* e *contudo*.

   Conquanto é uma conjunção concessiva, que, apesar de indicar a mesma ideia de contrariedade, levaria o verbo para o subjuntivo. Logo, tal conjunção até manteria a ideia da adversativa "no entanto", mas prejudicaria a correção gramatical do período.

   Contanto que é conjunção condicional, que nada tem de semelhança com a conjunção adversativa do texto.

   Resposta: errada.

Você deve estar se perguntando: então, para resolver as questões de conjunções, basta que eu decore a lista de cada uma delas? Infelizmente, não. Ainda que para algumas questões a memorização baste, entender as relações semânticas que as conjunções estabelecem nas frases é fundamental por alguns motivos:

1. Algumas conjunções estabelecem mais de uma ideia, aparecem em mais de uma lista. Você vai aprender que um *porque* pode ser causal, explicativo ou final. Um *pois* pode ser conclusivo, explicativo ou causal. Além dessas conjunções, há outras que podem ter mais de uma classificação (*desde que*, *que*, *se*...). Assim, só uma leitura cuidadosa da frase permitiria a classificação da conjunção. Nesse caso, ter memorizado as conjunções ajuda, mas não resolve a questão.

2. Há questões que pedem que se identifique o valor semântico da conjunção, e não simplesmente que dê a sua classificação. Vimos, por exemplo, que a conjunção adversativa *mas* pode indicar adversidade ou ressalva: haverá questões que vão buscar que você identifique qual das duas ideias a conjunção indica. Decorar a lista, aqui, resolveria o seu problema?

11.1.2. Conjunções subordinativas

Vamos agora ao estudo das conjunções adverbiais, que estatisticamente são aquelas que mais aparecem nas provas de concursos públicos de variadas bancas.

Conjunção subordinativa é a palavra ou locução conjuntiva que liga duas orações, sendo uma delas dependente da outra. A oração dependente, introduzida pelas conjunções subordinativas, recebe o nome de oração subordinada.

Ex.: O baile já tinha começado quando ele chegou.

or. principal ↑ or. subordinada

conj. subord.

As conjunções subordinativas subdividem-se em **adverbiais** e **integrantes**. Vamos a elas...

As **conjunções adverbiais** são aquelas que indicam circunstâncias. Lembre-se de que circunstância é uma ideia que se adiciona à frase sem ser necessária. É a história do fofoqueiro: onde?, como?, por quê?, para quê?... Certa vez, o professor Evanildo Bechara comentou, em uma palestra, que *circunstância é algo que a frase não pede, só a nossa curiosidade*... Pois bem, cabe ao aluno conhecer as ideias circunstanciais que se acrescentam à ideia principal de um texto, desenvolvendo-a. Podem ser causais, consecutivas, concessivas, condicionais, comparativas, conformativas, finais, temporais e proporcionais.

Primeiramente, temos as **conjunções causais** (*porque, que, como (= porque), pois que, uma vez que, visto que, porquanto, já que* etc.), que são aquelas que indicam *um fato que faz com que o outro ocorra*. Logo, para cada causa haverá um efeito. Se você não achar o efeito, então não havia causa. Daí, o exemplo:

Ele não fez a pesquisa *porque* não dispunha de meios.

O fato de *ele não dispor de meios* é que fez com que *ele não fizesse a pesquisa*. Agora, cuidado! Não confunda a causa com o efeito. Antes de classificar a conjunção, lembre-se de que **a conjunção recebe o nome da ideia que vem depois dela, não antes**. Se o que vem depois do *porque* é que fez com que *ele não fizesse a pesquisa*, então *porque* é uma conjunção causal.

Aqui, valem dois recados:

Atenção:
1. Tenha em mente, ao resolver a questão, o conceito de causa: ela é um fato que faz com que o outro ocorra.
2. Antes de classificar a conjunção, cuidado para não olhar para o lugar errado: a conjunção recebe a classificação do que ela inicia, não do que veio antes dela.

Você deve estar perguntando: e se a conjunção iniciasse a oração *ele não fez a pesquisa* e não a outra oração? Aí, ela seria *consecutiva*, pois estaria iniciando o efeito, a consequência.

Assim, surge a **conjunção consecutiva**, que é aquela que introduz uma oração que expressa a consequência da principal. São elas: *de sorte que, de modo que, de forma que, sem que (= que não), que* (tendo como antecedente na oração principal uma palavra como *tal, tão, cada, tanto, tamanho)* etc.

Portanto, temos a frase:

Estudou tanto durante a noite *que* dormiu na hora do exame.

O primeiro passo é reconhecer que há, nessa frase, **uma relação de causa e efeito**. Triste é quando a gente sequer enxerga isso no texto…

Em seguida, organizar, na frase, o que é causa e o que é o efeito.

Lembre-se de que:
1. Na linha do tempo, a causa antecede o efeito: acontece antes.
2. A conjunção recebe o nome da ideia que ela inicia.

Assim, temos:

O fato de *estudar tanto durante a noite* aconteceu antes de *ter dormido na hora do exame*: estudar muito **fez com que** dormisse na prova. Logo, *estudar* é a causa e *dormir* é o efeito. Ora, se a conjunção inicia o fato de *ter dormido na hora do exame*, que é a consequência, ela é consecutiva e não causal.

As conjunções concessivas introduzem uma oração que expressa ideia contrária à da principal, sem, no entanto, impedir sua realização. São elas: *ainda que, apesar de que, embora, mesmo que, conquanto, se bem que, por mais que, posto que* etc. Observe:

Embora fosse tarde, fomos visitá-lo.

O fato de *ser tarde* não impediu que *fôssemos visitá-lo*. São informações contrárias, que não se excluem. Além do

mais, o verbo está no subjuntivo (*fosse*), o que acaba sendo uma característica marcante das conjunções concessivas.

Atenção:

1. As conjunções concessivas indicam contrariedade, oposição.

2. A fim de não confundi-las com as coordenativas adversativas, que também contrastam, não deixe de memorizar as conjunções de cada lista e de lembrar que a conjunção concessiva, normalmente, leva o verbo para o subjuntivo, o que não ocorre com as adversativas.

Mais um exemplo para você fixar: Eu não desistirei desse plano *mesmo que* todos me abandonem.

O fato de *todos me abandonarem* não impedirá que *eu desista desse plano*: ideia de concessão. Atenção ao verbo "abandonem", que está no presente do subjuntivo.

As **conjunções condicionais** introduzem uma oração que indica a hipótese ou a condição para a ocorrência da principal. São elas: *se, contanto que, salvo se, desde que, a menos que, a não ser que, caso* etc.

Veja o exemplo:

Se precisar de minha ajuda, telefone-me.

A ação de me telefonar só ocorrerá *caso seja necessária a minha ajuda*. É a **hipótese** para a ocorrência da outra oração. Observe que o verbo está no subjuntivo – *precisar*, o que enfatiza a ideia hipotética que a oração traz.

As **conjunções conformativas** introduzem uma oração em que se exprime a conformidade de um fato com outro. São elas: *conforme, como (= conforme), segundo, consoante* etc. Pense sempre assim: a conjunção conformativa indica um fato que se realiza *de acordo com outro*, *em conformidade com outro*. Assim:

Arrume a exposição *segundo* as ordens do professor.

A exposição será arrumada *em conformidade*, *de acordo com* o que o professor ordenar.

As **conjunções finais** introduzem uma oração que expressa a finalidade ou o objetivo com que se realiza a principal. São elas: *para que, a fim de que, porque (= para que), que* etc. É mais uma conjunção que, por também indicar hipótese, apresenta, em geral, o verbo no subjuntivo. Veja:

Toque o sinal *para que* todos entrem no salão.

A finalidade, o objetivo da primeira oração ("toque o sinal") é de que *todos entrem no salão*. Veja como *a finalidade é uma consequência desejada, almejada, hipotética*.

As **conjunções proporcionais** introduzem uma oração que expressa um fato relacionado proporcionalmente à ocorrência principal. São elas: *à medida que, à proporção que, ao passo que* e as combinações *quanto mais...* (mais), *quanto mais...* (menos), *quanto menos...* (mais), *quanto menos...* (menos) etc. É simples: uma ideia que se realiza proporcionalmente à outra. Assim:

O preço fica mais caro *à medida que* os produtos escasseiam.

Eis o que a conjunção proporcional indica: *quanto mais o preço fica caro, mais os produtos escasseiam*. São ações diretamente proporcionais. Podemos ter até ações inversamente proporcionais:

Quanto mais reclamava, menos atenção recebia.

Na sequência, temos as **conjunções temporais**, que são aquelas que introduzem uma oração que acrescenta uma circunstância de tempo ao fato expresso na oração principal. São elas: *quando, enquanto, assim que, logo que, todas as vezes que, desde que, depois que, sempre que, mal (= assim que)* etc. Essa ideia de tempo pode iniciar um tempo simultâneo, concomitante:

A briga começou *assim que* saímos da festa.

As duas ações ocorrem ao mesmo tempo. É conjunção temporal que indica *tempo simultâneo*. Mas não será sempre assim. Veja:

A cidade ficou mais triste *depois que* ele partiu.

A conjunção é temporal, indicando tempo anterior. Que interessante: a locução conjuntiva *depois que* está iniciando uma oração com valor de anterioridade (*ele partiu* aconteceu antes de *a cidade ficar mais triste*) e não de posterioridade. Por isso, é tão importante você se adestrar e, antes de classificar a conjunção, olhar para a oração que **vem depois dela**, não antes!

Agora, vêm as que consideramos mais fáceis: as conjunções comparativas. As **conjunções comparativas** introduzem uma oração que expressa ideia de comparação com referência à oração principal. São elas: *como, assim como, tal como, como se, (tão)... como, tanto como, tanto quanto, tal, qual, tal qual, que* (combinado com *menos* ou *mais*) etc. Assim, temos:

O jogo de hoje será mais difícil *que* o de ontem.

Vemos aqui *ações que se comparam*. Observe: o verbo das orações comparativas normalmente vem implícito, por ser o mesmo da outra oração. É como se eu dissesse: o jogo de hoje será difícil como o de ontem *foi difícil*. Observe mais um exemplo:

Ele é preguiçoso *tal como* o irmão.

É como se disséssemos: *ele é preguiçoso como o irmão é preguiçoso*.

Atenção: A oração comparativa vem com verbo implícito, contando, portanto, como uma oração. Se houver uma questão que pergunte quantos verbos há no período, não deixe de contar com o verbo da oração comparativa, embora ele não esteja explícito.

Por fim, temos as **conjunções integrantes**. Deixamos essas conjunções para o final, porque elas não integram o bloco das adverbiais, **não trazem ideia circunstancial**. O seu papel é iniciar oração substantiva, a oração que vale por um substantivo. Lá na escola, a professora nos aconselhava a substituir a oração substantiva por **isto**, que é um pronome substantivo, só para ter certeza de que ela é substantiva. Assim, teríamos:

Espero *que* ele traga os documentos necessários.

A conjunção integrante *que* integra a oração substantiva (*que ele traga os documentos necessários*), oração que vale por um substantivo, que pode ser trocada por **isto**. Veja que ela não tem nenhum dos valores semânticos que estudamos anteriormente (causa, condição, concessão…), apenas inicia uma oração substantiva. Mais um exemplo:

Não sei *se* José foi aprovado.

Eis um exemplo de conjunção integrante *se:* ela inicia uma oração que vale por um substantivo (*aprovação de João*). É a conjunção integrante.

Atenção:

1. As conjunções subordinativas dividem-se em dois blocos: integrantes (sem valor semântico) e adverbiais (que indicam ideia circunstancial, apresentando os valores de causa, condição, concessão etc.)
2. Reconhecer a conjunção integrante é simples: basta trocar a oração que ela inicia por um substantivo, ou, simplesmente, por isto.

Que tal treinarmos um pouco antes de encararmos as questões de concursos? A seguir, apresentamos algumas frases para fixarmos os conceitos.

Classifique as conjunções subordinativas destacadas nas frases a seguir:

1. Não vieram **porque** chovia muito.

Comentários: O fato de *chover muito* fez com que *não viessem*: inicia a causa.

Resposta: conjunção causal.

2. **Por mais qu**e estude, corre o risco de ser reprovado.

Comentários: O esperado seria que, *estudando muito, fosse aprovado*. Tem-se a ideia de oposição.

Resposta: conjunção concessiva. Atenção ao verbo no subjuntivo.

3. **Como** todos sabem, tenho um nome respeitado.

Comentários: A conjunção *como* tem valor de *conforme*, *de acordo com*.

Resposta: conjunção conformativa.

4. Ninguém sabe **se** ele está vivo ou morto.

Comentários: Ninguém sabe *isto*.

Resposta: a conjunção inicia oração substantiva, integrante.

5. Estava tão cansado, **que** adormeceu na poltrona.

Comentários: Lá vem ela: a relação de causa e efeito. Organize o seu raciocínio: o fato de *estar cansado* fez com que *ele adormecesse na poltrona*. A causa é *o cansaço*, o efeito é *adormecer na poltrona*.

Resposta: a conjunção *que* inicia o efeito, ela é consecutiva. Além do mais, quem já memorizou sabe que um *que*

antecedido de *tão* normalmente é consecutivo.

6. Menti **porque** precisava.

Comentários: O fato de *precisar* fez com que *eu mentisse*. *Precisar* é a causa, *mentir* é a consequência.

Resposta: a conjunção inicia a causa: ela é causal.

7. Menti **porque** não fosses punido.

Comentários: Esse *porque* pode ser trocado por *para que*, *a fim de que*. O verbo, além disso, está no subjuntivo, indicando hipótese.

Resposta: conjunção final.

8. **Ainda que** me ameaces, nada revelarei.

Comentários: Relação de oposição, contrariedade, um fato que não impede que o outro ocorra: o fato de *me ameaçar* não vai impedir que *eu nada revele*. E o verbo no subjuntivo.

Resposta: conjunção concessiva.

9. **Como** ele se despedisse, acompanhamo-lo à porta.

Comentários: Relação de causa e efeito: o fato de *ele se despedir* fez com que *o acompanhássemos até a porta*.

Resposta: inicia a causa, a conjunção é causal.

10. **Sempre que** estou estudando, não gosto que façam barulho.

Comentários: Indica ideia de tempo. Não gosto que façam barulho *quando* estou estudando.

Resposta: conjunção temporal.

11. **Caso** ela me beije, pensarei no caso.

Comentários: A ação de *pensar no caso* só ocorrerá *se ela me beijar*. Valor de hipótese, condição. E verbo no subjuntivo – *beije*.

Resposta: conjunção condicional.

12. **Quanto mais** trabalho, **menos** tempo tenho para ganhar dinheiro.

Comentários: Ações inversamente proporcionais: quanto mais *se trabalha*, menos *se ganha dinheiro*.

Resposta: conjunção proporcional.

13. **Se bem que** estude muito, não aprende tudo.

Comentários: O verbo no subjuntivo – estude – e uma ideia de oposição: o fato de *estudar muito* não garante *o aprendizado da matéria*.

Resposta: conjunção concessiva.

14. **Desde que** saiu, não consigo raciocinar direito.

Comentários: A ação de *não raciocinar direito* ocorre desde o momento em que *alguém saiu*. Ideia de tempo anterior.

Resposta: conjunção temporal.

15. **Como** seu irmão, Mariana sabia se comportar.

Comentários: A conjunção *como* equivale a *do mesmo modo que*. É como se disséssemos: Mariana sabe se comportar *do mesmo modo que* seu irmão sabe se comportar. O verbo vem implícito, por ser o mesmo da outra oração. São ideias que se comparam.

Resposta: conjunção comparativa.

Devidamente treinados em relação às conjunções subordinativas? Esperamos que sim. Agora, chegamos ao momento mais importante deste capítulo: a mistura das conjunções coordenativas e subordinativas. O aluno que sabe mesmo não se confunde quando vêm todas juntas. As dicas são muito simples:

Não se preocupe com a nomenclatura *coordenativa* ou *subordinativa*. O mais importante é a ideia que cada conjunção traz. Exemplo: se a conjunção iniciar uma ideia de explicação e não de causa, será coordenativa, e não subordinativa. O mais importante é identificar o valor semântico da oração que a conjunção inicia.

Não deixe de memorizar uma lista mínima para cada bloco de conjunções: isso poupará tempo de resolução de prova. Exemplo: o aluno que não memoriza que *conquanto* será sempre conjunção concessiva, pode perder muito tempo pensando sobre as outras ideias (causal, explicativa, conformativa...).

Não deixe de olhar para o que vem depois da conjunção, não para o que vem antes. Na dúvida, procure também substituir a conjunção por outras que tenham o mesmo sentido, para ter certeza da resposta certa.

E o mais importante: procure lidar com a frase da forma como ela está no texto. Não imagine situações, não extrapole o que está escrito. Exemplo: diante de uma *conjunção condicional*, que é a *hipótese* para a ocorrência da outra oração, não fique imaginando um contexto em que essa hipótese viesse a ocorrer. Se fosse assim, ela seria *causal* e não *condicional*. Dessa forma, você acaba errando porque pensou em outra coisa.

Classifique as conjunções a seguir:

1. Convém **que** tomes cuidado.

Comentários: Convém *isto*. A conjunção inicia oração substantiva.

Resposta: conjunção subordinativa integrante.

2. **Mesmo que** me peça, não atenderei.

Comentários: Algo que não se espera, contraditório. Verbo no subjuntivo. É o mesmo que *embora, ainda que*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial concessiva.

3. Nem canta **nem** assovia.

Comentários: Não realiza as duas ações: cantar e assoviar. *Nem* é o mesmo que *e não*.

Resposta: conjunção coordenativa aditiva.

4. **Ora** canta, **ora** assovia.

Comentários: Ações que se alternam: algumas vezes canta, outras assovia.

Resposta: conjunções coordenativas alternativas.

5. **Quanto mais** canta, mais feliz fica.

Comentários: Ações diretamente proporcionais. É o mesmo que *à medida que*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial proporcional.

6. Vai logo, **que** chegarás atrasado.

Comentários: Ordem seguida da sua explicação. Atente ao verbo da primeira oração no imperativo. *Que*, aqui, equivale a *pois*.

Resposta: conjunção coordenativa explicativa.

7. Ele se complicou, **por isso** foi repreendido.

Comentários: Ser repreendido é a conclusão de ele ter se complicado. Não confunda com a subordinativa consecutiva: *por isso* pertence à lista das conclusivas. É o mesmo que *logo*, *portanto*.

Resposta: conjunção coordenativa conclusiva.

8. Ele falou tanto **que** foi repreendido.

Comentários: O fato de muito ter falado fez com que ele fosse repreendido. Atenção ao *que* antecedido de *tanto*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial consecutiva.

9. Vem, **que** eu te abraçarei.

Comentários: Pedido seguido de sua explicação. O *que*, aqui, equivale ao *pois*.

Resposta: conjunção coordenativa explicativa.

10. Conversa mais **que** trabalha.

Comentários: Comparam-se as ações de conversar e trabalhar.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial comparativa.

11. Estudou, **logo** foi aprovado.

Comentários: Ser aprovado é a conclusão de ter estudado. É o mesmo que *por isso*, *por conseguinte*, *portanto*.

Resposta: conjunção coordenativa conclusiva.

12. Estava tão cansado, **que** adormeceu na poltrona.

Comentários: *Que* antecedido de *tão*. Adormecer na poltrona é a consequência de estar muito cansado.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial consecutiva.

13. **Que** eu saiba, Luís não é casado.

Comentários: É o mesmo que *conforme eu saiba*, *de acordo com o que eu sei*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial conformativa.

14. **Sem que** eu tenha este documento nas mãos, nada poderei fazer.

Comentários: Ter o documento nas mãos é a condição para que eu faça algo. Atenção ao verbo *tenha*, no presente do subjuntivo.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial condicional.

15. Comprei as mangas, verdes **que** estivessem.

Comentários: O fato de as mangas estarem verdes não impediu que as comprasse. É o mesmo que *embora, ainda que estivessem verdes*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial concessiva.

16. No elogio há sempre menos sinceridade **que** na censura.

Comentários: Ações que se comparam. Observe que o verbo da segunda oração está implícito: "No elogio há sempre menos sinceridade que *há sinceridade* na censura".

Resposta: conjunção subordinativa adverbial comparativa.

17. Entre em silêncio **que** as crianças não acordem.

Comentários: As crianças não acordarem é a finalidade de se entrar em silêncio. Veja o verbo *acordem* no subjuntivo. É o mesmo *que a fim de que, para que as crianças não acordem*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial final.

18. Foi ao clube, **porém** não tinha ânimo.

Comentários: Ideia de adversidade, oposição. É o mesmo que *mas, contudo, todavia*. Não confunda com a conjunção concessiva, que possui a mesma ideia de contrariedade, mas leva o verbo para o subjuntivo.

Resposta: conjunção coordenativa adversativa.

19. **Embora** não tivesse ânimo, foi ao clube.

Comentários: Agora sim: o verbo está no subjuntivo. Ideia de oposição, contrariedade. Um fato (*não ter ânimo*) que

não impede que o outro (*ir ao clube*) ocorra. É o mesmo que *ainda que não tivesse ânimo*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial concessiva.

11.1.3. Valores semânticos das principais conjunções

Antes de treinarmos as questões de concursos, uma pausa para uma boa sistematização. Pelos exercícios anteriores, você já deve ter percebido que determinadas conjunções aparecem em mais de uma lista. Exemplo: o conector *porque*, que você conhecia como causal ou explicativo, pode ser também final. Assim, pensamos que seria didático sistematizar as conjunções que aparecem em mais de uma lista, de modo que você saiba tudo que cada uma pode ser. Fica mais fácil na hora de estudar. Vamos lá?

• **E:** A conjunção **e** pode indicar as seguintes ideias:

Ele trabalha **e** estuda. (aditiva)

Estudou, **e** não passou. (= mas: adversativa)

Estudou, **e** passou em 1º lugar. (= logo: conclusiva)

• **POIS:** Quando inicia a oração pode ser causal ou explicativa. Se deslocada, será sempre conclusiva.

Estude bastante, **pois** tudo correrá bem. (explicativa)

Ele passou em 1º lugar, **pois** muito se esforçou. (causal)

Ele muito se esforçou; passou, **pois**, em 1º lugar. (conclusiva)

• **OU:** Como conjunção alternativa, pode excluir ou retificar. Pode ser também conjunção aditiva.

João **ou** José casará com Maria. (*um ou outro*; alternativa com valor de exclusão)

O professor **ou** os professores dirigiram-se ao departamento. ("os professores" corrige a informação anterior; alternativa com valor de retificação)

O fumo **ou** a bebida fazem mal à saúde. (= *e*: aditiva)

• **DESDE QUE**

Desde que acordou, não parou de estudar. (= *desde que*: temporal)

Desde que se esforce, tudo correrá bem. (= *caso*: condicional)

• **QUE**

Fala, **que** fala, **que** fala, **que** fala. (= *e*: aditiva)

Entre, **que** estamos atrasados. (= *pois*: explicativa)

Sei **que** serei aprovado. (*Sei isto*: integrante)

Choveu, **que** o dia foi muito quente. (= *porque*; causal)

O dia foi tão quente, **que** choveu. (*que* antecedido de *tão*: consecutiva)

Que ele insistisse, eu não iria à festa. (= *embora*: concessiva)

Esforce-se **que** tudo corra bem. (= *para que*: final)

• **SE**

Não sei **se** ele foi aprovado. (*Não sei isto*: integrante)

Se ele foi aprovado, não sei. (*Não sei isto*: só houve mudança da ordem da frase: integrante)

Se ele for aprovado, seus pais ficarão contentes. (= *caso ele seja*: condicional)

Se vocês já estão aqui, então, vamos começar a reunião. (= *já que*: causal)

Se eles eram felizes, não demonstravam contentamento. (= *embora*: concessiva)

• **COMO**

Ele fala **como** o irmão. (= *do mesmo modo que*: comparativa)

Como morava perto do amigo, resolveu visitá-lo. (= *já que*: causal)

Viajaremos **como** combinamos. (= *conforme*: conformativa)

11.1.4. Como estudar as conjunções

Sabemos que estudar as conjunções é tarefa que compreende as seguintes etapas:

• Entender o valor semântico que cada conjunção expressa: saber o que é adição, alternância, adversidade etc.

• Sistematizar as conjunções que podem apresentar mais de uma ideia. A conjunção alternativa, por exemplo, não indica só alternância, pode indicar também escolha ou exclusão.

• Memorizar uma lista básica de conjunções para cada grupo (aditivas, explicativas...).

• Apresentar as conjunções que podem aparecer em mais de uma lista. A conjunção *e*, por exemplo, pode ser aditiva, adversativa ou conclusiva. Sistematizar essas conjunções poupará ao aluno tempo de raciocínio para resolução da questão.

• Treinar, treinar e treinar.

11.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Classifique as conjunções coordenativas seguindo este código.

(1) aditiva

(2) adversativa

(3) alternativa

(4) conclusiva

(5) explicativa

1. ( ) Foi transferido, logo não nos veremos com muita frequência.
2. ( ) Agora verificamos um trabalho mais efetivo com a palavra não apenas como meta para o desenvolvimento, mas como um trabalho de resgate do próprio homem.
3. ( ) Podem me acusar, pois estou com a consciência tranquila.
4. ( ) "Esforço-me para aproximá-lo de Jesus, no entanto o senhor acerca-se do Papa."
5. ( ) O atleta teve um ótimo desempenho e não conseguiu vencer a prova.
6. ( ) O futebol já é o quarto maior mercado de capitais do mundo, todavia só agora a Receita começa a prestar atenção nos jogadores.
7. ( ) "Tente não se tornar um homem de sucesso, e sim um homem de valores."
8. ( ) Eles merecem perdão ou reparação total?
9. ( ) Sente aqui, que precisamos conversar.
10. ( ) "A água lhe bate nos olhos. Percebe, entretanto, que a água o está levando para o lado das pedras."
11. ( ) Você participou do debate; diga-me, pois, as novidades.
12. ( ) "Já não era a flor do bairro, senão de toda a cidade."
13. ( ) "Você não entendeu meu bilhete, portanto não cumprirá minhas orientações."
14. ( ) "Tanto ele como o irmão são meus amigos."
15. ( ) "Não achou os documentos nem as fotocópias."
16. ( ) Queria estar atento à palestra, contudo o sono chegou.
17. ( ) Peguei um táxi e fui à casa do Wilson.
18. ( ) Conhecemos pessoas materialmente ricas, porém pobres espiritualmente.
19. ( ) "Você se prepara para o futuro corretamente ou fica metade do tempo se preocupando e nada mais?"
20. ( ) Não insista, porque não irei ao jogo.

II. Classifique as conjunções ou locuções subordinativas destacadas usando este código.

(1) causal

(2) concessiva

(3) condicional

(4) conformativa

(5) final

(6) proporcional

(7) temporal

(8) comparativa

(9) consecutiva

(10) integrante

1. ( ) ( ) A crise mostra que o Brasil progride enquanto dorme.

2. ( ) Não sabia se voltaria para casa.

3. ( ) "Se você sentir saudade, por favor não dê na vista."

4. ( ) "Como escreveu o divino Dante: 'Percam todas as esperanças. Estamos todos no inferno'."

5. ( ) Como estivesse doente faltei à escola.

6. ( ) Ainda que chova, sairei de casa.

7. ( ) Serás aprovado desde que estudes.

8. ( ) "Como nas novelas, vemos que o Brasil está se dividindo entre babacas e psicopatas."

9. ( ) "A crise ensina que nossa política é tão medíocre, que nos últimos anos bastou a economia."

10. ( ) "Quando terminei a inspeção do que estava feito, eu não me senti bem."

11. ( ) "A roupa tinha certa decência, posto que não fosse absolutamente nova."

12. ( ) "Escrevi este texto enquanto assistia à morte do papa na TV."

13. ( ) Ao perceber o que tinham feito com seus livros, gritou que parecia um louco.

14. ( ) ( ) "O poeta é um fingidor. Finge tão completamente que chega a fingir que é dor a dor que deveras sente."

15. ( ) Conquanto os cavalos fossem a trote largo, longa pareceu a viagem ao doutor."

16. ( ) "Os ricos são tão pobres que não percebem a triste pobreza em que usufruem suas malditas riquezas."

17. ( ) "Uma vez que o ser humano olha só a aparência fica preso apenas à forma."

18. ( ) "Ninguém ignora que a corrupção é geral em todos os setores."

19. ( ) "Quanto mais juntamos dinheiro, mais difícil se torna a sua entrada."

20. ( ) Mal a novela teve início, iniciou-se a polêmica.

21. ( ) São dilemas tão rotineiros quanto escolher o que comer.

22. ( ) Oremos porque tudo termine bem.

23. ( ) Foram feitas algumas exigências para que obtivesse crédito.

24. ( ) "A sordidez do que acontece no Brasil é tal que até criticar o governo só serve para legitimá-lo."

25. ( ) "Os olhos de uma pessoa se iluminarem quando ela tem uma percepção nova não é um clichê literário, é a luz deste alvorecer saindo pelos olhos."

26. ( ) "Se permitirmos que o preconceito nos domine, seremos em breve o mais atrasado no círculo dos povos atrasados."

27. ( ) A vida dos deficientes físicos é mais difícil do que a vida da maioria de nós.

28. ( ) "Os lampiões acendiam à medida que a noite aos poucos se acentuava."

29. ( ) Recebemos a notícia de que o melhor jogador do mundo virou espanhol.

30. ( ) A língua, como os costumes, segue uma evolução.

III. Complete as lacunas com o conectivo (conjunção ou locução conjuntiva, preposição ou locução prepositiva) mais adequado.

1. O Botafogo foi o time que fez a melhor campanha do campeonato. Teria, _____, que ser o campeão este ano. (no entanto / portanto / isto é)

2. _____ Sabesp estar tratando a água da represa de Guarapiranga, o gosto da água nas regiões sul e oeste não melhorou. (Pela / Apesar de a / Devido a)

3. _____ não saia de casa, você pode dar grande contribuição à preservação ambiental. (Contanto que / Mesmo que / Uma vez que)

4. Ele não merece crédito _____ suas mentiras. (apesar de / devido a / não obstante)

5. _____ os deputados deponham na CPI e ajudem a elucidar os episódios obscuros do caso dos precatórios, a confiança na instituição foi abalada. (Uma vez que / Para que / Mesmo que)

6. _____ recursos públicos investidos na área, nas últimas décadas vem se formando ali um cinturão de prosperidade. (Graças aos / Apesar dos / De acordo com os)

7. Todo texto está aberto a uma atribuição de significados, que depende da experiência prévia de leitura de quem o lê._____, qualquer significado que seja atribuído ao texto, independentemente de quão ambíguo ou provisório, é sempre adequado, _____ vai ao encontro das expectativas de um leitor específico. (Portanto / No entanto / E) (porém / pois / e)

8. A negociação de acordos bilaterais é suficientemente importante para justificar uma abertura do governo com vistas a discutir essa questão com o setor privado, sobretudo agora, diante da perspectiva da desaceleração das economias desenvolvidas e do crescimento do comércio mundial, _____ crise de crédito que vem dos Estados Unidos. (apesar da / não obstante a / em consequência da)

Gabarito: I – 1. (4); 2. (1); 3. (5); 4. (2); 5. (2); 6. (2); 7. (2); 8. (3); 9. (5); 10. (2); 11. (4); 12. (2); 13. (4); 14. (1); 15. (1); 16. (2); 17. (1); 18. (2); 19. (3); 20. (5). **II** – 1. (10) (7); 2. (10); 3. (3); 4. (4); 5. (1); 6. (2); 7. (3); 8. (8); 9. (9); 10. (7); 11. (2); 12. (7); 13. (9); 14. (9) (10); 15. (2); 16. (9); 17. (1); 18. (10); 19. (6); 20. (7); 21. (8); 22. (5); 23. (5); 24. (9); 25. (7); 26. (3); 27. (8); 28. (6); 29. (10); 30. (8). **III** – 1. portanto; 2. Apesar de a; 3. Mesmo que; 4. devido a; 5. Mesmo que; 6. Graças aos; 7. Portanto / pois; 8. em consequência da.

11.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Vejamos questões de concursos anteriores.

1. (FCC/CADEP) Na frase "mudamos de vontade como muda de cor o camaleão", o autor:

a) estabelece uma comparação entre seres, sendo a volubilidade o termo comum.

b) se vale de duas formas do mesmo verbo para estabelecer uma oposição de sentido entre as ações representadas.

c) estabelece uma relação de *causa e efeito* entre duas ações.

d) emprega as palavras *vontade* e *cor* de modo *estranho* ao seu sentido literal.

e) emprega a palavra *como* para acentuar a ideia de uma proporção.

Comentários:

Na frase retirada do texto, temos o conectivo *como* para estabelecer uma relação de comparação ("*mudamos de vontade* como *o camaleão muda de cor"*, ou seja, compara-se a mudança da nossa vontade com a mudança de cor do camaleão). Observe que, em quatro opções, a linguagem usada é a seguinte: comparação na letra A, oposição na B, causa e efeito na C e proporção na E. A letra D fala dos valores semânticos (sentido) das palavras *vontade* e *cor* de forma errada, pois os sentidos não são estranhos ao que representam esses vocábulos.

Resposta: A.

2. (FCC/TRT – 18ª Região) Pensador consequente, a Cícero não importavam as questões secundárias, interessavam-lhe os valores essenciais da conduta humana.

O sentido da frase acima permanecerá inalterado caso ela seja introduzida por:

a) conquanto fosse.

b) muito embora sendo.

c) ainda quando fosse.

d) por ter sido.

e) mesmo que tenha sido.

Comentários:

Nesta questão, pede-se usar um conectivo no início do período. Repare que, embora não haja elemento coesivo na frase, temos uma relação de *causa* e *consequência* ("as questões secundárias não lhe interessavam porque Cícero era um pensador consequente, coerente, racional. Interessavam-lhe os valores essenciais"*)*. Nesta aula, vimos que as preposições também podem estabelecer valores semânticos de **modo**, **companhia**, **causa** etc. Em quatro opções (A, B, C e E), os conectivos expressam ideia de *concessão*. Na letra D, a preposição *por*, na forma reduzida *por ter sido*, confirma a ideia de *causa*.

Resposta: D.

3. (FCC/TRF) Um deles é o tipo A, que acelera o envelhecimento da pele, **por penetrar em camadas mais profundas**. O trecho destacado indica, em relação ao restante do período, valor semântico de:

a) causa.

b) condição.

c) consequência.

d) finalidade.

e) temporalidade.

Comentários:

Apresentamos mais uma questão em que aparece a relação de *causa* e *consequência* ("acelera o envelhecimento porque penetra em camadas mais profundas"*)*. Aqui, também, a preposição *por* confirma essa ideia. Lembre-se: o mais importante é guardar os **nomes das relações** existentes no texto – causa, condição, consequência, concessão, conclusão, explicação etc. –, já que a **mesma** preposição pode estabelecer vários sentidos.

Resposta: A.

4. (FCC/TRF) O estudo do cérebro conheceu avanços sem precedentes nas últimas duas décadas, **com o surgimento de tecnologias** que permitem observar o que acontece durante atividades.

A frase destacada acima introduz, no contexto, noção de:

a) causa.

b) conclusão.

c) ressalva.

d) temporalidade.

e) finalidade.

Comentários:

Esta questão reforça os **Comentários** feitos na anterior. A preposição *com* só confirma a relação de causa que se estabelece com a oração "O estudo do cérebro conheceu avanços sem precedentes nas últimas duas décadas". Ou seja, foi **por causa** do *surgimento de tecnologias que permitem observar o que acontece durante atividades...*, é que o *estudo do cérebro conheceu avanços sem precedentes*.

Resposta: A.

5. (FCC/TRF) Mas, passada a crise do petróleo, as pressões dos produtores por reajustes voltaram.

O sentido do segmento destacado acima está transposto corretamente, em outras palavras, em:

a) No entanto, conforme se passava a crise de petróleo...

b) Caso, contudo, se passasse a crise de petróleo...

c) Senão, enquanto se passava a crise de petróleo...

d) À medida, conquanto, que se passava a crise de petróleo...

e) Porém, depois que passou a crise de petróleo...

Comentários:

Antes de olhar as opções, observe as relações existentes nesta frase, na ordem direta: "Mas as pressões dos produtores por reajustes voltaram, passada a crise do petróleo". A conjunção *mas* introduz, em relação ao que foi dito no texto, uma ideia de *adversidade* (aqui não há necessidade de conhecermos a oração que antecede esse período). Logo, só poderíamos considerar as opções A e E (no entanto e porém são *adversativas*).

Na última oração ("passada a crise") temos a ideia de *tempo posterior* (as pressões voltaram *quando/depois que* a crise do petróleo passou).

Resposta: E.

6. (FCC/METRO) *... ainda que à custa do sacrifício das finanças das estradas.*

A última frase do texto introduz, no período, noção de:

a) temporalidade.

b) consequência.

c) proporcionalidade.

d) ressalva.

e) causa.

Comentários:

Nesta frase retirada do texto, não haveria necessidade de se retornar a ele, pois a locução conjuntiva *ainda que* é concessiva, portanto, a ideia que se tem é de *ressalva*, *exceção*. Lembre-se de que a memorização de alguns conectivos é essencial para a resolução de algumas questões que buscam exatamente o conhecimento de tal assunto por parte do candidato.

Resposta: D.

7. (FCC/TCE-AL) *Nossa história e nosso passado não são nem cargas indesejadas, nem determinações absolutas.*

Mantêm-se o sentido e a correção da frase acima substituindo-se o segmento sublinhado por:

a) nem tanto cargas indesejadas quanto determinações absolutas;

b) cargas indesejadas, nem ao menos determinações absolutas;

c) cargas indesejadas, assim como não são determinações absolutas;

d) nem cargas indesejadas, quando não determinações absolutas;

e) nem mesmo cargas indesejadas, quanto mais determinações absolutas.

Comentários:

Neste período, se "nossa história e nosso passado não são nem cargas indesejadas, nem determinações absolutas" é porque não são as **duas coisas,** adição, portanto. Nas letras A e D, são só *determinações absolutas*, pois as expressões *nem tanto* e *nem* retiram o valor aditivo de *cargas indesejadas*. Na letra B, *nem ao menos* exclui as *determinações absolutas*. Na letra C, *são cargas indesejadas* ***e*** *determinações absolutas*, adição. Na letra E, a palavra *mesmo* denota uma ideia de inclusão que não aparece na frase original, cuja finalidade é apenas *somar*, *adicionar*.

Resposta: C.

8. (FCC/METRO) *Não apenas a construção, mas também a operação das ferrovias dependeu de subsídios estatais.*

O sentido correto da afirmativa acima está, em outras palavras, em:

a) Não apenas a construção, nem também a operação das ferrovias dependeram de subsídios estatais.

b) Tanto a construção quanto a operação das ferrovias dependeram de subsídios estatais.

c) Não era apenas a construção, mas somente a operação das ferrovias que dependeu de subsídios estatais.

d) Não foi apenas a construção, nem a operação das ferrovias, que dependeram de subsídios estatais.

e) Apenas a construção, e não somente a operação das ferrovias, dependeu de subsídios estatais.

Comentários:

Nas conjunções coordenativas *aditivas*, vimos que uma delas é a expressão *não apenas...mas também*, chamada *correlativa*. Na frase em questão, entendemos, pois, que **as duas coisas** dependeram de *subsídios estatais*. Nas letras A e D, não há soma e sim *exclusão* das duas. Na letra C, a palavra *somente* produz incoerência, pois a intenção é a de *somar* e não de excluir. Na letra E, diz-se que *apenas* a *construção dependeu de subsídios estatais.*

Resposta: B.

9. (FCC/TRT – 2ª Região – Tec. Judic.) Identifica-se relação de causa e consequência em:

a) A população rural ainda deve aumentar nos próximos dez anos, antes de entrar em declínio gradativo.

b) Desde cedo, a cidade teve o mérito de dar ao homem a possibilidade de evoluir além da luta pela sobrevivência pura e simples.

c) Sua primeira função foi de local de proteção, de armazenagem de alimentos e de entreposto de trocas.

d) praticamente todo o crescimento populacional do planeta ocorrerá nas cidades, nas quais viverão sete em cada dez pessoas em 2050.

e) mas o trânsito pode ser tão congestionado que se torna difícil usufruir as ofertas.

Comentários:

Nas opções A e B, os conectivos *antes de* e *desde* estabelecem uma relação de *tempo*. Na letra C, temos a conjunção *e* adicionando termos na oração (conjunção aditiva). Na letra D, o conectivo que aparece é o pronome relativo *as quais* antecedido de preposição (*nas quais*). Sabemos que o pronome relativo dá início às orações adjetivas. Temos aqui, portanto, uma oração adjetiva explicativa, já que vem antecedida de vírgula. Na letra E, a relação entre as orações é de causa e consequência (o fato de o trânsito ser congestionado leva à dificuldade de se usufruírem as ofertas).

Resposta: E.

10. (FCC/TRF – 2ª Região – Aux. Adm.) ... os alimentos orgânicos, que ignoram os pesticidas e fertilizantes químicos **em nome de integrar a lavoura à natureza**.

O segmento grifado está reescrito com outras palavras e sem alteração do sentido original em:

a) de modo que as plantações estejam bem cuidadas.

b) com escolha de terras naturalmente férteis para a lavoura.

c) sem que se cultivem alguns produtos com adubos naturais.

d) visto que os produtos tóxicos podem surgir no ambiente natural.

e) para que se façam plantações com respeito e proteção ao meio ambiente.

Comentários:

Esta é a típica questão que valoriza a ideia e não a memorização dos conectivos. Devemos entender dessa afirmação que *os alimentos orgânicos que não contêm pesticidas e fertilizantes químicos integram a lavoura à natureza,* ou seja, *fazem isso com a finalidade de integrar a lavoura à natureza.* Na letra A, *de modo que* é consecutivo. Na B, a preposição *com* levaria à ideia de causa. Na letra C, *sem que* é condicional. Na D, *visto que* é causal. Na letra E, *para que* é uma locução conjuntiva que estabelece ideia de finalidade.

Resposta: E.

11. (FCC/TRF – 2ª Região – Aux. Adm.) Eles **não** são terríveis só contra os insetos que destroem lavouras, **mas também** contra borboletas, pássaros e outras formas de vida.

A sequência grifada na frase acima assinala, considerando-se o contexto, a noção de:

a) oposição, já que os pesticidas destroem insetos prejudiciais à lavoura, preservando as borboletas, pássaros e outras formas de vida.

b) alternativa, tendo em vista que os pesticidas destroem apenas os insetos, ou ainda, somente as borboletas, pássaros e outras formas de vida.

c) adição, pois os pesticidas, além de destruir os insetos prejudiciais às lavouras, destroem ainda borboletas, pássaros e outras formas de vida.

d) conclusão, por informar o emprego específico das substâncias referidas, como solução final dos problemas das lavouras.

e) explicação, pois insiste no sentido da palavra pesticidas, como destruidores apenas das pragas das lavouras.

Comentários:

Mais uma vez uma questão que traz a expressão correlativa *não só... mas também*, que denota *adição* (*elas são terríveis contra os insetos* ***e*** *contra borboletas, pássaros e outras formas de vida*).

Resposta: C.

12. (FCC/TRF – 5ª Região) "Naquele período era preciso definir quem pertencia à família ou não, e com quem se deveriam compartilhar os alimentos. **Portanto** era necessário criar regras específicas".

O sentido que a conjunção destacada acima introduz no contexto é o de:

a) temporalidade, que caracteriza as ações humanas na época abordada.

b) restrição, acerca da época em que tais fatos ocorreram.

c) condição, que vai justificar determinadas ações dos homens nessa época.

d) causa, que determina certo tipo de comportamento da humanidade.

e) conclusão, adequada e coerente, diante da situação exposta.

Comentários:

A conjunção destacada nesta frase indica *conclusão* (*portanto, por conseguinte, logo…*). As opções trazem os valores de *tempo*, *restrição*, *condição, causa* e *conclusão*. Essa é mais uma questão que resolvemos pelo conhecimento dos conectivos. A conjunção negritada no texto indica *conclusão.*

Resposta: E.

11.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (FCC – Metrô-SP – Técnico em Mecânica – 2014)

Nascido no bairro do Pari, em uma São Paulo em construção após o levante constitucionalista de 1932, Germano Mathias compõe a santíssima trindade do samba paulistano, ... Adoniran Barbosa e Geraldo Filme.

(Adaptado de: DINIZ, André, op. cit.)

Preenche corretamente a lacuna da frase acima:

a) *em face à*

b) *lado a lado*

c) *ao lado de*

d) *lado* à *lado com*

e) *junto à*

Leia o texto a seguir para responder à questão 2.

Texto CB2A2AAA

É inegável que o Estado representa um ônus para a sociedade, já que, para assegurar o seu funcionamento, consome riquezas da sociedade. Representa, porém, um mal necessário, pois até agora não se conseguiu arquitetar mecanismo distinto para catalisar a vida em comunidade. Então, se do Estado ainda não pode prescindir a civilização, cabe-lhe aprimorá-lo, buscando otimizar o seu funcionamento, de modo a torná-lo menos oneroso, mais eficiente e eficaz.

O bom funcionamento do Estado, que inclui também o bom funcionamento de suas estruturas encarregadas do controle público (Ministério Público, Poder Legislativo e tribunais de contas, entre outros), vem sendo alçado à condição de direito fundamental dos indivíduos. Pressupõe, notadamente sob as luzes do princípio constitucional da eficiência, os deveres de cuidado e de cooperação.

O dever de cuidado é consequência direta do postulado da indisponibilidade do interesse público. Em decorrência desse postulado, todo agente público tem o dever de, no cumprimento fiel de suas atribuições, perseguir o interesse público manifesto na Constituição Federal e nas leis. Conduz, portanto, à ideia de vedação da omissão, já que deixar de cumprir tais atribuições evidenciaria conduta ilícita.

O dever de cuidado conduz, ainda, a uma ampla interação entre as estruturas públicas de controle, ou seja, é um dever de cooperação, não como faculdade, mas como obrigação que, em regra, dispensa formas especiais, como previsões normativas

específicas, convênios e acordos.

Sob essa perspectiva, o controle público do Estado deve incorporar à sua cultura institucional o compromisso com o direito fundamental ao bom funcionamento do Estado. Nesse contexto, os deveres de cuidado e de cooperação se impõem a todas as estruturas do Estado destinadas a promover o controle da máquina estatal.

A observância do dever de cuidado e do de cooperação – traduzida, portanto, na atuação comprometida e concertada das estruturas orientadas para a função de controle da gestão pública – deve promover, entre os agentes e órgãos de controle, comportamentos de responsabilidade e responsividade. Por responsabilidade entenda-se o genuíno compromisso com a integralidade do ordenamento jurídico, o que pressupõe, acima de tudo, o reconhecimento de um regime de vedação da omissão. Responsividade, por sua vez, traduz o comportamento orientado a oferecer respostas rápidas e proativas, impregnadas de verdadeiro compromisso com a ideia-chave de promover o bom funcionamento do Estado.

Diogo Roberto Ringenberg. Direito fundamental ao bom funcionamento do controle público. In: *Controle Público*, nº 10, abr./2011, p. 55 (com adaptações).

2. (TCE-SC – Aud. Fiscal – Administ. – Cespe – Maio/2016)

Com relação às estruturas linguísticas do texto **CB2A2AAA**, julgue os itens a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

No trecho " de modo a torná-lo menos oneroso, mais eficiente e eficaz" (l. 4-5), detalha-se e explicita-se o que se deve entender por " buscando otimizar o seu funcionamento" (l. 4).

Leia o texto a seguir para responder à questão 3.

Texto II

Os lixões são depósitos sem qualquer controle, fontes de enormes impactos ambientais, causadores de contaminações – como, por exemplo, contaminações do solo, dos lençóis freáticos, das fontes de água – e lugares responsáveis pela proliferação de insetos transmissores de inúmeras doenças. São, portanto, um perigo constante à saúde e à qualidade de vida de todos. Os lixões deverão dar lugar a aterros sanitários, que, se não representam uma solução perfeita, ao menos são locais mais adequados para o depósito dos rejeitos, uma vez que evitam problemas como os citados anteriormente.

As cidades precisam se comprometer a dar cumprimento à Lei Nacional de Resíduos Sólidos. Uma maneira de fazer isso é adotar políticas de gestão eficiente dos resíduos a fim de que a menor quantidade possível desses materiais precise ser encaminhada para os aterros. Para que isso seja possível, será necessária a implantação ou a ampliação da coleta seletiva de lixo, além de apoio efetivo ao trabalho desenvolvido pelas cooperativas de catadores. Capacitar essas pessoas e dar-lhes condições dignas de trabalho são requisitos fundamentais para o sucesso da lei e para a melhoria das condições de vida e de trabalho desses profissionais. Mais de um milhão de pessoas trabalham e sobrevivem da reciclagem, muitas delas em condições bastante precárias.

O Brasil produz mais de 220 mil toneladas de lixo domiciliar por dia, o que resulta em mais de um quilo de lixo por pessoa. Ao menos 90% de todo esse material poderia ser reaproveitado, reutilizado ou reciclado. Apenas 3% acabam sendo efetivamente reciclados, um destino mais nobre do que o de se degradar e contaminar o nosso ambiente. Os especialistas calculam que o Brasil deixa de ganhar ao menos 8 bilhões de reais por ano por não reciclar toda essa grande quantidade de resíduos gerados no país.

Reinaldo Canto. As cidades brasileiras conseguirão tratar seu lixo? Disponível em: <www.cartacapital.com.br> (com adaptações).

3. (Pref. SP – Agente Gestão P. Públicas – Cespe – Maio/2016)

Seriam mantidos o sentido original e a correção gramatical do texto II caso o trecho " por não reciclar" (L. 19) fosse substituído por:

a) quando não recicla

b) se não reciclar

c) sem reciclar

d) para não reciclar

e) porque não recicla

Leia o texto a seguir para responder à questão 4.

Texto II

O índio não teve muita sorte na literatura brasileira, depois do Romantismo. Enquanto nas letras hispano--americanas viceja um esplêndido indigenismo pelo século XX adentro, com tantos e tão importantes criadores dedicando-se a transpor o índio para a ficção, no Brasil se podem contar nos dedos das mãos os casos.

Torna a trazer o assunto à baila o aparecimento e grande vendagem de **Maíra**, romance de Darcy Ribeiro. O renomado antropólogo já tinha em seu acervo de realizações uma respeitável brasiliana, incluindo vários trabalhos sobre os índios, um dos quais, a história de Uirá, fora transformado em filme no início da década de 70. **Maíra** é, portanto, a primeira incursão do autor pelo épico, a menos que se considere a história de Uirá como uma primeira aproximação ao gênero.

O relato, como o filme, dá conta do trágico percurso de Uirá, da tribo Urubu-Kaapor, no Maranhão deste século, o qual um dia fica *iñaron* quando, após muitas desgraças comuns ao destino dos índios brasileiros, como fome, espoliação, epidemias, perseguições, perde também um dos filhos.

A palavra tupi *iñaron* designa um estado de fúria sagrada, associado ao sofrimento excessivo, não deixando de lembrar as famosas fúrias dos heróis gregos: Hércules, uma vez acometido por um desses acessos, enviado pela vingativa Hera, matou, sem o saber, seus três filhos e esposa, tal como vem narrado na tragédia **Héracles Furioso**, de Eurípedes. Nas **Bacantes**, do mesmo autor, Agave, fora de si, participa do desmembramento de seu filho adulto, Penteu, rei de Tebas. E talvez o mais formidável exemplo seja o da cólera de Aquiles, que dá nascimento à inteira composição da **Ilíada**, desencadeada por sua recusa a continuar lutando. Devido à recusa de Aquiles, quase foi perdida a guerra de Troia e, não fosse sua fúria, o poema não teria sido composto.

Em meio ao furacão histórico da fase do capitalismo selvagem no país, quando o acirramento da acumulação leva multinacionais e suas cabeças-de-ponte nacionais a apropriar-se dos mais recônditos confins com vistas ao lucro, encontram-se, estonteados, os índios. O único problema dos Mairum – nome inventado, tribo arquetípica de todas as tribos, povo de Maíra – é como sobreviver e como fazer sua cultura sobreviver, com crescente dificuldade.

O romance inteiro soa como uma lamentação, um carpir sobre o fim de uma civilização das mais admiráveis. Seus trechos mais bem realizados são aqueles nos quais uma espécie de narrador coletivo índio dá conta de sua maneira de ver o mundo, de como compreende e interpreta seus hábitos e tradições; e, o que é mais importante, franqueia para o leitor seu tremendo desejo de sobrevivência e alegria de viver.

A produção e publicação de um romance como esse, agora, mostra como o índio está mais vivo do que nunca em sua conexão com

a literatura brasileira. Tampouco deve ser uma coincidência que, neste exato momento, outras ficções, filmes, romances, peças de teatro, novelas de televisão, canções, estejam sendo feitos, todos sobre os índios, todos lutando em defesa de sua preservação para a História. Quando há tanta desconfiança em relação à pulsão destrutiva da civilização ocidental e entre nós é tão escandaloso o capitalismo selvagem, isso pode vir a significar alguma coisa. Talvez uma postura mais cautelosa e menos arrogante, de quem está aprendendo a perceber que outras civilizações encontraram saídas melhores e, sobretudo, não suicidas para males que hoje parecem irremediáveis, como o problema do poder, da proliferação e potenciação dos armamentos, da destruição da natureza, do Estado e de seu aparelho, da igualdade nunca encontrada. A alegoria da moça branca morta ao parir mestiços mortos poderá significar também o caráter heteroletal e autoletal da etnia branca? Pode ser que a importância da civilização indígena esteja, final e penosamente, penetrando na consciência do corpo social brasileiro.

Walnice Nogueira Galvão. Indianismo revisitado. In: *Esboço de figura – Homenagem a Antonio Candido*. São Paulo: Duas Cidades, 1979, p. 379-89 (com adaptações).

4. (Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Acerca das relações semântico-sintáticas e do vocabulário do texto II, julgue (C ou E) o item seguinte.

Sem prejuízo da correção gramatical e do sentido do texto, a expressão "contar nos dedos das mãos" (l. 3) poderia ser substituída por **contar pelos dedos**.

5. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

"que terão grande impacto sobre a medicina"; nessa frase está corretamente empregada a forma "sobre". Assinale a frase abaixo em que ocorreu confusão entre sob/sobre:

a) "Se tudo está sob controle é porque não se está indo suficientemente rápido" (Mário Andretti);

b) "A interpretação é a vingança do intelecto sobre a arte" (Susan Sontag);

c) "Filosofar: pôr tijolos sobre tijolos sem construir uma casa" (anônimo);

d) "Infância é vida sob uma ditadura" (Graham Greene);

e) "Nada de novo sobre o sol" (Horácio).

6. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

O segmento de texto abaixo em que a preposição *para* tem seu valor semântico corretamente indicado é:

a) "Para Topol, o futuro está nos smartphones" / opinião;

b) "Está para chegar ao mercado um apetrecho" / direção;

c) "os hospitais caminhem para uma rápida extinção" / tempo;

d) "Dando algum desconto para as previsões, "The Patient" / concessão;

e) "...é uma excelente leitura para os interessados nas transformações da medicina" / causa.

7. (Compesa – An. Gest. Médico do Trabalho – FGV – Jul./2016)

Assinale a frase em que houve troca ***indevida*** entre *sob/sobre*.

a) "*Infância é vida sob uma ditadura*".

b) “ *Falar sobre música é como dançar* <u>*sobre*</u> *arquitetura*”.

c) “ *O verso é uma vitória* <u>*sobre*</u> *os limites da linguagem*”.

d) “ *A interpretação é a vingança do intelecto* <u>*sob*</u> *a arte*”.

e) “ *Se tudo está* <u>*sob*</u> *controle é porque não se está indo suficientemente rápido*”.

8. (Unifesp – Técnico Seg. Trab. – Vunesp – Abril/2016)

Assinale a alternativa em que a preposição “ de” expressa sentido de origem.

a) Mas existem outras figuras capazes **de** chamar a atenção.

b) “ Agora posso realizar um sonho que trago **da** infância”.

c) Nada surpreendente, não fosse a idade **do** Takeshi...

d) ... pensam em desistir por causa **de** um fracasso.

e) E aí **de** novo ele dá um exemplo.

9. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Leia a charge.

(www.folha.uol.com.br/colunas/mercadoaberto, 01.12.2015. Adaptado)

Assinale a alternativa cujos termos preenchem, respectivamente, as lacunas da charge, garantindo-lhe a coesão e a coerência; e cujo sentido estabelecido entre eles está corretamente indicado entre parênteses.

a) sob ... sobre (causa)

b) em ... sem (modo)

c) sem ... com (oposição)

d) sob ... em (lugar)

e) sobre ... em (consequência)

10. (ESAF – Receita Federal – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2014)

Assinale a opção que preenche a lacuna do texto de forma a torná-lo gramaticalmente correto, coeso e coerente.

Normalmente o Estado de Direito é confundido com o Estado Constitucional (Estado Democrático de Direito), entretanto, isto é um equívoco.

_____

Com efeito, se é a legislação que serve de parâmetro para atuação estatal, então, esta mesma legislação, por conseguinte, é livre.

Em tais Estados (Estado de Direito), o absolutismo do rei é substituído pelo absolutismo do parlamento (supremacia do parlamento e não da constituição).

a) Conquanto, no Estado Constitucional, a constituição funciona como fundamento de validade de toda ordem jurídica, disciplinando não só a atuação do Executivo e Judiciário, como também do legislativo, vigendo, aí sim, a supremacia da constituição.

b) Embora, no Estado Constitucional, o legislador encontra limites jurídicos nas normas constitucionais, as quais traçam o perfil de cada exação, de forma que a competência tributária é delimitada através da conjugação das normas que tratam especificamente de cada tributo com os princípios constitucionais.

c) Daí podermos concluir que, no Brasil, por força de uma séria de disposições constitucionais, não há falar em poder tributário (incontrastável, absoluto), mas, tão somente, em competência tributária (regrada, disciplinada pelo Direito).

d) Isso porque no Estado de Direito os atos do Executivo e do Judiciário estão submetidos ao princípio da legalidade; contudo, o Legislativo é livre para atuar, já que esse princípio não pode ser aplicado, por imposição lógica, à legislação.

e) Portanto, poder tributário tinha a Assembleia Constituinte, que era soberana. Ela realmente tinha um poder ilimitado, inclusive em matéria tributária. Contudo, a partir do momento em que foi promulgada a Constituição, o Poder Tributário retornou ao povo, restando aos poderes constituídos as competências tributárias.

11. (FCC – TRT – 4ª Região (RS) – Analista Judiciário – Tecnologia da Informação – 2015)

O rubor pode subir às faces de alguém que está sendo objeto da atenção de uma plateia, mesmo que esta atenção seja motivada pelo elogio, pelo recebimento de um prêmio, portanto acompanhada de um juízo positivo.

Outra redação para o segmento acima manterá o sentido e a correção se o elemento destacado, e apenas ele, for substituído por:

a) conforme.

b) ainda que.

c) embora.

d) conquanto que.

e) sempre que.

12. (FCC – TRE-AP – Técnico Judiciário – Administrativo – 2015)

Michelangelo fugiu de Roma ao ser comunicado que, antes de produzir as estátuas da futura tumba do papa Júlio II, deveria pintar o teto da Capela Sistina. Só a muito custo foi convencido a se aventurar na pintura, meio que julgava não dominar tão bem quanto a escultura. ..... , ao ser tirado da zona de conforto, o artista criaria sua obra máxima.

Mantendo-se as relações de sentido e a correção gramatical, preenche corretamente a lacuna acima o que se encontra em:

a) Porquanto

b) Embora

c) Contudo

d) Uma vez que

e) Conquanto

13. (FCC – TRT – 3ª Região (MG) – Analista Judiciário – Área Judiciária – 2015)

Abre parêntese: há momentos – felizmente raros – em que a história pessoal se impõe às percepções conjunturais e o relato na primeira pessoa, embora singular, parcial, às vezes suspeito, sobrepõe-se à narrativa impessoal, ampla, genérica. Fecha parêntese.

Sem que haja prejuízo do sentido e correção originais, a conjunção acima destacada pode ser substituída por:

a) contudo.

b) apesar de.

c) quando.

d) porque.

e) já que.

14. (FCC – Manausprev – Técnico Previdenciário – Administrativa – 2015)

Mantendo-se o sentido original, na frase *Como não conseguiram achar Miracanguera...* (5º parágrafo), o elemento sublinhado pode ser corretamente substituído por:

a) De modo que

b) Uma vez que

c) Por mais que

d) Conforme

e) Ainda que

15. (TRF3 – Técnico Judiciário – FCC – Abril/2016)

No contexto da frase, o segmento sublinhado tem seu sentido expresso entre colchetes em:

a) *Diz respeito à confluência de informação que circula em grandes cidades e ao uso da tecnologia para automatizar a gestão de setores urbanos...* [finalidade]

b) *Quando usamos essa terminologia, falamos da cidade enquanto um espaço de fluxos.* [proporção]

c) *... fácil acessibilidade da computação em nuvem, dispositivos baratos de internet, sistemas de TI cada vez mais flexíveis.* [partição]

d) *... outra parte prioriza a participação popular através da interatividade, bem como a cooperação técnica...* [afirmação]

e) *... podem-se armazenar, por exemplo, enormes massas de dados de mobilidade urbana* [...], *cujos bancos de dados podem ou não intencionalmente identificar seus usuários.* [condição]

16. (TRF3 – Técnico Judiciário – FCC – Abril/2016)

Mas, se pensarmos na alternativa de projetos de cidades inteligentes que não envolvam políticas públicas de dados

abertos, que não prestem conta detalhada de suas atividades, ao mesmo tempo em que disponham dos sofisticados sistemas para o gerenciamento de dados de cidadãos em larga escala, encontraremos condições para o surgimento de um estado de vigilância e controle...

Preservando-se a correlação entre as formas verbais, os elementos destacados podem ser substituídos, respectivamente, por:

a) pensaremos – envolviam – prestavam – disponham – encontremos

b) pensamos – envolvem – prestam – dispunham – encontrávamos

c) pensemos – envolveriam – prestariam – disporiam – encontrássemos

d) pensássemos – envolvessem – prestassem – dispusessem – encontraríamos

e) pensávamos – envolveram – prestaram – disporam – encontramos

Leia o texto a seguir para responder à questão 17.

Abraçando árvore

Não era uma felicidade eufórica, estava mais pra uma brisa de contentamento, como se eu bebesse vinho branco à beira-mar.

Eu tinha acordado cedo naquela sexta – e acordar cedo sempre me predispõe à felicidade. O trabalho havia rendido bem e, antes do fim da manhã, já tinha acabado de escrever tudo o que me propusera para o dia. À uma, fui almoçar com o meu editor. Ele estava com alguns capítulos do meu livro novo desde dezembro e eu temia que não tivesse gostado. Gostou. Comemos um peixe na brasa – peixe e brasa também costumam me predispor à felicidade – e como era sexta-feira, e como somos amigos, e como comemorávamos essa pequena alegria que é uma parceria funcionar, brindamos com vinho branco – não à beira-mar, mas à beira do Cemitério da Consolação, que pode não ter a grandeza de um Atlântico, mas também tem lá os seus pacíficos encantos.

Saí andando meio emocionado, meio sem rumo pela tarde ensolarada e quando vi estava em frente à paineira da Biblioteca Mario de Andrade. É uma árvore gigante, que provavelmente já estava ali antes do Mario de Andrade nascer, continuou ali depois de ele morrer e continuará ali depois que todos os 18 milhões de habitantes que hoje perambulam pela cidade de São Paulo estiverem abaixo de suas raízes. Talvez tenha sido o assombro com essa longevidade, talvez acordar cedo, talvez os elogios ao livro, e o vinho certamente colaborou: fato é que senti uma súbita vontade de abraçar aquela árvore.

Acho importante deixar claro, inclemente leitor, que não sou do tipo que abraça árvore. Na verdade, sou do tipo que faz piada com quem abraça árvore. Se me contassem, até a última sexta, que algum amigo meu foi visto abraçando uma paineira na rua da Consolação eu diria, sem pestanejar: enlouqueceu. Mas...

Olhei prum lado. Olhei pro outro. Tomei coragem e foi só sentir o rosto tocar o tronco para ouvir: “ Antonio?!”. Era meu editor. Foram dois segundos de desespero durante os quais contemplei o distrato do livro, a infâmia pública, o alcoolismo e a mendicância, mas só dois segundos, pois meu inconsciente, consciente do perigo, me lançou a ideia salvadora. “ Uma braçada”, disse eu, girando pra esquerda e envolvendo a árvore novamente, “ duas braçadas e... três”. Então encarei, seguro, meu possível verdugo: “ Três braçadas dá o quê? Uns cinco metros de perímetro? Tava medindo pra descrever, no livro. Tem uma parte mais no fim em que essa paineira é importante”.

Colou. Nos despedimos. Ele foi embora prum lado, a minha felicidade pro outro e agora estou aqui, já noite alta desta sexta-feira, tentando enfiar a todo custo um tronco de quase dois metros de diâmetro num livro em que, até então, não havia nem uma samambaia.

(Adaptado de: PRATA, Antonio. Disponível em: <www.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/2016/01/1730364-abracando-arvore.shtml>. Acesso em: 18.01.2016.)

17. (TRF3 – Técnico Judiciário – FCC – Abril/2016)

Considere as frases abaixo.

I. O início do terceiro parágrafo expõe uma consequência para o que se conta no segundo.

II. O quarto parágrafo apresenta uma ressalva para o que se relata no quinto.

III. O sexto parágrafo enuncia uma consequência do que se revela no quinto.

Está correto o que se afirma em

a) I, II e III.

b) I e II, apenas.

c) II e III, apenas.

d) I, apenas.

e) III, apenas.

Leia o texto a seguir para responder às questões 18 a 20.

Depois que se tinha fartado de ouro, o mundo teve fome de açúcar, mas o açúcar consumia escravos. O esgotamento das minas – que de resto foi precedido pelo das florestas que forneciam o combustível para os fornos –, a abolição da escravatura e, finalmente, uma procura mundial crescente, orientam São Paulo e o seu porto de Santos para o café. De amarelo, passando pelo branco, o ouro tornou-se negro.

Mas, apesar de terem ocorrido essas transformações que tornaram Santos num dos centros do comércio internacional, o local conserva uma beleza secreta; à medida que o barco penetra lentamente por entre as ilhas, experimento aqui o primeiro sobressalto dos trópicos. Estamos encerrados num canal verdejante. Quase podíamos, só com estender a mão, agarrar essas plantas que o Rio ainda mantinha à distância nas suas estufas empoleiradas lá no alto. Aqui se estabelece, num palco mais modesto, o contato com a paisagem.

O arrabalde de Santos, uma planície inundada, crivada de lagoas e pântanos, entrecortada por riachos estreitos e canais, cujos contornos são perpetuamente esbatidos por uma bruma nacarada, assemelha-se à própria Terra, emergindo no começo da criação. As plantações de bananeiras que a cobrem são do verde mais jovem e terno que se possa imaginar: mais agudo que o ouro verde dos campos de juta no delta do Bramaputra, com o qual gosto de o associar na minha recordação; mas é que a própria fragilidade do matiz, a sua gracilidade inquieta, comparada com a suntuosidade tranquila da outra, contribuem para criar uma atmosfera primordial.

Durante cerca de meia hora, rolamos por entre bananeiras, mais plantas mastodontes do que árvores anãs, com troncos plenos de seiva que terminam numa girândola de folhas elásticas por sobre uma mão de 100 dedos que sai de um enorme lótus castanho e rosado. A seguir, a estrada eleva-se até os 800 metros de altitude, o cume da serra. Como acontece em toda parte nessa costa, escarpas abruptas protegeram dos ataques do homem essa floresta virgem tão rica que para encontrarmos igual a ela teríamos de percorrer vários milhares de quilômetros para norte, junto da bacia amazônica. Enquanto o carro geme em curvas que já nem poderíamos qualificar como “ cabeças de alfinete”, de tal modo se sucedem em espiral, por entre um nevoeiro que imita a alta

montanha de outros climas, posso examinar à vontade as árvores e as plantas estendendo-se perante o meu olhar como espécimes de museu.

(Adaptado de: Lévi-Strauss, Claude. *Tristes Trópicos*. Coimbra, Edições 70, 1979, p. 82-3)

18. (TRF3- Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

Em relação à primeira parte da frase, o segmento ... *orientam São Paulo e o seu porto de Santos para o café* (1º parágrafo) expressa:

a) finalidade.

b) causa.

c) decorrência.

d) conformidade.

e) proporcionalidade.

19. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

A oração ... *de tal modo se sucedem em espiral*... (último parágrafo):

a) expressa a consequência da oração precedente, além de introduzir matiz de intensidade.

b) além de introduzir a causa da oração anterior, expressa certo grau de intensidade.

c) além de introduzir complemento de modo ou instrumento, expressa uma consequência.

d) expressa condição, aliada a certo grau de proporcionalidade.

e) expressa concessão, resultante de uma relação de proporcionalidade.

20. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

Uma redação alternativa para o segmento " ... mas é que a própria fragilidade do matiz, a sua gracilidade inquieta, comparada com a suntuosidade tranquila da outra, contribuem para criar uma atmosfera primordial" (3º parágrafo), sem prejuízo da correção e do sentido, está em:

a) conquanto seja a fragilidade mesma do colorido, aliada à graciosidade fugaz, em contraposição à riqueza consolidada da outra, que contribui para a formação de um clima primaz.

b) não obstante a própria instabilidade da coloração, à sua gratuidade pode-se comparar o fausto despreocupado da outra, que contribui para instaurar um ambiente primevo.

c) todavia, é devido à própria fragilidade do tom – à sua graciosidade irrequieta – posta em paralelo com o fausto inabalável da outra, que contribui para inventar um ambiente primordial.

d) mas é, no entanto, a própria delicadeza do matiz, sua gratuidade inconstante, que, comparada ao luxo estável da outra, contribui para a conformação de um meio ambiente ancestral.

e) é, todavia, porque a própria fragilidade da coloração e a sua graciosidade instável, comparada ao fausto tranquilo da outra, contribuem para conformar uma ambientação primitiva.

Leia o texto a seguir para responder à questão 21.

As palavras estampadas na bandeira nacional poderiam receber o complemento de um adjetivo, diante do arcabouço de ideias e discussões que tratam do futuro do planeta. A depender da contribuição de especialistas em desenvolvimento sustentável da Universidade de Brasília, o lema de 1889, inspirado nos conceitos positivistas do francês Augusto Comte, teria a seguinte redação: "Ordem e um Novo Progresso". Essa renovação de ideias, entretanto, precisa do apoio das novas gerações, pois o cenário mundial atual, e do Brasil em particular, é muito diferente do registrado há duas décadas, por exemplo. Na configuração geopolítica do século XXI, a supremacia dos Estados Unidos da América e da Europa é confrontada pelo dinamismo econômico de nações como a China, Índia, África do Sul e o próprio Brasil. O sobe e desce na disputa por espaço em debates estratégicos em nível internacional deu maior peso à palavra de países em desenvolvimento nas questões da sustentabilidade.

João Campos. Uma nova educação para um novo progresso. In: *Revista Darcy*, jun./2012 (com adaptações).

21. (ICMBIO – Nível Médio – Cespe – Maio/2014)

Acerca dos aspectos estruturais e interpretativos do texto, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Na linha 5, a substituição do vocábulo "entretanto" pelo vocábulo "portanto" não acarretaria mudança de significado no período em questão.

Leia o texto a seguir para responder à questão 22.

Nenhuma ação educativa pode prescindir de uma reflexão sobre o homem e de uma análise sobre suas condições culturais. Não há educação fora das sociedades humanas e não há homens isolados. O homem é um ser de raízes espaçotemporais. De forma que ele é, na expressão feliz de Marcel, um ser "situado e temporalizado". A instrumentação da educação – algo mais que a simples preparação de quadros técnicos para responder às necessidades de desenvolvimento de uma área – depende da harmonia que se consiga entre a vocação ontológica desse "ser situado e temporalizado" e as condições especiais dessa temporalidade e dessa situacionalidade.

Se a vocação ontológica do homem é a de ser sujeito e não objeto, ele só poderá desenvolvê-la se, refletindo sobre suas condições espaçotemporais, introduzir-se nelas de maneira crítica. Quanto mais for levado a refletir sobre sua situacionalidade, sobre seu enraizamento espaçotemporal, mais "emergirá" dela conscientemente "carregado" de compromisso com sua realidade, da qual, porque é sujeito, não deve ser simples espectador, mas na qual deve intervir cada vez mais.

Paulo Freire. *Educação e mudança*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 61 (com adaptações).

22. (MEC – Nível Superior – Cespe – Abril/2014)

Julgue o item seguinte como Certo (C) ou Errado (E), referente às ideias e a aspectos linguísticos do texto.

O termo "porque" (l. 11) poderia, sem prejuízo para a correção gramatical e o sentido do texto, ser substituído por **por que**.

Leia o texto a seguir para responder à questão 23.

"O preconceito linguístico é um equívoco, e tão nocivo quanto os outros. Segundo Marcos Bagno, especialista no assunto, dizer que o brasileiro não sabe português é um dos mitos que compõem o preconceito mais presente na cultura brasileira: o linguístico".

A redação acima poderia ter sido extraída do editorial de uma revista, mas é parte do texto O oxente e o ok, primeiro lugar na categoria opinião da 4ª Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro, realizada pelo Ministério da Educação em

parceria com a Fundação Itaú Social e o Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (CENPEC).

A autora do artigo é estudante do 2º ano do ensino médio em uma escola estadual do Ceará, e foi premiada ao lado de outros dezenove alunos de escolas públicas brasileiras, durante um evento em Brasília, no último mês de dezembro. Como nos três anos anteriores, vinte alunos foram vencedores – cinco em cada gênero trabalhado pelo projeto. Além de opinião (2º e 3º anos do ensino médio), a olimpíada destacou produções em crônica (9º ano do ensino fundamental), poema (5º e 6º anos) e memória (7º e 8º anos). Tudo regido por um só tema: " O lugar em que vivo".

Língua Portuguesa, 1/2015. Internet: <www.revistalingua.uol.com.br> (com adaptações).

23. (FUB – Téc. Administrativo – Cespe – Março/2015)

No que se refere aos sentidos, à estrutura textual e aos aspectos gramaticais do texto, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

O elemento coesivo " mas" (l. 4) inicia uma oração coordenada que exprime a ideia de concessão em uma sequência de fatos.

Leia o texto a seguir para responder à questão 24.

Texto III

O surgimento da Internet remonta à década de 60 do século passado, em um projeto do governo norte-americano no combate à guerra, pelo qual as comunicações intragovernamentais passaram a ser internalizadas, para evitar a publicação de dados relevantes à segurança nacional.

Posteriormente, na década de 70, foi criado o protocolo Internet, que permitiu a comunicação entre os seus poucos usuários até então, uma vez que ela ainda estava restrita aos centros de pesquisa dos Estados Unidos da América.

Na década de 80, foi ampliado o uso da Internet para a forma comercial e, finalmente, na década de 90, a Internet alcançou o seu auge, pois atingiu praticamente todos os meios de comunicação. O histórico dos crimes cibernéticos, por sua vez, remonta à década de 70, quando, pela primeira vez, foi definido o termo hacker, como sendo aquele indivíduo que, dotado de conhecimentos técnicos, promove a invasão de sistemas operacionais privados e a difusão de pragas virtuais.

Artur Barbosa da Silveira. Os crimes cibernéticos e a Lei nº 12.737/2012. In: Internet: <www.conteudojuridico.com.br> (com adaptações).

24. (MPU – Analista/Técnico – Cespe – 2015)

Julgue o item que se segue como Certo (C) ou Errado (E), acerca das ideias, das estruturas linguísticas e da tipologia do texto III.

Mantêm-se a correção gramatical e o sentido original do período ao se substituir a expressão " uma vez que" (l. 5) por qualquer um dos seguintes termos: porque, já que, pois, por conseguinte.

Leia o texto a seguir para responder à questão 25.

Texto I

O Brasil é um país de cidades novas. A maior parte de seus núcleos urbanos surgiu no século passado. Há cidades, entretanto, que já existem há bastante tempo. Contemporâneas dos primeiros tempos da colonização, algumas delas já ultrapassaram inclusive a marca do quarto centenário. Poucas são as cidades brasileiras, contudo, que ainda apresentam vestígios materiais consideráveis do passado.

Se hoje o Rio de Janeiro, fundado em 1565, vangloria-se de seu " corredor cultural", que preserva edificações da área central construídas na virada do século XIX para o XX, é importante lembrar que as edificações aí situadas substituíram inúmeras outras antes existentes no mesmo local. Nem mesmo o berço histórico da cidade existe mais, arrasado devido à destruição do Morro do Castelo em 1922. E o que falar de São Paulo, fundada em 1554? Da pauliceia colonial e imperial quase mais nada existe, e, se ainda temos uma boa noção do que foi a cidade da primeira metade do século XX, é porque contamos com a paisagem eternizada das fotografias e com os belíssimos trabalhos realizados pelos geógrafos paulistas por ocasião do quarto centenário da cidade.

Há outros exemplos. Olinda, fundada em 1537, orgulha-se de ser patrimônio cultural da humanidade, mas esse título não lhe foi conferido em razão dos testemunhos que sobraram da cidade antiga, em grande parte substituída por construções em estilo eclético ou art déco do início do século passado. E se Salvador, criada em 1549, e Ouro Preto, fundada em 1711, podem gabar-se de manter ainda um patrimônio histórico-arquitetônico apreciável, isso se deve muito mais à longa decadência econômica pela qual passaram, que atenuou os ataques ao parque construído, do que a qualquer veleidade preservacionista local.

Em suma, não é muito comum encontrarem-se vestígios materiais do passado nas cidades brasileiras, mesmo naquelas que já existem há bastante tempo. Há, entretanto, algo novo acontecendo em todas elas. Independentemente de qual tenha sido o estoque de materialidades históricas que tenham conseguido salvar da destruição, as cidades do país vêm hoje engajando-se decisivamente em um movimento de preservação do que sobrou de seu passado, em uma indicação flagrante de que muita coisa mudou na forma como a sociedade brasileira se relaciona com as suas memórias.

Mauricio Abreu. Sobre a memória das cidades. In: Ana Fani Alessandri Carlos et al (Orgs.). *A produção do espaço urbano*: agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo: Editora Contexto, 2013, p. 21-2 (com adaptações).

25. (Pref. SP – Agente Gestão P. Públicas – Cespe – Maio/2016)

No texto I, a conjunção " entretanto" (l. 2) introduz, no período em que ocorre, uma ideia de:

a) condição.

b) causa.

c) consequência.

d) oposição.

e) adição.

Leia o texto a seguir para responder à questão 26.

Texto III

A história do grafite no Brasil iniciou-se na década de 70 do século XX, precisamente na cidade de São Paulo, em uma época conturbada da história do Brasil, época essa silenciada pela censura resultante da chegada dos militares ao poder.

Paralelamente ao movimento que despontava em Nova York, o grafite surgiu no cenário da metrópole brasileira como uma arte transgressora, a linguagem da rua, da marginalidade, que não pedia licença e que gritava nas paredes da cidade os incômodos de uma geração.

A partir disso, a arte de grafitar se transformou em um importante veículo de comunicação urbano, corroborando, de alguma maneira, a existência de outras vozes, de outros sujeitos históricos e ativos que participam da cidade.

É importante ressaltar que o grafite, inicialmente, foi uma arte caracterizada pela autoria anônima, por meio da qual o grafiteiro

transformava a cidade em um importante suporte de comunicação artística sem delimitação de espaço, de mensagem ou de mensageiro.

Portanto, o que importava naquele momento era a arte em si e não o nome de seu autor. Por esse motivo, os ditos " cânones" são retirados de sua posição central e imperativa para dar lugar a uma arte de todos e para todos; arte da rua, na rua e para a rua; arte da cidade, na cidade e para a cidade: o grafite. Nesse sentido, a arte se funde com a vida do cidadão da metrópole por meio do movimento mútuo de transformação e de identificação de seus sujeitos.

Disponível em: <www.todamateria.com.br> (com adaptações).

26. (Pref. SP – Agente Gestão P. Públicas – Cespe – Maio/2016)

Seriam mantidos o sentido e a correção gramatical do texto III caso a palavra " Portanto", no trecho " Portanto, o que importava naquele momento era a arte em si e não o nome de seu autor" (l. 13), fosse substituída por:

a) Pois.

b) No entanto.

c) Logo.

d) Entretanto.

e) Porquanto.

Leia o texto a seguir para responder à questão 27.

Texto III

Pergunto: e agora? Como é que meu Padrinho foi degolado num quarto de pesadas paredes sem janelas, cuja porta fora trancada, por dentro, por ele mesmo? Como foi que os assassinos ali penetraram, sem ter por onde? Como foi que saíram, deixando o quarto trancado por dentro? Quem foram esses assassinos? Como foi que raptaram Sinésio, aquele rapaz alumioso, que concentrava em si as esperanças dos Sertanejos por um Reino de glória, de justiça, de beleza e de grandeza para todos? Bem, não posso avançar nada, porque aí é que está o nó! Este é o " centro de enigma e sangue" da minha história. Lembro que o genial poeta Nicolau Fagundes Varela adverte todos nós, Brasileiros, de que " os irônicos estrangeiros" vivem sempre vigilantes, sempre à espreita do menor deslize nosso para, então, " ridicularizar o pátrio pensamento":

Fatal destino o dos brasílios Mestres!

Fatal destino o dos brasílios Vates!

Política nefanda, horrenda e negra,

pestilento Bulcão abafa e mata

quanto, aos olhos de irônico estrangeiro,

podia honrar o pátrio pensamento!

Ora, um dos argumentos que os " irônicos estrangeiros" mais invocam para isso é dizer que nós, Brasileiros, somos incapazes de forjar uma verdadeira trança, uma intrincada teia, um insolúvel enredo de " romance de crime e sangue". Dizem eles que não é necessário nem um adulto dotado de argúcia especial: qualquer adolescente estrangeiro é capaz de decifrar os enigmas brasileiros, os quais, tecidos por um Povo superficial, à luz de um Sol por demais luminoso, são pouco sombrios, pouco

maldosos e subterrâneos, transparentes ao primeiro exame, facílimos de desenredar.

Ah, e se fossem somente os estrangeiros, ainda ia: mas até o excelso Gênio brasileiro Tobias Barreto, aí é demais! Diz Tobias Barreto que, no Brasil, é impossível aparecer um " romance de gênio", porque " a nossa vida pública e particular não é bastante fértil de peripécias e lances romanescos". Lamenta que seja raro, entre nós, " um amor sincero, delirante, terrível e sanguinário", ou que, quando apareça, seja num velho como o Desembargador Pontes Visgueiro, o célebre assassino alagoano do Segundo Império. E comenta, ácido: " Um ou outro crime, mesmo, que porventura erga a cabeça acima do nível da vulgaridade, são coisas que não desmancham a impressão geral da monotonia contínua. Até na estatística criminal o nosso país revela-se mesquinho. O delito mais comum é justamente o mais frívolo e estúpido: o furto de cavalos".

A gente lê uma coisa dessas e fica até desanimado, julgando ser impossível a um Brasileiro ultrapassar Homero e outros conceituados gênios estrangeiros! A sorte é que, na mesma hora, o Doutor Samuel nos lembra que a conquista da América Latina " foi uma Epopeia". Vemos que somos muito maiores do que a Grécia – aquela porqueirinha de terra! – e aí descansamos o pobre coração, amargurado pelas injustiças, mas também incendiado de esperanças! Sim, nobres Senhores e belas Damas: porque eu, Dom Pedro Quaderna (Quaderna, O Astrólogo, Quaderna, O Decifrador, como tantas vezes fui chamado); eu, Poeta--guerreiro e soberano de um Reino cujos súditos são, quase todos, cavalarianos, trocadores e ladrões de cavalo, desafio qualquer irônico, estrangeiro ou Brasileiro, primeiro a narrar uma história de amor mais sangrenta, terrível, cruel e delirante do que a minha; e, depois, a decifrar, antes que eu o faça, o centro enigmático de crime e sangue da minha história, isto é, a degola do meu Padrinho e a " desaparição profética" de seu filho Sinésio, O Alumioso, esperança e bandeira do Reino Sertanejo.

Ariano Suassuna. *A pedra do reino*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972, 3ª ed., p. 27-30 (com adaptações).

27. (Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Com referência ao texto III, julgue (C ou E) o item que se segue.

Sem prejuízo da informação veiculada no relato e da correção gramatical do texto, a vírgula empregada logo após " janelas" (l. 1) poderia ser substituída pelo conector **e**.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 28 e 29.

Texto IV

Em suas remotas origens helênicas, o termo " caráter" significou gravar. Empregavam-no, então, tanto para exprimir o sinete como a marca deixada na cera dócil. Essa dupla significação ainda hoje é vernácula – se não corrente – em certas acepções. Na linguagem tipográfica, por exemplo, " caráter" tanto é o tipo da imprensa como o sinal ou a letra gravada. Assim sendo, podemos dizer que o caráter de um homem não é somente o seu feitio moral, senão também a expressão e a impressão do indivíduo. Em arte, caráter será a personalidade do autor, o aspecto aparente e profundo da obra e o efeito dela. Fixada assim a verdadeira acepção do termo, podemos afirmar que o mérito maior do poema do Sr. Menotti del Picchia é " o caráter". Poesia profundamente simples e pessoal, de inspiração larga e sadia, tem a força das obras bem concebidas e a beleza das coisas naturais. Poesia de corpos simples, poderíamos dizer, pela sobriedade de linhas no sentimento, no pensamento e na expressão. Sente-se que o autor procurou a naturalidade e não a arte, que é o melhor caminho para atingir a esta.

O segredo da arte é a naturalidade sem prejuízo da perfeição.

O Sr. Menotti del Picchia ainda não pôde naturalmente desvendar o segredo da arte. Se no buscar a expressão natural do seu lirismo alcançou a arte, não se despojou ainda das incertezas dessa procura, de certa fraqueza de técnica. Defeitos são todos

estes transitórios, quase necessários em quem apenas se inicia.

A essência do livro é excelente.

Indica no autor uma personalidade inconfundível, que procura em si mesmo ou em torno de si os motivos de sua estética. Nem se distingue pela obsessão do isolamento, nem se perde por modelos estranhos. Daí lhe vem a superioridade de caráter individual. Se o caráter do autor provém dessa independência sem esforço, reside o da obra em sua originalidade natural; na conformidade com o meio, em uma perfeita radicação no solo pátrio, na simplicidade da construção e nas perfeitas proporções do ímpeto poético. O próprio desconcerto, em pormenores do poema principal e de outras produções secundárias, concorre para a individualidade desse esplêndido ensaio.

O caráter desse livro se conserva pela ressonância que tem. Não são versos agradáveis, suaves ou elegantes, que com tanto agrado se leem quanto facilmente se esquecem. São versos que lidos – ficam; gravam--se invencivelmente na memória, ora destacados, ora em bloco. A crítica, no julgar e no decompor as obras, não pode desprezar a intuição, se não é principalmente isso. E um dos mais seguros processos de intuição, no distinguir o valor das obras, é esse da permanência das sensações.

Os poemas do Sr. Menotti del Picchia deixam uma funda impressão de sua leitura: não pode haver melhor demonstração do seu " caráter". Quando essa impressão não se limitar aos leitores e aos críticos, e se estender à própria literatura nacional, terá a sua poesia atingido o grau supremo que lhe auguro.

Juca Mulato é um poema simples. Encerra uma lição profunda na singeleza do motivo e da intenção. É certo que a evidência da beleza não pode ser em arte um critério axiomático. Quantas vezes a paciência é o melhor guia da emoção estética? A exegese das sinfonias de Beethoven, como a dos dramas musicais de Wagner, aumenta a nossa receptividade para essa arte de titãs, se bem que a intuição íntima e a explicação individual sejam imprescindíveis.

O poema do Sr. Menotti del Picchia tem a simplicidade e a frescura das criações espontâneas e necessárias, onde o esforço da composição permanece obscuro como deve.

Para lhe realçar a beleza não se sente a crítica compelida a buscar símbolos problemáticos ou filosofias arbitrárias. Sendo o que é – um mal de amor impossível que leva a alma à desesperança, para se resignar depois e ressurgir consolada pela visão da terra amada, da felicidade atingível e do sonho necessário –, comove pelo simples aspecto de suas linhas harmoniosas.

A beleza maior do poema, que é também o seu caráter, está na sua simplicidade radical. O poeta reprimiu voluntariamente as possíveis exuberâncias ou ambições de seu lirismo para ficar dentro do assunto que escolheu. Ganhou com isso um grande poder virtual e marca mais do que se quisesse marcar: a acústica de uma construção humana nunca chega à acuidade de um eco natural.

Juca Mulato é a reconciliação do homem consigo mesmo, do brasileiro com sua terra, do bárbaro com seu isolamento. Reconciliação às vezes impossível, outras ilusória, sempre necessária, raramente realizada. O consolo de Juca Mulato é a indicação do caminho a seguir.

Alceu Amoroso Lima. Um poeta. In: *Estudos literários*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1966, p.133-5 (com adaptações).

(Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Com relação às ideias e às estruturas linguísticas do texto IV, julgue (C ou E) os itens a seguir.

28. Seriam mantidos o sentido original e a correção gramatical do trecho " se bem que a intuição íntima e a explicação individual sejam imprescindíveis" (l. 36 e 37), caso a expressão " se bem que" e a forma verbal " sejam" fossem

substituídas, respectivamente, pelo termo **porquanto** e pela forma verbal **são**.

29. O trecho “ se não corrente” (l. 2 e 3) poderia ser corretamente substituído por **se não for corrente**, preservando-se o sentido original do texto.

Leia o texto a seguir para responder às questões 30 e 31.

Texto 1 – O futuro da medicina

O avanço da tecnologia afetou as bases de boa parte das profissões. As vítimas se contam às dezenas e incluem músicos, jornalistas, carteiros etc. Um ofício relativamente poupado até aqui é o de médico. Até aqui. A crer no médico e “ geek” Eric Topol, autor de “ The Patient Will See You Now” (o paciente vai vê-lo agora), está no forno uma revolução da qual os médicos não escaparão, mas que terá impactos positivos para os pacientes.

Para Topol, o futuro está nos smartphones. O autor nos coloca a par de incríveis tecnologias, já disponíveis ou muito próximas disso, que terão grande impacto sobre a medicina. Já é possível, por exemplo, fotografar pintas suspeitas e enviar as imagens a um algoritmo que as analisa e diz com mais precisão do que um dermatologista se a mancha é inofensiva ou se pode ser um câncer, o que exige medidas adicionais.

Está para chegar ao mercado um apetrecho que transforma o celular num verdadeiro laboratório de análises clínicas, realizando mais de 50 exames a uma fração do custo atual. Também é possível, adquirindo lentes que custam centavos, transformar o smartphone num supermicroscópio que permite fazer diagnósticos ainda mais sofisticados.

Tudo isso aliado à democratização do conhecimento, diz Topol, fará com que as pessoas administrem mais sua própria saúde, recorrendo ao médico em menor número de ocasiões e de preferência por via eletrônica. É o momento, assegura o autor, de ampliar a autonomia do paciente e abandonar o paternalismo que desde Hipócrates assombra a medicina.

Concordando com as linhas gerais do pensamento de Topol, mas acho que, como todo entusiasta da tecnologia, ele provavelmente exagera. Acho improvável, por exemplo, que os hospitais caminhem para uma rápida extinção. Dando algum desconto para as previsões, “ The Patient...” é uma excelente leitura para os interessados nas transformações da medicina.

Folha de S. Paulo online – Coluna Hélio Schwartsman – 17/01/2016.

30. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

“ A crer no médico e “ geek” Eric Topol”; essa oração reduzida equivale semanticamente a:

a) embora creiamos;

b) quando cremos;

c) se crermos;

d) à medida que cremos;

e) para que crêssemos.

31. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

“ está no forno uma revolução da qual os médicos não escaparão, / mas que terá impactos positivos para os pacientes”.

O emprego da conjunção “ mas” supõe uma oposição entre o primeiro e o segundo segmento desse trecho do texto 1.

Tal oposição se verifica entre os seguintes termos:

a) estar no forno / ter impactos positivos;

b) revolução / impactos positivos;

c) médicos / pacientes;

d) não escapar / ter impactos;

e) médicos não escaparão / impactos positivos para os pacientes.

32. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

" Dentre os problemas sociais urbanos, merece destaque a questão da segregação urbana, fruto da concentração de renda no espaço das cidades e da falta de planejamento público que vise à promoção de políticas de controle ao crescimento desordenado das cidades".

Os dois elementos ligados pela conjunção E são fatores bastante diferentes; o pensamento abaixo em que os termos ligados por essa conjunção podem ser considerados sinônimos é:

a) " A Academia Francesa é como a Universidade: uma e outra eram necessárias num tempo de ignorância e de mau gosto; hoje são ridículas" (Voltaire);

b) " A agulha é pequena e delgada; no entanto sustenta uma família toda" (Steinberg);

c) " O amor e a amizade excluem-se mutuamente" (La Bruyère);

d) " A amizade de alguns homens é mais funesta e danosa do que o seu ódio ou aversão" (Marquês de Maricá);

e) " Todo bajulador tem de ser forçosamente um malévolo e um ingrato" (Nestor Vítor).

33. (Compesa – NA. Gest. Médico do Trabalho – FGV – Jul./2016)

Todos os pensamentos a seguir são construídos por dois blocos.

Assinale a opção que indica o conectivo que uniria um desses dois blocos de forma conveniente.

a) "*A única coisa sem mistério é a felicidade: _____ ela se justifica por si só.*" – **portanto**.

b) "*Milhares de velas podem ser acesas de uma única vela e a vida da vela não será encurtada; _____ a felicidade nunca diminui ao ser compartilhada.*" – **por isso**.

c) "*Felicidade é um modo de viajar, _____ não um destino.*" – **embora**.

d) "*Felicidade é um como, _____ não um quê.*" – **porém**.

e) "*Felicidade é como um beijo: _____ você deve compartilhar para aproveitá-lo.*" – **porque**.

34. (Compesa – NA. Gest. Médico do Trabalho – FGV – Jul./2016)

Assinale a opção que indica a frase em que a substituição do conectivo sublinhado foi feita de forma ***inadequada***.

a) "*Nenhuma moralidade pode fundar-se na autoridade, mesmo que a autoridade fosse divina*". – **malgrado**

b) "*Se os teus princípios morais te deixam triste, pode estar certo de que estão errados*". – **quando**

c) “ *A honestidade é elogiada por todos, mas morre de frio*”. – **no entanto**

d) “ *Tudo acontece conforme manda a natureza*”. – **segundo**

e) “ *Tudo é artificial, uma vez que a natureza é a arte de Deus*”. – **visto que**

35. (Pref. Paulínia-SP – Eng. Agrôn. – FGV – Maio/2016)

O conectivo sublinhado nas frases a seguir – da autoria de Machado de Assis – que tem seu valor semântico corretamente indicado é:

a) “ *A fantasia é um vidro de cor, um óculo brilhante, porém mentiroso.*” / conclusão

b) “ *Nada está perdido enquanto o coração espera alguma coisa.*” / proporção

c) “ *Quando dois corações se querem entender, ainda que falem hebraico, descobrem-se logo um ao outro.*” / concessão

d) “ *Aprofunde mais os corações alheios, se quiser encontrar a verdade.*” / causa

e) “ *Conquanto a credulidade seja eterna, é preciso fazer com ela o que se faz com a moda: variar o feitio.*” / tempo

Leia o texto a seguir para responder à questão 36.

A sociedade da informação e seus desafios

Dificilmente alguém discordaria de que a sociedade da informação é o principal traço característico do debate público sobre desenvolvimento, seja em nível local ou global, neste alvorecer do século XXI. Das propostas políticas oriundas dos países industrializados e das discussões acadêmicas, a expressão “ sociedade de informação” transformou-se rapidamente em jargão nos meios de comunicação, alcançando, de forma conceitualmente imprecisa, o universo vocabular do cidadão.

A expressão “ sociedade da informação” passou a ser utilizada como substituta para o conceito complexo de “ sociedade pós-industrial”, como forma de transmitir o conteúdo específico do “ novo paradigma técnico-econômico”. A realidade que os conceitos das ciências sociais procuram expressar refere-se às transformações técnicas, organizacionais e administrativas que têm como “ fator-chave” não mais os insumos baratos de energia – como na sociedade industrial – mas os insumos baratos de informação propiciados pelos avanços tecnológicos na microeletrônica e nas telecomunicações.

Nesta sociedade pós-industrial, ou “ informacional”, as transformações em direção à sociedade da informação, em estágio avançado nos países industrializados, constituem uma tendência dominante mesmo para economias menos industrializadas e definem um novo paradigma, o da tecnologia da informação, que expressa a essência da presente transformação tecnológica em suas relações com a economia e a sociedade. Esse novo paradigma tem as seguintes características fundamentais: a informação é sua matéria--prima (no passado, o objetivo dominante era utilizar informação para agir sobre as tecnologias); os efeitos das novas tecnologias têm alta penetrabilidade (a informação é parte integrante de toda atividade humana, individual ou coletiva e, portanto, todas essas atividades tendem a ser afetadas diretamente pela nova tecnologia); a tecnologia favorece processos reversíveis devido a sua flexibilidade; trajetórias de desenvolvimento tecnológico em diversas áreas do saber tornam-se interligadas e transformam-se as categorias segundo as quais pensamos todos os processos (microeletrônica, telecomunicações, optoeletrônica, por exemplo).

O foco sobre a tecnologia pode alimentar a visão ingênua de determinismo tecnológico segundo o qual as transformações em direção à sociedade da informação resultam da tecnologia, seguem uma lógica técnica e, portanto, neutra e estão fora da interferência de fatores sociais e políticos. Nada mais equivo-cado: processos sociais e transformação tecnológica resultam de

uma interação complexa em que fatores sociais preexistentes como a criatividade, o espírito empreendedor, as condições da pesquisa científica afetam o avanço tecnológico e suas aplicações sociais.

No campo educacional dos países em desenvolvimento, decisões sobre investimentos para a incorporação da informática e da telemática implicam também riscos e desafios. Será essencial identificar o papel que essas novas tecnologias podem desempenhar no processo de desenvolvimento educacional e, isso posto, resolver como utilizá-las de forma a facilitar uma efetiva aceleração do processo em direção à educação para todos, ao longo da vida, com qualidade e garantia de diversidade. As novas tecnologias de informação e comunicação tornam-se, hoje, parte de um vasto instrumental historicamente mobilizado para a educação e a aprendizagem. Cabe a cada sociedade decidir que composição do conjunto de tecnologias educacionais mobilizar para atingir suas metas de desenvolvimento.

A Unesco tem atuado de forma sistemática no sentido de apoiar as iniciativas dos Estados Membros na definição de políticas de integração das novas tecnologias aos seus objetivos de desenvolvimento. No Programa Informação para Todos, as ações desse organismo internacional estão concentradas em duas áreas principais: conteúdo para a sociedade da informação e "infoestrutura" para esta sociedade em evolução, por meio da cooperação para treinamento, apoio ao estabelecimento de políticas de informação e promoção de conexões em rede.

No espírito da Declaração Universal dos Direitos do Homem, que constitui a base dos direitos à infor-mação na sociedade da informação, e levando em consideração os valores e a visão delineados anteriormente, o novo Programa Informação para Todos deverá prover uma plataforma para a discussão global sobre acesso à informação, participação de todos na sociedade da informação global e as consequências éticas, legais e societárias do uso das tecnologias de informação e comunicação. Deverá prover também a estrutura para colaboração internacional e parcerias nessas áreas e apoiar o desenvolvimento de ferramentas comuns, métodos e estratégias para a construção de uma sociedade de informação global e justa.

WERTHEIN, J. *Ciência da Informação*. Brasília, v. 29, n. 2, p. 71-77, maio/ago. 2000. Disponível em:<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/254>. Acesso em: 10 maio 2015. Adaptado.

36. (Petrobras – Advogado Jr. – Cesgranrio – Ago./2015)

Para construir o sentido do texto, diferentes relações lógicas se estabelecem entre as ideias que o compõem.

A relação entre os trechos está adequadamente expressa entre colchetes em:

a) "A expressão 'sociedade da informação' passou a ser utilizada como substituta para o conceito complexo de 'sociedade pós-industrial'" / "como forma de transmitir o conteúdo específico do 'novo paradigma técnico-econômico'". (l. 6-8) [contraposição]

b) "a informação é sua matéria-prima" / "no passado, o objetivo dominante era utilizar informação para agir sobre as tecnologias" (l. 16-17) [condição]

c) "os efeitos das novas tecnologias têm alta penetrabilidade" / "a informação é parte integrante de toda atividade humana, individual ou coletiva" (l. 17-19) [causalidade]

d) "Nada mais equivocado" / "processos sociais e transformação tecnológica resultam de uma interação complexa" (l. 26-27) [finalidade]

e) "As novas tecnologias de informação e comunicação tornam-se, hoje, parte de um vasto instrumental historicamente mobilizado para a educação e a aprendizagem" / "Cabe a cada sociedade decidir que composição do conjunto de tecnologias

educacionais mobilizar" (l. 34-37) [explicação]

37. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016 – Adaptada)

Considere o trecho: " Você pode até achar que é coisa de criança, mas o jogo em que cada um leva o próprio balde e simula as tarefas a bordo de um navio é instrutivo e divertido para todas as idades".

Se essa frase, mantendo-se o sentido original, for construída substituindo-se a conjunção **mas** por uma forma equivalente subordinativa, o resultado adequado será:

a) Você pode até achar que é coisa de criança, porém o jogo em que cada um leva o próprio balde e simula as tarefas a bordo de um navio é instrutivo e divertido para todas as idades.

b) Embora você possa até achar que é coisa de criança, o jogo em que cada um leva o próprio balde e simula as tarefas a bordo de um navio é instrutivo e divertido para todas as idades.

c) Talvez você até ache que é coisa de criança, pois o jogo em que cada um leva o próprio balde e simula as tarefas a bordo de um navio é instrutivo e divertido para todas as idades.

d) Admitamos que você até ache que é coisa de criança o jogo em que cada um leva o próprio balde e simula as tarefas a bordo de um navio, algo instrutivo e divertido para todas as idades.

e) Caso até você ache que é coisa de criança o jogo em que cada um leva o próprio balde e simula as tarefas a bordo de um navio, garanto ser instrutivo e divertido para todas as idades.

38. (ANP – Téc. Reg. Petr&Der – Cesgranrio – Jan./2016 – Adaptada)

Considere-se o trecho " Sua arma é o inverso da alta cultura, da contracultura, da subcultura, de nichos especializados. Visa o público em geral, cultura de massa, de milhões."

Se o trecho for reescrito em um só período, mantendo-se seu sentido original, as duas orações poderão ser relacionadas por meio da conjunção

a) consoante

b) contanto

c) embora

d) entretanto

e) porque

39. (ANP – Téc. Reg. Petr&Der – Cesgranrio – Jan./2016 – Adaptada)

A relação lógica expressa pela palavra em destaque está indicada adequadamente entre colchetes em:

a) " Tornou-se a cultura internacional dominante, principal, a chamada *mainstream*, **conforme** o título do livro escrito pelo sociólogo francês Frédéric Martel." [concessão]

b) " Você pode ouvir Lady Gaga, gostar de *Avatar* e ler *O Código Da Vinci*, **mas**, no final das contas, a maior parte da cultura que você consome e ama geralmente é nacional." [condição]

c) " **Para** resumir as coisas, eu diria que todos temos duas culturas: a nossa e a americana." [causa]

d) “ Por quê? **Porque** a língua é muito importante, porque a identidade é muito importante.” [finalidade]

e) “ **Portanto**, nós estamos em um mundo cada vez mais global, mas, ao mesmo tempo, a cultura ainda é e será muito nacional.” [conclusão]

40. (Basa – Téc. Bancário – Cesgranrio – Set./2015 – Adaptada)

A expressão abaixo que substitui a palavra **Mas** em: “ Mas, como toda arte tende para o excesso, o ascensorista entediado chegaria fatalmente ao preciosismo. Quando perguntassem ‘ Sobe? ’, responderia ‘ É o que veremos...’ Ou então, ‘ Como a Virgem Maria’ .”, modificando o sentido original do trecho em que ela está empregada é:

a) Contudo

b) Embora

c) Porém

d) Todavia

e) No entanto

41. (BB – Escriturário – Cesgranrio – Out./2015 – Adaptada)

A frase que está adequadamente reescrita entre colchetes, de modo a manter a relação lógica entre suas ideias, estabelecida pela palavra ou pela expressão destacada, é:

a) “ Foi necessária essa pequena exegese **para** refletirmos que não importa a forma como a sociedade queira se organizar, ela é sempre motivada por um fenômeno humano.”

[Foi necessária essa pequena exegese à medida que refletimos que não importa a forma como a sociedade queira se organizar, ela é sempre motivada por um fenômeno humano.]

b) “ **Se** a indústria pesada da tecnologia realmente adotar políticas reconhecendo e incluindo *bitcoins* como moeda válida, estará dado o primeiro passo para a criação de um mercado financeiro global de *bitcoins*.”

[Quando a indústria pesada da tecnologia realmente adotar políticas reconhecendo e incluindo *bitcoins* como moeda válida, estará dado o primeiro passo para a criação de um mercado financeiro global de *bitcoins*.]

c) “ o comércio internacional se modernizou e engendrou a criação de moedas, **com o intuito de** facilitar a circulação de mercadorias”

[o comércio internacional se modernizou e engendrou a criação de moedas, embora facilitasse a circulação de mercadorias]

d) “ A Revolução Industrial ocorrida inicialmente na Inglaterra e na Holanda, por volta de 1750, viria a criar uma quantidade de riqueza acumulada **tão** grande **que** transformaria o próprio dinheiro em mercadoria.”

[A Revolução Industrial ocorrida inicialmente na Inglaterra e na Holanda, por volta de 1750, viria a criar uma grande quantidade de riqueza acumulada, para transformar o próprio dinheiro em mercadoria.]

e) “ Trata-se de um título cambial digital, sem emissor, sem cártula, e, portanto, sem lastro, uma aberração no mundo financeiro, que, **não obstante isso**, tem valor.”

[Apesar de se tratar de um título cambial digital, sem emissor, sem cártula, e, portanto, sem lastro, uma aberração no mundo

financeiro, tem valor.]

42. (IPSMI – Procurador – Vunesp – Abril/2016 – Adaptada)

No trecho – As pessoas [...] que buzinam **assim que o sinal fica verde** – o trecho destacado expressa, em relação ao verbo que o antecede,

a) lugar da ação.

b) modo da ação.

c) finalidade da ação.

d) comparação das ações.

e) tempo concomitante das ações.

Leia o texto a seguir para responder à questão 43.

Uma noite no mar Cáspio

Na semana passada, uma aluna da Sorbonne foi encarregada de fazer um estudo sobre a literatura latino-americana, mal informada de tudo, inclusive sobre a América Latina. Veio entrevistar algumas pessoas e, não sei por que, pediu-me que a recebesse para uma conversa que pudesse explicar o Brasil com apenas um título que serviria de roteiro para o trabalho que deveria apresentar.

Já me pediram coisas extravagantes, recusei algumas, aceitei outras. Aleguei minha incompetência para titular qualquer coisa.

Mas não quis decepcionar a moça. Pensando na atual crise política, sugeri " Garruchas e punhais" – era o nome da briga entre os meninos da rua Cabuçu contra os meninos da rua Lins de Vasconcelos. Morei nas duas e era considerado um espião a soldo de uma ou de outra. O que no fundo era verdade, considerava idiotas os dois lados.

A moça riu mas não gostou. Todos os países têm garruchas e punhais. Dei outra sugestão: " O mosteiro de tijolos de feltro". Ela não gostou – nem eu. Parti então para uma terceira via, por sinal, a mais estúpida. Pensou um pouco, inicialmente recusou. Olhou bem para mim e aprovou: " Uma noite no mar Cáspio". Para meu espanto, ela aceitou. Acredito que os professores da Sorbonne também gostarão. E eu nem sei onde fica o mar Cáspio, embora também não saiba onde fica o Brasil.

(Carlos Heitor Cony. *Folha de S.Paulo*, 26.01.2016. Adaptado)

43. (C.M. Marília-SP – Proc. Jurídico – Vunesp – Abril/2016)

A relação de sentido estabelecida entre as orações no trecho do segundo parágrafo – ... recusei algumas, aceitei outras. – também está presente em:

a) Veio entrevistar algumas pessoas e, não sei por que, pediu-me...

b) ... que serviria de roteiro para o trabalho que deveria apresentar.

c) Pensando na atual crise política, sugeri " Garruchas e punhais"...

d) A moça riu mas não gostou.

e) Ela não gostou – nem eu.

44. (Unesp – Ass. Administrativo I – Vunesp – Abril/2016)

No trecho – Meu filho saiu da loja feliz da vida com seu brinquedo rosa que, aliás, para ele é só uma cor, **como** outra qualquer –, o termo destacado estabelece relação de sentido de

a) causa e equivale a **porque**.

b) tempo e equivale a **enquanto.**

c) condição e equivale a **caso**.

d) comparação e equivale a **tal qual**.

e) finalidade e equivale a **para**.

45. (MPE/SP – Analista Técnico Científico – Vunesp – Jul./2016)

Observe a relação de sentido entre os trechos (I) e (II): (I) Os governos taxavam-no a mais não poder, (II) de modo que os países rivais, mais parcimoniosos na decretação de impostos sobre produtos semelhantes, acabavam, na concorrência, por derrotar a Bruzundanga.

É correto afirmar que

a) o trecho (I) expressa o tempo em que ocorre o que se afirma no trecho (II).

b) o trecho (II) expressa a maneira como ocorre o fato afirmado no trecho (I).

c) o trecho (II) expressa o efeito do que se afirma no trecho (I).

d) o trecho (I) expressa o modo como ocorre o fato afirmado no trecho (II).

e) o trecho (II) expressa a causa determinante do que se afirma no trecho (I).

46. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Mantendo-se as ideias do texto original, a passagem do 6º parágrafo – O indivíduo não só perde a capacidade de pagamento mas também enfrenta grande dificuldade para obter novos recursos... – pode ser reescrita da seguinte forma:

a) O indivíduo perde a capacidade de pagamento e enfrenta grande dificuldade para obter novos recursos.

b) O indivíduo só perde a capacidade de pagamento, mas não enfrenta grande dificuldade para obter novos recursos.

c) O indivíduo perde a capacidade de pagamento, portanto também enfrenta grande dificuldade para obter novos recursos.

d) O indivíduo não só perde a capacidade de pagamento, porém enfrenta grande dificuldade para obter novos recursos.

e) O indivíduo ou só perde a capacidade de pagamento ou também enfrenta grande dificuldade para obter novos recursos.

47. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

(Hagar, Dik Browne. *Folha de S.Paulo*, 31.10.2015. Adaptado)

Na oração – **Já que** tenho um peixinho dourado como mascote… –, o sentido expresso pela conjunção em destaque é de

a) oposição e, nesse contexto, pode ser substituída por " Mas".

b) explicação e, nesse contexto, pode ser substituída por " Pois".

c) causa e, nesse contexto, pode ser substituída por " Como".

d) conclusão e, nesse contexto, pode ser substituída por " Portanto".

e) conformidade e, nesse contexto, pode ser substituída por " Conforme".

Leia o texto a seguir para responder à questão 48.

Entre as boas figuras de boa-fé do Rio de Janeiro figurava o Garcia, bom homem, cujo único defeito era ser fraco de inteligência, defeito que todos lhe perdoavam por não ser culpa dele.

O nosso herói não se empregava absolutamente em outra coisa que não fosse comer, beber, dormir e trocar as pernas pela cidade. Tinha herdado dos pais o suficiente para levar essa vida folgada e milagrosa, e só gastava o rendimento do seu patrimônio.

Casara-se com d. Laura, que, não sendo formosa que o inquietasse, nem feia que lhe repugnasse, era mais inteligente e instruída que ele. Esta superioridade dava-lhe certo ascendente, de que ela usava e abusava no lar doméstico, onde só a sua vontade e a sua opinião prevaleciam sempre.

O Garcia não se revoltava contra a passividade a que era submetido pela mulher: reconhecia que d. Laura tinha sobre ele grandes vantagens intelectuais e, se era honesta e fiel aos seus deveres conjugais, que lhe importava a ele o resto?

(Artur Azevedo, O espírito. Em: *Seleção de Contos*, 2014. Adaptado)

48. (MPE/SP- Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Observe as passagens do 3º parágrafo do texto:

– ... não sendo **formosa** que o inquietasse, nem **feia** que lhe repugnasse...;

– ... era mais inteligente e instruída **que** ele.

O par de adjetivos em destaque, na primeira passagem, e a conjunção em destaque, na segunda, estabelecem entre as informações do texto, respectivamente, as seguintes relações de sentido:

a) equivalência e conclusão.

b) equivalência e comparação.

c) oposição e comparação.

d) oposição e causa.

e) equivalência e consequência.

49. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Nos versos – as minhas mãos **sob** a nuca – e – **mas** o tato me dá –, o sentido expresso pela preposição **sob** e o expresso pela conjunção **mas** são, respectivamente, de

a) posição paralela e explicação.

b) posição superior e adição.

c) posição contígua e comparação.

d) posição inferior e oposição.

e) posição lateral e conclusão.

50. (Unesp – Assistente Administrativo – Vunesp – Fev./2016)

Um termo que introduz uma exemplificação no enunciado está em destaque na seguinte passagem:

a) Frequentemente desprezadas **por** terem um aspecto que não está de acordo com os "padrões de beleza" impostos pela indústria… (1º parágrafo)

b) Vender uma maçã com um rótulo **cujo** logotipo mostra um rosto com um único dente aos produtores… (3º parágrafo)

c) … os produtos menos esteticamente atrativos também são de qualidade e, **inclusive**, mais baratos. (4º parágrafo)

d) Agora, engloba também outros produtos, **como** queijos e cereais ingeridos no café da manhã. (5º parágrafo)

e) ... aproveita a luta contra os resíduos a fim de voltar a vender parte da produção **que**

51. (Unesp – Assistente Administrativo – Vunesp – Fev./2016)

O segmento destacado em – **Se uma despesa avança** em velocidade incompatível com a receita usada para bancá-la, só há dois caminhos para corrigir a distorção… – estará corretamente substituído, preservando-se o sentido e a correção gramatical, por:

a) Caso uma despesa avance…

b) Ainda que uma despesa avance…

c) Contudo uma despesa avança…

d) Pois uma despesa avança…

e) Para que uma despesa avance…

Leia o texto a seguir para responder à questão 52.

O Senado Federal aprovou em plenário, em 31/10/2012, o projeto de lei originário da Câmara dos Deputados (PL nº

2.793/2011) que tipifica como criminosas algumas condutas cometidas no meio digital, sobretudo a invasão de computadores. A imprensa tem noticiado como se fosse a primeira aprovação desse tipo no Brasil e alguns setores comemoraram como se a existência de uma lei para os crimes eletrônicos fosse tudo o que faltava para diminuir a delinquência cibernética. Sendo o Brasil um país de tradições positivistas e sendo vedada a aplicação de analogia para criar tipos penais, não resta dúvida da necessidade de aprovação da lei. Talvez com a previsão dessas condutas específicas, haja melhores resultados punitivos.

A falta de estrutura na maioria das delegacias civis do país e a ausência de previsão legal que estabeleça a obrigatoriedade da guarda de logs acabam por inviabilizar a investigação dos crimes digitais, em muitos casos. Com o Marco Civil da Internet (PL nº 2.126/2011), o legislador poderia sanar esse problema ao prever o armazenamento de tais registros, sem dar margem à violação da privacidade, evidentemente. No entanto, no último parecer ao projeto, no mês julho, o deputado relator retirou a obrigatoriedade do armazenamento dos dados pelos provedores de aplicações à Internet, os chamados provedores de conteúdo, deixando essa previsão apenas aos 5 provedores de conexão. O fato é que os registros de conexão nem sempre são suficientes para uma eficiente coleta de provas. O certo seria obrigar também os provedores de conteúdo a fazer esse registro, o que permitiria investigar e punir não só os crimes digitais como também outros, tais como os de difamação, calúnia e injúria, tão comuns nas redes sociais.

Rafael Fernandes Maciel. In: *Consultor Jurídico*, 9/11/2012. Disponível em: <www.conjur.com.br> (com adaptações).

52. (TJ/Acre – Téc. Administrativo – Cespe – Dez/2012)

Julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Mantendo-se a relação de sentido estabelecida entre os períodos, a expressão “ **No entanto**” (l. 11-12) poderia ser substituída, corretamente, por **Com tudo**.

53. (Câmara dos Deputados – Técnico Legislativo – Cespe – Abril/2014)

Bill Watterson.

(Adaptado) Julgue o item subsequente como Certo (C) ou Errado (E), relativo ao diálogo entre os personagens Calvin e sua professora, Dona Doroteia, apresentado na tirinha.

No terceiro quadrinho, a expressão “ Sendo assim” poderia, sem prejuízo para a correção e a coerência do texto, ser substituída por qualquer um dos seguintes conectores: Portanto, Por conseguinte, Conquanto.

Leia o texto a seguir para responder às questões 54 e 55.

Texto I

Na Vila Telebrasília, onde mora, poucos conhecem Abiesel Alves Cavalcanti pelo nome completo. Lá ele é Bisa, o pescador. Há 35 anos, o pernambucano veio atrás do progresso na capital. Acompanhado pelo irmão, trouxe algumas roupas e a tarrafa, sua ferramenta de trabalho. “ Eu falei para o mano: se lá tem água, tem peixe. De fome a gente não morre”, lembra Bisa. O Lago Paranoá alimentou toda a sua família, composta de mulher e dez filhos. No começo, quando a pesca com tarrafa era proibida, Bisa

saía na madrugada em uma canoa e trabalhava escondido. Depois, quando a captura com malha foi autorizada, ele se destacou entre os colegas. Chegava a voltar com até 300 quilos de peixe na embarcação. Hoje, o lago já não é tão abundante quanto há uma década e meia, mas ele ainda chega com o barco cheio. Entre tilápias, tucunarés, carpas e traíras, soma 250 quilos de peixe por semana e perto de dois mil reais por mês. Bisa rema quase sete horas para chegar até a altura da Ermida Dom Bosco e, às vezes, dorme na mata e retorna para casa só na manhã seguinte. "É uma vida de muito trabalho, mas necessidade eu nunca passei", diz o pescador.

Lilian Tahan. Vivendo de pescaria. In: *Veja Brasília*, 2/10/2013 (com adaptações).

(ICMBIO – Nível Médio – Cespe – Maio/2014)

Julgue os próximos itens como Certo (C) ou Errado (E), relativo às ideias e às estruturas linguísticas do texto.

54. Com a devida alteração de maiúscula e minúscula, o ponto final imediatamente após a palavra "colegas" (l. 7) poderia ser substituído por vírgula, seguida do elemento articulador **visto que**.

55. O vocábulo "mas" (l. 8) é um elemento coesivo que introduz relação de conclusão entre a informação expressa no período de que faz parte e a informação expressa no período que o antecede.

Leia o texto a seguir para responder à questão 56.

Texto I

Construímos coisas o tempo todo, mas como saberemos quanto tempo vão durar? Se construirmos depósitos para resíduos nucleares, precisaremos ter certeza de que os contêineres vão resistir até que o material dentro deles não mais seja perigoso. E, se não quisermos encher o planeta de lixo, é bom sabermos quanto tempo leva para que plásticos e outros materiais se decomponham. A única forma de termos certeza é submetendo esses materiais a testes de estresse por cerca de 100 mil anos para ver como reagem. Então, poderíamos aprender a construir coisas que realmente duram – ou que se decompõem de uma forma "verde". Experimentos submeteriam materiais ao desgaste e a ataques químicos, como variações de alcalinidade, e, ainda, alterariam a temperatura ambiente para simular os ciclos de dia e noite e das estações. Com as técnicas de simulação em laboratórios de que dispomos atualmente, por exemplo, não se pode prever como será o desempenho da bateria de um carro elétrico nos próximos quinze anos. As simulações de computador podem, por fim, tornar-se sofisticadas a ponto de substituir experimentos de longo prazo. Enquanto isso, no entanto, precisamos adotar cautela extra ao construirmos coisas que precisam durar.

Kristin Persson. Como os materiais se decompõem? In: *Scientific American Brasil*, s/d, 2013 (com adaptações).

56. (ICMBIO – Nível Superior – Cespe – Maio/2014)

Acerca de aspectos estruturais do texto acima e das ideias nele contidas, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E):

A expressão "no entanto" (l. 12) poderia ser substituída pelo vocábulo **entretanto**, sem que houvesse prejuízo à correção gramatical e ao sentido do texto.

Leia o texto a seguir para responder à questão 57.

Tem um personagem de Voltaire que um dia descobre, encantado, que falou em prosa toda a sua vida, sem saber.

Estamos metidos em muito mais coisas do que nos damos conta. Pertencemos, simultaneamente, a vários sistemas que mal

compreendemos, começando pelo nosso próprio corpo e terminando pelo sistema solar, que, por sua vez, faz parte de outro sistema ainda maior e mais incompreensível. Coisas espantosas acontecem conosco, a cada segundo, pelo simples fato de existirmos. Agora mesmo, enquanto escrevo – ou enquanto você lê –, fatos fantásticos e dramáticos se desenrolam dentro de nós. Células se reproduzem aos milhões. Bando de bactérias percorrem nossas vias interiores, procurando encrenca. Nossos sucos se encontram e se misturam em alquimias inacreditáveis. E giramos em torno do Sol, que, por sua vez, se desloca pelo espaço, em alta velocidade, cuspindo fogo. Não podemos pedir dispensa do Universo e de suas explosões por razões de consciência. Estamos todos na mesma louca aventura. Você, eu e o vizinho. E, ainda por cima, falamos em prosa.

(Verissimo, Luis Fernando. *Orgias*. Porto Alegre, RS: L&PM Editores, 1989, p.80-1, Adaptado).

57. (ESAF – DNIT – Técnico Administrativo – 2013)

(Adaptada) Com relação ao desenvolvimento das ideias do texto, julgue a assertiva a seguir como " certa" ou " errada".

No período " Coisas espantosas (...) existirmos" (l. 5-6), o autor estabelece uma relação de causa e efeito em que a causa é inerente à própria existência humana, o que torna o efeito irreversível.

Leia o texto a seguir para responder à questão 58.

Em um regime democrático, todo poder emana do povo, prevalecendo a vontade da maioria sobre a vontade de indivíduos ou de grupos. Desse modo, o bom governante é aquele que compreende as demandas da população e se empenha em atendê-las. No entanto, numa democracia saudável, é também responsabilidade dos dirigentes tomar medidas que podem eventualmente desagradar a uma parte dos eleitores, pois eles devem administrar pensando no conjunto da sociedade que governam, e não na estridência de interesses insatisfeitos ou contrariados.

(Adaptado de *O Estado de S. Paulo*, 9/2/2014)

58. (ESAF – MF – Assistente Técnico Administrativo – 2014)

Em relação às estruturas linguísticas do texto, julgue a assertiva a seguir como " certa" ou " errada".

Preservam-se as relações sintáticas e a correção gramatical do período ao se substituir " No entanto" (l. 3) por qualquer um dos seguintes termos: Contudo, Entretanto, Porquanto, Uma vez que.

Leia o texto a seguir para responder à questão 59.

Ônibus lotados, alguns em péssimo estado, engarrafamentos, demora em chegar ao local desejado. A péssima qualidade do transporte coletivo é um problema que atinge muitas capitais brasileiras. Para especialistas em planejamento urbano, o crescimento desordenado pode ser apontado como o responsável por essa situação. Isso gera uma fragmentação de espaços que exige que as pessoas façam longos deslocamentos. Consequentemente, a maioria das grandes cidades hoje no Brasil, por terem essa característica, geram esses problemas de congestionamentos e transporte públicos lotados. Resolver estes problemas é alguns dos grandes desafios dos prefeitos nas médias e grandes cidades. Cabe a eles garantir a mobilidade das pessoas nos lugares onde elas vivem. O transporte público coletivo é responsabilidade das prefeituras e o usuário espera que funcione.

(Adaptado de http://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2012/08/veja-o-papel-das-prefeituras-quanto-aos-problemas-do-transporte-coletivo.html, acesso em 4/12/2012)

59. (DNIT – Técnico Administrativo – ESAF – 2013)

Assinale a estrutura sintática que, no texto, tem valor significativo de causa.

Parte superior do formulário

a) “ demora em chegar ao local desejado”(L. 1)

b) “ que atinge muitas capitais brasileiras.”(L. 2)

c) “ pode ser apontado como o responsável por essa situação.”(L. 3-4)

d) “ que as pessoas façam longos deslocamentos.”(L. 4-5)

e) “ por terem essa característica”(L. 5)

Gabarito: 1. c; 2. C; 3. a; 4. e; 5. e; 6. a; 7. d; 8. b; 9. c; 10. d; 11. b; 12. c; 13. b; 14. b; 15. a; 16. d; 17. a; 18. c; 19. b; 20. e; 21. E; 22. e; 23. E; 24. E; 25. a; 26. c; 27. C; 28. E; 29. C; 30. c; 31. b; 32. d; 33. d; 34. b; 35. c; 36. c; 37. b; 38. e; 39. e; 40. b; 41. e; 42. e; 43. d; 44. d; 45. c; 46. a; 47. c; 48. c; 49. d; 50. d; 51. a; 52. E; 53. E; 54. C; 55. E; 56. C; 57. certa; 58. errada; 59. e.

Conjunções é assunto certo em qualquer que seja a prova. É importante também para a interpretação e produção textual, pois dá ao texto coesão e coerência. Vamos resumir o que foi estudado no capítulo?

11.5. RESUMO

- Conjunções coordenativas relacionam orações, podendo indicar cinco ideias: aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas e explicativas.
- Conjunções subordinativas podem ser integrantes – sem valor adverbial (=isto) ou adverbiais (com valor semântico).
- Conjunções subordinativas adverbiais podem indicar nove valores semânticos (6 Cs + FTP): causais, concessivas, condicionais, conformativas, consecutivas, comparativas, finais, temporais, proporcionais.
- Na hora de classificar a conjunção, lembre-se de olhar a oração que vem após ela, não antes.
- A causa e o efeito são ideias que sempre caminham juntas. Se a conjunção iniciar a causa, será causal. Se iniciar a consequência, será consecutiva. Lembre-se de que, na linha do tempo, a causa antecede a consequência.
- As conjunções consecutivas e conclusivas, bem como as adversativas e concessivas são paráfrases: indicam a mesma ideia. Para não confundi-las, é essencial memorizar suas listas.

Parte III

Sintaxe

12 PREDICAÇÃO VERBAL

12.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

É a relação de dependência entre o verbo e seus complementos.

Os verbos *transitivos* e *intransitivos* exprimem, normalmente, *ação*, *fenômeno* e *movimento*.

12.1.1. Verbo intransitivo

Não necessita de um termo (objeto) que complete o seu sentido.

Exs.: a) Correm os dias, os meses, os anos.

b) O outono chegou.

c) O marido desapareceu entre as ruelas.

d) O rapaz chegou gravemente ferido ao hospital.

e) Falei bastante ontem.

f) Estudou bastante.

Comentários:

Em A, a frase está invertida. Na ordem, seria: "Os dias, os meses, os anos correm". O verbo não pede complemento (= objeto). Na B, o verbo encerra o período, também sem pedir *objeto*.

Nas frases de C a F, aparecem adjuntos adverbiais e predicativo após os respectivos verbos, e não objeto:

c) "entre as ruelas" (= adjunto adverbial de lugar);

d) "ferido" (= predicativo do sujeito); "ao hospital" (= adjunto adverbial de lugar);

e) "bastante" (= adjunto adverbial de intensidade); "ontem" (= adjunto adnominal de tempo);

f) "bastante" (= adjunto adverbial de intensidade).

Portanto, para a gramática, verbo **intransitivo** é aquele que denota *ação*, *movimento*, e não pede *complemento* (= objeto).

12.1.2. Verbo transitivo

O sentido do verbo é completado por um termo (objeto).

O objeto direto completa o verbo sem preposição obrigatória (amar, ajudar, adorar, namorar etc.).

Exs.: a) Essa atitude implicou sua demissão.

b) Falei a verdade.

Comentários:

Agora, aparecem verbos que pedem complemento direto (= objeto direto), *sem preposição* (*verbos transitivos diretos*):

"sua demissão" (= objeto direto)

"a verdade" (= objeto direto)

Já o objeto indireto completa o verbo com preposição obrigatória (obedecer, desobedecer, aludir, anuir, referir-se etc.).

Exs.: a) Obedece **a**os mais velhos.

b) Gostava **de** música.

c) Falei **a**os filhos.

Comentários:

Verbos como *obedecer* e *gostar* regem, obrigatoriamente, preposição. São *transitivos indiretos*.

Em "Falei aos filhos", o verbo falar, nessa frase, pede preposição a. Não teria sentido dizer "Falei os filhos".

"Obedecia aos mais velhos." (= objeto indireto)

"Gostava de música." (= objeto indireto)

"Falei aos filhos." (= objeto indireto)

O verbo pode pedir dois complementos. Trata-se do objeto direto e indireto. Um sem preposição e o outro com preposição (avisar, comunicar, certificar, informar, proibir etc.).

Exs.: a) Comuniquei o ocorrido aos pais.

b) Falei a verdade aos filhos.

Comentários:

Quando o verbo pede dois complementos, é chamado de *transitivo direto e indireto* (um termo sem preposição, o outro, com preposição):

"*o ocorrido* (= objeto direto) *aos pais* (= objeto indireto)"

"*a verdade* (= objeto direto) *aos filhos* (= objeto indireto)"

12.1.3. Verbo de ligação

O verbo estabelece uma ligação entre o sujeito e seu atributo ou característica (= predicativo).

Exs.: a) Eu sou **feliz**. (predicativo do sujeito)

b) Estava **cansado**. (predicativo do sujeito)

c) Ele acha-se **triste**. (predicativo do sujeito)

Comentários:

O *verbo de ligação*, que, diferentemente dos transitivos e intransitivos – que denotam *ação*, *movimento* – traz uma ideia de *estado*. Geralmente são os verbos *ser*, *estar*, *ficar*, *parecer*, *continuar*, *achar-se* etc.

Fundamentalmente, o seu papel é o de ligar o sujeito a sua *característica*, *qualidade*, a seu *atributo* (= predicativo do sujeito). Logo, *se o verbo é de ligação*, não temos objeto na frase, e sim *predicativo do sujeito*.

Nas frases A, B, C, *feliz*, *cansado* e *triste* são adjetivos que caracterizam o sujeito, e os verbos ser, estar e achar-se, indicam estado, de ligação.

Importante: Na maioria das vezes, a predicação do verbo só pode ser determinada na frase, e não isoladamente. O mesmo verbo que em um contexto possui uma determinada transitividade, em outro vem com transitividade diferente.
Observe que mostramos isso com o verbo falar:
Falei bastante ontem. (verbo intransitivo)
Falei a verdade. (verbo transitivo direto)
Falei aos filhos. (verbo transitivo indireto)
Falei a verdade aos filhos. (verbo transitivo direto e indireto)

Vamos fixar os conceitos? Dê a predicação dos verbos nas frases seguintes.

1. As crianças **brincavam** alegremente no pátio.

   Comentários: O verbo *brincar*, nesta frase, não pede complemento. Após esse verbo aparecem circunstâncias (adjuntos adverbiais) de modo – *alegremente* – e de lugar – *no pátio*.

   Resposta: verbo intransitivo.

2. Muitos amigos **chegaram** cedo.

   Comentários: A palavra cedo indica o tempo da chegada, adjunto adverbial. Não há objeto (= complemento).

   Resposta: verbo intransitivo.

3. O salão **estava** todo pintado.

   Comentários: O verbo *estar* liga o sujeito (*salão*) a seu predicativo (*pintado*), indicando *estado*.

   Resposta: verbo de ligação.

4. Márcia **deu** um brinde a cada participante.

Comentários: Nessa frase, o verbo dar pede dois complementos:

"… deu um brinde…" (sem preposição – objeto direto)

"… deu a cada participante (com preposição – objeto indireto)

"Márcia deu um brinde a cada participante."

Resposta: verbo transitivo direto e indireto.

5. Muitas pessoas **receberam** donativos.

Comentários: O vocábulo *donativos* completa o sentido do verbo sem preposição, é objeto direto.

Resposta: verbo transitivo direto.

6. **Confiei** em suas palavras.

Comentários: Repare que, nesse período, se retirarmos a preposição *em*, a frase fica sem sentido. É porque o verbo *confiar* pede obrigatoriamente essa preposição ("Confiei em suas palavras").

Resposta: verbo transitivo indireto.

7. **Ficamos** contentes com seu retorno.

Comentários: Em "Ficamos contentes", o termo destacado não é objeto, porque mostra um estado do sujeito (*Nós*). Palavra que indica *estado*, *qualidade*, *característica* do sujeito é *predicativo*.

Além disso, o verbo *ficar* mostra uma *mudança de estado* e não uma *ação*, um *movimento*.

Resposta: verbo de ligação.

8. **Ofereci** uma recompensa aos funcionários.

Comentários: Mais um verbo que pede, na frase em que se encontra, dois complementos: um sem preposição, o outro com preposição:

"Ofereci uma recompensa…" (sem preposição – objeto direto)

"Ofereci aos funcionários…" (com preposição – objeto indireto)

Resposta: verbo transitivo direto e indireto.

9. **Pedi** a conta e **saí** do restaurante.

Comentários: Esse período traz dois verbos com transitividades diferentes: "Pedi a conta…", "… saí do restaurante". Na primeira passagem, o complemento do verbo aparece sem preposição (*a conta* – objeto direto); na segunda, temos uma ideia circunstancial (*do restaurante* – adjunto adverbial de lugar), e não objeto indireto.

Resposta: verbo transitivo direto e verbo intransitivo.

10. O mar **parecia** traiçoeiro naquela manhã.

Comentários: Mais um verbo cuja finalidade é ligar o sujeito a sua característica (predicativo). O vocábulo *traiçoeiro* é um adjetivo que se refere ao sujeito, é, portanto, um predicativo do sujeito. Como o verbo não indica ação nem movimento, não pode ser transitivo nem intransitivo.

Resposta: verbo de ligação.

11. **Trouxe** a lembrança de Natal.

Comentários: Aqui, temos um complemento do verbo *trazer* sem preposição (*a lembrança*) e uma locução que indica o lugar, a origem (*de Natal*), que funciona como adjunto adverbial.

Resposta: verbo transitivo direto.

12. Não **existem** mais sentimentos verdadeiros.

Comentários: Observe, primeiro, que a frase está invertida. Na ordem, teríamos: "Sentimentos verdadeiros não existem mais". Com isso, nos certificamos de que o verbo *existir* não pede complemento (= objeto), já que *mais* acrescenta ao verbo uma ideia de tempo, adjunto adverbial, pois.

Resposta: verbo intransitivo.

13. A moça **vivia** preocupada.

Comentários: O verbo *vivia*, nesta construção, indica um *estado* permanente, ligando o sujeito (*A moça*) ao seu predicativo (*preocupada*).

Resposta: verbo de ligação.

14. Ela **ficou** esperançosa.

Comentários: Mais um verbo que tem o papel de *ligar* o sujeito a seu estado, característica, qualidade (predicativo).

Resposta: verbo de ligação.

15. Ela **ficou** no escritório.

Comentários: Veja agora a diferença: *no escritório* indica o *lugar* onde *ela ficou*. Nesse caso, o verbo não *liga* nada. Não há predicativo nem objeto, e sim adjunto adverbial de lugar.

Resposta: verbo intransitivo.

16. **Fomos** a Fortaleza.

Comentários: Outra frase que mostra uma expressão (*a Fortaleza*) cuja finalidade é se referir ao verbo indicando uma circunstância (adjunto adverbial).

Resposta: verbo intransitivo.

17. **Lembrou-se** dos amigos.

18. **Lembrei** a data do seu aniversário.

Comentários: Em regência, vimos que o verbo *lembrar* pode aparecer com ou sem o pronome. Se vier *com* o pronome (*lembrar-se*) pede preposição; *sem* o pronome (*lembrar*), não pede preposição.

Respostas: 17. verbo transitivo indireto; 18. verbo transitivo direto.

19. **Surgem** os primeiros raios de sol.

Comentários: Assim como na frase 12, essa também mostra uma inversão dos termos. Na ordem, seria: "Os primeiros raios de sol surgem". Logo, não pede nenhum tipo de complemento, o sentido fica completo.

Resposta: verbo intransitivo.

20. Ninguém **reparou** nos maus modos daquela menina.

21. O pedreiro **reparou** o muro parcialmente destruído.

Comentários: Esses períodos são exemplos de verbos que, dependendo do sentido, mudam a predicação. Na frase 20, o *reparar* (= *dar atenção*, *dar importância*), pede preposição.

Já na 21, esse mesmo verbo equivale a *restaurar*, *fazer conserto*. Nesse caso, não pede preposição.

Respostas: 20. verbo transitivo indireto; 21. verbo transitivo direto.

Já que você consegue detectar a classificação de um verbo, o próximo passo é aprender os tipos de predicado.

12.1.4. Tipos de predicado

Predicado: é o que se declara acerca do sujeito. Divide-se em **verbal**, **nominal** e **verbo--nominal**.

Verbal: não tem predicativo. O verbo **não** indica estado.

Ex.: O funcionário chegou.

Nominal: tem **predicativo**. O verbo indica **estado**.

Ex.: O funcionário estava contente.

Verbo-nominal: o verbo **não** indica estado. Tem **predicativo** (do sujeito ou do objeto).

Ex.: O funcionário chegou contente.

Vamos treinar?

Separar o sujeito e classificar o predicado.

1. Os jovens cantavam uma bela canção.

Sujeito: Os jovens

Predicado: cantavam uma bela canção

Comentários: O predicado não possui predicativo. Quando isso ocorre o predicado só pode ser verbal.

Resposta: predicado verbal.

2. Os jovens pareciam felizes.

Sujeito: Os jovens

Predicado: pareciam felizes

Comentários: Agora, temos no predicado a presença de um verbo de ligação (indica estado) e de predicativo (*felizes*).

Resposta: predicado nominal.

3. Os jovens cantavam uma bela canção felizes.

Sujeito: Os jovens

Predicado: cantavam uma bela canção felizes

Comentários: Nesse período, há um verbo que não indica estado (*cantavam*) e predicativo (*felizes*). Se o verbo *não* indica estado, o predicado é *verbal*; se há predicativo, o predicado é *nominal*. Como nessa construção há as duas ocorrências, o predicado é verbo-nominal.

Resposta: predicado verbo-nominal.

4. Achei-o competente.

Sujeito: (*Eu*)

Predicado: Achei-o competente

Comentários: Observe que o adjetivo *competente* se refere ao objeto direto (*o*), qualificando-o. Esse adjetivo, sintaticamente, funciona como *predicativo do objeto*. Aparecendo predicativo do objeto no predicado, só pode ser classificado como verbo-nominal.

Resposta: predicado verbo-nominal.

5. O desenvolvimento depende da produtividade.

Sujeito: O desenvolvimento

Predicado: depende da produtividade

Comentários: O verbo *depende não* indica estado e *não há predicativo* na frase.

Resposta: predicado verbal.

6. O desenvolvimento é um processo complexo.

Sujeito: O desenvolvimento

Predicado: é um processo complexo

Comentários: Agora temos um verbo de *ligação* (*é* – indicando estado) e predicativo do sujeito.

Resposta: predicado nominal.

12.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

Dê a predicação dos verbos sublinhados seguindo este código:

(1) verbo intransitivo (4) verbo transitivo direto e indireto

(2) verbo transitivo direto (5) verbo auxiliar (usado na locução verbal)

(3) verbo transitivo indireto (6) verbo de ligação:

(6a) estado permanente

(6b) estado passageiro

(6c) mudança de estado

(6d) continuidade de estado

(6e) aparência

1. ( ) Ela <u>ligou</u> o ferro silenciosa.

2. ( ) Impecável, <u>transitava</u> o marido pelo tempo.

3. ( ) Paulo <u>está</u> adoentado.

4. ( ) Paulo <u>está</u> no hospital.

5. ( ) As discussões <u>continuaram</u> pela noite.

6. ( ) <u>Permaneciam</u> abertas as listas de adesão às emendas.

7. ( ) Um congressista <u>compareceu</u> à sessão preocupado.

8. ( ) <u>Deve</u> chover bastante.

9. ( ) Eu <u>sou</u> sempre a estrela matutina.

10. ( ) <u>Surgiu</u>, pela esquina, assobiando.

11. ( ) Os operários <u>perfuravam</u> a rocha com suas brocas e picaretas.

12. ( ) <u>Existe</u> em Nova Lima uma importante mina de ouro.

13. ( ) <u>Contou</u>-me um amigo uma história exemplar.

14. ( ) Uma das janelas vivia aberta.

15. ( ) Estava, naquele dia, em Friburgo.

16. ( ) Ela parece triste.

17. ( ) Distribuímos as cartas na mesa.

18. ( ) Chegamos alegres.

19. ( ) José caiu doente.

20. ( ) " Aquela estrela no peito é uma predestinação, símbolo ao mesmo tempo de fulgor e solidão."

Gabarito: 1. (2) ferro: objeto direto / silenciosa: predicativo do sujeito; 2. (1) impecável: predicativo do sujeito / pelo tempo: adjunto adverbial; 3. (6b) adoentado: predicativo do sujeito; 4. (1) no hospital: adjunto adverbial; 5. (1) pela noite: adjunto adverbial; 6. (6d) abertas: predicativo do sujeito; 7. (1) à sessão: adjunto adverbial / preocupado: predicativo do sujeito; 8. (5); 9. (6a) estrela: predicativo do sujeito; 10. (5); 11. (2) rocha: objeto direto / com suas brocas e picaretas: adjunto adverbial (instrumento); 12. (1) em Nova Lima: adjunto adverbial; 13. (4) história: objeto direto / me: objeto indireto; 14. (6a) aberta: predicativo do sujeito; 15. (1) naquele dia: adjunto adverbial / em Friburgo: adjunto adverbial; 16. (6e) triste: predicativo do sujeito; 17. (2) as cartas: objeto direto / na mesa: adjunto adverbial; 18. (1) alegres: predicativo do sujeito; 19. (6c) doente: predicativo do sujeito; 20. (6a) predestinação/símbolo: predicativo do sujeito.

12.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

A seguir, observe como são trabalhadas as questões de predicação verbal nas provas de concursos públicos.

1. (MPU – FCC) *… elas também causam impactos significativos na agricultura e na saúde humana.*

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o do grifado acima está na frase:

a) … grandes pinheiros brotam por toda parte.

b) … mas que chegaram ao Brasil…

c) … e aqui encontraram espaço…

d) …o búfalo e o pinus são apenas espécies exóticas.

e) … e competindo com elas por alimento.

Comentários:

O verbo da frase do enunciado é transitivo direto, vem seguido de seu objeto direto *impactos significativos*. Observe que a expressão *na agricultura e na saúde humana* não pode ser considerada objeto do verbo, é seu adjunto adverbial de lugar (responde à pergunta *onde?*).

Na letra A, tem-se um verbo intransitivo, seguido de um adjunto adverbial de lugar (*por toda parte*). Na letra B, o mesmo acontece: o verbo *chegar* é intransitivo, porque não vem seguido de complemento, e sim de circunstância lugar (*ao Brasil*), que, na sintaxe, é chamada de adjunto adverbial de lugar. É na letra C que encontramos um outro verbo transitivo direto, seguido de seu objeto direto *espaço.* Na letra D, temos um verbo de ligação, que liga o sujeito *o búfalo e o pinus* ao seu predicativo *espécies exóticas*. Por fim, a letra E, que traz um verbo transitivo indireto, com seu objeto indireto *com elas* e seu adjunto adverbial de causa *por alimento.*

Resposta: C.

2. (Cesgranrio) O verbo virar foi usado da mesma maneira que em "… o trabalho vira dinheiro." Em:

a) O pintor tropeça e vira a lata de tinta.

b) O mar, que estava de ressaca, virou o barco.

c) O petróleo, depois de devidamente processado, vira gasolina.

d) O mecânico, quando faz uma boa revisão, vira o carro do avesso.

e) Os policiais viraram todo o carro à procura de novas pistas.

Comentários:

A transitividade de um verbo é algo relativo, depende da frase. O verbo da frase do enunciado indica mudança de estado: o trabalho *se transforma* em dinheiro; é, portanto, verbo de ligação. Nas letras A, B, D e E, o verbo *virar* indica ação, movimento, sendo, nas quatro frases, transitivo direto. Apenas na letra C, o verbo *virar* vem indicar, mais uma vez, mudança de estado, sendo, portanto, classificado como verbo de ligação, com seu predicativo *gasolina*.

Resposta: C.

13 TERMOS DA ORAÇÃO

13.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Primeiramente, vamos conhecer os termos **integrantes** da oração. E, logo depois, os acessórios.

13.1.1. Termos integrantes

a) Objeto direto: complemento que integra a significação do verbo **sem o auxílio de preposição obrigatória.**

Ex.: A crise financeira estimulou a crença no intervencionismo do Estado. (estimulou-a)

b) Objeto indireto: complemento que integra a significação do verbo, ligando-se a este por meio de **preposição obrigatória**.

Ex.: As alunas responderam ao professor. (responderam-lhe)

c) Complemento nominal: complemento **preposicionado** de um substantivo, de um adjetivo ou de um advérbio.

Obs.: Quando esse termo preposicionado completa o substantivo, tem valor passivo. Se o termo preposicionado completar adjetivo ou advérbio, só pode ser complemento nominal.

Ex.: Venda de armas.

(subst. abstr.) (ideia passiva – as armas foram vendidas)

Estou certo da vitória.

(adj.)

Favoravelmente aos empresários.

(adv.)

d) Agente da passiva: termo preposicionado que **exerce a ação verbal** na voz passiva.

Ex.: Ele foi reconhecido pela mulher.

Só fixando, mesmo, para ver o assunto ficou claro: vamos misturar todos os termos integrantes...

Importante!

Lembre sempre que objeto (direto – sem preposição – ou indireto – com preposição) é complemento de verbo; complemento nominal é complemento preposicionado de nome substantivo, adjetivo ou advérbio; o agente da passiva é o termo preposicionado que pratica a ação verbal na voz passiva.

Classifique os termos sublinhados usando (1) para objeto direto; (2) objeto indireto; (3) complemento nominal; e

(4) agente da passiva.

1. ( ) Precisávamos de tua ajuda.

Comentários: A expressão *preposicionada* completa o sentido do *verbo* transitivo indireto.

Resposta: 2.

2. ( ) Tinha certeza de sua chegada.

Comentários: O vocábulo certeza é substantivo (nome) seguido de expressão preposicionada.

Resposta: 3.

3. ( ) Estava certo de sua chegada.

Comentários: A expressão destacada completa um adjetivo (nome) com preposição.

Resposta: 3.

4. ( ) Comemoramos a sua promoção.

Comentários: Agora, o *complemento do verbo* vem sem preposição.

Resposta: 1.

5. ( ) Sua promoção foi comemorada pelos familiares.

Comentários: Observe que nesse período o sujeito recebe a ação verbal ("A promoção *foi comemorada*"), é um sujeito paciente. A expressão sublinhada é o termo que age na voz passiva.

Resposta: 4.

6. ( ) Necessito de um favor seu.

Comentários: Mais uma frase em que a preposição aparece por exigência de um verbo.

Resposta: 2.

7. ( ) Tinha necessidade de sua presença.

Comentários:

Confronte essa frase com a anterior. Aqui, o termo preposicionado completa um *nome substantivo* (necessidade), e não um verbo.

Resposta: 3.

8. ( ) Demoliram aquele prédio antigo.

Comentários: O verbo *demolir* não pede preposição, é transitivo direto. Logo, no complemento, não aparece preposição.

Resposta: 1.

Por fim, os termos **acessórios**, aqueles que a gramática classifica como dispensáveis na frase:

13.1.2. Termos acessórios

a) Adjunto adnominal: "termo que limita, individua a significação de um substantivo."

Ex.: Dois alunos; O / Um aluno; Aluno inteligente / de inteligência.

(num.) (art.) (adj.) (loc.adj.)

Meu aluno; Invasão dos mosquitos.

(pron.) (loc.adj.)

b) Adjunto adverbial: vocábulo ou expressão que denota alguma circunstância (tempo, lugar, modo...) do fato expresso pelo verbo. Pode ainda modificar o adjetivo ou o próprio advérbio.

Ex.: Falavam muito; Homem muito bom; Saíram muito cedo.

(verbo) (adj.) (adv.)

Falava sobre música; Correu de medo; Estava em casa.

(verbo) (verbo) (verbo)

c) Aposto: "termo de natureza substantiva ou pronominal que se acrescenta a outro substantivo ou pronome." Os tipos de aposto são:

1. explicativo: Machado de Assis, um dos maiores nomes da nossa literatura, escreveu livros inesquecíveis.

2. enumerativo: Naquele instante, recorri a dois amigos: Gilson e Itamar.

3. distributivo: Érico Veríssimo e José de Alencar foram grandes escritores brasileiros, este do Romantismo e aquele do Modernismo.

4. resumitivo: Empresários, trabalhadores, ninguém confia em nossos governantes.

5. especificativo: A cidade de Paris é encantadora.

6. *em referência a uma oração: Ele agora trabalhava com dedicação, o que é elogiável.

*Obs.: Esse tipo de aposto é representado, normalmente, pelo pronome demonstrativo o ou pelos substantivos coisa, razão, motivo etc.

d) Vocativo: termo que se usa para chamar por alguém ou coisa personificada.

Ex.: José, venha cá.

e) Predicativo: qualidade atribuída ao sujeito ou ao objeto.

Ex.: Todos voltaram satisfeitos.

(suj.) (predicativo do sujeito)

Considero-o apto.

(o.d.) (predicativo do objeto)

Vejamos alguns exercícios de fixação.

Classifique os termos sublinhados usando (1) para adjunto adnominal; (2) adjunto adverbial; (3) aposto; (4) vocativo; (5) predicativo do sujeito; e (6) predicativo do objeto.

1. ( ) Bom dia, meu caro senhor!

Comentários: Quando chamamos por alguém, ou coisa personificada, tem-se o vocativo.

Resposta: 4.

2. ( ) Chegou ao escritório às nove horas.

Comentários: Nesse período, os termos preposicionados se referem ao *verbo* indicando, respectivamente, *circunstâncias* de lugar e tempo.

Resposta: 2.

3. ( ) Fernanda, a representante da turma, saiu neste instante.

Comentários: Quando um substantivo (*representante*) ou pronome se refere a outro substantivo (*Fernanda*), temos o aposto. Como a finalidade é explicar, esclarecer o termo anterior, o aposto é chamado de explicativo.

Resposta: 3.

4. ( ) Cinema, rádio, televisão, nada o distraía.

Comentários: Agora, o pronome *nada* se refere aos substantivos com a intenção de resumir a informação prestada por esses termos. O aposto é resumitivo.

Resposta: 3.

5. ( ) ( ) Ao longe, uma nuvem surgiu carregada.

Comentários: A expressão *Ao longe* remete ao *lugar* onde *surgia* a nuvem. Na segunda ocorrência, o adjetivo *carregada* se refere ao sujeito *nuvem*.

Respostas: 2 e 5.

6. ( ) Chamou o amigo de ingrato.

Comentários: Temos em *de ingrato* uma característica atribuída ao objeto direto *amigo*.

Resposta: 6.

7. ( ) ( ) ( ) As minhas sugestões eram simples.

Comentários: Repare que o substantivo *sugestão* vem delimitado pelo artigo (*As*) e pelo pronome (*minhas*). Essas palavras vêm *junto* ao nome substantivo. Já o adjetivo *simples* se refere ao substantivo *sugestões*, que funciona como sujeito, e vem *separado* por um verbo, e não junto.

Respostas: 1, 1 e 5.

8. ( ) ( ) Coração sem amor é um campo minado.

Comentários: A locução *sem amor*, preposicionada, vem junto ao substantivo *coração*, assim como o adjetivo *minado* vem *junto* ao substantivo *campo*.

Respostas: 1 e 1.

9. ( ) ( ) As suas mãos tremiam de medo.

Comentários: O pronome *suas*, ao lado do substantivo, delimita as *mãos*, já a expressão *de medo* se refere ao *verbo* indicando circunstância de causa.

Respostas: 1 e 2.

10. ( ) ( ) O velho ranzinza arquejava cansado.

Comentários: O adjetivo *ranzinza* vem *junto* ao substantivo *velho* e o adjetivo *cansado*, separado pelo verbo, se refere ao sujeito.

Respostas: 1 e 5.

Resumindo: Cuidado com os termos **preposicionados**!

objeto indireto x adjunto adverbial
Objeto indireto
Completa o sentido de um verbo transitivo indireto (com preposição obrigatória). Não há ideia circunstancial.
Ex.: Lembrou-se do ocorrido.
Adjunto adverbial
Refere-se ao verbo acrescentando a ele uma ideia circunstancial (tempo, lugar, modo, causa, intensidade...).
Ex.: Chegamos ao anoitecer (ideia de tempo).

complemento nominal x adjunto
Complemento nominal
Sempre preposicionado.
Completa um substantivo, um adjetivo ou um advérbio. Quando completa um substantivo, a expressão preposicionada tem valor passivo.
Ex.: Reforma da praça.
(subst.) (ideia passiva = a praça foi reformada)
Adjunto adnominal
Aparecendo preposição, a ideia é ativa.
Ex.: Construção do arquiteto.

(subst.) (ideia ativa = o arquiteto construiu)

Obs.: essa dúvida é mais frequente quando o termo preposicionado completa substantivo abstrato (indica ação, sentimento, qualidade – protesto, viagem, amor, tristeza, reforma, construção...)

adjunto adnominal x predicativo do objeto

Adjunto adnominal

Termo acessório, pode ser retirado da frase sem prejuízo do seu sentido.

Ex.: Fizeram perguntas tolas.

Predicativo do objeto

Aparece por extensão semântica do verbo. Sua retirada prejudica o perfeito entendimento da frase.

Ex.: Julguei as suas perguntas tolas.

Mais questões para exercitar.

Use os seguintes códigos para classificar as frases.

(1) objeto indireto

(2) adjunto adverbial

(3) adjunto adnominal

(4) predicativo do sujeito

(5) predicativo do objeto

(6) aposto

(7) complemento nominal

(8) agente da passiva

1. ( ) Os profissionais competentes enfrentaram muitas dificuldades.

Comentários: Adjetivo que vem *junto* ao substantivo é adjunto adnominal.

Resposta: 3.

2. ( ) Os profissionais eram muito competentes.

Comentários: Agora, o mesmo adjetivo vem separado por um verbo e se refere ao sujeito.

Resposta: 4.

3. ( ) Consideramos aqueles profissionais competentes.

Comentários: Repare que, embora o adjetivo venha junto ao substantivo, que funciona como objeto direto, a retirada desse vocábulo prejudica o entendimento da frase (consideramos aqueles profissionais...?). Qual é a consideração sobre eles? Logo, não pode ser classificado como adjunto adnominal.

Resposta: 5.

4. ( ) O rapaz foi preso pelo detetive.

Comentários: O termo sublinhado *exerce a ação verbal* na voz passiva (o detetive age, prende o ladrão).

Resposta: 8.

5. ( ) Tinha grande amor à humanidade.

Comentários: A expressão sublinhada completa o sentido de um nome substantivo com preposição. Há ideia passiva (a humanidade *recebe* a ação do *amor*, a humanidade não ama, não é ativa).

Resposta: 7.

6. ( ) O coração não resistiu à emoção.

Comentários: O verbo *resistir* pede preposição obrigatória (*à emoção* completa o sentido de um verbo transitivo indireto).

Resposta: 1.

7. ( ) Existe, nesta cidade, um clima de paz.

Comentários: A expressão sublinhada indica o *lugar* onde *existe* um clima de paz.

Resposta: 2.

8. ( ) Rui, o orador, logo se pronunciou.

Comentários: Um substantivo (*orador*) que determina, explica outro substantivo (Rui).

Resposta: 6.

9. ( ) Beber demais é prejudicial à saúde.

Comentários: Nesse período, *à saúde* completa o sentido do *nome adjetivo* (*prejudicial*) com preposição.

Resposta: 7.

10. ( ) A felicidade dos candidatos contagiava o ambiente.

Comentários: A expressão destacada se refere ao substantivo, vem junto. Repare que em construções como essa é comum confundir adjunto adnominal com complemento nominal. Nesse caso, verifique a ideia do *termo preposicionado*: se for ativa, será adjunto adnominal; se for passiva, complemento nominal.

Em "A felicidade dos candidatos", eles estavam felizes, ideia ativa, portanto.

Resposta: 3.

11. ( ) Tinha necessidade de afeto.

Comentários: Mais um termo preposicionado em relação ao nome, só que com ideia passiva (*o afeto* recebe a ação do nome, é uma necessidade voltada *ao afeto*, e não *o afeto* necessita de algo).

Resposta: 7.

12. ( ) ( ) Os candidatos chegaram apressados ao local da prova.

Comentários: O adjetivo *apressados*, separado por um verbo, se refere ao *sujeito*; *ao local da prova* indica *o lugar* a que chegaram.

Respostas: 4 e 2.

13.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Classifique os termos acessórios sublinhados usando o seguinte código:

(1) adjunto adnominal (3) aposto

(2) adjunto adverbial (4) vocativo

1. ( ) Na ausência do marido, a mulher responderá pela dívida.

2. ( ) Para quem mora na cidade existem dois espaços bem diferenciados: o morro e a rua.

3. ( ) Evento realizado nesta semana em São Paulo.

4. ( ) A cidade de Florianópolis é encantadora.

5. ( ) Os cidadãos de Florianópolis estão mais confiantes no governo.

6. ( ) Eram habitantes daquele lugar onde se matam pobres.

7. ( ) A pobre Antônia tem, nos olhos grandes, uma tristeza milenar.

8. ( ) "Brasil, mostra a tua cara."

9. ( ) Os meninos correram de medo.

10. ( ) Era esposa descuidada.

11. ( ) Um dia notou a mulher um leve afrouxar-se das pálpebras.

12. ( ) Realizaram ações de vulto.

13. ( ) ( ) ( ) "Uma língua é uma coisa bela, mutável e misteriosa como um arco-íris."

14. ( ) Se a reforma é tão pequena, para que fazê-la?

15. ( ) Ele agora trabalhava com dedicação, o que é elogiável.

II. Distinga o adjunto adnominal (1) do complemento nominal (2).

Obs.: Aqui, trataremos apenas dos termos preposicionados.

1. ( ) Era um homem de juízo.

2. ( ) Tinha horror à pasteurização.

3. ( ) Ninguém fica indiferente à publicidade.

4. ( ) O código de trânsito vai ser incluído no currículo escolar.

5. ( ) A imaginação das agências é inesgotável.

6. ( ) Estamos no país da "solucionática".

7. ( ) Gastava rios de dinheiro com regozijo.

8. ( ) Este ano haverá treinamento de professores.

9. ( ) As palmas do público ecoavam por todo o teatro.

10. ( ) Tinham certeza da vitória.

III. Use (1) adjunto adverbial; (2) objeto indireto; (3) objeto direto; (4) objeto direto preposicionado; (5) adjunto adnominal; e (6) predicativo do objeto para classificar os termos sublinhados.

1. ( ) Tratou do assunto com calma.

2. ( ) Aludiu às conquistas do avô.

3. ( ) Agora esperava por uma oferta.

4. ( ) Vi ontem um filme.

5. ( ) Transmitiu aos rapazes segurança.

6. ( ) Apesar das dificuldades, venceremos.

7. ( ) Chamam-no de artista.

8. ( ) Não consideraram os votos em branco.

9. ( ) Agora o tinham por ídolo.

10. ( ) ( ) Aquele amor impossível deixava-o impaciente.

11. ( ) Duvidei de suas palavras.

12. ( ) Amou aos pais com grandeza de alma.

13. ( ) Enfrentava as dificuldades sem reclamar.

14. ( ) Ele entrou pela porta da frente.

15. ( ) Ele entrou pela porta da frente.

IV. Use: (1) predicativo do sujeito; (2) agente da passiva; (3) aposto; (4) adjunto adverbial; (5) complemento nominal; e (6) adjunto adnominal para classificar os termos em destaque nas seguintes frases.

1. ( ) Recuperadas, as antigas fazendas de café do Rio de Janeiro abrem as portas a visitantes.

2. ( ) "Naquele casal aliava-se tudo que é nobre: o amor e a confiança. É este o segredo dos casamentos felizes."

3. ( ) A felicidade do filho era contagiante.

4. ( ) "Por maior que seja a tranquilidade de um homem quando resolve abandonar a vida, é-lhe sempre agradável achar um pretexto para prolongá-la um pouco mais."

5. ( ) A cidade do Rio de Janeiro continua linda.

6. ( ) O povo do Rio de Janeiro demonstra o seu inconformismo diante da violência.

7. ( ) "Um dia se descobriu num gesto longo e demorado olhando a esquife longamente."

8. ( ) As salas de aula estão cheias de crianças e jovens.

9. ( ) As ruas foram lavadas pela chuva.

10. ( ) ( ) "Se é para o bem de todos e felicidade geral da nação, diga ao povo que fico!" (D. Pedro I)

11. ( ) Fumar é prejudicial à saúde.

12. ( ) Vivia cercado de amigos sinceros.

13. ( ) ( ) Os meios de comunicação e as novas tecnologias mudaram a vida das pessoas.

14. ( ) O amor ao próximo era a sua maior virtude.

15. ( ) Pegou um pano úmido e, silenciosa, ligou o ferro.

16. ( ) Qualquer forma de violência deve ser desprezada.

17. ( ) A difusão da violência é iminente.

18. ( ) Percebe-se com frequência a sabotagem do idioma.

19. ( ) O significado das palavras, em geral, se dá no contexto.

20. ( ) As crianças saíram do cinema apressadas.

21. ( ) Montes, rios, ervas, árvores, terra – tudo é manifestação da vida de Deus.

Gabarito: I – 1. (1); 2. (3); 3. (2); 4. (3); 5. (1); 6. (1); 7. (2); 8. (4); 9. (2); 10. (1); 11. (2); 12. (1); 13. (1)(1)(1); 14. (2); 15. (3). **II** – 1. (1); 2. (2); 3. (2); 4. (1); 5. (1); 6. (1); 7. (1); 8. (2); 9. (1); 10. (2). **III** – 1. (1); 2. (2); 3. (4); 4. (3); 5. (2); 6. (1); 7. (6); 8. (5); 9. (6); 10. (5)(6); 11. (2); 12. (4); 13. (3); 14. (5); 15. (1). **IV** – 1. (1); 2. (3); 3. (6); 4. (5); 5. (3); 6. (6); 7. (4); 8. (5); 9. (2); 10. (6)(6); 11. (5); 12. (2); 13. (6)(6); 14. (5); 15. (1); 16. (6); 17. (5); 18. (5); 19. (6); 20. (1); 21. (3).

13.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Algumas questões de concursos para você treinar:

1. (FCC) A alternativa em que o elemento sublinhado indica o agente e não o paciente do termo anterior é:

a) "A utilização de qualquer um deles."

b) "A queima do petróleo."

c) "Inundação de vastas áreas."

d) "A fauna aquática dos rios."

e) "Construção de barragem."

Comentários:

Ora, ao se pedir o elemento agente e não paciente, excluem-se as hipóteses de ser o termo um objeto indireto ou um complemento nominal: tanto um quanto outro, por serem complementos, o primeiro de verbo e o segundo de nome, possuem valor passivo.

Na letra A, temos um substantivo abstrato *utilização*, seguido de uma expressão preposicionada com valor passivo (*de qualquer um deles*). Basta reescrever a frase e você verá tal valor passivo: *qualquer um deles é utilizado*. É, portanto, complemento nominal. Nas letras B, C e E, a história se repete: temos substantivos abstratos (*queima, inundação* e *construção*), seguidos de seus complementos, todos com valor passivo. Como dissemos anteriormente, procure reescrever as frases e você verá o valor passivo: *o petróleo é queimado* (letra B); *vastas áreas são inundadas* (letra C) e *a barragem é construída* (letra E). Todas as três alternativas sendo, portanto, complementos nominais.

Somente na letra D encontramos uma expressão preposicionada que se refere a um substantivo concreto (*fauna*). Veja também a ideia de posse que essa expressão traz: *os rios possuem a fauna aquática*. O adjunto adnominal, que as gramáticas mencionam ter um valor ativo, pode também trazer, quando junto ao substantivo concreto, um valor de posse. E isso pode ajudar você a identificá-lo mais facilmente na frase.

Resposta: D.

2. (TJ – NCE) O item a seguir em que o termo destacado representa um agente e não um paciente do termo anterior é:

a) código de trânsito.

b) educação para o trânsito.

c) formação do magistério.

d) treinamento de professores.

e) atender a mais esta nova exigência.

Comentários:

Mais uma vez: em todas as alternativas haverá elementos sintáticos com valor passivo (objetos indiretos ou

complementos nominais), só em uma frase isso não ocorrerá.

Na letra A, o termo preposicionado não traz ideia passiva. A expressão **de trânsito** especifica o substantivo, ideia ativa.

Na letra B, tem-se um substantivo abstrato (*educação*), seguido de uma expressão com valor passivo (o trânsito não forma, ele é *alvo* da "formação", *recebe* essa "formação"). Na letra C, mais um substantivo abstrato seguido de uma expressão com valor passivo. Reescreva a frase e verá: *o magistério é formado*. O mesmo ocorre na letra D: substantivo abstrato (*treinamento*), seguido de expressão com valor passivo (*professores são treinados*). Letras B, C e D, portanto, com a mesma função sintática: todos os termos são complementos nominais.

A letra E traz um complemento, como as letras B, C e D trouxeram, mas, desta vez, *complemento de um verbo*: trata-se de um verbo transitivo indireto (*atender*), seguido de um objeto indireto (*a mais esta nova exigência*). Ora, como comentamos anteriormente, tanto o objeto indireto como o complemento nominal, por serem complementos, possuem valor passivo.

Resposta: A.

3. (FCC) A função sintática da palavra sublinhada em: "Parecia muito preso à vida de rei" é a mesma de:

a) Duvido de sua capacidade profissional.

b) Apenas nos víamos em festas rurais.

c) Ficaria encantado com a novidade.

d) Achava-se apto para o trabalho.

Comentários:

Complemento nominal completa adjetivo, advérbio e substantivo abstrato. Na frase do enunciado, temos uma expressão que completa um adjetivo (*preso*): só pode ser, então, complemento nominal.

Na letra A, a expressão grifada completa um verbo transitivo indireto (*duvidar*). Trata-se de objeto indireto.

Na letra B, o pronome oblíquo completa um verbo transitivo direto (*ver*): é, portanto, objeto direto. Na letra C, o verbo é de ligação, indica *estado*: a expressão grifada é predicativo do sujeito.

Apenas na letra D, tem-se uma expressão que completa o adjetivo *apto*: trata-se, portanto, de um complemento nominal, tal qual o da frase do enunciado.

Resposta: D.

13.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (FCC – TRE-AP – Analista Judiciário – Área Administrativa – 2015)

Três vezes voltou Saint-Hilaire ao interior do Brasil...

O elemento em destaque na frase acima exerce a mesma função sintática que o segmento grifado em:

a) " Os livros de Auguste Saint-Hilaire (...) leem-se aos quinze anos como..."

b) Nenhum estrangeiro deixou entre nós lembrança mais simpática.

c) Pelo desconforto dos nossos dias, apesar das estradas de ferro e do automóvel, podemos avaliar as dificuldades e fadigas...

d) A fama de Auguste Saint-Hilaire não teve a projeção da de seu irmão Geoffroy, o continuador de Lamarck...

e) " ...exposta com tanta clareza e simplicidade que a profundeza do julgamento parece apenas bom senso".

2. (FCC – TRE-AP – Técnico Judiciário – Administrativo – 2015)

...antes de fazer o túmulo, resolveu reconstruir a Catedral de São Pedro.

O elemento que possui a mesma função sintática do sublinhado acima se encontra também sublinhado em:

a) Recém-chegado a Roma em 1505...

b) ... havia uma forte insegurança.

c) O corpo humano foi o campo de batalha artística de Michelangelo.

d) Como definiu o pintor futurista Umberto Boccioni...

e) Mas Júlio II mudou de ideia...

Leia o texto a seguir para responder à questão 3.

O Tejo tem grandes navios

E navega nele ainda,

Para aqueles que veem em tudo o que lá não está,

A memória das naus.

E por isso, porque pertence a menos gente,

É mais livre e maior o rio da minha aldeia.

Para além do Tejo há a América

E a fortuna daqueles que a encontram

3. (2015 – FCC – MPE-PB – Técnico Ministerial – Administrativo)

E o Tejo entra no mar em Portugal

O elemento que exerce a mesma função sintática que o sublinhado acima encontra-se em

a) a fortuna. (4ª estrofe)

b) A memória das naus. (2ª estrofe)

c) grandes navios. (2ª estrofe)

d) menos gente. (3ª estrofe)

e) a América. (4ª estrofe)

4. (FCC – TRE-RR – Técnico Judiciário – Operação de Computador – 2015)

O jogador busca o sucesso pessoal...

A mesma relação sintática entre verbo e complemento, sublinhados acima, está em:

a) É indiscutível que no mundo contemporâneo...

b) ... o futebol tem implicações e significações psicológicas coletivas...

c) ... e funciona como escape para as pressões do cotidiano.

d) A solução para muitos é a reconversão em técnico**...**

e) ... que depende das qualidades pessoais de seus membros.

5. (FCC – DPE-RS – Defensor Público – 2014)

Há na vida das nações um período em que ainda não **lhes** foi revelado o papel que deverão desempenhar.

Sobre o pronome destacado acima, afirma-se com correção, considerada a norma padrão escrita:

a) está empregado em próclise, mas poderia adequadamente estar enclítico à forma verbal.

b) pode ser apropriadamente substituído por " à elas", posicionada a expressão após a palavra revelado.

c) constitui um dos complementos exigidos pela forma verbal presente na oração.

d) está empregado com sentido possessivo, como se tem em " Dois equívocos comprometeram-lhe o texto".

e) dado o contexto em que está inserido, se sofrer elipse, não altera o sentido original da frase.

6. (FCC – TRF – 4ª Região – Analista Judiciário – Informática – 2014 – Adaptada)

... o culto que a aristocracia do seu país dedicava a tudo o que era francês...

O segmento que possui a mesma função sintática do grifado acima está também grifado em:

a) *... a morfologia e a sintaxe alemãs teriam afinidades com as gregas.*

b) *... a afirmação é geralmente atribuída a Heidegger, filósofo cujo tema precípuo é o ser.*

c) *Estranho é que haja franceses ou brasileiros...*

d) *O latim foi a língua da filosofia e da ciência na Europa...*

e) *... a superficialidade que atribui ao pensamento ocidental moderno...*

7. (CNMP – Téc. Adm. – 2015)

*... **facilita** o surgimento econômico e político de uma classe média...*

O verbo que, no contexto, possui o mesmo tipo de complemento que o do sublinhado acima está empregado em:

a) Mas nada assegura que a configuração de fatores...

b) ... o principal determinante da estabilidade democrática foi o crescimento econômico.

c) A democracia surge historicamente em sociedades...

d) ... o regime democrático sabidamente convive com níveis infamantes...

e) ... certa tensão entre os conceitos institucional e substantivo da democracia existe por toda parte...

Leia o texto a seguir para responder às questões 8 e 9.

Levantou-se da cama o pobre namorado sem ter conseguido dormir. Vinha nascendo o Sol.

Quis ler os jornais e pediu-os.

Já os ia pondo de lado, por haver acabado de ler, quando repentinamente viu seu nome impresso no **Jornal do Comércio**.

Era um artigo *a pedido* com o título de **Uma Obra-Prima**.

Dizia o artigo:

Temos o prazer de anunciar ao país o próximo aparecimento de uma excelente comédia, estreia de um jovem literato fluminense, de nome Antônio Carlos de Oliveira.

Este robusto talento, por muito tempo incógnito, vai enfim entrar nos mares da publicidade, e para isso procurou logo ensaiar-se em uma obra de certo vulto.

Consta-nos que o autor, solicitado por seus numerosos amigos, leu há dias a comédia em casa do Sr. Dr. Estêvão Soares, diante de um luzido auditório, que aplaudiu muito e profetizou no Sr. Oliveira um futuro Shakespeare.

O Sr. Dr. Estêvão Soares levou a sua amabilidade ao ponto de pedir a comédia para ler segunda vez, e ontem ao encontrar-se na rua com o Sr. Oliveira, de tal entusiasmo vinha possuído que o abraçou estreitamente, com grande pasmo dos numerosos transeuntes.

Da parte de um juiz tão competente em matérias literárias este ato é honroso para o Sr. Oliveira.

Estamos ansiosos por ler a peça do Sr. Oliveira, e ficamos certos de que ela fará a fortuna de qualquer teatro.

O amigo das letras.

Machado de Assis. A mulher de preto. In: *Contos fluminenses*. São Paulo: Globo, 1997 (com adaptações).

8. (INSS – Analista Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

No que se refere aos sentidos e às características tipológicas do texto, julgue o item que se segue como Certo (C) ou Errado (E).

Na linha 18, a oração introduzida pela preposição “ por” remete a uma ação anterior ao estado descrito na oração “ Estamos ansiosos”.

9. (INSS – Analista Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

Acerca de aspectos linguísticos do texto, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Na linha 14, o termo introduzido pela preposição “ para” exerce a função de complemento do verbo “ pedir”.

Leia o texto a seguir para responder à questão 10.

A desigualdade está entre os principais fatores de risco que preocupam a elite mundial, a julgar pela atenção dada ao tema no fórum econômico de Davos.

Por outro lado, estudo recente do Banco Mundial mostra que, pela primeira vez desde a Revolução Industrial, caiu a diferença de renda entre os países na fronteira do desenvolvimento e os emergentes.

Após o fim da cortina de ferro e a abertura econômica da China e da Índia, centenas de milhões de pessoas passaram de um estado de subsistência precária à condição de nova classe média global. Entretanto, é preciso que os países não só reforcem políticas compensatórias para reduzir a exclusão, mas também atuem para promover a igualdade de oportunidades.

A educação, como sempre, é o instrumento decisivo para garantir que a sorte de um indivíduo não seja determinada por sua origem social ou geográfica.

Idem, ibidem (com adaptações).

10. (FUB – Médio – Cespe – Mar./2014)

Em relação ao fragmento de texto, julgue o próximo item como Certo (C) ou Errado (E).

A expressão " como sempre" (l. 9) está entre vírgulas porque constitui aposto explicativo.

Leia o texto a seguir para responder às questões 11 e 12.

Há muito tempo a sociedade demonstra interesse por assuntos relacionados à ciência e à tecnologia. Na verdade, desde a pré-história, o homem busca explicações para a realidade e os mistérios do mundo que o cerca. Observou os movimentos das estrelas, manuseou o fogo, aprendeu a usar ferramentas em seu favor, buscou respostas para os fenômenos da natureza. Independentemente dos mitos, lendas e crenças que moldaram as culturas mais primitivas, o pensamento humano sempre esteve, de alguma forma, atrelado ao conhecimento científico, que se renovou e se disseminou com o passar dos séculos.

Mesmo com todo o aparato tecnológico, que tem possibilitado o acesso praticamente instantâneo à informação, questionam-se tanto aspectos quantitativos como qualitativos dos conteúdos sobre ciência veiculados pelos meios de comunicação de massa. A divulgação, por meio do jornalismo científico, está longe do ideal. Na grande mídia, a ciência e a tecnologia ficam relegadas a segundo plano, restritas a notas e notícias isoladas, em uma cobertura que busca sempre valorizar o espetáculo e o sensacionalismo. A televisão aberta, principal veículo condutor de conteúdos culturais, não contribui como deveria para o processo de " alfabetização científica", exibindo programas sobre o tema em horários de baixa audiência.

Mas até que ponto é relevante incluir a sociedade de massa na esfera de discussão de um grupo seleto de estudiosos? A promoção da informação científica contribui para o processo de construção da cidadania, quando possibilita a ampliação do conhecimento e da compreensão do público leigo a respeito do processo científico e de sua lógica, no momento em que constrói uma opinião pública informada sobre os impactos do desenvolvimento científico e tecnológico sobre a sociedade e quando permite a ampliação da possibilidade e da qualidade de participação da sociedade na formulação de políticas públicas e na escolha de opções tecnológicas, especialmente em um país onde a grande maioria dos investimentos na área são públicos.

Luiz Fernando Dal Pian Nobre. Do jornal para o livro: ensaios curtos de cientistas. Disponível em: <www.portcom.intercom.org.br> (com adaptações).

11. (FUB – Superior – Cespe – Mar./2014)

Julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

A vírgula imediatamente após " aberta" (l. 12) foi empregada para separar dois termos de mesma função sintática, uma vez que tanto " aberta" quanto " principal veículo condutor de conteúdos culturais" (l. 12) exercem a função de adjunto adnominal do nome " televisão" (l. 11-12).

12. (FUB – Superior – Cespe – Mar./2014)

Julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Em " o cerca" (l. 3), o pronome " o", que se refere ao termo " o homem" (l. 2), exerce a função de complemento da forma verbal " cerca".

Leia o texto a seguir para responder à questão 13.

Texto I

Muitas vezes, na divulgação midiática de pesquisas e projetos científicos, o profissional da área de comunicação tropeça em questões teóricas, não dá a devida importância para a pesquisa em si, põe em foco questões do processo de pesquisa que são irrelevantes para o projeto e para o pesquisador, ou mesmo propaga conhecimentos e crenças populares em vez de ser " fiel" ao trabalho do pesquisador. Já o pesquisador, ao escrever sobre seu projeto ou pesquisa, esquece por vezes que aqueles que lerão nem sempre têm conhecimento linguístico da área e utiliza uma linguagem não acessível a pessoas que não pertencem ao meio acadêmico e, dessa forma, dificulta a divulgação de sua pesquisa.

O jornalista está dentro de uma esfera que tem como foco a comunicação em si e não o que se comunica. O foco é uma linguagem acessível, interessante e que chama a atenção do público para comprar e consumir os textos e artigos que são escritos e, se for necessário, ele sacrifica o conteúdo em prol da atenção do público e da linguagem. Já o pesquisador está em uma esfera cujo foco é o conteúdo, o objeto de pesquisa e a pesquisa em si e, muitas vezes, ele sacrifica um grupo extenso de leitores ao empregar linguagem específica, científica e não acessível. Portanto, ao escrever, os dois profissionais têm de ter em mente que sua esfera de atividade humana e, por consequência, de comunicação, se torna mais complexa. O jornalista deve ter em mente que, quando escreve sobre um projeto científico, não atua apenas em sua área de atividade humana, a comunicação, mas na comunicação científica. O cientista ou pesquisador deve considerar que a divulgação de sua pesquisa não deve ser feita apenas para a comunidade científica, mas para o público em geral. Dessa forma, o pesquisador precisa constantemente pensar mais nesse público e, consequentemente, na linguagem utilizada. O jornalista, por sua vez, precisa ficar mais atento à pesquisa que está sendo divulgada. Cada um precisa aprender com o outro, permitindo-se entrar mais em uma esfera de atividade humana à qual não pertence originalmente. O principal motivo desse intercâmbio de intenções ao escrever é aumentar o acesso do público à ciência.

A academia não pode estar voltada apenas para seu público interno. É muito importante que as informações sejam divulgadas e não permaneçam circulando em um grupo fechado, até para que haja crescimento da própria comunidade científica.

Camila Delmondes Dias et al. Divulgando a arqueologia: comunicando o conhecimento para a sociedade. In: *Ciência e Cultura*. São Paulo, v. 65, nº 2, jun./2013. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br> (com adaptações).

13. (FUB – SUPERIOR – Cespe – Mar./2014)

Com referência às estruturas linguísticas do texto, julgue o item seguinte como Certo (C) ou Errado (E).

Na linha 5, o pronome " aqueles" exerce a função de sujeito das formas verbais " lerão" e " têm", o que justifica o emprego do plural nessas formas.

Leia o texto a seguir para responder à questão 14.

Texto I

Na Vila Telebrasília, onde mora, poucos conhecem Abiesel Alves Cavalcanti pelo nome completo. Lá ele é Bisa, o pescador. Há 35 anos, o pernambucano veio atrás do progresso na capital. Acompanhado pelo irmão, trouxe algumas roupas e a tarrafa, sua ferramenta de trabalho. " Eu falei para o mano: se lá tem água, tem peixe. De fome a gente não morre", lembra Bisa. O Lago Paranoá alimentou toda a sua família, composta de mulher e dez filhos. No começo, quando a pesca com tarrafa era proibida, Bisa saía na madrugada em uma canoa e trabalhava escondido. Depois, quando a captura com malha foi autorizada, ele se destacou entre os colegas. Chegava a voltar com até 300 quilos de peixe na embarcação. Hoje, o lago já não é tão abundante quanto há uma década e meia, mas ele ainda chega com o barco cheio. Entre tilápias, tucunarés, carpas e traíras, soma 250 quilos de peixe por semana e perto de dois mil reais por mês. Bisa rema quase sete horas para chegar até a altura da Ermida Dom Bosco e, às vezes, dorme na mata e retorna para casa só na manhã seguinte. " É uma vida de muito trabalho, mas necessidade eu nunca passei", diz o pescador.

Lilian Tahan. Vivendo de pescaria. In: *Veja Brasília*, 2/10/2013 (com adaptações).

14. (ICMBIO – Médio – Cespe – Mar./2014)

Julgue o próximo item como Certo (C) ou Errado (E), relativo às ideias e às estruturas linguísticas do texto acima.

O complemento da forma verbal " passei" (l. 12) não está explicitamente expresso no texto, devendo ser inferido pelo leitor.

Leia o texto a seguir para responder à questão 15.

A correspondência de Mário de Andrade é uma das fontes sobre os sentimentos que abateram a intelectualidade paulista, sobretudo no trauma de 1932, quando São Paulo foi invadido por tropas federais, que ocuparam a capital e se alastraram pelo interior (" Disputam esfomeadamente a presa sublime, e desgraçadamente está certo, essa é a lei dos homens. Dos homens selvagens", desabafa Mário em carta a Paulo Duarte). As consequências dos expedientes da ditadura abateram um estado cujos habitantes eram considerados por Mário como " diferentes mesmo". O que se fizesse naquele estado, apostava, se irradiaria como política e como orientação pelo país, uma reedição, por via da cultura, do velho slogan: " São Paulo, a locomotiva puxando os vagões".

" Minha pátria é São Paulo. E isso não me desagrada", confessa o poeta paulista a Drummond no calor de um conflito que os encontrou em lados opostos. Drummond já estava na chefia de gabinete do secretário de Interior e Justiça de Minas Gerais, aliado ao poder central naquele momento, e Mário era partidário da causa da Revolução Constitucionalista de 1932. O paulista sabia que estava acometido de um estado extraordinário de mobilização, frustração e abatimento, como revela o seguinte trecho de carta a Drummond.

" Você, Carlos, perdoe um ser descalibrado. Este é o castigo de viver sempre apaixonadamente a toda hora e em 25 qualquer minuto, que é o sentido da minha vida. No momento, eu faria tudo, daria tudo pra São Paulo se separar do Brasil. Não meço consequências, não tenho doutrina, apenas continuo entregue à unanimidade, apaixonadamente entregue..."

Helena Bomeny. Um poeta na política – Mário de Andrade, paixão e compromisso. 1ª ed., Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012, p. 71-2 (com adaptações).

15. (IRB – Superior – Cespe – Abr./2014)

No que concerne a aspectos gramaticais do texto acima, julgue (**C** ou **E**) o próximo item.

Na linha 16, a forma preposicional contraída " pra" introduz um dos complementos da forma verbal " daria".

Leia o texto a seguir para reponder às questões 16 e 17.

O Decreto nº 21.076, de 24 de fevereiro de 1932, primeiro Código Eleitoral pátrio, instituiu a justiça eleitoral no Brasil, com funções contenciosas e administrativas. Eram seus órgãos: um Tribunal Superior (de justiça eleitoral — o decreto não menciona justiça eleitoral), na capital da República; um tribunal regional, na capital de cada estado, no DF e na sede do governo do território do Acre, além de juízes eleitorais nas comarcas e nos distritos. O Tribunal Superior – de justiça eleitoral – com jurisdição em todo o território nacional, compunha-se de oito membros efetivos e oito substitutos, e era presidido pelo vice-presidente do Supremo Tribunal Federal (STF). A ele se somavam dois membros efetivos e dois substitutos, sorteados dentre os ministros do STF, além de dois efetivos e dois substitutos, sorteados dentre os desembargadores da Corte de Apelação do DF. Por fim, integravam a Corte três membros efetivos e quatro substitutos, escolhidos pelo chefe do governo provisório dentre quinze cidadãos, indicados pelo STF, desde que atendessem aos requisitos de notável saber jurídico e idoneidade moral. Dentre seus membros, elegia o Tribunal Superior, em escrutínio secreto, por meio de cédulas com o nome do juiz e a designação do cargo, um vice-presidente e um procurador para exercer as funções do Ministério Público, tendo este último a denominação de procurador-geral da justiça eleitoral. Em relação a esse cargo, nota-se uma peculiaridade, à época da criação do Tribunal Superior: o procurador-geral da justiça eleitoral não era o procurador-geral da República, mas sim um membro do próprio tribunal.

As formas de composição do TSE: de 1932 aos dias atuais. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral, Secretaria de Gestão da Informação, 2008, p. 11. Disponível em: <www.tse.jus.br> (com adaptações).

16. (TRE/GO – Analista/Técnico – Cespe – Mar./2015 – Adaptada)

De acordo com as informações apresentadas no texto, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Se a preposição a presente na contração “ aos” (l. 11) fosse suprimida, a função sintática da expressão “ requisitos de notável saber jurídico e idoneidade moral” (l. 11) seria alterada, mas a correção gramatical do texto seria mantida.

17. (TRE/GO – Analista/Técnico – Cespe – Mar./2015)

Na linha 12, o sujeito da forma verbal “ elegia” é o termo “ o Tribunal Superior”.

Leia o texto a seguir para responder às questões 18 e 19.

“ O preconceito linguístico é um equívoco, e tão nocivo quanto os outros. Segundo Marcos Bagno, especialista no assunto, dizer que o brasileiro não sabe português é um dos mitos que compõem o preconceito mais presente na cultura brasileira: o linguístico”.

A redação acima poderia ter sido extraída do editorial de uma revista, mas é parte do texto *O oxente e o ok*, primeiro lugar na categoria opinião da 4ª Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro, realizada pelo Ministério da Educação em parceria com a Fundação Itaú Social e o Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (CENPEC).

A autora do artigo é estudante do 2º ano do ensino médio em uma escola estadual do Ceará, e foi premiada ao lado de outros dezenove alunos de escolas públicas brasileiras, durante um evento em Brasília, no último mês de dezembro. Como nos três anos anteriores, vinte alunos foram vencedores – cinco em cada gênero trabalhado pelo projeto. Além de opinião (2º e 3º anos do ensino médio), a olimpíada destacou produções em crônica (9º ano do ensino fundamental), poema (5º e 6º anos) e memória (7º e 8º anos). Tudo regido por um só tema: “ O lugar em que vivo”.

Língua Portuguesa, 1/2015. Internet: <www.revistalingua.uol.com.br> (com adaptações).

18. (FUB – Técnico Adm. – Cespe – Mar./2014)

No que se refere aos sentidos, à estrutura textual e aos aspectos gramaticais do texto, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

O termo " o brasileiro" (l. 2) exerce a função de sujeito da oração em que se insere.

19. (FUB – Técnico Adm. – Cespe – Mar./2015)

Julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Os trechos " especialista no assunto" (l. 1 e 2), " o linguístico" (l. 3) e " primeiro lugar na categoria opinião da 4ª Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro" (l. 5) exercem a mesma função sintática, a de aposto.

Leia o texto a seguir para responder à questão 20.

Texto I

Um estudo da Universidade da Califórnia, em Davis – EUA, mostra que a curiosidade é importante no aprendizado. Imagens dos cérebros de universitários revelaram que ela estimula a atividade cerebral do hormônio dopamina, que parece fortalecer a memória das pessoas. A dopamina está ligada à sensação de recompensa, o que sugere que a curiosidade estimula os mesmos circuitos neurais ativados por uma guloseima ou uma droga. Na média, os alunos testados deram 35 respostas corretas a 50 perguntas acerca de temas que os deixavam curiosos e 27 de 50 questões sobre assuntos que não os atraíam. Estimular a curiosidade ajuda a aprender.

Planeta, dez./2014, p. 14 (com adaptações).

20. (FUB – Técnico Adm. – Cespe – Mar./2015)

A respeito das ideias e das estruturas linguísticas do texto acima, julgue o item subsecutivo como Certo (C) ou Errado (E).

A retirada do termo " o" em " o que sugere" (l. 4) preserva a relação entre as ideias, bem como a correção gramatical do texto, com a vantagem de ressaltar o paralelismo com o período sintático anterior.

Leia o texto a seguir para responder à questão 21.

Texto I

O Brasil é um país de cidades novas. A maior parte de seus núcleos urbanos surgiu no século passado. Há cidades, entretanto, que já existem há bastante tempo. Contemporâneas dos primeiros tempos da colonização, algumas delas já ultrapassaram inclusive a marca do quarto centenário. Poucas são as cidades brasileiras, contudo, que ainda apresentam vestígios materiais consideráveis do passado.

Se hoje o Rio de Janeiro, fundado em 1565, vangloria-se de seu " corredor cultural", que preserva edificações da área central construídas na virada do século XIX para o XX, é importante lembrar que as edificações aí situadas substituíram inúmeras outras antes existentes no mesmo local. Nem mesmo o berço histórico da cidade existe mais, arrasado devido à destruição do Morro do Castelo em 1922. E o que falar de São Paulo, fundada em 1554? Da pauliceia colonial e imperial quase mais nada existe, e, se ainda temos uma boa noção do que foi a cidade da primeira metade do século XX, é porque contamos com a paisagem eternizada das fotografias e com os belíssimos trabalhos realizados pelos geógrafos paulistas por ocasião do quarto centenário da cidade.

Há outros exemplos. Olinda, fundada em 1537, orgulha-se de ser patrimônio cultural da humanidade, mas esse título não lhe foi conferido em razão dos testemunhos que sobraram da cidade antiga, em grande parte substituída por construções em estilo

eclético ou art déco do início do século passado. E se Salvador, criada em 1549, e Ouro Preto, fundada em 1711, podem gabar-se de manter ainda um patrimônio histórico-arquitetônico apreciável, isso se deve muito mais à longa decadência econômica pela qual passaram, que atenuou os ataques ao parque construído, do que a qualquer veleidade preservacionista local.

Em suma, não é muito comum encontrarem-se vestígios materiais do passado nas cidades brasileiras, mesmo naquelas que já existem há bastante tempo. Há, entretanto, algo novo acontecendo em todas elas. Independentemente de qual tenha sido o estoque de materialidades históricas que tenham conseguido salvar da destruição, as cidades do país vêm hoje engajando-se decisivamente em um movimento de preservação do que sobrou de seu passado, em uma indicação flagrante de que muita coisa mudou na forma como a sociedade brasileira se relaciona com as suas memórias.

Mauricio Abreu. Sobre a memória das cidades. In: Ana Fani Alessandri Carlos et al (Orgs.). *A produção do espaço urbano*: agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo: Editora Contexto, 2013, p. 21-2 (com adaptações).

21. (Pref. SP – Agente Gestão P. Públicas – Cespe – Maio/2016)

Assinale a opção que apresenta um termo que exerce a função de objeto direto na oração do Texto I que ocorre.

a) " o berço histórico da cidade" (L. 7-8)

b) " vestígios materiais do passado" (L. 4)

c) " muita coisa" (L. 24)

d) " cidades" (L. 2).

e) " esse título" (L. 14)

Leia o texto a seguir para responder à questão 22.

Texto CG1A1CCC

Alguns nascem surdos, mudos ou cegos. Outros dão o primeiro choro com um estrabismo deselegante, lábio leporino ou angioma feio no meio do rosto. Às vezes, ainda há quem venha ao mundo com um pé torto, até com um membro já morto antes mesmo de ter vivido. Guylain Vignolles, esse, entrara na vida tendo como fardo o infeliz trocadilho proporcionado pela junção de seu nome com seu sobrenome: Vilain Guignol, algo como " palhaço feio", um jogo de palavras ruim que ecoara em seus ouvidos desde seus primeiros passos na existência para nunca mais abandoná-lo.

Jean-Paul Didierlaurent. *O leitor do trem das 6h27*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015 (com adaptações).

22. (PC-PE – Todos os Cargos – Conhec. Gerais – Cespe – Jun./2016)

Na oração em que é empregado no texto CG1A1CCC, o termo " surdos, mudos ou cegos" (l. 1) exerce a função de

a) predicativo do sujeito.

b) objeto direto.

c) adjunto adnominal.

d) sujeito.

e) adjunto adverbial.

Leia o texto a seguir para responder à questão 23.

Texto II

O índio não teve muita sorte na literatura brasileira, depois do Romantismo. Enquanto nas letras hispano-americanas viceja um esplêndido indigenismo pelo século XX adentro, com tantos e tão importantes criadores dedicando-se a transpor o índio para a ficção, no Brasil se podem contar nos dedos das mãos os casos.

Torna a trazer o assunto à baila o aparecimento e grande vendagem de **Maíra**, romance de Darcy Ribeiro. O renomado antropólogo já tinha em seu acervo de realizações uma respeitável brasiliana, incluindo vários trabalhos sobre os índios, um dos quais, a história de Uirá, fora transformado em filme no início da década de 70. **Maíra** é, portanto, a primeira incursão do autor pelo épico, a menos que se considere a história de Uirá como uma primeira aproximação ao gênero.

O relato, como o filme, dá conta do trágico percurso de Uirá, da tribo Urubu-Kaapor, no Maranhão deste século, o qual um dia fica *iñaron* quando, após muitas desgraças comuns ao destino dos índios brasileiros, como fome, espoliação, epidemias, perseguições, perde também um dos filhos.

A palavra tupi *iñaron* designa um estado de fúria sagrada, associado ao sofrimento excessivo, não deixando de lembrar as famosas fúrias dos heróis gregos: Hércules, uma vez acometido por um desses acessos, enviado pela vingativa Hera, matou, sem o saber, seus três filhos e esposa, tal como vem narrado na tragédia **Héracles Furioso**, de Eurípedes. Nas **Bacantes**, do mesmo autor, Agave, fora de si, participa do desmembramento de seu filho adulto, Penteu, rei de Tebas. E talvez o mais formidável exemplo seja o da cólera de Aquiles, que dá nascimento à inteira composição da **Ilíada**, desencadeada por sua recusa a continuar lutando. Devido à recusa de Aquiles, quase foi perdida a guerra de Troia e, não fosse sua fúria, o poema não teria sido composto.

Em meio ao furacão histórico da fase do capitalismo selvagem no país, quando o acirramento da acumulação leva multinacionais e suas cabeças-de-ponte nacionais a apropriar-se dos mais recônditos confins com vistas ao lucro, encontram-se, estonteados, os índios. O único problema dos Mairum – nome inventado, tribo arquetípica de todas as tribos, povo de Maíra – é como sobreviver e como fazer sua cultura sobreviver, com crescente dificuldade.

O romance inteiro soa como uma lamentação, um carpir sobre o fim de uma civilização das mais admiráveis. Seus trechos mais bem realizados são aqueles nos quais uma espécie de narrador coletivo índio dá conta de sua maneira de ver o mundo, de como compreende e interpreta seus hábitos e tradições; e, o que é mais importante, franqueia para o leitor seu tremendo desejo de sobrevivência e alegria de viver.

A produção e publicação de um romance como esse, agora, mostra como o índio está mais vivo do que nunca em sua conexão com a literatura brasileira. Tampouco deve ser uma coincidência que, neste exato momento, outras ficções, filmes, romances, peças de teatro, novelas de televisão, canções, estejam sendo feitos, todos sobre os índios, todos lutando em defesa de sua preservação para a História. Quando há tanta desconfiança em relação à pulsão destrutiva da civilização ocidental e entre nós é tão escandaloso o capitalismo selvagem, isso pode vir a significar alguma coisa. Talvez uma postura mais cautelosa e menos arrogante, de quem está aprendendo a perceber que outras civilizações encontraram saídas melhores e, sobretudo, não suicidas para males que hoje parecem irremediáveis, como o problema do poder, da proliferação e potenciação dos armamentos, da destruição da natureza, do Estado e de seu aparelho, da igualdade nunca encontrada. A alegoria da moça branca morta ao parir mestiços mortos poderá significar também o caráter heteroletal e autoletal da etnia branca? Pode ser que a importância da civilização indígena esteja, final e penosamente, penetrando na consciência do corpo social brasileiro.

Walnice Nogueira Galvão. Indianismo revisitado. In: *Esboço de figura – Homenagem a Antonio Candido*. São Paulo: Duas Cidades, 1979, p. 379-89 (com adaptações).

23. (Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Acerca das relações semântico-sintáticas e do vocabulário do texto II, julgue (C ou E) o item seguinte.

Os termos " trágico" (l. 10), " de Uirá" (l. 10) e " deste século" (l. 11) exercem a mesma função sintática, na oração em que ocorrem.

Leia o texto a seguir para responder à questão 24.

Texto III

Pergunto: e agora? Como é que meu Padrinho foi degolado num quarto de pesadas paredes sem janelas, cuja porta fora trancada, por dentro, por ele mesmo? Como foi que os assassinos ali penetraram, sem ter por onde? Como foi que saíram, deixando o quarto trancado por dentro? Quem foram esses assassinos? Como foi que raptaram Sinésio, aquele rapaz alumioso, que concentrava em si as esperanças dos Sertanejos por um Reino de glória, de justiça, de beleza e de grandeza para todos? Bem, não posso avançar nada, porque aí é que está o nó! Este é o " centro de enigma e sangue" da minha história. Lembro que o genial poeta Nicolau Fagundes Varela adverte todos nós, Brasileiros, de que " os irônicos estrangeiros" vivem sempre vigilantes, sempre à espreita do menor deslize nosso para, então, " ridicularizar o pátrio pensamento":

Fatal destino o dos brasílios Mestres!

Fatal destino o dos brasílios Vates!

Política nefanda, horrenda e negra,

pestilento Bulcão abafa e mata

quanto, aos olhos de irônico estrangeiro,

podia honrar o pátrio pensamento!

Ora, um dos argumentos que os " irônicos estrangeiros" mais invocam para isso é dizer que nós, Brasileiros, somos incapazes de forjar uma verdadeira trança, uma intrincada teia, um insolúvel enredo de " romance de crime e sangue". Dizem eles que não é necessário nem um adulto dotado de argúcia especial: qualquer adolescente estrangeiro é capaz de decifrar os enigmas brasileiros, os quais, tecidos por um Povo superficial, à luz de um Sol por demais luminoso, são pouco sombrios, pouco maldosos e subterrâneos, transparentes ao primeiro exame, facílimos de desenredar.

Ah, e se fossem somente os estrangeiros, ainda ia: mas até o excelso Gênio brasileiro Tobias Barreto, aí é demais! Diz Tobias Barreto que, no Brasil, é impossível aparecer um " romance de gênio", porque " a nossa vida pública e particular não é bastante fértil de peripécias e lances romanescos". Lamenta que seja raro, entre nós, " um amor sincero, delirante, terrível e sanguinário", ou que, quando apareça, seja num velho como o Desembargador Pontes Visgueiro, o célebre assassino alagoano do Segundo Império. E comenta, ácido: " Um ou outro crime, mesmo, que porventura erga a cabeça acima do nível da vulgaridade, são coisas que não desmancham a impressão geral da monotonia contínua. Até na estatística criminal o nosso país revela-se mesquinho. O delito mais comum é justamente o mais frívolo e estúpido: o furto de cavalos".

A gente lê uma coisa dessas e fica até desanimado, julgando ser impossível a um Brasileiro ultrapassar Homero e outros conceituados gênios estrangeiros! A sorte é que, na mesma hora, o Doutor Samuel nos lembra que a conquista da América Latina " foi uma Epopeia". Vemos que somos muito maiores do que a Grécia – aquela porqueirinha de terra! – e aí descansamos o pobre coração, amargurado pelas injustiças, mas também incendiado de esperanças! Sim, nobres Senhores e belas Damas: porque eu,

Dom Pedro Quaderna (Quaderna, O Astrólogo, Quaderna, O Decifrador, como tantas vezes fui chamado); eu, Poeta--guerreiro e soberano de um Reino cujos súditos são, quase todos, cavalarianos, trocadores e ladrões de cavalo, desafio qualquer irônico, estrangeiro ou Brasileiro, primeiro a narrar uma história de amor mais sangrenta, terrível, cruel e delirante do que a minha; e, depois, a decifrar, antes que eu o faça, o centro enigmático de crime e sangue da minha história, isto é, a degola do meu Padrinho e a " desaparição profética" de seu filho Sinésio, O Alumioso, esperança e bandeira do Reino Sertanejo.

Ariano Suassuna. *A pedra do reino*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972, 3ª ed., p. 27-30 (com adaptações).

24. (Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Com referência ao texto III, julgue (C ou E) o item que se segue.

No sintagma " os 'irônicos estrangeiros'" (l. 16), o vocábulo 'irônicos' é o núcleo do sujeito, o que é confirmado pelo emprego de " irônico" em " desafio qualquer irônico" (l. 38).

Leia o texto a seguir para responder à questão 25.

Texto IV

Em suas remotas origens helênicas, o termo " caráter" significou gravar. Empregavam-no, então, tanto para exprimir o sinete como a marca deixada na cera dócil. Essa dupla significação ainda hoje é vernácula – senão corrente – em certas acepções. Na linguagem tipográfica, por exemplo, " caráter" tanto é o tipo da imprensa como o sinal ou a letra gravada. Assim sendo, podemos dizer que o caráter de um homem não é somente o seu feitio moral, senão também a expressão e a impressão do indivíduo. Em arte, caráter será a personalidade do autor, o aspecto aparente e profundo da obra e o efeito dela. Fixada assim a verdadeira acepção do termo, podemos afirmar que o mérito maior do poema do Sr. Menotti del Picchia é " o caráter". Poesia profundamente simples e pessoal, de inspiração larga e sadia, tem a força das obras bem concebidas e a beleza das coisas naturais. Poesia de corpos simples, poderíamos dizer, pela sobriedade de linhas no sentimento, no pensamento e na expressão. Sente-se que o autor procurou a naturalidade e não a arte, que é o melhor caminho para atingir a esta.

O segredo da arte é a naturalidade sem prejuízo da perfeição.

O Sr. Menotti del Picchia ainda não pôde naturalmente desvendar o segredo da arte. Se no buscar a expressão natural do seu lirismo alcançou a arte, não se despojou ainda das incertezas dessa procura, de certa fraqueza de técnica. Defeitos são todos estes transitórios, quase necessários em quem apenas se inicia.

A essência do livro é excelente.

Indica no autor uma personalidade inconfundível, que procura em si mesmo ou em torno de si os motivos de sua estética. Nem se distingue pela obsessão do isolamento, nem se perde por modelos estranhos. Daí lhe vem a superioridade de caráter individual. Se o caráter do autor provém dessa independência sem esforço, reside o da obra em sua originalidade natural; na conformidade com o meio, em uma perfeita radicação no solo pátrio, na simplicidade da construção e nas perfeitas proporções do ímpeto poético. O próprio desconcerto, em pormenores do poema principal e de outras produções secundárias, concorre para a individualidade desse esplêndido ensaio.

O caráter desse livro se conserva pela ressonância que tem. Não são versos agradáveis, suaves ou elegantes, que com tanto agrado se leem quanto facilmente se esquecem. São versos que lidos – ficam; gravam--se invencivelmente na memória, ora destacados, ora em bloco. A crítica, no julgar e no decompor as obras, não pode desprezar a intuição, se não é principalmente isso. E um dos mais seguros processos de intuição, no distinguir o valor das obras, é esse da permanência das sensações.

Os poemas do Sr. Menotti del Picchia deixam uma funda impressão de sua leitura: não pode haver melhor demonstração do seu "caráter". Quando essa impressão não se limitar aos leitores e aos críticos, e se estender à própria literatura nacional, terá a sua poesia atingido o grau supremo que lhe auguro.

Juca Mulato é um poema simples. Encerra uma lição profunda na singeleza do motivo e da intenção. É certo que a evidência da beleza não pode ser em arte um critério axiomático. Quantas vezes a paciência é o melhor guia da emoção estética? A exegese das sinfonias de Beethoven, como a dos dramas musicais de Wagner, aumenta a nossa receptividade para essa arte de titãs, se bem que a intuição íntima e a explicação individual sejam imprescindíveis.

O poema do Sr. Menotti del Picchia tem a simplicidade e a frescura das criações espontâneas e necessárias, onde o esforço da composição permanece obscuro como deve.

Para lhe realçar a beleza não se sente a crítica compelida a buscar símbolos problemáticos ou filosofias arbitrárias. Sendo o que é – um mal de amor impossível que leva a alma à desesperança, para se resignar depois e ressurgir consolada pela visão da terra amada, da felicidade atingível e do sonho necessário –, comove pelo simples aspecto de suas linhas harmoniosas.

A beleza maior do poema, que é também o seu caráter, está na sua simplicidade radical. O poeta reprimiu voluntariamente as possíveis exuberâncias ou ambições de seu lirismo para ficar dentro do assunto que escolheu. Ganhou com isso um grande poder virtual e marca mais do que se quisesse marcar: a acústica de uma construção humana nunca chega à acuidade de um eco natural.

Juca Mulato é a reconciliação do homem consigo mesmo, do brasileiro com sua terra, do bárbaro com seu isolamento. Reconciliação às vezes impossível, outras ilusória, sempre necessária, raramente realizada. O consolo de Juca Mulato é a indicação do caminho a seguir.

Alceu Amoroso Lima. Um poeta. In: *Estudos literários*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1966, p.133-5 (com adaptações).

25. (Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Julgue (C ou E) o item seguinte, relativo a acentuação de palavras e a aspectos gramaticais do texto IV.

No trecho "É certo que a evidência da beleza não pode ser em arte um critério axiomático" (l. 32-33), tanto o termo "certo" quanto o termo "axiomático" caracterizam, respectivamente, referentes que constituem sujeitos oracionais.

26. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

"A veiculação <u>de informações</u>, a oferta <u>de serviços</u> e a venda <u>de produtos médicos</u> na Internet têm o potencial de promover a saúde...".

Os termos sublinhados podem ter a função de agentes ou pacientes dos termos anteriores; exerce(m) a função de agente:

a) todos eles;

b) nenhum deles;

c) somente o primeiro;

d) somente o segundo;

e) somente o segundo e o terceiro.

Leia o texto a seguir para responder às questões 27 e 28.

Texto 1 – Problemas Sociais Urbanos

Dentre os problemas sociais urbanos, merece destaque a questão da segregação urbana, fruto da concentração de renda no espaço das cidades e da falta de planejamento público que vise à promoção de políticas de controle ao crescimento desordenado das cidades. A especulação imobiliária favorece o encarecimento dos locais mais próximos dos grandes centros, tornando-os inacessíveis à grande massa populacional. Além disso, à medida que as cidades crescem, áreas que antes eram baratas e de fácil acesso tornam--se mais caras, o que contribui para que a grande maioria da população pobre busque por moradias em regiões ainda mais distantes.

Essas pessoas sofrem com as grandes distâncias dos locais de residência com os centros comerciais e os locais onde trabalham, uma vez que a esmagadora maioria dos habitantes que sofrem com esse processo são trabalhadores com baixos salários. Incluem-se a isso as precárias condições de transporte público e a péssima infraestrutura dessas zonas segregadas, que às vezes não contam com saneamento básico ou asfalto e apresentam elevados índices de violência.

A especulação imobiliária também acentua um problema cada vez maior no espaço das grandes, médias e até pequenas cidades: a questão dos lotes vagos. Esse problema acontece por dois principais motivos: 1) falta de poder aquisitivo da população que possui terrenos, mas que não possui condições de construir neles e 2) a espera pela valorização dos lotes para que esses se tornem mais caros para uma venda posterior. Esses lotes vagos geralmente apresentam problemas como o acúmulo de lixo, mato alto, e acabam tornando-se focos de doenças, como a dengue.

PENA, Rodolfo F. Alves. "Problemas socioambientais urbanos"; *Brasil Escola*. Disponível em: http://brasilescola.uol.com.br/brasil/problemas-ambientais-sociais-decorrentes-urbanização.htm. Acesso em 14 de abril de 2016.

27. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

" Dentre os problemas sociais urbanos, merece destaque a questão da segregação urbana, fruto da concentração de renda no espaço das cidades e da falta de planejamento público que vise à promoção de políticas de controle ao crescimento desordenado das cidades".

Nesse primeiro período do texto 1, o termo que se liga sintaticamente a um termo anterior, de forma diferente dos demais, é:

a) concentração <u>de renda</u>;

b) espaço <u>das cidades</u>;

c) falta <u>de planejamento</u>;

d) promoção <u>de políticas</u>;

e) crescimento <u>das cidades</u>.

28. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

Os verbos de estado indicam: estado permanente, estado transitório, mudança de estado, aparência de estado e continuidade de estado. A frase do texto 1 que mostra um verbo de estado com valor de mudança de estado é:

a) " áreas que antes eram baratas e de fácil acesso";

b) " tornam-se mais caras";

c) " habitantes que sofrem com esse processo são trabalhadores com baixos salários";

d) “ Além disso, à medida que as cidades crescem”;

e) “ a grande maioria da população pobre busque por moradias em regiões ainda mais distantes”.

29. (Petrobras – Advogado Jr. – Cesgranrio - Ago./2015 – Adaptada)

No trecho “ as transformações em direção **à sociedade da informação**, em estágio avançado nos países industrializados”, a expressão em destaque tem a função de completar o sentido da palavra **direção**, sendo, portanto, essencial à construção da frase.

A mesma função pode ser observada na expressão destacada em:

a) “ alcançando, de forma conceitualmente imprecisa, o universo vocabular **do cidadão**.”

b) “ decidir que composição do conjunto de tecnologias educacionais mobilizar para atingir suas metas **de desenvolvimento**.”

c) “ A Unesco tem atuado de forma sistemática no sentido de apoiar as iniciativas **dos Estados Membros**”

d) “ as ações **desse organismo internacional** estão concentradas em duas áreas principais:”

e) “ métodos e estratégias para a construção **de uma sociedade** de informação global e justa.”

Leia o texto a seguir para responder à questão 30.

Como estamos às vésperas de celebrar os 500 anos da palavra “ utopia” e do romance filosófico de Thomas Morus que a consagrou, o momento é mais do que oportuno para examinar que novas feições ela adquiriu após tantos sonhos desfeitos e outros tantos pervertidos e que atualização lhe deram as expectativas geradas pela informática, pelas biotecnologias, pelas nanociências, pelas ciências cognitivas e as perspectivas de clonagem, ectogênese (fecundação de útero artificial), artificialização dos órgãos do corpo e prolongamento da vida, abertas por elas.

Seu étimo grego, significando não lugar, lugar nenhum ou, trocadilhescamente, lugar da felicidade (eutropia), designou primeiro uma ilha dos mares do Novo Mundo, em que foi bater um navegante português ligado a Américo Vespúcio. Terra prodigiosa, em tudo diferente da Europa do século 16, a perfeição imperava em suas cinquenta e poucas cidades. Morus imaginou-a empolgado pela descoberta da América e do “ novo homem” que a habitava. Se bem que a República platônica já configurasse uma utopia, foi na ilha “ descoberta” por Rafael Hitlodeu que surgiu o conceito de utopia como representação imaginária de uma sociedade que tenha encontrado soluções exemplares para todos os seus problemas.

Outras sociedades ideais, fundamentadas em leis justas e instituições político-econômicas comprometidas com o bem-estar da coletividade, nasceram da imaginação de romancistas e pensadores, nos séculos seguintes, com particular insistência no século 19, auge do utopismo socialista de Charles Fourier, Étienne Cabet, Edward Bellamy e William Morris. A esses devaneios igualitários a dupla Marx-Engels combateu e contrapôs outro, supostamente científico, cuja caracterização como utopia pode livrar a cara do comunismo, mas não das sociedades que às suas ideias básicas deram concretude, a partir da revolução bolchevique, uma utopia que virou distopia.

A distopia é uma distorção ou uma mutação da utopia, um sonho que se transforma em pesadelo. A ficção científica e a literatura de antecipação são pródigas em fantasias do gênero. De Jules Verne (Capitão Nemo era um utopista) ao Aldous Huxley de *Admirável Mundo Novo*, ao Orwell de 1984 e ao Ray Bradbury de *Fahrenheit 451*. Serão todos lembrados ao longo do ciclo.

(Adaptação da matéria “Um sonho de 500 anos”, de Sérgio Augusto – jornal *O Estado de S. Paulo,* 02 de agosto de 2015)

30. (ESAF – Analista de Planejamento e Orçamento – 2015)

(Adaptada) No que concerne às estruturas linguísticas do texto, julgue a assertiva a seguir como " certa" ou " errada":

A expressão " uma distorção" (l. 21) funciona, sintaticamente, como objeto direto de " A distopia" (l. 21).

Leia o texto a seguir para responder às questões 31 e 32.

Os cristãos enfrentam uma perseguição cada vez maior em todo o mundo, alimentada principalmente pelo extremismo islâmico e por governos repressivos, o que levou o papa a advertir sobre " uma forma de genocídio" e ativistas a falarem em " limpeza étnico-religiosa". A escala dos ataques a cristãos no Oriente Médio, na África Subsaariana, na Ásia e na América Latina alarmou organizações que monitoram a perseguição religiosa. A maioria relata uma deterioração significativa nos últimos anos.

Em sua recente viagem à América Latina, o papa Francisco disse ter ficado decepcionado " ao ver como no Oriente Médio e em outras partes do mundo muitos de nossos irmãos e irmãs são perseguidos, torturados e mortos por sua fé em Jesus". Ele continuou: " Nesta terceira guerra mundial, travada em capítulos, que hoje experimentamos, ocorre uma forma de genocídio, que tem de terminar".

(Harriet Sherwood, "Com os leões, sem Daniel". Tradução de Luiz Roberto Mendes Gonçalves. *Carta capital*, 05 de agosto de 2015. Ano XXI. n.861)

(ESAF – Analista de Planejamento e Orçamento – 2015)

(Adaptada) No que diz respeito às estruturas linguísticas do texto, julgue as assertivas a seguir como " certa" ou " errada"::

31. Na expressão " uma deterioração significativa" (l. 5), " deterioração" é o núcleo do objeto direto.

32. A expressão " nos últimos anos" (l. 5) tem a função sintática de adjunto adverbial de lugar.

Gabarito: 1. e; 2. b; 3. b; 4. b; 5. c; 6. c; 7. a; 8. E; 9. E; 10. E; 11. E; 12. C; 13. E; 14. E; 15. e; 16. C; 17. c; 18. C; 19. C; 20. E; 21. e; 22. a; 23. C; 24. C; 25. E; 26. b; 27. b; 28. b; 29. e; 30. errada; 31. certa; 32. errada.

13.5. RESUMO

Bem, agora que já vimos todos os termos da oração, faz-se necessário organizá-los… Vamos lá?

- Objetos direto e indireto são chamados de **complementos verbais.**
- A diferença entre objeto indireto e objeto direto preposicionado está na **regência do verbo**. No objeto direto preposicionado, a preposição não é solicitada pelo verbo.
- **Complemento nominal** é termo substantivo que pode completar outro substantivo, um adjetivo ou um advérbio.
- **Adjunto adnominal** sempre se liga a substantivo. Pode ser artigo, numeral, pronome, adjetivo ou locução adjetiva. É termo que especifica o substantivo e pode aparecer em qualquer lugar da frase.
- **Adjunto adverbial** normalmente se liga a verbo, mas pode também se conectar a um adjetivo ou a outro advérbio. Indica sempre circunstância e pode ser retirado da frase. Na morfologia, pode vir representado pelo advérbio ou pela locução adverbial.

- **Nem tudo** que vem com preposição e se liga a verbo é objeto indireto. Se indicar circunstância, será adjunto adverbial.
- **Agente da passiva** não é termo obrigatório na frase. Vem sempre na voz passiva analítica e antecedido de preposição.
- O predicativo do sujeito vem sempre no predicado. O adjunto adnominal vem junto ao substantivo, em qualquer lugar da frase.
- Toda vez que um **adjetivo** se referir a um objeto, só será predicativo do objeto, **se o verbo pedir sua presença na frase**.
- **Aposto** é termo de **natureza substantiva**, nunca adjetiva. Toda vez que você estiver diante de um nome (de rua, de praça, de cidade…), será aposto, e não adjunto adnominal.
- **Vocativo é chamamento**. Não deve ser confundido com sujeito, que normalmente vem implícito na desinência do verbo no imperativo.
- Se o termo se refere a um substantivo concreto, é A.A. Se completa adjetivo ou advérbio, é C.N. Caso ele se refira a um substantivo abstrato, procure reescrever a frase e verificar se o valor da expressão é ativo (A.A.) ou passivo (C.N.).

14 VOZES VERBAIS

14.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Vamos, então, à próxima etapa: o estudo das vozes do verbo. É neste capítulo que você vai se preparar para as questões que hoje aparecem em grande quantidade nas provas, as que buscam reescritura de frases: a substituição de uma frase na voz ativa pela equivalente na passiva e vice-versa.

Voz verbal é aquela que indica a forma em que o verbo se encontra para mostrar a relação entre ele e o sujeito. Daí serem três os tipos de vozes verbais. Quando o sujeito age, pratica a ação verbal, tem-se a **voz ativa**. Veja um exemplo:

O professor recomendou a leitura deste livro.

Aqui, *o professor* exerce a ação de recomendar, ele é agente: a voz é ativa. No entanto, o sujeito pode receber a ação verbal, ser paciente do verbo. Nesse caso, tem-se a **voz passiva**. Veja:

A leitura deste livro foi recomendada pelo professor.

Agora, o sujeito *a leitura deste livro* não exerce a ação de recomendar, é seu alvo, elemento paciente. Veja que, comparando os dois exemplos, o segundo insere mais informações: enquanto o primeiro exemplo só continha um verbo (*recomendou*), o outro acrescentou mais um (*foi recomendada*). É uma forma de se reescrever a frase com mais palavras: é a **voz passiva analítica** ou **voz passiva com auxiliar**. Ela recebe este nome – analítica – porque acrescenta um verbo: diz o que se disse na voz ativa, só que com mais informações. Pense assim: toda vez que queremos *analisar* um problema, não aumentamos esse problema? A voz passiva analítica também aumenta, acrescentando um verbo… Por outro lado:

Vendeu-se o apartamento.

Nesse caso, o sujeito *o apartamento* também sofre a ação de ser vendido, é sujeito paciente, a voz é passiva. Só que, nesta frase, o que se tem é uma síntese de informações: diz-se que o apartamento foi vendido, sem se querer mencionar quem o vendeu. É a **voz passiva sintética**: nela, a tendência é a de não se mencionar o agente da passiva. Daí ela ser econômica, sintética. É uma forma de se impessoalizar, indeterminar o agente, o elemento que exerce a ação.

Ainda:

O rapaz se vestiu.

Aqui, o sujeito (o rapaz) exerce e sofre a ação do verbo. O sujeito e o objeto, representados pelo pronome reflexivo *se,* são a mesma pessoa. Diz-se que a voz é **reflexiva**.

Resumindo:

• Quando o sujeito exerce a ação, a voz é ativa. • Quando o sujeito sofre a ação, a voz é passiva. Será voz passiva analítica se vier com o verbo auxiliar de voz passiva (ser/estar/ficar+ particípio). Será passiva sintética se apresentar o pronome se, chamado de pronome apassivador ou partícula apassivadora.
• Quando o sujeito exerce e sofre a ação, tem-se a voz reflexiva. Nesse caso, o pronome oblíquo se será chamado de pronome reflexivo.

14.2. REESCRITURA DE FRASES (COMO PASSAR UMA FRASE DE UMA VOZ À OUTRA)

Vamos às questões de reescritura de frases (que pedem transposição da ativa para a passiva ou da passiva para a ativa):

Na passagem da ativa para a passiva, só interessam três termos: o objeto direto, o verbo e o sujeito. Isso ocorre porque:

1. O objeto direto da ativa vira sujeito paciente na passiva.

   O professor recomendou **o livro**. (objeto direto: o livro)

   O livro foi recomendado pelo professor. (sujeito paciente: o livro)

   Se o objeto direto vier representado por um pronome pessoal oblíquo, ao virar sujeito, o pronome oblíquo virará pronome reto:

   O professor **o** recomendou.

   Ele foi recomendado pelo professor.

2. O verbo da voz ativa ganhará um verbo auxiliar (*ser/estar/ficar*), que ficará no mesmo tempo e modo, seguido do verbo principal no particípio.

   O professor **recomendou** o livro.

   *verbo *recomendar* no pretérito perfeito do indicativo

   O livro **foi recomendado** pelo professor.

   *locução verbal: verbo *ser* no pretérito perfeito seguido de *recomendar* no particípio

   Se, na voz ativa, o tempo é composto, na passagem para a passiva, mantenha o auxiliar do tempo composto e acrescente apenas o auxiliar de passiva *sido*:

   O professor **tem recomendado** o livro.

   *locução verbal de tempo composto

   O livro **tem sido recomendado** pelo professor.

   *Agora, você tem dois auxiliares: um, de tempo composto (*tem*) e outro, de voz passiva (*sido*).

3. O sujeito da voz ativa transforma-se em agente da passiva.

O professor recomendou o livro. (sujeito: o professor)

O livro foi recomendado **pelo professor**. (agente da passiva: pelo professor)

Se, na voz ativa, o verbo estiver na 3ª pessoa do plural, sem sujeito expresso na frase, o sujeito será indeterminado. Aí, na passiva, o agente não será mencionado:

Recomendaram o livro (verbo na 3ª p. pl.: sujeito indeterminado).

O livro foi recomendado (agente da passiva também indeterminado).

Passando uma frase da voz ativa para a passiva:

a) O objeto direto vira sujeito.

b) O verbo ganha um auxiliar (ser/estar/ficar), no mesmo tempo e modo do verbo da voz ativa.

c) O sujeito da ativa vira agente da passiva.

Agora, vamos fazer o contrário? Na passagem da passiva analítica para a ativa, precisamos nos preocupar com o agente da passiva, o verbo e o sujeito. Isso porque:

4. O agente da passiva volta a ser sujeito na ativa.

O aluno foi elogiado **pelo professor**. (agente da passiva: pelo professor)

O professor elogiou o aluno. (sujeito agente: o professor)

Se, na voz passiva, não houver agente da passiva, o verbo na voz ativa ficará na 3ª pessoa do plural, para marcar um sujeito indeterminado:

O aluno foi elogiado. (agente da passiva não mencionado)

Elogiaram o aluno. (verbo na 3ª p. pl.: sujeito indeterminado)

5. A locução verbal de voz passiva perde o auxiliar de passiva (normalmente o verbo *ser*). O verbo da voz ativa ficará no mesmo tempo do auxiliar da passiva.

O aluno **foi** elogiado pelo professor. (verbo auxiliar *ser* no pret. perf.)

O professor **elogiou** o aluno. (verbo *elogiar* no pret. perf.)

Se a frase na voz passiva possuir, além do auxiliar de voz passiva, outro verbo auxiliar, ele continuará a existir na voz ativa; lembre-se: você só retirará o auxiliar de voz passiva, não tente se livrar de todos os verbos!:

O aluno **tem sido elogiado** pelo professor.

locução verbal com dois auxiliares: um de tempo composto – *tem* – e outro de passiva – *sido*; lembre-se de só retirar o auxiliar de passiva.

O professor **tem elogiado** o aluno.

locução verbal com apenas um auxiliar, que é o do tempo composto.

6. O sujeito da voz passiva volta a ser objeto direto na ativa:

O aluno foi elogiado pelo professor. (sujeito paciente: o aluno)

O professor elogiou **o aluno**. (objeto direto: o aluno)

Já está ficando zonzo com tanta informação? Então, vamos sistematizar...

Passando uma frase da voz passiva analítica para a voz ativa:

a) O agente da passiva vira sujeito agente na ativa.

b) A locução verbal perde o auxiliar de voz passiva, que transmite o tempo verbal ao verbo da voz ativa.

c) O sujeito da voz passiva vira objeto direto na ativa.

Bem, para entender de fato todo esse raciocínio, só fazendo questões de concursos. Como dissemos anteriormente, as questões que mais aparecem em relação ao assunto de vozes verbais são aquelas que buscam reescrituras – passagem da ativa para a passiva e vice-versa. O assunto, em si, não é tão complexo, mas você deve se preocupar com o tempo de resolução da questão. É preciso ser rápido e, para isso, é preciso ter método. Por isso, resolvemos separar esse tipo de questão em dois blocos, para treinar você de forma mais eficaz. O primeiro tipo de questão é aquela em que se busca a **reescritura da voz ativa para a passiva analítica**.

Atenção!

1. Destacar, na frase, o núcleo do objeto direto, que virará sujeito. Com ele, o verbo deverá concordar.
2. Detectar o tempo do verbo na voz ativa. O auxiliar da passiva que será acrescentado à frase deverá estar nesse tempo verbal. Lembre-se sempre de somar um verbo: se há um verbo na frase, então serão dois; se há dois, serão três, e assim por diante.
3. O sujeito vira agente antecedido da preposição por, mas normalmente as bancas nem se preocupam tanto com a identificação do agente da passiva.
4. Os outros termos sintáticos que eventualmente existirem na frase (adjuntos adverbiais, predicativos etc.) ficarão intactos: não se preocupe com eles, para não perder tempo de resolução da questão.
5. Faça mentalmente a transposição da ativa para a passiva: evite olhar cada alternativa, pois você pode se perder em meio a tantas opções.

Vamos, então, aprender a sair da passiva sintética e ir à ativa? Nesse caso, o sujeito da passiva (casas) volta a ser objeto direto; a partícula apassivadora é extraída da frase e o verbo fica na 3ª pessoa do plural para marcar a indeterminação do sujeito. De uma forma mais prática, teríamos:

Reescritura da voz passiva sintética para voz ativa

a) Retire o pronome apassivador da frase.

b) Passe o verbo para a 3ª pessoa do plural, se ele já não estiver, mantendo o tempo.

Seguindo o mesmo raciocínio, podemos realizar a reescritura da passiva sintética para a passiva analítica. Nesse

caso, lembre-se de que, já que você está indo para a passiva analítica, é preciso *acrescentar* um verbo auxiliar (normalmente *ser*), que ficará no mesmo tempo verbal.

Reescritura da voz passiva sintética para a voz passiva analítica a) O sujeito paciente da voz passiva sintética permanecerá sendo sujeito na voz passiva analítica. b) Acrescente o verbo auxiliar ser, que ficará no mesmo tempo e modo da frase original.

Vamos ver se funciona? Veja uma questão de prova resolvida como exemplo.

1. (TRT-SP – Ag. Fisc. Fin.) … de que as reservas de gás de Bahia Blanca, ao sul de Buenos Aires, **se estão esgotando**.

A forma verbal destacada acima pode ser corretamente substituída, sem prejuízo do sentido original, por:

a) está para esgotar.

b) vai ser esgotado.

c) estão sendo esgotadas.

d) vinham sendo esgotadas.

e) vem esgotando.

Comentários:

A frase que aparece no enunciado está na voz passiva sintética e podemos perceber pelas opções oferecidas pela banca que o que se quer é que o aluno transponha a frase para a passiva analítica.

Logo, detecte o sujeito (*as reservas de gás de Bahia Blanca*) e o tempo do verbo (nesse caso, como se tem uma locução verbal, não deixe de olhar para o último verbo, que é o principal – *esgotando*). É nesse tempo que ficará o auxiliar da voz passiva analítica. Assim, teríamos: "As reservas de gás… estão <u>sendo</u> esgotadas"). Observe que, como você foi para a passiva analítica, você ganhou um verbo: se havia dois (*estão esgotando*), ficamos com três (*estão sendo esgotadas*).

E não esqueça: evite olhar para as outras alternativas, caso contrário você se apaixona pela errada e acaba marcando…

Resposta: C.

14.3. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Identifique as vozes verbais.

1. A cozinha era antiga e escura.

_____

2. A cozinha era reformada aos poucos.

3. Uma senhora foi assaltada por um adolescente.

4. Assaltou-se uma senhora.

5. Arrumou-se para o jantar.

6. Recebeu-se o projeto com ceticismo.

7. A comunidade científica recebeu o projeto com ceticismo.

8. O projeto foi recebido com ceticismo pela comunidade científica.

9. Fazendeiros brasileiros ajudam a equipar a polícia.

10. Os resultados foram divulgados via TV.

11. "A Bíblia é uma coleção de lendas veneráveis, mas primitivas e infantis." (Albert Einstein)

II. Nas frases a seguir, transforme a voz ativa em passiva analítica.

1. Algumas pessoas colecionam moedas e selos antigos.

2. O pessoal não vê o autoritarismo como alternativa.

3. "O Governo de nosso Estado combate e denuncia todas as formas de violência."

4. "O escândalo do Orçamento expôs definitivamente a indústria da miséria."

5. “O Brasil não resolverá os problemas da miséria.”

_____

6. “O irmão pobre, se morre e apodrece, leva o irmão rico de cambulhada.”

_____

7. “No Brasil, matam crianças à bala.”

_____

8. “O Governo havia transferido tarefas e recursos aos municípios.”

_____

9. Obedeceu-se às ordens.

_____

10. Muitos cientistas não acreditam em Deus.

_____

III. Nas frases a seguir, passe para a voz passiva sintética.

1. Os presos eram proibidos de usar barbas e cabelos longos.

_____

2. Contaram a verdade.

_____

3. Aqui são dadas aulas inesquecíveis.

_____

4. Esconderam armas de destruição maciça.

_____

5. O projeto foi recebido com ceticismo.

_____

IV. Nas frases a seguir, transforme a voz passiva em ativa.

1. Os presos eram proibidos de usar barbas e cabelos longos.

_____

2. Com verba do Estado, dezoito composições já estão sendo reformadas.

_____

3. Esperavam-se resultados mais animadores.

_____

4. As palavras precisavam ser interpretadas.

_____

5. A cidade era sacudida e inquietada por uma trovoada surda e cava.

_____

6. Para não ser olhado com medo, resolveu ceder.

_____

7. No nosso país, deveriam ser instituídas leis mais rigorosas.

_____

8. Recusou-se o convite.

_____

9. As negociações deverão ser concluídas até outubro.

_____

10. A história do Brasil pode ser contada de vários modos e sob vários ângulos.

_____

Gabarito: I – 1. voz ativa (antiga/ escura: predicativos do sujeito); 2. voz passiva analítica; 3. voz passiva analítica; 4. voz passiva sintética; 5. voz reflexiva; 6. voz passiva sintética; 7. voz ativa; 8. voz passiva analítica; 9. voz ativa; 10. voz passiva analítica; 11. voz ativa. **II** – 1. Moedas e selos antigos são colecionados por algumas pessoas. 2. O autoritarismo não é visto pelo pessoal como alternativa. 3. Todas as formas de violência são combatidas e denunciadas pelo Governo de nosso Estado. 4. A indústria da miséria foi exposta definitivamente pelo escândalo do orçamento. 5. Os problemas da miséria não serão resolvidos pelo Brasil. 6. O irmão rico é levado de cambulhada pelo irmão pobre. 7. No Brasil, crianças são mortas à bala. 8. Tarefas e recursos haviam sido transferidos pelo Governo aos municípios. 9. As ordens foram obedecidas. (Ver observação (b) da p. 13). 10. Esta frase não pode ser transformada em voz passiva, pois o verbo é transitivo indireto. **III** – 1. Proibiam-se os presos...; 2. Contou-se a verdade; 3. Aqui dão-se aulas...; 4. Esconderam-se armas...; 5. Recebeu-se o projeto... **IV** – 1. Proibiam os presos... 2. Com verba do Estado, estão reformando dezoito composições. 3. Esperavam resultados mais animadores. 4. Precisavam interpretar as palavras. 5. Uma trovoada surda e cava sacudia e inquietava a cidade. 6. Para não o olharem com medo... 7. No nosso país, deveriam instituir leis... 8. Recusaram o convite. 9. Deverão concluir as negociações... 10. Podem contar a história do Brasil...

Nas provas de concursos públicos, quanto a vozes verbais, costuma-se trabalhar com três tipos de questões. Vamos sistematizar:

- O primeiro tipo de questão é aquela em que a banca quer saber se a frase admite transportação da voz ativa para a passiva.
- O segundo tipo, que é a mais comum a todas as bancas, pede que o aluno reescreva da ativa para a passiva ou vice-versa.
- Há ainda as questões que pedem apenas que o candidato identifique a voz do verbo (ativa/passiva/reflexiva).

É com base nesses três tipos de questões que vamos organizar este capítulo sobre vozes verbais. E, para cada assunto estudado, questões de concursos para você resolver. Vamos lá?

14.4. QUESTÕES QUE PERGUNTAM SE A FRASE ADMITE TRANSPORTAÇÃO PARA A VOZ PASSIVA

Uma frase na voz ativa admitirá a passagem para a voz passiva se possuir objeto direto que possa virar sujeito. Isso porque a voz passiva, em geral, representa a reescritura da ativa, só que dá ênfase ao objeto direto da ativa, que passa a funcionar como sujeito. Ora, então é preciso que a voz ativa apresente objeto direto, o que ocorre com os verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos. Por isso, nas questões em que se perguntar se há ou não possibilidade de transportação para a passiva, vá correndo procurar na frase, que está na voz ativa, um objeto direto. Se houver, em geral, ela admitirá transportação. Bancas como a Fundação Carlos Chagas e a Cesgranrio elaboram muitas questões desse tipo. Veja algumas delas:

1. (FCC – TRF 4ª Região – Anal. Judic.) A seguinte construção não admite transposição para a voz passiva:

a) Isso esclarece um pouco a razão das tensões (…)

b) (…) detestamos a hipocrisia e a falsidade (…)

c) Vivemos, assim, sobre esse fio de navalha entre a verdade e o disfarce.

d) As chamadas "regras de convívio" supõem, sempre, algum "mascaramento".

e) (…) que nos olhe nos olhos (…)

Comentários:

Na letra A, o verbo *esclarecer* é transitivo direto e vem seguido de seu objeto direto *a razão das tensões*. Admite, portanto, transportação. Na letra B, o verbo *detestar* também é transitivo direto, seguido de seu objeto direto composto *a hipocrisia e a falsidade*. Na letra D, o mesmo ocorre: o verbo *supor* é verbo transitivo direto e vem seguido de seu objeto direto *algum mascaramento*. E, na letra E, a história se repete: o verbo *olhar* é transitivo direto e vem seguido de seu objeto direto *nos*. A única frase que não traz um verbo transitivo direto é a letra C, que apresenta um verbo intransitivo – *vivemos* – seguido de um adjunto adverbial de lugar *sobre esse fio de navalha entre a verdade e o disfarce*. É o único verbo que não permite a transportação para a voz passiva.

Resposta: C.

2. (Cesgranrio) A frase que admite transposição para a voz passiva é:

a) A prova de que não somos uma coisa só está em cada dia que amanhece.

b) Outro dia recortei da internet este fragmento de um blog (…).

c) A humanidade não tem jeito.

d) O pessimista não é inimigo das idealizações, muito pelo contrário.

e) Nem tudo está perdido.

Comentários:

A letra A apresenta dois verbos que não são transitivos diretos: *somos*, que é verbo de ligação e vem seguido de um predicativo do sujeito *uma coisa só*, e o *está*, que é intransitivo, vindo seguido de um adjunto adverbial *em cada dia que amanhece.*

A letra B traz o verbo *recortar*, transitivo direto, com seu objeto direto *este fragmento de um blog*.

A letra C, embora apresente verbo transitivo direto, trata-se de um verbo que não admite transportação por impedimento semântico. Tente passar essa frase mentalmente para a voz passiva: "Jeito não é tido pela humanidade" por impedimento semântico. Faz sentido isso?

As letras D e E apresentam verbos de ligação, não admitindo, portanto, transportação para a passiva.

Resposta: B.

Aqui, vale um recado:

De fato, só admite passagem para a passiva um verbo que tenha transitividade direta.

Fernanda elogiou duas colegas. (voz ativa)

Duas colegas foram elogiadas por Fernanda. (voz passiva)

Pelo que podemos observar, o objeto direto da ativa – *duas colegas* – virou sujeito paciente na voz passiva, e o sujeito *Fernanda* transformou-se em agente da passiva (*por Fernanda*).

Entretanto, o contrário não se afirma: nem todo verbo transitivo direto pode ser construído na voz passiva. Veja as frases:

Guilherme quer um presente.

Fernanda pode tudo.

Arthur tem bons modos.

Há crianças na sala.

Tente passar essas frases para a passiva. Teríamos aberrações do tipo: *Um presente é querido por Guilherme; Tudo é podido por Fernanda* e *Bons modos são tidos por Arthur; Crianças são havidas na sala.* Fazem sentido essas frases?

Ainda que só verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos admitam voz passiva, há verbos transitivos indiretos que admitem passiva. O uso coloquial acabou consagrando em textos cultos construções do tipo:

Os empregados foram pagos.

Os pais devem ser obedecidos.

O jogo foi assistido por todos.

A carta foi respondida.

Os verbos *pagar, obedecer, assistir* (= ver, presenciar) e *responder* são transitivos indiretos, mas admitem voz passiva. São frases consagradas do uso coloquial, mas que já aparecem em algumas provas. Mas cuidado: é sempre bom, diante das questões, analisar cada alternativa a fim de ver se a banca admitiu ou considerou errado esse tipo de construção, pois há divergências em relação a isso.

Resumindo:
- Em princípio, só verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos admitem voz passiva.
- Há verbos transitivos diretos que não admitem voz passiva (ter, haver, poder, querer...).
- Há verbos transitivos indiretos que admitem voz passiva (obedecer, pagar, responder, assistir...).

Mais questões:

3. (FCC/TRF – 2ª Região – Téc. Adm.) A construção que admite transposição para a voz passiva é:

a) São inúmeras as consequências dessa idolatria.

b) As leis do mercado favorecem esse culto da juventude.

c) A juventude deixou de ser uma fase da vida.

d) Resulta disso tudo uma espécie de código comportamental.

e) Cresce a olhos vistos a oferta de produtos associados à juventude.

Comentários:

A banca busca a única frase que apresente um verbo com transitividade direta. A letra A apresenta verbo de ligação (seu sujeito é *as consequências dessa idolatria* e seu predicativo é *inúmeras*). Ora, verbo de ligação não admite transposição para a passiva. A letra B, por sua vez, apresenta um verbo transitivo direto, *favorecem*, seguido de seu objeto direto *esse culto da juventude*. Na letra C, o verbo principal da locução verbal é um verbo de ligação, *ser*, que vem seguido de seu predicativo *uma fase da vida*. A letra D está fora de ordem, procure organizá-la antes de classificar o verbo: *Uma espécie de código fundamental resulta disso tudo*. O verbo *resultar* é transitivo indireto,

não admitindo, portanto, passagem para a passiva. Na letra E, temos o verbo *crescer*, que é intransitivo. Portanto, a única frase que apresenta um verbo com transitividade direta será a que permitirá transposição para a passiva.

Resposta: B.

4. (FCC/TRF – 2ª Região – Téc. Adm.) Essa situação **é agravada** pelo fato de quinze desses gigantes estarem localizados em países pobres ou emergentes.

O verbo que admite o mesmo tipo de transposição ocorrida no exemplo destacado acima está também grifado na frase:

a) Em todo o mundo muitas cidades crescem sem nenhum planejamento.

b) A maior parte da população do planeta já mora em cidades.

c) A vida em cidades depende de normas comuns de comportamento.

d) A população das grandes cidades está sujeita a problemas de trânsito e de violência.

e) Neste ano a população urbana ultrapassará o número de moradores das áreas rurais.

Comentários:

A frase que aparece no enunciado está na passiva analítica: o sujeito (*essa situação*) sofre a ação. Além disso, ela apresenta uma locução verbal de voz passiva (*é agravada*). A banca procura aqui uma frase que esteja na voz ativa, mas que admita transposição para a passiva. Nas letras A e B, os verbos *crescer* e *morar* são intransitivos. Na letra C, mais um verbo que não admite transportação – *depende* – por ser transitivo indireto (seguido de seu objeto indireto *de normas comuns de comportamento*). A letra D, por sua vez, traz um verbo de ligação *está* (seguido de seu predicativo *sujeita*). Só a letra E apresenta um verbo transitivo direto – *ultrapassará* – seguido de seu objeto direto *o número de moradores das áreas rurais*.

Resposta: E.

5. (FCC/TRF – 18ª Região) Não admite transposição para a voz passiva o seguinte segmento:

a) Resolvi bem esse problema (…).

b) É preciso, pois, desenvolver o ethos da nação (…).

c) Ele precisa valorizar essa convivência (…).

d) (…) está na ética uma garantia para um pleno convívio social.

e) (…) que as ações dos outros encontrem nele plena aprovação.

Comentários:

Em todas as frases haverá um verbo com transitividade direta, exceto em uma. Na letra A, o verbo *resolver* é transitivo direto e vem seguido de seu objeto direto *esse problema*. Na letra B, o verbo *desenvolver* é transitivo

direto e vem seguido de seu objeto *o ethos da nação*, o mesmo ocorrendo com o *valorizar* na letra C, que tem como objeto direto *essa convivência*. Quanto à letra D, procure organizá-la antes de analisar o verbo: *Uma garantia para um pleno convívio social está na ética*. O sujeito, aqui, é *uma garantia para um pleno convívio social* e o verbo *estar* é intransitivo e vem seguido de seu adjunto adverbial de lugar *na ética*. Com a letra E, o perigo é o mesmo – é preciso colocá-la na ordem direta antes de analisar o verbo. Teríamos, portanto: *Que as ações dos outros encontrem plena aprovação nele*. Veja se agora não ficou mais fácil: *as ações dos outros* é sujeito, o verbo *encontrar* é transitivo direto e indireto, *plena aprovação* é objeto direto e *nele*, objeto indireto. Ora, o único verbo que não admite transportação para a passiva é o *estar*, da letra D.

Resposta: D.

Você já percebeu que a tendência das bancas é trabalhar com frases fora da ordem direta, para confundir o aluno? Por isso, não se esqueça de, nas frases mais complexas, desenvolver um passo a passo para a organização do período, procedendo da seguinte forma:

Ordem direta no período simples
1. Vá ao verbo e pergunte pelo sujeito.
2. Depois de detectar o sujeito, pergunte por seus complementos: objetos diretos ou indiretos.
3. Se a frase possuir predicativo, esse deverá ficar após os complementos verbais.
4. Os adjuntos adverbiais ficarão sempre ao final.

6. (TCE/AL) A transposição para a voz passiva é possível apenas em:

a) Novos gestos incutem à nossa vida um novo sentido.

b) A liberdade aposta, sempre, em novas possibilidades.

c) Na nossa capacidade de escolha estaria a nossa liberdade.

d) A resolução desse dilema depende de uma grave decisão.

e) As ideias fatalistas conspiram contra as ações libertárias.

Comentários:

A letra A traz um verbo transitivo direto e indireto: *um novo sentido* é objeto direto e *à nossa vida* é objeto indireto. As letras B, D e E apresentam verbos transitivos indiretos: *apostar* tem como objeto indireto *em novas possibilidades*, *depender* vem com o objeto indireto *de uma grave decisão* e *conspirar*, com objeto indireto *contra as ações libertárias.* Já a letra C, colocando-a na ordem, temos: "A nossa liberdade estaria na nossa capacidade de escolha". O verbo *estar* é intransitivo e vem seguido de adjunto adverbial de lugar *na nossa capacidade de escolha*. Como a questão pedia a única alternativa que admitisse a passagem para a passiva, tem-se apenas a letra A com um verbo de transitividade direta.

Resposta: A.

7. (Cesgranrio/Biocombustível) O indiscutível êxito do produto demonstra que as dúvidas foram dissipadas...

O verbo que admite transformação em voz passiva, tal como o grifado acima, está também grifado na frase:

a) A economia nacional parece hoje mais estável.

b) O carro bicombustível chegou ao mercado brasileiro há pouco tempo.

c) A indústria brasileira já vendeu 5 milhões de carros bicombustíveis.

d) O álcool combustível permanece mais barato do que a gasolina.

e) O Proálcool foi a resposta brasileira às crises do petróleo.

Comentários:

A frase do enunciado está na passiva analítica: o sujeito *as dúvidas* sofre a ação e aparece uma locução verbal de voz passiva (*foram dissipadas*). A banca buscava uma frase que admitisse tal transformação, ou seja, uma frase com verbo de transitividade direta.

As letras A, D e E apresentam verbos de ligação: na letra A, tem-se o verbo *parecer*, seguido de seu predicativo *mais estável*; na letra D, observa-se o verbo *permanece*, seguido de seu predicativo *mais barato*; na letra E, tem-se o verbo de ligação *ser*, com seu predicativo *a resposta brasileira*. Se todas as três apresentam verbos de ligação, elas não admitem a passagem para a passiva.

A letra B traz um verbo intransitivo, *chegou*, seguido de dois adjuntos adverbiais: *ao mercado brasileiro*, que indica lugar e *há pouco tempo*, que é adjunto adverbial de tempo. Ora, verbo intransitivo também não admite transportação.

Só a letra C apresenta verbo transitivo direto – *vender* – seguido de seu objeto direto, que é *5 milhões de carros biocombustíveis*.

Resposta: C.

14.5. QUESTÕES QUE PEDEM PARA PASSAR DE UMA VOZ À OUTRA

Vamos ao segundo tipo de questão, aquela em que se pede para passar de uma voz à outra? São as questões de reescritura de frases.

1. (TRE – AP) Transpondo-se para a voz passiva a frase *Ele gasta dinheiro que nem água*, a forma verbal resultante será:

a) será gasta.

b) foi gasta.

c) está sendo gasto.

d) será gasto.

e) é gasto.

Comentários:

O núcleo do objeto direto é *dinheiro*. O verbo na voz ativa (*gasta*) está no presente do indicativo, portanto, o auxiliar da passiva ficará também no presente do indicativo (*é*). Lembre-se de que o particípio, na voz passiva, concorda com o seu sujeito em gênero e número. Portanto, teremos: "*dinheiro* é *gasto* que nem água". Observe que nós nem olhamos para as outras opções: com o devido raciocínio, você irá diretamente à resposta.

Resposta: E.

2. (TRF – 4ª Região – Anal. Judic.) Transpondo-se para a voz passiva a frase *transmiti o respeito de meus pais pelas ficções*, a forma verbal resultante será:

a) terá sido transmitido.

b) transmitiram-me.

c) fora transmitido.

d) transmitiram-se.

e) foi transmitido.

Comentários:

O núcleo do objeto direto é *respeito*: destacando o núcleo, você fará a concordância do verbo com mais rapidez. O verbo na voz ativa está no pretérito perfeito do indicativo: assim ficará o verbo *ser*, auxiliar de voz passiva (*foi*). Assim, teríamos: *O respeito de meus pais pelas ficções foi transmitido por mim.*

Resposta: letra E.

3. (PMSAL) … a literatura carioca já **registrava** com frequência o termo samba.

Transpondo para a voz passiva, a forma verbal destacada passa a ser, corretamente:

a) registrou.

b) devia registrar.

c) fora registrado.

d) era registrado.

e) seria registrada.

Comentários:

O objeto direto, *o termo samba*, tem como núcleo o substantivo *termo*. O verbo na voz ativa está no pretérito imperfeito do indicativo, portanto, o verbo *ser* ficará também no pretérito imperfeito: *era*. O sujeito *a literatura*

carioca vira agente da passiva, mas observe que a banca nem se preocupa com isso. Os outros termos sintáticos permanecem inalterados. Assim, teríamos: *O termo samba era registrado com frequência pela literatura carioca*.

Resposta: D.

4. (TRT – 2ª Região) Transpondo-se para a voz passiva o segmento *ninguém descobre sua timidez*, a forma verbal resultante será:

a) não terá descoberto.

b) não será descoberta.

c) não terá sido descoberta.

d) não é descoberta.

e) não tem descoberto.

Comentários:

O objeto direto é *sua timidez*. O verbo na voz ativa está no presente do indicativo, logo o auxiliar de passiva ficará no mesmo tempo (*é*). O verbo da voz ativa vai para o particípio, concordando em gênero e número com o sujeito. Assim, teremos: *Sua timidez não é descoberta por ninguém.*

Resposta: D.

5. (TRT – 2ª Região – Anal. Judic.) Transpondo-se para a voz passiva a construção *a voz do futuro nos acorda*, a forma verbal resultante será:

a) temos sido acordados.

b) temos acordado.

c) teremos acordado.

d) seremos acordados.

e) somos acordados.

Comentários:

O objeto direto vem representado pelo pronome oblíquo *nos*, portanto, na voz passiva, ao virar sujeito, virá representado por um pronome reto (*nós*). O verbo da voz ativa – *acorda* – está no presente do indicativo: assim ficará o auxiliar da passiva. Sempre se lembre de somar um verbo: se possuímos um verbo na voz ativa, na passiva analítica, serão dois. Assim, teremos: *(Nós) somos acordados pela voz do futuro.* Observe o que a banca fez nas letras B e C: usou auxiliar (*ter*) que nem é de voz passiva. Na letra A, mais uma maldade: acrescentou mais um verbo, o que não é permitido: se temos um verbo na voz ativa, ficaremos apenas com dois na passiva analítica, não com três.

Resposta: E.

6. (TRF – Taquigrafia) Transpondo a frase *os extraordinários acontecimentos pareciam dividir nitidamente o mundo entre os defensores e os inimigos da liberdade e do progresso social* para a voz passiva, a forma verbal corretamente obtida é:

a) parecia ser dividido.

b) pareciam ter sido divididos.

c) tinha sido dividido.

d) tinha parecido dividir.

e) pareciam dividirem.

Comentários:

O objeto direto da voz ativa é *o mundo*. Mas desta vez tenha mais cuidado: temos uma locução verbal na voz ativa composta de um verbo auxiliar (*pareciam*) e um principal (*dividir*). Lembre-se de somar um auxiliar a essa locução verbal, que será o verbo *ser* e ficará no tempo verbal do *dividir*. Com o tempo verbal do auxiliar *pareciam,* você não irá mexer. Logo, se temos dois verbos, ficaremos com três. Assim: *O mundo parecia ser dividido nitidamente entre os defensores e os inimigos da liberdade e do progresso social pelos extraordinários acontecimentos*. Não se preocupe com os outros termos sintáticos, enfoque atentamente apenas o objeto direto e a locução verbal da ativa, antes de passar a frase para a passiva analítica.

Resposta: A.

Agora está na hora de você conhecer a voz passiva sintética ou pronominal. Ela recebe esse nome por espécie de síntese de informações: ela normalmente não menciona o agente da passiva nem apresenta o verbo auxiliar da voz passiva analítica. Observe:

Alugam-se casas.

Nessa frase, *casas* é o sujeito, que vem posposto ao verbo, **por isso, cuidado para não confundi-lo com o objeto direto**. O pronome se que aparece na frase é a chamada partícula apassivadora ou pronome apassivador.

Bom de treinar, não é? Agora, vamos ao terceiro tipo de questão: aquela em que se quer a identificação da voz da frase.

14.6. QUESTÕES PARA SE IDENTIFICAR A VOZ DA FRASE

Antes de irmos a elas, vale lembrar:

1. Voz ativa: os homens dirão a verdade. (sujeito agente: os homens; objeto direto: a verdade)
2. Voz passiva analítica: sujeito paciente + verbo auxiliar ser, estar, ficar + particípio (verbo principal) + agente da passiva (caso

exista na frase): A verdade será dita pelos homens.

3. Voz passiva pronominal: verbo transitivo direto + pronome apassivador se + sujeito (o agente da passiva, em geral, não é mencionado): Dir-se-á a verdade.

4. Voz reflexiva: sujeito + verbo + pronome se reflexivo: Ela se enganava. (= Ela enganava a si mesma)

1. (NCE/Minist. Saúde) Muitas vezes no texto, como em "se a mãe for bem alimentada", se utiliza a voz passiva; a alternativa em que isso também ocorre é:

a) "O corpo humano necessita de alimentos".

b) "para se manter ativo".

c) "a fim de que tenha energia suficiente".

d) "se não for atendida essa necessidade".

e) "para se desenvolver fisicamente".

Comentários:

Na letra A, temos um verbo que, embora tenha um sentido passivo (chamamos isso de *passividade*), está na voz ativa: *o corpo humano* exerce a ação de necessitar de alimentos.

Na letra B, o pronome *se* é reflexivo, tem o valor de *a si mesmo*: a frase está na voz reflexiva. O mesmo ocorre na letra E, cuja frase equivale a *para desenvolver a si mesmo fisicamente.* Assim, excluem-se as letras B e E.

Na letra C, o sujeito exerce a ação de *ter*: a voz é ativa. Apenas na letra D, o sujeito é paciente: a frase está na voz passiva analítica, compõe-se de uma locução verbal *for atendida*.

Resposta: D.

Quanto à letra A desta questão, vale um recado:

Não confunda voz passiva com passividade. Na voz passiva, o verbo ou vem com auxiliar de passiva (voz passiva analítica) ou com o pronome apassivador se (voz passiva sintética), ou seja, há uma forma especial para se indicar que algo ou alguém recebe a ação do verbo.

Passividade tem a ver com o sentido da frase: o verbo tem valor passivo. E isso pode ocorrer inclusive com frases na voz ativa. Exemplos:

Esperei por você a vida inteira.

A criança recebeu o merecido castigo.

Essas frases estão na voz ativa, embora seus verbos tenham sentido passivo. Portanto, nem sempre a passividade corresponde à voz passiva!

2. (NCE) A frase abaixo que se encontra em voz passiva é:

a) "Quantos morreram pela liberdade de sua pátria?"

b) "Quantos foram presos ou espancados pela liberdade de dizer o que pensam?"

c) "Quantos lutaram pela libertação dos escravos?"

d) “O primeiro templo da liberdade burguesa é o supermercado.”

e) “a maioria já não sofre agressões a essas liberdades tão vitais…”

Comentários:

Na letra A, o sujeito exerce a ação de *morrer*: voz ativa. Na letra C, o mesmo acontece: o sujeito exerce a ação de *lutar*: voz ativa. Na letra D, o sujeito *o primeiro templo da liberdade burguesa* é agente do verbo *ser*, a frase está na voz ativa. Na letra E, embora o verbo tenha sentido passivo (passividade, lembra?), a frase está na voz ativa: o sujeito *a maioria* exerce a ação de sofrer. Somente na letra B o sujeito é paciente: a frase está na voz passiva e possui duas locuções verbais de passiva (*foram presos/*(*foram*) *espancados*).

Resposta: B.

14.6. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (TRF3 – Técnico Judiciário – FCC – Abril/2016)

Foram dois segundos de desespero durante os quais <u>*contemplei*</u> *o distrato do livro, a infâmia pública, o alcoolismo e a mendicância...*

Transpondo-se para a voz passiva o verbo sublinhado, a forma resultante será:

a) contemplavam-se.

b) foram contemplados.

c) contemplam-se.

d) eram contemplados.

e) tinham sido contemplados.

Leia o texto a seguir para responder às questões 2 e 3.

Depois que se tinha fartado de ouro, o mundo teve fome de açúcar, mas o açúcar consumia escravos. O esgotamento das minas – que de resto foi precedido pelo das florestas que forneciam o combustível para os fornos –, a abolição da escravatura e, finalmente, uma procura mundial crescente, orientam São Paulo e o seu porto de Santos para o café. De amarelo, passando pelo branco, o ouro tornou-se negro.

Mas, apesar de terem ocorrido essas transformações que tornaram Santos num dos centros do comércio internacional, o local conserva uma beleza secreta; à medida que o barco penetra lentamente por entre as ilhas, experimento aqui o primeiro sobressalto dos trópicos. Estamos encerrados num canal verdejante. Quase podíamos, só com estender a mão, agarrar essas plantas que o Rio ainda mantinha à distância nas suas estufas empoleiradas lá no alto. Aqui se estabelece, num palco mais modesto, o contato com a paisagem.

O arrabalde de Santos, uma planície inundada, crivada de lagoas e pântanos, entrecortada por riachos estreitos e canais, cujos contornos são perpetuamente esbatidos por uma bruma nacarada, assemelha-se à própria Terra, emergindo no começo da criação. As plantações de bananeiras que a cobrem são do verde mais jovem e terno que se possa imaginar: mais agudo que o ouro verde

dos campos de juta no delta do Bramaputra, com o qual gosto de o associar na minha recordação; mas é que a própria fragilidade do matiz, a sua gracilidade inquieta, comparada com a suntuosidade tranquila da outra, contribuem para criar uma atmosfera primordial.

Durante cerca de meia hora, rolamos por entre bananeiras, mais plantas mastodontes do que árvores anãs, com troncos plenos de seiva que terminam numa girândola de folhas elásticas por sobre uma mão de 100 dedos que sai de um enorme lótus castanho e rosado. A seguir, a estrada eleva-se até os 800 metros de altitude, o cume da serra. Como acontece em toda parte nessa costa, escarpas abruptas protegeram dos ataques do homem essa floresta virgem tão rica que para encontrarmos igual a ela teríamos de percorrer vários milhares de quilômetros para norte, junto da bacia amazônica. Enquanto o carro geme em curvas que já nem poderíamos qualificar como " cabeças de alfinete", de tal modo se sucedem em espiral, por entre um nevoeiro que imita a alta montanha de outros climas, posso examinar à vontade as árvores e as plantas estendendo-se perante o meu olhar como espécimes de museu.

(Adaptado de: Lévi-Strauss, Claude. *Tristes Trópicos*. Coimbra, Edições 70, 1979, p. 82-3)

2. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

A alteração da voz do verbo poder, nas duas vezes em que ocorre no último parágrafo, deverá resultar nas seguintes formas, respectivamente:

a) se poderia – se pode

b) poder-se-ia – podem-se

c) poderiam-se – pode-se

d) se poderiam – podem-se

e) se poderiam – se pode

3. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

A frase que NÃO admite transposição para a voz passiva encontra-se em:

a) ... *o acesso das obras a um* status *estético que as exalta*. (2º parágrafo)

b) ... *elas protestam contra os fatos da realidade, os poderes*... (1º parágrafo)

c) *Muitas obras antigas celebram vitórias militares e conquistas*... (1º parágrafo)

d) *O museu, por retirar as obras de sua origem*... (3º parágrafo)

e) ... *a crítica mais comum contra o museu apresenta-o*... (3º parágrafo)

4. (Copergás/PE – Téc. Seg. Trabalho – FCC – Jul./2016 – Adaptada)

O segmento reescrito corretamente com a forma verbal sublinhada na voz passiva correspondente está em:

a) *A vida na Terra* <u>*enfrenta*</u> *perigos astronômicos*... / Perigos astronômicos são enfrentados pela vida na Terra...

b) *Não é sábio* <u>*manter*</u> *todos os novos ovos em uma cesta frágil*... / Não é sábio que se mantesse todos os novos ovos em uma cesta frágil...

c) *Mas antes de* <u>*projetar*</u> *naves espaciais*... / Mas antes que projetarão-se naves espaciais...

d) *Uma prioridade é desenvolver câmeras, instrumentos e sensores em miniatura.* / Uma prioridade é ser desenvolvido câmeras, instrumentos e sensores em miniatura.

e) ... *mas ainda enfrenta barreiras tecnológicas.* / ... mas ainda enfrentaram-se barreiras tecnológicas.

5. (Eletrobras/Eletrosul – Téc. Seg. Trab. – FCC – Jun./2016 – Adaptada)

Os revestimentos das paredes isolam o calor.

Essa oração está corretamente reescrita na voz passiva em:

a) Isola o calor os revestimentos das paredes.

b) O calor é isolado pelos revestimentos das paredes.

c) Isolam-se o calor ao ser revestido as paredes.

d) O calor é que isola os revestimentos das paredes.

e) Os revestimentos das paredes são isolado do calor.

6. (TRT14R – Téc. Jud. – Área Adminis. – FCC – Fev./2016)

O marechal organizou o acervo...

A forma verbal está corretamente transposta para a voz passiva em:

a) estava organizando

b) tinha organizado

c) organizando-se

d) foi organizado

e) está organizado

7. (Copergás/PE – Analista Administrador – FCC – Jul./2016)

Transpondo-se para a voz passiva a frase **Um dos guardas seguia a velhinha para que a flagrasse como contrabandista**, as formas verbais resultantes deverão ser

a) era seguida – fosse flagrada

b) tinha seguido – vir a flagrá-la

c) tinha sido seguida – se flagrasse

d) estava seguindo – se tivesse flagrado

e) teria seguido – tivesse sido flagrada

8. (Eletrobras/Eletrosul – Adm. Empres. – FCC – Jun./2016)

Transpondo-se para a voz **ativa** a frase ***Eficazes sistemas de irrigação teriam sido utilizados pelos antigos em suas culturas de cereais***, a forma verbal resultante deverá ser

a) seriam utilizados.

b) teriam utilizado.

c) foram utilizados.

d) utilizaram-se.

e) haveriam de utilizar.

Leia o texto a seguir para responder à questão 9.

Designado para fazer a crítica dos espetáculos líricos de setembro de 1846 a outubro do ano seguinte no **Jornal do Comércio**, Martins Pena se revelou um profundo conhecedor da arte cênica, tanto no que se refere à prática teatral (cenário, representação, maquinarias) quanto a sua história, sendo não raro seus incisivos argumentos a causa de grandes polêmicas no teatro representado na corte brasileira.

Pena ganhou evidência como comediógrafo a partir de 1838, ano em que foi encenada sua peça **O Juiz de Paz na Roça**. Embora tenha produzido alguns dramas (que lhe renderam duras críticas), destacou-se de fato pelas suas comédias e farsas, nas quais retratou a cultura e os costumes da sociedade do seu tempo.

Nas suas obras, Pena buscou uma tomada de consciência de um momento da história de nosso país, que recém adquiria uma limitada independência, e tentou pensar criticamente nossa cultura, com as restrições que o contexto impunha ao trabalho intelectual, desvencilhando-se da tradição clássica, das comédias francesas, do teatro lírico e do melodrama, para criar uma nova comédia com traços muito pessoais, o que lhe garantiu sucesso imediato em seu tempo e um significado ímpar na história do teatro brasileiro.

Disponível em: <www.questaodecritica.com.br> (com adaptações).

9. (INSS – Analista Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

Julgue o item subsequente, que versa sobre os sentidos e os aspectos linguísticos do texto acima, como Certo (C) ou Errado (E).

A substituição de " destacou-se" (l. 6) por foi destacado prejudicaria o sentido original do período.

Leia o texto a seguir para responder à questão 10.

Texto II

O índio não teve muita sorte na literatura brasileira, depois do Romantismo. Enquanto nas letras hispano-americanas viceja um esplêndido indigenismo pelo século XX adentro, com tantos e tão importantes criadores dedicando-se a transpor o índio para a ficção, no Brasil se podem contar nos dedos das mãos os casos.

Torna a trazer o assunto à baila o aparecimento e grande vendagem de **Maíra**, romance de Darcy Ribeiro. O renomado antropólogo já tinha em seu acervo de realizações uma respeitável brasiliana, incluindo vários trabalhos sobre os índios, um dos quais, a história de Uirá, fora transformado em filme no início da década de 70. **Maíra** é, portanto, a primeira incursão do autor pelo épico, a menos que se considere a história de Uirá como uma primeira aproximação ao gênero.

O relato, como o filme, dá conta do trágico percurso de Uirá, da tribo Urubu-Kaapor, no Maranhão deste século, o qual um dia fica *iñaron* quando, após muitas desgraças comuns ao destino dos índios brasileiros, como fome, espoliação, epidemias, perseguições, perde também um dos filhos.

A palavra tupi *iñaron* designa um estado de fúria sagrada, associado ao sofrimento excessivo, não deixando de lembrar as

famosas fúrias dos heróis gregos: Hércules, uma vez acometido por um desses acessos, enviado pela vingativa Hera, matou, sem o saber, seus três filhos e esposa, tal como vem narrado na tragédia **Héracles Furioso**, de Eurípedes. Nas **Bacantes**, do mesmo autor, Agave, fora de si, participa do desmembramento de seu filho adulto, Penteu, rei de Tebas. E talvez o mais formidável exemplo seja o da cólera de Aquiles, que dá nascimento à inteira composição da **Ilíada**, desencadeada por sua recusa a continuar lutando. Devido à recusa de Aquiles, quase foi perdida a guerra de Troia e, não fosse sua fúria, o poema não teria sido composto.

Em meio ao furacão histórico da fase do capitalismo selvagem no país, quando o acirramento da acumulação leva multinacionais e suas cabeças-de-ponte nacionais a apropriar-se dos mais recônditos confins com vistas ao lucro, encontram-se, estonteados, os índios. O único problema dos Mairum – nome inventado, tribo arquetípica de todas as tribos, povo de Maíra – é como sobreviver e como fazer sua cultura sobreviver, com crescente dificuldade.

O romance inteiro soa como uma lamentação, um carpir sobre o fim de uma civilização das mais admiráveis. Seus trechos mais bem realizados são aqueles nos quais uma espécie de narrador coletivo índio dá conta de sua maneira de ver o mundo, de como compreende e interpreta seus hábitos e tradições; e, o que é mais importante, franqueia para o leitor seu tremendo desejo de sobrevivência e alegria de viver.

A produção e publicação de um romance como esse, agora, mostra como o índio está mais vivo do que nunca em sua conexão com a literatura brasileira. Tampouco deve ser uma coincidência que, neste exato momento, outras ficções, filmes, romances, peças de teatro, novelas de televisão, canções, estejam sendo feitos, todos sobre os índios, todos lutando em defesa de sua preservação para a História. Quando há tanta desconfiança em relação à pulsão destrutiva da civilização ocidental e entre nós é tão escandaloso o capitalismo selvagem, isso pode vir a significar alguma coisa. Talvez uma postura mais cautelosa e menos arrogante, de quem está aprendendo a perceber que outras civilizações encontraram saídas melhores e, sobretudo, não suicidas para males que hoje parecem irremediáveis, como o problema do poder, da proliferação e potenciação dos armamentos, da destruição da natureza, do Estado e de seu aparelho, da igualdade nunca encontrada. A alegoria da moça branca morta ao parir mestiços mortos poderá significar também o caráter heteroletal e autoletal da etnia branca? Pode ser que a importância da civilização indígena esteja, final e penosamente, penetrando na consciência do corpo social brasileiro.

Walnice Nogueira Galvão. Indianismo revisitado. In: *Esboço de figura – Homenagem a Antonio Candido*. São Paulo: Duas Cidades, 1979, p. 379-89 (com adaptações).

10. (Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Acerca das relações semântico-sintáticas e do vocabulário do texto II, julgue (C ou E) o item seguinte.

Mantendo-se a correção gramatical do texto, o segmento “ fora transformado em filme” (l. 7) poderia ser reescrito da seguinte forma: “ foi transposto para o cinema”.

11. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016 – Adaptada)

Considere-se o seguinte trecho, que está construído na voz ativa e tem verbo transitivo: “ Eu olhava tudo”

O mesmo tipo de construção ocorre em:

a) O apelido de Clarice Lispector era Flor-de-Lis.

b) Clarice virou cidadã brasileira no ano de 1943.

c) Clarice é uma das escritoras mais importantes de nossa literatura.

d) O prêmio literário Jabuti foi duas vezes concedido a Clarice Lispector.

e) Os editores da época recusaram os textos muito reflexivos de Clarice.

Leia o texto a seguir para responder à questão 12.

O Subsecretário de Aduana e Relações Internacionais da Receita Federal comentou os resultados das atividades aduaneiras em 2013. De acordo com o Subsecretário, os números corroboram uma série de avanços nos processos administrados pela Receita Federal como, por exemplo, na questão de controle de exportações e importações. "Dentro da diretriz de ter mais agilidade, celeridade e transparência, conseguimos reduzir tempos de despacho aduaneiro tanto na exportação quanto na importação, e o destaque é que na exportação a redução do tempo foi da ordem de 34%".

Ressaltou ainda que houve melhora nos resultados de controle, com aumento nos valores de créditos lançados na auditoria, fiscalização e incremento no número de operações nas fronteiras do país. Ao longo de 2013, foram realizadas 2.999 operações de vigilância e repressão ao contrabando e descaminho. O número representa um crescimento de 11,9% em relação ao mesmo período de 2012. A apreensão total de mercadorias processadas pela Receita resultou em um montante de R$ 1,68 bilhão. Entre as mercadorias apreendidas encontram-se produtos falsificados, tóxicos, medicamentos, entre outros.

(Adaptado de: <http://www.receita.fazenda.gov.br/AutomaticoSRF/sinot/2014/02/11>. Acesso em: 17 mar. 2014.)

12. (ESAF – Receita Federal – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2014)

(Adaptada) Julgue a assertiva a seguir como "certa" ou "errada".

Prejudica-se a correção gramatical do período e a coerência textual ao se substituir "foram realizadas" (l. 9) por **realizaram-se**.

Gabarito: 1. b; 2. d; 3. b; 4. a; 5. b; 6. d; 7. a; 8. b; 9. C; 10. C; 11. E; 12. errada.

14.7. RESUMO

Bem, chegamos ao final deste tópico... Vamos sistematizar?

- Uma frase que admite transposição da ativa para a passiva é aquela que possui **VDT ou VTDI.**
- Diante de um "se" na frase, verifique a transitividade do verbo e tente **transportar tal frase para a passiva analítica. Em caso positivo, você estará diante de voz** passiva sintética e o "se" será pronome apassivador.
- **A voz passiva reescreve a ativa, com a diferença** de que a primeira enfatiza o objeto direto da segunda, que passa a funcionar como sujeito paciente.
- Na voz passiva, **não existe, portanto, objeto direto, e sim sujeito paciente, apesar de o verbo ter** transitividade direta. Por isso, atenção à concordância verbal na voz passiva sintética.

15 PERÍODO COMPOSTO

15.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Antes de tudo, vamos colocar uns pingos nos is... Você sabe a diferença entre frase, oração e período? Frase é qualquer enunciado que produza sentido. Pode ser **nominal** ("Oi!") ou **verbal** ("Cheguei!"). Já oração precisa possuir verbo: **oração é a frase verbal**. Lembra que, na escola, contávamos as orações pelo número de verbos: para cada verbo, uma oração... E o **período é a composição de orações**. Pode ser simples (nesse caso, a única oração que ele possui é a chamada oração absoluta) ou composto (com duas ou mais orações).

Observe uma assertiva, do estilo certo ou errado, de uma prova do Cespe-UnB, que buscava exatamente esse conceito:

> Um Brasil com desemprego zero. Um Brasil bem distante das estatísticas que apontam para uma taxa de desocupação em torno de 9%.
>
> 1) O primeiro período do texto tem natureza nominal.

O que é, portanto, ter natureza nominal? É não ter verbo. A assertiva é, portanto, verdadeira. Agora, caso se dissesse "O Brasil *possui* desemprego zero", aí seria uma frase verbal, e não nominal.

O período composto se subdivide em dois blocos: por **coordenação** e por **subordinação**. Lembra que, na escola, tínhamos o péssimo hábito de, para saber se o período era composto por coordenação ou subordinação, retirar uma das orações da frase para verificar se a sua ausência fazia realmente falta ao período? Se a oração saísse da frase e tudo ficasse bonito, então, ela era coordenada; no entanto, se retirada e fizesse falta, seria subordinada... Isso, por si só, não é muito estranho? Hoje, já não se deve ensinar assim. Observe:

15.2. ORAÇÕES COORDENADAS X ORAÇÕES SUBORDINADAS

> A diferença entre o período composto por coordenação e o período composto por subordinação é que as orações coordenadas só se relacionam entre si semanticamente, não sintaticamente. São independentes sob o ponto de vista sintático. Já as subordinadas recebem essa classificação por se subordinarem sintaticamente entre si.

Parece confuso? É simples: as orações coordenadas só possuem valor semântico entre si: adição, adversidade, explicação... No entanto, as subordinadas exercem função sintática (uma é sujeito da outra, objeto direto, adjunto adverbial...). Mas não é somente com base nesse critério que você vai classificar as orações. Existem outras formas ainda mais simples de você pensar. As conjunções, por exemplo, vão ajudar bastante na classificação das orações. Vamos então organizar esses conceitos?

No **período composto por coordenação**, tem-se, portanto, uma sequência de orações em que uma não exerce

função sintática da outra, ou seja: uma oração *não* é sujeito, objeto, complemento nominal, adjunto da outra. Veja um exemplo:

Encontrei meu amigo/ e cumprimentei-o.

Repare que há uma *independência* sintática, já que, ao analisarmos a primeira oração, verificamos que todos os seus *termos* (sujeito, objeto...) estão dentro dela mesmo, o mesmo ocorrendo com a segunda oração:

(Eu) – *sujeito* – encontrei – *verbo* – meu amigo – *objeto direto* / (Eu – *sujeito* – cumprimentei – *verbo* – o – *objeto direto*.)

No **período composto por subordinação**, o que se vê é uma sequência de orações em que uma é termo sintático da outra, ou seja: uma oração *é* sujeito, objeto, complemento nominal, adjunto da outra. Aqui, os termos da oração (sujeito, objeto, complemento nominal, adjuntos...) aparecem sob *forma de oração* – sujeito oracional, objeto oracional etc. Observe:

Desejo / que sejas feliz.

Nesse exemplo, há uma *dependência* sintática, pois o objeto direto do verbo *desejo* não se encontra na primeira oração, e sim na segunda.

(Eu – *sujeito* – desejo – *verbo* – (o quê?) / que sejas feliz – *objeto direto.)*

Vamos agora à divisão dessas orações. Em um quadro sucinto, teríamos:

– aditivas

– alternativas

• Orações coordenadas – adversativas

– conclusivas

– explicativas

• Orações subordinadas

– subjetivas

– objetivas diretas

– objetivas indiretas

– substantivas – completivas nominais

– predicativas

– apostivas

– agente da passiva

– causais

– comparativas

– concessivas

– adverbiais – condicionais

– conformativas

– consecutivas

– finais

– proporcionais

– temporais

– adjetivas – restritivas

– explicativas

Obs.: As orações coordenadas e as subordinadas podem aparecer sob forma *desenvolvida* – quando são introduzidas por *conjunção* ou *pronome relativo* – ou *reduzida* – quando aparecem verbos no *infinitivo*, no *gerúndio* ou no *particípio*.

15.2.1. Orações coordenadas

a) Assindéticas (sem conectivo):

Ex.: Não corra, não mate, não morra.

As orações coordenadas *assindéticas* não vêm com conectivo, com conjunção: Não corra, não mate, não morra.

b) Sindéticas (conectivas – vêm com conjunção e se dividem em):

• aditivas – exprimem ideia de soma, adição.

Ex.: Chegou [e se divertiu.]

A segunda oração *acrescenta* uma ação à ocorrida na primeira oração.

As principais conjunções são: e, nem, não só...mas também etc.

• adversativas – exprimem ideia de oposição, contraste, ressalva.

Ex.: Saiu cedo de casa, [mas chegou atrasado ao trabalho.]

A segunda oração contrasta com a informação da primeira. Se ele saiu cedo de casa, o normal seria *não* chegar atrasado.

As principais conjunções são: mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto etc.

• alternativas – exprimem ideia de alternância, escolha.

Ex.: Ora chovia, [ora fazia sol.] alternância

Fale agora, [ou se cale para sempre.] escolha

As principais conjunções são: ou, ou... ou, ora...ora, já...já, quer... quer etc.

• conclusivas – exprimem ideia de conclusão.

Ex.: Trabalhou muito, [logo foi recompensado.]

A segunda oração conclui algo mais ou menos esperado do que se afirmou na primeira.

As principais conjunções são: logo, portanto, por conseguinte, pois (quando vem posposto ao verbo) etc.

• explicativas – exprimem uma justificativa para o que se disse na outra oração.

Ex.: Aguarde um instante [pois estou chegando.]

A segunda oração explica, justifica o pedido feito na primeira.

As principais conjunções são: que, pois (antes do verbo), porque, porquanto etc.

Pelo que você deve estar percebendo, tudo isso nada mais é do que uma revisão do que estudamos lá no capítulo de conjunções. Por isso, vale sistematizar:

Para classificar uma oração coordenada, basta verificar a relação semântica entre as orações. Ela se subdivide em cinco tipos: aditiva, adversativa, alternativa, conclusiva e explicativa.

Antes de passarmos à classificação das orações subordinadas, vamos fixar um pouco esses conceitos?

Use o seguinte código para classificar as orações coordenadas destacadas abaixo:

(1) oração coordenada assindética;

(2) oração coordenada sindética aditiva;

(3) oração coordenada sindética alternativa;

(4) oração coordenada sindética adversativa;

(5) oração coordenada sindética conclusiva;

(6) oração coordenada sindética explicativa.

1. ( ) “Foi até a esquina, parou, tomou fôlego.”

Comentários: Aparecem, aqui, três orações sem estarem ligadas por conjunções. Todas são coordenadas assindéticas.

Resposta: 1.

2. ( ) Penso, *logo existo*.

Comentários: A segunda oração conclui uma afirmação feita na oração anterior.

Resposta: 5.

3. ( ) Comprou os ingressos, *porém não conseguiu assistir ao jogo.*

Comentários: O que se esperava na segunda oração era que ele conseguisse assistir ao jogo, já que comprou os ingressos. No entanto, isso *não* ocorreu.

Resposta: 4.

4. ( ) Venha *e fique à vontade.*

Comentários: Aqui, *dois* pedidos são feitos: *venha* e *fique*, um se soma ao outro.

Resposta: 2.

5. ( ) Chore, *porque alivia a dor.*

Comentários: A segunda oração *justifica* o pedido feito na anterior. Observe que a outra oração está com verbo no imperativo: isso pode ajudar a entender que a outra oração é a explicação para o conselho inicial.

Resposta: 6.

6. ( ) Ora falava sem parar, *ora se calava demoradamente.*

Comentários: As ações vão se alternando no tempo.

Resposta: 3.

7. ( ) O filho chegou *e a mãe nem notou.*

Comentários: O normal seria a mãe notar a chegada do filho, porém isso não ocorreu.

Resposta: 4.

Obs.: Essa última frase é um bom exemplo do que já mostramos na aula de conjunções: mais importante que decorar algumas conjunções é enxergar a *ideia* que se estabelece entre as orações. O *e* deste exemplo introduz um valor de *adversidade* em relação ao que se disse antes, e não adição.

15.2.2. Orações subordinadas

Agora, vamos às orações subordinadas. A oração que não possui o conectivo será chamada de oração *principal* e a

outra que se relaciona com ela será a *subordinada* (lembre-se de que, no período composto por coordenação, a oração que não tinha o conectivo era chamada de **coordenada assindética**? Aqui, em subordinação, o nome é **principal**). Quanto às subordinadas, elas se subdividem em três blocos:

a) Substantivas (equivalem a um substantivo, exercendo as funções próprias do substantivo)

Apresentam-se em forma *desenvolvida* (introduzidas pelas **conjunções integrantes que** ou **se** ou por **pronome indefinido**, **pronome** ou **advérbio interrogativo**) e em forma *reduzida* (infinitivo).

• **Subjetivas:** exercem a função sintática do sujeito.

Verbo na 3ª pessoa do singular (*convir, cumprir, importar, urgir, acontecer, parecer etc.*) seguidos de *que, se* ou de *infinitivo*.

Ex.: Urge [que chegues no horário.]

Expressões na voz passiva: *sabe-se, soube-se, diz-se, conta-se, é sabido, estava decidido etc.*

Ex.: Diz-se [que ela mentiu.]

Verbo de ligação mais predicativo: *é bom, é conveniente, está claro etc.*

Ex.: Está claro [que ela mentiu.]

Aqui vale uma dica:

Atenção: Quando o sujeito aparece sob forma de oração, normalmente aparecem essas construções (convém, importa, sabe-se, é sabido, é bom, está claro) na oração principal. A oração subordinada é sujeito da oração principal quando não se acha o sujeito da oração principal na oração principal.

Veja:

Ex.: Urge / que chegues no horário.

(or. princ.) (or. subord. subst. subjetiva)

A segunda oração é sujeito da primeira porque, ao se analisar a oração principal, não encontramos o sujeito de *urge* nessa oração: Ele urge? Alguém urge? Não tem sentido. O que se entende é: Urge isto (que chegues no horário). Na ordem, teríamos: Isto (= que chegues no horário) urge. O mesmo ocorre com os outros exemplos:

Ex.: Diz-se / que ela mentiu.

(or. princ.) (or. subord. subst. subjetiva)

Ele diz-se? Alguém diz-se?

Ou: Diz-se isto (= que ela mentiu) Na ordem:

Isto (= que ela mentiu) se diz.

Mais um exemplo:

Ex.: Está claro / que ela mentiu.

(or. princ.) (or. subord. subst. subjetiva)

Ou: Está claro isto (= que ela mentiu). Na ordem direta, teríamos:

Ex.: Isto (= que ela mentiu) está claro.

• **Objetivas diretas:** exercem a função de objeto direto.

Ex.: Espero [que ela volte logo.]

Não sei [se volto amanhã.]

Os **verbos** *espero* e *sei* são transitivos diretos. O complemento é o objeto direto.

Ex.: (Eu) Espero / que ela volte logo.

(or. princ.) (or. subord. subst. objetiva direta)

Ex.: (Eu) Não sei / se volto amanhã.

(or. princ.) (or. subord. subst. objetiva direta)

• **Objetivas indiretas**: exercem a função de objeto indireto.

Ex.: Necessito [de que me ajudem nesta tarefa.]

(or. princ.) (or. subord. subst. objetiva indireta)

O **verbo** *necessito* pede preposição obrigatória, é transitivo indireto. O complemento é o objeto indireto.

• **Completivas nominais**: exercem a função de complemento nominal.

Ex.: Tenho necessidade [de que me auxilies.]

(or. princ.) (or. subord. subst. completiva nominal)

Ex.: Tinha esperança [de que revelasses o segredo.]

(or. princ.) (or. subord. subst. completiva nominal)

Agora o que temos são os **nomes**, *necessidade* e *esperança*, que pedem preposição. O complemento de nome substantivo é complemento nominal.

• **Predicativas**: exercem a função de predicativo.

Ex.: Minha esperança é [que consiga esse emprego.]

(or. princ.) (or. subord. subst. predicativa)

Atenção: A oração subordinada é predicativa quando vem após um verbo de ligação.

- **Apositivas**: exercem a função de aposto.

Ex.: Havia uma esperança: [que contasse a verdade.]

(or. princ.) (or. subord. subst. apositiva)

A oração subordinada "que contasse a verdade" **explica** a *esperança* que havia. Aposto sob forma de oração.

- **Agente da passiva**: aparecem sem conjunção e são introduzidas por pronome indefinido, seguido de **por** ou **de**.

Ex.: Foi substituído [por quem o criticava.]

(or. princ.) (or. subord. subst. agente da passiva)

Foi substituído [por quem o criticava.]

A oração subordinada é o termo que **age** nesse período: *quem o criticava* é que o substitui.

Vamos sistematizar?

Uma boa dica para identificar facilmente uma oração substantiva é trocá-la por um substantivo ou por isto (pronome substantivo).
Após verificar que ela é subordinada substantiva, faça a análise sintática da oração principal: comece pelo verbo, pergunte por seu sujeito, seus objetos...

Vamos fixar os conceitos apreendidos?

Use o seguinte código para classificar as orações subordinadas substantivas destacadas:

(1) subjetiva;

(2) objetiva direta;

(3) objetiva indireta;

(4) completiva nominal;

(5) predicativa;

(6) apositiva;

(7) agente da passiva.

1. ( ) Reafirmo meu desejo: *que todos tenham boa sorte.*

Comentários: A oração destacada explica, esclarece o *desejo* apresentado na oração principal.

Resposta: 6.

2. ( ) Lembrou-se *de que a reunião fora adiada.*

Comentários: A oração subordinada completa um verbo transitivo indireto, vem com preposição obrigatória.

Resposta: 3.

3. ( ) É indispensável *que todos entendam o problema*.

Comentários: O sujeito do verbo da oração principal (*É*) não aparece na oração principal (Ele é indispensável?). Logo, o sujeito é toda a oração que se segue: "que todos entendam o problema". Isto é, "É indispensável isto (= que todos entendam o problema). Na ordem: Isto é indispensável.

(suj.)

Resposta: 1.

4. ( ) Tenho a impressão *de que mentiste para mim*.

Comentários: Observe que agora o termo preposicionado completa um substantivo (*impressão*), e não um verbo. Quem completa verbo é objeto; quem completa nome é complemento nominal.

Resposta: 4.

5. ( ) O pai esperava *que o filho reagisse.*

Comentários: A oração em destaque completa o sentido de um verbo transitivo direto, *não* pede preposição.

Resposta: 2.

6. ( ) O desejo da família era *que se formasse logo.*

Comentários: Temos neste período uma oração subordinada que se segue a um *verbo de ligação.* Aparecendo esse tipo de verbo, o que temos não é um objeto, e sim predicativo.

Resposta: 5.

7. ( ) Parece *que a decisão foi justa*.

Comentários: Agora, o que aparece após o verbo é o seu sujeito, pois na oração principal não encontramos o seu sujeito (Ele parece? Alguém?). Portanto, o sujeito do *parece* é toda a oração subordinada: *"Parece isto*. Na ordem: *"Isto parece"*.

(suj.)

Resposta: 1.

8. ( ) Peço a todos *que não se atrasem.*

Comentários: O verbo, nessa frase, pede dois complementos: um com preposição, objeto indireto (*a todos*) e outro sem preposição, objeto direto (*que não se atrasem*) sob forma de oração.

Resposta: 2.

b) Adverbiais: modificam o verbo, como um advérbio. Equivalem a um adjunto adverbial. São introduzidas pelas

conjunções subordinativas adverbiais (= orações desenvolvidas). Podem aparecer sob forma *reduzida* (de infinitivo, de gerúndio ou de particípio).

- **Causais**: indicam o *motivo*, a *razão* do que ocorre na oração principal.

Ex.: *Como chovia muito*, não fui à escola.

"Chover muito" foi o *motivo* que fez ele "não ir à escola".

As principais conjunções são: porque, como, já que, visto que, uma vez que...

- **Consecutivas**: indicam o *resultado* de uma ação.

Ex.: Gritou tanto *que perdeu a voz*.

Agora, "perder a voz" e o *resultado* de ter "gritado tanto", ou seja, a consequência.

As principais conjunções são: que (precedido de tão, tanto, tal), de modo que, de sorte que...

- **Concessivas**: exprimem sentido de *oposição, exceção*, *aceitar uma ideia oposta*.

Ex.: Foi à escola, *embora chovesse muito*.

Observe que o fato de "chover muito" não evitou a "ida à escola". Havia adversidade, mas não impediu que um fato ocorresse.

As principais conjunções são: embora, conquanto, mesmo que, ainda que, por mais que... Lembre-se de que, com elas, o verbo vem no subjuntivo.

- **Condicionais**: indicam uma *hipótese* para a realização de um fato.

Ex.: *Se vieres*, darei a festa.

Eu só "darei a festa" na *condição*, na *hipótese* de "vires".

As principais conjunções são: se, caso, desde que, contanto que...

- **Comparativas**: exprimem uma ideia de *comparação* entre dois termos.

Ex.: É inteligente *como o pai*.

Nesse período, a intenção é *comparar* a "inteligência do filho" com a "do pai". Nas comparativas, normalmente o verbo vem subentendido: "É inteligente como o pai (é)".

As principais conjunções são: como, que (antecedido de mais, menos), quanto, assim como...

- **Conformativas**: indicam a *conformidade* de um fato com outro.

Ex.: Não compareceu, *conforme se previa*.

De acordo com a previsão, ele *não compareceu.* Ou seja, não há contradição, já era algo esperado.

As principais conjunções são: como, conforme, consoante...

- **Finais**: indicam a *finalidade*, o *objetivo*.

Ex.: Comportaram-se *para que não fossem castigados*.

Aqui, havia um *objetivo*: "não ser castigado", por isso se comportaram.

As principais são: a fim de que, que, para que, porque...

- **Proporcionais**: relação entre duas ações em que uma delas acarreta *mudança* na outra.

Ex.: *À medida que o tempo passava*, ia ficando mais preocupado.

Nessa frase, observamos que "a preocupação ia aumentando" na mesma proporção que o "tempo passava".

As principais conjunções são: à medida que, à proporção que, ao passo que...

- **Temporais**: indicam o *momento* em que ocorre um fato.

Ex.: *Quando chegou*, todos o aplaudiram.

Os "aplausos" aconteceram no *momento* de sua chegada, indicando um tempo simultâneo.

As principais conjunções: quando, mal, enquanto, desde que, logo que...

Vale sistematizar: As orações subordinadas adverbiais são aquelas que indicam circunstâncias ao verbo da oração principal (tempo, causa, finalidade etc.) Uma forma simples de classificá-las é se guiar pelas conjunções que as iniciam: são as conjunções subordinativas adverbiais.

Antes de treinarmos, vamos falar do último bloco das orações subordinadas: **as orações subordinadas adjetivas**.

c) Adjetivas

Quanto às orações adjetivas, entenda que:

As orações adjetivas, por terem um valor adjetivo, referem-se ao substantivo da oração principal. Quando desenvolvidas, iniciam-se por um pronome relativo, que é conectivo que retoma o substantivo ou o pronome substantivo da oração principal. Podem aparecer sob forma reduzida (de infinitivo, de gerúndio ou de particípio).

Fácil reconhecê-las, não é? Saiba ainda que a oração adjetiva funciona como adjunto adnominal de um substantivo ou pronome da oração principal, ora tendo **função restritiva** (sem vírgulas), outras vezes com **função explicativa** (entre vírgulas). Assim:

"O homem / *que trabalha* / perde tempo precioso."

or. sub. adj. restritiva

Aqui, a oração em destaque refere-se ao substantivo *homem*, é seu adjunto adnominal e tem valor semântico de restrição: está-se falando aqui de um homem específico – o homem *que trabalha*, e não de qualquer homem. Agora, perceba a diferença para este outro exemplo:

Fernanda / *que é ótima aluna*, / obedece aos pais.

or. sub. adj. explicativa

Entenda que, nesse caso, a oração destacada também é adjunto adnominal do seu substantivo antecedente *Fernanda*, só que, agora, tem valor de explicação, é uma *informação adicional*, e não uma restrição. Por isso, a oração veio entre vírgulas.

A essa altura, você pode estar um pouco confuso com tantas informações: qual seria, então, a diferença entre a oração adjetiva restritiva e a explicativa? As duas têm, sintaticamente, a mesma função: são adjuntos adnominais, só que, *quanto ao sentido* são diferentes: uma restringe, a outra explica. Ou seja, a primeira se refere ao antecedente particularizando-o. A segunda se refere ao antecedente de maneira geral.

Após ter entendido bem o conceito de oração adjetiva, vale sistematizar:

Oração adjetiva é aquela que se inicia com pronome relativo (que, quem, o qual etc.).
Sintaticamente, ela será sempre um adjunto adnominal do substantivo antecedente.
Semanticamente, ela pode restringir (sem vírgulas) ou explicar (entre vírgulas, ou, se vier ao final do período, com uma vírgula e um ponto) esse substantivo. Daí, poder ser chamada de restritiva ou explicativa.

Agora sim, vamos treinar.

Use o código abaixo para classificar as orações subordinas adverbiais ou adjetivas destacadas:

(1) oração subordinada adverbial causal;

(2) oração subordinada adverbial consecutiva;

(3) oração subordinada adverbial concessiva;

(4) oração subordinada adverbial condicional;

(5) oração subordinada adverbial comparativa;

(6) oração subordinada adverbial conformativa;

(7) oração subordinada adverbial final;

(8) oração subordinada adverbial proporcional;

(9) oração subordinada adverbial temporal;

(10) oração subordinada adjetiva restritiva;

(11) oração subordinada adjetiva explicativa.

1. ( ) O que você faria *se ela entrasse por aquela porta*?

Comentários: A oração subordinada estabelece uma *condição* para o que se questiona na principal.

Resposta: 4.

2. ( ) *Antes que essa coluna fosse publicada*, tomei a decisão.

Comentários: A "tomada de decisão" se deu *antes* da publicação da coluna.

Resposta: 9.

3. ( ) "Coisas *que passaram* e pessoas *que perdi* estão comigo, nas belas memórias."

Comentários: Agora, o conectivo *que*, nas duas passagens, *retoma um antecedente*, é pronome relativo. Como não aparece vírgula antecedendo esses conectivos, restringem, particularizam os antecedentes.

Resposta: 10.

4. ( ) "Nossa aventura existencial terá mais ou menos chance *à medida que esse chão for confiável*."

Comentários: Ao se usarem os conectivos *à medida que*, *à proporção que*, *ao passo que*, o que se quer é estabelecer uma ideia de proporção.

Resposta: 8.

5. ( ) "Eu, *que ia escrever sobre viagens*, acabo escrevendo sobre música ruim."

Comentários: Mais um exemplo em que o conectivo *que* retoma um antecedente. Mas, ao se usarem as vírgulas, a finalidade é a de *explicar* o que "eu iria escrever".

Resposta: 11.

6. ( ) *Conquanto estivesse descontente*, não desistia do plano.

Comentários: O fato de "ele estar descontente" não impediu que insistisse no plano, ou seja, o obstáculo não impediu que um fato ocorresse.

Resposta: 3.

7. ( ) *Segundo previu o economista*, o mercado se estabilizou.

Comentários: O "mercado se estabilizou" *de acordo com* a previsão do economista.

Resposta: 6.

8. ( ) As vendas subirão, *uma vez que os juros baixaram*.

Comentários: É por *causa* de "os juros terem baixado" que as vendas subirão, relação de causa e efeito.

Resposta: 1.

9. ( ) A comida era tão boa *que todos silenciaram em volta da mesa*.

Comentários: O "silêncio" é a consequência de "a comida estar saborosa", ou seja, foi por causa disso que todos silenciaram.

Resposta: 2.

10. ( ) As mulheres sempre são mais maldosas *que os homens*.

Comentários: Entre essas duas orações, há a intenção de se *comparar* a *maldade* das mulheres com a dos homens, em um grau de superioridade.

Resposta: 5.

11. ( ) Faremos esforço, *para que não haja conflitos*.

Comentários: O "esforço" vai ser feito com a *finalidade* de "não haver conflitos."

Resposta: 7.

12. ( ) *Mal se sentou na cadeira presidencial*, passou a ver conspirações em tudo.

Comentários: A oração destacada mostra o *momento* em que "passou a ver conspirações": quando se sentou na cadeira presidencial.

Resposta: 9.

13. ( ) Os juros custam caro para o governo, *que é o maior devedor do país*.

Comentários: Mais um período em que o conectivo *que* retoma um *antecedente*, antecedido de vírgula.

Resposta: 11.

14. ( ) *Mesmo que insista no pedido*, não irei à posse do prefeito.

Comentários: O fato de "insistir no pedido" deveria ser suficiente para ele "ir à posse", porém isso *não* ocorre.

Resposta: 3.

15.3. AS FUNÇÕES SINTÁTICAS DO PRONOME RELATIVO

Como concursando é o cara que não tem paz nunca, vamos à próxima etapa: diante de uma oração adjetiva, é comum que as bancas perguntem ao aluno a função sintática do pronome relativo que a inicia. É exatamente isso: o

pronome relativo pode ser sujeito, objeto direto, complemento nominal etc., na oração adjetiva a que ele pertence. Para descobrir sua função, basta substituir o pronome relativo por seu antecedente e colocar a oração adjetiva na ordem direta. Observe:

"A verdade é tudo aquilo / que os políticos negam."

(= aquilo)

Organizando a frase: Os políticos negam aquilo. (= objeto direto)

Logo, o *que* será objeto direto.

Sabemos que não parece tão simples assim. Se análise sintática, por si só, já é um assunto muitas vezes complicado para o aluno, podemos imaginar o quanto pareça complexo ter de detectar a função sintática de um *que, cujo* etc.

Por isso, achamos melhor criar um passo a passo para você chegar à classificação do relativo, sem o risco de se confundir com as muitas informações que, na maioria das vezes, o período apresenta. Assim, leia com atenção nossas orientações:

Instruções para a classificação da função sintática do pronome relativo:
1. Isolar a oração adjetiva.
2. Destacar o pronome relativo presente na oração adjetiva e substituí-lo por seu antecedente na oração principal.
3. Colocar a oração adjetiva na ordem direta (sujeito → verbo → complementos).
4. Não confundir a função sintática do pronome relativo com a função do seu antecedente na oração principal.

Vamos treinar? Nas frases a seguir, classifique as orações adjetivas destacadas e dê a função sintática dos pronomes relativos que as iniciam:

1. "As pessoas que a gente ama deviam morrer com todas as suas coisas."

Comentários: Antecedente do relativo: *pessoas*. Colocando a oração adjetiva na ordem direta, teríamos: "a gente ama as pessoas". *Pessoas* é objeto direto do verbo *amar*. Logo, o *que* é objeto direto. Atenção para não confundir a função do *que* com a função sintática do substantivo *pessoas* na oração principal, que é sujeito da locução verbal *deviam morrer*. Por isso, é tão importante isolar a oração adjetiva: de outra forma, você poderia se perder na sua leitura e acabar por fazer a análise sintática da oração principal *As pessoas deviam morrer com todas as suas coisas*.

Resposta: que = objeto direto.

2. Aquele era o lugar onde as pessoas tomavam chá.

Comentários: O pronome relativo *onde* retoma o substantivo *lugar*. Na ordem direta, a oração adjetiva deve ficar: "as pessoas tomavam chá **no lugar**". Ora, *no lugar* traz ideia circunstancial ao verbo, sendo, portanto, seu adjunto adverbial de lugar. Aliás, como o pronome relativo *onde* indica circunstância de lugar, ele será sempre adjunto adverbial de lugar.

Resposta: onde = adjunto adverbial de lugar.

3. As roupas que ia vestir já estavam passadas.

Comentários: O pronome relativo *que* retoma o substantivo *roupas*. A oração adjetiva, na ordem direta, ficaria: "ia vestir *as roupas*". A expressão destacada é objeto direto do verbo *vestir*.

Resposta: que = objeto direto.

4. "Aqueles que aceitam ceder liberdades essenciais em troca de segurança temporária não merecem nem segurança nem liberdade."

Comentários: O pronome relativo retoma o pronome demonstrativo antecedente *aqueles*. A oração adjetiva já está na ordem direta. Substituindo o relativo por seu antecedente, teríamos: "*Aqueles* aceitam ceder liberdades essenciais...". *Aqueles* é sujeito do verbo *aceitam*. Logo, o pronome *que* tem a mesma função.

Resposta: que = sujeito.

5. Pelas alamedas, o que se ouvia era música americana.

Comentários: A palavra *que* retoma o demonstrativo *o* (= *aquilo*). Na ordem direta, a oração adjetiva ficaria "*Aquilo* se ouvia", que é o mesmo que "aquilo era ouvido" (voz passiva analítica). *Aquilo* é sujeito de ouvia, portanto, o *que* é sujeito. Cuidado com o pronome **se** apassivador, passe a frase para a passiva analítica, o que torna mais fácil a análise dos termos.

Resposta: que = sujeito.

6. É singular o grau de desinteresse que os alunos mostram pelo livro didático.

Comentários: O pronome *que* retoma o substantivo *grau* da expressão *grau de desinteresse*. Na ordem direta, teríamos: "os alunos mostram *o grau de desinteresse* pelo livro didático". O verbo *mostrar* é transitivo direto nessa frase. Logo, o *que* é objeto direto.

Resposta: que = objeto direto.

7. Prefiro o que ele foi ao que ele é.

Comentários: Muita calma agora... Vamos analisar cada oração adjetiva: na primeira, o *que* retoma o pronome demonstrativo *o* (= *aquilo*). Assim, na ordem direta, teríamos: "ele foi *aquilo*". Ora, diante do verbo de ligação *foi*, temos a certeza de que o *que* é predicativo do sujeito.

Verifique que o mesmo ocorre na outra oração adjetiva: o pronome *que* retoma o pronome demonstrativo *o* da combinação *ao*. Dessa forma, na ordem direta, a segunda oração adjetiva deve ficar assim: "ele é *aquilo*". De novo, um verbo de ligação (*é*): o pronome relativo é, novamente, predicativo do sujeito.

Resposta: 1º que = predicativo do sujeito./2º que = predicativo do sujeito.

8. A morte é a única coisa de que tenho medo.

Comentários: O pronome relativo *que* retoma *coisa*. Colocando a oração adjetiva na ordem direta, teríamos: "tenho medo *da coisa*". A expressão destacada refere-se ao substantivo *medo*, completa esse termo e tem valor passivo, é *seu complemento nominal*.

Resposta: que = complemento nominal.

9. "Aqueles a quem os deuses amam morrem jovens."

Comentários: O pronome relativo *quem* retoma o pronome demonstrativo *aqueles*. Na ordem direta, a oração adjetiva fica: "Os deuses amam *àqueles*." Você observou que o pronome *quem* veio antecedido da preposição *a*? Veja também que o verbo *amar* é *transitivo direto*, não pede preposição, mas ainda assim ela apareceu. É o objeto direto preposicionado: a preposição aparece para dar ênfase ao verbo.

Resposta: quem = objeto direto preposicionado.

10. A amiga com quem andas não é muito confiável.

Comentários: O pronome relativo *quem* retoma o substantivo *amiga*. Assim, a frase destacada, na ordem direta, ficaria: "Andas *com a amiga*". A expressão *com a amiga* indica circunstância de companhia para o verbo a qual se refere *andas*.

Resposta: quem = adjunto adverbial de companhia.

11. Chegou a pessoa por quem fui representado.

Comentários: O pronome *quem* retoma o substantivo *pessoa.* Na ordem direta, teríamos: "fui apresentado *pela pessoa*". Percebeu que a locução verbal *fui apresentado* indica que a frase está na voz passiva analítica (o sujeito *eu* sofre a ação, é paciente)? O termo *pela pessoa* é o elemento que age, que *exerce a ação na voz passiva*. É, portanto, o agente da passiva. Lembre-se de que você só substituiu o pronome *quem* pelo substantivo *pessoa* para saber a função sintática do relativo, e não do substantivo *pessoa.* Só estamos falando isso para lembrar que o relativo *quem* é que é o agente da passiva, e o substantivo *pessoa* é sujeito da oração principal "Chegou a pessoa". **Cada um terá a sua função sintática na oração a que pertence.**

Resposta: quem = agente da passiva.

12. A música de Noel, cuja repercussão vara os tempos, é dotada de grande variedade melódica.

Comentários: *Cuja* está substituindo o substantivo *música*, da expressão *A música de Noel.* Na ordem direta, teríamos: A repercussão *da música de Noel* vara os tempos. Perceba a ideia de posse que existe no termo *da música de Noel*, que se refere ao substantivo *repercussão*. Trata-se, portanto, de *adjunto adnominal*. Nas provas de concursos públicos, o pronome relativo *cujo* e suas variações (*cuja, cujos, cujas*) normalmente são adjuntos adnominais, pois indicam valor semântico de posse.

Resposta: cuja = adjunto adnominal.

13. Invento novas dificuldades a que dedico horas.

Comentários: A palavra *que* retoma o substantivo *dificuldades*. Na ordem direta, teríamos: "Dedico horas *às novas dificuldades*". Perceba a regência do verbo *dedicar:* quem dedica, nessa frase, dedica algo a alguém ou a alguma coisa; ele é transitivo direto e indireto. Seu objeto direto é o substantivo *horas* e seu objeto indireto, o pronome relativo *a que*.

Resposta: que = objeto indireto.

15.4. ORAÇÕES REDUZIDAS

Vamos concluir este capítulo com as **orações reduzidas**, que são aquelas que apresentam o seu verbo (principal ou auxiliar, este último nas locuções verbais) no **infinitivo**, **gerúndio** ou **particípio**. Elas recebem este nome – reduzidas – porque perderam a conjunção ou o pronome relativo. Observe:

É preciso seguir em frente. (reduzido de infinitivo)

Precisando de ajuda, chamou-me. (reduzido de gerúndio)

Chegada a hora, saiu rapidamente. (reduzida de particípio)

Precisando chegar na hora marcada, saiu voando. (reduzida de gerúndio, locução verbal)

Obs.: Em geral, uma oração reduzida pode ser reescrita em desenvolvida. (iniciada por conjunção ou pronome relativo)

Ex.: É preciso seguir em frente. (= É preciso que você siga em frente.)

Precisando de ajuda, chamou-me. (= Como precisava de ajuda, chamou-me.)

Chegada a hora, saiu rapidamente (= Quando chegou a hora, saiu rapidamente.)

Vamos ver isso na prática? Para cada frase a seguir, proceda da seguinte forma:

a) Desenvolva a oração reduzida.

Lembre-se de que desenvolver uma oração é acrescentar a conjunção ou o pronome relativo. Antes de escolher o conector adequado, verifique se ela é substantiva, adjetiva (referindo-se a um substantivo ou pronome antecedente na oração principal) ou adverbial (com ideia circunstancial).

b) Classifique a oração reduzida.

Não se esqueça de olhar para o verbo antes de classificar: ele virá na forma nominal (infinitivo/gerúndio/particípio). Se a oração apresentar locução verbal, é para o verbo auxiliar que você deverá olhar a fim de saber se a oração é reduzida de infinitivo, gerúndio ou particípio.

1. Sua palavra foi a primeira a perder o significado.

Comentários: A oração se refere ao termo antecedente (*primeira*), restringindo esse termo. Trata-se, portanto, de oração adjetiva; para desenvolvê-la, basta acrescentar o pronome relativo.

Assim, teríamos: "Sua palavra foi a primeira *que perdeu o significado*".

Resposta: oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de infinitivo.

2. Nada conseguindo, a mais nova fugiu.

Comentários: Veja que a oração em destaque indica circunstância de causa para aquela a que ela se refere. Assim, desenvolver essa oração significa acrescentar qualquer conjunção subordinativa adverbial causal (como, já que, visto que...). Uma sugestão: "Já que nada conseguira, a mais nova fugiu".

Resposta: oração subordinada adverbial causal reduzida de gerúndio.

3. "Se dependesse de mim, teria vetado a roda por não se parecer nada com o pé."

Comentários: Mais uma vez, um valor semântico de causa. Utilize, portanto, qualquer conjunção causal. Uma possível resposta: "Se dependesse de mim, teria vetado a roda, porque não se parece nada com o pé".

Resposta: oração subordinada adverbial causal reduzida de infinitivo.

4. "O liberalismo pensa estar defendendo o indivíduo ao negar a primazia do social ou ao dizer que uma sociedade é apenas um conjunto de ambições autônomas."

Comentários: A combinação *ao* normalmente indica tempo (= *quando*). Veja que as orações, de fato, indicam circunstância de tempo. Desenvolvendo-as, teríamos: "O liberalismo pensa estar defendendo o indivíduo quando nega a primazia do social ou quando diz que uma sociedade é apenas um conjunto de ambições autônomas".

Resposta: orações adverbiais temporais reduzidas de infinitivo.

5. Peço-te saíres da minha vida!

Comentários: Veja que a oração em destaque vale por um substantivo (= "Peço-te *isto*."). Ao desenvolvê-la, portanto, basta acrescentar a conjunção integrante *que*. Assim, teríamos: "Peço-te que saias da minha vida!"

Percebeu que o verbo *pedir* é transitivo direto e indireto e que a oração é o seu objeto direto?

Resposta: oração subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo.

6. Terminada a aula, todos se retiraram.

Comentários: A oração destacada indica circunstância de tempo à oração principal. Portanto, desenvolva-a acrescentando uma conjunção temporal (*quando, assim que, logo que* etc.). Uma sugestão: Assim que terminou a aula, todos se retiraram.

Resposta: oração subordinada adverbial temporal reduzida de particípio.

7. É preciso diminuir as distâncias sociais.

Comentários: Não é o mesmo que dizer "É preciso *isto*"? A oração em destaque é, portanto, substantiva. Desenvolva-a acrescentando uma conjunção integrante (*que*). Assim, teríamos: É preciso que diminuam as distâncias sociais.

Percebeu que ela é *sujeito* da oração principal ("*Isto* é preciso")?

Resposta: Oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo.

8. Há muitos alunos estudando com afinco.

Comentários: A oração destacada tem valor adjetivo: refere-se ao substantivo *alunos* da oração principal. Quando desenvolvida, deve-se iniciar, portanto, com pronome relativo. Dessa forma, teríamos: "Há muitos alunos que estudam com afinco".

Como ela vem sem vírgulas, restringe o substantivo antecedente, sendo, portanto, restritiva.

Resposta: oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de gerúndio.

9. Apesar de ser torcedor fanático, não vai aos estádios.

Comentários: *Apesar de* é locução prepositiva com valor de oposição, concessão. Lembre-se de que desenvolver a oração é substituir a preposição por uma conjunção de mesmo valor semântico. Caberia, aqui, qualquer conjunção subordinativa adverbial concessiva (*embora, conquanto, ainda que, se bem que* etc.). Assim, a oração desenvolvida poderia ser: Embora seja torcedor fanático, não vai aos estádios.

O valor semântico da oração não é de concessão? Então, ela é subordinada adverbial concessiva.

Resposta: oração subordinada adverbial concessiva reduzida de infinitivo.

15.5. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Classifique as orações coordenadas em destaque.

1. "Não desejo nada, não temo nada. Sou livre."

_____

2. Sente aqui, que precisamos conversar.

_____

3. "Dario abre a boca, move os lábios, não se ouve resposta."

_____

4. "Apaguei as luzes do carro e acelerei."

_____

5. Três quartos da população do Afeganistão não sabem ler nem escrever.

_____

6. A irmã mais nova dominava perfeitamente o inglês, pois estudara em escolas americanas.

_____

7. Eu odeio telefone celular, mas acabei tendo um, como todo mundo.

_____

8. Trabalhou com afinco durante anos naquela empresa e não obteve reconhecimento.

_____

9. Ora estava alegre, ora ficava calado em um canto.

_____

10. Eles se admiravam, contudo não se falavam.

_____

11. "As provas intrínsecas são criadas pelo orador; dependem, pois, de seu método e de seu talento pessoal."

_____

II. Classifique as orações subordinadas substantivas em destaque.

1. Quem fala em flor não diz tudo.

_____

2. Sou favorável a que o aprovem.

_____

3. Meu desejo é que você passe nos exames.

_____

4. Desejo-te isto: que sejas feliz.

_____

5. Lembre-se de que sonhos sem riscos produzem conquistas sem méritos.

_____

6. Parece claro que os juros falam mais alto.

_____

7. Não se sabe se ele agiu conforme as normas da empresa.

_____

8. Os indicadores econômicos mostram que não houve nenhuma catástrofe.

_____

9. "Muito acerta quem suspeita que sempre erra."

_____

10. O Banco Central calcula que algumas dezenas de novas instituições poderão gerir mais fundos de aposentadoria.

_____

11. Tenho necessidade de me apoiares nesta complicada situação.

_____

12. Ninguém nega que o país passou a viver um sério quadro de déficit público, a partir da crise asiática.

_____

13. Vejam como é bom ser feliz.

_____

14. Viu chegarem os convidados.

_____

15. "Lembre-se de que Deus está do lado."

_____

16. Não sei se a história é verdadeira.

_____

17. Naquele momento, teve a intuição de que entrara em uma aeronave errada.

_____

18. "Ainda nos é impossível estimar a importância de Saramago para o idioma português."

_____

19. Não imaginava onde estava entrando.

_____

20. Tem certeza de que essa é a sua casa?

_____

III. Classifique as orações subordinadas adjetivas e dê a função sintática do pronome relativo.

1. É melhor uma verdade que dói do que uma mentira que conforta.

_____

2. Os juros custam caro para o governo, que é o maior devedor do país.

_____

3. "Todo país onde não me entedio é um país que nada me ensina."

_____

4. "O contato com esse mundo de perfeição, beleza, coerência e racionalidade, que é o mundo da boa literatura, torna os leitores muito mais conscientes do mundo em que vivem."

_____

5. Noel Rosa procurou escrever sobre tudo quanto expressasse o jeito de ser carioca.

_____

6. Diga-me a hora em que ele virá para cá.

_____

7. Sabemos perfeitamente o que lhe acontece.

_____

IV. Classifique as orações subordinadas adverbiais destacadas.

1. As previsões de crescimento continuam mais baixas que as do ano passado.

_____

2. Se o cenário externo permitir, o governo ousará mais.

_____

3. Conforme previu o economista, o mercado estabilizou-se.

_____

4. O consumidor ficou inadimplente porque gastou mais do que podia.

_____

5. Eles compunham uma grande coleção, que foi se dispersando à medida que seus filhos se casavam.

_____

6. Era tal sua generosidade, que ouvia a todos.

_____

7. Falou alto para que todos escutassem.

8. Conquanto estivesse descontente, não desistia do plano.

9. "O ar da tia era tão jovem, a exortação tão meiga e cheia de um perdão antecipado, que ela achou ali uma confidente e amiga."

V. Classifique as orações subordinadas (substantivas, adjetivas ou adverbiais) destacadas.

1. É urgente reconhecer a necessidade de um trabalho mais efetivo com a palavra.

2. Quem tem a palavra detém o poder.

3. Mudar a sociedade é mudar o homem.

4. Sei que esperavas desde o início que eu te dissesse hoje o meu canto solene.

5. Sei que a única alma que eu possuo é mais numerosa que os cardumes do mar.

6. Basta que ele tenha existido para que a memória o corrompa com lembranças superpostas.

7. Não sei no que pensa.

8. A escola não está vencendo o desafio de alfabetizar funcionalmente a parcela da população que consegue chegar a ela.

9. Entende-se bem que D. Tonica observasse a contemplação dos dois.

10. Ao analisar o desempenho da economia brasileira, os empresários afirmaram que os resultados eram bastante razoáveis.

11. Se quiserem, serão beneficiados com a comenda.

12. Todos aqui sabem se eles virão ao culto esta noite?

13. É certo que as coisas melhorarão daqui em diante.

14. Alguém percebeu, logo, que tudo era uma farsa.

15. Dê-me a caixa que está sobre a mesa.

16. "Para amamentar o próprio filho, até que este complete seis meses de idade, terá a mulher direito, durante a jornada, a dois descansos especiais, de meia hora cada um."

17. Pergunte hoje a uma pessoa qualquer o que o Brasil precisa fazer para sair da crise.

18. Não me esquecerei de que, vigorando a lei, estará perdido.

19. A verdade é que preciso deste emprego.

20. "Devagar se vai ao longe, mas, quando se chega lá, não se encontra mais ninguém."

21. "Pensei que todas as pessoas deveriam sair por aí sem rumo, para poder achar o elo perdido em seu interior."

22. "Quem determina a maciez da cama é o nível de ansiedade da nossa mente."

VI. Classifique as orações reduzidas em destaque e desenvolva-as.

1. Criticar as viagens internacionais do Presidente da República ou de outros dirigentes parece despropositado.

2. "O Estado moderno, não obstante apresentar-se como um Estado minimalista, é potencialmente um Estado maximalista."

Gabarito: I – 1. oração coordenada assindética/oração coordenada assindética/oração coordenada assindética; 2. oração coordenada sindética explicativa; 3. oração coord. assindética, oração coord. assindética, oração coord. assindética; 4. oração coordenada sindética aditiva; 5. oração coordenada sindética aditiva; 6. oração coordenada sindética explicativa; 7. oração coordenada sindética adversativa; 8. oração coordenada sindética adversativa; 9. oração coordenada sindética alternativa; 10. oração coordenada sindética adversativa; 11. oração coordenada sindética conclusiva.

II – 1. oração subordinada substantiva subjetiva; 2. oração subordinada substantiva completiva nominal; 3. oração subordinada substantiva predicativa; 4. oração subordinada substantiva apositiva; 5. oração subordinada substantiva objetiva indireta; 6. oração subordinada substantiva subjetiva; 7. oração subordinada substantiva subjetiva; 8. oração subordinada substantiva objetiva direta; 9. oração subordinada substantiva subjetiva; 10. oração subordinada substantiva objetiva direta; 11. oração subordinada substantiva completiva nominal (reduzida de infinitivo); 12. oração subordinada substantiva objetiva direta; 13. oração subordinada substantiva subjetiva (reduzida de infinitivo); 14. oração subordinada substantiva objetiva direta (reduzida de infinitivo = Viu / que os convidados chegavam); 15. oração subordinada substantiva objetiva indireta (o uso da preposição, no objeto indireto sob forma de oração é facultativo); 16. oração subordinada substantiva objetiva direta; 17. oração subordinada substantiva completiva nominal; 18. oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo; 19. oração subordinada substantiva objetiva direta; 20. oração subordinada substantiva completiva nominal.

III

1. oração subordinada adjetiva restritiva / oração subordinada adjetiva restritiva

• função sintática do pronome relativo que: que = verdade / que = mentira.

Organizando: A verdade dói. Logo, o que = sujeito.

(sujeito)

A mentira conforta. Logo, o que = sujeito.

2. oração subordinada adjetiva explicativa

• função sintática do pronome relativo que: que = o governo.

Organizando: O governo é o maior devedor do país. Logo, o que = sujeito.

(sujeito)

3. oração subordinada adjetiva restritiva

• função sintática do pronome relativo onde: onde = país.

Organizando: (Eu) não me entedio no país. Logo, o onde = ajunto adverbial de lugar.

(adj.adv.)

4. oração subordinada adjetiva explicativa / oração subordinada adjetiva restritiva

• função sintática do pronome relativo que: que = esse mundo / que = o mundo

Organizando: Esse mundo é o mundo da boa leitura. Logo, o que = sujeito.

(sujeito)

(os leitores) vivem no mundo. Logo, o que = adjunto adverbial.

(adj.adv.)

5. oração subordinada adjetiva restritiva

• função sintática do pronome relativo quanto: quanto = tudo.

Organizando: Tudo expressava... Logo, o quanto = sujeito.

(sujeito)

6. oração subordinada adjetiva restritiva

• função sintática do pronome relativo que: (em)que = na hora.

Organizando: Ele virá para cá na hora. Logo, o que = adjunto adverbial de tempo.

(adj. adv.)

7. oração subordinada adjetiva restritiva

• função sintática do pronome relativo que: que = o (= aquilo).

Organizando: Aquilo lhe acontece. Logo, o que = sujeito.

(sujeito)

IV – 1. oração subordinada adverbial comparativa; 2. oração subordinada adverbial condicional; 3. oração subordinada adverbial conformativa; 4. oração subordinada adverbial causal; 5. oração subordinada adverbial proporcional; 6. oração subordinada adverbial consecutiva; 7. oração subordinada adverbial final; 8. oração subordinada adverbial concessiva; 9. oração subordinada adverbial consecutiva.

V – 1. oração subordinada substantiva subjetiva (reduzida de infinitivo); 2. oração subordinada substantiva subjetiva; 3. oração subordinada substantiva predicativa (reduzida de infinitivo); 4. oração subordinada substantiva objetiva direta / objetiva direta; 5. oração subord. adjetiva restritiva / oração subord. adverbial comparativa; 6. oração subordinada substantiva subjetiva / oração subordinada adverbial final; 7. oração subordinada adjetiva restritiva (que = o(=aquilo). Pensa naquilo); 8. oração subordinada adjetiva restritiva; 9.

oração subordinada substantiva subjetiva; 10. oração subordinada adverbial temporal (reduzida de infinitivo) / oração subordinada substantiva objetiva direta; 11. oração subordinada adverbial condicional; 12. oração subordinada substantiva objetiva direta; 13. oração subordinada substantiva subjetiva; 14. oração subordinada substantiva objetiva direta; 15. oração subordinada adjetiva restritiva; 16. oração subordinada adverbial final (reduzida de infinitivo) / oração subordinada adverbial temporal; 17. oração subordinada adjetiva restritiva (que = o(=aquilo)) / oração subordinada adverbial final (reduzida de infinitivo); 18. oração subordinada substantiva objetiva indireta (de que estará perdido) / oração subordinada adverbial temporal (reduzida de gerúndio – vigorando a lei); 19. oração subordinada substantiva predicativa; 20. oração subordinada adverbial temporal; 21. oração subordinada substantiva objetiva direta/oração subordinada adverbial final; 22. oração subordinada substantiva subjetiva.

VI

1. oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo

A crítica às viagens internacionais do Presidente da República ou de outros dirigentes parece despropositada.

2. oração subordinada adverbial concessiva reduzida de infinitivo

O Estado moderno, embora se apresente como um Estado minimalista, ...

15.6. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Vamos, então, apreciar algumas questões de concursos comentadas?

1. **(NCE/Eletrobras)** "Felipe lembrou-se da história do Rei do Oriente que, desejando conhecer a história da humanidade, recebeu de um sábio quinhentos volumes; ocupado com negócios de Estado, pediu-lhe que a condensasse"; os vocábulos sublinhados exercem, respectivamente, as funções de:

   a) sujeito / sujeito.

   b) sujeito / objeto direto.

   c) objeto direto / objeto direto.

   d) objeto direto / sujeito.

   e) objeto direto / objeto indireto.

   Comentários:

   Antes de tudo, lembre-se de isolar a oração adjetiva: *que recebeu de um sábio quinhentos volumes*. Para a sua leitura ficar mais fácil, pule a oração intercalada "desejando conhecer a história da humanidade". Assim, você olha somente para a oração adjetiva.

   O próximo passo é substituir o pronome relativo *que* por seu antecedente, que é o substantivo *Rei* da expressão *o Rei*

do Oriente. Agora, coloque a oração adjetiva na ordem direta: "*O Rei do Oriente* recebeu de um sábio quinhentos volumes". Vá ao verbo e pergunte por seu sujeito: "Quem recebeu quinhentos volumes de um sábio"? A resposta não é *o Rei do Oriente*? O pronome relativo *que* é, portanto, sujeito do verbo *receber*.

Já o pronome oblíquo *a* refere-se ao verbo *condensar*, que é transitivo direto. Trata-se, portanto, de seu objeto direto.

Resposta: B.

2. (Cesgranrio/Petrobras) Indique a frase a seguir em que o pronome relativo destacado não tem seu antecedente ou sua função sintática corretamente indicados.

a) "… 1994 entrará para a história como o ano em que o Brasil mostrou a sua cara…" – ano / adjunto adverbial.

b) "… deu-se conta da existência de um irmão siamês do Terceiro Mundo que, se morre e apodrece, leva o outro irmão consigo"… – Terceiro Mundo / sujeito.

c) "… habitante daquele lugar onde se matam pobres de fome e crianças à bala." – lugar / adjunto adverbial.

d) "Mas a espoleta final, que ajudou simbolicamente a desfraldar a bandeira da cidadania no País…" – espoleta / sujeito.

e) "… é esse desabrochar da cidadania que, a médio prazo, se transformará em pressão irresistível…" – desabrochar / sujeito.

Comentários:

Na letra A, o pronome relativo *que* retoma o substantivo *ano*. A frase na ordem direta, seria "O Brasil mostrou a sua cara *no ano*". A expressão em destaque indica circunstância de tempo ao verbo. É, de fato, adjunto adverbial de tempo.

Na letra B, o pronome relativo *que* retoma o substantivo *irmão*, que é núcleo da expressão *um irmão siamês do Terceiro Mundo*. Mais uma vez, siga o nosso conselho: para detectar a função sintática do relativo *que,* pule a oração intercalada que vem após esse relativo e coloque a oração adjetiva na ordem direta. Assim, teríamos "<u>O irmão siamês do Terceiro Mundo</u> leva o outro irmão consigo". O pronome relativo *que* é, portanto, sujeito do verbo *leva*. Mas não retoma a expressão *Terceiro Mundo,* e sim *um irmão siamês* do Terceiro Mundo. Quanto à função sintática, a alternativa está correta, mas quanto ao antecedente do relativo, não.

Quanto à letra C, nem perca tempo: o pronome relativo *onde* retoma, de fato, o substantivo antecedente *lugar*. Quanto à função sintática que esse relativo exerce, você já sabe que *onde* indica lugar. É, de fato, adjunto adverbial de lugar.

Na letra D, tanto o antecedente do relativo como a sua função sintática estão corretamente identificados: o pronome relativo *que* retoma o substantivo *espoleta*, que é núcleo da expressão *espoleta final*. Na ordem direta, a oração adjetiva ficaria: "*A espoleta final* ajudou simbolicamente a desfraldar a bandeira…". Logo, a expressão é sujeito do verbo *ajudar*.

A letra E está igualmente correta: o pronome *que* retoma *desabrochar,* que é o núcleo da expressão *o desabrochar da cidadania*. Colocando a oração adjetiva na ordem direta, teríamos: "O desabrochar da cidadania se transformará em pressão irresistível". A expressão grifada é, portanto, sujeito do verbo *transformar.*

Resposta: B.

3. (TRF) A opção em que melhor se justifica a vírgula empregada no trecho a seguir é: "O acordo visa à criação da Área de Livre Comércio Sul-Americana (ALCSA), que estaria plenamente constituída em 2005." (GUTIÉRREZ, Estella, O livre mercado sul-americano.)

a) Separa oração subordinada adjetiva explicativa.

b) Separa oração subordinada adverbial consecutiva.

c) Separa oração subordinada adjetiva restritiva.

d) Separa oração subordinada substantiva apositiva.

e) Separa oração coordenada sindética explicativa.

Comentários:

Observe que a oração a ser classificada iniciou-se com um pronome relativo (*que*) que retoma o substantivo antecedente *Área,* da expressão *Área de Livre Comércio Sul-Americana (ALCSA).* Ora, se a oração se inicia com pronome relativo e também retoma um substantivo antecedente, ela é uma oração adjetiva, e, se vem antecedida de vírgula, ela deve ser classificada como oração subordinada adjetiva explicativa. Muitos marcaram a letra D na prova, achando que tudo que vem entre vírgulas é aposto, mas não esqueça: se a oração se inicia com pronome relativo, ela é adjetiva, jamais poderia ser substantiva apositiva.

Resposta: A.

4. (Cespe-UnB – Inca/2010) *Sua metodologia é simples – por meio de conversas frequentes com a família, o voluntário receita cuidados básicos para evitar que a criança morra por falta de conhecimento, como os hábitos de higiene, a administração do soro caseiro e a adoção da farinha de multimistura na alimentação,* **que se tornou uma solução simples e emblemática contra a desnutrição**. *Mas o seu segredo é um só: a persistência.*

Julgue a assertiva a seguir de acordo com o texto acima:

O trecho "que se tornou uma solução simples e emblemática contra a desnutrição" está precedido por vírgula porque se trata de um trecho com função restritiva.

Comentários:

Mais uma oração que se inicia com pronome relativo e se refere ao substantivo *farinha*, que é núcleo da expressão *farinha de multimistura*. Como ela se refere a um substantivo antecedente, deve ser classificada como adjetiva, e, por vir iniciada por vírgula, é explicativa, e não restritiva como a banca sugere.

Resposta: errada.

A seguir, algumas assertivas retiradas de provas aleatórias do Cespe-UnB para você perceber a forma como a banca apresenta esse tipo de questão. Cada alternativa vem antecedida por seu respectivo texto. Resolvi numerá-las para tornar mais fácil a correção:

A sentença determina, entre outras 7 medidas, que as penitenciárias somente acolham presos que residam em um raio de 200 km. Segundo o juiz, as medidas que tomou são previstas pela Lei de Execução Penal e objetivam acabar com a violação dos direitos humanos da população carcerária e "abrir o debate a respeito da regionalização dos presídios".

Ele alega que muitos presos das penitenciárias da região são de famílias pobres da Grande São Paulo, que não dispõem de condições financeiras para visitá-los semanalmente, o que prejudica o trabalho de reeducação e de ressocialização. Sua sentença foi muito elogiada. Contudo, o governo estadual anunciou que irá recorrer ao Tribunal de Justiça, sob a alegação de que, se os estabelecimentos penais não puderem receber mais presos, os juízes das varas de execuções não poderão julgar réus acusados de crimes violentos, como homicídio, latrocínio, sequestro ou estupro.

1. As orações subordinadas "que as penitenciárias somente acolham presos", "que tomou" e "que irá recorrer ao Tribunal de Justiça" desempenham a função de complemento do verbo.

Falara com voz sincera, exaltando a beleza da paisagem e revelando que, se dependesse só dele, passaria o resto da vida ali, morreria na varanda, abraçado à visão do rio e da floresta. Era isso o que mais queria, se Alícia estivesse ao seu lado.

2. As orações "se dependesse só dele" e "se Alicia estivesse ao seu lado" estabelecem circunstância de condição em relação às orações às quais se subordinam.

Se a humanidade quiser a paz efetiva, deve estar disposta a remover tudo aquilo que a impede. E a buscar tudo aquilo que a possibilita. Antes de tudo, remover a falsa paz: A paz concordista que aceita, com tolerância descabida, situações injustas.

3. A oração "Se a humanidade quiser a paz efetiva" estabelece uma relação de condição.

Sua sentença foi muito elogiada. Contudo, o governo estadual anunciou que recorrerá ao Tribunal de Justiça, sob a alegação de que, se os estabelecimentos penais não puderem receber mais presos, os juízes das varas de execuções não poderão julgar réus acusados de crimes violentos, como homicídio, latrocínio, sequestro ou estupro.

4. Na linha 1, o emprego da conjunção "Contudo" estabelece uma relação de causa e efeito entre as orações.

Não parecia estar no iate, e sim em sua casa, em Manaus: sentado, pernas e pés juntos, tronco ereto, a cabeça oscilando, como se fizesse um não em câmera lenta.

5. A oração "como se fizesse um não em câmera lenta" expressa uma comparação estabelecida pelo narrador.

Com os olhos pestanejando de curiosidade, no começo de sua miopia, ele se indagava por que uma vez conseguia

mover a família, e outra vez não.

6. No trecho "ele se indagava", o termo "se" estabelece uma condição à realização da ação.

O fogo começa com pequenas queimadas feitas para abrir pastagens e acaba atingindo áreas de preservação. Os bombeiros levaram 11 dias para controlar o fogo no Parque Nacional da Chapada dos Guimarães.

7. Em suas duas ocorrências, a preposição "para" introduz orações que têm o sentido de finalidade.

Comentários:

Assertiva n. 1: Em "A sentença determina que as penitenciárias somente acolham presos", observe que a oração sublinhada é objeto direto do verbo determinar, que é transitivo direto. Quanto à segunda oração, verifique que ela se inicia com um pronome relativo *que*, o qual está retomando o substantivo antecedente *medidas* ("as medidas que tomou"). Trata-se, portanto, de uma oração subordinada adjetiva restritiva, que é adjunto adnominal do substantivo, e não complemento do verbo como a banca sugere. A terceira oração, por sua vez, faz o mesmo que a primeira: é objeto direto do verbo *anunciar* ("... o governo estadual anunciou que irá recorrer ao Tribunal de Justiça"). Dessa forma, a primeira e a terceira orações são, de fato, complementos de verbos (objetos diretos), mas a segunda não.

Resposta: errada.

Assertiva n. 2: A classificação das orações está diretamente ligada à classificação das conjunções que as iniciam. Nesse caso, ambas as conjunções são subordinativas adverbiais condicionais, o que faz com que as orações que elas iniciam sejam subordinadas adverbiais condicionais.

Resposta: certa.

Assertiva n. 3: Mais uma vez, uma conjunção condicional. Veja como o próprio verbo no subjuntivo (*quiser*) contribui para que você perceba o valor de condição da oração. Observe que a banca nem se preocupou com o nome completo da oração (oração subordinada adverbial condicional), e sim com o valor semântico que ela indica (*relação de condição*).

Resposta: certa.

Assertiva n. 4: Causa e efeito só haveria se a conjunção fosse adverbial *causal* ou adverbial *consecutiva*. *Contudo* é conjunção coordenativa adversativa, que indica oposição, ressalva. Logo, o valor semântico que se estabelece entre as informações não é de causa e efeito, e sim de oposição.

Resposta: errada.

Assertiva n. 5: Mais uma vez, a conjunção ajudando você a classificar a oração. Observe que o conector *como* tem o mesmo valor que *do mesmo modo que*, *da mesma forma que*: ele estabelece *comparação* entre as informações. A oração que ele inicia é, portanto, oração subordinada adverbial comparativa.

Resposta: certa.

Assertiva n. 6: Desta vez, o *se* nem é conjunção. Observe como ele tem valor semântico de *a si mesmo*: "Ele se indagava (= ele indagava a si mesmo)". Não há ideia de condição. Trata-se de um pronome reflexivo.

Resposta: errada.

Assertiva n. 7: Ambas as preposições têm valor semântico de *a fim de*, *com a finalidade de*, sendo, de fato, finais. As orações que elas iniciam são orações subordinadas adverbiais finais.

Resposta: certa.

15.7. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

Leia o texto a seguir para responder às questões 1 e 2.

Depois que se tinha fartado de ouro, o mundo teve fome de açúcar, mas o açúcar consumia escravos. O esgotamento das minas – que de resto foi precedido pelo das florestas que forneciam o combustível para os fornos –, a abolição da escravatura e, finalmente, uma procura mundial crescente, orientam São Paulo e o seu porto de Santos para o café. De amarelo, passando pelo branco, o ouro tornou-se negro.

Mas, apesar de terem ocorrido essas transformações que tornaram Santos num dos centros do comércio internacional, o local conserva uma beleza secreta; à medida que o barco penetra lentamente por entre as ilhas, experimento aqui o primeiro sobressalto dos trópicos. Estamos encerrados num canal verdejante. Quase podíamos, só com estender a mão, agarrar essas plantas que o Rio ainda mantinha à distância nas suas estufas empoleiradas lá no alto. Aqui se estabelece, num palco mais modesto, o contato com a paisagem.

O arrabalde de Santos, uma planície inundada, crivada de lagoas e pântanos, entrecortada por riachos estreitos e canais, cujos contornos são perpetuamente esbatidos por uma bruma nacarada, assemelha-se à própria Terra, emergindo no começo da criação. As plantações de bananeiras que a cobrem são do verde mais jovem e terno que se possa imaginar: mais agudo que o ouro verde dos campos de juta no delta do Bramaputra, com o qual gosto de o associar na minha recordação; mas é que a própria fragilidade do matiz, a sua gracilidade inquieta, comparada com a suntuosidade tranquila da outra, contribuem para criar uma atmosfera primordial.

Durante cerca de meia hora, rolamos por entre bananeiras, mais plantas mastodontes do que árvores anãs, com troncos plenos de seiva que terminam numa girândola de folhas elásticas por sobre uma mão de 100 dedos que sai de um enorme lótus castanho e rosado. A seguir, a estrada eleva-se até os 800 metros de altitude, o cume da serra. Como acontece em toda parte nessa costa, escarpas abruptas protegeram dos ataques do homem essa floresta virgem tão rica que para encontrarmos igual a ela teríamos de percorrer vários milhares de quilômetros para norte, junto da bacia amazônica. Enquanto o carro geme em curvas que já nem poderíamos qualificar como "cabeças de alfinete", de tal modo se sucedem em espiral, por entre um nevoeiro que imita a alta montanha de outros climas, posso examinar à vontade as árvores e as plantas estendendo-se perante o meu olhar como espécimes de museu.

(Adaptado de: Lévi-Strauss, Claude. *Tristes Trópicos*. Coimbra, Edições 70, 1979, p. 82-3)

1. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

No primeiro período do segundo parágrafo, as duas orações que não se subordinam a nenhuma outra contêm os seguintes

verbos:

a) conserva – experimento

b) terem ocorrido – conserva

c) tornaram – penetra

d) tornaram – experimento

e) conserva – penetra

2. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

As orações reduzidas ... para encontrarmos igual a ela... (4º parágrafo) e ... estendendo-se perante o meu olhar... (último parágrafo), no contexto em que ocorrem, podem ser distendidas da seguinte forma:

a) para que tivéssemos encontrado igual a ela / de modo que se estendem perante o meu olhar

b) para que encontremos igual a ela / as quais se estendem perante o meu olhar

c) para que encontrássemos igual a ela / que se estendem perante o meu olhar

d) para que encontrássemos igual a ela / quando se estendem perante o meu olhar

e) para que encontremos igual a ela / desde que se estendam perante o meu olhar

Leia o texto a seguir para responder à questão 3.

Estava mal chegando a São Paulo, quando um repórter me provocou: " Mas como, Chico, mais um samba? Você não acha que isso já está superado?". Não tive tempo de me defender ou de atacar os outros, coisa que anda muito em voga. Já era hora de enfrentar o dragão, como diz o Tom, enfrentar as luzes, os cartazes, e a plateia, onde distingui um caro colega regendo um coro pra frente, de franca oposição. Fiquei um pouco desconcertado pela atitude do meu amigo, um homem sabidamente isento de preconceitos. Foi-se o tempo em que ele me censurava amargamente, numa roda revolucionária, pelo meu desinteresse em participar de uma passeata cívica contra a guitarra elétrica. Nunca tive nada contra esse instrumento, como nada tenho contra o tamborim. O importante é Mutantes e Martinho da Vila no mesmo palco.

Mas, como eu ia dizendo, estava voltando da Europa e de sua música estereotipada, onde samba, toada etc. são ritmos virgens para seus melhores músicos, indecifráveis para seus cérebros eletrônicos. " Só tenho uma opção, confessou-me um italiano – sangue novo ou a antimúsica. Veja, os Beatles, foram à Índia..." Donde se conclui como precipitada a opinião, entre nós, de que estaria morto o nosso ritmo, o lirismo e a malícia, a malemolência. É certo que se deve romper com as estruturas. Mas a música brasileira, ao contrário de outras artes, já traz dentro de si os elementos de renovação. Não se trata de defender a tradição, família ou propriedade de ninguém. Mas foi com o samba que João Gilberto rompeu as estruturas da nossa canção. E se o rompimento não foi universal, culpa é do brasileiro, que não tem vocação pra exportar coisa alguma.

Quanto a festival, acho justo que estejam todos ansiosos por um primeiro prêmio. Mas não é bom usar de qualquer recurso, nem se deve correr com estrondo atrás do sucesso, senão ele se assusta e foge logo. E não precisa dar muito tempo para se perceber " que nem toda loucura é genial, como nem toda lucidez é velha".

(Adaptado de: HOLANDA, Chico Buarque de, apud Adélia B. de Menezes, *Desenho Mágico*: Poesia e Política em Chico Buarque, São Paulo, Ateliê, 2002, p. 28-29)

3. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

Considere as afirmativas abaixo.

I. O termo " coisa" (1º parágrafo) pode ser substituído por " o" com função de pronome, uma vez que, no período, retoma o segmento que o antecede.

II. As orações " de atacar os outros" (1º parágrafo) e " de defender a tradição" (2º parágrafo) servem de complemento ao sentido do verbo a que se referem.

III. Na frase *Mas foi com o samba que João Gilberto rompeu...* (2º parágrafo), o pronome " que" retoma " samba", além de ser elemento subordinante a introduzir uma nova oração.

Está correto o que consta de

a) II e III, apenas.

b) I, II e III.

c) I e II, apenas.

d) I, apenas.

e) III, apenas.

4. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016 – Adaptada)

A violência de que participavam, ou que combatiam, é esquecida. O museu parece assim desempenhar um papel de pacificação social.

Mantendo-se, em linhas gerais, o sentido original, caso a segunda frase seja subordinada à primeira, o período resultante será:

a) Como a violência de que participavam, ou que combatiam, é esquecida, o museu parece desempenhar um papel de pacificação social.

b) A violência de que participavam, ou que combatiam, é esquecida, de maneira que o museu parece desempenhar um papel de pacificação social.

c) A violência de que participavam, ou que combatiam, é esquecida; portanto, o museu parece desempenhar um papel de pacificação social.

d) O museu parece desempenhar um papel de pacificação social, uma vez que a violência de que participavam, ou que combatiam, é esquecida.

e) Conquanto o museu pareça desempenhar um papel de pacificação social, a violência de que participavam, ou que combatiam, é esquecida.

5. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016 – Adaptada)

Na frase *Diante de cada crítica escandalizada dirigida ao museu, seria interessante desvendar* <u>*que valor foi previamente sacralizado*</u>, a oração sublinhada complementa o sentido de

a) um substantivo, e pode ser considerada como interrogativa indireta.

b) um verbo, e pode ser considerada como interrogativa direta.

c) um verbo, e pode ser considerada como interrogativa indireta.

d) um substantivo, e pode ser considerada como interrogativa direta.

e) um advérbio, e pode ser considerada como interrogativa indireta.

Leia o texto a seguir para responder à questão 6.

Levantou-se da cama o pobre namorado sem ter conseguido dormir. Vinha nascendo o Sol.

Quis ler os jornais e pediu-os.

Já os ia pondo de lado, por haver acabado de ler, quando repentinamente viu seu nome impresso no **Jornal do Comércio**.

Era um artigo *a pedido* com o título de **Uma Obra-Prima**.

Dizia o artigo:

Temos o prazer de anunciar ao país o próximo aparecimento de uma excelente comédia, estreia de um jovem literato fluminense, de nome Antônio Carlos de Oliveira.

Este robusto talento, por muito tempo incógnito, vai enfim entrar nos mares da publicidade, e para isso procurou logo ensaiar-se em uma obra de certo vulto.

Consta-nos que o autor, solicitado por seus numerosos amigos, leu há dias a comédia em casa do Sr. Dr. Estêvão Soares, diante de um luzido auditório, que aplaudiu muito e profetizou no Sr. Oliveira um futuro Shakespeare.

O Sr. Dr. Estêvão Soares levou a sua amabilidade ao ponto de pedir a comédia para ler segunda vez, e ontem ao encontrar-se na rua com o Sr. Oliveira, de tal entusiasmo vinha possuído que o abraçou estreitamente, com grande pasmo dos numerosos transeuntes.

Da parte de um juiz tão competente em matérias literárias este ato é honroso para o Sr. Oliveira.

Estamos ansiosos por ler a peça do Sr. Oliveira, e ficamos certos de que ela fará a fortuna de qualquer teatro.

O amigo das letras.

Machado de Assis. A mulher de preto. In: *Contos fluminenses*. São Paulo: Globo, 1997 (com adaptações).

6. (INSS – Analista Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

Acerca de aspectos linguísticos do texto, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Na linha 11, o vocábulo " que" classifica-se como conjunção e introduz o sujeito da oração " Consta-nos".

Leia o texto a seguir para responder à questão 7.

A soberania popular pode ser exercida, juridicamente, por meio de três modelos: democracia participativa ou direta, democracia representativa ou indireta e democracia semidireta. Na democracia direta, o povo participa diretamente da vida política do Estado, exercendo os poderes governamentais, fazendo leis, administrando e julgando. É, pois, aquela em que o povo exerce de modo imediato as funções públicas. Na democracia indireta ou representativa, o povo não exerce seu poder de modo imediato, mas por meio de seus representantes, eleitos periodicamente, a quem são delegadas as funções de governo. A democracia representativa pressupõe um conjunto de instituições que disciplinam a participação popular no processo político, que formam os direitos políticos que qualificam a cidadania, como, por exemplo, as eleições, o sistema eleitoral, os partidos políticos; enfim, mecanismos disciplinadores para a escolha dos representantes do povo. Na democracia semidireta, são assegurados

instrumentos de participação direta do povo nas funções de governo. Esses instrumentos de participação dão ao povo, conservadas, embora em parte, as formas representativas, a palavra final relativa a todo o ato governativo. Como exemplo desses instrumentos, podem ser citados o referendo e o plebiscito.

Disponível em: <www.planalto.gov.br> (com adaptações).

7. (TRE/MS – Técnico – Cespe – Jan./2013)

O sujeito da oração cujo núcleo do predicado é a forma verbal " formam" (l. 8) é

a) o pronome " que" imediatamente antecedente.

b) oculto.

c) indeterminado.

d) a expressão " um conjunto de instituições" (l. 7).

e) a expressão " os direitos políticos" (l. 8).

Leia o texto a seguir para responder à questão 8.

Se a Dinamarca tivesse seguido a corrente rodoviária dominante desde a década de 60 do século passado, nunca viraria um modelo de planejamento urbano. Em uma época em que parecia fazer mais sentido priorizar o trânsito de carros, Copenhague apostou na criação da primeira rua para pedestres do país. Antes de se tornar o maior calçadão da Europa, com um quilômetro de extensão, a Strøget era uma rua comercial dominada por automóveis, assim como todo o centro da cidade. O arquiteto por trás da iniciativa, Jan Gehl, acreditava que os espaços urbanos deveriam servir para a interação social. Na época, foi criticado pela imprensa e por comerciantes, que ponderavam que as pessoas não passariam muito tempo ao ar livre em uma capital gélida. Erraram. As vendas triplicaram, e a rua de pedestres foi ocupada pelos moradores. A experiência reforçou as convicções de Gehl, que defende o planejamento das cidades para o usufruto e o conforto das pessoas.

Camilo Gomide. Cidades prazerosas. In: *Planeta*, fev./2014 (com adaptações).

8. (ICMBIO – Superior – Cespe – Maio/2014)

Julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Nas sequências " acreditava que os espaços urbanos" (l. 6) e " ponderavam que as pessoas não passariam" (l. 7), o " que" introduz complementos oracionais para as formas verbais " acreditava" e " ponderavam".

9. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

Em todos os segmentos abaixo há exemplos de formas de gerúndio; o valor semântico de uma dessas formas que está corretamente indicado é:

a) " Está para chegar ao mercado um apetrecho que transforma o celular num verdadeiro laboratório de análises clínicas, <u>realizando</u> mais de 50 exames a uma fração do custo atual" / finalidade;

b) " Também é possível, <u>adquirindo</u> lentes que custam centavos, transformar o smartphone num supermicroscópio" / meio;

c) " ..., fará com que as pessoas administrem mais sua própria saúde, <u>recorrendo</u> ao médico em menor número de ocasiões" / modo;

d) " <u>Dando</u> algum desconto para as previsões,..." / concessão;

e) “ Concordando com as linhas gerais do pensamento de Topol” / tempo.

10. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

“ A comunicação entre as redes internacionais ligadas ao crime organizado são realizadas para negociar armas e drogas.”

A oração reduzida sublinhada teria como forma nominalizada equivalente:

a) para que se negociem armas e drogas;

b) para a negociação de armas e drogas;

c) para que sejam negociadas armas e drogas;

d) para que se negociassem armas e drogas;

e) para o negócio de armas e drogas ser realizado.

11. (Compesa – An. Gest. Médico do Trabalho – FGV – Jul./2016)

Muitas orações se estruturam na forma reduzida – com formas verbais no particípio, gerúndio ou infinitivo; nas frases a seguir, pretendeu-se reescrever as formas reduzidas de infinitivo sublinhadas em forma de orações desenvolvidas.

Assinale a opção que indica a frase em que essa reescritura foi feita de forma adequada.

a) “ *É melhor acender uma vela do que amaldiçoar a escuridão.*” / o acendimento de uma vela.

b) “ *Não é preciso acender uma vela para o sol.*” / que se acenda.

c) “ *Hipótese é uma coisa que não é, mas a gente faz de conta que é, para ver como seria se ela fosse.*” / para que víssemos.

d) “ *A última função da razão é reconhecer que há uma infinidade de coisas que a ultrapassam.*” / o reconhecimento de.

e) “ *A sutileza do pensamento consiste em descobrir a semelhança das coisas diferentes e a diferença das coisas semelhantes.*” / na descoberta da semelhança.

12. (Compesa – An. Gest. Médico do Trabalho – FGV – Jul./2016)

Assinale a opção que apresenta a frase em que a substituição da oração adjetiva sublinhada pelo termo em destaque é ***inadequada***.

a) “ *O que é a felicidade além da simples harmonia entre o homem e a vida que ele leva?*” – **vivida por ele**.

b) “ *Sucesso é conseguir o que você quer e felicidade é gostar do que você conseguiu.*” – **desejado**.

c) “ *Você não será mais feliz com mais até ser feliz com o que você já tem.*” – **já obtido**.

d) “ *A felicidade é um bem que se multiplica ao ser dividido.*” – **multiplicável**.

e) “ *Felicidade é como uma flor que não se deve colher.*” – **recolhida**.

Leia o texto a seguir para responder à questão 13.

É preciso considerar a direção que devem tomar as políticas públicas para alcançar maior eficiência. Primeiramente, deve-se pensar em maneiras para motivar o servidor de carreira, incentivando-o a empreender ações que propiciem melhoras na administração pública. Isso inclui tanto a oferta de treinamento adequado, quanto uma maior interação entre órgãos de controle:

Controladoria-Geral, Tribunal de Contas, Ministério Público e o restante da administração pública. Outra ideia para motivar os servidores públicos de carreira é a regulamentação da possibilidade de ascensão funcional, das atividades de nível médio para outras de nível superior, por meio de concursos internos.

(Adaptado de http://www.brasil-economia-governo.org.br/2012/11/21/gestao-publica-mais-eficiente/)

13. (ESAF – MF – Assistente Técnico Administrativo – 2014)

(Adaptada) Julgue a assertiva a seguir como " certa" ou " errada", em relação às estruturas linguísticas do texto.

O segmento " que propiciem melhoras na administração pública" (l. 3) tem natureza explicativa.

Leia o texto a seguir para responder à questão 14.

Um estudo demonstrou que é possível transportar amostras de sangue em drones pequenos para a realização de exames sem alterar a qualidade da amostra. A estratégia pode ajudar a tornar exames de rotina mais acessíveis em regiões isoladas, com pouco acesso por estrada, por exemplo. A pesquisa que chegou a essa conclusão – feita pela Universidade Johns Hopkins, nos Estados Unidos – foi publicada na revista científica *Plos one* nesta quarta-feira (29).

O que os cientistas queriam avaliar era se as amostras não perdem a qualidade depois de jornadas de até 40 minutos a bordo do drone. Além do tempo do percurso, preocupava os pesquisadores a aceleração no lançamento do veículo e o impacto quando o drone pousa em seu destino. " Tais movimentos poderiam destruir células do sangue ou fazer com que o sangue coagulasse, então eu pensava que todo o tipo de teste de sangue poderia ser afetado, mas nosso estudo mostra que eles não foram afetados e isso foi legal", disse o médico patologista Timothy Amukele, da Escola de Medicina da Universidade Johns Hopkins.

(Fonte: http://g1.globo.com/bem-estar/noticia/2015/07/drone-pode-transportar-amostra-de-sangue-para-exame-em-zonas-remotas.html. Acesso em 30.07.2015)

14. (ESAF – ESAF – Analista de Planejamento e Orçamento – 2015)

(Adaptada) Julgue a assertiva a seguir como " certa" ou " errada".

A oração " que é possível transportar amostras de sangue em drones pequenos para a realização de exames sem alterar a qualidade da amostra" (l. 1-2) tem função de objeto direto.

Gabarito: 1. a; 2. c; 3. d; 4. b; 5. c; 6. c; 7. a; 8. C; 9. b; 10. b; 11. b; 12. e; 13. errada; 14. certa.

15.8. RESUMO

Classificar orações é sempre um grande desafio! Até porque, nas provas, elas vêm misturadas, o mais difícil sempre é não confundi-las… Vamos às dicas finais?

- Orações devem ser contadas pelo número de verbos: para cada verbo, uma oração.
- No período composto por coordenação, a oração sem conectivo é chamada de assindética. Já no período composto por subordinação, a oração sem conectivo é chamada de principal.
- As orações coordenadas não possuem relação sintática entre si, apenas semântica. As orações subordinadas relacionam-se sintaticamente (uma é sujeito da outra, ou objeto direto etc.).

- Ao classificar as orações, você deverá pensar em quatro tipos: coordenadas ou subordinadas adverbiais (que podem ser identificadas pelo valor semântico que suas conjunções apresentam); subordinadas substantivas (que podem ser substituídas por "isto") ou subordinadas adjetivas (que se iniciam com pronome relativo, ligando-se a um substantivo antecedente).

16 CONCORDÂNCIA NOMINAL

16.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Concordância nominal é assunto que será dividido em duas partes: no primeiro segmento, apresentaremos os casos em que, antes de se fazer a concordância do adjetivo, é preciso detectar a função sintática que ele desempenha na frase. Por exemplo:

Tiradentes possuía cabelos e barba longos/longa.

Nessa frase, antes de fazer a flexão do adjetivo *longo*, você precisaria identificar sua função sintática. O fato de ele ser um adjunto adnominal posposto aos substantivos permite as duas opções: ele pode concordar com todos os substantivos ou apenas com o mais próximo. É na primeira parte do assunto, portanto, que vamos ensinar a você a identificação das funções sintáticas do adjetivo e todas as possibilidades de concordância que tais funções permitem.

No segundo segmento do assunto, você conhecerá os casos especiais da concordância nominal. São casos bastante explorados nas provas de concursos: a flexão de palavras como *bastante*, *anexo*, *quite*, *leso*, *junto*... Nessas situações, você não precisará perder tanto tempo raciocinando na frase: não será preciso identificar a função sintática do adjetivo, basta identificar a classe gramatical da palavra na frase. Se for uma classe variável (pronome, adjetivo, numeral etc.), a tendência será a variação; se for uma classe de palavra invariável (advérbio, palavra denotativa etc.), não poderá ir ao feminino nem ao plural.

De qualquer forma, nossa meta é a de que você não tenha de decorar uma série de regrinhas, mas aprenda a raciocinar de acordo com a frase.

Vamos começar? Então, entenda: são dois grandes blocos de concordância nominal. A primeira parte abordará os casos 1, 2, 3 e 4 e a segunda, do caso 5 até o final. Para cada regra, procuramos apresentar frases que vão servir de exemplo, devidamente comentadas. Ao final de cada segmento, elaboramos exercícios de fixação para você internalizar o raciocínio.

16.1.1. Introdução

A concordância pode ser:

a) Rígida ou gramatical: total ou parcial

- Atitude e caráter *apropriados*/*apropriado* (total: o adjetivo concorda em gênero e número com todos os substantivos ou com o mais próximo).
- *Apropriada* atitude e caráter (parcial: concorda em gênero e número com o substantivo mais próximo).

b) Ideológica: silepse

• Vossa Senhoria é generos**o.** (silepse de gênero)

O pronome de tratamento está no feminino e o adjetivo no masculino.

• A *meninada* se divertia. *Risonhas*, elas cantavam. (silepse de número)

O substantivo coletivo está no singular e o adjetivo no plural.

16.1.2. Concordância nominal: Parte I – As funções sintáticas do adjetivo

Aqui, veremos os casos em que o adjetivo, dependendo de sua **função sintática**, poderá concordar com dois ou mais substantivos ou apenas com um deles. Nesse caso, é fundamental conhecermos as funções que o adjetivo exerce na frase. Vamos a elas!

Revisando:

1. Adjunto adnominal

(especifica o substantivo)

Adjetivo

2. Predicativo (atributo dado ao sujeito ou ao objeto)

Subdivide-se em: do sujeito e do objeto

Exemplos:

Olhos negros (adjunto adnominal)

Rua silenciosa (adjunto adnominal)

Seus olhos são negros. (predicativo do sujeito)

(sujeito)

A rua estava silenciosa. (predicativo do sujeito)

(sujeito)

O povo achou os governantes incompetentes.

(objeto direto) (predicativo do objeto)

Aqui vale um recado!

Atenção: O adjunto adnominal vem junto ao nome substantivo (olhos negros). O predicativo do sujeito vem separado por um verbo (seus olhos são negros). Já o predicativo do objeto vai se referir ao objeto (O povo achou os governantes incompetentes.) É aqui que poderá ocorrer dúvida. Se a palavra incompetente vem junto ao substantivo governantes, por que não classificá-la como adjunto adnominal?

Qual é a diferença entre adjunto adnominal e predicativo do objeto?

Uma maneira prática de se fazer essa distinção é retirar o adjetivo da frase e observar se há ou não sentido. Se ficar faltando informação, é predicativo do objeto, se não, adjunto adnominal.

Exemplo:

O povo achou os governantes? (Tem sentido? Não. Então, incompetentes é predicativo do objeto).

Tinha um único vício: a mentira. (Tinha um vício: a mentira. Tem sentido? Sim. Então é adjunto adnominal).

Visto isso, vamos aos casos de concordância nominal que envolvem a identificação da função sintática do adjetivo e suas posições.

16.1.2.1. Adjetivo na função de adjunto adnominal posposto aos substantivos

a) Adjetivo na função de adjunto adnominal posposto a dois ou mais substantivos do mesmo gênero: vai para o plural do gênero comum ou concorda com o mais próximo.

b) Adjetivo na função de adjunto adnominal posposto a dois ou mais substantivos de genêros diferentes: vai para o plural masculino ou concorda com o mais próximo.

* O adjetivo concordará apenas com o último substantivo se o sentido exigir.

Exs.:

1. Prédio e apartamento *antigos* ou *antigo*
2. Documentação e bagagem *intactas* ou *intacta*
3. Comprei calça e camisa *novas*/*nova*

Comentários:

Na frase 1, prédio e apartamento são masculinos. Ao concordar, em gênero e número, com os dois substantivos, masculino plural (*antigos*), com o mais próximo – apartamento, masculino singular – *antigo*.

Nas frases 2 e 3, os dois substantivos são femininos (*documentação/bagagem; calça/camisa*). Concordando com os dois, feminino plural (*intactas; novas*), com o mais próximo, feminino singular (*intacta; nova*).

4. Defeitos e virtudes *verdadeiros*/*verdadeiras.*
5. Ação e julgamento *éticos*/*ético.*
6. Uvas e pêssegos *deliciosos*.

Comentários:

Nas frases 4 e 5 temos substantivos de gêneros diferentes – defeitos, masculino, virtudes, feminino; ação, feminino, julgamento, masculino. Quando isso ocorre, concordando com os dois em gênero e número, masculino plural

(*verdadeiros*/*éticos*). Com o mais próximo – virtudes *verdadeiras*, julgamento *ético*. Na frase 6, só pode ser deliciosos, pois, concordando com os dois substantivos (*uvas* – feminino e *pêssegos* – masculino), masculino plural. Como o substantivo mais próximo está no masculino plural (*pêssegos*), só há uma resposta – *deliciosos*.

16.1.2.2. Adjetivo na função de adjunto adnominal anteposto aos substantivos

a) Adjetivo *anteposto*, na função de *adj. adn.*, a dois ou mais substantivos:

A concordância se faz com o substantivo mais próximo.

b) Adjetivo *anteposto* a nome de pessoas ilustres:

O adjetivo vai para o plural dos substantivos.

Exs.:

7. *Antigas* revistas e jornais.

8. Os *ilustres* Drummond e Cecília Meireles.

Comentários:

Na frase 7, o adjetivo, na função de adjunto adnominal, vem anteposto a dois substantivos. Quando isso ocorre, as gramáticas recomendam a concordância em gênero e número com o substantivo mais próximo. Já na frase 8, por se tratar de nomes de pessoa, concorda com os dois substantivos em gênero e número.

16.1.2.3. Adjetivo na função de predicativo

a) Adjetivo na função de *predicativo* (do sujeito ou do objeto):

Concorda com o substantivo a que se refere.

b) Adjetivo na função de *predicativo do sujeito composto*:

Quando vier posposto ao sujeito composto concorda com todos os núcleos. Se vier anteposto, pode concordar com o mais próximo, se o verbo também o fizer. Se o verbo estiver no plural, o predicativo ficará no plural.

c) Adjetivo na função de *predicativo do objeto composto*:

Vai para o plural dos substantivos.

Exs.:

9. Sua reivindicação é *justa*.

10. É um relógio que torna *inesquecíveis* todas as horas.

Comentários:

Vimos no caso 3 (a) que tanto o predicativo do sujeito quanto o predicativo do objeto concordam com os

respectivos termos (o sujeito e o objeto). Como o adjetivo é uma classe variável (flexiona-se em gênero e número), *justa* – feminino singular – concorda com o sujeito – *reivindicação* – e *inesquecíveis* – adjetivo que só se flexiona em número – concorda com o objeto *horas*. É o que ocorre nas frases 9 e 10.

Nota:

Em Língua Portuguesa, alguns adjetivos não têm flexão de gênero (adjetivos uniformes, só uma forma para os dois gêneros, masculino ou feminino). Por exemplo:

Homem triste / mulher triste

Homens tristes / mulheres tristes

O adjetivo triste varia em número, mas não em gênero, assim como o adjetivo inesquecíveis.

11. A assistência técnica e o ensino eram *gratuitos*.

12. Eram *gratuitos* a assistência técnica e o ensino.

13. Era *gratuita* a assistência técnica e o ensino.

Comentários:

As frases 11, 12 e 13 exemplificam o caso 3 (b). Se o sujeito é composto, o predicativo do sujeito concorda em gênero e número com todos os núcleos (*assistência* e *ensino*, feminino e masculino).

Na frase 11, o adjetivo *gratuitos* ficou no masculino plural, portanto, para concordar com *assistência* e *ensino*. Nas frases 12 e 13, a concordância do predicativo do sujeito depende da concordância do verbo de ligação, que vem anteposto. Nesses casos, o verbo indica se o predicativo do sujeito concorda com todos os núcleos ou com o mais próximo. Se o verbo aparecer no plural (concordando com todos os núcleos – *assistência* e *ensino*), o predicativo também o fará (*Eram gratuit**os***). Se o verbo estiver no singular (concordando com o núcleo mais próximo – *assistência*), o predicativo do sujeito concorda em gênero e número com o mais próximo (*Era gratuita*).

14. Acho a proposta e o trabalho *irrecusáveis*/*irrecusável*.

15. Encontrei *abertos*/*aberta* a janela e o portão.

Comentários:

Agora, temos exemplos de adjetivos que se referem ao objeto composto. Observamos que, quando isso ocorre, o predicativo do objeto, anteposto ou posposto, pode concordar com todos os núcleos do objeto em gênero e número ou com o núcleo mais próximo em gênero e número.

Vamos aos exemplos comentados.

Complete com a(s) forma(s) adequada(s):

1. Gestos e atitudes _____. (belicoso)

Comentários: Adjetivo posposto na função de adjunto adnominal – concorda com todos os substantivos em gênero e número ou com o mais próximo.

Resposta: belicosos ou belicosas.

2. _____ atitudes e gestos. (belicoso)

Comentários: Adjetivo anteposto na função de adjunto adnominal – concorda em gênero e número com o substantivo mais próximo.

Resposta: Belicosas.

3. Aprecio a cultura e a história _____ . (europeia)

Comentários: Mais uma frase em que temos adjunto posposto na função de adjunto adnominal, como na frase 1. Como os dois substantivos são femininos, plural feminino – concordância total – ou singular feminino – concordância atrativa.

Resposta: europeias ou europeia.

4. O ministro mostrou _____ cultura e talento. (belo)

Comentários: Como na frase 2, temos adjetivo anteposto na função de adjunto adnominal concorda com o substantivo mais próximo em gênero e número.

Resposta: bela.

5. A área e os meios de atuação dos funcionários tornam-se _____. (limitado)

Comentários: Aqui, o adjetivo vem separado dos substantivos por um verbo, funcionando como predicativo do sujeito – termo que, mesmo de longe, determina o sujeito. Nesse caso, só pode concordar com todos os núcleos em gênero e número. Como o sujeito composto é representado por substantivos de gêneros diferentes, masculino plural.

Resposta: limitados.

6. Tornam-se _____ a área e os meios de atuação dos funcionários. (limitado)

Comentários: Agora, o adjetivo, na função de predicativo do sujeito, vem anteposto ao sujeito – esta frase é a mesma que a anterior, só que invertida, logo a análise é a mesma. Quando isso ocorre, o verbo é que determina a flexão do adjetivo. Como o verbo anteposto está concordando com todos os núcleos, o adjetivo predicativo do sujeito concorda em gênero e número com todos eles.

Resposta: limitados.

7. Torna-se _____ a área e os meios de atuação dos funcionários. (limitado)

Comentários: Nesta frase, o verbo (*torna-se*) vem anteposto ao sujeito composto concordando com o núcleo mais próximo – *área*; singular. Por isso, o adjetivo na função de predicativo do sujeito concorda com o substantivo área, feminino singular.

Resposta: limitada.

8. Deixei _____ para o leitor meus pontos de vista sobre o assunto. (claro)

Comentários: O adjetivo *claro* aparece na função de predicativo do objeto ("Deixei meus pontos de vista..."), já que "claros" são os pontos de vista, ou seja, na ordem direta, a frase ficaria assim: "Deixei meus pontos de vista claros para o leitor."

Resposta: claros.

9. Comprou frutas, ovos e carne _____ . (bovino)

Comentários: O adjetivo bovino vem posposto na função de adjunto adnominal. Só que, nessa construção, razões semânticas fazem com que o termo bovino só possa concordar com o substantivo mais próximo – *carne* –, pois seria impossível você comprar *ovos* e *frutas* de boi.

Resposta: bovina.

10. Essa professora contou-nos _____ lendas e contos. (antigo)

Comentários: Aqui, o adjetivo, na função de adjunto adnominal, vem anteposto. A recomendação das gramáticas, nesses casos, é a de que o adjetivo concorde, em gênero e número, com o substantivo mais próximo (*lendas*).

Resposta: antigas.

16.1.3. Concordância nominal: Parte II – Casos especiais

Agora que você já estudou a concordância nominal que varia de acordo com a função do adjetivo na frase, vamos conhecer os casos especiais, que são muito explorados em provas.

16.1.3.1. As expressões é bom, é proibido...

a) Se o sujeito não vier determinado: O predicativo fica invariável.

b) Se houver determinação do sujeito: A concordância será normal.

Exemplos:

16. Vitamina é *bom* para a saúde.

17. Entrada é *proibido.*

18. Esta cerveja é *deliciosa*.

19. A entrada é *proibida*.

Comentários:

Nas frases 16 a 19, temos um caso especial de concordância nominal: as expressões *é bom*, *é proibido*, *é deliciosa*..., representadas por verbo de ligação ser mais predicativo. Se o substantivo na função de sujeito vier

determinado (acompanhado de artigo, pronome) o adjetivo concorda com o sujeito – frases 18 e 19. Se não vier determinado, fica invariável (masculino singular) – frases 16 e 17.

16.1.3.2. Plural do adjetivo composto

a) Adjetivo composto formado de *adjetivo* + *adjetivo*:

O primeiro elemento fica invariável, e o último concorda com o substantivo a que se refere.

Obs.: 1) azul-marinho, azul-celeste, ultravioleta: são invariáveis.

2) surdo-mudo: variam os dois elementos.

b) Adjetivo composto formado de *adjetivo* + *substantivo*:

Os dois elementos ficam invariáveis. Quando a cor vier representada por substantivo não varia.

Exs.:

20. Amizades *luso-brasileiras*.

21. Todas usavam saias *vermelho-claras*.

22. Assisti a reuniões *político-sociais*.

23. Descobertas *médico-científicas* contribuem para o bem da humanidade.

24. Comprou dois ternos *azul-marinho*.

25. Raios *ultravioleta*.

26. Meninos *surdos-mudos*.

Comentários:

A maioria dos exemplos de adjetivos compostos em Língua Portuguesa é aquela cuja formação é de dois adjetivos. Como vimos na teoria, só o último elemento se flexiona em gênero e número, exceções feitas a: *azul-marinho*, *azul-celeste* e *ultravioleta*, que não se flexionam. Em *surdo-mudo*, embora seja um adjetivo composto formado por dois adjetivos, a gramática determina que os dois elementos variem em gênero e número (*surdos-mudos*, *surdas-mudas*).

27. Adorava tecidos *verde-limão*.

28. Bermudas *amarelo-ouro*.

Comentários:

Se aparecer substantivo no adjetivo composto, nenhum elemento se flexiona, ficam invariáveis.

29. Blusas *laranja*.

30. Sapatos *cinza*.

31. Calças *gelo*.

Comentários:

Em português, observa-se que o adjetivo é a classe que denota cor (*blusas azuis*, *vermelhas*, *amarelas*, *brancas*...). Quando a cor vem representada por substantivo (*laranja*, *cinza, gelo*, *abóbora*...), não varia, já que não é papel de substantivo denotar cor.

16.1.3.3. Expressões mesmo, próprio, obrigado, anexo...

As expressões mesmo, próprio, anexo, quite, obrigado, incluso, leso, junto, tal concordam com o nome ou pronome a que se referem.

Obs.: *Em anexo*: fica invariável.

Exs.:

32. Elas *mesmas* não sabiam a questão.

33. Ela *própria* escreveu o bilhete.

34. Enviou-lhe *anexas*/*em anexo* neste envelope as duplicatas necessárias.

35. Vinham *inclusas* na pasta a carta e a procuração.

36. Estamos *quites* com todos vocês.

37. Muito *obrigada*, respondeu a moça.

38. Cometeram-se crimes de *leso*-idioma./ *lesa*-pátria.

39. Os filhos são *tais qual* o pai./ O filho é *tal quais* os pais.

40. Ana e Rosa saem sempre *juntas*.

41. Fernanda chegou *junto com* Lúcia à escola.

Comentários:

Nas frases 32 e 33, *mesmas* refere-se a *elas* e *própria*, a *ela*. Na frase 34, o adjetivo *anexas* está se referindo a duplicatas. Na ordem direta, teríamos: "Enviou-lhe as duplicatas necessárias anexas". Uma outra forma de se dizer o mesmo seria com a expressão *em anexo*, que é invariável e está sempre certa. Na frase 35, *inclusas* é adjetivo de *carta e procuração*. Na ordem direta, teríamos: "A carta e a procuração vinham inclusas". Na frase 36, *quites* é adjetivo de *nós*, é o mesmo que *desobrigados*. Vem do verbo *quitar*, é seu particípio irregular, mas, aqui, tem valor de adjetivo e concorda com o pronome (nós) a que se refere. *Obrigada*, na frase 37, é adjetivo e concorda com o substantivo *moça*. É por isso que meninos dizem *obrigado* e meninas, *obrigada*. Na frase 38, *leso* é

adjetivo: é o mesmo que *lesado*, *prejudicado*. Daí ele concordar em gênero e número com o substantivo com o qual forma uma composição (*idioma* e *pátria*). Na frase 39, *tal* e *qual* concordam com o nome ou pronome que determinam: *tal* concorda com o antecedente e *qual*, com o elemento seguinte. No primeiro exemplo, *tais* concordou com *filhos* e *qual*, com *pai*. No segundo exemplo, *tal* concordou com *filho* e *quais*, com *pais*. Na frase 40, *juntas* é adjetivo que se refere aos substantivos *Ana* e Rosa. Já na frase 41, tem-se a locução prepositiva *junto com* invariável.

16.1.3.4. Expressões menos, pseudo, alerta, um e outro, um ou outro...

a) Monstro (como adjetivo), menos, pseudo, alerta:

Ficam invariáveis

b) Um e outro, nem um nem outro, um ou outro:

Com essas expressões o **substantivo** não se flexiona.

Exs.:

42. Compareceram *menos* pessoas que o esperado.

43. Se você quiser manter a elegância, coma *menos*.

44. Ainda existem alguns *pseudo*-heróis.

45. Os soldados continuavam *alerta.*

46. São duas criaturas *monstro*.

47. Um e outro *remédio* eram necessários.

48. Nem um nem outro *namorado* a entendia.

Comentários:

Na frase 42, *menos*, apesar de ser pronome adjetivo indefinido, que é uma classe, na maioria das vezes, variável, refere-se ao substantivo *pessoas*, mas não varia. Já na frase 43, ele é advérbio e, por isso mesmo, invariável. *Menos* não varia nem como pronome indefinido, nem como advérbio: não varia nunca!

Pseudo é elemento grego que significa *falso*, ligando-se ao elemento seguinte, mas mantendo--se sempre invariável. É o que se observa na frase 44.

Alerta é rigorosamente advérbio, ainda que muitos tentem usar tal vocábulo como adjetivo, o que se deve evitar: daí na frase 45 não aparecer flexionado. *Alerta* só deve assumir papel de adjetivo se vier junto ao substantivo, como na frase: "Naquele momento, todos tinham os sentidos *alertas*".

Aqui, ele é adjetivo e concorda com o substantivo *sentidos*, fato que não ocorreu na frase 45: ali *alerta* era

advérbio e se referia ao verbo *continuavam*.

Na frase 46, *monstro*, apesar de ser adjetivo de *criaturas*, não admite variação.

Frases 47 e 48: *um e outro*, *um ou outro* e *nem um nem outro* levam obrigatoriamente o substantivo para o singular. O que poderá se flexionar, em algumas situações, será o verbo, assunto de que vamos tratar no capítulo sobre concordância verbal.

16.1.3.5. Expressões só, meio, bastante, caro, barato...

As expressões concordam com o substantivo a que se referem. Se aparecerem como advérbios ou palavras denotativas, ficam invariáveis.

Obs.: *A sós*: fica invariável.

Exemplos:

49. *Só* eles compareceram à cerimônia de posse.

50. Eles se encontravam *sós/só* naquele lugar deserto.

51. Percebi que eles *só* desejam o nosso bem.

52. As moças jamais ficarão *sós*.

Comentários:

Na frase 49, *só* equivale a *somente* ("*somente* eles compareceram à cerimônia de posse"): é palavra denotativa de exclusão, sendo, portanto, invariável. Já na frase 50, em um primeiro momento, o que se quis dizer é que "eles se encontravam *sozinhos* naquele lugar deserto": *só* seria adjetivo e concordaria com o pronome *eles*. No entanto, podemos ler tal frase de uma outra forma:

Eles se encontravam só (= somente) naquele lugar deserto.

Teríamos, aqui, outra leitura: "eles se encontravam *apenas* naquele lugar deserto, em nenhum outro lugar". Por isso, as duas opções estariam corretas na frase 50.

Já na frase 51, não há ambiguidade: *só* equivale a *somente*, *apenas*, sendo, portanto, invariável. Na frase 52, *sós* é adjetivo que se refere a *moças*. É claro que também estaria certa a expressão *a sós*, que é invariável e está sempre certa!

53. Traga-me *meia* caneca de café.

54. Ela andava *meio* esquisita.

Comentários:

Meia, na frase 53, é numeral fracionário. Refere-se ao substantivo *caneca* e, já que é numeral, trata-se de classe

variável. Já na frase 54, é advérbio, referindo-se ao adjetivo *esquisita*, mantendo-se, assim, sem se flexionar.

55. Eu não o vejo há *bastantes* dias.

56. Havia livros *bastantes* naquela estante.

57. Conhecemos pessoas *bastante* agradáveis.

58. Trabalharam *bastante* para entregar o serviço no prazo.

Comentários:

Bastante, na frase 55, equivale a *muitos*, refere-se a *dias*: é pronome indefinido, sendo, portanto, variável. Na frase 56, é adjetivo, equivalendo a *suficientes*: qualifica o substantivo *livros* e concorda com ele. Já nas frases 57 e 58, *bastante* funciona como advérbio, referindo-se ao adjetivo *agradáveis* e ao verbo *trabalharam*, respectivamente. E, como já vimos, sendo advérbio, será invariável.

Só pode ser adjetivo (= sozinho) ou palavra denotativa de exclusão (= somente). Se for adjetivo, irá variar. Como palavra denotativa de exclusão, não varia.

Meio pode ser numeral (= metade) ou advérbio (= um pouco). Quando for numeral, concordará com o substantivo a que se referir. Quando for advérbio, permanecerá invariável.

Bastante, quando se referir a substantivo, poderá ser pronome indefinido ou adjetivo (= suficiente). Nos dois casos, concordará com o substantivo a que se referir. Só será invariável quando funcionar como advérbio, referindo-se a verbo/adjetivo/advérbio.

59. Aquelas roupas estão *caras*/ *baratas*. (caro/barato)

60. Os gêneros alimentícios permanecem *caros*/*baratos*.

61. Os gêneros alimentícios custam *caro*/*barato* ou *caros/baratos.*

Comentários:

Caro e *barato* podem atuar como adjetivos ou advérbios. Se adjetivos, irão variar. Se forem advérbios, permanecerão invariáveis. Na frase 59, são adjetivos que se referem ao substantivo *roupas*. O mesmo acontece na frase 60: são adjetivos do substantivo *gêneros*. No entanto, pode--se ler a frase 61 de duas maneiras:

Os gêneros alimentícios custam caro/barato.

(Aqui, *caro*/*barato* seriam advérbios de preço do verbo *custar*, sendo, por isso, invariáveis).

Os gêneros alimentícios custam caros/baratos.

(Nesse caso, *caros*/*baratos* seriam adjetivos de *gêneros*, concordando com esse substantivo).

Repare que nas frases 59 e 60 esses adjetivos aparecem com verbo de ligação na frase (*estar*, *permanecer*). Nesse caso, serão sempre adjetivos, na função de predicativos do sujeito, e irão variar. Já na frase 61, o verbo **não** é de ligação, o que permite dupla possibilidade de concordância: os vocábulos *caro*/*barato* poderão se referir ao substantivo ou ao verbo.

16.1.3.6. Expressões o mais possível, a olhos visto, haja vista...

a) O adjetivo **possível** concordará com o determinante.

b) A expressão **a olhos vistos** fica invariável ou a palavra *visto* concorda com o substantivo ou pronome a que se refere.

c) em **haja vista**, o substantivo **vista** fica invariável. Essa expressão (haja vista) estará **sempre** certa.

62. Comportamentos o mais insensatos *possível*.

63. Comportamentos os mais insensatos *possíveis*.

Comentários:

Com *o mais*, *o menos*, *o melhor*, *o pior possível*: o adjetivo *possível* concorda com o artigo "o", ficando, portanto, no singular. Foi o que aconteceu na frase 62. Porém:

Gestos *os* mais carinhosos *possíveis*.

Atitudes *as* mais modestas *possíveis*.

Com o plural *os*/*as mais*, *os*/*as menos* etc., o adjetivo *possível* vai ao plural, seguindo a flexão do artigo. Foi o caso da frase 63.

Portanto, as duas respostas estão igualmente corretas.

64. Ela tem piorado a olhos *vistos*/ a olhos *vista*.

Comentários:

Vistos concorda normalmente com *olhos*. Mas existe uma outra opção, ainda que desusada, que é a de o vocábulo *visto* concordar com aquilo que se vê (sujeito da frase). Na frase acima, têm--se, então, as duas opções: *vistos* concordando com *olhos* ou *vista* concordando com *ela*. Se fosse *elas*, seria *elas têm piorado a olhos vistos/vistas* etc.

65. *Haja vista* o resultado.

66. *Haja vista*/*Hajam vista* os resultados.

67. *Haja vista* dos resultados.

68. *Haja vista*/*Hajam vista* as dificuldades por que passamos.

Comentários:

Haja vista será uma construção **sempre** certa, é o que se vê nas frases 65 a 68. O que seria erro, segundo a norma culta da língua, seria "*Haja vist**o*** o resultado". Na frase 66, além de *haja vista*, tem-se uma outra possibilidade, que é a de se considerar *os resultados* como sujeito e fazer a flexão do verbo. É uma construção desusada nos dias

de hoje, porém correta e possível de aparecer em prova. Observe que na frase 67 já não se pode ter o mesmo raciocínio: iniciado por preposição, "dos resultados" não pode ser considerado sujeito, e sim objeto indireto. Daí o verbo não se flexionar. A frase 68 apresenta a mesma lógica da 66: pode-se considerar *as dificuldades* objeto direto, e não se flexionar o verbo, ou sujeito, fazendo a concordância do verbo.

16.1.3.7. Um substantivo modificado por dois ou mais adjetivos

Um substantivo modificado por dois ou mais adjetivos:

Os adjetivos ficam no singular.

69. As literaturas *portuguesa* e *brasileira*.

70. Comunica-se nas línguas *inglesa*, *francesa* e *alemã*.

71. A literatura *portuguesa* e a *brasileira*.

Comentários:

Quando há um só núcleo seguido de dois ou mais adjuntos, o substantivo pode ficar no singular ou ir para o plural. Nas frases 69 e 70, os substantivos ficaram no plural e os adjetivos, no singular. Já na frase 71, observa-se a outra possibilidade: o substantivo *literatura* ficou no singular, bem como seus adjetivos, com a repetição do artigo no singular antes de brasileira. Nesses casos, os adjetivos, com a repetição do artigo, ficam no singular porque o sentido da frase exige.

Aproveite a seguir os exemplos comentados.

Julgue os casos de concordância a seguir. Nas situações de erro de concordância, indique a forma que melhor se adequaria à norma culta.

1. Anexa àquela carta destinada ao pai da moça, foram remetidas as joias.

Comentários: *Anexa* é adjetivo que se refere a *joias*: precisa concordar com ele.

Resposta: errada a assertiva. O certo seria *anexas*. Na ordem direta, teríamos a seguinte frase: "As joias foram remetidas anexas àquela carta".

2. Naquelas bagagens havia joias bastante preciosas.

Comentários: *Bastante* é advérbio que modifica o adjetivo *preciosas*, daí não poder variar.

Resposta: a frase está correta.

3. Fica instituído no Quadro de Pessoal a classe de Técnico de Tributação.

Comentários: *Instituído* é adjetivo particípio que se refere ao substantivo *classe*. Na ordem direta, teríamos "A classe de Técnico de Tributação fica *instituída* no Quadro de Pessoal." Por isso, o certo seria *instituída*.

Resposta: assertiva errada.

4. O professor qualificou de inaceitável aquelas gírias.

Comentários: *Inaceitável* é adjetivo que se refere a *gírias*. Basta organizar a frase e você verá: "O professor qualificou aquelas gírias de inaceitáveis".

Resposta: assertiva errada.

5. Pagando cem mil-réis, ele estaria quite com o velho.

Comentários: *Quite* é adjetivo que se refere a *ele*, por isso está no singular.

Resposta: a frase está certa.

6. O Tribunal qualificou de ilegal aquelas nomeações.

Comentários: Mais uma vez, a frase fora de ordem pode causar problemas: *ilegal* refere-se a *nomeações* ("O Tribunal qualificou aquelas nomeações de ilegais").

Resposta: frase errada.

7. Segue anexa a documentação pedida sobre a linguagem dos estudantes.

Comentários: *Anexa* é adjetivo que caracteriza *documentação*.

Resposta: a frase está certa. Também se poderia utilizar a locução *em anexo*.

8. Houve crime de leso-humanidade.

Comentários: *Leso* é adjetivo que se refere a *humanidade*, portanto, deve concordar com este substantivo.

Resposta: frase errada. O certo seria dizer *lesa-humanidade*.

9. Parecia meio aborrecida a mulher do mestre Amaro.

Comentários: *Meio* é advérbio que modifica o adjetivo *aborrecida*.

Resposta: como advérbio, não deve variar, a frase está certa.

10. Não usem de meio palavras, já que estamos meio desconfiadas.

Comentários: *Meio* agora é numeral que se refere a *palavras*. Numeral é classe de palavra variável.

Resposta: a frase está errada. O certo seria dizer *meias palavras*.

11. As gírias ouvidas neste colégio são tais quais as que podemos observar em qualquer grupo de jovens.

Comentários: *Tais* é pronome que se refere a *gírias* e *quais*, ao pronome *as* (= aquelas).

Resposta: a frase está certa.

12. As garotas chegaram juntas, mas depois cada uma foi embora junto com o namorado.

Comentários: *Juntas* é adjetivo que se refere a *garotas*. Observe na mesma frase a locução prepositiva *junto com*, que é invariável.

Resposta: assertiva certa.

13. Encerrado os debates, bastantes deputados ainda pediam a palavra.

Comentários: *Encerrado* é adjetivo particípio que se refere a *debates*, por isso deve concordar com ele. O certo seria dizer *encerrados os debates*. Já o vocábulo *bastantes*, por ser pronome indefinido (= muitos) está adequadamente concordando com o substantivo *deputados*.

Resposta: parcialmente errada, portanto, a frase.

14. As pessoas pareciam meio distraídas durante a palestra.

Comentários: *Meio* é advérbio que se refere a *distraídas*. Deve ficar invariável.

Resposta: frase certa.

15. Aquela loja fazia ofertas o mais tentador possível.

Comentários: O adjetivo *possível* está no singular, em função do artigo *o*. Quanto a isso, a frase está correta. Mas o adjetivo *tentador*, que se refere a *ofertas*, deveria com este substantivo concordar. O certo seria dizer: "Aquela loja fazia ofertas o mais tentadoras possível."

Resposta: frase errada.

16. Os operários fizeram duas horas extra.

Comentários: *Extra* é adjetivo que se refere a *horas*. Por isso, deve concordar com tal substantivo.

Resposta: frase errada. O certo seria dizer *duas horas extras*.

17. Eu lhes peço que as deixem sós.

Comentários: *Sós* é adjetivo que se refere ao pronome oblíquo átono *as*. Daí a flexão.

Resposta: a frase está certa. Também seria certo utilizar a locução *a sós*.

18. Só alunos são admitidos na reunião.

Comentários: *Só*, aqui, equivale a *somente*. É palavra denotativa de exclusão. Portanto, deve ficar invariável, como está.

Resposta: frase certa.

19. As questões serão tais qual o programa.

Comentários: *Tais* está adequadamente concordando com *questões* e *qual* com *programa*.

Resposta: frase certa.

20. Estando pronto os preparativos para o início da corrida, foi dada a largada.

Comentários: *Pronto* é adjetivo que se refere a *preparativos*, por isso deveria estar no plural.

Resposta: frase errada. O certo seria dizer *estando prontos os preparativos*…

21. Estejamos sempre alerta para evitar contratempos maiores.

Comentários: *Alerta* aqui é advérbio. Portanto, invariável.

Resposta: frase certa.

22. É um relógio que torna inesquecível todas as horas.

Comentários: Basta organizar a frase e você verá o erro: "É um relógio que torna todas as horas *inesquecíveis*". *Inesquecível* é adjetivo que se refere a *horas* e deve concordar com este substantivo.

Resposta: a frase está errada.

23. Era a mim mesmo que ele se referia – disse a moça.

Comentários: *Mesmo* é pronome que se refere ao substantivo *moça*. Deve concordar com ele.

Resposta: frase errada: o certo seria dizer "era a mim mesma que ele se referia".

24. Os fatos falam por si só.

Comentários: *Só*, aqui, é adjetivo que modifica *fatos*. É o mesmo que *sozinhos*: "Os fatos falam por si sozinhos".

Resposta: a frase está errada. O certo seria dizer "Os fatos falam por si sós".

25. Eles próprios entenderão a matéria.

Comentários: *Próprios* refere-se a *eles* e está adequadamente concordando com o pronome.

Resposta: frase certa.

26. Vai incluso à carta meu documento.

Comentários: Organize a frase: "Meu documento vai incluso à carta". *Incluso* refere-se a *documento*, por isso, está no masculino singular.

Resposta: a frase está certa.

27. Nenhuns obstáculos conseguirão impedir nossa vitória.

Comentários: *Nenhuns* é pronome indefinido que se refere a *obstáculos*, por isso está no masculino plural. Estranha a frase, não é? Se fosse o pronome *alguns* você também não o colocaria no masculino singular?

Resposta: a frase está correta.

28. Todos os soldados do quartel estavam alertas.

Comentários: Mais uma vez, *alerta* apareceu como advérbio: não deve variar.

Resposta: a frase está errada. O certo seria dizer "Todos os soldados do quartel estavam alerta".

29. Foi iniciado com meia hora de atraso a votação no Congresso.

Comentários: *Iniciado* refere-se a *votação*, por isso deveria estar no feminino singular. Na ordem direta, teríamos a seguinte frase: "A votação no Congresso foi iniciada com meia hora de atraso".

Resposta: frase errada.

30. Parece possíveis distinguir duas tendências fundamentais.

Comentários: *Possível* é adjetivo que está modificando a oração "distinguir duas tendências fundamentais". Por isso, não deve se flexionar. Observe que o próprio verbo não se flexionou.

Resposta: a frase está errada. Basta colocá-la na ordem e você verá: "Distinguir duas tendências fundamentais parece *possível*".

16.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

Agora, é a sua vez! Vamos fixar tudo o que você aprendeu?

I. Complete as frases a seguir com a expressão entre parênteses.

1. Faca e navalha _____ / _____. (afiado)
2. Aquele quadro era um símbolo de uma estética e época _____ / _____. (tedioso)
3. Amor e agradecimento _____ / _____. (eterno)
4. Códigos e senhas _____ / _____. (alterado)
5. Mãe e pai _____ / _____. (moderno)
6. Argumentos e justificativas _____ / _____. (pífio)
7. Rio consome frutas e legumes _____. (contaminado)
8. Supermercado Y: qualidade e preço _____. (baixo)
9. Comprou legumes, frutas e carne _____ (bovino)
10. Vendia pães e frutas _____. (maduro)
11. _____ clima e terra. (desconhecido)
12. _____ faca e navalha. (afiado)
13. _____ atitudes e gestos. (belicoso)
14. _____ cores e tamanhos. (variado)

15. Os _____ Gil e Caetano. (famoso)

16. As _____ mãe e filha. (corajoso)

17. As meninas vieram _____. (acompanhado)

18. Sua reivindicação é _____. (justo)

19. A crise financeira deixou _____ os cofres do clube. (vazio)

20. É um relógio que torna _____ todas as horas. (inesquecível)

21. A neve e o jardim eram _____. (branco)

22. Eram _____ a neve e o jardim. (branco)

23. Era _____ a neve e o jardim. (branco)

24. Encontrei a janela e o portão _____ / _____. (aberto)

25. Encontrei _____ / _____ a janela e o portão. (aberto)

26. As culturas _____, _____ e _____. (indígena, negro e europeu)

27. A cultura _____, a _____ e a _____. (indígena, negro e europeu)

28. As gramáticas _____ e _____. (inglês e alemão)

29. A gramática _____ e a _____. (inglês e alemão)

30. Conselhos _____ e _____ de engenharia. (federal e regional)

31. Fé é _____. (necessário)

32. É _____ entrada de pessoas estranhas ao serviço. (proibido)

33. A fé é _____. (necessário)

34. É _____ a entrada de pessoas estranhas ao serviço. (proibido)

35. As verdades descobertas são as mais variadas _____. (possível)

36. As verdades descobertas são o mais variadas _____. (possível)

37. Deve ser um bom livro, _____ as suas edições sucessivas. (haja vista)

38. Suas forças definhavam a olhos _____. (visto)

39. Um e outro _____ serão promovidos. (funcionário)

40. Nem um nem outro _____ conseguiu aprovação. (aluno)

41. Conheço uma ou outra _____. (hipótese)

42. Os filhos são _____ _____ a mãe. (tal qual)

43. _____ ao presente documento, encaminhamos a fotocópia do decreto x. (anexo)

44. Vão _____ à carta meus documentos. (anexo)

45. Vão _____ à carta meus documentos. (em anexo)

46. Estou _____ com todos vocês. (quite)

47. Estamos _____ com todos vocês. (quite)

48. Muito _____, respondeu a tia. (obrigado)

49. Seguem _____ aos documentos as fotografias. (incluso)

50. Sua opinião é um crime de _____-inteligência. (leso)

51. Ana e Rosa saem sempre _____. (junto)

52. Elas _____ entenderão o recado. (próprio)

53. Trabalhas _____ que eu. (menos)

54. Havia, naquela festa, _____ mulheres que homens. (menos)

55. Os candidatos estavam _____. (alerta)

56. Ficou _____ portão. (junto a)

57. Fernanda chegou _____ Guilherme ao colégio. (junto com)

58. Entrou em casa e deixou _____ os dois jovens debaixo das amendoeiras do portal. (só)

59. Os fatos falam por si _____. (só)

60. _____ alunos são admitidos na reunião. (só)

61. Bebeu sozinho _____ caneca de vinho. (meio)

62. Eram pessoas _____ estranhas. (meio)

63. Há _____ exemplos neste livro. (bastante)

64. Comprou livros _____. (bastante)

65. Comprou livros _____ antigos. (bastante)

66. Só dois atos seus não pareciam _____ a esta imagem. (conforme)

67. Elas _____ entenderão o recado. (mesmo)

68. _____ as crianças entenderão o recado. (mesmo)

69. As canetas eram _____. (caro; barato)

70. O camelô vendia _____ as canetas. (caro; barato)

71. Processos _____. (administrativo-fiscal)

72. Parcerias _____. (público-privado)

73. Grupos _____. (hispano-argentino)

74. Crianças _____. (recém-nascido)

75. Ternos _____. (azul-marinho; azul-celeste)

76. Jovens _____. (surdo-mudo)

77. Crianças _____. (surdo-mudo)

78. Blusas _____. (verde-garrafa)

79. Vestidos _____. (vermelho-sangue)

80. Calças _____. (cinza-chumbo)

81. Tecidos _____. (palha; cinza; laranja; rosa)

II. Levando em consideração as regras de concordância nominal, marque certo (C) ou errado (E).

1. ( ) Estava com baixo autoestima.

2. ( ) Estas foram as sós palavras que ele disse.

3. ( ) Os setores público e privado devem estar integrados.

4. ( ) Aquela menina nada tem de engraçado.

5. ( ) Perdi meu óculos escuros.

6. ( ) Nenhuns obstáculos conseguirão impedir nossa vitória.

7. ( ) As milhares de pessoas que assistiram àquele espetáculo saíram felizes.

8. ( ) As cópias estavam conformes com as originais.

9. ( ) Anexa àquela carta destinada ao pai da moça, foram remetidas as joias.

10. ( ) Naquelas bagagens havia joias bastantes preciosas.

11. ( ) O Tribunal qualificou de ilegal aquelas nomeações.

12. ( ) Vossa Senhoria é muito competente e qualificado.

13. ( ) Fica instituído no Quadro de Pessoal a classe de Técnico de Tributação.

14. ( ) Existem meios para tudo.

15. ( ) O relógio bateu meio-dia e meio.

16. ( ) O professor qualificou de inaceitável aquelas gírias.

17. ( ) As gírias ouvidas neste colégio são tais quais as que podemos observar em qualquer grupo de jovens.

18. ( ) Os partidos de cana mostravam tonalidades verde-esmeraldas.

19. ( ) Pagando cem reais, ele estaria quites com o velho.

20. ( ) Os famosos Machado e Alencar.

21. ( ) Seguem em anexo as fotos.

22. ( ) Seguem anexas as fotos.

23. ( ) Os candidatos não eram nenhum bobocas.

24. ( ) Não votaram em candidato nenhum.

25. ( ) Persistência é necessário para obtermos um bom resultado.

26. ( ) As questões serão tais qual o programa.

27. ( ) Anexo à correspondência vão documentos importantes.

28. ( ) Estejamos sempre alertas para evitar contratempos maiores.

29. ( ) Os alertas foram dados. As pessoas alertas correram.

30. ( ) Ela era considerada um monstro por seus inimigos.

31. ( ) O primeiro e o segundo atos.

III. Complete as lacunas com a(s) forma(s) adequada(s).

1. Elas _____ providenciaram os atestados, que enviaram _____ às procurações, como instrumentos _____ para os fins colimados. (mesmo/anexo/bastante)

2. São bastante _____ tais ideias e opiniões sobre o computador. (difundido)

3. Serão _____ tanto os técnicos quanto as pessoas menos qualificadas. (promovido)

4. Tornam-se muito _____ a área e os meios de atuação dos funcionários. (limitado)

5. Torna-se muito _____ a área e os meios de atuação dos funcionários. (limitado)

6. Podem ser neste ponto _____ a tarefa dos antigos artesãos e a dos modernos operários. (comparado)

7. Pode ser neste ponto _____ a tarefa dos antigos artesãos e a dos modernos operários. (comparado)

8. Ficam _____ nas mãos de poucos todos os conhecimentos e habilidades. (concentrado)

9. _____ montes e várzeas se sucediam na paisagem. (florido)

10. Aprecio a cultura e a história _____. (europeu)

11. Comprou jornais e revistas _____. (brasileiro)

12. Os meninos estavam com os pés e as mãos _____. (sujo)

13. Encontrei _____ as cadeiras e o sofá. (reformado)

14. A professora contou-nos _____ lendas e contos. (antigo)

15. Não houve chuvas _____ para resolver o problema da agricultura. (bastante)

16. Tinha _____ chances de conseguir o emprego. (bastante)

17. As novas tecnologias eram _____ prejudiciais aos trabalhadores. (bastante)

18. Esses diretores não costumam aceitar nossas reivindicações, _____ que sejam elas. (qualquer)

19. Pode-se ver do alto daquele prédio as bandeiras _____. (brasileiro e português)

20. Veio _____ ao requerimento a planta da casa reformada. (anexo)

21. Aquela loja fazia ofertas o mais _____ possível. (tentador)

22. As observações do autor do texto foram as mais pertinentes _____. (possível)

23. Julgamos _____ ao espírito humano as indagações constantes sobre o que é verdade. Ocorre porém que, em nosso presente estágio evolutivo, as verdades descobertas são o mais variadas _____. (natural/possível)

24. O uso de certas máquinas deixa mais _____ os legumes. (barato)

25. Com o uso de certas máquinas, os legumes estão ficando muito mais _____. (caro)

26. O uso de certas máquinas faz com que custem mais _____ as batatas. (barato)

27. O filósofo alemão Jügen Habermas vem insistindo: o fim do Estado Nacional como instância reguladora do mercado também torna _____ as formas tradicionais do exercício da cidadania. (obsoleto)

28. O seleiro sentiu o papel e a nota _____ no bolso. (novo)

29. O Direito e o fato social não existem por si _____ no seio da sociedade. (só)

30. Por mais _____ que lhes pareça a resolução desses exercícios, apliquem-se, e verão quão menos _____ na verdade o são. (difícil/complicado)

31. Corriam _____ nossa imaginação e nosso pensamento, naquele tempo em que quaisquer ameaças à nossa felicidade pareciam _____. (solto/impossível)

32. Seria _____, numa hora como esta, contar com a ajuda de pessoas que nunca buscaram estar minimamente _____ de mim? (oportuno/próximo)

33. O mais duvidoso, em meio às tuas propostas, é que _____ uma delas obtenha o consenso há tantos dias inutilmente _____. (qualquer/perseguido)

34. Aqueles papéis, que sempre lhes pareceu _____ guardar, revelaram-se de importância absolutamente _____ para eles. (inútil/vital)

35. _____ está a carta, os recibos e os documentos pedidos. (anexo)

Gabarito: I – 1. afiadas / afiada; 2. tediosas / tediosa; 3. eternos / eterno; 4. alterados / alteradas; 5. modernos / moderno; 6. pífios / pífias; 7. contaminados; 8. baixo; 9. bovina; 10. maduras. Obs.: Nas frases 8, 9 e 10, o sentido exige a concordância atrativa; 11. Desconhecido; 12. Afiada; 13. Belicosas; 14. Variadas; 15. famosos; 16. corajosas; 17. acompanhadas; 18. justa; 19. vazios; 20. inesquecíveis; 21. brancos; 22. brancos; 23. branca; 24. abertos / aberto; 25. abertos /aberta; 26. indígena / negra e europeia; 27. indígena / negra e europeia; 28. inglesa / alemã; 29. inglesa / alemã; 30. federal / regional; 31. necessário; 32. proibido; 33. necessária; 34. proibida; 35. possíveis; 36. possível; 37. haja vista; 38. vistos. Obs.: As expressões "haja vista" e "olhos vistos" podem concordar com seus respectivos sujeitos (... hajam vista suas edições e suas forças vistas aos olhos definhavam); 39. funcionário; 40. aluno; 41. hipótese; 42. tais qual; 43. Anexa; 44. anexos; 45. em anexo; 46. quite; 47. quites; 48. obrigada; 49. inclusas; 50. lesa; 51. juntas; 52. próprias; 53. menos (advérbio); 54. menos (pronome); 55. alerta. Obs.: A palavra **menos** é invariável, independentemente de sua classificação morfológica. O vocábulo "alerta", como está empregado na frase 55, é advérbio, portanto invariável. Conforme a frase, "alerta" pode aparecer como adjetivo (homens alertas) ou substantivo (Os alertas foram dados), variando, pois; 56. junto ao; 57. junto com; 58. sós; 59. sós; 60. Só; 61. meia; 62. meio; 63. bastantes (pronome); 64. bastantes (adjetivo); 65. bastante (advérbio); 66. conformes (adjetivo); 67. mesmas (pronome); 68. Mesmo (palavra denotativa de inclusão); 69. caras / baratas (adjetivos); 70. caro / barato (advérbio); 71. administrativo-fiscais; 72. público-privadas; 73. hispano-argentinos; 74. recém-nascidas; 75. azul-marinho / azul-celeste; 76. surdos-mudos; 77. surdas-mudas; 78. verde-garrafa; 79. vermelho-sangue; 80. cinza-chumbo; 81. palha; cinza; laranja; rosa.

II – 1. E; 2. c; 3. c; 4. c (Com expressões constituídos por nada, algo... + preposição + adjetivo, a tendência é não flexionar o adjetivo. Algumas gramáticas, porém, aceitam a flexão do adjetivo.); 5. e ("Óculos" leva o determinante ao plural – meus óculos.); 6. c; 7. e ("Milhar" é palavra masculina.); 8. c ("Conformes", nesta frase, equivale a *idênticas*, adjetivo, pois.); 9. e ("Anexas". Refere-se a "joias".); 10. e ("Bastante" modifica "preciosas", advérbio, pois.); 11. e ("Ilegais". Refere-se a "nomeações".); 12. c (Silepse.); 13. e (Instituída.); 14. c; 15. e ("Meia" é numeral, concorda com a palavra "hora", subentendida.); 16. e ("Inaceitáveis" são as "gírias".); 17. c; 18. e; 19. e; 20. c; 21. c; 22. c; 23. e (Nenhuns.); 24. c; 25. c; 26. c; 27. E ("Anexos" vão os "documentos".); 28. E; 29. C; 30. C ("Monstro", como adjetivo, não varia.); 31. C (Quando numerais ordinais modificam um substantivo, este poderá ficar no singular ou plural – **ato** ou **atos** – se os numerais vierem antecedidos de artigo, como é o caso. Usaremos o substantivo no plural se não houver a repetição do artigo – **O primeiro e segundo atos** – ou se vier antes dos numerais – **Os atos primeiro e segundo**.).

III – 1. mesmas / anexos / bastantes; 2. difundidas; 3. promovidos; 4. limitados; 5. limitada; 6. comparadas; 7. comparada; 8. concentrados; 9. Floridos; 10. europeias / europeia; 11. brasileiros / brasileiras; 12. sujos / sujas; 13. reformados / reformadas (predicativo do objeto – caso 3 (c)); 14. antigas (adjunto adnominal anteposto – caso 2 (A)); 15. bastantes (adjetivo); 16. bastantes (pronome indefinido); 17. bastante (advérbio); 18. quaisquer; 19. brasileira e portuguesa; 20. anexa; 21. tentadoras ("ofertas tentadoras"); 22. possíveis; 23. naturais / possível; 24. baratos; 25. caros; 26. barato (Nesta frase, a tendência é considerar como advérbio.); 27. obsoletas (Predicativo do objeto.); 28. novos / nova; 29. sós; 30. difícil / complicados; 31.

soltos / impossíveis; 32. oportuno / próximas; 33. qualquer / perseguido; 34. inútil / vital; 35. Anexa.

16.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

1. (Cesgranrio) "para ela mesma se alimentar"; a alternativa que mostra uma construção errada com o vocábulo mesmo é:

a) Nós mesmos fomos até lá.

b) Mesmo ela não compreendeu a questão.

c) Os mesmos carros foram vendidos.

d) Elas mesmas ficaram doentes após o contato.

e) Ela falava consigo mesmo o dia inteiro.

Comentários:

A concordância nominal, basicamente, é dividida em duas partes: os casos que envolvem a identificação das classes gramaticais – variáveis ou invariáveis – e os casos que mostram o adjetivo e suas funções.

Esta questão trata dos valores do vocábulo mesmo, que pode ser pronome ou adjetivo (classes variáveis) ou palavra denotativa que indica inclusão (classe invariável).

Nas opções A, D e E, aparecem com o valor de pronomes.

Na C, o valor é de adjetivo. Na opção B, o sentido é de inclusão, não variando. Como o pronome é uma classe variável, a letra E ficaria "Ela falava consigo mesma".

Resposta: E.

2. (Petrobras) A opção em que a concordância nominal está correta, segundo o registro culto e formal da língua, é:

a) Eu mesmo, disse a senhora, providenciarei a água filtrada para o gari.

b) No condomínio em frente, havia menas gente cuidadosa.

c) Haja visto o seu bom humor, pedi-lhe que me ajudasse nas tarefas.

d) Ao recolher os sacos de lixo, eles estavam feliz.

e) No verão, água gelada é bom para minimizar o calor.

Comentários:

A letra A apresenta o termo mesmo se referindo a "senhora", erro, portanto. A letra B traz uma palavra que não existe (menos é palavra invariável).

Na letra C, "Haja visto" está errado, pois o termo é "vista", sempre. A letra D mostra o adjetivo "feliz" no singular

se referindo a “eles” no plural.

A opção E mostra o caso das expressões é bom, é proibido, é permitido... que não se flexionam se o substantivo não vier determinado. Só haverá a concordância se o substantivo vier acompanhado de artigo, pronome.

Resposta: E.

3. (Petrobras) Na passagem “...somos responsáveis por nós mesmos”, o vocábulo destacado é variável. Em qual das frases abaixo há uma transgressão ao registro culto e formal da língua, quanto à flexão dos vocábulos destacados?

a) Felizmente, bastantes pessoas foram corajosas para enfrentar seus problemas emocionais.

b) Alguns ficaram meio irritados por não entenderem a sutil diferença entre dar a mão e acorrentar uma alma.

c) Os seus atos e temperamento custaram caro para você.

d) Haja visto o resultado final, começou a entender melhor suas derrotas.

e) Acredito que só as verdadeiras amizades se mantêm para toda a vida.

Comentários:

A letra A mostra a palavra “bastante” se referindo a “pessoas”, que é substantivo com a ideia de muitas, ou seja, pronome indefinido, classe variável.

Nas opções B e C, “meio” e “caro” são advérbios (não variam), já que modificam adjetivo e verbo, respectivamente.

A letra E traz o vocábulo “só” com o valor semântico de exclusão, palavra denotativa (invariável).

A letra D apresenta “visto” de uma forma errada, pois na expressão “Haja vista” essa palavra não varia.

Resposta: D.

4. (FCC / TRT) No segmento “os povos egípcio e israelita”, o substantivo aparece no plural e os dois adjetivos no singular. O item abaixo em que os adjetivos poderiam ocorrer no plural é:

a) as atuais bandeiras brasileira e portuguesa;

b) as séries primeira e segunda do ensino médio;

c) os idiomas francês e inglês;

d) os jornais paulista e carioca da atualidade;

e) os territórios brasileiro e argentino.

Comentários:

Esta questão exemplifica o caso de concordância em que temos um substantivo modificado por dois adjetivos, em que, pelo sentido exigir, os adjetivos têm de ficar no singular (“povos” existem vários, mas só um é egípcio, só um israelita).

Essa explicação serve para as opções A, B, C e E.

Na letra D, há possibilidade de os adjetivos aparecerem no plural, uma vez que existe mais de um jornal paulista e carioca.

Resposta: D.

5. (FCC / TRT) O item em que concordância é aceitável na norma culta é:

a) O filósofo considerou estranho a pesquisa dos universitários.

b) Está difícil a quitação do empréstimo bancário feita no ano passado.

c) Uma pequena parte do texto é compreendido.

d) Os livros traziam 30 páginas de textos rasgados.

e) Tornou-se clara para o leitor minha posição sobre o assunto.

Comentários:

Na letra A, "estranho" se refere a "pesquisa", então estaria errado ("…considero a pesquisa dos universitários estranha"). Na B, o "empréstimo" é que foi "feito". Na C, a "parte" do texto foi "compreendida". A letra D traz o adjetivo "rasgados" concordando com "textos", o que também caracteriza um erro, pois "rasgadas" seriam as "páginas". Na opção E, "clara" é a "posição", concordância correta.

Resposta: E.

16.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (TRF3 – Técnico Judiciário – FCC – Abril/2016)

A alternativa em que a expressão sublinhada pode ser substituída pelo que se apresenta entre colchetes, respeitando-se a concordância, e sem quaisquer outras alterações no enunciado, é:

a) *A maioria das tecnologias necessárias para as cidades inteligentes já são viáveis economicamente em todo o mundo...* [viável]

b) *A ideia de cidade inteligente sempre aparece relacionada à abertura de bases de dados por parte dos órgãos públicos.* [relacionado]

c) *Em nome da eficiência administrativa, podem-se armazenar, por exemplo, enormes massas de dados de mobilidade urbana...* [são possíveis]

d) *...desde bases de dados de saúde e educação públicas, por exemplo, até os dados pessoais...* [pública]

e) *Contudo, existem estudos que apontam que bastariam meros quatro pontos de dados...* [bastaria]

2. (TRF3 – Técnico Judiciário – FCC – Abril/2016)

A frase cuja redação está inteiramente correta é:

a) Obtido pela identificação por radiofrequência, os dados das placas de veículos são passíveis em oferecer informações valiosas acerca dos motoristas.

b) Na cidade inteligente, a automatização da gestão de setores urbanos são facilitadores de serviços imprecindíveis, como saúde, educação e segurança.

c) Londres e Barcelona estão entre as cidades que mais destaca-se em termos de inteligência, com avançados centros de operação de dados.

d) São necessários viabilizar projetos de cidades inteligentes, amparados em políticas públicas que salvaguardam os dados abertos dos cidadãos.

e) O aprimoramento de técnicas de informatização de dados permitiu que surgisse um novo conceito de cidade, concebido como espaço de fluxos.

3. (FCC – TRT – 4ª Região (RS) – Analista Judiciário – Tecnologia da Informação – 2015)

Expressões utilizadas no texto motivaram a redação de outras frases. A frase que respeita as orientações da norma-padrão da língua, no que se refere à concordância, é:

a) Parece muito óbvio, de acordo com o noticiário, a intenção de os artistas de ópera pugnarem por melhores condições de trabalho e por melhores salários.

b) No planejamento constam várias cotações para a compra dos instrumentos, e nota-se que é bastante caro os de corda, como o violino e a harpa.

c) De acordo com o especialista, são muito fugaz, mesmo, as variações de tom no canto inicial, mas é exatamente essa diversificação que dá brilho ao trecho.

d) Foram realmente débeis, por confrontos com outras encenações, a série de entradas do tenor em cena, mas isso foi atribuído à insegurança de um iniciante.

e) A ópera, considerados sua concepção e entendimento atuais, pode ser tida como uma arte menos exótica, mas sempre transformadora.

4. (FCC – TRT – 4ª Região (RS) – Técnico Judiciário – Tecnologia da Informação – 2015)

As normas de concordância verbal e nominal estão inteiramente respeitadas em:

a) Quem escrevia nos jornais sulistas do final do século XIX e início do século XX não criaram os modelos ideais de boas mães e esposas virtuosas, pois reproduziam o que já fazia parte do imaginário ocidental, e podia ser encontrado na literatura, nos sermões das missas e nas tradições locais.

b) Formadas por casais oriundas das ilhas dos Açores e da Madeira, a população que ocupou parte do Rio Grande do Sul, a partir de meados do século XVIII, tornaram-se responsáveis pelo desenvolvimento econômico da região.

c) A escolha de numerosas imagens de mulher denota uma preocupação muito viva com a definição dos papéis femininos, mas é difícil saber como eram vividas, experimentadas no cotidiano, essas imagens que os jornais reproduziam.

d) Em cada capital do Sul, os grupos de pessoas mais abastados assumiram diferentes configurações, porém foi principalmente os comerciantes e pequenos industriais ligados à população de imigração recente que ditou as características das novas elites urbanas.

e) O surgimento de inúmeros conflitos regionais levaram ao estabelecimento de costumes diferenciados do restante do país, e registra-se vários testemunhos de viajantes sobre o modo de vida familiar nessa época, destacando o papel de mulheres que comandavam pequenas propriedades.

Leia o texto a seguir para responder à questão 5.

O fator mais importante para prever a performance de um grupo é a igualdade da participação na conversa. Grupos em que poucas pessoas dominam o diálogo têm desempenho pior do que aqueles em que há mais troca. O segundo fator mais importante é a inteligência social dos seus membros, medida pela capacidade que eles têm de ler os sinais emitidos pelos outros membros do grupo. As mulheres têm mais inteligência social que os homens, por isso grupos mais diversificados têm desempenho melhor.

Gustavo Ioschpe. *Veja*, 31/12/2014, p. 33 (com adaptações)

5. (FUB – Técnico Administrativo – Cespe – 2015)

Julgue o item seguinte como Certo (C) ou Errado (E), referentes às ideias e às estruturas linguísticas do texto acima.

Com o uso do pronome masculino " eles" (l. 4), excluem-se da argumentação as mulheres, razão pela qual são citadas no período final do texto.

6. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

" Muitos sites de saúde estão a serviço exclusivamente dos patrocinadores, geralmente empresas de produtos e equipamentos médicos, além da indústria farmacêutica que, em alguns casos, interferem no conteúdo e na linha editorial, pois estão interessados em vender seus produtos".

Sobre a concordância nesse segmento do texto 2, a afirmação <u>inadequada</u> é:

a) " muitos" concorda com " sites";

b) " interessados" deveria ser substituído por " interessadas";

c) " editorial" concorda exclusivamente com " linha";

d) " médicos" se refere a " produtos e equipamentos";

e) " farmacêutica" concorda com " indústria".

7. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016)

Considere-se este trecho: " Mas essa viagem diária me tornava uma criança completa de alegria."

Há um desvio de concordância na seguinte reescritura desse trecho:

a) Mas essas viagens diárias enchiam de alegria aquela criança.

b) Como me tornava uma criança completa de alegria essa viagem diária!

c) Mas essas viagens diárias me tornavam uma criança completa de alegria.

d) Essa viagem diária me tornava uma criança, completo de alegria.

e) Eu me tornava uma criança completa de alegria por causa dessa viagem diária.

8. (BB – Escriturário – Cesgranrio – Out./2015)

A palavra destacada apresenta a concordância nominal de acordo com a norma-padrão da Língua Portuguesa em:

a) Várias agências bancárias estão implementando a biometria, nos caixas eletrônicos, **baseados** nas características físicas dos clientes.

b) O avanço dos serviços bancários e sucesso das moedas virtuais, **ocorridas** nos últimos anos, oferecem aos usuários conectados experiências prazerosas.

c) O aumento do uso dos cartões **fornecido** por vários bancos representa um dos elementos mais importantes e característicos na área financeira do século XX.

d) A construção estratégica de curto e médio prazos, **compatível** com os padrões de competitividade do mercado bancário, tornou os mecanismos de prevenção mais eficientes.

e) As tecnologias de mobilidade e a competência dos funcionários são **característicos** da rede bancária na atualidade.

9. (MPE/SP – Analista Técnico Científico – Vunesp – Jul./2016)

Assinale a alternativa que reescreve passagem do texto respeitando a norma-padrão de concordância verbal e nominal.

a) Bastava cinquenta anos para que fosse descoberto no país produtos novos, que acabava sendo a riqueza do país.

b) Os mandatos de senador e deputado durava tempo diferente, sendo mais longos o dos primeiros.

c) Na Bruzundanga haviam Senado e Câmara de Deputados, que o povo, em massa, apoiavam confiantes.

d) Naquele ano, isto já faziam dez anos, surgiu um deputado muito bem falante em assuntos financeiros.

e) Todas as repúblicas que se prezam possuem Senado e Câmara escolhidos pelos cidadãos, o mais possível confiantes em seus representantes.

Gabarito: 1. d; 2. e; 3. e; 4. c; 5. E; 6. b; 7. d; 8. d; 9. e.

Depois de se estudarem as regras de concordância nominal, tem-se a sensação de que é muito a decorar... Mas é simples, vamos sistematizá-las e tudo ficará mais fácil!

16.5. RESUMO

O adjetivo pode ter três funções sintáticas na frase:

• adjunto adnominal;

• predicativo do sujeito (com ou sem verbo de ligação);

• predicativo do objeto (se retirado, muda o sentido da frase, é solicitado pelo verbo).

Adjetivo na função de:	Posposto ao substantivo	Anteposto ao substantivo
Adjunto adnominal	Concordância pode ser: TOTAL ou PARCIAL	A melhor é a concordância PARCIAL
Predicativo do sujeito	Concordância é:	Segue a concordância verbal

	TOTAL	
Predicativo do objeto	Concordância é: TOTAL	Concordância pode ser: TOTAL (melhor opção) ou PARCIAL (mais moderna)

17 CONCORDÂNCIA VERBAL

17.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

O princípio básico na concordância verbal é o de que, para todo verbo, temos de achar um sujeito. Pensando nisso, esta gramática dividirá este tópico em duas partes: Parte I (Concordância verbal e os tipos de sujeito) e Parte II (Casos especiais de concordância verbal).

17.1.1. Concordância verbal: Parte I – Tipos de sujeito

Nesta Parte I, você vai aprender a flexionar o verbo partindo da classificação do sujeito. Quem sabe achar sujeito faz a concordância verbal adequada.

Os tipos de sujeito, basicamente, são quatro:

1. **Simples**: quando há apenas um núcleo. Lembre-se de que o núcleo do sujeito é representado por um substantivo ou pronome substantivo.

   Ex.: O economista fez uma intervenção. / Os economistas fizeram uma intervenção.

2. **Composto:** aparecem dois ou mais núcleos.

   Ex.: O diretor e o chefe compareceram à reunião.

3. **Indeterminado:** representado de duas formas:

a) verbo na 3ª pessoa do plural, sem sujeito expresso na frase.

   Ex.: Pediram silêncio.

b) verbo na 3ª pessoa do singular + pronome indeterminador SE. Em geral o verbo não é transitivo direto.

   Ex.: Trabalha-se muito aqui.

   (verbo intransitivo)

   Observe que, quando a intenção é não mencionar o sujeito, há essas possibilidades para indeterminá-lo.

4. **Oração sem sujeito**: quando o verbo é impessoal (não se refere a nenhuma pessoa gramatical, uma vez que o sentido do verbo não permite).

   Os casos mais comuns:

   • expressões que indicam fenômenos da natureza;

   • verbo haver (= existir, ocorrer);

• verbos que indicam tempo decorrido.

O verbo, nesses casos, fica na 3ª pessoa do singular.

Antes de mostrarmos os casos de concordância verbal, vamos reconhecer e classificar os sujeitos das frases abaixo.

Importante: O sujeito é o responsável pela flexão verbal. Essa teoria serve para os casos de sujeito simples e composto.

a) Começava a cair a noite.

Na ordem direta, teríamos: "*A noite começava a cair".* O responsável pela flexão da locução verbal *"começava a cair"* é a ***"noite"*** – sujeito simples.

b) Os professores e os funcionários daquela escola decidiram pela greve.

Aparecem dois núcleos como agentes do verbo *"decidiram"* – professores/funcionários – sujeito composto.

c) Naquele instante, bateram à porta.

O verbo na 3ª pessoa do plural, nesta frase, não traz nenhum agente claro. A intenção é, pois, a de indeterminar o sujeito – sujeito indeterminado.

d) Assistiu-se a jogos importantes.

O emprego de *"se"* junto ao verbo transitivo indireto – assistir **a** – obriga o uso do verbo na 3ª pessoa do singular – sujeito indeterminado.

e) Amanheceu rapidamente.

Qualquer verbo que indica fenômenos naturais – amanhecer, chover, nevar... – caracteriza um caso de oração sem sujeito, é um verbo impessoal.

f) Havia dúvidas frequentes sobre aquele ponto da matéria.

Quando o verbo "haver" aparece com o sentido de existir, não há possibilidade, por causa do valor semântico do verbo, de se identificar sujeito na frase – verbo impessoal, 3ª pessoa do singular, oração sem sujeito.

g) Fez dois anos de sua morte.

Mais um exemplo de verbo impessoal: verbo "fazer" indicando tempo passado, decorrido. Novamente, é impossível identificar-se o agente dessa ação verbal – oração sem sujeito.

Agora que você já sabe achar e classificar sujeito, vamos às regras.

17.1.1.1. Concordância verbal com o sujeito simples

Sujeito simples: representado por apenas um núcleo. O verbo concordará com ele em número e pessoa.

1. Faltaram, durante a posse do prefeito, os aplausos.

2. Deram/Bateram/Soaram três horas no relógio da igreja.

3. O relógio da igreja deu/bateu/soou três horas.

Comentários:

Como vimos na teoria inicial, o sujeito é o responsável pela flexão verbal. Na frase 1, entendemos que "os aplausos" é que "faltaram". Nas frases 2 e 3, quando aparecem os verbos dar, bater e soar, normalmente existem duas possibilidades: o sujeito pode ser o número de horas ou o vocábulo relógio. Na 2, "três horas deram/bateram/soaram no relógio", ou seja, o sujeito é o número de horas. Já na frase 3, "O relógio deu/bateu/soou três horas".

4. Hão de existir limites justos.

5. Podem ocorrer novos deslizamentos.

Comentários:

As frases 4 e 5 são exemplos de locuções verbais com seus respectivos sujeitos (*limites*/*deslizamentos*) no plural. Nas locuções, o verbo auxiliar é que se flexiona (*limites hão de existir*/*deslizamentos podem ocorrer*).

6. Preencheram-se as requisições.

7. Verificou-se, entre indivíduos tensos ou agitados, a queima de até 800 calorias diárias.

Comentários:

Agora temos frases em que aparece a partícula **se**. Nas frases 6 e 7, o **se** é apassivador, porque as frases podem ser reescritas, identificando-se, com isso, o sujeito. A frase 6 ("Preencheram-se as requisições" equivale a "As requisições foram preenchidas") traz um sujeito paciente, o que se confirma com a troca da voz passiva sintética – *Preencheram-**se*** – por "foram preenchidas", voz passiva analítica. Na 7, "verificou-se a queima" equivale a "a queima foi verificada". Para nós, essa é a maneira mais direta, objetiva de se identificar o **se** apassivador. E quando o **se** é apassivador há sujeito na frase, daí o verbo poder ficar no singular ou no plural, de acordo com o seu sujeito.

Resumindo:
Quando aparece pronome se (= apassivador): o verbo concorda com o sujeito expresso na frase.

17.1.1.2. Concordância verbal com o sujeito composto

Sujeito composto: representado por dois ou mais núcleos.

a) Anteposto ao verbo: verbo no plural.

b) Posposto ao verbo: o verbo ficará no plural ou concordará com o núcleo mais próximo.

Obs.: Havendo ideia de reciprocidade, verbo no plural.

Exemplos:

8. O pai e a mãe compareceram à reunião.

9. Compareceu ou compareceram à reunião o pai e a mãe.

10. Tu, ela e eu saímos.

11. Abraçaram-se o poeta e o músico.

Comentários:

O sujeito composto impõe verbo no plural, vindo posposto ou anteposto a este (frases 8 e 9). O que ocorre é que, quando o verbo vem anteposto a um sujeito composto (frase 9), pode concordar com todos os núcleos – plural – ou com o mais próximo – *pai*, no singular. Na frase 10, o sujeito composto é representado por pronomes pessoais retos. Nesse caso, dá-se preferência à 1ª pessoa (*eu*). Plural da 1ª pessoa do singular é nós, 1ª pessoa do plural, saímos. Na frase 11, a ideia é de reciprocidade. O sentido obriga o verbo no plural – *um se abraçou ao outro.*

17.1.1.3. Concordância verbal com o sujeito indeterminado

a) **Sujeito indeterminado pela partícula se:** o verbo ficará, obrigatoriamente, na 3ª pessoa do singular.

b) **Oração sem sujeito:** com verbos impessoais (verbos que indicam fenômenos naturais, haver (= existir, ocorrer), verbo com ideia de tempo decorrido...): não possuem sujeito. Ficam também na 3ª pessoa do singular.

Ex.:

12. Obedeceu-se às ordens.

13. Havia vantagens para o índio no contato com o civilizado.

14. Deve haver limites justos.

15. Há vários séculos as línguas indígenas têm tradições apenas oral.

16. Vai para cinco anos de sua partida.

Comentários:

A frase 12 mostra um **se** indeterminador. Repare que agora não podemos reescrever a frase (Às ordens foi obedecida?). O **se**, quando é **índice de indeterminação do sujeito**, aparece, na quase totalidade dos casos, junto a verbo **intransitivo** ou **transitivo indireto**. "Obedecer a". Logo, o sujeito é indeterminado, verbo na **3ª pessoa do singular.**

Nas frases 13 a 16, os verbos são **impessoais** (ficam na 3ª pessoa do singular). Temos, portanto, oração sem sujeito. Na 13, *haver* com sentido de *existir* não varia. Na frase 14, há uma locução verbal. Como o verbo principal – é sempre o **último** verbo da locução – é o *haver* (= existir), o auxiliar **não pode variar**. *Deve* haver limites...)

As frases 15 e 16 exemplificam a oração sem sujeito com verbos que indicam **tempo passado** (Há vários séculos…/Vai para…). Repare que nesses casos de oração sem sujeito **o sentido do verbo** impede a identificação do sujeito.

17.1.1.4. Concordância verbal com o sujeito oracional

Sujeito oracional: aparece em certas construções como:

a) Verbos do tipo convém, basta, falta, parece, importa…

b) Verbo de ligação + predicativo do sujeito: é bom, está claro…

c) Expressões na Voz Passiva: sabe-se, é sabido, conta-se…

Quando o sujeito aparece sob forma de oração, o verbo ou a expressão da oração principal **não varia.**

Exs.:

17. Parece/que ela chega hoje.

or. princ. or. subjetiva

18. Convém/insistir no pedido.

or. princ. or. subjetiva (reduzida de infinitivo)

19. Está claro/que todos reconhecerão o erro.

or. princ. or. subjetiva

20. Sabe-se/que eles mentiram.

or. princ. or. subjetiva

Comentários:

Temos agora um caso muito especial de concordância verbal. Até agora vimos que o sujeito era representado por substantivo ou pronome substantivo (sujeito simples ou composto). Quando o sujeito era indeterminado ou aparecia verbo impessoal (oração sem sujeito), havia impedimento semântico para se identificar o sujeito. Com o sujeito oracional devemos considerar toda a oração e não um substantivo ou pronome. Na frase 17, "Parece que ela chega hoje", não é ela ou alguém que parece, e sim toda a oração que se segue (Isto – *que ela chega hoje* – parece). Na frase 18, "Convém insistir no pedido", temos o mesmo raciocínio: não é ele ou alguém que convém insistir e sim "Insistir no pedido convém" (= Isto convém). Lembre-se: pense o que a frase quer dizer, coloque a frase na ordem direta e descobrirá o sujeito. Na frase 19, o que *está claro* é o fato de que todos reconhecerão o erro, ou seja, "Isto está claro".

Na frase 20, o **se** é apassivador, a frase pode ser reescrita (Isto – *que todos mentiram* – é sabido). Observe que quando

o sujeito é toda a oração, o verbo da oração principal não varia.

Vamos treinar concordância verbal – Parte I?

Complete a lacuna com a forma adequada.

1. Nos últimos 50 anos, _____ fatos que aumentaram o nosso índice de felicidade. (ocorreu/ocorreram)

Comentários: Entendemos, nessa frase, que "fatos ocorreram", sujeito simples no plural, verbo no plural.

Resposta: ocorreram.

2. _____ 50 anos que os índices de felicidade _____ aumentando gradativamente. (Há/Hão; vem/vêm)

Comentários: O verbo "haver", nesse caso tem ideia de tempo passado, não se flexionando. Na 2ª lacuna "índices" é sujeito da locução verbal "vêm aumentando". Vimos que, quando aparece locução verbal, quem se flexiona é o verbo auxiliar.

Resposta: Há e vêm.

3. Nos últimos 50 anos, _____ as possibilidades de maior felicidade. (acentuou-se/acentuaram-se)

Comentários: Essa frase traz o verbo com a partícula **se**. Aqui, o **se** é apassivador, há sujeito na frase, pois equivaleria a "As possibilidades foram acentuadas", voz passiva analítica.

Resposta: acentuaram-se.

4. Daqui a 50 anos, _____ que as pessoas encontrem a felicidade. (é possível/são possíveis)

Comentários: Aqui, o sujeito vem representado por uma oração – "que as pessoas encontrem a felicidade é possível", ou seja, "Isto é possível". Quando o sujeito é oracional, a expressão da oração principal não varia.

Resposta: é possível.

5. _____ de viagem meu irmão e meu sobrinho. (Chegou/Chegaram)

Comentários: O sujeito composto "meu irmão e meu sobrinho" aparece após o verbo, ou seja, o verbo vem **anteposto** a um sujeito composto. Nesse caso, o verbo vai ao plural, já que o sujeito é composto, mas pode também concordar com o núcleo mais próximo – **irmão**, no singular.

Resposta: Chegou ou Chegaram.

6. A crescente disseminação de instituições que trabalham contra os interesses populares _____ um verdadeiro flagelo dos tempos modernos. (constitui/constituem)

Comentários: Vimos desde o início que, na quase totalidade dos casos, o verbo concorda com o **núcleo** do sujeito. A frase acima já está na ordem direta e o núcleo do sujeito é "disseminação".

Resposta: constitui.

7. Aquilo _____ manias de mulher. (é/são)

Comentários: O verbo **ser** pode ficar no singular ou no plural quando o sujeito vier representado por **coisa** no singular ou **pronomes** – tudo, isto, aquilo etc. – e o predicativo estiver no plural.

Resposta: é ou **são**.

8. Os representantes _____ nós. (são/somos)

Comentários: Aparecendo pronome reto, o verbo **ser** só pode concordar com o pronome reto.

Resposta: somos.

9. Dois anos _____ muito tempo. (é/são)

Comentários: Verbo **ser** em expressões de **tempo**, **medida** ou **quantidade** não varia.

Resposta: é.

10. _____ meio-dia e meia quando ela chegou. (Era/Eram)

11. _____ duas horas quando ela chegou. (Era/Eram)

Comentários: Nas expressões de **horas**, o verbo **ser** vai concordar com essas expressões. Logo, se vierem no singular, verbo **ser** no singular. Caso a expressão de horas apareça no plural, verbo **ser** no plural.

Respostas: 10. Era; 11. Eram.

17.1.2. Concordância verbal: Parte II – Casos especiais

17.1.2.1. Concordância do verbo SER

a) Quando o sujeito for nome de **coisa** ou um dos pronomes **tudo**, **nada**, **isso**, **isto**, **aquilo** + predicativo no plural: o verbo <u>ser</u> concorda com o sujeito ou com o predicativo (mais comum).

1. A casa era/eram ruínas.

2. Isto é/são alegrias.

b) Quando aparecer **pessoa**: o verbo **ser** concorda sempre com a **pessoa**. No entanto, se aparecer pronome pessoal do caso **reto**, a concordância se fará com o pronome.

3. Maria era as alegrias da casa.

4. Meu orgulho são os meus filhos.

5. Ela era os meus sonhos.

6. O médico aqui sou eu.

Com os pronomes interrogativos **que**, **quem**, **o que**: o verbo **ser** concorda com o nome ou pronome que vem após.

7. Quem são os interessados?

8. O que são asteroides?

Comentários:

A concordância do verbo SER, basicamente, divide-se em duas partes: a primeira parte, que tem as frases de 1 a 8 como exemplos, mostra a concordância do verbo **ser** com **nome** (representado por **coisa** ou **pessoa**) e **pronome**.

Como vimos na teoria, o verbo **ser** pode concordar com o sujeito ou com o predicativo, quando o sujeito vier representado por coisa ou **pronomes** (tudo isto...), frases 1 e 2.

Se aparecer **pessoa**, como sujeito ou predicativo – frases 3 e 4 –, o verbo **ser** só pode concordar com a pessoa. Agora, se o sujeito ou o predicativo for um **pronome reto** (frases 5 e 6) esse verbo **só pode concordar** com o pronome.

Já com os pronomes interrogativos (frases 7 e 8), o verbo **ser** tem de concordar com o nome ou pronome que se segue.

d) Com as expressões **é muito**, **é pouco**, **é bastante**, **é mais de** etc: o verbo **ser** ficará no singular quando essas expressões denotarem ideia de **preço**, **medida** ou **quantidade**.

9. Dez mil dólares é pouco.

10. Cinco metros é mais do que preciso.

e) Nas expressões de **horas**, **datas** ou **distâncias**: o verbo **ser** concorda com essas expressões.

11. Eram nove horas quando ele chegou.

12. É uma hora e quinze.

13. Hoje são 12 de abril.

14. Daqui a minha casa são cinco quilômetros.

Comentários:

As frases de 9 a 14 exemplificam a segunda parte da concordância do verbo SER: são as expressões.

Nas frases 9 e 10, o verbo **ser** não varia com expressões que trazem ideia de preço, medida, quantidade. Já nas frases de 11 a 14, se as expressões de horas, datas ou distâncias vierem no **plural**, verbo **ser** no **plural** (frases 11, 13 e 14). Se aparecerem no singular, verbo ser no singular (frase 12). Na frase "Hoje são 12 de abril" há a possibilidade de o verbo ficar no singular se aparecer a palavra dia: "Hoje é dia 12 de abril".

17.1.2.2. Concordância com a preposição COM

Sujeito composto ligado por **com**: Verbo no plural.

Observações:

1. Quando se quiser realçar um dos núcleos (= sujeito simples), com ele concordará o verbo.

2. Se a expressão iniciada por com vier entre vírgulas, o verbo concorda com o termo que antecede essa expressão. (= sujeito simples)

Exs.:

1. A carta com o anexo *está extraviada/estão extraviados*.

2. O guarda, **com** os transeuntes, *prendeu* o ladrão.

Comentários:

Diante de sujeitos ligados pela preposição **com**, podem-se utilizar duas opções: a primeira – que é a mais comum – seria o verbo no plural, por se considerar o sujeito como composto. Assim, na frase "A carta **com** o anexo estão extraviados", a preposição **com** tem valor de **e**. É como se fosse "A carta **e** o anexo estão extraviados". É exatamente isso: a preposição **com** teria, aqui, valor de adição.

A segunda opção seria o verbo no singular, por uma questão de ênfase no primeiro núcleo. Assim, na frase "A carta com o anexo está extraviada", o que se quer é realçar o núcleo "a carta". A preposição teria, então, um valor de companhia. É como se eu dissesse "A carta, em companhia do anexo, está extraviada".

Mas atenção: essas duas opções (de o verbo concordar com os dois núcleos ou só com o primeiro) só valem se a expressão iniciada pela preposição **com não** vier entre vírgulas. Porque, se ela vier isolada pelas vírgulas, o verbo só poderá concordar com o primeiro núcleo. Assim, na frase "O guarda, com os transeuntes, prendeu o ladrão", o verbo deverá necessariamente ficar no singular concordando com *guarda*. A expressão *com os transeuntes* seria um adjunto adverbial de companhia deslocado na frase. Na ordem direta, essa frase ficaria assim: "O guarda prendeu o ladrão com os transeuntes" (Você vai aprender no capítulo de análise sintática que na ordem direta o adjunto adverbial fica no final da frase). Já que é adjunto adverbial, e não sujeito, o verbo só pode concordar com o primeiro núcleo.

Resumindo: Com substantivos ligados pela preposição com, pense da seguinte forma:

A expressão iniciada pela preposição com não vem entre vírgulas: cabem as duas opções (o verbo concorda com os dois núcleos ou só com o primeiro).

A expressão iniciada pela preposição com vem entre vírgulas: o verbo só concorda com o primeiro núcleo.

17.1.2.3. Concordância com pronomes indefinidos

a) Sujeito composto resumido por um pronome indefinido: o verbo concorda com o pronome indefinido (na função de aposto resumitivo).

b) Sujeito composto modificado pelo pronome **cada**: verbo no singular.

Exs.:

3. Jovens, trabalhadores, empresários, **ninguém** *acredita* em nossos parlamentares.

Comentários:

Eis um caso especialíssimo de concordância: o verbo deixa de concordar com o sujeito para concordar com o aposto. Se alguém perguntar se o pronome indefinido *ninguém* é sujeito do verbo, cuidado para não se distrair e dizer que sim! O sujeito da frase é composto ("jovens, trabalhadores, empresários"), mas o verbo *acredita* concorda com o aposto resumitivo *ninguém*.

4. **Cada** criança, **cada** homem, **cada** mulher *ajudava* os flagelados.

Comentários:

Mais uma vez, algo atípico na concordância verbal: apesar de o sujeito ser composto de três núcleos, o verbo fica no singular. Isso ocorre por causa da palavra **cada**, *que enfatiza individualmente os núcleos*. É isto mesmo: o sujeito é composto, mas, se o verbo fosse ao plural, a frase estaria errada!

17.1.2.4. Concordância com a conjunção OU

Sujeito composto ligado por **ou**:

a) Com ideia de exclusão ou retificação: o verbo concordará com o núcleo mais próximo.

b) Se a ideia se refere a todo o sujeito: verbo no plural.

Exs.:

5. Pedro **ou** João *casará* com Joana.

Comentários:

O sujeito tem dois núcleos, mas a conjunção **ou** tem valor de exclusão: *só um* vai casar com *Joana*. O verbo fica no singular.

6. O responsável **ou** os responsáveis *cuidarão* da festa.

Comentários:

A conjunção **ou** tem valor corretivo, de retificação: o verbo concorda com o núcleo mais próximo. É como se eu dissesse: "O responsável, *ou melhor*, ou responsáveis *cuidarão* da festa". *Ou*, aqui, é o mesmo que *ou melhor*, *digo*.

7. Cigarro ou charuto prejudicam igualmente a saúde.

Comentários:

Nesse caso, não há ideia de exclusão: a conjunção *ou* tem valor aditivo. É o mesmo que: "O cigarro e o charuto prejudicam igualmente a saúde".

17.1.2.5. Concordância com as expressões um ou outro, um e outro, nem um nem outro

a) Sujeito formado pela expressão um ou outro: verbo no singular.

b) Sujeito formado pelas expressões *um e outro, nem um nem outro, nem … nem…*: verbo no singular ou no plural.

8. **Um ou outro estilo** *agrada*.

Comentários:

Aqui, mais uma vez a conjunção **ou** tem valor de exclusão: só um dos estilos agrada.

9. **Uma e outra forma** me *fascinam*/*fascina*.

Comentários:

Nesse caso, as duas opções estão corretas. O verbo no plural enfatiza o *todo*: *as duas formas me fascinam*. O verbo no singular enfatiza as *partes* que compõem o sujeito. É como se eu dissesse "uma forma me fascina e outra também me fascina".

10. **Nem um nem outro** *comentou*/*comentaram* o ocorrido.

Comentários:

Manter o verbo no singular é a opção que soa melhor aos nossos ouvidos, e é, mesmo, a mais adequada. Afinal, quando se diz *nem um nem outro*, o que se quer dizer é que *ninguém comentou o ocorrido*.

Entretanto, embora alguns gramáticos discordem quanto a este aspecto, ao se dizer *nem um nem outro*, pode-se pensar que *um não e outro também não comentaram o ocorrido*. Ou seja: pensar no valor de adição que a conjunção *nem* possui. Então a flexão do verbo no plural também estaria correta – ainda que não seja essa a forma mais adequada.

Resumindo:
Um ou outro: verbo no singular.
Um e outro: verbo no plural ou no singular.
Nem um nem outro: verbo no singular (mais adequada) ou no plural (menos comum).

17.1.2.6. Concordância com palavras sinônimas ou em gradação e com verbos no infinitivo

a) Sujeito composto de palavras sinônimas ou em gradação de ideias: o verbo, de preferência, concorda com o núcleo mais próximo.

b) Sujeito composto formado de verbos substantivados no infinitivo: verbo no singular.

Se forem **antônimos** ou vierem **determinados**, o verbo fica no plural.

11. Um olhar, um sorriso, um gesto *serviu/serviram* como alerta para ele.

Comentários:

Apesar de o sujeito ser composto por mais de um núcleo (*olhar*, *sorriso*, *gesto*), a concordância mais adequada é a que enfatiza o valor de gradação que esses núcleos apresentam – verbo no singular. Entretanto, o plural também está correto, até porque o sujeito é composto.

12. Estudar e trabalhar *engrandece* o homem.

13. Rir e chorar *fazem* parte da vida.

14. O falar e o escrever *caracterizam* homens dinâmicos.

Comentários:

Na frase 12, apesar de o sujeito ser composto, seus núcleos são verbos. Por isso, o verbo tem de ficar no singular. Mas na frase 13 os núcleos são antônimos: *rir* é o oposto de *chorar*; até para enfatizar a oposição entre os núcleos do sujeito (*rir/chorar*), o verbo fica no plural. Na frase 14, os artigos determinam, especificam os núcleos: o verbo ficará também no plural. Se não houvesse tais artigos, voltaríamos à situação da frase 12: o verbo ficaria no singular.

17.1.2.7. Concordância com o sujeito coletivo, com porcentagem e expressões a maioria de, grande parte de...

a) Sujeito coletivo: o verbo concorda com o sujeito coletivo.

b) O sujeito é representado pelas expressões: a maioria de, grande parte de, grande número de etc. + nome no plural = o verbo fica no **singular** ou no **plural**.

c) Sujeito formado por número percentual: o verbo concorda com o numeral ou com o termo posposto.

15. O bando *desapareceu*.

Comentários:

Ainda que *bando* dê uma ideia de pluralidade, coletivo, trata-se de um substantivo no singular: daí o verbo ficar no singular. Também que coisa horrível seria dizer *o bando desapareceram*!

16. A maioria das pessoas *gostou/gostaram* do espetáculo.

Comentários:

Com as expressões *a maioria de*, *grande parte de* etc., o verbo pode concordar com o núcleo do sujeito – que é a forma mais adequada – ou concordar com o termo posposto a ele (adjunto adnominal). Assim, teríamos duas opções: *gostou*, concordando com *maioria*, ou *gostaram*, concordando com *pessoas*. Repito: a melhor opção é a do verbo no singular, concordando com o núcleo.

Pense sempre assim: Quando houver duas opções de concordância, a melhor (a ser utilizada nas redações, em textos mais formais) será sempre aquela com o núcleo.

17. Oitenta por cento da população *acreditam/acredita* na moeda.

18. Os 30% da produção de arroz *estragaram*.

Comentários:

Para a frase 17, utilize o mesmo raciocínio da frase 16: o verbo pode ficar no plural, concordando com o núcleo, que é o numeral *oitenta*; **ou** pode concordar com o termo posposto a ele – *população* – ficando no singular. Mais uma vez, a melhor opção aqui é a concordância com o núcleo *oitenta*: verbo no plural.

Já na frase 18, o artigo aparece, e o verbo só poderá ficar no plural, concordando com esse determinante. Por isso, seria erro dizer *os 30% da produção de arroz estragou*: aqui, o verbo não poderia concordar com o termo posposto ao núcleo (*produção de arroz*).

Na concordância com numerais, tenha cuidado de observar que até o algarismo 2, o verbo ficará no singular. Só de 2 em diante, o verbo irá ao plural. Assim, teríamos:

O 1,36 kg de queijo que comprei **está** sobre a mesa.

Seu 1,92 m **chama** a atenção de quem a vê.

Seus 2,20 m **impõem** respeito.

17.1.2.8. Concordância com as expressões qual de nós, quais de vós...

a) Sujeito constituído por **qual de nós**, **qual de vós**, **algum de nós** etc.: o verbo fica no singular.

b) Sujeito constituído por **quais de nós**, **quais de vós**, **alguns de nós** etc.: o verbo concorda com os pronomes nós/vós ou vai para a 3ª pessoa do plural.

19. **Qual de vós** *encontrará* a solução?

20. **Quais de nós** *votaram/votamos* conscientemente?

21. **Nenhum de nós** *foi* capaz de resolver o programa.

Comentários:

Ao se perguntar, na frase 19, *qual de vós encontrará a solução*, subentende-se que *somente uma pessoa* vai encontrar a solução. É por isso que o verbo concorda com o núcleo *qual*, ficando no singular, e não pode concordar com o pronome posposto ao núcleo, *vós*.

Já na frase 20, entende-se que *mais de uma pessoa* votou conscientemente. Nesse caso, o verbo pode concordar com o núcleo ou com o termo a ele posposto. Assim, teríamos: *votaram* concordando com *quais* ou *votamos* concordando com *nós*.

A frase 21 segue a mesma lógica da frase 20: ao se dizer que *nenhum foi capaz*, o pronome *nenhum* no singular exige que o verbo também fique no singular, concordando com esse pronome. É a única opção de concordância.

17.1.2.9. Concordância com as expressões mais de, cerca de...

a) O sujeito é a expressão **mais de um**: verbo no singular. se a expressão vier **repetida** ou houver ideia de **reciprocidade**, verbo no plural.

b) Com as expressões **mais de**, **perto de**, **cerca de** etc.: o verbo concorda com o termo que vem após essas expressões.

22. **Mais de um** aluno *obteve* boa nota.

23. **Mais de um** policial, **mais de um** bandido *foram mortos*.

24. **Mais de um** torcedor se *agrediram*.

Comentários:

A frase 22 mostra-nos que a lógica da língua portuguesa não é a mesma lógica da matemática. Ainda que, segundo a matemática, *mais de um aluno* sejam *dois, três* etc., o verbo deverá ficar no singular, pois o núcleo do sujeito (*aluno*) está no singular.

Já a frase 23 apresenta dois núcleos do sujeito: *policial* e *bandido*. Então, faz todo sentido manter o verbo no plural. Nesse caso, o sujeito é composto.

A frase 24 apresenta um pronome recíproco *se*, que indica pluralidade (= *um ao outro*). É por isso que, apesar de o núcleo do sujeito (*torcedor*) estar no singular, o verbo ficará obrigatoriamente no plural. É a ideia de reciprocidade do pronome que impõe isso.

25. Cerca de três alunos chegaram.

26. Perto de cem pessoas chegaram.

Comentários:

Em relação às frases 25 e 26, pense da seguinte forma: os núcleos são, respectivamente, *alunos* e *pessoas*. Logo, não há outra opção, a não ser a de o verbo concordar com esses núcleos.

17.1.2.10. Concordância com as expressões que, quem, um dos que

a) Sujeito constituído pelos pronomes **que** e **quem**: com o relativo **que** na função de sujeito, o verbo concorda com o antecedente desse pronome, com o pronome **quem**, o verbo fica na 3ª pessoa do singular ou concorda com o antecedente.

b) Expressão *um dos que*: verbo no singular ou plural.

27. Fui eu **que** *li* a carta.

28. Fomos nós **quem** *lemos/leu* a carta.

29. Aquele romance foi **um dos que** mais me *agradou/agradaram*.

Comentários:

Antes de qualquer explicação, vamos organizar a frase 27: nela há dois verbos, duas orações. Dividindo o período, teríamos:

Fui eu /que li a carta.

A 1ª oração é *fui eu*, que tem como verbo *fui* e sujeito *eu*. A 2ª oração, que restringe a 1ª, é *que li a carta*: seu verbo "*li*" tem como sujeito o pronome relativo *que*. Vamos estudar esse assunto de forma mais aprofundada no tópico sobre período composto. O fato é que o sujeito do verbo *ler* é o pronome relativo *que*, mas, como o *que* é pronome relativo (e todo relativo, como já vimos, retoma um antecedente), o verbo não concordará com o pronome em si, mas com o antecedente que ele retoma. No caso da frase 27, o antecedente do relativo é o pronome *eu*. Leia a frase como se o relativo não existisse e você não errará a concordância:

… **eu** (que) **li** a carta.

Já na frase 28, temos também duas orações:

Fomos nós /quem *lemos* (ou *leu*) a carta.

Só que aqui se trata do pronome *quem*. Com ele, há duas possibilidades de concordância. Observe:

1. Podemos considerar o pronome *quem* também como relativo (como o *que* da frase 27). Nesse caso, o verbo também concordaria com o antecedente do *quem*:

Fomos **nós** (quem) **lemos** a carta.

2. Ou podemos classificar o *quem* como pronome indefinido (= alguém). Nesse caso, o verbo concordaria com o próprio pronome *quem*:

Fomos nós **quem leu** a carta.

Construção estranha, não é? Então, coloque na ordem direta e ela lhe parecerá mais sonora:

Quem leu fomos nós.

Resumindo (frases 27 e 28):
Concordância com a palavra QUE: o pronome é classificado como relativo, e o verbo concorda com o antecedente desse relativo.
Concordância com a palavra QUEM: o verbo concordará com o antecedente do quem (nesse caso, quem é pronome relativo); ou o verbo concorda com o próprio pronome quem (aí, quem será classificado como pronome indefinido).

Vamos dividir o período da frase 29?

Aquele romance foi um dos/**que** mais me agradou (ou agradaram).

Para cada verbo, um sujeito. O sujeito da primeira oração é aquele romance. Já o sujeito da segunda oração é o pronome relativo *que*. Temos aqui um raciocínio muito parecido com o da frase 27: o que é pronome relativo na função de sujeito do verbo agradar. O verbo deverá, portanto, concordar com o antecedente do relativo. Só que, nesse

caso, têm-se dois possíveis antecedentes do que: *um* ou *dos*. É por isso que se aceitam as duas opções: a de singular (nesse caso, o pronome relativo estaria retomando o antecedente *um*) ou a de plural (e, então, o pronome relativo retomaria o pronome demonstrativo *os*, da contração *dos*).

Assim, seriam duas as possibilidades de leitura:

Aquele romance foi **um** (que) me **agradou**.

Dos (que) me **agradaram**, aquele romance foi um.

Resumindo: Com a expressão um dos que, o verbo pode ficar no singular (nesse caso, o que retomaria um, que é o núcleo da expressão); ou no plural (se o antecedente do que for o pronome os).

Caso perguntem a você qual das duas opções é a melhor, diga o de sempre: a melhor é com o núcleo da expressão. Portanto, a melhor é aquela com **verbo no singular**, concordando com **um,** núcleo da expressão **um dos que**.

17.1.2.11. Concordância ideológica (silepse)

A concordância ideológica, ou silepse, difere dos casos de concordância que vínhamos estudando, por se desviar da norma rígida, por ser uma concordância com o sentido. Então, entenda: os casos que vimos anteriormente são de concordância rígida. Os que vamos ver agora são de concordância ideológica ou psicológica. É simples: basta você conhecer as três situações em que tal desvio pode ocorrer. Vamos a elas?

1. "V. Exª. é muito simpático."

Veja que o sujeito é representado por uma palavra feminina ("excelência"), mas o adjetivo "simpático" ficou no masculino. A concordância deixou de se fazer com o vocábulo e passou a ser feita com a ideia: trata-se de homem. Do feminino ao masculino: é a **silepse de gênero**.

2. "A criançada chegou. *Alegres*, *brincavam* por todos os lados."

Observe que o adjetivo e o verbo da 2ª oração foram ao plural, apesar de *criançada* ser palavra no singular; isso ocorre em função da ideia de coletivo que a palavra *criançada* apresenta. Do singular ao plural: é a **silepse de número**.

3. "Todos somos brasileiros".

Nem parece silepse, não é? Mas houve, sim, um desvio da concordância rígida: o sujeito *todos* é 3ª pessoa do plural (*eles*), mas o verbo foi para a 1ª pessoa do plural (*nós*). Esse recurso é muito utilizado em textos argumentativos, quando o autor quer se incluir na frase. Da 3ª pessoa à 1ª: é a **silepse de pessoa**.

Portanto, entenda que silepse é um desvio das regras rígidas de concordância. Deixa-se de concordar gramaticalmente, para se fazer uma concordância ideológica.

17.1.2.12. Concordância com verbos no infinitivo

Em nossa língua há dois infinitivos:

• **Infinitivo impessoal** – ação verbal de modo vago, indeterminado;

• **Infinitivo pessoal** – não flexionado (uma só forma para todas as pessoas)

flexionado (falar, falares, falar, falarmos...)

Falamos sobre infinitivo impessoal em sujeito indeterminado. Em relação à flexão do infinitivo, podemos sintetizar da seguinte forma:

a) **não se flexiona o infinitivo:** como verbo principal de uma locução ou quando o sujeito do infinitivo for um pronome oblíquo, antecedido dos verbos *mandar, deixar, fazer, ver, sentir, ouvir*. A flexão, no entanto, pode ocorrer se o sujeito for um substantivo.

b) **não se flexiona o infinitivo:** quando este aparecer em oração reduzida com sujeito idêntico ao do verbo da oração principal.

c) **flexiona-se o infinitivo:** quando o infinitivo tem sujeito próprio ou quando o sujeito do infinitivo está claro na frase, regido ou não de preposição (flexão facultativa).

d) **com os verbos *dever, poder, costumar* + *se* + *infinitivo* + *nome no plural*:** esses verbos ficam no singular (= sujeito oracional) ou concordam com o nome no plural.

17.2. EXEMPLOS COMENTADOS

Bem, teoria encerrada. Vamos aos exemplos comentados?

Quanto à concordância verbal, julgue as alternativas abaixo como certas ou erradas, corrigindo as frases com erro. Caso haja mais uma possibilidade de concordância, indique-a.

1. **Choveu** garrafas na cabeça do árbitro; aliás, **estava** chovendo até pilhas de rádio.

Comentários: O que é que choveu? *Garrafas choveram. Pilhas estavam chovendo*.

Resposta: Frase errada: O certo é *choveram* e *estavam chovendo*.

2. **Deu** dez horas o relógio da matriz, mas no meu já **deu** onze.

Comentários: *O relógio é que deu dez horas*. A primeira oração está certa. Mas a segunda oração não: o sujeito passa a ser *onze* e *no meu*, adjunto adverbial de lugar (= "no meu relógio").

Resposta: o certo é "Deu dez horas o relógio da matriz, mas no meu já *deram* onze".

3. Não **existe** nas cidades próximas nenhum posto de gasolina aberto.

Comentários: O que é que não existe nas cidades próximas? *Nenhum posto de gasolina aberto*. Ora, o núcleo do sujeito é *posto*.

Resposta: a frase está correta.

4. Não **deve** existir ciúmes em um relacionamento sincero e sadio.

Comentários: Atenção: na locução verbal, olhe para o último verbo (verbo principal), pergunte por seu sujeito, mas não se esqueça de que quem irá se flexionar ou não é o verbo auxiliar. Portanto, qual é o sujeito de *existir*? *Ciúmes*. Logo, o auxiliar deverá ficar no plural.

Resposta: a frase está errada. O certo seria dizer "Não *devem* existir ciúmes..."

5. **Acabou** as aulas, **começou** as férias.

Comentários: O que é que acabou? *As aulas*. O que é começou? *As férias*. Ambos os sujeitos estão no plural, logo os verbos deverão ficar no plural.

Resposta: o certo é: "Acabaram as aulas, começaram as férias".

6. Não **pode** faltar nas indústrias tanta matéria-prima quanto se diz.

Comentários: O que é que não pode faltar nas indústrias? *Matéria-prima*. O núcleo é singular, por isso, o verbo auxiliar deve mesmo ficar no singular.

Resposta: frase correta.

7. **Faz** dez dias que não durmo direito; **faz** cinco que não trabalho.

Comentários: Eis, nas duas orações, o verbo *fazer* com sentido de tempo decorrido. Ele é impessoal, a oração não possui sujeito. Por isso, os verbos devem mesmo ficar no singular.

Resposta: frase certa.

8. **Costuma** haver abalos de terra nesta região.

Comentários: Mais uma vez, locução verbal. Observe o último verbo: principal. Ele tem sujeito? Não, pois é *haver* com sentido de *existir*. Por isso, seu auxiliar não se flexiona, deve ficar na 3ª pessoa do singular. Cuidado: *abalos* não é sujeito, é objeto direto.

Resposta: frase certa.

9. A maioria das garrafas vazias **estão jogadas** ali no lixão.

Comentários: A locução verbal está adequadamente concordando com a expressão *garrafas vazias que, sintaticamente, é adjunto adnominal do substantivo "maioria"*. A frase está certa, mas haveria uma outra possibilidade de concordância, que, inclusive seria a mais adequada em uma redação: "A maioria das garrafas vazias está jogada...". Nesse caso, **está jogada** estaria concordando com o núcleo do sujeito **maioria**. E a concordância com o núcleo é sempre a melhor...

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de flexão.

10. Vassouras **ficam** no Estado do Rio; Campinas fica em São Paulo.

Comentários: Nome de lugar ou de obra no plural, o verbo fica no singular, a não ser que o nome seja antecedido de artigo.

Resposta: a frase está parcialmente errada. O certo é *Vassouras fica*. Quanto à segunda oração, tudo certo.

11. Os Estados Unidos **são** um país capitalista.

Comentários: Nome de lugar no plural antecedido de artigo. O verbo deverá ficar no plural, seguindo o artigo.

Resposta: frase certa.

12. Grande parte dos melões vendidos **está** madura.

Comentários: O sujeito é *grande parte dos melões*; o núcleo é *parte* e *dos melões* é o adjunto adnominal. Nessa frase, o verbo está concordando com o núcleo do sujeito. Mas poderia concordar com *melões*, que é o termo posposto. Também estaria certo dizer "Grande parte dos melões estão maduros".

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de concordância.

13. Cinco por cento da produção **se perdeu** com as chuvas, mas esses 5% não **significam** muito prejuízo.

Comentários: *Cinco por cento da produção se perdeu* ou *se perderam*: as duas estariam certas. No singular, o verbo concorda com *produção*; no plural, com o núcleo *cinco*. Quanto à segunda metade da frase, tudo certo: o verbo está adequadamente concordando com o sujeito *esses 5%*.

Resposta: frase certa.

14. 1% dos alunos daquele colégio **passaram** no vestibular.

Comentários: Aqui, haveria duas possibilidades: *passaram* concordando com *alunos* e *passou*, com *1%*.

Resposta: a frase está certa, e haveria mais uma opção de flexão do verbo.

15. Os 15% de comissão **foram** para Hersílio, e não para mim.

Comentários: Já que a porcentagem vem antecedida de determinante (artigo), o verbo só pode concordar com o numeral 15%.

Resposta: frase certa.

16. Foram eles que **pagaram** as despesas; fomos nós que **comemos**.

Comentários: Quando o sujeito é *que*, o verbo concorda com o antecedente do relativo. Nas orações acima, os antecedentes eram *eles* e *nós*.

Resposta: frase correta.

17. Foram eles quem **pagou** as despesas; fomos nós quem **comeu**.

Comentários: Com *quem*: o verbo fica no singular ou concorda com o termo que vem antes do *quem*. Poderíamos também dizer *foram eles quem pagaram, fomos nós quem comemos*.

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de flexão.

18. Algum de nós **morrerá** antes do ano 2030.

Comentários: O núcleo da expressão é singular, o verbo só pode concordar com ele.

Resposta: frase certa.

19. Alguns de nós **morrerão** antes do ano 2030.

Comentários: O núcleo da expressão é plural (*alguns*): o verbo pode concordar com o núcleo ou com o termo que vem posposto (*nós*). Logo, estaria também certo dizer *alguns de nós morreremos*.

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de flexão.

20. Cada um de nós seis **compraremos** um livro.

Comentários: Com a palavra *cada*, o verbo deverá ficar no singular. Lembre-se: a palavra *cada* individualiza o núcleo. O certo seria dizer "Cada um de nós seis comprará…".

Resposta: frase errada.

21. V. Exª. **ireis** viajar amanhã?

Comentários: Com pronome de tratamento, o verbo fica na 3ª pessoa do singular. O certo seria dizer "V. Exª. *irá* viajar amanhã?"

Resposta: frase errada.

22. Mais de um abacate **apodreceram**, menos de duas peras **foi comida**.

Comentários: O núcleo do 1º sujeito é *abacate* e do 2º, *peras*. Por isso, certo seria dizer "Mais de um abacate apodreceu…, menos de duas peras foram comidas".

Resposta: frase errada.

23. Fui um dos que não **disse** nada na reunião.

Comentários: *Disse* concordando com *um*; *disseram* concordando com **dos**. Por isso, tanto faz dizer *fui um dos que disse*, como *fui um dos que disseram*.

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de flexão.

24. Perto de três crianças **se perderam** na praia.

Comentários: O núcleo do sujeito é *crianças*. Por isso, o verbo está no plural.

Resposta: frase certa.

25. **Bastará** três pessoas para erguer esse peso.

Comentários: Organize a frase: *três pessoas bastarão*.

Resposta: frase errada.

26. **Passará** logo meu interesse e minha esperança.

Comentários: Sujeito composto posposto. Tanto faz: o verbo ficou no singular concordando com o núcleo mais próximo, mas também poderia ter ido ao plural, concordando com todos os núcleos.

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de concordância ("passarão").

27. **Abraçaram-se** o rapaz e a garota.

Comentários: Com o pronome *se* recíproco, o verbo deverá ficar apenas no plural.

Resposta: frase certa.

28. Luís e Manuel vadiaram o ano todo; um e outro rapaz, mesmo assim, **passou**.

Comentários: Um e outro: verbo no singular ou no plural.

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de concordância ("passaram").

29. Nem um nem outro caçador **conhecem** esta região.

Comentários: Embora não seja comum, essa construção não está errada. O mais correto, entretanto, seria dizer "Nem um nem outro caçador conhece…".

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de flexão.

30. Um dia, uma hora, um minuto, **bastam** para acontecer uma tragédia.

Comentários: Sujeito composto de núcleos em gradação: singular (mais adequada) ou plural.

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de flexão *(basta)*.

31. Comer e dormir em seguida **engorda**.

Comentários: Núcleos do sujeito composto com verbos no infinitivo: o verbo fica no singular.

Resposta: frase certa.

32. O comer bem e o dormir bastante **engordam**.

Comentários: Agora, os verbos estão antecedidos de artigo. O verbo deve ficar no plural.

Resposta: frase certa.

33. Céu, mar, terra, rios, sol, planetas, animais, tudo se **constitui** dos mesmos elementos.

Comentários: O pronome *tudo* resume as informações anteriores. O verbo deve concordar com o pronome, ficando

no singular.

Resposta: frase certa.

34. O príncipe com a princesa **estiveram** na festa.

Comentários: Tanto faz: plural ou singular. O plural enfatiza os dois núcleos; o singular enfatiza o primeiro.

Resposta: a frase está certa e teria outra possibilidade de concordância (“esteve”).

35. Filipe ou Virgílio **dirigirá** o automóvel.

Comentários: *Só um vai dirigir*: *ou* com valor de exclusão. O verbo deverá ficar no singular.

Resposta: frase certa.

36. A vida ou a morte eternas não **existe**.

Comentários: Agora, *ou* com valor de adição. O que se quer dizer é que a vida *e* a morte eternas não *existem*.

Resposta: frase errada.

17.3. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Complete com as formas verbais adequadas.

1. Altamente irreais, suas palavras só _____ valores supérfluos. (contém/contêm)
2. “A ordem social e humana nem sempre se _____ sem o grotesco.” (alcança/alcançam)
3. _____ muito barulho aqueles meninos. (Faz/Fazem)
4. _____ vinte minutos para as dez horas. (Falta/Faltam)
5. _____ duas palavras de incentivo. (Basta/Bastam)
6. Vossa Excelência _____ triste com a repercussão do caso. (ficou/ficastes)
7. Vossas Excelências _____ tristes com a repercussão (ficaram/ficastes)
8. _____ propostas de trabalho para ele. (Choveu/Choveram)
9. _____ existir dúvidas sobre aquele ponto da matéria. (Deve/Devem)
10. _____ ocorrer novas rebeliões. (Poderá/Poderão)
11. Embora _____ ocorrido alguns distúrbios, ele não se inteirava da condição do mundo. (tivesse/tivessem)
12. Eles _____ entender o problema (parecia/pareciam)
13. _____ sala comercial. (Aluga-se/Alugam-se)

14. _____ salas comerciais. (Aluga-se/Alugam-se)

15. _____ medidas para baratear os produtos editoriais. (Impõe-se/Impõem-se)

16. _____ cinco horas no relógio da sala. (Deu/Deram)

17. _____ cinco horas o relógio da sala. (Deu/Deram)

18. _____ uma hora. (Soou/Soaram)

19. _____ seis horas no relógio da igreja. (Bateu/Bateram)

20. Mais de um caso _____. (foi analisado/foram analisados)

21. Mais de um amigo se _____. (abraçou/abraçaram)

22. Mais de dois casos _____. (foi analisado/foram analisados)

23. Cerca de trinta pessoas _____ mudanças. (exigia/exigiam)

24. Qual de nós _____ do caso? (cuidará/cuidaremos)

25. Algum de nós _____ a tempo. (chegará/chegaremos)

26. Quais de nós _____ do caso? (cuidarão/cuidaremos)

27. Alguns de nós _____ a tempo. (chegarão/chegaremos)

28. A maioria dos professores _____ à cerimônia de posse do novo reitor. (compareceu/compareceram)

29. A maior parte da turma _____ ao primeiro dia de aula. (faltou/faltaram)

30. Setenta por cento da turma _____ de ano. (passou/passaram) / Os setenta por cento da turma _____ de ano. (passou/passaram)

31. Setenta por cento dos eleitores não _____ nos governantes. (confia/confiam)

32. Um por cento do eleitorado _____ o voto. (anulou/anularam)

33. Um por cento dos eleitores _____ o voto. (anulou/anularam)

34. Os Estados Unidos _____ perversamente _____ em 11 de setembro. (foi; atacado/foram; atacados)

35. Minas Gerais _____ a visita de dois ministros. (recebeu/receberam)

36. Os Lusíadas _____ uma epopeia. (conta/contam)

37. Fernanda e Guilherme _____ aqui agora há pouco. (estava/estavam)

38. _____ aqui agora há pouco Fernando e Guilherme. (Estava/ Estavam)

39. Acordava de manhã e lá _____ o meu pão torrado, o meu chá e o meu ovo cozido. (estava/estavam)

40. O diretor e o chefe _____ entender o problema. (parecia/pareciam)

41. Ela e eu _____ para jantar. (saíram/saímos)

42. _____ ela e eu para jantar. (Saímos/Saiu)

43. _____ irmão e irmã. (Abraçou-se/Abraçaram-se)

44. Chás, política, escândalos, nada _____ a sua concentração. (atrapalhava/atrapalhavam)

45. Engenheiros, técnicos, secretárias, todos _____. (foi demitido/foram demitidos)

46. O funcionário com o chefe _____ cedo. (chegou/chegaram)

47. O funcionário, com o chefe, _____ cedo. (chegou/chegaram)

48. Wilson ou Ricardo _____ o novo presidente do conselho fiscal. (será/serão)

49. O funcionário ou os funcionários _____ o novo representante. (anunciará/anunciarão)

50. O riso ou a lágrima _____ parte da minha vida. (faz/fazem)

51. A competição, a disputa não o _____. (seduzia/seduziam)

52. A paixão, o devotamento, a alma não _____ àquele homem. (falta/faltam)

53. Correr e nadar _____ parte do treinamento diário daquele atleta. (faz/fazem)

54. Agora, calar e falar já não _____ nada. (adianta/adiantam)

55. O falar e o escrever _____ dele um aluno especial. (fazia/faziam)

56. _____ bastante por aqui. (Trabalha-se/Trabalham-se)

57. _____ às ordens. (Obedeceu-se/Obedeceram-se)

58. _____ aos levantamentos. (Procedeu-se/Procederam-se)

59. Nunca se _____ totalmente pessimista. (é/são)

60. É preciso _____ com a impunidade no país. (acabar/acabarem)

61. _____ bastante em alguns bairros. (Choveu/Choveram)

62. _____ dúvidas sobre aquele ponto da matéria. (Havia/Haviam)

63. _____ vantagens para o índio no contato com o civilizado. (Havia/Haviam)

64. _____ haver vantagens para o índio no contato com o civilizado. (Devia/Deviam)

65. _____ haver novas rebeliões. (Poderá/Poderão)

66. Falei da angústia que _____ dias me devorava. (havia/haviam)

67. _____ dez meses que não recebo notícias dele. (Faz/Fazem)

68. _____ para dois anos de sua partida. (Vai/Vão)

69. _____ reclamações. (Chega de/Chegam de)

70. _____ duas horas. (Passa de/Passam de)

71. _____ que estejas aqui na hora marcada. (Convém/Convêm)

72. _____ mudar as regras. (Convém/Convêm)

73. _____ que as reações não podem ser diferentes. (Está claro/Estão claros)

74. Os dois _____ que haviam acabado de comer a maçã proibida. (parecia/pareciam)

75. Os dois _____ entenderem o problema. (parecia/pareciam)

76. _____ agora que tudo era mentira. (Sabe-se/Sabem-se)

77. Um e outro tipo _____ marcas profundas. (deixou/deixaram)

78. Nem o pai nem a mãe _____ o problema. (resolveu/resolveram)

79. Não só o funcionário mas também o diretor se _____ para a reunião. (atrasou/atrasaram)

80. Um ou outro estilo _____. (agrada/agradam)

81. Nem um nem outro trabalho _____ elogio. (recebeu/receberam)

82. Fui eu que _____ a verdade. (falei/falou)

83. Fomos nós que _____ a verdade. (falou/falamos)

84. Era árdua a tarefa que os _____ juntos. (mantinha/mantinham)

85. Fui eu quem _____ a verdade. (falei/falou)

86. Sou eu quem _____ a conta. (paga/pago)

87. Fomos nós quem _____ a verdade. (falou/falamos)

88. Ele é um dos jovens que _____ esse moderno sistema de telefonia. (usa/usam)

89. Aquele escritor foi um dos brasileiros que mais _____ no futuro do país. (acreditou/acreditaram)

90. "Napoleão foi um dos guerreiros de fama que _____ na ilha de Santa Helena." (morreu/morreram) (Ivan Alves)

91. O prédio _____ ruínas. (era/eram)

92. Tudo _____ ilusões. (é/são)

93. Guilherme _____ as preocupações da família. (era/eram)

94. O responsável _____ eu. / Eu _____ o responsável. (é/sou)

95. Os responsáveis_____ nós. / Nós _____ os responsáveis. (são/somos)

96. Quem _____ os representantes da turma? (era/eram)

97. O que _____ conectores? (é/são)

98. Os homens _____ complicam as coisas. (é que/são que)

99. _____ aquelas palavras que me serviram como estímulo. (Foi/Foram)

100. Vinte quilos _____. (é muito/são muito)

101. Cinco pessoas _____. (é suficiente/são suficientes)

102. _____ dez horas. (É/São)

103. _____ uma hora e vinte. (Era/Eram)

104. Hoje _____ seis de dezembro. (é/são)

105. Daqui a minha casa _____ três quilômetros. (é/são)

106. As pessoas pareciam _____ o problema. (entender/entenderem)

107. Resolvemos _____ rapidamente. (agir/agirem)

108. Mandei-os _____ os ingressos. (devolver/devolverem)

109. Viu-os _____ imóvel. (chegar/chegarem)

110. Fê-los _____. (chorar/chorarem)

111. Fez os ouvintes _____. (chorar/chorarem)

112. Minha filha chegou sem _____. (perceber/percebermos)

113. Os empresários falaram no preço que pagam para _____ negócio no Brasil. (fazer/fazerem)

114. Não se _____ proibir manifestações do povo. (deve/devem)

115. Os cariocas _____ um povo alegre. (verbo SER, silepse de pessoa)

116. A multidão não se continha. _____ justiça. (verbo PEDIR, silepse de número)

II. Levando em consideração as regras de concordância verbal, marque certo (C) ou errado (E).

1. ( ) A presença de pessoas estranhas, num momento como este, poderiam perturbar a atenção das candidatas, até aqui inteiramente dirigida para as questões da prova.

2. ( ) Quando se aplicam a todos os seres de uma espécie ou quando designam abstrações, o substantivo é chamado "comum".

3. ( ) Os peregrinos, que em longa caravana caminhavam respeitosos, mostravam-se dispostos a enfrentar qualquer

adversidade que se lhes apresentasse.

4. ( ) Já era quase nove horas, nenhum dos meninos pareciam querer se levantar, nada faziam os pais imaginarem os rumores da véspera.

5. ( ) Com a canção popular, hoje, costuma ocorrer frequentemente fatos diversos.

6. ( ) Com a canção popular, hoje, podem haver fatos diversos.

7. ( ) Há uma série de outras motivações que não cabe aqui mencionar.

8. ( ) É uma cidade onde falta verdade, honra e vergonha.

9. ( ) Os fatos que houveram causaram espanto, por ter sido os carros-bomba lançados contra um grupo de crianças inocentes.

10. ( ) Na discussão do assunto, lança-se mão de dois recursos, com base em dados socioeconômicos.

11. ( ) Tratam-se, talvez, das referências mais citadas para defender valores mais expressivos para os salários-família.

12. ( ) Não se apanha moscas com vinagre.

13. ( ) Com o projeto, fornecer-se-ão dados estatísticos sobre a propagação da Aids no país.

14. ( ) Alterou-se cerca de 600 palavras.

15. ( ) Indenizar-se-á em dinheiro as benfeitorias úteis e necessárias.

16. ( ) Não se poderiam esquecer tantas emoções.

17. ( ) Em outros campos, despreza-se palavras que dão o seu recado com eficiente simplicidade.

18. ( ) Havia um templo em que se cultuavam aos deuses.

19. ( ) No fim do mês, feitas as contas, veem-se que os gastos foram absurdos.

20. ( ) Ao se tomar conhecimento dos números dessas pesquisas, fica-se perplexo.

21. Esperam-se que não surjam, no atual cenário latino-americano, os aventureiros de sempre.

22. ( ) Um por cento da população brasileira buscam profissionalizar-se.

23. ( ) Quarenta por cento da população brasileira busca profissionalizar-se.

24. ( ) 1,13% morreu em acidentes de trânsito.

25. ( ) 1,20% dos jovens morreram por outras razões.

26. ( ) 12,49% dos jovens morrem em acidentes.

27. ( ) Trinta por cento da conta de energia correspondem ao consumo gerado por chuveiro elétrico e geladeira.

28. ( ) Se o consumo é muito alto, umas poucas providências em casa já o reduz.

29. ( ) Vários voluntários procuram os Centros de Testagem Anônima; quinze por cento, aproximadamente, apresenta resultado positivo.

30. ( ) O grande responsável pelo reequilíbrio das reservas foi o povo, a quem coube muitos sacrifícios.

31. ( ) Sempre existirão os que aceitam a economia de mercado, como sempre haverão os que lhe são contrários.

32. ( ) Quantos dias faz que não o vemos? Há de haver bem uns dez.

33. ( ) Não me haviam alertado para o perigo os técnicos do laboratório.

34. ( ) Refaria esses trabalhos e quantos mais houvessem para refazer.

35. ( ) Pouco mais de mil pessoas havia nas salas de aula.

36. ( ) Houveram por bem sair mais cedo os professores.

37. ( ) É provável que hajam falhas graves nesse projeto.

38. ( ) Os Estados Unidos não tinha a necessária infraestrutura para recrutar voluntários.

39. ( ) A Fundação Instituto Oswaldo Cruz com a Universidade Federal de Minas Gerais iniciaram um projeto de verificação da incidência de HIV em homossexuais e bissexuais.

40. ( ) O Hospital Clementino Fraga Filho é um dos que selecionarão pessoas para determinar a incidência de HIV em homossexuais e bissexuais entre 18 e 35 anos.

41. ( ) Os Lusíadas são o grande poema épico de Portugal.

42. ( ) Na juventude tudo são alegrias.

43. ( ) Convêm descobrir as fórmulas secretas.

44. ( ) São atitudes como essa que te convém evitar.

45. ( ) Pensou-se que faltava algumas modificações.

46. ( ) Podiam haver divergências entre pronúncia e grafia.

47. ( ) Não podia haver mais complicações.

48. ( ) Já vai fazer dez anos que me radiquei em Fortaleza.

49. ( ) Falta-nos a paixão, o devotamento, a alma.

50. ( ) Houve erros de previsão grosseiros.

51. ( ) Não haverão de mim nada com ameaças.

III. Complete as lacunas com a(s) forma(s) adequada(s).

1. _____ ele, você e eu esperando o chefe. (Ficamos/Ficou)

2. Brasileiros e latino-americanos _____ constantemente a crítica da prevalência. (fazem/fazemos)

3. _____ nas classes trabalhadoras o desejo de ter acesso à leitura. (Aumenta/Aumentam)

4. A maioria dos nossos produtos editoriais não _____ ao orçamento doméstico do trabalhador. (é acessível/são acessíveis)

5. _____ um estudo mais acurado as ideias de baratear a comercialização dos produtos editoriais. (Merece/Merecem)

6. Vislumbra-se um mundo em que tudo _____ botões de computador. (é/são)

7. Tudo, carrinhos, robôs e bonecas, _____ adquirir nova forma e valor nas mãos da criança. (pode/podem)

8. Nem a criança nem o adulto _____ deixar de continuamente exercer o poder de criar. (deve/devem)

9. Grande parte dos objetos hoje utilizados numa casa _____ do processo de industrialização. (resulta/resultam)

10. Tu e eu _____ convencidos de que _____ em erro. (seremos/sereis; andamos/andais)

11. A maioria das pessoas aqui não _____ do que está falando. (sabe/sabem)

12. Um e outro ecologista _____ contra a derrubada de eucaliptos. (protestou/protestaram)

13. _____ dar quatro horas no relógio da praça. (Ia/Iam)

14. _____ o meio ambiente a comunidade e o vigário. (Defendia/Defendiam)

15. A história que vou referir só a _____, em toda esta cidade, minha mulher e eu. (sabe/sabemos)

16. Não _____ falta nenhuma o eucalipto e os cupins. (faz/fazem)

17. O perito e assistente técnico _____ de todos os meios necessários para o desempenho de suas funções. (utilizou-se/utilizaram-se)

18. Os Estados Unidos _____ uma grande potência. (é/são)

19. Alagoas _____ um belo estado. (é/são)

20. Os Lusíadas _____ o grande poema épico da literatura portuguesa. (é/são)

21. Vinte reais _____ suficiente. (é/são)

22. Já _____ uma hora da tarde e ele ainda não chegou. (é/são)

23. "E quanto enfim cuidava e quanto via, _____ tudo memórias de alegria." (Camões) – (era/eram)

24. _____ V. Exª os meus votos de distinta consideração. (Aceita/Aceitais)

25. Cada um dos jogadores daquele quadro já _____ um prêmio. (ganhou/ganharam)

26. Qual de vocês _____ o rio? (atravessará/atravessarão)

27. Qual dos três cientistas _____ o prêmio este ano? (ganhará/ganharão)

28. Quanto de nós _____ realmente dispostos a ajudar o próximo? (estarão/estaremos)

29. _____ três anos que ele viajara para Belém. (Fazia/Faziam)

30. Na reunião só _____ cinco representantes do sindicato. (havia/haviam)

31. _____ árvores derrubadas perto do rio. (Havia/Haviam)

32. "Os sentenciados _____ do poder público a comutação da pena." (G. Góis) – (houve/houveram)

33. _____ existir pelo menos mais de três documentos guardados. (Deve/Devem)

34. _____ haver campanhas educativas sobre o trânsito de nossa cidade. (Deveria/Deveriam)

35. O projeto de integração que _____ realizando as frágeis democracias _____, _____ e _____ é um esforço inegavelmente significativo para o cone sul. (vem/vêm; uruguaia, argentina e brasileira/uruguaias, argentinas e brasileiras)

36. _____ as regras de mera convenção ser menosprezadas. (Pode/Podem)

37. No caso não _____, nem jamais _____, asseguro-lhe, prevenções de ordem pessoal. (existe/existem; existiu/existiram)

38. Não se _____ esquecer tantas atenções. (poderia/poderiam)

39. _____ todos os ritmos da metrificação portuguesa. (Adotou-se/Adotaram-se)

40. A forma de morte em questão é a seguinte: inicialmente _____ as mãos de uma pessoa. (amarra-se/amarram-se)

41. Oitenta por cento dos alunos _____ preparados. (está/estão)

42. Está acertado que 1% dos recursos _____ para a educação, e os 99% restantes _____ em obras de saneamento básico do município. (irá/irão; será empregado/serão empregados)

43. Grande parte das poesias não _____ uniformidade nas estrofes. (tem/têm)

44. Grande número de programas _____ sido _____, nos EUA, para áreas consideradas prioritárias pelo Estado, como matemática e ciências. (tem/têm; direcionado/direcionados)

45. A maioria dos jovens _____ acompanhando pelos jornais as notícias sobre a Croácia. (vem/vêm)

46. Foi o prefeito César Maia quem _____ a pregar a solução. (correu/correram)

47. As sardinhas fomos nós quem _____. (pescou/pescamos)

48. Fui eu quem _____ um manifesto contra irregularidades dessa repartição. (encabeçou/encabecei)

49. Não fui a que _____ primeiro. (cheguei/chegou)

50. "Um dos soldadinhos que me _____ chorava como um desgraçado." (G. Ramos) – (acompanhava/acompanhavam)

51. Ele é um dos que mais _____ o meio ambiente. (defende/defendem)

52. Mais de um nativo _____ o problema. (entendeu/entenderam)

53. "Aqui _____ a burguesia, o mercador, a população." (Eça de Queiroz) – (habita/habitam)

54. Naquela guerra entre quadrilhas, _____ um dos chefes e alguns moradores das proximidades. (morreu/morreram)

55. O certo e que o orgulho, a soberba _____ verdades supremas. (cobre/cobrem)

56. Quando chove, as árvores _____ que ficam verdes. (parece/parecem)

57. Eram casos fortuitos que não _____ em seu poder prevenir. (estava/estavam)

58. Os ritmos utilizados me pareceu _____ melhor com o que eu pretendia exprimir. (quadrar/quadrarem)

59. _____-lhes aclarar muitos pontos importantes. (Falta/Faltam)

60. São atitudes como essa que _____ evitar. (convém/convêm)

61. "O conselho se reuniu, e _____ recomeçar a guerra." (B. Guimarães) – (decidiu/decidiram)

62. Não _____ nexos lógicos entre "tom de documentário" e "convenção de novela", por se _____ de assuntos diferentes. (ocorre/ocorrem; tratar/tratarem)

63. A premissa é a de que de uma quantidade menor de línguas _____ menos maneiras diferentes de pensar, menos chances para desentendimentos e conflitos. (decorrerá/decorrerão)

64. "Mas não _____ o governo, o sistema, o modelo social os únicos responsáveis (ou irresponsáveis) nessa situação." (E. Franchi) – (é/são)

65. "Mas, para Adélia, nem tudo _____ elogios e, de vez em quando, até um grande poeta tem que conviver com o amargor da faca afiada da crítica." (é/são)

66. Nas conversas dos parlamentares e juristas, no Congresso, o assunto _____ sempre as trapalhadas do governo para conter a inflação e a base monetária. (era/eram)

67. Nas conversas de sindicalistas e economistas, no DIEESE, o assunto _____ sempre as altas taxas de desemprego e o arrocho salarial. (era/eram)

68. Nada mal para as empresas que, mesmo sem capital de giro e sem condições de vender, por falta de compradores,

_____ de se ajustar, demitindo pessoal. (haverá/haverão)

69. Ninguém sabe se _____ haver ou não novas inscrições para o concurso anunciado há duas semanas. (vai/vão)

70. Todas as opiniões que _____ entre os participantes do encontro seriam debatidas democraticamente. (houvesse/houvessem)

71. Embora muitas dificuldades _____ surgido, os trabalhos foram concluídos em tempo hábil. (houvesse/houvessem)

72. Se _____ desistências, as vagas não poderão ser preenchidas por candidatos sem habilitação legal. (houver/houverem)

73. _____, entre os meses de outubro e dezembro, ocorrido pancadas de chuva tão violentas que as estradas estavam em péssimas condições. (Havia/Haviam)

74. "Mas _____ livros que, lidos no momento certo, fizeram de mim a pessoa que sou." (houve/houveram)

75. "Nem os olhos nem o gesto _____ poesia nenhuma." (Machado de Assis) – (tinha/tinham)

76. Tudo mal para os trabalhadores que, com a demissão batendo à porta, devido à crise recessiva, _____ de se contentar com o rebaixamento do poder aquisitivo. (terá/terão)

77. As condições concretas, sociais, políticas e econômicas em que foram executados os planos de estabilização de economias em estado de crise, durante o nosso século, _____ cética nossa visão sobre o futuro. (torna/tornam)

78. Para completar o elenco de "Uma relação tão delicada" foi chamado o ator R. Adruim, a quem _____ dois papéis ingratos – o de namorado de Charlotte e o de marido de Jeanne... (coube/couberam)

79. Desta forma, solicito que nos _____ mais alguns dias para entregar o material. (seja concedido/sejam concedidos)

80. Estamos encaminhando, para _____ em reunião da comissão tripartite, as normas para eleição do novo chefe do Departamento. (ser apreciado/serem apreciadas)

81. É sabido que de uma maneira geral a qualidade dos Sistemas de Informação desenvolvidos _____ muito longe das satisfações e necessidades de seus usuários. (está/estão)

Gabarito: I – 1. contêm; 2. alcança; 3. Fazem; 4. Faltam; 5. Bastam; 6. ficou; 7. ficaram. Obs.: Pronome de tratamento leva o verbo para a 3ª pessoa; 8. Choveram (o verbo "chover", aqui, não é impessoal, pois aparece com sentido figurado. Seu sujeito é "propostas"); 9. Devem; 10. Poderão (na locução verbal, quem se flexiona é o verbo

auxiliar: se o sujeito aparecer no plural, o verbo auxiliar ficará no plural); 11. tivessem; 12. pareciam; 13. Aluga-se (sujeito: sala / Sala comercial é alugada.); 14. Alugam-se (sujeito: salas / Salas comerciais são alugadas.); 15. Impõem-se (sujeito: medidas /Medidas são impostas.); 16. Deram; 17. Deu; 18. Soou; 19. Bateram; 20. foi analisado; 21. abraçaram (nesse caso, com pronome recíproco, verbo no plural); 22. foram analisados; 23. exigiam; 24. cuidará; 25. chegará; 26. cuidarão ou cuidaremos; 27. chegarão ou chegaremos; 28. compareceu ou compareceram; 29. faltou; 30. passaram ou passou / passaram; 31. confiam; 32. anulou; 33. anulou ou anularam; 34. foram atacados; 35. recebeu; 36. conta ou contam (com nome de "obra", aceita-se a concordância com a ideia, no singular.); 37. estavam; 38. Estava ou Estavam; 39. Estava ou estavam; 40. pareciam; 41. Saímos [3ª pessoa (ela) + 1ª pessoa (eu) = 1ª pessoa do plural (nós)]: com sujeito composto representado por pessoas diferentes, o verbo vai ao plural da pessoa que tiver preferência – a 1ª pessoa prevalece sobre a 2ª pessoa e a 3ª pessoa; a 2ª pessoa prevalece sobre a 3ª: Tu e ela chegastes ou chegaram. Nesse caso, aceita-se a 3ª pessoa do plural – chegaram – , pois o "vós" está em desuso; 42. Saímos ou Saiu (Verbo anteposto a sujeito composto: concorda com todos os núcleos ou com o mais próximo.); 43. Abraçaram-se ("se" recíproco – verbo na 3ª pessoa do plural); 44. atrapalhava (caso 2 – b); 45. foram demitidos (idem); 46. chegaram ou chegou; 47. chegou (É a melhor concordância. Algumas gramáticas, porém, aceitam o plural nesse tipo de construção.); 48. será; 49. anunciarão; 50. fazem; 51. seduzia ou seduziam; 52. falta ou faltam; 53. faz; 54. adiantam; 55. faziam; 56. Trabalha-se; 57. Obedeceu-se; 58. Procedeu-se; 59. é; 60. acabar; 61. Choveu; 62. Havia; 63. Havia; 64. Devia; 65. Poderá; 66. havia; 67. Faz; 68. Vai; 69. Chega de; 70. Passa de; 71. Convém; 72. Convém; 73. Está claro; 74. parecia (= Parecia/que os dois haviam acabado de comer a maçã proibida); 75. parecia (= Parecia/ que os dois entenderam o problema); 76. Sabe-se; 77. deixou ou deixaram; 78. resolveu ou resolveram; 79. atrasaram (é a preferência); 80. agrada; 81. recebeu ou receberam; 82. falei; 83. falamos; 84. mantinha; 85. falei ou falou; 86. paga ou pago; 87. falou ou falamos; 88. usa ou usam; 89. acreditou ou acreditaram; 90. morreu (o sentido exige o singular); 91. era ou eram; 92. é ou são; 93. era; 94. sou/sou; 95. somos/somos; 96. eram; 97. são; 98. é que; 99. Foram; 100. é muito; 101. é suficiente; 102. São; 103. Era; 104. são; 105. são; 106. entender; 107. agir; 108. devolver; 109. chegar; 110. chorar; 111. chorar ou chorarem; 112. percebermos (sujeito próprio); 113. fazer ou fazerem; 114. deve ou devem; 115. somos; 116. Pediam.

II – 1. E – A presença ... poderia perturbar; 2. E – Quando se aplica ... o substantivo ...; 3. C; 4. E – Já eram ... nove horas ; nenhum dos meninos parecia ... ; nada fazia ...; 5. E – ...costumam ocorrer ... fatos; 6. E – pode haver; 7. C; 8. C; 9. E – houve ; terem sido lançados; 10. C; 11. E – Trata-se – Sujeito indeterminado, o "se" é indeterminador; 12. E – apanham – O "se" é apassivador, o sujeito é "moscas"; 13. C; 14. E – Alteram-se ... palavras – O "se" é apassivador; 15. E – Indenizar-se-ão ... as benfeitorias – O "se" é apassivador; 16. C – caberia também "poderia" – Ver "Flexão do Infinitivo" d); 17. E – desprezam-se palavras ... A explicação é a mesma das frases 12 a 15.); 18. E – se cultuava – Sujeito indeterminado, "se" indeterminador; 19. E – vê-se – Sujeito oracional "que os gastos foram absurdos", verbo da oração principal no singular; 20. C; 21. E – – A mesma explicação da frase 19 Espera-se/que...); 22. E – Um por cento da população busca...; 23. C – ou buscam; 24. C; 25. C – ou morreu; 26. C; 27. C – ou corresponde; 28. E – ... providências ... reduzem; 29. E – apresentam; 30. E – ... a quem couberam muitos sacrifícios; 31. E – haverá; 32. C; 33. C; 34. E – houvesse; 35. C; 36. C – o "haver", aqui, não é impessoal; 37. E – haja; 38. E – tinham; 39. C – ou iniciou; 40. C – ou selecionará; 41. C – ou é; 42. C – ou é; 43. E – Convém/descobrir... sujeito

oracional); 44. C; 45. E – ... faltavam ... modificações; 46. E – Podia haver; 47. C; 48. C; 49. C; 50. C; 51. C – o "haver", aqui, não é impessoal.

III – 1. Ficamos ou Ficou; 2. fazem ou fazemos (silepse); 3. Aumenta; 4. é acessível ou são acessíveis; 5. Merecem; 6. é ou são; 7. pode; 8. deve ou devem; 9. resulta ou resultam; 10. seremos/andamos; 11. sabe ou sabem; 12. protestou ou protestaram; 13. Iam; 14. Defendia ou Defendiam (verbo anteposto a sujeito composto); 15. sabe ou sabemos (idem); 16. faz ou fazem (idem); 17. utilizou-se (é uma pessoa só: Ele é perito e assistente); 18. são; 19. é; 20. é ou são; 21. é; 22. é; 23. era ou eram; 24. Aceita; 25. ganhou; 26. atravessará; 27. ganhará; 28. estarão ou estaremos; 29. Fazia; 30. havia; 31. Havia; 32. houveram; 33. Devem; 34. Deveria; 35. vêm/uruguaia, argentina e brasileira; 36. Podem; 37. existem/existiram; 38. poderiam ou poderia; 39. Adotaram-se; 40. amarram-se; 41. estão; 42. irá ou irão/serão empregados; 43. tem ou têm; 44. tem sido direcionado ou têm sido direcionados; 45. vem ou vêm; 46. correu; 47. pescou ou pescamos; 48. encabeçou ou encabecei; 49. chegou; 50. acompanhava ou acompanhavam; 51. defende ou defendem; 52. entendeu; 53. habita ou habitam; 54. morreu ou morreram; 55. cobre ou cobrem (núcleos sinônimos); 56. parece (Parece/que as árvores...). or.princ. or.subjetiva; 57. estava (prevenir casos não estava em seu poder); 58. quadrarem (Pareceu-me/que os ritmos quadravam melhor). or.princ. or.subjetiva; 59. Falta-lhes/aclarar... or.princ. or.subjetiva (reduzida de infinitivo); 60. Convém/evitar (idem); 61. decidiu ou decidiram (silepse); 62. ocorrem/tratar; 63. decorrerão; 64. é ou são; 65. é ou são; 66. era ou eram; 67. era ou eram; 68. haverão; 69. vai; 70. houvesse; 71. houvessem; 72. houver; 73. Haviam; 74. houve; 75. tinha ou tinham; 76. terão; 77. tornam; 78. couberam; 79. sejam concedidos; 80. serem apreciadas; 81. está.

17.4. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Por fim, vamos às questões. FCC, Vunesp, Cespe-UnB e Cesgranrio são algumas das bancas que mais trabalham questões de concordância verbal em suas provas. Aproveite cada alternativa, procurando explicar a regra de concordância utilizada na frase.

1. (FCC/TRE-AP) As normas de concordância verbal estão inteiramente respeitadas na frase:

a) Sempre houve quem esbanjassem os recursos naturais.

b) Se não houverem trabalho nem produção, não haverá atividade econômica.

c) Alimentava-se muitas ilusões quanto ao custo e à disponibilidade da água.

d) Nenhuma saída a curto prazo se avistam em nossos horizontes.

e) Poderão vir a faltar outros recursos naturais, se não os pouparmos.

Comentários:

A letra A traz o pronome "quem" como sujeito do verbo esbanjar, portanto, verbo no singular (... *quem esbanjasse...*). Na B, o verbo "haver" é impessoal (sentido de existir, não varia). Na letra C, o pronome é apassivador ("Alimentavam-se muitas ilusões" é o mesmo que "Muitas ilusões eram alimentadas", verbo no plural). Na opção D, o núcleo do sujeito (saída) está no singular, verbo no singular. A letra E, está correta, pois o núcleo do sujeito está no plural (recursos). Vimos que, na locução verbal, quem se flexiona é o verbo auxiliar.

Resposta: E.

2. (Cesgranrio) Entre os que observavam os acontecimentos _____ muitos gritos.

De acordo com a norma culta da língua, a forma verbal que deve ser usada para preencher a lacuna acima é:

a) aconteceu

b) houve

c) houveram

d) ouviu-se

e) percebeu-se

Comentários:

Nesta questão, há três opções que trazem verbos pessoais, que possuem sujeito (letras A, D e E). Como o sujeito é "muitos gritos", esses verbos viriam no plural (aconteceram, ouviram-se, perceberam-se). Nas letras B e C, o verbo "haver" é impessoal, equivale a "ocorrer", por isso **não pode se flexionar**.

Resposta: B.

3. (FCC) Em qual das frases a seguir a concordância verbal segue a norma culta?

a) Mais de um jornal comentaram o lançamento do novo dicionário.

b) Ontem foi lançado, com um grande evento, mais dois volumes da Enciclopédia.

c) Tanto o Aurélio quanto o Houaiss passam por atualizações periódicas.

d) O Aurélio ou o Houaiss receberam o prêmio de melhor dicionário do ano.

e) Trinta por cento dos dicionários apresenta algum verbete falso.

Comentários:

Na opção A, o sujeito é "Mais de um jornal", cujo núcleo é "jornal", verbo no singular.

("Mais de um jornal comentou..."). Na letra B, a ordem direta da frase seria "Mais de dois volumes da Enciclopédia foram lançados ontem", verbo no plural, pois o sujeito é composto (Aurélio/Houaiss) com verbo posposto, plural. Correta a frase. A letra D traz dois núcleos ligados por **ou** com valor de <u>exclusão</u> (só um receberá o prêmio). Verbo no singular. Na opção E, tanto a porcentagem (*Trinta por cento*) quanto o substantivo que se segue (*dicionários*) levam o verbo ao plural – apresentam. Já a letra C apresenta a expressão "tanto... quanto...", que indica soma, por isso, está correta a forma "passam".

Resposta: C.

4. (FCC) Na passagem "A maioria dos profissionais já viveu uma sensação de impasse na carreira", a concordância

verbal está de acordo com a norma culta. Assinale a opção cuja concordância verbal está, segundo essa mesma norma, correta.

a) Sempre houveram impasses na sua vida profissional.

b) A reparação dos erros cometidos são possíveis.

c) Investiga-se, nesse momento, as falhas ocorridas.

d) Faz alguns meses que iniciamos o trabalho.

e) Soou oito horas no relógio da sala.

Comentários:

Nesta questão, vale a pena explicar a frase retirada do texto "A maioria dos profissionais já viveu...". Na teoria, vimos que os chamados coletivos partitivos (a maioria de, grande parte de...) e as porcentagens (um por cento de, trinta por cento de...) seguem o mesmo padrão: o verbo pode concordar com o núcleo (maioria, parte; um, trinta) ou com o termo que se segue. Portanto, nessa frase, além de "viveu" – concordando com o núcleo "maioria" – poderia vir "viveram" – concordando com "profissionais".

As letras A e D trazem verbos impessoais (haver = existir; fazer = tempo passado), não podendo, por isso, se flexionar. Portanto, a letra A está errada e a D correta. Na letra B, o núcleo do sujeito é "reparação", singular ("A reparação... é possível"). Na C, "as falhas são investigadas" ("Investigam-se as falhas"). Na letra E, o sujeito é o número de horas ("Oito horas soaram no relógio").

Resposta: D.

5. (FCC) Indique a única frase em que o verbo está flexionado corretamente.

a) 95% das televisões está diariamente em uso no país.

b) Para o consumo industrial, 17. 578 watts não representa nada.

c) Considera-se que até mesmo 1% de economia de água é bom para a Terra.

d) A imprensa noticia que menos de 10% dos cidadãos se preocupa com o meio ambiente.

e) Milhares de árvores da Floresta Amazônica é abatida mensalmente.

Comentários:

As letras A, C e D mostram o caso das porcentagens, em que o verbo ou concorda com elas ou com o termo seguinte. As letras A e D só podem vir com verbo no plural, já que tanto as porcentagens quanto os substantivos que se seguem estão no plural (*95% das televisões estão...*) e (*10% dos cidadãos se preocupam*). Na letra C, tanto a porcentagem quanto o substantivo estão no singular, verbo no singular (*1% da economia de água é bom...*). Correta a frase. Nas letras B e E, os verbos teriam de aparecer no plural (*representam/são abatidos ou são abatidas, já que as duas leituras podem ser feitas: milhares de árvores são abatidos ou milhares de árvores são abatidas*).

Resposta: C.

17.5. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016 – Adaptada)

O verbo que pode ser indiferentemente flexionado no singular ou no plural encontra-se em:

a) *... enfrentar as luzes, os cartazes, e a plateia...*

b) *Mas a música brasileira, ao contrário de outras artes, já traz dentro de si os elementos de renovação.*

c) *Veja, os Beatles, foram à Índia...*

d) *O importante é Mutantes e Martinho da Vila no mesmo palco.*

e) *... onde samba, toada etc. são ritmos virgens para seus melhores músicos...*

Leia o texto a seguir para responder à questão 2.

Cada um no seu *tablet*: conheça o perfil das crianças brasileiras na web

Há tempos a internet não é lugar frequentado apenas por adultos. As crianças aprendem a navegar na web antes mesmo de amarrar os cadarços. Um levantamento da AVG Technologies comprova que 57% dos pequenos de até 5 anos sabem usar aplicativos em *smartphones*, mas só 14% são capazes de dar um laço nos cordões dos sapatos.

Além de ter acesso a dispositivos eletrônicos cada vez mais cedo, o público infantil tem uma tendência ao uso privativo da internet. As informações são do relatório mais recente da ICT Kids Online Brazil. O estudo foi realizado com pessoas de 9 a 16 anos, e indica que meninos e meninas acessam a rede principalmente de casa. E o Brasil é onde as crianças mais acessam a internet por dispositivos móveis, como *smartphones* e *tablets* – um terço delas estão conectadas.

Apesar do amplo acesso à web dentro de casa, a realidade não é a mesma no ambiente escolar. A pesquisa chama a atenção para o pouco uso da rede nas escolas brasileiras.

(Adaptado de: www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/tecnologia/2015/09/04/interna_tecnologia,497349/cada-um-no-seutablet-conheca-o-perfil-das-criancas-brasileiras-na-we.shtml. Acessado em: 05.09.2015)

2. (FCC – TRE-SE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – 2015)

A frase redigida corretamente e em conformidade com as informações do texto é:

a) Grande parte das crianças brasileiras aprende a usar a internet logo cedo, devido à falta de restrição do acesso à rede nas escolas.

b) Um terço das crianças brasileiras têm acesso à internet em seu domicílio, enquanto não há computadores em suas escolas.

c) A maioria das crianças brasileiras acessa a internet por dispositivos móveis, por isso ainda há pouco uso da rede nas escolas.

d) As crianças brasileiras tendem a usar a internet em casa, ainda que as escolas ofereçam amplo acesso à rede.

e) Muitas crianças brasileiras utilizam a internet em suas casas, ao passo que o acesso à rede é escasso nas escolas.

3. (FCC – TRE-SE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – 2015)

A frase escrita com clareza e de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa é:

a) Já faz anos que as crianças vêm usando a internet, e é admirável a rapidez com que elas aprendem a lidar com os aplicativos que surgem a cada dia.

b) Hoje parecem haver crianças que já nascem com uma predisposição para usar os recursos tecnológicos, que lhe atraem desde cedo.

c) Muitos adultos que se mantém alheio à comunicação virtual são excluídos do diálogo com os mais novos, o que acarreta conflitos intergeracionais.

d) É possível que ocorra alguns desencontros entre as gerações, mas muitos jovens estão consciente da importância de ajudar os mais velhos a usar as novas tecnologias.

e) São úteis, nos dias de hoje, utilizar ferramentas de comunicação virtual para se manter bem informado e estar próximo de quem mora em lugares distantes.

4. (FCC – TRE-SE – Analista Judiciário – Área Administrativa – 2015)

As normas de concordância verbal estão plenamente observadas na frase:

a) Vincula-se ao nosso antigo complexo de povo colonizado hábitos como o que nos leva ao emprego indiscriminado de termos estrangeiros.

b) Somente no caso de haverem razões plenamente justificáveis admite-se, na opinião do autor do texto, o uso de vocábulos estrangeiros.

c) Constam nos programas de congressos acadêmicos, como se fosse natural, chamamento em inglês para o nosso brasileiríssimo cafezinho.

d) O emprego de termos estrangeiros cujas acepções originais não têm tradução adequada conta com o respaldo do autor do texto.

e) Aquilo que os estrangeiros parecem dizer melhor, com palavras mais apropriadas, quase sempre encontram perfeita tradução em nosso idioma.

5. (FCC – TCE-CE – Analista de Controle Externo – 2015)

O verbo indicado entre parênteses deve flexionar-se de modo a concordar com o elemento sublinhado na seguinte frase:

a) A <u>rejeição</u> que demonstra Coutinho a preconceitos sociais (**distinguir**) sua obra da de outros documentaristas.

b) Grupos ou classes sociais, numa visão a distância, não (**merecer**) desse <u>cineasta</u> qualquer atenção especial.

c) Não (**dever**) satisfazer-se um bom documentarista com os <u>paradigmas</u> já cristalizados.

d) Aos <u>tipos</u> sociais já reconhecidos (**faltar**) a imprescindível singularização dos indivíduos.

e) Sertanejos nordestinos e peões de fábrica são designações que não (**derivar**) senão de uma mera <u>tipologia</u>.

6. (FCC – TRT – 3ª Região (MG) – Técnico – Administração – 2015)

As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na seguinte frase:

a) Já quase não se coleciona em álbum, em função das técnicas digitais, as fotografias familiares que tanto contavam de nossa

história.

b) Para muita gente já não são mais necessários conservar os velhos álbuns de fotografias, substituídos que foram pelos arquivos digitais.

c) Aquelas velhas fotos não convêm ninguém desprezar, estão sendo cada vez mais raras, e algum dia acabará por converter-se num precioso documento.

d) Uma sucessão de fotos pode ilustrar um segmento importante de uma história familiar, à qual pertenceram aqueles velhos rostos e expressões.

e) A todas as pessoas deveriam caber, em respeito aos que as antecederam, conservar as imagens de outro tempo, de outros hábitos.

7. (FCC – TRT – 15ª Região – Analista Judiciário – Tecnologia da Informação – 2015)

O verbo em negrito deve sua flexão ao elemento sublinhado em:

a) *A Índia, tal como o livro de Benjamin Skinner já* ***anunciava****...*

b) *... com um número que hoje* ***oscila*** *entre os 13 milhões...*

c) *Pessoalmente,* ***interessam****-me duas.*

d) *A escravidão que* ***denunciava*** *com dureza..*

e) *... o ruidoso silêncio que a escravidão moderna* ***merece****...*

8. (FCC – Manausprev – Técnico Previdenciário – Administrativa – 2015)

A forma verbal que pode ser flexionada indiferentemente no singular e no plural encontra-se em:

a) *...a variedade de formas existentes nos sítios onde escavou...*

b) *De fato, a maior parte dos despojos dos miracangueras era composta de cinzas.*

c) *... as quais lembram congêneres da Grécia Clássica.*

d) *Havia peças mais elaboradas, certamente para pessoas de posição mais elevada...*

e) *...o grupo indígena dos miracangueras não era originário da região...*

9. (FCC – TRE-RR – Analista Judiciário – Área Judiciária – 2015)

Considere as alterações propostas nas alternativas abaixo para alguns segmentos do texto. Mantém-se a correção gramatical no que consta em:

a) *Não basta um estado de espírito.* Não basta algumas decisões tomadas nesse sentido.

b) *Essa é uma exigência que se impõe tanto em tempos de guerra quanto em tempos de paz.* Essa é uma das exigências que se impõem tanto em tempos de guerra quanto em tempos de paz.

c) *É preciso algo mais.* Faz-se necessário as mudanças de visão e de atitudes.

d) *... para que ela tenha um sentido.* ... para que as metas estabelecidas a cada um tenha um sentido.

e) *Na raiz da palavra resistere se encontra um sentido* ... Na raiz da palavra resisterese encontra algumas indicações de seu significado ...

10. (FCC – CNMP – Técnico – Administração – 2015)

O elemento que justifica a flexão verbal em destaque está sublinhado em:

a) ... ***é*** *hoje dominante o entendimento de que democracia...*

b) *Mas nada assegura que a configuração de fatores relevantes para a estabilidade* ***permanecerá*** *a mesma até, digamos, a metade do presente século...*

c) *... não significa que o corpo de hipóteses históricas e empíricas que explica a consolidação da democracia como sistema em casos concretos* ***possa passar*** *ao largo...*

d) *De fato, certa tensão entre os conceitos institucional e substantivo da democracia existe por toda parte, mas* ***articula-se*** *de maneira específica...*

e) *Mesmo democracias que no início pareciam débeis* ***foram se robustecendo****...*

11. (Copergás/PE – Analista Administrador – FCC – Jul./2016)

O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se, obrigatoriamente, numa forma do PLURAL para integrar de modo adequado a seguinte frase:

a) Aos guardas da fronteira não (**despertar**) suspeitas o que era mais evidente nos pertences da velhinha.

b) Muitas vezes nos (**escapar**) a unidade dos detalhes expostos, ao atentarmos para a singularidade de cada um.

c) Às fabulas tradicionais (**caber**) desenvolver narrativas cujo sentido moral reste plenamente exemplificado.

d) Tantas vezes nos (**desorientar**) a evidência dos detalhes que perdemos o sentido do conjunto.

e) A revista que (**fazer**) da bolsa da velhinha não esclarecia os guardas quanto à natureza do contrabando.

12. (Eletrobras/Eletrosul – Adm. Empres. – FCC – Jun./2016)

As normas de concordância verbal encontram-se plenamente atendidas na seguinte frase:

a) Não cabe aos responsáveis pelo mau funcionamento do mundo quaisquer tipos de sanção, uma vez que sequer logramos identificá-los.

b) O desleixo e a improvisação, que na ordem humana constitui um defeito incorrigível, estão perversamente implicados na política e na economia.

c) Torna-se difícil projetar as imagens de um mundo natural que fosse administrado pela consciência humana, à qual se devem as decisões mais injustas.

d) Acabam por tornar visíveis as falhas do mundo natural o desequilíbrio injusto na distribuição dos favores e das desgraças que acometem a humanidade.

e) Os liberais dizem que se devem confiar nas vantagens do livre mercado, cujo funcionamento por si só se responsabilizariam pela estabilidade da economia.

Leia o texto a seguir para responder à questão 13.

Texto I

Naquele novo apartamento da rua Visconde de Pirajá pela primeira vez teria um escritório para trabalhar. Não era um cômodo muito grande, mas dava para armar ali a minha tenda de reflexões e leitura: uma escrivaninha, um sofá e os livros. Na parede da esquerda ficaria a grande e sonhada estante onde caberiam todos os meus livros. Tratei de encomendá-la a seu Joaquim, um marceneiro que tinha oficina na rua Garcia D' Ávila com Barão da Torre.

O apartamento não ficava tão perto da oficina. Era quase em frente ao prédio onde morava Mário Pedrosa, entre a Farme de Amoedo e a antiga Montenegro, hoje Vinicius de Moraes. Estava ali havia uma semana e nem decorara ainda o número do prédio. Tanto que, quando seu Joaquim, ao preencher a nota de encomenda, perguntou-me onde seria entregue a estante, tive um momento de hesitação. Mas foi só um momento. Pensei rápido: " Se o prédio do Mário é 228, o meu, que fica quase em frente, deve ser 227". Mas lembrei-me de que, ao ir ali pela primeira vez, observara que, apesar de ficar em frente ao do Mário, havia uma diferença na numeração.

– Visconde de Pirajá, 127 – respondi, e seu Joaquim desenhou o endereço na nota.

– Tudo bem, seu Ferreira. Dentro de um mês estará lá sua estante.

– Um mês, seu Joaquim! Tudo isso? Veja se reduz esse prazo.

– A estante é grande, dá muito trabalho... Digamos, três semanas.

Ferreira Gullar. A estante. In: *A estranha vida banal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989 (com adaptações).

13. (INSS – Técnico Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

Julgue o seguinte item como Certo (C) ou Errado (E), a respeito de aspectos linguísticos do **texto I**.

A forma verbal " teria" (l. 1) está flexionada na terceira pessoa do singular, para concordar com " apartamento" (l. 1), núcleo do sujeito da oração em que ocorre.

Leia o texto a seguir para reponder à questão 14.

Texto CB2A2BBB

O fenômeno da corrupção, em virtude de sua complexidade e de seu potencial danoso à sociedade, exige, além de uma atuação repressiva, também uma ação preventiva do Estado. Portanto, é preciso estimular a integridade no serviço público, para que seus agentes sempre atuem, de fato, em prol do interesse público.

Entende-se que a integridade pública representa o estado ou condição de um órgão ou entidade pública que está " completa, inteira, perfeita, sã", no sentido de uma atuação que seja imaculada ou sem desvios, conforme as normas e valores públicos.

De acordo com a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), a integridade é mais do que a ausência de corrupção, pois envolve aspectos positivos que, em última análise, influenciam os resultados da administração, e não apenas seus processos. Além disso, a OCDE compreende um sistema de integridade como um conjunto de arranjos institucionais, de gerenciamento, de controle e de regulamentações que visem à promoção da integridade e da transparência e à redução do risco de atitudes que violem os princípios éticos.

Nesse sentido, a gestão de integridade refere-se às atividades empreendidas para estimular e reforçar a integridade e também para

prevenir a corrupção e outros desvios dentro de determinada organização.

Disponível em: <www.cgu.gov.br> (com adaptações).

14. (TCE-SC – Aud. Fiscal-Administ. – Cespe – Maio/2016)

Com relação a aspectos linguísticos do texto CB2A2BBB, julgue o item subsequente como Certo (C) ou Errado (E).

A coesão e a correção gramatical do trecho " e à redução do risco de atitudes que violem os princípios éticos" (l. 12 e 13) seriam mantidas caso a forma verbal " violem" fosse flexionada no singular, passando, então, a concordância a restringir-se ao termo " risco".

Leia o texto a seguir para responder à questão 15.

A história eleitoral do Brasil é uma das mais ricas do mundo. Durante o período colonial, a população das vilas e cidades elegia os representantes dos conselhos municipais. As primeiras eleições gerais para escolha dos representantes à Corte de Lisboa ocorreram em 1821. No ano seguinte, foi promulgada a primeira lei eleitoral brasileira, que regulou as eleições dos representantes da Constituinte de 1823. Desde 1824, quando aconteceu a primeira eleição pós-independência, foram eleitas cinquenta e uma legislaturas para a Câmara dos Deputados. Somente durante o Estado Novo (1937-1945), as eleições para a Câmara foram suspensas.

Hoje, os eleitores escolhem os representantes para os principais postos de poder (presidente, senador, deputado federal, governador, deputado estadual, prefeito e vereador) e pouca gente duvida da legitimidade do processo eleitoral brasileiro. As fraudes foram praticamente eliminadas. A urna eletrônica permite que os resultados sejam proclamados poucas horas depois do pleito. As eleições são competitivas, com enorme oferta de candidatos e partidos (uma média de trinta partidos por eleição). Quatro em cada cinco adultos compareceram às últimas eleições para votar. O sufrágio é universal, pois já não existem restrições significativas que impeçam qualquer cidadão com pelo menos dezesseis anos de idade de ser eleitor. Hoje, o Brasil tem o terceiro maior eleitorado do planeta, perdendo apenas para a Índia e os Estados Unidos da América.

Jairo Marconi Nicolau. *História do voto no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002, p. 7-8 (com adaptações).

15. (Câmara dos Deputados – Técn. legislativo – Cespe – 2014)

Em relação ao texto acima, julgue o seguinte item como Certo (C) ou Errado (E).

Os termos " eleitores" (L. 8), " gente" (L. 9), " fraudes" (L. 10), " restrições" (L. 14) e " Brasil" (L. 15) são núcleos do sujeito da oração em que se inserem.

Leia o texto a seguir para responder à questão 16.

Na organização do poder político 1 no Estado moderno, à luz da tradição iluminista, o direito tem por função a preservação da liberdade humana, de maneira a coibir a desordem do estado de natureza, que, em virtude do risco da dominação dos mais fracos pelos mais fortes, exige a existência de um poder institucional. Mas a conquista da liberdade humana também reclama a distribuição do poder em ramos diversos, com a disposição de meios que assegurem o controle recíproco entre eles para o advento de um cenário de equilíbrio e harmonia nas sociedades estatais. A concentração do poder em um só órgão ou pessoa viria sempre em detrimento do exercício da liberdade. É que, como observou Montesquieu, " todo homem que tem poder tende a abusar dele; ele vai até onde encontra limites. Para que não se possa abusar do poder, é preciso que, pela disposição das coisas, o poder limite o poder".

Até Montesquieu, não eram identificadas com clareza as esferas de abrangência dos poderes políticos: “ só se concebia sua união nas mãos de um só ou, então, sua separação; ninguém se arriscava a apresentar, sob a forma de sistema coerente, as consequências de conceitos diversos”. Pensador francês do século XVIII, Montesquieu situa-se entre o racionalismo cartesiano e o empirismo de origem baconiana, não abandonando o rigor das certezas matemáticas em suas certezas morais. Porém, refugindo às especulações metafísicas que, no plano da idealidade, serviram aos filósofos do pacto social para a explicação dos fundamentos do Estado ou da sociedade civil, ele procurou ingressar no terreno dos fatos.

Fernanda Leão de Almeida. A garantia institucional do Ministério Público em função da proteção dos direitos humanos. Tese de doutorado. São Paulo: USP, 2010, p. 18-9. Disponível em: <www.teses.usp.br> (com adaptações).

16. (MPU – Analista – Cespe – 2015)

Julgue o item subsequente, relativo às estruturas linguísticas do texto I, como Certo (C) ou Errado (E).

A flexão plural em “ eram identificadas” (l. 10) decorre da concordância com o sujeito dessa forma verbal: “ as esferas de abrangência dos poderes políticos” (l. 10).

Leia o texto a seguir para responder à questão 17.

Estação do ano mais aguardada pelos brasileiros, o verão não é sinônimo apenas de praia, corpos à mostra e pele bronzeada. O calor extremo provocado por massas de ar quente – fenômeno comum nessa época do ano, mas acentuado na última década pelas mudanças climáticas – traz desconfortos e riscos à saúde. Não se trata somente de desidratação e insolação. Um estudo da Faculdade de Saúde Pública de Harvard (EUA), o maior a respeito do tema feito até o momento, mostrou que as temperaturas altas aumentam hospitalizações por falência renal, infecções do trato urinário e até mesmo sepse, entre outras enfermidades. “ Embora tenhamos feito o estudo apenas nos EUA, as ondas de calor são um fenômeno mundial. Portanto, os resultados podem ser considerados universais”, diz Francesca Domininci, professora de bioestatística da faculdade e principal autora do estudo, publicado no jornal Jama, da Associação Médica dos Estados Unidos. No Brasil, não há estudos específicos que associem as ondas de calor a tipos de internações. “ Não é só aí. No mundo todo, há pouquíssimas investigações a respeito dessa relação”, afirma Domininci. “ Precisamos que os colegas de outras partes do planeta façam pesquisas semelhantes para compreendermos melhor essa importante questão para a saúde pública”, observa.

Internet: <www.correioweb.com.br> (com adaptações)

17. (FUB – Técnico Administrativo – Cespe – 2015)

Julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Mantêm-se a correção gramatical e o sentido original do texto ao se substituir “ há” (l. 10) por **existe**.

Leia o texto a seguir para responder à questão 18.

Os primeiros anos que se seguiram à Proclamação da República foram de grandes incertezas quanto aos trilhos que a nova forma de governo deveria seguir. Em uma rápida olhada, identificam-se dois grupos que defendiam diferentes formas de se exercer o poder da República: os civis e os militares. Os civis, representados pelas elites das principais províncias – São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul –,queriam uma república federativa que desse muita autonomia às unidades regionais. Os militares, por outro lado, defendiam um Poder Executivo forte e se opunham à autonomia buscada pelos civis. Isso sem mencionar as acirradas disputas internas de cada grupo. Esse era um quadro que demonstrava a grande instabilidade sentida pelos cidadãos que viveram naqueles anos. Mas havia cidadãos?

Formalmente, a Constituição de 1891 definia como cidadãos os brasileiros natos e, em regra, os naturalizados. Podiam votar os cidadãos com mais de vinte e um anos de idade que tivessem se alistado conforme determinação legal. Mas o que, exatamente, significava isso? Em 1894, na primeira eleição para presidente da República, votaram 2,2% da população. Tudo indica que, apesar de a República ter abolido o critério censitário e adotado o voto direto, a participação popular continuou sendo muito baixa em virtude, principalmente, da proibição do voto dos analfabetos e das mulheres.

No que se refere à legislação eleitoral, alguns instrumentos legais vieram a público, mas nenhum deles alterou profundamente o processo eleitoral da época. As principais alterações promovidas na legislação contemplaram o fim do voto censitário e a manutenção do voto direto. Essas modificações, embora importantes, tiveram pouca repercussão prática, já que o voto ainda era restrito – analfabetos e mulheres não votavam – e o processo eleitoral continuava permeado por toda sorte de fraudes.

Ane Ferrari Ramos Cajado, Thiago Dornelles e Amanda Camylla Pereira. Eleições no Brasil: uma história de 500 anos. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral, 2014, p. 27-8. Internet: <www.tse.jus.br> (com adaptações).

18. (TRE-GO – Analista/Técnico – Cargos 1 e 2 – Cespe – 2015)

Julgue o item que se segue, acerca das estruturas linguísticas do texto I, como Certo (C) ou Errado (E).

O trecho " votaram 2,2% da população" (l. 12) poderia, sem prejuízo gramatical ou de sentido para o texto, ser reescrito da seguinte forma: 2,2% da população votou.

Leia o texto a seguir para responder à questão 19.

A crônica não é um " gênero maior". Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse. Portanto, parece mesmo que a crônica é um gênero menor.

" Graças a Deus", seria o caso de dizer, porque, sendo assim, ela fica mais perto de nós. E para muitos pode servir de caminho não apenas para a vida, que ela serve de perto, mas para a literatura. Por meio dos assuntos, da composição solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. Na sua despretensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorrateira, recuperar com a outra mão certa profundidade de significado e certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada, embora discreta, candidata à perfeição.

Antonio Candido. A vida ao rés do chão. In: *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993,p. 23 (com adaptações).

19. (Cespe – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2014)

Ainda em relação ao texto, julgue (C ou E) o item subsequente. As formas verbais " imagina" (l. 1), " atribuir" (l. 2) e " servir" (l. 6) foram utilizadas como verbos transitivos indiretos.

Leia o texto a seguir para responder à questão 20.

Texto II

O índio não teve muita sorte na literatura brasileira, depois do Romantismo. Enquanto nas letras hispano-americanas viceja um esplêndido indigenismo pelo século XX adentro, com tantos e tão importantes criadores dedicando-se a transpor o índio para a ficção, no Brasil se podem contar nos dedos das mãos os casos.

Torna a trazer o assunto à baila o aparecimento e grande vendagem de **Maíra**, romance de Darcy Ribeiro. O renomado

antropólogo já tinha em seu acervo de realizações uma respeitável brasiliana, incluindo vários trabalhos sobre os índios, um dos quais, a história de Uirá, fora transformado em filme no início da década de 70. **Maíra** é, portanto, a primeira incursão do autor pelo épico, a menos que se considere a história de Uirá como uma primeira aproximação ao gênero.

O relato, como o filme, dá conta do trágico percurso de Uirá, da tribo Urubu-Kaapor, no Maranhão deste século, o qual um dia fica *iñaron* quando, após muitas desgraças comuns ao destino dos índios brasileiros, como fome, espoliação, epidemias, perseguições, perde também um dos filhos.

A palavra tupi *iñaron* designa um estado de fúria sagrada, associado ao sofrimento excessivo, não deixando de lembrar as famosas fúrias dos heróis gregos: Hércules, uma vez acometido por um desses acessos, enviado pela vingativa Hera, matou, sem o saber, seus três filhos e esposa, tal como vem narrado na tragédia **Héracles Furioso**, de Eurípedes. Nas **Bacantes**, do mesmo autor, Agave, fora de si, participa do desmembramento de seu filho adulto, Penteu, rei de Tebas. E talvez o mais formidável exemplo seja o da cólera de Aquiles, que dá nascimento à inteira composição da **Ilíada**, desencadeada por sua recusa a continuar lutando. Devido à recusa de Aquiles, quase foi perdida a guerra de Troia e, não fosse sua fúria, o poema não teria sido composto.

Em meio ao furacão histórico da fase do capitalismo selvagem no país, quando o acirramento da acumulação leva multinacionais e suas cabeças-de-ponte nacionais a apropriar-se dos mais recônditos confins com vistas ao lucro, encontram-se, estonteados, os índios. O único problema dos Mairum – nome inventado, tribo arquetípica de todas as tribos, povo de Maíra – é como sobreviver e como fazer sua cultura sobreviver, com crescente dificuldade.

O romance inteiro soa como uma lamentação, um carpir sobre o fim de uma civilização das mais admiráveis. Seus trechos mais bem realizados são aqueles nos quais uma espécie de narrador coletivo índio dá conta de sua maneira de ver o mundo, de como compreende e interpreta seus hábitos e tradições; e, o que é mais importante, franqueia para o leitor seu tremendo desejo de sobrevivência e alegria de viver.

A produção e publicação de um romance como esse, agora, mostra como o índio está mais vivo do que nunca em sua conexão com a literatura brasileira. Tampouco deve ser uma coincidência que, neste exato momento, outras ficções, filmes, romances, peças de teatro, novelas de televisão, canções, estejam sendo feitos, todos sobre os índios, todos lutando em defesa de sua preservação para a História. Quando há tanta desconfiança em relação à pulsão destrutiva da civilização ocidental e entre nós é tão escandaloso o capitalismo selvagem, isso pode vir a significar alguma coisa. Talvez uma postura mais cautelosa e menos arrogante, de quem está aprendendo a perceber que outras civilizações encontraram saídas melhores e, sobretudo, não suicidas para males que hoje parecem irremediáveis, como o problema do poder, da proliferação e potenciação dos armamentos, da destruição da natureza, do Estado e de seu aparelho, da igualdade nunca encontrada. A alegoria da moça branca morta ao parir mestiços mortos poderá significar também o caráter heteroletal e autoletal da etnia branca? Pode ser que a importância da civilização indígena esteja, final e penosamente, penetrando na consciência do corpo social brasileiro.

Walnice Nogueira Galvão. Indianismo revisitado. In: *Esboço de figura – Homenagem a Antonio Candido*. São Paulo: Duas Cidades, 1979, p. 379-89 (com adaptações).

20. (Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Acerca das relações semântico-sintáticas e do vocabulário do texto II, julgue (C ou E) o item seguinte.

Na oração que inicia o segundo parágrafo, o verbo concorda com o primeiro núcleo do sujeito posposto, concordância verbal abonada pela gramática normativa.

21. (Compesa – A.S.G. – Técn. Segur. Trab. – FGV – Jul./2016)

Assinale a opção em que a lacuna da frase deve ser corretamente preenchida com a forma **há**.

a) "*Não há profissão mais bela do que _____ de tio da América.*"

b) "*Onde é necessária a astúcia não _____ lugar para a força.*"

c) "*O mérito tem seu pudor, como _____ castidade.*"

d) "*Há lugares em que emana _____ inteligência.*"

e) "*Não existe pecado, exceto _____ estupidez.*"

22. (Pref. Paulínia-SP – Eng. Agrôn. – FGV – Maio/2016)

"*Em geral os arquitetos temos de nos ater às plantas que nos apresentam os proprietários. Nisso nos parecemos com os médicos. Há quem os chame para que diagnostiquem a enfermidade que deseja ter, e lhe receite o regime que deseja seguir.*" (**Jacinto Benavente**)

Nesse pensamento há um erro de forma verbal, no que diz respeito à concordância. Assinale a opção em que esse erro é adequadamente corrigido.

a) temos/têm.

b) apresentam/apresenta.

c) chame/chamem.

d) diagnostiquem/diagnostique.

e) receite/receitem.

23. (Petrobras – Advogado Jr. – Cesgranrio – Ago./2015)

A concordância verbal dos termos destacados obedece às exigências da norma-padrão da Língua Portuguesa em:

a) As ações dos dirigentes políticos para que a tecnologia afete positivamente a população **parece** crescer cada vez mais nas sociedades modernas do século XXI.

b) Em algumas instituições, **concentram**-se cérebros responsáveis por estabelecer os novos parâmetros da sociedade da informação, essencial ao debate público sobre desenvolvimento.

c) **Têm** gerado consequências indiscutíveis no processo educacional o desenvolvimento tecnológico dos países que investem em pesquisas avançadas na área de informática.

d) **Buscam**-se, nos países industrializados, espírito empreendedor para que os avanços na produção e na transmissão de informação beneficiem uma grande parcela da população mundial.

e) É essencial que se **considere** essas características da sociedade de informação como um novo paradigma técnico-econômico relacionado às transformações técnicas e organizacionais.

24. (ANP – Téc. Reg. Petr&Der – Cesgranrio – Jan./2016 – Adaptada)

No trecho "Criam-se ferramentas inovadoras de alfabetização, por exemplo, em comunidades, em favelas, em lugares onde os moradores não têm acesso a uma livraria ou biblioteca", o verbo **criar** foi utilizado no plural para adequar-se às exigências da norma-padrão da Língua Portuguesa.

O verbo destacado abaixo foi utilizado adequadamente no plural em:

a) Como desenvolvimento da internet, **delegam**-se aos países produtores de conteúdo a missão de estabelecer as características da nova cultura de massas.

b) Nos países em desenvolvimento, **assistem**-se a inúmeros programas de popularização do acesso aos meios de comunicação digital.

c) Nos filmes de ficção científica do século XX, **previam**-se inúmeras sociedades comandadas pelos computadores superpoderosos.

d) Para evitar a manipulação das redes sociais nessa era de globalização, **necessitam**-se de leis severas de utilização da internet.

e) Para conquistar posição de vanguarda na atual guerra cultural, **obedecem**-se aos princípios básicos de criatividade e inovação tecnológica.

25. (Basa – Téc. Bancário – Cesgranrio – Set./2015)

A concordância do verbo em destaque está adequada à norma-padrão em:

a) A agricultura de famílias **cria** estratégias capazes de melhorar a realidade dos produtores.

b) O agricultor, assessorado pelos órgãos responsáveis, **são** mais bem atendidos.

c) A predominância de mão de obra familiar **apresentam** um papel relevante para o desenvolvimento do país.

d) Os empreendimentos rurais desenvolvidos em estabelecimento rural **compreende** papel relevante para o desenvolvimento do país.

e) A geração de empregos e de rendas **promovem** a permanência do homem no campo.

26. (BB – Escriturário – Cesgranrio – Out./2015)

A concordância do verbo destacado obedece ao que determina a norma-padrão da Língua Portuguesa em:

a) O financiamento de imóveis populares a baixo custo **caracterizam** a missão social dos bancos estatais.

b) **Necessitam**-se de muitas iniciativas para ampliar a informatização do acesso bancário de modo a aumentar sua eficiência.

c) A criação de moedas digitais que tem ocorrido na internet **devem** provocar relevantes mudanças sociais.

d) A política de desenvolvimento social das comunidades carentes **podem** promover melhorias na vida de sua população.

e) Na última década, **criaram**-se muitas oportunidades de negociação para consumidores endividados.

27. (Liquigás – Ass. Adminis. – Cesgranrio – Set./2015)

A concordância do verbo destacado está empregada de acordo com a norma-padrão em:

a) Os moradores são cadastrados para que **possa** utilizar o dinheiro local nas lojas da comunidade.

b) A melhoria do nível de vida dos moradores **demonstra** que o sistema bancário local funciona.

c) Uma solução para comprar roupas baratas **são** observadas nas liquidações anuais das grandes lojas.

d) Muitos empréstimos aos moradores nos bancos comunitários **é** de valores pequenos.

e) Todo mundo que frequenta os bancos comunitários **conseguem** fazer um empréstimo.

28. (SEED-SP – An. Administrativo – Vunesp – Maio/2016)

Se da frase – A soma entre o dinheiro e a perspectiva de exposição internacional com dois grandes eventos esportivos (...) atraiu o interesse de arquitetos de renome – for eliminada a expressão " A soma entre", a concordância entre o verbo e o sujeito se dará pelo mesmo motivo que na frase:

a) Trata-se de um desejo indelével de justiça social, apoio mútuo entre os cidadãos e respeito.

b) Havia nas terras descobertas por Cabral riquezas em abundância e nativos para a catequese.

c) Depois de muito viajar pelo mundo, em competições, retornou à terra natal o tenista e sua esposa.

d) A ética e a probidade fazem do profissional um agente do bem social, ou seja, um promovedor da cidadania.

e) A guerra e a batalha constante entre os povos consome a todos intensa e indistintamente.

29. (IPSMI – Procurador – Vunesp – Abril/2016)

Assinale a alternativa em que o trecho destacado na passagem – Ele nunca entendeu o tédio, essa impressão de que **existem mais horas do que coisas para se fazer com elas** –, reescrito, apresenta concordância e correlação de tempos verbais de acordo com a norma-padrão.

a) ... têm mais horas do que coisas que se faça com elas.

b) ... há mais horas do que coisas que se façam com elas.

c) ... haviam mais horas do que coisas que se faziam com elas.

d) ... podia existir mais horas do que coisas que se faziam com elas.

e) ...houveram mais horas do que coisas que se fez com elas.

30. (Unesp – Ass. Administrativo I – Vunesp – Abril/2016)

Assinale a alternativa em que a frase está redigida de acordo com a norma-padrão de concordância nominal e verbal.

a) Só existia nas lojas de brinquedo pias rosas e lilases.

b) Os avós dele achou estranho o presente até eu levá-los à reflexão.

c) Basta-nos pensar que nossos filhos são figuras únicas.

d) As vendedoras alertaram que nenhum desses brinquedos eram de meninas.

e) E só daí foi percebido por meu pai as bobagens que fazia.

31. (Unifesp – Técnico Seg. Trab. – Vunesp – Abril/2016)

Assinale a alternativa correta quanto à concordância nominal e verbal, de acordo com a norma-padrão.

a) Ainda que se viva tão espremido nos centros urbanos, existem muita gente isolada, pois, cada vez menos, se faz contatos humanos.

b) Ainda que vivam tão espremidas nos centros urbanos, existem muitas pessoas isoladas, pois, cada vez menos, ocorrem contatos humanos.

c) Ainda que viva tão espremida nos centros urbanos, se vê muitas pessoas isoladas, pois, cada vez menos, acontece contatos

humanos.

d) Ainda que se vivam tão espremidas nos centros urbanos, há muita gente isolada, pois, cada vez menos, tem contatos humanos.

e) Ainda que vivam tão espremidas nos centros urbanos, existe muitas pessoas isoladas, pois, cada vez menos, se estabelecem contatos humanos.

32. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal.

a) A mudança de direção da economia fazem com que se altere o tamanho das jornadas de trabalho, por exemplo.

b) Existe indivíduos que, sem carteira de trabalho assinada, enfrentam grande dificuldade para obter novos recursos.

c) Os investimentos realizados e os custos trabalhistas fizeram com que muitas empresas optassem por manter seus funcionários.

d) São as dívidas que faz com que grande número dos consumidores não estejam em dia com suas obrigações.

e) Dados recentes da Associação Nacional dos Birôs de Crédito mostra que 59 milhões de consumidores não pode obter novos créditos.

Leia o texto a seguir para responder à questão 33.

Japão irá auxiliar Minas Gerais com a experiência no enfrentamento de tragédias

Acostumados a lidar com tragédias naturais, os japoneses costumam se reerguer em tempo recorde depois de catástrofes. Minas irá buscar experiência e tecnologias para superar a tragédia em Mariana

A partir de janeiro, Minas Gerais irá se espelhar na experiência de enfrentamento de catástrofes e tragédias do Japão, para tentar superar Mariana e recuperar os danos ambientais e sociais. Bombeiros mineiros deverão receber treinamento por meio da Agência de Cooperação Internacional do Japão (Jica), a exemplo da troca de experiências que já acontece no Estado com a polícia comunitária, espelhada no modelo japonês Koban.

O terremoto seguido de um tsunami que devastou a costa nordeste do Japão em 2011 deixando milhares de mortos e desaparecidos, e prejuízos que quase chegaram a US$ 200 bilhões, foi uma das muitas tragédias naturais que o país enfrentou nos últimos anos. Menos de um ano depois da catástrofe, no entanto, o Japão já voltava à rotina. É esse tipo de experiência que o Brasil vai buscar para lidar com a tragédia ocorrida em Mariana.

(Juliana Baeta, disponível em: http://www.otempo.com.br, 10.12.2015. Adaptado.)

33. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Em norma-padrão e com base nas informações apresentadas, outro título possível ao texto é:

a) Deverá servir de referencial para parceria entre Minas Gerais e Japão as tragédias ocorridas.

b) Para enfrentar tragédias, ocorrerá trocas de experiências entre Minas Gerais e Japão.

c) Troca de experiências para enfrentar tragédias nortearão parceria entre Minas Gerais e Japão.

d) Haverá trocas de experiências entre Minas Gerais e Japão para enfrentar tragédias.

e) Para enfrentar tragédias, Minas Gerais e Japão se une na troca de experiências.

34. (Unesp – Assistente Administrativo – Vunesp – Fev./2016)

Ao empregar no plural o termo destacado na frase – Não haverá mágico que consiga mudar essa realidade –, a redação correta, conforme a norma-padrão, será:

a) Não haverá mágicos que consigam mudar essa realidade.

b) Não haverá mágicos que consiga mudar essa realidade.

c) Não haverão mágicos que consigam mudar essa realidade.

d) Não haverão mágicos que consiga mudar essa realidade.

e) Não haverão mágicos que consigam mudarem essa realidade.

Leia o texto a seguir para responder à questão 35.

Para muitos, a vida pulsa no compasso das notificações que o *smartphone* recebe. Enquanto a tela pisca e mais um símbolo de aplicativo se enfileira no *display*, o usuário desempenha as suas atividades diárias. Com um olho no aparelho e outro no trabalho ou no estudo, ele trava uma luta para manter a produtividade e não se render às tentações dos compartilhamentos ou do grupo de bate-papo instantâneo. Há quem participe dessa disputa até enquanto dirige. A conexão permanente – facilitada pelos celulares com acesso à rede – já altera hábitos e modifica as relações sociais. Tanto que o termo *vício* tornou-se comum para definir as repetitivas conferências de postagem. Para alguns, pode se tratar, de fato, de uma patologia. Aos casos comuns, bastam algumas mudanças de hábito para evitar que o tempo, literalmente, escorra pelas mãos. Uma das etapas desta tomada de consciência é voltar à proposta inicial da tecnologia – a de agilizar tarefas para que se tenha mais tempo para se dedicar ao que realmente importa.

(Adaptado de Correio Braziliense, Sempre conectados, 4 de fevereiro de 2014)

35. (ESAF – MF – Assistente Técnico Administrativo – 2014)

Assinale a opção que não justifica corretamente o uso da flexão verbal.

a) Em “ render” (l. 4) para concordar com “ ele” (l. 3).

b) Em “ dirige” (l. 5) para concordar com “ quem” (l. 5).

c) Em “ tratar” (l. 7), para concordar com “ patologia” (l. 7).

d) Em “ bastam” (l. 8), para concordar com “ algumas mudanças” (l. 8).

e) Em “ voltar” (l. 9), para concordar com “ Uma das etapas” (l. 9).

Gabarito: 1. d; 2. e; 3. a; 4. d; 5. a; 6. d; 7. b; 8. b; 9. b; 10. d; 11. e; 12. c; 13. E; 14. E; 15. C; 16. C; 17. E; 18. C; 19. E; 20. C; 21. b; 22. e; 23. b; 24. c; 25. a; 26. e; 27. b; 28. d; 29. b; 30. c; 31. b; 32. c; 33. d; 34. a; 35. c.

Estudar concordância verbal é uma questão de lógica... As regras estão relacionadas à classificação do sujeito: quem sabe achar sujeito na frase consegue fazer a concordância correta!

Vamos resumir, então?

17.6. RESUMO

Simples	O verbo concorda com o único núcleo
Composto	Anteposto ao verbo – concordância total Posposto ao verbo – concordância → total parcial
Indeterminado com se (pis)	O verbo fica na 3ª pessoa do singular
Oração sem sujeito	O verbo fica na 3ª pessoa do singular
Sujeito oracional	O verbo fica na 3ª pessoa do singular

18 REGÊNCIA VERBAL

18.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

18.1.1. Regência dos verbos mais pedidos em provas

Regência a relação de dependência entre o verbo e seus complementos. A seguir, alguns verbos que oferecem dúvida quanto à sua predicação.

Atenção! Lembre-se de que este assunto requer, infelizmente, **memorização** da regência de alguns verbos. Para facilitar o seu estudo, sistematizamos os principais verbos em três grupos. A cada grupo de verbos, trouxemos frases para fixar os conceitos e algumas questões de concursos. Trata-se de assunto que você só aprenderá fazendo muitas questões. Evite memorizar os verbos sem os exercícios. É no treinamento constante que você adquirirá domínio de conteúdo. Portanto, aproveite as frases que preparamos e, no final deste capítulo, você perceberá que domina os principais verbos que são apresentados pelas provas de concursos públicos. Vamos a eles!

1º grupo: verbos que, quanto à predicação, normalmente não oferecem dúvida.
• Verbos transitivos diretos – v.t.d. (não regem preposição obrigatória); ajudar, adorar, abraçar, amar, atingir, esperar, namorar, referir (= relatar)... • Verbos transitivos indiretos – v.t.i. (regem preposição obrigatória); agradar (= ser agradável), obedecer, desobedecer, proceder (= dar início), referir-se, suceder (= substituir). Esses verbos regem preposição A. • Verbos que admitem dois complementos – v.t.d.i. (com e sem preposição); avisar, comunicar, certificar, cientificar, informar, proibir, preferir (não aceita mais, (do) que, antes)...

Exemplos de exercícios:

Use (C) para Certo e (E) para Errado nas frases abaixo.

1. Meu filho foi embora e eu não lhe abracei.

2. Você está namorando a Beatriz?

3. Todos esperavam Guilherme.

4. Todos esperavam por Guilherme.

5. Referiu os últimos acontecimentos.

6. Referiu o caso à mãe.

Comentários:

Na frase 1, o pronome lhe é complemento do verbo abraçar. Como vimos no tópico sobre Pronomes, os oblíquos átonos o(s), a(s) funcionam como complemento de verbos transitivos diretos e lhe(s) de verbos transitivos indiretos. **Abraçar** é V.T.D., logo o oblíquo usado seria o pronome o.

Resposta: E.

Na frase 2, o verbo **namorar** é T.D., não pede preposição (namorar com é considerado erro).

Resposta: C.

Nas frases 3 e 4, o verbo **esperar** (v.t.d.) aceita o uso da preposição *por*, quando se quer mostrar *desejo intenso*. Por isso, as duas formas estão corretas: *todos esperavam Guilherme* ou *todos esperavam por Guilherme*.

Resposta: Ambas estão certas.

Nas frases 5 e 6, o verbo **referir** (= relatar, contar) é T.D. Atenção: não confundir com **referir-se**, pronominal (= fazer referência), que é T.I. Na frase 5, é T.D. e na frase 6, T.D.I. (referir algo a alguém).

Respostas: Ambas estão certas.

7. Agradava os clientes mais próximos.

8. Costumo obedecer parceiros éticos.

9. É necessário que todos obedeçam às diretrizes estabelecidas.

10. Artur procederá a leitura da página oito.

11. O chefe procedeu ao levantamento das necessidades da seção.

12. Sucedeu o professor.

Comentários:

Essas frases tratam dos **verbos transitivos indiretos** do 1º grupo:

Na frase 7, **agradar** (= ser agradável) pede preposição a (*Agradava aos clientes*).

Resposta: E.

A frase 8 traz o verbo **obedecer**, transitivo indireto, pede preposição a, sem esta preposição.

Resposta: E.

Já a frase 9, "… obedeçam às diretrizes", é uma construção correta, já que o verbo pede preposição. Como a palavra feminina que se segue aceita artigo, crase.

Resposta: C.

Em relação ao verbo **proceder** 10 e 11, achamos por bem chamar atenção apenas para o sentido de dar início, pois, com esse valor semântico, o **proceder** pode gerar dúvidas.

Esse verbo, nesta acepção, rege preposição a. Na frase 10, como a palavra seguinte é feminina, aceita artigo, teríamos "Artur procederá à leitura…".

Resposta: E.

Já na frase 11, a preposição a aparece ("… procedeu ao levantamento…").

Resposta: C.

Outro verbo que pede preposição a é **suceder** (= substituir), frase 12. Teríamos, então, "Sucedeu ao professor".

Resposta: E.

13. Avisaram-no de que a reunião começaria no horário.

14. Certifiquei-lhe de que uma pessoa muito querida aniversariava neste mês.

15. Informou ao cliente de que o aviso chegara.

16. Cientificaram-no de que o cheque foi pago.

17. Proibiu ao filho que o visitasse.

18. Prefiro mais a cidade do que o campo.

19. Prefiro a democracia ao totalitarismo.

20. Prefiro combater os males que intimidar as próprias emoções.

Comentários:

Em questões de concurso público, quando a intenção é a de confundir o candidato, esses verbos (V.T.D.I.) aparecem com duas preposições, por exemplo, "**informar**/**avisar** a alguém de alguma coisa", o que é inaceitável, pois, se esses verbos são T.D.I., um complemento vem sem preposição, e o outro com.

Assim, as frases 14 e 15 estão erradas e a 13, correta. Poderíamos dizer na 14: "*Certifiquei-lhe* (objeto indireto) *que uma pessoa…* (objeto direto)" – certificar a alguém algo – ou "*Certifiquei-o* (objeto direto) *de que uma pessoa…* (objeto indireto)" – certificar alguém de alguma coisa.

Obs.: Lembre-se: **o(s), a(s)**, como complementos verbais, são *objetos diretos* e **lhe(s)**, *objetos indiretos*.

Na frase 13, um complemento é direto e outro indireto (avisar alguém de algo), seguindo a regência do verbo.

Respostas: 13 C; 14 E; 15 E.

As frases 16 e 17 seguem o modelo de regência desses verbos: T.D.I.: "certificar alguém de algo"; "proibir a alguém algo" ou "proibir algo a alguém".

Respostas: 16 C; 17 C.

Importante: Para esses verbos – avisar, certificar, informar, cientificar, proibir –, é indiferente usar coisa ou pessoa como objeto

direto ou objeto indireto.

Podemos dizer: Avisar/certificar/informar/cientificar/proibir algo a alguém ou alguém de algo.

O mais importante é lembrar que se o verbo vem com dois complementos: um é o objeto direto e o outro objeto indireto, independentemente se for coisa ou pessoa.

O verbo **preferir**, como T.D.I., não aceita nenhum termo intensificativo (mais, mil vezes...) ou comparativo (que, do que). Rege preposição a. Na frase 18, portanto, teríamos "Prefiro a cidade ao campo", como a estrutura da frase (19) mostra. Na (20), ficaria "Prefiro combater os males a intimidar as próprias emoções".

Respostas: 18 E; 19 C; 20 E.

2º grupo: verbos que exigem preposição. Com eles, o aluno costuma ter dúvidas quanto à preposição utilizada.

- CHEGAR e IR (preposição A + adjunto adverbial de lugar)
- MORAR, RESIDIR, SITUAR (preposição EM)
- PRESIDIR (transitivo direto ou indireto, seguido de preposição A)
- SATISFAZER (transitivo direto ou indireto, com preposição A)
- USUFRUIR e DESFRUTAR (transitivo direto ou indireto, com preposição DE)

21. Fomos na cidade pela manhã.

22. Chegou ao alto da colina.

23. Cheguei no colégio atrasado.

24. Cheguei na hora marcada.

Comentários:

Na oralidade, é comum usarmos a preposição **em** com os verbos **chegar** e **ir**. No entanto, segundo a norma culta, esses verbos regem preposição **a** quando vêm seguidos de expressões indicando **lugar**. Logo, na frase 21, a forma correta seria "Fomos à cidade..." (preposição a + artigo feminino a da palavra cidade.) A frase 22 está correta (chegar a). Na frase 23, seria "Cheguei ao colégio...".

Repare agora que na frase 24 o verbo **chegar** traz a preposição EM, no entanto, não vem seguido de expressão que indica lugar, e sim **tempo**.

Respostas: 21 E; 22 C; 23 E; 24 C.

25. Moro à rua dos Lírios.

26. O Colégio São Martins, sito à rua da União, encerrou suas atividades.

27. Resido na rua dos Lírios.

Comentários:

Esses verbos regem preposição **em** e não a preposição **a**, uso comum na oralidade. Logo, nas frases 25 e 26 teríamos; "Moro na rua dos Lírios" e " O colégio São Martins, sito na rua da União...".

A frase 27 segue a norma padrão: "Resido na rua..."

Respostas: 25 E; 26 E; 27 C.

Atenção: Se o verbo indicar direção, destino, deverá vir seguido da preposição A: Fui ao cinema. / Cheguei a casa. / Dirigi-me ao escritório. Se o verbo ou o nome indicar posicionamento, localização, deverá vir seguido da preposição EM: Estou em casa. / Moro no bairro. / Escritório situado na rua México.

28. Carlos presidiu a reunião.

29. Carlos presidiu à reunião.

30. Satisfez os desejos de sua mãe.

31. Usufruiu as coisas boas da vida.

Comentários:

Os verbos **presidir**, **satisfazer**, **usufruir** e **desfrutar** podem vir com ou sem preposição. Por isso, nas frases 28 e 29, "presidir a ..." e "presidir à..." estão corretas, assim como as frases 30 e 31. Nessas duas últimas, pela teoria apresentada, poderíamos ter também como formas corretas, "Satisfez aos desejos..." e "Usufruiu das coisas..". Com o **desfrutar** ocorreria o mesmo: "Desfrutou as coisas..." ou "Desfrutou das coisas...".

3º grupo: verbos que mudam a regência conforme a mudança de sentido.
ASPIRAR T.D. (= inspirar, sorver) T.I. (= almejar, desejar) T.I. (= ver, presenciar, caber, competir) ASSISTIR T.D. ou T.I. (= socorrer, dar assistência) Intransitivo (= morar) ATENDER T.D. ou T.I. (para coisa ou pessoa) T.D. (pedir presença, convocar)
CHAMAR T.I. (pedir ajuda) T.D. ou T.I. (apelidar, qualificar) T.I. (ser difícil) CUSTAR Intransitivo (ideia de preço) T.D. (não pronominais) ESQUECER /LEMBRAR T.I. (pronominais) T.D. (= acarretar) IMPLICAR T.I. (= aborrecer, importunar) Pronominal (prep. em) T.D. (= coisa) PAGAR/PERDOAR T.I. (= pessoa) T.D.I. T.D. (= ter vontade de, desejar) QUERER T.I. (= amar, estimar)

T.I. (para pessoa ou coisa a que se responde)
RESPONDER T.D.I. (objeto direto para coisa e indireto para pessoa)
T.D. (= estar a serviço de alguém, prestar serviço)
SERVIR T.I. (= ser útil, convir)
T.D.I. (oferecer algo a alguém)
Intransitivo (= prestar serviços militares)
T.D. (= mirar, apontar, pôr o visto)
VISAR T. I. (= pretender, desejar)

32. Quando era pequeno, todos implicavam comigo.

33. Pelo que diz o assessor, isso implica em gastar mais dinheiro.

34. Um novo congelamento de salário implicará uma reação dos trabalhadores.

35. O banqueiro implicou-se em negócios escusos.

36. Tal fato não implicará dificuldades.

Comentários:

Vamos agora aos comentários do 3º grupo, mais extenso, que trata de verbos especiais.

Aqui, observe que, na quase totalidade dos casos, o sentido do verbo vai determinar a transitividade.

Nas frases 32 a 36, o verbo é **implicar**. Na 32, **implicar** tem o sentido de aborrecer, importunar (transitivo indireto – "implicar com"). Em 33, 34 e 36, esse verbo traz a ideia de acarreta (transitivo direto – "implica gastar..."). A frase 35 mostra o verbo **implica** pronominal (implicar-se), que rege preposição EM.

Respostas: 32 C; 33 E; 34 C; 35 C; 36 C.

Importante: Em algumas provas elaboradas pela Esaf (Escola de Administração Fazendária), já apareceu questão que trazia o verbo implicar (= acarretar), que, segundo a norma culta, é transitivo direto, portanto, não pede preposição, seguido de preposição em (isso implica em aumentos diários) e a banca considerou a frase como certa. Infelizmente, nesses casos, devem-se observar as outras opções e procurar uma alternativa, um erro indiscutível. Em regência, a Esaf e a UnB costumam ter uma visão mais liberal em relação a esse assunto.

37. Chamei Antônio de desonesto.

38. Chamei-lhe de ignorante.

Comentários:

O verbo **chamar**, como transitivo direto (= pedir a presença, convocar – "chamei o funcionário") ou como transitivo indireto (= pedir ajuda, clamar – "chamou por Deus"), não oferece dificuldade quanto à regência.

Agora, com o sentido de apelidar, qualificar, pode haver dúvidas. Primeiramente, o verbo **chamar** nesta acepção pode aparecer com ou sem preposição (T.D. ou T.I.) – "chamei a Antônio..." ou "chamei Antônio..."). Além disso, o uso da preposição de após o complemento é facultativo. Com isso, podemos ter as seguintes construções com o **chamar** neste sentido nas frases 37 e 38:

Frase 37:

1. Chamei Antônio desonesto. (pouco usual)

2. Chamei Antônio de desonesto.

3. Chamei a Antônio desonesto.

4. Chamei a Antônio de desonesto.

Frase 38:

1. Chamei-o ignorante.

2. Chamei-o de ignorante.

3. Chamei-lhe ignorante.

4. Chamei-lhe de ignorante.

Atenção: "desonesto", "de desonesto", "ignorante", "de ignorante" não são objetos. São termos que qualificam, caracterizam o objeto (predicativos do objeto), e podem vir ou não antecedidos de preposição.

Respostas: 37 C; 38 C.

39. Não assistimos nenhum programa.

40. Esse direito não assiste ao servidor.

41. A enfermeira assistia o doente.

42. Assisto em Niterói.

Comentários:

O verbo **assistir**, na frase 39, com o sentido de ver, presenciar, e na 40 com o sentido de caber, competir, rege preposição a ("Não assistimos a nenhum programa" e "Esse direito não assiste ao servidor").

Na frase 41, pode ser transitivo direto ou indireto com a ideia de dar assistência, socorrer ("A enfermeira assistia o doente ou ao doente"). Na 42, embora desusado, com o sentido de morar pede preposição **em**.

Respostas: 39 E; 40 C; 41 C; 42 C.

43. Esqueci a aparência dela./Lembrei a aparência dela.

44. Esqueci-me da aparência dela./Lembrei-me da aparência dela.

45. Esqueceu-se da aparência dela./Lembrou-se da aparência dela.

46. Lembrei ao amigo que já era tarde.

Comentários:

Os verbos **lembrar** e **esquecer** podem aparecer com ou sem o pronome. Sem pronome, sem preposição (T.D.). Com pronome, com preposição (T.I.). Portanto, o que **não** cabe é "Esqueci/Lembrei da aparência" ou "Esqueci-me/Lembrei-me a aparência dela".

Na frase 46, o verbo **lembrar** é transitivo direto e indireto ("lembrar a alguém alguma coisa").

Respostas: 43 C; 44 C; 45 C; 46 C.

47. Respondeu à carta no mesmo dia.

48. Respondeu o diretor.

49. Respondeu a carta ao diretor.

Comentários:

O verbo **responder** é transitivo indireto para coisa ou pessoa. Na frase 47, aparece a preposição a ("Respondeu à carta"), mas na 48 isso não ocorre. Não é "respondeu o diretor" e sim ("Respondeu ao diretor"). Quando aparecem coisa **e** pessoa, transitivo direto e indireto ("Respondeu a carta ao diretor").

Respostas: 47 C; 48 E; 49 C.

50. Ainda não paguei o médico.

51. Pagou os impostos. / Perdoou a dívida.

52. Perdoou o inimigo. / Pagou o empregado.

53. Pagou o salário ao empregado.

Comentários:

Na frase 50, médico é pessoa, o verbo **pagar** pede preposição ("paguei ao médico"). Na 51, temos coisa como complemento, o **pagar** e **perdoar**, nesse caso, não pedem preposição. Já na 52, o objeto é representado por pessoa, transitivo indireto ("Perdoou ao inimigo" e "Pagou ao empregado"). Na 53, o **pagar** aparece como transitivo direto e indireto.

Respostas: 50 E; 51 C; 52 E; 53 C.

54. O secretário não atendeu ao pedido dos grevistas.

55. Não gostava de atender o telefone.

Comentários:

Apresentamos na teoria, em relação ao verbo **atender**, o que se vê em questões elaboradas por bancas como Esaf e Cespe/UnB: independentemente de se referir a coisa ou pessoa, aceita as duas transitividades (T.D. ou T.I.). Nas gramáticas, quando o complemento é representado por coisa, pede-se usar a transitividade indireta. Resumindo:

– O secretário não atendeu ao pedido… Certo.

– Não gostava de atender o telefone. Certo.

– Não gostava de atender ao telefone [é a preferência]. Certo.

Respostas: 54 C; 55 C.

56. Ia para a montanha para aspirar o ar puro.

57. Aspirava a um cargo público.

Comentários:

O verbo **aspirar** só pede preposição com o sentido de almejar, desejar ("Aspirava a um cargo público"). No sentido de inspirar, sorver é transitivo direto ("Ia para a montanha para aspirar o ar puro").

Respostas: 56 C; 57 C.

58. Eu custei a acreditar na tua história.

59. Custou-me acreditar na tua história.

60. O livro custa trinta reais.

Comentários:

A frase 58 mostra a regência do verbo **custar** usada na oralidade: "Eu custo a...". No entanto, para a norma culta, formal, essa forma estaria errada, pois "eu não custo nada", não tem sentido.

A forma considerada correta é "Custou-me acreditar..." ou, usando um nome no lugar do pronome, "Custou ao pai acreditar na tua história", já que o que custa, é difícil, é "acreditar na tua história", ou seja, "Acreditar na tua história custou a mim papai".

Já na frase 60, com a ideia de preço, não há preposição ("O livro custa trinta reais").

Respostas: 58 E; 59 C; 60 C.

61. O filho queria muito ao pai.

Comentários:

Em relação à regência do verbo **querer**, deve-se destacar o sentido de amar, gostar, querer bem, desse verbo, pois pede preposição a ("... queria ao pai").

Resposta: 61 C.

62. O empregado serviu o almoço.

63. Serviu-me uma bebida.

64. É uma solução que não lhe serve.

Comentários:

Na frase 62, **servir** (= prestar serviço) não pede preposição (T.D.). Em 63, com o sentido de "oferecer algo a alguém", é T.D.I., na 64, "É uma solução que não **lhe** (objeto direto) serve" traz esse verbo com o valor de convir, ser útil, transitivo indireto.

Respostas: 62 C; 63 C; 64 C.

65. O diretor visou os cheques.

66. O policial visou o alvo.

67. Esta medida visa o bem de todos.

Comentários:

O verbo **visar**, com os sentidos de dar o visto ou mirar, frases 65 e 66, respectivamente, não regem preposição (T.D.). Na 67, no sentido de almejar, pretender, a tendência é vir com a preposição a ("Esta medida visa ao bem de todos"), embora já se aceite a forma desse verbo nesta acepção sem preposição ("… visa ao bem…" ou "visa o bem…"), principalmente em provas elaboradas pela Esaf e Cespe/UnB.

Respostas: 65 C; 66 C; 67 E.

68. O escravo ama e obedece a seu senhor.

69. Até pouco tempo todos podiam consultar e aplicar nos fundos de aplicação financeira.

Comentários:

As frases 68 e 69 ilustram um caso de regência de dois verbos em coordenação. Quando isso ocorre, se os verbos forem de regências distintas (um é transitivo direto e o outro é transitivo indireto), deve-se fazer a distribuição:

– O escravo ama (T.D.) seu senhor e obedece (T.I.) a ele.

– Até pouco tempo, todos podiam consultar (T.D.) os fundos de aplicação financeira e aplicar (T.I.) neles.

Respostas: 68 E; 69 E.

Atenção: Quando os verbos possuem a mesma transitividade, mas pedem preposições diferentes, eles não devem compartilhar o mesmo objeto: cada um deve ter o seu. Exemplo:
Assisti e gostei do filme E.
(Assisti a … gostei de)
Por isso, o certo é dizer:
"Assisti ao filme e gostei dele."

18.2. REGÊNCIA COM PRONOME RELATIVO

18.2.1. Uso de preposição que antecede o pronome relativo

O pronome relativo dá início às orações adjetivas. Se, nessa oração, o verbo ou um nome exigir a preposição, esta

será deslocada para antes do pronome relativo.

Exs.:

A canção de que/da qual gosto foi premiada. (= eu gosto(de) da canção)

A canção com que/com a qual simpatizo foi premiada. (= eu simpatizo com a canção)

A mulher em quem pensas partiu ontem. (= tu pensas(em) na mulher)

Este é o livro a cujo autor aludi. (= aludi(a) ao autor)

A rua aonde queriam ir era deserta. (queriam ir a)

A rua donde vens é deserta. (vens de)

Obs.: Os conectivos que aparecem como pronome relativo são: que, o qual, a qual, os quais, as quais, quem, cujo(s), cuja(s), onde, como, quando e quanto.

18.2.2. Uso de onde, aonde, donde

O emprego desses vocábulos segue as noções de regência. Se a preposição exigida for **em**, usa--se **onde**.

Ex.: O bairro onde moras é tranquilo. (moras em)

Se a preposição exigida for **a**, usa-se **aonde**. Se a preposição for **de**, **donde** ou **de onde**.

Ex.: O bairro aonde vais é tranquilo. (vais a)

O bairro donde vens é tranquilo. (vens de)

18.3. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Levando em consideração as regras de regência verbal, marque certo (C) ou errado (E).

1. ( ) Mais do que uma simplificação, a adaptação de uma obra implica uma intervenção inadmissível em seu conteúdo.
2. ( ) Quem desobedece ao regulamento demonstra que não é disciplinado.
3. ( ) Aproveitamos para lembrá-la que essa conduta é prevista na Consolidação das Leis Trabalhistas.
4. ( ) Aspiro ao cargo de analista judiciário.
5. ( ) Essas medidas visam à reabilitação de nossa imagem.
6. ( ) Procedeu-se a leitura dos autos.
7. ( ) Adverti-lhes de que o número de vagas não era elevado.
8. ( ) Ele me perguntou se o espetáculo fora interessante e eu o respondi que sim.

9. ( ) Prefiro uísque a cerveja.

10. ( ) O suicida prefere a morte à vida.

11. ( ) Uma dor não pode causar a morte, mas os mecanismos psicológicos que se associam a ela podem levar nesse resultado.

12. ( ) O desmatamento implica em destruição e fome.

13. ( ) Avisei-o de que devia partir.

14. ( ) Júlia mora à rua do Passeio.

15. ( ) Chegamos na cidade antes do anoitecer.

16. ( ) Esqueceu-me o desejo discreto de conhecer as coisas de coração.

17. ( ) Perdoou ao nosso atraso.

18. ( ) Prefiro os casos que a inteligência discute a formas tecnocráticas da resolução dos problemas.

19. ( ) O pai perdoou ao filho.

20. ( ) Aqui se jogam as sementes para informar-lhes de que a cultura não deve ser acadêmica.

21. ( ) Lembrou ao amigo que já era tarde.

22. ( ) Procede-se com brandura quando querem detectar falhas no relacionamento humano.

23. ( ) Na verdade, não me simpatizo com suas ideias inovadoras.

24. ( ) Se todos chegam à mesma conclusão, devem estar certos.

25. ( ) Para trabalhar, muitos preferem a empresa privada ao serviço público.

26. ( ) Custa-me crer em tais injustiças.

27. ( ) A terra custou aos lavradores a vida.

28. ( ) Informamos a V.Sª. sobre os prazos de entrega das novas propostas, às quais devem ser respondidas com urgência.

29. ( ) Entrou e saiu da sala.

30. ( ) Repete que puni e premiei professores que discordavam ou concordavam com minhas ideias.

II. Use **o(s)/a(s)** ou **lhe(s)**.

1. Só não _____ chamei de louco, porque _____ quero muito bem. (o/lhe; o/lhe)

2. A reincidência poderá acarretar-_____ penalidades severas. (lo/lhe)

3. Não _____ desobedecerei jamais. (o/lhe)

4. Algumas ideias vinham ao encontro das reivindicações dos funcionários, contentando-_____, outras não. (os/lhes)

5. Eles se sentiam tão onerados com descontos, que intentaram uma reação conjunta: procuraram os responsáveis pela empresa e _____ inteiraram de sua decisão de _____ o andamento. (os/lhes; estorvá-lo/estorvar-lhe)

6. Queríamos _____ para a festa. (convidá-lo/convidar-lhe)

7. A verdade é que nós _____ queremos muito. (o/lhe)

8. Vi-_____ os olhos na festa. (os/lhes)

9. A minha resposta não _____ satisfez. (o/lhe)

10. Eu _____ ajudei naquela árdua tarefa. (o/lhe)

11. Teve um desempenho tão extraordinário que _____ consagraram merecidamente o maior jogador do mundo. (o/lhe)

12. No momento em que a linguística procurou o *status* de ciência, que desde Saussure _____ tem acompanhado, passou-se a discutir sua relação com outras ciências. (a/lhe)

13. Seu pai, que é libanês e tem uma loja de roupas no Brás, _____ presenteou com o Maverick 74 da família. (o/lhe)

14. Ele poderá escolher outros dois técnicos para _____ assessorar. (o/lhe)

15. Por que um mendigo dormindo incomodou-_____ tanto? (os/lhes)

16. Os que se propuseram a trabalhar nessa área tão difícil têm de compreender que sua convicção da necessidade de executar essa tarefa ninguém neles a incutiu, é - _____ inata. (os/lhes)

III. Complete as lacunas com a(s) forma(s) adequada(s).

1. Eis a ordem _____ nos insurgimos. (de que/contra a qual)

2. Há fatos _____ nunca esquecemos. (que/de que)

3. Há fatos _____ nunca nos esquecemos. (que/de que)

4. Aludiram a incidentes _____ já ninguém se lembrava. (que/de que)

5. Há casos _____ a dor, tornando-se insuportável, leva o indivíduo à morte. (que/em que)

6. Este autor tem ideias _____ todos simpatizamos. (de que/com que)

7. Qual o cargo _____ aspiras? (que/a que)

8. Surgiu uma mulher _____ figura os mais velhos se comoviam. (cuja/com cuja)

9. Surgiu uma mulher _____ figura já nos referimos. (cuja/a cuja)

10. Surgiu uma mulher _____ figura havia um ar de grande dama decadente. (cuja/em cuja)

11. Surgiu uma mulher _____ figura andara todo o regimento apaixonado. (cuja/por cuja)

12. O homem possui um inimigo que o aterroriza e _____ prefere nem pensar: a dor. (do qual/no qual)

13. A ideia de sofrimento intenso e intolerável, _____ está associado o conceito de dor, torna-a um flagelo _____ é necessário escapar de qualquer maneira. (a qual/à qual; no qual/do qual)

14. Esse foi o lugar _____ ele chegara com dificuldade. (onde/aonde/donde)

15. Esse foi o lugar _____ ele se estabelecera com a família (onde/aonde/donde)

16. Os deuses mantêm seus protetores nas casas _____ residem. (onde/aonde/donde)

17. A rua _____ gosto de correr foi asfaltada. (em que/onde/aonde/donde)

18. Foi essa a situação _____ ele encontrara. (que/em que)

19. Muitos foram os problemas _____ ele passara. (por que/pelo qual/que)

20. Poucos eram os recursos _____ ele podia dispor. (que/de que/com que)

21. O projeto, _____ também se incluirão mulheres e crianças, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde. (que/de que/em que)

22. O projeto, _____ também terão participação mulheres e crianças, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde. (que/ao qual/no qual)

23. O projeto, _____ também se vincularão mulheres e crianças, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde. (que/a que/ao qual/em que)

24. O projeto, _____ também participarão mulheres e crianças, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde. (que/de que/em que/no qual)

25. O projeto, _____ extensão também atingirá mulheres e crianças, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde. (cuja/em cuja/de cuja)

26. O exemplo mais brilhante dessa vocação deu-o anos atrás cavalheiro _____ nome não sei. (cujo/de cujo/a cujo)

27. O exemplo mais brilhante dessa vocação deu-o anos atrás cavalheiro _____ nome não tenha a menor confiança. (cujo/em cujo/de cujo)

28. O exemplo mais brilhante dessa vocação deu-o anos atrás cavalheiro _____ nome não consigo simpatizar. (cujo/de cujo/com cujo)

29. O exemplo mais brilhante dessa vocação deu-o anos atrás cavalheiro _____ nome pretendo não referir.

(cujo/a cujo/de cujo)

30. O exemplo mais brilhante dessa vocação deu-o anos atrás cavalheiro _____ nome não está associado esse fato. (cujo/a cujo/em cujo)

31. Conquista é quando você pula da cama de manhã e vai dormir à noite. E entre uma coisa e outra, só faz aquilo _____ gosta. (que/de que/por que)

32. O Banco Central investiu-se de um poder _____ as nações soberanas, ou quase isso, não abrem mão. (que/de que/por que)

33. É grande o dilema _____ vem experimentando a opinião pública brasileira. (que/a que/de que)

34. Não procuremos neles a beleza _____ dirigimos logo o olhar. (que/a que/em que)

35. É grande a perplexidade _____ estão tomados os latino-americanos. (que/de que/de quem/de cujos)

36. Esta é a única solução _____ podemos contar. (que/quem/com que/de quem)

37. Algumas pessoas costumam exorbitar da autoridade _____ se acham investidos. (que/a que/de que)

38. O texto legal _____ nos remeteu o professor para consulta exigia a cessão imediata dos direitos autorais à editora. (que/a que/para o qual)

39. Cético de gestos heroicos, confirmou ponto a ponto as críticas _____ se orgulhava de ter feito ao pretenso filantropo. (que/de que/a que)

40. O crime fora decorrente da crise _____ passava seu casamento. (que/em que/por que)

41. "A presença das enfermeiras devia lhe trazer lembranças de prazeres _____ agora não podia mais desfrutar." (que/de que/com que)

42. "Com o tempo, irás sabendo _____ leis, casos e fenômenos responde toda essa terminologia." (que/a que/de que)

Gabarito: I – 1. C; 2. C; 3. E; 4. C; 5. C; 6. E; 7. E; 8. E – lhe respondi; 9. C; 10. C; 11. E; 12. E; 13. C; 14. E; 15. E; 16. C; 17. E; 18. C; 19. C; 20. E; 21. C; 22. C; 23. E; 24. C; 25. C; 26. C; 27. C; 28. E; 29. E – Entrou na sala e saiu dela; 30. E – discordavam das minhas ideias ou concordavam com elas. **II** – 1. o ou lhe; lhe; 2. lhe; 3. lhe; 4. os; 5. os; estorvar-lhe; 6. convidá-lo; 7. lhe; 8. lhes; 9. o ou lhe; 10. o; 11. o; 12. a; 13. o; 14. o; 15. os; 16. lhes. **III** – 1. contra a qual; 2. que; 3. de que; 4. de que; 5. em que; 6. com que; 7. a que; 8. com cuja; 9. a cuja; 10. em cuja; 11. por cuja; 12. no qual; 13. à qual; do qual; 14. aonde; 15. onde; 16. onde; 17. onde; 18. que; 19. por que; 20. de que; 21. em que; 22. no qual; 23. a que ou ao qual; 24. de que; 25. cuja; 26. cujo; 27. em cujo; 28. com cujo; 29. cujo; 30. a cujo; 31. de que; 32. de que; 33. que; 34. a que; 35. de que; 36. com que; 37. de que; 38. que; 39. que; 40. por que; 41. de que ou que; 42. a que.

Vamos agora treinar com questões de concursos anteriores? Português se aprende pelas mãos...

18.4. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

1. (Cesgranrio/Banco do Brasil) Regência imprópria:

a) Não o via desde o ano passado.

b) Fomos à cidade pela manhã.

c) Informou ao cliente que o aviso chegara.

d) Respondeu à carta no mesmo dia.

e) Avisamos-lhe de que o cheque foi pago.

Comentários:

A letra A está correta: o verbo ver é v.t.d. e tem como o.d. o pronome oblíquo **o**. A letra B apresenta o verbo *ir*, que indica direção, por isso, deve vir seguido da preposição A. Na letra C, tem-se o verbo *informar*, que é direto e indireto e teve, mesmo, dois objetos: o direto, que é a oração *que o aviso chegara,* e o indireto, que é *ao cliente* (nessa frase, quem informa informa alguma coisa a alguém). O verbo *responder*, na letra D, vem adequadamente complementado por seu o.i. *à carta*: aqui, quem responde responde a alguma coisa. Já a letra E apresenta o verbo *avisar* com dupla transitividade, mas com dois objetos indiretos: um sob a forma pronominal (*lhe*); o outro sob a forma oracional (*de que o cheque foi pago*). Para a correção da frase, teríamos, portanto, duas opções: *avisamo-lo de que o cheque foi pago* ou *avisamos-lhe que o cheque foi pago*.

Resposta: E.

2. (FGV) Em qual das alternativas ocorre erro de regência verbal?

a) Esqueceu-me o desejo discreto de conhecer as coisas do coração.

b) Lembrou-me a inusitada transformação por que passa a universidade brasileira.

c) Prefiro os casos que a inteligência discute a formas tecnocráticas da resolução dos problemas.

d) Aqui se jogam as sementes para informar-lhes de que a cultura não deve ser acadêmica.

e) Procede-se com brandura quando querem detectar falhas no relacionamento humano.

Comentários:

Muitos que erraram a questão marcaram a letra A. Trata-se de uma construção em desuso, porém correta do verbo *esquecer* (o que também pode ocorrer com o verbo *lembrar*). A coisa esquecida passa a ser o sujeito do verbo, o que se pode perceber pela desinência verbal (*esqueceu-me*): nessa frase, *o desejo discreto de conhecer as coisas do coração* é que é o sujeito do verbo *esquecer*. Na ordem direta, a frase ficaria assim:

O desejo discreto de conhecer as coisas do coração esqueceu-me (= a mim).

Você deve estar se perguntando: mas como uma coisa pode esquecer alguém? Nesse caso, a coisa esquecida passa a

ser responsabilizada pelo esquecimento da pessoa. Talvez seja uma forma de se esquivar da responsabilidade... O fato é que haveria três formas de se dizer o mesmo:

Esqueci o desejo discreto de conhecer as coisas do coração.

(aqui, o verbo é *esquecer*, v.t.d., que tem como sujeito *eu* e objeto direto *o desejo discreto de conhecer as coisas do coração*).

Esqueci-me do desejo discreto de conhecer as coisas do coração.

(trata-se, agora, do verbo *esquecer-se*, que é v.t.i. e apresenta como sujeito *eu* e o.i. *do desejo discreto de conhecer as coisas do coração*).

Esqueceu-me o desejo discreto de conhecer as coisas do coração.

(essa foi a forma escolhida pela banca: *o desejo discreto de conhecer as coisas do coração* é o sujeito do verbo *esquecer*, que é v.t.i. e tem como o.i. o pronome oblíquo *me*).

Observe a letra B da questão: o verbo *lembrar* aparece aqui da mesma forma que o verbo *esquecer* apareceu na letra A. Veja que o verbo ficou na 3ª pessoa do singular, o que prova que o sujeito não é o pronome *eu,* e sim a informação que vem depois na frase (*a inusitada transformação por que passa a universidade brasileira*). O que dissemos, portanto, na letra A para o verbo *esquecer* vale também para o verbo *lembrar* na letra B. Haveria aqui, também, três formas de se reescrever a frase: Lembrei a inusitada transformação por que passa a universidade brasileira. / Lembrei-me da inusitada transformação por que passa a universidade brasileira. / Lembrou-me a inusitada transformação por que passa a universidade brasileira. Portanto, a letra B também está correta.

A letra C traz o verbo *preferir*, v.t.d.i., de forma adequada com dois objetos: *os casos que a inteligência discute*, que é o o.d., e *a formas tecnocratas da resolução dos problemas* que é o o.i.

Já a letra D, que apresenta o verbo *informar* como v.t.d.i., pecou por apresentar dois objetos indiretos: um sob a forma pronominal *lhes* e o outro oracional *de que a cultura não deve ser acadêmica*. O certo seria dizer "... para informar-lhes que a cultura não deve ser acadêmica" ou "... para informá-los de que a cultura não deve ser acadêmica".

A letra E está correta: apresenta o verbo *proceder* como intransitivo, com o sentido de agir.

Resposta: D.

3. (Cesgranrio) Assinale a única alternativa incorreta quanto à regência do verbo.

a) Perdoou nosso atraso no imposto.

b) Meu pai perdoou ao pai.

c) Lembrou ao amigo que já era tarde.

d) Vi-lhes os olhos na festa.

e) Era grande a mesa da sala a qual nos sentamos.

Comentários:

Eis uma boa questão para treinarmos a regência do verbo *perdoar*: *aquilo que se perdoa* é o objeto direto e *a quem se perdoa* é o objeto indireto. Daí, na letra A, o verbo *perdoar* está adequadamente colocado: ele é v.t.d. e vem seguido do o.d. *nosso atraso no imposto*. Já na letra B, o verbo *perdoar* vem seguido de um objeto indireto: trata-se de um objeto pessoa (*ao pai*). Nas duas alternativas, portanto, ele foi bem utilizado.

Na letra C, o verbo *lembrar* vem adequadamente seguido de dois objetos, um direto (*que já era tarde*) e outro indireto (*ao amigo*).

Na letra D, o verbo *ver* é v.t.d.: seu objeto direto é *os olhos*. Observe que o pronome *lhe,* apesar de vir ligado ao verbo por meio do hífen, não é o seu objeto: é pronome oblíquo com valor possessivo que se refere ao substantivo *olhos* (= seus olhos). Por isso, a frase está certa.

Já a letra E traz um erro na regência com relativo. Organizando a oração adjetiva, que vem após o pronome relativo, teríamos "nós nos sentamos <u>à mesa</u>". O verbo *sentar*, aqui, deve vir seguido da preposição *a*, com valor semântico de proximidade. Por isso, o certo seria dizer: "Era grande a mesa da sala à qual nos sentamos".

Resposta: E.

4. (Fundação João Goulart) No trecho "Nós nos entendíamos e amávamos mudamente (...)"o complemento serve a dois verbos de mesma regência. Das frases abaixo, aquela em que o complemento serve a verbos de regências diferentes é:

a) Poucos nos reconheceram e cumprimentaram.

b) O indivíduo nos perseguia e ameaçava.

c) Não nos admirava ou obedecia.

d) Ele nos avistara e evitara.

Comentários:

Na frase do enunciado, tem-se um pronome *nos* que é objeto direto de dois verbos com mesma regência *entender e amar*, que são verbos transitivos diretos. O mesmo ocorre com a letra A: os verbos *reconhecer* e *cumprimentar* são transitivos diretos.

Na letra B, o raciocínio se repete: o pronome *nos* é objeto direto de *perseguir* e *ameaçar*, que são transitivos diretos.

No entanto, a letra C apresenta um complemento *nos*, que é ao mesmo tempo objeto direto de *admirar* e indireto de *obedecer*: o que não é um problema, já que, como estudamos em pronomes, os pronomes oblíquos *me, te, se, nos* e *vos* são verdadeiros curingas, podem ser O.D. ou O.I.

Na letra D, temos novamente o raciocínio do exemplo que consta no enunciado: os dois verbos possuem a mesma

regência, são transitivos diretos, que têm como complemento o pronome *nos*.

Resposta: C.

5. (Vunesp/Fiscal de Rendas-SP) O único texto que obedece rigorosamente aos princípios de regência da língua culta escrita é:

a) Repete que puni e premiei professores que discordavam ou concordavam com minhas ideias.

b) Conquista é quando você pula da cama de manhã e vai dormir à noite. E entre uma coisa e outra, só faz o que gosta.

c) ... eis que o nosso Banco Central, que mal e porcamente cuida da nossa vida bancária cheia de abrolhos e escândalos, investiu-se de um poder que as nações soberanas, ou quase isso, não abrem mão.

d) ... os deuses mantêm seus protetores nas casas onde residem, o que implica que os soberanos dos céus e da terra tributam por sua vez um culto a seus pequenos deuses domésticos.

e) Temos por princípio não representar e nem formular Queixa perante o Tribunal de Ética da O.A.B., porém reservamo-nos no direito de aconselhá-lo a leitura do Código de Ética, do Estatuto da Ordem dos Advogados do Brasil.

Comentários:

A letra A apresenta, por duas vezes, verbos em coordenação que compartilham o mesmo complemento. Na primeira passagem, *punir* e *premiar* são transitivos diretos e possuem o mesmo objeto, *professores*, o que não caracteriza erro. Na segunda passagem, entretanto, aparecem os verbos *discordar* e *concordar* que, embora sejam transitivos indiretos, regem preposições distintas (*discordar de* e *concordar com*). Daí o erro: eles compartilharam o mesmo objeto. O certo seria dizer:

... que discordavam *das minhas ideias* ou concordavam *com elas*. A letra B também apresenta um erro: quem gosta gosta de, por isso o certo seria dizer: ... só o faz o (= aquilo) de que gosta. A letra C apresenta um erro de regência com pronome relativo, no final do período. Colocando a frase na ordem direta, teríamos: *as nações soberanas não abrem mão do poder*. Por isso, o correto seria dizer: ... um poder de que as nações soberanas não abrem mão. A letra D trouxe o verbo *implicar* corretamente utilizado: seguido do objeto direto oracional *que os soberanos dos céus e da terra tributam...* A letra E apresenta os verbos *representar* e *formular*, transitivos diretos, coordenados com o mesmo complemento *Queixa*, estando, quanto a isso, correta. Entretanto, trouxe um erro com o verbo *reservar*: *reservamo-nos o direito* e não *no direito*. Ou seja: *reservamos o direito (o.d.) a nós (o.i.).*

Resposta: D.

6. (FGV) Indique a opção em que o verbo responder está usado incorretamente, no que tange à regência.

a) Respondeu com mau humor à mãe.

b) O injustiçado responde às calúnias.

c) Os soldados responderam às balas.

d) Ninguém responde o juiz daquele jeito.

e) Respondi o que podia e o que não devia.

Comentários:

Questão boa para trabalhar o verbo *responder*: lembre-se de que *aquilo que se responde* (complemento coisa) é o objeto direto e *a quem ou a que se responde* (complemento pessoa ou coisa a que se responde) é o objeto indireto. Na letra A, *à mãe* é a pessoa a quem se respondeu. Nas letras B e C, tem-se novamente o *responder* como transitivo indireto: trata-se de objeto indireto *coisa a que se responde*. Nos dois casos, o verbo *responder* é transitivo indireto e vem seguido de objeto indireto *às calúnias* e *às balas*, respectivamente. O erro está na letra D: *o juiz* deveria ser objeto indireto. Nessa frase, quem responde responde *a alguém* e não alguém. Por isso, o certo seria dizer "Ninguém responde *ao juiz* daquele jeito". A letra E está correta: o verbo *responder* aparece como transitivo direto, com objeto direto, que é *aquilo que se responde*. Assim, temos um objeto direto *composto*: *o que podia e o que não devia*. A frase, portanto, está correta.

Resposta: D.

7. (Fundação Carlos Chagas) Em qual das alternativas o uso de **CUJO** não está conforme a norma culta?

a) Tenho um amigo cujos filhos vivem na Europa.

b) Rico é o livro cujas páginas há lições de vida.

c) Naquela sociedade havia um mito cuja memória não se apagava.

d) Eis o poeta cujo valor exaltamos.

e) Afirmam-se muitos fatos de cuja veracidade se deve desconfiar.

Comentários:

Esta questão trata do uso do pronome relativo cujo e da regência com esse conectivo. Vimos que o pronome cujo e variantes é usado entre dois substantivos com ideia de posse. Em todas as opções isso ocorre. O problema está, então, na falta da preposição. Na opção A ("… vivem **n**a Europa"), ela aparece – *vivem **em***. Na B, organizando, teríamos: "Há lições de vida **n**as páginas do livro". Portanto, a frase correta seria "Rico é o livro **em** cujas páginas…". Nas letras C e D, os verbos não pedem preposição ("… a memória não se *apagava*" e "*exaltamos* o valor"). Na letra E, o uso da preposição **de** se explica pela presença do verbo *desconfiar* ("Deve-se desconfiar **d**a veracidade dos fatos"). Lembre-se sempre de organizar a frase – **ordem direta** (sujeito + verbo + complementos).

Resposta: B.

8. (Vunesp) Assinale a opção cuja lacuna não pode ser preenchida pela preposição entre parênteses:

a) A alfabetização funcional, _____ cuja aquisição a escola deve preocupar-se. (com)

b) A alfabetização funcional, _____ cuja aquisição a escola deve refletir. (sobre)

c) A alfabetização funcional, _____ cuja aquisição a escola deve ser responsável. (a)

d) A alfabetização funcional, _____ cuja aquisição a escola deve cuidar. (de)

e) A alfabetização funcional, _____ cuja aquisição a escola deve estar preparada. (para)

Comentários:

Mais uma questão que envolve o uso da preposição antes do relativo. Organizando as orações adjetivas (iniciadas pelo pronome relativo):

… a escola deve-se preocupar com.

… a escola deve refletir sobre.

… a escola deve ser responsável **por**.

… a escola deve cuidar de.

… a escola deve estar preparada para.

Resposta: C.

9. (Esaf) Assinale o item que apresenta **erro** de regência verbal:

a) O espetáculo do grande desastre, sempre implícito na loucura das corridas de automóvel, esconde e omite o essencial, que apenas se adivinha com os recursos da imaginação: o ser humano que viaja dentro daquela cápsula em vias de se desmanchar com a fragilidade de uma casquinha de sorvete.

b) Cumpriu-se com Ayrton Senna mais um ritual de sacrifício consumado no altar da modernidade que, ao comercializar a velocidade, transformou o esporte do automobilismo em negócio.

c) Atingimos o ideal supremo do capitalismo: velocidade cada vez maior nos lucros. As firmas que patrocinam as corridas são sólidas empresas privadas que tocam os seus negócios com fervor apostolar e o autódromo de Ímola, antessala do além, é uma empresa privada.

d) O carro cheio de rótulos comerciais é hoje apenas a visão do fracasso tecnológico, da lamentável falência de uma máquina que se pretende perfeita, mas é tão precária como qualquer outra diante do menor obstáculo.

e) As letras impressas se acumulam, promovendo os generosos mecenas do esporte que cedem uma migalha dos seus lucros aos pilotos, assim seduzidos com mais um argumento para o jogo perigoso que se entregam apaixonadamente.

Comentários:

Aqui, observamos que, em quatro opções, não há a intenção de se apresentar nenhum caso especial de regência. Na

letra A, "esconde e omite o essencial" (os dois verbos são transitivos diretos). Na B, "consumado no" e "transformar o esporte... em negócio" seguem o padrão da norma culta. Na letra C, **atingir** é transitivo direto ("atingimos o ideal..."). Na D, não há nenhuma particularidade sobre regência: a frase está totalmente correta. Porém, na letra E, na penúltima linha, aparece o pronome relativo **que**. Ao organizar a oração que ele introduz, teríamos: "(Eles) se entregam **a**o jogo perigoso". Por isso, o certo seria dizer: "... para o jogo perigoso **a** que se entregam".

Resposta: E.

10. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a regência do verbo destacado está correta, segundo o registro culto e formal da língua.

a) Informei-a que o período turbulento havia terminado.

b) Assistia a derrota daqueles que não acreditaram na oportunidade.

c) Diante de tamanha pressão, chegou no seu limite.

d) Neste momento, diante do ocorrido, todos reivindicam por tranquilidade de vida.

e) A constatação de que aquilo era verdadeiro custou-lhe dias difíceis.

Comentários:

O verbo **informar**, na letra A, pede dois complementos, é v.t.d.i. ("Informei-a de que o período..."). Na B, o verbo **assistir** com a ideia de *presenciar* é transitivo indireto ("Assistia **à** derrota..."). Na letra C, **chegar** rege preposição **a** ("... chegou **a**o seu limite"). Na letra D, **reivindicar** é transitivo direto ("... todos reivindicam tranquilidade"). Na letra E, o verbo **custar** (= ser difícil) é transitivo direto e indireto ("A constatação... custou **dias difíceis** – O.D. – **a ele** – O.I.).

Resposta: E.

11. (Petrobras) Segundo o registro culto e formal da língua, a regência do verbo destacado está correta em:

a) O homem **lembrou-se** a infância ao ver a criança.

b) Depois de algum tempo, **pagou** o seu amigo o que devia.

c) Boas ações **implicam** benefícios futuros.

d) Os inimigos **aspiravam** a derrota de alguém vulnerável.

e) De um modo geral, **respeitava** aos princípios básicos da ética.

Comentários:

Na teoria, vimos que os verbos **lembrar** e **esquecer** podem aparecer com ou sem o pronome. **Lembrar** e **esquecer** são transitivos diretos; **lembrar-se** e **esquecer-se** são transitivos indiretos. Na letra A, se o verbo é pronominal, usaremos a preposição ("... lembrou-se **d**a infância..."). Na B, **pagar**, em relação a *pessoa*, é transitivo indireto ("...

pagou **a**o seu amigo...”). A letra C mostra o **implicar** (= acarretar), de acordo com o padrão culto da língua, como transitivo direto (“...implicam benefícios futuros”). Na D, **aspirar** (= *pretender*) é transitivo indireto (“... aspiravam **à** derrota...”). Na opção E, **respeitar** é transitivo direto (“... respeitaria os princípios...”).

Resposta: C.

Aqui, vale um recado:

Atenção: Não confunda a regência do verbo respeitar com a regência do verbo obedecer. Quem respeita (v.t.d.), respeita alguém, mas quem obedece (v.t.i.), obedece a alguém. Assim: Respeite os seus pais e obedeça a eles.

12. (Banco Central) A imprensa internacional foi convidada para assistir os debates em Copenhague.

De acordo com a norma escrita padrão da língua, na frase acima há um DESVIO de:

a) regência nominal.

b) regência verbal.

c) concordância nominal.

d) concordância verbal.

e) pontuação.

Comentários:

A regência trata da dependência entre o nome e seu complemento (regência nominal) e do verbo e seu complemento (regência verbal). A concordância nominal estuda as flexões de gênero e número entre os nomes (substantivo, adjetivo, pronome, numeral e advérbio). A concordância verbal trata da flexão de número e pessoa entre o sujeito e o verbo da oração.

Na frase dada, observamos que o problema se dá entre o verbo e seu complemento na passagem “... assistir os debates...”, porque **assistir** (= ver, presenciar) é transitivo indireto. Portanto, há um desvio quanto à *regência verbal*.

Resposta: B.

Agora, é a sua vez...

18.5. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (FCC – TRE-SE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – 2015)

A frase escrita com clareza e correção, quanto à norma-padrão da língua portuguesa, é:

a) O público infantil vem se apropriando a dispositivos eletrônicos cada vez mais recentemente, e estes têm dado preferência do uso privativo da internet.

b) Enquanto muitas crianças demonstram destreza em usar aplicativos em celulares, uma pequena porcentagem delas estão aptas a dar um laço nos cordões dos sapatos.

c) O estudo foi direcionado em pessoas de 9 a 16 anos, e se propôs de mostrar os hábitos que tais desenvolveram com a dedicação no uso de dispositivos eletrônicos.

d) Muitas crianças brasileiras têm a possibilidade em se conectar na internet, um terço às quais já portam de dispositivos móveis, que se comunicam com eficácia.

e) Além de averiguar ao comportamento domiciliar de adolescentes e crianças diante da internet, a pesquisa também deu enfoque no uso que os mesmos faziam da rede.

2. (TRF – 3ªR – Anal. Jud. – Biblio/2014)

Em nossa cultura, ... experiências ..... passamos soma- se ..... dor, considerada como um elemento formador do caráter, contexto ..... pathos pode converter-se em éthos.

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) às – porque – a – em que

b) às – pelas quais – à – de que

c) as – que – à – com que

d) às – por que – a – no qual

e) as – por que – a – do qual

3. (TJ-AP/ Anal. Jud. – 2014)

A expressão **de que** preenche corretamente a lacuna da seguinte frase:

a) Há lugares em nossa casa ..... nos ensejam uma sensação maior de familiaridade.

b) O homem que não consegue afastar-se da terra ..... lhe serviu de berço é, em princípio, um fraco.

c) É como se houvesse naquele cantinho da sala um apelo ..... não conseguimos nos esquivar.

d) O monge medieval ..... o autor do texto alude demonstra grande sabedoria ao avaliar os homens fortes e os fracos.

e) A interpretação ..... o autor do texto dá às palavras do monge pode e merece ser discutida.

4. (FCC – TRT – 2ª Região (SP) – Técnico Judiciário – Área Administrativa – 2014)

Quando se dizia "*livro*", todos entendiam um objeto de peso e volume, composto de folhas encadernadas, protegidas por papelão ou couro, <u>nas quais</u> se gravavam a tinta palavras ou imagens. A expressão acima destacada é equivalente à sublinhada na seguinte frase:

a) As janelas <u>sob as quais</u> foram gravadas as cenas eram pintadas de verde.

b) As folhas rubricadas, <u>as quais</u> entreguei à secretária, foram anexadas ao prontuário.

c) As urnas <u>em que</u> foram depositados os votos foram lacradas pela diretoria do clube.

d) Os rapazes <u>de quem</u> foram gravados os depoimentos foram entrevistados ontem.

e) O livro de onde retirei a citação está emprestado.

5. (FCC – TRT – 2ª Região (SP) – Técnico Judiciário – Área Administrativa – 2014)

Observadas a regência e a flexão verbal, está correta a seguinte frase:

a) Ressentiu-se, com razão, da oposição da prima, e pensou que, se expusesse com calma seus motivos, poderia obter sua concordância.

b) A casa que, na época, nos instalamos era a que podíamos pagar, mas tínhamos um pacto: se todos se mantessem firmes em seus empregos, moraríamos melhor.

c) Aborreceu-se de tanta conferência de abaixo-assinados e requis transferência para outro setor da administração.

d) Dizem que é ele que obstroi a discussão, por isso, para defender-se, aludiu o nome do responsável pelo atraso.

e) Medio, sim, seu encontro com esse advogado mais experiente, pois sei como você está temeroso pelo poder de argumentação do promotor.

6. (FCC – Câmara Municipal de São Paulo – SP – Procurador Legislativo – 2014)

Ao formular uma proposta educacional ..... centro estaria a ecologia, o autor do texto ressalta a importância ..... se vêm revestindo os estudos do meio.

Preenchem adequadamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) de cujo – em que

b) pela qual no – para a qual

c) aonde o – de cuja

d) onde o – pela qual

e) em cujo – de que

7. (FCC – TRT – 4ª Região (RS) – Analista Judiciário – Área Judiciária – 2015)

Em nenhum momento da história a sociedade, como um todo, conseguiu sustentar facilmente os custos exorbitantes da ópera.

Na frase acima, a locução verbal está empregada com regência idêntica à presente em:

a) O crítico elegeu o jovem cantor o maior artista da temporada.

b) Apresentou-nos currículo repleto de menções honrosas.

c) Sem falsa modéstia, recebeu a ovação com elegância e alegria.

d) Tentou cantar de modo condizente com as recomendações do maestro.

e) Jamais se afastou daquele velho conselho do pai.

8. (FCC – TRT – 15ª Região – Analista Judiciário – Odontologia – 2015)

No contexto dado, possui a mesma regência do verbo presente no segmento *A escravidão que denunciava com dureza*, o que se encontra sublinhado em:

a) *Quem fala, hoje, dos 30 milhões de escravos...*

b) *... número que hoje oscila entre os 13 milhões e os 14 milhões...*

c) *... antes de portugueses ou espanhóis comprarem negros na África rumo ao Novo Mundo.*

d) ... o Global Slavery Index *é um belo retrato da nossa miséria...*

e) *Não é preciso assistir a 12 Anos de Escravidão...*

9. (FCC – Manausprev – Técnico Previdenciário – 2015)

O elemento em destaque está empregado corretamente em:

a) As obras de arte de que se tenta retratar a natureza, emprestam-lhe voz humana.

b) A árvore é símbolo recorrente com que fazemos uso para falar de meio ambiente.

c) A natureza, por cuja preservação lutamos, nega-se, no entanto, a ser domesticada.

d) Natureza e arte não são elementos estanques, esta faz a que melhor compreendamos aquela.

e) Cada vez mais o mundo tecnológico nos afasta da natureza em que fazemos parte.

10. (FCC – TRE-RR – Analista Judiciário – Área Judiciária – 2015)

Não impressionou ao conde Afonso Celso, de quem contam que respondeu assim a um sujeito ...

A expressão sublinhada acima preenche corretamente a lacuna existente em:

a) O novo acadêmico demonstrou grande afeição ..... compartilha das mesmas ideias literárias e aborda os mesmos temas.

b) O discurso de recepção do novo integrante do grupo deveria ser pronunciado ..... apresentasse maior afinidade entre ambos.

c) Aqueles ..... caberia manifestar apoio aos defensores da causa em discussão ainda não haviam conseguido chegar à tribuna.

d) O acadêmico, ... todos esperavam um vigoroso aparte contrário ao pleito, permaneceu em silêncio na tumultuada sessão

e) Em decisão unânime, os acadêmicos ofereceram dados da agremiação ..... desejasse participar da discussão daquele dia.

11. (Copergás/PE – Téc. Seg. Trabalho – FCC – Jul./2016 – Adaptada)

O projeto apoiado pelo físico ambiciona produzir aeronaves do tamanho de um chip *usado em equipamentos eletrônicos e lançar milhares dessas "mininaves" na órbita da Terra.*

Esse trecho está corretamente reescrito, respeitando-se o sentido original, em:

O projeto apoiado pelo físico

a) visa à produzir aeronaves do tamanho de um *chip* usado em equipamentos eletrônicos como intuíto em lançar-lhe na órbita da Terra.

b) tem a intenção por produzir aeronaves do tamanho de um *chip* usado em equipamentos eletrônicos à fim de lançá-los na órbita da Terra.

c) busca à produção de aeronaves do tamanho de um *chip* usado em equipamentos eletrônicos à vista de lançar-lhes na órbita da Terra.

d) aspira à produção de aeronaves do tamanho de um *chip* usado em equipamentos eletrônicos para lançá-las na órbita da Terra.

e) objetiva à produção de aeronaves do tamanho de um *chip* usado em equipamentos eletrônicos com o proposito a lançá-lo na órbita da Terra.

12. (Copergás/PE – Analista Administrador – FCC – Jul./2016)

Quanto à **regência** e à **concordância**, considere:

I. Os mal-entendidos que nem se imaginavam existir no que concerne da universalidade da música devem-se à confusão criada entre o fenômeno e a linguagem da música.

II. Constam que todos os povos cultivam formas musicais, salientando-se as que apresentam um ritmo mais batido, que nos impelem de dançar.

III. Assiste-se, nos dias de hoje, ao fenômeno da expansão abusiva de músicas comerciais, pela qual são responsáveis os ambiciosos produtores de discos e diretores de rádios.

É inteiramente adequado o emprego de todas as formas verbais SOMENTE em

a) I.

b) II.

c) III.

d) I e II.

e) II e III.

13. (Eletrobras/Eletrosul – Adm. Empres. – FCC – Jun./2016)

Está correto o emprego de **ambos** os elementos sublinhados em:

a) O efeito <u>de que</u> as moças pretendem obter em suas fainas, ao fim e ao cabo <u>realizam-se</u> como pretendido.

b) A técnica ilusória <u>com cuja</u> as moças contam acaba por se mostrar favorável <u>diante do</u> batatal.

c) Consiste a magia das moças maoris, a cada plantação, de cantar e dançar para que se <u>alcance</u> os melhores resultados.

d) A magia de um rito, <u>cuja</u> força as moças convocam no plantio, não as <u>deixa</u> frustrar-se.

e) As sementeiras de batatas, <u>de cujo</u> plantio as moças se aplicam, estão sujeitas para com os efeitos do vento leste.

Leia o texto a seguir para responder à questão 14.

Texto I

Naquele novo apartamento da rua Visconde de Pirajá pela primeira vez teria um escritório para trabalhar. Não era um cômodo muito grande, mas dava para armar ali a minha tenda de reflexões e leitura: uma escrivaninha, um sofá e os livros. Na parede da esquerda ficaria a grande e sonhada estante onde caberiam todos os meus livros. Tratei de encomendá-la a seu Joaquim, um marceneiro que tinha oficina na rua Garcia D' Ávila com Barão da Torre.

O apartamento não ficava tão perto da oficina. Era quase em frente ao prédio onde morava Mário Pedrosa, entre a Farme de Amoedo e a antiga Montenegro, hoje Vinicius de Moraes. Estava ali havia uma semana e nem decorara ainda o número do prédio.

Tanto que, quando seu Joaquim, ao preencher a nota de encomenda, perguntou-me onde seria entregue a estante, tive um momento de hesitação. Mas foi só um momento. Pensei rápido: "Se o prédio do Mário é 228, o meu, que fica quase em frente, deve ser 227". Mas lembrei-me de que, ao ir ali pela primeira vez, observara que, apesar de ficar em frente ao do Mário, havia uma diferença na numeração.

– Visconde de Pirajá, 127 – respondi, e seu Joaquim desenhou o endereço na nota.

– Tudo bem, seu Ferreira. Dentro de um mês estará lá sua estante.

– Um mês, seu Joaquim! Tudo isso? Veja se reduz esse prazo.

– A estante é grande, dá muito trabalho... Digamos, três semanas.

Ferreira Gullar. A estante. In: *A estranha vida banal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989 (com adaptações).

14. (INSS – Técnico Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

Julgue o seguinte item como Certo (C) ou Errado (E), a respeito de aspectos linguísticos do texto I.

A correção gramatical e o sentido do texto seriam preservados, caso se substituísse o trecho "lembrei-me de que" (l. 11) por **lembrei que**.

Leia o texto a seguir para responder à questão 15.

As primeiras moedas, peças representando valores, geralmente em metal, surgiram na Lídia (atual Turquia), no século VII a.C. As características que se desejava ressaltar eram transportadas para as peças por meio da pancada de um objeto pesado, em primitivos cunhos. Com o surgimento da cunhagem a martelo e o uso de metais nobres, como o ouro e a prata, os signos monetários passaram a ser valorizados também pela nobreza dos metais neles empregados.

Embora a evolução dos tempos tenha levado à substituição do ouro e da prata por metais menos raros ou suas ligas, preservou-se, com o passar dos séculos, a associação dos atributos de beleza e expressão cultural ao valor monetário das moedas, que quase sempre, na atualidade, apresentam figuras representativas da história, da cultura, das riquezas e do poder das sociedades.

A necessidade de guardar as moedas em segurança levou ao surgimento dos bancos. Os negociantes de ouro e prata, por terem cofres e guardas a seu serviço, passaram a aceitar a responsabilidade de cuidar do dinheiro de seus clientes e a dar recibos escritos das quantias guardadas. Esses recibos passaram, com o tempo, a servir como meio de pagamento por seus possuidores, por ser mais seguro portá-los do que portar dinheiro vivo. Assim surgiram as primeiras cédulas de "papel moeda", ou cédulas de banco; concomitantemente ao surgimento das cédulas, a guarda dos valores em espécie dava origem a instituições bancárias.

Casa da Moeda do Brasil: 290 anos de História, 1694/1984

15. (Cespe – Caixa – Nível Superior – 2014)

No que se refere aos aspectos linguísticos, à classificação tipológica do texto acima e às ideias nele expressas, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

A substituição da preposição "a", em "a dar recibos escritos das quantias guardadas" (l. 12), pela preposição "de" manteria a correção gramatical do texto, embora acarretasse alteração de sentido.

Leia o texto a seguir para responder à questão 16.

Texto I

A moeda, como hoje é conhecida, é o resultado de uma longa evolução. No início, não havia moeda, praticava-se o escambo. Algumas mercadorias, pela sua utilidade, passaram a ser mais procuradas do que outras. Aceitas por todos, assumiram a função de moeda, circulando como elemento trocado por outros produtos e servindo para avaliar-lhes o valor. Eram as moedas-mercadorias. O gado, principalmente o bovino, foi dos mais utilizados. O sal foi outra moeda-mercadoria; de difícil obtenção, era muito utilizado na conservação de alimentos. Ambas deixaram marca de sua função como instrumento de troca no vocabulário português, em palavras como pecúnia e pecúlio, capital e salário.

Com o passar do tempo, as mercadorias se tornaram inconvenientes às transações comerciais, devido à oscilação de seu valor, pelo fato de não serem fracionáveis e por serem facilmente perecíveis, o que não permitia o acúmulo de riquezas. Surgiram, então, no século VII a.C., as primeiras moedas com características semelhantes às das atuais: pequenas peças de metal com peso e valor definidos e com a impressão do cunho oficial, isto é, a marca de quem as emitiu e garante o seu valor.

Os primeiros metais utilizados na cunhagem de moedas foram o ouro e a prata. O emprego desses metais se impôs, não só por sua raridade, beleza, imunidade à corrosão e por seu valor econômico, mas também por antigos costumes religiosos. Durante muitos séculos, os países cunharam em ouro suas moedas de maior valor, reservando a prata e o cobre para os valores menores. Esses sistemas se mantiveram até o final do século XIX, quando o cuproníquel e, posteriormente, outras ligas metálicas passaram a ser empregados e a moeda passou a circular pelo seu valor extrínseco, isto é, pelo valor gravado em sua face, que independe do metal nela contido.

Na Idade Média, surgiu o costume de guardar os valores com um ourives, pessoa que negociava objetos de ouro e prata e que, como garantia, entregava um recibo. Esse tipo de recibo passou a ser utilizado para efetuar pagamentos, circulando de mão em mão, e deu origem à moeda de papel. Com o tempo, da forma como ocorreu com as moedas, os governos passaram a conduzir a emissão de cédulas, controlando as falsificações e garantindo o poder de pagamento. Atualmente, quase todos os países possuem bancos centrais, encarregados das emissões de cédulas e moedas.

Disponível em: <www.bcb.gov.br> (com adaptações).

16. (Cespe – Caixa – Técnico Bancário – 2014)

Julgue o próximo item, relativo às ideias expressas no texto ao lado e a aspectos linguísticos desse texto, como Certo (C) ou Errado (E).

No trecho "devido à oscilação de seu valor, pelo fato de não serem fracionáveis e por serem facilmente perecíveis" (l. 8-9), a substituição dos elementos sublinhados por **ao** e **a**, respectivamente, preservaria a correção gramatical e o sentido original do texto.

Leia o texto a seguir para responder à questão 17.

O fator mais importante para prever a *performance* de um grupo é a igualdade da participação na conversa. Grupos em que poucas pessoas dominam o diálogo têm desempenho pior do que aqueles em que há mais troca. O segundo fator mais importante é a inteligência social dos seus membros, medida pela capacidade que eles têm de ler os sinais emitidos pelos outros membros do grupo. As mulheres têm mais inteligência social que os homens, por isso grupos mais diversificados têm desempenho melhor.

Gustavo Ioschpe. *Veja*, 31/12/2014, p. 33 (com adaptações)

17. (Cespe – FUB – 2015)

Julgue o item seguinte como Certo (C) ou Errado (E), referente às ideias e às estruturas linguísticas do texto acima.

Na linha 2, a supressão do termo “ em” manteria a correção gramatical e o sentido original do período.

Leia o texto a seguir para responder à questão 18.

A metrópole de São Paulo vem se tornando mais heterogênea econômica, social e espacialmente e menos desigual quanto a renda, inserção no mercado de trabalho e condições de vida de seus habitantes, mesmo nas áreas mais precárias. A imagem emerge dos treze ensaios que compõem o livro **A Metrópole de São Paulo no Século XXI – Espaços, Heterogeneidades e Desigualdades**, os quais abordam temas específicos, a partir de um diagnóstico comum, para construir um panorama atual da região metropolitana. Tal retrato resulta das mudanças de diversas dimensões pelas quais a metrópole passou na última década, do perfil da pobreza às dinâmicas migratórias e ligadas ao crescimento demográfico, dos moldes de segregação social à produção habitacional e à mobilidade urbana.

A fisionomia da metrópole, central na economia do país, reflete a conjuntura de modo especial, segundo o organizador. Assim, tiveram impactos particulares na região metropolitana a redemocratização, na década de 80 do século XX (com a volta das eleições regulares e com a constituição de sistemas nacionais de políticas públicas), estabilização econômica, a abertura do mercado interno da década de 90 e o crescimento econômico vigoroso da primeira década do século XXI.

Disponível em: <www.fflch.usp.br> (com adaptações).

18. (Pref. SP – Agente Gestão P. Públicas – Cespe – Maio/2016)

Seriam mantidas a coerência e a correção gramatical do texto IV, caso a forma verbal “ tiveram” (L. 10) fosse substituída por:

a) possuíram.

b) sofreram.

c) realizaram.

d) houve.

e) causaram.

Leia o texto a seguir para responder à questão 19.

Texto 1 – Problemas Sociais Urbanos

Dentre os problemas sociais urbanos, merece destaque a questão da segregação urbana, fruto da concentração de renda no espaço das cidades e da falta de planejamento público que vise à promoção de políticas de controle ao crescimento desordenado das cidades. A especulação imobiliária favorece o encarecimento dos locais mais próximos dos grandes centros, tornando-os inacessíveis à grande massa populacional. Além disso, à medida que as cidades crescem, áreas que antes eram baratas e de fácil acesso tornam--se mais caras, o que contribui para que a grande maioria da população pobre busque por moradias em regiões ainda mais distantes.

Essas pessoas sofrem com as grandes distâncias dos locais de residência com os centros comerciais e os locais onde trabalham, uma vez que a esmagadora maioria dos habitantes que sofrem com esse processo são trabalhadores com baixos salários. Incluem-se a isso as precárias condições de transporte público e a péssima infraestrutura dessas zonas segregadas, que às vezes não contam com saneamento básico ou asfalto e apresentam elevados índices de violência.

A especulação imobiliária também acentua um problema cada vez maior no espaço das grandes, médias e até pequenas cidades: a questão dos lotes vagos. Esse problema acontece por dois principais motivos: 1) falta de poder aquisitivo da população que

possui terrenos, mas que não possui condições de construir neles e 2) a espera pela valorização dos lotes para que esses se tornem mais caros para uma venda posterior. Esses lotes vagos geralmente apresentam problemas como o acúmulo de lixo, mato alto, e acabam tornando-se focos de doenças, como a dengue.

PENA, Rodolfo F. Alves. "Problemas socioambientais urbanos"; Brasil Escola. Disponível em http://brasilescola.uol.com.br/brasil/problemas-ambientais-sociais-decorrentes-urbanização.htm. Acesso em 14 de abril de 2016.

19. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

" que vise à promoção de políticas de controle"; nesse segmento de texto 1 emprega-se corretamente a regência do verbo *visar*, que muda de sentido conforme seja transitivo direto ou transitivo indireto.

O verbo abaixo em que NÃO ocorre a mesma possibilidade de dupla regência e duplo sentido é:

a) aspirar;

b) assistir;

c) carecer;

d) chamar;

e) precisar.

20. (BB – Escriturário – Cesgranrio – Out./2015)

De acordo com as regras de regência verbal estabelecidas pela norma-padrão da Língua Portuguesa, o elemento destacado está adequadamente empregado em:

a) Os inadimplentes infringem aos regulamentos estabelecidos pelas financeiras ao deixar de cumprir os prazos dos empréstimos.

b) Os comerciantes elogiaram aos bancos às medidas tomadas a favor de seus empreendimentos.

c) Vários executivos procuram realizar cursos de especialização porque cobiçam aos estágios mais avançados da carreira.

d) Os funcionários mais graduados das grandes empresas aspiram aos melhores cargos tendo em vista o aumento de seu poder aquisitivo.

e) Algumas grandes empresas responsáveis pelas redes sociais ludibriam aos princípios estabelecidos por lei ao permitir postagens agressivas.

21. (SEED-SP – An. Administrativo – Vunesp – Maio/2016)

Assinale a alternativa em que o trecho, adaptado da revista *IstoÉ*, edição de 06.03.2013, está correto quanto à colocação pronominal, à regência e à concordância.

a) No Rio, o que se entende por zona portuária reúne os bairros da Saúde, Gamboa e Santo Cristo, além dos morros da Conceição, Pinto, Providência e Livramento. Todos passarão por processos de revitalização urbana intensa até 2016.

b) No Rio, o que entende-se de zona portuária reúnem os bairros da Saúde, Gamboa e Santo Cristo, além dos morros da Conceição, Pinto, Providência e Livramento. Todos passarão por processos de revitalização urbana intenso até 2016.

c) No Rio, o que entendem-se por zona portuária reúnem os bairros da Saúde, Gamboa e Santo Cristo, além dos morros da Conceição, Pinto, Providência e Livramento. Todos passarão por processos de revitalização urbana intenso até 2016.

d) No Rio, o que entende-se pela zona portuária reúne os bairros da Saúde, Gamboa e Santo Cristo, além dos morros da Conceição, Pinto, Providência e Livramento. Todos passarão por processos de revitalização urbana intensa até 2016.

e) No Rio, o que se entendem em zona portuária reúne os bairros da Saúde, Gamboa e Santo Cristo, além dos morros da Conceição, Pinto, Providência e Livramento. Todos passarão por processos de revitalização urbana intensos até 2016.

22. (IPSMI – Procurador – Vunesp – Abril/2016)

A alternativa que apresenta, nos parênteses, regência verbal de acordo com a norma-padrão, em substituição à expressão destacada no trecho do texto, é:

a) ... empurram e **atropelam as outras** para entrar primeiro no vagão do trem (pisoteiam nas outras).

b) ...quando chega a casa já está na hora de **ir para o trabalho**. (dirigir-se no trabalho).

c) passou tardes longas **vendo pela milésima vez a segunda temporada** de " Grey's Anatomy" (assistindo pela milésima vez à segunda temporada).

d) ...e ambos **perceberam que a felicidade** é uma questão de tempo (conscientizaram-se que a felicidade).

e) ...se ela não **tivesse tanto tempo** não teria nem tempo para falar do tempo (dispusesse a tanto tempo).

23. (Unesp – Ass. Administrativo I – Vunesp – Abril/2016)

A alternativa que reescreve a passagem – Ser menino também pode não ser fácil, principalmente se os pais acreditarem que podem definir o que ele deve sentir ou gostar – apresentando regência de acordo com a norma-padrão é:

a) Ser menino também tende a não ser fácil, principalmente se os pais se puserem a definir aquilo de que ele deve gostar e o que deve sentir.

b) Ser menino também não costuma de ser fácil, principalmente se os pais se dispõem em definir do que ele deve sentir e gostar.

c) Ser menino também corre o risco de não ser fácil, principalmente se os pais decidirem a definir o que ele deve de gostar e sentir.

d) Ser menino também implica em dificuldades, principalmente se os pais se meterem em definir naquilo que ele deve sentir e no que deve gostar.

e) Ser menino também representa dificuldade, principalmente se os pais se intrometerem de definir o que ele deve gostar e do que deve sentir.

24. (Unifesp – Técnico Seg. Trab. – Vunesp – Abril/2016)

Muitos pensam em desistir _____ uma carreira, pois acreditam que não estejam aptos _____ enfrentar o difícil exame do vestibular.

Em conformidade com a norma-padrão, as lacunas da frase devem ser preenchidas, respectivamente, com:

a) de ... à

b) a ... em

c) em ... de

d) de ... para

e) à ... a

25. (MPE/SP- Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Assinale a alternativa correta quanto à regência verbal, de acordo com a norma-padrão.

a) Todos perdoavam do defeito ao Joaquim por não ser culpa dele.

b) Todos perdoavam o defeito para o Joaquim por não ser culpa dele.

c) Todos perdoavam ao defeito do Joaquim por não ser culpa dele.

d) Todos perdoavam o defeito ao Joaquim por não ser culpa dele.

e) Todos perdoavam ao defeito no Joaquim por não ser culpa dele.

Leia o texto a seguir para responder à questão 26.

Japão irá auxiliar Minas Gerais com a experiência no enfrentamento de tragédias

Acostumados a lidar com tragédias naturais, os japoneses costumam se reerguer em tempo recorde depois de catástrofes. Minas irá buscar experiência e tecnologias para superar a tragédia em Mariana

A partir de janeiro, Minas Gerais irá se espelhar na experiência de enfrentamento de catástrofes e tragédias do Japão, para tentar superar Mariana e recuperar os danos ambientais e sociais. Bombeiros mineiros deverão receber treinamento por meio da Agência de Cooperação Internacional do Japão (Jica), a exemplo da troca de experiências que já acontece no Estado com a polícia comunitária, espelhada no modelo japonês Koban.

O terremoto seguido de um tsunami que devastou a costa nordeste do Japão em 2011 deixando milhares de mortos e desaparecidos, e prejuízos que quase chegaram a US$ 200 bilhões, foi uma das muitas tragédias naturais que o país enfrentou nos últimos anos. Menos de um ano depois da catástrofe, no entanto, o Japão já voltava à rotina. É esse tipo de experiência que o Brasil vai buscar para lidar com a tragédia ocorrida em Mariana.

(Juliana Baeta. Disponível em: http://www.otempo.com.br, 10.12.2015. Adaptado.)

26. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Assinale a alternativa correta quanto à norma-padrão e aos sentidos do texto.

a) As parcerias nipo-brasileiras pautam-se em cooperação para contornar as tragédias.

b) Tanto o Brasil quanto o Japão estão certos que as parcerias nipo-brasileiras renderão bons frutos.

c) A experiência do Japão mostra que não há como discordar com as parcerias nipo-brasileira.

d) A catástrofe vivida em Mariana revela de que são importantes as parcerias nipos-brasileiras.

e) Não se pode esquecer a irrelevância dos momentos de tragédia e das parcerias nipo-brasileira.

27. (Unesp – Assistente Administrativo – Vunesp – Fev./2016)

Assinale a alternativa em que a expressão entre colchetes substitui corretamente aquela destacada em negrito, segundo a norma-padrão.

a) Se uma despesa avança em velocidade **incompatível com a** receita... [que não harmoniza-se da]

b) ... só há dois caminhos **para corrigir a** distorção... [que corrige-se a]

c) O orçamento de um governo é **semelhante ao** de uma pessoa comum. [comparável como]

d) Mas quem já paga tributos (muitos) **não vê com bons olhos** tal alternativa. [não mostra-se favorável de]

e) ... o sistema ativo **é insuficiente para garantir** o funcionamento da engrenagem... [não encontra-se apto à garantir]

Gabarito: 1. b; 2. b; 3. c; 4. c; 5. a; 6. e; 7. c; 8. c; 9. c; 10. d; 11. d; 12. c; 13. d; 14. C; 15. C; 16. E; 17. E; 18. d; 19. c; 20. d; 21. a; 22. c; 23. a; 24. d; 25. d; 26. a; 27. c.

19 CRASE

19.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

A crase é a fusão de duas vogais iguais. Na escrita, esse fenômeno vem marcado com o acento grave.

As **justificativas** para o uso do acento grave **são duas**:

1ª justificativa: casos de contração
a) preposição a + artigo definido a (a + a(s) = à(s)).
b) preposição a + pronomes demonstrativos a(s)(= aquela(s)), aquele(s), aquela(s), aquilo.
c) preposição a + pronome relativo a qual/as quais.

Importante: No caso de contração de preposição **A** com artigo feminino A, a preposição aparece por exigência de um verbo (regência verbal) ou de um nome (regência nominal). O artigo, por exigência de um substantivo feminino. Veja o modelo:
"Os universitários leem como se assistissem [a] à [a] televisão com um controle remoto."

Uma maneira prática de saber se a palavra feminina aceita ou não artigo é usá-la na função de sujeito. Na **ordem direta**, você diria "A televisão nos diverte" ou "Televisão nos diverte"? Com certeza, usaria a primeira forma. Portanto, a palavra "televisão" aceita artigo feminino. Se o verbo ou o nome não pedir preposição **A** ou se a palavra seguinte não aceitar artigo feminino, não ocorrerá o fenômeno da crase.

Essa explicação vai servir para mostrar os casos **em que há** o acento grave, **em que não há** e quando o uso do acento é **facultativo**.

Vejamos alguns exercícios comentados.

Complete as lacunas das frases usando a, à, as, às.

1. Cheguei cedo ( ) ___ ( ) repartição.
2. Pediram ( ) ___ ( ) jovem que comparecesse ( ) ___ ( ) secretaria.
3. Fiz alusão ( ) ____ ( ) crianças.
4. Fui ( ) ____ ( ) Grécia ano passado.
5. Fui ( ) ____ ( ) Brasília de minha infância.
6. Obedeça ( ) ____ ( ) senhorita/senhora/madame.

Comentários:

Nas frases de 1 a 6, observa-se a presença da preposição **a** exigida por "chegar [a]", "Pediram [a]... comparecessem

[a]", "alusão [a]", "Fui [a] e "Obedeça [a]". Como as palavras femininas que se seguem aceitam **artigo feminino** ("a [a] repartição", "[a] jovem… [a] secretaria", " [as] crianças, "[a] Grécia", " [a] Brasília de minha infância" e [a] senhorita/senhora/madame", ocorre o fenômeno da crase. Portanto, temos a fusão da preposição a com artigo definido a.

Aqui, vale um recado sobre as frases 4 e 5:

Atenção nas frases 4 e 5: Quando aparece nome de lugar (Grécia, Brasília...), para saber se aceita ou não artigo, procedemos da mesma maneira como foi apresentado na teoria: se, na função de sujeito, pudermos usar o artigo é porque o nome do lugar aceita. Caso contrário, só aparece a preposição a. Por exemplo:

– A Grécia é um país que me encanta. (aceita artigo)

(suj.)

– Brasília é a capital do Brasil (e não A Brasília é...; logo, Brasília não aceita artigo). No entanto, se o nome do lugar vier determinado, usaremos o artigo.

Na frase 6, o verbo "obedecer" pede preposição A e os pronomes de tratamento "senhorita", "senhora" e "madame" aceitam o artigo A. Mais à frente, veremos os pronomes de tratamento que não aceitam o artigo A.

As frases de 1 a 6 são exemplos de contração de preposição **a** + artigo feminino **a.**

Respostas: 1. à; 2. à; 3. às; 4. à; 5. à; 6. à.

7. Fiz referência ( ) ___ que gesticulava freneticamente.

8. Emprestei o livro ( ) aquela velha amiga.

9. Emprestei o livro ( ) aquele velho amigo.

Comentários:

Nas frases 7, 8 e 9, há contração de preposição **a** com **pronomes demonstrativos**: "Fiz referência [a] + a (= aquela) que gesticulava", "Emprestei o livro [a] + aquela" e "Emprestei o livro [a] + aquele".

Na frase 7, aparece o **a** como pronome demonstrativo. Aqui, vale um recado:

O pronome demonstrativo a(s) aparece, geralmente, antes de que relativo ou de preposição de, quando fica claro o valor semântico de demonstrativo. Observe:

"Refiro-me à (= àquela) da direita."

"Refiro-me à (= àquela) que chegou de branco."

Respostas: 7. à; 8. àquela; 9. àquele.

10. A moça a qual me referi [ ] era uma velha amiga.

Comentários:

A frase 10 mostra o pronome relativo a qual, que introduz oração adjetiva e já possui a letra a. Com esse conectivo, haverá acento no a do a qual se, dentro da oração adjetiva, algum termo pedir preposição a. Observe:

… a qual me referi (*Eu me referi a*). Logo, a preposição *a* do verbo *referir-se* encontra-se com o *a* de *a qual*: *… à qual me referi…*

Resposta: 10. à qual.

Crase obrigatória: – preposição a + artigo definido a(s) (frases 1 a 6) – preposição a + pronomes demonstrativos a(s), aquela(s), aquele(s), aquilo (frases 7 a 9) – preposição a + pronome relativo a qual/as quais (frase 10)

11. Falou ( ) ___ ( ) João.

12. Começou ( ) ___ ( ) ventar.

13. Aludiu ( ) ___ ( ) V.Exª/você.

14. Fui ( ) ___ ( ) Brasília.

15. Ofereci ajuda ( ) ___ ( ) esta/essa/uma/qualquer pessoa.

16. Dedicou o prêmio ( ) ___ ( ) ela.

Comentários:

Importante: usaremos o código [x] para mostrar que não se usa **a**.

Nas frases de 11 a 16, ocorre apenas a presença da preposição **a**, pois *João*, nome próprio masculino, não aceita artigo feminino (*Falou* [a] [x] João); *ventar* é verbo, não vem com artigo ("Começou [a] [x] ventar"); pronomes de tratamento não aceitam artigo, exceção feita aos tratamentos senhorita, senhora e madame da frase 6.

E por que esses tratamentos aceitam artigo e V. Exª e você não aceitam? No início desse assunto mostramos uma maneira prática de saber se substantivos ou pronomes aceitam ou não artigo: iniciar uma frase na **ordem direta** (sujeito + verbo + complemento). Por exemplo:

A *senhorita*/*senhora*/*madame* aceita minhas desculpas?

Agora, você diria "A V. Exª/você aceita minhas desculpas?" ou "V.Exª/você aceita minhas desculpas?". Certamente é a última que seria usada.

Aqui, vale um recado:

Atenção: Os pronomes de tratamento não aceitam artigo, com exceção a senhorita, senhora e madame.

Teríamos, portanto, na frase 13, só a preposição ("Aludiu [a] [x] V. Exª (você)").

Na 14, seguindo o mesmo princípio, Brasília não aceita artigo – *Brasília é a capital do Brasil* ("Fui [a] [x] Brasília"). Na frase 15, os pronomes esta, essa, qualquer e o pronome indefinido uma também não aceitam artigo

(forme uma frase, na **ordem direta,** usando esses pronomes na função de sujeito e verá que não vêm com artigo – *Esta*/*Essa*/*Qualquer pessoa inteligente*). *Uma pessoa esteve procurando*, e não A esta/essa/qualquer/uma pessoa esteve te procurando. Só preposição ("Ofereci ajuda [a] [x] esta…")

Na frase 16, a mesma explicação ("Dedicou o prêmio [a] [x] ela"), já que os pronomes pessoais também não aceitam artigo. Logo, se aparece apenas um **a**, não ocorrerá o fenômeno de crase.

Respostas: 11. a; 12. a; 13. a; 14. a; 15. a; 16. a.

17. A diretora ( ) que me referi chegou.

18. A diretora ( ) quem me referi chegou.

19. A escritora ( ) cuja obra me referi ganhou um prêmio.

20. A escritora ( ) a qual admiro ganhou um prêmio.

Comentários:

As frases 17, 18 e 19 exemplificam o uso de pronomes relativos antecedidos de preposição **a**, porque também esses conectivos não admitem a presença de artigo.

Na frase 20, *a qual* não recebe acento grave porque o verbo **admirar** não pede preposição **a** (confronte com a frase **10**, em que o **a** do a qual recebe acento porque o verbo referir-se rege preposição **a**).

Respostas: 17. a; 18. a; 19. a; 20. a qual.

Atenção: Antes do pronome relativo que só haverá acento no a quando o termo anterior pedir preposição a e aparecer um a com valor de demonstrativo, o que dá para perceber com certa facilidade. Veja a frase 7 ("Fiz referência à que gesticulava freneticamente"). Na 17 isso não ocorre ("A diretora aquela que me referi?"). Certamente, numa redação, você não usaria essa construção.

Portanto, vale sistematizar:

Os pronomes relativos e a crase:

1. Ocorrerá crase nos relativos a qual, as quais, se esses pronomes vierem antecedidos de preposição, exigida por um termo (verbo ou nome) que vem após esses relativos. (frase 10)
2. Diante do pronome relativo que, normalmente não há crase, pois esse pronome não admite artigo. O a que vem antes do que é apenas preposição. (frase 17). Entretanto, o pronome relativo que poderá vir antecedido de a acentuado, quando o a(s) for demonstrativo (= aquela). (frase 7)
3. Antes de quem, cujo, cuja, cujos, cujas, jamais ocorrerá crase, pois esses pronomes não aceitam artigo. O a que os anteceder será apenas preposição. (frases 18 e 19)

21. Perdeu o gol cara ( ) cara.

Comentários:

Na frase 21, mais um caso em que nunca se usa acento grave: entre palavras repetidas. Esse a é apenas preposição.

Resposta: 21. a.

Crase proibida:
1. antes de palavra masculina;
2. antes de verbos;
3. antes de pronomes de tratamento, como V.Exª, você, Sua Excelência...; exceto com madame, senhora e senhorita;
4. com nomes de lugar que não aceitam artigo a;
5. antes de pronomes demonstrativos este, esta, esse, essa;
6. com pronomes indefinidos (alguém, nenhum...);
7. antes de artigo indefinido (um, uma);
8. entre palavras repetidas.

22. Ofereci ajuda ( ) __ ( ) Maria.

23. Fez menção ( ) ___ ( ) Cecília Meireles.

24. Ofereci ajuda ( ) ___ ( ) minha/sua/nossa amiga.

25. Ofereci ajuda ( ) ___ ( ) minha amiga e não ( ) ___ ( ) sua.

26. Corri até ( ) ___ ( ) sala.

Comentários:

Nas frases de 22 a 26, temos exemplos de uso facultativo do acento grave. São três os casos de uso facultativo:

1º) Antes de nome próprio feminino: podemos usar o artigo ou não.

"A Maria esteve te procurando" ou "Maria esteve te procurando" ("Ofereci ajuda [a] [a] ou [x] Maria")

Antes de nomes ilustres, porém, não aparece artigo.

("Fez menção [a] [x] Cecília Meireles")

2º) Antes de pronome possessivo feminino singular: podemos usar o artigo ou não.

"A minha/sua/nossa amiga chegou" ou "Minha/Sua/Nossa amiga chegou" ("Ofereci ajuda [a] [a] ou [x] minha/sua/nossa amiga").

Todavia, antes de possessivo feminino singular com substantivo feminino subentendido, acento obrigatório. Veja:

"Ofereci ajuda [a] [a] ou [x] minha amiga e não [a] [a] sua (amiga)".

3º) Após a preposição até, é facultativo o uso do acento grave, uma vez que existe até (preposição) e até a (locução prepositiva que termina em a).

Respostas: 22. à ou a; 23. a; 24. à ou a; 25. à ou a; 26. à ou a.

Crase facultativa:
1. antes de nome próprio feminino;
2. antes de pronome possessivo feminino no singular;
3. após a preposição até.

2ª justificativa: casos de locuções femininas
- adverbiais: às vezes, às pressas, à toa, à beça, às duas horas, à mingua...
- prepositivas: à beira de, à espera de, às expensas de, à moda de, à procura de...
- conjuntivas: à medida que, à proporção que.

No início deste capítulo, dissemos que as justificativas para o uso do acento grave são duas. A primeira trata da **contração** da preposição **a** mais artigo definido feminino, pronomes demonstrativos e relativo a qual.

Agora, vamos ao segundo caso: **as locuções femininas.**

Diferentemente do primeiro, aqui não temos de achar dois as. Nas locuções, a questão é semântica, ou seja, aparecem expressões femininas com ideia de tempo, intensidade, modo, lugar, proporção etc.

A sistematização em adverbiais, prepositivas e conjuntivas é por causa da forma: as prepositivas terminam em preposição (à beira de, à moda de, à espera de, à procura de...); as conjuntivas, em conjunção (à medida que e à proporção que).

Já as adverbiais não têm uma terminação característica. Sabemos que são locuções adverbiais por causa dos valores circunstanciais próprios do advérbio (tempo, lugar, intensidade...).

Seguem alguns exercícios comentados.

Use o acento grave nas locuções femininas, quando se exigir.

1. Compro sempre _____ vista, nunca _____ prazo.

2. Gostava de churrasco _____ Osvaldo Aranha.

3. Queria tudo _____ claras.

Comentários:

Não custa nada lembrar: acento nas locuções só se for feminina.

Na frase 1, só a primeira (*à vista*) é locução feminina, pois prazo é vocábulo masculino.

Na 2, embora Osvaldo seja palavra masculina, subentende-se a locução prepositiva feminina à moda de.

Em 3, às claras é uma locução adverbial feminina de modo.

Respostas: 1. à vista/a prazo; 2. à Osvaldo Aranha; 3. às claras.

4. Vivia _____ espera de um milagre.

5. Saiu _____ cinco horas _____ fim de ver um filme.

Comentários:

Na frase 4, a locução prepositiva (*à espera de*) é formada por palavra feminina. Em 5, na primeira ocorrência, a locução adverbial é feminina indicando tempo, mas na segunda ocorrência há uma locução prepositiva representada

por palavra masculina – *fim*.

Respostas: 4. à espera de; 5. às cinco horas/a fim de.

6. Chegou _____ uma hora e saiu _____ oito.

7. Estou aqui desde _____ três horas.

Comentários:

Na frase 6, as locuções são representadas por palavra feminina – *hora*. No entanto, se as expressões de hora vierem antecedidas de preposição (após, desde), não haverá acento (frase 7).

Respostas: 6. à uma hora/às oito (horas); 7. desde as três horas.

8. Sentia-se mais _____ vontade _____ medida que ia se aproximando da reta final.

9. _____ medida que tomaste desagradou a todos.

Comentários:

Na frase 8, temos, respectivamente, uma locução adverbial feminina e uma locução conjuntiva feminina com ideia de proporção.

Repare que na frase 9 não há mais a ideia de proporção. Temos aí medida funcionando como sujeito de desagradou:

" A medida que tomaste desagradou a todos".

(suj.) or. adjetiva

Respostas: 8. à vontade/à medida que; 9. A medida.

10. _____ vezes, ela faz _____ vezes do professor.

11. Fez a prova _____ lápis.

12. Andei _____ cavalo pela fazenda.

13. _____ beira do rio, admirava o quadro _____ óleo que acabara de pintar.

14. Comia, _____ pressas, um angu _____ baiana.

Comentários:

Na frase 10, só na primeira ocorrência é que há ideia circunstancial de tempo (às vezes = de vez em quando).

Na segunda passagem, essa expressão funciona como objeto direto de **faz** (" ela faz as vezes"), não possui valor adverbial, *"ela faz algo* (= as vezes)*"*

Nas frases 11 e 12, as locuções são masculinas (lápis, cavalo). Na 13, a locução prepositiva é feminina (beira), mas a palavra *óleo*, na segunda passagem, é masculina.

Na frase 14, as duas locuções são adverbiais femininas.

Respostas: 10. Às vezes/as vezes; 11. a lápis; 12. a cavalo; 13. À beira de/a óleo; 14. às pressas/à baiana.

Observações finais:
a) Antes das palavras CASA e TERRA (em oposição a bordo) não ocorrerá o acento.
Exemplos:
Retornaram rapidamente a casa.
Quando o navio atracou pudemos ir a terra.
No entanto, se vierem determinadas, haverá o acento:
Retornaram rapidamente à casa dos pais.
Iria à terra dos avós.
b) Não se usa o acento grave no a antes de palavras tomadas em sentido geral.
Exemplos:
Este pano cheira a gasolina. (Este pano cheira a álcool.)
Ela se candidatou a deputada. (Ele se candidatou a deputado.)

Repare que ao trocar por palavra masculina não aparece artigo ("cheira a álcool e não ao álcool/se candidatou a deputado e não ao deputado"), logo não aparecerá artigo antes do nome feminino.

Reconhecemos que esse caso não é de fácil percepção, mas a boa notícia é que raríssimas são as questões de concurso público que exploram esse caso. Mais um exemplo:

Viso a melhores condições de trabalho.

Esse é o caso mais comum de palavra tomada em sentido geral: usar a preposição a antes de substantivo no plural. A ausência do artigo definido *as* confirma essa indeterminação.

Marque V ou F para os casos de crase abaixo. Nas situações de crase, indique a justificativa para o acento.

1. ( ) Ele fez referência a tarefa feita por nós.

Comentários: O substantivo *referência* pede preposição *a*. A palavra *tarefa* aceita artigo.

Resposta: a frase está errada, falta o acento.

2. ( ) Traçou uma reta oblíqua a do centro.

Comentários: O adjetivo *oblíqua* exige a preposição *a*. E essa preposição vai-se encontrar com o pronome demonstrativo *a* (= *aquela*) que vem antes de *do centro* (Traçou uma reta oblíqua *a* + *a do centro*).

Resposta: a frase está errada. Falta o acento.

3. ( ) Não conheço as que saíram.

Comentários: O verbo *conhecer* é transitivo direto, não pede preposição. A palavra *as* é só pronome demonstrativo (= *aquelas*).

Resposta: a frase está certa, não há fenômeno da crase.

4. ( ) Ele se referia as que saíram.

Comentários: O verbo *referir-se* é transitivo indireto, pede preposição *a*. E essa preposição vai-se encontrar com o pronome demonstrativo *as* (= *aquelas*), que vem antes da oração *que saíram* (Ele se referia *a* + *as que saíram*).

Resposta: a frase está errada, falta o acento.

5. ( ) Apresentou-lhe a esposa.

Comentários: O verbo *apresentar*, aqui, é transitivo direto e indireto e vem seguido de dois objetos: o indireto, sob a forma de pronome (*lhe*) e o direto (*a esposa*). Ora, se *a esposa* é objeto direto, não há que se iniciar com preposição e, sem ela, não ocorre o fenômeno da crase. O *a* que aparece na frase é artigo.

Resposta: a frase está certa.

6. ( ) Era uma camisa semelhante a que o diretor usava.

Comentários: O adjetivo *semelhante* exige a preposição *a*. E essa preposição encontra-se com o pronome demonstrativo *a (= aquela)*, antes do relativo *que* (*Era uma camisa semelhante a* + *a que o diretor usava*).

Resposta: falta o acento.

7. ( ) Ele não obedecia aquele regulamento.

Comentários: *Quem obedece, obedece a alguém,* ou *a alguma coisa*. O verbo *obedecer* é transitivo indireto e vem acompanhado da preposição *a*. E essa preposição encontra-se com o *a* que inicia o pronome demonstrativo *aquele*.

Resposta: a frase está errada, deveria vir com o acento.

8. ( ) Ele desconhecia aquele regulamento.

Comentários: O verbo *desconhecer* é transitivo direto, não exige preposição. Daí o fato de o pronome demonstrativo *aquele* não ter de vir com o acento grave.

Resposta: a frase está certa.

9. ( ) Não me refiro aquilo.

Comentários: *Referir-se* é transitivo indireto, e vem acompanhado da preposição *a*. E essa preposição *a* encontra-se com o *a* do demonstrativo *aquilo*. Falta o acento de *aquilo*.

Resposta: a frase está errada.

10. ( ) Esta é a lei a qual fiz alusão.

Comentários: Atenção: trata-se de regência com pronome relativo. Organize a frase que vem após o pronome relativo. Colocando-a na ordem direta, teremos: "(Eu) fiz alusão a + a qual". Ora, daí o erro.

Resposta: falta o acento do relativo <u>a qual</u>.

11. ( ) Esta é a lei a qual desconhecia.

Comentários: Agora, temos só o pronome relativo *a qual*. O verbo *desconhecer* não exige preposição, é transitivo direto.

Resposta: a frase está certa. Não há crase.

12. ( ) Esta é a mulher a quem fiz referência.

Comentários: Organizando a frase que vem após o relativo, teríamos "(Eu) fiz referência a". Só que essa preposição que o substantivo *referência* exige não se encontra com nenhum outro *a*, pois o pronome relativo *quem* não aceita artigo.

Resposta: a frase está certa, o a de *a* quem é só preposição.

13. ( ) Ele se dedica a empresa, respeita a hierarquia e obedece as leis.

Comentários: Observe que o grande segredo do uso da crase é saber regência. O verbo *dedicar-se* é transitivo indireto. Logo, exige a preposição *a*, que vai-se encontrar com o artigo *a* de empresa. Por isso, o primeiro erro: falta o acento. Já o verbo *respeitar* é transitivo direto, não pede preposição: o *a* que vem antes de *hierarquia* é só artigo. Quanto a isso, a frase está certa. Já o verbo *obedecer* exige preposição *a*, é transitivo indireto. E a preposição *a* encontra-se com o artigo *as* que antecede *leis*. Mais uma vez, falta o acento.

Resposta: a frase reescrita de forma correta ficaria assim: *Ele se dedica à empresa, respeita a hierarquia e obedece às leis*.

14. ( ) Nas próximas férias, iremos a Suécia, a Bélgica e a Portugal.

Comentários: Com nome de lugar, mais uma dica: utilize o verbo *voltar* seguido do nome do lugar para ver se o artigo aparece. Assim, teríamos: *voltei da Suécia, da Bélgica e de Portugal*. Ora, *Suécia* e *Bélgica* admitem artigo a, mas *Portugal* não.

Resposta: a frase está errada, faltam dois acentos graves. Reescrita de forma correta, a frase ficaria assim: "Nas próximas férias, iremos à Suécia, à Bélgica e a Portugal".

15. ( ) Viajaremos a Londres e a Roma do Coliseu.

Comentários: *Londres* não admite artigo *a*: "Voltei de Londres". A palavra *Roma*, se estivesse sozinha na frase também não admitiria ("Voltei de Roma"); só que aqui se fala *da Roma do Coliseu*. O nome de lugar está seguido de determinante, por isso deve vir antecedido de artigo. Faltou o acento grave antes de *Roma*.

Resposta: a frase está errada.

16. ( ) As vezes, o pessoal sai as escondidas.

Comentários: Duas locuções femininas: uma adverbial de tempo (*às vezes*) e outra adverbial de modo (*às escondidas*). As duas, portanto, deveriam vir acentuadas.

Resposta: a frase está errada.

17. ( ) A reunião vai das cinco as seis horas.

Comentários: Observe o paralelismo estrutural que se criou na frase: antes da palavra *cinco*, tem-se a contração da preposição *de* e o artigo *as*. Antes da palavra *seis*, o mesmo não ocorreu: a preposição *a* deveria ter-se contraído ao artigo *as*. Está faltando, portanto, o acento. O certo seria dizer: "A reunião vai das cinco às seis horas".

Resposta: frase errada.

18. ( ) A reunião vai durar de cinco a seis horas.

Comentários: Trata-se de intervalo de tempo. Antes da palavra *cinco* só aparece a preposição *de*. Antes da palavra *seis*, então, só deve aparecer a preposição *a*.

Resposta: a frase está certa.

19. ( ) Só as primeiras horas da noite pôde assistir a cerimônia.

Comentários: Falta o acento da locução adverbial de tempo *às primeiras horas da noite*. Além disso, o verbo *assistir*, que é transitivo indireto, exige a preposição *a*, que se encontra com o artigo que antecede o substantivo *cerimônia*. Falta também o acento.

Resposta: a frase, reescrita de forma correta, seria: "Só às primeiras horas da noite pôde assistir à cerimônia".

20. ( ) Ao sair, bata a porta.

Comentários: O verbo *bater*, aqui, é o mesmo que *fechar*, é transitivo direto. Logo, não vem seguido da preposição **a**. O **a** que aparece antes do substantivo porta é só artigo.

Resposta: a frase está certa.

21. ( ) Ele só chegará a uma hora.

Comentários: Trata-se de locução feminina adverbial de tempo. Assim como às duas horas, às três horas, à zero hora etc. Falta o acento.

Resposta: frase errada.

22. ( ) Você deve correr até à árvore.

Comentários: Crase facultativa. Após a preposição *até*, a preposição *a* é facultativa.

Resposta: a frase está certa e poderia ter vindo também sem acento.

23. ( ) Ele está aqui desde às dez horas.

Comentários: A locução adverbial de tempo já foi iniciada com uma preposição *desde*, por isso, não aceita outra preposição *a*.

Resposta: a frase está errada, o que deveria ter vindo após a preposição *desde* é apenas o artigo *as*.

24. ( ) O diretor fazia alusão a aluna alguma.

Comentários: O substantivo *alusão* pede preposição, mas o substantivo *aluna* vem seguido de um pronome indefinido *alguma*, que lhe dá um sentido vago, indefinido. Por isso, o artigo é proibido.

Resposta: a frase está certa. O a que aparece antes de *aluna* é preposição.

25. ( ) Meu médico me proibiu de ir à festa, batizado, casamento.

Comentários: O verbo *ir* veio adequadamente seguido da preposição *a*, indicando destino, lugar. Mas a palavra *festa* está tomada em sentido geral. Observe que, na sequência, vieram outros substantivos com sentido genérico (*todo tipo de festa, batizado, casamento*...). O artigo, portanto, é proibido.

Resposta: a frase está errada.

19.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

Vamos fixar? Após fazer os exercícios, confira seu gabarito!

I. Complete com a, à, as ou às.

1. Estava habituada ____ insondável capacidade de assombro do marido.
2. Os universitários leem como se assistissem ____ televisão com um controle remoto.
3. Os bancos oferecem linhas de crédito direto ao consumidor com taxas bem inferiores ____ do comércio.
4. ____ essa hora estou dormindo, respondeu-me ela.
5. ____ uma da tarde estava solucionado o problema.
6. O aceno antigo era por uma adesão equivocada, mas movida ____ utopia.
7. Uma torneira pingando pode deixar escoar 150 litros de água ____ cada 24 horas.
8. Quem recicla ajuda ____ diminuir a montanha de lixo.
9. Não se referiram ____ qualquer reforma mas ____ de 1971.
10. ____ língua deve-se querer como ____ pátria.
11. Tudo se recolhe: lata ____ lata vai-se juntando material reutilizável.
12. A discussão era ____ propósito de reformas ortográficas.
13. Supermercados que recebem embalagens plásticas dão em troca roupas para serem doadas ____ instituições de caridade.
14. ____ semelhança do que ocorre em outros países, o Brasil ainda não tem infraestrutura para testes em larga escala.

15. Os voluntários necessários serão escolhidos ____ critério das instituições envolvidas no projeto.

16. Proponho ____ Vossa Senhoria dar, àqueles que se destacarem, oportunidades de promoção; porém espero que tal promoção não se restrinja ____ pessoas do primeiro escalão, mas aplique-se ____ todos os funcionários da casa.

17. Os voluntários deverão responder ____ perguntas de um questionário sobre seu comportamento sexual.

18. As normas jurídicas devem corroborar ____ manifestações do povo.

19. As normas jurídicas devem anuir ____ manifestações do povo.

20. O voluntário deverá informar ____ pessoas responsáveis pela pesquisa todas as reações surgidas em decorrência do tratamento.

21. Ela deve dar ____ luz em junho.

22. Mulher: todos os dias elas dão ____ luz um mundo melhor.

23. A prova teve início após ____ oito horas.

24. Saí de casa ____ uma hora ____ fim de ir ____ praia.

25. São serviços essenciais ____ essa população.

26. São serviços essenciais ____ toda e qualquer população.

27. São serviços essenciais ____ nossa população.

28. São serviços essenciais ____ nossas cidades.

29. Um jornal noticiou há dois meses que dali ____ três semanas os cidadãos teriam acesso ____ novas tecnologias que ligariam ____ América ____ Europa ____ uma velocidade equivalente ____ da luz.

30. Está em exame na Casa Civil anteprojeto de lei que instituirá um sistema de incentivo ____ redução dos acidentes e de punição das empresas que submetem seus trabalhadores ____ risco. ____ intenção é reduzir pela metade ou dobrar ____ alíquotas de contribuição para cobertura de acidentes trabalhistas, dependendo do caso. Uma empresa que esteja abaixo da média nacional de acidentes, por exemplo, pode vir ____ pagar menos. O contrário acontecerá ____ empresa que tiver registrado número de acidentes muito acima da média do seu setor. Ela poderá ter ____ alíquota duplicada.

31. Completamente excluídos das engrenagens de desenvolvimento da sociedade, os miseráveis são reduzidos ____ uma condição subumana. Seu único horizonte passa ____ ser ____ luta feroz pela sobrevivência. No lixão de Valparaíso, ____ poucos quilômetros de Brasília, há gente disputando os restos com os animais.

Gabarito: 1. à; 2. à; 3. às; 4. A; 5. À; 6. A(1); 7. a; 8. a; 9. a; à; 10. À; à; 11. a; 12. a; 13. a ou às; 14. À; 15. a; 16. a; a ou às; a; 17. a ou às; 18. as; 19. às; 20. às; 21. à(2); 22. à(2); 23. as(3); 24. à; a; à; 25. a; 26. a; 27. a ou à (facultativo); 28. às; 29. a; às ou a; a; à; a; à; 30. à; a; A; as; a; à; a; 31. a; a; a; a.

19.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Finalmente, as questões de concursos comentadas.

1. (Fundec/Técnico – TRT) No trecho "entidade vinculada à Delegacia Regional do Trabalho do Rio Grande do Sul", está corretamente empregado o acento indicativo da crase, fato que não ocorre em:

a) Os trabalhadores recorreram à todas as instâncias para garantir seu direito.

b) Proibiam sempre às mesmas crianças que permanecessem nas ruas.

c) Só era permitido às crianças trabalhar durante o dia.

d) O governo deixava as crianças jogadas à própria sorte.

e) À falta do que fazer, os menores invadiam as ruas da cidade.

Comentários:

Na letra A, além de *todas* estar no plural e o *a* aparecer no singular, esse pronome é *indefinido*, o que proíbe o uso do acento no *a* por não se usar artigo definido *a* antes de pronomes indefinidos.

Em B, C e D, os termos *proibiam, permitido* e *jogadas* regem preposição *a* e as palavras femininas que se seguem *(crianças* e *sorte*) aceitam artigo feminino *a*. Na opção E, o acento ocorre por *à falta de* ser locução prepositiva feminina. Repare: em B, C e D, há exemplos de **contração** de preposição *a* + artigo feminino *a*; em E, caso de **locução feminina.**

Resposta: A.

2. (Fundec) A alternativa em que NÃO pode ocorrer o fenômeno da crase é:

a) Ninguém respondeu até hoje as perguntas sobre o assunto.

b) Só mesmo um deus perdoaria a seus flagelados.

c) Ele acabou obedecendo a vontade de seus pais.

d) Tais medidas visam a segurança de todos.

e) Cheguei a Itália em plena primavera!

Comentários:

O comando da questão pede para se assinalar a alternativa em que **não** se deve usar o acento grave. Na opção A, teríamos em "responder às perguntas", o encontro da preposição *a* (*respondeu a*) com o artigo feminino *as* (*as perguntas*). Em B, não haveria acento, pois aquele *a* não pode receber acento, já que *flagelados*, além de ser vocábulo masculino, está no plural. Portanto, o *a* em "a seus flagelados" é apenas preposição.

Em C, D e E, os verbos *obedecer*, *visar* e *chegar* regem preposição *a* e as palavras *vontade*, *segurança* e *Itália*

aceitam artigo *a*.

Resposta: B.

3. (FCC) A crase deverá ser empregada na seguinte alternativa:

a) As cidades as quais me refiro são estâncias turísticas.

b) Os alunos a quem me dirijo são inteligentes.

c) Encaminharei o discurso a Vossa Senhoria.

d) O documento visava a elucidar dúvidas.

e) Trata-se de pintura a óleo.

Comentários:

Na letra A, aparece o relativo *as quais*. Como vimos na teoria, com esse pronome, se na sequência, algum termo pedir preposição *a*, haverá o acento (em "às quais me refiro", o verbo *referir-se* pede preposição *a*).

Nas outras opções, só aparece a preposição *a,* pois *quem, Vossa Senhoria, elucidar* e *óleo* não pedem artigo definido feminino.

Resposta: A.

4. (FCC) _____ beira do leito, assistiu _____amiga. Hora _____hora, minuto _____minuto, sempre _____espera de um milagre.

a) A – à – à – a – à

b) À – a – a – a – à

c) A – a – a – a – à

d) A – a – à – à – à

Comentários:

Na passagem *à beira do leito*, temos uma locução prepositiva feminina. Em *assistiu à/a amiga*, como o verbo *assistir* (= dar assistência) pode ser transitivo direto ou indireto, a preposição *a* poderia aparecer ou não ("assistiu à amiga" ou "assistiu a amiga").

Entre palavras repetidas, não haverá jamais acento no *a* (*hora a hora/minuto a minuto)*. Por fim, em *à espera de*, tem-se mais uma locução prepositiva feminina.

Resposta: B.

5. (FCC) O poeta aspirava _____ felicidade, mas sem _____ volta da amada ele não _____ obteria. A afirmativa que completa corretamente as lacunas da frase acima é:

a) A – À – A

b) À – A – A

c) A – À – À

d) À – A – À

e) À – À – À

Comentários:

Na passagem *aspirava à felicidade*, o verbo *aspirar* (= desejar, almejar) pede preposição *a* e *felicidade* é palavra feminina que aceita artigo *a.* Em *sem a volta*, esse *a* é apenas artigo, já que nenhuma palavra anterior pede preposição *a*, o que aparece é a preposição *sem*. Já o *a* de *ele não a obteria* é pronome pessoal oblíquo, que retoma o substantivo *felicidade.*

Resposta: B.

6. (FCC) Disposto _____ recomeçar, o auxiliar judiciário referiu-se _____ palavras de apoio que ouviu, _____ entrada do serviço.

a) à – às – a

b) à – às – à

c) a – as – a

d) a – às – à

e) a – as – à

Comentários:

Em *Disposto a recomeçar*, *recomeçar* é verbo, portanto, não aceita artigo. Já em *referiu-se às palavras*, *referir-se* rege preposição *a* e *palavras,* substantivo feminino, aceita artigo feminino plural. Na expressão *à entrada do serviço*, há uma locução prepositiva feminina *à entrada de.*

Resposta: D.

7. (FCC) Ele aprendeu ____tempo que a obediência ____ leis dignifica o cidadão devotado ____ pátria.

a) há – as – a

b) a – às – a

c) há – as – à

d) à – às – à

e) há – às – à

Comentários:

No início do período, temos uma passagem em que aparece uma expressão que indica tempo decorrido, passado. Logo, não usaremos a preposição *a*, e sim o verbo *haver*, para mostrar essa ideia. Em *obediência às leis*, o nome *obediência* pede preposição *a* e *leis* aceita artigo feminino plural *as,* o que também ocorre em *devotado à pátria* (*devotado a + a pátria*).

Resposta: E.

8. (Senado – Analista) "É sabido que a terra não pertence aos índios; antes, são eles que pertencem à terra." No período acima, utilizou-se corretamente o acento indicativo de crase antes da palavra terra. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.

a) Voltarei à terra natal.

b) A sonda espacial retornará em breve à Terra.

c) Quando chegamos à terra, ainda sentíamos em nosso corpo o balanço do mar.

d) Eu me referia à terra dos meus antepassados.

e) Havendo descuido, a areia será misturada à terra.

Comentários:

Sabemos que *terra*, com o sentido de *chão firme*, fazendo oposição a *bordo,* não aceita artigo, por isso não pode vir antecedida de *a* com acento indicativo de crase, mas, em todos os outros sentidos, a palavra *terra* poderá vir antecedida de crase (se vier seguida de expressão determinante, se for o planeta Terra etc.).

Na frase do enunciado, *terra* não vem com esse sentido de oposição a bordo, tem o sentido de *solo*, *território*. Por isso, como o verbo *pertencer* é transitivo indireto e a palavra *terra* aceita artigo, houve a crase. A banca pedia a única alternativa com erro.

Nas letras A e D, a palavra *terra* vem especificada, seguida respectivamente dos determinantes *natal* e *dos meus antepassados*. Por isso, nas duas alternativas, *terra* aceita artigo e veio antecedida de *a* com acento indicativo de crase.

A letra B também está correta, já que o verbo *retornar* pede a preposição *a* indicando direção e o substantivo *Terra* (planeta) aceita artigo a.

Na letra C, *terra* vem com o sentido contrário a bordo, o que se pode perceber pela continuidade da frase ("… o balanço do mar"). Logo, embora o verbo *chegar* deva vir seguido da preposição *a* indicando direção, destino, o substantivo *terra* não aceita artigo. Por isso, o acento veio de forma indevida.

Na letra E, o verbo *misturar* vem seguido da preposição *a* e a palavra *terra* aceita artigo, já que não vem com o sentido contrário a bordo, como ocorreu na alternativa C.

Resposta: C.

9. (Cesgranrio/Petrobras – Bio) O sinal indicativo de crase deve ser usado somente no **a** presente em:

a) Mas a dor de dente pode passar a ser um problema.

b) Os pais costumam levar a seus filhos a obrigação de serem felizes.

c) Não se deve dar importância a chamada da capa da revista.

d) Os livros publicados por universidades devem ser levados a sério.

e) O dinheiro não traz a felicidade que se imagina, quando se luta por ele.

Comentários:

Na letra A, não há crase em nenhuma das ocorrências do vocábulo *a:* o primeiro *a* é artigo do substantivo *dor* e o segundo *a* é preposição que liga verbos de uma locução verbal (já que verbo não pode vir antecedido de artigo *a*).

Na letra B, o verbo levar é transitivo direto e indireto: vem com o objeto direto (*a obrigação de serem felizes*) e indireto (*a seus filhos*). Apesar de o verbo pedir a preposição *a*, o pronome possessivo masculino *seus* não admite artigo feminino. Daí na letra B não ocorrer a crase. Além disso, o outro *a* que aparece na frase é artigo de *obrigação*.

Já na letra C, o verbo *dar* pede dois complementos: um objeto direto (*importância*) e outro indireto (*à chamada da capa de revista*). Além disso, o substantivo *chamada* aceita artigo *a.* Portanto, o sinal indicativo de crase deveria estar presente na frase.

Na letra D, *a sério* é locução adverbial masculina, portanto, não aceita crase. E, na letra E, o verbo *trazer* é transitivo direto e não pede a preposição *a*. O *a* que aparece antes de *felicidade* é apenas artigo.

Resposta: C.

10. (FCC/PGE) Uma floresta secundária apresenta, segundo estudo recente, biodiversidade semelhante ____ da floresta original, embora haja especialistas que contestam o fato de que as matas da segunda geração evoluam de modo ____ garantir as condições ideais de sobrevivência ____ cada uma das espécies.

As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas por:

a) à – a – à

b) à – a – a

c) a – à – a

d) à – à – a

e) a – à – à

Comentários:

O adjetivo *semelhante* rege preposição *a*. E essa preposição se encontra com o pronome demonstrativo *a* (= aquela) em *da floresta original*. Assim, o que temos é *biodiversidade semelhante a + a da floresta original*. Logo, o primeiro *a* é com acento.

A locução prepositiva *de modo a* termina com a preposição *a,* mas o verbo garantir não aceita artigo feminino *a.* Portanto, o segundo *a* não vem com acento grave.

O verbo *garantir* nessa frase é transitivo direto e indireto, e vem seguido do objeto direto *as condições ideais de sobrevivência* e do objeto indireto *a cada uma das espécies.* Ora, ainda que o verbo peça a preposição *a*, antes do seu objeto indireto, o pronome indefinido *cada* não aceita artigo definido *a.* Por isso, o terceiro *a* do período também não vem com acento grave.

Resposta: B.

11. (FCC/DPE – SP – Superior) A presença do sinal indicativo de crase ou sua ausência estão inteiramente corretas na frase:

a) A publicidade, destinada a convencer pessoas à consumir determinados produtos, deve respeitar às normas morais vigentes na sociedade.

b) Peças publicitárias, vistas como obras de arte, não deveriam estar sujeitas à certos padrões sociais de comportamento.

c) A publicidade objetiva atingir à um público consumidor, a quem uma marca deverá ser ou parecer mais atraente do que a outra.

d) Destinadas as pessoas que tenham poder aquisitivo, algumas propagandas apelam à estilos de vida mais elegantes e charmosos.

e) A propaganda destina-se a convencer pessoas à escolha de um determinado produto, percebido como superior a outro.

Comentários:

Segundo o enunciado, a banca quer a alternativa correta, ou seja: todas as alternativas, exceto uma, possuem erro, ou quanto ao *uso* da crase ou quanto à sua *omissão*.

A letra A apresenta um erro por *uso* do sinal indicativo da crase. O verbo *convencer* é transitivo direto e indireto e pede a preposição *a*, mas o verbo *consumir* não aceita artigo feminino *a.* Por isso, o uso do acento foi indevido.

A letra B também está errada: o adjetivo *sujeitas* rege preposição *a*, mas o pronome indefinido *certos*, além do fato de ser um pronome indefinido, está no masculino plural e, por tudo isso, não aceita artigo definido feminino singular *a*. A letra B tem, portanto, erro pela *presença* da crase.

A letra C apresenta o verbo *atingir* seguido da preposição *a*, mas *público consumidor* vem antecedido de artigo

indefinido *um*, não aceitando, portanto, artigo feminino singular *a.* Erro na alternativa pelo *uso* indevido do acento indicativo de crase.

Já a letra D apresenta erro por um motivo diverso das demais alternativas: o adjetivo *destinadas* rege preposição *a* e o substantivo *pessoas* aceita artigo *as.* Falta, portanto, o acento em *as* (*Destinadas a + as pessoas*): o erro aqui é pela *ausência* do acento. Além disso, logo a seguir vem outro erro: o verbo *apelar* nessa frase é transitivo indireto e vem seguido da preposição *a*, mas o substantivo *estilos* não aceita artigo *a.* Mais um erro, dessa vez pelo *uso* indevido. Dois erros, portanto, na letra D: pela omissão do acento em *as pessoas* e pelo uso inadequado em *à estilos de vida.*

A letra E está correta: o verbo *destinar-se* é transitivo indireto, mas o verbo *convencer* não aceita artigo *a.* Na continuidade da frase, mais um acerto: o verbo *convencer* é transitivo direto e indireto; vem com o objeto direto (*pessoas*) e indireto (*à escolha de um determinado produto*). Já que ele pede a preposição *a* e o substantivo *escolha* aceita artigo *a,* o acento indicativo de crase foi corretamente utilizado. Além disso, o adjetivo *superior*, embora exigisse a preposição *a,* o pronome indefinido *outro* não aceitava artigo *a.* Por isso, em *superior a outro* a ausência do sinal indicativo da crase foi correta. Na alternativa E, as três ocorrências do vocábulo *a* estavam corretas.

Resposta: E.

12. (Esaf) Assinale o item cujas lacunas devem ser preenchidas pela sequência Há-A-À.

a) Daqui _____ alguns dias, _____ diretora apresentará _____ algumas pessoas o programa.

b) _____ vários exemplares de livros _____ disposição dos que _____ secretaria indicar.

c) _____ melhor colocação receberá _____ recompensa _____ que tem direito.

d) _____ dois dias, _____ prova chega _____ banca.

e) _____ tempos, vem _____ jovem visando _____ colocação digna de seus méritos.

Comentários:

Letra A: locução prepositiva *daqui a + alguns dias*. O pronome indefinido *alguns* não aceita artigo definido *a.* Em *a diretora*, esse *a* é só artigo (*a diretora* é sujeito do verbo *apresentar*). Em *a algumas pessoas*, o *a* é preposição que rege o verbo *apresentar*, já que o pronome indefinido *algumas* também não aceita artigo. Logo, a sequência correta dessa alternativa é A-A-A;

Letra B: em *há vários exemplares de livros*, tem-se o verbo *haver*. Em *à disposição dos que*, tem-se a locução prepositiva *à disposição de*, que, por ser feminina, deve vir acentuada. Já em *a secretaria indicar*, esse *a* é artigo, já que *a secretaria* é sujeito de indicar e, por isso mesmo, não pede preposição. A sequência correta aqui seria: HÁ-À-A.

Letra C: em *A melhor colocação* o *a* é artigo, pois *a melhor colocação* é sujeito do verbo *receberá.* O *a* de *a recompensa* também é artigo já que o verbo *receber* é transitivo direto e não rege preposição. Em *a que tem direito*,

esse *a* é preposição exigida pelo substantivo *direito*. Como o pronome relativo *que* não aceita artigo *a,* esse *a* é sem acento. Aqui, teríamos: A-A-A.

Letra D: o verbo *chegar* está no presente do indicativo, mas tem valor de futuro. Logo, a expressão *a dois dias* indica tempo futuro e não tempo decorrido, como muitos que fizeram a prova pensaram. Se fosse tempo decorrido, seria o verbo *haver*, mas como é tempo futuro, deve-se usar a preposição *a.* Já o *a* de *a prova* é artigo definido, pois *a prova* é sujeito do verbo *chegar*. Por fim, em *chega à banca*, tem-se a contração da preposição *a* do verbo *chegar* com o artigo *a* do substantivo *banca.* Sequência correta da letra D: A-A-À.

Letra E: agora sim, tem-se ideia de tempo decorrido. A expressão *há dois dias* deve vir com o verbo *haver*. Em *a jovem*, o *a* é artigo definido do sujeito *a jovem*. Já em *visando à colocação*, o verbo *visar* (= almejar) rege preposição *a* e o substantivo *colocação* aceita artigo feminino *a.* Sequência para a letra E: HÁ-A-À.

Resposta: E.

13. (AFC-Esaf) Indique a sequência que preenche corretamente as lacunas indicadas com (____).

De uma forma mais genérica, _____ que substituir _____ imagem centralizada e que tende _____ uniformidade de indivíduo cidadão possuidor de alguns direitos e submetido _____ deveres igualmente abstratos, isto é, desligados das circunstâncias sociais e culturais reais, o que reduz a vida social _____ relações do indivíduo e do Estado, pela imagem invertida de uma relação _____ mais direta possível entre a identidade pessoal ou coletiva e o universo aberto da técnica, das redes de comunicações e dos mercados.

a) há, a, à, a, às, a.

b) à, à, a, à, as, a.

c) há, à, a, à, às, a.

d) a, à, à, a, às, a.

e) a, há, à, a, as, a.

Comentários:

Na expressão *há que substituir*, temos o verbo *haver*, que compõe uma locução verbal junto ao verbo *substituir* (é o mesmo que *deve substituir*). Em *a imagem centralizada*, o *a* é apenas artigo definido de *imagem,* pois o verbo *substituir* não rege preposição, é transitivo direto. Em *tende à uniformidade*, tem-se o encontro da preposição do verbo *tender* com o artigo definido *a* de *uniformidade.* O adjetivo *submetido,* no entanto, pede preposição *a,* mas o substantivo masculino plural *deveres* não aceita artigo definido *a.* Já em *reduz a vida social às relações*, tem-se o encontro da preposição *a*, exigida pelo verbo *reduzir*, que é transitivo direto e indireto, com o artigo *as* de *as relações* (*reduz a + as relações*). No trecho *uma relação a mais direta possível*, o *a* é artigo definido da expressão *a mais possível,* que estudamos em concordância nominal: por isso, não deve receber acento grave.

Resposta: A.

14. (NCE/TRF) … não seguem a instrução à risca…; o item abaixo que mostra o acento grave indicativo da crase pela mesma razão da que o justifica no segmento destacado é:

a) As crianças não devem dormir à noite com luz acesa.

b) O pediatra recomenda às mães que apaguem a luz.

c) A criança não tem direito à luz no corredor.

d) O pai deve ficar atento à miopia dos filhos.

e) A pesquisa e útil à pediatria.

Comentários:

Eis uma questão que não busca erro nem acerto quanto ao uso do sinal indicativo de crase, apenas quer que o candidato explique o porquê da utilização do acento. Ora, na teoria, vimos que só existem duas justificativas para o uso do acento grave: pelo fenômeno (o encontro de um *a* com outro *a*) ou pela locução (o acento das locuções femininas).

O acento da expressão *à risca*, do exemplo que consta no enunciado, justifica-se por ser ela uma locução adverbial feminina. Assim, o candidato deveria buscar uma frase que apresentasse a mesma explicação para o acento indicativo de crase.

Na letra A, *à noite* é locução adverbial feminina, por isso veio acentuada. Na letra B, tem-se o encontro da preposição *a* exigida pelo verbo transitivo direto e indireto *recomendar* com o artigo *as* de *as mães.* Na letra C, o substantivo *direito* rege preposição *a* e o substantivo *luz* aceita artigo *a*. Na letra D, é o adjetivo *atento* que rege a preposição *a* e a palavra *miopia* aceita artigo *a.* Na letra E, também ocorre o encontro da preposição *a*, exigida pelo adjetivo *útil*, com o artigo *a* do substantivo *pediatria.*

Logo, as letras B, C, D e E apresentam acento indicativo de crase em função de fenômeno fonético. Apenas a letra A apresenta uma locução feminina acentuada.

Resposta: A.

A seguir, questões da banca Cespe-UnB sobre regência e crase. Julgue cada assertiva como certa ou errada. Os comentários vêm abaixo de cada item. Vamos lá!

(MTE – Cespe) Julgue as alternativas a seguir, de acordo com seus respectivos textos:

Assim, poderemos assegurar seu maior acesso à terra, às fontes de trabalho, à melhor qualidade de vida, à educação, à saúde, à habitação e a outros serviços básicos.

15. Na enumeração feita, o trecho "a outros serviços básicos" poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: *à outros serviços básicos*, ou seja, com sinal indicativo de crase.

Comentários:

Ainda que o substantivo *acesso* exija a preposição *a*, o pronome indefinido *outros* não aceita artigo *a,* por ser indefinido e por estar no masculino plural.

Resposta: por isso, a assertiva está errada.

"Não conseguia dormir direito por não conseguir juntar dinheiro sequer para retornar à minha cidade e rever a família", relatou.

16. O sinal indicativo de crase em "retornar à minha cidade" é facultativo e a sua omissão preservaria os sentidos do texto e a correção das estruturas linguísticas.

Comentários:

O verbo *retornar*, de fato, deve vir seguido da preposição *a*, indicando direção, destino, e o pronome possessivo singular *minha* tem artigo facultativo. Logo, o acento grave é facultativo: sua presença ou sua ausência não implicaria erro gramatical nem mudança de sentido da frase.

Resposta: a assertiva está certa.

Em 2009, a economia brasileira deverá crescer 2,59%, resultado bem abaixo do esperado para a alta do PIB em 2008, de 5,6%. Esta é a projeção da mais recente pesquisa de projeções macroeconômicas e expectativas de mercado, feita mensalmente pela Federação Brasileira de Bancos (Febraban) junto a analistas de 33 instituições.

17. No trecho "junto a analistas de 33 instituições", poderia ter sido empregado o sinal indicativo de crase em "a", pois se trata de caso em que esse emprego é facultativo.

Comentários:

Em *junto a analistas*, tem-se a locução prepositiva *junto a* que, por sua vez, vem seguida de substantivo masculino plural, que não aceita artigo *a.* Por isso, o sinal indicativo de crase é proibido. O *a* que antecede *analistas* é preposição.

Resposta: assertiva errada.

(IPAJM – Advogado) Julgue as alternativas a seguir, de acordo com seus respectivos textos:

Nada vemos de semelhante ao que aconteceu, no plano das ideias, em outro momento de grandes transformações da técnica e também de grandes descobertas — o século XVI —, com o renascimento de um mundo esquecido e das doutrinas dos velhos filósofos da Grécia e do Oriente, e, com elas, a crítica e a dissolução de antigas crenças que davam ao homem "a certeza do saber e a segurança da ação".

18. As relações de regência entre "semelhante" e "aconteceu" permitem que o trecho "ao que" seja substituído por **àquilo que**, sem prejudicar a coerência nem a correção gramatical do texto.

Comentários:

De fato, o adjetivo *semelhante* rege preposição *a*, que, no caso do texto, encontrou-se com o demonstrativo *o*, que

antecede o relativo *que.* Ora, o que a banca propõe é a substituição de *ao* por *àquilo*, ou seja, a troca de um demonstrativo *o* por outro demonstrativo *aquilo,* acrescentando--se o acento indicativo de crase. Seria uma reescritura perfeita, não acarretaria erro gramatical nem mudança de sentido da frase.

Resposta: a assertiva está correta.

19.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (TRF3 – Técnico Judiciário – FCC – Abril/2016)

O sinal indicativo de crase está empregado corretamente em:

a) Não era uma felicidade eufórica, semelhava-se mais à uma brisa de contentamento.

b) O vinho certamente me induziu àquela súbita vontade de abraçar uma árvore gigante.

c) Antes do fim da manhã, dediquei-me à escrever tudo o que me propusera para o dia.

d) A paineira sobreviverá a todas às 18 milhões de pessoas que hoje vivem em São Paulo.

e) Acho importante esclarecer que não sou afeito à essa tradição de se abraçar árvore.

2. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

Atente para as afirmativas abaixo.

I. Em... *presta homenagem às potências dominantes*... (1º parágrafo), o sinal indicativo de crase pode ser suprimido excluindo-se também o artigo definido, sem prejuízo para a correção.

II. O acento em " têm" (2º parágrafo) é de caráter diferencial, em razão da semelhança com a forma singular " tem", diferentemente do acento aplicado a " porém" (3º parágrafo), devido à tonicidade da última sílaba, terminada em " em".

III. Os acentos nos termos " excelência" (2º parágrafo) e " necessário" (3º parágrafo) devem-se à mesma razão.

Está correto o que consta em

a) I, II e III.

b) I, apenas.

c) I e III, apenas.

d) II, apenas.

e) II e III, apenas.

3. (2014 – FCC – DPE-RS – Defensor Público)

Considerada a norma-padrão escrita da língua, afirma-se com correção:

a) Em Quanto à China, continua velada na sua longa noite, brilhando apenas para si própria, o gerúndio exprime ideia de condição.

b) Transpondo, para o discurso direto, o discurso indireto presente em ouvi o finado William Gifford Palgrave [...] perguntar ao comandante do navio que vantagem lhe parecia ter advindo da descoberta da América, a forma obtida é: " – Comandante, que

vantagem lhe parecia ter advindo da descoberta da América?”.

c) Transposição da frase “ a curiosa questão havia sido proposta seriamente para um prêmio pela Academia de Lyon” para a voz ativa gerará adequadamente a forma verbal “ propusera”.

d) Em não passa [...] “ de uma declamação oca, onde não há nada a colher”, o pronome “ onde” está devidamente empregado, como o está a palavra que se destaca em “ Gosta de falar de improviso, é aonde, na maioria das vezes, ele peca”.

e) Em “ O livro merece por isso ser conservado, mas a época em que foi escrito, 1787, não permitia ainda que se pudesse avaliar a contribuição do Novo Mundo para o bem-estar da humanidade” é necessário um reparo, pois a forma “ à época”, com acento indicativo da crase, é, no contexto, obrigatória.

4. (TRT – 14R – Téc. Jud. – Área Adminis. – FCC – Fev./2016)

No que se refere ao emprego do acento indicativo de crase e à colocação do pronome, a alternativa que completa corretamente a frase *O palestrante deu um conselho...* é:

a) à alguns jovens que escutavam-no.

b) à estes jovens que o escutavam.

c) àqueles jovens que o escutavam.

d) à juventude que escutava-o.

e) à uma porção de jovens que o escutava.

Leia o texto a seguir para responder à questão 5.

O eixo norteador da gestão estratégica de recursos humanos é a ênfase nas pessoas como variável determinante do sucesso organizacional, visto que a busca pela competitividade impõe à organização a necessidade de contar com profissionais altamente qualificados, aptos a fazer frente às ameaças e oportunidades do mercado.

Essa construção competitiva sugere que a gestão estratégica de recursos humanos contribui para gerar vantagem competitiva sustentável por promover o desenvolvimento de competências e habilidades, produz e difunde conhecimento, desenvolve as relações sociais na organização.

A gestão deve ter como objetivo maior a melhoria das *performances* profissional e organizacional, principalmente por meio do desenvolvimento das pessoas em um sentido mais amplo. Dessa forma, o conhecimento e o desempenho representam, ao mesmo tempo, um valor econômico à organização e um valor social ao individuo.

Valdec Romero. Aprendizagem organizacional, gestão do conhecimento e universidade corporativa: instrumentos de um mesmo construto. Disponível em: <www.administradores.com.br> (com adaptações).

5. (FUB – Técnico Adm. – Cespe – Mar./2015)

Julgue o item subsequente como Certo (C) ou Errado (E), relativo às estruturas linguísticas e às ideias do texto.

Na linha 2, a forma verbal “ impõe” exige dois complementos: um, introduzido pela preposição “ a” – por isso, o acento indicativo de crase em “ à organização” –; e outro, sem preposição – de que decorre o não uso da crase em “ a necessidade”.

Leia o texto a seguir para responder à questão 6.

Texto 1 – Problemas Sociais Urbanos

Dentre os problemas sociais urbanos, merece destaque a questão da segregação urbana, fruto da concentração de renda no espaço das cidades e da falta de planejamento público que vise à promoção de políticas de controle ao crescimento desordenado das cidades. A especulação imobiliária favorece o encarecimento dos locais mais próximos dos grandes centros, tornando-os inacessíveis à grande massa populacional. Além disso, à medida que as cidades crescem, áreas que antes eram baratas e de fácil acesso tornam--se mais caras, o que contribui para que a grande maioria da população pobre busque por moradias em regiões ainda mais distantes.

Essas pessoas sofrem com as grandes distâncias dos locais de residência com os centros comerciais e os locais onde trabalham, uma vez que a esmagadora maioria dos habitantes que sofrem com esse processo são trabalhadores com baixos salários. Incluem-se a isso as precárias condições de transporte público e a péssima infraestrutura dessas zonas segregadas, que às vezes não contam com saneamento básico ou asfalto e apresentam elevados índices de violência.

A especulação imobiliária também acentua um problema cada vez maior no espaço das grandes, médias e até pequenas cidades: a questão dos lotes vagos. Esse problema acontece por dois principais motivos: 1) falta de poder aquisitivo da população que possui terrenos, mas que não possui condições de construir neles e 2) a espera pela valorização dos lotes para que esses se tornem mais caros para uma venda posterior. Esses lotes vagos geralmente apresentam problemas como o acúmulo de lixo, mato alto, e acabam tornando-se focos de doenças, como a dengue.

PENA, Rodolfo F. Alves. "Problemas socioambientais urbanos"; *Brasil Escola*. Disponível em http://brasilescola.uol.com.br/brasil/problemas-ambientais-sociais-decorrentes-urbanização.htm. Acesso em 14 de abril de 2016.

6. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

No texto 1, há quatro ocorrências do acento grave indicativo da crase: " vise à promoção de políticas de controle"(1), " tornando-os inacessíveis à grande massa populacional"(2), " Além disso, à medida que as cidades crescem"(3) e " que às vezes não contam com saneamento básico"(4).

Os casos de crase que correspondem à união de preposição + artigo definido são:

a) 1 e 2;

b) 1 e 4;

c) 2 e 3;

d) 3 e 4;

e) todos eles.

7. (Basa – Médico do Trabalho – Cesgranrio – Set./2015)

Observa-se o respeito à norma-padrão, no que se refere ao uso do acento indicativo de crase, na seguinte frase:

a) A medicina do trabalho é uma área criada à quase dois séculos.

b) A Revolução Industrial propiciou à criação da medicina do trabalho.

c) À muitas empresas que cuidam bem da saúde dos trabalhadores.

d) Atribui-se aos médicos à responsabilidade pela saúde do trabalhador.

e) As empresas, em geral, visam à manutenção da força de trabalho.

8. (Liquigás – Administrador Jr. – Cesgranrio – Set./2015)

A frase em que o acento grave está empregado de acordo com a norma-padrão é:

a) É muito importante lutar contra **à** fome no país.

b) Bastantes pessoas fazem oposição **à** programas de erradicação da pobreza.

c) Temos de ser favoráveis **à** medidas que mudem a vida de todos.

d) **À** muitos anos, luta-se pelo fim da miséria.

e) A taxa de mortes por fome no Brasil é superior **à** de muitos outros países.

9. (Petrobras – Advogado Jr. – Cesgranrio – Ago./2015)

De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, o sinal indicativo da crase é obrigatório na palavra destacada em:

a) Antigamente não existiam **a** comunicação via satélite, a internet e o telefone celular, dificultando a correspondência entre as pessoas situadas em países diferentes.

b) Os processos informacionais e comunicativos dos seres estão relacionados, atualmente, **a** modernas tecnologias da informação.

c) Nos dias de hoje, a rapidez na transmissão da informação está invariavelmente associada **a** evolução da tecnologia, própria da sociedade pós-industrial.

d) Até o século passado, o sentido da palavra informação estava restrito **a** dados que eram transmitidos ao receptor com certa defasagem temporal.

e) O desenvolvimento de *hardwares* e *softwares* garante **a** operacionalização da comunicação e dos processos deles decorrentes em meios virtuais.

10. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016 – Adaptada)

Assim como nas locuções **a vapor** e **a bordo**, também não há acento indicativo de crase no seguinte texto de uma mensagem que está contextualizada entre parênteses:

a) Angu a baiana (cardápio de restaurante)

b) Peixe a moda da casa (cardápio de restaurante)

c) Sujeito a guincho (mensagem aos motoristas)

d) Obras a frente (mensagem aos motoristas)

e) Bem-vindo a Bahia (mensagem aos motoristas)

11. (ANP – Téc. Reg. Petr&Der – Cesgranrio – Jan./2016)

De acordo com a norma-padrão da Língua Portuguesa, o emprego do sinal indicativo da crase é obrigatório no vocábulo destacado em:

a) O telefone celular exerce tal fascínio sobre a população que os aplicativos ligados **a** ele têm mobilizado pessoas, independentemente do nível de escolaridade.

b) O processo de desaceleração econômica mundial não causará impedimento **a** ascensão das novas tecnologias de comunicação e informação.

c) As pessoas mais jovens (de 16 a 25 anos) assistem a cerca de uma hora **a** menos de televisão por dia do que as mais velhas (acima dos 65 anos).

d) A Pesquisa Brasileira de Mídia, realizada em 2015, considerou **a** televisão o meio de comunicação mais utilizado pelos brasileiros.

e) Os meios de comunicação começam **a** criticar o excessivo uso da internet por usuários das diversas classes sociais.

12. (Basa – Téc. Bancário – Cesgranrio – Set./2015)

O emprego do sinal indicativo de crase está adequado à norma-padrão na seguinte frase:

a) Os agricultores são expostos **à** riscos de várias naturezas.

b) Faz-se referência **à** uma porcentagem de alimentos advindos da agricultura.

c) A agricultura sustentável evita danos nocivos **à** saúde.

d) A agricultura familiar visa **à** fixar o homem no campo.

e) A agricultura familiar proporciona **à** famílias uma cesta de produtos.

13. (BB – Escriturário – Cesgranrio – Out./2015)

O sinal indicativo da crase é obrigatório, de acordo com a norma-padrão da Língua Portuguesa, na palavra destacada em:

a) O atendimento **a** necessidades de imediatismo da sociedade justifica o crescimento das formas de pagamentos digitais.

b) Os sistemas baseados em pagamentos móveis têm chamado **a** atenção pela sua propagação em todo o mundo.

c) A opção pelas moedas digitais está vinculada **a** possibilidade de diminuir as operações financeiras com a utilização do papel-moeda.

d) Algumas tendências observadas no comportamento do consumidor e nas tecnologias devem influenciar **a** infraestrutura dos bancos.

e) Os clientes tradicionais dos bancos já se acostumaram **a** utilizar suas agências para efetuar suas atividades de negócio.

14. (SEED-SP – An. Administrativo – Vunesp – Maio/2016)

Chove muito forte na cidade. Raios e trovões. Alagamentos e árvores caídas. Balanço trágico: quatro mortos e um garoto desaparecido. Em meio ao trânsito parado, dois gaiatos (expressão supercarioca) pegam suas pranchas e vão para a rua alagada surfar no asfalto. Divertem-se, gritam, como se fosse necessário buscar prazer onde só há aborrecimento e lamentação. _____ cena se repetiu anteontem _____ noite, _____ beira da lagoa Rodrigo de Freitas. Virou onda surfar debochadamente na chuva.

(Paula Cesarino Costa, Notas sobre a carioquice. *Folha de S.Paulo*, 07.03.2013)

As lacunas do texto devem ser preenchidas, correta e respectivamente, com:

a) À ... à ... à

b) A ... à ... a

c) À ... à ... a

d) A ... a ... à

e) A ... à ... à

15. (C.M. Marília-SP – Proc. Jurídico – Vunesp – Abril/2016)

Comecei _____ conversar com a aluna e entendi que caberia a mim escolher o título de seu estudo. Perguntei _____ ela o que achava de " Garruchas e punhais". Não gostou. Então, dei outra sugestão _____ moça: " O mosteiro de tijolos de feltro".

De acordo com a norma-padrão, as lacunas da frase devem ser preenchidas, respectivamente, com:

a) a … a … àquela

b) à … a … àquela

c) a … à … aquela

d) à … à … aquela

e) a … à … àquela

16. (Unesp – Ass. Administrativo I – Vunesp – Abril/2016)

Assinale a alternativa em que o sinal indicativo de crase está corretamente empregado.

a) Permite-se **à** toda criança, menino ou menina, escolher com que brincar.

b) Dá-se o direito **às** meninas de praticar caratê, por que não?

c) São crianças: não se negue **à** nenhuma delas a escolha do próprio brinquedo.

d) Não se define **à** partir de que idade se pode brincar com aparelhos eletrônicos.

e) **À** certa altura, crianças começam a jogar jogos violentos.

17. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Observe:

Acostumados _____ tragédias naturais, os japoneses geralmente se reerguem em tempo recorde depois de catástrofes.

Menos de um ano depois da catástrofe, no entanto, o Japão já voltava _____ viver a sua rotina.

Um tsunami chegou _____ costa nordeste do Japão em 2011, deixando milhares de mortos e desaparecidos.

De acordo com a norma-padrão, as lacunas das frases devem ser preenchidas, respectivamente, com:

a) a … à … à

b) à … a … a

c) às … a … à

d) as … a … à

e) às … à … a

18. (ESAF – Analista de Planejamento e Orçamento – 2015)

Leia o texto que se segue.

Na área ficcional, opondo-se 1__ inconsciência, ou seja, reagindo 2__ má consciência, haveremos de governar, dentro do possível, a obra em geral e, em particular, as personagens. Negaremos 3 __ personagens, honestamente, qualquer parcela de vontade. Cada uma será assim porque nos pareceu, quase sempre ao cabo de cálculos e ensaios, acréscimos e cortes, que assim devia ser; e está no relato porque foi necessário, porque julgamos oportuno dar-lhe uma função ainda que fosse 4__ de parecer disponível. Nem uma palavra lhes será disponível sem licença ou aprovação. Ainda que alguns dos seus remotos modelos possam existir fora de nós, só existem 5__ partir do momento em que nossas palavras o efetivam.

Quanto ao uso do sinal indicativo da crase, assinale a opção que preenche, de forma gramaticalmente correta, as lacunas do texto.

a) a (1), a (2), as (3), a (4), a (5)

b) a (1), a (2), às (3), a (4), a (5)

c) a (1), a (2), as (3), à (4), a (5)

d) a (1), a (2), às (3), à (4), a (5)

e) à (1), à (2), às (3), a (4), a (5)

Gabarito: 1. b; 2. a; 3. c; 4. c; 5. C; 6. a; 7. e; 8. e; 9. c; 10. c; 11. b; 12. c; 13. c; 14. e; 15. a; 16. b; 17. c; 18. e.

Muitos fazem desse tópico um verdadeiro "bicho de sete cabeças", mas é simples não é? Vamos resumi-lo então?

19.5. RESUMO

Em crase, memorize que há duas regras (fenômeno fonético e locuções femininas), três casos de crase facultativa (pronome possessivo feminino singular seguido de substantivo; nome próprio feminino; depois da preposição até) e três casos de crase proibida (antes de palavras tomadas em sentido geral, antes de CASA e TERRA, se vierem sem determinantes).

20 PONTUAÇÃO

20.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

20.1.1. Vírgula

Vamos começar este capítulo por **uso da vírgula**. A vírgula indica pausa de pequena duração. Primeiramente, você precisa saber que **constitui erro grave separar *sujeito* do *verbo e verbo* do *complemento* (sujeito + verbo + complemento)**. Em frases simples, curtas, sabemos que você não teria problemas. Você jamais diria *João, comeu o bolo* ou *A menina estudava, o assunto*. Mas conhecer essa regra ajudará você a não errar inclusive as questões mais rebuscadas, com trechos mais complexos. Observe como isso pode ser explorado em uma questão de concurso público:

1. (TRT-AJ/adaptado) Há erro no emprego da vírgula na frase:

a) Deixe-me, senhora.

b) Dallas, 9 de julho de 1994.

c) Aliás, isto é conhecido de todos.

d) Espero, que ele venha.

e) "O alferes continuava a dominar em mim, embora a vida fosse menos intensa, e a consciência mais débil."

Comentários:

Embora ainda não tenhamos estudado as regras para uso das vírgulas, vamos resolver esta questão item por item. Até chegarmos ao erro, que é o que agora nos interessa. Na letra A, utilizou--se a vírgula para isolar o vocativo *senhora* do restante da oração. Na letra B, a vírgula foi usada para separar, na data, o nome do lugar (*Dallas*) do restante das informações (*9 de julho de 1994*). Na letra C, a palavra de retificação *aliás* deve, mesmo, vir isolada por vírgula. A letra E apresenta a oração adverbial concessiva intercalada (*embora a vida fosse menos intensa*), e, exatamente por ter saído da ordem direta (que seria ao final da frase), veio entre vírgulas. Portanto, todas as alternativas estavam corretas, exceto a letra D: nela, separou-se o verbo (*espero*) do seu objeto direto, que veio sob forma de oração (*que ele venha*). Interessante perceber que a banca não se utilizou de um objeto direto simples, sob forma de substantivo, e sim um objeto direto oracional. Assim, ficaria mais difícil o aluno perceber o erro da frase.

Vamos, então, conhecer as regras de utilização das vírgulas? Resolvemos trabalhar da seguinte forma: a cada regra, vamos trazer frases para você treinar seus conhecimentos e algumas questões de concursos em que essas regras tenham sido utilizadas. Dividimos o uso da vírgula em *sete casos*. Para que você não tenha de decorar uma série de regras que a gramática oferece, agrupamos tudo em apenas sete situações. Vamos lá?

Caso 1 – A vírgula separa o *aposto* e o *vocativo*

1. Pedro o gerente do banco ligou e deixou um recado.

2. Xapuri importante município a 150 quilômetros da capital do Acre Rio Branco foi o principal cenário de atuação de Chico Mendes.

Comentários:

Na frase 1, *o gerente do banco* é um termo explicativo de Pedro, aposto explicativo. Como vem intercalado, entre vírgulas: *Pedro, o gerente do banco*, ligou e deixou um recado.

Na frase 2, aparecem dois apostos explicativos: *importante município a 150 quilômetros da capital* explica o termo *Xapuri*; *Rio Branco* explica a *capital* do Acre. Lembre-se da teoria do *aposto*: termo de natureza substantiva ou pronominal que se refere a outro substantivo ou pronome. Pontuada corretamente, a frase ficaria assim: Xapuri, importante município a 150 quilômetros da capital do Acre, Rio Branco, foi o principal cenário de atuação de Chico Mendes.

3. Muito bom dia senhora!

4. Pedro o gerente do banco ligou e deixou um recado.

Comentários:

Nas frases 3 e 4, temos a presença do *vocativo* (é a pessoa ou coisa personificada a quem se chama). As frases, se pontuadas corretamente, ficariam assim:

Muito bom dia, *senhora*!

Pedro, o gerente do banco ligou e deixou um recado.

Repare como uma vírgula pode mudar tudo. Confronte as frases 1 e 4:

Pedro, o gerente do banco, ligou e deixou um recado.

Pedro, o gerente do banco ligou e deixou um recado.

Na frase 1, ao se usarem as vírgulas que isolam "o gerente do banco" você tem um sentido: quer deixar claro que o termo entre vírgulas (*gerente do banco*) explica quem é Pedro; na frase 4, ao se colocar uma vírgula após *Pedro*, tem-se a intenção de *chamar* essa pessoa, e não a de explicar quem é o Pedro. Portanto, as duas frases estão corretas, cada uma com seu sentido.

Caso 2 – A vírgula separa as *enumerações* (= termos de mesma função) e certas *repetições*

5. O Brasil é o centro de origem do abacaxi do açaí do amendoim do cacau da castanha do cupuaçu do maracujá.

6. Recitava versos discursos trechos latinos e uma antologia em trinta volumes.

7. A garotada nadou nadou nadou e veio morrer na praia da ingratidão nacional.

Observe como essas frases ficariam se pontuadas corretamente:

Na frase 5, as enumerações têm a função de *adjuntos adnominais* do substantivo *origem*.

"O Brasil é o centro de origem do abacaxi, do açaí, do amendoim, do cacau, da castanha, do cupuaçu, do maracujá."

As enumerações da frase 6 são *objetos diretos* do verbo *recitava*.

"Recitava versos, discursos, trechos latinos e uma antologia em trinta volumes."

A frase 7 é um exemplo de termos repetidos:

"A garotada nadou, nadou, nadou e veio morrer na praia da ingratidão nacional."

Importante!

Confronte as frases 5 e 6:

"O Brasil é o centro de origem do abacaxi, do açaí, do amendoim, do cacau, da castanha, do cupuaçu, do maracujá."

"Recitava versos, discursos, trechos latinos e uma antologia em trinta volumes."

Você deve estar se perguntando o seguinte: por que na frase 6 aparece o conectivo *e* fechando a enumeração e na 5 não?

Vamos lá. O normal é usarmos o conectivo *e* antes do último termo da enumeração para mostrar que são *apenas* esses elementos da enumeração, que não cabe mais nenhum (frase 6).

Entretanto, quando a intenção é a de deixar em aberto esses elementos, que existem outros além dos citados, não se utiliza o conectivo *e* antes do último elemento da enumeração (frase 5). Não é muito comum não ver o *e* antes do último elemento da enumeração, não é mesmo? O que ocorre é que, nesse tipo de construção, há uma tendência de se usar o *etc.* ("… da castanha, do cupuaçu, do maracujá etc."), o que seria uma forma também aceita. É questão de preferência, de estilo.

Para finalizar, mais uma dica:

Uso da vírgula antes de etc.
O uso da vírgula antes de etc. é facultativo ("… do maracujá etc."… do maracujá, etc."), mas o uso do ponto após etc. é obrigatório.

O uso das vírgulas nas enumerações é questão muito comum em provas de concursos públicos. O Cespe-UnB é uma banca que comumente retira trechos de textos que apresentaram vírgulas em enumerações perguntando ao aluno a justificativa dessas vírgulas. Observe:

Sua metodologia é simples – por meio de conversas frequentes com a família, <u>o voluntário receita cuidados básicos para evitar que a criança morra por falta de conhecimento, como os hábitos de higiene, a administração do soro caseiro e a adoção da farinha de multimistura na alimentação</u>, que se tornou uma solução simples e emblemática contra a desnutrição. Mas o seu segredo é um só: a persistência.

1. O emprego de vírgula após "higiene" justifica-se porque isola o elemento adverbial deslocado.

Comentários:

Observe que a vírgula utilizada após *higiene* se justifica em função da enumeração *dos cuidados básicos* de que o texto falava: *hábitos de higiene, a administração do soro caseiro* e *a adoção da farinha de multimistura na alimentação*. Logo, é importante que você tenha entendido no texto que houve uma sequência de elementos enumerados, de mesma função sintática (todos eram apostos explicativos de *cuidados básicos*).

Resposta: errada.

Como era de se esperar, com porto, aeroporto e estradas arruinados ou semidestruídos, com a escassez de água, alimentos e remédios, iniciaram-se ondas de saques, e o próprio governo local transferiu a administração da crise para outros países e instituições.

2. As vírgulas após "porto" e "água" têm a mesma justificativa gramatical.

Comentários:

Em ambas as situações, o que encontramos são enumerações. Todos os termos destacados têm a mesma função sintática: a preposição *com* que inicia a expressão *com porto, aeroporto e estradas* tem valor semântico de causa. Trata-se de adjuntos adverbiais de causa enumerados. Basta colocar o período na ordem direta e você entenderá: *Iniciaram-se ondas de saques... com porto, aeroporto e estradas... com a escassez de água, alimentos e remédios...* Na verdade, o que se quer dizer é que *os saques se iniciaram por causa de portos, aeroportos e estradas arruinados e por causa da escassez de água, alimentos e remédios.* Portanto, temos uma enumeração de termos de mesma função sintática.

Resposta: certa.

Caso 3 – A vírgula marca a *omissão* da palavra; é o que chamamos de **elipse**

8. Os jovens buscam a felicidade na novidade; os velhos nos hábitos.

9. Você pretende cursar Medicina; ela Odontologia.

Comentários:

As frases 8 e 9 são exemplos da vírgula que aparece para mostrar uma palavra facilmente subentendida, independentemente de esse vocábulo já ter aparecido no texto ou não. Observe como essas frases ficariam com as vírgulas marcando a omissão dos verbos:

"Os jovens buscam a felicidade na novidade; os velhos, nos hábitos. (elipse de *buscam*)

"Você pretende cursar Medicina; ela, Odontologia. (elipse de *pretende cursar*)

Caso 4 – Separa termos *explicativos*, *retificativos*, *de situação*

10. Sua redação por exemplo tem várias frases longas que prejudicam a clareza.

11. O bêbado andava isto é cambaleava.

12. Afinal o que tens a dizer?

Comentários:

As frases 10, 11 e 12 são exemplos de expressões que denotam explicação (*por exemplo, isto é, ou melhor*...), retificação (*isto é, ou melhor*...) e situação (*afinal, então*...)

Vêm sempre separadas por vírgula – no início ou no final do período – ou vírgulas – intercalada. Assim, teríamos:

"Sua redação, por exemplo, tem várias frases longas que prejudicam a clareza."

"O bêbado andava, isto é, cambaleava."

"Afinal, o que tens a dizer?"

Caso 5 – A vírgula é utilizada para separar as *orações coordenadas* (assindéticas ou sindéticas)

13. Arrumou as malas saiu lançou-se na vida.

14. Gostava da sociedade mas não amava os sócios.

15. Não conseguiu terminar o trabalho logo sairá tarde.

16. Saia imediatamente pois quero descansar.

17. "As pessoas desejam ascender em linguagem porém insisto na verdade linguística de que os alunos sabem a língua antes mesmo de entrarem na escola."

18. "As pessoas desejam ascender em linguagem; insisto porém na verdade linguística de que os alunos sabem a língua antes mesmo de entrarem na escola."

19. Permita-me portanto cumprimentá-lo por brilhante desempenho.

20. A cada momento entravam alunos e o diretor os recebia afavelmente.

Comentários:

Na frase 13, as vírgulas separam as orações coordenadas assindéticas, orações que vêm sem conectivo:

"Arrumou as malas, saiu, lançou-se na vida."

Nas frases de 14 a 17, aparecem as conjunções coordenativas. A vírgula, nesses casos, antecede as conjunções. Veja como ficam as orações com suas devidas vírgulas:

"Gostava da sociedade, mas não amava os sócios."

"Não conseguiu terminar o trabalho, logo sairá tarde."

"Saia imediatamente, pois quero descansar."

"As pessoas desejam ascender em linguagem, porém insisto na verdade linguística de que os alunos sabem a língua antes mesmo de entrarem na escola."

Sistematizando: As orações coordenadas assindéticas devem vir separadas por vírgulas. As orações coordenadas sindéticas também: nesse caso, a vírgula virá antes da conjunção que inicia a oração.

Observe novamente as frases 18 e 19:

"As pessoas desejam ascender em linguagem; insisto, porém, na verdade linguística de que os alunos sabem a língua antes mesmo de entrarem na escola."

Permita-me, portanto, cumprimentá-lo por brilhante desempenho.

As frases 18 e 19 mostram os conectivos deslocados para o meio do período, após o verbo. Isso pode ocorrer com as conjunções *adversativas* e *conclusivas*. Quando isso acontece, a tendência é de que elas venham entre vírgulas.

Atenção: As conjunções adversativas (porém, contudo, entretanto, no entanto) e conclusivas (por isso, portanto, por conseguinte, assim) podem vir deslocadas na frase e, quando isso ocorrer, ficam entre vírgulas.

Observe, agora, as frases 18 e 19, que apresentaram conjunções deslocadas, devidamente pontuadas:

"As pessoas desejam ascender em linguagem; insisto, porém, na verdade linguística de que os alunos sabem a língua antes mesmo de entrarem na escola."

"Permita-me, portanto, cumprimentá-lo por brilhante desempenho."

Caso 6 – Separa *termos deslocados* e *orações intercaladas*

Observações:
1. Ordem direta no período simples: sujeito + verbo + complemento + (adj. adv.)
Quando alguns deslocamentos, sobretudo no período simples, não
2. comprometem o sentido essencial da frase, o uso da(s) vírgula(s) é facultativo.

Procure pontuar as frases a seguir:

21. Surpreso o garoto procura o lugar de onde vem o comando.

22. Nos tempos atuais não existe país do primeiro mundo.

23. Existe no meio rural uma violência estrutural.

24. Geralmente as oposições não gostam dos governos.

Comentários:

Na frase 21, *surpreso* é predicativo que aparece deslocado para o início do período.

"Surpreso, o garoto procura o lugar de onde vem o comando."

Nas frases 22, 23 e 24, os adjuntos adverbiais *Nos tempos atuais*, *no meio rural* e *geralmente* vêm deslocados de sua posição original, que é no final do período.

Como são expressões curtas, de fácil entendimento, que – com a(s) vírgulas(s) ou sem – não comprometem o sentido original da frase, o uso da(s) vírgula(s) é *facultativo*, ou seja, você pode usar ou não. Entretanto, numa *redação*, ao deslocar um termo de sua posição original, use sempre a(s) vírgulas(s). Nunca se sabe se o professor que vai corrigir sua redação possui ou não um posicionamento mais tradicional. Assim, em relação às frases 22, 23 e 24, teríamos:

"Nos tempos atuais(,) não existe país de primeiro mundo."

"Existe(,) no meio rural(,) uma violência estrutural."

"Geralmente(,) as oposições não gostam dos governos."

Sistematizando: Os advérbios e as locuções adverbiais deslocados, por serem termos curtos, simples, de fácil entendimento, apresentarão vírgulas facultativas.

Agora, procure pontuar adequadamente as frases a seguir:

25. Eles quando todos chegaram puderam iniciar os trabalhos.
26. O Mercosul é uma experiência que ao mexer com posturas arraigadas impõe uma nova estratégia para o conjunto da sociedade.
27. Considerando as razões apresentadas penso que a solicitação será deferida.
28. Preciso ouvir disse a mãe ao menino a causa da briga.

Comentários:

As frases 25, 26 e 27 são exemplos de *orações* deslocadas, para o início ou para o meio do período, desenvolvidas (com conjunção) ou reduzidas (infinitivo, gerúndio, particípio). Nesses casos, não teríamos mais o uso facultativo: o uso da(s) vírgula(s) é obrigatório. Assim, as frases, pontuadas corretamente, ficariam:

"Eles, quando todos chegaram, puderam iniciar os trabalhos." (oração adverbial temporal desenvolvida)

"O Mercosul é uma experiência que, ao mexer com posturas arraigadas, impõe uma nova estratégia para o conjunto da sociedade." (oração adverbial temporal reduzida de infinitivo)

"Considerando as razões apresentadas, penso que a solicitação será deferida." (oração adverbial temporal reduzida de gerúndio)

Agora, voltemos à frase 28:

Preciso ouvir disse a mãe ao menino a causa da briga.

Nela, as vírgulas devem ser utilizadas, para mostrar a intercalação de uma oração, que corresponde à fala do interlocutor.

“Preciso ouvir, disse a mãe ao menino, a causa da briga.”

Sistematizando: Com as orações adverbiais deslocadas (ou seja, retiradas do final do período), bem como com as orações intercaladas, o uso das vírgulas será obrigatório.

Veja como o Cespe-UnB lida com esse tipo de questão. A seguir, duas assertivas para você julgar como certas ou erradas.

1. O emprego de vírgula após “anos”, em “Nos próximos anos, a questão da melhoria da qualidade do ensino deve ser uma obrigação dos governantes”, justifica-se por isolar termo adverbial, com noção de tempo, deslocado do final para o começo do período.

Comentários:

Ora, temos aqui um adjunto adverbial de tempo (*nos próximos anos*) antecipado: na ordem direta ficaria ao final do período.

Resposta: assertiva correta.

Ao estabelecer a obrigatoriedade na realização dos exames pré-admissional, periódico e demissional do trabalhador, criou recursos médico-periciais voltados à identificação do nexo da causalidade entre os danos sofridos e a ocupação desempenhada.

2. A vírgula logo depois de “trabalhador” é opcional e sua retirada preservaria a correção gramatical do texto, pois os três termos da enumeração que ela tem função de marcar já estão separados pela conjunção “e”: “exames pré-admissional, periódico e demissional do trabalhador”.

Comentários:

Atenção para não confundir a vírgula que vem após *pré-admissional* com a vírgula que vem após *trabalhador:* a primeira se justifica por separar termos de uma enumeração, mas a segunda deve ser explicada por isolar a oração antecipada, que começa em *Ao estabelecer a obrigatoriedade...* e termina no vocábulo *trabalhador*. Trata-se de uma oração adverbial temporal reduzida de infinitivo, que foi deslocada do final para o início do período. A vírgula, nesse caso, é obrigatória.

Resposta: assertiva errada.

Caso 7 – A vírgula separa as orações adjetivas explicativas

Pontue as frases a seguir:

29. O Tejo que é o maior rio de Portugal nasce na Espanha.

30. João que é um grande homem ajuda a todos.

Comentários:

As frases 29 e 30 são exemplos de *meros comentários*, *termos explicativos*. O *que* das duas frases é pronome relativo, já que retoma os substantivos "Tejo" e "João". Se a oração adjetiva é *explicativa*, o uso das vírgulas é obrigatório.

"O Tejo, que é o maior rio de Portugal, nasce na Espanha."

"João, que é um grande homem, ajuda a todos."

Entretanto, se a oração é restritiva, o uso das vírgulas é proibido. Perceba:

"Só sairão mais cedo os alunos que terminaram o dever de casa."

Ora, a oração adjetiva *que terminaram o dever de casa* delimita, restringe o substantivo antecedente. Sendo assim, ela não pode ser retirada da frase, devendo, portanto, vir sem vírgulas. Observe esta assertiva retirada de uma prova do Cespe-UnB:

Sua metodologia é simples — por meio de conversas frequentes com a família, o voluntário receita cuidados básicos para evitar que a criança morra por falta de conhecimento, como os hábitos de higiene, a administração do soro caseiro e a adoção da farinha de multimistura na alimentação, que se tornou uma solução simples e emblemática contra a desnutrição.

1. O trecho "que se tornou uma solução simples e emblemática contra a desnutrição" está precedido por vírgula porque se trata de um trecho com função restritiva.

Comentários:

Perceba que a oração destacada inicia-se com pronome relativo *que*, tratando-se, portanto, de oração subordinada adjetiva. Entretanto, como se caracteriza por ser uma informação adicional, vem isolada por vírgula. Assim, ela deve ser classificada como oração subordinada adjetiva explicativa, e não como oração adjetiva restritiva, como a banca sugere.

Resposta: assertiva errada.

Sistematizando: As orações subordinadas adjetivas são aquelas que se iniciam com pronome relativo. Se restringirem, delimitarem o sentido do substantivo antecedente, virão sem vírgulas. Se forem uma informação adicional, acessória, virão entre vírgulas.

20.1.2. Ponto e vírgula

Vamos, agora, falar do ponto e vírgula? O **ponto e vírgula** é uma pausa mais longa que a vírgula e menor que o ponto. Basicamente, pode ser utilizado em duas situações:

Caso 1 – Separa orações coordenadas

31. Esforçou-se bastante; não obteve, entretanto, o reconhecimento merecido.

32. Uns estudam; outros trabalham.

Caso 2 – Separa os itens de leis, decretos, regulamentos

33. Art. 1º O núcleo... abrangerá as seguintes matérias:

a) comunicação e expressão;

b) estudos sociais;

c) ciências.

Resolução nº...art. da Lei...

Comentários:

O ponto e vírgula pode separar também orações coordenadas. É o que vemos nas frases 31 e 32.

Na 33, temos um exemplo do ponto e vírgula separando enumerações.

20.1.3. Dois-pontos

E quanto aos **dois-pontos**? Você sabe utilizá-los? Este sinal pode, basicamente, ser utilizado em duas situações. Pode dar início a fala ou citação de outrem:

34. O professor disse:

– Eu sou a razão.

Os dois-pontos podem também introduzir uma explicação, enumeração, esclarecimento:

35. Encontrei um motivo para não encontrá-lo: uma viagem de última hora.

36. São três os autores a estudar: Machado, Alencar e Drummond.

Comentários:

A frase 34 exemplifica o início da fala de outrem.

Na frase 35, os dois-pontos introduzem uma explicação, um esclarecimento da afirmação anterior.

Na frase 36, os dois-pontos dão início a uma enumeração explicativa.

20.1.4. Aspas

As **aspas** são utilizadas, normalmente, em quatro situações:

Caso 1 – Isolam uma citação

37. Algum sábio já afirmou: "Agir na paixão é embarcar durante a tempestade".

Caso 2 – Isolam estrangeirismos, arcaísmos, neologismos, gírias

38. Estamos no "hall" do hotel.

39. Ele era considerado “ persona-non-grata”.

40. Qual a “ solucionática” desta problemática?

41. Achei-o muito “ careta”.

Comentários:

As “ aspas” da frase 37 mostram as palavras de outra pessoa, e não do autor do texto.

Já nas frases 38, 39, 40 e 41 temos, respectivamente, exemplos de estrangeirismo, arcaísmo (expressão que deixou de ser usada) e neologismo (palavras novas derivadas de outras já existentes, geralmente não registradas nos dicionários) e gíria.

Caso 3 – Dar destaque a uma palavra ou expressão

42. Diga-me “ como” direi isso a ela.

Comentários:

A frase traz um exemplo de uma palavra que se quer destacar, dar expressividade. Na oralidade, diríamos: *coooomo*!

Caso 4 – Mostrar uma palavra com sentido irônico ou uma palavra em sentido diverso do usual

43. Você foi “ brilhante” ao dizer aquela asneira.

Comentários:

Na frase 43, temos um exemplo de *ironia* (diz-se o contrário do que se pensa). Se o que ele disse foi uma *asneira*, não há brilhantismo nisso.

20.1.5. Travessões

E os travessões? Empregam-se os travessões para marcar a mudança de interlocutor nos diálogos e para dar destaque ou ênfase a determinados termos. Observe as frases a seguir:

44. Apontou para Luísa e disse: – Conheces aquele ali?

45. Machado de Assis – grande romancista brasileiro – também escreveu contos.

Comentários:

A frase 44 mostra o uso do travessão marcando a mudança do interlocutor.

A frase 45 é o caso de uso mais frequente do travessão: quando se quer dar destaque ou enfatizar certas palavras ou expressões. É comum, nas questões de concurso, reescreverem trechos do texto que estão separados por travessão substituindo-o por vírgulas, o que mantém correta a construção, pois os travessões, em geral, podem ser substituídos por vírgulas.

A utilização dos travessões para dar ênfase a uma explicação do texto é um recurso muito comum na escrita e bastante

explorado pelas bancas. O Cespe-UnB tem elaborado algumas questões de reescritura de frases, que sugerem ao candidato a troca dos travessões por outro sinal de pontuação. Observe:

Em uma empresa socialmente responsável, pode-se catalisar a inteligência instalada e lhe dar uma direção e um sentido. Isso fortalece a empresa, torna-a mais competitiva, aumenta a autoestima e a dedicação dos funcionários, amplia o sentimento de pertencimento — a vida das pessoas, em vez de ser ameaçada pelo trabalho, é fortalecida por ele. Essas empresas têm melhores condições de desempenho e, portanto, de prolongar sua vida.

1. Preservam-se tanto a coerência da argumentação quanto a correção gramatical do período caso se substitua o travessão antes de "a vida" pelo sinal de dois-pontos ou pelo de ponto e vírgula.

Comentários:

Observe que o travessão foi utilizado para enfatizar uma explicação para o que o autor quis dizer com *sentimento de pertencimento*. Trata-se de um segmento explicativo enfatizado pelo travessão. Ora, a troca pelos dois-pontos ou pelo ponto e vírgula não geraria erro gramatical nem mudança de sentido da frase: só se optaria pela perda da ênfase que o travessão confere à informação.

Resposta: assertiva certa.

Nos anos 90 do século passado, o país derrotou a inflação – que corroía salários, causava instabilidade política e irracionalidade econômica. Na primeira década deste século, os avanços deram-se em direção a uma agenda social, voltada para a redução da pobreza e da desigualdade estrutural.

2. A substituição do travessão por vírgula, em "derrotou a inflação – que corroía salários", prejudica a correção gramatical do período.

Comentários:

Mais uma vez, o travessão introduz uma explicação, dando-lhe ênfase. Trata-se de uma oração adjetiva explicativa (*que corroía salários...*), que se refere ao substantivo *inflação* antecedente. Portanto, a troca do travessão pela vírgula *não* geraria erro gramatical algum à frase (a banca diz que a substituição *prejudica* a correção gramatical do período).

Resposta: assertiva errada.

20.1.6. Parênteses

Parênteses são geralmente utilizados para isolar comentários acessórios. Observe:

46. "Bem sei que só matarei alguém (que Deus me livre e guarde) se for obrigado."

Atenção: De modo geral, os parênteses são usados quando se quer acrescentar uma informação acessória, uma interferência do autor do texto.

Será que é possível, então, em um texto, substituir os parênteses pelos travessões ou vice-versa? O que queremos saber é: diante de um segmento explicativo, que vem evidenciado no texto pelo uso dos travessões, a substituição desse sinal de pontuação pelos parênteses geraria erro gramatical ou mudança de sentido da frase?

O Cespe-UnB tem feito esse tipo de pergunta em prova. Veja uma questão:

Tão logo a catástrofe do terremoto no Haiti requisitou uma ação coletiva mundial, com inúmeros atores envolvidos na ajuda humanitária – países, organizações não governamentais, empresas e os milhares de anônimos e famosos –, a situação caótica do país devastado impôs um desafio: a quem caberá a organização das próximas etapas de reconstrução do país mais pobre do Ocidente?

Mantém-se a correção gramatical do período substituindo-se os travessões (ℓ. 2 e 3) por parênteses.

Comentários:

Ora, a informação que o autor quis evidenciar no texto (*países, organizações não governamentais, empresas e os milhares de anônimos e famosos*) pelo uso dos travessões poderia ser isolada pelo uso dos parênteses. O texto continuaria gramaticalmente correto.

Resposta: assertiva correta.

Antes de concluirmos este capítulo, achamos prudente treinar mais com você, por meio de frases que fixarão os conceitos ensinados. Vamos lá?

I. Pontue as frases, quando necessário.

1. Os candidatos aguardavam ansiosos o resultado do concurso.

Comentários: O adjetivo *ansiosos*, na função de predicativo do sujeito, aparece deslocado para o meio do período, intercalado.

Lembre-se sempre da ordem direta dos termos no período simples: sujeito + verbo + complemento + adjunto adverbial.

O predicativo, aqui, aparece entre o verbo e o seu objeto (= complemento).

Resposta: Os candidatos aguardavam, ansiosos, o resultado do concurso.

***Importante*!**

O uso das vírgulas, *nessa frase*, seria facultativo. Por quê? Nunca se esqueça do princípio básico do uso facultativo da(s) vírgula(s): se com ou sem a(s) vírgula(s) o sentido continua o mesmo, há clareza, pode-se usar ou não a(s) vírgula(s). Repare nessa frase:

Os candidatos aguardavam ansiosos o resultado do concurso.

Os candidatos aguardavam, ansiosos, o resultado do concurso.

Não há truncamento de ideia, é uma frase curta de perfeito entendimento com ou sem a(s) vírgula(s).

Isso normalmente acontece com termos curtos deslocados (advérbios ou locuções adverbiais, predicativos).

Agora, você já sabe. Todo comentário em que aparecer *uso facultativo*, a explicação será a mesma:

Se você puder fazer a dupla leitura (com a pausa ou sem a pausa), e isso não alterar o sentido da frase, nem houver truncamento sintático, o uso da(s) vírgula(s) será facultativo.

2. Deixe-me senhora.

Comentários: *Senhora* é a pessoa com quem se fala, vocativo.

Resposta: Deixe-me, senhora.

3. Dallas 9 de julho de 1994.

Comentários: Esse caso é um exemplo da vírgula que se usa para separar a data do nome do lugar.

Resposta: Dallas, 9 de julho de 1994.

4. Aliás isto é conhecido de todos.

Comentários: A vírgula também separa certas expressões de explicação, retificação, situação.

Resposta: Aliás, isto é conhecido de todos.

5. Espero que ela venha.

Comentários: Aqui não há justificativa para o uso da vírgula, pois os termos já estão na ordem – sujeito + verbo + complemento: "(Eu) *Espero* (verbo) *que ele venha* (objeto direto).

Resposta: Espero que ele venha.

Lembre-se: não se usa vírgula entre sujeito e verbo e entre verbo e complemento.

6. O Brasil produz café milho arroz ouro ferro.

Comentários: Nesta frase, temos um exemplo das vírgulas que separam termos de mesma função sintática (= enumerações), são objetos diretos.

Resposta: O Brasil produz café, milho, arroz, ouro, ferro.

7. "Papai do céu dá-me uma namorada linda fiel gentil e tarada."

Comentários: Aqui temos duas justificativas: a primeira vírgula separa o vocativo e as outras, termos de mesma função (= enumerações), são adjuntos adnominais.

Resposta: "Papai do céu, dá-me uma namorada linda, fiel, gentil e tarada."

8. "O homem sensato se adapta ao mundo o insensato insiste em tentar adaptar o mundo a ele. Todo progresso depende

portanto do homem insensato."

Comentários: Na primeira ocorrência, a vírgula separa orações coordenadas. Nesse caso, poderia ser substituída por ponto e vírgula, já que esse sinal de pontuação também pode separar orações coordenadas. Na segunda e terceira ocorrências, as vírgulas intercalam a conjunção conclusiva deslocada.

Resposta: "O homem sensato se adapta ao mundo, ou; o insensato insiste em tentar adaptar o mundo a ele. Todo progresso depende, portanto, do homem insensato."

9. "Não te enganes. A vida vai tratar-te mal. Portanto se queres viver tua vida vai e toma-a."

Comentários: Aqui temos uma oração adverbial condicional ("se queres viver tua vida") *intercalada*, entre vírgulas.

Resposta: "Não te enganes. A vida vai tratar-te mal. Portanto, se queres viver tua vida, vai e toma-a."

10. Se o Brasil se tornasse independente dos empréstimos externos poderia voltar a crescer no mesmo ritmo de desenvolvimento das décadas anteriores.

Comentários: Mais uma oração adverbial condicional deslocada, só que agora para o *início* do período, uma vírgula.

Resposta: Se o Brasil se tornasse independente dos empréstimos externos, poderia voltar a crescer no mesmo ritmo de desenvolvimento das décadas anteriores.

11. Todos os candidatos publicaram os jornais devem chegar no momento azado.

Comentários: Esta frase é um exemplo de oração intercalada, um comentário acessório.

Resposta: Todos os candidatos, publicaram os jornais, devem chegar no momento azado.

12. Na Suíça delegados de 103 países grande parte com vestes africanas determinaram a proibição total da caça aos elefantes.

Comentários: A primeira vírgula é de uso facultativo, pois temos um adjunto adverbial deslocado de curta extensão, não alterando o sentido original da frase.

As outras duas vírgulas vão intercalar o aposto explicativo.

Resposta: Na Suíça(,) delegados de 103 países, grande parte com vestes africanas, determinaram a proibição total da caça aos elefantes.

20.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

Vamos fixar? Faça os exercícios a seguir e verifique o gabarito ao final!

I. Pontue as frases, quando necessário.

1. "Depois de suportar Figueiredo Sarney Collor e Itamar o brasileiro passou a duvidar até da existência de Deus."

2. Em verdade a palavra da mendiga tinha um som místico uma espécie de melodia e fazia bem fitar-lhe os olhos

encarquilhados a mão trêmula segurando o dinheiro.

3. Solicitamos a Vossa Senhoria o obséquio de verificar o valor das mercadorias recebidas.

4. "O alferes continuava a dominar em mim embora a vida fosse menos intensa e a consciência mais débil."

5. Na década de 1970 o Brasil chegou a ser o país que mais crescia no mundo. Na década perdida dos anos 80 no entanto a economia brasileira se atolou no descontrole das contas públicas.

6. "O governador do Ceará Cid Gomes é muito família. Ele não agrada apenas à sogra mas também ao sogro aos irmãos aos sobrinhos..."

7. Se dirigir não beba se beber não dirija.

8. Inscreveram-se para aquele concurso oito mil seiscentos e trinta e cinco candidatos.

9. Participaram do sorteio dois milhões quinhentos e treze mil trezentos e quinze telespectadores.

II. Coloque C (certo) ou E (errado) nas frases que se seguem em relação aos sinais de pontuação.

1. ( ) A hospitalidade tem dois aspectos: um, geral, que se refere à convivência em sociedade e se confunde com o cerimonial e a etiqueta de cada povo; o outro, específico, que estabelece relações especiais entre anfitriões e convidados.

2. ( ) Baseadas no código de honra do deserto, as relações de hospitalidade árabe, dão ao hóspede direitos exorbitantes.

3. ( ) Os poetas árabes, que tanto cantaram as virtudes do perfeito anfitrião não dizem quase nada, a respeito dos hóspedes.

4. ( ) Aquele que recebe a hospitalidade é, ao mesmo tempo, um emir, um prisioneiro e um poeta, dizem os beduínos.

5. ( ) A hospitalidade no entanto, não é medida pela abundância da comida, mas particularmente, apreciada quando se pratica apesar dos meios limitados.

6. ( ) O traço todo da vida é para muitos um desenho de criança esquecido pelo homem, e ao qual este terá sempre de se cingir sem o saber.

7. ( ) Os primeiros anos de vida foram portanto, os de minha formação instintiva ou moral, definitiva.

8. ( ) Passei esse período inicial tão remoto e tão presente, em um engenho de Pernambuco, minha província natal.

9. ( ) A população do pequeno domínio, inteiramente fechado a qualquer ingerência de fora, como todos os outros feudos da escravidão, compunha-se de escravos, distribuídos pelos compartimentos da senzala, o grande pombal negro ao lado da casa de morada, e de rendeiros, ligados ao proprietário pelo benefício da casa de barro que os agasalhava ou de pequena cultura que ele lhes consentia em suas terras.

10. ( ) No centro do pequeno cantão de escravos levantava-se a residência do senhor, olhando para os edifícios da moagem, e tendo por trás, em uma ondulação de terreno a capela sob a invocação de São Mateus.

11. ( ) O ex-presidente do Banco Central, Gustavo Franco, afirmou que o Brasil precisa ser mais assumidamente capitalista, globalizado e moderno.

12. ( ) O presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, recebeu o presidente brasileiro em Camp David.

13. ( ) Os estabelecimentos fundados por portugueses, lá pelos anos de 1618, começavam no Pará, quase sob o Equador, e terminavam em Cananéia, além do trópico.

14. ( ) Entre uma e outra capitania havia longos espaços desertos, de dezenas de léguas de extensão. A população de língua europeia, cabia folgadamente em cinco algarismos.

15. ( ) A camada ínfima da população era formada por escravos, filhos da terra, africanos ou seus descendentes.

16. ( ) Os filhos da terra eram menos numerosos pela pouca densidade originária da população indígena, pelos grandes êxodos que os afastaram da costa, pelas constantes epidemias que os dizimaram, pelos embaraços, nem sempre inúteis, opostos ao seu escravizamento.

17. ( ) Acima desta população, sem terra e sem liberdade, seguiam-se os portugueses de nascimento ou origem, sem terra, porém livres: feitores, mestres-de-açúcar oficiais-mecânicos, vivendo dos seus salários ou do feitio de obras encomendadas.

18. ( ) "É através da dinâmica institucional que se fabrica, quase sempre, o delinquente juvenil. A instituição, ao invés de recuperar, perverte; ao invés de reintegrar e ressocializar, exclui e marginaliza; ao invés de proteger, estigmatiza." *(Vicente Faleiros)*

19. ( ) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis, que, num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.

20. ( ) "… ela novamente, encheu os pulmões de ar o máximo que pôde, e seu corpo acabou arrebentando como uma bola de soprar que se enche em excesso."

21. ( ) Comprei frutas, legumes, verduras, etc.

22. ( ) "O acordo visa à criação da Área de Livre Comércio Sul-Americana (ALCSA), que estaria plenamente constituída em 2005."

Gabarito: I – 1. Depois ... Figueiredo, Sarney, Collor e Itamar, ...; 2. Em verdade, a palavra ... místico, uma espécie de melodia, e fazia ... encarquilhados, a mão...; 3. Sem vírgula; 4. Os alferes ... em mim, embora ... intensa, e a consciência...; 5. uso facultativo (Na década de 70, o Brasil ...) / (,)no entanto(,); 6. ... do Ceará, Cid Gomes, é ... à sogra, mas também ao sogro, aos irmãos, aos sobrinhos...; 7. ..., não beba; se beber, não dirija; 8. Sem vírgula (não se usa vírgula entre o milhar e as centenas. Já o milhão é separado do milhar por vírgula, e também entre o bilhão e o milhão: três milhões, quinhentos e doze mil trezentos e quinze); 9. ... dois milhões, quinhentos e treze mil trezentos e quinze ...

II – 1. C; 2. E – Após “ árabe”. Separa sujeito do verbo. 3. E – Falta a vírgula após “ anfitrião”, para intercalar a oração adjetiva explicativa. A vírgula após “ nada” é outro erro. 4. C; 5. E – Falta a vírgula após “ hospitalidade”, para intercalar “ no entanto”. Em “ particularmente” temos outra intercalação. Ou usamos duas vírgulas (antes e depois de particularmente) ou nenhuma (mas particularmente apreciada...). 6. C – O uso das vírgulas em “ para muitos” é facultativo. 7. E – “ portanto”, deslocado, entre vírgulas (, portanto,), que seria a forma mais adequada, ou nenhuma (portanto). 8. E – ... inicial, tão remoto e tão presente, ...; 9. C; 10. E – ... por trás, em uma ondulação de terreno, ...; 11. E; 12. C. Obs.: Vírgula com nomes próprios: Em (11), não podem ocorrer aquelas vírgulas, já que ex-presidente existem vários, específico, pois. Em (12), presidente há um só, explicativo, pois. Essa explicação serve para qualquer outra construção que traga estrutura semelhante: explicativa / restritiva (diretor / ex-diretor, deputado / ex-deputado...). 13. C; 14. E – A vírgula após “ europeia” separa o sujeito do verbo. 15. C; 16. C; 17. E – Falta a vírgula da enumeração após “ mestres-de-açúcar”. 18. C; 19. C; 20. E – “ Novamente” entre vírgulas ou sem vírgula alguma. 21. C. Obs.1: Nas enumerações que se encerram com “ etc.”, a tendência é usar vírgula antes do “ etc.” (ou ponto-e-vírgula ou ponto, se os elementos da enumeração vierem separados por esses sinais de pontuação). Porém, se não aparecer esse sinal antes do “ etc”, a frase continua certa. Obs.2: Após o “ etc.” devemos sempre usar o ponto. 22. C

20.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

1. (FCC/TC-PB) Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:

a) Toda vez que é pronunciada, a palavra progresso, parece abrir a porta para um mundo, mágico de prosperidade garantida.

b) Por mínimas que pareçam, há providências inadiáveis, ações aparentemente irrisórias, cuja execução cotidiana é, no entanto, importantíssima.

c) O prestígio da palavra progresso, deve-se em grande parte ao modo irrefletido, com que usamos e abusamos, dessa palavrinha mágica.

d) Ainda que traga muitos benefícios, a construção de enormes represas, costuma trazer também uma série de consequências ambientais que, nem sempre, foram avaliadas.

e) Não há dúvida, de que o autor do texto aderiu a teses ambientalistas segundo as quais, o conceito de progresso está sujeito a uma permanente avaliação.

Comentários:

Na letra A, a primeira vírgula está correta: ela se justifica por isolar uma oração adverbial temporal (*Toda vez que é pronunciada*) antecipada. Já a segunda vírgula está errada: ela separa o sujeito (*a palavra progresso*) do verbo (*parece abrir*). Quanto à terceira vírgula, também se observa um erro: não se deveria separar um adjunto adnominal (*mágico*) do substantivo que ele restringe (*mundo*).

A letra B apresenta a primeira vírgula correta: oração adverbial concessiva antecipada (*por mínimas que pareçam*); uma segunda vírgula que se justifica por uma enumeração de termos (*providências inadiáveis* e *ações aparentemente irrisórias*); uma terceira vírgula que inicia uma oração explicativa (*cuja execução cotidiana é... importantíssima)* e

duas outras vírgulas pelo motivo que acabamos de explicar: a conjunção adversativa *no entanto* veio deslocada e, por isso, entre vírgulas.

A letra C apresenta três vírgulas indevidamente utilizadas: a primeira separa o sujeito (*o prestígio da palavra progresso*) do verbo (*deve-se*). A segunda vírgula separa uma oração adjetiva *restritiva* (*com que usamos e abusamos…*) do seu substantivo antecedente (*modo*). Ora, você já viu que só a oração adjetiva explicativa é que deve vir isolada por vírgula. A terceira vírgula também está errada por separar o verbo (*abusamos*) do seu complemento (*dessa palavrinha mágica*).

Na letra D, a primeira vírgula foi devidamente utilizada: ela isola a oração adverbial concessiva antecipada (*Ainda que traga muitos benefícios*). Entretanto, a segunda vírgula está errada: ela separa sujeito (*a construção de enormes represas*) de verbo (*costuma trazer*). As duas últimas vírgulas estão corretas: elas isolam o adjunto adverbial deslocado (*nem sempre*).

Na letra E, já percebemos um erro na primeira vírgula: ela separa o substantivo *dúvida* do seu complemento nominal oracional (*de que o autor do texto…*). Ora, não se separam termos integrantes por vírgulas (verbo de objeto, nome de complemento etc.). Observa-se outro erro na segunda vírgula: não faz sentido separar o pronome relativo *as quais* do restante da oração adjetiva.

Resposta: B.

2. (TRT / 3ª Região) O modo de produção capitalista não tem vocação suicida, e nada indica que ele esteja a ponto de morrer de morte natural.

No trecho acima, utilizou-se corretamente a vírgula antes da conjunção E. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.

a) Você deve sair antes de anoitecer, e antes de acenderem as luzes, e antes de fecharem o comércio.

b) Ele muito se esforçou para a realização daquele projeto, e acabou não sendo bem-sucedido.

c) Os irmãos compreendiam-se mutuamente, e, portanto, respeitavam-se.

d) A expedição encontrou um grupo perdido, e todos voltaram juntos.

e) A maioria dos estudantes aprovou a proposta, e seus pais acataram a decisão.

Comentários:

Vamos falar da vírgula antes da conjunção **e**? Analise novamente a frase a seguir:

A cada momento entravam alunos, e o diretor os recebia afavelmente.

Nela, a vírgula se justifica por separar orações coordenadas com sujeitos diferentes (alunos/diretor). Em relação ao conectivo *e*, aditivo, algumas gramáticas afirmam que o uso da vírgula pode ocorrer se esse conectivo ligar orações

com sujeitos diferentes. Caso o sujeito dos verbos das duas orações seja o mesmo, não se usará a vírgula.

Assim, segundo a gramática tradicional, teríamos:

O uso da vírgula antes do E

Se a conjunção coordenativa unir orações com sujeitos diferentes, o uso da vírgula é facultativo. Se o E unir orações com sujeitos iguais, o uso da vírgula é proibido.

Agora, tenha cuidado! Esta é uma questão polêmica, pois em provas de concurso público já vimos de tudo: algumas questões que aceitavam o uso da vírgula antes do **E** com orações de sujeitos iguais e outras questões que consideravam tal utilização da vírgula como errada. Bancas como Esaf e Cespe/UnB já trouxeram questões de vírgula antecedendo o *e*, em que as duas orações tinham o mesmo sujeito, e não consideraram erro. Nesses casos, teríamos de verificar as outras opções.

Nesta questão, observe que o exemplo do enunciado apresenta orações com sujeitos diferentes (*modo de produção* é o sujeito da primeira oração e *nada*, o sujeito da segunda). Daí a correta colocação da vírgula antes do **e**. Entenda que, nesse caso, a vírgula é facultativa: ela também poderia não ter aparecido.

Na letra A, não houve erro quanto ao uso das vírgulas antes das duas ocorrências do **e**: os sujeitos das orações são diferentes (o sujeito da primeira oração é *você* e das outras duas, indeterminado). A essa repetição dá-se o nome de polissíndeto.

Na letra B, apesar de as orações terem sujeitos iguais (*ele*), o conectivo *e* tem valor adversativo: nesse caso, a vírgula é facultativa.

Observe com cuidado a letra C: as duas últimas vírgulas se justificam pela conjunção conclusiva deslocada (*portanto*). Mas quanto à vírgula antes do **e**? Será que a banca considerará essa vírgula errada pelo fato de ela ligar orações com sujeitos iguais (*ele*)? Observe as outras alternativas antes de marcar essa como a resposta.

A letra D está indiscutivelmente certa: o conectivo **e** une orações com sujeitos diferentes (*expedição* é o sujeito da primeira oração e *todos* é o sujeito da segunda). Daí, a vírgula estar correta (como poderia também não ter aparecido na frase).

A letra E repete o raciocínio da letra D: o sujeito da primeira oração é *a maioria dos estudantes* e o da segunda oração é *seus pais*. Se os sujeitos são diferentes, a vírgula é facultativa.

Percebeu que só nos restou como possível resposta a letra C? Como a Fundação Getulio Vargas é uma banca tradicional, seguiu a gramática ao pé da letra: considerou errado o uso da vírgula antes do aditivo *e* que une orações de sujeitos iguais.

Resposta: C.

Antes de irmos a outra questão de concurso, mais um detalhe: você reparou que, na letra B desta questão, o conectivo **e**, embora unisse orações de mesmo sujeito, veio antecedido de vírgula, **por possuir valor adversativo**?

Pois é: isso pode ocorrer também se ele trouxer um valor conclusivo. Veja:

O menino estudou muito para a prova, **e** não passou.

O menino estudou muito para a prova, **e** passou em 1º lugar.

No primeiro exemplo, o conectivo **e** tem valor adversativo (= mas, porém) e, no segundo exemplo, tem valor conclusivo (= logo, portanto). Nos dois casos, os sujeitos eram iguais e a vírgula foi utilizada.

Sistematizando: Se o conectivo e apresentar valor adversativo ou conclusivo, ainda que una orações com sujeitos iguais, a vírgula será facultativa em frases curtas que não provoquem truncamento de ideias. Em frases mais longas, o mais adequado é usar a vírgula.

Agora, observe uma outra questão, retirada de uma prova para o TSE, elaborada pelo Cespe-UnB:

3. (Cespe-UnB/TSE – Analista Judiciário) Assinale a opção que apresenta erro de pontuação:

a) Pela primeira vez, a população de Belo Horizonte vai poder escolher, por meio da Internet, as obras que serão executadas na cidade. Disponível no período de 1º a 30 de novembro, a nova modalidade, conhecida por Orçamento Participativo Digital, tem parceria entre a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte (PBH) e o Tribunal Regional Eleitoral de Minas Gerais (TRE-MG).

b) O novo sistema baseia-se em dados fornecidos pelo TRE-MG à PBH (quantitativo de eleitores, número do título de eleitor etc.), e foi solicitado pelo prefeito de BH, Fernando Pimentel, há cerca de seis meses, ao então presidente da instituição, Armando Pinheiro Lago.

c) O voto via Internet será permitido apenas para aqueles com domicílio eleitoral na capital (aproximadamente 1,7 milhão de pessoas), que poderão decidir pelo conjunto de nove obras (quatro em cada regional) que serão feitas no município em um prazo máximo de dois anos.

d) Para votar, o cidadão deve entrar no sítio da PBH. Quem não tiver acesso à Internet em casa pode ir até um dos 175 postos públicos montados, pela PBH onde haverá monitores para ajudar aqueles que não estão acostumados a lidar com computador.

Comentários:

Todas as vírgulas da letra A estão corretas: a primeira isola o adjunto adverbial de tempo *pela primeira vez* antecipado. As outras duas isolam o adjunto adverbial de meio intercalado (*por meio da Internet*). Logo na sequência observam-se mais três vírgulas corretas: a primeira, que se justifica por isolar termo antecipado (*disponível no período de 1º a 30 de novembro*) e as outras duas que isolam uma explicação (*conhecida por Orçamento Participativo Digital*). As vírgulas da letra A foram corretamente utilizadas, portanto.

Observe com cuidado a letra B: a primeira vírgula antecede **e** que une orações de mesmo sujeito (*o novo sistema*). Será que a banca vai considerar essa vírgula errada? As outras vírgulas da letra B estão todas corretas: a que vem depois de *prefeito de BH* se justifica por anteceder o aposto *Fernando Pimentel*; as outras duas, por isolarem um

adjunto adverbial de tempo intercalado (*há cerca de seis meses*) e a última vírgula está correta por isolar o também aposto *Armando Pinheiro Lago.* Lembre-se de que ainda não sabemos se a letra B é a resposta: precisamos ver se há um erro ainda mais grave em outra alternativa.

A única vírgula presente na letra C também está correta: ela antecede oração adjetiva explicativa (*que poderão decidir pelo conjunto…*).

Na letra D, a primeira vírgula está correta: ela separa oração adverbial final antecipada. Entretanto, a letra D traz um erro gravíssimo: apresenta uma vírgula que separa o complemento nominal *pela PBH* do adjetivo a que ele se refere (*montados*). Vimos que não devemos separar termos integrantes por vírgulas.

Assim, percebemos que a banca considerou como correta a letra B, embora sua primeira vírgula separasse orações coordenadas de mesmo sujeito. Como dissemos anteriormente, bancas como Cespe e Esaf têm um posicionamento mais *liberal* quanto a esse caso: para elas a vírgula antes do *e* que une orações de mesmo sujeito seria possível. Só evite fazer isso em uma redação!

Resposta: D.

Vejamos como esses conceitos vêm sendo trabalhados nas provas.

4. (Inspetor de Polícia/NCE-UFRJ) "A favor da mesma tese, poderíamos dizer que, muitas vezes, a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público."; a segunda e terceira vírgulas desse segmento:

a) destacam um esclarecimento do autor.

b) separam o aposto do resto da frase.

c) mostram uma alteração na ordem direta dos termos.

d) indicam fala do autor com o leitor.

e) separam orações.

Comentários:

Muitos que fizeram a prova marcaram a letra B. Por acharem que tudo que vem entre vírgulas nesta vida é aposto… É claro que erraram… O que temos aqui é um adjunto adverbial de tempo (*muitas vezes*), que, na ordem direta, ficaria ao final do período e, na frase, veio intercalado. Vale lembrar que as vírgulas aqui seriam facultativas: o termo deslocado é curto, simples, de fácil entendimento.

Resposta: C.

5. (Anal. Judic.) "Vamos, por um momento que seja, cair na real…"; a regra abaixo que justifica o emprego das vírgulas nesse segmento do texto é:

a) separar elementos que exercem a mesma função sintática.

b) isolar o aposto.

c) isolar o adjunto adnominal antecipado.

d) indicar a supressão de uma palavra.

e) marcar a intercalação de elementos.

Comentários:

Tem-se aqui uma oração adverbial concessiva intercalada. Na ordem direta, o período deveria ficar assim: "Vamos cair na real por um momento que seja". Nem preciso dizer que muitos erraram quando marcaram a letra B, não é?

Resposta: E.

Veja uma questão de concurso, retirada de uma prova da Fundação Getulio Vargas. Observe as situações em que o ponto e vírgula pode aparecer:

6. No 6º parágrafo o autor utilizou o sinal de pontuação ponto e vírgula de acordo com as normas gramaticais. Nas frases abaixo as normas gramaticais também foram observadas na utilização do ponto e vírgula, exceto em:

a) Os professores compareceram à festa de formatura trajados a rigor; os alunos, trajados esportivamente.

b) Um dos alunos obteve nota suficiente para ser apenas aprovado; o outro, apesar de não ter a mesma capacidade de estudo, classificou-se em segundo lugar.

c) A iniciativa segura e coerente da direção; o esforço de alunos e professores; bem como a participação de pais e responsáveis nas atividades da escola dinamizaram-na e tornaram-na uma verdadeira casa de educação.

d) Investir em educação só traz retorno para a nação a longo prazo; mas os resultados são, normalmente, satisfatórios.

e) Não há como resolver os problemas da educação com soluções paliativas, de pouco alcance; há de se investir, de forma planejada, em projetos de longo prazo que priorizem o profissional da educação.

Comentários:

Na letra A, o ponto e vírgula separa orações coordenadas. Perceba que, se houvesse necessidade de se dar uma pausa discursiva ainda maior, ter-se-ia optado pelo ponto, e não pelo ponto e vírgula. Na letra B, o ponto e vírgula separa itens de uma enumeração (*Um dos alunos... O outro...)*, tendo sido, portanto, corretamente utilizado.

Observe que, na letra C, o ponto e vírgula separa núcleos de um sujeito composto (*A iniciativa...; o esforço...; bem como a participação...*). É como se construíssemos uma frase do tipo "João; José; Antônio chegaram." Faz sentido isso?

Na letra D, o ponto e vírgula separa uma oração coordenada assindética da sua oração coordenada sindética adversativa. Foi, portanto, adequadamente usado.

Na letra E, ele separa orações coordenadas assindéticas.

Resposta: C.

7. ... graças a algumas características: eles possuem objetivos claros, vários modos de atingir o sucesso e feedback rápido, ou seja, o jogador recebe uma consequência imediata após cada ação.

Os dois pontos introduzem no contexto:

a) um segmento enumerativo, com intenção explicativa.

b) um comentário pessoal, de caráter opinativo.

c) uma repetição enfática para atrair a atenção do leitor.

d) uma ressalva ao que vem sendo desenvolvido no parágrafo.

e) a retomada da ideia mais importante do texto.

Comentários:

Perceba que o que vem após o sinal de dois-pontos é uma enumeração do que o autor chamou de *características*. Trata-se de uma oração apositiva, que nada mais é do que um segmento enumerativo que tem a intenção de explicar um substantivo anteriormente citado.

Resposta: A.

O Cespe-UnB, por sua vez, comumente elabora questões que esperam do candidato a *explicação* para o uso dos dois-pontos. Observe algumas assertivas, julgando cada uma delas como certa ou errada:

Repitamos: o sertanejo emigrante realiza, ali, uma anomalia sobre a qual nunca é demasiado insistir: é o homem que trabalha para escravizar-se.

8. Na linha 1, o autor emprega o sinal de dois pontos, para indicar que pretende dar ênfase a uma assertiva e, na linha 2, para introduzir uma explicação do que considera ser "uma anomalia".

Comentários:

De fato, na linha 1 do texto, o que se quer é enfatizar o que se disse antes: isso você pode inclusive perceber pelo próprio vocábulo *Repitamos*. Na linha 2, os dois-pontos introduzem uma oração apositiva que explica o substantivo antecedente *anomalia*.

Resposta: assertiva correta.

A importância da Pastoral é palpável: a média nacional de mortalidade infantil para crianças de até 1 ano, que é de 22 indivíduos por mil nascidos vivos, cai para 12 por mil nos lugares atendidos pela instituição.

9. O emprego do sinal de dois-pontos em "é palpável:" justifica-se porque o trecho subsequente a esse sinal apresenta argumento comprobatório da afirmativa anterior.

Comentários:

Veja que o autor afirma que a *importância da Pastoral é palpável*, para, logo na sequência, explicar o que ele quis

dizer com o uso do adjetivo *palpável.* Trata-se, portanto, de uma explicação, uma informação que *comprova* o que se disse anteriormente.

Resposta: assertiva correta.

Agora, uma questão sobre aspas:

10. O emprego das aspas em algumas palavras do texto:

Algumas são exóticas também no sentido de "diferentes" ou "esquisitas"...

Nenhuma delas é nativa do Brasil. Dependendo das circunstâncias, podem ser "imigrantes" inofensivas...

... muitas vezes tornam-se organismos nocivos aos ecossistemas "naturais".

a) chama a atenção do leitor para a importância de seu sentido no contexto.

b) indica uso específico de termos técnicos para esclarecer alguns conceitos.

c) aponta para o sentido particular de certas palavras de uso comum na gíria.

d) mostra a inclusão de opiniões alheias, como um novo interlocutor no contexto.

e) atesta a participação de palavras de origem estrangeira no vocabulário nacional.

Comentários:

Essas provas dão um *show* de teoria, não é mesmo? Passeando pelas alternativas, percebemos que, em cada uma delas, fala-se de uma das regras de utilização das aspas. Só lendo as frases destacadas, portanto, você descobrirá a resposta.

Trata-se do uso das aspas para destacar palavras ou expressões no texto. Evidenciar informações.

Resposta: A.

20.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (FCC – Manausprev – Analista Previdenciário – 2015)

Atente para as afirmativas abaixo.

I. No segmento *para aprofundar questões referentes à* <u>*sincronicidade*</u> *entre arte e ciência*, o sinal indicativo de crase deverá ser suprimido caso se substitua o elemento sublinhado por "sincronização".

II. Sem prejuízo para a correção e o sentido, o sinal de travessão pode ser substituído por dois-pontos no segmento *usufruir uma obra de Tomie Ohtake propicia uma dupla experiência – incita a reflexão...*

III. O segmento sublinhado em <u>*que para a sua elaboração*</u> *prescinde da intencionalidade* pode ser isolado por vírgulas, sem prejuízo da correção.

Está correto o que se afirma APENAS em

a) I e III.

b) II e III.

c) III.

d) I.

e) I e II.

2. (FCC – TRE-AP – Analista Judiciário – Área Administrativa – 2015)

Embora o meu vocabulário seja voluntariamente pobre – uma espécie de Brasileiro Básico – a única leitura que jamais me cansa é a dos dicionários. Variados, sugestivos, atraentes, não são como os outros livros, que contam sempre a mesma estopada do começo ao fim.*

[...]

Na minha adolescência, todo e qualquer escritor se presumia de estilista, e isso, na época, significava riqueza vocabular... Imagine-se o mal que deve ter causado a autores novos e inocentes o grande estilista Coelho Neto: grande infanticida, isto é o que ele foi.

* aquilo que é maçante, enfadonho, aborrecedor.

(Adaptado de: QUINTANA, Mario. Dicionários. Caderno H. 7. ed. São Paulo: Globo, 1998, p.176)

Atente para as seguintes afirmações sobre o emprego dos sinais de pontuação:

I. Em *não são como os outros livros, que contam sempre a mesma estopada do começo ao fim*, a retirada da vírgula implicaria prejuízo ao sentido original.

II. A substituição por parênteses dos travessões que isolam o segmento *uma espécie de Brasileiro Básico* implicaria prejuízo para a correção da frase.

III. Em *e isso, na época, significava riqueza vocabular...*, a retirada da primeira vírgula acarretaria prejuízo para a correção da frase.

Está correto APENAS o que se afirma em

a) II e III.

b) I.

c) I e III.

d) II.

e) I e II.

3. (FCC – TRE-AP – Técnico Judiciário – Administrativo – 2015)

Para sobreviver, enfim, Michelangelo teve de enfrentar questões que afligem os seres humanos em qualquer tempo. Como no caso de sua resistência a trocar a escultura pela pintura, quem nunca tremeu nas bases ao ser forçado a sair de sua zona de conforto?

Atente para o que se afirma abaixo.

I. No segmento *Com o adiamento, Michelangelo recebeu um prêmio de consolação: pintar o teto de uma capela de uso reservado*..., os dois-pontos introduzem um esclarecimento.

II. Sem prejuízo do sentido, podem ser suprimidas as vírgulas do segmento: *O artista, que se considerava um escultor, cortava de forma peremptória*...

III. No terceiro parágrafo, o sinal de interrogação pode ser suprimido por se tratar de uma pergunta retórica.

Está correto o que se afirma APENAS em:

a) II e III.

b) I e II.

c) I.

d) II.

e) I e III.

4. (FCC – TRE-SE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – 2015)

A frase citada do texto que permanece correta após o acréscimo das vírgulas é:

a) Já trocamos, uns cinco *e-mails* e uns dez recados, pelo celular.

b) Acredito, que acabei me adaptando, a esse mundo moderno.

c) Há três semanas, que estou combinando, um almoço com um grande amigo.

d) Hoje cedo, eu me lembrei da minha mãe, à beira do fogão, separando os marinheiros do arroz e tirando as pedras do feijão.

e) Estou pensando, seriamente, em sair daqui uma hora dessas, chegar, à casa dele e tocar, a campainha.

5. (FCC – Metrô-SP – Agente de segurança – 2015)

Minha hipótese, caso correta, tem implicações metafísicas. Se a vida for como um cardápio, do outro lado teria que existir o Grand Chef, o criador do menu.

As frases abaixo referem-se à pontuação do texto.

I. Com as devidas alterações, no segmento...*tem implicações metafísicas. Se a vida for como um cardápio*..., pode-se substituir o ponto final por dois-pontos, uma vez que a ele se segue uma explicação.

II. Na frase *Ora, Alfredo, deixe de filosofar e escolha logo o prato*, o termo sublinhado pode ser substituído por uma vírgula.

III. No segmento ...*e estavam na varanda do Bar Lagoa, de onde se pode ver um cantinho de céu*..., pode-se acrescentar uma vírgula imediatamente após estavam.

Está correto o que se afirma APENAS em

a) I e III.

b) I.

c) I e II.

d) II e III.

e) III.

6. (FCC – TJ-AP – Analista Judiciário – Judiciária e Administrativa – 2014)

Considere as seguintes frases:

I. Ele ama os poemas de cordel, com que teve contato desde pequeno.

II. Respeito os autores de cordel, que normalmente não se preocupam com o grande mercado.

III. Ainda ontem de manhã, passei horas examinando os folhetos expostos na feira.

A supressão da vírgula ALTERA o sentido do que está APENAS em

a) I e II.

b) I e III.

c) II e III.

d) I.

e) II.

7. (FCC – TCE-GO – Analista de Controle Externo – 2014)

O pesquisador explica que os sistemas de integração e de plantio direto promovem benefícios vitais para o solo. Já o sequestro do carbono contribui para diminuir a emissão de gases de efeito estufa. Quando a terra é arada os restos são incorporados e os micro-organismos que decompõem esses restos morrem sem alimento e o carbono vai para a atmosfera. "Quando se deixam nutrientes no solo, os micro-organismos aumentam para decompor os nutrientes e ficam na terra se alimentando."

Sem prejuízo da correção e do sentido, uma vírgula pode ser inserida imediatamente após

a) " carbono", em *Já o sequestro do carbono...*

b) " arada", em *Quando a terra é arada...*

c) " aumentam", em *os micro-organismos aumentam...*

d) " explica", em *O pesquisador explica*

e) " micro-organismos", em *os micro-organismos que decompõem esses restos*

8. (FCC – METRÔ-SP – Administrador – 2014)

Atente para as seguintes frases:

I. Numa viagem de metrô, sentimos que o próprio tempo parece acelerar.

II. Ele prefere evitar o metrô, por conta de sua tendência claustrofóbica.

III. Ele optou pelo horário do metrô, que lhe parece mais conveniente.

A supressão da(s) vírgula(s) altera o sentido do que está APENAS em:

a) I e II.

b) II e III.

c) I e III.

d) II.

e) III.

9. (FCC – Câmara Municipal de São Paulo – SP – Consultor Técnico Legislativo – Informática – 2014)

Na redação das frases seguintes, a supressão da(s) vírgula(s) altera o sentido APENAS do que está em:

I. Neste texto, o autor avalia a importância da memória na representação ficcional.

II. As crianças, atingidas por traumas e embaladas por sonhos, guardam consigo a matéria da ficção.

III. A infância, rica como inferno ou como paraíso, tem inspirado contos e romances da mais alta expressão.

a) I e II.

b) II e III.

c) I e III.

d) II.

e) III.

10. (FCC- TRF – 3ª REGIÃO – Analista Judiciário – Informática – 2014)

Considere as frases abaixo.

I. Ao se suprimirem as vírgulas do trecho *A dor, juntamente com a morte, é sem dúvida a experiência humana*..., o verbo deverá ser flexionado no plural.

II. Na frase *Georges Canguilhem acrescenta que ela é um estado de "inconsciência em que o sujeito é de seu corpo"*, pode-se acrescentar uma vírgula imediatamente após *inconsciência*, sem prejuízo para a correção.

III. Na frase *De fato, na vida cotidiana o corpo se faz invisível, flexível; sua espessura é apagada pelas ritualidades sociais*..., o ponto e vírgula pode ser substituído, sem prejuízo para a correção e o sentido original, por dois-pontos.

Está correto o que se afirma APENAS em

a) II.

b) I e III.

c) II e III.

d) I e II.

e) I.

11. (FCC – MPE-PB – Técnico Ministerial – Administrativo – 2015)

O elemento que NÃO é um pronome está sublinhado em:

a) E a fortuna daqueles que a encontram

b) Porque o Tejo não é o rio que corre...

c) Para aqueles que veem em tudo...

d) Ninguém nunca pensou no que há...

e) O Tejo é mais belo que o rio...

12. (TRF3 – Técnico Judiciário – FCC – Abril/2016 – Adaptada)

O acréscimo de uma vírgula após o termo sublinhado não altera o sentido nem a correção do trecho:

a) A ideia de cidade inteligente sempre aparece relacionada à abertura de bases de dados por parte dos órgãos públicos.

b) Há experiências importantes em cidades brasileiras também.

c) ... uma parte prioriza a transparência como meio de prestação de contas e responsabilidade política frente à sociedade civil, como a ideia de governo aberto...

d) ...outra parte prioriza a participação popular através da interatividade, bem como a cooperação técnica para o reúso de dados abertos por entidades e empresas.

e) Contudo, existem estudos que apontam que bastariam meros quatro pontos de dados para identificar os movimentos de uma pessoa na cidade.

Leia o texto a seguir para responder à questão 13.

Depois que se tinha fartado de ouro, o mundo teve fome de açúcar, mas o açúcar consumia escravos. O esgotamento das minas – que de resto foi precedido pelo das florestas que forneciam o combustível para os fornos –, a abolição da escravatura e, finalmente, uma procura mundial crescente, orientam São Paulo e o seu porto de Santos para o café. De amarelo, passando pelo branco, o ouro tornou-se negro.

Mas, apesar de terem ocorrido essas transformações que tornaram Santos num dos centros do comércio internacional, o local conserva uma beleza secreta; à medida que o barco penetra lentamente por entre as ilhas, experimento aqui o primeiro sobressalto dos trópicos. Estamos encerrados num canal verdejante. Quase podíamos, só com estender a mão, agarrar essas plantas que o Rio ainda mantinha à distância nas suas estufas empoleiradas lá no alto. Aqui se estabelece, num palco mais modesto, o contato com a paisagem.

O arrabalde de Santos, uma planície inundada, crivada de lagoas e pântanos, entrecortada por riachos estreitos e canais, cujos contornos são perpetuamente esbatidos por uma bruma nacarada, assemelha-se à própria Terra, emergindo no começo da criação. As plantações de bananeiras que a cobrem são do verde mais jovem e terno que se possa imaginar: mais agudo que o ouro verde dos campos de juta no delta do Bramaputra, com o qual gosto de o associar na minha recordação; mas é que a própria fragilidade do matiz, a sua gracilidade inquieta, comparada com a suntuosidade tranquila da outra, contribuem para criar uma atmosfera primordial.

Durante cerca de meia hora, rolamos por entre bananeiras, mais plantas mastodontes do que árvores anãs, com troncos plenos de seiva que terminam numa girândola de folhas elásticas por sobre uma mão de 100 dedos que sai de um enorme lótus castanho e rosado. A seguir, a estrada eleva-se até os 800 metros de altitude, o cume da serra. Como acontece em toda parte nessa costa,

escarpas abruptas protegeram dos ataques do homem essa floresta virgem tão rica que para encontrarmos igual a ela teríamos de percorrer vários milhares de quilômetros para norte, junto da bacia amazônica. Enquanto o carro geme em curvas que já nem poderíamos qualificar como " cabeças de alfinete", de tal modo se sucedem em espiral, por entre um nevoeiro que imita a alta montanha de outros climas, posso examinar à vontade as árvores e as plantas estendendo-se perante o meu olhar como espécimes de museu.

(Adaptado de: Lévi-Strauss, Claude. *Tristes Trópicos*. Coimbra, Edições 70, 1979, p. 82-3)

13. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

Considere as frases abaixo.

I. O segmento que se estende de uma planície inundada até uma bruma nacarada (3º parágrafo) constitui explicação do termo antecedente, de maneira que poderia ser iniciado por " que é", sem prejuízo para o sentido.

II. Neste mesmo segmento, as vírgulas poderiam ser substituídas por ponto-e-vírgulas, uma vez que se trata de uma sequência de características atribuídas a um mesmo termo.

III. No mesmo período, a oração iniciada por emergindo pode tanto subordinar-se a assemelha-se como a Terra.

Está correto o que consta em

a) III, apenas.

b) I, II e III.

c) I e II, apenas.

d) I e III, apenas.

e) II, apenas.

Leia o texto a seguir para responder às questões 14 e 15.

Estava mal chegando a São Paulo, quando um repórter me provocou: " Mas como, Chico, mais um samba? Você não acha que isso já está superado?". Não tive tempo de me defender ou de atacar os outros, coisa que anda muito em voga. Já era hora de enfrentar o dragão, como diz o Tom, enfrentar as luzes, os cartazes, e a plateia, onde distingui um caro colega regendo um coro pra frente, de franca oposição. Fiquei um pouco desconcertado pela atitude do meu amigo, um homem sabidamente isento de preconceitos. Foi-se o tempo em que ele me censurava amargamente, numa roda revolucionária, pelo meu desinteresse em participar de uma passeata cívica contra a guitarra elétrica. Nunca tive nada contra esse instrumento, como nada tenho contra o tamborim. O importante é Mutantes e Martinho da Vila no mesmo palco.

Mas, como eu ia dizendo, estava voltando da Europa e de sua música estereotipada, onde samba, toada etc. são ritmos virgens para seus melhores músicos, indecifráveis para seus cérebros eletrônicos. " Só tenho uma opção, confessou-me um italiano – sangue novo ou a antimúsica. Veja, os Beatles, foram à Índia..." Donde se conclui como precipitada a opinião, entre nós, de que estaria morto o nosso ritmo, o lirismo e a malícia, a malemolência. É certo que se deve romper com as estruturas. Mas a música brasileira, ao contrário de outras artes, já traz dentro de si os elementos de renovação. Não se trata de defender a tradição, família ou propriedade de ninguém. Mas foi com o samba que João Gilberto rompeu as estruturas da nossa canção. E se o rompimento não foi universal, culpa é do brasileiro, que não tem vocação pra exportar coisa alguma.

Quanto a festival, acho justo que estejam todos ansiosos por um primeiro prêmio. Mas não é bom usar de qualquer recurso, nem

se deve correr com estrondo atrás do sucesso, senão ele se assusta e foge logo. E não precisa dar muito tempo para se perceber " que nem toda loucura é genial, como nem toda lucidez é velha".

(Adaptado de: HOLANDA, Chico Buarque de, apud Adélia B. de Menezes, *Desenho Mágico*: Poesia e Política em Chico Buarque, São Paulo, Ateliê, 2002, p. 28-29)

14. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

Sem prejuízo para a correção e o sentido, pode-se acrescentar uma vírgula imediatamente após o termo

a) " E", em E se o rompimento não foi universal... (2º parágrafo)

b) " Mas", em Mas não é bom usar de qualquer recurso... (3º parágrafo)

c) " e", em ... se assusta e foge logo (3º parágrafo)

d) " Mas", em Mas foi como o samba que João Gilberto... (2º parágrafo)

e) " Mas", em Mas como, Chico, mais um samba? (1º parágrafo)

15. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

Sem que se altere o sentido da frase, todas as vírgulas podem ser substituídas por travessão, EXCETO em:

a) *Não se trata de defender a tradição, família ou propriedade*... (2º parágrafo)

b) *Fiquei um pouco desconcertado pela atitude do meu amigo, um homem*... (1º parágrafo)

c) *Mas, como eu ia dizendo, estava voltando da Europa*... (2º parágrafo)

d) ... *como precipitada, entre nós, de que estaria morto*... (2º parágrafo)

e) *Mas a música brasileira, ao contrário de outras artes, já traz*... (2º parágrafo)

16. (TRT14R – Téc. Jud. – Área Adminis. – FCC – Fev./2016)

Considere as afirmações acerca da pontuação.

I. O acréscimo de uma vírgula antes do termo sublinhado não altera o sentido do trecho: *Nessas viagens, ele frequentemente encontrou tribos indígenas* <u>*que*</u> *não tinham contato com a civilização*...

II. O termo sublinhado pode estar entre vírgulas sem prejuízo para a correção gramatical do trecho: *Rondon contribuiu* <u>*também*</u> *para o reconhecimento e mapeamento de grandes áreas ainda inóspitas no interior do país*.

III. As vírgulas sinalizam uma enumeração no trecho: ... *levantou dados e informações de mineralogia, geologia, botânica, zoologia e antropologia*.

Está correto o que se afirma em

a) I, II e III.

b) I, apenas.

c) I e II, apenas.

d) II e III, apenas.

e) III, apenas.

17. (Copergás/PE – Analista Administrador – FCC – Jul./2016)

Está correta a seguinte afirmação sobre a pontuação empregada no texto:

a) Os travessões presentes no 1º e no 2º parágrafos precisam ser todos substituídos por sinais de dois-pontos.

b) O sinal de interrogação em *até que ponto?* (1º parágrafo) está servindo a uma pergunta retórica, cuja precisa resposta já é sabida.

c) A vírgula na expressão *Ao que tudo indica*, (2º parágrafo) é excessiva e prejudica o sentido da frase.

d) O ponto e vírgula em *"falas" determinadas*; (3º parágrafo) pode dar lugar ao emprego alternativo de uma vírgula.

e) A expressão, *em parte*, (3º parágrafo) não pode ser empregada entre vírgulas, neste contexto.

Leia o texto a seguir para responder à questão 18.

Texto I

Naquele novo apartamento da rua Visconde de Pirajá pela primeira vez teria um escritório para trabalhar. Não era um cômodo muito grande, mas dava para armar ali a minha tenda de reflexões e leitura: uma escrivaninha, um sofá e os livros. Na parede da esquerda ficaria a grande e sonhada estante onde caberiam todos os meus livros. Tratei de encomendá-la a seu Joaquim, um marceneiro que tinha oficina na rua Garcia D' Ávila com Barão da Torre.

O apartamento não ficava tão perto da oficina. Era quase em frente ao prédio onde morava Mário Pedrosa, entre a Farme de Amoedo e a antiga Montenegro, hoje Vinicius de Moraes. Estava ali havia uma semana e nem decorara ainda o número do prédio. Tanto que, quando seu Joaquim, ao preencher a nota de encomenda, perguntou-me onde seria entregue a estante, tive um momento de hesitação. Mas foi só um momento. Pensei rápido: " Se o prédio do Mário é 228, o meu, que fica quase em frente, deve ser 227". Mas lembrei-me de que, ao ir ali pela primeira vez, observara que, apesar de ficar em frente ao do Mário, havia uma diferença na numeração.

– Visconde de Pirajá, 127 – respondi, e seu Joaquim desenhou o endereço na nota.

– Tudo bem, seu Ferreira. Dentro de um mês estará lá sua estante.

– Um mês, seu Joaquim! Tudo isso? Veja se reduz esse prazo.

– A estante é grande, dá muito trabalho... Digamos, três semanas.

Ferreira Gullar. A estante. In: *A estranha vida banal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989 (com adaptações).

18. (INSS – Técnico Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

Julgue o seguinte item, a respeito de aspectos linguísticos do **texto I**.

No período " Tanto que, quando (...) momento de hesitação" (l. 8-9), o emprego de todas as vírgulas deve-se à mesma regra de pontuação.

Leia o texto a seguir para responder à questão 19.

Texto II

Bibliotecas sempre deram muito o que falar. Grandes monarquias jamais deixaram de possuir as suas, e cuidavam delas estrategicamente. Afinal, dotes de princesas foram negociados tendo livros como objetos de barganha; tratados diplomáticos versaram sobre essas coleções. Os monarcas portugueses, após o terremoto que dizimou Lisboa, se orgulhavam de, a despeito dos destroços, terem erguido uma grande biblioteca: a Real Livraria. D. José chamava-a de joia maior do tesouro real. D. João VI, mesmo na correria da partida para o Brasil, não se esqueceu dos livros. Em três diferentes levas, a Real Biblioteca aportou nos trópicos, e foi até mesmo tema de disputa.

Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br> (com adaptações).

19. (INSS – Técnico Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

Acerca de aspectos linguísticos e dos sentidos do texto acima, julgue o item que se segue.

O sinal de dois-pontos empregado imediatamente após " biblioteca" (l. 4-5) introduz um termo de natureza explicativa.

Leia o texto a seguir para responder à questão 20.

Levantou-se da cama o pobre namorado sem ter conseguido dormir. Vinha nascendo o Sol.

Quis ler os jornais e pediu-os.

Já os ia pondo de lado, por haver acabado de ler, quando repentinamente viu seu nome impresso no **Jornal do Comércio**.

Era um artigo *a pedido* com o título de **Uma Obra-Prima**.

Dizia o artigo:

Temos o prazer de anunciar ao país o próximo aparecimento de uma excelente comédia, estreia de um jovem literato fluminense, de nome Antônio Carlos de Oliveira.

Este robusto talento, por muito tempo incógnito, vai enfim entrar nos mares da publicidade, e para isso procurou logo ensaiar-se em uma obra de certo vulto.

Consta-nos que o autor, solicitado por seus numerosos amigos, leu há dias a comédia em casa do Sr. Dr. Estêvão Soares, diante de um luzido auditório, que aplaudiu muito e profetizou no Sr. Oliveira um futuro Shakespeare.

O Sr. Dr. Estêvão Soares levou a sua amabilidade ao ponto de pedir a comédia para ler segunda vez, e ontem ao encontrar-se na rua com o Sr. Oliveira, de tal entusiasmo vinha possuído que o abraçou estreitamente, com grande pasmo dos numerosos transeuntes.

Da parte de um juiz tão competente em matérias literárias este ato é honroso para o Sr. Oliveira.

Estamos ansiosos por ler a peça do Sr. Oliveira, e ficamos certos de que ela fará a fortuna de qualquer teatro.

O amigo das letras.

Machado de Assis. A mulher de preto. In: *Contos fluminenses*. São Paulo: Globo, 1997 (com adaptações).

20. (INSS – Analista Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

Acerca de aspectos linguísticos do texto, julgue o item a seguir.

A correção gramatical e o sentido do texto seriam mantidos caso o termo " em casa" (l. 11) fosse isolado por vírgulas.

Leia o texto a seguir para responder à questão 21.

Texto CB2A2BBB

O fenômeno da corrupção, em virtude de sua complexidade e de seu potencial danoso à sociedade, exige, além de uma atuação repressiva, também uma ação preventiva do Estado. Portanto, é preciso estimular a integridade no serviço público, para que seus agentes sempre atuem, de fato, em prol do interesse público.

Entende-se que a integridade pública representa o estado ou condição de um órgão ou entidade pública que está "completa, inteira, perfeita, sã", no sentido de uma atuação que seja imaculada ou sem desvios, conforme as normas e valores públicos.

De acordo com a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), a integridade é mais do que a ausência de corrupção, pois envolve aspectos positivos que, em última análise, influenciam os resultados da administração, e não apenas seus processos. Além disso, a OCDE compreende um sistema de integridade como um conjunto de arranjos institucionais, de gerenciamento, de controle e de regulamentações que visem à promoção da integridade e da transparência e à redução do risco de atitudes que violem os princípios éticos.

Nesse sentido, a gestão de integridade refere-se às atividades empreendidas para estimular e reforçar a integridade e também para prevenir a corrupção e outros desvios dentro de determinada organização.

Disponível em: <www.cgu.gov.br> (com adaptações).

21. (TCE-SC – Aud. Fiscal-Administ. – Cespe – Maio/2016)

Ainda com relação a aspectos linguísticos do texto CB2A2BBB, julgue o item subsequente.

O trecho "e também" (l. 15) poderia ser corretamente isolado por vírgulas, recurso que lhe conferiria ênfase.

Leia o texto a seguir para responder à questão 22.

Texto I

A moeda, como hoje é conhecida, é o resultado de uma longa evolução. No início, não havia moeda, praticava-se o escambo. Algumas mercadorias, pela sua utilidade, passaram a ser mais procuradas do que outras. Aceitas por todos, assumiram a função de moeda, circulando como elemento trocado por outros produtos e servindo para avaliar-lhes o valor. Eram as moedas-mercadorias. O gado, principalmente o bovino, foi dos mais utilizados. O sal foi outra moeda-mercadoria; de difícil obtenção, era muito utilizado na conservação de alimentos. Ambas deixaram marca de sua função como instrumento de troca no vocabulário português, em palavras como pecúnia e pecúlio, capital e salário.

Com o passar do tempo, as mercadorias se tornaram inconvenientes às transações comerciais, devido à oscilação de seu valor, pelo fato de não serem fracionáveis e por serem facilmente perecíveis, o que não permitia o acúmulo de riquezas. Surgiram, então, no século VII a.C., as primeiras moedas com características semelhantes às das atuais: pequenas peças de metal com peso e valor definidos e com a impressão do cunho oficial, isto é, a marca de quem as emitiu e garante o seu valor.

Os primeiros metais utilizados na cunhagem de moedas foram o ouro e a prata. O emprego desses metais se impôs, não só por sua raridade, beleza, imunidade à corrosão e por seu valor econômico, mas também por antigos costumes religiosos. Durante muitos séculos, os países cunharam em ouro suas moedas de maior valor, reservando a prata e o cobre para os valores menores. Esses sistemas se mantiveram até o final do século XIX, quando o cuproníquel e, posteriormente, outras ligas metálicas passaram a ser empregados e a moeda passou a circular pelo seu valor extrínseco, isto é, pelo valor gravado em sua face, que independe do metal nela contido.

Na Idade Média, surgiu o costume de guardar os valores com um ourives, pessoa que negociava objetos de ouro e prata e que, como garantia, entregava um recibo. Esse tipo de recibo passou a ser utilizado para efetuar pagamentos, circulando de mão em mão, e deu origem à moeda de papel. Com o tempo, da forma como ocorreu com as moedas, os governos passaram a conduzir a emissão de cédulas, controlando as falsificações e garantindo o poder de pagamento. Atualmente, quase todos os países possuem bancos centrais, encarregados das emissões de cédulas e moedas.

Disponível em: <www.bcb.gov.br> (com adaptações).

22. (CEF – Superior – Cespe – Mar./2014)

Julgue o próximo item como Certo (C) ou Errado (E), relativo às ideias expressas no texto e a aspectos linguísticos desse texto.

Seriam mantidas a correção gramatical e a coerência do texto caso a vírgula empregada imediatamente após " centrais" (l. 25) fosse suprimida, embora o sentido do trecho fosse alterado.

23. (Câmara dos Deputados – Técnico Legislativo – Cespe – Abril/2014)

Bill Watterson.

(Adaptado) Julgue o item subsequente, relativo ao diálogo entre os personagens Calvin e sua professora, Dona Doroteia, apresentado na tirinha.

No segundo quadrinho, a retirada da vírgula logo após " felicidade" modificaria a relação semântica e sintática entre essa palavra e o trecho " a qual é meu direito inalienável" e afetaria a coerência da argumentação.

Leia o texto a seguir para responder à questão 24.

Texto I

De acordo com uma lista da International Union for the Conservation of Nature, o Brasil é o país com o maior número de espécies de aves ameaçadas de extinção, com um total de 123 espécies sofrendo risco real de desaparecer da natureza em um futuro não tão distante. A Mata Atlântica concentra cerca de 80% de todas as aves ameaçadas no país, fato que resulta de muitos anos de exploração e desmatamentos. Atualmente, restam apenas cerca de 10% da floresta original, não sendo homogênea essa proporção de floresta remanescente ao longo de toda a Mata Atlântica. A situação é mais séria na região Nordeste, especialmente nos estados de Alagoas e Pernambuco, onde a maior parte da floresta original foi substituída por plantações de cana-de-açúcar. É nessa região que ainda podem ser encontrados os últimos exemplares das aves mais raras em todo o país, como o criticamente ameaçado limpa-folha-do-nordeste (Philydor novaesi). Essa pequena ave de dezoito centímetros vive no estrato médio e dossel de florestas bem conservadas e ricas em bromélias, onde procura artrópodes dos quais se alimenta. Atualmente, as duas únicas localidades onde a espécie pode ser encontrada são a Estação Ecológica de Murici, em Alagoas, e a Serra do Urubu, em Pernambuco.

Pedro F. Develey et al. O Brasil e suas aves. In: *Scientific American Brasil*, 2013 (com adaptações).

24. (ICMBIO – Nível Médio – Cespe – 2014)

Julgue o item seguinte, relativo às ideias e aos aspectos estruturais do texto.

A inserção de vírgula logo após o vocábulo " encontrada" (l. 12), além de preservar a correção gramatical do texto, daria ênfase à informação contida no trecho " as duas únicas localidades onde a espécie pode ser encontrada" (l. 11-12).

Leia o texto a seguir para responder à questão 25.

– Este livro não é meu! Meu Deus, o que fizeram do meu livro?

A exclamação, patética, vinha da famosa jornalista internacional Oriana Fallaci (no caso, como escritora), ao perceber que a tradução brasileira de seu livro **Um homem** (1981) não era fiel à estrutura paragráfica do original, construída em forma de monólogo compacto. O que a escritora concebera como blocos de longo discurso interior foi transformado, na tradução, em diálogos convencionais. Em posterior entrevista, Fallaci definiu, como criadora, seu ponto de vista:

– Em **Um homem**, todos os diálogos são dados sem parágrafo, e não só porque esse é notoriamente o meu modo de escrever, de obter o ritmo da página, a musicalidade da língua, mas porque isso corresponde a uma rigorosa necessidade de estilo ditada pela substância do livro. Nele, o diálogo é um diálogo recordado, um diálogo interior, e não um diálogo que determina um diálogo. É um livro em que a forma e a substância, o estilo e o significado se integram indissoluvelmente. E trabalhei tanto para escrevê-lo! Três longos anos sem nunca deixar aquele quarto e aquela pequena mesa, jamais uma interrupção, nada de férias, nada de domingos, nada de natais e páscoas. Sempre trabalhando, de manhã à noite, refazendo, corrigindo, limando o estilo, cuidando da ausência de parágrafos.

Com seu protesto, Oriana Fallaci levantou, na época, um sério problema de editoração, aliás, um problema duplo: a técnica literária do autor e – o mais importante para o editor de texto – o respeito em relação a essa técnica, que a autora definiu como estilo. Vejamos a questão por partes.

No que concerne à técnica literária dos diálogos, até o século XIX conheciam-se apenas o discurso direto e o discurso narrativo ou indireto. A partir de meados desse século, entretanto, surgiu o discurso aparente ou discurso indireto livre. De início, nesse caso, os autores usaram aspas para não confundir o leitor, mas estas seriam logo abandonadas como técnica narrativa.

Quanto ao estilo, foi com a Revolução Industrial, vale dizer, com o amadurecimento da sociedade capitalista, que os escritores começaram a ter consciência não da forma em geral, mas da forma individual, da maneira particular de exposição de cada autor como artista que produz obra única e consumada. A revolução das técnicas e do mercado, traduzindo-se no binômio velocidade-quantidade, suscitou a massificação do livro, contra a qual emergiu a figura do autor como artista, como criador por excelência, como aquele que domina a gramática para ter o direito de fraturá-la. Roland Barthes (1971) observa que, assim, começa a elaborar-se uma imagética do escritor-artesão que se fecha num lugar lendário, como um operário na oficina, e desbasta, talha, pule e engasta sua forma, exatamente como um lapidário extrai a arte da matéria, passando, nesse trabalho, horas regulares de solidão e esforço. Esse valor-trabalho substitui, de certa maneira, o valor-gênio; há uma certa vaidade em dizer que se trabalha bastante e longamente a forma.

Desde então, ao se trabalhar com obras em que o elemento primordial é a informação, existe a liberdade de redisposição dos originais em benefício da clareza, mas, com produção literária, impõe-se absoluto privilégio autoral, que é um princípio socialmente reconhecido, com o qual o editor de texto sempre convive.

Emanuel Araújo. A construção do livro: princípios da técnica de editoração. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Brasília: INL, 2000, p. 23 6 (com adaptações).

25. (IRB – Nível Superior – Cespe – 2014)

Com relação aos aspectos morfossintáticos do texto, julgue (C ou E) o seguinte item.

Na linha 2, as vírgulas que isolam o termo "patética" foram empregadas para enfatizar o atributo de "exclamação", mas a supressão dessa pontuação manteria a correção gramatical do trecho.

Leia o texto a seguir para responder à questão 26.

A história eleitoral do Brasil é uma das mais ricas do mundo. Durante o período colonial, a população das vilas e cidades elegia os representantes dos conselhos municipais. As primeiras eleições gerais para escolha dos representantes à Corte de Lisboa ocorreram em 1821. No ano seguinte, foi promulgada a primeira lei eleitoral brasileira, que regulou as eleições dos representantes da Constituinte de 1823. Desde 1824, quando aconteceu a primeira eleição pós-independência, foram eleitas cinquenta e uma legislaturas para a Câmara dos Deputados. Somente durante o Estado Novo (1937-1945), as eleições para a Câmara foram suspensas.

Hoje, os eleitores escolhem os representantes para os principais postos de poder (presidente, senador, deputado federal, governador, deputado estadual, prefeito e vereador) e pouca gente duvida da legitimidade do processo eleitoral brasileiro. As fraudes foram praticamente eliminadas. A urna eletrônica permite que os resultados sejam proclamados poucas horas depois do pleito. As eleições são competitivas, com enorme oferta de candidatos e partidos (uma média de trinta partidos por eleição). Quatro em cada cinco adultos compareceram às últimas eleições para votar. O sufrágio é universal, pois já não existem restrições significativas que impeçam qualquer cidadão com pelo menos dezesseis anos de idade de ser eleitor. Hoje, o Brasil tem o terceiro maior eleitorado do planeta, perdendo apenas para a Índia e os Estados Unidos da América.

Jairo Marconi Nicolau. *História do voto no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002, p. 7-8 (com adaptações).

26. (CEF – Nível Superior – Cespe – 2014)

No primeiro parágrafo, quatro períodos são iniciados por elemento adverbial, o que justifica a colocação de vírgula logo após "colonial" (L. 1), "seguinte" (L. 3), "1824" (L. 5) e "(1937-1945)" (L. 6).

Leia o texto a seguir para responder à questão 27.

A desigualdade está entre os principais fatores de risco que preocupam a elite mundial, a julgar pela atenção dada ao tema no fórum econômico de Davos.

Por outro lado, estudo recente do Banco Mundial mostra que, pela primeira vez desde a Revolução Industrial, caiu a diferença de renda entre os países na fronteira do desenvolvimento e os emergentes.

Após o fim da cortina de ferro e a abertura econômica da China e da Índia, centenas de milhões de pessoas passaram de um estado de subsistência precária à condição de nova classe média global. Entretanto, é preciso que os países não só reforcem políticas compensatórias para reduzir a exclusão, mas também atuem para promover a igualdade de oportunidades.

A educação, como sempre, é o instrumento decisivo para garantir que a sorte de um indivíduo não seja determinada por sua origem social ou geográfica.

Idem, ibidem (com adaptações).

27. (FUB – Nível Médio – Cespe – 2014)

Em relação ao fragmento de texto acima, julgue o próximo item.

O emprego de vírgula após “Índia” (l. 5) justifica-se por isolar adjunto adverbial anteposto, deslocado de sua posição tradicional.

Leia o texto a seguir para responder à questão 28.

As palavras estampadas na bandeira nacional poderiam receber o complemento de um adjetivo, diante do arcabouço de ideias e discussões que tratam do futuro do planeta. A depender da contribuição de especialistas em desenvolvimento sustentável da Universidade de Brasília, o lema de 1889, inspirado nos conceitos positivistas do francês Augusto Comte, teria a seguinte redação: “Ordem e um Novo Progresso”. Essa renovação de ideias, entretanto, precisa do apoio das novas gerações, pois o cenário mundial atual, e do Brasil em particular, é muito diferente do registrado há duas décadas, por exemplo. Na configuração geopolítica do século XXI, a supremacia dos Estados Unidos da América e da Europa é confrontada pelo dinamismo econômico de nações como a China, Índia, África do Sul e o próprio Brasil. O sobe e desce na disputa por espaço em debates estratégicos em nível internacional deu maior peso à palavra de países em desenvolvimento nas questões da sustentabilidade.

João Campos. Uma nova educação para um novo progresso. In: *Revista Darcy*, jun./2012 (com adaptações).

28. (ICMBIO – Nível Médio – Cespe – 2014)

Acerca dos aspectos estruturais e interpretativos do texto acima, julgue o item a seguir.

Na linha 2, o elemento “que” tem a função de restringir o sentido das expressões que o antecedem, a saber, “ideias” e “discussões”.

Leia o texto a seguir para responder à questão 29.

O conhecimento da especificidade da matriz energética brasileira é importante para o entendimento dos parâmetros que influenciam a visão da indústria brasileira sobre mudança do clima. Isso é particularmente relevante, uma vez que 75% das emissões de gases de efeito estufa (GEE) no Brasil são relacionadas ao uso da terra. A energia consumida no processo de produção industrial representa uma pequena parcela do total de emissões de GEE no Brasil. Esse fato deve ser levado em consideração para o dimensionamento da contribuição do setor industrial brasileiro aos esforços de mitigação.

No Brasil, apenas 8,8% das emissões de GEE são provenientes das atividades industriais. Isso reflete, em boa medida, a composição da matriz energética da indústria e se aplica, inclusive, aos setores industriais identificados na economia global como os de maior potencial de mitigação. A matriz energética brasileira é um ativo; um relevante ponto de partida para a formulação de posições nas negociações de mudança climática. A participação de energias renováveis na indústria brasileira é de 45%, enquanto a média mundial é de apenas 14%. A meta dos demais países é atingir 20% de fontes renováveis em 2020. Os números do Brasil são fatores positivos para a competitividade e a participação do Brasil nas negociações sobre mudança do clima.

Mudança do clima: uma contribuição da indústria brasileira. Brasília: CNI, 2009. Disponível em: <http://arquivos.portaldaindustria.com.br>. (com adaptações).

29. (INPI – Nível Médio/Superior – Cespe – 2013)

Julgue o item que se segue, relativo à estrutura linguística do texto.

A inserção de uma vírgula logo após o adjetivo “brasileira” (l. 2) não acarretaria prejuízo gramatical ao texto.

Leia o texto a seguir para responder à questão 30.

Talvez o distinto leitor ou a irresistível leitora sejam naturais, caso em que me apresso a esclarecer que nada tenho contra os naturais, antes pelo contrário. Na verdade, alguns dos meus melhores amigos são naturais. Como, por exemplo, o festejadíssimo cineasta patrício Geraldo Sarno, que é baiano e é natural – pois neste mundo as combinações mais loucas são possíveis. Certa feita, estava eu a trabalhar em sua ilustre companhia quando ele me convidou para almoçar (os cineastas, tradicionalmente, têm bastante mais dinheiro do que os escritores; deve ser porque se queixam muito melhor). Aceito o convite, ele me leva a um restaurante que, apesar de simpático, me pareceu um pouco estranho. Por que a maior parte das pessoas comia com ar religioso e contrito? Que prato seria aquele que, olhos revirados para cima, mastigação estoica, e expressão de quem cumpria dever penosíssimo, um casal comia, entre goles de uma substância esverdeada e viscosa que lentamente se decantava — para grande prejuízo de sua já emética aparência — numa jarra suspeitosa? Logo fui esclarecido, quando meu companheiro e anfitrião, os olhos cintilantes e arregalados, me anunciou:

– Surpresa! Vais comer um almoço natural!

João Ubaldo Ribeiro. A vida natural. In: *Arte e ciência de roubar galinha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

30. (CGP/PI – Auditor – Cespe – 2015)

Acerca das ideias e das estruturas linguísticas do texto I, julgue o item a seguir.

No trecho “ ele me leva a um restaurante que, apesar de simpático, me pareceu um pouco estranho” (l. 7), o elemento “ que” introduz oração de natureza restritiva, intercalada por estrutura de valor adverbial.

Leia o texto a seguir para responder à questão 31.

Nenhuma ação educativa pode prescindir de uma reflexão sobre o homem e de uma análise sobre suas condições culturais. Não há educação fora das sociedades humanas e não há homens isolados. O homem é um ser de raízes espaçotemporais. De forma que ele é, na expressão feliz de Marcel, um ser “ situado e temporalizado”. A instrumentação da educação – algo mais que a simples preparação de quadros técnicos para responder às necessidades de desenvolvimento de uma área – depende da harmonia que se consiga entre a vocação ontológica desse “ ser situado e temporalizado” e as condições especiais dessa temporalidade e dessa situacionalidade.

Se a vocação ontológica do homem é a de ser sujeito e não objeto, ele só poderá desenvolvê-la se, refletindo sobre suas condições espaçotemporais, introduzir-se nelas de maneira crítica. Quanto mais for levado a refletir sobre sua situacionalidade, sobre seu enraizamento espaçotemporal, mais “ emergirá” dela conscientemente “ carregado” de compromisso com sua realidade, da qual, porque é sujeito, não deve ser simples espectador, mas na qual deve intervir cada vez mais.

Paulo Freire. *Educação e mudança*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 61 (com adaptações).

31. (MEC – Nível Superior/Médio – Cespe – 2014)

Julgue o item seguinte, referente às ideias e a aspectos linguísticos do texto acima.

No primeiro parágrafo, a substituição dos travessões por parênteses (l. 4 e 5) manteria a correção gramatical e o sentido original do texto.

Leia o texto a seguir para responder à questão 32.

Neste ano, em especial, alguns cargos que tradicionalmente já são valorizados devem ficar ainda mais requisitados. São promissores cargos ligados à ciência de dados, em especial ao *big data* e aos dispositivos móveis, como celulares e *tablets*. Os

novos profissionais da área de tecnologia ganham relevância pela capacidade de aprofundar a análise de informações e pela criação de estratégias dentro de empresas. A tendência é que, à medida que esse mercado se desenvolva no Brasil, aumentem as oportunidades nos próximos anos. Em momentos de incerteza econômica, buscar soluções para aumentar a produtividade é uma escolha certeira para sobreviver e prosperar: nesse sentido, as empresas brasileiras estão fazendo o dever de casa.

Veja, 7/1/2015, p. 55 (com adaptações). Disponível em: <http://ibde.org.br> (com adaptações).

32. (FUB – Nível Médio/Superior – Cespe – 2015)

Com referência aos sentidos e às estruturas do texto acima, julgue o item a seguir.

Preservam-se as relações sintáticas e a correção gramatical entre as orações ao substituir o sinal de dois-pontos (l. 7) por ponto-e-vírgula ou vírgula.

33. (Pref. SP – Agente Gestão P. Públicas – Cespe – Maio/2016 – Adaptada)

Assinale a opção correta a respeito dos aspectos linguísticos e dos sentidos do trecho a seguir: "*Os lixões deverão dar lugar a aterros sanitários, que, se não representam uma solução perfeita, ao menos são locais mais adequados para o depósito dos rejeitos, uma vez que evitam problemas como os citados anteriormente*".

a) A substituição de " dar lugar" por **substituir** preservaria o sentido do trecho.

b) O pronome " que", em " que (...) ao menos são locais mais adequados", refere-se a " aterros sanitários".

c) A supressão da vírgula empregada logo após " sanitários" preservaria o sentido do trecho.

d) O sujeito da forma verbal " representam" é a expressão " Os lixões".

e) Seria preservado o sentido do trecho caso a expressão " ao menos" fosse deslocada para imediatamente após " adequados".

Leia o texto a seguir para responder à questão 34.

Texto IV

A metrópole de São Paulo vem se tornando mais heterogênea econômica, social e espacialmente e menos desigual quanto a renda, inserção no mercado de trabalho e condições de vida de seus habitantes, mesmo nas áreas mais precárias. A imagem emerge dos treze ensaios que compõem o livro **A Metrópole de São Paulo no Século XXI – Espaços, Heterogeneidades e Desigualdades**, os quais abordam temas específicos, a partir de um diagnóstico comum, para construir um panorama atual da região metropolitana. Tal retrato resulta das mudanças de diversas dimensões pelas quais a metrópole passou na última década, do perfil da pobreza às dinâmicas migratórias e ligadas ao crescimento demográfico, dos moldes de segregação social à produção habitacional e à mobilidade urbana.

A fisionomia da metrópole, central na economia do país, reflete a conjuntura de modo especial, segundo o organizador. Assim, tiveram impactos particulares na região metropolitana a redemocratização, na década de 80 do século XX (com a volta das eleições regulares e com a constituição de sistemas nacionais de políticas públicas), estabilização econômica, a abertura do mercado interno da década de 90 e o crescimento econômico vigoroso da primeira década do século XXI.

Disponível em: <www.fflch.usp.br> (com adaptações).

34. (Pref. SP – Agente Gestão P. Públicas – Cespe – Maio/2016)

Seriam mantidos o sentido original e a correção gramatical do texto IV caso fosse suprimida a vírgula empregada logo após:

a) “ demográfico” (L. 7).

b) “ renda” (L. 2).

c) “ comum” (L. 5).

d) “ metrópole” (L. 9).

e) “ redemocratização” (L. 10).

Leia o texto a seguir para responder à questão 35.

Texto CG1A1AAA

Em julho de 1955, Bertrand Russell e Albert Einstein lançaram um inusitado apelo aos povos do mundo, pedindo-lhes que “ pusessem de lado” seus fortes sentimentos a respeito de uma série de questões e se vissem “ exclusivamente como membros de uma espécie biológica que traz consigo uma história extraordinária e cujo desaparecimento ninguém pode desejar”. O dilema com que se defronta o mundo é “ claro, aterrador e incontornável: poremos fim à espécie humana ou a humanidade renunciará à guerra?”.

O mundo não renunciou à guerra. Muito pelo contrário. Hoje, a potência mundial hegemônica se dá o direito de fazer a guerra ao seu arbítrio, segundo uma doutrina de “ autodefesa antecipada” sem limites conhecidos. Com uma postura essencialmente farisaica, os Estados Unidos da América (EUA) são implacáveis na imposição do direito internacional e de tratados e regras da ordem mundial aos outros países, mas rejeitam-nos como irrelevantes quando se trata de si mesmos — uma prática antiga, levada a limites inauditos pelos governos de Reagan e Bush II.

Noam Chomsky. Estados fracassados: o abuso do poder e o ataque à democracia. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009 (com adaptações).

35. (PC-PE – Todos os Cargos – Conhec. Gerais – Cespe – Jun./2016)

No texto CG1A1AAA, o sinal de dois-pontos empregado logo após “ incontornável” (l. 5) introduz

a) uma expressão que o autor desejou realçar.

b) uma enumeração.

c) uma citação.

d) um esclarecimento acerca do que foi enunciado anteriormente no período.

e) uma exemplificação.

Leia o texto a seguir para responder às questão 36 e 37.

Texto IV

Em suas remotas origens helênicas, o termo “ caráter” significou gravar. Empregavam-no, então, tanto para exprimir o sinete como a marca deixada na cera dócil. Essa dupla significação ainda hoje é vernácula – senão corrente – em certas acepções. Na linguagem tipográfica, por exemplo, “ caráter” tanto é o tipo da imprensa como o sinal ou a letra gravada. Assim sendo, podemos dizer que o caráter de um homem não é somente o seu feitio moral, senão também a expressão e a impressão do indivíduo. Em arte, caráter será a personalidade do autor, o aspecto aparente e profundo da obra e o efeito dela. Fixada assim a verdadeira acepção do termo, podemos afirmar que o mérito maior do poema do Sr. Menotti del Picchia é “ o caráter”. Poesia profundamente simples e pessoal, de inspiração larga e sadia, tem a força das obras bem concebidas e a beleza das coisas naturais. Poesia de corpos

simples, poderíamos dizer, pela sobriedade de linhas no sentimento, no pensamento e na expressão. Sente-se que o autor procurou a naturalidade e não a arte, que é o melhor caminho para atingir a esta.

O segredo da arte é a naturalidade sem prejuízo da perfeição.

O Sr. Menotti del Picchia ainda não pôde naturalmente desvendar o segredo da arte. Se no buscar a expressão natural do seu lirismo alcançou a arte, não se despojou ainda das incertezas dessa procura, de certa fraqueza de técnica. Defeitos são todos estes transitórios, quase necessários em quem apenas se inicia.

A essência do livro é excelente.

Indica no autor uma personalidade inconfundível, que procura em si mesmo ou em torno de si os motivos de sua estética. Nem se distingue pela obsessão do isolamento, nem se perde por modelos estranhos. Daí lhe vem a superioridade de caráter individual. Se o caráter do autor provém dessa independência sem esforço, reside o da obra em sua originalidade natural; na conformidade com o meio, em uma perfeita radicação no solo pátrio, na simplicidade da construção e nas perfeitas proporções do ímpeto poético. O próprio desconcerto, em pormenores do poema principal e de outras produções secundárias, concorre para a individualidade desse esplêndido ensaio.

O caráter desse livro se conserva pela ressonância que tem. Não são versos agradáveis, suaves ou elegantes, que com tanto agrado se leem quanto facilmente se esquecem. São versos que lidos – ficam; gravam-se invencivelmente na memória, ora destacados, ora em bloco. A crítica, no julgar e no decompor as obras, não pode desprezar a intuição, se não é principalmente isso. E um dos mais seguros processos de intuição, no distinguir o valor das obras, é esse da permanência das sensações.

Os poemas do Sr. Menotti del Picchia deixam uma funda impressão de sua leitura: não pode haver melhor demonstração do seu " caráter". Quando essa impressão não se limitar aos leitores e aos críticos, e se estender à própria literatura nacional, terá a sua poesia atingido o grau supremo que lhe auguro.

Juca Mulato é um poema simples. Encerra uma lição profunda na singeleza do motivo e da intenção. É certo que a evidência da beleza não pode ser em arte um critério axiomático. Quantas vezes a paciência é o melhor guia da emoção estética? A exegese das sinfonias de Beethoven, como a dos dramas musicais de Wagner, aumenta a nossa receptividade para essa arte de titãs, se bem que a intuição íntima e a explicação individual sejam imprescindíveis.

O poema do Sr. Menotti del Picchia tem a simplicidade e a frescura das criações espontâneas e necessárias, onde o esforço da composição permanece obscuro como deve.

Para lhe realçar a beleza não se sente a crítica compelida a buscar símbolos problemáticos ou filosofias arbitrárias. Sendo o que é – um mal de amor impossível que leva a alma à desesperança, para se resignar depois e ressurgir consolada pela visão da terra amada, da felicidade atingível e do sonho necessário –, comove pelo simples aspecto de suas linhas harmoniosas.

A beleza maior do poema, que é também o seu caráter, está na sua simplicidade radical. O poeta reprimiu voluntariamente as possíveis exuberâncias ou ambições de seu lirismo para ficar dentro do assunto que escolheu. Ganhou com isso um grande poder virtual e marca mais do que se quisesse marcar: a acústica de uma construção humana nunca chega à acuidade de um eco natural.

Juca Mulato é a reconciliação do homem consigo mesmo, do brasileiro com sua terra, do bárbaro com seu isolamento. Reconciliação às vezes impossível, outras ilusória, sempre necessária, raramente realizada. O consolo de Juca Mulato é a indicação do caminho a seguir.

Alceu Amoroso Lima. Um poeta. In: *Estudos literários*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1966, p.133-5 (com adaptações).

(Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Com relação às ideias e às estruturas linguísticas do texto IV, julgue (C ou E) os itens a seguir.

36. A inserção de uma vírgula logo após "impossível", em "um mal de amor impossível que leva a alma à desesperança" (l. 41), obrigaria à interpretação de que todo mal de amor impossível leva a alma a tal consequência.

37. No período "Ganhou com isso (...) um eco natural" (l. 46-47), o sinal de dois-pontos poderia ser substituído por um travessão, sem que o sentido do texto e sua correção gramatical fossem prejudicados.

Leia o texto a seguir para responder à questão 38.

Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador

A medicina do trabalho, enquanto especialidade médica, surge na Inglaterra, na primeira metade do século XIX, com a Revolução Industrial.

Naquele momento, o consumo da força de trabalho, resultante da submissão dos trabalhadores a um processo acelerado e desumano de produção, exigiu uma intervenção, sob pena de tornar inviável a sobrevivência e a reprodução do próprio processo.

Quando Robert Dernham, proprietário de uma fábrica têxtil, preocupado com o fato de que seus operários não dispunham de nenhum cuidado médico a não ser aquele propiciado por instituições filantrópicas, procurou o Dr. Robert Baker, seu médico, pedindo que indicasse qual a maneira pela qual ele, como empresário, poderia resolver tal situação. Baker respondeu-lhe:

"Coloque no interior da sua fábrica o seu próprio médico, que servirá de intermediário entre você, os seus trabalhadores e o público. Deixe-o visitar a fábrica, sala por sala, sempre que existam pessoas trabalhando, de maneira que ele possa verificar o efeito do trabalho sobre as pessoas. E se ele verificar que qualquer dos trabalhadores está sofrendo a influência de causas que possam ser prevenidas, a ele competirá fazer tal prevenção. Dessa forma você poderá dizer: meu médico é a minha defesa, pois a ele dei toda a minha autoridade no que diz respeito à proteção da saúde e das condições físicas dos meus operários; se algum deles vier a sofrer qualquer alteração da saúde, o médico unicamente é que deve ser responsabilizado".

A resposta do empregador foi a de contratar Baker para trabalhar na sua fábrica, surgindo, assim, em 1830, o primeiro serviço de medicina do trabalho.

Na verdade, despontam, na resposta do fundador do primeiro serviço médico de empresa, os elementos básicos da expectativa do capital quanto às finalidades de tais serviços:

– deveriam ser serviços dirigidos por pessoas de inteira confiança do empresário e que se dispusessem a defendê-lo;

– deveriam ser serviços centrados na figura do médico;

– a prevenção dos danos à saúde resultantes dos riscos do trabalho deveria ser tarefa eminentemente médica;

– a responsabilidade pela ocorrência dos problemas de saúde ficava transferida ao médico.

A implantação de serviços baseados nesse modelo rapidamente expandiu-se por outros países, paralelamente ao processo de industrialização e, posteriormente, aos países periféricos, com a transnacionalização da economia. A inexistência ou fragilidade dos sistemas de assistência à saúde, quer como expressão do seguro social, quer diretamente providos pelo Estado, via serviços

de saúde pública, fez com que os serviços médicos de empresa passassem a exercer um papel vicariante, consolidando, ao mesmo tempo, sua vocação enquanto instrumento de criar e manter a dependência do trabalhador (e frequentemente também de seus familiares), ao lado do exercício direto do controle da força de trabalho.

MENDES, R; DIAS, E.C. Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador. *Revista Saúde Pública*, S.Paulo, 25: 341-9, 1991. Disponível em: <https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/2977.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2015. Adaptado.

38. (Basa – Médico do Trabalho – Cesgranrio – Set./2015)

No 6º parágrafo (l. 20), os dois-pontos cumprem o papel de anunciar uma

a) causa

b) distinção

c) enumeração

d) justificativa

e) exemplificação

39. (Liquigás – Administrador Jr. – Cesgranrio – Set./2015 – Adaptada)

Uma reescritura possível para o período "Perguntaram-me uma vez se eu saberia calcular o Brasil daqui a vinte e cinco anos", alterando-se a pontuação, mas preservando-se o seu sentido, está adequadamente apresentada em:

a) Perguntaram-me, uma vez se eu saberia calcular o Brasil, daqui a vinte e cinco anos.

b) Perguntaram-me, uma vez, se eu saberia calcular o Brasil daqui a vinte e cinco anos.

c) Perguntaram-me uma vez, se eu saberia calcular o Brasil, daqui a vinte e cinco anos.

d) Perguntaram-me uma vez se, eu, saberia calcular o Brasil daqui a vinte e cinco anos.

e) Perguntaram-me uma vez se eu saberia calcular o Brasil daqui, a vinte e cinco anos.

40. (Liquigás – Administrador Jr. – Cesgranrio – Set./2015 – Adaptada)

Em "Posso intensamente desejar que o problema mais urgente se resolva: o da fome", os dois-pontos cumprem o papel de introduzir uma

a) enumeração

b) explanação

c) retificação

d) especificação

e) contradição

41. (Petrobras – Advogado Jr. – Cesgranrio – Ago./2015 – Adaptada)

O emprego de duas vírgulas tem, entre outras, a função de isolar expressões que detalham uma informação anterior, como em "o principal traço característico do debate público sobre desenvolvimento, seja em nível local ou global, neste alvorecer do século XXI".

As vírgulas foram utilizadas com a mesma função em:

a) " definem um novo paradigma, o da tecnologia da informação, que expressa a essência da presente transformação tecnológica"

b) " seguem uma lógica técnica e, portanto, neutra e estão fora da interferência de fatores sociais e políticos"

c) " fatores sociais preexistentes como a criatividade, o espírito empreendedor, as condições da pesquisa científica afetam o avanço tecnológico"

d) " identificar o papel que essas novas tecnologias podem desempenhar no processo de desenvolvimento educacional e, isso posto, resolver como utilizá-las"

e) " aceleração do processo em direção à educação para todos, ao longo da vida, com qualidade e garantia de diversidade"

42. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016 – Adaptada)

Do trecho " Meu pai acreditava que todos os anos se devia fazer uma cura de banhos de mar", a única reescritura que emprega adequadamente os sinais de pontuação e não altera seu sentido original é:

a) Meu pai acreditava que, todos os anos, se devia fazer uma cura de banhos de mar.

b) Meu pai acreditava, que todos os anos se devia fazer uma cura de banhos de mar.

c) Meu pai acreditava que todos os anos, se devia fazer uma cura de banhos de mar.

d) Meu pai acreditava que todos os anos se devia fazer, uma cura de banhos de mar.

e) Meu pai, acreditava que todos os anos se devia fazer uma cura de banhos de mar.

43. (ANP – Téc. Reg. Petr&Der – Cesgranrio – Jan./2016)

A vírgula foi utilizada de acordo com a norma-padrão da Língua Portuguesa em:

a) Nos últimos tempos, nota-se que bens de consumo como celulares e computadores, que eram artigos de luxo estão ao alcance do povo, da maioria da população.

b) É importante que, em todos os bairros das grandes e pequenas cidades a internet seja considerada o principal meio de comunicação existente na atualidade.

c) As novas tecnologias da comunicação e da informação, já existem há algum tempo e só nos últimos anos começaram a expandir e influenciar na vida da sociedade.

d) A internet não pode ser considerada uma ferramenta perfeita porque, se não for utilizada corretamente, acarreta consequências prejudiciais às pessoas.

e) O prestígio da internet é tão grande que, se ela desaparecesse muitas pessoas ficariam desempregadas pois empresas seriam fechadas.

44. (Basa – Téc. Bancário – Cesgranrio – Set./2015 – Adaptada)

Os seguintes trechos tiveram sua pontuação alterada.

A alteração que **NÃO** respeita a norma-padrão é:

a) responderia " A primeira alternativa". [...] *responderia*: " *A primeira alternativa*".

b) quando ele perdesse o emprego porque substituíssem o elevador antigo por um moderno, daqueles com música ambiental, diria [...] *quando ele perdesse o emprego porque substituíssem o elevador antigo por um moderno (daqueles com música ambiental) diria*

c) Pode-se imaginar que muitos ascensoristas tenham tentado combater o tédio [...] *Pode-se imaginar, que muitos ascensoristas tenham tentado combater o tédio*

d) Era certamente a mais tediosa das profissões [...] *Era, certamente, a mais tediosa das profissões*

e) Mas, como toda arte tende para o excesso, o ascensorista entediado chegaria fatalmente ao preciosismo.[...] *Mas, como toda arte tende para o excesso, o ascensorista, entediado, chegaria fatalmente ao preciosismo*.

45. (Liquigás –Ass. Adminis. – Cesgranrio – Set./2015)

A vírgula está empregada de acordo com a língua escrita padrão em

a) As agências, bancárias das pequenas comunidades prestam serviços aos moradores.

b) Os moradores poderão agora pagar as suas contas de água de, luz e gás encanado.

c) As lojas da comunidade vendem roupas, alimentos e material de construção mais baratos.

d) As oficinas de capacitação profissional e economia, doméstica melhoraram a vida de todos.

e) Os trabalhadores fizeram empréstimos para construir, casas de alvenaria de dois andares.

46. (IPSMI – Procurador – Vunesp – Abril/2016)

Assinale a alternativa em que a passagem – Quando se conheceram, ele percebeu que não adiantava correr atrás do tempo porque o tempo sempre vai correr mais rápido – está reescrita sem prejuízo de sentido e com a pontuação de acordo com a norma-padrão.

a) Ele percebeu, ao se conhecerem, que não adiantava correr atrás do tempo, pois o tempo sempre vai correr mais rápido.

b) Tão logo se conheceram, ele percebeu que: não adiantava correr atrás do tempo, portanto, o tempo sempre vai correr mais rápido.

c) Ele percebeu que tendo-se conhecido, não adiantava correr atrás do tempo, visto que, o tempo, sempre, vai correr mais rápido.

d) Assim que se conheceram ele percebeu: que não adiantava correr atrás do tempo; entretanto, o tempo sempre vai correr mais rápido.

e) Conhecendo-se ele percebeu que, não adiantava correr atrás do tempo, contanto que o tempo sempre vai correr mais rápido.

Leia o texto a seguir para responder à questão 47.

Vira e mexe alguns *blogs* maternos publicam textos sobre " As vantagens de ser mãe de menina" ou " Por que é bom ser mãe de menino": " meninos não têm frescura", " meninas são mais delicadas", " eles são mais corajosos", " elas são mais choronas" e por aí vai. Leio isso e tenho vontade de gritar por ver estereótipos de gênero tão pesados serem perpetuados sem nenhuma reflexão. Já pensou que seu filho é uma figura única e a infinidade de coisas que pode ser ou sentir não cabe em listas, caixas ou rótulos? Pior: que você definir como ele deve ser ou se comportar dependendo de seu gênero pode ser muito, muito cruel?

Aos meninos são permitidas vivências mais amplas. Eles podem subir muros, escalar os brinquedos do *playground*, enquanto as meninas não, veja bem, vai sujar seu sapato de princesa, filha, vai mostrar sua calcinha, não pega bem, filha, não é assim que

uma menina brinca. E por isso, só por isso, que se perpetua a ideia de que os meninos são mais " aventureiros" e " danados" e as meninas mais " cuidadosas". Fazemos as meninas mais infelizes, isso sim.

Ser menino também pode não ser fácil, principalmente se os pais acreditarem que podem definir o que ele deve sentir ou gostar. Meu filho adorava brincar com os carrinhos de boneca das meninas do *playground* do prédio. Só depois de eu dizer que " tudo bem" as mães ou babás ficavam à vontade em deixá-lo empurrar as bonecas ou carregá-las. Por que tanto receio? O que um menino pode virar depois de brincar de boneca? Um pai carinhoso e dedicado no futuro?

Uma vez, em uma loja de brinquedos, meu filho ficou empolgadíssimo ao ver uma pia que funcionava de verdade, com uma torneirinha de água. E pediu muito para que eu comprasse. As opções de cores deixavam claro para quem o brinquedo era fabricado: só havia pias rosa e lilás. " Esse brinquedo é de menina", alertou a vendedora, cheia de boa vontade, como se eu estivesse me distraído e não percebido o " engano" ao considerar a compra. Eu disse para ela que na minha casa lavar louça é uma atividade unissex, que o pai do meu filho encara muito prato e panela suja e, por isso, brincar de casinha é uma brincadeira de menino sim. Meu filho saiu da loja feliz da vida com seu brinquedo rosa que, aliás, para ele é só uma cor, como outra qualquer. O avô estranhou o presente até eu levá-lo à reflexão: " Quantas pias de louça suja você lavou e lava na sua vida, para manter sua casa em ordem?". E só daí meu pai percebeu o tamanho da bobagem que fazia ao acreditar que lavar louça é uma atividade exclusivamente feminina.

E para quem gosta de listas, proponho uma única: " As vantagens de ser mãe de uma criança feliz". É essa que eu espero estar escrevendo, no dia a dia, ao não determinar como meu filho pode ou não ser.

(Rita Lisauskas, A crueldade de dividir o mundo entre "coisas de menino" e "coisas de meninas". Disponível em: <vida-estilo.estadao.com.br>. Acesso em 10-02-2016. Adaptado)

47. (Unesp – Ass. Administrativo I – Vunesp – Abril/2016)

Observe as expressões colocadas entre aspas:

" As vantagens de ser mãe de menina"/ " Por que é bom ser mãe de menino": " meninos não têm frescura", " meninas são mais delicadas", " eles são mais corajosos", " elas são mais choronas" (1º parágrafo); – " Esse brinquedo é de menina" (4º parágrafo).

É correto afirmar que, no contexto em que estão empregadas, as aspas sinalizam

a) a citação das opiniões da própria autora acerca dos fatos narrados.

b) referências a situações concretas que a autora afirma serem verdadeiras.

c) comentários de pessoas não identificadas, os quais sustentam as opiniões da autora.

d) a intenção de expor ideias compatíveis com as atitudes tomadas pela autora.

e) a expressão de pontos de vista não compartilhados pela autora.

48. (Unesp – Ass. Administrativo I – Vunesp – Abril/2016)

Assinale a alternativa correta quanto ao emprego de vírgulas e à colocação do pronome destacado.

a) Ali, só havia pias rosa e lilás, o que não deixava-nos dúvida de que o brinquedo era fabricado, para meninas.

b) Cheia de boa vontade a vendedora, alertaria-nos que um certo brinquedo, " era de menina".

c) Na minha casa lavar louça, é uma atividade unissex, por isso, conclui-se que brincar de casinha é uma brincadeira de menino

sim.

d) O meu filho, uma vez, em uma loja de brinquedos, empolgou-se ao ver uma pia que funcionava de verdade.

e) Como para o meu filho, rosa é, apenas uma cor, ele saiu da loja feliz da vida com a pia, carregando-a nos braços.

49. (MPE/SP- Analista Técnico Científico – Vunesp – Jul./2016)

Assinale a alternativa em que os sinais de pontuação estão empregados segundo os mesmos princípios da norma-padrão adotados na passagem – com certa diferença na duração do mandato: o dos senadores, mais longo; o dos deputados, mais curto.

a) A separação os fez perder muita coisa: ele, a guarda dos filhos; ela, a casa em que morava com as crianças.

b) Há algo importante a explicar: a perda de clientes, muitos deles inadimplentes; entretanto, ninguém fala nada.

c) Os meios de divulgação são os seguintes: internet, mensagem de celular e jornais; com eles, atingiremos o público.

d) Foi o que disse o funcionário: o carregamento não chegou, ainda; e os pedidos estão se acumulando, mais e mais.

e) Fui reticente, mas agora me explico: meu dinheiro acabou, nada me resta; e meu pai não pode me ajudar, coitado.

50. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Assinale a alternativa correta quanto à pontuação e à regência, de acordo com a norma-padrão.

a) De forma mais lenta, reagem, o emprego e o mercado de crédito, ante a mudança de direção da economia.

b) O emprego e o mercado de crédito, reagem na mudança de direção da economia de forma mais lenta.

c) O emprego e o mercado de crédito reagem, de forma mais lenta, para a mudança de direção da economia.

d) Reagem à mudança de direção da economia, de forma mais lenta, o emprego e o mercado de crédito.

e) Diante a mudança de direção da economia reagem o emprego e o mercado de crédito, de forma mais lenta.

51. (MPE/SP- Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016 – Adaptada)

Na passagem – Casara-se com d. Laura, que [....] era mais inteligente e instruída que ele –, emprega-se a vírgula para indicar uma

a) conversa entre as personagens do conto.

b) conclusão sintetizando as divergências entre as personagens.

c) explicação quanto às qualidades de d. Laura.

d) correção relativa à personalidade de d. Laura.

e) citação contendo o pensamento de Garcia.

Gabarito: 1. b; 2. c; 3. c; 4. d; 5. c; 6. a; 7. b; 8. e; 9. b; 10. c; 11. e; 12. b; 13. d; 14. a; 15. a; 16. d; 17. d; 18. C; 19. C; 20. E; 21. E; 22. C; 23. C; 24. E; 25. C; 26. C; 27. C; 28. C; 29. E; 30. C; 31. C; 32. C; 33. e; 34. a; 35. c; 36. C; 37. C; 38. c; 39. b; 40. d; 41. a; 42. a; 43. d; 44. c; 45. c; 46. a; 47. e; 48. d; 49. a; 50. d; 51. c.

Agora que chegamos ao final deste capítulo tão importante, vamos resumir? A seguir, um resumo sobre o uso das vírgulas.

20.5. RESUMO

USO DA VÍRGULA – REGRAS PRÁTICAS:

- Emprega-se a vírgula para isolar vocativo. (“João, entre já!”)
- Emprega-se a vírgula para isolar aposto. (“João, o professor, chegou”)
- Usa-se a vírgula para separar elementos de mesma função sintática (enumerações). (“Comprou banana, uva, pera e maçã”)
- Separa-se na data o nome do lugar e para indicar supressão de uma palavra. (“Brasília, 30 de dezembro de 2010”/”João comprou as bebidas; Maria, o jantar”).
- Separa as orações coordenadas assindéticas. (“Acordou, banhou-se e foi ao trabalho”).
- Usa-se a vírgula para separar orações coordenadas sindéticas. As conjunções adversativas (mas, porém, contudo, todavia,...) e conclusivas (logo, portanto, por conseguinte,...), se deslocadas, devem ficar entre vírgulas. (“João chegou tarde, porém saiu cedo.”/ “João chegou tarde; saiu, porém, cedo.”)

Obs.: Quando a conjunção **e** unir sujeitos diferentes ou se apresentar com valor adversativo: vírgulas facultativas. (“João saiu cedo, e Maria chegou em seguida”/”João estudou, e não passou”) Caso una orações com sujeitos iguais, vírgula proibida (“João chegou e ligou para sua mãe”).

- O uso da vírgula é facultativo nos advérbios e locuções deslocados. (“Ontem, meu tio veio, com a família, me visitar” ou “Ontem meu tio veio com a família me visitar”)
- As expressões deslocadas na frase (isto é, ou melhor, digo, aliás, por exemplo,...) devem vir separadas por vírgulas. (“Meu pai, ou melhor, meu irmão chegou”)
- A vírgula é usada para separar as orações adverbiais deslocadas (“Se chegar cedo, ligue-me”) e as orações adjetivas explicativas (“O homem, que é um ser mortal, tem alma imortal”).

21 AS PALAVRAS QUE E SE

21.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

21.1.1. A palavra que

Todos sabemos como é difícil classificar essa palavra... Isso acontece porque ela pode ter muitas classificações, na verdade, é um resumo de tudo o que você estudou...

Uma boa maneira de estudar essa palavra é entendendo de fato cada classificação. Sem decoreba... Você vai perceber que todas estas classificações fazem sentido, tudo tem uma lógica. Assim, fica bem mais fácil.

Vamos lá então? Primeiro, vamos ver tudo o que o QUE pode ser...

1. Pronome

Quando substitui ou determina um substantivo.

a) Indefinido – tem um sentido vago.

Que felicidade!

Que diferença de preço!

b) Interrogativo – aparece em orações interrogativas.

Que professor me substituirá? (interrogativa direta)

Não sei que professor me substituirá. (interrogativa indireta)

c) Relativo – retoma um antecedente, evitando sua repetição.

"Eu preparo uma canção que faça acordar os homens e adormecer as crianças." (Carlos Drummond de Andrade)

2. Preposição

Quando equivale à preposição de. Aparece no meio de uma locução verbal.

"A gente não tem que fazer tudo o que a gente tem que fazer."

3. Interjeição

Aparece em construções que denotam admiração, espanto.

Quê! Ela te contou isso?

4. Advérbio

Modifica um adjetivo ou um advérbio, denotando intensidade.

Que simpático é Guilherme!

5. Conjunção

É um conectivo que dá início às orações coordenadas (conjunções coordenativas) ou às subordinadas (conjunções subordinativas).

Coordenativa

• Aditiva: Grita que grita.

• Explicativa: Vá dormir, que já é tarde.

Algumas gramáticas dão exemplos ainda do que como alternativo e adversativo.

Subordinativa

• Integrante – dá início às orações substantivas.

“A crise mostra que a velha esquerda não tem programa.”

– consecutiva: Estava tão emocionado que chorava a cada homenagem que recebia.

• Adverbial (dá início – comparativa: Esforçava-se mais que o irmão.

às orações adverbiais) – concessiva: Que trouxesse o presente mais caro, não o perdoaria

– causal: Chegarei tarde, que tenho trabalho a fazer.

– final: Emprestei-lhe o casaco que não sentisse frio.

Há também registros do que como temporal e condicional.

6. Partícula expletiva ou de realce

Serve para dar expressividade ao que se quer enunciar. Pode ser retirada da frase, sem prejuízo sintático ou semântico.

Quase que caí da árvore.

Nós é que chegamos primeiro. (expressão de realce é que)

7. Substantivo

Quando vem determinado (geralmente por artigo ou pronome). Sempre acentuado.

Este quê tem a função de sujeito.

21.1.2. A palavra se

Agora vamos ao SE?

1. **Pronome reflexivo**

Quando equivale a a si mesmo.

Pedi a ela que se afastasse da cadeira.

2. **Pronome recíproco**

Quando equivale a um ao outro.

Os amigos se abraçaram na despedida.

3. **Pronome apassivador**

Partícula que se liga ao verbo para tornar o sujeito paciente. Esse verbo será transitivo direto ou transitivo direto e indireto. A frase pode ser transformada em voz passiva analítica.

Nunca se viram tantos suicídios. (= Tantos suicídios nunca foram vistos.)

4. **Índice de indeterminação do sujeito**

Sua função é tornar o sujeito indeterminado. O verbo, em geral, não será transitivo direto.

Trabalha-se muito naquela seção.

5. **Parte integrante do verbo**

Aparece nos verbos pronominais.

Queixavam-se da vida sem razão.

6. **Conjunção**

Estabelece ligação entre duas orações.

a) Conjunção subordinativa integrante – dá início à oração subordinada substantiva.

Perguntei se precisavam de ajuda.

b) Conjunção subordinativa condicional – dá início à oração subordinada adverbial condicional.

Se quiseres, voltarei mais tarde.

c) conjunção subordinativa causal – dá início à oração subordinada adverbial causal.

Se você depende desse emprego, não arrume confusão. (= já que)

d) Conjunção subordinativa concessiva – dá início à oração adverbial concessiva.

Se o acesso à escola melhorou muito, a qualidade de ensino tem se mostrado aquém do esperado.

Há também registros do se como comparativo.

7. **Substantivo**

Quando vem determinado por artigo ou pronome.

O sê desta frase é uma conjunção.

8. **Partícula expletiva (ou de realce)**

Pode ser retirado da frase sem prejuízo semântico. Não há alteração na estruturação sintática da frase.

Foi-se embora de manhã.

Próximo passo: classificar os "quês" e os "sês" em textos. Quem sabe de fato, consegue classificar nos textos... Então, teste seus conhecimentos!

21.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Classifique o *que* e o *se* dos textos a seguir.

Texto I

Defendo a ideia de que deveria haver porte de celular como há porte de arma, e não só para evitar – está bem, dificultar um pouco – que caia na mão dos bandidos. Acho que o celular se juntará ao cigarro como um divisor da Humanidade. Com o cigarro pegamos o câncer dos outros, com o celular somos atacados pela intimidade dos outros, sem qualquer possibilidade de defesa. Você fica indeciso entre dois impulsos, o de sair de perto para não ouvir mais detalhes sobre o furúnculo da Adalgisa e chegar mais perto para ouvir os dois lados da conversa e ter, pelo menos, o consolo da bisbilhotice total. Em geral não pode fazer nem uma coisa nem outra. Fica ali, semi-imerso na vida de outro e fingindo ser surdo. Um agravante é que as pessoas parecem adquirir, junto com o celular, uma desinibição de penitentes. Dizem tudo com furor confessional e para serem ouvidas no céu. Cresce uma rejeição ao celular parecida com a que o cigarro provoca nos não fumantes e logo haverá a segregação, setores só para os com-celular e avisos oficiais que o celular pode causar problemas de saúde para quem usa, com a defenestração. Mas desconfio que, do jeito que vai, nós, os sem-celular, é que acabaremos discriminados, reunidos em pequenos oásis de silêncio e recato enquanto todos à nossa volta se comunicam o tempo todo sem parar.

Luís Fernando Veríssimo

que (l.1) _____

1º que (l.2) _____

2º que (l.2) _____

que (l.8) _____

que (l.10) _____

que (l.12) _____

1º que (l.13) _____

2º que (l.13) _____

Texto II

Costuma-se ouvir que as universidades públicas estão sendo "sucateadas". Trata-se de uma comprovação cabal da injunção de Goebbels de que uma mentira repetida à exaustão torna-se verdade.

1º se (l.1) _____

2º se (l.1) _____

se (l.2) _____

Texto III

Nas cidades brasileiras, o comum é aumentar os espaços de circulação dos carros. Diminuem-se as calçadas. Constroem-se viadutos, túneis e passagens de nível para seu uso exclusivo. Na Paris de Delanoë, trabalha-se no sentido contrário. Corredores de ônibus, ciclovias, calçadões para pedestres e reservas para novas áreas verdes formam uma combinação que avança com ímpeto sobre os espaços onde antes o carro reinava.

se (l.1) _____

se (l.2) _____

se (l.3) _____

que (l.4) _____

Texto IV

Ignorância e preconceito

Lya Luft

(…) O preconceito, doença que turva nosso olhar e entorta nossa alma, que nos diminui e nos emburrece, é uma das enfermidades mais sérias deste nosso mundo. E, atenção, não falo apenas do preconceito contra deficientes nem do preconceito contra muçulmanos, cristãos, negros, índios ou brancos. Não me refiro apenas ao preconceito contra pobres ou ricos, mas também ao lamentável preconceito contra a classe média. Contra isso que os promotores do ódio de classes chamam indiscriminadamente "as elites". Que incluem bancários, professores, auxiliares de escritório, motoristas, domésticas, balconistas, trabalhadores em geral. Isto é, os que não dependem totalmente da ajuda dos governos.

Essa postura criminosa tanto perturba a mente das pessoas que numa manifestação de parentes de vítimas dos dois acidentes aéreos recentes, que envergonham este país, houve quem gritasse que aquela era uma manifestação "da elite". Tal intervenção, movida pelo ódio insensato e nascida da brutalidade, mostra que estamos seguindo um caminho muito perigoso. Estamos chegando a um ponto em que os que perderam mãe, pai, filho, marido ou esposa, por não serem realmente pobres, não têm direito nem de sofrer.

Quem sabe acabaremos como uma sociedade em que bancários, médicos, professores, balconistas, operários devem se esconder de vergonha por não pedir esmola na rua ou não viver de doações públicas? Alguém começa a acreditar que a classe média hoje tachada de "elite", os que com seu trabalho conseguem comer, morar, estudar, é exploradora e quer a desgraça dos demais? Se for assim, estamos tragicamente desorientados por aqui, confundindo perigosamente as coisas. Há no ar um tipo de estímulo a esse ódio de classes destrutivo e antidemocrático. Que censura até os que, às vezes com incalculável sacrifício, entram numa universidade, fazem seu mestrado, quem sabe seu doutorado no exterior – com bolsa de estudos, sim, porque com isso ajudam grandemente a melhorar as condições de vida dos mais desprotegidos em nosso país.

Se permitirmos que essa doença maligna – o preconceito, pai do ódio e filho da ignorância – nos domine, seremos em breve o mais atrasado no círculo dos povos atrasados, uma manada confusa obedecendo a qualquer chibata ideológica.

1º que (l.1) _____

2º que (l.1) _____

que (l.5) _____

Que (l.6) _____

que (l.7) _____

que (l.9) _____

que (l.10) _____

que (l.11) _____

que (l.12) _____

1º que (l.13) _____

2º que (l.13) _____

que (l.15) _____

se (l.16) _____

1º que (l.17) _____

2º que (l.17) _____

Se (l.19) _____

Que (l.20) _____

que (l.21) _____

Se (l.24) _____

Gabarito: Texto I – conjunção integrante; conjunção integrante; conjunção integrante; conjunção integrante; pronome relativo; conjunção integrante (Inicia oração subordinada substantiva completiva nominal. O uso da preposição "de" é facultativo.); conjunção integrante (Inicia oração subordinada substantiva objetiva indireta. Quando o objeto indireto aparece sob forma de oração, o uso da preposição é facultativo.); palavra de realce (= expletiva). A expressão de realce na linha 14 é "é que".

Texto II – pronome apassivador; índice de indeterminação do sujeito; parte integrante do verbo.

Texto III – pronome apassivador; pronome apassivador; índice de indeterminação do sujeito; pronome relativo.

Texto IV – pronome relativo; pronome relativo; pronome relativo; pronome relativo; pronome relativo; conjunção subordinada adverbial consecutiva; pronome relativo; conjunção integrante; conjunção integrante; pronome relativo; pronome relativo; pronome relativo; pronome reflexivo; conjunção integrante; pronome relativo; conjunção adverbial condicional; pronome relativo; pronome relativo; conjunção adverbial condicional.

21.3. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (Eletrobras/Eletrosul – Téc. Seg. Trab. – FCC – Jun./2016 – Adaptada)

Considere os seguintes trechos:

I. *E foi exatamente por causa da temperatura que foi construída em Abu Dhabi uma das maiores usinas de energia solar do mundo.*

II. *Não vão substituir o petróleo, que eles têm de sobra por mais 100 anos pelo menos.*

III. *Um traçado urbanístico ousado, que deixa os carros de fora.*

IV. *As ruas são bem estreitas para que um prédio faça sombra no outro.*

O termo "que" é pronome e pode ser substituído por "o qual" APENAS em

a) I e II.

b) II e III.

c) I, II e IV.

d) I e IV.

e) III e IV.

2. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

"É assim mesmo que está, e é irritante, o ser humano está em um estado de nervos que ele não está mais se controlando...”; a frase abaixo em que as duas ocorrências do vocábulo QUE pertencem à mesma classe gramatical é:

a) "Alma grande é aquela que percebe que o cachorro está com fome e lhe dá de beber" (La Serna);

b) "O arqueiro que ultrapassa o alvo falha tanto como aquele que não o alcança" (Montaigne);

c) "Mas a ambição do homem é tão grande que, para satisfazer uma vontade presente, não pensa no mal que dentro em breve daí

pode resultar" (Maquiavel);

d) " Não há encosta, por mais íngreme que seja, que duas pessoas juntas não possam galgar" (Ibsen);

e) " As pessoas vaidosas dizem o que pensam para os outros pensarem que elas sabem mais" (Nouailles).

3. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016 – Adaptada)

" As vítimas se contam às dezenas e incluem músicos, jornalistas, carteiros etc".

Nesse segmento, o vocábulo SE apresenta a função de partícula apassivadora; a frase abaixo em que as duas ocorrências desse vocábulo exercem essa mesma função é:

a) " Para o homem só há três acontecimentos: nascer, viver e morrer. Ele não se sente nascer, sofre morrendo e se esquece de viver" (La Bruyère);

b) " O açúcar seria caro demais se não se fizesse cultivar a planta que o produz por escravos" (Montesquieu);

c) " E se Adão não tivesse resistido àquela operação nas costelas a que tão prematuramente se submeteu?" (Eno T. Wanke);

d) " O amor é uma arte que nunca se aprende e sempre se sabe" (Galdós);

e) " Não ensines a teu aluno toda a tua ciência. Quem sabe se ele amanhã não se tornará o teu inimigo"? (Saadi).

4. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016 – Adaptada)

" No outro polo, verifica-se um crescimento da autossegregação..."; a função do pronome SE, nesse segmento, se repete na seguinte frase:

a) " Os abusos, como os dentes, nunca se arrancam sem dores" (Marquês de Maricá);

b) " O aborto é perigoso, porque, se fracassa, pode produzir uma criança" (Sofocleto);

c) " Meu desejo sincero seria que nossa Academia Brasileira não se esquecesse tanto de que é também de... letras" (Afonso Arinos);

d) " Envergonhar-nos-íamos frequentemente de nossas ações mais belas se o mundo visse os motivos que as produzem" (La Rochefoucauld);

e) " Ao lermos os grandes autores, temos a impressão de que todos se conheceram uns aos outros" (Elias Canetti).

Gabarito: 1. b; 2. b; 3. d; 4. a.

21.4. RESUMO

Vamos às dicas finais?

A palavra que

O **QUE** que retoma um substantivo é pronome relativo. Nesse caso, pode ser substituído por outro relativo.

Atenção à palavra de realce QUE. Pode vir sozinha ou pode compor a expressão " é que".

Há duas formas de se interrogar: direta e indiretamente.

Nem todo QUE que inicia oração substantiva é conjunção integrante. Se estiver se referindo a um substantivo, será pronome.

A palavra se

Diante de um SE, primeiro pergunte se ele é pronome apassivador.

Caso não seja pronome apassivador, verifique se ele é pronome indeterminador do sujeito.

Não pergunte de imediato se ele é palavra de realce: você sempre vai achar que é.

Memorize os verbos pronominais que mais aparecem nas provas de concursos públicos: nesses casos, o SE será parte integrante do verbo.

22 FIGURAS DE LINGUAGEM

As figuras de linguagem são divididas em três tipos, que serão estudados neste capítulo: figuras de palavras; figuras de sintaxe; e figuras de pensamento.

22.1. TEORIA SUCINTA

22.1.1. Figuras de palavras

1. **Metáfora**: emprego de palavra fora do seu sentido normal, por analogia.

   Ex.: A Amazônia é o pulmão do mundo.

   Na sua mente povoa só maldade.

   Obs.: quando há um confronto direto, temos o **Símile** ou **Comparação** (caracterizada pela presença de conjunções comparativas – *como, tal qual, assim como* ...).

   Ex.: Ele é rápido como a lebre.

2. **Sinestesia**: quando se cruzam sensações diferentes.

   Ex.: Doce esperança. (paladar *x* sentimento)

3. **Catacrese**: emprego impróprio de uma palavra, por não se dispor de palavra própria para designar certas ações.

   Ex.: Embarcar num trem. (trem não é barco)

   "Enterrar uma agulha na pele." (pele não é terra)

4. **Metonímia**: substituição de um nome por outro em virtude de uma semelhança (autor pela obra, concreto pelo abstrato, continente pelo conteúdo, causa pelo efeito e vice-versa...).

   Ex.: A juventude (= jovens) brasileira.

   Ler Machado de Assis.

22.1.2. Figuras de sintaxe

1. **Hipérbato** (= inversão): alteração da ordem direta dos termos.

   Ex.: Morreu o presidente.

   Obs.: quando há anteposição de um termo preposicionado, temos a **anástrofe.**

   Ex.: Tão bela dos seus anos na flor. (Tão bela na flor dos seus anos.)

2. **Pleonasmo**: repetição de significação do vocábulo ou termos oracionais com finalidade expressiva.

   Ex.: Ver com os próprios olhos.

   A mim ninguém me engana.

3. **Anacoluto**: quebra de estruturação sintática.

   Ex.: O meu cunhado, você se entende com ele.

   A expressão *O meu cunhado* não exerce nenhuma função sintática na frase.

4. **Elipse**: omissão de um termo facilmente subentendido.

   Ex.: Na praça, crianças brincando. (havia)

   Obs.: **Zeugma** é um tipo de elipse. Consiste na supressão de um termo já expresso anteriormente.

   Ex.: Alguns estudam, outros não. (estudam)

5. **Silepse**: concordância ideológica.

   Ex.: **V. Exª** é compreensiv**o**. (silepse de gênero)

   Todos fomos à festa. (silepse de pessoa)

6. **Hipálage**: aplica-se a um substantivo um adjetivo que corresponde a outro substantivo.

   Ex.: Maria fumava um cigarro lânguido. (Quem estava lânguida – sensual – era Maria, e não o cigarro.)

7. **Quiasmo**: os elementos se cruzam em X.

   Ex.: "No meio do caminho tinha uma pedra

   Tinha uma pedra no meio do caminho."

8. **Anáfora**: repetição de palavra no início de cada membro da frase.

   Ex.: Tudo era silencioso, tudo nebuloso, tudo confuso.

22.1.3. Figuras de pensamento

1. **Antítese**: oposição entre duas palavras ou pensamentos.

   Ex.: Não há no mundo alegria sem sobressalto, riqueza sem miséria.

2. **Enálage:** uso de um tempo verbal no lugar de outro.

   Ex.: Você me emprestaria a sua caneta? (Uso, por polidez, do futuro do pretérito em lugar do presente – empresta.)

3. **Oxímoro**: os vocábulos opostos formam um paradoxo (ideias aparentemente contraditórias).

Ex.: Viver só na multidão.

4. **Hipérbole**: exagero na mensagem.

   Ex.: Repetir um milhão de vezes.

5. **Eufemismo**: emprego de palavras ou expressões agradáveis em substituição às que têm sentido desagradável.

   Ex.: Faltou com a verdade. (=mentir)

   Deu o último suspiro. (= morrer)

6. **Ironia**: declarar o oposto do que se pensa.

   Ex.: Era fino como um hipopótamo.

7. **Prosopopeia** (= personificação): atribuição de ações ou qualidades humanas a seres inanimados.

   Ex.: "Os pinheiros pensavam coisas longas..."

22.2. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (Vunesp) "Na laranja e na couve

picada – as cores brasileiras

da feijoada. (...)" (Luiz Bacellar)

No excerto acima, ocorre a figura de sintaxe a que se denomina:

a) zeugma.

b) pleonasmo.

c) anáfora.

d) elipse.

e) anacoluto.

2. (Banco do Brasil) Na oração "Por sua cabeça passam **mil e uma** questões", o numeral tem seu sentido original modificado, pois uma quantidade certa está empregada para expressar uma indeterminação exagerada. Recorde-se, agora, de que a exageração de uma ideia dá origem a uma conhecida figura de linguagem. Assinale a alternativa em que se utiliza tal figura:

a) Lemos Machado de Assis nas aulas de literatura brasileira.

b) Por estar com sede, bebeu três copos.

c) Eu, parece-me que vou mal.

d) A liberdade concedida não deixa de ser uma forma de prisão.

e) A cidade amanheceu debaixo d'água.

3. (Vunesp) Em "Rios te correrão dos olhos, se chorares." (Olavo Bilac), identifica-se a figura de linguagem:

a) hipérbato.

b) hipérbole.

c) eufemismo.

d) metonímia.

e) paradoxo.

4. (NCE-UFRJ) Ao estabelecer uma comparação entre a ação da águia e a dos homens, o texto compõe uma:

a) anástrofe.

b) metáfora.

c) hipérbole.

d) metonímia.

e) silepse.

5. (Cesgranrio) "Sofreu inutilmente por mais dois dias antes de tocar de novo o acorde final", no fragmento ocorre um(a):

a) personificação.

b) onomatopeia.

c) eufemismo.

d) comparação.

e) metonímia.

6. (Cesgranrio) A propósito do emprego da linguagem figurada presente no poema de Vinícius de Moraes, é correto afirmar que, nos versos "Sendo a sua liberdade/Era a sua escravidão", há:

a) antítese.

b) comparação.

c) eufemismo.

d) metáfora.

e) metonímia.

7. (Cesgranrio) "Nike renova com a CBF até 2018."

Sem alarde, a Nike renovou seu contrato com a CBF até 2018.

(Revista Veja)

Podemos afirmar que nesse trecho há uma figura de linguagem conhecida como:

a) metonímia.

b) hipérbole.

c) metáfora.

d) hipérbato.

e) comparação.

8. (Cesgranrio) No trecho "A obra-prima da agressão sonora são uns automóveis cujos porta-malas se abrem revelando uma bateria de alto-falantes, terrível usina de decibéis.", observa-se um exagero do articulista, o qual se justifica pela sua indignação ao que está expondo. A esse recurso estilístico denomina-se:

a) antítese.

b) eufemismo.

c) metonímia.

d) hipérbole.

e) personificação.

9. (Cesgranrio) "Mas a **mim** é que não **me** escardincham (...)"

Há entre os vocábulos grifados uma relação:

a) pleonástica.

b) irônica.

c) metafórica.

d) antitética.

e) eufemística.

Gabarito: 1. d; 2. e; 3. b; 4. b; 5. c; 6. a; 7. a; 8. d; 9. a.

Parte IV

Interpretação de textos

23 TIPOLOGIA TEXTUAL

23.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

23.1.1. Os modos e os tipos de texto

Não se pode falar em compreensão e intelecção textual sem que se aprenda a diferenciar os modos de texto. Ao aprender a classificar um texto, o aluno não só se prepara para as questões que versam sobre tipologia textual, como também estabelece o primeiro contato com o seu objeto de estudo.

Podemos destacar quatro maneiras de organizar um discurso: por meio da **narração**, **descrição**, **dissertação** e **argumentação**. Muitas vezes, é importante ressaltar, utilizamo-nos de mais de um recurso na elaboração de um único texto.

23.1.2. A narração

É a modalidade de texto que se relaciona com objetos do mundo real. Na narração, o objetivo do autor é contar um fato, relatar acontecimentos, reais ou imaginários.

23.1.2.1. As modalidades da narração

O texto narrativo apresenta-se em diversas modalidades; entre as principais, pode-se citar:

1. **Romance:** narrativa longa que não se compõe apenas de uma trama – além do núcleo principal, outras tramas se desenrolam em paralelo. É composição que pode vir escrita em prosa ou em verso.
2. **Crônica:** é o relato de acontecimentos do quotidiano, do nosso dia a dia, que se desenrolam em uma sucessão cronológica. Reflete a vida social, a política, os costumes de uma época.
3. **Conto:** narrativa curta e concisa que se desenvolve em torno de um único núcleo. Pode ter características reais ou ser apenas fruto da imaginação do autor.
4. **Fábula:** uma espécie de conto, em forma de prosa ou verso. Tem como objetivo uma lição de aprendizado, o ensinamento de uma moral. Utiliza-se de personagens animais, mas com características humanas.
5. **Anedota:** narrativa que tem como objetivo provocar humor. É breve e pode se apresentar também na linguagem oral.
6. **Lenda:** história fictícia que se utiliza de lugares ou personagens reais. Mistura realidade e fantasia. Seu registro escrito normalmente é precedido de uma tradição oral.

7. **Parábola:** narrativa alegórica. Texto cujo objetivo é veicular uma mensagem, um ensinamento, por meio de uma comparação ou analogia. É a versão da fábula com personagens humanas.

23.1.2.2. Os elementos da narração

No texto narrativo, não se deve deixar de lado a análise do aspecto temporal: os acontecimentos se sucedem na linha cronológica, existindo, portanto, uma relação de anterioridade e posterioridade, que acabam por compor uma história que nos é contada por um narrador. Tem-se assim a composição de três elementos:

AÇÕES X PERSONAGENS X NARRADOR.

23.1.2.2.1. As ações

As ações são relatadas numa narrativa obedecendo à seguinte ordenação:

1. **Introdução**

Apresenta a ideia-núcleo ou ideia principal, podendo surgir ideias secundárias. Representa um estado de harmonia inicial, de equilíbrio.

Ex. 1: Texto 1

"O índio da Transamazônica todo dia passava pelas obras, com um menino nas mãos e um livro debaixo do braço."

2. **Desenvolvimento**

O fato narrativo propriamente dito (uma série de ações que levam os personagens a sofrerem diversas transformações). No desenvolvimento, observamos o enredo da história, a ocorrência da desarmonia. No desenrolar de uma narrativa, o(s) personagem(ns), em busca de soluções para a carência apresentada na introdução, passa(m) por uma série de transformações, que culminarão em um resultado final. Há nesse momento do texto, portanto, um conflito, um ponto extremo de tensão, que só será solucionado no desfecho da narração.

Exemplo: continuação Texto 1

"Um dia, o engenheiro perguntou a ele:

– *Onde vai com estes livros?*

– *Pra escola!*

O engenheiro ficou maravilhado!

– *Que coisa edificante ver um índio brasileiro levar uma criança para a escola.*

– *Não é criança, não. Quem vai à escola é índio mesmo*!"

Importante ressaltar que, no gênero narrativo, ao relatar as ações através de uma evolução cronológica, faz-se necessário o uso de verbos de ação que encadeiam os fatos ("A mulher foi passear na capital. Após um tempo, o marido dela recebeu um telegrama.") e de conectivos temporais, que organizam os fatos da narrativa, situando-os uns em relação aos outros. ("O crime ocorreu no domingo. Dias depois, os jornais já noticiavam.")

3. **Conclusão**

A conclusão pode ser ideia sucinta do fato narrado, um comentário pessoal do autor ou uma simples generalização. Representa também a resolução da carência, isto é, um resultado, sob a forma de uma melhora, de uma permanência ou de uma degradação do estado inicial. É o desfecho do texto, que tanto pode ser a volta ao equilíbrio inicial como o aparecimento de uma nova, uma outra situação de equilíbrio não apresentada no início do texto.

Ex.: fechamento Texto 1

– Ah... que empolgante – falou o engenheiro. Aí, deu uma paradinha, uma pensadinha e perguntou: – E o menino?

– Ah! – falou o índio – menino é merenda!"

23.1.2.2.2. Os personagens

Os personagens são elementos fundamentais na narrativa, possuindo cada um o seu papel para a evolução da história. Interessante observar que o vocábulo "personagem" se origina do grego (persona = máscara): é por meio dos personagens que o autor transmite as mensagens que deseja.

Há os personagens principais – o antagonista e o protagonista – e os secundários – constrói-se entre eles uma hierarquia de valor.

23.1.2.2.3. O narrador

O narrador é o organizador da história contada, podendo ser o próprio autor do texto narrativo ou até mesmo um personagem criado pelo autor. Contando a história para o leitor, ele poderá interferir no texto através de pronomes ("nós podemos concluir o que ela poderia estar pensando..."), do uso do presente genérico ("sabíamos que ele poderia não estar dizendo a verdade"), comentários sobre o fato narrado ("descrevendo-a desta maneira, é fácil imaginar por que ele a amava") ou até interpelando diretamente o leitor ("Preste atenção, minha cara leitora, a este artista que temos"). Podemos ainda caracterizar o narrador como o de primeira ("Já contei algumas vezes esta história") ou de terceira pessoa ("A mulher estendeu-lhe a mão e sorriu").

De uma forma prática, teríamos:

a) ***Narrador personagem****: é aquele que conta a história e dela participa. A história é contada em* 1ª *pessoa.*

Ex.: "Percebi que minha avó não me olhava. A princípio, achei inexplicável ela fizesse isso, pois costumava fitar-me, longamente, com uma ternura que incomodava. Tive raiva do que me parecia um capricho e, como represália, fui para a cama."

b) ***Narrador observador**: caracteriza-se como o narrador que relata acontecimentos na qualidade de alguém que observa e transmite suas impressões ao leitor. Conta-se a história em 3ª pessoa.*

Ex.: "O menino pisou com o calcanhar a procissão de formigas atarantadas. Só então percebeu que lhe escorria do joelho esfolado um filete de sangue."

c) ***Narrador onisciente**: é aquele que não só observa os acontecimentos, mas também sabe tudo sobre os personagens, inclusive seus sentimentos e pensamentos. A narração se desenrola em 3ª pessoa, mas muitas vezes a fala do narrador se mistura às dos personagens, o que caracteriza o discurso indireto livre.*

Ex.: "No fundo, Ana sempre tivera necessidade de sentir a raiz firme das coisas. E isso um lar lhe dera. Por caminhos tortos, viera a cair num destino de mulher, com a surpresa de nele caber como se o tivesse inventado. O homem com quem casara era verdadeiro, os filhos que tivera eram filhos verdadeiros. Sua juventude anterior parecia-lhe estranha como uma doença de vida."

23.1.2.2.4. O narrador e os tipos de discurso

No texto narrativo, os personagens dialogam entre si, manifestando, assim, o seu discurso. Cabe ao narrador a reprodução desses discursos ao longo da narração. Assim, podemos citar três formas de reprodução do discurso alheio – **discurso direto, discurso indireto** e **discurso indireto livre**. A seguir, a análise de cada um deles:

Discurso direto

Nesse caso, o narrador reproduz as falas dos personagens por meio das próprias palavras deles. A reprodução do discurso ocorre como se o leitor ouvisse literalmente o que os personagens disseram.

Algumas marcas linguísticas são evidenciadas: uso dos dois pontos e travessão; aparecimento de verbos que anunciam a fala do personagem

("disse", "falou"...) – são os chamados verbos de elocução ou verbos dicendi e a presença de palavras que se vinculam à situação de produção textual em que se proferiu o discurso.

Ex.: "– O rio já encheu mais? – perguntou a *mãe*.

– Chi, ta um mar d'água! Qué vê, espia, – apontou o menino com o dedo para fora do rancho."

Discurso indireto

Nesse tipo de discurso, o narrador reproduz as palavras dos personagens sem priorizar sua forma linguística e sim seu conteúdo. Aqui, o que se pretende não é reproduzir literalmente o que o personagem falou, mas reescrever tal fala por

meio das palavras do narrador.

As marcas linguísticas desse tipo de discurso incluem também verbos que reproduzem as falas dos personagens ("dizer", "afirmar", "perguntar", "responder" etc.); a fala do narrador não é isolada por sinal de pontuação, mas por partículas introdutórias (normalmente, as conjunções integrantes que e se); os pronomes, os verbos e outros vocábulos da fala do personagem são substituídos por outros que se vinculem ao tempo em que se situa o narrador.

Ex.: "Assim que a encontrei, perguntei se nós poderíamos nos encontrar naquela noite."

Discurso indireto livre

Essa é a forma mais sutil de se reproduzir a fala de um personagem – não *há* indicadores muito evidentes de limites entre a fala do narrador e a fala do personagem. Nesse caso, é preciso que o leitor pressuponha que aquelas palavras não pertencem ao narrador e sim a um personagem da narrativa. É o discurso que aproxima ambos, dando-nos a impressão de que falam em uma só voz.

Ex.: "Toda a fascinação da vida o golpeou, uma tão profunda delícia e gosto de viver, uma tão ardente e comovida saudade, que retesou os músculos do corpo, esticou as pernas, sentiu um leve ardor nos olhos. Não quero morrer!"

Transposição do discurso direto para o indireto

Discurso direto	Discurso indireto
→ pronomes e flexão verbal em 1ª ou 2ª pessoa: – Quero dormir – disse a menina.	→ pronomes e flexão verbal em 3ª pessoa: A menina disse que queria dormir.
→ Tempos verbais (ordenados em relação ao momento da fala) a) Presente do Indicativo – A situação é a mesma – afirmou o policial.	→ Tempos verbais (em correlação com o tempo em que se situa o narrador) a) Pretérito Imperfeito O policial afirmou que a situação era a mesma.
b) Pretérito Perfeito – Tudo permaneceu com antes – lembrou o rapaz. c) Futuro do Presente – Tudo estará acabado em breve – sentenciou a mulher. d) Modo Imperativo – Não entre aí, disse a mãe.	b) Pretérito Mais-que-perfeito O rapaz lembrou que tudo permanecera como antes. c) Futuro do Pretérito A mulher sentenciou que tudo estaria acabado em pouco tempo. d) Modo Subjuntivo A mãe mandou que não entrasse ali.
→ Frases interrogativas diretas – Tudo bem aí? – perguntou a mulher.	→ Frases interrogativas indiretas A mulher perguntou se estava tudo bem ali.
→ Pronomes demonstrativos de 1ª e 2ª pessoa (esta/este/isto; esse/essa/isso) – Essa sua atitude não é educada – repreendeu o pai.	→ Pronomes demonstrativos de 3ª pessoa (aquele/aquela/aquilo) O pai lhe falou que aquela atitude não era educada.

23.1.3. A narração e os tempos verbais

Quanto aos tempos verbais, pode-se afirmar que nesse gênero de texto há predominância de verbos no pretérito perfeito, já que o que se pretende é relatar acontecimentos que ocorreram em um momento passado.

Ex.: "Tudo quieto, o primeiro cururu surgiu na margem, molhado, reluzente na semi-escuridão. Engoliu um mosquito; baixou a cabeçorra; tragou um cascudinho; mergulhou de novo, e bum-bum! Soou uma nota soturna do concerto interrompido." (Lima, Jorge de. *Calunga; O anjo*.)

Nesse texto, o que se observa são ações no pretérito perfeito que se sucedem na linha do tempo – surgiu, engoliu, mergulhou, baixou, tragou, mergulhou, soou.

Entretanto, é comum também a presença da troca dos tempos verbais na narração – do pretérito perfeito para o presente do indicativo –, quando o que se pretende é aproximar os acontecimentos que ocorreram no passado do momento em que se os narra. É a utilização do *Presente do Indicativo* no lugar do *Pretérito Perfeito*.

Ex.: "A moça chega com sapatinho baixo, saia curta, cabelos lisos castanhos arrumados em rabo-de-cavalo, sorri dentes branquinhos muito pequenos, como de primeira dentição, e fala o senhor me deixa telefonar? de maneira inescapável." (Ângelo, Ivan. Bar. – Adaptado)

De uma forma prática, pode-se observar na narração a articulação dos seguintes elementos:

1. Quem? → os personagens que se envolvem na trama.
2. Quê? → o enredo – os fatos em si, a trama, os acontecimentos.
3. Onde? → o local onde se desenvolve o enredo.
4. Quando? → o momento em que se desenrolou a trama.
5. Como? → a forma como se desenvolveram os acontecimentos.
6. Por quê? → as causas, os motivos que suscitaram os eventos.
7. Para quê? → possíveis finalidades, consequências desejadas pelos personagens da trama.

23.1.4. A narração e a descrição

Vale lembrar que é muito comum que a narração contenha aspectos descritivos. No texto narrativo, observa-se a presença constante não apenas da caracterização das cenas em que se desenrola a trama, mas também a qualificação dos personagens que dela participam.

Ex.: "Ouvi primeiro o ruído de cascos pisando a grama, mas continuei deitado de bruços na esteira que havia estendido ao lado da barraca. Senti nitidamente o cheiro acre muito próximo. Virei-me devagar, abri os olhos. O cavalo erguia-se interminável à minha frente. Em cima dele havia uma espingarda apontada para mim e atrás da espingarda um velhinho de chapéu de palha, que disse logo o seguinte:

– Filhos de uma puta." (Piroli, Wander. *Crítica da razão pura*.)

Neste trecho, que inicia uma narração, o que se percebe é o comprometimento inicial do autor em caracterizar não só a cena como também os personagens da história que se inicia.

23.1.5. A descrição

É a modalidade de texto que trata das características de uma pessoa, de um objeto, de uma paisagem ou de uma simples situação, em determinado período de tempo. Em uma modalidade abstrata, a descrição pode caracterizar sentimentos, sensações. É o tipo de texto que lida com detalhamentos, pormenores do elemento que retrata.

Ex.: "O amor estava de chambre verde, recostado na cama cheia de almofadas. As mãos branquíssimas descansando entrelaçadas na altura do peito. Ao lado, um livro aberto e cujo título deixei para ler depois e não fiquei sabendo." (Telles, Lygia Fagundes. *A estrutura da bolha de sabão*.)

23.1.5.1. A passagem do tempo na descrição

Importante lembrar que se torna quase impossível desenvolver uma descrição pura, onde não apareçam trechos de narração ou até de dissertação. A descrição consiste não em fazer progredir uma história (tarefa da narração), mas em interrompê-la, detendo-se em um personagem, um objeto, um lugar etc. Na descrição, não existe relação de anterioridade e de posterioridade entre os enunciados, os movimentos ocorrem ao mesmo tempo, sem haver progressão de um estado a outro. As ações reproduzidas na descrição são simultâneas. Ao ocorrer progressão cronológica, tem-se o texto narrativo.

Ex.: "Cheguei em casa carregando a pasta cheia de papéis, relatórios, estudos, pesquisas, propostas, contratos. Minha mulher, jogando paciência na cama, um copo de uísque na mesa da cabeceira. (...) Os sons da casa: minha filha no quarto dela treinando empostação de voz, a música quadrafônica do quarto do meu filho. (...) A copeira servia à francesa, meus filhos tinham crescido, eu e a minha mulher estávamos gordos." (Fonseca, Rubem. *Passeio noturno*.)

O trecho inicia-se com uma narração – ações evoluindo em uma sequência cronológica ("Cheguei em casa..."). Entretanto, logo a seguir, o autor interrompe sua sequência narrativa para caracterizar uma cena – tem-se uma pausa na narração para um trecho descritivo. Na descrição, as ações são concomitantes ("minha mulher jogando paciência", "minha filha no quarto treinando empostação de voz", "a copeira servia à francesa").

23.1.5.2. Os tipos de descrição

Basicamente, o texto descritivo pode se voltar para objetos, assuntos científicos, seres humanos ou paisagens.

23.1.5.2.1. Descrição de objetos

Os objetos podem ser caracterizados de forma objetiva, com linguagem denotativa; ou de maneira subjetiva, com a

intervenção do ponto de vista do observador.

Ex.:

Descrição objetiva

"A cachorra Baleia estava para morrer. Tinha emagrecido, o pêlo caíra-lhe em vários pontos, as costelas avultavam num fundo róseo, onde manchas escuras supuravam e sangravam, cobertas de moscas. As chagas da boca e a inchação dos beiços dificultavam-lhe a comida e a bebida." (Ramos, Graciliano. *Baleia*.)

Descrição subjetiva

"Se me falam em virtude, em moralidade ou imoralidade, em condutas, enfim, em tudo que se relacione com o bem e o mal, eu vejo Mamãe em minha ideia. Mamãe – não. O pescoço de Mamãe, a sua garganta branca e tremente, quando gozava a sua risadinha como quem bebe café no pires. (...) Ela não se pintava nunca, mas não sei como fazia para ficar com aquela lisura de louça lavada. Nela, até a transpiração era como vidraça molhada: escorregadia, mas não suja." (Queiroz, Dinah Silveira de. *A moralista*.)

23.1.5.2.2. Descrição de fatos científicos

Nesse tipo de descrição, podemos inserir a descrição de fato da ciência, em que o objeto retratado caracteriza-se como do âmbito científico. Aqui, o objetivo maior do observador é o de informar o leitor sobre as características do elemento descrito. O discurso científico destaca o conteúdo das informações feitas, não priorizando, portanto, a subjetividade daquele que produz o texto.

Ex.: "Genoma é o conjunto simples de cromossomos de uma célula (cariótipo). É o conjunto formado por apenas um cromossomo de cada tipo, na espécie estudada. No ser humano o genoma é constituído de 23 cromossomos diferentes."

23.1.5.2.3. Descrição de seres humanos

Nesse caso, o tema-núcleo da descrição é uma pessoa. Nesse texto descritivo, o autor pode tanto se voltar para os aspectos físicos do ser retratado, como para suas características psicológicas, psíquicas.

Ex.: "A família foi pouco a pouco chegando. Os que vieram de Olaria estavam muito bem vestidos porque a visita significava ao mesmo tempo um passeio a Copacabana. A nora de Olaria apareceu de azul-marinho, com enfeites de paetês e um drapejado disfarçando a barriga sem cinta. O marido não veio por razões óbvias – não queria ver os irmãos. Mas mandara sua mulher para que nem todos os laços fossem cortados – e esta vinha com o seu melhor vestido para mostrar que não precisava de nenhum deles, acompanhada dos três filhos: duas meninas já de peito nascendo, infantilizadas em babados cor-de-rosa e anáguas engomadas, e o menino acovardado pelo terno novo e pela gravata." (Lispector, Clarice. *Feliz Aniversário*.)

23.1.5.2.4. Descrição de paisagens

Ao descrever paisagens, o autor tanto pode ter a simples intenção de localizar o leitor em relação ao espaço em que se desenvolve o texto narrativo, como pode pretender seduzir o leitor sobre as qualidades da paisagem observada, com o intuito de apresentar seu julgamento sobre o espaço retratado. A descrição pode ser panorâmica, abrangente ou pode se ater a detalhamentos, pormenores do seu tema-núcleo.

Ex.: "Agradável na manhã seguinte o percurso numa rodovia que não era de seu tempo. Ônibus e caminhões escureciam as estradas de poeira. Ao pé de uma serra calcárea,que conhecera intacta, as chaminés de uma fábrica de cimento emitiam rolos de uma fumaça escura. Mais adiante, os fornos de uma siderúrgica." (Machado, Aníbal. *Viagem aos seios de Duília*.)

23.1.6. A dissertação

Aquilo que chamamos didaticamente de dissertação consiste na exposição de ideias, razões. Se, por um lado, na descrição e narração predominam termos concretos, que se referem a pessoas do mundo, ao menos presumidamente, real, na dissertação, predominam os conceitos abstratos, muitas vezes fora das esferas do tempo e do espaço. Não há, portanto, em princípio, uma progressão temporal entre os enunciados, mas relações de natureza lógica (causa e efeito, uma premissa e uma conclusão…).

Em textos de concursos públicos, costuma-se subdividir os textos dissertativos em duas modalidades – o texto dissertativo expositivo e o texto dissertativo opinativo-argumentativo. O primeiro tem por objetivo discutir um assunto, expor o que se sabe sobre ele sem defesa de ponto de vista do autor. Já a segunda modalidade tem como meta a persuasão, o convencimento – neste tipo de texto o autor utiliza estratégias argumentativas que visam defender sua tese.

23.1.6.1. O texto dissertativo expositivo

É o texto que expõe ideias, explana, discute, revela o que o autor sabe sobre determinado assunto. Sua linguagem é objetiva, clara, impessoal. Traz abordagem abrangente sobre um tema, permitindo que o leitor desenvolva sua própria opinião sobre o assunto. Nesse texto, o autor não manifesta, ao menos explicitamente, suas opiniões sobre o tema tratado. Ainda que em alguns momentos do texto ele opine, sua intenção não é defender seu ponto de vista sobre o tema em questão.

Ex.*:* Desde o final do século XV, com a invenção de novos equipamentos de navegação e as grandes descobertas, a Globalização se espalhou por todo o planeta, ao mesmo tempo em que aumentava a influência européia no mundo. No século XIX, o telégrafo submarino reduziu o tempo com que as informações, as ordens e as diversas decisões importantes chegavam a diversos lugares do mundo – em pontos específicos, em quantidades limitadas e com alguma defasagem de tempo. (Buarque, Cristovam. *Admirável mundo atual* – Adaptado)

Como se vê, nesse tipo de texto, o autor expõe aquilo que sabe sobre determinado assunto, sem a preocupação de julgar, emitir opinião em relação ao assunto sobre o qual discorre.

Há textos expositivos que apresentam informações sobre um objeto ou fato específico, sua descrição, a enumeração de suas características, com o objetivo de aumentar o conhecimento do leitor sobre determinado assunto. É o texto informativo. Com linguagem objetiva e impessoal, este tipo de texto pressupõe acréscimo de informação para quem o lê. O texto dissertativo informativo é o tipo de texto que procura tratar de assunto de interesse do leitor e busca a novidade – algo que, ao menos presumidamente, seja desconhecido do público ao qual é veiculado.

Ex.: "Recente documento, elaborado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), revela que o Brasil é um país mergulhado na sujeira: metade dos municípios não têm serviço de esgoto sanitário, 70% do lixo das cidades são jogados em lixões e alagados (rios, lagos, mar, etc.) e apenas poucos municípios fazem coleta seletiva de lixo."

Nesse caso, o objetivo do texto é aumentar o número de informações do leitor sobre o assunto do lixo. Por meio de dados estatísticos e exemplos e de uma linguagem objetiva, o autor atinge seu objetivo – apresentar possíveis novidades ao seu leitor.

23.1.6.2. O texto dissertativo opinativo

Também chamado de argumentativo. Esse texto difere do dissertativo expositivo, pois, além de expor o que se sabe sobre um assunto – e, muitas vezes, também informar –, o texto dissertativo argumentativo tem por finalidade principal persuadir o leitor sobre determinado assunto, modificar seu comportamento.

Ex.: "Viver 'plugado' a uma corrente de pessoas e informações pode ser divertido e útil. Mas agride o que o ser humano tem de melhor e mais insubstituível: o seu gosto, o seu erro, a sua miséria e sua glória."

Aqui, o autor emite sua opinião, por meio do auxílio de adjetivos com valor subjetivo ("melhor", "insubstituível"). Assim, a mensagem transmitida ao autor deixa de ser fato, para ser julgamento – característica do texto opinativo.

Muitas vezes, o autor, com o intuito de transparecer seu posicionamento, utiliza-se de algumas marcas linguísticas capazes de persuadir o leitor, tais como verbos na 1ª pessoa do singular ou plural e expressões de modalidade – os modalizadores (vocábulos indicativos da opinião do autor). É o que se observa no seguinte texto:

"O dever do Estado é proteger a propriedade de todos da sanha de cada um e a propriedade de cada um da sanha de todos. A pichação dos bens públicos ou particulares viola ambos os princípios e, portanto, é dever da autoridade competente tomar medidas coercitivas. Eu, como milhões de cidadãos, gosto de ver a minha cidade limpa. Faço minha parte, de um lado mantendo meu muro pintado e de outro pagando impostos para que a Prefeitura faça o mesmo com os nossos monumentos. Se os pichadores têm seus "direitos" de expressarem-se livremente, eu também tenho os meus de querer minha cidade em ordem e bonita. Com uma diferença: eu pago impostos para

exercer a minha cidadania e eles, tão-somente, adquirem uma lata de aerossol."

Por meio de pronomes da 1ª pessoa do singular ("Eu", "minha", "meu") ou da 1ª pessoa do plural ("nossos"), aquele que redige emite seu juízo de valor acerca do assunto abordado. Além disso, expressões, como "viola", "faço minha parte", "cidade em ordem e bonita", demonstram comprometimento com o assunto retratado – são os modalizadores textuais. Assim, todos esses recursos estão sendo utilizados a favor de um único objetivo: o de o autor demonstrar a validade de seus argumentos, de suas opiniões sobre o tema discutido.

23.1.6.3. A estruturação argumentativa

Ao argumentarmos, expomos o assunto de modo pessoal (nosso ponto de vista ou tese), podendo também utilizar outros pontos de vista a respeito do mesmo tema (ideia principal). Assim, no intuito de defendermos nossa tese, oferecemos argumentos que a apoiem. Para isso, estruturamos nossas ideias em uma sequência lógica, progressiva e correta.

Um plano de dissertação deve conter três partes: introdução, desenvolvimento e conclusão. A seguir, uma análise dos segmentos que constituem uma dissertação.

1. **Introdução**

Inicialmente se faz a introdução, que determinará o desenrolar do desenvolvimento. É neste momento em que se apresenta o tema a ser discutido, a ideia-núcleo ou ideia principal, a tese.

2. **Desenvolvimento**

Na segunda fase do texto argumentativo, faz-se a análise crítica dos argumentos usados de apoio para sua tese. Cada argumento é exposto em um parágrafo próprio. Dois a três parágrafos é o padrão do desenvolvimento de um texto argumentativo. Ao argumento que normalmente inicia o parágrafo de desenvolvimento dá-se o nome de **tópico frasal**.

Inicia-se, portanto, cada parágrafo do desenvolvimento com o que denominamos de tópico frasal – que se constitui na ideia que irá direcionar o parágrafo, sendo, portanto, sua base. A seguir, desenvolve-se a discussão iniciada pelo tópico frasal, na qual são utilizados diversos recursos que servirão de apoio para o argumento defendido – exemplos, comparações, narrativas, descrições, opiniões próprias – de forma coerente e organizada.

3. **Conclusão**

O parágrafo final é reservado à conclusão, na qual o autor retoma a ideia-núcleo, reescrevendo-a e acrescentado-lhe, em geral, um juízo crítico, de forma a enriquecer os argumentos defendidos. É o momento em que o autor opina, critica e, muitas vezes, oferece soluções concretas ao problema discutido ao longo da argumentação.

Ex.: *Texto retirado de uma prova elaborada pela Cespe/UnB* para análise de um texto argumentativo.

O leitor é personagem da modernidade, produto da sociedade burguesa e capitalista, livre dos laços de dependência da aristocracia feudal e do estreitamento corporativista das ligas medievais. A emancipação do leitor encena, de certo

modo, o processo de libertação de que se originou a sociedade moderna. Nesse sentido, narrar a formação da leitura no Brasil significa também narrar, sob esse viés, a história da modernização de nossa sociedade.

Vários fatores criaram o espaço social necessário para transformar certo número de pessoas associadas a certas práticas sociais em leitores: o individualismo da sociedade burguesa, a visão de mundo antropocêntrica estimulada pela Renascença e difundida pela filosofia humanista, o progresso tecnológico que facultou o desenvolvimento da imprensa, a expansão da escola e do pensamento pedagógico apoiado na alfabetização, o fortalecimento de instituições culturais como as universidades, as bibliotecas e as academias de escritores.

Disso resultaram duas noções: de um lado, a noção de público, massa coletiva e anônima que, não obstante o anonimato, pode ter vontade própria e direção definida, incidindo em linhas de ação que a literatura, em parte ou no todo, acata ou não; de outro, a noção de leitor, indivíduo habilitado à leitura, com preferências demarcadas, figura que o escritor busca seduzir, lançando mão de técnicas e de artifícios contabilizados pela crítica e história da literatura.

Mesmo sendo presença suficientemente poderosa para influenciar os mecanismos literários, o leitor não se mostra figura unidimensional nem unidirecional. E exatamente o que é fugidio em sua história desdobra-se nos ângulos diferenciados que o leitor e a leitura foram assumindo ao longo do tempo.

Não que a leitura seja prática sólida no Brasil; nem que as instituições culturais e pedagógicas encarregadas de sua difusão tenham consistência ou estejam a salvo de críticas que, desde o século XIX, a elas são dirigidas. Desde a separação de Portugal, reclama-se (e com razão) uma atuação mais positiva e competente do Estado, no sentido de melhorar a educação e a cultura do país; nada indica que hoje essas reivindicações tenham perdido legitimidade e razão de ser.

Marisa Dajolo e Regina Zilberman. A formação da leitura no Brasil. São Paulo: Ática, 1998, p. 9-10 (com adaptações)

– ***Introdução com apresentação do tema****: o objetivo das autoras é discorrer sobre a formação da leitura brasileira sob um viés cronológico – a história da modernização da sociedade no Brasil.*

– ***1º parágrafo de desenvolvimento****: as autoras se propõem a discorrer sobre as causas que contribuíram para a formação dos leitores. O parágrafo segue a estruturação padrão: apresenta-se o tópico frasal logo no início para, na sequência, desenvolvê-lo.*

– ***2º parágrafo de desenvolvimento****: já no início do parágrafo, depreende-se seu tópico frasal – o objetivo é apresentar as consequências, as noções que resultaram dos fatores explicitados no parágrafo anterior.*

– ***3º parágrafo de desenvolvimento****: as autoras iniciam o parágrafo utilizando-se de um recurso coesivo ("mesmo sendo presença suficientemente poderosa para influenciar os mecanismos literários"), por meio do qual ele retoma o parágrafo anterior. Logo a seguir, apresenta-se o tópico frasal que originou o parágrafo: "o leitor não é figura unidimensional nem unidirecional", que será desenvolvido posteriormente.*

– ***Conclusão do texto****: aqui, as autoras retomam o tema do texto – a formação dos leitores no contexto brasileiro, veiculando seu ponto de vista acerca do assunto ("reclama-se e com razão uma atuação mais*

positiva e competente do Estado"). É a conclusão também o momento de se apresentarem sugestões acerca do tema discutido – "no sentido de melhorar a educação e a cultura do país".

A argumentação caracteriza-se como um procedimento do autor para fazer o leitor aderir às suas teses defendidas em um texto. Ao argumentarmos, construímos ideias, justificamo-las ordenando-as, buscando também seduzir o leitor, dirigindo os argumentos de modo a atingir nossa meta de persuasão.

Eis algumas características do texto argumentativo:

1. *O texto dissertativo argumentativo volta-se para uma única ideia, que é a tese do texto. Tudo o que se afirma ao longo da argumentação se volta para essa ideia.*
2. *O bom texto argumentativo evita a redundância. Todos os argumentos devem ser variados, entretanto, devem se voltar para o tema central, buscando, assim, a variedade, sem fugir do objeto da argumentação.*
3. *Um bom recurso que normalmente é explorado pelo argumentador para conferir maior veracidade ao seu texto é a utilização de citações autorizadas de outros escritores, que tratem do mesmo tema.*
4. *É comum encontrar no texto argumentativo a utilização de relações de causa e efeito para as afirmações produzidas, estabelecendo uma correlação lógica entre os fatos.*
5. *O bom texto argumentativo é coeso, com cada uma de suas partes amarradas em torno de um tema central, e coerente, com articulação lógica entre seus segmentos.*
6. *O uso de exemplos é estratégia comumente utilizada pelo argumentador e confere confiabilidade ao que se lê, na medida em que concretiza as ideias, em geral abstratas, expostas na argumentação.*

23.1.6.4. Outras modalidades do texto dissertativo

Além dos textos dissertativos expositivos e opinativos, observam-se nas provas outras modalidades de textos. Entre elas, podemos citar as seguintes:

23.1.6.4.1. Texto didático

É aquele que transmite conhecimentos com o objetivo de ensinar. Apresenta riqueza de detalhes e utiliza linguagem clara e objetiva. São os livros escolares, os textos de congressos.

Ex.: "A entrevista consiste em inquirir tecnicamente, de forma hábil, dentro de um plano e sequência previamente estudados, levando o interrogado ou entrevistado a se pronunciar sobre aquilo que desejamos saber e a emitir sua opinião, muitas vezes sem que formulemos a pergunta diretamente. É a maneira racional de levar alguém a fornecer os informes e as informações que possui em determinada área.

É uma técnica de comunicação direta entre duas pessoas que possuem alguns interesses em comum. Forma de pesquisa realizada através de diálogo estudado e preparado dentro de um plano e sequência previamente

analisados, levando, sutilmente, o entrevistado a se manifestar sobre assuntos de seu conhecimento." (Nogueira, A. *Processamento da entrevista*.)

Como se pode observar, o texto didático apresenta definições, detalhes do tema tratado. Nesse caso, o que o autor pretende é que o leitor aprenda a realizar uma entrevista.

23.1.6.4.2. Texto preditivo

É o texto que se utiliza de deduções com base em informações prévias. O texto preditivo lida com probabilidades, não com certezas. São as previsões meteorológicas, os textos de astrologia, as previsões na economia.

Ex.: "Noventa e sete por cento das espécies vivas, 80.000 proteínas produzidas pelo corpo e bilhões de galáxias ainda não foram identificados. Quase nada sabemos da natureza do Universo, da origem da Vida, do funcionamento dos climas, do desenvolvimento do embrião e do cérebro.

Provavelmente não se descobrirá ainda no século XXI de onde surgiu o Universo, nem como começou a vida na Terra, nem como o cérebro engendra o pensamento e a consciência, nem se outras formas de vida existem em outros lugares. Em compensação, outras questões que hoje não são formuladas serão resolvidas, pois se descobrirá que certas respostas consideradas definitivas estavam totalmente equivocadas."

Aqui, o autor parte de dados sobre o assunto – "Noventa e sete por cento das espécies vivas, 80.000 proteínas produzidas pelo corpo e bilhões de galáxias" – para, na sequência, estabelecer um discurso preditivo – "... pois se descobrirá que certas respostas consideradas definitivas estavam totalmente equivocadas". Eis a marca do texto preditivo: informação aliada a previsão.

23.1.6.4.3. Texto polêmico

Neste texto, o objetivo do autor é demonstrar ao leitor mais de um ponto de vista sobre um assunto, mesmo que em alguns textos se observe claramente a opinião do autor. O texto polêmico permite ao leitor o contato com mais de um posicionamento sobre o tema explorado, o que normalmente não ocorre no texto argumentativo.

Ex.: "O budismo faz tanto sucesso no Ocidente porque possui características que correspondem às tendências da pós-modernidade neoliberal. Num mundo em que muitas religiões se sustentam em estruturas autoritárias e apresentam desvios fundamentalistas, o budismo apresenta-se como uma não religião, uma filosofia de vida que não possui hierarquias, estruturas nem códigos canônicos. No budismo não há a ideia de Deus, nem de pecado. Centrado no indivíduo e baseado na prática da yoga e da meditação, o budismo não exige compromissos sociais de seus adeptos, nem submissão a uma comunidade ou crença em verdades reveladas. Há, contudo, muitos budistas engajados em lutas sociais e políticas. Nessa cultura do elixir da eterna juventude, em que o envelhecimento e morte são encarados, não como destinos, mas como fatalidades, o budismo oferece a crença na reencarnação." (Betto, Frei. Por que o Budismo encanta o Ocidente?)

Ainda que o autor emita seu juízo de valor ao longo do texto, seu objetivo é contrapor o budismo às outras religiões, utilizando-se de uma comparação baseada no contraste entre as características de ambos os elementos.

23.1.6.4.4. Texto injuntivo

É o texto que exprime instruções ao leitor com a finalidade de que ele execute ou não determinada tarefa. Apresenta normalmente verbos no imperativo e pressupõe uma ação por parte do interlocutor.

Ex.: "Quer manter a postura sempre perfeita? De manhã, antes de se vestir, amarre um fio de linha em volta da cintura, sem deixar folga. Ele não deve apertar, mas precisa estar justo. Ao longo do dia, ao sentir a presença do fio, coloque a barriga para dentro e endireite as costas."

Esse texto é retirado de uma revista sobre saúde e bem-estar. Logo no início, apresenta-se o tema – a busca de uma postura perfeita. Na sequência, enumeram-se ações que deverão ser realizadas pelo leitor ("amarre", "coloque", "endireite"). Tem-se, portanto, o perfil do texto injuntivo – apresentar instruções, em uma linguagem imperativa, que pressupõe consequentes ações por parte do leitor.

23.1.7. Tipologia textual – esquema

Quanto às modalidades textuais e os diferentes tipos de textos, podemos sistematizar as seguintes características:

23.1.7.1. Modos de texto: estrutura/organização do texto

Narrativo	Relatar acontecimentos.	SIM. Antes e depois. Marca fundamental.	Verbos de ação. Conectores temporais.
Descritivo	Caracterizar, qualificar cenas, personagens etc.	NÃO. Tempo congela. Fatos ocorrem ao mesmo tempo.	Substantivos. Adjetivos.
Dissertativo	Discutir, abstrair, discorrer, conceituar. Não descrever.	Não é relevante.	Relações de subordinação. (Causa e Efeito). Aparecimento de testemunhos de autoridade, dados estatísticos, exemplos.

23.1.7.2. Tipos de textos: finalidade do texto

1. **Informativo:** Informar, veicular conhecimento que o leitor desconhece. É mais específico do que expositivo. Exs.: jornal, bula de remédio, etc. Tem por marcas linguísticas frequentes a clareza e a precisão. Procura meios de atrair a atenção do leitor para o que é veiculado. Traz implícita a ideia de que o conteúdo do texto é de interesse dos leitores.
2. **Didático:** Ensinar, também são informações que o leitor desconhece. Ex.: livros didáticos.
3. **Expositivo:** Expõe o que se sabe, sem opinar. Ex.: questões discursivas em concursos públicos.

4. **Opinativo:** Também chamado de **Argumentativo**. Diferente do expositivo. Há a colocação da opinião do autor. Ex.: os editoriais dos jornais.
5. **Polêmico:** Neste texto aparecem, ao menos, dois pontos de vista sobre um assunto. Ex.: artigos que tratam de temas polêmicos – aborto, o sistema de reserva de quotas para negros nas universidades etc.
6. **Injuntivo:** Tem por objetivo instruir em vista de uma ação. Ex.: manuais.

23.1.8. Enunciados de tipologia textual

A seguir, os enunciados mais comuns de provas de concursos públicos sobre o assunto:

"O texto deve ser classificado de forma mais adequada…"; "Os textos narrativos/ informativos/ didáticos caracterizam-se por…"; "O texto lido poderia ser classificado como…"; "Quanto ao modo de organização do discurso, pode-se afirmar que o texto lido é…"; "O texto lido deve ser considerado prioritariamente como…"; "A finalidade principal desse texto é a de…"; "O objeto maior do texto é…", entre outros.

23.2. EXEMPLOS COMENTADOS

I. Reconheça o tipo de discurso das frases a seguir.

1. Tô morrendo de fome, disse Pereba.

   Resposta: Discurso direto.

2. – Você é menor e eles estão precisando evitar escândalos.

   Resposta: Discurso direto.

3. Perguntei se tudo estava solucionado.

   Resposta: Discurso indireto.

4. Mande que todos se comportem de forma adequada.

   Resposta: Discurso indireto.

5. Para mim esta é a melhor hora do dia – Ema disse, voltando do quarto dos meninos. – Com as crianças na cama, a casa fica tão sossegada.

   Resposta: Discurso direto.

6. Bárbara estranhou a amiga. O que está se passando nessa cabecinha?

   Resposta: Discurso indireto livre.

7. "É força de expressão, sua boba. O dia acaba quando eu vou dormir, isto é, o dia tem vinte e quatro horas e a semana tem sete dias, não está certo?"

Resposta: Discurso direto.

8. Gritou, se ajoelhou e se pôs a chorar – macaco é quase como gente – a mulher implorando que não maltratasse o bicho.

Resposta: Discurso direto.

II. Faça transposição do discurso direto para o indireto e vice-versa.

1. Entre imediatamente – gritei sem paciência.

Resposta: Ordenei que entrasse imediatamente.

2. O que você quer para o café?

Resposta: Perguntei o que ele(a) queria para o café.

3. Disse-lhe que naquele momento aquela conversa não me interessava.

Resposta: Nesse momento, essa conversa não me interessa – eu disse.

4. A governanta perguntou se o casal voltaria para o jantar.

Resposta: *Vocês voltarão para o jantar*? – perguntou a *governanta ao casal.*

5. A nossa reunião se reduziu a dois minutos de diálogo – reclamou o estagiário.

Resposta: O estagiário lamentou que sua reunião se reduzira a dois minutos de diálogo.

6. Mande que as crianças entrem imediatamente.

Resposta: "Entrem imediatamente!"

7. Eu me chamo João. E você?

Resposta: Disse que meu nome era João e perguntei o seu nome.

8. O professor pediu que o aluno anotasse todas as suas dúvidas.

Resposta: Anote todas as suas dúvidas – o professor disse ao aluno.

III. Analise os trechos a seguir, classificando-os quanto ao modo de organização do discurso (NARRAÇÃO, DESCRIÇÃO, DISSERTAÇÃO).

1. *Na manhã seguinte o seu primeiro desejo foi voltar à casa; mas não teve coragem; via o rosto colérico da mãe, faces contraídas, narinas dilatadas pelo ódio, o olho direito saliente, a penetrar-lhe até o fundo do coração.*

Comentários: O autor começa o seu texto por uma narração, mas logo em seguida se atém à descrição, objetivo maior do texto. Predominância de caracterizações (faces contraídas, narinas dilatadas pelo ódio).

Resposta: texto descritivo.

2. *Uma das maiores manifestações linguísticas na fronteira entre os séculos XX e XXI é a ideia de globalização como*

um processo de internacionalização. O fato é que existe um vasto mercado para exportação na América do Sul que não pode ser desconsiderado. Politicamente, esse é o mercado do Brasil, e o Brasil é o mercado para sua viabilização.

Comentários: O autor deixa clara a sua intenção de discutir um assunto – a globalização.

Resposta: texto dissertativo.

3. *"No Antigo Egito, o gato foi honrado e enaltecido. Sendo considerado como um animal santo. Nesta mesma época, a gata transformou-se na representação da deusa Bastef, fêmea do deus sol Rá. […] Na Europa, o gato se desenvolveu com as conquistas romanas. Ele foi admirado por sua beleza e dupla personalidade (ora um selvagem independente, ora um animal doce e afável), e apreciado ainda no século XI quando o rato negro invadiu a Europa. No século XIII desenvolveram-se as superstições e o gato passou de criatura adorada a infernal, associada aos cultos pagãos e a feitiçaria. A Igreja lhe virou as costas. […] No Século XVIII ele voltou majestoso e em perfeito acordo com os poetas, pintores e escritores que prestam homenagem à sua graça e à beleza de seu corpo."*

Comentários: O autor expõe o que sabe a respeito de um tema – a importância dos gatos na sociedade, no decorrer da história. Apesar de parecer que se está narrando, contando uma história, o que se vê é a análise de um tema, ao longo do tempo.

Resposta: texto dissertativo.

4. *Há poucos dias, assistindo a um desses debates universitários que a gente pensa que não vão dar em nada, ouvi um raciocínio que não me saiu mais da cabeça. Ouvi-o de um professor – um professor brilhante, é bom que se diga.*

Comentários: O conector temporal – há poucos dias –, além da presença de verbos no pretérito perfeito (ouvi, saiu) indicam que o autor pretende relatar acontecimentos. Entretanto, com a caracterização do professor (um professor brilhante) percebe-se a presença de características descritivas no texto.

Resposta: texto narrativo, com aspectos descritivos.

5. *Vários historiadores têm procurado entender a originalidade da monarquia brasileira vinculando-a à chegada da família real ao Brasil em 1808. De fato, é no mínimo inusitado pensar numa colônia sediando a capital de um império.*

Comentários: O autor anuncia a análise de um tema: a originalidade da monarquia brasileira. Trata-se, portanto, de discussão, dissertação.

Resposta: texto dissertativo.

6. *"Para um modesto país de Terceiro Mundo, temos algumas realizações na tecnologia. Nossos aviões voltam a vender bem. Há ônibus da empresa brasileira Marcopolo rodando em Washington. O último número da revista Shooting Times mostra uma nova pistola Taurus que vai dar trabalho aos concorrentes. Exportamos insulina.*

Continuamos a exportar máquinas-ferramentas e agora exportamos parte da programação de robôs da Brown Boveri. Provavelmente construiremos com êxito algum pedacinho da nova estação espacial (quem sabe, a churrasqueira). Tudo isso vai na direção certa, mas precisamos de mais. E, acima de tudo, não podemos esmorecer nesse esforço de inventar modas, tão próximas quanto possível da fronteira tecnológica. Mas quando focalizamos a tecnologia do cotidiano descobrimos que a situação é calamitosa. O botão salta da camisa. A calça encolhe ou desbota. A saia justa rasga, o tijolo esfarinha na mão, a torneira vaza e a laje infiltra. A água limpa mareja no meio da parede, a água usada não vai a lugar nenhum. A fechadura trava. O fio dá choque. A cadeira desaba, o verniz se desgasta. O pastel dá dor de barriga. E o maldito envelope não fecha com a cola que vem de fábrica. […] É preciso que se ponha inteligência e atenção na tecnologia do cotidiano. É essa tecnologia que permite aumentar a qualidade de vida do povão. Temos um programa espacial. Quando tentamos, a coisa anda. […]"

Comentários: Observa-se como intenção maior do texto a defesa de um julgamento do autor: "é preciso que se ponha inteligência e atenção na tecnologia do cotidiano." E para a defesa de sua tese, o autor se utiliza de caracterizações da nossa rotina (O botão salta da camisa, a saia justa rasga, a cadeira desaba), o que confere ao texto aspectos descritivos.

Resposta: texto dissertativo, com características descritivas.

7. *Toda interação pressupõe uma relação de reciprocidade, uma relação mútua entre dois ou mais objetos, entre duas ou mais pessoas. Multiplicam-se, atualmente, os programas interativos nos espetáculos de variedades da TV, surgem os primeiros filmes e as primeiras peças de teatro interativas, exigindo do espectador uma atitude crítica ao lidar com as diversas questões apresentadas e uma postura mais ativa ao intervir no desdobramento do que é visto nas telas, nos palcos e nos salões.*

Comentários: O autor se propõe a defender uma tese – a multiplicidade de relações que a arte pode estabelecer. E, para defender sua tese, utiliza-se da exposição de exemplos de manifestações artísticas, o que garante ao texto características descritivas.

Resposta: texto dissertativo, com aspectos descritivos.

8. *Tente imaginar esta cena: homens, animais e florestas convivendo em harmonia. Os homens retiram das plantas apenas os frutos necessários e cuidam para que elas continuem frutificando; não matam animais sem motivo, não sujam as águas de seus rios e não enchem de fumaça seu ar. Em outras palavras: as relações entre os seres vivos e o ambiente em que vivem, bem como as influências que uns exercem sobre os outros, estão em equilíbrio. (…)*

Comentários: O objetivo do autor é de fato caracterizar uma cena, como ele mesmo propõe no início do texto. Por meio de suas impressões (Os homens retiram das plantas apenas os frutos necessários, não sujam as águas de seus rios), fica evidente sua intenção de descrição. Deve-se atentar ao fato de que as ações que ocorrem são simultâneas, daí não podermos considerar esse texto narrativo.

Resposta: texto descritivo.

9. *Uma ideia muito difundida atualmente é a associação da violência à pobreza. Justificando ou acusando, acredita-se que são as pessoas mais pobres que praticam os crimes, elas são os suspeitos em potencial. Tal associação revela a concepção de criminalidade e os mecanismos de criminalização presentes na nossa sociedade. É esse o assunto que vamos discutir agora.*

Comentários: O autor abstrai, trata de ideias, conceitos (a associação da violência à pobreza). Vale observar que ao final do trecho, o próprio autor deixa evidente sua intenção de dissertar, ao anunciar: É esse o assunto que vamos discutir agora.

Resposta: texto dissertativo.

10. *"Durante os piores momentos do apartheid, a África do Sul teve uma única moeda, tanto para os brancos como para os negros. O Brasil, durante algumas décadas, teve duas moedas, uma para os pobres e outra para os ricos e pessoas de classe média. A primeira desvalorizava enquanto a outra era corrigida diariamente. A correção monetária é um monumento à brutalidade da elite brasileira, capaz de imaginar com genialidade a possibilidade de uma nação ter duas moedas, separando suas classes sociais. Graças a ela, sucessivos governos puderam investir mais do que arrecadavam em subsídios para investimentos, exportações, infraestrutura, provocando inflação e jogando o seu peso concentrado sobre a parcela pobre que não tinha acesso aos mecanismos de correção da poupança ou do salário."*

Comentários: O autor inicia seu texto por uma narração entremeada de descrições ("Durante os piores momentos do apartheid, a África do Sul teve uma única moeda, tanto para os brancos como para os negros. O Brasil, durante algumas décadas, teve duas moedas, uma para os pobres e outra para os ricos e pessoas de classe média. A primeira desvalorizava enquanto a outra era corrigida diariamente"). Entretanto, logo a seguir deixa claro que sua intenção é a de defender a tese de que "A correção monetária é um monumento à brutalidade da elite brasileira". Daí, poder-se afirmar que a narração inicial serviu apenas como ponto de partida para a discussão que iria se desenrolar no texto.

Resposta: texto dissertativo, com aspectos narrativos/descritivos.

11. *"Como uma ilha azul que se avista a distância, pouco a pouco ela ia ganhando contorno e detalhes, e, já próxima, revelava formas originais e intrigantes – a silhueta elegante, forte, que eu já vira outras vezes. Um certo ar de quem percorreu grandes distâncias em paz, e marcas de beleza que só as viagens e o tempo trazem. Não era íntima conhecida mas uma paixão que me perseguia havia um bom tempo. A escuna azul, um veleiro viajante de dois mastros que de tempos em tempos aparecia no Brasil, e que eu nunca deixava escapar sem uma pequena abordagem. Rapa Nui, nome polinésio da Ilha da Páscoa, lindo nome para um barco azul e cheio de histórias."*

Comentários: Observa-se que o autor tem como objetivo textual a caracterização de um barco. Por meio de muitos substantivos e adjetivos ("A escuna azul, uma espécie de máquina de viajar por mar, lindo nome para um barco azul e cheio de histórias"), o texto gira em torno de uma única intenção – a de qualificar, caracterizar um objeto.

Resposta: texto descritivo.

12. *"A exigência da perfeição física para as modelos profissionais é apenas o sintoma mais visível de uma ansiedade que também massacra a mulher e o homem comuns. Para onde quer que se olhe – televisão, publicidade, revistas femininas –, a pessoa vê rostos perfeitos e corpos deslumbrantes, magros e nos lugares certos. Nem na rua a dona-de-casa pode andar em paz. Do alto dos outdoors, moças e rapazes impecáveis estão olhando para ela. Pouco a pouco cria-se um sentimento de insatisfação com o próprio corpo. […] Não espanta que 90% das mulheres e 60% dos homens se confessem tão aborrecidos com o rosto ou o corpo que não hesitariam em recorrer a uma cirurgia embelezadora."*

Comentários: Ainda que o texto apresente descrições ("rostos perfeitos e corpos deslumbrantes, magros e nos lugares certos"), constata-se que seu objetivo maior foi o de discutir um assunto, claramente delineado no início do texto – "A exigência da perfeição física para as modelos profissionais é apenas o sintoma mais visível de uma ansiedade que também massacra a mulher e o homem comuns".

Resposta: texto dissertativo, com aspectos descritivos.

13. *Na manhã seguinte o seu primeiro desejo foi voltar à casa; mas não teve coragem; via o rosto colérico da mãe, faces contraídas, narinas dilatadas pelo ódio, o olho direito saliente, a penetrar-lhe até o fundo do coração.*

Comentários: O texto inicia-se por uma narração – "Na manhã seguinte, o seu primeiro desejo foi voltar à casa" – mas se atém à descrição da personagem (o rosto colérico da mãe, faces contraídas, narinas dilatadas pelo ódio, o olho direito saliente). Fica evidente que o objetivo maior do texto era a caracterização de uma pessoa.

Resposta: texto descritivo, com aspectos narrativos.

14. *Quando começa a modernidade? A escolha de uma data ou de um evento não é indiferente. O momento que elegemos como originário depende certamente da ideia de nós mesmos que preferimos, hoje, contemplar. E vice-versa: a visão de nosso presente decide das origens que confessamos (ou até inventamos). Assim acontece com as histórias de nossas vidas que contamos para os amigos e para o espelho: os inícios estão sempre em função da imagem de nós mesmos de que gostamos e que queremos divulgar. As coisas funcionam do mesmo jeito para os tempos que consideramos "nossos", ou seja, para a modernidade.*

Comentários: A intenção única do autor é a de defender sua linha de raciocínio – o momento que elegemos como data de início da modernidade está relacionado à ideia de nós mesmos que preferimos, contemplar. E, para defender sua tese, utiliza-se inclusive da estratégia de comparação ("Assim acontece com as histórias de nossas vidas que contamos para os amigos e para o espelho").

Resposta: texto dissertativo.

15. *A chuva caía meticulosamente, sem pressa de cessar. A palha do rancho porejava água, fedia a podre, derrubando dentro da casa uma infinidade de bichos que a sua podridão gerava.*

Comentários: As ações ("A chuva caía meticulosamente, A palha do rancho porejava água, fedia a podre") são

simultâneas, não vêm caracterizar uma narração. A intenção do autor é a de caracterizar uma cena, uma paisagem.

Resposta: texto descritivo.

16. *Perdoar alguém é renunciar ao ressentimento, à ira ou a outras reações justificadas por algo que essa pessoa tenha feito. Isso levanta um problema filosófico: essa pessoa é tratada de forma melhor do que ela merece; mas como pode exigir-se, ou mesmo como permitir-se, tratar alguém de uma maneira que não merece? Santo Agostinho aconselhava-nos a detestar o pecado, mas não o pecador, o que também indica uma atitude objetiva ou impessoal para com o pecador, como se o caráter do agente estivesse apenas acidentalmente ligado ao caráter detestável de suas ações.*

Comentários: O autor, por meio de uma frase interrogativa – mas como pode exigir-se, ou mesmo como permitir-se, tratar alguém de uma maneira que não merece? –, anuncia seu objetivo de discutir um assunto, abstrair, discorrer. Vale observar o recurso de utilização de um testemunho de autoridade para embasar tal discussão – as palavras de Santo Agostinho.

Resposta: texto dissertativo.

17. *"Há muito tempo, os deuses navajos organizaram uma grande cerimônia de cura. 'Que caminhemos na beleza', cantavam todos, pedindo que estivessem em harmonia com a terra onde viviam. Mas alguma coisa andava errada: duas canções soavam ao mesmo tempo, duas canções em idiomas diferentes. Ao perceber o que acontecia, a Mãe-Terra resolveu congelar a cerimônia. Transformou todos os deuses em rochas e os aprisionou para sempre no espaço e no tempo. E tudo caiu no silêncio."*

Comentários: A intenção textual é evidentemente a de relatar acontecimentos ("os deuses navajos organizaram uma grande cerimônia de cura/ a Mãe-Terra resolveu congelar a cerimônia/ transformou todos os deuses em rochas"). Os verbos no pretérito perfeito, a evolução cronológica – as ações se sucederam no tempo – marcam o objetivo da narração. Vale observar que ao longo do relato pôde-se observar caracterizações (duas canções soavam ao mesmo tempo, duas canções em idiomas diferentes), o que confere aspectos também descritivos ao texto.

Resposta: texto narrativo, com aspectos descritivos.

18. *Embora não vejamos um comercial promovendo explicitamente o consumo de cocaína, ou de maconha, ou de crack, a verdade é que os meios de comunicação nos bombardeiam, durante 24 horas por dia, com a propaganda não de drogas, mas do efeito das drogas.*

Comentários: O autor externa suas opiniões em torno da defesa de uma tese – "a verdade é que os meios de comunicação nos bombardeiam …com a propaganda … do efeito das drogas".

Resposta: texto dissertativo.

19. *As novas descobertas e as novas invenções demonstram a incapacidade da ciência de atingir a verdade, pois estão sempre corrigindo o caminho percorrido.*

Comentários: O autor se utiliza de constatações ("as novas descobertas e as novas invenções demonstram...") para defender seu ponto de vista – "a incapacidade da ciência de atingir a verdade".

Resposta: texto dissertativo.

20. *Aqui até os mais pobres moram de rosto voltado para a maravilha da natureza que a incúria dos governos ainda não conseguiu desfigurar. As favelas têm por fundo a Serra dos Órgãos.*

Comentários: O texto tem como meta a caracterização de uma paisagem – a da cidade do Rio de Janeiro. Ainda que ele opine, vale observar que não se trata de uma dissertação – o autor não pretende defender uma tese. Sua intenção é a de descrever o Rio de Janeiro, externando sua opinião.

Resposta: texto descritivo.

21. *Boaventura lembra a incapacidade de redistribuição da riqueza, permitindo que o capitalismo opere contra o pobre e não a favor dele. Chama essa situação de fascismo social.*

Comentários: Por meio da exposição da opinião de outro autor sobre um assunto, o texto vem discutir a questão da má distribuição de renda do capitalismo.

Resposta: texto dissertativo.

22. *"As águas do Oceano Pacífico cobrem um terço do planeta. No meio dessa vastidão azul, nos mares da Polinésia, desponta uma pequena ilha conhecida como Ofu. Embora formada por imponentes blocos de rochas vulcânicas, Ofu é recoberta pelo verde intenso de uma exuberante vegetação tropical. Os contornos da ilha são um tanto suavizados pelas brumas que rondam o alto das montanhas, de onde rompem cataratas em direção ao mar. [...]"*

Comentários: O objetivo do autor é caracterizar uma ilha de nome Ofu. Por meio de grande quantidade de substantivos e adjetivos (verde intenso/exuberante vegetação tropical), torna-se evidente a intenção do autor de descrever. Vale observar que as ações que ocorrem são simultâneas (brumas que rondam o alto das montanhas/de onde rompem cataratas em direção ao mar), não caracterizando, assim, uma narração.

Resposta: texto descritivo.

23. *Deita-se com a cabeça na areia e confusamente ouve a conversa de uma barraca perto, gente discutindo uma fita de cinema. Murmura, baixo, um palavrão para eles.*

Comentários: Ainda que se apresentem características descritivas (barraca perto/ gente discutindo uma fita de cinema), observa-se que a intenção do autor do texto é a de relatar acontecimentos que se desenrolam em um lapso temporal (Deita-se/ouve a conversa/murmura um palavrão).

Resposta: texto narrativo, com aspectos descritivos.

24. *"Quando a democracia surgiu na Grécia, por volta de 500 a.C., os atenienses fizeram questão de traçar uma linha nítida entre as esferas pública e privada. O poder do Estado terminava onde começava a privacidade do lar.*

No âmbito doméstico, reinava a vontade do patriarca, que tinha o poder de determinar os direitos e deveres de seus filhos, mulher e escravos. Para os gregos, não havia atividade mais apaixonante e gloriosa do que participar da condução da pólis. A política era a maneira civilizada de decidir os destinos da nação por meio do diálogo e da persuasão. O cidadão revelava sua grandeza de espírito e sua importância para a comunidade no debate de ideias, na defesa de proposições e nas vitórias no âmbito público. Um homem que levasse uma vida exclusivamente privada não passava de um insignificante animal doméstico, incapaz de participar da elaboração das decisões políticas que afetavam os destinos da nação. Se Aristóteles ressuscitasse no final do século XX, ficaria horrorizado com a interferência do Estado na privacidade do cidadão. A sociedade moderna sequestrou a intimidade do indivíduo. É inimaginável uma atividade pública ou privada que não seja regulamentada por lei, por estatuto ou por norma. (...)"

Comentários: O autor inicia seu texto com a utilização de um relato sobre o surgimento da democracia, com características descritivas (atividade mais apaixonante e gloriosa, o cidadão revelava sua grandeza de espírito e sua importância). Entretanto, ao longo do texto, induz-se o leitor a descobrir sua verdadeira intenção – criticar a interferência do Estado na privacidade do indivíduo. Em termos argumentativos, a narração serviu como estratégia de defesa da tese do autor.

Resposta: texto dissertativo, com características narrativas e descritivas.

25. *Vovô Tomé era um desses casos raros do artista que passa veloz e diretamente da primeira à terceira categoria. Atribuem a sua proeza e a sua maestria no ofício ao sofrimento, que é uma das vias para se atingir o absoluto e a glória.*

Comentários: A intenção do autor do texto é a descrever Vovô Tomé, por meio de qualificações (um desses casos raros do artista/a sua proeza e a sua maestria no oficio).

Resposta: texto descritivo.

26. *A solidariedade proclamada no texto constitucional deve ser espontânea, colhida na consciência de cada um e, pelo menos, da população mais aquinhoada em favor dos que têm pouco.*

Comentários: O autor procura defender sua linha argumentativa no texto – a de que a solidariedade prevista na Constituição deve vir espontaneamente do povo.

Resposta: texto dissertativo. Defesa de tese.

27. *O processo atual de globalização se diferencia do iniciado há centenas de milhares de anos porque o mundo se tornou um só e instantâneo.*

Comentários: O objetivo do texto é analisar a globalização em suas feições atuais. Estabelecimento de relação de causa e efeito porque o mundo se tornou um só e instantâneo.

Resposta: texto dissertativo. Análise de um tema.

28. *O estrangeiro provoca a nossa desconfiança, às vezes o nosso medo. Nem sempre entendemos os seus gestos e certamente não compreendemos a sua língua. Ele não se veste como nós, a sua fisionomia pode ser diferente da nossa e não adora os nossos deuses.*

Comentários: O objetivo do trecho é caracterizar, qualificar, descrever o estrangeiro. Trata-se de descrever o estrangeiro. Trata-se de uma descrição subjetiva, em que o autor qualifica o estrangeiro com base em suas impressões pessoais. Importante não confundir essa descrição subjetiva com o texto dissertativo.

Resposta: texto descritivo.

29. *A loja de antiguidades tinha o cheiro de uma arca de sacristia com seus panos embolorados e livros comidos de traça. Com as pontas dos dedos, o homem tocou numa pilha de quadros. Uma mariposa levantou voo e foi chocar-se contra uma imagem de mãos decepadas.*

Comentários: O texto inicia-se com uma descrição ("A loja de antiguidades tinha o cheiro de uma arca de sacristia com seus panos embolorados e livros comidos de traça"). Entretanto, logo na sequência, observam-se ações que evoluem em um lapso de tempo (o homem tocou numa pilha de quadros/ uma mariposa levantou voo e foi chocar-se contra uma imagem). Assim, ainda que apareçam trechos descritivos, o objetivo do autor é evidentemente relatar o que aconteceu em uma loja de antiguidades.

Resposta: texto narrativo, com aspectos descritivos.

30. *Para psicanalistas, o projeto que propõe acabar com a prisão de usuários e dependentes de drogas é um avanço. O psicanalista Eduardo Losicer diz que a nova resolução não restringe a liberdade do cidadão de usar pequenas quantidades de drogas – em muitos casos para fins medicinais, como a maconha para glaucoma e certas dores – e reduz as relações de corrupção entre a polícia e o usuário. – O projeto ainda não retira o consumo de drogas do âmbito policial. O consumidor ainda é flagrado pela polícia e deve ser apresentado a um juiz. Mas, pelo menos, não vai preso. A indicação de um tratamento, se ele for um usuário compulsivo, é sem dúvida melhor que a exclusão social numa prisão – diz Losicer.*

Comentários: Por meio de uma linguagem objetiva, o autor trata de um assunto de forma neutra, sem opinar. Seu objetivo é informar o leitor sobre o projeto que pretende acabar com a prisão de usuários e dependentes de drogas.

Resposta: texto dissertativo.

31. *Rádio é mesmo uma coisa misteriosa. Começou fazendo sucesso na sala de visitas, acabou na cozinha. Cedeu lugar à televisão, que já vai pelo mesmo caminho.*

Comentários: A intenção do autor do texto é de contar a história do rádio. Ainda que ele se inicie com uma descrição ("Rádio é mesmo uma coisa misteriosa"), observa-se que a predominância é da narração. Destaquem-se os verbos no pretérito perfeito (começou fazendo sucesso, acabou na cozinha, cedeu lugar à televisão), que caracterizam a estrutura narrativa.

Resposta: texto narrativo, com aspectos descritivos.

32. *Uma entrevista de Jean-Claude Carrière a propósito da morte de dois grandes cineastas, o sueco Ingmar Berman e o italiano Michelangelo Antonioni, coincidentemente mortos no mesmo dia 30 de julho inspira este comentário. São desaparecimentos que acentuam os paralelismos de concepção de vida, pois tanto Bergman quanto Antonioni fizeram filmes sobre a inevitável solidão, os permanentes recomeços, a dolorosa consciência de finitude e o orgulho humano de enfrentar a morte a cada dia...*

Comentários: Iniciando o texto com um breve relato de acontecimentos (a morte de dois grandes cineastas), o autor volta sua atenção para a análise de uma questão – os paralelismos de concepção de vida. Trata-se, portanto, de ênfase ao objetivo dissertativo.

Resposta: texto dissertativo, com aspectos narrativos.

33. *A primeira liberdade moderna é o transporte próprio. BMW ou bicicleta, o que conta é a sensação de poder sentar-se ao veículo e resolver em que direção partir.*

Comentários: Por meio da apresentação de sua opinião, o autor desenvolve o seguinte tema: os objetos de consumo e a liberdade moderna.

Resposta: texto dissertativo.

34. *Mas nesse ínterim chegava suado, gordo e ofegante ao recinto uma personagem bastante próxima da realidade... Vinha imbuído de formalismo, dignidade e prerrogativas do seu cargo, além de premido pelo medo de perdê-lo.*

Comentários: Embora esse texto inicie-se por passagem narrativa (mas nesse ínterim, chegava...), o que indica que ele se origina de uma narração, o que se observa neste caso é ênfase à descrição. O objetivo do autor do texto é o de qualificar um personagem, por meio de grande quantidade de substantivos e adjetivos (suado, gordo e ofegante, ..., imbuído de formalismo, dignidade e prerrogativas)

Resposta: texto descritivo, com aspectos narrativos.

35. *Uma desconfiança incômoda me obrigou a olhar melhor e então deparei com um sujeito igual a mim mesmo, apenas um pouco mais novo. Sacudido por uma espécie de insulto, experimentei o tremor de estar sendo sorrateiramente substituído.*

Comentários: Transparece-se o relato de acontecimentos (Uma desconfiança me obrigou a olhar/ e então deparei com um sujeito / experimentei o tremor). Ênfase aos verbos no pretérito perfeito e às ações que evoluem no tempo. Importa observar também que o autor entremeia sua narrativa com passagens descritivas (um sujeito igual a mim mesmo/ um pouco mais novo).

Resposta: texto predominantemente narrativo, com características descritivas.

36. *O farol dos automóveis apagava nas águas da Lagoa o reflexo das últimas estrelas. Um casal abraçava-se debaixo de uma amendoeira. Sentia-se só. A vida era para os outros.*

Comentários: Ações que ocorrem ao mesmo tempo (o farol dos automóveis apagava/um casal abraçava-se/sentia-se só). Impressões do autor em relação a uma paisagem – a Lagoa Rodrigo de Freitas.

Resposta: texto descritivo.

37. *O combate à fome e à pobreza foi adotado pelo governo federal, a partir de 2003, como política de governo. Dentro dessa política, por exemplo, foi criado o Programa Bolsa-Família que beneficia mais da metade das famílias pobres do país. O programa é de responsabilidade do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, que tem hoje o maior orçamento já investido no Brasil para combater a fome e promover o desenvolvimento Social – R$ 17 bilhões.*

Comentários: Ainda que o autor inicie seu texto por meio de um relato (o combate à fome e à pobreza foi adotado pelo governo federal, a partir de 2003), observa-se que sua intenção é a de expor o que se sabe sobre um assunto – o Programa Bolsa-Família. Trata-se, portanto, de uma dissertação que se desenvolve por meio de uma linguagem simples e objetiva.

Resposta: texto dissertativo, com características narrativas.

38. *Quando alguém começa a frase com "Eu não sou racista, mas…", você pode estar certo de que o que se segue será uma declaração racista que desmentirá espetacularmente o seu preâmbulo. Ninguém é mais racista do que quem começa dizendo que não é.*

Comentários: Importa ao autor, nesse caso, defender sua tese de que "Ninguém é mais racista do que quem começa dizendo que não é". Presença de expressões que indicam a opinião do autor (você pode estar certo/ espetacularmente).

Resposta: texto dissertativo.

39. *O Estatuto do Desarmamento, aprovado no fim do ano, e ainda em fase de regulamentação, surgiu por uma questão de sobrevivência. O contexto que deflagrou o movimento político pelo endurecimento da legislação sobre armas é no mínimo dramático. Em 20 anos, de 1980 a 2000, conforme estudo do IBGE, 600 mil brasileiros foram assassinados, uma média de 30 mil por ano.*

Comentários: Observa-se a exposição do contexto social que deflagrou a aprovação do Estatuto do Desarmamento. O autor discorre sobre o assunto transparecendo também ao leitor sua opinião (o contexto…é no mínimo dramático).

Resposta: texto dissertativo.

40. *O meu pai dizia não saber bem o porquê da existência e vivia mudando de trabalho, de mulher e de cidade. A característica mais marcante do meu pai era a sua rotatividade. Dizia-se filósofo sem livros, com uma única fortuna: o pensamento.*

Comentários: A intenção do autor é a de caracterizar um personagem – vivia mudando de trabalho, a sua rotatividade, Dizia-se filósofo sem livros.

Resposta: texto descritivo.

41. *Eu olhava para a janela e tinha a impressão de que jamais na vida chegaríamos a Nhuporã. Que pedaço brabo. O camaleão se esfregava no chassi e o pai praguejava.*

Comentários: Presença de ações que ocorrem ao mesmo tempo (eu olhava para a janela/o camaleão se esfregava/o pai praguejava), o que se destaca é a intenção do autor de caracterizar uma paisagem. Destaque à frase nominal – Que pedaço brabo – que acaba por enfatizar ainda mais a descrição.

Resposta: texto descritivo.

42. *Mas o caminho era do diabo, ele mesmo tinha dito. A pouco mais de légua de Nhuporã, o caminhão derrapou, deu um solavanco e tombou de ré.*

Comentários: Presença de verbos no pretérito perfeito (o caminhão derrapou/ deu um solavanco/ tombou de ré), que caracterizam a evolução dos acontecimentos no tempo. Relação de anterioridade e posterioridade.

Resposta: texto narrativo.

43. *Eu amo meu marido. De manhã à noite. Mal acordo, ofereço-lhe café. Ele suspira exausto da noite sempre maldormida e começa a barbear-se. Bato-lhe à porta três vezes antes que o café esfrie.*

Comentários: Ainda que a autora inicie seu texto com a exposição de um ponto de vista, observa-se logo a seguir sua intenção de relatar acontecimentos, que evoluem no tempo ("acordo", "ofereço-lhe café", "ele suspira exausto", "começa a barbear-se").

Resposta: texto narrativo.

44. *Aos poucos, a camada de pintura branca que cobria a casa de Jeffrey entrou em entendimento definitivo com o sol e com a chuva, fundindo sua obediência a ambos numa única tonalidade cinzenta. Começou a descascar.*

Comentários: Ainda que o autor apresente algumas ações que evoluem no tempo ("entrou em entendimento", "começou a descascar"), vê-se que seu objetivo é caracterizar, por meio de uma linguagem figurada, a deterioração da pintura da parede de uma casa.

Resposta: texto descritivo.

45. *Para se fazer uma revista de divulgação científica hoje, três diretrizes devem ser observadas. A primeira é o que queremos dizer e o que temos para dizer em uma revista. A segunda, se temos os meios humanos e financeiros para realizar o projeto. A terceira se refere à necessidade urgente de ampliar a "infraestrutura" de conhecimentos necessários para que a educação encontre raízes profundas em nossa sociedade, nos laboratórios de pesquisa, na natureza e na história que vivemos.*

Comentários: A intenção do autor é a de discutir um assunto – os pré-requisitos necessários para se fazer uma revista de divulgação científica.

Resposta: texto dissertativo.

46. *Calou-se e notei que os olhos do velho se tinham orvalhado. Enxugou discretamente os olhos e perguntou-me se queria ver o tal livro. Respondi-lhe que sim. Chamou o criado, deu-lhe as instruções e explicou-me que perdera todos os filhos, só lhe restando uma filha casada, cuja prole, porém, estava reduzida a um filho, débil de corpo e de saúde frágil e oscilante.*

Comentários: Eis uma característica comum ao texto narrativo: o aparecimento de aspectos descritivos ao longo do relato. Aqui o objetivo do autor é o de reproduzir acontecimentos – "calou-se", "enxugou discretamente os olhos", "chamou o criado". Entretanto, o texto não deixa de transparecer características descritivas – "os olhos do velho orvalhados", "um filho débil de corpo e de saúde frágil e oscilante".

Resposta: texto narrativo.

47. *É engraçado que eu entenda tanto de peixe e quase não pesque, mas entendo. Os peixes miúdos de moqueca são: o carapicu, o garapau, o chicharro e a sardinha.*

Comentários: A intenção do autor é falar sobre um assunto – os tipos de peixe.

Resposta: texto dissertativo.

48. *Na minha cabeça zumbem moscas, não as vejo porque voam internamente, mas as suponho coloridas, são varejeiras, mil, batem na parte interna do crânio, enchem-me a cabeça de som, cascalho e loucura.*

Comentários: Ainda que apresente ações, o texto evidencia sua intenção de caracterizar uma cena imaginária – moscas que zumbem em uma cabeça doente.

Resposta: texto descritivo.

49. *Sempre que se reúnem para lamuriar, os empresários falam no Custo Brasil, no preço que pagam para fazer negócios num país com regras obsoletas e vícios incrustados.*

Comentários: Nesse trecho, pretende-se discorrer sobre um tema – o Custo Brasil.

Resposta: texto dissertativo.

50. *Baleia assustou-se. Que faziam aqueles animais soltos de noite? A obrigação dela era levantar-se, conduzi-los ao bebedouro. Franziu as ventas, procurando distinguir os meninos. Estranhou a ausência deles.*

Comentários: Ações que evoluem no tempo – "assustou-se", "franziu as ventas", "estranhou a ausência" – caracterizam esse texto narrativo.

Resposta: texto narrativo.

51. *Baleia respirava depressa, a boca aberta, os queixos desgovernados, a língua pendente e insensível. Não sabia o que tinha se sucedido. O estrondo, a pancada que recebera no quarto, e a viagem difícil do barreiro ao fim do pátio desvaneciam-se no seu espírito.*

Comentários: Interrupção da passagem do tempo. Caracterização do personagem, não só quanto aos aspectos

externos (boca aberta, queixos desgovernados), mas também em relação às suas características psicológicas ("O estrondo, a pancada,..., desvaneciam-se no seu espírito.").

Resposta: texto descritivo.

52. *E enquanto o humilde lavrador sussurra a sua indignação, o homem, que antes era apenas vulto, já avança pela quinta fila, agora de lado, da direção do diretor e de sua assistente, que só o veem quando já está a algumas poltronas deles.*

Comentários: Ainda que haja um breve lapso temporal, a intenção do autor é a de caracterizar uma cena – um humilde lavrador, um diretor e sua assistente, bem como um estranho que deles se aproxima.

Resposta: texto descritivo.

53. *Peri lançou um olhar de desespero para as margens que se destacam alguma distância sobre a corrente plácida do rio. Quebrou o laço que prendia a canoa, impeliu-a para a terra com toda a força do remo que fendeu a água rapidamente.*

Comentários: Ações que se sucedem no decorrer do tempo – "lançou um olhar", "quebrou o laço", "impeliu-a para a terra", "fendeu rapidamente". Presença de características descritivas – "um olhar de desespero", "o laço que prendia a canoa".

Resposta: texto narrativo.

54. *Geminiano era um preto risonho, manso por fora mas espinhento por dentro. Quando alguém lhe dizia alguma coisa que não caía bem, ele parava o riso no meio e virava o avesso do pano.*

Comentários: O objetivo do autor é o de descrever, caracterizar uma personagem – Geminiano. Qualificações não só externas – "preto risonho", "manso por fora" –, mas também psicológicas – "espinhento por dentro".

Resposta: texto descritivo.

55. *O patriotismo é a dedicação a tudo que diz com a sorte do país natal e deve ser sincero como uma religião.*

Comentários: Nesse caso, o que se pretende é discorrer sobre um determinado assunto – o patriotismo. O autor não só discute o assunto como também expõe seu ponto de vista ("deve ser sincero como uma religião.").

Resposta: texto dissertativo.

56. *Somos um povo impetuoso e generoso, capaz de disciplina e de indocilidade. Somos um povo carnavalesco, mas um povo sofrido: um povo com senso de humor e com repentes de ira sagrada.*

Comentários: Intenção de caracterizar – somos um povo impetuoso e generoso. Presença de substantivos e adjetivos.

Resposta: texto descritivo.

57. *O Custo Brasil dos lamentos empresariais existe, como existem empresários responsáveis que pelo menos*

reconhecem a pilhagem, mas muito mais lamentável e atrasado é o Desperdício Brasil.

Comentários: O autor tem como intenção argumentar em relação ao Desperdício Brasil. Presença de aspectos opinativos – muito mais lamentável e atrasado.

Resposta: texto dissertativo.

58. *Para entender a sua soberania até os confins da vontade, último termo da evolução mental, para subjugar os corações, há de a religião exercitar as suas forças sublimes no terreno da igualdade e da tolerância...*

Comentários: O autor se posiciona acerca de um tema – a religião. Objetivo de discutir, discorrer sobre determinado assunto.

Resposta: texto dissertativo.

59. *Ela entrou na ponta dos pés. Tirou os sapatos para subir a escada. O terceiro degrau rangia. Pulou-o apoiando-se no corrimão.*

Comentários: O texto trabalha com o tempo: os fatos se sucedem (Ela entrou na ponta dos pés/Tirou os sapatos/Pulou-o...). Aparecimento de características de descrição (O terceiro degrau rangia).

Resposta: texto narrativo.

60. *Quando minha prima e eu descemos do táxi, já era quase noite. Ficamos imóveis diante do velho sobrado de janelas ovaladas, iguais a dois olhos tristes, um deles vazado por uma pedrada.*

Comentários: Ainda que se inicie com um relato, observa-se que o autor interrompe sua narrativa para se ater à caracterização de um velho sobrado. Presença de substantivos e adjetivos (velho sobrado, janelas ovaladas, olhos tristes).

Resposta: texto descritivo.

61. *A saleta era escura, atulhada de móveis velhos, desparelhados. No sofá de palhinha furada no assento, duas almofadas que pareciam ter sido feitas com os restos de um antigo vestido, os bordados salpicados de ladrilhos.*

Comentários: Não há lapso temporal. Impressões do autor (almofadas que pareciam ter sido feitas com os restos de um vestido antigo). Predominância de substantivos e adjetivos (saleta escura, móveis velhos). Aparecimento de frases nominais, cuja base é de verbo na forma nominal (atulhada de móveis velhos, bordados salpicados de ladrilho).

Resposta: texto descritivo.

62. *Eis o dilema do homem atual: ou se curva à moral e renuncia à felicidade, ou busca a felicidade e deixa de lado a moral.*

Comentários: Discussão de um assunto – o dilema do homem atual, no confronto entre a moral e a felicidade.

Resposta: texto dissertativo.

Selecionamos algumas questões para que você perceba a aplicabilidade desses conceitos em provas de concursos públicos. Aproveite os comentários!

23.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Veja uma questão de concurso, elaborada pela Fundação Euclides da Cunha, que ilustra esse assunto.

A SANTA CRUZ DA ESTIVA

No final do século passado, existia, rodeada por pequeno cemitério, outra igrejinha próxima ao local onde hoje está erguida a Capela de Santa Cruz da Estiva. Junto à estrada que passa diante da Capela, residia, então, um humilde lavrador que trabalhava as terras, auxiliado por sete filhos. Rapagões fortes e destemidos, eram o orgulho do pai.

Foi quando surgiu a febre amarela, ceifando vidas sem piedade. Por ironia, ela foi levando um por um os sete filhos do lavrador, deixando-o sozinho com sua dor.

Passada a epidemia, o desventurado buscou consolo em Deus. E se propôs, apesar de passar por dificuldades econômicas, a construir uma Capela nova junto à antiga, pedindo ao Senhor amparo para as almas de seus sete rapazes, conseguindo-lhes, assim, a absolvição dos pecados possivelmente cometidos.

Obteve com seus rogos que a dona da fazenda fizesse a doação de uma faixa de terreno e, com os amigos e conhecidos, acertou o empreendimento de um mutirão.

Assim foi construída a Capela de Santa Cruz da Estiva, segundo se diz por aí…

(Adaptação de lenda de autor desconhecido)

1. A lenda "A Santa Cruz da Estiva", quanto ao modo de organização textual e à justificativa para a classificação, pode ser considerada um texto:

a) narrativo, porque relata mudanças progressivas de personagens e coisas através do tempo;

b) descritivo, porque transmite imagens positivas ou negativas dos elementos descritos;

c) dissertativo, porque analisa e interpreta dados da realidade por meio de conceitos abstratos;

d) poético, porque utiliza jogos de figuras de modo a ocultar uma visão de mundo subjetiva.

Comentários:

Observe que o objetivo do texto é contar uma história. Atente à passagem do tempo e aos verbos no pretérito perfeito, indicando um antes e um depois (*Foi quando surgiu a febre amarela*/ *Obteve com seus rogos*/ *Assim foi construída*…). Procure analisar o início de cada parágrafo: o que se tem são ações que se organizam em uma relação de anterioridade e posterioridade. Muitos alunos ficariam em dúvida, talvez, em relação à letra B, porque, de fato, o texto traz imagens dos elementos descritos ao longo da narração. Mas será que o *objetivo* do autor é descrever uma cena ou *relatar* uma história? Ainda que haja aspectos descritivos, o texto é predominantemente narrativo.

Você percebeu que este texto apresentava, logo no seu início, uma passagem totalmente descritiva? O seu primeiro parágrafo era descritivo: seu objetivo foi caracterizar uma paisagem (*igrejinha próxima ao local...)* e personagens (*humilde lavrador/ rapagões fortes e destemidos*...). É exatamente isso: o texto narrativo pode vir entremeado de aspectos descritivos. Afinal, você se lembra dos clássicos que líamos na infância? Aquelas histórias eram constantemente interrompidas por descrições.

Predominam na descrição substantivos e adjetivos, bem como verbos na forma nominal (*recostado*, *entrelaçadas*...), porque esta tem como objetivo maior a **caracterização** e os nomes auxiliam o texto nessa tarefa.

Você percebeu que na descrição o tempo não evolui? Lembra que, na escola, a professora nos dizia que, quando descrevemos, é como se tirássemos uma fotografia ou congelássemos uma cena? O tempo para...

Vale uma dica:

Uma boa maneira de diferenciar a narração da descrição é observar o aspecto temporal. Na descrição, não existe relação de anterioridade e de posterioridade entre os enunciados, os movimentos ocorrem ao mesmo tempo, sem haver progressão de um estado a outro. As ações reproduzidas na descrição são simultâneas. Ao ocorrer progressão cronológica, tem-se o texto narrativo.

Os alunos costumam nos relatar que a maior dificuldade, diante de uma questão de prova, ocorre quando existe mais de uma modalidade discursiva em um mesmo texto. Por exemplo, se houver narração e descrição dentro de um mesmo texto, como classificá-lo?

Resposta: A.

Veja a seguir uma prova em que a banca pedia que se identificasse um trecho descritivo.

(BNDES – Técnico – Cesgranrio)

A ERA DO TÔ ME ACHANDO

"Bacanas teus óculos", falei. Leves, classudos, num tom esportivamente escuro, cada lente com uma sombra que subia de baixo para cima, tornavam misterioso o olhar do amigo, um jovem editor. Comentei que nunca o tinha visto de óculos. Ele devolveu: "Pois é, mas eu estava com a vista cada vez mais cansada, até que fui ao oculista e ele me disse que precisava usar. Dois graus de miopia. Excesso de leitura. Fazer o quê...", compungiu-se, o olhar vago, empurrando o par de lentes nariz acima com um charme intelectualmente sofrido. Mês depois, encontrei uma amiga cujo pai é oftalmologista. Entre anedota e outra, ela me contou que um curioso cliente do pai havia pedido um modelo de óculos sem grau. É, era ele mesmo – o editor.

Vivemos tempos curiosos. A cada segundo, e através de todos os meios possíveis, somos expostos aos corpos mais perfeitos, às biografias mais irretocáveis, à pose generalizada de famosos e anônimos. Vaidade pura. Mas um momento: você já experimentou sair por aí todo mulambento, comparecer despenteado a uma entrevista de emprego, esconder de parentes e amigos aquele êxito nos estudos? Impossível, não? Porque, hoje, não ter vaidade – não ter o hábito de apregoar aos quatro cantos, reais e virtuais, o quanto você pode ser atraente, sensacional e único – parece ser

um dos maiores pecados da nossa era, esse tempo em que todo mundo parece estar "se achando".

Por isso, os óculos de araque do meu amigo. No meio altamente intelectualizado em que ele vive, circulando entre Festas Literárias de Paraty e debates seguidos de sessões de autógrafo nas livrarias mais chiques do eixo Rio-São Paulo, ostentar uma armação bacanuda é o equivalente, em termos culturais, às pernas muito bem torneadas – horas de academia – da mocinha da novela das 8. Ou seja: tudo é vaidade.

BRESSANE, Ronaldo. Revista vida simples. out. 2009.

2. Em qual sequência é caracterizada uma descrição?

a) "Leves, classudos, num tom esportivamente escuro, cada lente com uma sombra que subia de baixo para cima,"

b) "'Pois é, mas eu estava com a vista cada vez mais cansada, até que fui ao oculista…'"

c) "Mês depois, encontrei uma amiga cujo pai é oftalmologista."

d) "ela me contou que um curioso cliente do pai havia pedido um modelo de óculos sem grau."

e) "É, era ele mesmo – o editor."

Comentários:

Observe que, nas letras B, C, D e E, o que se vê é a evolução de acontecimentos em uma narrativa. Atente aos verbos no pretérito perfeito (*fui ao oculista*/*encontrei uma amiga*/*ela me contou*). Perceba que a única alternativa que tem como objetivo caracterizar, qualificar é a letra A, que apresenta adjetivos (*leves, classudos*). Seu objetivo não é contar uma história, mas interrompê-la, caracterizando um personagem.

Agora, o mais interessante sobre este texto, a banca não perguntou. Você percebeu que, embora ele apresentasse descrição e narração, seu objetivo não foi o de contar uma história? Sua meta era a de discutir um assunto, a tese de que não ter vaidade é um dos maiores pecados da nossa era? Ora, isso faz com que o texto não seja nem narrativo nem descritivo, mas sim dissertativo. Seu objetivo é defender uma tese, a opinião do autor, expressa logo no seu título: *A era do tô me achando*. O objetivo da dissertação é só um: discutir um assunto, abstrair.

Resposta: A.

Um texto que considero um clássico de concursos públicos veio de uma prova elaborada pelo NCE e é emblemático de tudo isso sobre que estamos conversando. Além de tudo, é de nosso tão saudoso Saramago. Observe:

VIOLÊNCIA NO CAMPO

José Saramago

No dia 17 de abril de 1996, no estado brasileiro do Pará, perto de uma povoação chamada Eldorado dos Carajás (Eldorado: como pode ser sarcástico o destino de certas palavras…), 155 soldados da polícia militarizada, armados de espingardas e metralhadoras, abriram fogo contra uma manifestação de camponeses que bloqueavam a estrada em ação de protesto pelo atraso dos procedimentos legais de expropriação de terras, como parte do esboço ou simulacro de uma

suposta reforma agrária na qual, entre avanços mínimos e dramáticos recuos, se gastaram já cinquenta anos, sem que alguma vez tivesse sido dada suficiente satisfação aos gravíssimos problemas de subsistência (seria mais rigoroso dizer sobrevivência) dos trabalhadores do campo. Naquele dia, no chão de Eldorado dos Carajás ficaram 19 mortos, além de umas quantas dezenas de pessoas feridas.

Passados três meses sobre este sangrento acontecimento, a polícia do estado do Pará, arvorando-se a si mesma em juiz numa causa em que, obviamente, só poderia ser a parte acusada, veio a público declarar inocentes de qualquer culpa os seus 155 soldados, alegando que tinham agido em legítima defesa, e, como se isto lhe parecesse pouco, reclamou procedimento judicial contra três dos camponeses, por desacato, lesões e detenção ilegal de armas. O arsenal bélico dos manifestantes era constituído por três pistolas, pedras e instrumentos de lavoura mais ou menos manejáveis. Demasiado sabemos que, muito antes da invenção das primeiras armas de fogo, já as pedras, as foices e os chuços haviam sido considerados ilegais nas mãos daqueles que, obrigados pela necessidade a reclamar pão para comer e terra para trabalhar, encontraram pela frente a polícia militarizada do tempo, armada de espadas, lanças e albardas. Ao contrário do que geralmente se pretende fazer acreditar, não há nada mais fácil de compreender que a história do mundo, que muita gente ilustrada ainda teima em afirmar ser complicada demais para o entendimento rude do povo.

3. O texto é mais adequadamente classificado como:

a) descritivo.

b) narrativo.

c) argumentativo.

d) expositivo.

e) informativo.

Comentários:

Veja que o texto começa com uma narração entremeada de descrições. As ações se sucedem no tempo (*155 soldados...abriram fogo*; *Naquele dia, no chão de Eldorado dos Carajás ficaram 19 mortos...*), o que caracteriza o primeiro parágrafo como predominantemente narrativo. Por outro lado, vemos muitos trechos cujo objetivo é caracterizar cenas e personagens (*155 soldados...armados de espingardas e metralhadoras...umas quantas dezenas de pessoas feridas...*). Assim, devemos classificar o primeiro parágrafo como predominantemente narrativo, com aspectos descritivos.

Entretanto, no segundo parágrafo, percebemos que a narração evolui para uma discussão. Sentimos que o autor utilizou-se da história relatada ao longo do texto como pretexto para apresentar sua tese: *não há nada mais fácil de compreender que a história do mundo*. Se você reparar bem é só na segunda metade do segundo parágrafo que o autor deixa transparecer sua real intenção: ele pretende discutir um assunto, abstrair, dissertar. É a defesa de uma tese – o texto é predominantemente dissertativo argumentativo com aspectos narrativos e descritivos. E o mais

interessante é que, apesar de a dissertação só ter tomado forma mesmo ao final do texto, é ela que predomina. Porque essa é a *intenção do autor*.

Aqui, vale um recado:

> Toda vez que a banca pedir que se classifique um texto em sua predominância, lembre-se de que esse critério não tem a ver com o número de linhas como se, supostamente, forem dez linhas de narração e seis de dissertação, o texto seria predominantemente narrativo??? Se fosse assim, classificar um texto seria algo mais perto da matemática... Classificar um texto significa identificar a intenção do autor, seu objetivo ao produzir o texto.

Veja mais uma prova:

O MEDO SOCIAL

Jurandir Freire Costa

No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado. De repente foi assaltada por um adolescente, que a roubou, ameaçando cortar a garganta do garoto. Dias depois, a mesma senhora reconhece o assaltante na rua. Acelera o carro, atropela-o e mata-o, com a aprovação dos que presenciaram a cena. Verídica ou não, a história é exemplar. Ilustra o que é a cultura da violência, a sua nova feição no Brasil.

Ela segue regras próprias. Ao expor as pessoas a constantes ataques à sua integridade física e moral, a violência começa a gerar expectativas, a fornecer padrões de respostas.Episódios truculentos e situações-limite passam a ser imaginados e repetidos com o fim de caucionar a ideia de que só a força resolve conflitos. A violência torna-se um item obrigatório na visão do mundo que nos é transmitida. Cria a convicção tácita de que o crime e a brutalidade são inevitáveis. O problema, então, é entender como chegamos a esse ponto. Como e por que estamos nos familiarizando com a violência, tornando-a nosso cotidiano.

Em primeiro lugar, é preciso que a violência se torne corriqueira para que a lei deixe de ser concebida como o instrumento de escolha na aplicação da justiça. Sua proliferação indiscriminada mostra que as leis perderam o valor normativo e os meios legais de coerção, a força que deveriam ter. Nesse vácuo, indivíduos e grupos passam a arbitrar o que é justo ou injusto, segundo decisões privadas, dissociadas de princípios éticos válidos para todos. O crime é, assim, relativizado em seu valor de infração. Os criminosos agem com consciências felizes. Não se julgam fora da lei ou da moral, pois conduzem-se de acordo com o que estipulam ser o preceito correto. A imoralidade da cultura da violência consiste justamente na disseminação de sistemas morais particularizados e irredutíveis a ideais comuns, condição prévia para que qualquer atitude criminosa possa ser justificada e legítima.

4. "No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado. De repente foi assaltada por um adolescente..."; a passagem do pretérito imperfeito para o pretérito perfeito marca a mudança de:

a) um texto descritivo para um texto narrativo.

b) a fala do narrador para a fala do personagem.

c) um tempo passado para um tempo presente.

d) um tempo presente para um tempo passado.

e) a mudança de narrador.

5. O texto acima pode ser classificado, de forma mais adequada, como:

a) narrativo moralizante.

b) informativo didático.

c) dissertativo opinativo.

d) normativo regulamentador.

e) dissertativo polêmico.

Comentários:

Questão 4: Observe que o parágrafo começa com uma descrição de uma cena (*No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado*). Logo em seguida, observa-se um conector temporal (*de repente*), que indica uma ruptura: uma passagem da modalidade descritiva para a narrativa. Do conector temporal em diante, o que se observa é a evolução de uma história.

Resposta: A.

Aqui, vale uma dica:

Em geral, a narração utiliza verbos no pretérito perfeito, já que seu objetivo é relatar acontecimentos que evoluem em uma sequência cronológica. Já na descrição, a tendência é a de que os verbos apareçam no pretérito imperfeito.

Questão 5:

Quanto à letra A, o texto seria narrativo moralizante se seu objetivo fosse contar uma história e, ao seu final, apresentasse uma moral, um conselho. Não foi o caso. Se fosse a letra B, o seu objetivo teria sido o de informar o leitor, aumentar seu conhecimento sobre um determinado assunto. Mais do que isso: sendo didático, teria como meta ensinar o leitor.

Normativo regulamentador, que é o que se diz na letra D, ele não é: seu objetivo não é estabelecer normas, regulamentar relações. Isso é meta dos estatutos, das leis que vocês estudam por aí…

Normalmente, o aluno fica em dúvida entre as letras C e E. Dissertativo polêmico (letra E) ele não é: seria polêmico se o seu objetivo fosse apresentar duas visões a respeito de determinado assunto. Não foi isso que o autor procurou desenvolver – sua meta foi utilizar-se de uma narração, entremeada de aspectos descritivos, que serviria de pretexto para uma discussão. O mote do texto era falar da *cultura da violência, sua nova feição no Brasil.* Ora, se o objetivo do autor era discutir um assunto, sob seu ponto de vista, pode-se dizer que o texto é predominantemente dissertativo

opinativo (ou argumentativo), com aspectos narrativos e descritivos.

Você deve estar se perguntando: quantas modalidades de texto dissertativo existem? Qual é a diferença entre texto dissertativo opinativo e expositivo? Texto opinativo é sinônimo de argumentativo? Dizer que um texto é dissertativo informativo é dizer que ele também é expositivo?

Se surgirem essas dúvidas, você pode retomar o conteúdo no decorrer deste capítulo, como o explicado no tópico 23.1.6. Porém, para ajudar e refrescar a memória, segue um resumo a respeito.

Em textos de concursos públicos, costuma-se subdividir os textos dissertativos em duas modalidades – o texto dissertativo expositivo e o texto dissertativo opinativo-argumentativo. O primeiro tem por objetivo discutir um assunto, expor o que se sabe sobre ele sem defesa de ponto de vista do autor. Já a segunda modalidade tem como meta a persuasão, o convencimento – neste tipo de texto o autor utiliza estratégias argumentativas que visam defender sua tese.

O texto dissertativo expositivo expõe ideias, explana, discute, revela o que o autor sabe sobre determinado assunto. Sua linguagem é objetiva, clara, impessoal. Traz abordagem abrangente sobre um tema, permitindo que o leitor desenvolva sua própria opinião sobre o assunto. Nesse texto, o autor não manifesta, ao menos explicitamente, suas opiniões sobre o tema tratado. Ainda que em alguns momentos do texto ele opine, sua intenção não é defender seu ponto de vista sobre o tema em questão.

Neste tipo de texto, o autor simplesmente expõe aquilo que sabe sobre determinada matéria, sem a preocupação de julgar, emitir opinião em relação ao assunto sobre o qual discorre. São fatos, e não julgamentos.

Além de revelar tudo que sabe sobre determinado assunto, você percebeu que o texto tem como objetivo aumentar o *seu* conhecimento sobre o tema? Trazer novidades, acrescentar conhecimento para o leitor?

O texto dissertativo informativo é uma modalidade de texto dissertativo expositivo. É que há textos expositivos que apresentam informações sobre um objeto ou fato específico, sua descrição, a enumeração de suas características, com o objetivo de aumentar o conhecimento do leitor sobre determinado assunto. Esse tipo de texto é chamado de **informativo**. Com linguagem objetiva e impessoal, ele pressupõe acréscimo de informação para quem o lê. O texto dissertativo informativo é o tipo de texto que procura tratar de assunto de interesse do leitor e busca a novidade, algo que o público não conheça.

Por meio de dados estatísticos e exemplos e de uma linguagem objetiva, o autor atinge seu objetivo – apresentar possíveis novidades ao seu leitor. O que se tem é um texto em que o autor não só expõe o que sabe sobre determinado assunto (daí ser chamado de expositivo), mas também acrescenta informações a quem o lê (por isso, é informativo). Assim, poderíamos resumir:

Todo texto informativo é também expositivo, pois o autor expõe o que sabe sobre um assunto com a intenção de aumentar o conhecimento do leitor. Mas nem todo texto expositivo é informativo – o texto será apenas expositivo se o autor pretender unicamente expor o que sabe sobre determinada matéria sem a pretensão de acrescentar informações a quem o lê.

De qualquer forma, sendo o texto unicamente expositivo ou também informativo, o que se observa é que nesses textos não há intenção de se defender uma tese, ou apresentar argumentos do autor. O que se vê são **fatos**. Se o objetivo do texto for defender opinião, julgamentos, ele será dissertativo opinativo – ou argumentativo.

O **texto dissertativo opinativo**, também chamado de argumentativo, difere do dissertativo expositivo, pois, além de expor o que se sabe sobre um assunto – e, muitas vezes, também informar –, o texto dissertativo argumentativo tem por finalidade principal persuadir o leitor sobre determinado assunto, modificar seu comportamento.

Percebe-se, ao longo deste tipo de texto, palavras que indicavam o posicionamento do autor. Muitas vezes, o autor, com o intuito de transparecer sua opinião, utiliza-se de algumas marcas linguísticas capazes de persuadir o leitor, tais como verbos na 1ª pessoa do singular ou plural e expressões de modalidade – são os chamados modalizadores (vocábulos indicativos da opinião do autor, que podem ajudar você a diferenciar no texto o fato do julgamento).

Veja uma prova elaborada pela Fundação Euclides da Cunha, em que se apresentava uma questão de tipologia textual:

RIO + 10 … POR CENTO!

APENAS UMA DÉCADA DEPOIS

Encerrada há pouco em Johannesburgo, África do Sul, a Conferência Rio + 10 terminou pateticamente, sob o olhar desalentado de ambientalistas, jornalistas, economistas e políticos.

O Secretário de Estado dos EUA, Collin Powell, foi vaiado por afirmar que os Estados Unidos estão, sim, preocupados com a saúde ambiental do planeta. O presidente Fernando Henrique Cardoso viu derrotada – ao som da bem orquestrada banda regida pela Casa Branca e que incluía Rússia, China, Índia e países árabes exportadores de petróleo – a proposta brasileira para que, dentro de oito anos, 10% da matriz energética mundial viesse de fontes renováveis. Inclusive a tecnologia *made in Brazil* ancorada no etanol, *of course*. Ao mesmo tempo, o polêmico chefe de Estado venezuelano, Hugo Chávez, sob tímidos aplausos, dizia que "enquanto nós, governantes, vamos de conferência em conferência, nossos povos vão de abismo em abismo".

De concreto, mesmo, o que se produziu na Rio + 10 foi apenas uma vaga carta de intenções, com frases do tipo "vamos reduzir a perda de espécies", "reconhecemos que países pobres precisarão de ajuda financeira para cumprir os objetivos", e "reconhecemos o princípio da repartição de benefícios obtidos com espécies de países pobres, ou seja, asseguramos que as comunidades locais devem usufruir de benefícios decorrentes da exploração de recursos naturais encontrados em suas terras". Tudo isso pomposamente dito, mas sem metas definidas ou prazos para implementação.

Travestidos de Tomaso de Lampedusa, afirmamos que algo deve mudar para que tudo continue como está. Até quando?

(FAVARETTO, J. A. UNO Notícias. Informativo do Sistema UNO de Ensino, n. 4, outubro de 2002, p. 3.)

6. Considerando-se o modo de organização do discurso, é possível afirmar que o texto acima:

a) tem uma estrutura argumentativa, desenvolvida com elementos que deixam clara a opinião favorável do autor a respeito do fato polêmico abordado.

b) pode ser definido como dissertativo, pois nele o autor realiza uma explanação dos acontecimentos que caracterizaram a Conferência Rio + 10.

c) é narrativo, em estilo jornalístico, com elementos que assinalam a presença do narrador e a sua opinião sobre os resultados da Conferência Rio + 10.

d) foi construído com uma parte narrativa e outra descritiva, sendo forte nesta última a opinião desfavorável do autor sobre os resultados da Conferência Rio + 10.

e) contém uma descrição detalhada das diversas correntes de interesses que se apresentaram na Conferência Rio + 10.

Comentários:

Observe que o objetivo do texto não é dissertar sobre uma conferência realizada, mas apresentar relatos que se organizam em uma sequência cronológica – os acontecimentos da Conferência Rio + 10. Assim, eliminam-se as alternativas A e B.

Quanto à letra D, ainda que ocorram aspectos descritivos (*bem orquestrada banda regida*/*tímidos aplausos*), não se pode afirmar que o texto se divida em uma parte narrativa e outra descritiva. Além disso, quando o autor demonstra sua *opinião desfavorável sobre os resultados da Conferência Rio + 10*, o que se tem é *dissertação*, e não descrição.

Assim, ainda que haja passagens descritivas e opinativas no texto, o que se percebe é que o autor veio relatar acontecimentos de uma conferência, com opiniões ao longo de seu relato. O texto é narrativo, com aspectos descritivos e opinativos.

Resposta: C.

CRITÉRIO ARRISCADO

O exemplo veio da maior economia do mundo: as agências de regulação e desenvolvimento – caso da SEC (Securities Exchange Comission) americana, e da CVM brasileira – têm que ser mantidas a salvo da submissão ou das influências políticas. Esta é a melhor forma de preservar a independência de organismos desse tipo cuja eficiência e utilidade para a economia do país são consequência direta de sua credibilidade e da independência de seus dirigentes.

Recentemente, nos Estados Unidos, o presidente da SEC, Harvey Pitt, viu-se compelido a renunciar a seu mandato. Motivo? Ele teria iludido seus colegas de conselho (diretoria da SEC), para conseguir maioria na escolha de William Webster para a liderança de um novo comitê que supervisionará a indústria da contabilidade no país.

Para conseguir o que pretendia, Pitt deixara de informar os demais membros do conselho da SEC que Webster fora chefe de auditoria de uma das companhias que, recentemente, se envolveram com fraudes contábeis. Pitt havia sido indicado para o cargo por Bush, no ano passado, e deveria cumprir um mandato de quatro anos. Diante dos fatos que envolviam Webster, e que eram parte da onda de escândalos financeiros que assola os Estados Unidos há mais de um

ano, Pitt não teve alternativa.

No Brasil, o mandato fixo, de quatro anos, para os diretores e presidente da CVM, existe como forma de preservar sua independência.

Ao serem empossados em seus cargos, o presidente e diretores da Comissão de Valores Mobiliários assumem com o país os compromissos de moralidade e legalidade de seus atos, que são comuns todos os servidores públicos. E tendo em vista a gravidade de sua missão, frequentemente confrontada com interesses do mercado e do próprio governo, têm como forma de defesa de sua independência a duração de seu mandato.

A lição recente dos Estados Unidos, em que o mandato fixo não foi suficiente para amparar a ilegalidade, é boa para americanos e serve para o Brasil. O episódio Pitt mostra que o mandato de quatro anos é bom para preservar a independência dos dirigentes da agência, mas não pode servir de escudo no momento em que o agente público atue contra os superiores interesses da moralidade e da legalidade.

Mostra, também, que a melhor forma de evitar constrangimentos futuros, na escolha de dirigentes com mandatos fixos, ainda é a observância dos critérios de competência técnica e de moralidade. A pura e simples filiação partidária não deve habilitar ninguém a cargos desse tipo. O risco é um eventual constrangimento, como o que Bush experimentou ao nomear Harvey Pitt.

(Jornal do Brasil, 17/11/2002, p. A14.)

7. Do ponto de vista do modo de organização do discurso, pode-se afirmar que os parágrafos do texto são:

a) narrativos, apesar de o objetivo do texto ser essencialmente argumentativo.

b) argumentativos, mas estruturados de acordo com o modelo narrativo.

c) argumentativos, sendo que o segundo e o terceiro parágrafos têm estrutura narrativa.

d) narrativos, sendo que o primeiro, o quarto e o quinto parágrafos têm estrutura argumentativa.

e) descritivos, mas a serviço de um texto cujo objetivo é predominantemente narrativo.

Comentários:

O texto é predominantemente dissertativo argumentativo. Sua meta é defender uma tese explicitada nos dois últimos parágrafos – a de que o mandato de quatro anos "não pode servir de escudo no momento em que o agente público atue contra os superiores interesses de moralidade e legalidade", bem como "a melhor forma de evitar constrangimentos futuros, na escolha de dirigentes com mandatos fixos, ainda é a observância dos critérios de competência técnica e de moralidade".

Resposta: C.

Veja agora este texto de nosso tão saudoso Machado de Assis, retirado de prova elaborada pelo Cespe/UnB, para o Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro:

Há dessas reminiscências que não descansam antes que a pena ou língua as publique. Um antigo dizia arrenegar de conviva que tem memória. A vida é cheia de tais convivas, e eu sou acaso um deles, conquanto a prova de ter a memória fraca seja exatamente não me acudir agora o nome de tal antigo; mas era um antigo, e basta.

Não, não, a minha memória não é boa. Ao contrário, é comparável a alguém que tivesse vivido por hospedarias, sem guardar delas nem caras nem nomes; e somente raras circunstâncias. A quem passe a vida na mesma casa de família, com os seus eternos móveis e costumes, pessoas e afeições, é que se lhe grava tudo pela continuidade e repetição. Como eu invejo os que não esqueceram a cor das primeiras calças que vestiram! Eu não atino com a das que enfiei ontem. Juro só que não eram amarelas porque execro essa cor; mas isso mesmo pode ser olvido e confusão.

E antes seja olvido que confusão; explico-me. Nada se emenda bem nos livros confusos, mas tudo se pode meter nos livros omissos. Eu, quando leio algum desta outra casta, não me aflijo nunca. O que faço, em chegando ao fim, é cerrar os olhos e evocar todas as coisas que não achei nele. Quantas ideias finas me acodem, então! Que de reflexões profundas! Os rios, as montanhas, as igrejas que não vi nas folhas lidas, todos me aparecem agora com as suas águas, as suas árvores, os seus altares; e os generais sacam das espadas que tinham ficado na bainha, e os clarins soltam as notas que dormiam no metal, e tudo marcha com uma alma imprevista.

É que tudo se acha fora de um livro falho, leitor amigo. Assim preencho as lacunas alheias; assim podes também preencher as minhas.

Machado de Assis. Dom Casmurro. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996, p. 79.

8. Assinale a opção que apresenta uma frase narrativa do texto:

a) "Há dessas reminiscências."

b) "Um antigo dizia arrenegar de conviva que tem memória."

c) "A vida é cheia de tais convivas."

d) "Não, não, a minha memória não é boa."

e) "Quantas ideias finas me acodem, então."

Comentários:

Observe nas letras A, C, D e E, temos exemplos de dissertação: são frases que apresentam conceitos, ideias, abstrações. Veja com especial atenção as letras D e E, que apresentam o uso da 1ª pessoa do singular (*minha*, *me*), como forma de veicular a opinião do autor. Ora, tais recursos podem inclusive ajudar você a perceber que os trechos são argumentativos.

No entanto, observe a letra B: ela indica que, nesse trecho, o autor relata acontecimentos de sua vida, *conta a história de um amigo que se zangava com aqueles que tinham memória* – o que caracteriza o trecho como narrativo.

Resposta: B.

MAIS UM RETIRADO DE PROVA DO CESPE/UNB:

A Revolução Industrial provocou a dissociação entre dois pensamentos: o científico e tecnológico e o humanista. A partir do século XIX, a liberdade do homem começa a ser identificada com a eficiência em dominar e transformar a natureza em bens e serviços. O conceito de liberdade começa a ser sinônimo de consumo. Perde importância a prática das artes e consolidam-se a ciência e a tecnologia. Relega-se a preocupação ética. A procura da liberdade social se faz sem considerar-se sua distribuição. A militância política passa a ser tolerada, mas como opção pessoal de cada um.

Essa ruptura teve o importante papel de contribuir para a revolução do conhecimento científico e tecnológico. A sociedade humana se transformou, com a eficiência técnica e a consequente redução do tempo social necessário à produção dos bens de sobrevivência.

O privilégio da eficiência na dominação da natureza gerou, contudo, as distorções hoje conhecidas: em vez de usar o tempo livre para a prática da liberdade, o homem reorganizou seu projeto e refez seu objetivo no sentido de ampliar o consumo. O avanço técnico e científico, de instrumento da liberdade, adquiriu autonomia e passou a determinar uma estrutura social opressiva, que servisse ao avanço técnico e científico. A liberdade identificou-se com ideia de consumo. Os meios de produção, que surgiram do avanço técnico, visam ampliar o nível dos meios de produção.

Graças a essa especialização e priorização, foi possível obter-se o elevado nível de potencial-de-liberdade que o final do século XX oferece à humanidade. O sistema capitalista permitiu que o homem atingisse as vésperas da liberdade em relação ao trabalho alienado, às doenças e à escassez. Mas não consegue permitir que o potencial criado pela ciência e tecnologia seja usado com a eficiência desejada.

(Cristovam Buarque. Na fronteira do futuro. Brasília: EDUnB, 1989. p.13 (com adaptações).

9. Quanto à organização do texto, julgue os itens a seguir.

a) A argumentação do texto estrutura-se em três eixos principais: ciência e tecnologia, busca da liberdade e militância política.

b) A tese para esse texto argumentativo pode assim ser resumida: nem todo "potencial-de-liberdade" gera liberdade com a eficiência desejada.

c) Para organizar o texto, predominantemente argumentativo, o autor recorre a ilustrações temáticas e trechos descritivos sobre condições das sociedades.

d) O fragmento a seguir, caso fosse utilizado como continuidade do texto, manteria a coerência da argumentação: Existe, assim, uma ambiguidade entre a ampliação dos horizontes da liberdade e os resultados, de fato, alcançados pelo homem.

A letra A está errada, pois a argumentação do texto não se estrutura em torno de três eixos, mas de dois: um eixo científico e tecnológico e o outro humanista.

Quanto à letra B, de fato essa é a tese, que aparece explicitada no último parágrafo do texto, com as palavras "Mas

não consegue permitir que o potencial criado pela ciência e tecnologia seja usado com a eficiência desejada". Assertiva certa, portanto.

Já a letra C está errada: o texto é mesmo predominantemente argumentativo, mas não se utilizam ilustrações temáticas (que são o mesmo que *exemplos*) nem trechos descritivos para fundamentar--se a tese.

Quanto à letra D, de fato essa frase é uma *reescritura da tese do texto*. Sabendo-se que um fragmento, para que possa representar uma possível continuidade de um texto, só precisa reescrever sua ideia central, vê-se que a frase apresentada pela banca repete a tese do autor. O objetivo do texto era fazer oposição entre *o potencial-de-liberdade que a tecnologia proporciona e as limitações que o consumo impõe à liberdade que o homem tanto almeja.*

Agora é com você! Selecionamos algumas questões para que você verifique se realmente fixou os conteúdos. Ao final, você terá um gabarito com comentários. Boa sorte!

23.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO COMENTADO NO FINAL)

Texto I (Aux. Cart.-CGJ-UFRJ/02)

O NECROLÓGICO DOS DESILUDIDOS DE AMOR

Carlos Drummond de Andrade

Os médicos estão fazendo autópsia dos que se mataram.

Que grandes corações eles possuíam

Vísceras imensas, tripas sentimentais

e um estômago cheio de poesia.

Texto II (Aux. Cart.-CGJ-UFRJ/02)

INFORMAÇÃO

O Observatório Nacional informou que os brasileiros assistirão no dia 4 de janeiro a um eclipse parcial do sol. No Rio, a luz solar sofrerá uma redução de 69% entre 11 e 12 horas. O fenômeno provocará no meio do dia o aspecto de um entardecer.

1. A oposição INCORRETA entre, respectivamente, os texto I e II é:

a) verso / prosa.

b) poesia / informação.

c) sensibilidade / verdade.

d) vocábulos formais / vocábulos informais.

e) passado / futuro.

Texto III

PROTESTO TÍMIDO

Fernando Sabino

Ainda há pouco eu vinha para casa a pé, feliz da minha vida e faltavam dez minutos para a meia-noite. Perto da praça General Osório, olhei para o lado e vi, junto à parede, antes da esquina, algo que me pareceu uma trouxa de roupa, um saco de lixo. Alguns passos mais e pude ver que era um menino.

Escurinho, de seus seis ou sete anos, não mais. Deitado de lado, braços dobrados como dois gravetos, as mãos protegendo a cabeça. Tinha os gambitos também encolhidos e enfiados dentro da camisa de meia esburacada, para se defender contra o frio da noite. Estava dormindo, como podia estar morto. Outros, como eu, iam passando, sem tomar conhecimento de sua existência.

Não era um ser humano, era um bicho, um saco de lixo mesmo, um traste inútil, abandonado, sobre a calçada. Um menor abandonado.

Quem nunca viu um menor abandonado? A cinco passos, na casa de sucos de frutas, vários casais de jovens tomavam sucos de frutas, alguns mastigavam sanduíches. Além, na esquina da praça, o carro da radiopatrulha estacionando, dois boinas-pretas conversando do lado de fora. Ninguém tomava conhecimento da existência do menino.

Segundo as estatísticas, como ele existem nada menos que 25 milhões no Brasil, que se pode fazer? Qual seria a reação do menino se eu o acordasse para lhe dar todo o dinheiro que trazia no bolso? Resolveria o seu problema? O problema do menor abandonado? A injustiça social?

(...)

Vinte e cinco milhões de menores – um dado abstrato, que a imaginação não alcança. Um menino sem pai nem mãe, sem o que comer nem onde dormir – isto é um menor abandonado. Para entender, só mesmo imaginando meu filho largado no mundo aos seis, oito ou dez anos de idade, sem ter para onde ir nem para quem apelar. Imagino que ele venha a ser um desses que se esgueiram como ratos em torno aos botequins e lanchonetes e nos importunam cutucando-nos de leve – gesto que nos desperta mal contida irritação – para nos pedir um trocado. Não temos disposição sequer para olhá-lo e simplesmente o atendemos (ou não) para nos livrarmos depressa de sua incômoda presença. Com o sentimento que sufocamos no coração, escreveríamos toda a obra de Dickens. Mas estamos em pleno século XX, vivendo a era do progresso para o Brasil, conquistando um futuro melhor para os nossos filhos. Até lá, que o menor abandonado não chateie, isto é problema para o juizado de menores. Mesmo porque são todos delinquentes, pivetes na escola do crime, cedo terminarão na cadeia ou crivados de balas pelo Esquadrão da Morte.

Pode ser. Mas a verdade é que hoje eu vi meu filho dormindo na rua, exposto ao frio da noite, e além de nada ter feito por ele, ainda o confundi com um monte de lixo.

1. Uma crônica, como a que você acaba de ler, tem como melhor definição:

a) registro de fatos históricos em ordem cronológica.

b) pequeno texto descritivo geralmente baseado em fatos do cotidiano.

c) seção ou coluna de jornal sobre tema especializado.

d) texto narrativo de pequena extensão, de conteúdo e estrutura bastante variados.

e) pequeno conto com comentários, sobre temas atuais.

2. O texto começa com os tempos verbais no pretérito imperfeito – vinha, faltavam – e, depois, ocorre a mudança para o pretérito perfeito – olhei, vi etc; essa mudança marca a passagem:

a) do passado para o presente.

b) da descrição para a narração.

c) do impessoal para o pessoal.

d) do geral para o específico.

e) do positivo para o negativo.

3. O uso da primeira pessoa na crônica tem um efeito de:

a) construir uma narrativa impessoal, já que o cronista é observador neutro.

b) seguir o modelo típico de um texto jornalístico, como este.

c) manifestar no discurso a opinião dos leitores.

d) expressar o ponto de vista do narrador.

e) transformar o texto em algo objetivo e popular.

4. O tom predominante na crônica é o de:

a) comiseração.

b) remorso.

c) revolta.

d) desprezo.

e) tristeza.

5. Dentre as perguntas abaixo, aquela que poderia ser considerada como pergunta retórica é:

a) " Quem nunca viu um menor abandonado?".

b) " Segundo as estatísticas, como ele existem nada menos que 25 milhões no Brasil, que se pode fazer?".

c) " Qual seria a reação do menino se eu o acordasse para lhe dar todo o dinheiro que trazia no bolso?".

d) " Resolveria o seu problema?".

e) " (Resolveria) A injustiça social?".

Texto IV

DA " LIVRE MANIFESTAÇÃO" AO VANDALISMO

João Mellão Neto

[...] Recordo-me de um bar, no centro de São Paulo onde, na década de 60, nos toaletes, aparecia a seguinte inscrição: " Não risque as paredes. Se você acredita que seu pensamento seja tão original a ponto de merecer sua inscrição aqui, não se constranja. Procure a gerência e nós mesmos nos encarregamos de autorizá-lo".

O mesmo raciocínio vale para os pichadores. Se o que eles têm a manifestar tem algum valor artístico ou filosófico, sem dúvida existirão proprietários de muros dispostos a permitir-lhes a inscrição. Agora, pichação de bens públicos ou de muros

particulares, à revelia do proprietário, não é manifestação artística, é vandalismo. E, como tal, deve ser coibido.

O dever do Estado é proteger a propriedade de todos da sanha de cada um e a propriedade de cada um da sanha de todos. A pichação dos bens públicos ou particulares viola ambos os princípios e, portanto, é dever da autoridade competente tomar medidas coercitivas. Eu, como milhões de cidadãos, gosto de ver a minha cidade limpa. Faço minha parte, de um lado mantendo meu muro pintado e de outro pagando impostos para que a Prefeitura faça o mesmo com os nossos monumentos. Se os pichadores têm seus " direitos" de expressarem-se livremente, eu também tenho os meus de querer minha cidade em ordem e bonita. Com uma diferença: eu pago impostos para exercer a minha cidadania e eles, tão somente, adquirem uma lata de aerossol.

1. No título do texto IV, a expressão " livre manifestação" aparece entre aspas para:

a) distinguir uma citação do resto do contexto.

b) fazer sobressair termos não peculiares à linguagem normal.

c) acentuar o valor significativo de uma palavra ou expressão.

d) realçar ironicamente uma palavra ou expressão.

e) destacar o termo de maior valor do texto.

2. No título, os termos livre manifestação e vandalismo:

a) representam duas maneiras de encarar o mesmo fato.

b) falam, respectivamente, do aspecto ilegal e legal das pichações.

c) são argumentos favoráveis ao aparecimento de pichações.

d) indicam o pensamento das autoridades sobre as pichações.

e) mostram duas realidades que ocorrem simultaneamente.

3. O texto IV deve ser classificado, de forma mais adequada, como:

a) descritivo.

b) narrativo.

c) dissertativo expositivo.

d) dissertativo polêmico.

e) dissertativo informativo.

Texto V: " As fronteiras políticas das nações-estados são estreitas e limitadas demais para definir o escopo e o alcance da empresa moderna." (J. Spencer)

Texto VI: " As estruturas políticas mundiais são inteiramente obsoletas. Não mudaram em pelo menos cem anos e estão lamentavelmente desafinadas como progresso tecnológico." (J. Maisonrouge)

1. A afirmação correta em relação aos textos V e VI:

a) o texto V é narrativo enquanto o texto VI é dissertativo.

b) o texto V trata de tema menos amplo que o texto VI.

c) ambos os textos mostram que a tecnologia é prejudicial.

d) só o texto 3 defende a alteração das fronteiras políticas atuais.

e) os dois textos têm caráter descritivo.

Texto VII

SAIBA MAIS SOBRE O PROBLEMA

Recente documento, elaborado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), revela que o Brasil é um país mergulhado na sujeira: metade dos municípios não têm serviço de esgoto sanitário, 70% do lixo das cidades são jogados em lixões e alagados (rios, lagos, mar, etc.) e apenas poucos municípios fazem coleta seletiva de lixo.

Os brasileiros produzem todos os dias mais de 125.000 toneladas de lixo, além dos 14,5 milhões de metros cúbicos de esgoto. O destino inadequado de todo esse lixo e esgoto ajuda a explicar por que ainda sofremos com doenças do século XIX, como a febre amarela, as hepatites, as diarreias, os vermes e mesmo as recentes epidemias de Dengue.

Outros fatos preocupantes são:

- o grande volume de lixo encontrado nas ruas, o que segundo a COMLURB demonstra a falta de educação da população que joga lixo de todos os tipos nas vias públicas;
- as milhares de crianças que trabalham revirando lixo nos lixões, disputando com moscas, ratos e urubus, os restos de comida ou objetos que podem ser reaproveitados ou vendidos;
- o chorume, líquido contaminado liberado pelo lixo em decomposição, atinge rios, lagos e a Baía de Guanabara, dentre outros, contaminando peixes, aves e o próprio Homem, gerando graves doenças, problemas sociais e ambientais.

1. Este é um texto retirado de um pequeno jornal de um colégio do Rio de Janeiro e seu valor está no assunto que aborda: o lixo. Para dar valor ao que nele é expresso, o autor procurou destacar dois aspectos, manifestados na primeira linha do texto:

a) atualidade e credibilidade.

b) objetividade e cientificismo.

c) autoridade e sentimentalismo.

d) suspense e negativismo.

e) verdade e nacionalismo.

2. A finalidade principal do texto VII deve ser a de:

a) criticar as autoridades governamentais.

b) denunciar a poluição ambiental.

c) procurar aumentar o conhecimento do assunto.

d) mostrar soluções para o problema do lixo.

e) indicar os principais problemas do país.

3. O documento elaborado pelo IBGE tem valor prioritário de:

a) conselho.

b) denúncia.

c) acusação.

d) crítica.

e) elogio.

Texto VIII

A MARCA DA MORTE NOS CIGARROS

A partir de 1º de fevereiro, começa a circular no Brasil a nova safra de maços de cigarros impressos de acordo com a resolução da Agência Nacional de Vigilância Sanitária. A regra diz que as sessenta marcas vendidas no país devem estampar no verso da embalagem uma entre nove imagens associadas aos malefícios do cigarro. A iniciativa foi copiada de uma experiência bem-sucedida no Canadá. Com imagens explícitas, agressivas até – uma boca com dentes podres e a gengiva inflamada, um coração infartado ou um cérebro com as artérias estouradas – a campanha do Canadá provocou uma primeira reação negativa da sociedade, principalmente entre os não-tabagistas. É que muita gente não queria ser obrigada a conviver com as cenas repugnantes. O saldo final, no entanto, foi ótimo. Uma pesquisa realizada pela Sociedade Canadense do Câncer, com mais de 2000 pessoas, revela que a contrapropaganda surtiu efeitos positivos. Por causa das ilustrações, cerca de 45% dos fumantes ficaram motivados a abandonar o cigarro.

Veja, ed. 1735

1. O título do texto VIII se justifica porque:

a) o vício do fumo provoca doença em milhares de pessoas.

b) a maioria dos fumantes não sabe os riscos que corre.

c) as embalagens de cigarro vão aludir aos males que provoca.

d) fabricantes vão esconder dos fumantes os riscos que correm.

e) o vício do fumo está aumentando os óbitos por câncer.

2. O fato de vir por extenso a denominação "Agência Nacional de Vigilância Sanitária" em lugar da forma abreviada ANVS, mostra que:

a) o texto não pretende apresentar-se em forma resumida.

b) em textos informativos não se usam abreviaturas.

c) o público a que se dirige o texto não é da classe culta.

d) o texto pretende enfatizar o poder legal.

e) para o jornalista, nem sempre as abreviaturas são claras.

3. A resolução da ANVS e o texto-imagem dos maços de cigarros são respectivamente representantes de textos dos

tipos:

a) didático/informativo.

b) informativo/normativo.

c) normativo/publicitário.

d) publicitário/expressivo.

e) expressivo/didático.

4. Os textos informativos, como o texto VIII, só NÃO se caracterizam por:

a) objetividade e precisão.

b) abordagem de algo desconhecido do leitor.

c) reduzida participação do autor do texto no enunciado.

d) conteúdo de hipotético interesse de leitores.

e) profunda interação com o leitor.

Texto IX

TENTE LER ESTE ANÚNCIO DIRIGINDO

O anúncio de revista é rico em informações. Pode dar toda a literatura necessária sobre um produto. Explicar o que é, como funciona, a forma de pagamento, enfim, pode dar todos os detalhes tintim por tintim.

Ele é fantástico para um sujeito que dispõe desse tempo que você está tendo agora. Para folhear calmamente, lendo artigos e anúncios.

Já no trânsito, para passar a mensagem a quem está passando, aí o outdoor é imbatível.

Ele é rápido, telegráfico, gigante. Ótimo para anúncios institucionais ou promocionais de qualquer produto ou serviço.

O outdoor também apresenta um dos recalls mais elevados, dentro de uma relação custo/benefício bem atraente.

Dependendo do produto e seu mercado, você pode utilizar o outdoor para cercar o Brasil inteiro, um estado, uma cidade ou simplesmente um bairro. E vender tanto para o Brasil quanto para um bairro com a mesma eficiência, é uma versatilidade que nenhum outro veículo tem.

Além do quê, o outdoor é seu último apelo ao consumidor antes da compra. Porque ele está ali, na rua, bem próximo ao seu ponto de venda. E, você há de concordar, num mercado tão competitivo quanto o nosso, isso pode ser decisivo.

São detalhes como esse que você, anunciante, não pode deixar de levar em conta na hora de programar sua mídia. Principalmente se você quiser atingir um público como esse nosso, dirigido.

1. O anúncio de revista pode ser rico em informações porque:

a) o leitor dispõe de tempo para lê-lo.

b) todo produto a ser anunciado requer isso.

c) o leitor precisa ser convencido a comprar o produto.

d) apela para o gosto estético do leitor.

e) o anunciante exige que isso assim seja.

2. "Explicar o que é, como funciona..."; os dois tipos de textos a que se alude nesse segmento são, respectivamente:

a) jornalístico, publicitário.

b) publicitário, informativo.

c) informativo, instrucional.

d) instrucional, didático.

e) didático, jornalístico.

3. O quarto parágrafo mostra que este texto é:

a) publicitário, pois anuncia o próprio outdoor.

b) informativo, pois explica as qualidades do cartaz de rua.

c) didático, pois ensina o que é um outdoor.

d) jornalístico, pois destaca o surpreendente de um outdoor.

e) poético, pois apela para o bom-gosto do leitor.

4. "O anúncio de revista é rico em informações"; o item abaixo em que a relação expressa pelos elementos sublinhados é INADEQUADA:

a) o horóscopo é rico em previsões.

b) o livro didático é rico em ensinamentos.

c) o dicionário é rico em definições.

d) a bula de remédio é rica em informações.

e) o outdoor é rico em detalhes.

Texto X

PROCESSAMENTO DA ENTREVISTA

A Nogueira de Faria

A entrevista consiste em inquirir tecnicamente, de forma hábil, dentro de um plano e sequência previamente estudados, levando o interrogado ou entrevistado a se pronunciar sobre aquilo que desejamos saber e a emitir sua opinião, muitas vezes sem que formulemos a pergunta diretamente. É a maneira racional de levar alguém a fornecer os informes e as informações que possui em determinada área.

É uma técnica de comunicação direta entre duas pessoas que possuem alguns interesses em comum. Forma de pesquisa realizada através de diálogo estudado e preparado dentro de um plano e sequência previamente analisados, levando, sutilmente, o entrevistado a se manifestar sobre assuntos de seu conhecimento.

Pode ser entendida como sendo uma conversa planejada, capaz de conduzir à transmissão de uma mensagem, em que o

entrevistador orientou a produção e codificação das próprias mensagens por parte do entrevistado, para obter as informações que deseja.

Trata-se de um processo interpessoal de comunicação, com numerosas limitações no tempo e no e no espaço, pois o comportamento das pessoas varia muito. As entrevistas devem ser personalizadas e adaptadas às características do entrevistado, sua cultura, posição social, conhecimento técnico, etc.

Existe uma grande diferença entre a entrevista e a conversa informal entre duas pessoas. É necessário saber distinguir quando o diálogo informal é uma introdução e quando ele perde as características, acabando por se transformar numa palestra inconsistente, tomando tempo e prejudicando o processamento da entrevista propriamente dita.

Organização e métodos. Livros Técnicos e Científicos Edit. RJ, 1982

1. O parágrafo do texto que apresenta uma estrutura distinta da dos demais é o:

a) 1º .

b) 2º .

c) 3º.

d) 4º.

e) 5º.

Texto XI

ÁGUA INSALUBRE

Márcia Peltier. O Globo, 21/10/2002

Estudo do Pacific Institute of Oakland, na Califórnia, prevê que 76 milhões de pessoas morrerão de doenças relacionadas à água até 2020. As crianças serão as mais afetadas por males causados pelo uso e ingestão de água contaminada. No mesmo período, serão registrados 65 milhões de casos fatais em consequência da Aids em todo o mundo.

1. O título dado à notícia é "Água insalubre". Sabendo-se que "insalubre" significa "nocivo à saúde", pode-se dizer que:

a) o título nada esclarece sobre o conteúdo do texto.

b) parte do conteúdo do texto é antecipado pelo título.

c) o adjetivo "insalubre" contradiz o conteúdo do texto.

d) o título pretende atrair o leitor pelo aspecto trágico.

e) a menção da água contaminada introduz o assunto da Aids.

2. O texto lido poderia ser classificado como:

a) didático.

b) informativo.

c) normativo.

d) preditivo.

e) publicitário.

Texto XII

RAÍZES

Heloísa Seixas Domingo, n. 1336

Diante da minha janela havia uma pedra.

Não, não vou fazer imitação de poesia. Nada tem de poética a história que eu vou contar. A pedra de que falo é na verdade uma imensa pedreira, de topo liso, coberto em alguns pontos pela vegetação rasteira, uma espécie de enclave rural em pleno Leblon, onde às vezes cabras pastavam e onde um galo alucinado insistia em cantar na hora errada, no início da madrugada. Era o lugar ideal para, nas tardes de domingo, uma menina se deitar, sentindo nas costas o calor do sol retido pela pedra, enquanto olhava as pipas agitando-se no ar. Eu ia com meus irmãos e seus amigos, quando eles subiam lá para soltar pipa. São só lembranças. Essa pedra não existe mais. Ou pelo menos não existe assim, como a descrevo agora, a pedra da minha infância. Hoje, é uma pedra nua, morta.

Sua base ainda está lá e servirá, pelo que sei, de fundação para um shopping. Mas a superfície foi toda raspada, a vegetação desapareceu, a pedreira foi rebaixada em quatro ou cinco metros, retalhada durante dois anos por uma orquestra de britadeiras, e nela foram erguidos os primeiros andares do que seria um estacionamento.

Assim que começaram a destruir a pedreira, pensei com alarme numa pequena árvore, uma muda de amendoeira cujo crescimento árduo eu vinha acompanhado havia anos. A árvore crescera numa das laterais da pedra e seu tronco se encorpava, equilibrando-se de forma improvável no paredão íngreme. Eu admirava sua bravura, tirando seiva de um lugar onde não havia terra, fazendo um esforço enorme para crescer na ranhura mínima que encontrara. E caminhei um dia até o local onde ela crescia, para ver se, com as obras que tinham começado, a pequena árvore sobreviveria. Mas cheguei tarde demais. Só encontrei o tronco, decepado. Em torno, as raízes, que por anos se haviam agarrado à pedra com tanto esforço, agora condenadas a secar, inúteis.

O tempo passou. E eu não pensei mais no assunto. Até que, outro dia, assistindo a um documentário sobre os talibãs, vi uma inglesa de origem afegã mostrando a foto de um jardim onde brincava na infância e que fora destruído pela guerra civil. O documentário, feito antes da guerra com os Estados Unidos, fora gravado em solo afegão, e a moça conseguira chegar ao local do tal jardim. Mas não encontrou nada. A comparação com a foto que trazia nas mãos era chocante. Todo o verde havia desaparecido. No meio de um descampado monocromático, restara apenas o círculo de pedra de uma velha fonte seca. E a única coisa que não mudara na paisagem eram as montanhas, ao fundo, testemunhas da devastação que hoje sabemos estava apenas no princípio.

Aquela mulher e seu jardim desaparecido me fizeram pensar na pequena amendoeira que crescera na pedra e que também fora decepada. E, com isso em mente, voltei ao ponto do paredão onde ela um dia se agarrara. Com surpresa, descobri que das raízes deixadas na pedra surgiam brotos, com folhas de um verde limpo.

A amendoeira teimava em renascer como talvez fizesse o jardim afegão, apesar da fúria dos homens.

1. "Nada tem de poética a história que vou contar"; a história contada pela autora tem como ponto de partida cronológico:

a) a existência de uma pedra diante da janela da autora.

b) a foto de um jardim onde uma afegã brincara na infância.

c) o crescimento de uma pequena amendoeira na pedra.

d) o fato de a amendoeira ter sido decepada.

e) as lembranças da infância da autora.

Texto XIII

OS NÚMEROS

George Ifrah

Houve um tempo em que o ser humano não sabia contar. A prova: atualmente existem ainda homens incapazes de conceber qualquer número abstrato e que não sabem nem que dois e dois são quatro.

Inúmeras hordas " primitivas" se encontram, ainda hoje, nesse " grau zero" – se assim podemos dizer – quanto ao conhecimento dos números. É, por exemplo, o caso dos zulus e dos pigmeus, da África, dos aranda e dos kamilarai, da Austrália, dos aborígenes das Ilhas Murray e dos botocudos, do Brasil. " Um", " dois" e... " muitos" constituem as únicas grandezas numéricas desses indígenas que ainda vivem na Idade da Pedra.

Eles só conhecem dois " nomes de números" propriamente ditos: um para a unidade e um outro para o par. Dentre eles, os melhores em aritmética chegam certamente a exprimir os números 3 e 4 articulando algo como dois-um e dois-dois. Mas não avançam mais. Além daí é a imprecisão, a confusão: empregam então palavras ou expressões que poderíamos traduzir por muitos, vários, uma multidão. E é tão difícil para eles imaginar um número superior ou igual a 5 quanto é para nós representar quantidades como um trilhão de bilhões. De tal modo que, quando se trata de mais de 3 ou 4, alguns deles se contentam em mostrar a cabeleira, como se dissessem: " É tão inumerável quanto os cabelos da cabeça!"

1. A finalidade principal desse texto é:

a) ensinar.

b) comprovar.

c) informar.

d) contradizer.

e) protestar.

Texto XIV

BRASIL E O MUNDO PODEM PREJUDICAR A SUA SAÚDE

Minha profissão é ver o mal do mundo. Um dia, a depressão bate. Não aguento mais ver a cara do Bush ostentando rugas na testa de preocupação com o nosso destino (que ele azedou), não aguento mais o Lula de boné dançando xaxado, não aguento ver o Sarney feliz, mandando no país, guardando o PT no bolso do jaquetão, enquanto os petistas, comunistas, tucanistas e fascistas discutem para ver quem é mais de esquerda ou de direita, enquanto o país afunda em violência e miséria, com o Estado sendo loteado entre esquerdistas sem emprego; não dá mais para ouvir que há transgênicos de esquerda ou de direita, principalmente quando ninguém consegue impedir as queimadas na Amazônia; passo mal também quando vejo a cara dos oportunistas do MST, com a bênção da Pastoral da Terra, liderando pobres diabos para a revolução contra o capitalismo; não aguento secretários de

Segurança falando em forças-tarefa, em presídios perfeitos que não conseguem nem bloquear celulares; não suporto ver que o Exército se recusa a ajudar na repressão ao crime, com generais tão eficazes para arrasar a guerrilha urbana nos anos setenta.

Texto da Internet falsamente atribuído a Arnaldo Jabor

1. A melhor caracterização do texto o define como:

a) narrativo de tema político.

b) expositivo de tom crítico.

c) informativo de base argumentativa.

d) descritivo de situação.

e) argumentativo de tema social.

Texto XV

DO MUNDO VIRTUAL

Carlos Heitor Cony

Insisto em comentar as vantagens e desvantagens do mundo virtual. Não perderei tempo em lembrar as vantagens, elas entram pela cara da gente, tornam-se dia a dia mais indispensáveis e mais fáceis de manuseio.

Fico então com as desvantagens, e uma delas me remete ao processo de pensar, de refletir. Desde que Aristóteles criou o método peripatético, os melhores pensamentos da humanidade vieram quando filósofos, inventores, matemáticos, músicos e poetas obedeciam àquele processo de pensar caminhando, ou de caminhar pensando.

Beethoven passeava na floresta quando voltou correndo, com a Sexta Sinfonia inteira na cabeça. Kant era metódico, todos os dias saía para seu passeio à tarde, os vizinhos podiam acertar o relógio pela hora em que ele percorria o bosque de Konigsberg. E foi assim que ele criou seu monumental sistema dedicado à razão pura.

Strauss compunha suas valsas passeando pelos bosques de Viena e Anchieta escreveu seu poema nas areias de uma praia. Ficar " plugado" a uma tomada pode ser prático, mas não é criador. (...)

Viver " plugado" a uma corrente de pessoas e informações pode ser divertido e útil. Mas agride o que o ser humano tem de melhor e mais insubstituível: o seu gosto, o seu erro, a sua miséria e sua glória.

1. O segmento do texto que mostra interferência do autor no seu conteúdo é:

a) " Mas agride o que o ser humano tem de melhor".

b) " Viver " plugado" a uma corrente de pessoas e informações pode ser divertido e útil".

c) " Strauss compunha as suas valsas passeando pelos bosques de Viena".

d) " Fico então com as desvantagens".

e) " Desde que Aristóteles criou o método peripatético".

2. A melhor classificação do texto lido o enquadra entre os textos:

a) conversacionais.

b) descritivos.

c) narrativos.

d) dissertativos expositivos.

e) dissertativos argumentativos.

Texto XVI

O PIERCING: SER OU NÃO SER

Quando o meu filho Pedro, de 16 anos, falou da vontade de colocar piercing, antes de dizer-lhe um sonoro " não", ponderei o fato de meu filho não ser um veículo para que eu coloque em prática o meu projeto de ser humano. Muito pelo contrário: Ele é um ser independente, com projetos próprios e que tem como orientação básica o respeito ao ser humano e a consciência de que o mundo deve ser mais justo, inteligente, diversificado e saboroso. A partir daí, não me preocupa se ele fará drama ou comédia, com argola no nariz ou gravata no pescoço. O importante não será a sua forma, mais sim o seu conteúdo. (...) O adolescente, pelo menos, faz por festa, para treinar a sua rebeldia. Depois, o tempo passa e todas essas bandeiras pelo corpo vão perdendo a importância e para aqueles que só fazem onda, a coisa ficará no passado. Para os autênticos, a rebeldia fica adulta e muda de lugar. Vai pro olhar.

Texto XVII

ARREPENDIMENTO

Certo dia, no início deste ano, uma moça de 19 anos apareceu no gabinete no deputado Campos Machado na Assembleia Legislativa de São Paulo e contou uma história triste. Ela disse que quando tinha 15 anos se encantou com as tatuagens que viu nas colegas e resolveu entrar na onda da arte corporal. Hoje chora de arrependimento. Ao tentar ingressar na Aeronáutica, ela foi reprovada no exame médico justamente por causa do desenho estampado no corpo. Fez uma cirurgia reparadora, prestou exame e, mais uma vez, foi rejeitada em razão das cicatrizes incriminadoras.

1. O texto XVII mostra, ao final, diante do piercing, as posições do pai e do filho, que são, respectivamente, de:

a) aceitação / aprovação.

b) reprovação / aceitação.

c) aprovação / reprovação.

d) indiferença / arrependimento.

e) neutralidade / reprovação.

2. Oposição INCORRETA sobre os dois textos:

a) piercing X tatuagens.

b) realização X arrependimento.

c) aceitação X condenação.

d) primeira pessoa X terceira pessoa.

e) narração X descrição.

Texto XVIII

FRONTEIRAS

Heloísa Seixas

Tenho refletido sobre fronteiras. Sobre a linha tênue e imprecisa que divide realidade e sonho, sanidade e loucura. E me vem à mente história narrada por Otto Friedrich em seu livro Going Crazy (Enlouquecendo). Ele diz que andava um dia pelas ruas de Nova York a caminho do trabalho – como fazia todas as manhãs – quando de repente, diante de um cruzamento, parou, assaltado por uma sensação desconhecida. Era algo avassalador, a impressão exata de que algo se rompera, seguida de uma sensação de impotência e pânico. Ficou ali na calçada, paralisado, sem saber o que se passava. Demorou alguns segundos até compreender. Como fazia o mesmo percurso todos os dias, costumava andar totalmente desligado, imerso em seus pensamentos, o "piloto automático". Ocorre que, naquele dia, se deparava de repente com um sinal de trânsito quebrado – um elemento estranho à sua rotina. E aquela "ruptura" provocara uma espécie de curto-circuito em seu cérebro, justamente por estar num estágio de semiconsciência, tal a sua disposição. O sinal quebrado provocara uma pane em seu sistema de percepção. Fora coisa rápida, não mais do que alguns segundos. Mas o que perturbava era perceber que, naqueles instantes, vivera numa fronteira: estivera à beira do que se convencionou chamar "loucura".

1. A história narrada no texto da autora tem o papel de:

a) ilustrar um pensamento da autora.

b) demonstrar a correção do pensamento da autora.

c) mostrar que a preocupação da autora é universal.

d) indicar que sua preocupação é válida.

e) testemunhar algo narrado pela própria autora.

Texto XIX

DIAGNÓSTICO

O Globo, 15/10/2004

Em oito anos, o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio – é alarmante esse grau crescente de insegurança. Por maior que tenha sido a indignação manifestada pelo governo federal, são números que reforçam o alerta do Departamento de Estado americano a agências de turismo dos Estados Unidos, divulgado no início do mês, a respeito do perigo que apresentam o Rio e outras grandes cidades brasileiras.

Não é exagero classificar de urgente a tarefa de fazer o turista se sentir mais seguro no Rio, considerando que os visitantes movimentaram 13% da economia da cidade e que dentro de três anos teremos aqui o Pan.

Parte da solução é simples: reforçar o policiamento ostensivo. A Secretaria de Segurança do Estado informa que há quase duas centenas de policiais patrulhando a orla, do Leblon ao Leme, mas não é o que vê – nem é o que percebem os assaltantes.

Muitos destes aliás, são menores de idade com que o poder público simplesmente não sabe lidar, por falta de ação integrada entre autoridades estaduais e municipais, empenhadas num jogo de empurra sobre a responsabilidade por tirá-los das ruas. O

que lhes confere uma percepção de impunidade que só faz piorar a situação. Impunidade é também a sensação que resulta do deficiente trabalho de investigação policial: se não se consegue impedir o crime, sua gravação pelas câmeras da orla de pouco serve, pois não há um esquema eficaz de inteligência nem estrutura técnica adequada para seguir pistas. É fácil atribuir todos os problemas à falta de verbas. Mas é mais justo falar em dinheiro mal aplicado. As próprias autoridades anunciam fartos investimentos em aparato tecnológico contra o crime; o retorno que deveria produzir a aplicação eficiente desse dinheiro seria o que não está acontecendo: a redução a níveis mínimos dos assaltos a turistas.

1. O texto, por sua estrutura e características, deve ser prioritariamente classificado como:

a) expositivo.

b) narrativo.

c) informativo.

d) argumentativo.

e) descritivo.

Texto XX

A VIDA COMO ELA SERÁ

Jerônimo Teixeira

Daqui a mais ou menos 1 bilhão de anos, a Terra não será mais habitável. No limite do seu material combustível, o Sol estará se expandindo. A elevação da temperatura no terceiro planeta do sistema solar tornará inviável a sobrevivência de qualquer criatura. Isso significa que a vida em nosso mundo já ultrapassou a meia-idade. Estamos nós, seres vivos, mais perto do fim que do começo. No tempo que resta, que cara terá a vida sobre a Terra? Que espécies surgirão e quais estarão fadadas a desaparecer na trilha das mudanças evolucionárias? E por quanto tempo ainda viveremos nós, seres humanos, para presenciar essas mudanças?

1. Por seu conteúdo e estrutura, o texto lido tem como finalidade prioritária:

a) especular.

b) informar.

c) explicar.

d) ensinar.

e) prever.

Texto XXI

RACISMO, DISCRIMINAÇÃO, PRECONCEITO... COLOCANDO OS PINGOS NOS " IS"

Maria Aparecida da Silva

Recentemente assisti ao programa esportivo Cartão Verde, da TV Cultura, no qual se discutia, de maneira tímida, a discriminação racial que um jogador branco do Palmeiras (Paulo Nunes) teria praticado contra dois jogadores negros, Rincón (Corinthians) e Wagner (São Paulo), em momentos distintos. Havia controvérsias quanto à veracidade dos fatos, quanto à sinceridade dos protagonistas, quanto à oportunidade ou oportunismo das denúncias. Mas o que de fato despertou minha atenção foi a

relativização do racismo presente no futebol brasileiro. Os cronistas utilizavam a todo tempo a expressão preconceito, quando as situações em foco constituíam, na verdade, práticas de discriminação racial. Depois de feita essa constatação, procurei explicar para mim mesma porque existe tanta confusão em torno das palavras preconceito, discriminação racial e racismo. É preciso entender exatamente o significado de cada uma dessas expressões.

Estabelecendo diferenças

O preconceito é basicamente um sentimento negativo (é necessário que haja alguma possibilidade de comparação), um estado de espírito negativamente determinado com relação a um grupo ou pessoa. Ele é fruto da ignorância, de opiniões inexatas e de estereótipos. Os preconceitos são muito genéricos e disseminados. Em todas as épocas e em todo o mundo, os grupos humanos alimentaram preconceitos uns em relação aos outros. Diariamente, enfrentamos inúmeros preconceitos. O racial é um deles.

A discriminação é a materialização dos preconceitos. São as atitudes práticas que dão corpo e ação à disposição psicológica dos preconceitos. No caso específico da discriminação racial são as atitudes de vetar, impedir, dificultar, preterir pessoas (predominantemente negras, no caso brasileiro) em seu processo de desenvolvimento pleno como seres humanos.

O racismo. Ah, o racismo... tão presente em nossas vidas, nas instituições, na cultura e nas relações pessoais e tão ausente do rol de preocupações da intelectualidade brasileira e dos veículos formadores de opinião. A dificuldade de defini-lo – e assumir sua existência entre nós – vem do fato de o racismo constituir-se numa prática social negativa, cruel, humanamente repreensível, com a qual, ninguém, em sã consciência (afora os racistas declarados), deseja se identificar.

Revista Raça Brasil. São Paulo: Símbolo, ano 4, n. 39, nov. 1999, p. 51.

1. O texto lido deve ser considerado prioritariamente:

a) narrativo.

b) publicitário.

c) didático.

d) informativo.

e) normativo.

Texto XXII

CONSUMO ENERGÉTICO E IMPACTOS AMBIENTAIS

Demétrio Magnoli e Regina Araújo

Atualmente, os recursos energéticos mais utilizados no mundo são o carvão, o petróleo e o gás natural, à água e os minerais radioativos: juntos, eles correspondem a cerca de 90% do consumo energético mundial. A utilização de qualquer um deles acarreta danos ambientais. As fontes de energias limpas e renováveis, tais como a energia solar, a eólica e a geotérmica, ainda constituem parcelas desprezíveis no balanço energético mundial, em que pese os grandes investimentos em pesquisa realizados para torná-las mais eficientes e menos caras.

A queima do petróleo, do carvão e, em menor escala, do gás natural, libera gases poluentes na atmosfera, inclusive os gases de estufa. No caso do carvão, os impactos ambientais começam já nos procedimentos de extração – a exploração das grandes minas carboníferas devasta a cobertura vegetal. O transporte marítimo do petróleo é outra atividade potencialmente impactante, devido aos riscos de vazamento.

As grandes usinas hidrelétricas exigem a inundação de vastas áreas, causando alterações profundas nos ecossistemas. Também a fauna aquática dos rios pode ser seriamente afetada pela construção de barragens, que muitas vezes impossibilitam a migração sazonal, necessária para a reprodução de muitas espécies de peixes. Nas regiões onde a pesca é uma atividade econômica importante, o problema se torna ainda maior.

A energia nuclear, além do risco de acidentes, gera resíduos com grande poder de contaminação. A água aquecida pelos reatores transfere calor para os rios, mares e depósitos subterrâneos pelos quais circula, causando um tipo especial de poluição térmica capaz de comprometer os ecossistemas.

Certas correntes do pensamento ambientalista sustentam que despoluir o planeta implica diminuir a utilização desses recursos, ou, pelo menos, mantê-la em níveis próximos aos atuais. Entretanto os níveis de consumo vigentes nos países ricos são muitas vezes superiores aos dos países pobres. Assim, os patamares atuais excluem grande parte da humanidade não apenas da condição de poluidores, mas, principalmente, do consumo de bens e serviços considerados essenciais, e que precisam de energia para ser produzidos e distribuídos. Por isso, outras correntes defendem que a solução mais correta seria a adoção de padrões de consumo compatíveis com a sustentabilidade ambiental dos países ricos.

1. O texto lido pertence ao tipo de texto informativo; pode-se dizer sobre a estrutura desse texto que:

a) os dados fornecidos como informação são totalmente desconhecidos dos leitores.

b) o autor procura despertar interesse, por meio do suspense, nos possíveis leitores.

c) as informações fornecidas são fundamentadas em opiniões pessoais dos autores do texto.

d) os autores partem do pressuposto de que as informações dadas possuem algum interesse para os leitores.

e) a linguagem empregada é a mais coloquial possível, para que o entendimento do texto seja feito por todas as camadas sociais.

Texto XXIII

POR TRÁS DOS LINKS, AS PESSOAS

O matemático suíço Leonhard Euler foi, em 1780, o precursor do pensamento analítico sobre redes. Suas primeiras ideias diziam que eram compostas por nós e links – elos que ligam os nós. Os links são aleatoriamente espalhados entre os nós, formando redes de distribuição aleatória. A teoria de Euler aponta para o caos, ao sustentar que não existem nós centrais e que toda a rede é desprovida de hierarquia.

A palavra rede tem assumido novas conotações, e novas estruturas de comunicação surgiram, potencializando as possibilidades de conversação e circulação da informação. As estruturas matemáticas criadas por Euler para análise das redes passaram a ganhar maior relevância, mas muitas de suas previsões se mostraram sem sentido quando começamos a olhar para as redes sociais, a forma como os seres humanos se organizam – e para como se articulam nossas ações em rede. Se Euler estivesse correto, os quase 6 bilhões de seres humanos (nós) no planeta deveriam ter aproximadamente o mesmo número de amigos (links). No entanto, nos anos 60, Stanley Milgram, um pesquisador da Universidade de Harvard, realizou um experimento que ficou conhecido como " os seis graus de separação".

A compreensão popular do experimento de Milgram aponta que estamos a apenas seis graus de qualquer pessoa no mundo. Exemplo: será que conheço alguém, que conhece outro alguém, que conhece alguém que te conhece? Estar no máximo a seis níveis de separação de qualquer outra pessoa significa que o mundo é pequeno pra caramba. Entretanto, os resultados que Milgram obteve de seus experimentos foram mais radicais. Bem diferentes. Ele descobriu situações como as seguintes:

- três níveis de separação: algumas pessoas possuem links privilegiados, logo conseguem conectar-se com outras por três níveis de separação;
- cem níveis de separação: outras pessoas precisam em torno de cem links para chegarem a outras pessoas. É sinal de que são grupos de pessoas bem mal conectados, mal posicionados na estrutura das redes sociais;
- sem links: muitas pessoas possuem poucos ou nenhum link, restando como verdadeiras ilhas isoladas dentro da sociedade.

Surge, do experimento de Milgram, uma nova forma de enxergar as redes. O foco está nas experiências sociais. Os nós não seriam conectados aleatoriamente uns aos outros. Alguns deles aglutinam posições estratégicas, como elos. Ou seja, pessoas assumem papéis de protagonismo social a partir de suas possibilidades de conexão com outras pessoas.

Para validar tal premissa, um sociólogo norte-americano, Mark Granovetter, realizou um outro experimento no final dos anos 60. Tinha por objetivo pesquisar a forma como as pessoas procuravam emprego. Granovetter identificou que a sociedade era formada por grupos de pessoas, ou clusters. Ele percebeu que as pessoas que possuíam conexões ou relações distantes com outras fora do círculo familiar tinham duas vezes mais chances de conseguir uma vaga do que pessoas que tinham mais conexões próximas apenas no âmbito da família e dos amigos próximos. A análise de Granovetter era que grupos próximos mais fortemente conectados possuíam interesses similares, logo com menos possibilidades de inserção.

Essas descobertas geraram uma revolução no pensamento da sociologia da época. Novas propostas de como potencializar as conexões entre as redes sociais começaram a surgir. Pensando estrategicamente, o número de conexões era fundamental para ampliar a circulação da informação, seja de ideias, de vagas de emprego ou de experiências compartilhadas.

Coincidentemente ou não, estamos falando da mesma época do surgimento da Internet, as primeiras conexões entre computadores, permitindo que mensagens bastante simples fossem trocadas e que pessoas pudessem estabelecer novos links de conexão entre si.

A tecnologia que vinha sendo desenvolvida parecia permitir uma ampliação nesse potencial de conexão entre as pessoas, criando novas possibilidades de ampliação da capilaridade das redes sociais. Novas formas de conexão, de estabelecimento de links, novas formas de desenharmos nossas próprias redes e os grupos de pessoas organizados em torno da tecnologia. Surgia a dinâmica do virtual, do e-mail, das listas de discussões e das possibilidades de nos linkarmos usando as tecnologias da rede.

De lá para cá, muitas ideias foram implementadas, muitas tecnologias foram desenvolvidas. Surgiram Yahoo, Google, Orkut, MySpace, Facebook, Ning, Blogger, Youtube e tantas outras possibilidades de conversação em rede. Das muitas promessas de ampliação da conexão e do " todos conversando com todos", que as tecnologias da informação trouxeram, ainda observamos os mesmos padrões de comportamento das redes: clusters extremamente influentes nas articulações em rede e grupos isolados, com pouca ou nenhuma conectividade.

Novas tecnologias e novos desafios pela frente. O cenário está montado. Emerge um espaço para construção de um diálogo contínuo por várias lentes e percepções das dinâmicas de conversação, de desenvolvimento e ação que as novas tecnologias permitem a partir da construção de novas formas de redes sociais.

(Dalton Martins e Hernani Dimantas. In: Le Monde Diplomatique Brasil, outubro de 2007)

1. O texto XXIII deve ser classificado como:

a) descritivo, somente.

b) narrativo, somente.

c) narrativo-descritivo.

d) dissertativo.

e) injuntivo.

Texto XXIV

CRITÉRIO ARRISCADO

O exemplo veio da maior economia do mundo: as agências de regulação e desenvolvimento – caso da SEC (Securities Exchange Comission) americana, e da CVM brasileira – têm que ser mantidas a salvo da submissão ou das influências políticas. Esta é a melhor forma de preservar a independência de organismos desse tipo cuja eficiência e utilidade para a economia do país são consequência direta de sua credibilidade e da independência de seus dirigentes.

Recentemente, nos Estados Unidos, o presidente da SEC, Harvey Pitt, viu-se compelido a renunciar a seu mandato. Motivo? Ele teria iludido seus colegas de conselho (diretoria da SEC), para conseguir maioria na escolha de William Webster para a liderança de um novo comitê que supervisionará a indústria da contabilidade no país.

Para conseguir o que pretendia, Pitt deixara de informar os demais membros do conselho da SEC que Webster fora chefe de auditoria de uma das companhias que, recentemente, se envolveram com fraudes contábeis. Pitt havia sido indicado para o cargo por Bush, no ano passado, e deveria cumprir um mandato de quatro anos. Diante dos fatos que envolviam Webster, e que eram parte da onda de escândalos financeiros que assola os Estados Unidos há mais de um ano, Pitt não teve alternativa.

No Brasil, o mandato fixo, de quatro anos, para os diretores e presidente da CVM, existe como forma de preservar sua independência.

Ao serem empossados em seus cargos, o presidente e diretores da Comissão de Valores Mobiliários assumem com o país os compromissos de moralidade e legalidade de seus atos, que são comuns todos os servidores públicos. E tendo em vista a gravidade de sua missão, frequentemente confrontada com interesses do mercado e do próprio governo, têm como forma de defesa de sua independência a duração de seu mandato.

A lição recente dos Estados Unidos, em que o mandato fixo não foi suficiente para amparar a ilegalidade, é boa para americanos e serve para o Brasil. O episódio Pitt mostra que o mandato de quatro anos é bom para preservar a independência dos dirigentes da agência, mas não pode servir de escudo no momento em que o agente público atue contra os superiores interesses da moralidade e da legalidade.

Mostra, também, que a melhor forma de evitar constrangimentos futuros, na escolha de dirigentes com mandatos fixos, ainda é a observância dos critérios de competência técnica e de moralidade. A pura e simples filiação partidária não deve habilitar ninguém a cargos desse tipo. O risco é um eventual constrangimento, como o que Bush experimentou ao nomear Harvey Pitt.

(Jornal do Brasil, 17/11/2002, p. A14.)

1. Do ponto de vista do modo de organização do discurso, pode-se afirmar que os parágrafos do texto são:

a) narrativos, apesar de o objetivo do texto ser essencialmente argumentativo.

b) argumentativos, mas estruturados de acordo com o modelo narrativo.

c) argumentativos, sendo que o segundo e o terceiro parágrafos têm estrutura narrativa.

d) narrativos, sendo que o primeiro, o quarto e o quinto parágrafos têm estrutura argumentativa.

e) descritivos, mas a serviço de um texto cujo objetivo é predominantemente narrativo.

Texto XXV

Vários historiadores têm procurado entender a originalidade da monarquia brasileira vinculando-a à chegada da família real ao Brasil em 1808. de fato, é no mínimo inusitado pensar numa colônia sediando a capital de um império. Chamada por Maria Odila Leite da Silva Dias de a " internacionalização da metrópole", a instalação no Brasil da corte portuguesa, que fugia das tropas napoleônicas, significou não apenas um acidente fortuito, mas um momento angular da história nacional e de um processo singular de emancipação. Fuga ou golpe político, o fato é que com D. João e sua família, e contando com a ajuda inglesa, transferiram-se para o país a própria corte portuguesa – cujo número estimado de pessoas chegava a 20 mil, sendo que a cidade do Rio possuía apenas 60 mil almas – e várias instituições metropolitanas. Mas não era só: comerciantes ingleses e franceses, artistas italianos e naturalistas austríacos vinham junto com os baús. Difícil imaginar choque cultural maior.

Transformado em Reino Unido já em 1815, o Brasil passou a distanciar-se, aos poucos, de seu antigo estatuto colonial, ganhando uma autonomia relativa jamais conhecida naquele contexto. A partir de então, o Rio de Janeiro tornou-se capital de Portugal e de suas possessões na África e na Ásia, e os portos brasileiros se abriram ao comércio britânico (seguindo o acerto feito com a Inglaterra, que assegurou o transporte da corte, mas o trocou por esse acordo comercial). Tais fatos alteraram radicalmente a situação da colônia portuguesa na América.

(Adaptado de SCHWARCZ, Lilia Moritz. As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 35-36.)

1. Quanto à organização, afirma-se corretamente que o texto

a) mescla narração e dissertação, mas dá relevo àquela, uma vez que, para a autora, devem ser destacados os acontecimentos e não os comentários avaliativo que eles suscitaram.

b) descreve o modelo administrativo e a organização hierárquica da corte que se transferiu para o Brasil, oferecendo detalhado panorama dos aspectos burocráticos que redundaram no específico feitio da nação brasileira

c) Se restringe à narração do episódio da fuga da família real para a América, destacando suas causas, os meios pelos quais se efetivou e seu impacto sobre a pátria que aqui se formara.

d) Reúne as datas e os acontecimentos tomados como mais relevantes no processo de emancipação do país, para defender a ideia de que, na configuração de um dado quadro político, o mais importante são os antecedentes históricos imediatos.

e) Mobiliza dados históricos e outros trabalhos que se debruçam sobre o tema, com o fito de comprovar a hipótese apresentada sobre a formação da monarquia brasileira.

Texto XXVI

SECRETÁRIA

Luís Fernando Veríssimo

O teste definitivo para você saber se está ou não integrado no mundo moderno é a secretária eletrônica. O que você faz quando liga para alguém e quem atende é uma máquina.

Tem gente que nem pensa nisso. Falam com a secretária eletrônica com a maior naturalidade, qual é o problema? É apenas um gravador estranho com uma função a mais. Mas aí é que está. Não é uma máquina como qualquer outra. É uma máquina de atender

telefone. O telefone (que eu não sei como funciona, ainda estou tentando entender o estilingue) pressupõe um contato com alguém e não com alguma coisa. A secretária eletrônica abre um buraco nesta expectativa estabelecida. É desconcertante. Atendem – e é alguém dizendo que não está lá! Seguem instruções para esperar o bip e gravar a mensagem.

É aí que começa o teste. Como falar com ninguém no telefone? Um telefonema é como aqueles livros que a gente gosta de ler, que só tem diálogos. É travessão você fala,

travessão fala o outro. E de repente você está falando sozinho. Não é nem monólogo. É diálogo só de um.

– Ahn, sim, bom, mmm... olha, eu telefono depois. Tchau.

O " tchau" é para a máquina. Porque temos este absurdo medo de magoá-la. Medo de que a máquina nos telefone de volta e nos xingue, ou pelo menos nos bipe com reprovação.

Sei de gente que muda a voz para falar com secretária eletrônica. Fica formal, cuida a construção da frase. Às vezes precisa resistir à tentação de ligar de novo para regravar a mensagem porque errou a colocação do pronome.

Outros não resistem. Ao saber que estão sendo gravados, limpam a garganta, esperam o bip e anunciam:

– De Augustín Lara...

E gravam um bolero.

Talvez seja a única atitude sensata.

1. Considerando o texto como um todo, podemos classificá-lo predominantemente como:

a) narrativo.

b) descritivo.

c) expositivo.

d) argumentativo.

e) conversacional.

Texto XXVII

A FLOR DO GEÓGRAFO

Dom Marcos Barbosa O.S.B.

Creio que é a terceira vez que venho falar de motoristas. Até parece que vivo andando de táxi. E tenho sempre a sorte de encontrar no volante, ao contrário dos outros, um verdadeiro gentleman.

Para que não me acusem de suspeição e de especial simpatia pela classe, aviso logo que o fato de hoje não se deu comigo, mas como professor francês Pierre Desfontaines. Jamais esqueci, porém, a frase obscura que o ilustre geógrafo foi colher na trepidante Paulicéia.

Pierre Desfontaines, cujo nome nos fala de pedra e de fonte, não podia ser, realmente um geógrafo como os outros...

Ah, os geógrafos! Eles eram todos, quase todos, como o geógrafo do Petit Prince, que se contentava em anotar as montanhas, os rios e as cidades que os exploradores houvessem visto; mas não as flores, santo Deus! porque as flores eram efêmeras. Também não lhe interessava se os vulcões estavam extintos ou não. Só queria saber da terra, da montanha. Não do risco corrido pelos

homens, tão efêmeros quanto a flor. Anotava tudo a lápis. Só depois cobria à tinta, se o explorador se mostrasse fidedigno e trouxesse provas...

Mas felizmente alguns vieram a descobrir a "geografia humana", a geografia em função do homem; e eu vim a descobrir, por minha vez, a geografia humaníssima de Desfontaines, que me fez lamentar o árido estudo do meu tempo de ginásio e as áridas geografias que ainda hoje vejo nas mãos de tantos alunos.

O professor Desfontaines está longe de desprezar as coisas efêmeras. E por isso me trouxe a frase de quatro pétalas, que guardei como flor ressequida em velho livro, e que o chofer lhe entregara.

Voltara Desfontaines a São Paulo, onde havia estado anteriormente e morara algum tempo. Tendo contratado um carro para levá-lo não sei onde, reconheceu, ao passar, o sítio da sua antiga casa. Pediu ao chofer que parasse, saltou, foi redescobrir a fachada que lhe sorriu entre as outras, e em cujas janelas viu aparecerem a mulher e as filhas ausentes, mais moça aquela, menos crescidas estas... Viu-se a si mesmo como era, como fora, como havia sido. Até que, caindo em si – ou antes caindo de si – deu com o automóvel que largo tempo o esperava.

Subiu depressa ao carro, bateu a porta, pediu ao chofer que corresse. Quando chegou, atrasado, ao término da viagem e perguntou o preço, viu com surpresa que o chofer pedia o mesmo que antes haviam combinado.

– Mas (protestou Desfontaines) o senhor esteve parado muito tempo; não quero causar-lhe prejuízo!

E foi então que o chofer disse lentamente a sua frase, a sua flor: " Saudades não se pagam..."

1. Os quatro últimos parágrafos do texto exemplificam um modo de organização discursiva caracterizado como:

a) argumentativo.

b) informativo.

c) expositivo.

d) descritivo.

e) narrativo.

Texto XXVIII

O MEDO SOCIAL

Jurandir Freire Costa

No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado. De repente foi assaltada por um adolescente, que a roubou, ameaçando cortar a garganta do garoto. Dias depois, a mesma senhora reconhece o assaltante na rua. Acelera o carro, atropela-o e mata-o, com a aprovação dos que presenciaram a cena. Verídica ou não, a história é exemplar. Ilustra o que é a cultura da violência, a sua nova feição no Brasil.

Ela segue regras próprias. Ao expor as pessoas a constantes ataques à sua integridade física e moral, a violência começa a gerar expectativas, a fornecer padrões de respostas.Episódios truculentos e situações-limite passam a ser imaginados e repetidos com o fim de caucionar a ideia de que só a força resolve conflitos. A violência torna-se um item obrigatório na visão do mundo que nos é transmitida. Cria a convicção tácita de que o crime e a brutalidade são inevitáveis. O problema, então, é entender como chegamos a esse ponto. Como e por que estamos nos familiarizando com a violência, tornando-a nosso cotidiano.

Em primeiro lugar, é preciso que a violência se torne corriqueira para que a lei deixe de ser concebida como o instrumento de escolha na aplicação da justiça. Sua proliferação indiscriminada mostra que as leis perderam o valor normativo e os meios legais de coerção, a força que deveriam ter. Nesse vácuo, indivíduos e grupos passam a arbitrar o que é justo ou injusto, segundo decisões privadas, dissociadas de princípios éticos válidos para todos. O crime é, assim, relativizado em seu valor de infração. Os criminosos agem com consciências felizes. Não se julgam fora da lei ou da moral, pois conduzem-se de acordo com o que estipulam ser o preceito correto. A imoralidade da cultura da violência consiste justamente na disseminação de sistemas morais particularizados e irredutíveis a ideais comuns, condição prévia para que qualquer atitude criminosa possa ser justificada e legítima.

1. "No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado. De repente foi assaltada por um adolescente…"; a passagem do pretérito imperfeito para o pretérito perfeito marca a mudança de:

a) um texto descritivo para um texto narrativo.

b) a fala do narrador para a fala do personagem.

c) um tempo passado para um tempo presente.

d) um tempo presente para um tempo passado.

e) a mudança de narrador.

2. A narrativa contida no primeiro parágrafo tem a função textual de:

a) exemplificar algo que vai ser explicitado depois.

b) justificar a reação social contra a violência.

c) despertar a atenção do leitor para o problema da violência.

d) mostrar a violência nas grandes cidades.

e) relatar algo que vai justificar uma reação social.

3. O texto acima pode ser classificado, de forma mais adequada, como:

a) narrativo moralizante.

b) informativo didático.

c) dissertativo opinativo.

d) normativo regulamentador.

e) dissertativo polêmico.

Texto XXIX

A PUBLICIDADE INFANTIL DEVE SER PROIBIDA POR LEI?

Gilberto C. Leifert

Há um caminho simples: proibir. Há o caminho correto: educar. Pois cidadãos responsáveis e consumidores conscientes se forjam com informação.

Até recentemente, a sociedade entendia ser a educação tarefa exclusiva de pais e professores. Sabiamente, esse conceito evoluiu. Cobra-se, agora, o compromisso de educar também de veículos de comunicação, publicidade, das artes etc. Não poderia haver reivindicação mais justa, dada a importância da educação – desde que não se esqueça o essencial: a responsabilidade de pais e professores continua sendo intransferível.

O Conar aplica o Código Brasileiro, que cuida da publicidade em geral e que acaba de ser atualizado e ampliado em relação aos anúncios de produtos e serviços destinados a crianças e adolescentes. A autorregulamentação recomenda ainda que os anúncios não desmereçam valores sociais ou provoquem discriminação, em particular daqueles que não sejam consumidores do produto, tampouco associem crianças e adolescentes a situações incompatíveis com sua condição, sejam elas ilegais, perigosas ou socialmente condenáveis.

Mais: a publicidade, entre outras recomendações, não deve: impor a noção de que o consumo do produto proporciona superioridade ou, na sua falta, inferioridade; provocar situação de constrangimento aos pais com o propósito de impingir o consumo; empregar crianças e adolescentes como modelos para vocalizar apelo direto, recomendação ou sugestão de uso ou consumo, tipo " peça para mamãe comprar" ou " faça como eu, use".

Essas recomendações – e outras mais – são, para o Conar, contribuições muito mais efetivas à formação dos futuros consumidores do que a simplista proibição das mensagens.

Lembrando B. Russel: para todo problema complicado há uma solução simples, rápida, de baixo custo e ... errada.

1. O texto é do tipo argumentativo e a tese apresentada por seu autor pode ser resumida do seguinte modo:

a) educar, sim; proibir, não.

b) proibir é melhor que educar.

c) educar é mais fácil que proibir.

d) educar é proibir.

e) proibir, segundo a lei.

Texto XXX

FASCISMO SOCIAL NO PAÍS DO SOCIÓLOGO

Walter Ceneviva – Folha de São Paulo, 16/06/2001

A definição dos objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil está no artigo 3º de nossa Constituição. São todos de grande nobreza e esperança. Valem como pólos de concentração ideal para o povo, como destinos a serem alcançados pelo Brasil, na permanente viagem de nossos sonhos.

O primeiro desses objetivos consiste em realizar uma sociedade livre, justa e solidária. Para ser livre, a sociedade terá liberdades públicas asseguradas a todos. Cidadania livre é cidadania sem intervenção excessiva do poder. No país das medidas provisórias, o cidadão acorda tolhido, dia após dia, com e sem " apagões" e " caladões". Para que a sociedade possa ser tida como justa, é necessário diminuir as distâncias sociais, com pobres menos pobres. Depois que a moeda se estabilizou, durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, honra seja feita, houve melhora nesse campo, mas o Brasil ainda é dos mais atrasados do mundo na satisfação das necessidades sociais do ser humano.

A solidariedade proclamada no texto constitucional deve ser espontânea, colhida na consciência de cada um e, pelo menos, da

população mais aquinhoada em favor dos que têm pouco. A solidariedade do artigo 3º da Constituição precisa, porém, ser catalisada pelo Estado para o trabalho espontâneo em favor dos menos favorecidos. O objetivo social exigirá da administração pública e de seus funcionários que atuem em favor dos cidadãos, com eles e não contra eles, como se os considerassem inimigos. O desenvolvimento nacional, segunda das grandes metas do país, tem ido bem no plano econômico. Progredimos em termos materiais, mas não o quanto baste.

O terceiro e o quarto objetivos fundamentais, previstos no artigo 3º, são projetos de um sonho estratosférico. Erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir desigualdades sociais e regionais é trabalho para séculos. Não há nação do mundo sem faixas de miserabilidades – nem as mais ricas. A promoção do bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação carece de remédio forte, como criminalização das condutas contrárias. Sem a ameaça grave de sanções, a cobra raivosa do preconceito continuará agindo no coração de muitas pessoas.

A Carta proíbe a discriminação entre o homem e a mulher (artigo 5º, I, e artigo 226, parágrafo 5º), contra as liberdades fundamentais, e a prática do racismo (artigo 5º, incisos XLI e XLII). No trabalho, veda distinções quanto ao salário, ao exercício de funções e aos critérios de admissão por motivo de sexo, idade, cor ou estado civil (artigo 7º, inciso XXX). O sociólogo português Boaventura de Souza Santos, professor da faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, falando recentemente a esta Folha, verberou a polarização da riqueza em muitos países, inclusive no nosso, em condições parecidas com a dos Estados fascistas tradicionais. Exemplificou com grupos criminosos que substituem o Estado em certas regiões (vide o PCC) e com a parte corrupta da polícia, colaboradora do crime organizado, não se sabendo onde acaba a administração pública e começa a sociedade.

Boaventura lembra a incapacidade de redistribuição da riqueza, permitindo que o capitalismo opere contra o pobre, e não a favor dele. Chama essa situação de fascismo social. Neste país, presidido por um sociólogo, precisamos meditar sobre as insuficiências gerais e as do direito em particular, afirmadas pelo sábio sociólogo português. Meditar para corrigi-las.

1. O texto que serve de motivo a esta prova pode ser classificado, de forma mais adequada, como:

a) argumentativo opinativo.

b) narrativo moralizante.

c) expositivo informativo.

d) argumentativo polêmico.

e) expositivo didático.

Texto XXXI

AS RAÍZES DO CARÁTER NACIONAL

Dante Moreira Leite

Parece possível distinguir duas tendências fundamentais na reação ao grupo estranho: uma de admiração e aceitação, outra de desprezo e recusa.

Aparentemente, quase todos os seres humanos apresentam essas duas tendências fundamentais. A participação em nosso grupo provoca sentimentos de segurança e bem-estar, pois supomos entender que os que falam a nossa língua têm um passado em comum conosco, e também sabem o que esperar de nós. Mesmo quando nos desentendemos, sabemos por que isso ocorre,

podemos esperar que nosso interlocutor acabe por nos entender e aceitar. E nisso talvez a linguagem desempenhe um papel fundamental, pois os homens geralmente são incapazes de utilizar perfeitamente mais que uma língua, e só naquela aprendida na infância somos capazes de exprimir todas as sutilezas do pensamento, todas as formas de ódio e amor. Além disso, o local em que nascemos e crescemos, a paisagem que conhecemos, tudo isso parece constituir um universo próximo e amigo, cujo reencontro é sempre uma alegria e uma consolação.

No outro extremo, o estrangeiro provoca a nossa desconfiança, às vezes o nosso medo. Nem sempre entendemos os seus gestos e certamente não compreendemos a sua língua. Ele não se veste como nós, a sua fisionomia pode ser diferente da nossa e não adora nossos deuses. Entre os primitivos, o estrangeiro passava por uma complexa cerimônia, destinada a afastar os malefícios que trouxesse de seus demônios; ao voltar de uma viagem, as pessoas deveriam permanecer isoladas por algum tempo, até que delas se afastassem os demônios estranhos, acaso encontrados pelos caminhos.

E, no entanto, sentimos que o contrário também é verdade. Frequentemente sonhamos com o país distante, a terra prometida onde possamos realizar nossos desejos. Sentimos que aqueles que mais nos conhecem são também capazes de ignorar o que de melhor trazemos conosco. E o provérbio " ninguém é profeta em sua terra" traduz precisamente essa ideia de que não podemos compreender integralmente quem está muito próximo de nós. As situações novas, além disso, são atraentes e provocantes: o novo ou o desconhecido parece, pelo menos durante algum tempo, mais belo e atraente do que o velho; os nossos olhos parecem mais penetrantes ao observar a nova paisagem, ao admirar outras figuras humanas.

O caráter nacional brasileiro, SP. Pioneira, 1976. p.11.

1. O texto pode ser predominantemente classificado como:

a) descritivo.

b) narrativo.

c) argumentativo.

d) conversacional.

e) didático.

Texto XXXII

Um novo fantasma ronda os consultórios pediátricos: as lesões músculo-esqueléticas. O alerta vem do médico Clóvis Artur Almeida da Silva, responsável pela Unidade de Reumatologia Pediátrica, do Instituto da Criança, do Hospital das Clínicas (HC), em São Paulo. Segundo o especialista, é cada vez maior o número de pacientes com dores e lesões músculo-esqueléticas provocadas pelo uso excessivo de videogames e computadores. Os sintomas da doença são dores nas mãos e nos punhos, fadiga, comportamento agressivo, cefaléia e dores no abdômen, na coluna e no tórax. Além disso, o médico alerta para outros problemas que podem estar associados ao uso de computadores e videogames: a obesidade, o desinteresse pelo alimento (anorexia) e as convulsões por fotoestimulação, que acontecem em crianças já propensas ao problema.

1. Pelo conteúdo e estrutura do texto, pode-se dizer que sua preocupação maior é:

a) ensinar.

b) informar.

c) prever.

d) prevenir.

e) atemorizar.

Texto XXXIII

POR QUE O BUDISMO ENCANTA O OCIDENTE?

Frei Betto

O budismo faz tanto sucesso no Ocidente porque possui características que correspondem às tendências da pós-modernidade neoliberal. Num mundo em que muitas religiões se sustentam em estruturas autoritárias e apresentam desvios fundamentalistas, o budismo apresenta-se como uma não religião, uma filosofia de vida que não possui hierarquias, estruturas nem códigos canônicos. No budismo não há a ideia de Deus, nem de pecado. Centrado no indivíduo e baseado na prática da yoga e da meditação, o budismo não exige compromissos sociais de seus adeptos, nem submissão a uma comunidade ou crença em verdades reveladas. Há, contudo, muitos budistas engajados em lutas sociais e políticas. Nessa cultura do elixir da eterna juventude, em que o envelhecimento e morte são encarados, não como destinos, mas como fatalidades, o budismo oferece a crença na reencarnação. Acreditar que será possível viver outras vidas além dessa é sempre consolo e esperança para quem se deixa seduzir pela ideia da imortalidade e não se sente plenamente realizado nessa existência.

Outro aspecto do budismo que o torna tão palatável no Ocidente é a sua adequação a qualquer tendência religiosa. Pode-se ser católico ou protestante e abraçar o budismo como disciplina mental e espiritual, sem conflitos. Mesclar diferentes tradições religiosas é uma tendência crescente para quem respira a ideologia pós-moderna do individualismo exacerbado, segundo a qual cada um de nós pode ser seu próprio papa ou pastor, sem necessidade de referências objetivas. Como método espiritual, o budismo é de grande riqueza, pois nos ensina a lidar, sem angústia, com o sofrimento; a limpar a mente de inquietações; a adotar atitudes éticas; a esvaziar o coração de vaidades e ambições desmedidas; a ir ao encontro do mais íntimo de nós mesmos, lá onde habita aquele Outro que funda a nossa verdadeira identidade.

1. Pela estrutura e conteúdo, a melhor definição para esse tipo de texto é:

a) narrativo didático, pois ensina e mostra diferentes aspectos em ordem cronológica.

b) expositivo preditivo, pois antecipa situações futuras das relações entre as crenças.

c) argumentativo polêmico, pois apresenta ideias que defendem uma posição contra outras possíveis.

d) descritivo informativo, pois informa características novas sobre o budismo, que são de interesse geral.

e) dissertativo normativo, pois visa dar normas de conduta aos leitores.

Texto XXXIV

A CIÊNCIA NO SÉCULO XXI

Noventa e sete por cento das espécies vivas, 80.000 proteínas produzidas pelo corpo e bilhões de galáxias ainda não foram identificados. Quase nada sabemos da natureza do Universo, da origem da Vida, do funcionamento dos climas, do desenvolvimento do embrião e do cérebro.

Provavelmente não se descobrirá ainda no século XXI de onde surgiu o Universo, nem como começou a vida na Terra, nem como o cérebro engendra o pensamento e a consciência, nem se outras formas de vida existem em outros lugares. Em compensação, outras questões que hoje não são formuladas serão resolvidas, pois se descobrirá que certas respostas consideradas definitivas

estavam totalmente equivocadas.

(Dicionário do século XXI – Jacques Attali)

1. O livro de onde foi retirado esse texto é um dicionário sobre o século XXI, publicado no século XX, o que o mostra como um livro de profecias.

Analise os itens a seguir:

I. " Noventa e sete por cento das espécies vivas, 80.000 proteínas produzidas pelo corpo e bilhões de galáxias ainda não foram identificados."

II. " Quase nada sabemos da natureza do Universo, da origem da Vida, do funcionamento dos climas, do desenvolvimento do embrião e do cérebro."

III. " Provavelmente não se descobrirá ainda no século XXI de onde surgiu o Universo, nem como começou a vida na Terra."

IV. " Em compensação, outras questões que hoje não são formuladas serão resolvidas."

O(s) item(s) que melhor mostra(m) a presença desse discurso preditivo é/são:

a) I – II

b) III – IV

c) IV

d) II – III – IV

e) I – II – III – IV

Texto XXXV

A ARTE NA NOSSA VIDA

Jô Oliveira e Lucília Garcez

Você pode pensar que não conhece arte, que não convive com objetos artísticos, mas estamos todos muito próximos da arte. Nossa vida está cercada dela por todos os lados. Ao acordar pela manhã e olhar o relógio para saber a hora, você tem o primeiro contato do dia com a arte. O relógio, qualquer que seja o seu desenho, passou por um processo de produção que exigiu planejamento visual. Especialistas estudaram e aplicaram noções de arte. A forma do seu relógio é resultado de uma longa história da imaginação humana e das suas preferências. A cor, a forma, o volume, o material que foram escolhidos estão testemunhando o tempo e a transformação do gosto e da técnica. Ao observá-lo, você observa que é um objeto antigo ou moderno, você reconhece que quem o desenhou preferia formas curvas ou retas, ou ainda dourado, e até pedrinhas brilhantes. Quem escolhe um relógio para comprar decide com base em suas preferência pessoais. Alguns preferem os mais elaborados, outros preferem os mais simples. É o gosto pessoal que predomina, e este pode variar infinitamente. Varia porque recebe influências de acordo com a idade, com a época, com o meio social em que a pessoa vive. E, como nos diz a sabedoria popular: " gosto não se discute". Mas, quem sabe, possamos discutir o gosto? Em outros objetos do seu quarto e de seu cotidiano você pode observar a presença da arte: na estampa de seu lençol, no desenho da sua cama, no formato da sua escova de dentes, no desenho da torneira e da pia do banheiro, na xícara que você toma leite, nos talheres, no modelo do carro, no formato do telefone. Em todos os objetos há um pouco de arte aplicada. Esse esforço para produzir objetos bonitos, agradáveis ao olhar atraentes e

harmoniosos, está em todas as culturas, em todas as civilizações. E em nosso dia a dia.

1. Pela leitura do texto, podemos classificá-lo como:

a) informativo.

b) didático.

c) publicitário.

d) instrucional.

e) normativo.

Texto XXXVI

AS TARTARUGAS DE HERON

Heloísa Seixas

Amanhece na ilha de Heron. Sobre a imensa faixa de areia, que se estende em curva até desaparecer na bruma da manhã, despeja-se uma lua violácea, que pouco a pouco se encorpa. Mas é somente quando o sol oblíquo já incide sobre as areias e a água, sobre a vegetação rasteira e os tufos de algas que brilham nas pedras com a maré baixa, é só então – nunca antes – que se pode notar o primeiro movimento na praia.

De início, quase imperceptível. Alguns grãos de areia deslocados, apenas. Depois um movimento um pouco mais brusco, mais ousado, pequeno terremoto subterrâneo que suga a areia para dentro de si mesma. Os grãos estremecem, revoltam-se, até que, finalmente, após longa luta, uma forma de cor escura irrompe à superfície. É a cabecinha de uma tartaruga.

Logo, surgem outras. E mais outras, por toda parte. Ao longo de uma enorme extensão de areia, as tartarugas recém-nascidas caminham com seus passos incertos em direção ao mar da Austrália. Nem todas conseguirão alcançá-lo. Muitas morrerão ao longo do caminho até as ondas, levadas por aves predadoras, ou se perderão, confundidas pelo sol. Outras, tenazes, resistirão. Serão mais rápidas ou terão mais sorte – e logo seus pequenos corpos escuros serão apenas uma nódoa no mar de esmeralda líquida. Estarão salvas para cumprir seu destino.

E esse destino é nadar, seguir em frente. As tartarugas de Heron, assim que mergulham no mar, nadam incansavelmente em direção à Nova Zelândia, atravessando as águas do Mar da Tasmânia por anos a fio. Levam praticamente a vida toda nessa travessia, apenas para, um dia, voltar. Então, descrevem uma longa curva e atravessam de volta o oceano, rumo à mesma praia da ilha de Heron onde nasceram. Ali, já adultas, vão pôr seus ovos na areia – para que o ciclo da vida recomece.

Soube de tudo isso ao assistir a um documentário na televisão. E fiquei pensando. As tartarugas de Heron se parecem um pouco conosco.

Elas, como nós, atravessam o longo arco da vida – tão atribulada, tão cheia de batalhas – e, no fim das contas, vão parar no mesmo lugar. São navegantes sem sentido, mas que continuam, sempre e sempre, nadando rumo a seu destino. Nadam com grande afinco, empregando nas braças toda a sua energia, ano após ano, sem saber bem por que o fazem, talvez sem sequer pensar no sentido dessa trajetória. Mas vão em frente, navegam – como nós. Porque é preciso.

1. O texto começa pela descrição da ilha de Heron. Um texto descritivo é caracterizado fundamentalmente por:

a) ações que ocorrem em uma sequência cronológica.

b) reflexões sobre aspectos problemáticos da vida.

c) registro de elementos caracterizadores de uma realidade.

d) citação de informações sobre determinado objeto.

e) conjunto de pensamentos inacabados.

2. Fernando Pessoa, grande poeta português, disse em um de seus poemas que "Navegar é preciso, mas viver não é preciso"; as últimas palavras do texto:

a) demonstram que a autora do texto plagiou o poeta.

b) mostram que Fernando Pessoa conhecia a vida das tartarugas.

c) indicam a presença de um texto em outro.

d) documentam uma paródia das palavras do poeta.

e) ironizam as belas palavras do poema.

Texto XXXVII

PRISÃO DE VENTRE NA ALMA (fragmento)

Leandro Konder

Todos estamos nos tornando, hoje, mais desconfiados do que no passado. Com exceção das pessoas que se dispõem a pagar um preço altíssimo por uma unidade monolítica, somos todos bastante divididos interiormente.

Para o bem ou para o mal, vão rareando as convicções inabaláveis. Uma parte de nós quer acreditar, outra é descrente. Gostaríamos de ter segurança para acreditar em coisas que ninguém pode assegurar que são inteiramente dignas de nossa confiança.

As verdades do crente dependem da fé, enquanto a fé existe. Mas a fé também pode deixar de existir; ela não depende da razão, nem da ciência; depende de Deus, que a deu e pode tirá-la. O filósofo Pascal já no século XVII afirmava que a nossa razão serve, no máximo, para nos ajudar a fazer apostas mais convenientes.

As verdades científicas, por sua vez, dependem da história, são periodicamente revistas, reformuladas. As novas descobertas e as novas invenções não se limitam a complementar os conhecimentos já adquiridos: exigem que eles sejam rediscutidos e às vezes drasticamente modificados.

E as verdades filosóficas? Quanto maiores forem os pensadores que as enunciam, mais acirrada será a controvérsia entre eles. As verdades filosóficas se contradizem, umas questionam as outras.

Somos envolvidos, então, por uma onda de ceticismo. É possível que essa onda já tenha tido alguns efeitos favoráveis à liberdade espiritual dos indivíduos, ao fortalecimento neles do espírito crítico. É possível que ela tenha de algum modo "limpado o terreno" para um diálogo mais desenvolto entre as criaturas, para valores mais comprometidos com o pluralismo, contribuindo para a superação de algumas formas rígidas e dogmáticas de pensar.

Dentro de limites razoáveis, o ceticismo atenua certezas, suaviza conclusões peremptórias e abre brechas no fanatismo. Na medida em que se espraia indefinidamente, contudo, ele traz riscos graves. A própria dinâmica de um ceticismo ilimitado apresenta uma contradição insuperável.

O poeta Brecht expressou esse impasse num poeminha que tem apenas três versos e que não pode deixar de ser reproduzido aqui:

“ Só acredite no que seus olhos veem e no que seus ouvidos escutam.

Não acredite nem no que seus olhos veem e seus ouvidos escutam.

E saiba que, afinal, não acreditar ainda é acreditar.”

Realmente, quem não acredita, para estar convencido de que não está acreditando, precisa acreditar em seu poder de não acreditar. Aquele que não crê, curiosamente, está crendo na sua descrença.

1. O texto de Leandro Konder deve ser considerado como:

a) didático.

b) informativo.

c) argumentativo.

d) expressivo.

e) narrativo.

2. Característica abaixo que marca predominantemente os textos descritivos é:

a) a atenção às ações ou acontecimentos.

b) a sucessão temporal.

c) uso do pretérito perfeito do indicativo.

d) a presença marcante de substantivos e adjetivos.

e) pretende discutir, informar ou expor.

Gabarito comentado:

Textos I e II

1. D. Ambos os textos apresentam linguagem formal, sem apresentarem discurso coloquial.

Texto III

1. D. O texto “ Protesto tímido” é um exemplo de crônica, por ser narrativo, com aspectos dissertativos. O autor vem relatar o que lhe aconteceu certo dia ao se deparar com um menor abandonado. Ao longo do texto, ele descreve características do menor, bem como das cenas em que se envolveu, tecendo também comentários sobre o problema que a narração ilustra. A letra A, portanto, é eliminada, já que se trata de narração e não de registros históricos; a letra B não deve ser considerada, já que o estilo a predominar é o narrativo. Quanto à letra C, não se trata necessariamente de uma coluna de jornal. No entanto, a letra D diz que este é um pequeno conto, fato que pode se perceber pela extensão do texto, que não é verdadeiro.

2. B. Os tempos verbais – pretérito imperfeito e pretérito perfeito – são características dos modos descritivo e narrativo, respectivamente. A descrição indica ações contínuas, duradouras – representadas pelo pretérito imperfeito. Já o pretérito perfeito evidencia ações que se sucederam em uma evolução cronológica – característica do texto narrativo.

3. D. O uso da primeira pessoa do plural é uma forma de o narrador se incluir no texto, manifestar sua opinião. Nesse caso,

eliminam-se automaticamente as outras opções da questão.

4. B. Ainda que o narrador manifeste comiseração (“ escurinho, de seis ou sete anos, não mais”), certa revolta (“ vinte e cinco milhões de menores – um dado abstrato, que a imaginação não alcança”), desprezo (“ Imagino que ele venha a ser um desses que se esgueiram como ratos em trono aos botequins e lanchonetes e nos importunam cutucando-nos de leve – gesto que nos desperta mal contida irritação”) e tristeza (“ Para entender, só mesmo imaginando meu filho largado no mundo...”), o tom predominante no texto, que aparece fortemente ao final do texto é o de remorso (“ Mas a verdade é que hoje eu vi meu filho dormindo na rua, exposto ao frio da noite, e além de nada ter feito por ele, ainda o confundi com um monte de lixo.”).

5. A. Pergunta retórica é aquela que não busca resposta por parte do interlocutor, muitas vezes por ser esta óbvia, que é o que ocorre com a letra A. As outras perguntas não são retóricas por suscitarem reflexão por parte do leitor do texto – suas respostas são importantes para a compreensão da mensagem do texto.

Texto IV

1. D. O título do texto apresenta tom irônico. O autor, com o uso das aspas, já indica sua opinião – o ato de pichar é mais um comportamento vândalo do que um ato de livre manifestação.

2. A. O texto IV é dissertativo polêmico, pois apresenta duas formas de se encarar a mesma questão: o ato de pichar como resultado da liberdade de expressão ou como vandalismo. Quanto à letra B, o que se tem é a inversão das características: a liberdade de expressão é legal e o vandalismo é ilegal. Já a letra C não está correta porque só o primeiro argumento é a favor do aparecimento das pichações, não os dois. No entanto, a letra D extrapola o texto, pois não se tratou do pensamento das autoridades sobre as pichações. E a letra E está errada, pois não são duas realidades que ocorrem simultaneamente: pelo contrário – elas se excluem.

3. D. Ainda que o autor manifeste claramente sua crítica a respeito do tema, o texto é dissertativo polêmico, pois apresenta duas visões do mesmo assunto.

Textos V e VI

Letra A – Ambos os textos são dissertativos. Assertiva errada.

Letra B – Assertiva certa. O primeiro texto fala das fronteiras das nações-estados e as fronteiras da empresa moderna, tema mais específico, menos amplo do que o do segundo texto, que trata das estruturas políticas mundiais.

Letra C – Assertiva errada. Ambos os textos trazem a tecnologia sob uma visão positiva.

Letra D – Assertiva errada. O texto V é que fala da alteração das políticas atuais.

Letra E – Assertiva errada. Ambos os textos são dissertativos. *Das nações-estados* e *o alcance da empresa moderna*. Já o segundo texto trata de um âmbito mais amplo, de nível mundial.

Texto VII

1. A. A primeira linha do texto é reescrita na letra A, pois, ao se falar em “ recente documento”, está se falando em “ atualidade” e ao mencionar “ elaborado pelo IBGE”, quer-se dizer “ credibilidade”.

2. C. As letras A e D são eliminadas por falarem em “ criticar” e “ mostrar soluções”, características do texto argumentativo, e não informativo. A letra B extrapola o problema apresentado pelo texto ao mencionar “ poluição ambiental”. Da mesma forma, a letra E extrapola, pois o texto não trata dos principais problemas do país. Por ser informativo, o texto tem como meta aumentar

o conhecimento do leitor sobre o assunto em questão – o lixo.

3. B. O texto é informativo, tem como função prioritária denunciar um grave problema. As outras alternativas devem ser eliminadas, pois o texto não é argumentativo, com valor de conselho, acusação, crítica ou elogio.

Texto VIII

1. C. Ao se falar da " marca da morte", alude-se aos males produzidos pelo fumo; além disso, a expressão " marca nos cigarros" alude às embalagens do cigarro. A letra A omite a informação sobre as embalagens dos cigarros, presente no título. A letra B extrapola o título. A letra D contradiz o texto. A letra E, embora seja condizente com o texto, não é a reescritura do seu título.

2. E. O que se depreende do texto é que o jornalista, ao citar por extenso o significado da forma abreviada ANVS, pretendia esclarecer eventuais dúvidas por parte de algum leitor. A letra A não é verdadeira porque a tradução de uma abreviatura não transforma um texto algo mais ou menos resumido. A letra B é uma generalização excessiva – os textos informativos podem ou não usar abreviaturas. A letra C é uma extrapolação, pois explicitar uma abreviatura não significa direcionar um texto para uma classe não culta. Já a letra D vai além do objetivo do autor do texto, pois esclarecer uma abreviatura não pode significar a intenção do autor de enfatizar o poder de uma lei.

3. C. A resolução da ANVS é um texto normativo, pois estabelece regulamento, norma. Já o texto-imagem é publicitário, pois procura convencer o leitor a aderir a uma ideia: fumar prejudica a saúde.

4. E. Todas as alternativas representam características do texto informativo, exceto a última: o autor procura ser objetivo e impessoal, daí não serem comuns trechos interativos com o leitor.

Texto IX

1. A. O início do 2º parágrafo é a chave para essa resposta, pois afirma que o anúncio de revista é " fantástico para um sujeito que dispõe desse tempo...". A letra B apresenta uma generalização excessiva. Quanto à letra C, o texto não afirma que somente o texto rico em informações é capaz de convencer o leitor a comprar um produto; no entanto, a letra D confunde quantidade de informações com gosto estético e a letra E extrapola o texto.

2. C. O texto que explica, expõe dados, é o texto informativo. Já aquele que trata do funcionamento de algum objeto é o texto instrucional, que instrui o leitor a realizar algum tipo de ação. Eliminam-se, portanto, as outras alternativas.

3. A. Mais explicitamente no quarto parágrafo, o autor deixa clara a sua intenção de " vender uma ideia" – o outdoor (" Ótimo para anúncios institucionais ou promocionais de qualquer produto ou serviço"). Excluem-se automaticamente as outras opções.

4. E. O horóscopo, por ser um texto preditivo, é rico em previsões; o livro didático possui como meta ensinar; o dicionário é um texto que apresenta definições, conceitos; a bula de remédio, por ser um texto informativo, é rica em informações. Entretanto, o outdoor possui como característica principal a ausência de detalhes. A letra E contradiz o texto.

Texto X

1. E. O texto deve ser classificado como dissertativo didático – seu objetivo é ensinar o leitor como se processa uma entrevista. O único parágrafo que não apresenta tal tom didático, por veicular uma opinião do leitor, é o último: ele é o único parágrafo com características argumentativas.

Texto XI

1. B. Ao se falar em água insalubre, o autor antecipa a conotação negativa da água, que será tratada no texto, daí eliminarmos as letras A e C. Quanto à letra D, o título só anuncia um problema, não tendo, portanto, conteúdo trágico. A letra E é falsa, pois o assunto da Aids é mencionado no texto, não no título.

2. B. O texto tem como meta informar, acrescentar informações ao leitor acerca de um grave problema – a água.

Texto XII

1. B. O texto " Raízes" é um texto narrativo, composto de duas histórias – uma narrativa que se inicia na linha 3, que é secundária, sobre uma pedreira – e uma narrativa principal, que é a base do texto, sobre uma inglesa de origem afegã. É a essa narrativa que o autor alude na 3ª linha, quando anuncia " a história que eu vou contar".

Texto XIII

1. C. O texto XIII é informativo, sua principal finalidade é informar sobre uma época em que o ser humano não sabia contar.

Texto XIV

1. B. O texto XIV é expositivo – ele expõe fatos, problemas. Além disso, o autor manifesta, ao longo de sua exposição, um tom de crítica. Entretanto, não podemos considerar o texto argumentativo, pois ele não vem defender uma tese – ele somente expõe evidências.

Texto XV

1. D. Ao solicitar segmento do texto em que o autor interfira no seu conteúdo, o que se pretende é um trecho que seja responsável pela organização da argumentação do texto, que é " fico então com as desvantagens". Aqui, o autor organiza o conteúdo textual, anunciando que a base argumentativa do texto é falar sobre as desvantagens do mundo virtual.

2. E. O texto é dissertativo argumentativo. Sua meta é defender a tese, devidamente explicitada em seu último parágrafo do texto: " Viver plugado a uma corrente de pessoas e informações...agride o que o ser humano tem de melhor e insubstituível...".

Textos XVI e XVII

1. A. Segundo o texto, o pai não chega a aprovar o comportamento do filho, apenas o aceita " ponderei o fato de meu filho não ser um veículo para que eu coloque em prática o meu projeto de ser humano". No entanto, a postura do filho é de aprovação, já que o piercing foi sua escolha.

2. E. Ambos os texto são narrativos – relatam acontecimentos.

Texto XVIII

1. A. O texto é dissertativo – nele o autor utiliza-se de abstrações, conceitos. Sua meta é falar sobre " a linha tênue e imprecisa que divide realidade e sonho, sanidade e loucura". Sendo assim, sua narrativa caracteriza-se como uma estratégia de discurso – seu objetivo é ilustrar o pensamento do autor.

Texto XIX

1. D. Ainda que o texto apresente muitas informações – dados estatísticos resultantes de pesquisas – sua meta é defender a urgência de " fazer o turista se sentir mais seguro no Rio".

Texto XX

1. A. O objetivo do texto é especular, conjecturar sobre a vida daqui a uma grande quantidade de anos. Vale observar que o autor não apresenta tom de certeza, precisão, daí não ser esse texto informativo. Da mesma forma, o texto não prevê o futuro, pelo contrário, ele é finalizado por meio de uma série de perguntas, questionamentos.

Texto XXI

1. C. O objetivo da autora é ensinar a diferença entre racismo, discriminação e preconceito. Atente aos detalhamentos do texto e à apresentação de definições – tudo isso confere um tom didático ao texto lido. Assim, eliminam-se as outras alternativas. A letra D é falsa, pois o texto vai além da tarefa de informar – ele pretende ensinar.

Texto XXII

1. D. A letra A não está correta, pois não se pode afirmar que os dados apresentados pelo texto sejam totalmente desconhecidos pelos leitores. Quanto à letra B, não se pode afirmar que o texto se utilize de suspense – o autor apresenta de imediato as informações ao leitor. Na letra C, não se pode afirmar, tratando-se de um texto informativo, que suas informações são fruto de opiniões do autor. A letra D está correta, pois apresenta uma característica marcante do texto informativo – seu conteúdo deve ter, ao menos presumidamente, conteúdo de interesse para o leitor. Quanto à letra E, o texto não trata de linguagem coloquial – o texto informativo deve ter linguagem simples, mas não informal.

Texto XXIII

1. D.

Texto XXIV

1. C. O texto é predominantemente dissertativo argumentativo. Sua meta é defender uma tese explicitada nos dois últimos parágrafos do texto – a de que o mandato de quatro anos " não pode servir de escudo no momento em que o agente público atue contra os superiores interesses da moralidade e da legalidade", bem como " a melhor forma de evitar constrangimentos futuros, na escolha de dirigentes com mandatos fixos, ainda é a observância dos critérios de competência técnica e de moralidade". Vale observar que, ainda que a argumentação predomine, pode-se observar no texto características expositivas (4º e 5º parágrafos), onde o autor expõe o que sabe sobre o assunto, assim como narrativas (2º e 3º parágrafos), em que o autor relata acontecimentos sobre o episódio Pitt.

Texto XXV

1. E. O texto deve ser classificado como dissertativo, pois discorre sobre um assunto apresentado no início e retomado ao final do texto: a originalidade da monarquia brasileira. Seu objetivo não é contar a história sobre a vinda da família real ao Brasil, mas de apresentar fatos que ilustrem essa hipótese. Dessa forma, eliminam-se as letras A e C. A letra B, ao utilizar o verbo " descreve", a banca insinua que o texto é descritivo, fato que não é verdadeiro. A letra D é falsa, pois o texto não defende a ideia de que " o mais importante são os antecedentes históricos imediatos".

Texto XXVI

1. D. O objetivo do texto é o de discorrer sobre as transformações do mundo moderno e o autor utiliza a secretária eletrônica como um símbolo de modernidade. Sendo assim, o texto deve ser caracterizado como predominantemente dissertativo opinativo. A narração é uma estratégia utilizada para ilustrar sua tese – uma maneira de ilustrar o seu pensamento.

Texto XXVII

1. A. O texto lido deve ser classificado como predominantemente dissertativo argumentativo. Seu objetivo é discorrer sobre as vantagens da geografia humana em detrimento da árida geografia física. Entretanto, os quatro últimos parágrafos apresentam uma narrativa, utilizada para ilustrar o pensamento apresentado pelo texto.

Texto XXVIII

1. A. Na passagem do verbo no pretérito imperfeito (" dirigia") ao pretérito perfeito (" foi assaltada"), assinalou-se uma mudança de um trecho descritivo, em que o autor caracterizava uma cena, a um texto narrativo, com evolução cronológica.

2. A. O trecho narrativo é utilizado para ilustrar a defesa de tese que será desenvolvida na sequência textual. Conta-se uma história primeiro, para se defender uma tese depois – a banalização da violência.

3. C. O texto deve ser classificado como dissertativo opinativo, ou argumentativo, pois sua intenção é discorrer sobre uma tese, já elucidada ao final do 1º parágrafo (" o que é a cultura da violência, sua nova feição no Brasil") e retomada ao final do texto (" a imoralidade da cultura da violência"). A narração, mesclada com descrição, apresentada no 1º parágrafo serviu apenas para ilustrar a tese do autor.

Texto XXIX

1. A. Esse texto é um bom exemplo de argumentação. Por meio de argumentos apresentados ao longo da dissertação, o autor pretende defender a tese de que o melhor é educar e não proibir (" Há um caminho simples: proibir. Há o caminho correto: educar.").

Texto XXX

1. A. O objetivo do texto é o de defender uma tese – a de que os objetivos fundamentais do art. 3º da Constituição valem como destinos a serem alcançados pelo Brasil. Eliminam-se as outras alternativas. Atente à letra D: a intenção do autor não é a de provocar polêmica, dividir opiniões, mas sim de defender seu posicionamento.

Texto XXXI

1. C. A intenção do autor é a de defender o seguinte argumento central: o ser humano possui atitudes opostas em relação ao estrangeiro – de aceitação e de recusa.

Texto XXXII

1. D. Apesar de apresentar traços informativos, o objetivo do texto é alertar, prevenir o leitor quanto às lesões músculo-esqueléticas.

Texto XXXIII

1. C. O objetivo do texto é apresentar a filosofia budista contrapondo-a às outras religiões – característica do texto polêmico.

Texto XXXIV

1. B. O discurso preditivo é marcado pelos verbos no futuro do presente (" Provavelmente não se descobrirá ainda..."; " ... outras questões que hoje não são formuladas serão resolvidas"). Os trechos I e II não são preditivos, são informativos.

Texto XXXV

1. B. A intenção dos autores é nos ensinar a perceber a presença da arte em todos os detalhes da nossa vida. Além da intenção de

ensinar, pode-se perceber neste texto a presença de substantivos e adjetivos e o detalhamento nas caracterizações da presença da arte.

Texto XXXVI

1. C. Característica marcante dos textos descritivos é a presença de elementos que caracterizam uma realidade (substantivos e adjetivos). Quanto à letra A, vale observar que o 1º parágrafo não relata acontecimentos, descreve uma cena. O fato de o texto não ser dissertativo elimina as alternativas B e E. Quanto à letra D, não se pode falar em citação de informações, pois o trecho não é informativo.
2. C. Eis um exemplo de intertextualidade por alusão. O autor faz menção a outro autor em seu texto.

Texto XXXVII

1. C O texto deve ser classificado como dissertativo argumentativo. Seu objetivo é o de defender uma tese – a de que " todos estamos nos tornando, hoje, mais desconfiados do que no passado".
2. D. Como já vimos, o texto descritivo é marcado por uma forte presença de substantivos e adjetivos, pois seu objetivo é o de caracterizar, qualificar. Quanto às letras A, B e C, pode-se observar aí características de textos narrativos. A letra E apresenta perfil de texto dissertativo.

23.5. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

Leia o texto a seguir para responder à questão 1

Medo da eternidade

Jamais esquecerei o meu aflitivo e dramático contato com a eternidade.

Quando eu era muito pequena ainda não tinha provado chicles e mesmo em Recife falava-se pouco deles. Eu nem sabia bem de que espécie de bala ou bombom se tratava. Mesmo o dinheiro que eu tinha não dava para comprar: com o mesmo dinheiro eu lucraria não sei quantas balas.

Afinal minha irmã juntou dinheiro, comprou e ao sairmos de casa para a escola me explicou:

– Tome cuidado para não perder, porque esta bala nunca se acaba. Dura a vida inteira.

– Como não acaba? – Parei um instante na rua, perplexa.

– Não acaba nunca, e pronto.

Eu estava boba: parecia-me ter sido transportada para o reino de histórias de príncipes e fadas. Peguei a pequena pastilha cor-de-rosa que representava o elixir do longo prazer. Examinei-a, quase não podia acreditar no milagre. Eu que, como outras crianças, às vezes tirava da boca uma bala ainda inteira, para chupar depois, só para fazê-la durar mais. E eis-me com aquela coisa cor-de-rosa, de aparência tão inocente, tornando possível o mundo impossível do qual eu já começara a me dar conta.

Com delicadeza, terminei afinal pondo o chicle na boca.

– E agora que é que eu faço? – perguntei para não errar no ritual que certamente deveria haver.

– Agora chupe o chicle para ir gostando do docinho dele, e só depois que passar o gosto você começa a mastigar. E aí mastiga a vida inteira. A menos que você perca, eu já perdi vários. Perder a eternidade? Nunca.

O adocicado do chicle era bonzinho, não podia dizer que era ótimo. E, ainda perplexa, encaminhávamo--nos para a escola.

− Acabou-se o docinho. E agora?

− Agora mastigue para sempre.

Assustei-me, não saberia dizer por quê. Comecei a mastigar e em breve tinha na boca aquele puxa-puxa cinzento de borracha que não tinha gosto de nada. Mastigava, mastigava. Mas me sentia contrafeita. Na verdade eu não estava gostando do gosto. E a vantagem de ser bala eterna me enchia de uma espécie de medo, como se tem diante da ideia de eternidade ou de infinito.

Eu não quis confessar que não estava à altura da eternidade. Que só me dava era aflição. Enquanto isso, eu mastigava obedientemente, sem parar.

Até que não suportei mais, e, atravessando o portão da escola, dei um jeito de o chicle mastigado cair no chão de areia.

− Olha só o que me aconteceu! – disse eu em fingidos espanto e tristeza. Agora não posso mastigar mais! A bala acabou!

− Já lhe disse, repetiu minha irmã, que ela não acaba nunca. Mas a gente às vezes perde. Até de noite a gente pode ir mastigando, mas para não engolir no sono a gente prega o chicle na cama. Não fique triste, um dia lhe dou outro, e esse você não perderá.

Eu estava envergonhada diante da bondade de minha irmã, envergonhada da mentira que pregara dizendo que o chicle caíra da boca por acaso.

Mas aliviada. Sem o peso da eternidade sobre mim.

06 de junho de 1970

(LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo* – crônicas. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p.289-91)

1. (SEDU-ES – Professor B – FCC – Jan./2016)

Ainda que se saiba da liberdade com que Clarice Lispector lidava com esse gênero, pode-se assegurar que **Medo da eternidade** é uma **crônica** na medida em que se trata

a) de uma dissertação filosófica sobre uma questão fundamental da vida humana, ainda que a escritora acabe se valendo de sua experiência pessoal para ilustrar a tese que se dispõe a defender.

b) de uma visão subjetiva, pessoal, de um acontecimento do cotidiano imediato, muito embora vivenciado na infância, que acaba dando margem à reflexão sobre uma questão capaz de interessar a todos.

c) de um texto poético, mesmo que em prosa, em que os acontecimentos vividos no passado ganham uma tonalidade lírica e, em lugar de serem explicitamente narrados, são dados a conhecer de modo alusivo e sugestivo.

d) da rememoração de um episódio ocorrido na infância e que é narrado tal como foi vivido, sem deixar transparecer as crenças e convicções do adulto que rememora.

e) de um texto alegórico, em que a história narrada oculta um sentido que vai muito além dela, servindo apenas como veículo da expressão de ideias abstratas que os acontecimentos permitem concretizar.

Leia o texto a seguir para responder à questão 2.

A velhinha contrabandista

Todos os dias uma velhinha atravessava a ponte entre dois países, de bicicleta e carregando uma bolsa. E todos os dias era

revistada pelos guardas da fronteira, à procura de contrabando. Os guardas tinham certeza que a velhinha era contrabandista, mas revistavam a velhinha, revistavam a sua bolsa e nunca encontravam nada. Todos os dias a mesma coisa: nada. Até que um dia um dos guardas decidiu seguir a velhinha, para flagrá-la vendendo a muamba, ficar sabendo o que ela contrabandeava e, principalmente, como. E seguiu a velhinha até o seu próspero comércio de bicicletas e bolsas.

Como todas as fábulas, esta traz uma lição, só nos cabendo descobrir qual. Significa que quem se concentra no mal aparentemente disfarçado descuida do mal disfarçado de aparente, ou que muita atenção ao detalhe atrapalha a percepção do todo, ou que o hábito de só pensar o óbvio é a pior forma de distração.

(VERISSIMO, Luis Fernando. *O mundo é bárbaro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008, p. 41)

2. (Copergás/PE – Analista Administrador – FCC – Jul./2016)

Os dois parágrafos que compõem o texto constituem-se, respectivamente, de uma

a) tese exposta de modo categórico e sua demonstração factual.

b) narrativa de sentido intrigante e sua elucidação aberta em hipóteses.

c) narrativa de propósito moral e sua contestação no confronto com outro fato.

d) fábula de sentido enigmático e a busca inútil de seu esclarecimento.

e) fábula formulada como hipótese e a confirmação cabal de seu sentido.

Leia o texto a seguir para responder à questão 3.

Texto CB2A2BBB

O fenômeno da corrupção, em virtude de sua complexidade e de seu potencial danoso à sociedade, exige, além de uma atuação repressiva, também uma ação preventiva do Estado. Portanto, é preciso estimular a integridade no serviço público, para que seus agentes sempre atuem, de fato, em prol do interesse público.

Entende-se que a integridade pública representa o estado ou condição de um órgão ou entidade pública que está " completa, inteira, perfeita, sã", no sentido de uma atuação que seja imaculada ou sem desvios, conforme as normas e valores públicos.

De acordo com a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), a integridade é mais do que a ausência de corrupção, pois envolve aspectos positivos que, em última análise, influenciam os resultados da administração, e não apenas seus processos. Além disso, a OCDE compreende um sistema de integridade como um conjunto de arranjos institucionais, de gerenciamento, de controle e de regulamentações que visem à promoção da integridade e da transparência e à redução do risco de atitudes que violem os princípios éticos.

Nesse sentido, a gestão de integridade refere-se às atividades empreendidas para estimular e reforçar a integridade e também para prevenir a corrupção e outros desvios dentro de determinada organização.

Disponível em: <www.cgu.gov.br> (com adaptações).

3. (TCE-SC – Aud. Fiscal-Administ. – Cespe – Maio/2016)

Julgue o próximo item, relativo a aspectos linguísticos e às ideias do texto CB2A2BBB.

Nesse texto, de natureza informativo-argumentativa, busca-se convencer o leitor de que a integridade, como qualidade de órgãos e entidades públicas, contribui para que os agentes do serviço público atuem prevenindo a corrupção e em prol do interesse

público.

Leia o texto a seguir para responder à questão 4.

Texto IV

A metrópole de São Paulo vem se tornando mais heterogênea econômica, social e espacialmente e menos desigual quanto a renda, inserção no mercado de trabalho e condições de vida de seus habitantes, mesmo nas áreas mais precárias. A imagem emerge dos treze ensaios que compõem o livro **A Metrópole de São Paulo no Século XXI – Espaços, Heterogeneidades e Desigualdades**, os quais abordam temas específicos, a partir de um diagnóstico comum, para construir um panorama atual da região metropolitana. Tal retrato resulta das mudanças de diversas dimensões pelas quais a metrópole passou na última década, do perfil da pobreza às dinâmicas migratórias e ligadas ao crescimento demográfico, dos moldes de segregação social à produção habitacional e à mobilidade urbana.

A fisionomia da metrópole, central na economia do país, reflete a conjuntura de modo especial, segundo o organizador. Assim, tiveram impactos particulares na região metropolitana a redemocratização, na década de 80 do século XX (com a volta das eleições regulares e com a constituição de sistemas nacionais de políticas públicas), estabilização econômica, a abertura do mercado interno da década de 90 e o crescimento econômico vigoroso da primeira década do século XXI.

Disponível em: <www.fflch.usp.br> (com adaptações).

4. (Pref. SP – Agente Gestão P. Públicas – Cespe – Maio/2016)

O texto IV

a) é predominantemente narrativo, pois conta uma história cuja personagem central é a cidade de São Paulo.

b) é uma apresentação, pois introduz ao leitor textos fictícios ambientados na metrópole de São Paulo.

c) expressa uma opinião muito particular e pejorativa sobre a região metropolitana de São Paulo, não embasada em estudos ou fatos.

d) é predominantemente descritivo, pois descreve detalhadamente os espaços urbanos da capital paulista.

e) recupera e resume ideias de autores que analisaram a situação da metrópole de São Paulo.

Leia o texto a seguir para responder à questão 5.

Texto 1 – O futuro da medicina

O avanço da tecnologia afetou as bases de boa parte das profissões. As vítimas se contam às dezenas e incluem músicos, jornalistas, carteiros etc. Um ofício relativamente poupado até aqui é o de médico. Até aqui. A crer no médico e "geek" Eric Topol, autor de "The Patient Will See You Now" (o paciente vai vê-lo agora), está no forno uma revolução da qual os médicos não escaparão, mas que terá impactos positivos para os pacientes.

Para Topol, o futuro está nos *smartphones*. O autor nos coloca a par de incríveis tecnologias, já disponíveis ou muito próximas disso, que terão grande impacto sobre a medicina. Já é possível, por exemplo, fotografar pintas suspeitas e enviar as imagens a um algoritmo que as analisa e diz com mais precisão do que um dermatologista se a mancha é inofensiva ou se pode ser um câncer, o que exige medidas adicionais.

Está para chegar ao mercado um apetrecho que transforma o celular num verdadeiro laboratório de análises clínicas, realizando

mais de 50 exames a uma fração do custo atual. Também é possível, adquirindo lentes que custam centavos, transformar o *smartphone* num supermicroscópio que permite fazer diagnósticos ainda mais sofisticados.

Tudo isso aliado à democratização do conhecimento, diz Topol, fará com que as pessoas administrem mais sua própria saúde, recorrendo ao médico em menor número de ocasiões e de preferência por via eletrônica. É o momento, assegura o autor, de ampliar a autonomia do paciente e abandonar o paternalismo que desde Hipócrates assombra a medicina.

Concordando com as linhas gerais do pensamento de Topol, mas acho que, como todo entusiasta da tecnologia, ele provavelmente exagera. Acho improvável, por exemplo, que os hospitais caminhem para uma rápida extinção. Dando algum desconto para as previsões, " The Patient..." é uma excelente leitura para os interessados nas transformações da medicina.

Folha de S. Paulo online – Coluna Hélio Schwartsman – 17/01/2016.

5. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

" Para Topol, o futuro está nos *smartphones*. O autor nos coloca a par de incríveis tecnologias, já disponíveis ou muito próximas disso, que terão grande impacto sobre a medicina."

Segundo esse segmento do texto 1, pode-se inferir que o texto de Topol pertence ao seguinte modo de organização:

a) informativo;

b) histórico;

c) argumentativo;

d) instrucional;

e) injuntivo.

Leia os textos a seguir para responder à questão 6.

Texto I

Banhos de mar

Meu pai acreditava que todos os anos se devia fazer uma cura de banhos de mar. E nunca fui tão feliz quanto naquelas temporadas de banhos em Olinda, Recife.

Meu pai também acreditava que o banho de mar salutar era o tomado antes de o sol nascer. Como explicar o que eu sentia de presente prodigioso em sair de casa de madrugada e pegar o bonde vazio que nos levaria para Olinda ainda na escuridão?

De noite eu ia dormir, mas o coração se mantinha acordado, em expectativa. E de puro alvoroço, eu acordava às quatro e pouco da madrugada e despertava o resto da família. Nós nos vestíamos depressa e saíamos em jejum. Porque meu pai acreditava que assim devia ser: em jejum.

Saímos para uma rua toda escura, recebendo a brisa da pré-madrugada. E esperávamos o bonde. Até que lá de longe ouvíamos o seu barulho se aproximando. Eu me sentava bem na ponta do banco, e minha felicidade começava. Atravessar a cidade escura me dava algo que jamais tive de novo. No bonde mesmo o tempo começava a clarear, e uma luz trêmula de sol escondido nos banhava e banhava o mundo.

Eu olhava tudo: as poucas pessoas na rua, a passagem pelo campo com os bichos-de-pé: " Olhe, um porco de verdade!" gritei uma vez, e a frase de deslumbramento ficou sendo uma das brincadeiras da minha família, que de vez em quando me dizia rindo:

“ Olhe, um porco de verdade”.

Eu não sei da infância alheia. Mas essa viagem diária me tornava uma criança completa de alegria. E me serviu como promessa de felicidade para o futuro. Minha capacidade de ser feliz se revelava. Eu me agarrava, dentro de uma infância muito infeliz, a essa ilha encantada que era a viagem diária.

LISPECTOR, C. *A Descoberta do Mundo*. São Paulo: Rocco, 1999, p. 175. Adaptado.

Texto II

Festival reúne caravelas em barcos

Dizem que o passado não volta, mas a cada cinco anos boa parte da história marítima da Europa se reúne para navegar junto entre o Mar do Norte e o canal de Amsterdã. Caravelas e barcos a vapor do século passado se juntam a veleiros e lanchas contemporâneas que vêm de vários países para um dos maiores encontros náuticos gratuitos do mundo. Durante o Amsterdam Sail, entre os dias 19 e 23 de agosto, cerca de 600 embarcações celebram a arte de deslizar sobre as águas.

Desde 1975 o grande encontro aquático junta apaixonados pelo mar e curiosos às margens dos canais para ver barcos históricos e gente fazendo festa ao longo de cinco dias – na última edição, o público estimado foi de 1,7 milhão de pessoas. Há aulas de vela e de remo para adultos e crianças, além de atrações musicais. [...]

Você pode até achar que é coisa de criança, mas o jogo em que cada um leva o próprio balde e simula as tarefas a bordo de um navio é instrutivo e divertido para todas as idades.

MORTARA, F. *O Estado de S. Paulo, São Paulo*, 4 ago. 2015, Caderno D, p. 10. Adaptado.

6. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016)

Comparando-se o conteúdo e a tipologia do Texto I e do Texto II, tem-se que

a) há uma conexão temática entre os dois textos, já que ambos fazem menção ao mar.

b) ambos combinam o domínio literário com o domínio jornalístico.

c) predomina no Texto I a informatividade e no Texto II a narratividade.

d) é natural haver bondes e canais em textos que enaltecem as belezas do mar.

e) a infância é o tempo mais adequado para conhecer embarcações e tomar banhos de mar.

Leia o texto a seguir para responder à questão 7.

Entrevista com Frédéric Martel

Uma guerra mundial pelo conteúdo dos meios de comunicação se trava pela conquista do público dentro e fora dos países criadores. Batalhas se desenrolam pelo domínio da notícia, do formato de programas de TV e pela exibição de filmes, vídeos, música, livros. Nesse processo, um gigante domina: os Estados Unidos, com sua capacidade de produzir cultura de massas que agrada ao grande público em todos os continentes. Essa penetração cultural americana, que muitos críticos preferem chamar de imperialismo, leva os filmes, a música e a televisão americana para o mundo. Sua arma é o inverso da alta cultura, da contracultura, da subcultura, de nichos especializados. Visa o público em geral, cultura de massa, de milhões. Tornou-se a cultura internacional dominante, principal, a chamada *mainstream*, conforme o título do livro escrito pelo sociólogo francês Frédéric Martel. Para escrever *Mainstream*, ele percorreu 30 países durante cinco anos, entrevistou mais de 1.200 pessoas em

todas as capitais do *entertainment*, analisou a ação dos protagonistas, a lógica dos grupos e acompanhou a circulação internacional de conteúdo.

É um imperialismo diferente daquele político e militar. É uma espécie de imperialismo cultural que é bem recebido no mundo. A esse respeito, afirma Frédéric Martel: " É o que basicamente chamamos de *soft power*. *Soft power* significa influenciar as pessoas com coisas legais. Você é amigável, não é contundente. Você tem as forças armadas, tem a diplomacia tradicional e grandes empresas econômicas, que formam o *hard power*, e tem o *soft power*, que influencia as pessoas através de filmes, de livros, da internet e de valores".

" A língua é importante. Eu acredito – e essa é a principal conclusão do meu livro – que, no mundo em que estamos entrando, que reúne globalização e digitalização, a língua é importante. E eu acredito que a batalha, a luta, mesmo a guerra de conteúdo, será uma batalha a respeito da cultura nacional. Você pode ouvir Lady Gaga, gostar de *Avatar* e ler *O Código Da Vinci*, mas, no final das contas, a maior parte da cultura que você consome e ama geralmente é nacional, local, regional, e não global. A cultura global é apenas uma pequena parte do que você gosta. Então, no final das contas, os americanos são os únicos a poder prover essa cultura dominante global, mas essa cultura dominante global continua pequena.

Por quê? Porque a língua é muito importante, porque a identidade é muito importante. Quando você compra um livro de não ficção, quer saber o que acontece aqui, no seu país, e não na Coreia do Sul, por exemplo. Na Coreia do Sul você quer ouvir K-pop, que é a música pop coreana, e ver um drama coreano, e não ouvir uma música brasileira. Portanto, nós estamos em um mundo cada vez mais global, mas, ao mesmo tempo, a cultura ainda é e será muito nacional. Para resumir as coisas, eu diria que todos temos duas culturas: a nossa e a americana."

" Nós, como europeus, temos o mesmo tipo de relação que você, como brasileiro, tem com os EUA. Nós os amamos e odiamos. É uma complicada relação de amor e ódio. Nós esperamos que eles sejam como são; nós queremos criticá-los, mas, ao mesmo tempo, nós protestamos contra eles com tênis Nike nos pés. Nós trabalhamos para ser um pouco como eles, muito embora nós queiramos manter nossa identidade e cultura. E, a propósito, a boa notícia é que o debate no mundo hoje e no futuro não será entre nós – brasileiros, franceses, europeus – e os americanos. Será entre todos nós. O que eu quero dizer é que hoje não há apenas dois povos: nós e os EUA. O mundo é muito mais complicado, com países emergentes, que serão fundamentais nesse novo jogo."

" Para resumir, afirma Martel, eu diria que os EUA continuarão sendo peça importante da guerra de conteúdo, podemos dizer, nos próximos anos e décadas. Eu não acredito e não compro a ideia do declínio da cultura americana. Eu acho que eles são fortes e continuarão sendo fortes. Mas eles não são os únicos no jogo. Agora temos os países emergentes, que estão emergindo não só demográfica e economicamente, como pensávamos. E eu fui um dos primeiros a mostrar que eles estão emergindo com sua cultura, sua mídia e com a internet."

" Nesse mundo, a internet pode ser uma peça importante. O Brasil, por exemplo, vai crescer com a internet, com certeza. Criam-se ferramentas inovadoras de alfabetização, por exemplo, em comunidades, em favelas, em lugares onde os moradores não têm acesso a uma livraria ou biblioteca. Mas eles terão acesso à internet em *lan houses*, por exemplo, e mesmo no telefone. Hoje, todo mundo tem um telefone celular barato. Mesmo na África, todos têm celulares com funções básicas. Em cinco anos, todos terão um *smartphone*, pois os preços estão caindo muito. Assim, todos poderão acessar a internet pelo *smartphone*. Se você tem acesso à internet, pode baixar livros, acessar a rede, pode ver filmes e daí por diante."

" A questão não é se essa tecnologia é boa, conclui Martel. A questão é: ela não será boa ou ruim sozinha. Ela será o que você, o povo, o governo deste país e nós formos capazes de fazer com ela, criando uma boa internet e uma maneira melhor de ter acesso ao

conteúdo através da internet."

BOCCANERA, S. Entrevista concedida pelo sociólogo Frédéric Martel, Programa Milênio, Globo News. Disponível em: <http://www.conjur.com.br/2013-jan-25/ideias-milenio-frederic-martel-sociologo-jornalista-frances>. Acesso em: 10 nov. 2015. Adaptado.

7. (ANP – Téc. Reg. Petr&Der – Cesgranrio – Jan./2016)

Esse texto tem caráter argumentativo, porque o sociólogo entrevistado apresenta sua opinião a respeito da guerra mundial pelo conteúdo dos meios de comunicação.

Para defender a tese de que, apesar da globalização, as culturas nacionais vão sobreviver, ele utiliza como argumento a ideia de que

a) a maior parte da cultura que as pessoas consomem e com a qual se identificam geralmente é local, regional, e não global.

b) o imperialismo cultural, ao contrário do imperialismo político e militar, domina as pessoas sem que elas o percebam.

c) a penetração cultural americana tem origem na produção de cultura de massas que agrada ao grande público.

d) as pessoas criticam os americanos, mas, ao mesmo tempo, utilizam seus produtos, como o tênis Nike nos pés.

e) o mundo hoje é muito mais complicado, com países emergentes que serão fundamentais nas novas relações de poder.

Gabarito: 1. b; 2. b; 3. C; 4. e; 5. c; 6. a; 7. a.

24 ESTRUTURAÇÃO ARGUMENTATIVA

24.1. TEORIA RESUMIDA

Muitas provas de concursos públicos, além de buscarem do aluno seu conhecimento acerca da classificação dos textos, como narrativos, descritivos ou dissertativos, esperam que o candidato esteja apto a achar a tese de um texto dissertativo, resumir seus parágrafos, buscar uma assertiva que seja capaz de concluir tal texto, entre outros conceitos. Para isso, é preciso que o aluno domine as técnicas de estruturação argumentativa. Para esse tipo de questão, é preciso que você esteja apto a desvendar a estruturação de um texto dissertativo: achar sua tese, buscar em cada parágrafo o seu tópico frasal, entender como foram estruturados sua introdução, desenvolvimento e conclusão. Enfim, agregar conhecimentos que ajudarão você inclusive a redigir melhor, pois, ao observar os textos das provas, será possível entender as técnicas que se utilizam em produção textual. **Redigir é ato que deriva da leitura.**

Nosso próximo passo é ensinar você a desvendar as artimanhas de um texto dissertativo, que é a modalidade que mais aparece nas provas de concursos públicos. A partir daí, você estará apto a resolver questões que são as *preferidas* de bancas como Cespe, Esaf e FCC. Vamos lá?

Compreender um texto é muito mais que juntar palavras, frases. É depreender da leitura seu sentido maior, ultrapassando sua superfície. Uma boa maneira de interpretar um texto é buscar nele suas principais ideias, observando como foram estruturadas na argumentação.

Inicialmente, deparamo-nos com o **TEMA** sobre o qual repousa a discussão do texto. Caracteriza-se, portanto, por ser o assunto, o motivo da argumentação. Eis aí a diferença entre tema e tese. **A TESE** caracteriza-se por ser a tomada de posição do autor em relação ao tema e aparece, em um texto padrão, no 1º parágrafo. Será ela não só a ideia central do 1º parágrafo, ou **INTRODUÇÃO**, mas do texto em sua totalidade, o qual terá como compromisso desenvolver argumentos que a comprovem.

Nos parágrafos seguintes – que estruturarão o **DESENVOLVIMENTO** –, observa-se a presença dos **TÓPICOS FRASAIS**, que são os argumentos centrais de cada parágrafo. Serão eles desenvolvidos das mais variadas formas: apresentação de relações de causa e efeito, utilização de exemplos, comparações, analogias, dados estatísticos, testemunhos de autoridade etc.

Por fim, o último parágrafo, ou **CONCLUSÃO**, surge no texto representando a retomada da tese. É neste momento que, em geral, o autor externa suas opiniões, críticas, ou ainda sugestões sobre a discussão desenvolvida em sua dissertação, finalizando-se, assim, o ciclo textual.

Texto comentado

QUALIDADE DE VIDA

Estudo de uma tipologia textual – Educação/UFRJ

É de conhecimento geral que a qualidade de vida nas regiões rurais é, em alguns aspectos, superior à da zona urbana1, porque no campo inexiste a agitação das grandes metrópoles2, há maiores possibilidades de

se obterem alimentos adequados3 e, além do mais, as pessoas dispõem de maior tempo para estabelecer relações humanas mais profundas e duradouras4.

Ninguém desconhece que o ritmo de trabalho de uma metrópole é intenso5. O espírito de concorrência, a busca de se obter uma melhor qualificação profissional, enfim, a conquista de novos espaços lança o ambiente urbano em meio a um turbilhão de constantes solicitações. Esse ritmo excessivamente intenso torna a vida bastante agitada, ao contrário do que se poderia dizer sobre os moradores da zona rural.

Por outro lado, nas áreas campestres há maior qualidade de alimentos saudáveis6. Em contrapartida, o homem da cidade costuma receber gêneros alimentícios colhidos antes do tempo de maturação, para garantir maior durabilidade durante o período de transporte e comercialização.

Ainda convém lembrar a maneira como as pessoas se relacionam nas zonas rurais7. Ela difere da convivência habitual estabelecida pelos habitantes metropolitanos. Os moradores das grandes cidades, pelos fatos já expostos, de pouco tempo dispõem para alimentar relações humanas mais profundas.

Por isso tudo, entendemos que a zona rural proporciona a seus habitantes maiores possibilidades de viver com tranquilidade8. Só nos resta esperar que as dificuldades que afligem os habitantes metropolitanos não venham a se agravar com o passar do tempo9.

24.1.1. O parágrafo argumentativo

Segundo Othon M. Garcia, "o parágrafo é uma unidade de composição constituída por um ou mais de um período, em que se desenvolve determinada ideia central, ou nuclear, a que se agregam outras, secundárias, intimamente relacionadas pelo sentido e logicamente decorrente dela". O parágrafo seria, portanto, uma espécie de minitexto em que se poderia destacar – exatamente como se faz no texto argumentativo padrão – ao menos dois momentos: introdução (apresentação do argumento) e desenvolvimento (fundamentação do argumento), sendo a conclusão, portanto, facultativa.

Conhecer o parágrafo padrão seria fundamental ao leitor, já que diante de um texto curto – de apenas um parágrafo – poder-se-ia analisá-lo como um texto argumentativo padrão. E na hipótese de o aluno estar diante de um texto composto de mais de um parágrafo, analisar cada um separadamente lhe garantiria o método necessário para a intelecção do que está escrito.

24.1.2. O tópico frasal

Inicialmente, vale lembrar que **tópico frasal** é a ideia ou argumento central do parágrafo, apresentada de forma genérica. É a ideia-chave, a síntese do pensamento, a essência do parágrafo. Tudo que se afirma no parágrafo girará, portanto, em torno da fundamentação do tópico frasal.

No texto padrão, o tópico frasal inicia o parágrafo e na sequência vem a sua fundamentação. Esse é o método dedutivo de raciocínio, em que o autor parte da generalização para o seu detalhamento (GERAL → ESPECÍFICO).

Ex.: Conclui-se, sem esforço e sem exagero, que, **no Brasil, registram-se duas grandes falhas**: a) há um excesso na importação de produtos culturais; b) falta discernimento na escolha, havendo uma preferência, da parte dos empresários e, em consequência, da parte do consumidor – na TV, nos livros, na música – por coisas de nível inferior, pelo lixo cultural da época.

Pode também o parágrafo apresentar seu argumento principal no início ou no fim da argumentação. Aqui, o autor parte das definições, exemplos, comparações, dados estatísticos, para, na sequência, apresentar o tópico frasal. São parágrafos menos comuns, pautados no método indutivo de raciocínio (ESPECÍFICO → GERAL).

Ex.: Pesquisa da CNTE (Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação), realizada em 2003, mostrou que 51,1% dos professores em atividade estavam na faixa dos 40 aos 59 anos, e 38,4% tinham entre 25 e 39 anos. Só 2,9% se encontravam na categoria entre 19 e 24 anos. A pergunta inescapável é: **quem vai substituir os atuais mestres à medida que eles forem se aposentando?**

Além disso, o tópico frasal pode não ser explicitado claramente no texto. Ele pode estar diluído ao longo da argumentação, cabendo ao leitor juntar-lhe os segmentos e dar-lhe forma.

Ex.: As estimativas variam, mas podemos arriscar que há 50 milhões de brasileiros **abaixo da linha da pobreza**, cerca de 21,3 milhões de indigentes (com renda abaixo de R$ 60,00 por mês). Quarenta e cinco por cento deles são menores de 16 anos. E mais de 3 milhões de crianças até 6 anos não contam com alimentação adequada. Trinta e três por cento dos pobres das regiões urbanas têm até quatro anos de idade.

Nesse exemplo, o objetivo do parágrafo era criticar a situação de pobreza em que vive grande parte dos brasileiros. Os dados estatísticos apresentados seriam, portanto, capazes de induzir o leitor a compreender tal mensagem.

24.1.3. A estruturação do parágrafo argumentativo

De modo geral, o parágrafo de dissertação deve ser uma unidade completa de informação, sendo, portanto, constituído de:

1. uma ideia-núcleo (ou tópico frasal) – em geral apresentada no início do parágrafo;
2. desenvolvimento dessa ideia, que é então devidamente especificada, fundamentada, justificada logo a seguir;
3. conclusão, a qual se caracteriza por ser facultativa, representada, em geral, pela retomada do tópico frasal ou a apresentação da ideia-núcleo do parágrafo seguinte.

Ex.: "O governo federal foca seus esforços no aumento das exportações brasileiras e na direção certa, mas há um alvo maior e possível: a América do Sul. **(1)** Há uma agenda aguardando definição e atos, particularmente no que diz respeito aos juros. Espera-se também uma maior disponibilidade de recursos nos programas de fomento às exportações; uma reforma tributária, que é urgente e um aperfeiçoamento da legislação trabalhista. (...) **(2)** Esse conjunto de fatores – enquanto não definidos ou implementados – é que torna as empresas brasileiras vulneráveis no jogo do comércio internacional. Mas a questão da América do Sul merece uma análise especial.**(3)**"

24.1.4. Análise da estruturação do parágrafo

(1) Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal:

O governo federal foca seus esforços no aumento das exportações brasileiras e na direção certa, mas há uma agenda aguardando definições e atos,

(2) Desenvolvimento do parágrafo enumeração de detalhes:

(...) particularmente no que diz respeito aos juros – que precisam ser reduzidos a patamares compatíveis com os praticados nos lugares do mundo onde nossos concorrentes se financiam. Espera-se também uma maior disponibilidade de recursos nos programas de fomento às exportações; uma reforma tributária, que é urgente; um aperfeiçoamento da legislação trabalhista e uma ampliação e melhoria da infraestrutura nacional, principalmente no setor de transportes.

(3) Conclusão do parágrafo com reafirmação do tópico frasal e apresentação de consequências:

Esse conjunto de fatores – enquanto não definidos e implementados – é que torna as empresas brasileiras vulneráveis no jogo do comércio internacional.

24.1.5. Como expandir o parágrafo

Desenvolver o parágrafo significa expandir sua ideia-núcleo, de modo a torná-lo claro e bem fundamentado. Tal fundamentação pode ocorrer por diversos critérios, lembrando que, em um único parágrafo, o autor pode utilizar mais de um artifício na busca da maneira mais convincente de se expressar.

A seguir, observaremos algumas formas de se desenvolver o tópico frasal (a ideia-núcleo).

1. Enumeração ou descrição de detalhes

Neste caso, a ideia-núcleo é especificada por meio de detalhes, pormenores. Estabelece-se, portanto, uma explanação da ideia-núcleo, que é então desenvolvida, de modo a aprofundar a discussão iniciada pelo tópico frasal.

Ex.: Quem caminha pelos mais de 70 quilômetros de praia da Ilha Comprida, no litoral sul de São Paulo, pode perceber uma paisagem peculiar **(tópico frasal).** Em meio às dunas da restinga, onde deveria existir apenas vegetação rasteira, grandes pinheiros brotam por toda parte. A sombra das árvores é um bem-vindo refresco para os moradores da região, mas a verdade ecológica é que elas não deveriam estar ali – assim como os pombos não deveriam estar nas praças das cidades, nem as tilápias nas águas dos rios, nem o mosquito da dengue picando pessoas dentro de casa ou as moscas varejeiras rondando raspas de frutas nas feiras.

2. Estabelecimento de comparação (paralelo e contraste)

É o estabelecimento de um contraste (que enfoca as diferenças) ou um paralelo (que destaca as semelhanças) entre ideias, seres, fatos etc.

Ex.: Mas os saberes científicos têm uma característica inescapável: os enunciados que produzem são necessariamente provisórios, estão sempre sujeitos à superação e à renovação **(tópico frasal)**. Outros exercícios do espírito humano, como a cogitação filosófica, a inspiração poética ou a exaltação mística

poderão talvez aspirar a pronunciar verdades últimas; as ciências só podem pretender formular verdades transitórias, sempre inacabadas.

3. Apresentação de causas e/ou consequências

Aqui, ou o tópico frasal é a causa e seu desenvolvimento expõe suas consequências, ou será ele a consequência e o restante do parágrafo desenvolverá suas causas.

Ex.: A educação é uma função tão natural e universal da comunidade humana que, pela própria evidência, **(tópico frasal)** leva muito tempo a atingir a plena consciência daqueles que a recebem e praticam, sendo, por isso, relativamente tardio o seu primeiro vestígio na tradição literária **(consequências)**.

4. Apresentação de explicação ou esclarecimento

Neste caso, elucida-se o tópico frasal, quando este apresenta certa obscuridade, uma necessidade de maior clareza.

Ex.: As discussões sobre a liberdade assentam necessariamente e em princípio na negação de suas próprias bases possibilitadoras **(tópico frasal)**. Quero dizer que o único pressuposto histórico viável para que se possa instaurar a inteireza do entendimento da questão está na ausência de liberdade.

5. Utilização de exemplos

Os exemplos caracterizam-se como uma maneira bem elucidativa de concretizar o que há de abstrato no tópico frasal. Seguindo esse critério, o parágrafo se desenvolve por meio da ilustração da ideia-núcleo, constituindo-se em uma das formas mais simples de se demonstrar aquilo que se afirma.

Ex.: Dependendo das circunstâncias, as espécies invasoras podem ser meras "imigrantes" inofensivas ou invasoras altamente nocivas **(tópico frasal).** Dentro do sistema produtivo, por exemplo, o búfalo e o pinus são apenas espécies exóticas. Quando escapam para a natureza, entretanto, muitas vezes tornam-se organismos nocivos aos ecossistemas "naturais".

6. Divisão ou explanação das ideias em cadeia

Nesse tipo de fundamentação de tópico frasal, o autor divide sua ideia inicialmente apresentada em duas ou mais partes, e, na sequência, as explana, cada uma a seu momento. Essa explanação em cadeia pode durar o parágrafo inteiro ou pode avançar ao longo do texto, dependendo da dimensão da discussão.

Ex.: As cidades em processo rápido de crescimento no Brasil indicam pelo menos três modalidades de crescimento dos organismos urbanos **(tópico frasal)**: <u>um crescimento horizontal</u> por partilha de espaços de antigas chácaras ou glebas congeladas para especulação, de dinâmica similar a uma mancha de óleo em expansão; <u>um crescimento vertical</u>, à custa de edifícios de muitos andares, aproveitando as facilidades aparentes dos espaços centrais e subcentrais das cidades de porte médio, acumulando funções residenciais em uma área de permanência duvidosa para tais funções; e, por fim, <u>mecanismo de maior gravidade</u>, a partilha de glebas situadas em posições descontínuas, a quilômetros de distância da área central, inicialmente semi-isoladas no

meio de sítios e fazendas, os quais, por sua vez, são espaços potenciais para loteamentos ulteriores e instalações de unidades industriais, com eliminação quase total das funções agrárias que responderam pelo crescimento e a riqueza iniciais da própria cidade.

Para se ter uma ideia da importância que o tópico frasal possui em relação a tudo que se enuncia no restante do parágrafo, observemos um dos sermões de Padre Antônio Vieira:

(...) O sermão há de ser duma só cor, há de ter um só objeto, um só assunto, uma só matéria.

Há de tomar o pregador uma só matéria, há de defini-la para que se conheça, há de dividi-la para que se distinga, há de prová-la com a Escritura, há de declará-la com a razão, há de confirmá-la com o exemplo, há de amplificá-la com as causas, com os efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências que se hão de seguir, com os inconvenientes que se há de evitar, há de responder às dúvidas, há de satisfazer às dificuldades, há de impugnar e refutar com toda a força da eloquência os argumentos contrários, e depois disto há de colher, há de apertar, há de concluir, há de persuadir, há de acabar. Isto é sermão, isto é pregar, e o que não é isto, é falar de mais alto. Não nego nem quero dizer que o sermão não haja de ter variedade de discursos, mas esses hão de nascer todos da mesma matéria, e continuar e acabar nela.

(Sermão da Sexagésima. In: Os sermões. São Paulo, Difel, 1968. VI, p. 99.)

Ter uma só cor, um só objeto significa abordar a mesma ideia, ter um argumento como central, que em geral se apresenta no início do parágrafo. Posteriormente a essa introdução vem a fase do desenvolvimento em que o autor utiliza artifícios para comprovar seu argumento: definições ("há de defini-la para que se distinga"), testemunhos de autoridade ("há de prová-la com a Escritura"), explicações e esclarecimentos ("há de declará-la com a razão"), utilização de exemplos ("há de confirmá-la com o exemplo"), apresentação de causas ou efeito e outras relações semânticas – finalidade, tempo, concessão, condição. Por fim, surge a conclusão, em que o autor retoma o argumento que iniciou o parágrafo, optando ou não por acrescentar seu juízo de valor ("e depois disto há de colher, há de apertar, há de concluir, há de persuadir").

Conhecer a estruturação de um texto argumentativo constitui, portanto, uma forma de o aluno ir além da estrutura superficial do texto, compreendendo-o de fato. Com isso, o tempo de resolução de prova também diminui, pois o candidato não precisaria reler todo o texto a cada questão objetiva.

A seguir, as etapas de intelecção de um texto de prova aqui propostas:

1. Ler o texto do início ao fim para saber do que se trata.
2. Ir às questões objetivas, procurando resolver primeiramente aquelas que se refiram exclusivamente à gramática.
3. Voltar ao texto, sublinhando suas principais ideias – tese, argumentos.
4. Evidenciar as relações entre as ideias no texto – vincular por meio de setas cada exemplo, testemunho de autoridade, comparação etc. ao seu tópico frasal.

5. Voltar às questões da prova, agora com as ideias do texto já relacionadas entre si, podendo recorrer a elas com mais rapidez.

Bem, hora de treinar... Vamos verificar se você já consegue analisar os parágrafos, desvendando a forma como foram estruturados na argumentação. Assim, você não só aprenderá a ler os textos dissertativos com mais técnica, como também já estará se preparando para fazer redações. Aproveite os comentários!

24.2. EXEMPLOS COMENTADOS

Os trechos a seguir foram retirados de textos concursos públicos. Constitui cada qual uma única linha de raciocínio que apresenta as frases organizadas em torno de um tópico frasal, voltadas para um único fim: desenvolver ou retomar a ideia-núcleo, aumentando-lhe a compreensão.

Desta forma, destaque suas **ideias-núcleo**, indicando o seu **desenvolvimento** e, caso haja, sua **conclusão**. Analise também a(s) forma(s) como foram desenvolvidos os tópicos frasais ao longo dos parágrafos.

1. Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos. Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitar e dar afeto.

   Comentários:

   Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana". Desenvolvimento do parágrafo com enumeração de exemplos: "Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos". Conclusão do parágrafo com retomada do tópico frasal e acréscimo de consequências: "Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitar e dar afeto".

2. No início deste período, o homem inventou a escrita, graças à qual os conhecimentos venceram o tempo e o espaço. Venceram o tempo, pois, as experiências acumuladas puderam, sob a forma escrita, ser transmitidas com precisão às gerações seguintes. Venceram o espaço, pois os conhecimentos passaram a ser transportados de um lugar para o outro em papiros, papéis e demais materiais desenvolvidos para a fixação da escrita. Com o registro e com a circulação da informação, o homem se beneficiou de um crescente repertório de experiências, as quais lhe permitiram inventar mais, e mais facilmente.

   Comentários:

   Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "No início deste período, o homem inventou a

escrita, graças à qual os conhecimentos venceram o tempo e o espaço". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de explicações: "Venceram o tempo, pois, as experiências acumuladas puderam, sob a forma escrita, ser transmitidas com precisão às gerações seguintes. Venceram o espaço, pois os conhecimentos passaram a ser transportados de um lugar para o outro em papiros, papéis e demais materiais desenvolvidos para a fixação da escrita". Conclusão do parágrafo com retomada do tópico frasal e acréscimo de consequências: "Com o registro e com a circulação da informação, o homem se beneficiou de um crescente repertório de experiências, as quais lhe permitiram inventar mais, e mais facilmente".

3. Algumas pessoas refugiam-se nas drogas na tentativa de esquecer seus problemas. Em função disso, acabam tornando-se dependentes dos psicotrópicos dos quais se utilizam e, na maioria das vezes, transformam-se em pessoas inúteis para si mesmas e para a comunidade.

   Comentários:

   Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Algumas pessoas refugiam-se nas drogas na tentativa de esquecer seus problemas". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação consequências: "Em função disso, acabam tornando-se dependentes dos psicotrópicos dos quais se utilizam e, na maioria das vezes, transformam-se em pessoas inúteis para si mesmas e para a comunidade". Parágrafo sem conclusão.

4. Só o esforço conjunto de toda a nação brasileira conseguirá vencer os gravíssimos problemas econômicos, por todos há muito conhecidos. Quaisquer medidas econômicas, por si sós, não são capazes de alterar a realidade, se as autoridades que as elaboram não contarem com o apoio da opinião pública, em meio a uma comunidade de cidadãos conscientes.

   Comentários:

   Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Só o esforço conjunto de toda a nação brasileira conseguirá vencer os gravíssimos problemas econômicos, por todos há muito conhecidos". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento: "Quaisquer medidas econômicas, por si sós, não são capazes de alterar a realidade, se as autoridades que as elaboram não contarem com o apoio da opinião pública, em meio a uma comunidade de cidadãos conscientes". Parágrafo sem conclusão.

5. Liderança é um aspecto da personalidade, uma característica que alguns indivíduos têm e outros não. Por definição, bons líderes são pessoas diferentes da média. Eles têm mais determinação do que outros. Sua presença é tão marcante que ficam na memória das pessoas. Por isso, liderança não é para qualquer um, é um dom.

   Comentários:

   Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Liderança é um aspecto da personalidade, uma característica que alguns indivíduos têm e outros não". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de definição/esclarecimento: "Por definição, bons líderes são pessoas diferentes da média. Eles têm mais

determinação do que outros. Sua presença é tão marcante que ficam na memória das pessoas". Conclusão do parágrafo com retomada do tópico frasal: "Por isso, liderança não é para qualquer um, é um dom".

6. Há muitos tipos de líder, e gosto de destacar três. A primeira categoria é dos líderes que marcam diferença por serem grande estrategistas, objetivos e com visão de futuro. O legado deles é o método. O segundo tipo tem forte poder intelectual, mergulha com intensidade nas questões teóricas, disseca e diagnostica problemas como ninguém. São líderes que deixam ideias originais, com marca própria. E um terceiro tipo chamo de líderes inspiradores. Eles entendem as demandas do povo, suas paixões, conseguem entender emocionalmente as pessoas. Os maiores líderes da história têm força porque reúnem método, intelecto e habilidade de tocar nos sentimentos de seus liderados.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Há muitos tipos de líder, e gosto de destacar três". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de enumeração de detalhes: "A primeira categoria é dos líderes que marcam diferença por serem grande estrategistas, objetivos e com visão de futuro. O legado deles é o método. O segundo tipo tem forte poder intelectual, mergulha com intensidade nas questões teóricas, disseca e diagnostica problemas como ninguém. São líderes que deixam ideias originais, com marca própria. E um terceiro tipo chamo de líderes inspiradores. Eles entendem as demandas do povo, suas paixões, conseguem entender emocionalmente as pessoas". Conclusão do parágrafo com retomada do tópico frasal e acréscimo de opinião do autor: "Os maiores líderes da história têm força porque reúnem método, intelecto e habilidade de tocar nos sentimentos de seus liderados".

7. O homem hoje em dia desenvolveu para tudo que costumava fazer com o próprio corpo, extensões ou prolongamentos desse mesmo corpo. A evolução de suas armas começa pelos dentes e punhos e termina com a bomba atômica. Indumentária e casas são extensões dos mecanismos biológicos de controle da temperatura do corpo. A mobília substitui o acocorar-se e sentar-se no chão. Instrumentos mecânicos, lentes, televisão, telefones e livros que levam a voz através do tempo e do espaço constituem exemplos de extensões materiais. Dinheiro é meio de estender os benefícios e de armazenar trabalho. Nosso sistema de transporte faz agora o que costumávamos fazer com os pés e as costas. De fato, podemos tratar de todas as coisas materiais feitas pelo homem como extensões ou prolongamentos do que ele fazia com o corpo ou com alguma parte especializada do corpo.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "O homem hoje em dia desenvolveu para tudo que costumava fazer com o próprio corpo, extensões ou prolongamentos desse mesmo corpo". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de exemplos: "A evolução de suas armas começa pelos dentes e punhos e termina com a bomba atômica. Indumentária e casas são extensões dos mecanismos biológicos de controle da temperatura do corpo. A mobília substitui o acocorar-se e sentar-se no chão. Instrumentos mecânicos, lentes,

televisão, telefones e livros que levam a voz através do tempo e do espaço constituem exemplos de extensões materiais. Dinheiro é meio de estender os benefícios e de armazenar trabalho. Nosso sistema de transporte faz agora o que costumávamos fazer com os pés e as costas". Conclusão do parágrafo com reafirmação do tópico frasal: "De fato, podemos tratar de todas as coisas materiais feitas pelo homem como extensões ou prolongamentos do que ele fazia com o corpo ou com alguma parte especializada do corpo".

8. Existe uma grande diferença entre a entrevista e a conversa informal entre duas pessoas. É necessário saber distinguir quando o diálogo informal é uma introdução e quando ela perde as características, acabando por se transformar numa palestra inconsistente, tomando tempo e prejudicando o processamento da entrevista propriamente dita.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Existe uma grande diferença entre a entrevista e a conversa informal entre duas pessoas". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento: "É necessário saber distinguir quando o diálogo informal é uma introdução e quando ela perde as características". Conclusão do parágrafo com apresentação de consequências: "acabando por se transformar numa palestra inconsistente, tomando tempo e prejudicando o processamento da entrevista propriamente dita".

9. Estudo do Pacific Institute of Oakland, na Califórnia, prevê que 76 milhões de pessoas morrerão de doenças relacionadas à água até 2020. As crianças serão as mais afetadas por males causados pelo uso e ingestão de água contaminada. No mesmo período, serão registrados 65 milhões de casos fatais em consequência da Aids em todo o mundo.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Estudo do Pacific Institute of Oakland, na Califórnia, prevê que 76 milhões de pessoas morrerão de doenças relacionadas à água até 2020". Desenvolvimento do parágrafo com enumeração de detalhes e estabelecimento de comparação: "As crianças serão as mais afetadas por males causados pelo uso e ingestão de água contaminada. No mesmo período, serão registrados 65 milhões de casos fatais em consequência da Aids em todo o mundo". Parágrafo sem conclusão.

10. O Estatuto do Desarmamento, aprovado no fim do ano, e ainda em fase de regulamentação, surgiu por uma questão de sobrevivência. O contexto que deflagrou o movimento político pelo endurecimento da legislação sobre armas é no mínimo dramático. Em 20 anos, de 1980 a 2000, conforme estudo do IBGE, 600 mil brasileiros foram assassinados, uma média de 30 mil por ano.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "O Estatuto do Desarmamento, aprovado no fim do ano, e ainda em fase de regulamentação, surgiu por uma questão de sobrevivência". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento e dados estatísticos: "O contexto que deflagrou o movimento

político pelo endurecimento da legislação sobre armas é no mínimo dramático. Em 20 anos, de 1980 a 2000, conforme estudo do IBGE, 600 mil brasileiros foram assassinados, uma média de 30 mil por ano". Parágrafo sem conclusão.

11. O resultado foi a banalização do uso e do porte de armas e, como consequência, milhares de tragédias no cotidiano. Essa banalização impulsionou as estatísticas sobre violência: o número de homicídios, nesse período de vinte anos, aumentou 130%. E pior: a grande maioria das vítimas tem sido de jovens de 15 a 24 anos. Assim, famílias se desestabilizam e o futuro é cortado pela raiz.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "O resultado foi a banalização do uso e do porte de armas e, como consequência, milhares de tragédias no cotidiano". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de dados estatísticos: "O resultado foi a banalização do uso e do porte de armas e, como consequência, milhares de tragédias no cotidiano". Conclusão do parágrafo com apresentação de consequências: "Assim, famílias se desestabilizam e o futuro é cortado pela raiz".

12. Inúmeras hordas "primitivas" se encontram, ainda hoje, nesse "grau zero" – se assim podemos dizer – quanto ao conhecimento dos números. É, por exemplo, o caso dos zulus e dos pigmeus, da África, dos aranda e dos kamilarai, da Austrália, dos aborígenes das Ilhas Murray e dos botocudos, do Brasil. "Um", "dois" e... "muitos" constituem as únicas grandezas numéricas desses indígenas que ainda vivem na Idade da Pedra.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Inúmeras hordas 'primitivas' se encontram, ainda hoje, nesse 'grau zero' – se assim podemos dizer – quanto ao conhecimento dos números". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de exemplos: "É, por exemplo, o caso dos zulus e dos pigmeus, da África, dos aranda e dos kamilarai, da Austrália, dos aborígenes das Ilhas Murray e dos botocudos, do Brasil". Conclusão do parágrafo com correlação entre o exemplo fornecido e o tópico frasal: "'Um', 'dois' e... 'muitos' constituem as únicas grandezas numéricas desses indígenas que ainda vivem na Idade da Pedra".

13. Pois bem. Observemos como se transformou a vida humana. Em 99% desses 500 mil anos, alterou-se relativamente pouco. O homem aprendeu a fazer algumas ferramentas e armas com paus e pedras, a pintar na parede das cavernas e a plantar e colher. A partir de um grito primordial, conseguiu ainda desenvolver a fala, graças à qual pôde conversar, exprimir sentimentos e melhor compartilhar experiências com os membros do grupo. De qualquer modo, foi ainda bem pouco para quase cinco centenas de milhares de anos.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Pois bem. Observemos como se transformou a vida humana". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de exemplos, bem como relação de causa e efeito: "O homem aprendeu a fazer algumas ferramentas e armas com paus e pedras, a pintar na parede das cavernas e a

plantar e colher. A partir de um grito primordial, conseguiu ainda desenvolver a fala, graças à qual pôde conversar, exprimir sentimentos e melhor compartilhar experiências com os membros do grupo". Conclusão do parágrafo com reafirmação do tópico

14. A favor da mesma tese, poderíamos dizer que, muitas vezes, a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público. Inúmeros esforços publicitários não resultam em nada. Continuemos no campo das substancias ilícitas. Existem insistentes campanhas antidrogas nos meios de comunicação, algumas um tanto soporíferas, outras mais terroristas, e todas fracassam. Moral da história? Nem que seja para consumir produtos químicos ilegais, ainda somos minimamente livres diante do poder da mídia. Temos alguma autonomia para formar nossas decisões.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "A favor da mesma tese, poderíamos dizer que, muitas vezes, a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento e exemplos: "Inúmeros esforços publicitários não resultam em nada. Continuemos no campo das substancias ilícitas. Existem insistentes campanhas antidrogas nos meios de comunicação, algumas um tanto soporíferas, outras mais terroristas, e todas fracassam". Conclusão do parágrafo com correlação entre o exemplo fornecido e o tópico frasal: "Moral da história? Nem que seja para consumir produtos químicos ilegais, ainda somos minimamente livres diante do poder da mídia. Temos alguma autonomia para formar nossas decisões".

15. O terceiro e o quarto objetivos fundamentais, previstos no artigo 3º, são projetos de um sonho estratosférico. Erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir desigualdades sociais e regionais é trabalho para séculos. Não há nação do mundo sem faixas de miserabilidades – nem as mais ricas. A promoção do bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação carece de remédio forte, como criminalização das condutas contrárias. Sem a ameaça grave de sanções, a cobra raivosa do preconceito continuará agindo no coração de muitas pessoas.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "O terceiro e o quarto objetivos fundamentais, previstos no artigo 3º, são projetos de um sonho estratosférico". Desenvolvimento do parágrafo por esclarecimento: 3º objetivo – "Erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir desigualdades sociais e regionais é trabalho para séculos. Não há nação do mundo sem faixas de miserabilidades – nem as mais ricas". 4º objetivo – "A promoção do bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação carece de remédio forte, como criminalização das condutas contrárias. Sem a ameaça grave de sanções, a cobra raivosa do preconceito continuará agindo no coração de muitas pessoas". Parágrafo sem conclusão.

16. No outro extremo, o estrangeiro provoca a nossa desconfiança, às vezes o nosso medo. Nem sempre entendemos os seus gestos e certamente não compreendemos a sua língua. Ele não se veste como nós, a sua fisionomia pode ser diferente da nossa e não adora nossos deuses. Entre os primitivos, o estrangeiro passava por uma complexa cerimônia, destinada a afastar os malefícios que trouxesse de seus demônios; ao voltar de uma viagem, as pessoas deveriam permanecer isoladas por algum tempo, até que delas se afastassem os demônios estranhos, acaso encontrados pelos caminhos.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "No outro extremo, o estrangeiro provoca a nossa desconfiança, às vezes o nosso medo". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento e exemplos: "Nem sempre entendemos os seus gestos e certamente não compreendemos a sua língua. Ele não se veste como nós, a sua fisionomia pode ser diferente da nossa e não adora nossos deuses. Entre os primitivos, o estrangeiro passava por uma complexa cerimônia, destinada a afastar os malefícios que trouxesse de seus demônios; ao voltar de uma viagem, as pessoas deveriam permanecer isoladas por algum tempo, até que delas se afastassem os demônios estranhos, acaso encontrados pelos caminhos". Parágrafo sem conclusão.

17. Vários fatores criaram o espaço social necessário para transformar certo número de pessoas associadas a certas práticas sociais em leitores: o individualismo da sociedade burguesa, a visão de mundo antropocêntrica estimulada pela Renascença e difundida pela filosofia humanista, o progresso tecnológico que facultou o desenvolvimento da imprensa, a expansão da escola e do pensamento pedagógico apoiado na alfabetização, o fortalecimento de instituições culturais como as universidades, as bibliotecas e as academias de escritores.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Vários fatores criaram o espaço social necessário para transformar certo número de pessoas associadas a certas práticas sociais em leitores". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de exemplos: "o individualismo da sociedade burguesa, a visão de mundo antropocêntrica estimulada pela Renascença e difundida pela filosofia humanista, o progresso tecnológico que facultou o desenvolvimento da imprensa, a expansão da escola e do pensamento pedagógico apoiado na alfabetização, o fortalecimento de instituições culturais como as universidades, as bibliotecas e as academias de escritores".

18. Disso resultaram duas noções: de um lado, a noção de público, massa coletiva e anônima que, não obstante o anonimato, pode ter vontade própria e direção definida, incidindo em linhas de ação que a literatura, em parte ou no todo, acata ou não; de outro, a noção de leitor, indivíduo habilitado à leitura, com preferências demarcadas, figura que o escritor busca seduzir, lançando mão de técnicas e de artifícios contabilizados pela crítica e história da literatura.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Disso resultaram duas noções". Desenvolvimento do parágrafo com enumeração de detalhes: "de um lado, a noção de público, massa coletiva e anônima que, não obstante o anonimato, pode ter vontade própria e direção definida, incidindo em linhas de ação que a literatura, em parte ou no todo, acata ou não; de outro, a noção de leitor, indivíduo habilitado à leitura, com preferências demarcadas, figura que o escritor busca seduzir, lançando mão de técnicas e de artifícios contabilizados pela crítica e história da literatura". Parágrafo sem conclusão.

19. Comemoramos o nosso dia (8 de dezembro) sob o fogo cruzado da má vontade e da desinformação. O Judiciário não pode ser culpabilizado pelo que a mídia chama com exagero de impunidade. A polícia não prende, não investiga e nós, presos à aplicação da lei, pagamos o pato. Além disso, há um cipoal de leis, medidas provisórias e atos normativos que acabam por atravancar nossos corredores.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Comemoramos o nosso dia (8 de dezembro) sob o fogo cruzado da má vontade e da desinformação". Desenvolvimento do parágrafo com enumeração de detalhes: "A desinformação – O Judiciário não pode ser culpabilizado pelo que a mídia chama com exagero de impunidade. A polícia não prende, não investiga e nós, presos à aplicação da lei, pagamos o pato. A má vontade: Além disso, há um cipoal de leis, medidas provisórias e atos normativos que acabam por atravancar nossos corredores". Parágrafo sem conclusão.

20. Dinheiro é um facilitador das transações, mas não é a única forma de relação comercial. O mundo moderno não pode menosprezar a sabedoria de nossos antepassados, que sobreviveram séculos fazendo trocas. Um bom exemplo de alinhamento entre estratégias empresariais e apoio governamental, que resultou em uma equação, é o caso da Odebrecht em Angola: esta construtora constrói a hidrelétrica de que o país africano necessita, e o governo angolano paga com petróleo, produto abundante naquele país.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Dinheiro é um facilitador das transações, mas não é a única forma de relação comercial". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento e exemplos: "O mundo moderno não pode menosprezar a sabedoria de nossos antepassados, que sobreviveram séculos fazendo trocas. Um bom exemplo de alinhamento entre estratégias empresariais e apoio governamental, que resultou em uma equação, é o caso da Odebrecht em Angola: esta construtora constrói a hidrelétrica de que o país africano necessita, e o governo angolano paga com petróleo, produto abundante naquele país". Parágrafo sem conclusão.

21. Em oito anos, o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do

estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio – é alarmante esse grau crescente de insegurança.

Comentários:

Parágrafo indutivo. Fundamentação do tópico frasal com apresentação dos dados estatísticos: "Em oito anos, o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio". Apresentação do tópico frasal: "é alarmante esse grau crescente de insegurança".

22. Quando começa a modernidade? A escolha de uma data ou de um evento não é indiferente. O momento que elegemos como originário depende certamente da ideia de nós mesmos que preferimos, hoje, contemplar. E vice-versa: a visão de nosso presente decide das origens que confessamos (ou até inventamos). Assim acontece com as histórias de nossas vidas que contamos para os amigos e para o espelho: os inícios estão sempre em função da imagem de nós mesmos de que gostamos e que queremos divulgar. As coisas funcionam do mesmo jeito para os tempos que consideramos "nossos", ou seja, para a modernidade.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal, sob forma de pergunta/resposta: "Quando começa a modernidade? A escolha de uma data ou de um evento não é indiferente". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento e comparação por semelhança: "O momento que elegemos como originário depende certamente da ideia de nós mesmos que preferimos, hoje, contemplar. E vice-versa: a visão de nosso presente decide das origens que confessamos (ou até inventamos). Assim acontece com as histórias de nossas vidas que contamos para os amigos e para o espelho: os inícios estão sempre em função da imagem de nós mesmos de que gostamos e que queremos divulgar". Conclusão do parágrafo com reafirmação do tópico frasal: "As coisas funcionam do mesmo jeito para os tempos que consideramos 'nossos', ou seja, para a modernidade".

23. A consciência universal sobre a importância dos direitos humanos chegou a uma nitidez nunca antes atingida. Entende-se: já comemoramos o cinquentenário da Declaração Universal dos Direitos do Homem (aprovada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, de 10 de dezembro de 1948, em Paris).

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "A consciência universal sobre a importância dos direitos humanos chegou a uma nitidez nunca antes atingida". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento: "Entende-se: já comemoramos o cinquentenário da Declaração Universal dos Direitos do Homem (aprovada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, de 10 de dezembro de 1948, em Paris)".

Parágrafo sem conclusão.

24. Talvez não haja algum fenômeno social que assalte de forma tão brusca os direitos humanos como a pobreza o faz, por desgastar ou anular os direitos econômicos e sociais, como: direito à alimentação, à água potável, à saúde, à educação, à habitação, à segurança pessoal, à justiça e à dignidade. Embora todos esses direitos sejam interligados e interdependentes, observa-se que, para as pessoas que vivem na pobreza, talvez eles não passem de um sonho muito distante de se tornar realidade.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Talvez não haja algum fenômeno social que assalte de forma tão brusca os direitos humanos como a pobreza o faz". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de causas: "por desgastar ou anular os direitos econômicos e sociais, como: direito à alimentação, à água potável, à saúde, à educação, à habitação, à segurança pessoal, à justiça e à dignidade". Conclusão do parágrafo com reafirmação do tópico frasal: "Embora todos esses direitos sejam interligados e interdependentes, observa-se que, para as pessoas que vivem na pobreza, talvez eles não passem de um sonho muito distante de se tornar realidade".

25. Lagartixas são excelentes alpinistas: escalam paredes com uma velocidade que pode atingir um metro por segundo. O mecanismo usado por esses répteis para se fixarem às superfícies foi descrito pela equipe do biólogo Kellar Autumn, professor em Portland (EUA). Quando a lagartixa sobe pela parede, a geometria especial de seus dedos produz forças de Van der Waals, interações eletromagnéticas fracas que garantem adesão segura entre as patas do réptil e a superfície.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Lagartixas são excelentes alpinistas". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento, seguido de testemunho de autoridade: "escalam paredes com uma velocidade que pode atingir um metro por segundo. O mecanismo usado por esses répteis para se fixarem às superfícies foi descrito pela equipe do biólogo Kellar Autumn, professor em Portland (EUA). Quando a lagartixa sobe pela parede, a geometria especial de seus dedos produz forças de Van der Waals, interações eletromagnéticas fracas que garantem adesão segura entre as patas do réptil e a superfície". Parágrafo sem conclusão.

ANÁLISE DOS ENUNCIADOS DAS PROVAS

No estudo das técnicas de compreensão e interpretação de textos, assim como em outras disciplinas, faz-se necessário estabelecer um método de análise dos enunciados que comumente aparecem em provas de concursos públicos. É importante, por este motivo, que o aluno perceba que há uma técnica por trás da elaboração das questões e que, portanto, será a aplicação desta técnica na resolução de provas que irá garantir uma boa preparação para o seu concurso.

Enunciados mais comuns:

"O texto se estrutura...”; "Os argumentos do autor se fundamentam em...”; "Ao se distribuir o texto adequadamente em parágrafos...”; "O parágrafo que expressa a ideia geral do texto...”; "No texto, o autor defende, sobretudo, a tese de que...”; "O tema do texto é...”; "O trecho a seguir tem a função textual/ a utilidade textual de...”

24.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Nos exercícios de fixação deste capítulo, você já treinou as técnicas de leitura e decodificação de um parágrafo dissertativo. Alguns desses parágrafos você voltará a ver agora nas provas que escolhemos para análise. Nosso intuito é que você perceba como as bancas costumam cobrar tal conhecimento nas questões de concursos.

Primeiramente, veja uma prova elaborada pelo NCE, do concurso para a CVM, que trouxe um único texto. Ele servirá como exemplo do que se chama de texto dissertativo padrão.

"O homem hoje em dia desenvolveu para tudo que costumava fazer com o próprio corpo, extensões ou prolongamentos desse mesmo corpo. A evolução de suas armas começa pelos dentes e punhos e termina com a bomba atômica. Indumentária e casas são extensões dos mecanismos biológicos de controle de temperatura do corpo. A mobília substitui o acocorar-se e sentar-se no chão. Instrumentos mecânicos, lentes, televisão, telefones e livros que levam a voz através do tempo e do espaço constituem exemplos de extensões materiais. Dinheiro é meio de estender os benefícios e de armazenar trabalho. Nosso sistema de transportes faz agora o que costumávamos fazer com os pés e as costas. De fato, podemos tratar de todas as coisas materiais feitas pelo homem como extensões ou prolongamentos do que ele fazia com o corpo ou com alguma parte especializada do corpo".

(Leslie A. White, *The science of culture*)

1. Entre o primeiro e o último período do texto 1 há uma série de afirmações que têm a finalidade de:

a) dar credibilidade ao que é afirmado, já que as afirmações se apoiam em fatos historicamente comprovados.

b) explicitar o que são as "extensões" ou os "prolongamentos" do próprio corpo, vocábulos citados no primeiro período.

c) desenvolver, explicando, a afirmação feita no período inicial, por meio de exemplos esclarecedores.

d) opor-se a pensamentos contrários ao que é exposto no primeiro período, por tratar-se de um ponto de vista novo.

e) apresentar argumentos que comprovem a sua tese, argumentos esses apoiados em descobertas históricas recentes.

2. "**De fato**, podemos tratar de todas as coisas materiais feitas pelo homem como extensões ou prolongamentos..."; a expressão destacada tem a finalidade de:

a) retificar informações anteriores.

b) ampliar informações já fornecidas.

c) confirmar informação prestada anteriormente.

d) explicar informações pouco claras.

e) acrescentar dados aos já fornecidos.

Comentários:

1. Quanto à letra A, observe que o objetivo do que vem após o primeiro período do texto não é *dar credibilidade* ao que se disse anteriormente: credibilidade seria se o autor optasse pela citação de um *testemunho de autoridade* no assunto (as palavras de outro autor renomado). Não foi o caso.

   A letra B, por sua vez, reduz informações do texto: a fundamentação não fala só das *extensões ou prolongamentos do corpo*, mas também *de tudo que o homem costumava fazer com o próprio corpo.* Reduzir informações do texto também é erro de interpretação.

   Quanto à letra D, veja que contradição: a fundamentação do tópico frasal não apresenta pensamentos que sejam *contrários* ao que foi exposto no primeiro período. É justamente o oposto: ela apresenta *exemplos* que apoiam aquilo que foi dito no primeiro período do texto. Não se trata, portanto, de um *ponto de vista novo*, mas o mesmo ponto de vista.

   A letra E começou perfeita; de fato, trata-se de argumentos que comprovam a tese apresentada no primeiro período do texto, mas eles não se apoiam *em descobertas históricas recentes*. São exemplos que confirmam aquilo que se disse no início do texto.

   Tem-se, portanto, um texto que se inicia pela apresentação da tese (*O homem hoje em dia desenvolveu para tudo que costumava fazer com o próprio corpo, extensões ou prolongamentos desse mesmo corpo).* Logo a seguir, tem-se sua fundamentação, que é o desenvolvimento do texto, que ocorre por meio da apresentação de exemplos. Por fim, no último período do texto, tem-se sua conclusão, representada pela retomada do tópico frasal apresentado no início do texto (*De fato, podemos tratar de todas as coisas materiais feitas pelo homem como extensões ou prolongamentos do que ele fazia com o corpo ou com alguma parte especializada do corpo*).

   Resposta: C.

2. Como você viu, o último período do texto é a reafirmação do que se disse no primeiro período. Assim, o conectivo *de fato*, que é um adjunto adverbial de afirmação, exerce mesmo essa tarefa de *confirmar* o que se disse anteriormente.

   Dessa forma, elimina-se a letra A: o objetivo do texto não é *retificar*, *corrigir* o que foi dito anteriormente. As letras B e E são muito parecidas: o que se quer não é *dizer mais* do que foi dito, apenas *reafirmar*.

   Quanto à letra D, entenda que o último período não *explica* o que foi dito anteriormente, apenas *reescreve.*

   Reescrever o que se disse é *confirmar* uma afirmação, que é exatamente o que diz a letra C.

   Resposta: C.

Você percebeu pela questão que as bancas buscam também do candidato sua capacidade de descobrir a estratégia utilizada pelo autor para **fundamentar o tópico frasal introdutório do parágrafo**? Na verdade, o que se quer é que o aluno esteja apto a detectar o tipo de fundamentação que o autor utilizou em determinado parágrafo: a estratégia que se escolheu para desenvolver um parágrafo.

Você conhece as formas mais comuns de se desenvolver um parágrafo? Desenvolver o parágrafo significa expandir sua ideia-núcleo, de modo a torná-lo claro e bem fundamentado. Tal fundamentação pode ocorrer por diversos critérios, lembrando que, em um único parágrafo, o autor pode utilizar mais de um artifício na busca da maneira mais convincente de se expressar.

Antes de seguirmos com a análise de textos, é importante que você conheça as formas mais comuns de se desenvolver o tópico frasal (a ideia-núcleo do parágrafo).

Uma forma muito comum de se desenvolver um argumento é por meio de **enumeração ou descrição de detalhes:** nesse caso, a ideia-núcleo é especificada por meio de detalhes, pormenores. Estabelece-se, portanto, uma explanação da ideia-núcleo, que é então desenvolvida, de modo a aprofundar a discussão iniciada pelo tópico frasal. Veja um exemplo, que é um trecho retirado de uma prova elaborada pela Fundação Carlos Chagas, para o MPU:

> *Quem caminha pelos mais de 70 quilômetros de praia da Ilha Comprida, no litoral sul de São Paulo, pode perceber uma paisagem peculiar* ***(tópico frasal).*** *Em meio às dunas da restinga, onde deveria existir apenas vegetação rasteira, grandes pinheiros brotam por toda parte. A sombra das árvores é um bem-vindo refresco para os moradores da região.*

Nesse caso, o tópico frasal foi desenvolvido por meio de detalhamento, descrições: *grandes pinheiros*, *sombra das árvores…*

Além da apresentação de detalhes, enumerações, pode-se desenvolver um parágrafo pelo **estabelecimento de comparação**. Nesse caso, desenvolve-se uma ideia pela apresentação de <u>contrastes</u> (que enfocam as diferenças) ou <u>paralelos</u> (que destacam as semelhanças) entre ideias, seres, fatos etc.

Observe um trecho retirado de uma prova também da Fundação Carlos Chagas, que se desenvolveu por meio de *contrastes*:

> *Mas os saberes científicos têm uma característica inescapável: os enunciados que produzem são necessariamente provisórios, estão sempre sujeitos à superação e à renovação* ***(tópico frasal)****. Outros exercícios do espírito humano, como a cogitação filosófica, a inspiração poética ou a exaltação mística poderão talvez aspirar a pronunciar verdades últimas; as ciências só podem pretender formular verdades transitórias, sempre inacabadas.*

Nesse trecho, o autor opta por desenvolver um argumento (*a constante transformação das verdades científicas*), por meio da comparação entre a *ciência* e a *filosofia* ou *a poesia*.

Pode-se também desenvolver um argumento por meio da **apresentação de suas causas e/ou consequências**, estratégia, aliás, muito comum nos textos dissertativos. Nesse caso, ou o tópico frasal é a causa e seu desenvolvimento expõe suas consequências, ou será ele a consequência e o restante do parágrafo desenvolverá suas causas. Veja mais um trecho retirado de prova elaborada pela Fundação Carlos Chagas:

A educação é uma função tão natural e universal da comunidade humana que, pela própria evidência, ***(tópico frasal)*** *leva muito tempo a atingir a plena consciência daqueles que a recebem e praticam, sendo, por isso, relativamente tardio o seu primeiro vestígio na tradição literária* ***(consequências)****.*

É um texto filosófico, de difícil compreensão, sabemos disso, mas procure detectar a técnica utilizada pelo autor ao fundamentar seu parágrafo. Após a apresentação do tópico frasal, tem-se a concretização dessa ideia por meio de consequências.

Muitas vezes, o autor, para desenvolver um tópico frasal, opta por sua fundamentação por meio de simples **explicação ou esclarecimento**. É exatamente isto: afirma-se algo e, na sequência do parágrafo, diz-se o que foi dito antes, só que com outras palavras. Veja um exemplo:

As discussões sobre a liberdade assentam necessariamente e em princípio na negação de suas próprias bases possibilitadoras ***(tópico frasal)****. Quero dizer que o único pressuposto histórico viável para que se possa instaurar a inteireza do entendimento da questão está na ausência de liberdade.*

Percebeu como o autor, no segundo período do parágrafo, diz o que se disse anteriormente, com a utilização de outras palavras? É a fundamentação de uma ideia por meio de *explicação*.

Além da explicação, é muito comum que a fundamentação de um parágrafo ocorra por meio da **apresentação de exemplos**. Os exemplos caracterizam-se como uma maneira bem elucidativa de concretizar o que há de abstrato no tópico frasal. Seguindo esse critério, o parágrafo se desenvolve por meio da ilustração da ideia-núcleo, constituindo-se em uma das formas mais simples de se demonstrar aquilo que se afirma. Observe:

Dependendo das circunstâncias, as espécies invasoras podem ser meras "imigrantes" inofensivas ou invasoras altamente nocivas ***(tópico frasal).*** *Dentro do sistema produtivo, por exemplo, o búfalo e o pinus são apenas espécies exóticas. Quando escapam para a natureza, entretanto, muitas vezes tornam-se organismos nocivos aos ecossistemas "naturais".*

Percebeu como os exemplos facilitam a intelecção do que foi dito? Procure utilizá-los também em suas redações. Eles tornam o texto mais claro, evitando que ele se transforme em um amontoado de conceitos. Os exemplos *concretizam* o texto.

Além dessas estratégias de fundamentação de parágrafo, podemos citar algumas outras: **citação de testemunhos de autoridade** (que são depoimentos de um outro autor respeitado sobre o assunto discutido), **apresentação de dados estatísticos** (que são informações retiradas de pesquisas), **apresentação de narrações** (que são histórias utilizadas para ilustrar o tema discutido), entre outros recursos.

Elaboramos um exercício que tem como meta ensinar você a desvendar a estruturação de um parágrafo argumentativo. Com ele, você, não só aprenderá a ler com mais técnica, como também desenvolverá técnicas de redação. Todos os trechos foram retirados de textos de concursos públicos. Constitui cada qual uma única linha de raciocínio que

apresenta as frases organizadas em torno de um tópico frasal, voltadas para um único fim: desenvolver ou retomar a ideia-núcleo, aumentando--lhe a compreensão.

Dessa forma, destaque suas **ideias-núcleo**, indicando o seu **desenvolvimento** e, caso haja, sua **conclusão**. Analise também a(s) forma(s) como foram desenvolvidos os tópicos frasais ao longo dos parágrafos.

1. "Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos. Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitar e dar afeto."

Na introdução do parágrafo, tem-se a apresentação do tópico frasal: "Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana."

A seguir, desenvolve-se o argumento inicial com a enumeração de exemplos: "Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos."

Observe que, na conclusão, o autor não só retomou o tópico frasal, mas optou também por acrescentar consequências: "Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitar e dar afeto".

Trata-se, assim, de um parágrafo padrão, com introdução, desenvolvimento e conclusão.

2. "No início deste período, o homem inventou a escrita, graças à qual os conhecimentos venceram o tempo e o espaço. Venceram o tempo, pois, as experiências acumuladas puderam, sob a forma escrita, ser transmitidas com precisão às gerações seguintes. Venceram o espaço, pois os conhecimentos passaram a ser transportados de um lugar para o outro em papiros, papéis e demais materiais desenvolvidos para a fixação da escrita. Com o registro e com a circulação da informação, o homem se beneficiou de um crescente repertório de experiências, as quais lhe permitiram inventar mais, e mais facilmente."

Mais uma vez, introduz-se o parágrafo por meio da apresentação do tópico frasal: "No início deste período, o homem inventou a escrita, graças à qual *os conhecimentos venceram o tempo e o espaço*."

A seguir, desenvolve-se o argumento inicial por meio da apresentação de explicações: "*Venceram o tempo*, pois, as experiências acumuladas puderam, sob a forma escrita, ser transmitidas com precisão às gerações seguintes. *Venceram o espaço*, pois os conhecimentos passaram a ser transportados de um lugar para o outro em papiros, papéis e demais materiais desenvolvidos para a fixação da escrita".

Novamente, conclui-se o parágrafo com a retomada do tópico frasal e acréscimo de consequências: "Com o registro e com a circulação da informação, o homem se beneficiou de um crescente repertório de experiências, as quais lhe permitiram inventar mais, e mais facilmente".

3. "Liderança é um aspecto da personalidade, uma característica que alguns indivíduos têm e outros não. Por definição, bons líderes

são pessoas diferentes da média. Eles têm mais determinação do que outros. Sua presença é tão marcante que ficam na memória das pessoas. Por isso, liderança não é para qualquer um, é um dom."

Outro parágrafo organizado de forma padrão. Apresenta-se, de início, o tópico frasal: "Liderança é um aspecto da personalidade, uma característica que alguns indivíduos têm e outros não". A seguir, fundamenta-se o argumento central por meio de sua definição, que, nada mais é que seu *esclarecimento*: "Por definição, bons líderes são pessoas diferentes da média. Eles têm mais determinação do que outros. Sua presença é tão marcante que ficam na memória das pessoas".

Ao final do parágrafo, o autor retoma o tópico frasal inicial, que vem antecedido de um conector conclusivo: "Por isso, liderança não é para qualquer um, é um dom".

Bom de ler e de copiar em uma futura redação, não é?

4. "Há muitos tipos de líder, e gosto de destacar três. A primeira categoria é dos líderes que marcam diferença por serem grande estrategistas, objetivos e com visão de futuro. O legado deles é o método. O segundo tipo tem forte poder intelectual, mergulha com intensidade nas questões teóricas, disseca e diagnostica problemas como ninguém. São líderes que deixam ideias originais, com marca própria. E um terceiro tipo chamo de líderes inspiradores. Eles entendem as demandas do povo, suas paixões, conseguem entender emocionalmente as pessoas. Os maiores líderes da história têm força porque reúnem método, intelecto e habilidade de tocar nos sentimentos de seus liderados."

Introduz-se o parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Há muitos tipos de líder, e gosto de destacar três".

Logo a seguir desenvolve-se o parágrafo com a enumeração dos *três tipos de líder* citados na primeira linha do texto: "A primeira categoria é dos líderes que marcam diferença por serem grande estrategistas, objetivos e com visão de futuro. O legado deles é o método. O segundo tipo tem forte poder intelectual, mergulha com intensidade nas questões teóricas, disseca e diagnostica problemas como ninguém. São líderes que deixam ideias originais, com marca própria. E um terceiro tipo chamo de líderes inspiradores. Eles entendem as demandas do povo, suas paixões, conseguem entender emocionalmente as pessoas".

Observe que, na conclusão, o autor retoma tópico frasal acrescentando sua opinião: "Os maiores líderes da história têm força porque reúnem método, intelecto e habilidade de tocar nos sentimentos de seus liderados".

5. "Em oito anos, o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio – é alarmante esse grau crescente de insegurança."

Você consegue perceber que esse parágrafo está estruturado de forma diferente dos parágrafos anteriores? É que ele se inicia pelos dados estatísticos, e não pelo tópico frasal. Esse é o *parágrafo indutivo*, que foge ao padrão: ele vai da fundamentação à ideia, e não o contrário. Vai do concreto ao abstrato. Somente ao final do parágrafo é que se descobre qual é o argumento que o enseja: é alarmante esse grau crescente de insegurança.

Resumindo:

Parágrafo dedutivo é aquele que vai do tópico frasal à sua fundamentação: do abstrato ao concreto. Parágrafo indutivo é aquele que se inicia pela fundamentação do tópico (exemplos, dados estatísticos etc.) e só a seguir é que se apresenta o argumento que motivou o parágrafo.

24.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

Leia o texto a seguir para responder à questão 1.

Depois que se tinha fartado de ouro, o mundo teve fome de açúcar, mas o açúcar consumia escravos. O esgotamento das minas – que de resto foi precedido pelo das florestas que forneciam o combustível para os fornos –, a abolição da escravatura e, finalmente, uma procura mundial crescente, orientam São Paulo e o seu porto de Santos para o café. De amarelo, passando pelo branco, o ouro tornou-se negro.

Mas, apesar de terem ocorrido essas transformações que tornaram Santos num dos centros do comércio internacional, o local conserva uma beleza secreta; à medida que o barco penetra lentamente por entre as ilhas, experimento aqui o primeiro sobressalto dos trópicos. Estamos encerrados num canal verdejante. Quase podíamos, só com estender a mão, agarrar essas plantas que o Rio ainda mantinha à distância nas suas estufas empoleiradas lá no alto. Aqui se estabelece, num palco mais modesto, o contato com a paisagem.

O arrabalde de Santos, uma planície inundada, crivada de lagoas e pântanos, entrecortada por riachos estreitos e canais, cujos contornos são perpetuamente esbatidos por uma bruma nacarada, assemelha-se à própria Terra, emergindo no começo da criação. As plantações de bananeiras que a cobrem são do verde mais jovem e terno que se possa imaginar: mais agudo que o ouro verde dos campos de juta no delta do Bramaputra, com o qual gosto de o associar na minha recordação; mas é que a própria fragilidade do matiz, a sua gracilidade inquieta, comparada com a suntuosidade tranquila da outra, contribuem para criar uma atmosfera primordial.

Durante cerca de meia hora, rolamos por entre bananeiras, mais plantas mastodontes do que árvores anãs, com troncos plenos de seiva que terminam numa girândola de folhas elásticas por sobre uma mão de 100 dedos que sai de um enorme lótus castanho e rosado. A seguir, a estrada eleva-se até os 800 metros de altitude, o cume da serra. Como acontece em toda parte nessa costa, escarpas abruptas protegeram dos ataques do homem essa floresta virgem tão rica que para encontrarmos igual a ela teríamos de percorrer vários milhares de quilômetros para norte, junto da bacia amazônica. Enquanto o carro geme em curvas que já nem poderíamos qualificar como " cabeças de alfinete", de tal modo se sucedem em espiral, por entre um nevoeiro que imita a alta montanha de outros climas, posso examinar à vontade as árvores e as plantas estendendo-se perante o meu olhar como espécimes de museu.

(Adaptado de: LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes Trópicos*. Coimbra, Edições 70, 1979, p. 82-3)

1. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

O excerto, que narra a passagem de Lévi-Strauss por Santos, rumo a São Paulo,

a) representa com minúcia uma natureza que foi preservada graças ao desenvolvimento de Santos, impulsionado pelo cultivo do café.

b) descreve a natureza pujante da região, a despeito de seu desenvolvimento econômico, a ponto de recorrer a imagens de cunho religioso para melhor ilustrar seu ponto de vista.

c) tece juízo de valor a respeito do desenvolvimento econômico do Brasil, tendo como pano de fundo sua riqueza natural inexplorada.

d) compara a natureza litorânea de Santos à encontradiça junto ao leito do rio Bramaputra, com vistas a mostrar, paralelamente, o

quão luxuriante é a natureza brasileira.

e) lamenta o comércio que teria destruído praticamente toda a beleza natural, reduzindo-a a pequenos e secretos lugares, observáveis apenas em expedições como a que conduzia.

Leia o texto a seguir para responder à questão 2.

Medo da eternidade

Jamais esquecerei o meu aflitivo e dramático contato com a eternidade.

Quando eu era muito pequena ainda não tinha provado chicles e mesmo em Recife falava-se pouco deles. Eu nem sabia bem de que espécie de bala ou bombom se tratava. Mesmo o dinheiro que eu tinha não dava para comprar: com o mesmo dinheiro eu lucraria não sei quantas balas.

Afinal minha irmã juntou dinheiro, comprou e ao sairmos de casa para a escola me explicou:

– Tome cuidado para não perder, porque esta bala nunca se acaba. Dura a vida inteira.

– Como não acaba? – Parei um instante na rua, perplexa.

– Não acaba nunca, e pronto.

Eu estava boba: parecia-me ter sido transportada para o reino de histórias de príncipes e fadas. Peguei a pequena pastilha cor-de-rosa que representava o elixir do longo prazer. Examinei-a, quase não podia acreditar no milagre. Eu que, como outras crianças, às vezes tirava da boca uma bala ainda inteira, para chupar depois, só para fazê-la durar mais. E eis-me com aquela coisa cor-de-rosa, de aparência tão inocente, tornando possível o mundo impossível do qual eu já começara a me dar conta.

Com delicadeza, terminei afinal pondo o chicle na boca.

– E agora que é que eu faço? – perguntei para não errar no ritual que certamente deveria haver.

– Agora chupe o chicle para ir gostando do docinho dele, e só depois que passar o gosto você começa a mastigar. E aí mastiga a vida inteira. A menos que você perca, eu já perdi vários. Perder a eternidade? Nunca.

O adocicado do chicle era bonzinho, não podia dizer que era ótimo. E, ainda perplexa, encaminhávamo--nos para a escola.

– Acabou-se o docinho. E agora?

– Agora mastigue para sempre.

Assustei-me, não saberia dizer por quê. Comecei a mastigar e em breve tinha na boca aquele puxa-puxa cinzento de borracha que não tinha gosto de nada. Mastigava, mastigava. Mas me sentia contrafeita. Na verdade eu não estava gostando do gosto. E a vantagem de ser bala eterna me enchia de uma espécie de medo, como se tem diante da ideia de eternidade ou de infinito.

Eu não quis confessar que não estava à altura da eternidade. Que só me dava era aflição. Enquanto isso, eu mastigava obedientemente, sem parar.

Até que não suportei mais, e, atravessando o portão da escola, dei um jeito de o chicle mastigado cair no chão de areia.

– Olha só o que me aconteceu! – disse eu em fingidos espanto e tristeza. Agora não posso mastigar mais! A bala acabou!

– Já lhe disse, repetiu minha irmã, que ela não acaba nunca. Mas a gente às vezes perde. Até de noite a gente pode ir mastigando, mas para não engolir no sono a gente prega o chicle na cama. Não fique triste, um dia lhe dou outro, e esse você não perderá.

Eu estava envergonhada diante da bondade de minha irmã, envergonhada da mentira que pregara dizendo que o chicle caíra da boca por acaso.

Mas aliviada. Sem o peso da eternidade sobre mim.

06 de junho de 1970

(LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo* – crônicas. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p. 289-91)

2. (SEDU-ES – Professor B – FCC – Jan./2016)

As expressões *reino de histórias de príncipes e fadas, elixir do longo prazer e milagre* (7º parágrafo) são mobilizadas pela autora para

a) deixar entrever como a criança, a partir da descrição do chiclete pela irmã com palavras que sugerem a sua imperecibilidade, acabou por associá-lo ao mundo do maravilhoso e da fantasia.

b) ilustrar o modo como, para uma criança pobre, uma coisa simples e barata como um chiclete pode ser tão difícil de obter que a sua compra é associada à esfera do imaginário ou do miraculoso.

c) sugerir o caráter fictício do episódio, que no entanto é narrado como se realmente tivesse acontecido, o que leva ao embaralhamento entre o que seria próprio da ficção e o que pertenceria à realidade.

d) argumentar que, na infância, a imaginação sempre predomina sobre a realidade, o que faz com que a criança vivencie situações concretas como se estivesse no mundo da fantasia.

e) enfatizar a desconfiança da criança em relação à veracidade do que é dito pela irmã sobre o chiclete, pois antes de experimentá-lo não lhe parecia crível a existência de uma bala que não se acabava nunca.

Leia o texto a seguir para responder à questão 3.

O revolucionário projeto de viagem interestelar apoiado por Stephen Hawking para tentar "salvar a humanidade"

Um programa de pesquisa de US$ 100 milhões (cerca de R$ 350 milhões) para o desenvolvimento de "naves estelares" do tamanho de pequenos *chips* eletrônicos foi lançado pelo milionário Yuri Milner e apoiado pelo fundador do Facebook, Mark Zuckerberg.

A viagem interestelar tem sido um sonho para muitos, mas ainda enfrenta barreiras tecnológicas. Entretanto, o físico Stephen Hawking disse à BBC News que a fantasia pode ser realizada mais cedo do que se pensa. "Para que nossa espécie sobreviva, precisamos finalmente alcançar as estrelas", disse. "Os astrônomos acreditam que haja uma chance razoável de termos um planeta parecido com a Terra orbitando estrelas no sistema Alfa Centauri. Mas saberemos mais nas próximas duas décadas por intermédio de dados dos nossos telescópios na Terra e no espaço."

O projeto apoiado pelo físico ambiciona produzir aeronaves do tamanho de um chip usado em equipamentos eletrônicos e lançar milhares dessas "mininaves" na órbita da Terra. Mas antes de projetar naves espaciais capazes de chegar a outras estrelas, há muitos problemas a serem superados. Uma prioridade é desenvolver câmeras, instrumentos e sensores em miniatura.

Stephen Hawking acredita que o que antes era um sonho distante pode e deve se tornar uma realidade dentro de três décadas. "Não é sábio manter todos os novos ovos em uma cesta frágil", disse ele. "A vida na Terra enfrenta perigos astronômicos como asteroides e supernovas."

(Adaptado de: GHOSH, Pallab. O revolucionário projeto de viagem interestelar apoiado por Stephen Hawking para tentar "salvar a humanidade".

Disponível em: www.bbc.com/portuguese/ noticias/2016/04/160412 _interestelar_np)

3. (Copergás/PE – Téc. Seg. Trabalho – FCC – Jul./2016)

Ao afirmar " Não é sábio manter todos os novos ovos em uma cesta frágil" (4º parágrafo), Stephen Hawking reforça a tese de que

a) o conhecimento que o homem adquiriu sobre o universo é capaz de prevenir grandes catástrofes.

b) é preciso encontrar um planeta semelhante à Terra para abrigar parte das nossas próximas gerações.

c) a humanidade deveria desistir de enviar pessoas ao espaço, concentrando-se em naves minúsculas.

d) não devemos nos preocupar com o futuro distante, visto que a destruição da Terra está próxima.

e) a viagem interestelar será inviável e os humanos deveriam se ocupar dos problemas internos da Terra.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 4 e 5.

Abu Dhabi constrói cidade do futuro, com tudo movido a energia solar

Bem no meio do deserto, há um lugar onde o calor é extremo. Sessenta e três graus ou até mais no verão. E foi exatamente por causa da temperatura que foi construída em Abu Dhabi uma das maiores usinas de energia solar do mundo.

Os Emirados Árabes estão investindo em fontes energéticas renováveis. Não vão substituir o petróleo, que eles têm de sobra por mais 100 anos pelo menos. O que pretendem é diversificar e poluir menos. Uma aposta no futuro.

A preocupação com o planeta levou Abu Dhabi a tirar do papel a cidade sustentável de Masdar. Dez por cento do planejado está pronto. Um traçado urbanístico ousado, que deixa os carros de fora. Lá só se anda a pé ou de bicicleta. As ruas são bem estreitas para que um prédio faça sombra no outro. É perfeito para o deserto. Os revestimentos das paredes isolam o calor. E a direção dos ventos foi estudada para criar corredores de brisa.

(Adaptado de: " Abu Dhabi constrói cidade do futuro, com tudo movido a energia solar". Disponível em: <http://g1.globo.com/globoreporter/noticia/2016/04/abu-dhabi-constroi-cidade-do-futuro-com-tudo-movido-energia-solar.html>.)

4. (Eletrobras/Eletrosul – Téc. Seg. Trab. – FCC – Jun./2016)

A construção de uma das maiores usinas de energia solar do mundo em Abu Dhabi se justifica pela preocupação dos Emirados Árabes em

a) eliminar as fontes de calor, especialmente no verão.

b) preservar as minas de petróleo que ainda restam.

c) emitir menos poluentes durante a geração de energia.

d) fornecer energia a baixo custo para a população local.

e) pôr fim imediato à poluição gerada pelo uso do petróleo.

5. (Eletrobras/Eletrosul – Téc. Seg. Trab. – FCC – Jun./2016)

Acerca da cidade de Masdar, é correto afirmar que

a) foi projetada com estratégias para reduzir o calor.

b) permanece no papel, pois sua execução é inviável.

c) partiu de um projeto testado antes em outra região.

d) foi planejada durante uma época anterior aos carros.

e) é bem convencional, inspirada nas grandes metrópoles.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 6 e 7.

Ofertas do Google

Uma das coisas que admiro nas pessoas que sabem muito é o desapego. Elas não se contentam em saber – espalham generosamente o que sabem, vivem prontas a ensinar e fazem isso de graça, pelo prazer de ajudar. O conhecimento não é para ser guardado a ferros, mas dividido – aliás, a única maneira de multiplicá-lo.

Tive a sorte de trabalhar ou conviver com alguns verdadeiros arquivos vivos, gente capaz de responder na lata sobre muitos assuntos além dos de sua área – entre outros, Otto Maria Carpeaux e Franklin de Oliveira. Uma pergunta a um deles era a garantia de uma aula.

De 15 anos para cá, o Google se esforça para substituir as sumidades do conhecimento. É o maior banco de dados do mundo e ameaça tornar ociosos os dicionários, enciclopédias e compêndios – já absorvidos por ele, ao alcance de consultas rápidas e, melhor ainda, grátis.

Ou não? Posso estar errado, mas tenho visto que, de algum tempo para cá, ao procurar por qualquer assunto no Google, ele nos cumula de pechinchas comerciais sobre o dito assunto. Se você pesquisar " sorvete", " livro" ou " apartamento", ele aproveitará para apregoar um irritante varejo desses produtos.

(Adaptado de: CASTRO, Ruy. "Ofertas do Google". Disponível em: <www.folha.uol.com.br/colunas/ruycastro/2016/03/1748685-ofertas-do-google.shtml>.)

6. (Eletrobras/Eletrosul – Téc. Seg. Trab. – FCC – Jun./2016)

O autor faz uma crítica

a) ao fato de o Google ter feito com que os homens sábios parecessem charlatões.

b) à maneira como o Google divulga informações sem dar crédito aos autores.

c) à superficialidade do conteúdo do Google comparado com os livros tradicionais.

d) à falta de variedade de conteúdo disponível para pesquisas rápidas no Google.

e) à divulgação de conhecimento no Google aliada a interesses comerciais.

7. (Eletrobras/Eletrosul – Téc. Seg. Trab. – FCC – Jun./2016)

A expressão sublinhada tem seu sentido expresso, em outras palavras, em:

a) ... *ameaça tornar <u>ociosos</u> os dicionários, enciclopédias e compêndios*... (3º parágrafo) / obsoletos

b) ... *a única maneira de <u>multiplicá-lo</u>*. (1º parágrafo) / decompô-lo.

c) ... *o Google se esforça para substituir <u>as sumidades</u> do conhecimento*. (3º parágrafo) / os inábeis

d) *Uma pergunta a um deles era a <u>garantia</u> de uma aula*. (2º parágrafo) / prepotência

e) *De 15 anos para cá, o Google* *se esforça* *para substituir...* (3º parágrafo) / se surpreende

8. (Eletrobras/Eletrosul – Téc. Seg. Trab. – FCC – Jun./2016)

Considere o texto abaixo.

Da paginação

Os livros de poemas devem ter margens largas e muitas páginas em branco e suficientes claros nas páginas impressas, para que as crianças possam enchê-los de desenhos – gatos, homens, aviões, casas, chaminés, árvores, luas, pontes, automóveis, cachorros, cavalos, bois, tranças, estrelas – que passarão também a fazer parte dos poemas...

(QUINTANA, Mario. *Sapato florido*. São Paulo, Globo, 2005, p. 33)

Para o autor, os livros de poemas devem ter uma apresentação que

a) elimine a chance de mais de uma interpretação.

b) induza a uma leitura realista e bem objetiva.

c) estimule a participação ativa das crianças.

d) ensine as crianças a se portar com bons modos.

e) seja compreensível a pessoas que são analfabetas.

Leia o texto a seguir para responder à questão 9.

Em 2015, o Brasil comemorou os 150 anos de nascimento de Cândido Mariano da Silva Rondon, mais conhecido como Marechal Rondon, militar e sertanista brasileiro que desbravou as regiões Centro-Oeste e Norte nos séculos 19 e 20. Por causa das expedições que comandou, passou a ser habitada a região onde está situado o estado de Rondônia, assim denominado em sua homenagem.

Rondon nasceu em Mimoso (MT), no dia 5 de maio de 1865. Descendente, por parte de mãe, dos índios terenas e bororo, e por parte de pai, dos índios guanás, logo ficou órfão, sendo criado pelo avô. Depois de sua morte, transferiu-se para o Rio de Janeiro e ingressou na Escola Militar. Depois de se formar bacharel em Ciências Físicas e Naturais e tornar-se tenente, em 1890, foi transferido para o setor do Exército que implantava linhas telegráficas por todo o país.

A partir daí, durante quase vinte anos, Rondon viajou por todo o Brasil implantando o telégrafo e eventualmente abrindo estradas. Nessas viagens, ele frequentemente encontrou tribos indígenas que não tinham contato com a civilização e, aos poucos, desenvolveu uma técnica de aproximação amigável. Rondon contribuiu também para o reconhecimento e mapeamento de grandes áreas ainda inóspitas no interior do país. A partir daí, levantou dados e informações de mineralogia, geologia, botânica, zoologia e antropologia. E encontrou, em 1906, as ruínas do Real Forte do Príncipe da Beira, a maior relíquia histórica de Rondônia.

Em 1910, organizou e passou a dirigir o Serviço de Proteção aos Índios, que viria a se tornar a Fundação Nacional do Índio (Funai). Em 1952, propôs a criação do Parque Indígena do Xingu e, no ano seguinte, inaugurou o Museu Nacional do Índio.

Rondon morreu em 1958, no Rio de Janeiro, com quase 93 anos. Dedicou a vida a promover a colonização do interior do país, pacificando e tratando os índios. Ficou conhecido pelo lema indigenista: " Morrer se for preciso, matar nunca".

(Adaptado de: "Congresso comemora na próxima semana os 150 anos do Marechal Rondon". Agência Senado. Disponível em: <www12.senado.leg.br/noticias/materias/2015/04/30/congresso-comemora-na-proxima-semana-os-150-anos-do-marechal-rondon>.)

9. (TRT14R – Téc. Jud. – Área Adminis. – FCC – Fev./2016)

Destaca-se em Rondon

a) a personalidade instável e irascível.

b) o perfil autoritário e truculento.

c) o comportamento passivo e hesitante.

d) a atitude conformista e servil.

e) o espírito pacífico e desbravador.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 10 e 11.

Nós, o rio e o tempo

Fico olhando, Maria, o nosso rio,
o Madeira da nossa Juventude.
Na enchente, em constante inquietude
vencendo a cada curva um desafio.
Para depois, no decorrer do estio,
com a ribanceira em sua plenitude
toda plantada pelo braço rude
de quem espera o fruto do plantio.
Mas o tempo, Maria, nos comprova
que a cada instante o rio se renova
e nós a cada instante envelhecemos.
Por certo ele será sempre criança
e o seu poente um canto de esperança
na saudade daquilo que vivemos.

(SILVA, Antônio Cândido da. Disponível em: <www.acler.-com.br/?conteudo=artigosmostra&cod=318&autor=6>.)

10. (TRT14R – Téc. Jud. – Área Adminis. – FCC – Fev./2016)

Percebe-se, no poema, a

a) representação do tempo como algo imutável.

b) caracterização da natureza degradada pelo homem.

c) predominância de uma ambientação urbana.

d) descrição do eterno conflito entre homem e mulher.

e) expressão de um sentimento nostálgico.

11. (TRT14R – Téc. Jud. – Área Adminis. – FCC – Fev./2016)

Apresentam significações opostas, no poema, os termos

a) *rio* e *enchente*, já que o primeiro equivale à calmaria e o segundo, à agitação.

b) *plenitude* e *Juventude*, já que o primeiro representa a tradição e o segundo, o progresso.

c) *estio* e *ribanceira*, já que o primeiro faz referência à escassez e o segundo, à fartura.

d) *poente* e *saudade*, já que o primeiro se refere ao futuro e o segundo, ao passado.

e) *criança* e *canto*, já que o primeiro remete à alegria e o segundo, à tristeza.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 12 e 13.

Idades e verdades

O médico e jornalista Drauzio Varella escreveu outro dia no jornal uma crônica muito instigante. Destaco este trecho: " Nada mais ofensivo para o velho do que dizer que ele tem 'cabeça de jovem'. É considerá-lo mais inadequado do que o rapaz de 20 anos que se comporta como criança de dez. Ainda que maldigamos o envelhecimento, é ele que nos traz a aceitação das ambiguidades, das diferenças, do contraditório e abre espaço para uma diversidade de experiências com as quais nem sonhávamos anteriormente".

Tomo a liberdade de adicionar meu comentário de velho: não preciso que os jovens acreditem em mim, tampouco estou aberto para receber lições dos mocinhos. Nossa alternativa: ao nos defrontarmos com uma questão de comum interesse, discutirmos honestamente que sentido ela tem para nós. O que nos unirá não serão nossas diferenças, mas o que nos desafia.

(LAMEIRA, Viriato, *inédito*)

12. (Copergás/PE – Analista Administrador – FCC – Jul./2016)

Deve-se entender que as afirmações de Drauzio Varella e as do autor do texto mantêm entre si

a) uma clara relação de causa e efeito, na ordem em que são expostas.

b) uma relação de independência, uma vez que não os move uma questão comum.

c) uma interligação compulsória, pois não se entende uma sem a presença da outra.

d) um caráter de alguma complementaridade, dado que a segunda é motivada pela primeira.

e) uma relação de subordinação, pois a segunda é uma simples dedução da primeira.

13. (Copergás/PE – Analista Administrador – FCC – Jul./2016)

O texto citado de Drauzio Varella parte de uma premissa que ele considera

a) verdadeira: os velhos, apesar da experiência acumulada, têm nostalgia dos anos dourados da juventude.

b) enganosa: a de que os velhos gostariam de ser aceitos como se mantivessem a pujança da juventude.

c) aceitável: há algo de pueril na velhice, mas que não obsta aos velhos demonstrar tudo o que aprenderam.

d) legítima: desde cedo somos obrigados a enfrentar as ambiguidades e os paradoxos do nosso pensamento.

e) preconceituosa: a de que os velhos tendam a amaldiçoar sua idade, quando o que sucede é exatamente o contrário.

Leia o texto a seguir para responder à questão 14.

Uma energia que vem de longe

O aproveitamento de recursos hídricos nas formas e em escala que conhecemos hoje só se tornou possível no final do século XIX, após o domínio das leis da mecânica dos fluidos, o consequente aperfeiçoamento das máquinas hidráulicas até o rendimento máximo e, por fim, o desenvolvimento da fantástica indústria da eletricidade. Sua história, porém, remonta à época da emergência daquelas civilizações, na Ásia e na África, das quais toda a cultura moderna é tributária, e está intimamente associada ao desenvolvimento dos primeiros grandes sistemas energéticos da humanidade, baseados na cultura irrigada de cereais.

(LOPES, Bernardina Reina, *inédito*)

14. (Eletrobras/Eletrosul – Adm. Empres. – FCC – Jun./2016)

Deve-se entender do texto que o aproveitamento de recursos hídricos

a) mantém-se tecnicamente tão eficaz quanto já o era ao tempo dos primeiros grandes sistemas energéticos.

b) está dando uma contribuição decisiva para o surgimento da fundamental indústria da eletricidade.

c) deve muito de seu atual estágio aos avanços resultantes do domínio da mecânica dos fluidos.

d) remonta ao final do século XIX, quando se aperfeiçoou o sistema de irrigação da cultura de cereais.

e) é tributário da cultura moderna e ainda se vale significativamente das técnicas das antigas civilizações orientais.

Leia o texto a seguir para responder à questão 15.

Designado para fazer a crítica dos espetáculos líricos de setembro de 1846 a outubro do ano seguinte no *Jornal do Comércio*, Martins Pena se revelou um profundo conhecedor da arte cênica, tanto no que se refere à prática teatral (cenário, representação, maquinarias) quanto a sua história, sendo não raro seus incisivos argumentos a causa de grandes polêmicas no teatro representado na corte brasileira.

Pena ganhou evidência como comediógrafo a partir de 1838, ano em que foi encenada sua peça *O Juiz de Paz na Roça*. Embora tenha produzido alguns dramas (que lhe renderam duras críticas), destacou-se de fato pelas suas comédias e farsas, nas quais retratou a cultura e os costumes da sociedade do seu tempo.

Nas suas obras, Pena buscou uma tomada de consciência de um momento da história de nosso país, que recém adquiria uma limitada independência, e tentou pensar criticamente nossa cultura, com as restrições que o contexto impunha ao trabalho intelectual, desvencilhando-se da tradição clássica, das comédias francesas, do teatro lírico e do melodrama, para criar uma nova comédia com traços muito pessoais, o que lhe garantiu sucesso imediato em seu tempo e um significado ímpar na história do teatro brasileiro.

Disponível em: <www.questaodecritica.com.br> (com adaptações).

15. (INSS – Analista Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

Julgue o item subsequente, que versa sobre os sentidos e os aspectos linguísticos do texto acima.

Verifica-se uma contradição na argumentação do autor, uma vez que o sentido do trecho “ criar uma nova comédia com traços muito pessoais” (l. 11) é incompatível com o sentido do trecho “ retratou a cultura e os costumes da sociedade do seu tempo” (l. 7).

Leia o texto a seguir para responder à questão 16.

Texto CB2A2AAA

É inegável que o Estado representa um ônus para a sociedade, já que, para assegurar o seu funcionamento, consome riquezas da sociedade. Representa, porém, um mal necessário, pois até agora não se conseguiu arquitetar mecanismo distinto para catalisar a vida em comunidade. Então, se do Estado ainda não pode prescindir a civilização, cabe-lhe aprimorá-lo, buscando otimizar o seu funcionamento, de modo a torná-lo menos oneroso, mais eficiente e eficaz.

O bom funcionamento do Estado, que inclui também o bom funcionamento de suas estruturas encarregadas do controle público (Ministério Público, Poder Legislativo e tribunais de contas, entre outros), vem sendo alçado à condição de direito fundamental dos indivíduos. Pressupõe, notadamente sob as luzes do princípio constitucional da eficiência, os deveres de cuidado e de cooperação.

O dever de cuidado é consequência direta do postulado da indisponibilidade do interesse público. Em decorrência desse postulado, todo agente público tem o dever de, no cumprimento fiel de suas atribuições, perseguir o interesse público manifesto na Constituição Federal e nas leis. Conduz, portanto, à ideia de vedação da omissão, já que deixar de cumprir tais atribuições evidenciaria conduta ilícita.

O dever de cuidado conduz, ainda, a uma ampla interação entre as estruturas públicas de controle, ou seja, é um dever de cooperação, não como faculdade, mas como obrigação que, em regra, dispensa formas especiais, como previsões normativas específicas, convênios e acordos.

Sob essa perspectiva, o controle público do Estado deve incorporar à sua cultura institucional o compromisso com o direito fundamental ao bom funcionamento do Estado. Nesse contexto, os deveres de cuidado e de cooperação se impõem a todas as estruturas do Estado destinadas a promover o controle da máquina estatal.

A observância do dever de cuidado e do de cooperação – traduzida, portanto, na atuação comprometida e concertada das estruturas orientadas para a função de controle da gestão pública – deve promover, entre os agentes e órgãos de controle, comportamentos de responsabilidade e responsividade. Por responsabilidade entenda-se o genuíno compromisso com a integralidade do ordenamento jurídico, o que pressupõe, acima de tudo, o reconhecimento de um regime de vedação da omissão. Responsividade, por sua vez, traduz o comportamento orientado a oferecer respostas rápidas e proativas, impregnadas de verdadeiro compromisso com a ideia-chave de promover o bom funcionamento do Estado.

Diogo Roberto Ringenberg. Direito fundamental ao bom funcionamento do controle público. In: Controle Público, nº 10, abr./2011, p. 55 (com adaptações).

16. (TCE-SC – Aud. Fiscal-Administ. – Cespe – Maio/2016)

A respeito das ideias veiculadas no texto CB2A2AAA, julgue o item que se segue.

A tese defendida pelo autor do texto resume-se à ideia expressa na seguinte assertiva: o Estado é um peso para toda a sociedade, mas, como não se pode prescindir dele, devem-se arquitetar mecanismos para que os impostos pagos pela sociedade sejam distribuídos em favor dos mais pobres.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 17 – 20.

Texto II

O índio não teve muita sorte na literatura brasileira, depois do Romantismo. Enquanto nas letras hispano-americanas viceja um esplêndido indigenismo pelo século XX adentro, com tantos e tão importantes criadores dedicando-se a transpor o índio para a ficção, no Brasil se podem contar nos dedos das mãos os casos.

Torna a trazer o assunto à baila o aparecimento e grande vendagem de **Maíra**, romance de Darcy Ribeiro. O renomado antropólogo já tinha em seu acervo de realizações uma respeitável brasiliana, incluindo vários trabalhos sobre os índios, um dos quais, a história de Uirá, fora transformado em filme no início da década de 70. **Maíra** é, portanto, a primeira incursão do autor pelo épico, a menos que se considere a história de Uirá como uma primeira aproximação ao gênero.

O relato, como o filme, dá conta do trágico percurso de Uirá, da tribo Urubu-Kaapor, no Maranhão deste século, o qual um dia fica *iñaron* quando, após muitas desgraças comuns ao destino dos índios brasileiros, como fome, espoliação, epidemias, perseguições, perde também um dos filhos.

A palavra tupi *iñaron* designa um estado de fúria sagrada, associado ao sofrimento excessivo, não deixando de lembrar as famosas fúrias dos heróis gregos: Hércules, uma vez acometido por um desses acessos, enviado pela vingativa Hera, matou, sem o saber, seus três filhos e esposa, tal como vem narrado na tragédia **Héracles Furioso**, de Eurípedes. Nas **Bacantes**, do mesmo autor, Agave, fora de si, participa do desmembramento de seu filho adulto, Penteu, rei de Tebas. E talvez o mais formidável exemplo seja o da cólera de Aquiles, que dá nascimento à inteira composição da **Ilíada**, desencadeada por sua recusa a continuar lutando. Devido à recusa de Aquiles, quase foi perdida a guerra de Troia e, não fosse sua fúria, o poema não teria sido composto.

Em meio ao furacão histórico da fase do capitalismo selvagem no país, quando o acirramento da acumulação leva multinacionais e suas cabeças-de-ponte nacionais a apropriar-se dos mais recônditos confins com vistas ao lucro, encontram-se, estonteados, os índios. O único problema dos Mairum – nome inventado, tribo arquetípica de todas as tribos, povo de Maíra – é como sobreviver e como fazer sua cultura sobreviver, com crescente dificuldade.

O romance inteiro soa como uma lamentação, um carpir sobre o fim de uma civilização das mais admiráveis. Seus trechos mais bem realizados são aqueles nos quais uma espécie de narrador coletivo índio dá conta de sua maneira de ver o mundo, de como compreende e interpreta seus hábitos e tradições; e, o que é mais importante, franqueia para o leitor seu tremendo desejo de sobrevivência e alegria de viver.

A produção e publicação de um romance como esse, agora, mostra como o índio está mais vivo do que nunca em sua conexão com a literatura brasileira. Tampouco deve ser uma coincidência que, neste exato momento, outras ficções, filmes, romances, peças de teatro, novelas de televisão, canções, estejam sendo feitos, todos sobre os índios, todos lutando em defesa de sua preservação para a História. Quando há tanta desconfiança em relação à pulsão destrutiva da civilização ocidental e entre nós é tão escandaloso o capitalismo selvagem, isso pode vir a significar alguma coisa. Talvez uma postura mais cautelosa e menos arrogante, de quem está aprendendo a perceber que outras civilizações encontraram saídas melhores e, sobretudo, não suicidas para males que hoje parecem irremediáveis, como o problema do poder, da proliferação e potenciação dos armamentos, da destruição da natureza, do Estado e de seu aparelho, da igualdade nunca encontrada. A alegoria da moça branca morta ao parir mestiços mortos poderá significar também o caráter heteroletal e autoletal da etnia branca? Pode ser que a importância da civilização indígena esteja, final e penosamente, penetrando na consciência do corpo social brasileiro.

Walnice Nogueira Galvão. Indianismo revisitado. In: *Esboço de figura – Homenagem a Antonio Candido.* São Paulo: Duas Cidades, 1979, p. 379-89 (com adaptações).

(Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Julgue (C ou E) os itens seguintes, relacionados às ideias desenvolvidas no texto II.

17. Ao citar exemplos da literatura grega antiga, Walnice Nogueira Galvão indica que a organização tribal é capaz de gerar conflitos e tensões que transcendem o Brasil ou o espaço hispano-americano.

18. Com o trecho "encontram-se, estonteados, os índios" (l. 23), a autora do texto evidencia o confronto entre o "capitalismo selvagem no país" (l. 21) e a cultura indígena.

19. Tanto o romance **Maíra** quanto o relato de Uirá exibem enredos marcados pelas dificuldades enfrentadas por tribos indígenas, atingidas por flagelos trazidos pela civilização não indígena.

20. Ao afirmar que "o índio está mais vivo do que nunca em sua conexão com a literatura" (l. 30 e 31), a autora defende que romances como **Maíra** têm o mérito de salvar tribos e civilizações indígenas das forças destrutivas que predominam nas sociedades.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 21 e 22.

Texto I

Descaso com saneamento deixa rios em estado de alerta

A crise hídrica transformou a paisagem urbana em muitas cidades paulistas. Casas passaram a contar com cisternas e caixas-d'água azuis se multiplicaram por telhados, lajes e até em garagens. Em regiões mais nobres, jardins e portarias de prédios ganharam placas que alertam sobre a utilização de água de reúso. As pessoas mudaram seu comportamento, economizaram e cobraram soluções.

As discussões sobre a gestão da água, nos mais diversos aspectos, saíram dos setores tradicionais e técnicos e ganharam espaço no cotidiano. Porém, vieram as chuvas, as enchentes e os rios urbanos voltaram a ficar tomados por lixo, mascarando, de certa forma, o enorme volume de esgoto que muitos desses corpos de água recebem diariamente.

É como se não precisássemos de cada gota de água desses rios urbanos e como se a água limpa que consumimos em nossas casas, em um passe de mágica, voltasse a existir em tamanha abundância, nos proporcionando o luxo de continuar a poluir centenas de córregos e milhares de riachos nas nossas cidades. Para completar, todo esse descaso decorrente da falta de saneamento se reverte em contaminação e em graves doenças de veiculação hídrica.

Dados do monitoramento da qualidade da água – que realizamos em rios, córregos e lagos de onze Estados brasileiros e do Distrito Federal – revelaram que 36,3% dos pontos de coleta analisados apresentam qualidade ruim ou péssima. Apenas 13 pontos foram avaliados com qualidade de água boa (4,5%) e os outros 59,2% estão em situação regular, o que significa um estado de alerta. Nenhum dos pontos analisados foi avaliado como ótimo.

Divulgamos esse grave retrato no Dia Mundial da Água (22 de março), com base nas análises realizadas entre março de 2015 e fevereiro de 2016, em 289 pontos de coleta distribuídos em 76 municípios.

(MANTOVANI, Mário; RIBEIRO, Malu. *UOL Notícias*, abril/2016.)

21. (Pref. Paulínia-SP – Ag. Fiscaliz. – FGV – Maio/2016)

"*A crise hídrica transformou a paisagem urbana em muitas cidades paulistas. Casas passaram a contar com cisternas e caixas-d'água azuis se multiplicaram por telhados, lajes e até em garagens. Em regiões mais nobres, jardins e portarias de*

prédios ganharam placas que alertam sobre a utilização de água de reúso."

Nesse segmento há três períodos. O segundo e o terceiro períodos, em relação ao primeiro, funcionam como

a) explicação da transformação ocorrida.

b) exemplificação de mudanças a partir da crise hídrica.

c) conclusão do que é dito anteriormente.

d) justificativa das transformações feitas pela população.

e) ironia sobre as medidas inócuas adotadas.

22. (Pref. Paulínia-SP – Ag. Fiscaliz – FGV – Maio/2016)

"*Dados do monitoramento da qualidade da água – que realizamos em rios, córregos e lagos de onze Estados brasileiros e do Distrito Federal – revelaram que 36,3% dos pontos de coleta analisados apresentam qualidade ruim ou péssima. Apenas 13 pontos foram avaliados com qualidade de água boa (4,5%) e os outros 59,2% estão em situação regular, o que significa um estado de alerta. Nenhum dos pontos analisados foi avaliado como ótimo*."

A função principal desse parágrafo do texto é

a) demonstrar o valor das pesquisas para os textos jornalísticos.

b) mostrar a seriedade da pesquisa realizada.

c) comprovar a qualidade do veículo divulgador da notícia.

d) indicar a qualidade dos autores do texto.

e) alertar contra a péssima qualidade da água.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 23 - 25.

Texto 1 – O futuro da medicina

O avanço da tecnologia afetou as bases de boa parte das profissões. As vítimas se contam às dezenas e incluem músicos, jornalistas, carteiros etc. Um ofício relativamente poupado até aqui é o de médico. Até aqui. A crer no médico e "geek" Eric Topol, autor de "The Patient Will See You Now" (o paciente vai vê-lo agora), está no forno uma revolução da qual os médicos não escaparão, mas que terá impactos positivos para os pacientes.

Para Topol, o futuro está nos *smartphones*. O autor nos coloca a par de incríveis tecnologias, já disponíveis ou muito próximas disso, que terão grande impacto sobre a medicina. Já é possível, por exemplo, fotografar pintas suspeitas e enviar as imagens a um algoritmo que as analisa e diz com mais precisão do que um dermatologista se a mancha é inofensiva ou se pode ser um câncer, o que exige medidas adicionais.

Está para chegar ao mercado um apetrecho que transforma o celular num verdadeiro laboratório de análises clínicas, realizando mais de 50 exames a uma fração do custo atual. Também é possível, adquirindo lentes que custam centavos, transformar o *smartphone* num supermicroscópio que permite fazer diagnósticos ainda mais sofisticados.

Tudo isso aliado à democratização do conhecimento, diz Topol, fará com que as pessoas administrem mais sua própria saúde, recorrendo ao médico em menor número de ocasiões e de preferência por via eletrônica. É o momento, assegura o autor, de ampliar

a autonomia do paciente e abandonar o paternalismo que desde Hipócrates assombra a medicina.

Concordando com as linhas gerais do pensamento de Topol, mas acho que, como todo entusiasta da tecnologia, ele provavelmente exagera. Acho improvável, por exemplo, que os hospitais caminhem para uma rápida extinção. Dando algum desconto para as previsões, " The Patient..." é uma excelente leitura para os interessados nas transformações da medicina.

Folha de S. Paulo online – Coluna Hélio Schwartsman – 17/01/2016.

23. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

O segundo, o terceiro e o quarto parágrafos do texto 1 têm a função de:

a) demonstrar que a revolução já é uma realidade;

b) criticar os exageros do livro indicado;

c) resumir a obra de Topol;

d) justificar o título do livro referido;

e) explicitar o conteúdo do livro citado.

24. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

O primeiro parágrafo do texto 1 mostra uma estratégia no tratamento do tema, que é partir:

a) do passado para o presente;

b) do geral para o particular;

c) do todo para as partes;

d) do abstrato para o concreto;

e) do objetivo para o subjetivo.

25. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

" Para Topol, o futuro está nos *smartphones*. O autor nos coloca a par de incríveis tecnologias, já disponíveis ou muito próximas disso, que terão grande impacto sobre a medicina."

O segundo período desse segmento do texto 1, em relação ao período anterior, funciona como:

a) oposição à afirmação feita;

b) enumeração das tecnologias referidas anteriormente;

c) explicação do termo " smartphones";

d) justificativa de uma afirmação;

e) consequência de uma causa previamente citada.

Leia o texto a seguir para responder à questão 26.

Texto 2 – Manual de princípios éticos para sites de medicina e saúde na internet

A veiculação de informações, a oferta de serviços e a venda de produtos médicos na Internet têm o potencial de promover a saúde

mas também podem causar danos aos internautas, usuários e consumidores.

O CREMESP define a seguir princípios éticos norteadores de uma política de autorregulamentação e critérios de conduta dos sites de saúde e medicina na Internet.

1) TRANSPARÊNCIA

Deve ser transparente e pública toda informação que possa interferir na compreensão das mensagens veiculadas ou no consumo dos serviços e produtos oferecidos pelos sites com conteúdo de saúde e medicina. Deve estar claro o propósito do site: se é apenas educativo ou se tem fins comerciais na venda de espaço publicitário, produtos, serviços, atenção médica personalizada, assessoria ou aconselhamento. É obrigatória a apresentação dos nomes do responsável, mantenedor e patrocinadores diretos ou indiretos do site.

2) HONESTIDADE

Muitos sites de saúde estão a serviço exclusivamente dos patrocinadores, geralmente empresas de produtos e equipamentos médicos, além da indústria farmacêutica que, em alguns casos, interferem no conteúdo e na linha editorial, pois estão interessados em vender seus produtos.

A verdade deve ser apresentada sem que haja interesses ocultos. Deve estar claro quando o conteúdo educativo ou científico divulgado (afirmações sobre a eficácia, efeitos, impactos ou benefícios de produtos ou serviços de saúde) tiver o objetivo de publicidade, promoção e venda, conforme Resolução CFM Nº 1.595/2000.

3) QUALIDADE

A informação de saúde apresentada na Internet deve ser exata, atualizada, de fácil entendimento, em linguagem objetiva e cientificamente fundamentada. Da mesma forma produtos e serviços devem ser apresentados e descritos com exatidão e clareza. Dicas e aconselhamentos em saúde devem ser prestados por profissionais qualificados, com base em estudos, pesquisas, protocolos, consensos e prática clínica.

Os sites com objetivo educativo ou científico devem garantir a autonomia e independência de sua política editorial e de suas práticas, sem vínculo ou interferência de eventuais patrocinadores.

Deve estar visível a data da publicação ou da revisão da informação, para que o usuário tenha certeza da atualidade do site. Os sites devem citar todas as fontes utilizadas para as informações, critério de seleção de conteúdo e política editorial do site, com destaque para nome e contato com os responsáveis.

26. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

O título do texto 2 já define o seu conteúdo como:

a) preditivo;

b) informativo;

c) publicitário;

d) normativo;

e) instrucional.

Leia o texto a seguir para reponder à questão 27.

Texto 1 – Problemas Sociais Urbanos

Dentre os problemas sociais urbanos, merece destaque a questão da segregação urbana, fruto da concentração de renda no espaço das cidades e da falta de planejamento público que vise à promoção de políticas de controle ao crescimento desordenado das cidades. A especulação imobiliária favorece o encarecimento dos locais mais próximos dos grandes centros, tornando-os inacessíveis à grande massa populacional. Além disso, à medida que as cidades crescem, áreas que antes eram baratas e de fácil acesso tornam--se mais caras, o que contribui para que a grande maioria da população pobre busque por moradias em regiões ainda mais distantes.

Essas pessoas sofrem com as grandes distâncias dos locais de residência com os centros comerciais e os locais onde trabalham, uma vez que a esmagadora maioria dos habitantes que sofrem com esse processo são trabalhadores com baixos salários. Incluem-se a isso as precárias condições de transporte público e a péssima infraestrutura dessas zonas segregadas, que às vezes não contam com saneamento básico ou asfalto e apresentam elevados índices de violência.

A especulação imobiliária também acentua um problema cada vez maior no espaço das grandes, médias e até pequenas cidades: a questão dos lotes vagos. Esse problema acontece por dois principais motivos: 1) falta de poder aquisitivo da população que possui terrenos, mas que não possui condições de construir neles e 2) a espera pela valorização dos lotes para que esses se tornem mais caros para uma venda posterior. Esses lotes vagos geralmente apresentam problemas como o acúmulo de lixo, mato alto, e acabam tornando-se focos de doenças, como a dengue.

PENA, Rodolfo F. Alves. "Problemas socioambientais urbanos"; *Brasil Escola*. Disponível em: http://brasilescola.uol.com.br/brasil/problemas-ambientais-sociais-decorrentes-urbanização.htm. Acesso em 14 de abril de 2016.

27. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

A estruturação do texto 1 é feita do seguinte modo:

a) uma introdução definidora dos problemas sociais urbanos e um desenvolvimento com destaque de alguns problemas;

b) uma abordagem direta dos problemas com seleção e explicação de um deles, visto como o mais importante;

c) uma apresentação de caráter histórico seguida da explicitação de alguns problemas ligados às grandes cidades;

d) uma referência imediata a um dos problemas sociais urbanos, sua explicitação, seguida da citação de um segundo problema;

e) um destaque de um dos problemas urbanos, seguido de sua explicação histórica, motivo de crítica às atuais autoridades.

Leia o texto a seguir para responder à questão 28.

Texto 2 – Violência e favelas

O crescimento dos índices de violência e a dramática transformação do crime manifestados nas grandes metrópoles são alarmantes, sobretudo, na cidade do Rio de Janeiro, sendo as favelas as mais afetadas nesse processo.

" A violência está o cúmulo do absurdo. É geral, não é? É geral, não tem, não está distinguindo raça, cor, dinheiro, com dinheiro, sem dinheiro, tá de pessoa para pessoa, não interessa se eu te conheço ou se eu não te conheço. Me irritou na rua eu te dou um tiro. É assim mesmo que está, e é irritante, o ser humano está em um estado de nervos que ele não está mais se controlando, aí junta a falta de dinheiro, junta falta de tudo, e quem tem mais tá querendo mais, e quem tem menos tá querendo alguma coisa e vai descontar em cima de quem tem mais, e tá uma rivalidade, uma violência que não tem mais tamanho, tá uma coisa insuportável." (moradora da Rocinha)

A recente escalada da violência no país está relacionada ao processo de globalização que se verifica, inclusive, ao nível das redes de criminalidade. A comunicação entre as redes internacionais ligadas ao crime organizado são realizadas para negociar armas e drogas. Por outro lado, verifica-se hoje, com as CPIs (Comissão Parlamentar de Inquérito) instaladas, ligações entre atores presentes em instituições estatais e redes do narcotráfico.

Nesse contexto, as camadas populares e seus bairros/favelas são crescentemente objeto de estigmatização, percebidos como causa da desordem social o que contribui para aprofundar a segregação nesses espaços. No outro polo, verifica-se um crescimento da autossegregação, especialmente por parte das elites que se encastelam nos enclaves fortificados na tentativa de se proteger da violência.

(Maria de Fátima Cabral Marques Gomes, *Scripta Nova*)

28. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

A fala da moradora da Rocinha tem a seguinte finalidade:

a) demonstrar que as favelas são o centro da violência;

b) enumerar as consequências da violência nas favelas;

c) confirmar uma afirmação do parágrafo anterior;

d) mostrar a insignificância da vida humana;

e) provar que a violência é fruto da globalização.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 29 – 32.

Texto 1

Há pessoas que preferem enfrentar as gélidas noites paulistanas na rua a buscar acolhimento nos abrigos municipais. As razões para tal atitude, mesmo em meio a uma onda de frio que assola São Paulo, são várias: de inadequação às regras dos albergues a condições supostamente insalubres de alguns desses locais.

Mesmo quem busca uma vaga tem reclamações a fazer sobre os abrigos municipais: eles dizem que os banheiros e as roupas de cama estão em más condições e se queixam de tratamento desrespeitoso por parte de alguns funcionários.

(UOL Cotidiano, *Notícias*, junho de 2016)

29. (Compesa – A.S.G. – Técn. Segur. Trab. – FGV – Jul./2016)

O principal objetivo do texto é:

a) criticar as autoridades responsáveis pelos abrigos municipais.

b) mostrar as dificuldades no tratamento com os moradores de rua.

c) explicar as razões da recusa de os moradores de rua se recolherem nos abrigos municipais.

d) destacar a gravidade da situação dos que não têm onde morar.

e) demonstrar a necessidade urgente da melhora dos abrigos municipais.

30. (Compesa – A.S.G. – Técn. Segur. Trab. – FGV – Jul./2016)

No primeiro parágrafo do texto há dois períodos. Em relação ao primeiro, o segundo período desempenha o seguinte papel:

a) justificar a preferência de alguns moradores de rua.

b) reiterar as más condições climáticas no momento da elaboração do texto.

c) enumerar os problemas dos abrigos municipais de São Paulo.

d) destacar os motivos de os abrigos serem recusados por um morador de rua.

e) criticar as preferências de algumas pessoas por continuarem nas ruas.

31. (Compesa – A.S.G. – Técn. Segur. Trab. – FGV – Jul./2016)

O texto aborda um problema sem identificar os seus personagens e sem especificar o conteúdo de vários termos.

Assinale a opção que apresenta o termo que, ao contrário dos demais, mostra valor específico.

a) Pessoas.

b) Más condições.

c) Tratamento desrespeitoso.

d) Tal atitude.

e) Regras dos albergues.

32. (Compesa – A.S.G. – Técn. Segur. Trab. – FGV – Jul./2016)

Leia a frase: " *Sou como uma planta do deserto. Uma única gota de orvalho é suficiente* <u>*para me alimentar*</u>".

Nesse pensamento há uma oração reduzida sublinhada; essa oração, se modificada para a forma de uma oração desenvolvida, deveria ser:

a) para que me alimentasse.

b) para que eu fosse alimentado.

c) para a minha alimentação.

d) para que eu me alimente.

e) para eu ser alimentado.

33. (Compesa – An. Gest. Médico do Trabalho – FGV – Jul./2016)

Na frase " *Você quer estar certo ou quer ser feliz*"? ocorre

a) uma antítese paradoxal.

b) uma pergunta retórica.

c) uma ambiguidade intencional.

d) uma falsa oposição.

e) uma ausência de paralelismo.

Leia o texto a seguir para responder à questão 34.

Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador

A medicina do trabalho, enquanto especialidade médica, surge na Inglaterra, na primeira metade do século XIX, com a Revolução Industrial.

Naquele momento, o consumo da força de trabalho, resultante da submissão dos trabalhadores a um processo acelerado e desumano de produção, exigiu uma intervenção, sob pena de tornar inviável a sobrevivência e a reprodução do próprio processo.

Quando Robert Dernham, proprietário de uma fábrica têxtil, preocupado com o fato de que seus operários não dispunham de nenhum cuidado médico a não ser aquele propiciado por instituições filantrópicas, procurou o Dr. Robert Baker, seu médico, pedindo que indicasse qual a maneira pela qual ele, como empresário, poderia resolver tal situação. Baker respondeu-lhe:

" Coloque no interior da sua fábrica o seu próprio médico, que servirá de intermediário entre você, os seus trabalhadores e o público. Deixe-o visitar a fábrica, sala por sala, sempre que existam pessoas trabalhando, de maneira que ele possa verificar o efeito do trabalho sobre as pessoas. E se ele verificar que qualquer dos trabalhadores está sofrendo a influência de causas que possam ser prevenidas, a ele competirá fazer tal prevenção. Dessa forma você poderá dizer: meu médico é a minha defesa, pois a ele dei toda a minha autoridade no que diz respeito à proteção da saúde e das condições físicas dos meus operários; se algum deles vier a sofrer qualquer alteração da saúde, o médico unicamente é que deve ser responsabilizado".

A resposta do empregador foi a de contratar Baker para trabalhar na sua fábrica, surgindo, assim, em 1830, o primeiro serviço de medicina do trabalho.

Na verdade, despontam, na resposta do fundador do primeiro serviço médico de empresa, os elementos básicos da expectativa do capital quanto às finalidades de tais serviços:

- deveriam ser serviços dirigidos por pessoas de inteira confiança do empresário e que se dispusessem a defendê-lo;

- deveriam ser serviços centrados na figura do médico;

- a prevenção dos danos à saúde resultantes dos riscos do trabalho deveria ser tarefa eminentemente médica;

- a responsabilidade pela ocorrência dos problemas de saúde ficava transferida ao médico.

A implantação de serviços baseados nesse modelo rapidamente expandiu-se por outros países, paralelamente ao processo de industrialização e, posteriormente, aos países periféricos, com a transnacionalização da economia. A inexistência ou fragilidade dos sistemas de assistência à saúde, quer como expressão do seguro social, quer diretamente providos pelo Estado, via serviços de saúde pública, fez com que os serviços médicos de empresa passassem a exercer um papel vicariante, consolidando, ao mesmo tempo, sua vocação enquanto instrumento de criar e manter a dependência do trabalhador (e frequentemente também de seus familiares), ao lado do exercício direto do controle da força de trabalho.

MENDES, R; DIAS, E.C. Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador. *Revista Saúde Pública*, S.Paulo, 25: 341-9, 1991. Disponível em: <https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/2977.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2015. Adaptado.

34. (Basa – Médico do Trabalho – Cesgranrio – Set./2015)

No primeiro parágrafo do texto, o destaque para o contexto histórico em que surgiu a medicina do trabalho tem por objetivo

a) mostrar que esse tipo de medicina constituía uma necessidade apenas daquela época.

b) apontar o desenvolvimento industrial como determinante para o cuidado com a força de trabalho.

c) conduzir o leitor a uma percepção dessa área médica como uma tendência efêmera.

d) questionar o poder de alcance da medicina do trabalho dentro da indústria.

e) enfatizar uma exigência das leis britânicas no que se refere à saúde do trabalhador.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 35 e 36.

Daqui a vinte e cinco anos

Perguntaram-me uma vez se eu saberia calcular o Brasil daqui a vinte e cinco anos. Nem daqui a vinte e cinco minutos, quanto mais vinte e cinco anos. Mas a impressão-desejo é a de que num futuro não muito remoto talvez compreendamos que os movimentos caóticos atuais já eram os primeiros passos afinando-se e orquestrando-se para uma situação econômica mais digna de um homem, de uma mulher, de uma criança. E isso porque o povo já tem dado mostras de ter maior maturidade política do que a grande maioria dos políticos, e é quem um dia terminará liderando os líderes. Daqui a vinte e cinco anos o povo terá falado muito mais.

Mas se não sei prever, posso pelo menos desejar. Posso intensamente desejar que o problema mais urgente se resolva: o da fome. Muitíssimo mais depressa, porém, do que em vinte e cinco anos, porque não há mais tempo de esperar: milhares de homens, mulheres e crianças são verdadeiros moribundos ambulantes que tecnicamente deviam estar internados em hospitais para subnutridos. Tal é a miséria, que se justificaria ser decretado estado de prontidão, como diante de calamidade pública. Só que é pior: a fome é a nossa endemia, já está fazendo parte orgânica do corpo e da alma. E, na maioria das vezes, quando se descrevem as características físicas, morais e mentais de um brasileiro, não se nota que na verdade se estão descrevendo os sintomas físicos, morais e mentais da fome. Os líderes que tiverem como meta a solução econômica do problema da comida serão tão abençoados por nós como, em comparação, o mundo abençoará os que descobrirem a cura do câncer.

LISPECTOR, C. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. p. 33.

35. (Liquigás – Administrador Jr. – Cesgranrio – Set./2015)

No texto, a autora projeta como seu principal desejo a(o)

a) abolição da censura

b) diminuição da fome

c) cura do câncer

d) aumento da desigualdade

e) fim da corrupção

36. (Liquigás – Administrador Jr. – Cesgranrio – Set./2015)

No texto, a autora intensifica seu ponto de vista

a) mostrando não saber o que deseja para daqui a vinte e cinco anos.

b) afirmando ser o brasileiro um povo imaturo politicamente.

c) relacionando o câncer ao problema da fome no país.

d) expondo a ideia de que os políticos se importam com os necessitados.

e) desejando que, no futuro, os líderes sejam liderados pelo povo.

Leia o texto a seguir para responder à questão 37.

Texto I

Banhos de mar

Meu pai acreditava que todos os anos se devia fazer uma cura de banhos de mar. E nunca fui tão feliz quanto naquelas temporadas de banhos em Olinda, Recife.

Meu pai também acreditava que o banho de mar salutar era o tomado antes de o sol nascer. Como explicar o que eu sentia de presente prodigioso em sair de casa de madrugada e pegar o bonde vazio que nos levaria para Olinda ainda na escuridão?

De noite eu ia dormir, mas o coração se mantinha acordado, em expectativa. E de puro alvoroço, eu acordava às quatro e pouco da madrugada e despertava o resto da família. Nós nos vestíamos depressa e saíamos em jejum. Porque meu pai acreditava que assim devia ser: **em jejum**.

Saímos para uma rua toda escura, recebendo a brisa da pré-madrugada. E esperávamos o bonde. Até que lá de longe ouvíamos o seu barulho se aproximando. Eu me sentava bem na ponta do banco, e minha felicidade começava. Atravessar a cidade escura me dava algo que jamais tive de novo. No bonde mesmo o tempo começava a clarear, e uma luz trêmula de sol escondido nos banhava e banhava o mundo.

Eu olhava tudo: as poucas pessoas na rua, a passagem pelo campo com os bichos-de-pé: " Olhe, um porco de verdade!" gritei uma vez, e a frase de deslumbramento ficou sendo uma das brincadeiras da minha família, que de vez em quando me dizia rindo: " Olhe, um porco de verdade".

Eu não sei da infância alheia. Mas essa viagem diária me tornava uma criança completa de alegria. E me serviu como promessa de felicidade para o futuro. Minha capacidade de ser feliz se revelava. Eu me agarrava, dentro de uma infância muito infeliz, a essa ilha encantada que era a viagem diária.

LISPECTOR, C. *A Descoberta do Mundo*. São Paulo: Rocco, 1999, p. 175. Adaptado.

37. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016)

A leitura atenta do Texto I permite sustentar que a narradora

a) pertencia a uma família que era possuidora de uma casa em Olinda, Recife.

b) tinha uma alegria enorme quando chegavam as temporadas de banho de mar com a família.

c) sofria com uma infância infeliz e só se alegrava quando via um porco de verdade.

d) levantava mais cedo do que toda a família para tomar café e ir logo para a praia.

e) ficava assustada com o pouco movimento das ruas quase desertas.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 38 e 39.

Entrevista com Frédéric Martel

Uma guerra mundial pelo conteúdo dos meios de comunicação se trava pela conquista do público dentro e fora dos países criadores. Batalhas se desenrolam pelo domínio da notícia, do formato de programas de TV e pela exibição de filmes, vídeos,

música, livros. Nesse processo, um gigante domina: os Estados Unidos, com sua capacidade de produzir cultura de massas que agrada ao grande público em todos os continentes. Essa penetração cultural americana, que muitos críticos preferem chamar de imperialismo, leva os filmes, a música e a televisão americana para o mundo. Sua arma é o inverso da alta cultura, da contracultura, da subcultura, de nichos especializados. Visa o público em geral, cultura de massa, de milhões. Tornou-se a cultura internacional dominante, principal, a chamada *mainstream*, conforme o título do livro escrito pelo sociólogo francês Frédéric Martel. Para escrever *Mainstream*, ele percorreu 30 países durante cinco anos, entrevistou mais de 1.200 pessoas em todas as capitais do *entertainment*, analisou a ação dos protagonistas, a lógica dos grupos e acompanhou a circulação internacional de conteúdo.

É um imperialismo diferente daquele político e militar. É uma espécie de imperialismo cultural que é bem recebido no mundo. A esse respeito, afirma Frédéric Martel: " É o que basicamente chamamos de *soft power*. *Soft power* significa influenciar as pessoas com coisas legais. Você é amigável, não é contundente. Você tem as forças armadas, tem a diplomacia tradicional e grandes empresas econômicas, que formam o *hard power*, e tem o *soft power*, que influencia as pessoas através de filmes, de livros, da internet e de valores".

" A língua é importante. Eu acredito – e essa é a principal conclusão do meu livro – que, no mundo em que estamos entrando, que reúne globalização e digitalização, a língua é importante. E eu acredito que a batalha, a luta, mesmo a guerra de conteúdo, será uma batalha a respeito da cultura nacional. Você pode ouvir Lady Gaga, gostar de *Avatar* e ler *O Código Da Vinci*, mas, no final das contas, a maior parte da cultura que você consome e ama geralmente é nacional, local, regional, e não global. A cultura global é apenas uma pequena parte do que você gosta. Então, no final das contas, os americanos são os únicos a poder prover essa cultura dominante global, mas essa cultura dominante global continua pequena.

Por quê? Porque a língua é muito importante, porque a identidade é muito importante. Quando você compra um livro de não ficção, quer saber o que acontece aqui, no seu país, e não na Coreia do Sul, por exemplo. Na Coreia do Sul você quer ouvir K-pop, que é a música pop coreana, e ver um drama coreano, e não ouvir uma música brasileira. Portanto, nós estamos em um mundo cada vez mais global, mas, ao mesmo tempo, a cultura ainda é e será muito nacional. Para resumir as coisas, eu diria que todos temos duas culturas: a nossa e a americana."

" Nós, como europeus, temos o mesmo tipo de relação que você, como brasileiro, tem com os EUA. Nós os amamos e odiamos. É uma complicada relação de amor e ódio. Nós esperamos que eles sejam como são; nós queremos criticá-los, mas, ao mesmo tempo, nós protestamos contra eles com tênis Nike nos pés. Nós trabalhamos para ser um pouco como eles, muito embora nós queiramos manter nossa identidade e cultura. E, a propósito, a boa notícia é que o debate no mundo hoje e no futuro não será entre nós – brasileiros, franceses, europeus – e os americanos. Será entre todos nós. O que eu quero dizer é que hoje não há apenas dois povos: nós e os EUA. O mundo é muito mais complicado, com países emergentes, que serão fundamentais nesse novo jogo."

" Para resumir, afirma Martel, eu diria que os EUA continuarão sendo peça importante da guerra de conteúdo, podemos dizer, nos próximos anos e décadas. Eu não acredito e não compro a ideia do declínio da cultura americana. Eu acho que eles são fortes e continuarão sendo fortes. Mas eles não são os únicos no jogo. Agora temos os países emergentes, que estão emergindo não só demográfica e economicamente, como pensávamos. E eu fui um dos primeiros a mostrar que eles estão emergindo com sua cultura, sua mídia e com a internet."

" Nesse mundo, a internet pode ser uma peça importante. O Brasil, por exemplo, vai crescer com a internet, com certeza. Criam-se ferramentas inovadoras de alfabetização, por exemplo, em comunidades, em favelas, em lugares onde os moradores não têm acesso a uma livraria ou biblioteca. Mas eles terão acesso à internet em *lan houses*, por exemplo, e mesmo no telefone. Hoje, todo

mundo tem um telefone celular barato. Mesmo na África, todos têm celulares com funções básicas. Em cinco anos, todos terão um *smartphone*, pois os preços estão caindo muito. Assim, todos poderão acessar a internet pelo *smartphone*. Se você tem acesso à internet, pode baixar livros, acessar a rede, pode ver filmes e daí por diante."

" A questão não é se essa tecnologia é boa, conclui Martel. A questão é: ela não será boa ou ruim sozinha. Ela será o que você, o povo, o governo deste país e nós formos capazes de fazer com ela, criando uma boa internet e uma maneira melhor de ter acesso ao conteúdo através da internet."

BOCCANERA, S. Entrevista concedida pelo sociólogo Frédéric Martel, Programa Milênio, *Globo News*. Disponível em: <http://www.conjur.com.br/2013-jan-25/ideias-milenio-frederic-martel-sociologo-jornalista-frances>. Acesso em: 10 nov. 2015. Adaptado.

38. (ANP – Téc. Reg. Petr&Der – Cesgranrio – Jan./2016)

Para garantir uma compreensão adequada de um texto, é preciso reconhecer o modo como o tema foi desenvolvido, identificando a sequência em que as ideias nele foram expostas.

Assim, antes de o texto apresentar a opinião do sociólogo Martel sobre a convivência entre a cultura globalizada e as culturas locais (3º parágrafo), refere-se

a) ao aparecimento de países emergentes que podem interferir na polarização entre americanos e europeus no domínio dos bens culturais.

b) ao imperialismo cultural de origem americana promovido pela capacidade de produzir cultura de massas que agrada ao grande público.

c) à possibilidade de declínio da cultura americana devido à competição com os meios de comunicação dominados por países europeus.

d) à importância crescente da internet para criação de ferramentas inovadoras de alfabetização, para pessoas que não têm acesso a uma livraria ou biblioteca.

e) à complexa relação de amor e ódio que existe entre alguns povos do mundo e os americanos, devido à grande penetração em termos de cultura de massas.

39. (ANP – Téc. Reg. Petr&Der – Cesgranrio – Jan./2016)

O 6º parágrafo do texto pode ser sintetizado em:

a) A criação de ferramentas inovadoras de alfabetização para atender às comunidades pobres das favelas tem o objetivo de ampliar o acesso a livrarias e bibliotecas.

b) A prova de que a tecnologia só traz benefícios às pessoas é que a queda dos preços dos *smartphones* no Brasil e na África permitirá a veiculação das diferentes culturas nacionais a países de todo o mundo.

c) O crescimento da internet, promovido por programas governamentais de criação de *lan houses* e venda de *smartphones*, permitirá a ampliação do poder da cultura de massas de origem americana no Brasil.

d) A popularização dos meios de comunicação digital, como telefones celulares, permitirá que pessoas de classes desfavorecidas possam ter acesso às informações veiculadas na rede mundial de computadores.

e) O investimento em alfabetização, os programas de doação de livros e de acesso a bibliotecas são estratégias governamentais para possibilitar que todas as pessoas tenham acesso à informação e à cultura de massas.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 40 e 41.

Moeda digital deve revolucionar a sociedade

Nas sociedades primitivas, a produção de bens era limitada e feita por famílias que trocavam seus produtos de subsistência através do escambo, organizado em locais públicos, decorrendo daí a origem do termo "pregão" da Bolsa. Com o passar do tempo, especialmente na antiguidade, época em que os povos já dominavam a navegação, o comércio internacional se modernizou e engendrou a criação de moedas, com o intuito de facilitar a circulação de mercadorias, que tinham como lastro elas mesmas, geralmente alcunhadas em ouro, prata ou bronze, metais preciosos desde sempre.

A Revolução Industrial ocorrida inicialmente na Inglaterra e na Holanda, por volta de 1750, viria a criar uma quantidade de riqueza acumulada tão grande que transformaria o próprio dinheiro em mercadoria. Nascia o mercado financeiro em Amsterdã, que depois se espalharia por toda a Europa e pelo mundo. A grande inovação na época foi o mecanismo de compensação nos pagamentos, mais seguro e prático, no qual um banco emitia uma ordem de pagamento para outro em favor de determinada pessoa e esta poderia sacá-la sem que uma quantidade enorme de dinheiro ou ouro tivesse de ser transportada entre continentes. Essa ordem de pagamento, hoje reconhecida no mundo financeiro como "título cambial", tem como instrumento mais conhecido o cheque, "neto" da letra de câmbio, amplamente usada pela burguesia em transações financeiras na alta idade média. A teoria nos ensina que são três as suas principais características: a cartularidade, a autonomia e a abstração.

Ora, o que isso tem a ver com *bitcoins*? Foi necessária essa pequena exegese para refletirmos que não importa a forma como a sociedade queira se organizar, ela é sempre motivada por um fenômeno humano. Como nos ensina Platão, a necessidade é a mãe das invenções. Considerando o dinamismo da evolução da sociedade da informação, inicialmente revolucionada pela invenção do códex e da imprensa nos idos de 1450, que possibilitou na Idade Média o armazenamento e a circulação de grandes volumes de informação, e, recentemente, o fenômeno da internet, que eliminou distâncias e barreiras culturais, transformando o mundo em uma aldeia global, seria impossível que o próprio mundo virtual não desenvol-vesse sua moeda, não somente por questão financeira, mas sobretudo para afirmação de sua identidade cultural.

Criada por um "personagem virtual", cuja identidade no mundo real é motivo de grande especulação, a *bitcoin*, resumidamente, é uma moeda virtual que pode ser utilizada na aquisição de produtos e serviços dos mais diversos no mundo virtual. Trata-se de um título cambial digital, sem emissor, sem cártula, e, portanto, sem lastro, uma aberração no mundo financeiro, que, não obstante isso, tem valor.

No entanto, ao que tudo indica, essa questão do lastro está prestes a ser resolvida. Explico. Grandes corporações começam a acenar com a possibilidade de aceitar *bitcoins* na compra de serviços. Se a indústria pesada da tecnologia realmente adotar políticas reconhecendo e incluindo bitcoins como moeda válida, estará dado o primeiro passo para a criação de um mercado financeiro global de *bitcoins*. Esse assunto é de alta relevância para a sociedade como um todo e poderá abrir as portas para novos serviços nas estruturas que se formarão não somente no mercado financeiro, em todas as suas facetas – refiro-me à Bolsa de Valores, inclusive, bem como em novos campos do direito e na atividade estatal de regulação dessa nova moeda.

Certamente a consolidação dos *bitcoins* não revogará as outras modalidades de circulação de riqueza criadas ao longo da história, posto que ainda é possível trocar mercadorias, emitir letras de câmbio, transacionar com moedas e outros títulos. Ao longo do tempo aprendemos também que os instrumentos se renovaram e se tornaram mais sofisticados, fato que constitui um desafio para o mundo do direito.

AVANZI, Dane. UOL TV Todo Dia. Disponível em: <http://portal.tododia.uol.com.br/_conteudo/2015/03/opiniao/65848-moeda-digital-deve-

revolucionar-a-sociedade.php>. Acesso em: 09 ago. 2015. Adaptado.

40. (BB – Escriturário – Cesgranrio – Out./2015)

No texto, afirma-se que " a necessidade é a mãe das invenções" (l. 19) para justificar a ideia de que

a) as moedas virtuais podem tornar obsoleta a emissão de letras de câmbio, de cheques e demais títulos monetários.

b) a criação de uma moeda virtual atende às exigências da sociedade atual, marcada pela globalização da informação.

c) a manutenção do sistema financeiro global depende da criação de mecanismos virtuais de circulação de dinheiro.

d) a exigência de lastro para que as moedas virtuais sejam aceitas impossibilita o uso de *bitcoins* para transações na internet.

e) as transações financeiras devem ser realizadas virtualmente para que seja garantida maior segurança ao sistema bancário.

41. (BB – Escriturário – Cesgranrio – Out./2015)

Para que a leitura de um texto seja bem sucedida, é preciso reconhecer a sequência em que os conteúdos foram apresentados.

Esse texto, antes de explicar como eram realizadas as transações financeiras na época medieval, refere-se

a) à importância da criação de novos serviços na área financeira, o que é de grande relevância para a sociedade.

b) à possibilidade de criação de lastro para as moedas virtuais devido à adesão de grandes empresas mundiais.

c) à invenção de um documento financeiro para evitar o transporte de valores entre grandes distâncias.

d) à criação de instrumento a ser utilizado na aquisição de produtos e serviços por meio eletrônico.

e) ao surgimento do fenômeno da internet, responsável pela transformação do mundo em uma aldeia global.

Leia o texto a seguir para responder à questão 42.

O Rio de Janeiro voltou a ser a cidade que inspira o Brasil. Aos poucos, recupera a influência que tinha nos anos 1950 e 1960, época em que Burle Marx rasgava jardins e Oscar Niemeyer projetava os edifícios que faziam do Rio uma cidade ainda mais maravilhosa – digna de ser cantada nos versos de Tom Jobim e Vinícius de Moraes. No passado, a pujança cultural do Rio se escorava num time de criadores geniais como eles. Hoje, ela se deve principalmente à recuperação econômica, que fez com que florescessem na cidade novos polos de moda, cinema, música e esporte. Em cada um desses campos, novos criadores cariocas começam a deixar sua marca. A soma entre o dinheiro e a perspectiva de exposição internacional com dois grandes eventos esportivos – Copa do Mundo e Olimpíada – também atraiu o interesse de arquitetos de renome, além de movimentar o turismo. Com tudo isso, o carioca, aos poucos, começa a recuperar a autoestima.

Nas últimas décadas, os elogios ao Rio vinham sempre acompanhados de conjunções adversativas.

(*Época*, 04.03.2013)

42. (SEED-SP – An. Administrativo – Vunesp – Maio/2016)

O último parágrafo do texto pode ser exemplificado como o seguinte enunciado:

a) Cidade tão linda que inspirou os visitantes.

b) Cidade linda, no entanto violenta.

c) Cidade cara e pouco receptiva.

d) Cidade mágica, porque encanta.

e) Cidade não só violenta mas também suja.

Leia o texto a seguir para responder à questão 43.

CONTRATEMPOS

Ele nunca entendeu o tédio, essa impressão de que existem mais horas do que coisas para se fazer com elas. Sempre faltou tempo para tanta coisa: faltou minuto para tanta música, faltou dia para tanto sol, faltou domingo para tanta praia, faltou noite para tanto filme, faltou ano para tanta vida.

Existem dois tipos de pessoa. As pessoas com mais coisa que tempo e as pessoas com mais tempo que coisas para fazer com o tempo.

As pessoas com menos tempo que coisa são as que buzinam assim que o sinal fica verde, e ficam em pé no avião esperando a porta se abrir, e empurram e atropelam as outras para entrar primeiro no vagão do trem, e leem livros que enumeram os " livros que você tem que ler antes de morrer" ao invés de ler diretamente os livros que você tem de ler antes de morrer.

Esse é o caso dele, que chega ao trabalho perguntando onde é a festa, e chega à festa querendo saber onde é a próxima, e chega à próxima festa pedindo táxi para a outra, e chega à outra percebendo que era melhor ter ficado na primeira, e quando chega a casa já está na hora de ir para o trabalho.

Ela sempre pertenceu ao segundo tipo de pessoa. Sempre teve tempo de sobra, por isso sempre leu romances longos, e passou tardes longas vendo pela milésima vez a segunda temporada de " Grey's Anatomy" mas, por ter tempo demais, acabava sobrando tempo demais para se preocupar com uma hérnia imaginária, ou para tentar fazer as pazes com pessoas que nem sabiam que estavam brigadas com ela, ou escrever cartas longas dentro da cabeça para o ex-namorado, os pais, o país, ou culpar o sol ou a chuva, ou comentar " e esse calor dos infernos?", achando que a culpa é do mau tempo quando na verdade a culpa é da sobra de tempo, porque se ela não tivesse tanto tempo não teria nem tempo para falar do tempo.

Quando se conheceram, ele percebeu que não adiantava correr atrás do tempo porque o tempo sempre vai correr mais rápido, e ela percebeu que às vezes é bom correr para pensar menos, e pensar menos é uma maneira de ser feliz, e ambos perceberam que a felicidade é uma questão de tempo. Questão de ter tempo o suficiente para ser feliz, mas não o bastante para perceber que essa felicidade não faz o menor sentido.

(Gregório Duvivier. *Folha de S. Paulo*, 30.11.2015. Adaptado)

43. (IPSMI – Procurador – Vunesp – Abril/2016)

O último parágrafo, ao tratar do encontro das duas personagens, relata

a) uma mudança de ponto de vista das personagens, ao mesmo tempo que expressa uma visão negativa da felicidade.

b) a opção por se entregar à felicidade, vivendo-a no tempo sempre com a expectativa de que ela o vença.

c) o desejo de que o encontro da felicidade represente uma renovação na maneira de viver o cotidiano.

d) o anseio por desfrutar momentos felizes sem a interferência das racionalizações, que surgem quando se tem tempo.

e) novas maneiras de encarar a felicidade, anulando pensamentos que possam atrapalhar o tempo do convívio.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 44 e 45.

Vira e mexe alguns *blogs* maternos publicam textos sobre " As vantagens de ser mãe de menina" ou " Por que é bom ser mãe de menino": " meninos não têm frescura", " meninas são mais delicadas", " eles são mais corajosos", " elas são mais choronas" e por aí vai. Leio isso e tenho vontade de gritar por ver estereótipos de gênero tão pesados serem perpetuados sem nenhuma reflexão. Já pensou que seu filho é uma figura única e a infinidade de coisas que pode ser ou sentir não cabe em listas, caixas ou rótulos? Pior: que você definir como ele deve ser ou se comportar dependendo de seu gênero pode ser muito, muito cruel?

Aos meninos são permitidas vivências mais amplas. Eles podem subir muros, escalar os brinquedos do *playground*, enquanto as meninas não, veja bem, vai sujar seu sapato de princesa, filha, vai mostrar sua calcinha, não pega bem, filha, não é assim que uma menina brinca. E por isso, só por isso, que se perpetua a ideia de que os meninos são mais " aventureiros" e " danados" e as meninas mais " cuidadosas". Fazemos as meninas mais infelizes, isso sim.

Ser menino também pode não ser fácil, principalmente se os pais acreditarem que podem definir o que ele deve sentir ou gostar. Meu filho adorava brincar com os carrinhos de boneca das meninas do *playground* do prédio. Só depois de eu dizer que " tudo bem" as mães ou babás ficavam à vontade em deixá-lo empurrar as bonecas ou carregá-las. Por que tanto receio? O que um menino pode virar depois de brincar de boneca? Um pai carinhoso e dedicado no futuro?

Uma vez, em uma loja de brinquedos, meu filho ficou empolgadíssimo ao ver uma pia que funcionava de verdade, com uma torneirinha de água. E pediu muito para que eu comprasse. As opções de cores deixavam claro para quem o brinquedo era fabricado: só havia pias rosa e lilás. " Esse brinquedo é de menina", alertou a vendedora, cheia de boa vontade, como se eu estivesse me distraído e não percebido o " engano" ao considerar a compra. Eu disse para ela que na minha casa lavar louça é uma atividade *unissex*, que o pai do meu filho encara muito prato e panela suja e, por isso, brincar de casinha é uma brincadeira de menino sim. Meu filho saiu da loja feliz da vida com seu brinquedo rosa que, aliás, para ele é só uma cor, como outra qualquer. O avô estranhou o presente até eu levá-lo à reflexão: " Quantas pias de louça suja você lavou e lava na sua vida, para manter sua casa em ordem?". E só daí meu pai percebeu o tamanho da bobagem que fazia ao acreditar que lavar louça é uma atividade exclusivamente feminina.

E para quem gosta de listas, proponho uma única: " As vantagens de ser mãe de uma criança feliz". É essa que eu espero estar escrevendo, no dia a dia, ao não determinar como meu filho pode ou não ser.

(Rita Lisauskas, A crueldade de dividir o mundo entre "coisas de menino" e "coisas de meninas". Disponível em: <vida-estilo.estadao.com.br>. Acesso em 10-02-2016. Adaptado)

44. (Unesp – Ass. Administrativo I – Vunesp – Abril/2016)

É correto concluir que a autora

a) defende brincadeiras próprias para meninos, que as meninas devem evitar.

b) não permite que seu filho tenha brinquedos que comprometam seu desenvolvimento.

c) mostra-se contrária à atribuição de papéis e atitudes exclusivos a meninos e meninas.

d) põe limites a brincadeiras que possam prejudicar a masculinidade ou a feminilidade.

e) considera melhor ser mãe de meninas por estas serem mais delicadas e cuidadosas.

45. (Unesp – Ass. Administrativo I – Vunesp – Abril/2016)

O argumento usado pela autora para defender que seu filho brincasse com carrinhos de boneca está no reconhecimento de que

a) o gesto infantil antecipa o do pai que o menino será no futuro.

b) as crianças não conseguem escolher seus brinquedos sem ajuda dos pais.

c) não se deve censurar a opção por brinquedos perigosos.

d) meninos têm bastante força para empurrar carrinhos.

e) as meninas não se importavam em ceder os carrinhos a ele.

Leia o texto a seguir para responder à questão 46.

Comida "feia" também faz bem para a saúde

Frequentemente desprezadas por terem um aspecto que não está de acordo com os " padrões de beleza" impostos pela indústria, as frutas e verduras " feias" voltaram a ser um objeto atrativo pelos que lutam contra o desperdício de alimentos.

O agricultor francês Nicolas Chabanne, fundador do movimento em defesa dos " alimentos feios", trabalha para posicionar esses produtos no mercado e já tem mil parceiros no mundo todo.

Sua estratégia é simples. Vender uma maçã com um rótulo cujo logotipo mostra um rosto com um único dente aos produtores que se comprometem a colocá-la entre seus alimentos " feios", oferecendo-os pelo menor preço. Depois, parte do dinheiro arrecadado é destinada a associações de caridade e de consumidores.

" Quando você coloca uma maçã feia ao lado de outras muito bonitas, nossos olhos fixam antes nas mais bonitas", disse Chabanne, que se esforça para mostrar às pessoas que os produtos menos esteticamente atrativos também são de qualidade e, inclusive, mais baratos.

A iniciativa começou com frutos e legumes, mas, pouco a pouco, está se expandindo. Agora, engloba também outros produtos, como queijos e cereais ingeridos no café da manhã.

" É um negócio social e rentável porque aproveita a luta contra os resíduos a fim de voltar a vender parte da produção que não é normalmente valorizada", afirmou Thomas Pocher, proprietário de um supermercado no norte da França.

(EFE, disponível em: <http://exame.abril.com.br>. Adaptado)

46. (Unesp – Assistente Administrativo – Vunesp – Fev/2016)

As aspas empregadas em *Comida "feia"* (título), *frutas e verduras "feias"* (1º parágrafo) e *alimentos "feios"* (3º parágrafo) têm a função de

a) comparar os alimentos a produtos de beleza, os quais servem para enfeitar as pessoas.

b) sinalizar que a ideia de feiura se apresenta com conotação irônica, equivalendo a beleza.

c) sugerir uma crítica à distinção que se faz entre os alimentos a partir de um critério estético.

d) explicitar que a noção de beleza é consensual e, por isso, não deve ser questionada.

e) reproduzir a fala de cientistas que provaram que a aparência dos alimentos é irrelevante.

Gabarito: 1.b; 2. a; 3. b; 4. c; 5. a; 6. e; 7. a; 8. c; 9. e; 10. e; 11. d; 12. d; 13. b; 14. c; 15. E; 16. E; 17. E, 18. C; 19. C; 20. E; 21. b; 22. e; 23. e; 24. b; 25. d; 26. d; 27. b; 28. c; 29. c; 30. a; 31. d; 32. d; 33. d; 34. b; 35. b; 36. c; 37. b; 38. b; 39. d; 40. b; 41. c; 42. b; 43. a; 44. c; 45. a; 46. c.

25 COESÃO E COERÊNCIA

25.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Agora que você já conhece um parágrafo de dissertação e já consegue ler com mais técnica, vamos falar de coesão e coerência?

Diante de um texto bem construído, percebemos que as informações não se colocam de forma caótica entre si – pelo contrário, um texto de qualidade apresenta suas informações interligadas, conectadas. A essa conexão dá-se o nome de **coesão**. A coesão textual é o resultado da realização de recursos semânticos, por meio dos quais uma informação do texto se conecta à outra. O conceito de coesão textual está, portanto, relacionado aos elementos que estabelecem ligações linguísticas na superfície do texto.

No entanto, para que um texto faça sentido, faz-se necessário que as informações se encaixem de modo que a mensagem não se torne desconexa, ilógica. A essa correlação entre os conceitos de um texto dá-se o nome de **coerência**. Enquanto a coesão se relaciona aos elementos explícitos no texto, a coerência cuida do seu *sentido*, do seu *aspecto conceitual*.

Resumindo:
Coesão → Elementos de ligação explícitos no texto. → Superfície textual
Coerência → Conexão harmônica entre as informações do texto → Lógica textual

Você deve estar se perguntando: é possível haver coerência sem coesão?

Sim. É possível construir um texto coerente sem coesão, um texto cujas informações produzam sentido, mas que não se concatenem por meio de articuladores textuais:

Pedro estudou bastante. Pedro passou em 1º lugar.

Você consegue entender a informação veiculada, mas o texto não tem qualidade: bastaria utilizar-se uma conjunção e o segmento estaria mais bem elaborado (*Pedro estudou bastante, logo passou em 1º lugar*).

Em sentido contrário, é possível haver coesão que não produza coerência?

Sim. Pode-se ter um texto que apresente conectivos, só que mal utilizados, incapazes de produzir lógica, concatenação entre seus enunciados – *um texto com coesão e sem coerência:*

Pedro estudou bastante. Outrossim, o Botafogo ganhou o campeonato.

Utilizou-se um belíssimo conector de acréscimo (*outrossim*), que, no entanto, une orações que não fazem sentido quando relacionadas. Trata-se de *um trecho com coesão, mas sem coerência*.

Agora, você deve estar se fazendo mais uma pergunta: então, por que, quando se fala em coesão, fala-se também de coerência? Porque, para que um texto *seja de fato um texto* – para que ele apresente textualidade – é preciso que ele alie coesão a coerência. A utilização de elementos coesivos fornece ao texto clareza e maior legibilidade e contribui para que ele se torne mais facilmente compreendido pelo leitor. Daí ser a coesão tão desejável à produção de um texto coerente.

Assim:

COESÃO + COERÊNCIA = TEXTUALIDADE

Selecionamos algumas questões de concursos que versam sobre esse assunto. Vamos a elas?

25.2. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Primeiramente, veja esta questão de prova elaborada pelo Cespe/UnB, para o Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro:

> Debruçando-se sobre o estudo do exercício da política, Maquiavel dissecou a anatomia do poder de sua época: dos senhores feudais e da igreja medieval. E, por isso mesmo, por botar o dedo na ferida, foi considerado um autor maldito. Ele se mostra preocupado com o fato de que na política não existem regras fixas. Governar, isto é, tomar atitudes políticas, é um trabalho extremamente criativo e, por isso mesmo, sem parâmetros anteriores. Assim, essa preocupação do filósofo, por incrível que pareça, torna-se um bom instrumento para repensarmos a ética. Hoje, com o fim das garantias tradicionais, estamos todos mais ou menos na posição do príncipe de Maquiavel — isto é, em um mundo de incertezas, dentro do qual temos de inventar nossa melhor posição. É mergulhado nesse mundo de incertezas, de instabilidade social e política, de culto ao individualismo, que construímos nossa identidade, nosso modo de agir. Como seres humanos, nosso fim último é a felicidade. Como indivíduos sociais, precisamos entender que, por melhores que sejam nossos objetivos na vida, os meios para alcançá-los não podem entrar em contradição com a nobreza dos fins. Desse modo, não basta termos fins nobres, é necessário também que os meios para alcançá-los sejam adequados a essa nobreza.
>
> Planeta, jul./2006, p. 59 (com adaptações).

1. Na organização do texto, os termos que se referem a Maquiavel não incluem:

a) "se" em "Debruçando-se".

b) "autor maldito".

c) "Ele".

d) "filósofo".

e) "príncipe".

Comentários:

Trata-se de uma clássica questão de *coesão e coerência*. O que a banca quer é o único vocábulo que não se refira a Maquiavel. Quando um vocábulo se refere a outro no texto, ambos *possuem o mesmo referente*: representam a mesma realidade semântica textual.

O texto se inicia com uma palavra-chave – Maquiavel – que, por ser palavra importante na argumentação, irá voltar ao longo da estrutura textual de várias maneiras. Cada palavra que retomar "Maquiavel", já que estará sendo sua repetição, possuirá seu mesmo referente. Possuir o mesmo referente seria, portanto, fazer referência ao mesmo objeto no texto. Observe a seguir a análise de cada item da questão:

a) A partícula "se" aqui possui semanticamente o valor de "a si mesmo" e faz referência a Maquiavel, já que é ele que se "debruça sobre o estudo da política".

b) A expressão "autor maldito" é uma qualificação que, de fato, se refere a Maquiavel – é a sua qualificação.

c) O pronome reto "ele" é uma referência direta a Maquiavel.

d) O substantivo "filósofo" é um termo geral, um hiperônimo, que retoma Maquiavel, um termo mais específico; Saiba que hiperônimo é um termo geral, que retoma um outro, mais específico no texto.

e) O "príncipe" seria a única palavra a não fazer referência a Maquiavel, pois diz respeito não ao autor, mas a seu personagem de sua renomada obra "O Príncipe". Por não retomar Maquiavel no texto, não possuiria um mesmo referente.

Resposta: E.

Mais uma da mesma prova:

A crescente escassez de profissionais qualificados no mercado de trabalho doméstico está obrigando a Companhia Vale do Rio Doce a lançar uma campanha global de recrutamento para arregimentar pessoal especializado nos EUA, na Inglaterra, na Austrália e no Canadá. A previsão é de 62 mil contratações nos próximos cinco anos.

O Estado de S. Paulo, 21/03/2008 (com adaptações).

2. Assinale a opção que constitui continuação coesa e coerente para o fragmento de texto acima.

a) Essa disputa se tornou tão acirrada que elevou o nível médio salarial. Um soldador, por exemplo, hoje tem um ordenado inicial entre R$ 1,2 mil e R$ 2,1 mil. Nas escolas do SESI e do SENAC, os formandos são disputados pelos empregadores.

b) Essa é a iniciativa mais audaciosa já tomada por uma empresa brasileira em matéria de oferta de emprego, e é mais uma das consequências da globalização da economia.

c) Entretanto, com o extraordinário crescimento da produção industrial chinesa, nos últimos anos, o preço das commodities no mercado internacional disparou, o que abriu caminho para a expansão dos setores de mineração, siderurgia, petróleo e equipamentos de transporte pesado.

d) Desde então, as empresas mais competitivas desses setores criaram milhares de novos postos de trabalho e, de

forma cada vez mais agressiva, vêm disputando trabalhadores preparados para ocupá-los.

e) Todas essas empresas vêm publicando anúncios em inglês, em busca de profissionais qualificados de nível técnico superior. As empresas também vêm contratando trabalhadores aposentados e procurando atrair profissionais qualificados da PETROBRAS.

Comentários:

Primeiramente, aqui vai uma dica:

Avaliar uma possível continuidade para o texto significa que a alternativa a ser julgada deve repetir a ideia central do texto em questão, ainda que eventualmente acrescente informações que não foram antes mencionadas. É repetir a ideia inicial com eventuais acréscimos.

A informação central do texto é a de que a Companhia Vale do Rio Doce, em função de não dispor da quantidade necessária de profissionais qualificados, recruta tal mão de obra no exterior. Com base nessa direção argumentativa, vamos à análise das alternativas:

a) Alternativa errada. A alternativa utiliza uma expressão "essa disputa" que não possui antecedente lógico no texto. O texto não fala de uma "disputa de formandos por parte de empregadores nas escolas", mas sim da iniciativa de recrutamento do profissional no exterior.

b) Alternativa certa. Com a utilização do recurso coesivo "essa é a iniciativa mais audaciosa", retoma-se a "campanha global de recrutamento" do texto inicial. Além de reforçar a informação central, acresce que tal iniciativa seria "uma das consequências da globalização da economia".

c) Alternativa errada. Há aqui uma fuga ao assunto – passa-se a falar do "extraordinário crescimento da produção industrial chinesa", assunto não enfocado pelo texto.

d) Alternativa errada. Com a utilização do conector "Desde então", o trecho se propõe a apresentar um acontecimento que sucedeu o texto inicial na linha do tempo. Entretanto, esse trecho não reforça a informação central de que uma companhia vem necessitando buscar trabalhador especializado no exterior – aqui apenas se fala da criação de novos postos de trabalho e disputa por mão de obra para ocupá-los.

e) Alternativa errada. Ao utilizar o elemento de coesão "Todas essas empresas", a alternativa apresenta uma incoerência – o texto não menciona mais de uma empresa, apenas a Companhia Vale do Rio Doce.

Resposta: B.

Há cinco anos, sob o comando de George W. Bush, os Estados Unidos da América (EUA) invadiam o Iraque. Já se mostrou à exaustão que a aventura foi uma catástrofe humanitária e um fracasso político que encalacrou o Pentágono numa ocupação militar sem perspectiva de solução. Verifica-se, agora, que foi também um desastre financeiro.

Folha de S. Paulo, 20/03/2008 (com adaptações).

3. (Cespe/UnB) Assinale a opção em que o fragmento constitui continuação coesa e coerente para o texto acima.

a) Entretanto, Joseph Stiglitz, Prêmio Nobel de Economia, calcula que a empreitada poderá sair por assombrosos US$ 4 trilhões ou mais, dependendo de quanto tempo a ocupação durar.

b) Mas, agora que o país se encontra numa situação de déficit fiscal, a conta da guerra contribui para a crescente desvalorização da moeda norte-americana, num movimento que dificulta o combate à crise de crédito nos EUA e agrava suas repercussões globais.

c) Às vésperas da invasão, a Casa Branca estimava que gastaria algo entre US$ 50 bilhões e US$ 60 bilhões para derrubar Saddam Hussein e instalar um novo governo no país. Hoje, a conta está em US$ 600 bilhões e continua subindo.

d) Avaliações mais conservadoras, como a do Escritório de Orçamento do Congresso, órgão que municia o Poder Legislativo com informações técnicas, concluem que a ocupação não atingirá efetivamente a economia norte-americana.

e) Portanto, nada indica que o próximo presidente dos EUA terá condições de colocar um fim rápido à aventura. Fala-se em retirar as tropas até o fim de 2009. Isso, é claro, no melhor cenário. E o problema é que, no Iraque, o melhor cenário nunca se materializa.

Comentários:

Como já falamos anteriormente, buscar-se a continuação coesa e coerente significa encontrar uma alternativa que reafirme a ideia central do texto anterior, dando a ela uma sequência. Vale lembrar que o texto tem como tema central a questão da *invasão do Iraque pelos EUA como um desastre financeiro*.

a) Alternativa errada. O conector "Entretanto" deveria apresentar algo que se opusesse à questão do desastre financeiro, mas o que se tem na continuidade é algo que reforça a ideia inicial.

b) Alternativa errada. A conjunção adversativa também deve introduzir contraste, oposição, e o que se tem é algo que *reforça* a questão do desastre financeiro (*déficit fiscal, desvalorização da moeda...*).

c) Resposta certa. Por meio de informações como "a conta está em US$ 600 bilhões", este trecho reafirma o tema apresentado pelo texto.

d) Alternativa errada. Essa alternativa contradiz o texto ao afirmar que "a ocupação não atingirá efetivamente a economia norte-americana".

e) Alternativa errada. Aqui, apresenta-se evidente fuga ao tema: essa alternativa não fala da questão do desastre financeiro.

Resposta: C.

O conflito do Tibete, que se arrasta desde o século 13, requer solução pacífica pautada pelo signo da não violência.

Invadida pela China em 1950, a província luta pela autonomia há cinco décadas. Pequim resiste. Além de constante desrespeito aos direitos humanos, procede ao que o dalai-lama denomina "genocídio cultural" – sistemático esmagamento das tradições da região.

Com o controle dos meios de comunicação, as autoridades chinesas exercem violenta censura à informação e à livre circulação de pessoas. A tevê só mostra imagens liberadas pelos administradores locais. O mesmo ocorre com as notícias e certos sítios da Internet. Jornalistas e turistas encontram as fronteiras fechadas.

Torna-se difícil, assim, avaliar as dimensões e as consequências dos protestos que eclodiram recentemente. Pequim soma 13 mortos. Os tibetanos falam em mais de 100 e de centenas de prisões de dissidentes. Suspeita-se, com razão, do incremento da repressão.

Correio Braziliense, 20/03/2008 (com adaptações).

4. (Cespe/UnB) Assinale a opção que apresenta as ideias principais do texto acima.

a) Pequim controla os tibetanos, que vivem sob censura, sem possibilidade de livre circulação em sua própria região.

b) A tevê só mostra imagens liberadas pelos administradores locais, e as fronteiras estão fechadas para turistas e jornalistas.

c) Para Pequim, houve treze mortos nos conflitos recentes; para os tibetanos, houve mais de cem mortos e centenas de prisões de dissidentes.

d) A China procede a um genocídio cultural no Tibete, quando esmaga as tradições da região.

e) Embora haja controle dos meios de comunicação e das fronteiras, suspeita-se do aumento da repressão no Tibete, que luta pela autonomia, pois é ocupado pela China há mais de cinquenta anos.

Comentários:

Ao se requerer do candidato uma opção que apresente as ideias principais do texto, o que se quer é uma alternativa que resuma suas informações centrais, que componham sua introdução, seu desenvolvimento e posterior conclusão.

Neste texto, dividido em três parágrafos, o que se deve fazer é reescrever cada parágrafo, por meio de uma informação que resuma cada um deles. Assim, teríamos:

1º parágrafo: China invade Tibete. Conflito entre os países. Esmagamento cultural daquele país sobre esta região.

2º parágrafo: Controle dos meios de comunicação do Tibete, por parte das autoridades chinesas.

3º parágrafo: A repressão parece aumentar.

Após a reescritura dos parágrafos, deve o candidato partir à análise das alternativas, buscando aquela que seja capaz de juntar as três ideias mais importantes do texto.

a) Alternativa errada. Aqui só se mencionam ideias do 2º parágrafo.

b) Alternativa errada. Observa-se o mesmo equívoco da alternativa anterior: só se reescrevem informações do 2º

parágrafo.

c) Alternativa errada. Nessa alternativa só se reescreve informação do último parágrafo do texto.

d) Alternativa errada. Assim como as outras, essa opção só menciona um momento do texto, não o resume na sua totalidade. Nesse caso, a alternativa só reescreve o 1º parágrafo.

e) Resposta certa. Essa opção apresenta um resumo das três partes que compõem o texto.

Resposta: E.

5. (Cespe/UnB) Assinale a opção que constitui continuação coesa e coerente para o texto abaixo:

Até aqui o governo se dedicou a expor seu ponto de vista e começou a mover suas pedras no tabuleiro, a partir de sua opção pela prioridade sul-americana e do Mercosul. Estabeleceu, em seguida, uma série de pontes e alianças possíveis com a África e a Ásia, como aconteceu com o G21, na reunião de Cancun da OMC, e como está acontecendo nas negociações do G3, com a África do Sul e com a Índia. Ou ainda, como vem ocorrendo nas novas parcerias tecnológicas com a Ucrânia, a Rússia, a China, ou com os projetos infraestruturais com a Venezuela, a Bolívia, o Peru e a Argentina.

a) Não há dúvida, porquanto, de que essas principais disputas giraram em torno das divergências econômicas entre os Estados Unidos e o Brasil, em particular as negociações da OMC, FMI e ALCA.

b) O que se vê é a afirmação de uma nova política externa, ativa, presente, baseada no interesse nacional brasileiro e na afinidade histórica e territorial do Brasil com o resto da América do Sul, bem como na sua afinidade de interesses com os demais grandes países em desenvolvimento.

c) E do outro lado, naquele momento, estarão os grupos econômicos e as forças sociais, intelectuais e políticas que sempre lutaram por um projeto de desenvolvimento para o Brasil.

d) E aqui, não há como se enganar sobre as forças que esta batalha despertava, dentro e fora do governo: de um lado estarão, como sempre estiveram, os grupos de interesse que defendem uma relação subserviente com os Estados Unidos, em troca de uma acesso mais favorecido ao mercado interno americano.

e) Orientando-se pelos interesses nacionais do povo e não apenas pelos interesses imediatos e particulares do seu *agrobusiness*, e dos seus grupos financeiros defendidos e acobertados pela retórica diletante e pela política escandalosamente subserviente dos "diplomatas descalços".

Comentários:

Nesta questão, o que se busca é um trecho que dê continuidade à seguinte ideia central do texto: "a opção pelo governo brasileiro pela prioridade sul-americana e do Mercosul".

a) A alternativa fala de "disputas", enquanto o texto menciona "parcerias" e "alianças". Alternativa errada, portanto.

b) Resposta correta. Aqui, há um reforço à ideia central do texto ao se mencionar "uma nova política externa, ativa,

presente…".

c) Presença de um *conector sem antecedente* lógico no *texto* – "E do outro lado". O texto original não havia apresentado o *primeiro lado*. Além do mais, a alternativa não retoma a ideia central – as parcerias com os países do Sul.

d) Ao mencionar "as forças que esta batalha despertava", o trecho menciona uma batalha, que é o oposto do que se fala no texto original. Não há embates, há alianças.

e) Além de o trecho ter problemas de redação – lança-se uma oração subordinada "Orientando--se pelos interesses…" sem uma oração principal a ela correspondente, ele foge ao assunto por não mencionar a política de alianças.

Resposta: B.

Por fim, uma questão para ordenar fragmentos de um texto. Trata-se de um clássico muito utilizado em provas elaboradas pela Esaf:

6. (Cespe/UnB) Os trechos a seguir constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e aponte a opção correta:

( ) A aguda crise social desdobrou-se, então, em quatro vertentes de alternativa política: o fascismo italiano, o nazismo alemão, a social democracia sueca e o New Deal norte-americano.

( ) O desemprego é uma tragédia social com profundas implicações políticas.

( ) Um dado dessa natureza é importante, pois estabelece a conexão entre a crise social e o efeito político-eleitoral.

( ) A esmagadora maioria dos eleitores nas últimas eleições apontava esse fenômeno como o mais grave problema do país.

( ) Tal conexão apareceu pela primeira vez na História, claramente, há mais de 70 anos, nos principais países capitalistas, na Grande Depressão.

a) 5, 1, 3, 2, 4.

b) 3, 5, 1, 4, 2.

c) 2, 4, 3, 5, 1.

d) 4, 1, 3, 5, 2.

e) 2, 1, 4 5, 3.

Comentários:

O que se busca na questão é a ordenação dos trechos de modo que eles passem a formar um único texto. Nesse caso, a estratégia a ser utilizada consiste basicamente em observar em cada segmento sua ideia central e, na sequência, encontrar o trecho que apresente elemento de conexão que reforce a informação encontrada – procedimento que se

repetirá até o último segmento.

O trecho a iniciar o texto não deve possuir nenhum elemento de coesão que retome informações anteriores, afinal ele é o início do texto. Nesta questão específica, o único trecho que é passível de iniciar o texto é:

(1) O desemprego é uma tragédia social com profundas implicações políticas.

O próximo passo consiste em buscar a continuidade desse segmento. Nesse caso, o que se busca é um trecho que fale sobre o problema social que é *o desemprego* e que desdobre também suas *implicações políticas*. Logo, o trecho de continuidade seria:

(2) A esmagadora maioria dos eleitores nas últimas eleições (*implicações políticas*) apontava esse fenômeno como o mais grave problema do país (*tragédia social*).

A seguir, busca-se o trecho que retome também as informações essenciais de (2) mais importantes – *desemprego* e *resultados das últimas eleições*. Assim, teríamos:

(3) Um dado dessa natureza é importante, pois estabelece a conexão entre a crise social (*desemprego*) e o efeito político eleitoral *(últimas eleições*).

Como continuidade da cadeia coesiva que se forma, busca-se na sequência um trecho que mencione a questão da *conexão entre a crise social e seu efeito político eleitoral.* Assim:

(4) Tal conexão *(expressão que retoma "conexão" do trecho anterior)* apareceu pela primeira vez na História, claramente há mais de 70 anos, nos principais países capitalistas, na Grande Depressão.

Da mesma forma, o item que finalizará o texto deverá ser aquele que repise a ideia principal do trecho anterior, que, nesse caso, foi "a conexão … pela primeira vez na História … nos países capitalistas". Assim, observa-se o fechamento do texto em:

(5) A aguda crise social (*que se iniciou com o desemprego*) desdobrou-se, então,em quatro vertentes de alternativa política: o fascismo italiano, o nazismo alemão, a social democracia sueca e o New Deal norte-americano. (*principais países capitalistas mencionados no trecho imediatamente anterior*).

Resposta: A (5, 1, 3, 2, 4).

Aqui, vale uma dica:

Um trecho será uma possível continuidade do outro quando retomar aquilo que o anterior teve de essencial: sua informação mais importante.

Muitos concurseiros resolvem uma questão como essa por meio da estratégia de eliminação.

Assim, sabendo-se que somente o 2º trecho seria capaz de iniciar o texto, por não possuir nenhum elemento de conexão com ideias anteriores, o período a receber numeração **1** seria *O desemprego é uma tragédia social com profundas implicações políticas*. Logo, teríamos como possíveis respostas as alternativas A, D ou E, pois são elas

que apontam esse trecho como a introdução do texto. A partir daí, bastaria descobrir qual trecho poderia receber a numeração **2**. Nesse caso, vale a dica de que **2** deverá reforçar aquilo que **1** tinha de essencial: é o trecho *A esmagadora maioria dos eleitores nas últimas eleições apontava esse fenômeno como o mais grave problema do país* que reforça *as implicações políticas do desemprego*. Logo, a alternativa que apresenta essa numeração seria a letra A. É uma outra forma de resolver a mesma questão: a velha tática de eliminação...

Por fim, vamos resolver algumas provas anteriores, abordando com maior ênfase as estratégias de retomada nos textos (anáfora, catáfora, dêixis).

25.3. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

Texto I

O teste definitivo para você saber se você está ou não integrado no mundo moderno é a secretária eletrônica. O que você faz quando liga para alguém e quem atende é uma máquina. Tem gente que nem pensa nisso. Falam com a secretária eletrônica com a maior naturalidade, qual é o problema?

1. "O que você faz quando liga para alguém e quem atende é uma máquina". O comentário correto sobre o vocábulo O, colocado ao início desse período do texto, é que se trata de:

a) um pronome demonstrativo, referindo-se a "teste".

b) um artigo definido, determinando a oração seguinte.

c) um pronome pessoal, equivalendo a "ele".

d) um pronome interrogativo, juntamente com "que".

e) um pronome indefinido, correspondendo a "algum".

2. "Tem gente que nem pensa **nisso**." O pronome sublinhado se refere:

a) à existência de secretárias eletrônicas.

b) ao fato de sermos atendidos por máquinas.

c) ao teste de integração no mundo moderno.

d) à impossibilidade de falar com alguém para quem se ligou.

e) à dificuldade de dialogar com uma máquina.

Texto II

MAQUIAGEM

Nesta época, no ano passado, começou a se constatar nas prateleiras dos supermercados uma "maquiagem" de produtos. Consistia, basicamente, em reduzir a quantidade de mercadoria embalada, mantendo o preço de venda. O assunto despertou celeuma entre associações de consumidores, fábricas e autoridades governamentais. O Ministério da Justiça acabou por reagir, multando empresas que, segundo seu entendimento, haviam ludibriado a boa-fé dos consumidores. Um ano depois, pode-se dizer que houve alguma melhora na situação. Houve alguma confusão acerca do que estava errado na prática da "maquiagem".

(...)

Folha de São Paulo, dezembro de 2002.

1. "Nesta época" e "um ano depois", referem-se exata e respectivamente a:

a) dezembro de 2002 e dezembro de 2003.

b) dezembro de 2002 e dezembro de 2002.

c) dezembro de 2001 e dezembro de 2002.

d) dezembro de 2001 e dezembro de 2003.

e) dezembro de 2000 e dezembro de 2002.

2. "…a temperatura corporal elevada ajuda o sistema de defesa do organismo a identificar a causa de uma infecção e combatê-la"; o pronome *la*, ao final da frase, se refere ao seguinte termo anterior:

a) temperatura corporal elevada.

b) sistema orgânico.

c) causa de uma infecção.

d) defesa do organismo.

e) temperatura corporal e defesa do organismo.

3. Na construção de um texto, para sua coesão, alguns termos retomam termos anteriores; o termo em negrito cujo termo anterior NÃO foi corretamente destacado em maiúsculas é:

a) "Até recentemente, a sociedade entendia SER A EDUCAÇÃO TAREFA EXCLUSIVA DE PAIS E PROFESSORES. Sabiamente esse conceito evoluiu".

b) "COBRA-SE, AGORA, O COMPROMISSO DE EDUCAR TAMBÉM DE VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO, PUBLICIDADE, DAS ARTES etc. Não poderia haver reivindicação mais justa".

c) "O código recomenda ainda que os anúncios não desmereçam valores sociais ou provoquem discriminação, em particular DAQUELES que não sejam consumidores do produto".

d) "tampouco associem crianças e adolescentes a SITUAÇÕES INCOMPATÍVEIS com sua condição, sejam elas ilegais, perigosas ou socialmente condenáveis".

e) "a publicidade (...) não deve: IMPOR A NOÇÃO DE QUE O PRODUTO PROPORCIONA SUPERIORIDADE (...); PROVOCAR SITUAÇÃO DE CONSTRANGIMENTO AOS PAIS (...). Essas recomendações são, para o Conar, contribuições muito mais efetivas...".

Texto III

Sustentabilidade, Consumo e Publicidade

Nos últimos cinquenta anos, a população mundial mais do que dobrou, indo de 2,5 bilhões (1950) para 6 bilhões (2000). Durante esse mesmo período, a industrialização permitiu que o consumo aumentasse exponencialmente; como consequência, a poluição e o lixo também aumentaram. Já faz algum tempo que o planeta vem dando sinais de que não pode suportar o nosso

modo de vida, e estudos indicam que hoje, mesmo com grande parte da população mundial excluída, já consumimos 20% por ano a mais de recursos naturais renováveis do que o planeta Terra é capaz de regenerar.

1. O primeiro parágrafo emprega por duas vezes a palavra "já". Seus valores morfológicos são idênticos, mas semanticamente se distinguem. A frase abaixo em que a palavra "já" está empregada com um terceiro valor semântico é:

a) a sociedade já teve atitudes mais firmes.

b) se houver apagão, já sabemos o motivo.

c) os estudos já estão publicados na imprensa.

d) todos já começam a se preocupar com o futuro.

e) faz já décadas que a poluição é grande.

Texto IV

Dos três irmãos, dois fazem parte de um grupo cada vez mais comum na família brasileira contemporânea. São os jovens endividados. Além de adiar a saída de casa, mesmo depois de terminar a faculdade e arrumar trabalho, esses moços e moças não conseguem ajudar nas despesas de casa, nem tampouco pagar as próprias contas. Pior: acumulam dívidas. Muitos estão simplesmente falidos e entram na lista negra das entidades de proteção ao crédito.

1. "Muitos estão simplesmente falidos". O indefinido empregado nesse trecho serve para retomar o termo:

a) consumidores.

b) balzaquianos.

c) moços e moças.

d) três irmãos.

e) bancos e financeiras.

Texto V

Essa nova fase da filantropia americana surge num contexto em que sobressaem uma virtude e uma falha. A virtude é o estágio atual do próprio sistema capitalista, capaz, em sua forma mais avançada, de gerar excedentes vultosos que retornam à sociedade pela mão de empresários conscientes e abnegados. A falha é dos governos e das instituições internacionais, como o Banco Mundial, que se mostraram ineficazes no combate à pobreza e às endemias do mundo. Pessoas como Buffett e Gates, portanto, indicam um caminho para supri-la.

1. "Pessoas como Buffett e Gates, portanto, indicam um caminho para supri-**la**"; o pronome sublinhado se refere a:

a) pobreza.

b) endemia.

c) falha.

d) filantropia.

e) sociedade.

Texto VI

Estudo do Pacific Institute of Oakland, na Califórnia, prevê que 76 milhões de pessoas morrerão de doenças relacionadas à água até 2020. As crianças serão as mais afetadas por males causados pelo uso e ingestão de água contaminada. No mesmo período, serão registrados 65 milhões de casos fatais em consequência da Aids em todo o mundo.

1. Vocábulos do texto que NÃO apresentam o mesmo referente são:

a) pessoas / as crianças

b) doenças / males

c) água / água contaminada

d) até 2002 / mesmo período

e) morrerão / serão registrados 65 milhões de casos fatais

Texto VII

PETRÓLEO

Eduardo Frieiro

Os fatos desta vez deram razão a Monteiro Lobato. Existe o petróleo. Resta saber, e o grande escritor morreu antes que pudesse observá-lo, resta saber se o cobiçado líquido brindará os brasileiros com uma vida decente, ou fará do país outra Venezuela, onde, há um quarto de século, se põe fora, sem proveito para o povo, a maior fartura petrolífera da América Latina. (1948)

Texto VIII

PETRÓLEO

Monteiro Lobato

Esse produto é o sangue da terra; é a alma da indústria moderna; é a eficiência do poder militar; é a soberania; é a dominação. Tê-lo é ter o sésamo abridor de todas as portas. Não tê-lo é ser escravo.

1. "… resta saber se o cobiçado líquido brindará os brasileiros…"; para evitar a repetição do termo *petróleo*, o autor do texto se utilizou, no segmento em destaque, de um processo que também aparece em:

a) " ... e o grande escritor morreu antes que pudesse observá-lo..." (texto VII)

b) " ... se põe fora, sem proveito para o povo, a maior fartura petrolífera da América Latina." (texto VII)

c) " ... brindará os brasileiros com uma vida decente, ou fará do país outra Venezuela,..." (texto VII)

d) " Esse produto é o sangue da terra; é a alma da indústria moderna;" (texto VIII)

e) " Não tê-lo é ser escravo."

2. A ideia de o petróleo ser uma panaceia universal aparece no texto de Monteiro Lobato (texto VIII), e de forma mais específica no segmento:

a) " Esse produto é o sangue da terra".

b) " é a alma da indústria moderna".

c) “ é a eficiência do poder militar”.

d) “ é a soberania; é a dominação”.

e) “ tê-lo é ter o sésamo abridor de todas as portas”.

Texto IX

VIOLÊNCIA NO CAMPO

José Saramago

No dia 17 de abril de 1996, no estado brasileiro do Pará, perto de uma povoação chamada Eldorado dos Carajás (Eldorado: como pode ser sarcástico o destino de certas palavras...), 155 soldados da polícia militarizada, armados de espingardas e metralhadoras, abriram fogo contra uma manifestação de camponeses que bloqueavam a estrada em ação de protesto pelo atraso dos procedimentos legais de expropriação de terras, como parte do esboço ou simulacro de uma suposta reforma agrária na qual, entre avanços mínimos e dramáticos recuos, se gastaram já cinquenta anos, sem que alguma vez tivesse sido dada suficiente satisfação aos gravíssimos problemas de subsistência (seria mais rigoroso dizer sobrevivência) dos trabalhadores do campo. Naquele dia, no chão de Eldorado dos Carajás ficaram 19 mortos, além de umas quantas dezenas de pessoas feridas.

(...)

1. “Naquele dia, no chão de Eldorado dos Carajás…”; o emprego de naquele, neste contexto:

a) indica que o dia referido na frase não deve ser confundido com outro.

b) mostra que o dia referido está distante no tempo.

c) assinala uma distância de lugar.

d) identifica o dia como algo a ser esquecido.

e) refere-se a um dia que o leitor desconhece.

2. “Há detalhes que parecem insignificantes, mas revelam estágios de cidadania: respeitar-se o sinal vermelho no trânsito, não jogar papel na rua, não destruir telefones públicos. Por trás desse comportamento está o respeito à coisa pública”; nesse parágrafo, a expressão “ desse comportamento”:

a) refere-se à última das ações citadas.

b) retoma o conjunto de ações anteriores.

c) alude somente a aspectos negativos.

d) corresponde a um procedimento condenável.

e) traz em si mesma um conteúdo positivo.

Texto X

Infelizmente, a hipocrisia abunda no mundo, principalmente nas elites. Em troca do status de um nobre homem, pessoas vendem a alma ao diabo, traindo escancaradamente sua própria consciência e bom senso. A cretinice assume grau espantoso nos debates, e qualquer um que esteja mais preocupado com a verdade que com as aparências de suas intenções perde a paciência ao notar que está dando murro em ponta de faca. O interesse dessa elite pérfida não é a busca sincera pela verdade e resultados; mas, sim, o

conforto psíquico de apresentar ser bem intencionado. O mensageiro que traz a notícia, que destaca os fatos verdadeiros, que demonstra o absurdo das teorias românticas, esse é o culpado, um insensível, egoísta. A hipocrisia, aliada à ignorância de muitos, acaba vencendo a lógica e a verdade. A necessidade da mente humana de acreditar em explicações simplistas, culpar fatores exógenos e bodes expiatórios, e buscar conforto mesmo que na mentira alimenta bastante essa hipocrisia. Esse texto é um apelo para darmos um basta a isso.

1. " Em troca do status de um nobre homem"; a mesma ideia contida nesse segmento do texto aparece repetida em:

a) " vendem a alma ao diabo".

b) " aparentar ser bem intencionado".

c) " destaca os fatos verdadeiros".

d) " culpar fatores exógenos e bodes expiatórios".

e) " demonstra o absurdo das teorias românticas".

Texto XI

Mais de cem vezes o presidente George W. Bush ameaçou vetar projetos que fossem aprovados pelo Congresso americano, mas até agora ele nunca tinha cumprido a ameaça, ou precisado cumprir – por ter sido ela suficiente para levar os parlamentares a recuar rapidamente.

1. No primeiro parágrafo do texto ocorrem repetições de termos anteriores; a alternativa em que os dois termos sublinhados NÃO são exatamente um exemplo de repetição por não possuírem o mesmo referente é:

a) o presidente George W. Bush – ele.

b) projetos – que.

c) ameaçou vetar projetos – a ameaça.

d) a ameaça – ela.

e) Congresso americano – ele.

2. A alternativa em que NÃO há qualquer referência ao momento de ocorrência do fato comentado pela notícia do jornal é:

a) " mas até agora nunca tinha cumprido a ameaça".

b) " Mas ontem ele fez uso do veto".

c) " aprovada por 63 votos a 37 no Senado, terça-feira".

d) " um ano depois de sua aprovação na Câmara dos Representantes".

e) " O projeto, que há tempos seria impensável".

3. E, portanto, comprometidos demais para fazermos um juízo exato a esse respeito. Esse comprometimento inclui vítimas e algozes"; o tipo de relação de coesão exemplificado nesse segmento do texto entre as palavras sublinhadas se repete em:

a) toda a população está atemorizada demais com a violência e esse medo tem causado muitos problemas.

b) os direitos humanos têm sido desprezados pelas autoridades e se os desprezamos, caímos no caos.

c) as autoridades políticas estão bastante atarefadas e esse trabalho exagerado tem impedido que projetos mais importantes sejam discutidos.

d) as leis têm-se mostrado muito permissivas e essa permissividade tem incentivado a criminalidade.

e) são bastante contraditórias as leis dos direitos humanos e essa oposição tem prejudicado a sua discussão.

Texto XII

O PASTOREIO POLÍTICO

Luiz Carlos Lisboa

O século que se orgulha de grandes conquistas no terreno dos direitos humanos e das liberdades públicas é o mesmo em que se desenvolveram as formas mais requintadas e esmagadoras de dominação política e de intimidação coletiva. Essa contradição flagrante, escândalo de nosso tempo, é pouco analisada porque estamos todos muito imersos nela. E, portanto, comprometidos demais para fazermos um juízo exato a seu respeito. Esse comprometimento inclui vítimas e algozes, e cega a ambos da mesma forma.

1. O termo "ambos", presente na última linha do texto, refere-se a:

a) defensores e críticos dos direitos humanos.

b) os que possuem e não possuem liberdades públicas.

c) os que praticam e sofrem injustiças.

d) as vítimas e os que sofrem intimidação coletiva.

e) os que sofrem dominação política e intimidação coletiva.

Texto XIII

UM SENTIDO PARA A EDUCAÇÃO SEXUAL

A proposta de educação sexual nos currículos da escola de ensino médio é uma ideia que surge mais fortemente agora no Brasil. Um dos argumentos a favor da implantação da educação sexual nas escolas é o grande número de gestações na adolescência e o problema da Aids. Entretanto, não se observa redução nem no número de gestações indesejadas nem nas doenças sexualmente transmissíveis onde a educação sexual foi adotada como solução para este problema.

Nos Estados Unidos, a educação sexual foi considerada como a solução e a implantação dos programas aconteceu intensamente; no entanto, os resultados são deploráveis. Por que a educação sexual tal como foi implantada não é a solução? O desastre começa no próprio conceito. A educação sexual apresentada não toma como base valores morais, e se orienta para a informação restrita de contracepção e prevenção de doenças.

Isso não é educação sexual. Educação sexual é parte de algo mais complexo na vida do ser humano, e por isso não se pode restringir à informação sobre anatomia e fisiologia, ensino de meios contraceptivos e prevenção da Aids e outras doenças sexualmente transmissíveis. Educação sexual é antes de tudo educação de valores, educação do verdadeiro amor, amor de doação, incluindo-se a sexualidade. [...]

1. No terceiro parágrafo do texto, a educação sexual referida na primeira linha é:

a) a que já foi anteriormente implantada no Brasil.

b) a que está sendo implantada no Brasil.

c) a que foi implantada nos Estados Unidos e anteriormente implantada no Brasil.

d) a que foi implantada nos Estados Unidos e recentemente implantada no Brasil.

e) a que foi implantada nos Estados Unidos.

Texto XIV

A VERDADE E A FANTASIA

Miguel Pachá – Presidente do TJ/RJ

Um espectro ronda a Justiça brasileira neste final de ano: a Reforma do Judiciário. Espectro porque a realidade do Judiciário e a necessidade da sua reforma foram, nos últimos meses, deformados pelo " manto diáfano da fantasia".

Comemoramos o nosso dia (8 de dezembro) sob o fogo cruzado da má vontade e da desinformação. O Judiciário não pode ser culpabilizado pelo que a mídia chama com exagero de impunidade. A polícia não prende, não investiga e nós, presos à aplicação da lei, pagamos o pato. Além disso, há um cipoal de leis, medidas provisórias e atos normativos que acabam por atravancar nossos corredores.

Temos oferecido à sociedade ideias e propostas de melhoria da prestação de Justiça. Um exemplo: o julgamento virtual, que acelera a tramitação, elimina papel e dispensa deslocamentos de advogados. Quanto ao apregoado controle do Judiciário, pensamos que deveria antes vir de dentro que de fora, pelo ajuste de normas e práticas processuais, bem como pela supervisão sistemática. A autonomia financeira deu ao nosso Tribunal a possibilidade de ser um dos melhores do país: um dos mais ágeis e seguros, em condições objetivas de enfrentar o descrédito geral da Justiça.

A autonomia dos poderes – lembremos ainda uma vez – é a única garantia que temos da estabilidade da República e, em última instância, da continuidade do regime democrático – o pior de todos, com exceção dos outros. Falar em cidadania é falar em Judiciário. Em muitas sociedades tradicionais a norma de estabilidade é a do " poder trava poder". Ao invés do controle externo, sempre perigoso, talvez se pudesse confiar mais nesse controle sistêmico. De resto, temos à disposição diversos mecanismos endógenos, eficazes, de controle (os tribunais de conta, as corregedorias etc.).

A sociedade global, estimulada pelos formadores de opinião, não tem sido capaz de captar a verdade do Judiciário. Sob um cerco total de má vontade e desinformação, vemos exageradas as nossas deficiências e erros. " Sobre a nudez forte da verdade, o manto diáfano da fantasia" – parodiemos o slogan do velho Eça de Queiroz. E qual é a nossa verdade? Antes de enunciá-la, reconheçamos nossos erros e dificuldades, algumas conjunturais, de mais fácil correção, outras estruturais, mais difíceis. Recente pesquisa da OAB, mostrou que 55% da população mal conhece o Judiciário. E é ela a segunda instituição menos confiável do país. Nosso programa para o ano que se inicia é, pois, estabelecer a verdade da distribuição de Justiça em nosso Estado e vê-la reconhecida, senão por todos, ao menos pela maioria de nossos concidadãos.

Informativo TJ/RJ e EMERJ, n.12.

1. " De resto, temos à disposição diversos mecanismos endógenos, eficazes, de controle…"; a ideia aqui presente se repete aproximadamente em:

a) “ Quanto ao apregoado controle do Judiciário, pensamos que antes deveria vir de dentro que de fora...”

b) “ A sociedade global, estimulada pelos formadores de opinião, não tem sido capaz de captar a verdade do Judiciário.”

c) “ Sobre a nudez forte da verdade, o manto diáfano da fantasia.”

d) “ A autonomia dos poderes [...] é a única garantia que temos da estabilidade da República...”

e) “ Falar em cidadania é falar em Judiciário.”

2. Em relação aos “ mecanismos endógenos”, referidos no 4º parágrafo do texto, analise os itens a seguir:

I. “ ... antes vir de dentro que de fora, pelo ajuste de normas e práticas processuais,...”

II. “ Em muitas sociedades a norma de estabilidade é a do ‘ poder trava poder’ .”

III. “ Ao invés do controle externo, sempre perigoso, talvez se pudesse confiar mais nesse controle sistêmico.”

Os mecanismos referidos no enunciado correspondem a:

a) I – III

b) I – II – III

c) II – III

d) I – II

e) III

Texto XV

ANO NOVO, VELHOS PROBLEMAS

Ubiratan Iorio

A cada início de ano, é costume renovar esperanças e fortalecer confianças em relação ao futuro. Tempo de limpar gavetas, fazer faxinas e vestir cores que – acreditam muitos – ajudem a realizar antigos desejos e aspirações. Nada existe de errado com esses hábitos, descontado o teor de superstição que costuma motivá-los, nem com o fato de se os estender para o campo das relações econômicas. Afinal, também na economia a esperança pode mover montanhas. Mas para tal precisa fundamentar-se em fatos concretos.

Um pouco de realismo sempre faz bem. Os atos econômicos não são praticados em um vazio institucional, já que o homo economicus, aquele robô frio, calculista, pronto a maximizar resultados, sejam lucros, utilidades, taxas de retornos ou quaisquer outros, só existe nos livros de economia. Na vida real, as relações entre economia, política, direito, ética e outros campos da ação humana objetiva e subjetiva, são inevitáveis, sendo a soma dessas inter-relações o que se chama, reverentemente, de sociedade. O hábito arraigado de separar o econômico do social, do político, do ético e do legal, de que é exemplo o discurso de contrapor o “ mercado” ao “ social” – quase sempre denegrindo o primeiro e enaltecendo o segundo – é uma das causas das repetidas frustrações das esperanças de crescimento econômico sustentado.

1. “ Um pouco de realismo sempre faz bem.”; a mesma ideia reaparece em:

a) “ Afinal, também na economia a esperança pode mover montanhas.”

b) “ Mas para tal precisa fundamentar-se em fatos concretos.”

c) “ Os atos econômicos não são praticados em um vazio institucional...”

d) “ ... pessimistas nada mais são do que otimistas bem informados,...”

e) “ uma carga tributária extorsiva e crescente.”

2. Na progressão textual, a fim de evitar-se a repetição de palavras idênticas, ocorre a substituição de termos anteriores por uma série de diferentes elementos. O item em que a identificação do termo substituto do segmento sublinhado está INCORRETA é:

a) “ Afinal também na economia a esperança pode mover montanhas. Mas para tal precisa fundamentar-se em atos concretos.” – pronome demonstrativo

b) “ busquemos, apenas, ser realistas e olhemos para as instituições que nos circundam.” – pronome relativo

c) “ Tempo de limpar gavetas, fazer faxinas e vestir cores que – acreditam muitos – ajudem a realizar antigos desejos e aspirações. Nada existe de errado contra esses hábitos,...” – hiperônimo

d) “ Nada existe de errado contra esses hábitos, descontado o teor de superstição que costuma motivá-los,...” – pronome relativo

e) “ Nada existe de errado contra esses hábitos [...] nem com o fato de se os estender para o campo das relações econômicas.” – pronome pessoal

3. “ O hábito arraigado de separar o econômico do social, do político, do ético e do legal, de que é exemplo o discurso de contrapor o “ mercado” ao “ social” – quase sempre denegrindo **o primeiro** e enaltecendo **o segundo** – é uma das causas…”; mantendo-se o sentido original, os termos sublinhados poderiam ser corretamente substituídos, respectivamente, por:

a) este / aquele

b) este / esse

c) aquele / este

d) aquele / esse

e) esse / este

Texto XVI

O NECROLÓGIO DOS DESILUDIDOS DE AMOR

Carlos Drummond de Andrade

Os médicos estão fazendo a autópsia dos que se mataram.

Que grandes corações eles possuíam

Vísceras imensas, tripas sentimentais

e um estômago cheio de poesia.

1. Os “ desiludidos do amor” reaparecem em:

a) “ os médicos estão fazendo a autópsia...”.

b) “ ... dos que se mataram”.

c) “ Que grandes corações eles possuíam”.

d) “ Vísceras imensas, tripas sentimentais”.

e) “ estômago cheio de poesia”.

2. “ Bibliotecas. Vistas de dentro de grandes monumentos, elas parecem indestrutíveis. Mas, de fato, a história mostra que bibliotecas estão sempre sendo destruídas e cada vez que uma delas vem abaixo muito da civilização desaba com ela”; nesse segmento o termo que NÃO apresenta corretamente o termo anterior ao qual se refere ou que substitui é:

a) elas = bibliotecas

b) ela = uma delas

c) grandes monumentos = bibliotecas

d) desaba = vem abaixo

e) delas = das bibliotecas

Texto XVII

“ O rádio foi uma tragédia para os surdos. A televisão é uma tragédia para os cegos. É também, de quando em quando, uma tragédia para o espectador sensível, para quem contemplar a mediocridade é uma dolorosa experiência.” (Steve Allen)

1. “ É também, de quando em quando, uma tragédia para o espectador sensível, para quem contemplar a mediocridade é uma dolorosa experiência.”; o pronome *quem* se refere:

a) a qualquer espectador de TV.

b) ao espectador sensível.

c) à pessoa que não participa da dolorosa experiência.

d) ao espectador que contempla a mediocridade.

e) ao espectador de programas medíocres.

Texto XVIII

IMPÉRIO À DERIVA

Patrick Wilcken

Em 1807, no auge das Guerras Napoleônicas, o príncipe regente português D. João VI tomou uma decisão extraordinária. Embora aterrorizado com a ideia de viagens marítimas, optou por transplantar toda a sua corte e seu governo para a maior colônia de Portugal: o Brasil. Com as tropas francesas aproximando-se de Lisboa, aristocratas, ministros, padres e criados – no assombroso total de 10 mil pessoas – embarcaram às pressas na precária frota portuguesa. Após uma turbulenta travessia transatlântica, sob escolta britânica, desembarcaram imundos, cobertos de piolhos e esfarrapados, para espanto de seus súditos no Novo Mundo. Assim se iniciou um período excepcional de treze anos de governo imperial exercido nos trópicos.

1. Em uma outra obra sobre a chegada da família real ao Brasil, que comemorará 200 anos em 2008, o autor

(Laurentrino Gomes) escreve na capa do livro: "Como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a história de Portugal e do Brasil". De todas as referências presentes nesse segmento, a única que aparece comprovada no texto principal desta prova é:

a) a rainha de Portugal ser louca.

b) o príncipe regente ser medroso.

c) a corte portuguesa ser corrupta.

d) os portugueses terem enganado Napoleão.

e) a história de Portugal e Brasil ter sido mudada.

Texto XIX

Num dia quente de verão do primeiro semestre do novo milênio, a humanidade atravessou uma ponte rumo a uma nova era de tremenda importância. Ao mundo inteiro foi transmitido um pronunciamento, com destaque em praticamente todos os jornais mais importantes, apregoando que o primeiro rascunho do genoma humano, nosso manual de instruções, havia sido concluído.

(*A linguagem de Deus*, Francis S. Collins)

1. Ao dizer que a humanidade "atravessou uma ponte rumo a uma nova era", o autor do texto expressa simultaneamente um conjunto de ideias; entre elas, NÃO está presente a ideia de:

a) superação de obstáculos.

b) progresso da ciência.

c) conhecimento de novos espaços.

d) comunicação com o novo.

e) abandono do passado.

Texto XX

CIÊNCIA E NAVEGAÇÃO

Bento Ribeiro Dantas

A história da humanidade contém sagas de extraordinária beleza, mas nenhuma suplanta a história dos descobrimentos marítimos dos séculos XVI e XVII. Foi uma época em que os homens de coragem e de saber, em busca de conhecimento e riquezas, aventuraram-se por mares e oceanos totalmente desconhecidos. Para isso foram necessários avanços técnicos que transformaram e desenvolveram a ciência da construção naval e dos planos vélicos das embarcações, a arte da cartografia e os métodos de aquisição das informações geográficas essenciais à sua precisão, a navegação pela observação astronômica, os instrumentos e a matemática indispensáveis à sua utilização. Enfim, todos os meios que tornaram possível aos portugueses, e mais tarde aos demais europeus, a descoberta de mais de dois terços da Terra – até aquela época, para eles, incógnitos. A chegada ao Brasil foi fruto desse esforço heróico, que não deixou nada ao acaso.

1. Alguns elementos de um texto se referem a termos anteriormente expressos; o elemento do texto cuja referência a termos anteriores está corretamente identificada é:

a) “ mas *nenhuma* suplanta...” = extraordinária beleza

b) “ Foi *uma época*...” = séculos XV e XVI

c) “ Para *isso*...” = homens de coragem e de saber

d) “ ... essenciais à *sua* precisão,...” = informações geográficas

e) “ ... até aquela época, para *eles*, incógnitos.” = portugueses

Texto XXI

MISTURA PERIGOSA

Revista *Isto É*, 26/09/2007.

Em qualquer idade, o alcoolismo é uma tragédia. Na maioria dos casos, ele destrói o indivíduo, desequilibra a família e traz um custo imenso para a sociedade. Quando atinge pessoas jovens, no entanto, ganha cores ainda mais dramáticas – dá para imaginar, então, quando o álcool se associa à adolescência. Esse é um cenário que se está tornando comum no Brasil: os adolescentes participam de forma cada vez mais expressiva da estatística do alcoolismo no país e já correspondem a 10% da parcela dos brasileiros que bebem muito, somando um total de 3,5 milhões de jovens. Muitos não se preocupam com a dependência nem encaram a bebida como droga. Mas, segundo a Organização Mundial de Saúde, o álcool é a droga mais consumida no mundo, com dois bilhões de usuários.

1. Num texto, vários elementos repetem ou retomam elementos anteriores; a alternativa em que o termo destacado NÃO tem o elemento anterior corretamente identificado é:

a) “ Em qualquer idade, o alcoolismo é uma tragédia. Na maioria dos casos, ele destrói o indivíduo, desequilibra a família e traz um custo imenso para a sociedade.” – o alcoolismo

b) “ Quando atinge pessoas jovens, no entanto, ganha cores ainda mais dramáticas – dá para imaginar, então, quando o álcool se associa à adolescência” – o alcoolismo

c) “ Esse é um cenário que se está tornando comum no Brasil: os adolescentes participam de forma cada vez mais expressiva da estatística do alcoolismo no país” – um cenário

d) “ ... e já correspondem a 10% da parcela dos brasileiros que bebem muito, somando um total de 3,5 milhões de jovens” – 10%

e) “ Muitos não se preocupam com a dependência nem encaram a bebida como droga” – brasileiros

Texto XXII

A VIDA COMO ELA SERÁ

Jerônimo Teixeira

Daqui a mais ou menos 1 bilhão de anos, a Terra não será mais habitável. No limite do seu material combustível, o Sol estará se expandindo. A elevação da temperatura no terceiro planeta do sistema solar tornará inviável a sobrevivência de qualquer criatura. Isso significa que a vida em nosso mundo já ultrapassou a meia-idade. Estamos nós, seres vivos, mais perto do fim que do começo. No tempo que resta, que cara terá a vida sobre a Terra? Que espécies surgirão e quais estarão fadadas a desaparecer na trilha das mudanças evolucionárias? E por quanto tempo ainda viveremos nós, seres humanos, para presenciar essas mudanças?

1. A alternativa em que o termo sublinhado tem seu valor dependente da situação geral de produção do texto é:

a) " Daqui a mais ou menos 1 bilhão de anos."

b) " A elevação da temperatura no terceiro planeta do sistema solar."

c) " Estamos nós, seres vivos..."

d) " E por quanto tempo ainda viveremos nós..."

e) " Isso significa que a vida em nosso mundo..."

2. Se tivéssemos o raciocínio: " A Terra não será mais habitável daqui a 1 bilhão de anos já que o Sol estará se expandindo", o raciocínio apresenta um argumento em que:

a) se troca o efeito pela causa.

b) se troca a causa pela consequência.

c) se apela ao princípio da autoridade.

d) se troca a razão pela intuição.

e) ocorre desvio do assunto.

3. Num texto há muitas palavras anafóricas, ou seja, palavras cuja função é retomar algo que já foi expresso. A alternativa que mostra um termo sublinhado que NÃO é anafórico é:

a) " No limite do seu material combustível, o Sol estará se expandindo."

b) " A elevação da temperatura no terceiro planeta do sistema solar."

c) " Isso significa que a vida em nosso mundo..."

d) " para presenciar essas mudanças?"

e) " Isso significa que a vida em nosso mundo."

Texto XXIII

Tchecov escreveu: " Daqui a duzentos ou trezentos anos, ou mesmo mil anos – não se trata de exatidão – haverá uma vida nova. Nova e feliz. Não tomaremos parte nessa vida, é verdade... Mas é para ela que estamos vivendo hoje. É para ela que trabalhamos e, se bem que a soframos, nós a criamos. É nisso que está o objetivo de nossa existência aqui."

1. Algumas palavras têm sentido dêitico, ou seja, apresentam significado dependente da situação de produção do texto. *Daqui*, por exemplo, tem significado dependente do momento de produção do texto. Assinale o item em que a palavra sublinhada tem valor dêitico:

a) a partir de hoje teremos uma vida nova.

b) os homens nunca irão viver eternamente.

c) a vida na Terra é breve.

d) o futuro sempre está distante.

e) a partir de 1992, o mundo mudou.

2. "Não tomaremos parte **nessa** vida, é verdade…"; o uso do demonstrativo *nessa* se justifica pelo motivo seguinte: emprega-se *esse, essa, esses, essas:*

a) com referência a um termo expresso anteriormente.

b) em referência a um lugar próximo do interlocutor.

c) em relação a um tempo passado, anteriormente definido.

d) em correspondência com um tempo futuro, indeterminado.

e) para indicação de um lugar fictício.

3. Para evitar a repetição do termo *vida*, o autor substituiu-o por:

a) pronomes pessoais e demonstrativos.

b) pronomes pessoais e artigos.

c) artigos e pronomes demonstrativos.

d) pronomes pessoais.

e) pronomes demonstrativos.

Texto XXIV

O Piercing: ser ou não ser

Quando o meu filho Pedro, de 16 anos, falou da vontade de colocar *piercing*, antes de dizer-lhe um sonoro "não", ponderei o fato de meu filho não ser um veículo para que eu coloque em prática o meu projeto de ser humano. Muito pelo contrário: Ele é um ser independente, com projetos próprios e que tem como orientação básica o respeito ao ser humano e a consciência que de o mundo deve ser mais justo, inteligente, diversificado e saboroso. A partir daí, não me preocupa se ele fará drama ou comédia, com argola no nariz ou gravata no pescoço. O importante não será a sua forma, mais sim o seu conteúdo. (...) O adolescente, pelo menos, faz por festa, para treinar a sua rebeldia. Depois, o tempo passa e todas essas bandeiras pelo corpo vão perdendo a importância e para aqueles que só fazem onda, a coisa ficará no passado. Para os autênticos, a rebeldia fica adulta e muda de lugar. Vai pro olhar.

1. O elemento do texto cujo significado é indicado por elementos externos a ele é:

a) " Quando o meu filho Pedro, de 16 anos..."

b) " ... antes de dizer-lhe um sonoro não"

c) " Muito pelo contrário, ele é um ser independente..."

d) " A partir daí, não me preocupa..."

e) " Para treinar a sua rebeldia..."

Texto XXV

Quando eu me desespero, lembro-me de que, por toda a história, a verdade e o amor sempre vencem. Existiram assassinos e

tiranos e, por um tempo, eles pareceram invencíveis. Mas, no fim, eles sempre caíram. Penso nisso, sempre. (Mahatma Gandhi)

1. Em "penso nisso", o pronome "isso" teria como explicitação mais adequada:

a) que a verdade e o amor sempre vencem.

b) que existiram assassinos e tiranos.

c) que assassinos e tiranos parecem invencíveis.

d) que eles caíram.

e) que, apesar de invencíveis, os tiranos sempre caíram.

Gabarito: Texto I – 1. a; 2. b; **Texto II** – 1. c; 2. c; 3. d; **Texto III** – 1. a; **Texto IV** – 1. c; **Texto V** – 1. c; **Texto VI** – 1. a; **Textos VII e VIII** – 1. a; 2. e; **Texto IX** – 1. b; 2. b; **Texto X** – 1. b; **Texto XI** – 1. e; 2. e; 3. d; **Texto XII** – 1. c; **Texto XIII** – 1. d; **Texto XIV** – 1. a; 2. b; **Texto XV** – 1. b; 2. d; 3. c; **Texto XVI** – 1. b; 2. c; **Texto XVII** – 1. b; **Texto XVIII** – 1. b; **Texto XIX** – 1. e; **Texto XX** – 1. b; **Texto XXI** – 1. d; **Texto XXII** – 1. a; 2. a; 3. a; **Texto XXIII** – 1. a; 2. e; 3. d; **Texto XXIV** – 1. a; **Texto XXV** – 1. a.

26 COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

Nas provas de concursos públicos, em média, 30 a 40% são questões de compreensão e interpretação de textos. Geralmente, textos longos, algumas vezes até filosóficos, que demandam técnica e experiência do concurseiro.

Quem nunca teve de ler várias vezes um texto em uma prova, ou se perdeu na leitura? Quem nunca teve a sensação de olhar para um enunciado e nem saber como proceder, por onde começar? Há até casos de quem levou tanto tempo na prova de Língua Portuguesa e acabou por prejudicar completamente as questões de outras disciplinas.

Entender as técnicas de **compreensão e interpretação de textos**, além de ser importante para responder às questões específicas, com técnica e no tempo certo, é fundamental para que você compreenda o enunciado das questões de direito, de matemática, raciocínio lógico, por exemplo. Muitos candidatos, ainda que dominem tais disciplinas, acabam se prejudicando nas provas por não entenderem o que se pede no enunciado. Já pensou, nadar, nadar e morrer na praia? Nem pensar... O que se quer é dominar o conteúdo e saber fazer prova!

Pensando nisso, trouxe um passo a passo para você resolver a prova de Língua Portuguesa, otimizar seu tempo, solucionar as questões com técnica. É claro que sempre devemos considerar as particularidades de cada aluno, mas, de modo geral, existe uma metodologia, sim, para se resolver as questões relativas ao texto. Não se pode apenas "deixar fluir", ou "ver no que vai dar"... O que queremos é que você resolva a prova de Português com assertividade e ganhe tempo também para resolver as provas das outras disciplinas.

Vamos lá?

Oito Dicas de Compreensão e Interpretação de Textos

1. Leia o texto do início ao fim, para saber do que se trata.

2. Resolva primeiramente as questões de gramática. Reserve as de compreensão e intepretação de textos.

3. Leia o texto pela segunda vez. Na segunda leitura, marque em cada parágrafo o que representa a sua ideia central. Na introdução, a ideia central é chamada de tese. Nos parágrafos de desenvolvimento, é o tópico frasal. Na conclusão, a tese volta novamente.

4. Quando encontrar algum trecho que suscite dúvidas no texto, marque-o , faça uma interrogação na margem da folha para chamar sua atenção. Não perca muito tempo com ele. Desapegue-se. Ao longo das questões, "sua ficha vai caindo" e muito provavelmente você entenderá o que não lhe pareceu claro inicialmente.

5. Muita atenção aos enunciados! Muitas vezes o candidato perde uma questão por não entender exatamente o que pede o enunciado. Sempre destaque as palavras-chave do enunciado.

6. Existem dois tipos de questão de interpretação: recorrência (compreensão de textos) e inferência (interpretação de

textos). Na recorrência, você recorre ao texto e encontra a resposta, que não virá exatamente com as mesmas palavras do texto, mas sob a forma de paráfrase.

7. INFERÊNCIA é aquela em que você é levado a inferir, deduzir, concluir algo sobre o que leu, com base em pressupostos textuais.

8. O erro da recorrência e da inferência são as extrapolações: extrapolar é ir além do que diz o texto, normalmente com base em experiência e opiniões próprias.

26.1. COMPREENSÃO DE TEXTOS

Compreender um texto é identificar a ideia central de cada parágrafo. É conseguir resumi-lo. É também identificar o que é principal e o que é secundário, bem como estabelecer a correlação das informações entre si.

Entender um texto é ser capaz de dividi-lo em partes. Todo texto é feito seguindo um esquema lógico de pensamento. Sublinhar o que é mais importante em cada parágrafo e colocar setas, indicando ideias que se repetem e que se relacionam, é essencial para que você domine e compreenda efetivamente o que você está lendo.

Sempre digo que texto que não está sublinhado não é confiável. Após essa leitura "esquemática" do texto, com a identificação de suas ideias centrais, parte-se para a resolução das questões. A modalidade mais comum é a questão de Compreensão de Textos (ou Intelecção ou Recorrência), em que o candidato é convidado pela banca a localizar informações que estão lá no texto.

Você deve estar se perguntando... Se estão lá, por que eu não as encontro??? Bem, muitas vezes o candidato tem dificuldade de responder a esse tipo de questão, porque não entendeu muito bem o texto, não consegue encontrar as informações lá.

Ao responder a uma questão de recorrência, você deve estar apto a identificar a paráfrase. Paráfrase é o mesmo que reescritura. Isso porque a resposta que você vai marcar não estará lá no texto com as mesmas palavras com que está na alternativa. Parafrasear é dizer o mesmo que se disse, só que com outras palavras...

Um outro problema muito comum é que o candidato acaba querendo interagir com o texto, responder às questões com base em suas experiências pessoais... Costumo dizer que, nessa hora, tem-se que ter frieza mesmo, esquecer o que se pensa, suas convicções...

Selecionei uma bateria de questões de recorrência, de variadas bancas de concursos públicos, para que você treine bastante o reconhecimento de paráfrases!

Antes, quero ensinar direitinho como deve ser seu raciocínio, diante de cada alternativa da questão. Vou, então, comentar algumas questões para você depois resolver as outras sozinho!

Vamos lá?

RECORRÊNCIA Texto – Democracia refém (José Roberto de Toledo)

Desde 2008, o Ibope pergunta à população em idade de votar quão satisfeita ela está com o funcionamento da democracia no Brasil. Os resultados nunca foram brilhantes ainda menos se comparados com países latino-americanos como Uruguai e Argentina, mas jamais haviam sido tão chocantes quanto agora. Só 15% dos brasileiros se dizem "satisfeitos" (14%) ou "muito satisfeitos" (1%) com o jeito que o regime democrático funciona no país. (*Estado de S. Paulo*, 04/09/2015)

1. (Codemig – Analista de Desenvolvimento Econômico – FGV – 2015) O jornalista autor do texto 2 informa que os resultados da pesquisa foram muito chocantes, isso porque:

a) deixaram de ser brilhantes pela primeira vez;

b) mostraram concentração de respostas positivas;

c) indicaram reprovação do governo;

d) apontavam mais de 80% de reprovação;

e) destacaram insatisfação da população.

Como saber que essa questão é de recorrência?

Ao dizer "O autor do texto informa", tem-se a indicação de um enunciado de recorrência. É como se a banca estivesse batendo no seu ombro e dizendo assim: vá ao texto e localize o trecho em que o jornalista autor fale que os resultados da pesquisa foram muito chocantes e depois ache o porquê dessa informação.

O porquê deve vir logo depois da informação. O "porquê" que a banca pede está nos arredores, no contexto. Depois de localizar tal informação e ler o que vem ao redor dela, você irá voltar às alternativas e procurar aquela que seja a sua paráfrase, a sua reescritura, entende?

No texto, diz-se "os resultados da pesquisa jamais haviam sido tão chocantes quanto agora". Localizou a informação? Pois bem. O porquê vem logo depois disso. Continue lendo. Há um momento em que se diz "Só 15% dos brasileiros se dizem satisfeitos…". Esse é o porquê!

Então, primeiro ele afirma que os resultados nunca haviam sido tão chocantes quanto agora, e logo depois ele explica: só 15% dos brasileiros… Pronto, achamos o porquê!

Por fim, você vai voltar às assertivas que a banca oferece e vai buscar aquela que mais bem reescreva o que você acabou de ler.

A resposta é letra D ("apontavam mais de 80% de reprovação"). Isso é o mesmo que se dizer que "só 15% se dizem satisfeitos ou muito satisfeitos". A letra D é paráfrase do que você acabou de ler no texto, entendeu?

A letra A diz assim: "deixaram de ser brilhantes pela primeira vez", foi isso que você acabou de ler no texto? Vou repetir, a banca quer saber por que o autor disse que os resultados nunca foram tão chocantes quanto agora. Não, o autor não disse que foi "pela primeira vez", ele disse que "nunca foram tão chocantes quanto agora", mas não disse

“pela primeira vez”. Os resultados já podem ter sido pouco brilhantes, só que agora foram mais chocantes, entende?

Na letra B, diz-se que os resultados mostraram concentração de respostas positivas. O texto diz isso? Não, pelo contrário, 80% de reprovação. A letra “B” contradiz o texto.

Quanto à letra C, diz-se que os resultados indicam reprovação do governo? De fato, a maioria reprova, mas a letra C está generalizando excessivamente; a letra C é uma generalização excessiva; quando ela diz “indicaram reprovação do governo”, está-se generalizando, dizendo que todos reprovaram. Não, mais de 80% reprovaram, mas não foram todos que reprovaram. Portanto, a letra C vai além, extrapola o resultado da pesquisa.

Na letra E, fala-se que os resultados “destacaram insatisfação da população”. Não, eles não destacaram insatisfação, eles vieram falar daqueles que estão satisfeitos, que realmente são poucos! Mas não se pode afirmar “insatisfação” da população, pois, ao se falar assim, está-se também generalizando excessivamente. Você entendeu a diferença entre D e E? A letra D é a que mais bem reescreve o que veio logo depois da frase do enunciado, a letra E extrapola.

Você entendeu como se deve resolver uma questão de recorrência? Você tem que ir à frase do enunciado, depois localizá-la no texto, então olhar os arredores da informação (contexto) e marcar a alternativa que mais bem reescreva o que você acabou de ler, está bem?

É cruel, eu sei, porque dá vontade de marcar outra, mas você tem que se ater ao que está no texto, é assim que se resolve uma questão de recorrência. Tenha sempre cuidado com as extrapolações (ir além do texto), contradições (dizer o contrário do que diz o texto) e as generalizações excessivas (tomar algo que é particular e ampliar excessivamente).

Texto – A conquista do Brasil

Por gerações, o brasileiro se acostumou a ver o seu país, sua história e sua cultura como exemplos de paz e confraternização sem paralelo entre as nações. A imagem do brasileiro como um povo cordial que aceita melhor a miscigenação e é mais tolerante com as diferenças sociais e políticas, num país conciliador, que não se envolve em guerras e se mantém neutro diante de conflitos, se sobrepõe como traço cultural, sem grandes traumas nem contestações.

Os brasileiros se orgulham de pensar que o Brasil não precisou de uma guerra como a que separou os Estados Unidos da Inglaterra, nem passou por conflitos internos sangrentos como a Secessão. Manteve-se afastado das conflagrações, a começar pelas duas guerras mundiais que marcaram a primeira metade do século XX – na segunda delas, meio pró-forma, enviou expedicionários à Itália, numa fase em que o conflito já se encaminhava para o fim. O país manteve-se neutro na maioria dos grandes conflitos passados, recentes e contemporâneos.

E saiu pacificamente de uma ditadura militar de 21 anos, em 1985, com o restabelecimento do governo civil e, depois, da democracia. Ao construir um modelo de concórdia, que combina com a fachada do povo pobre, mas alegre, que se expressa pelo carnaval, o samba e o futebol, o Brasil esqueceu muita coisa. Foi o último país do mundo a abolir a escravidão, em 13 de maio de 1888. Um dos seus maiores heróis nacionais, Tiradentes, foi esquartejado. O Brasil dizimou a população masculina de um país vizinho na Guerra do Paraguai. Deixou uma esteira de mortos nos porões do

regime militar, que pela via do golpe havia derrubado em 1964 o presidente João Goulart.

Aliviaram-se tensões sociais latentes e sepultou-se o passado beligerante sobre o qual foi construída uma nação homogênea, mesmo em meio a tanta diversidade. O Brasil acomodou-se à versão oficial de sua história, em que foram escondidas as rupturas, as questões sociais e os fatos que não interessam tanto a sua autoimagem dentro do mundo civilizado. (Thales Guaracy)

2. **(Prefeitura de Cuiabá – Nutricionista – FGV – 2015)** Em certa passagem do texto, o autor diz que "o Brasil esqueceu muita coisa". Segundo o texto, essa "muita coisa" que nosso país esqueceu

a) demonstra a ignorância da população em relação ao seu passado histórico.

b) indica razões que se contrapõem à imagem de "país cordial".

c) mostra a semelhança entre nossa história e a dos países vizinhos.

d) ironiza a atitude intelectual de nossos historiadores.

e) comprova uma diferença entre a visão oficial e a visão dos historiadores.

A banca diz "em certa passagem do texto o autor diz…" Pronto! Questão de recorrência.

Como agir? Você não vai ficar lendo as opções que a banca dá, não (a, b, c, d, e), senão você vai se apaixonar por todas… Você vai fazer exatamente como eu fiz na questão anterior. Primeiro, você vai localizar esse trecho no texto, ler os arredores (contexto), e depois, sim, aí você vai ler cada uma das cinco alternativas e vai buscar a que mais bem reescreva o que você leu no texto.

Bom, no texto, diz-se "o Brasil esqueceu muita coisa" e a banca quer saber o que que quer dizer esse "muita coisa'', então isso esta lá no penúltimo paragrafo, vamos lá!

Lá, ao ler o contexto, o autor diz : Ao construir um modelo de concórdia, que combina com a fachada do povo pobre, mas alegre, que se expressa pelo carnaval, o samba e o futebol, o Brasil esqueceu muita coisa". Pronto! Perceba que antes desse trecho, estava-se falando de coisas positivas do Brasil, e que agora só vai se falar do negativo. Continue lendo… Porque o que você vai ler agora é o que você vai marcar como resposta.

É a reescritura do que vem depois desse trecho que será a resposta. Você entendeu como é que você vai agir na hora da questão? Você vai continuar lendo. Perceba que, na sequência, você vai ler: "…Foi o último país do mundo a abolir a escravidão, um dos seus maiores heróis nacionais Tiradentes foi esquartejado, o Brasil dizimou uma população masculina de um país vizinho…" Entendeu? Pois bem!

Agora você vai buscar a alternativa que mais bem reescreva o que você acabou de ler. A resposta é letra B. Por que que a resposta é a letra B? Porque a letra B reescreve o que veio no contexto. A letra B, olha que perfeição, ela reescreve o que veio antes e o depois, indica razões que se contrapõem à imagem de país cordial. Por que se contrapõe? Você acabou de ler, esse muita coisa é o quê? É tudo de ruim que o Brasil fez, quer dizer, Tiradentes foi esquartejado, dizimou a população… A letra B é a paráfrase do que você acabou de ler, entendeu?

Vamos ver as outras opções?

A letra A fala em "ignorância da população em relação ao seu passado histórico". Quem marcou letra A pensou mais ou menos assim, "ah realmente esse povo é muito ignorante, não sabe do seu passado…". Trata-se de uma extrapolação.

Na letra C, menciona-se uma "semelhança entre nossa história e os países vizinhos". O autor não veio falar isso, ele veio contrapor aspectos positivos e negativos da imagem do brasileiro. A letra C extrapola.

Quanto à letra D, fala-se em ironia à atitude intelectual dos historiadores. O texto tem esse objetivo? Volte ao texto, releia aquele trecho que indiquei, se necessário, e você verá que temos aqui mais uma extrapolação.

Na letra E, diz-se "…Comprova uma diferença entre uma visão oficial e a visão dos historiadores…". Não, realmente há uma diferença entre duas visões, mas a visão oficial do texto é a visão dos historiadores… Fala-se da mesma coisa duas vezes!

26.2. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

Leia o texto a seguir para responder à questão 1.

Abraçando árvore

Não era uma felicidade eufórica, estava mais pra uma brisa de contentamento, como se eu bebesse vinho branco à beira-mar.

Eu tinha acordado cedo naquela sexta – e acordar cedo sempre me predispõe à felicidade. O trabalho havia rendido bem e, antes do fim da manhã, já tinha acabado de escrever tudo o que me propusera para o dia. À uma, fui almoçar com o meu editor. Ele estava com alguns capítulos do meu livro novo desde dezembro e eu temia que não tivesse gostado. Gostou. Comemos um peixe na brasa – peixe e brasa também costumam me predispor à felicidade – e como era sexta-feira, e como somos amigos, e como comemorávamos essa pequena alegria que é uma parceria funcionar, brindamos com vinho branco – não à beira-mar, mas à beira do Cemitério da Consolação, que pode não ter a grandeza de um Atlântico, mas também tem lá os seus pacíficos encantos.

Saí andando meio emocionado, meio sem rumo pela tarde ensolarada e quando vi estava em frente à paineira da Biblioteca Mario de Andrade. É uma árvore gigante, que provavelmente já estava ali antes do Mario de Andrade nascer, continuou ali depois de ele morrer e continuará ali depois que todos os 18 milhões de habitantes que hoje perambulam pela cidade de São Paulo estiverem abaixo de suas raízes. Talvez tenha sido o assombro com essa longevidade, talvez acordar cedo, talvez os elogios ao livro, e o vinho certamente colaborou: fato é que senti uma súbita vontade de abraçar aquela árvore.

Acho importante deixar claro, inclemente leitor, que não sou do tipo que abraça árvore. Na verdade, sou do tipo que faz piada com quem abraça árvore. Se me contassem, até a última sexta, que algum amigo meu foi visto abraçando uma paineira na rua da Consolação eu diria, sem pestanejar: enlouqueceu. Mas...

Olhei prum lado. Olhei pro outro. Tomei coragem e foi só sentir o rosto tocar o tronco para ouvir: "Antonio?!". Era meu editor. Foram dois segundos de desespero durante os quais contemplei o distrato do livro, a infâmia pública, o alcoolismo e a mendicância, mas só dois segundos, pois meu inconsciente, consciente do perigo, me lançou a ideia salvadora. "Uma braçada", disse eu, girando pra esquerda e envolvendo a árvore novamente, "duas braçadas e... três". Então encarei, seguro, meu possível verdugo: "Três braçadas dá o quê? Uns cinco metros de perímetro? Tava medindo pra descrever, no livro. Tem uma parte mais no

fim em que essa paineira é importante".

Colou. Nos despedimos. Ele foi embora prum lado, a minha felicidade pro outro e agora estou aqui, já noite alta desta sexta-feira, tentando enfiar a todo custo um tronco de quase dois metros de diâmetro num livro em que, até então, não havia nem uma samambaia.

(Adaptado de: PRATA, Antonio. Disponível em: www.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/2016/01/1730364-abracando-arvore.shtml. Acesso em: 18.01.2016.)

1. (TRF3 – Técnico Judiciário – FCC – Abril/2016)

Para o autor, o ato de abraçar a paineira representou

a) a possibilidade de acelerar a conclusão de seu novo livro, já que a árvore era o elemento que faltava para enriquecer sua história.

b) o transbordamento de um estado de exaltação em face da beleza natural que contrastava com o aspecto deprimente da cidade de São Paulo.

c) a expressão de um sentimento aprazível, que dá lugar à frustração e ao constrangimento após ser flagrado por seu editor.

d) o desfecho infeliz de uma manhã de projetos bem-sucedidos, em razão do qual seu trabalho se viu malogrado de modo irreversível.

e) a demonstração de seu amor pela cidade de São Paulo, a qual, por ser cosmopolita, serve de ambientação a seu novo livro.

Leia o texto a seguir para responder à questão 2.

Cidades inteligentes, até demais

O conceito de "cidade inteligente" se popularizou como estratégia de solução e gerenciamento de problemas urbanos. Diz respeito à confluência de informação que circula em grandes cidades e ao uso da tecnologia para automatizar a gestão de setores urbanos, desde bases de dados de saúde e educação públicas, por exemplo, até os dados pessoais que circulam em redes sociais e aplicativos móveis. O advogado Cristiano Therrien, pesquisador em Direito da Tecnologia na Universidade de Montreal, no Canadá, conversou com o **Observatório da Privacidade e Vigilância** sobre o tema.

Observatório da Privacidade e Vigilância: O que é uma cidade inteligente?

Cristiano Therrien: Cidades inteligentes, cidades conectadas, cibercidades, cidades responsivas, são muitas as nomenclaturas usadas para destacar a dimensão informativa da cidade. Quando usamos essa terminologia, falamos da cidade enquanto um espaço de fluxos. A maioria das tecnologias necessárias para as cidades inteligentes já são viáveis economicamente em todo o mundo – fácil acessibilidade da computação em nuvem, dispositivos baratos de internet, sistemas de TI cada vez mais flexíveis. As duas cidades mais destacadas nos estudos de cidades inteligentes são Londres e Barcelona. Há experiências importantes em cidades brasileiras também.

OPV: A ideia de cidade inteligente sempre aparece relacionada à abertura de bases de dados por parte dos órgãos públicos. Você pode falar sobre isso?

CT: Encontramos muitas experiências diferentes em andamento nas cidades: uma parte prioriza a transparência como meio de prestação de contas e responsabilidade política frente à sociedade civil, como a ideia de governo aberto; outra parte prioriza a participação popular através da interatividade, bem como a cooperação técnica para o reúso de dados abertos por entidades e

empresas.

Mas, se pensarmos na alternativa de projetos de cidades inteligentes que não envolvam políticas públicas de dados abertos, que não prestem conta detalhada de suas atividades, ao mesmo tempo em que disponham dos sofisticados sistemas para o gerenciamento de dados de cidadãos em larga escala, encontraremos condições para o surgimento de um estado de vigilância e controle, pondo em risco as liberdades individuais.

Em nome da eficiência administrativa, podem-se armazenar, por exemplo, enormes massas de dados de mobilidade urbana (placas e identificação por radiofrequência em veículos, passes e GPS em ônibus), cujos bancos de dados podem ou não intencionalmente identificar seus usuários. Dados de mobilidade são de grande utilidade pública e podem ser " anonimizados" (ter os seus identificadores pessoais eliminados) e abertos. Contudo, existem estudos que apontam que bastariam meros quatro pontos de dados para identificar os movimentos de uma pessoa na cidade.

(Adaptado de: "Observatório da Privacidade e Vigilância". Disponível em: www.cartacapital.com.br/sociedade/cidadesinteligentes-atedemais. Acesso em: 18.01.2016.)

2. (TRF3 – Técnico Judiciário – FCC – Abril/2016)

O conceito de " cidade inteligente" envolve, entre outros,

a) a ideia de governança transparente, que equivale ao tratamento consensual dado a questões de ordem pública.

b) a solução de problemas públicos, por meio da contratação de consórcios privados ofertados em ambiente virtual.

c) o registro e a circulação de dados informatizados, visando ao atendimento de demandas da administração pública.

d) o rastreamento de indivíduos, promovido por empresas especializadas em prevenir a violência em meios digitalizados.

e) a eficiência administrativa, obtida pela criação de aplicativos móveis que priorizem a troca de dados pessoais.

Leia o texto a seguir para responder à questão 3.

Bem no fundo

no fundo, no fundo,

bem lá no fundo,

a gente gostaria

de ver nossos problemas

resolvidos por decreto

a partir desta data,

aquela mágoa sem remédio

é considerada nula

e sobre ela – silêncio perpétuo

extinto por lei todo o remorso,

maldito seja quem olhar pra trás,

Lá pra trás não há nada,

e nada mais

mas problemas não se resolvem,

problemas têm família grande,

e aos domingos saem todos passear

o problema, sua senhora

e outros pequenos probleminhas.

(LEMINSKI, Paulo. *Poesia contemporânea*. Instituto Cultural Itaú. São Paulo: ICI, 1997, p. 61. [Cadernos Poesia Brasileira; v. 4])

3. (TRF3 – Técnico Judiciário – FCC – Abril/2016)

Para o poeta,

a) problemas coletivos só vão se resolver com a cooperação dos indivíduos.

b) problemas familiares tornam-se insolúveis se destituídos da mediação das leis.

c) problemas pessoais se agravam quando sua resolução não é imediata.

d) problemas estruturais não se resolvem por meio de regulamentações.

e) problemas sociais não podem ser resolvidos senão com a intervenção do governo.

Leia o texto a seguir para responder à questão 4.

O museu é considerado um instrumento de neutralização – e talvez o seja de fato. Os objetos que nele se encontram reunidos trazem o testemunho de disputas sociais, de conflitos políticos e religiosos. Muitas obras antigas celebram vitórias militares e conquistas: a maior parte presta homenagem às potências dominantes, suas financiadoras. As obras modernas são, mais genericamente, animadas pelo espírito crítico: elas protestam contra os fatos da realidade, os poderes, o estado das coisas. O museu reúne todas essas manifestações de sentido oposto. Expõe tudo junto em nome de um valor que se presume partilhado por elas: a qualidade artística. Suas diferenças funcionais, suas divergências políticas são apagadas. A violência de que participavam, ou que combatiam, é esquecida. O museu parece assim desempenhar um papel de pacificação social. A guerra das imagens extingue-se na pacificação dos museus.

Todos os objetos reunidos ali têm como princípio o fato de terem sido retirados de seu contexto. Desde então, dois pontos de vista concorrentes são possíveis. De acordo com o primeiro, o museu é por excelência o lugar de advento da Arte enquanto tal, separada de seus pretextos, libertada de suas sujeições. Para o segundo, e pela mesma razão, é um " depósito de despojos". Por um lado, o museu facilita o acesso das obras a um status estético que as exalta. Por outro, as reduz a um destino igualmente estético, mas, desta vez, concebido como um estado letárgico.

A colocação em museu foi descrita e denunciada frequentemente como uma desvitalização do simbólico, e a musealização progressiva dos objetos de uso como outros tantos escândalos sucessivos. Ainda seria preciso perguntar sobre a razão do " escândalo". Para que haja escândalo, é necessário que tenha havido atentado ao sagrado. Diante de cada crítica escandalizada dirigida ao museu, seria interessante desvendar que valor foi previamente sacralizado. A Religião? A Arte? A singularidade absoluta da obra? A Revolta? A Vida autêntica? A integridade do Contexto original? Estranha inversão de perspectiva. Porque, simultaneamente, a crítica mais comum contra o museu apresenta-o como sendo, ele próprio, um órgão de sacralização. O

museu, por retirar as obras de sua origem, é realmente " o lugar simbólico onde o trabalho de abstração assume seu caráter mais violento e mais ultrajante". Porém, esse trabalho de abstração e esse efeito de alienação operam em toda parte. É a ação do tempo, conjugada com nossa ilusão da presença mantida e da arte conservada.

(Adaptado de: GALARD, Jean. *Beleza Exorbitante*. São Paulo, Fap.-Unifesp, 2012, p. 68-71)

4. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

De acordo com o texto,

a) o museu, enquanto depósito de despojos, confere destaque às características estéticas das obras, uma vez que apaga seu contexto social de produção.

b) o caráter antagônico dos museus pode ser expresso por dois pontos de vista: o da neutralização das obras modernas e o da evidenciação das lutas políticas nas obras antigas.

c) a crítica ao museu como um lugar que desmistifica a arte traz em seu bojo uma contradição, pois as acusações mais comuns lhe imputavam o mais das vezes a sacralização das obras.

d) o contexto original das obras, restaurado pelos museus, não oblitera as razões sociopolíticas que as engendraram, o que costuma ser motivo de crítica a essas instituições.

e) a junção das mais diversas obras de arte evidencia os conflitos políticos que as motivaram e que opõem diferentes matrizes estéticas, de modo que a função pacificadora dos museus pode ser questionada.

Leia o texto a seguir para responder à questão 5.

Platão argumenta que o tempo (*chrónos*) " é a imagem móvel da eternidade (*aión*) movida segundo o número" (**Timeu**, 37d). Partindo do dualismo entre mundo inteligível e mundo sensível, Platão concebe o tempo como uma aparência mutável e perecível de uma essência imutável e imperecível – eternidade. Enquanto que o tempo (*chrónos*) é a esfera tangível móbil, a eternidade (*aión*) é a esfera intangível imóbil. Sendo uma ordem mensurável em movimento, o tempo está em permanente alteridade. O seu domínio é caracterizado pelo devir contínuo dos fenômenos em ininterrupta mudança.

Posto que o tempo (*chrónos*) é uma imagem, ele não passa de uma imitação (*mímesis*) da eternidade (*aión*). Ou seja, o tempo é uma cópia imperfeita de um modelo perfeito – eternidade. Isso significa que o tempo é uma mera sombra da eternidade. Considerando que somente a região imaterial das formas puras existe em si e por si, podemos dizer que o tempo platônico é uma ilusão. Ele é real apenas na medida em que participa do ser da eternidade.

(DIVINO, Rafael. Sobre O tempo em Platão e Aristóteles, de R. Brague. Disponível em: https://serurbano.wordpress.com/ 2010/02/26/tempo-em-platao/. Acessado em: 28.12.2015)

5. (SEDU-ES – Professor B – FCC – Jan./2016)

De acordo com o texto,

a) o tempo, na visão platônica, não existe senão no mundo das ideias, pois a realidade é na verdade marcada pela ausência de mudanças, por mais que as aparências insistam em indicar o contrário.

b) tempo e eternidade, segundo Platão, são ambos ilusórios, já que o tempo apenas imita a eternidade, ao passo que esta não pode ter sua existência comprovada pelos sentidos.

c) as transformações vistas por nós ao longo do tempo, de acordo com Platão, participam do mundo sensível e, desse modo, são apenas reflexo da eternidade que caracteriza o mundo inteligível.

d) o dualismo platônico leva o filósofo grego ao estabelecimento de uma separação estanque entre o tempo, que conhecemos por meio dos sentidos, e o devir, que só é alcançado pelas ideias.

e) os fenômenos do mundo sensível e os modelos do mundo inteligível, segundo Platão, sofrem a ação do tempo, mas a constatação dessas pequenas mudanças não pode se dar em prejuízo do reconhecimento da preeminência da eternidade.

Leia o texto a seguir para responder à questão 6.

O revolucionário projeto de viagem interestelar apoiado por Stephen Hawking para tentar "salvar a humanidade"

Um programa de pesquisa de US$ 100 milhões (cerca de R$ 350 milhões) para o desenvolvimento de " naves estelares" do tamanho de pequenos *chips* eletrônicos foi lançado pelo milionário Yuri Milner e apoiado pelo fundador do Facebook, Mark Zuckerberg.

A viagem interestelar tem sido um sonho para muitos, mas ainda enfrenta barreiras tecnológicas. Entretanto, o físico Stephen Hawking disse à BBC News que a fantasia pode ser realizada mais cedo do que se pensa. " Para que nossa espécie sobreviva, precisamos finalmente alcançar as estrelas", disse. " Os astrônomos acreditam que haja uma chance razoável de termos um planeta parecido com a Terra orbitando estrelas no sistema Alfa Centauri. Mas saberemos mais nas próximas duas décadas por intermédio de dados dos nossos telescópios na Terra e no espaço."

O projeto apoiado pelo físico ambiciona produzir aeronaves do tamanho de um chip usado em equipamentos eletrônicos e lançar milhares dessas " mininaves" na órbita da Terra. Mas antes de projetar naves espaciais capazes de chegar a outras estrelas, há muitos problemas a serem superados. Uma prioridade é desenvolver câmeras, instrumentos e sensores em miniatura.

Stephen Hawking acredita que o que antes era um sonho distante pode e deve se tornar uma realidade dentro de três décadas. " Não é sábio manter todos os novos ovos em uma cesta frágil", disse ele. " A vida na Terra enfrenta perigos astronômicos como asteroides e supernovas."

(Adaptado de: GHOSH, Pallab. O revolucionário projeto de viagem interestelar apoiado por Stephen Hawking para tentar "salvar a humanidade". Disponível em: www.bbc.com/portuguese/ noticias/2016/04/160412 _interestelar_np)

6. (Copergás/PE – Téc. Seg. Trabalho – FCC – Jul./2016)

Uma afirmativa condizente com as informações do texto é:

a) Nas próximas décadas, um projeto milionário deverá construir espaçonaves capazes de transportar humanos a estrelas do sistema Alfa Centauri.

b) Naves de tamanho muito pequeno foram produzidas por pesquisadores financiados pelo milionário Yuri Milner e por Mark Zuckerberg.

c) O projeto apoiado por Stephen Hawking tem o objetivo de evitar que asteroides se choquem com a Terra nos próximos vinte anos.

d) O físico Stephen Hawking lidera pesquisadores na confecção de *chips* que serão inseridos em pequenos telescópios na Terra e no espaço.

e) Ainda existem muitos obstáculos a serem vencidos até que seja possível concretizar o projeto de lançar as pequenas naves ao

espaço.

Leia o texto a seguir para responder à questão 7.

Paraíso achado

Durante muito tempo, apenas a olhava de longe, sem outra pretensão que apenas apreciá-la. Até que um dia, num passeio demonstrativo de canoagem, o mar estava agitado e nos obrigou a ancorar naquela praia pequena e deserta, de onde avistávamos a cidade do outro lado do canal do estuário. Tão pequena, que nos deixava ouvir claramente cada onda se desmanchar ao tocar a areia. Tão simples, que abrigava poucas construções.

Passei a manhã e a tarde naquele paraíso recém-descoberto e vaguei pelas ruelas, visitando um novo mundo.

Desde então, penso naquele refúgio com carinho especial e o visito sempre que posso, para sorver seu silêncio, a areia fofa, os cães sem nome, os moradores e seus afazeres. A pele vai ficando escura; os pensamentos, claros.

(MARTINS, Madô. Paraíso achado. In: Rubem – *Revista da Crônica* – Notícias, entrevistas, resenhas e textos feitos ao rés-do-chão. Disponível em: https://rubem.wordpress.com/2016/04/08/paraiso-achado-mado-martins)

7. (Copergás/PE – Téc. Seg. Trabalho – FCC – Jul./2016)

Com a expressão *"novo mundo"* (2º parágrafo), a autora

a) caracteriza a praia na qual ancorou forçosamente como um lugar protegido contra os males da civilização.

b) descreve um cenário paradisíaco, criado por sua imaginação enquanto permanece no canal do estuário de sua cidade.

c) representa um lugar selvagem e inabitado próximo à cidade em que mora, aonde vai descansar quando possível.

d) apresenta a ilha que visitou por ocasião de um passeio de canoagem muito tranquilo nas proximidades de sua cidade.

e) retrata um refúgio de calmaria e belezas naturais que encontrou para pernoitar durante uma viagem de navio.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 8 e 9.

Inquilinos

Ninguém é responsável pelo funcionamento do mundo. Nenhum de nós precisa acordar cedo para acender as caldeiras e checar se a Terra está girando em torno de seu próprio eixo na velocidade apropriada e em torno do Sol, de modo a garantir a correta sucessão das estações. Como num prédio bem administrado, os serviços básicos do planeta são providenciados sem que se enxergue o síndico – e sem taxa de administração. Imagine se coubesse à humanidade, com sua conhecida tendência ao desleixo e à improvisação, manter a Terra na sua órbita e nos seus horários, ou se – coroando o mais delirante dos sonhos liberais – sua gerência fosse entregue a uma empresa privada, com poderes para remanejar os ventos e suprimir correntes marítimas, encurtar ou alongar dias e noites, e até mudar de galáxia, conforme as conveniências do mercado, e ainda por cima sujeita a decisões catastróficas, fraudes e falência.

É verdade que, mesmo sob o atual regime impessoal, o mundo apresenta falhas na distribuição dos seus benefícios, favorecendo alguns andares do prédio metafórico e martirizando outros, tudo devido ao que só pode ser chamado de incompetência administrativa. Mas a responsabilidade não é nossa. A infraestrutura já estava pronta quando nós chegamos.

(Adaptado de: VERISSIMO, Luis Fernando. *O mundo é bárbaro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008, p. 19)

8. (Eletrobras/Eletrosul – Adm. Empres. – FCC – Jun./2016)

Para bem comparar o funcionamento do mundo à boa administração de um prédio, o autor do texto se vale do fato de que, em ambos os casos,

a) as necessidades humanas imprimem a tudo as leis do mercado, a fim de evitar nossas falhas pessoais.

b) a distribuição e a qualidade dos serviços costumam ser justas, salvo em casos excepcionais.

c) a presença de um síndico só se faz sentir de modo positivo quando se trata de prevenir catástrofes.

d) a infraestrutura se acomoda às necessidades dos usuários, não cabendo falar em incompetência administrativa.

e) os serviços se oferecem com certa naturalidade, sem que se perceba a presença de um responsável.

9. (Eletrobras/Eletrosul – Adm. Empres. – FCC – Jun./2016)

Atente para as seguintes afirmações:

I. O autor mostra-se descrente quanto à competência dos homens para administrar o funcionamento do mundo, tal como acusa o segmento *mesmo sob o atual regime impessoal*.

II. As expressões *gerência* (...) *entregue a uma empresa privada* e *conveniências do mercado* ajudam a ilustrar o que entende o autor por *sonhos liberais*.

III. Ao dizer que a *infraestrutura já estava pronta quando nós chegamos*, o autor exime a humanidade de responder pelo que seriam as falhas de funcionamento do mundo natural.

Em relação ao texto, está correto o que se afirma em

a) I, II e III.

b) I e II, apenas.

c) I e III, apenas.

d) II e III, apenas.

e) II, apenas.

Leia o texto a seguir para responder às questões de 10 – 12.

Texto I

Naquele novo apartamento da rua Visconde de Pirajá pela primeira vez teria um escritório para trabalhar. Não era um cômodo muito grande, mas dava para armar ali a minha tenda de reflexões e leitura: uma escrivaninha, um sofá e os livros. Na parede da esquerda ficaria a grande e sonhada estante onde caberiam todos os meus livros. Tratei de encomendá-la a seu Joaquim, um marceneiro que tinha oficina na rua Garcia D' Ávila com Barão da Torre.

O apartamento não ficava tão perto da oficina. Era quase em frente ao prédio onde morava Mário Pedrosa, entre a Farme de Amoedo e a antiga Montenegro, hoje Vinicius de Moraes. Estava ali havia uma semana e nem decorara ainda o número do prédio. Tanto que, quando seu Joaquim, ao preencher a nota de encomenda, perguntou-me onde seria entregue a estante, tive um momento de hesitação. Mas foi só um momento. Pensei rápido: " Se o prédio do Mário é 228, o meu, que fica quase em frente, deve ser 227". Mas lembrei-me de que, ao ir ali pela primeira vez, observara que, apesar de ficar em frente ao do Mário, havia uma diferença na numeração.

– Visconde de Pirajá, 127 – respondi, e seu Joaquim desenhou o endereço na nota.

– Tudo bem, seu Ferreira. Dentro de um mês estará lá sua estante.

– Um mês, seu Joaquim! Tudo isso? Veja se reduz esse prazo.

– A estante é grande, dá muito trabalho... Digamos, três semanas.

Ferreira Gullar. A estante. In: *A estranha vida banal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989 (com adaptações).

(INSS – Técnico Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

No que se refere aos sentidos do **texto I**, julgue os próximos itens.

10. O trecho "dá muito trabalho" (l. 16) constitui uma referência de seu Joaquim à confecção da estante, tarefa que, segundo ele, seria trabalhosa.

11. De acordo com as informações do texto, Vinicius de Moraes passou a morar no apartamento onde antes residia Mário Pedrosa.

12. O "momento de hesitação" (l. 9) vivido pelo narrador deveu-se ao medo de informar o endereço a um desconhecido.

Leia o texto a seguir para responder à questão 13.

Levantou-se da cama o pobre namorado sem ter conseguido dormir. Vinha nascendo o Sol.

Quis ler os jornais e pediu-os.

Já os ia pondo de lado, por haver acabado de ler, quando repentinamente viu seu nome impresso no **Jornal do Comércio**.

Era um artigo *a pedido* com o título de **Uma Obra-Prima**.

Dizia o artigo:

Temos o prazer de anunciar ao país o próximo aparecimento de uma excelente comédia, estreia de um jovem literato fluminense, de nome Antônio Carlos de Oliveira.

Este robusto talento, por muito tempo incógnito, vai enfim entrar nos mares da publicidade, e para isso procurou logo ensaiar-se em uma obra de certo vulto.

Consta-nos que o autor, solicitado por seus numerosos amigos, leu há dias a comédia em casa do Sr. Dr. Estêvão Soares, diante de um luzido auditório, que aplaudiu muito e profetizou no Sr. Oliveira um futuro Shakespeare.

O Sr. Dr. Estêvão Soares levou a sua amabilidade ao ponto de pedir a comédia para ler segunda vez, e ontem ao encontrar-se na rua com o Sr. Oliveira, de tal entusiasmo vinha possuído que o abraçou estreitamente, com grande pasmo dos numerosos transeuntes.

Da parte de um juiz tão competente em matérias literárias este ato é honroso para o Sr. Oliveira.

Estamos ansiosos por ler a peça do Sr. Oliveira, e ficamos certos de que ela fará a fortuna de qualquer teatro.

O amigo das letras.

Machado de Assis. A mulher de preto. In: *Contos fluminenses*. São Paulo: Globo, 1997 (com adaptações).

13. (INSS – Analista Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

No que se refere aos sentidos e às características tipológicas do texto, julgue o item que se segue.

No texto, a palavra " fortuna" (l. 18) pode ser interpretada tanto como **sucesso** quanto como **riqueza**.

Leia o texto a seguir para responder à questão 14.

Texto II

Os lixões são depósitos sem qualquer controle, fontes de enormes impactos ambientais, causadores de contaminações – como, por exemplo, contaminações do solo, dos lençóis freáticos, das fontes de água – e lugares responsáveis pela proliferação de insetos transmissores de inúmeras doenças. São, portanto, um perigo constante à saúde e à qualidade de vida de todos. Os lixões deverão dar lugar a aterros sanitários, que, se não representam uma solução perfeita, ao menos são locais mais adequados para o depósito dos rejeitos, uma vez que evitam problemas como os citados anteriormente.

As cidades precisam se comprometer a dar cumprimento à Lei Nacional de Resíduos Sólidos. Uma maneira de fazer isso é adotar políticas de gestão eficiente dos resíduos a fim de que a menor quantidade possível desses materiais precise ser encaminhada para os aterros. Para que isso seja possível, será necessária a implantação ou a ampliação da coleta seletiva de lixo, além de apoio efetivo ao trabalho desenvolvido pelas cooperativas de catadores. Capacitar essas pessoas e dar-lhes condições dignas de trabalho são requisitos fundamentais para o sucesso da lei e para a melhoria das condições de vida e de trabalho desses profissionais. Mais de um milhão de pessoas trabalham e sobrevivem da reciclagem, muitas delas em condições bastante precárias.

O Brasil produz mais de 220 mil toneladas de lixo domiciliar por dia, o que resulta em mais de um quilo de lixo por pessoa. Ao menos 90% de todo esse material poderia ser reaproveitado, reutilizado ou reciclado. Apenas 3% acabam sendo efetivamente reciclados, um destino mais nobre do que o de se degradar e contaminar o nosso ambiente. Os especialistas calculam que o Brasil deixa de ganhar ao menos 8 bilhões de reais por ano por não reciclar toda essa grande quantidade de resíduos gerados no país.

Reinaldo Canto. As cidades brasileiras conseguirão tratar seu lixo? Disponível em: <www.cartacapital.com.br> (com adaptações).

14. (Pref. SP – Agente Gestão P. Públicas – Cespe – Maio/2016)

Para o autor do texto II, a solução do problema do lixo nas cidades grandes passa pela:

a) atribuição da responsabilidade pelos lixões às cooperativas de catadores.

b) diminuição da quantidade diária de resíduos produzidos pelas pessoas.

c) estipulação de uma política de gestão dos resíduos para acabar com os aterros.

d) capacitação e valorização dos trabalhadores que lidam com o lixo.

e) promoção da reciclagem doméstica do lixo para não sobrecarregar os trabalhadores dos aterros.

Leia o texto a seguir para responder à questão 15.

Texto CG1A1BBB

Eu tinha muito orgulho daquela espada dourada, não mais de dois centímetros, espetada na gola da camisa do colégio. Na minha turma da quarta série primária, era a única. Não me lembro que houvesse outras como ela entre os meus colegas da escola. Não do meu candidato. O broche que algumas crianças usavam trazia uma pequena vassoura. E era do " meu" adversário.

Porque aqueles símbolos, diminutos, eram tão fortes, talvez explique o fato de que – até muito tempo depois da tristeza e perplexidade que senti na derrota de Lott diante de Jânio Quadros – quando pensava naquela que foi a minha "primeira" campanha, eu lembrasse dela, basicamente, como uma eleição na qual minha espada havia sido, inexplicavelmente, derrotada por uma vassoura.

Aquele ano marcaria o despertar do meu interesse pela política.

Antônio Lavareda. *Emoções ocultas e estratégias eleitorais*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009 (com adaptações).

15. (PC-PE – Todos os Cargos – Conhec. Gerais – Cespe – Jun./2016)

Com relação ao texto CG1A1BBB e às ideias nele presentes, assinale a opção correta.

a) A maioria das crianças do colégio tinha preferência pelo candidato Lott.

b) O texto apresenta características típicas do gênero relato.

c) A vassoura representa, no texto, a candidatura de Lott.

d) O texto é predominantemente argumentativo.

e) No texto, o narrador descreve as emoções que teve ao votar pela primeira vez em eleições oficiais.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 16 – 19.

Texto I

"Ah, o Brasil, que país!", exclama uma personagem de **La Vie Dangereuse**. "Que país, esse Brasil!", repetirão, com diferentes entonações, o melancólico capitão de longo curso, um agente da Terceira Internacional, a mulher de um diplomata reformado. Na verdade, as dimensões míticas desse subcontinente verde, sobrecarregado de movimento e de vida, só poderiam fascinar a imaginação de Blaise Cendrars. Viajante sem bagagem e sem descanso, o poeta do **Transiberiano** já se havia declarado irrevogavelmente contra as descrições de paisagens. Penetrar as coisas, interpretá-las, descrever ao seu modo animais e homens era a missão do viajante algo entediado.

A dança da paisagem... As sempre mesmas Europas... Diante delas: o Brasil, vaga expressão geográfica, país novo, quase um desconhecido de si mesmo, imenso laboratório de culturas onde coexistiam as mais contraditórias experiências de tempo social. A síntese psicológica e cultural, a paisagem humana feita de contrastes tão variados do Brasil teriam de exercer gradativamente sobre Cendrars atração irresistível.

Mesmo antes da Grande Guerra – está-se farto de saber –, o jovem escritor suíço pretendia, com argumentos mais ou menos míticos, haver conhecido os países decisivos do mundo, da China aos Estados Unidos da América, da Alemanha ao Egito. O seu prestígio no mundo literário, consolidado já a partir de 1912 – data da primeira edição de **Les Pâques à New York** –, crescera definitivamente, no ano seguinte, com a **Prose du Transsibérien et de la Petite Jehanne de France**, para não falarmos de outros textos que publica em revistas de vanguarda. É preciso não esquecer também algumas *plaquettes* ilustradas pelos pintores cubistas mais conhecidos, e que os colecionadores disputam. A **Anthologie Nègre**, de 1921, vem a ser um êxito de público e de crítica; consegue mesmo rejuvenescer um pouco ainda a moda primitivista, já em desfavor nos meios mais à vanguarda.

É depois da publicação da **Anthologie** que o compositor Darius Milhaud, interessado pelo *jazz* desde o final da guerra, procura a colaboração do poeta para um balé de tema negro que deseja compor. De 1917 a 1918, Milhaud fora adido à Legação francesa

no Rio de Janeiro. Viera para essa cidade a convite de Paul Claudel, então chefe da missão diplomática do seu país junto ao governo brasileiro, e que não desejava interromper a colaboração intelectual que ambos mantinham na Europa. Compositor e poeta continuarão a trabalhar juntos no Brasil, em busca de uma integração dramática entre música e teatro declamado. Para Darius Milhaud, entretanto, que também escreve a música incidental para a farsa lírica **O Urso e a Lua**, do seu chefe, a descoberta da música popular brasileira – o maxixe, o choro, o tanguinho, o samba –, com os seus problemas específicos de ritmo, foi muito estimulante. No Rio, ele conhecera o jovem Villa-Lobos – para quem Stravinski acabara de ser uma revelação –, que começava a encarar a possibilidade de utilizar, de maneira orgânica, o vasto folclore nacional. Por sua vez, Milhaud, introduzido no ambiente da música popular do Rio, recolhe o material que utilizará em seguida no **Boeuf sur le Toît**, chaplinesca " cinema-sinfonia sobre temas sul-americanos", cujo título e frenético dinamismo se inspiram, entre outros motivos, no maxixe **Boi no Telhado**, de Zé Boiadêro.

Darius Milhaud foi, sem dúvida, o primeiro intelectual a despertar a curiosidade de Cendrars pelo Brasil. Conhecedor do singular temperamento do amigo novo, o compositor percebeu o interesse que a experiência de um mundo inteiramente inédito – dessa paisagem deveras *anônima*, conforme Gobineau a classificara com hepático mau humor cinquenta anos antes – iria provocar no poeta do **Panama**. Mesmo assim, é pouco provável que, nessa época, Cendrars alimentasse o mais vago propósito de partir para a América do Sul, rumo ao país delirante e ingênuo dos bois no telhado. Os acontecimentos, porém, se precipitam.

La Création du Monde seria dançada pelos Ballets Suédois, de Rolf de Maré, em outubro de 1923, e, em janeiro do ano seguinte, com o irônico desprendimento do turista ocasional, Cendrars estava zarpando para o Brasil a bordo do Formoso, vapor que batia bandeira francesa.

Alexandre Eulálio. *A aventura brasileira de Blaise Cendrars*. São Paulo: Quíron, 1978, p.14-6 (com adaptações).

(Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Com relação às ideias desenvolvidas no texto I, julgue (C ou E) os itens subsequentes.

16. O trecho "paisagem deveras *anônima*" (l. 37), que apresenta expressão atribuída a Gobineau, faz referência a um lugar novo e ainda desconhecido, tendo sentido similar ao do trecho "um mundo inteiramente inédito" (l. 37).

17. Segundo o autor do texto, Blaise Cendrars foi instigado a viajar ao Brasil devido à existência, no país, de ritmos musicais exóticos, entre os quais o maxixe.

18. Darius Milhaud, compositor que exerceu funções diplomáticas no Rio de Janeiro, inspirou-se na música popular carioca para compor o **Boeuf sur le Toît**.

19. Porquanto, conforme o texto, Blaise Cendrars era "Viajante sem bagagem e sem descanso" (l. 5) e exibia "o irônico desprendimento do turista ocasional" (l. 43), é correto concluir que o "poeta do **Transiberiano**" (l. 5) viajava ao acaso, sem que o motivasse maior curiosidade pelos lugares a que se dirigia.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 20 – 22.

Texto 1 – O futuro da medicina

O avanço da tecnologia afetou as bases de boa parte das profissões. As vítimas se contam às dezenas e incluem músicos, jornalistas, carteiros etc. Um ofício relativamente poupado até aqui é o de médico. Até aqui. A crer no médico e "geek" Eric

Topol, autor de “ The Patient Will See You Now” (o paciente vai vê-lo agora), está no forno uma revolução da qual os médicos não escaparão, mas que terá impactos positivos para os pacientes.

Para Topol, o futuro está nos *smartphones*. O autor nos coloca a par de incríveis tecnologias, já disponíveis ou muito próximas disso, que terão grande impacto sobre a medicina. Já é possível, por exemplo, fotografar pintas suspeitas e enviar as imagens a um algoritmo que as analisa e diz com mais precisão do que um dermatologista se a mancha é inofensiva ou se pode ser um câncer, o que exige medidas adicionais.

Está para chegar ao mercado um apetrecho que transforma o celular num verdadeiro laboratório de análises clínicas, realizando mais de 50 exames a uma fração do custo atual. Também é possível, adquirindo lentes que custam centavos, transformar o *smartphone* num supermicroscópio que permite fazer diagnósticos ainda mais sofisticados.

Tudo isso aliado à democratização do conhecimento, diz Topol, fará com que as pessoas administrem mais sua própria saúde, recorrendo ao médico em menor número de ocasiões e de preferência por via eletrônica. É o momento, assegura o autor, de ampliar a autonomia do paciente e abandonar o paternalismo que desde Hipócrates assombra a medicina.

Concordando com as linhas gerais do pensamento de Topol, mas acho que, como todo entusiasta da tecnologia, ele provavelmente exagera. Acho improvável, por exemplo, que os hospitais caminhem para uma rápida extinção. Dando algum desconto para as previsões, “ The Patient...” é uma excelente leitura para os interessados nas transformações da medicina.

Folha de S. Paulo online – Coluna Hélio Schwartsman – 17/01/2016.

20. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

Segundo o autor citado no texto 1, o futuro da medicina:

a) encontra-se ameaçado pela alta tecnologia;

b) deverá contar com o apoio positivo da tecnologia;

c) levará à extinção da profissão de médico;

d) independerá completamente dos médicos;

e) estará limitado aos meios eletrônicos.

21. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

“ O avanço da tecnologia afetou as bases de boa parte das profissões. As vítimas se contam às dezenas e incluem músicos, jornalistas, carteiros etc.”.

Sobre os componentes desse segmento do texto 1, a afirmativa adequada é:

a) muitas profissões já foram perturbadas pelos avanços tecnológicos;

b) o emprego do vocábulo “ vítimas” mostra que algumas profissões já foram extintas;

c) as profissões mais afetadas foram as que oferecem serviços ao público;

d) o segundo período enumera as dezenas de profissões afetadas;

e) a forma “ etc.” mostra a desvalorização das profissões citadas.

22. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

De acordo com o texto 1, o título do livro de Topol – O paciente vai vê-lo agora – já mostra uma revolução, pois:

a) aponta mais conhecimento dos pacientes sobre as doenças;

b) mostra maior interesse dos pacientes pelo tratamento;

c) inverte as posições de médico e paciente;

d) indica maior rapidez no atendimento médico;

e) critica o mau atendimento dos médicos.

Leia o texto a seguir para responder à questão 23.

Texto 2 – Violência e favelas

O crescimento dos índices de violência e a dramática transformação do crime manifestados nas grandes metrópoles são alarmantes, sobretudo, na cidade do Rio de Janeiro, sendo as favelas as mais afetadas nesse processo.

" A violência está o cúmulo do absurdo. É geral, não é? É geral, não tem, não está distinguindo raça, cor, dinheiro, com dinheiro, sem dinheiro, tá de pessoa para pessoa, não interessa se eu te conheço ou se eu não te conheço. Me irritou na rua eu te dou um tiro. É assim mesmo que está, e é irritante, o ser humano está em um estado de nervos que ele não está mais se controlando, aí junta a falta de dinheiro, junta falta de tudo, e quem tem mais tá querendo mais, e quem tem menos tá querendo alguma coisa e vai descontar em cima de quem tem mais, e tá uma rivalidade, uma violência que não tem mais tamanho, tá uma coisa insuportável." (moradora da Rocinha)

A recente escalada da violência no país está relacionada ao processo de globalização que se verifica, inclusive, ao nível das redes de criminalidade. A comunicação entre as redes internacionais ligadas ao crime organizado são realizadas para negociar armas e drogas. Por outro lado, verifica-se hoje, com as CPIs (Comissão Parlamentar de Inquérito) instaladas, ligações entre atores presentes em instituições estatais e redes do narcotráfico.

Nesse contexto, as camadas populares e seus bairros/favelas são crescentemente objeto de estigmatização, percebidos como causa da desordem social o que contribui para aprofundar a segregação nesses espaços. No outro polo, verifica-se um crescimento da autossegregação, especialmente por parte das elites que se encastelam nos enclaves fortificados na tentativa de se proteger da violência.

(Maria de Fátima Cabral Marques Gomes, *Scripta Nova*)

23. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

O primeiro parágrafo do texto 2 alude à " dramática transformação do crime"; essa transformação só NÃO se refere à(às):

a) quantificação dos índices de violência;

b) internacionalização da criminalidade;

c) tipologia das atividades criminosas;

d) consequências do processo de globalização;

e) modificações nas penalidades legais.

Leia o texto a seguir para responder à questão 24.

Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador

A medicina do trabalho, enquanto especialidade médica, surge na Inglaterra, na primeira metade do século XIX, com a Revolução Industrial.

Naquele momento, o consumo da força de trabalho, resultante da submissão dos trabalhadores a um processo acelerado e desumano de produção, exigiu uma intervenção, sob pena de tornar inviável a sobrevivência e a reprodução do próprio processo.

Quando Robert Dernham, proprietário de uma fábrica têxtil, preocupado com o fato de que seus operários não dispunham de nenhum cuidado médico a não ser aquele propiciado por instituições filantrópicas, procurou o Dr. Robert Baker, seu médico, pedindo que indicasse qual a maneira pela qual ele, como empresário, poderia resolver tal situação, Baker respondeu-lhe:

" Coloque no interior da sua fábrica o seu próprio médico, que servirá de intermediário entre você, os seus trabalhadores e o público. Deixe-o visitar a fábrica, sala por sala, sempre que existam pessoas trabalhando, de maneira que ele possa verificar o efeito do trabalho sobre as pessoas. E se ele verificar que qualquer dos trabalhadores está sofrendo a influência de causas que possam ser prevenidas, a ele competirá fazer tal prevenção. Dessa forma você poderá dizer: meu médico é a minha defesa, pois a ele dei toda a minha autoridade no que diz respeito à proteção da saúde e das condições físicas dos meus operários; se algum deles vier a sofrer qualquer alteração da saúde, o médico unicamente é que deve ser responsabilizado".

A resposta do empregador foi a de contratar Baker para trabalhar na sua fábrica, surgindo, assim, em 1830, o primeiro serviço de medicina do trabalho.

Na verdade, despontam, na resposta do fundador do primeiro serviço médico de empresa, os elementos básicos da expectativa do capital quanto às finalidades de tais serviços:

– deveriam ser serviços dirigidos por pessoas de inteira confiança do empresário e que se dispusessem a defendê-lo;

– deveriam ser serviços centrados na figura do médico;

– a prevenção dos danos à saúde resultantes dos riscos do trabalho deveria ser tarefa eminentemente médica;

– a responsabilidade pela ocorrência dos problemas de saúde ficava transferida ao médico.

A implantação de serviços baseados nesse modelo rapidamente expandiu-se por outros países, paralelamente ao processo de industrialização e, posteriormente, aos países periféricos, com a transnacionalização da economia. A inexistência ou fragilidade dos sistemas de assistência à saúde, quer como expressão do seguro social, quer diretamente providos pelo Estado, via serviços de saúde pública, fez com que os serviços médicos de empresa passassem a exercer um papel vicariante, consolidando, ao mesmo tempo, sua vocação enquanto instrumento de criar e manter a dependência do trabalhador (e frequentemente também de seus familiares), ao lado do exercício direto do controle da força de trabalho.

MENDES, R; DIAS, E.C. Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador. *Revista Saúde Pública*, S.Paulo, 25: 341-9, 1991. Disponível em: <https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/2977.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2015. Adaptado.

24. (Basa – Médico do Trabalho – Cesgranrio – Set./2015)

Conforme se lê no 2º parágrafo do texto, a medicina do trabalho é criada em virtude de os industriais se preocuparem com

a) o bem-estar social do trabalhador

b) a submissão dos trabalhadores

c) a convivência harmoniosa nas fábricas

d) o descaso em relação aos trabalhadores

e) a viabilidade do processo de produção

Leia o texto a seguir para responder à questão 25.

A sociedade da informação e seus desafios

Dificilmente alguém discordaria de que a sociedade da informação é o principal traço característico do debate público sobre desenvolvimento, seja em nível local ou global, neste alvorecer do século XXI. Das propostas políticas oriundas dos países industrializados e das discussões acadêmicas, a ex-pressão " sociedade de informação" transformou-se rapidamente em jargão nos meios de comunicação, alcançando, de forma conceitualmente imprecisa, o universo vocabular do cidadão.

A expressão " sociedade da informação" passou a ser utilizada como substituta para o conceito complexo de " sociedade pós-industrial", como forma de transmitir o conteúdo específico do " novo paradigma técnico-econômico". A realidade que os conceitos das ciências sociais procuram expressar refere-se às transformações técnicas, organizacionais e administrativas que têm como " fator-chave" não mais os insumos baratos de energia – como na sociedade industrial – mas os insumos baratos de informação propiciados pelos avanços tecnológicos na microeletrônica e nas telecomunicações.

Nesta sociedade pós-industrial, ou " informacional", as transformações em direção à sociedade da informação, em estágio avançado nos países industrializados, constituem uma tendência dominante mesmo para economias menos industrializadas e definem um novo paradigma, o da tecnologia da informação, que expressa a essência da presente transformação tecnológica em suas relações com a economia e a sociedade. Esse novo paradigma tem as seguintes características fundamentais: a informação é sua matéria--prima (no passado, o objetivo dominante era utilizar informação para agir sobre as tecnologias); os efeitos das novas tecnologias têm alta penetrabilidade (a informação é parte integrante de toda atividade humana, individual ou coletiva e, portanto, todas essas atividades tendem a ser afetadas diretamente pela nova tecnologia); a tecnologia favorece processos reversíveis devido a sua flexibilidade; trajetórias de desenvolvimento tecnológico em diversas áreas do saber tornam-se interligadas e transformam-se as categorias segundo as quais pensamos todos os processos (microeletrônica, telecomunicações, optoeletrônica, por exemplo).

O foco sobre a tecnologia pode alimentar a visão ingênua de determinismo tecnológico segundo o qual as transformações em direção à sociedade da informação resultam da tecnologia, seguem uma lógica técnica e, portanto, neutra e estão fora da interferência de fatores sociais e políticos. Nada mais equivocado: processos sociais e transformação tecnológica resultam de uma interação complexa em que fatores sociais preexistentes como a criatividade, o espírito empreendedor, as condições da pesquisa científica afetam o avanço tecnológico e suas aplicações sociais.

No campo educacional dos países em desenvolvimento, decisões sobre investimentos para a incorporação da informática e da telemática implicam também riscos e desafios. Será essencial identificar o papel que essas novas tecnologias podem dessempenhar no processo de desenvolvimento educacional e, isso posto, resolver como utilizá-las de forma a facilitar uma efetiva aceleração do processo em direção à educação para todos, ao longo da vida, com qualidade e garantia de diversidade. As novas tecnologias de informação e comunicação tornam-se, hoje, parte de um vasto instrumental historicamente mobilizado para a educação e a aprendizagem. Cabe a cada sociedade decidir que composição do conjunto de tecnologias educacionais mobilizar para atingir suas metas de desenvolvimento.

A Unesco tem atuado de forma sistemática no sentido de apoiar as iniciativas dos Estados-Membros na definição de políticas de

integração das novas tecnologias aos seus objetivos de desenvolvimento. No Programa Informação para Todos, as ações desse organismo internacional estão concentradas em duas áreas principais: conteúdo para a sociedade da informação e "infoestrutura" para esta sociedade em evolução, por meio da cooperação para treinamento, apoio ao estabelecimento de políticas de informação e promoção de conexões em rede.

No espírito da Declaração Universal dos Direitos do Homem, que constitui a base dos direitos à infor-mação na sociedade da informação, e levando em consideração os valores e a visão delineados anteriormente, o novo Programa Informação para Todos deverá prover uma plataforma para a discussão global sobre acesso à informação, participação de todos na sociedade da informação global e as consequências éticas, legais e societárias do uso das tecnologias de informação e comunicação. Deverá prover também a estrutura para colaboração internacional e parcerias nessas áreas e apoiar o desenvolvimento de ferramentas comuns, métodos e estratégias para a construção de uma sociedade de informação global e justa.

WERTHEIN, J. *Ciência da Informação*. Brasília, v. 29, n. 2, p. 71-77, maio/ago. 2000. Disponível em:<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/254>. Acesso em: 10 maio 2015. Adaptado.

25. (Petrobras – Advogado Jr. – Cesgranrio – Ago./2015)

De acordo com o ordenamento das ideias no texto, observa-se que, depois de afirmar que há uma interação complexa entre processos sociais e transformação tecnológica, de modo que a criatividade e o espírito empreendedor interfiram nas aplicações sociais da tecnologia, o texto se refere à ideia de que

a) a expressão "sociedade de informação" foi incorporada ao vocabulário comum por meio do jargão dos meios de comunicação.

b) o conceito de "sociedade pós-industrial" relaciona-se às transformações técnicas e organizacionais provocadas pelos avanços tecnológicos nas telecomunicações.

c) as atividades humanas, no novo paradigma da sociedade de informação, são afetadas diretamente pelas novas tecnologias porque a informação é parte integrante delas.

d) a visão de que as transformações tecnológicas em direção à sociedade da informação estão fora da interferência de fatores sociais e políticos é inadequada.

e) os países estão sendo auxiliados por órgão internacional na tarefa de integrar as novas tecnologias ao processo de desenvolvimento.

Leia o texto a seguir para responder à questão 26.

Texto I

Banhos de mar

Meu pai acreditava que todos os anos se devia fazer uma cura de banhos de mar. E nunca fui tão feliz quanto naquelas temporadas de banhos em Olinda, Recife.

Meu pai também acreditava que o banho de mar salutar era o tomado antes de o sol nascer. Como explicar o que eu sentia de presente prodigioso em sair de casa de madrugada e pegar o bonde vazio que nos levaria para Olinda ainda na escuridão?

De noite eu ia dormir, mas o coração se mantinha acordado, em expectativa. E de puro alvoroço, eu acordava às quatro e pouco da madrugada e despertava o resto da família. Nós nos vestíamos depressa e saíamos em jejum. Porque meu pai acreditava que assim devia ser: em jejum.

Saímos para uma rua toda escura, recebendo a brisa da pré-madrugada. E esperávamos o bonde. Até que lá de longe ouvíamos o seu barulho se aproximando. Eu me sentava bem na ponta do banco, e minha felicidade começava. Atravessar a cidade escura me dava algo que jamais tive de novo. No bonde mesmo o tempo começava a clarear, e uma luz trêmula de sol escondido nos banhava e banhava o mundo.

Eu olhava tudo: as poucas pessoas na rua, a passagem pelo campo com os bichos-de-pé: " Olhe, um porco de verdade!" gritei uma vez, e a frase de deslumbramento ficou sendo uma das brincadeiras da minha família, que de vez em quando me dizia rindo: " Olhe, um porco de verdade."

Eu não sei da infância alheia. Mas essa viagem diária me tornava uma criança completa de alegria. E me serviu como promessa de felicidade para o futuro. Minha capacidade de ser feliz se revelava. Eu me agarrava, dentro de uma infância muito infeliz, a essa ilha encantada que era a viagem diária.

LISPECTOR, C. *A Descoberta do Mundo*. São Paulo: Rocco, 1999, p. 175. Adaptado.

26. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016)

Que fragmento do Texto I comprova a valorização especial que a narradora dava a esse momento de sua infância?

a) " Meu pai também acreditava que o banho de mar salutar era o tomado antes de o sol nascer" (l. 3)

b) " Nós nos vestíamos depressa e saíamos em jejum" (l. 7-8)

c) " No bonde mesmo o tempo começava a clarear" (l. 11-12)

d) " a frase de deslumbramento ficou sendo uma das brincadeiras da minha família" (l. 14-15)

e) " Eu me agarrava [...] a essa ilha encantada que era a viagem diária" (l. 17-18)

Leia o texto a seguir para responder à questão 27

Texto I

Agricultura familiar

O que é agricultura familiar?

A agricultura familiar consiste em uma forma de organização social, cultural, econômica e ambiental, na qual são trabalhadas atividades agropecuárias e não agropecuárias de base familiar, desenvolvidas em estabelecimento rural ou em áreas comunitárias próximas, gerenciadas por uma família com predominância de mão de obra familiar e apresenta papel relevante para o desenvolvimento do País.

Por que a agricultura familiar é importante?

A agricultura familiar apresenta importante função para garantir a segurança alimentar; preserva os alimentos tradicionais, além de contribuir para uma alimentação balanceada, para a proteção da agrobiodiversidade e para o uso sustentável dos recursos naturais.

No cenário nacional, a agricultura familiar responde por 38% do valor bruto da produção agropecuária e é responsável por mais de 70% dos alimentos que chegam à mesa dos brasileiros.

Considerando-se o número de estabelecimentos rurais, a agricultura familiar consegue empregar três vezes mais do que a agricultura não familiar.

Disponível em: <http://www.bancoamazonia.com.br/index.php/agriculturaa-familiar>. Acesso em: 29 jul. 2015. Adaptado.

27. (Basa – Téc. Bancário – Cesgranrio – Set./2015)

No Texto I, compreende-se a agricultura familiar como uma

a) mão de obra estabelecida em cooperativas de cunho pecuário.

b) atividade de base familiar e de mão de obra predominantemente familiar.

c) forma de organização social, na qual são trabalhadas apenas atividades agrícolas.

d) agricultura que exerce um papel dispensável para o desenvolvimento nacional.

e) atividade familiar de ênfase cultural.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 28 e 29.

Donos do próprio dinheiro

Quando pensamos em bancos, imaginamos grandes empresas com agências elegantes, equipadas com caixas eletrônicos e funcionários engravatados, muita burocracia e mil procedimentos de segurança. Mas dezenas de pequenas instituições financeiras estão mudando a relação que milhares de brasileiros têm com o próprio dinheiro. São os bancos comunitários, que contam com moeda e sistema de crédito próprios e desenvolvem as economias locais.

Todas as agências são geridas e fiscalizadas pela comunidade. Hoje já existem 104 dessas instituições no país, e elas estão proliferando. De 2006 a 2012, o número de bancos comunitários aumentou dez vezes, de nove para 98 agências. Diferentemente das agências convencionais, essas instituições não consultam o nome do cliente no Serasa ou no Serviço de Proteção ao Crédito antes de abrir uma conta. Consultam a comunidade.

Uma das condições para a criação de um banco comunitário, como o próprio nome já dá a entender, é o envolvimento da comunidade. Isso porque o objetivo final não é o lucro, e sim o desenvolvimento da economia do entorno. Para tanto é criada uma moeda própria, que circula apenas na comunidade. O dinheiro para iniciar os bancos comunitários também vem do local, seja de rifas, seja de vaquinhas ou de eventos de arrecadação de fundos.

Os moradores podem pegar dois tipos de empréstimo: um para produção, como reforma de uma loja ou compra de estoque, em reais, e outro para consumo, compra de alimentos e outros produtos, na moeda do banco.

Dessa forma, artigos como alimentos, roupas, sapatos e até serviços de beleza ou aulas são consumidos na comunidade, nas lojas que aceitam a nova moeda, fazendo com que o dinheiro não deixe a região e sirva para desenvolver a economia local.

VELOSO, L. *Revista Planeta*. n. 504, novembro 2014. Adaptado.

28. (Liquigás –Ass. Adminis. – Cesgranrio – Set./2015)

De acordo com o texto, os bancos comunitários são

a) agências com funcionários engravatados e muita burocracia.

b) lojas que vendem alimentos, roupas, sapatos e emprestam dinheiro.

c) empresas com agências elegantes, equipadas com caixas eletrônicos.

d) instituições financeiras que criam uma moeda própria da comunidade.

e) estabelecimentos para emprestar dinheiro a pessoas de outras comunidades.

29. (Liquigás –Ass. Adminis. – Cesgranrio – Set./2015)

De acordo com o texto, um dos benefícios que os bancos trazem aos moradores é

a) aumentar o consumo de produtos importados.

b) avaliar a forma como empregam seu dinheiro.

c) aumentar o valor do salário recebido todo mês.

d) melhorar a relação entre os membros da comunidade.

e) facilitar o acesso a empréstimos com várias finalidades.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 30 e 31.

É permitido sonhar

Os bastidores do vestibular são cheios de histórias – curiosas, estranhas, comoventes. O jovem que chega atrasado por alguns segundos, por exemplo, é uma figura clássica, e patética. Mas existem outras figuras capazes de chamar a atenção.

Takeshi Nojima é um caso. Ele fez vestibular para a Faculdade de Medicina da Universidade do Paraná. Veio do Japão aos 11 anos, trabalhou em várias coisas, e agora quer começar uma carreira médica.

Nada surpreendente, não fosse a idade do Takeshi: ele tem 80 anos. Isto mesmo, 80. Numa fase em que outros já passaram até da aposentadoria compulsória, ele se prepara para iniciar nova vida. E o faz tranquilo: " Cuidei de meus pais, cuidei dos meus filhos. Agora posso realizar um sonho que trago da infância".

Não faltará quem critique Takeshi Nojima: ele está tirando o lugar de jovens, dirá algum darwinista social. Eu ponderaria que nem tudo na vida se regula pelo critério cronológico. Há pais que passam muito pouco tempo com os filhos e nem por isso são maus pais; o que interessa é a qualidade do tempo, não a quantidade. Talvez a expectativa de vida não permita ao vestibulando Nojima uma longa carreira na profissão médica. Mas os anos, ou meses, ou mesmo os dias que dedicar a seus pacientes terão em si a carga afetiva de uma existência inteira.

Não sei se Takeshi Nojima passou no vestibular; a notícia que li não esclarecia a respeito. Mas ele mesmo disse que isto não teria importância: se fosse reprovado, começaria tudo de novo. E aí de novo ele dá um exemplo. Os resultados do difícil exame trazem desilusão para muitos jovens, e não são poucos os que pensam em desistir por causa de um fracasso. A estes eu digo: antes de abandonar a luta, pensem em Takeshi Nojima, pensem na força de seu sonho. Sonhar não é proibido. É um dever.

(Moacyr Scliar. *Minha mãe não dorme enquanto eu não chegar*, 1996. Adaptado)

30. (Unifesp – Técnico Seg. Trab. – Vunesp – Abril/2016)

Para o narrador, a história de Takeshi Nojima chama a atenção porque este

a) inventou novos sonhos para não levar uma vida ociosa.

b) veio do Japão e trabalhou em várias coisas antes de estudar.

c) foi um filho dedicado e um pai responsável.

d) é um senhor de 80 anos que decidiu voltar a estudar.

e) está preocupado em obter a aposentadoria compulsória.

31. (Unifesp – Técnico Seg. Trab. – Vunesp – Abril/2016)

Em relação à atitude de Takeshi Nojima, o narrador

a) concorda com ela, pois acredita que a expectativa de vida dele será muito alta.

b) discorda dela, pois acredita que ele realmente estará tirando o lugar de jovens.

c) concorda com ela, pois acredita que uma pessoa deva perseguir os seus sonhos.

d) discorda dela, pois acredita que ele terá uma atuação profissional lastimável.

e) concorda com ela, pois acredita que ele esteja só se divertindo com a situação.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 32 e 33.

McLuhan já alertava que a aldeia global resultante das mídias eletrônicas não implica necessariamente harmonia, implica, sim, que cada participante das novas mídias terá um envolvimento gigantesco na vida dos demais membros, que terá a chance de meter o bedelho onde bem quiser e fazer o uso que quiser das informações que conseguir. A aclamada transparência da coisa pública carrega consigo o risco de fim da privacidade e a superexposição de nossas pequenas ou grandes fraquezas morais ao julgamento da comunidade de que escolhemos participar.

Não faz sentido falar de dia e noite das redes sociais, apenas em número de atualizações nas páginas e na capacidade dos usuários de distinguir essas variações como relevantes no conjunto virtualmente infinito das possibilidades das redes. Para achar o fio de Ariadne no labirinto das redes sociais, os usuários precisam ter a habilidade de identificar e estimar parâmetros, aprender a extrair informações relevantes de um conjunto finito de observações e reconhecer a organização geral da rede de que participam.

O fluxo de informação que percorre as artérias das redes sociais é um poderoso fármaco viciante. Um dos neologismos recentes vinculados à dependência cada vez maior dos jovens a esses dispositivos é a " nomobofobia" (ou " pavor de ficar sem conexão no telefone celular"), descrito como a ansiedade e o sentimento de pânico experimentados por um número crescente de pessoas quando acaba a bateria do dispositivo móvel ou quando ficam sem conexão com a Internet. Essa informação, como toda nova droga, ao embotar a razão e abrir os poros da sensibilidade, pode tanto ser um remédio quanto um veneno para o espírito.

(Vinicius Romanini, Tudo azul no universo das redes. *Revista USP,* nº 92. Adaptado)

32. (MPE/SP – Analista Técnico Científico – Vunesp – Jul./2016)

Do ponto de vista do autor, as redes sociais

a) são um universo ao qual os usuários resistem porque são afeitos à discrição nos relacionamentos.

b) preservam identidades e opiniões, sendo, portanto, ponto de referência para a busca de informações qualificadas.

c) garantem julgamentos justos, pela comunidade, dos usuários que nelas expõem seus hábitos e ideologias.

d) disponibilizam abundantes informações, o que exige que seus usuários filtrem o que de fato interessa.

e) condensam a infinidade de dados nelas circulantes, caracterizando-se como um meio confiável de exposição pessoal.

33. (MPE/SP- Analista Técnico Científico – Vunesp – Jul./2016)

Entre os aspectos negativos que se apontam para usuários das mídias eletrônicas estão

a) a possibilidade de exibição da intimidade e a ansiedade devido à falta de conexão em rede.

b) a superposição de virtudes a grandes fraquezas morais e a ênfase ao cultivo da individualidade.

c) a possibilidade de imiscuir-se na vida alheia e o consumo de remédios viciantes.

d) o convívio ilimitado com os demais usuários da rede e o uso regulado de informações.

e) o envenenamento do espírito e a harmonia entre os membros do grupo de usuários.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 34 e 35.

Fora do jogo

Quando a economia muda de direção, há variáveis que logo se alteram, como o tamanho das jornadas de trabalho e o pagamento de horas extras, e outras que respondem de forma mais lenta, como o emprego e o mercado de crédito. Tendências negativas nesses últimos indicadores, por isso mesmo, costumam ser duradouras.

Daí por que são preocupantes os dados mais recentes da Associação Nacional dos Birôs de Crédito, que congrega empresas do setor de crédito e financiamento.

Segundo a entidade, havia, em outubro, 59 milhões de consumidores impedidos de obter novos créditos por não estarem em dia com suas obrigações. Trata-se de alta de 1,8 milhão em dois meses.

Causa consternação conhecer a principal razão citada pelos consumidores para deixar de pagar as dívidas: a perda de emprego, que tem forte correlação com a capacidade de pagamento das famílias.

Até há pouco, as empresas evitavam demitir, pois tendem a perder investimentos em treinamento e incorrer em custos trabalhistas. Dado o colapso da atividade econômica, porém, jogaram a toalha.

O impacto negativo da disponibilidade de crédito é imediato. O indivíduo não só perde a capacidade de pagamento mas também enfrenta grande dificuldade para obter novos recursos, pois não possui carteira de trabalho assinada.

Tem-se aí outro aspecto perverso da recessão, que se soma às muitas evidências de reversão de padrões positivos da última década – o aumento da informalidade, o retorno de jovens ao mercado de trabalho e a alta do desemprego.

(*Folha de S.Paulo*, 08.12.2015. Adaptado)

34. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

As informações dos três parágrafos iniciais do texto sustentam a seguinte ideia:

a) o fato de 59 milhões de consumidores estarem impedidos de obter novos créditos limita os prejuízos à economia do país.

b) a Associação Nacional dos Birôs de Crédito tem alterado o tamanho das jornadas de trabalho e o pagamento de horas extras.

c) o aumento dos créditos aos consumidores teve como consequência imediata o não atendimento às suas obrigações.

d) o emprego e o mercado de crédito têm-se mantido inabalados diante de um cenário negativo da economia brasileira.

e) a alteração nos rumos da economia nacional fez com que expressiva parcela da população se tornasse inadimplente.

35. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Na conclusão no texto, “ o aumento da informalidade, o retorno de jovens ao mercado de trabalho e a alta do desemprego” são apontados como características

a) positivas e vivenciadas na economia da última década.

b) negativas e distantes do cenário econômico atual.

c) negativas e típicas do atual período de retração econômica.

d) negativas e improváveis na situação econômica presente.

e) positivas e marcantes da economia no presente do País.

Leia o texto a seguir para responder à questão 36.

Entre as boas figuras de boa-fé do Rio de Janeiro figurava o Garcia, bom homem, cujo único defeito era ser fraco de inteligência, defeito que todos lhe perdoavam por não ser culpa dele.

O nosso herói não se empregava absolutamente em outra coisa que não fosse comer, beber, dormir e trocar as pernas pela cidade. Tinha herdado dos pais o suficiente para levar essa vida folgada e milagrosa, e só gastava o rendimento do seu patrimônio.

Casara-se com d. Laura, que, não sendo formosa que o inquietasse, nem feia que lhe repugnasse, era mais inteligente e instruída que ele. Esta superioridade dava-lhe certo ascendente, de que ela usava e abusava no lar doméstico, onde só a sua vontade e a sua opinião prevaleciam sempre.

O Garcia não se revoltava contra a passividade a que era submetido pela mulher: reconhecia que d. Laura tinha sobre ele grandes vantagens intelectuais e, se era honesta e fiel aos seus deveres conjugais, que lhe importava a ele o resto?

(Artur Azevedo, O espírito. Em: *Seleção de Contos*, 2014. Adaptado)

36. (MPE/SP- Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

De acordo com a descrição do texto, Garcia era um homem de

a) limitada inteligência, não trabalhava e vivia com o rendimento do patrimônio deixado pelos pais.

b) razoável inteligência, não trabalhava porque aumentava o rendimento do patrimônio deixado pelos pais.

c) debilitada inteligência, não podia trabalhar, apesar de viver mal com o rendimento do patrimônio deixado pelos pais.

d) excepcional inteligência, e a explorava trabalhando muito para manter o rendimento do patrimônio deixado pelos pais.

e) nenhuma inteligência, trabalhava na cidade, pois não conseguia viver com o rendimento do patrimônio deixado pelos pais.

Gabarito: 1. c; 2. c; 3. d; 4. c; 5. c; 6. e; 7. a; 8. e; 9. d; 10. C; 11. E; 12. E; 13. C; 14. d; 15. e; 16. C; 17. E; 18. C; 19. E; 20. b; 21. a; 22. c; 23. e; 24. e; 25. e; 26. e; 27. b; 28. d; 29. e; 30. d; 31. c; 32. d; 33. a; 34. e; 35. c; 36. a.

26.3. RESUMO

Enunciados mais comuns de Compreensão de Textos:

De acordo com o texto…

Segundo o texto...

O texto diz...

O texto fala...

Ideia presente no texto...

Segundo o autor...

Compreende-se no texto...

26.4. INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

Bem, o mais importante é que você entenda que interpretar um texto é diferente de compreender. Até aqui, você viu que as questões de compreensão de textos são aquelas em que você precisa estar apto para localizar informações no texto, com técnica e agilidade. E precisa treinar o reconhecimento de paráfrases (reescrituras do texto).

Agora, vamos ver como são as questões de Interpretação de Textos. Interpretação é o mesmo que inferência, dedução. Neste caso, você precisa ir um pouco além do que diz o texto, concluir com base no que se leu.

Você deve estar aí pensando... Mas e se eu extrapolar? E, se na hora de eu responder, acabar indo muito além do que o texto permite?

Sim, esse é o cuidado que se deve ter! Como nas questões de inferência, você é convidado a sair "um pouquinho" do texto, o grande perigo é você viajar demais...

Por isso, sempre digo que, na hora de inferir, você deve buscar uma pista textual que permita tal inferência, tal dedução. É como se fosse uma discussão em uma relação. Você discute com seu parceiro(a), mas, quando vai analisar a fundo os motivos, acaba pensando que não há por quê... Nesse caso, você extrapolou!

Agora, se a discussão tem base em uma pista, algo que se disse ou que se fez, aí sim... Nesse caso, você tem um pressuposto textual.

Implícitos textuais são informações que se deduzem a partir do que foi lido. E normalmente haverá palavras ou expressões do texto que ensejam conclusões, inferências. Gosto de chamá-las de pistas textuais – são os pressupostos!

Veja exemplos. Ao dizer a uma pessoa que ela é a amiga mais querida que você tem, há aí uma pista para uma inferência. O vocábulo "mais" é a pista para que se deduza que "há outras amigas".

Ao se falar "Eu prefiro ficar aqui hoje", o verbo "preferir" é um pressuposto para que se deduza que há outras opções, mas a pessoa escolheu a alternativa de estar ali.

Quando se diz, por exemplo, que o Brasil ainda não alcançou certo grau de desenvolvimento, tem-se aí uma mensagem otimista. Pode-se deduzir, com base no pressuposto textual "ainda", que é certo que o país atinja esse nível.

Bem, vamos às questões de inferência?

Primeiro, vou dar exemplos, vou comentar duas questões, assertiva por assertiva, para você. Depois é a sua vez, ok?

QUESTÕES COMENTADAS

Texto 3 – Normose, um distúrbio da vida moderna

A sociedade moderna, com o corre-corre, a falta de tempo para o cuidado espiritual e o imediatismo fez com que as pessoas desenvolvessem com mais facilidade algumas doenças psicossomáticas. O pânico e a depressão são duas delas, assim como a normose. A última é uma "prima" menos conhecida e, por isso mesmo, menos identificada, segundo especialistas. "Ela (normose) surge quando o sistema no qual nós existimos encontra-se dominantemente doente, desequilibrado, corrompido, e quando predomina a violência, a competição e o egocentrismo. Uma pessoa adaptada a esse sistema está doente", explica o eminente psicólogo e antropólogo Roberto Crema, um dos especialistas do assunto no Brasil.

1. (TCE – Sergipe – Analista T.I. – Desenv. – FGV 2015) Pode-se inferir do segmento "A sociedade moderna, com o corre-corre, a falta de tempo para o cuidado espiritual e o imediatismo fez com que as pessoas desenvolvessem com mais facilidade algumas doenças psicossomáticas" que:

a) algumas doenças psicossomáticas são originadas do descuido geral com a saúde, por falta de tempo e dinheiro;

b) o corre-corre da vida moderna é a causa do distanciamento do espiritual e do imediatismo;

c) atualmente há mais possibilidade do desenvolvimento de doenças psicossomáticas do que anteriormente;

d) a falta de cuidado espiritual traz como consequência o relaxamento com os valores materiais;

e) as doenças psicossomáticas surgiram a partir das atribulações da vida moderna.

No trecho, tem-se a seguinte informação: "a sociedade moderna com o corre-corre, a falta de tempo para o cuidado espiritual e o imediatismo fez com que as pessoas desenvolvessem com mais facilidade".

E a banca quer que você assinale uma possível dedução. O que fazer? Primeiramente, resuma mentalmente o que você entendeu desse trecho. Resumir é organizar sintaticamente a frase, extraindo dela somente o que é essencial: sujeito, verbo, complemento.

Depois disso, busque, nas alternativas que a banca oferece, apenas aquela que tenha uma pista, um pressuposto para ela. Lembre-se de que só será uma possível inferência aquela que tiver um pressuposto no texto. Caso contrário, não será inferência, será extrapolação.

"A sociedade moderna fez com que as pessoas desenvolvessem com mais facilidade…". Já se consegue visualizar aqui um pressuposto textual… Ao se usar o vocábulo "mais", está se dizendo que na modernidade algo ficou mais fácil do que era… Está se querendo dizer que há uma facilidade na modernidade maior do que no passado. Por que eu deduzi isso?

Pressuposto textual. Quando o autor disse "a sociedade moderna fez com que as pessoas desenvolvessem com mais facilidade", então eu posso deduzir que atualmente é mais possível que isso aconteça do que anteriormente. Você entendeu o que é que é uma dedução? A dedução diz um pouco mais do que diz o texto, mas ela não viaja, não é uma extrapolação… Ela se atém ao que está no texto, só que se baseia em um pressuposto, em uma pista, que, nesse caso, a foi "mais facilidade". Pense comigo: se eu tenho mais facilidade numa sociedade moderna é porque antigamente era mais difícil isso.

Por isso, a resposta foi letra C. A palavra "anteriormente" na letra C não está no texto, mas é a inferência a partir do que se leu.

A letra A cria uma falsa relação de causa e efeito, que não está no texto. Pode até ser uma verdade da vida, mas o texto nem fala de falta de dinheiro… Extrapolação, portanto.

A letra B cria também uma falsa relação de causa e efeito entre ideias que estavam paralelas, coordenadas no texto. Observe que há uma enumeração nas primeiras linhas do texto (coordenação, portanto) entre o corre-corre, a falta de tempo para o cuidado espiritual e o imediatismo, mas essas ideias não se relacionam por causa e efeito.

A letra D cria também uma relação de causa e efeito falaciosa. O texto não diz que a falta de cuidado espiritual gera distanciamento dos valores materiais. Isso pode ser uma verdade da vida também, mas vai além do que se leu.

E, na letra E, há uma generalização excessiva. Não se pode dizer que todas as doenças psicossomáticas surgiram a partir das atribulações da vida moderna. O texto só nos permite dizer que "algumas surgiram" daí.

Todas extrapolam, portanto, somente a letra C é uma inferência possível a partir do que se leu.

Texto

A Prefeitura de São Paulo vai criar um manual para orientar funcionários de empresas de limpeza urbana sobre como proceder ao se depararem com grafites e pichações em muros públicos. Uma lei municipal proíbe inscrições em espaços públicos sem autorização. O problema é que obras autorizadas já foram apagadas por servidores da limpeza. Previsto para outubro, o documento tentará esclarecer funcionários da limpeza sobre o que deve ou não ser apagado. Os agentes passarão por um treinamento. A limpeza de grafites gerou constrangimento nas últimas duas gestões municipais.

2. (Prefeitura Cuiabá – Administrador Hospitalar – Superior – FGV 2015)

Deduz-se do texto que

a) os funcionários de limpeza urbana apagam todas as pichações.

b) os servidores da Prefeitura de São Paulo seguem a lei.

c) algumas pichações constrangedoras foram apagadas.

d) nem toda inscrição deve ser considerada vandalismo.

e) o treinamento vai ensinar como apagar as inscrições de rua.

Mais uma questão de inferência… Inicialmente, vamos resumir o que entendemos do texto (repare que a banca não destacou nenhum trecho do texto, as alternativas poderão se referir a qualquer parte do texto).

Bem, entendemos que haverá um manual para orientar funcionários para como se proceder diante de pichações em espaços públicos. E que há espaços públicos que têm autorização para pichação e há espaços sem autorização.

Vamos agora buscar a assertiva que possa ser deduzida com base em um pressuposto do texto. Lembre-se: somente uma poderá ser deduzida, as outras irão além do que permite o texto ou o contradirão.

A resposta é letra D. Por que eu posso deduzir que nem toda inscrição deve ser considerada vandalismo? A letra D diz que "nem toda inscrição deve ser considerada vandalismo" Tem-se aqui uma informação com pressupostos no texto. Um deles é quando se diz "o problema é que obras autorizadas já foram apagadas por servidores da limpeza". Ao se falar "obras autorizadas", está-se falando indiretamente que há obras não autorizadas.

Outro pressuposto presente no texto é quando se diz que "o documento tentará esclarecer funcionários da limpeza sobre o deve ou não deve ser apagado". Ao se dizer isso, subentende-se que nem toda pichação é vandalismo.

Vamos às outras?

A letra A contradiz o texto, dizendo que os funcionários apagam todas as pichações. Não todas.

A letra B mistura informações do texto. O texto fala em lei, mas, ao falar de lei, não diz que os funcionários da prefeitura a seguem. Apenas diz que a lei municipal proíbe inscrições em espaços públicos sem autorização. Além disso, percebeu que há também uma extrapolação? A letra B fala em "servidores da prefeitura" e o texto fala em "servidores de empresas de limpeza urbana". Não são todos os funcionários.

A letra C fala em "pichações constrangedoras", mas, segundo o texto, houve um constrangimento nas "gestões municipais".

A letra E também extrapola… O treinamento não vai ensinar a "apagar as inscrições", mas vai ensinar os funcionários a como "proceder ao ser depararem com grafites e pichações em muros públicos".

Agora é a sua vez…

26.5. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

Leia o texto a seguir para responder à questão 1.

Estava mal chegando a São Paulo, quando um repórter me provocou: "Mas como, Chico, mais um samba? Você não acha que isso já está superado?". Não tive tempo de me defender ou de atacar os outros, coisa que anda muito em voga. Já era hora de enfrentar o dragão, como diz o Tom, enfrentar as luzes, os cartazes, e a plateia, onde distingui um caro colega regendo um coro pra frente, de franca oposição. Fiquei um pouco desconcertado pela atitude do meu amigo, um homem sabidamente isento de preconceitos. Foi-se o tempo em que ele me censurava amargamente, numa roda revolucionária, pelo meu desinteresse em participar de uma passeata cívica contra a guitarra elétrica. Nunca tive nada contra esse instrumento, como nada tenho contra o tamborim. O importante é Mutantes e Martinho da Vila no mesmo palco.

Mas, como eu ia dizendo, estava voltando da Europa e de sua música estereotipada, onde samba, toada etc. são ritmos virgens para seus melhores músicos, indecifráveis para seus cérebros eletrônicos. " Só tenho uma opção, confessou-me um italiano – sangue novo ou a antimúsica. Veja, os Beatles, foram à Índia..." Donde se conclui como precipitada a opinião, entre nós, de que estaria morto o nosso ritmo, o lirismo e a malícia, a malemolência. É certo que se deve romper com as estruturas. Mas a música brasileira, ao contrário de outras artes, já traz dentro de si os elementos de renovação. Não se trata de defender a tradição, família ou propriedade de ninguém. Mas foi com o samba que João Gilberto rompeu as estruturas da nossa canção. E se o rompimento não foi universal, culpa é do brasileiro, que não tem vocação pra exportar coisa alguma.

Quanto a festival, acho justo que estejam todos ansiosos por um primeiro prêmio. Mas não é bom usar de qualquer recurso, nem se deve correr com estrondo atrás do sucesso, senão ele se assusta e foge logo. E não precisa dar muito tempo para se perceber " que nem toda loucura é genial, como nem toda lucidez é velha".

(Adaptado de: HOLANDA, Chico Buarque de, apud Adélia B. de Menezes, *Desenho Mágico*: Poesia e Política em Chico Buarque, São Paulo, Ateliê, 2002, p. 28-29)

1. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

Depreende-se da frase ... *nem toda loucura é genial, como nem toda lucidez é velha* que

a) a loucura, o mais das vezes, é vista como uma característica que marca a singularidade, enquanto a lucidez é um atributo costumeiro da velhice.

b) essas duas características, lucidez e loucura, devem ser vistas com reserva, uma vez que a fronteira entre ambas nem sempre é clara.

c) as inovações, por mais lúcidas que sejam, devem algo à loucura, pois é mediante o abandono da causalidade natural que se obtém algo inusitado.

d) ambas as características podem conviver em obras de arte de vanguarda, uma vez que não são conflitantes.

e) a genialidade pode ter algo de lucidez, embora, para que isso ocorra, tenha de negar a loucura, podendo ocorrer o inverso, o que caracteriza essencialmente a inovação.

Leia o texto a seguir para responder à questão 2.

Medo da eternidade

Jamais esquecerei o meu aflitivo e dramático contato com a eternidade.

Quando eu era muito pequena ainda não tinha provado chicles e mesmo em Recife falava-se pouco deles. Eu nem sabia bem de que espécie de bala ou bombom se tratava. Mesmo o dinheiro que eu tinha não dava para comprar: com o mesmo dinheiro eu lucraria não sei quantas balas.

Afinal minha irmã juntou dinheiro, comprou e ao sairmos de casa para a escola me explicou:

− Tome cuidado para não perder, porque esta bala nunca se acaba. Dura a vida inteira.

− Como não acaba? – Parei um instante na rua, perplexa.

− Não acaba nunca, e pronto.

Eu estava boba: parecia-me ter sido transportada para o reino de histórias de príncipes e fadas. Peguei a pequena pastilha cor-

de-rosa que representava o elixir do longo prazer. Examinei-a, quase não podia acreditar no milagre. Eu que, como outras crianças, às vezes tirava da boca uma bala ainda inteira, para chupar depois, só para fazê-la durar mais. E eis-me com aquela coisa cor-de-rosa, de aparência tão inocente, tornando possível o mundo impossível do qual eu já começara a me dar conta.

Com delicadeza, terminei afinal pondo o chicle na boca.

– E agora que é que eu faço? – perguntei para não errar no ritual que certamente deveria haver.

– Agora chupe o chicle para ir gostando do docinho dele, e só depois que passar o gosto você começa a mastigar. E aí mastiga a vida inteira. A menos que você perca, eu já perdi vários. Perder a eternidade? Nunca.

O adocicado do chicle era bonzinho, não podia dizer que era ótimo. E, ainda perplexa, encaminhávamo--nos para a escola.

– Acabou-se o docinho. E agora?

– Agora mastigue para sempre.

Assustei-me, não saberia dizer por quê. Comecei a mastigar e em breve tinha na boca aquele puxa-puxa cinzento de borracha que não tinha gosto de nada. Mastigava, mastigava. Mas me sentia contrafeita. Na verdade eu não estava gostando do gosto. E a vantagem de ser bala eterna me enchia de uma espécie de medo, como se tem diante da ideia de eternidade ou de infinito.

Eu não quis confessar que não estava à altura da eternidade. Que só me dava era aflição. Enquanto isso, eu mastigava obedientemente, sem parar.

Até que não suportei mais, e, atravessando o portão da escola, dei um jeito de o chicle mastigado cair no chão de areia.

– Olha só o que me aconteceu! – disse eu em fingidos espanto e tristeza. Agora não posso mastigar mais! A bala acabou!

– Já lhe disse, repetiu minha irmã, que ela não acaba nunca. Mas a gente às vezes perde. Até de noite a gente pode ir mastigando, mas para não engolir no sono a gente prega o chicle na cama. Não fique triste, um dia lhe dou outro, e esse você não perderá.

Eu estava envergonhada diante da bondade de minha irmã, envergonhada da mentira que pregara dizendo que o chicle caíra da boca por acaso.

Mas aliviada. Sem o peso da eternidade sobre mim.

06 de junho de 1970

(LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo* – crônicas. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p.289-91)

2. (SEDU-ES – Professor B – FCC – Jan./2016)

Atente para as afirmações abaixo.

I. Em *Jamais esquecerei o meu aflitivo e dramático contato com a eternidade* (1º parágrafo), os adjetivos empregados para qualificar esse *contato* visam estabelecer um contraste com os acontecimentos que serão efetivamente narrados, deixando entrever a sugestão da autora de que esses fatos, aparentemente importantes, seriam na verdade banais e corriqueiros.

II. Em *Mastigava, mastigava. Mas me sentia contrafeita* (15º parágrafo), a repetição do verbo "mastigar", cujo início ecoa ainda na conjunção *Mas* que inicia a frase seguinte, busca sugerir no campo da própria expressão o que havia de repetitivo nessa atividade e o aborrecimento que já advinha do mascar da goma insossa.

III. Em – *Olha só o que me aconteceu! – disse eu em fingidos espanto e tristeza. Agora não posso mastigar mais! A bala*

acabou! (18º parágrafo), o reiterado emprego do sinal de exclamação sugere o exagero próprio do fingimento.

Está correto o que se afirma APENAS em

a) I e II.

b) I e III.

c) I.

d) III.

e) II e III.

Leia o texto a seguir para responder à questão 3.

Um pequeno tesouro literário, guardado com esmero durante quatro gerações, veio a público nesta quinta-feira (15.10.2015). Dezenas de documentos, fotos e 61 cartas do crítico e acadêmico José Veríssimo, recebidas do escritor Machado de Assis, foram entregues pela família de Veríssimo à Academia Brasileira de Letras (ABL).

Textos manuscritos, datados do início do século passado, e até uma fotografia e 12 cartas inéditas do patrono da Academia ficaram guardados por décadas em um antigo gaveteiro de madeira, que veio passando de geração em geração e, por último, estava no apartamento da aposentada Helena Araújo Lima Veríssimo, viúva do jornalista Jorge Luiz Veríssimo, um dos netos de José Veríssimo.

Apesar do valor histórico e sentimental do material, a família achou melhor entregar a guarda dos documentos à ABL, que tem condições ideais para preservar a coleção, em que se destaca uma foto inédita de Machado de Assis. "O acervo do José Veríssimo estava com o marechal [Inácio José Veríssimo, filho do acadêmico], que era uma pessoa voltada para a literatura, apesar de ser militar. O marechal organizou o acervo, escreveu uma biografia de José Veríssimo e depois passou tudo para meu marido", disse Helena.

Para o presidente da ABL, Geraldo Holanda Cavalcanti, trata-se de um acervo precioso e que pode incentivar outras famílias, detentoras de material histórico sobre os acadêmicos, a também doarem o acervo à Academia. "Isto pode despertar a atenção de outras pessoas que tenham documentos em casa e se disponham a trazer para a Academia, que é a guardiã desse tipo de acervo, que é muito difícil de ser guardado em casa, pois o tempo destrói e aqui temos a melhor técnica de conservação de documentos", disse Cavalcanti.

(Adaptado de: OLIVEIRA, Gomes. Cartas inéditas de Machado de Assis são doadas à Academia Brasileira de Letras. Disponível em: <www.folharondoniense.com.br/cultura/cartas-ineditas-de-machado-de-assis-sao-doadas-a-academia-brasileira-de-letras>.)

3. (TRT14R – Téc. Jud. – Área Adminis. – FCC – Fev./2016)

O acervo do José Veríssimo estava com o marechal [Inácio José Veríssimo, filho do acadêmico], que era uma pessoa voltada para a literatura, apesar de ser militar.

A passagem destacada permite concluir que, na opinião de Helena Araújo Lima Veríssimo,

a) não é muito comum haver militares interessados em literatura.

b) não é raro encontrar militares que entendam profundamente de literatura.

c) é esperado que os militares de alta patente entendam de literatura.

d) é natural que um filho de acadêmico se torne um militar apaixonado por literatura.

e) é frequente encontrar militares com formação especializada em literatura.

Leia o texto a seguir para responder à questão 4.

Texto I

Naquele novo apartamento da rua Visconde de Pirajá pela primeira vez teria um escritório para trabalhar. Não era um cômodo muito grande, mas dava para armar ali a minha tenda de reflexões e leitura: uma escrivaninha, um sofá e os livros. Na parede da esquerda ficaria a grande e sonhada estante onde caberiam todos os meus livros. Tratei de encomendá-la a seu Joaquim, um marceneiro que tinha oficina na rua Garcia D' Ávila com Barão da Torre.

O apartamento não ficava tão perto da oficina. Era quase em frente ao prédio onde morava Mário Pedrosa, entre a Farme de Amoedo e a antiga Montenegro, hoje Vinicius de Moraes. Estava ali havia uma semana e nem decorara ainda o número do prédio. Tanto que, quando seu Joaquim, ao preencher a nota de encomenda, perguntou-me onde seria entregue a estante, tive um momento de hesitação. Mas foi só um momento. Pensei rápido: " Se o prédio do Mário é 228, o meu, que fica quase em frente, deve ser 227". Mas lembrei-me de que, ao ir ali pela primeira vez, observara que, apesar de ficar em frente ao do Mário, havia uma diferença na numeração.

– Visconde de Pirajá, 127 – respondi, e seu Joaquim desenhou o endereço na nota.

– Tudo bem, seu Ferreira. Dentro de um mês estará lá sua estante.

– Um mês, seu Joaquim! Tudo isso? Veja se reduz esse prazo.

– A estante é grande, dá muito trabalho... Digamos, três semanas.

Ferreira Gullar. A estante. In: *A estranha vida banal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989 (com adaptações).

4.(INSS – Técnico Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

No que se refere aos sentidos do texto I, julgue o próximo item.

De acordo com as informações do texto, é correto inferir que seu Joaquim era analfabeto, uma vez que ele " desenhou o endereço na nota" (l. 13).

Leia o texto a seguir para reponder às questões 5 – 7.

Levantou-se da cama o pobre namorado sem ter conseguido dormir. Vinha nascendo o Sol.

Quis ler os jornais e pediu-os.

Já os ia pondo de lado, por haver acabado de ler, quando repentinamente viu seu nome impresso no **Jornal do Comércio**.

Era um artigo *a pedido* com o título de **Uma Obra-Prima**.

Dizia o artigo:

Temos o prazer de anunciar ao país o próximo aparecimento de uma excelente comédia, estreia de um jovem literato fluminense, de nome Antônio Carlos de Oliveira.

Este robusto talento, por muito tempo incógnito, vai enfim entrar nos mares da publicidade, e para isso procurou logo ensaiar-se em uma obra de certo vulto.

Consta-nos que o autor, solicitado por seus numerosos amigos, leu há dias a comédia em casa do Sr. Dr. Estêvão Soares, diante de um luzido auditório, que aplaudiu muito e profetizou no Sr. Oliveira um futuro Shakespeare.

O Sr. Dr. Estêvão Soares levou a sua amabilidade ao ponto de pedir a comédia para ler segunda vez, e ontem ao encontrar-se na rua com o Sr. Oliveira, de tal entusiasmo vinha possuído que o abraçou estreitamente, com grande pasmo dos numerosos transeuntes.

Da parte de um juiz tão competente em matérias literárias este ato é honroso para o Sr. Oliveira.

Estamos ansiosos por ler a peça do Sr. Oliveira, e ficamos certos de que ela fará a fortuna de qualquer teatro.

O amigo das letras.

Machado de Assis. A mulher de preto. In: *Contos fluminenses*. São Paulo: Globo, 1997 (com adaptações).

(INSS – Analista Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

No que se refere aos sentidos e às características tipológicas do texto, julgue os itens que se seguem.

5. Do texto não é possível concluir se "o pobre namorado" (l. 1) é Antônio Carlos de Oliveira ou o Sr. Dr. Estêvão Soares.

6. Dada a assinatura "O amigo das letras" (l. 20), é correto concluir que o trecho publicado no Jornal do Comércio é uma carta.

7. Depreende-se do texto que Antônio Carlos de Oliveira vai iniciar uma atividade profissional ligada à propaganda, para a qual tem muito talento.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 8 e 9.

Texto CB2A2AAA

É inegável que o Estado representa um ônus para a sociedade, já que, para assegurar o seu funcionamento, consome riquezas da sociedade. Representa, porém, um mal necessário, pois até agora não se conseguiu arquitetar mecanismo distinto para catalisar a vida em comunidade. Então, se do Estado ainda não pode prescindir a civilização, cabe-lhe aprimorá-lo, buscando otimizar o seu funcionamento, de modo a torná-lo menos oneroso, mais eficiente e eficaz.

O bom funcionamento do Estado, que inclui também o bom funcionamento de suas estruturas encarregadas do controle público (Ministério Público, Poder Legislativo e tribunais de contas, entre outros), vem sendo alçado à condição de direito fundamental dos indivíduos. Pressupõe, notadamente sob as luzes do princípio constitucional da eficiência, os deveres de cuidado e de cooperação.

O dever de cuidado é consequência direta do postulado da indisponibilidade do interesse público. Em decorrência desse postulado, todo agente público tem o dever de, no cumprimento fiel de suas atribuições, perseguir o interesse público manifesto na Constituição Federal e nas leis. Conduz, portanto, à ideia de vedação da omissão, já que deixar de cumprir tais atribuições evidenciaria conduta ilícita.

O dever de cuidado conduz, ainda, a uma ampla interação entre as estruturas públicas de controle, ou seja, é um dever de cooperação, não como faculdade, mas como obrigação que, em regra, dispensa formas especiais, como previsões normativas específicas, convênios e acordos.

Sob essa perspectiva, o controle público do Estado deve incorporar à sua cultura institucional o compromisso com o direito fundamental ao bom funcionamento do Estado. Nesse contexto, os deveres de cuidado e de cooperação se impõem a todas as estruturas do Estado destinadas a promover o controle da máquina estatal.

A observância do dever de cuidado e do de cooperação – traduzida, portanto, na atuação comprometida e concertada das estruturas orientadas para a função de controle da gestão pública – deve promover, entre os agentes e órgãos de controle, comportamentos de responsabilidade e responsividade. Por responsabilidade entenda-se o genuíno compromisso com a integralidade do ordenamento jurídico, o que pressupõe, acima de tudo, o reconhecimento de um regime de vedação da omissão. Responsividade, por sua vez, traduz o comportamento orientado a oferecer respostas rápidas e proativas, impregnadas de verdadeiro compromisso com a ideia-chave de promover o bom funcionamento do Estado.

Diogo Roberto Ringenberg. Direito fundamental ao bom funcionamento do controle público. In: *Controle Público*, nº 10, abr./2011, p. 55 (com adaptações).

(TCE-SC – Aud. Fiscal-Administ. – Cespe – Maio/2016)

A respeito das ideias veiculadas no texto **CB2A2AAA**, julgue os itens que se seguem.

8. Infere-se do texto que os tribunais de contas agem sob a égide do dever de cuidado não apenas ao zelarem pelo interesse público expresso nos dispositivos legais, mas também ao se obrigarem a atuar em cooperação com as demais estruturas públicas de controle.

9. Depreende-se do texto que o não cumprimento do dever de cuidado por omissão poderá resultar na aplicação de sanções ao servidor público.

Leia o texto a seguir para responder à questão 10.

Texto II

Os lixões são depósitos sem qualquer controle, fontes de enormes impactos ambientais, causadores de contaminações – como, por exemplo, contaminações do solo, dos lençóis freáticos, das fontes de água – e lugares responsáveis pela proliferação de insetos transmissores de inúmeras doenças. São, portanto, um perigo constante à saúde e à qualidade de vida de todos. Os lixões deverão dar lugar a aterros sanitários, que, se não representam uma solução perfeita, ao menos são locais mais adequados para o depósito dos rejeitos, uma vez que evitam problemas como os citados anteriormente.

As cidades precisam se comprometer a dar cumprimento à Lei Nacional de Resíduos Sólidos. Uma maneira de fazer isso é adotar políticas de gestão eficiente dos resíduos a fim de que a menor quantidade possível desses materiais precise ser encaminhada para os aterros. Para que isso seja possível, será necessária a implantação ou a ampliação da coleta seletiva de lixo, além de apoio efetivo ao trabalho desenvolvido pelas cooperativas de catadores. Capacitar essas pessoas e dar-lhes condições dignas de trabalho são requisitos fundamentais para o sucesso da lei e para a melhoria das condições de vida e de trabalho desses profissionais. Mais de um milhão de pessoas trabalham e sobrevivem da reciclagem, muitas delas em condições bastante precárias.

O Brasil produz mais de 220 mil toneladas de lixo domiciliar por dia, o que resulta em mais de um quilo de lixo por pessoa. Ao menos 90% de todo esse material poderia ser reaproveitado, reutilizado ou reciclado. Apenas 3% acabam sendo efetivamente reciclados, um destino mais nobre do que o de se degradar e contaminar o nosso ambiente. Os especialistas calculam que o Brasil deixa de ganhar ao menos 8 bilhões de reais por ano por não reciclar toda essa grande quantidade de resíduos gerados no

país.

Reinaldo Canto. As cidades brasileiras conseguirão tratar seu lixo? Disponível em: <www.cartacapital.com.br> (com adaptações).

10. (Pref. SP – Agente Gestão P. Públicas – Cespe – Maio/2016)

Depreende-se do texto II que seu autor:

a) acredita que a solução para o lixo das cidades resume-se à coleta seletiva.

b) é contrário à existência dos lixões.

c) acredita que os governos precisam criar mais espaços como os lixões nas cidades.

d) é a favor da ideia de que no máximo 90% do lixo do Brasil seja reciclado.

e) defende que os lixões sejam privatizados.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 11 – 14.

Texto II

O índio não teve muita sorte na literatura brasileira, depois do Romantismo. Enquanto nas letras hispano-americanas viceja um esplêndido indigenismo pelo século XX adentro, com tantos e tão importantes criadores dedicando-se a transpor o índio para a ficção, no Brasil se podem contar nos dedos das mãos os casos.

Torna a trazer o assunto à baila o aparecimento e grande vendagem de **Maíra**, romance de Darcy Ribeiro. O renomado antropólogo já tinha em seu acervo de realizações uma respeitável brasiliana, incluindo vários trabalhos sobre os índios, um dos quais, a história de Uirá, fora transformado em filme no início da década de 70. **Maíra** é, portanto, a primeira incursão do autor pelo épico, a menos que se considere a história de Uirá como uma primeira aproximação ao gênero.

O relato, como o filme, dá conta do trágico percurso de Uirá, da tribo Urubu-Kaapor, no Maranhão deste século, o qual um dia fica *iñaron* quando, após muitas desgraças comuns ao destino dos índios brasileiros, como fome, espoliação, epidemias, perseguições, perde também um dos filhos.

A palavra tupi *iñaron* designa um estado de fúria sagrada, associado ao sofrimento excessivo, não deixando de lembrar as famosas fúrias dos heróis gregos: Hércules, uma vez acometido por um desses acessos, enviado pela vingativa Hera, matou, sem o saber, seus três filhos e esposa, tal como vem narrado na tragédia **Héracles Furioso**, de Eurípedes. Nas **Bacantes**, do mesmo autor, Agave, fora de si, participa do desmembramento de seu filho adulto, Penteu, rei de Tebas. E talvez o mais formidável exemplo seja o da cólera de Aquiles, que dá nascimento à inteira composição da **Ilíada**, desencadeada por sua recusa a continuar lutando. Devido à recusa de Aquiles, quase foi perdida a guerra de Troia e, não fosse sua fúria, o poema não teria sido composto.

Em meio ao furacão histórico da fase do capitalismo selvagem no país, quando o acirramento da acumulação leva multinacionais e suas cabeças-de-ponte nacionais a apropriar-se dos mais recônditos confins com vistas ao lucro, encontram-se, estonteados, os índios. O único problema dos Mairum — nome inventado, tribo arquetípica de todas as tribos, povo de Maíra — é como sobreviver e como fazer sua cultura sobreviver, com crescente dificuldade.

O romance inteiro soa como uma lamentação, um carpir sobre o fim de uma civilização das mais admiráveis. Seus trechos mais bem realizados são aqueles nos quais uma espécie de narrador coletivo índio dá conta de sua maneira de ver o mundo, de como compreende e interpreta seus hábitos e tradições; e, o que é mais importante, franqueia para o leitor seu tremendo desejo de sobrevivência e alegria de viver.

A produção e publicação de um romance como esse, agora, mostra como o índio está mais vivo do que nunca em sua conexão com a literatura brasileira. Tampouco deve ser uma coincidência que, neste exato momento, outras ficções, filmes, romances, peças de teatro, novelas de televisão, canções, estejam sendo feitos, todos sobre os índios, todos lutando em defesa de sua preservação para a História. Quando há tanta desconfiança em relação à pulsão destrutiva da civilização ocidental e entre nós é tão escandaloso o capitalismo selvagem, isso pode vir a significar alguma coisa. Talvez uma postura mais cautelosa e menos arrogante, de quem está aprendendo a perceber que outras civilizações encontraram saídas melhores e, sobretudo, não suicidas para males que hoje parecem irremediáveis, como o problema do poder, da proliferação e potenciação dos armamentos, da destruição da natureza, do Estado e de seu aparelho, da igualdade nunca encontrada. A alegoria da moça branca morta ao parir mestiços mortos poderá significar também o caráter heteroletal e autoletal da etnia branca? Pode ser que a importância da civilização indígena esteja, final e penosamente, penetrando na consciência do corpo social brasileiro.

Walnice Nogueira Galvão. Indianismo revisitado. In: *Esboço de figura – Homenagem a Antonio Candido*. São Paulo: Duas Cidades, 1979, p. 379-89 (com adaptações).

(Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Considerando as relações semântico-sintáticas estabelecidas no texto II, julgue (C ou E) os itens a seguir.

11. As relações semântico-sintáticas no período "Nas **Bacantes**, do mesmo autor, Agave, fora de si, participa do desmembramento de seu filho adulto, Penteu, rei de Tebas" (l. 16 e 17) sustentam a inferência de que Agave tinha mais de um filho e apenas um deles era adulto.

12. O trecho "viceja um esplêndido indigenismo" (l. 2) indica que, para a autora, prosperou na literatura hispano-americana, durante todo o século XX, a imagem do índio como herói, como bom selvagem, ou seja, como elemento diferenciador da identidade de nações sul-americanas.

13. A oração reduzida iniciada pelo gerúndio "incluindo" (l. 6-7) poderia ser corretamente substituída pela seguinte oração desenvolvida: no qual se inclui vários trabalhos sobre os índios.

14. Infere-se do texto que, na tribo Urubu-Kaapor, a fúria sagrada se manifesta sempre que um parente, em especial, um filho, morre, o que, por consequência, demonstra que os índios dessa tribo valorizam os laços familiares e não aceitam a impermanência da existência humana.

Leia o texto a seguir para responder à questão 15.

Texto I

Descaso com saneamento deixa rios em estado de alerta

A crise hídrica transformou a paisagem urbana em muitas cidades paulistas. Casas passaram a contar com cisternas e caixas-d'água azuis se multiplicaram por telhados, lajes e até em garagens. Em regiões mais nobres, jardins e portarias de prédios ganharam placas que alertam sobre a utilização de água de reúso. As pessoas mudaram seu comportamento, economizaram e cobraram soluções.

As discussões sobre a gestão da água, nos mais diversos aspectos, saíram dos setores tradicionais e técnicos e ganharam espaço no cotidiano. Porém, vieram as chuvas, as enchentes e os rios urbanos voltaram a ficar tomados por lixo, mascarando, de certa forma, o enorme volume de esgoto que muitos desses corpos de água recebem diariamente.

É como se não precisássemos de cada gota de água desses rios urbanos e como se a água limpa que consumimos em nossas casas, em um passe de mágica, voltasse a existir em tamanha abundância, nos proporcionando o luxo de continuar a poluir centenas de córregos e milhares de riachos nas nossas cidades. Para completar, todo esse descaso decorrente da falta de saneamento se reverte em contaminação e em graves doenças de veiculação hídrica.

Dados do monitoramento da qualidade da água – que realizamos em rios, córregos e lagos de onze Estados brasileiros e do Distrito Federal – revelaram que 36,3% dos pontos de coleta analisados apresentam qualidade ruim ou péssima. Apenas 13 pontos foram avaliados com qualidade de água boa (4,5%) e os outros 59,2% estão em situação regular, o que significa um estado de alerta. Nenhum dos pontos analisados foi avaliado como ótimo.

Divulgamos esse grave retrato no Dia Mundial da Água (22 de março), com base nas análises realizadas entre março de 2015 e fevereiro de 2016, em 289 pontos de coleta distribuídos em 76 municípios.

(MANTOVANI, Mário; RIBEIRO, Malu. *UOL Notícias*, abril/2016.)

15. (Pref. Paulínia-SP – Ag. Fiscaliz – FGV – Maio/2016)

"*A crise hídrica transformou a paisagem urbana em muitas cidades paulistas. Casas passaram a contar com cisternas e caixas-d'água azuis se multiplicaram por telhados, lajes e até em garagens. Em regiões mais nobres, jardins e portarias de prédios ganharam placas que alertam sobre a utilização de água de reúso.*"

Infere-se corretamente desse segmento do texto que

a) a utilização da água de reúso é uma estratégia menos sofisticada.

b) a reutilização da água traz perigo à saúde, daí as placas de alerta.

c) as caixas-d'água se localizam em telhados para recolherem água da chuva.

d) as lajes passaram a substituir telhados por serem mais seguras.

e) as garagens são a localização mais comum para as caixas-d'água.

Leia o texto a seguir para responder à questão 16.

Texto 1 – Problemas Sociais Urbanos

Dentre os problemas sociais urbanos, merece destaque a questão da segregação urbana, fruto da concentração de renda no espaço das cidades e da falta de planejamento público que vise à promoção de políticas de controle ao crescimento desordenado das cidades. A especulação imobiliária favorece o encarecimento dos locais mais próximos dos grandes centros, tornando-os inacessíveis à grande massa populacional. Além disso, à medida que as cidades crescem, áreas que antes eram baratas e de fácil acesso tornam-se mais caras, o que contribui para que a grande maioria da população pobre busque por moradias em regiões ainda mais distantes.

Essas pessoas sofrem com as grandes distâncias dos locais de residência com os centros comerciais e os locais onde trabalham, uma vez que a esmagadora maioria dos habitantes que sofrem com esse processo são trabalhadores com baixos salários. Incluem-se a isso as precárias condições de transporte público e a péssima infraestrutura dessas zonas segregadas, que às vezes não contam com saneamento básico ou asfalto e apresentam elevados índices de violência.

A especulação imobiliária também acentua um problema cada vez maior no espaço das grandes, médias e até pequenas cidades: a

questão dos lotes vagos. Esse problema acontece por dois principais motivos: 1) falta de poder aquisitivo da população que possui terrenos, mas que não possui condições de construir neles e 2) a espera pela valorização dos lotes para que esses se tornem mais caros para uma venda posterior. Esses lotes vagos geralmente apresentam problemas como o acúmulo de lixo, mato alto, e acabam tornando-se focos de doenças, como a dengue.

PENA, Rodolfo F. Alves. "Problemas socioambientais urbanos"; *Brasil Escola*. Disponível em http://brasilescola.uol.com.br/brasil/problemas-ambientais-sociais-decorrentes-urbanização.htm. Acesso em 14 de abril de 2016.

16. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

" Dentre os problemas sociais urbanos, merece destaque a questão da segregação urbana, fruto da concentração de renda no espaço das cidades e da falta de planejamento público que vise à promoção de políticas de controle ao crescimento desordenado das cidades."

Pode ser inferido desse segmento do texto 1 que:

a) não há concentração de renda em todas as cidades;

b) os problemas sociais urbanos resumem-se à segregação;

c) o planejamento público se destina a impedir o crescimento das cidades;

d) as políticas de controle impediriam a concentração de renda;

e) os problemas sociais urbanos são vários e passíveis de controle.

Leia o texto a seguir para responder à questão 17.

Texto 2 – Violência e favelas

O crescimento dos índices de violência e a dramática transformação do crime manifestados nas grandes metrópoles são alarmantes, sobretudo, na cidade do Rio de Janeiro, sendo as favelas as mais afetadas nesse processo.

" A violência está o cúmulo do absurdo. É geral, não é? É geral, não tem, não está distinguindo raça, cor, dinheiro, com dinheiro, sem dinheiro, tá de pessoa para pessoa, não interessa se eu te conheço ou se eu não te conheço. Me irritou na rua eu te dou um tiro. É assim mesmo que está, e é irritante, o ser humano está em um estado de nervos que ele não está mais se controlando, aí junta a falta de dinheiro, junta falta de tudo, e quem tem mais tá querendo mais, e quem tem menos tá querendo alguma coisa e vai descontar em cima de quem tem mais, e tá uma rivalidade, uma violência que não tem mais tamanho, tá uma coisa insuportável." (moradora da Rocinha)

A recente escalada da violência no país está relacionada ao processo de globalização que se verifica, inclusive, ao nível das redes de criminalidade. A comunicação entre as redes internacionais ligadas ao crime organizado são realizadas para negociar armas e drogas. Por outro lado, verifica-se hoje, com as CPIs (Comissão Parlamentar de Inquérito) instaladas, ligações entre atores presentes em instituições estatais e redes do narcotráfico.

Nesse contexto, as camadas populares e seus bairros/favelas são crescentemente objeto de estigmatização, percebidos como causa da desordem social o que contribui para aprofundar a segregação nesses espaços. No outro polo, verifica-se um crescimento da autossegregação, especialmente por parte das elites que se encastelam nos enclaves fortificados na tentativa de se proteger da violência.

(Maria de Fátima Cabral Marques Gomes, *Scripta Nova*)

17. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

“ Por outro lado, verifica-se hoje, com as CPIs (Comissão Parlamentar de Inquérito) instaladas, ligações entre atores presentes em instituições estatais e redes do narcotráfico”.

Esse segmento do texto 2 alude ao seguinte fato:

a) preocupação das autoridades com a ampliação do crime;

b) investigação policial sobre o crime organizado;

c) corrupção em altos escalões do poder;

d) crescimento do crime em nosso país;

e) chegada ao Brasil do crime organizado.

Leia o texto a seguir para responder à questão 18.

Texto I

Banhos de mar

Meu pai acreditava que todos os anos se devia fazer uma cura de banhos de mar. E nunca fui tão feliz quanto naquelas temporadas de banhos em Olinda, Recife.

Meu pai também acreditava que o banho de mar salutar era o tomado antes de o sol nascer. Como ex- plicar o que eu sentia de presente prodigioso em sair de casa de madrugada e pegar o bonde vazio que nos levaria para Olinda ainda na escuridão?

De noite eu ia dormir, mas o coração se mantinha acordado, em expectativa. E de puro alvoroço, eu acordava às quatro e pouco da madrugada e despertava o resto da família. Nós nos vestíamos depressa e saíamos em jejum. Porque meu pai acreditava que assim devia ser: em jejum.

Saímos para uma rua toda escura, recebendo a brisa da pré-madrugada. E esperávamos o bonde. Até que lá de longe ouvíamos o seu barulho se aproximando. Eu me sentava bem na ponta do banco, e minha felicidade começava. Atravessar a cidade escura me dava algo que jamais tive de novo. No bonde mesmo o tempo começava a clarear, e uma luz trêmula de sol escondido nos banhava e banhava o mundo.

Eu olhava tudo: as poucas pessoas na rua, a passagem pelo campo com os bichos-de-pé: “ Olhe, um porco de verdade!” gritei uma vez, e a frase de deslumbramento ficou sendo uma das brincadeiras da minha família, que de vez em quando me dizia rindo: “ Olhe, um porco de verdade.”

Eu não sei da infância alheia. Mas essa viagem diária me tornava uma criança completa de alegria. E me serviu como promessa de felicidade para o futuro. Minha capacidade de ser feliz se revelava. Eu me agarrava, dentro de uma infância muito infeliz, a essa ilha encantada que era a viagem diária.

LISPECTOR, C. *A Descoberta do Mundo*. São Paulo: Rocco, 1999, p. 175. Adaptado.

18. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016)

No Texto I, a narradora diz que “ uma luz trêmula de sol escondido nos banhava e banhava o mundo” (l. 12). Essa imagem apresenta indícios de que

a) o sol estava encoberto, talvez por nuvens, talvez por folhagens.

b) uma inversão entre o sol e sua luz justifica essa visão subjetiva.

c) a luz parecia reproduzir as mesmas emoções da menina.

d) o dia amanhecia mais tarde do que o costumeiro.

e) os banhos de mar aconteciam em qualquer lugar.

Leia o texto a seguir para responder às questões 19 e 20.

Uma noite no mar Cáspio

Na semana passada, uma aluna da Sorbonne foi encarregada de fazer um estudo sobre a literatura latino-americana, mal informada de tudo, inclusive sobre a América Latina. Veio entrevistar algumas pessoas e, não sei por que, pediu-me que a recebesse para uma conversa que pudesse explicar o Brasil com apenas um título que serviria de roteiro para o trabalho que deveria apresentar.

Já me pediram coisas extravagantes, recusei algumas, aceitei outras. Aleguei minha incompetência para titular qualquer coisa.

Mas não quis decepcionar a moça. Pensando na atual crise política, sugeri " Garruchas e punhais" – era o nome da briga entre os meninos da rua Cabuçu contra os meninos da rua Lins de Vasconcelos. Morei nas duas e era considerado um espião a soldo de uma ou de outra. O que no fundo era verdade, considerava idiotas os dois lados.

A moça riu mas não gostou. Todos os países têm garruchas e punhais. Dei outra sugestão: " O mosteiro de tijolos de feltro". Ela não gostou – nem eu. Parti então para uma terceira via, por sinal, a mais estúpida. Pensou um pouco, inicialmente recusou. Olhou bem para mim e aprovou: " Uma noite no mar Cáspio". Para meu espanto, ela aceitou. Acredito que os professores da Sorbonne também gostarão. E eu nem sei onde fica o mar Cáspio, embora também não saiba onde fica o Brasil.

(Carlos Heitor Cony. *Folha de S.Paulo,* 26.01.2016. Adaptado)

19. (C.M. Marília-SP – Proc. Jurídico – Vunesp – Abril/2016)

Com as passagens do texto " mal informada de tudo" (1º parágrafo) e " Mas não quis decepcionar a moça." (3º parágrafo), o narrador mostra-se

a) hostil, embora a aluna da Sorbonne não evidenciasse entusiasmo pelo assunto do trabalho a ser realizado.

b) apreensivo, pois a aluna da Sorbonne não demonstrava interesse no assunto do trabalho a ser realizado.

c) receptivo, ainda que a aluna da Sorbonne não dominasse o assunto do trabalho a ser realizado.

d) indiferente, tanto que a aluna da Sorbonne não manifestou conhecimento do assunto do trabalho a ser realizado.

e) confuso, à medida que a aluna da Sorbonne dava indícios de desconhecer o assunto do trabalho a ser realizado.

20. (C.M. Marília-SP – Proc. Jurídico – Vunesp – Abril/2016)

A frase – Morei nas duas e era considerado um espião a soldo de uma ou de outra. O que no fundo era verdade, considerava idiotas os dois lados (3º parágrafo) indica que o narrador, em suas brincadeiras de criança,

a) acreditava que a rivalidade entre as duas ruas era algo sem propósito.

b) orgulhava-se por ser espião nas duas ruas, principalmente pelo pagamento.

c) pagava aos meninos de ambas as ruas para não se envolver em suas brigas.

d) atendia os pedidos dos amigos, pois se considerava o melhor espião do lugar.

e) encantava-se com a richa entre as ruas, por isso defendia a mais forte.

(Leia o texto a seguir para responder à questão 21.

Vira e mexe alguns *blogs* maternos publicam textos sobre " As vantagens de ser mãe de menina" ou " Por que é bom ser mãe de menino": " meninos não têm frescura", " meninas são mais delicadas", " eles são mais corajosos", " elas são mais choronas" e por aí vai. Leio isso e tenho vontade de gritar por ver estereótipos de gênero tão pesados serem perpetuados sem nenhuma reflexão. Já pensou que seu filho é uma figura única e a infinidade de coisas que pode ser ou sentir não cabe em listas, caixas ou rótulos? Pior: que você definir como ele deve ser ou se comportar dependendo de seu gênero pode ser muito, muito cruel?

Aos meninos são permitidas vivências mais amplas. Eles podem subir muros, escalar os brinquedos do *playground*, enquanto as meninas não, veja bem, vai sujar seu sapato de princesa, filha, vai mostrar sua calcinha, não pega bem, filha, não é assim que uma menina brinca. E por isso, só por isso, que se perpetua a ideia de que os meninos são mais " aventureiros" e " danados" e as meninas mais " cuidadosas". Fazemos as meninas mais infelizes, isso sim.

Ser menino também pode não ser fácil, principalmente se os pais acreditarem que podem definir o que ele deve sentir ou gostar. Meu filho adorava brincar com os carrinhos de boneca das meninas do *playground* do prédio. Só depois de eu dizer que " tudo bem" as mães ou babás ficavam à vontade em deixá-lo empurrar as bonecas ou carregá-las. Por que tanto receio? O que um menino pode virar depois de brincar de boneca? Um pai carinhoso e dedicado no futuro?

Uma vez, em uma loja de brinquedos, meu filho ficou empolgadíssimo ao ver uma pia que funcionava de verdade, com uma torneirinha de água. E pediu muito para que eu comprasse. As opções de cores deixavam claro para quem o brinquedo era fabricado: só havia pias rosa e lilás. " Esse brinquedo é de menina", alertou a vendedora, cheia de boa vontade, como se eu estivesse me distraído e não percebido o " engano" ao considerar a compra. Eu disse para ela que na minha casa lavar louça é uma atividade *unissex*, que o pai do meu filho encara muito prato e panela suja e, por isso, brincar de casinha é uma brincadeira de menino sim. Meu filho saiu da loja feliz da vida com seu brinquedo rosa que, aliás, para ele é só uma cor, como outra qualquer. O avô estranhou o presente até eu levá-lo à reflexão: " Quantas pias de louça suja você lavou e lava na sua vida, para manter sua casa em ordem?". E só daí meu pai percebeu o tamanho da bobagem que fazia ao acreditar que lavar louça é uma atividade exclusivamente feminina.

E para quem gosta de listas, proponho uma única: " As vantagens de ser mãe de uma criança feliz". É essa que eu espero estar escrevendo, no dia a dia, ao não determinar como meu filho pode ou não ser.

(Rita Lisauskas, A crueldade de dividir o mundo entre "coisas de menino" e "coisas de meninas". Disponível em: <vida-estilo.estadao.com.br>. Acesso em 10-02-2016. Adaptado)

21. (Unesp – Ass. Administrativo I – Vunesp – Abril/2016)

O episódio ocorrido em uma loja de brinquedos demonstra que

a) a vendedora imaginou que a autora procurava um brinquedo de menina para presentear alguém.

b) o brinquedo que interessou ao menino é convencionalmente associado a uma atividade feminina.

c) brincar de casinha não merece a aprovação da autora, especialmente porque seu filho pode se interessar por isso.

d) o avô do garoto não acatou o argumento da filha e continuou sendo contrário a homem lavar louça.

e) a autora teve dificuldade em aceitar a escolha do filho, fazendo juízos equivocados das escolhas dele.

Leia o texto a seguir para responder à questão 22.

É permitido sonhar

Os bastidores do vestibular são cheios de histórias – curiosas, estranhas, comoventes. O jovem que chega atrasado por alguns segundos, por exemplo, é uma figura clássica, e patética. Mas existem outras figuras capazes de chamar a atenção.

Takeshi Nojima é um caso. Ele fez vestibular para a Faculdade de Medicina da Universidade do Paraná. Veio do Japão aos 11 anos, trabalhou em várias coisas, e agora quer começar uma carreira médica.

Nada surpreendente, não fosse a idade do Takeshi: ele tem 80 anos. Isto mesmo, 80. Numa fase em que outros já passaram até da aposentadoria compulsória, ele se prepara para iniciar nova vida. E o faz tranquilo: "Cuidei de meus pais, cuidei dos meus filhos. Agora posso realizar um sonho que trago da infância".

Não faltará quem critique Takeshi Nojima: ele está tirando o lugar de jovens, dirá algum darwinista social. Eu ponderaria que nem tudo na vida se regula pelo critério cronológico. Há pais que passam muito pouco tempo com os filhos e nem por isso são maus pais; o que interessa é a qualidade do tempo, não a quantidade. Talvez a expectativa de vida não permita ao vestibulando Nojima uma longa carreira na profissão médica. Mas os anos, ou meses, ou mesmo os dias que dedicar a seus pacientes terão em si a carga afetiva de uma existência inteira.

Não sei se Takeshi Nojima passou no vestibular; a notícia que li não esclarecia a respeito. Mas ele mesmo disse que isto não teria importância: se fosse reprovado, começaria tudo de novo. E aí de novo ele dá um exemplo. Os resultados do difícil exame trazem desilusão para muitos jovens, e não são poucos os que pensam em desistir por causa de um fracasso. A estes eu digo: antes de abandonar a luta, pensem em Takeshi Nojima, pensem na força de seu sonho. Sonhar não é proibido. É um dever.

(Moacyr Scliar. *Minha mãe não dorme enquanto eu não chegar*, 1996. Adaptado)

22. (Unifesp – Técnico Seg. Trab. – Vunesp – Abril/2016)

No último parágrafo do texto, na passagem –… se fosse reprovado, começaria tudo **de novo**. E aí **de novo** ele dá um exemplo. –, a repetição das expressões em destaque ressalta a ideia de

a) perseverança.

b) desilusão.

c) proibição.

d) abandono.

e) fracasso.

Leia o texto a seguir para responder à questão 23.

Entre as boas figuras de boa-fé do Rio de Janeiro figurava o Garcia, bom homem, cujo único defeito era ser fraco de inteligência, defeito que todos lhe perdoavam por não ser culpa dele.

O nosso herói não se empregava absolutamente em outra coisa que não fosse comer, beber, dormir e trocar as pernas pela cidade. Tinha herdado dos pais o suficiente para levar essa vida folgada e milagrosa, e só gastava o rendimento do seu patrimônio.

Casara-se com d. Laura, que, não sendo formosa que o inquietasse, nem feia que lhe repugnasse, era mais inteligente e instruída

que ele. Esta superioridade dava-lhe certo ascendente, de que ela usava e abusava no lar doméstico, onde só a sua vontade e a sua opinião prevaleciam sempre.

O Garcia não se revoltava contra a passividade a que era submetido pela mulher: reconhecia que d. Laura tinha sobre ele grandes vantagens intelectuais e, se era honesta e fiel aos seus deveres conjugais, que lhe importava a ele o resto?

(Artur Azevedo, O espírito. Em: *Seleção de Contos*, 2014. Adaptado)

23. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Ao dizer que uma das coisas que Garcia fazia era " trocar as pernas pela cidade", o narrador pretende dizer que o homem

a) andava sempre acompanhado.

b) ia a poucos lugares.

c) dava passos largos.

d) tinha as pernas fracas.

e) caminhava sem rumo.

Leia o texto a seguir para responder à questão 24.

Tato

Na poltrona da sala
as minhas mãos sob a nuca
    sinto nos dedos
    a dureza dos ossos da cabeça
    a seda dos cabelos
    que são meus
A morte é uma certeza invencível
    mas o tato me dá
    a consistente realidade
    de minha presença no mundo

(Ferreira Gullar, *Muitas vozes*, 2013)

24. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

A leitura do poema revela que a criação poética baseia-se em

a) uma situação prosaica.

b) um momento melancólico.

c) uma cena imaginária.

d) um fato inusitado.

e) uma circunstância irreal.

Gabarito: 1. a; 2. e; 3. a; 4. E; 5. C; 6. E; 7. E; 8. C; 9. C; 10. b; 11. C; 12. E; 13. E; 14. E; 15. b; 16. e; 17. c; 18. a; 19. c; 20. a; 21. b; 22. a; 23. e; 24. a.

26.6. RESUMO

Enunciados mais comuns de inferência:

• *Depreende-se/infere-se/conclui-se do texto que...*

• *O texto permite deduzir/inferir que...*

• *É possível subentender do texto que...*

• *Qual a intenção do autor quando afirma que...*

• *O texto possibilita o entendimento de que...*

• *O autor pretende mostrar que...*

Referências

BECHARA, Evanildo. *Gramática escolar da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

CARNEIRO, Agostinho Dias. *Redação em construção*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2001.

CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Luís Felipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FÁVERO, Leonor Lopes. *Coesão e coerência textuais*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. *Para entender o texto*. 12. ed. São Paulo: Ática, 1996.

GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna*. 20. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KOCH, Ingedore Villaça. *A coesão textual*. 11. ed. São Paulo: Contexto, 1999.

LUFT, Celso Pedro. *Dicionário prático de regência verbal*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995.

RIBEIRO, Manoel Pinto. *Nova gramática aplicada da Língua Portuguesa*. 16. ed. Rio de Janeiro: Metáfora, 2006.

RYAN, Maria Aparecida. *Conjugação dos verbos em português*. 9. ed. São Paulo: Ática, 1993.

TERRA, Ernani. *Curso prático de gramática*. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2007.

1 Os exemplos utilizados para explicar como se constrói uma narrativa são tirados de um mesmo texto de Ziraldo.

Orações subordinadas substantivas

Leia o anúncio a seguir e responda às questões de 1 a 8.

Ela não sabe que o homem chegou à Lua.
Que a vida é uma contagem regressiva.
Que Berlim já foi duas.
Que na Idade Média a Igreja vendia lugar no céu.
Que homens e dinossauros nunca conviveram.
Que muitos remédios não curam, mas viciam.
Que o voto do povo salvou Barrabás e condenou Jesus.
Que o computador foi criado para resolver problemas que não tínhamos.
Que o Sudeste alaga e o Nordeste seca.
Que sexo pode ser feito sem amor.
Que o cientista que inventou a bomba atômica recebeu um prêmio por isso.
Que somos divididos em 1º e 3º mundo.
Que você vai fazer de tudo para não repetir os erros dos seus pais.
Que Getúlio saiu da vida para entrar na História.
Que a esmola é o imposto informal da injustiça social.
Que somos julgados pela aparência e condenados pela cor da pele.
Que o homem ainda não decidiu se veio do macaco ou de Adão e Eva.
Que todo muçulmano deve ir a Meca pelo menos uma vez na vida.
Que quem faz aniversário no Natal não é o Papai Noel.
Que o cinema já foi mudo.
Que existe Aids.
Que não existe cura.

Quem vai explicar: você ou a vida?
GNT. Informação que forma opinião.
www.gnt.com.br

CANAL GLOBOSAT

(*Folha de S. Paulo*, 3/12/2000.)

Português: Linguagens — William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães

1. Por meio dos pronomes **ela** e **você**, o locutor desse texto faz referência a duas pessoas. Associe o texto e a imagem.

   a) A quem se refere o pronome **ela**? À menina.

   b) E o pronome **você**? A todos os leitores que, no anúncio, estão representados pela mulher que segura a menina nos braços.

2. Do ponto de vista sintático, o texto apresenta uma construção interessante: na primeira parte há uma única oração principal, acompanhada de várias orações subordinadas que a complementam.

   a) Qual é a oração principal? Ela não sabe.

   b) Que palavra da oração principal é complementada pelas orações subordinadas? A forma verbal *sabe*, verbo transitivo direto.

   c) Como se classificam as orações subordinadas? São todas substantivas objetivas diretas.

3. As orações subordinadas referem-se a diferentes tipos de conhecimentos e informações a respeito do mundo. Identifique no texto exemplos de:

   a) conhecimentos sobre a história da humanidade; o homem chegou à Lua; na Idade Média a Igreja vendia lugar no céu, etc.

   b) informações sobre a situação geopolítica do mundo atual; o Sudeste alaga e o Nordeste seca; somos divididos em 1º e 3º mundo, etc.

   c) conhecimentos sobre comportamento, cultura e religião; somos julgados pela aparência e condenados pela cor da pele; todo muçulmano deve ir a Meca pelo menos uma vez na vida; o cinema já foi mudo, etc.

   d) informações sobre a atual situação científica e tecnológica da humanidade. o computador foi criado para resolver problemas que não tínhamos; existe Aids; não existe cura, etc.

4. O conjunto dos conhecimentos mencionados no texto representa uma síntese de tudo o que o ser humano aprende durante a vida. De que modo esses conhecimentos são adquiridos?
Por meio da escola, dos jornais escritos e televisivos e do contato direto com outras pessoas, como os pais.

5. No anúncio, mãe e filha estão nuas e felizes. O que a nudez pode representar? Resposta pessoal. Sugestão: Pode representar o ser humano em estado natural, livre de qualquer regra ou preconceito, pronto para conhecer o mundo.

6. A estrutura sintática e o conteúdo do texto apresentam semelhanças. Indique a única afirmativa falsa a respeito dessas semelhanças:

   a) A menina do anúncio representa a humanidade; é o ser humano que se renova a cada geração.

   b) Do ponto de vista sintático, a menina é representada pelo pronome **ela** (1ª linha), cuja função é a de sujeito agente, que executa a ação de **saber**.

   c) O objeto do verbo **saber** é o conjunto das orações subordinadas, que expressam as informações e conhecimentos que a menina deverá adquirir durante a vida.

   d) A voz ativa do enunciado expressa a visão de que o homem é um ser agente e transformador, que aprende a conhecer e a transformar o mundo.

   X e) As orações subordinadas, em razão de sua função de objetos diretos do verbo **saber**, sugerem que o homem atual, representado pela menina, é passivo diante dos rumos do mundo moderno.

7. Na parte de baixo do anúncio, há dois enunciados e o logotipo do GNT, um canal de televisão pago que veicula notícias e entretenimento. A pergunta "Quem vai explicar: você ou a vida?", apesar de dirigida aos leitores, é, de certa forma, respondida pelo anúncio. Explique essa resposta. O enunciado abaixo da pergunta dá a entender que, do ponto de vista do anunciante, os pais devem ensinar aos filhos e o GNT irá ajudá-los nessa tarefa, dando-lhes as informações necessárias para educar bem os filhos para o mundo de hoje.

8. Espera-se que o aluno reconheça que sim, pois o anúncio explora e checa os conhecimentos do leitor. Caso o leitor não conheça tudo o que foi mencionado, terá um motivo a mais para assinar o canal anunciado; caso conheça, irá sentir-se valorizado e identificado com o canal. O fato de publicarem o anúncio num grande jornal também é uma estratégia adequada, pois supõe-se que os leitores desse jornal apreciem informações.

8. Todo anúncio visa promover um produto. No caso desse anúncio, promove-se um canal de televisão por assinatura. Levando em conta que o anúncio foi publicado num dos maiores jornais do país, dê sua opinião: A estratégia publicitária adotada pelo próprio anunciante, isto é, o modo de procurar convencer o consumidor, é adequada? Por quê?

Leia o anúncio a seguir e responda às questões de 9 a 11.

j3p.com.br

(*IstoÉ*, nº 1 771.)

9. No anúncio há uma oração subordinada substantiva, que funciona como complemento de um verbo transitivo.

a) Identifique esse verbo e a oração subordinada substantiva que o complementa. *lembrar*; oração que complementa o verbo: que agora nossos voos non-stop de ida e volta para o México são noturnos.

b) Classifique a oração subordinada substantiva. Objetiva direta.

10. Todo anúncio visa promover um produto.

a) Qual é o produto promovido pelo anúncio lido? Voos noturnos da companhia Aeroméxico.

b) Quais são os argumentos utilizados pelo anunciante para vender o produto? Os voos de ida e volta para o México são noturnos, não se perde o dia de trabalho viajando, a Aeroméxico é a companhia aérea mais pontual do mundo.

c) Considerando-se que o anúncio foi publicado numa revista de grande circulação, a quem se destina o produto? A pessoas que viajam para o México a trabalho, têm pouco tempo e não querem perder um dia de trabalho.

11. Quando observamos o anúncio, notamos que uma moça se encontra deitada confortavelmente numa poltrona de primeira classe e tem nos pés pantufas em forma de coelho.

a) Qual é a intenção do anunciante ao apresentar assim a moça? Sugerir que a pessoa irá num voo noturno, porém de maneira confortável, como se estivesse descansando na própria casa.

b) Por que as pantufas em forma de coelho reforçam o conteúdo da mensagem verbal? Como o coelho é rápido, as pantufas sugerem rapidez tanto na ida quanto na volta. Além disso, elas podem remeter ao descanso, ao conforto do lar, sugerindo que a viagem noturna será tão confortável quanto estar em casa de pantufas.

Orações subordinadas adverbiais

Leia o poema a seguir, de Carlos Drummond de Andrade, e responda às questões de 1 a 6.

Ainda que mal

Ainda que mal pergunte,
ainda que mal respondas;
ainda que mal te entenda,
ainda que mal repitas;
ainda que mal insista,
ainda que mal desculpes;
ainda que mal me exprima,
ainda que mal me julgues;
ainda que mal me mostre,
ainda que mal me vejas;
ainda que mal te encare,
ainda que mal te furtes;
ainda que mal te siga,
ainda que mal te voltes;
ainda que mal te ame,
ainda que mal o saibas;
ainda que mal te agarre,
ainda que mal te mates;
ainda assim te pergunto
e me queimando em teu seio,
me salvo e me dano: amor.

(*As impurezas do branco*. Rio de Janeiro: José Olympio/MEC, 1973. p. 39.)

1. Quase todos os versos do poema consistem em um mesmo tipo de oração subordinada.
   a) Qual é a conjunção subordinativa que introduz essas orações? ainda que
   b) Como se classificam, portanto, essas orações subordinadas? subordinadas adverbiais concessivas
   c) Qual é a oração principal dessas orações adverbiais? ainda assim te pergunto

2. O emprego da expressão **ainda que** pode apresentar mais de um sentido. Observe:

   Ainda que não mereças, eu te amo.
   Ainda que mal lhe pergunte, você me ama?

   No primeiro enunciado, a expressão **ainda que** é uma típica conjunção concessiva, ou seja, apesar de indicar algo contrário (o não merecimento) ao que se afirma na oração principal (o amor àquela pessoa), isso não é suficiente para impedir a ação expressa na oração principal, que é **amar**.
   Já no segundo enunciado, a expressão **ainda que mal** tem uma conotação de polidez, pois constitui uma maneira educada de introduzir uma pergunta talvez inconveniente ou fora de hora.

   Destaque no poema:
   a) um verso em que essa expressão tenha um valor concessivo; "ainda que mal me exprima" (ainda que me exprima mal); "ainda que mal me julgues" (ainda que me julgues mal)
   b) um verso em que essa expressão tenha uma conotação de polidez, indicando cuidado ao introduzir uma pergunta. "Ainda que mal pergunte", principalmente.

3. As pessoas gramaticais em que estão os verbos e os pronomes empregados no poema permitem deduzir que o assunto diz respeito ao relacionamento entre duas pessoas.
   a) A que pessoas gramaticais se referem os verbos e os pronomes? 1ª e 2ª pessoas do singular (eu e tu)
   b) Qual é o tipo de relacionamento existente entre o eu lírico e a pessoa a quem ele se dirige? Comprove sua resposta com uma palavra do texto. Um relacionamento amoroso, como comprova a palavra *amor*, do último verso.

4. As oscilações semânticas da expressão **ainda que mal** (expressando polidez ou concessão) podem estar relacionadas com o tipo de envolvimento que há entre as duas pessoas. Como parece ser o relacionamento entre elas: seguro e equilibrado ou difícil e oscilante? Justifique com elementos do poema.
Difícil e oscilante, como comprovam estes trechos: "mal respondas", "mal te entenda", "mal desculpes", "mal me julgues", "mal te encare", etc.

5. Releia o último verso do poema. Nele o eu lírico cria um **paradoxo** para definir sua condição sentimental, ou seja, reúne duas ideias opostas, que em princípio se excluem: "me salvo e me dano".

   a) Explique o sentido desse paradoxo. O amor, para o eu lírico, é a um só tempo a razão de tudo e a sua perdição; a razão de sua vida é o amor, mas nesse amor ele se perde.

   b) Levando em conta os sentimentos paradoxais do eu lírico, discuta com os colegas: Até que ponto o título do poema é adequado? É bastante adequado, pois, apesar de seus sentimentos contraditórios (ideia de concessão), o eu lírico se entrega a esse amor.

6. O poema inicia-se com o verso "Ainda que mal pergunte", cuja estrutura sintática se repete por mais dezessete versos. O 19º verso ("ainda assim te pergunto"), porém, quebra essa estrutura e confirma uma pergunta que não chega a ser explicitada. Levante hipóteses: Considerando-se o significado geral do texto, qual é a provável pergunta que o eu lírico faria à pessoa amada?
Resposta pessoal. Sugestão: É provável que seja uma pergunta sobre o relacionamento entre eles, algo como "Você me ama?".

7. Leia este anúncio:

(*Folha de S. Paulo*, 25/1/2002.)

   a) Identifique, no enunciado principal do anúncio, qual das orações indica causa e qual indica consequência. A causa está na oração principal, *O sucesso foi tanto*, e a consequência está na oração subordinada: *Picasso, Miró, Matisse... tiveram que ficar mais um pouquinho.*

   b) A palavra **que** foi empregada duas vezes no enunciado principal do anúncio. Entretanto, essa palavra tem papéis diferentes nas duas situações. Qual é a classe gramatical da palavra **que** em cada situação? Na 1ª situação, *que* é uma conjunção subordinativa consecutiva; na 2ª situação, é uma preposição, que faz parte da locução verbal *tiveram que ficar* (tiveram *de* ficar).

Leia o anúncio a seguir para responder às questões de 8 a 10.

Salles/DMB&B

(*Marie Claire*, dez. 1994.)

8. O enunciado principal do anúncio apresenta dois períodos compostos. O sujeito da forma verbal **foi**, do 1º período, é uma oração. Identifique-a. chegar a este design / Professor: Mostre aos alunos que essa oração equivale a *que se chegasse a este design*.

9. No 2º período, a palavra **que** apresenta um papel gramatical diferente em cada uma das situações em que é empregada.

a) Em "Tivemos que copiar", a palavra **que** pode ser substituída pela palavra **de**. Logo, a que classe gramatical a palavra **que** pertence? À das preposições (por ser equivalente a *de*).

b) Em "tudo o que os outros não tinham", **o que** equivale a **aquilo**. A que classe gramatical pertencem as palavras **o** e **que**? À dos pronomes demonstrativos e pronomes relativos, respectivamente. Professor: Fica mais fácil demonstrar para o aluno essa função morfológica de *o* quando substituímos essa palavra por *aquilo* e o relativo *que* por *o qual*: Tudo aquilo o qual os outros não tinham.

c) Como se classifica a oração "que os outros não tinham", introduzida pela palavra **que**? adjetiva restritiva

10. O anúncio promove uma determinada marca de produtos eletrodomésticos.

a) Por que o anunciante empregou letras em itálico (inclinadas para a direita) na expressão **não tinham**? Para indicar uma avaliação apreciativa. O anunciante demonstra ter consciência de que está sendo aparentemente incoerente, já que é impossível copiar algo que não existe.

b) Considerando sua resposta anterior, qual sentido você acha que a palavra **copiar** tem no contexto? Tem um sentido oposto ao comum; equivale a inventar, criar um produto completamente diferente dos outros.

11. Tanto a conjunção coordenativa adversativa **mas** quanto a conjunção subordinativa concessiva **embora** expressam ideia de oposição. Suponha que certo funcionário de uma empresa, ao fazer um pedido de férias para seu empregador, tenha obtido esta resposta:

> Você quer tirar férias, mas a empresa ainda necessita de seus serviços.

Observe que a resposta tem uma intenção positiva e favorável ao funcionário até o momento em que o empregador usa a conjunção **mas**, que introduz a oposição ao pedido de férias.
Agora imagine que o empregador tenha dado ao funcionário uma resposta iniciada pela conjunção **embora**:

> Embora você queira tirar férias...

Nesse caso, que tipo de continuação provavelmente a frase teria? Uma continuação desfavorável ao pedido do funcionário, algo como *não vai ser possível*.

12. Reescreva os seguintes períodos, empregando a oposição **concessiva**:

a) Ela assistiu ao filme com atenção, mas não entendeu nada. Embora ela tenha assistido ao filme com atenção, não entendeu nada.

b) Meu amigo estudou muito para as provas finais, mas não conseguiu boas notas. Embora meu amigo tenha estudado muito para as provas finais, não conseguiu boas notas.

c) Chovia muito, mas não ficamos em casa naquela noite. Embora tenha chovido muito, não ficamos em casa naquela noite.

d) O rapaz deu sinal, mas o motorista não parou no ponto. Embora o rapaz tenha dado sinal, o motorista não parou no ponto.

e) Todos consolavam a criança, mas ela continuou chorando e mostrando o machucado. Embora todos tenham consolado a criança, ela continuou chorando e mostrando o machucado.

Leia a historinha seguinte para responder às questões 13 e 14.

> Dois alunos conversam durante a aula. Um fala para o outro:
> — Ah, se eu fosse o diretor desta escola, daria licença todo dia pra professora, assim a gente nunca tinha aula.
> — E eu mandaria a cantina distribuir sorvete todo dia pra gente. De graça!

13. O diálogo contrasta dois mundos: o da realidade de dois alunos e um imaginário, no qual cada um deles se torna o diretor da escola.

a) Qual é a oração subordinada adverbial usada nessa história para indicar o acesso dos alunos ao mundo da fantasia? *Se eu fosse o diretor desta escola*, com a conjunção *se* e o verbo no imperfeito do subjuntivo.

b) Que situação do mundo real os alunos transferem para o mundo da fantasia? A de serem diretores e continuarem frequentando a escola como alunos.

14. No diálogo dessa historinha, há um problema de lógica e coerência que o torna engraçado. Qual é ele? Se eles fossem o diretor, não seriam beneficiados, pois não seriam mais alunos. Ou: Se não houvesse aula, por que razão os alunos iriam à escola? Nesse caso, a cantina não abriria e, portanto, não poderia distribuir sorvetes!

Leia o anúncio a seguir e responda às questões 15 e 16:

(*Nova*, mar. 2002.)

15. O enunciado principal do anúncio apresenta dois períodos compostos por subordinação. Em cada um deles existe uma relação de **causalidade**, isto é, uma causa e sua consequência. Identifique, em cada um dos períodos:

1º período: Tão leves (oração principal); 2º período: Mas tão crocantes (oração principal)

a) a oração que exprime a causa;

b) a oração que exprime a consequência.

1º período: que derretem na boca (oração subordinada adverbial consecutiva); 2º período: que os dentes nunca deixam (oração subordinada adverbial consecutiva)

16. A conjunção coordenativa adversativa **mas** introduz o 2º período, estabelecendo uma relação de **oposição** entre os dois períodos. Que elementos dos períodos são postos em contraste nesse enunciado? O anúncio opõe a ideia de as torradas serem muito leves e derreterem na boca à ideia de os dentes não permitirem que elas derretam sem ser mastigadas, pois elas também são crocantes.

Pontuação

Leia o texto a seguir, de Moacyr Scliar, atentando para sua pontuação, e depois responda às questões de 1 a 8.

Ai, gramática, ai, vida.

[...]

INFÂNCIA: A PERMANENTE EXCLAMAÇÃO

Nasceu! É um menino! Que grande! E como chora! Claro, quem não chora não mama!

Me dá! É meu!

[...]

A PUBERDADE: A TRAVESSIA (OU O TRAVESSÃO)

[...]

— O que eu acho, Jorge — não sei se tu também achas — o que eu acho — porque a gente sempre acha muitas coisas — o que eu acho — não sei — tu és irmão dela — mas o que eu estive pensando — pode ser bobagem — mas será que não é de a gente falar — não, de eu falar com a Alice —

— Alice tu sabes — tu me conheces — a gente se dá — a gente conversa — tudo isto Alice — tanto tempo — eu queria te dizer Alice — é difícil — a gente — eu não sei falar direito.

JUVENTUDE — A INTERROGAÇÃO

Mas quem é que eu sou afinal? E o que é que eu quero? E o que é que vai ser de mim?

E Deus, existe? E Deus cuida da gente? E o anjo da guarda, existe? E o diabo? E por que é que a gente se sente tão mal?

[...]

Mas por que é que tem pobres e ricos? Por que é que uns têm tudo e outros não têm nada? Por que é que uns têm auto e outros andam a pé? Por que é que uns vão viajar e outros ficam trabalhando?

AS PAUSAS RECEOSAS (RECEOSAS, VÍRGULA, CAUTELOSAS) DO JOVEM ADULTO

Estamos, meus colegas, todos nós, hoje, aqui, nesta festa de formatura, nesta festa, que, meus colegas, é não só nossa, colegas, mas também, colegas, de nossos pais, de nossos irmãos, de nossas noivas, enfim, de todos quantos, nas jornadas, penosas embora, mas confiantes sempre, nos acompanharam, estamos, colegas, cônscios de nosso dever, para com a família, para com a comunidade, para com esta Faculdade, tão jovem, tão batalhadora, mas ao mesmo tempo tão, colegas, tão.

[...]

O HOMEM MADURO. NO PONTO.

Uma cambada de ladrões. Têm de matar.

Matar. Pena de morte.

O Jorge também. Cunhado também. Tem de matar. Esquadrão da morte. E ponto final. No meu filho mando eu. E filho meu estuda o que eu quero. Sai com quem eu quero.

Lê o que eu quero. Frequenta os clubes que eu mando.

Tu ouviste bem, Alice. Não quero discutir mais este assunto. E ponto final.

(UM PARÊNTESE)

(Está bem, Luana, eu pago, só não faz escândalo)

O FINAL... RETICENTE...

Sim, o tempo passou... E eu estou feliz... Foi uma vida bem vivida, esta... Aprendi tanta coisa... Mas das coisas que aprendi... A que mais me dá alegria... É que hoje eu sei tudo... Sobre pontuação...

(*Minha mãe não dorme enquanto eu não chegar e outras crônicas*. Porto Alegre: L&PM, 1995. p. 88-91.)

cauteloso: cuidadoso, o que age com prudência.
cônscio: consciente.

1. O narrador-personagem associa as fases da vida a sete sinais de pontuação e, por meio deles, narra a sua história. Na 1ª parte, a infância é associada ao sinal de exclamação. De quem são as falas e o que a exclamação expressa:

   a) no 1º parágrafo? De um adulto: do pai ou da mãe do bebê que nasceu. Expressa a alegria pelo nascimento.

   b) no 2º parágrafo? Quem fala nesse parágrafo é a criança. O ponto de exclamação, nesse caso, sugere a convicção com que fala "É meu!".

2. Na 2ª parte do texto, o narrador associa a adolescência ao travessão, fazendo um trocadilho entre travessão e travessia. A que tipo de travessia se refere o narrador? À travessia da infância para a fase adulta, ou seja, à adolescência.

3. Ainda na 2ª parte do texto, o protagonista conversa com um amigo (Jorge) e sua irmã (Alice).

   a) De que assunto ele quer tratar com essas pessoas? De assuntos sentimentais.

   b) O que o emprego constante do travessão sugere quanto ao estado emocional do protagonista? Que ele está inseguro, não consegue se expressar com clareza e desvia o assunto central a todo instante.

4. A 3ª parte, a da juventude, é associada ao ponto de interrogação. Qual é a relação entre esse sinal de pontuação e essa fase da vida? Essa é a fase dos questionamentos, do desejo de mudar o mundo e a si mesmo.

5. Na 4ª parte, o protagonista é um jovem adulto, que está terminando a faculdade. O narrador associa essa fase à vírgula.

   a) Observe o emprego da palavra **vírgula** no título dessa parte. Indique uma palavra ou expressão que tenha um sentido aproximado da palavra **vírgula** nesse contexto. isto é, nada, ou / Equivale a dizer: "receosas nada, cautelosas".

   b) Qual a intenção do narrador ao empregar a palavra **vírgula** nesse contexto? Corrigir o que foi dito antes.

   c) No título, o narrador faz um trocadilho, chamando as vírgulas de "pausas receosas" e depois corrigindo para "pausas cautelosas" do jovem adulto. Levando em conta a fase em que se encontra esse jovem — de fim dos estudos e de iniciação profissional —, por que considera essa fase "cautelosa"? Porque, nessa fase, o jovem se preocupa com o futuro, com sua imagem, e, por isso, fala com cautela.

6. Na 5ª parte, a maturidade do protagonista é associada ao ponto final.

a) Explique a ambiguidade, isto é, o duplo sentido da frase "No ponto", do título dessa parte. O título sugere que todas as fases anteriores conduziam ao amadurecimento em que o protagonista agora se encontra, isto é, ele está "no ponto".

b) Observe a forma como o protagonista expressa suas opiniões e como se posiciona diante do que acha certo ou errado. Que relação há entre ele dizer "E ponto final" e seu modo de ser na maturidade? Ele agora tem opiniões firmes, acabadas e não admite contestação. Ao dizer "E ponto final", ele expressa a ideia de: "Já disse e FIM!".

c) Os nomes de Alice e Jorge, já mencionados na 2ª parte da vida do protagonista, reaparecem na 5ª parte. Qual é o provável parentesco existente entre o protagonista e essas outras personagens? Alice é sua esposa, e Jorge, seu cunhado.

7. Como você sabe, uma das funções dos parênteses é indicar uma espécie de desvio do texto central ou o acréscimo de uma informação acessória. Na 6ª parte, esse sinal de pontuação é usado em uma conversa do protagonista com Luana.

a) Levante hipóteses: Que tipo de relação você acha que existe entre eles? Resposta pessoal. Sugestão: Luana pode ser a sua filha e, diante de um possível escândalo dela, ele se submete à sua vontade; outra possibilidade é Luana ser um caso extraconjugal do protagonista.

b) O que o emprego dos parênteses sugere?
Resposta pessoal. Sugestões: Considerando-se a 1ª hipótese, sugere que o pai esteja falando baixo, sem querer chamar a atenção; considerando-se a 2ª hipótese, dá a ideia de um fato escondido, que é preciso ocultar e que não participa da história principal.

8. O narrador intitula a última parte de "O final... reticente...". Como você sabe, as reticências podem ter diferentes papéis e sentidos. Veja alguns deles:

- indicar que o sentido vai além do que foi expresso;
- indicar suspensão do pensamento, reflexões;
- indicar dúvida, hesitação;
- permitir que o leitor, usando a imaginação, dê continuidade ao texto.

Na sua opinião, qual ou quais dos itens acima traduzem melhor a intenção do narrador ao associar essa fase da vida a esse sinal de pontuação? Resposta pessoal. Todos esses itens são possíveis.

9. Um oficial enviou a seus soldados um telegrama, ordenando-lhes que fossem à guerra. O telegrama dizia: "Irão voltarão não morrerão". Todos os soldados morreram na guerra e o oficial garante que não mentiu em seu telegrama. Que pontuação da frase pode provar isso? Irão. Voltarão? Não. Morrerão.

10. O diretor pegou em flagrante um funcionário pichando o muro da empresa: "Morte ao diretor ele não é um cara legal". O funcionário, entretanto, afirmou ao diretor que sua intenção era outra e, recorrendo à pontuação, conseguiu se safar da demissão imediata. Como? Morte ao diretor? Ele não! É um cara legal!

11. Nas frases abaixo, a pontuação estabeleceu uma diferença de sentido. Imagine em que situações cada uma das frases poderia ter sido empregada. Na 1ª frase, o fato de Regina não ter atendido ao telefone desencadeou alguma coisa irreparável. Na 2ª frase, Regina não atendeu a alguém, por ser tarde da noite.

Regina não me atendeu. Quando telefonei pela segunda vez, já era tarde.
Regina não me atendeu quando telefonei pela segunda vez. Já era tarde.

Pontuação

Leia o texto a seguir, de Moacyr Scliar, atentando para sua pontuação, e depois responda às questões de 1 a 8.

Ai, gramática, ai, vida.

[...]

INFÂNCIA: A PERMANENTE EXCLAMAÇÃO

Nasceu! É um menino! Que grande! E como chora! Claro, quem não chora não mama!

Me dá! É meu!

[...]

A PUBERDADE: A TRAVESSIA (OU O TRAVESSÃO)

[...]

— O que eu acho, Jorge — não sei se tu também achas — o que eu acho — porque a gente sempre acha muitas coisas — o que eu acho — não sei — tu és irmão dela — mas o que eu estive pensando — pode ser bobagem — mas será que não é de a gente falar — não, de eu falar com a Alice —

— Alice tu sabes — tu me conheces — a gente se dá — a gente conversa — tudo isto Alice — tanto tempo — eu queria te dizer Alice — é difícil — a gente — eu não sei falar direito.

JUVENTUDE — A INTERROGAÇÃO

Mas quem é que eu sou afinal? E o que é que eu quero? E o que é que vai ser de mim?

E Deus, existe? E Deus cuida da gente? E o anjo da guarda, existe? E o diabo? E por que é que a gente se sente tão mal?

[...]

Mas por que é que tem pobres e ricos? Por que é que uns têm tudo e outros não têm nada? Por que é que uns têm auto e outros andam a pé? Por que é que uns vão viajar e outros ficam trabalhando?

AS PAUSAS RECEOSAS (RECEOSAS, VÍRGULA, CAUTELOSAS) DO JOVEM ADULTO

Estamos, meus colegas, todos nós, hoje, aqui, nesta festa de formatura, nesta festa, que, meus colegas, é não só nossa, colegas, mas também, colegas, de nossos pais, de nossos irmãos, de nossas noivas, enfim, de todos quantos, nas jornadas, penosas embora, mas confiantes sempre, nos acompanharam, estamos, colegas, cônscios de nosso dever, para com a família, para com a comunidade, para com esta Faculdade, tão jovem, tão batalhadora, mas ao mesmo tempo tão, colegas, tão.

[...]

O HOMEM MADURO. NO PONTO.

Uma cambada de ladrões. Têm de matar.

Matar. Pena de morte.

O Jorge também. Cunhado também. Tem de matar. Esquadrão da morte. E ponto final. No meu filho mando eu. E filho meu estuda o que eu quero. Sai com quem eu quero.

Lê o que eu quero. Frequenta os clubes que eu mando.

Tu ouviste bem, Alice. Não quero discutir mais este assunto. E ponto final.

(UM PARÊNTESE)

(Está bem, Luana, eu pago, só não faz escândalo)

O FINAL... RETICENTE...

Sim, o tempo passou... E eu estou feliz... Foi uma vida bem vivida, esta... Aprendi tanta coisa... Mas das coisas que aprendi... A que mais me dá alegria... É que hoje eu sei tudo... Sobre pontuação...

(*Minha mãe não dorme enquanto eu não chegar e outras crônicas*. Porto Alegre: L&PM, 1995. p. 88-91.)

cauteloso: cuidadoso, o que age com prudência.
cônscio: consciente.

1. O narrador-personagem associa as fases da vida a sete sinais de pontuação e, por meio deles, narra a sua história. Na 1ª parte, a infância é associada ao sinal de exclamação. De quem são as falas e o que a exclamação expressa:

   a) no 1º parágrafo? De um adulto: do pai ou da mãe do bebê que nasceu. Expressa a alegria pelo nascimento.

   b) no 2º parágrafo? Quem fala nesse parágrafo é a criança. O ponto de exclamação, nesse caso, sugere a convicção com que fala "É meu!".

2. Na 2ª parte do texto, o narrador associa a adolescência ao travessão, fazendo um trocadilho entre travessão e travessia. A que tipo de travessia se refere o narrador? À travessia da infância para a fase adulta, ou seja, à adolescência.

3. Ainda na 2ª parte do texto, o protagonista conversa com um amigo (Jorge) e sua irmã (Alice).

   a) De que assunto ele quer tratar com essas pessoas? De assuntos sentimentais.

   b) O que o emprego constante do travessão sugere quanto ao estado emocional do protagonista? Que ele está inseguro, não consegue se expressar com clareza e desvia o assunto central a todo instante.

4. A 3ª parte, a da juventude, é associada ao ponto de interrogação. Qual é a relação entre esse sinal de pontuação e essa fase da vida? Essa é a fase dos questionamentos, do desejo de mudar o mundo e a si mesmo.

5. Na 4ª parte, o protagonista é um jovem adulto, que está terminando a faculdade. O narrador associa essa fase à vírgula.

   a) Observe o emprego da palavra **vírgula** no título dessa parte. Indique uma palavra ou expressão que tenha um sentido aproximado da palavra **vírgula** nesse contexto. isto é, nada, ou / Equivale a dizer: "receosas nada, cautelosas".

   b) Qual a intenção do narrador ao empregar a palavra **vírgula** nesse contexto? Corrigir o que foi dito antes.

   c) No título, o narrador faz um trocadilho, chamando as vírgulas de "pausas receosas" e depois corrigindo para "pausas cautelosas" do jovem adulto. Levando em conta a fase em que se encontra esse jovem — de fim dos estudos e de iniciação profissional —, por que considera essa fase "cautelosa"? Porque, nessa fase, o jovem se preocupa com o futuro, com sua imagem, e, por isso, fala com cautela.

6. Na 5ª parte, a maturidade do protagonista é associada ao ponto final.

a) Explique a ambiguidade, isto é, o duplo sentido da frase "No ponto", do título dessa parte. O título sugere que todas as fases anteriores conduziam ao amadurecimento em que o protagonista agora se encontra, isto é, ele está "no ponto".

b) Observe a forma como o protagonista expressa suas opiniões e como se posiciona diante do que acha certo ou errado. Que relação há entre ele dizer "E ponto final" e seu modo de ser na maturidade? Ele agora tem opiniões firmes, acabadas e não admite contestação. Ao dizer "E ponto final", ele expressa a ideia de: "Já disse e FIM!".

c) Os nomes de Alice e Jorge, já mencionados na 2ª parte da vida do protagonista, reaparecem na 5ª parte. Qual é o provável parentesco existente entre o protagonista e essas outras personagens? Alice é sua esposa, e Jorge, seu cunhado.

7. Como você sabe, uma das funções dos parênteses é indicar uma espécie de desvio do texto central ou o acréscimo de uma informação acessória. Na 6ª parte, esse sinal de pontuação é usado em uma conversa do protagonista com Luana.

a) Levante hipóteses: Que tipo de relação você acha que existe entre eles? Resposta pessoal. Sugestão: Luana pode ser a sua filha e, diante de um possível escândalo dela, ele se submete à sua vontade; outra possibilidade é Luana ser um caso extraconjugal do protagonista.

b) O que o emprego dos parênteses sugere?
Resposta pessoal. Sugestões: Considerando-se a 1ª hipótese, sugere que o pai esteja falando baixo, sem querer chamar a atenção; considerando-se a 2ª hipótese, dá a ideia de um fato escondido, que é preciso ocultar e que não participa da história principal.

8. O narrador intitula a última parte de "O final... reticente...". Como você sabe, as reticências podem ter diferentes papéis e sentidos. Veja alguns deles:

- indicar que o sentido vai além do que foi expresso;
- indicar suspensão do pensamento, reflexões;
- indicar dúvida, hesitação;
- permitir que o leitor, usando a imaginação, dê continuidade ao texto.

Na sua opinião, qual ou quais dos itens acima traduzem melhor a intenção do narrador ao associar essa fase da vida a esse sinal de pontuação? Resposta pessoal. Todos esses itens são possíveis.

9. Um oficial enviou a seus soldados um telegrama, ordenando-lhes que fossem à guerra. O telegrama dizia: "Irão voltarão não morrerão". Todos os soldados morreram na guerra e o oficial garante que não mentiu em seu telegrama. Que pontuação da frase pode provar isso? Irão. Voltarão? Não. Morrerão.

10. O diretor pegou em flagrante um funcionário pichando o muro da empresa: "Morte ao diretor ele não é um cara legal". O funcionário, entretanto, afirmou ao diretor que sua intenção era outra e, recorrendo à pontuação, conseguiu se safar da demissão imediata. Como? Morte ao diretor? Ele não! É um cara legal!

11. Nas frases abaixo, a pontuação estabeleceu uma diferença de sentido. Imagine em que situações cada uma das frases poderia ter sido empregada. Na 1ª frase, o fato de Regina não ter atendido ao telefone desencadeou alguma coisa irreparável. Na 2ª frase, Regina não atendeu a alguém, por ser tarde da noite.

Regina não me atendeu. Quando telefonei pela segunda vez, já era tarde.
Regina não me atendeu quando telefonei pela segunda vez. Já era tarde.

Preposição

O texto abaixo é a letra de uma canção do compositor Nando Reis, interpretada pela cantora Marisa Monte em seu disco *Mais*. Leia-o e responda às questões de 1 a 5.

Diariamente

Para calar a boca: rícino
Para lavar a roupa: omo
Para viagem longa: jato
Para difíceis contas: calculadora
Para o pneu na lona: jacaré
Para a pantalona: nesga
Para pular a onda: litoral
Para lápis ter ponta: apontador
Para o Pará e o Amazonas: látex
[...]
Para levar na escola: condução
Para os dias de folga: namorado
Para o automóvel que capota: guincho
[...]
Para saber a resposta: vide-o-verso
Para escolher a compota: Jundiaí
Para a menina que engorda: hipofagi
Para a comida das orcas: Krill
Para o telefone que toca
Para a água lá na poça
Para a mesa que vai ser posta
Para você o que você gosta: diariamente

1. Em quase todos os versos da canção, temos a presença de um sinal de pontuação: o dois-pontos. Observe estes três versos do texto:

> "Para lavar a roupa: omo
> Para viagem longa: jato
> Para difíceis contas: calculadora"

Empregando dois-pontos, o autor tornou a frase mais econômica, menor, pois deixou de empregar uma ou mais palavras para ligar as duas partes do verso.

a) Sem empregar esse sinal de pontuação, reescreva os três versos acima, acrescentando uma ou mais palavras para ligar as duas partes de cada frase. Sugestão: Para lavar a roupa, use omo. Para viagem longa, vá de jato. Para difíceis contas, use calculadora.

b) A que classe gramatical pertencem as palavras suprimidas pelo autor: substantivo, adjetivo, verbo ou advérbio? verbo

c) A estrutura desses versos e dessas frases lembra um tipo de linguagem que procura vender determinado produto. Que linguagem é essa? A linguagem publicitária.

2. Logo à primeira leitura, notamos que a letra da canção apresenta uma construção especial, graças à repetição de palavras e estruturas de frases.

a) Que palavra se repete em todos os versos? A palavra *para*.

b) Qual a sua classe gramatical? Preposição.

c) Essa palavra geralmente transmite a ideia de tempo, lugar ou finalidade. Na canção, qual desses sentidos aparece com maior frequência? O sentido de finalidade.

3. Observe estes versos do final da canção:

> "Para o telefone que toca
> Para a água lá na poça
> Para a mesa que vai ser posta"

Neles, o autor quebrou a estrutura que vinha utilizando e não empregou dois-pontos nem um termo posterior para fechar o verso. Então, faça você o que ele não fez: a exemplo do restante do texto, empregue dois-pontos e invente um substantivo que sirva de fechamento para cada verso. Resposta pessoal. O importante, neste exercício, é garantir a coerência.

4. O nome da canção é "Diariamente", palavra que também aparece no último verso. Que relação você acha que há entre o título e as repetições existentes na canção? As repetições dão a ideia de que *todos os dias* tudo é igual; daí a relação com *diariamente*.

5. A exemplo de Nando Reis, construa um poeminha com os mesmos procedimentos empregados na canção "Diariamente". Comece com uma preposição e empregue dois-pontos ou vírgula e, em seguida, um substantivo. Sugerimos as preposições **contra**, **após** e a locução prepositiva **antes de**. Mas, se preferir, escolha outras preposições e locuções.

6. Compare estes enunciados:

> Não me referi ao *skate* de Carlos, mas **ao *skate*** de Filipe.
> Não me referi ao *skate* de Carlos, mas **ao** de Filipe.

Às vezes, procuramos formas mais sintéticas, mais concisas para expressar uma ideia. É o que vemos no segundo enunciado, em que ficou subentendida a palavra ***skate***, representada pela combinação **ao**.

Faça o mesmo com os enunciados que seguem, suprimindo o termo destacado:

a) Nunca gostei dos filmes de terror; gosto mais **dos filmes** de aventura. ...gosto mais *dos* de aventura.

b) Não estou precisando no momento dos exercícios de Matemática, mas **estou precisando dos exercícios** de Geografia. ... mas *dos* de Geografia.

c) Não assisti ao circo francês, e sim **ao circo** chinês. ... e, sim, *ao* chinês.

7. A preposição **com**, entre outros sentidos, pode apresentar o de companhia e modo. Verifique que valores essa preposição tem nas frases abaixo:

Entrei **com** cuidado naquela sala escura. modo
Entrei **com** meu pai naquela sala escura. companhia
Entrei **com** medo naquela sala escura. modo

8. Às vezes a omissão de uma preposição numa frase pode resultar em ambiguidade, isto é, duplo sentido. Observe:

Gosto de livros sobre viagens espaciais e filmes em geral.
Gosto de livros **sobre** viagens espaciais e **sobre** filmes em geral.
Gosto de livros **sobre** viagens espaciais e **de** filmes em geral.

Comparando as três frases, verificamos que a primeira apresenta sentido ambíguo, que se esclareceria com a repetição de **sobre** ou com o emprego da preposição **de**.
Como nesse caso, dê duas redações diferentes às frases que seguem, evitando a ambiguidade delas por meio do emprego de preposições:

a) Na rua, fui abordado por um sujeito estranho com óculos escuros e um gato.
… por um sujeito estranho com óculos escuros e *com* um gato. / … por um sujeito estranho com óculos escuros e *por* um gato.
b) Você está sem criatividade para trabalhar e namorar há quanto tempo?
… sem criatividade para trabalhar e *sem* namorar… / … sem criatividade para trabalhar e *para* namorar…
c) Ele foi tomado como informante da polícia e ladrão.
… tomado como informante da polícia e *de* ladrão. / … tomado como informante da polícia e *como* ladrão.

9. Você já deve ter ouvido muita gente dizer:

Comprei uma tevê **a** cores nova.
Nós somos **em** cinco irmãos na minha casa.

Nos dois enunciados, o emprego das preposições não está de acordo com a norma-padrão da língua. Você é capaz de descobrir de que forma eles ficariam de acordo com a norma-padrão?
... tevê em cores... / Nós somos cinco irmãos...

10. Compare estes enunciados:

Depois de muito pensar, resolvi ir **aos** Estados Unidos.
Depois de muito pensar, resolvi ir **para** os Estados Unidos.

Na língua coloquial, é comum as pessoas empregarem uma preposição por outra, sem reparar na diferença de sentido existente entre elas. Em um desses enunciados, a preposição está relacionada à ideia de **permanência** ou **destino**, no outro, à ideia de **passagem**.

a) Em qual dos enunciados o locutor informa que pretende viver nos Estados Unidos? No segundo.
b) Em qual deles o locutor informa que pretende visitar os Estados Unidos ou permanecer por pouco tempo no país? No primeiro.

Gramática
de português

3.º e 4.º anos

do Primeiro Ciclo
do Ensino Básico

Graça Trindade e Madalena Relvão

Revisão científica: **Dulce Pereira**

Santillana
CONSTÂNCIA

EDUCAÇÃO EFICAZ

A **Gramática de Português** destinada ao 3.º e ao 4.º anos do 1.º Ciclo do Ensino Básico é uma obra coletiva, concebida e criada pelo Departamento de Investigações e Edições Educativas da Santillana-Constância, sob a direção de Sílvia Vasconcelos.

EQUIPA TÉCNICA
Chefe de Equipa Técnica: Patrícia Boleto
Modelo Gráfico: Carla Cartaxeiro
Capa: Paulo Oliveira
Ilustrações: Maria João Raimundo, Nósnalinha, Paulo Oliveira
Paginação: Célia Neves, Ilda Cruz, Leonor Ferreira
Revisão: Ana Abranches

EDITORES
Ana Mateus, Armando Gonçalves e Eva Arim

Santillana
CONSTÂNCIA

© 2011

Estrada da Outurela, 118
2794-084 CARNAXIDE

APOIO AO PROFESSOR
Tel.: 214 246 901
Fax: 214 246 909
apoioaoprofessor@santillana.pt

APOIO AO LIVREIRO
Tel.: 214 246 906
Fax: 214 246 907
apoioaolivreiro@santillana.pt

Internet: www.santillana.pt

Impressão e Acabamento: Printer Portuguesa

ISBN: 978-972-761-885-9

1.ª Edição
1.ª Tiragem: 7000

Depósito Legal: 321990/11

Apresentação

Num contexto de implementação de Novos Programas de Português do Ensino Básico, de adoção de um novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa e de integração de um novo Dicionário Terminológico, esta Gramática apresenta-se como um auxiliar na aprendizagem da língua portuguesa.

Geralmente, o termo «gramática» oscila entre um conceito mais ou menos normativo e outro mais ou menos descritivo, sendo que o primeiro é entendido como um conjunto de regras (consideradas corretas) a seguir pelo falante, enquanto o segundo aceita realizações linguísticas que o primeiro condenaria.

A nosso ver, o paradigma subjacente aos novos Programas (2009) procura articular de forma harmoniosa estes dois polos, partindo do conhecimento implícito e empírico dos alunos e conduzindo-os à enunciação das regras e à sua aplicação, enquanto falantes da língua portuguesa.

Este é o princípio estrutural do Laboratório de Língua sugerido nos Programas e será igualmente a coluna dorsal desta Gramática: o aluno observa práticas concretas de realização linguística, aplica o seu conhecimento empírico a exercícios propostos e, por fim, enuncia a regra, interiorizando-a e aplicando-a a novas situações, em articulação com outras competências enunciadas no Programa.

Por fim, gostaríamos de acentuar o facto de esta Gramática contribuir para o desenvolvimento da competência e da consciência linguística dos alunos.

As Autoras

Índice

	Pág.
Aos alunos do 3.º e do 4.º anos: como usar esta Gramática	6
Plano dos sons	
Os sons da língua portuguesa	8
As vogais	8
Os ditongos	10
As consoantes	11
Relação entre sons e letras	12
Os dígrafos	15
A letra *h*	15
As onomatopeias	16
A sílaba e a divisão silábica	17
A sílaba tónica e a sílaba átona	19
A entoação	20
Plano da representação gráfica e ortográfica — A escrita	
As letras	22
Os acentos	24
O hífen	26
O hífen como sinal de ligação	26
O hífen na translineação	27
Os sinais de pontuação	28
Os sinais auxiliares de escrita	30
As formas de destaque	32
A configuração gráfica	33
As relações entre palavras	34
Palavras homónimas	34
Palavras homógrafas	34
Palavras homófonas	34
Plano das classes de palavras	
Os nomes	36
Os nomes próprios	36
Os nomes comuns	36
Os determinantes	39
Os quantificadores numerais	41
Os adjetivos qualificativos	43
Os pronomes	48
Os verbos	50

Plano morfológico — A forma das palavras

Pág.

Palavras variáveis e palavras invariáveis 54
Variação dos nomes 56
Variação em género 56
Variação em número 60
Variação em grau 63
Variação dos adjetivos 65
Variação em género 65
Variação em número 67
Variação em grau 68
Variação dos pronomes 71
Variação em pessoa, em género e em número 71
Variação dos verbos 74
Conjugação verbal 74
Variação em pessoa e em número 76
Variação em tempo 77
Variação em modo 79
Verbos regulares 81
Verbos irregulares 83
Palavras simples e palavras complexas 86
Derivação 86
Composição 87

Plano sintático — As frases

As frases 88
Frases simples e frases complexas 89
Tipos de frase 91
Frases afirmativas e frases negativas 94
Os constituintes da frase 95
O grupo nominal 95
O grupo verbal 96
As funções sintáticas 98
O sujeito 98
O predicado 99
O complemento direto 100
A mobilidade dos elementos da frase 101

Plano lexical e semântico — Os significados

Famílias de palavras 102
Sinónimos e antónimos 103
Uso do dicionário 105

Plano discursivo e textual — A comunicação

A comunicação 106
Os registos de língua 109
Diálogo, discurso direto e discurso indireto 112
O princípio de cortesia 115
As formas de tratamento 117

Apêndice 120

Soluções 137

Aos alunos do 3.º e do 4.º anos: como usar esta Gramática

A tua Gramática está organizada em sete planos e tem um apêndice final. Dentro de cada plano, os temas estão organizados da seguinte forma:

— apresentação dos conteúdos gramaticais;
— resolução de exercícios de aplicação ( );
— resumo da informação essencial ( ).

Esta Gramática parte do princípio de que és já um falante da língua portuguesa e de que precisas agora de aprender algumas regras do seu funcionamento.

Plano dos sons

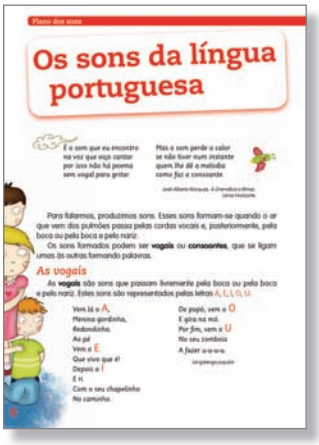

Aqui poderás encontrar informações sobre os sons da língua portuguesa.

Plano das classes de palavras

Neste plano, vais encontrar informações sobre os nomes, os verbos, os adjetivos e outras classes de palavras.

Plano da representação gráfica e ortográfica — A escrita

Neste plano, poderás estabelecer a ligação entre os sons da língua portuguesa e a sua representação gráfica. Poderás ainda ver como dispor os textos nas páginas.

Plano morfológico — A forma das palavras

Variação dos adjetivos

Variação em género

O **adjetivo** pode apresentar **variação em género**.
Repara nos adjetivos destacados no texto.

Era um belo espetáculo, a vida em torno, agitada ou morna.
Bolões nasciam perfumados e desabrochavam em flores radiosas,
pássaros voavam entre trinados alegres, pombos arrulhavam amor, ninhadas
de pintos recém-nascidos seguiam o escarvar de orgulhosa galinha, o grande
Pato Negro fazia a corte à vaidosa Pata Branca, banhando-se na água clara do lago.

Nomes	Adjetivos	
	Masculino	Feminino
espetáculo	belo	—
vida	—	agitada, morna
bolões	perfumados	—
flores	—	radiosas
pintos	recém-nascidos	—
galinha	—	orgulhosa
água	—	clara

Os adjetivos listados acima apresentam uma forma para o género masculino e uma forma para o género feminino.
Há também adjetivos que não variam em género, ou seja, a forma masculina e a forma feminina são iguais.
Ex.: o pato elegante / a pata elegante
o homem elegante / a mulher elegante

65

Há palavras invariáveis e palavras variáveis. Este plano apresenta-te as formas que as palavras podem tomar.

Plano sintático — As frases

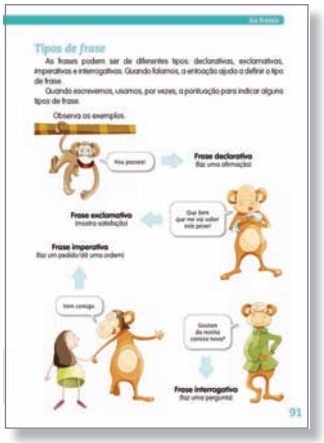
As frases

Tipos de frase

As frases podem ser de diferentes tipos: declarativas, exclamativas, imperativas e interrogativas. Quando falamos, a entoação ajuda a definir o tipo de frase.
Quando escrevemos, usamos, por vezes, a pontuação para indicar alguns tipos de frase.
Observa os exemplos.

Frase declarativa
(faz uma afirmação)

Frase exclamativa
(mostra satisfação)

Frase imperativa
(faz um pedido/dá uma ordem)

Frase interrogativa
(faz uma pergunta)

91

Para seres entendido pelos outros, precisas de ordenar as palavras e de organizá-las em frases. É a essa organização que este plano se dedica.

Plano lexical e semântico — Os significados

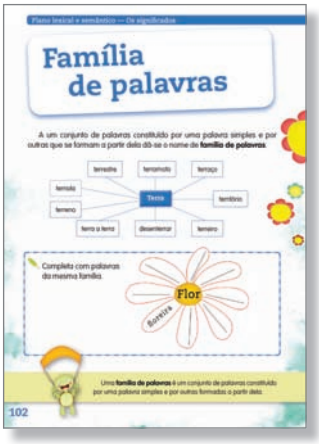
Plano lexical e semântico — Os significados

Família de palavras

A um conjunto de palavras constituído por uma palavra simples e por outras que se formam a partir dela dá-se o nome de **família de palavras**.

terrestre
terramoto
terraço
terroso
Terra
terrível
terreno
terra a terra
desenterrar
terreiro

Completa com palavras da mesma família.

Flor
floresta

Uma **família de palavras** é um conjunto de palavras constituído por uma palavra simples e por outras formadas a partir dela.

102

As palavras são um conjunto de sons com significado. Aqui encontras informações sobre o significado das palavras.

Plano discursivo e textual — A comunicação

Plano discursivo e textual — A comunicação

A comunicação

Quando falamos, procuramos transmitir aos outros aquilo que pensamos. Estamos a **comunicar**. Para isso, juntamos frases, formando textos ou discursos. Podemos comunicar **oralmente** ou por **escrito**.
Quando comunicamos oralmente, a pessoa que está a falar é o **locutor** e aquelas que o estão a escutar para depois falarem são os seus **interlocutores**.
Na escrita, diz-se que quem escreve é o **emissor** e que aquele que lê e interpreta o que está escrito é o **recetor**.
No texto seguinte, repara nas falas dos interlocutores e naquilo que eles dizem um ao outro (nos seus **enunciados**).

— Da que tamanho é que queres ficar? — perguntou.
— Oh, não faça questão quanto ao tamanho — respondeu Alice muito depressa —, só que uma pessoa não gosta de mudar tantas vezes de tamanho, sabe?
— Não sei, não! — disse a Lagarta.

Lewis Carroll, Alice no País das Maravilhas, Publicações Dom Quixote

Locutor	Enunciado	Interlocutor
	Da que tamanho é que queres ficar?	
	Oh, não faça questão quanto ao tamanho, só que uma pessoa não gosta de mudar tantas vezes de tamanho, sabe?	
	Não sei, não!	

106

Quando procuramos transmitir o nosso pensamento aos outros por palavras, estamos a comunicar. A comunicação tem regras, que podes encontrar neste plano.

Nas páginas 120-135, encontrarás um apêndice com uma sistematização dos conteúdos gramaticais estudados.

As soluções (ou sugestões de resposta) das atividades propostas ao longo da gramática encontram-se nas páginas 137-144.

Os sons da língua portuguesa

É o som que eu encontro
na voz que oiço cantar
por isso não há poema
sem vogal para gritar.

Mas o som perde o calor
se não tiver num instante
quem lhe dê a melodia
como faz a consoante.

José-Alberto Marques, *A Gramática a Rimar*,
Livros Horizonte

Para falarmos, produzimos sons. Esses sons formam-se quando o ar que vem dos pulmões passa pelas cordas vocais e, posteriormente, pela boca ou pela boca e pelo nariz.

Os sons formados podem ser **vogais** ou **consoantes**, que se ligam umas às outras formando palavras.

As vogais

As **vogais** são sons que passam livremente pela boca ou pela boca e pelo nariz. Estes sons são representados pelas letras A, E, I, O, U.

Vem lá o A,
Menina gordinha,
Redondinha.
Ao pé
Vem o E.
Que vivo que é!
Depois o I
E ri
Com o seu chapelinho
No caminho.

De popó, vem o O
E gira na mó.
Por fim, vem o U
No seu comboio
A fazer u-u-u-u.

Lengalenga popular

As vogais podem ser orais ou nasais. As **vogais orais** são aquelas que se produzem quando o ar passa apenas pela boca. As **vogais nasais** são produzidas quando o ar passa ao mesmo tempo pela boca e pelo nariz.

Vogais orais	Vogais nasais
casa, cama	cantar
serra, ser, pedir	gente
ilha	pintar
avó, avô	som
tu	juntar

Completa a anedota seguinte colocando as vogais em falta.

Diz o pr__f__ssor:

«— Eu lav__-me

Tu l__vas-t__

El__ lav__-se

Nós l__vam__-nos

V__s lavais-v__s

__l__s lavam-se»

__ que é isto?

Responde o __l__no:

— É d__ mingo,
senh__r pr__f__ss__r.

Circunda as palavras abaixo que começam por vogal.

casaco faca ervilha
armário museu urso
garrafa raposa oitenta
mapa escola

Os ditongos

Quando duas vogais se encontram na mesma sílaba, estamos perante um ditongo. Os ditongos também podem ser orais ou nasais.

Ditongos orais	Ditongos nasais
pai, mau	irmão, mãe
papéis, céu	
viu, sorriu	
boi, noiva	canções, põe
Rui, azuis	muito

Na lengalenga seguinte, circunda as letras que representam as vogais nasais e sublinha os conjuntos de letras que representam os ditongos.

Lagarto pintado
Quem te pintou?
Foi uma velha
Que por aqui passou.
No tempo da eira
Fazia poeira
Puxa, lagarto, por essa orelha.

Lengalenga popular

Lê a quadra seguinte e sublinha a vermelho os conjuntos de letras que representam os ditongos nasais e a verde os que representam os ditongos orais.

A carta que me mandaste
Abri-a com muito jeito;
Trazia o teu coração,
Caiu-me dentro do peito.

Quadra popular

As **vogais orais** e os **ditongos orais** são sons produzidos quando o ar passa só pela boca. Por exemplo: *a, u, ai, eu*.

As **vogais nasais** e os **ditongos nasais** são sons produzidos quando o ar passa ao mesmo tempo pela boca e pelo nariz. Por exemplo: *ã, ão, õe*.

As consoantes

Na produção das consoantes, o som formado nas cordas vocais não sai livremente pela boca, sendo interrompido, por exemplo, pela língua ou pelos lábios.

Na escrita, estes sons são representados pelas letras seguintes.

Algumas consoantes desapareceram da quadra seguinte. Completa-a com as consoantes que faltam.

Ó ra __a, ó que __inda __ama,
Ó rama __a oli__eira,
O __eu __ar é o mais lin__o
Que anda aqui na __oda in__eira.

Quadra popular

Escolhe, de entre as palavras abaixo, aquelas que começam por consoante e reescreve-as no teu caderno.

macaco banana leão ave
seleção sapato Ericeira quadro
patinho ondas uvas

Na produção das **consoantes**, o som não sai livremente pela boca, sendo interrompido, por exemplo, pela língua ou pelos lábios.

Relação entre sons e letras

Os sons da língua são representados por símbolos — as letras.

No entanto, uma letra não representa sempre o mesmo som. Repara que, nas duas palavras seguintes, a letra ***r*** não corresponde ao mesmo som.

arco-íris

roca

A letra ***o*** também pode corresponder a vários sons.

cola

coxa

colar

Outras correspondências entre letras e sons são apresentadas no quadro abaixo. Se reparares bem, as letras destacadas representam sons diferentes.

Letras	Exemplos
x	**x**aile, tá**x**i, e**x**ame, pró**x**imo
g	**g**ato, **g**iz
s	**s**anto, a**s**a
c	**c**abelo, **c**ereja

Um mesmo som também pode ser representado por letras diferentes. Nas palavras seguintes, as letras destacadas correspondem sempre a um mesmo som.

Som [s]

selo

cinto

po**ç**o

Som [R]

rato

go**rr**o

Som [k]

casa

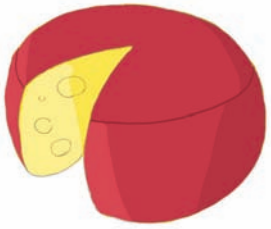

queijo

Em cada caso, muda a ordem das letras e descobre novas palavras.

a) C E D O

b) R A M O

c) T E M E R

d) A M O R A

Completa as palavras seguintes com a letra ou as letras que representam o primeiro som da palavra *casa* ou o primeiro som da palavra *selo*.

a) __ uadros
b) ar __ a
c) sa __ o
d) __ ola
e) po __ o
f) con __ erto
g) ba __ ia
h) al __ atifa
i) __ em
j) __ apato
k) __ osido
l) ma __ a
m) má __ imo
n) es __ uadro
o) solu __ ão

Completa o crucigrama com as consoantes em falta, de modo a obteres nomes de sete aves.

1. Ave que é o símbolo da paz.
2. Pássaro pequeno, irrequieto, frequente nos campos e junto das casas.
3. Ave famosa pela sua cauda grande e colorida, que abre em leque.
4. Ave da família do pato.
5. Grande ave de rapina.
6. Ave que canta.
7. Pequeno pássaro da América, colorido e de bico longo.

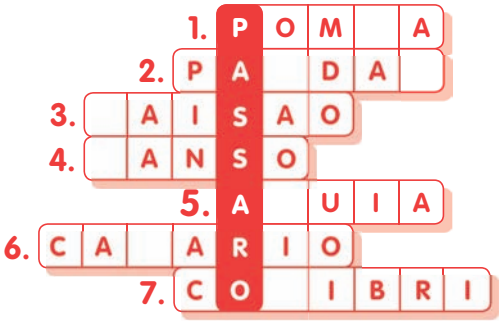

As **letras** representam diferentes **sons** que se agrupam em palavras.

A mesma letra pode representar vários sons.

O mesmo som pode também ser representado por várias letras.

Os dígrafos

Por vezes, duas letras associadas representam um único som. São os **dígrafos**. Observa.

carro **ch**uva i**ss**o cami**nh**o

trabal**h**o **qu**eda **gu**izo

Circunda os dígrafos que encontrares nos textos seguintes.

Abelhinha, abelhinha
Toma lá a tua mosquinha
Zurra, zurra, pica na burra
Come, come, se tens fome.

Lengalenga popular

Atirei o pau ao gato
Mas o gato não morreu.
Dona Chica assustou-se
Com o berro, com o berro
Que o gato deu: miau!

Cantiga popular

A letra h

A letra ***h***, no início de palavra, não é pronunciada. Diz-se que é muda.

homem **h**onra **h**ora

Os grupos de duas letras que representam apenas um som chamam-se dígrafos: ***qu***, ***gu*** (antes de *e* ou *i*), ***ch***, ***nh***, ***lh***, ***ss***, ***rr***.
A letra ***h*** em início de palavra não se pronuncia (é muda).

As onomatopeias

As **onomatopeias** são expressões que procuram reproduzir sons naturais.

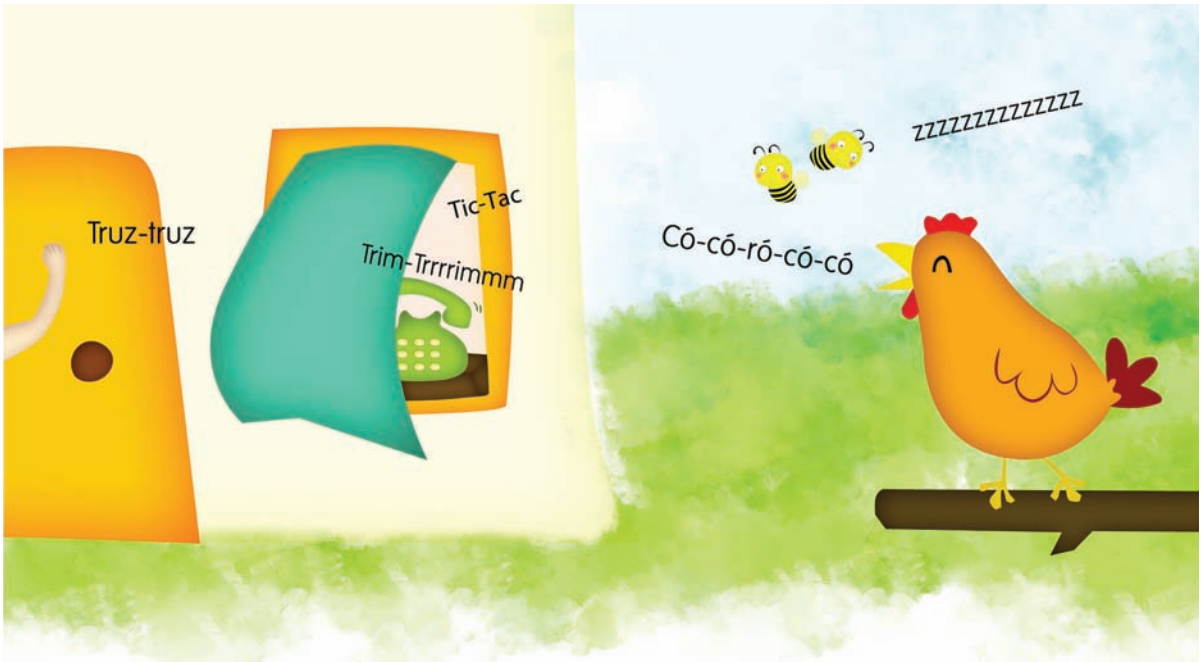

Associa cada imagem à onomatopeia correspondente.

a)

b)

c)

1) ron-ron ☐ **2)** catrapum ☐ **3)** piu-piu ☐

As expressões que imitam sons naturais chamam-se **onomatopeias**.

A sílaba e a divisão silábica

As palavras são constituídas por sílabas, que são elementos mais pequenos que se pronunciam de uma só vez.

Lê a cantiga e vê como se dividem algumas palavras no quadro abaixo.

Que linda falua que lá vem, lá vem,
é uma falua que vem de Belém.
Vou pedir ao senhor Barqueiro se me deixa passar,
tenho filhos pequeninos, não os posso sustentar.
Passará, passará, mas algum ficará,
se não for a mãe à frente, é o filho lá de trás.

Cantiga infantil

Palavra	Número de sílabas		Classificação
lá	lá	1	monossílabo
linda	lin-da	2	dissílabo
Barqueiro	Bar-quei-ro	3	trissílabo
pequeninos	pe-que-ni-nos	4	polissílabo

Forma palavras com as sílabas indicadas à esquerda e classifica essas palavras quanto ao número de sílabas. Segue o exemplo.

Sílabas	
1	ca
2	po
3	ra
4	ta
5	na
6	ri
7	za
8	paz
9	ço

Sílabas				Palavras	Classificação
1	3	–	–		
1	2	4	–	capota	trissílabo
3	4	7	5		
6	–	–	–		
3	8	–	–		
6	1	9	–		

Agora, preenche o quadro com seis monossílabos, seis dissílabos e seis trissílabos.

Monossílabos	Dissílabos	Trissílabos

As palavras podem ser divididas em elementos mais pequenos que se pronunciam de uma só vez — as **sílabas**.

As palavras com uma sílaba são **monossílabos**; com duas, são **dissílabos**; com três, são **trissílabos**; e, com quatro ou mais sílabas, são **polissílabos**.

A sílaba tónica e a sílaba átona

Geralmente, em cada palavra, há uma sílaba que se pronuncia com mais intensidade: é a **sílaba tónica**. As restantes são as **sílabas átonas**.

As palavras podem ser classificadas quanto à posição da sílaba tónica.

Palavra	Divisão silábica	Sílaba tónica	Classificação
jaca**ré**	ja-ca-**ré**	última	aguda
selva	**sel**-va	penúltima (antes da última)	grave
hipo**pó**tamo	hi-po-**pó**-ta-mo	antepenúltima (antes da penúltima)	esdrúxula

Preenche o quadro.

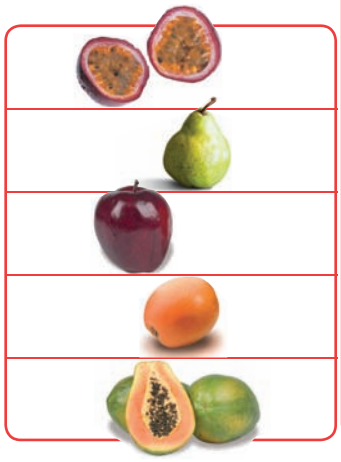

Palavra	Divisão silábica	Classificação
	ma-ra-cu-já	
		grave
maçã		
	nês-pe-ra	
papaia		

Na língua portuguesa, as palavras podem ser acentuadas na última sílaba (**agudas**), na penúltima sílaba (**graves**) ou na antepenúltima sílaba (**esdrúxulas**).

As palavras mais frequentes no português são as graves.

A entoação

Quando falamos, damos uma entoação às frases que permite mudar o seu sentido. Por exemplo, uma afirmação pode transformar-se numa pergunta se mudarmos a entoação.

Afirmação

O João está a chegar.

Pergunta

O João está a chegar?

A entoação também pode transformar uma ordem num pedido.

Ordem

Vai fechar a porta!

Pedido

Vai fechar a porta.

Com a entoação, conseguimos mostrar os nossos sentimentos. Podemos mostrar surpresa, raiva, alegria, medo, …

Na escrita, a entoação é representada por sinais de pontuação.

Entoação	Sinais de pontuação	Exemplos
Declarativa	Ponto final .	O João está a chegar.
Interrogativa	Ponto de interrogação ?	O João está a chegar?
Exclamativa	Ponto de exclamação !	Que pena!
Imperativa	Ponto final / ponto de exclamação . / !	Vai fechar a porta.

O João vai fazer um trabalho para a escola sobre *O Principezinho*.
Lê o diálogo e coloca os sinais de pontuação de acordo com a entoação que pensas que as personagens deram às frases.

Rita: Olá ☐ O que fazes aqui ☐

João: Vim fazer uma pesquisa sobre raposas ☐

Rita: Sobre raposas ☐

João: Sim, estou a ler *O Principezinho* ☐
Vem ajudar-me a procurar ☐

Rita: Claro ☐

João: Obrigado ☐

Agora, completa o quadro com exemplos do diálogo anterior.

Entoação	Frases/Expressões
Declarativa	
Exclamativa	
Interrogativa	
Imperativa	

Uns dias depois, a Rita telefonou ao João para saber como tinha corrido a apresentação do trabalho. Completa o diálogo.

Rita: Olá! _____ ?

João: Olá, Rita! _____ .

Rita: _____ ! Empresta-me o livro para eu ler!

Todas as frases possuem uma **entoação** que lhes atribui um significado. Essa entoação pode ser **declarativa**, **interrogativa**, **exclamativa** ou **imperativa**.

Na escrita, usa-se a pontuação para representar a entoação.

As letras

As **letras** são os símbolos gráficos que constituem o alfabeto.

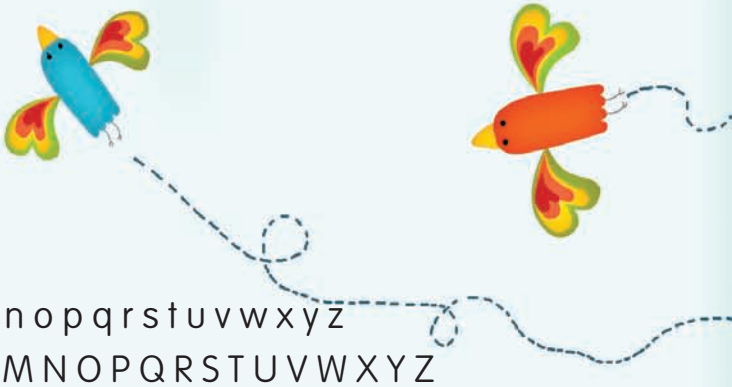

Letras de imprensa

a b c d e f g h i j k l m n o p q r s t u v w x y z

A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z

Letras manuscritas

a b c d e f g h i j k l m n o p q r s t u v w x y z

A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z

Copia para a página seguinte, em letra manuscrita, o texto abaixo, apresentado em letra de imprensa.

A senhora Tung viajava todos os anos da Formosa para Macau, na época do Natal, a fim de festejar o nascimento de Cristo na companhia da sua primogénita, a irmã Chen-Mou.

Nesses dias, com as meninas em férias, o refeitório do colégio parecia maior e mais desconfortável: só eu e Miss Lu nos sentávamos à mesa comprida das professoras.

Maria Ondina Braga, *Natal Chinês*, Panorama

Repara nas palavras do texto anterior que começam por maiúscula. Porque será? Preenche o quadro, verificando o motivo por que cada uma dessas palavras se inicia com maiúscula.

Início de período	Nomes próprios		
	Nomes de pessoas	Nomes de locais	Nomes sagrados
	Tung		

As **letras** podem ser **de imprensa** ou **manuscritas** (escritas à mão).
Em ambos os casos, usamos minúsculas e maiúsculas.
As maiúsculas são usadas em início de período e como inicial dos nomes próprios.

Os acentos

Em português, a sílaba tónica das palavras pode ser a última (palavras agudas), a penúltima (palavras graves) ou a antepenúltima (palavras esdrúxulas). Em algumas palavras, usa-se um **acento gráfico** para assinalar a sílaba tónica.

Acentos		Exemplos
´	acento agudo	*pátio, árvore, família*
`	acento grave	*às, àquele*
^	acento circunflexo	*ciência, pânico, lâmpada*

Apresentam-se abaixo algumas regras de acentuação gráfica:

- As **palavras agudas** são acentuadas graficamente quando terminam em *a/e/o* (*pá, pé, pó*) ou em *em/ens* (*alguém, parabéns*). Recebem um **acento agudo** quando a vogal tónica é aberta (*avó*) e um **acento circunflexo** quando a vogal tónica é fechada (*avô*).
- As **palavras graves** são as mais frequentes. Regra geral, estas palavras não recebem acento gráfico (*mesa, boneco, rapariga*). Excetuam-se casos em que as palavras graves terminam nas consoantes *l/n/r* (*dócil, abdómen, açúcar*), nas vogais *i/u*, seguidas ou não da consoante *s* (*júri, lápis*), em ditongos (*sótão*) ou em vogais nasais (*órfã*). Nestes casos, são geralmente marcadas com um **acento agudo**.
- As **palavras esdrúxulas** são sempre acentuadas graficamente. Recebem um **acento agudo** quando a vogal tónica é aberta (*fábrica*) e um **acento circunflexo** quando a vogal tónica é fechada (*pêssego*).
- O **acento grave** só se usa quando existe a contração da preposição *a* com um determinante ou um pronome (*às, àquele*). Este acento não assinala uma sílaba tónica.

Lê o texto e repara nos acentos gráficos.

Era o primeiro dia de aulas. Às 10 horas, o Júlio, a Ângela e o José foram para o pátio da escola. O José escondeu-se e a Ângela tentou encontrá-lo.

— Estás bem escondido — disse a Ângela.

— Vê se o encontras — disse o Júlio.

Estavam muito divertidos os três.

Preenche o quadro com palavras do texto.

Acento agudo	Acento grave	Acento circunflexo

Completa o crucigrama de modo a obteres nomes próprios de pessoas. Tem o cuidado de os acentuar graficamente. Depois, escreve-os.

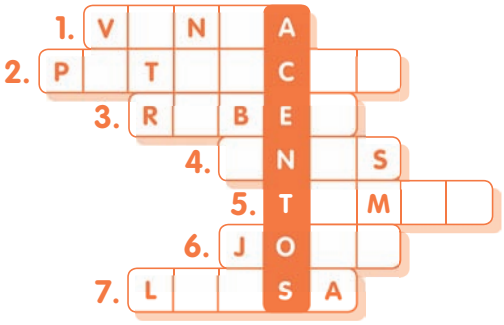

1. _____
2. _____
3. _____
4. _____
5. _____
6. _____
7. _____

Em algumas palavras, usa-se um **acento gráfico** para assinalar a sílaba tónica.

Os acentos gráficos podem ser **agudos**, **graves** ou **circunflexos**.

Geralmente, as palavras graves não precisam de acento gráfico.

O hífen

O hífen é um sinal gráfico que se usa para ligar palavras ou partes da mesma palavra e ainda para fazer a translineação.

O hífen como sinal de ligação

O hífen liga:

- formas verbais a pronomes: *baixa-te, perdeu-se*;
- duas palavras que se juntam para formar uma palavra nova: *beija-flor, guarda-chuva*;
- certos prefixos, como *ex-*, *pós-*, *pré-* ou *pró-*, a uma forma de base: *ex-diretor, pré-escolar*.

Liga elementos da coluna **A** a elementos da coluna **B**. Escreve as palavras formadas ao lado e não te esqueças do hífen.

A	B
1) pré	a) me
2) feijão	b) venda
3) riu	c) lhe
4) ex	d) escolar
5) abre	e) história
6) pré	f) verde
7) pós	g) presidente
8) lavo	h) latas
9) escrever	i) se

1) e) pré-história
2) _____
3) _____
4) _____
5) _____
6) _____
7) _____
8) _____
9) _____

O hífen na translineação

Quando uma palavra não cabe toda numa linha, temos de a partir e passar uma parte para a linha seguinte. Chama-se a isso fazer a **translineação**.

Nesses casos, para mostrar que as duas partes da palavra estão ligadas, usamos o hífen.

A translineação deve respeitar algumas regras.

Regras de translineação	✔	✘
Não se separam duas consoantes no início de uma sílaba.	pra-/to tra-/ça	p-/rato t-/raça
Não se separam os grupos *nh*, *lh* e *ch*.	ba-/nho te-/lha	ban-/ho tel-/ha
Não se separam os ditongos.	pai-/xão mui-/to	pa-/i-/xão mu-/i-/to
Separam-se as consoantes iguais.	car-/ro pes-/soa	ca-/rro pe-/ssoa
Separam-se as consoantes que pertençam a sílabas diferentes.	sal-/sa por-/co	sa-/lsa po-/rco
Separam-se vogais que pertençam a sílabas diferentes.	sa-/ú-/de pe-/ú-/ga	saú-/de peú-/ga
Não se deve deixar uma única vogal no início ou no fim de uma linha.	azei-/te ci-/ên-/cia	a-/zei-/te ci-/ên-/ci-/a
Quando se separa uma palavra que já tenha um hífen, este deve ser repetido no início da linha seguinte.	guarda-/ -chuva	guarda-/ chuva

Faz a translineação das palavras seguintes.

carteiro → car-/tei-/ro

castanha → _____

correr → _____

leite → _____

arroz-doce → _____

diabo → _____

connosco → _____

Rodrigo → _____

fez-lhe → _____

telhado → _____

baixo → _____

pulso → _____

criança → _____

avestruz → _____

O **hífen** usa-se para ligar palavras ou partes da mesma palavra e para fazer a translineação.

Os sinais de pontuação

Os sinais de pontuação são um conjunto de sinais gráficos que ajudam a organizar os textos. São utilizados, entre outras funções, para marcar pausas e para representar a entoação.

Ponto final

.

Indica uma pausa longa e acaba uma frase.

Vírgula

,

Assinala uma pausa pequena e separa elementos da frase.

Ponto e vírgula

;

Indica uma pausa longa, mas não acaba uma frase.

Ponto de exclamação

!

Termina uma frase que exprime admiração, surpresa, alegria, …

Ponto de interrogação

?

Indica uma pergunta.

Reticências

. . .

Marcam a interrupção de uma frase.

Dois pontos

:

Introduzem uma fala, uma explicação ou uma enumeração.

Travessão

—

Introduz uma fala.

Lê o texto e repara nos sinais de pontuação.

Espontaneamente, eu disse que junto dela só podia haver beleza e perfeição. Mas havia a dúvida: nem toda a gente era como ela...

Encostei-me a ela e, em voz sumida, perguntei:

— Achas-me feia, Marie?

Ergueu-me a cara, olhou-me nos olhos.

— Que pergunta tão estranha, Rose!

— Acho-te bonita.

Ilse Losa, *O Mundo em Que Vivi*, Afrontamento (texto adaptado)

Pontua corretamente o texto seguinte.

Ontem ☐ quando atravessava o Rossio ☐ o meu filho mais novo perguntou-me ☐

☐ Ó pai ☐ posso subir às árvores ☐

☐ Estás doido ☐ — respondi-lhe ☐

Quando chegámos a casa ☐ o miúdo voltou a perguntar ☐

☐ E agora ☐ Posso ir brincar para a rua ☐

☐ Pois sim ☐ vai ☐ mas não saias do passeio ☐

Daí a momentos ☐ vim à janela para espiar ☐ o pequeno trepava com destreza um candeeiro de iluminação pública ☐

☐ Eh pá ☐ Desce daí ☐

José Gomes Ferreira (texto adaptado)

Os **sinais de pontuação** são sinais gráficos que representam, na escrita, as pausas e a entoação das frases, separam elementos frásicos, assinalam tipos de frase, entre outras funções.

Os sinais auxiliares de escrita

Os **sinais auxiliares de escrita** são sinais gráficos utilizados para assinalar ou destacar elementos de uma frase ou de um texto.

Aspas	Aspas altas
« »	“ ”

Parênteses curvos	Parênteses retos
( )	[ ]

As **aspas** assinalam, na escrita:

- citações de outra pessoa ou de outro texto;
- títulos;
- discurso direto;
- palavras inventadas.

Os **parênteses curvos** assinalam, na escrita:

- uma explicação ou aparte;
- informação sobre gestos e movimentos das personagens nos textos dramáticos.

Os **parênteses retos** assinalam, na escrita:

- a supressão de parte de uma frase ou de um texto citado.

Lê o texto e indica a função dos sinais auxiliares de escrita destacados.

O coelhinho branco foi à horta buscar couves para fazer um caldinho. Quando voltou para casa, encontrou a porta fechada por dentro. Bateu e perguntaram-lhe quem era.

O coelhinho branco (surpreso) respondeu:

— Sou eu, o coelhinho, que venho da horta e vou fazer um caldinho.

Responderam-lhe de dentro da casa:

— E eu sou a cabra «cabrês» que te salto em cima e te faço em três.

[...]

Conto tradicional (texto adaptado)

( ) assinalam _____

« » assinalam _____

[ ] assinalam _____

Completa, agora, o texto seguinte com os sinais de pontuação e os sinais auxiliares de escrita em falta.

O coelho e o macaco eram amigos ☐ mas estavam sempre a atazanar-se um ao outro ☐

O macaco via o coelho ao longe e começava logo ☐

☐ Coelho dentudo ☐ corpo barrigudo ☐ rabo de veludo ☐

O coelho respondia-lhe ☐

☐ Olha o macaco macacão ☐ olhos de sabão ☐ miolos de algodão ☐

☐ ... ☐

Numa ocasião em que o macaco estava a dormir num galho ☐ com a comprida cauda dependurada ☐ o coelho muniu-se de um cacete e zás ☐

Deu-lhe uma pancada com toda a força na cauda ☐

☐ Porque me fizeste isto ☐ traidor ☐ ☐ gritava o macaco ☐

António Torrado, «Bons Amigos» (texto adaptado)

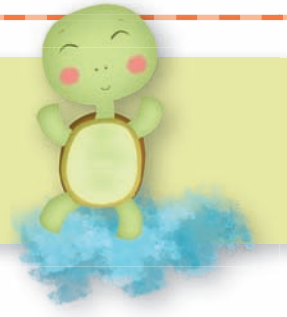

Os **sinais auxiliares de escrita** são sinais gráficos utilizados para assinalar ou destacar elementos de uma frase ou de um texto.

As formas de destaque

As **formas de destaque** são recursos utilizados para pôr em relevo uma palavra, uma frase ou uma parte de um texto. O itálico, o negrito e o sublinhado são algumas dessas formas de destaque.

O **itálico** é usado sobretudo em títulos de livros, jornais e revistas, e para destacar palavras, expressões ou frases de uma língua estrangeira num texto em português.

O **negrito** e o **sublinhado** servem para realçar palavras ou partes do texto.

Forma de destaque	Exemplo
Itálico	Eles apanharam o *ferry* para atravessar o rio.
Negrito	Todos sabiam que era **aquela** a bola roubada.
Sublinhado	O bilhete custa apenas cinco euros.

O André encontrou um folheto na sua escola com o regulamento de um concurso. Lê-o e copia as frases destacadas para o espaço adequado.

> Porque ler é um prazer, a *Visão Júnior* e o Plano Nacional de Leitura organizam uma iniciativa aberta à participação de todas as escolas do Ensino Básico.
> A iniciativa desenrolar-se-á em três fases:
> — **Mostra que és bom a ler** — Responder a três perguntas sobre o conteúdo da *Visão Júnior* desse mês, o Plano Nacional de Leitura e a Rede de Bibliotecas Escolares. As perguntas serão colocadas aqui no *site*.
> — **Mostra que és bom a resumir** — Resumir um artigo publicado na *Visão Júnior*.
> — **Mostra que és bom a escrever** — Cada equipa fará uma reportagem sobre a sua biblioteca.
>
> *In* Revista *Visão Júnior*, 1-10-2009 (adaptado)

Itálico _____

Negrito _____

Sublinhado _____

A configuração gráfica

Para facilitar a leitura de um texto, usam-se **períodos** e **parágrafos**, que organizam o texto e permitem a sua melhor compreensão.

O **período** contém uma ou mais frases e é delimitado por um sinal de pontuação.

O **parágrafo** pode conter um ou mais períodos sobre o mesmo assunto. Distingue-se do período por se iniciar numa nova linha do texto e por ter um avanço em relação à margem esquerda do texto.

O texto a seguir contém dois parágrafos. As frases assinaladas constituem um período.

1.º parágrafo	Era um dia de verão. O Luís estava com o irmão mais novo e com os pais numa praia onde estava muita gente.
2.º parágrafo	Tinham almoçado e os pais disseram o que todos dizem nesta ocasião: «Meninos, não podem ir para a água sem ter a digestão feita.»

José Silva Peneda, *A Praia da Fada,* Girassol Editores

Lê o texto e circunda os parágrafos.

Era uma velha muito velha, muito velha, tão velha que não havia velha mais velha do que ela.

Um dia, estava a velha a ver televisão, num aparelho também muito velho, quando anunciaram que iam fazer um concurso para proclamar a velha mais velha do mundo.

António Torrado, «A Velha mais Velha».

As relações entre palavras

Palavras homónimas

Algumas palavras são semelhantes na forma como se escrevem.

Há palavras que, apesar de terem significados diferentes, se escrevem e se pronunciam da mesma forma. Chamam-se **homónimas**.

Por exemplo, a palavra *manga* pode referir-se a um fruto ou à parte de uma peça de vestuário que cobre o braço.

manga

manga

Palavras homógrafas

Há outras palavras que se escrevem da mesma maneira, mas que se pronunciam de forma diferente. Chamam-se **homógrafas**.

Por exemplo, a palavra *molho* (para pôr na comida) e a palavra *molho* (como em *molho de chaves*) são homógrafas.

Palavras homófonas

Pelo contrário, há palavras que se pronunciam da mesma maneira, mas que se escrevem de forma diferente. Chamam-se **homófonas**.

Por exemplo, a palavra *cem* e a palavra *sem* são homófonas.

Palavras homónimas	Palavras homógrafas	Palavras homófonas
canto (da ave) canto (da sala)	sede (de um clube) sede (de água)	coser — cozer noz — nós
banco (do jardim) banco (de Portugal)	molho (de soja) molho (de grelos)	cento — sento viagem — viajem

Escreve duas frases com a palavra *rio*:

a) uma em que *rio* seja um nome;

_____

b) uma em que *rio* seja uma forma verbal.

_____

Completa o texto com as palavras adequadas.
Escolhe-as de entre as indicadas entre parênteses.

O meu pai deu-nos um _____ (conselho/ /concelho): « _____ (viajem/viagem) o mais que puderem, porque mais vale duas viagens na mão do que _____ (sem/cem) a voar. Cada passeio _____ (trás/traz) consigo muitas delícias para todos _____ (nós/noz). Eu, assim que me _____ (cento/sento) no carro, sonho encontrar lindas paisagens a toda a _____ (ora/hora)!»

As **palavras homónimas** escrevem-se e pronunciam-se da mesma maneira, mas têm significados diferentes.

As **palavras homógrafas** escrevem-se da mesma maneira, mas pronunciam-se de forma diferente, tendo significados também diferentes.

As **palavras homófonas** pronunciam-se da mesma maneira, mas escrevem-se de forma diferente e têm significados também diferentes.

Os nomes

Os **nomes** (ou substantivos) são palavras que designam, normalmente, objetos, ideias ou entidades. Existem **nomes próprios** e **nomes comuns**.

Os nomes próprios

Os **nomes próprios** designam pessoas, animais, lugares e objetos únicos e determinados. Escrevem-se, geralmente, com inicial maiúscula.

Repara na frase: *Eu vivo em Portugal.*

Portugal é um nome próprio porque se refere a um único país, bem determinado, que tem esse nome.

Os nomes comuns

Os **nomes comuns** referem-se a todos os membros de uma classe.

Por exemplo, na frase *Eu tenho um cão*, a palavra *cão* não é um nome próprio, mas um nome comum, porque se refere a todos os animais do mesmo tipo e não a um único cão.

Alguns nomes comuns designam conjuntos de entidades ou de objetos da mesma espécie. São os **nomes coletivos**. Por exemplo, *alcateia* é um nome coletivo porque designa um conjunto de lobos.

Exemplos:

Rita
(nome próprio)

elefante
(nome comum)

amor
(nome comum)

pedra
(nome comum)

rebanho
(nome comum coletivo)

Preenche as molduras seguintes conforme te é indicado e escreve o que te é pedido.

a)

Cola aqui uma imagem de um animal roedor que gosta muito de queijo.

Escreve o seu nome. _____

Classifica esse nome. _____

b)

Cola aqui uma fotografia da tua mãe.

Escreve o seu nome. _____

Classifica esse nome. _____

c)

Cola aqui uma imagem de um conjunto de peixes.

Escreve o seu nome. _____

Classifica esse nome. _____

Completa o quadro.

Nomes	Subclasses
bolacha	
manada	
África	
multidão	nome coletivo
limão	

Faz a correspondência correta.

Nomes coletivos

a) bando ☐
b) cáfila ☐
c) enxame ☐
d) batalhão ☐
e) matilha ☐
f) pomar ☐
g) turma ☐
h) pinhal ☐
i) biblioteca ☐
j) frota ☐
k) constelação [4]
l) olival ☐

Significados

1) conjunto de aves
2) conjunto de livros
3) conjunto de camelos
4) conjunto de estrelas
5) conjunto de abelhas
6) conjunto de soldados
7) conjunto de barcos
8) conjunto de cães
9) conjunto de oliveiras
10) conjunto de pinheiros
11) conjunto de árvores de frutos
12) conjunto de alunos

Os **nomes** podem ser próprios ou comuns.
Os **nomes próprios** designam algo único e determinado.
Os **nomes comuns** referem-se a todos os membros de uma classe.
Alguns nomes comuns chamam-se **coletivos** quando designam um conjunto de entidades ou objetos do mesmo tipo.

Os determinantes

Os nomes, em geral, não aparecem sozinhos na frase. Imagina que alguém diz: Cão *não gosta da Joana*. Como *cão* é um nome comum, pode tratar-se de qualquer cão do mundo. Para os outros nos compreenderem e saberem de que cão se trata, temos de especificar a que cão nos estamos a referir.

Por exemplo: O meu *cão não gosta da Joana*.

Palavras como *o* e *meu* ajudam a determinar o substantivo *cão*. Por isso se chamam **determinantes**.

Repara agora nas frases:

Um *cão não gosta da Joana.*
Este *cão não gosta da Joana.*
Esse *cão não gosta da Joana.*
Aquele *cão não gosta da Joana.*

Nestas frases, o cão não pertence à pessoa que fala, porque ela já não diz *o meu cão*.

Temos, então, de olhar à nossa volta para perceber de que cão se trata:

— se a forma usada for *um*, trata-se de um cão desconhecido;
— se a forma usada for *este*, o cão está próximo de quem fala;
— se a forma usada for *esse*, o cão está próximo da pessoa a quem se fala;
— se a forma usada for *aquele*, o cão está afastado das duas pessoas.

Os determinantes são palavras que vêm quase sempre antes do nome, concordando com ele em género e em número.

Exs.: esse *pinhal*
meus *irmãos*
as minhas *amigas*
aquela *flor*

Os determinantes podem pertencer a diferentes subclasses:

Artigos definidos	o, a, os, as
Artigos indefinidos	um, uma, uns, umas
Determinantes possessivos	meu, minha, teu, tua, …
Determinantes demonstrativos	este, esse, aquele, …

Completa o texto com os determinantes apropriados.

As _____ férias foram em casa dos _____ avós. Todos _____ anos _____ minhas férias são lá. A casa dos _____ avós é grande, mas parece _____ bocadinho pequena. Tem _____ escadas e _____ cave e muito mais quartos do que _____ casa, mas tudo parece _____ bocadinho mais baixo e apertado. Agora já acordei e estou aqui sentado a escrever _____ redação sobre as férias. As minhas férias foram assim.

Jacinto Lucas Pires, *As Minhas Férias*, Cotovia (texto adaptado)

Os **determinantes**, na língua portuguesa, vêm quase sempre antes do nome e concordam com ele em número (singular ou plural) e género (masculino ou feminino).

O meu brinquedo — Os meus brinquedos
A minha irmã — As minhas irmãs

São de vários tipos: **artigos definidos** (*o, a, …*), **artigos indefinidos** (*um, uma, …*), **determinantes possessivos** (*meu, minha, …*) e **determinantes demonstrativos** (*este, aquele, …*).

Os quantificadores numerais

O quantificador **numeral** junta-se ao nome para indicar:

- uma quantidade numérica inteira — **numeral cardinal**:
  Ex.: *Tenho três lápis.*
- um múltiplo de uma quantidade — **numeral multiplicativo**:
  Ex.: *Tenho o triplo dos lápis que tinha.*
- uma fração de uma quantidade — **numeral fracionário**.
  Ex.: *Tenho um terço dos lápis que tinha.*

Quantificadores numerais

Cardinais	Multiplicativos	Fracionários
três (3)	triplo (3 ×)	um terço $\left(\frac{1}{3}\right)$
quatro (4)	quádruplo (4 ×)	dois quartos $\left(\frac{2}{4}\right)$
cinco (5)	quíntuplo (5 ×)	um quinto $\left(\frac{1}{5}\right)$

Completa as legendas usando um numeral (cardinal, fracionário e multiplicativo, respetivamente).

a)

_____

b)

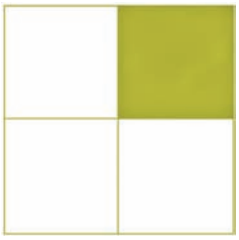

_____ *do quadrado é verde.*

c)

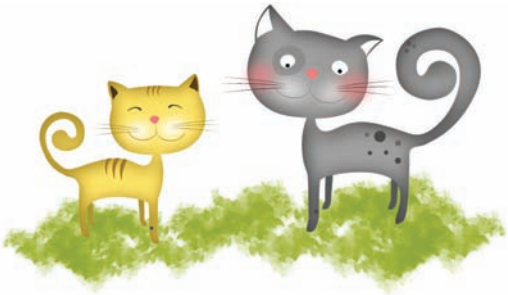

2 kg 4 kg

O gato da direita pesa _____ *do da esquerda.*

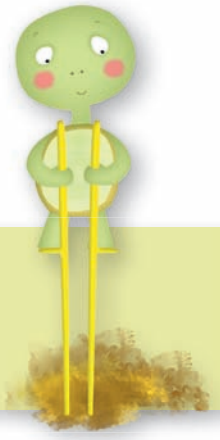

Os **numerais** informam-nos sobre a quantidade dos elementos que são designados pelo nome. Podem ser cardinais, multiplicativos ou fracionários.

Os adjetivos qualificativos

Os **adjetivos qualificativos** atribuem a um nome uma qualidade ou uma propriedade.

pássaros	*coloridos*
↓	↓
nome	adjetivo

flores	*perfumadas*
↓	↓
nome	adjetivo

patos	*felizes*
↓	↓
nome	adjetivo

Os adjetivos qualificativos são importantes para descrever as características dos objetos, das entidades ou das situações.

Lê o texto.

Em tempos muito antigos, no Japão, havia uma árvore enorme que crescia numa ilha muito pequenina.

O povo dessa ilha sentia-se feliz e orgulhoso por possuir uma árvore tão grande e tão bela. Até os viajantes que por ali passavam diziam que nunca tinham visto uma árvore com a copa tão frondosa e bem formada.

Mas com o passar do tempo surgiu um problema terrível porque a árvore tinha crescido tanto, os seus ramos tinham-se tornado tão compridos, a sua folhagem tão espessa e a sua copa tão larga que, durante o dia, metade da ilha ficava à sombra.

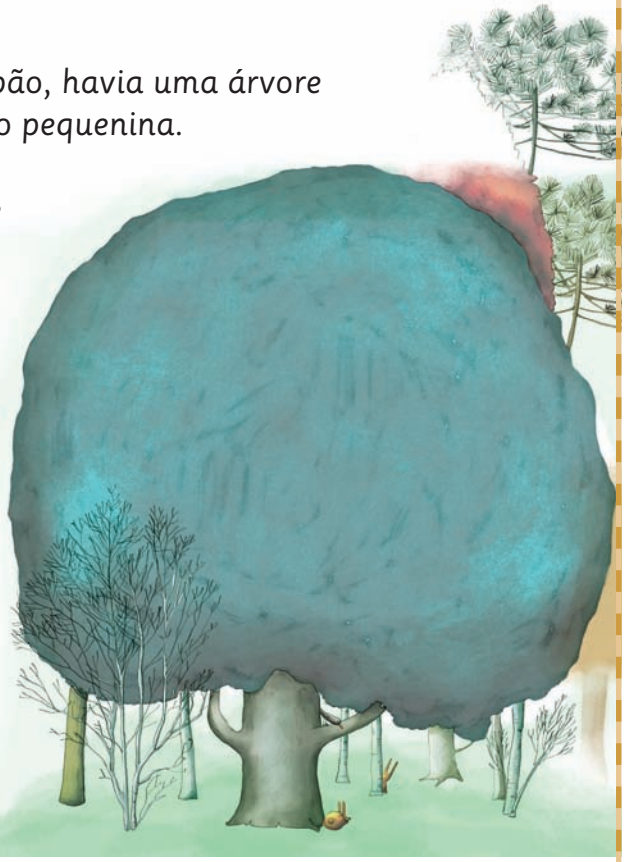

Sophia de Mello Breyner Andresen,
A Árvore, Figueirinhas (texto adaptado)

A autora do texto usa muitos adjetivos. Copia para o quadro os adjetivos que qualificam os nomes indicados.

Nomes	Adjetivo(s)
árvore	
ilha	
povo	
copa	
problema	
ramos	
folhagem	

Os **adjetivos qualificativos** alteram a interpretação dos nomes, atribuindo-lhes uma qualidade ou uma característica.

Geralmente, surgem depois do nome que qualificam, mas podem também ocorrer antes.

Os **adjetivos qualificativos** podem ser substituídos por outros com significado equivalente.

Lê o texto e presta atenção às palavras destacadas.

Do cimo do algeroz que descia ao longo do prédio, rente ao parapeito da varanda, caía um fio grosso de chuva, sem interrupção, como uma corda de brilhantes, que vinha bater num dos vasos, abrindo-lhe uma cova na terra, com um barulho de lata velha e coisas esborrachadas, fazendo dobrar um pobre trevo que ali crescia, abandonado e raquítico. O trevo endireitava-se quando a água mudava de direção, para voltar a curvar-se com o peso brutal do fio da chuva.

Ricardo Alberty,
O Príncipe de Ouro e Outras Histórias,
Editorial Verbo

Repara agora nos adjetivos com significado equivalente registados no esquema seguinte.

grosso	velha	esborrachadas	pobre	abandonado	raquítico	brutal
↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓
espesso	desgastada	esmagadas	infeliz	esquecido	atrofiado	violento

Completa o texto seguinte com os adjetivos que aparecem na lista abaixo, de forma a obteres um texto com sentido.

antiga	bonita	tardia
iluminada	invisíveis	desertas
físico	solitário	autêntico

Tinham ultrapassado a zona que rodeava a Quinta das Lágrimas e viraram à direita, encaminhando-se para a ponte sobre o rio Mondego.

Apesar da hora _____ e do esforço _____ que acabavam de fazer, não sentiam cansaço, e o facto de as ruas se encontrarem praticamente _____ não lhes metia medo.

A cidade que se erguia em espiral na outra margem, com a torre do sino da Universidade lá bem no alto, _____ por focos _____ e pela luz do luar, pareceu-lhes ainda mais _____ . Apetecia-lhes o passeio _____ pela parte _____ , não lhes faltava ânimo para subirem as vielas que conduziam ao Albergue da Juventude, transbordavam energia como se lhes corresse nas veias _____ sangue de tigre. O pior era a fome que voltava a atormentá-los.

Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada,
Uma Aventura na Quinta das Lágrimas, Editorial Caminho

Os **adjetivos** são muito importantes num texto. Ajudam a descrever pessoas, objetos e paisagens, e mostram os sentimentos e as opiniões de quem fala. Podem ser substituídos por outros adjetivos com significado equivalente, o que permite não repetir palavras.

Os **adjetivos qualificativos** são essenciais num **retrato**. As palavras destacadas no texto seguinte são adjetivos e caracterizam a personagem Lourença: ajudam a fazer o seu retrato.

Quando Lourença voltou para o colégio, estava muito modificada. Já não merecia o nome de Dentes de Rato, porque eles tinham-lhe caído e tinha outros novos, mais redondos e fortes. Falco ficava um bocado amuado quando ela o convidava a apreciar a bonita dentadura que agora tinha.

Agustina Bessa-Luís, *Dentes de Rato*, Guimarães

Completa o quadro com os adjetivos do texto.

Se penso em Marie não posso deixar de a relacionar com aquela primavera e com todas as primaveras: o corpo delicado, o rosto de grandes olhos castanhos em que havia um espanto permanente, o cabelo cor de ouro. Marie não usava vestidos de corte requintado como a minha mãe e Lili, mas apenas blusas claras e graciosas.

Ilse Losa, *O Mundo em Que Vivi*, Afrontamento

Nome	corpo	olhos	espanto	corte	blusas
Adjetivo(s)					

Faz agora o retrato de um colega da tua classe.

O meu colega chama-se _____.
É _____ (alto/baixo). Tem cabelo _____ (castanho/loiro), _____ (liso/encaracolado/ondulado) e _____ (curto/comprido). O seu rosto é _____ (oval/ /redondo/comprido). Tem olhos _____ (castanhos/verdes/azuis). É _____ (simpático/brincalhão/divertido/inteligente/...).

Os **adjetivos qualificativos** permitem fazer descrições de paisagens, objetos, pessoas, personagens, ... Ajudam também a fazer o retrato físico e psicológico de alguém.

Os pronomes

Os **pronomes** são palavras que ocorrem no lugar dos nomes, substituindo-os. Repara nas palavras destacadas no texto seguinte.

A palmeira deixa cair as folhas
e os frutos quando estes amadurecem.
O Papalagui vive como uma palmeira
que retivesse folhas e frutos, dizendo:
«São meus! Não tendes o direito
de os apanhar ou de os comer!»
Como faria ela então, quando
viessem os novos frutos?
A palmeira é bem mais sensata
do que o Papalagui.

O Papalagui (recolha de Erich Scheurmann, tradução de Luiza Neto Jorge), Antígona

As palavras destacadas no texto são pronomes. Cada um substitui um ou mais nomes (que são os seus antecedentes).

Pronomes	Subclasses	Antecedentes
estes	Pronome demonstrativo	frutos
meus	Pronome possessivo	folhas e frutos
os	Pronome pessoal	frutos
ela	Pronome pessoal	palmeira

Lê o texto seguinte e reescreve-o substituindo as expressões destacadas por pronomes pessoais, demonstrativos ou possessivos adequados (se precisares de ajuda, consulta a página 128).

Todos os meninos saíram para o jardim. Todos os meninos queriam brincar com o cão que tinha aparecido por ali nessa manhã. Mas o cão que tinha aparecido ali nessa manhã estava a correr furiosamente atrás do Fiel, o cão do Jaime.

Aflito, o Jaime gritou:

— Venham cá, pestinhas! E tu, forasteiro, deixa o Fiel, que o Fiel é o meu cão.

Classifica os pronomes que usaste.

Pronomes pessoais	
Pronomes possessivos	
Pronomes demonstrativos	

Os **pronomes** são, muitas vezes, usados para substituir nomes já referidos antes (antecedentes), evitando, assim, a repetição de palavras num texto.

Pronomes

- **Pessoais**
- **Possessivos**
- **Demonstrativos**

Os verbos

Os verbos são palavras muito importantes na frase. Qualquer frase tem, pelo menos, um verbo.

Exs.: Para!
Tenho dois irmãos.

Os verbos muitas vezes designam ações, como *brincar*, *correr*, *entrar* ou *abraçar*.

Mas também podem referir-se a outros acontecimentos e a outras situações que não são ações, como *morrer*, *dormir* ou *compreender*.

Podem, ainda, indicar estados, que são situações que se mantêm durante um certo tempo sem se alterarem, como *ser*, *estar*, *saber* ou *morar*.

Por vezes, a mesma frase tem dois verbos: um **verbo principal** e um **verbo auxiliar**. Repara nas seguintes frases:

A Joana está a brincar no jardim.
A Joana tem brincado bastante.
A Joana vai brincar com a mãe.

Nestas frases, o verbo principal é *brincar*. É o verbo que dá a informação principal sobre a situação.

As formas verbais *está*, *tem* e *vai* são formas dos verbos *estar*, *ter* e *ir*, que são aqui verbos auxiliares do verbo principal *brincar*. «Auxiliam», dando informações, por exemplo, sobre o tempo em que as coisas acontecem.

Os verbos da língua portuguesa podem:

- acabar em ***-ar***: *pintar*, *falar*, *abraçar*, …
- acabar em ***-er***: *beber*, *vender*, *perder*, …
- acabar em ***-ir***: *partir*, *subir*, *desistir*, …
- acabar em ***-or***: *compor*, *propor*, *supor*, …

O verbo pode mudar de forma consoante a pessoa, o número, o tempo e o modo em que está a ser conjugado. Por isso, podemos dizer que o mesmo verbo pode ter várias **formas verbais**.

Repara nas seguintes frases:

O João brinca muito.

O João brincou muito.

O João brincava muito.

O João e a Joana brincavam muito.

Eu e o João brincávamos muito.

As palavras destacadas são **formas verbais** do mesmo verbo: o verbo *brincar*.

Lê o texto e completa o quadro.

Muge a vaca, berra o touro,
Grasna a rã, ruge o leão,
O gato mia, uiva o lobo,
Também tem ladrado o cão.

A fala foi dada ao homem,
Rei dos outros animais.

Pedro Diniz, *Tesouro Poético da Infância*, Publicações Dom Quixote (texto adaptado)

Forma verbal	Verbo no infinitivo	Verbo principal	Verbo auxiliar
muge	mugir	×	—

Escreve uma legenda para cada parte da história, não esquecendo que o verbo é um constituinte essencial da frase.

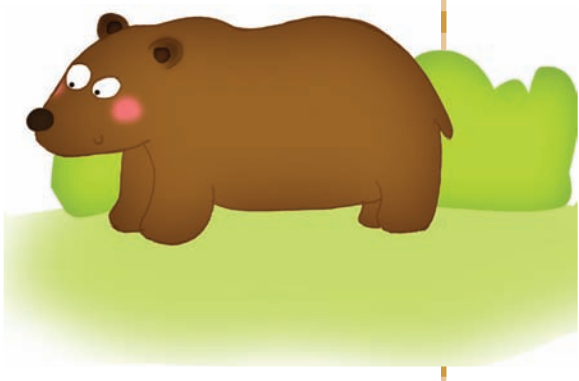

Os meninos brincavam no jardim. _____

_____ _____

O urso brincou com os meninos no jardim. _____

Agora, copia as frases pela ordem em que estão. Se achares necessário, faz algumas alterações para compor um texto. Ficarás com uma história da tua autoria.

Circunda os verbos que utilizaste nesta tua história.

Os **verbos** são elementos muito importantes das frases. Podem designar ações, eventos ou estados.

Algumas frases têm verbos principais e verbos auxiliares.

Na língua portuguesa, os verbos podem terminar em *-ar*, *-er*, *-ir* ou *-or*.

Palavras variáveis e palavras invariáveis

Há palavras que apresentam formas diferentes, de acordo com o número, a pessoa, o tempo ou o modo — são palavras **variáveis**.

O menino e a menina vão satisfeitos para a escola.
Lá eles aprendem muitas coisas novas.

Repara nas seguintes palavras variáveis retiradas do texto acima.

o/a	menino/menina	satisfeito/satisfeitos
muita/muitas	ele/eles	vai/vão
coisa/coisas	nova/novas	

Existem outras palavras que apresentam uma só forma — são palavras **invariáveis**. É o caso das palavras seguintes.

e	para	quando	ontem
lá	amanhã	até	porque

Preenche o quadro com as palavras variáveis e as palavras invariáveis da frase seguinte.

A professora recebe o aluno novo e diz-lhe para se sentar frente a ela.

Palavras variáveis		Palavras invariáveis	
A		e	
professora			

Lê a frase e circunda as palavras invariáveis.

O João fica contente e satisfeito porque aprende muito.

Agora, reescreve a frase começando por:

a) A Mariana _____

b) O João e a Mariana _____

_____

c) Ontem, o João e a Mariana _____

_____

As palavras que podem apresentar várias formas (masculino, feminino, singular, plural, …) são **palavras variáveis**.

As palavras que nunca mudam de forma são **palavras invariáveis**.

Variação dos nomes

Variação em género

Os **nomes** são palavras que podem variar em **género**. Podem ser masculinos ou femininos.

Neste Carnaval, a filha da Mariana vestiu-se de Carochinha e a sua amiga fantasiou-se de Capuchinho Vermelho. A Mariana foi a condutora que as levou à escola para irem no cortejo. Quando chegaram, o professor já as esperava e brincou, sorridente:

— Que lindas meninas! Já encontraram noivo?

Madalena Relvão e Graça Trindade

Repara que os nomes destacados podem variar quanto ao género:

filha/filho
amiga/amigo
condutora/condutor
professor/professora
meninas/meninos
noivo/noiva

Há nomes que não mudam de forma, mas que pertencem ao género masculino ou ao género feminino, pois, antes deles, podemos colocar um determinante masculino ou feminino, respetivamente:

o Carnaval
a Mariana
a escola
o cortejo

Preenche o quadro com os nomes que encontrares no texto seguinte.

A Páscoa vem recheada
De ovos e coelhinhos
E os afilhados recebem
Muitas prendas dos padrinhos!

Género	
Masculino	Feminino
_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____

Descobre o intruso! Nos conjuntos de nomes seguintes, circunda o nome que é masculino.

a) telemóvel — televisão — aparelhagem

b) amêndoa — goma — pastilha — rebuçado

c) régua — lápis — caneta — borracha

Os **nomes** podem pertencer ao **género masculino** ou ao **género feminino**. O género dos nomes de pessoas e de animais é determinado, quase sempre, pelo sexo a que pertencem.

Podemos saber o género dos nomes se colocarmos antes um determinante. Se o determinante for feminino (*a*, *uma*, …), o nome pertence ao **género feminino** (*a imagem*).

Se o determinante for masculino (*o*, *os*, …), o nome pertence ao **género masculino** (*o mapa*).

O **feminino** dos nomes pode formar-se de diferentes maneiras.

- Na maioria dos nomes que terminam em *-o*, o feminino forma-se mudando a vogal final para *-a*.
  Exs.: *noivo/noiva*
  gato/gata
- Quando o nome acaba em consoante, acrescenta-se um *-a* à forma do masculino.
  Exs.: *professor/professora*
  português/portuguesa
- Com certos nomes, a forma feminina obtém-se através de modificações particulares no final do nome.
  Exs.: *ator/atriz*
  príncipe/princesa
- No caso de alguns animais, acrescenta-se à direita do nome *macho* para referir o sexo masculino ou *fêmea* para referir o sexo feminino.
  Exs.: *rouxinol-macho/rouxinol-fêmea*
  cobra-macho/cobra-fêmea
- Por vezes, para indicar uma diferença de sexo, usam-se palavras diferentes.
  Exs.: *pai/mãe*
  cão/cadela
- Alguns nomes apresentam a mesma forma no masculino e no feminino. Neste caso, é através do género do determinante que sabemos o género do nome.
  Exs.: *o estudante/a estudante*
  o jornalista/a jornalista

Género masculino	Género feminino
noivo	noiva
português	portuguesa
ator	atriz
rouxinol-macho	rouxinol-fêmea
pai	mãe
estudante	

Descobre dez palavras no género feminino: cinco na horizontal e cinco na vertical.

T	R	A	G	A	T	A	A	D	O	R	A
I	A	T	N	Q	A	R	T	I	R	S	B
C	B	R	M	L	A	A	T	N	X	Z	E
L	D	I	C	O	L	B	S	A	U	V	L
D	G	Z	E	P	U	I	R	M	Ã	Q	H
A	H	Z	V	F	N	I	I	A	P	O	A
I	A	Z	X	G	A	D	P	R	C	U	B
F	C	F	F	B	A	F	A	Q	M	N	G
P	O	E	T	I	S	A	T	U	L	V	L
L	O	R	U	T	S	I	O	E	C	Z	E
P	M	P	R	I	N	C	E	S	A	S	O
N	O	P	I	N	T	O	R	A	X	T	A

Agora, escreve as palavras correspondentes no género masculino.

Os nomes podem formar o **feminino** de várias maneiras. Normalmente, muda apenas a terminação (*aluno/aluna*, *pintor/pintora*), mas existem muitas exceções (*rei/rainha*, *boi/vaca*).

Variação em número

Os nomes podem variar em número (singular e plural).

Subindo dos vastos vales e descendo pelas colinas, os animais desfilavam pela planície fora. As chitas, os mais velozes de todos, abriam caminho. Silenciosas, as girafas, seguidas pelas suas desengonçadas crias, galopavam lado a lado com manadas de zebras excitadas. Na retaguarda, batalhões de babuínos tagarelas levavam os vivaços filhotes às costas.

O Rei Leão, Editorial Verbo (texto adaptado)

Nomes no singular (um só)	planície, caminho
Nomes no plural (mais do que um)	vales, colinas, animais, chitas, girafas, crias, manadas, zebras, batalhões, babuínos, filhotes

Descobre dez nomes no singular: cinco na horizontal e cinco na vertical. Depois, escreve-os.

M	U	L	T	I	D	Ã	O	C	A	V	Q
Ã	O	A	J	I	T	S	N	A	R	I	Z
O	M	V	H	L	A	R	Q	M	B	S	R
L	U	R	G	P	E	D	C	P	O	M	T
P	N	A	V	A	C	L	V	O	Z	U	A
M	A	D	B	P	T	D	J	N	N	V	N
Z	H	O	M	E	M	A	I	Ê	K	X	Z
X	U	R	F	L	G	I	J	S	O	P	O
C	A	P	I	T	Ã	O	L	N	M	Q	L

Os **nomes** que designam um só objeto, uma só ideia ou uma só entidade estão no **singular**.

Os **nomes** que designam mais do que um objeto, mais do que uma ideia ou mais do que uma entidade estão no **plural**.

Na escrita, o **plural** dos nomes pode formar-se de várias maneiras.

- Aos nomes terminados em vogal acrescenta-se um *-s*.
  Ex.: *zebra/zebras*
- Aos nomes terminados em consoante (*r*, *s* ou *z*) acrescenta-se *-es*.
  Ex.: *professor/professores*
- Os nomes terminados em *-ão* fazem o plural de três modos:
  — *-ões* (muda a terminação e acrescenta-se um *-s*): *batalhões*
  — *-ães* (muda a terminação e acrescenta-se um *-s*): *capitães*
  — *-ãos* (mantém-se o ditongo *-ão* e acrescenta-se um *-s*): *mãos*
- Os nomes que terminam em *-al*, *-el*, *-il*, *-ol* ou *-ul* fazem geralmente o plural em *-ais*, *-éis/eis*, *-óis* ou *-uis*.
  Exs.: *jornal/jornais*
  papel/papéis
  réptil/répteis
  anzol/anzóis
  azul/azuis
- Os nomes que terminam em *-m* fazem o plural em *-ns*, perdendo o *-m* do singular.
  Ex.: *homem/homens*
- Certos nomes têm a mesma forma no singular e no plural.
  Ex.: *um lápis/três lápis*
- Há nomes que se usam apenas no plural.
  Ex.: *calças*

Singular	Plural
zebra	zebras
professor	professores
batalhão	batalhões
capitão	capitães
mão	mãos
jornal	jornais
homem	homens
lápis	

Indica o nome no singular das flores representadas nas imagens.

a) _____

b) _____

c) _____

d) _____

e) *jasmim*

f) _____

Agora, escreve os nomes no plural.

a) _____ b) _____ c) _____

d) _____ e) _____ f) *túlipas*

Os nomes formam o **plural** de várias maneiras. Na escrita, a forma mais comum consiste em acrescentar um *-s* (*aluno/alunos*).

Há nomes que têm a mesma forma no singular e no plural (*lápis*) e outros que só se usam no plural (*calças*).

Variação em grau

Os nomes podem apresentar **variação em grau**.

Repara nos nomes destacados.

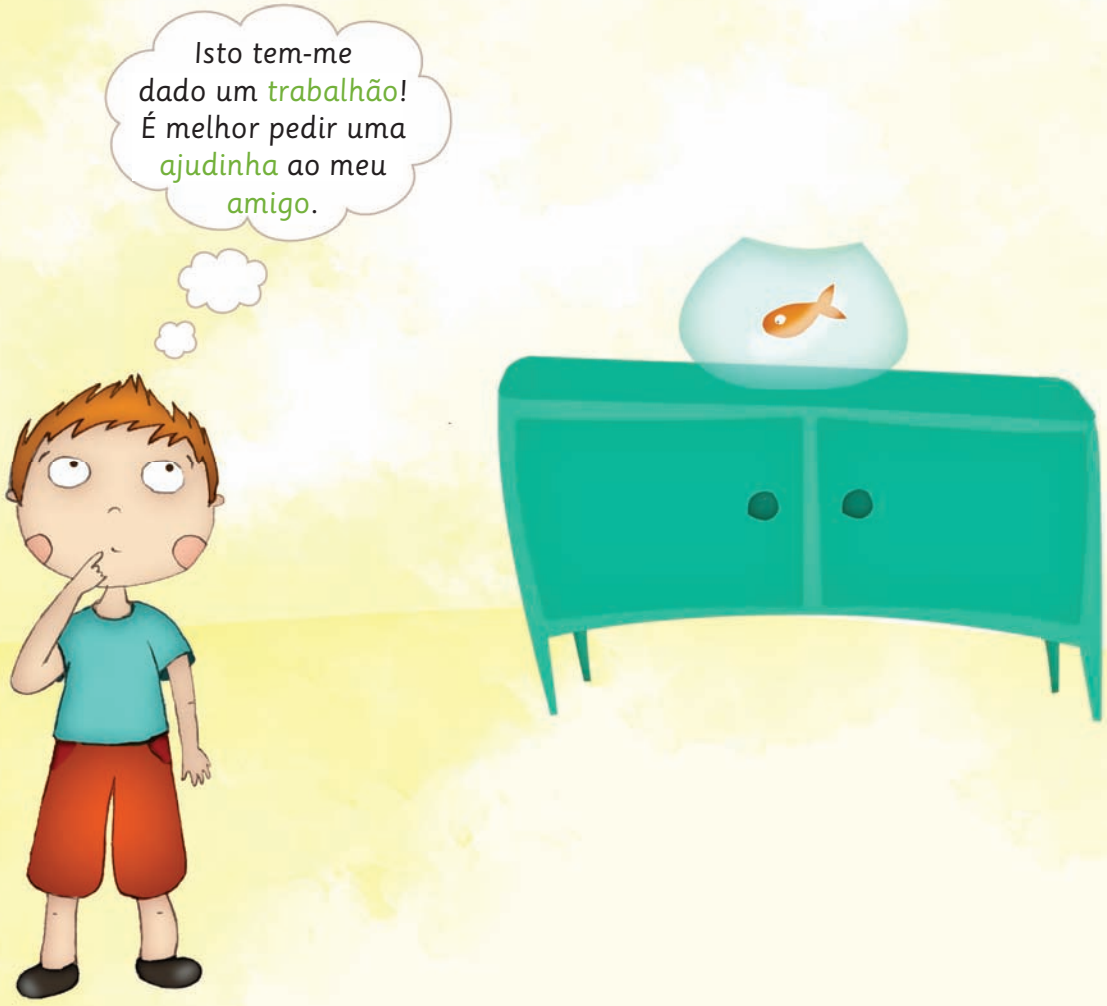

O nome *amigo* encontra-se no **grau normal**.

O nome *ajudinha* encontra-se no **grau diminutivo**; significa «pequena ajuda».

O nome *trabalhão* encontra-se no **grau aumentativo**; significa «grande trabalho».

Grau normal	Grau diminutivo	Grau aumentativo
amigo	amiguinho	amigalhaço
casa	casinha	casarão
trabalho	trabalhinho	trabalhão
sapato	sapatinho	sapatão

Coloca os nomes abaixo na coluna respetiva.

riacho | canzarrão | ovinho | muralha | jornaleco

bigodeira | rapagão | burrico | ratito | bocarra

Grau normal	Grau diminutivo	Grau aumentativo
praça	praceta	
corpo		corpanzil
muro		
rapaz		
rio		
jornal		
bigode		
ovo		
burro		
cão		
boca		
rato		

O nome pode apresentar variação em **grau**: normal, diminutivo ou aumentativo.

O **grau diminutivo** pode exprimir uma ideia de pequenez (*livrinho*), mas também serve para transmitir afetividade (*mãezinha, filhinho, velhinho*).

O **grau aumentativo** pode exprimir uma ideia de grandeza (*casarão*), mas também serve para transmitir uma ideia de desagrado (*bocarra*).

Variação dos adjetivos

Variação em género

O **adjetivo** pode apresentar **variação em género**.
Repara nos adjetivos destacados no texto.

Era um belo espetáculo, a vida em torno, agitada ou mansa. Botões nasciam perfumados e desabrochavam em flores radiosas, pássaros voavam entre trinados alegres, pombos arrulhavam amor, ninhadas de pintos recém-nascidos seguiam o cacarejar de orgulhosa galinha, o grande Pato Negro fazia a corte à linda Pata Branca, banhando-a na água clara do lago.

Jorge Amado, *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá*, Publicações Dom Quixote (texto adaptado)

Nomes	Adjetivos	
	Masculino	Feminino
espetáculo	belo	—
vida	—	agitada, mansa
botões	perfumados	—
flores	—	radiosas
pintos	recém-nascidos	—
galinha	—	orgulhosa
água	—	clara

Os adjetivos listados acima apresentam uma forma para o género masculino e uma forma para o género feminino.

Há também adjetivos que não variam em género, ou seja, a forma masculina e a forma feminina são iguais.

Exs.: o pato alegre/a pata alegre
o homem elegante/a mulher elegante

Associa um nome a um adjetivo e escreve-os.

a) gata ☐

b) cão ☐

c) raposa ☐

d) pássaros ☐

e) pato ☐

1) marreco _____

2) coloridos _____

3) espertalhona _____

4) amigo _____

5) pachorrenta _____

Os adjetivos geralmente apresentam uma forma para o masculino e outra para o feminino — são **biformes** quanto ao género (*lindo/linda*).

Porém, há adjetivos que apresentam a mesma forma para o masculino e para o feminino — são **uniformes** quanto ao género (*valente*).

Variação em número

O **adjetivo** pode apresentar **variação em número** (singular e plural).

Queria ser o chefe sioux
Com penas da cabeça aos pés,
Ter a machadinha cintilante
E alguns amuletos a brilhar.
Para reunir a tribo inteira
Ele assobiava com força: U-U! U-U!
E depois de combates violentos,
Dançava, à noite, à volta do fogo!

Isabelle Schreiber, *Mariazinha Jornalista*, Editorial Verbo

A forma do adjetivo depende da forma do nome com que se relaciona.

a machadinha **cintilante** a tribo **inteira**	combates **violentos**
O adjetivo tem a forma singular quando o nome é singular.	O adjetivo tem a forma plural quando o nome é plural.

Associa os nomes e os adjetivos indicados de acordo com as características do chefe sioux.

a) face ☐ **b)** braços ☐ **c)** cabelos ☐ **d)** nariz ☐ **e)** olhos ☐

1) negros **2)** pintada **3)** fortes **4)** castanhos **5)** grande

O adjetivo fica no singular quando o nome a que se refere é singular; fica no plural quando o nome a que se refere é plural.

Variação em grau

Os **adjetivos variam em grau**. Repara nas frases seguintes.

O João é esperto.

O João é espertíssimo.

Na primeira frase, estamos a atribuir uma qualidade ao João, que é ser esperto. Na segunda frase, estamos a aumentar muito o grau de esperteza do João.

Diz-se que o adjetivo *esperto* tem uma variação em grau.

Há outros modos de indicar os graus dos adjetivos, por exemplo juntando-lhes palavras que permitem fazer comparações.

Repara na frase:

O João é mais esperto do que o Manuel.

No quadro seguinte, encontras os vários graus dos adjetivos.

Grau			Exemplo
Normal			O tigre é **gordo**.
Comparativo de	Superioridade		O tigre é **mais gordo do que** o gato.
	Igualdade		O gato é **tão gordo como** o coelho.
	Inferioridade		O rato é **menos gordo do que** o gato.
Superlativo	Relativo de	Superioridade	O tigre é **o mais gordo** de todos os animais.
		Inferioridade	O rato é **o menos gordo** de todos os animais.
	Absoluto	Sintético	O tigre é **gordíssimo**.
		Analítico	O tigre é **muito gordo**.

Lê o texto.

A baleia é muito pesada.
É o animal mais pesado do mundo.
A baleia é tão pesada como um camião,
mas é menos pesada do que um avião.

Escreve os graus em que se encontra o adjetivo *pesado*.

_____

_____

_____

_____

Identifica os adjetivos das frases que se seguem e diz em que grau se encontram.

a) Este lápis é mais comprido do que esse.

Adjetivo: _____ Grau: _____

b) A rosa é lindíssima.

Adjetivo: _____ Grau: _____

c) O Raul está alegre.

Adjetivo: _____ Grau: _____

d) Quero comprar o caderno menos caro da loja.

Adjetivo: _____ Grau: _____

e) Fiquei tão feliz como tu com essa notícia.

Adjetivo: _____ Grau: _____

Completa as frases seguintes usando os adjetivos indicados no grau que é pedido.

a) Aquele saco é _____ este.
(**pesado** — grau comparativo de igualdade)

b) A minha mãe é _____.
(**bonita** — grau superlativo absoluto analítico)

c) Essa árvore é _____ da floresta.
(**alta** — grau superlativo relativo de superioridade)

Os adjetivos podem variar em grau: **normal**, **comparativo** (de igualdade, de superioridade e de inferioridade), **superlativo relativo** (de superioridade e de inferioridade) e **superlativo absoluto** (analítico e sintético).

Variação dos pronomes

Variação em pessoa, em género e em número

Os **pronomes** podem apresentar **variação** em **pessoa**, em **género** e em **número**.

Lê o texto e repara nas palavras destacadas.

Mais um dia de escola. À entrada, os colegas de turma encontram-se.
— Olá a todos! — diz o João.
— Olá! — respondeu o Tomás. — Ontem, tu viste o jogo da nossa seleção?
— Claro! Eu fiquei em casa com o meu irmão a vê-lo.
— E tu? Quem esteve contigo? Não me digas que ficaste sozinho?!
— Não, os meus pais estiveram comigo a torcer pela equipa. Jogou mesmo muito bem! Vamos apoiá-la no próximo jogo com o Brasil! — exclamou ele cheio de felicidade.
— E hoje vais ao treino connosco, João?
— Não posso. Vêm os colegas de Itália e tenho de os receber e jantar com eles.

Madalena Relvão e Graça Trindade

As palavras destacadas no texto que leste na página anterior são pronomes pessoais em diferentes pessoas e números. Verifica como estão colocados no quadro que se segue.

Pronomes pessoais			
Pessoa		Função sintática	
		Sujeito	Complemento direto
Singular	1.ª	eu	me
	2.ª	tu	te
	3.ª	ele/ela	o/a
Plural	1.ª	nós	nos
	2.ª	vós	vos
	3.ª	eles/elas	os/as

Repara agora nas palavras destacadas no texto seguinte.

Fomos ao circo. Todos os meninos estavam com os seus pais e eu estava com os meus. Os palhaços tinham o nariz tão vermelho como o meu.

Os leões não queriam sair da jaula porque essa casa era a sua.

Os meus pais compraram chupa-chupas, mas não comeram os seus.

Pediram-me, a brincar:

— Dá-me o teu!

Se fossem vocês, o que fariam com os vossos?

No fim do espetáculo, comprámos pipocas e cada um comeu as suas.

Madalena Relvão e Graça Trindade

As palavras destacadas no texto que leste são pronomes possessivos em diferentes pessoas, géneros e números. Verifica como estão colocadas no quadro que se segue.

Pronomes possessivos					
Pessoa		Singular		Plural	
		Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Singular (um possuidor)	1.ª	meu	minha	meus	minhas
	2.ª	teu	tua	teus	tuas
	3.ª	seu	sua	seus	suas
Plural (vários possuidores)	1.ª	nosso	nossa	nossos	nossas
	2.ª	vosso	vossa	vossos	vossas
	3.ª	seu	sua	seus	suas

Sublinha os pronomes pessoais no texto seguinte.

O velho desatou a rir.

— É verdade, eu menti-te, não era um marinheiro mas um guarda. Para combater o tédio e para me aguentar em pé, lia sem parar. O mar, não o vi senão em postais, e agora, jamais o poderei ver; porém, quando estou aqui sentado no banco — sozinho na escuridão — à minha frente vejo todos os mares do mundo. Vejo-os e sinto-lhes o odor e a salitre, distingo as brisas leves das que anunciam a tempestade.

Susanna Tamaro, *O Menino Que não Gostava de Ler,* Editorial Presença

Preenche o quadro com os pronomes que sublinhaste.

Pronomes pessoais		
Pessoa	Número	
	Singular	Plural
1.ª		
2.ª		
3.ª		

Faz a correspondência entre os nomes e os pronomes que os podem substituir.

a) O João [5]
b) A Ana e a Rita [ ]
c) Eu e tu [ ]
d) Tu e o Jorge [ ]
e) A Joana [ ]

1) Vós/Vocês
2) Ela
3) Elas
4) Nós
5) Ele

Os **pronomes pessoais** e os **pronomes possessivos** podem variar em número (singular e plural), em género (masculino e feminino) e em pessoa (1.ª, 2.ª e 3.ª).

Os pronomes pessoais variam ainda de acordo com a função sintática que desempenham (sobre as funções sintáticas, consulta as páginas 100-102).

Variação dos verbos

O **verbo** é uma palavra variável: pode mudar de forma consoante a pessoa, o número, o tempo e o modo em que está a ser conjugado.

Conjugação verbal

As palavras destacadas no texto seguinte são verbos no **infinitivo**.

O Gato Malhado teve vontade de dizer algo à Andorinha Sinhá. Sentou-se no chão, alisou os bigodes, apenas perguntou:

— Tu não fugiste com os outros?

— Eu? Fugir? Não tenho medo de ti, os outros são todos uns covardes... Tu não me podes alcançar, não tens asas para voar, és um gatarrão ainda mais tolo do que feio. E olha lá que és feio...

Jorge Amado, *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá*, Publicações Dom Quixote (texto adaptado)

A vogal final do infinitivo permite distinguir as **três conjugações verbais**.

1.ª conjugação (-*ar*)	2.ª conjugação (-*er*)	3.ª conjugação (-*ir*)
cantar	beber	abrir
dançar	correr	dormir
voar	ler	fugir

Os verbos *pôr, propor, dispor* e outros terminados em *-or* também pertencem à 2.ª conjugação.

Coloca os verbos na coluna correta.

andar rir fazer estudar partir
ler jogar escrever brincar sorrir

1.ª conjugação (-*ar*)	2.ª conjugação (-*er*)	3.ª conjugação (-*ir*)

Sublinha, no texto seguinte, os verbos que estão no infinitivo.

Para reaver a fala, a Árvore-Pirata foi obrigada a confessar que não tinha a mensagem. Para a conseguir, as cores teriam de passar pelo estreito tronco oco, que dormia a uns passos dali: a mensagem estava escondida no seu interior. As cores ficaram paralisadas com o que ouviram.

Pedro Rosário *et al.*, *Sarilhos do Amarelo*, Porto Editora

Escreve as formas dos verbos que sublinhaste na coluna da respetiva conjugação.

1.ª conjugação	2.ª conjugação	3.ª conjugação

Os **verbos** agrupam-se em **três conjugações** (1.ª, 2.ª e 3.ª), de acordo com a terminação do infinitivo.

Variação em pessoa e em número

O verbo apresenta **variação em pessoa** (1.ª, 2.ª e 3.ª) **e em número** (singular e plural).

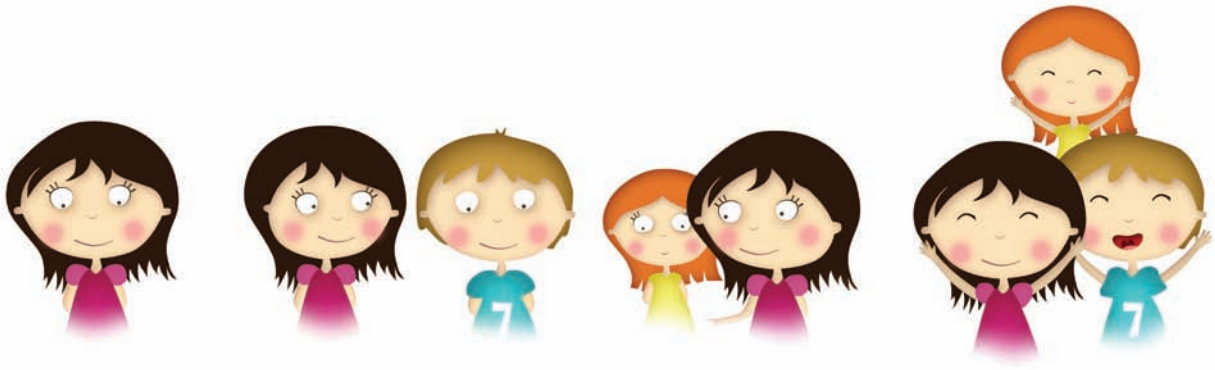

eu escuto *tu escutas* *ela escuta* *nós escutamos*

Completa o quadro com as formas do verbo *escutar*.

Número	Pessoa gramatical	Verbo *escutar*
Singular	1.ª — eu	escuto
	2.ª — tu	
	3.ª — ele, ela	
Plural	1.ª — nós	
	2.ª — vós	
	3.ª — eles, elas	

Completa as frases usando formas do verbo *saltar*.

a) Tu _____ muitas vezes.

b) Nós _____ à corda.

c) Eles _____ o muro.

O verbo é uma palavra variável. Apresenta variação em **pessoa** (1.ª, 2.ª e 3.ª) e em **número** (singular e plural).

Variação em tempo

O **verbo** apresenta também **variação em tempo**. O tempo do verbo indica se a ação, o acontecimento ou o estado expressos pelo verbo se situam no **presente**, no **passado** ou no **futuro**.

Lê o texto e repara nas palavras destacadas.

Era uma vez um cão rafeiro chamado Dandy. Descendia do rafeiro Asu e da rafeira Ramina. Não podia, por isso, ser mais autenticamente rafeiro. O que não tem mal. Antes pelo contrário. Hoje sabemos que os rafeiros são tão inteligentes e habilidosos como os seus parentes fidalgos. Dandy tinha o pelo dourado e a cauda branca. Foi oferecido a um menino chamado Ferdinando e tinha, nessa altura, por aí um meio ano de idade. Dandy e Ferdinando simpatizaram logo um com o outro.

Um dia Ferdinando disse-lhe:

— Tratarei muito bem de ti e brincaremos sempre juntos.

Ilse Losa, *O Rei Rique e Outras Histórias*, Porto Editora (texto adaptado)

As palavras destacadas estão em diferentes tempos verbais.

tem sabemos são disse

presente
(o verbo expressa algo que se está a realizar no momento em que se fala)

era descendia podia tinha

pretérito imperfeito
(o verbo expressa algo que era habitual no passado)

foi simpatizaram

pretérito perfeito
(o verbo expressa algo que já se realizou e já acabou)

tratarei brincaremos

futuro
(o verbo expressa algo que se irá realizar)

Sublinha as formas dos verbos no texto seguinte.

Mais tarde, Ferdinando deu o Dandy a um lavrador. Na quinta do lavrador, Dandy estava o tempo todo preso com uma corda ao tronco de uma árvore e vivia muito triste. Entretanto, roeu a corda e fugiu. Hoje está novamente feliz, pois voltou para junto do Ferdinando, que lhe fez a seguinte promessa:

— Dandy, és um bom amigo, nunca mais me separarei de ti!

Madalena Relvão e Graça Trindade

Escreve as formas dos verbos que sublinhaste na coluna do respetivo tempo verbal.

Presente	Pretérito perfeito	Pretérito imperfeito	Futuro

Reescreve as frases seguintes começando-as por «Amanhã…» e fazendo as alterações necessárias.

a) O Pedro deu comida ao gato.

Amanhã _____

b) Eu brinquei com o gato do Pedro.

_____

O verbo usa-se em tempos diferentes, indicando se as situações ocorrem no **passado** (pretérito perfeito e pretérito imperfeito), no **presente** ou no **futuro**.

Variação em modo

Além da variação em pessoa, em número e em tempo, o verbo apresenta **variação quanto ao modo**.

Os verbos podem estar nos modos infinitivo, indicativo, imperativo ou condicional.

Gosto de estudar.

modo infinitivo

Eu estudo.

modo indicativo
(o modo do verbo indica que a situação é considerada real)

— Estuda — diz a mãe.

modo imperativo
(o modo do verbo indica uma ordem)

Ela estudaria, se não estivesse doente.

modo condicional
(o modo do verbo indica que a situação depende de uma condição)

Lê os textos.

Completa o quadro seguinte com as formas dos verbos presentes nos textos acima e indica em que modo se encontram.

Formas verbais	Modo verbal
trabalhar	
	condicional
cala	imperativo
ouvir	

Os **verbos** também apresentam variação em **modo**. Em português, há quatro modos verbais: modo indicativo, modo condicional, modo imperativo e modo infinitivo.

Verbos regulares

Um **verbo regular** é aquele que mantém uma parte igual (radical) em todas as suas formas.

No quadro seguinte, estão conjugados os verbos *falar* (1.ª conjugação), *escrever* (2.ª conjugação) e *partir* (3.ª conjugação), que são verbos regulares. Repara que existe sempre uma parte inicial da forma verbal que não muda.

Tempo verbal	Pessoa gramatical	1.ª conjugação *falar*	2.ª conjugação *escrever*	3.ª conjugação *partir*
Presente	eu	**fal**o	**escrev**o	**part**o
	tu	**fal**as	**escrev**es	**part**es
	ele, ela	**fal**a	**escrev**e	**part**e
	nós	**fal**amos	**escrev**emos	**part**imos
	vós	**fal**ais	**escrev**eis	**part**is
	eles, elas	**fal**am	**escrev**em	**part**em
Pretérito perfeito	eu	**fal**ei	**escrev**i	**part**i
	tu	**fal**aste	**escrev**este	**part**iste
	ele, ela	**fal**ou	**escrev**eu	**part**iu
	nós	**fal**ámos	**escrev**emos	**part**imos
	vós	**fal**astes	**escrev**estes	**part**istes
	eles, elas	**fal**aram	**escrev**eram	**part**iram
Pretérito imperfeito	eu	**fal**ava	**escrev**ia	**part**ia
	tu	**fal**avas	**escrev**ias	**part**ias
	ele, ela	**fal**ava	**escrev**ia	**part**ia
	nós	**fal**ávamos	**escrev**íamos	**part**íamos
	vós	**fal**áveis	**escrev**íeis	**part**íeis
	eles, elas	**fal**avam	**escrev**iam	**part**iam
Futuro	eu	**fal**arei	**escrev**erei	**part**irei
	tu	**fal**arás	**escrev**erás	**part**irás
	ele, ela	**fal**ará	**escrev**erá	**part**irá
	nós	**fal**aremos	**escrev**eremos	**part**iremos
	vós	**fal**areis	**escrev**ereis	**part**ireis
	eles, elas	**fal**arão	**escrev**erão	**part**irão

Completa o texto com as formas dos verbos indicados, nos tempos pedidos.

Um dia, os gatinhos _____ (*perder*, pretérito perfeito) as suas luvas e _____ (*começar*, pretérito perfeito) a dizer:

— Mãe, querida mãe, _____ (estar, presente) muito tristes porque _____ (*perder*, pretérito perfeito) as nossas luvas.

E _____ (*chorar*, pretérito imperfeito) muito.

A gata, toda assanhada, _____ -lhes: (*responder*, pretérito perfeito)

— Sois uns maus gatinhos, por isso não _____ (comer, futuro) destes pastéis que eu _____ (*acabar*, presente) de fazer... Miau... Miau...

Popular

Os verbos que se conjugam como *falar* (1.ª conjugação), *correr* (2.ª conjugação) e *partir* (3.ª conjugação) são **verbos regulares**.

Estes verbos mantêm a mesma forma inicial (radical) na conjugação de todos os tempos verbais.

Verbos irregulares

Compara as formas do verbo *comer* com as formas do verbo *fazer* que encontras a seguir.

Comer: eu **com**o/tu **com**es/ele **com**e/eu **com**i
Fazer: eu **faç**o/tu **faz**es/ele **faz**/eu **fiz**

A parte destacada do verbo *comer* mantém-se sempre igual, não muda. Por isso, dizemos que o verbo *comer* é um **verbo regular**.

Mas a parte destacada do verbo *fazer* vai mudando, não se mantém sempre igual: *faç*, *faz*, *fiz*. Por isso, dizemos que é um **verbo irregular**.

Os verbos que a seguir se apresentam também são irregulares.

Tempo verbal	Pessoa gramatical	*Dizer*	*Estar*	*Fazer*	*Ir*
Presente	eu	digo	estou	faço	vou
	tu	dizes	estás	fazes	vais
	ele, ela	diz	está	faz	vai
	nós	dizemos	estamos	fazemos	vamos
	vós	dizeis	estais	fazeis	ides
	eles, elas	dizem	estão	fazem	vão
Pretérito perfeito	eu	disse	estive	fiz	fui
	tu	disseste	estiveste	fizeste	foste
	ele, ela	disse	esteve	fez	foi
	nós	dissemos	estivemos	fizemos	fomos
	vós	dissestes	estivestes	fizestes	fostes
	eles, elas	disseram	estiveram	fizeram	foram
Pretérito imperfeito	eu	dizia	estava	fazia	ia
	tu	dizias	estavas	fazias	ias
	ele, ela	dizia	estava	fazia	ia
	nós	dizíamos	estávamos	fazíamos	íamos
	vós	dizíeis	estáveis	fazíeis	íeis
	eles, elas	diziam	estavam	faziam	iam
Futuro	eu	direi	estarei	farei	irei
	tu	dirás	estarás	farás	irás
	ele, ela	dirá	estará	fará	irá
	nós	diremos	estaremos	faremos	iremos
	vós	direis	estareis	fareis	ireis
	eles, elas	dirão	estarão	farão	irão

Outros verbos irregulares

Tempo verbal	Pessoa gramatical	*Poder*	*Querer*	*Ser*	*Ter*
Presente	eu	posso	quero	sou	tenho
	tu	podes	queres	és	tens
	ele, ela	pode	quer	é	tem
	nós	podemos	queremos	somos	temos
	vós	podeis	quereis	sois	tendes
	eles, elas	podem	querem	são	têm
Pretérito perfeito	eu	pude	quis	fui	tive
	tu	pudeste	quiseste	foste	tiveste
	ele, ela	pôde	quis	foi	teve
	nós	pudemos	quisemos	fomos	tivemos
	vós	pudestes	quisestes	fostes	tivestes
	eles, elas	puderam	quiseram	foram	tiveram
Pretérito imperfeito	eu	podia	queria	era	tinha
	tu	podias	querias	eras	tinhas
	ele, ela	podia	queria	era	tinha
	nós	podíamos	queríamos	éramos	tínhamos
	vós	podíeis	queríeis	éreis	tínheis
	eles, elas	podiam	queriam	eram	tinham
Futuro	eu	poderei	quererei	serei	terei
	tu	poderás	quererás	serás	terás
	ele, ela	poderá	quererá	será	terá
	nós	poderemos	quereremos	seremos	teremos
	vós	podereis	quereis	sereis	tereis
	eles, elas	poderão	quererão	serão	terão

Lê a lengalenga.

A criada lá de cima
É feita de papelão,
Quando vai fazer a cama
Diz assim para o patrão:
Sete e sete são catorze,
Com mais sete vinte e um,
Tenho sete namorados
E não gosto de nenhum.

Lengalenga popular

Preenche o quadro com as formas dos verbos que encontras na lengalenga da página anterior.

Formas verbais	Forma do infinitivo	Conjugação	Verbo regular/irregular
é			irregular
	ir		
fazer		2.ª	
	dizer		
são			irregular
	ter		
		1.ª	

Escreve as formas dos verbos irregulares do exercício anterior, colocando-as na 1.ª pessoa do singular dos tempos assinalados.

Verbo	Pretérito perfeito	Pretérito imperfeito	Futuro
ser	fui	era	serei

Os verbos que não conservam a mesma forma (radical) na conjugação dos tempos verbais chamam-se **verbos irregulares**.

(Exs.: *ser, ter, estar, ir, fazer, dizer, poder*)

Palavras simples e palavras complexas

Uma **palavra** é **simples** quando não se formou a partir de nenhuma outra. Quando à palavra simples se acrescentam outros elementos, forma-se uma **palavra complexa**.

sapato

palavra simples

sapateiro

palavra complexa

sapataria

palavra complexa

As palavras complexas podem ser formadas por derivação ou por composição.

Derivação

Uma palavra é formada por **derivação** quando é constituída por uma palavra simples (base) e por um ou mais afixos.

Quando o afixo se coloca antes da base, chama-se **prefixo**. Quando aparece depois da base, chama-se **sufixo**.

Afixos	
Prefixos	**Sufixos**
Exs.: *bis + avô = bisavô* *des + aparecer = desaparecer*	Exs.: *barba + eiro = barbeiro* *piano + ista = pianista*

Composição

As palavras complexas também se podem formar pelo processo de **composição**, quando duas ou mais palavras se juntam e formam novas palavras.

guarda-chuva
(guarda + chuva)

girassol
(gira + sol)

Liga as palavras das colunas de forma a criares palavras compostas e escreve-as. Observa o exemplo.

a) arroz	☐	**1)** pérola	**a)**	_____
b) saca	☐	**2)** mudo	**b)**	_____
c) surdo	☐	**3)** perfeito	**c)**	_____
d) amor	☐	**4)** chuva	**d)**	_____
e) guarda	☐	**5)** roupa	**e)**	_____
f) madre	☐	**6)** doce	**f)**	_____
g) guarda	5	**7)** rolhas	**g)**	guarda-roupa

A **derivação** é um processo de formação de palavras que consiste na junção de um ou mais afixos a uma forma de base.

A **composição** consiste na junção de duas ou mais palavras, originando novas palavras.

As frases

Quando falamos ou escrevemos, combinamos e organizamos as palavras de modo a formar **frases**. Essa combinação é feita segundo determinadas regras.

Repara nas seguintes palavras soltas:

barco *contra* *maré* *o* *navegava* *a*

Se as juntares ao acaso, podes obter combinações como esta:

A barco contra navegava o maré

Esta combinação não é uma frase porque não seguiu as regras gramaticais do português. Não se pode colocar o artigo feminino *a* antes de um nome masculino como *barco*, por exemplo.

Também não podemos colocar a preposição *contra* antes da forma verbal *navegava*.

A combinação correta é:

O barco navegava contra a maré.

Todas as frases têm, pelo menos, um verbo principal:

O barco navegava contra a maré.
O vento era forte.
A tempestade passou.

Frases simples e frases complexas

As frases podem ser simples ou complexas. As **frases simples** têm um só verbo principal. As **frases complexas** têm dois ou mais verbos principais.

Frase simples	Frase complexa
A Joana foi ao cinema.	Cheguei a casa e lanchei.
Um verbo principal	**Dois verbos principais**

Lê o texto seguinte.

A Ana puxou uma espécie de manta para si e instalou-se perto do lume. Fechou os olhos e abandonou-se ao seu cansaço. Aquele cheiro das brasas soube-lhe bem.

Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada,
Uma Viagem ao Tempo dos Castelos,
Editorial Caminho

Completa o quadro.

Frase	Verbo(s) principal(ais)	Frase simples	Frase complexa
A Ana puxou uma espécie de manta para si e instalou-se perto do lume.			
Fechou os olhos e abandonou-se ao seu cansaço.			
Aquele cheiro das brasas soube-lhe bem.	saber	✓	

Junta as frases simples das colunas A e B usando as palavras de ligação da coluna do meio. Depois, escreve-as fazendo as alterações necessárias: encontrarás uma pequena história. Repara no exemplo.

A		B
Frase simples	**Palavra de ligação**	**Frase simples**
Os meninos foram à praia.	e	A tia comprou-lhes gelados.
O pai brincou com eles.	porque	Os gelados eram deliciosos.
Apareceu a tia.	e	A mãe passeava pela praia.
Ficaram muito contentes.	quando	A mãe regressou do passeio.
Foram todos almoçar.	enquanto	Os meninos tomaram banho.

Os meninos foram à praia e tomaram banho.

As **frases** podem ser **simples** ou **complexas**.

As frases simples têm um só verbo principal. As frases complexas têm dois ou mais verbos principais.

As frases simples podem agrupar-se em frases complexas, por meio de algumas palavras de ligação.

Tipos de frase

As frases podem ser de diferentes tipos: declarativas, exclamativas, imperativas e interrogativas. Quando falamos, a entoação ajuda a definir o tipo de frase.

Quando escrevemos, usamos, por vezes, a pontuação para indicar alguns tipos de frase.

Observa os exemplos.

Frase declarativa
(faz uma afirmação)

Frase exclamativa
(mostra satisfação)

Frase imperativa
(faz um pedido/dá uma ordem)

Frase interrogativa
(faz uma pergunta)

Lê o texto.

Por isso, voltaram à Rua Nova dos Mercadores, agora quase deserta. Muitos comerciantes haviam fechado as lojas para poderem ver o rei.

— Que maçada! — exclamou o João, encostando-se à ombreira de uma porta. Inesperadamente ela abriu-se.

— Olha! Estava só encostada! Neste tempo não há roubos?

Mafalda riu-se.

— Não há poucos!

Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada,
Um Cheirinho a Canela,
Editorial Caminho

Copia as frases do texto anterior para o espaço adequado.

Frases declarativas	
Frases exclamativas	
Frases imperativas	
Frases interrogativas	

Numera as frases abaixo de acordo com o seu tipo.

Frase declarativa: 1
Frase exclamativa: 2
Frase imperativa: 3
Frase interrogativa: 4

— Que horas são? ☐

— São 10 horas. ☐

— Estou cheio de sede! ☐

— Bebe um copo de água. ☐

Com os elementos que se seguem, constrói frases do tipo que te é pedido. Atenção: tens de alterar a forma de alguns elementos e não te esqueças da pontuação!

manter

o meu caderno

cuidado

e

bem organizado

Frase declarativa — _____

Frase exclamativa — _____

Frase interrogativa — _____

Frase imperativa — _____

As frases podem ser de tipo **declarativo**, **exclamativo**, **interrogativo** ou **imperativo**.

As frases de tipo **declarativo** fazem uma afirmação. Na escrita, terminam com um ponto final.

As frases de tipo **exclamativo** mostram os sentimentos da pessoa que fala (admiração, medo, alegria, …); na escrita, terminam com um ponto de exclamação.

As frases de tipo **interrogativo** fazem uma pergunta; na escrita, terminam com um ponto de interrogação.

As frases de tipo **imperativo** expressam um pedido, dão uma ordem ou um conselho; na escrita, terminam com um ponto de exclamação ou um ponto final.

Frases afirmativas e frases negativas

As frases podem ter **formas** diferentes — **afirmativa** ou **negativa**.

O sol está quente.
O mar está calmo.
A paisagem é bonita.

Forma afirmativa
(exprime uma afirmação)

O sol não está quente.
O mar não está calmo.
A paisagem não é bonita.

Forma negativa
(exprime uma negação)

Assim, as frases afirmativas podem transformar-se em frases negativas ou as frases negativas em frases afirmativas.

Completa o quadro seguinte.

Frase afirmativa	Frase negativa
O João vai à praia.	
	A Maria não joga à bola.
Eles comem gelados todos os dias.	
	O pai do Tiago não foi à festa.
A enfermeira gosta do seu trabalho.	
	Não faço sempre os trabalhos de casa.

Reescreve o provérbio seguinte na forma afirmativa.

Quem não trabalha não come.

_____

A frase pode apresentar duas formas: a **afirmativa**, quando exprime uma afirmação, e a **negativa**, quando exprime uma negação.

A palavra que geralmente se usa para exprimir a negação é ***não*** e encontra-se sempre antes da forma verbal.

Os constituintes da frase

O grupo nominal

O **grupo nominal** é um constituinte da frase que tem como elemento central um nome ou um pronome.

O Pedro gosta de comer rebuçados.

grupo nominal **grupo nominal**

Ele adormeceu.

grupo nominal

Além do nome, que constitui o núcleo, o grupo nominal pode incluir outros elementos, como determinantes.

O meu cão magoou-se.

grupo nominal

Esta rosa é muito bonita.

grupo nominal

Sublinha os grupos nominais das frases seguintes.

a) A menina bebeu um sumo.

b) O Pedro comprou um livro.

c) O meu pai lê o jornal diariamente.

Circunda os núcleos desses grupos nominais.

O grupo verbal

O **grupo verbal** é um constituinte da frase que tem como elemento central um verbo (o núcleo).

O Bruno caiu.

grupo verbal

A Ana adoeceu.

grupo verbal

Pode incluir, além do verbo, complementos.

O Pedro adora doces.

grupo verbal

O Rui partiu um copo.

grupo verbal

Lê as frases e completa o quadro seguinte.

a) O macaco comeu a banana.

b) A Maria fez os trabalhos de casa.

c) O rapaz escorregou.

d) A mãe ajudou o filho.

e) O João rasgou o papel.

f) A rapariga perdeu o comboio.

Grupo verbal	Núcleo

Une os grupos nominais aos grupos verbais de forma a criares frases com sentido.

a) As pessoas	☐	**1)**	chorava com fome.
b) Uma onda gigante	☐	**2)**	luzia no céu.
c) As crianças	☐	**3)**	brincava sozinho.
d) Uma estrela	☐	**4)**	brincavam na rua.
e) O bebé	☐	**5)**	estavam à espera do comboio.
f) O rapaz	☐	**6)**	crescia no oceano.

Completa as frases com grupos verbais adequados.

a) O pato _____.

b) A Rita _____.

c) A mãe do Bruno _____.

d) A enfermeira _____.

e) O teu irmão _____.

f) O maquinista _____.

g) O autocarro _____.

Circunda o núcleo dos grupos verbais que formaste.

O **grupo nominal** é um constituinte da frase que tem como elemento principal um nome ou um pronome.

O grupo nominal pode fazer parte de outro grupo, como, por exemplo, o grupo verbal (*Ele comeu* ***um bolo***.).

O **grupo verbal** é um constituinte da frase que tem como elemento principal um verbo.

O grupo verbal pode ser constituído apenas pelo verbo ou por um verbo e por outros elementos que o completam (*Ele* ***chegou***./*Ele* ***chegou a casa***.).

As funções sintáticas

O sujeito

Nas frases, há um grupo nominal que tem a função sintática de **sujeito**. É muito importante porque a forma do verbo depende dele:

- Se o sujeito está no singular, o verbo tem de estar no singular.
- Se o sujeito está no plural, o verbo também tem de estar no plural.

Nas frases seguintes, os grupos nominais destacados têm a função de sujeito.

O peixe nada.
Os peixes nadam.

O verbo também concorda em pessoa (1.ª, 2.ª e 3.ª) com o sujeito.

Repara nas mudanças do verbo *nadar* que são provocadas pelas mudanças no sujeito:

Eu nado. / Tu nadas. / Ele nada.

Por vezes, o sujeito fica subentendido, não está presente na frase mas existe. Está como que escondido.

Repara na frase: *Fui fazer compras.*

O sujeito desta frase é *eu*, embora não esteja presente.

Sublinha os sujeitos das frases do texto seguinte.

O Luisinho olhou em volta. A mãe devia estar a chegar das compras e a criada estava distraída com a rádio.

Luísa Costa Gomes, «A Janela da Despensa como Argumento Moral», in *Contos Outra Vez*, Cotovia

O predicado

Numa frase, o grupo verbal desempenha a função sintática de **predicado**. Repara nos grupos de palavras destacados no texto seguinte.

À noite, antes de jantar, foi espreitar o galinheiro. E ficou sem apetite: a Clara Sofia não estava lá, tinha desaparecido.

António Mota, «A Galinha Vadia», in *Abada de Histórias*, Gailivro

Predicado

- foi espreitar o galinheiro
- ficou sem apetite
- não estava lá
- tinha desaparecido

Completa o texto seguinte com os predicados adequados.

viu uma luz ao longe	treparam para um ramo
resolveram assustá-los	deitaram-se junto a uma árvore

Um burro, um gato, um galo e um cão decidiram abrigar-se e dormir na floresta. O burro e o cão _____, enquanto o gato e o galo _____. Foi então que o galo _____ e alertou os amigos. Era uma casa que abrigava uns ladrões. Os quatro amigos _____.

«Os Músicos de Bremen», conto tradicional (texto adaptado)

O **sujeito** é normalmente expresso através de um grupo nominal. É o sujeito que determina a forma do verbo com que se relaciona.

A maior parte das frases tem o sujeito expresso, embora haja casos em que ele fica subentendido.

O grupo verbal desempenha a função sintática de **predicado**.

O complemento direto

Numa frase, as expressões que completam o sentido do verbo e que podem ser substituídas pelos pronomes *o, a, os* ou *as* desempenham a função de complemento direto.

O pato comeu a minhoca. → O pato comeu-a.

Se retiramos da frase acima o grupo nominal *a minhoca*, fica assim:

O pato comeu.

Esta frase não tem um sentido completo. É preciso saber o que comeu o pato. O verbo *comer* exige um complemento. Chama-se a este complemento o **complemento direto**.

Nas frases a seguir encontras outros complementos diretos.

A Maria fechou a torneira. (A Maria fechou-a.)
A Joana recebeu uma boa nota. (A Joana recebeu-a.)
O cão atacou o rapaz. (O cão atacou-o.)

Sublinha o complemento direto das frases seguintes.

a) O Pedro leu um romance.

b) A Ana visitou o Museu do Traje.

c) O aluno escreveu uma composição sobre o outono.

d) Ela abriu a porta.

e) A rapariga cheirou a flor.

O **complemento direto** é um complemento do verbo.
Pode ser substituído pelos pronomes *o, a, os* ou *as*.
Há frases em que o verbo não precisa de complementos para fazer sentido (por exemplo: *Ela correu.*).

A mobilidade dos elementos da frase

Alguns elementos da frase podem mudar de posição.

Repara na frase:

As crianças brincavam divertidas.

Normalmente, em português o sujeito aparece antes do predicado. No entanto, este pode aparecer depois, tornando a frase mais expressiva:

Brincavam divertidas as crianças.

Há outros elementos que podem mudar de posição na frase sem alterar o seu sentido. É o caso da palavra *ontem* nas frases seguintes.

Ontem, as crianças brincavam divertidas.
As crianças brincavam divertidas ontem.

Reescreve as frases mudando a posição dos seus elementos, mas sem lhes alterares o sentido.

a) Alegremente, as vizinhas conversavam.

_____

b) Os rapazes, no pátio, brincam às escondidas.

_____

c) As andorinhas fazem os ninhos na primavera.

_____

Famílias de palavras

A um conjunto de palavras constituído por uma palavra simples e por outras que se formam a partir dela dá-se o nome de **família de palavras**.

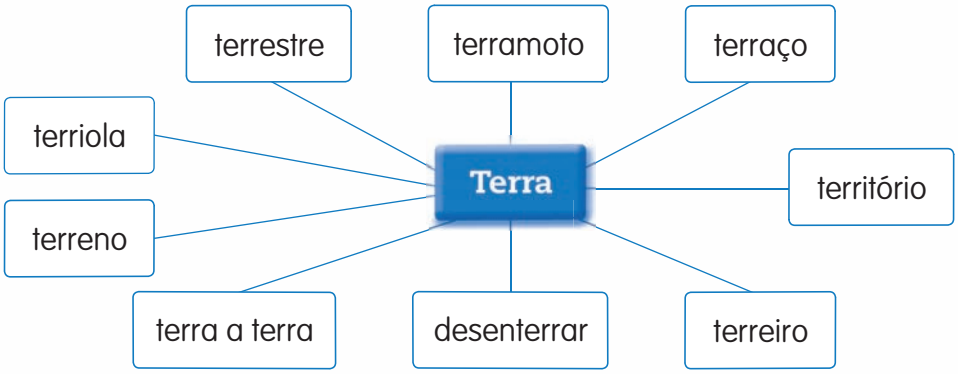

Completa com palavras da mesma família.

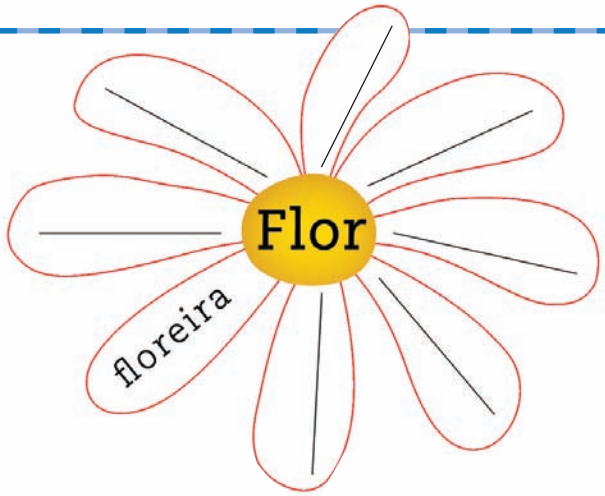

Uma **família de palavras** é um conjunto de palavras constituído por uma palavra simples e por outras formadas a partir dela.

Sinónimos e antónimos

Sinónimos

As palavras que podem ter o mesmo significado são **sinónimas**.
Lê o texto.

Foi um momento emocionante. Amarguinha não saberia explicar o que sentiu ao ver aquele bebé tão pequenino nos braços da mãe. De olhos fechados, tranquilo, com o gorro de lã a cobrir-lhe a cabeça para não ter frio, o bebé parecia um boneco de brincar.

Tiago Rebelo, *Amarguinha Tem Um Irmão*, Editorial Presença

As palavras destacadas no texto podem relacionar-se com outras pelo seu significado.

Foi um momento emocionante	OU	*Foi um momento comovente*
De olhos fechados, tranquilo		*De olhos fechados, calmo*

Escreve as palavras que podem ser consideradas sinónimas das palavras seguintes. Escolhe-as de entre as que são indicadas abaixo.

a) abrigo ☐☐☐☐☐☐☐

b) bonito ☐☐☐☐☐

c) bocado ☐☐☐☐☐☐

d) caminhar ☐☐☐☐☐

e) colocar ☐☐☐

pôr pedaço andar
refúgio lindo

Quando, ao substituirmos uma palavra por outra, o significado se mantém idêntico, as palavras são **sinónimas**.

Antónimos

As palavras que têm significados opostos são **antónimas**.

casa grande

casa pequena

dia

noite

Completa o crucigrama com antónimos das palavras indicadas.

1. Comum.
2. Alguém.
3. Frio.
4. Triste.
5. Feio.
6. Desligados.
7. Acordar.
8. Aberto.
9. Claro.

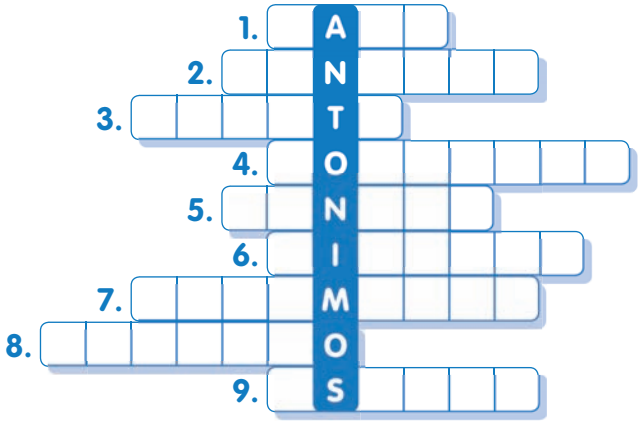

Quando uma palavra tem um significado oposto ao de outra, essas duas palavras são **antónimas**.

Uso do dicionário

Quando não sabemos o significado de uma palavra, devemos consultar um dicionário. Um **dicionário** é um livro com as palavras de uma língua ordenadas alfabeticamente. Cada palavra aparece associada ao seu significado e a outras informações úteis, como a classe a que pertence.

Regras para consultar um dicionário

- As palavras aparecem sempre por **ordem alfabética**.
  - Primeiro, encontras as palavras começadas por ***a***, depois, as que começam por ***b***, e assim sucessivamente.
  - Se as palavras começarem pela mesma letra, deves dar atenção à segunda letra (*banco*, *brisa*).
  - Se as duas primeiras letras forem iguais, deves dar atenção à terceira letra (*banco*, *barco*).
- Quando são variáveis, as palavras aparecem sempre no **masculino singular**.
- No caso dos verbos, a forma que deves procurar é o **infinitivo**.

Ordena as palavras seguintes alfabeticamente. Essa será a ordem pela qual as encontrarás no dicionário.

carro ☐	jarra ☐	xaile ☐	carregado ☐
zangado ☐	armário ☐	coelho ☐	antigo ☐
janota ☐	zebra ☐	barco ☐	lobo ☐

Escreve, em cada caso, a forma como procurarias as palavras no dicionário.

amigas _____	comias _____	lavava _____
ricos _____	espertos _____	cansados _____
gata _____	ratos _____	leram _____

A comunicação

Quando falamos, procuramos transmitir aos outros aquilo que pensamos. Estamos a **comunicar**. Para isso, juntamos frases, formando textos ou discursos. Podemos comunicar **oralmente** ou por **escrito**.

Quando comunicamos oralmente, a pessoa que está a falar é o **locutor** e aqueles que a estão a escutar para depois falarem são os seus **interlocutores**.

Na escrita, diz-se que quem escreve é o **emissor** e que aquele que lê e interpreta o que está escrito é o **recetor**.

No texto seguinte, repara nas falas dos interlocutores e naquilo que eles dizem um ao outro (nos seus **enunciados**).

A Lagarta foi a primeira a falar:

— De que tamanho é que queres ficar? — perguntou.

— Oh, não faço questão quanto ao tamanho — respondeu Alice muito depressa —, só que uma pessoa não gosta de mudar tantas vezes de tamanho, sabe?

— Não sei, não! — disse a Lagarta.

Lewis Carroll, *Alice no País das Maravilhas*, Publicações Dom Quixote

Locutor	Enunciado	Interlocutor
	De que tamanho é que queres ficar?	
	Oh, não faço questão quanto ao tamanho, só que uma pessoa não gosta de mudar tantas vezes de tamanho, sabe?	
	Não sei, não!	

Lê o texto seguinte e preenche o quadro.

É tão bom ser nuvem,
Ter um corpo leve,
E passar, passar.

Eugénio de Andrade,
Aquela Nuvem e Outras,
Campo das Letras

Emissor	Enunciado	Recetor
		(Escreve aqui o teu nome)

Lê o texto.

— Bom dia, Espiga! — disse-lhe naquela manhã a Senhora Cegonha, toda espaventosa no seu xaile branco de franjas pretas.
— Com quem estás a falar? — perguntou a nossa amiga.
— Contigo — respondeu-lhe a outra. — Com quem havia de ser?...
Ou julgas-te uma princesa lá porque os caracóis te começam a aloirar?
— Estás enganada, minha alcoviteira. Não sou a Espiga. Sou a Sementinha.

Alves Redol, *A Vida Mágica da Sementinha,*
Editorial Caminho

Completa o esquema que se segue, de acordo com a situação de comunicação relatada no texto da página anterior que acabaste de ler.

Locutor	Enunciado	Interlocutor
		Sementinha
Sementinha		
	Contigo. Com quem havia de ser?… Ou julgas-te uma princesa lá porque os caracóis te começam a aloirar?	
	Estás enganada, minha alcoviteira. Não sou a Espiga. Sou a Sementinha.	

Comunicar consiste em transmitir aos outros aquilo que pensamos. Podemos fazê-lo oralmente ou por escrito.

Na **comunicação oral**, o emissor chama-se **locutor** e o recetor chama-se **interlocutor**. Quando se fala conjuntamente dos dois, usa-se o termo **interlocutores**.

Na **comunicação escrita**, quem escreve é o **emissor** e aquele que lê e interpreta o que está escrito é o **recetor**.

Os registos de língua

Quando falamos ou escrevemos a alguém, não o podemos fazer sempre da mesma maneira. Consoante as situações de comunicação, temos de usar **registos de língua** diferentes.

Se, por exemplo, aquele a quem nos dirigimos é uma autoridade ou uma pessoa mais velha ou se o local em que estamos é um espaço de cerimónia, usa-se um **registo formal**.

Se, por outro lado, existe uma relação familiar, de amizade, ou se os interlocutores são da mesma idade e nenhum tem uma função mais importante do que o outro, usa-se um **registo informal**.

Registo formal

Isabel Cristina Matos
Av. 5 de Outubro, n.º 27571
1050 Lisboa
Telefone 214 531 111

Ex.mo Senhor
Diretor dos Recursos Humanos
da Sociedade de Informática de Portugal

Acabo de receber o meu diploma de Informática. Tenho conhecimento de que a vossa empresa lidera o mercado neste ramo de atividade, o que me dá garantias de ser o melhor local para poder desenvolver as competências que adquiri na minha formação.

Gostaria de, numa entrevista pessoal, poder prestar outras informações que penso serem de mútuo interesse.

Subscrevo-me com a mais elevada consideração,

Isabel Matos

Registo informal

Olá, tia!

Como estão todos por aí?
Nós estamos bem e cheios de saudades suas, do tio e dos primos!
Já falta pouco para nos vermos .
Estamos a preparar as malas. Partimos amanhã de manhã.

Um beijinho para todos!

Joana

Lê os textos seguintes.

Texto A

— Ó Maria, manda cá um copo de vinho. Vais ver o que é uma pinga!

Alves Redol, *Gaibéus*, Editorial Caminho

Texto B

Passados os três dias o moleiro, vestido de frade, foi pedir audiência ao rei. O rei perguntou-lhe:
— Então quanto pesa a Lua?
— Saberá Vossa Majestade que não pode pesar mais do que um arrátel, porque todos dizem que tem quatro quartos.
— É verdade... E agora: quanta água tem o mar?
Respondeu o moleiro:
— Isso é muito fácil de saber. Mas como Vossa Majestade só quis saber da água do mar, é preciso primeiro que mande tapar todos os rios, porque sem isso nada feito.
O rei achou bem respondido.

Viale Moutinho (org.), *Contos Populares Portugueses*, Livros de Bolso Europa-América

Texto C

Não fazia ideia de que o inverno em Nova Iorque fosse tão desagradável. Alexander pensou que estava mergulhado num pesadelo de ficção científica, numa gigantesca e pavorosa cidade de cimento, aço, vidro, poluição e solidão. Morgana interrompeu os seus pensamentos.

— Estou morta de fome... Podíamos comer alguma coisa... — sugeriu.

— Já é tarde, tenho de chegar a casa da minha avó — desculpou-se.

— Calma, homem, que já te levo até lá. Estamos perto, mas calhava-me bem meter alguma coisa na barriga — insistiu ela.

Isabel Allende, *A Cidade dos Deuses Selvagens*, Difel (texto adaptado)

Texto D

Chegam os dias de inverno, e aquela voz enfurecida, que ouço desde pequeno, engrossa e mete medo. A voz da tempestade. O piloto-mor está no cais e o salva-vidas a postos. O cais está cheio de gente, todo o cais grita de dor. Estão aqui as mulheres, as mães, as velhas com a garganta sufocada e que perguntam numa ânsia:

— Viram-nos? Viram-nos?

— A lancha onde anda o seu homem não está na barra.

— E os da Ti Ana?

— Por ora não se sabe deles.

— O meu rico home! O meu rico home!

Raul Brandão, *Os Pescadores*, Publicações Europa-América (texto adaptado)

Assinala com um ✗ o registo utilizado nas falas dos textos A, B, C e D.

	Texto A	Texto B	Texto C	Texto D
Registo formal				
Registo informal				

Cada locutor usa **registos de língua** diferentes conforme a situação em que se encontra com os seus interlocutores. A pessoa com quem se fala condiciona o modo como algo é dito: as palavras que se escolhem, as formas de tratamento usadas e o maior ou menor cuidado com a construção das frases. Podemos, pois, escolher entre um **registo formal** e um **registo informal**.

Diálogo, discurso direto e discurso indireto

Quando as pessoas comunicam oralmente, fazem-no, de uma forma geral, através do **diálogo**. No diálogo, o locutor e os seus interlocutores vão falando, vão trocando falas entre si.

Quando reproduzimos, na escrita, a fala dos locutores, usamos o **discurso direto**.

— *Então nunca comeram caldo de pedra? Só lhes digo que é uma coisa muito boa.*
— *Sempre queremos ver isso.*
— *Se me emprestassem aí um pucarinho?*

Teófilo Braga, *Contos Tradicionais do Povo Português*,
Texto Editores (texto adaptado)

No **discurso indireto**, uma pessoa relata (conta) o que outra disse.

Era uma vez uma gaivota que gostava de ser pomba.
Dizia ela que as gaivotas não servem para nada, ao passo que as pombas sempre servem para alguma coisa.

António Torrado, *A Gaivota Que não Queria Ser*,
Civilização Editora

Lê o texto e escreve o diálogo entre os dois amigos. Segue o exemplo.

O Pedro e a Lídia foram à biblioteca procurar um livro para ler no fim de semana. O Pedro perguntou à Lídia qual era o livro preferido dela. A Lídia gosta de vários e, por isso, perguntou ao Pedro qual era o género de livros que ele gostava de ler, ao que o Pedro respondeu que preferia livros de aventuras. Então, a Lídia aconselhou-o a ler Uma Aventura na Escola, acrescentando que ela gostava muito da história.

Pedro — Qual é o teu livro preferido, Lídia?

Nos textos que se seguem, circunda as falas em discurso direto.

— *Meus senhores, proponho que saudemos o aniversário de Carlos — bradou em tom de brinde.*
— *Apoiado — responderam todos, imitando-o.*

Júlio Dinis, *Uma Família Inglesa*, Editora Ulisseia

— *Adeus, Joana! — respondeu Carlos, perturbado e confuso.*
— *Adeus, Carlos! — respondeu ela maquinalmente.*
— *Até depois de amanhã, Joana.*
— *Pois sim.*

Almeida Garrett, *Viagens na Minha Terra*, Editora Ulisseia

Escreve no discurso indireto o seguinte diálogo entre o Jaime e uma senhora, na paragem do autocarro.

Jaime — Bom dia! Pode dizer-me a que horas passa o autocarro?
Senhora — Bom dia. Passará às 10 horas.
Jaime — Obrigado.
Senhora — De nada.

Quando dois ou mais interlocutores comunicam uns com os outros, diz-se que estão a ter um **diálogo**.

Na escrita, pode-se reproduzir o que alguém disse usando exatamente as suas palavras. É o **discurso direto**.

Também se pode relatar o que o locutor disse, adaptando e fazendo uma espécie de resumo, através do **discurso indireto**.

O princípio de cortesia

Quando comunicamos, devemos usar algumas **regras de cortesia** ou boa educação. Não devemos interromper o interlocutor, não devemos manifestar falta de atenção, devemos evitar o silêncio desagradável, não proferir insultos, injúrias, etc. A escolha das palavras que utilizamos e, principalmente, as formas de tratamento que escolhemos são os modos mais diretos de mostrar essa cortesia.

Exemplos:

Imaginam, portanto, qual não foi a minha surpresa quando, ao romper do dia, fui acordado por uma voz muito fininha, a pedir:

— Por favor... desenha-me uma ovelha!

Antoine de Saint-Exupéry, *O Principezinho*, Editorial Presença

— Não foi essa a minha intenção! — desculpou-se Alice.

— Mas tu ofendes-te com tanta facilidade!

O Rato, como resposta, apenas resmungou.

— Por favor, volta e acaba a tua história! — pediu Alice.

E todos os outros se juntaram em coro:

— Sim, sim, por favor!

Lewis Carrol, *Alice no País das Maravilhas*, Publicações Dom Quixote

Escreve um pequeno diálogo em que utilizes uma linguagem que respeite as regras de cortesia.

Copia, do diálogo seguinte, as expressões que mostram respeito pelo interlocutor.

Num diálogo, há expressões e comportamentos que revelam boa educação e que ajudam a criar um ambiente de conversação agradável, obedecendo ao **princípio de cortesia**.

As formas de tratamento

As **formas de tratamento** são expressões que usamos para nos dirigirmos aos nossos interlocutores. Dependem do «código de boas maneiras» adotado pela sociedade. A opção por uma forma de tratamento depende da familiaridade ou da proximidade entre os interlocutores.

— *Olá, Francisco, vais para casa de autocarro?*
— *Não, hoje o meu pai vem buscar-me. E tu? Queres que te deixe em casa, Tiago?*

— *Boa tarde, senhor João! Não se importa de me dar boleia?*
— *Boa tarde, rapaz! Claro que te deixo em casa.*
— *Obrigado.*

Os dois rapazes são amigos. Quando falam um com o outro, tratam-se por *tu*.

O Tiago já conhece o pai do Francisco (que é o João), mas reconhece a diferença de idades e de posições, dirigindo-se a ele com educação. Assim, trata-o por *senhor*.

Há várias formas de tratamento:

- **familiares**
  — *tu*;
  — *você* (entre pessoas pouco próximas).
- **formais**
  — *(o) senhor, (a) senhora; excelentíssimo(a) senhor(a).*

Sublinha, nos textos seguintes, as formas de tratamento. Depois, escreve-as por ordem no quadro da página da direita.

Texto A

Alex e Nádia regressaram ao hotel, onde os membros da expedição estavam reunidos em torno de César Santos e da doutora Omayra Torres estudando o mapa da região e discutindo os preparativos da viagem. […]

— Suponho que também está ao corrente de que eu também faço parte da expedição, professor Leblanc — disse a doutora Omayra Torres. […]
— Nada me daria maior prazer, menina, mas…
— Doutora Torres — interrompeu-o a médica.
— Pode chamar-me Moisés — arriscou Leblanc. […]
— Chame-me doutora Torres — replicou ela, secamente.
— Não poderei levá-la, minha cara doutora. Há espaço apenas para quem foi contratado pela International Geographic.

Isabel Allende, *A Cidade dos Deuses Selvagens,* Difel (texto com supressões)

Texto B

— Tu sabes o que a professora disse hoje, Mariana?
— Ralhou-te outra vez, foi?
— Não. Eu, por acaso, estava com atenção, porque a aula foi sobre a Lua!
— A Lua?
— Sim, sobre as fases da Lua…
— Então a Lua tem caras?
— Fases, Mariana, fases! Não é o mesmo que «faces»; mas, realmente, não é muito diferente…
— E a Lua tem mesmo caras, Gaspar?
— Tem. Quer dizer, não são assim como a tua ou a minha, porque a Lua não tem nariz, nem olhos, nem boca. Mas não é sempre igual.

M. Teresa Gonzalez, *Gaspar e Mariana,* Editorial Verbo

Formas de tratamento	
Texto A	Texto B
_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____

Preenche os espaços.

O Gaspar e a Mariana usam um tratamento por _____ (2.ª pessoa) porque existe entre eles uma relação de amizade e são duas crianças aproximadamente da mesma idade.

Embora o professor Leblanc gostasse de tratar _____ por «menina», esta não o permitiu, porque achou que entre eles só devia existir uma relação formal (sem grande intimidade entre eles, para evitar atitudes demasiado familiares). Assim, disse-lhe para a tratar por _____.

As palavras ou expressões que usamos quando nos dirigimos aos nossos interlocutores chamam-se **formas de tratamento**.

A opção por uma ou por outra forma de tratamento depende da familiaridade ou da proximidade entre os interlocutores.

Apêndice

Relação entre sons e letras

Lê-se	Escreve-se
cê	c, ç, s, ss
zê	s, z, x
quê	q, c, qu, k
ô	o, ou
u	u, o
...	...

Dígrafos

Dígrafos	Exemplos
ss	o**ss**os, pe**ss**oa, re**ss**onar
rr	ca**rr**o, ba**rr**a, zu**rr**ar
ch	**ch**uva, ca**ch**o, **ch**ave
nh	ni**nh**o, ba**nh**o, ma**nh**ã
lh	pa**lh**aço, te**lh**a, ra**lh**ar
qu (antes de e ou i)	**qu**erido, **qu**ente, **qu**inze
gu (antes de e ou i)	**Gu**ilherme, fo**gu**ete, **gu**erra

Sílabas

Classificação quanto ao número de sílabas	Número de sílabas	Exemplos
Monossílabo	uma	pá, mão, de
Dissílabo	duas	rato, cama, lata
Trissílabo	três	pontapé, saúde, caminho
Polissílabo	quatro ou mais	biologia, guitarrista, feminino

Acentuação

Classificação quanto à acentuação	Sílaba tónica	Exemplos
Aguda	última	portu**guês**, ca**fé**, ju**iz**
Grave	penúltima	**va**so, **ca**sa, **cra**vo
Esdrúxula	antepenúltima	**más**cara, **fá**brica, **lâm**pada

Entoação

Entoação	Exemplos
Declarativa	Hoje está a chover.
Interrogativa	Achas que vai chover hoje?
Exclamativa	Hoje está a chover!
Imperativa	Leva o guarda-chuva!

Letras

	Letras de imprensa	Letras manuscritas
Minúsculas	a b c d e f g h i j k l m n o p q r s t u v w x y z	*a b c d e f g h i j k l m n* *o p q r s t u v w x y z*
Maiúsculas	A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z	*A B C D E F G H I J K L M N* *O P Q R S T U V W X Y Z*

Acentos

Acentos	Exemplos
Grave	àquela, às
Agudo	hipopótamo, raízes
Circunflexo	clemência, pêssego

Hífen

Hífen	Casos de uso	Exemplos
Como sinal de ligação	Liga as palavras simples que formam a maioria das palavras compostas.	couve-flor, tira-nódoas
	Liga as formas verbais aos pronomes que lhes estão associados.	ofereceu-lhe, abraçou-me
	Liga os prefixos como *ex-, circum-, vice-, pós-, pré-, pró-, …* a uma forma de base.	circum-navegação, vice-presidente

Hífen	Regras de translineação	Exemplos
Na translineação	Não se separam duas consoantes no início de uma sílaba.	pra-/to tra-/ça
	Não se separam os grupos *nh, lh* e *ch*.	ba-/nho te-/lha
	Não se separam os ditongos.	pai-/xão mui-/to
	Separam-se as consoantes iguais.	car-/ro pes-/soa
	Separam-se as consoantes que pertençam a sílabas diferentes.	sal-/sa por-/co
	Separam-se as vogais que pertençam a sílabas diferentes.	sa-/ú-/de pe-/ú-/ga
	Não se deve deixar uma única vogal no início ou no fim de uma linha.	azei-/te ci-/ên-/cia
	Quando se separa uma palavra que já tenha um hífen, este deve ser repetido no início da linha seguinte.	guarda-/ -chuva

Sinais de pontuação

Sinal	Casos de uso	Exemplos
. **Ponto final**	Marca o fim de uma frase.	A Madalena abriu a porta.
! **Ponto de exclamação**	Usa-se depois de interjeições e no final de frases exclamativas e imperativas.	Oh! A bola está furada!
? **Ponto de interrogação**	Usa-se no final de frases interrogativas.	Viste a Graça?
... **Reticências**	Marcam a interrupção de uma frase, uma hesitação, uma surpresa ou uma dúvida.	Não sei se... Achas?...
, **Vírgula**	Separa frases dentro de um período, partes da frase e elementos de uma enumeração.	Não podiam ir à praia, pois começara a chover, havia muito trânsito e era perigoso.
: **Dois pontos**	Introduzem uma enumeração, uma explicação do que foi dito antes ou o discurso direto.	Aquela festa tivera de tudo: palhaços, mágicos, concursos e muitos bolos.
— **Travessão**	Introduz o discurso direto ou intercala palavras ou frases.	A Rita respondeu: — Não quero ir.
; **Ponto e vírgula**	Separa elementos de uma enumeração ou frases dentro do mesmo período.	Vendendo as cabras, poderia comprar muitas vacas; com as vacas, compraria búfalos; com os búfalos, compraria éguas.

Sinais auxiliares de escrita

Sinal	Casos de uso	Exemplos
« » / " " **Aspas / aspas altas**	Títulos	«Mago» (conto de Miguel Torga)
	Citações	«Como brincar também é uma boa maneira de aprender, as crianças também têm todo o direito de brincar e de se divertir!» (citado da *Declaração dos Direitos da Criança*)
	Discurso direto	A Rosarinho disse: «Leva-me contigo, amiga.»
	Palavra inventada	«Portunhês»
( ) **Parênteses curvos**	Aparte	O Jaime olhou (cheio de saudades) o retrato do pai, que estava no estrangeiro.
	Explicação	A Emilinha era muito estudiosa (estudava todos os dias aquilo que tratara na escola nesse dia) e, portanto, tinha muito boas classificações.
	Informação sobre gestos e movimentos	João (erguendo os olhos para o céu): «Meu Deus, que confusão!»
[ ] **Parênteses retos**	Supressão de parte de uma frase ou de um texto citado	«[…] as crianças têm todo o direito de brincar e de se divertir!»

Formas de destaque

Formas de destaque	Exemplos
Itálico	Eles apanharam o *ferry* e atravessaram o rio.
Negrito	Todos sabiam que era **aquela** a bola roubada.
Sublinhado	O bilhete custa apenas 5 euros.

Configuração gráfica

Nome	Definição
Período	Frase ou conjunto de frases começadas com maiúscula e terminadas com ponto final, ponto de exclamação, ponto de interrogação ou reticências.
Parágrafo	Contém um ou mais períodos. Distingue-se do período por se iniciar em nova linha.
Margem	Espaços criados por duas linhas verticais (reais ou imaginárias) que se colocam de cada lado da folha (de alto a baixo), sendo o da esquerda um pouco mais largo do que o da direita; destinam-se a orientar e alinhar a escrita na folha.

Relações entre palavras

Palavras	Definição	Exemplos
Homógrafas	Pronunciam-se de maneira diferente. Têm significado diferente. Escrevem-se da mesma forma.	molho (de lenha) molho (para a carne)
Homófonas	Pronunciam-se da mesma maneira. Têm significado diferente. Escrevem-se de forma diferente.	coser (roupa) cozer (comida)
Homónimas	Pronunciam-se da mesma maneira. Têm significado diferente. Escrevem-se de forma igual.	canto (do pássaro) canto (da sala)

Nomes

Subclasses	Definição	Exemplos
Comuns	Referem-se a todos os membros de uma classe.	casa, boneco
Próprios	Designam algo único e determinado.	Beja, Joana
Coletivos	Estando no singular, identificam um conjunto de objetos ou entidades da mesma natureza.	rebanho, matilha

Artigos

Artigos	Singular		Plural	
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Definidos	o	a	os	as
Indefinidos	um	uma	uns	umas

Determinantes demonstrativos

Singular		Plural	
Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
este esse aquele	esta essa aquela	estes esses aqueles	estas essas aquelas

Determinantes possessivos

	Pessoa gramatical	Singular		Plural	
		Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Um possuidor	1.ª 2.ª 3.ª	meu teu seu	minha tua sua	meus teus seus	minhas tuas suas
Vários possuidores	1.ª 2.ª 3.ª	nosso vosso seu	nossa vossa sua	nossos vossos seus	nossas vossas suas

Quantificadores numerais

Subclasses	Definição	Exemplos
Cardinais	Indicam uma quantidade inteira.	Dois (gelados)
Multiplicativos	Indicam um múltiplo de uma quantidade inteira.	O triplo (dos alunos)
Fracionários	Indicam uma parte de uma quantidade inteira.	Dois terços (dos rapazes)

Adjetivos qualificativos

Funções	Exemplos
Descrever (paisagens, ideias, objetos, …).	A rua era larga, clara e ajardinada.
Fazer retratos.	Maria tinha cabelo loiro e olhos azuis.
Mostrar sentimentos e opiniões.	Era uma menina muito bonita e simpática.

Graus dos adjetivos			Exemplos
Normal			O tigre é **gordo**.
Comparativo de	Superioridade		O tigre é **mais gordo do que** o gato.
	Igualdade		O gato é **tão gordo como** o coelho.
	Inferioridade		O rato é **menos gordo do que** o gato.
Superlativo	Relativo de	Superioridade	O tigre é **o mais gordo** de todos os animais.
		Inferioridade	O rato é **o menos gordo** de todos os animais.
	Absoluto	Sintético	O tigre é **gordíssimo**.
		Analítico	O tigre é **muito gordo**.

Pronomes pessoais

Pessoa gramatical		Sujeito	Complemento direto
Singular	1.ª 2.ª 3.ª	eu tu/você ele/ela	me te o/a, se
Plural	1.ª 2.ª 3.ª	nós vós/vocês eles/elas	nos vos os/as, se

Pronomes demonstrativos

Variáveis				Invariáveis
Singular		Plural		
Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	
este esse aquele	esta essa aquela	estes esses aqueles	estas essas aquelas	isto isso aquilo

Pronomes possessivos

	Pessoa	Singular		Plural	
		Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Um possuidor	1.ª 2.ª 3.ª	meu teu seu	minha tua sua	meus teus seus	minhas tuas suas
Vários possuidores	1.ª 2.ª 3.ª	nosso vosso seu	nossa vossa sua	nossos vossos seus	nossas vossas suas

Verbos regulares — 1.ª conjugação

Tempo verbal	Pessoa gramatical	*Cantar*	*Falar*	*Lavar*
Presente	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	canto cantas canta cantamos cantais cantam	falo falas fala falamos falais falam	lavo lavas lava lavamos lavais lavam
Pretérito perfeito	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	cantei cantaste cantou cantámos cantastes cantaram	falei falaste falou falámos falastes falaram	lavei lavaste lavou lavámos lavastes lavaram
Pretérito imperfeito	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	cantava cantavas cantava cantávamos cantáveis cantavam	falava falavas falava falávamos faláveis falavam	lavava lavavas lavava lavávamos laváveis lavavam
Futuro	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	cantarei cantarás cantará cantaremos cantareis cantarão	falarei falarás falará falaremos falareis falarão	lavarei lavarás lavará lavaremos lavareis lavarão

Verbos regulares — 2.ª conjugação

Tempo verbal	Pessoa gramatical	*Beber*	*Comer*	*Escrever*
Presente	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	bebo bebes bebe bebemos bebeis bebem	como comes come comemos comeis comem	escrevo escreves escreve escrevemos escreveis escrevem
Pretérito perfeito	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	bebi bebeste bebeu bebemos bebestes beberam	comi comeste comeu comemos comestes comeram	escrevi escreveste escreveu escrevemos escrevestes escreveram
Pretérito imperfeito	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	bebia bebias bebia bebíamos bebíeis bebiam	comia comias comia comíamos comíeis comiam	escrevia escrevias escrevia escrevíamos escrevíeis escreviam
Futuro	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	beberei beberás beberá beberemos bebereis beberão	comerei comerás comerá comeremos comereis comerão	escreverei escreverás escreverá escreveremos escrevereis escreverão

Verbos regulares — 3.ª conjugação

Tempo verbal	Pessoa gramatical	*Abrir*	*Dividir*	*Partir*
Presente	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	abro abres abre abrimos abris abrem	divido divides divide dividimos dividis dividem	parto partes parte partimos partis partem
Pretérito perfeito	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	abri abriste abriu abrimos abristes abriram	dividi dividiste dividiu dividimos dividistes dividiram	parti partiste partiu partimos partistes partiram
Pretérito imperfeito	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	abria abrias abria abríamos abríeis abriam	dividia dividias dividia dividíamos dividíeis dividiam	partia partias partia partíamos partíeis partiam
Futuro	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	abrirei abrirás abrirá abriremos abrireis abrirão	dividirei dividirás dividirá dividiremos dividireis dividirão	partirei partirás partirá partiremos partireis partirão

Verbos irregulares

Tempo verbal	Pessoa gramatical	*Dar*	*Dizer*	*Estar*
Presente	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	dou dás dá damos dais dão	digo dizes diz dizemos dizeis dizem	estou estás está estamos estais estão
Pretérito perfeito	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	dei deste deu demos destes deram	disse disseste disse dissemos dissestes disseram	estive estiveste esteve estivemos estivestes estiveram
Pretérito imperfeito	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	dava davas dava dávamos dáveis davam	dizia dizias dizia dizíamos dizíeis diziam	estava estavas estava estávamos estáveis estavam
Futuro	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	darei darás dará daremos dareis darão	direi dirás dirá diremos direis dirão	estarei estarás estará estaremos estareis estarão

Verbos irregulares

Tempo verbal	Pessoa gramatical	*Fazer*	*Haver*	*Ir*
Presente	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	faço fazes faz fazemos fazeis fazem	hei hás há havemos haveis hão	vou vais vai vamos ides vão
Pretérito perfeito	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	fiz fizeste fez fizemos fizestes fizeram	houve houveste houve houvemos houvestes houveram	fui foste foi fomos fostes foram
Pretérito imperfeito	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	fazia fazias fazia fazíamos fazíeis faziam	havia havias havia havíamos havíeis haviam	ia ias ia íamos íeis iam
Futuro	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	farei farás fará faremos fareis farão	haverei haverás haverá haveremos havereis haverão	irei irás irá iremos ireis irão

Verbos irregulares

Tempo verbal	Pessoa gramatical	*Ouvir*	*Poder*	*Querer*
Presente	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	ouço ouves ouve ouvimos ouvis ouvem	posso podes pode podemos podeis podem	quero queres quer queremos quereis querem
Pretérito perfeito	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	ouvi ouviste ouviu ouvimos ouvistes ouviram	pude pudeste pôde pudemos pudestes puderam	quis quiseste quis quisemos quisestes quiseram
Pretérito imperfeito	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	ouvia ouvias ouvia ouvíamos ouvíeis ouviam	podia podias podia podíamos podíeis podiam	queria querias queria queríamos queríeis queriam
Futuro	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	ouvirei ouvirás ouvirá ouviremos ouvireis ouvirão	poderei poderás poderá poderemos podereis poderão	quererei quererás quererá quereremos querereis quererão

Verbos irregulares

Tempo verbal	Pessoa gramatical	*Saber*	*Ser*	*Ter*
Presente	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	sei sabes sabe sabemos sabeis sabem	sou és é somos sois são	tenho tens tem temos tendes têm
Pretérito perfeito	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	soube soubeste soube soubemos soubestes souberam	fui foste foi fomos fostes foram	tive tiveste teve tivemos tivestes tiveram
Pretérito imperfeito	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	sabia sabias sabia sabíamos sabíeis sabiam	era eras era éramos éreis eram	tinha tinhas tinha tínhamos tínheis tinham
Futuro	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	saberei saberás saberá saberemos sabereis saberão	serei serás será seremos sereis serão	terei terás terá teremos tereis terão

Soluções

Plano dos sons

Pág. 9

Diz o professor:
«— Eu lavo-me
Tu lavas-te
Ele lava-se
Nós lavamo-nos
Vós lavais-vos
Eles lavam-se»
O que é isto?
Responde o aluno:
— É domingo, senhor professor.

ervilha, armário, urso, oitenta, escola.

Pág. 10

Lagarto pintado
Quem te pintou?
Foi uma velha
Que por aqui passou.
No tempo da eira
Fazia poeira
Puxa, lagarto, por essa orelha.

A carta que me mandaste
Abri-a com muito jeito;
Trazia o teu coração,
Caiu-me dentro do peito.

Pág. 11

Ó rama, ó que linda rama,
Ó rama da oliveira,
O meu par é o mais lindo
Que anda aqui na roda inteira.

macaco, banana, leão, seleção, sapato, quadro, patinho.

Pág. 14

a) doce;
b) amor;
c) meter;
d) aroma.

a) quadros;
b) arca;
c) saco;
d) cola/sola;
e) poço;
f) concerto/conserto;
g) bacia;
h) alcatifa;
i) sem/cem/quem;
j) sapato;
k) cosido;
l) massa/maca;
m) máximo;
n) esquadro;
o) solução.

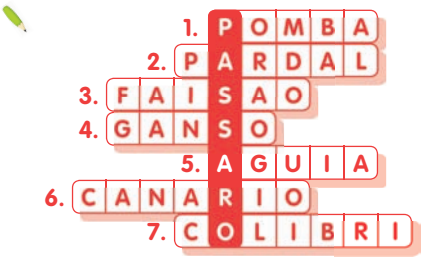

Pág. 15

Abelhinha, abelhinha
Toma lá a tua mosquinha
Zurra, zurra, pica na burra
Come, come, se tens fome.

Atirei o pau ao gato
Mas o gato não morreu.
Dona Chica assustou-se
Com o berro, com o berro
Que o gato deu: miau!

Pág. 16

a) 3); **b)** 1); **c)** 2).

Pág. 18

cara — dissílabo;
capota — trissílabo;
ratazana — polissílabo;
ri — monossílabo;
rapaz — dissílabo;
ricaço — trissílabo.

Resposta livre.

Pág. 19

maracujá — ma-ra-cu-já — palavra aguda;
pera — pe-ra — palavra grave;
maçã — ma-çã — palavra aguda;
nêspera — nês-pe-ra — palavra esdrúxula;
papaia — pa-pai-a — palavra grave.

Pág. 21

Rita: Olá! O que fazes aqui?
João: Vim fazer uma pesquisa sobre raposas.
Rita: Sobre raposas?
João: Sim, estou a ler *O Principezinho*. Vem ajudar-me a procurar!
Rita: Claro!
João: Obrigado!

Entoação declarativa — Vim fazer uma pesquisa sobre raposas. / Sim, estou a ler *O Principezinho*.
Entoação exclamativa — Olá! / Claro! / / Obrigado!
Entoação interrogativa — O que fazes aqui? / Sobre raposas?
Entoação imperativa — Vem ajudar-me a procurar!

Resposta livre.

Plano da representação gráfica e ortográfica — A escrita

Pág. 23

Início de período — A, Nesses.
Nomes de pessoas — Tung, Chen-Mou, Miss Lu.
Nomes de locais — Formosa, Macau.
Nomes sagrados — Natal, Cristo.

Pág. 25

Acento agudo — Júlio, José, pátio, encontrá-lo, estás.
Acento grave — Às.
Acento circunflexo — Ângela, vê, três.

Pág. 26

1) e) pré-história;
2) f) feijão-verde;
3) i) riu-se;
4) g) ex-presidente;
5) h) abre-latas;
6) d) pré-escolar;
7) b) pós-venda;
8) a) lavo-me;
9) c) escrever-lhe.

Pág. 27

cas-/ta-/nha;
cor-/rer;
lei-/te;
arroz-/-doce;
di-/a-/bo;
con-/nos-/co;
Ro-/dri-/go;
fez-/-lhe;
te-/lha-/do;
bai-/xo;
pul-/so;
cri-/an-/ça;
aves-/truz.

Pág. 29

Ontem, quando atravessava o Rossio, o meu filho mais novo perguntou-me:
— Ó pai, posso subir às árvores?
— Estás doido! — respondi-lhe.
Quando chegámos a casa, o miúdo voltou a perguntar:
— E agora? Posso ir brincar para a rua?
— Pois sim, vai, mas não saias do passeio.
Daí a momentos, vim à janela para espiar; o pequeno trepava com destreza um candeeiro de iluminação pública.
— Eh pá! Desce daí!

Pág. 31

( ) assinalam uma informação complementar.
« » assinalam uma palavra inventada.
[ ] assinalam uma parte do texto que foi suprimida.

O coelho e o macaco eram amigos, mas estavam sempre a atazanar-se um ao outro.
O macaco via o coelho ao longe e começava logo:
— Coelho dentudo, corpo barrigudo, rabo de veludo!
O coelho respondia-lhe:
— Olha o macaco macacão, olhos de sabão, miolos de algodão!
[...]
Numa ocasião em que o macaco estava a dormir num galho, com a comprida cauda dependurada, o coelho muniu-se de um cacete e zás! Deu-lhe uma pancada com toda a força na cauda.
— Porque me fizeste isto, traidor! — gritava o macaco.

Pág. 32

Itálico — *Visão Júnior*; *site*.
Negrito — Mostra que és bom a ler; Mostra que és bom a resumir; Mostra que és bom a escrever.
Sublinhado — A iniciativa desenrolar-se-á em três fases.

Pág. 33

Era uma velha muito velha, muito velha, tão velha que não havia velha mais velha do que ela.

Um dia, estava a velha a ver televisão, num aparelho também muito velho, quando anunciaram que iam fazer um concurso para proclamar a velha mais velha do mundo.

Pág. 35

a) O restaurante fica na margem do **rio**.
b) **Rio**-me sempre que me lembro dessa história.

O meu pai deu-nos um **conselho**: «**viajem** o mais que puderem, porque mais vale duas viagens na mão que **cem** a voar. Cada passeio **traz** consigo muitas delícias para todos **nós**. Eu, assim que me **sento** no carro, sonho em encontrar lindas paisagens a toda a **hora**»!

Plano das classes de palavras

Pág. 37

a) rato — nome comum;
b) resposta livre — nome próprio;
c) cardume — nome coletivo.

Pág. 38

bolacha — nome comum;
manada — nome coletivo;
África — nome próprio;
limão — nome comum.

a) 1; **b)** 3; **c)** 5; **d)** 6; **e)** 8; **f)** 11; **g)** 12; **h)** 10; **i)** 2; **j)** 7; **k)** 4; **l)** 9.

Pág. 40

As **minhas** férias foram em casa dos **meus** avós. Todos **os** anos **as** minhas férias são lá. A casa dos **meus** avós é grande, mas parece **um** bocadinho pequena. Tem **umas** escadas e **uma** cave e muito mais quartos do que **a minha** casa, mas tudo parece **um** bocadinho mais baixo e apertado. Agora já acordei e estou aqui sentado a escrever **esta** redação sobre as férias. As minhas férias foram assim.

Pág. 42

a) duas flores; **b)** um quarto; **c)** o dobro.

Pág. 44

árvore — enorme, grande, bela;
ilha — pequenina;
povo — feliz, orgulhoso;
copa — frondosa, bem formada, larga;
problema — terrível;
ramos — compridos;
folhagem — espessa.

Pág. 46

Tinham ultrapassado a zona que rodeava a Quinta das Lágrimas e viraram à direita, encaminhando-se para a ponte sobre o rio Mondego.
Apesar da hora **tardia** e do esforço **físico** que acabavam de fazer, não sentiam cansaço, e o facto de as ruas se encontrarem praticamente **desertas** não lhes metia medo.
A cidade que se erguia em espiral na outra margem, com a torre do sino da Universidade lá bem no alto, **iluminada** por focos **invisíveis** e pela luz do luar, pareceu-lhes ainda mais **bonita**.
Apetecia-lhes o passeio **solitário** pela parte **antiga**, não lhes faltava ânimo para subirem as vielas que conduziam ao Albergue da Juventude, transbordavam energia como se lhes corresse nas veias **autêntico** sangue de tigre. O pior era a fome que voltava a atormentá-los.

Pág. 47

corpo — delicado;
olhos — grandes, castanhos;
espanto — permanente;
corte — requintado;
blusas — claras, graciosas.

Resposta livre.

Pág. 49

Todos os meninos saíram para o jardim. **Eles** queriam brincar com o cão que tinha aparecido ali nessa manhã. Mas **este** estava a correr furiosamente atrás do Fiel, o cão do Jaime.
Aflito, o Jaime gritou:
— Venham cá, pestinhas! E tu, forasteiro, deixa o Fiel, que **ele** é **meu**.

Pronomes pessoais — eles, ele.
Pronomes possessivos — meu.
Pronomes demonstrativos — este.

Pág. 51

muge — mugir, verbo principal;
berra — berrar, verbo principal;
grasna — grasnar, verbo principal;
ruge — rugir, verbo principal;
mia — miar, verbo principal;
uiva — uivar, verbo principal;
tem — ter, verbo auxiliar;
ladrado — ladrar, verbo principal;
foi — ser, verbo auxiliar;
dada — dar, verbo principal.

Pág. 52

Os meninos brincavam no jardim.
Apareceu um urso.
O urso pediu-lhes a bola.
Os meninos deram a bola ao urso.
O urso brincou com os meninos no jardim.
Ficaram todos muito felizes.

Pág. 53

Sugestão de resposta:
Os meninos brincavam no jardim, quando apareceu um urso, que lhes pediu a bola. Os meninos deram-lha e o urso brincou com eles. Ficaram todos muito felizes.

Plano morfológico — A forma das palavras

Pág. 55

Palavras variáveis — A, professora, recebe, o, aluno, novo, diz, lhe, se, sentar, ela.
Palavras invariáveis — e, para, frente, a.

O João fica contente e satisfeito porque aprende muito.

a) A Mariana fica contente e satisfeita porque aprende muito.
b) O João e a Mariana ficam contentes e satisfeitos porque aprendem muito.
c) Ontem, o João e a Mariana ficaram contentes e satisfeitos porque aprenderam muito.

Pág. 57

Masculino — ovos, coelhinhos, afilhados, padrinhos.
Feminino — Páscoa, prendas.

a) telemóvel;
b) rebuçado;
c) lápis.

Pág. 59

T	R	A	G	A	T	A	A	D	O	R	A
I	A	T	N	Q	A	R	T	I	R	S	B
C	B	R	M	L	A	A	T	N	X	Z	E
L	D	I	C	O	L	B	S	A	U	V	L
D	G	Z	E	P	U	I	R	M	Ã	Q	H
A	H	Z	V	F	N	I	I	A	P	O	A
I	A	Z	X	G	A	D	P	R	C	U	B
F	C	F	F	B	A	F	A	Q	M	N	G
P	O	E	T	I	S	A	T	U	L	V	L
L	O	R	U	T	S	I	O	E	C	Z	E
P	M	P	R	I	N	C	E	S	A	S	O
N	O	P	I	N	T	O	R	A	X	T	A

gato, irmão, poeta, príncipe, pintor, ator, aluno, dinamarquês, zângão, leão.

Pág. 60

M	U	L	T	I	D	Ã	O	C	A	V	Q
Ã	O	A	J	I	T	S	N	A	R	I	Z
O	M	V	H	L	A	R	Q	M	B	S	R
L	U	R	G	P	E	D	C	P	O	M	T
P	N	A	V	A	C	L	V	O	Z	U	A
M	A	D	B	P	T	D	J	N	N	V	N
Z	H	O	M	E	M	A	I	Ê	K	X	Z
X	U	R	F	L	G	I	J	S	O	P	O
C	A	P	I	T	Ã	O	L	N	M	Q	L

Pág. 62

a) girassol;
b) rosa;
c) margarida;
d) cravo;
e) jasmim;
f) túlipa.

a) girassóis;
b) rosas;
c) margaridas;
d) cravos;
e) jasmins;
f) túlipas.

Pág. 64

Grau diminutivo: rio — riacho; jornal — jornaleco; ovo — ovinho; burro — burrico; rato — ratito.
Grau aumentativo: muro — muralha; rapaz — rapagão; bigode — bigodeira; cão — canzarrão; boca — bocarra.

Pág. 66

a) 5); **b)** 4); **c)** 3); **d)** 2); **e)** 1).

Pág. 67

a) 2); **b)** 3); **c)** 1); **d)** 5); **e)** 4).

Pág. 69

muito pesada — grau superlativo absoluto analítico;
o mais pesado — grau superlativo relativo de superioridade;
tão pesada como — grau comparativo de igualdade;
menos pesada do que — grau comparativo de inferioridade.

a) comprido — comparativo de superioridade;
b) lindo — superlativo absoluto sintético;
c) alegre — normal;
d) caro — superlativo relativo de inferioridade;
e) feliz — comparativo de igualdade.

Pág. 70

a) tão pesado como;
b) muito bonita;
c) a mais alta.

Pág. 73

O velho desatou a rir.
— É verdade, eu menti-te, não era um marinheiro mas um guarda. Para combater o tédio e para me aguentar em pé, lia sem parar. O mar, não o vi senão em postais, e agora, jamais o poderei ver; porém, quando estou aqui sentado no banco — sozinho na escuridão — à minha frente vejo todos os mares do mundo. Vejo-os e sinto-lhes o odor e a salitre, distingo as brisas leves das que anunciam a tempestade.

Pronomes pessoais		
Pessoa	Número	
	Singular	Plural
1.ª	eu, me	
2.ª	te	
3.ª	o	os, lhes

a) 5); **b)** 3); **c)** 4); **d)** 1); **e)** 2).

Pág. 75

1.ª conjugação — andar, estudar, jogar, brincar.
2.ª conjugação — fazer, ler, escrever.
3.ª conjugação — rir, partir, sorrir.

reaver, confessar, conseguir, passar.

1.ª conjugação — confessar, passar.
2.ª conjugação — reaver.
3.ª conjugação — conseguir.

Pág. 76

escuto, escutas, escuta, escutamos, escutais, escutam.

a) Tu saltas muitas vezes.
b) Nós saltamos à corda.
c) Eles saltam o muro.

Pág. 78

deu, estava, vivia, roeu, fugiu, está, voltou, fez, és, separarei.

Presente — está, és.
Pretérito perfeito — deu, roeu, fugiu, voltou, fez.
Pretérito imperfeito — estava, vivia.
Futuro — separarei.

a) Amanhã o Pedro dará comida ao gato.
b) Amanhã eu brincarei com o gato do Pedro.

Pág. 80

Formas verbais	Modo verbal
trabalhar	infinitivo
gostaria	condicional
tirar	infinitivo
vou	indicativo
cala	imperativo
quero	indicativo
ouvir	infinitivo

Pág. 82

Um dia, os gatinhos **perderam** as suas luvas e **começaram** a dizer:
— Mãe, querida mãe, **estamos** muito tristes porque **perdemos** as nossas luvas.
E **choravam** muito.
A gata, toda assanhada, **respondeu**-lhes:
— Sois uns maus gatinhos, por isso não **comereis** destes pastéis que eu **acabo** de fazer… Miau… Miau…

Pág. 85

Formas verbais	Forma do infinitivo	Conjugação	Verbo regular/ /irregular
é	ser	2.ª	irregular
vai	ir	3.ª	irregular
fazer	fazer	2.ª	irregular
diz	dizer	2.ª	irregular
são	ser	2.ª	irregular
tenho	ter	2.ª	irregular
gosto	gostar	1.ª	regular

ser, fui, era, serei;
ir, fui, ia, irei;
fazer, fiz, fazia, farei;
dizer, disse, dizia, direi;
ter, tive, tinha, terei.

Pág. 87

a) arroz-doce;
b) saca-rolhas;
c) surdo-mudo;
d) amor-perfeito;
e) guarda-chuva;
f) madrepérola;
g) guarda-roupa.

Plano sintático — As frases

Pág. 89

Verbos principais	Frase simples	Frase complexa
puxar instalar-se		✓
fechar abandonar-se		✓
saber	✓	

Pág. 90

Os meninos foram à praia e tomaram banho.
O pai brincou com eles enquanto a mãe passeava pela praia.
Apareceu a tia e comprou-lhes gelados.

Ficaram muito contentes porque os gelados eram deliciosos.
Foram todos almoçar quando a mãe regressou do passeio.

Pág. 92

Frases declarativas — Por isso, voltaram à Rua Nova dos Mercadores, agora quase deserta. / Muitos comerciantes haviam fechado as lojas para poderem ver o rei. / … exclamou o João, encostando-se à ombreira de uma porta. / Inesperadamente ela abriu-se. / Mafalda riu-se.
Frases exclamativas — Que maçada! / Estava só encostada! / Não há poucos!
Frases interrogativas — Neste tempo não há roubos?
Frases imperativas — Olha!

Que horas são? — 4. Estou cheio de sede! — 2.
São 10 horas — 1. Bebe um copo de água — 3.

Pág. 93

Frase declarativa — Mantenho o meu caderno cuidado e bem organizado.
Frase exclamativa — Manténs o teu caderno cuidado e bem organizado!
Frase interrogativa — Manténs o teu caderno cuidado e bem organizado?
Frase imperativa — Mantém o teu caderno cuidado e bem organizado!

Pág. 94

Frase afirmativa	Frase negativa
O João vai à praia.	O João não vai à praia.
A Maria joga à bola.	A Maria não joga à bola.
Eles comem gelados todos os dias.	Eles não comem gelados todos os dias.
O pai do Tiago foi à festa.	O pai do Tiago não foi à festa.
A enfermeira gosta do seu trabalho.	A enfermeira não gosta do seu trabalho.
Faço sempre os trabalhos de casa.	Não faço sempre os trabalhos de casa.

Quem trabalha come.

Pág. 95

a) A menina bebeu um sumo.
b) O Pedro comprou um livro.
c) O meu pai lê o jornal diariamente.

a) A menina bebeu um sumo.
b) O Pedro comprou um livro.
c) O meu pai lê o jornal diariamente.

Pág. 96

Grupo verbal	Núcleo
a) comeu a banana	comeu
b) fez os trabalhos de casa	fez
c) escorregou	escorregou
d) ajudou o filho	ajudou
e) rasgou o papel	rasgou
f) perdeu o comboio	perdeu

Pág. 97

a) 5; **b)** 6; **c)** 4; **d)** 2; **e)** 1; **f)** 3.

Sugestão de resposta:
a) O pato nadava no lago.
b) A Rita brinca com o irmão.
c) A mãe do Bruno foi às compras.
d) A enfermeira tratou do paciente.
e) O teu irmão está cansado.
f) O maquinista conduzia o comboio.
g) O autocarro chegou atrasado.

a) O pato nadava no lago.
b) A Rita brinca com o irmão.
c) A mãe do Bruno foi às compras.
d) A enfermeira tratou do paciente.
e) O teu irmão está cansado.
f) O maquinista conduzia o comboio.
g) O autocarro chegou atrasado.

Pág. 98

O Luisinho olhou em volta. A mãe devia estar a chegar das compras e a criada estava distraída com a rádio.

Pág. 99

Um burro, um gato, um galo e um cão decidiram abrigar-se e dormir na floresta. O burro e o cão **deitaram-se junto a uma árvore**, enquanto o gato e o galo **treparam para um ramo**. Foi então que o galo **viu uma luz ao longe** e alertou os amigos. Era uma casa que abrigava uns ladrões. Os quatro amigos **resolveram assustá-los**.

Pág. 100

a) O Pedro leu um romance.
b) A Ana visitou o Museu do Traje.
c) O aluno escreveu uma composição sobre o outono.
d) Ela abriu a porta.
e) A rapariga cheirou a flor.

Pág. 101

a) As vizinhas conversavam alegremente.
b) Os rapazes brincam às escondidas no pátio.
c) Na primavera, as andorinhas fazem os ninhos.

Plano lexical e semântico — Os significados

Pág. 102

Sugestão de resposta: floreira, florista, floricultura, florir, florido, florescer, couve-flor, flor-de-lis.

Pág. 103

a) refúgio; **b)** lindo; **c)** pedaço; **d)** andar; **e)** pôr.

Pág. 104

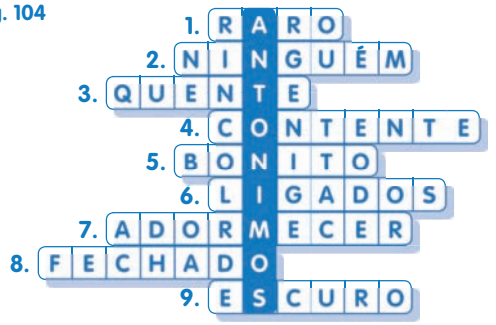

Pág. 105

carro — 5; zangado — 11; janota — 7; jarra — 8; armário — 2; zebra — 12; xaile — 10; coelho — 6; barco — 3; carregado — 4; antigo — 1; lobo — 9.

amigas — amigo;
ricos — rico;
gata — gato;
comias — comer;
espertos — esperto;
ratos — rato;
lavava — lavar;
cansados — cansado;
leram — ler.

Plano discursivo e textual — A comunicação

Pág. 107

Enunciado:
É tão bom ser nuvem,
Ter um corpo leve,
E passar, passar.
Recetor: nome do aluno.

Pág. 108

Locutor	Enunciado	Interlocutor
Cegonha	Bom dia, Espiga!	—
—	Com quem estás a falar?	Cegonha
Cegonha	—	Sementinha
Sementinha	—	Cegonha

Pág. 111

Texto A — registo informal.
Texto B — registo formal.
Texto C — registo informal.
Texto D — registo informal.

Pág. 113

Pedro — Qual é o teu livro preferido, Lídia?
Lídia — Gosto de vários, Pedro. E tu, de que género de livros gostas?
Pedro — Eu prefiro livros de aventuras.
Lídia — Então lê *Uma Aventura na Escola*. Eu gosto muito da história.

Pág. 114

—Meus senhores, proponho que saudemos o aniversário de Carlos— bradou em tom de brinde.
—Apoiado— responderam todos, imitando-o.
—Adeus, Joana!— respondeu Carlos, perturbado e confuso.
—Adeus, Carlos!— respondeu ela maquinalmente.
—Até depois de amanhã, Joana.
—Pois sim.

O Jaime disse bom dia e perguntou a uma senhora, na paragem, a que horas passava o autocarro. A senhora respondeu que passaria às dez horas. O Jaime agradeceu-lhe.

Pág. 115

Resposta livre.

Pág. 116

Desculpe; Por favor; podia dizer-nos; Se não se importa.

Pág. 118

Texto A: Professor Leblanc; menina; Doutora Torres; Moisés; minha cara doutora.
Texto B: Tu; Mariana; Gaspar; a tua.

Pág. 119

O Gaspar e a Mariana usam um tratamento por **tu** porque existe entre eles uma relação de amizade e são duas crianças aproximadamente da mesma idade.
Embora o professor Leblanc gostasse de tratar **Omayra Torres** por «menina», esta não o permitiu, porque achou que entre eles só devia existir uma relação formal (sem grande intimidade entre eles, para evitar atitudes demasiado familiares). Assim, disse-lhe para a tratar por **doutora Torres**.

Gramática
de português

3.º e 4.º anos

do Primeiro Ciclo
do Ensino Básico

Graça Trindade e Madalena Relvão

Revisão científica: **Dulce Pereira**

Santillana
CONSTÂNCIA

EDUCAÇÃO EFICAZ

A **Gramática de Português** destinada ao 3.º e ao 4.º anos do 1.º Ciclo do Ensino Básico é uma obra coletiva, concebida e criada pelo Departamento de Investigações e Edições Educativas da Santillana-Constância, sob a direção de Sílvia Vasconcelos.

EQUIPA TÉCNICA
Chefe de Equipa Técnica: Patrícia Boleto
Modelo Gráfico: Carla Cartaxeiro
Capa: Paulo Oliveira
Ilustrações: Maria João Raimundo, Nósnalinha, Paulo Oliveira
Paginação: Célia Neves, Ilda Cruz, Leonor Ferreira
Revisão: Ana Abranches

EDITORES
Ana Mateus, Armando Gonçalves e Eva Arim

Santillana
CONSTÂNCIA

© 2011

Estrada da Outurela, 118
2794-084 CARNAXIDE

APOIO AO PROFESSOR
Tel.: 214 246 901
Fax: 214 246 909
apoioaoprofessor@santillana.pt

APOIO AO LIVREIRO
Tel.: 214 246 906
Fax: 214 246 907
apoioaolivreiro@santillana.pt

Internet: www.santillana.pt

Impressão e Acabamento: Printer Portuguesa

ISBN: 978-972-761-885-9

1.ª Edição
1.ª Tiragem: 7000

Depósito Legal: 321990/11

Apresentação

Num contexto de implementação de Novos Programas de Português do Ensino Básico, de adoção de um novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa e de integração de um novo Dicionário Terminológico, esta Gramática apresenta-se como um auxiliar na aprendizagem da língua portuguesa.

Geralmente, o termo «gramática» oscila entre um conceito mais ou menos normativo e outro mais ou menos descritivo, sendo que o primeiro é entendido como um conjunto de regras (consideradas corretas) a seguir pelo falante, enquanto o segundo aceita realizações linguísticas que o primeiro condenaria.

A nosso ver, o paradigma subjacente aos novos Programas (2009) procura articular de forma harmoniosa estes dois polos, partindo do conhecimento implícito e empírico dos alunos e conduzindo-os à enunciação das regras e à sua aplicação, enquanto falantes da língua portuguesa.

Este é o princípio estrutural do Laboratório de Língua sugerido nos Programas e será igualmente a coluna dorsal desta Gramática: o aluno observa práticas concretas de realização linguística, aplica o seu conhecimento empírico a exercícios propostos e, por fim, enuncia a regra, interiorizando-a e aplicando-a a novas situações, em articulação com outras competências enunciadas no Programa.

Por fim, gostaríamos de acentuar o facto de esta Gramática contribuir para o desenvolvimento da competência e da consciência linguística dos alunos.

As Autoras

Índice

	Pág.
Aos alunos do 3.º e do 4.º anos: como usar esta Gramática	6
Plano dos sons	
Os sons da língua portuguesa	8
As vogais	8
Os ditongos	10
As consoantes	11
Relação entre sons e letras	12
Os dígrafos	15
A letra *h*	15
As onomatopeias	16
A sílaba e a divisão silábica	17
A sílaba tónica e a sílaba átona	19
A entoação	20
Plano da representação gráfica e ortográfica — A escrita	
As letras	22
Os acentos	24
O hífen	26
O hífen como sinal de ligação	26
O hífen na translineação	27
Os sinais de pontuação	28
Os sinais auxiliares de escrita	30
As formas de destaque	32
A configuração gráfica	33
As relações entre palavras	34
Palavras homónimas	34
Palavras homógrafas	34
Palavras homófonas	34
Plano das classes de palavras	
Os nomes	36
Os nomes próprios	36
Os nomes comuns	36
Os determinantes	39
Os quantificadores numerais	41
Os adjetivos qualificativos	43
Os pronomes	48
Os verbos	50

Plano morfológico — A forma das palavras

Pág.

Palavras variáveis e palavras invariáveis 54
Variação dos nomes 56
Variação em género 56
Variação em número 60
Variação em grau 63
Variação dos adjetivos 65
Variação em género 65
Variação em número 67
Variação em grau 68
Variação dos pronomes 71
Variação em pessoa, em género e em número 71
Variação dos verbos 74
Conjugação verbal 74
Variação em pessoa e em número 76
Variação em tempo 77
Variação em modo 79
Verbos regulares 81
Verbos irregulares 83
Palavras simples e palavras complexas 86
Derivação 86
Composição 87

Plano sintático — As frases

As frases 88
Frases simples e frases complexas 89
Tipos de frase 91
Frases afirmativas e frases negativas 94
Os constituintes da frase 95
O grupo nominal 95
O grupo verbal 96
As funções sintáticas 98
O sujeito 98
O predicado 99
O complemento direto 100
A mobilidade dos elementos da frase 101

Plano lexical e semântico — Os significados

Famílias de palavras 102
Sinónimos e antónimos 103
Uso do dicionário 105

Plano discursivo e textual — A comunicação

A comunicação 106
Os registos de língua 109
Diálogo, discurso direto e discurso indireto 112
O princípio de cortesia 115
As formas de tratamento 117

Apêndice 120

Soluções 137

Aos alunos do 3.º e do 4.º anos: como usar esta Gramática

A tua Gramática está organizada em sete planos e tem um apêndice final. Dentro de cada plano, os temas estão organizados da seguinte forma:

— apresentação dos conteúdos gramaticais;
— resolução de exercícios de aplicação ( );
— resumo da informação essencial ( ).

Esta Gramática parte do princípio de que és já um falante da língua portuguesa e de que precisas agora de aprender algumas regras do seu funcionamento.

Plano dos sons

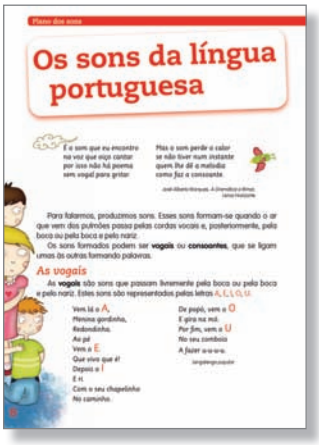

Aqui poderás encontrar informações sobre os sons da língua portuguesa.

Plano das classes de palavras

Neste plano, vais encontrar informações sobre os nomes, os verbos, os adjetivos e outras classes de palavras.

Plano da representação gráfica e ortográfica — A escrita

Neste plano, poderás estabelecer a ligação entre os sons da língua portuguesa e a sua representação gráfica. Poderás ainda ver como dispor os textos nas páginas.

Plano morfológico — A forma das palavras

Variação dos adjetivos

Variação em género

O **adjetivo** pode apresentar **variação em género**.
Repara nos adjetivos destacados no texto.

Era um belo espetáculo, a vida em torno, agitada ou morna.
Bolões nasciam perfumados e desabrochavam em flores radiosas,
pássaros voavam entre trinados alegres, pombos arrulhavam amor, ninhadas
de pintos recém-nascidos seguiam o escarvar de orgulhosa galinha, o grande
Pato Negro fazia a corte à vaidosa Pata Branca, banhando-se na água clara do lago.

Nomes	Adjetivos	
	Masculino	Feminino
espetáculo	belo	—
vida	—	agitada, morna
bolões	perfumados	—
flores	—	radiosas
pintos	recém-nascidos	—
galinha	—	orgulhosa
água	—	clara

Os adjetivos listados acima apresentam uma forma para o género masculino e uma forma para o género feminino.
Há também adjetivos que não variam em género, ou seja, a forma masculina e a forma feminina são iguais.
Ex.: o pato elegante / a pata elegante
o homem elegante / a mulher elegante

65

Há palavras invariáveis e palavras variáveis. Este plano apresenta-te as formas que as palavras podem tomar.

Plano sintático — As frases

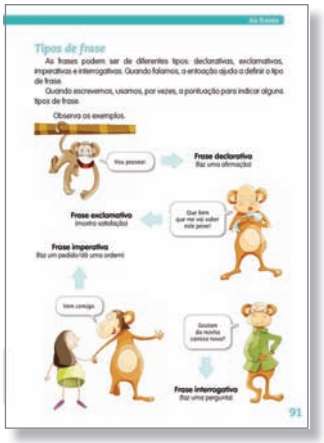
As frases

Tipos de frase

As frases podem ser de diferentes tipos: declarativas, exclamativas, imperativas e interrogativas. Quando falamos, a entoação ajuda a definir o tipo de frase.
Quando escrevemos, usamos, por vezes, a pontuação para indicar alguns tipos de frase.
Observa os exemplos.

Frase declarativa
(faz uma afirmação)

Frase exclamativa
(mostra satisfação)

Frase imperativa
(faz um pedido/dá uma ordem)

Frase interrogativa
(faz uma pergunta)

91

Para seres entendido pelos outros, precisas de ordenar as palavras e de organizá-las em frases. É a essa organização que este plano se dedica.

Plano lexical e semântico — Os significados

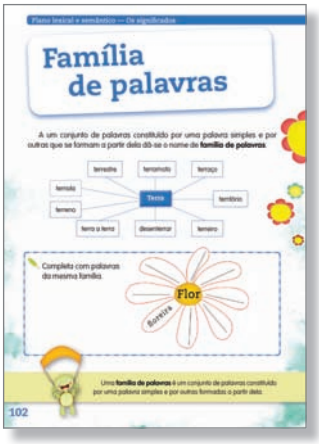
Plano lexical e semântico — Os significados

Família de palavras

A um conjunto de palavras constituído por uma palavra simples e por outras que se formam a partir dela dá-se o nome de **família de palavras**.

terrestre
terramoto
terraço
terroso
Terra
terrível
terreno
terra a terra
desenterrar
terreiro

Completa com palavras da mesma família.

Flor
floresta

Uma **família de palavras** é um conjunto de palavras constituído por uma palavra simples e por outras formadas a partir dela.

102

As palavras são um conjunto de sons com significado. Aqui encontras informações sobre o significado das palavras.

Plano discursivo e textual — A comunicação

Plano discursivo e textual — A comunicação

A comunicação

Quando falamos, procuramos transmitir aos outros aquilo que pensamos. Estamos a **comunicar**. Para isso, juntamos frases, formando textos ou discursos. Podemos comunicar **oralmente** ou por **escrito**.
Quando comunicamos oralmente, a pessoa que está a falar é o **locutor** e aquelas que o estão a escutar para depois falarem são os seus **interlocutores**.
Na escrita, diz-se que quem escreve é o **emissor** e que aquele que lê e interpreta o que está escrito é o **recetor**.
No texto seguinte, repara nas falas dos interlocutores e naquilo que eles dizem um ao outro (nos seus **enunciados**).

— Da que tamanho é que queres ficar? — perguntou.
— Oh, não faça questão quanto ao tamanho — respondeu Alice muito depressa —, só que uma pessoa não gosta de mudar tantas vezes de tamanho, sabe?
— Não sei, não! — disse a Lagarta.

Lewis Carroll, Alice no País das Maravilhas, Publicações Dom Quixote

Locutor	Enunciado	Interlocutor
	Da que tamanho é que queres ficar?	
	Oh, não faça questão quanto ao tamanho, só que uma pessoa não gosta de mudar tantas vezes de tamanho, sabe?	
	Não sei, não!	

106

Quando procuramos transmitir o nosso pensamento aos outros por palavras, estamos a comunicar. A comunicação tem regras, que podes encontrar neste plano.

Nas páginas 120-135, encontrarás um apêndice com uma sistematização dos conteúdos gramaticais estudados.

As soluções (ou sugestões de resposta) das atividades propostas ao longo da gramática encontram-se nas páginas 137-144.

Os sons da língua portuguesa

É o som que eu encontro
na voz que oiço cantar
por isso não há poema
sem vogal para gritar.

Mas o som perde o calor
se não tiver num instante
quem lhe dê a melodia
como faz a consoante.

José-Alberto Marques, *A Gramática a Rimar*,
Livros Horizonte

Para falarmos, produzimos sons. Esses sons formam-se quando o ar que vem dos pulmões passa pelas cordas vocais e, posteriormente, pela boca ou pela boca e pelo nariz.

Os sons formados podem ser **vogais** ou **consoantes**, que se ligam umas às outras formando palavras.

As vogais

As **vogais** são sons que passam livremente pela boca ou pela boca e pelo nariz. Estes sons são representados pelas letras A, E, I, O, U.

Vem lá o A,
Menina gordinha,
Redondinha.
Ao pé
Vem o E.
Que vivo que é!
Depois o I
E ri
Com o seu chapelinho
No caminho.

De popó, vem o O
E gira na mó.
Por fim, vem o U
No seu comboio
A fazer u-u-u-u.

Lengalenga popular

As vogais podem ser orais ou nasais. As **vogais orais** são aquelas que se produzem quando o ar passa apenas pela boca. As **vogais nasais** são produzidas quando o ar passa ao mesmo tempo pela boca e pelo nariz.

Vogais orais	Vogais nasais
casa, cama	cantar
serra, ser, pedir	gente
ilha	pintar
avó, avô	som
tu	juntar

Completa a anedota seguinte colocando as vogais em falta.

Diz o pr__f__ssor:

«— Eu lav__-me

Tu l__vas-t__

El__ lav__-se

Nós l__vam__-nos

V__s lavais-v__s

__l__s lavam-se»

__ que é isto?

Responde o __l__no:

— É d__ mingo,
senh__r pr__f__ss__r.

Circunda as palavras abaixo que começam por vogal.

casaco faca ervilha
armário museu urso
garrafa raposa oitenta
mapa escola

Os ditongos

Quando duas vogais se encontram na mesma sílaba, estamos perante um ditongo. Os ditongos também podem ser orais ou nasais.

Ditongos orais	Ditongos nasais
pai, mau	irmão, mãe
papéis, céu	
viu, sorriu	
boi, noiva	canções, põe
Rui, azuis	muito

Na lengalenga seguinte, circunda as letras que representam as vogais nasais e sublinha os conjuntos de letras que representam os ditongos.

Lagarto pintado
Quem te pintou?
Foi uma velha
Que por aqui passou.
No tempo da eira
Fazia poeira
Puxa, lagarto, por essa orelha.

Lengalenga popular

Lê a quadra seguinte e sublinha a vermelho os conjuntos de letras que representam os ditongos nasais e a verde os que representam os ditongos orais.

A carta que me mandaste
Abri-a com muito jeito;
Trazia o teu coração,
Caiu-me dentro do peito.

Quadra popular

As **vogais orais** e os **ditongos orais** são sons produzidos quando o ar passa só pela boca. Por exemplo: *a, u, ai, eu*.

As **vogais nasais** e os **ditongos nasais** são sons produzidos quando o ar passa ao mesmo tempo pela boca e pelo nariz. Por exemplo: *ã, ão, õe*.

As consoantes

Na produção das consoantes, o som formado nas cordas vocais não sai livremente pela boca, sendo interrompido, por exemplo, pela língua ou pelos lábios.

Na escrita, estes sons são representados pelas letras seguintes.

Algumas consoantes desapareceram da quadra seguinte. Completa-a com as consoantes que faltam.

Ó ra __a, ó que __inda __ama,
Ó rama __a oli__eira,
O __eu __ar é o mais lin__o
Que anda aqui na __oda in__eira.

Quadra popular

Escolhe, de entre as palavras abaixo, aquelas que começam por consoante e reescreve-as no teu caderno.

macaco banana leão ave
seleção sapato Ericeira quadro
patinho ondas uvas

Na produção das **consoantes**, o som não sai livremente pela boca, sendo interrompido, por exemplo, pela língua ou pelos lábios.

Relação entre sons e letras

Os sons da língua são representados por símbolos — as letras.

No entanto, uma letra não representa sempre o mesmo som. Repara que, nas duas palavras seguintes, a letra ***r*** não corresponde ao mesmo som.

arco-íris

roca

A letra ***o*** também pode corresponder a vários sons.

cola

coxa

colar

Outras correspondências entre letras e sons são apresentadas no quadro abaixo. Se reparares bem, as letras destacadas representam sons diferentes.

Letras	Exemplos
x	**x**aile, tá**x**i, e**x**ame, pró**x**imo
g	**g**ato, **g**iz
s	**s**anto, a**s**a
c	**c**abelo, **c**ereja

Um mesmo som também pode ser representado por letras diferentes. Nas palavras seguintes, as letras destacadas correspondem sempre a um mesmo som.

Som [s]

selo

cinto

po**ç**o

Som [R]

rato

go**rr**o

Som [k]

casa

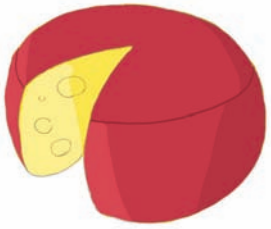

queijo

Em cada caso, muda a ordem das letras e descobre novas palavras.

a) C E D O

b) R A M O

c) T E M E R

d) A M O R A

Completa as palavras seguintes com a letra ou as letras que representam o primeiro som da palavra *casa* ou o primeiro som da palavra *selo*.

a) __ uadros
b) ar __ a
c) sa __ o
d) __ ola
e) po __ o
f) con __ erto
g) ba __ ia
h) al __ atifa
i) __ em
j) __ apato
k) __ osido
l) ma __ a
m) má __ imo
n) es __ uadro
o) solu __ ão

Completa o crucigrama com as consoantes em falta, de modo a obteres nomes de sete aves.

1. Ave que é o símbolo da paz.
2. Pássaro pequeno, irrequieto, frequente nos campos e junto das casas.
3. Ave famosa pela sua cauda grande e colorida, que abre em leque.
4. Ave da família do pato.
5. Grande ave de rapina.
6. Ave que canta.
7. Pequeno pássaro da América, colorido e de bico longo.

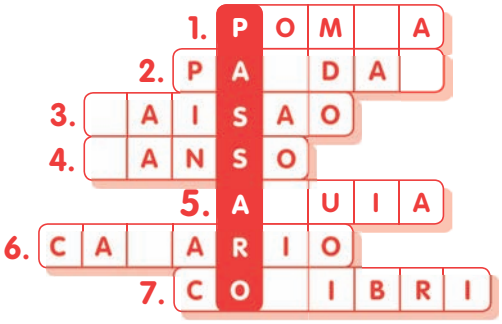

As **letras** representam diferentes **sons** que se agrupam em palavras.

A mesma letra pode representar vários sons.

O mesmo som pode também ser representado por várias letras.

Os dígrafos

Por vezes, duas letras associadas representam um único som. São os **dígrafos**. Observa.

carro **ch**uva i**ss**o cami**nh**o

trabal**h**o **qu**eda **gu**izo

Circunda os dígrafos que encontrares nos textos seguintes.

Abelhinha, abelhinha
Toma lá a tua mosquinha
Zurra, zurra, pica na burra
Come, come, se tens fome.

Lengalenga popular

Atirei o pau ao gato
Mas o gato não morreu.
Dona Chica assustou-se
Com o berro, com o berro
Que o gato deu: miau!

Cantiga popular

A letra h

A letra ***h***, no início de palavra, não é pronunciada. Diz-se que é muda.

homem **h**onra **h**ora

Os grupos de duas letras que representam apenas um som chamam-se dígrafos: ***qu***, ***gu*** (antes de *e* ou *i*), ***ch***, ***nh***, ***lh***, ***ss***, ***rr***.
A letra ***h*** em início de palavra não se pronuncia (é muda).

As onomatopeias

As **onomatopeias** são expressões que procuram reproduzir sons naturais.

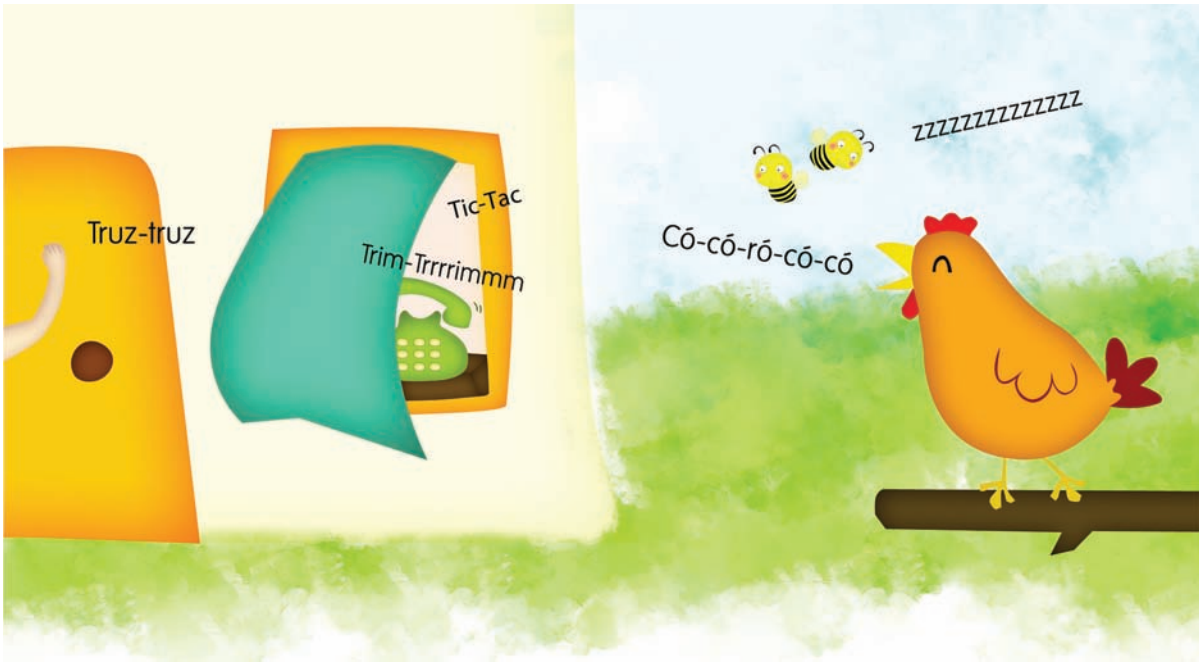

Associa cada imagem à onomatopeia correspondente.

a)

b)

c)

1) ron-ron ☐ **2)** catrapum ☐ **3)** piu-piu ☐

As expressões que imitam sons naturais chamam-se **onomatopeias**.

A sílaba e a divisão silábica

As palavras são constituídas por sílabas, que são elementos mais pequenos que se pronunciam de uma só vez.

Lê a cantiga e vê como se dividem algumas palavras no quadro abaixo.

Que linda falua que lá vem, lá vem,
é uma falua que vem de Belém.
Vou pedir ao senhor Barqueiro se me deixa passar,
tenho filhos pequeninos, não os posso sustentar.
Passará, passará, mas algum ficará,
se não for a mãe à frente, é o filho lá de trás.

Cantiga infantil

Palavra	Número de sílabas		Classificação
lá	lá	1	monossílabo
linda	lin-da	2	dissílabo
Barqueiro	Bar-quei-ro	3	trissílabo
pequeninos	pe-que-ni-nos	4	polissílabo

Forma palavras com as sílabas indicadas à esquerda e classifica essas palavras quanto ao número de sílabas. Segue o exemplo.

Sílabas	
1	ca
2	po
3	ra
4	ta
5	na
6	ri
7	za
8	paz
9	ço

Sílabas				Palavras	Classificação
1	3	–	–		
1	2	4	–	capota	trissílabo
3	4	7	5		
6	–	–	–		
3	8	–	–		
6	1	9	–		

Agora, preenche o quadro com seis monossílabos, seis dissílabos e seis trissílabos.

Monossílabos	Dissílabos	Trissílabos

As palavras podem ser divididas em elementos mais pequenos que se pronunciam de uma só vez — as **sílabas**.

As palavras com uma sílaba são **monossílabos**; com duas, são **dissílabos**; com três, são **trissílabos**; e, com quatro ou mais sílabas, são **polissílabos**.

A sílaba tónica e a sílaba átona

Geralmente, em cada palavra, há uma sílaba que se pronuncia com mais intensidade: é a **sílaba tónica**. As restantes são as **sílabas átonas**.

As palavras podem ser classificadas quanto à posição da sílaba tónica.

Palavra	Divisão silábica	Sílaba tónica	Classificação
jaca**ré**	ja-ca-**ré**	última	aguda
selva	**sel**-va	penúltima (antes da última)	grave
hipo**pó**tamo	hi-po-**pó**-ta-mo	antepenúltima (antes da penúltima)	esdrúxula

Preenche o quadro.

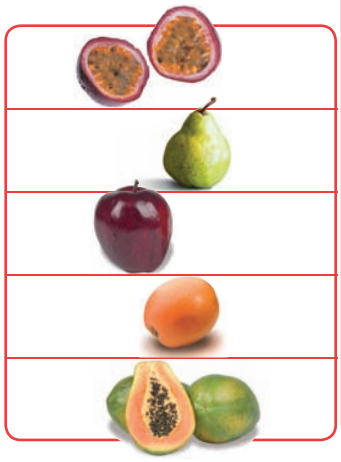

Palavra	Divisão silábica	Classificação
	ma-ra-cu-já	
		grave
maçã		
	nês-pe-ra	
papaia		

Na língua portuguesa, as palavras podem ser acentuadas na última sílaba (**agudas**), na penúltima sílaba (**graves**) ou na antepenúltima sílaba (**esdrúxulas**).

As palavras mais frequentes no português são as graves.

A entoação

Quando falamos, damos uma entoação às frases que permite mudar o seu sentido. Por exemplo, uma afirmação pode transformar-se numa pergunta se mudarmos a entoação.

Afirmação

O João está a chegar.

Pergunta

O João está a chegar?

A entoação também pode transformar uma ordem num pedido.

Ordem

Vai fechar a porta!

Pedido

Vai fechar a porta.

Com a entoação, conseguimos mostrar os nossos sentimentos. Podemos mostrar surpresa, raiva, alegria, medo, …

Na escrita, a entoação é representada por sinais de pontuação.

Entoação	Sinais de pontuação	Exemplos
Declarativa	Ponto final .	O João está a chegar.
Interrogativa	Ponto de interrogação ?	O João está a chegar?
Exclamativa	Ponto de exclamação !	Que pena!
Imperativa	Ponto final / ponto de exclamação . / !	Vai fechar a porta.

O João vai fazer um trabalho para a escola sobre *O Principezinho*.
Lê o diálogo e coloca os sinais de pontuação de acordo com a entoação que pensas que as personagens deram às frases.

Rita: Olá ☐ O que fazes aqui ☐

João: Vim fazer uma pesquisa sobre raposas ☐

Rita: Sobre raposas ☐

João: Sim, estou a ler *O Principezinho* ☐
Vem ajudar-me a procurar ☐

Rita: Claro ☐

João: Obrigado ☐

Agora, completa o quadro com exemplos do diálogo anterior.

Entoação	Frases/Expressões
Declarativa	
Exclamativa	
Interrogativa	
Imperativa	

Uns dias depois, a Rita telefonou ao João para saber como tinha corrido a apresentação do trabalho. Completa o diálogo.

Rita: Olá! _____ ?

João: Olá, Rita! _____ .

Rita: _____ ! Empresta-me o livro para eu ler!

Todas as frases possuem uma **entoação** que lhes atribui um significado. Essa entoação pode ser **declarativa**, **interrogativa**, **exclamativa** ou **imperativa**.

Na escrita, usa-se a pontuação para representar a entoação.

As letras

As **letras** são os símbolos gráficos que constituem o alfabeto.

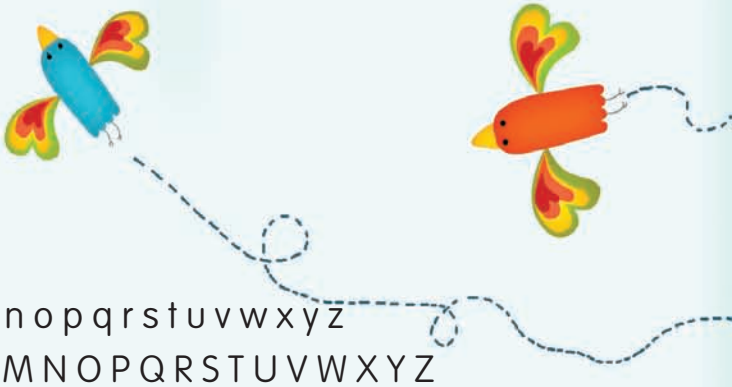

Letras de imprensa

a b c d e f g h i j k l m n o p q r s t u v w x y z

A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z

Letras manuscritas

a b c d e f g h i j k l m n o p q r s t u v w x y z

A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z

Copia para a página seguinte, em letra manuscrita, o texto abaixo, apresentado em letra de imprensa.

A senhora Tung viajava todos os anos da Formosa para Macau, na época do Natal, a fim de festejar o nascimento de Cristo na companhia da sua primogénita, a irmã Chen-Mou.

Nesses dias, com as meninas em férias, o refeitório do colégio parecia maior e mais desconfortável: só eu e Miss Lu nos sentávamos à mesa comprida das professoras.

Maria Ondina Braga, *Natal Chinês*, Panorama

Repara nas palavras do texto anterior que começam por maiúscula. Porque será? Preenche o quadro, verificando o motivo por que cada uma dessas palavras se inicia com maiúscula.

Início de período	Nomes próprios		
	Nomes de pessoas	Nomes de locais	Nomes sagrados
	Tung		

As **letras** podem ser **de imprensa** ou **manuscritas** (escritas à mão).
Em ambos os casos, usamos minúsculas e maiúsculas.
As maiúsculas são usadas em início de período e como inicial dos nomes próprios.

Os acentos

Em português, a sílaba tónica das palavras pode ser a última (palavras agudas), a penúltima (palavras graves) ou a antepenúltima (palavras esdrúxulas). Em algumas palavras, usa-se um **acento gráfico** para assinalar a sílaba tónica.

Acentos		Exemplos
´	acento agudo	*pátio, árvore, família*
`	acento grave	*às, àquele*
^	acento circunflexo	*ciência, pânico, lâmpada*

Apresentam-se abaixo algumas regras de acentuação gráfica:

- As **palavras agudas** são acentuadas graficamente quando terminam em *a/e/o* (*pá, pé, pó*) ou em *em/ens* (*alguém, parabéns*). Recebem um **acento agudo** quando a vogal tónica é aberta (*avó*) e um **acento circunflexo** quando a vogal tónica é fechada (*avô*).
- As **palavras graves** são as mais frequentes. Regra geral, estas palavras não recebem acento gráfico (*mesa, boneco, rapariga*). Excetuam-se casos em que as palavras graves terminam nas consoantes *l/n/r* (*dócil, abdómen, açúcar*), nas vogais *i/u*, seguidas ou não da consoante *s* (*júri, lápis*), em ditongos (*sótão*) ou em vogais nasais (*órfã*). Nestes casos, são geralmente marcadas com um **acento agudo**.
- As **palavras esdrúxulas** são sempre acentuadas graficamente. Recebem um **acento agudo** quando a vogal tónica é aberta (*fábrica*) e um **acento circunflexo** quando a vogal tónica é fechada (*pêssego*).
- O **acento grave** só se usa quando existe a contração da preposição *a* com um determinante ou um pronome (*às, àquele*). Este acento não assinala uma sílaba tónica.

Lê o texto e repara nos acentos gráficos.

Era o primeiro dia de aulas. Às 10 horas, o Júlio, a Ângela e o José foram para o pátio da escola. O José escondeu-se e a Ângela tentou encontrá-lo.

— Estás bem escondido — disse a Ângela.

— Vê se o encontras — disse o Júlio.

Estavam muito divertidos os três.

Preenche o quadro com palavras do texto.

Acento agudo	Acento grave	Acento circunflexo

Completa o crucigrama de modo a obteres nomes próprios de pessoas. Tem o cuidado de os acentuar graficamente. Depois, escreve-os.

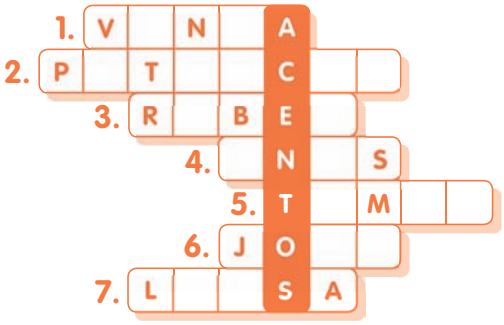

1. _____
2. _____
3. _____
4. _____
5. _____
6. _____
7. _____

Em algumas palavras, usa-se um **acento gráfico** para assinalar a sílaba tónica.

Os acentos gráficos podem ser **agudos**, **graves** ou **circunflexos**.

Geralmente, as palavras graves não precisam de acento gráfico.

O hífen

O hífen é um sinal gráfico que se usa para ligar palavras ou partes da mesma palavra e ainda para fazer a translineação.

O hífen como sinal de ligação

O hífen liga:

- formas verbais a pronomes: *baixa-te, perdeu-se*;
- duas palavras que se juntam para formar uma palavra nova: *beija-flor, guarda-chuva*;
- certos prefixos, como *ex-*, *pós-*, *pré-* ou *pró-*, a uma forma de base: *ex-diretor, pré-escolar*.

Liga elementos da coluna **A** a elementos da coluna **B**. Escreve as palavras formadas ao lado e não te esqueças do hífen.

A	B
1) pré	a) me
2) feijão	b) venda
3) riu	c) lhe
4) ex	d) escolar
5) abre	e) história
6) pré	f) verde
7) pós	g) presidente
8) lavo	h) latas
9) escrever	i) se

1) e) pré-história
2) _____
3) _____
4) _____
5) _____
6) _____
7) _____
8) _____
9) _____

O hífen na translineação

Quando uma palavra não cabe toda numa linha, temos de a partir e passar uma parte para a linha seguinte. Chama-se a isso fazer a **translineação**.

Nesses casos, para mostrar que as duas partes da palavra estão ligadas, usamos o hífen.

A translineação deve respeitar algumas regras.

Regras de translineação	✔	✘
Não se separam duas consoantes no início de uma sílaba.	pra-/to tra-/ça	p-/rato t-/raça
Não se separam os grupos *nh*, *lh* e *ch*.	ba-/nho te-/lha	ban-/ho tel-/ha
Não se separam os ditongos.	pai-/xão mui-/to	pa-/i-/xão mu-/i-/to
Separam-se as consoantes iguais.	car-/ro pes-/soa	ca-/rro pe-/ssoa
Separam-se as consoantes que pertençam a sílabas diferentes.	sal-/sa por-/co	sa-/lsa po-/rco
Separam-se vogais que pertençam a sílabas diferentes.	sa-/ú-/de pe-/ú-/ga	saú-/de peú-/ga
Não se deve deixar uma única vogal no início ou no fim de uma linha.	azei-/te ci-/ên-/cia	a-/zei-/te ci-/ên-/ci-/a
Quando se separa uma palavra que já tenha um hífen, este deve ser repetido no início da linha seguinte.	guarda-/ -chuva	guarda-/ chuva

Faz a translineação das palavras seguintes.

carteiro → car-/tei-/ro

castanha → _____

correr → _____

leite → _____

arroz-doce → _____

diabo → _____

connosco → _____

Rodrigo → _____

fez-lhe → _____

telhado → _____

baixo → _____

pulso → _____

criança → _____

avestruz → _____

O **hífen** usa-se para ligar palavras ou partes da mesma palavra e para fazer a translineação.

Os sinais de pontuação

Os sinais de pontuação são um conjunto de sinais gráficos que ajudam a organizar os textos. São utilizados, entre outras funções, para marcar pausas e para representar a entoação.

Ponto final

.

Indica uma pausa longa e acaba uma frase.

Vírgula

,

Assinala uma pausa pequena e separa elementos da frase.

Ponto e vírgula

;

Indica uma pausa longa, mas não acaba uma frase.

Ponto de exclamação

!

Termina uma frase que exprime admiração, surpresa, alegria, …

Ponto de interrogação

?

Indica uma pergunta.

Reticências

. . .

Marcam a interrupção de uma frase.

Dois pontos

:

Introduzem uma fala, uma explicação ou uma enumeração.

Travessão

—

Introduz uma fala.

Lê o texto e repara nos sinais de pontuação.

Espontaneamente, eu disse que junto dela só podia haver beleza e perfeição. Mas havia a dúvida: nem toda a gente era como ela...

Encostei-me a ela e, em voz sumida, perguntei:

— Achas-me feia, Marie?

Ergueu-me a cara, olhou-me nos olhos.

— Que pergunta tão estranha, Rose!

— Acho-te bonita.

Ilse Losa, *O Mundo em Que Vivi*, Afrontamento (texto adaptado)

Pontua corretamente o texto seguinte.

Ontem ☐ quando atravessava o Rossio ☐ o meu filho mais novo perguntou-me ☐

☐ Ó pai ☐ posso subir às árvores ☐

☐ Estás doido ☐ — respondi-lhe ☐

Quando chegámos a casa ☐ o miúdo voltou a perguntar ☐

☐ E agora ☐ Posso ir brincar para a rua ☐

☐ Pois sim ☐ vai ☐ mas não saias do passeio ☐

Daí a momentos ☐ vim à janela para espiar ☐ o pequeno trepava com destreza um candeeiro de iluminação pública ☐

☐ Eh pá ☐ Desce daí ☐

José Gomes Ferreira (texto adaptado)

Os **sinais de pontuação** são sinais gráficos que representam, na escrita, as pausas e a entoação das frases, separam elementos frásicos, assinalam tipos de frase, entre outras funções.

Os sinais auxiliares de escrita

Os **sinais auxiliares de escrita** são sinais gráficos utilizados para assinalar ou destacar elementos de uma frase ou de um texto.

Aspas	Aspas altas
« »	“ ”

Parênteses curvos	Parênteses retos
( )	[ ]

As **aspas** assinalam, na escrita:

- citações de outra pessoa ou de outro texto;
- títulos;
- discurso direto;
- palavras inventadas.

Os **parênteses curvos** assinalam, na escrita:

- uma explicação ou aparte;
- informação sobre gestos e movimentos das personagens nos textos dramáticos.

Os **parênteses retos** assinalam, na escrita:

- a supressão de parte de uma frase ou de um texto citado.

Lê o texto e indica a função dos sinais auxiliares de escrita destacados.

O coelhinho branco foi à horta buscar couves para fazer um caldinho. Quando voltou para casa, encontrou a porta fechada por dentro. Bateu e perguntaram-lhe quem era.

O coelhinho branco (surpreso) respondeu:

— Sou eu, o coelhinho, que venho da horta e vou fazer um caldinho.

Responderam-lhe de dentro da casa:

— E eu sou a cabra «cabrês» que te salto em cima e te faço em três.

[...]

Conto tradicional (texto adaptado)

( ) assinalam _____

« » assinalam _____

[ ] assinalam _____

Completa, agora, o texto seguinte com os sinais de pontuação e os sinais auxiliares de escrita em falta.

O coelho e o macaco eram amigos ☐ mas estavam sempre a atazanar-se um ao outro ☐

O macaco via o coelho ao longe e começava logo ☐

☐ Coelho dentudo ☐ corpo barrigudo ☐ rabo de veludo ☐

O coelho respondia-lhe ☐

☐ Olha o macaco macacão ☐ olhos de sabão ☐ miolos de algodão ☐

☐ ... ☐

Numa ocasião em que o macaco estava a dormir num galho ☐ com a comprida cauda dependurada ☐ o coelho muniu-se de um cacete e zás ☐

Deu-lhe uma pancada com toda a força na cauda ☐

☐ Porque me fizeste isto ☐ traidor ☐ ☐ gritava o macaco ☐

António Torrado, «Bons Amigos» (texto adaptado)

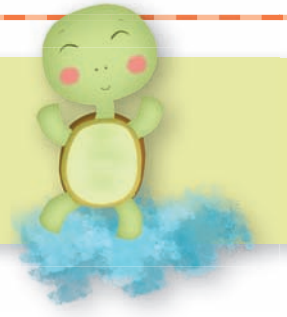

Os **sinais auxiliares de escrita** são sinais gráficos utilizados para assinalar ou destacar elementos de uma frase ou de um texto.

As formas de destaque

As **formas de destaque** são recursos utilizados para pôr em relevo uma palavra, uma frase ou uma parte de um texto. O itálico, o negrito e o sublinhado são algumas dessas formas de destaque.

O **itálico** é usado sobretudo em títulos de livros, jornais e revistas, e para destacar palavras, expressões ou frases de uma língua estrangeira num texto em português.

O **negrito** e o **sublinhado** servem para realçar palavras ou partes do texto.

Forma de destaque	Exemplo
Itálico	Eles apanharam o *ferry* para atravessar o rio.
Negrito	Todos sabiam que era **aquela** a bola roubada.
Sublinhado	O bilhete custa apenas cinco euros.

O André encontrou um folheto na sua escola com o regulamento de um concurso. Lê-o e copia as frases destacadas para o espaço adequado.

> Porque ler é um prazer, a *Visão Júnior* e o Plano Nacional de Leitura organizam uma iniciativa aberta à participação de todas as escolas do Ensino Básico.
> A iniciativa desenrolar-se-á em três fases:
> — **Mostra que és bom a ler** — Responder a três perguntas sobre o conteúdo da *Visão Júnior* desse mês, o Plano Nacional de Leitura e a Rede de Bibliotecas Escolares. As perguntas serão colocadas aqui no *site*.
> — **Mostra que és bom a resumir** — Resumir um artigo publicado na *Visão Júnior*.
> — **Mostra que és bom a escrever** — Cada equipa fará uma reportagem sobre a sua biblioteca.
>
> *In* Revista *Visão Júnior*, 1-10-2009 (adaptado)

Itálico _____

Negrito _____

Sublinhado _____

A configuração gráfica

Para facilitar a leitura de um texto, usam-se **períodos** e **parágrafos**, que organizam o texto e permitem a sua melhor compreensão.

O **período** contém uma ou mais frases e é delimitado por um sinal de pontuação.

O **parágrafo** pode conter um ou mais períodos sobre o mesmo assunto. Distingue-se do período por se iniciar numa nova linha do texto e por ter um avanço em relação à margem esquerda do texto.

O texto a seguir contém dois parágrafos. As frases assinaladas constituem um período.

1.º parágrafo	Era um dia de verão. O Luís estava com o irmão mais novo e com os pais numa praia onde estava muita gente.
2.º parágrafo	Tinham almoçado e os pais disseram o que todos dizem nesta ocasião: «Meninos, não podem ir para a água sem ter a digestão feita.»

José Silva Peneda, *A Praia da Fada,* Girassol Editores

Lê o texto e circunda os parágrafos.

Era uma velha muito velha, muito velha, tão velha que não havia velha mais velha do que ela.

Um dia, estava a velha a ver televisão, num aparelho também muito velho, quando anunciaram que iam fazer um concurso para proclamar a velha mais velha do mundo.

António Torrado, «A Velha mais Velha».

As relações entre palavras

Palavras homónimas

Algumas palavras são semelhantes na forma como se escrevem.

Há palavras que, apesar de terem significados diferentes, se escrevem e se pronunciam da mesma forma. Chamam-se **homónimas**.

Por exemplo, a palavra *manga* pode referir-se a um fruto ou à parte de uma peça de vestuário que cobre o braço.

manga

manga

Palavras homógrafas

Há outras palavras que se escrevem da mesma maneira, mas que se pronunciam de forma diferente. Chamam-se **homógrafas**.

Por exemplo, a palavra *molho* (para pôr na comida) e a palavra *molho* (como em *molho de chaves*) são homógrafas.

Palavras homófonas

Pelo contrário, há palavras que se pronunciam da mesma maneira, mas que se escrevem de forma diferente. Chamam-se **homófonas**.

Por exemplo, a palavra *cem* e a palavra *sem* são homófonas.

Palavras homónimas	Palavras homógrafas	Palavras homófonas
canto (da ave) canto (da sala)	sede (de um clube) sede (de água)	coser — cozer noz — nós
banco (do jardim) banco (de Portugal)	molho (de soja) molho (de grelos)	cento — sento viagem — viajem

Escreve duas frases com a palavra *rio*:

a) uma em que *rio* seja um nome;

_____

b) uma em que *rio* seja uma forma verbal.

_____

Completa o texto com as palavras adequadas.
Escolhe-as de entre as indicadas entre parênteses.

O meu pai deu-nos um _____ (conselho/ /concelho): « _____ (viajem/viagem) o mais que puderem, porque mais vale duas viagens na mão do que _____ (sem/cem) a voar. Cada passeio _____ (trás/traz) consigo muitas delícias para todos _____ (nós/noz). Eu, assim que me _____ (cento/sento) no carro, sonho encontrar lindas paisagens a toda a _____ (ora/hora)!»

As **palavras homónimas** escrevem-se e pronunciam-se da mesma maneira, mas têm significados diferentes.

As **palavras homógrafas** escrevem-se da mesma maneira, mas pronunciam-se de forma diferente, tendo significados também diferentes.

As **palavras homófonas** pronunciam-se da mesma maneira, mas escrevem-se de forma diferente e têm significados também diferentes.

Os nomes

Os **nomes** (ou substantivos) são palavras que designam, normalmente, objetos, ideias ou entidades. Existem **nomes próprios** e **nomes comuns**.

Os nomes próprios

Os **nomes próprios** designam pessoas, animais, lugares e objetos únicos e determinados. Escrevem-se, geralmente, com inicial maiúscula.

Repara na frase: *Eu vivo em Portugal.*

Portugal é um nome próprio porque se refere a um único país, bem determinado, que tem esse nome.

Os nomes comuns

Os **nomes comuns** referem-se a todos os membros de uma classe.

Por exemplo, na frase *Eu tenho um cão*, a palavra *cão* não é um nome próprio, mas um nome comum, porque se refere a todos os animais do mesmo tipo e não a um único cão.

Alguns nomes comuns designam conjuntos de entidades ou de objetos da mesma espécie. São os **nomes coletivos**. Por exemplo, *alcateia* é um nome coletivo porque designa um conjunto de lobos.

Exemplos:

Rita
(nome próprio)

elefante
(nome comum)

amor
(nome comum)

pedra
(nome comum)

rebanho
(nome comum coletivo)

Preenche as molduras seguintes conforme te é indicado e escreve o que te é pedido.

a)

Cola aqui uma imagem de um animal roedor que gosta muito de queijo.

Escreve o seu nome. _____

Classifica esse nome. _____

b)

Cola aqui uma fotografia da tua mãe.

Escreve o seu nome. _____

Classifica esse nome. _____

c)

Cola aqui uma imagem de um conjunto de peixes.

Escreve o seu nome. _____

Classifica esse nome. _____

Completa o quadro.

Nomes	Subclasses
bolacha	
manada	
África	
multidão	nome coletivo
limão	

Faz a correspondência correta.

Nomes coletivos

a) bando ☐
b) cáfila ☐
c) enxame ☐
d) batalhão ☐
e) matilha ☐
f) pomar ☐
g) turma ☐
h) pinhal ☐
i) biblioteca ☐
j) frota ☐
k) constelação [4]
l) olival ☐

Significados

1) conjunto de aves
2) conjunto de livros
3) conjunto de camelos
4) conjunto de estrelas
5) conjunto de abelhas
6) conjunto de soldados
7) conjunto de barcos
8) conjunto de cães
9) conjunto de oliveiras
10) conjunto de pinheiros
11) conjunto de árvores de frutos
12) conjunto de alunos

Os **nomes** podem ser próprios ou comuns.
Os **nomes próprios** designam algo único e determinado.
Os **nomes comuns** referem-se a todos os membros de uma classe.
Alguns nomes comuns chamam-se **coletivos** quando designam um conjunto de entidades ou objetos do mesmo tipo.

Os determinantes

Os nomes, em geral, não aparecem sozinhos na frase. Imagina que alguém diz: Cão *não gosta da Joana*. Como *cão* é um nome comum, pode tratar-se de qualquer cão do mundo. Para os outros nos compreenderem e saberem de que cão se trata, temos de especificar a que cão nos estamos a referir.

Por exemplo: O meu *cão não gosta da Joana*.

Palavras como *o* e *meu* ajudam a determinar o substantivo *cão*. Por isso se chamam **determinantes**.

Repara agora nas frases:

Um *cão não gosta da Joana.*
Este *cão não gosta da Joana.*
Esse *cão não gosta da Joana.*
Aquele *cão não gosta da Joana.*

Nestas frases, o cão não pertence à pessoa que fala, porque ela já não diz *o meu cão*.

Temos, então, de olhar à nossa volta para perceber de que cão se trata:

— se a forma usada for *um*, trata-se de um cão desconhecido;
— se a forma usada for *este*, o cão está próximo de quem fala;
— se a forma usada for *esse*, o cão está próximo da pessoa a quem se fala;
— se a forma usada for *aquele*, o cão está afastado das duas pessoas.

Os determinantes são palavras que vêm quase sempre antes do nome, concordando com ele em género e em número.

Exs.: esse *pinhal*
meus *irmãos*
as minhas *amigas*
aquela *flor*

Os determinantes podem pertencer a diferentes subclasses:

Artigos definidos	o, a, os, as
Artigos indefinidos	um, uma, uns, umas
Determinantes possessivos	meu, minha, teu, tua, …
Determinantes demonstrativos	este, esse, aquele, …

Completa o texto com os determinantes apropriados.

As _____ férias foram em casa dos _____ avós. Todos _____ anos _____ minhas férias são lá. A casa dos _____ avós é grande, mas parece _____ bocadinho pequena. Tem _____ escadas e _____ cave e muito mais quartos do que _____ casa, mas tudo parece _____ bocadinho mais baixo e apertado. Agora já acordei e estou aqui sentado a escrever _____ redação sobre as férias. As minhas férias foram assim.

Jacinto Lucas Pires, *As Minhas Férias*, Cotovia (texto adaptado)

Os **determinantes**, na língua portuguesa, vêm quase sempre antes do nome e concordam com ele em número (singular ou plural) e género (masculino ou feminino).

O meu brinquedo — Os meus brinquedos
A minha irmã — As minhas irmãs

São de vários tipos: **artigos definidos** (*o, a, …*), **artigos indefinidos** (*um, uma, …*), **determinantes possessivos** (*meu, minha, …*) e **determinantes demonstrativos** (*este, aquele, …*).

Os quantificadores numerais

O quantificador **numeral** junta-se ao nome para indicar:

- uma quantidade numérica inteira — **numeral cardinal**:
  Ex.: *Tenho três lápis.*
- um múltiplo de uma quantidade — **numeral multiplicativo**:
  Ex.: *Tenho o triplo dos lápis que tinha.*
- uma fração de uma quantidade — **numeral fracionário**.
  Ex.: *Tenho um terço dos lápis que tinha.*

Quantificadores numerais

Cardinais	Multiplicativos	Fracionários
três (3)	triplo (3 ×)	um terço $\left(\frac{1}{3}\right)$
quatro (4)	quádruplo (4 ×)	dois quartos $\left(\frac{2}{4}\right)$
cinco (5)	quíntuplo (5 ×)	um quinto $\left(\frac{1}{5}\right)$

Completa as legendas usando um numeral (cardinal, fracionário e multiplicativo, respetivamente).

a)

_____

b)

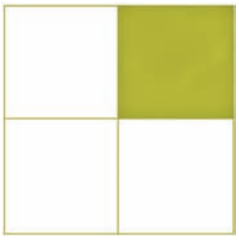

_____ *do quadrado é verde.*

c)

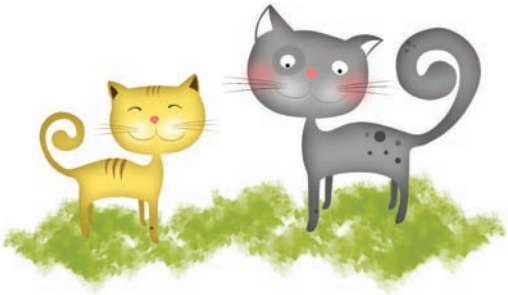

2 kg 4 kg

O gato da direita pesa _____ *do da esquerda.*

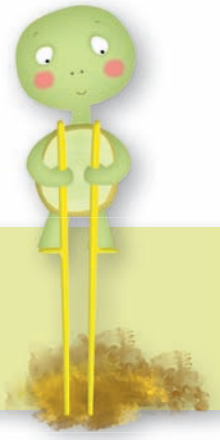

Os **numerais** informam-nos sobre a quantidade dos elementos que são designados pelo nome. Podem ser cardinais, multiplicativos ou fracionários.

Os adjetivos qualificativos

Os **adjetivos qualificativos** atribuem a um nome uma qualidade ou uma propriedade.

pássaros	*coloridos*
↓	↓
nome	adjetivo

flores	*perfumadas*
↓	↓
nome	adjetivo

patos	*felizes*
↓	↓
nome	adjetivo

Os adjetivos qualificativos são importantes para descrever as características dos objetos, das entidades ou das situações.

Lê o texto.

Em tempos muito antigos, no Japão, havia uma árvore enorme que crescia numa ilha muito pequenina.

O povo dessa ilha sentia-se feliz e orgulhoso por possuir uma árvore tão grande e tão bela. Até os viajantes que por ali passavam diziam que nunca tinham visto uma árvore com a copa tão frondosa e bem formada.

Mas com o passar do tempo surgiu um problema terrível porque a árvore tinha crescido tanto, os seus ramos tinham-se tornado tão compridos, a sua folhagem tão espessa e a sua copa tão larga que, durante o dia, metade da ilha ficava à sombra.

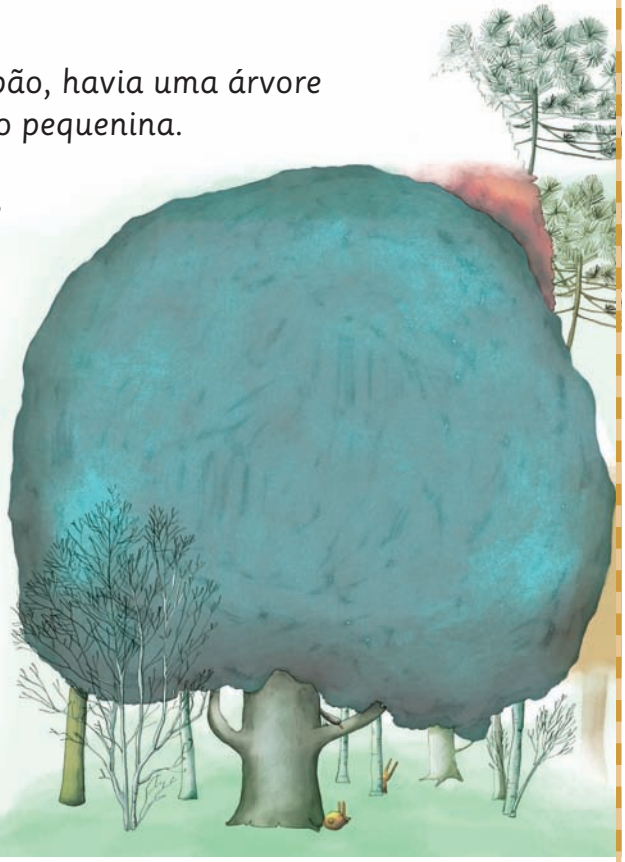

Sophia de Mello Breyner Andresen,
A Árvore, Figueirinhas (texto adaptado)

A autora do texto usa muitos adjetivos. Copia para o quadro os adjetivos que qualificam os nomes indicados.

Nomes	Adjetivo(s)
árvore	
ilha	
povo	
copa	
problema	
ramos	
folhagem	

Os **adjetivos qualificativos** alteram a interpretação dos nomes, atribuindo-lhes uma qualidade ou uma característica.

Geralmente, surgem depois do nome que qualificam, mas podem também ocorrer antes.

Os **adjetivos qualificativos** podem ser substituídos por outros com significado equivalente.

Lê o texto e presta atenção às palavras destacadas.

Do cimo do algeroz que descia ao longo do prédio, rente ao parapeito da varanda, caía um fio grosso de chuva, sem interrupção, como uma corda de brilhantes, que vinha bater num dos vasos, abrindo-lhe uma cova na terra, com um barulho de lata velha e coisas esborrachadas, fazendo dobrar um pobre trevo que ali crescia, abandonado e raquítico. O trevo endireitava-se quando a água mudava de direção, para voltar a curvar-se com o peso brutal do fio da chuva.

Ricardo Alberty,
O Príncipe de Ouro e Outras Histórias,
Editorial Verbo

Repara agora nos adjetivos com significado equivalente registados no esquema seguinte.

grosso	velha	esborrachadas	pobre	abandonado	raquítico	brutal
↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓
espesso	desgastada	esmagadas	infeliz	esquecido	atrofiado	violento

Completa o texto seguinte com os adjetivos que aparecem na lista abaixo, de forma a obteres um texto com sentido.

antiga	bonita	tardia
iluminada	invisíveis	desertas
físico	solitário	autêntico

Tinham ultrapassado a zona que rodeava a Quinta das Lágrimas e viraram à direita, encaminhando-se para a ponte sobre o rio Mondego.

Apesar da hora _____ e do esforço _____ que acabavam de fazer, não sentiam cansaço, e o facto de as ruas se encontrarem praticamente _____ não lhes metia medo.

A cidade que se erguia em espiral na outra margem, com a torre do sino da Universidade lá bem no alto, _____ por focos _____ e pela luz do luar, pareceu-lhes ainda mais _____ . Apetecia-lhes o passeio _____ pela parte _____ , não lhes faltava ânimo para subirem as vielas que conduziam ao Albergue da Juventude, transbordavam energia como se lhes corresse nas veias _____ sangue de tigre. O pior era a fome que voltava a atormentá-los.

Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada,
Uma Aventura na Quinta das Lágrimas, Editorial Caminho

Os **adjetivos** são muito importantes num texto. Ajudam a descrever pessoas, objetos e paisagens, e mostram os sentimentos e as opiniões de quem fala. Podem ser substituídos por outros adjetivos com significado equivalente, o que permite não repetir palavras.

Os **adjetivos qualificativos** são essenciais num **retrato**. As palavras destacadas no texto seguinte são adjetivos e caracterizam a personagem Lourença: ajudam a fazer o seu retrato.

Quando Lourença voltou para o colégio, estava muito modificada. Já não merecia o nome de Dentes de Rato, porque eles tinham-lhe caído e tinha outros novos, mais redondos e fortes. Falco ficava um bocado amuado quando ela o convidava a apreciar a bonita dentadura que agora tinha.

Agustina Bessa-Luís, *Dentes de Rato*, Guimarães

Completa o quadro com os adjetivos do texto.

Se penso em Marie não posso deixar de a relacionar com aquela primavera e com todas as primaveras: o corpo delicado, o rosto de grandes olhos castanhos em que havia um espanto permanente, o cabelo cor de ouro. Marie não usava vestidos de corte requintado como a minha mãe e Lili, mas apenas blusas claras e graciosas.

Ilse Losa, *O Mundo em Que Vivi*, Afrontamento

Nome	corpo	olhos	espanto	corte	blusas
Adjetivo(s)					

Faz agora o retrato de um colega da tua classe.

O meu colega chama-se _____.
É _____ (alto/baixo). Tem cabelo _____ (castanho/loiro), _____ (liso/encaracolado/ondulado) e _____ (curto/comprido). O seu rosto é _____ (oval/ /redondo/comprido). Tem olhos _____ (castanhos/verdes/azuis). É _____ (simpático/brincalhão/divertido/inteligente/...).

Os **adjetivos qualificativos** permitem fazer descrições de paisagens, objetos, pessoas, personagens, ... Ajudam também a fazer o retrato físico e psicológico de alguém.

Os pronomes

Os **pronomes** são palavras que ocorrem no lugar dos nomes, substituindo-os. Repara nas palavras destacadas no texto seguinte.

A palmeira deixa cair as folhas
e os frutos quando estes amadurecem.
O Papalagui vive como uma palmeira
que retivesse folhas e frutos, dizendo:
«São meus! Não tendes o direito
de os apanhar ou de os comer!»
Como faria ela então, quando
viessem os novos frutos?
A palmeira é bem mais sensata
do que o Papalagui.

O Papalagui (recolha de Erich Scheurmann, tradução de Luiza Neto Jorge), Antígona

As palavras destacadas no texto são pronomes. Cada um substitui um ou mais nomes (que são os seus antecedentes).

Pronomes	Subclasses	Antecedentes
estes	Pronome demonstrativo	frutos
meus	Pronome possessivo	folhas e frutos
os	Pronome pessoal	frutos
ela	Pronome pessoal	palmeira

Lê o texto seguinte e reescreve-o substituindo as expressões destacadas por pronomes pessoais, demonstrativos ou possessivos adequados (se precisares de ajuda, consulta a página 128).

Todos os meninos saíram para o jardim. Todos os meninos queriam brincar com o cão que tinha aparecido por ali nessa manhã. Mas o cão que tinha aparecido ali nessa manhã estava a correr furiosamente atrás do Fiel, o cão do Jaime.

Aflito, o Jaime gritou:

— Venham cá, pestinhas! E tu, forasteiro, deixa o Fiel, que o Fiel é o meu cão.

Classifica os pronomes que usaste.

Pronomes pessoais	
Pronomes possessivos	
Pronomes demonstrativos	

Os **pronomes** são, muitas vezes, usados para substituir nomes já referidos antes (antecedentes), evitando, assim, a repetição de palavras num texto.

Pronomes

- **Pessoais**
- **Possessivos**
- **Demonstrativos**

Os verbos

Os verbos são palavras muito importantes na frase. Qualquer frase tem, pelo menos, um verbo.

Exs.: Para!
Tenho dois irmãos.

Os verbos muitas vezes designam ações, como *brincar*, *correr*, *entrar* ou *abraçar*.

Mas também podem referir-se a outros acontecimentos e a outras situações que não são ações, como *morrer*, *dormir* ou *compreender*.

Podem, ainda, indicar estados, que são situações que se mantêm durante um certo tempo sem se alterarem, como *ser*, *estar*, *saber* ou *morar*.

Por vezes, a mesma frase tem dois verbos: um **verbo principal** e um **verbo auxiliar**. Repara nas seguintes frases:

A Joana está a brincar no jardim.
A Joana tem brincado bastante.
A Joana vai brincar com a mãe.

Nestas frases, o verbo principal é *brincar*. É o verbo que dá a informação principal sobre a situação.

As formas verbais *está*, *tem* e *vai* são formas dos verbos *estar*, *ter* e *ir*, que são aqui verbos auxiliares do verbo principal *brincar*. «Auxiliam», dando informações, por exemplo, sobre o tempo em que as coisas acontecem.

Os verbos da língua portuguesa podem:

- acabar em ***-ar***: *pintar*, *falar*, *abraçar*, …
- acabar em ***-er***: *beber*, *vender*, *perder*, …
- acabar em ***-ir***: *partir*, *subir*, *desistir*, …
- acabar em ***-or***: *compor*, *propor*, *supor*, …

O verbo pode mudar de forma consoante a pessoa, o número, o tempo e o modo em que está a ser conjugado. Por isso, podemos dizer que o mesmo verbo pode ter várias **formas verbais**.

Repara nas seguintes frases:

O João brinca muito.

O João brincou muito.

O João brincava muito.

O João e a Joana brincavam muito.

Eu e o João brincávamos muito.

As palavras destacadas são **formas verbais** do mesmo verbo: o verbo *brincar*.

Lê o texto e completa o quadro.

Muge a vaca, berra o touro,
Grasna a rã, ruge o leão,
O gato mia, uiva o lobo,
Também tem ladrado o cão.

A fala foi dada ao homem,
Rei dos outros animais.

Pedro Diniz, *Tesouro Poético da Infância*, Publicações Dom Quixote (texto adaptado)

Forma verbal	Verbo no infinitivo	Verbo principal	Verbo auxiliar
muge	mugir	×	—

Escreve uma legenda para cada parte da história, não esquecendo que o verbo é um constituinte essencial da frase.

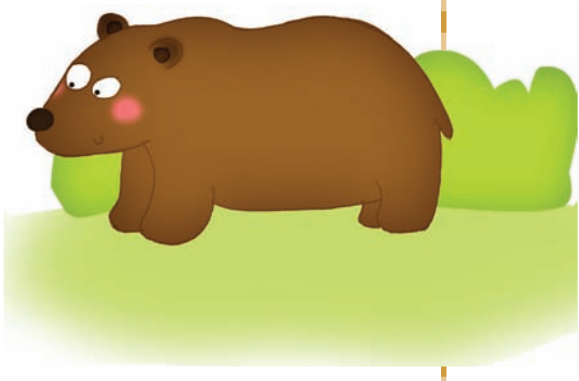

Os meninos brincavam no jardim. _____

_____ _____

O urso brincou com os meninos no jardim. _____

Agora, copia as frases pela ordem em que estão. Se achares necessário, faz algumas alterações para compor um texto. Ficarás com uma história da tua autoria.

Circunda os verbos que utilizaste nesta tua história.

Os **verbos** são elementos muito importantes das frases. Podem designar ações, eventos ou estados.

Algumas frases têm verbos principais e verbos auxiliares.

Na língua portuguesa, os verbos podem terminar em *-ar*, *-er*, *-ir* ou *-or*.

Palavras variáveis e palavras invariáveis

Há palavras que apresentam formas diferentes, de acordo com o número, a pessoa, o tempo ou o modo — são palavras **variáveis**.

O menino e a menina vão satisfeitos para a escola.
Lá eles aprendem muitas coisas novas.

Repara nas seguintes palavras variáveis retiradas do texto acima.

o/a	menino/menina	satisfeito/satisfeitos
muita/muitas	ele/eles	vai/vão
coisa/coisas	nova/novas	

Existem outras palavras que apresentam uma só forma — são palavras **invariáveis**. É o caso das palavras seguintes.

e	para	quando	ontem
lá	amanhã	até	porque

Preenche o quadro com as palavras variáveis e as palavras invariáveis da frase seguinte.

A professora recebe o aluno novo e diz-lhe para se sentar frente a ela.

Palavras variáveis		Palavras invariáveis	
A		e	
professora			

Lê a frase e circunda as palavras invariáveis.

O João fica contente e satisfeito porque aprende muito.

Agora, reescreve a frase começando por:

a) A Mariana _____

b) O João e a Mariana _____

_____

c) Ontem, o João e a Mariana _____

_____

As palavras que podem apresentar várias formas (masculino, feminino, singular, plural, …) são **palavras variáveis**.

As palavras que nunca mudam de forma são **palavras invariáveis**.

Variação dos nomes

Variação em género

Os **nomes** são palavras que podem variar em **género**. Podem ser masculinos ou femininos.

Neste Carnaval, a filha da Mariana vestiu-se de Carochinha e a sua amiga fantasiou-se de Capuchinho Vermelho. A Mariana foi a condutora que as levou à escola para irem no cortejo. Quando chegaram, o professor já as esperava e brincou, sorridente:

— Que lindas meninas! Já encontraram noivo?

Madalena Relvão e Graça Trindade

Repara que os nomes destacados podem variar quanto ao género:

filha/filho
amiga/amigo
condutora/condutor
professor/professora
meninas/meninos
noivo/noiva

Há nomes que não mudam de forma, mas que pertencem ao género masculino ou ao género feminino, pois, antes deles, podemos colocar um determinante masculino ou feminino, respetivamente:

o Carnaval
a Mariana
a escola
o cortejo

Preenche o quadro com os nomes que encontrares no texto seguinte.

A Páscoa vem recheada
De ovos e coelhinhos
E os afilhados recebem
Muitas prendas dos padrinhos!

Género	
Masculino	Feminino
_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____

Descobre o intruso! Nos conjuntos de nomes seguintes, circunda o nome que é masculino.

a) telemóvel — televisão — aparelhagem

b) amêndoa — goma — pastilha — rebuçado

c) régua — lápis — caneta — borracha

Os **nomes** podem pertencer ao **género masculino** ou ao **género feminino**. O género dos nomes de pessoas e de animais é determinado, quase sempre, pelo sexo a que pertencem.

Podemos saber o género dos nomes se colocarmos antes um determinante. Se o determinante for feminino (*a*, *uma*, …), o nome pertence ao **género feminino** (*a imagem*).

Se o determinante for masculino (*o*, *os*, …), o nome pertence ao **género masculino** (*o mapa*).

O **feminino** dos nomes pode formar-se de diferentes maneiras.

- Na maioria dos nomes que terminam em *-o*, o feminino forma-se mudando a vogal final para *-a*.
  Exs.: *noivo/noiva*
  gato/gata
- Quando o nome acaba em consoante, acrescenta-se um *-a* à forma do masculino.
  Exs.: *professor/professora*
  português/portuguesa
- Com certos nomes, a forma feminina obtém-se através de modificações particulares no final do nome.
  Exs.: *ator/atriz*
  príncipe/princesa
- No caso de alguns animais, acrescenta-se à direita do nome *macho* para referir o sexo masculino ou *fêmea* para referir o sexo feminino.
  Exs.: *rouxinol-macho/rouxinol-fêmea*
  cobra-macho/cobra-fêmea
- Por vezes, para indicar uma diferença de sexo, usam-se palavras diferentes.
  Exs.: *pai/mãe*
  cão/cadela
- Alguns nomes apresentam a mesma forma no masculino e no feminino. Neste caso, é através do género do determinante que sabemos o género do nome.
  Exs.: *o estudante/a estudante*
  o jornalista/a jornalista

Género masculino	Género feminino
noivo	noiva
português	portuguesa
ator	atriz
rouxinol-macho	rouxinol-fêmea
pai	mãe
estudante	

Descobre dez palavras no género feminino: cinco na horizontal e cinco na vertical.

T	R	A	G	A	T	A	A	D	O	R	A
I	A	T	N	Q	A	R	T	I	R	S	B
C	B	R	M	L	A	A	T	N	X	Z	E
L	D	I	C	O	L	B	S	A	U	V	L
D	G	Z	E	P	U	I	R	M	Ã	Q	H
A	H	Z	V	F	N	I	I	A	P	O	A
I	A	Z	X	G	A	D	P	R	C	U	B
F	C	F	F	B	A	F	A	Q	M	N	G
P	O	E	T	I	S	A	T	U	L	V	L
L	O	R	U	T	S	I	O	E	C	Z	E
P	M	P	R	I	N	C	E	S	A	S	O
N	O	P	I	N	T	O	R	A	X	T	A

Agora, escreve as palavras correspondentes no género masculino.

Os nomes podem formar o **feminino** de várias maneiras. Normalmente, muda apenas a terminação (*aluno/aluna*, *pintor/pintora*), mas existem muitas exceções (*rei/rainha*, *boi/vaca*).

Variação em número

Os nomes podem variar em número (singular e plural).

Subindo dos vastos vales e descendo pelas colinas, os animais desfilavam pela planície fora. As chitas, os mais velozes de todos, abriam caminho. Silenciosas, as girafas, seguidas pelas suas desengonçadas crias, galopavam lado a lado com manadas de zebras excitadas. Na retaguarda, batalhões de babuínos tagarelas levavam os vivaços filhotes às costas.

O Rei Leão, Editorial Verbo (texto adaptado)

Nomes no singular (um só)	planície, caminho
Nomes no plural (mais do que um)	vales, colinas, animais, chitas, girafas, crias, manadas, zebras, batalhões, babuínos, filhotes

Descobre dez nomes no singular: cinco na horizontal e cinco na vertical. Depois, escreve-os.

M	U	L	T	I	D	Ã	O	C	A	V	Q
Ã	O	A	J	I	T	S	N	A	R	I	Z
O	M	V	H	L	A	R	Q	M	B	S	R
L	U	R	G	P	E	D	C	P	O	M	T
P	N	A	V	A	C	L	V	O	Z	U	A
M	A	D	B	P	T	D	J	N	N	V	N
Z	H	O	M	E	M	A	I	Ê	K	X	Z
X	U	R	F	L	G	I	J	S	O	P	O
C	A	P	I	T	Ã	O	L	N	M	Q	L

Os **nomes** que designam um só objeto, uma só ideia ou uma só entidade estão no **singular**.

Os **nomes** que designam mais do que um objeto, mais do que uma ideia ou mais do que uma entidade estão no **plural**.

Na escrita, o **plural** dos nomes pode formar-se de várias maneiras.

- Aos nomes terminados em vogal acrescenta-se um *-s*.
  Ex.: *zebra/zebras*
- Aos nomes terminados em consoante (*r*, *s* ou *z*) acrescenta-se *-es*.
  Ex.: *professor/professores*
- Os nomes terminados em *-ão* fazem o plural de três modos:
  — *-ões* (muda a terminação e acrescenta-se um *-s*): *batalhões*
  — *-ães* (muda a terminação e acrescenta-se um *-s*): *capitães*
  — *-ãos* (mantém-se o ditongo *-ão* e acrescenta-se um *-s*): *mãos*
- Os nomes que terminam em *-al*, *-el*, *-il*, *-ol* ou *-ul* fazem geralmente o plural em *-ais*, *-éis/eis*, *-óis* ou *-uis*.
  Exs.: *jornal/jornais*
  papel/papéis
  réptil/répteis
  anzol/anzóis
  azul/azuis
- Os nomes que terminam em *-m* fazem o plural em *-ns*, perdendo o *-m* do singular.
  Ex.: *homem/homens*
- Certos nomes têm a mesma forma no singular e no plural.
  Ex.: *um lápis/três lápis*
- Há nomes que se usam apenas no plural.
  Ex.: *calças*

Singular	Plural
zebra	zebras
professor	professores
batalhão	batalhões
capitão	capitães
mão	mãos
jornal	jornais
homem	homens
lápis	

Indica o nome no singular das flores representadas nas imagens.

a) _____

b) _____

c) _____

d) _____

e) *jasmim*

f) _____

Agora, escreve os nomes no plural.

a) _____ b) _____ c) _____

d) _____ e) _____ f) *túlipas*

Os nomes formam o **plural** de várias maneiras. Na escrita, a forma mais comum consiste em acrescentar um *-s* (*aluno/alunos*).

Há nomes que têm a mesma forma no singular e no plural (*lápis*) e outros que só se usam no plural (*calças*).

Variação em grau

Os nomes podem apresentar **variação em grau**.

Repara nos nomes destacados.

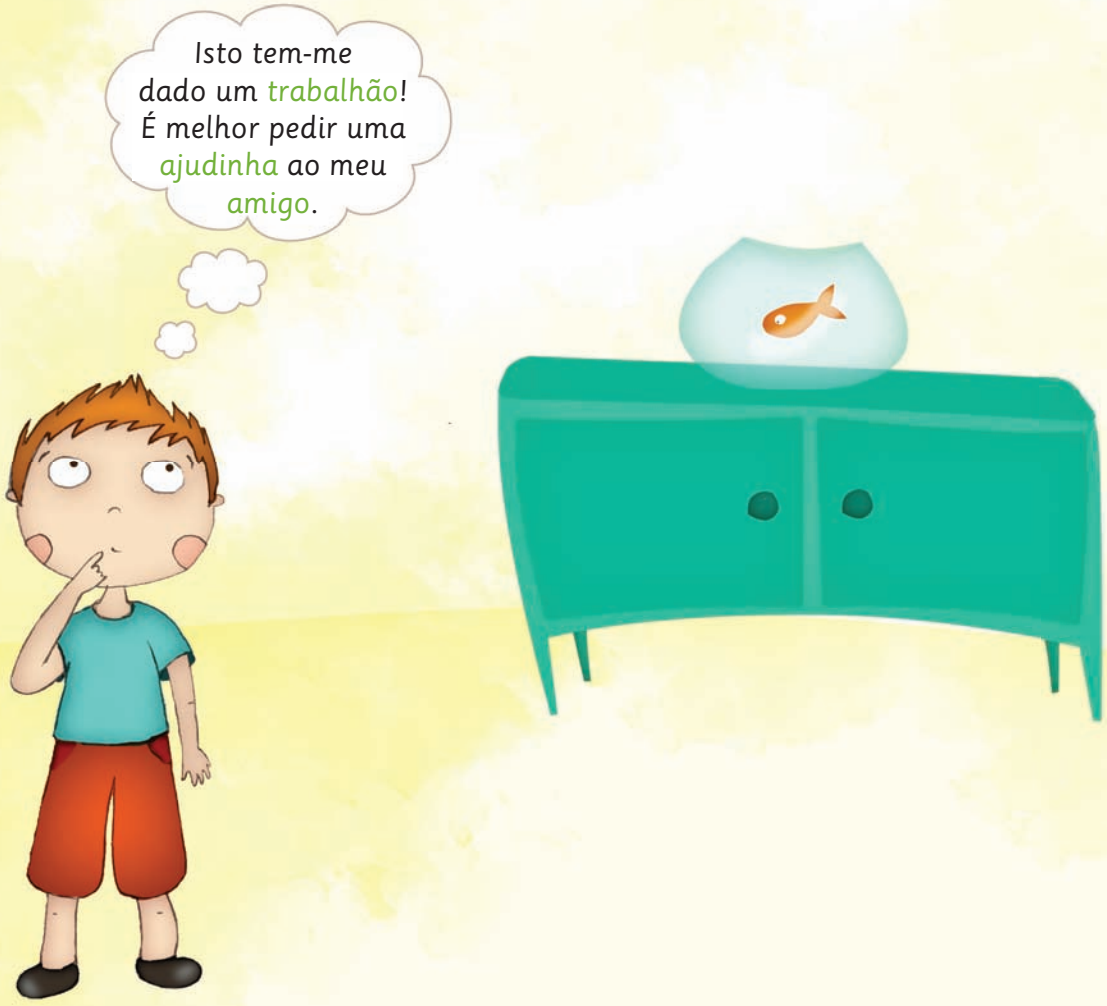

O nome *amigo* encontra-se no **grau normal**.

O nome *ajudinha* encontra-se no **grau diminutivo**; significa «pequena ajuda».

O nome *trabalhão* encontra-se no **grau aumentativo**; significa «grande trabalho».

Grau normal	Grau diminutivo	Grau aumentativo
amigo	amiguinho	amigalhaço
casa	casinha	casarão
trabalho	trabalhinho	trabalhão
sapato	sapatinho	sapatão

Coloca os nomes abaixo na coluna respetiva.

riacho | canzarrão | ovinho | muralha | jornaleco

bigodeira | rapagão | burrico | ratito | bocarra

Grau normal	Grau diminutivo	Grau aumentativo
praça	praceta	
corpo		corpanzil
muro		
rapaz		
rio		
jornal		
bigode		
ovo		
burro		
cão		
boca		
rato		

O nome pode apresentar variação em **grau**: normal, diminutivo ou aumentativo.

O **grau diminutivo** pode exprimir uma ideia de pequenez (*livrinho*), mas também serve para transmitir afetividade (*mãezinha, filhinho, velhinho*).

O **grau aumentativo** pode exprimir uma ideia de grandeza (*casarão*), mas também serve para transmitir uma ideia de desagrado (*bocarra*).

Variação dos adjetivos

Variação em género

O **adjetivo** pode apresentar **variação em género**.
Repara nos adjetivos destacados no texto.

Era um belo espetáculo, a vida em torno, agitada ou mansa. Botões nasciam perfumados e desabrochavam em flores radiosas, pássaros voavam entre trinados alegres, pombos arrulhavam amor, ninhadas de pintos recém-nascidos seguiam o cacarejar de orgulhosa galinha, o grande Pato Negro fazia a corte à linda Pata Branca, banhando-a na água clara do lago.

Jorge Amado, *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá*, Publicações Dom Quixote (texto adaptado)

Nomes	Adjetivos	
	Masculino	Feminino
espetáculo	belo	—
vida	—	agitada, mansa
botões	perfumados	—
flores	—	radiosas
pintos	recém-nascidos	—
galinha	—	orgulhosa
água	—	clara

Os adjetivos listados acima apresentam uma forma para o género masculino e uma forma para o género feminino.

Há também adjetivos que não variam em género, ou seja, a forma masculina e a forma feminina são iguais.

Exs.: o pato alegre/a pata alegre
o homem elegante/a mulher elegante

Associa um nome a um adjetivo e escreve-os.

a) gata ☐

b) cão ☐

c) raposa ☐

d) pássaros ☐

e) pato ☐

1) marreco _____

2) coloridos _____

3) espertalhona _____

4) amigo _____

5) pachorrenta _____

Os adjetivos geralmente apresentam uma forma para o masculino e outra para o feminino — são **biformes** quanto ao género (*lindo/linda*).

Porém, há adjetivos que apresentam a mesma forma para o masculino e para o feminino — são **uniformes** quanto ao género (*valente*).

Variação em número

O **adjetivo** pode apresentar **variação em número** (singular e plural).

Queria ser o chefe sioux
Com penas da cabeça aos pés,
Ter a machadinha cintilante
E alguns amuletos a brilhar.
Para reunir a tribo inteira
Ele assobiava com força: U-U! U-U!
E depois de combates violentos,
Dançava, à noite, à volta do fogo!

Isabelle Schreiber, *Mariazinha Jornalista*, Editorial Verbo

A forma do adjetivo depende da forma do nome com que se relaciona.

a machadinha **cintilante** a tribo **inteira**	combates **violentos**
O adjetivo tem a forma singular quando o nome é singular.	O adjetivo tem a forma plural quando o nome é plural.

Associa os nomes e os adjetivos indicados de acordo com as características do chefe sioux.

a) face ☐ **b)** braços ☐ **c)** cabelos ☐ **d)** nariz ☐ **e)** olhos ☐

1) negros **2)** pintada **3)** fortes **4)** castanhos **5)** grande

O adjetivo fica no singular quando o nome a que se refere é singular; fica no plural quando o nome a que se refere é plural.

Variação em grau

Os **adjetivos variam em grau**. Repara nas frases seguintes.

O João é esperto.

O João é espertíssimo.

Na primeira frase, estamos a atribuir uma qualidade ao João, que é ser esperto. Na segunda frase, estamos a aumentar muito o grau de esperteza do João.

Diz-se que o adjetivo *esperto* tem uma variação em grau.

Há outros modos de indicar os graus dos adjetivos, por exemplo juntando-lhes palavras que permitem fazer comparações.

Repara na frase:

O João é mais esperto do que o Manuel.

No quadro seguinte, encontras os vários graus dos adjetivos.

Grau			Exemplo
Normal			O tigre é **gordo**.
Comparativo de	Superioridade		O tigre é **mais gordo do que** o gato.
	Igualdade		O gato é **tão gordo como** o coelho.
	Inferioridade		O rato é **menos gordo do que** o gato.
Superlativo	Relativo de	Superioridade	O tigre é **o mais gordo** de todos os animais.
		Inferioridade	O rato é **o menos gordo** de todos os animais.
	Absoluto	Sintético	O tigre é **gordíssimo**.
		Analítico	O tigre é **muito gordo**.

Lê o texto.

A baleia é muito pesada.
É o animal mais pesado do mundo.
A baleia é tão pesada como um camião,
mas é menos pesada do que um avião.

Escreve os graus em que se encontra o adjetivo *pesado*.

_____

_____

_____

_____

Identifica os adjetivos das frases que se seguem e diz em que grau se encontram.

a) Este lápis é mais comprido do que esse.

Adjetivo: _____ Grau: _____

b) A rosa é lindíssima.

Adjetivo: _____ Grau: _____

c) O Raul está alegre.

Adjetivo: _____ Grau: _____

d) Quero comprar o caderno menos caro da loja.

Adjetivo: _____ Grau: _____

e) Fiquei tão feliz como tu com essa notícia.

Adjetivo: _____ Grau: _____

Completa as frases seguintes usando os adjetivos indicados no grau que é pedido.

a) Aquele saco é _____ este.
(**pesado** — grau comparativo de igualdade)

b) A minha mãe é _____.
(**bonita** — grau superlativo absoluto analítico)

c) Essa árvore é _____ da floresta.
(**alta** — grau superlativo relativo de superioridade)

Os adjetivos podem variar em grau: **normal**, **comparativo** (de igualdade, de superioridade e de inferioridade), **superlativo relativo** (de superioridade e de inferioridade) e **superlativo absoluto** (analítico e sintético).

Variação dos pronomes

Variação em pessoa, em género e em número

Os **pronomes** podem apresentar **variação** em **pessoa**, em **género** e em **número**.

Lê o texto e repara nas palavras destacadas.

Mais um dia de escola. À entrada, os colegas de turma encontram-se.
— Olá a todos! — diz o João.
— Olá! — respondeu o Tomás. — Ontem, tu viste o jogo da nossa seleção?
— Claro! Eu fiquei em casa com o meu irmão a vê-lo.
— E tu? Quem esteve contigo? Não me digas que ficaste sozinho?!
— Não, os meus pais estiveram comigo a torcer pela equipa. Jogou mesmo muito bem! Vamos apoiá-la no próximo jogo com o Brasil! — exclamou ele cheio de felicidade.
— E hoje vais ao treino connosco, João?
— Não posso. Vêm os colegas de Itália e tenho de os receber e jantar com eles.

Madalena Relvão e Graça Trindade

As palavras destacadas no texto que leste na página anterior são pronomes pessoais em diferentes pessoas e números. Verifica como estão colocados no quadro que se segue.

Pronomes pessoais			
Pessoa		Função sintática	
		Sujeito	Complemento direto
Singular	1.ª	eu	me
	2.ª	tu	te
	3.ª	ele/ela	o/a
Plural	1.ª	nós	nos
	2.ª	vós	vos
	3.ª	eles/elas	os/as

Repara agora nas palavras destacadas no texto seguinte.

Fomos ao circo. Todos os meninos estavam com os seus pais e eu estava com os meus. Os palhaços tinham o nariz tão vermelho como o meu.

Os leões não queriam sair da jaula porque essa casa era a sua.

Os meus pais compraram chupa-chupas, mas não comeram os seus.

Pediram-me, a brincar:

— Dá-me o teu!

Se fossem vocês, o que fariam com os vossos?

No fim do espetáculo, comprámos pipocas e cada um comeu as suas.

Madalena Relvão e Graça Trindade

As palavras destacadas no texto que leste são pronomes possessivos em diferentes pessoas, géneros e números. Verifica como estão colocadas no quadro que se segue.

Pronomes possessivos					
Pessoa		Singular		Plural	
		Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Singular (um possuidor)	1.ª	meu	minha	meus	minhas
	2.ª	teu	tua	teus	tuas
	3.ª	seu	sua	seus	suas
Plural (vários possuidores)	1.ª	nosso	nossa	nossos	nossas
	2.ª	vosso	vossa	vossos	vossas
	3.ª	seu	sua	seus	suas

Sublinha os pronomes pessoais no texto seguinte.

O velho desatou a rir.

— É verdade, eu menti-te, não era um marinheiro mas um guarda. Para combater o tédio e para me aguentar em pé, lia sem parar. O mar, não o vi senão em postais, e agora, jamais o poderei ver; porém, quando estou aqui sentado no banco — sozinho na escuridão — à minha frente vejo todos os mares do mundo. Vejo-os e sinto-lhes o odor e a salitre, distingo as brisas leves das que anunciam a tempestade.

Susanna Tamaro, *O Menino Que não Gostava de Ler,* Editorial Presença

Preenche o quadro com os pronomes que sublinhaste.

Pronomes pessoais		
Pessoa	Número	
	Singular	Plural
1.ª		
2.ª		
3.ª		

Faz a correspondência entre os nomes e os pronomes que os podem substituir.

a) O João [5]
b) A Ana e a Rita [ ]
c) Eu e tu [ ]
d) Tu e o Jorge [ ]
e) A Joana [ ]

1) Vós/Vocês
2) Ela
3) Elas
4) Nós
5) Ele

Os **pronomes pessoais** e os **pronomes possessivos** podem variar em número (singular e plural), em género (masculino e feminino) e em pessoa (1.ª, 2.ª e 3.ª).

Os pronomes pessoais variam ainda de acordo com a função sintática que desempenham (sobre as funções sintáticas, consulta as páginas 100-102).

Variação dos verbos

O **verbo** é uma palavra variável: pode mudar de forma consoante a pessoa, o número, o tempo e o modo em que está a ser conjugado.

Conjugação verbal

As palavras destacadas no texto seguinte são verbos no **infinitivo**.

O Gato Malhado teve vontade de dizer algo à Andorinha Sinhá. Sentou-se no chão, alisou os bigodes, apenas perguntou:

— Tu não fugiste com os outros?

— Eu? Fugir? Não tenho medo de ti, os outros são todos uns covardes... Tu não me podes alcançar, não tens asas para voar, és um gatarrão ainda mais tolo do que feio. E olha lá que és feio...

Jorge Amado, *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá*, Publicações Dom Quixote (texto adaptado)

A vogal final do infinitivo permite distinguir as **três conjugações verbais**.

1.ª conjugação (-*ar*)	2.ª conjugação (-*er*)	3.ª conjugação (-*ir*)
cantar	beber	abrir
dançar	correr	dormir
voar	ler	fugir

Os verbos *pôr, propor, dispor* e outros terminados em *-or* também pertencem à 2.ª conjugação.

Coloca os verbos na coluna correta.

andar rir fazer estudar partir
ler jogar escrever brincar sorrir

1.ª conjugação (-*ar*)	2.ª conjugação (-*er*)	3.ª conjugação (-*ir*)

Sublinha, no texto seguinte, os verbos que estão no infinitivo.

Para reaver a fala, a Árvore-Pirata foi obrigada a confessar que não tinha a mensagem. Para a conseguir, as cores teriam de passar pelo estreito tronco oco, que dormia a uns passos dali: a mensagem estava escondida no seu interior. As cores ficaram paralisadas com o que ouviram.

Pedro Rosário *et al.*, *Sarilhos do Amarelo*, Porto Editora

Escreve as formas dos verbos que sublinhaste na coluna da respetiva conjugação.

1.ª conjugação	2.ª conjugação	3.ª conjugação

Os **verbos** agrupam-se em **três conjugações** (1.ª, 2.ª e 3.ª), de acordo com a terminação do infinitivo.

Variação em pessoa e em número

O verbo apresenta **variação em pessoa** (1.ª, 2.ª e 3.ª) **e em número** (singular e plural).

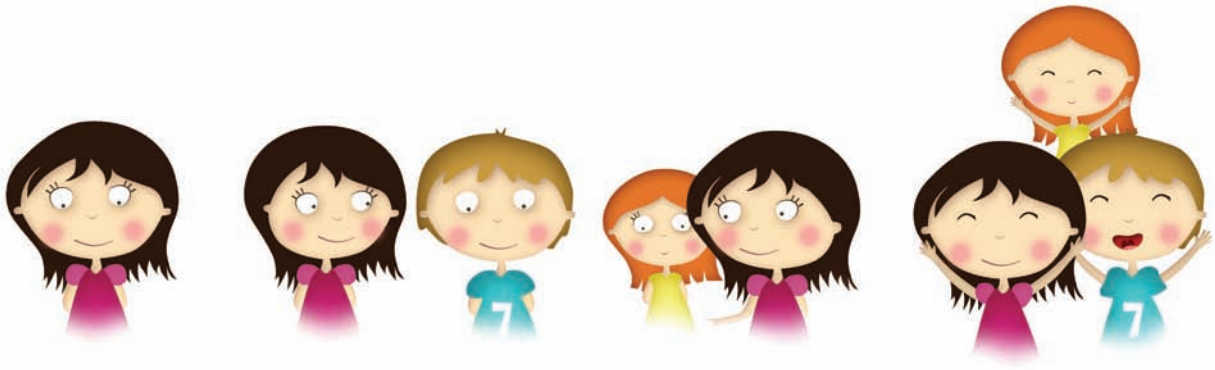

eu escuto *tu escutas* *ela escuta* *nós escutamos*

Completa o quadro com as formas do verbo *escutar*.

Número	Pessoa gramatical	Verbo *escutar*
Singular	1.ª — eu	escuto
	2.ª — tu	
	3.ª — ele, ela	
Plural	1.ª — nós	
	2.ª — vós	
	3.ª — eles, elas	

Completa as frases usando formas do verbo *saltar*.

a) Tu _____ muitas vezes.

b) Nós _____ à corda.

c) Eles _____ o muro.

O verbo é uma palavra variável. Apresenta variação em **pessoa** (1.ª, 2.ª e 3.ª) e em **número** (singular e plural).

Variação em tempo

O **verbo** apresenta também **variação em tempo**. O tempo do verbo indica se a ação, o acontecimento ou o estado expressos pelo verbo se situam no **presente**, no **passado** ou no **futuro**.

Lê o texto e repara nas palavras destacadas.

Era uma vez um cão rafeiro chamado Dandy. Descendia do rafeiro Asu e da rafeira Ramina. Não podia, por isso, ser mais autenticamente rafeiro. O que não tem mal. Antes pelo contrário. Hoje sabemos que os rafeiros são tão inteligentes e habilidosos como os seus parentes fidalgos. Dandy tinha o pelo dourado e a cauda branca. Foi oferecido a um menino chamado Ferdinando e tinha, nessa altura, por aí um meio ano de idade. Dandy e Ferdinando simpatizaram logo um com o outro.

Um dia Ferdinando disse-lhe:

— Tratarei muito bem de ti e brincaremos sempre juntos.

Ilse Losa, *O Rei Rique e Outras Histórias*, Porto Editora (texto adaptado)

As palavras destacadas estão em diferentes tempos verbais.

tem sabemos são disse

presente
(o verbo expressa algo que se está a realizar no momento em que se fala)

era descendia podia tinha

pretérito imperfeito
(o verbo expressa algo que era habitual no passado)

foi simpatizaram

pretérito perfeito
(o verbo expressa algo que já se realizou e já acabou)

tratarei brincaremos

futuro
(o verbo expressa algo que se irá realizar)

Sublinha as formas dos verbos no texto seguinte.

Mais tarde, Ferdinando deu o Dandy a um lavrador. Na quinta do lavrador, Dandy estava o tempo todo preso com uma corda ao tronco de uma árvore e vivia muito triste. Entretanto, roeu a corda e fugiu. Hoje está novamente feliz, pois voltou para junto do Ferdinando, que lhe fez a seguinte promessa:

— Dandy, és um bom amigo, nunca mais me separarei de ti!

Madalena Relvão e Graça Trindade

Escreve as formas dos verbos que sublinhaste na coluna do respetivo tempo verbal.

Presente	Pretérito perfeito	Pretérito imperfeito	Futuro

Reescreve as frases seguintes começando-as por «Amanhã…» e fazendo as alterações necessárias.

a) O Pedro deu comida ao gato.

Amanhã _____

b) Eu brinquei com o gato do Pedro.

_____

O verbo usa-se em tempos diferentes, indicando se as situações ocorrem no **passado** (pretérito perfeito e pretérito imperfeito), no **presente** ou no **futuro**.

Variação em modo

Além da variação em pessoa, em número e em tempo, o verbo apresenta **variação quanto ao modo**.

Os verbos podem estar nos modos infinitivo, indicativo, imperativo ou condicional.

Gosto de estudar.

modo infinitivo

Eu estudo.

modo indicativo
(o modo do verbo indica que a situação é considerada real)

— Estuda — diz a mãe.

modo imperativo
(o modo do verbo indica uma ordem)

Ela estudaria, se não estivesse doente.

modo condicional
(o modo do verbo indica que a situação depende de uma condição)

Lê os textos.

Completa o quadro seguinte com as formas dos verbos presentes nos textos acima e indica em que modo se encontram.

Formas verbais	Modo verbal
trabalhar	
	condicional
cala	imperativo
ouvir	

Os **verbos** também apresentam variação em **modo**. Em português, há quatro modos verbais: modo indicativo, modo condicional, modo imperativo e modo infinitivo.

Verbos regulares

Um **verbo regular** é aquele que mantém uma parte igual (radical) em todas as suas formas.

No quadro seguinte, estão conjugados os verbos *falar* (1.ª conjugação), *escrever* (2.ª conjugação) e *partir* (3.ª conjugação), que são verbos regulares. Repara que existe sempre uma parte inicial da forma verbal que não muda.

Tempo verbal	Pessoa gramatical	1.ª conjugação *falar*	2.ª conjugação *escrever*	3.ª conjugação *partir*
Presente	eu	**fal**o	**escrev**o	**part**o
	tu	**fal**as	**escrev**es	**part**es
	ele, ela	**fal**a	**escrev**e	**part**e
	nós	**fal**amos	**escrev**emos	**part**imos
	vós	**fal**ais	**escrev**eis	**part**is
	eles, elas	**fal**am	**escrev**em	**part**em
Pretérito perfeito	eu	**fal**ei	**escrev**i	**part**i
	tu	**fal**aste	**escrev**este	**part**iste
	ele, ela	**fal**ou	**escrev**eu	**part**iu
	nós	**fal**ámos	**escrev**emos	**part**imos
	vós	**fal**astes	**escrev**estes	**part**istes
	eles, elas	**fal**aram	**escrev**eram	**part**iram
Pretérito imperfeito	eu	**fal**ava	**escrev**ia	**part**ia
	tu	**fal**avas	**escrev**ias	**part**ias
	ele, ela	**fal**ava	**escrev**ia	**part**ia
	nós	**fal**ávamos	**escrev**íamos	**part**íamos
	vós	**fal**áveis	**escrev**íeis	**part**íeis
	eles, elas	**fal**avam	**escrev**iam	**part**iam
Futuro	eu	**fal**arei	**escrev**erei	**part**irei
	tu	**fal**arás	**escrev**erás	**part**irás
	ele, ela	**fal**ará	**escrev**erá	**part**irá
	nós	**fal**aremos	**escrev**eremos	**part**iremos
	vós	**fal**areis	**escrev**ereis	**part**ireis
	eles, elas	**fal**arão	**escrev**erão	**part**irão

Completa o texto com as formas dos verbos indicados, nos tempos pedidos.

Um dia, os gatinhos _____ (*perder*, pretérito perfeito) as suas luvas e _____ (*começar*, pretérito perfeito) a dizer:

— Mãe, querida mãe, _____ (estar, presente) muito tristes porque _____ (*perder*, pretérito perfeito) as nossas luvas.

E _____ (*chorar*, pretérito imperfeito) muito.

A gata, toda assanhada, _____ -lhes: (*responder*, pretérito perfeito)

— Sois uns maus gatinhos, por isso não _____ (comer, futuro) destes pastéis que eu _____ (*acabar*, presente) de fazer... Miau... Miau...

Popular

Os verbos que se conjugam como *falar* (1.ª conjugação), *correr* (2.ª conjugação) e *partir* (3.ª conjugação) são **verbos regulares**.

Estes verbos mantêm a mesma forma inicial (radical) na conjugação de todos os tempos verbais.

Verbos irregulares

Compara as formas do verbo *comer* com as formas do verbo *fazer* que encontras a seguir.

Comer: eu **com**o/tu **com**es/ele **com**e/eu **com**i
Fazer: eu **faç**o/tu **faz**es/ele **faz**/eu **fiz**

A parte destacada do verbo *comer* mantém-se sempre igual, não muda. Por isso, dizemos que o verbo *comer* é um **verbo regular**.

Mas a parte destacada do verbo *fazer* vai mudando, não se mantém sempre igual: *faç*, *faz*, *fiz*. Por isso, dizemos que é um **verbo irregular**.

Os verbos que a seguir se apresentam também são irregulares.

Tempo verbal	Pessoa gramatical	*Dizer*	*Estar*	*Fazer*	*Ir*
Presente	eu	digo	estou	faço	vou
	tu	dizes	estás	fazes	vais
	ele, ela	diz	está	faz	vai
	nós	dizemos	estamos	fazemos	vamos
	vós	dizeis	estais	fazeis	ides
	eles, elas	dizem	estão	fazem	vão
Pretérito perfeito	eu	disse	estive	fiz	fui
	tu	disseste	estiveste	fizeste	foste
	ele, ela	disse	esteve	fez	foi
	nós	dissemos	estivemos	fizemos	fomos
	vós	dissestes	estivestes	fizestes	fostes
	eles, elas	disseram	estiveram	fizeram	foram
Pretérito imperfeito	eu	dizia	estava	fazia	ia
	tu	dizias	estavas	fazias	ias
	ele, ela	dizia	estava	fazia	ia
	nós	dizíamos	estávamos	fazíamos	íamos
	vós	dizíeis	estáveis	fazíeis	íeis
	eles, elas	diziam	estavam	faziam	iam
Futuro	eu	direi	estarei	farei	irei
	tu	dirás	estarás	farás	irás
	ele, ela	dirá	estará	fará	irá
	nós	diremos	estaremos	faremos	iremos
	vós	direis	estareis	fareis	ireis
	eles, elas	dirão	estarão	farão	irão

Outros verbos irregulares

Tempo verbal	Pessoa gramatical	*Poder*	*Querer*	*Ser*	*Ter*
Presente	eu	posso	quero	sou	tenho
	tu	podes	queres	és	tens
	ele, ela	pode	quer	é	tem
	nós	podemos	queremos	somos	temos
	vós	podeis	quereis	sois	tendes
	eles, elas	podem	querem	são	têm
Pretérito perfeito	eu	pude	quis	fui	tive
	tu	pudeste	quiseste	foste	tiveste
	ele, ela	pôde	quis	foi	teve
	nós	pudemos	quisemos	fomos	tivemos
	vós	pudestes	quisestes	fostes	tivestes
	eles, elas	puderam	quiseram	foram	tiveram
Pretérito imperfeito	eu	podia	queria	era	tinha
	tu	podias	querias	eras	tinhas
	ele, ela	podia	queria	era	tinha
	nós	podíamos	queríamos	éramos	tínhamos
	vós	podíeis	queríeis	éreis	tínheis
	eles, elas	podiam	queriam	eram	tinham
Futuro	eu	poderei	quererei	serei	terei
	tu	poderás	quererás	serás	terás
	ele, ela	poderá	quererá	será	terá
	nós	poderemos	quereremos	seremos	teremos
	vós	podereis	quereis	sereis	tereis
	eles, elas	poderão	quererão	serão	terão

Lê a lengalenga.

A criada lá de cima
É feita de papelão,
Quando vai fazer a cama
Diz assim para o patrão:
Sete e sete são catorze,
Com mais sete vinte e um,
Tenho sete namorados
E não gosto de nenhum.

Lengalenga popular

Preenche o quadro com as formas dos verbos que encontras na lengalenga da página anterior.

Formas verbais	Forma do infinitivo	Conjugação	Verbo regular/irregular
é			irregular
	ir		
fazer		2.ª	
	dizer		
são			irregular
	ter		
		1.ª	

Escreve as formas dos verbos irregulares do exercício anterior, colocando-as na 1.ª pessoa do singular dos tempos assinalados.

Verbo	Pretérito perfeito	Pretérito imperfeito	Futuro
ser	fui	era	serei

Os verbos que não conservam a mesma forma (radical) na conjugação dos tempos verbais chamam-se **verbos irregulares**.

(Exs.: *ser, ter, estar, ir, fazer, dizer, poder*)

Palavras simples e palavras complexas

Uma **palavra** é **simples** quando não se formou a partir de nenhuma outra. Quando à palavra simples se acrescentam outros elementos, forma-se uma **palavra complexa**.

sapato

palavra simples

sapateiro

palavra complexa

sapataria

palavra complexa

As palavras complexas podem ser formadas por derivação ou por composição.

Derivação

Uma palavra é formada por **derivação** quando é constituída por uma palavra simples (base) e por um ou mais afixos.

Quando o afixo se coloca antes da base, chama-se **prefixo**. Quando aparece depois da base, chama-se **sufixo**.

Afixos	
Prefixos	**Sufixos**
Exs.: *bis + avô = bisavô* *des + aparecer = desaparecer*	Exs.: *barba + eiro = barbeiro* *piano + ista = pianista*

Composição

As palavras complexas também se podem formar pelo processo de **composição**, quando duas ou mais palavras se juntam e formam novas palavras.

guarda-chuva
(guarda + chuva)

girassol
(gira + sol)

Liga as palavras das colunas de forma a criares palavras compostas e escreve-as. Observa o exemplo.

a) arroz	☐	**1)** pérola	**a)**	_____
b) saca	☐	**2)** mudo	**b)**	_____
c) surdo	☐	**3)** perfeito	**c)**	_____
d) amor	☐	**4)** chuva	**d)**	_____
e) guarda	☐	**5)** roupa	**e)**	_____
f) madre	☐	**6)** doce	**f)**	_____
g) guarda	5	**7)** rolhas	**g)**	guarda-roupa

A **derivação** é um processo de formação de palavras que consiste na junção de um ou mais afixos a uma forma de base.

A **composição** consiste na junção de duas ou mais palavras, originando novas palavras.

As frases

Quando falamos ou escrevemos, combinamos e organizamos as palavras de modo a formar **frases**. Essa combinação é feita segundo determinadas regras.

Repara nas seguintes palavras soltas:

barco *contra* *maré* *o* *navegava* *a*

Se as juntares ao acaso, podes obter combinações como esta:

A barco contra navegava o maré

Esta combinação não é uma frase porque não seguiu as regras gramaticais do português. Não se pode colocar o artigo feminino *a* antes de um nome masculino como *barco*, por exemplo.

Também não podemos colocar a preposição *contra* antes da forma verbal *navegava*.

A combinação correta é:

O barco navegava contra a maré.

Todas as frases têm, pelo menos, um verbo principal:

O barco navegava contra a maré.
O vento era forte.
A tempestade passou.

Frases simples e frases complexas

As frases podem ser simples ou complexas. As **frases simples** têm um só verbo principal. As **frases complexas** têm dois ou mais verbos principais.

Frase simples	Frase complexa
A Joana foi ao cinema.	Cheguei a casa e lanchei.
Um verbo principal	**Dois verbos principais**

Lê o texto seguinte.

A Ana puxou uma espécie de manta para si e instalou-se perto do lume. Fechou os olhos e abandonou-se ao seu cansaço. Aquele cheiro das brasas soube-lhe bem.

Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada,
Uma Viagem ao Tempo dos Castelos,
Editorial Caminho

Completa o quadro.

Frase	Verbo(s) principal(ais)	Frase simples	Frase complexa
A Ana puxou uma espécie de manta para si e instalou-se perto do lume.			
Fechou os olhos e abandonou-se ao seu cansaço.			
Aquele cheiro das brasas soube-lhe bem.	saber	✓	

Junta as frases simples das colunas A e B usando as palavras de ligação da coluna do meio. Depois, escreve-as fazendo as alterações necessárias: encontrarás uma pequena história. Repara no exemplo.

A		B
Frase simples	**Palavra de ligação**	**Frase simples**
Os meninos foram à praia.	e	A tia comprou-lhes gelados.
O pai brincou com eles.	porque	Os gelados eram deliciosos.
Apareceu a tia.	e	A mãe passeava pela praia.
Ficaram muito contentes.	quando	A mãe regressou do passeio.
Foram todos almoçar.	enquanto	Os meninos tomaram banho.

Os meninos foram à praia e tomaram banho.

As **frases** podem ser **simples** ou **complexas**.

As frases simples têm um só verbo principal. As frases complexas têm dois ou mais verbos principais.

As frases simples podem agrupar-se em frases complexas, por meio de algumas palavras de ligação.

Tipos de frase

As frases podem ser de diferentes tipos: declarativas, exclamativas, imperativas e interrogativas. Quando falamos, a entoação ajuda a definir o tipo de frase.

Quando escrevemos, usamos, por vezes, a pontuação para indicar alguns tipos de frase.

Observa os exemplos.

Frase declarativa
(faz uma afirmação)

Frase exclamativa
(mostra satisfação)

Frase imperativa
(faz um pedido/dá uma ordem)

Frase interrogativa
(faz uma pergunta)

Lê o texto.

Por isso, voltaram à Rua Nova dos Mercadores, agora quase deserta. Muitos comerciantes haviam fechado as lojas para poderem ver o rei.

— Que maçada! — exclamou o João, encostando-se à ombreira de uma porta. Inesperadamente ela abriu-se.

— Olha! Estava só encostada! Neste tempo não há roubos?

Mafalda riu-se.

— Não há poucos!

Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada,
Um Cheirinho a Canela,
Editorial Caminho

Copia as frases do texto anterior para o espaço adequado.

Frases declarativas	
Frases exclamativas	
Frases imperativas	
Frases interrogativas	

Numera as frases abaixo de acordo com o seu tipo.

Frase declarativa: 1
Frase exclamativa: 2
Frase imperativa: 3
Frase interrogativa: 4

— Que horas são? ☐

— São 10 horas. ☐

— Estou cheio de sede! ☐

— Bebe um copo de água. ☐

Com os elementos que se seguem, constrói frases do tipo que te é pedido. Atenção: tens de alterar a forma de alguns elementos e não te esqueças da pontuação!

manter

o meu caderno

cuidado

e

bem organizado

Frase declarativa — _____

Frase exclamativa — _____

Frase interrogativa — _____

Frase imperativa — _____

As frases podem ser de tipo **declarativo**, **exclamativo**, **interrogativo** ou **imperativo**.

As frases de tipo **declarativo** fazem uma afirmação. Na escrita, terminam com um ponto final.

As frases de tipo **exclamativo** mostram os sentimentos da pessoa que fala (admiração, medo, alegria, …); na escrita, terminam com um ponto de exclamação.

As frases de tipo **interrogativo** fazem uma pergunta; na escrita, terminam com um ponto de interrogação.

As frases de tipo **imperativo** expressam um pedido, dão uma ordem ou um conselho; na escrita, terminam com um ponto de exclamação ou um ponto final.

Frases afirmativas e frases negativas

As frases podem ter **formas** diferentes — **afirmativa** ou **negativa**.

O sol está quente.
O mar está calmo.
A paisagem é bonita.

Forma afirmativa
(exprime uma afirmação)

O sol não está quente.
O mar não está calmo.
A paisagem não é bonita.

Forma negativa
(exprime uma negação)

Assim, as frases afirmativas podem transformar-se em frases negativas ou as frases negativas em frases afirmativas.

Completa o quadro seguinte.

Frase afirmativa	Frase negativa
O João vai à praia.	
	A Maria não joga à bola.
Eles comem gelados todos os dias.	
	O pai do Tiago não foi à festa.
A enfermeira gosta do seu trabalho.	
	Não faço sempre os trabalhos de casa.

Reescreve o provérbio seguinte na forma afirmativa.

Quem não trabalha não come.

_____

A frase pode apresentar duas formas: a **afirmativa**, quando exprime uma afirmação, e a **negativa**, quando exprime uma negação.

A palavra que geralmente se usa para exprimir a negação é ***não*** e encontra-se sempre antes da forma verbal.

Os constituintes da frase

O grupo nominal

O **grupo nominal** é um constituinte da frase que tem como elemento central um nome ou um pronome.

O Pedro gosta de comer rebuçados.

grupo nominal **grupo nominal**

Ele adormeceu.

grupo nominal

Além do nome, que constitui o núcleo, o grupo nominal pode incluir outros elementos, como determinantes.

O meu cão magoou-se.

grupo nominal

Esta rosa é muito bonita.

grupo nominal

Sublinha os grupos nominais das frases seguintes.

a) A menina bebeu um sumo.

b) O Pedro comprou um livro.

c) O meu pai lê o jornal diariamente.

Circunda os núcleos desses grupos nominais.

O grupo verbal

O **grupo verbal** é um constituinte da frase que tem como elemento central um verbo (o núcleo).

O Bruno caiu.

grupo verbal

A Ana adoeceu.

grupo verbal

Pode incluir, além do verbo, complementos.

O Pedro adora doces.

grupo verbal

O Rui partiu um copo.

grupo verbal

Lê as frases e completa o quadro seguinte.

a) O macaco comeu a banana.

b) A Maria fez os trabalhos de casa.

c) O rapaz escorregou.

d) A mãe ajudou o filho.

e) O João rasgou o papel.

f) A rapariga perdeu o comboio.

Grupo verbal	Núcleo

Une os grupos nominais aos grupos verbais de forma a criares frases com sentido.

a) As pessoas	☐	**1)**	chorava com fome.
b) Uma onda gigante	☐	**2)**	luzia no céu.
c) As crianças	☐	**3)**	brincava sozinho.
d) Uma estrela	☐	**4)**	brincavam na rua.
e) O bebé	☐	**5)**	estavam à espera do comboio.
f) O rapaz	☐	**6)**	crescia no oceano.

Completa as frases com grupos verbais adequados.

a) O pato _____.

b) A Rita _____.

c) A mãe do Bruno _____.

d) A enfermeira _____.

e) O teu irmão _____.

f) O maquinista _____.

g) O autocarro _____.

Circunda o núcleo dos grupos verbais que formaste.

O **grupo nominal** é um constituinte da frase que tem como elemento principal um nome ou um pronome.

O grupo nominal pode fazer parte de outro grupo, como, por exemplo, o grupo verbal (*Ele comeu* ***um bolo***.).

O **grupo verbal** é um constituinte da frase que tem como elemento principal um verbo.

O grupo verbal pode ser constituído apenas pelo verbo ou por um verbo e por outros elementos que o completam (*Ele* ***chegou***./*Ele* ***chegou a casa***.).

As funções sintáticas

O sujeito

Nas frases, há um grupo nominal que tem a função sintática de **sujeito**. É muito importante porque a forma do verbo depende dele:

- Se o sujeito está no singular, o verbo tem de estar no singular.
- Se o sujeito está no plural, o verbo também tem de estar no plural.

Nas frases seguintes, os grupos nominais destacados têm a função de sujeito.

O peixe nada.
Os peixes nadam.

O verbo também concorda em pessoa (1.ª, 2.ª e 3.ª) com o sujeito.

Repara nas mudanças do verbo *nadar* que são provocadas pelas mudanças no sujeito:

Eu nado. / Tu nadas. / Ele nada.

Por vezes, o sujeito fica subentendido, não está presente na frase mas existe. Está como que escondido.

Repara na frase: *Fui fazer compras.*

O sujeito desta frase é *eu*, embora não esteja presente.

Sublinha os sujeitos das frases do texto seguinte.

O Luisinho olhou em volta. A mãe devia estar a chegar das compras e a criada estava distraída com a rádio.

Luísa Costa Gomes, «A Janela da Despensa como Argumento Moral», in *Contos Outra Vez*, Cotovia

O predicado

Numa frase, o grupo verbal desempenha a função sintática de **predicado**. Repara nos grupos de palavras destacados no texto seguinte.

À noite, antes de jantar, foi espreitar o galinheiro. E ficou sem apetite: a Clara Sofia não estava lá, tinha desaparecido.

António Mota, «A Galinha Vadia», in *Abada de Histórias*, Gailivro

Predicado

- foi espreitar o galinheiro
- ficou sem apetite
- não estava lá
- tinha desaparecido

Completa o texto seguinte com os predicados adequados.

viu uma luz ao longe	treparam para um ramo
resolveram assustá-los	deitaram-se junto a uma árvore

Um burro, um gato, um galo e um cão decidiram abrigar-se e dormir na floresta. O burro e o cão _____, enquanto o gato e o galo _____. Foi então que o galo _____ e alertou os amigos. Era uma casa que abrigava uns ladrões. Os quatro amigos _____.

«Os Músicos de Bremen», conto tradicional (texto adaptado)

O **sujeito** é normalmente expresso através de um grupo nominal. É o sujeito que determina a forma do verbo com que se relaciona.

A maior parte das frases tem o sujeito expresso, embora haja casos em que ele fica subentendido.

O grupo verbal desempenha a função sintática de **predicado**.

O complemento direto

Numa frase, as expressões que completam o sentido do verbo e que podem ser substituídas pelos pronomes *o, a, os* ou *as* desempenham a função de complemento direto.

O pato comeu a minhoca. → O pato comeu-a.

Se retiramos da frase acima o grupo nominal *a minhoca*, fica assim:

O pato comeu.

Esta frase não tem um sentido completo. É preciso saber o que comeu o pato. O verbo *comer* exige um complemento. Chama-se a este complemento o **complemento direto**.

Nas frases a seguir encontras outros complementos diretos.

A Maria fechou a torneira. (A Maria fechou-a.)
A Joana recebeu uma boa nota. (A Joana recebeu-a.)
O cão atacou o rapaz. (O cão atacou-o.)

Sublinha o complemento direto das frases seguintes.

a) O Pedro leu um romance.

b) A Ana visitou o Museu do Traje.

c) O aluno escreveu uma composição sobre o outono.

d) Ela abriu a porta.

e) A rapariga cheirou a flor.

O **complemento direto** é um complemento do verbo.
Pode ser substituído pelos pronomes *o, a, os* ou *as*.
Há frases em que o verbo não precisa de complementos para fazer sentido (por exemplo: *Ela correu.*).

A mobilidade dos elementos da frase

Alguns elementos da frase podem mudar de posição.

Repara na frase:

As crianças brincavam divertidas.

Normalmente, em português o sujeito aparece antes do predicado. No entanto, este pode aparecer depois, tornando a frase mais expressiva:

Brincavam divertidas as crianças.

Há outros elementos que podem mudar de posição na frase sem alterar o seu sentido. É o caso da palavra *ontem* nas frases seguintes.

Ontem, as crianças brincavam divertidas.
As crianças brincavam divertidas ontem.

Reescreve as frases mudando a posição dos seus elementos, mas sem lhes alterares o sentido.

a) Alegremente, as vizinhas conversavam.

_____

b) Os rapazes, no pátio, brincam às escondidas.

_____

c) As andorinhas fazem os ninhos na primavera.

_____

Famílias de palavras

A um conjunto de palavras constituído por uma palavra simples e por outras que se formam a partir dela dá-se o nome de **família de palavras**.

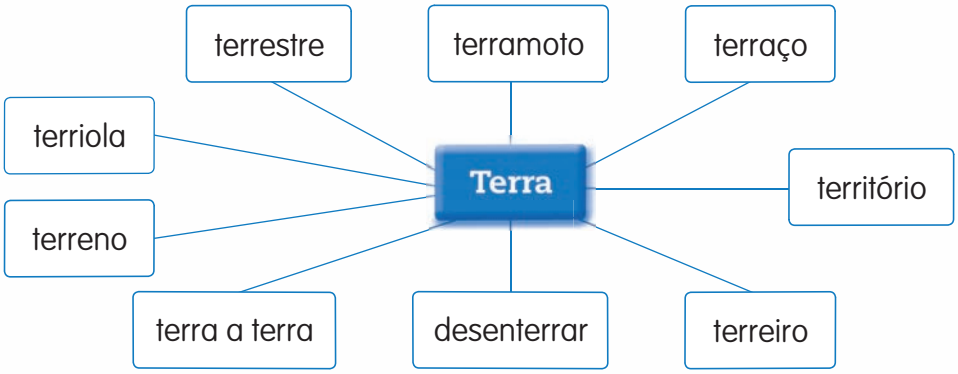

Completa com palavras da mesma família.

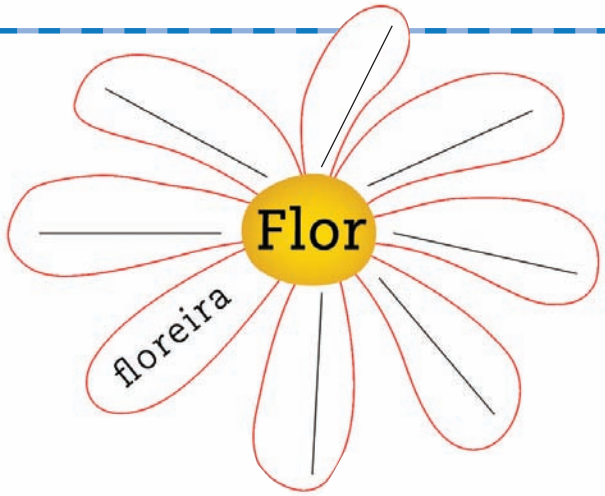

Uma **família de palavras** é um conjunto de palavras constituído por uma palavra simples e por outras formadas a partir dela.

Sinónimos e antónimos

Sinónimos

As palavras que podem ter o mesmo significado são **sinónimas**.
Lê o texto.

Foi um momento emocionante. Amarguinha não saberia explicar o que sentiu ao ver aquele bebé tão pequenino nos braços da mãe. De olhos fechados, tranquilo, com o gorro de lã a cobrir-lhe a cabeça para não ter frio, o bebé parecia um boneco de brincar.

Tiago Rebelo, *Amarguinha Tem Um Irmão*, Editorial Presença

As palavras destacadas no texto podem relacionar-se com outras pelo seu significado.

Foi um momento emocionante	OU	*Foi um momento comovente*
De olhos fechados, tranquilo		*De olhos fechados, calmo*

Escreve as palavras que podem ser consideradas sinónimas das palavras seguintes. Escolhe-as de entre as que são indicadas abaixo.

a) abrigo ☐☐☐☐☐☐☐

b) bonito ☐☐☐☐☐

c) bocado ☐☐☐☐☐☐

d) caminhar ☐☐☐☐☐

e) colocar ☐☐☐

pôr pedaço andar
refúgio lindo

Quando, ao substituirmos uma palavra por outra, o significado se mantém idêntico, as palavras são **sinónimas**.

Antónimos

As palavras que têm significados opostos são **antónimas**.

casa grande

casa pequena

dia

noite

Completa o crucigrama com antónimos das palavras indicadas.

1. Comum.
2. Alguém.
3. Frio.
4. Triste.
5. Feio.
6. Desligados.
7. Acordar.
8. Aberto.
9. Claro.

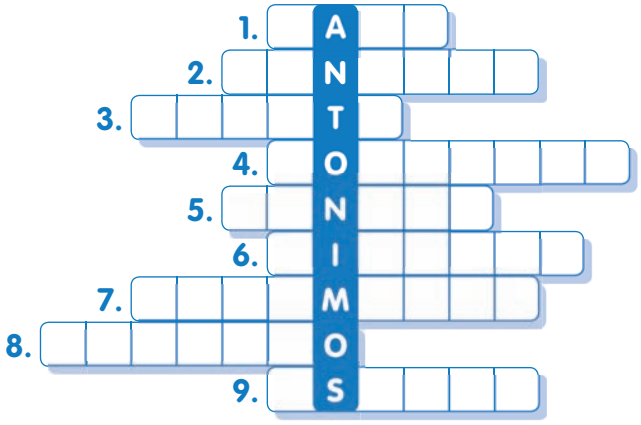

Quando uma palavra tem um significado oposto ao de outra, essas duas palavras são **antónimas**.

Uso do dicionário

Quando não sabemos o significado de uma palavra, devemos consultar um dicionário. Um **dicionário** é um livro com as palavras de uma língua ordenadas alfabeticamente. Cada palavra aparece associada ao seu significado e a outras informações úteis, como a classe a que pertence.

Regras para consultar um dicionário

- As palavras aparecem sempre por **ordem alfabética**.
  - Primeiro, encontras as palavras começadas por ***a***, depois, as que começam por ***b***, e assim sucessivamente.
  - Se as palavras começarem pela mesma letra, deves dar atenção à segunda letra (*banco*, *brisa*).
  - Se as duas primeiras letras forem iguais, deves dar atenção à terceira letra (*banco*, *barco*).
- Quando são variáveis, as palavras aparecem sempre no **masculino singular**.
- No caso dos verbos, a forma que deves procurar é o **infinitivo**.

Ordena as palavras seguintes alfabeticamente. Essa será a ordem pela qual as encontrarás no dicionário.

carro ☐	jarra ☐	xaile ☐	carregado ☐
zangado ☐	armário ☐	coelho ☐	antigo ☐
janota ☐	zebra ☐	barco ☐	lobo ☐

Escreve, em cada caso, a forma como procurarias as palavras no dicionário.

amigas _____	comias _____	lavava _____
ricos _____	espertos _____	cansados _____
gata _____	ratos _____	leram _____

A comunicação

Quando falamos, procuramos transmitir aos outros aquilo que pensamos. Estamos a **comunicar**. Para isso, juntamos frases, formando textos ou discursos. Podemos comunicar **oralmente** ou por **escrito**.

Quando comunicamos oralmente, a pessoa que está a falar é o **locutor** e aqueles que a estão a escutar para depois falarem são os seus **interlocutores**.

Na escrita, diz-se que quem escreve é o **emissor** e que aquele que lê e interpreta o que está escrito é o **recetor**.

No texto seguinte, repara nas falas dos interlocutores e naquilo que eles dizem um ao outro (nos seus **enunciados**).

A Lagarta foi a primeira a falar:

— De que tamanho é que queres ficar? — perguntou.

— Oh, não faço questão quanto ao tamanho — respondeu Alice muito depressa —, só que uma pessoa não gosta de mudar tantas vezes de tamanho, sabe?

— Não sei, não! — disse a Lagarta.

Lewis Carroll, *Alice no País das Maravilhas*, Publicações Dom Quixote

Locutor	Enunciado	Interlocutor
	De que tamanho é que queres ficar?	
	Oh, não faço questão quanto ao tamanho, só que uma pessoa não gosta de mudar tantas vezes de tamanho, sabe?	
	Não sei, não!	

Lê o texto seguinte e preenche o quadro.

É tão bom ser nuvem,
Ter um corpo leve,
E passar, passar.

Eugénio de Andrade,
Aquela Nuvem e Outras,
Campo das Letras

Emissor	Enunciado	Recetor
		(Escreve aqui o teu nome)

Lê o texto.

— Bom dia, Espiga! — disse-lhe naquela manhã a Senhora Cegonha, toda espaventosa no seu xaile branco de franjas pretas.
— Com quem estás a falar? — perguntou a nossa amiga.
— Contigo — respondeu-lhe a outra. — Com quem havia de ser?...
Ou julgas-te uma princesa lá porque os caracóis te começam a aloirar?
— Estás enganada, minha alcoviteira. Não sou a Espiga. Sou a Sementinha.

Alves Redol, *A Vida Mágica da Sementinha,*
Editorial Caminho

Completa o esquema que se segue, de acordo com a situação de comunicação relatada no texto da página anterior que acabaste de ler.

Locutor	Enunciado	Interlocutor
		Sementinha
Sementinha		
	Contigo. Com quem havia de ser?… Ou julgas-te uma princesa lá porque os caracóis te começam a aloirar?	
	Estás enganada, minha alcoviteira. Não sou a Espiga. Sou a Sementinha.	

Comunicar consiste em transmitir aos outros aquilo que pensamos. Podemos fazê-lo oralmente ou por escrito.

Na **comunicação oral**, o emissor chama-se **locutor** e o recetor chama-se **interlocutor**. Quando se fala conjuntamente dos dois, usa-se o termo **interlocutores**.

Na **comunicação escrita**, quem escreve é o **emissor** e aquele que lê e interpreta o que está escrito é o **recetor**.

Os registos de língua

Quando falamos ou escrevemos a alguém, não o podemos fazer sempre da mesma maneira. Consoante as situações de comunicação, temos de usar **registos de língua** diferentes.

Se, por exemplo, aquele a quem nos dirigimos é uma autoridade ou uma pessoa mais velha ou se o local em que estamos é um espaço de cerimónia, usa-se um **registo formal**.

Se, por outro lado, existe uma relação familiar, de amizade, ou se os interlocutores são da mesma idade e nenhum tem uma função mais importante do que o outro, usa-se um **registo informal**.

Registo formal

Isabel Cristina Matos
Av. 5 de Outubro, n.º 27571
1050 Lisboa
Telefone 214 531 111

Ex.mo Senhor
Diretor dos Recursos Humanos
da Sociedade de Informática de Portugal

Acabo de receber o meu diploma de Informática. Tenho conhecimento de que a vossa empresa lidera o mercado neste ramo de atividade, o que me dá garantias de ser o melhor local para poder desenvolver as competências que adquiri na minha formação.

Gostaria de, numa entrevista pessoal, poder prestar outras informações que penso serem de mútuo interesse.

Subscrevo-me com a mais elevada consideração,

Isabel Matos

Registo informal

Olá, tia!

Como estão todos por aí?
Nós estamos bem e cheios de saudades suas, do tio e dos primos!
Já falta pouco para nos vermos .
Estamos a preparar as malas. Partimos amanhã de manhã.

Um beijinho para todos!

Joana

Lê os textos seguintes.

Texto A

— Ó Maria, manda cá um copo de vinho. Vais ver o que é uma pinga!

Alves Redol, *Gaibéus*, Editorial Caminho

Texto B

Passados os três dias o moleiro, vestido de frade, foi pedir audiência ao rei. O rei perguntou-lhe:
— Então quanto pesa a Lua?
— Saberá Vossa Majestade que não pode pesar mais do que um arrátel, porque todos dizem que tem quatro quartos.
— É verdade... E agora: quanta água tem o mar?
Respondeu o moleiro:
— Isso é muito fácil de saber. Mas como Vossa Majestade só quis saber da água do mar, é preciso primeiro que mande tapar todos os rios, porque sem isso nada feito.
O rei achou bem respondido.

Viale Moutinho (org.), *Contos Populares Portugueses*, Livros de Bolso Europa-América

Texto C

Não fazia ideia de que o inverno em Nova Iorque fosse tão desagradável. Alexander pensou que estava mergulhado num pesadelo de ficção científica, numa gigantesca e pavorosa cidade de cimento, aço, vidro, poluição e solidão. Morgana interrompeu os seus pensamentos.

— Estou morta de fome... Podíamos comer alguma coisa... — sugeriu.

— Já é tarde, tenho de chegar a casa da minha avó — desculpou-se.

— Calma, homem, que já te levo até lá. Estamos perto, mas calhava-me bem meter alguma coisa na barriga — insistiu ela.

Isabel Allende, *A Cidade dos Deuses Selvagens*, Difel (texto adaptado)

Texto D

Chegam os dias de inverno, e aquela voz enfurecida, que ouço desde pequeno, engrossa e mete medo. A voz da tempestade. O piloto-mor está no cais e o salva-vidas a postos. O cais está cheio de gente, todo o cais grita de dor. Estão aqui as mulheres, as mães, as velhas com a garganta sufocada e que perguntam numa ânsia:

— Viram-nos? Viram-nos?

— A lancha onde anda o seu homem não está na barra.

— E os da Ti Ana?

— Por ora não se sabe deles.

— O meu rico home! O meu rico home!

Raul Brandão, *Os Pescadores*, Publicações Europa-América (texto adaptado)

Assinala com um ✗ o registo utilizado nas falas dos textos A, B, C e D.

	Texto A	Texto B	Texto C	Texto D
Registo formal				
Registo informal				

Cada locutor usa **registos de língua** diferentes conforme a situação em que se encontra com os seus interlocutores. A pessoa com quem se fala condiciona o modo como algo é dito: as palavras que se escolhem, as formas de tratamento usadas e o maior ou menor cuidado com a construção das frases. Podemos, pois, escolher entre um **registo formal** e um **registo informal**.

Diálogo, discurso direto e discurso indireto

Quando as pessoas comunicam oralmente, fazem-no, de uma forma geral, através do **diálogo**. No diálogo, o locutor e os seus interlocutores vão falando, vão trocando falas entre si.

Quando reproduzimos, na escrita, a fala dos locutores, usamos o **discurso direto**.

— *Então nunca comeram caldo de pedra? Só lhes digo que é uma coisa muito boa.*
— *Sempre queremos ver isso.*
— *Se me emprestassem aí um pucarinho?*

Teófilo Braga, *Contos Tradicionais do Povo Português*,
Texto Editores (texto adaptado)

No **discurso indireto**, uma pessoa relata (conta) o que outra disse.

Era uma vez uma gaivota que gostava de ser pomba.
Dizia ela que as gaivotas não servem para nada, ao passo que as pombas sempre servem para alguma coisa.

António Torrado, *A Gaivota Que não Queria Ser*,
Civilização Editora

Lê o texto e escreve o diálogo entre os dois amigos. Segue o exemplo.

O Pedro e a Lídia foram à biblioteca procurar um livro para ler no fim de semana. O Pedro perguntou à Lídia qual era o livro preferido dela. A Lídia gosta de vários e, por isso, perguntou ao Pedro qual era o género de livros que ele gostava de ler, ao que o Pedro respondeu que preferia livros de aventuras. Então, a Lídia aconselhou-o a ler Uma Aventura na Escola, acrescentando que ela gostava muito da história.

Pedro — Qual é o teu livro preferido, Lídia?

Nos textos que se seguem, circunda as falas em discurso direto.

— *Meus senhores, proponho que saudemos o aniversário de Carlos — bradou em tom de brinde.*
— *Apoiado — responderam todos, imitando-o.*

Júlio Dinis, *Uma Família Inglesa*, Editora Ulisseia

— *Adeus, Joana! — respondeu Carlos, perturbado e confuso.*
— *Adeus, Carlos! — respondeu ela maquinalmente.*
— *Até depois de amanhã, Joana.*
— *Pois sim.*

Almeida Garrett, *Viagens na Minha Terra*, Editora Ulisseia

Escreve no discurso indireto o seguinte diálogo entre o Jaime e uma senhora, na paragem do autocarro.

Jaime — Bom dia! Pode dizer-me a que horas passa o autocarro?
Senhora — Bom dia. Passará às 10 horas.
Jaime — Obrigado.
Senhora — De nada.

Quando dois ou mais interlocutores comunicam uns com os outros, diz-se que estão a ter um **diálogo**.

Na escrita, pode-se reproduzir o que alguém disse usando exatamente as suas palavras. É o **discurso direto**.

Também se pode relatar o que o locutor disse, adaptando e fazendo uma espécie de resumo, através do **discurso indireto**.

O princípio de cortesia

Quando comunicamos, devemos usar algumas **regras de cortesia** ou boa educação. Não devemos interromper o interlocutor, não devemos manifestar falta de atenção, devemos evitar o silêncio desagradável, não proferir insultos, injúrias, etc. A escolha das palavras que utilizamos e, principalmente, as formas de tratamento que escolhemos são os modos mais diretos de mostrar essa cortesia.

Exemplos:

Imaginam, portanto, qual não foi a minha surpresa quando, ao romper do dia, fui acordado por uma voz muito fininha, a pedir:

— Por favor... desenha-me uma ovelha!

Antoine de Saint-Exupéry, *O Principezinho*, Editorial Presença

— Não foi essa a minha intenção! — desculpou-se Alice.

— Mas tu ofendes-te com tanta facilidade!

O Rato, como resposta, apenas resmungou.

— Por favor, volta e acaba a tua história! — pediu Alice.

E todos os outros se juntaram em coro:

— Sim, sim, por favor!

Lewis Carrol, *Alice no País das Maravilhas*, Publicações Dom Quixote

Escreve um pequeno diálogo em que utilizes uma linguagem que respeite as regras de cortesia.

Copia, do diálogo seguinte, as expressões que mostram respeito pelo interlocutor.

Num diálogo, há expressões e comportamentos que revelam boa educação e que ajudam a criar um ambiente de conversação agradável, obedecendo ao **princípio de cortesia**.

As formas de tratamento

As **formas de tratamento** são expressões que usamos para nos dirigirmos aos nossos interlocutores. Dependem do «código de boas maneiras» adotado pela sociedade. A opção por uma forma de tratamento depende da familiaridade ou da proximidade entre os interlocutores.

— *Olá, Francisco, vais para casa de autocarro?*
— *Não, hoje o meu pai vem buscar-me. E tu? Queres que te deixe em casa, Tiago?*

— *Boa tarde, senhor João! Não se importa de me dar boleia?*
— *Boa tarde, rapaz! Claro que te deixo em casa.*
— *Obrigado.*

Os dois rapazes são amigos. Quando falam um com o outro, tratam-se por *tu*.

O Tiago já conhece o pai do Francisco (que é o João), mas reconhece a diferença de idades e de posições, dirigindo-se a ele com educação. Assim, trata-o por *senhor*.

Há várias formas de tratamento:

- **familiares**
  — *tu*;
  — *você* (entre pessoas pouco próximas).
- **formais**
  — *(o) senhor, (a) senhora; excelentíssimo(a) senhor(a).*

Sublinha, nos textos seguintes, as formas de tratamento. Depois, escreve-as por ordem no quadro da página da direita.

Texto A

Alex e Nádia regressaram ao hotel, onde os membros da expedição estavam reunidos em torno de César Santos e da doutora Omayra Torres estudando o mapa da região e discutindo os preparativos da viagem. […]

— Suponho que também está ao corrente de que eu também faço parte da expedição, professor Leblanc — disse a doutora Omayra Torres. […]
— Nada me daria maior prazer, menina, mas…
— Doutora Torres — interrompeu-o a médica.
— Pode chamar-me Moisés — arriscou Leblanc. […]
— Chame-me doutora Torres — replicou ela, secamente.
— Não poderei levá-la, minha cara doutora. Há espaço apenas para quem foi contratado pela International Geographic.

Isabel Allende, *A Cidade dos Deuses Selvagens,* Difel (texto com supressões)

Texto B

— Tu sabes o que a professora disse hoje, Mariana?
— Ralhou-te outra vez, foi?
— Não. Eu, por acaso, estava com atenção, porque a aula foi sobre a Lua!
— A Lua?
— Sim, sobre as fases da Lua…
— Então a Lua tem caras?
— Fases, Mariana, fases! Não é o mesmo que «faces»; mas, realmente, não é muito diferente…
— E a Lua tem mesmo caras, Gaspar?
— Tem. Quer dizer, não são assim como a tua ou a minha, porque a Lua não tem nariz, nem olhos, nem boca. Mas não é sempre igual.

M. Teresa Gonzalez, *Gaspar e Mariana,* Editorial Verbo

Formas de tratamento	
Texto A	Texto B
_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____

Preenche os espaços.

O Gaspar e a Mariana usam um tratamento por _____ (2.ª pessoa) porque existe entre eles uma relação de amizade e são duas crianças aproximadamente da mesma idade.

Embora o professor Leblanc gostasse de tratar _____ por «menina», esta não o permitiu, porque achou que entre eles só devia existir uma relação formal (sem grande intimidade entre eles, para evitar atitudes demasiado familiares). Assim, disse-lhe para a tratar por _____.

As palavras ou expressões que usamos quando nos dirigimos aos nossos interlocutores chamam-se **formas de tratamento**.

A opção por uma ou por outra forma de tratamento depende da familiaridade ou da proximidade entre os interlocutores.

Apêndice

Relação entre sons e letras

Lê-se	Escreve-se
cê	c, ç, s, ss
zê	s, z, x
quê	q, c, qu, k
ô	o, ou
u	u, o
...	...

Dígrafos

Dígrafos	Exemplos
ss	o**ss**os, pe**ss**oa, re**ss**onar
rr	ca**rr**o, ba**rr**a, zu**rr**ar
ch	**ch**uva, ca**ch**o, **ch**ave
nh	ni**nh**o, ba**nh**o, ma**nh**ã
lh	pa**lh**aço, te**lh**a, ra**lh**ar
qu (antes de e ou i)	**qu**erido, **qu**ente, **qu**inze
gu (antes de e ou i)	**Gu**ilherme, fo**gu**ete, **gu**erra

Sílabas

Classificação quanto ao número de sílabas	Número de sílabas	Exemplos
Monossílabo	uma	pá, mão, de
Dissílabo	duas	rato, cama, lata
Trissílabo	três	pontapé, saúde, caminho
Polissílabo	quatro ou mais	biologia, guitarrista, feminino

Acentuação

Classificação quanto à acentuação	Sílaba tónica	Exemplos
Aguda	última	portu**guês**, ca**fé**, ju**iz**
Grave	penúltima	**va**so, **ca**sa, **cra**vo
Esdrúxula	antepenúltima	**más**cara, **fá**brica, **lâm**pada

Entoação

Entoação	Exemplos
Declarativa	Hoje está a chover.
Interrogativa	Achas que vai chover hoje?
Exclamativa	Hoje está a chover!
Imperativa	Leva o guarda-chuva!

Letras

	Letras de imprensa	Letras manuscritas
Minúsculas	a b c d e f g h i j k l m n o p q r s t u v w x y z	*a b c d e f g h i j k l m n* *o p q r s t u v w x y z*
Maiúsculas	A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z	*A B C D E F G H I J K L M N* *O P Q R S T U V W X Y Z*

Acentos

Acentos	Exemplos
Grave	àquela, às
Agudo	hipopótamo, raízes
Circunflexo	clemência, pêssego

Hífen

Hífen	Casos de uso	Exemplos
Como sinal de ligação	Liga as palavras simples que formam a maioria das palavras compostas.	couve-flor, tira-nódoas
	Liga as formas verbais aos pronomes que lhes estão associados.	ofereceu-lhe, abraçou-me
	Liga os prefixos como *ex-, circum-, vice-, pós-, pré-, pró-, …* a uma forma de base.	circum-navegação, vice-presidente

Hífen	Regras de translineação	Exemplos
Na translineação	Não se separam duas consoantes no início de uma sílaba.	pra-/to tra-/ça
	Não se separam os grupos *nh, lh* e *ch*.	ba-/nho te-/lha
	Não se separam os ditongos.	pai-/xão mui-/to
	Separam-se as consoantes iguais.	car-/ro pes-/soa
	Separam-se as consoantes que pertençam a sílabas diferentes.	sal-/sa por-/co
	Separam-se as vogais que pertençam a sílabas diferentes.	sa-/ú-/de pe-/ú-/ga
	Não se deve deixar uma única vogal no início ou no fim de uma linha.	azei-/te ci-/ên-/cia
	Quando se separa uma palavra que já tenha um hífen, este deve ser repetido no início da linha seguinte.	guarda-/ -chuva

Sinais de pontuação

Sinal	Casos de uso	Exemplos
. **Ponto final**	Marca o fim de uma frase.	A Madalena abriu a porta.
! **Ponto de exclamação**	Usa-se depois de interjeições e no final de frases exclamativas e imperativas.	Oh! A bola está furada!
? **Ponto de interrogação**	Usa-se no final de frases interrogativas.	Viste a Graça?
... **Reticências**	Marcam a interrupção de uma frase, uma hesitação, uma surpresa ou uma dúvida.	Não sei se... Achas?...
, **Vírgula**	Separa frases dentro de um período, partes da frase e elementos de uma enumeração.	Não podiam ir à praia, pois começara a chover, havia muito trânsito e era perigoso.
: **Dois pontos**	Introduzem uma enumeração, uma explicação do que foi dito antes ou o discurso direto.	Aquela festa tivera de tudo: palhaços, mágicos, concursos e muitos bolos.
— **Travessão**	Introduz o discurso direto ou intercala palavras ou frases.	A Rita respondeu: — Não quero ir.
; **Ponto e vírgula**	Separa elementos de uma enumeração ou frases dentro do mesmo período.	Vendendo as cabras, poderia comprar muitas vacas; com as vacas, compraria búfalos; com os búfalos, compraria éguas.

Sinais auxiliares de escrita

Sinal	Casos de uso	Exemplos
« » / " " **Aspas / aspas altas**	Títulos	«Mago» (conto de Miguel Torga)
	Citações	«Como brincar também é uma boa maneira de aprender, as crianças também têm todo o direito de brincar e de se divertir!» (citado da *Declaração dos Direitos da Criança*)
	Discurso direto	A Rosarinho disse: «Leva-me contigo, amiga.»
	Palavra inventada	«Portunhês»
( ) **Parênteses curvos**	Aparte	O Jaime olhou (cheio de saudades) o retrato do pai, que estava no estrangeiro.
	Explicação	A Emilinha era muito estudiosa (estudava todos os dias aquilo que tratara na escola nesse dia) e, portanto, tinha muito boas classificações.
	Informação sobre gestos e movimentos	João (erguendo os olhos para o céu): «Meu Deus, que confusão!»
[ ] **Parênteses retos**	Supressão de parte de uma frase ou de um texto citado	«[…] as crianças têm todo o direito de brincar e de se divertir!»

Formas de destaque

Formas de destaque	Exemplos
Itálico	Eles apanharam o *ferry* e atravessaram o rio.
Negrito	Todos sabiam que era **aquela** a bola roubada.
Sublinhado	O bilhete custa apenas 5 euros.

Configuração gráfica

Nome	Definição
Período	Frase ou conjunto de frases começadas com maiúscula e terminadas com ponto final, ponto de exclamação, ponto de interrogação ou reticências.
Parágrafo	Contém um ou mais períodos. Distingue-se do período por se iniciar em nova linha.
Margem	Espaços criados por duas linhas verticais (reais ou imaginárias) que se colocam de cada lado da folha (de alto a baixo), sendo o da esquerda um pouco mais largo do que o da direita; destinam-se a orientar e alinhar a escrita na folha.

Relações entre palavras

Palavras	Definição	Exemplos
Homógrafas	Pronunciam-se de maneira diferente. Têm significado diferente. Escrevem-se da mesma forma.	molho (de lenha) molho (para a carne)
Homófonas	Pronunciam-se da mesma maneira. Têm significado diferente. Escrevem-se de forma diferente.	coser (roupa) cozer (comida)
Homónimas	Pronunciam-se da mesma maneira. Têm significado diferente. Escrevem-se de forma igual.	canto (do pássaro) canto (da sala)

Nomes

Subclasses	Definição	Exemplos
Comuns	Referem-se a todos os membros de uma classe.	casa, boneco
Próprios	Designam algo único e determinado.	Beja, Joana
Coletivos	Estando no singular, identificam um conjunto de objetos ou entidades da mesma natureza.	rebanho, matilha

Artigos

Artigos	Singular		Plural	
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Definidos	o	a	os	as
Indefinidos	um	uma	uns	umas

Determinantes demonstrativos

Singular		Plural	
Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
este esse aquele	esta essa aquela	estes esses aqueles	estas essas aquelas

Determinantes possessivos

	Pessoa gramatical	Singular		Plural	
		Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Um possuidor	1.ª 2.ª 3.ª	meu teu seu	minha tua sua	meus teus seus	minhas tuas suas
Vários possuidores	1.ª 2.ª 3.ª	nosso vosso seu	nossa vossa sua	nossos vossos seus	nossas vossas suas

Quantificadores numerais

Subclasses	Definição	Exemplos
Cardinais	Indicam uma quantidade inteira.	Dois (gelados)
Multiplicativos	Indicam um múltiplo de uma quantidade inteira.	O triplo (dos alunos)
Fracionários	Indicam uma parte de uma quantidade inteira.	Dois terços (dos rapazes)

Adjetivos qualificativos

Funções	Exemplos
Descrever (paisagens, ideias, objetos, …).	A rua era larga, clara e ajardinada.
Fazer retratos.	Maria tinha cabelo loiro e olhos azuis.
Mostrar sentimentos e opiniões.	Era uma menina muito bonita e simpática.

Graus dos adjetivos			Exemplos
Normal			O tigre é **gordo**.
Comparativo de	Superioridade		O tigre é **mais gordo do que** o gato.
	Igualdade		O gato é **tão gordo como** o coelho.
	Inferioridade		O rato é **menos gordo do que** o gato.
Superlativo	Relativo de	Superioridade	O tigre é **o mais gordo** de todos os animais.
		Inferioridade	O rato é **o menos gordo** de todos os animais.
	Absoluto	Sintético	O tigre é **gordíssimo**.
		Analítico	O tigre é **muito gordo**.

Pronomes pessoais

Pessoa gramatical		Sujeito	Complemento direto
Singular	1.ª 2.ª 3.ª	eu tu/você ele/ela	me te o/a, se
Plural	1.ª 2.ª 3.ª	nós vós/vocês eles/elas	nos vos os/as, se

Pronomes demonstrativos

Variáveis				Invariáveis
Singular		Plural		
Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	
este esse aquele	esta essa aquela	estes esses aqueles	estas essas aquelas	isto isso aquilo

Pronomes possessivos

	Pessoa	Singular		Plural	
		Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Um possuidor	1.ª 2.ª 3.ª	meu teu seu	minha tua sua	meus teus seus	minhas tuas suas
Vários possuidores	1.ª 2.ª 3.ª	nosso vosso seu	nossa vossa sua	nossos vossos seus	nossas vossas suas

Verbos regulares — 1.ª conjugação

Tempo verbal	Pessoa gramatical	*Cantar*	*Falar*	*Lavar*
Presente	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	canto cantas canta cantamos cantais cantam	falo falas fala falamos falais falam	lavo lavas lava lavamos lavais lavam
Pretérito perfeito	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	cantei cantaste cantou cantámos cantastes cantaram	falei falaste falou falámos falastes falaram	lavei lavaste lavou lavámos lavastes lavaram
Pretérito imperfeito	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	cantava cantavas cantava cantávamos cantáveis cantavam	falava falavas falava falávamos faláveis falavam	lavava lavavas lavava lavávamos laváveis lavavam
Futuro	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	cantarei cantarás cantará cantaremos cantareis cantarão	falarei falarás falará falaremos falareis falarão	lavarei lavarás lavará lavaremos lavareis lavarão

Verbos regulares — 2.ª conjugação

Tempo verbal	Pessoa gramatical	*Beber*	*Comer*	*Escrever*
Presente	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	bebo bebes bebe bebemos bebeis bebem	como comes come comemos comeis comem	escrevo escreves escreve escrevemos escreveis escrevem
Pretérito perfeito	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	bebi bebeste bebeu bebemos bebestes beberam	comi comeste comeu comemos comestes comeram	escrevi escreveste escreveu escrevemos escrevestes escreveram
Pretérito imperfeito	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	bebia bebias bebia bebíamos bebíeis bebiam	comia comias comia comíamos comíeis comiam	escrevia escrevias escrevia escrevíamos escrevíeis escreviam
Futuro	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	beberei beberás beberá beberemos bebereis beberão	comerei comerás comerá comeremos comereis comerão	escreverei escreverás escreverá escreveremos escrevereis escreverão

Verbos regulares — 3.ª conjugação

Tempo verbal	Pessoa gramatical	*Abrir*	*Dividir*	*Partir*
Presente	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	abro abres abre abrimos abris abrem	divido divides divide dividimos dividis dividem	parto partes parte partimos partis partem
Pretérito perfeito	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	abri abriste abriu abrimos abristes abriram	dividi dividiste dividiu dividimos dividistes dividiram	parti partiste partiu partimos partistes partiram
Pretérito imperfeito	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	abria abrias abria abríamos abríeis abriam	dividia dividias dividia dividíamos dividíeis dividiam	partia partias partia partíamos partíeis partiam
Futuro	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	abrirei abrirás abrirá abriremos abrireis abrirão	dividirei dividirás dividirá dividiremos dividireis dividirão	partirei partirás partirá partiremos partireis partirão

Verbos irregulares

Tempo verbal	Pessoa gramatical	*Dar*	*Dizer*	*Estar*
Presente	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	dou dás dá damos dais dão	digo dizes diz dizemos dizeis dizem	estou estás está estamos estais estão
Pretérito perfeito	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	dei deste deu demos destes deram	disse disseste disse dissemos dissestes disseram	estive estiveste esteve estivemos estivestes estiveram
Pretérito imperfeito	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	dava davas dava dávamos dáveis davam	dizia dizias dizia dizíamos dizíeis diziam	estava estavas estava estávamos estáveis estavam
Futuro	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	darei darás dará daremos dareis darão	direi dirás dirá diremos direis dirão	estarei estarás estará estaremos estareis estarão

Verbos irregulares

Tempo verbal	Pessoa gramatical	*Fazer*	*Haver*	*Ir*
Presente	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	faço fazes faz fazemos fazeis fazem	hei hás há havemos haveis hão	vou vais vai vamos ides vão
Pretérito perfeito	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	fiz fizeste fez fizemos fizestes fizeram	houve houveste houve houvemos houvestes houveram	fui foste foi fomos fostes foram
Pretérito imperfeito	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	fazia fazias fazia fazíamos fazíeis faziam	havia havias havia havíamos havíeis haviam	ia ias ia íamos íeis iam
Futuro	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	farei farás fará faremos fareis farão	haverei haverás haverá haveremos havereis haverão	irei irás irá iremos ireis irão

Verbos irregulares

Tempo verbal	Pessoa gramatical	*Ouvir*	*Poder*	*Querer*
Presente	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	ouço ouves ouve ouvimos ouvis ouvem	posso podes pode podemos podeis podem	quero queres quer queremos quereis querem
Pretérito perfeito	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	ouvi ouviste ouviu ouvimos ouvistes ouviram	pude pudeste pôde pudemos pudestes puderam	quis quiseste quis quisemos quisestes quiseram
Pretérito imperfeito	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	ouvia ouvias ouvia ouvíamos ouvíeis ouviam	podia podias podia podíamos podíeis podiam	queria querias queria queríamos queríeis queriam
Futuro	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	ouvirei ouvirás ouvirá ouviremos ouvireis ouvirão	poderei poderás poderá poderemos podereis poderão	quererei quererás quererá quereremos querereis quererão

Verbos irregulares

Tempo verbal	Pessoa gramatical	*Saber*	*Ser*	*Ter*
Presente	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	sei sabes sabe sabemos sabeis sabem	sou és é somos sois são	tenho tens tem temos tendes têm
Pretérito perfeito	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	soube soubeste soube soubemos soubestes souberam	fui foste foi fomos fostes foram	tive tiveste teve tivemos tivestes tiveram
Pretérito imperfeito	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	sabia sabias sabia sabíamos sabíeis sabiam	era eras era éramos éreis eram	tinha tinhas tinha tínhamos tínheis tinham
Futuro	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	saberei saberás saberá saberemos sabereis saberão	serei serás será seremos sereis serão	terei terás terá teremos tereis terão

Soluções

Plano dos sons

Pág. 9

Diz o professor:
«— Eu lavo-me
Tu lavas-te
Ele lava-se
Nós lavamo-nos
Vós lavais-vos
Eles lavam-se»
O que é isto?
Responde o aluno:
— É domingo, senhor professor.

ervilha, armário, urso, oitenta, escola.

Pág. 10

Lagarto pintado
Quem te pintou?
Foi uma velha
Que por aqui passou.
No tempo da eira
Fazia poeira
Puxa, lagarto, por essa orelha.

A carta que me mandaste
Abri-a com muito jeito;
Trazia o teu coração,
Caiu-me dentro do peito.

Pág. 11

Ó rama, ó que linda rama,
Ó rama da oliveira,
O meu par é o mais lindo
Que anda aqui na roda inteira.

macaco, banana, leão, seleção, sapato, quadro, patinho.

Pág. 14

a) doce;
b) amor;
c) meter;
d) aroma.

a) quadros;
b) arca;
c) saco;
d) cola/sola;
e) poço;
f) concerto/conserto;
g) bacia;
h) alcatifa;
i) sem/cem/quem;
j) sapato;
k) cosido;
l) massa/maca;
m) máximo;
n) esquadro;
o) solução.

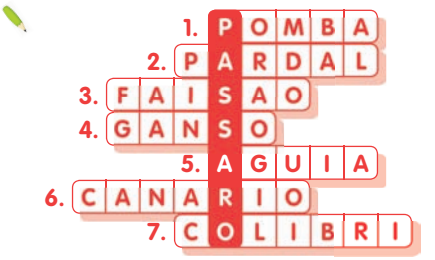

Pág. 15

Abelhinha, abelhinha
Toma lá a tua mosquinha
Zurra, zurra, pica na burra
Come, come, se tens fome.

Atirei o pau ao gato
Mas o gato não morreu.
Dona Chica assustou-se
Com o berro, com o berro
Que o gato deu: miau!

Pág. 16

a) 3); **b)** 1); **c)** 2).

Pág. 18

cara — dissílabo;
capota — trissílabo;
ratazana — polissílabo;
ri — monossílabo;
rapaz — dissílabo;
ricaço — trissílabo.

Resposta livre.

Pág. 19

maracujá — ma-ra-cu-já — palavra aguda;
pera — pe-ra — palavra grave;
maçã — ma-çã — palavra aguda;
nêspera — nês-pe-ra — palavra esdrúxula;
papaia — pa-pai-a — palavra grave.

Pág. 21

Rita: Olá! O que fazes aqui?
João: Vim fazer uma pesquisa sobre raposas.
Rita: Sobre raposas?
João: Sim, estou a ler *O Principezinho*. Vem ajudar-me a procurar!
Rita: Claro!
João: Obrigado!

Entoação declarativa — Vim fazer uma pesquisa sobre raposas. / Sim, estou a ler *O Principezinho*.
Entoação exclamativa — Olá! / Claro! / / Obrigado!
Entoação interrogativa — O que fazes aqui? / Sobre raposas?
Entoação imperativa — Vem ajudar-me a procurar!

Resposta livre.

Plano da representação gráfica e ortográfica — A escrita

Pág. 23

Início de período — A, Nesses.
Nomes de pessoas — Tung, Chen-Mou, Miss Lu.
Nomes de locais — Formosa, Macau.
Nomes sagrados — Natal, Cristo.

Pág. 25

Acento agudo — Júlio, José, pátio, encontrá-lo, estás.
Acento grave — Às.
Acento circunflexo — Ângela, vê, três.

Pág. 26

1) e) pré-história;
2) f) feijão-verde;
3) i) riu-se;
4) g) ex-presidente;
5) h) abre-latas;
6) d) pré-escolar;
7) b) pós-venda;
8) a) lavo-me;
9) c) escrever-lhe.

Pág. 27

cas-/ta-/nha;
cor-/rer;
lei-/te;
arroz-/-doce;
di-/a-/bo;
con-/nos-/co;
Ro-/dri-/go;
fez-/-lhe;
te-/lha-/do;
bai-/xo;
pul-/so;
cri-/an-/ça;
aves-/truz.

Pág. 29

Ontem, quando atravessava o Rossio, o meu filho mais novo perguntou-me:
— Ó pai, posso subir às árvores?
— Estás doido! — respondi-lhe.
Quando chegámos a casa, o miúdo voltou a perguntar:
— E agora? Posso ir brincar para a rua?
— Pois sim, vai, mas não saias do passeio.
Daí a momentos, vim à janela para espiar; o pequeno trepava com destreza um candeeiro de iluminação pública.
— Eh pá! Desce daí!

Pág. 31

( ) assinalam uma informação complementar.
« » assinalam uma palavra inventada.
[ ] assinalam uma parte do texto que foi suprimida.

O coelho e o macaco eram amigos, mas estavam sempre a atazanar-se um ao outro.
O macaco via o coelho ao longe e começava logo:
— Coelho dentudo, corpo barrigudo, rabo de veludo!
O coelho respondia-lhe:
— Olha o macaco macacão, olhos de sabão, miolos de algodão!
[...]
Numa ocasião em que o macaco estava a dormir num galho, com a comprida cauda dependurada, o coelho muniu-se de um cacete e zás! Deu-lhe uma pancada com toda a força na cauda.
— Porque me fizeste isto, traidor! — gritava o macaco.

Pág. 32

Itálico — *Visão Júnior*; *site*.
Negrito — Mostra que és bom a ler; Mostra que és bom a resumir; Mostra que és bom a escrever.
Sublinhado — A iniciativa desenrolar-se-á em três fases.

Pág. 33

Era uma velha muito velha, muito velha, tão velha que não havia velha mais velha do que ela.

Um dia, estava a velha a ver televisão, num aparelho também muito velho, quando anunciaram que iam fazer um concurso para proclamar a velha mais velha do mundo.

Pág. 35

a) O restaurante fica na margem do **rio**.
b) **Rio**-me sempre que me lembro dessa história.

O meu pai deu-nos um **conselho**: «**viajem** o mais que puderem, porque mais vale duas viagens na mão que **cem** a voar. Cada passeio **traz** consigo muitas delícias para todos **nós**. Eu, assim que me **sento** no carro, sonho em encontrar lindas paisagens a toda a **hora**»!

Plano das classes de palavras

Pág. 37

a) rato — nome comum;
b) resposta livre — nome próprio;
c) cardume — nome coletivo.

Pág. 38

bolacha — nome comum;
manada — nome coletivo;
África — nome próprio;
limão — nome comum.

a) 1; **b)** 3; **c)** 5; **d)** 6; **e)** 8; **f)** 11; **g)** 12; **h)** 10; **i)** 2; **j)** 7; **k)** 4; **l)** 9.

Pág. 40

As **minhas** férias foram em casa dos **meus** avós. Todos **os** anos **as** minhas férias são lá. A casa dos **meus** avós é grande, mas parece **um** bocadinho pequena. Tem **umas** escadas e **uma** cave e muito mais quartos do que **a minha** casa, mas tudo parece **um** bocadinho mais baixo e apertado. Agora já acordei e estou aqui sentado a escrever **esta** redação sobre as férias. As minhas férias foram assim.

Pág. 42

a) duas flores; **b)** um quarto; **c)** o dobro.

Pág. 44

árvore — enorme, grande, bela;
ilha — pequenina;
povo — feliz, orgulhoso;
copa — frondosa, bem formada, larga;
problema — terrível;
ramos — compridos;
folhagem — espessa.

Pág. 46

Tinham ultrapassado a zona que rodeava a Quinta das Lágrimas e viraram à direita, encaminhando-se para a ponte sobre o rio Mondego.
Apesar da hora **tardia** e do esforço **físico** que acabavam de fazer, não sentiam cansaço, e o facto de as ruas se encontrarem praticamente **desertas** não lhes metia medo.
A cidade que se erguia em espiral na outra margem, com a torre do sino da Universidade lá bem no alto, **iluminada** por focos **invisíveis** e pela luz do luar, pareceu-lhes ainda mais **bonita**.
Apetecia-lhes o passeio **solitário** pela parte **antiga**, não lhes faltava ânimo para subirem as vielas que conduziam ao Albergue da Juventude, transbordavam energia como se lhes corresse nas veias **autêntico** sangue de tigre. O pior era a fome que voltava a atormentá-los.

Pág. 47

corpo — delicado;
olhos — grandes, castanhos;
espanto — permanente;
corte — requintado;
blusas — claras, graciosas.

Resposta livre.

Pág. 49

Todos os meninos saíram para o jardim. **Eles** queriam brincar com o cão que tinha aparecido ali nessa manhã. Mas **este** estava a correr furiosamente atrás do Fiel, o cão do Jaime.
Aflito, o Jaime gritou:
— Venham cá, pestinhas! E tu, forasteiro, deixa o Fiel, que **ele** é **meu**.

Pronomes pessoais — eles, ele.
Pronomes possessivos — meu.
Pronomes demonstrativos — este.

Pág. 51

muge — mugir, verbo principal;
berra — berrar, verbo principal;
grasna — grasnar, verbo principal;
ruge — rugir, verbo principal;
mia — miar, verbo principal;
uiva — uivar, verbo principal;
tem — ter, verbo auxiliar;
ladrado — ladrar, verbo principal;
foi — ser, verbo auxiliar;
dada — dar, verbo principal.

Pág. 52

Os meninos brincavam no jardim.
Apareceu um urso.
O urso pediu-lhes a bola.
Os meninos deram a bola ao urso.
O urso brincou com os meninos no jardim.
Ficaram todos muito felizes.

Pág. 53

Sugestão de resposta:
Os meninos brincavam no jardim, quando apareceu um urso, que lhes pediu a bola. Os meninos deram-lha e o urso brincou com eles. Ficaram todos muito felizes.

Plano morfológico — A forma das palavras

Pág. 55

Palavras variáveis — A, professora, recebe, o, aluno, novo, diz, lhe, se, sentar, ela.
Palavras invariáveis — e, para, frente, a.

O João fica contente e satisfeito porque aprende muito.

a) A Mariana fica contente e satisfeita porque aprende muito.
b) O João e a Mariana ficam contentes e satisfeitos porque aprendem muito.
c) Ontem, o João e a Mariana ficaram contentes e satisfeitos porque aprenderam muito.

Pág. 57

Masculino — ovos, coelhinhos, afilhados, padrinhos.
Feminino — Páscoa, prendas.

a) telemóvel;
b) rebuçado;
c) lápis.

Pág. 59

T	R	A	G	A	T	A	A	D	O	R	A
I	A	T	N	Q	A	R	T	I	R	S	B
C	B	R	M	L	A	A	T	N	X	Z	E
L	D	I	C	O	L	B	S	A	U	V	L
D	G	Z	E	P	U	I	R	M	Ã	Q	H
A	H	Z	V	F	N	I	I	A	P	O	A
I	A	Z	X	G	A	D	P	R	C	U	B
F	C	F	F	B	A	F	A	Q	M	N	G
P	O	E	T	I	S	A	T	U	L	V	L
L	O	R	U	T	S	I	O	E	C	Z	E
P	M	P	R	I	N	C	E	S	A	S	O
N	O	P	I	N	T	O	R	A	X	T	A

gato, irmão, poeta, príncipe, pintor, ator, aluno, dinamarquês, zângão, leão.

Pág. 60

M	U	L	T	I	D	Ã	O	C	A	V	Q
Ã	O	A	J	I	T	S	N	A	R	I	Z
O	M	V	H	L	A	R	Q	M	B	S	R
L	U	R	G	P	E	D	C	P	O	M	T
P	N	A	V	A	C	L	V	O	Z	U	A
M	A	D	B	P	T	D	J	N	N	V	N
Z	H	O	M	E	M	A	I	Ê	K	X	Z
X	U	R	F	L	G	I	J	S	O	P	O
C	A	P	I	T	Ã	O	L	N	M	Q	L

Pág. 62

a) girassol;
b) rosa;
c) margarida;
d) cravo;
e) jasmim;
f) túlipa.

a) girassóis;
b) rosas;
c) margaridas;
d) cravos;
e) jasmins;
f) túlipas.

Pág. 64

Grau diminutivo: rio — riacho; jornal — jornaleco; ovo — ovinho; burro — burrico; rato — ratito.
Grau aumentativo: muro — muralha; rapaz — rapagão; bigode — bigodeira; cão — canzarrão; boca — bocarra.

Pág. 66

a) 5); **b)** 4); **c)** 3); **d)** 2); **e)** 1).

Pág. 67

a) 2); **b)** 3); **c)** 1); **d)** 5); **e)** 4).

Pág. 69

muito pesada — grau superlativo absoluto analítico;
o mais pesado — grau superlativo relativo de superioridade;
tão pesada como — grau comparativo de igualdade;
menos pesada do que — grau comparativo de inferioridade.

a) comprido — comparativo de superioridade;
b) lindo — superlativo absoluto sintético;
c) alegre — normal;
d) caro — superlativo relativo de inferioridade;
e) feliz — comparativo de igualdade.

Pág. 70

a) tão pesado como;
b) muito bonita;
c) a mais alta.

Pág. 73

O velho desatou a rir.
— É verdade, eu menti-te, não era um marinheiro mas um guarda. Para combater o tédio e para me aguentar em pé, lia sem parar. O mar, não o vi senão em postais, e agora, jamais o poderei ver; porém, quando estou aqui sentado no banco — sozinho na escuridão — à minha frente vejo todos os mares do mundo. Vejo-os e sinto-lhes o odor e a salitre, distingo as brisas leves das que anunciam a tempestade.

Pronomes pessoais		
Pessoa	Número	
	Singular	Plural
1.ª	eu, me	
2.ª	te	
3.ª	o	os, lhes

a) 5); **b)** 3); **c)** 4); **d)** 1); **e)** 2).

Pág. 75

1.ª conjugação — andar, estudar, jogar, brincar.
2.ª conjugação — fazer, ler, escrever.
3.ª conjugação — rir, partir, sorrir.

reaver, confessar, conseguir, passar.

1.ª conjugação — confessar, passar.
2.ª conjugação — reaver.
3.ª conjugação — conseguir.

Pág. 76

escuto, escutas, escuta, escutamos, escutais, escutam.

a) Tu saltas muitas vezes.
b) Nós saltamos à corda.
c) Eles saltam o muro.

Pág. 78

deu, estava, vivia, roeu, fugiu, está, voltou, fez, és, separarei.

Presente — está, és.
Pretérito perfeito — deu, roeu, fugiu, voltou, fez.
Pretérito imperfeito — estava, vivia.
Futuro — separarei.

a) Amanhã o Pedro dará comida ao gato.
b) Amanhã eu brincarei com o gato do Pedro.

Pág. 80

Formas verbais	Modo verbal
trabalhar	infinitivo
gostaria	condicional
tirar	infinitivo
vou	indicativo
cala	imperativo
quero	indicativo
ouvir	infinitivo

Pág. 82

Um dia, os gatinhos **perderam** as suas luvas e **começaram** a dizer:
— Mãe, querida mãe, **estamos** muito tristes porque **perdemos** as nossas luvas.
E **choravam** muito.
A gata, toda assanhada, **respondeu**-lhes:
— Sois uns maus gatinhos, por isso não **comereis** destes pastéis que eu **acabo** de fazer… Miau… Miau…

Pág. 85

Formas verbais	Forma do infinitivo	Conjugação	Verbo regular/ /irregular
é	ser	2.ª	irregular
vai	ir	3.ª	irregular
fazer	fazer	2.ª	irregular
diz	dizer	2.ª	irregular
são	ser	2.ª	irregular
tenho	ter	2.ª	irregular
gosto	gostar	1.ª	regular

ser, fui, era, serei;
ir, fui, ia, irei;
fazer, fiz, fazia, farei;
dizer, disse, dizia, direi;
ter, tive, tinha, terei.

Pág. 87

a) arroz-doce;
b) saca-rolhas;
c) surdo-mudo;
d) amor-perfeito;
e) guarda-chuva;
f) madrepérola;
g) guarda-roupa.

Plano sintático — As frases

Pág. 89

Verbos principais	Frase simples	Frase complexa
puxar instalar-se		✓
fechar abandonar-se		✓
saber	✓	

Pág. 90

Os meninos foram à praia e tomaram banho.
O pai brincou com eles enquanto a mãe passeava pela praia.
Apareceu a tia e comprou-lhes gelados.

Ficaram muito contentes porque os gelados eram deliciosos.
Foram todos almoçar quando a mãe regressou do passeio.

Pág. 92

Frases declarativas — Por isso, voltaram à Rua Nova dos Mercadores, agora quase deserta. / Muitos comerciantes haviam fechado as lojas para poderem ver o rei. / … exclamou o João, encostando-se à ombreira de uma porta. / Inesperadamente ela abriu-se. / Mafalda riu-se.
Frases exclamativas — Que maçada! / Estava só encostada! / Não há poucos!
Frases interrogativas — Neste tempo não há roubos?
Frases imperativas — Olha!

Que horas são? — 4. Estou cheio de sede! — 2.
São 10 horas — 1. Bebe um copo de água — 3.

Pág. 93

Frase declarativa — Mantenho o meu caderno cuidado e bem organizado.
Frase exclamativa — Manténs o teu caderno cuidado e bem organizado!
Frase interrogativa — Manténs o teu caderno cuidado e bem organizado?
Frase imperativa — Mantém o teu caderno cuidado e bem organizado!

Pág. 94

Frase afirmativa	Frase negativa
O João vai à praia.	O João não vai à praia.
A Maria joga à bola.	A Maria não joga à bola.
Eles comem gelados todos os dias.	Eles não comem gelados todos os dias.
O pai do Tiago foi à festa.	O pai do Tiago não foi à festa.
A enfermeira gosta do seu trabalho.	A enfermeira não gosta do seu trabalho.
Faço sempre os trabalhos de casa.	Não faço sempre os trabalhos de casa.

Quem trabalha come.

Pág. 95

a) A menina bebeu um sumo.
b) O Pedro comprou um livro.
c) O meu pai lê o jornal diariamente.

a) A menina bebeu um sumo.
b) O Pedro comprou um livro.
c) O meu pai lê o jornal diariamente.

Pág. 96

Grupo verbal	Núcleo
a) comeu a banana	comeu
b) fez os trabalhos de casa	fez
c) escorregou	escorregou
d) ajudou o filho	ajudou
e) rasgou o papel	rasgou
f) perdeu o comboio	perdeu

Pág. 97

a) 5; **b)** 6; **c)** 4; **d)** 2; **e)** 1; **f)** 3.

Sugestão de resposta:
a) O pato nadava no lago.
b) A Rita brinca com o irmão.
c) A mãe do Bruno foi às compras.
d) A enfermeira tratou do paciente.
e) O teu irmão está cansado.
f) O maquinista conduzia o comboio.
g) O autocarro chegou atrasado.

a) O pato nadava no lago.
b) A Rita brinca com o irmão.
c) A mãe do Bruno foi às compras.
d) A enfermeira tratou do paciente.
e) O teu irmão está cansado.
f) O maquinista conduzia o comboio.
g) O autocarro chegou atrasado.

Pág. 98

O Luisinho olhou em volta. A mãe devia estar a chegar das compras e a criada estava distraída com a rádio.

Pág. 99

Um burro, um gato, um galo e um cão decidiram abrigar-se e dormir na floresta. O burro e o cão **deitaram-se junto a uma árvore**, enquanto o gato e o galo **treparam para um ramo**. Foi então que o galo **viu uma luz ao longe** e alertou os amigos. Era uma casa que abrigava uns ladrões. Os quatro amigos **resolveram assustá-los**.

Pág. 100

a) O Pedro leu um romance.
b) A Ana visitou o Museu do Traje.
c) O aluno escreveu uma composição sobre o outono.
d) Ela abriu a porta.
e) A rapariga cheirou a flor.

Pág. 101

a) As vizinhas conversavam alegremente.
b) Os rapazes brincam às escondidas no pátio.
c) Na primavera, as andorinhas fazem os ninhos.

Plano lexical e semântico — Os significados

Pág. 102

Sugestão de resposta: floreira, florista, floricultura, florir, florido, florescer, couve-flor, flor-de-lis.

Pág. 103

a) refúgio; **b)** lindo; **c)** pedaço; **d)** andar; **e)** pôr.

Pág. 104

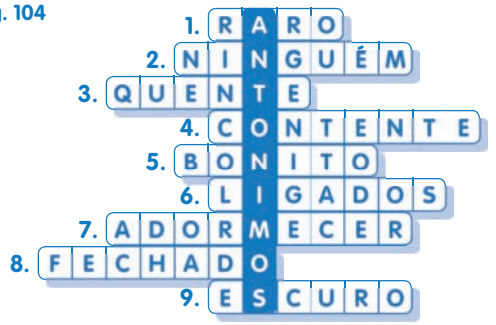

Pág. 105

carro — 5; zangado — 11; janota — 7; jarra — 8; armário — 2; zebra — 12; xaile — 10; coelho — 6; barco — 3; carregado — 4; antigo — 1; lobo — 9.

amigas — amigo;
ricos — rico;
gata — gato;
comias — comer;
espertos — esperto;
ratos — rato;
lavava — lavar;
cansados — cansado;
leram — ler.

Plano discursivo e textual — A comunicação

Pág. 107

Enunciado:
É tão bom ser nuvem,
Ter um corpo leve,
E passar, passar.
Recetor: nome do aluno.

Pág. 108

Locutor	Enunciado	Interlocutor
Cegonha	Bom dia, Espiga!	—
—	Com quem estás a falar?	Cegonha
Cegonha	—	Sementinha
Sementinha	—	Cegonha

Pág. 111

Texto A — registo informal.
Texto B — registo formal.
Texto C — registo informal.
Texto D — registo informal.

Pág. 113

Pedro — Qual é o teu livro preferido, Lídia?
Lídia — Gosto de vários, Pedro. E tu, de que género de livros gostas?
Pedro — Eu prefiro livros de aventuras.
Lídia — Então lê *Uma Aventura na Escola*. Eu gosto muito da história.

Pág. 114

—Meus senhores, proponho que saudemos o aniversário de Carlos— bradou em tom de brinde.
—Apoiado— responderam todos, imitando-o.
—Adeus, Joana!— respondeu Carlos, perturbado e confuso.
—Adeus, Carlos!— respondeu ela maquinalmente.
—Até depois de amanhã, Joana.
—Pois sim.

O Jaime disse bom dia e perguntou a uma senhora, na paragem, a que horas passava o autocarro. A senhora respondeu que passaria às dez horas. O Jaime agradeceu-lhe.

Pág. 115

Resposta livre.

Pág. 116

Desculpe; Por favor; podia dizer-nos; Se não se importa.

Pág. 118

Texto A: Professor Leblanc; menina; Doutora Torres; Moisés; minha cara doutora.
Texto B: Tu; Mariana; Gaspar; a tua.

Pág. 119

O Gaspar e a Mariana usam um tratamento por **tu** porque existe entre eles uma relação de amizade e são duas crianças aproximadamente da mesma idade.
Embora o professor Leblanc gostasse de tratar **Omayra Torres** por «menina», esta não o permitiu, porque achou que entre eles só devia existir uma relação formal (sem grande intimidade entre eles, para evitar atitudes demasiado familiares). Assim, disse-lhe para a tratar por **doutora Torres**.

Gramática
de português

3.º e 4.º anos

do Primeiro Ciclo
do Ensino Básico

Graça Trindade e Madalena Relvão

Revisão científica: **Dulce Pereira**

Santillana
CONSTÂNCIA

EDUCAÇÃO EFICAZ

A **Gramática de Português** destinada ao 3.º e ao 4.º anos do 1.º Ciclo do Ensino Básico é uma obra coletiva, concebida e criada pelo Departamento de Investigações e Edições Educativas da Santillana-Constância, sob a direção de Sílvia Vasconcelos.

EQUIPA TÉCNICA
Chefe de Equipa Técnica: Patrícia Boleto
Modelo Gráfico: Carla Cartaxeiro
Capa: Paulo Oliveira
Ilustrações: Maria João Raimundo, Nósnalinha, Paulo Oliveira
Paginação: Célia Neves, Ilda Cruz, Leonor Ferreira
Revisão: Ana Abranches

EDITORES
Ana Mateus, Armando Gonçalves e Eva Arim

Santillana
CONSTÂNCIA

© 2011

Estrada da Outurela, 118
2794-084 CARNAXIDE

APOIO AO PROFESSOR
Tel.: 214 246 901
Fax: 214 246 909
apoioaoprofessor@santillana.pt

APOIO AO LIVREIRO
Tel.: 214 246 906
Fax: 214 246 907
apoioaolivreiro@santillana.pt

Internet: www.santillana.pt

Impressão e Acabamento: Printer Portuguesa

ISBN: 978-972-761-885-9

1.ª Edição
1.ª Tiragem: 7000

Depósito Legal: 321990/11

Apresentação

Num contexto de implementação de Novos Programas de Português do Ensino Básico, de adoção de um novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa e de integração de um novo Dicionário Terminológico, esta Gramática apresenta-se como um auxiliar na aprendizagem da língua portuguesa.

Geralmente, o termo «gramática» oscila entre um conceito mais ou menos normativo e outro mais ou menos descritivo, sendo que o primeiro é entendido como um conjunto de regras (consideradas corretas) a seguir pelo falante, enquanto o segundo aceita realizações linguísticas que o primeiro condenaria.

A nosso ver, o paradigma subjacente aos novos Programas (2009) procura articular de forma harmoniosa estes dois polos, partindo do conhecimento implícito e empírico dos alunos e conduzindo-os à enunciação das regras e à sua aplicação, enquanto falantes da língua portuguesa.

Este é o princípio estrutural do Laboratório de Língua sugerido nos Programas e será igualmente a coluna dorsal desta Gramática: o aluno observa práticas concretas de realização linguística, aplica o seu conhecimento empírico a exercícios propostos e, por fim, enuncia a regra, interiorizando-a e aplicando-a a novas situações, em articulação com outras competências enunciadas no Programa.

Por fim, gostaríamos de acentuar o facto de esta Gramática contribuir para o desenvolvimento da competência e da consciência linguística dos alunos.

As Autoras

Índice

	Pág.
Aos alunos do 3.º e do 4.º anos: como usar esta Gramática	6
Plano dos sons	
Os sons da língua portuguesa	8
As vogais	8
Os ditongos	10
As consoantes	11
Relação entre sons e letras	12
Os dígrafos	15
A letra *h*	15
As onomatopeias	16
A sílaba e a divisão silábica	17
A sílaba tónica e a sílaba átona	19
A entoação	20
Plano da representação gráfica e ortográfica — A escrita	
As letras	22
Os acentos	24
O hífen	26
O hífen como sinal de ligação	26
O hífen na translineação	27
Os sinais de pontuação	28
Os sinais auxiliares de escrita	30
As formas de destaque	32
A configuração gráfica	33
As relações entre palavras	34
Palavras homónimas	34
Palavras homógrafas	34
Palavras homófonas	34
Plano das classes de palavras	
Os nomes	36
Os nomes próprios	36
Os nomes comuns	36
Os determinantes	39
Os quantificadores numerais	41
Os adjetivos qualificativos	43
Os pronomes	48
Os verbos	50

Plano morfológico — A forma das palavras

Pág.

Palavras variáveis e palavras invariáveis 54
Variação dos nomes 56
Variação em género 56
Variação em número 60
Variação em grau 63
Variação dos adjetivos 65
Variação em género 65
Variação em número 67
Variação em grau 68
Variação dos pronomes 71
Variação em pessoa, em género e em número 71
Variação dos verbos 74
Conjugação verbal 74
Variação em pessoa e em número 76
Variação em tempo 77
Variação em modo 79
Verbos regulares 81
Verbos irregulares 83
Palavras simples e palavras complexas 86
Derivação 86
Composição 87

Plano sintático — As frases

As frases 88
Frases simples e frases complexas 89
Tipos de frase 91
Frases afirmativas e frases negativas 94
Os constituintes da frase 95
O grupo nominal 95
O grupo verbal 96
As funções sintáticas 98
O sujeito 98
O predicado 99
O complemento direto 100
A mobilidade dos elementos da frase 101

Plano lexical e semântico — Os significados

Famílias de palavras 102
Sinónimos e antónimos 103
Uso do dicionário 105

Plano discursivo e textual — A comunicação

A comunicação 106
Os registos de língua 109
Diálogo, discurso direto e discurso indireto 112
O princípio de cortesia 115
As formas de tratamento 117

Apêndice 120

Soluções 137

Aos alunos do 3.º e do 4.º anos: como usar esta Gramática

A tua Gramática está organizada em sete planos e tem um apêndice final. Dentro de cada plano, os temas estão organizados da seguinte forma:

— apresentação dos conteúdos gramaticais;
— resolução de exercícios de aplicação ( );
— resumo da informação essencial ( ).

Esta Gramática parte do princípio de que és já um falante da língua portuguesa e de que precisas agora de aprender algumas regras do seu funcionamento.

Plano dos sons

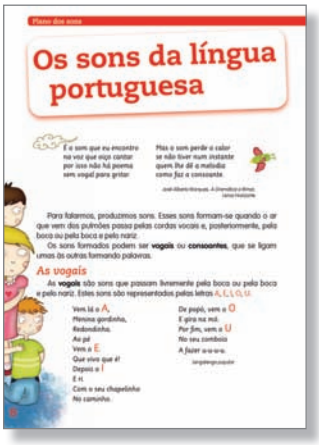

Aqui poderás encontrar informações sobre os sons da língua portuguesa.

Plano das classes de palavras

Neste plano, vais encontrar informações sobre os nomes, os verbos, os adjetivos e outras classes de palavras.

Plano da representação gráfica e ortográfica — A escrita

Neste plano, poderás estabelecer a ligação entre os sons da língua portuguesa e a sua representação gráfica. Poderás ainda ver como dispor os textos nas páginas.

Plano morfológico — A forma das palavras

Variação dos adjetivos

Variação em género

O **adjetivo** pode apresentar **variação em género**.
Repara nos adjetivos destacados no texto.

Era um belo espetáculo, a vida em torno, agitada ou morna.
Bolões nasciam perfumados e desabrochavam em flores radiosas,
pássaros voavam entre trinados alegres, pombos arrulhavam amor, ninhadas
de pintos recém-nascidos seguiam o escarvar de orgulhosa galinha, o grande
Pato Negro fazia a corte à vaidosa Pata Branca, banhando-se na água clara do lago.

Nomes	Adjetivos	
	Masculino	Feminino
espetáculo	belo	—
vida	—	agitada, morna
bolões	perfumados	—
flores	—	radiosas
pintos	recém-nascidos	—
galinha	—	orgulhosa
água	—	clara

Os adjetivos listados acima apresentam uma forma para o género masculino e uma forma para o género feminino.
Há também adjetivos que não variam em género, ou seja, a forma masculina e a forma feminina são iguais.
Ex.: o pato elegante / a pata elegante
o homem elegante / a mulher elegante

65

Há palavras invariáveis e palavras variáveis. Este plano apresenta-te as formas que as palavras podem tomar.

Plano sintático — As frases

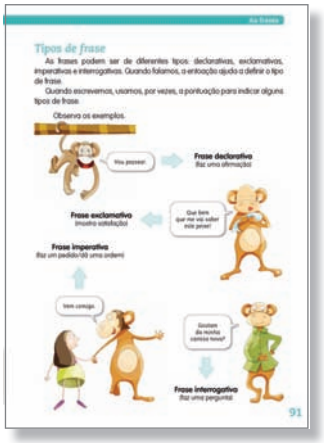
As frases

Tipos de frase

As frases podem ser de diferentes tipos: declarativas, exclamativas, imperativas e interrogativas. Quando falamos, a entoação ajuda a definir o tipo de frase.
Quando escrevemos, usamos, por vezes, a pontuação para indicar alguns tipos de frase.
Observa os exemplos.

Frase declarativa
(faz uma afirmação)

Frase exclamativa
(mostra satisfação)

Frase imperativa
(faz um pedido/dá uma ordem)

Frase interrogativa
(faz uma pergunta)

91

Para seres entendido pelos outros, precisas de ordenar as palavras e de organizá-las em frases. É a essa organização que este plano se dedica.

Plano lexical e semântico — Os significados

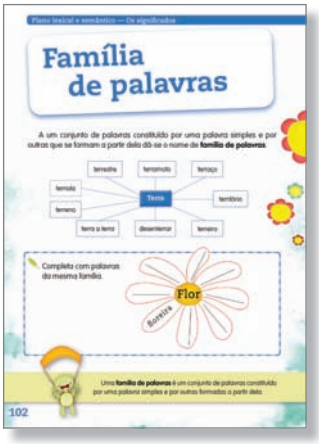
Plano lexical e semântico — Os significados

Família de palavras

A um conjunto de palavras constituído por uma palavra simples e por outras que se formam a partir dela dá-se o nome de **família de palavras**.

terrestre
terramoto
terraço
terroso
Terra
terrível
terreno
terra a terra
desenterrar
terreiro

Completa com palavras da mesma família.

Flor
floresta

Uma **família de palavras** é um conjunto de palavras constituído por uma palavra simples e por outras formadas a partir dela.

102

As palavras são um conjunto de sons com significado. Aqui encontras informações sobre o significado das palavras.

Plano discursivo e textual — A comunicação

Plano discursivo e textual — A comunicação

A comunicação

Quando falamos, procuramos transmitir aos outros aquilo que pensamos. Estamos a **comunicar**. Para isso, juntamos frases, formando textos ou discursos. Podemos comunicar **oralmente** ou por **escrito**.
Quando comunicamos oralmente, a pessoa que está a falar é o **locutor** e aquelas que o estão a escutar para depois falarem são os seus **interlocutores**.
Na escrita, diz-se que quem escreve é o **emissor** e que aquele que lê e interpreta o que está escrito é o **recetor**.
No texto seguinte, repara nas falas dos interlocutores e naquilo que eles dizem um ao outro (nos seus **enunciados**).

— Da que tamanho é que queres ficar? — perguntou.
— Oh, não faça questão quanto ao tamanho — respondeu Alice muito depressa —, só que uma pessoa não gosta de mudar tantas vezes de tamanho, sabe?
— Não sei, não! — disse a Lagarta.

Lewis Carroll, Alice no País das Maravilhas, Publicações Dom Quixote

Locutor	Enunciado	Interlocutor
	Da que tamanho é que queres ficar?	
	Oh, não faça questão quanto ao tamanho, só que uma pessoa não gosta de mudar tantas vezes de tamanho, sabe?	
	Não sei, não!	

106

Quando procuramos transmitir o nosso pensamento aos outros por palavras, estamos a comunicar. A comunicação tem regras, que podes encontrar neste plano.

Nas páginas 120-135, encontrarás um apêndice com uma sistematização dos conteúdos gramaticais estudados.

As soluções (ou sugestões de resposta) das atividades propostas ao longo da gramática encontram-se nas páginas 137-144.

Os sons da língua portuguesa

É o som que eu encontro
na voz que oiço cantar
por isso não há poema
sem vogal para gritar.

Mas o som perde o calor
se não tiver num instante
quem lhe dê a melodia
como faz a consoante.

José-Alberto Marques, *A Gramática a Rimar*,
Livros Horizonte

Para falarmos, produzimos sons. Esses sons formam-se quando o ar que vem dos pulmões passa pelas cordas vocais e, posteriormente, pela boca ou pela boca e pelo nariz.

Os sons formados podem ser **vogais** ou **consoantes**, que se ligam umas às outras formando palavras.

As vogais

As **vogais** são sons que passam livremente pela boca ou pela boca e pelo nariz. Estes sons são representados pelas letras A, E, I, O, U.

Vem lá o A,
Menina gordinha,
Redondinha.
Ao pé
Vem o E.
Que vivo que é!
Depois o I
E ri
Com o seu chapelinho
No caminho.

De popó, vem o O
E gira na mó.
Por fim, vem o U
No seu comboio
A fazer u-u-u-u.

Lengalenga popular

As vogais podem ser orais ou nasais. As **vogais orais** são aquelas que se produzem quando o ar passa apenas pela boca. As **vogais nasais** são produzidas quando o ar passa ao mesmo tempo pela boca e pelo nariz.

Vogais orais	Vogais nasais
casa, cama	cantar
serra, ser, pedir	gente
ilha	pintar
avó, avô	som
tu	juntar

Completa a anedota seguinte colocando as vogais em falta.

Diz o pr__f__ssor:

«— Eu lav__-me

Tu l__vas-t__

El__ lav__-se

Nós l__vam__-nos

V__s lavais-v__s

__l__s lavam-se»

__ que é isto?

Responde o __l__no:

— É d__ mingo,
senh__r pr__f__ss__r.

Circunda as palavras abaixo que começam por vogal.

casaco faca ervilha
armário museu urso
garrafa raposa oitenta
mapa escola

Os ditongos

Quando duas vogais se encontram na mesma sílaba, estamos perante um ditongo. Os ditongos também podem ser orais ou nasais.

Ditongos orais	Ditongos nasais
pai, mau	irmão, mãe
papéis, céu	
viu, sorriu	
boi, noiva	canções, põe
Rui, azuis	muito

Na lengalenga seguinte, circunda as letras que representam as vogais nasais e sublinha os conjuntos de letras que representam os ditongos.

Lagarto pintado
Quem te pintou?
Foi uma velha
Que por aqui passou.
No tempo da eira
Fazia poeira
Puxa, lagarto, por essa orelha.

Lengalenga popular

Lê a quadra seguinte e sublinha a vermelho os conjuntos de letras que representam os ditongos nasais e a verde os que representam os ditongos orais.

A carta que me mandaste
Abri-a com muito jeito;
Trazia o teu coração,
Caiu-me dentro do peito.

Quadra popular

As **vogais orais** e os **ditongos orais** são sons produzidos quando o ar passa só pela boca. Por exemplo: *a, u, ai, eu*.

As **vogais nasais** e os **ditongos nasais** são sons produzidos quando o ar passa ao mesmo tempo pela boca e pelo nariz. Por exemplo: *ã, ão, õe*.

As consoantes

Na produção das consoantes, o som formado nas cordas vocais não sai livremente pela boca, sendo interrompido, por exemplo, pela língua ou pelos lábios.

Na escrita, estes sons são representados pelas letras seguintes.

Algumas consoantes desapareceram da quadra seguinte. Completa-a com as consoantes que faltam.

Ó ra __a, ó que __inda __ama,
Ó rama __a oli__eira,
O __eu __ar é o mais lin__o
Que anda aqui na __oda in__eira.

Quadra popular

Escolhe, de entre as palavras abaixo, aquelas que começam por consoante e reescreve-as no teu caderno.

macaco banana leão ave
seleção sapato Ericeira quadro
patinho ondas uvas

Na produção das **consoantes**, o som não sai livremente pela boca, sendo interrompido, por exemplo, pela língua ou pelos lábios.

Relação entre sons e letras

Os sons da língua são representados por símbolos — as letras.

No entanto, uma letra não representa sempre o mesmo som. Repara que, nas duas palavras seguintes, a letra ***r*** não corresponde ao mesmo som.

arco-íris

roca

A letra ***o*** também pode corresponder a vários sons.

cola

coxa

colar

Outras correspondências entre letras e sons são apresentadas no quadro abaixo. Se reparares bem, as letras destacadas representam sons diferentes.

Letras	Exemplos
x	**x**aile, tá**x**i, e**x**ame, pró**x**imo
g	**g**ato, **g**iz
s	**s**anto, a**s**a
c	**c**abelo, **c**ereja

Um mesmo som também pode ser representado por letras diferentes. Nas palavras seguintes, as letras destacadas correspondem sempre a um mesmo som.

Som [s]

selo

cinto

po**ç**o

Som [R]

rato

go**rr**o

Som [k]

casa

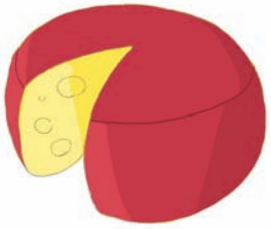

queijo

Em cada caso, muda a ordem das letras e descobre novas palavras.

a) C E D O

b) R A M O

c) T E M E R

d) A M O R A

Completa as palavras seguintes com a letra ou as letras que representam o primeiro som da palavra *casa* ou o primeiro som da palavra *selo*.

a) __ uadros
b) ar __ a
c) sa __ o
d) __ ola
e) po __ o
f) con __ erto
g) ba __ ia
h) al __ atifa
i) __ em
j) __ apato
k) __ osido
l) ma __ a
m) má __ imo
n) es __ uadro
o) solu __ ão

Completa o crucigrama com as consoantes em falta, de modo a obteres nomes de sete aves.

1. Ave que é o símbolo da paz.
2. Pássaro pequeno, irrequieto, frequente nos campos e junto das casas.
3. Ave famosa pela sua cauda grande e colorida, que abre em leque.
4. Ave da família do pato.
5. Grande ave de rapina.
6. Ave que canta.
7. Pequeno pássaro da América, colorido e de bico longo.

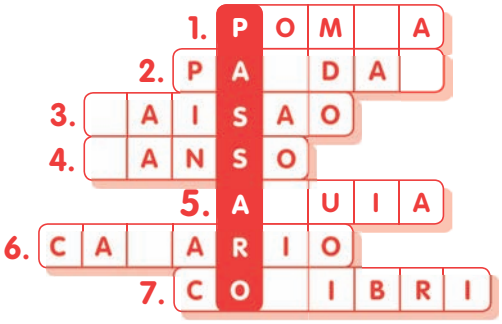

As **letras** representam diferentes **sons** que se agrupam em palavras.

A mesma letra pode representar vários sons.

O mesmo som pode também ser representado por várias letras.

Os dígrafos

Por vezes, duas letras associadas representam um único som. São os **dígrafos**. Observa.

carro **ch**uva i**ss**o cami**nh**o

trabal**h**o **qu**eda **gu**izo

Circunda os dígrafos que encontrares nos textos seguintes.

Abelhinha, abelhinha
Toma lá a tua mosquinha
Zurra, zurra, pica na burra
Come, come, se tens fome.

Lengalenga popular

Atirei o pau ao gato
Mas o gato não morreu.
Dona Chica assustou-se
Com o berro, com o berro
Que o gato deu: miau!

Cantiga popular

A letra h

A letra ***h***, no início de palavra, não é pronunciada. Diz-se que é muda.

homem **h**onra **h**ora

Os grupos de duas letras que representam apenas um som chamam-se dígrafos: ***qu***, ***gu*** (antes de *e* ou *i*), ***ch***, ***nh***, ***lh***, ***ss***, ***rr***.
A letra ***h*** em início de palavra não se pronuncia (é muda).

As onomatopeias

As **onomatopeias** são expressões que procuram reproduzir sons naturais.

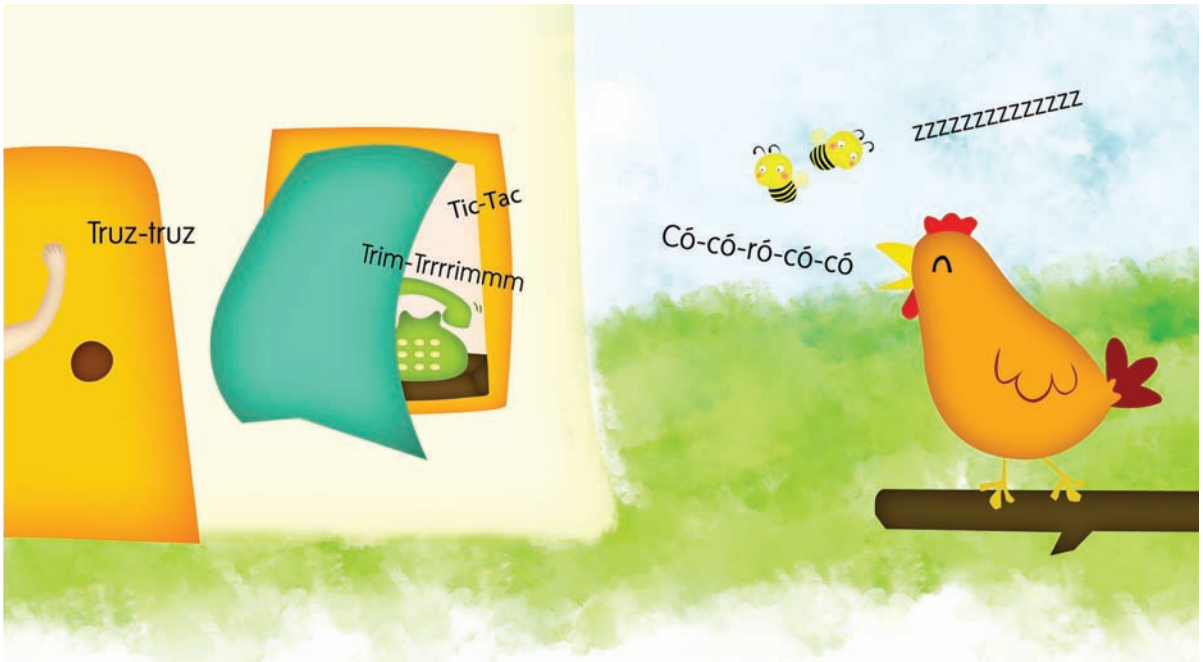

Associa cada imagem à onomatopeia correspondente.

a)

b)

c)

1) ron-ron ☐ **2)** catrapum ☐ **3)** piu-piu ☐

As expressões que imitam sons naturais chamam-se **onomatopeias**.

A sílaba e a divisão silábica

As palavras são constituídas por sílabas, que são elementos mais pequenos que se pronunciam de uma só vez.

Lê a cantiga e vê como se dividem algumas palavras no quadro abaixo.

Que linda falua que lá vem, lá vem,
é uma falua que vem de Belém.
Vou pedir ao senhor Barqueiro se me deixa passar,
tenho filhos pequeninos, não os posso sustentar.
Passará, passará, mas algum ficará,
se não for a mãe à frente, é o filho lá de trás.

Cantiga infantil

Palavra	Número de sílabas		Classificação
lá	lá	1	monossílabo
linda	lin-da	2	dissílabo
Barqueiro	Bar-quei-ro	3	trissílabo
pequeninos	pe-que-ni-nos	4	polissílabo

Forma palavras com as sílabas indicadas à esquerda e classifica essas palavras quanto ao número de sílabas. Segue o exemplo.

Sílabas	
1	ca
2	po
3	ra
4	ta
5	na
6	ri
7	za
8	paz
9	ço

Sílabas				Palavras	Classificação
1	3	–	–		
1	2	4	–	capota	trissílabo
3	4	7	5		
6	–	–	–		
3	8	–	–		
6	1	9	–		

Agora, preenche o quadro com seis monossílabos, seis dissílabos e seis trissílabos.

Monossílabos	Dissílabos	Trissílabos

As palavras podem ser divididas em elementos mais pequenos que se pronunciam de uma só vez — as **sílabas**.

As palavras com uma sílaba são **monossílabos**; com duas, são **dissílabos**; com três, são **trissílabos**; e, com quatro ou mais sílabas, são **polissílabos**.

A sílaba tónica e a sílaba átona

Geralmente, em cada palavra, há uma sílaba que se pronuncia com mais intensidade: é a **sílaba tónica**. As restantes são as **sílabas átonas**.

As palavras podem ser classificadas quanto à posição da sílaba tónica.

Palavra	Divisão silábica	Sílaba tónica	Classificação
jaca**ré**	ja-ca-**ré**	última	aguda
selva	**sel**-va	penúltima (antes da última)	grave
hipo**pó**tamo	hi-po-**pó**-ta-mo	antepenúltima (antes da penúltima)	esdrúxula

Preenche o quadro.

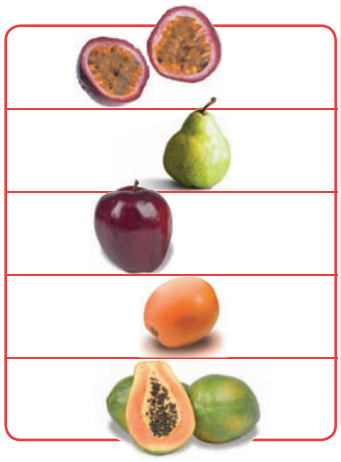

Palavra	Divisão silábica	Classificação
	ma-ra-cu-já	
		grave
maçã		
	nês-pe-ra	
papaia		

Na língua portuguesa, as palavras podem ser acentuadas na última sílaba (**agudas**), na penúltima sílaba (**graves**) ou na antepenúltima sílaba (**esdrúxulas**).

As palavras mais frequentes no português são as graves.

A entoação

Quando falamos, damos uma entoação às frases que permite mudar o seu sentido. Por exemplo, uma afirmação pode transformar-se numa pergunta se mudarmos a entoação.

Afirmação

O João está a chegar.

Pergunta

O João está a chegar?

A entoação também pode transformar uma ordem num pedido.

Ordem

Vai fechar a porta!

Pedido

Vai fechar a porta.

Com a entoação, conseguimos mostrar os nossos sentimentos. Podemos mostrar surpresa, raiva, alegria, medo, …

Na escrita, a entoação é representada por sinais de pontuação.

Entoação	Sinais de pontuação	Exemplos
Declarativa	Ponto final .	O João está a chegar.
Interrogativa	Ponto de interrogação ?	O João está a chegar?
Exclamativa	Ponto de exclamação !	Que pena!
Imperativa	Ponto final / ponto de exclamação . / !	Vai fechar a porta.

O João vai fazer um trabalho para a escola sobre *O Principezinho*.
Lê o diálogo e coloca os sinais de pontuação de acordo com a entoação que pensas que as personagens deram às frases.

Rita: Olá ☐ O que fazes aqui ☐

João: Vim fazer uma pesquisa sobre raposas ☐

Rita: Sobre raposas ☐

João: Sim, estou a ler *O Principezinho* ☐
Vem ajudar-me a procurar ☐

Rita: Claro ☐

João: Obrigado ☐

Agora, completa o quadro com exemplos do diálogo anterior.

Entoação	Frases/Expressões
Declarativa	
Exclamativa	
Interrogativa	
Imperativa	

Uns dias depois, a Rita telefonou ao João para saber como tinha corrido a apresentação do trabalho. Completa o diálogo.

Rita: Olá! _____ ?

João: Olá, Rita! _____ .

Rita: _____ ! Empresta-me o livro para eu ler!

Todas as frases possuem uma **entoação** que lhes atribui um significado. Essa entoação pode ser **declarativa**, **interrogativa**, **exclamativa** ou **imperativa**.

Na escrita, usa-se a pontuação para representar a entoação.

As letras

As **letras** são os símbolos gráficos que constituem o alfabeto.

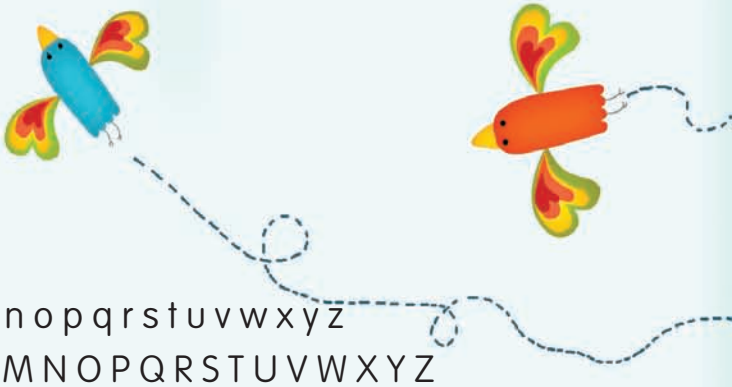

Letras de imprensa

a b c d e f g h i j k l m n o p q r s t u v w x y z

A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z

Letras manuscritas

a b c d e f g h i j k l m n o p q r s t u v w x y z

A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z

Copia para a página seguinte, em letra manuscrita, o texto abaixo, apresentado em letra de imprensa.

A senhora Tung viajava todos os anos da Formosa para Macau, na época do Natal, a fim de festejar o nascimento de Cristo na companhia da sua primogénita, a irmã Chen-Mou.

Nesses dias, com as meninas em férias, o refeitório do colégio parecia maior e mais desconfortável: só eu e Miss Lu nos sentávamos à mesa comprida das professoras.

Maria Ondina Braga, *Natal Chinês*, Panorama

Repara nas palavras do texto anterior que começam por maiúscula. Porque será? Preenche o quadro, verificando o motivo por que cada uma dessas palavras se inicia com maiúscula.

Início de período	Nomes próprios		
	Nomes de pessoas	Nomes de locais	Nomes sagrados
	Tung		

As **letras** podem ser **de imprensa** ou **manuscritas** (escritas à mão).
Em ambos os casos, usamos minúsculas e maiúsculas.
As maiúsculas são usadas em início de período e como inicial dos nomes próprios.

Os acentos

Em português, a sílaba tónica das palavras pode ser a última (palavras agudas), a penúltima (palavras graves) ou a antepenúltima (palavras esdrúxulas). Em algumas palavras, usa-se um **acento gráfico** para assinalar a sílaba tónica.

Acentos		Exemplos
´	acento agudo	*pátio, árvore, família*
`	acento grave	*às, àquele*
^	acento circunflexo	*ciência, pânico, lâmpada*

Apresentam-se abaixo algumas regras de acentuação gráfica:

- As **palavras agudas** são acentuadas graficamente quando terminam em *a/e/o* (*pá, pé, pó*) ou em *em/ens* (*alguém, parabéns*). Recebem um **acento agudo** quando a vogal tónica é aberta (*avó*) e um **acento circunflexo** quando a vogal tónica é fechada (*avô*).
- As **palavras graves** são as mais frequentes. Regra geral, estas palavras não recebem acento gráfico (*mesa, boneco, rapariga*). Excetuam-se casos em que as palavras graves terminam nas consoantes *l/n/r* (*dócil, abdómen, açúcar*), nas vogais *i/u*, seguidas ou não da consoante *s* (*júri, lápis*), em ditongos (*sótão*) ou em vogais nasais (*órfã*). Nestes casos, são geralmente marcadas com um **acento agudo**.
- As **palavras esdrúxulas** são sempre acentuadas graficamente. Recebem um **acento agudo** quando a vogal tónica é aberta (*fábrica*) e um **acento circunflexo** quando a vogal tónica é fechada (*pêssego*).
- O **acento grave** só se usa quando existe a contração da preposição *a* com um determinante ou um pronome (*às, àquele*). Este acento não assinala uma sílaba tónica.

Lê o texto e repara nos acentos gráficos.

Era o primeiro dia de aulas. Às 10 horas, o Júlio, a Ângela e o José foram para o pátio da escola. O José escondeu-se e a Ângela tentou encontrá-lo.

— Estás bem escondido — disse a Ângela.

— Vê se o encontras — disse o Júlio.

Estavam muito divertidos os três.

Preenche o quadro com palavras do texto.

Acento agudo	Acento grave	Acento circunflexo

Completa o crucigrama de modo a obteres nomes próprios de pessoas. Tem o cuidado de os acentuar graficamente. Depois, escreve-os.

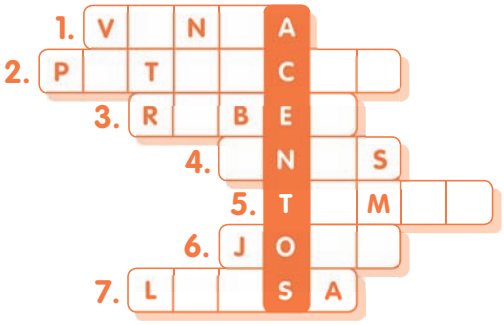

1. _____
2. _____
3. _____
4. _____
5. _____
6. _____
7. _____

Em algumas palavras, usa-se um **acento gráfico** para assinalar a sílaba tónica.

Os acentos gráficos podem ser **agudos**, **graves** ou **circunflexos**.

Geralmente, as palavras graves não precisam de acento gráfico.

O hífen

O hífen é um sinal gráfico que se usa para ligar palavras ou partes da mesma palavra e ainda para fazer a translineação.

O hífen como sinal de ligação

O hífen liga:

- formas verbais a pronomes: *baixa-te, perdeu-se*;
- duas palavras que se juntam para formar uma palavra nova: *beija-flor, guarda-chuva*;
- certos prefixos, como *ex-*, *pós-*, *pré-* ou *pró-*, a uma forma de base: *ex-diretor, pré-escolar*.

Liga elementos da coluna **A** a elementos da coluna **B**. Escreve as palavras formadas ao lado e não te esqueças do hífen.

A	B
1) pré	a) me
2) feijão	b) venda
3) riu	c) lhe
4) ex	d) escolar
5) abre	e) história
6) pré	f) verde
7) pós	g) presidente
8) lavo	h) latas
9) escrever	i) se

1) e) pré-história
2) _____
3) _____
4) _____
5) _____
6) _____
7) _____
8) _____
9) _____

O hífen na translineação

Quando uma palavra não cabe toda numa linha, temos de a partir e passar uma parte para a linha seguinte. Chama-se a isso fazer a **translineação**.

Nesses casos, para mostrar que as duas partes da palavra estão ligadas, usamos o hífen.

A translineação deve respeitar algumas regras.

Regras de translineação	✔	✘
Não se separam duas consoantes no início de uma sílaba.	pra-/to tra-/ça	p-/rato t-/raça
Não se separam os grupos *nh*, *lh* e *ch*.	ba-/nho te-/lha	ban-/ho tel-/ha
Não se separam os ditongos.	pai-/xão mui-/to	pa-/i-/xão mu-/i-/to
Separam-se as consoantes iguais.	car-/ro pes-/soa	ca-/rro pe-/ssoa
Separam-se as consoantes que pertençam a sílabas diferentes.	sal-/sa por-/co	sa-/lsa po-/rco
Separam-se vogais que pertençam a sílabas diferentes.	sa-/ú-/de pe-/ú-/ga	saú-/de peú-/ga
Não se deve deixar uma única vogal no início ou no fim de uma linha.	azei-/te ci-/ên-/cia	a-/zei-/te ci-/ên-/ci-/a
Quando se separa uma palavra que já tenha um hífen, este deve ser repetido no início da linha seguinte.	guarda-/ -chuva	guarda-/ chuva

Faz a translineação das palavras seguintes.

carteiro → car-/tei-/ro

castanha → _____

correr → _____

leite → _____

arroz-doce → _____

diabo → _____

connosco → _____

Rodrigo → _____

fez-lhe → _____

telhado → _____

baixo → _____

pulso → _____

criança → _____

avestruz → _____

O **hífen** usa-se para ligar palavras ou partes da mesma palavra e para fazer a translineação.

Os sinais de pontuação

Os sinais de pontuação são um conjunto de sinais gráficos que ajudam a organizar os textos. São utilizados, entre outras funções, para marcar pausas e para representar a entoação.

Ponto final

.

Indica uma pausa longa e acaba uma frase.

Vírgula

,

Assinala uma pausa pequena e separa elementos da frase.

Ponto e vírgula

;

Indica uma pausa longa, mas não acaba uma frase.

Ponto de exclamação

!

Termina uma frase que exprime admiração, surpresa, alegria, …

Ponto de interrogação

?

Indica uma pergunta.

Reticências

. . .

Marcam a interrupção de uma frase.

Dois pontos

:

Introduzem uma fala, uma explicação ou uma enumeração.

Travessão

—

Introduz uma fala.

Lê o texto e repara nos sinais de pontuação.

Espontaneamente, eu disse que junto dela só podia haver beleza e perfeição. Mas havia a dúvida: nem toda a gente era como ela...

Encostei-me a ela e, em voz sumida, perguntei:

— Achas-me feia, Marie?

Ergueu-me a cara, olhou-me nos olhos.

— Que pergunta tão estranha, Rose!

— Acho-te bonita.

Ilse Losa, *O Mundo em Que Vivi*, Afrontamento (texto adaptado)

Pontua corretamente o texto seguinte.

Ontem ☐ quando atravessava o Rossio ☐ o meu filho mais novo perguntou-me ☐

☐ Ó pai ☐ posso subir às árvores ☐

☐ Estás doido ☐ — respondi-lhe ☐

Quando chegámos a casa ☐ o miúdo voltou a perguntar ☐

☐ E agora ☐ Posso ir brincar para a rua ☐

☐ Pois sim ☐ vai ☐ mas não saias do passeio ☐

Daí a momentos ☐ vim à janela para espiar ☐ o pequeno trepava com destreza um candeeiro de iluminação pública ☐

☐ Eh pá ☐ Desce daí ☐

José Gomes Ferreira (texto adaptado)

Os **sinais de pontuação** são sinais gráficos que representam, na escrita, as pausas e a entoação das frases, separam elementos frásicos, assinalam tipos de frase, entre outras funções.

Os sinais auxiliares de escrita

Os **sinais auxiliares de escrita** são sinais gráficos utilizados para assinalar ou destacar elementos de uma frase ou de um texto.

Aspas	Aspas altas
« »	“ ”

Parênteses curvos	Parênteses retos
( )	[ ]

As **aspas** assinalam, na escrita:

- citações de outra pessoa ou de outro texto;
- títulos;
- discurso direto;
- palavras inventadas.

Os **parênteses curvos** assinalam, na escrita:

- uma explicação ou aparte;
- informação sobre gestos e movimentos das personagens nos textos dramáticos.

Os **parênteses retos** assinalam, na escrita:

- a supressão de parte de uma frase ou de um texto citado.

Lê o texto e indica a função dos sinais auxiliares de escrita destacados.

O coelhinho branco foi à horta buscar couves para fazer um caldinho. Quando voltou para casa, encontrou a porta fechada por dentro. Bateu e perguntaram-lhe quem era.

O coelhinho branco (surpreso) respondeu:

— Sou eu, o coelhinho, que venho da horta e vou fazer um caldinho.

Responderam-lhe de dentro da casa:

— E eu sou a cabra «cabrês» que te salto em cima e te faço em três.

[...]

Conto tradicional (texto adaptado)

( ) assinalam _____

« » assinalam _____

[ ] assinalam _____

Completa, agora, o texto seguinte com os sinais de pontuação e os sinais auxiliares de escrita em falta.

O coelho e o macaco eram amigos ☐ mas estavam sempre a atazanar-se um ao outro ☐

O macaco via o coelho ao longe e começava logo ☐

☐ Coelho dentudo ☐ corpo barrigudo ☐ rabo de veludo ☐

O coelho respondia-lhe ☐

☐ Olha o macaco macacão ☐ olhos de sabão ☐ miolos de algodão ☐

☐ ... ☐

Numa ocasião em que o macaco estava a dormir num galho ☐ com a comprida cauda dependurada ☐ o coelho muniu-se de um cacete e zás ☐

Deu-lhe uma pancada com toda a força na cauda ☐

☐ Porque me fizeste isto ☐ traidor ☐ ☐ gritava o macaco ☐

António Torrado, «Bons Amigos» (texto adaptado)

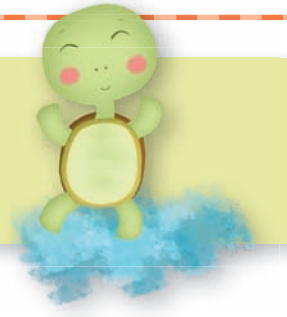

Os **sinais auxiliares de escrita** são sinais gráficos utilizados para assinalar ou destacar elementos de uma frase ou de um texto.

As formas de destaque

As **formas de destaque** são recursos utilizados para pôr em relevo uma palavra, uma frase ou uma parte de um texto. O itálico, o negrito e o sublinhado são algumas dessas formas de destaque.

O **itálico** é usado sobretudo em títulos de livros, jornais e revistas, e para destacar palavras, expressões ou frases de uma língua estrangeira num texto em português.

O **negrito** e o **sublinhado** servem para realçar palavras ou partes do texto.

Forma de destaque	Exemplo
Itálico	Eles apanharam o *ferry* para atravessar o rio.
Negrito	Todos sabiam que era **aquela** a bola roubada.
Sublinhado	O bilhete custa apenas cinco euros.

O André encontrou um folheto na sua escola com o regulamento de um concurso. Lê-o e copia as frases destacadas para o espaço adequado.

> Porque ler é um prazer, a *Visão Júnior* e o Plano Nacional de Leitura organizam uma iniciativa aberta à participação de todas as escolas do Ensino Básico.
> A iniciativa desenrolar-se-á em três fases:
> — **Mostra que és bom a ler** — Responder a três perguntas sobre o conteúdo da *Visão Júnior* desse mês, o Plano Nacional de Leitura e a Rede de Bibliotecas Escolares. As perguntas serão colocadas aqui no *site*.
> — **Mostra que és bom a resumir** — Resumir um artigo publicado na *Visão Júnior*.
> — **Mostra que és bom a escrever** — Cada equipa fará uma reportagem sobre a sua biblioteca.
>
> *In* Revista *Visão Júnior*, 1-10-2009 (adaptado)

Itálico _____

Negrito _____

Sublinhado _____

A configuração gráfica

Para facilitar a leitura de um texto, usam-se **períodos** e **parágrafos**, que organizam o texto e permitem a sua melhor compreensão.

O **período** contém uma ou mais frases e é delimitado por um sinal de pontuação.

O **parágrafo** pode conter um ou mais períodos sobre o mesmo assunto. Distingue-se do período por se iniciar numa nova linha do texto e por ter um avanço em relação à margem esquerda do texto.

O texto a seguir contém dois parágrafos. As frases assinaladas constituem um período.

1.º parágrafo	Era um dia de verão. O Luís estava com o irmão mais novo e com os pais numa praia onde estava muita gente.
2.º parágrafo	Tinham almoçado e os pais disseram o que todos dizem nesta ocasião: «Meninos, não podem ir para a água sem ter a digestão feita.»

José Silva Peneda, *A Praia da Fada,* Girassol Editores

Lê o texto e circunda os parágrafos.

Era uma velha muito velha, muito velha, tão velha que não havia velha mais velha do que ela.

Um dia, estava a velha a ver televisão, num aparelho também muito velho, quando anunciaram que iam fazer um concurso para proclamar a velha mais velha do mundo.

António Torrado, «A Velha mais Velha».

As relações entre palavras

Palavras homónimas

Algumas palavras são semelhantes na forma como se escrevem.

Há palavras que, apesar de terem significados diferentes, se escrevem e se pronunciam da mesma forma. Chamam-se **homónimas**.

Por exemplo, a palavra *manga* pode referir-se a um fruto ou à parte de uma peça de vestuário que cobre o braço.

manga

manga

Palavras homógrafas

Há outras palavras que se escrevem da mesma maneira, mas que se pronunciam de forma diferente. Chamam-se **homógrafas**.

Por exemplo, a palavra *molho* (para pôr na comida) e a palavra *molho* (como em *molho de chaves*) são homógrafas.

Palavras homófonas

Pelo contrário, há palavras que se pronunciam da mesma maneira, mas que se escrevem de forma diferente. Chamam-se **homófonas**.

Por exemplo, a palavra *cem* e a palavra *sem* são homófonas.

Palavras homónimas	Palavras homógrafas	Palavras homófonas
canto (da ave) canto (da sala)	sede (de um clube) sede (de água)	coser — cozer noz — nós
banco (do jardim) banco (de Portugal)	molho (de soja) molho (de grelos)	cento — sento viagem — viajem

Escreve duas frases com a palavra *rio*:

a) uma em que *rio* seja um nome;

_____

b) uma em que *rio* seja uma forma verbal.

_____

Completa o texto com as palavras adequadas.
Escolhe-as de entre as indicadas entre parênteses.

O meu pai deu-nos um _____ (conselho/ /concelho): « _____ (viajem/viagem) o mais que puderem, porque mais vale duas viagens na mão do que _____ (sem/cem) a voar. Cada passeio _____ (trás/traz) consigo muitas delícias para todos _____ (nós/noz). Eu, assim que me _____ (cento/sento) no carro, sonho encontrar lindas paisagens a toda a _____ (ora/hora)!»

As **palavras homónimas** escrevem-se e pronunciam-se da mesma maneira, mas têm significados diferentes.

As **palavras homógrafas** escrevem-se da mesma maneira, mas pronunciam-se de forma diferente, tendo significados também diferentes.

As **palavras homófonas** pronunciam-se da mesma maneira, mas escrevem-se de forma diferente e têm significados também diferentes.

Os nomes

Os **nomes** (ou substantivos) são palavras que designam, normalmente, objetos, ideias ou entidades. Existem **nomes próprios** e **nomes comuns**.

Os nomes próprios

Os **nomes próprios** designam pessoas, animais, lugares e objetos únicos e determinados. Escrevem-se, geralmente, com inicial maiúscula.

Repara na frase: *Eu vivo em Portugal.*

Portugal é um nome próprio porque se refere a um único país, bem determinado, que tem esse nome.

Os nomes comuns

Os **nomes comuns** referem-se a todos os membros de uma classe.

Por exemplo, na frase *Eu tenho um cão*, a palavra *cão* não é um nome próprio, mas um nome comum, porque se refere a todos os animais do mesmo tipo e não a um único cão.

Alguns nomes comuns designam conjuntos de entidades ou de objetos da mesma espécie. São os **nomes coletivos**. Por exemplo, *alcateia* é um nome coletivo porque designa um conjunto de lobos.

Exemplos:

Rita
(nome próprio)

elefante
(nome comum)

amor
(nome comum)

pedra
(nome comum)

rebanho
(nome comum coletivo)

Preenche as molduras seguintes conforme te é indicado e escreve o que te é pedido.

a)

Cola aqui uma imagem de um animal roedor que gosta muito de queijo.

Escreve o seu nome. _____

Classifica esse nome. _____

b)

Cola aqui uma fotografia da tua mãe.

Escreve o seu nome. _____

Classifica esse nome. _____

c)

Cola aqui uma imagem de um conjunto de peixes.

Escreve o seu nome. _____

Classifica esse nome. _____

Completa o quadro.

Nomes	Subclasses
bolacha	
manada	
África	
multidão	nome coletivo
limão	

Faz a correspondência correta.

Nomes coletivos

a) bando ☐
b) cáfila ☐
c) enxame ☐
d) batalhão ☐
e) matilha ☐
f) pomar ☐
g) turma ☐
h) pinhal ☐
i) biblioteca ☐
j) frota ☐
k) constelação [4]
l) olival ☐

Significados

1) conjunto de aves
2) conjunto de livros
3) conjunto de camelos
4) conjunto de estrelas
5) conjunto de abelhas
6) conjunto de soldados
7) conjunto de barcos
8) conjunto de cães
9) conjunto de oliveiras
10) conjunto de pinheiros
11) conjunto de árvores de frutos
12) conjunto de alunos

Os **nomes** podem ser próprios ou comuns.
Os **nomes próprios** designam algo único e determinado.
Os **nomes comuns** referem-se a todos os membros de uma classe.
Alguns nomes comuns chamam-se **coletivos** quando designam um conjunto de entidades ou objetos do mesmo tipo.

Os determinantes

Os nomes, em geral, não aparecem sozinhos na frase. Imagina que alguém diz: Cão *não gosta da Joana*. Como *cão* é um nome comum, pode tratar-se de qualquer cão do mundo. Para os outros nos compreenderem e saberem de que cão se trata, temos de especificar a que cão nos estamos a referir.

Por exemplo: O meu *cão não gosta da Joana*.

Palavras como *o* e *meu* ajudam a determinar o substantivo *cão*. Por isso se chamam **determinantes**.

Repara agora nas frases:

Um *cão não gosta da Joana.*
Este *cão não gosta da Joana.*
Esse *cão não gosta da Joana.*
Aquele *cão não gosta da Joana.*

Nestas frases, o cão não pertence à pessoa que fala, porque ela já não diz *o meu cão*.

Temos, então, de olhar à nossa volta para perceber de que cão se trata:

— se a forma usada for *um*, trata-se de um cão desconhecido;
— se a forma usada for *este*, o cão está próximo de quem fala;
— se a forma usada for *esse*, o cão está próximo da pessoa a quem se fala;
— se a forma usada for *aquele*, o cão está afastado das duas pessoas.

Os determinantes são palavras que vêm quase sempre antes do nome, concordando com ele em género e em número.

Exs.: esse *pinhal*
meus *irmãos*
as minhas *amigas*
aquela *flor*

Os determinantes podem pertencer a diferentes subclasses:

Artigos definidos	o, a, os, as
Artigos indefinidos	um, uma, uns, umas
Determinantes possessivos	meu, minha, teu, tua, …
Determinantes demonstrativos	este, esse, aquele, …

Completa o texto com os determinantes apropriados.

As _____ férias foram em casa dos _____ avós. Todos _____ anos _____ minhas férias são lá. A casa dos _____ avós é grande, mas parece _____ bocadinho pequena. Tem _____ escadas e _____ cave e muito mais quartos do que _____ casa, mas tudo parece _____ bocadinho mais baixo e apertado. Agora já acordei e estou aqui sentado a escrever _____ redação sobre as férias. As minhas férias foram assim.

Jacinto Lucas Pires, *As Minhas Férias*, Cotovia (texto adaptado)

Os **determinantes**, na língua portuguesa, vêm quase sempre antes do nome e concordam com ele em número (singular ou plural) e género (masculino ou feminino).

O meu brinquedo — Os meus brinquedos
A minha irmã — As minhas irmãs

São de vários tipos: **artigos definidos** (*o, a, …*), **artigos indefinidos** (*um, uma, …*), **determinantes possessivos** (*meu, minha, …*) e **determinantes demonstrativos** (*este, aquele, …*).

Os quantificadores numerais

O quantificador **numeral** junta-se ao nome para indicar:

- uma quantidade numérica inteira — **numeral cardinal**:
  Ex.: *Tenho três lápis.*
- um múltiplo de uma quantidade — **numeral multiplicativo**:
  Ex.: *Tenho o triplo dos lápis que tinha.*
- uma fração de uma quantidade — **numeral fracionário**.
  Ex.: *Tenho um terço dos lápis que tinha.*

Quantificadores numerais

Cardinais	Multiplicativos	Fracionários
três (3)	triplo (3 ×)	um terço $\left(\frac{1}{3}\right)$
quatro (4)	quádruplo (4 ×)	dois quartos $\left(\frac{2}{4}\right)$
cinco (5)	quíntuplo (5 ×)	um quinto $\left(\frac{1}{5}\right)$

Completa as legendas usando um numeral (cardinal, fracionário e multiplicativo, respetivamente).

a)

_____

b)

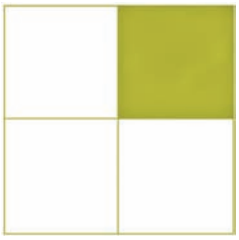

_____ *do quadrado é verde.*

c)

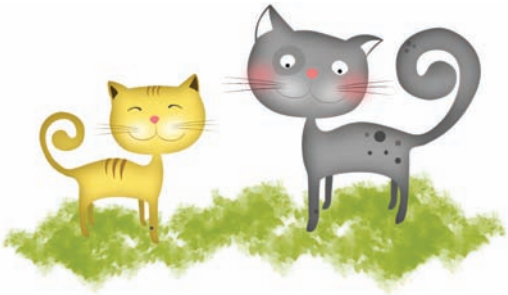

2 kg 4 kg

O gato da direita pesa _____ *do da esquerda.*

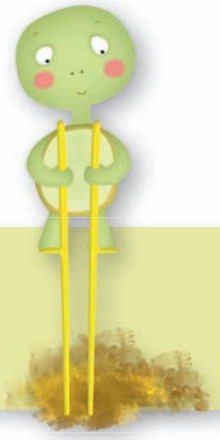

Os **numerais** informam-nos sobre a quantidade dos elementos que são designados pelo nome. Podem ser cardinais, multiplicativos ou fracionários.

Os adjetivos qualificativos

Os **adjetivos qualificativos** atribuem a um nome uma qualidade ou uma propriedade.

pássaros	*coloridos*
↓	↓
nome	adjetivo

flores	*perfumadas*
↓	↓
nome	adjetivo

patos	*felizes*
↓	↓
nome	adjetivo

Os adjetivos qualificativos são importantes para descrever as características dos objetos, das entidades ou das situações.

Lê o texto.

Em tempos muito antigos, no Japão, havia uma árvore enorme que crescia numa ilha muito pequenina.

O povo dessa ilha sentia-se feliz e orgulhoso por possuir uma árvore tão grande e tão bela. Até os viajantes que por ali passavam diziam que nunca tinham visto uma árvore com a copa tão frondosa e bem formada.

Mas com o passar do tempo surgiu um problema terrível porque a árvore tinha crescido tanto, os seus ramos tinham-se tornado tão compridos, a sua folhagem tão espessa e a sua copa tão larga que, durante o dia, metade da ilha ficava à sombra.

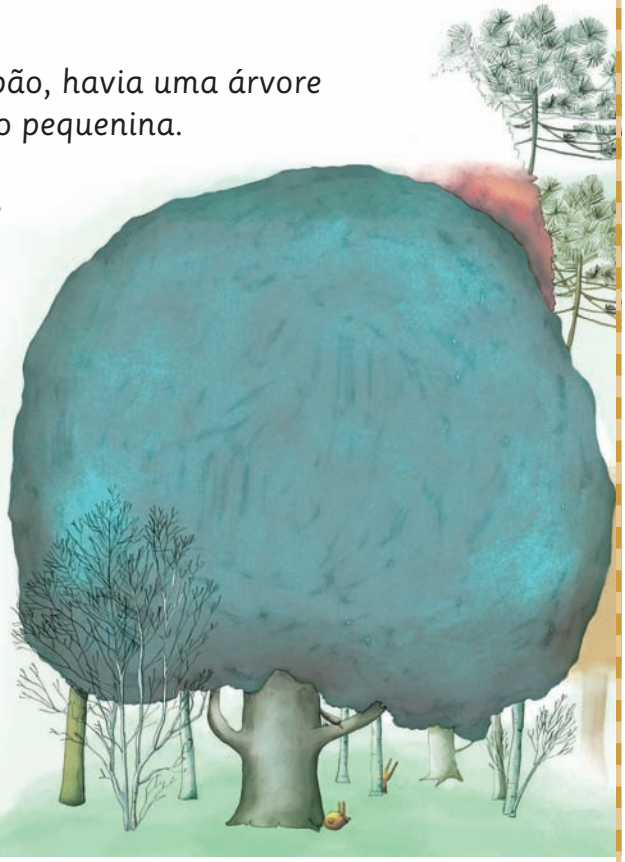

Sophia de Mello Breyner Andresen,
A Árvore, Figueirinhas (texto adaptado)

A autora do texto usa muitos adjetivos. Copia para o quadro os adjetivos que qualificam os nomes indicados.

Nomes	Adjetivo(s)
árvore	
ilha	
povo	
copa	
problema	
ramos	
folhagem	

Os **adjetivos qualificativos** alteram a interpretação dos nomes, atribuindo-lhes uma qualidade ou uma característica.

Geralmente, surgem depois do nome que qualificam, mas podem também ocorrer antes.

Os **adjetivos qualificativos** podem ser substituídos por outros com significado equivalente.

Lê o texto e presta atenção às palavras destacadas.

Do cimo do algeroz que descia ao longo do prédio, rente ao parapeito da varanda, caía um fio grosso de chuva, sem interrupção, como uma corda de brilhantes, que vinha bater num dos vasos, abrindo-lhe uma cova na terra, com um barulho de lata velha e coisas esborrachadas, fazendo dobrar um pobre trevo que ali crescia, abandonado e raquítico. O trevo endireitava-se quando a água mudava de direção, para voltar a curvar-se com o peso brutal do fio da chuva.

Ricardo Alberty,
O Príncipe de Ouro e Outras Histórias,
Editorial Verbo

Repara agora nos adjetivos com significado equivalente registados no esquema seguinte.

grosso	velha	esborrachadas	pobre	abandonado	raquítico	brutal
↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓
espesso	desgastada	esmagadas	infeliz	esquecido	atrofiado	violento

Completa o texto seguinte com os adjetivos que aparecem na lista abaixo, de forma a obteres um texto com sentido.

antiga	bonita	tardia
iluminada	invisíveis	desertas
físico	solitário	autêntico

Tinham ultrapassado a zona que rodeava a Quinta das Lágrimas e viraram à direita, encaminhando-se para a ponte sobre o rio Mondego.

Apesar da hora _____ e do esforço _____ que acabavam de fazer, não sentiam cansaço, e o facto de as ruas se encontrarem praticamente _____ não lhes metia medo.

A cidade que se erguia em espiral na outra margem, com a torre do sino da Universidade lá bem no alto, _____ por focos _____ e pela luz do luar, pareceu-lhes ainda mais _____ . Apetecia-lhes o passeio _____ pela parte _____ , não lhes faltava ânimo para subirem as vielas que conduziam ao Albergue da Juventude, transbordavam energia como se lhes corresse nas veias _____ sangue de tigre. O pior era a fome que voltava a atormentá-los.

Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada,
Uma Aventura na Quinta das Lágrimas, Editorial Caminho

Os **adjetivos** são muito importantes num texto. Ajudam a descrever pessoas, objetos e paisagens, e mostram os sentimentos e as opiniões de quem fala. Podem ser substituídos por outros adjetivos com significado equivalente, o que permite não repetir palavras.

Os **adjetivos qualificativos** são essenciais num **retrato**. As palavras destacadas no texto seguinte são adjetivos e caracterizam a personagem Lourença: ajudam a fazer o seu retrato.

Quando Lourença voltou para o colégio, estava muito modificada. Já não merecia o nome de Dentes de Rato, porque eles tinham-lhe caído e tinha outros novos, mais redondos e fortes. Falco ficava um bocado amuado quando ela o convidava a apreciar a bonita dentadura que agora tinha.

Agustina Bessa-Luís, *Dentes de Rato*, Guimarães

Completa o quadro com os adjetivos do texto.

Se penso em Marie não posso deixar de a relacionar com aquela primavera e com todas as primaveras: o corpo delicado, o rosto de grandes olhos castanhos em que havia um espanto permanente, o cabelo cor de ouro. Marie não usava vestidos de corte requintado como a minha mãe e Lili, mas apenas blusas claras e graciosas.

Ilse Losa, *O Mundo em Que Vivi*, Afrontamento

Nome	corpo	olhos	espanto	corte	blusas
Adjetivo(s)					

Faz agora o retrato de um colega da tua classe.

O meu colega chama-se _____.
É _____ (alto/baixo). Tem cabelo _____ (castanho/loiro), _____ (liso/encaracolado/ondulado) e _____ (curto/comprido). O seu rosto é _____ (oval/ /redondo/comprido). Tem olhos _____ (castanhos/verdes/azuis). É _____ (simpático/brincalhão/divertido/inteligente/...).

Os **adjetivos qualificativos** permitem fazer descrições de paisagens, objetos, pessoas, personagens, ... Ajudam também a fazer o retrato físico e psicológico de alguém.

Os pronomes

Os **pronomes** são palavras que ocorrem no lugar dos nomes, substituindo-os. Repara nas palavras destacadas no texto seguinte.

A palmeira deixa cair as folhas
e os frutos quando estes amadurecem.
O Papalagui vive como uma palmeira
que retivesse folhas e frutos, dizendo:
«São meus! Não tendes o direito
de os apanhar ou de os comer!»
Como faria ela então, quando
viessem os novos frutos?
A palmeira é bem mais sensata
do que o Papalagui.

O Papalagui (recolha de Erich Scheurmann, tradução de Luiza Neto Jorge), Antígona

As palavras destacadas no texto são pronomes. Cada um substitui um ou mais nomes (que são os seus antecedentes).

Pronomes	Subclasses	Antecedentes
estes	Pronome demonstrativo	frutos
meus	Pronome possessivo	folhas e frutos
os	Pronome pessoal	frutos
ela	Pronome pessoal	palmeira

Lê o texto seguinte e reescreve-o substituindo as expressões destacadas por pronomes pessoais, demonstrativos ou possessivos adequados (se precisares de ajuda, consulta a página 128).

Todos os meninos saíram para o jardim. Todos os meninos queriam brincar com o cão que tinha aparecido por ali nessa manhã. Mas o cão que tinha aparecido ali nessa manhã estava a correr furiosamente atrás do Fiel, o cão do Jaime.

Aflito, o Jaime gritou:

— Venham cá, pestinhas! E tu, forasteiro, deixa o Fiel, que o Fiel é o meu cão.

Classifica os pronomes que usaste.

Pronomes pessoais	
Pronomes possessivos	
Pronomes demonstrativos	

Os **pronomes** são, muitas vezes, usados para substituir nomes já referidos antes (antecedentes), evitando, assim, a repetição de palavras num texto.

Pronomes

- **Pessoais**
- **Possessivos**
- **Demonstrativos**

Os verbos

Os verbos são palavras muito importantes na frase. Qualquer frase tem, pelo menos, um verbo.

Exs.: Para!
Tenho dois irmãos.

Os verbos muitas vezes designam ações, como *brincar*, *correr*, *entrar* ou *abraçar*.

Mas também podem referir-se a outros acontecimentos e a outras situações que não são ações, como *morrer*, *dormir* ou *compreender*.

Podem, ainda, indicar estados, que são situações que se mantêm durante um certo tempo sem se alterarem, como *ser*, *estar*, *saber* ou *morar*.

Por vezes, a mesma frase tem dois verbos: um **verbo principal** e um **verbo auxiliar**. Repara nas seguintes frases:

A Joana está a brincar no jardim.
A Joana tem brincado bastante.
A Joana vai brincar com a mãe.

Nestas frases, o verbo principal é *brincar*. É o verbo que dá a informação principal sobre a situação.

As formas verbais *está*, *tem* e *vai* são formas dos verbos *estar*, *ter* e *ir*, que são aqui verbos auxiliares do verbo principal *brincar*. «Auxiliam», dando informações, por exemplo, sobre o tempo em que as coisas acontecem.

Os verbos da língua portuguesa podem:

- acabar em ***-ar***: *pintar*, *falar*, *abraçar*, …
- acabar em ***-er***: *beber*, *vender*, *perder*, …
- acabar em ***-ir***: *partir*, *subir*, *desistir*, …
- acabar em ***-or***: *compor*, *propor*, *supor*, …

O verbo pode mudar de forma consoante a pessoa, o número, o tempo e o modo em que está a ser conjugado. Por isso, podemos dizer que o mesmo verbo pode ter várias **formas verbais**.

Repara nas seguintes frases:

O João brinca muito.

O João brincou muito.

O João brincava muito.

O João e a Joana brincavam muito.

Eu e o João brincávamos muito.

As palavras destacadas são **formas verbais** do mesmo verbo: o verbo *brincar*.

Lê o texto e completa o quadro.

Muge a vaca, berra o touro,
Grasna a rã, ruge o leão,
O gato mia, uiva o lobo,
Também tem ladrado o cão.

A fala foi dada ao homem,
Rei dos outros animais.

Pedro Diniz, *Tesouro Poético da Infância*, Publicações Dom Quixote (texto adaptado)

Forma verbal	Verbo no infinitivo	Verbo principal	Verbo auxiliar
muge	mugir	×	—

Escreve uma legenda para cada parte da história, não esquecendo que o verbo é um constituinte essencial da frase.

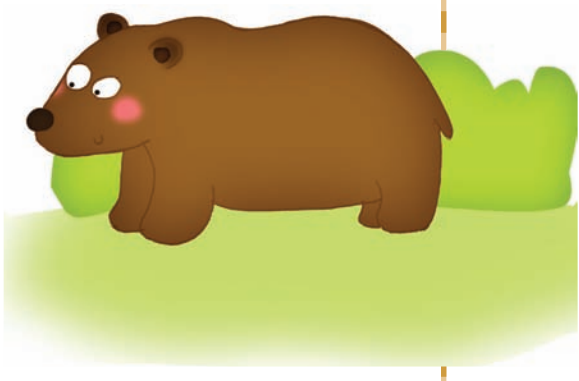

Os meninos brincavam no jardim. _____

_____ _____

O urso brincou com os meninos no jardim. _____

Agora, copia as frases pela ordem em que estão. Se achares necessário, faz algumas alterações para compor um texto. Ficarás com uma história da tua autoria.

Circunda os verbos que utilizaste nesta tua história.

Os **verbos** são elementos muito importantes das frases. Podem designar ações, eventos ou estados.

Algumas frases têm verbos principais e verbos auxiliares.

Na língua portuguesa, os verbos podem terminar em *-ar*, *-er*, *-ir* ou *-or*.

Palavras variáveis e palavras invariáveis

Há palavras que apresentam formas diferentes, de acordo com o número, a pessoa, o tempo ou o modo — são palavras **variáveis**.

O menino e a menina vão satisfeitos para a escola.
Lá eles aprendem muitas coisas novas.

Repara nas seguintes palavras variáveis retiradas do texto acima.

o/a	menino/menina	satisfeito/satisfeitos
muita/muitas	ele/eles	vai/vão
coisa/coisas	nova/novas	

Existem outras palavras que apresentam uma só forma — são palavras **invariáveis**. É o caso das palavras seguintes.

e	para	quando	ontem
lá	amanhã	até	porque

Preenche o quadro com as palavras variáveis e as palavras invariáveis da frase seguinte.

A professora recebe o aluno novo e diz-lhe para se sentar frente a ela.

Palavras variáveis		Palavras invariáveis	
A		e	
professora			

Lê a frase e circunda as palavras invariáveis.

O João fica contente e satisfeito porque aprende muito.

Agora, reescreve a frase começando por:

a) A Mariana _____

b) O João e a Mariana _____

_____

c) Ontem, o João e a Mariana _____

_____

As palavras que podem apresentar várias formas (masculino, feminino, singular, plural, …) são **palavras variáveis**.

As palavras que nunca mudam de forma são **palavras invariáveis**.

Variação dos nomes

Variação em género

Os **nomes** são palavras que podem variar em **género**. Podem ser masculinos ou femininos.

Neste Carnaval, a filha da Mariana vestiu-se de Carochinha e a sua amiga fantasiou-se de Capuchinho Vermelho. A Mariana foi a condutora que as levou à escola para irem no cortejo. Quando chegaram, o professor já as esperava e brincou, sorridente:

— Que lindas meninas! Já encontraram noivo?

Madalena Relvão e Graça Trindade

Repara que os nomes destacados podem variar quanto ao género:

filha/filho
amiga/amigo
condutora/condutor
professor/professora
meninas/meninos
noivo/noiva

Há nomes que não mudam de forma, mas que pertencem ao género masculino ou ao género feminino, pois, antes deles, podemos colocar um determinante masculino ou feminino, respetivamente:

o Carnaval
a Mariana
a escola
o cortejo

Preenche o quadro com os nomes que encontrares no texto seguinte.

A Páscoa vem recheada
De ovos e coelhinhos
E os afilhados recebem
Muitas prendas dos padrinhos!

Género	
Masculino	Feminino
_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____

Descobre o intruso! Nos conjuntos de nomes seguintes, circunda o nome que é masculino.

a) telemóvel — televisão — aparelhagem

b) amêndoa — goma — pastilha — rebuçado

c) régua — lápis — caneta — borracha

Os **nomes** podem pertencer ao **género masculino** ou ao **género feminino**. O género dos nomes de pessoas e de animais é determinado, quase sempre, pelo sexo a que pertencem.

Podemos saber o género dos nomes se colocarmos antes um determinante. Se o determinante for feminino (*a*, *uma*, …), o nome pertence ao **género feminino** (*a imagem*).

Se o determinante for masculino (*o*, *os*, …), o nome pertence ao **género masculino** (*o mapa*).

O **feminino** dos nomes pode formar-se de diferentes maneiras.

- Na maioria dos nomes que terminam em *-o*, o feminino forma-se mudando a vogal final para *-a*.
  Exs.: *noivo/noiva*
  gato/gata
- Quando o nome acaba em consoante, acrescenta-se um *-a* à forma do masculino.
  Exs.: *professor/professora*
  português/portuguesa
- Com certos nomes, a forma feminina obtém-se através de modificações particulares no final do nome.
  Exs.: *ator/atriz*
  príncipe/princesa
- No caso de alguns animais, acrescenta-se à direita do nome *macho* para referir o sexo masculino ou *fêmea* para referir o sexo feminino.
  Exs.: *rouxinol-macho/rouxinol-fêmea*
  cobra-macho/cobra-fêmea
- Por vezes, para indicar uma diferença de sexo, usam-se palavras diferentes.
  Exs.: *pai/mãe*
  cão/cadela
- Alguns nomes apresentam a mesma forma no masculino e no feminino. Neste caso, é através do género do determinante que sabemos o género do nome.
  Exs.: *o estudante/a estudante*
  o jornalista/a jornalista

Género masculino	Género feminino
noivo	noiva
português	portuguesa
ator	atriz
rouxinol-macho	rouxinol-fêmea
pai	mãe
estudante	

Descobre dez palavras no género feminino: cinco na horizontal e cinco na vertical.

T	R	A	G	A	T	A	A	D	O	R	A
I	A	T	N	Q	A	R	T	I	R	S	B
C	B	R	M	L	A	A	T	N	X	Z	E
L	D	I	C	O	L	B	S	A	U	V	L
D	G	Z	E	P	U	I	R	M	Ã	Q	H
A	H	Z	V	F	N	I	I	A	P	O	A
I	A	Z	X	G	A	D	P	R	C	U	B
F	C	F	F	B	A	F	A	Q	M	N	G
P	O	E	T	I	S	A	T	U	L	V	L
L	O	R	U	T	S	I	O	E	C	Z	E
P	M	P	R	I	N	C	E	S	A	S	O
N	O	P	I	N	T	O	R	A	X	T	A

Agora, escreve as palavras correspondentes no género masculino.

Os nomes podem formar o **feminino** de várias maneiras. Normalmente, muda apenas a terminação (*aluno/aluna*, *pintor/pintora*), mas existem muitas exceções (*rei/rainha*, *boi/vaca*).

Variação em número

Os nomes podem variar em número (singular e plural).

Subindo dos vastos vales e descendo pelas colinas, os animais desfilavam pela planície fora. As chitas, os mais velozes de todos, abriam caminho. Silenciosas, as girafas, seguidas pelas suas desengonçadas crias, galopavam lado a lado com manadas de zebras excitadas. Na retaguarda, batalhões de babuínos tagarelas levavam os vivaços filhotes às costas.

O Rei Leão, Editorial Verbo (texto adaptado)

Nomes no singular (um só)	planície, caminho
Nomes no plural (mais do que um)	vales, colinas, animais, chitas, girafas, crias, manadas, zebras, batalhões, babuínos, filhotes

Descobre dez nomes no singular: cinco na horizontal e cinco na vertical. Depois, escreve-os.

M	U	L	T	I	D	Ã	O	C	A	V	Q
Ã	O	A	J	I	T	S	N	A	R	I	Z
O	M	V	H	L	A	R	Q	M	B	S	R
L	U	R	G	P	E	D	C	P	O	M	T
P	N	A	V	A	C	L	V	O	Z	U	A
M	A	D	B	P	T	D	J	N	N	V	N
Z	H	O	M	E	M	A	I	Ê	K	X	Z
X	U	R	F	L	G	I	J	S	O	P	O
C	A	P	I	T	Ã	O	L	N	M	Q	L

Os **nomes** que designam um só objeto, uma só ideia ou uma só entidade estão no **singular**.

Os **nomes** que designam mais do que um objeto, mais do que uma ideia ou mais do que uma entidade estão no **plural**.

Na escrita, o **plural** dos nomes pode formar-se de várias maneiras.

- Aos nomes terminados em vogal acrescenta-se um *-s*.
  Ex.: *zebra/zebras*
- Aos nomes terminados em consoante (*r*, *s* ou *z*) acrescenta-se *-es*.
  Ex.: *professor/professores*
- Os nomes terminados em *-ão* fazem o plural de três modos:
  — *-ões* (muda a terminação e acrescenta-se um *-s*): *batalhões*
  — *-ães* (muda a terminação e acrescenta-se um *-s*): *capitães*
  — *-ãos* (mantém-se o ditongo *-ão* e acrescenta-se um *-s*): *mãos*
- Os nomes que terminam em *-al*, *-el*, *-il*, *-ol* ou *-ul* fazem geralmente o plural em *-ais*, *-éis/eis*, *-óis* ou *-uis*.
  Exs.: *jornal/jornais*
  papel/papéis
  réptil/répteis
  anzol/anzóis
  azul/azuis
- Os nomes que terminam em *-m* fazem o plural em *-ns*, perdendo o *-m* do singular.
  Ex.: *homem/homens*
- Certos nomes têm a mesma forma no singular e no plural.
  Ex.: *um lápis/três lápis*
- Há nomes que se usam apenas no plural.
  Ex.: *calças*

Singular	Plural
zebra	zebras
professor	professores
batalhão	batalhões
capitão	capitães
mão	mãos
jornal	jornais
homem	homens
lápis	

Indica o nome no singular das flores representadas nas imagens.

a) _____

b) _____

c) _____

d) _____

e) *jasmim*

f) _____

Agora, escreve os nomes no plural.

a) _____ b) _____ c) _____

d) _____ e) _____ f) *túlipas*

Os nomes formam o **plural** de várias maneiras. Na escrita, a forma mais comum consiste em acrescentar um *-s* (*aluno/alunos*).

Há nomes que têm a mesma forma no singular e no plural (*lápis*) e outros que só se usam no plural (*calças*).

Variação em grau

Os nomes podem apresentar **variação em grau**.

Repara nos nomes destacados.

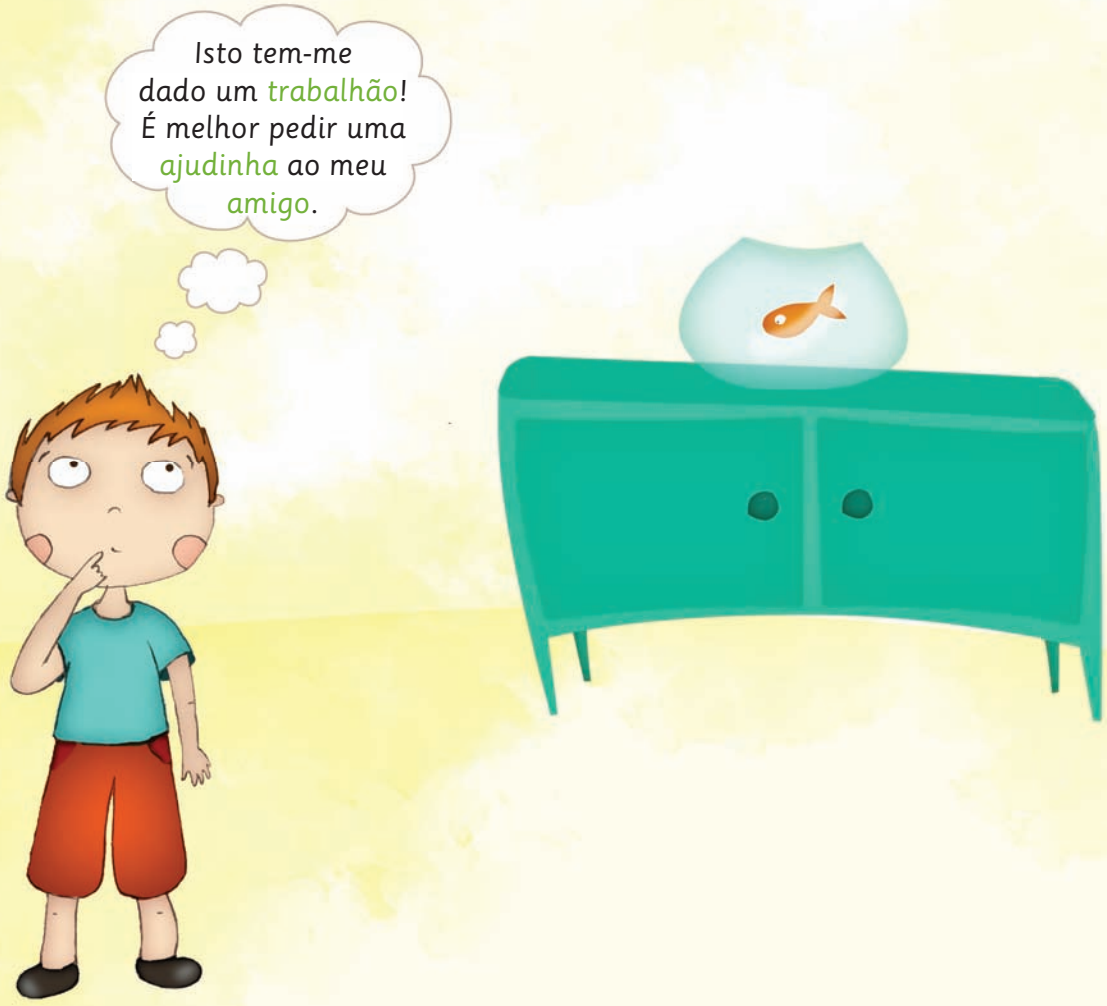

O nome *amigo* encontra-se no **grau normal**.

O nome *ajudinha* encontra-se no **grau diminutivo**; significa «pequena ajuda».

O nome *trabalhão* encontra-se no **grau aumentativo**; significa «grande trabalho».

Grau normal	Grau diminutivo	Grau aumentativo
amigo	amiguinho	amigalhaço
casa	casinha	casarão
trabalho	trabalhinho	trabalhão
sapato	sapatinho	sapatão

Coloca os nomes abaixo na coluna respetiva.

riacho | canzarrão | ovinho | muralha | jornaleco

bigodeira | rapagão | burrico | ratito | bocarra

Grau normal	Grau diminutivo	Grau aumentativo
praça	praceta	
corpo		corpanzil
muro		
rapaz		
rio		
jornal		
bigode		
ovo		
burro		
cão		
boca		
rato		

O nome pode apresentar variação em **grau**: normal, diminutivo ou aumentativo.

O **grau diminutivo** pode exprimir uma ideia de pequenez (*livrinho*), mas também serve para transmitir afetividade (*mãezinha, filhinho, velhinho*).

O **grau aumentativo** pode exprimir uma ideia de grandeza (*casarão*), mas também serve para transmitir uma ideia de desagrado (*bocarra*).

Variação dos adjetivos

Variação em género

O **adjetivo** pode apresentar **variação em género**.
Repara nos adjetivos destacados no texto.

Era um belo espetáculo, a vida em torno, agitada ou mansa. Botões nasciam perfumados e desabrochavam em flores radiosas, pássaros voavam entre trinados alegres, pombos arrulhavam amor, ninhadas de pintos recém-nascidos seguiam o cacarejar de orgulhosa galinha, o grande Pato Negro fazia a corte à linda Pata Branca, banhando-a na água clara do lago.

Jorge Amado, *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá*, Publicações Dom Quixote (texto adaptado)

Nomes	Adjetivos	
	Masculino	Feminino
espetáculo	belo	—
vida	—	agitada, mansa
botões	perfumados	—
flores	—	radiosas
pintos	recém-nascidos	—
galinha	—	orgulhosa
água	—	clara

Os adjetivos listados acima apresentam uma forma para o género masculino e uma forma para o género feminino.

Há também adjetivos que não variam em género, ou seja, a forma masculina e a forma feminina são iguais.

Exs.: o pato alegre/a pata alegre
o homem elegante/a mulher elegante

Associa um nome a um adjetivo e escreve-os.

a) gata ☐

b) cão ☐

c) raposa ☐

d) pássaros ☐

e) pato ☐

1) marreco _____

2) coloridos _____

3) espertalhona _____

4) amigo _____

5) pachorrenta _____

Os adjetivos geralmente apresentam uma forma para o masculino e outra para o feminino — são **biformes** quanto ao género (*lindo/linda*).

Porém, há adjetivos que apresentam a mesma forma para o masculino e para o feminino — são **uniformes** quanto ao género (*valente*).

Variação em número

O **adjetivo** pode apresentar **variação em número** (singular e plural).

Queria ser o chefe sioux
Com penas da cabeça aos pés,
Ter a machadinha cintilante
E alguns amuletos a brilhar.
Para reunir a tribo inteira
Ele assobiava com força: U-U! U-U!
E depois de combates violentos,
Dançava, à noite, à volta do fogo!

Isabelle Schreiber, *Mariazinha Jornalista*, Editorial Verbo

A forma do adjetivo depende da forma do nome com que se relaciona.

a machadinha **cintilante** a tribo **inteira**	combates **violentos**
O adjetivo tem a forma singular quando o nome é singular.	O adjetivo tem a forma plural quando o nome é plural.

Associa os nomes e os adjetivos indicados de acordo com as características do chefe sioux.

a) face ☐ **b)** braços ☐ **c)** cabelos ☐ **d)** nariz ☐ **e)** olhos ☐

1) negros **2)** pintada **3)** fortes **4)** castanhos **5)** grande

O adjetivo fica no singular quando o nome a que se refere é singular; fica no plural quando o nome a que se refere é plural.

Variação em grau

Os **adjetivos variam em grau**. Repara nas frases seguintes.

O João é esperto.

O João é espertíssimo.

Na primeira frase, estamos a atribuir uma qualidade ao João, que é ser esperto. Na segunda frase, estamos a aumentar muito o grau de esperteza do João.

Diz-se que o adjetivo *esperto* tem uma variação em grau.

Há outros modos de indicar os graus dos adjetivos, por exemplo juntando-lhes palavras que permitem fazer comparações.

Repara na frase:

O João é mais esperto do que o Manuel.

No quadro seguinte, encontras os vários graus dos adjetivos.

Grau			Exemplo
Normal			O tigre é **gordo**.
Comparativo de	Superioridade		O tigre é **mais gordo do que** o gato.
	Igualdade		O gato é **tão gordo como** o coelho.
	Inferioridade		O rato é **menos gordo do que** o gato.
Superlativo	Relativo de	Superioridade	O tigre é **o mais gordo** de todos os animais.
		Inferioridade	O rato é **o menos gordo** de todos os animais.
	Absoluto	Sintético	O tigre é **gordíssimo**.
		Analítico	O tigre é **muito gordo**.

Lê o texto.

A baleia é muito pesada.
É o animal mais pesado do mundo.
A baleia é tão pesada como um camião,
mas é menos pesada do que um avião.

Escreve os graus em que se encontra o adjetivo *pesado*.

_____

_____

_____

_____

Identifica os adjetivos das frases que se seguem e diz em que grau se encontram.

a) Este lápis é mais comprido do que esse.

Adjetivo: _____ Grau: _____

b) A rosa é lindíssima.

Adjetivo: _____ Grau: _____

c) O Raul está alegre.

Adjetivo: _____ Grau: _____

d) Quero comprar o caderno menos caro da loja.

Adjetivo: _____ Grau: _____

e) Fiquei tão feliz como tu com essa notícia.

Adjetivo: _____ Grau: _____

Completa as frases seguintes usando os adjetivos indicados no grau que é pedido.

a) Aquele saco é _____ este.
(**pesado** — grau comparativo de igualdade)

b) A minha mãe é _____.
(**bonita** — grau superlativo absoluto analítico)

c) Essa árvore é _____ da floresta.
(**alta** — grau superlativo relativo de superioridade)

Os adjetivos podem variar em grau: **normal**, **comparativo** (de igualdade, de superioridade e de inferioridade), **superlativo relativo** (de superioridade e de inferioridade) e **superlativo absoluto** (analítico e sintético).

Variação dos pronomes

Variação em pessoa, em género e em número

Os **pronomes** podem apresentar **variação** em **pessoa**, em **género** e em **número**.

Lê o texto e repara nas palavras destacadas.

Mais um dia de escola. À entrada, os colegas de turma encontram-se.
— Olá a todos! — diz o João.
— Olá! — respondeu o Tomás. — Ontem, tu viste o jogo da nossa seleção?
— Claro! Eu fiquei em casa com o meu irmão a vê-lo.
— E tu? Quem esteve contigo? Não me digas que ficaste sozinho?!
— Não, os meus pais estiveram comigo a torcer pela equipa. Jogou mesmo muito bem! Vamos apoiá-la no próximo jogo com o Brasil! — exclamou ele cheio de felicidade.
— E hoje vais ao treino connosco, João?
— Não posso. Vêm os colegas de Itália e tenho de os receber e jantar com eles.

Madalena Relvão e Graça Trindade

As palavras destacadas no texto que leste na página anterior são pronomes pessoais em diferentes pessoas e números. Verifica como estão colocados no quadro que se segue.

Pronomes pessoais			
Pessoa		Função sintática	
		Sujeito	Complemento direto
Singular	1.ª	eu	me
	2.ª	tu	te
	3.ª	ele/ela	o/a
Plural	1.ª	nós	nos
	2.ª	vós	vos
	3.ª	eles/elas	os/as

Repara agora nas palavras destacadas no texto seguinte.

Fomos ao circo. Todos os meninos estavam com os seus pais e eu estava com os meus. Os palhaços tinham o nariz tão vermelho como o meu.

Os leões não queriam sair da jaula porque essa casa era a sua.

Os meus pais compraram chupa-chupas, mas não comeram os seus.

Pediram-me, a brincar:

— Dá-me o teu!

Se fossem vocês, o que fariam com os vossos?

No fim do espetáculo, comprámos pipocas e cada um comeu as suas.

Madalena Relvão e Graça Trindade

As palavras destacadas no texto que leste são pronomes possessivos em diferentes pessoas, géneros e números. Verifica como estão colocadas no quadro que se segue.

Pronomes possessivos					
Pessoa		Singular		Plural	
		Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Singular (um possuidor)	1.ª	meu	minha	meus	minhas
	2.ª	teu	tua	teus	tuas
	3.ª	seu	sua	seus	suas
Plural (vários possuidores)	1.ª	nosso	nossa	nossos	nossas
	2.ª	vosso	vossa	vossos	vossas
	3.ª	seu	sua	seus	suas

Sublinha os pronomes pessoais no texto seguinte.

O velho desatou a rir.

— É verdade, eu menti-te, não era um marinheiro mas um guarda. Para combater o tédio e para me aguentar em pé, lia sem parar. O mar, não o vi senão em postais, e agora, jamais o poderei ver; porém, quando estou aqui sentado no banco — sozinho na escuridão — à minha frente vejo todos os mares do mundo. Vejo-os e sinto-lhes o odor e a salitre, distingo as brisas leves das que anunciam a tempestade.

Susanna Tamaro, *O Menino Que não Gostava de Ler,* Editorial Presença

Preenche o quadro com os pronomes que sublinhaste.

Pronomes pessoais		
Pessoa	Número	
	Singular	Plural
1.ª		
2.ª		
3.ª		

Faz a correspondência entre os nomes e os pronomes que os podem substituir.

a) O João [5]
b) A Ana e a Rita [ ]
c) Eu e tu [ ]
d) Tu e o Jorge [ ]
e) A Joana [ ]

1) Vós/Vocês
2) Ela
3) Elas
4) Nós
5) Ele

Os **pronomes pessoais** e os **pronomes possessivos** podem variar em número (singular e plural), em género (masculino e feminino) e em pessoa (1.ª, 2.ª e 3.ª).

Os pronomes pessoais variam ainda de acordo com a função sintática que desempenham (sobre as funções sintáticas, consulta as páginas 100-102).

Variação dos verbos

O **verbo** é uma palavra variável: pode mudar de forma consoante a pessoa, o número, o tempo e o modo em que está a ser conjugado.

Conjugação verbal

As palavras destacadas no texto seguinte são verbos no **infinitivo**.

O Gato Malhado teve vontade de dizer algo à Andorinha Sinhá. Sentou-se no chão, alisou os bigodes, apenas perguntou:

— Tu não fugiste com os outros?

— Eu? Fugir? Não tenho medo de ti, os outros são todos uns covardes... Tu não me podes alcançar, não tens asas para voar, és um gatarrão ainda mais tolo do que feio. E olha lá que és feio...

Jorge Amado, *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá*, Publicações Dom Quixote (texto adaptado)

A vogal final do infinitivo permite distinguir as **três conjugações verbais**.

1.ª conjugação (-*ar*)	2.ª conjugação (-*er*)	3.ª conjugação (-*ir*)
cantar	beber	abrir
dançar	correr	dormir
voar	ler	fugir

Os verbos *pôr, propor, dispor* e outros terminados em *-or* também pertencem à 2.ª conjugação.

Coloca os verbos na coluna correta.

andar rir fazer estudar partir
ler jogar escrever brincar sorrir

1.ª conjugação (-*ar*)	2.ª conjugação (-*er*)	3.ª conjugação (-*ir*)

Sublinha, no texto seguinte, os verbos que estão no infinitivo.

Para reaver a fala, a Árvore-Pirata foi obrigada a confessar que não tinha a mensagem. Para a conseguir, as cores teriam de passar pelo estreito tronco oco, que dormia a uns passos dali: a mensagem estava escondida no seu interior. As cores ficaram paralisadas com o que ouviram.

Pedro Rosário *et al.*, *Sarilhos do Amarelo*, Porto Editora

Escreve as formas dos verbos que sublinhaste na coluna da respetiva conjugação.

1.ª conjugação	2.ª conjugação	3.ª conjugação

Os **verbos** agrupam-se em **três conjugações** (1.ª, 2.ª e 3.ª), de acordo com a terminação do infinitivo.

Variação em pessoa e em número

O verbo apresenta **variação em pessoa** (1.ª, 2.ª e 3.ª) **e em número** (singular e plural).

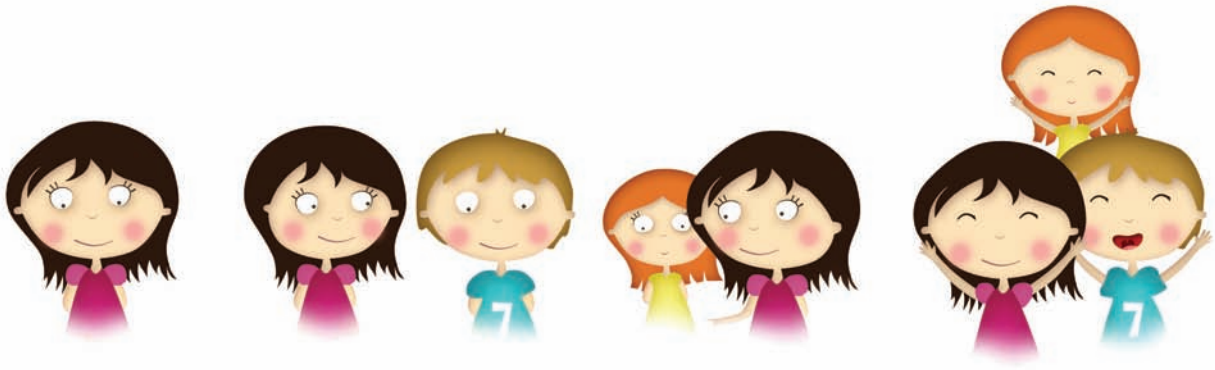

eu escuto *tu escutas* *ela escuta* *nós escutamos*

Completa o quadro com as formas do verbo *escutar*.

Número	Pessoa gramatical	Verbo *escutar*
Singular	1.ª — eu	escuto
	2.ª — tu	
	3.ª — ele, ela	
Plural	1.ª — nós	
	2.ª — vós	
	3.ª — eles, elas	

Completa as frases usando formas do verbo *saltar*.

a) Tu _____ muitas vezes.

b) Nós _____ à corda.

c) Eles _____ o muro.

O verbo é uma palavra variável. Apresenta variação em **pessoa** (1.ª, 2.ª e 3.ª) e em **número** (singular e plural).

Variação em tempo

O **verbo** apresenta também **variação em tempo**. O tempo do verbo indica se a ação, o acontecimento ou o estado expressos pelo verbo se situam no **presente**, no **passado** ou no **futuro**.

Lê o texto e repara nas palavras destacadas.

Era uma vez um cão rafeiro chamado Dandy. Descendia do rafeiro Asu e da rafeira Ramina. Não podia, por isso, ser mais autenticamente rafeiro. O que não tem mal. Antes pelo contrário. Hoje sabemos que os rafeiros são tão inteligentes e habilidosos como os seus parentes fidalgos. Dandy tinha o pelo dourado e a cauda branca. Foi oferecido a um menino chamado Ferdinando e tinha, nessa altura, por aí um meio ano de idade. Dandy e Ferdinando simpatizaram logo um com o outro.

Um dia Ferdinando disse-lhe:

— Tratarei muito bem de ti e brincaremos sempre juntos.

Ilse Losa, *O Rei Rique e Outras Histórias*, Porto Editora (texto adaptado)

As palavras destacadas estão em diferentes tempos verbais.

tem sabemos são disse

presente
(o verbo expressa algo que se está a realizar no momento em que se fala)

era descendia podia tinha

pretérito imperfeito
(o verbo expressa algo que era habitual no passado)

foi simpatizaram

pretérito perfeito
(o verbo expressa algo que já se realizou e já acabou)

tratarei brincaremos

futuro
(o verbo expressa algo que se irá realizar)

Sublinha as formas dos verbos no texto seguinte.

Mais tarde, Ferdinando deu o Dandy a um lavrador. Na quinta do lavrador, Dandy estava o tempo todo preso com uma corda ao tronco de uma árvore e vivia muito triste. Entretanto, roeu a corda e fugiu. Hoje está novamente feliz, pois voltou para junto do Ferdinando, que lhe fez a seguinte promessa:

— Dandy, és um bom amigo, nunca mais me separarei de ti!

Madalena Relvão e Graça Trindade

Escreve as formas dos verbos que sublinhaste na coluna do respetivo tempo verbal.

Presente	Pretérito perfeito	Pretérito imperfeito	Futuro

Reescreve as frases seguintes começando-as por «Amanhã…» e fazendo as alterações necessárias.

a) O Pedro deu comida ao gato.

Amanhã _____

b) Eu brinquei com o gato do Pedro.

_____

O verbo usa-se em tempos diferentes, indicando se as situações ocorrem no **passado** (pretérito perfeito e pretérito imperfeito), no **presente** ou no **futuro**.

Variação em modo

Além da variação em pessoa, em número e em tempo, o verbo apresenta **variação quanto ao modo**.

Os verbos podem estar nos modos infinitivo, indicativo, imperativo ou condicional.

Gosto de estudar.

modo infinitivo

Eu estudo.

modo indicativo
(o modo do verbo indica que a situação é considerada real)

— Estuda — diz a mãe.

modo imperativo
(o modo do verbo indica uma ordem)

Ela estudaria, se não estivesse doente.

modo condicional
(o modo do verbo indica que a situação depende de uma condição)

Lê os textos.

Completa o quadro seguinte com as formas dos verbos presentes nos textos acima e indica em que modo se encontram.

Formas verbais	Modo verbal
trabalhar	
	condicional
cala	imperativo
ouvir	

Os **verbos** também apresentam variação em **modo**. Em português, há quatro modos verbais: modo indicativo, modo condicional, modo imperativo e modo infinitivo.

Verbos regulares

Um **verbo regular** é aquele que mantém uma parte igual (radical) em todas as suas formas.

No quadro seguinte, estão conjugados os verbos *falar* (1.ª conjugação), *escrever* (2.ª conjugação) e *partir* (3.ª conjugação), que são verbos regulares. Repara que existe sempre uma parte inicial da forma verbal que não muda.

Tempo verbal	Pessoa gramatical	1.ª conjugação *falar*	2.ª conjugação *escrever*	3.ª conjugação *partir*
Presente	eu	**fal**o	**escrev**o	**part**o
	tu	**fal**as	**escrev**es	**part**es
	ele, ela	**fal**a	**escrev**e	**part**e
	nós	**fal**amos	**escrev**emos	**part**imos
	vós	**fal**ais	**escrev**eis	**part**is
	eles, elas	**fal**am	**escrev**em	**part**em
Pretérito perfeito	eu	**fal**ei	**escrev**i	**part**i
	tu	**fal**aste	**escrev**este	**part**iste
	ele, ela	**fal**ou	**escrev**eu	**part**iu
	nós	**fal**ámos	**escrev**emos	**part**imos
	vós	**fal**astes	**escrev**estes	**part**istes
	eles, elas	**fal**aram	**escrev**eram	**part**iram
Pretérito imperfeito	eu	**fal**ava	**escrev**ia	**part**ia
	tu	**fal**avas	**escrev**ias	**part**ias
	ele, ela	**fal**ava	**escrev**ia	**part**ia
	nós	**fal**ávamos	**escrev**íamos	**part**íamos
	vós	**fal**áveis	**escrev**íeis	**part**íeis
	eles, elas	**fal**avam	**escrev**iam	**part**iam
Futuro	eu	**fal**arei	**escrev**erei	**part**irei
	tu	**fal**arás	**escrev**erás	**part**irás
	ele, ela	**fal**ará	**escrev**erá	**part**irá
	nós	**fal**aremos	**escrev**eremos	**part**iremos
	vós	**fal**areis	**escrev**ereis	**part**ireis
	eles, elas	**fal**arão	**escrev**erão	**part**irão

Completa o texto com as formas dos verbos indicados, nos tempos pedidos.

Um dia, os gatinhos _____ (*perder*, pretérito perfeito) as suas luvas e _____ (*começar*, pretérito perfeito) a dizer:

— Mãe, querida mãe, _____ (estar, presente) muito tristes porque _____ (*perder*, pretérito perfeito) as nossas luvas.

E _____ (*chorar*, pretérito imperfeito) muito.

A gata, toda assanhada, _____ -lhes: (*responder*, pretérito perfeito)

— Sois uns maus gatinhos, por isso não _____ (comer, futuro) destes pastéis que eu _____ (*acabar*, presente) de fazer... Miau... Miau...

Popular

Os verbos que se conjugam como *falar* (1.ª conjugação), *correr* (2.ª conjugação) e *partir* (3.ª conjugação) são **verbos regulares**.

Estes verbos mantêm a mesma forma inicial (radical) na conjugação de todos os tempos verbais.

Verbos irregulares

Compara as formas do verbo *comer* com as formas do verbo *fazer* que encontras a seguir.

Comer: eu **com**o/tu **com**es/ele **com**e/eu **com**i
Fazer: eu **faç**o/tu **faz**es/ele **faz**/eu **fiz**

A parte destacada do verbo *comer* mantém-se sempre igual, não muda. Por isso, dizemos que o verbo *comer* é um **verbo regular**.

Mas a parte destacada do verbo *fazer* vai mudando, não se mantém sempre igual: *faç*, *faz*, *fiz*. Por isso, dizemos que é um **verbo irregular**.

Os verbos que a seguir se apresentam também são irregulares.

Tempo verbal	Pessoa gramatical	*Dizer*	*Estar*	*Fazer*	*Ir*
Presente	eu	digo	estou	faço	vou
	tu	dizes	estás	fazes	vais
	ele, ela	diz	está	faz	vai
	nós	dizemos	estamos	fazemos	vamos
	vós	dizeis	estais	fazeis	ides
	eles, elas	dizem	estão	fazem	vão
Pretérito perfeito	eu	disse	estive	fiz	fui
	tu	disseste	estiveste	fizeste	foste
	ele, ela	disse	esteve	fez	foi
	nós	dissemos	estivemos	fizemos	fomos
	vós	dissestes	estivestes	fizestes	fostes
	eles, elas	disseram	estiveram	fizeram	foram
Pretérito imperfeito	eu	dizia	estava	fazia	ia
	tu	dizias	estavas	fazias	ias
	ele, ela	dizia	estava	fazia	ia
	nós	dizíamos	estávamos	fazíamos	íamos
	vós	dizíeis	estáveis	fazíeis	íeis
	eles, elas	diziam	estavam	faziam	iam
Futuro	eu	direi	estarei	farei	irei
	tu	dirás	estarás	farás	irás
	ele, ela	dirá	estará	fará	irá
	nós	diremos	estaremos	faremos	iremos
	vós	direis	estareis	fareis	ireis
	eles, elas	dirão	estarão	farão	irão

Outros verbos irregulares

Tempo verbal	Pessoa gramatical	*Poder*	*Querer*	*Ser*	*Ter*
Presente	eu	posso	quero	sou	tenho
	tu	podes	queres	és	tens
	ele, ela	pode	quer	é	tem
	nós	podemos	queremos	somos	temos
	vós	podeis	quereis	sois	tendes
	eles, elas	podem	querem	são	têm
Pretérito perfeito	eu	pude	quis	fui	tive
	tu	pudeste	quiseste	foste	tiveste
	ele, ela	pôde	quis	foi	teve
	nós	pudemos	quisemos	fomos	tivemos
	vós	pudestes	quisestes	fostes	tivestes
	eles, elas	puderam	quiseram	foram	tiveram
Pretérito imperfeito	eu	podia	queria	era	tinha
	tu	podias	querias	eras	tinhas
	ele, ela	podia	queria	era	tinha
	nós	podíamos	queríamos	éramos	tínhamos
	vós	podíeis	queríeis	éreis	tínheis
	eles, elas	podiam	queriam	eram	tinham
Futuro	eu	poderei	quererei	serei	terei
	tu	poderás	quererás	serás	terás
	ele, ela	poderá	quererá	será	terá
	nós	poderemos	quereremos	seremos	teremos
	vós	podereis	quereis	sereis	tereis
	eles, elas	poderão	quererão	serão	terão

Lê a lengalenga.

A criada lá de cima
É feita de papelão,
Quando vai fazer a cama
Diz assim para o patrão:
Sete e sete são catorze,
Com mais sete vinte e um,
Tenho sete namorados
E não gosto de nenhum.

Lengalenga popular

Preenche o quadro com as formas dos verbos que encontras na lengalenga da página anterior.

Formas verbais	Forma do infinitivo	Conjugação	Verbo regular/irregular
é			irregular
	ir		
fazer		2.ª	
	dizer		
são			irregular
	ter		
		1.ª	

Escreve as formas dos verbos irregulares do exercício anterior, colocando-as na 1.ª pessoa do singular dos tempos assinalados.

Verbo	Pretérito perfeito	Pretérito imperfeito	Futuro
ser	fui	era	serei

Os verbos que não conservam a mesma forma (radical) na conjugação dos tempos verbais chamam-se **verbos irregulares**.

(Exs.: *ser, ter, estar, ir, fazer, dizer, poder*)

Palavras simples e palavras complexas

Uma **palavra** é **simples** quando não se formou a partir de nenhuma outra. Quando à palavra simples se acrescentam outros elementos, forma-se uma **palavra complexa**.

sapato

palavra simples

sapateiro

palavra complexa

sapataria

palavra complexa

As palavras complexas podem ser formadas por derivação ou por composição.

Derivação

Uma palavra é formada por **derivação** quando é constituída por uma palavra simples (base) e por um ou mais afixos.

Quando o afixo se coloca antes da base, chama-se **prefixo**. Quando aparece depois da base, chama-se **sufixo**.

Afixos	
Prefixos	**Sufixos**
Exs.: *bis + avô = bisavô* *des + aparecer = desaparecer*	Exs.: *barba + eiro = barbeiro* *piano + ista = pianista*

Composição

As palavras complexas também se podem formar pelo processo de **composição**, quando duas ou mais palavras se juntam e formam novas palavras.

guarda-chuva
(guarda + chuva)

girassol
(gira + sol)

Liga as palavras das colunas de forma a criares palavras compostas e escreve-as. Observa o exemplo.

a) arroz	☐	**1)** pérola	**a)**	_____
b) saca	☐	**2)** mudo	**b)**	_____
c) surdo	☐	**3)** perfeito	**c)**	_____
d) amor	☐	**4)** chuva	**d)**	_____
e) guarda	☐	**5)** roupa	**e)**	_____
f) madre	☐	**6)** doce	**f)**	_____
g) guarda	5	**7)** rolhas	**g)**	guarda-roupa

A **derivação** é um processo de formação de palavras que consiste na junção de um ou mais afixos a uma forma de base.

A **composição** consiste na junção de duas ou mais palavras, originando novas palavras.

As frases

Quando falamos ou escrevemos, combinamos e organizamos as palavras de modo a formar **frases**. Essa combinação é feita segundo determinadas regras.

Repara nas seguintes palavras soltas:

barco *contra* *maré* *o* *navegava* *a*

Se as juntares ao acaso, podes obter combinações como esta:

A barco contra navegava o maré

Esta combinação não é uma frase porque não seguiu as regras gramaticais do português. Não se pode colocar o artigo feminino *a* antes de um nome masculino como *barco*, por exemplo.

Também não podemos colocar a preposição *contra* antes da forma verbal *navegava*.

A combinação correta é:

O barco navegava contra a maré.

Todas as frases têm, pelo menos, um verbo principal:

O barco navegava contra a maré.
O vento era forte.
A tempestade passou.

Frases simples e frases complexas

As frases podem ser simples ou complexas. As **frases simples** têm um só verbo principal. As **frases complexas** têm dois ou mais verbos principais.

Frase simples	Frase complexa
A Joana foi ao cinema.	Cheguei a casa e lanchei.
Um verbo principal	**Dois verbos principais**

Lê o texto seguinte.

A Ana puxou uma espécie de manta para si e instalou-se perto do lume. Fechou os olhos e abandonou-se ao seu cansaço. Aquele cheiro das brasas soube-lhe bem.

Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada,
Uma Viagem ao Tempo dos Castelos,
Editorial Caminho

Completa o quadro.

Frase	Verbo(s) principal(ais)	Frase simples	Frase complexa
A Ana puxou uma espécie de manta para si e instalou-se perto do lume.			
Fechou os olhos e abandonou-se ao seu cansaço.			
Aquele cheiro das brasas soube-lhe bem.	saber	✓	

Junta as frases simples das colunas A e B usando as palavras de ligação da coluna do meio. Depois, escreve-as fazendo as alterações necessárias: encontrarás uma pequena história. Repara no exemplo.

A		B
Frase simples	**Palavra de ligação**	**Frase simples**
Os meninos foram à praia.	e	A tia comprou-lhes gelados.
O pai brincou com eles.	porque	Os gelados eram deliciosos.
Apareceu a tia.	e	A mãe passeava pela praia.
Ficaram muito contentes.	quando	A mãe regressou do passeio.
Foram todos almoçar.	enquanto	Os meninos tomaram banho.

Os meninos foram à praia e tomaram banho.

As **frases** podem ser **simples** ou **complexas**.

As frases simples têm um só verbo principal. As frases complexas têm dois ou mais verbos principais.

As frases simples podem agrupar-se em frases complexas, por meio de algumas palavras de ligação.

Tipos de frase

As frases podem ser de diferentes tipos: declarativas, exclamativas, imperativas e interrogativas. Quando falamos, a entoação ajuda a definir o tipo de frase.

Quando escrevemos, usamos, por vezes, a pontuação para indicar alguns tipos de frase.

Observa os exemplos.

Frase declarativa
(faz uma afirmação)

Frase exclamativa
(mostra satisfação)

Frase imperativa
(faz um pedido/dá uma ordem)

Frase interrogativa
(faz uma pergunta)

Lê o texto.

Por isso, voltaram à Rua Nova dos Mercadores, agora quase deserta. Muitos comerciantes haviam fechado as lojas para poderem ver o rei.

— Que maçada! — exclamou o João, encostando-se à ombreira de uma porta. Inesperadamente ela abriu-se.

— Olha! Estava só encostada! Neste tempo não há roubos?

Mafalda riu-se.

— Não há poucos!

Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada,
Um Cheirinho a Canela,
Editorial Caminho

Copia as frases do texto anterior para o espaço adequado.

Frases declarativas	
Frases exclamativas	
Frases imperativas	
Frases interrogativas	

Numera as frases abaixo de acordo com o seu tipo.

Frase declarativa: 1
Frase exclamativa: 2
Frase imperativa: 3
Frase interrogativa: 4

— Que horas são? ☐

— São 10 horas. ☐

— Estou cheio de sede! ☐

— Bebe um copo de água. ☐

Com os elementos que se seguem, constrói frases do tipo que te é pedido. Atenção: tens de alterar a forma de alguns elementos e não te esqueças da pontuação!

manter

o meu caderno

cuidado

e

bem organizado

Frase declarativa — _____

Frase exclamativa — _____

Frase interrogativa — _____

Frase imperativa — _____

As frases podem ser de tipo **declarativo**, **exclamativo**, **interrogativo** ou **imperativo**.

As frases de tipo **declarativo** fazem uma afirmação. Na escrita, terminam com um ponto final.

As frases de tipo **exclamativo** mostram os sentimentos da pessoa que fala (admiração, medo, alegria, …); na escrita, terminam com um ponto de exclamação.

As frases de tipo **interrogativo** fazem uma pergunta; na escrita, terminam com um ponto de interrogação.

As frases de tipo **imperativo** expressam um pedido, dão uma ordem ou um conselho; na escrita, terminam com um ponto de exclamação ou um ponto final.

Frases afirmativas e frases negativas

As frases podem ter **formas** diferentes — **afirmativa** ou **negativa**.

O sol está quente.
O mar está calmo.
A paisagem é bonita.

Forma afirmativa
(exprime uma afirmação)

O sol não está quente.
O mar não está calmo.
A paisagem não é bonita.

Forma negativa
(exprime uma negação)

Assim, as frases afirmativas podem transformar-se em frases negativas ou as frases negativas em frases afirmativas.

Completa o quadro seguinte.

Frase afirmativa	Frase negativa
O João vai à praia.	
	A Maria não joga à bola.
Eles comem gelados todos os dias.	
	O pai do Tiago não foi à festa.
A enfermeira gosta do seu trabalho.	
	Não faço sempre os trabalhos de casa.

Reescreve o provérbio seguinte na forma afirmativa.

Quem não trabalha não come.

_____

A frase pode apresentar duas formas: a **afirmativa**, quando exprime uma afirmação, e a **negativa**, quando exprime uma negação.

A palavra que geralmente se usa para exprimir a negação é ***não*** e encontra-se sempre antes da forma verbal.

Os constituintes da frase

O grupo nominal

O **grupo nominal** é um constituinte da frase que tem como elemento central um nome ou um pronome.

O Pedro gosta de comer rebuçados.

grupo nominal **grupo nominal**

Ele adormeceu.

grupo nominal

Além do nome, que constitui o núcleo, o grupo nominal pode incluir outros elementos, como determinantes.

O meu cão magoou-se.

grupo nominal

Esta rosa é muito bonita.

grupo nominal

Sublinha os grupos nominais das frases seguintes.

a) A menina bebeu um sumo.

b) O Pedro comprou um livro.

c) O meu pai lê o jornal diariamente.

Circunda os núcleos desses grupos nominais.

O grupo verbal

O **grupo verbal** é um constituinte da frase que tem como elemento central um verbo (o núcleo).

O Bruno caiu.

grupo verbal

A Ana adoeceu.

grupo verbal

Pode incluir, além do verbo, complementos.

O Pedro adora doces.

grupo verbal

O Rui partiu um copo.

grupo verbal

Lê as frases e completa o quadro seguinte.

a) O macaco comeu a banana.

b) A Maria fez os trabalhos de casa.

c) O rapaz escorregou.

d) A mãe ajudou o filho.

e) O João rasgou o papel.

f) A rapariga perdeu o comboio.

Grupo verbal	Núcleo

Une os grupos nominais aos grupos verbais de forma a criares frases com sentido.

a) As pessoas	☐	**1)**	chorava com fome.
b) Uma onda gigante	☐	**2)**	luzia no céu.
c) As crianças	☐	**3)**	brincava sozinho.
d) Uma estrela	☐	**4)**	brincavam na rua.
e) O bebé	☐	**5)**	estavam à espera do comboio.
f) O rapaz	☐	**6)**	crescia no oceano.

Completa as frases com grupos verbais adequados.

a) O pato _____.

b) A Rita _____.

c) A mãe do Bruno _____.

d) A enfermeira _____.

e) O teu irmão _____.

f) O maquinista _____.

g) O autocarro _____.

Circunda o núcleo dos grupos verbais que formaste.

O **grupo nominal** é um constituinte da frase que tem como elemento principal um nome ou um pronome.

O grupo nominal pode fazer parte de outro grupo, como, por exemplo, o grupo verbal (*Ele comeu* ***um bolo***.).

O **grupo verbal** é um constituinte da frase que tem como elemento principal um verbo.

O grupo verbal pode ser constituído apenas pelo verbo ou por um verbo e por outros elementos que o completam (*Ele* ***chegou***./*Ele* ***chegou a casa***.).

As funções sintáticas

O sujeito

Nas frases, há um grupo nominal que tem a função sintática de **sujeito**. É muito importante porque a forma do verbo depende dele:

- Se o sujeito está no singular, o verbo tem de estar no singular.
- Se o sujeito está no plural, o verbo também tem de estar no plural.

Nas frases seguintes, os grupos nominais destacados têm a função de sujeito.

O peixe nada.
Os peixes nadam.

O verbo também concorda em pessoa (1.ª, 2.ª e 3.ª) com o sujeito.

Repara nas mudanças do verbo *nadar* que são provocadas pelas mudanças no sujeito:

Eu nado. / Tu nadas. / Ele nada.

Por vezes, o sujeito fica subentendido, não está presente na frase mas existe. Está como que escondido.

Repara na frase: *Fui fazer compras.*

O sujeito desta frase é *eu*, embora não esteja presente.

Sublinha os sujeitos das frases do texto seguinte.

O Luisinho olhou em volta. A mãe devia estar a chegar das compras e a criada estava distraída com a rádio.

Luísa Costa Gomes, «A Janela da Despensa como Argumento Moral», in *Contos Outra Vez*, Cotovia

O predicado

Numa frase, o grupo verbal desempenha a função sintática de **predicado**. Repara nos grupos de palavras destacados no texto seguinte.

À noite, antes de jantar, foi espreitar o galinheiro. E ficou sem apetite: a Clara Sofia não estava lá, tinha desaparecido.

António Mota, «A Galinha Vadia», in *Abada de Histórias*, Gailivro

Predicado

- foi espreitar o galinheiro
- ficou sem apetite
- não estava lá
- tinha desaparecido

Completa o texto seguinte com os predicados adequados.

viu uma luz ao longe	treparam para um ramo
resolveram assustá-los	deitaram-se junto a uma árvore

Um burro, um gato, um galo e um cão decidiram abrigar-se e dormir na floresta. O burro e o cão _____, enquanto o gato e o galo _____. Foi então que o galo _____ e alertou os amigos. Era uma casa que abrigava uns ladrões. Os quatro amigos _____.

«Os Músicos de Bremen», conto tradicional (texto adaptado)

O **sujeito** é normalmente expresso através de um grupo nominal. É o sujeito que determina a forma do verbo com que se relaciona.

A maior parte das frases tem o sujeito expresso, embora haja casos em que ele fica subentendido.

O grupo verbal desempenha a função sintática de **predicado**.

O complemento direto

Numa frase, as expressões que completam o sentido do verbo e que podem ser substituídas pelos pronomes *o, a, os* ou *as* desempenham a função de complemento direto.

O pato comeu a minhoca. → O pato comeu-a.

Se retiramos da frase acima o grupo nominal *a minhoca*, fica assim:

O pato comeu.

Esta frase não tem um sentido completo. É preciso saber o que comeu o pato. O verbo *comer* exige um complemento. Chama-se a este complemento o **complemento direto**.

Nas frases a seguir encontras outros complementos diretos.

A Maria fechou a torneira. (A Maria fechou-a.)
A Joana recebeu uma boa nota. (A Joana recebeu-a.)
O cão atacou o rapaz. (O cão atacou-o.)

Sublinha o complemento direto das frases seguintes.

a) O Pedro leu um romance.

b) A Ana visitou o Museu do Traje.

c) O aluno escreveu uma composição sobre o outono.

d) Ela abriu a porta.

e) A rapariga cheirou a flor.

O **complemento direto** é um complemento do verbo.
Pode ser substituído pelos pronomes *o, a, os* ou *as*.
Há frases em que o verbo não precisa de complementos para fazer sentido (por exemplo: *Ela correu.*).

A mobilidade dos elementos da frase

Alguns elementos da frase podem mudar de posição.

Repara na frase:

As crianças brincavam divertidas.

Normalmente, em português o sujeito aparece antes do predicado. No entanto, este pode aparecer depois, tornando a frase mais expressiva:

Brincavam divertidas as crianças.

Há outros elementos que podem mudar de posição na frase sem alterar o seu sentido. É o caso da palavra *ontem* nas frases seguintes.

Ontem, as crianças brincavam divertidas.
As crianças brincavam divertidas ontem.

Reescreve as frases mudando a posição dos seus elementos, mas sem lhes alterares o sentido.

a) Alegremente, as vizinhas conversavam.

_____

b) Os rapazes, no pátio, brincam às escondidas.

_____

c) As andorinhas fazem os ninhos na primavera.

_____

Famílias de palavras

A um conjunto de palavras constituído por uma palavra simples e por outras que se formam a partir dela dá-se o nome de **família de palavras**.

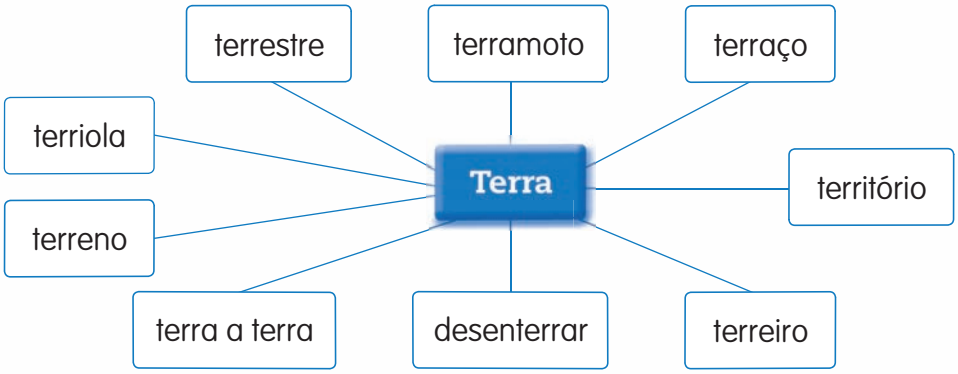

Completa com palavras da mesma família.

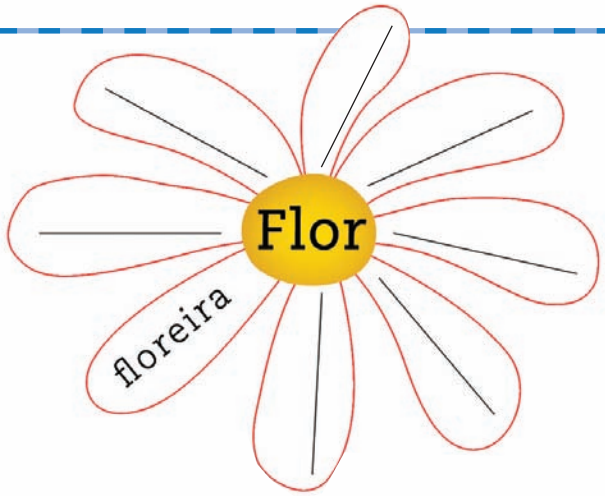

Uma **família de palavras** é um conjunto de palavras constituído por uma palavra simples e por outras formadas a partir dela.

Sinónimos e antónimos

Sinónimos

As palavras que podem ter o mesmo significado são **sinónimas**.
Lê o texto.

Foi um momento emocionante. Amarguinha não saberia explicar o que sentiu ao ver aquele bebé tão pequenino nos braços da mãe. De olhos fechados, tranquilo, com o gorro de lã a cobrir-lhe a cabeça para não ter frio, o bebé parecia um boneco de brincar.

Tiago Rebelo, *Amarguinha Tem Um Irmão*, Editorial Presença

As palavras destacadas no texto podem relacionar-se com outras pelo seu significado.

Foi um momento emocionante	OU	*Foi um momento comovente*
De olhos fechados, tranquilo		*De olhos fechados, calmo*

Escreve as palavras que podem ser consideradas sinónimas das palavras seguintes. Escolhe-as de entre as que são indicadas abaixo.

a) abrigo ☐☐☐☐☐☐☐

b) bonito ☐☐☐☐☐

c) bocado ☐☐☐☐☐☐

d) caminhar ☐☐☐☐☐

e) colocar ☐☐☐

pôr pedaço andar
refúgio lindo

Quando, ao substituirmos uma palavra por outra, o significado se mantém idêntico, as palavras são **sinónimas**.

Antónimos

As palavras que têm significados opostos são **antónimas**.

casa grande

casa pequena

dia

noite

Completa o crucigrama com antónimos das palavras indicadas.

1. Comum.
2. Alguém.
3. Frio.
4. Triste.
5. Feio.
6. Desligados.
7. Acordar.
8. Aberto.
9. Claro.

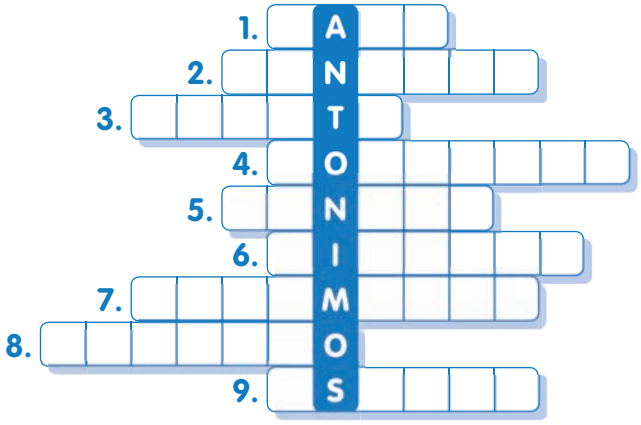

Quando uma palavra tem um significado oposto ao de outra, essas duas palavras são **antónimas**.

Uso do dicionário

Quando não sabemos o significado de uma palavra, devemos consultar um dicionário. Um **dicionário** é um livro com as palavras de uma língua ordenadas alfabeticamente. Cada palavra aparece associada ao seu significado e a outras informações úteis, como a classe a que pertence.

Regras para consultar um dicionário

- As palavras aparecem sempre por **ordem alfabética**.
  - Primeiro, encontras as palavras começadas por ***a***, depois, as que começam por ***b***, e assim sucessivamente.
  - Se as palavras começarem pela mesma letra, deves dar atenção à segunda letra (*banco*, *brisa*).
  - Se as duas primeiras letras forem iguais, deves dar atenção à terceira letra (*banco*, *barco*).
- Quando são variáveis, as palavras aparecem sempre no **masculino singular**.
- No caso dos verbos, a forma que deves procurar é o **infinitivo**.

Ordena as palavras seguintes alfabeticamente. Essa será a ordem pela qual as encontrarás no dicionário.

carro ☐	jarra ☐	xaile ☐	carregado ☐
zangado ☐	armário ☐	coelho ☐	antigo ☐
janota ☐	zebra ☐	barco ☐	lobo ☐

Escreve, em cada caso, a forma como procurarias as palavras no dicionário.

amigas _____	comias _____	lavava _____
ricos _____	espertos _____	cansados _____
gata _____	ratos _____	leram _____

A comunicação

Quando falamos, procuramos transmitir aos outros aquilo que pensamos. Estamos a **comunicar**. Para isso, juntamos frases, formando textos ou discursos. Podemos comunicar **oralmente** ou por **escrito**.

Quando comunicamos oralmente, a pessoa que está a falar é o **locutor** e aqueles que a estão a escutar para depois falarem são os seus **interlocutores**.

Na escrita, diz-se que quem escreve é o **emissor** e que aquele que lê e interpreta o que está escrito é o **recetor**.

No texto seguinte, repara nas falas dos interlocutores e naquilo que eles dizem um ao outro (nos seus **enunciados**).

A Lagarta foi a primeira a falar:

— De que tamanho é que queres ficar? — perguntou.

— Oh, não faço questão quanto ao tamanho — respondeu Alice muito depressa —, só que uma pessoa não gosta de mudar tantas vezes de tamanho, sabe?

— Não sei, não! — disse a Lagarta.

Lewis Carroll, *Alice no País das Maravilhas*, Publicações Dom Quixote

Locutor	Enunciado	Interlocutor
	De que tamanho é que queres ficar?	
	Oh, não faço questão quanto ao tamanho, só que uma pessoa não gosta de mudar tantas vezes de tamanho, sabe?	
	Não sei, não!	

Lê o texto seguinte e preenche o quadro.

É tão bom ser nuvem,
Ter um corpo leve,
E passar, passar.

Eugénio de Andrade,
Aquela Nuvem e Outras,
Campo das Letras

Emissor	Enunciado	Recetor
		(Escreve aqui o teu nome)

Lê o texto.

— Bom dia, Espiga! — disse-lhe naquela manhã a Senhora Cegonha, toda espaventosa no seu xaile branco de franjas pretas.
— Com quem estás a falar? — perguntou a nossa amiga.
— Contigo — respondeu-lhe a outra. — Com quem havia de ser?...
Ou julgas-te uma princesa lá porque os caracóis te começam a aloirar?
— Estás enganada, minha alcoviteira. Não sou a Espiga. Sou a Sementinha.

Alves Redol, *A Vida Mágica da Sementinha,*
Editorial Caminho

Completa o esquema que se segue, de acordo com a situação de comunicação relatada no texto da página anterior que acabaste de ler.

Locutor	Enunciado	Interlocutor
		Sementinha
Sementinha		
	Contigo. Com quem havia de ser?… Ou julgas-te uma princesa lá porque os caracóis te começam a aloirar?	
	Estás enganada, minha alcoviteira. Não sou a Espiga. Sou a Sementinha.	

Comunicar consiste em transmitir aos outros aquilo que pensamos. Podemos fazê-lo oralmente ou por escrito.

Na **comunicação oral**, o emissor chama-se **locutor** e o recetor chama-se **interlocutor**. Quando se fala conjuntamente dos dois, usa-se o termo **interlocutores**.

Na **comunicação escrita**, quem escreve é o **emissor** e aquele que lê e interpreta o que está escrito é o **recetor**.

Os registos de língua

Quando falamos ou escrevemos a alguém, não o podemos fazer sempre da mesma maneira. Consoante as situações de comunicação, temos de usar **registos de língua** diferentes.

Se, por exemplo, aquele a quem nos dirigimos é uma autoridade ou uma pessoa mais velha ou se o local em que estamos é um espaço de cerimónia, usa-se um **registo formal**.

Se, por outro lado, existe uma relação familiar, de amizade, ou se os interlocutores são da mesma idade e nenhum tem uma função mais importante do que o outro, usa-se um **registo informal**.

Registo formal

Isabel Cristina Matos
Av. 5 de Outubro, n.º 27571
1050 Lisboa
Telefone 214 531 111

Ex.mo Senhor
Diretor dos Recursos Humanos
da Sociedade de Informática de Portugal

Acabo de receber o meu diploma de Informática. Tenho conhecimento de que a vossa empresa lidera o mercado neste ramo de atividade, o que me dá garantias de ser o melhor local para poder desenvolver as competências que adquiri na minha formação.

Gostaria de, numa entrevista pessoal, poder prestar outras informações que penso serem de mútuo interesse.

Subscrevo-me com a mais elevada consideração,

Isabel Matos

Registo informal

Olá, tia!

Como estão todos por aí?
Nós estamos bem e cheios de saudades suas, do tio e dos primos!
Já falta pouco para nos vermos .
Estamos a preparar as malas. Partimos amanhã de manhã.

Um beijinho para todos!

Joana

Lê os textos seguintes.

Texto A

— Ó Maria, manda cá um copo de vinho. Vais ver o que é uma pinga!

Alves Redol, *Gaibéus*, Editorial Caminho

Texto B

Passados os três dias o moleiro, vestido de frade, foi pedir audiência ao rei. O rei perguntou-lhe:
— Então quanto pesa a Lua?
— Saberá Vossa Majestade que não pode pesar mais do que um arrátel, porque todos dizem que tem quatro quartos.
— É verdade... E agora: quanta água tem o mar?
Respondeu o moleiro:
— Isso é muito fácil de saber. Mas como Vossa Majestade só quis saber da água do mar, é preciso primeiro que mande tapar todos os rios, porque sem isso nada feito.
O rei achou bem respondido.

Viale Moutinho (org.), *Contos Populares Portugueses*, Livros de Bolso Europa-América

Texto C

Não fazia ideia de que o inverno em Nova Iorque fosse tão desagradável. Alexander pensou que estava mergulhado num pesadelo de ficção científica, numa gigantesca e pavorosa cidade de cimento, aço, vidro, poluição e solidão. Morgana interrompeu os seus pensamentos.

— Estou morta de fome... Podíamos comer alguma coisa... — sugeriu.

— Já é tarde, tenho de chegar a casa da minha avó — desculpou-se.

— Calma, homem, que já te levo até lá. Estamos perto, mas calhava-me bem meter alguma coisa na barriga — insistiu ela.

Isabel Allende, *A Cidade dos Deuses Selvagens*, Difel (texto adaptado)

Texto D

Chegam os dias de inverno, e aquela voz enfurecida, que ouço desde pequeno, engrossa e mete medo. A voz da tempestade. O piloto-mor está no cais e o salva-vidas a postos. O cais está cheio de gente, todo o cais grita de dor. Estão aqui as mulheres, as mães, as velhas com a garganta sufocada e que perguntam numa ânsia:

— Viram-nos? Viram-nos?

— A lancha onde anda o seu homem não está na barra.

— E os da Ti Ana?

— Por ora não se sabe deles.

— O meu rico home! O meu rico home!

Raul Brandão, *Os Pescadores*, Publicações Europa-América (texto adaptado)

Assinala com um ✗ o registo utilizado nas falas dos textos A, B, C e D.

	Texto A	Texto B	Texto C	Texto D
Registo formal				
Registo informal				

Cada locutor usa **registos de língua** diferentes conforme a situação em que se encontra com os seus interlocutores. A pessoa com quem se fala condiciona o modo como algo é dito: as palavras que se escolhem, as formas de tratamento usadas e o maior ou menor cuidado com a construção das frases. Podemos, pois, escolher entre um **registo formal** e um **registo informal**.

Diálogo, discurso direto e discurso indireto

Quando as pessoas comunicam oralmente, fazem-no, de uma forma geral, através do **diálogo**. No diálogo, o locutor e os seus interlocutores vão falando, vão trocando falas entre si.

Quando reproduzimos, na escrita, a fala dos locutores, usamos o **discurso direto**.

— *Então nunca comeram caldo de pedra? Só lhes digo que é uma coisa muito boa.*
— *Sempre queremos ver isso.*
— *Se me emprestassem aí um pucarinho?*

Teófilo Braga, *Contos Tradicionais do Povo Português*,
Texto Editores (texto adaptado)

No **discurso indireto**, uma pessoa relata (conta) o que outra disse.

Era uma vez uma gaivota que gostava de ser pomba.
Dizia ela que as gaivotas não servem para nada, ao passo que as pombas sempre servem para alguma coisa.

António Torrado, *A Gaivota Que não Queria Ser*,
Civilização Editora

Lê o texto e escreve o diálogo entre os dois amigos. Segue o exemplo.

O Pedro e a Lídia foram à biblioteca procurar um livro para ler no fim de semana. O Pedro perguntou à Lídia qual era o livro preferido dela. A Lídia gosta de vários e, por isso, perguntou ao Pedro qual era o género de livros que ele gostava de ler, ao que o Pedro respondeu que preferia livros de aventuras. Então, a Lídia aconselhou-o a ler Uma Aventura na Escola, acrescentando que ela gostava muito da história.

Pedro — Qual é o teu livro preferido, Lídia?

Nos textos que se seguem, circunda as falas em discurso direto.

— *Meus senhores, proponho que saudemos o aniversário de Carlos — bradou em tom de brinde.*
— *Apoiado — responderam todos, imitando-o.*

Júlio Dinis, *Uma Família Inglesa*, Editora Ulisseia

— *Adeus, Joana! — respondeu Carlos, perturbado e confuso.*
— *Adeus, Carlos! — respondeu ela maquinalmente.*
— *Até depois de amanhã, Joana.*
— *Pois sim.*

Almeida Garrett, *Viagens na Minha Terra*, Editora Ulisseia

Escreve no discurso indireto o seguinte diálogo entre o Jaime e uma senhora, na paragem do autocarro.

Jaime — Bom dia! Pode dizer-me a que horas passa o autocarro?
Senhora — Bom dia. Passará às 10 horas.
Jaime — Obrigado.
Senhora — De nada.

Quando dois ou mais interlocutores comunicam uns com os outros, diz-se que estão a ter um **diálogo**.

Na escrita, pode-se reproduzir o que alguém disse usando exatamente as suas palavras. É o **discurso direto**.

Também se pode relatar o que o locutor disse, adaptando e fazendo uma espécie de resumo, através do **discurso indireto**.

O princípio de cortesia

Quando comunicamos, devemos usar algumas **regras de cortesia** ou boa educação. Não devemos interromper o interlocutor, não devemos manifestar falta de atenção, devemos evitar o silêncio desagradável, não proferir insultos, injúrias, etc. A escolha das palavras que utilizamos e, principalmente, as formas de tratamento que escolhemos são os modos mais diretos de mostrar essa cortesia.

Exemplos:

Imaginam, portanto, qual não foi a minha surpresa quando, ao romper do dia, fui acordado por uma voz muito fininha, a pedir:

— Por favor... desenha-me uma ovelha!

Antoine de Saint-Exupéry, *O Principezinho*, Editorial Presença

— Não foi essa a minha intenção! — desculpou-se Alice.

— Mas tu ofendes-te com tanta facilidade!

O Rato, como resposta, apenas resmungou.

— Por favor, volta e acaba a tua história! — pediu Alice.

E todos os outros se juntaram em coro:

— Sim, sim, por favor!

Lewis Carrol, *Alice no País das Maravilhas*, Publicações Dom Quixote

Escreve um pequeno diálogo em que utilizes uma linguagem que respeite as regras de cortesia.

Copia, do diálogo seguinte, as expressões que mostram respeito pelo interlocutor.

Num diálogo, há expressões e comportamentos que revelam boa educação e que ajudam a criar um ambiente de conversação agradável, obedecendo ao **princípio de cortesia**.

As formas de tratamento

As **formas de tratamento** são expressões que usamos para nos dirigirmos aos nossos interlocutores. Dependem do «código de boas maneiras» adotado pela sociedade. A opção por uma forma de tratamento depende da familiaridade ou da proximidade entre os interlocutores.

— *Olá, Francisco, vais para casa de autocarro?*
— *Não, hoje o meu pai vem buscar-me. E tu? Queres que te deixe em casa, Tiago?*

— *Boa tarde, senhor João! Não se importa de me dar boleia?*
— *Boa tarde, rapaz! Claro que te deixo em casa.*
— *Obrigado.*

Os dois rapazes são amigos. Quando falam um com o outro, tratam-se por *tu*.

O Tiago já conhece o pai do Francisco (que é o João), mas reconhece a diferença de idades e de posições, dirigindo-se a ele com educação. Assim, trata-o por *senhor*.

Há várias formas de tratamento:

- **familiares**
  — *tu*;
  — *você* (entre pessoas pouco próximas).
- **formais**
  — *(o) senhor, (a) senhora; excelentíssimo(a) senhor(a).*

Sublinha, nos textos seguintes, as formas de tratamento. Depois, escreve-as por ordem no quadro da página da direita.

Texto A

Alex e Nádia regressaram ao hotel, onde os membros da expedição estavam reunidos em torno de César Santos e da doutora Omayra Torres estudando o mapa da região e discutindo os preparativos da viagem. […]

— Suponho que também está ao corrente de que eu também faço parte da expedição, professor Leblanc — disse a doutora Omayra Torres. […]
— Nada me daria maior prazer, menina, mas…
— Doutora Torres — interrompeu-o a médica.
— Pode chamar-me Moisés — arriscou Leblanc. […]
— Chame-me doutora Torres — replicou ela, secamente.
— Não poderei levá-la, minha cara doutora. Há espaço apenas para quem foi contratado pela International Geographic.

Isabel Allende, *A Cidade dos Deuses Selvagens,* Difel (texto com supressões)

Texto B

— Tu sabes o que a professora disse hoje, Mariana?
— Ralhou-te outra vez, foi?
— Não. Eu, por acaso, estava com atenção, porque a aula foi sobre a Lua!
— A Lua?
— Sim, sobre as fases da Lua…
— Então a Lua tem caras?
— Fases, Mariana, fases! Não é o mesmo que «faces»; mas, realmente, não é muito diferente…
— E a Lua tem mesmo caras, Gaspar?
— Tem. Quer dizer, não são assim como a tua ou a minha, porque a Lua não tem nariz, nem olhos, nem boca. Mas não é sempre igual.

M. Teresa Gonzalez, *Gaspar e Mariana,* Editorial Verbo

Formas de tratamento	
Texto A	Texto B
_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____

Preenche os espaços.

O Gaspar e a Mariana usam um tratamento por _____ (2.ª pessoa) porque existe entre eles uma relação de amizade e são duas crianças aproximadamente da mesma idade.

Embora o professor Leblanc gostasse de tratar _____ por «menina», esta não o permitiu, porque achou que entre eles só devia existir uma relação formal (sem grande intimidade entre eles, para evitar atitudes demasiado familiares). Assim, disse-lhe para a tratar por _____.

As palavras ou expressões que usamos quando nos dirigimos aos nossos interlocutores chamam-se **formas de tratamento**.

A opção por uma ou por outra forma de tratamento depende da familiaridade ou da proximidade entre os interlocutores.

Apêndice

Relação entre sons e letras

Lê-se	Escreve-se
cê	c, ç, s, ss
zê	s, z, x
quê	q, c, qu, k
ô	o, ou
u	u, o
...	...

Dígrafos

Dígrafos	Exemplos
ss	o**ss**os, pe**ss**oa, re**ss**onar
rr	ca**rr**o, ba**rr**a, zu**rr**ar
ch	**ch**uva, ca**ch**o, **ch**ave
nh	ni**nh**o, ba**nh**o, ma**nh**ã
lh	pa**lh**aço, te**lh**a, ra**lh**ar
qu (antes de e ou i)	**qu**erido, **qu**ente, **qu**inze
gu (antes de e ou i)	**Gu**ilherme, fo**gu**ete, **gu**erra

Sílabas

Classificação quanto ao número de sílabas	Número de sílabas	Exemplos
Monossílabo	uma	pá, mão, de
Dissílabo	duas	rato, cama, lata
Trissílabo	três	pontapé, saúde, caminho
Polissílabo	quatro ou mais	biologia, guitarrista, feminino

Acentuação

Classificação quanto à acentuação	Sílaba tónica	Exemplos
Aguda	última	portu**guês**, ca**fé**, ju**iz**
Grave	penúltima	**va**so, **ca**sa, **cra**vo
Esdrúxula	antepenúltima	**más**cara, **fá**brica, **lâm**pada

Entoação

Entoação	Exemplos
Declarativa	Hoje está a chover.
Interrogativa	Achas que vai chover hoje?
Exclamativa	Hoje está a chover!
Imperativa	Leva o guarda-chuva!

Letras

	Letras de imprensa	Letras manuscritas
Minúsculas	a b c d e f g h i j k l m n o p q r s t u v w x y z	*a b c d e f g h i j k l m n* *o p q r s t u v w x y z*
Maiúsculas	A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z	*A B C D E F G H I J K L M N* *O P Q R S T U V W X Y Z*

Acentos

Acentos	Exemplos
Grave	àquela, às
Agudo	hipopótamo, raízes
Circunflexo	clemência, pêssego

Hífen

Hífen	Casos de uso	Exemplos
Como sinal de ligação	Liga as palavras simples que formam a maioria das palavras compostas.	couve-flor, tira-nódoas
	Liga as formas verbais aos pronomes que lhes estão associados.	ofereceu-lhe, abraçou-me
	Liga os prefixos como *ex-, circum-, vice-, pós-, pré-, pró-, …* a uma forma de base.	circum-navegação, vice-presidente

Hífen	Regras de translineação	Exemplos
Na translineação	Não se separam duas consoantes no início de uma sílaba.	pra-/to tra-/ça
	Não se separam os grupos *nh, lh* e *ch*.	ba-/nho te-/lha
	Não se separam os ditongos.	pai-/xão mui-/to
	Separam-se as consoantes iguais.	car-/ro pes-/soa
	Separam-se as consoantes que pertençam a sílabas diferentes.	sal-/sa por-/co
	Separam-se as vogais que pertençam a sílabas diferentes.	sa-/ú-/de pe-/ú-/ga
	Não se deve deixar uma única vogal no início ou no fim de uma linha.	azei-/te ci-/ên-/cia
	Quando se separa uma palavra que já tenha um hífen, este deve ser repetido no início da linha seguinte.	guarda-/ -chuva

Sinais de pontuação

Sinal	Casos de uso	Exemplos
. **Ponto final**	Marca o fim de uma frase.	A Madalena abriu a porta.
! **Ponto de exclamação**	Usa-se depois de interjeições e no final de frases exclamativas e imperativas.	Oh! A bola está furada!
? **Ponto de interrogação**	Usa-se no final de frases interrogativas.	Viste a Graça?
... **Reticências**	Marcam a interrupção de uma frase, uma hesitação, uma surpresa ou uma dúvida.	Não sei se... Achas?...
, **Vírgula**	Separa frases dentro de um período, partes da frase e elementos de uma enumeração.	Não podiam ir à praia, pois começara a chover, havia muito trânsito e era perigoso.
: **Dois pontos**	Introduzem uma enumeração, uma explicação do que foi dito antes ou o discurso direto.	Aquela festa tivera de tudo: palhaços, mágicos, concursos e muitos bolos.
— **Travessão**	Introduz o discurso direto ou intercala palavras ou frases.	A Rita respondeu: — Não quero ir.
; **Ponto e vírgula**	Separa elementos de uma enumeração ou frases dentro do mesmo período.	Vendendo as cabras, poderia comprar muitas vacas; com as vacas, compraria búfalos; com os búfalos, compraria éguas.

Sinais auxiliares de escrita

Sinal	Casos de uso	Exemplos
« » / " " **Aspas / aspas altas**	Títulos	«Mago» (conto de Miguel Torga)
	Citações	«Como brincar também é uma boa maneira de aprender, as crianças também têm todo o direito de brincar e de se divertir!» (citado da *Declaração dos Direitos da Criança*)
	Discurso direto	A Rosarinho disse: «Leva-me contigo, amiga.»
	Palavra inventada	«Portunhês»
( ) **Parênteses curvos**	Aparte	O Jaime olhou (cheio de saudades) o retrato do pai, que estava no estrangeiro.
	Explicação	A Emilinha era muito estudiosa (estudava todos os dias aquilo que tratara na escola nesse dia) e, portanto, tinha muito boas classificações.
	Informação sobre gestos e movimentos	João (erguendo os olhos para o céu): «Meu Deus, que confusão!»
[ ] **Parênteses retos**	Supressão de parte de uma frase ou de um texto citado	«[…] as crianças têm todo o direito de brincar e de se divertir!»

Formas de destaque

Formas de destaque	Exemplos
Itálico	Eles apanharam o *ferry* e atravessaram o rio.
Negrito	Todos sabiam que era **aquela** a bola roubada.
Sublinhado	O bilhete custa apenas 5 euros.

Configuração gráfica

Nome	Definição
Período	Frase ou conjunto de frases começadas com maiúscula e terminadas com ponto final, ponto de exclamação, ponto de interrogação ou reticências.
Parágrafo	Contém um ou mais períodos. Distingue-se do período por se iniciar em nova linha.
Margem	Espaços criados por duas linhas verticais (reais ou imaginárias) que se colocam de cada lado da folha (de alto a baixo), sendo o da esquerda um pouco mais largo do que o da direita; destinam-se a orientar e alinhar a escrita na folha.

Relações entre palavras

Palavras	Definição	Exemplos
Homógrafas	Pronunciam-se de maneira diferente. Têm significado diferente. Escrevem-se da mesma forma.	molho (de lenha) molho (para a carne)
Homófonas	Pronunciam-se da mesma maneira. Têm significado diferente. Escrevem-se de forma diferente.	coser (roupa) cozer (comida)
Homónimas	Pronunciam-se da mesma maneira. Têm significado diferente. Escrevem-se de forma igual.	canto (do pássaro) canto (da sala)

Nomes

Subclasses	Definição	Exemplos
Comuns	Referem-se a todos os membros de uma classe.	casa, boneco
Próprios	Designam algo único e determinado.	Beja, Joana
Coletivos	Estando no singular, identificam um conjunto de objetos ou entidades da mesma natureza.	rebanho, matilha

Artigos

Artigos	Singular		Plural	
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Definidos	o	a	os	as
Indefinidos	um	uma	uns	umas

Determinantes demonstrativos

Singular		Plural	
Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
este esse aquele	esta essa aquela	estes esses aqueles	estas essas aquelas

Determinantes possessivos

	Pessoa gramatical	Singular		Plural	
		Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Um possuidor	1.ª 2.ª 3.ª	meu teu seu	minha tua sua	meus teus seus	minhas tuas suas
Vários possuidores	1.ª 2.ª 3.ª	nosso vosso seu	nossa vossa sua	nossos vossos seus	nossas vossas suas

Quantificadores numerais

Subclasses	Definição	Exemplos
Cardinais	Indicam uma quantidade inteira.	Dois (gelados)
Multiplicativos	Indicam um múltiplo de uma quantidade inteira.	O triplo (dos alunos)
Fracionários	Indicam uma parte de uma quantidade inteira.	Dois terços (dos rapazes)

Adjetivos qualificativos

Funções	Exemplos
Descrever (paisagens, ideias, objetos, …).	A rua era larga, clara e ajardinada.
Fazer retratos.	Maria tinha cabelo loiro e olhos azuis.
Mostrar sentimentos e opiniões.	Era uma menina muito bonita e simpática.

Graus dos adjetivos			Exemplos
Normal			O tigre é **gordo**.
Comparativo de	Superioridade		O tigre é **mais gordo do que** o gato.
	Igualdade		O gato é **tão gordo como** o coelho.
	Inferioridade		O rato é **menos gordo do que** o gato.
Superlativo	Relativo de	Superioridade	O tigre é **o mais gordo** de todos os animais.
		Inferioridade	O rato é **o menos gordo** de todos os animais.
	Absoluto	Sintético	O tigre é **gordíssimo**.
		Analítico	O tigre é **muito gordo**.

Pronomes pessoais

Pessoa gramatical		Sujeito	Complemento direto
Singular	1.ª 2.ª 3.ª	eu tu/você ele/ela	me te o/a, se
Plural	1.ª 2.ª 3.ª	nós vós/vocês eles/elas	nos vos os/as, se

Pronomes demonstrativos

Variáveis				Invariáveis
Singular		Plural		
Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	
este esse aquele	esta essa aquela	estes esses aqueles	estas essas aquelas	isto isso aquilo

Pronomes possessivos

	Pessoa	Singular		Plural	
		Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Um possuidor	1.ª 2.ª 3.ª	meu teu seu	minha tua sua	meus teus seus	minhas tuas suas
Vários possuidores	1.ª 2.ª 3.ª	nosso vosso seu	nossa vossa sua	nossos vossos seus	nossas vossas suas

Verbos regulares — 1.ª conjugação

Tempo verbal	Pessoa gramatical	*Cantar*	*Falar*	*Lavar*
Presente	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	canto cantas canta cantamos cantais cantam	falo falas fala falamos falais falam	lavo lavas lava lavamos lavais lavam
Pretérito perfeito	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	cantei cantaste cantou cantámos cantastes cantaram	falei falaste falou falámos falastes falaram	lavei lavaste lavou lavámos lavastes lavaram
Pretérito imperfeito	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	cantava cantavas cantava cantávamos cantáveis cantavam	falava falavas falava falávamos faláveis falavam	lavava lavavas lavava lavávamos laváveis lavavam
Futuro	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	cantarei cantarás cantará cantaremos cantareis cantarão	falarei falarás falará falaremos falareis falarão	lavarei lavarás lavará lavaremos lavareis lavarão

Verbos regulares — 2.ª conjugação

Tempo verbal	Pessoa gramatical	*Beber*	*Comer*	*Escrever*
Presente	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	bebo bebes bebe bebemos bebeis bebem	como comes come comemos comeis comem	escrevo escreves escreve escrevemos escreveis escrevem
Pretérito perfeito	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	bebi bebeste bebeu bebemos bebestes beberam	comi comeste comeu comemos comestes comeram	escrevi escreveste escreveu escrevemos escrevestes escreveram
Pretérito imperfeito	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	bebia bebias bebia bebíamos bebíeis bebiam	comia comias comia comíamos comíeis comiam	escrevia escrevias escrevia escrevíamos escrevíeis escreviam
Futuro	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	beberei beberás beberá beberemos bebereis beberão	comerei comerás comerá comeremos comereis comerão	escreverei escreverás escreverá escreveremos escrevereis escreverão

Verbos regulares — 3.ª conjugação

Tempo verbal	Pessoa gramatical	*Abrir*	*Dividir*	*Partir*
Presente	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	abro abres abre abrimos abris abrem	divido divides divide dividimos dividis dividem	parto partes parte partimos partis partem
Pretérito perfeito	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	abri abriste abriu abrimos abristes abriram	dividi dividiste dividiu dividimos dividistes dividiram	parti partiste partiu partimos partistes partiram
Pretérito imperfeito	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	abria abrias abria abríamos abríeis abriam	dividia dividias dividia dividíamos dividíeis dividiam	partia partias partia partíamos partíeis partiam
Futuro	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	abrirei abrirás abrirá abriremos abrireis abrirão	dividirei dividirás dividirá dividiremos dividireis dividirão	partirei partirás partirá partiremos partireis partirão

Verbos irregulares

Tempo verbal	Pessoa gramatical	*Dar*	*Dizer*	*Estar*
Presente	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	dou dás dá damos dais dão	digo dizes diz dizemos dizeis dizem	estou estás está estamos estais estão
Pretérito perfeito	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	dei deste deu demos destes deram	disse disseste disse dissemos dissestes disseram	estive estiveste esteve estivemos estivestes estiveram
Pretérito imperfeito	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	dava davas dava dávamos dáveis davam	dizia dizias dizia dizíamos dizíeis diziam	estava estavas estava estávamos estáveis estavam
Futuro	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	darei darás dará daremos dareis darão	direi dirás dirá diremos direis dirão	estarei estarás estará estaremos estareis estarão

Verbos irregulares

Tempo verbal	Pessoa gramatical	*Fazer*	*Haver*	*Ir*
Presente	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	faço fazes faz fazemos fazeis fazem	hei hás há havemos haveis hão	vou vais vai vamos ides vão
Pretérito perfeito	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	fiz fizeste fez fizemos fizestes fizeram	houve houveste houve houvemos houvestes houveram	fui foste foi fomos fostes foram
Pretérito imperfeito	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	fazia fazias fazia fazíamos fazíeis faziam	havia havias havia havíamos havíeis haviam	ia ias ia íamos íeis iam
Futuro	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	farei farás fará faremos fareis farão	haverei haverás haverá haveremos havereis haverão	irei irás irá iremos ireis irão

Verbos irregulares

Tempo verbal	Pessoa gramatical	*Ouvir*	*Poder*	*Querer*
Presente	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	ouço ouves ouve ouvimos ouvis ouvem	posso podes pode podemos podeis podem	quero queres quer queremos quereis querem
Pretérito perfeito	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	ouvi ouviste ouviu ouvimos ouvistes ouviram	pude pudeste pôde pudemos pudestes puderam	quis quiseste quis quisemos quisestes quiseram
Pretérito imperfeito	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	ouvia ouvias ouvia ouvíamos ouvíeis ouviam	podia podias podia podíamos podíeis podiam	queria querias queria queríamos queríeis queriam
Futuro	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	ouvirei ouvirás ouvirá ouviremos ouvireis ouvirão	poderei poderás poderá poderemos podereis poderão	quererei quererás quererá quereremos querereis quererão

Verbos irregulares

Tempo verbal	Pessoa gramatical	*Saber*	*Ser*	*Ter*
Presente	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	sei sabes sabe sabemos sabeis sabem	sou és é somos sois são	tenho tens tem temos tendes têm
Pretérito perfeito	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	soube soubeste soube soubemos soubestes souberam	fui foste foi fomos fostes foram	tive tiveste teve tivemos tivestes tiveram
Pretérito imperfeito	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	sabia sabias sabia sabíamos sabíeis sabiam	era eras era éramos éreis eram	tinha tinhas tinha tínhamos tínheis tinham
Futuro	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	saberei saberás saberá saberemos sabereis saberão	serei serás será seremos sereis serão	terei terás terá teremos tereis terão

Soluções

Plano dos sons

Pág. 9

Diz o professor:
«— Eu lavo-me
Tu lavas-te
Ele lava-se
Nós lavamo-nos
Vós lavais-vos
Eles lavam-se»
O que é isto?
Responde o aluno:
— É domingo, senhor professor.

ervilha, armário, urso, oitenta, escola.

Pág. 10

Lagarto pintado
Quem te pintou?
Foi uma velha
Que por aqui passou.
No tempo da eira
Fazia poeira
Puxa, lagarto, por essa orelha.

A carta que me mandaste
Abri-a com muito jeito;
Trazia o teu coração,
Caiu-me dentro do peito.

Pág. 11

Ó rama, ó que linda rama,
Ó rama da oliveira,
O meu par é o mais lindo
Que anda aqui na roda inteira.

macaco, banana, leão, seleção, sapato, quadro, patinho.

Pág. 14

a) doce;
b) amor;
c) meter;
d) aroma.

a) quadros;
b) arca;
c) saco;
d) cola/sola;
e) poço;
f) concerto/conserto;
g) bacia;
h) alcatifa;
i) sem/cem/quem;
j) sapato;
k) cosido;
l) massa/maca;
m) máximo;
n) esquadro;
o) solução.

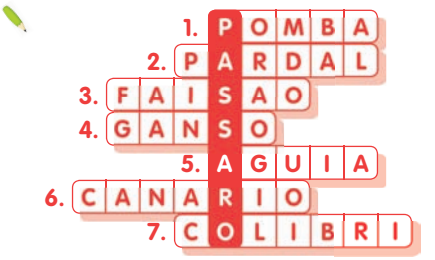

Pág. 15

Abelhinha, abelhinha
Toma lá a tua mosquinha
Zurra, zurra, pica na burra
Come, come, se tens fome.

Atirei o pau ao gato
Mas o gato não morreu.
Dona Chica assustou-se
Com o berro, com o berro
Que o gato deu: miau!

Pág. 16

a) 3); **b)** 1); **c)** 2).

Pág. 18

cara — dissílabo;
capota — trissílabo;
ratazana — polissílabo;
ri — monossílabo;
rapaz — dissílabo;
ricaço — trissílabo.

Resposta livre.

Pág. 19

maracujá — ma-ra-cu-já — palavra aguda;
pera — pe-ra — palavra grave;
maçã — ma-çã — palavra aguda;
nêspera — nês-pe-ra — palavra esdrúxula;
papaia — pa-pai-a — palavra grave.

Pág. 21

Rita: Olá! O que fazes aqui?
João: Vim fazer uma pesquisa sobre raposas.
Rita: Sobre raposas?
João: Sim, estou a ler *O Principezinho*. Vem ajudar-me a procurar!
Rita: Claro!
João: Obrigado!

Entoação declarativa — Vim fazer uma pesquisa sobre raposas. / Sim, estou a ler *O Principezinho*.
Entoação exclamativa — Olá! / Claro! / / Obrigado!
Entoação interrogativa — O que fazes aqui? / Sobre raposas?
Entoação imperativa — Vem ajudar-me a procurar!

Resposta livre.

Plano da representação gráfica e ortográfica — A escrita

Pág. 23

Início de período — A, Nesses.
Nomes de pessoas — Tung, Chen-Mou, Miss Lu.
Nomes de locais — Formosa, Macau.
Nomes sagrados — Natal, Cristo.

Pág. 25

Acento agudo — Júlio, José, pátio, encontrá-lo, estás.
Acento grave — Às.
Acento circunflexo — Ângela, vê, três.

Pág. 26

1) e) pré-história;
2) f) feijão-verde;
3) i) riu-se;
4) g) ex-presidente;
5) h) abre-latas;
6) d) pré-escolar;
7) b) pós-venda;
8) a) lavo-me;
9) c) escrever-lhe.

Pág. 27

cas-/ta-/nha;
cor-/rer;
lei-/te;
arroz-/-doce;
di-/a-/bo;
con-/nos-/co;
Ro-/dri-/go;
fez-/-lhe;
te-/lha-/do;
bai-/xo;
pul-/so;
cri-/an-/ça;
aves-/truz.

Pág. 29

Ontem, quando atravessava o Rossio, o meu filho mais novo perguntou-me:
— Ó pai, posso subir às árvores?
— Estás doido! — respondi-lhe.
Quando chegámos a casa, o miúdo voltou a perguntar:
— E agora? Posso ir brincar para a rua?
— Pois sim, vai, mas não saias do passeio.
Daí a momentos, vim à janela para espiar; o pequeno trepava com destreza um candeeiro de iluminação pública.
— Eh pá! Desce daí!

Pág. 31

( ) assinalam uma informação complementar.
« » assinalam uma palavra inventada.
[ ] assinalam uma parte do texto que foi suprimida.

O coelho e o macaco eram amigos, mas estavam sempre a atazanar-se um ao outro.
O macaco via o coelho ao longe e começava logo:
— Coelho dentudo, corpo barrigudo, rabo de veludo!
O coelho respondia-lhe:
— Olha o macaco macacão, olhos de sabão, miolos de algodão!
[...]
Numa ocasião em que o macaco estava a dormir num galho, com a comprida cauda dependurada, o coelho muniu-se de um cacete e zás! Deu-lhe uma pancada com toda a força na cauda.
— Porque me fizeste isto, traidor! — gritava o macaco.

Pág. 32

Itálico — *Visão Júnior*; *site*.
Negrito — Mostra que és bom a ler; Mostra que és bom a resumir; Mostra que és bom a escrever.
Sublinhado — A iniciativa desenrolar-se-á em três fases.

Pág. 33

Era uma velha muito velha, muito velha, tão velha que não havia velha mais velha do que ela.

Um dia, estava a velha a ver televisão, num aparelho também muito velho, quando anunciaram que iam fazer um concurso para proclamar a velha mais velha do mundo.

Pág. 35

a) O restaurante fica na margem do **rio**.
b) **Rio**-me sempre que me lembro dessa história.

O meu pai deu-nos um **conselho**: «**viajem** o mais que puderem, porque mais vale duas viagens na mão que **cem** a voar. Cada passeio **traz** consigo muitas delícias para todos **nós**. Eu, assim que me **sento** no carro, sonho em encontrar lindas paisagens a toda a **hora**»!

Plano das classes de palavras

Pág. 37

a) rato — nome comum;
b) resposta livre — nome próprio;
c) cardume — nome coletivo.

Pág. 38

bolacha — nome comum;
manada — nome coletivo;
África — nome próprio;
limão — nome comum.

a) 1; **b)** 3; **c)** 5; **d)** 6; **e)** 8; **f)** 11; **g)** 12; **h)** 10; **i)** 2; **j)** 7; **k)** 4; **l)** 9.

Pág. 40

As **minhas** férias foram em casa dos **meus** avós. Todos **os** anos **as** minhas férias são lá. A casa dos **meus** avós é grande, mas parece **um** bocadinho pequena. Tem **umas** escadas e **uma** cave e muito mais quartos do que **a minha** casa, mas tudo parece **um** bocadinho mais baixo e apertado. Agora já acordei e estou aqui sentado a escrever **esta** redação sobre as férias. As minhas férias foram assim.

Pág. 42

a) duas flores; **b)** um quarto; **c)** o dobro.

Pág. 44

árvore — enorme, grande, bela;
ilha — pequenina;
povo — feliz, orgulhoso;
copa — frondosa, bem formada, larga;
problema — terrível;
ramos — compridos;
folhagem — espessa.

Pág. 46

Tinham ultrapassado a zona que rodeava a Quinta das Lágrimas e viraram à direita, encaminhando-se para a ponte sobre o rio Mondego.
Apesar da hora **tardia** e do esforço **físico** que acabavam de fazer, não sentiam cansaço, e o facto de as ruas se encontrarem praticamente **desertas** não lhes metia medo.
A cidade que se erguia em espiral na outra margem, com a torre do sino da Universidade lá bem no alto, **iluminada** por focos **invisíveis** e pela luz do luar, pareceu-lhes ainda mais **bonita**.
Apetecia-lhes o passeio **solitário** pela parte **antiga**, não lhes faltava ânimo para subirem as vielas que conduziam ao Albergue da Juventude, transbordavam energia como se lhes corresse nas veias **autêntico** sangue de tigre. O pior era a fome que voltava a atormentá-los.

Pág. 47

corpo — delicado;
olhos — grandes, castanhos;
espanto — permanente;
corte — requintado;
blusas — claras, graciosas.

Resposta livre.

Pág. 49

Todos os meninos saíram para o jardim. **Eles** queriam brincar com o cão que tinha aparecido ali nessa manhã. Mas **este** estava a correr furiosamente atrás do Fiel, o cão do Jaime.
Aflito, o Jaime gritou:
— Venham cá, pestinhas! E tu, forasteiro, deixa o Fiel, que **ele** é **meu**.

Pronomes pessoais — eles, ele.
Pronomes possessivos — meu.
Pronomes demonstrativos — este.

Pág. 51

muge — mugir, verbo principal;
berra — berrar, verbo principal;
grasna — grasnar, verbo principal;
ruge — rugir, verbo principal;
mia — miar, verbo principal;
uiva — uivar, verbo principal;
tem — ter, verbo auxiliar;
ladrado — ladrar, verbo principal;
foi — ser, verbo auxiliar;
dada — dar, verbo principal.

Pág. 52

Os meninos brincavam no jardim.
Apareceu um urso.
O urso pediu-lhes a bola.
Os meninos deram a bola ao urso.
O urso brincou com os meninos no jardim.
Ficaram todos muito felizes.

Pág. 53

Sugestão de resposta:
Os meninos brincavam no jardim, quando apareceu um urso, que lhes pediu a bola. Os meninos deram-lha e o urso brincou com eles. Ficaram todos muito felizes.

Plano morfológico — A forma das palavras

Pág. 55

Palavras variáveis — A, professora, recebe, o, aluno, novo, diz, lhe, se, sentar, ela.
Palavras invariáveis — e, para, frente, a.

O João fica contente e satisfeito porque aprende muito.

a) A Mariana fica contente e satisfeita porque aprende muito.
b) O João e a Mariana ficam contentes e satisfeitos porque aprendem muito.
c) Ontem, o João e a Mariana ficaram contentes e satisfeitos porque aprenderam muito.

Pág. 57

Masculino — ovos, coelhinhos, afilhados, padrinhos.
Feminino — Páscoa, prendas.

a) telemóvel;
b) rebuçado;
c) lápis.

Pág. 59

T	R	A	G	A	T	A	A	D	O	R	A
I	A	T	N	Q	A	R	T	I	R	S	B
C	B	R	M	L	A	A	T	N	X	Z	E
L	D	I	C	O	L	B	S	A	U	V	L
D	G	Z	E	P	U	I	R	M	Ã	Q	H
A	H	Z	V	F	N	I	I	A	P	O	A
I	A	Z	X	G	A	D	P	R	C	U	B
F	C	F	F	B	A	F	A	Q	M	N	G
P	O	E	T	I	S	A	T	U	L	V	L
L	O	R	U	T	S	I	O	E	C	Z	E
P	M	P	R	I	N	C	E	S	A	S	O
N	O	P	I	N	T	O	R	A	X	T	A

gato, irmão, poeta, príncipe, pintor, ator, aluno, dinamarquês, zângão, leão.

Pág. 60

M	U	L	T	I	D	Ã	O	C	A	V	Q
Ã	O	A	J	I	T	S	N	A	R	I	Z
O	M	V	H	L	A	R	Q	M	B	S	R
L	U	R	G	P	E	D	C	P	O	M	T
P	N	A	V	A	C	L	V	O	Z	U	A
M	A	D	B	P	T	D	J	N	N	V	N
Z	H	O	M	E	M	A	I	Ê	K	X	Z
X	U	R	F	L	G	I	J	S	O	P	O
C	A	P	I	T	Ã	O	L	N	M	Q	L

Pág. 62

a) girassol;
b) rosa;
c) margarida;
d) cravo;
e) jasmim;
f) túlipa.

a) girassóis;
b) rosas;
c) margaridas;
d) cravos;
e) jasmins;
f) túlipas.

Pág. 64

Grau diminutivo: rio — riacho; jornal — jornaleco; ovo — ovinho; burro — burrico; rato — ratito.
Grau aumentativo: muro — muralha; rapaz — rapagão; bigode — bigodeira; cão — canzarrão; boca — bocarra.

Pág. 66

a) 5); **b)** 4); **c)** 3); **d)** 2); **e)** 1).

Pág. 67

a) 2); **b)** 3); **c)** 1); **d)** 5); **e)** 4).

Pág. 69

muito pesada — grau superlativo absoluto analítico;
o mais pesado — grau superlativo relativo de superioridade;
tão pesada como — grau comparativo de igualdade;
menos pesada do que — grau comparativo de inferioridade.

a) comprido — comparativo de superioridade;
b) lindo — superlativo absoluto sintético;
c) alegre — normal;
d) caro — superlativo relativo de inferioridade;
e) feliz — comparativo de igualdade.

Pág. 70

a) tão pesado como;
b) muito bonita;
c) a mais alta.

Pág. 73

O velho desatou a rir.
— É verdade, eu menti-te, não era um marinheiro mas um guarda. Para combater o tédio e para me aguentar em pé, lia sem parar. O mar, não o vi senão em postais, e agora, jamais o poderei ver; porém, quando estou aqui sentado no banco — sozinho na escuridão — à minha frente vejo todos os mares do mundo. Vejo-os e sinto-lhes o odor e a salitre, distingo as brisas leves das que anunciam a tempestade.

Pronomes pessoais		
Pessoa	Número	
	Singular	Plural
1.ª	eu, me	
2.ª	te	
3.ª	o	os, lhes

a) 5); **b)** 3); **c)** 4); **d)** 1); **e)** 2).

Pág. 75

1.ª conjugação — andar, estudar, jogar, brincar.
2.ª conjugação — fazer, ler, escrever.
3.ª conjugação — rir, partir, sorrir.

reaver, confessar, conseguir, passar.

1.ª conjugação — confessar, passar.
2.ª conjugação — reaver.
3.ª conjugação — conseguir.

Pág. 76

escuto, escutas, escuta, escutamos, escutais, escutam.

a) Tu saltas muitas vezes.
b) Nós saltamos à corda.
c) Eles saltam o muro.

Pág. 78

deu, estava, vivia, roeu, fugiu, está, voltou, fez, és, separarei.

Presente — está, és.
Pretérito perfeito — deu, roeu, fugiu, voltou, fez.
Pretérito imperfeito — estava, vivia.
Futuro — separarei.

a) Amanhã o Pedro dará comida ao gato.
b) Amanhã eu brincarei com o gato do Pedro.

Pág. 80

Formas verbais	Modo verbal
trabalhar	infinitivo
gostaria	condicional
tirar	infinitivo
vou	indicativo
cala	imperativo
quero	indicativo
ouvir	infinitivo

Pág. 82

Um dia, os gatinhos **perderam** as suas luvas e **começaram** a dizer:
— Mãe, querida mãe, **estamos** muito tristes porque **perdemos** as nossas luvas.
E **choravam** muito.
A gata, toda assanhada, **respondeu**-lhes:
— Sois uns maus gatinhos, por isso não **comereis** destes pastéis que eu **acabo** de fazer… Miau… Miau…

Pág. 85

Formas verbais	Forma do infinitivo	Conjugação	Verbo regular/ /irregular
é	ser	2.ª	irregular
vai	ir	3.ª	irregular
fazer	fazer	2.ª	irregular
diz	dizer	2.ª	irregular
são	ser	2.ª	irregular
tenho	ter	2.ª	irregular
gosto	gostar	1.ª	regular

ser, fui, era, serei;
ir, fui, ia, irei;
fazer, fiz, fazia, farei;
dizer, disse, dizia, direi;
ter, tive, tinha, terei.

Pág. 87

a) arroz-doce;
b) saca-rolhas;
c) surdo-mudo;
d) amor-perfeito;
e) guarda-chuva;
f) madrepérola;
g) guarda-roupa.

Plano sintático — As frases

Pág. 89

Verbos principais	Frase simples	Frase complexa
puxar instalar-se		✓
fechar abandonar-se		✓
saber	✓	

Pág. 90

Os meninos foram à praia e tomaram banho.
O pai brincou com eles enquanto a mãe passeava pela praia.
Apareceu a tia e comprou-lhes gelados.

Ficaram muito contentes porque os gelados eram deliciosos.
Foram todos almoçar quando a mãe regressou do passeio.

Pág. 92

Frases declarativas — Por isso, voltaram à Rua Nova dos Mercadores, agora quase deserta. / Muitos comerciantes haviam fechado as lojas para poderem ver o rei. / … exclamou o João, encostando-se à ombreira de uma porta. / Inesperadamente ela abriu-se. / Mafalda riu-se.
Frases exclamativas — Que maçada! / Estava só encostada! / Não há poucos!
Frases interrogativas — Neste tempo não há roubos?
Frases imperativas — Olha!

Que horas são? — 4. Estou cheio de sede! — 2.
São 10 horas — 1. Bebe um copo de água — 3.

Pág. 93

Frase declarativa — Mantenho o meu caderno cuidado e bem organizado.
Frase exclamativa — Manténs o teu caderno cuidado e bem organizado!
Frase interrogativa — Manténs o teu caderno cuidado e bem organizado?
Frase imperativa — Mantém o teu caderno cuidado e bem organizado!

Pág. 94

Frase afirmativa	Frase negativa
O João vai à praia.	O João não vai à praia.
A Maria joga à bola.	A Maria não joga à bola.
Eles comem gelados todos os dias.	Eles não comem gelados todos os dias.
O pai do Tiago foi à festa.	O pai do Tiago não foi à festa.
A enfermeira gosta do seu trabalho.	A enfermeira não gosta do seu trabalho.
Faço sempre os trabalhos de casa.	Não faço sempre os trabalhos de casa.

Quem trabalha come.

Pág. 95

a) A menina bebeu um sumo.
b) O Pedro comprou um livro.
c) O meu pai lê o jornal diariamente.

a) A menina bebeu um sumo.
b) O Pedro comprou um livro.
c) O meu pai lê o jornal diariamente.

Pág. 96

Grupo verbal	Núcleo
a) comeu a banana	comeu
b) fez os trabalhos de casa	fez
c) escorregou	escorregou
d) ajudou o filho	ajudou
e) rasgou o papel	rasgou
f) perdeu o comboio	perdeu

Pág. 97

a) 5; **b)** 6; **c)** 4; **d)** 2; **e)** 1; **f)** 3.

Sugestão de resposta:
a) O pato nadava no lago.
b) A Rita brinca com o irmão.
c) A mãe do Bruno foi às compras.
d) A enfermeira tratou do paciente.
e) O teu irmão está cansado.
f) O maquinista conduzia o comboio.
g) O autocarro chegou atrasado.

a) O pato nadava no lago.
b) A Rita brinca com o irmão.
c) A mãe do Bruno foi às compras.
d) A enfermeira tratou do paciente.
e) O teu irmão está cansado.
f) O maquinista conduzia o comboio.
g) O autocarro chegou atrasado.

Pág. 98

O Luisinho olhou em volta. A mãe devia estar a chegar das compras e a criada estava distraída com a rádio.

Pág. 99

Um burro, um gato, um galo e um cão decidiram abrigar-se e dormir na floresta. O burro e o cão **deitaram-se junto a uma árvore**, enquanto o gato e o galo **treparam para um ramo**. Foi então que o galo **viu uma luz ao longe** e alertou os amigos. Era uma casa que abrigava uns ladrões. Os quatro amigos **resolveram assustá-los**.

Pág. 100

a) O Pedro leu um romance.
b) A Ana visitou o Museu do Traje.
c) O aluno escreveu uma composição sobre o outono.
d) Ela abriu a porta.
e) A rapariga cheirou a flor.

Pág. 101

a) As vizinhas conversavam alegremente.
b) Os rapazes brincam às escondidas no pátio.
c) Na primavera, as andorinhas fazem os ninhos.

Plano lexical e semântico — Os significados

Pág. 102

Sugestão de resposta: floreira, florista, floricultura, florir, florido, florescer, couve-flor, flor-de-lis.

Pág. 103

a) refúgio; **b)** lindo; **c)** pedaço; **d)** andar; **e)** pôr.

Pág. 104

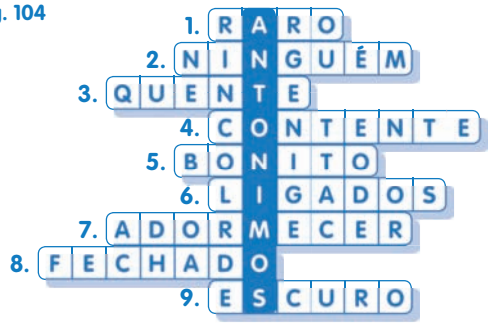

Pág. 105

carro — 5; zangado — 11; janota — 7; jarra — 8; armário — 2; zebra — 12; xaile — 10; coelho — 6; barco — 3; carregado — 4; antigo — 1; lobo — 9.

amigas — amigo;
ricos — rico;
gata — gato;
comias — comer;
espertos — esperto;
ratos — rato;
lavava — lavar;
cansados — cansado;
leram — ler.

Plano discursivo e textual — A comunicação

Pág. 107

Enunciado:
É tão bom ser nuvem,
Ter um corpo leve,
E passar, passar.
Recetor: nome do aluno.

Pág. 108

Locutor	Enunciado	Interlocutor
Cegonha	Bom dia, Espiga!	—
—	Com quem estás a falar?	Cegonha
Cegonha	—	Sementinha
Sementinha	—	Cegonha

Pág. 111

Texto A — registo informal.
Texto B — registo formal.
Texto C — registo informal.
Texto D — registo informal.

Pág. 113

Pedro — Qual é o teu livro preferido, Lídia?
Lídia — Gosto de vários, Pedro. E tu, de que género de livros gostas?
Pedro — Eu prefiro livros de aventuras.
Lídia — Então lê *Uma Aventura na Escola*. Eu gosto muito da história.

Pág. 114

—Meus senhores, proponho que saudemos o aniversário de Carlos— bradou em tom de brinde.
—Apoiado— responderam todos, imitando-o.
—Adeus, Joana!— respondeu Carlos, perturbado e confuso.
—Adeus, Carlos!— respondeu ela maquinalmente.
—Até depois de amanhã, Joana.
—Pois sim.

O Jaime disse bom dia e perguntou a uma senhora, na paragem, a que horas passava o autocarro. A senhora respondeu que passaria às dez horas. O Jaime agradeceu-lhe.

Pág. 115

Resposta livre.

Pág. 116

Desculpe; Por favor; podia dizer-nos; Se não se importa.

Pág. 118

Texto A: Professor Leblanc; menina; Doutora Torres; Moisés; minha cara doutora.
Texto B: Tu; Mariana; Gaspar; a tua.

Pág. 119

O Gaspar e a Mariana usam um tratamento por **tu** porque existe entre eles uma relação de amizade e são duas crianças aproximadamente da mesma idade.
Embora o professor Leblanc gostasse de tratar **Omayra Torres** por «menina», esta não o permitiu, porque achou que entre eles só devia existir uma relação formal (sem grande intimidade entre eles, para evitar atitudes demasiado familiares). Assim, disse-lhe para a tratar por **doutora Torres**.

Gramática
de português

3.º e 4.º anos

do Primeiro Ciclo
do Ensino Básico

Graça Trindade e Madalena Relvão

Revisão científica: **Dulce Pereira**

Santillana
CONSTÂNCIA

EDUCAÇÃO EFICAZ

A **Gramática de Português** destinada ao 3.º e ao 4.º anos do 1.º Ciclo do Ensino Básico é uma obra coletiva, concebida e criada pelo Departamento de Investigações e Edições Educativas da Santillana-Constância, sob a direção de Sílvia Vasconcelos.

EQUIPA TÉCNICA
Chefe de Equipa Técnica: Patrícia Boleto
Modelo Gráfico: Carla Cartaxeiro
Capa: Paulo Oliveira
Ilustrações: Maria João Raimundo, Nósnalinha, Paulo Oliveira
Paginação: Célia Neves, Ilda Cruz, Leonor Ferreira
Revisão: Ana Abranches

EDITORES
Ana Mateus, Armando Gonçalves e Eva Arim

Santillana
CONSTÂNCIA

© 2011

Estrada da Outurela, 118
2794-084 CARNAXIDE

APOIO AO PROFESSOR
Tel.: 214 246 901
Fax: 214 246 909
apoioaoprofessor@santillana.pt

APOIO AO LIVREIRO
Tel.: 214 246 906
Fax: 214 246 907
apoioaolivreiro@santillana.pt

Internet: www.santillana.pt

Impressão e Acabamento: Printer Portuguesa

ISBN: 978-972-761-885-9

1.ª Edição
1.ª Tiragem: 7000

Depósito Legal: 321990/11

Apresentação

Num contexto de implementação de Novos Programas de Português do Ensino Básico, de adoção de um novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa e de integração de um novo Dicionário Terminológico, esta Gramática apresenta-se como um auxiliar na aprendizagem da língua portuguesa.

Geralmente, o termo «gramática» oscila entre um conceito mais ou menos normativo e outro mais ou menos descritivo, sendo que o primeiro é entendido como um conjunto de regras (consideradas corretas) a seguir pelo falante, enquanto o segundo aceita realizações linguísticas que o primeiro condenaria.

A nosso ver, o paradigma subjacente aos novos Programas (2009) procura articular de forma harmoniosa estes dois polos, partindo do conhecimento implícito e empírico dos alunos e conduzindo-os à enunciação das regras e à sua aplicação, enquanto falantes da língua portuguesa.

Este é o princípio estrutural do Laboratório de Língua sugerido nos Programas e será igualmente a coluna dorsal desta Gramática: o aluno observa práticas concretas de realização linguística, aplica o seu conhecimento empírico a exercícios propostos e, por fim, enuncia a regra, interiorizando-a e aplicando-a a novas situações, em articulação com outras competências enunciadas no Programa.

Por fim, gostaríamos de acentuar o facto de esta Gramática contribuir para o desenvolvimento da competência e da consciência linguística dos alunos.

As Autoras

Índice

	Pág.
Aos alunos do 3.º e do 4.º anos: como usar esta Gramática	6
Plano dos sons	
Os sons da língua portuguesa	8
As vogais	8
Os ditongos	10
As consoantes	11
Relação entre sons e letras	12
Os dígrafos	15
A letra *h*	15
As onomatopeias	16
A sílaba e a divisão silábica	17
A sílaba tónica e a sílaba átona	19
A entoação	20
Plano da representação gráfica e ortográfica — A escrita	
As letras	22
Os acentos	24
O hífen	26
O hífen como sinal de ligação	26
O hífen na translineação	27
Os sinais de pontuação	28
Os sinais auxiliares de escrita	30
As formas de destaque	32
A configuração gráfica	33
As relações entre palavras	34
Palavras homónimas	34
Palavras homógrafas	34
Palavras homófonas	34
Plano das classes de palavras	
Os nomes	36
Os nomes próprios	36
Os nomes comuns	36
Os determinantes	39
Os quantificadores numerais	41
Os adjetivos qualificativos	43
Os pronomes	48
Os verbos	50

Plano morfológico — A forma das palavras

Pág.

Palavras variáveis e palavras invariáveis 54
Variação dos nomes 56
Variação em género 56
Variação em número 60
Variação em grau 63
Variação dos adjetivos 65
Variação em género 65
Variação em número 67
Variação em grau 68
Variação dos pronomes 71
Variação em pessoa, em género e em número 71
Variação dos verbos 74
Conjugação verbal 74
Variação em pessoa e em número 76
Variação em tempo 77
Variação em modo 79
Verbos regulares 81
Verbos irregulares 83
Palavras simples e palavras complexas 86
Derivação 86
Composição 87

Plano sintático — As frases

As frases 88
Frases simples e frases complexas 89
Tipos de frase 91
Frases afirmativas e frases negativas 94
Os constituintes da frase 95
O grupo nominal 95
O grupo verbal 96
As funções sintáticas 98
O sujeito 98
O predicado 99
O complemento direto 100
A mobilidade dos elementos da frase 101

Plano lexical e semântico — Os significados

Famílias de palavras 102
Sinónimos e antónimos 103
Uso do dicionário 105

Plano discursivo e textual — A comunicação

A comunicação 106
Os registos de língua 109
Diálogo, discurso direto e discurso indireto 112
O princípio de cortesia 115
As formas de tratamento 117

Apêndice 120

Soluções 137

Aos alunos do 3.º e do 4.º anos: como usar esta Gramática

A tua Gramática está organizada em sete planos e tem um apêndice final. Dentro de cada plano, os temas estão organizados da seguinte forma:

— apresentação dos conteúdos gramaticais;
— resolução de exercícios de aplicação ( );
— resumo da informação essencial ( ).

Esta Gramática parte do princípio de que és já um falante da língua portuguesa e de que precisas agora de aprender algumas regras do seu funcionamento.

Plano dos sons

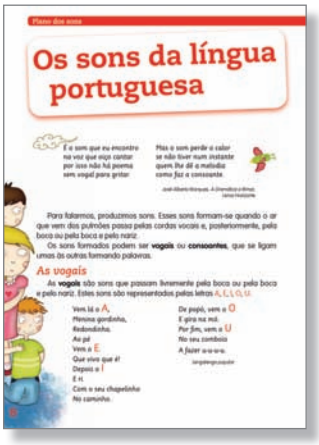

Aqui poderás encontrar informações sobre os sons da língua portuguesa.

Plano das classes de palavras

Neste plano, vais encontrar informações sobre os nomes, os verbos, os adjetivos e outras classes de palavras.

Plano da representação gráfica e ortográfica — A escrita

Neste plano, poderás estabelecer a ligação entre os sons da língua portuguesa e a sua representação gráfica. Poderás ainda ver como dispor os textos nas páginas.

Plano morfológico — A forma das palavras

Variação dos adjetivos

Variação em género

O **adjetivo** pode apresentar **variação em género**.
Repara nos adjetivos destacados no texto.

Era um belo espetáculo, a vida em torno, agitada ou morna.
Bolões nasciam perfumados e desabrochavam em flores radiosas,
pássaros voavam entre trinados alegres, pombos arrulhavam amor, ninhadas
de pintos recém-nascidos seguiam o escarvar de orgulhosa galinha, o grande
Pato Negro fazia a corte à vaidosa Pata Branca, banhando-se na água clara do lago.

Nomes	Adjetivos	
	Masculino	Feminino
espetáculo	belo	—
vida	—	agitada, morna
bolões	perfumados	—
flores	—	radiosas
pintos	recém-nascidos	—
galinha	—	orgulhosa
água	—	clara

Os adjetivos listados acima apresentam uma forma para o género masculino e uma forma para o género feminino.
Há também adjetivos que não variam em género, ou seja, a forma masculina e a forma feminina são iguais.
Ex.: o pato elegante / a pata elegante
o homem elegante / a mulher elegante

65

Há palavras invariáveis e palavras variáveis. Este plano apresenta-te as formas que as palavras podem tomar.

Plano sintático — As frases

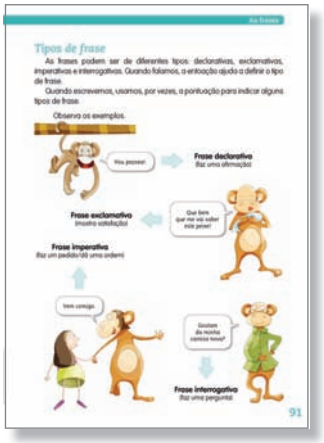
As frases

Tipos de frase

As frases podem ser de diferentes tipos: declarativas, exclamativas, imperativas e interrogativas. Quando falamos, a entoação ajuda a definir o tipo de frase.
Quando escrevemos, usamos, por vezes, a pontuação para indicar alguns tipos de frase.
Observa os exemplos.

Frase declarativa
(faz uma afirmação)

Frase exclamativa
(mostra satisfação)

Frase imperativa
(faz um pedido/dá uma ordem)

Frase interrogativa
(faz uma pergunta)

91

Para seres entendido pelos outros, precisas de ordenar as palavras e de organizá-las em frases. É a essa organização que este plano se dedica.

Plano lexical e semântico — Os significados

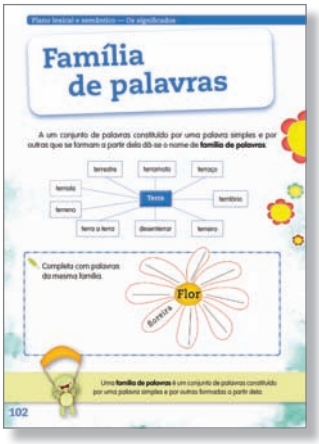
Plano lexical e semântico — Os significados

Família de palavras

A um conjunto de palavras constituído por uma palavra simples e por outras que se formam a partir dela dá-se o nome de **família de palavras**.

terrestre
terramoto
terraço
terroso
Terra
terrível
terreno
terra a terra
desenterrar
terreiro

Completa com palavras da mesma família.

Flor
floresta

Uma **família de palavras** é um conjunto de palavras constituído por uma palavra simples e por outras formadas a partir dela.

102

As palavras são um conjunto de sons com significado. Aqui encontras informações sobre o significado das palavras.

Plano discursivo e textual — A comunicação

Plano discursivo e textual — A comunicação

A comunicação

Quando falamos, procuramos transmitir aos outros aquilo que pensamos. Estamos a **comunicar**. Para isso, juntamos frases, formando textos ou discursos. Podemos comunicar **oralmente** ou por **escrito**.
Quando comunicamos oralmente, a pessoa que está a falar é o **locutor** e aquelas que o estão a escutar para depois falarem são os seus **interlocutores**.
Na escrita, diz-se que quem escreve é o **emissor** e que aquele que lê e interpreta o que está escrito é o **recetor**.
No texto seguinte, repara nas falas dos interlocutores e naquilo que eles dizem um ao outro (nos seus **enunciados**).

— Da que tamanho é que queres ficar? — perguntou.
— Oh, não faça questão quanto ao tamanho — respondeu Alice muito depressa —, só que uma pessoa não gosta de mudar tantas vezes de tamanho, sabe?
— Não sei, não! — disse a Lagarta.

Lewis Carroll, Alice no País das Maravilhas, Publicações Dom Quixote

Locutor	Enunciado	Interlocutor
	Da que tamanho é que queres ficar?	
	Oh, não faça questão quanto ao tamanho, só que uma pessoa não gosta de mudar tantas vezes de tamanho, sabe?	
	Não sei, não!	

106

Quando procuramos transmitir o nosso pensamento aos outros por palavras, estamos a comunicar. A comunicação tem regras, que podes encontrar neste plano.

Nas páginas 120-135, encontrarás um apêndice com uma sistematização dos conteúdos gramaticais estudados.

As soluções (ou sugestões de resposta) das atividades propostas ao longo da gramática encontram-se nas páginas 137-144.

Os sons da língua portuguesa

É o som que eu encontro
na voz que oiço cantar
por isso não há poema
sem vogal para gritar.

Mas o som perde o calor
se não tiver num instante
quem lhe dê a melodia
como faz a consoante.

José-Alberto Marques, *A Gramática a Rimar*,
Livros Horizonte

Para falarmos, produzimos sons. Esses sons formam-se quando o ar que vem dos pulmões passa pelas cordas vocais e, posteriormente, pela boca ou pela boca e pelo nariz.

Os sons formados podem ser **vogais** ou **consoantes**, que se ligam umas às outras formando palavras.

As vogais

As **vogais** são sons que passam livremente pela boca ou pela boca e pelo nariz. Estes sons são representados pelas letras A, E, I, O, U.

Vem lá o A,
Menina gordinha,
Redondinha.
Ao pé
Vem o E.
Que vivo que é!
Depois o I
E ri
Com o seu chapelinho
No caminho.

De popó, vem o O
E gira na mó.
Por fim, vem o U
No seu comboio
A fazer u-u-u-u.

Lengalenga popular

As vogais podem ser orais ou nasais. As **vogais orais** são aquelas que se produzem quando o ar passa apenas pela boca. As **vogais nasais** são produzidas quando o ar passa ao mesmo tempo pela boca e pelo nariz.

Vogais orais	Vogais nasais
casa, cama	cantar
serra, ser, pedir	gente
ilha	pintar
avó, avô	som
tu	juntar

Completa a anedota seguinte colocando as vogais em falta.

Diz o pr__f__ssor:

«— Eu lav__-me

Tu l__vas-t__

El__ lav__-se

Nós l__vam__-nos

V__s lavais-v__s

__l__s lavam-se»

__ que é isto?

Responde o __l__no:

— É d__ mingo,
senh__r pr__f__ss__r.

Circunda as palavras abaixo que começam por vogal.

casaco faca ervilha
armário museu urso
garrafa raposa oitenta
mapa escola

Os ditongos

Quando duas vogais se encontram na mesma sílaba, estamos perante um ditongo. Os ditongos também podem ser orais ou nasais.

Ditongos orais	Ditongos nasais
pai, mau	irmão, mãe
papéis, céu	
viu, sorriu	
boi, noiva	canções, põe
Rui, azuis	muito

Na lengalenga seguinte, circunda as letras que representam as vogais nasais e sublinha os conjuntos de letras que representam os ditongos.

Lagarto pintado
Quem te pintou?
Foi uma velha
Que por aqui passou.
No tempo da eira
Fazia poeira
Puxa, lagarto, por essa orelha.

Lengalenga popular

Lê a quadra seguinte e sublinha a vermelho os conjuntos de letras que representam os ditongos nasais e a verde os que representam os ditongos orais.

A carta que me mandaste
Abri-a com muito jeito;
Trazia o teu coração,
Caiu-me dentro do peito.

Quadra popular

As **vogais orais** e os **ditongos orais** são sons produzidos quando o ar passa só pela boca. Por exemplo: *a, u, ai, eu*.

As **vogais nasais** e os **ditongos nasais** são sons produzidos quando o ar passa ao mesmo tempo pela boca e pelo nariz. Por exemplo: *ã, ão, õe*.

As consoantes

Na produção das consoantes, o som formado nas cordas vocais não sai livremente pela boca, sendo interrompido, por exemplo, pela língua ou pelos lábios.

Na escrita, estes sons são representados pelas letras seguintes.

Algumas consoantes desapareceram da quadra seguinte. Completa-a com as consoantes que faltam.

Ó ra __a, ó que __inda __ama,
Ó rama __a oli__eira,
O __eu __ar é o mais lin__o
Que anda aqui na __oda in__eira.

Quadra popular

Escolhe, de entre as palavras abaixo, aquelas que começam por consoante e reescreve-as no teu caderno.

macaco banana leão ave
seleção sapato Ericeira quadro
patinho ondas uvas

Na produção das **consoantes**, o som não sai livremente pela boca, sendo interrompido, por exemplo, pela língua ou pelos lábios.

Relação entre sons e letras

Os sons da língua são representados por símbolos — as letras.

No entanto, uma letra não representa sempre o mesmo som. Repara que, nas duas palavras seguintes, a letra ***r*** não corresponde ao mesmo som.

arco-íris

roca

A letra ***o*** também pode corresponder a vários sons.

cola

coxa

colar

Outras correspondências entre letras e sons são apresentadas no quadro abaixo. Se reparares bem, as letras destacadas representam sons diferentes.

Letras	Exemplos
x	**x**aile, tá**x**i, e**x**ame, pró**x**imo
g	**g**ato, **g**iz
s	**s**anto, a**s**a
c	**c**abelo, **c**ereja

Um mesmo som também pode ser representado por letras diferentes. Nas palavras seguintes, as letras destacadas correspondem sempre a um mesmo som.

Som [s]

selo

cinto

po**ç**o

Som [R]

rato

go**rr**o

Som [k]

casa

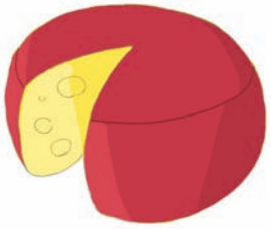

queijo

Em cada caso, muda a ordem das letras e descobre novas palavras.

a) C E D O

b) R A M O

c) T E M E R

d) A M O R A

Completa as palavras seguintes com a letra ou as letras que representam o primeiro som da palavra *casa* ou o primeiro som da palavra *selo*.

a) __ uadros
b) ar __ a
c) sa __ o
d) __ ola
e) po __ o
f) con __ erto
g) ba __ ia
h) al __ atifa
i) __ em
j) __ apato
k) __ osido
l) ma __ a
m) má __ imo
n) es __ uadro
o) solu __ ão

Completa o crucigrama com as consoantes em falta, de modo a obteres nomes de sete aves.

1. Ave que é o símbolo da paz.
2. Pássaro pequeno, irrequieto, frequente nos campos e junto das casas.
3. Ave famosa pela sua cauda grande e colorida, que abre em leque.
4. Ave da família do pato.
5. Grande ave de rapina.
6. Ave que canta.
7. Pequeno pássaro da América, colorido e de bico longo.

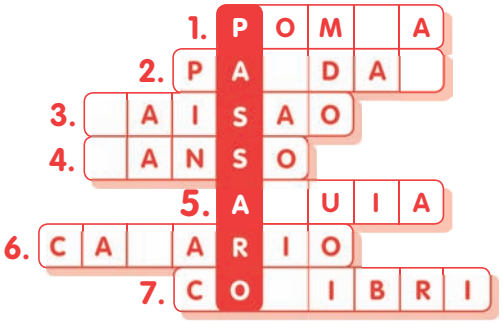

As **letras** representam diferentes **sons** que se agrupam em palavras.

A mesma letra pode representar vários sons.

O mesmo som pode também ser representado por várias letras.

Os dígrafos

Por vezes, duas letras associadas representam um único som. São os **dígrafos**. Observa.

carro **ch**uva i**ss**o cami**nh**o

trabal**h**o **qu**eda **gu**izo

Circunda os dígrafos que encontrares nos textos seguintes.

Abelhinha, abelhinha
Toma lá a tua mosquinha
Zurra, zurra, pica na burra
Come, come, se tens fome.

Lengalenga popular

Atirei o pau ao gato
Mas o gato não morreu.
Dona Chica assustou-se
Com o berro, com o berro
Que o gato deu: miau!

Cantiga popular

A letra h

A letra ***h***, no início de palavra, não é pronunciada. Diz-se que é muda.

homem **h**onra **h**ora

Os grupos de duas letras que representam apenas um som chamam-se dígrafos: ***qu***, ***gu*** (antes de *e* ou *i*), ***ch***, ***nh***, ***lh***, ***ss***, ***rr***.
A letra ***h*** em início de palavra não se pronuncia (é muda).

As onomatopeias

As **onomatopeias** são expressões que procuram reproduzir sons naturais.

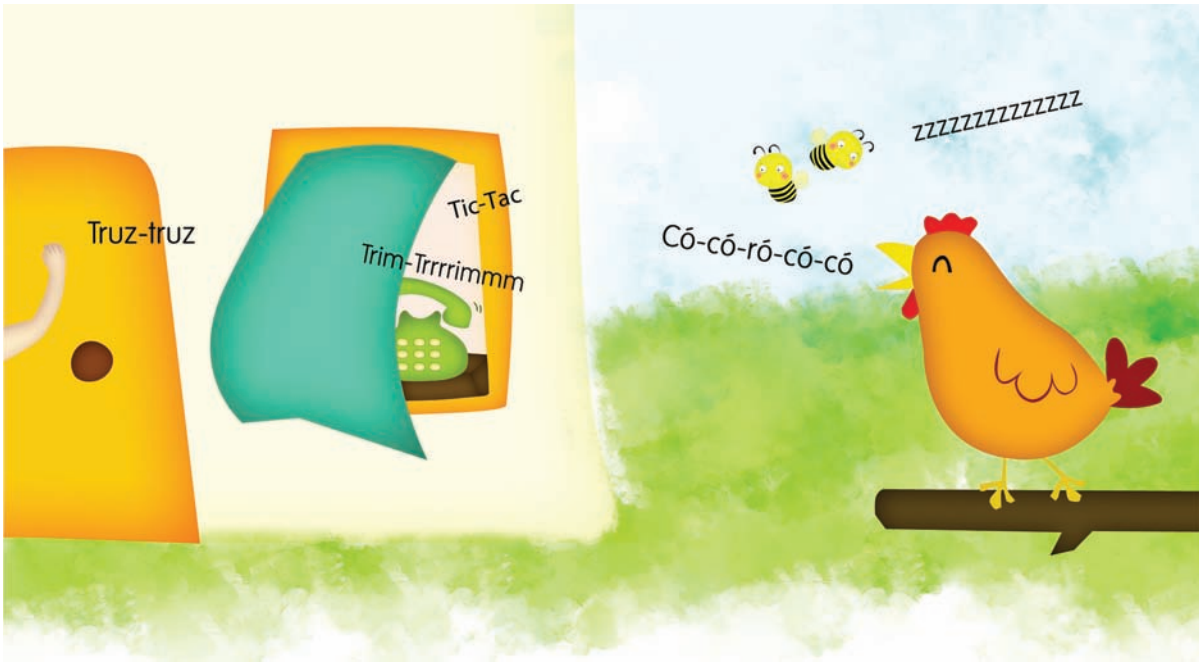

Associa cada imagem à onomatopeia correspondente.

a)

b)

c)

1) ron-ron ☐ **2)** catrapum ☐ **3)** piu-piu ☐

As expressões que imitam sons naturais chamam-se **onomatopeias**.

A sílaba e a divisão silábica

As palavras são constituídas por sílabas, que são elementos mais pequenos que se pronunciam de uma só vez.

Lê a cantiga e vê como se dividem algumas palavras no quadro abaixo.

Que linda falua que lá vem, lá vem,
é uma falua que vem de Belém.
Vou pedir ao senhor Barqueiro se me deixa passar,
tenho filhos pequeninos, não os posso sustentar.
Passará, passará, mas algum ficará,
se não for a mãe à frente, é o filho lá de trás.

Cantiga infantil

Palavra	Número de sílabas		Classificação
lá	lá	1	monossílabo
linda	lin-da	2	dissílabo
Barqueiro	Bar-quei-ro	3	trissílabo
pequeninos	pe-que-ni-nos	4	polissílabo

Forma palavras com as sílabas indicadas à esquerda e classifica essas palavras quanto ao número de sílabas. Segue o exemplo.

Sílabas	
1	ca
2	po
3	ra
4	ta
5	na
6	ri
7	za
8	paz
9	ço

Sílabas				Palavras	Classificação
1	3	–	–		
1	2	4	–	capota	trissílabo
3	4	7	5		
6	–	–	–		
3	8	–	–		
6	1	9	–		

Agora, preenche o quadro com seis monossílabos, seis dissílabos e seis trissílabos.

Monossílabos	Dissílabos	Trissílabos

As palavras podem ser divididas em elementos mais pequenos que se pronunciam de uma só vez — as **sílabas**.

As palavras com uma sílaba são **monossílabos**; com duas, são **dissílabos**; com três, são **trissílabos**; e, com quatro ou mais sílabas, são **polissílabos**.

A sílaba tónica e a sílaba átona

Geralmente, em cada palavra, há uma sílaba que se pronuncia com mais intensidade: é a **sílaba tónica**. As restantes são as **sílabas átonas**.

As palavras podem ser classificadas quanto à posição da sílaba tónica.

Palavra	Divisão silábica	Sílaba tónica	Classificação
jaca**ré**	ja-ca-**ré**	última	aguda
selva	**sel**-va	penúltima (antes da última)	grave
hipo**pó**tamo	hi-po-**pó**-ta-mo	antepenúltima (antes da penúltima)	esdrúxula

Preenche o quadro.

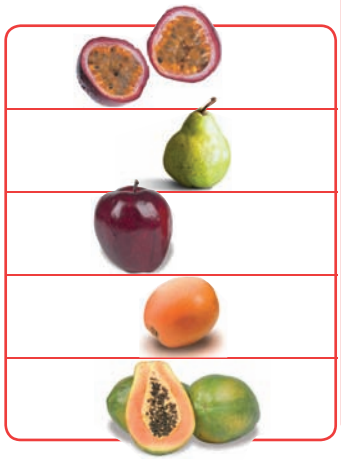

Palavra	Divisão silábica	Classificação
	ma-ra-cu-já	
		grave
maçã		
	nês-pe-ra	
papaia		

Na língua portuguesa, as palavras podem ser acentuadas na última sílaba (**agudas**), na penúltima sílaba (**graves**) ou na antepenúltima sílaba (**esdrúxulas**).

As palavras mais frequentes no português são as graves.

A entoação

Quando falamos, damos uma entoação às frases que permite mudar o seu sentido. Por exemplo, uma afirmação pode transformar-se numa pergunta se mudarmos a entoação.

Afirmação

O João está a chegar.

Pergunta

O João está a chegar?

A entoação também pode transformar uma ordem num pedido.

Ordem

Vai fechar a porta!

Pedido

Vai fechar a porta.

Com a entoação, conseguimos mostrar os nossos sentimentos. Podemos mostrar surpresa, raiva, alegria, medo, …

Na escrita, a entoação é representada por sinais de pontuação.

Entoação	Sinais de pontuação	Exemplos
Declarativa	Ponto final .	O João está a chegar.
Interrogativa	Ponto de interrogação ?	O João está a chegar?
Exclamativa	Ponto de exclamação !	Que pena!
Imperativa	Ponto final / ponto de exclamação . / !	Vai fechar a porta.

O João vai fazer um trabalho para a escola sobre *O Principezinho*.
Lê o diálogo e coloca os sinais de pontuação de acordo com a entoação que pensas que as personagens deram às frases.

Rita: Olá ☐ O que fazes aqui ☐

João: Vim fazer uma pesquisa sobre raposas ☐

Rita: Sobre raposas ☐

João: Sim, estou a ler *O Principezinho* ☐
Vem ajudar-me a procurar ☐

Rita: Claro ☐

João: Obrigado ☐

Agora, completa o quadro com exemplos do diálogo anterior.

Entoação	Frases/Expressões
Declarativa	
Exclamativa	
Interrogativa	
Imperativa	

Uns dias depois, a Rita telefonou ao João para saber como tinha corrido a apresentação do trabalho. Completa o diálogo.

Rita: Olá! _____ ?

João: Olá, Rita! _____ .

Rita: _____ ! Empresta-me o livro para eu ler!

Todas as frases possuem uma **entoação** que lhes atribui um significado. Essa entoação pode ser **declarativa**, **interrogativa**, **exclamativa** ou **imperativa**.

Na escrita, usa-se a pontuação para representar a entoação.

As letras

As **letras** são os símbolos gráficos que constituem o alfabeto.

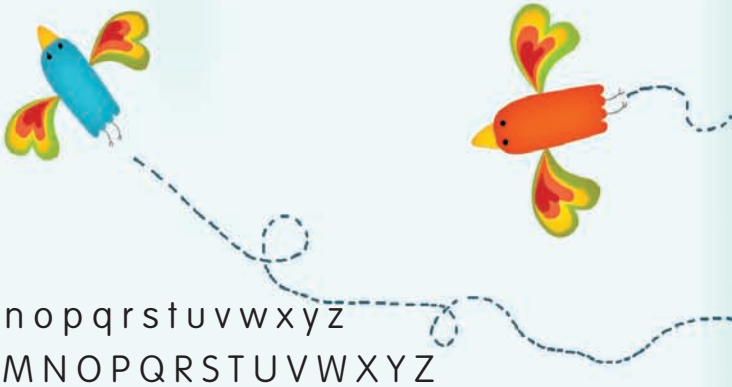

Letras de imprensa

a b c d e f g h i j k l m n o p q r s t u v w x y z

A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z

Letras manuscritas

a b c d e f g h i j k l m n o p q r s t u v w x y z

A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z

Copia para a página seguinte, em letra manuscrita, o texto abaixo, apresentado em letra de imprensa.

A senhora Tung viajava todos os anos da Formosa para Macau, na época do Natal, a fim de festejar o nascimento de Cristo na companhia da sua primogénita, a irmã Chen-Mou.

Nesses dias, com as meninas em férias, o refeitório do colégio parecia maior e mais desconfortável: só eu e Miss Lu nos sentávamos à mesa comprida das professoras.

Maria Ondina Braga, *Natal Chinês*, Panorama

Repara nas palavras do texto anterior que começam por maiúscula. Porque será? Preenche o quadro, verificando o motivo por que cada uma dessas palavras se inicia com maiúscula.

Início de período	Nomes próprios		
	Nomes de pessoas	Nomes de locais	Nomes sagrados
	Tung		

As **letras** podem ser **de imprensa** ou **manuscritas** (escritas à mão).
Em ambos os casos, usamos minúsculas e maiúsculas.
As maiúsculas são usadas em início de período e como inicial dos nomes próprios.

Os acentos

Em português, a sílaba tónica das palavras pode ser a última (palavras agudas), a penúltima (palavras graves) ou a antepenúltima (palavras esdrúxulas). Em algumas palavras, usa-se um **acento gráfico** para assinalar a sílaba tónica.

Acentos		Exemplos
´	acento agudo	*pátio, árvore, família*
`	acento grave	*às, àquele*
^	acento circunflexo	*ciência, pânico, lâmpada*

Apresentam-se abaixo algumas regras de acentuação gráfica:

- As **palavras agudas** são acentuadas graficamente quando terminam em *a/e/o* (*pá, pé, pó*) ou em *em/ens* (*alguém, parabéns*). Recebem um **acento agudo** quando a vogal tónica é aberta (*avó*) e um **acento circunflexo** quando a vogal tónica é fechada (*avô*).
- As **palavras graves** são as mais frequentes. Regra geral, estas palavras não recebem acento gráfico (*mesa, boneco, rapariga*). Excetuam-se casos em que as palavras graves terminam nas consoantes *l/n/r* (*dócil, abdómen, açúcar*), nas vogais *i/u*, seguidas ou não da consoante *s* (*júri, lápis*), em ditongos (*sótão*) ou em vogais nasais (*órfã*). Nestes casos, são geralmente marcadas com um **acento agudo**.
- As **palavras esdrúxulas** são sempre acentuadas graficamente. Recebem um **acento agudo** quando a vogal tónica é aberta (*fábrica*) e um **acento circunflexo** quando a vogal tónica é fechada (*pêssego*).
- O **acento grave** só se usa quando existe a contração da preposição *a* com um determinante ou um pronome (*às, àquele*). Este acento não assinala uma sílaba tónica.

Lê o texto e repara nos acentos gráficos.

Era o primeiro dia de aulas. Às 10 horas, o Júlio, a Ângela e o José foram para o pátio da escola. O José escondeu-se e a Ângela tentou encontrá-lo.

— Estás bem escondido — disse a Ângela.

— Vê se o encontras — disse o Júlio.

Estavam muito divertidos os três.

Preenche o quadro com palavras do texto.

Acento agudo	Acento grave	Acento circunflexo

Completa o crucigrama de modo a obteres nomes próprios de pessoas. Tem o cuidado de os acentuar graficamente. Depois, escreve-os.

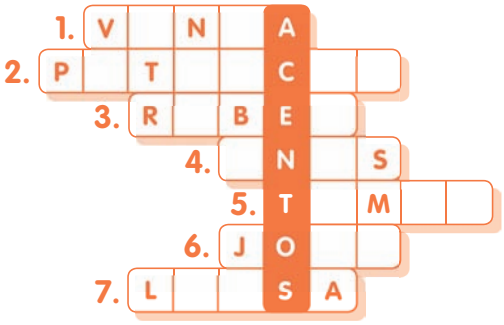

1. _____
2. _____
3. _____
4. _____
5. _____
6. _____
7. _____

Em algumas palavras, usa-se um **acento gráfico** para assinalar a sílaba tónica.

Os acentos gráficos podem ser **agudos**, **graves** ou **circunflexos**.

Geralmente, as palavras graves não precisam de acento gráfico.

O hífen

O hífen é um sinal gráfico que se usa para ligar palavras ou partes da mesma palavra e ainda para fazer a translineação.

O hífen como sinal de ligação

O hífen liga:

- formas verbais a pronomes: *baixa-te, perdeu-se*;
- duas palavras que se juntam para formar uma palavra nova: *beija-flor, guarda-chuva*;
- certos prefixos, como *ex-*, *pós-*, *pré-* ou *pró-*, a uma forma de base: *ex-diretor, pré-escolar*.

Liga elementos da coluna **A** a elementos da coluna **B**. Escreve as palavras formadas ao lado e não te esqueças do hífen.

A	B
1) pré	a) me
2) feijão	b) venda
3) riu	c) lhe
4) ex	d) escolar
5) abre	e) história
6) pré	f) verde
7) pós	g) presidente
8) lavo	h) latas
9) escrever	i) se

1) e) pré-história
2) _____
3) _____
4) _____
5) _____
6) _____
7) _____
8) _____
9) _____

O hífen na translineação

Quando uma palavra não cabe toda numa linha, temos de a partir e passar uma parte para a linha seguinte. Chama-se a isso fazer a **translineação**.

Nesses casos, para mostrar que as duas partes da palavra estão ligadas, usamos o hífen.

A translineação deve respeitar algumas regras.

Regras de translineação	✔	✘
Não se separam duas consoantes no início de uma sílaba.	pra-/to tra-/ça	p-/rato t-/raça
Não se separam os grupos *nh*, *lh* e *ch*.	ba-/nho te-/lha	ban-/ho tel-/ha
Não se separam os ditongos.	pai-/xão mui-/to	pa-/i-/xão mu-/i-/to
Separam-se as consoantes iguais.	car-/ro pes-/soa	ca-/rro pe-/ssoa
Separam-se as consoantes que pertençam a sílabas diferentes.	sal-/sa por-/co	sa-/lsa po-/rco
Separam-se vogais que pertençam a sílabas diferentes.	sa-/ú-/de pe-/ú-/ga	saú-/de peú-/ga
Não se deve deixar uma única vogal no início ou no fim de uma linha.	azei-/te ci-/ên-/cia	a-/zei-/te ci-/ên-/ci-/a
Quando se separa uma palavra que já tenha um hífen, este deve ser repetido no início da linha seguinte.	guarda-/ -chuva	guarda-/ chuva

Faz a translineação das palavras seguintes.

carteiro → car-/tei-/ro

castanha → _____

correr → _____

leite → _____

arroz-doce → _____

diabo → _____

connosco → _____

Rodrigo → _____

fez-lhe → _____

telhado → _____

baixo → _____

pulso → _____

criança → _____

avestruz → _____

O **hífen** usa-se para ligar palavras ou partes da mesma palavra e para fazer a translineação.

Os sinais de pontuação

Os sinais de pontuação são um conjunto de sinais gráficos que ajudam a organizar os textos. São utilizados, entre outras funções, para marcar pausas e para representar a entoação.

Ponto final

.

Indica uma pausa longa e acaba uma frase.

Vírgula

,

Assinala uma pausa pequena e separa elementos da frase.

Ponto e vírgula

;

Indica uma pausa longa, mas não acaba uma frase.

Ponto de exclamação

!

Termina uma frase que exprime admiração, surpresa, alegria, …

Ponto de interrogação

?

Indica uma pergunta.

Reticências

. . .

Marcam a interrupção de uma frase.

Dois pontos

:

Introduzem uma fala, uma explicação ou uma enumeração.

Travessão

—

Introduz uma fala.

Lê o texto e repara nos sinais de pontuação.

Espontaneamente, eu disse que junto dela só podia haver beleza e perfeição. Mas havia a dúvida: nem toda a gente era como ela...

Encostei-me a ela e, em voz sumida, perguntei:

— Achas-me feia, Marie?

Ergueu-me a cara, olhou-me nos olhos.

— Que pergunta tão estranha, Rose!

— Acho-te bonita.

Ilse Losa, *O Mundo em Que Vivi*, Afrontamento (texto adaptado)

Pontua corretamente o texto seguinte.

Ontem ☐ quando atravessava o Rossio ☐ o meu filho mais novo perguntou-me ☐

☐ Ó pai ☐ posso subir às árvores ☐

☐ Estás doido ☐ — respondi-lhe ☐

Quando chegámos a casa ☐ o miúdo voltou a perguntar ☐

☐ E agora ☐ Posso ir brincar para a rua ☐

☐ Pois sim ☐ vai ☐ mas não saias do passeio ☐

Daí a momentos ☐ vim à janela para espiar ☐ o pequeno trepava com destreza um candeeiro de iluminação pública ☐

☐ Eh pá ☐ Desce daí ☐

José Gomes Ferreira (texto adaptado)

Os **sinais de pontuação** são sinais gráficos que representam, na escrita, as pausas e a entoação das frases, separam elementos frásicos, assinalam tipos de frase, entre outras funções.

Os sinais auxiliares de escrita

Os **sinais auxiliares de escrita** são sinais gráficos utilizados para assinalar ou destacar elementos de uma frase ou de um texto.

Aspas	Aspas altas
« »	“ ”

Parênteses curvos	Parênteses retos
( )	[ ]

As **aspas** assinalam, na escrita:

- citações de outra pessoa ou de outro texto;
- títulos;
- discurso direto;
- palavras inventadas.

Os **parênteses curvos** assinalam, na escrita:

- uma explicação ou aparte;
- informação sobre gestos e movimentos das personagens nos textos dramáticos.

Os **parênteses retos** assinalam, na escrita:

- a supressão de parte de uma frase ou de um texto citado.

Lê o texto e indica a função dos sinais auxiliares de escrita destacados.

O coelhinho branco foi à horta buscar couves para fazer um caldinho. Quando voltou para casa, encontrou a porta fechada por dentro. Bateu e perguntaram-lhe quem era.

O coelhinho branco (surpreso) respondeu:

— Sou eu, o coelhinho, que venho da horta e vou fazer um caldinho.

Responderam-lhe de dentro da casa:

— E eu sou a cabra «cabrês» que te salto em cima e te faço em três.

[...]

Conto tradicional (texto adaptado)

( ) assinalam _____

« » assinalam _____

[ ] assinalam _____

Completa, agora, o texto seguinte com os sinais de pontuação e os sinais auxiliares de escrita em falta.

O coelho e o macaco eram amigos ☐ mas estavam sempre a atazanar-se um ao outro ☐

O macaco via o coelho ao longe e começava logo ☐

☐ Coelho dentudo ☐ corpo barrigudo ☐ rabo de veludo ☐

O coelho respondia-lhe ☐

☐ Olha o macaco macacão ☐ olhos de sabão ☐ miolos de algodão ☐

☐ ... ☐

Numa ocasião em que o macaco estava a dormir num galho ☐ com a comprida cauda dependurada ☐ o coelho muniu-se de um cacete e zás ☐

Deu-lhe uma pancada com toda a força na cauda ☐

☐ Porque me fizeste isto ☐ traidor ☐ ☐ gritava o macaco ☐

António Torrado, «Bons Amigos» (texto adaptado)

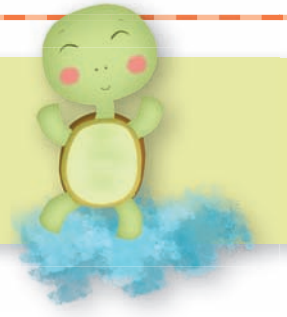

Os **sinais auxiliares de escrita** são sinais gráficos utilizados para assinalar ou destacar elementos de uma frase ou de um texto.

As formas de destaque

As **formas de destaque** são recursos utilizados para pôr em relevo uma palavra, uma frase ou uma parte de um texto. O itálico, o negrito e o sublinhado são algumas dessas formas de destaque.

O **itálico** é usado sobretudo em títulos de livros, jornais e revistas, e para destacar palavras, expressões ou frases de uma língua estrangeira num texto em português.

O **negrito** e o **sublinhado** servem para realçar palavras ou partes do texto.

Forma de destaque	Exemplo
Itálico	Eles apanharam o *ferry* para atravessar o rio.
Negrito	Todos sabiam que era **aquela** a bola roubada.
Sublinhado	O bilhete custa apenas cinco euros.

O André encontrou um folheto na sua escola com o regulamento de um concurso. Lê-o e copia as frases destacadas para o espaço adequado.

> Porque ler é um prazer, a *Visão Júnior* e o Plano Nacional de Leitura organizam uma iniciativa aberta à participação de todas as escolas do Ensino Básico.
> A iniciativa desenrolar-se-á em três fases:
> — **Mostra que és bom a ler** — Responder a três perguntas sobre o conteúdo da *Visão Júnior* desse mês, o Plano Nacional de Leitura e a Rede de Bibliotecas Escolares. As perguntas serão colocadas aqui no *site*.
> — **Mostra que és bom a resumir** — Resumir um artigo publicado na *Visão Júnior*.
> — **Mostra que és bom a escrever** — Cada equipa fará uma reportagem sobre a sua biblioteca.
>
> *In* Revista *Visão Júnior*, 1-10-2009 (adaptado)

Itálico _____

Negrito _____

Sublinhado _____

A configuração gráfica

Para facilitar a leitura de um texto, usam-se **períodos** e **parágrafos**, que organizam o texto e permitem a sua melhor compreensão.

O **período** contém uma ou mais frases e é delimitado por um sinal de pontuação.

O **parágrafo** pode conter um ou mais períodos sobre o mesmo assunto. Distingue-se do período por se iniciar numa nova linha do texto e por ter um avanço em relação à margem esquerda do texto.

O texto a seguir contém dois parágrafos. As frases assinaladas constituem um período.

1.º parágrafo	Era um dia de verão. O Luís estava com o irmão mais novo e com os pais numa praia onde estava muita gente.
2.º parágrafo	Tinham almoçado e os pais disseram o que todos dizem nesta ocasião: «Meninos, não podem ir para a água sem ter a digestão feita.»

José Silva Peneda, *A Praia da Fada,* Girassol Editores

Lê o texto e circunda os parágrafos.

Era uma velha muito velha, muito velha, tão velha que não havia velha mais velha do que ela.

Um dia, estava a velha a ver televisão, num aparelho também muito velho, quando anunciaram que iam fazer um concurso para proclamar a velha mais velha do mundo.

António Torrado, «A Velha mais Velha».

As relações entre palavras

Palavras homónimas

Algumas palavras são semelhantes na forma como se escrevem.

Há palavras que, apesar de terem significados diferentes, se escrevem e se pronunciam da mesma forma. Chamam-se **homónimas**.

Por exemplo, a palavra *manga* pode referir-se a um fruto ou à parte de uma peça de vestuário que cobre o braço.

manga

manga

Palavras homógrafas

Há outras palavras que se escrevem da mesma maneira, mas que se pronunciam de forma diferente. Chamam-se **homógrafas**.

Por exemplo, a palavra *molho* (para pôr na comida) e a palavra *molho* (como em *molho de chaves*) são homógrafas.

Palavras homófonas

Pelo contrário, há palavras que se pronunciam da mesma maneira, mas que se escrevem de forma diferente. Chamam-se **homófonas**.

Por exemplo, a palavra *cem* e a palavra *sem* são homófonas.

Palavras homónimas	Palavras homógrafas	Palavras homófonas
canto (da ave) canto (da sala)	sede (de um clube) sede (de água)	coser — cozer noz — nós
banco (do jardim) banco (de Portugal)	molho (de soja) molho (de grelos)	cento — sento viagem — viajem

Escreve duas frases com a palavra *rio*:

a) uma em que *rio* seja um nome;

_____

b) uma em que *rio* seja uma forma verbal.

_____

Completa o texto com as palavras adequadas.
Escolhe-as de entre as indicadas entre parênteses.

O meu pai deu-nos um _____ (conselho/ /concelho): « _____ (viajem/viagem) o mais que puderem, porque mais vale duas viagens na mão do que _____ (sem/cem) a voar. Cada passeio _____ (trás/traz) consigo muitas delícias para todos _____ (nós/noz). Eu, assim que me _____ (cento/sento) no carro, sonho encontrar lindas paisagens a toda a _____ (ora/hora)!»

As **palavras homónimas** escrevem-se e pronunciam-se da mesma maneira, mas têm significados diferentes.

As **palavras homógrafas** escrevem-se da mesma maneira, mas pronunciam-se de forma diferente, tendo significados também diferentes.

As **palavras homófonas** pronunciam-se da mesma maneira, mas escrevem-se de forma diferente e têm significados também diferentes.

Os nomes

Os **nomes** (ou substantivos) são palavras que designam, normalmente, objetos, ideias ou entidades. Existem **nomes próprios** e **nomes comuns**.

Os nomes próprios

Os **nomes próprios** designam pessoas, animais, lugares e objetos únicos e determinados. Escrevem-se, geralmente, com inicial maiúscula.

Repara na frase: *Eu vivo em Portugal.*

Portugal é um nome próprio porque se refere a um único país, bem determinado, que tem esse nome.

Os nomes comuns

Os **nomes comuns** referem-se a todos os membros de uma classe.

Por exemplo, na frase *Eu tenho um cão*, a palavra *cão* não é um nome próprio, mas um nome comum, porque se refere a todos os animais do mesmo tipo e não a um único cão.

Alguns nomes comuns designam conjuntos de entidades ou de objetos da mesma espécie. São os **nomes coletivos**. Por exemplo, *alcateia* é um nome coletivo porque designa um conjunto de lobos.

Exemplos:

Rita
(nome próprio)

elefante
(nome comum)

amor
(nome comum)

pedra
(nome comum)

rebanho
(nome comum coletivo)

Preenche as molduras seguintes conforme te é indicado e escreve o que te é pedido.

a)

Cola aqui uma imagem de um animal roedor que gosta muito de queijo.

Escreve o seu nome. _____

Classifica esse nome. _____

b)

Cola aqui uma fotografia da tua mãe.

Escreve o seu nome. _____

Classifica esse nome. _____

c)

Cola aqui uma imagem de um conjunto de peixes.

Escreve o seu nome. _____

Classifica esse nome. _____

Completa o quadro.

Nomes	Subclasses
bolacha	
manada	
África	
multidão	nome coletivo
limão	

Faz a correspondência correta.

Nomes coletivos

a) bando ☐
b) cáfila ☐
c) enxame ☐
d) batalhão ☐
e) matilha ☐
f) pomar ☐
g) turma ☐
h) pinhal ☐
i) biblioteca ☐
j) frota ☐
k) constelação [4]
l) olival ☐

Significados

1) conjunto de aves
2) conjunto de livros
3) conjunto de camelos
4) conjunto de estrelas
5) conjunto de abelhas
6) conjunto de soldados
7) conjunto de barcos
8) conjunto de cães
9) conjunto de oliveiras
10) conjunto de pinheiros
11) conjunto de árvores de frutos
12) conjunto de alunos

Os **nomes** podem ser próprios ou comuns.
Os **nomes próprios** designam algo único e determinado.
Os **nomes comuns** referem-se a todos os membros de uma classe.
Alguns nomes comuns chamam-se **coletivos** quando designam um conjunto de entidades ou objetos do mesmo tipo.

Os determinantes

Os nomes, em geral, não aparecem sozinhos na frase. Imagina que alguém diz: Cão *não gosta da Joana*. Como *cão* é um nome comum, pode tratar-se de qualquer cão do mundo. Para os outros nos compreenderem e saberem de que cão se trata, temos de especificar a que cão nos estamos a referir.

Por exemplo: O meu *cão não gosta da Joana*.

Palavras como *o* e *meu* ajudam a determinar o substantivo *cão*. Por isso se chamam **determinantes**.

Repara agora nas frases:

Um *cão não gosta da Joana.*
Este *cão não gosta da Joana.*
Esse *cão não gosta da Joana.*
Aquele *cão não gosta da Joana.*

Nestas frases, o cão não pertence à pessoa que fala, porque ela já não diz *o meu cão*.

Temos, então, de olhar à nossa volta para perceber de que cão se trata:

— se a forma usada for *um*, trata-se de um cão desconhecido;
— se a forma usada for *este*, o cão está próximo de quem fala;
— se a forma usada for *esse*, o cão está próximo da pessoa a quem se fala;
— se a forma usada for *aquele*, o cão está afastado das duas pessoas.

Os determinantes são palavras que vêm quase sempre antes do nome, concordando com ele em género e em número.

Exs.: esse *pinhal*
meus *irmãos*
as minhas *amigas*
aquela *flor*

Os determinantes podem pertencer a diferentes subclasses:

Artigos definidos	o, a, os, as
Artigos indefinidos	um, uma, uns, umas
Determinantes possessivos	meu, minha, teu, tua, …
Determinantes demonstrativos	este, esse, aquele, …

Completa o texto com os determinantes apropriados.

As _____ férias foram em casa dos _____ avós. Todos _____ anos _____ minhas férias são lá. A casa dos _____ avós é grande, mas parece _____ bocadinho pequena. Tem _____ escadas e _____ cave e muito mais quartos do que _____ casa, mas tudo parece _____ bocadinho mais baixo e apertado. Agora já acordei e estou aqui sentado a escrever _____ redação sobre as férias. As minhas férias foram assim.

Jacinto Lucas Pires, *As Minhas Férias*, Cotovia (texto adaptado)

Os **determinantes**, na língua portuguesa, vêm quase sempre antes do nome e concordam com ele em número (singular ou plural) e género (masculino ou feminino).

O meu brinquedo — Os meus brinquedos
A minha irmã — As minhas irmãs

São de vários tipos: **artigos definidos** (*o, a, …*), **artigos indefinidos** (*um, uma, …*), **determinantes possessivos** (*meu, minha, …*) e **determinantes demonstrativos** (*este, aquele, …*).

Os quantificadores numerais

O quantificador **numeral** junta-se ao nome para indicar:

- uma quantidade numérica inteira — **numeral cardinal**:
  Ex.: *Tenho três lápis.*
- um múltiplo de uma quantidade — **numeral multiplicativo**:
  Ex.: *Tenho o triplo dos lápis que tinha.*
- uma fração de uma quantidade — **numeral fracionário**.
  Ex.: *Tenho um terço dos lápis que tinha.*

Quantificadores numerais

Cardinais	Multiplicativos	Fracionários
três (3)	triplo (3 ×)	um terço $\left(\frac{1}{3}\right)$
quatro (4)	quádruplo (4 ×)	dois quartos $\left(\frac{2}{4}\right)$
cinco (5)	quíntuplo (5 ×)	um quinto $\left(\frac{1}{5}\right)$

Completa as legendas usando um numeral (cardinal, fracionário e multiplicativo, respetivamente).

a)

_____

b)

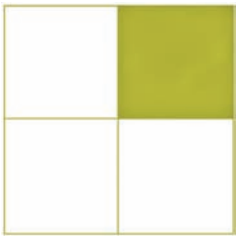

_____ *do quadrado é verde.*

c)

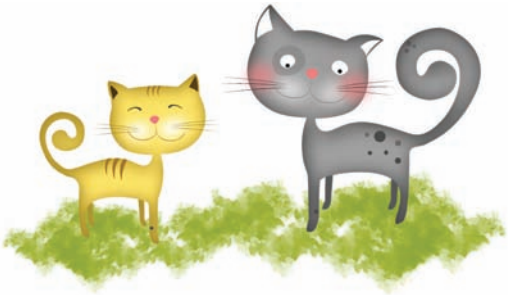

2 kg 4 kg

O gato da direita pesa _____ *do da esquerda.*

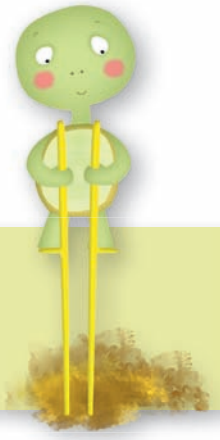

Os **numerais** informam-nos sobre a quantidade dos elementos que são designados pelo nome. Podem ser cardinais, multiplicativos ou fracionários.

Os adjetivos qualificativos

Os **adjetivos qualificativos** atribuem a um nome uma qualidade ou uma propriedade.

pássaros	*coloridos*
↓	↓
nome	adjetivo

flores	*perfumadas*
↓	↓
nome	adjetivo

patos	*felizes*
↓	↓
nome	adjetivo

Os adjetivos qualificativos são importantes para descrever as características dos objetos, das entidades ou das situações.

Lê o texto.

Em tempos muito antigos, no Japão, havia uma árvore enorme que crescia numa ilha muito pequenina.

O povo dessa ilha sentia-se feliz e orgulhoso por possuir uma árvore tão grande e tão bela. Até os viajantes que por ali passavam diziam que nunca tinham visto uma árvore com a copa tão frondosa e bem formada.

Mas com o passar do tempo surgiu um problema terrível porque a árvore tinha crescido tanto, os seus ramos tinham-se tornado tão compridos, a sua folhagem tão espessa e a sua copa tão larga que, durante o dia, metade da ilha ficava à sombra.

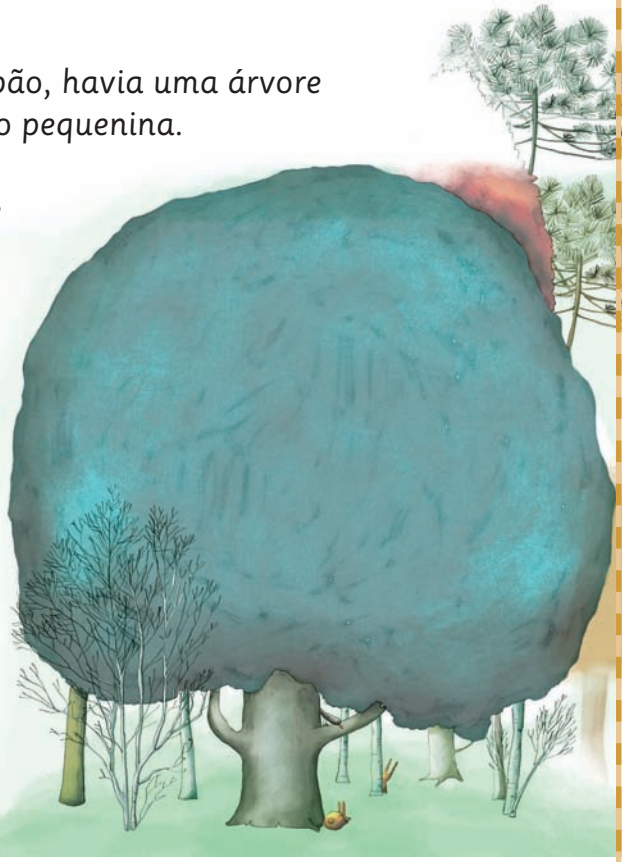

Sophia de Mello Breyner Andresen,
A Árvore, Figueirinhas (texto adaptado)

A autora do texto usa muitos adjetivos. Copia para o quadro os adjetivos que qualificam os nomes indicados.

Nomes	Adjetivo(s)
árvore	
ilha	
povo	
copa	
problema	
ramos	
folhagem	

Os **adjetivos qualificativos** alteram a interpretação dos nomes, atribuindo-lhes uma qualidade ou uma característica.

Geralmente, surgem depois do nome que qualificam, mas podem também ocorrer antes.

Os **adjetivos qualificativos** podem ser substituídos por outros com significado equivalente.

Lê o texto e presta atenção às palavras destacadas.

Do cimo do algeroz que descia ao longo do prédio, rente ao parapeito da varanda, caía um fio grosso de chuva, sem interrupção, como uma corda de brilhantes, que vinha bater num dos vasos, abrindo-lhe uma cova na terra, com um barulho de lata velha e coisas esborrachadas, fazendo dobrar um pobre trevo que ali crescia, abandonado e raquítico. O trevo endireitava-se quando a água mudava de direção, para voltar a curvar-se com o peso brutal do fio da chuva.

Ricardo Alberty,
O Príncipe de Ouro e Outras Histórias,
Editorial Verbo

Repara agora nos adjetivos com significado equivalente registados no esquema seguinte.

grosso	velha	esborrachadas	pobre	abandonado	raquítico	brutal
↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓
espesso	desgastada	esmagadas	infeliz	esquecido	atrofiado	violento

Completa o texto seguinte com os adjetivos que aparecem na lista abaixo, de forma a obteres um texto com sentido.

antiga	bonita	tardia
iluminada	invisíveis	desertas
físico	solitário	autêntico

Tinham ultrapassado a zona que rodeava a Quinta das Lágrimas e viraram à direita, encaminhando-se para a ponte sobre o rio Mondego.

Apesar da hora _____ e do esforço _____ que acabavam de fazer, não sentiam cansaço, e o facto de as ruas se encontrarem praticamente _____ não lhes metia medo.

A cidade que se erguia em espiral na outra margem, com a torre do sino da Universidade lá bem no alto, _____ por focos _____ e pela luz do luar, pareceu-lhes ainda mais _____ . Apetecia-lhes o passeio _____ pela parte _____ , não lhes faltava ânimo para subirem as vielas que conduziam ao Albergue da Juventude, transbordavam energia como se lhes corresse nas veias _____ sangue de tigre. O pior era a fome que voltava a atormentá-los.

Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada,
Uma Aventura na Quinta das Lágrimas, Editorial Caminho

Os **adjetivos** são muito importantes num texto. Ajudam a descrever pessoas, objetos e paisagens, e mostram os sentimentos e as opiniões de quem fala. Podem ser substituídos por outros adjetivos com significado equivalente, o que permite não repetir palavras.

Os **adjetivos qualificativos** são essenciais num **retrato**. As palavras destacadas no texto seguinte são adjetivos e caracterizam a personagem Lourença: ajudam a fazer o seu retrato.

Quando Lourença voltou para o colégio, estava muito modificada. Já não merecia o nome de Dentes de Rato, porque eles tinham-lhe caído e tinha outros novos, mais redondos e fortes. Falco ficava um bocado amuado quando ela o convidava a apreciar a bonita dentadura que agora tinha.

Agustina Bessa-Luís, *Dentes de Rato*, Guimarães

Completa o quadro com os adjetivos do texto.

Se penso em Marie não posso deixar de a relacionar com aquela primavera e com todas as primaveras: o corpo delicado, o rosto de grandes olhos castanhos em que havia um espanto permanente, o cabelo cor de ouro. Marie não usava vestidos de corte requintado como a minha mãe e Lili, mas apenas blusas claras e graciosas.

Ilse Losa, *O Mundo em Que Vivi*, Afrontamento

Nome	corpo	olhos	espanto	corte	blusas
Adjetivo(s)					

Faz agora o retrato de um colega da tua classe.

O meu colega chama-se _____.
É _____ (alto/baixo). Tem cabelo _____ (castanho/loiro), _____ (liso/encaracolado/ondulado) e _____ (curto/comprido). O seu rosto é _____ (oval/ /redondo/comprido). Tem olhos _____ (castanhos/verdes/azuis). É _____ (simpático/brincalhão/divertido/inteligente/...).

Os **adjetivos qualificativos** permitem fazer descrições de paisagens, objetos, pessoas, personagens, ... Ajudam também a fazer o retrato físico e psicológico de alguém.

Os pronomes

Os **pronomes** são palavras que ocorrem no lugar dos nomes, substituindo-os. Repara nas palavras destacadas no texto seguinte.

A palmeira deixa cair as folhas
e os frutos quando estes amadurecem.
O Papalagui vive como uma palmeira
que retivesse folhas e frutos, dizendo:
«São meus! Não tendes o direito
de os apanhar ou de os comer!»
Como faria ela então, quando
viessem os novos frutos?
A palmeira é bem mais sensata
do que o Papalagui.

O Papalagui (recolha de Erich Scheurmann, tradução de Luiza Neto Jorge), Antígona

As palavras destacadas no texto são pronomes. Cada um substitui um ou mais nomes (que são os seus antecedentes).

Pronomes	Subclasses	Antecedentes
estes	Pronome demonstrativo	frutos
meus	Pronome possessivo	folhas e frutos
os	Pronome pessoal	frutos
ela	Pronome pessoal	palmeira

Lê o texto seguinte e reescreve-o substituindo as expressões destacadas por pronomes pessoais, demonstrativos ou possessivos adequados (se precisares de ajuda, consulta a página 128).

Todos os meninos saíram para o jardim. Todos os meninos queriam brincar com o cão que tinha aparecido por ali nessa manhã. Mas o cão que tinha aparecido ali nessa manhã estava a correr furiosamente atrás do Fiel, o cão do Jaime.

Aflito, o Jaime gritou:

— Venham cá, pestinhas! E tu, forasteiro, deixa o Fiel, que o Fiel é o meu cão.

Classifica os pronomes que usaste.

Pronomes pessoais	
Pronomes possessivos	
Pronomes demonstrativos	

Os **pronomes** são, muitas vezes, usados para substituir nomes já referidos antes (antecedentes), evitando, assim, a repetição de palavras num texto.

Pronomes

- **Pessoais**
- **Possessivos**
- **Demonstrativos**

Os verbos

Os verbos são palavras muito importantes na frase. Qualquer frase tem, pelo menos, um verbo.

Exs.: Para!
Tenho dois irmãos.

Os verbos muitas vezes designam ações, como *brincar*, *correr*, *entrar* ou *abraçar*.

Mas também podem referir-se a outros acontecimentos e a outras situações que não são ações, como *morrer*, *dormir* ou *compreender*.

Podem, ainda, indicar estados, que são situações que se mantêm durante um certo tempo sem se alterarem, como *ser*, *estar*, *saber* ou *morar*.

Por vezes, a mesma frase tem dois verbos: um **verbo principal** e um **verbo auxiliar**. Repara nas seguintes frases:

A Joana está a brincar no jardim.
A Joana tem brincado bastante.
A Joana vai brincar com a mãe.

Nestas frases, o verbo principal é *brincar*. É o verbo que dá a informação principal sobre a situação.

As formas verbais *está*, *tem* e *vai* são formas dos verbos *estar*, *ter* e *ir*, que são aqui verbos auxiliares do verbo principal *brincar*. «Auxiliam», dando informações, por exemplo, sobre o tempo em que as coisas acontecem.

Os verbos da língua portuguesa podem:

- acabar em ***-ar***: *pintar*, *falar*, *abraçar*, …
- acabar em ***-er***: *beber*, *vender*, *perder*, …
- acabar em ***-ir***: *partir*, *subir*, *desistir*, …
- acabar em ***-or***: *compor*, *propor*, *supor*, …

O verbo pode mudar de forma consoante a pessoa, o número, o tempo e o modo em que está a ser conjugado. Por isso, podemos dizer que o mesmo verbo pode ter várias **formas verbais**.

Repara nas seguintes frases:

O João brinca muito.

O João brincou muito.

O João brincava muito.

O João e a Joana brincavam muito.

Eu e o João brincávamos muito.

As palavras destacadas são **formas verbais** do mesmo verbo: o verbo *brincar*.

Lê o texto e completa o quadro.

Muge a vaca, berra o touro,
Grasna a rã, ruge o leão,
O gato mia, uiva o lobo,
Também tem ladrado o cão.

A fala foi dada ao homem,
Rei dos outros animais.

Pedro Diniz, *Tesouro Poético da Infância*, Publicações Dom Quixote (texto adaptado)

Forma verbal	Verbo no infinitivo	Verbo principal	Verbo auxiliar
muge	mugir	×	—

Escreve uma legenda para cada parte da história, não esquecendo que o verbo é um constituinte essencial da frase.

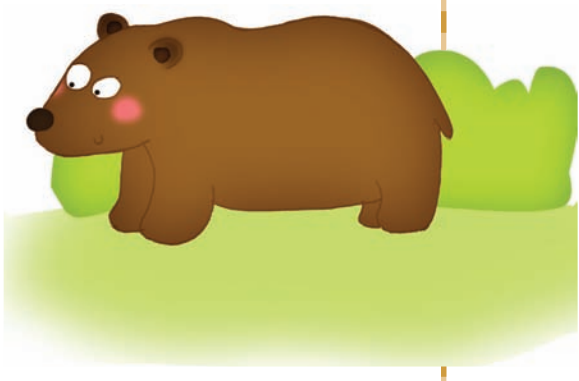

Os meninos brincavam no jardim. _____

_____ _____

O urso brincou com os meninos no jardim. _____

Agora, copia as frases pela ordem em que estão. Se achares necessário, faz algumas alterações para compor um texto. Ficarás com uma história da tua autoria.

Circunda os verbos que utilizaste nesta tua história.

Os **verbos** são elementos muito importantes das frases. Podem designar ações, eventos ou estados.

Algumas frases têm verbos principais e verbos auxiliares.

Na língua portuguesa, os verbos podem terminar em *-ar*, *-er*, *-ir* ou *-or*.

Palavras variáveis e palavras invariáveis

Há palavras que apresentam formas diferentes, de acordo com o número, a pessoa, o tempo ou o modo — são palavras **variáveis**.

O menino e a menina vão satisfeitos para a escola.
Lá eles aprendem muitas coisas novas.

Repara nas seguintes palavras variáveis retiradas do texto acima.

o/a	menino/menina	satisfeito/satisfeitos
muita/muitas	ele/eles	vai/vão
coisa/coisas	nova/novas	

Existem outras palavras que apresentam uma só forma — são palavras **invariáveis**. É o caso das palavras seguintes.

e	para	quando	ontem
lá	amanhã	até	porque

Preenche o quadro com as palavras variáveis e as palavras invariáveis da frase seguinte.

A professora recebe o aluno novo e diz-lhe para se sentar frente a ela.

Palavras variáveis		Palavras invariáveis	
A		e	
professora			

Lê a frase e circunda as palavras invariáveis.

O João fica contente e satisfeito porque aprende muito.

Agora, reescreve a frase começando por:

a) A Mariana _____

b) O João e a Mariana _____

_____

c) Ontem, o João e a Mariana _____

_____

As palavras que podem apresentar várias formas (masculino, feminino, singular, plural, …) são **palavras variáveis**.

As palavras que nunca mudam de forma são **palavras invariáveis**.

Variação dos nomes

Variação em género

Os **nomes** são palavras que podem variar em **género**. Podem ser masculinos ou femininos.

Neste Carnaval, a filha da Mariana vestiu-se de Carochinha e a sua amiga fantasiou-se de Capuchinho Vermelho. A Mariana foi a condutora que as levou à escola para irem no cortejo. Quando chegaram, o professor já as esperava e brincou, sorridente:

— Que lindas meninas! Já encontraram noivo?

Madalena Relvão e Graça Trindade

Repara que os nomes destacados podem variar quanto ao género:

filha/filho
amiga/amigo
condutora/condutor
professor/professora
meninas/meninos
noivo/noiva

Há nomes que não mudam de forma, mas que pertencem ao género masculino ou ao género feminino, pois, antes deles, podemos colocar um determinante masculino ou feminino, respetivamente:

o Carnaval
a Mariana
a escola
o cortejo

Preenche o quadro com os nomes que encontrares no texto seguinte.

A Páscoa vem recheada
De ovos e coelhinhos
E os afilhados recebem
Muitas prendas dos padrinhos!

Género	
Masculino	Feminino
_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____

Descobre o intruso! Nos conjuntos de nomes seguintes, circunda o nome que é masculino.

a) telemóvel — televisão — aparelhagem

b) amêndoa — goma — pastilha — rebuçado

c) régua — lápis — caneta — borracha

Os **nomes** podem pertencer ao **género masculino** ou ao **género feminino**. O género dos nomes de pessoas e de animais é determinado, quase sempre, pelo sexo a que pertencem.

Podemos saber o género dos nomes se colocarmos antes um determinante. Se o determinante for feminino (*a*, *uma*, …), o nome pertence ao **género feminino** (*a imagem*).

Se o determinante for masculino (*o*, *os*, …), o nome pertence ao **género masculino** (*o mapa*).

O **feminino** dos nomes pode formar-se de diferentes maneiras.

- Na maioria dos nomes que terminam em *-o*, o feminino forma-se mudando a vogal final para *-a*.
  Exs.: *noivo/noiva*
  gato/gata
- Quando o nome acaba em consoante, acrescenta-se um *-a* à forma do masculino.
  Exs.: *professor/professora*
  português/portuguesa
- Com certos nomes, a forma feminina obtém-se através de modificações particulares no final do nome.
  Exs.: *ator/atriz*
  príncipe/princesa
- No caso de alguns animais, acrescenta-se à direita do nome *macho* para referir o sexo masculino ou *fêmea* para referir o sexo feminino.
  Exs.: *rouxinol-macho/rouxinol-fêmea*
  cobra-macho/cobra-fêmea
- Por vezes, para indicar uma diferença de sexo, usam-se palavras diferentes.
  Exs.: *pai/mãe*
  cão/cadela
- Alguns nomes apresentam a mesma forma no masculino e no feminino. Neste caso, é através do género do determinante que sabemos o género do nome.
  Exs.: *o estudante/a estudante*
  o jornalista/a jornalista

Género masculino	Género feminino
noivo	noiva
português	portuguesa
ator	atriz
rouxinol-macho	rouxinol-fêmea
pai	mãe
estudante	

Descobre dez palavras no género feminino: cinco na horizontal e cinco na vertical.

T	R	A	G	A	T	A	A	D	O	R	A
I	A	T	N	Q	A	R	T	I	R	S	B
C	B	R	M	L	A	A	T	N	X	Z	E
L	D	I	C	O	L	B	S	A	U	V	L
D	G	Z	E	P	U	I	R	M	Ã	Q	H
A	H	Z	V	F	N	I	I	A	P	O	A
I	A	Z	X	G	A	D	P	R	C	U	B
F	C	F	F	B	A	F	A	Q	M	N	G
P	O	E	T	I	S	A	T	U	L	V	L
L	O	R	U	T	S	I	O	E	C	Z	E
P	M	P	R	I	N	C	E	S	A	S	O
N	O	P	I	N	T	O	R	A	X	T	A

Agora, escreve as palavras correspondentes no género masculino.

Os nomes podem formar o **feminino** de várias maneiras. Normalmente, muda apenas a terminação (*aluno/aluna*, *pintor/pintora*), mas existem muitas exceções (*rei/rainha*, *boi/vaca*).

Variação em número

Os nomes podem variar em número (singular e plural).

Subindo dos vastos vales e descendo pelas colinas, os animais desfilavam pela planície fora. As chitas, os mais velozes de todos, abriam caminho. Silenciosas, as girafas, seguidas pelas suas desengonçadas crias, galopavam lado a lado com manadas de zebras excitadas. Na retaguarda, batalhões de babuínos tagarelas levavam os vivaços filhotes às costas.

O Rei Leão, Editorial Verbo (texto adaptado)

Nomes no singular (um só)	planície, caminho
Nomes no plural (mais do que um)	vales, colinas, animais, chitas, girafas, crias, manadas, zebras, batalhões, babuínos, filhotes

Descobre dez nomes no singular: cinco na horizontal e cinco na vertical. Depois, escreve-os.

M	U	L	T	I	D	Ã	O	C	A	V	Q
Ã	O	A	J	I	T	S	N	A	R	I	Z
O	M	V	H	L	A	R	Q	M	B	S	R
L	U	R	G	P	E	D	C	P	O	M	T
P	N	A	V	A	C	L	V	O	Z	U	A
M	A	D	B	P	T	D	J	N	N	V	N
Z	H	O	M	E	M	A	I	Ê	K	X	Z
X	U	R	F	L	G	I	J	S	O	P	O
C	A	P	I	T	Ã	O	L	N	M	Q	L

Os **nomes** que designam um só objeto, uma só ideia ou uma só entidade estão no **singular**.

Os **nomes** que designam mais do que um objeto, mais do que uma ideia ou mais do que uma entidade estão no **plural**.

Na escrita, o **plural** dos nomes pode formar-se de várias maneiras.

- Aos nomes terminados em vogal acrescenta-se um *-s*.
  Ex.: *zebra/zebras*
- Aos nomes terminados em consoante (*r*, *s* ou *z*) acrescenta-se *-es*.
  Ex.: *professor/professores*
- Os nomes terminados em *-ão* fazem o plural de três modos:
  — *-ões* (muda a terminação e acrescenta-se um *-s*): *batalhões*
  — *-ães* (muda a terminação e acrescenta-se um *-s*): *capitães*
  — *-ãos* (mantém-se o ditongo *-ão* e acrescenta-se um *-s*): *mãos*
- Os nomes que terminam em *-al*, *-el*, *-il*, *-ol* ou *-ul* fazem geralmente o plural em *-ais*, *-éis/eis*, *-óis* ou *-uis*.
  Exs.: *jornal/jornais*
  papel/papéis
  réptil/répteis
  anzol/anzóis
  azul/azuis
- Os nomes que terminam em *-m* fazem o plural em *-ns*, perdendo o *-m* do singular.
  Ex.: *homem/homens*
- Certos nomes têm a mesma forma no singular e no plural.
  Ex.: *um lápis/três lápis*
- Há nomes que se usam apenas no plural.
  Ex.: *calças*

Singular	Plural
zebra	zebras
professor	professores
batalhão	batalhões
capitão	capitães
mão	mãos
jornal	jornais
homem	homens
lápis	

Indica o nome no singular das flores representadas nas imagens.

a) _____

b) _____

c) _____

d) _____

e) *jasmim*

f) _____

Agora, escreve os nomes no plural.

a) _____ b) _____ c) _____

d) _____ e) _____ f) *túlipas*

Os nomes formam o **plural** de várias maneiras. Na escrita, a forma mais comum consiste em acrescentar um *-s* (*aluno/alunos*).

Há nomes que têm a mesma forma no singular e no plural (*lápis*) e outros que só se usam no plural (*calças*).

Variação em grau

Os nomes podem apresentar **variação em grau**.

Repara nos nomes destacados.

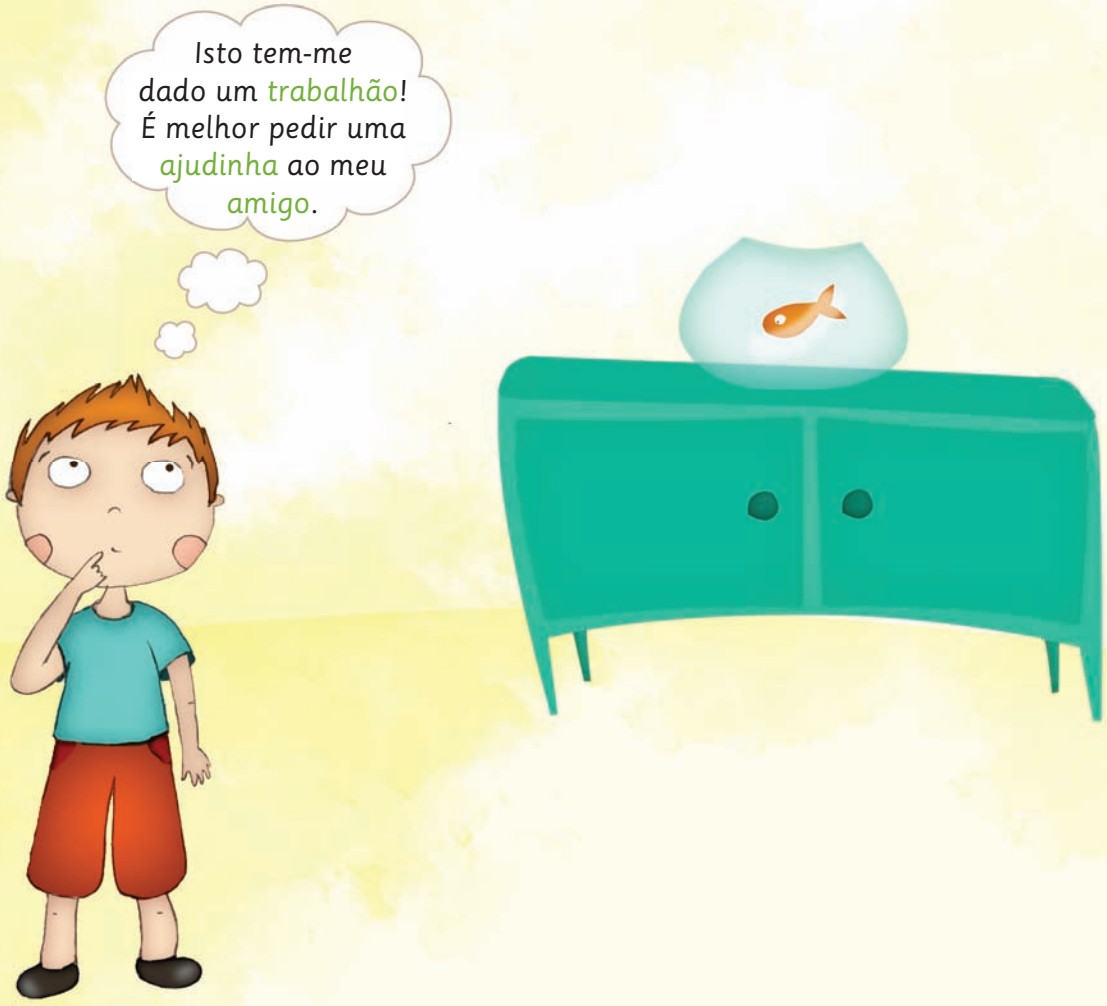

O nome *amigo* encontra-se no **grau normal**.

O nome *ajudinha* encontra-se no **grau diminutivo**; significa «pequena ajuda».

O nome *trabalhão* encontra-se no **grau aumentativo**; significa «grande trabalho».

Grau normal	Grau diminutivo	Grau aumentativo
amigo	amiguinho	amigalhaço
casa	casinha	casarão
trabalho	trabalhinho	trabalhão
sapato	sapatinho	sapatão

Coloca os nomes abaixo na coluna respetiva.

riacho | canzarrão | ovinho | muralha | jornaleco

bigodeira | rapagão | burrico | ratito | bocarra

Grau normal	Grau diminutivo	Grau aumentativo
praça	praceta	
corpo		corpanzil
muro		
rapaz		
rio		
jornal		
bigode		
ovo		
burro		
cão		
boca		
rato		

O nome pode apresentar variação em **grau**: normal, diminutivo ou aumentativo.

O **grau diminutivo** pode exprimir uma ideia de pequenez (*livrinho*), mas também serve para transmitir afetividade (*mãezinha, filhinho, velhinho*).

O **grau aumentativo** pode exprimir uma ideia de grandeza (*casarão*), mas também serve para transmitir uma ideia de desagrado (*bocarra*).

Variação dos adjetivos

Variação em género

O **adjetivo** pode apresentar **variação em género**.
Repara nos adjetivos destacados no texto.

Era um belo espetáculo, a vida em torno, agitada ou mansa. Botões nasciam perfumados e desabrochavam em flores radiosas, pássaros voavam entre trinados alegres, pombos arrulhavam amor, ninhadas de pintos recém-nascidos seguiam o cacarejar de orgulhosa galinha, o grande Pato Negro fazia a corte à linda Pata Branca, banhando-a na água clara do lago.

Jorge Amado, *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá*, Publicações Dom Quixote (texto adaptado)

Nomes	Adjetivos	
	Masculino	Feminino
espetáculo	belo	—
vida	—	agitada, mansa
botões	perfumados	—
flores	—	radiosas
pintos	recém-nascidos	—
galinha	—	orgulhosa
água	—	clara

Os adjetivos listados acima apresentam uma forma para o género masculino e uma forma para o género feminino.

Há também adjetivos que não variam em género, ou seja, a forma masculina e a forma feminina são iguais.

Exs.: o pato alegre/a pata alegre
o homem elegante/a mulher elegante

Associa um nome a um adjetivo e escreve-os.

a) gata ☐

b) cão ☐

c) raposa ☐

d) pássaros ☐

e) pato ☐

1) marreco _____

2) coloridos _____

3) espertalhona _____

4) amigo _____

5) pachorrenta _____

Os adjetivos geralmente apresentam uma forma para o masculino e outra para o feminino — são **biformes** quanto ao género (*lindo/linda*).

Porém, há adjetivos que apresentam a mesma forma para o masculino e para o feminino — são **uniformes** quanto ao género (*valente*).

Variação em número

O **adjetivo** pode apresentar **variação em número** (singular e plural).

Queria ser o chefe sioux
Com penas da cabeça aos pés,
Ter a machadinha cintilante
E alguns amuletos a brilhar.
Para reunir a tribo inteira
Ele assobiava com força: U-U! U-U!
E depois de combates violentos,
Dançava, à noite, à volta do fogo!

Isabelle Schreiber, *Mariazinha Jornalista*, Editorial Verbo

A forma do adjetivo depende da forma do nome com que se relaciona.

a machadinha **cintilante** a tribo **inteira**	combates **violentos**
O adjetivo tem a forma singular quando o nome é singular.	O adjetivo tem a forma plural quando o nome é plural.

Associa os nomes e os adjetivos indicados de acordo com as características do chefe sioux.

a) face ☐ **b)** braços ☐ **c)** cabelos ☐ **d)** nariz ☐ **e)** olhos ☐

1) negros **2)** pintada **3)** fortes **4)** castanhos **5)** grande

O adjetivo fica no singular quando o nome a que se refere é singular; fica no plural quando o nome a que se refere é plural.

Variação em grau

Os **adjetivos variam em grau**. Repara nas frases seguintes.

O João é esperto.

O João é espertíssimo.

Na primeira frase, estamos a atribuir uma qualidade ao João, que é ser esperto. Na segunda frase, estamos a aumentar muito o grau de esperteza do João.

Diz-se que o adjetivo *esperto* tem uma variação em grau.

Há outros modos de indicar os graus dos adjetivos, por exemplo juntando-lhes palavras que permitem fazer comparações.

Repara na frase:

O João é mais esperto do que o Manuel.

No quadro seguinte, encontras os vários graus dos adjetivos.

Grau			Exemplo
Normal			O tigre é **gordo**.
Comparativo de	Superioridade		O tigre é **mais gordo do que** o gato.
	Igualdade		O gato é **tão gordo como** o coelho.
	Inferioridade		O rato é **menos gordo do que** o gato.
Superlativo	Relativo de	Superioridade	O tigre é **o mais gordo** de todos os animais.
		Inferioridade	O rato é **o menos gordo** de todos os animais.
	Absoluto	Sintético	O tigre é **gordíssimo**.
		Analítico	O tigre é **muito gordo**.

Lê o texto.

A baleia é muito pesada.
É o animal mais pesado do mundo.
A baleia é tão pesada como um camião,
mas é menos pesada do que um avião.

Escreve os graus em que se encontra o adjetivo *pesado*.

_____

_____

_____

_____

Identifica os adjetivos das frases que se seguem e diz em que grau se encontram.

a) Este lápis é mais comprido do que esse.

Adjetivo: _____ Grau: _____

b) A rosa é lindíssima.

Adjetivo: _____ Grau: _____

c) O Raul está alegre.

Adjetivo: _____ Grau: _____

d) Quero comprar o caderno menos caro da loja.

Adjetivo: _____ Grau: _____

e) Fiquei tão feliz como tu com essa notícia.

Adjetivo: _____ Grau: _____

Completa as frases seguintes usando os adjetivos indicados no grau que é pedido.

a) Aquele saco é _____ este.
(**pesado** — grau comparativo de igualdade)

b) A minha mãe é _____.
(**bonita** — grau superlativo absoluto analítico)

c) Essa árvore é _____ da floresta.
(**alta** — grau superlativo relativo de superioridade)

Os adjetivos podem variar em grau: **normal**, **comparativo** (de igualdade, de superioridade e de inferioridade), **superlativo relativo** (de superioridade e de inferioridade) e **superlativo absoluto** (analítico e sintético).

Variação dos pronomes

Variação em pessoa, em género e em número

Os **pronomes** podem apresentar **variação** em **pessoa**, em **género** e em **número**.

Lê o texto e repara nas palavras destacadas.

Mais um dia de escola. À entrada, os colegas de turma encontram-se.
— Olá a todos! — diz o João.
— Olá! — respondeu o Tomás. — Ontem, tu viste o jogo da nossa seleção?
— Claro! Eu fiquei em casa com o meu irmão a vê-lo.
— E tu? Quem esteve contigo? Não me digas que ficaste sozinho?!
— Não, os meus pais estiveram comigo a torcer pela equipa. Jogou mesmo muito bem! Vamos apoiá-la no próximo jogo com o Brasil! — exclamou ele cheio de felicidade.
— E hoje vais ao treino connosco, João?
— Não posso. Vêm os colegas de Itália e tenho de os receber e jantar com eles.

Madalena Relvão e Graça Trindade

As palavras destacadas no texto que leste na página anterior são pronomes pessoais em diferentes pessoas e números. Verifica como estão colocados no quadro que se segue.

Pronomes pessoais			
Pessoa		Função sintática	
		Sujeito	Complemento direto
Singular	1.ª	eu	me
	2.ª	tu	te
	3.ª	ele/ela	o/a
Plural	1.ª	nós	nos
	2.ª	vós	vos
	3.ª	eles/elas	os/as

Repara agora nas palavras destacadas no texto seguinte.

Fomos ao circo. Todos os meninos estavam com os seus pais e eu estava com os meus. Os palhaços tinham o nariz tão vermelho como o meu.

Os leões não queriam sair da jaula porque essa casa era a sua.

Os meus pais compraram chupa-chupas, mas não comeram os seus.

Pediram-me, a brincar:

— Dá-me o teu!

Se fossem vocês, o que fariam com os vossos?

No fim do espetáculo, comprámos pipocas e cada um comeu as suas.

Madalena Relvão e Graça Trindade

As palavras destacadas no texto que leste são pronomes possessivos em diferentes pessoas, géneros e números. Verifica como estão colocadas no quadro que se segue.

Pronomes possessivos					
Pessoa		Singular		Plural	
		Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Singular (um possuidor)	1.ª	meu	minha	meus	minhas
	2.ª	teu	tua	teus	tuas
	3.ª	seu	sua	seus	suas
Plural (vários possuidores)	1.ª	nosso	nossa	nossos	nossas
	2.ª	vosso	vossa	vossos	vossas
	3.ª	seu	sua	seus	suas

Sublinha os pronomes pessoais no texto seguinte.

O velho desatou a rir.

— É verdade, eu menti-te, não era um marinheiro mas um guarda. Para combater o tédio e para me aguentar em pé, lia sem parar. O mar, não o vi senão em postais, e agora, jamais o poderei ver; porém, quando estou aqui sentado no banco — sozinho na escuridão — à minha frente vejo todos os mares do mundo. Vejo-os e sinto-lhes o odor e a salitre, distingo as brisas leves das que anunciam a tempestade.

Susanna Tamaro, *O Menino Que não Gostava de Ler,* Editorial Presença

Preenche o quadro com os pronomes que sublinhaste.

Pronomes pessoais		
Pessoa	Número	
	Singular	Plural
1.ª		
2.ª		
3.ª		

Faz a correspondência entre os nomes e os pronomes que os podem substituir.

a) O João [5]
b) A Ana e a Rita [ ]
c) Eu e tu [ ]
d) Tu e o Jorge [ ]
e) A Joana [ ]

1) Vós/Vocês
2) Ela
3) Elas
4) Nós
5) Ele

Os **pronomes pessoais** e os **pronomes possessivos** podem variar em número (singular e plural), em género (masculino e feminino) e em pessoa (1.ª, 2.ª e 3.ª).

Os pronomes pessoais variam ainda de acordo com a função sintática que desempenham (sobre as funções sintáticas, consulta as páginas 100-102).

Variação dos verbos

O **verbo** é uma palavra variável: pode mudar de forma consoante a pessoa, o número, o tempo e o modo em que está a ser conjugado.

Conjugação verbal

As palavras destacadas no texto seguinte são verbos no **infinitivo**.

O Gato Malhado teve vontade de dizer algo à Andorinha Sinhá. Sentou-se no chão, alisou os bigodes, apenas perguntou:

— Tu não fugiste com os outros?

— Eu? Fugir? Não tenho medo de ti, os outros são todos uns covardes... Tu não me podes alcançar, não tens asas para voar, és um gatarrão ainda mais tolo do que feio. E olha lá que és feio...

Jorge Amado, *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá*, Publicações Dom Quixote (texto adaptado)

A vogal final do infinitivo permite distinguir as **três conjugações verbais**.

1.ª conjugação (-*ar*)	2.ª conjugação (-*er*)	3.ª conjugação (-*ir*)
cantar	beber	abrir
dançar	correr	dormir
voar	ler	fugir

Os verbos *pôr, propor, dispor* e outros terminados em *-or* também pertencem à 2.ª conjugação.

Coloca os verbos na coluna correta.

andar rir fazer estudar partir
ler jogar escrever brincar sorrir

1.ª conjugação (-*ar*)	2.ª conjugação (-*er*)	3.ª conjugação (-*ir*)

Sublinha, no texto seguinte, os verbos que estão no infinitivo.

Para reaver a fala, a Árvore-Pirata foi obrigada a confessar que não tinha a mensagem. Para a conseguir, as cores teriam de passar pelo estreito tronco oco, que dormia a uns passos dali: a mensagem estava escondida no seu interior. As cores ficaram paralisadas com o que ouviram.

Pedro Rosário *et al.*, *Sarilhos do Amarelo*, Porto Editora

Escreve as formas dos verbos que sublinhaste na coluna da respetiva conjugação.

1.ª conjugação	2.ª conjugação	3.ª conjugação

Os **verbos** agrupam-se em **três conjugações** (1.ª, 2.ª e 3.ª), de acordo com a terminação do infinitivo.

Variação em pessoa e em número

O verbo apresenta **variação em pessoa** (1.ª, 2.ª e 3.ª) **e em número** (singular e plural).

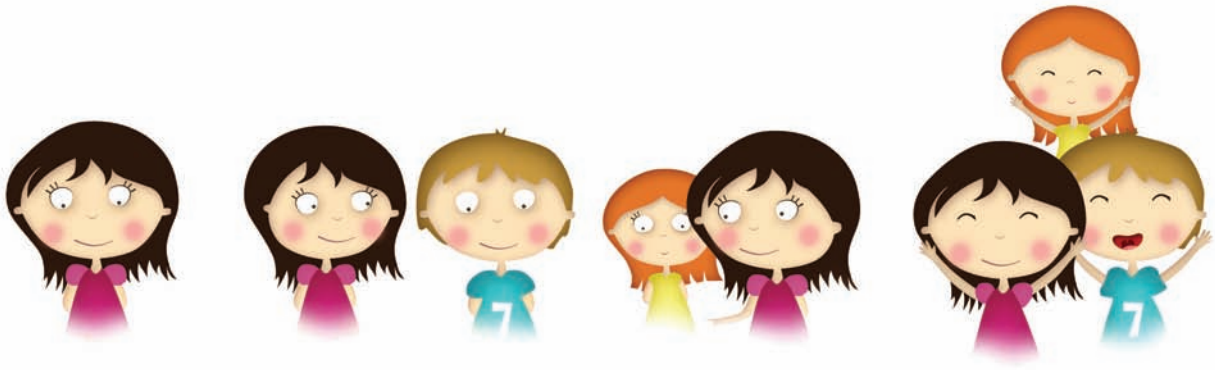

eu escuto *tu escutas* *ela escuta* *nós escutamos*

Completa o quadro com as formas do verbo *escutar*.

Número	Pessoa gramatical	Verbo *escutar*
Singular	1.ª — eu	escuto
	2.ª — tu	
	3.ª — ele, ela	
Plural	1.ª — nós	
	2.ª — vós	
	3.ª — eles, elas	

Completa as frases usando formas do verbo *saltar*.

a) Tu _____ muitas vezes.

b) Nós _____ à corda.

c) Eles _____ o muro.

O verbo é uma palavra variável. Apresenta variação em **pessoa** (1.ª, 2.ª e 3.ª) e em **número** (singular e plural).

Variação em tempo

O **verbo** apresenta também **variação em tempo**. O tempo do verbo indica se a ação, o acontecimento ou o estado expressos pelo verbo se situam no **presente**, no **passado** ou no **futuro**.

Lê o texto e repara nas palavras destacadas.

Era uma vez um cão rafeiro chamado Dandy. Descendia do rafeiro Asu e da rafeira Ramina. Não podia, por isso, ser mais autenticamente rafeiro. O que não tem mal. Antes pelo contrário. Hoje sabemos que os rafeiros são tão inteligentes e habilidosos como os seus parentes fidalgos. Dandy tinha o pelo dourado e a cauda branca. Foi oferecido a um menino chamado Ferdinando e tinha, nessa altura, por aí um meio ano de idade. Dandy e Ferdinando simpatizaram logo um com o outro.

Um dia Ferdinando disse-lhe:

— Tratarei muito bem de ti e brincaremos sempre juntos.

Ilse Losa, *O Rei Rique e Outras Histórias*, Porto Editora (texto adaptado)

As palavras destacadas estão em diferentes tempos verbais.

tem sabemos são disse

presente
(o verbo expressa algo que se está a realizar no momento em que se fala)

era descendia podia tinha

pretérito imperfeito
(o verbo expressa algo que era habitual no passado)

foi simpatizaram

pretérito perfeito
(o verbo expressa algo que já se realizou e já acabou)

tratarei brincaremos

futuro
(o verbo expressa algo que se irá realizar)

Sublinha as formas dos verbos no texto seguinte.

Mais tarde, Ferdinando deu o Dandy a um lavrador. Na quinta do lavrador, Dandy estava o tempo todo preso com uma corda ao tronco de uma árvore e vivia muito triste. Entretanto, roeu a corda e fugiu. Hoje está novamente feliz, pois voltou para junto do Ferdinando, que lhe fez a seguinte promessa:

— Dandy, és um bom amigo, nunca mais me separarei de ti!

Madalena Relvão e Graça Trindade

Escreve as formas dos verbos que sublinhaste na coluna do respetivo tempo verbal.

Presente	Pretérito perfeito	Pretérito imperfeito	Futuro

Reescreve as frases seguintes começando-as por «Amanhã…» e fazendo as alterações necessárias.

a) O Pedro deu comida ao gato.

Amanhã _____

b) Eu brinquei com o gato do Pedro.

_____

O verbo usa-se em tempos diferentes, indicando se as situações ocorrem no **passado** (pretérito perfeito e pretérito imperfeito), no **presente** ou no **futuro**.

Variação em modo

Além da variação em pessoa, em número e em tempo, o verbo apresenta **variação quanto ao modo**.

Os verbos podem estar nos modos infinitivo, indicativo, imperativo ou condicional.

Gosto de estudar.

modo infinitivo

Eu estudo.

modo indicativo
(o modo do verbo indica que a situação é considerada real)

— Estuda — diz a mãe.

modo imperativo
(o modo do verbo indica uma ordem)

Ela estudaria, se não estivesse doente.

modo condicional
(o modo do verbo indica que a situação depende de uma condição)

Lê os textos.

Completa o quadro seguinte com as formas dos verbos presentes nos textos acima e indica em que modo se encontram.

Formas verbais	Modo verbal
trabalhar	
	condicional
cala	imperativo
ouvir	

Os **verbos** também apresentam variação em **modo**. Em português, há quatro modos verbais: modo indicativo, modo condicional, modo imperativo e modo infinitivo.

Verbos regulares

Um **verbo regular** é aquele que mantém uma parte igual (radical) em todas as suas formas.

No quadro seguinte, estão conjugados os verbos *falar* (1.ª conjugação), *escrever* (2.ª conjugação) e *partir* (3.ª conjugação), que são verbos regulares. Repara que existe sempre uma parte inicial da forma verbal que não muda.

Tempo verbal	Pessoa gramatical	1.ª conjugação *falar*	2.ª conjugação *escrever*	3.ª conjugação *partir*
Presente	eu	**fal**o	**escrev**o	**part**o
	tu	**fal**as	**escrev**es	**part**es
	ele, ela	**fal**a	**escrev**e	**part**e
	nós	**fal**amos	**escrev**emos	**part**imos
	vós	**fal**ais	**escrev**eis	**part**is
	eles, elas	**fal**am	**escrev**em	**part**em
Pretérito perfeito	eu	**fal**ei	**escrev**i	**part**i
	tu	**fal**aste	**escrev**este	**part**iste
	ele, ela	**fal**ou	**escrev**eu	**part**iu
	nós	**fal**ámos	**escrev**emos	**part**imos
	vós	**fal**astes	**escrev**estes	**part**istes
	eles, elas	**fal**aram	**escrev**eram	**part**iram
Pretérito imperfeito	eu	**fal**ava	**escrev**ia	**part**ia
	tu	**fal**avas	**escrev**ias	**part**ias
	ele, ela	**fal**ava	**escrev**ia	**part**ia
	nós	**fal**ávamos	**escrev**íamos	**part**íamos
	vós	**fal**áveis	**escrev**íeis	**part**íeis
	eles, elas	**fal**avam	**escrev**iam	**part**iam
Futuro	eu	**fal**arei	**escrev**erei	**part**irei
	tu	**fal**arás	**escrev**erás	**part**irás
	ele, ela	**fal**ará	**escrev**erá	**part**irá
	nós	**fal**aremos	**escrev**eremos	**part**iremos
	vós	**fal**areis	**escrev**ereis	**part**ireis
	eles, elas	**fal**arão	**escrev**erão	**part**irão

Completa o texto com as formas dos verbos indicados, nos tempos pedidos.

Um dia, os gatinhos _____ (*perder*, pretérito perfeito) as suas luvas e _____ (*começar*, pretérito perfeito) a dizer:

— Mãe, querida mãe, _____ (estar, presente) muito tristes porque _____ (*perder*, pretérito perfeito) as nossas luvas.

E _____ (*chorar*, pretérito imperfeito) muito.

A gata, toda assanhada, _____ -lhes: (*responder*, pretérito perfeito)

— Sois uns maus gatinhos, por isso não _____ (comer, futuro) destes pastéis que eu _____ (*acabar*, presente) de fazer... Miau... Miau...

Popular

Os verbos que se conjugam como *falar* (1.ª conjugação), *correr* (2.ª conjugação) e *partir* (3.ª conjugação) são **verbos regulares**.

Estes verbos mantêm a mesma forma inicial (radical) na conjugação de todos os tempos verbais.

Verbos irregulares

Compara as formas do verbo *comer* com as formas do verbo *fazer* que encontras a seguir.

Comer: eu **com**o/tu **com**es/ele **com**e/eu **com**i
Fazer: eu **faç**o/tu **faz**es/ele **faz**/eu **fiz**

A parte destacada do verbo *comer* mantém-se sempre igual, não muda. Por isso, dizemos que o verbo *comer* é um **verbo regular**.

Mas a parte destacada do verbo *fazer* vai mudando, não se mantém sempre igual: *faç*, *faz*, *fiz*. Por isso, dizemos que é um **verbo irregular**.

Os verbos que a seguir se apresentam também são irregulares.

Tempo verbal	Pessoa gramatical	*Dizer*	*Estar*	*Fazer*	*Ir*
Presente	eu	digo	estou	faço	vou
	tu	dizes	estás	fazes	vais
	ele, ela	diz	está	faz	vai
	nós	dizemos	estamos	fazemos	vamos
	vós	dizeis	estais	fazeis	ides
	eles, elas	dizem	estão	fazem	vão
Pretérito perfeito	eu	disse	estive	fiz	fui
	tu	disseste	estiveste	fizeste	foste
	ele, ela	disse	esteve	fez	foi
	nós	dissemos	estivemos	fizemos	fomos
	vós	dissestes	estivestes	fizestes	fostes
	eles, elas	disseram	estiveram	fizeram	foram
Pretérito imperfeito	eu	dizia	estava	fazia	ia
	tu	dizias	estavas	fazias	ias
	ele, ela	dizia	estava	fazia	ia
	nós	dizíamos	estávamos	fazíamos	íamos
	vós	dizíeis	estáveis	fazíeis	íeis
	eles, elas	diziam	estavam	faziam	iam
Futuro	eu	direi	estarei	farei	irei
	tu	dirás	estarás	farás	irás
	ele, ela	dirá	estará	fará	irá
	nós	diremos	estaremos	faremos	iremos
	vós	direis	estareis	fareis	ireis
	eles, elas	dirão	estarão	farão	irão

Outros verbos irregulares

Tempo verbal	Pessoa gramatical	*Poder*	*Querer*	*Ser*	*Ter*
Presente	eu	posso	quero	sou	tenho
	tu	podes	queres	és	tens
	ele, ela	pode	quer	é	tem
	nós	podemos	queremos	somos	temos
	vós	podeis	quereis	sois	tendes
	eles, elas	podem	querem	são	têm
Pretérito perfeito	eu	pude	quis	fui	tive
	tu	pudeste	quiseste	foste	tiveste
	ele, ela	pôde	quis	foi	teve
	nós	pudemos	quisemos	fomos	tivemos
	vós	pudestes	quisestes	fostes	tivestes
	eles, elas	puderam	quiseram	foram	tiveram
Pretérito imperfeito	eu	podia	queria	era	tinha
	tu	podias	querias	eras	tinhas
	ele, ela	podia	queria	era	tinha
	nós	podíamos	queríamos	éramos	tínhamos
	vós	podíeis	queríeis	éreis	tínheis
	eles, elas	podiam	queriam	eram	tinham
Futuro	eu	poderei	quererei	serei	terei
	tu	poderás	quererás	serás	terás
	ele, ela	poderá	quererá	será	terá
	nós	poderemos	quereremos	seremos	teremos
	vós	podereis	quereis	sereis	tereis
	eles, elas	poderão	quererão	serão	terão

Lê a lengalenga.

A criada lá de cima
É feita de papelão,
Quando vai fazer a cama
Diz assim para o patrão:
Sete e sete são catorze,
Com mais sete vinte e um,
Tenho sete namorados
E não gosto de nenhum.

Lengalenga popular

Preenche o quadro com as formas dos verbos que encontras na lengalenga da página anterior.

Formas verbais	Forma do infinitivo	Conjugação	Verbo regular/irregular
é			irregular
	ir		
fazer		2.ª	
	dizer		
são			irregular
	ter		
		1.ª	

Escreve as formas dos verbos irregulares do exercício anterior, colocando-as na 1.ª pessoa do singular dos tempos assinalados.

Verbo	Pretérito perfeito	Pretérito imperfeito	Futuro
ser	fui	era	serei

Os verbos que não conservam a mesma forma (radical) na conjugação dos tempos verbais chamam-se **verbos irregulares**.

(Exs.: *ser, ter, estar, ir, fazer, dizer, poder*)

Palavras simples e palavras complexas

Uma **palavra** é **simples** quando não se formou a partir de nenhuma outra. Quando à palavra simples se acrescentam outros elementos, forma-se uma **palavra complexa**.

sapato

palavra simples

sapateiro

palavra complexa

sapataria

palavra complexa

As palavras complexas podem ser formadas por derivação ou por composição.

Derivação

Uma palavra é formada por **derivação** quando é constituída por uma palavra simples (base) e por um ou mais afixos.

Quando o afixo se coloca antes da base, chama-se **prefixo**. Quando aparece depois da base, chama-se **sufixo**.

Afixos	
Prefixos	**Sufixos**
Exs.: *bis + avô = bisavô* *des + aparecer = desaparecer*	Exs.: *barba + eiro = barbeiro* *piano + ista = pianista*

Composição

As palavras complexas também se podem formar pelo processo de **composição**, quando duas ou mais palavras se juntam e formam novas palavras.

guarda-chuva
(guarda + chuva)

girassol
(gira + sol)

Liga as palavras das colunas de forma a criares palavras compostas e escreve-as. Observa o exemplo.

a) arroz	☐	**1)** pérola	**a)**	_____
b) saca	☐	**2)** mudo	**b)**	_____
c) surdo	☐	**3)** perfeito	**c)**	_____
d) amor	☐	**4)** chuva	**d)**	_____
e) guarda	☐	**5)** roupa	**e)**	_____
f) madre	☐	**6)** doce	**f)**	_____
g) guarda	5	**7)** rolhas	**g)**	guarda-roupa

A **derivação** é um processo de formação de palavras que consiste na junção de um ou mais afixos a uma forma de base.

A **composição** consiste na junção de duas ou mais palavras, originando novas palavras.

As frases

Quando falamos ou escrevemos, combinamos e organizamos as palavras de modo a formar **frases**. Essa combinação é feita segundo determinadas regras.

Repara nas seguintes palavras soltas:

barco *contra* *maré* *o* *navegava* *a*

Se as juntares ao acaso, podes obter combinações como esta:

A barco contra navegava o maré

Esta combinação não é uma frase porque não seguiu as regras gramaticais do português. Não se pode colocar o artigo feminino *a* antes de um nome masculino como *barco*, por exemplo.

Também não podemos colocar a preposição *contra* antes da forma verbal *navegava*.

A combinação correta é:

O barco navegava contra a maré.

Todas as frases têm, pelo menos, um verbo principal:

O barco navegava contra a maré.
O vento era forte.
A tempestade passou.

Frases simples e frases complexas

As frases podem ser simples ou complexas. As **frases simples** têm um só verbo principal. As **frases complexas** têm dois ou mais verbos principais.

Frase simples	Frase complexa
A Joana foi ao cinema.	Cheguei a casa e lanchei.
Um verbo principal	**Dois verbos principais**

Lê o texto seguinte.

A Ana puxou uma espécie de manta para si e instalou-se perto do lume. Fechou os olhos e abandonou-se ao seu cansaço. Aquele cheiro das brasas soube-lhe bem.

Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada,
Uma Viagem ao Tempo dos Castelos,
Editorial Caminho

Completa o quadro.

Frase	Verbo(s) principal(ais)	Frase simples	Frase complexa
A Ana puxou uma espécie de manta para si e instalou-se perto do lume.			
Fechou os olhos e abandonou-se ao seu cansaço.			
Aquele cheiro das brasas soube-lhe bem.	saber	✓	

Junta as frases simples das colunas A e B usando as palavras de ligação da coluna do meio. Depois, escreve-as fazendo as alterações necessárias: encontrarás uma pequena história. Repara no exemplo.

A		B
Frase simples	**Palavra de ligação**	**Frase simples**
Os meninos foram à praia.	e	A tia comprou-lhes gelados.
O pai brincou com eles.	porque	Os gelados eram deliciosos.
Apareceu a tia.	e	A mãe passeava pela praia.
Ficaram muito contentes.	quando	A mãe regressou do passeio.
Foram todos almoçar.	enquanto	Os meninos tomaram banho.

Os meninos foram à praia e tomaram banho.

As **frases** podem ser **simples** ou **complexas**.

As frases simples têm um só verbo principal. As frases complexas têm dois ou mais verbos principais.

As frases simples podem agrupar-se em frases complexas, por meio de algumas palavras de ligação.

Tipos de frase

As frases podem ser de diferentes tipos: declarativas, exclamativas, imperativas e interrogativas. Quando falamos, a entoação ajuda a definir o tipo de frase.

Quando escrevemos, usamos, por vezes, a pontuação para indicar alguns tipos de frase.

Observa os exemplos.

Frase declarativa
(faz uma afirmação)

Frase exclamativa
(mostra satisfação)

Frase imperativa
(faz um pedido/dá uma ordem)

Frase interrogativa
(faz uma pergunta)

Lê o texto.

Por isso, voltaram à Rua Nova dos Mercadores, agora quase deserta. Muitos comerciantes haviam fechado as lojas para poderem ver o rei.

— Que maçada! — exclamou o João, encostando-se à ombreira de uma porta. Inesperadamente ela abriu-se.

— Olha! Estava só encostada! Neste tempo não há roubos?

Mafalda riu-se.

— Não há poucos!

Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada,
Um Cheirinho a Canela,
Editorial Caminho

Copia as frases do texto anterior para o espaço adequado.

Frases declarativas	
Frases exclamativas	
Frases imperativas	
Frases interrogativas	

Numera as frases abaixo de acordo com o seu tipo.

Frase declarativa: 1
Frase exclamativa: 2
Frase imperativa: 3
Frase interrogativa: 4

— Que horas são? ☐

— São 10 horas. ☐

— Estou cheio de sede! ☐

— Bebe um copo de água. ☐

Com os elementos que se seguem, constrói frases do tipo que te é pedido. Atenção: tens de alterar a forma de alguns elementos e não te esqueças da pontuação!

manter

o meu caderno

cuidado

e

bem organizado

Frase declarativa — _____

Frase exclamativa — _____

Frase interrogativa — _____

Frase imperativa — _____

As frases podem ser de tipo **declarativo**, **exclamativo**, **interrogativo** ou **imperativo**.

As frases de tipo **declarativo** fazem uma afirmação. Na escrita, terminam com um ponto final.

As frases de tipo **exclamativo** mostram os sentimentos da pessoa que fala (admiração, medo, alegria, …); na escrita, terminam com um ponto de exclamação.

As frases de tipo **interrogativo** fazem uma pergunta; na escrita, terminam com um ponto de interrogação.

As frases de tipo **imperativo** expressam um pedido, dão uma ordem ou um conselho; na escrita, terminam com um ponto de exclamação ou um ponto final.

Frases afirmativas e frases negativas

As frases podem ter **formas** diferentes — **afirmativa** ou **negativa**.

O sol está quente.
O mar está calmo.
A paisagem é bonita.

Forma afirmativa
(exprime uma afirmação)

O sol não está quente.
O mar não está calmo.
A paisagem não é bonita.

Forma negativa
(exprime uma negação)

Assim, as frases afirmativas podem transformar-se em frases negativas ou as frases negativas em frases afirmativas.

Completa o quadro seguinte.

Frase afirmativa	Frase negativa
O João vai à praia.	
	A Maria não joga à bola.
Eles comem gelados todos os dias.	
	O pai do Tiago não foi à festa.
A enfermeira gosta do seu trabalho.	
	Não faço sempre os trabalhos de casa.

Reescreve o provérbio seguinte na forma afirmativa.

Quem não trabalha não come.

_____

A frase pode apresentar duas formas: a **afirmativa**, quando exprime uma afirmação, e a **negativa**, quando exprime uma negação.

A palavra que geralmente se usa para exprimir a negação é ***não*** e encontra-se sempre antes da forma verbal.

Os constituintes da frase

O grupo nominal

O **grupo nominal** é um constituinte da frase que tem como elemento central um nome ou um pronome.

O Pedro gosta de comer rebuçados.

grupo nominal **grupo nominal**

Ele adormeceu.

grupo nominal

Além do nome, que constitui o núcleo, o grupo nominal pode incluir outros elementos, como determinantes.

O meu cão magoou-se.

grupo nominal

Esta rosa é muito bonita.

grupo nominal

Sublinha os grupos nominais das frases seguintes.

a) A menina bebeu um sumo.

b) O Pedro comprou um livro.

c) O meu pai lê o jornal diariamente.

Circunda os núcleos desses grupos nominais.

O grupo verbal

O **grupo verbal** é um constituinte da frase que tem como elemento central um verbo (o núcleo).

O Bruno caiu.

grupo verbal

A Ana adoeceu.

grupo verbal

Pode incluir, além do verbo, complementos.

O Pedro adora doces.

grupo verbal

O Rui partiu um copo.

grupo verbal

Lê as frases e completa o quadro seguinte.

a) O macaco comeu a banana.

b) A Maria fez os trabalhos de casa.

c) O rapaz escorregou.

d) A mãe ajudou o filho.

e) O João rasgou o papel.

f) A rapariga perdeu o comboio.

Grupo verbal	Núcleo

Une os grupos nominais aos grupos verbais de forma a criares frases com sentido.

a) As pessoas	☐	**1)**	chorava com fome.
b) Uma onda gigante	☐	**2)**	luzia no céu.
c) As crianças	☐	**3)**	brincava sozinho.
d) Uma estrela	☐	**4)**	brincavam na rua.
e) O bebé	☐	**5)**	estavam à espera do comboio.
f) O rapaz	☐	**6)**	crescia no oceano.

Completa as frases com grupos verbais adequados.

a) O pato _____.

b) A Rita _____.

c) A mãe do Bruno _____.

d) A enfermeira _____.

e) O teu irmão _____.

f) O maquinista _____.

g) O autocarro _____.

Circunda o núcleo dos grupos verbais que formaste.

O **grupo nominal** é um constituinte da frase que tem como elemento principal um nome ou um pronome.

O grupo nominal pode fazer parte de outro grupo, como, por exemplo, o grupo verbal (*Ele comeu* ***um bolo***.).

O **grupo verbal** é um constituinte da frase que tem como elemento principal um verbo.

O grupo verbal pode ser constituído apenas pelo verbo ou por um verbo e por outros elementos que o completam (*Ele* ***chegou***./*Ele* ***chegou a casa***.).

As funções sintáticas

O sujeito

Nas frases, há um grupo nominal que tem a função sintática de **sujeito**. É muito importante porque a forma do verbo depende dele:

- Se o sujeito está no singular, o verbo tem de estar no singular.
- Se o sujeito está no plural, o verbo também tem de estar no plural.

Nas frases seguintes, os grupos nominais destacados têm a função de sujeito.

O peixe nada.
Os peixes nadam.

O verbo também concorda em pessoa (1.ª, 2.ª e 3.ª) com o sujeito.

Repara nas mudanças do verbo *nadar* que são provocadas pelas mudanças no sujeito:

Eu nado. / Tu nadas. / Ele nada.

Por vezes, o sujeito fica subentendido, não está presente na frase mas existe. Está como que escondido.

Repara na frase: *Fui fazer compras.*

O sujeito desta frase é *eu*, embora não esteja presente.

Sublinha os sujeitos das frases do texto seguinte.

O Luisinho olhou em volta. A mãe devia estar a chegar das compras e a criada estava distraída com a rádio.

Luísa Costa Gomes, «A Janela da Despensa como Argumento Moral», in *Contos Outra Vez*, Cotovia

O predicado

Numa frase, o grupo verbal desempenha a função sintática de **predicado**. Repara nos grupos de palavras destacados no texto seguinte.

À noite, antes de jantar, foi espreitar o galinheiro. E ficou sem apetite: a Clara Sofia não estava lá, tinha desaparecido.

António Mota, «A Galinha Vadia», in *Abada de Histórias*, Gailivro

Predicado

- foi espreitar o galinheiro
- ficou sem apetite
- não estava lá
- tinha desaparecido

Completa o texto seguinte com os predicados adequados.

viu uma luz ao longe	treparam para um ramo
resolveram assustá-los	deitaram-se junto a uma árvore

Um burro, um gato, um galo e um cão decidiram abrigar-se e dormir na floresta. O burro e o cão _____, enquanto o gato e o galo _____. Foi então que o galo _____ e alertou os amigos. Era uma casa que abrigava uns ladrões. Os quatro amigos _____.

«Os Músicos de Bremen», conto tradicional (texto adaptado)

O **sujeito** é normalmente expresso através de um grupo nominal. É o sujeito que determina a forma do verbo com que se relaciona.

A maior parte das frases tem o sujeito expresso, embora haja casos em que ele fica subentendido.

O grupo verbal desempenha a função sintática de **predicado**.

O complemento direto

Numa frase, as expressões que completam o sentido do verbo e que podem ser substituídas pelos pronomes *o, a, os* ou *as* desempenham a função de complemento direto.

O pato comeu a minhoca. → O pato comeu-a.

Se retiramos da frase acima o grupo nominal *a minhoca*, fica assim:

O pato comeu.

Esta frase não tem um sentido completo. É preciso saber o que comeu o pato. O verbo *comer* exige um complemento. Chama-se a este complemento o **complemento direto**.

Nas frases a seguir encontras outros complementos diretos.

A Maria fechou a torneira. (A Maria fechou-a.)
A Joana recebeu uma boa nota. (A Joana recebeu-a.)
O cão atacou o rapaz. (O cão atacou-o.)

Sublinha o complemento direto das frases seguintes.

a) O Pedro leu um romance.

b) A Ana visitou o Museu do Traje.

c) O aluno escreveu uma composição sobre o outono.

d) Ela abriu a porta.

e) A rapariga cheirou a flor.

O **complemento direto** é um complemento do verbo.
Pode ser substituído pelos pronomes *o, a, os* ou *as*.
Há frases em que o verbo não precisa de complementos para fazer sentido (por exemplo: *Ela correu.*).

A mobilidade dos elementos da frase

Alguns elementos da frase podem mudar de posição.

Repara na frase:

As crianças brincavam divertidas.

Normalmente, em português o sujeito aparece antes do predicado. No entanto, este pode aparecer depois, tornando a frase mais expressiva:

Brincavam divertidas as crianças.

Há outros elementos que podem mudar de posição na frase sem alterar o seu sentido. É o caso da palavra *ontem* nas frases seguintes.

Ontem, as crianças brincavam divertidas.
As crianças brincavam divertidas ontem.

Reescreve as frases mudando a posição dos seus elementos, mas sem lhes alterares o sentido.

a) Alegremente, as vizinhas conversavam.

_____

b) Os rapazes, no pátio, brincam às escondidas.

_____

c) As andorinhas fazem os ninhos na primavera.

_____

Famílias de palavras

A um conjunto de palavras constituído por uma palavra simples e por outras que se formam a partir dela dá-se o nome de **família de palavras**.

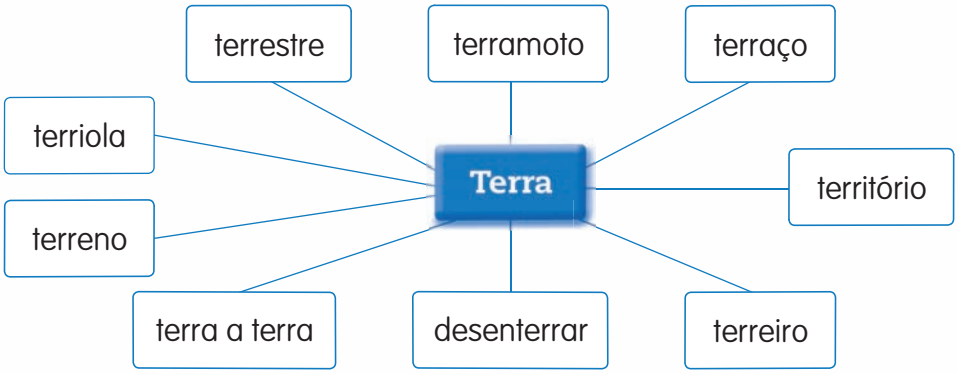

Completa com palavras da mesma família.

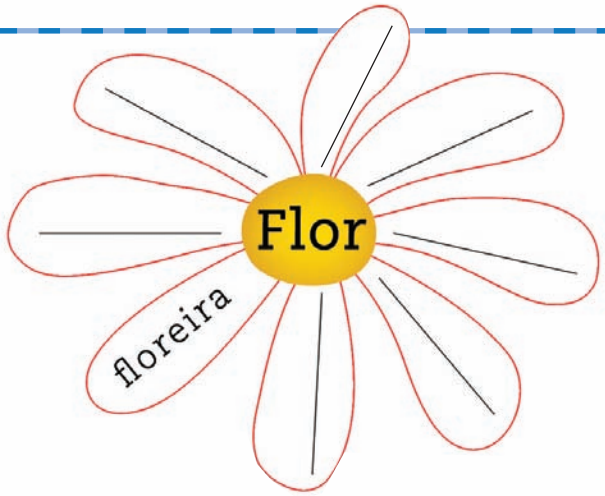

Uma **família de palavras** é um conjunto de palavras constituído por uma palavra simples e por outras formadas a partir dela.

Sinónimos e antónimos

Sinónimos

As palavras que podem ter o mesmo significado são **sinónimas**.
Lê o texto.

Foi um momento emocionante. Amarguinha não saberia explicar o que sentiu ao ver aquele bebé tão pequenino nos braços da mãe. De olhos fechados, tranquilo, com o gorro de lã a cobrir-lhe a cabeça para não ter frio, o bebé parecia um boneco de brincar.

Tiago Rebelo, *Amarguinha Tem Um Irmão*, Editorial Presença

As palavras destacadas no texto podem relacionar-se com outras pelo seu significado.

Foi um momento emocionante	OU	*Foi um momento comovente*
De olhos fechados, tranquilo		*De olhos fechados, calmo*

Escreve as palavras que podem ser consideradas sinónimas das palavras seguintes. Escolhe-as de entre as que são indicadas abaixo.

a) abrigo ☐☐☐☐☐☐☐

b) bonito ☐☐☐☐☐

c) bocado ☐☐☐☐☐☐

d) caminhar ☐☐☐☐☐

e) colocar ☐☐☐

pôr pedaço andar
refúgio lindo

Quando, ao substituirmos uma palavra por outra, o significado se mantém idêntico, as palavras são **sinónimas**.

Antónimos

As palavras que têm significados opostos são **antónimas**.

casa grande

casa pequena

dia

noite

Completa o crucigrama com antónimos das palavras indicadas.

1. Comum.
2. Alguém.
3. Frio.
4. Triste.
5. Feio.
6. Desligados.
7. Acordar.
8. Aberto.
9. Claro.

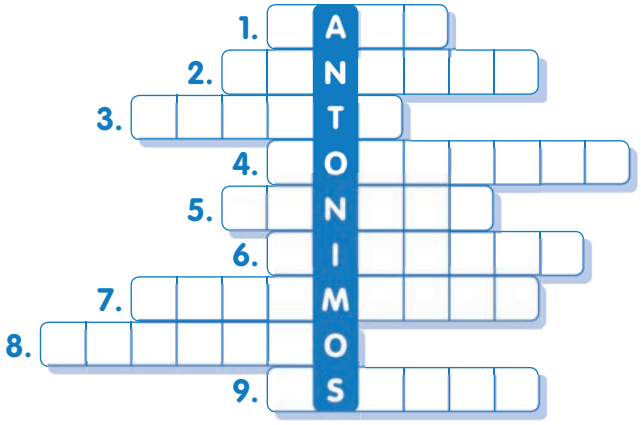

Quando uma palavra tem um significado oposto ao de outra, essas duas palavras são **antónimas**.

Uso do dicionário

Quando não sabemos o significado de uma palavra, devemos consultar um dicionário. Um **dicionário** é um livro com as palavras de uma língua ordenadas alfabeticamente. Cada palavra aparece associada ao seu significado e a outras informações úteis, como a classe a que pertence.

Regras para consultar um dicionário

- As palavras aparecem sempre por **ordem alfabética**.
  - Primeiro, encontras as palavras começadas por ***a***, depois, as que começam por ***b***, e assim sucessivamente.
  - Se as palavras começarem pela mesma letra, deves dar atenção à segunda letra (*banco*, *brisa*).
  - Se as duas primeiras letras forem iguais, deves dar atenção à terceira letra (*banco*, *barco*).
- Quando são variáveis, as palavras aparecem sempre no **masculino singular**.
- No caso dos verbos, a forma que deves procurar é o **infinitivo**.

Ordena as palavras seguintes alfabeticamente. Essa será a ordem pela qual as encontrarás no dicionário.

carro ☐	jarra ☐	xaile ☐	carregado ☐
zangado ☐	armário ☐	coelho ☐	antigo ☐
janota ☐	zebra ☐	barco ☐	lobo ☐

Escreve, em cada caso, a forma como procurarias as palavras no dicionário.

amigas _____	comias _____	lavava _____
ricos _____	espertos _____	cansados _____
gata _____	ratos _____	leram _____

A comunicação

Quando falamos, procuramos transmitir aos outros aquilo que pensamos. Estamos a **comunicar**. Para isso, juntamos frases, formando textos ou discursos. Podemos comunicar **oralmente** ou por **escrito**.

Quando comunicamos oralmente, a pessoa que está a falar é o **locutor** e aqueles que a estão a escutar para depois falarem são os seus **interlocutores**.

Na escrita, diz-se que quem escreve é o **emissor** e que aquele que lê e interpreta o que está escrito é o **recetor**.

No texto seguinte, repara nas falas dos interlocutores e naquilo que eles dizem um ao outro (nos seus **enunciados**).

A Lagarta foi a primeira a falar:

— De que tamanho é que queres ficar? — perguntou.

— Oh, não faço questão quanto ao tamanho — respondeu Alice muito depressa —, só que uma pessoa não gosta de mudar tantas vezes de tamanho, sabe?

— Não sei, não! — disse a Lagarta.

Lewis Carroll, *Alice no País das Maravilhas*, Publicações Dom Quixote

Locutor	Enunciado	Interlocutor
	De que tamanho é que queres ficar?	
	Oh, não faço questão quanto ao tamanho, só que uma pessoa não gosta de mudar tantas vezes de tamanho, sabe?	
	Não sei, não!	

Lê o texto seguinte e preenche o quadro.

É tão bom ser nuvem,
Ter um corpo leve,
E passar, passar.

Eugénio de Andrade,
Aquela Nuvem e Outras,
Campo das Letras

Emissor	Enunciado	Recetor
		(Escreve aqui o teu nome)

Lê o texto.

— Bom dia, Espiga! — disse-lhe naquela manhã a Senhora Cegonha, toda espaventosa no seu xaile branco de franjas pretas.
— Com quem estás a falar? — perguntou a nossa amiga.
— Contigo — respondeu-lhe a outra. — Com quem havia de ser?...
Ou julgas-te uma princesa lá porque os caracóis te começam a aloirar?
— Estás enganada, minha alcoviteira. Não sou a Espiga. Sou a Sementinha.

Alves Redol, *A Vida Mágica da Sementinha,*
Editorial Caminho

Completa o esquema que se segue, de acordo com a situação de comunicação relatada no texto da página anterior que acabaste de ler.

Locutor	Enunciado	Interlocutor
		Sementinha
Sementinha		
	Contigo. Com quem havia de ser?… Ou julgas-te uma princesa lá porque os caracóis te começam a aloirar?	
	Estás enganada, minha alcoviteira. Não sou a Espiga. Sou a Sementinha.	

Comunicar consiste em transmitir aos outros aquilo que pensamos. Podemos fazê-lo oralmente ou por escrito.

Na **comunicação oral**, o emissor chama-se **locutor** e o recetor chama-se **interlocutor**. Quando se fala conjuntamente dos dois, usa-se o termo **interlocutores**.

Na **comunicação escrita**, quem escreve é o **emissor** e aquele que lê e interpreta o que está escrito é o **recetor**.

Os registos de língua

Quando falamos ou escrevemos a alguém, não o podemos fazer sempre da mesma maneira. Consoante as situações de comunicação, temos de usar **registos de língua** diferentes.

Se, por exemplo, aquele a quem nos dirigimos é uma autoridade ou uma pessoa mais velha ou se o local em que estamos é um espaço de cerimónia, usa-se um **registo formal**.

Se, por outro lado, existe uma relação familiar, de amizade, ou se os interlocutores são da mesma idade e nenhum tem uma função mais importante do que o outro, usa-se um **registo informal**.

Registo formal

Isabel Cristina Matos
Av. 5 de Outubro, n.º 27571
1050 Lisboa
Telefone 214 531 111

Ex.mo Senhor
Diretor dos Recursos Humanos
da Sociedade de Informática de Portugal

Acabo de receber o meu diploma de Informática. Tenho conhecimento de que a vossa empresa lidera o mercado neste ramo de atividade, o que me dá garantias de ser o melhor local para poder desenvolver as competências que adquiri na minha formação.

Gostaria de, numa entrevista pessoal, poder prestar outras informações que penso serem de mútuo interesse.

Subscrevo-me com a mais elevada consideração,

Isabel Matos

Registo informal

Olá, tia!

Como estão todos por aí?
Nós estamos bem e cheios de saudades suas, do tio e dos primos!
Já falta pouco para nos vermos .
Estamos a preparar as malas. Partimos amanhã de manhã.

Um beijinho para todos!

Joana

Lê os textos seguintes.

Texto A

— Ó Maria, manda cá um copo de vinho. Vais ver o que é uma pinga!

Alves Redol, *Gaibéus*, Editorial Caminho

Texto B

Passados os três dias o moleiro, vestido de frade, foi pedir audiência ao rei. O rei perguntou-lhe:
— Então quanto pesa a Lua?
— Saberá Vossa Majestade que não pode pesar mais do que um arrátel, porque todos dizem que tem quatro quartos.
— É verdade... E agora: quanta água tem o mar?
Respondeu o moleiro:
— Isso é muito fácil de saber. Mas como Vossa Majestade só quis saber da água do mar, é preciso primeiro que mande tapar todos os rios, porque sem isso nada feito.
O rei achou bem respondido.

Viale Moutinho (org.), *Contos Populares Portugueses*, Livros de Bolso Europa-América

Texto C

Não fazia ideia de que o inverno em Nova Iorque fosse tão desagradável. Alexander pensou que estava mergulhado num pesadelo de ficção científica, numa gigantesca e pavorosa cidade de cimento, aço, vidro, poluição e solidão. Morgana interrompeu os seus pensamentos.

— Estou morta de fome... Podíamos comer alguma coisa... — sugeriu.

— Já é tarde, tenho de chegar a casa da minha avó — desculpou-se.

— Calma, homem, que já te levo até lá. Estamos perto, mas calhava-me bem meter alguma coisa na barriga — insistiu ela.

Isabel Allende, *A Cidade dos Deuses Selvagens*, Difel (texto adaptado)

Texto D

Chegam os dias de inverno, e aquela voz enfurecida, que ouço desde pequeno, engrossa e mete medo. A voz da tempestade. O piloto-mor está no cais e o salva-vidas a postos. O cais está cheio de gente, todo o cais grita de dor. Estão aqui as mulheres, as mães, as velhas com a garganta sufocada e que perguntam numa ânsia:

— Viram-nos? Viram-nos?

— A lancha onde anda o seu homem não está na barra.

— E os da Ti Ana?

— Por ora não se sabe deles.

— O meu rico home! O meu rico home!

Raul Brandão, *Os Pescadores*, Publicações Europa-América (texto adaptado)

Assinala com um ✗ o registo utilizado nas falas dos textos A, B, C e D.

	Texto A	Texto B	Texto C	Texto D
Registo formal				
Registo informal				

Cada locutor usa **registos de língua** diferentes conforme a situação em que se encontra com os seus interlocutores. A pessoa com quem se fala condiciona o modo como algo é dito: as palavras que se escolhem, as formas de tratamento usadas e o maior ou menor cuidado com a construção das frases. Podemos, pois, escolher entre um **registo formal** e um **registo informal**.

Diálogo, discurso direto e discurso indireto

Quando as pessoas comunicam oralmente, fazem-no, de uma forma geral, através do **diálogo**. No diálogo, o locutor e os seus interlocutores vão falando, vão trocando falas entre si.

Quando reproduzimos, na escrita, a fala dos locutores, usamos o **discurso direto**.

— *Então nunca comeram caldo de pedra? Só lhes digo que é uma coisa muito boa.*
— *Sempre queremos ver isso.*
— *Se me emprestassem aí um pucarinho?*

Teófilo Braga, *Contos Tradicionais do Povo Português*,
Texto Editores (texto adaptado)

No **discurso indireto**, uma pessoa relata (conta) o que outra disse.

Era uma vez uma gaivota que gostava de ser pomba.
Dizia ela que as gaivotas não servem para nada, ao passo que as pombas sempre servem para alguma coisa.

António Torrado, *A Gaivota Que não Queria Ser*,
Civilização Editora

Lê o texto e escreve o diálogo entre os dois amigos. Segue o exemplo.

O Pedro e a Lídia foram à biblioteca procurar um livro para ler no fim de semana. O Pedro perguntou à Lídia qual era o livro preferido dela. A Lídia gosta de vários e, por isso, perguntou ao Pedro qual era o género de livros que ele gostava de ler, ao que o Pedro respondeu que preferia livros de aventuras. Então, a Lídia aconselhou-o a ler Uma Aventura na Escola, acrescentando que ela gostava muito da história.

Pedro — Qual é o teu livro preferido, Lídia?

Nos textos que se seguem, circunda as falas em discurso direto.

— *Meus senhores, proponho que saudemos o aniversário de Carlos — bradou em tom de brinde.*
— *Apoiado — responderam todos, imitando-o.*

Júlio Dinis, *Uma Família Inglesa*, Editora Ulisseia

— *Adeus, Joana! — respondeu Carlos, perturbado e confuso.*
— *Adeus, Carlos! — respondeu ela maquinalmente.*
— *Até depois de amanhã, Joana.*
— *Pois sim.*

Almeida Garrett, *Viagens na Minha Terra*, Editora Ulisseia

Escreve no discurso indireto o seguinte diálogo entre o Jaime e uma senhora, na paragem do autocarro.

Jaime — Bom dia! Pode dizer-me a que horas passa o autocarro?
Senhora — Bom dia. Passará às 10 horas.
Jaime — Obrigado.
Senhora — De nada.

Quando dois ou mais interlocutores comunicam uns com os outros, diz-se que estão a ter um **diálogo**.

Na escrita, pode-se reproduzir o que alguém disse usando exatamente as suas palavras. É o **discurso direto**.

Também se pode relatar o que o locutor disse, adaptando e fazendo uma espécie de resumo, através do **discurso indireto**.

O princípio de cortesia

Quando comunicamos, devemos usar algumas **regras de cortesia** ou boa educação. Não devemos interromper o interlocutor, não devemos manifestar falta de atenção, devemos evitar o silêncio desagradável, não proferir insultos, injúrias, etc. A escolha das palavras que utilizamos e, principalmente, as formas de tratamento que escolhemos são os modos mais diretos de mostrar essa cortesia.

Exemplos:

Imaginam, portanto, qual não foi a minha surpresa quando, ao romper do dia, fui acordado por uma voz muito fininha, a pedir:

— Por favor... desenha-me uma ovelha!

Antoine de Saint-Exupéry, *O Principezinho*, Editorial Presença

— Não foi essa a minha intenção! — desculpou-se Alice.

— Mas tu ofendes-te com tanta facilidade!

O Rato, como resposta, apenas resmungou.

— Por favor, volta e acaba a tua história! — pediu Alice.

E todos os outros se juntaram em coro:

— Sim, sim, por favor!

Lewis Carrol, *Alice no País das Maravilhas*, Publicações Dom Quixote

Escreve um pequeno diálogo em que utilizes uma linguagem que respeite as regras de cortesia.

Copia, do diálogo seguinte, as expressões que mostram respeito pelo interlocutor.

Num diálogo, há expressões e comportamentos que revelam boa educação e que ajudam a criar um ambiente de conversação agradável, obedecendo ao **princípio de cortesia**.

As formas de tratamento

As **formas de tratamento** são expressões que usamos para nos dirigirmos aos nossos interlocutores. Dependem do «código de boas maneiras» adotado pela sociedade. A opção por uma forma de tratamento depende da familiaridade ou da proximidade entre os interlocutores.

— *Olá, Francisco, vais para casa de autocarro?*
— *Não, hoje o meu pai vem buscar-me. E tu? Queres que te deixe em casa, Tiago?*

— *Boa tarde, senhor João! Não se importa de me dar boleia?*
— *Boa tarde, rapaz! Claro que te deixo em casa.*
— *Obrigado.*

Os dois rapazes são amigos. Quando falam um com o outro, tratam-se por *tu*.

O Tiago já conhece o pai do Francisco (que é o João), mas reconhece a diferença de idades e de posições, dirigindo-se a ele com educação. Assim, trata-o por *senhor*.

Há várias formas de tratamento:

- **familiares**
  — *tu*;
  — *você* (entre pessoas pouco próximas).
- **formais**
  — *(o) senhor, (a) senhora; excelentíssimo(a) senhor(a).*

Sublinha, nos textos seguintes, as formas de tratamento. Depois, escreve-as por ordem no quadro da página da direita.

Texto A

Alex e Nádia regressaram ao hotel, onde os membros da expedição estavam reunidos em torno de César Santos e da doutora Omayra Torres estudando o mapa da região e discutindo os preparativos da viagem. […]

— Suponho que também está ao corrente de que eu também faço parte da expedição, professor Leblanc — disse a doutora Omayra Torres. […]
— Nada me daria maior prazer, menina, mas…
— Doutora Torres — interrompeu-o a médica.
— Pode chamar-me Moisés — arriscou Leblanc. […]
— Chame-me doutora Torres — replicou ela, secamente.
— Não poderei levá-la, minha cara doutora. Há espaço apenas para quem foi contratado pela International Geographic.

Isabel Allende, *A Cidade dos Deuses Selvagens,* Difel (texto com supressões)

Texto B

— Tu sabes o que a professora disse hoje, Mariana?
— Ralhou-te outra vez, foi?
— Não. Eu, por acaso, estava com atenção, porque a aula foi sobre a Lua!
— A Lua?
— Sim, sobre as fases da Lua…
— Então a Lua tem caras?
— Fases, Mariana, fases! Não é o mesmo que «faces»; mas, realmente, não é muito diferente…
— E a Lua tem mesmo caras, Gaspar?
— Tem. Quer dizer, não são assim como a tua ou a minha, porque a Lua não tem nariz, nem olhos, nem boca. Mas não é sempre igual.

M. Teresa Gonzalez, *Gaspar e Mariana,* Editorial Verbo

Formas de tratamento	
Texto A	Texto B
_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____

Preenche os espaços.

O Gaspar e a Mariana usam um tratamento por _____ (2.ª pessoa) porque existe entre eles uma relação de amizade e são duas crianças aproximadamente da mesma idade.

Embora o professor Leblanc gostasse de tratar _____ por «menina», esta não o permitiu, porque achou que entre eles só devia existir uma relação formal (sem grande intimidade entre eles, para evitar atitudes demasiado familiares). Assim, disse-lhe para a tratar por _____.

As palavras ou expressões que usamos quando nos dirigimos aos nossos interlocutores chamam-se **formas de tratamento**.

A opção por uma ou por outra forma de tratamento depende da familiaridade ou da proximidade entre os interlocutores.

Apêndice

Relação entre sons e letras

Lê-se	Escreve-se
cê	c, ç, s, ss
zê	s, z, x
quê	q, c, qu, k
ô	o, ou
u	u, o
...	...

Dígrafos

Dígrafos	Exemplos
ss	o**ss**os, pe**ss**oa, re**ss**onar
rr	ca**rr**o, ba**rr**a, zu**rr**ar
ch	**ch**uva, ca**ch**o, **ch**ave
nh	ni**nh**o, ba**nh**o, ma**nh**ã
lh	pa**lh**aço, te**lh**a, ra**lh**ar
qu (antes de e ou i)	**qu**erido, **qu**ente, **qu**inze
gu (antes de e ou i)	**Gu**ilherme, fo**gu**ete, **gu**erra

Sílabas

Classificação quanto ao número de sílabas	Número de sílabas	Exemplos
Monossílabo	uma	pá, mão, de
Dissílabo	duas	rato, cama, lata
Trissílabo	três	pontapé, saúde, caminho
Polissílabo	quatro ou mais	biologia, guitarrista, feminino

Acentuação

Classificação quanto à acentuação	Sílaba tónica	Exemplos
Aguda	última	portu**guês**, ca**fé**, ju**iz**
Grave	penúltima	**va**so, **ca**sa, **cra**vo
Esdrúxula	antepenúltima	**más**cara, **fá**brica, **lâm**pada

Entoação

Entoação	Exemplos
Declarativa	Hoje está a chover.
Interrogativa	Achas que vai chover hoje?
Exclamativa	Hoje está a chover!
Imperativa	Leva o guarda-chuva!

Letras

	Letras de imprensa	Letras manuscritas
Minúsculas	a b c d e f g h i j k l m n o p q r s t u v w x y z	*a b c d e f g h i j k l m n* *o p q r s t u v w x y z*
Maiúsculas	A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z	*A B C D E F G H I J K L M N* *O P Q R S T U V W X Y Z*

Acentos

Acentos	Exemplos
Grave	àquela, às
Agudo	hipopótamo, raízes
Circunflexo	clemência, pêssego

Hífen

Hífen	Casos de uso	Exemplos
Como sinal de ligação	Liga as palavras simples que formam a maioria das palavras compostas.	couve-flor, tira-nódoas
	Liga as formas verbais aos pronomes que lhes estão associados.	ofereceu-lhe, abraçou-me
	Liga os prefixos como *ex-, circum-, vice-, pós-, pré-, pró-, …* a uma forma de base.	circum-navegação, vice-presidente

Hífen	Regras de translineação	Exemplos
Na translineação	Não se separam duas consoantes no início de uma sílaba.	pra-/to tra-/ça
	Não se separam os grupos *nh, lh* e *ch*.	ba-/nho te-/lha
	Não se separam os ditongos.	pai-/xão mui-/to
	Separam-se as consoantes iguais.	car-/ro pes-/soa
	Separam-se as consoantes que pertençam a sílabas diferentes.	sal-/sa por-/co
	Separam-se as vogais que pertençam a sílabas diferentes.	sa-/ú-/de pe-/ú-/ga
	Não se deve deixar uma única vogal no início ou no fim de uma linha.	azei-/te ci-/ên-/cia
	Quando se separa uma palavra que já tenha um hífen, este deve ser repetido no início da linha seguinte.	guarda-/ -chuva

Sinais de pontuação

Sinal	Casos de uso	Exemplos
. **Ponto final**	Marca o fim de uma frase.	A Madalena abriu a porta.
! **Ponto de exclamação**	Usa-se depois de interjeições e no final de frases exclamativas e imperativas.	Oh! A bola está furada!
? **Ponto de interrogação**	Usa-se no final de frases interrogativas.	Viste a Graça?
... **Reticências**	Marcam a interrupção de uma frase, uma hesitação, uma surpresa ou uma dúvida.	Não sei se... Achas?...
, **Vírgula**	Separa frases dentro de um período, partes da frase e elementos de uma enumeração.	Não podiam ir à praia, pois começara a chover, havia muito trânsito e era perigoso.
: **Dois pontos**	Introduzem uma enumeração, uma explicação do que foi dito antes ou o discurso direto.	Aquela festa tivera de tudo: palhaços, mágicos, concursos e muitos bolos.
— **Travessão**	Introduz o discurso direto ou intercala palavras ou frases.	A Rita respondeu: — Não quero ir.
; **Ponto e vírgula**	Separa elementos de uma enumeração ou frases dentro do mesmo período.	Vendendo as cabras, poderia comprar muitas vacas; com as vacas, compraria búfalos; com os búfalos, compraria éguas.

Sinais auxiliares de escrita

Sinal	Casos de uso	Exemplos
« » / " " **Aspas / aspas altas**	Títulos	«Mago» (conto de Miguel Torga)
	Citações	«Como brincar também é uma boa maneira de aprender, as crianças também têm todo o direito de brincar e de se divertir!» (citado da *Declaração dos Direitos da Criança*)
	Discurso direto	A Rosarinho disse: «Leva-me contigo, amiga.»
	Palavra inventada	«Portunhês»
( ) **Parênteses curvos**	Aparte	O Jaime olhou (cheio de saudades) o retrato do pai, que estava no estrangeiro.
	Explicação	A Emilinha era muito estudiosa (estudava todos os dias aquilo que tratara na escola nesse dia) e, portanto, tinha muito boas classificações.
	Informação sobre gestos e movimentos	João (erguendo os olhos para o céu): «Meu Deus, que confusão!»
[ ] **Parênteses retos**	Supressão de parte de uma frase ou de um texto citado	«[…] as crianças têm todo o direito de brincar e de se divertir!»

Formas de destaque

Formas de destaque	Exemplos
Itálico	Eles apanharam o *ferry* e atravessaram o rio.
Negrito	Todos sabiam que era **aquela** a bola roubada.
Sublinhado	O bilhete custa apenas 5 euros.

Configuração gráfica

Nome	Definição
Período	Frase ou conjunto de frases começadas com maiúscula e terminadas com ponto final, ponto de exclamação, ponto de interrogação ou reticências.
Parágrafo	Contém um ou mais períodos. Distingue-se do período por se iniciar em nova linha.
Margem	Espaços criados por duas linhas verticais (reais ou imaginárias) que se colocam de cada lado da folha (de alto a baixo), sendo o da esquerda um pouco mais largo do que o da direita; destinam-se a orientar e alinhar a escrita na folha.

Relações entre palavras

Palavras	Definição	Exemplos
Homógrafas	Pronunciam-se de maneira diferente. Têm significado diferente. Escrevem-se da mesma forma.	molho (de lenha) molho (para a carne)
Homófonas	Pronunciam-se da mesma maneira. Têm significado diferente. Escrevem-se de forma diferente.	coser (roupa) cozer (comida)
Homónimas	Pronunciam-se da mesma maneira. Têm significado diferente. Escrevem-se de forma igual.	canto (do pássaro) canto (da sala)

Nomes

Subclasses	Definição	Exemplos
Comuns	Referem-se a todos os membros de uma classe.	casa, boneco
Próprios	Designam algo único e determinado.	Beja, Joana
Coletivos	Estando no singular, identificam um conjunto de objetos ou entidades da mesma natureza.	rebanho, matilha

Artigos

Artigos	Singular		Plural	
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Definidos	o	a	os	as
Indefinidos	um	uma	uns	umas

Determinantes demonstrativos

Singular		Plural	
Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
este esse aquele	esta essa aquela	estes esses aqueles	estas essas aquelas

Determinantes possessivos

	Pessoa gramatical	Singular		Plural	
		Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Um possuidor	1.ª 2.ª 3.ª	meu teu seu	minha tua sua	meus teus seus	minhas tuas suas
Vários possuidores	1.ª 2.ª 3.ª	nosso vosso seu	nossa vossa sua	nossos vossos seus	nossas vossas suas

Quantificadores numerais

Subclasses	Definição	Exemplos
Cardinais	Indicam uma quantidade inteira.	Dois (gelados)
Multiplicativos	Indicam um múltiplo de uma quantidade inteira.	O triplo (dos alunos)
Fracionários	Indicam uma parte de uma quantidade inteira.	Dois terços (dos rapazes)

Adjetivos qualificativos

Funções	Exemplos
Descrever (paisagens, ideias, objetos, …).	A rua era larga, clara e ajardinada.
Fazer retratos.	Maria tinha cabelo loiro e olhos azuis.
Mostrar sentimentos e opiniões.	Era uma menina muito bonita e simpática.

Graus dos adjetivos			Exemplos
Normal			O tigre é **gordo**.
Comparativo de	Superioridade		O tigre é **mais gordo do que** o gato.
	Igualdade		O gato é **tão gordo como** o coelho.
	Inferioridade		O rato é **menos gordo do que** o gato.
Superlativo	Relativo de	Superioridade	O tigre é **o mais gordo** de todos os animais.
		Inferioridade	O rato é **o menos gordo** de todos os animais.
	Absoluto	Sintético	O tigre é **gordíssimo**.
		Analítico	O tigre é **muito gordo**.

Pronomes pessoais

Pessoa gramatical		Sujeito	Complemento direto
Singular	1.ª 2.ª 3.ª	eu tu/você ele/ela	me te o/a, se
Plural	1.ª 2.ª 3.ª	nós vós/vocês eles/elas	nos vos os/as, se

Pronomes demonstrativos

Variáveis				Invariáveis
Singular		Plural		
Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	
este esse aquele	esta essa aquela	estes esses aqueles	estas essas aquelas	isto isso aquilo

Pronomes possessivos

	Pessoa	Singular		Plural	
		Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Um possuidor	1.ª 2.ª 3.ª	meu teu seu	minha tua sua	meus teus seus	minhas tuas suas
Vários possuidores	1.ª 2.ª 3.ª	nosso vosso seu	nossa vossa sua	nossos vossos seus	nossas vossas suas

Verbos regulares — 1.ª conjugação

Tempo verbal	Pessoa gramatical	*Cantar*	*Falar*	*Lavar*
Presente	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	canto cantas canta cantamos cantais cantam	falo falas fala falamos falais falam	lavo lavas lava lavamos lavais lavam
Pretérito perfeito	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	cantei cantaste cantou cantámos cantastes cantaram	falei falaste falou falámos falastes falaram	lavei lavaste lavou lavámos lavastes lavaram
Pretérito imperfeito	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	cantava cantavas cantava cantávamos cantáveis cantavam	falava falavas falava falávamos faláveis falavam	lavava lavavas lavava lavávamos laváveis lavavam
Futuro	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	cantarei cantarás cantará cantaremos cantareis cantarão	falarei falarás falará falaremos falareis falarão	lavarei lavarás lavará lavaremos lavareis lavarão

Verbos regulares — 2.ª conjugação

Tempo verbal	Pessoa gramatical	*Beber*	*Comer*	*Escrever*
Presente	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	bebo bebes bebe bebemos bebeis bebem	como comes come comemos comeis comem	escrevo escreves escreve escrevemos escreveis escrevem
Pretérito perfeito	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	bebi bebeste bebeu bebemos bebestes beberam	comi comeste comeu comemos comestes comeram	escrevi escreveste escreveu escrevemos escrevestes escreveram
Pretérito imperfeito	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	bebia bebias bebia bebíamos bebíeis bebiam	comia comias comia comíamos comíeis comiam	escrevia escrevias escrevia escrevíamos escrevíeis escreviam
Futuro	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	beberei beberás beberá beberemos bebereis beberão	comerei comerás comerá comeremos comereis comerão	escreverei escreverás escreverá escreveremos escrevereis escreverão

Verbos regulares — 3.ª conjugação

Tempo verbal	Pessoa gramatical	*Abrir*	*Dividir*	*Partir*
Presente	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	abro abres abre abrimos abris abrem	divido divides divide dividimos dividis dividem	parto partes parte partimos partis partem
Pretérito perfeito	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	abri abriste abriu abrimos abristes abriram	dividi dividiste dividiu dividimos dividistes dividiram	parti partiste partiu partimos partistes partiram
Pretérito imperfeito	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	abria abrias abria abríamos abríeis abriam	dividia dividias dividia dividíamos dividíeis dividiam	partia partias partia partíamos partíeis partiam
Futuro	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	abrirei abrirás abrirá abriremos abrireis abrirão	dividirei dividirás dividirá dividiremos dividireis dividirão	partirei partirás partirá partiremos partireis partirão

Verbos irregulares

Tempo verbal	Pessoa gramatical	*Dar*	*Dizer*	*Estar*
Presente	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	dou dás dá damos dais dão	digo dizes diz dizemos dizeis dizem	estou estás está estamos estais estão
Pretérito perfeito	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	dei deste deu demos destes deram	disse disseste disse dissemos dissestes disseram	estive estiveste esteve estivemos estivestes estiveram
Pretérito imperfeito	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	dava davas dava dávamos dáveis davam	dizia dizias dizia dizíamos dizíeis diziam	estava estavas estava estávamos estáveis estavam
Futuro	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	darei darás dará daremos dareis darão	direi dirás dirá diremos direis dirão	estarei estarás estará estaremos estareis estarão

Verbos irregulares

Tempo verbal	Pessoa gramatical	*Fazer*	*Haver*	*Ir*
Presente	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	faço fazes faz fazemos fazeis fazem	hei hás há havemos haveis hão	vou vais vai vamos ides vão
Pretérito perfeito	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	fiz fizeste fez fizemos fizestes fizeram	houve houveste houve houvemos houvestes houveram	fui foste foi fomos fostes foram
Pretérito imperfeito	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	fazia fazias fazia fazíamos fazíeis faziam	havia havias havia havíamos havíeis haviam	ia ias ia íamos íeis iam
Futuro	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	farei farás fará faremos fareis farão	haverei haverás haverá haveremos havereis haverão	irei irás irá iremos ireis irão

Verbos irregulares

Tempo verbal	Pessoa gramatical	*Ouvir*	*Poder*	*Querer*
Presente	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	ouço ouves ouve ouvimos ouvis ouvem	posso podes pode podemos podeis podem	quero queres quer queremos quereis querem
Pretérito perfeito	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	ouvi ouviste ouviu ouvimos ouvistes ouviram	pude pudeste pôde pudemos pudestes puderam	quis quiseste quis quisemos quisestes quiseram
Pretérito imperfeito	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	ouvia ouvias ouvia ouvíamos ouvíeis ouviam	podia podias podia podíamos podíeis podiam	queria querias queria queríamos queríeis queriam
Futuro	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	ouvirei ouvirás ouvirá ouviremos ouvireis ouvirão	poderei poderás poderá poderemos podereis poderão	quererei quererás quererá quereremos querereis quererão

Verbos irregulares

Tempo verbal	Pessoa gramatical	*Saber*	*Ser*	*Ter*
Presente	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	sei sabes sabe sabemos sabeis sabem	sou és é somos sois são	tenho tens tem temos tendes têm
Pretérito perfeito	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	soube soubeste soube soubemos soubestes souberam	fui foste foi fomos fostes foram	tive tiveste teve tivemos tivestes tiveram
Pretérito imperfeito	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	sabia sabias sabia sabíamos sabíeis sabiam	era eras era éramos éreis eram	tinha tinhas tinha tínhamos tínheis tinham
Futuro	eu tu ele/ela nós vós eles/elas	saberei saberás saberá saberemos sabereis saberão	serei serás será seremos sereis serão	terei terás terá teremos tereis terão

Soluções

Plano dos sons

Pág. 9

Diz o professor:
«— Eu lavo-me
Tu lavas-te
Ele lava-se
Nós lavamo-nos
Vós lavais-vos
Eles lavam-se»
O que é isto?
Responde o aluno:
— É domingo, senhor professor.

ervilha, armário, urso, oitenta, escola.

Pág. 10

Lagarto pintado
Quem te pintou?
Foi uma velha
Que por aqui passou.
No tempo da eira
Fazia poeira
Puxa, lagarto, por essa orelha.

A carta que me mandaste
Abri-a com muito jeito;
Trazia o teu coração,
Caiu-me dentro do peito.

Pág. 11

Ó rama, ó que linda rama,
Ó rama da oliveira,
O meu par é o mais lindo
Que anda aqui na roda inteira.

macaco, banana, leão, seleção, sapato, quadro, patinho.

Pág. 14

a) doce;
b) amor;
c) meter;
d) aroma.

a) quadros;
b) arca;
c) saco;
d) cola/sola;
e) poço;
f) concerto/conserto;
g) bacia;
h) alcatifa;
i) sem/cem/quem;
j) sapato;
k) cosido;
l) massa/maca;
m) máximo;
n) esquadro;
o) solução.

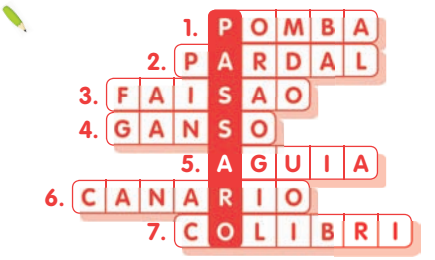

Pág. 15

Abelhinha, abelhinha
Toma lá a tua mosquinha
Zurra, zurra, pica na burra
Come, come, se tens fome.

Atirei o pau ao gato
Mas o gato não morreu.
Dona Chica assustou-se
Com o berro, com o berro
Que o gato deu: miau!

Pág. 16

a) 3); **b)** 1); **c)** 2).

Pág. 18

cara — dissílabo;
capota — trissílabo;
ratazana — polissílabo;
ri — monossílabo;
rapaz — dissílabo;
ricaço — trissílabo.

Resposta livre.

Pág. 19

maracujá — ma-ra-cu-já — palavra aguda;
pera — pe-ra — palavra grave;
maçã — ma-çã — palavra aguda;
nêspera — nês-pe-ra — palavra esdrúxula;
papaia — pa-pai-a — palavra grave.

Pág. 21

Rita: Olá! O que fazes aqui?
João: Vim fazer uma pesquisa sobre raposas.
Rita: Sobre raposas?
João: Sim, estou a ler *O Principezinho*. Vem ajudar-me a procurar!
Rita: Claro!
João: Obrigado!

Entoação declarativa — Vim fazer uma pesquisa sobre raposas. / Sim, estou a ler *O Principezinho*.
Entoação exclamativa — Olá! / Claro! / / Obrigado!
Entoação interrogativa — O que fazes aqui? / Sobre raposas?
Entoação imperativa — Vem ajudar-me a procurar!

Resposta livre.

Plano da representação gráfica e ortográfica — A escrita

Pág. 23

Início de período — A, Nesses.
Nomes de pessoas — Tung, Chen-Mou, Miss Lu.
Nomes de locais — Formosa, Macau.
Nomes sagrados — Natal, Cristo.

Pág. 25

Acento agudo — Júlio, José, pátio, encontrá-lo, estás.
Acento grave — Às.
Acento circunflexo — Ângela, vê, três.

Pág. 26

1) e) pré-história;
2) f) feijão-verde;
3) i) riu-se;
4) g) ex-presidente;
5) h) abre-latas;
6) d) pré-escolar;
7) b) pós-venda;
8) a) lavo-me;
9) c) escrever-lhe.

Pág. 27

cas-/ta-/nha;
cor-/rer;
lei-/te;
arroz-/-doce;
di-/a-/bo;
con-/nos-/co;
Ro-/dri-/go;
fez-/-lhe;
te-/lha-/do;
bai-/xo;
pul-/so;
cri-/an-/ça;
aves-/truz.

Pág. 29

Ontem, quando atravessava o Rossio, o meu filho mais novo perguntou-me:
— Ó pai, posso subir às árvores?
— Estás doido! — respondi-lhe.
Quando chegámos a casa, o miúdo voltou a perguntar:
— E agora? Posso ir brincar para a rua?
— Pois sim, vai, mas não saias do passeio.
Daí a momentos, vim à janela para espiar; o pequeno trepava com destreza um candeeiro de iluminação pública.
— Eh pá! Desce daí!

Pág. 31

( ) assinalam uma informação complementar.
« » assinalam uma palavra inventada.
[ ] assinalam uma parte do texto que foi suprimida.

O coelho e o macaco eram amigos, mas estavam sempre a atazanar-se um ao outro.
O macaco via o coelho ao longe e começava logo:
— Coelho dentudo, corpo barrigudo, rabo de veludo!
O coelho respondia-lhe:
— Olha o macaco macacão, olhos de sabão, miolos de algodão!
[...]
Numa ocasião em que o macaco estava a dormir num galho, com a comprida cauda dependurada, o coelho muniu-se de um cacete e zás! Deu-lhe uma pancada com toda a força na cauda.
— Porque me fizeste isto, traidor! — gritava o macaco.

Pág. 32

Itálico — *Visão Júnior*; *site*.
Negrito — Mostra que és bom a ler; Mostra que és bom a resumir; Mostra que és bom a escrever.
Sublinhado — A iniciativa desenrolar-se-á em três fases.

Pág. 33

Era uma velha muito velha, muito velha, tão velha que não havia velha mais velha do que ela.

Um dia, estava a velha a ver televisão, num aparelho também muito velho, quando anunciaram que iam fazer um concurso para proclamar a velha mais velha do mundo.

Pág. 35

a) O restaurante fica na margem do **rio**.
b) **Rio**-me sempre que me lembro dessa história.

O meu pai deu-nos um **conselho**: «**viajem** o mais que puderem, porque mais vale duas viagens na mão que **cem** a voar. Cada passeio **traz** consigo muitas delícias para todos **nós**. Eu, assim que me **sento** no carro, sonho em encontrar lindas paisagens a toda a **hora**»!

Plano das classes de palavras

Pág. 37

a) rato — nome comum;
b) resposta livre — nome próprio;
c) cardume — nome coletivo.

Pág. 38

bolacha — nome comum;
manada — nome coletivo;
África — nome próprio;
limão — nome comum.

a) 1; **b)** 3; **c)** 5; **d)** 6; **e)** 8; **f)** 11; **g)** 12; **h)** 10; **i)** 2; **j)** 7; **k)** 4; **l)** 9.

Pág. 40

As **minhas** férias foram em casa dos **meus** avós. Todos **os** anos **as** minhas férias são lá. A casa dos **meus** avós é grande, mas parece **um** bocadinho pequena. Tem **umas** escadas e **uma** cave e muito mais quartos do que **a minha** casa, mas tudo parece **um** bocadinho mais baixo e apertado. Agora já acordei e estou aqui sentado a escrever **esta** redação sobre as férias. As minhas férias foram assim.

Pág. 42

a) duas flores; **b)** um quarto; **c)** o dobro.

Pág. 44

árvore — enorme, grande, bela;
ilha — pequenina;
povo — feliz, orgulhoso;
copa — frondosa, bem formada, larga;
problema — terrível;
ramos — compridos;
folhagem — espessa.

Pág. 46

Tinham ultrapassado a zona que rodeava a Quinta das Lágrimas e viraram à direita, encaminhando-se para a ponte sobre o rio Mondego.
Apesar da hora **tardia** e do esforço **físico** que acabavam de fazer, não sentiam cansaço, e o facto de as ruas se encontrarem praticamente **desertas** não lhes metia medo.
A cidade que se erguia em espiral na outra margem, com a torre do sino da Universidade lá bem no alto, **iluminada** por focos **invisíveis** e pela luz do luar, pareceu-lhes ainda mais **bonita**.
Apetecia-lhes o passeio **solitário** pela parte **antiga**, não lhes faltava ânimo para subirem as vielas que conduziam ao Albergue da Juventude, transbordavam energia como se lhes corresse nas veias **autêntico** sangue de tigre. O pior era a fome que voltava a atormentá-los.

Pág. 47

corpo — delicado;
olhos — grandes, castanhos;
espanto — permanente;
corte — requintado;
blusas — claras, graciosas.

Resposta livre.

Pág. 49

Todos os meninos saíram para o jardim. **Eles** queriam brincar com o cão que tinha aparecido ali nessa manhã. Mas **este** estava a correr furiosamente atrás do Fiel, o cão do Jaime.
Aflito, o Jaime gritou:
— Venham cá, pestinhas! E tu, forasteiro, deixa o Fiel, que **ele** é **meu**.

Pronomes pessoais — eles, ele.
Pronomes possessivos — meu.
Pronomes demonstrativos — este.

Pág. 51

muge — mugir, verbo principal;
berra — berrar, verbo principal;
grasna — grasnar, verbo principal;
ruge — rugir, verbo principal;
mia — miar, verbo principal;
uiva — uivar, verbo principal;
tem — ter, verbo auxiliar;
ladrado — ladrar, verbo principal;
foi — ser, verbo auxiliar;
dada — dar, verbo principal.

Pág. 52

Os meninos brincavam no jardim.
Apareceu um urso.
O urso pediu-lhes a bola.
Os meninos deram a bola ao urso.
O urso brincou com os meninos no jardim.
Ficaram todos muito felizes.

Pág. 53

Sugestão de resposta:
Os meninos brincavam no jardim, quando apareceu um urso, que lhes pediu a bola. Os meninos deram-lha e o urso brincou com eles. Ficaram todos muito felizes.

Plano morfológico — A forma das palavras

Pág. 55

Palavras variáveis — A, professora, recebe, o, aluno, novo, diz, lhe, se, sentar, ela.
Palavras invariáveis — e, para, frente, a.

O João fica contente e satisfeito porque aprende muito.

a) A Mariana fica contente e satisfeita porque aprende muito.
b) O João e a Mariana ficam contentes e satisfeitos porque aprendem muito.
c) Ontem, o João e a Mariana ficaram contentes e satisfeitos porque aprenderam muito.

Pág. 57

Masculino — ovos, coelhinhos, afilhados, padrinhos.
Feminino — Páscoa, prendas.

a) telemóvel;
b) rebuçado;
c) lápis.

Pág. 59

T	R	A	G	A	T	A	A	D	O	R	A
I	A	T	N	Q	A	R	T	I	R	S	B
C	B	R	M	L	A	A	T	N	X	Z	E
L	D	I	C	O	L	B	S	A	U	V	L
D	G	Z	E	P	U	I	R	M	Ã	Q	H
A	H	Z	V	F	N	I	I	A	P	O	A
I	A	Z	X	G	A	D	P	R	C	U	B
F	C	F	F	B	A	F	A	Q	M	N	G
P	O	E	T	I	S	A	T	U	L	V	L
L	O	R	U	T	S	I	O	E	C	Z	E
P	M	P	R	I	N	C	E	S	A	S	O
N	O	P	I	N	T	O	R	A	X	T	A

gato, irmão, poeta, príncipe, pintor, ator, aluno, dinamarquês, zângão, leão.

Pág. 60

M	U	L	T	I	D	Ã	O	C	A	V	Q
Ã	O	A	J	I	T	S	N	A	R	I	Z
O	M	V	H	L	A	R	Q	M	B	S	R
L	U	R	G	P	E	D	C	P	O	M	T
P	N	A	V	A	C	L	V	O	Z	U	A
M	A	D	B	P	T	D	J	N	N	V	N
Z	H	O	M	E	M	A	I	Ê	K	X	Z
X	U	R	F	L	G	I	J	S	O	P	O
C	A	P	I	T	Ã	O	L	N	M	Q	L

Pág. 62

a) girassol;
b) rosa;
c) margarida;
d) cravo;
e) jasmim;
f) túlipa.

a) girassóis;
b) rosas;
c) margaridas;
d) cravos;
e) jasmins;
f) túlipas.

Pág. 64

Grau diminutivo: rio — riacho; jornal — jornaleco; ovo — ovinho; burro — burrico; rato — ratito.
Grau aumentativo: muro — muralha; rapaz — rapagão; bigode — bigodeira; cão — canzarrão; boca — bocarra.

Pág. 66

a) 5); **b)** 4); **c)** 3); **d)** 2); **e)** 1).

Pág. 67

a) 2); **b)** 3); **c)** 1); **d)** 5); **e)** 4).

Pág. 69

muito pesada — grau superlativo absoluto analítico;
o mais pesado — grau superlativo relativo de superioridade;
tão pesada como — grau comparativo de igualdade;
menos pesada do que — grau comparativo de inferioridade.

a) comprido — comparativo de superioridade;
b) lindo — superlativo absoluto sintético;
c) alegre — normal;
d) caro — superlativo relativo de inferioridade;
e) feliz — comparativo de igualdade.

Pág. 70

a) tão pesado como;
b) muito bonita;
c) a mais alta.

Pág. 73

O velho desatou a rir.
— É verdade, eu menti-te, não era um marinheiro mas um guarda. Para combater o tédio e para me aguentar em pé, lia sem parar. O mar, não o vi senão em postais, e agora, jamais o poderei ver; porém, quando estou aqui sentado no banco — sozinho na escuridão — à minha frente vejo todos os mares do mundo. Vejo-os e sinto-lhes o odor e a salitre, distingo as brisas leves das que anunciam a tempestade.

Pronomes pessoais		
Pessoa	Número	
	Singular	Plural
1.ª	eu, me	
2.ª	te	
3.ª	o	os, lhes

a) 5); **b)** 3); **c)** 4); **d)** 1); **e)** 2).

Pág. 75

1.ª conjugação — andar, estudar, jogar, brincar.
2.ª conjugação — fazer, ler, escrever.
3.ª conjugação — rir, partir, sorrir.

reaver, confessar, conseguir, passar.

1.ª conjugação — confessar, passar.
2.ª conjugação — reaver.
3.ª conjugação — conseguir.

Pág. 76

escuto, escutas, escuta, escutamos, escutais, escutam.

a) Tu saltas muitas vezes.
b) Nós saltamos à corda.
c) Eles saltam o muro.

Pág. 78

deu, estava, vivia, roeu, fugiu, está, voltou, fez, és, separarei.

Presente — está, és.
Pretérito perfeito — deu, roeu, fugiu, voltou, fez.
Pretérito imperfeito — estava, vivia.
Futuro — separarei.

a) Amanhã o Pedro dará comida ao gato.
b) Amanhã eu brincarei com o gato do Pedro.

Pág. 80

Formas verbais	Modo verbal
trabalhar	infinitivo
gostaria	condicional
tirar	infinitivo
vou	indicativo
cala	imperativo
quero	indicativo
ouvir	infinitivo

Pág. 82

Um dia, os gatinhos **perderam** as suas luvas e **começaram** a dizer:
— Mãe, querida mãe, **estamos** muito tristes porque **perdemos** as nossas luvas.
E **choravam** muito.
A gata, toda assanhada, **respondeu**-lhes:
— Sois uns maus gatinhos, por isso não **comereis** destes pastéis que eu **acabo** de fazer… Miau… Miau…

Pág. 85

Formas verbais	Forma do infinitivo	Conjugação	Verbo regular/ /irregular
é	ser	2.ª	irregular
vai	ir	3.ª	irregular
fazer	fazer	2.ª	irregular
diz	dizer	2.ª	irregular
são	ser	2.ª	irregular
tenho	ter	2.ª	irregular
gosto	gostar	1.ª	regular

ser, fui, era, serei;
ir, fui, ia, irei;
fazer, fiz, fazia, farei;
dizer, disse, dizia, direi;
ter, tive, tinha, terei.

Pág. 87

a) arroz-doce;
b) saca-rolhas;
c) surdo-mudo;
d) amor-perfeito;
e) guarda-chuva;
f) madrepérola;
g) guarda-roupa.

Plano sintático — As frases

Pág. 89

Verbos principais	Frase simples	Frase complexa
puxar instalar-se		✓
fechar abandonar-se		✓
saber	✓	

Pág. 90

Os meninos foram à praia e tomaram banho.
O pai brincou com eles enquanto a mãe passeava pela praia.
Apareceu a tia e comprou-lhes gelados.

Ficaram muito contentes porque os gelados eram deliciosos.
Foram todos almoçar quando a mãe regressou do passeio.

Pág. 92

Frases declarativas — Por isso, voltaram à Rua Nova dos Mercadores, agora quase deserta. / Muitos comerciantes haviam fechado as lojas para poderem ver o rei. / … exclamou o João, encostando-se à ombreira de uma porta. / Inesperadamente ela abriu-se. / Mafalda riu-se.
Frases exclamativas — Que maçada! / Estava só encostada! / Não há poucos!
Frases interrogativas — Neste tempo não há roubos?
Frases imperativas — Olha!

Que horas são? — 4. Estou cheio de sede! — 2.
São 10 horas — 1. Bebe um copo de água — 3.

Pág. 93

Frase declarativa — Mantenho o meu caderno cuidado e bem organizado.
Frase exclamativa — Manténs o teu caderno cuidado e bem organizado!
Frase interrogativa — Manténs o teu caderno cuidado e bem organizado?
Frase imperativa — Mantém o teu caderno cuidado e bem organizado!

Pág. 94

Frase afirmativa	Frase negativa
O João vai à praia.	O João não vai à praia.
A Maria joga à bola.	A Maria não joga à bola.
Eles comem gelados todos os dias.	Eles não comem gelados todos os dias.
O pai do Tiago foi à festa.	O pai do Tiago não foi à festa.
A enfermeira gosta do seu trabalho.	A enfermeira não gosta do seu trabalho.
Faço sempre os trabalhos de casa.	Não faço sempre os trabalhos de casa.

Quem trabalha come.

Pág. 95

a) A menina bebeu um sumo.
b) O Pedro comprou um livro.
c) O meu pai lê o jornal diariamente.

a) A menina bebeu um sumo.
b) O Pedro comprou um livro.
c) O meu pai lê o jornal diariamente.

Pág. 96

Grupo verbal	Núcleo
a) comeu a banana	comeu
b) fez os trabalhos de casa	fez
c) escorregou	escorregou
d) ajudou o filho	ajudou
e) rasgou o papel	rasgou
f) perdeu o comboio	perdeu

Pág. 97

a) 5; **b)** 6; **c)** 4; **d)** 2; **e)** 1; **f)** 3.

Sugestão de resposta:
a) O pato nadava no lago.
b) A Rita brinca com o irmão.
c) A mãe do Bruno foi às compras.
d) A enfermeira tratou do paciente.
e) O teu irmão está cansado.
f) O maquinista conduzia o comboio.
g) O autocarro chegou atrasado.

a) O pato nadava no lago.
b) A Rita brinca com o irmão.
c) A mãe do Bruno foi às compras.
d) A enfermeira tratou do paciente.
e) O teu irmão está cansado.
f) O maquinista conduzia o comboio.
g) O autocarro chegou atrasado.

Pág. 98

O Luisinho olhou em volta. A mãe devia estar a chegar das compras e a criada estava distraída com a rádio.

Pág. 99

Um burro, um gato, um galo e um cão decidiram abrigar-se e dormir na floresta. O burro e o cão **deitaram-se junto a uma árvore**, enquanto o gato e o galo **treparam para um ramo**. Foi então que o galo **viu uma luz ao longe** e alertou os amigos. Era uma casa que abrigava uns ladrões. Os quatro amigos **resolveram assustá-los**.

Pág. 100

a) O Pedro leu um romance.
b) A Ana visitou o Museu do Traje.
c) O aluno escreveu uma composição sobre o outono.
d) Ela abriu a porta.
e) A rapariga cheirou a flor.

Pág. 101

a) As vizinhas conversavam alegremente.
b) Os rapazes brincam às escondidas no pátio.
c) Na primavera, as andorinhas fazem os ninhos.

Plano lexical e semântico — Os significados

Pág. 102

Sugestão de resposta: floreira, florista, floricultura, florir, florido, florescer, couve-flor, flor-de-lis.

Pág. 103

a) refúgio; **b)** lindo; **c)** pedaço; **d)** andar; **e)** pôr.

Pág. 104

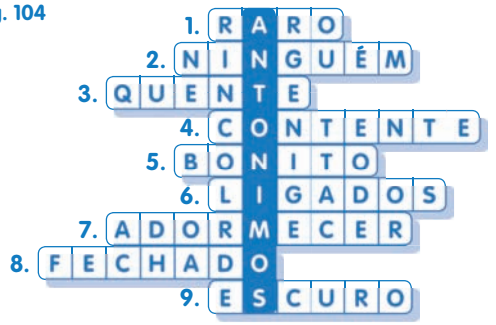

Pág. 105

carro — 5; zangado — 11; janota — 7; jarra — 8; armário — 2; zebra — 12; xaile — 10; coelho — 6; barco — 3; carregado — 4; antigo — 1; lobo — 9.

amigas — amigo;
ricos — rico;
gata — gato;
comias — comer;
espertos — esperto;
ratos — rato;
lavava — lavar;
cansados — cansado;
leram — ler.

Plano discursivo e textual — A comunicação

Pág. 107

Enunciado:
É tão bom ser nuvem,
Ter um corpo leve,
E passar, passar.
Recetor: nome do aluno.

Pág. 108

Locutor	Enunciado	Interlocutor
Cegonha	Bom dia, Espiga!	—
—	Com quem estás a falar?	Cegonha
Cegonha	—	Sementinha
Sementinha	—	Cegonha

Pág. 111

Texto A — registo informal.
Texto B — registo formal.
Texto C — registo informal.
Texto D — registo informal.

Pág. 113

Pedro — Qual é o teu livro preferido, Lídia?
Lídia — Gosto de vários, Pedro. E tu, de que género de livros gostas?
Pedro — Eu prefiro livros de aventuras.
Lídia — Então lê *Uma Aventura na Escola*. Eu gosto muito da história.

Pág. 114

—Meus senhores, proponho que saudemos o aniversário de Carlos— bradou em tom de brinde.
—Apoiado— responderam todos, imitando-o.
—Adeus, Joana!— respondeu Carlos, perturbado e confuso.
—Adeus, Carlos!— respondeu ela maquinalmente.
—Até depois de amanhã, Joana.
—Pois sim.

O Jaime disse bom dia e perguntou a uma senhora, na paragem, a que horas passava o autocarro. A senhora respondeu que passaria às dez horas. O Jaime agradeceu-lhe.

Pág. 115

Resposta livre.

Pág. 116

Desculpe; Por favor; podia dizer-nos; Se não se importa.

Pág. 118

Texto A: Professor Leblanc; menina; Doutora Torres; Moisés; minha cara doutora.
Texto B: Tu; Mariana; Gaspar; a tua.

Pág. 119

O Gaspar e a Mariana usam um tratamento por **tu** porque existe entre eles uma relação de amizade e são duas crianças aproximadamente da mesma idade.
Embora o professor Leblanc gostasse de tratar **Omayra Torres** por «menina», esta não o permitiu, porque achou que entre eles só devia existir uma relação formal (sem grande intimidade entre eles, para evitar atitudes demasiado familiares). Assim, disse-lhe para a tratar por **doutora Torres**.

UNIDADE 1

FONOLOGIA

Fonema = som da letra.
Dígrafo = duas letras com apenas um fonema.
Dígrafos Consonantais: CH, LH, NH, RR, SS, SC, SÇ, XC, GU e QU.
Dígrafos Vocálicos/nasais: AM, EM, IM, OM, UM, AN, EN, IN, ON e UN.

Mas atenção com os:
a) ENCONTROS VOCÁLICOS
b) ENCONTROS CONSONANTAIS

Exercícios de Sala ✍

1. Assinale a(s) alternativa(s) **correta(s)**:
01. A palavra **trem** possui 4 letras e 4 fonemas.
02. A palavra **emprego** possui 7 letras e 7 fonemas.
04. As palavras **andam** e **também** possuem ditongo.
08. Nas palavras **goiaba**, **queijo** e **Paraguai** temos a presença de tritongo.
16. Em **guerrinha** temos três dígrafos.
32. A palavra **tadinho** possui mais letras que fonemas, pois "nh" é dígrafo.

2. (UFSC) A seguir, há palavras distribuídas em quatro colunas (A, B, C, D). Assinale a(s) proposição(ões) **verdadeira(s)** que tem(têm), respectivamente, palavras com: dígrafo (sendo, ao mesmo tempo, palavra derivada), hiato, oxítona e paroxítona.

	Coluna A	Coluna B	Coluna C	Coluna D
01.	Assassinato	Aliviar	Terá	Correria
02.	Senhora	Agradável	Direção	Lápis
04.	Felizmente	Diálogo	Café	Açúcar
08.	Chegou	Pincéis	Está	Tensão
16.	Olhando	Ateliê	Inglês	Infantil
32.	Passos	Infância	Já	Rápido

Tarefa Mínima ✍

1. A sequência em que há dois fonemas em cada palavra é:
a) vez, com, mas, não
b) dos, nos, nas, sim
c) som, das, dor, sol
d) que , tom, fim, lhe
e) sua, seu, bem, meu

2. Assinale a(s) proposição(ões) **verdadeira(s)**, referente(s) à tira que segue:

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar. O horrível.* Porto Alegre: L&PM, 1996. p. 40.

01. No primeiro quadrinho, "nascido" e "trevas" apresentam encontros consonantais, sendo o primeiro imperfeito e o segundo perfeito.
02. Em todos os quadrinhos da charge, existem sinais de pontuação ao término das falas, sendo que, nos três primeiros, a pontuação é indicativa de indagação.
04. No último quadrinho, tem-se uma incorreção gramatical, uma vez que a escrita correta seria "há mil anos".
08. As palavras "falam" e "anos" apresentam, respectivamente, desinência número-pessoal e desinência de número.
16. A afirmação "As pessoas não estão seguras nem nas suas próprias casas!" significa que "Os seres humanos têm falta de segurança até nos próprios lares".
32. Em **"As pessoas só falam de guerra, assassinato, crime..."**, há dois monossílabos átonos e um tônico, um ditongo nasal decrescente e um hiato.

Tarefa Complementar ✍

1. Leia o período abaixo e as afirmações relacionadas às expressões nele contidas:

"O ceticismo constitui uma marca característica do conto machadiano, a qual vem sendo, amiúde, assinalada pelos estudiosos da literatura brasileira, notavelmente aqueles que se concentram na chamada fase realista de sua obra."

I - A separação silábica das palavras "machadiano" e "assinalada" é, respectivamente, ma-cha-di-a-no e as-si-na-la-da.
II - De acordo com as novas regras de acentuação gráfica, o verbo "constituir" escreve-se "constituía" em uma das formas do passado.
III - Sem contração de preposição com artigo, a expressão "pelos estudiosos" deveria grafar-se "pôr estudiosos".
IV - O advérbio derivado de "notável" deveria estar grafado no texto como "notavelmente".

São **corretas** as afirmações:
a) I e IV.
b) II e III.
c) I e II.
d) III e IV.
e) I e III.

2. Assinale a alternativa em que todas as palavras estejam corretamente grafadas.
a) Empolgação, através, extrangeiro, despercebido, excessão.
b) Eletricista, asterístico, celebral, frustado, beneficiente.
c) Assessores, pretensão, losango, asterisco, alto-falante.
d) Bandeija, vultosa, previlégio, entitular, prazeiroso.
e) Eletrecista, pretenção, ascenção, carangueijo, prazeiroso.

UNIDADE 2

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

Regras Gerais

a) **Monossílabos tônicos**
A(S), E(S), O (S)
Ex.: pá, gás, dá-lo, pé, mês, fê-lo, pó, pôs, pô-lo

b) **Oxítonas**
A(S), E(S), O(S), EM, ENS
Ex.: cajá, tomá-lo, café, movê-lo, cipó, propô-lo, alguém, mantém-no, reféns.

c) **Paroxítonas**

L	útil, nível
N	hífen
R	açúcar, César
X	tórax, látex
NOS	elétrons, prótons
PS	bíceps, fórceps
Ã(S)	ímã, órfãs
ÃO (S)	órgão
I(S)	júri, táxi
US	bônus, vírus
UM	álbum, fórum
UNS	álbuns, médiuns

E todas as terminadas em ditongo - canário, jóquei.

d) **Proparoxítonas**
Todas são acentuadas.
Ex.: árvore, matemática, lógica.

e) **Ditongo aberto***
ÉI(S), ÉU(S), ÓI(S), exceto nas paroxítonas.
Ex.: réu, lençóis, apoia, herói, heroico, ideia, dói

a) **Hiato***
As vogais **i** e **u**...
1) devem ser a segunda vogal do hiato;
2) devem estar sozinhas na sílaba ou acompanhadas de **s;**
3) não devem ser seguidas de **nh** ou acompanhadas de **z.**
4) não devem constituir uma paroxítona.*
Ex.: faísca, feiúra, baú, veículo, céu

g) Não acentuamos mais: **oo(s), ee(s) → hiato***
Ex.: Vo-o, en-jo-o, mo-o
Cuidado: zoológico

h) Mudanças em **Ler, crer, ver, dar (e derivados)***
Lê → leem → releem
Crê → creem → descreem
Vê → veem → reveem
Dê → deem → desdeem

i) **Ter, vir (e derivados)**
Ele tem → eles têm
Ele vem → eles vêm
Ele retém → eles retêm
Ele intervém → eles intervêm

j) O **Trema** disse adeus...*

l) **Acento diferencial***
por ≠ pôr
pode ≠ pôde
forma ≠ fôrma (acento facultativo)

CUIDADO!!!
GRATUITO – AVARO – XÉROX – XEROX – ÍNTERIM – ACROBATA – RUBRICA – FILANTROPO – MISANTROPO

***FIQUE ATENTO ÀS MUDANÇAS NA NOSSA GRAMÁTICA!**

Exercícios de Sala

1. Num dos itens abaixo, a acentuação não está justificada **corretamente**. Aponte esta alternativa.
a) máquina - proparoxítona
b) amém - oxítona terminada em "em"
c) instruí-lo - paroxítona terminada em "i"
d) história - paroxítona terminada em ditongo
e) pôr - acento diferencial.

2. Assinale a(s) proposição(ões) **verdadeira(s)** e dê o valor total.
01. No vocábulo **anéis**, existe um ditongo oral, aberto, tônico, decrescente.
02. Em português, o prefixo **dis-** pode indicar afastamento ou dificuldade, como em **sinais díspares**, **mulher distinta**, **lançou cinco discos e saiu em disparada**.
04. Na palavra **amicíssima**, existem o radical, o sufixo de grau superlativo, a desinência de gênero feminino e a desinência de número singular.
08. Nas formas verbais com pronomes enclíticos ou mesoclíticos, considera-se cada segmento de forma independente para fins de acentuação gráfica. Por isso, são corretas as seguintes grafias: **amá-lo-ás**, **feri-lo-ias**, **entendê-lo**, **conduzi-lo**.
16. **Taxar** é uma coisa, **tachar** é outra. Por isso, deve-se dizer: *O juiz **taxou** de indecorosa a **tacha** estipulada pela Prefeitura*.

Tarefa Mínima

1. *"Partindo da unidade básica de funcionamento do cérebro, que é uma célula conhecida como neurônio, e comparando-a com a memória de um computador, percebe-se que as diferenças entre este e aquele são muitas. Isto porque o computador é um processador determinístico, operando sempre de acordo com as entradas. Já o cérebro humano é uma espécie de computador probabilístico, que funciona através de associações."*

(Ernani Terra & José de Nicola)

Assinale V para as afirmativas Verdadeiras e F para as Falsas, em seguida, assinale a única alternativa correta.
( ) A palavra **partindo** possui 8 letras, 7 fonemas e 3 sílabas, ou seja, é um vocábulo polissílabo.
( ) As palavras **é**, **cérebro** e **neurônio** são, respectivamente: monossílabo tônico, proparoxítona e paroxítona.

( ) Com relação aos vocábulos **processador**, **probabilístico** e **associações**, temos, respectivamente: encontro consonantal e dígrafo; encontro consonantal; dígrafo e ditongo decrescente oral.
( ) Na contagem de fonemas da palavra **funcionamento**, temos: 11 fonemas e 13 letras.
( ) Nas palavras **funcionamento**, **neurônio** e **memória**, temos a presença de ditongo oral crescente.

A alternativa **correta**, na respectiva ordem, é:
a) F, F, F, V, V
b) F, V, F, V, V
c) V, F, V, F, F
d) V, V, F, F, V
e) F, V, F, V, F

2. As silabadas, ou erros de prosódia (tonicidade), são frequentes no uso da língua. Assim assinale a(s) alternativa(s) onde **não ocorre** nenhuma silabada:
01. Eis aí um prototipo de rúbrica de um homem vaidoso.
02. Para mim, a humanidade está dividida em metades: a dos filântropos e a dos misântropos.
04. Nesse interim, chegou o médico com a contagem de leucocitos e o resultado da cultura de lêvedos.
08. Ávido de informações, segui as pegadas do éfebo.
16. O acrobata colocou sua rubrica no papel.
32. Seus olhos ficaram arregalados, como se estivesse observando um fenômeno ináudito.

3. Assinale a(s) alternativa(s) que apresenta(m) corretamente as sílabas tônicas das palavras em negrito. Observe que os acentos gráficos destas palavras, quando existentes, foram excluídos para efeito da questão.
01. **No**bel, **ru**im, re**fem**, eru**di**to
02. **La**tex, **pu**dico, **ru**brica, acro**ba**ta
04. acro**ba**ta, no**bel**, ru**bri**ca, a**va**ro
08. ru**im, a**varo, pu**di**co, la**tex**
16. **su**til, ava**ro, mis**ter, refém

4. Assinale a(s) proposição(ões) **correta(s)**.
01. Os acentos gráficos em *corrupião*, *lá* e *baldeação* são justificados pela mesma regra.
02. São classificadas como oxítonas: *saguão*, *poder* e *conduzi*-lo.
04. A forma verbal destacada em "Ainda *têm* esperança" é acentuada por corresponder a um monossílabo tônico, assim como ocorre na oração "Os relatórios *contêm* alguns erros".
08. Os acentos gráficos dos vocábulos *você*, *protegê*-los e *contém* seguem a mesma regra de acentuação.
16. Em *idade*, *ainda* e *fluido* temos o mesmo número de sílabas.
32. Os vocábulos *gratuito*, *debaixo* e *implicou* são trissílabos.

Tarefa Complementar

1. Tendo em vista a acentuação gráfica e a separação silábica dos vocábulos, assinale o que for correto.

01. Recebem acento gráfico os vocábulos "só", "é" e "dá" porque devem ser acentuados todos os monossílabos tônicos terminados em "a", "e", "o" ou "em".
02. Os vocábulos "macaco", "primata" e "apetite" não recebem acento gráfico porque não se acentuam os paroxítonos terminados em "o", "a" e "e".
04. O vocábulo "muriqui" não é acentuado, pois, segundo regra, não levam acento gráfico os oxítonos terminados em "i".
08. O vocábulo "observação" tem quatro sílabas.
16. O vocábulo "evoluido" tem cinco sílabas.

2. Assinale a alternativa em que os dois vocábulos obedecem à mesma regra de acentuação gráfica do vocábulo **várzea**.
a) cândido – armário
b) exímio – vírus
c) supérfluo – incêndio
d) incluido – sandália
e) límpido – voo

3. Assinale a alternativa em que todas as palavras estão grafadas **corretamente**.
a) Chama-se genericamente informática ao conjunto das ciências da informação, estando incluidas neste grupo: a teoria da informação, o processo de cálculo, a análize numérica e os métodos teóricos da representação dos conhecimentos e de rezolução dos problemas.
b) Historicamente a cana de açúcar é um dos principais produtos agrículas do Brasil, sendo cultivada desde a mais de trezentos anos.
c) Portanto, ao contrário do que acontecia no período anterior a 1988, não mais se admite a entrada de celetistas com base em critérios arbitrários de competência ou por mera indicação política.
d) Nos tratamentos psicoanalíticos, o analista deve ouvir o paciente e manter a "atenção flutuante", interpretar a fala do paciente, suas atitudes na seção, seus sonhos, quando necessário.
e) É um encontro para promover a integração de dicentes e de docentes do curso de letras de região sul, possibilitando o compartilhamento de experiências.

UNIDADE 3

ANÁLISE SINTÁTICA DO PERÍODO SIMPLES

COMPARE:
a) A resposta do aluno foi satisfatória.
b) A resposta ao aluno foi satisfatória.

a) Era favorável ao réu.
b) Depôs favoravelmente ao réu.

Termos da oração

ESSENCIAIS	• Sujeito
	• Predicado
INTEGRANTES	• Objeto Direto
	• Objeto Indireto
	• Complemento Nominal
	• Agente da Passiva
	• Adjunto Adverbial
	• Adjunto Adnominal

ACESSÓRIOS	• Aposto
	• Vocativo

Observe que, se não tomarmos cuidado com a pontuação, poderemos estar alterando o sentido da frase.

Otavião, um aluno não recebeu a apostila. (VOCATIVO)

Otavião, um aluno, não recebeu a apostila, (APOSTO)

Exercícios de Sala

1. Use os seguintes códigos para os tipos de sujeito:
(1) Simples (2) Oculto
(3) Composto (4) Indeterminado
(5) Inexistente

( ) ... mas uma diferença houve.
( ) Chegaram, de manhã, o mensageiro e o guia.
( ) Fala-se muito aqui.
( ) Alugam-se roupas de Pokémons.
( ) Não há flores no vaso.
( ) Não existem flores no vaso.
( ) Precisa-se de servente.
( ) No inverno, amanhece tarde.
( ) Estou "pagando um mico" desgraçado hoje.
( ) No dia seguinte, rezou João a Deus.
( ) "Há uma gota de sangue em cada poema."
( ) Já havias pensado nisso, meu amigo?

2. Use os seguintes códigos para os tipos de predicado:
(1) Verbal
(2) Nominal
(3) Verbo-nominal

( ) Nós estávamos quietos.
( ) Chegamos ao curso cansados.
( ) A lua permanece clara.
( ) A lua permanece no céu.
( ) Os alunos ficaram na classe.
( ) Os alunos ficaram na classe calados.
( ) Os ventos uivavam ferozes.
( ) Pedro está feliz.
( ) Pedro está em casa.
( ) Pedro voltou a casa feliz.*

3. Use o código adequado:
(1) sujeito
(2) predicado
(3) objeto direto
(4) objeto indireto
(5) predicativo do sujeito
(6) adjunto adnominal
(7) adjunto adverbial
(8) complemento nominal
(9) vocativo
(10) agente da passiva

( ) Em nosso país, a vulgaridade é um título.
( ) Foram assistir ao batizado.
( ) As circunstâncias mudam tudo.
( ) Aquela prova foi realizada pelos alunos.
( ) Todos os noivos parecem bons rapazes.
( ) Ele é resistente ao frio.
( ) Aqueles alunos parecem bons.
( ) Jamais me esquecerei de você.
( ) Meu colega caiu mal.
( ) Revelarei isto a ele.
( ) Os pais dão comida aos filhos.
( ) Os pais dão comida aos filhos.
( ) Minha redação não agradou.
( ) Oferecemos flores à noiva.
( ) Ele disse tudo.
( ) Cultive boas amizades.
( ) Saúde, amigos!

Tarefa Mínima

1. Na oração "Eu sou, Senhor, a ovelha desgarrada." (Gregório de Matos), temos:
01. vocativo 02. aposto
04. três adj. adnominais 08. predicativo do sujeito
16. predicado verbal.

2. Assinale a(s) alternativa(s) **correta(s)**:
01. O Amazonas é o maior rio brasileiro. - A palavra sublinhada é adjunto adverbial de intensidade.
02. Tem compaixão de nós, ó Cristo! - A expressão sublinhada é complemento nominal.
04. Pai, eu te agradeço o agasalho que me deste. - A palavra sublinhada é vocativo.
08. Lemos "Vidas Secas", a obra-prima de Graciliano Ramos - A frase possui objeto direto e aposto.
16. As suas forças foram rapidamente recuperadas. - A frase possui adjunto adverbial de tempo.

3. Dentre os enunciados a seguir, identifique o(s) correto(s).
01. **Até** conserva o mesmo valor semântico em "*…Afonso Ribeiro seguiu os tupiniquins* **até** *sua aldeia…*" (Eduardo Bueno, *A viagem do descobrimento*) e em "*Doença associada à elite, a anorexia começa a fazer vítimas na periferia e* **até** *no sertão nordestino.*" (*Época*).
02. A mensagem: "*Movimento estudantil: é pau, é pedra, mas não é o fim do caminho.*", encontrada em um panfleto direcionado a estudantes de Comunicação Social, mantém relações intertextuais com conhecida canção da MPB.
04. O uso do futuro do pretérito em "*Os cientistas vão ligar uma máquina que seria capaz de dissolver o planeta?*" (*Superinteressante*) cria um efeito de sentido de incerteza.
08. "*Temendo o mau cheiro iminente, o proprietário do cabaré ordenou ao empregado que pegasse o cavalo para levar o morto.*" (Abílio Leite de Barros, *Campo Grande — 100 anos de construção*) é um período composto por coordenação.
16. No período "*A ideia da teletaxa evoluiu a partir da constatação de que a sociedade paulista estaria disposta a contar com uma política de Primeiro Mundo.*" (*Folha de S. Paulo*), há duas orações que exercem a função sintática de objeto indireto.
32. Em "*Foi ele que levou a Costa e Silva a notícia de que seu governo estava extinto e seu cargo, vago.*" (*Manchete*, 14/8/99, p. 61), a vírgula foi empregada para indicar a omissão de um termo.

4. Levando em consideração os versos de Vinícius de Moraes transcritos a seguir, assinale a(s) alternativa(s) **verdadeira(s)**.

"Maior amor nem mais estranho existe
Que o meu, que não sossega a coisa amada
E, quando a sente alegre, fica triste
E se vê descontente, dá risada.
(...)
Fiel à sua lei de cada instante
Desassombrado, doido, delirante
Numa paixão de tudo e de si mesmo."

(Soneto do Amor Maior
Antologia Poética)

01. No adjetivo "maior", constante no primeiro verso da primeira estrofe encontramos, temos, simultaneamente, um ditongo oral decrescente e um hiato.
02. Em *"E, quando a sente alegre, fica triste"* há um dígrafo consonantal e dois vocálicos.
04. Caso a passagem *"E se vê descontente"* fosse passada para o plural, teríamos "E se vêm descontentes".
08. No verso *"Fiel à sua lei de cada instante"*, temos a presença de um complemento nominal.
16. *"Desassombrado, doido, delirante"*. Em tal foram empregados três encontros consonantais, sendo um deles perfeito e dois imperfeitos.
32. No último verso do poema, temos a presença de um adjunto adverbial.

5. *"Quando soube que ele ia chegar, senti uma coisa estranha, fiquei agitado. A imagem que faziam dele era a de um ser perfeito ou de alguém que buscava a perfeição. Pensei nisso: se for ele o meu pai, então sou filho de um homem quase perfeito. A sabedoria dele não me intimidava, nunca tinha sido uma ameaça para mim. Eu o considerava um homem tenaz, respeitado em casa, a ponto de ser elogiado pelo pai, que não sabia até onde o filho queria chegar."*

A respeito do parágrafo transcrito logo acima, o qual faz parte da obra Dois Irmãos, de Milton Hatoum, é **correto** afirmarmos que:

01. as passagens destacadas em *"Quando soube **que ele ia chegar**, senti **uma coisa estranha**"* exercem função de objeto direto.
02. o vocábulo sublinhado em "*A imagem que faziam dele era a de um <u>ser</u> perfeito"* é classificado como um verbo de ligação.
04. O verbo "pensar", empregado na oração "*Pensei nisso"* é transitivo direto e indireto, simultaneamente.
08. O adjetivo "perfeito" constante no trecho "*então sou filho de um homem quase perfeito"* corresponde a um complemento nominal que tem função caracterizar o substantivo "homem".
16. Também em relação ao trecho "*então sou filho de um homem quase perfeito"* podemos afirmar que "quase" é classificado como um adjunto adverbial.
32. Na oração "*Eu <u>o</u> considerava um homem tenaz"* o termo sublinhado exerce função de objeto direto.

Tarefa Complementar ✍

1. Em que alternativa(s) há objeto direto preposicionado?
01. Passou aos filhos a herança recebida dos pais.
02. Amou a seu pai com a mais plena grandeza da alma.
04. Naquele tempo, era muito fácil viajar para os infernos.
08. Em dias ensolarados, gosto de ver nuvens flutuarem nos céus de agosto.

2. A sentença correlata de "**Reviam-se os manuscritos com cuidado"** na voz passiva analítica é:
a) Os manuscritos foram revistos com cuidado.
b) Os manuscritos eram revistos com cuidado.
c) Nós revíamos com cuidado os manuscritos.
d) Revia-se os manuscritos com cuidado.
e) Reviram os manuscritos com cuidado.

3. Apenas em um dos períodos abaixo ocorre uma oração sem sujeito. Assinale-o:
a) Havia começado a festa, quando Bianca chegou.
b) Eles se houveram muito mal durante a defesa dos trabalhos.
c) Faz dois anos que não vejo minha melhor amiga.
d) Andam espalhando boatos a respeito da queda do ministro.
e) Vive-se muito bem em Florianópolis.

As questões 04 a 09 referem-se ao texto a seguir:

"O rio que virou pista de pouso

Desde que as torres gêmeas foram derrubadas por terroristas em 2001, a população de Nova York passou a observar com maior atenção o sobrevoo dos aviões. Quando um deles voa baixo e se escutam sirenes, o risco de pânico é grande. Na tarde de quinta-feira passada, a cidade foi surpreendida pelas notícias do pouso forçado no Rio Hudson de um *Airbus* A320 da *US Airways* com 155 pessoas a bordo. Enquanto os passageiros saíam pelas portas da aeronave e esperavam de pé nas asas para serem resgatados por barcos, os moradores lentamente se davam conta de que, em vez de uma tragédia, ganhavam uma história empolgante de heroísmo e competência profissional. Nos parcos cinco minutos decorridos entre a decolagem, no aeroporto de *La Guardia*, e a descida no rio, o piloto Chesley Sullenberger, 57 anos, conseguiu controlar com perfeição uma máquina de 70 toneladas e com os dois motores em pane. Contornou os arranha-céus da ilha de Manhattan e pousou com segurança nas águas escuras e, nesta época do ano, gélida. (...)

A causa mais provável do acidente foi o impacto que com uma revoada de gansos. (...) Logo após sair do solo, o avião atingiu algumas aves. (...) Acidentes com aves de grande porte são raros. Para que ocorram, é preciso que as duas turbinas sejam afetadas, já que, com uma, ainda é possível manter a rota. Uma vez que aviões voam a altitudes muito maiores do que as alcançadas por pássaros, o risco está nas aterrissagens e nas decolagens. As turbinas são projetadas para resistir a colisões com objetos de até 3,6 quilos. Choques com pássaros pequenos são comuns, mas imperceptíveis para

33	quem está a bordo. Um ganso, por outro lado, pode
34	pesar 5,5 quilos. Sullenberger, o mais novo herói
35	americano, tem quarenta anos de consultoria sobre
36	segurança aeronáutica. Também possui certificação em
37	planadores, conhecimento que pôs em prática na semana
38	passada. Além da experiência, ele contou com uma
39	pitada de sorte: a temperatura de seis graus negativos
40	deixa o mar mais denso, o que facilita a sustentação da
41	aeronave mesmo sem o apoio das turbinas. O outro fator
42	de sorte foi que o avião partiu de *La Guardia* e não de
43	Congonhas, em São Paulo. "Se fosse daqui, em cinco
44	minutos, o *Airbus* teria caído em algum bairro.", diz
45	Carlos Camacho, diretor de segurança de voo do
46	Sindicato dos Aeronautas. O A320 que pousou no Rio
50	Hudson é do mesmo modelo do avião da TAM o qual, em 2007, saiu de Porto Alegre e se chocou com um prédio ao tentar pousar em Congonhas, matando quase 200 pessoas. Os que querem os aeroportos instalados a uma distância segura dos centros urbanos ganham mais um argumento."
	Veja, 21/01/2009

4. O verbo empregado no título do texto, nesse contexto, é classificado como:
a) de ligação
b) intransitivo
c) transitivo direto
d) transitivo indireto
e) transitivo direto e indireto

5. Assinale a alternativa em que ocorre voz passiva:
a) "Enquanto os passageiros saiam pelas portas da aeronave (...)."
b) "(...) os moradores lentamente se davam conta de que (...)."
c) "(...) avião da TAM que saiu de Porto Alegre e se chocou em 2007 com um prédio (...)."
d) "(...) a cidade foi surpreendida pelas notícias do pouso forçado (...)."
e) "(...) aviões voam a altitudes muito maiores do que as alcançadas por pássaros (...)."

6. Segundo o exposto, é **correto** afirmar que:
01. O atentado terrorista ocorrido em 11 de setembro de 2001 traumatizou os moradores de Nova York.
02. Se o piloto Chesley Sullenberger tivesse alguma experiência com planadores, sua atuação teria sido melhor na ocasião do acidente.
04. Incidentes com aviões ocasionados por choques com grandes aves são comuns.
08. Os americanos consideram Sullenberger um herói por ter pausado a aeronave com sucesso.
16. Choques entre pássaros de pequeno porte e aviões são facilmente perceptíveis pelos passageiros e pela tripulação.

7. O termo destacado em "Nos <u>parcos</u> cinco minutos decorridos entre a decolagem, no aeroporto de *La Guardia*, e a descida no rio (...)" (l. 9-10) deve ser entendido como:
a) inusitados
b) angustiantes
c) surpreendentes
d) breves
e) intermináveis

8. Da afirmação de Carlos Camacho infere-se que:
a) Congonhas está situado em perímetro urbano.
b) A vizinhança de Congonhas já está acostumada com a frequência dos acidentes aéreos.
c) O aeroporto de Porto Alegre oferece tanto risco à população quanto o de Congonhas.
d) Foi uma sorte que em Manhattan não haja grandes prédios nas proximidades do aeroporto.
e) Para quem vive nos arredores do aeroporto de *La Guardia*, correr risco já não é novidade.

9. Assinale a alternativa que melhor traduz a mensagem expressa pela última frase do texto:
a) As pessoas as quais gostariam de ter menos contato com viagens aéreas, passam a ter outra opção para deslocar-se.
b) Aqueles que temem aviões, passam a sentir-se mais seguros.
c) O acidente do *Airbus* A320 reforça a ideia de que o avião não é o meio mais seguro para se viajar.
d) A aterrissagem feita por Chesley Sullenberger foi possível porque o aeroporto de onde o avião decolou não se localiza em um grande centro urbano.
e) A localização do Rio Hudson foi o que determinou o resgate das 155 pessoas que estavam no avião.

UNIDADE 4

MORFOLOGIA

RADICAL
PREFIXO
SUFIXO
AFIXOS
DESINÊNCIA

Exercícios de Sala ✍

1. Siga o modelo:
a) Part/í/sse/mos - **part:** radical;
sse: desinência modo temporal
i: vogal temática
mos: desinência número-pessoal.
b) paulada
c) cafezinhos
d) girassol
e) reformadoras

Tarefa Mínima ✍

1. Assinale a alternativa correta.
a) A palavra **rebater** é composta, pois tem dois radicais: **<re>** e **<bater>**.
b) **Camponês** e **português** são palavras que possuem sufixo.
c) **Boiadeiro** e **seringueiro** pertencem à mesma família etimológica, isto é, são cognatos.

d) Na frase *Aquele jogadorzinho fez um gol, finalmente!*, o sufixo **-inho**, em jogadorzinho, expressa carinho, como em **filhinho**.
e) Como diminutivo do advérbio **devagar**, temos **devagarinho**.

2. Assinale o item em que há **erro** quanto à análise da forma verbal **cantávamos**.
a) Cant- = radical
b) -a- = vogal temática
c) canta- = tema
d) -va- = desinência de pretérito imperfeito do subjuntivo
e) -mos = desinência de 1ª pessoa do plural.

Tarefa Complementar

1. Assinale a alternativa cujos elementos mórficos destacados são sufixos.
a) arrozAL - vilarEJO - barrigUDO
b) petrÓLEO - ouvIMOS - almOÇO
c) DESdentado - cavALO - minhOCA
d) amO - GEOgrafia - floreS
e) INfeliz - palhaÇO - burrO

2. Assinale a alternativa **correta** quanto à estrutura mórfica:
I - **Desdobravam** decompõe em:
des + dobr + a + va + m.
II - Esses elementos mórficos são:
prefixo + radical + vogal temática + desinência modo-temporal
+ desinência número-pessoal.
III - É, pois, um vocábulo derivado, simples, verbo da primeira conjugação, flexionado no pretérito imperfeito do indicativo, terceira pessoa do plural.

a) Estão corretas I e II.
b) Estão corretas II e III.
c) Estão corretas I e III.
d) Todas estão corretas.
e) Nenhuma está correta.

UNIDADE 5

PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

DERIVAÇÃO:
a) prefixal
b) sufixal
c) prefixal e sufixal
d) parassintética
e) imprópria
COMPOSIÇÃO:
a) por justaposição
b) por aglutinação
OUTROS PROCESSOS

Exercícios de Sala

1. Faça como no modelo:

a) estudo do homem: antropologia
b) estudo da vida: _____
c) estudo da origem: _____
d) estudo do som: _____
e) estudo da forma: _____
f) estudo da doença: _____
g) estudo do animal: _____

2. Assinale a alternativa **correta** quanto aos processos de formação de palavras.
a) Em **empobrecer** temos o processo de derivação parassintética. Já em **passatempo**, ocorreu a composição por aglutinação.
b) **Reagir**, **universal** e **desrespeito** são palavras formadas por derivação prefixal.
c) **Aguardente**, **embora**, **outrora** e **pernalta** são palavras formadas por justaposição.
d) Um exemplo de derivação imprópria é a palavra **cine**.
e) As palavras **pedreiro**, **socialista**, **acidez** e **frontal** são todas formadas por derivação sufixal.

Tarefa Mínima

1. Assinale a(s) alternativa(s) **correta(s)** e dê o valor total.
01. *Neologismo* são palavras que pertencem à mesma família etimológica.
02. **Galinha** é o diminutivo de **galo**, assim como **pateta** é o aumentativo de **pato**.
04. O substantivo **surfista** é composto de dois radicais: **surf-**, de origem inglesa e **-ista**, de origem portuguesa.
08. As desinências verbais indicam o número, a pessoa, o tempo e o modo do verbo.
16. Em **lealdade**, tem-se derivação sufixal; em **descrever**, tem-se derivação prefixal.

2. Se, a partir da palavra **tarde,** formamos **tardar** e **entardecer**, essas duas últimas serão respectivamente:
a) derivadas por sufixação e por prefixação.
b) derivadas por prefixação e parassintetismo.
c) derivadas por prefixação e por prefixação.
d) derivadas por sufixação e parassintetismo.
e) composta por aglutinação e por justaposição.

3. Na frase *Ela tem um **quê** de mistério*, o processo de formação da palavra destacada chama-se:
a) composição.
b) aglutinação.
c) justaposição.
d) derivação imprópria.
e) parassíntese.

Tarefa Complementar ✍

1. Relacione as colunas e assinale a seqüência, de cima para baixo, da coluna da direita.

(1) sufixação	( ) fidalgo
(2) prefixação	( ) redondinho
(3) justaposição	( ) televisão
(4) aglutinação	( ) descolar
(5) hibridismo	( ) verde-claro

a) 3 - 2 - 5 - 1 – 4 b) 4 - 1 - 5 - 2 - 3
c) 3 - 1 - 5 - 2 - 4 d) 3 - 2 - 5 - 4 - 1
e) 4 - 2 - 3 - 1 - 5

2. Em qual dos exemplos abaixo está presente um caso de **derivação parassintética**?
a) Lá vem ele, **vitorioso** do combate.
b) Ora, vá **plantar** batatas!
c) Começou o **ataque.**
d) Assustado, começou a se **distanciar** do animal.
e) Não vou mais me **entristecer**, vou é cantar.

3. Assinale a alternativa que descreve, corretamente, o processo de formação das palavras destacadas:

"Na **feira-livre** do **arrabaldezinho,**
Um homem loquaz pregou **balõezinhos** de cor"
(Manuel Bandeira)

a) derivação, composição, composição
b) derivação, derivação, derivação
c) derivação, composição, derivação
d) composição, derivação, derivação
e) composição, composição, derivação

VERBOS

MODO: **INDICATIVO**

MODO: **SUBJUNTIVO**

MODO: **IMPERATIVO**

Exercícios de Sala ✍

Sobre o texto constante na página 57 (*O rio que virou pista de pouso),* responda às duas questões a seguir:

1. Assinale a alternativa em que o verbo destacado NÃO expressa um fato, e sim uma possibilidade:
a) "Acidentes com aves **são** raros."
b) "(...) o risco **está** nas aterrissagens (...)."
c) "Uma vez que aviões **voam** a altitudes muito altas (...)."
d) "Para que **ocorram**, é preciso que as duas turbinas sejam afetadas (...)."
e) "Os que **querem** aeroportos instalados a uma distância segura (...)."

2. Assinale a alternativa cuja expressão NÃO foi empregada para retomar alto anteriormente mencionado no texto:
a) "Desde que **as torres gêmeas** foram derrubadas (...)."
b) "Quando **um deles** voa baixo (...)."
c) "(...) da semana passada, **a cidade** foi surpreendida (...)."
d) "(...) os passageiros saiam pelas portas **da aeronave** (...)."
e) "Logo após sair do solo, o avião atingiu **algumas aves**."

UNIDADE 7

CLASSIFICAÇÃO DOS VERBOS

Quanto à flexão, os verbos classificam-se em:

a) Regulares
b) Irregulares
c) Anômalos
d) Defectivos
e) Abundantes

Exercícios de Sala ✍

1. Complete a tabela abaixo com as formas do particípio. **Atenção**: nem todos existem!!!

Infinitivo	**Particípio regular (ter / haver) Ex.: tinha/havia...**	**Particípio Irregular (V.L.) Ex.: foi/está...**
Aceitar		
Acender		
Benzer		
Eleger		
Envolver		
Enxugar		
Expulsar		
Fritar		
Ganhar		
Gastar		
Imprimir		
Isentar		
Limpar		
Matar		
Morrer		
Pagar		
Pegar		
Prender		
Salvar		
Soltar		
Escrever		

2. Preencha as lacunas com as formas do imperativo.
a) _____ teu erro. (admitir)
b) Não nos _____, rapazes! (precipitar)
c) Não _____ sem pensar em vossos pais! (responder)
d) _____ bons textos para o nosso jornal. (produzir - nós)

e) Jamais _____ tanto de ti mesma. (exigir)
f) Quando fores à cidade, _____ a carta no correio. (pôr)
g) _____, eu te espero! (vir)
h) _____ o vosso dever e não _____ nos assuntos alheios. (cumprir / intervir)

3. Assinale a opção cujo espaço pode ser preenchido pela palavra entre parênteses.
a) A criança havia _____ (pegado) o revólver da cômoda.
b) O comerciante tinha _____ (pagado) sua dívida no prazo.
c) O governo havia _____ (aceito) o pagamento em moeda estrangeira.
d) Era _____ (matado) todo dia um marginal naquela vila.
e) A mulher tem _____ (gastado) mais do que ganha, apenas em supérfluos.

4. Quanto ao uso de tempos e modos verbais, identifique a(s) proposição(ões) correta(s).
01. Costumamos beijarmos nossos amigos.
02. Eu sempre expludo quando fico nervoso.
04. Tenho pegado alunos colando.
08. Não faças o que lhe mandam fazer.
16. Quando eu pôr a mão em você, vou lhe dar um conselho no ouvido.

Tarefa Mínima ✍

1. Observe as formas verbais destacadas.
1. Quando ele **vir** o presente, ficará emocionado.
2. Quando ele **vier,** receberá o presente.
3. **Ver** o presente será emocionante.
4. **Vir** e receber o presente será emocionante.

Agora, assinale a alternativa **correta** quanto à forma verbal contida nas sentenças acima:
a) Na frase 1: infinitivo do verbo **vir**.
b) Na frase 1: futuro do subjuntivo do verbo **ver**.
c) Na frase 2: futuro do subjuntivo do verbo **ver**.
d) Na frase 3: infinitivo do verbo **vir**.
e) Na frase 4: infinitivo do verbo **ver**.

2. Observe os seguintes *slogans* e indique a(s) alternativa(s) **correta**(s):
01. Pega bem fumar Dallas. Pega o seu.
02. Taffman E. Se você não gosta, continua no *milk-shake*.
04. Dizei-me com quem andas e dir-te-ei quem és. (anúncio da Antárctica)
08. Faz um 21.
16. Vem prá Caixa você também.

3. Assinale apenas as frases em que o emprego do particípio esteja **correto**.
01. As plantas morreram porque ela não as tinha cobrido direito.
02. Sonhei que eu tinha morrido de tédio.
04. Eles têm gasto mais do que ganham.
08. A campanha da cidadania tem salvo muita gente.
16. A mãe havia frito os peixes que o menino pescara.

4. Assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, os espaços abaixo, com os verbos no imperativo.
"Santo anjo do Senhor, meu zeloso guardador, se a Ti me confiou a piedade Divina, sempre me _____, me _____, me _____, me _____, amém."
a) rege, guarde, governe, ilumine
b) rege, guarda, governa, ilumina
c) reja, guarda, governe, ilumina
d) reja, guarde, governe, ilumine
e) rege, guarde, governa, ilumine

5. Observe:

*"**Da Discrição***
Não te abras com teu amigo
Que ele um outro amigo tem.
E o amigo de teu amigo
Possui amigos também..."
(Mário Quintana)

Passando o primeiro verso para o imperativo afirmativo, qual seria o correto (conservando a pessoa gramatical)?
a) Abre-te com seu amigo.
b) Abra-se com seu amigo.
c) Abri-vos com vosso amigo.
d) Abre-te com teu amigo.
e) Abra-te com teu amigo.

6. Com base nas passagens transcritas a seguir, indica o somatório das afirmações **corretas**:
01. Em "(...) Quintino partiu com ele para o Saco Grande, mas quando lá chegaram, a família não tinha o dinheiro. Foram pedir aos vizinhos, porém só conseguiram cinco tostões (...)" temos a predominância do Pretérito Perfeito do Indicativo.
02. Os particípios empregados na passagem "*Apenas o seu sabiá estava morto e depenado, caído no fundo da gaiola"* são todos exemplos de particípios regulares.
04. O verbo ser, empregado no trecho *"(...) quando era mais novo engravidou uma moça e fugiu sem lhe dar auxílio."* está conjugado no Pretérito Imperfeito do Indicativo, assim como ocorre com o verbo restar na oração "*que lhe restavam"*.
08. Em "(...) *os ilhéus açorianos e madeirenses que te colonizaram (...)"* o verbo de primeira conjugação empregado pode ser substituído, sem prejuízo algum ao texto, por "colonizarão".
16. Na passagem *"(...) quando chegou no local <u>onde</u> estava formado o cenário diabólico (...)"* a palavra sublinhada está incorretamente grafada, uma vez que deveria ser empregada a forma ***aonde***.

7. Na linguagem culta, levando em consideração o emprego de particípios, é **correto** dizermos:
01. Eu já havia pago a prestação antes do seu vencimento.
02. Telefonei para sua casa, mas você ainda não havia chego.
04. Pelo que sei, ele tinha pegado o livro na quarta-feira e devolvido na quinta.
08. Já naquela época, um comportamento como esse não seria aceito.
16. Ele nem mesmo me agradeceu por ter salvo seu amigo do afogamento.

32. Obrigada – disse ela, afirmando nunca ter ganhado nada tão valioso.

8. Faça o somatório das proposições corretas quanto à conjugação verbal:
01. Nem tentes convencê-lo, pois perderás teu tempo.
02. Quando eu pôr toda essa confusão em ordem, poderei descansar um pouco.
04. Espalhai pelo mundo o carinho que recebeste um dia.
08. Se ele intervisse em nossas decisões, tudo ficaria ainda mais complicado.
16. Jamais julguemos outrem, sem antes olharmos para nossos próprios erros.
32. Ponha mais tempero em tua vida!

Tarefa Complementar ✍

1. Assinale o item em que as formas dos verbos **trazer, ser, pôr e ir** correspondam ao seguinte exemplo: "Preferir, prefere!"
a) Tragas! - Sejas! - Ponhas! - Vás!
b) Trazei! - Sede! - Pondes! - Ide!
c) Traze! - Se! - Ponha! - Vais!
d) Traz! - Sê! - Põe! - Vai!
e) Traga! - Seja! - Ponha! - Vá!

2. Transpondo para a voz ativa a frase " O processo deve ser revisto pelos dois funcionários", obtém-se a forma verbal:
a) deve-se rever b) será revisto
c) devem rever d) reverão
e) rever-se-á

3. Marque a(s) alternativa(s) **correta(s)**, quanto ao emprego dos tempos verbais:
01. Quando acharmos o garoto, passará nossa angústia.
02. Se Marta concordasse, eu vendo a casa.
04. Se ele fosse encontrado vivo, todos ficaríamos gratos a Sabino.
08. Que dor o destino nos impusera!
16. Talvez seje ele o responsável por toda esta confusão.

4. Complete as lacunas com o particípio passado dos verbos entre parênteses:
1. A cozinheira havia _____ peixe (fritar)
2. O brinquedo estava _____ no lago.(imergir)
3. Minhas roupas estão ____, Angélica. (enxugar)
4. Angélia havia _____ minhas roupas a ferro. (enxugar)
5. A luz da vela tinha-se, aos poucos, _____ (extinguir)

Agora, indique a opção que completa **correta** e respectivamente, as lacunas é:
a) frito, imergido, enxugadas, enxugado, extinguida
b) frito, imergido, enxugadas, enxutas, extinto.
c) frito, imerso, enxutas, enxuto, extinto.
d) fritado, imerso, enxugadas, enxugado, extinta.
e) fritado, imerso, enxutas, enxugado, extinguido.

5. Em relação aos excertos abaixo, das obras *Riacho Doce* e *Morte e Vida Severina,* é **correto** afirmar que:

Texto 1

"O vento norte gelara o seu Nô, secara o verde de suas folhas. Estava seco, frio, duro, ao abandono, acabado para sempre. Não havia primavera ou sol de primavera que fizesse brotar outra vez o Nô da beira do mar, o que cantava e amava como um filho de Deus."

REGO, José Lins do. *Riacho Doce*

Texto 2

"O meu nome é Severino, / Não tenho outro de pia. / Como há muitos Severinos, / que é santo de romaria, / deram então de me chamar / Severino de Maria; / como há muitos Severinos / com mães chamadas Maria, / fiquei sendo o da Maria / do finado Zacarias."

MELO NETO, João Cabral de. *Morte e vida severina*.

01. No primeiro período do Texto 1 temos a presença de verbos conjugados no pretérito mais-que-perfeito do indicativo, enquanto que o segundo período do mesmo texto apresenta um verbo no pretérito imperfeito também do indicativo.
02. Nas formas verbais "fizesse" e "cantava" temos como desinência modo-temporal, respectivamente "sse" e "ava".
04. No Texto 1, as palavras verde e abandono estão funcionando como substantivos.
08. Em "deram então de me chamar" temos dois ditongos nasais.
16. No Texto 2 as formas verbais "é" e "há" têm sua acentuação justificada pela mesma regra do verbo "pôr", uma vez que os três vocábulos são monossílabos tônicos.
32. Em "Severino" e "Maria" temos "i" como vogal, enquanto que, na segunda sílaba da forma verbal "fiquei", esse se classifica como semi-vogal, já que integra um tritongo.

6. Com base nos trechos da crônica ***Uma senhora de sorriso triste***, de autoria de Rubem Braga, é correto afirmarmos que:
01. O verbo "contar" empregado no período de abertura - "De uma senhora, amigos me contaram um gesto (...)" - é classificado transitivo direto e indireto.
02. Em "Trata-se de bela senhora" temos um verbo intransitivo.
04. A frase "Não sei se a história é verdade, pois hoje contam muitas, e algumas falsas." constitui um período composto, com a presença de um verbo de ligação.
08. O pronome "lhes" constante na passagem "(...) as primeiras que lhes mando" exerce função de objeto indireto.

16. Nos vocábulos “outro”, “dia” e “afetuosos” temos a presença de hiato, enquanto que na forma verbal “aceitem” temos dois ditongos.

32. Em “contá-la” temos uma oxítona e um monossílabo átono, assim como ocorre em “Pareceu-me”.

UNIDADE 8

REGÊNCIA

VERBO	SENTIDO	PREP.	PRONOME	EXEMPLOS
ASPIRAR	Desejar VTI	A	A ele	Aspiro ao cargo.
	Sorver VTD	-	O	Aspiro o pó.
ASSISTIR	Presenciar VTI	A	A ele	Assiste ao filme.
	Ajudar VTD	(A)	O, lhe	Assiste o doente.
	Morar VI	EM	Nele	Assistiu em Fpolis.
GOSTAR	Aprovar VTI	DE	Dele	Gosta de música.
	Provar VTD	-	O	Gostou sua derrota.
OBEDECER DESOBEDECER	VTI	A	Lhe (pessoas) A ele (coisas)	Obedecer à mãe. Obedecer ao estatuto.
PAGAR PERDOAR	Pessoa VTI	A	Lhe	Paguei a você. Perdoei a você.
	Coisa VTD	-	O, A	Paguei o almoço. Perdoei seu erro.
PROCEDER	Realizar VTI	A	A ele	Proceder à chamada. Proceder ao julgamento.
	Outros VI	-	-	Procedeste bem. Procedi do sul.
QUERER ou QUERER BEM	Estimar VTI	A	Lhe	Quero a você.
	Desejar VTD	-	O, A	Quero paz.
RESPONDER	VTI	A	Lhe	Responder ao telefonema.
CHEGAR, IR, VIR	VI	A	-	Chegar à cidade. Ir ao cinema. Vir à aula.
MORAR, RESIDIR, SITUAR	VI	EM	-	Mora na rua tal. Reside na rua tal. Situado na rua tal.
REFERIR-SE	VTI	A	-	Refere-se à garota chata.
NAMORAR, AMAR, CONVIDAR,	VTD	-	O, A	João namora Maria. Pedro ama seus pais. Irei convidá-lo.
AGRADAR	fazer carinho VTD	-	O, A	A avó gosta de agradar o neto. A avó gosta de agradá-lo.
	Contentar VTI	A	Lhe	As atitudes de João agradaram ao diretor. / Agradaram-lhe
ESQUECER, LEMBRAR, RECORDAR	VTD	-	-	Esqueci o talão de cheques na outra bolsa.
ESQUECER-SE, LEMBRAR-SE, RECORDAR-SE	VTI	DE	Dele	Eu me esqueci do talão de cheques na outra bolsa.
PREFERIR	VTDI	-	A	Preferimos samba a tango.
VISAR	Mirar VTD	-	-	O atirador visou o alvo.
	pôr o visto VTD	-	-	Visou os documentos

	ter em vista VTI	A	A ele	Eles visaram ao bem público.
IMPLICAR	Não simpa-tizar VTI	COM	-	Implicava com todos.
IMPLICAR	Acarretar VTD	-	O, A	Toda ação implica uma reação.
IMPLICAR-SE	Envolver-se VTI	EM	-	Implicou-se em mais um escândalo.

Exercícios de Sala

1. Reescreva as frases, substituindo os verbos sublinhados pelos constantes entre parênteses, obedecendo à regência.

1. Ele ambiciona o título. (aspira)
2. Eu desejo a felicidade. (aspiro)
3. Eu presenciei a briga. (assisti)
4. Ele segue as leis. (obedece)
5. Visitem a Bahia. (Vão)
6. O gerente pôs visto no cheque. (visou)
7. O atirador mirou o olho direito do mosquito com o canhão. (visou)
8. Ele cheirou a rosa. (aspirou)
9. Eu moro em Blumenau. (assisto)

Tarefa Mínima

1. Indique a(s) proposição(ões) em que as lacunas são **corretamente** preenchidas na sequência pelas preposições colocadas entre parênteses.

01. Pareci muito aflita _____ a mudança inexplicável, porque não me encontrava apta ____ nova situação nem sou imune _____ choques emocionais. (com, à, a)
02. Confesso-te que estou ansiosa _____ ver-te ____ posição mais tranquila. (de, por)
04. Relativamente _____ essa questão, penso ____ que ela não é pertinente ___ pesca artesanal.
(à, de , à)
08. A causa da demora está apenas ____ aversão que nós sentimos ___ uma missão ____ qual pouco acreditamos. (na, por, na)
16. O ministro há de convir ____ que essa medida implicará _____ concurso de novos servidores habilitados ____ tarefa. (de, no, à)

2. Complete os espaços em branco da frase com elementos de uma das alternativas dadas abaixo.
Não nos referimos _____ estava aqui, mas sim _____ aluna _____ tu falaste ontem.

a) a que - à - a quem
b) aquela que - a - à quem
c) àquela que - à - sobre quem
d) à que - a - de quem
e) sobre quem - a - a respeito de quem

Tarefa Complementar

1. Há o respeito às regras de regência verbal, exceto em:

01. Sempre aspirei a uma vida de luxo.
02. Talvez jamais nos esqueçamos disso.
04. Obedecê-la é necessário, ainda que você não goste disso.
08. "Senhor Luís do Amaral, residente à rua Pedro Michel (...)".
16. Que toda causa implica uma conseqüência, não é novidade nem para mim nem para você.
32. Na minha infância, sempre preferia brincadeiras tradicionais do que brinquedos com controle remoto.

2. Indique a(s) alternativa(s) em que há o respeito às regras de regência verbal:

01. Talvez ele jamais tenha aspirado a uma ascensão profissional; por isso nunca pôde sentir o gosto de uma vitória como a minha.
02. Hoje os jovens preferem relacionamentos breves a terem que assumir um namoro mais sério.
04. Em um passado não muito longínquo, os pais eram a autoridade máxima em casa. Os filhos jamais ousavam desobedecê-los.
08. Nossa nova filial está situada à rua Getúlio Vargas.
16. Talvez ele namore com Clara, mesmo não lhe amando.
32. Eu jamais me esqueceria de que a nossa formatura foi realizada aqui.

3. **Texto 1**

"Um operário desenrola o arame, o outro o endireita, um terceiro corta, um quarto o afia nas pontas para a colocação da cabeça do alfinete; para fazer a cabeça do alfinete, requerem-se três ou quatro operações diferentes."

A respeito do Texto 1 e do quadrinho é/são correta(s) a(s) afirmação(ões):

01. Ambos retratam a intensa divisão do trabalho, à qual são submetidos os operários.
02. O vocábulo *"montagem"* possui oito letras e seis fonemas.
04. O termo *"o"* constante em *"o endireita"* e *"o afia"* corresponde a um pronome e resgata o sujeito *"operário"*.

08. O texto refere-se à produção informatizada e o quadrinho, à produção artesanal.
16. Ambos contêm a ideia de que o produto da atividade industrial não depende do conhecimento de todo o processo por parte do operário.
32. O numeral "quatro" apresenta, na ordem, um dígrafo e um encontro consonantal perfeito.
64. Segundo o exposto na charge, pode-se dizer que o operário "Aspira ao entendimento de algo.".

4. Indique a(s) proposição(ões) **correta** quanto à regência verbal:
01. Sabemos que tal atitude poderá implicar em uma manifestação de nossos empregados.
02. Dizer que prefiro ver jogo pela televisão do que ao vivo é fácil. O difícil é convencer a mim mesmo de que estou certo.
04. É necessário que obedeçamos a todas as instruções que nos foram passadas.
08. Talvez ele tenha se esquecido que nos prometeu apoio.
16. Ao que parece, ele implicou-se em mais um acidente de trânsito.
32. Fiquei assistindo àquele documentário durante uma hora e meia.

UNIDADE 9

PRONOMES

Pronomes	VTD terminar em:	Objeto
O, a , os, as No, na, nos, nas Lo, la, los, las	Vogal Ão, õe, m R, s, z	O. D.
Lhe, lhes	-	O. I.

COLOCAÇÃO PRONOMINAL

Casos de Próclise
1. **Palavras ou expressões negativas**: não, nunca, jamais, nenhum.
Ex.: Nunca se queixou do fato.
2. **Pronomes relativos**: quem, qual, que, cujo, onde, quanto.
Ex.: Sonhos que se vão.
3. **Pronomes indefinidos**: alguém, quem, algum, qualquer.
Ex.: Alguém se importou com o assunto.
4. **Conjunções subordinativas**: quando, se, como, porque, que.
Ex.: Ele disse que se arrependeu do que fez.
5. **Advérbios**: talvez, aqui, ali, lá, agora, ontem.
Ex.: Aqui se trabalha para o bem do povo.
6. **Orações optativas, exclamativas, interrogativas**.
Ex.: Bons ventos o levem.
Quem se atreveria a isso?
Quanto te arriscas!
7. **Em + gerúndio**.
Ex.: Em se tratando de artes, prefiro a moderna.

Casos de Ênclise
1. **Início do período**.
Ex.: Dão-se aulas de Português.
2. **Gerúndio sem "em"**.
Ex.: Saiu da sala, sentindo-se mal.
3. **Imperativo**.
Ex.: Suma-te daqui.
4. **Infinitivo não-flexionado**.
Ex.: Começou a escutá-la.
5. **Vírgulas**.
Ex.: Ele se olhou, admirou-se e partiu.
6. **Conjunções coordenativas**.
Ex.: Ela pulou e machucou-se.

Casos de Mesóclise
(Atenção: Lembre-se que a mesóclise só poderá ser usada no início de orações!!!)
Futuro do presente.
Ex.: Dar-te-ei a resposta amanhã.
Futuro do pretérito.
Ex.: Contar-te-ia, se soubesse.

Exercícios de Sala

1. Que pronome substituiria o termo em destaque? Reescreva cada uma das frases, fazendo tais substituições:
a) Convido **todos vocês** para minha festa:
b) Nunca contarei **meu sonho** a ti.
c) Nunca contarei meu sonho **a ti**.
d) Contarei meu sonho **a elas**.
e) Contarei **meu sonho** a elas.
f) Faria **as anotações** se fossem imprescindíveis.

2. Corrija as orações abaixo quando necessário.
a) Diria-nos a verdade mesmo que isso o prejudicasse?
b) Aqui, neste bairro, se encontra de tudo.
c) Me perguntaram se eu era daqui.
d) Não contar-te-ei o resto da história.
e) Que a Virgem te proteja, meu filho.

Tarefa Mínima

1. Assinale a alternativa **correta** quanto ao emprego dos pronomes oblíquos átonos.
a) Ele tem se dado muito bem com esse nosso clima.
b) Em tratando-se de artes, preferimos apreciar a pintura.
c) Diria-se que fatos dessa natureza só ocorrem com os perdedores.
d) Tudo me parecia bem até que a verdade veio à tona.
e) Você é a pessoa que delatou-me.

2. O folclore político atribui a Jânio Quadros a autoria das frases seguintes:
A.“ Fi-lo porque Qui-lo”.
B. “ Bebo-o porque é líquido; se fosse sólido, comê-lo-ia”.
Sem qualquer consideração acerca da real autoria das frases, observe o uso de pronomes nas mesmas, e indique a(s) afirmativa(s) **correta(s)** em relação à colocação pronominal.

01. Uma forma possível de reescrever corretamente a frase A é: Fiz-lhe porque o quis.
02. A colocação da frase é simplesmente uma opção estilística.

04. A frase B pode ser reescrita como: Bebo-o porque é líquido; se fosse sólido, comeria-o.
08. A forma de reescrever corretamente a frase A é: Fi-lo porque o quis.
16. O segundo pronome da frase B deve ser eliminado. Sua forma correta é: Bebo-o porque é líquido; se fosse sólido, comeria.
32. A frase B está correta. Pode-se reescrevê-la por uma opção de estilo, não para eliminar erros.

3. Em quais opções foi seguida a norma culta?
01. Nada te direi a respeito.
02. Convido-te para a festa.
04. Não me fales mais nisso.
08. Dize-me com quem andas e dir-te-ei quem és.
16. Toninho, que fizeram-te?
32. Todos invejam-me porque falo o Português correto.
64. É difícil dizer-te o quanto amo você.

Tarefa Complementar

1. Em quais opções o pronome pessoal está bem colocado?
01. Elas não queriam convidar-me.
02. Meus olhos iam enchendo-se de lágrimas.
04. A situação havia invertido-se.
08. Era um vidrinho de perfume cuja essência tinha-se evaporado.
16. Haviam procurado-o em toda parte.
32. Você há de conhecer-me melhor um dia.
64. Ninguém tinha o ido ver.

2. Assinale a(s) alternativa(s) correta(s) com relação à colocação pronominal:
01. Não mais se viam os sinais de perigo.
02.Preferiria-se eleições diretas à permanência da atual situação.
04. Os perigos que se enfrentaram com a radiação foram imprevisíveis.
08. Aqui se vendem carros.
16. Alguém te viu por aqui?

"Capitu deu-me as costas, voltando-se para o espelhinho. Peguei-lhe dos cabelos, colhi-os todos e entrei a alisá-los com o pente, desde a testa até as últimas pontas, que lhe desciam à cintura. Em pé, não dava jeito: não esquecestes que ela era um nadinha mais alta que eu, mas ainda que fosse da mesma altura. Pedi-lhe que se sentasse".

[...]

"Agora, por que é que nenhuma dessas caprichosas me fez esquecer da primeira amada do meu coração?

[...]

E bem, qualquer que seja a solução, uma coisa fica e é a suma das sumas, ou o resto dos restos, a saber que a minha primeira amiga e o meu maior amigo, tão extremosos ambos e tão queridos também, quis o destino que acabassem juntando-se e enganando-me... A terra lhes seja leve!"

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*.

4. A respeito ao lado e da obra *Dom Casmurro*, assinale a(s) proposição(ões) **correta(s)**.

01. Em "Peguei-lhe dos cabelos..." (linha 1), "...que lhe desciam" (linhas 2-3) e "Pedi-lhe que se sentasse" (linha 4), a palavra destacada, embora sendo um pronome pessoal oblíquo, tem valor possessivo.
02. Os pronomes destacados em "Capitu deu-me as costas" (linha 1), "voltando-se para o espelhinho" (linha 1) e "... que se sentasse" (linha 4) são todos reflexivos, pois o mesmo indivíduo ao mesmo tempo que exerce a ação expressa pelo verbo, recebe os efeitos dessa ação.
04.. O vocábulo "tão", constante nas passagens "tão extremosos" (linha 18) e "tão queridos" (linha 18), é empregado como um intensificador das características às quais se refere.

UNIDADE 10

ANÁLISE SINTÁTICA DO PERÍODO COMPOSTO

PERÍODO COMPOSTO POR COORDENAÇÃO:

a) **Aditiva**: e, nem, mas também, mas ainda, bem como, como também.
b) **Adversativa**: mas, porém, todavia, no entanto, entretanto, contudo.
c) **Alternativa**: ou... ou, ora... ora, quer... quer, seja... seja.
d) **Conclusiva**: por isso, logo, portanto, pois, então
e) **Explicativa**: pois, porque, que

Exercícios de Sala

Classifique as orações coordenadas sindéticas seguir:
a) A menina vai ficar ou vai embora?
b) Penso, logo existo.
c) Falou bem, mas ninguém entendeu.
d) A doença vai a cavalo, e volta a pé.
e) Vou passar no "vestiba", pois estou estudando muito.
f) Já aprendi as conjunções, portanto já sou capaz de classificar as orações sindéticas.
g) A mulher tentou passar, porém sua passagem foi barrada.
h) As folhas, no inverno, amarelecem e caem, ou ficam inativas.
i) O acusado não é criminoso, logo será absolvido.

PERÍODO COMPOSTO POR SUBORDINAÇÃO:

Orações Subordinadas Substantivas

a) **Subjetiva**
É improvável que a prova seja adiada.
↓
Or. Sub. Subst. Subjetiva

b) **Objetiva Direta**
Clodoaldo ordenou que não chegássemos tarde.
↓
Or. Sub. Subst. Objetiva Direta

c) **Objetiva Indireta**
Teobaldo lembrou-se do pozinho que estava no bolso.
↓
Or. Sub. Subst. Objetiva Indireta

d) **Predicativa**
Meu desejo é que eu ganhe um pirulito.
↓
Or. Sub. Subst. Predicativa

e) **Completiva Nominal**
Você tem necessidade de que eu o ajude?
↓
Or. Sub. Subst. Completiva Nominal

f) **Apositiva**
Só há uma certeza: em dezembro o pesadelo vai acabar.
↓
Or. Sub. Subst. Apositiva

Orações Subordinadas Adjetivas

a) **Restritiva**
Possui função de limitar, restringir o sentido do substantivo que vem antes da oração adjetiva.
Os homens que têm seu preço são fáceis de corromper.

b) **Explicativa**
Funciona como se fosse um aposto.
Possui função de explicar o sentido do substantivo que vem antes da oração adjetiva.
É marcada por vírgulas.
Os homens, que têm seu preço, são fáceis de corromper.

Orações Subordinadas Adverbiais

a) **Causal**: dá ideia de causa, motivo.
"Não viajamos/ **porque estava chovendo**.

Porque, visto que, já que, uma vez que, como (equivalendo a porque)

b) **Comparativa**: dá ideia de comparação.
"Choveu/ **como chove em Manaus**."
"Falava/ **mais (do) que papagaio (fala)**."

Como, que (precedido de mais ou de menos)

c) **Consecutiva**: dá ideia de consequência.
"Choveu tanto/ **que o jogo foi suspenso**."

Que (precedido de um termo intensivo: tão, tal, tanto)

d) **Concessiva**: dá ideia de concessão, que é o ato de conceder, de permitir, de admitir uma idéia contrária.
"Choveu/ **embora a meteorologia previsse bom tempo**."
(É fácil, é só substituir por *apesar de*)

Embora, se bem que, ainda que, por mais que, por menos que, conquanto

e) **Condicional**: dá ideia de condição.
"Viajaremos/ **se não chover amanhã**."
(É fácil é só substituir por *na hipótese de*)

Se, caso, contanto, que, desde que

f) **Conformativa**: dá ideia de conformidade, isto é, de acordo, de adequação, de não-contradição.
"Choveu,/ **conforme era previsto**."

Como, conforme, consoante, segundo

g) **Final**: dá ideia de finalidade, entendida como o objetivo, a destinação de um fato.
"Os lavadores esperaram a chuva/ **a fim de que não perdessem a colheita**."

A fim de que, para que, que

h) **Proporcional**: dá ideia de proporção, entendida como a relação existente entre duas coisas, de modo que qualquer alteração em uma delas implique alteração na outra.
"**À proporção que a civilização progride**, /o romantismo se extingue."

Que, à medida que, à proporção que, quanto mais, quanto menos

i) **Temporal**: dá ideia de tempo.
"Choveu/ **quando eram dez horas**."

Quando, enquanto, logo que, desde que, assim que

Tarefa Mínima

1. Classifique as orações subordinadas substantivas:
a) Era urgente que o plano fosse aprovado.
b) Convém que ele saiba de tudo.
c) Ele disse que houve muita briga.
d) O meu medo era que houvesse briga.
e) Agora, todos já sabem onde ele mora.
f) Só desejo uma coisa: que não se esqueçam de mim.

2. Classifique as orações subordinadas adjetivas:
a) A mãe, que era surda, estava na sala com ela.
b) Ela reparou nas roupas curiosas que as crianças usavam.
c) É preciso gozarmos a vida, que é breve.
d) Onde está a vela do saveiro que o mar engoliu?
e) O vulcão, que parecia extinto, voltou a dar sinal de vida.

3. Classifique as orações subordinadas adverbiais.
a) Minha mão tremia tanto que mal conseguia escrever.
b) Joel acompanhou a irmã, embora estivesse cansado.
c) À medida que subimos, o ar se rarefaz.
d) Fiz-lhe sinal para que não insistisse.
e) Os detentos fugiram da penitenciária porque eram maltratados.
f) Envelheçamos como as árvores fortes envelhecem!
g) Por que não foi lá ontem, como me tinha dito?
h) Ia escurecendo quando chegou em casa.
i) Se Deus não guarda a cidade, em vão a sentinela vigia.

Tarefa Complementar

1. (Cesgranrio) "A nova bomba anunciava o rápido desfecho da guerra em curso contra o Japão. **Mas também** prenunciava uma nova era, cheia de inquietações."
A expressão destacada exprime:
a) adição b) alternância
c) contraste d) conclusão
e) explicação

2. (Unimep-SP) Leia atentamente as frases:
I - Mário estudou muito, **e** foi reprovado! (= mas)
II - Mário estudou muito, **e** foi aprovado! (= por isso)

Em I e II, a conjunção **e** tem, respectivamente, valor:
a) aditivo e conclusivo
b) aditivo e aditivo
c) concessivo e causal
d) adversativo e aditivo
e) adversativo e conclusivo

3. Assinale a(s) alternativa(s) **correta(s)** quanto à classificação posta entre parênteses.
01. É possível **que comunicassem sobre política**. (O. Sub. Subjetiva)
02. Argumentei **que não seria justo**. (O. Sub. Objetiva Indireta)
04. A notícia **que a imprensa divulgou** foi fantástica. (O. Sub. Adjetiva Restritiva)
08. **À medida que as nuvens escureciam**, a noite parecia chegar. (O. Sub. Adverbial temporal)
16. A passarela foi feita **para que os pedestres tivessem segurança**. (O. Sub. Adverbial final)
32. Os homens, **que têm seu preço**, são facilmente corrompidos. (O. Sub. Adjetiva Explicativa)

UNIDADE 11

ORAÇÕES SUBORDINADAS REDUZIDAS

Exercícios de Sala

1) Desenvolva as orações abaixo, introduzindo conjunções.
- Vi guardas conduzindo presos.
- Terminado o baile, todos saíram.
- Não participou do torneio por estar doente.
- Viajando nas férias, não pôde concluir o curso.

Tarefa Mínima

1. Classifique as orações reduzidas destacadas abaixo, de acordo com as denominações:
1. coordenada sindética aditiva
2. subordinada substantiva subjetiva
3. subordinada adverbial condicional
4. subordinada adverbial causal
5. subordinada adverbial temporal

a) **Não sabendo do resultado**, preferiu desistir da competição.
b) Urge **eleger um bom candidato**, a fim de que se resolvam estes problemas.
c) O garoto caiu **levantando-se rapidamente**.
d) **Antes de viajar**, esteve aqui nos visitando.
e) **Falando bem o inglês**, será mais fácil sua ida ao exterior.

2. As orações em destaque são substantivas reduzidas de infinitivo. Classifique-as:
(1) subjetiva (2) objetiva direta
(3) objetiva indireta (4) completiva nominal
(5) predicativa (6) apositiva
( ) Aconselharam-me **a desfazer o noivado.**
( ) Todos conheciam a mania de Laura: **empenhar joias**.
( ) Depende de V. Sª **libertar esses presos**.
( ) Um de seus passatempos é **colecionar selos**.
( ) Parti com a doce esperança **de reencontrar meu amor**.
( ) Lamento **ter perdido essa oportunidade**.

3. Classifique as orações adverbiais reduzidas de infinitivo.
(1) causal (2) concessiva
(3) condicional (4) consecutiva
(5) final (6) modal
(7) temporal
( ) Não podia demorar-me, **sob pena de perder o avião**.
( ) Retirei-me discretamente, **sem ser percebido**.
( ) É difícil curar um mal **sem lhe conhecer as causas**.
( ) **Ao clarear o dia,** descemos da montanha.
( ) Não pude viajar **por ter perdido o dinheiro**.
( ) Tirou o cachimbo da boca **a fim de poder falar**.
( ) **Apesar de ser mais fraco**, Davi matou Golias.

Tarefa Complementar

1. Classifique as orações adverbiais reduzidas de gerúndio:
(1) causal (2) condicional
(3) modal (4) temporal
( ) **Aumentando-se a produção**, a exportação crescerá.
( ) **Vendo-se perdido**, o toureiro gritou por socorro.
( ) **Chegando ao alto da árvore**, sacudiu-a fortemente.
( ) Matou as formigas **esmagando-as com o calcanhar**.

2. Classifique as orações adverbiais reduzidas de particípio:
(1) causal (2) concessiva
(3) condicional (4) temporal
( ) **Terminado o almoço**, comentamos as notícias do dia.
( ) **Ofendido pelo empregado**, o patrão descontrolou-se.
( ) **Mesmo picado por uma jararaca**, o novilho não morreu.
( ) **Instituída a pena de morte**, o crime diminuiria?

3. Ponha o número correspondente à oração reduzida em destaque:
(1) subjetiva (2) objetiva direta
(3) objetiva indireta (4) completiva nominal
( ) Aconselhou-me **a não o ler**.
( ) Faz mal a Marcoré **ver mãe e avó desunidas**.
( ) Exortou-me **a botar a mão na consciência**.
( ) Sou avesso **a derramar sangue humano**.
( ) Eu estava com sede e curioso **de experimentar aquela bebida**.
( ) A FUNAI informou **ter demarcado a reserva indígena**.
( ) É uma obrigação **pagar a dívida ao velho**.
( ) Muitos preferem morrer lutando **a viver sem liberdade**.
( ) O treinador do clube observava o interesse do rapaz **em melhorar o nado livre**.

4. "Antes de mais nada, acho que querer ser milionário não é um bom objetivo na vida. Meu único conselho é: ache aquilo que você realmente ama fazer. Exerça atividade pela qual você tem paixão. É dessa forma que temos as melhores chances de sucesso. Se você faz algo de que não gosta, dificilmente será bom. Não há sentido em ter uma profissão somente pelo dinheiro."

DELL, Michael. O mago do computador.

Sobre o texto lido, assinale o que for **correto**.

01. Depreende-se, pela leitura do texto, que querer ser milionário é ruim, pois este desejo é incompatível com o amor pelo trabalho.
02. Entre as orações constantes no período "*Se você faz algo de que não gosta, dificilmente será bom.*" tem-se uma indicativa de condição e outra classificada como Adjetiva Restritiva
04. Para o autor, as chances de sucesso em uma profissão dependem da paixão com que ela é exercida.
08. O vocábulo que exerce a mesma função sintática nos dois casos: a) "*acho que querer ser milionário não é um bom objetivo na vida";* b) *ache aquilo que você realmente ama fazer.*
16. Nas palavras *paixão* e *acho,* encontramos letras diferentes representando um mesmo fonema; já nas palavras *paixão* e *exerça* há uma mesma letra para representar diferentes fonemas.

5. Levando em consideração os trechos da obra **AMIGO VELHO,** de Guido Wilmar Sassi, apresentados a seguir, identifique a(s) proposição(ões) **correta(s)**:

01. "*E um dia João Onofre morreu. Morreu porque tinha de morrer, de velhice, de fraqueza, de cansaço. Mas não se duvida que a perda do seu amigo não lhe tenha abreviado os dias."* As conjunções coordenativas sublinhadas na passagem são indicativas de adversidade.
02. O segundo período constante no trecho *"O outro carro buzinou. Mas buzinou quando já era tarde. Procópio torceu a direção para a direita, na tentativa de evitar o choque."*, é classificado como composto por coordenação e por subordinação.
04. O vocábulo sublinhado na passagem "*Procópio torceu a direção para a direita, na tentativa de evitar o choque."* introduz uma oração indicativa de finalidade, tal qual ocorre em *"No entanto, tudo findara para ele. Problemas e atrapalhações deixavam de existir".*
08. Na frase "*Sabia também ser carrasco."* temos a presença de um hiato e de um ditongo nasal.
16. Na fala da personagem Melita ("- *Doutor, eu vou rezar pro Bento. O senhor não reza também? Se ajoelhe.")* fica evidenciado, em dois momentos, o emprego da linguagem coloquial.

6. Indique a(s) opção(ões) em que, ao reescrever-se o período em destaque, substituiu-se o conectivo que indica concessão por outro de valor condicional, fazendo-se alterações aceitáveis.

"Fomos e seremos assim em nossa essência,
embora as circunstâncias mudem e nós mudemos com elas."

01. Fomos e seremos assim em nossa essência, porque as circunstâncias mudaram e nós mudamos com elas.
02. Fomos e seremos assim em nossa essência, enquanto as circunstâncias mudarem e nós mudarmos com elas.
04. Éramos e somos assim em nossa essência, à medida que as circunstâncias mudaram e nós mudamos com elas.
08. Teríamos sido e seríamos assim em nossa essência, se as circunstâncias mudassem e nós mudássemos com elas.
16. Temos sido e somos assim em nossa essência, conforme as circunstâncias têm mudado e nós temos mudado com elas.
32. Em nossa essência, teríamos sido e seríamos assim, caso as circunstâncias mudassem e mudássemos com elas.

7. Em *"O comportamento animal contribui para se compreender o problema da violência premeditada entre os humanos"*, o termo sublinhado estabelece uma relação de sentido divergente à apresentada em:
01. A reportagem serviu para analisarmos a violência.
02. Já nascemos com a mente voltada para a guerra.
04. Estava ansiosa para decifrar as possíveis causas da agressividade humana.
08. Estamos agora indo para o mundo real.
16. O ser humano nunca pára de evoluir... Pelo menos no que tange à informática...
32. Para mim, o animal racional é o que mais fere.

8. Indique a(s) alternativa(s) correta(s) quanto às regras gramaticais vigentes:
01. Em *"Para mim, ler é essencial."* o pronome poderia ser substituído pelo pessoal do caso reto "eu" sem prejuízo às regras gramaticais tampouco ao sentido original da oração.
02. Verbos como *"ajoelhar-se"* e *"entristecer"* são formados pelo processo chamado derivação parassintética, o que não ocorre com os advérbios *"ilegalmente" e "imparcialmente".*
04. No período *"Enviar-te-ei o relatório assim que o concluir."* temos um caso facultativo de mesóclise, já que é possível também uma próclise.
08. Em *"O garoto que saiu é meu irmão."* e *"Temos que fazer algo"* o vocábulo "que" introduz duas orações subordinativas adjetivas, por ser, nos dois casos, classificado como um pronome relativo.
16. No trecho *"O projeto assiste a famílias necessitadas de alimento e de afeto(..)."* o verbo "assistir" está acompanhado de preposição para que tenha sentido divergente do emprego em frases como *"O porteiro assistiu o menino que caiu ao sair do elevador."*
32. Na oração *"Nunca se relacionaram muito bem.",* temos "se" como indicativo de uma ação reflexiva, identificada pelo verbo que o sucede.

9. Em *"Como é fascinante presenciar um estádio repleto de torcedores que promovem uma festa colorida (...)!"* a palavra sublinhada é usada com o mesmo sentido em:
01. Como a violência é constante, às vezes precisamos desabafar.
02. Como afirma o escritor, os jogadores perderiam sua motivação, caso perdessem mais aquela partida.
04. O modo como ele vê a torcida é realmente original.
08. Somos tão primitivos como os primatas!
16. Como é necessário aos torcedores o respeito às opiniões divergentes...
32. Não imaginas como eu queria ser menos inconstante.

10. Sobre os quadrinhos expostos a seguir, assinale o que for **correto**.
01. Da fala do primeiro quadrinho, infere-se que a informação contida na primeira oração já era partilhada pelos personagens naquele momento, mas a informação presente na segunda oração foi nova para Calvin.
02. Considere o último quadrinho. O pedido do pai é um indício de que o que a mãe de Calvin tinha falado não era mentira.
04. No terceiro quadrinho, temos a conjunção subordinativa "como" com o mesmo valor semântico da locução "já que" empregada na primeira oração constante na tira.
08. O verbo "*saber"* aparece no segundo e no último quadrinho com o significado de "*ter habilidade ou capacidade para fazer algo".*

16. Temos, entre as orações apresentadas no terceiro quadrinho, uma indicativa de modo e uma indicativa de tempo

QUADRINHOS

O MELHOR DE CALVIN / *Bill Watterson*

***O Estado de São Paulo*, São Paulo, 12 jul. 2002. 2. cad.**

UNIDADE 12

FUNÇÕES DO "QUE" E DO "SE"

O PRONOME "SE"
O pronome "se" aparece na frase como:

1. **Pronome Reflexivo**	*Os dois amam-se como irmãos./Elas deram-se as mãos.*
2. **Partícula Apassivadora**	*Sabe-se que há pessoas safadinhas./Doam-se aulas de Gramática.*
3. **Índice de Indeterminação do Sujeito**	*Aqui se vive bem./Precisa-se de serventes.*
4. **Partícula Expletiva ou de realce**	*As moças sorriram-se agradecidas./O povo riu-se ao ouvir tantas asneiras.*
5. **Parte integrante de verbos**	*Ele queixou-se do assunto./Maria referiu-se ao pai.*
6. **Substantivo**	*O se é a palavra que estamos estudando.*
7. **Conjunção Subordinativa**	*Se você não ficar quieto, não vai aprender a lição.*

O pronome "QUE"

1. **Advérbio**	*Que fria está sua sala!*
2. **Substantivo**	*Há um quê de censura no ar.*
3. **Preposição**	*Tinha que estudar*
4. **Interjeição**	*Quê! Ela acreditou nisso?*
5. **Conjunção**	*Penso que está tudo ok.*
6. **Pronome Adjetivo**	*Que notícia incrível*
7. **Pronome Interrogativo**	*Que você quer comigo?*
8. **Pronome Relativo**	*A candidata que treinei foi aprovada.*
9. **Partícula Expletiva ou de Realce**	*Que nome que te deram?*

Exercícios de Sala

1. Classifique a palavra **se** nestas frases:
a) Ignorávamos **se** ele voltaria um dia à nossa casa.
b) As pernas do velho encolheram-**se** debaixo do lençol.
c) Ele **se** fez doutor ainda jovem e orgulha-**se** disso.
d) Obtiveram-**se** ótimos resultados.
e) Ele convenceu-**se** disso muito cedo.
f) Só faremos o acordo **se** houver segurança na transação.
g) Lá **se** vão os garotos.
h) Os jogadores abraçaram-**se** felizes.

2. Identifique as funções do **que** nas frases abaixo:
a) A demora era tanta **que** desistimos de esperar.
b) As fotografias **que** vimos eram fantásticas!
c) **Quê**! Você suspeita de mim?
d) Você sabe **que** horas são agora no Japão?

e) Os pais têm **que** dialogar com os filhos.
f) A decoração da casa tinha um **quê** de extravagante.

Tarefa Mínima

1. Em que oração a palavra "que" é um pronome relativo?
a) Observei um quê de desconfiança em seu olhar.
b) Que resultados você espera com essa atitude?
c) A família é que lhe pagava todos os gastos.
d) O itinerário que seguimos era o mais próximo.
e) Não te intimides que há outros menos capazes.

2. Identifique a frase em que a palavra "se" é pronome apassivador.
a) Viaja-se pelas praias brasileiras no verão.
b) Os namorados acomodaram-se no sofá, em silêncio.
c) Deixou-se abater com a notícia de sua partida.
d) Proibiam-se as queimadas por todo o território.
e) Vivia-se tranqüilo naqueles confins da serra.

3. Em que frase a palavra "se" é índice de indeterminação do sujeito?
a) Aqui se aceitam encomendas de doces e salgados.
b) O passante escondeu-se da chuva repentina.
c) Neste restaurante italiano, come-se bastante bem.
d) Os dois garotos protegiam-se da forte ventania.
e) Liquidaram-se as dívidas em pouco tempo.

Tarefa Complementar

1. (Fesp-SP) A classificação entre parênteses da palavra "que" está errada em:
a) Tenho que comprar novos sapatos. (preposição)
b) Quê! Você não quer sair daqui?!? (interjeição)
c) Que bela apresentação, meu filho! (advérbio)
d) Vamos para casa, que está chovendo. (preposição)
e) Vou descobrir o quê da questão. (substantivo)

2. (UEC) Em: "E então dormi tão depressa **que** nem sei como foi...", a palavra destacada é uma conjunção:
a) explicativa b) integrante
c) final d) consecutiva
e) causal

3. (UEL-PR) Na frase: "Não sei **se** ela aceitará o vale", a palavra "se" classifica-se como:
a) conjunção subordinativa condicional
b) conjunção subordinativa integrante
c) pronome pessoal oblíquo
d) pronome pessoal reflexivo
e) pronome apassivador

4. Considerando as palavras sublinhadas nas frases abaixo, assinale a(s) proposição(ões) **correta(s)**.

I - Imaginemos <u>que</u> (1) o mundo inteiro esteja em paz.
II - Durante a tarde, os manifestantes <u>que</u> (2) reivindicavam melhorias salariais foram às ruas protestar contra o governo, <u>que</u> (3) parecia não lhes dar ouvidos.
III - As desilusões <u>que</u> (4) ele sofreu justificam as decisões <u>que</u> (5) toma hoje em dia.

01. Em I, a palavra destacada é conjunção coordenativa, pois estabelece relação entre duas orações independentes entre si.
02. O antecedente de <u>que</u> (2) é "manifestantes" e a palavra <u>que</u> (2) representa o agente do verbo "reivindicar".
04. Em III, <u>que</u> (4) é pronome relativo e pode ser substituído, sem alteração de sentido, por "as quais".
08. O verbo "toma", em III, tem como sujeito <u>que</u> (5) cujo antecedente é "decisões".
16. Em II, <u>que</u> (3) inicia uma oração que tem como função restringir o significado de "governo", especificando de que governo se trata.

UNIDADE 13

CONCORDÂNCIA NOMINAL

Mesmo	Elas mesmas resolverão o caso. Ela não sabia disso mesmo.
Junto	Juntos iremos longe. Iremos junto com ele.
Anexo	As cartas seguem anexas. As cartas seguem **em anexo**.
Próprio	Eles próprios assaltaram o caixa.
Incluso	As fotos estão inclusas no processo.
Quite	Estou quite com você.
Leso	Cometeu crimes de lesas-pátrias.
Obrigado	Muito obrigada, diz a menina. Muito obrigado, diz o menino.
Tal	O filho é tal qual o pai. Os filhos são tais quais os pais. O filho é tal quais os pais. Os filhos são tais qual o pai.
Menos	Ela estava menos calma que ontem.
Pseudo	As pseudo-atrizes foram presas.
Monstro	Elas são um monstro.
Alerta	Fiquemos alerta ao combate.
Só	Só as meninas foram embora. As meninas ficaram sós.
Meio	Maria estava meio doente. Os fins não justificam os meios. Comi somente meia melancia.
Bastante	Eles estão bastante apaixonados. Comemos bastantes pêras.
Proibido	É proibida a entrada de pessoas feias. É proibido entrada de pessoas feias.
Caro	Compra caro os presentes. (adv.) Compra os presentes caros. (adj.)
Longe	Andei por longes terras. (adj.) Estavam longe de nós. (adv.)

Exercícios de Sala ✍

1. Faça a pequena lista de exercícios, completando as frases com o adjetivo entre parênteses e efetuando a correta concordância. Fique atento à posição do adjetivo.

a) Os religiosos mantinham alma e corações _____. (aberto)
b) O aluno apresentava leitura e escrita _____ de defeitos. (cheio)
c) Escolheste _____ lugar e hora para fazer chacotas. (inadequado)
Escolheste _____ hora e lugar para fazer chacotas. (mau)
d) _____ rosas e cravos enfeitam o altar. (belo)
e) Cravos e rosas _____ enfeitam o altar. (belo)
f) A formanda comprou vestido e meias _____. (preto)
g) Comi pão e pêras _____. (maduro)
h) Coqueiro e palmeira _____. (alto)
i) O poeta apreciava chapéus e gravatas _____. (escuro)
j) Deodato trajava _____ calça e blusa. (claro)
l) Todos ficaram de olho _____ americano e asiático. (no mercado)
m) Todos ficaram de olho _____ americano e no asiático. (no mercado)
n) _____ lhes remeto as declarações do imposto. (Anexo)
o) Seguem em _____ os dois recibos pedidos. (anexo)
p) Li _____ livros este ano. (bastante)
q) Cerveja é _____. (bom)
r) Atenção é _____. (necessário)
s) É _____ a dedicação de todos. (necessário)
t) Era meio-dia e _____. (meio)
u) A menina é _____ os irmãos. (tal qual)
v) Joana e Lúcia foram _____ precipitadas. (meio)
x) Muito _____, disse a aluna. (obrigado)
y) Porque tinha pouco dinheiro, fui à feira e comprei _____ uva, _____ tomate, _____ azeitona e confesso que fiquei _____ deprimida. (meio)
z) Confesso que havia livros _____ para nós dois. (bastante)

Tarefa Mínima ✍

1. Há concordância inadequada em:
a) campos e restingas devastadas.
b) restingas e campos devastadas.
c) campo e restinga devastados.
d) restingas e campo devastado.
e) restingas e campo devastados.

2. Observe as palavras destacadas e assinale as proposições corretas quanto à flexão.
01. Usava camisa e calças **verde-limão**.
02. Sou testemunha de que eles falaram **bastantes** coisas injustas.
04. É **proibida** a presença de estranhos.
08. Mandarei fazer os **cartõezinhos** numa pequena gráfica do interior.
16. Jânio Quadros proibiu o uso de **lança-perfumes** no Brasil.
32. Todos já sabiam o resultado, **menas** as duas irmãs de Rodolfo.

3. Quais frases estão de acordo com a modalidade culta?
01. Admiramos a cultura e a música latinas.
02. O televisor e o rádio importado foram entregues à polícia.
04. Comprou vestidos e blusas exóticas.
08. Admiramos o exército e a marinha brasileiros.
16. Servi-lhes champanha e porco assados.
32. Alimentavam-se apenas de milho e carne suínos.

4. Considerando as regras de concordância nominal, assinale a frase cuja palavra destacada em negrito está **CORRETA**.
a) Os seguintes princípios devem estar **presente**: servir a todos, sem distinção, e ser honesto.
b) A aula só acabou quando já era meio-dia e **meio**.
c) No exercício da advocacia, é **necessário** persistência.
d) Saiba, prezado professor, que Vossa Senhoria é muito **estimada** por todos os alunos deste curso.
e) Infelizmente só consegui comprar um quilo e **duzentas** gramas de camarão.

Tarefa Complementar ✍

1. Em que casos a forma entre parênteses deve ficar no plural?
01. O advogado se muniu de argumentos (bastante) para inocentar seu cliente.
02. Seguem (anexo) os comprovantes solicitados.
04.Eles (mesmo) admitiram que tudo não passou de farsa.
08. Os livros estão muito (caro).
16. Eles vestiram calças (cinza).
32. Encontraram os portões (meio) abertos.
64. Os brinquedos de madeira custam mais (barato).

2. Assinale a alternativa em que a concordância nominal da frase não atende às normas:
01. Houve bastantes propostas, mas nenhuma agradou aos participantes.
02. As crianças só se queixavam quando os pais as deixavam sós.
04. O cabo exigia que as sentinelas se mantivessem alerta e meio escondidas.
08. Encontrou semimortos pai e filho, bastante feridos no acidente.
16. Perdido na ilha, alimentava-se de frutas e carne caprinas, que ali abundavam.

3. Que frases estão de acordo com a modalidade culta?
01. É necessário a tua participação.
02. Não era permitida nenhuma participação.
04. É proibido a passagem de alunos pelo corredor.
08. É preciso calma nesta hora.
16. Será permitida votação em segredo.
32. É necessário paciência.

UNIDADE 14

CONCORDÂNCIA VERBAL

Exercícios de Sala

1. A frase cuja concordância verbal está de acordo com as normas gramaticais é:
a) Se houvesse mais homens honestos, não existiriam tantas brigas por justiça.
b) Filmes, novelas, boas conversas, nada o tiravam da apatia.
c) É precaríssima as condições do prédio.
d) Não veio daí os males sofridos pela sociedade brasileira.
e) Houveram dificuldades para eu assumir o cargo.

2. Marque a(s) frase(s) que esteja(m) correta(s) quanto à concordância verbal e dê o valor total.
01. Tratava-se de detalhes pouco precisos.
02. Devem haver bons motivos para tanta euforia.
04. Como faziam dois anos que a produção estava diminuindo, não haviam peças para todos os clientes.
08. Por falta de verbas, foram suspensas, ainda que com atraso, as experiências para a criação de cabras em recintos fechados.
16. Vossa Excelência, ministro da Saúde, haverá de sustar esses projetos inúteis.
32. Aquilo são lembranças de um passado comprometedor para Zuleide.

Tarefa Mínima

1. Analise as expressões destacadas e assinale as frases corretas. Depois dê o valor total.
01. Amanhã **irão fazer** vinte anos que me formei.
02. **Compraríam-se** alguns equipamentos necessários à implantação do projeto de informatização naquela indústria.
04. Queira ou não, o presidente do Congresso, o risco de que se repitam os erros do passado recente **são reais**.
08. O ex-comandante do exército não **perdoa ao** Ministro, a quem acusou de discriminar militares ainda na ativa.
16. Há palavras que **se falam** à toa e vazias de sentido.

2. Assinale a(s) frase(s) **correta(s)**.
01. Ireis de carro tu, vossos primos e eu.
02. O pai ou o filho assumirá a direção da empresa.
04. Mais de um dos candidatos se insultaram.
08. Faz dez anos que ocorreram todos esses fatos.
16.Faz dez anos que não passamos por aqui.
32. Qual de nós irá sair com você?

3. Marque a(s) alternativa(s) gramaticalmente **correta(s)**, quanto à concordância verbo-nominal.
01. Esta jovem, ela próprio irá a Brasília avistar-se com o presidente.
02. É necessário a paciência de todos para superarmos esses problemas.
04. Menos festas, mais trabalho!
08. A poesia que desejas está na página vinte e um.
16. Eram perto do meio-dia, quando Mônica chegou.
32. Não se ouviam murmúrios na sala.
64. Aconteceu, ontem, alguns fatos interessantes.

Tarefa Complementar

1. Assinale a alternativa em que a concordância verbal está **correta**.
a) Sempre haverão vozes discordantes.
b) Vão fazer três anos, a contar do momento em que comecei o projeto.
c) Deram duas horas a torre, é agora!
d) Deu duas horas na torre, é agora!
e) Hão de trazer o que me prometeram! Ora se hão!

2. Dentre as proposições abaixo, algumas ferem a norma padrão. Assinale aquelas que **não apresentam desvio** gramatical.
01. Se todos houvessem seguido as normas, não haveria tantas reclamações.
02. O desrespeito à natureza é tanto que, naquele lugar, já não existem animais daquela espécie.
04. Havia apenas uma saída para o problema, mas outras poderiam haver caso analisássemos o problema com mais calma.
08. O desafio que me refiro implica em fazer escolhas.
16. Restabelecer-se-iam, de imediato, as ligações, se houvessem técnicos de plantão.

3. Considere os trechos I e II:
I. *<u>Se</u> <u>eu</u> pagar a comissão <u>que</u> eles exigem pra eu poder continuar trabalhando na arquibancada, <u>onde</u> o pessoal tem mais grana, não sobra nada pra <u>mim</u>.*
NEVES, Amilcar. *Relatos de sonhos e de lutas.*
II. (a) *A confusão era geral. No meio dela, Capitu olhou alguns instantes para o cadáver tão fixa, tão apaixonadamente fixa, que não <u>lhe</u> admira <u>lhe</u> saltassem algumas lágrimas poucas e caladas...*
[...]
(b) *Momento houve em que os olhos de Capitu fitaram o defunto, <u>quais</u> os da viúva, sem o pranto nem palavras desta, mas grandes e abertos, <u>como</u> a vaga do mar lá fora, como se quisesse tragar também o nadador da manhã.*
ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro.*

Assinale a(s) proposição(ões) **correta(s)**.
01. No trecho I, todas as palavras sublinhadas são pronomes.
02. No trecho II (a), ambas as palavras sublinhadas têm por função indicar posse.
04. No trecho I, o vocábulo <u>onde</u>, que inicia uma oração subordinada, refere-se a *mais grana*.
08. No trecho II (b), as palavras sublinhadas introduzem comparações.

4. Considere os textos a seguir:
I - "Conversam o carcereiro e o assassino de alta periculosidade. Carcereiro:
– E agora, o que vai fazer?
– Matar o tempo!"
II - "Na guerra, o general estimula seus soldados antes da grande batalha:
– Não esqueçam, ao avistar o inimigo, pensem logo no lema de nossa tropa: Ou mato ou morro.

Dito e feito. Quando encontraram os inimigos, metade do batalhão correu para o mato; o restante, para o morro."

III -

Não se deixe explorar pela concorrência! Compre na nossa loja.

ILARI, Rodolfo. *Introdução à semântica: brincando com a gramática*.

Assinale a(s) proposição(ões) **correta(s)**.

01. O elemento responsável pelo resultado humorístico no texto I é a quebra de expectativa do interlocutor em relação ao sentido do verbo "matar" usado pelo assassino; no texto II, a graça está na confusão provocada pela mudança de classe gramatical e de sentido das palavras "mato" e "morro".
02. No texto II, a expressão "dito e feito" indica que os soldados corresponderam plenamente à expectativa do general quanto às atitudes da tropa sob seu comando.
04. Tanto o sujeito de "conversam", no texto I, como o sujeito de "deixe", no texto III, são indeterminados.
08. No texto I, "vai fazer" é uma forma alternativa de "fará" para indicar o tempo futuro do presente.
16. Os três textos apresentam verbo no modo imperativo.

5. Para resolver esta questão, considere o pequeno texto a seguir e indique o que for correto:

"Tecnologia: Hackers invadem a rede de computadores da Microsoft

Direção da maior empresa de *softwares* do mundo descobriram que invasores tiveram acesso aos códigos produzidos pela companhia e chamam o FBI para ajudar nas investigações."

Veja online – Notícias Diárias.

01. Há um erro de concordância no emprego do verbo *descobrir*.
02. Na forma verbal *"chamam"*, existe um dígrafo consonantal e outro vocálico.
04. No adjetivo *maior*, temos um ditongo oral decrescente e um hiato.
08. Em *"e chamam o FBI"* há um desrespeito às normas de regência verbal.
16. Na palavra *"descobriram"* temos um encontro consonantal imperfeito e um ditongo nasal decrescente.
32. No vocábulo *para* há uma incorreção quanto à acentuação gráfica. Ou seja, ele deveria ser substituído por seu homônimo "pára".

6. Analise as três frases a seguir:

a) *Olhar é, ao mesmo tempo, sair de si e trazer o mundo para dentro de si*. (Marilena Chauí)

b) *Criança, não verás país nenhum como este*. (Olavo Bilac)

c) *Antes de os relógios existirem, todos tinham tempo. Hoje, todos têm relógios*. (Eno T. Wanke)

Com relação a essas três frases, é **correto** afirmar:

01. As três frases têm, em comum, erros de pontuação.
02. Tendo em vista a norma culta da língua portuguesa, a frase "c" deve ser reescrita assim: *Antes dos relógios existirem, todos tinham tempo. Hoje, todos tem relógios*.
04. A passagem "ao mesmo tempo" corresponde a um adjunto adverbial, o qual está entre vírgulas por se encontrar deslocado no período.
08. Na frase "b" os vocábulos <u>*verás*</u> e <u>*país*</u> obedecem à mesma regra de acentuação gráfica.
16. A frase "b" apresenta erro de concordância verbal.
32. Os verbos da frase "a" são chamados de verbos regulares.
64. A palavra *Criança,* na frase "b", exerce a função sintática de vocativo.

GABARITO

Unidade 1
Tarefa Mínima
1) d
2) 56
Tarefa Complementar
1) a
2) c

Unidade 2
Tarefa Mínima
1) b
2) 32
3) 04
4) 42
Tarefa Complementar
1) 30
2) c
3) c

Unidade 3
Tarefa Mínima
1) 09
2) 14
3) 38
4) 41
5) 49
Tarefa Complementar
1) 02
2) b
3) c
4) a
5) d
6) 09
7) d
8) a
9) d

Unidade 4
Tarefa Mínima
1) b
2)
Tarefa Complementar
1) a
2) d

Unidade 5
Tarefa Mínima
1) 28
2) b
3) d
Tarefa Complementar
1) b
2) e
3) d

Unidade 6
Exercícios de Sala
1) d
2) a

Unidade 7
Tarefa Mínima
1) b
2) 08
3) 07
4) b
5) d
6) 01
7) 13
8) 17
Tarefa Complementar
1) d
2) c
3) 13
4) e
5) 13
6) 45

Unidade 8
Tarefa Mínima
1) 01
2) c
Tarefa Complementar
1) 44
2) 35
3) 83
4) 52

Unidade 9
Tarefa Mínima
1) d
2) 48
3) 07
Tarefa Complementar
1) 07
2) 21
3) 04

Unidade 10
Tarefa Mínima
1) a) subjetiva
b) subjetiva
c) objetiva direta
d) predicativa
e) objetiva direta
f) apositiva
2) a) explicativa
b) restritiva
c) explicativa
d) restritiva
e) explicativa.
3) a) consecutiva
b) concessiva
c) proporcional
d) final
e) causal
f) comparativa
g) conformativa
h) temporal
i) condicional.
Tarefa Complementar
1) a
2) e
3) 53

Unidade 11
Tarefa Mínima
1) a) 4
b) 2
c) 1
d) 5
e) 3
2) 3 – 6 – 1 – 5 – 4 – 2
3) 4 – 6 – 3 – 7 – 1 – 5 – 2
Tarefa Complementar
1) 2 – 1 – 4 – 3
2) 4 – 1 – 2 – 3
3) 2 – 1 – 3 – 4 – 4 – 2 – 1 – 3 – 4
4) 22
5) 26
6) 40
7) 58
8) 34
9) 48
10) 19

Unidade 12
Tarefa Mínima
1) a) conjunção integrante
b) reflexivo
c) reflexivo, parte integrante do verbo
d) partícula apassivadora
e) reflexivo
f) conjunção condicional
g) expletiva
h) reflexivo
2) a) conjunção consecutiva
b) pronome relativo
c) interjeição
d) conjunção integrante
e) conjunção integrante
f) substantivo.
Tarefa Mínima
1) d
2) d
3) c
Tarefa Complementar
1) d
2) d
3) b
4) 14

Unidade 13
Tarefa Complementar
1) 15
2) 16
3) 42

Unidade 14
Tarefa Mínima
1) 24
2) 62
3) 44
Tarefa Complementar
1) e
2) 03
3) 08
4) 11
5) 29
6) 68

Minimanual Compacto de

GRAMÁTICA

LÍNGUA PORTUGUESA

Teoria e Prática

EXPEDIENTE

Editor Responsável	**Italo Amadio**
Coordenadora de Produção Editorial	**Katia F. Amadio**
Assistente Editorial	**Edna Emiko Nomura**
Autoras	**Maria Cecília Garcia e Benedita Aparecida Costa dos Reis**
Projeto Gráfico	**Ana Maria Onofri**
Ilustrações	**Christiane Marie Villiger**
Diagramação	**Cristhiane Garcia**
Capa	**Jairo Souza** / **Hulda Melo**
Revisão	**Renato da Rocha e Sandra Garcia**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

© Copyright – todos os direitos reservados à:

EDITORA RIDEEL

Al. Afonso Schmidt, 879 – Santa Terezinha
Cep 02450-001 – São Paulo – SP
www.rideel.com.br – e-mail: sac@rideel.com.br

ABDR
EDITORA AFILIADA

Proibida qualquer reprodução, seja mecânica ou eletrônica, total ou parcial,
sem a permissão expressa do editor.

2 4 6 8 9 7 5 3 1

Minimanual Compacto de GRAMÁTICA

LÍNGUA PORTUGUESA

Teoria e Prática

Maria Cecília Garcia

Benedita Aparecida Costa dos Reis

2ª Edição

revisada e atualizada

EDITORA RIDEEL

Apresentação

Este minimanual está destinado aos estudantes de ensino fundamental e médio e inclui explicações simples sobre as partes em que se divide a Gramática da Língua Portuguesa: Fonética e Fonologia, Ortografia, Morfologia, Sintaxe e Pontuação. Traz também um capítulo introdutório dedicado à história da língua. O princípio que norteou a elaboração deste minimanual foi explicar as regras gramaticais de forma que o estudante as entenda e não sinta a necessidade de decorá-las para aplicá-las. A intenção é justamente fornecer o instrumental da língua para que todos possam utilizá-lo corretamente, e da forma mais natural possível.

A maioria dos exemplos citados são de trechos de alguns dos melhores autores nacionais, para que o estudante veja como as regras gramaticais, quando bem utilizadas, podem impulsionar a criatividade, e se familiarize com o que de melhor existe na nossa literatura.

O Editor

Sumário

CAPÍTULO 1 – NOÇÕES HISTÓRICAS 7
As Origens da Língua Portuguesa 7
A Expansão da Língua Portuguesa 11
Questões para Pensar e Responder 15

CAPÍTULO 2 – FONÉTICA E FONOLOGIA 16
O Aparelho Fonador 17
Fonema e Letra 19
Encontros Vocálicos 22
Encontros Consonantais 24
Sílaba 26
Questões de Vestibular 31

CAPÍTULO 3 – ORTOGRAFIA 33
O Alfabeto 35
Notações Léxicas: sinais gráficos 35
Acentuação Gráfica 45
O Uso da Crase 51
Palavras Parônimas 57
Palavras Homônimas 57
Formas Variantes 58
Orientações Gerais 58
Questões de Vestibular 65

CAPÍTULO 4 – MORFOLOGIA 69
Estrutura das Palavras 70
Formação das Palavras 74
Classificação das Palavras 89
Questões de Vestibular 203

CAPÍTULO 5 – SINTAXE 216
Frase, Oração e Período 217
Período Composto 246
Sintaxe de Concordância 258
Questões de Vestibular 271

CAPÍTULO 6 – PONTUAÇÃO 286
Vírgula 287
Ponto 292
Ponto-e-vírgula 292
Dois-pontos 294
Ponto de interrogação 295
Ponto de exclamação 295
Reticências 296
Aspas 296
Parênteses 298
Colchetes 300
Travessão 301
Síntese das Regras Gerais de Pontuação 301
Questões de Vestibular 302

CAPÍTULO 7 – FIGURAS DE LINGUAGEM 305
Figuras de Palavras 307
Figuras de Construção 309
Figuras de Pensamento 313
Vícios de Linguagem 316
Significação das Palavras 320
Questões de Vestibular 322

CAPÍTULO 8 – DESCUBRA OS ERROS 328
Descubra os Erros 328
Correções 330

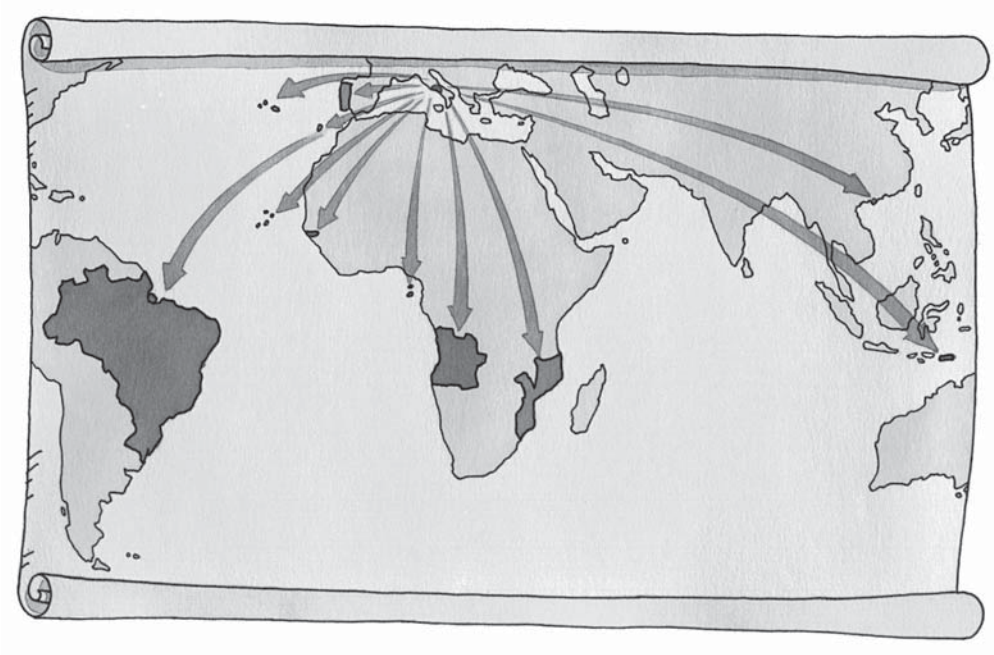

1

Noções Históricas

As origens da língua portuguesa
A expansão da língua portuguesa

AS ORIGENS DA LÍNGUA PORTUGUESA

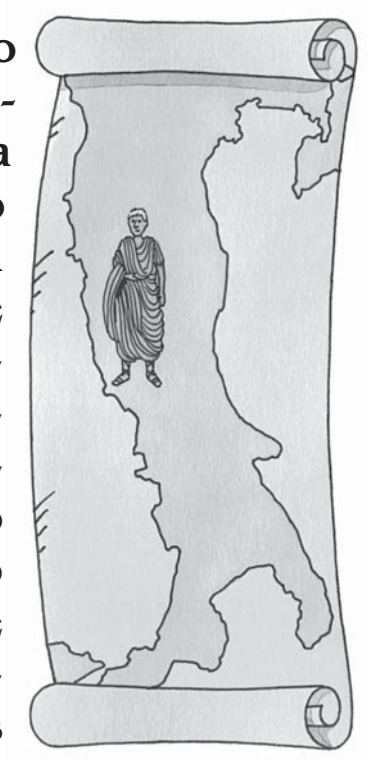

A língua portuguesa provém do latim, o idioma falado por um povo rústico que vivia no Lácio, região central da Península Itálica. O tempo e a expansão do Império Romano fizeram com que a língua latina passasse por inúmeras transformações e conquistasse um papel fundamental na história da civilização ocidental. Foi justamente uma dessas transformações que deu origem à língua portuguesa, num processo rico e dinâmico, que deve ser entendido em seu permanente movimento, porque toda língua é um organismo vivo, que serve para os homens estabelecerem relações entre si, conhecerem outros povos e outras culturas, realizarem transações comerciais, enfim, exercitarem sua comunicação diária. Nesse contato permanente, a língua se constrói, incorpora novos termos, transforma outros já existentes, influencia outros idiomas e recebe influências.

O que fez a língua latina se desenvolver foi a necessidade dos romanos – que habitavam a Península Itálica – de expandir seu domínio. Até meados do século IV a.C., os romanos não haviam ampliado muito as fronteiras do antigo Lácio, permanecendo o latim quase que restrito a essa região. Com a guerra contra os samnitas, em 326 a.C., iniciou-se um longo período de conquistas com o qual o Império Romano veio a atingir o máximo de sua expansão geográfica, levando também sua língua, seus hábitos de vida e instituições às mais diversas regiões da Europa, África e Ásia.

Desse longo período expansionista, o fato decisivo para o surgimento da língua portuguesa foi a conquista pelos romanos, no século III a.C., da Península Ibérica. Essa parte da Europa, que hoje compreende Portugal e Espanha, era habitada por povos diversos, entre eles os celtas, iberos, púnico-

fenícios, lígures e gregos, que, na convivência com os invasores romanos, incorporaram a língua latina, que passou a ser sua língua predominante até por volta do século V d.C.

Latim Vulgar e Latim Literário

O idioma levado pelos romanos para as mais diferentes regiões foi o latim falado, aquele praticado no dia-a-dia por todas as camadas sociais, e também conhecido como latim vulgar . Desde o século III a.C., sob a influência grega, o latim escrito com intenções artísticas foi sendo progressivamente apurado, o que acabou por acentuar a separação entre o latim vulgar e o latim literário . Também chamado latim clássico, era o idioma ensinado nas escolas e cultivado por uma pequena elite, entre ela os grandes escritores de Roma, como Horácio e Virgílio.

Assim, o latim mais inovador, aquele que deu origem a novas línguas, foi o latim vulgar. O termo *vulgar* deve ser entendido aqui como a língua falada por todas as camadas da população. Ele inclui as diversas variedades da língua falada, desde a linguagem corrente, das ruas, até as linguagens profissionais, os termos usados nas guerras e nas transações comerciais e as gírias. Foi esse latim que os soldados, lavradores, viajantes e funcionários romanos levaram para as regiões conquistadas e que, por diversos fatores, deu origem às chamadas línguas românicas .

As Línguas Românicas

Com a invasão da Península Ibérica por povos bárbaros de origem germânica, como os suevos, vândalos e visigodos, no século V d.C., a língua latina, dominante desde o século III a.C, sofreu grandes influências, mas sua base românica, consolidada durante tantos séculos, não foi alterada.

No entanto, esse processo, aliado ao esfacelamento do Império Romano, libera as forças lingüísticas desagregadoras, de tal forma que em fins do século V os dialetos regionais já estariam mais próximos dos idiomas românicos do que do próprio latim.

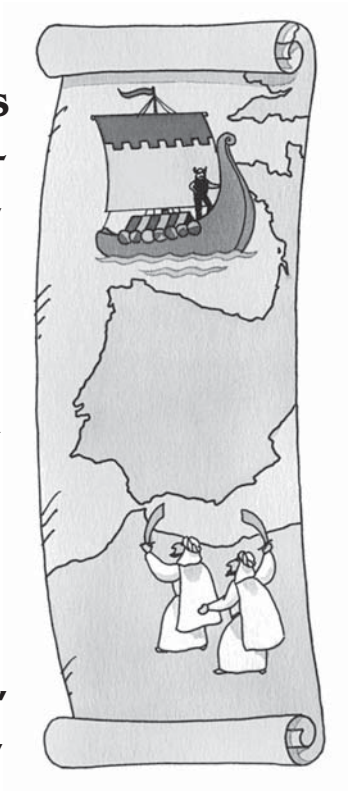

Começa então o período do romance ou romanço , denominação que se dá à língua nessa fase de transição, que mistura o latim vulgar e os dialetos ibéricos, dando origem às diversas línguas românicas , ou neolatinas . Entre elas, as mais importantes são: francês, espanhol, italiano, sardo, provençal, rético, catalão, português, franco-provençal, dálmata e romeno.

Mas as invasões à Península Ibérica prosseguiram. No século VIII é a vez dos árabes: vindos do norte da África, eles conquistam a região. Sua influência foi tão forte na língua que se acentuaram ainda mais as diferenças entre os vários romances existentes. Com a chegada dos povos árabes, floresceram na Península as ciências e as artes, bem como a agricultura, a indústria e o comércio, com conseqüente introdução de inúmeras palavras para designar novos e variados conhecimentos.

O Galego-Português

Com a acentuação das diferenças entre os romances peninsulares ocorrida sobretudo durante o domínio árabe constitui-se, na região ocidental da Península Ibérica, uma unidade lingüística que se conservou até meados do século XIV: o galego-português . Não é rigoroso o registro de seu nascimento. Provavelmente existiu desde o século VI, mas os

primeiros documentos conhecidos redigidos integralmente em galego-português datam do século XIII.

Dessa unidade lingüística surgiria o novo idioma, fruto de uma diferenciação progressiva entre o galego e o português, que, acredita-se, culminou no século XIV, quando os dois se separam definitivamente, passando, assim, a constituir idiomas independentes.

O português é então adotado oficialmente como o idioma de Portugal no reinado de D. Afonso Henriques, o primeiro rei de Portugal, que ocupou o trono de 1143 a 1185.

A EXPANSÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA

As Fases da Língua

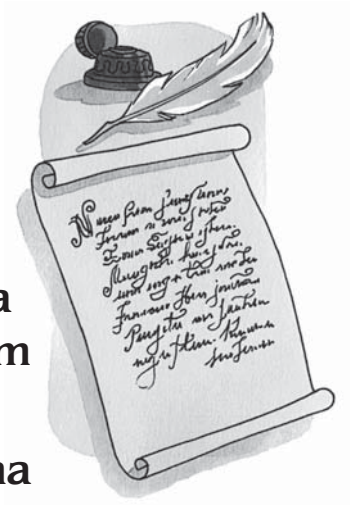

O lingüista José Leite de Vasconcelos, em sua obra *Lições de Filologia Portuguesa* (Lisboa, 1926)[1], propõe as seguintes etapas na evolução do latim ao português:

a) *latim lusitânico* – língua falada na Lusitânia, desde a implantação do latim até o século V.

b) *romance lusitânico* – língua falada na Lusitânia, do século VI ao IX.

c) *português proto-histórico* – língua falada na Lusitânia, do século IX ao XII.

d) *português arcaico* – do século XIII à primeira metade do século XVI, quando a língua começa a ser codificada gramaticalmente. Em 1536 é publicada a pri-

1 Cf. Celso Ferreira da Cunha, *Gramática da Língua Portuguesa*, Fename, 4ª edição, p. 24.

meira gramática da língua portuguesa, a *Grammatica da Lingoagem Portuguesa*, de Fernão de Oliveira.

e) *português moderno* – da segunda metade do século XVI aos dias de hoje.

Outros autores costumam unir as fases do latim lusitânico e do romance lusitânico naquela que seria a fase pré-histórica da língua, a respeito da qual não existem documentos; outros, como o próprio Leite de Vasconcelos, subdividem as fases arcaica e moderna em outras fases. No entanto, parece-nos suficiente essa divisão para a apreensão do processo por que passou a língua portuguesa, tendo-se sempre presente que a língua é um sistema em permanente transformação, não cabendo, portanto, qualquer divisão estanque.

Domínio Atual

Com as navegações durante os séculos XV e XVI, os portugueses levaram a sua língua para os vastos territórios que conquistaram na África, na América e na Oceania, ampliando muito seu domínio.

Hoje, o português é a língua oficial de Portugal, do Brasil e dos países que foram colônias portuguesas: Guiné-Bissau, Cabo Verde, Angola, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor. É, portanto, falado em áreas de todos os continentes: Europa (Portugal continental, arquipélago dos Açores e ilha da Madeira), África (arquipélago de Cabo Verde, ilhas de São Tomé e Príncipe e, no continente, Angola, Guiné-Bissau e Moçambique), Ásia (Macau), Oceania (parte ocidental da ilha de Timor) e América (Brasil). Isso sem contar os inúmeros dialetos, que misturam o português com o espanhol, praticados em povoações da Espanha e nas zonas fronteiriças do Brasil.

Esse amplo domínio faz da língua portuguesa a quinta entre as mais faladas do mundo, superada apenas pelas línguas chinesa, inglesa, russa e espanhola.

A Língua Portuguesa no Brasil

Quando os portugueses descobriram o Brasil em 1500, já encontraram aqui uma língua: o tupi , que eles logo batizaram de língua geral . Era aquela falada pelos índios e também pelos jesuítas, que a utilizavam para catequizá-los, além dos comerciantes e outros moradores das terras brasileiras. Os jesuítas acabaram sendo expulsos do Brasil em 1759, e, desde então, o tupi foi proibido como língua geral, mas continuou sendo falado pela população local e contribuiu muito para o enriquecimento do vocabulário português. São inúmeras as palavras que vieram do tupi. Exemplos: carijó, guri, mingau, capim, araponga, arapuca, e outras; entre os nomes de pessoas, podemos citar Jurema, Iara, Araci, Moacir, Ubirajara, Iracema, e entre os topônimos (nomes de localidades) temos Niterói, Ceará, Catumbi e outros.

Além do tupi, o português sofreu influência da língua africana, que chegou ao Brasil com os escravos trazidos da África. Sobretudo os dialetos nagô, ioruba e quimbundo, praticados pelos negros que aqui chegaram, enriqueceram a língua portuguesa com diversos termos. Exemplos: quilombo, banzo, samba, quitanda, acarajé, vatapá, dendê, além dos nomes de entidades da umbanda, como Exu, Orixá, Ogum, Iansã e muitas outras palavras.

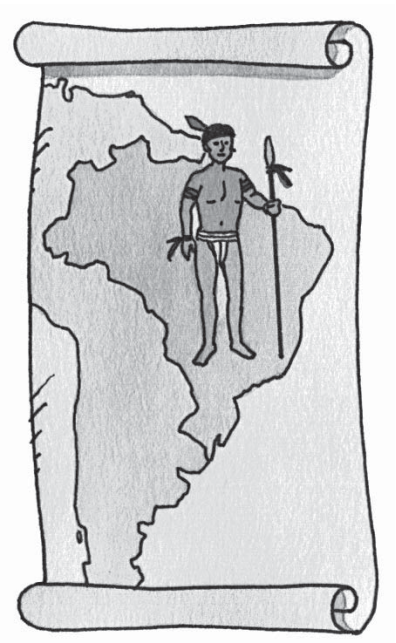

Desde a colonização até meados de 1600, a língua portuguesa no Brasil convivia com essas outras línguas – o tupi e os dialetos africanos. Daí em diante, ela começa a se impor como língua dominante, o que acontece definitivamente com a vinda da família real portuguesa para o Brasil, em 1808. Colaboram para isso a crescente urbanização que, dando origem às cidades, aprofunda a separação com o mundo rural, e o trabalho de importan-

tes escritores, entre eles José de Alencar (1829-1870), que passam a retratar em suas obras a terra e o povo brasileiro, colaborando para uma identificação maior entre ambos. Mas, fundamentalmente, o que fez com que a língua portuguesa se impusesse como idioma foi o fato de o índio e o negro terem perdido, progressivamente, sua importância como mão-de-obra na economia colonial tendo, assim, sua língua e seus costumes marginalizados da cultura dominante, e, em contrapartida, o domínio que os portugueses exerceram sobre as terras e riquezas do Brasil, o comércio, a educação, a cultura e demais aspectos da sociedade brasileira.

Nossa língua portuguesa e a influência da mitologia

Nosso idioma está repleto de palavras que evocam mitos e lendas que formavam a religião dos gregos e dos romanos. Sem dúvida, nossos vocábulos ficam mais interessantes quando descobrimos histórias que estão por trás de palavras aparentemente comuns.

Você sabe por que o mês janeiro tem esse nome? Foi em homenagem ao Deus Janus, dono de duas faces, que o primeiro mês do ano recebeu esse nome. Diz a mitologia que Janus tinha duas faces e, portanto, podia, ao mesmo tempo, olhar o término de um ano e o início do outro.

O vocábulo cereal foi em homenagem à deusa Ceres, deusa da plantação e da colheita.

Já o Pluto, cachorro do Mickey, é o nome de um Deus romano.

Interessante é o significado do nome pânico. Pânico vem de Pan, um deus com pequenos chifres e corpo de bode da cintura para baixo. Conta a mitologia que esse deus vivia nos bosques correndo atrás das ninfas, causando-lhes um enorme medo, pânico. Qualquer ruído era sinal da presença do deus. Daí, hoje, o termo indicar um medo incontrolável e, por vezes, irracional.

Estes são alguns nomes que exemplificam essa grande herança mitológica do nosso vocabulário.

Questões para Pensar e Responder

1) As origens e a formação da língua portuguesa mostram-na como um sistema em permanente movimento. O que significa isso?

2) O que permitiu aos portugueses expandir o domínio de sua língua para outras partes do mundo?

3) No Brasil, por que o tupi não permaneceu como língua geral?

4) Quais foram os fatores determinantes para o predomínio da língua portuguesa no Brasil?

5) Procure lembrar outros termos, além dos citados no texto, que os índios e negros incorporaram à língua portuguesa no Brasil.

2

FONÉTICA E FONOLOGIA

Fonética é o estudo dos sons da fala. **Fonologia** é o estudo dos sons que têm a função de diferenciar os diversos significados de cada palavra. A divisão entre fonética e fonologia é apenas didática, porque na verdade as duas disciplinas são dependentes uma da outra: o estudo do som da fala deve ser feito sempre levando-se em consideração a sua função.

Letra, fonema, fala, língua, sons da fala, aparelho fonador são alguns dos conceitos que precisamos conhecer para estudar fonética. É preciso antes saber a diferença entre língua e fala: **língua** é um sistema de signos utilizados por uma mesma comunidade, enquanto **fala** é o uso que cada pessoa faz da língua. A fala, portanto, é a língua transformada em sons que são emitidos por nosso aparelho fonador.

O aparelho fonador
Fonema e letra
Encontros vocálicos
Encontros consonantais
Sílaba
Questões de vestibular

O APARELHO FONADOR

O aparelho fonador é constituído pelos pulmões, brônquios e traquéia, que são órgãos que nos fazem respirar; pela laringe, onde estão as cordas vocais, e pelas cavidades supralaríngeas, que funcionam como caixas de ressonância para que o som seja emitido. Essas cavidades são a faringe, a boca e as fossas nasais (os dois condutos do nariz). Em geral, não ficamos atentos ao funcionamento do aparelho fonador, nem é preciso que fiquemos. Mas é interessante saber o que acontece com essa parte do nosso organismo quando falamos. Para isso, basta seguir o caminho percorrido pelo ar expelido dos nossos pulmões, já que ele é o elemento que nos permite emitir sons.

O ponto de partida do ar nessa viagem são os pulmões. Ele é expelido daí pelos brônquios, entra na traquéia e chega à laringe. Nesse ponto, encontra a glote, uma abertura

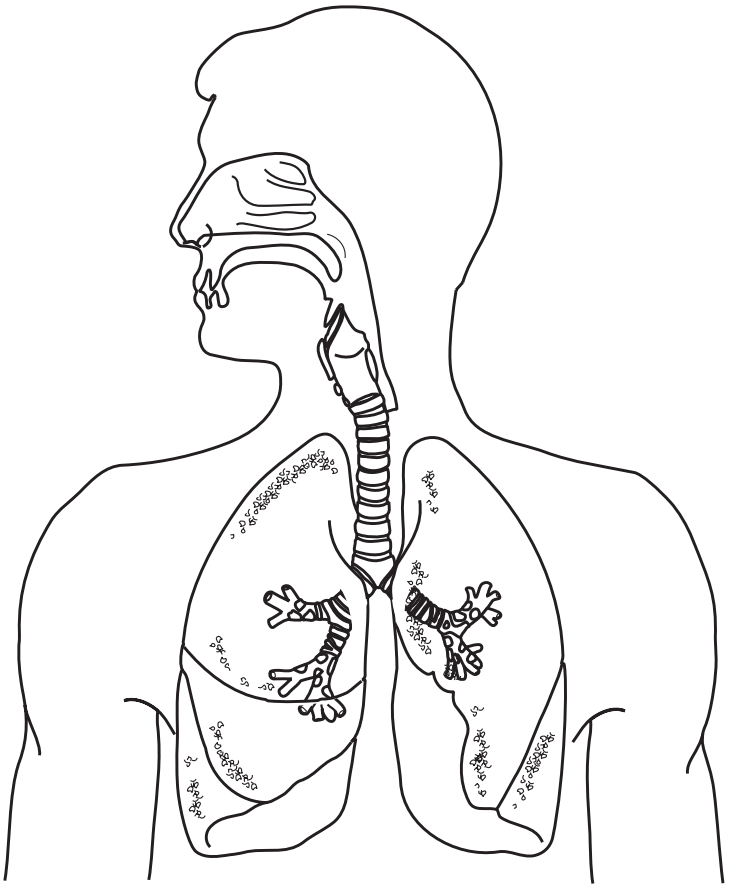

entre as cordas vocais, que são na verdade duas pregas musculares das paredes superiores da laringe. A glote fica na altura do pomo-de-adão ou gogó.

Quando o fluxo de ar chega à glote, pode encontrá-la aberta ou fechada. Se estiver fechada, ele não desiste: força a passagem pelas cordas vocais, fazendo-as vibrar e produzindo o som musical característico das articulações sonoras . Se estiver aberta, o ar passa tranqüilamente, sem vibrar as cordas vocais, produzindo as articulações surdas .

A diferença entre um som sonoro e um som surdo pode ser percebida na pronúncia de consoantes como *b* (sonora) e *p* (surda). Faça o teste, pronunciando as duas em voz alta e prestando atenção ao som que emite. Perceba que o *b* é mais longo, mais sonoro... e o *p* é mais curto, mais seco.

Bem, mas a viagem do ar ainda não terminou. Ele estava na laringe, onde se defrontou com a glote, seu primeiro obstáculo. Ao sair da laringe, o ar encontra outro obstáculo, dessa vez uma encruzilhada, ou seja, dois caminhos de acesso ao exterior: o canal bucal e o canal nasal . Entre esses dois canais está o véu palatino , um órgão móvel que pode impedir ou permitir a entrada do ar nas fossas nasais. Se o véu se levanta, deixa livre apenas o conduto bucal (da boca). Se o véu se abaixa, deixa livre ambas as passagens, tanto do nariz quanto da boca. O ar então se divide, e uma parte passa também pelas fossas nasais.

O que acontece então com os sons que articulamos? No primeiro caso, quando o ar passa apenas pela boca, emitimos sons orais ; no segundo caso, quando uma parte do ar passa pelo nariz, emitimos sons nasais .

Para perceber a diferença, compare a pronúncia das vogais *a* (oral) e *ã* (nasal) em palavras como *lá* e *lã*; *má* e *mão*; *chá* e *chão*.

Lembre-se:

glote fechada = articulação sonora (consoante sonora)
glote aberta = articulação surda (consoante surda)

FONEMA E LETRA

"A confusão sobre como combater a fome e a miséria no Brasil já era grande antes de Luiz Inácio Lula da Silva se eleger presidente da República. Ficou maior quando o PT sugeriu que o governo de Fernando Henrique Cardoso havia adotado um caminho equivocado ao distribuir apenas dinheiro aos mais pobres em vez de reforçar os programas que oferecem comida aos famintos. Para discutir o assunto de forma adequada, antes de mais nada, é fundamental ter em mente três fatos: como fenômeno social não existem famintos no Brasil; todos os famintos são miseráveis, mas nem todos os miseráveis são famintos; a melhor forma de não enfrentar um problema é aumentá-lo. (...)"

(*Veja*, nov. 2002)

Leia esse texto em voz alta. Você produziu sons ao lê-lo. Esses sons da fala são diferentes de um gemido ou de um espirro, pois permitem a comunicação entre as pessoas.

Observe:

fome/ **c**ome	**d**e/ **s**e

A diferença entre essas palavras está nos sons f/c e d/s. O som da fala que estabelece distinção de significado entre as palavras de uma língua recebe o nome de fonema . Os fonemas devem apresentar-se entre barras: /f/ /o/ /m/ /e/

Fonema não é letra. Letra é um sinal gráfico, um desenho. Já fonema constitui uma unidade sonora, todo som capaz de estabelecer uma diferença entre duas palavras de uma mesma língua.

Nem sempre o número de fonemas em uma palavra é igual ao número de letras e vice-versa. Muitas vezes um único fonema é representado por duas letras, e duas letras podem representar um único fonema.

Exemplo:

falha { 4 fonemas: f//a//li//a/
5 letras: f/a/l/h/a

Classificação dos Fonemas

Os fonemas classificam-se em vogais, consoantes e semivogais.

•• Vogais ••

As vogais (a/e/i/o/u/) são sons que produzimos com a glote aberta, ou seja, sem obstáculo à passagem do ar pelo aparelho fonador. Em nossa língua, elas são sempre centro de sílaba.

Classificação das vogais

Em nossa língua, as vogais são classificadas da seguinte forma:

a) quanto à zona de articulação
- anteriores: ê, é, i (como em r*e*is, r*é*is, r*i*so)
- média ou central: a
- posteriores: ó, ô, u (como em m*o*ro, m*o*rro, m*u*ro)

b) quanto ao timbre
- abertas: a, é, ó
- fechadas: ê, ô
- reduzidas: a, e, o

c) quanto à intensidade
- tônicas: (como em *sa*co)
- átonas: (como em *sa*car)

d) quanto ao papel das cavidades bucal e nasal
- orais: a, e, i, o, u
- nasais: (como em *sa*nta, *le*ndo, m*im*, *ou*ça, f*un*da)

•• Consoantes ••

As consoantes são sons que produzimos com a glote fechada, ou seja, com obstáculo à passagem do ar pelo aparelho fonador. Em nossa língua, elas só aparecem na sílaba junto de uma vogal.

Classificação das consoantes

Na língua portuguesa temos dezenove consoantes: b/c/d/f/g/h/j/k/l/m/n/p/q/r/s/t/v/x/z. Elas devem ser classificadas da seguinte forma:

a) quanto ao modo de articulação
- oclusivas
- constritivas (fricativas, laterais e vibrantes)

b) quanto ao ponto de articulação
- bilabiais
- labiodentais
- linguodentais
- alveolares
- palatais
- velares

c) quanto ao papel das cordas vocais
- surdas
- sonoras

d) quanto ao papel das cavidades bucal e nasal
- orais
- nasais

•• Semivogais ••

As semivogais são os fonemas /i/ e /u/ quando, colocados ao lado de uma vogal, não formam o centro de uma sílaba.

Exemplos:

em **pito** e **viu**, o /i/ é vogal
em **dói** e **Mário**, é semivogal
em **duro** e **rui**, o /u/ é vogal
em **céu** e **ouvido**, é semivogal

ENCONTROS VOCÁLICOS

No saguão... Projeto de musicalização para o deficiente visual.

Os encontros vocálicos destacados acima são, respectivamente: tritongo, ditongo, hiato e hiato.

Ditongo

Ditongo é o encontro de uma vogal com uma semivogal ou vice-versa.

Exemplos:

musicalização (vogal + semivogal)
comérc**io** (semivogal + vogal)

Lembre-se:

Ditongo = vogal + semivogal
ou semivogal + vogal

O ditongo pode ser:

a) crescente : formado por semivogal + vogal. Exs.: qua l, qua dro, lingüi ça

b) decrescente : formado por vogal + semivogal. Exs.: tou ro, coi sa, mui to

c) oral : formado por vogal oral. Exs.: pai , mau

d) nasal : formado por vogal nasal. Exs.: mãe , mão , põe

Tritongo

Tritongo é o encontro entre uma semivogal, uma vogal e outra semivogal.

Exemplos:

Urug**uai,** sag**ião,** enxag**uou**

O tritongo pode ser:

a) oral : Uruguai , enxaguou

b) nasal : saguão

Lembre-se:

Tritongo = semivogal + vogal + semivogal

Hiato

Hiato é o encontro de duas vogais.

Exemplos:

defic**ie**nte, vis**ua**l, s**aí**da

Lembre-se:

Hiato = vogal + vogal

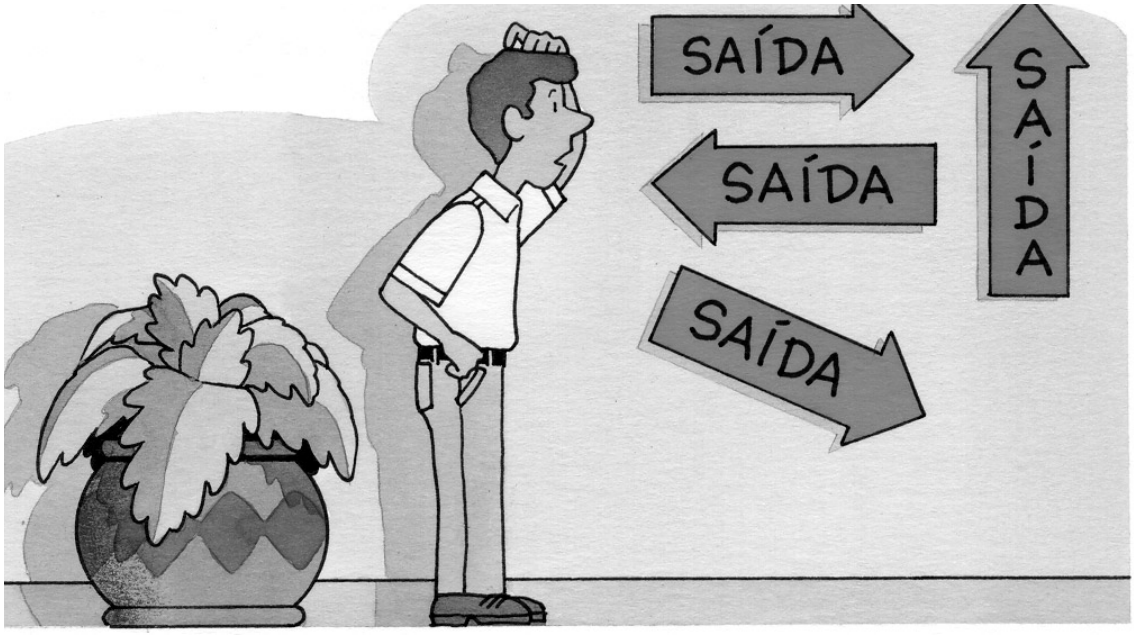

ENCONTROS CONSONANTAIS

Como o nome já diz, o encontro consonantal se dá entre consoantes, sem vogal intermediária.

Lembre-se:

Encontro consonantal = consoante + consoante

Exemplos:

bloco, **cr**avo, **fl**or

DÍGRAFO

Dígrafo é o encontro de duas consoantes que representam um único fonema.

Lembre-se:

Dígrafo = consoante + consoante ⇒ som único

Exemplos:

car**rr**o, fi**lh**a

Para entender o dígrafo é preciso recordar que letra não é o mesmo que fonema. Quando duas letras juntas produzem um único som, elas não funcionam como consoantes; por isso, não há encontro consonantal, como se poderia pensar, mas sim um dígrafo.

Portanto, são dígrafos:

a) ch , com som de *x* (*fich a*)

b) lh e nh (*velh o, unh a*)

c) rr e ss (*terr a, pêss ego, ass imetria*)

d) gu e qu antes de e e i (*gu erra, segu ir, qu erer*)

e) sc , sç e xc (*floresc er, desç a, exc eder*)

f) am , an , em , en , im , in , om , on , um , un (as letras m e n são apenas sinais de nasalidade da vogal anterior, equivalendo ao til: t*am*po/tã*p*o, t*an*to/tã*t*o, c*am*po/cã*p*o)

Agora que você já se certificou do que seja encontro consonantal e dígrafo, leia o texto a seguir e, nas palavras destacadas, diferencie-os.

"Sócrates, um gênio da história do pensamento, resolveu, há mais de 2000 anos, inventar um método diferente de ensinar: partiu do conceito de que cada um tem o conhecimento dentro de si e que o mestre é tão-somente um instigador desse conhecimento. Trata-se de fazer o parto das idéias. Como a velha parteira ou o novo médico fazem. Sem forçar. Pacientemente. (...)

(Gabriel Chalita)

SÍLABA

Leia o poema de Mário Quintana.

ESPERANÇA

"Lá bem no alto do décimo segundo andar do Ano
Vive uma louca chamada Esperança
E ela pensa que quando todas as sirenas
Todas as buzinas
Todos os reco-recos tocarem
– Ó delicioso vôo!
Ela será encontrada miraculosamente incólume na calçada,
Outra vez criança...
E em torno dela indagará o povo:
– Como é o teu nome, meninazinha de olhos verdes?
E ela lhes dirá
(É preciso dizer-lhes tudo de novo!)
Ela lhes dirá bem devagarinho, para que não esqueçam nunca:
– O meu nome é ES-PE-RAN-ÇA..."

(Mário Quintana)

No último verso a palavra esperança foi dividida em pequenos grupos sonoros: ES-PE-RAN-ÇA. Esses grupos são chamados sílabas .

Na língua portuguesa não existe sílaba sem vogal.

Exemplos:

louca (lou-ca)
buzinas (bu-zi-nas)
criança (cri-an-ça)
olhos (o-lhos)
esqueçam (es-que-çam)

A sílaba pode ser formada por:

a) uma vogal (é)

b) um ditongo (eu)

c) um tritongo (uai)

d) uma vogal + uma consoante (ca-fé)

e) um ditongo + uma consoante (neu-tro)

f) um tritongo + uma consoante (sa-guão)

As sílabas podem ser abertas ou fechadas. A sílaba aberta termina por uma vogal (ca-va-lo); a sílaba fechada termina por uma consoante (an-dar).

Classificação das Palavras Quanto ao Número de Sílabas

As palavras (ou vocábulos) são classificadas de acordo com o número de sílabas. Assim, temos:

a) monossílabos – uma única sílaba (*o*, *quer*, *pão*)

b) dissílabos – duas sílabas (*ru-a*, *ca-sa*, *lá-pis*)

c) trissílabos – três sílabas (*ca-der-no*, *car-tei-ra*, *a-mi-go*)

d) polissílabos – mais de três sílabas (*u-ni-ver-si-da-de*, *tra-ba-lha-dor*, *te-le-vi-são*)

Tonicidade

Quando pronunciamos uma palavra qualquer, sempre enfatizamos (acentuamos) uma de suas sílabas. Essa sílaba, que costumamos chamar de "sílaba forte", é denominada tônica e as demais, que não recebem qualquer ênfase ou acento, são as átonas . A intensidade que colocamos sobre a sílaba forte chama-se acento tônico .

Pronuncie estas palavras e perceba as sílabas tônicas (em negrito) e as átonas:

criança – jovem – gosta – brincar – vovô – chocolate – pintura – desenho – Mané

•• Classificação das palavras quanto ao acento tônico ••

Dependendo do lugar onde esteja a sílaba tônica, as palavras com mais de uma sílaba podem ser classificadas em oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas.

Oxítonas – a sílaba tônica (sílaba forte) recai na última sílaba.

Exemplos:

futebol, herói, computador

Paroxítonas – a sílaba tônica recai na penúltima sílaba.

Exemplos:

menina, aniversário, sacola)

Proparoxítonas – a sílaba tônica recai na antepenúltima sílaba.

Exemplos:

pássaro, matemática, botânica

Os monossílabos podem ser átonos ou tônicos.

Os átonos são pronunciados levemente. Exs.:

- artigos definidos (*o*, *a*, *os*, *as*) e indefinidos (*um*, *uns*)
- pronomes pessoais oblíquos (*me*, *te*, *se*, *o*, *a*, *lhe*, *nos*, *vos*, *os*, *as*, *lhes*) e suas variantes (*mo*, *to*, *lho* etc.)
- o pronome relativo *que*
- as preposições *a*, *com*, *de*, *em*, *por*, *sem*, *sob*
- combinações de preposição e artigo (*à*, *ao*, *da*, *do*, *na*, *no*, *num* etc.)
- as conjunções *e*, *mas*, *nem*, *ou*, *que*, *se*
- as formas de tratamento *dom*, *frei*, *são*

Os monossílabos tônicos são pronunciados fortemente.

Exemplos:

céu, flor, lá, lei, mão, pó, sou, três, vós, zás

Ênclise e Próclise

A ênclise ocorre quando uma palavra depende do acento tônico da palavra anterior, com a qual forma, assim, uma unidade fonética. A próclise ocorre na situação contrária: a vinculação de uma palavra átona à palavra seguinte, a cujo acento se subordina. A ênclise e sobretudo a próclise são responsáveis por freqüentes alterações vocabulares, já que, perdendo o seu acento tônico, um vocábulo perde seu centro de resistência e fica sujeito a grandes reduções. Em geral, são proclíticos o artigo, as preposições e as conjugações monossilábicas, e enclíticos os pronomes pessoais átonos.

Exemplos:

"Então Piaimã contou **pra** francesa que ele era um colecionador célebre, colecionava pedras."

(Mário de Andrade, *Macunaíma*.)

"— É mesmo. Bom, **té**-loguinho."

(idem.)

"— **Seu** Belazarte, vinha também saber se o senhor queria ser padrinho do tiziu."

(idem.)

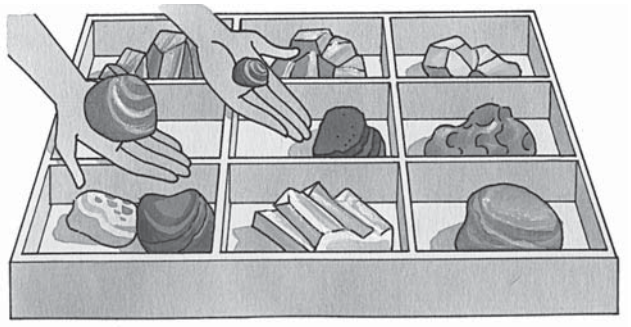

Questões de Vestibular

1. (FEI-SP) Assinale a alternativa em que a palavra apresente um hiato:

a) arrogância
b) distinguia
c) mão
d) lazeira
e) transportou

2. (Universidade São Judas-SP) Em que alternativa não existe erro quanto à divisão silábica?

a) pai-zi-nho; pa-i-si-nho; i-ná-bil, prai-a
b) bis-a-vô; en-sa-io; cru-é-is; ró-se-o
c) qua-is; ma-is; i-dé-ia; al-coó-la-tra
d) af-ta; ac-ne; jó-ia; Ja-ca-reí
e) va-ri-ar; ge-lé-ia; len-çó-is; tro-féu

3. (UFPE-PE) Assinale a alternativa em que todas as palavras devem ser completadas com a letra indicada entre parênteses:

a) __ave – __alé – __ícara – __arope – __enofobia (x)
b) pr__vilégio – requ__sito – __ntitular – __mpedimento (i)
c) ma__ã – exce__ão – exce__o – ro__a (ç)
d) __ibóia – __unco – __íria – __eito – __ente (j)
e) pure__a – portugue__a – cortê__ – anali__ar (s)

4. (UFMA-MA) Observe as seguintes assertivas:

I – A parali__ia infantil já está praticamente erradicada no país.

II – Ob__ecado pelo amigo, o rapaz não ouvia os conselhos dos seus pais.

III – O réu foi punido; não houve, portanto pr__vilégios.

IV – "Qual folha instável em ventoso estilo / Do vento ao sopro a esvoa__ar sem custo." (G. Dias)

A seqüência de letras que preenche corretamente as lacunas das palavras das assertivas acima é:

a) s – s – i – ç
b) z – s – e – s
c) s – c – i – ç
d) s – c – e – s
e) z – c – i – ç

5. (Faculdade Anhembi-Morumbi-SP)

"Eu deixo a vida como deixo o ***tédio***."

Assinale a alternativa em que todas as palavras receberam acento pela mesma tonicidade que levou o poeta a acentuar o termo grifado no verso acima:

a) também – século – está – nostálgico
b) água – ilegível – regência – nostálgico
c) malícia – sério – história – vestígios
d) silêncio – méritos – apoplético – inúteis
e) próprio – úteis – Taipé – hambúrguer

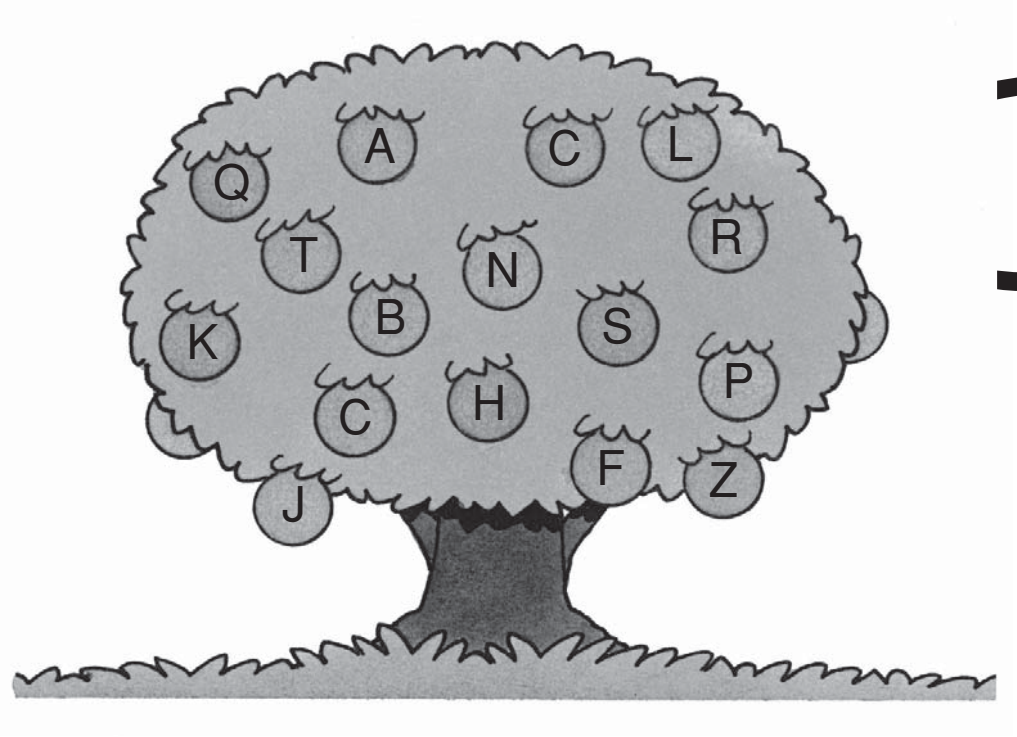

3

ORTOGRAFIA

O alfabeto
Notações léxicas: sinais gráficos
Acentuação gráfica
O uso da crase
Palavras parônimas
Palavras homônimas
Formas variantes
Orientações gerais
Questões de vestibular

ORTOGRAFIA

Ortografia é a parte da gramática que trata da grafia correta das palavras. São complexas e inúmeras as regras ortográficas da língua portuguesa. A melhor maneira de treinar é conhecer as orientações ortográficas expostas neste capítulo, ler, escrever, consultar o dicionário sempre que houver dúvida. Confira a grafia do texto abaixo:

ANNUNCIOS.

FUGIO a Joaquim Bonifacio do Amaral da cidade de Campinas um escravo de nome Adão, de idade de 40 annos mais ou menos, estatura regular; tem a mão direita secca, e falta, não completa de um dedo em um dos pés, falla grossa, e feia: quem o aprehender, e entregar a seu senhor naquella cidade, ou nesta capital a Manoel Antonio Bitancourt, receberá a gratificação de seu trabalho, além das despezas que fizer.

Como você vê, a ortografia do português já foi bem diferente da atual. A forma escrita da língua é determinada por convenções ortográficas rígidas e, portanto, não devem ser desobedecidas.

O ALFABETO

Alfabeto é o conjunto ordenado de letras de que nos servimos para transcrever os sons da linguagem falada. O alfabeto da língua portuguesa consta de 23 letras:

a b c d e f g h i j l m n o p q r s t u v x z

Além dessas existem também as letras k, w e y que hoje se empregam apenas em dois casos:

a) na transcrição de nomes próprios estrangeiros e de seus derivados portugueses, como Kant e kantismo, Darwin e darwinismo, Byron e byroniano;

b) nas abreviaturas e símbolos de uso internacional, como kg (quilograma), km (quilômetro), w (watt), yd (jarda).

NOTAÇÕES LÉXICAS: SINAIS GRÁFICOS

Não só as letras do alfabeto nos ajudam a transcrever os sons da linguagem falada. A escrita conta também com sinais auxiliares que indicam a pronúncia exata de uma palavra: são as notações léxicas, ou sinais diacríticos (do grego *diacriticós*, "apto a distinguir, a diferenciar").

As notações léxicas são os acentos agudo, circunflexo e grave; o til, a cedilha, o trema, o apóstrofo e o hífen.

Os Acentos

O acento agudo (´) assinala:

- as vogais tônicas a , i e u , como em *pássaro*, *místico*, *música*;
- as vogais tônicas abertas e e o , como em *exército*, *café*, *hóspede*, *hóstia*.

O acento grave (`) indica a crase, ou seja:

- a fusão da preposição a com a forma feminina do artigo a(s): *à*, *às*;
- a fusão da preposição a com os pronomes demonstrativos, aquele (s), aquela (s), aquilo : *àquele*(s), *àquela*(s), *àquilo*.

O acento circunflexo (^) indica o tibre fechado:

- das vogais tônicas e e o, como em *mês*, *vêem*, *pôs*, *avô*;
- do a seguido de m ou n , como em *lâmpada*, *hispânico*, *trêmulo*.

O til (~) é colocado sobre as vogais a e o para indicar sua nasalidade. Veja:

mãe, *pão*, *chão*, *corrimão*, *comilões*,
balões, *põe*, *caixões*

A cedilha (¸) é um sinal colocado sob a letra c quando ela aparece antes de a , o e u, dando a ela valor fonético /s/. Veja:

coçar, *apreço*, *praça*, *redação*, *comunicação*, *sensação*

O trema (¨) é colocado sobre a letra u que se pronuncia nas sílabas gue , gui , que e qui . Veja:

agüentar, *freqüência*, *cinqüenta*, *tranqüilo*, *argüição*

O apóstrofo (') serve para assinalar a ausência de um fonema, geralmente uma vogal. Veja:

galinha-d'água, pau-d'alho, 'tá bem!

O Hífen

O hífen (-) é usado para:

a) ligar elementos de palavras compostas ou derivadas por prefixação.

Exemplos:

tenente-coronel, guarda-roupa, ex-presidente, pré-fabricado

b) separar as sílabas de uma palavra.

Exemplos:

pa-te-ta, me-ni-no, a-tra-pa-lha-ção

c) dividir a palavra no final da linha.

Exemplos:

peque-/no, pe-/queno

d) ligar pronomes átonos a verbos.

Exemplos:

disseram-me, encontrei-a, levar-lhe

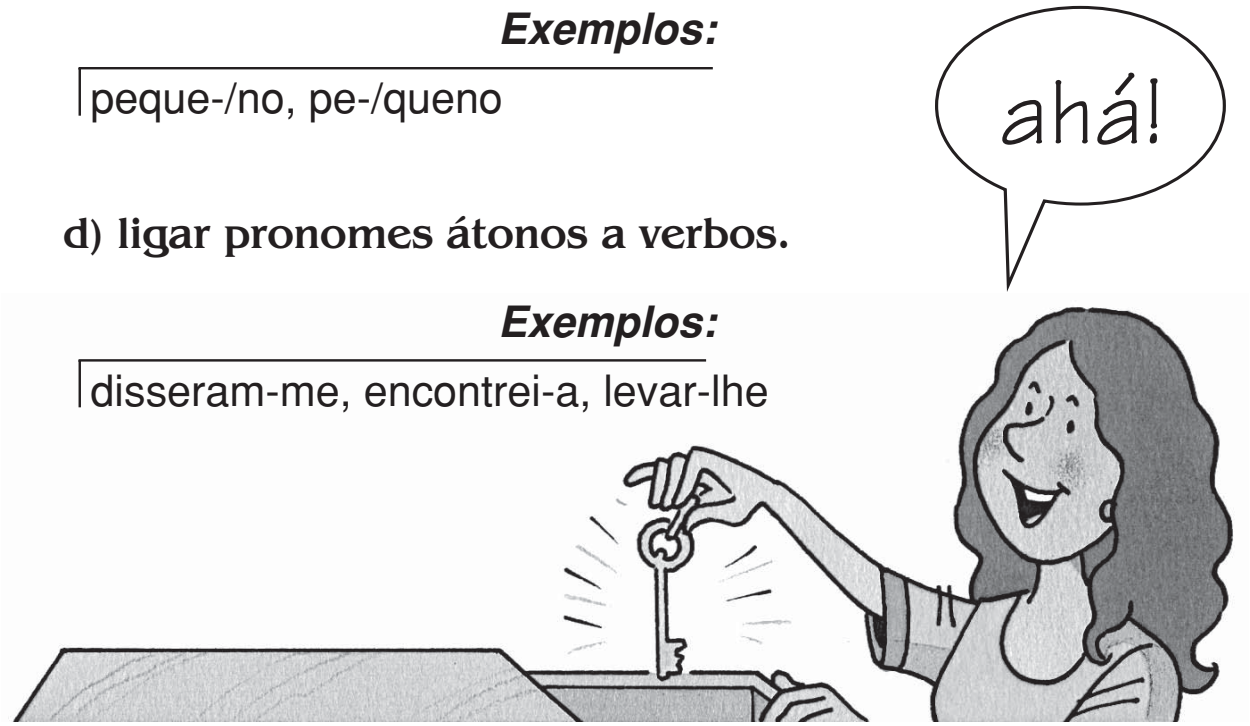

•• Regras de hifenização ••

Segundo o *Formulário Ortográfico,* só se unem por hífen os elementos que formam palavras compostas nas quais se mantém a noção de composição. Esses elementos conservam sua independência fonética e sua própria acentuação, porém esse conjunto forma uma perfeita unidade de sentido.

Sendo assim, empregamos o hífen:

a) nos compostos cujos elementos, reduzidos ou não, perderam a sua significação própria.

Exemplos:

água-marinha, arco-íris, pé-de-meia, pára-quedas, pára-lama

b) nos compostos com o primeiro elemento de forma adjetiva, reduzida ou não.

Exemplos:

anglo-brasileiro, greco-romano, luso-brasileiro, histórico-geográfico

c) nos compostos com os radicais auto , neo , proto , pseudo e semi , quando o elemento seguinte começa com vogal , h, r ou s.

Exemplos:

auto-educação, auto-retrato, auto-sugestão, neo-escolástica, neo-humanismo, neo-republicano, semi-homem, semi-reta, semi-selvagem

d) nos compostos com os radicais pan e mal, quando o elemento seguinte começa com vogal ou h.

Exemplos:

pan-americano, pan-helênico, mal-educado, mal-humorado

e) nos compostos com bem, quando o elemento seguinte é autônomo, ou quando a pronúncia o requer.

Exemplos:

bem-ditoso, bem-aventurança, bem-te-vi

f) nos compostos com sem, além, aquém e recém.

Exemplos:

sem-cerimônia, além-mar, aquém-fronteira, recém-casado

•• O hífen na prefixação ••

a) nos vocábulos formados por prefixos contra, extra, infra, intra, supra e ultra, quando seguidos de radical iniciado por vogal, h, r ou s.

Exemplos:

contra-almirante, extra-regimental, intra-hepático, supra-sumo, ultra-rápido. (A palavra *extraordinário* não está incluída na regra porque sua grafia já está consagrada pelo uso.)

b) nos vocábulos formados por prefixos ante, anti, arqui e sobre, quando seguidos de radical iniciado por h, r ou s.

Exemplos:

ante-histórico, anti-higiênico, arqui-rabino, sobre-saia

c) nos vocábulos formados por prefixos super e inter, quando seguidos de radical iniciado por h ou r.

Exemplos:

super-humano, super-revista, inter-helênico, inter-resistente

d) nos vocábulos formados por prefixos ab, ad, ob, sob e sub, quando seguidos de radical iniciado por r.

Exemplos:

ab-rogar, ad-rogação, ob-reptício, sob-roda, sub-reino

e) nos vocábulos formados por prefixos sota, soto, vice e ex.

Exemplos:

sota-piloto, soto-ministro, vice-reitor, vice-rei, ex-diretor

f) nos vocábulos formados por prefixos pós, pré e pró quando têm significado e acento próprios; ao contrário das formas homógrafas inacentuadas, que se aglutinam com o radical seguinte.

Exemplos:

pós-diluviano, pré-escolar, pró-britânico; pospor, preestabelecer, procônsul

Prefixos seguidos de hífen antes de:				
vogal	h	r	s	b
——	——	ab-	——	——
——	——	ad-	——	——
——	ante-	ante-	ante-	——
——	anti-	anti-	anti-	——
——	arqui-	arqui-	arqui-	——
auto-	auto-	auto-	auto-	——
circum-	circum-	——	——	——
com-	com-	——	——	——
contra-	contra-	contra-	contra-	——
——	entre-	——	——	——
extra-	extra-	extra-	extra-	——
——	hiper-	hiper-	——	——
infra-	infra-	infra-	infra-	——
——	inter-	inter-	——	——
intra-	intra-	intra-	intra-	——
mal-	mal-	——	——	——
neo-	neo-	neo-	neo-	——
——	——	ob-	——	——
pan-	pan-	——	——	——
proto-	proto-	proto-	proto-	——
pseudo-	pseudo-	pseudo-	pseudo-	——
semi-	semi-	semi-	semi-	——
——	sob-	——	——	sob-
——	sobre-	sobre-	sobre-	——
——	——	sub-	——	sub-
——	super-	super-	——	——
supra-	supra-	supra-	supra-	——
ultra-	ultra-	ultra-	ultra-	——

Prefixos e elementos prefixados nunca seguidos de hífen*		
acro	intro	quadri
aer(o)	isso	quarti
anfi	justa	quilo
apico	lábio	qüinq
auri	linguo	radi(o)
auro	macro	re
bi(s)	medio	retro
bio	mega	rino
cata	meso	sacro
cerebr(o)	meta	sesqui
cervico	micr(o)	socio
cis	mono	subter
de(s)	moto	sulf(o)
di(s)	multi	tele
ego	nefro	termo
ele(c)tro	neuro	ter
endo	novo	tetra
filo	oct(o)	trans
fisio	oni	traque(o)
gastr(o)	orto	tras
ge(o)	oto	tres
hemi	para	tri
hepta	penta	turb(o)
hetero	per	uni
hexa	peri	uretr(o)
hidr(o)	poli	vas(o)
hip(o)	pos (átono)	vesic(o)
homo	pre (átono)	xanto
idio	pro (átono)	xilo
ido	preter	zinco
in	psic(o)	zoo

* Tabela feita de acordo com o vocabulário oficial. A lista inclui apenas os prefixos mais usados.

•• O hífen nos nomes próprios ••

a) **Emprega-se o hífen nos nomes próprios cujos elementos constituintes são ligados por artigos ou pronomes.**

Exemplos:

Trás-os-Montes, Não-me-Toque

b) **Emprega-se o hífen quando o primeiro elemento é Grã ou Grão .**

Exemplos:

Grã-Bretanha, Grão-Pará, Grão-Mogol

c) **Emprega-se o hífen quando o primeiro elemento é um verbo.**

Exemplos:

Quebra-Dentes. (No caso de Tiradentes dispensa-se o hífen porque se trata de grafia já consagrada.)

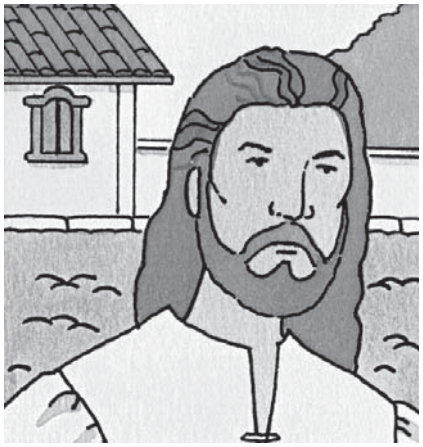

d) **Mantém-se o hífen nos nomes próprios correspondentes a nomes comuns hifenizados.**

Exemplos:

o Norte-Americano, o Todo-Poderoso

e) **Emprega-se o hífen nas combinações siméticas que indicam relação ou acordo.**

Exemplos:

Brasil-Portugal, Áustria-Hungria

•• O hífen na divisão de palavras no fim da linha ••

Quando a linha termina sem que tenhamos conseguido escrever uma palavra por inteiro, podemos dividi-la em duas partes. Essa divisão é indicada por hífen e obedece a algumas regras.

Não se separam:

a) Os ditongos e tritongos, bem como os grupos ia , ie , io , oa , ua , ue e uo , que, quando átonos finais, soam numa sílaba (ditongo crescente), mas podem ser pronunciados em duas (hiato).

Exemplos:

Eu-ro-pa, mui-to, fu-giu, fre-qüen-tar, cá-rie, má-goa, tê-nue, gló-ria

b) Os encontros consonantais que iniciam a sílaba e os dígrafos ch , lh e nh .

Exemplos:

psi-có-lo-go, pneu-má-ti-co, mne-mô-ni-co, ca-bro-cha, fi-lho, ma-nhã

Separam-se:

a) As letras com que representamos as vogais de hiatos.

Exemplos:

co-o-pe-rar, cru-el, sa-ú-de, ra-i-nha

b) As consoantes seguidas que pertencem a sílabas diferentes.

Exemplos:

subs-cre-ver, bis-na-ga, sub-ju-gar

c) As letras dos dígrafos rr , ss , sc , sç e xc .

Exemplos:

car-ro, nas-cer, con-fes-sar, ex-cên-tri-co, nas-ça

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

As competências e habilidades do ENEM

Competências são modalidades estruturais da inteligência, ou melhor, ações e operações que utilizamos para estabelecer relações com e entre objetos, situações, fenômenos e pessoas que desejamos conhecer. As habilidades são especificações das competências estruturais em contextos específicos, decorrem das competências adquiridas e referem-se ao plano imediato do "saber fazer". Por meio das ações e operações, as habilidades aperfeiçoam-se e articulam-se possibilitando nova reorganização das competências.

As cinco competências que estruturam o Enem são desenvolvidas e fortalecidas com a mediação da escolarização formal e correspondem aos requisitos mínimos para que a interação social – a base do exercício da cidadania – possa pautar-se pela autonomia, esteio das condutas nas sociedades democráticas.

Todas as palavras de duas ou mais sílabas que aparecem nesse texto têm uma sílaba tônica. No entanto, apenas algumas delas têm a marca dessa tonicidade: o acento gráfico, que é o acento da escrita.

Os acentos gráficos são: circunflexo (^), agudo (´) e grave (`). O til (~) não é considerado acento, mas indicador de nasalização.

As regras de acentuação gráfica estão estabelecidas pelo Acordo Ortográfico Luso-Brasileiro de 1943 e pela Lei 5.765 de 1971.

– Recebem acento agudo as oxítonas e os monossílabos tônicos terminados em a, e, o abertos, e acento circunflexo os que terminam em e, o fechados, seguidos ou não de s.

Exemplos:

cajá, hás, jacaré, pés, seridó, sós, dendê, lês, pôs, bisavô

Incluem-se nessa regra as formas verbais como *contá-la, fá-lo-ei, fê-los, pô-los*.

– Recebem acento todas as palavras proparoxítonas. As que têm na antepenúltima sílaba as vogais a, e, o abertas ou i, u levam acento agudo.

Exemplos:

árabe, exército, gótico, límpido, público

As que têm na sílaba predominante as vogais e, o fechadas ou a, e, o seguidas de m ou n levam acento circunflexo.

Exemplos:

devêssemos, fôlego, lâmina, lâmpada, quilômetro

Incluem-se nessa regra as palavras terminadas em encontros vocálicos que são pronunciados como ditongos crescentes.

Exemplos:

área, vácuo, tênue, mágoa

– As paroxítonas terminadas em i ou u, seguidas ou não de s, levam acento agudo quando na sílaba tônica estão as vogais a, e, o abertas, i ou u.

Exemplos:

íris, júri, lápis

Levam acento circunflexo quando trazem vogais e, o fechadas ou a, e, o seguidas de m ou n.

Exemplos:

bônus, dândi, tênis

As paroxítonas terminadas em um, uns têm acento agudo na sílaba tônica.

Exemplos:

álbum, álbuns

– Coloca-se acento agudo no i e no u tônicos que não formam ditongo com a vogal anterior.

Exemplos:

país, juízo, saía, saúde, viúvo

Não se coloca acento no i e no u quando, precedidos de vogal que com eles não formam ditongo, são seguidos de l, m, n, r ou z que não iniciam sílabas e nh.

Exemplos:

contribuinte, juiz, ruim, coroinha

Não se coloca acento nos ditongos tônicos iu e ui quando precedidos de vogal.

Exemplos:

atraiu, contribuiu, caiu

– **Coloca-se acento agudo no u tônico precedido de g ou q e seguido de e ou i.**

Exemplos:

argúi, argúis, averigúe, obliqúe, obliqúes

– **Coloca-se acento agudo na base dos ditongos abertos éi, éu, ói, quando tônicos.**

Exemplos:

assembléia, bacharéis, chapéu, jibóia, rouxinóis

– **Coloca-se acento agudo no e da terminação em ou ens das palavras oxítonas.**

Exemplos:

alguém, armazém, convém, convéns, parabéns

Não levam acento as paroxítonas terminadas por ens.

Exemplos:

imagens, jovens, nuvens

A terceira pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos ter , vir e seus derivados recebem acento circunflexo no e da sílaba tônica.

Exemplos:

contêm, convêm, têm, vêm

O acento circunflexo do singular crê , dê , lê , vê é conservado no plural crêem , dêem , vêem , e nos derivados desses verbos.

Exemplos:

descrêem, desdêem, relêem, revêem

– **Coloca-se acento agudo no a , e , o abertos e no i ou u da penúltima sílaba dos vocábulos paroxítonos que terminam em l , n , r e x; e acento circunflexo no e , o fechados e no a , e , o seguidos de m ou n na mesma situação.**

Exemplos:

açúcar, afável, éter, hífen, âmbar, córtex, fênix, vômer

Não são acentuados graficamente os prefixos paroxítonos terminados em r .

Exemplos:

inter-helênico, super-homem

– **Coloca-se acento agudo ou circunflexo na vogal da sílaba tônica dos vocábulos paroxítonos terminados em ditongo oral.**

Exemplos:

ágeis, devêreis, escrevêsseis, fôsseis, faríeis, férteis, fósseis, úteis, túneis

– **Nas palavras paroxítonas, coloca-se acento circunflexo no penúltimo o fechado do hiato oo, seguido ou não de s.**

Exemplos:

abençôo, enjôo, enjôos, perdôo, vôos

– **Coloca-se acento circunflexo na forma pôde (pretérito perfeito do indicativo) para distingui-la de pode (presente do indicativo).**

Exemplos de outros homógrafos:

ás (s. m.) e **às** (contr. da prep. *a* com o art. ou pron. *as*)
pára (v.) e **para** (prep.)
péla, **pélas** (s. f. e v.) e **pela**, **pelas** (agl. da prep. *per* com o art. ou pron. *la*, *las*)
pélo (v.) e **pelo** (agl. da prep. *per* com o art. ou pron. *lo*) e **pêlo** (s.m.)
péra (el. do s.f. comp. *péra-fita*) e **pera** (prep. ant.) e **pêra** (s.f.), mas **peras** (s.f.pl.)
pólo, **pólos** (s.m.) e **polo**, **polos** (agl. da prep. *por* com o art. ou pron. *lo*, *los*)

– **Coloca-se acento grave nas contrações da preposição a com o artigo a e com os pronomes demonstrativos a, aquele, aqueloutro, aquilo:**

Exemplos:

à, às, àquele, àquela, àqueles, àquilo, àqueloutro, àqueloutra, àqueloutros, àqueloutras

O USO DA CRASE

Crase é a fusão da preposição a com o artigo a, e assinalada mediante o uso do acento grave (`). Há crase sempre que o termo antecedente exije a preposição a e o termo conseqüente aceite o artigo a. Veja: Fui à cidade . Quando não ocorrem essas duas condições, não há crase. Veja: Conheço a cidade . Nesse caso, faltou a primeira condição.

Para saber se uma palavra aceita ou não o artigo, basta verificar se se pode usar da antes dela ou basta usar de.

Exemplos:

Vim **da** Bahia. Vou **à** Bahia.
Vim **de** São Paulo. Vou **a** São Paulo.
Vim **da** Grécia. Vou **à** Grécia.
Vim **de** Moscou. Vou **a** Moscou.

Outros exemplos:

Ele descansava **à** beira-mar.

"Sofia, depois de estar alguns segundos **à** escuta, tornou **à** sala e foi sentar-se com grande rumor de saias, na otomana de cetim azul, compra de poucos dias."

(Machado de Assis, *Quincas Borba*.)

Sentou-se **à** mesa e pôs-se a comer.

Não Ocorre Crase

Leia e observe as palavras grifadas:

Drauzio Varella, médico e autor do livro Estação Carandiru, informou numa entrevista a respeito de sua convivência com os presos do Carandiru "Simplesmente dou atenção a eles, porque ninguém mais dá. Eu os ouço e ausculto com o estetoscópio – a todos, sem exceção."

No dia 02 de outubro de 1992, conhecido como o dia do Massacre do Carandiru, Drauzio Varella e o diretor geral do presídio caminhavam lado a lado quando começaram a falar sobre histórias de fuga. Despediram-se com uma frase enganadora "A cadeia está na maior calmaria".

Nestes "as" não ocorre crase, pois eles estão antes da palavra masculina *(a respeito)*; antes do verbo (a *falar)*; antes de pronomes (a *eles*, a *todos)* e entre palavras repetidas *(lado a lado)*.

Atenção: **Existem três pronomes de tratamento que aceitam o artigo e, portanto, a crase. São eles: senhora , senhorita e dona .**

Exemplos:

Dirijo-me **à senhora**.
Entregou o lenço **à senhorita**.

Também não ocorre crase:

Antes dos nomes de cidades.

Exemplo:

Fui **a Ubatuba**.

Atenção: **Se o nome da cidade vier determinado por algum adjunto adnominal, há crase:**

Exemplo:

Fui **à Ubatuba** dos verdes mares.

Quando um a (no singular) vem antes de um substantivo no plural.

Exemplo:

É proibida a caça **a tartarugas**.

Atenção: **Se o mesmo a vier seguido de s haverá crase.**

Exemplo:

É proibida a caça **às tartarugas**.

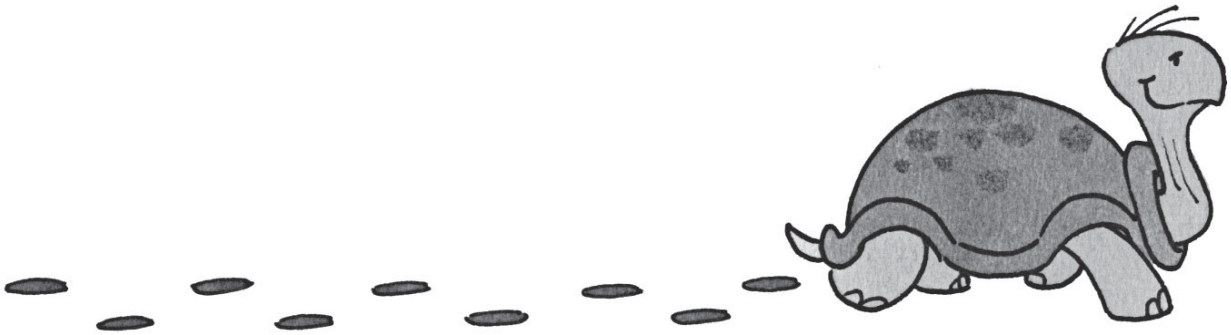

Quando se indica o número de horas.

Exemplo:

Chegamos **às doze** horas.

Atenção: Se se substitui por um substantivo masculino não se usa crase.

Exemplo:

Chegamos **ao meio-dia**.

Com a expressão à moda de .

Exemplo:

Pedimos pizza **à moda da** casa.

Atenção: Usa-se a crase mesmo que a expressão *moda de* esteja implícita.

Exemplo:

Ele escreve **à Drummond**. (à moda de Drummond)

Nas expressões adverbiais femininas, aquelas que se referem a verbos, exprimindo tempo, lugar, modo.

Exemplos:

Chegaram **à noite**.
Comeram **às pressas**.
Saiu **à procura** da menina.

Atenção: **Quando a expressão adverbial feminina indica instrumento, pode-se ou não usar o acento indicativo da crase.**

Exemplos:

Ele comprou um barco **a vela**. (ou **à vela**)
Esta escultura é feita **a faca**. (ou **à faca**)
Pegou o touro **a unha**. (ou **à unha**)

Lista das expressões mais comuns que pedem crase

à altura de
à baila
à baioneta
à bala
à beca
à beira
à boca pequena
à busca
à caça
à cata
à chave
à custa alheia
à deriva
à destra
à direita
à esquerda
à disposição
à entrada
à escolha
à escovinha
à espera
à evidência
à exceção
à faca
à face de
à falta de
às favas
à larga
à légua
à lei de
à letra
à ligeira
à luz de
à mão
à mão-cheia
à máquina
às mil maravilhas
à margem
à medida
à mercê
à mesa
à milanesa
à mostra
à moda
à noite
à sua disposição
à parte
à ponta de
às pressas
à prestação
à primeira vista
à procura de
à proporção de
à proporção que
à prova de
à raiz de
à razão de
à raiz de
à saciedade
às armas!
às escondidas
às escuras
às noites
às onze (horas)
às quintas (-feiras)
à toa e à-toa

PALAVRAS PARÔNIMAS

Parônimas são palavras com pronúncia e grafia semelhantes mas significado diferente.

Exemplos:

ratificar (confirmar) e **retificar** (corrigir)
eminente (destacado) e **iminente** (prestes a ocorrer)
alto (que tem altura) e **auto** (solenidade)
babador (aquele que baba) e **babadouro** (lugar onde se baba)
cozer (cozinhar) e **coser** (costurar)
deferir (acatar) e **diferir** (adiar)
fruir (desfrutar) e **fluir** (escorrer)
tráfego (trânsito) e **tráfico** (comércio)
mau (o oposto de *bom*) e **mal** (o oposto de *bem*)
viagem (substantivo) e **viajem** (verbo)
sela (arreio) e **cela** (cubículo)
flagrante (evidente) e **fragrante** (aromático)

PALAVRAS HOMÔNIMAS

As palavras homônimas possuem a mesma pronúncia mas significado diferente.

Exemplos:

são (do verbo ser; sadio; santo)
ser (verbo; substantivo)
farsa (mentira; peça de teatro)
conserto (correção) e **concerto** (apresentação)
sessão (espaço de tempo), **seção** (departamento) e **cessão** (ato de ceder)

FORMAS VARIANTES

Palavras que admitem duas grafias para o mesmo significado.

Exemplos:

secção ou **seção** (departamento)
quociente ou **cociente** (resultado da divisão)
quatorze ou **catorze** (numeral)
quota ou **cota** (porção determinada)

ORIENTAÇÕES GERAIS

Os Sufixos

Os sufixos -ez ou -eza , que formam substantivos abstratos a partir de adjetivos, sempre se grafam com z.

Exemplos:

pobre - pobreza
rico - riqueza
altivo - altivez
magro - magreza

Os sufixos -es , -esa e -isa , que denotam nacionalidade, estado social ou profissão, grafam-se com s.

Exemplos:

inglês, português, norueguês, chinês
burguesa
papisa, poetisa, sacerdotisa

O sufixo -oso , que indica estado pleno, grafa-se com s .

Exemplos:

pretensão - pretensioso
ambição - ambicioso
vaidade - vaidoso
chuva - chuvoso
receio - receoso
medo - medroso
vulto - vultoso
afeto - afetuoso

O sufixo -izar, formador de verbo, grafa-se com z .

Exemplos:

canal - canalizar
fertilidade - fertilizar
símbolo - simbolizar
hospital - hospitalizar
radical - radicalizar

Atenção: Em alguns casos, não se trata do sufixo -izar , como em:
analisar (análise + ar)
pesquisar (pesquisa + ar)
catalisar (catálise + ar)

Depois de ditongo normalmente se emprega x.

Exemplos:

eixo, feixe, faixa, seixo

Os verbos terminados em -uir são grafados com i final na segunda e terceira pessoas do singular do presente do indicativo e na segunda pessoa do singular do imperativo afirmativo.

Exemplos:

possuir - possuis - possui - possui
retribuir - retribuis - retribui - retribui
contribuir - contribuis - contribui - contribui

Os verbos terminados em -uar são grafados com e final na primeira e segunda pessoas do singular do presente do subjuntivo e na terceira pessoa do imperativo afirmativo.

Exemplos:

cultuar - cultue - cultues - cultue
continuar - continue - continues - continue

Emprego do H

O emprego do h, em nossa língua, também merece destaque, porque é uma letra que não corresponde a nenhum som. Usa-se apenas nos seguintes casos:

a) no início de algumas palavras, como *hífen*, *hoje*, *holografia*;

b) no final de algumas interjeições, como *ah!*, *oh!*, *uh!*;

c) em palavras compostas nas quais o segundo elemento, iniciado por h, se une ao primeiro por meio de hífen, como *super-homem*, *pré-história*, *anti-humano*;

d) nos dígrafos ch, lh e nh, como em *chato*, *talho*, *tamanho*.

O h desaparece quando se acrescenta um prefixo a uma palavra iniciada por ele, a não ser em palavras separadas por hífen.

Exemplos:

des + honra = desonra
re + haver = reaver
in + habitado = inabitado
super + homem = super-homem
anti + higiênico = anti-higiênico
pré + história = pré-história

Emprego de A/Há

Cientistas descobrem pegadas deixadas por menino em uma caverna há mais de 25 mil anos

"Cientistas franceses anunciaram há 4 anos, em 1999, a descoberta, na caverna de Chauvet, sul da França, de pegadas feitas há mais de 25 mil anos. Estas pegadas, diz o paleontólogo Michel-André Garcia após analisá-las, trata-se de um menino que andava com os pés nus, vagarosamente, na lama.

(Nessa época, os cientistas informaram que as investigações terão início daqui a 4 meses) O paleontólogo Jean Clottes, dirigente do Centro Nacional de Pesquisa Científica da França, está seguro de que as pegadas marcam a última passagem de humanos pela caverna, inviolada por milhares de anos."

(*Época*, 14jun. 1999)

As formas a e há, que costumam causar confusão, são usadas para expressar tempo e distância. A forma há sempre se refere ao passado. Pode ser substituída por faz ou transformar-se em havia quando expressar passado de passado.

Exemplos:

A casa está **a** dois quilômetros de distância daqui.
Estamos **a** dois meses da festa.
Daqui **a** dois meses haverá uma festa.
Dali **a** dois quilômetros fica a casa.
A festa ocorreu **há** dois meses.
A festa tinha acontecido **havia** dois meses.
Havia dois meses que se tinha realizado a festa.

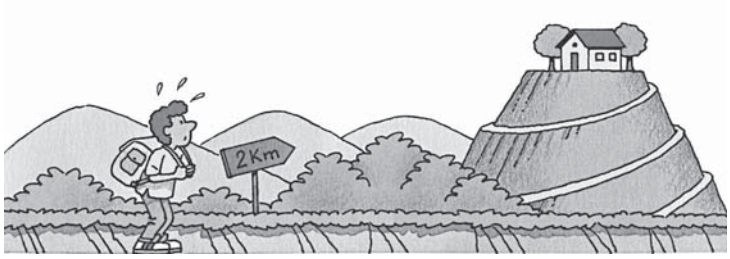

Por Que/Por Quê / Porque/ Porquê

•• Por que ••

Indica a existência de duas palavras: a preposição por e a partícula que .

Usa-se por que nas interrogações.

Exemplos:

Por que você não estudou gramática?
"Mas **por que** exatamente em mim fora repentinamente se refazer o primeiro silêncio?"

(Clarice Lispector, *A paixão segundo GH*.)

"**Por que** ressuscita dentro de mim essa imagem, essa manhã?"

(Rubem Braga, *As meninas*.)

"**Por que** você não me conta o que está acontecendo? Somos velhos amigos."

(Rubem Fonseca,
Vastas emoções e pensamentos imperfeitos.)

Usa-se por que nas frases afirmativas quando pode ser substituído por pelo qual, por qual razão, por qual motivo e suas variantes (pela qual, por quais razões etc.)

Exemplos:

Os motivos **por que** eles se separaram ninguém sabe.
"Estão espantados: querem saber **por que** morreram, para que morreram."

(Rubem Braga, *Cristo morto*.)

Não há **por que** temer.
Eis **por que** o Brasil não vai pra frente.
"Mas, **por que** é que Rubião ia deixá-los? Que razão? Que negócio?"

(Machado de Assis, *Quincas Borba*.)

Em títulos de livros ou de artigos de revistas e jornais, por que, apesar de vir sem ponto de interrogação, é usado separadamente. Entende-se que esses títulos estão querendo explicar, indagar ou narrar as causas de algum fato ou fenômeno.

Exemplos:

Por que construí Brasília.
Por que o presidente vai ao Chile.
Por que a cidade está um caos.

Por que também é usado separadamente quando pode ser substituído por *para que*.

Exemplos:

Todos lutaram **por que** o país vencesse a guerra.
Ela estava ansiosa **por que** ele voltasse.

•• Por quê ••

Usa-se por quê quando este incide em fim de frase ou antes de ponto-de-interrogação.

Exemplos:

Ele foi embora. **Por quê**?
Você não gostou do almoço, **por quê**?
Ela está triste sem saber **por quê**.

•• Porque ••

É uma palavra única que, quando precedida de pausa, equivale a *pois, porquanto, uma vez que, pela causa/razão de que, pelo fato/motivo de que.*

Exemplos:

Comi muito, **porque** estava com fome.
Se não respondi à minha filha, foi **porque** não sabia.
Ele teve um ataque de nervos, **porque** a filha saiu.
O pássaro deve ter fugido, **porque** não está na gaiola.
Ele não veio à festa **porque** se esqueceu?
"E isto agora serve-nos, concluiu ele, **porque** o governo inclina-se à paz."

(Machado de Assis, *Quincas Borba*.)

•• Porquê ••

É um substantivo com o sentido de *causa, razão* ou *motivo*, ou *pergunta, indagação*.

Exemplos:

Ninguém entendeu o **porquê** daquela reação.
Ele é uma pessoa cheia de **porquês**.
Ele quer saber o **porquê** de tudo.

Questões de Vestibular

1. (UFPE-PE) Assinale a alternativa em que todas as palavras são acentuadas.

a) salario – urgencia – cinico – sabado – prejuizo
b) impossivel – comercio – apos – gramatical – economica
c) inteligencia – proposito – tambem – viavel – rubrica
d) apoio – ceus – pagina – fiel – hifen
e) ideais – minimo – comicio – eletrica – itens

2. (UFMA-MA)

"A televisão, hoje talvez a principal caixa de ressonância de hábitos enraizados na sociedade, não poderia deixar de <u>incorporá-los</u> e reproduzi-los."

A palavra graficamente acentuada pelo mesmo motivo da que está grifada, no trecho acima, é:

a) território
b) baú

c) assembléia

d) canapé

e) pólen

3. (UFMA-MA) Considere o seguinte trecho:

"Se tudo correr dentro do cenário otimista montado pelo governo, o País pode chegar ao próximo milênio em condições de reverter algumas das distorções históricas do sistema educacional."

Das palavras grifadas, apenas duas são acentuadas graficamente por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente. Assinale a opção que as contém.

a) cenário e país

b) milênio e próximo

c) próximo e históricas

d) país e históricas

e) cenário e milênio

4. (Faculdade Anhembi-Morumbi-SP) Assinale a alternativa em que o uso da crase seja o mesmo da frase a seguir:

As crianças desde cedo são expostas à tragédia humana.

a) Ele está ligado à raiz que penetra em nós na terra.

b) E quando à meia-noite o céu repousa.

c) Escrevo-te à medida de meu fôlego.

d) Só que não sei usar amor. Às vezes me arranha como se fossem farpas.

e) A margarida é florzinha alegre. É simples e à tona da pele.

5. (FEI-SP) Assinale a alternativa que preencha corretamente as lacunas:

I – Estamos chegando. São Paulo fica ____ apenas 50 quilômetros daqui.

II – O governo federal vai realizar o ____ da população em 1996.

III – No início do século, muitos italianos _____ para o Brasil.

IV – João é muito _____ educado.

a) censo – imigraram – mal
b) à – censo – emigraram – mau
c) há – senso – imigraram – mau
d) a – senso – emigraram – mal
e) à – senso – imigraram – mau

6. (Unisa-SP) Assinale a alternativa que preencha corretamente as lacunas.

O _____ ocorrido com o aluno deixou-o _____ disposto para a prova.

a) flagrante – mau
b) fragrante – mal
c) fragante – mau
d) flagrante – mal
e) fragrante – mau

7. (Unisa-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas:

Caminhavam __ pé e sabiam estar __ poucos metros da praia, mas o cansaço impediu-os de chegar _ ela

a) a – há – à
b) à – há – a
c) a – a – a
d) à – à – a
e) a – à – à

8. (Faculdade Anhembi-Morumbi-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas das frases abaixo:

I – Meu Deus, _____ as crianças têm que ser expostas à tragédia humana?

II – Queria entrar na rede _____ era mais fácil para promover um debate.

III – Muitos ainda não sabem o _____ da importância que se tem dado à Internet.

IV – Não há _____ ser feliz, se não for por um grande amor.

a) porque – porquê – por que – por quê

b) por que – porque – porquê – por que

c) porque – por que – por quê – por que

d) porquê – porque – por que – por que

e) por que – porque – porque – por que

9. (UFMA-MA)

"A bolsa de valores vai continuar caindo? Por quê?"

Em qual das alternativas, a oração pode ser completada com a mesma expressão grifada no período acima?

a) "— É boa! _____ coso. Então os vestidos e enfeites de nossa ama, quem é que os cose ...?"

b) "— Que a deixe? Que a deixe, _____?"

c) "— Mamãe, _____ é que a senhora não joga hoje na cobra?"

d) "— Mas _____ é que eu ainda não acertei com ela?"

e) "Não venceu ainda assim, _____ o poeta amado leu à pressa o que pôde...."

4

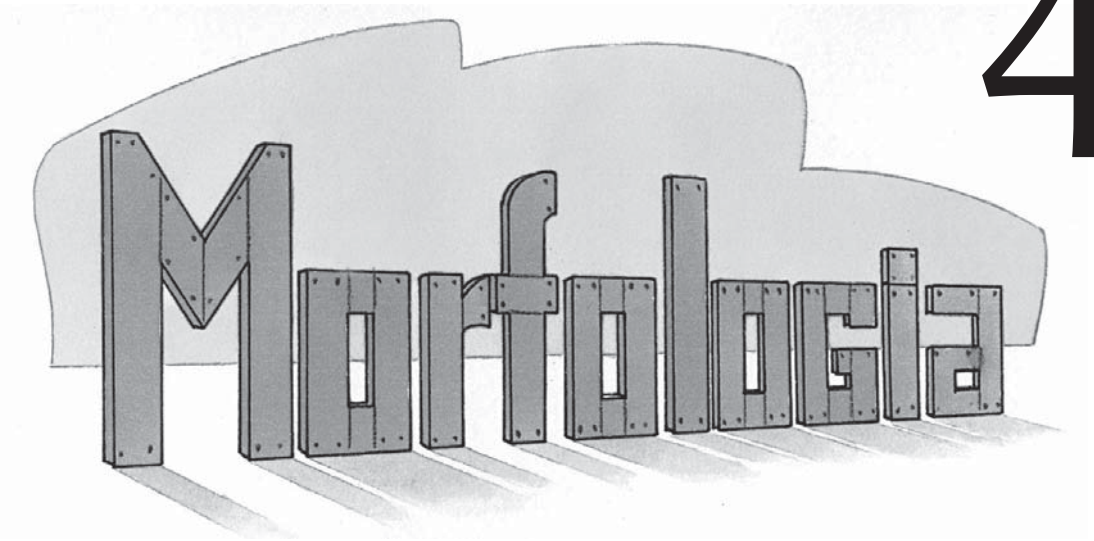

MORFOLOGIA

Morfologia é a parte da gramática que estuda as formas das palavras, sua estrutura, formação, flexão e classificação. As palavras são formadas pela junção de partes menores, chamadas elementos mórficos. O estudo desses elementos é chamado análise morfológica.

Estrutura das palavras
Formação das palavras
Classificação das palavras
Questões de vestibular

ESTRUTURA DAS PALAVRAS

Famosos embaralham mais a trama de Albee

Edward Albee, 75, é um dramaturgo americano cujas peças são montadas no Brasil desde a década de 60. Dramas familiares são constantes na obra do autor. Em abril de 2003 estreou "A peça sobre o Bebê" que tem como personagens principais Reynaldo Gianecchini e Marília Gabriela.

Famosos embaralham mais a trama de Albee.

(*Folha de São Paulo*, 24 abr. 2003)

Podemos dividir as palavras sublinhadas em fonemas e sílabas.

Fonemas: / f / a / m / o / s / o / s /
/ ẽ / b/ a / r / a / lh / ã / u /

Sílabas: fa – mo – sos
em – ba – ra – lham

Como já vimos, fonema é a menor unidade sonora da palavra. Mas as palavras não constituem apenas uma seqüência de fonemas. Podem ser divididas em pequenas unidades, dotadas de significação. Veja:

fam / oso / s

radical (base de significado) — **sufixo (indicador de abundância)** — **desinência de plural**

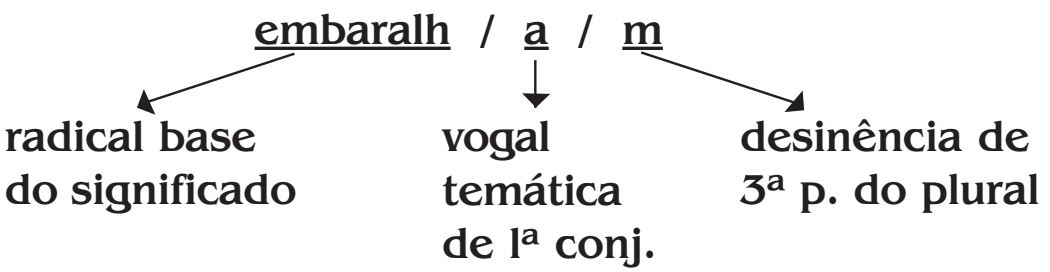

Essas unidades menores são elementos mórficos das palavras.

Os elementos mórficos que entram na estrutura das palavras são o radical, as desinências, a vogal temática e os afixos (prefixos e sufixos).

Radical

Examinemos estas séries de palavras:

cabelo – cabelos – cabelinho – cabeludo
cabelão – descabelado

pequeno – pequenos – pequena
pequenino – pequenez

comer – comemos – comilão – comida
comidinha

construção – construir – construído
reconstruído – reconstruíamos

seco – seca – secante – secamente
ressecávamos

interesse – interessa – interesses
interessante – desinteressado

Podemos perceber que elas têm uma parte que não varia e outra que varia de palavra para palavra. As partes que não variam são chamadas radical . O radical une as palavras da mesma família e lhes dá uma base comum de significação.

Exemplos:

cabelo, **cabel**os, **cabel**inho, **cabel**udo, **cabel**ão, des**cabel**ado
pequeno, **pequen**os, **pequen**a, **pequen**ino, **pequen**ez

Sendo assim, uma família etimológica é o conjunto de palavras que têm um radical comum.

Exemplo:

popular
população
popularidade
popularizar
populacho
populismo
super**popul**ação
populista

Desinência

As desinências podem ser nominais , ou seja, aquelas que servem para indicar o gênero (masculino ou feminino) e o número (singular ou plural) dos substantivos, adjetivos e certos pronomes; ou verbais , ou seja, aquelas que indicam o número e a pessoa dos verbos.

Exemplos:

pequen**o** – pequen**os** – come**mos**

Afixos

Os afixos são partículas que modificam a palavra. As que vêm antes do radical são os prefixos , e as que vêm depois, os sufixos .

Os prefixos, em geral, modificam a palavra de forma precisa. Em *desinteressado* temos o prefixos *des-*, que dá a idéia de falta, ausência, privação. E em *reconstruíamos* temos o prefixo *re-*, que dá idéia de repetição.

Os sufixos podem estar demonstrando a categoria de tempo e modo, uma forma nominal do verbo ou alterando o sentido e a classe do radical. Assim, na palavra *ressecávamos* temos quatro elementos formativos: o radical sec , a desinência número-pessoal mos , o prefixo re- e o sufixo -va .

Vogal Temática

As vogais temáticas indicam a conjugação do verbo. São elas:

a – para os verbos da primeira conjugação (exs.: and-a-r, ressec-á-va-mos).
e – para os verbos da segunda conjugação (exs.: vend-e-r, receb-ê-ra-mos).
i – para os verbos da terceira conjugação (exs.: part-i-r, repet-i-mos).

Quando acrescido de uma vogal temática, ou seja, pronto para receber uma desinência ou um sufixo, o radical recebe o nome de tema .

Vogal e Consoante de Ligação

São aquelas que servem apenas para evitar dissonâncias quando se forma uma palavra. Se examinarmos, por exemplo, as palavras *gasômetro* e *paulada*, verificamos que a primeira é formada por dois radicais *gás* + *metro*, ligados pela vogal *o*, que não tem valor significativo. A segunda é

formada pelo radical *pau* e pelo sufixo *-ada*, ligados pela consoante *l*, que não tem valor significativo, e está aí apenas para evitar a dissonância *auá*.

FORMAÇÃO DAS PALAVRAS

Você que inventou a tristeza
Ora, tenha a fineza
de desinventar ...
(Chico Buarque de Holanda)

Os dicionários da língua portuguesa não registram o vocábulo *desinventar*. O autor criou-o baseando-se num processo de formação já existente em nossa língua, o processo da prefixação: *des* + *inventar*.

Os dois processos mais empregados na língua portuguesa são a derivação e a composição .

DERIVAÇÃO

Derivação é o processo de formação das palavras mediante o emprego de prefixos (derivação prefixal), ou sufixos (derivação sufixal).

Os prefixos que aparecem na língua portuguesa são em geral de origem grega ou latina. Abaixo você encontra listas com os mais comuns.

Prefixos de origem grega

prefixo	significado	exemplo
an-, a-	negação	afônico, ateu
anfi-	de um e outro lado	anfíbio, anfiteatro
anti-	ação contrária	antipedagógico
apo-	afastamento	apogeu
arqui-	superioridade	arquiduque
cata-	movimento de cima para baixo	catadupa
dia-	movimento através	diagnóstico
dis-	dificuldade	disenteria
ec-, ex-	movimento para fora	êxodo
e-, en-	posição interna	encéfalo
endo-	dentro	endotérmico
epi-	posição superior	epitáfio
eu-	bem, bom	eufonia
hemi-	metade	hemilabial
hiper-	superioridade	hipertensão
hipo-	inferioridade	hipotrofia
meta-	para além	metafísica
para-	proximidade	paralelo
peri-	em torno de	perímetro, perífrase
pro-	anterioridade	prólogo, prognóstico
sin-, sim-, si-	união, simultaneidade	sincrônico, sílaba

Prefixos de origem latina

prefixo	significado	exemplo
ab-, abs-	afastamento	abdicar
ad-, a-	proximidade, direção	adjacente
ambi-	duplicidade	ambíguo
ante-	anterioridade	antedatar
bem-	bem	bendizer
circum-	movimento em torno	circunavegação
cis-	posição aquém	cisplatino

prefixo	significado	exemplo
com-, con-, co-	companhia, simultaneidade	colaborar
contra-	oposição	contradizer
de-	movimento de cima para baixo	decrescer, decair
des-	separação, ação contrária	desfazer
em-, en-, in-	movimento para dentro, direção	enterrar, ingerir
entre-, inter-	posição intermediária	entreposto, internacional
ex-, es-, e-	movimento para fora	exportar, emigrar
extra-	fora de	extra-oficial
in-, im-, i-	negação	imberbe, infeliz
intra-	posição interior	intravenoso
intro-	movimento para dentro	introduzir
justa-	junto de	justapor
mal-	mal	maldizer
ob-, o-	oposição, posição em frente	obstar
per-	movimento através	percorrer
pos-	posição posterior	pospor
pre-	anterioridade	predizer
preter-	além de	preternatural
pro-	movimento para adiante	prosseguir
re-	movimento para trás, de novo	refrear, reler
retro-	movimento para trás	retroceder
semi-	metade	semicírculo
soto-, sota-	posição inferior	soto-capitão
sub-, sob-, so-, sus-	inferioridade	subscrever, sopé
super-, sobre-	posição superior, excesso	superfície, superpovoado
supra-	posição acima, excesso	supracitado, supra-sumo
trans-, tra-, tres-, tre-	além de	transpassar, transpor
tri-	três	tripartido
ultra-	além do limite	ultrapassar
vis-, vice-	no lugar de	vice-reitor

Correspondência entre prefixos gregos e latinos

grego – exemplo	latino – exemplo	significado
a-, an- / amoral	des-, in- / imoral	privação
anfi- / anfíbio	ambi- / ambisséxuo	duplicidade
anti- / antiaéreo	contra- / contradizer	ação contrária
apo- / apogeu	ab- / abjurar	afastamento
cata- / cataclismo	de- / decair	de cima para baixo
di- / dissílabo	bi- / bilabial	dois
dia-, meta- / diálogo, metamorfose	trans- / transformação	através de, mudança
en- / encéfalo	in- / ingerir	inferioridade
endo- / endovenoso	intra- / intramuscular	posição interior
ec-, ex- / êxodo	ex- / exportar	movimento para fora
epi- / epiderme	supra- / supracitado	acima
hiper- / hipertensão	super- / super-homem	sobre
eu- / euforia	bene- / benefício	bem, bom, êxito
hemi- / hemiciclo	semi- / semicírculo	metade
hipo- / hipotrofia	sub- / subterrâneo	sob
para- / paráfrase	ad- / adjacente	proximidade
peri- / perímetro	circum- / circunscrever	em torno de
pro- / prólogo	pre- / previsão	anterioridade
sin- / sintonia	cum- / combater	simultaneidade

Pela derivação sufixal se formam novos substantivos, adjetivos, verbos e advérbios (os terminados em -mente). Por isso, os sufixos são classificados em:

- nominais , quando se aglutinam a um radical para dar origem a um substantivo ou a um adjetivo.
- verbais , quando se ligam a um radical para originar um verbo.
- adverbiais , quando o sufixo -mente se une à forma feminina de um adjetivo.

Sufixos nominais: aumentativos e diminutivos

Sufixos de valor aumentativo	Exemplo	Sufixos de valor diminutivo	Exemplo
-ão	cabelão	-elho	rapazelho
-alhão	grandalhão	-ejo	lugarejo
-arrão	gatarrão	-ebre	casebre
-aço	golaço	-eco	livreco
-ázio	gatázio	-ote	frangote
-anzil	corpanzil	-isco	chuvisco
-orra	cabeçorra	-usco	velhusco
-astro	poetastro	-acho	riacho
-az	lobaz	-im	espadim
		-icha	barbicha
		-ucho	papelucho
		-inho	cabelinho

Existem também os diminutivos eruditos, como corpúsculo (corpo), versículo (verso), febrícula (febre), partícula (parte), película (pele), questiúncula (questão), nódulo (nó), nótula (nota), opúsculo (obra).

Outros sufixos nominais

Alguns sufixos, como -ada, -al, -ama, -aria, -ário, -edo, -eiro(a), -ia, -io, -ite, -ugem, -ume, quando agregados a substantivos, dão origem a outros substantivos.

Exemplos:

cadeira – cadeirada, milho – milharal, dinheiro – dinheirama, carne – carniçaria, veste – vestuário, barba – barbeiro, cavalo – cavalaria.

Na terminologia científica, alguns sufixos são usados para formar palavras específicas. Na Química, por exemplo, usam-se -ato , -eto e -ito para formar nomes de sais (clorato, cloreto, clorito); -ina para formar nomes de alcalóides e álcalis arti-

ficiais (cafeína, anilina); -io na formação dos nomes dos corpos simples (potássio, sódio) e -ol na formação dos nomes dos derivados de hidrocarbonetos (fenol, naftol). Na Mineralogia e na Geologia, usa-se o sufixo -ita para os nomes das espécies minerais (pirita); -ito para os nomes das rochas (granito) e -ite para os nomes dos fósseis (amonite).

Já a Lingüística emprega o sufixo -ema para indicar a menor unidade de sentido: fonema (menor segmento distinto em uma enunciação); morfema (menor unidade gramatical de forma).

Alguns sufixos, como -dade, -ez e -eza, quando agregados a adjetivos, dão origem a substantivos.

Exemplos:

mal – maldade
pequeno – pequenez
triste – tristeza

Alguns sufixos, como -ância, -ante e -ente, quando agregados a verbos, dão origem a substantivos.

Exemplos:

instar – instância
cantar – cantante
correr – corrente

Alguns sufixos, como -ante, -ente e -inte, quando agregados a verbos, dão origem a adjetivos.

Exemplos:

tolerar – tolerante
insistir – insistente
seguir – seguinte

Alguns sufixos, como -aco, -ado e -aico, quando agregados a substantivos, dão origem a adjetivos.

Exemplos:

mania – maníaco
pele – pelado
judeu – judaico

•• Sufixos verbais ••

O acréscimo da terminação -ar a substantivos e adjetivos forma verbos.

Exemplos:

telefone – telefonar
fino – afinar
grosso – engrossar

•• Sufixo adverbial ••

Existe apenas um sufixo adverbial na língua portuguesa. É a terminação -mente , que vem do substantivo latino *mens, mentis* (a mente, o espírito, o intento). Na nossa língua, esse sufixo se une à forma feminina do adjetivo para formar advérbios que indicam intenção ou maneira.

Exemplos:

luxuosamente (luxuosa+mente)
francamente (franca+mente)
felizmente (feliz+mente)

Composição

Trata-se da formação de uma nova palavra mediante a união de dois ou mais radicais. A palavra composta representa sempre uma idéia única e autônoma, em geral totalmente diferente das idéias expressas por seus componentes originais.

Queixa-crime contra o "Estado" é rejeitada

A palavra sublinhada na manchete é composta.

Veja outros exemplos:

beija-flor
sempre-viva
criado-mudo

•• Tipos de composição ••

Quanto à forma, a composição pode se dar por justaposição ou por aglutinação.

– **na composição por justaposição , os elementos conservam sua integridade.**

Exemplos:

belas-artes
meio-dia
quinta-feira

– **na composição por aglutinação , os elementos perdem sua integridade.**

Exemplos:

aguardente (água + ardente)
planalto (plano + alto)
embora (em + boa + hora)

Atenção: **Nem sempre os elementos justapostos vêm ligados por hífen. Há os que se escrevem unidos, como madrepérola, malmequer e passatempo, e os que conservam sua autonomia gráfica, como estrada de rodagem, Idade Média, pai de família.**

Quanto ao sentido , o elemento que contém a idéia geral da palavra composta chama-se determinado , e o que encerra a noção particular, determinante .

Vejamos os seguintes exemplos:

– *escola-modelo* (o elemento determinado é *escola,* porque dá o sentido geral à palavra composta, e o determinante é *modelo*, porque determina um tipo especial de escola).
– *mãe-pátria* (o elemento determinado é *pátria,* porque dá o sentido geral à palavra composta, e o determinante é *mãe*, porque confere um sentido particular a ela).

Quanto à classe gramatical dos seus elementos constituintes, uma palavra composta pode ser formada por:

a) substantivo + substantivo
Exs.: arco-íris, pombo-correio

b) substantivo + preposição + substantivo
Exs.: chapéu-de-praia, estrada de ferro

c) substantivo + adjetivo
Exs.: sangue-frio, alto-mar

d) adjetivo + adjetivo
Exs.: ítalo-americano, herói-cômico

e) numeral + substantivo
Exs.: mil-folhas, quinta-feira

f) pronome + substantivo
Exs.: meu bem, Vossa Senhoria

g) verbo + substantivo
Exs.: saca-rolha, porta-lápis

h) verbo + verbo
Exs.: perde-ganha, vaivém

i) advérbio + adjetivo
Exs.: não-euclidiana, sempre-viva

j) advérbio + verbo
Exs.: bem-aventurar, maldizer

•• Compostos eruditos ••

Quando surge algo novo, é preciso criar uma palavra para designá-lo. Por isso, encontramos em nossa língua, a cada dia, novos vocábulos, criados por exigência dos avanços logrados pela ciência e pela tecnologia. Como exemplos, podemos citar "cromógrafo", "computador", "informática".

A nomenclatura científica, técnica e literária é basicamente constituída por palavras formadas pelo modelo de composição greco-latina, que consiste em associar dois termos, sendo que o primeiro serve de determinante do segundo.

Listamos abaixo os principais radicais latinos e gregos usados em nossa língua.

RADICAIS DE ORIGEM LATINA

RADICAL	SENTIDO	EXEMPLO
agri	campo	agricultor, agricultura, agrícola
arbori	árvore	arborizar, arborícola
avi	ave	avicultura, avícola
beli	guerra	belicoso, beligerante
calori	calor	calorimetria, caloria
capiti	cabeça	decapitar, capital
cida	que mata	suicida, homicida
cola	que cultiva ou habita	vinícola, agrícola
cruci	cruz	crucifixo, crucificar
cultura	cultivar	apicultura, piscicultura
curvi	curvo	curvilíneo, curvicórneo
equi, eqüi	igual	equivalente, eqüidade
fero	que contém ou produz	aurífero, mamífero
fico	que faz ou produz	benéfico, frigorífico
fide	fé	fidedigno, fidelidade
forme	forma	uniforme, biforme
frater	irmão	fraterno, fraternidade
fugo	que foge	centrífugo, lucífugo
gero	que contém ou produz	lanígero, belígero
loco	lugar	localizar, localidade

RADICAL	SENTIDO	EXEMPLO
ludo	jogo	ludoterapia, lúdico
mater	mãe	materno, maternidade
morti	morte	mortífero, mortificar
multi	muito	multinacional, multilateral
oni	todo	onipresente, onisciente
paro	que produz	ovíparo, multíparo
pater	pai	paterno, paternidade
pede	pé	pedestre, bípede
pisci	peixe	piscicultura, piscoso
pluri	vários	plurianual, pluricelular
pluvi	chuva	pluvial, pluviômetro
puer	criança	pueril, puericultura
quadri	quatro	quadrilátero, quadrimotor
reti	reto	retilíneo, retiforme
sapo	sabão	saponáceo, saponificar
sesqui	um e meio	sesquicentenário, sesquipedal
silva	floresta	silvícola, silvicultor
tauru	touro	taurino, tauromaquia
umbra	sombra	penumbra, umbroso
uxor	esposa	uxoricida, uxório
vermi	verme	vermífugo, verminose
voro	que come	carnívoro, herbívoro

RADICAIS DE ORIGEM GREGA

RADICAL	SENTIDO	EXEMPLO
acro	alto	acrofobia, acrobata
aero	ar	aerofagia, aeronáutica
agogo	o que conduz	pedagogo, demagogo
agro	campo	agronomia, agrovila
algia	dor	nevralgia, cefalalgia
andro	homem	andróide, andrógino
anemo	vento	anemômetro, anemofilia
arqueo	antigo	arqueologia, arqueozóico
auto	de, por si mesmo	autobiografia, automóvel
baro	peso, pressão	barômetro, barógrafo
biblio	livro	biblioteca, bibliografia
bio	vida	biologia, biogênese

RADICAL	SENTIDO	EXEMPLO
caco	mau	cacofonia, cacografar
cali	belo	caligrafia, calígrafo
cardio	coração	cardiologia, cardiovascular
cefalo	cabeça	cefalalgia, acéfalo
cino	cão	cinofilia, cinografia
cloro	verde	clorofila, cloroplasto
cosmo	mundo	cosmopolita, cosmonauta
cracia	governo	democracia, teocracia
cromo	cor	acromia, cromático
crono	tempo	cronômetro, cronologia
datilo	dedo	datilografia, datiloscopia
demo	povo	democracia, demagogia
derma(to)	pele	dermatologia, dermite
dinamo	força	dinamômetro, dinamometria
dromo	(local de) corrida	hipódromo, autódromo
eco	casa	ecologia, economia
etimo	origem	etimologia, etimológico
etno	raça	etnologia, etnocêntrico
fago	que come	antropófago, hematófago
filo	amigo	filosofia, filógino
fito	vegetal	fitófago, fitologia
flebo	veia	flebite, flebotomia
fobia	medo ou aversão	nosofobia, hidrofobia
fone	som, voz	fonética, telefone
foto	luz	fotofobia, fotômetro
gamia	casamento	bigamia, poligamia
gastro	estômago	gastrite, gastrologia
geo	terra	geologia, geometria
gino	mulher	ginecologia, ginecocracia (gineco)
grafia	escrita	ortografia, paleografia
helio	sol	heliocêntrico, heliolatria
hema	sangue	hemorragia, hematofobia (hemato)
hetero	outro, diferente	heterônimo, heterossexual
hidro	água	hidrografia, hidrômetro
hiero	sagrado	hierografia, hierograma
higro	úmido	higrômetro, higrometria
hipno	sono	hipnose, hipnotismo
hipo	cavalo	hipódromo, hipomania
homo	mesmo, igual	homógrafo, homossexual
icono	imagem	iconoclasta, iconografia

RADICAL	SENTIDO	EXEMPLO
lito	pedra	litografia, litogravura
logo	conhecimento, estudo, palavra	etnólogo, geólogo
macro	grande, longo	macrocéfalo, macrobiótica
mega	grande	megalomania, megalópole (megalo)
metro	medida	cronômetro, dinamômetro
micro	pequeno	micróbio, microfilme
miso	que tem aversão	misogamia, misantropia
morfo	forma	morfologia, amorfo
necro	morto	necrologia, necrofobia
neo	novo	neologismo, neofobia
noso	doença	nosologia, nosocômio
odonto	dente	odontologia, odontite
oftalmo	olho	oftalmologia, oftálmico
oligo	pouco	oligarquia, oligopólio
ornito	pássaro	ornitologia, ornitorrinco
orto	direito, correto	ortografia, ortopédico
pan	tudo, todos	pan-americano, panteísmo
pato	doença, sentimento	patologia, patonomia
peda	criança	pedagogia, pedagogo
piro	fogo	piromania, pirotécnico
pluto	riqueza	plutocracia, plutocrata
poli	muitos	polissílabo, politeísta
potamo	rio	hipopótamo, mesopotâmia
proto	primeiro	protótipo, protomártir
pseudo	falso	pseudônimo, pseudofruto
psico	alma	psicologia, psicanálise
sofia	sabedoria	filosofia, filósofo
taqui	rápido	taquicardia, taquigrafia
teca	coleção	biblioteca, mapoteca
tecno	arte, ciência	tecnologia, tecnocrata
tele	longe	telefone, telescópio
teo	deus	teologia, teocracia
termo	calor, temperatura	termologia, termômetro
topo	lugar	topologia, toponímia
trofia	desenvolvimento	atrofia, hipertrofia
xeno	estrangeiro	xenofobia, xenomania
xero	seco	xerofilia, xerófito
zoo	animal	zoológico, zoologia

Hibridismo

Flor do Lácio sambódromo, lusamérica latim em pó.
(Caetano Veloso)

Sambódromo formou-se pela união de duas palavras provenientes de línguas diferentes:

***samba* (língua africana) + *dromos* (radical grego)**

A esse processo de formação de palavras com elementos de línguas diferentes dá-se o nome de hibridismo.

Exemplos:

automóvel (o primeiro radical é grego, o segundo é latino)
sociologia (o primeiro radical é latino, o segundo é grego)

Onomatopéia

É o processo de formação de palavras por imitação de sons ou ruídos.

Exemplos:

tique-taque
zás-trás
zunzum

Em geral, os verbos e substantivos usados para indicar os sons produzidos pelos animais são formados por onomatopéia.

Exemplos:

ciciar – cicio (da cigarra)
coaxar – coaxo (do sapo)
chilrear – chilreio (dos pássaros)

O projétil bateu musical na água, e deve ter caído bem no meio da flotilha de marrecos, que grasnaram: **Quaquaracuac!**

(Guimarães Rosa)

O escritor Guimarães Rosa criou a palavra quaquaracuac para reproduzir o som emitido pelo marrecos.

Abreviação Vocabular

Outra maneira de formar palavras em nossa língua é mediante a abreviação ou redução de outras. Em geral, a forma abreviada assume o sentido da forma plena.

Exemplos:

foto (fotografia)
pneu (pneumático)
quilo (quilograma)

Siglas

Formam-se palavras também mediante a redução de longos títulos a meras siglas, constituídas das letras iniciais das palavras que os compõem.

Exemplos:

Varig (Viação Aérea Rio-grandense)
Arena (Aliança Renovadora Nacional)
PT (Partido dos Trabalhadores)

Depois de constituída a palavra, podem-se formar derivados a partir delas, como *arenista, petista* etc. Veja estes outros exemplos:

17 pessoas morrem por falta de UTI no CE

(*Folha de São Paulo, 24 de abril de 2003*)

As competências e habilidades do Enem

(Informativo Enem, 2003)

CLASSIFICAÇÃO DAS PALAVRAS

A Lua na mão de uma bailarina

É impossível perceber sem o auxílio de instrumentos de altíssima precisão, mas a cada ano a Lua se afasta 3,15 centímetros da Terra.

Para entender como isso acontece, é preciso lembrar três aspectos do movimento dos dois astros. O primeiro é a atração gravitacional que um exerce sobre o outro. Do mesmo modo como a terra atrai a Lua, esta também puxa o planeta. "Essa puxada deforma a esfera terrestre, que fica ligeiramente ovalada", explica Simone Daflon, do Observatório Nacional do Rio de Janeiro. O segundo aspecto é como essa deformação freia a rotação da Terra. À medida que o planeta gira em torno de si mesmo, a deformação muda de lugar. Aí, a atração da Lua passa a puxar o "bico" da Terra, no sentido contrário ao da rotação do planeta. Assim segurada, ela gira mais lentamente. Por fim, o terceiro aspecto, uma lei da Física: sempre que um corpo diminui sua velocidade de rotação, como acontece com a Terra, ele "solta" um pouco o que está "amarrado" a ele, ou seja, a Lua.

Observe o movimento da bailarina que rodopia sobre a ponta dos pés, com os braços encostados ao corpo. Se ela esticar os braços, a velocidade do rodopio diminui. E vice-versa: se seu rodopio for freado, seu braço tenderá a se esticar, e sua mão, a se afastar do corpo. Se você considerar que o tronco da bailarina é a Terra, a mão, a Lua, e o braço, a gravidade que une os astros, vai entender por que o satélite vai fugindo lentamente.

(*Superinteressante*, out. 1998)

Todas as palavras do texto acima têm finalidades específicas: umas dão nome aos seres, outras indicam as ações desses seres, outras apenas estabelecem ligações entre termos de uma frase etc. De acordo com essas finalidades, as palavras da língua portuguesa dividem-se nas seguintes classes gramaticais: artigos, substantivos, adjetivos, numerais, pronomes, verbos, advérbios, preposições, conjunções e interjeições.

Artigo

> Um fantástico computador, capaz de fazer dois bilhões de cálculos por segundo, está sendo usado para testar os aviões hipersônicos da próxima geração, antes mesmo que eles comecem a ser construídos.
>
> (*Superinteressante*, nov. 1987)

São artigos as palavras um e os, antepostas aos substantivos. Classificam-se respectivamente em indefinido e definido .

Indefinido porque indica objeto indeterminado; definido porque determina o objeto aviões.

•• Formas do artigo ••

As formas do artigo podem ser simples ou combinadas.

Formas simples

	artigo definido		artigo indefinido	
	singular	plural	singular	plural
masculino	o	os	um	uns
feminino	a	as	uma	umas

Formas combinadas do artigo definido

a) O artigo definido combina-se com as preposições a , de , em , por , formando:

preposição	artigo definido			
	o	*a*	*os*	*as*
a	ao	à	aos	às
de	do	da	dos	das
em	no	na	nos	nas
por (per)	pelo	pela	pelos	pelas

b) O artigo definido feminino a combina-se com a preposição a para formar a crase .

Vamos a + a praia = Vamos à praia

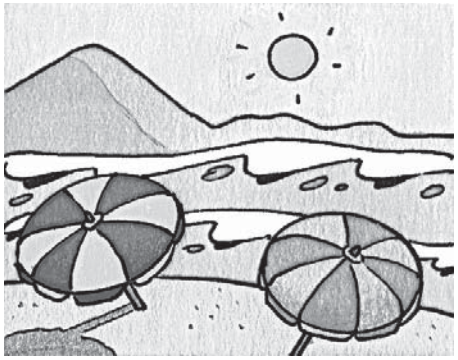

Nessa frase, o primeiro a é a preposição que introduz o adjunto adverbial do verbo *ir*, e o segundo é o artigo que determina o substantivo *praia*.

Formas combinadas do artigo indefinido

O artigo indefinido pode unir-se com as preposições em e de , formando:

artigo indefinido	em	de
um	num	dum
uma	numa	duma
uns	nuns	duns
umas	numas	dumas

Leia o texto seguinte e observe as palavras sublinhadas. São artigos e combinações de artigo.

A raiva ou hidrofobia é uma doença infecciosa que ataca o sistema nervoso central dos mamíferos – tanto animais como homens. É transmitida pelo vírus rábico, veiculado pela saliva e lágrimas dos infectados e inoculado principalmente através de mordidas.

(*Folha de São Paulo*, 17 dez. 1987)

•• Flexão do artigo ••

O artigo flexiona-se em gênero (masculino e feminino) e número (singular e plural), revelando o gênero e o número do substantivo.

Exemplos:

o menino – **a** menina
o cliente – **a** cliente
o livro – **os** livros
um livro – **uns** livros
uma moça – **umas** moças

Substantivo

Conheça um fragmento da poética "O operário em construção" de Vinícius de Moraes. Observe atentamente e procure compreender por que as palavras destacadas são substantivos.

O operário em construção
(fragmento)

"Mas ele desconhecia
Esse fato extraordinário:
Que o operário faz a coisa
E a coisa faz o operário.
De forma que, certo dia
À mesa, ao cortar o pão

O operário foi tomado
De uma súbita emoção
Ao constatar assombrado
Que tudo naquela mesa
– garrafa, prato, facão –
Era ele quem os fazia
Ele, um humilde operário,
Um operário em construção,
Olhou em torno: gamela,
Banco, enxerga, caldeirão
Vidro, parede, janela
Casa, cidade, nação!
Tudo, tudo o que existia
Era ele quem o fazia
Ele, um humilde operário,
Um operário que sabia
Exercer a profissão."

Substantivo é a palavra com a qual designamos ou nomeamos os seres e objetos em geral.

•• Classificação dos substantivos ••

Os substantivos concretos são aqueles que designam pessoas, animais, vegetais, lugares e coisas.

Exemplos:

Maria, patroa, cachorro, alface, Campinas,
livro, mesa, pão, garrafa

Os substantivos abstratos designam ações, sentimentos, estados e qualidades.

Exemplos:

devoção, alegria, velhice, altura, emoção

Os substantivos próprios designam um determinado indivíduo de uma espécie.

Exemplos:

Brasil, Atlântico, Maria

Os substantivos comuns designam, de forma genérica, todos os seres de uma espécie.

Exemplos:

país, oceano, mulher, janela, cidade

Os coletivos são os substantivos comuns que, no singular, indicam um conjunto de seres ou objetos da mesma espécie.

Exemplos:

elenco (de atores)
bando (de aves)
armada (de navios de guerra)

Esta lista contém alguns dos coletivos mais usados:

acervo: de obras artísticas
alcatéia: de lobos
álbum: de fotografias, de selos
antologia: de trechos literários escolhidos
armada: de navios de guerra
arquipélago: de ilhas
assembléia: de parlamentares, de membros de associações
atilho: de espigas de milho
atlas: de cartas geográficas, de mapas
baixela: de objetos de mesa
banca: de examinadores

bandeira: de garimpeiros, de exploradores de minérios
bando: de aves, de pessoas em geral
cabido: de cônegos
cacho: de uvas, de bananas
cáfila: de camelos
camarilha: de bajuladores
cambada: de ladrões, de caranguejos, de chaves
cancioneiro: de poemas, de canções
caravana: de viajantes
cardume: de peixes
clero: de sacerdotes
colméia: de abelhas
concílio: de bispos
conclave: de cardeais em reunião para eleger o papa
congregação: de professores, de religiosos
congresso: de parlamentares, de cientistas
conselho: de ministros
consistório: de cardeais sob a presidência do papa
constelação: de estrelas
corja: de vadios
elenco: de artistas
enxame: de abelhas
enxoval: de roupas
esquadra: de navios
esquadrilha: de aviões
falange: de soldados, de anjos
fauna: de animais de uma região
feixe: de lenha, de raios luminosos
flora: de vegetais de uma região
frota: de navios mercantes, de táxis, de ônibus
horda: de invasores, de selvagens, de bárbaros
junta: de bois, de médicos, de examinadores
júri: de jurados

legião: de anjos, de soldados, de demônios
malta: de desordeiros
manada: de bois, de elefantes
matilha: de cães de caça
molho: de chaves
ninhada: de pintos
nuvem: de gafanhotos
panapaná: de borboletas
pelotão: de soldados
penca: de bananas, de chaves
pinacoteca: de pinturas
plantel: de animais de raça, de atletas
quadrilha: de ladrões, de bandidos
ramalhete: de flores
rebanho: de gado em geral
réstia: de alhos, de cebolas
repertório: de peças teatrais, de músicas, de anedotas
romanceiro: de poesias populares
resma: de papel
revoada: de pássaros
súcia: de pessoas desonestas
vara: de porcos
vocabulário: de palavras

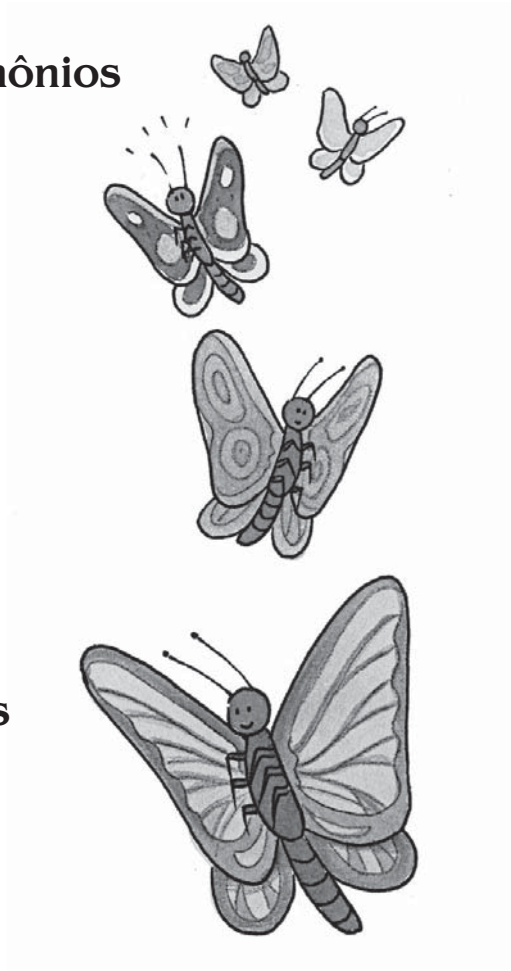

Substantivo simples é aquele constituído de uma só palavra.

Exemplos:

carro, casa, sapato, coisa, pão, operário

Substantivo composto é aquele formado da reunião de duas ou mais palavras.

Exemplos:

guarda-chuva
boca-de-leão
pé-de-moleque

Substantivo primitivo é aquele de que derivam outros vocábulos.

Exemplos:

casa – caseiro – casebre
flor – florista – floricultura

Substantivo derivado é aquele que procede de outra palavra.

Exemplos:

ferreiro – ferro
pedreira – pedra

•• Flexão dos substantivos ••

Os substantivos podem variar em número , gênero e grau .

Número

Quanto ao número, os substantivos podem estar:

a) **no singular** – quando designam um ser único ou um conjunto de seres considerado como um todo.

Exemplos:

menino, gato, mesa, multidão, batalhão

b) no plural – quando designam mais de um ser ou mais de um conjunto de seres.

Exemplos:

meninos, gatos, mesas, multidões, batalhões

Formação do plural dos substantivos

Para formar o plural dos substantivos terminados em vogal ou ditongo basta acrescentar -s ao singular.

Exemplos:

cachorro – cachorros
cadeira – cadeiras
mãe – mães
boi – bois

Atenção : Incluem-se nessa regra os substantivos terminados em vogal nasal, que é representada graficamente por -m. Como não se pode escrever -ms, coloca-se -ns.

Exemplos:

pudim – pudins
virgem – virgens
atum – atuns

O plural dos substantivos terminados em -ão é formado de três maneiras:

a) a maioria muda o final -ão para -ões :

Exemplos:

ação – ações	ladrão – ladrões
verão – verões	lição – lições
coração – corações	eleição – eleições
canção – canções	botão – botões
reunião – reuniões	fração – frações

Nesse grupo incluem-se os aumentativos:

Exemplos:

casarão – casarões	vagalhão – vagalhões
chapelão – chapelões	dramalhão – dramalhões
sabichão – sabichões	bobalhão – bobalhões
amigalhão – amigalhões	narigão – narigões
moleirão – moleirões	pobretão – pobretões

b) alguns mudam o final -ão para -ães :

Exemplos:

alemão – alemães	charlatão – charlatães
cão – cães	sacristão – sacristães
pão – pães	escrivão – escrivães
capitão – capitães	catalão – catalães
bastião – bastiães	guardião – guardiães

c) algumas oxítonas e todas as paroxítonas levam apenas um -s na forma singular:

Exemplos:

cidadão – cidadãos	sótão – sótãos
cristão – cristãos	bênção – bênçãos
órgão – órgãos	desvão – desvãos
irmão – irmãos	cortesão – cortesãos

Nesse grupo incluem-se os monossílabos tônicos *chão* (*chãos*), *grão* (*grãos*), *mão* (*mãos*) e *vão* (*vãos*).

d) nos diminutivos formados com os sufixos -zinho e -zito , tanto o substantivo primitivo como o sufixo vão para o plural:

Exemplos:

fogãozinho – fogõezinhos	pãozinho – pãezinhos
anelzinho – anéizinhos	cãozinho – cãezinhos

Para formar o plural dos substantivos terminados em consoante, basta observar as seguintes regras:

a) os substantivos terminados em -r e -z recebem -es no final e os terminados em -n recebem -s:

Exemplos:

mulher – mulher*es*	vez – vez*es*
feitor – feitor*es*	líquen – liquen*s*
cartaz – cartaz*es*	cânon – cânon*es*

Atenção: O plural de *caráter* é *caracteres*, com deslocamento do acento tônico e inclusão do *c* que existia na palavra original. Outros substantivos que sofrem deslocamento do acento no plural são *espécimen* (*especímenes*), *Júpiter* (*Jupíteres*) e *Lúcifer* (*Lucíferes*).

b) os substantivos terminados em -s, quando oxítonos, formam o plural com -es e quando paroxítonos, não variam:

Exemplos:

ananás – ananases	ônibus – ônibus
inglês – ingleses	lápis – lápis
país – países	pires – pires

Atenção: O monossílabo *cais* é invariável, assim como os paroxítonos terminados em x, como *tórax* e *ônix*.

c) os substantivos terminados em -al , -el , -ol , -ul substituem no plural o -l por -is :

Exemplos:

pastel – pastéis
nível – níveis
anzol – anzóis
tribunal – tribunais
álcool – álcoois

Atenção: As exceções ficam por conta de *mal – males*, *real – reais* e *cônsul – cônsules*.

d) os substantivos oxítonos terminados em -il mudam o -l em -s .

Exemplos:

barril – barris
projetil – projetis

e) os substantivos paroxítonos terminados em -il substituem essa terminação por -eis :

Exemplos:

fóssil – fósseis
réptil – répteis

Na língua portuguesa existem alguns substantivos que só se empregam no plural .

Exemplos:

óculos	alvíssaras
olheiras	fezes
espadas (naipe)	anais
ouros (naipe)	condolências
paus (naipe)	férias
copas (naipe)	arredores
pêsames	

Outros só se empregam no singular .

Exemplos:

ferro	fé
ouro	esperança
cobre	caridade

Alguns deles, quando aparecem no plural, mudam de sentido: *ferro* (metal) e *ferros* (ferramentas), *cobre* (metal) e *cobres* (dinheiro).

Plural dos substantivos compostos

Leia alguns fragmentos de estrofes da música "Passaredo" de Francis Hime e Chico Buarque. Observe as palavras sublinhadas. Elas são substantivos compostos.

"Bico calado, toma cuidado
Que o homem vem aí.
(...)
Ei, quero-quero
Oi, tico-tico

Anum, pardal, chapim
Xô, cotovia

Xô, ave-maria
Xô, pescador-marotim
Some, rolinha
Anda, andorinha
Te esconde, bem-te-vi
(...)"

Para formar o plural dos substantivos compostos é preciso observar as seguintes regras:

a) quando é formado de palavras que se escrevem unidas, sem hífen, passa para o plural como se fosse um substantivo simples:

Exemplos:

girassol – girassóis
malmequer – malmequeres
aguardente – aguardentes
clarabóia – clarabóias

b) variam sempre os substantivos, adjetivos, numerais e pronomes adjetivos quando não houver preposição entre eles:

Exemplos:

pescador-martim – pescadores-martins
obra-prima – obras-primas
quinta-feira – quintas-feiras
padre-nosso – padres-nossos

c) quando o primeiro termo é verbo ou palavra invariável e o segundo é substantivo ou adjetivo, só o segundo vai para o plural:

Exemplos:

guarda-chuva – guarda-chuvas
bate-boca – bate-bocas
ave-maria – aves-marias
vice-presidente – vice-presidentes

d) quando os termos se ligam por preposição, só o primeiro vai para o plural:

Exemplos:

chapéu-de-sol – chapéus-de-sol
pão-de-ló – pães-de-ló
pé-de-cabra – pés-de-cabra

e) só o último elemento vai para o plural se o substantivo for formado por palavras repetidas ou onomatopaicas.

Exemplos:

Quero-quero – quero-queros
Tico-tico – ticos-ticos
Bem-te-vi – bem-te-vis
Tique-taque – tique-taques

f) quando os dois elementos são substantivos, ou um é substantivo e o outro adjetivo, geralmente ambos vão para o plural:

Exemplos:

tenente-coronel – tenentes-coronéis
amor-perfeito – amores-perfeitos
vitória-régia – vitórias-régias

Atenção: **Se os dois elementos forem formados por verbos, ambos poderão ir para o plural:**

Exemplos:

Corre-corre – corres-corres
Quero-quero – queros-queros

Gênero

Os substantivos que são indicados pelo artigo o pertencem ao gênero masculino .

Exemplos:

o menino	o tomate
o coelho	o amor

Os substantivos que são indicados pelo artigo a pertencem ao gênero feminino .

Exemplos:

a menina	a alface
a cadeira	a afeição

Formação do feminino

Os substantivos que designam pessoas e animais, em geral têm formas para ambos os sexos.

Exemplos:

menino – menina	cavalo – égua
homem – mulher	barão – baronesa

Assim, a forma do feminino pode ser:

a) completamente diferente da do masculino, ou seja, proveniente de um radical distinto.

Exemplos:

bode – cabra
boi – vaca
carneiro – ovelha
zangão – abelha
compadre – comadre
cavalheiro – dama

b) **semelhante à do masculino, ou seja, derivada do mesmo radical, apenas com acréscimo ou substituição de desinências, conforme veremos a seguir.**

Os substantivos terminados em -o átono formam o feminino com a troca do -o pelo -a.

Exemplos:

menino – menina
gato – gata
lobo – loba

Existem alguns substantivos terminados em -o que formam o feminino com desinências especiais.

Exemplos:

galo – galinha
maestro – maestrina
diácono – diaconisa

Os substantivos terminados em consoante formam o feminino com o acréscimo da desinência -a.

Exemplos:

freguês – freguesa
leitor – leitora
camponês – camponesa

Os substantivos terminados em -ão podem formar o feminino de três maneiras:

a) trocando -ão por -oa:

Exemplos:

ermitão – ermitoa
leitão – leitoa
patrão – patroa

b) trocando -ão por -ã:

Exemplos:

campeão – campeã
cidadão – cidadã
irmão – irmã

c) trocando -ão por -ona:

Exemplos:

folião – foliona
solteirão – solteirona
pobretão – pobretona

Atenção: As exceções ficam por conta de *barão* (*baronesa*), *ladrão* (*ladrona* ou *ladra*), *lebrão* (*lebre*), *maganão* (*magona*), *perdigão* (*perdiz*) e *sultão* (*sultana*).

Os substantivos terminados em -or formam o feminino com a desinência -a.

Exemplos:

cantor – cantora
pastor – pastora
remador – remadora

Atenção: Há exceções, como *cantador* (*cantadeira*), *cerzidor* (*cerzideira*), *ator* (*atriz*), *imperador* (*imperatriz*) e *embaixador* (*embaixatriz* = a esposa do embaixador; *embaixadora* = funcionária-chefe da embaixada).

Alguns substantivos que designam títulos de nobreza e dignidades formam o feminino com as terminações -esa , -essa , -isa .

Exemplos:

conde – condessa
barão – baronesa
sacerdote – sacerdotisa

Os substantivos terminados em -e, não incluídos nas regras mencionadas acima, em geral apenas substituem o -e pelo -a na forma feminina.

Exemplos:

infante – infanta
mestre – mestra
elefante – elefanta

Substantivos epicenos

São os nomes de animais que possuem um único gênero gramatical para designar ambos os sexos.

Exemplos:

a águia	o tigre
o besouro	a baleia
o condor	a mosca
o crocodilo	a cobra
o gavião	a borboleta
o polvo	a onça
o rouxinol	a pulga
o tatu	a sardinha

Atenção: Quando há necessidade de especificar o sexo do animal, juntam-se aos substantivos as palavras macho ou fêmea. Ex.: tatu-macho, tatu-fêmea.

Substantivos sobrecomuns

São os que têm um único gênero gramatical para designar pessoas de ambos os sexos.

Exemplos:

o carrasco	a vítima
o cônjuge	o indivíduo
a criatura	o verdugo
a criança	o algoz
a pessoa	o apóstolo
a testemunha	

Atenção: Quando há necessidade de especificar o sexo, pode-se dizer, por exemplo, o cônjuge feminino.

Substantivos comuns de dois gêneros

São aqueles que têm uma única forma para os dois gêneros, mas diferenciam o masculino do feminino pelo gênero do artigo.

Exemplos:

o gerente – a gerente
o compatriota – a compatriota
o intérprete – a intérprete
o selvagem – a selvagem

Atenção: São comuns de dois gêneros todos os substantivos ou adjetivos substantivados terminados em **ista**.

Exemplos:

o budista – a budista	o violinista – a violinista

O substantivo *personagem* pode vir com o artigo -o ou -a, indistintamente.

Mudança de gênero que provoca mudança de sentido

Isso é comum ocorrer em um determinado número de substantivos.

Exemplos:

o caixa – a caixa	o capital – a capital
o guarda – a guarda	o cabeça – a cabeça

Substantivos masculinos terminados em -a

Apesar de a desinência **a** indicar o gênero feminino, alguns substantivos masculinos têm essa terminação.

Exemplos:

artista	poeta
camarada	profeta
colega	compatriota

Alguns deles têm formas próprias para indicar o feminino, como *poeta – poetisa* e *profeta – profetisa*. Mas a maioria distingue o gênero apenas pelo determinativo empregado.

Exemplos:

o artista	**este** compatriota
meu camarada	

Alguns substantivos terminados em -a só são usados no masculino por designar profissão ou atividade própria do homem.

Exemplos:

jesuíta	pirata
papa	patriarca

Entre os substantivos que designam coisas, são masculinos os terminados em -ema e -oma , que se originam de palavras gregas. São eles:

anátema	edema	sistema	diploma
cinema	estratagema	telefonema	idioma
diadema	fonema	tema	aroma
dilema	poema	teorema	axioma
emblema	problema	trema	coma

Grau

O substantivo pode estar em seu grau normal, aumentativo ou diminutivo. A gradação do significado de um substantivo se faz:

a) analiticamente – juntando a ele um adjetivo que indique aumento ou diminuição.

Exemplos:

mesa **grande**	copo **pequeno**
mesa **enorme**	copo **enorme**

b) sinteticamente – juntando a ele um sufixo indicativo do grau.

Exemplos:

mes**ona**	cop**inho**
mes**inha**	cop**ázio**

Ai que Saudades

"Ai que saudades que eu tenho
Da aurora da minha vida, Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais...
Me sentia rejeitada.
Tão feia, desajeitada,
Tão frágil, tola, impotente,
Apesar dos laranjais.
(...)"

Ruth Rocha

Essa estrofe é de um poema de Ruth Rocha, intitulado "Ai que saudades". Repare nas palavras sublinhadas. Elas são adjetivos em sua classificação morfológica e caracterizam substantivos.

O adjetivo é a palavra que caracteriza os seres ou os objetos nomeados pelo substantivo, indicando-lhes:

a) qualidade ou defeito – menino *sapeca*, amor *intenso*, casa *moderna*.

b) modo de ser – homem *inteligente*, móvel *prático*, criança *chata*.

c) aspecto ou aparência – rua *movimentada*, jardim *florido*, cidade *luminosa*.

d) estado – mulher *doente*, prato *saboroso*, comida *estragada*.

Substantivação do adjetivo

Sempre que a qualidade for concebida com grande independência, o adjetivo que a representa deixa de ser um

termo subordinado para tornar-se o termo nuclear.

Compare as duas frases:

A	parede	colorida	dá um ar de alegria à casa.
artigo	substantivo	adjetivo	

O	colorido	da parede	dá um ar de alegria à casa.
artigo	substantivo	locução adjetiva	

Substitutos do adjetivo

Algumas palavras de outra classe gramatical podem funcionar como adjetivo, caracterizando o substantivo.

Exemplos:

o oceano **Atlântico**	o jornal **de hoje**

•• Flexão dos adjetivos ••

O adjetivo assume a forma singular ou plural do substantivo que qualifica.

Exemplos:

flores perfumadas	crianças chatas
homens inteligentes	negócio pequeno

Plural dos adjetivos simples

Na formação do plural, os adjetivos simples seguem as mesmas regras a que obedecem os substantivos.

Plural dos adjetivos compostos

Nos adjetivos compostos, apenas o último elemento recebe a forma de plural.

Exemplos:

delegações norte-americanas
sessões lítero-musicais
pratos acre-doces

Atenção: As exceções ficam por conta de *surdo-mudo*, que se torna *surdos-mudos*, e dos adjetivos referentes a cores, que são invariáveis quando o segundo elemento da composição é um substantivo: *uniformes verde-oliva*, *blusas azul-petróleo*, *paredes amarelo-canário*.

•• Gêneros dos adjetivos ••

Formação do feminino

Em geral, os adjetivos são biformes , ou seja, possuem duas formas, uma para o masculino e outra para o feminino.

Exemplos:

belo – bela	seco – seca
cru – crua	

E o processo de formação do feminino é igual ao dos substantivos.

No entanto, há adjetivos uniformes , ou seja, que possuem apenas uma forma para os dois gêneros. Em geral, são os terminados em a , e , l , m , r , s , z .

Exemplos:

exame difícil – prova difícil
sopa ruim – caldo ruim
país exemplar – escola exemplar
homem feliz – mulher feliz
exercício simples – comida simples
passeio excelente – experiência excelente

Atenção: As exceções ficam por conta de *andaluz – andaluza*; *bom – boa*; *espanhol – espanhola*, e a maior parte dos terminados em **-ês** e **-or**.

Feminino dos adjetivos compostos

Nos adjetivos compostos, apenas o segundo elemento assume a forma feminina.

Exemplos:

gramática luso-brasileira
atividade lúdico-instrutiva
línguas indo-européias

Atenção: A exceção fica por conta de *surdo-mudo*, cujo feminino é *surda-muda*.

•• Graus do adjetivo ••

Quanto ao grau, os adjetivos podem ser comparativos e superlativos.

O comparativo pode indicar:

a) que um ser possui determinada qualidade em grau superior, igual ou inferior a outro.

Exemplos:

Meu pai é mais bondoso que o seu.
Meu pai é tão bondoso quanto o seu.
Meu pai é menos bondoso que o seu.

b) que num mesmo ser determinada qualidade é superior, igual ou inferior que a outra que possui.

Exemplos:

Meu pai é mais bondoso do que rigoroso.
Meu pai é tão bondoso quanto rigoroso.
Meu pai é menos bondoso que rigoroso.

Por isso se diz que há um comparativo de superioridade, um comparativo de igualdade e um comparativo de inferioridade.

O superlativo pode indicar:

a) que um ser apresenta determinada qualidade em alto grau (superlativo absoluto).

Exemplos:

Meu pai é boníssimo.
Meu pai é muito bom.

b) que, em comparação com a totalidade dos seres que apresentam a mesma qualidade, um sobressai por possuí-la em grau maior ou menor que os demais (superlativo relativo).

Exemplos:

João é o mais estudioso da escola. (**superlativo relativo de superioridade**)
Pedro é o menos estudioso da escola. (**superlativo relativo de inferioridade**)

Formação do grau comparativo

O comparativo de superioridade é formado colocando-se o advérbio mais antes do adjetivo e a conjunção que ou do que depois.

Exemplos:

Joana é mais sensível que Laura.
Joana é mais sensível do que Laura.

O comparativo de igualdade é formado colocando-se o advérbio tão antes do adjetivo e a conjunção como ou quanto depois.

Exemplos:

Joana é tão sensível como Laura.
Joana é tão sensível quanto Laura.

O comparativo de inferioridade é formado colocando-se o advérbio menos antes do adjetivo e a conjunção que ou do que depois.

Exemplos:

Joana é menos sensível que Laura.
Joana é menos sensível do que Laura.

Formação do grau superlativo

Já vimos que há duas espécies de superlativo: absoluto e relativo.

O superlativo absoluto pode ser:

a) sintético – que se expressa por uma única palavra (adjetivo + sufixo).

Exemplos:

facílimo paupérrimo
sensibilíssima

Se o adjetivo terminar em vogal , esta desaparece ao aglutinar-se o sufixo.

Exemplos:

lindo – lindíssimo triste – tristíssimo

Se o adjetivo terminar em -z , faz o superlativo em -císsimo .

Exemplos:

infeliz – infelicíssimo
atroz – atrocíssimo
voraz – voracíssimo

Se o adjetivo terminar no ditongo -ão , faz o superlativo em -aníssimo .

Exemplos:

pagão – paganíssimo
vão – vaníssimo
cristão – cristianíssimo

b) analítico – quando formado com a ajuda de outra palavra, geralmente um advérbio que indica excesso.

Exemplos:

muito sensível
imensamente pobre
excessivamente fácil
extraordinariamente lindo

Superlativo relativo

O superlativo relativo é sempre analítico.

O de superioridade é formado colocando-se o mais antes do adjetivo e de ou dentre depois.

Exemplos:

Este prato é o mais gostoso de todos.
Este prato é o mais gostoso dentre todos.

O de inferioridade é formado colocando-se o menos antes do adjetivo e de ou dentre depois.

Exemplos:

Este prato é o menos saboroso de todos.
Este prato é o menos saboroso dentre todos.

Comparativos e superlativos especiais

Os adjetivos *bom*, *mau*, *grande* e *pequeno* formam o comparativo e o superlativo de modo especial. Quando se compara a qualidade de dois seres, não se diz "mais bom", "mais mau", "mais grande", "mais pequeno", e sim: *melhor*, *pior*, *maior* e *menor*.

Existem também as formas *ótimo*, *péssimo*, *máximo* e *mínimo*, que são superlativos absolutos; os comparativos *superior*, *inferior*, *anterior*, *posterior* e *ulterior*; e os superlativos *supremo* ou *sumo*, *ínfimo*, *póstumo* e *último*.

Por outro lado, existem adjetivos que não se flexionam em grau porque seu significado não permite.

Exemplos:

casado	anual
solteiro	mensal
eterno	diário
unânime	semanal

NUMERAL

"Domingo passado perguntei a meu pai:
– Papai, você chora?
– Não, mas já chorei.
– Quando?
– Muitas vezes.
– Mas, quando?
– Ora, não me lembro mais.
– Quando?
– Quando o Atlético Mineiro ganhou o **Primeiro** Campeonato Nacional, em pleno Maracanã, em **1971**. Bastava o empate e ganhamos de **um** a **zero**. O técnico era o Telê."

(Vivina de Assis Viana, *O dia de ver meu pai*)

Primeiro, 1971, um, zero são numerais. Usamos os numerais para indicar quantidade ou o lugar que objetos ou pessoas ocupam em uma série.

•• Classificação dos numerais ••

Podemos classificar os numerais em cardinais, ordinais, multiplicativos e fracionários.

Os cardinais servem para designar:

a) a quantidade em si mesma. Nesse caso, equivalem a substantivos.

Exemplos:

Um mais um são dois.
Cinco vezes dois é igual a dez.

b) uma quantidade certa. Nesse caso, acompanham um substantivo.

Exemplos:

Duas meninas caminhavam pela rua.
Ele tinha na mão uma lanterna e uma faca.

Os ordinais designam a ordem de seqüência que os objetos ou pessoas ocupam em determinada série.

Exemplos:

Ela teve o primeiro filho aos 15 anos.
D. João Sexto foi rei de Portugal.

Os multiplicativos servem para mostrar o aumento proporcional da quantidade, a sua multiplicação.

Exemplos:

Ele tinha dupla culpa naquela história.
O ladrão recebeu o triplo da pena que merecia.

Os fracionários indicam a diminuição proporcional da quantidade, a sua divisão.

Exemplos:

Metade para mim, metade para você.
Um quinto das laranjas estava podre.

Os coletivos são aqueles que designam um conjunto de pessoas ou objetos. São sempre números exatos.

Exemplos:

dezena	dúzia
década	par

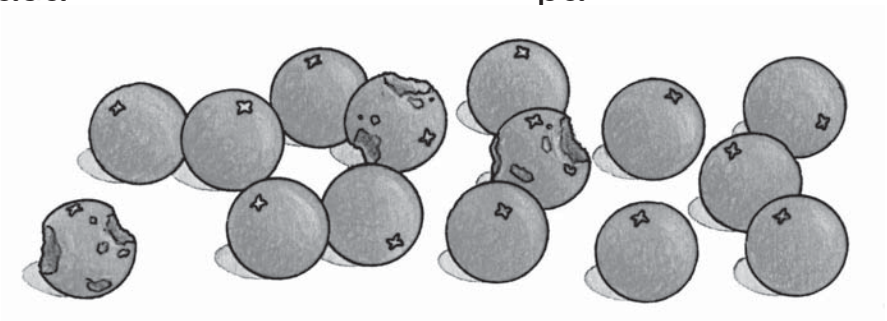

•• Flexão dos numerais ••

Cardinais

a) Apresentam uma forma masculina e outra feminina os cardinais *um*, *dois* e as centenas a partir de duzentos. Os demais cardinais são invariáveis.

Exemplos:

um – uma	duzentos – duzentas
dois – duas	trezentos – trezentas

b) *Milhão, bilhão, trilhão* e assim por diante variam em número.

Exemplos:

cinco milhões	quatrocentos trilhões
quinze bilhões	

c) O termo *ambos*, que substitui o cardinal *os dois*, varia em gênero.

Exemplos:

ambos os meninos
ambas as meninas

d) Para grafar os numerais por extenso, usa-se a conjunção e entre as centenas, dezenas e unidades.

Exemplos:

quarenta e cinco
cento e quarenta e cinco
duzentos e quarenta e cinco

e) Não se usa a conjunção entre milhares e centenas.

Exemplo:

1998 = mil novecentos e noventa e oito

Atenção: **A exceção fica por conta das centenas terminadas em dois zeros.**

Exemplo:

1900 = mil e novecentos

f) **Em números muito extensos, usa-se a conjunção apenas entre os numerais da mesma ordem.**

Exemplos:

24.763 = vinte e quatro mil setecentos e sessenta e três
(note que quando se passa de uma ordem a outra dispensa-se a conjunção)
436.890 = quatrocentos e trinta e seis mil oitocentos e noventa
578.234.891 = quinhentos e setenta e oito milhões, duzentos e trinta e quatro mil oitocentos e noventa e um
(note que quando se passa de milhões para mil, é conveniente usar a vírgula para facilitar a leitura; o mesmo ocorre entre os bilhões e os milhões, veja:
432.123.564.876 = quatrocentos e trinta e dois bilhões, cento e vinte e três milhões, quinhentos e sessenta e quatro mil oitocentos e setenta e seis

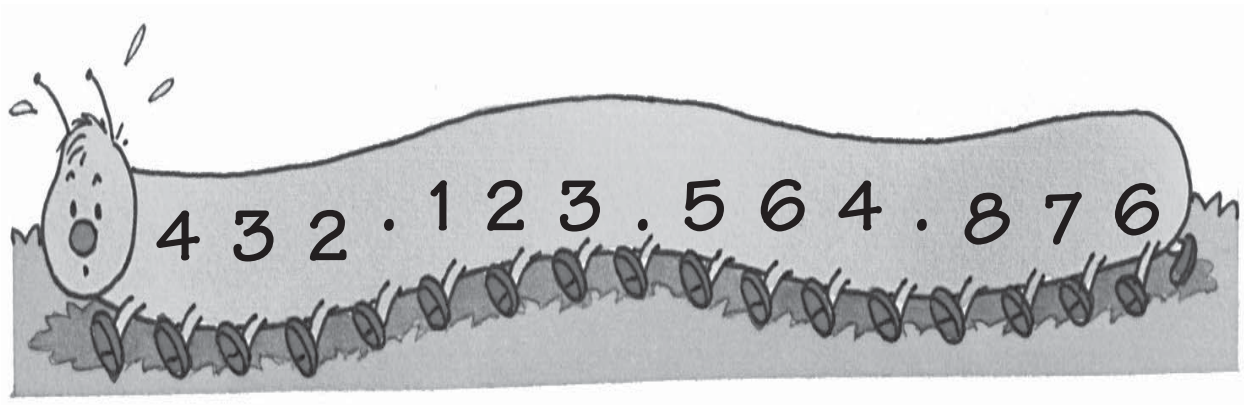

Ordinais

a) **Variam em gênero e número.**

Exemplos:

primeiro – primeira – primeiros – primeiras
segundo – segunda – segundos – segundas
terceiro – terceira – terceiros – terceiras
vigésimo – vigésima – vigésimos – vigésimas
milésimo – milésima – milésimos – milésimas

Multiplicativos

a) **Quando equivalem a substantivos, os numerais multiplicativos não variam.**

Exemplo:

Ele recebeu o triplo dos vencimentos do ano passado.

b) **Quando equivalem a adjetivos, variam em gênero e número.**

Exemplo:

Tomava remédios em doses duplas.

c) **Os multiplicativos dúplice, tríplice etc. variam apenas em número.**

Exemplo:

Ele sabe dar saltos tríplices na piscina.

Fracionários

a) **Os numerais fracionários concordam com os cardinais que indicam o número das partes.**

Exemplo:

Ganhei um terço e ela dois terços das apostas.

b) A expressão *meio* concorda em gênero com o numeral de que é fração.

Exemplos:

Comi um pudim e meio na hora da sobremesa.
Gastei uma hora e meia para chegar à escola.

Atenção: O correto é dizer *meio-dia e meia* (meia hora).

Numerais coletivos

a) Flexionam-se em número.

Exemplos:

Compramos duas dúzias de bananas.
Havia dezenas de crianças na escola.
Ele tem dois pares de luvas.

A seguir você tem um quadro com os algarismos romanos, arábicos e os numerais cardinais e ordinais.

QUADRO DOS NUMERAIS

ALGARISMOS		CARDINAIS	ORDINAIS
ROMANOS	ARÁBICOS		
I	1	um	primeiro
II	2	dois	segundo

ALGARISMOS		CARDINAIS	ORDINAIS
ROMANOS	ARÁBICOS		
III	3	três	terceiro
IV	4	quatro	quarto
V	5	cinco	quinto
VI	6	seis	sexto
VII	7	sete	sétimo
VIII	8	oito	oitavo
IX	9	nove	nono
X	10	dez	décimo
XI	11	onze	décimo primeiro
XII	12	doze	décimo segundo
XIII	13	treze	décimo terceiro
XIV	14	quatorze	décimo quarto
XV	15	quinze	décimo quinto
XVI	16	dezesseis	décimo sexto
XVII	17	dezessete	décimo sétimo
XVIII	18	dezoito	décimo oitavo
XIX	19	dezenove	décimo nono
XX	20	vinte	vigésimo
XXI	21	vinte um	vigésimo primeiro
XXX	30	trinta	trigésimo
XL	40	quarenta	quadragésimo
L	50	cinqüenta	qüinquagésimo
LX	60	sessenta	sexagésimo
LXX	70	setenta	septuagésimo
LXXX	80	oitenta	octogésimo

ALGARISMOS		CARDINAIS	ORDINAIS
ROMANOS	ARÁBICOS		
XC	90	noventa	nonagésimo
C	100	cem	centésimo
CC	200	duzentos	ducentésimo
CCC	300	trezentos	trecentésimo
CD	400	quatrocentos	quadringentésimo
D	500	quinhentos	qüingentésimo
DC	600	seiscentos	seiscentésimo ou sexcentésimo
DCC	700	setecentos	septingentésimo
DCCC	800	oitocentos	octingentésimo
CM	900	novecentos	nongentésimo
M	1000	mil	milésimo
$\overline{X}$	10.000	dez mil	dez milésimos
$\overline{C}$	100.000	cem mil	cem milésimos
$\overline{M}$	1.000.000	um milhão	milionésimo
$\overline{\overline{M}}$	1. 000.000.000	um bilhão	bilionésimo

Pronome

"Curumim na língua tupi-guarani quer dizer criança. Quando numa tribo tem muita criança é sinal que está tudo tranqüilo, lá tem muita caça, pesca, não há conflitos. (...)

A tradição fala que cada curumim tem o seu sonho, que ele conta para o grupo através dos cantos que aprendeu com os espíritos. Essa meninada de 7 a 12 anos e alguns precoces de 4 ou 5 que vão atrás da turma são bem protegidos. Eles têm uma

série de compromissos: pintam e se enfeitam, saem em bando para as caçadas e pescarias. Estranham os de fora, os adultos. Quando acabam a caça, entram em festa no meio da aldeia, cantando e dançando.

Esse bando de curumins até intervém na vida dos índios adultos. Não existe nada que eles não possam fazer e não são alvo de nenhuma proibição por parte dos pais. Podem até se intrometer numa conversa bem séria ou mesmo numa briga."

(*Shopping News*, 1987)

Observe as palavras sublinhadas no texto: tudo, cada, seu, ele, essa, eles, esse. Algumas dessas palavras como tudo , ele , eles substituem o nome; outras como cada , seu , essa , esse , acompanham o nome. Todas essas palavras destacadas são pronomes .

De acordo com a posição que ocupam na frase os pronomes podem ser substantivos ou adjetivos.

Observe que o pronome ele , no texto, está substituindo o nome curumim ; é, portanto, pronome substantivo .

O pronome cada está acompanhando curumim ; o pronome essa está acompanhando meninada e o pronome esse acompanha bando . Então, cada , essa , esse são pronomes adjetivos .

Examinemos este texto que fala sobre a morte do poeta Vinícius de Moraes ocorrida em 9 de julho de 1980. Esteja atento às palavras destacadas.

"Seis horas da manhã. O barulho da água caindo na banheira chamou a atenção da empregada. O som, para ela, era como uma ordem. Sempre que acordava e o ouvia, corria para a cozinha, preparava uma xícara de chá e a levava para o patrão, que a tomava ali mesmo, coberto pela espuma quente. Naquela manhã, no entanto, a cena que encontrou foi outra. O homem grisalho e afável não lhe abriu o sorriso de sempre nem lhe estendeu a mão para pegar a xícara. Estava desacordado. (...)"

Veja:

"O som, para ela, era como uma ordem."
➡ ela é um pronome substantivo, pois substitui empregada.

"... e o ouvia"
➡ o é um pronome substantivo. Substitui o som da água

"... e a levava"
➡ a é um pronome substantivo, pois está substituindo a xícara de chá

"... que a tomava ali mesmo"
➡ a é um pronome substantivo. Substitui a xícara de chá

"Naquela manhã, no entanto,..."
➡ aquela é um pronome adjetivo, pois está acompanhando o nome manhã.

•• Classificação dos pronomes ••

Os pronomes podem ser pessoais, possessivos, demonstrativos, relativos, interrogativos e indefinidos.

Pronomes pessoais

Os pronomes pessoais indicam as três pessoas gramaticais: eu (nós), tu (vós), ele (eles, ela, elas).

Quanto à sua função, eles podem ser retos ou oblíquos. Retos quando funcionam como sujeito da oração; oblíquos quando funcionam como objeto direto ou indireto.

Quanto à acentuação , os pronomes pessoais podem ser tônicos ou átonos .

Veja o quadro a seguir:

PRONOMES PESSOAIS RETOS			PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS NÃO-REFLEXIVOS	
			ÁTONOS	TÔNICOS
Singular	1ª pessoa	eu	me	mim, comigo
	2ª pessoa	tu	te	ti, contigo
	3ª pessoa	ele, ela	o, a, lhe	ele, ela
Plural	1ª pessoa	nós	nos	nós, conosco
	2ª pessoa	vós	vos	vós, convosco
	3ª pessoa	eles, elas	os, as, lhes	eles, elas

a) O pronome oblíquo da 3ª pessoa assume as formas **o, a, os, as,** quando vem antes do verbo e funciona como objeto direto.

Exemplos:

Não o vi ainda hoje.
Eu as vi fugindo do cachorro.

b) Quando está colocado depois do verbo e se liga a este por hífen, combina com a terminação do verbo.

Exemplos:

Conheci-o em Niterói.
O medo fê-la chorar copiosamente.
Mandaram-no plantar batatas.

Pronomes reflexivos e recíprocos

O pronome reflexivo expressa o objeto direto ou indireto que representa a mesma pessoa ou a mesma coisa que o sujeito do verbo. Tem três formas se , si e consigo , que se aplicam tanto à 3ª pessoa do singular quanto à do plural.

Exemplos:

Ele sentiu raiva de si mesmo.
O homem levantou-se de repente.
Ele está triste consigo mesmo.

a) As formas do reflexivo nas pessoas do plural nos , vos e se também servem para exprimir a reciprocidade da ação. Por isso denominam-se pronomes recíprocos .

Exemplos:

Amam-se como no primeiro dia.
Conhecemo-nos muito bem.

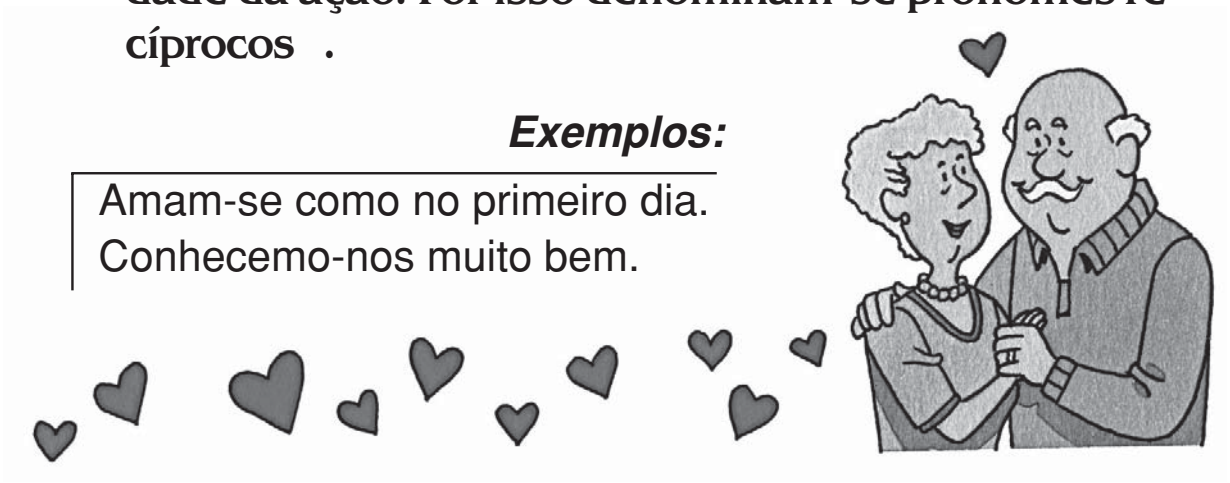

b) Como as formas do pronome recíproco e do reflexivo são iguais, pode haver ambigüidade com um sujeito no plural. Veja esta frase:

Maria e João agrediram-se.

Ficam as perguntas: quem agrediu quem? Ou ambos sofreram as agressões?

Para evitar esse problema, costuma-se usar uma expressão pronominal , que pode ser *a mim mesmo, a ti mes-*

mo, a si mesmo, um ao outro, uns aos outros, entre si, ou um advérbio , como *reciprocamente, mutuamente*.

Maria e João agrediram-se mutuamente.
Maria e João agrediram um ao outro.

c) A reciprocidade da ação também pode ser expressa pelo uso de uma forma verbal derivada com o prefixo *entre*.

Exemplo:

As testemunhas entreolharam-se em sinal de cumplicidade.

Pronomes retos

O pronome reto pode ser usado como sujeito e predicativo do sujeito . Tu e vós podem ser usados como vocativos .

Exemplos:

Nós fomos ao parque. (sujeito)
Eu sou **eu** em qualquer situação. (predicativo do sujeito)
Ó **tu**, Senhor Jesus! (vocativo)

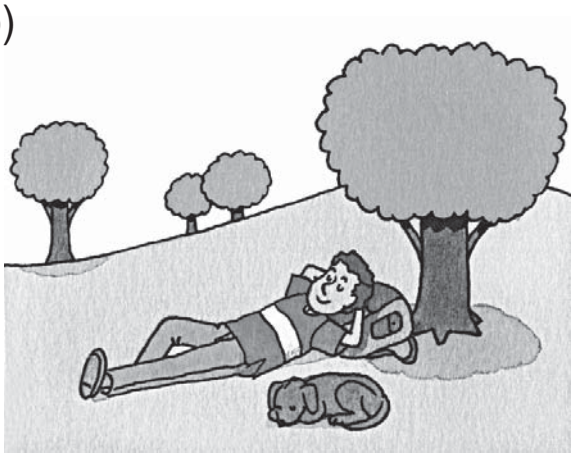

O pronome reto da 3ª pessoa ele (s), ela (s) contrai-se com as preposições de e em formando dele (s), dela (s) e nele (s), nela (s).

Exemplos:

Na casa dele moravam três parentes dela.
Nada era falso nela.
Nele, tudo era sinceridade.

Atenção: A contração não deve ser feita quando o pronome é sujeito, ou seja, quando as preposições de e em se relacionam com o verbo e não com o pronome.

Exemplo:

Em vez **de ela** sair com ele, ficou estudando português.

Pronomes de tratamento

Os pronomes de tratamento são aqueles que usamos para nos dirigir ou nos referir a alguém. Equivalem a verdadeiros pronomes pessoais, como você , o senhor , Vossa Excelência . Esses pronomes indicam a pessoa a quem se fala, ou seja, a 2ª, mas levam o verbo para a 3ª pessoa.

Exemplos:

Você quer conversar comigo?
Vossa Excelência não ouviu o tiro?
Quero conversar com Vossa Excelência.

Estas são as formas de tratamento reverente e suas abreviaturas:

TRATAMENTO	USADO PARA	ABREVIATURA
Vossa Alteza	príncipes, arquiduques, duques	V.A.
Vossa Eminência	cardeais	V.Ema.
Vossa Excelência	altas autoridades do Governo e Forças Armadas	V.Exa.
Vossa Magnificência	reitores das universidades	V.Maga.
Vossa Majestade	reis, imperadores	V.M.
Vossa Excelência Reverendíssima	bispos e arcebispos	V.Exa.Revma.
Vossa Paternidade	abades, superiores de conventos	V.P.
Vossa Reverendíssima	sacerdotes em geral	V.Revma.
Vossa Santidade	papas	V.S.
Vossa Senhoria	funcionários públicos graduados, oficiais até coronel pessoas de cerimônia	V.Sa.

Pronomes oblíquos

Tônicos

Sempre acompanhadas de preposição, as formas oblíquas tônicas dos pronomes pessoais podem funcionar como:

a) complemento nominal

Exemplo:

Todos cantam em louvor **a ti**.

b) objeto indireto

Exemplo:

O que você pensa **de mim**, não o diga.

c) objeto direto

Exemplo:

Ele esqueceu **a si** mesmo.

d) agente da passiva

Exemplo:

Eu fui muito amado **por ela**.

e) adjunto adverbial

Exemplo:

Gosto de passear **contigo** pelo jardim.

Atenção: Um erro muito comum é dar forma oblíqua ao sujeito do verbo no infinitivo. Não se deve dizer, por exemplo, "Esta lição é *para mim* fazer", e sim: "Esta lição é *para eu* fazer". No entanto, deve-se dizer: "Esta lição é *para mim* e não Esta lição é *para eu*".

Átonos

As formas átonas dos pronomes oblíquos são:

a) o, a, os, as e suas variantes, próprias do objeto direto.

Exemplos:

A mãe dominava-**o** como ninguém.
Acompanharam-**na** à última viagem.

b) lhe, lhes, próprias do objeto indireto.

Exemplos:

Deus **lhe** pague.
Eu **lhes** dei todo o dinheiro.

c) me, te, nos, vos, que podem empregar-se em ambos os casos.

Exemplos:

Quase **te** mataram de fome. (objeto direto)
Encheu-**me** de alegria vê-lo chegar. (objeto direto)
Quem **te** disse isso? (objeto indireto)
Traga-**me** o livro que compraste. (objeto indireto)

Emprego do pronome *se*

a) como objeto direto:

Exemplo:

Penteou-se e saiu às pressas.

b) como objeto indireto :

Exemplo:

A mãe deu-se o cuidado de deitar a criança.

c) como objeto indireto , exprimindo reciprocidade da ação:

Exemplo:

As duas não se falavam havia anos.

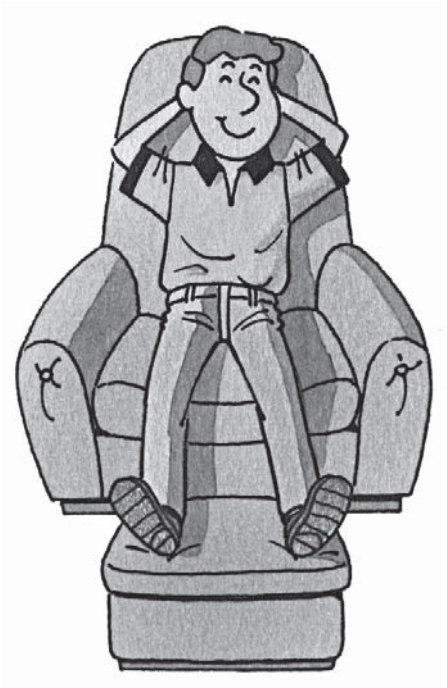

d) como sujeito de um infinitivo:

Exemplo:

Deixou-se estar na poltrona.

e) como pronome apassivador :

Exemplo:

Na calçada, armavam-se barracas para a festa.

f) como indicativo de sujeito indeterminado :

Exemplo:

Pulava-se muito no Sambódromo.

g) como palavra expletiva , para realçar uma ação:

Exemplo:

Foram-se as férias maravilhosas.

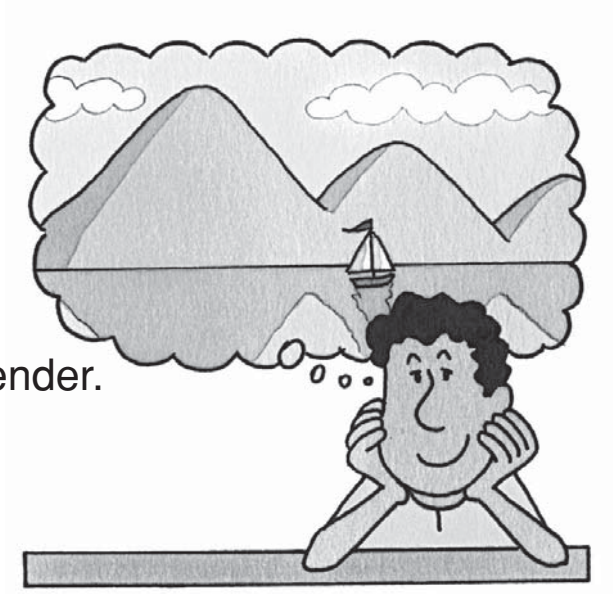

h) como parte integrante de alguns verbos :

Exemplo:

Agora não adianta se arrepender.

Atenção: Em frases como *"Vendem-se casas"*, *"compram-se terrenos"*, *"alugam-se apartamentos"*, as palavras *casas*, *terrenos* e *apartamentos* são sujeitos dos verbos *vendem*, *compram*, *alugam*. Por isso, esses verbos devem vir no plural.

Pronomes demonstrativos

Esses pronomes mostram um objeto sem nomeá-lo, situando as pessoas e objetos no tempo e no espaço. Na tabela abaixo estão os pronomes demonstrativos variáveis e os invariáveis.

VARIÁVEIS		INVARIÁVEIS
MASCULINO	FEMININO	
este – estes	esta – estas	isto
esse – esses	essa – essas	isso
aquele – aqueles	aquela – aquelas	aquilo

a) As formas variáveis podem funcionar como pronomes adjetivos e como pronomes substantivos.

Exemplos:

Esta caneta é minha.
Minha caneta é **esta**.

b) As formas variáveis são sempre pronomes substantivos.

Exemplos:

Isto está muito bom!
Aquilo foi demais!

c) Os pronomes demonstrativos contraem-se com as preposições de e em , formando: *deste*, *desta*, *disto*, *neste*, *nesta*, *nisto*, *desse*, *dessa*, *disso*, *nesse*, *nessa*, *nisso*, *daquele*, *daquela*, *daquilo*, *naquele*, *naquela*, *naquilo*.

d) As formas *aquele*, *aquela* e *aquilo* também se contraem com a preposição a , formando *àquele*, *àquela*, *àquilo*.

Funções dos pronomes possessivos

a) Este , esta e isto indicam o que está perto da pessoa que fala e o tempo presente em relação à pessoa que fala.

Exemplos:

Este lenço está manchado de sangue.
Isto foi o que você deixou para mim?
Esta noite não irei ao baile.
Este foi o pior ano de minha vida.

b) Esse , essa e isso indicam o que está perto da pessoa a quem se fala e o tempo passado ou futuro.

Exemplos:

Esse lenço que você tem nas mãos está manchado de sangue.
Essa arma pertence ao Exército.
Esses bons tempos que não voltam mais!
O ano 2000? **Esse** será um tempo de glória!

c) Aquele , aquela e aquilo indicam o que está afastado tanto de quem fala quanto de quem ouve, e uma época remota.

Exemplos:

Aquela era a minha escola.
Aquilo ali adiante parece ser um lago.
Por **aquela** época, eu andava de bicicleta na rua.
Naquele tempo, São Paulo era uma cidade tranqüila.

Pronome adjetivo demonstrativo

O pronome demonstrativo, quando pronome adjetivo, assume as seguintes posições na frase:

a) Normalmente precede o substantivo:

Exemplos:

Adoro **esse sorriso**!
Esta brisa que entra pela janela...

b) Mas pode vir depois do substantivo:

Exemplo:

Cansei de lhe dar lições de português, **lições essas** que não serviram de nada.

c) Serve para determinar o aposto:

Exemplo:

Correu à casa da tia – **aquela** tia tão boa – para fugir da surra.

d) Esse e este também servem para destacar um substantivo:

Exemplo:

O irmão, **esse**, nunca mais voltou à cidade.
Se o pai caiu na tristeza, a mãe, **essa**, endoidou de vez.

e) Este e aquele também servem para lembrar o que já foi nomeado:

Exemplo:

Todos queriam ver Maria e João no altar; **este**, molhado de suor; **aquela**, banhada em lágrimas.

Outros demonstrativos

As palavras tal , mesmo , próprio e semelhante também podem ser demonstrativos.

a) Tal quando sinônimo de *este, esta, isto, esse, essa, isso, aquele, aquela, aquilo* e *semelhante*:

Exemplos:

Tal foi a causa do acidente.
Tal foi a conclusão a que cheguei.
Estou com um **tal** cansaço que só quero dormir.
Ela ficou em **tal** estado que teve de ir para a cama.

b) Como demonstrativo, mesmo pode significar *exato, idêntico, em pessoa*:

Exemplos:

No **mesmo** ano de minha chegada à cidade.
Fiquei cansada de andar, e o **mesmo** aconteceu a ela.
Nós **mesmos** fomos à polícia.

c) Próprio é demonstrativo quando equivale a *mesmo*.

Exemplo:

Ele traiu a si **próprio**.

d) Semelhante funciona como demonstrativo de identidade:

Exemplo:

Jamais faria **semelhante** besteira.

Pronomes possessivos

Se os pronomes pessoais, como vimos anteriormente, indicam as pessoas gramaticais, os pronomes possessivos indicam o que lhes cabe ou pertence, enquanto os demonstrativos indicam o que delas se aproxima no espaço e no tempo.

Veja no quadro a correspondência entre eles:

	1ª PESSOA	2ª PESSOA	3ª PESSOA
pronome pessoal	eu	tu	ele
pronome possessivo	meu	teu	seu
pronome demonstrativo	este	esse	aquele

Os pronomes possessivos variam em gênero e número. Veja:

	GÊNERO	NÚMERO	GÊNERO	NÚMERO
1ª pessoa	meu – minha	meus – minhas	nosso – nossa	nossos – nossas
2ª pessoa	teu – tua	teus – tuas	vosso – vossa	vossos – vossas
3ª pessoa	seu – sua	seus – suas	seu – sua	seu – suas

a) O pronome possessivo concorda em gênero e número com o substantivo que indica o objeto possuído, e em pessoa com o possuidor do objeto.

Exemplo:

Meus livros são importantes na **minha** vida.

b) Em geral, o pronome possessivo precede o substantivo. Mas há exceções.

Exemplos:

Minha vida é cheia de altos e baixos.
Teu rosto não me é estranho.
Fiquei sem **notícias suas** durante um ano! Que tristeza, **Deus meu**!

c) os pronomes possessivos podem ser substantivados.

Exemplos:

Peço a você que não desampare os **meus**.
Ela não tem de **seu** um minuto sequer.

d) os pronomes possessivos podem substituir o pronome oblíquo tônico antecedido da preposição de que funciona como complemento nominal de um substantivo.

Exemplos:

em frente **de ti** = em **tua** frente
ao lado **de mim** = ao **meu** lado
em favor **de nós** = em **nosso** favor
por causa **de você** = por **sua** causa

Pronomes indefinidos

"Nada é fácil em Fernando de Noronha.
Tudo depende do continente,
importado através de vôos
mensais da FAB."

(*Folha de São Paulo*)

Os termos sublinhados são pronomes indefinidos. Mas o que são pronomes indefinidos?

São aqueles que, quando considerados de modo indeterminado, vago, se empregam à 3ª pessoa gramatical. No quadro da página seguinte você encontra uma relação dos pronomes indefinidos variáveis e invariáveis.

VARIÁVEIS		INVARIÁVEIS
MASCULINO	FEMININO	
algum – alguns	alguma – algumas	alguém
nenhum – nenhuns	nenhuma – nenhumas	ninguém
todo – todos	toda – todas	tudo
outro – outros	outra – outras	outrem
muito – muitos	muita – muitas	nada
pouco – poucos	pouca – poucas	cada
certo – certos	certa – certas	algo
vário – vários	vária – várias	
tanto – tantos	tanta – tantas	
quanto – quantos	quanta – quantas	
qualquer – quaisquer	qualquer – quaisquer	

Locuções pronominais indefinidas são grupos de palavras que equivalem a pronomes indefinidos.

Exemplos:

cada um seja quem for
cada qual seja qual for
quem quer que

Os pronomes indefinidos podem funcionar como substantivos ou adjetivos.

a) Alguém, ninguém, outrem, algo e nada só funcionam como pronomes substantivos:

Exemplos:

Ninguém aqui sabe gramática.
Nada do que você disse está certo.
Alguém tocou a campainha.

b) Certo só se usa como pronome adjetivo:

Exemplo:

Até **certo** ponto, você está com a razão.

Pronomes interrogativos

São os pronomes que , quem , qual e quanto usados para formular uma pergunta direta ou indireta.

Exemplos:

Que papel é este?
Quem fez essa sujeira?
Qual o castigo que você merece?
Quantos anos você tem?

Os interrogativos que e quem são invariáveis; qual varia em número (quais); quanto varia em número (quantos) e gênero (quanta – quantas).

a) Que pode ser pronome substantivo quando significa *que coisa*.

Exemplo:

Que teria acontecido a ela?

b) Que pode ser pronome adjetivo quando significa *que espécie de*.

Exemplo:

Que aperto sinto no peito!

c) Quem é pronome substantivo.

Exemplo:

Quem comeu o pão que estava aqui?

d) Qual pode referir-se a pessoas ou objetos.

Exemplo:

Qual a razão dessa tristeza?
Qual é o caminho até o parque?
Qual a mais valente das meninas?

e) Quanto pode ser pronome substantivo ou adjetivo.

***Exemplo*:**

Quantos são vocês?
Quantas folhas tem o livro?

Pronomes relativos

São os que se referem, em geral, a um termo anterior. Na lista abaixo, os variáveis e invariáveis.

VARIÁVEIS		INVARIÁVEIS
MASCULINO	FEMININO	
o qual – os quais	a qual – as quais	que
cujo – cujos	cuja – cujas	quem
quanto – quantos	quanta – quantas	onde

Que, *quem*, *cujo*, *quanto* e *onde* são formas simples. *O qual* é forma composta. O pronome *onde*, antecedido das preposições *a* e *de*, com elas se aglutina e forma *aonde* e *donde*.

O antecedente do pronome relativo pode ser um substantivo, um pronome, um adjetivo, um advérbio ou uma oração.

Exemplos:

Com emoção, aproximei-me da **banda que** ali tocava. (substantivo: banda)
És **tu que** clamas por justiça? (pronome: tu)
Ele se tornou amargo de **doce que** era. (adjetivo: doce)

Ali, **onde** ele enterrou o cadáver, nasceu uma flor. (advérbio: ali)
O exame foi um fracasso, **o que** me deixou desesperado. (A oração está resumida pelo demonstrativo **o**.)

a) Que é o relativo mais usado. Faz referência a pessoas ou objetos, no singular ou no plural.

Exemplos:

A menina **que** caiu é minha irmã.
Está vendo aquela mulher **que** está dançando?
Peguei o livro **que** estava sobre a mesa.

b) Em alguns casos, que pode ou deve ser substituído por o qual .

Exemplos:

O bolo foi feito pela mesma cozinheira, **a qual** fez os docinhos e pastéis.
Era um terreno arenoso, sobre **o qual** construiu-se a usina.
Fez-se um silêncio absoluto, durante **o qual** não se ouviu uma mosca.

c) Quem só se usa em relação a pessoas ou algo personificado.

Exemplos:

Mas **quem** passou por aqui?
Quem foi que disse isso?

d) Quem também pode equivaler a o qual .

Exemplos:

Minha irmã, **a quem** fizeram o convite, levou-me à festa.
O secretário, **a quem** fui apresentado, tratou-me com cordialidade.

e) **Cujo é relativo e possessivo, e seu sentido equivale a do qual, de quem, de que.**

Exemplos:

A mulher, em **cuja casa** me hospedei, é enfermeira.
Machado de Assis, **cuja obra** me encanta, era um escritor de primeira.

f) **Quanto tem como antecedentes os pronomes indefinidos *tudo* e *todos*, que, no entanto, podem ser omitidos.**

Exemplos:

Em tudo **quanto** toquei, apenas sua face guardei na memória.
Entre **quantos** te aborrecem, não vês quem te ama.

g) **Onde desempenha normalmente a função de adjunto adverbial, equivalente a o lugar em que, no qual.**

Exemplos:

Estava na escola, **onde** tudo é pressão psicológica.
Não conheço o país **onde** nasci.

Verbo

Leia os versos poéticos de Chico Buarque de Holanda que relatam o drama de um operário a partir de uma seqüência de ações:

"Amou daquela vez como se fosse a última
Beijou sua mulher como se fosse a única
E cada filho seu como se fosse o único
E atravessou a rua com seu passo tímido
Subiu a contramão como se fosse máquina
Ergueu no patamar quatro paredes sólidas
(...)"

As palavras que usamos para exprimir ações recebem o nome de verbos . Além de ações os verbos também podem exprimir outras situações.

Exemplos:

O operário **está** cansado. (estado)
Naquele sábado, **chovia** muito. (fenômeno da natureza)

Verbo é uma palavra variável que indica ação, estado ou fenômeno: *atirar* (ação), *estar* (estado), *chover* (fenômeno). Funciona sempre como predicado na estrutura da oração.

•• Flexões do verbo ••

O verbo varia em número, pessoa, modo, tempo e voz.

Número

Quanto ao número , pode estar no singular e plural , de acordo com o sujeito que pratica a ação.

Exemplos:

O menino **joga** bola. (sujeito no singular, verbo no singular)
Os meninos **jogam** bola. (sujeito no plural, verbo no plural)

Pessoa

Quanto à pessoa , o verbo admite três:

a) a primeira é aquela que fala. São os pronomes eu (singular) e nós (plural);

b) a segunda é aquela a quem se fala. São os pronomes tu (singular) e vós (plural);

c) a terceira é aquela de quem se fala. São os pronomes ele , ela (singular), eles , elas (plural).

Exemplos:

Eu **jogo** bola. Nós **jogamos** bola.
Tu **jogas** bola. Vós **jogais** bola.
Ele (ela) **joga** bola. Eles (elas) **jogam** bola.

Vozes do verbo

Quanto à voz , a ação expressa pelo verbo pode ser representada de três formas: voz ativa, voz passiva e voz reflexiva.

a) Voz ativa : quando a ação é *praticada* pelo sujeito.

Exemplos:

Martin **fez** a lição.
Pedro e Martin **lavaram** o tapete.

b) Voz passiva : quando a ação é *sofrida* pelo sujeito.

Exemplos:

A lição **foi feita** por Martin.
O tapete **foi lavado** por Pedro e Martin.

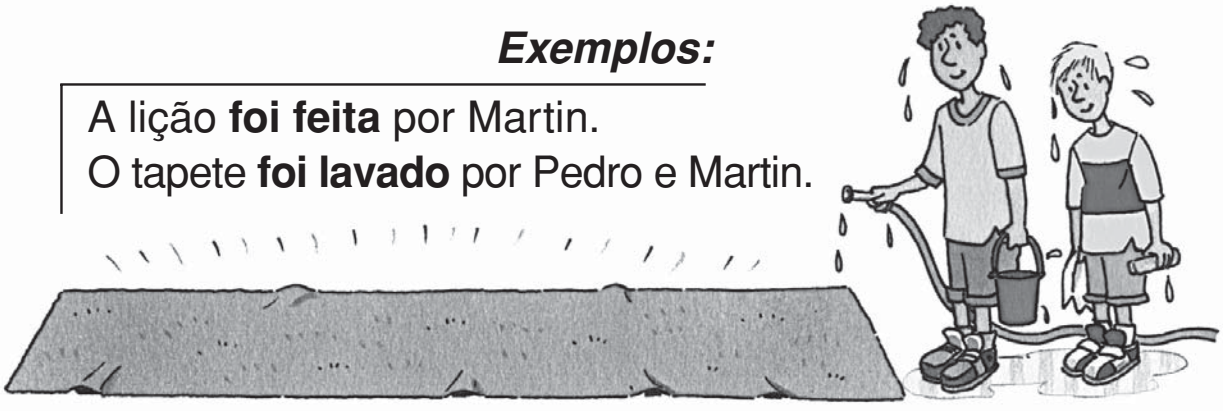

c) **Voz reflexiva : quando a ação é *praticada e sofrida* pelo sujeito.**

Exemplos:

Martin **feriu-se** com a tesoura.
Dei-me pressa em levá-lo ao hospital.

d) **Voz passiva sintética : é formada por um verbo transitivo direto na terceira pessoa do singular ou plural mais o pronome se (apassivador).**

Exemplo:

Carregaram-se muitos sacos de areia. (carregaram-se = passiva sintética ou pronominal; sacos de areia = sujeito paciente)

e) **Voz passiva analítica : é formada pelo verbo auxiliar mais o particípio de um verbo transitivo direto.**

Exemplo:

Muitos sacos de areia foram carregados. (muitos sacos de areia = sujeito paciente; foram carregados = passiva analítica)

Modos verbais

Os modos são as diversas formas que o verbo assume para indicar a atitude da pessoa que fala. Há três modos: o indicativo, o subjuntivo e o imperativo. Existem também as formas nominais do verbo, que são o infinitivo, o gerúndio e o particípio.

a) **O indicativo expressa certeza diante do que se anuncia.**

Exemplos:

Ela **é** uma moça inteligente.
Os livros **são** ótimos companheiros de viagem.

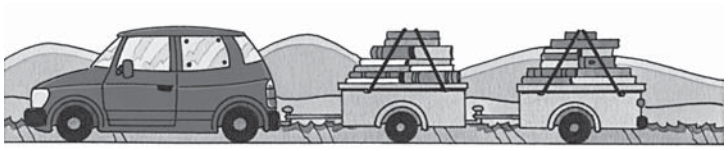

b) O subjuntivo indica incerteza ou condicionamento diante do que se anuncia.

Exemplos:

Não me **venham** com essa agora!
Espero que eles **entrem** em acordo.

c) O imperativo indica ordem ou pedido.

Exemplos:

Traga-me aquele livro.
Não **encoste** a mão nele!

Formas nominais do verbo

As formas nominais do verbo – infinitivo, gerúndio e particípio – são aquelas que não podem exprimir por si sós nem o tempo nem o modo, valores que sempre dependem da situação em que aparecem.

a) O infinitivo exprime a idéia da ação, aproximando-se, assim, do substantivo.

Exemplos:

Querer é **poder**.
Chorar pra quê? Ele não vai **voltar**!
Correr, **brincar**, **chutar** bola: eh! vida boa!
Pensar é um dos grandes prazeres do homem.

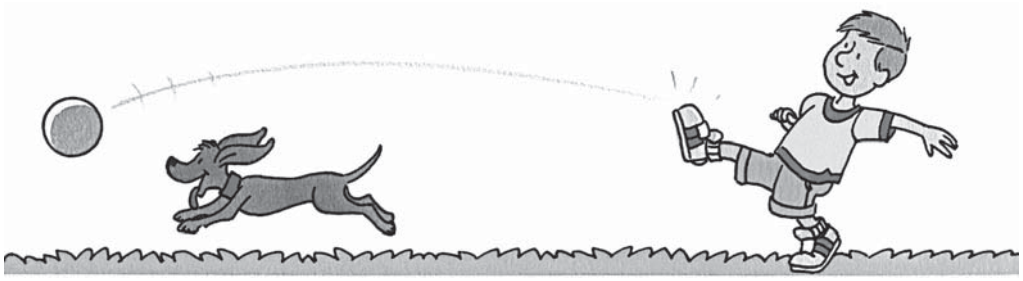

b) **O gerúndio expressa a ação em curso, acontecendo, desenvolvendo-se; assim, desempenha as funções de advérbio e adjetivo.**

Exemplos:

De onde você está **chegando**?
Comendo pipoca, quebrei um dente.
Ele deslocou a coluna **carregando** caixas pesadas.
Maria foi-se embora, **levando** tudo o que lhe pertencia.

c) **O particípio mostra o resultado da ação verbal; reúne as características de verbo e adjetivo, e pode, às vezes, receber as desinências -a , de feminino, e -s , de plural.**

Exemplos:

A roupa ficou **tingida** de azul.
Os fugitivos foram **cercados** no matagal.
Ele tinha a aparência **abatida**.
Os exames foram **concluídos** em tempo.

d) **O infinitivo e o gerúndio possuem, além da forma simples, uma forma composta, que exprime a ação concluída.**

Exemplos:

infinitivo – ler (ação não concluída) – ter lido (ação concluída)
gerúndio – lendo (ação não concluída) – tendo lido (ação concluída)

e) **O infinitivo pode ser pessoal e impessoal.**

O infinitivo pessoal tem um sujeito próprio e pode ou não flexionar-se.

Exemplo:

As crianças saíram para **jogar** bola. (não-flexionado)
Mas o vento as esperava para **soltarem** papagaio. (flexionado)

O infinitivo impessoal não tem sujeito porque não se refere a uma pessoa gramatical.

Exemplo:

Ler é **viajar** pelo mundo inteiro na imaginação.
Amar é **compartir** dores e alegrias.

Usa-se o infinitivo impessoal :

– nas locuções verbais.

Exemplo:

Você não deve **comer** tanto.

– quando o sujeito é um pronome oblíquo átono.

Exemplo:

Deixe-os **ir**.

– quando não se refere a um sujeito específico.

Exemplo:

Viver é preciso. **Navegar** não é preciso.

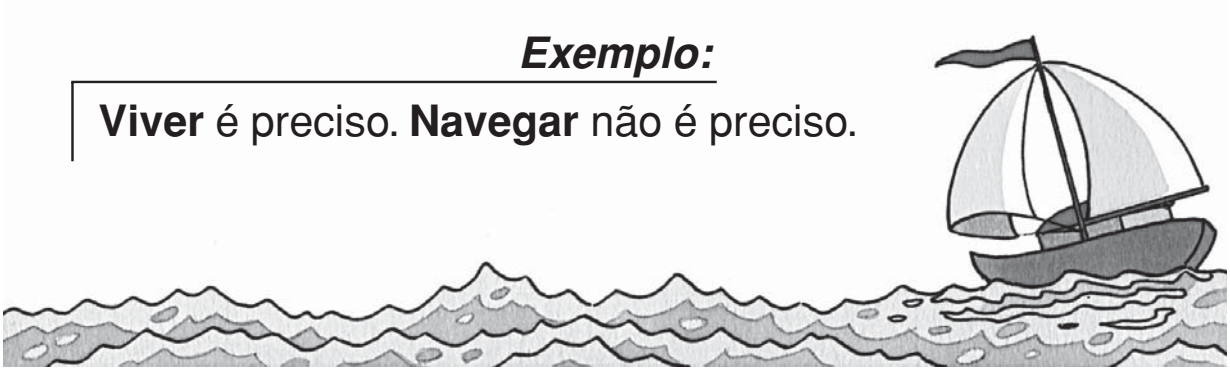

– quando funciona como complemento de adjetivos.

Exemplo:

São lições fáceis de **aprender**.

– quando tem valor de imperativo.

Exemplo:

E o capitão gritou: **atirar**!

Usa-se o infinitivo pessoal :

– quando tem sujeito diferente do sujeito da oração principal.

Exemplo:

Eu te critico por **dormires** tanto.

– como forma de indeterminar o sujeito.

Exemplo:

Ouvi **dizer** que você tem um namorado.

– quando se quer enfatizar a pessoa do sujeito.

Exemplo:

Dançares com ele? Nem em sonho!

O particípio pode ser usado com os auxiliares ter e haver para formar os tempos compostos da voz ativa.

Exemplos:

Tenho lido muito.
Ele **havia feito** tudo certo.

Com o auxiliar ser , o particípio forma os tempos da voz passiva.

Exemplos:

Quero que este livro **seja lido** por todos.
O bolo **era feito** de maçã.

Com o auxiliar estar , forma os tempos da voz passiva, que indica estado.

Exemplos:

Quero que este livro **esteja lido** em uma semana.
O bolo **estava feito** com maçã.

O particípio pode ser usado sem auxiliar, exprimindo assim o estado resultante de uma ação concluída.

Exemplos:

Perdido, o cachorro vagava pelas ruas.
Desesperada, correu para o orelhão!

O particípio dos verbos transitivos tem valor passivo.

Exemplo:

Feita a pergunta, o professor encarou a turma.

O particípio dos intransitivos tem valor ativo.

Exemplo:

Desembarquei em Moscou, **vindo** da Espanha.

•• Classificação do verbo ••

Quando à flexão, o verbo pode ser regular, irregular, defectivo, abundante ou anômalo.

a) Os verbos regulares são os que se flexionam de acordo com o modelo comum da conjugação e cujo radical se mantém constante em todas as formas.

Exemplo: verbo cantar

Presente	Perfeito
cant o	cant ei
cant as	cant aste
cant a	cant ou
cant amos	cant amos
cant ais	cant astes
cant am	cant aram

Note que apenas a terminação varia. O radical *cant-* permanece constante.

cantar – modelo comum da 1ª conjugação
vender – modelo comum da 2ª conjugação
partir – modelo comum da 3ª conjugação

Assim,

- todos os verbos regulares da 1ª conjugação formam seus tempos como o verbo cantar
- todos os verbos regulares da 2ª conjugação formam seus tempos como o verbo vender
- todos os verbos regulares da 3ª conjugação formam seus tempos como o verbo partir

b) Os verbos irregulares se afastam do modelo de sua conjugação, e seu radical não se mantém constante em todas as formas.

Exemplo: verbo pedir

Presente	Perfeito
Peço	pedi
Pedes	pediste
Pede	pediu
Pedimos	pedimos
Pedis	pedistes
Pedem	pediram

Note que o radical passou de *ped-* para *peç-* na primeira pessoa do presente. Neste caso a mudança ocorreu no radical, mas em alguns verbos, como estar , a mudança ocorre na terminação da primeira pessoa do presente do indicativo (*estou*), diferente da conjugação a que pertence o verbo.

c) **Os verbos defectivos** são aqueles que não têm certas formas.

Exemplo:

abolir (não tem a 1ª pessoa do presente do indicativo)

d) **Os verbos abundantes** são os que possuem duas ou mais formas equivalentes. Em geral essa abundância ocorre no particípio.

Exemplos:

aceitar – aceitado, aceito, aceite
entregar – entregado, entregue
matar – matado, morto
pagar – pagado, pago

e) **Os verbos anômalos** são aqueles em cuja conjugação entra mais de um radical.

Exemplos:

ser (tem três radicais diferentes: sede, era, fui)
ir (tem três radicais diferentes: vou, fui, irei)

f) **Forma rizotônica** é aquela que tem a sílaba tônica dentro do radical e arrizotônica aguda que tem a sílaba tônica fora do radical.

Exemplos:

canto – cantas – canta (rizotônica)
cantais – cantamos (arrizotônica)

Quanto à função, o verbo pode ser principal ou auxiliar.

a) **Principal** é o verbo de significação plena numa oração.

Exemplos:

Hoje **tomamos** sopa no jantar.
Pedro **viajou** para São José do Rio Pardo.
Com certeza **haverá** baile de Carnaval.

b) **Auxiliar** é aquele que auxilia o verbo principal. Os mais comuns são *ter, haver, ser, estar.*

Exemplos:

Temos **tomado** sopa no jantar.
Pedro **tem** viajado para São José do Rio Pardo.
Deverá haver baile de Carnaval.

•• Conjugações ••

Conjugar um verbo é expressá-lo em todos os modos, tempos, pessoas, números e vozes. O conjunto dessas flexões chama-se conjugação .

Há três conjugações. Quem as determina é a vogal temática.

a) A 1ª conjugação compreende os verbos que têm a vogal temática a.

Exemplos:

cant**a**r andar lav**a**r

b) A 2ª conjugação compreende os verbos que têm a vogal temática e.

Exemplos:

vend**e**r com**e**r hav**e**r

c) A 3ª conjugação compreende os verbos que têm a vogal temática i.

Exemplos:

partir fugir medir

Conjugação do verbo com pronome enclítico

Verbos seguidos dos pronomes oblíquos o, a, os, as sofrem alteração em sua conjugação.

a) Se o verbo terminar com as consoantes r, s ou z, elas caem e os pronomes assumem as formas lo, la, los, las.

Exemplos:

cantar + o = cantá-lo
comer + a = comê-la

b) O mesmo ocorre quando esses pronomes vêm mesoclíticos.

Exemplos:

cantar-o-ei = cantá-lo-ei
cantar-a-emos = cantá-la-emos

c) Se o verbo terminar com -ns, o s cai, o n se transforma em m e coloca-se um l antes do pronome.

Exemplo:

tens + o = tem-lo

d) Se o verbo terminar com -m ou ditongo nasal, mantém-se inalterado e os pronomes vêm precedidos de n.

Exemplos:

põe + o = põe-no
dão + o = dão-lo

e) Se o verbo terminar com vogal oral, não ocorre alteração.

Exemplos:

dou + o = dou-o
quero + o = quero-o

f) Se o verbo está na 1ª pessoa do plural, e vem seguido de nos , perde o s final.

Exemplo:

enganamos + nos = enganamo-nos

g) Com os pronomes vos e lhes o verbo não sofre alteração.

Exemplo:

enviamos + lhes = enviamos-lhes

•• Tempos verbais ••

Tempo é a variação que indica o momento em que ocorre a ação. Há três tempos naturais: presente, passado (também chamado pretérito) e futuro. O presente é indivisível, mas o passado e o futuro podem ser indicativos ou subjuntivos.

Acompanhe a tabela abaixo com o verbo jogar :

- **INDICATIVO**
  - Presente: jogo
  - Pretérito
    - imperfeito: jogava
    - perfeito
      - simples: joguei
      - composto: tenho jogado
    - mais-que-perfeito
      - simples: jogara
      - composto: tinha jogado
  - Futuro
    - do presente
      - simples: jogarei
      - composto: terei jogado
    - do pretérito
      - simples: jogaria
      - composto: teria jogado

- **SUBJUNTIVO**
  - Presente: jogue
  - Pretérito:
    - imperfeito: jogasse
    - perfeito: tenha jogado
    - mais-que-perfeito: tivesse jogado
  - Futuro:
    - simples: jogar
    - composto: tiver jogado

Presente

a) O presente indica um processo simultâneo ao ato da fala.

Exemplos:

Pedro **está** em São José do Rio Pardo.
Martin **está** na piscina nadando.

b) O presente pode ocorrer com valor de perfeito.

Exemplo:

Em 1989 **cai** o Muro de Berlim.

c) O presente pode ocorrer com valor de futuro.

Exemplo:

No mês que vem eu **entrego** o livro.

d) O presente também pode expressar um processo costumeiro e contínuo.

Exemplo:

A maré **sobe**, **invade** a praia e **recua**.

Imperfeito

a) O imperfeito indica um processo anterior ao ato da fala, com duração no tempo.

Exemplo:

As pessoas **pulavam** no salão horas a fio, sem se cansar.

b) O imperfeito pode ter valor de futuro do pretérito.

Exemplo:

Se eu tivesse mais dinheiro, **comprava** um carro.

Perfeito

a) O tempo perfeito indica um processo anterior ao ato da fala, mas já totalmente concluído.

Exemplo:

O baile **acabou** e as pessoas **foram** embora.

Mais-que-perfeito

a) O tempo mais-que-perfeito indica uma ação anterior a um processo passado. É o passado do passado.

Exemplo:

Ontem entreguei o livro; anteontem **trabalhara** como um camelo.

b) Pode ocorrer como futuro do pretérito ou imperfeito do subjuntivo.

Exemplo:

Mais **fizera** se não **fora** tão curto o tempo.

c) Pode ocorrer em orações optativas.

Exemplo:

Quem me **dera** comprar um carro!

Futuro do presente

a) O futuro do presente indica uma ação posterior ao momento da fala.

Exemplo:

Papai **chegará** amanhã.

b) Pode indicar ação que ocorre no presente, mas exprimindo dúvida e um futuro bem próximo.

Exemplo:

Haverá hoje umas cinco aulas, não mais.

c) Pode exprimir imperativo.

Exemplo:

Não **julgarás** para não seres julgado.

Futuro do pretérito

a) O futuro do pretérito indica uma ação posterior a um processo já ocorrido no passado.

Exemplo:

Um ano depois da guerra, eu **desembarcaria** em Buenos Aires.

b) Pode ocorrer com valor de presente, mas exprimindo cerimônia.

Exemplo:

Você me **faria** um favor?
Poderia passar-me o açucareiro?

Tempos formados a partir do presente do indicativo

O presente do indicativo dá origem aos seguintes tempos: presente do subjuntivo, imperativo negativo, imperativo afirmativo.

Para formar o presente do subjuntivo, basta tirar a desinência -o da primeira pessoa do singular do presente do indicativo e acrescentar: e, es, e, emos, eis, em nos verbos terminados em -ar (1ª conjugação) e a, as, a, amos, ais, am nos verbos terminados em -er ou -ir (2ª e 3ª conjugações).

Exemplos:

andar

A 1ª pessoa do singular do presente do indicativo desse verbo é ando.

Tirando a desinência -o , sobra o radical and- . A ele acrescentamos as desinências -e , -es , -e , -emos , -eis , -em .

Assim, teremos:

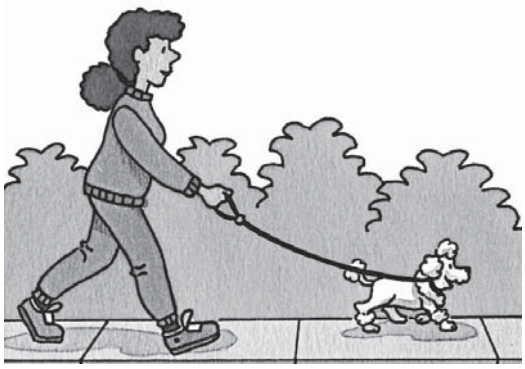

ande
andes
andemos
andeis
andem

comer

A 1ª pessoa do singular do presente do indicativo desse verbo é como . Tirando a desinência -o , sobra o radical com- . A ele acrescentamos as desinências -a , -as , -a , -amos , -ais , -am .

Assim, teremos:

coma
comas
coma
comamos
comais
comam

fugir

a) A 1ª pessoa do singular do presente do indicativo desse verbo é fujo . Tirando a desinência -o , sobra o radical fuj -. A ele acrescentamos as desinências -a , -as , -a , -amos , -ais , -am .

Assim, teremos:

fuja
fujas
fuja
fujamos
fujais
fujam

b) Para formar o imperativo negativo basta acrescentar a negação no presente do subjuntivo.

Atenção: O imperativo negativo não tem 1ª pessoa do singular.

Exemplo:

Presente do subjuntivo	Imperativo negativo
cante	–
cantes	não cantes tu
cante	não cante ele
cantemos	não cantemos nós
canteis	não canteis vós
cantem	não cantem eles

c) O imperativo afirmativo é formado a partir do presente do subjuntivo e do presente do indicativo. As segundas pessoas (singular e plural) vêm do presente do indicativo, menos o -s. As demais vêm do presente do subjuntivo.

Exemplo:

Presente do indicativo	Imperativo afirmativo	Presente do subjuntivo
canto	–	cante
cantas	canta	cantes
canta	cante	cante
cantamos	cantemos	cantemos
cantais	cantai	canteis
cantam	cantem	cantem

Tempos formados a partir do perfeito do indicativo

O perfeito do indicativo dá origem aos seguintes tempos: mais-que-perfeito do indicativo, imperfeito do subjuntivo, futuro do subjuntivo.

Para formá-los, basta acrescentar as desinências respectivas ao tema do perfeito, que se obtém subtraindo-se as desinências -ste da 2ª pessoa do singular.

Como exemplo, citemos o verbo cantar : a 2ª pessoa do singular é cantaste . Se tirarmos a desinência -ste , ficamos com canta . Esse, portanto, é o tema do perfeito.

As desinências dos tempos derivados do perfeito são:

mais-que-perfeito do indicativo
canta-ra
canta-ras
canta-ra
cantá-ramos
canta-reis
canta-ram

imperfeito do subjuntivo
canta-sse
canta-sses
canta-sse
cantá-ssemos
cantá-sseis
canta-ssem

futuro do subjuntivo
canta-r
canta-res
canta-r
canta-rmos
canta-rdes
canta-rem

Tempos formados a partir do infinitivo

O infinitivo impessoal dá origem aos seguintes tempos: futuro do presente, futuro do pretérito.

Para formá-los, basta acrescentar as respectivas desinências diretamente ao infinitivo.

futuro do presente	futuro do pretérito
cantar-ei	cantar-ia
cantar-ás	cantar-ias
cantar-á	cantar-ia
cantar-emos	cantar-íamos
cantar-eis	cantar-íeis
cantar-ão	cantar-iam

Atenção: Esta norma não serve para os verbos *dizer*, *fazer* e *trazer*, que formam *direi*, *farei* e *trarei*.

A partir do infinitivo pessoal também se forma o imperfeito do indicativo . Basta tomar o radical e acrescentar as desinências -ava , -avas , -ava , -ávamos , -áveis , -avam (para um verbo da 1ª conjugação) e -ia , -ias , -ia , -íamos , -íeis , -iam (para um verbo da 2ª ou 3ª conjugações).

Exemplo:

radical do infinitivo impessoal	imperfeito do indicativo (verbo da 1ª conjugação)	imperfeito do indicativo (verbo da 2ª ou 3ª conjugação)	
	cant-(a)va	dev-(i)a	part-(i)a
cant-	cant-(a)vas	dev-(i)as	par-(i)a
	cant-(a)va	dev-(i)a	part-(i)a
	cant-(á)vamos	dev(ía)mos	part-(í)amos
	cant-(á)veis	dev-(í)eis	part-(í)eis
	cant-(a)vam	dev-(i)am	part-(i)am

A seguir, uma relação de verbos que requerem atenção especial:

Agir

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu ajo	eu agi
tu ages	tu agiste
ele age	ele agiu

nós agimos	nós agimos
vós agis	vós agistes
eles agem	eles agiram

Atenção: Este verbo muda o *g* do radical *ag-* para *j* antes de *a* e *o* para conservar o som palatal. Da mesma forma se conjugam os verbos *afligir*, *erigir*, *ungir*, *restringir*, *coagir*, *espargir*, *refulgir*, *transigir*.

Aguar

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu águo	eu agüei
tu águas	tu aguaste
ele água	ele aguou
nós aguamos	nós aguamos
vós aguais	vós aguastes
eles águam	eles aguaram

Atenção: Da mesma forma se conjugam os verbos *desaguar*, *enxaguar*, *minguar*.

Anunciar

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu anuncio	eu anunciei
tu anuncias	tu anunciaste
ele anuncia	ele anunciou
nós anunciamos	nós anunciamos
vós anunciais	vós anunciastes
eles anunciam	eles anunciaram

Atenção: Da mesma forma se conjugam os verbos terminados em *-iar*, como *comerciar*, *evidenciar*, *licenciar*. No entanto, os verbos *mediar*, *ansiar*, *remediar*, *incendiar* e *odiar*, apesar de terminarem em *-iar*, seguem a conjugação dos verbos terminados em *-ear*, como *passear*.

Argüir

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu arguo (ú)	eu argüi
tu argúis	tu argüíste
ele argúi	ele argüiu
nós argüimos	nós argüimos
vós argüis	vós argüístes
eles argúem	eles argüiram

Averiguar

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu averiguo (ú)	eu averigüei
tu averiguas (ú)	tu averiguaste
ele averigua (ú)	ele averiguou
nós averiguamos	nós averiguamos
vós averiguais	vós averiguastes
eles averiguam (ú)	eles averiguaram

Atenção: Da mesma forma se conjuga o verbo *apaziguar*.

Caber

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu caibo	eu coube
tu cabes	tu coubeste
ele cabe	ele coube
nós cabemos	nós coubemos
vós cabeis	vós coubestes
eles cabem	eles couberam

Colorir

presente do indicativo	perfeito do indicativo
–	eu colori
tu colores	tu coloriste

ele colore	ele coloriu
nós colorimos	nós colorimos
vós coloris	vós coloristes
eles colorem	eles coloriram

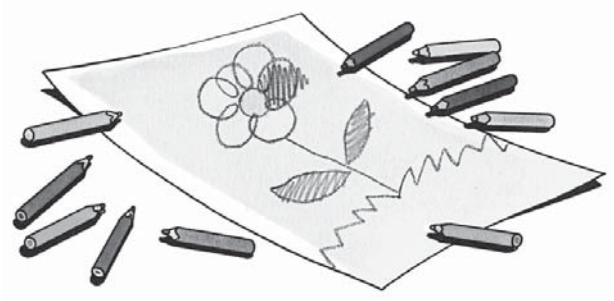

Atenção: Esse verbo não tem a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, e tampouco o presente do subjuntivo ou o imperativo negativo. Da mesma forma se conjugam os verbos *abolir*, *demolir*, *exaurir*, *extorquir*, *banir*, *descomedir-se*, *emergir*, *urgir*.

Concluir

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu concluo	eu concluí
tu concluis	tu concluíste
ele conclui	ele concluiu
nós concluímos	nós concluímos
vós concluís	vós concluístes
eles concluem	eles concluíram

Atenção: Da mesma forma se conjugam os verbos *afluir*, *atribuir*, *destituir*, *estatuir*, *excluir*, *instruir*, *usufruir*.

Crer

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu creio	eu cri
tu crês	tu creste

ele crê	ele creu
nós cremos	nós cremos
vós credes	vós crestes
eles crêem	eles creram

Atenção: O imperfeito do indicativo desse verbo é: *cria, crias, cria, críamos, criam*.

Distinguir

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu distingo	eu distingui
tu distingues	tu distinguiste
ele distingue	ele distinguiu
nós distinguimos	nós distinguimos
vós distinguis	vós distinguistes
eles distinguem	eles distinguiram

Atenção: Da mesma forma se conjuga o verbo *extinguir*.

Estar

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu estou	eu estive
tu estás	tu estiveste
ele está	ele esteve
nós estamos	nós estivemos
vós estais	vós estivestes
eles estão	eles estiveram

Atenção: O presente do subjuntivo do verbo *estar* é: *esteja, estejas, esteja, estejamos, estejais, estejam*.

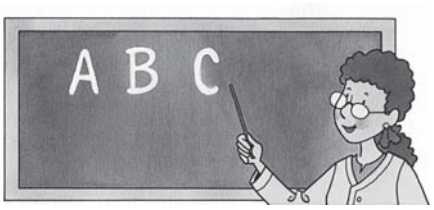

Haver

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu hei	eu houve
tu hás	tu houvestes
ele há	ele houve
nós havemos	nós houvemos
vós haveis	vós houvestes
eles hão	eles houveram

Atenção: O presente do subjuntivo do verbo *haver* é: *haja, hajas, hajamos, hajais, hajam*.

Ir

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu vou	eu fui
tu vais	tu foste
ele vai	ele foi
nós vamos	nós fomos
vós ides	vós fostes
eles vão	eles foram

Atenção: O presente do subjuntivo do verbo *ir* é: *vá, vás, vá, vamos, vades, vão*.

Cear

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu ceio	eu ceei
tu ceias	tu ceaste
ele ceia	ele ceou
nós ceamos	nós ceamos
vós ceais	vós ceastes
eles ceiam	eles cearam

Atenção: Da mesma forma se conjugam os verbos terminados em *ear*, como *passear*, *falsear* e outros.

Pedir

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu peço	eu pedi
tu pedes	tu pediste
ele pede	ele pediu
nós pedimos	nós pedimos
vós pedis	vós pedistes
eles pedem	eles pediram

Atenção: Da mesma forma se conjugam os verbos *expedir*, *medir*, *despedir*.

Poder

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu posso	eu pude
tu podes	tu pudeste
ele pode	ele pôde
nós podemos	nós pudemos
vós podeis	vós pudestes
eles podem	eles puderam

Atenção: O acento circunflexo na 3ª pessoa do singular do perfeito do indicativo mantém-se para diferenciá-lo da 3ª pessoa do singular do presente do indicativo.

Pôr

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu ponho	eu pus
tu pões	tu puseste
ele põe	ele pôs
nós pomos	nós pusemos
vós pondes	vós pusestes
eles põem	eles puseram

Atenção: Da mesma forma se conjugam os verbos *antepor*, *apor*, *compor*, *decompor*, *depor*, *expor*, *indispor*, *justapor*, *opor*, *predispor*, *propor*, *repor*, *supor*, *transpor*.

Progredir

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu progrido	eu progredi
tu progrides	tu progrediste
ele progride	ele progrediu
nós progredimos	nós progredimos
vós progredis	vós progredistes
eles progridem	eles progrediram

Atenção: Da mesma forma se conjugam os verbos *agredir*, *prevenir*, *regredir*, *transgredir*.

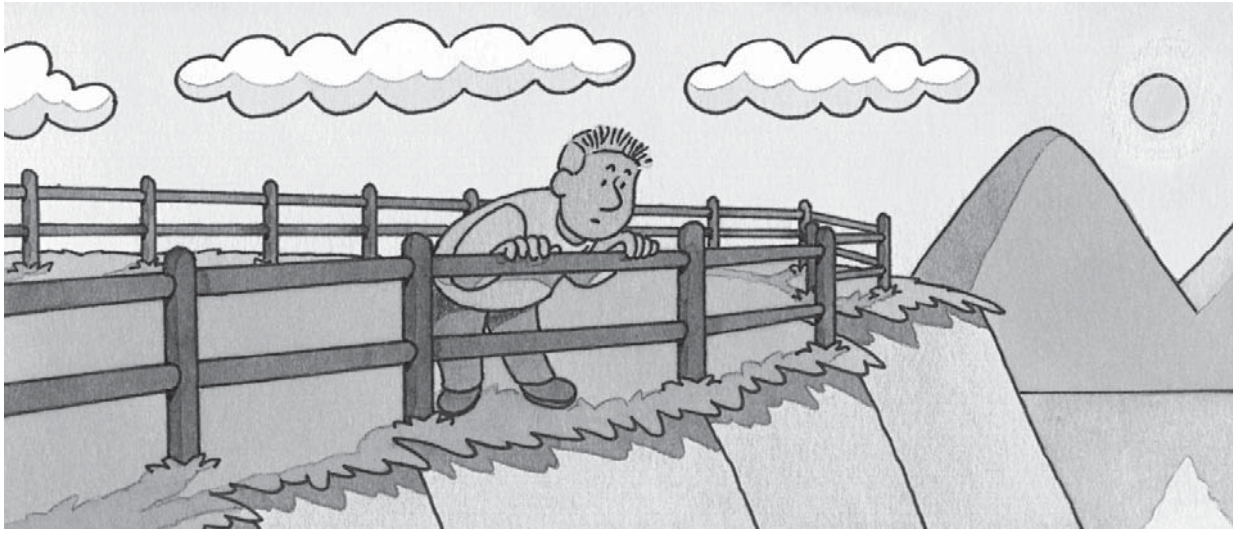

Sair

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu saio	eu saí
tu sais	tu saíste
ele sai	ele saiu
nós saímos	nós saímos
vós saís	vós saístes
eles saem	eles saíram

Atenção: Da mesma forma se conjugam os verbos *abstrair, atrair, cair, distrair, subtrair*.

Ser

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu sou	eu fui
tu és	tu foste
ele é	ele foi
nós somos	nós fomos
vós sois	vós fostes
eles são	eles foram

Atenção: O presente do subjuntivo do verbo *ser* é: *seja, sejas, seja, sejamos, sejais, sejam*. E o imperativo afirmativo é: *sê, seja, sejamos, sede, sejam*.

Sugerir

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu sugiro	eu sugeri
tu sugeres	tu sugeriste
ele sugere	ele sugeriu
nós sugerimos	nós sugerimos
vós sugeris	vós sugeristes
eles sugerem	eles sugeriram

Atenção: Da mesma forma se conjugam os verbos *aderir, advertir, compelir, digerir, divergir, repelir, aferir, despir, dissentir, diferir*.

Ter

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu tenho	eu tive
tu tens	tu tiveste
ele tem	ele teve
nós temos	nós tivemos
vós tendes	vós tivestes
eles têm	eles tiveram

Atenção: Os verbos derivados de *ter*, como *manter* e *deter*, na terceira 3ª pessoa do singular do presente do indicativo levam acento agudo: ele *mantém*, ele *detém*. Na 3ª pessoa do plural, acento circunflexo: eles *mantêm*, eles *detêm*.

Ver

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu vejo	eu vi
tu vês	tu viste
ele vê	ele viu
nós vemos	nós vimos
vós vedes	vós vistes
eles vêem	eles viram

Atenção: Da mesma forma se conjugam os verbos *antever, entrever, prever*. O futuro do subjuntivo do verbo *ver* é: *vir, vires, vir, virmos, virdes, virem*. A terceira pessoa do plural do presente do indicativo é *vêem* assim como *lêem, crêem, dêem*. Não confunda *vêem*, do verbo *ver*, com *vêm*, do verbo *vir*.

Vir

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu venho	eu vim
tu vens	tu vieste
ele vem	ele veio
nós vimos	nós viemos
vos vindes	vós viestes
eles vêm	eles vieram

Atenção: Da mesma forma se conjugam os verbos *avir-se, convir, desavir-se, intervir, provir, revir, sobrevir*. Na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo levam acento agudo: ele *convém*, ele *sobrevém*. Na 3ª pessoa do plural, acento circunflexo: eles *convêm*, eles *sobrevêm*.

•• Regência verbal ••

O texto seguinte foi extraído de uma entrevista, literalmente. Num texto formal, ela precisaria ser reescrita para adequar-se ao padrão da língua escrita. Leia:

"A Universidade é mais eficiente do que a indústria porque ela é o único organismo da sociedade que pode especular sem grande ônus. A Universidade é o único organismo que você pode abandonar uma pesquisa sem nenhuma trauma (...)"

Há termos que exigem a presença de outro para formar sentido: o verbo abandonar , por exemplo, exige a preposição em . Veja:

"A Universidade é o único organismo em que /no qual você pode abandonar uma pesquisa..."

A relação que se estabelece entre duas palavras quando uma é complemento da outra chama-se regência . A palavra que rege é a regente , a outra denomina-se regida .

A seguir, vamos ver algumas regras básicas de regência verbal.

a) Quanto à predicação, os verbos podem ser intrasitivos e transitivos. Os intransitivos expressam uma idéia completa. Os transitivos exigem sempre um acompanhamento (objeto direto ou indireto).

Exemplos:

*Martin **caiu**. (intransitivo)*
*Pedro **partiu**. (intransitivo)*
*Eu **gosto** de guaraná. (transitivo)*
*Maria **recebeu** uma carta. (transitivo)*

b) Nos verbos transitivos diretos, a regência verbal, ou seja, a ligação do verbo com seu complemento, é feita diretamente, sem preposição intermediária.

Exemplos:

Recebemos lembranças suas.
Pedro **entregou a carta** para Paulo.

c) Nos verbos transitivos indiretos, a regência verbal é feita indiretamente, com uma preposição intermediária.

Exemplos:

Minha mãe **gosta de** fazer tricô.
Alice **precisa de** óculos para ler.

d) **Alguns verbos admitem mais de uma regência, quando admitem mais de um sentido.**

Exemplos:

Ela **aspira a** uma boa situação financeira. (transitivo indireto)
Estou **aspirando um** delicioso perfume. (transitivo direto)

e) **Alguns verbos admitem mais de uma regência sem mudar o sentido.**

Exemplos:

Ela **distribui** livros **aos** alunos.
Ela **distribui** livros **entre** os alunos.
Ela **distribui** livros **com** os alunos.
Ela **distribui** livros **pelos** alunos.

f) **Outros verbos mudam de sentido sem mudar a regência.**

Exemplos:

Ela **carece de** um curso de inglês. (não tem e precisa)

A seguir, vamos ver a regência de alguns verbos que requerem atenção especial:

Assistir

– **transitivo indireto , quando significa** *favorecer, caber direito, razão*.

Exemplo:

A você não assiste direito à partilha.

– **transitivo indireto , quando significa** *estar presente, presenciar*.

Exemplos:

Assisto a tudo o que passa na TV.
Assisti ao filme.
Assisti à peça de teatro.

– **transitivo direto ou indireto, quando significa** *acompanhar, ajudar, prestar assistência*.

Exemplos:

O médico **assistiu o** doente.
O padre **lhe assistiu** com muita atenção.

Chamar

– **intransitivo**, com o sentido de *fazer um sinal para que alguém venha*.

Exemplo:

Eu chamo, grito, esperneio.

– **transitivo direto**, com o sentido de *fazer vir, convocar*.

Exemplos:

Chamei um táxi.
A mãe chamou-o para o jantar.

– *transitivo indireto*, com o sentido de *invocar*.

Exemplos:

O pai **chamou pela** filha.
A beata **chamou por** Nossa Senhora Aparecida.

– **com o sentido de *qualificar*, *nomear*, pede:**
  a) objeto direto + predicativo

Exemplo:

Chamavam-no campeão por sua habilidade.

b) objeto direto + predicativo + preposição *de*

Exemplo:

Ele chamava o padrinho de “pai”.

c) objeto indireto + predicativo

Exemplo:

Eles a chamavam “feiticeira”.

d) objeto indireto + predicativo + preposição *de*

Exemplo:

Chamava-lhe de “meu amor”.

Lembrar

– **transitivo direto**

a) com o sentido de *trazer à lembrança*.

Exemplo:

Lembrava o passado constantemente.

– **transitivo direto e indireto**

a) com o sentido de *fazer recordar*.

Exemplo:

Lembrei-lhe que precisava fazer a lição.

b) com o sentido de *vir à memória*, que é o mais comum, segue a fórmula de construção do verbo esquecer:

Exemplo:

Lembro-me de Camila. (forma mais comum)
Lembra-me de Camila.
Lembra-me a Camila.

Obedecer – desobedecer

– **transitivo indireto**

Exemplos:

Obedecia às ordens paternas.
Obedeci a ele e saí.
Desobedeci a ele e fiquei.

– **voz passiva**

Exemplos:

Dava ordens, certo de ser obedecido.
A instrução foi desobedecida por todos.

Responder

– **transitivo indireto**, **com o sentido de** *dar resposta, replicar* **e** *corresponder*.

Exemplos:

Responde corretamente a todas as perguntas.
Ao juiz, ela respondeu com deselegância.
Este emprego responde plenamente às suas necessidades.

– **transitivo direto**, **para** *exprimir a resposta*.

Exemplo:

Respondi que não.

– **voz passiva** .

Exemplo:

A pergunta foi respondida corretamente.

– **transitivo direto e indireto.**

Exemplo:

Ela respondeu-lhe com um sonoro não.

– **intransitivo**, com o sentido de *dar resposta ou repetir o som*.

Exemplos:

Ele não brigou nem respondeu.
O padre puxou a ladainha e as beatas responderam.

– **exige a preposição por** no sentido de *responsabilizar-se*.

Exemplo:

O pai respondia por ele perante o juiz.

Visar

– **transitivo direto**, com o sentido de *mirar, apontar arma de fogo, dar ou pôr o visto, ter em vista, pretender*.

Exemplos:

Visou o alvo e atirou.
Antes de entrar no país, precisa visar o passaporte.
O ataque visava destruir o inimigo.

– **transitivo indireto , também com o sentido de *pretender*. Nesse caso, pede a preposição a.**

Exemplo:

Ele não visava a outra coisa senão obter aquela promoção.

ADVÉRBIO

Leia os textos seguintes e observe as palavras sublinhadas. Elas são advérbios.

"A mão esquerda tem razões que a ciência desconhece. Talvez por isso os canhotos sejam tidos como pessoas esquisitas e freqüentemente vítimas de preconceitos. Mas... eles são tão normais como os destros."

(*Superinteressante*)

"Se quebrava um vaso aqui logo já estava lá."

(Ziraldo. *Menino Maluquinho*)

Os advérbios são termos que modificam o verbo, o adjetivo e o próprio advérbio. Às vezes modificam uma oração.

Exemplos:

Fez a lição depressa. (o advérbio **depressa** modifica o verbo **fazer**)
O caminho é tão longo que me canso. (o advérbio **tão** modifica o adjetivo **longo**)
Sinto-me muito bem. (o advérbio **muito** modifica o advérbio **bem**)
Infelizmente ela foi embora. (o advérbio **infelizmente** modifica toda a oração)

•• Classificação do advérbio ••

Os advérbios podem ser:

a) de lugar – abaixo, acima, adiante, aí, além, ali, aquém, aqui, através, atrás, cá, defronte, dentro, detrás, fora, junto, lá, longe, onde, perto etc.

b) de tempo – agora, ainda, amanhã, anteontem, antes, breve, cedo, depois, então, hoje, já, jamais, logo, nunca, ontem, outrora, sempre, tarde etc.

c) de modo – assim, bem, debalde, depressa, devagar, mal, melhor, pior, bondosamente, regularmente, felizmente, infelizmente etc.

d) de intensidade – assaz, bastante, bem, demais, mais, meio, menos, muito, pouco, quanto, quão, quase, tanto, tão etc.

e) de dúvida – acaso, porventura, possivelmente, provavelmente, quiçá, talvez etc.

f) de afirmação – sim, certamente, efetivamente, realmente etc.

g) de negação – não.

Existem também os advérbios interrogativos , que podem ser:

a) de lugar – onde?
b) de tempo – quando?
c) de modo – como?
d) de causa – por quê?

•• Flexão do advérbio ••

Os advérbios podem estar em grau comparativo ou superlativo absoluto. O comparativo pode ser de superioridade, de inferioridade ou de igualdade; o superlativo pode ser

absoluto (sintético ou analítico) e intensivo. Vejamos como se formam:

Comparativo

a) de superioridade – colocando-se mais antes do advérbio e que ou do que depois.

Exemplos:

Falou **mais claramente que** o outro.
Falou **mais claramente do que** o outro.

b) de inferioridade – colocando-se menos antes do advérbio e que ou do que depois.

Exemplos:

Andou **menos apressadamente que** ela.
Andou **menos apressadamente do que** ela.

c) de igualdade – colocando-se tão antes do advérbio e como ou quanto depois.

Exemplos:

Cantou **tão melodiosamente como** todos.
Cantou **tão melodiosamente quanto** todos.

Superlativo absoluto

a) sintético – faz-se com o uso de um sufixo.

Exemplos:

muito – muit**íssimo**
pouco – pouqu**íssimo**

Atenção: Nos advérbios terminados em *mente*, essa terminação se mantém.

Exemplo:

nobremente – nobilissimamente

b) analítico – com o uso de um advérbio que indica excesso.

Exemplos:

muito perto
pessimamente mal
muitíssimo bem

Superlativo intensivo

a) indica os limites da possibilidade, e é formado colocando-se o mais ou o menos antes do advérbio e a palavra possível, ou uma expressão equivalente, depois.

Exemplos:

Venha **o mais** depressa **possível**.
Cheguei **o mais** cedo **que pude**.

Outras formas de comparativo e superlativo

a) melhor e pior podem ser comparativos dos adjetivos bom e mau e dos advérbios bem e mal.

Exemplos:

Ela interpreta **melhor** drama do que comédia.
Ele se sai **pior** no drama que na comédia.

b) as formas mais bem e mais mal são usadas, em geral, antes de adjetivos-particípios.

Exemplos:

A personagem da comédia estava **mais bem interpretada** que as outras.
Aquele papel, no drama, foi **mais mal interpretado** do que os outros.

Atenção: Se o particípio vem antes do advérbio usa-se a forma sintética.

Exemplos:

A personagem da comédia estava **interpretada melhor** que as outras.
Aquele papel, no drama, foi **interpretado pior** do que os outros.

c) as formas bem e mal , no superlativo absoluto sintético, formam otimamente e pessimamente .

Exemplos:

Saiu-se **otimamente** no exame.
Saiu-se **pessimamente** na prova.

d) as formas muito e pouco , quando advérbios, têm como comparativos mais e menos e como superlativos o mais ou muitíssimo e o menos ou pouquíssimo .

Exemplos:

Sou **mais** feliz que você.
Sou **menos** feliz que você.
Sou **o mais** feliz de todos.
Sou **o menos** feliz de todos.
Sou **muitíssimo** feliz.
Sou **pouquíssimo** feliz.

Diminutivo

Alguns advérbios assumem a forma diminutiva, mas com valor superlativo.

Exemplos:

Chegou **pertinho** do precipício.
Foi **devagarinho** até cravar-lhe a faca no peito.
Vou **depressinha** até o armazém.
Chegou **cedinho** para a reunião.

Advérbios que não variam em grau

Alguns advérbios não variam em grau porque o próprio significado não admite. Entre eles, aqui , aí , ali , lá , hoje , amanhã , diariamente , anualmente e outras formas semelhantes.

•• Locução adverbial ••

É o conjunto de duas ou mais palavras que tem valor de advérbio. Em geral, uma preposição com um substantivo, adjetivo ou advérbio. As locuções adverbiais podem ser de afirmação (ou dúvida), de intensidade, de lugar, de modo, de negação, de tempo.

a) de afirmação (ou dúvida): com certeza, por certo, sem dúvida.

b) de intensidade : de muito, de pouco, de todo etc.

c) de lugar : à direita, à esquerda, a distância, ao lado, de dentro, de cima, de longe, de perto, em cima, para dentro, para onde, por ali, por aqui, por dentro, por fora, por onde, por perto etc.

d) de modo : à toa, à vontade, ao contrário, ao léu, às avessas, às claras, às pressas, com gosto, com amor,

de bom grado, de cor, de má vontade, de regra, em geral, em silêncio, em vão, frente a frente, gota a gota, ombro a ombro, passo a passo, por acaso etc.

e) de negação : de forma alguma, de modo nenhum etc.

f) de tempo : à noite, à tarde, à tardinha, de dia, de manhã, de noite, de vez em quando, de tempos em tempos, em breve, pela manhã etc.

Preposição

O que faz a casa da moeda?
A incrível fábrica de dindim

"Único estabelecimento do país com autorização legal para realizar o sonho de qualquer mortal – transformar papel em dinheiro – A Casa da Moeda do Brasil, conhecida pela sigla CMB, faz mais que isso. Localizada no Rio de Janeiro, ela é um enorme parque gráfico protegido como um forte (são três portões de segurança máxima) e equipado com impressoras capazes de confeccionar células, moedas, selos, cartões telefônicos e outros documentos que precisam de dispositivos contra falsificação. (...)"

(*Superinteressante*, 2003)

Os termos sublinhados são preposições.

As preposições relacionam dois termos da oração fazendo com que o sentido da primeira (antecedente) seja explicado ou completado pelo sentido da segunda (conseqüente).

Exemplos:

Fui a Bauru. (o antecedente **fui** se liga ao conseqüente **Bauru** por meio da preposição **a**)
Amo **com** ardor. (o antecedente **amo** se liga ao conseqüente **ardor** com meio da preposição **com**)
Chorou de tristeza. (o antecedente **chorou** se liga ao conseqüente **tristeza** por meio da preposição **com**)

•• Forma das preposições ••

Quanto à forma, as preposições podem ser simples ou compostas. As preposições simples são expressas por um só vocábulo; as compostas, por dois ou mais vocábulos e são chamadas também de locuções prepositivas.

Preposições simples

As preposições simples podem ser essenciais ou acidentais.

As **essenciais** são: *a*, *ante*, *após*, *até*, *com*, *contra*, *de*, *desde*, *em*, *entre*, *para*, *perante*, *por (per)*, *sem*, *sob*, *sobre*, *trás*.

As **acidentais** são: *afora, conforme, consoante, durante, exceto, fora, mediante, não obstante, salvo, segundo, senão, tirante, visto* etc. São chamadas "acidentais" porque nem sempre funcionam como preposição em uma oração.

Preposições compostas ou locuções prepositivas

São os conjuntos formados por um advérbio e uma preposição, geralmente a preposição de .

Atenção: Não confunda *locução prepositiva* (*advérbio + preposição*) com *locução adverbial* (*preposição + advérbio*).

A seguir, uma lista com algumas das locuções prepositivas mais usadas:

abaixo de
acerca de
acima de
de acordo com
debaixo de
de cima de

a despeito de
adiante de
a fim de
além de
antes de
ao lado de
ao redor de
a par de
apesar de
a respeito de
atrás de
através de
graças a
junto a
junto de
para baixo de
para cima de
para com
perto de
defronte de
dentro de
depois de
diante de
embaixo de
em cima de
em frente a
em frente de
em lugar de
em redor de
em torno de
em vez de
por baixo de
por causa de
por cima de
por detrás de
por diante de
por entre
por trás de

•• Significação das preposições ••

As preposições podem significar movimento ou situação . A idéia de movimento está presente em "Fomos ao parque". E a de situação em "Fomos à força".

As duas significações podem ser consideradas em referência ao espaço, ao tempo e à noção. A preposição *de*, por exemplo, estabelece uma relação de espaço em "Vão de um lugar a outro"; de tempo em "Vinha de casa"; e de noção em "Um grupo de meninos".

a) idéia de movimento: no espaço, no tempo, na noção.

Exemplos:

*Fui **a** Bauru. (espaço)*
*Daqui **a** dois meses. (tempo)*
*Obrigar **a** comer. (noção)*

b) idéia de situação : no espaço , no tempo , na noção .

Exemplos:

A casa fica **à** direita. (espaço)
Às vezes vou até lá. (tempo)
Cumpriu tudo **à** risca. (noção)

•• Contração ••

É a combinação da preposição com outras classes gramaticais, geralmente um artigo.

Exemplos:

do (combinação da preposição **de** com o artigo **o**)
no (combinação da preposição **em** com o artigo **o**)
daqui (combinação da preposição **de** com o advérbio **aqui**)
à (combinação da preposição **a** com o artigo **a**)
ao (combinação da preposição **a** com o artigo **o**)

Conjunção

"Cientistas descobriram, alarmados, que a camada do gás ozônio que cobre a Terra e protege os seres vivos dos efeitos letais dos raios ultravioleta está diminuindo a cada ano. Já em 1987, a revista *Isto é* informou, com o auxílio do satélite Nimbus 7, que os cientistas da NASA – a agência espacial americana –, já em 1979 haviam informado que o buraco do ozônio, uma mancha escura, mal era detectável. Entretanto, em

1987, ele já estava engolfando todo o Pólo Sul e continua se expandindo. E o problema mais grave está no Brasil, onde a camada de ozônio é menos espessa que, por exemplo, a existente sobre os Estados Unidos. Isso significa que podemos ter uma incidência de câncer de pele maior que os americanos."

(*Isto é*, 1987, adaptado)

Todas as palavras sublinhadas no texto são conjunções. Portanto, conjunção é a palavra invariável que estabelece relação entre duas orações ou entre dois termos semelhantes de uma mesma oração.

Exemplos:

"A camada de gás ozônio cobre a Terra **e** protege os seres vivos." (a conjunção **e** está ligando duas orações)
"Os cientistas estão atentos **e** alarmados." (a conjunção **e** está ligando termos semelhantes de uma mesma oração)

•• Conjunções coordenativas ••

Podem ser aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas e explicativas.

a) as aditivas ligam dois termos ou duas orações de idêntica função. São elas: *e* e *nem*.

Exemplos:

A viagem foi agradável **e** divertida.
Comeram o bolo **e** foram dançar.

b) as adversativas ligam dois termos ou duas orações de igual função, mas imprimem a elas uma noção de contraste. São elas: *mas*, *porém*, *todavia*, *contudo*, *no entanto*, *entretanto*.

Exemplos:

A viagem foi agradável, **mas** nos causou muitos problemas.
Eles comeram o bolo, **porém** continuaram com fome.

c) **as alternativas ligam dois termos ou duas orações de sentido diferente. São elas:** *ou, ora, quer, seja, nem, já* **etc.**

Exemplos:

O menino **ora** brinca, **ora** vê televisão.
Ou ficar a pátria livre, **ou** morrer pelo Brasil.

d) **as conclusivas ligam uma oração à anterior, que indica conclusão. São elas:** *logo, pois, portanto, por conseguinte, por isso, assim* **etc.**

Exemplos:

Não sabia a lição; **portanto**, teve de estudar muito.
Cheguei cansada; **logo**, fui dormir.

e) **as explicativas ligam duas orações, sendo que a segunda explica ou justifica a idéia contida na primeira. São elas:** *que, porque, pois, porquanto* **etc.**

Exemplos:

Vamos embora, **que** já é tarde.
Vou comer, **porque** estou com fome.
Saiu cedo, **pois** estava atrasado.

•• Conjunções subordinativas ••

Podem ser causais, concessivas, condicionais, conformativas, finais, proporcionais, temporais, comparativas, consecutivas e integrantes.

a) **as causais** **iniciam uma oração subordinada que indica causa. São elas:** *porque, pois, porquanto, como, pois que, por isso que, já que, uma vez que, visto que, visto como, que* **etc.**

Exemplos:

Grito e esperneio, **porque** ninguém manda em mim.
Como a namorada demorasse a chegar, pegou o trem e partiu.

b) **as concessivas** **iniciam uma oração subordinada em que se admite um fato contrário à ação principal, mas em que se é incapaz de impedi-la. São elas:** *embora, conquanto, ainda que, mesmo que, posto que, bem que, se bem que, apesar de que, nem que* **etc.**

Exemplos:

Embora soubesse tudo, não passou no exame.
Fui à festa, **apesar de que** não tinha a menor vontade.

c) **as condicionais** **iniciam uma oração subordinada que indica uma condição necessária para que o fato principal ocorra. São elas:** *se, caso, quando, contanto que, salvo se, sem que, dado que, desde que, a menos que, a não ser que* **etc.**

Exemplos:

Ele viajará à Europa, **desde que** lhe paguem a passagem.
Passarei no exame, **salvo se** estudar muito.

d) **as conformativas** **iniciam uma oração subordinada em que se exprime a conformidade de um pensamento com o expresso na oração principal. São elas:** *conforme, como, segundo, consoante* **etc.**

Exemplos:

Conforme disse o policial, ele foi o culpado.
Essa foi a causa do crime, **segundo** o laudo policial.

e) **as finais iniciam uma oração subordinada que indica o objetivo da oração principal. São elas:** ***para que, a fim de que, porque, que.***

Exemplo:

Chamou o filho **para que** viesse almoçar.
A fim de que possa chegar a tempo, saio agora.

f) **as proporcionais iniciam uma oração subordinada que estabelece uma relação de proporcionalidade com a oração principal. São elas:** *à medida que, ao passo que, à proporção que, enquanto, quanto mais... (mais), quanto mais... (tanto mais), quanto mais... (menos), quanto mais... (tanto menos), quanto menos... (menos), quanto menos... (tanto menos), quanto menos... (mais), quanto menos... (tanto mais)***.**

Exemplos:

À medida que estudo progrido na vida.
Quanto mais estudo, **mais** aprendo.
Quanto menos leio, **menos sei** ler.

g) **as temporais iniciam uma oração subordinada que indica circunstância de tempo. São elas:** *quando, antes que, depois que, até que, logo que, sempre que, assim que, desde que, todas as vezes que, cada vez que, apenas, mal, que* **etc.**

Exemplos:

Todas as vezes que venho aqui, você me trata mal.
Mal entrou, levou um tremendo susto.
Assim que cheguei, o telefone tocou.

h) as comparativas iniciam uma oração subordinada que expressa uma relação de comparação com a principal. São elas: que, do que (depois de mais, menos, maior, menor, melhor, pior), qual (depois de tal), como, assim como, bem como.

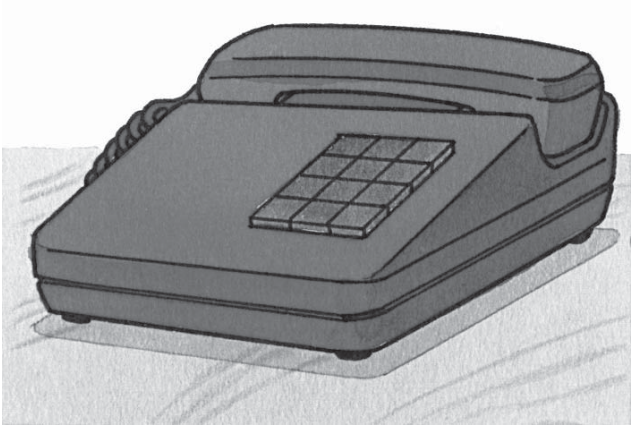

Exemplos:

A mulher vagava pelas ruas **tal qual** um pássaro sem rumo.
A cópia xerox do texto ficou **melhor do que** o original.

i) as consecutivas iniciam uma oração na qual se expressa a conseqüência do que foi dito na anterior. Faz esse papel a conjunção *que*, combinada com as expressões *tal, tanto, tão ou tamanho* presentes na oração anterior.

Exemplos:

Ela tinha **tanto** talento **que** foi parar na Ópera de Paris.
A surpresa foi **tão** grande **que** ele deu pulos de alegria.

j) as integrantes iniciam uma oração que funciona como sujeito, objeto direto, objeto indireto, predicativo, com-

plemento nominal ou aposto de outra oração. São elas: *que* e *se*.

Exemplos:

Não sei se você viu **que** eu também estava lá.
Garanto **que** sou inocente.
Não sabia **se** ficava ou ia embora.
Perguntei ao professor **se** era esse o verbo correto.

•• Locução conjuntiva ••

São formadas pela partícula *que* antes de advérbios, preposições ou particípios. São elas: *antes que, desde que, já que, até que, para que, sem que, dado que, posto que, visto que*.

Exemplos:

Já que você não não gosta de festa, vamos ao cinema.
Visto que o crime já ocorreu, nada resta a fazer.
Vou ler o jornal **até que** você chegue.

Interjeição

A casa da gritaria

" – QUE BARULHADA! – Exclamou Emília, ao aproximar-se da casa das Interjeições. – Será algum viveiro de papagaios?

A casa das Interjeições parecia mesmo um viveiro de papagaios. Assim que entrou, Emília viu passarem correndo dois gemidinhos de Dor, as Interjeições AI! e UI! Logo em seguida viu, a dar pulos, três gritinhos de Alegria: – AH!

OH! EH! Depois viu três de nariz comprido, as Interjeições de Desejo: – TOMARA! OH! OXALÁ! e viu três num entusiasmo doido - as Interjeições de Animação: – EIA! SUS! CORAGEM!

E viu quatro de Aplauso, batendo palmas: – VIVA! BRAVO! BEM! APOIADO! E viu mais quatro com caras de horror e nojo, que eram as Interjeições de Aversão:

– IH! CHI! IRRA! APRE! E viu algumas de Apelo, chamando desesperadamente alguém: – OLÁ! PSIU! SILÊNCIO! E viu uma bem velhinha, de Admiração:

– CÁSPITE!

– Que baitaquinhas! – comentou Emília, tapando os ouvidos. – Já estou tonta, tonta..."

(Monteiro Lobato, *Emília no país da gramática*)

De acordo com o texto de Monteiro Lobato, você deve ter notado que as interjeições são uma classe de palavras que transmite sentimentos e são classificadas de acordo com a emoção que exprimem.

Entre as mais comuns, temos:

- ah!, oh!, oba!, opa! = de alegria ou satisfação
- avante!, coragem!, eia!, vamos! = de animação ou incentivo
- bis!, bem!, bravo!, viva! = de aplauso ou aprovação
- oh!, oxalá!, tomara! = de desejo
- ai!, ui! = de dor
- ah!, xi!, ih!, oh!, ué!, uai! = de espanto ou surpresa
- hum!, hem! = de impaciência
- alô!, ô!, olá!, psiu!, psit! = de invocação
- psiu! = de silêncio
- alto!, basta! = de suspensão
- ui!, uh! = de medo

Para dar ênfase à expressão, a interjeição vem, em geral, seguida de ponto de exclamação.

Exemplos:

Bravo! gritava o público entusiasmado.
Alô! alô!, ninguém responde.
Viva! passei no exame!
Não suporto mais essa situação. **Basta!**

•• Locução interjectiva ••

São as interjeições formadas por duas ou mais palavras.

Exemplos:

ai de mim!
ora, bolas!
raios te partam!
valha-me Deus!
alto lá!

Questões de Vestibular

1. (FEI-SP) Assinale a alternativa em que o significado do radical esteja errado:

a) hidro: água (exemplo: hidráulico)
b) pisci: peixe (exemplo: piscicultura)
c) bio: vida (exemplo: biologia)
d) agri: campo (exemplo: agricultor)
e) antropo: antigo (exemplo: antropologia)

2. (Unirio-SP) Marque a opção correta quanto à classificação dos elementos mórficos destacados nos vocábulos abaixo.

a) mund**o**: desinência de gênero
b) sagac**idade**: sufixo formador de substantivo
c) comp**õ**em: vogal temática
d) destro**em**: desinência modo-temporal
e) **amor**: radical

3. (FEI-SP) Assinale a alternativa em que ***nem todas*** as palavras apresentem sufixo de grau diminutivo:

a) poemeto, maleta
b) rapazola, bandeirola
c) viela, ruela
d) lugarejo, vilarejo
e) menininho, carinho

4. (FEI-SP) Assinale a alternativa em que a palavra não tenha sido formada por derivação parassintética:

a) seboso
b) aflautada
c) avermelhadas
d) afogueado
e) enferrujados

5. (Universidade São Judas-SP)

"A *mocinha* de olhos azuis ficou consternada ao perceber todos os *poréns* existentes no contrato. Se prevalecerem aqueles itens absurdos ela não teria dinheiro nem para o seu *sustento*."

As palavras em destaque são formadas, respectivamente, por:

a) derivação prefixal – derivação sufixial – derivação imprópria
b) derivação sufixial – derivação imprópria – derivação regressiva
c) derivação imprópria – derivação regressiva – derivação parassintética
d) hibridismo – derivação regressiva – derivação parassintética
e) derivação imprópria – derivação regressiva – derivação sufixial

6. (Unisa – Universidade Santo Amaro-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas:

Discute-se sobre a qualidade das _____ necessárias à construção dos _____ .

a) matéria-primas – arranha-céus
b) matérias-primas – arranhas-céus
c) matéria-primas – arranhas-céus
d) matérias-primas – arranha-céus
e) matérias-prima – arranhas-céu

7. (Universidade Federal do Piauí-PI) Assinale a alternativa em que todas as palavras são formadas pelo mesmo processo.

a) ataque – pureza – motorista

b) carinhoso – encarecer – hipótese

c) inculto – ambidestro – desacordo

d) entardecer – pastora – desocupado

e) tristeza – delicado – inútil

8. (FEI-SP)

Texto

"Não é o homem um mundo pequeno que está dentro do mundo grande, mas é um mundo grande que está dentro do pequeno. Baste *por* prova o coração humano, que sendo uma pequena parte do homem, excede na capacidade a toda a grandeza do mundo. (...) O mar, com ser um monstro *indômito*, chegando às areias, pára; as árvores, onde *as* põem, não se mudam; os peixes contentam-se com o mar, as aves com o ar, os outros animais com a terra. Pelo contrário, o homem, monstro ou quimera de todos os elementos, em nenhum lugar *pára*, com nenhuma fortuna se contenta, nenhuma ambição ou apetite o falta: tudo confunde e como é maior que o mundo, não cabe nele."

Observe as palavras sublinhadas no texto: "por"; "indômito"; "as"; "pára". Assinale a alternativa que analise corretamente a classe gramatical dessas palavras:

a) verbo – substantivo – pronome – preposição

b) preposição – substantivo – artigo – verbo

c) verbo – adjetivo – artigo – verbo

d) preposição – adjetivo – artigo – preposição

e) preposição – adjetivo – pronome – verbo

9. (FEI-SP) Observe com atenção as seguintes frases e depois assinale a alternativa correta.

I. Meu irmão pediu para mim ficar em silêncio.

II. Meu irmão pediu para eu ficar em silêncio.

a) Somente a frase 2 está correta, pois o sujeito de ***ficar*** deve ser um pronome do caso reto.

b) Somente a frase 2 está correta, pois a preposição ***para*** exige o pronome do caso reto.

c) Somente a frase 1 está correta, pois a preposição ***para*** exige o pronome do caso oblíquo.

d) Uma vez que a preposição ***para*** aceita tanto o pronome do caso oblíquo quanto o pronome do caso reto, as duas frases estão corretas.

e) Somente a frase 1 está correta, pois o pronome oblíquo faz parte do complemento nominal.

(FEI-SP) Leia o texto a seguir para responder às questões 10 e 11:

Poética

"Estou *farto* do lirismo comedido

Do lirismo *bem* comportado

Do lirismo funcionário público com livro de ponto expe-
[diente protocolo e manifestações de apre-
ço ao sr. Diretor

Estou farto do lirismo que *pára* e vai averiguar no
[dicionário o cunho vernáculo de um vo-
cábulo

Abaixo os puristas

Todas as palavras sobretudo os barbarismos universais
Todas as construções sobretudo as sintaxes de exceção
Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis

(...)

Quero antes o lirismo dos loucos
O lirismo dos bêbedos
O lirismo difícil e pungente dos bêbedos
O lirismo dos clowns de Shakespeare

– Não quero mais saber do lirismo que não é *libertação*."

10. Observe as expressões grifadas no texto: *"farto"*, "*bem*", "*pára*" e *"libertação"*. Assinale a alternativa que analise corretamente a classe dessas palavras:

a) adjetivo – advérbio de modo – verbo – substantivo
b) substantivo – adjetivo – preposição – verbo
c) substantivo – adjetivo – conjunção – verbo
d) adjetivo – advérbio de intensidade – verbo – substantivo
e) adjetivo – advérbio de modo – preposição – verbo

11. O verbo "estou" (verso 1) classifica-se como:

a) verbo intransitivo
b) verbo transitivo direto
c) verbo transitivo indireto
d) verbo de ligação
e) verbo transitivo direto e indireto

12. (Unisa – Universidade Santo Amaro-SP)

São ***muitos*** ***os*** que se dedicam ***a*** tarefas diversificadas.

As palavras sublinhadas na frase acima são, respectivamente:

a) advérbio – artigo – preposição

b) pronome indefinido – pronome demonstrativo – preposição

c) numeral – artigo – preposição

d) advérbio – pronome demonstrativo – artigo

e) pronome indefinido – artigo – artigo

13. (Unisa – Universidade Santo Amaro-SP)

Os jornais gritam, ***uns*** me atacam, ***outros*** me defendem.

As palavras grifadas classificam-se, respectivamente, como:

a) pronome pessoal – artigo indefinido – pronome demonstrativo

b) pronome demonstrativo – pronome indefinido – pronome demonstrativo

c) artigo definido – pronome indefinido – pronome demonstrativo

d) artigo definido – pronome indefinido – pronome indefinido

e) artigo definido – artigo indefinido – pronome indefinido

Leia o texto a seguir para responder às questões 14 e 15:

Marcela

Gastei trinta dias para ir do Rocio Grande ao coração de Marcela, **não já cavalgando o corcel do cego desejo**, **mas o asno da paciência a um tempo manhoso e teimoso (**...**)**

Teve duas fases a nossa paixão, ou ligação, ou qualquer outro nome, que eu de nomes não curo: teve a fase consular e a fase imperial. Na primeira, que foi curta, regemos o Xavier e eu, sem que ele jamais acreditasse dividir o governo de Roma; mas, quando a credulidade não pode resistir à evidência o Xavier depôs as insígnias, e eu concentrei todos os poderes na minha mão; foi a fase cesariana. Era meu o universo; mas, ai triste! Não o era de graça. Foi-me preciso coligir dinheiro, multiplicá-lo, inventá-lo. Primeiro explorei as larguezas de meu pai; ele dava-me tudo o que eu lhe pedia, sem repreensão, sem demora, sem frieza; dizia a todos que eu era rapaz e que ele o fora também. Mas a tal extremo chegou o abuso, que ele restringiu um pouco as fraquezas, depois mais, depois mais. Então recorri a minha mãe, e induzi-a a desviar alguma cousa, que me dava às escondidas. Era pouco; lancei mão de um recurso último; entrei a sacar a herança de meu pai, a assinar obrigações, que devia resgatar um dia com usura.

(Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas***)**

14. Gastei ***trinta*** dias ...

A palavra em destaque é um numeral:

a) cardinal

b) ordinal

c) multiplicativo

d) fracionário

e) indefinido

15. (Universidade Federal do Piauí-PI) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.

Seu empenho ____ agradar _____ namorada levou-_____ a gastos incompatíveis ____ seu salário.

a) de – a – o – para

b) a – à – o – com

c) em – a – lhe – para

d) em – à – o – com

e) de – à – lhe – com

16. A maioria dos verbos deste texto encontra-se no modo indicativo e no tempo:

a) presente

b) pretérito perfeito

c) pretérito imperfeito

d) pretérito mais-que-perfeito

e) futuro

17. (Universidade Federal do Piauí-PI)

O menino fez ***às avessas o*** que, no entanto, era tão ***simples***.

As palavras sublinhadas na frase são respectivamente:

a) locução adverbial – pronome demonstrativo – adjetivo

b) locução adverbial – artigo – advérbio

c) locução prepositiva – artigo – adjetivo

d) advérbio – artigo – advérbio

e) locução prepositiva – pronome demonstrativo – adjetivo

18. (Universidade Federal de Pernambuco-PE) Assinale a alternativa correta no que se refere ao uso dos pronomes.

a) Não acredito que entre mim e você surjam problemas deste tipo.

b) Espere-me, pois estarei consigo na próxima semana.

c) Não há qualquer afinidade entre eu e ele.

d) Estas flores chegaram para tu.

e) Pedi que deixasse o documento para mim assinar.

19. (Universidade Federal do Maranhão-MA)

"Ah! se mestre Romão pudesse seria um grande compositor. **Parece que há duas sortes de vocação**, **as que têm língua e *as que a* não têm**."

No trecho acima, as palavras grifadas classificam-se, respectivamente, em:

a) pronome demonstrativo – conjunção conclusiva – pronome pessoal

b) pronome pessoal – pronome relativo – artigo

c) artigo – conjunção integrante – pronome demonstrativo

d) pronome demonstrativo – pronome relativo – pronome pessoal

e) artigo – pronome relativo – artigo

20. (FEI-SP) Assinale a alternativa em que haja erro de regência verbal:

a) Deu-lhe um belo presente de aniversário.

b) Levei-o para o médico esta manhã.

c) Gostamos deste novo filme.

d) Fui no cinema ontem.

e) O lenço caiu no chão.

21. (Universidade de São Judas-SP) Assinale a alternativa em que o particípio esteja empregado incorretamente:

a) O deputado tinha exprimido seu ponto de vista, não se importando com a opinião da imprensa.

b) O advogado de defesa teria inocentado o réu se não fosse a presença de última hora, daquela testemunha.

c) Os turistas teriam chego até as dunas, se o vento permitisse.

d) O programa de auxílio aos moradores de baixa renda foi extinto pelo governo por não haver verbas suficientes.

e) Os congressistas haviam aceitado o pedido tão logo foi formalizado.

22. (Universidade de São Judas-SP) Complete adequadamente as lacunas abaixo:

I. Eu não _____ o carro roubado, mas tenho esperança de recuperá-lo. (reaver, pretérito perfeito do indicativo)

II. O juiz _____ na briga entre os dois atletas para que não houvesse uma pancadaria generalizada. (intervir, pretérito perfeito do indicativo)

III. Se você _____ o Leonardo, diga-lhe que eu não moro mais no mesmo lugar. (ver, futuro do subjuntivo)

IV. Quando vocês _____ alguma coisa que tenha valor, procurem-me (compor, futuro do subjuntivo)

a) reavi – interviu – ver – comporem

b) reavi – interveio – ver – compuserem

c) reouve – interviu – vir – comporem

d) reavi – interviu – vissem – compuserem

e) reouve – interveio – vir – compuserem

23. (Unisa – Universidade Santo Amaro-SP) Assinale a alternativa que preencha corretamente as lacunas.

Se não se _____ o acordo, é possível que as propostas _____ para o fim desejado e que nós o _____ para o cargo.

a) desfizer – converjam – nomeemos
b) desfazer – convirjam – nomeiemos
c) desfizer – convirjam – nomeemos
d) desfazer – converjam – nomeemos
e) desfizer – converjam – nomeiemos

24. (Universidade Federal de Pernambuco-PE) Relacione as frases cujos verbos sublinhados estão no mesmo tempo, modo e pessoa gramatical.

1) Que todo homem é um diabo não há mulher que o ***negue***.
2) ***Vem***, eu te farei da minha vida participar.
3) ***Ide*** em paz, o Senhor vos acompanhe.
4) Estou preso à vida e ***olho*** meus companheiros.
5) Tu não me ***tiraste*** a natureza... Tu mudaste a natureza.

( ) ***Caia*** essa canção soturna.
( ) ***Interrogai***-as agora que os reis tremem no seu trono.
( ) ***Debruço***-me na grade da banca e respiro penosamente.
( ) ***Trouxeste***-a para o pé de mim.
( ) Mesmo assim elas procuram um diabo que as ***carregue***.

A seqüência correta é:

a) 3 – 2 – 4 – 5 – 1
b) 4 – 3 – 2 – 1 – 5
c) 5 – 1 – 4 – 2 – 3

d) 1 – 4 – 5 – 3 – 2

e) 2 – 3 – 4 – 5 – 1

25. (Universidade Federal do Maranhão-MA)

"Logo pela manhã, **o mercado de câmbio abriu com nervosismo diante da informação incorreta de que na véspera US$ 744 milhões *haviam abandonado* o país pelo segmento de taxas livres**."

A forma verbal grifada encontra-se no:

a) pretérito perfeito do indicativo

b) pretérito imperfeito do indicativo

c) pretérito mais-que-perfeito do indicativo

d) pretérito imperfeito do subjuntivo

e) pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo

5

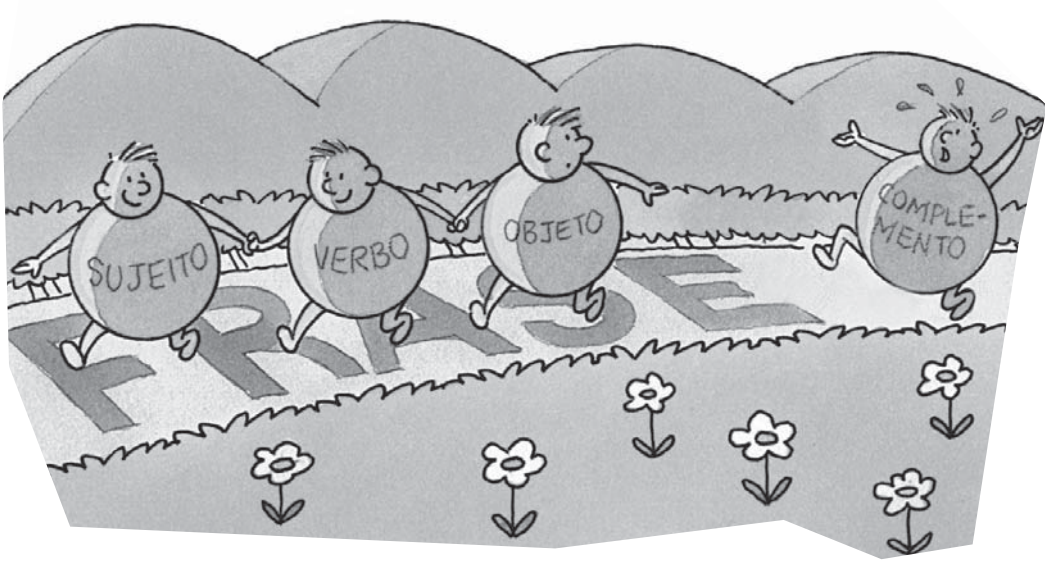

SINTAXE

Sintaxe é a parte da gramática que estuda as relações estabelecidas entre as palavras quando elas estão inseridas em orações, parágrafos e textos inteiros. Essas relações são de regência, concordância e de colocação.

Frase, oração e período
Período composto
Sintaxe de concordância
Questões de vestibular

FRASE, ORAÇÃO E PERÍODO

FRASE

Frase é todo enunciado com sentido completo.

Exemplos:

"Quanta bobabem se dizem os namorados!"
(Érico Veríssimo, *Clarissa*.)

"Eugênia desataviou-se nesse dia por minha causa".
(Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.)

A frase pode ter:

a) uma só palavra.

Exemplos:

Socorro!
Venha!
Fora!

b) várias palavras, com ou sem verbo.

Exemplos:

Vou telefonar para a polícia.
Acordei com a campainha da porta da rua.
Que frio!
Que sono!

FRASE E ORAÇÃO

O grilo

" – Grilo, toca aí um solo de flauta.
– De flauta? Você me acha com cara de flautista?
– A flauta é um belo instrumento, não gosta?
– *Troppo dolce!* "

(Manuel Bandeira)

Troppo dolce: do italiano, muito doce, muito suave.

Nesse poema o grilo estabelece comunicação com seu interlocutor. Essa comunicação ocorre por meio de frases .

"Grilo, toca aí um solo de flauta" é uma frase , pois tem sentido completo, e é também oração , porque apresenta o verbo tocar .

A frase pode conter uma ou mais orações.

a) Contém uma oração quando apresenta:
   – uma só forma verbal, clara ou oculta.

Exemplos:

O senhor **é** um lunático! (clara)
Na casa, só choro e gritaria. (oculta)

   – duas ou mais formas verbais, que compõem uma locução verbal.

Exemplos:

A menina **vinha chorando**.
A chuva **começava a cair**.

b) Contém mais de uma oração quando apresenta mais de um verbo, ou locução verbal, claro ou oculto.

Exemplos:

A menina **vinha chorando** porque a chuva **começava a cair**. Os trovões **eram** assustadores e o céu **ficou** escuro como noite.

Frase e Período

Período é a frase organizada em uma ou mais orações. O período termina sempre com pausa bem definida, marcada por ponto, ponto-de-exclamação, ponto-de-interrogação, reticências e, às vezes, com dois-pontos. Pode ser:

a) simples , quando formado por uma só oração, chamada absoluta .

Exemplo:

Ele era louco por ela.

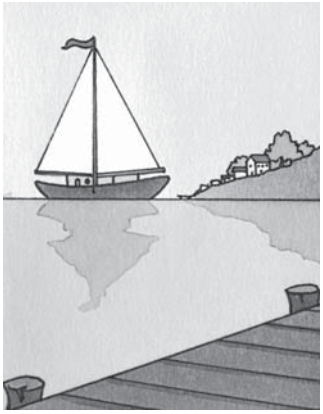

b) composto , quando formado por duas ou mais orações.

Exemplo:

"Mestre Januário Gereba prometera vir buscá-la para lhe mostrar o porto, a barcaça Ventania e o começo do mar mais além da cidade."

(Jorge Amado, *Tereza Batista Cansada de Guerra*.)

Termos Essenciais da Oração

"As escritas alfabéticas, de modo geral, indiscutivelmente *favorecem* os destros, porque *correm* da esquerda para a direita. Nesta direção, o canhoto *cobre* com a própria mão em forma de gancho. O hebraico e o árabe *são* as exceções mais *conhecidas*, *escritos* da direita para a esquerda. Já o grego *é conhecido* como caminho de boi, por *formar* um ziguezague: *vai* da esquerda para a direita numa linha e da direita para a esquerda na linha seguinte.

Ainda não *conseguiram encontrar* uma explicação para o fenômeno do canhotismo. *Sabemos* hoje que um canhoto *pode ter* tantos problemas de saúde ou de aprendizado quanto um destro. Não *há* vantagens em ser um ou outro."

(*Superinteressante*, nov. 1987)

Por meio dos verbos, isto é, perguntando a eles "o que" ou "quem", encontramos os termos essenciais da oração, ou seja, o sujeito e o predicado. Veja:

Exemplo:

As escritas alfabéticas, de modo geral, indiscutivelmente favorecem os destros.
sujeito: As escritas alfabéticas
predicado: de modo geral, indiscutivelmente favorecem os destros

Exemplo:

O hebraico e o árabe são as exceções mais conhecidas.
sujeito: O hebraico e o árabe
predicado: são as exceções mais conhecidas

•• Sujeito ••

O sujeito pode se apresentar como um nome, um pronome, um substantivo, um numeral, uma palavra substantivada ou uma oração substantiva.

Exemplos:

Martin é meu filho. (**nome**)
Ele é meu filho. (**pronome**)
As crianças são mais inteligentes do que se imagina. (**substantivo**)
As duas sabem jogar cartas. (**numeral**)
O orgulhoso não gosta de ouvir críticas. (**palavra substantivada**)
Sentia que **o céu ia desabar**. (**oração substantiva**)

O sujeito pode ser simples, composto, oculto (determinado) e indeterminado.

Sujeito simples

"As escritas alfabéticas, de modo geral, indiscutivelmente favorecem os destros."

sujeito: As escritas alfabéticas
núcleo: escritas

Quando o verbo se refere a um único nome, pronome, substantivo, numeral, palavra substantivada ou oração substantiva, a oração tem sujeito simples .

Exemplos:

Martin não gostou do que viu.
Ele desconfiou daquele homem.
Saímos **ambas** para um passeio de barco.
O **pobre** não tem vez no Brasil.
Melhor seria **se ele ao menos tivesse assistência médica**.

Sujeito composto

"O hebraico e o árabe são as exceções mais conhecidas."

sujeito: O hebraico e o árabe
núcleos: hebraico, árabe

Quando o verbo se refere mais de um nome, pronome, substantivo, numeral, palavra substantivada ou oração substantiva, a oração tem sujeito composto .

Exemplos:

Martin e Pedro são amigos.
Ele e eu somos namorados.
Estudo e trabalho fazem falta na vida.
Seis ou sete pessoas são suficientes para a tarefa.
Os bons e os maus têm seus defeitos.
Que tudo acabe bem e você volte sã e salva são os nossos desejos.

Sujeito oculto (determinado)

"... acabo torcendo o punho."

O sujeito não está explícito na oração, mas sabemos quem é.

Em algumas orações o sujeito não aparece, mas podemos identificá-lo por meio da desinência verbal ou por sua presença em outra oração do mesmo período ou período próximo.

Exemplos:

Levant**o** sempre de bom humor.
Levant**amos** sempre de bom humor.
Carlos ouviu um ruído. Devagar, pux**ou** a cortina, mas não v**iu** ninguém.

Sujeito indeterminado

"Ainda não conseguiram encontrar uma explicação para o fenômeno do canhotismo."

O sujeito é indeterminado, já que a forma verbal <u>conseguiram encontrar</u> não se refere a uma pessoa determinada.

Quando isso acontece, a oração tem sujeito indeterminado .

Exemplos:

Precisa-se de pedreiro.
Morreu porque não lhe **deram** de comer.
Mataram o ladrão da forma mais cruel.

Oração sem sujeito

"Não <u>há</u> vantagem em ser um ou outro."

Nesse caso a oração é sem sujeito, pois o verbo <u>haver</u> apresenta-se no sentido de existir.

Não se deve confundir sujeito indeterminado com oração sem sujeito. Nesta, o verbo é impessoal e o sujeito, inexistente. Os principais casos de inexistência do sujeito são:

a) com verbos ou expressões que denotam fenômenos da natureza .

Exemplos:

Faz calor hoje.
Chove copiosamente no Nordeste.

b) com o verbo haver no sentido de "existir".

Exemplos:

Há amores impossíveis.
Havia muitos problemas sem solução.

c) com os verbos fazer, haver e ir quando indicam tempo decorrido.

Exemplos:

Faz um ano que ele morreu.
Há muito tempo que ele não aparece.
Vai para dois meses que ela viajou.

d) com o verbo ser indicando tempo.

Exemplos:

É tarde para esquecer.
Era dia claro.

•• Predicado ••

O predicado pode ser nominal, verbal ou verbo-nominal.

Predicado nominal

O predicado nominal indica o estado ou qualidade do sujeito. Normalmente é formado por um verbo de ligação + um predicativo.

Exemplos:

O amor **é um sentimento nobre**.
verbo de ligação: é
predicativo: um sentimento nobre
Ele **estava feliz com o namoro**.
verbo de ligação: estava
predicativo: feliz com o namoro
Ele **se tornou uma pessoa amarga**.
verbo de ligação: tornou
predicativo: uma pessoa amarga
A temperatura **permanece elevada**.
verbo de ligação: permanece
predicativo: elevada.
A cidade **parece abandonada**.
verbo de ligação: parece
predicativo: abandonada

Predicado verbal

O predicado verbal indica a ação do sujeito e tem como núcleo um verbo, que pode ser intransitivo ou transitivo direto ou indireto.

Exemplos:

O cavalo **relinchou**. (intransitivo)
Mantenha a ordem. (transitivo direto)
Assisti a uma bela peça de teatro. (transitivo indireto)
O juiz **deu-lhe a sentença**. (transitivo direto e indireto)

Predicado verbo-nominal

O predicado verbo-nominal indica ação e qualidade ou estado do sujeito. É formado por um verbo e um predicativo.

Exemplos:

Martin **ligou a TV, ansioso**. (verbo: ligou; predicativo: ansioso)
A mãe **entrou em casa tranqüila e risonha**. (verbo: entrou; predicativos: tranqüila e risonha)

Termos Integrantes da Oração

Os termos integrantes da oração são o complemento nominal e o complemento verbal .

•• Complemento nominal ••

Leia alguns fragmentos da Declaração dos Direitos da Criança, aprovada em 1959 pela Assembléia Geral das Nações. Observe sua construção.

"Toda criança tem direito à igualdade sem distinção de raça, religião ou nacionalidade.
Toda criança tem direito a um nome, a uma nacionalidade.
Toda criança tem direito ao amor e à compreensão por parte dos pais e da sociedade.
Toda criança tem direito à educação gratuita e ao lazer infantil.
Toda criança tem direito a ser socorrida em primeiro lugar. (...)"

Veja:
Toda criança tem direito à igualdade .
O termo à igualdade completa o sentido do nome direito . Trata-se, portanto, de um complemento nominal .

Observe os demais empregos da palavra "direito" no texto. Toda criança tem direito a alguma coisa .
A criança tem direito :

- à igualdade,
- a um nome,

- a uma nacionalidade,
- ao amor, à compreensão,
- à educação gratuita, ao lazer infantil,
- a ser socorrida em primeiro lugar.

Os termos destacados nos itens acima iniciam-se com uma preposição, todos completam a transitividade do nome "direito", todos são, portanto, complementos nominais .

Dessa forma, complemento nominal é o termo que completa o sentido dos substantivos, dos adjetivos e advérbios.

Exemplos:

Ele tem medo **de falar sobre o assunto**. (complemento nominal de *medo*)
Ela estava feliz **pelo prêmio recebido**. (complemento nominal de *feliz*)
Contrariamente **ao que pensava**, foi bem no exame. (complemento nominal de *contrariamente*)

O complemento nominal pode ser representado por:

a) substantivo.

Exemplo:

Estava ansioso **pelas férias**.

b) pronome.

Exemplo:

Nosso amor **por ele** é infinito.

c) numeral.

Exemplo:

A inteligência era própria **de ambas**.

d) palavra ou expressão substantivada.

Exemplo:

Ele vive para **o amanhã**.

e) Oração introduzida por conjunção integrante.

Exemplo:

Todos estavam certos **de que um dia seriam independentes**.

•• Complementos verbais ••

Leia atentamente alguns versos do poema "Dependência" de Mário Chamie e observe os termos destacados.

"para ter meus chinelos, meu vestido, meu perfume,
meu casaco
dependo de meu crédito, de minha ficha no fichário.
(...)
para ter minha escola, o meu livro, o meu lápis, a minha vaga
dependo do desconto de meu juro, do preço de minha taxa.
(...)
dependo da poupança
de meu imposto
de minha taxa
do nome no cadastro."

Os verbos que aparecem nesse poema – ter e depender – denotam ação. A significação de ambos não se esgota no próprio verbo. É necessário que complementemos o processo verbal utilizando palavras. Na prática ficaria assim:

- quem tem, tem alguma coisa .
- Quem depende, depende de alguma coisa .

Os verbos são, portanto, transitivos ; o sentido do verbo transita para um alvo, um complemento que se liga diretamente ou indiretamente ao verbo.

Denomina-se objeto direto o termo ligado diretamente ao verbo, isto é, sem auxílio de preposição:

"para ter meus chinelos, meu vestido, meu perfume, meu casaco".

VTD

OD

Ao complemento que se liga indiretamente ao verbo, isto é, através de preposição, denominamos objeto indireto :

"dependo **do desconto do meu juro**, **do preço de minha taxa**".

VTI

OI

Portanto, complementos verbais são complementos de verbos transitivos. Denominam-se objeto direto e objeto indireto .

Objeto direto

O objeto direto pode ser representado por:

a) substantivo.

Exemplo:

Amava a **vida**.

b) pronome.

Exemplo:

Esta mancha indica **tudo**.

c) numeral.

Exemplo:

Ele encontrou **dois ou três** por aí.

d) palavra ou expressão substantivada.

Exemplo:

Não sabia **o que dizer**.

e) oração substantiva (objetiva direta).

Exemplo:

Os raios indicavam **que a chuva seria forte**.

Objeto direto preposicionado

O objeto direto pode vir regido pela preposição a quando:

a) os verbos exprimem sentimentos.

Exemplo:

Ama **a outro homem**.

b) para evitar ambigüidade.

Exemplo:

O professor **ao aluno** repreendeu.

c) quando vem antecipado, como um provérbio.

Exemplo:

A pão e água ninguém consegue viver.

d) quando expresso por pronome pessoal oblíquo tônico.

Exemplos:

A ti não interessa nada.
Amei **a ti** naquele momento.

e) com o pronome quem , quando o antecedente está claro.

Exemplo:

A menina **a quem** muito ama é sua filha.

Pronome como objeto direto ou indireto

Os pronomes me , te , se , nos , vos podem ser objeto direto ou indireto, dependendo da transitividade do verbo.

Exemplos:

Puxou-**me** para perto dele.
A mulher estendeu-**nos** a mão.
Ficavam **nos** provocando com piadas.

Objeto direto pleonástico

Quando se quer chamar a atenção para o objeto direto, que precede o verbo, costuma-se repeti-lo, geralmente usando um pronome pessoal átono. É o que se chama objeto direto pleonástico .

Exemplos:

Aquela criança aprendi a amá-**la** e educá-**la**.
O presente guardei-**o** com amor e carinho.

Objeto indireto

O objeto indireto complementa um verbo transitivo indireto, ligando-se a ele por meio de preposição. Pode ser representado por:

a) substantivo

Exemplos:

Precisei muito **de você** naquele dia.
Ela lembrou **da festa** no último momento.
Ele divergiu **do professor** naquela questão.

b) pronome

Exemplos:

Ela me apresentou a **eles**.
Expliquei-**lhe** o problema nos mínimos detalhes.
Todos nós gostávamos muito **dele**.

c) numeral

Exemplos:

Todos nós gostávamos **de ambos**.
Preciso **de um milhão**, hoje.
Refiro-me **aos dois homens**.

d) palavra ou expressão substantivada

Exemplos:

Estou cansada **do barulho ensurdecedor**.
Gostávamos **do entardecer** naquele morro.
Esperei ansiosa **pelo bater do sino.**

e) oração substantiva (objetiva indireta)

Exemplos:

Mandei avisá-los **de que o almoço estava pronto**.
Ele se opõe **a que você siga a carreira diplomática**.
Estou convencida **de que tudo sairá bem**.

O objeto indireto também pode ser formado por um ou mais substantivos ou seus equivalentes.

Exemplos:

Devo tudo **aos meus pais e aos meus professores**.
Ele se opõe **a que você viaje e estude fora do país**.
Gostávamos muito **dele e de Maria**.

Objeto indireto pleonástico

Costuma-se realçar o objeto indireto para dar-lhe destaque, formando assim um objeto indireto pleonástico . Isso pode ser feito por meio de um pronome pessoal átono ou pelo emprego de um substantivo ou pronome oblíquo tônico precedido de preposição.

Exemplos:

Aos meus problemas, ninguém **lhes** dá importância.
A mim ensinou-**me** tudo o que sei.
A mim também fazia-**me** de bobo.

•• Predicativo do objeto ••

Os objetos direto e indireto podem ser modificados por um predicativo, que é representado por:

a) um substantivo.

Exemplo:

A vida no campo fez dele **um bravo**.

b) um adjetivo.

Exemplo:

Encontramos a luz **acesa** e entramos.

O predicativo do objeto pode vir antecedido de preposição ou do conectivo *como*:

Exemplos:

Ele ficou conhecido **por Sabichão**.
Depois de muito procurar, deram-no **como desaparecido**.

Atenção: Com o verbo chamar pode ocorrer o predicativo do objeto indireto. Veja: Chamavam-lhe madrasta .

•• Agente da passiva ••

É o complemento que, na voz passiva com auxiliar, representa o ser que pratica a ação sofrida ou recebida pelo sujeito. O agente da passiva normalmente vem regido pela preposição por , e às vezes por a e de . Pode ser representado por:

a) um substantivo.

Exemplos:

Eles foram levados à prisão **por um guarda armado**.
Aquela menina foi criada **por meu pai**.

b) um pronome.

Exemplos:

O trabalho foi abandonado **por ele**.
Minha mãe é querida **por todos**.

c) um numeral.

Exemplos:

A explicação foi feita **por ambos**.
O presidente foi saudado **pelos quarenta presentes**.

d) uma oração substantiva.

Exemplos:

O livro foi escrito **por quem conhece a língua e o mundo.**

Transformação da oração ativa em passiva

Uma oração pode passar de ativa para passiva quando:

a) o objeto direto passa a ser o sujeito da passiva;
b) o verbo passa à forma passiva analítica do mesmo tempo e modo;
c) o sujeito se converte em agente da passiva.

Veja este exemplo:

Martin leu o livro. (oração na voz ativa)
sujeito: Martin
predicado: leu o livro (verbo: leu, objeto direto: o livro)

Se a convertemos em oração passiva: O livro foi lido por João.
Sujeito: o livro
Predicado: foi lido por João (verbo: foi lido, agente da passiva: por João)

Se o verbo estiver na 3ª pessoa do plural em uma oração na voz ativa, indicando sujeito indeterminado, quando essa oração passa para a voz passiva o agente desaparece.

Veja estes exemplos:

Venderam a casa. (voz ativa)
A casa foi vendida. (voz passiva)
Venderam as casas. (voz ativa)
As casas foram vendidas. (voz passiva)

Atenção: Tanto na voz ativa quanto na passiva, o agente e o paciente continuam os mesmos; apenas desempenham função sintática diferente.

Termos Acessórios da Oração

São aqueles que, sem serem indispensáveis para o entendimento do enunciado, deixam mais preciso o significado de um nome ou um verbo. São eles o adjunto adnominal, o adjunto adverbial e o aposto.

•• Adjunto adnominal ••

As manchetes de jornais são títulos de notícias formados por frases diretas e objetivas. O objetivo do não-detalhamento dessas frases é suscitar no leitor o desejo de ler a notícia completa no interior do jornal.

Ladrão invade casa **de milionário** em bairro **nobre**.

Os termos destacados nessa manchete "de milionário" e "nobre" caracterizam os substantivos a que se referem – "casa" e "bairro". São respectivamente, na morfologia, locução adjetiva e adjetivo. Na sintaxe são denominados adjunto adnominais .

17 pessoas morrem por falta de **UTI**.

(*Folha de São Paulo*, 2003)

O numeral 17, que acompanha o substantivo "pessoas", também, sintaticamente, recebe o nome de adjunto adnominal .

Faça já **a sua** escolha!

A, artigo, e sua , pronome adjetivo, acompanham o nome escolha ; são, portanto, adjuntos adnominais .

Adjunto adnominal é o termo que se refere ao substantivo e o especifica. Veja outros exemplos pelos quais ele pode vir expresso:

a) um adjetivo.

Exemplo:

As meninas **loiras** cantavam no **imenso** jardim.

b) uma locução adjetiva.

Exemplo:

Sons **de passos** deixaram todos assustados.

c) um artigo definido ou indefinido.

Exemplos:

Ele encheu **o** cesto de papéis.
Uma cesta foi abandonada na porta.

d) um pronome adjetivo.

Exemplo:

A mulher que se acidentou era a **nossa** vizinha.

e) um numeral.

Exemplo:

Quinze mortos foi o resultado do confronto.

f) uma oração adjetiva.

Exemplo:

Ele gostava de ver as crianças **que corriam pela rua**.

Atenção: O mesmo substantivo pode ter mais de um adjunto adnominal. Veja este exemplo: A triste figura de um velho cavaleiro andante .

•• Adjunto adverbial ••

É o termo que modifica o verbo, o adjetivo ou o advérbio. Pode vir representado por:

a) advérbio.

Exemplo:

A tarefa foi feita **rapidamente**.

b) locução ou expressão adverbial.

Exemplo:

O ladrão surgiu **de repente**.

c) oração adverbial.

Exemplo:

Quando faz sol, vou à praia.

São muitos os tipos de adjuntos adverbiais, dependendo do contexto em que aparecem. Conheça os mais comuns:

a) de causa.

Exemplos:

Cantei **de feliz** que estava.
As árvores pareciam balançar **de alegria**.

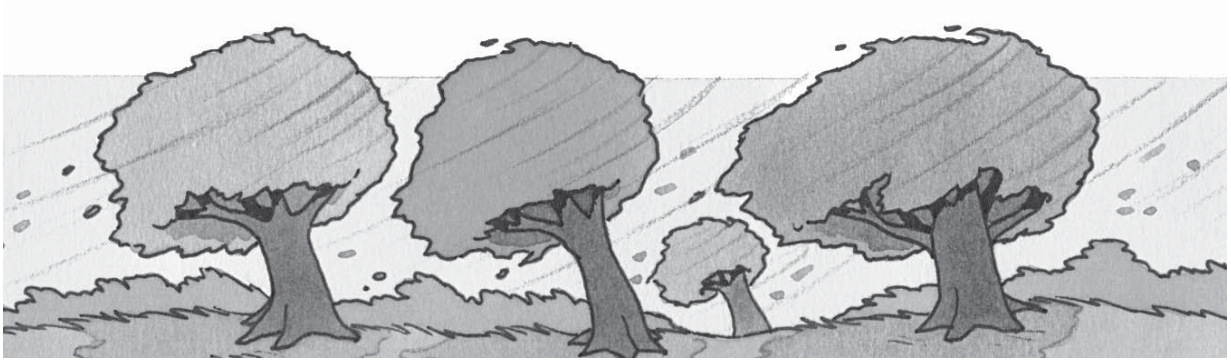

b) de companhia.

Exemplos:

Martin foi **com eles** para a rua.
Levou **consigo** todos os seus pertences.

c) de dúvida.

Exemplos:

Acaso você veio para me aborrecer?
Talvez a dor haja passado.

d) de fim.

Exemplos:

Contei-lhe a história **para que tudo ficasse esclarecido**.
Eram unha e carne **para tudo na vida**.

e) de instrumento.

Exemplos:

Preparou o bolo **com a colher de pau**.
Tocou o gato pra fora **a pontapés**.

f) de intensidade.

Exemplos:

Come **muito**, mas não engorda.
Quem fala **pouco** pensa **muito**.

g) de lugar.

Exemplos:

Os mendigos vivem **nas ruas**. (onde)
Ontem fomos **ao cinema**. (aonde)

Quando chegamos **do cinema**, ele estava dormindo. (donde)
Vou **para o Rio de Janeiro**. (para onde)
Entrei **por um corredor escuro**. (por onde)

h) de matéria.

Exemplos:

Eu sou feita **de carne e osso**.
Comprei um casaco **de pele**.

i) de meio.

Exemplos:

Voltamos **de avião** do Rio de Janeiro.
Fui **a pé** até a faculdade.

j) de modo.

Exemplos:

Eles queriam que os tratasse **com diplomacia**.
Andava por aí, **sem destino**.

k) de negação.

Exemplos:

Não me disse nada sobre o assunto.
Não vá embora!

l) de tempo.

Exemplos:

Ontem meu pai veio visitar-me.
Vamos **esta noite** ao cinema.

•• Aposto ••

A história do petróleo no Brasil

Monteiro Lobato, <u>um dos precursores da exploração de petróleo no país</u>, poderia contar a história em um capítulo do Sítio do Pica-Pau Amarelo.

Você sabe por quê?

Porque foi o escritor Monteiro Lobato, em 1931, quem fundou a Companhia de Petróleo do Brasil, passando, depois, a se dedicar a uma campanha para extração do produto.

No ano de 1939 é criado o Conselho Nacional do Petróleo (CNP), que nacionaliza os bens do subsolo, e é feita a primeira descoberta do produto, na localidade de Lobato (BA).

(*Época*, jun. 1999, adaptado)

O termo grifado <u>um dos precursores da exploração de petróleo no país</u> refere-se ao substantivo Monteiro Lobato explicando-o. Trata-se de aposto.

Dessa forma, aposto é o termo que define ou explica um substantivo, um pronome ou palavra equivalente.

Exemplos:

Nós, **os alunos**, queremos aprender.
Maria José, **minha mãe**, nasceu em Minas.

Em geral, como nos exemplos acima, o aposto vem separado por vírgula, dois-pontos, travessão ou parênteses. No entanto pode não haver pausa entre ele e a palavra principal, quando esta é um termo genérico que está sendo especificado pelo aposto. Nesse caso recebe o nome de aposto de especificação .

Exemplos:

O livro **de português**.
A rainha **da Inglaterra**.
A cidade **de Campinas**.
O escritor **Machado de Assis**.

O aposto pode também:

a) ser representado por uma oração.

Exemplo:

Naquele momento, foi instintivo: **saí gritando**!

b) referir-se a uma oração inteira.

Exemplo:

A porta estava aberta, **sinal de que alguém havia entrado**.

c) indicar enumeração.

Exemplo:

Tudo no jardim era lindo: **as cores, as formas e o perfume das flores**.

O aposto tem o mesmo valor sintático do termo a que se refere. Portanto, pode haver:

a) aposto no sujeito.

Exemplo:

Eles haviam chegado, **Pedro e Martin**, para o almoço.

b) aposto no predicativo.

Exemplo:

Ele era Zapata, **o homem das mil faces**.

c) aposto no complemento nominal.

Exemplo:

D. Quixote confiava em seu parceiro, **Sancho Pança**, e foi em frente.

d) aposto no objeto direto.

Exemplo:

Odiava duas coisas na escola: **os gritos e os livros**.

e) aposto no objeto indireto.

Exemplo:

Encontrou-se com alguém que não via fazia anos, **o primeiro namorado**.

f) aposto no agente da passiva.

Exemplo:

O nosso time, o Santos, foi derrotado pelo time adversário, **o Bahia**.

g) aposto no adjunto adverbial.

Exemplo:

Meu pai chegou à hora de sempre, **três da manhã**.

h) aposto no aposto.

Exemplo:

Lá conheci Angel, **que vive em Sabadell**, **cidade próxima a Barcelona**, marido de Tânia.

i) aposto no vocativo.

Exemplo:

Martin, **filho querido**, você é o grande amor da minha vida!

•• Vocativo ••

É o termo de entoação exclamativa que serve apenas para invocar, chamar ou nomear uma pessoa ou objeto personificado.

Exemplo:

Tudo por vós, **meu rei**!

O vocativo pode:

a) não estar subordinado a qualquer termo da oração.

Exemplo:

Não suporto mais, **meu Deus**!

b) estar subordinado a algum termo da oração.

Exemplo:

Meu amigo, que nobres são teus sentimentos!

Atenção: Não se deve confundir o vocativo com o substantivo que constitui por si mesmo o predicado em frases exclamativas.
Veja:
Coragem! (= Tenha coragem!),
Silêncio! (= Faça silêncio!)

Colocação dos Termos na Oração

Na língua portuguesa costuma-se colocar os termos na ordem direta na oração, ou seja:

sujeito + verbo + objeto direto + objeto indireto
ou
sujeito + verbo + predicativo

Exemplos:

Eles entregaram as armas ao comandante.
Zapata era um homem valente.

No entanto, a língua permite inversões gramaticais e estilísticas nessa ordem. Vejamos:

Inversão verbo-sujeito

a) nas orações interrogativas.

Exemplos:

Não **era ele** seu grande amigo?
Quantas páginas **tem o livro**?

b) nas orações que contêm uma forma verbal imperativa.

Exemplos:

Dorme tu, meu anjo azul!
Dize-o tu, meu pobre amigo.

c) nas orações em que o verbo está na passiva pronominal.

Exemplos:

Ao longe, **ouvem-se gemidos de dor**.
Contaram-se as caixas, somaram-se as notas, tudo estava em ordem.

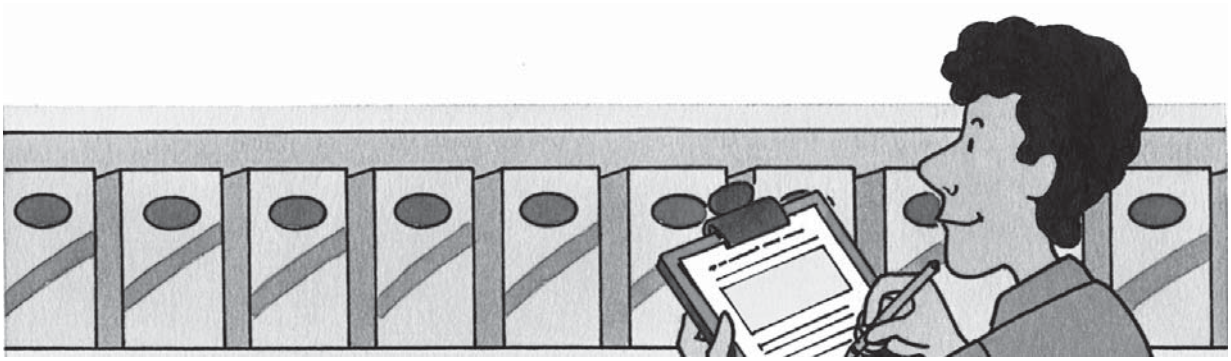

d) nas orações absolutas que têm um verbo no subjuntivo para denotar ordem, desejo, hipótese.

Exemplos:

Que tudo **dê certo**!
Que venha **o castigo**!

e) nas orações intercaladas.

Exemplos:

Lá se vão os anéis, **diz o ditado**, para irem-se os dedos.
Calma, **disse o guarda**, eu prendo o ladrão.

f) nas orações reduzidas de infinitivo, gerúndio e particípio.

Exemplos:

Não me critique por não **ser eu** um dos melhores.
Sentindo-se a salvo, pôs-se a dormir.
Encontrada a bolsa, seguiu viagem.

g) nas orações subordinadas adverbiais condicionais construídas sem conjunção.

Exemplos:

Tivesse eu vindo antes, nada disso teria acontecido.
Fosse ele um mau caráter, ninguém se importaria.

h) nas inversões de natureza estilística.

Exemplos:

Bela estava Maria na festa.
Daquelas planícies imensas, jamais esquecerei.
Devagar e decidida, a noite veio chegando.

Inversão predicativo-verbo

O predicativo, na ordem direta, sempre vem depois do verbo. No entanto, podem ocorrer inversões entre eles:

a) nas orações interrogativas e exclamativas.

Exemplos:

Que linda está a noite!
Que espécie de bicho era aquele?

b) em construções afetivas.

Exemplos:

Mais belas e aprazíveis são as nossas praias.
Muito doce é esta criança.

PERÍODO COMPOSTO

Nas páginas anteriores vimos o período simples, aquele formado por uma só oração. Agora vamos estudar o período composto , ou seja, o que é formado por duas ou mais orações.

"Clara passeava no jardim com as crianças.
O céu era verde sobre o gramado,
a água era dourada sob as pontes,
outros elementos eram azuis, róseos, alaranjados,
o guarda-civil sorria, passavam bicicletas."
(...)
(Carlos Drummond de Andrade)

Este é um fragmento do poema *Lembrança do mundo antigo* de Carlos Drummond de Andrade.

O primeiro verso tem apenas uma oração. Trata-se de um período simples.

O período seguinte contém cinco orações e é, portanto, um período composto.

Lembre-se de que o número de verbos determina o número de orações.

Composição do Período

O período, portanto, pode ser composto por coordenação, quando é formado por orações coordenadas, ou por subordinação, quando é constituído de orações subordinadas.

•• Coordenação ••

Orações coordenadas são aquelas que têm um sentido próprio, independente, e estão apenas colocadas uma ao lado da outra, dentro do período.

Exemplos:

> "O céu era verde sobre o gramado/, a água era dourada sob as pontes/, outros elementos eram azuis, róseos, alaranjados/, o guarda civil sorria/, passavam bicicletas."
> Não gostava de estudar, não lia um livro.
> Toquei a campainha, bati na porta, gritei, mas ninguém respondeu.

As orações coordenadas podem ser assindéticas ou sindéticas. A assindética não precisa de conectivo para ligar-se à outra; a sindética é a oração que se liga a outra por meio de conectivo.

No exemplo "Toquei a campainha, bati na porta, gritei, mas ninguém respondeu", temos:

"Toquei a campainha": coordenada assindética

"bati na porta": coordenada assindética

"gritei": coordenada assindética

"mas ninguém respondeu": coordenada sindética (liga-se à anterior por intermédio do conectivo *mas*)

As coordenadas sindéticas são definidas pela conjunção coordenativa que as antecede. Assim, temos:

a) coordenada sindética aditiva .

Exemplo:

Bati na porta aflita, **e** ninguém atendeu. (e = conjunção aditiva)

b) coordenada sindética adversativa .

Exemplo:

Era uma menina inteligente, **porém** tinha sérios problemas afetivos. (porém = conjunção adversativa)

c) coordenada sindética alternativa .

Exemplo:

Era tão instável que **ora** estava de bom humor, **ora** estava quebrando tudo. (ora = conjunção alternativa)

d) coordenada sindética conclusiva .

Exemplo:

Gastei todo o dinheiro, **logo** não pude pagar o aluguel. (logo = conjunção conclusiva)

e) coordenada sindética explicativa .

Exemplo:

É preciso estudar, **pois** do contrário não passará de ano. (pois: conjunção explicativa)

Atenção: Exemplos de conjunção adversativa: *mas, porém, contudo, no entanto, entretanto, todavia.*
Exemplos de conjunção conclusiva: *logo, portanto, por conseguinte.*

•• Subordinação ••

As orações subordinadas sempre dependem de outra oração.

Exemplo:

Lembrei-me de que aqueles livros sobre o sofá eram de minha irmã.

A oração "Lembrei-me de que aqueles livros sobre o sofá." não se sustenta sem a outra: "eram de minha irmã."

As orações subordinadas podem ser substantivas, adjetivas ou adverbiais porque as funções que exercem no período composto são equivalentes aos substantivos, adjetivos e advérbios na oração.

As frases seguintes são de pára-choques de caminhão ou provérbios e também exemplificam as orações subordinadas.

"Se andar fosse bom, carteiro seria imortal."
"Se ferradura desse sorte, burro não puxava carroça."
"Quando um não quer, dois não brigam"
"Aquele que persiste consegue o desejado."
"Cão que ladra não morde."
"Nem tudo que reluz é ouro."
"Quero que vá tudo para o inferno."

Orações subordinadas substantivas

Essas orações têm o verbo no indicativo ou no subjuntivo e vêm normalmente introduzidas pelas conjunções integrantes que ou se. Podem ser:

a) subjetivas, quando exercem a função de sujeito.

Exemplo:

É possível **que eu viaje amanhã**.

b) objetivas diretas, quando exercem a função de objeto direto.

Exemplo:

Ele disse **que o melhor era enfrentar a situação**.

c) objetivas indiretas, quando exercem a função de objeto indireto.

Exemplo:

Lembrei-me **de que não poderia sair antes do meio-dia**.

d) completivas nominais, quando exercem a função de complemento nominal.

Exemplo:

Escrevo este livro, certa **de que muitos vão apreciá-lo**.

e) predicativas, quando exercem a função de predicativo.

Exemplo:

A verdade é **que nunca estive tão feliz em toda minha vida**.

f) apositivas, quando exercem a função de aposto.

Exemplo:

Disso estou certa: **você não vai voltar** enquanto ele estiver aqui.

g) agentes da passiva , quando exercem a função de agente da passiva.

Exemplo:

A vida é feita **de alegrias, tristeza, trabalho e realizações**.

Atenção: Esse tipo de oração sempre se inicia por pronome indefinido (*quem*, *quantos*, *qualquer* etc.) precedido de uma das preposições *por* ou *de*.

Orações subordinadas adjetivas

As orações subordinadas adjetivas são aquelas que exercem a função de adjunto adnominal de um substantivo ou pronome. Vem com verbo no indicativo ou no subjuntivo, e geralmente são introduzidas por pronome relativo.

O texto seguinte parodia o poema "Quadrilha" de Carlos Drummond de Andrade.

A paródia e as adjetivas

José encontrou Inês que encontrou Pedro
que encontrou Telma que encontrou Rodrigo
que encontrou D. Bela
que não encontrou ninguém.
José foi ao *shopping*, Inês ao cinema,
Pedro sumiu do mapa, Telma ficou solteirona,
Rodrigo viajou e D. Bela fugiu com J. J.
Chicória que nem tinha entrado na história.
(Benedicta Aparecida Costa dos Reis)

A oração subordinada adjetiva pode depender de qualquer termo da oração cujo núcleo seja um substantivo ou um pronome: sujeito, predicativo, complemento nominal, objeto direto, objeto indireto, agente da passiva, adjunto adverbial, aposto ou vocativo.

Orações adjetivas restritivas e explicativas

As orações subordinadas adjetivas podem ser restritivas ou explicativas.

a) restritivas : limitam, precisam, restringem a significação do substantivo ou pronome antecedente.

Exemplo:

Aquele livro **que está ali** é meu.

b) explicativas : esclarecem melhor a significação do termo antecedente, à semelhança de um aposto.

Exemplo:

Maria, **que andava calada**, amava José, **que não saía do seu lado**.

Orações subordinadas adverbiais

São aquelas que têm a função de adjunto adverbial de outra oração e são introduzidas, em geral, por conjunção subordinativa não-integrante. Podem ser:

a) causais, se a conjunção é subordinativa causal.

Exemplo:

Como andava meio insegura, preferiu não aceitar a proposta.

b) comparativas, se a conjunção é subordinativa comparativa.

Exemplo:

Estava feliz **como se tivesse vencido o Grande Prêmio**.

c) concessivas, se a conjunção é subordinativa concessiva.

Exemplos:

Viajou de avião, **embora tivesse muito medo de voar**.
Não podem comprar os sentimentos, **por mais ricos que sejam**.

d) condicionais, se a conjunção é subordinativa condicional.

Exemplos:

Se você quer ver o mar, pode ir ao Rio ou a Santos.
Temia sentir-se mal, **caso levantasse da cama**.

e) conformativas, se a conjunção é subordinativa conformativa.

Exemplos:

Houve, **conforme me contaram**, um grande acidente.
Chegou esbaforido, **como todo mundo depois de uma maratona**.

f) consecutivas, se a conjunção é subordinativa consecutiva.

Exemplos:

O trabalho é tão intenso **que não há tempo nem para respirar**.
Comeu com tanto gosto **que nada lhe fez mal**.

g) finais, se a conjunção é subordinativa final.

Exemplos:

Deixo o lanche sobre a mesa **para que o comas na volta**.
Os meninos o chamaram **para que fosse brincar na rua**.

h) proporcionais, se a conjunção é subordinativa proporcional.

Exemplos:

Conforme subíamos a montanha, aumentava o frio.
À medida que estudava, ficava mais tranqüilo para o exame.

i) **temporais, se a conjunção é subordinativa temporal.**

Exemplos:

Espere um pouco **até que caia a noite**.
Não encontrei você **quando cheguei à escola**.

Orações subordinadas reduzidas

As orações subordinadas chamam-se reduzidas quando têm o verbo em uma das formas nominais: infinitivo, gerúndio ou particípio.

Exemplos:

Para não ser demitido do emprego, ele passou a trabalhar duro e a fazer horas extras. (oração reduzida de infinitivo)
Na festa havia uma multidão de pessoas que dançava, ria e brincava, **liberando suas tensões**. (oração reduzida de gerúndio)
Abertos os portões, todos entraram correndo no estádio e ocuparam seus lugares nas arquibancadas. (oração reduzida de particípio)

De acordo com a função que exercem na frase, as orações subordinadas reduzidas podem ser substantivas, adjetivas ou adverbiais.

Exemplos:

É bom **saber**. (subordinada reduzida de infinitivo com valor de substantivo, pois exerce a função de sujeito da oração principal)

Os livros eram todos muito antigos, **exibindo figuras mitológicas em papel amarelecido**. (subordinada reduzida de gerúndio com valor de adjetivo, pois exerce a função de adjunto adnominal de livro, um termo da oração principal)
Transcorridos alguns dias da briga, João voltou à casa do amigo para fazer as pazes. (subordinada reduzida de particípio com valor de advérbio, pois exerce a função de adjunto adverbial da segunda oração)

•• Orações reduzidas de infinitivo ••

Podem vir ou não regidas de preposição. Classificam-se em substantivas, adjetivas e adverbiais.

Substantivas

Podem ser subjetivas, objetivas diretas, objetivas indiretas, completivas nominais, predicativas e apositivas, dependendo da função que cumprem.

Exemplos:

É necessário **estudar muito**. (subjetiva)
Ela prometera **contar tudo o que sabia**. (objetiva direta)
Não se decidia **a comprar aquela casa**. (objetiva indireta)
Calou-se imediatamente, com medo **de contar a verdade**. (completiva nominal)
O melhor da vida é **vivê-la plenamente**. (predicativa)
Ele só tinha duas saídas: **ou confessar tudo ou fugir**. (apositiva)

Adjetivas

Exemplos:

Ele não era homem **de fugir da raia**.
Ali estava aquela criança, **a me olhar de forma estranha**.

Adverbiais

As adverbiais vêm normalmente antecedidas de preposição e podem ser causais , concessivas , condicionais , consecutivas , finais e temporais .

Exemplos:

Os alunos foram reprovados **por terem faltado à prova**. (causal)
Participou da corrida, **apesar de estar fisicamente despreparado**. (concessiva)
Sem estudar muito, ninguém passa no vestibular. (condicional)
No Japão se trabalha muito, **a ponto de deixar as pessoas doentes**. (consecutiva)
Abra a sua mente **para deixar passar as boas idéias**. (final)
Ao voltar do colégio, jogou a bolsa e caiu na cama. (temporal)

•• Orações reduzidas de gerúndio ••

Essas orações, que trazem o verbo no gerúndio, podem ser adjetivas ou adverbiais dependendo da função que cumprem.

Adjetivas

Exemplos:

Os ladrões fugiram, **levando tudo o que puderam carregar**. (Observe que o verbo *levar* está no gerúndio e a oração cumpre o papel de adjetivar a primeira: os ladrões fugiram como?)
Ele voltou do jogo com o pé quebrado e a roupa rasgada, **pingando de suor**. (observe que o verbo *pingar* está no gerúndio e a oração cumpre o papel de adjetivar a primeira: ele voltou como?)

Adverbiais

As reduzidas de gerúndio adverbiais podem ser causais , concessivas , condicionais e temporais .

Exemplos:

Pensando bem, não vou aceitar este emprego. (causal)
Mesmo gritando tão alto, ele não ouviu. (concessiva)
Comendo desse jeito, você vai engordar muito. (condicional)
Lendo o texto, percebi que havia entendido tudo errado. (temporal)

•• Orações reduzidas de particípio ••

Essas orações, que têm o verbo no particípio, podem ser adjetivas ou adverbiais , dependendo da função que cumprem.

Adjetivas

Exemplos:

Este é o carro **comprado por meu pai**.
Era uma árvore enorme, **enfeitada de luzes e bolas**.
A mãe, **muito irritada**, deu uns safanões no garoto.

Adverbiais

Podem ser causais , concessivas , condicionais e temporais .

Exemplos:

Desesperado, correu para a porta e gritou pela filha. (causal)
Apesar de cansada, ligou o computador e continuou o trabalho. (concessiva)
Suspensas as aulas, não faltará tempo para cumprir o programa? (condicional)
Terminada a festa, todos foram para casa. (temporal)

SINTAXE DE CONCORDÂNCIA

Concordância é a forma de combinar a flexão das diversas palavras em uma frase. Há dois tipos de concordância: nominal e verbal.

CONCORDÂNCIA NOMINAL

Nesse tipo de concordância, o adjetivo, ou termo com valor equivalente, como um pronome, um numeral, um artigo ou um verbo no particípio, concorda em gênero e número com o substantivo ao qual se refere. Assim, o termo que determina a concordância, ou seja, o substantivo, é chamado regente , e o que concorda com o regente, ou seja, o adjetivo, chama-se regido .

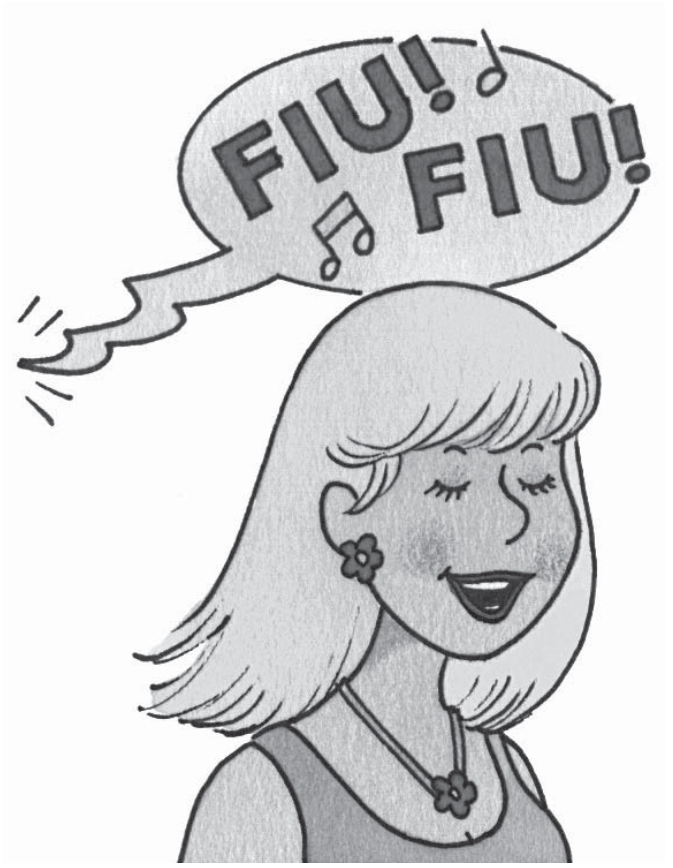

Exemplos:

Mulheres bonitas gostam de receber elogios. (O termo regido nesta frase é o adjetivo *bonitas*, que deve vir no feminino plural para concordar com o regente *mulheres*, um substantivo feminino, que está no plural.)
A **calça** estava **manchada** de sangue e os **sapatos sujos** de terra. (Na primeira oração, o regente *calça*, no feminino singular, obriga o adjetivo *manchada* a concordar com ele, ficando também no feminino singular. Na segunda oração, o termo regido *sujos* também concorda com o regente *sapatos*: ambos estão no masculino, plural.)

Regras especiais

Quando o adjetivo (ou palavra equivalente) vem antes de dois ou mais substantivos, ele concorda com o mais próximo.

Exemplos:

Entrava por **sujas ruas** e becos.
Entrava por **sujos becos** e ruas.
Sua comida arranca **altos elogios** e admiração.
Sua comida arranca **alta admiração** e elogios.

Quando os substantivos são nomes próprios ou nomes de parentesco, o adjetivo vai para o plural.

Exemplos:

Todos adoram **os incríveis D. Quixote e Sancho Pança**.
Os filhos respeitam **os adorados pai e mãe** que tanto os amam.

Quando o adjetivo vem depois dos substantivos, a concordância depende do gênero e do número desses:

a) se os substantivos são do mesmo gênero e estão no singular, o adjetivo assume seu gênero e pode ficar no plural ou no singular.

Exemplos:

Gosto da **comida e da música espanhola**.
Gosto da **comida e da música espanholas**.

b) se os substantivos são de gêneros diferentes e estão no singular, o adjetivo pode concordar com o mais próximo ou com o conjunto; neste caso, vai para o masculino plural.

Exemplos:

Encontrei **um caderno e uma caneta perdida**.
Encontrei **um caderno e uma caneta perdidos**.

c) se os substantivos são do mesmo gênero mas de números diferentes, o adjetivo concorda com o gênero e vai para o plural ou concorda com o número do substantivo mais próximo.

Exemplos:

Comi **um vatapá e bolinhos baianos**.
Comi **bolinhos e um vatapá baiano**.

d) se os substantivos são de gêneros diferentes e estão no plural, o adjetivo fica no plural e pode concordar com o gênero do substantivo mais próximo ou ficar no masculino plural.

Exemplos:

Comprei **vestidos e blusas claras**.
Comprei **vestidos e blusas claros**.

e) se os substantivos são de gêneros e números diferentes, o adjetivo pode ficar no masculino plural ou concordar com o mais próximo.

Exemplos:

Comprei **vestidos e blusa claros**.
Comprei **vestidos e blusa clara**.

f) quando o adjetivo serve como predicativo de um sujeito múltiplo constituído de substantivos, segue as mesmas regras. No entanto,
   – se os substantivos são do mesmo gênero, a adjetivo concorda com eles e vai para o plural, mesmo que os substantivos estejam no singular.

Exemplos:

O café e o leite estão **quentes**.
A filha e a mãe são **bonitas**.

– se os substantivos são de gêneros diferentes, o adjetivo vai para o masculino plural.

Exemplos:

O jardim e a calçada estão **limpos**.
A mãe e o pai estão **prontos** para sair.

– em ambos os casos, se o verbo de ligação estiver no singular e anteposto aos sujeitos, o adjetivo pode concordar com o mais próximo.

Exemplos:

Está **limpo o jardim** e a **calçada**.
É **bonita a filha** e a **mãe**.

Concordância Verbal

O verbo concorda em número e pessoa com o sujeito a que se refere, esteja ele claro ou oculto. A concordância evita a repetição do sujeito, indicada pela flexão verbal correspondente.

"Eram o pião, a bola, o realejo,
o trem de corda, a caixa do brinquedo
de armar. Longe da escola, eram os
dedos da mãe, (...)

Entre a cama e a janela, era o menino
com medo, não da doença, mas da cura."

Esses versos são do poema "Menino doente" de Mauro Mota. Observe as três orações abaixo:

"... era o menino com medo..."
"... eram os dedos da mãe..."
"Eram o pião, a bola, o realejo, o trem de corda, a caixa do brinquedo de armar."

As duas primeiras orações exemplificam o princípio básico da concordância verbal: com um sujeito simples, no singular, o verbo permanece no singular; com um sujeito simples, no plural, o verbo concorda no plural.

Na terceira oração há sujeito composto. O sujeito composto faz com que o verbo possa concordar no plural.

Regras gerais

Quando o sujeito é simples, o verbo concorda com ele, esteja no singular ou no plural.

Exemplos:

Comprei um vestido e **fui** à festa.
Caminhamos até a casa, **abrimos** a porta e **entramos**.

Quando o sujeito é composto, o verbo vai para o plural:

a) para a 1ª pessoa do plural, se entre os sujeitos existir um verbo na 1ª pessoa.

Exemplo:

Você, na margem esquerda, e **eu**, na direita, **vimos** o barco passar.

b) para a 2ª pessoa do plural, se não houver sujeito da 1ª pessoa, mas sim da 2ª pessoa.

Exemplo:

Tu e teus amigos **estais** felizes.

c) para a 3ª pessoa do plural se os sujeitos forem da 3ª pessoa.

Exemplo:

Martin, Pedro e Júlia brincam como se fossem irmãos.

Casos especiais

Quando o sujeito é uma expressão partitiva + um substantivo ou pronome plural, o verbo pode ir para o singular ou para o plural. Exemplos de expressões partitivas: *parte de, uma porção de, o grosso de, o resto de, metade de etc.*

Exemplos:

A **maioria dos presentes gosta** de música.
O **grosso dos trabalhos não serve** para nada.
Uma porção de problemas estão surgindo no colégio.

Quando o sujeito é formado por um número plural precedido de expressões como *cerca de, mais de, menos de,* o verbo vai normalmente para o plural.

Exemplos:

Cerca de duzentas pessoas compareceram à festa.
Encontrei **mais de vinte jabuticabas jogadas** no chão.

Quando o sujeito é formado pelas expressões mais de um ou mais que um seguidas de substantivo o verbo, normalmente, fica no singular.

Exemplos:

Mais de um passageiro sobreviveu ao acidente.
Mais que um navio passou por baixo da ponte.

Quando essas expressões vêm repetidas ou querem dar idéia de reciprocidade, o verbo vai para o plural.

Exemplos:

Mais de uma casa, mais de um edifício resistiram à força do terremoto.
Mais de um motorista se revezaram no transporte dos passageiros.

Quando o sujeito é o pronome relativo *que*, o verbo concorda com o termo antecedente, a não ser quando este é predicativo de outra oração.

Exemplos:

Sou **eu que vou** dirigir agora.
Quero ver **as meninas que andavam** me procurando.

Se o antecedente do pronome *que* é um demonstrativo, o verbo pode:

a) concordar com o pronome pessoal.

Exemplo:

Não são **eles os que vão** pagar o prejuízo.

b) ir para a 3ª pessoa, concordando com o demonstrativo.

Exemplo:

Fui **a que contratou** esses operários.

Quando o pronome relativo vem antecedido das expressões *um dos*, *uma das* + *substantivo*, o verbo pode ir para a 3ª pessoa do singular ou do plural.

Exemplos:

Foi um dos poucos que chegou ao topo da montanha.
Aquele era **um dos professores que mais se esforçavam**.

Quando o sujeito é o pronome relativo *quem*, o verbo fica em geral na 3ª pessoa do singular.

Exemplos:

Sou **eu quem entra** primeiro.
Foi **ele quem deu** o primeiro tiro.

Quando o sujeito é formado por algum dos pronomes relativos (*quais?*, *quantos?*) ou dos indefinidos do plural (*alguns*, *muitos*, *poucos*, *quaisquer*, *vários*) seguido de uma das expressões *de nós*, *de vós*, *dentre nós* ou *dentre vós*, o verbo pode ficar na 3ª pessoa do plural ou concordar com o pronome pessoal que designa o todo.

Exemplos:

Alguns dentre nós foram escolhidos para o teste.
Vários de nós tivemos de nos atirar no mar.

Se o interrogativo ou o indefinido estiver no singular, o verbo também fica no singular.

Exemplos:

Qual de nós vai subir primeiro?
Nenhum de nós conseguirá chegar lá.

Alguns nomes de lugar ou títulos de obras têm a forma de plural, mas devem ser tratados como singular, se não vierem acompanhados de artigo. Caso contrário, o verbo vai para o plural.

Exemplos:

Dois Corações é uma cidade linda.
Os Estados Unidos desistiram de invadir o Iraque.

Quando o sujeito é indeterminado, o verbo vai para a 3ª pessoa do plural.

Exemplos:

Cortaram as árvores da rua.
Depois que reclamei, **vieram** limpar os bueiros.

Se a indeterminação do sujeito for indicada pelo pronome se , o verbo vai para a 3ª pessoa do singular.

Exemplos:

Durante meses, não **se falou** noutra coisa.
Na festa não **se tocou** outro tipo de música: só rock.

•• Concordância com o verbo SER ••

O verbo *ser*, quando é verbo de ligação e vem seguido de um predicativo, concorda com este e não com o sujeito, como manda a regra.

a) sujeito representado pelos pronomes interrogativos *que* e *quem*:

Exemplos:

Quem são os três homens mortos?
Que são problemas diante de tantas alegrias?

b) sujeito representado pelos pronomes *isto*, *isso*, *aquilo*, *tudo* ou *o* (= *aquilo*):

Exemplos:

Tudo eram alegrias naquela casa.
Isto são coisas do passado.

c) orações impessoais:

Exemplos:

Eram duas da tarde quando cheguei.
Deviam ser oito horas da manhã quando a campainha tocou.

Quando o sujeito for nome de pessoa ou pronome pessoal, o verbo, normalmente, concorda com ele.

Exemplos:

Todo ele era aflições e desespero.
Maria é as alegrias da família.

Quando o sujeito for uma expressão numérica considerada em sua totalidade, o verbo fica no singular.

Exemplos:

Cem reais é muito pouco.
Cinqüenta anos é a idade da sabedoria.

Nos casos em que há mais de um sujeito, o verbo pode concordar com o que está mais próximo:

a) quando os sujeitos vêm depois do verbo.

Exemplo:

Por toda a área só **existia** tristeza, solidão e miséria.

b) quando os sujeitos são sinônimos ou quase sinônimos.

Exemplo:

A sua paixão, o seu amor era aquele homem.

c) quando há enumeração.

Exemplo:

A minha vida, o meu sonho, o meu amor estava naquela casa.

d) quando os sujeitos são dois ou mais infinitivos, o verbo fica no singular.

Exemplo:

Ler e estudar foi uma atitude correta naquela etapa.

e) quando os infinitivos exprimem idéias contrárias, o verbo pode ir para o plural.

Exemplo:

Amar e odiar se alternam em nossas vidas.

f) quando os sujeitos são resumidos por um pronome indefinido (como *tudo, nada, ninguém*), o verbo fica no singular.

Exemplos:

Lutar, trabalhar, amar e odiar, **tudo vale** a pena nesta vida.
Compraria tudo, vestidos, blusas, sapatos.

g) quando o sujeito composto é formado por substantivos no singular ligados pelas conjunções *ou* ou *nem*, o verbo fica no plural se o fato expresso por ele pode ser atribuído a todos os sujeitos.

Exemplo:

Nem eu nem você temos coragem para abandonar tudo.

h) o verbo fica no singular se o fato expresso por ele só pode ser atribuído a um dos sujeitos.

Exemplo:

Ou Pedro ou Martin será admitido para o cargo.

i) com a locução *um* e *outro*, o verbo pode ficar no plural ou no singular.

Exemplos:

Um e outro entraram na faculdade.
Um e outro entrou na faculdade.

•• Concordância com os verbos HAVER e FAZER ••

O verbo haver , com sentido de *existir*, é impessoal. Por isso, conjuga-se apenas na 3ª pessoa do singular, mesmo quando forma locução verbal.

Exemplos:

Há muitas pessoas desempregadas aqui.
Se houvesse empregos, não haveria protestos.
Haverá passeatas e greves no ABC.
Deve haver desabrigados na periferia.
Poderá haver casos de dengue em São Paulo.

Atenção: O verbo existir é pessoal e sempre concorda com o sujeito. Veja: "*Existem muitas pessoas* desempregadas aqui" ou "*Existe muito desemprego* aqui".

Quando o verbo haver indica *tempo decorrido*, também é impessoal e por isso fica sempre na 3ª pessoa do singular.

Exemplos:

Há três meses procuro trabalho.
Ele tinha sido demitido **havia vários meses**.

O verbo haver com o sentido de *ter* concorda com o sujeito.

Exemplos:

Eles haviam feito de tudo para conseguir trabalho.
Nós havíamos deixado tudo pronto para a partida.
Ela já havia comprado os ovos quando cheguei.

Atenção: Quando o verbo ter é usado com o sentido de haver, passa a ser impessoal e é conjugado apenas na 3ª pessoa do singular. Veja: "Tem dias que não quero sair de casa".

O verbo fazer, com sentido de tempo decorrido, também é impessoal e fica sempre na 3ª pessoa do singular.

Exemplos:

Faz três meses que procuro trabalho.
Fui demitida **faz dois anos**.

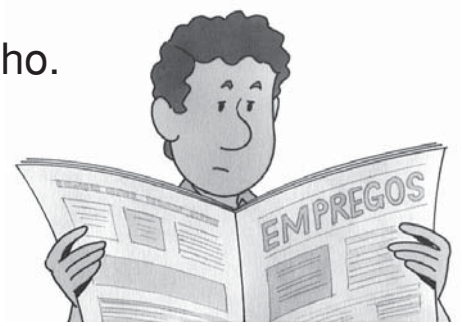

Questões de Vestibular

(FEI-SP) Leia o texto a seguir para responder às perguntas 1 e 2:

Consideração do Poema

(Fragmento)

Não rimarei a palavra sono
com a incorrespondente palavra outono.
Rimarei com a palavra carne
ou qualquer outra, que *todas* *me* convêm.
As palavras não nascem amarradas,
***elas* saltam, se beijam, se dissolvem,**
no céu livre por vezes um desenho,
são *puras*, largas, autênticas, indevassáveis.

1. Observe as palavras sublinhadas no texto: "todas", "me", "elas" e "puras". Assinale a alternativa em que a função sintática destes termos esteja corretamente analisada:

a) sujeito – predicativo do sujeito – objeto – sujeito
b) predicativo do sujeito – objeto – sujeito – objeto
c) objeto – sujeito – objeto – predicativo do sujeito
d) objeto – predicativo do sujeito – sujeito – objeto
e) sujeito – objeto – sujeito – predicativo do sujeito

2. Observe o verso:

"As palavras não nascem amarradas"

Assinale a alternativa em que o sujeito e o predicado da oração estejam corretamente analisados:

a) sujeito composto e predicado nominal

b) sujeito simples e predicado verbo-nominal

c) sujeito composto e predicado verbal

d) sujeito simples e predicado nominal

e) sujeito simples e predicado verbal

3. (FEI-SP) Texto

Investimento sem Risco

"Em julho do ano passado, *Exame* encomendou *ao jornalista Stephen Hugh-Jones,* editor da seção assuntos internacionais da centenária revista inglesa *The Economist, um artigo* para a edição especial sobre o primeiro ano do Plano Real."

Observe os termos sublinhados no texto: "ao jornalista Stephen Hugh-Jones" e "um artigo". Em análise sintática, classificamos os termos destacados respectivamente como:

a) objeto direto e objeto indireto

b) complemento nominal e objeto direto

c) adjunto adverbial e aposto

d) objeto indireto e objeto direto

e) objeto indireto e adjunto adverbial

4. (FEI-SP)

Assinale a alternativa que analise corretamente a função sintática da expressão grifada na frase:

"Uma preta velha, vergada *por imenso tabuleiro de madeira*".

a) adjunto adverbial de causa
b) sujeito
c) agente da passiva
d) complemento nominal
e) objeto indireto

5. (FEI-SP) Texto

"As tecnologias contemporâneas têm o seu investimento maior no alto grau de informação agregada ao produto. São tecnologias que privilegiam o conhecimento. Trata-se, mesmo, de um processo global: hoje, é necessário que o operário seja capaz de compreender o que faz, e, assim, possa contribuir para o aperfeiçoamento do processo e do produto."

O sujeito da primeira oração do texto classifica-se como:

a) sujeito composto
b) sujeito simples
c) sujeito oculto
d) sujeito indeterminado
e) oração sem sujeito

Leia o texto a seguir para responder às questões 6 e 7:

Marcela

Gastei trinta dias para ir do Rocio Grande ao coração de Marcela, não já cavalgando o corcel do cego desejo, mas o asno da paciência a um tempo manhoso e teimoso (...)

Teve duas fases a nossa paixão, ou ligação, ou qualquer outro nome, que eu de nomes não curo: teve a fase consular e a fase imperial. Na primeira, que foi curta, regemos o Xavier e eu, sem que ele jamais acreditasse dividir o gover-

no de Roma; mas, quando a credulidade não pode resistir à evidência o Xavier depôs as insígnias, e eu concentrei todos os poderes na minha mão; foi a fase cesariana. Era meu o universo; mas, ai triste! Não o era de graça. Foi-me preciso coligir dinheiro, multiplicá-lo, inventá-lo. Primeiro explorei as larguezas de meu pai; ele dava-me tudo o que eu lhe pedia, sem repreensão, sem demora, sem frieza; dizia a todos que eu era rapaz e que ele o fora também. Mas a tal extremo chegou o abuso, que ele restringiu um pouco as fraquezas, depois mais, depois mais. Então recorri a minha mãe, e induzi-a a desviar alguma cousa, que me dava às escondidas. Era pouco; lancei mão de um recurso último; entrei a sacar a herança de meu pai, a assinar obrigações, que devia resgatar um dia com usura.

(Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*)

6. O asno da paciência exerce a função de:

a) sujeito

b) objeto direto

c) objeto indireto

d) complemento nominal

e) agente da passiva

7. ... não já cavalgando o corcel do cego desejo, mas o asno da paciência...

A oração que se inicia pelo conectivo *mas* recebe o nome de:

a) principal

b) coordenada assindética

c) coordenada adversativa

d) coordenada alternativa

e) absoluta

8. Texto

A cavalgada

A lua banha a solitária estrada...
Silêncio!... Mas além, confuso e brando,
O som longínquo vem-se aproximando
Do galopar de estrada cavalgada.

São fidalgos <u>que</u> voltam da caçada;
Vêm alegres, vêm rindo, vêm cantando.
E as trompas a soar vão agitando
O remanso da noite embalsamada...

E o bosque estala, move-se, estremece...
Da cavalgada o estrépito <u>que</u> aumenta
Perde-se após no centro da montanha...

E o silêncio outra vez soturno desce...
E límpida, sem mácula, alvacenta
A lua a estrada solitária banha...
São fidalgos que voltam da caçada
O estrépito que aumenta

Ambos os ***<u>que</u>*** são pronomes relativos com a função sintática, respectivamente, de:

a) sujeito e objeto direto

b) objeto direto e sujeito

c) sujeito e sujeito

d) objeto direto e objeto direto

e) objeto direto e complemento nominal

9. (Universidade Federal do Piauí-PI)

O desejo ***de que todos aderissem ao movimento*** era tão grande, que não se falava sobre outro assunto.

Em relação à oração principal, a oração sublinhada no período acima funciona como:

a) predicativo do sujeito

b) sujeito

c) complemento nominal

d) objeto indireto

e) aposto

10. (Universidade Federal do Maranhão-MA) Em qual das orações o termo grifado possui a mesma classificação do que está destacado no trecho seguinte?

"A idéia do oratório trouxe-me a da missa, lembrou-me que podia ser *tarde* e quis dizê-lo."

a) "Assim, com o ***desalinho*** honesto que trazia, dava-me uma impressão singular."

b) "E com o mesmo balanço do corpo, Conceição enfiou pelo corredor dentro, pisando ***mansinho***."

c) "Não tinha os grandes olhos compridos e entrou a ***olhar*** à toa para as paredes."

d) "Parava algumas vezes, examinando um trecho de cortina ou consertando a posição de ***algum*** objeto no aparador..."

e) "Os olhos dela não eram bem negros, mas ***escuros***: o nariz, seco e longo..."

11. (Universidade Federal do Maranhão-MA)

Em "A Bolsa de Buenos Aires reage ***à queda***", a expressão grifada classifica-se como:

a) objeto indireto

b) objeto direto

c) complemento nominal

d) predicativo

e) adjunto adverbial

12. (FEI-SP) Texto

Lembrança de Morrer

(Fragmento)

Eu deixo a vida como deixa o tédio
Do deserto, o poento caminheiro
– Como as horas de um longo pesadelo
Que se desfaz ao dobre de um sineiro

Como o desterro de minh'alma errante,
Onde fogo insensato a consumia:
Só levo uma saudade – é desses tempos
Que amorosa ilusão embelecida.

Só levo uma saudade – é dessas sombras
Que eu sentia velar nas noites minhas...
De ti, ó minha mãe, pobre coitada
Que por minha tristeza te definhas!

De meu pai!... de meus únicos amigos,

Poucos – bem poucos – e que não zombavam
Quando, em noite de febre endoudecido,
Minhas pálidas crenças duvidaram.

Observe os dois primeiros versos do poema: "Eu deixo a vida *como deixa o tédio / Do deserto, o poento caminheiro"*. A oração destacada é:

a) oração subordinada substantiva subjetiva
b) oração subordinada adjetiva restritiva
c) oração subordinada adverbial comparativa
d) oração coordenada sindética explicativa
e) oração principal

13. (FEI -SP) Texto

Poética

"Estou *farto* do lirismo comedido
Do lirismo *bem* comportado
Do lirismo funcionário público com livro de ponto
[expediente protocolo e manifestações de apreço ao sr. Diretor
Estou farto do lirismo que *pára* e vai averiguar no
[dicionário o cunho vernáculo de um vocábulo
Abaixo os puristas

Todas as palavras sobretudo os barbarismos universais
Todas as construções sobretudo as sintaxes de
[exceção
Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis

(...)

Quero antes o lirismo dos loucos
O lirismo dos bêbedos
O lirismo difícil e pungente dos bêbedos
O lirismo dos clowns de Shakespeare

– Não quero mais saber do lirismo que não é *libertação*."

Observe o período: "Não quero mais saber do lirismo *que não é libertação*". Assinale a alternativa que analise corretamente a oração sublinhada:

a) oração subordinada adverbial comparativa
b) oração subordinada substantiva objetiva direta
c) oração subordinada adjetiva restritiva
d) oração coordenada sindética conclusiva
e) oração principal

14. (Universidade Federal do Piauí-PI)

Constatou-se que nenhum dos concorrentes ao prêmio se sentia capaz de demonstrar que tudo tinha sido muito difícil.

Há, no período acima:

a) uma oração subordinada substantiva objetiva direta
b) uma oração principal e duas subordinadas adverbiais
c) duas orações reduzidas
d) duas orações subordinadas adjetivas
e) orações coordenadas e subordinadas

15. (Universidade Federal do Maranhão-MA)

"Eu lembro uma frase do Goethe que diz que sempre tem alguma coisa impedindo que as árvores cresçam até o céu."

No trecho acima, há:

a) três orações

b) quatro orações

c) cinco orações

d) seis orações

e) sete orações

16. (Universidade Federal do Maranhão-MA)

"***Quando dei por mim***, estava na Rua da Glória."

A oração em destaque classifica-se em:

a) subordinada adjetiva restritiva

b) subordinada adverbial causal

c) subordinada adverbial final

d) subordinada adverbial temporal

e) subordinada adjetiva explicativa

17. (FEI-SP) Assinale a alternativa em que haja erro de concordância:

a) Terminadas as aulas, os alunos viajaram.

b) Esta maçã está meia podre.

c) É meio-dia e meia.

d) Dinheiro, benefícios pessoais, chantagens, nada podia corrompê-lo.

e) Ajudaram no trabalho amigos e parentes.

18. (Universidade São Judas-SP) A concordância verbal está correta na alternativa:

a) Não se propõe medidas eficientes para acabar com esse quadro caótico por que passa o Brasil.

b) Assistiu-se a grandes competições durante o mês de julho em Atlanta.

c) Os Estados Unidos, grande potência mundial, não consegue combater com eficiência os ataques terroristas.

d) Lia-se naquela placa: “reforma-se móveis e conserta-se eletrodomésticos”.

e)Não se faz mais móveis como antigamente, ainda que os de hoje sejam bons.

19. (Unisa - Universidade Santo Amaro-SP) Assinale a alternativa que preencha corretamente as lacunas.

_____-se de assuntos _____ aos problemas para os quais _____ haver soluções.

a) Tratam – referente – devem

b) Trata – referentes – deve

c) Tratam – referentes – devem

d) Trata – referente – deve

e) Tratam – referentes – deve

20. (Unisa - Universidade Santo Amaro-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas:

Esses são os candidatos _____

a) de cuja capacitação pouco se sabe.

b) onde a capacitação pouco se sabe.

c) de quais pouco se sabe da capacitação.

d) cuja a capacitação pouco se sabe deles.

e) de quais a capacitação deles pouco se sabe.

21. (Universidade Federal da Paraíba-PA) Observando-se a concordância verbal utilizada nas frases:

I. É preciso que se conheça os problemas de Nhô Augusto.

II. Não somos nós quem vai resolver os problemas de Nhô Augusto

III. Nhô Augusto observou que estava soando doze horas.

IV. No sítio de Nhô Augusto existia um regato e um pequeno lago.

Conclui-se que estão corretas:

a) I e III

b) II e III

c) III e IV

d) I e IV

e) II e IV

22. (Universidade Federal do Piauí-PI) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.

Os alunos _____ que o professor lhes _____ uma boa nota.

a) esperam – atribuiria

b) esperavam – atribuísse

c) esperaram – atribuirá

d) tinham esperado – tenha atribuído

e) teriam esperado – atribuíra

23. (Universidade Federal do Piauí-PI) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.

No disco desse novo cantor, _____ músicas com todos os ritmos que _____ extremamente popular.

a) haviam – o tornaram

b) haviam – os tornou

c) havia – os tornou

d) havia – os tornaram

e) havia – o tornaram

24. (Universidade Federal do Piauí-PI) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.

Todos os dias _____ boatos de que _____ severas medidas para controle dos gastos na empresa.

a) surgiam – seria adotado

b) surgiam – seriam adotado

c) surgiam – seriam adotadas

d) surgia – seria adotado

e) surgia – seriam adotadas

25. (Universidade Federal do Piauí-PI) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.

Os recursos de que se _____ no momento não _____ os gastos que se _____ para a compra de medicamentos.

a) dispunha – cobririam – programavam

b) dispunha – cobririam – programava

c) dispunha – cobriria – programava

d) dispunham – cobriria – programava

e) dispunham – cobririam – programavam

26. (Universidade Federal do Piauí-PI) Assinale a única alternativa incorreta quanto à regência verbal ou nominal.

a) Nenhum amigo estaria disposto a ajudá-lo a superar tão sério problema.

b) Os pais do menino, preocupados com a falta de notícias, lhe procuravam em todos os lugares onde seria possível encontrar-lhe.

c) Conheço muito o funcionário a quem o senhor se refere, e é pessoa em quem se pode confiar.

d) Todos discordavam das propostas apresentadas na reunião, mas ninguém se atreveu a votar contra elas.

e) Satisfeito com o resultado obtido, o rapaz saiu em busca de outras informações.

27. (Universidade Federal de Pernambuco-PE) Há desvio de concordância verbal em:

a) "Das milhares de urnas eletrônicas espalhadas pelo Brasil, estima-se que 30% apresentou algum tipo de problema."

b) "É necessário que nas relações de aprendizagem se promovam o espírito criativo, a capacidade de síntese e a análise lógica."

c) "O jogo pode ser um bom negócio para o Brasil se a legalização for precedida de um cuidadoso estudo do impacto econômico e social nas regiões onde serão instalados os cassinos."

d) “Há quem afirme que se o voto não fosse obrigatório no Brasil, a maior parte dos eleitores não compareceria às urnas.”

e) Apesar da previsão pessimista de que a safra de feijão seja a menor dos últimos tempos, os entendidos insistem em que não deve haver motivos para preocupação.

6

Pontuação

Vírgula
Ponto
Ponto-e-vírgula
Dois-pontos
Ponto-de-interrogação
Ponto-de-exclamação
Reticências
Aspas
Parênteses
Colchetes
Travessão
Síntese das regras gerais de pontuação
Questões de vestibular

PONTUAÇÃO

"Você sabe como e quando surgiram os sinais de pontuação?

Os sinais de pontuação surgiram no início do Império Bizantino (330 a 1453). A maneira como hoje os utilizamos é diferente da usada naquela época. O ponto final servia para separar uma palavra da outra. Os espaços brancos entre palavras só apareceram no século VII, na Europa e foi nessa época que o ponto passou a finalizar a frase.

O ponto de interrogação é uma invenção italiana do século XIV; o de exclamação também surgiu no século XIV. Os gráficos italianos também inventaram a vírgula, e o ponto-e-vírgula já era usado pelos antigos gregos, muito antes disso, como sinal de interrogação. No século XVI surgiram os dois pontos e, no século XVII, a aspa."

(*Superinteressante*, jun. 1997)

O uso correto dos sinais de pontuação determina a função sintática exercida por um termo, bem como interfere no sentido da frase, tornando-a mais clara e precisa.

VÍRGULA

A vírgula marca uma pausa curta; separa elementos de uma oração e orações de um período. E tem diferentes funções, como;

a) separar elementos que exercem a mesma função sintática (sujeito composto, complementos, adjuntos) quando não vêm unidos pelas conjunções *e*, *ou* e *nem*.

Exemplos:

"Teve um risinho, recostou-se com uma grande satisfação, enrolando deliciosamente o cigarro, regozijando-se no escândalo."

(Eça de Queirós, *O Primo Basílio*.)

"O filósofo começou a rir baixinho, um riso convulsivo que lhe sacudia o corpo todo, fazendo-lhe a papada tremer como gelatina."

(Érico Veríssimo, *Viagem à aurora do mundo*.)

"Homem sem vaidades, generoso, dotado duma coragem extraordinária, tanto física como moral, enfrentava também o governo."

(Érico Veríssimo, *Solo de clarineta*.)

"Graças à magia da memória afetiva, esse 'fóssil' dum minuto para outro pode voltar à vida, com raízes, seiva circulante, tronco, galhos, folhas, flores, frutos e até com os insetos e passarinhos que costumavam freqüentá-lo."

(Érico Veríssimo, *idem*.)

Quando as conjunções *e, ou* e *nem* vêm repetidas, como se fizesse uma enumeração, costuma-se separar por vírgula os elementos encadeados.

Exemplos:

Eu gostava dela, e a amava, e a desejava com todas as forças do meu espírito.
Por aí, pelas ruas, ou cidades, ou campos, tudo faz a vida fluir.

b) isolar e destacar o aposto ou qualquer elemento explicativo.

Exemplos:

"Transformou essa residência, de rústico estilo colonial, numa espécie de castelo da imaginação em que passou a viver como um príncipe."

(Érico Veríssimo, *Solo de clarineta*.)

"Maria, à porta da cozinha, ria o seu riso idiota e desdentado."

(*idem*.)

"Mas, de repente, uma forte pancada de chuva fustigou os vidros. E imediatamente bateram à porta, com pressa."

(Eça de Queirós, *O primo Basílio*.)

c) isolar e destacar palavras e expressões explicativas, retificativas, conclusivas e continuativas, como *além disso, aliás, antes, a saber, assim, com efeito, digo, então, isto é, ou seja, ou melhor, outrossim, portanto, por exemplo* e outras.

Exemplos:

"Os gregos em geral preferiam a idéia geocêntrica à heliocêntrica, isto é: não queriam aceitar a hipótese de que fosse a Terra que girasse ao redor do Sol."

(Érico Veríssimo, *Viagem à aurora do mundo*.)

"A casa, com efeito, tornava-se 'agradável'."

(Eça de Queirós, *O primo Basílio*.)

d) isolar e destacar o vocativo.

Exemplos:

"Adeus, amigos".

"Suzi, minha companheira Suzi, bati uma porção de vezes na porta, será que você alegrou?"

(Mário de Andrade, *Macunaíma*.)

e) isolar e destacar o adjunto adverbial antecipado.

Exemplos:

A esta hora, todos estão dormindo.

Por enquanto, não há ninguém na praia.

f) separar os elementos repetidos.

Exemplos:

"Larga!, Não leva!, Não pode!, Não pode!"

(Mário de Andrade, *Macunaíma*.)

E as mulheres só faziam rezar, rezar, rezar...

g) nas cartas e documentos, separar o nome do lugar e data.

Exemplo:

São Paulo, 22 de fevereiro de 1998.

h) a vírgula indica a supressão de uma palavra, geralmente um verbo, ou de um grupo de palavras.

Exemplos:

"De um lado, filantropia e lucro; de outro lado, sede de nomeada."

(Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*.)

Diante de meus olhos, uma planície imensa e verdejante.

i) a vírgula separa as orações coordenadas assindéticas.

Exemplo:

"Levantava-me, subia a ladeira Santa Cruz, percorria ruas cheias de lama, entrava numa bodega, tentava conversas com os vagabundos, bebia aguardente."

(Graciliano Ramos, *Angústia*.)

j) a vírgula separa orações coordenadas sindéticas, salvo as introduzidas pela conjunção *e*.

Exemplos:

O calor arrefeceu, mas todos continuaram passando mal.
Gostei muito da viagem; no entanto, não gostaria de retornar.

k) separam-se por vírgula as orações coordenadas unidas pela conjunção *e*, quando têm sujeito diferente.

Exemplos:

Vinha a onda, e lá se ia a prancha.
Os meninos chutaram, e a bola caiu no poço.

Resumo das Regras do Uso da Vírgula

1) **Toda oração e todo termo de oração de valor meramente explicativo pronunciam-se entre pausas; por isso, são separados por vírgulas na escrita.**

Exemplo:

Aquela professora, dona Fátima, era muito inteligente.

2) **Os termos essenciais e integrantes da oração ligam-se uns aos outros sem pausa; portanto, não podem ser separados por vírgula. Não se pode, por exemplo, separar por vírgula o sujeito do verbo e do complemento de uma oração.**

Exemplo:

O menino comeu a maçã.

3) **Há algumas pausas bem rápidas que, no entanto, pedem vírgula.**

Exemplo:

Sim, senhor. Não, senhor.

PONTO

Veja o que Moacyr Scliar, em *Minha mãe não dorme enquanto eu não chegar e outras crônicas*, diz:

O HOMEM MADURO. NO PONTO

"Uma cambada de ladrões. Tem de matar.
Matar. Pena de morte.
O Jorge também. Cunhado também. Tem de matar. Esquadrão da morte. E ponto final.
(...)"

O ponto marca uma pausa completa. Serve para indicar o término de uma oração. O ponto marca também a passagem de um grupo a outro grupo de idéias, bem como encerra um enunciado completo.

Exemplos:

"Vou agora te contar como entrei no inexpressivo que sempre foi a minha busca cega e secreta."

(Clarice Lispector, *A paixão segundo GH*.)

"Dizem que de médico e de louco todos nós temos um pouco. Devia-se dizer 'de médico, de louco e de repórter' para maior verdade do ditado".

(Érico Veríssimo, *Viagem à aurora do mundo*.)

PONTO-E-VÍRGULA

É um sinal intermediário entre o ponto e a vírgula; marca, portanto, uma pausa média. Usa-se quando a pausa não é tão longa ou a idéia tão conclusiva que mereça um ponto, e nem tão curta para merecer apenas uma vírgula. Serve para:

a) separar, num período, as orações da mesma natureza que sejam relativamente longas.

Exemplo:

"Como é fácil de verificar, os organismos vivos preferem, é claro, as temperaturas brandas e estão mais adaptados às reações delicadas. É por isso que bem compreendemos a importância da atmosfera primitiva, pesada da poeira dos planetesimais; ela como que acobertou a terra (segundo Chamberlin) contra a intensidade da radiação vinda do exterior e as desigualdades da radiação do interior".

(Érico Veríssimo, *Viagem à aurora do mundo*.)

b) separar os diversos itens que compõem as leis, decretos, portarias, códigos etc.

Exemplo:

Código Brasileiro de Trânsito

Capítulo XVI

Das penalidades

Art. 256. A autoridade de trânsito, na esfera das competências estabelecidas neste Código e dentro de sua circunscrição, deverá aplicar, às infrações nele previstas, as seguintes penalidades:

I - advertência por escrito;

II - multa;

III - suspensão do direito de dirigir;

IV - apreensão do veículo;

V - cassação da Carteira Nacional de Habilitação;

VI - cassação da Permissão para Dirigir;

VII - freqüência obrigatória em curso de reciclagem.

DOIS-PONTOS

Os dois-pontos assinalam uma pausa bem definida. Servem para marcar:

a) uma citação.

Exemplo:

Em seguida ele declarou: "Diga ao povo que fico!".

b) uma enumeração explicativa.

Exemplo:

Cheguei de volta à escola e deparei com inúmeras novidades: as paredes pintadas de novo, as carteiras novas em folha, os professores rejuvenescidos, os alunos mais alegres e inteligentes.

c) um esclarecimento, uma síntese do que foi dito.

Exemplos:

Existe apenas uma saída: estudar muito e passar no vestibular.

"Eu estava atingindo o que havia procurado a vida toda: aquilo que é a identidade mais última e que eu havia chamado de inexpressivo".

(Clarice Lispector, *A Paixão Segundo GH*.)

PONTO DE INTERROGAÇÃO

JUVENTUDE. A INTERROGAÇÃO

"Mas quem é que sou afinal? E o que é que eu quero? E o que é que vai ser de mim? E Deus, existe?

(...)

Mas por que é que tem pobres e ricos? Por que é que uns têm tudo e outros não têm nada?

(...)"

(Moacyr Scliar. *Minha mãe não dorme enquanto eu não chegar e outras crônicas*, 1995 p. 88-91)

O ponto de interrogação indica uma pergunta.

Exemplos:

Quem comeu o bolo que deixei aqui**?**
Quem é você, um homem ou um rato**?**

Atenção: **Não se usa o ponto de interrogação em uma pergunta indireta. Veja estes casos:**
Que horas são? **(pergunta direta)**
Diga-me quantas horas são. **(pergunta indireta)**

PONTO DE EXCLAMAÇÃO

O ponto de exclamação indica uma exclamação, em geral uma expressão de espanto, de surpresa, de alegria, de raiva, de dor, de súplica etc.

Exemplos:

Ai, que dor de dente**!**
Que susto**!** Você estava aí?

Normalmente é usado depois de interjeições e imperativos:

Exemplos:

Não suporto mais esse barulho. Saiam daqui**!**
Humm**!** Que delícia**!**

RETICÊNCIAS

As reticências marcam uma interrupção na frase e indicam que a idéia ficou em suspenso, não foi concluída. Expressam hesitação, dúvida, tristeza, alegria, sarcasmo e outros sentimentos, bem como o corte da frase de um personagem pela interferência de outro.

Exemplos:

"Nos intervalos que nós chamávamos de vazios e tranqüilos, e quando pensávamos que o amor parara**...**"

(Clarice Lispector, *A Paixão Segundo GH*.)

"Não era pecado... Devia ficar alegre, sempre alegre, e esse era um gosto inocente, que ajudava a gente a se alegrar**...**"

(João Guimarães Rosa, *A hora e a vez de Augusto Matraga*.)

"Macunaíma deitado na jangada lagarteava numa quebreira azul. E o silêncio alargando tudo**...**"

(Mário de Andrade, *Macunaíma*.)

"– Deus está tirando o saco das minhas costas, mãe Quitéria! Agora eu sei que ele está se lembrando de mim**...**
– Louvor ao Divino, meu filho!"

(João Guimarães Rosa, *A hora e a vez de Augusto Matraga*.)

ASPAS

As aspas servem para diversos fins:

a) marcar uma citação, uma frase dita por alguém.

Exemplos:

"Nós sabemos, e os fabricantes de pneus também sabem, que os preços não devem cair excessivamente para não desestimular a produção dos seringais", disse Gerard Loyen, vice-diretor-executivo da Inro.

(*O Estado de S. Paulo*, 31/3/98.)

"É melhor pagar um pouco mais, que correr o risco de ficar sem estoques no futuro", disse Attilio Scottie, diretor de Compras da Pirelli, em Milão. "É preciso manter margens razoáveis de lucro aos agricultores para que eles não parem de produzir", acrescentou o especialista.

(*O Estado de São Paulo*, 31/3/98.)

b) destacar um termo ou uma expressão.

Exemplos:

Estamos nos primeiros estágios da mudança do "trabalho em massa" para um altamente especializado "trabalho de elite", acompanhada da crescente automação na produção de bens e serviços.

(*Folha de S. Paulo*, 2/11/97.)

Mas Luíza achava aquela música "espalhafatona"; queria alguma coisa triste, doce...

(Eça de Queirós, *O primo Basílio*.)

c) indicar palavras ou expressões estrangeiras.

Exemplos:

Domingo fomos comer uma boa "paella" na casa da Rose. Ele se despediu com um sonoro "chau amore mio".

d) indicar títulos de obras

Exemplos:

Adoro “Macunaíma”, de Mário de Andrade.
Fomos ao cinema ver “Titanic”.

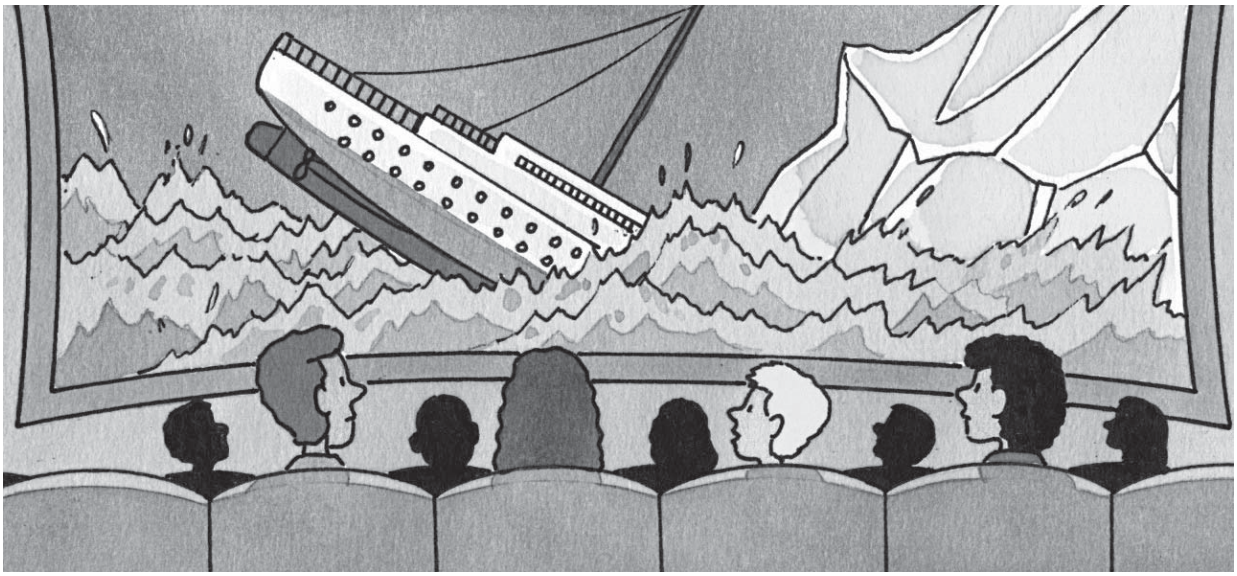

PARÊNTESES

Os parênteses servem para intercalar, dentro de um texto, as indicações acessórias. Por exemplo:

a) uma explicação.

Exemplo:

“Espero que uma velhice tranqüila – no hospital ou na cadeia, com seus longos ócios –, me permita um dia estudar com toda calma a nossa língua, e me penitenciar dos abusos que tenho praticado contra a sua pulcritude. **(**Sabem qual o superlativo de pulcro? Isto eu sei por acaso: pulquérrimo! Mas não é desanimador saber uma coisa dessas? Que me aconteceria se eu dissesse a uma bela dama: a senhora é pulquérrima? Eu poderia me queixar se o seu marido me descesse a mão?**)**”

(Rubem Braga, *Nascer no Cairo*.)

b) uma reflexão, um comentário à margem.

Exemplos:

"Pessoalmente só merecereis o meu desprezo; porque "Juan" (ou 'Vic', ou 'Parsifal', ou 'Dr. Cândido'?)

(Rubem Braga, *Eu, Lúcio de Santo Graal*.)

"Tomei um quarto no Hotel Avenida em cima da Galeria Cruzeiro; mas à medida que a Galeria recuava no tempo (os bondes ainda passavam lá por baixo, eu podia ouvir seu ruído de meu quarto) e avançava na idade, completara na véspera 54 anos e não estava muito bem de saúde".

(Rubem Braga, *Galeria Cruzeiro*.)

"Sem falar neste relógio (quanto vale?), neste canivete preto, neste fumo de rolo e nesta vergonha na cara".

(Rubem Braga, *Galeria Cruzeiro*.)

c) referências a datas e indicações bibliográficas.

Exemplos:

"Das visões que me perseguiam naquelas noites compridas umas sombras permanecem, sombras que se misturam à realidade e me produzem calafrios".

(Graciliano Ramos, *Angústia*.)

"Nestor Benício, dando tempo ao tempo ou imitando o irmão, continuava sem aparecer".

(Osman Lins, *O fiel e a pedra*.)

d) indicar siglas.

Exemplos:

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou os números do censo.

O PT (Partido dos Trabalhadores) vai participar das eleições.

e) para separar as rubricas, ou indicações cênicas, em textos dramáticos.

Exemplo:

Coro (no fundo, canto) – Enforcai os generais. Ao poste com os especuladores.
Roux – Viva a Revolução! (Os quatro cantores e outros pacientes colocam-se ao redor da banheira para uma apoteose. É erguida uma coroa de folhas)
Paciente (no fundo) – Marat, não queremos cavar nossas sepulturas!

(Cena da peça *Perseguição e assassinato de Jean-Paul Marat*, de Peter Weiss.)

COLCHETES

Colchetes servem para intercalar dados ou expressões já separados por parênteses.

Exemplos:

"Uma barata acordou um dia e viu que tinha se transformado num ser humano."

(Luis Fernando Verissimo, *A metamorfose [p.51]*.)

Os colchetes são usados com mais freqüência nos trabalhos de lingüística e filologia, para indicar uma palavra transcrita foneticamente.

Exemplos:

pais [pays]
tarde [tardi]

TRAVESSÃO

O travessão é basicamente empregado em dois casos: nos diálogos, para indicar as falas dos interlocutores, e num texto, para isolar palavras ou frases.

Exemplos:

"– Que é isso?
– Chouriço!
– Conta o que é."

(Mário de Andrade, *Macunaíma*.)

"Os ingredientes são: uma porção de caos, duas de confusão e uma pobre mãe exausta – tudo misturado com um cão latindo e balões estourando".

(Luis Fernando Verissimo, *Festa de aniversário*.)

SÍNTESE DAS REGRAS GERAIS DE PONTUAÇÃO

Muitas vezes, uma pontuação errada muda todo o sentido de uma frase. Por isso, a melhor maneira de saber se estamos pontuando corretamente é reler sempre os textos que escrevemos, frase por frase, dando a entonação correta em cada uma delas.

Aqui sintetizamos algumas regras gerais:

a) sempre colocar ponto no final de um período e das frases, mas apenas quando elas encerram uma idéia completa;

b) colocar vírgulas entre os diversos elementos de uma enumeração;

c) não separar por vírgula o sujeito do seu verbo e o objeto direto do seu verbo;

d) sempre que abrir aspas, parênteses ou colchetes, não esquecer de fechá-los em seguida;

e) sempre colocar entre aspas as citações textuais;

f) não colocar ponto-de-interrogação ao término de uma interrogação indireta, sim ponto-final;

g) sempre isolar os apostos por vírgulas;

h) usar apenas as vírgulas necessárias; seu excesso torna o texto truncado e sem ritmo.

Questões de Vestibular

1. (FEI-SP) Texto

"As tecnologias contemporâneas têm o seu investimento maior no alto grau de informação agregada ao produto. São tecnologias que privilegiam o conhecimento. Trata-se, mesmo, de um processo global: hoje, é necessário que o operário seja capaz de compreender o que faz, e, assim, possa contribuir para o aperfeiçoamento do processo e do produto".

Justifica-se a pontuação em "hoje, é necessário que o operário seja capaz de compreender o que faz (...)

a) ocorrência de vocativo

b) intercalação da oração subordinada adverbial

c) ocorrência de aposto

d) inversão da oração subordinada substantiva

e) inversão da posição do adjunto adverbial na frase

2. (Unisa - Universidade Santo Amaro-SP) Assinale a alternativa que contenha o período de pontuação correta.

a) A interpelação do professor, ainda que marcada por grande exigência, mostrou que não lhe faltava razão.

b) A interpelação do professor ainda que marcada, por grande exigência, mostrou que não lhe faltava razão.

c) A interpelação do professor ainda que marcada por grande exigência mostrou que não lhe faltava razão.

d) A interpelação do professor ainda que, marcada por grande exigência mostrou, que não lhe faltava razão.

e) A interpelação do professor ainda que marcada por grande exigência, mostrou que não lhe faltava razão.

3. (Universidade Federal do Espírito Santo-SP) A alternativa em que o texto está corretamente pontuado é:

a) Ameaçado, novamente, de rebaixamento à Série B, em função das vitórias de Bragantino e Paraná, o Fluminense terá de vencer, de qualquer maneira o próprio time paranaense, domingo, nas Laranjeiras. Do contrário, ficará numa situação dramática.

b) Quem sonha em morar numa cobertura em Vitória, encontra menos opções de escolha. É que os construtores que atuam na ilha não vêm vantagens em construir uma cobertura numa área onde podem levantar quatro apartamentos.

c) A equipe é formada pelo procurador geral do Estado, José Ricardo Júdice; pelo auditor geral, Luiz Cláudio Lobo; pela sub-secretária de Orçamento e Finanças da Fazenda, Maria Helena Signorelli; pelo secretário da Administração, Pedro Ivo e pelo sub-secretário da Fazenda, Carlos Couto Meireles.

d) A FIT, que entrou no mercado há dez anos fazendo roupa esporte, apresentou, também calças retas, saias, vestidos (em vários comprimentos), bermudas e camisetas em

crepe liso, estampado ou com gabardine; gabardine com microfibra; jérsei e tricôs de algodão e viscose.

e) Abaixo, a velharia.

4. (Universidade Federal do Piauí-PI) Assinale a alternativa em que a pontuação está correta.

a) Ao contrário, do que se esperava, muitos foram, os presentes à festa.

b) A importância do fato, ninguém nega uma vez que, muitos o presenciaram.

c) Gostas disto, perguntou o rapaz ... ao que o menino desatento respondeu – não

d) Definiram-se os critérios: uns, rígidos; outros, maleáveis.

e) A estas horas lugar de criança, é na cama; disse o pai.

5. (Universidade Federal do Maranhão-SP)

"Em certas (1) operações (2) a liquidação foi automática. O financiador externo (3) por exemplo (4) aceita (5) uma redução (6) no valor ativo até um certo limite. Se a queda ultrapassa esse limite (7) automaticamente (8) a aplicação (9) ou o fundo (10) é liquidado. Em outros casos (11) bancos perderam fazendo operações usuais. Um banqueiro diz (12) que um grande banco americano (13) chegou a perder US$ 1 bilhão (14) outro banco americano (15) US$ 500 milhões."

Assinale a seqüência na qual é correta a colocação da vírgula nos espaços em que se encontram os números:

a) 2 – 3 – 4 – 7 – 9 – 10 – 11 – 14 – 15

b) 1 – 2 – 4 – 7 – 9 – 10 – 11 – 12 – 15

c) 2 – 3 – 4 – 7 – 8 – 9 – 10 – 12 – 14

d) 2 – 3 – 4 – 7 – 9 – 11 – 12 – 13 – 15

e) 1 – 2 – 5 – 6 – 7 – 8 – 9 – 10 – 13 – 14 – 15

7

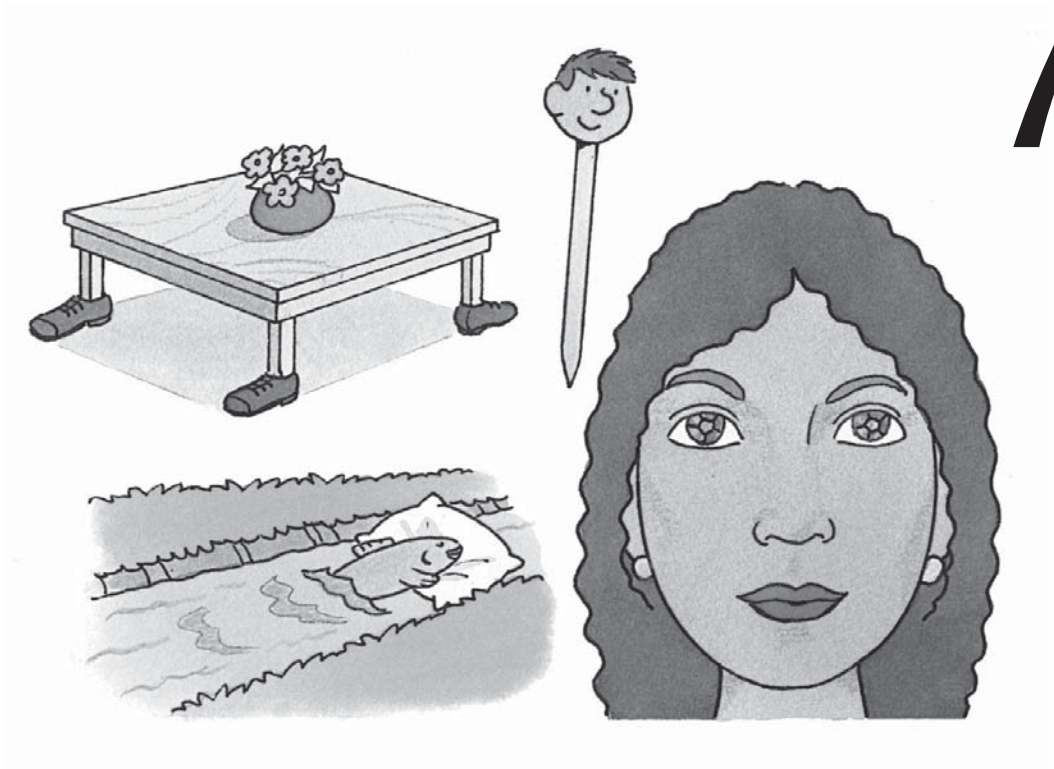

Figuras de Linguagem

Figuras de palavras
Figuras de construção
Figuras de pensamento
Vícios de linguagem
Significação das palavras
Questões de vestibular

FIGURAS DE LINGUAGEM

Lima Barreto é o autor do romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*, leitura obrigatória.

Observe a colocação do adjetivo triste nas frases seguintes e no seu significado:

Triste fim de Policarpo Quaresma.
Fim triste de Policarpo Quaresma.

Percebeu a diferença?

Na língua portuguesa, a variação da posição do adjetivo (antes ou depois do substantivo) interfere no significado: o adjetivo quando se apresenta posposto, em geral, é empregado em seu sentido literal, objetivo; quando anteposto é empregado em sentido figurado, subjetivo.

Assim, uma mesma palavra pode apresentar diferentes significados, ocorrendo basicamente duas significações:

1) denotação: a palavra apresenta-se em seu sentido básico, de dicionário.
2) conotação: a palavra apresenta-se com seu significado alterado, permitindo, pois, várias interpretações, mas sempre dependendo do contexto em que aparece.

Exemplo:

"Mariazinha vive com a cabeça nas nuvens."

Para a compreensão dessa frase é necessário que se conheça, primeiro, o sentido denotativo. A conotação é uma extensão da denotação.

Denominamos figuras de linguagem os elementos frasais que exploram o sentido conotativo de uma palavra ou expressão, realçam a sonoridade ou até desviam-na da norma culta. O objetivo desses procedimentos é buscar uma forma mais expressiva na codificação e decodificação da mensagem.

Podemos reconhecer três tipos de figuras de linguagem: as de palavras , as de construção ou sintaxe e as de pensamento .

FIGURAS DE PALAVRAS

CATACRESE

A palavra catacrese significa "abuso". Ela ocorre quando utilizamos um termo com sentido diferente do original por falta de um termo próprio para expressar o que queremos dizer.

Exemplos:

Cabeça do alfinete
Pé da mesa
Leito do rio
Rabo da pipa
Olho d'água
Mão de direção

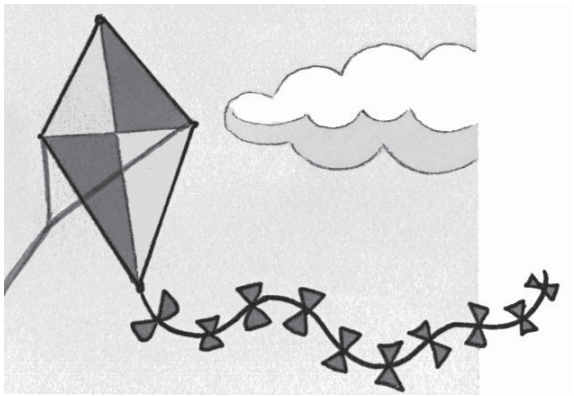

COMPARAÇÃO

É a figura que usamos para comparar duas coisas por suas qualidades.

Exemplos:

Ele é **forte como um touro**.
A noite estava **escura como breu**.
Ele **agiu como um bobo da corte**.
A terra **queimava como fogo**.

METÁFORA

É uma figura que consiste em dizer que uma coisa é outra porque há semelhanças entre elas. A diferença entre

metáfora e comparação é que na primeira uma coisa é diretamente substituída pela outra, enquanto na comparação há palavras de ligação entre ambas.

Exemplos:

Seus **olhos** eram **duas esmeraldas**. (metáfora)
Seus olhos eram **como** duas águas-marinhas. (comparação)
Seu **olhar** é um **punhal** a penetrar-me o peito. (metáfora)

Metonímia

Ocorre quando se substitui um termo por outro porque existe certa relação entre eles. Essas relações podem ser de vários tipos. Vejamos as mais comuns:

Exemplos:

Comeu uma **panela** de macarronada. (substituição do conteúdo, *comida*, pelo continente, *panela*)
Adoro ler **Rubem Fonseca**. (substituição da obra, *os livros*, pelo autor, *Rubem Fonseca*)
O terceiro **violino** da orquestra está desafinando. (substituição da pessoa, *o violinista*, pelo instrumento, *o violino*)
Há muita gente sem **teto** na cidade. (substituição do todo, *casa*, pela parte, *teto*)
Ele vive do **suor** de seu trabalho. (substituição da causa, *trabalho*, pela conseqüência, *suor*)
Trouxe de presente uma garrafa de **porto**. (substituição da coisa, *vinho*, pelo nome do lugar onde é produzida, *Cidade do Porto*)
Cupido anda à solta por aqui. (substituição da coisa representada, *amor*, pela divindade mitológica que a representa, *Cupido*)
Ele fez muitas **amizades** na redondeza. (substituição do substantivo concreto, *amigos*, pelo substantivo abstrato, *amizades*)

Perífrase

Também chamada antonomásia, a perífrase ocorre quando substituímos um nome próprio por um nome comum ou vice-versa. Na linguagem coloquial, é o mesmo que apelido.

Exemplos:

Joaquim José da Silva Xavier (**Tiradentes**)
Castro Alves (**poeta dos escravos**)
Pelé (**rei do futebol**)
Émerson (**ás do volante**)
Maria, que é baixa (**baixinha**)
João, que é cego (**ceguinho**)
Carlos, que é gordo (**bolão**)

Sinestesia

Consiste em mesclar numa expressão sensações percebidas por diferentes órgãos do sentido.

Exemplos:

Um **áspero sabor** de indiferença me atormentava.

FIGURAS DE CONSTRUÇÃO

Também chamadas figuras de sintaxe, são modificações que se fazem na construção de uma oração com o objetivo de obter maior expressividade. As principais são: anacoluto, anástrofe, assíndeto, elipse, hipérbato, pleonasmo, polissíndeto, repetição ou iteração, silepse, zeugma.

Anacoluto

É uma mudança brusca no ritmo normal da frase.

Exemplos:

Aquela prova, não gostei das questões que me apresentaram.
Minha professora, ela não se dá bem com a classe.

Anástrofe

É uma inversão dos termos da oração, geralmente o sujeito e o predicado.

Exemplos:

É uma bobagem chorar por alguém que não nos quer. (inversão da ordem entre o **sujeito**, "chorar por alguém que não nos quer", e o **predicado**, "é uma bobabem")
Entre uma montanha de papéis, ele procurava a escritura da casa. (inversão da ordem entre o **sujeito** e **predicado**, "ele procurava a escritura da casa", e o **adjunto adverbial**, "entre uma montanha de papéis")

Assíndeto

Ocorre quando as palavras de uma oração ou as orações de um período se sucedem, sem conjunção coordena-

tiva ligando uma à outra. O assíndeto é uma forma de dar mais ritmo e força expressiva a uma oração, por meio do encadeamento direto das idéias.

Exemplo:

A porta se abriu, atravessei a pista, subi as escadas, sentei na poltrona. Pronto. Iria voar, pela primeira vez em minha vida.

Elipse

É a omissão de um termo da oração sem prejuízo do sentido ou da idéia geral.

Exemplos:

No meu país, tanta coisa por fazer, tanta gente inoperante.
Duas pessoas, dois problemas, um difícil, outro impossível.

Hipérbato

É uma inversão da ordem direta dos termos da oração. Geralmente se intercala uma expressão entre duas palavras que pertencem ao mesmo sintagma.

Exemplos:

A escola visitamos em que minha mãe estudou em Bragança.
Aquela cidadezinha voltamos a ela perdida no meio das montanhas.

Pleonasmo

É uma redundância, a repetição de palavras apenas para reforçar uma idéia.

Exemplos:

Chorei aquelas **lágrimas** terríveis e doloridas.
Sonhava aquele **sonho** todas as horas, todos os momentos do dia.

Atenção: Quando for uma repetição desnecessária, o pleonasmo se torna um vício de linguagem e é chamado pleonasmo vicioso. Veja: *descer para baixo, subir para cima*.

Polissíndeto

É a repetição das conjunções coordenativas; portanto, o contrário do assíndeto.

Exemplos:

Ele cai e levanta e torna a cair.
No jardim havia azaléias e gerânios e margaridas e uma infinidade de outras espécies.

Repetição ou Iteração

É a repetição das mesmas palavras para reforçar a idéia.

Exemplos:

Nada de educação, **nada** de saúde, **nada** de emprego. Este país está à beira do precipício.
Ou se **tem vergonha na cara**, ou não se **tem vergonha na cara**. Escolha!

Silepse

É a concordância que se faz com o sentido das palavras e não com sua forma gramatical. Há três tipos de silepse: de gênero , de número e de pessoa .

Exemplos:

Sua Santidade estava **vestido** de negro. (gênero)
A **Associação** fechou, mas **continuam** atuantes. (número)
Trabalhadores honestos, **queremos** emprego e salário digno. (pessoa)

Zeugma

É a omissão de um termo da oração, já expresso anteriormente.

Exemplos:

Sou Cecília; minha irmã, Cristina.
Eu fiz um exercício, ele outro.

FIGURAS DE PENSAMENTO

As figuras de pensamento são formas de expressão que modificam a idéia original das palavras. São elas: apóstrofe, antífrase ou ironia, antítese, eufemismo, hipérbole, paradoxo, preterição, prosopopéia e onomatopéia.

Apóstrofe

É a invocação de pessoas ou coisas personificadas.

Exemplos:

Ó céus! Estou perdido!
Deus! Ó Deus, onde estás que não respondes...
(Castro Alves)

Antífrase ou Ironia

Figura que exprime uma idéia por meio de seu contrário.

Exemplos:

Como eu te adoro, seu canalha!
Parabéns! você conseguiu pôr tudo a perder!

Antítese

Figura que expressa o confronto de idéias opostas.

Exemplos:

Ri? Chorei? Não importa: voltei!
Céu, **inferno**, tudo se mistura naquela terra.

Eufemismo

Forma de suavizar expressões chocantes.

Exemplos:

Isso é uma **apropriação indébita**. (em vez de dizer: "isso é um roubo")
Ele **faltou com a verdade**. (em vez de dizer: "ele mentiu")

Hipérbole

Exprimir uma idéia de forma exagerada.

Exemplos:

Nós **morremos de rir** naquele show.
Já repeti **um milhão** de vezes a mesma coisa.

Paradoxo

Também chamado oxímoro , é uma antítese mais radical, que confronta idéias totalmente opostas.

Exemplos:

Aquele **silêncio** pesado fazia **tremer** toda a sala.
Aquele **simples olhar** caiu como uma **bomba** na reunião.

Preterição

Consiste em dizer alguma coisa fingindo que não está dizendo.

Exemplos:

Não vamos nem mencionar **todos esses erros de português**.
Mudemos de assunto; não vamos falar **nas besteiras que você fez**.

Prosopopéia

Também chamada animização ou personificação, é o mesmo que atribuir qualidades animadas ou racionais a seres inanimados ou irracionais.

Exemplos:

O **mar rugia** diante de mim.
Aquela **casa** me **sufocava**.

Onomatopéia

Ocorre quando o som de uma palavra ou expressão representa a própria coisa significada.

Exemplos:

Aquele **cocoricó** enchia o quintal de alegria.
O **blém blém** dos sinos levava todos à praça.

VÍCIOS DE LINGUAGEM

Vícios de linguagem são expressões que pronunciamos de forma incorreta ou que às vezes, mesmo estando corretas, dão margem a interpretações incorretas. Por isso, devem ser evitados. Os mais comuns são: ambigüidade, arcaísmo, barbarismo, cacofonia, colisão, estrangeirismo, pleonasmo vicioso e solecismo.

O texto seguinte foi recortado de uma notícia de jornal em que o revisor "cochilou". Desnecessariamente manteve o emprego de mais de uma palavra para expressar o mesmo sentido. A essa ocorrência dá-se o nome de pleonasmo vicioso .

"As demissões também poderão ser revistas em parte. Só não será aceita nas negociações a reversão total de todas as demissões, como queriam os líderes grevistas. Aumento salarial também não poderá entrar em pauta, pelo menos não antes da próxima data-base em setembro."

O pleonasmo vicioso ocorre na passagem "a reversão total de todas as demissões", uma vez que há redundância no emprego das palavras total e todas .

Para evitar a redundância, bastaria suprimir uma das palavras: "... a reversão de todas as demissões..." ou "a reversão total das demissões..."

Ambigüidade

Segundo Massaud Moisés, a ambigüidade designa "os equívocos de sentido, provenientes de construção defeituosa da frase ou do uso de termos impróprios". A ambigüidade, pois, torna a frase com duplo sentido. É indesejável e inadequada em textos científicos e informativos, é um recurso explorado nos textos poéticos, humorísticos e, principalmente, publicitários.

Leia o seguinte texto informativo, publicado em agosto de 2002 na *Folha de São Paulo*:

"A prefeita Marta Suplicy, em visita ao hospital de Campo Limpo (zona sul de São Paulo), onde estava para entrega de mamógrafo doado por empresa, não viu pacientes atendidos em macas, que acusavam o local de 'maquiar' a realidade para o ato e reclamaram do tratamento; o diretor nega a acusação."

A passagem ambígua é "...não viu pacientes atendidos em macas, que acusavam o local..." A ambigüidade decorre do relativo *que*, cujo antecedente é *macas*. Não são as macas que acusavam o local, mas, sim, os pacientes. Para desfazer a ambigüidade basta trocar o relativo *que* por "os quais", também relativo, mas referindo-se *a pacientes:* "...não viu pacientes atendidos em macas, os quais acusavam o local..."

Outra forma de desfazer o duplo sentido seria aproximar do pronome relativo *que* a palavra a que ele se refere, no caso, *pacientes*: "... não viu serem atendidos, em macas, pacientes, que acusavam o local de 'maquiar' a realidade..."

Arcaísmo

É o uso de palavras ou expressões já ultrapassadas.

Exemplos:

Vosmecê está linda hoje!
Vi uma mulher **fremosa** passar diante de mim.

Barbarismo

É escrever ou pronunciar uma palavra de forma incorreta, ou dar-lhes sentido incorreto.

Exemplos:

Há muito **mendingo** no centro de São Paulo. (o correto é "mendigo")
Ela foi vítima de **estrupo**. (o correto é "estupro")

Cacofonia

Quando a junção de duas palavras produz uma terceira com sentido desagradável.

Exemplos:

Ele não consegue mais **amar ela**.
A **boca dela** estava manchada de batom.

Colisão

É o encadeamento de fonemas consonantais que produzem um som desagradável.

Exemplos:

Sofro **s**em **cess**ar.
Via**j**ou lo**g**o **qu**e **ch**e**g**ou.
Dor de barriga dói demais.

Estrangeirismo

É o uso desnecessário de palavras estrangeiras.

Exemplos:

Peça ao **chofer** para estacionar aqui. (motorista)
Traga o **menu** que eu vou escolher o prato. (cardápio)

Pleonasmo Vicioso

É a repetição desnecessária da idéia.

Exemplos:

O caminhão **subiu para cima** a ladeira.
A **grande maioria** dos alunos foi mal na prova.
Vamos **entrar para dentro** porque está frio.

Solecismo

É a infração de alguma das regras da sintaxe, seja de concordância verbal ou nominal, regência ou colocação.

Exemplos:

Assisti uma ótima peça de teatro. (o correto é “assisti a”)
Vamos no cinema hoje? Não, prefiro ir na praia. (o correto é “vamos ao”, “ir à”)
Fazem quatro dias que Martin viajou. (o correto é “faz quatro dias”)

SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS

Quanto à significação, as palavras podem ser sinônimas, antônimas e homônimas. Entre os homônimos temos os homógrafos e os homófonos. Além disso, a língua admite os parônimos e o sentido figurado.

SINÔNIMOS

Sinônimos são palavras de sentidos idênticos ou semelhantes que podem ser substituídas por outras em diferentes contextos.

Exemplos:

Achei o diário. **Encontrei** o diário.
A casa está **perto** do mar. A casa está **próxima** ao mar.

ANTÔNIMOS

Quando têm sentido geral contrário.

Exemplos:

Ele ficou **feliz** com o casamento. Ele ficou **infeliz** com o casamento.
Eu **adoro** matemática. Eu **odeio** matemática.

Homônimos

Palavras que têm grafia ou pronúncia idênticas mas sentido diferente.

Exemplos:

Ele é um garoto **são**. (**sadio**)
Eles **são** muito gentis. (**verbo ser**)
Fui a um **concerto** ontem à noite. (**apresentação musical**)
Este carro precisa de **conserto**. (**reparo**)

Sentido Figurado

Usa-se a expressão sentido figurado quando a palavra ganha outro significado que não o de seu sentido real. Veja:

TEXTO I

"(...) as duas mãos esverdeavam com o limo das mangueiras, e calejavam na palma, mais a esquerda que a direita: com uma a gente se agarrava nos galhos, com a outra pegava as mangas e descascava no dente, balançando no vento."

(Domingos Pellegrini. *Tempo de menino.* Ática)

TEXTO II

ADOLESCÊNCIA, OBSOLESCÊNCIA

"nos criaram tão simplesmente!
mal crescemos podam os galhos
puxam a raiz e, se bobear,
nos plantam novamente."

(Ulisses Tavares. *Caindo na real.* Brasiliense)

Observe. No texto I a palavra "galho" foi empregada em seu sentido real, denotativo. No texto II, essa palavra ganha outro significado, diferente daquele que lhe é próprio, um significado figurado, isto é, foi empregada no sentido conotativo.

Questões de Vestibular

(Universidade de São Judas-SP) Leia o texto a seguir para responder às questões 1 e 2:

Construção

"Amou daquela vez como se fosse a última
Beijou sua mulher como se fosse a última
E cada filho seu como se fosse o último
E atravessou a rua com seu passo tímido
Subiu a construção como se fosse máquina

Ergueu no patamar quatro paredes sólidas
Tijolo com tijolo num desenho mágico
Seus olhos embotados de cimento e lágrima
Sentou para descansar como se fosse sábado
Comeu feijão com arroz como se fosse um príncipe
Bebeu e soluçou como se fosse um náufrago
Dançou e gargalhou como se ouvisse música
E tropeçou no céu como se fosse um bêbado
E flutuou no ar como se fosse um pássaro
E acabou no chão feito um pacote flácido
Agonizou no meio do passeio público
Morreu na contramão atrapalhando o tráfego...”

(Chico Buarque de Holanda)

1. Para enfatizar as comparações, o autor usa um recurso estilístico que repete intencionalmente a conjunção comparativa. A essa figura de linguagem se dá o nome de:

a) comparação
b) polissíndeto
c) zeugma
d) gradação
e) assíndeto

2. No contexto, os sinônimos adequados para as palavras ***patamar*** e ***embotados*** são:

a) espaço no topo de uma escada e insensíveis
b) alto e cheios
c) próspero e cheios
d) topo e superados
e) auge e esvaziados

3. (Universidade Federal da Paraíba-PA)

Nas trechos:

– E a preta acendeu a candeia, e trouxe uma estampa de Nossa Senhora do Rosário, e um terço.

– E ele teve uma vontade virgem.

– Mas mordeu a fala e não desabafou.

ocorrem, respectivamente, as seguintes figuras de linguagem:

a) polissíndeto – metáfora – metonímia
b) assíndeto – metonímia – metáfora
c) polissíndeto – metonímia – metáfora
d) assíndeto – metáfora – metonímia
e) polissíndeto – metonímia – hipérbole

4. Texto

A cavalgada

A lua banha a solitária estrada...
Silêncio!... Mas além, confuso e brando,
O som longínquo vem-se aproximando
Do galopar de estrada cavalgada.

São fidalgos que voltam da caçada;
Vêm alegres, vêm rindo, vêm cantando.
E as trompas a soar vão agitando
O remanso da noite embalsamada...

E o bosque estala, move-se, estremece...
Da cavalgada o estrépito que aumenta
Perde-se após no centro da montanha...

E o silêncio outra vez soturno desce...

E límpida, sem mácula, alvacenta

A lua a estrada solitária banha...

E o bosque estala, move-se, estremece.

À ausência da conjunção e no início da segunda e terceira orações, dá-se o nome de:

a) polissíndeto

b) silepse

c) assíndeto

d) anacoluto

e) prosopopéia

5. (Universidade Federal do Piauí-PI)

Os três reis orientais, que vieram adorar o Filho de Deus recém-nascido em Belém, é tradição da Igreja que um era preto.

A frase acima encerra a figura de sintaxe denominada:

a) hipérbato

b) silepse

c) pleonasmo

d) anacoluto

e) elipse

6. (Universidade Federal do Maranhão-MA)

A figura de linguagem presente no período **"Os brasileiros fomos informados ontem de dois fatos que são bastante contraditórios entre si"** é

a) hipérbole

b) silepse

c) metáfora

d) metonímia

e) eufemismo

7. (Universidade Federal do Maranhão-MA)

"A agulha, vendo que ela não lhe dava resposta, calou-se também, e foi andando. E era tudo silêncio na sala de costura; não se ouvia mais que o plic-plic-plic-plic da agulha no pano."

No trecho acima, estão presentes as seguintes figuras:

a) sinédoque – eufemismo

b) perífrase – metonímia

c) prosopopéia – onomatopéia

d) pleonasmo – hipérbole

e) sinestesia – comparação

8. (FEI-SP) Texto

"A Praça da Alegria apresentava um ar fúnebre. De um casebre miserável, de porta e janela, ouviam-se gemer os armadores enferrujados de uma rede e uma voz física e aflautada, de mulher, cantar em falsete a 'gentil Carolina era bela', doutro lado da praça, uma preta velha, *vergada* por imenso tabuleiro de madeira, sujo, seboso, cheio de sangue e coberto por uma nuvem de moscas, *apregoava* em tom muito arrastado e melancólico: 'Fígado, rins e coração!' Era uma vendedeira de *fatos* de boi. As crianças nuas, com as perninhas tortas pelo costume de cavalgar as ilhargas maternas, as cabeças avermelhadas pelo sol, a pele *crestada*, os ventrezinhos amarelentos e crescidos, corriam e guinchavam, empinando papagaios de papel. Um ou outro branco, levado pela necessidade de sair, atravessava a rua, suando, vermelho, afogueado, à sombra de um enorme chapéu-de-sol. Os cães, estendidos pelas cal-

çadas, tinham uivos que pareciam gemidos humanos, movimentos *irascíveis*, mordiam o ar querendo morder os mosquitos".

Observe as palavras sublinhadas no texto: "vergada", "apregoava", "fatos", "crestada" e "irascíveis". Assinale a alternativa que oferece sinônimos incorretos ao significado que as palavras possuem no contexto em que aparecem:

a) vergada: curvada, inclinada

b) apregoava: anunciava, proclamava

c) fatos: acontecimentos, eventos

d) crestada: torrada, queimada

e) irascíveis: irritados, nervosos

8

Descubra os Erros

Descubra os erros
Correções

Descubra Os Erros

Esta seqüência de exercícios foi elaborada não para testar se você decorou todas as regras da gramática, mas para verificar se as entendeu e, assim, se é capaz de identificar os erros nas orações. De maneira proposital, os exercícios não obedecem à ordem dos capítulos do livro, ou seja, das partes da gramática, mas estão misturados justamente para que você teste sua capacidade de identificá-los. Aponte o(s) erro(s) e procure corrigi-los. As respostas estão no final do capítulo.

1) Você já pagou o garçom?
2) No ônibus devem haver outras pessoas que vão a Bahia.
3) Em certos países, as viuvas são despresadas por todos.
4) Porque os meninos fugiram? Ninguém sabe o por que dessa fuga.
5) Visando o sucesso da viagem, a empresa organizou um passeio ao Pantanal, afim de fazer com que todos entrassem em contato com o meio ambiente.
6) Eles tem vindo aqui todos os dias porque vêm que mamãe não está passando bem e que seus males provém da indiferença dos filhos.
7) Quando a ver outra vez, hei de lembrar o quanto devo-lhe.
8) Desesperado, o pai, entrou no quarto correndo, viu a filha, deitada na cama e começou a gritar a chorar a pedir por socorro.
9) O escritor que os prêmios da Academia levou aos píncaros da glória faleceu ontem deixando uma triste legião de admiradores, com excessão dos concorrentes, que ficaram para traz na disputa pelo fardão.

10) Os residentes foram assistir um filme que trata de um médico que assiste a doentes de Aids; depois andou até o ponto de ônibus, que fica há dez quadras do cinema, e voltaram a clínica onde trabalham.

11) Mensalmente o acessor de imprensa da Prefeitura, tem de assinar sessão de direitos autorais sobre seus trabalhos. O que sempre faz na Cessão de Finanças do prédio central, que é de assesso restrito aos funcionários.

12) A peça é uma farça, faz uma discrição dos costumes da época, e foi encenada com muito censo de humor, e sem infligir as regras do teatro clássico.

13) O jogador Carioca do Palmeiras, só saberá amanhã se vai enfrentar o São Paulo porque ficou mau depois do ponta-pé que levou no treino passado.

14) Respondi corretamente todas as perguntas, mesmo desobedecendo as regras gramaticais.

15) Vi uma horda de bois vindo em minha direção e gritei para que a quadrilha viesse salvar a ninhada de ovelhas que estava no meio do caminho.

Correções

1) Erro de regência verbal. O verbo *pagar*, quando tem por objeto uma pessoa, é transitivo indireto, por isso exige a preposição *a*.

O correto é: Você já pagou ao garçom?

2) Dois erros, um de concordância verbal e outro de crase. O verbo *haver*, no sentido de *existir*, é impessoal; portanto, não tem sujeito e não é flexionado. O verbo *ir* é transitivo indireto; portanto exige a preposição *a*; como a palavra "Bahia" é um substantivo feminino, a preposição *a* + artigo *a* = *aa*, que é grafado *à*.

   O correto é: No ônibus deve haver outras pessoas que vão à Bahia .

3) Dois erros. Primeiro: a palavra "viúvas" deve ser acentuada. As vogais *i* e *u*, sempre que forem a segunda vogal tônica de um hiato, levarão acento, a menos que formem sílaba com *l*, *m*, *n*, *r*, *z*, ou que sejam seguidas de *nh*, *i*, *u*. Segundo: a palavra "desprezadas" vem de "desprezo", que se grafa com *z* e não com *s*.

   O correto é: Em certos países, as viúvas são desprezadas por todos.

4) Dois erros. Primeiro: a expressão "por que", no início de frases interrogativas, é separada e sem acento. Segundo: na segunda oração, o "porquê" é um substantivo (note que vem precedido de artigo); portanto, deve ser grafado como uma única palavra e, por ser tônico, deve ser acentuado.

   O correto é: Por que os meninos fugiram? Ninguém sabe o porquê dessa fuga.

5) Dois erros, um de regência e outro de grafia. Primeiro: o verbo *visar*, no sentido de *ter em vista*, é transitivo indireto, exigindo portanto a preposição *a*. Segundo: a expressão "afim de" escreve-se separado.

   O correto é: Visando ao sucesso da viagem, a empresa organizou um passeio ao Pantanal a fim de fazer com que todos entrassem em contato com o meio ambiente.

6) Três erros muito comuns. Primeiro: o verbo *ter*, no plural, leva acento circunflexo. Segundo: o verbo *ver*, no plural, escreve-se com *ee*, com acento circunflexo no

primeiro. Terceiro: o verbo *provir*, no plural, leva acento circunflexo e não agudo.

O correto é: Eles têm vindo aqui todos os dias porque vêem que mamãe não está passando bem e que seus males provêm da indiferença dos filhos.

7) Dois erros: um de conjugação verbal e outro de colocação pronominal. Primeiro: em vez de "quando a ver", escreva "quando a vir", porque o futuro do subjuntivo do verbo *ver* é: *vir*, *vires*, *vir* etc. Segundo: em vez de "devo-lhe", escreva "lhe devo", porque a palavra "quanto" está atraindo o pronome *lhe*.

O correto é: Quando a vir outra vez, hei de lembrar o quanto lhe devo .

8) Quatro erros de pontuação. Primeiro: não se coloca vírgula separando o sujeito do predicado. Portanto, *o pai entrou no quarto*. Segundo: entre *correndo* e *viu a filha*, deve-se colocar ponto-e-vírgula ou mesmo ponto, já que são duas orações coordenadas, portanto com sentido completo, requerendo uma pausa maior. Terceiro: não se deve colocar vírgula entre *filha* e *deitada* porque estaremos separando o adjetivo *deitada* do substantivo *filha*. Quarto: devemos colocar uma vírgula entre *a gritar*, *a chorar*, *a pedir por socorro*, porque são elementos repetidos.

O correto é: Desesperado, o pai entrou no quarto correndo; viu a filha deitada na cama e começou a gritar, a chorar, a pedir por socorro.

9) Erros de concordância, pontuação e grafia. Primeiro: o verbo *levou* deve vir no plural para concordar com seu sujeito, *os prêmios*. Para descobrir o sujeito, faça a pergunta: quem levou aos píncaros da glória o escritor? Resposta: Os prêmios da Academia. Portanto, escreva *levaram*. Segundo: devemos colocar entre vírgulas a expressão *que os prêmios da Academia levaram aos píncaros da glória* porque está funcionando como aposto. Terceiro: devemos também colocar vírgula depois de *ontem*, porque a primeira oração é uma coordenada, com sentido completo, e, portanto, requer uma pausa maior. Quarto: a palavra *exceção* escreve-se com *ç* e não com *ss*. Quinto: *trás*, quando significa *atrasado* ou mesmo *atrás de um móvel*, por exemplo, é grafado com *s*; *traz* com *z* vem do verbo *trazer*.

O correto é: O escritor, que os prêmios da Academia levaram aos píncaros da glória, faleceu ontem, deixando uma triste legião de admiradores, com exceção dos concorrentes, que ficaram para trás na disputa pelo fardão.

10) Erros de regência e concordância. Primeiro: o verbo *assistir*, no sentido de "ver", é transitivo indireto, portanto pede a preposição *a*. Quando tem o sentido de *prestar assistência* é transitivo direto, não pedindo a preposição. Segundo, o verbo *andar*, nesse caso, deve estar no plural para concordar com o sujeito, que é *residentes*. Terceiro: em vez de escrever *há dez quadras*, escreva *a dez quadras*, porque *há* vem do verbo *haver*. Quarto: o verbo *voltar* pede preposição (voltar a algum lugar). Como a palavra *hospedaria* é substantivo feminino, pede artigo feminino *a*. A junção da preposição *a* com o artigo *a* forma *aa* = *à*.

O correto é: Os residentes foram assistir a um filme que trata de um médico que assiste doentes de Aids; depois andaram até o ponto de ônibus, que fica a dez quadras do cinema, e voltaram à clínica onde trabalham.

11) Erros de pontuação e grafia. Primeiro: depois de *mensalmente* deve-se colocar vírgula. Segundo: *assessor* e não "acessor". Terceiro: depois de *Prefeitura* não se deve colocar vírgula para não separar o sujeito do predicado. Quarto: o substantivo formado pelo verbo *ceder* é *cessão*; *sessão* é o mesmo que *sessão de cinema*. Quinto: depois de *trabalhos* não se deve colocar ponto e sim vírgula, porque a segunda oração é subordinada em relação à primeira. Sexto: *seção* (parte, departamento), e não "cessão". Sétimo: *acesso* (entrada, passagem), e não "assesso".

O correto é: Mensalmente, o assessor de imprensa da Prefeitura tem de assinar cessão de direitos autorais sobre seus trabalhos, o que sempre faz na Seção de Finanças do prédio central, que é de acesso restrito aos funcionários.

12) Erros de grafia e pontuação. Primeiro: *farsa*, e não "farça". Segundo: depois de *farsa* deve-se colocar ponto-e-vírgula porque a primeira oração é uma coordenada com sentido completo. Terceiro: o substantivo

formado a partir do verbo *descrever* é *descrição*. Quem tem *discrição* é uma pessoa *discreta*. Quarto: sentido de humor é *senso*, e não "censo". Quem faz *censo* é o IBGE. Quinto: depois de *humor* não é necessária a vírgula porque já temos aí a conjunção *e*. Sexto: quem viola as regras as *infringe*. Quem não sabe português *inflige* castigos à língua.

O correto é: A peça é uma farsa ; faz uma descrição dos costumes da época, e foi encenada com muito senso de humor e sem infringir as regras do teatro clássico.

13) Erros de pontuação e grafia. Primeiro: deve-se colocar uma vírgula depois de *Carioca* para isolar o aposto *do Palmeiras*. Segundo: o contrário de *bem* é *mal*. Terceiro: *pontapé*, e não *ponta-pé*.

O correto é: O jogador Carioca, do Palmeiras, só saberá amanhã se vai enfrentar o São Paulo porque ficou mal depois do pontapé que levou no treino passado.

14) Erros de regência. Primeiro: o verbo *responder*, no sentido de *dar resposta*, é transitivo indireto. Segundo: o verbo *desobedecer* também é transitivo indireto.

O correto é: Respondi corretamente a todas as perguntas, mesmo desobedecendo às regras gramaticais.

15) Erros no uso de coletivos. Primeiro: *horda* é o coletivo de povos selvagens nômades. Segundo: *quadrilha* é o coletivo de ladrões. Terceiro: *ninhada* é o coletivo de pintos.

O correto é: Vi uma manada de bois vindo em minha direção e gritei para que o esquadrão viesse salvar o rebanho que estava no meio do caminho.

GABARITO

Capítulo 2

1-b	2-c	3-b	4-c	5-c

Capítulo 3

1-a	2-d	3-e	4-a	5-a
6-d	7-c	8-b	9-b	

Capítulo 4

1-e	2-c	3-e	4-a	5-b
6-d	7-c	8-e	9-a	10-a
11-d	12-b	13-d	14-a	15-b
16-d	17-a	18-a	19-d	20-d
21-c	22-b	23-b	24-e	25-c

Capítulo 5

1-e	2-b	3-d	4-a	5-b
6-b	7-c	8-c	9-c	10-b
11-c	12-c	13-c	14-a	15-c
16-d	17-b	18-b	19-b	20-b
21-b	22-b	23-e	24-c	25-a
26-b	27-a			

Capítulo 6

1-e	2-a	3-c	4-d	5-a

Capítulo 7

1-b	2-a	3-e	4-c	5-d
6-b	7-c	8-c		

GRAMÁTICA COMPLETA DA LÍNGUA PORTUGUESA

Resumo de Português

Assunto:

GRAMÁTICA COMPLETA DA LÍNGUA PORTUGUESA

Autor:

CARLOS ALBERTO SUZAM BAPTISTA

I. ACENTUAÇÃO GRÁFICA

A Acentuação Gráfica tem como pré-requisito o conhecimento da pronúncia dos vocábulos em que fica claro a presença do acento tônico.

Desse modo, podemos aplicar, de início, uma regra geral que já facilita o emprego do acento gráfico.

REGRA GERAL: Acentuam-se graficamente aqueles vocábulos que sem acento poderiam ser lidos ou então interpretados de outra forma.

Exemplos: secretária/secretaria - ambrósia/ambrosia - sábia/sabia/sabiá

DICAS PARA UMA CONSULTA RÁPIDA

Se você tem alguma dúvida sobre a acentuação gráfica de uma palavra, siga as seguintes etapas:

1. Pronuncie a palavra bem devagar, procurando sentir onde se localiza o seu acento tônico, isto é, a sua sílaba mais forte.

2. Se a sílaba tônica estiver na última sílaba da palavra, esta será considerada uma palavra **OXÍTONA**; exemplos: caPUZ, uruBU, aMOR, etc.

3. Já se a sílaba tônica cair na penúltima sílaba, a palavra será **PAROXÍTONA**; exemplos: CAsa, cerTEza, GAlo, coRAgem, etc.

4. Por fim, estando a sílaba tônica na antepenúltima sílaba da palavra, esta se denominará **PROPAROXÍTONA**; exemplos: arquiPÉlago, reLÂMpago, CÔNcavo, etc.

5. Classificada a palavra quanto à posição de sua sílaba tônica, procure então nas regras abaixo se ela deverá receber um acento gráfico ou não, para a sua correta representação.

REGRAS BÁSICAS

➔ Devem ser acentuados os **MONOSSÍLABOS** (palavras de uma só sílaba) **TÔNICOS** terminados em **"a", "e", "o"**, seguidos ou não de **S**: pá, pé, nó, pás, pés, nós, etc.

Observação: Os monossílabos tônicos terminados em "z", assim como todas as outras palavras da língua portuguesa terminadas com essa mesma letra, não são acentuados: luz, giz, dez... (compare os seguintes parônimos: nós/noz, pás/paz, vês/vez).

Também os monossílabos tônicos, terminados em "i" e "u", não recebem acento gráfico: pai, vai, boi, mau, pau, etc.

OXÍTONAS

Acentuam-se as palavras oxítonas terminadas em **"a", "e", "o"**, seguidas ou não de **S**; e também com as terminações **"em"** e **"ens":** cajá, café, jiló, bebê, robô, armazém, alguém, reféns, etc.

Observações:

1. As formas verbais terminadas em **"a", "e" e "o",** seguidas dos pronomes **la(s)** ou **lo(s)** devem ser acentuadas. Exemplos: encontrá-lo, recebê-la, dispô-los, amá-lo-ia, vendê-la-ia, etc.

2. Não se acentuam as oxítonas terminadas em:

_ **az, ez, iz, oz** - capaz, tenaz, talvez, altivez, juiz, raiz, feroz...
_ **i(s)** - Anhembi, Parati, anis, barris, dividi-lo, adquiri-las...;
_ **u(s)** - caju, pitu, zebu, Caxambu, Bauru, Iguaçu, Bangu, compus...;
_ **or** - ator, diretor, detetor, condor, impor, compor, compositor...;
_ **im** - ruim, capim, assim, aipim, folhetim, boletim, espadachim...;

PAROXÍTONAS

Não são acentuadas as paroxítonas terminadas em **"a", "e", "o",** seguidas ou não de **S**; e também as finalizadas com **"em"** e **"ens":** cama, seda, flecha, rede, sede, pote, ovo, coco, bolo, garagem, ferrugem, idem, item, nuvens, imagens, viagens, etc.

São acentuadas as **paroxítonas** terminadas em:
_ **r / x / n / l** (**Dica**: Lembre-se das consoantes da palavra RouXiNoL)

Exemplos: mártir, fêmur, fácil, útil, elétron, tórax, córtex, etc.

Observação: Entretanto, palavras como PÓLEN, HÍFEN, quando no plural (POLENS, HIFENS), não recebem o acento gráfico, porque nesta forma elas são regidas pela regra anterior. A palavra HÍFEN possui ainda um outro plural que no caso é acentuado por ser proparoxítono: HÍFENES.

_ i / is
Exemplos: júri, cáqui (cor), lápis, miosótis, íris, tênis, cútis, etc.
Observação: Os prefixos paroxítonos, mesmo terminados em "i" ou "r", não são acentuados.
Exemplos: semi, anti, hiper, super, etc.

_ ã / ão (seguidas ou não de S)
Observação: O til não é considerado acento gráfico, e sim uma marca de nasalidade.
Exemplos: ímã (ímãs), órfã (órfãs), órfão (órfãos), bênção (bênçãos) etc.

_ ôo / ôos
Exemplos: vôo, enjôo, abençôo, perdôo, etc.

_ ps
Exemplos: bíceps, fórceps, etc.

_ us / um / uns
Exemplos: vírus, bônus, álbum, álbuns, etc.

_ ditongos orais, crescentes ou decrescentes, seguidos ou não de s.
Exemplos: água, mágoa, ódio, jóquei, férteis, fósseis, fôsseis, túneis, úteis, variáveis, área, série, sábio, etc.

PROPAROXÍTONAS

Todas as palavras proparoxítonas são acentuadas.

Exemplos: lâmpada, côncavo, lêvedo, pássaro, relâmpago, máscara, árabe, gótico, límpido, louvaríamos, devêssemos, pêndulo, fôlego, recôndito, cândido, etc.

REGRAS GENÉRICAS

Além dessas regras vistas acima, que se baseiam na posição da sílaba tônica e na terminação, existem outras que levam em conta aspectos específicos da sonoridade das palavras.

Assim, são acentuadas as palavras com as seguintes características:

A) Quando possuírem ditongos abertos em sílaba tônica como **"ei", "eu", "oi",** seguidos ou não de **S**.
Exemplos: anéis, geléia, céu, chapéu, herói, heróico, anzóis, etc.

Observações:
1. Atente-se que se esses ditongos abertos não estiverem na sílaba tônica da palavra, eles não serão acentuados. Exemplos: pasteiZInhos, chapeuZInho, anzoiZInhos, etc.

2. Se o ditongo apresentar timbre fechado, não haverá acento como em azeite, manteiga, judeu, hebreu, apoio, arroio, comboio, etc. Isso só vale para os ditongos **"ei", "eu"** e **"oi",** porque só com esses três ditongos pode haver a variação aberto/fechado. O ditongo **"au",** por exemplo, é sempre aberto (grau, nau, degrau, pau); por isso nunca será necessário diferenciá-lo de nada, ou seja, não será necessário acentuá-lo.

B) Quando a segunda vogal do hiato for **"i"** ou **"u"** tônicos, acompanhados ou não de **S**, haverá acento: saída, proíbo, faísca, caíste, saúva, viúva, balaústre, país, baú, Gravataí, Grajaú, juízes, raízes, etc.

Esta regra aplica-se também às formas verbais seguidas de **lo(s)** ou **la(s):** possuí-lo, distribuí-lo, substituí-lo, atraí-la, construí-los...

Observações:

1. Quando a vogal **"i"** ou a vogal **"u"** forem acompanhadas de outra letra que não seja **S**, não haverá acento: paul, Raul, cairmos, contribuinte...;

2. Se o **"i"** for seguido de **"nh",** não haverá acento como em: rainha, moinho, tainha, campainha, etc;

3. As formas verbais "possui", "sai", "cai", por exemplo, podem ou não aparecer acentuadas. Se forem a terceira pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos possuir, sair, cair, elas não levarão acento: Ele/Ela possui, sai, cai. Se, no entanto, forem a primeira pessoa do singular do pretérito perfeito, as formas serão acentuadas: Eu possuí, saí, caí.

C) Quando certas palavras possuírem as formas **"gue", "gui", "que", "qui",** onde o **"u"** é pronunciado (sem constituir, porém, um hiato) como no caso de "averigüemos, agüentar, lingüiça, seqüestro, eqüino, eqüilátero, freqüente, conseqüentemente, delinqüente, tranqüilo, tranqüilidade, qüinquagésimo, qüinqüenal, enxágüem, pingüim, argüição, ambigüidade", esse **U**, que é átono, receberá o trema. No entanto, quando o **U** for tônico, ele levará um acento agudo como em "averigúe, argúe, obliqúe", etc.

D) Existem ainda palavras com a possibilidade de dupla pronúncia, possuindo assim dupla possibilidade de acentuação, são elas: liquidificador/liqüidificador, líquido/líqüido, liquidação /liqüidação, sanguíneo/sangüíneo, sanguinário/sangüinário, equidistante/eqüidistante, antiguidade/antigüidade, antiquíssimo/antiqüíssimo, equidade/eqüidade, equivalente/eqüivalente.

ACENTO DIFERENCIAL

Apesar deste tipo de acento ter sido abolido pela lei 5.765, de 1971, existe ainda um único caso remanescente desse tipo de acento. Trata-se das formas do verbo **PODER**, onde no presente do indicativo não recebe acento gráfico: "Ele pode estudar sozinho"; mas no pretérito perfeito é acentuada: "Ela não pôde sair ontem à noite".

Há ainda algumas palavras que recebem acento diferencial de tonicidade, ou seja, são palavras que se escrevem com as mesmas letras (homografia), mas têm oposição tônica (tônica/átona).

Exemplos:

pôr (verbo)
por (preposição)

pára (forma do verbo parar, também presente em algumas palavras compostas: pára-brisa, pára-quedas, pára-raios, pára-lama)
para (preposição)

côas, côa (formas do presente do indicativo do verbo coar)
coas, côa (preposição com + artigo a e as, respectivamente; essas formas são comuns em poesia)

péla, pélas (formas do verbo pelar, ou substantivo=bola de brinquedo)
pela, pelas (contrações de preposição e artigo)

pêlo, pêlos (substantivo)
pélo (forma do verbo pelar)
pelo, pelos (contrações de preposição e artigo)

pêra, peras (substantivo=fruta)
péra, péras (substantivo, ant.=pedra)
pera, peras (preposição arcaica)
pêro, Pêro (substantivos=maçã doce e oblonga, e denominação dada pelos índios aos portugueses nos primeiros anos da colonização)
pero (conjunção arcaica=porém, mas, ainda que)

pôla (substantivo=ramo novo de árvore)
póla (substantivo=surra)
pola (contração arcaica de preposição e artigo)

pôlo (substantivo=falcão ou gavião)
pólo substantivo=extremidade do eixo da Terra)
polo (contração arcaica de preposição e artigo)

Já o acento grave assinala a contração da preposição "a" com o artigo "a" e com os pronomes demonstrativos "aquele, aquela, aquilo".

Exemplos:
Irei à Bahia amanhã.
Assistiremos àquele filme juntos.
Ela não deu importância àquilo que você falou.

VERBOS QUE POSSUEM COMPORTAMENTO PECULIAR QUANTO À ACENTUAÇÃO GRÁFICA

Os verbos **"crer, ler** e **ver",** na terceira pessoa do singular do presente do indicativo (e o verbo **dar** no presente do subjuntivo), são monossílabos tônicos acentuados, tendo na terceira pessoa do plural o **"e"** dobrado e recebem acento no primeiro **"e".**

Exemplos:
Ela crê em Deus fervorosamente / Elas crêem em Deus fervorosamente
Ana vê televisão o dia todo / Ana e suas amigas vêem televisão o dia todo
Carlos lê jornal diariamente / Carlos e seu pai lêem jornal diariamente
Todos esperam que Bruno dê o melhor de si no próximo jogo / Todos esperam que os jogadores dêem o melhor de si no próximo jogo

Observação: O aspecto do **"e"** dobrado e do primeiro **"e"** ser acentuado na terceira pessoa do plural dos verbos mencionados acima também ocorre em seus compostos como descrer, rever, reler, etc.

Exemplos:
Eles descrêem na vida em outros planetas.
À noite, muitas pessoas revêem suas ações durante o dia.
Os escritores relêem várias vezes seus livros antes de publicá-los.

Os verbos **"vir** e **ter",** na terceira pessoa do singular, não são acentuados; entretanto, na terceira do plural recebem o acento circunflexo.

Exemplos:
João vem de Brasília amanhã.
Os deputados vêm de Brasília amanhã.
Ela tem um bom coração.
Os jovens têm a vida em suas mãos.

Observação: Atente-se, no entanto, para os compostos desses verbos que recebem um acento agudo na terceira pessoa do singular, mas continuam com o acento circunflexo na terceira do plural.

Exemplos:
O Banco Central normalmente intervém em bancos com dificuldades financeiras.
Os EUA intervêm a todo momento em assuntos que só dizem respeito a outros países.
Xuxa entretém as crianças sempre com muito carinho.
Os palhaços entretêm a platéia que se diverte a valer.

II. PRINCIPAIS SUBSTANTIVOS E SUAS FORMAS COLETIVAS

abelha	- enxame, cortiço, colméia;
abutre	- bando;
acompanhante	- comitiva, cortejo, séqüito (ou séquito);
alho	- (quando entrelaçados) réstia, enfiada, cambada;
aluno	- classe;
amigo	- (quando em assembléia) tertúlia;
animal	- (em geral) piara, pandilha, (todos de uma região) fauna, (manada de cavalgaduras) récua, récova, (de carga) tropa, (de carga, menos de 10) lote, (de raça, para reprodução) plantel, (ferozes ou selvagens) alcatéia;
anjo	- chusma, coro, falange, legião, teoria;
apetrecho	- (quando de profissionais) ferramenta, instrumental;
aplaudidor	- (quando pagos) claque;
arcabuzeiro	- batalhão, manga, regimento;
argumento	- carrada, monte, montão, multidão;
arma	- (quando tomadas dos inimigos) troféu;
arroz	- batelada;
artista	- (quando trabalham juntos) companhia, elenco;
árvore	- (quando em linha) alameda, carreira, rua, souto, (quando constituem maciço) arvoredo, bosque, (quando altas, de troncos retos a aparentar parque artificial) malhada;
asneira	- acervo, chorrilho, enfiada, monte;
asno	- manada, récova, récua;
assassino	- choldra, choldraboldra;
assistente	- assistência;
astro	- (quando reunidos a outros do mesmo grupo) constelação;
ator	- elenco;
autógrafo	- (quando em lista especial de coleção) álbum;
ave	- (quando em grande quantidade) bando, nuvem;
avião	- esquadrão, esquadra, esquadrilha;
bala	- saraiva, saraivada;
bandoleiro	- caterva, corja, horda, malta, súcia, turba;
bêbado	- corja, súcia, farândola;
boi	- boiada, abesana, armento, cingel, jugada, jugo, junta, manada, rebanho, tropa;
bomba	- bateria;
borboleta	- boana, panapaná;
botão	- (de qualquer peça de vestuário) abotoadura, (quando em fileira) carreira;
brinquedo	- choldra;
burro	- (em geral) lote, manada, récua, tropa, (quando carregado) comboio;
busto	- (quando em coleção) galeria;

cabelo	- (em geral) chumaço, guedelha, madeixa, (conforme a separação) marrafa, trança;
cabo	- cordame, cordoalha, enxárcia;
cabra	- fato, malhada, rebanho;
cadeira	- (quando dispostas em linha) carreira, fileira, linha, renque;
cálice	- baixela;
cameleiro	- caravana;
camelo	- (quando em comboio) cáfila;
caminhão	- frota;
canção	- (quando reunidas em livro) cancioneiro, (quando populares de uma região) folclore;
canhão	- bateria;
cantilena	- salsada;
cão	- adua, cainçalha, canzoada, chusma, matilha;
capim	- feixe, braçada, paveia;
cardeal	- (em geral) sacro colégio, (quando reunidos para a eleição do papa) conclave, (quando reunidos sob a direção do papa) consistório;
carneiro	- chafardel, grei, malhada, oviário, rebanho;
carro	- (quando unidos para o mesmo destino) comboio, composição, (quando em desfile) corso;
carta	- (em geral) correspondência;
casa	- (quando unidas em forma de quadrados) quarteirão, quadra;
castanha	- (quando assadas em fogueira) magusto;
cavalariano	- (de cavalaria militar) piquete;
cavaleiro	- cavalgada, cavalhada, tropel;
cavalgadura	- cáfila, manada, piara, récova, récua, tropa, tropilha;
cavalo	- manada, tropa;
cebola	- (quando entrelaçadas pelas hastes) cambada, enfiada, réstia;
cédula	- bolada, bolaço;
chave	- (quando num cordel ou argola) molho, penca;
célula	- (quando diferenciadas igualmente) tecido;
cereal	- (em geral) fartadela, fartão, fartura, (quando em feixes) meda, moréia;
cigano	- bando, cabilda, pandilha;
cliente	- clientela, freguesia;
coisa	- (em geral) coisada, coisarada, ajuntamento, chusma, coleção, cópia, enfiada, (quando antigas e em coleção ordenada) museu, (quando em lista de anotação) rol, relação, (em quantidade que se pode abranger com os braços) braçada, (quando em série) seqüência, série, seqüela, coleção, (quando reunidas e sobrepostas) monte, montão, cúmulo;
coluna	- colunata, renque;
cônego	- cabido;
copo	- baixela;
corda	- (em geral) cordoalha, (quando no mesmo liame) maço, (de navio) enxárcia, cordame, massame, cordagem;
correia	- (em geral) correame, (de montaria) apeiragem;

credor	- junta, assembléia;
crença	- (quando populares) folclore;
crente	- grei, rebanho;
depredador	- horda;
deputado	- (quando oficialmente reunidos) câmara, assembléia;
desordeiro	- caterva, corja, malta, pandilha, súcia, troça, turba;
diabo	- legião;
dinheiro	- bolada, bolaço, disparate;
disco	- discoteca;
doze	- (coisas ou animais) dúzia;
ébrio	- Ver bêbado;
égua	- Ver cavalo;
elefante	- manada;
erro	- barda;
escravo	- (quando da mesma morada) senzala, (quando para o mesmo destino) comboio, (quando aglomerados) bando;
escrito	- (quando em homenagem a homem ilustre) poliantéia, (quando literários) analectos, antologia, coletânea, crestomatia, espicilégio, florilégio, seleta;
espectador	- (em geral) assistência, auditório, platéia, (quando contratados para aplaudir) claque;
espiga	- (quando atadas) amarrilho, arregaçada, atado, atilho, braçada, fascal, feixe, gavela, lio, molho, paveia;
estaca	- (quando fincadas em forma de cerca) paliçada;
estado	- (quando unidos em nação) federação, confederação, república;
estampa	- (quando selecionadas) iconoteca, (quando explicativas) atlas;
estátua	- (quando selecionadas) galeria;
estrela	- (quando cientificamente agrupadas) constelação, (quando em quantidade) acervo, (quando em grande quantidade) miríade;
estudante	- (quando da mesma escola) classe, turma, (quando em grupo cantam ou tocam) estudantina, (quando em excursão dão concertos) tuna, (quando vivem na mesma casa) república;
fazenda	- (quando comerciáveis) sortimento;
feiticeiro	- (quando em assembléia secreta) conciliábulo;
feno	- braçada, braçado;
filme	- filmoteca, cinemoteca;
fio	- (quando dobrado) meada, mecha, (quando metálicos e reunidos em feixe) cabo;
flecha	- (quando caem do ar, em porção) saraiva, saraivada;
flor	- (quando atadas) antologia, arregaçada, braçada, fascículo, feixe, festão, capela, grinalda, ramalhete, buquê, (quando no mesmo pedúnculo) cacho;
foguete	- (quando agrupados em roda ou num travessão) girândola;
força naval	- armada;
força terrestre	- exército;
formiga	- cordão, correição, formigueiro;

frade	- (quanto ao local em que moram) comunidade, convento;
frase	- (quando desconexas) apontoado;
freguês	- clientela, freguesia;
fruta	- (quando ligadas ao mesmo pedúnculo) cacho, (quanto à totalidade das colhidas num ano) colheita, safra;
fumo	- malhada;
gafanhoto	- nuvem, praga;
garoto	- cambada, bando, chusma;
gato	- cambada, gatarrada, gataria;
gente	- (em geral) chusma, grupo, multidão, (quando indivíduos reles) magote, patuléia, poviléu;
grão	- manípulo, manelo, manhuço, manojo, manolho, maunça, mão, punhado;
graveto	- (quando amarrados) feixe;
gravura	- (quando selecionadas) iconoteca;
habitante	- (em geral) povo, população, (quando de aldeia, de lugarejo) povoação;
herói	- falange;
hiena	- alcatéia;
hino	- hinário;
ilha	- arquipélago;
imigrante	- (quando em trânsito) leva, (quando radicados) colônia;
índio	- (quando formam bando) maloca, (quando em nação) tribo;
instrumento	- (quando em coleção ou série) jogo, (quando cirúrgicos) aparelho, (quando de artes e ofícios) ferramenta, (quando de trabalho grosseiro, modesto) tralha;
inseto	- (quando nocivos) praga, (quando em grande quantidade) miríade, nuvem, (quando se deslocam em sucessão) correição;
javali	- alcatéia, malhada, vara;
jornal	- hemeroteca;
jumento	- récova, récua;
jurado	- júri, conselho de sentença, corpo de jurados;
ladrão	- bando, cáfila, malta, quadrilha, tropa, pandilha;
lâmpada	- (quando em fileira) carreira, (quando dispostas numa espécie de lustre) lampadário;
leão	- alcatéia;
lei	- (quando reunidas cientificamente) código, consolidação, corpo, (quando colhidas aqui e ali) compilação;
leitão	- (quando nascidos de um só parto) leitegada;
livro	- (quando amontoados) chusma, pilha, ruma, (quando heterogêneos) choldraboldra, salgalhada, (quando reunidos para consulta) biblioteca, (quando reunidos para venda) livraria, (quando em lista metódica) catálogo;
lobo	- alcatéia, caterva;
macaco	- bando, capela;
malfeitor	- (em geral) bando, canalha, choldra, corja, hoste, joldra, malta, matilha, matula, pandilha, (quando organizados) quadrilha, seqüela, súcia, tropa;

maltrapilho	- farândola, grupo;
mantimento	- (em geral) sortimento, provisão, (quando em saco, em alforge) matula, farnel, (quando em cômodo especial) despensa;
mapa	- (quando ordenados num volume) atlas, (quando selecionados) mapoteca;
máquina	- maquinaria, maquinismo;
marinheiro	- marujada, marinhagem, companha, equipagem, tripulação;
médico	- (quando em conferência sobre o estado de um enfermo) junta;
menino	- (em geral) grupo, bando, (depreciativamente) chusma, cambada;
mentira	- (quando em seqüência) enfiada;
mercadoria	- sortimento, provisão;
mercenário	- mesnada;
metal	- (quando entra na construção de uma obra ou artefato) ferragem;
ministro	- (quando de um mesmo governo) ministério, (quando reunidos oficialmente) conselho;
montanha	- cordilheira, serra, serrania;
mosca	- moscaria, mosquedo;
móvel	- mobília, aparelho, trem;
música	- (quanto a quem a conhece) repertório;
músico	- (quando com instrumento) banda, charanga, filarmônica, orquestra;
nação	- (quando unidas para o mesmo fim) aliança, coligação, confederação, federação, liga, união;
navio	- (em geral) frota, (quando de guerra) frota, flotilha, esquadra, armada, marinha, (quando reunidos para o mesmo destino) comboio;
nome	- lista, rol;
nota	- (na acepção de dinheiro) bolada, bolaço, maço, pacote, (na acepção de produção literária, científica) comentário;
objeto	- Ver coisa;
onda	- (quando grandes e encapeladas) marouço;
órgão	- (quando concorrem para uma mesma função) aparelho, sistema;
orquídea	- (quando em viveiro) orquidário;
osso	- (em geral) ossada, ossaria, ossama, (quando de um cadáver) esqueleto;
ouvinte	- auditório;
ovelha	- (em geral) rebanho, grei, chafardel, malhada, oviário;
ovo	- (os postos por uma ave durante certo tempo) postura, (quando no ninho) ninhada;
padre	- clero, clerezia;
palavra	- (em geral) vocabulário, (quando em ordem alfabética e seguida de significação) dicionário, léxico, (quando proferidas sem nexo) palavrório;
pancada	- pancadaria;
pantera	- alcatéia;

papel	- (quando no mesmo liame) bloco, maço, (em sentido lato, de folhas ligadas e em sentido estrito, de 5 folhas) caderno, (5 cadernos) mão, (20 mãos) resma, (10 resmas) bala;
parente	- (em geral) família, parentela, parentalha, (em reunião) tertúlia;
partidário	- facção, partido, torcida;
partido político	- (quando unidos para um mesmo fim) coligação, aliança, coalizão, liga;
pássaro	- passaredo, passarada;
passarinho	- nuvem, bando;
pau	- (quando amarrados) feixe, (quando amontoados) pilha, (quando fincados ou unidos em cerca) bastida, paliçada;
peça	- (quando devem aparecer juntas na mesa) baixela, serviço, (quando artigos comerciáveis, em volume para transporte) fardo, (em grande quantidade) magote, (quando pertencentes à artilharia) bateria, (de roupas, quando enroladas) trouxa, (quando pequenas e cosidas umas às outras para não se extraviarem na lavagem) apontoado, (quando literárias) antologia, florilégio, seleta, silva, crestomatia, coletânea, miscelânea;
peixe	- (em geral e quando na água) cardume, (quando miúdos) boana, (quando em viveiro) aquário, (quando em fileira) cambada, espicha, enfiada, (quando à tona) banco, manta;
pena	- (quando de ave) plumagem;
pessoa	- (em geral) aglomeração, banda, bando, chusma, colméia, gente, legião, leva, maré, massa, mó, mole, multidão, pessoal, roda, rolo, troço, tropel, turba, turma, (quando reles) corja, caterva, choldra, farândola, récua, súcia, (quando em serviço, em navio ou avião) tripulação, (quando em acompanhamento solene) comitiva, cortejo, préstito, procissão, séquito, teoria, (quando ilustres) plêiade, pugilo, punhado, (quando em promiscuidade) cortiço, (quando em passeio) caravana, (quando em assembléia popular) comício, (quando reunidas para tratar de um assunto) comissão, conselho, congresso, conclave, convênio, corporação, seminário, (quando sujeitas ao mesmo estatuto) agremiação, associação, centro, clube, grêmio, liga, sindicato, sociedade;
pilha	- (quando elétricas) bateria;
planta	- (quando frutíferas) pomar, (quando hortaliças, legumes) horta, (quando novas, para replanta) viveiro, alfobre, tabuleiro, (quando de uma região) flora, (quando secas, para classificação) herbário;
ponto	- (de costura) apontoado;
porco	- (em geral) manada, persigal, piara, vara, (quando do pasto) vezeira;
povo	- (nação) aliança, coligação, confederação, liga;
prato	- baixela, serviço, prataria;
prelado	- (quando em reunião oficial) sínodo;
prisioneiro	- (quando em conjunto) leva, (quando a caminho para o mesmo destino) comboio;

professor	- corpo docente, professorado, congregação;
quadro	- (quando em exposição) pinacoteca, galeria;
querubim	- coro, falange, legião;
recruta	- leva, magote;
religioso	- clero regular;
roupa	- (quando de cama, mesa e uso pessoal) enxoval, (quando envoltas para lavagem) trouxa;
salteador	- caterva, corja, horda, quadrilha;
selo	- coleção;
serra	- (acidente geográfico) cordilheira;
soldado	- tropa, legião;
trabalhador	- (quando reunidos para um trabalho braçal) rancho, (quando em trânsito) leva;
tripulante	- equipagem, guarnição, tripulação;
utensílio	- (quando de cozinha) bateria, trem, (quando de mesa) aparelho, baixela;
vadio	- cambada, caterva, corja, mamparra, matula, súcia;
vara	- (quando amarradas) feixe, ruma;
velhaco	- súcia, velhacada.

OBSERVAÇÃO: Na maioria dos casos, a forma coletiva se constrói mediante a adaptação do sufixo conveniente: arvoredo (de árvores), cabeleira (de cabelos), freguesia (de fregueses), palavratório (de palavras), professorado (de professores), tapeçaria (de tapetes), etc.

III. COLOCAÇÃO PRONOMINAL

1. EMPREGO DE "EU e TU" / "TI e MIM"
2. COLOCAÇÃO DOS PRONOMES OBLÍQUOS ÁTONOS (ÊNCLISE, PRÓCLISE, MESÓCLISE)
3. EMPREGO DO PRONOME ÁTONO EM LOCUÇÕES VERBAIS PERFEITAS E EM TEMPOS COMPOSTOS
4. TEMPOS COMPOSTOS
5. EMPREGO DOS PRONOMES ESTE/ESSE/AQUELE

1. EMPREGO DE "EU e TU" / "TI e MIM".

Os pronomes **"eu"** e **"tu"** só podem figurar como sujeito de uma oração. Assim, não podem vir precedidos de preposição funcionando como complemento. Para exercer esta função, deve-se empregar as formas **"mim"** e **"ti".**

Exemplos:

Nunca houve brigas entre eu e ela.	(errado)
Nunca houve brigas entre mim e ela.	(certo)
Todas as dívidas entre eu e tu foram sanadas.	(errado)
Todas as dívidas entre mim e ti foram sanadas.	(certo)
Sem você e eu, aquela obra não acaba.	(errado)
Sem você e mim, aquela obra não acaba.	(certo)
A festa não será a mesma sem tu e elas.	(errado)
A festa não será a mesma sem ti e elas.	(certo)
Perante eu e vós, aquelas criaturas são bem mais infelizes.	(errado)
Perante mim e vós, aquelas criaturas são bem mais infelizes.	(certo)
Levantaram calúnias contra os alunos e eu.	(errado)
Levantaram calúnias contra os alunos e mim.	(certo)

Observação: Os pronomes "eu" e "tu", no entanto, podem aparecer como sujeito de um verbo no infinitivo, embora precedidos de preposição.

Exemplos:
Não vais sem eu mandar.
Pedi para tu comprares o carro.
Esta regra é para eu não esquecer.

2. COLOCAÇÃO DOS PRONOMES OBLÍQUOS ÁTONOS.

REGRAS PRÁTICAS PARA A COLOCAÇÃO DOS PRONOMES ÁTONOS:
Os pronomes átonos são geralmente empregados depois do verbo **(ÊNCLISE),** muitas vezes antes**(PRÓCLISE)** e, mais raramente, no meio **(MESÓCLISE).**

.ÊNCLISE

As formas verbais do infinitivo impessoal (precedido ou não da preposição **"a"**), do gerúndio e do imperativo afirmativo pedem a ênclise pronominal.

Exemplos:
Urge obedecer-se às leis.
Obrigou-me a dizer-lhe tudo.
Bete pediu licença, afastando-se do grupo.
Aqueles livros raros? Compra-os imediatamente!

Observação: Se o gerúndio vier precedido da preposição **"em",** deve-se empregar a próclise.
Exemplo: "Nesta terra, em se plantando, tudo dá."

Não se inicia um período pelo pronome átono nem a oração principal precedida de pausa, assim como as orações coordenadas assindéticas, isto é, sem conjunções.
Exemplos:

Me contaram sua aventura em Salvador.	(errado)
Contaram-me sua aventura em Salvador.	(certo)
Permanecendo aqui, se corre o risco de ser assaltado.	(errado)
Permanecendo aqui, corre-se o risco de ser assaltado.	(certo)
Segui-o pela rua, o chamei, lhe pedi que parasse.	(errado)
Segui-o pela rua, chamei-o, pedi-lhe que parasse.	(certo)

Observação: A ênclise não pode ser empregada com verbos no futuro e no particípio passado.

.PRÓCLISE

Deve-se colocar o pronome átono antes do verbo, quando antes dele houver uma palavra pertencente a um dos seguintes grupos:

A) palavras ou expressões negativas;
Exemplos:
Não me deixe sozinho esta noite!
Nunca se recuse ajudar a quem precise.
Nem nos conte porque voce fez isso.
Nenhum deles me prestou a informação correta.
Ninguém lhe deve nada.
De modo algum (Em hipótese alguma) nos esqueceremos disso.

B) pronomes relativos;
Exemplos:
O livro que me emprestaste é muito bom.
Este é o senhor de quem lhe contei a vida.
Esta é a casa da qual vos falei.
O ministro, cujo filho lhe causou tantos problemas, está aqui.
Aquela rua, onde me assaltaram, foi melhor iluminada.
Pagarei hoje tudo quanto lhe devo.

C) pronomes indefinidos;
Exemplos:
Alguém me disse que você vai viajar.
Quem lhe disse essas bobagens?
Dos vários candidatos entrevistados, alguns (diversos) nos pareceram bastante inteligentes.
Entre os dez pares de sapato, qualquer um me serve para ir a festa no sábado.
Quem quer que me traga uma flor, conquistará meu coração.

D) conjunções subordinativas;
Exemplos:
Deixarei você sair, quando me disser a verdade.
Posso ajudar-te na obra, se me levares contigo.
Faça todo esse trabalho, como lhe ensinei.
Entramos no palácio, porque nos deram permissão.
Fiquem em nossa casa, enquanto vos pareça agradável.
Continuo a gostar de ti, embora me magoasse muito.
Confiei neles, logo que os conheci.

E) advérbios;
Exemplos:
Talvez nos seja fácil fazer esta tarefa.
Ontem os vi no cinema.
Aqui me agrada estar todos os dias.
Agora vos contarei um conto de fadas.
Pouco a pouco te revelarei o mistério.
De vez em quando me pego falando sozinho.
De súbito nos assustamos com os tiros.

Observação: O pronome átono pode ser colocado antes ou depois do infinitivo impessoal, se antecedendo o infinitivo vier uma das palavras ou expressões mencionadas acima.
Exemplos:
"Tudo faço para não a perturbar naqueles dias difíceis";
ou
"Tudo faço para não perturbá-la..."

.MESÓCLISE.
Emprega-se o pronome átono no meio da forma verbal, quando esta estiver no futuro simples do presente ou no futuro simples do pretérito do indicativo.

Exemplos:
Chamar-te-ei, quando ele chegar.
Se houver tempo, contar-vos-emos nossa aventura.
Dar-te-ia essas informações, se soubesse.

Observação: Se antes dessas formas verbais houver uma palavra ou expressão que provocam a próclise, não se empregará, conseqüentemente, o pronome átono na posição mesoclítica.

Exemplos:
Nada lhe direi sobre este assunto.
Livrar-te-ei dessas tarefas, porque te daria muito trabalho.

3. EMPREGO DO PRONOME ÁTONO EM LOCUÇÕES VERBAIS PERFEITAS E EM TEMPOS COMPOSTOS.

São locuções verbais perfeitas aquelas formadas de um verbo auxiliar modal **(QUERER, DEVER, SABER, PODER, ou TER DE, HAVER DE)**, seguido de um verbo principal no infinitivo impessoal. Neste caso, o pronome átono pode ser colocado antes ou depois do primeiro verbo, ou ainda depois do infinitivo.

Exemplos:
Nós lhe devemos dizer a verdade.
Nós devemos lhe dizer a verdade.
Nós devemos dizer-lhe a verdade.

Observação: No entanto, se no caso acima mencionado as locuções verbais vierem precedidas de palavra ou expressão que exija a próclise, só duas posições serão possíveis para empregar-se o pronome átono: antes do auxiliar ou depois do infinitivo.

Exemplos:
Não lhe devemos dizer a verdade.
Não devemos dizer-lhe a verdade.

4. TEMPOS COMPOSTOS.

Nos tempos compostos, formados de um verbo auxiliar **(TER ou HAVER)** mais um verbo principal no particípio, o pronome átono se liga ao verbo auxiliar, nunca ao particípio.

Exemplos:
Tinha-me envolvido sem querer com aquela garota.
Nós nos havíamos assustado com o trovão.
O advogado não lhe tinha dito a verdade.

Observação: Quando houver qualquer fator de próclise, esta será a única posição possível do pronome átono na frase, ou seja, antes do verbo auxiliar.

5. EMPREGO DOS PRONOMES ESTE/ESSE/AQUELE.

Os pronomes **"este, esta, isto"** devem ser empregados referindo-se ao âmbito da pessoa que fala (1ª pessoa do singular e do plural - eu e nós), e quando se quer indicar o que se vai dizer logo em seguida (referência ao "tempo presente). Relacionam-se com o advérbio "aqui" e com os pronomes possessivos "meu, minha, nosso, nossa".

Exemplos:
Este meu carro só me dá problemas.
Esta casa é nossa há dez anos.
Isto aqui são as minhas encomendas.
Ainda me soam aos ouvidos estas palavras do Divino Mestre: "Amai ao próximo como a vós mesmos."
Espero que por estas linhas... (no começo de uma carta, por exemplo)
Neste momento, está chovendo no Rio de Janeiro. (= agora)
Ele deve entregar a proposta nesta semana. (= na semana em que estamos)
Não haverá futebol neste domingo. (= hoje)
O pagamento deverá ser feito neste mês. (= mês em que estamos)

Empregam-se os pronomes **"esse, essa, isso",** com relação ao âmbito da pessoa com quem se fala (2ª do singular e do plural - tu e vós; e também com "você, vocês"); e quando se quer indicar o que se acabou imediatamente de dizer (referência ao "tempo passado").

Relacionam-se com o advérbio "aí" e com os pronomes possessivos "teu, tua, vosso, vossa, seu, sua (igual a "de você").

Exemplos:
Essa sua blusa não lhe fica bem.
Quem jogou esse lixo aí na tua calçada?
Isso aí que você está fazendo tem futuro?
Esses vossos planos não darão certo.
Esses exemplos devem ser bem fixados.
Despeço-me, desejando que essas palavras... (no final de uma carta)
Tudo ia bem com Rubinho até a 57ª volta; nesse momento, acabou o combustível.
Ele pouco se dedicava ao trabalho, por isso foi dispensado.

Os pronomes **"aquele, aquela, aquilo"** devem ser empregados com referência ao que está no âmbito da pessoa ou da coisa de quem ou de que se fala (3ª pessoa do singular e do plural - ele, ela, eles, elas). Relacionam-se com o advérbio "lá" e com os possessivos "seu, sua (igual a "dele, dela").

Exemplos:
Aquele carro, lá no estacionamento, é do professor Paulo.
Aquela garota bonita é da sua turma?
Eu disse ao diretor aquilo que me mandaste dizer.

Observação: Numa enumeração, empregamos os pronomes **"este, esta, isto"** para nos referir ao elemento mais próximo, e "aquele, aquela, aquilo" para os anteriores.
Exemplo: Em 96, adquiri duas coisas muito importantes para mim: uma casa e um computador. Este no início do ano e aquela no fim.

DICAS.

COM A GENTE / CONOSCO / COM NÓS
A expressão **"com a gente"** é típica da linguagem coloquial brasileira. Só pode ser usada em textos informais.

Exemplos:
A outra turma vai se reunir com a gente às 10h.
A sua irmã vai com a gente ao clube hoje.

Em textos formais, que exijam uma linguagem mais cuidada, devemos usar a forma **"conosco".**

Exemplos:
Os pais dos alunos querem uma reunião conosco.
Os diretores irão conosco ver o prefeito.

Devemos usar **"com nós"** antes de algumas palavras: Antes de **"todos, mesmos, dois"**

Exemplos:
O presidente deixou a decisão com nós todos.
O presidente deixou a decisão com nós mesmos.
O presidente deixou a decisão com nós dois.

O PRONOME VOCÊ

O pronome **você(s),** a rigor, é usado como 3ª pessoa do singular/plural, conforme atestam as 3ªs. pessoas do modo imperativo. Na prática, ele funciona como 2ª pessoa, uma vez que é usado para se referir à pessoa com quem se fala e não à pessoa de quem se fala.

A explicação está na origem do pronome. **Você** se deriva da expressão "Vossa Mercê", que se transformou com o tempo até chegar ao atual você. Isso significa que, pela sua origem, **você** é um pronome de tratamento. O problema é que todos os pronomes de tratamento (=Vossa Senhoria, Vossa Excelência, Vossa Majestade, Vossa Santidade...) são de 3ª pessoa. Assim sendo, o pronome **você** é de 3ª pessoa, mas é usado em substituição ao **tu** (2ª pessoa = com quem se fala).

IV. CONCORDÂNCIA NOMINAL

REGRA GERAL: O **adjetivo**, o **artigo**, o **numeral** e o **pronome adjetivo** concordam com o **substantivo** em GÊNERO (masculino ou feminino) e NÚMERO (singular ou plural).

Exemplos:
O aluno atencioso / A aluna atenciosa
Uns alunos estudiosos / Umas alunas estudiosas
Este clip está enferrujado / Estes clips estão enferrujados
Eles saíram juntos / Elas saíram juntas

Atenção, porém, para a concordância com as palavras **"anexo", "quite"** e com a locução prepositiva **"junto de".**

Exemplos:
O documento segue anexo / Os documentos seguem anexos
(São possíveis também as construções:
O documento segue em anexo / Os documentos seguem em anexo)
O rapaz está quite com o serviço militar
Os rapazes estão quites com o serviço militar
Eles ficaram junto da mãe / Elas ficaram junto da mãe

REGRAS ESPECÍFICAS:

➔ Quando o adjetivo vem depois de dois ou mais substantivos no singular e do mesmo gênero, pode ir para o singular (concordância atrativa) ou plural (concordância lógica ou gramatical). No entanto, quando o adjetivo se referir claramente ao último substantivo, a concordância com este será obrigatória.

Exemplos:
A consciência e a dignidade humana(humanas) valem muito.
Ela tem marido e filho dedicado(dedicados).
O casaco e o chapéu redondo eram dele.
Ela ganhou um livro e um disco orquestrado.

➔ Quando o adjetivo vem depois de dois ou mais substantivos no singular e de gêneros diferentes, vai para o plural masculino ou concorda com o substantivo mais próximo.

Exemplos:
Ela tem testa, nariz e boca deformados (deformada)
Enviamos jornais e revistas ilustrados (ilustradas)
Ele vestia camisa e paletó escuros (escuro)

Observação: A concordância do adjetivo com o último substantivo será obrigatória quando:

1. o sentido assim o exigir;
Exemplos:
Traga-me um livro e uma fruta fresca.
No Shopping, comprei roupas e um rádio elétrico.

2. os substantivos forem sinônimos;
Exemplos:
Falta mais coragem ao povo e à gente brasileira.
Ele passou por dor e sofrimento demasiado.

3. os substantivos estiverem no plural;
Exemplo:
Eles estão sempre com os corações e as casas abertas.

➔ Quando o adjetivo estiver antecedendo substantivos do mesmo gênero e número ou não, ele concordará necessariamente com o substantivo mais próximo. Caso, porém, o adjetivo venha após os substantivos, irá para o plural do mesmo gênero deles.

Exemplos:
Sua mãe e filhas podem ficar aqui.
Você escolheu má hora e lugar para dizer isto.
(Você escolheu mau lugar e hora...)
Fiquei encantado com as serras e a gente mineiras.

Observação: Quando os substantivos expressarem nomes próprios ou grau de parentesco, o adjetivo irá obrigatoriamente para o plural.
Exemplos:
Haverá uma homenagem aos ilustres Drumond e Bandeira.
Encontrei ontem seus simpáticos sogro e sogra.

➔ No caso de mais de um adjetivo qualificar ou determinar o mesmo substantivo, podem ser dadas à frase várias formas.

Exemplos:
O primeiro e o segundo turno foram anulados.
Primeiro e segundo turnos foram anulados.
O primeiro turno e o segundo foram anulados.
Convidamos os alunos da primeira e da segunda série.
Convidamos os alunos da primeira e segunda séries.
Gosto das Literaturas brasileira e portuguesa.
Gosto da Literatura brasileira e da portuguesa.
Gosto da Literatura brasileira e portuguesa.

(Estilisticamente, as duas primeiras construções são preferíveis, pois a terceira pode trazer um pouco de incerteza: gosta-se de duas Literaturas distintas ou de uma Literatura luso-brasileira?)

➔ O adjetivo irá para o plural quando o substantivo, mesmo no singular, vier precedido das expressões "um e outro", ou "nem um nem outro".

Exemplos:
Não posso fazer um e outro trabalho cansativos.
Nem um nem outro aluno doentes fizeram a prova.

➔ Caso o adjetivo venha antecedido das expressões "alguma coisa" ou "qualquer coisa", mais a preposição "de", vai para o masculino. Caso contrário, vai para o feminino.

Exemplos:
Alguma coisa de aterrador aconteceu ontem.
Alguma coisa aterradora aconteceu ontem.
Há qualquer coisa de errado com esse computador.
Há qualquer coisa errada com esse computador.

CONCORDÂNCIA DO PREDICATIVO E DO PARTICÍPIO COM O SUJEITO

REGRA GERAL: O predicativo concorda com o sujeito em gênero e número.

Exemplos:
Pedro É GENEROSO / as irmãs SÃO GENEROSAS

REGRAS ESPECÍFICAS:

➔ Quando o sujeito vier sem nenhum determinante, adquirirá um sentido amplo, vago, equivalente a **"isso", "isto", "aquilo";** e o adjetivo do predicativo assumirá aparentemente uma forma masculina, mas, na verdade, será neutra.

Exemplos:
Cachaça não é bom para a saúde. (sem determinante)
Esta cachaça não é boa. (com determinante = Esta)

É necessário paciência de todos.
É necessária a paciência de todos.

É proibido entrada de pessoas sem autorização.
É proibida a entrada de pessoas sem autorização.

- És professora?
- Sim, sou-o.
(sem determinante, sentido mais genérico; o = pronome neutro)
- És a professora daquele menino?
- Sim, sou-a.
(com determinante, sentido específico; a = pronome pessoal)

➔ Quando o adjetivo que antecede os substantivos for um predicativo do objeto, ele deverá preferivelmente ficar no plural. Quando, porém, o predicativo do sujeito composto estiver anteposto a este, poderá concordar também com o núcleo mais próximo (o que acontece igualmente com o verbo da oração).

Exemplos:
Considero inteligentes o rapaz e a moça.
Julgamos insensatos a sua idéia e o seu gesto.
São vergonhosos a fome e o analfabetismo no Brasil.
É vergonhosa a fome e o analfabetismo no Brasil.

➔ O particípio sempre concordará com o sujeito em gênero e número quando empregado nas orações reduzidas.

Exemplos:
Realizado o trabalho, todos saíram.
Realizados os trabalhos, todos saíram.
Realizada a tarefa, todos saíram.
Realizadas as tarefas, todos saíram.
Cumprida a exigência, ela pode fazer a prova.
Cumpridas as exigências, ela pode fazer a prova.

➔ Apesar de os pronomes de tratamento estarem todos no feminino, poderão, no entanto, se referir a pessoas de ambos os sexos, permitindo que o adjetivo do predicativo faça uma concordância ideológica (**silepse**) com o sexo da pessoa a quem nos dirigimos.

Exemplos:
Vossa Alteza é muito bondoso (dirigindo-se a um príncipe)
Vossa Alteza é muito bondosa (dirigindo-se a uma princesa)

Outros casos de **silepse:**

➔ Quando tratamos nosso interlocutor com certa cerimônia, empregando a segunda pessoa do plural em vez da segunda do singular;

Exemplo:
Sois injusto comigo.

➔ Quando queremos nos referir a nós mesmos, empregando, porém, a segunda pessoa do plural (plural de modéstia);

Exemplos:
Seremos breve em nossa exposição.
Esperamos que esta nossa página o ajude em suas dúvidas sobre Língua Portuguesa.

PLURAL DOS SUBSTANTIVOS E ADJETIVOS COMPOSTOS

➔ Como uma primeira dica, **MEMORIZE:** se os termos que compõem um substantivo composto forem, isoladamente, substantivos, adjetivos ou numerais, todos eles vão para o plural.

Exemplos:
couve-flor / couves-flores
guarda-noturno / guardas-noturnos
amor-perfeito / amores-perfeitos
primeiro-ministro / primeiros-ministros
obra-prima / obras-primas

➔ No entanto, se os substantivos compostos tiverem como elementos de sua composição um verbo, um advérbio ou uma preposição, esses termos deverão ficar no singular.

Exemplos:
guarda-chuva / guarda-chuvas
guarda-roupa / guarda-roupas
sempre-viva / sempre-vivas
contra-ataque / contra-ataques

➔ No caso do substantivo composto possuir duas palavras repetidas, somente a segunda irá para o plural. Entretanto, se forem dois verbos idênticos, os dois também poderão ser pluralizados.

Exemplos:
tico-tico / tico-ticos
corre-corre / corre-corres (corres-corres)
pisca-pisca / pisca-piscas (piscas-piscas)
quebra-quebra / quebra-quebras (quebras-quebras)

Observação: Não se pluraliza o substantivo composto formado por dois verbos de sentidos opostos. Exemplo: Marli e Dora são duas leva-e-traz.

➔ Já quando os dois elementos do substantivo composto forem ligados por uma preposição, somente o primeiro irá para o plural.

Exemplos:
pé-de-moleque / pés-de-moleque
mula-sem-cabeça / mulas-sem-cabeça

➔ Os substantivos compostos onomatopaicos, ou seja, aqueles formados por termos que em sua pronúncia lembram o som da coisa significada, têm apenas seu segundo elemento pluralizado.

Exemplos:
tique-taque / tique-taques
reco-reco / reco-recos
bem-te-vi / bem-te-vis

CASOS ESPECIAIS

➔ As formas compostas "arco-íris" e "louva-a-deus" não possuem plural. Assim, por serem formas invariáveis, têm apenas os seus determinantes pluralizados.

Exemplos:
O arco-íris / Os arco-íris
Aquele louva-a-Deus / Aqueles louva-a-Deus

➔ O substantivo composto "joão-ninguém" faz o plural "joões-ninguém".

➔ Os adjetivos compostos, normalmente, têm (como na flexão de gênero masculino/feminino) apenas o seu segundo elemento alterado, o qual concordará com o substantivo que está modificando.

Exemplos:
política econômico-financeira
políticas econômico-financeiras

país social-democrata
países social-democratas
aliança luso-brasileira
alianças luso-brasileiras

➔ Existe um caso em que o adjetivo composto é invariável.Trata-se de alguns nomes de cores, nos quais o segundo elemento é um substantivo.

Exemplos:
camisas amarelo-limão
vestidos azul-piscina
saias verde-garrafa

➔ Apesar de não se incluírem na regra acima, as cores "azul-marinho", "azul-celeste", "cor-de-rosa", "cor-de-carne" e as palavras adjetivadas "ultravioleta", "infravermelho", "turquesa" e "pastel" também se apresentam invariáveis.

Exemplos:
meias azul-marinho
olhos azul-celeste
blusas cor-de-rosa
biquínis cor-de-carne
raios ultravioleta
raios infravermelho
maiôs turquesa
tons pastel

➔ Os advérbios apresentam-se sempre invariáveis.

Exemplos:
O mundo precisa de MENOS preconceito e de MENOS corrupção.
Todos ficaram ALERTA.

CURIOSIDADE
A concordância na frase "não existe ninguém mais calma do que eu", quando falada por uma mulher, estaria certa? Depende. A tendência seria dizer "não existe ninguém mais calmo do que eu", mesmo vindo a frase de uma mulher, já que a palavra "ninguém" teoricamente é neutra e, em conseqüência, pede o adjetivo "calmo" no masculino. No entanto, podemos dizer também que está acontecendo aqui um fenômeno lingüístico chamado **silepse**, ou seja, uma concordância ideológica. Neste sentido, a concordância se faria com a idéia do universo feminino ao qual a mulher, que pronunciou a frase, pertence.

V. CONCORDÂNCIA VERBAL

REGRA GERAL:
O **verbo** concorda com o **sujeito** em NÚMERO (singular e plural) e PESSOA (1ª, 2ª, 3ª).

Exemplos:
Eu amo
Tu amas
Ele ama
Nós amamos
Vós amais
Eles amam
O menino é estudioso.
As meninas são estudiosas.

CASOS PARTICULARES:

➔ **SUJEITO COLETIVO** - é singular na forma, mas expressa idéia de pluralidade.

Exemplos:
povo, exército, grupo, turma, multidão, etc.

Assim:

1. O verbo ficará no singular se estiver junto do sujeito coletivo.
Exemplos:
O povo aplaudiu o prefeito com entusiasmo.
O exército argentino foi derrotado na guerra das Malvinas.
A turma estava agitada no dia da prova.

2. Se o verbo estiver distante do sujeito coletivo, ou se este vier seguido de palavra que mencione os elementos nele contidos, poderá o verbo ir para o singular ou para o plural, conforme se queira destacar mais a idéia de todo ou a presença dos elementos que compõem o sujeito coletivo.
Exemplos:
O Conselho Universitário se reuniu e decidiu (ou decidiram) recomeçar os trabalhos.
O grupo de pivetes fugiu correndo, mais adiante, porém, foi preso (ou foram presos).
Um bando de pardais pousou (ou pousaram) naquela árvore ali.
Nesses dias modernos, uma imensidade de problemas nos aflige (ou nos afligem).
Uma turma de meninas cantava (ou cantavam) alegremente no clube.
Um milhão de jovens participou (ou participaram) da passeata.

➔ É possível também que o sujeito seja formado por expressões de natureza partitiva como **"grande parte de", "o resto de", "a maioria de", "uma porção de", "metade de", "a maior parte de",** etc., seguidas de um substantivo ou pronome no plural. Neste caso, igualmente poderá haver dois tipos de concordância.

Exemplos:
Grande parte das pessoas chegou (chegaram) cedo à festa.
A maioria delas estava (estavam) bem vestida(s).
Metade dos candidatos não apresentou (apresentaram) nenhuma proposta interessante.

➔ Quando o sujeito é formado por uma expressão que denota quantidade aproximada como **"mais de...", "menos de...", "cerca de...", "perto de...",** seguida de um número no plural, o verbo deve ficar no plural. Porém, se estas expressões vierem seguidas do numeral **"um",** o verbo obrigatoriamente vai para o singular.

Exemplos:
Mais de um jornal estrangeiro fez alusão ao Brasil.
Mais de dois jornais foram fechados em um ano.
Cerca de vinte pessoas estiveram no jantar.
Perto de dez carros envolveram-se no acidente.

Observação: Deve-se empregar o verbo sempre no plural quando este expressar idéia de reciprocidade ou quando a expressão "mais de um" vier repetida na frase.

Exemplos:
Mais de um sócio se insultaram.
Mais de um político agrediram-se no plenário.
Mais de um aluno, mais de um professor emocionaram-se com o discurso do diretor.

➔ Quando se tratar de nomes próprios, a concordância deverá ser feita levando-se em conta a ausência ou presença de artigo. Não havendo artigo, o verbo deverá ficar no singular; quando houver artigo no plural, o verbo ficará no plural.

Exemplos:
Estados Unidos cria e Brasil imita.
Os Estados Unidos determinam o fluxo da atividade econômica no mundo.
As Minas Gerais são inesquecíveis.
Minas Gerais produz queijo e poesia de primeira.
As Alagoas nos revelam muitas mulheres bonitas.
Alagoas impressiona pela beleza das praias e pela pobreza da população.

PRONOMES RELATIVOS QUEM E QUE.

➔ O pronome relativo **"quem",** normalmente, pede o verbo que o tem como sujeito, na terceira pessoa do singular. No entanto, o verbo pode concordar com a pessoa do sujeito antecedente, quando se quer fazer uma concordância enfática.

Exemplos:
Nunca te esqueças de que fui eu quem te apresentou ao presidente.
"Mais tarde você descobrirá se fui eu quem menti."
Fui eu quem pagou a conta.
"Fui eu quem paguei aquela dívida enorme ."

➔ Se o sujeito é o pronome relativo **"que",** o verbo concorda com o antecedente do relativo.

Exemplos:
Nós que ficamos e vocês que partem seremos sempre amigos.
Fui eu que falei a verdade naquela hora.
Foram eles que fizeram isso.
Fui aquela que morou na casa velha.

➔ Quando o sujeito é o relativo **"que",** precedido das expressões **"um dos...", "uma das...",** o verbo deve concordar na terceira pessoa do plural.

Exemplos:
Eliane era uma das que mais desconfiavam de nossa administração.
Um dos homens que mais lutaram pela soberania de nossa pátria foi Barbosa Lima Sobrinho.

Observação: Por exigência lógica, existirão casos em que o singular será obrigatório.
Exemplo:
Chama-se "Gota d' Água" uma das peças teatrais de Chico Buarque que será encenada amanhã.

PRONOMES INDEFINIDOS OU INTERROGATIVOS NO PLURAL + DE NÓS, DE VÓS.

➔ Quando o sujeito é formado de expressões constituídas de pronome indefinido ou interrogativo no plural, mais os termos **"de nós", "de vós",** o verbo vai para a terceira pessoa do plural (concordância mais lógica, na medida em que ela incide sobre o núcleo do sujeito, no caso o pronome da expressão). É possível, no entanto, o verbo concordar com os pronomes pessoais **"nós e vós".**

Exemplos:
Quais de nós (concluiremos) concluirão a faculdade?
Alguns de vós (viestes) vieram de bem longe.
Muitos de nós (deixamos) deixam a vida passar sem produzir nada.
Quantos de vós (contribuístes) contribuíram para a melhoria de vosso país?

Observação: Com o pronome indefinido ou interrogativo no singular, é claro que o verbo ficará na terceira pessoa do singular.
Exemplo:
Um de nós te levará em casa após a festa.

SUJEITO DA VOZ PASSIVA PRONOMINAL E INDETERMINADO

➔ O verbo apassivado pelo pronome "se" deve concordar com o sujeito que, no caso, está sempre expresso.

Exemplos:
Vendem-se casas (casas são vendidas)
Os planos desenvolvem-se (são desenvolvidos) satisfatoriamente.

Observação: Quando os verbos **"poder"** e **"dever"** aparecerem na voz passiva sintética, como auxiliares de um infinitivo, duas construções serão possíveis, porque duas análises sintáticas também são possíveis.

Exemplos:
Não se podem cortar essas árvores.
(sujeito = ESSAS ÁRVORES; PODEM CORTAR = locução verbal, concordância do verbo auxiliar PODER com o sujeito plural.)

Não se pode cortar essas árvores.
(sujeito oracional = CORTAR ESSAS ÁRVORES - oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo - sujeito do verbo PODER que deve ficar na 3ª pessoa do singular.)

➔ Se o verbo for transitivo indireto, ficará na 3ª pessoa do singular, pois o "se", neste caso, não será pronome apassivador, mas sim partícula indeterminante do sujeito.

Exemplos:
Precisa-se de operários (e não precisam-se de operários)
Assiste-se a filmes bons naquele cinema.
Obedeça-se às leis.

CONCORDÂNCIA COM O SUJEITO COMPOSTO

➔ Quando o sujeito de um verbo vier depois dele e for composto de vários elementos, o verbo concordará com o elemento mais próximo (concordância atrativa), podendo ficar no singular, ou poderá ir para o plural (Concordância lógica).

Exemplos:
De repente ouviu-se um estouro, um gemido, um grito de triunfo.
A minha alma é maior do que supõe: cabem nela amor de mulher, afetos de filha e amizade de irmã.

➔ Se os elementos do sujeito composto forem sinônimos ou formarem uma unidade de idéia, um todo no sentido, ou ainda estiverem organizados numa gradação, o verbo pode ficar na 3ª pessoa do singular para realçar a unidade de sentido ou o último elemento da série gradativa.

Exemplos:
A sua família, o seu lar era aquele em que fora recolhida.
A mágoa e a dor lhe ressuscitou o entendimento.
Somente o elogio e o incentivo constrói.
"Triste ventura e negro fado o chama." (Camões)
"Mas permite, Deus, que a maldade e a malícia ande encoberta." (Vieira)
A mesma idéia, o mesmo gesto, a mesma fala revelava a personalidade daquela mulher.
Um grito, uma palavra, um movimento, um simples olhar causava-lhe medo.

➔ Sendo os núcleos do sujeito composto formados de verbos no infinitivo, o verbo da oração ficará no singular se esses núcleos não vierem acompanhados de elementos determinantes. Caso contrário, o verbo irá para o plural.

Exemplos:
Correr, cair e levantar foi um só movimento.
Comer e beber é necessário.
O comer e o beber são necessários.

➔ Entretanto, se os núcleos infinitivos forem termos antônimos, o verbo da oração irá para o plural, mesmo que não possuam determinantes.

Exemplos:
Amar e odiar são sentimentos muito fortes.
Sorrir e Chorar fazem parte do show da vida.

➔ Quando um sujeito composto é resumido por um aposto, o verbo concordará com esse aposto, estando ele no singular ou no plural.

Exemplos:
Carinhos, abraços, palavras de amor, NADA o consolava.
Alunos, professores, funcionários da escola, todos foram homenageados.
"TUDO, os pastos, as várzeas, a caatinga, o mar milheiral esquelético, era de um cinzento de borralho." (Rachel de Queiroz)
Capitão, marinheiros e passageiros, ninguém escapou com vida daquele naufrágio.
Pai, mulher, filhos, cada um seguia seu caminho calado.

Observação: Se os núcleos do sujeito composto vierem antecedidos pelo pronome indefinido **"cada",** o verbo permanecerá no singular.

Exemplo:
Cada professor, cada aluno, cada funcionário tinha sua reivindicação.

➔ Se os elementos do sujeito forem de pessoas gramaticais diferentes, o verbo vai para o plural e deve ser flexionado na pessoa que tiver prioridade: a primeira sobre a segunda e esta sobre a terceira.

Exemplos:
Eu, tu e João somos amigos. (Eu, tu e João = nós)
Desejo que tu e teu marido sejais felizes. (tu e teu marido = vós)

Observação: Quando o sujeito composto é constituído de elementos da segunda e terceira pessoas, também é correto que o verbo vá para a terceira pessoa do plural.

Exemplos:
Desejo que tu e teu marido sejam felizes.
Estou torcendo para que tu e ele passem no concurso.
Acredito que tu e Ana passarão no vestibular.

➔ Quando ocorre idéia de reciprocidade, a concordância deve ser feita obrigatoriamente no plural.

Exemplos:
Abraçaram-se vencedor e vencido.
Ofenderam-se o jogador e o árbitro.

➔ Quando os núcleos do sujeito composto forem ligados pelas conjunções **"ou"** ou **"nem",** o verbo poderá:

1. Ficar no singular se estiver se referindo a apenas um dos núcleos do sujeito, apresentando uma idéia de equivalência ou de exclusão;

Exemplos:
João ou Miguel ocupará o cargo de presidente daquela empresa.
Nem Ana nem Márcia foi escolhida para ser a rainha do grêmio.

2. Irá para o plural quando a ação verbal incidir diretamente sobre os núcleos do sujeito e quando a conjunção "ou" tiver um caráter corretivo.

Exemplos:
Nenhum gesto ou palavra do orador ofenderam a platéia.
Nem Pedro nem Paulo fizeram boa prova.
O culpado ou os culpados pelo crime serão punidos.
A parte ou as partes contrárias entrarão em acordo.

Observações:
A) Se o sujeito da oração for a expressão **"um ou outro",** normalmente o verbo permanecerá no singular;

Exemplos:
Um ou outro chapéu lhe ficava bem.
Um ou outro fato sairá amanhã nos jornais.

B) No entanto, se a expressão for **"um e outro",** o verbo irá preferencial- mente para o plural, sendo rara a concordância no singular;
Exemplos:
Um e outro chegaram cedo ao colégio.
Um e outro aluno entraram (entrou) na sala depois do diretor.

C) A expressão **"nem um nem outro"** determina, geralmente, o verbo no singular.
Exemplo: Nem um nem outro candidato às próximas eleições compareceu ao debate na TV.

Atenção! Em verdade, não há uniformidade no tratamento dado a essas expressões por gramáticos e escritores.

➔ Quando os núcleos do sujeito são unidos por expressões correlativas como "não só... mas também"; "não só... como também"; "não só... mas ainda"; "não somente... mas ainda"; "não apenas... mas também"; "tanto... quanto", o verbo concorda de preferência no plural.

Exemplos:
Não só a seca mas também o pouco-caso castigam o Nordeste.
Tanto a mãe quanto o filho ficaram surpresos com a notícia.

CASOS ESPECÍFICOS

VERBO SER.

O verbo ser apresenta-se impessoal quando empregado em frases que se referem a horas, datas ou distâncias. Nestes casos, o verbo ser concorda com o seu complemento. No caso das datas, entretanto, a concordância será facultativa, se a palavra **"dia"** não estiver expressa.

Exemplos:
Que horas são?
É uma hora.
São duas horas.
É meio-dia e meia.

Que dia é hoje? (ou quantos são hoje?)
Hoje é (ou são) 31 de julho.
Hoje é dia 31 de julho.
É um quilômetro até minha escola.
São 400 km do Rio até São Paulo.

Observações:
A) Quando o verbo ser, nas expressões que se referem às horas, vem acompanhado por uma das seguintes locuções: **"perto de", "cerca de", "mais de",** tanto podemos empregá-lo na terceira pessoa do singular como do plural.

Exemplos:
Era perto de dez horas / Eram perto de dez horas

B) Os verbos dar, soar e bater, em relação às horas, obedecem à regra geral da Concordância Verbal, isto é, estes verbos concordarão natural- mente com seu sujeito, em número e pessoa.
Exemplos:
Davam seis horas no relógio da Central. (seis horas = sujeito do verbo dar)
Soaram dez horas quando saí do baile.
Bateu Meia-noite na torre da igreja.

Quando sujeito e predicativo têm números diferentes, existem duas tendências para a concordância do **verbo ser:**

1. empregar o verbo no plural (tendência mais freqüente);

2. no singular, quando se quiser dar ênfase ao sujeito.
Exemplos:
A Pátria são todos os seus cidadãos.
Meu destino eram estradas que tinha de palmilhar.

Quando o sujeito é nome de pessoa e o predicativo é substantivo comum, o verbo **SER** concorda no singular com o nome de pessoa.
Exemplos:
Chico Anísio era as duas coisas: ator e diretor.
Fernando Pessoa é vários poetas.

Observação: Quando, no entanto, se deseja dar ênfase aos elementos constitutivos do predicativo, o verbo **SER** poderá concordar com ele.

Exemplo:
"Santinha eram dois olhos míopes, quatro incisivos claros a flor da boca." - Machado de Assis.

Quando o sujeito ou o predicativo forem pronome pessoal, com ele concordará o verbo; porém, se ambos forem representados por pronomes pessoais, o verbo concordará obrigatoriamente com o sujeito.

Exemplos:
O Brasil somos nós.
O Estado sou eu.
Eu não sou eles / Eles não são eu.

➔ Quando o sujeito é um dos pronomes neutros **"tudo", "isso", "aquilo"** ou palavra de sentido coletivo ou partitivo, o verbo concorda com o predicativo.

Exemplos:
Tudo são flores.
Aquilo não eram atitudes de um homem.
Isso serão previsões sem sentido.
A maioria eram rapazes.
O resto são bobagens.
O mais eram sacrifícios.

Observação: A concordância do verbo no singular é rara, mas não é incorreta.
Exemplos:
"Tudo é flores no presente." (Gonçalves Dias)
"E tudo é chuvas que orvalham, folhas caídas que secam." (Fernando Pessoa)

Nas frases em que o sujeito sem nenhum determinante vem expressando preço, medida, quantidade, com o qual o verbo ser pode formar também um todo com as palavras **"muito", "pouco", "tanto", "demais", "mais de", "mais que", "menos de",** etc., o verbo fica no singular.
Exemplos:
Cinco anos era muito.
Cem reais por mês é pouco para um trabalhador.
Dez metros de fio é mais (menos) do que preciso.
Sessenta litros de chope será demais para a festa.
Bebidas é coisa fundamental em festas.
Trinta anos é a idade de minha irmã.

Os pronomes interrogativos quem, que, o que, em frases com o verbo ser, normalmente exercem a função de predicativo e não de sujeito. Neste caso, o verbo ser não concorda com os pronomes e sim com o sujeito.
Exemplos:
Quem seriam aquelas meninas?
Que eram os ruídos que ouvimos?
O que são impostos compulsórios?

VERBO PARECER.

Existem duas possibilidades de concordância quando o verbo parecer vem seguido de um outro verbo no infinitivo.

Exemplos:
As estrelas pareciam caminhar no céu. (verbo parecer, como verbo auxiliar, concorda com o sujeito, e o infinitivo não se flexiona, formando assim uma locução verbal)

"As estrelas parecia caminharem no céu." - Graça Aranha. (parecer, aqui como verbo intransitivo, fica na 3ª pessoa do singular, e o infinitivo se flexiona, formando com "As estrelas" um sujeito oracional: 'AS ESTRELAS CAMINHAREM parecia' - Oração Subordinada Substantiva Subjetiva Reduzida de Infinitivo)

"Mesmo os doentes parece que são mais felizes." - Cecília Meirelles. (parece=verbo intransitivo; QUE OS DOENTES SÃO MAIS FELIZES =Sujeito Oracional: Oração Substantiva Subjetiva Desenvolvida)

VERBO HAVER.

Quando significa **"existir, ocorrer",** o verbo haver fica na terceira pessoa do singular, já que ele se torna impessoal, não tendo sujeito.

Exemplos:

Houve fatos marcantes em nossa vida.
Havia milhares de candidatos naquele concurso.
Sempre houve graves problemas sociais no país.
Deve ter havido muitas vítimas naquele acidente.

No entanto, se empregarmos no lugar de haver os verbos existir ou ocorrer, eles concordarão com os seus respectivos sujeitos.

Exemplos:

Existiam milhares de candidatos naquele concurso.
("milhares de candidatos" = sujeito de existir)
Ocorreram fatos marcantes em nossa vida.
("fatos marcantes" = sujeito de ocorrer)

VERBO FAZER.

Este verbo, assim como o verbo haver, indicando tempo decorrido ou fenômeno meteorológico, também são impessoais e, por isso, ficam na 3ª pessoa do singular.

Exemplos:

Faz dois anos que estive em Portugal. ("dois anos" = objeto direto)
Faz invernos terríveis na Europa. ("invernos terríveis" = objeto direto)
Há anos não procuro meu primo.
Havia anos que não nos encontrávamos.

Observação: A impessoalidade também ocorre com todos os verbos que expressam fenômenos da natureza como chover, ventar, nevar etc. Contudo, se empregarmos qualquer um desses verbos em seu sentido figurado, eles passam a fazer a concordância com a regra geral.

Exemplos:

Choveu vários dias em São Paulo no mês passado.
Quando eu era jovem, choviam convites para festas. (Aqui, "choviam" tem como sujeito "convites", por isso a razão da concordância.)

PRONOMES DE TRATAMENTO.

Os verbos que acompanham pronomes de tratamento apresentam-se sempre na terceira pessoa do singular ou do plural.

Exemplos de pronomes de tratamento: você (originário da forma antiga Vossa Mercê), Vossa Excelência, Vossa Senhoria, Vossa Majestade, Vossa Alteza, etc.
Vossa Excelência está satisfeito?
Vossas Excelências estão satisfeitos?
(Concordância ideológica por se estar dirigindo a uma pessoa do sexo masculino)

CONCORDÂNCIA COM SUJEITO REPRESENTADO POR UM NÚMERO PERCENTUAL.

Quando se tem um número percentual sem o seu especificador, ou seja, quando ele não possui um complemento, o verbo deve concordar com o número da porcentagem.

Exemplos:
Apesar das enchentes, apenas 10% querem mudar de casa.
Somente 22% disseram "sim" ao plebiscito, enquanto 77% optaram pelo "não" e 1% não compareceu às urnas.

Assim, se esse número for inferior a dois, o verbo deve ficar no singular. Ex.: Apenas 1,65% votou naquele candidato; 0,7% achava o candidato honesto; Apenas 1% votaria novamente neste candidato.
Quando a porcentagem vem acompanhada de especificador, ou seja, quando se diz "x% de algo", o verbo passa a concordar com esse especificador, independentemente do número percentual.

Exemplos:
15% do ELEITORADO REPROVOU O PROGRAMA DAQUELE PARTIDO.
1% dos ELEITORES optaram pelo voto em branco.
40% dos lavradores estão preocupados com a falta de chuvas.
30% da lavoura de café foi perdida.

Se o número percentual vier acompanhado de um determinante (pronomes, artigos, etc.), o verbo deverá ir sempre para o plural.

Exemplos:
Esses 5% das ações já me são suficientes.
Os 40% da produção de laranja serão exportados para os EUA.
Uns 15% da população estão desempregados.

Já no caso das frações, as gramáticas dizem que o verbo deve concordar com o numerador da fração, ou seja, com o número de cima. Então, quando se diz "2/3 do eleitorado", o verbo concorda com o número "2", numerador da fração. Ex.: 2/3 do eleitorado recusaram-se a votar em qualquer candidato. Se, porém, tivermos "1/3 dos eleitores", deveremos fazer o verbo concordar com o número "1". Ex.: 1/3 dos eleitores recusou-se a votar em qualquer candidato.

Observação: Notadamente, é esse o padrão adotado pelos grandes e mais conceituados jornais e revistas brasileiros.

VI. DIVISÃO SILÁBICA

REGRAS:

➔ Não se separam os elementos dos grupos consonantais que iniciam uma sílaba nem os dos dígrafos **"ch, lh, nh".**

Exemplos:
a-blu-ção,
a-bra-sar,
a-che-gar,
fi-lho,
ma-nhã,
con-tri-bu-ir,
a-fri-ca-no,
a-plai-nar,
en-gra-ça-do,
re-fle-tir,
su-bli-me.

Observação: Nem sempre formam grupos consonantais os elementos **bl** e **br**. No caso de o **l** e o **r** serem pronunciados separadamente, poderá haver a partição da palavra. Exemplos: sub-lin-gual, sub-li-nhar, sub-ro-gar, ab-rup-to.

➔ O **"s"** dos prefixos **bis, cis, des, dis, trans** e o **x** do prefixo ex não se separam quando a sílaba seguinte começar por consoante. Todavia, se iniciar-se por vogal, formam sílaba com esta e separam-se do prefixo.

Exemplos:
bis-ne-to,
cis-pla-ti-no,
des-li-gar,
dis-tra-ção,
trans-por-tar,
ex-tra-ir,
bi-sa-vó,
ci-san-di-no,
de-ses-pe-rar,
di-sen-te-ri-a,
tran-sa-tlân-ti-co,
e-xér-ci-to.

➔ As letras "**cc, cç, sc, rr, ss"** e as vogais idênticas separam-se quando da partição do vocábulo, ficando cada uma delas em sílabas diferentes.

Exemplos:
oc-cip-tal,
te-lec-ção,
pror-ro-gar,
res-sur-gir,
a-do-les-cen-te,
con-va-les-cer,
des-cer,
pres-cin-dir,
res-ci-são,
ca-a-tin-ga,
co-or-de-nar,
ge-e-na.

Observação: As vogais de hiatos, mesmo diferentes uma da outra, também se separam. Exemplos: a-ta-ú-de, ca-í-eis, do-er, du-e-lo, fi-el, flu-iu, gra-ú-na, je-su-í-ta, le-al, mi-ú-do, po-ei-ra, ra-i-nha, vô-o.

➔ Não se separam as vogais dos ditongos crescentes e decrescentes nem as dos tritongos.

Exemplos:
ai-ro-so,
a-ni-mais,
au-ro-ra,
a-ve-ri-güei,
ca-iu,
cru-éis,
re-jei-tar,
fo-ga-réu,
gló-ria,
i-guais,
ó-dio,
jói-a,
sa-guão,
vá-rios.

Observação: Não se separa do **"u",** precedido de **"g"** ou **"q",** a vogal que o segue, acompanhada ou não de consoante. Exemplos: am-bí-guo, u-bí-quo, lín-gua, Gua-te-ma-la, de-lin-qüen-te.

Além das regras vistas anteriormente, toda consoante que não vem seguida de vogal fica na sílaba anterior, na divisão silábica.

Exemplos:
sub-me-ter,
sub-por,

ab-so-lu-to,
ad-vo-ga-do,
ad-no-mi-nal,
ad-vir,
af-ta,
mag-ma,
cog-no-me,
al-fai-a-te,
nos-tal-gi-a,
e-gíp-cio,
re-cep-ção,
ap-to,
ar-far,
ex-su-dar,
ex-ce-ção,
tungs-tê-nio,
pers-pi-cá-cia,
sols-tí-cio,
ab-di-car,
ac-ne,
drac-ma,
Daf-ne,
ét-ni-co,
nup-ci-al,
abs-tra-ir,
ins-pe-tor,
ins-tru-ir,
in-ters-tí-cio.

Observação: Ainda pelo mesmo caso acima, se a consoante for inicial, ela não se separa.Exemplos: Pto-lo-meu, psi-co-se, pneu-má-ti-co, gno-mo, mne-mô-ni-ca.

VII. EMPREGO DA CRASE

CONCEITO:

Fusão ou contração de dois **"a"** (a+a) num só (**à**, marcado pelo acento grave), sendo um deles preposição e o outro artigo feminino ou pronome demonstrativo.

CASOS DE EMPREGO DA CRASE

➔ Emprega-se a crase quando houver uma palavra de sentido incompleto que venha seguida da preposição **"a",** mais o artigo feminino **"a"** no singular ou plural, antes de substantivo feminino determinado.

Exemplos:

Pedro dirigiu-se a (preposição) + a (artigo) praça.
Pedro dirigiu-se à praça.

Ana dedica-se a+a igreja todo o tempo.
Ana dedica-se à igreja todo o tempo.

Meu tio era fiel a+a disciplina militar.
Meu tio era fiel à disciplina militar.

Todos estamos sujeitos a+as leis de Deus.
Todos estamos sujeitos às leis de Deus.

O rei ficava indiferente a+as súplicas do povo.
O rei ficava indiferente às súplicas do povo.

Você deve obedecer a+as normas do colégio.
Você deve obedecer às normas do colégio.

➔ Em função de só poder haver crase quando da contração da preposição **"a"** com o artigo feminino **"a",** conseqüentemente não haverá crase antes de nomes masculinos, verbos, pronomes indefinidos.

Exemplos:

Os camponeses iam a pé para o trabalho, mas o capataz ia a cavalo.
O baile será promovido a partir das 20 horas.
Tenho muito a receber de indenização.
Com essa blusa não irei a nenhuma festa.
Ela lançava olhares maliciosos a certo rapaz no restaurante.

➔ Também não acontecerá a crase antes de nomes próprios de cidade e da palavra **"casa",** a não ser que venham determinados.

Exemplos:
Amanhã regressarei a Brasília.
Amanhã regressarei à Brasília de meus sonhos.

Cansado, chegou tarde a casa. (Não há artigo definido antes da palavra casa quando se refere a sua própria casa: "Fiquei em casa", "Venho de casa".)
Cansado, chegou tarde à casa de seus pais.

➔ Igualmente, não haverá crase antes dos vocábulos **"cuja", "quem", "ela", "esta", "essa", "mim", "você", "vossa senhoria", "vossa excelência",** etc.

Exemplos:
Este é o policial a quem devo minha vida.
Hoje foi empossada a nova diretoria a cuja determinação devemos de agora em diante obedecer.
Dei a ela uma bela flor e ela ofereceu a mim um lindo sorriso.
Darei a esta criança abandonada todo meu carinho.
Falarei a você todos os detalhes do filme.

➔ Entretanto, existem alguns pronomes demonstrativos e de tratamento (como os pronomes referentes às mulheres) que aceitam a anteposição do artigo feminino, favorecendo, assim, o surgimento do fenômeno da crase.

Exemplos:
Contarei tudo à senhora (à senhorita, à madame, à dona, à dama, etc.)
Darei todos esses livros à mesma pessoa.
Só devolverei o dinheiro à própria dona.

Observação: Quando somente acontecer um simples "a" antes de um substantivo feminino plural, não ocorrerá a crase logicamente por falta do artigo.

Exemplos:
Esta lei se destina a casadas e solteiras.
Neste Congresso, falarei apenas a mulheres.

Note-se, no entanto, uma pequena alteração semântica na frase, se houver a presença do artigo feminino, passando-se de um sentido mais genérico (como no caso dos exemplos acima), para um sentido mais restrito.

Exemplo:
Neste Congresso sobre sexualidade, falarei em especial às mulheres. (Aqui, pressupõe-se um grupo, uma platéia, onde as mulheres configuram uma parte desse grupo.)

➔ Nas **locuções adverbiais** (expressões que indicam circunstâncias de tempo, lugar, modo, etc.), recomenda-se o emprego do acento grave nas formadas de "a" mais palavra feminina no singular.

Exemplos:
Rita disse que chegaria **à noite**. (tempo)
Paulinho só comia **à força.** (modo)
A canoa estava **à margem do rio**. (lugar)
Miguel adora **viver à toa**.
(Como locução adverbial de modo, significando "a esmo, ao acaso, sem fazer nada, em vão" referindo-se ao verbo, à toa não leva hífen: "Passou a vida à toa"; "Anda à toa pelas ruas"; no entanto, quando aparece como adjetivo junto a um substantivo, significando "inútil, desprezível, desocupado, insignificante", à-toa deve ser escrito com hífen: "Era uma mulher à-toa"; "Não passava de um sujeitinho à-toa".)
Eles travaram um duelo à espada. (instrumento)
Prefiro escrever cartas à caneta do que à máquina. (instrumentos)
Pedro foi ferido à bala. (instrumento)

Outras locuções adverbiais muito empregadas: **à beça, à deriva, à frente, à luz (dar à luz), À MÃO, à parte, à revelia, à tarde, à última hora, à unha, à vontade, às avessas, às claras, às ordens.**

Incluem-se nessas expressões as indicações de horas especificadas.
Exemplos: à meia-noite, às duas horas, à uma hora, às três e vinte, etc.
Observação: Não confundir com as indicações não especificadas como: "Isso acontece a qualquer hora"; "Estarei lá daqui a uma hora".

➔ Será facultativo o emprego da crase quando também for livre o uso do artigo. Isto acontecerá antes de nomes próprios de pessoas e antes de pronomes possessivos.

Exemplos:
Ofereci um presente a (à) Bruna.
Entregue essa documentação a (à) minha assessora que depois devolverá a (à) sua secretária.

Observação: Note-se que, quando se deseja mostrar mais intimidade com a pessoa de quem se fala, o emprego do artigo feminino junto à preposição é mais aconselhável. Todavia, se o tratamento é puramente formal, ou se a pessoa se tratar de personalidade pública, recomenda-se somente o emprego da preposição, não acontecendo, dessa forma, o fenômeno da crase.

Exemplos:
Contarei tudo à Raquel, minha melhor amiga.
Dedico esta homenagem a Rachel de Queiroz.

➔ Acontecerá a crase nas locuções prepositivas constituídas de um substantivo feminino singular, precedido de **"a"** e seguido de **"de".** E nas **locuções conjuntivas**, onde o substantivo é precedido de **"a"** e seguido de **"que".**
Exemplos:
à maneira de, à moda de,
à custa de, à volta de,
à beira de, à sombra de,
à luz de, à distância de,
à vista de, à espera de,
à força de, à cata de,
à procura de, à medida que,
à proporção que, etc.

Observação: Algumas vezes pode-se omitir parte da expressão (que no caso fica subentendida), ficando o "a" com o acento grave diante de palavra masculina.

Exemplos:
Aquele meu amigo poeta usava cabelos à Carlos Gomes.
(à maneira de Carlos Gomes)
Cláudia decorou sua casa à Luís XIV.
(à moda de Luís XIV)

➔ Quando a palavra **"terra"** for empregada com o sentido de **"em terra firme",** não acontecerá a crase.
Exemplos:
O navio atracou e os passageiros já se dirigiam a terra.
Ao chegarmos ao porto de Santos, não desci a terra.

Em contrapartida: "Os astronautas voltarão à Terra amanhã." (Terra = planeta)
"Em maio irei à terra de meus avós." (O substantivo terra vem determinado pela expressão "DE MEUS AVÓS")

➔ Os pronomes **"aquele(s), aquela(s) e aquilo"** podem vir com o acento grave no **"a",** revelando que ocorreu o fenômeno da crase, quando antes deles vier palavra com sentido incompleto, seguida da preposição **"a".**
Exemplos:
Referiu-se a aquele livro de Camões.
Referiu-se àquele livro de Camões.

Aludi a aquela reunião do mês passado.
Aludi àquela reunião do mês passado.

Tecemos críticas a aquilo tudo que eles fizeram de errado.
Tecemos críticas àquilo tudo que eles fizeram de errado.

➔ Antes dos pronomes relativos **"que, qual, quais",** pode ou não haver a crase, dependendo do seu antecedente. Se ao trocarmos mentalmente o antecedente feminino por um masculino e ocorrer **"ao que, ao qual, aos quais", ENTÃO HAVERÁ A CRASE.**

Exemplos:
Esta é minha terra à qual dedico esta vitória.
(Este é meu país ao qual dedico esta vitória)

Esta é minha terra a qual trago sempre na lembrança.
(Este é meu país o qual trago sempre na lembrança)

Ouvimos uma voz igual à que Ivo fazia quando estava bêbado.
(Ouvimos um grito igual ao que Ivo fazia quando estava bêbado)

Estas são as leis às quais devemos obedecer.
(Estes são os regulamentos aos quais devemos obedecer)

Dou-lhe essas referências as quais entregará ao novo chefe.
(Dou-lhe esses documentos os quais entregará ao novo chefe)

DICAS PARA CONFIRMAR A OCORRÊNCIA DA CRASE

1. Quando se puder substituir o **"à"** pelas formas **"ao", "da"** e **"para a"** (onde fica evidente a presença tanto da preposição quanto do artigo), poderemos confirmar a ocorrência da crase.

Exemplos:
A sentença foi dada à ré.
A sentença foi dada ao réu.
Teus cabelos cheiram a rosa.
Teus cabelos cheiram a cravo.
Amanhã iremos à Bolívia.
Amanhã iremos para a Bolívia.
(Amanhã voltaremos da Bolívia.)
Viajaremos a Madri.
Viajaremos para Madri.
(Voltaremos de Madri.)
Cheguei à Bahia no domingo.
Vou para a Bahia no domingo.
(Cheguei da Bahia no domingo.)
Irei a Brasília hoje.
Irei para Brasília hoje.
(Cheguei de Brasília hoje.)

2. Não haverá a crase em expressões já cristalizadas no idioma como aquelas formadas por palavras repetidas.

Exemplos:
gota a gota, cara a cara, dia a dia, passo a passo, etc.

ALGUNS CASOS ESPECIAIS

ÀS VEZES / AS VEZES

Ocorrerá a crase somente quando **"às vezes"** for uma locução adverbial de tempo (= de vez em quando, em algumas vezes);

Exemplos:
Às vezes, os alunos consultam os dicionários.
O Flamengo, às vezes, ganha do Vasco.

Quando a expressão **"as vezes"** não trouxer o significado acima, não acontecerá a crase.
Exemplos:
Foram raras as vezes em que ela veio ao Rio.
("as vezes" é o sujeito da oração)

Em todas as vezes, ele levou os documentos. (Não há a preposição "a", por isso não ocorre a crase; temos o artigo definido plural "as")

ATÉ A / ATÉ À

Para muitos gramáticos, quando **"até"** for uma preposição, o uso do acento da crase no **"a"** que vem em seguida é facultativo. Na verdade, porém, a presença de **"até",** neste caso, torna desnecessário o uso da preposição **"a",** como igualmente acontece com outras preposições.

Exemplos:
Vou até a igreja depois do café.
Viajou para a França.
Está aqui desde as seis horas.
Chegará só após as vinte horas.

Atente para não confundir a preposição **"até"** com a partícula de inclusão (até = inclusive), em cujo emprego poderá ocorrer ou não a crase.

Exemplos:
Até (inclusive) a diretora (o diretor) compareceu à festinha dos alunos.
O rapaz se referia às colegas e até (inclusive) à amiga mais íntima (ao amigo mais íntimo).

VIII. EMPREGO DO HÍFEN

PREFIXOS MAIS USADOS:

➔ **AUTO, CONTRA, EXTRA, INFRA, INTRA, NEO, PROTO, PSEUDO, SEMI, SUPRA, ULTRA.**

Estes prefixos exigem hífen quando se juntam a palavras iniciadas por vogal, **h, r** e **s.**

Exemplos: auto-análise, auto-escola, auto-estima, auto-retrato, auto-suficiente, contra-almirante, contra-ataque, contra-reforma, contra-regra, contra-senso, extra-humano, extra-oficial, extra-regimental, extra-secular, infra-estrutura, infra-renal, infra-social, intra-ocular, intra-uterino, intra-regional, intra-setorial, neo-humanista, neo-republicano, proto-história, proto-revolucionário, pseudo-herói, pseudo-revolucionário, pseudo-sábio, semi-analfabeto, semi-reta, semi-selvagem, supra-hepático, supra-renal, supra-sumo, ultra-especial, ultra-humano, ultra-realismo, ultra-romântico, ultra-sensível, ultra-som.
Exceção: "extraordinário", não leva hífen.

➔ **ANTI, ANTE, ARQUI, SOBRE.**

Estes prefixos devem ser ligados por hífen a palavras iniciadas por **h, r** ou **s**.
Exemplos: anti-herói, anti-higiênico, anti-rábico, anti-séptico, anti-social, ante-histórico, ante-república, ante-sala, arqui-rabino, arqui-rival, arqui-sacerdote, sobre-humano, sobre-saia, sobre-ser, sobre-sinal.

➔ **INTER, HIPER, SUPER.**

Estes prefixos só exigem hífen quando se juntam a palavras que começam por **h** e **r.**
Exemplos: inter-humano, inter-regional, hiper-raivoso, hiper-hidrose, super-homem, super-rápido, super-requintado.

➔ **SUB.**

Este prefixo só exige hífen quando se associa a palavra que começa por **b** ou **r.**
Exemplos: sub-base, sub-bibliotecário, sub-região, sub-ramo, sub-reino.

ATENÇÃO PARA: **bi, tri, tetra, penta, hexa**.
Palavras com estes elementos não devem levar hífen.
Exemplos: bicampeão, bimensal, bimestral, bienal, tridimensional, trimestral, triênio, tetracampeão, tetraplégico, pentacampeão, pentágono.

Também não se deve usar o hífen após os elementos **"hidro, sócio, micro, macro, multi, mini, mega e tele".** Estes elementos sempre se juntam sem hífen à palavra agregada. Se esta começar com **"r"** ou com **"s",** teremos **"rr"** ou **"ss**".

Exemplos: hidrossanitária, sociopolítico, microempresa, minissérie, minissaia, macrorregião, megaempresa, megashow, multimídia, multirracial, multissecular, telespectador, teleducação, telecomunicação, telessala, telessexo, telessena.

Em relação ao prefixo **"hidro",** em alguns casos, há duas formas possíveis. "Hidroavião" e "hidravião", "hidroenergia" e "hidrenergia", por exemplo, são formas registradas pelo "Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa", da ABL.

Quando se junta o elemento **"mini"** a palavras que começam por **"h",** o "Formulário Ortográfico" não disciplina com clareza esse caso. Com exceção do "Houaiss", os demais dicionários também não tocam no assunto. O "Houaiss" registra: "Nos casos (...) em que o segundo elemento se iniciar por **h**, sugere-se o uso de hífen." É o que ocorre com "mini-hospital", "mini-hotel" etc.
No caso do elemento "sócio", só usamos hífen quando ele é substantivo (= de associado). **Exemplo:** sócio-gerente.

Lista das principais palavras compostas que se ligam por hífen.

ab-reptício	co-produção	mula-sem-cabeça	pró-cardíaco
ab-rogar	côncavo-convexo	navio-cargueiro	puxa-encolhe
abaixo-assinado	copo-de-leite (flor)	navio-negreiro	puxa-puxa
além-mar	corre-corre	navio-tanque	quebra-cabeça
além-túmulo	decreto-lei	ob-rogar	quebra-mola
amor-perfeito	ex-aluno	pan-americano	recém-chegado
arranha-céu	ex-prefeito	pão-de-ló	recém-nascido
baixo-relevo	ganha-perde	pára-choques	reco-reco
banho-maria	gente-de-fora	pára-lamas	ruge-ruge
bate-boca	gentil-homem	pára-quedas	salário-família
bate-bola	guarda-chuva	passa-dez	salário-minimo
bate-papo	guarda-civil	pau-de-arara	sangue-frio
belas-artes	guarda-louça	pau-para-toda-obra	sem-fim
bem-aventurado	guarda-mor	pé-de-moleque	sem-vergonha
bem-me-quer	guarda-municipal	pé-de-valsa	sempre-viva
bem-querer	guarda-noturno	pega-pega	sob-roda
bem-te-vi	leva-e-traz	pisa-mansinho	sob-rojar
bem-vindo	louva-a-deus	pisca-pisca	tico-tico
bom-dia	lugar-comum	político-econômico	treme-treme
boa-tarde	luso-brasileiro	pombo-correio	vai-volta
boa-noite	má-criação	porta-voz	verde-amarelo
bota-fora	mal-agradecido	pós-datar	vice-diretor
carro-dormitório	mal-humorado	pré-alfabetização	vice-presidente
carro-forte	mal-educado	pré-carnavalesco	vice-rei
co-autor	médico-cirúrgico	pré-datado	
co-educação	mil-folhas	prima-dona	

PRINCIPAIS PALAVRAS COMPOSTAS QUE NÃO LEVAM HÍFEM.

abdução	cologarítimo	malandança	sobrecapa
abjurar	contrabando	malcheiroso	sobreface
aguarraz	contracheque	malcriado	sobreloja
alçapão	contradança	malfeitor	sobretaxa
antecâmara	contrafé	malmequer	sobrevôo
antediluviano	contrafilé	mandachuva	subaéreo
anteontem	contramão	neoclássico	subaxilar
antepenúltimo	contraprova	neoliberal	subchefe
anteprojeto	contravento	neozelandês	subdelegado
antiaéreo	extraconjugal	oblongo	subepático
antibiótico	extracurricular	panarmônico	subestimar
anticristo	extrajudicial	pandemônio	subgerente
antiestético	extralegal	passatempo	suborizontal
antiinflacionário	extraordinário	pontapé	subumano
antiinflamatório	girassol	protofonia	suboficial
antiofídico	guardanapo	protoplasma	subsecretário
arquidiocese	hiperacidez	protozoário	subsolo
arquiduque	hiperativo	pseudofobia	subterrâneo
arquiinimigo	hipermercado	pseudopoeta	superamigo
autobiografia	hipersensível	pseudoprofeta	superatleta
autocontrole	infravermelho	reviravolta	supercondutor
autodidata	interação	rodapé	supermercado
autolotação	intercolegial	semiconsoante	supersônico
bancarrota	intercontinental	semideus	supracitado
cantochão	interestadual	semiditongo	supranatural
circumpolar	interestelar	semifinal	suprapartidário
circunscrever	interplanetário	semivogal	ultrademocrático
clarabóia	interurbano	sobalçar	ultramarino
coeficiente	intramuscular	sobestar	ultrapassagem
coessência	intrapulmonar	sobpor	ultravioleta
cohabitar	intravenoso	sobreaviso	vaivém
coirmão	madrepérola		

NOTA: a expressão **"à toa"** pode ser escrita com ou sem hífen, dependendo do seu significado:

1. à toa = "a esmo, ao acaso, sem fazer nada, em vão" (locução adverbial de modo, referindo-se ao verbo): "Passou a vida à toa"; "Anda à toa pelas ruas";

2. à-toa = "inútil, desprezível, desocupado, insignificante" (adjetivo que acompanha um substantivo): "Era uma mulher à-toa"; "Não passava de um sujeitinho à-toa".

IX. EMPREGO DAS INICIAIS MAIÚSCULAS.

Emprega-se a letra inicial maiúscula nos seguintes casos:

a) nos substantivos próprios (nomes de pessoas, topônimos, denominações religiosas e políticas, nomes sagrados e ligados a religiões, entidades mitológicas e astronômicas);
Exemplos: Eduardo, Clara; Ricardo, Coração de Leão; Catarina, a Grande; Rio de Janeiro, São Paulo, Pernambuco; oceano Atlântico, lago Paraná; Igreja Católica Apostólica Romana, Igreja Ortodoxa Russa; Partido dos Trabalhadores, União Democrática Nacional; Deus, Cristo, Buda, Alá; Apolo, Zeus, Afrodite; Terra, Via Láctea, etc.

b) no início de períodos, versos ou citação direta;
Exemplos:
"A AFINIDADE não é o mais brilhante, mas o mais sutil, delicado e penetrante dos sentimentos. O mais independente. Não importa o tempo, a ausência, os adiamentos, as distâncias, as impossibilidades. Quando há AFINIDADE, qualquer reencontro retoma a relação, o diálogo, a conversa, o afeto, no exato ponto em que foi interrompido." (Arthur da Távola)

"Amor é um fogo que arde sem se ver;
É ferida que dói e não se sente;
É um contentamento descontente;
É dor que desatina sem doer;"
(Camões)

Disse Arthur da Távola: "A educação não é finalidade específica da televisão. A educação cabe à escola. A televisão é um eletrodoméstico do século XX, que entre outras finalidades e vocação pode ter - em parte - a educativa".

Observação: No começo de versos que não iniciam período, usa-se normalmente a letra minúscula, como se observa em Cecília Meireles:
"Vive como em sonho,
antes de nascido,
quando a vida e a morte
estavam consigo."

c) nos nomes de períodos históricos, festas religiosas ou datas e fatos políticos importantes;
Exemplos: Idade Média, Renascimento, Natal, Páscoa, Ressurreição de Cristo, Dia do Trabalho, Dia das Mães, Independência do Brasil, Proclamação da República, etc.;

d) nos nomes de logradouros públicos (avenidas, ruas, travessas, praças, largos, viadutos, pontes, etc.);
Exemplos: Avenida Paulista, Rua do Ouvidor, Travessa do Comércio, Praça da República, Largo do Arouche, Viaduto da Liberdade, Ponte Eusébio Matoso, etc.;

e) nos nomes de repartições públicas, agremiações culturais ou esportivas, edifícios e empresas públicas ou privadas;
Exemplos: Ministério da Educação, Delegacia do Trabalho; Academia Brasileira de Letras, Clube de Regatas Vasco da Gama; Edifício Itália, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Editora Melhoramentos, etc.;

f) nos títulos de livros, periódicos, produções artísticas, literárias e científicas;
Exemplos: Grande Sertão: Veredas (de Guimarães Rosa), Veja; Jornal da Tarde ; O Pensador (de Rodin), Os Girassóis (de Van Gogh); O Noviço (de Martins Penna); A Origem das Espécies (de Charles Darwin) etc.;

g) nos nomes de escolas em geral;
Exemplos: Escola Técnica Industrial de São Gonçalo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, Escola de Arte Dramática Cacilda Becker, Universidade Federal do Rio de Janeiro, etc.;

h) nos nomes dos pontos cardeais quando indicam regiões;
Exemplos: os povos do Oriente, o falar do Norte, os mares do Sul, a vegetação do Oeste, etc.;

Observação: Os nomes dos pontos cardeais são grafados com a inicial minúscula quando indicam apenas direções ou limites geográficos;
exemplos: ao sul de Minas Gerais; de norte a sul; de leste a oeste.

i) nas expressões de tratamento;
Exemplos: Vossa Alteza, Vossa Majestade, Vossa Santidade, Vossa Excelência, Vossa Senhoria, Magnífico Reitor, Sr. Diretor, Sra. Coordenadora, etc.;

j) nos nomes comuns sempre que personificados ou individualizados;
Exemplos: o Amor, o Ódio, a Virtude, a Morte, o Lobo, o Cordeiro, a Cigarra, a Formiga, a Capital, a República, a Transamazônica, a Indústria, o Comércio, etc.

X. FIGURAS E VÍCIOS DE LINGUAGEM

FIGURAS DE LINGUAGEM

AMBIGÜIDADE: palavras com duplo sentido.
Manuel Bandeira, poeta maior, escreveu um texto chamado "Poema só para Jayme Ovalle". Para um poema cujo tema é essencialmente a solidão, o título é intencionalmente ambíguo. No poema de Bandeira, **"só"** pode referir-se a "poema" ("poema solitário", por exemplo) ou a "Jayme Ovalle" ("poema feito exclusivamente para Jayme Ovalle", por exemplo).

É importante também destacar o papel da pontuação. Compare a frase "Só você não conseguirá a resposta" com "Só, você não conseguirá a resposta". Parecem iguais. As palavras são as mesmas, a ordem das palavras é a mesma, mas a vírgula faz a diferença.

Na primeira, "só" significa "apenas"; na segunda, "sozinho/a".

Vale lembrar a expressão "a sós", invariável: "Quero ficar a sós"; "Queremos ficar a sós"; "Ele quer ficar a sós"; "Eles querem ficar a sós".

Não faça confusão. Quando "só" significa "sozinho/a", varia, ou seja, tem singular e plural. Quando significa "somente, apenas", não varia, não tem plural. E a expressão "a sós" é fixa, invariável.

Outros exemplos de frases ambíguas:

"Encontrei seu diretor e resolvemos fazer uma reunião em seu escritório às 15h." (O escritório era da pessoa com quem se estava falando ou do chefe dela?)

Ao saber que um sobrinho havia levado uma mordida, minha mulher perguntou: "Afinal, quem mordeu o Pedro?" A resposta foi imediata: "Foi a cachorra da namorada do João neurótica."
(Quem mordeu o Pedro foi:
1. a cachorra, que é neurótica e pertence à namorada do João?
2. a cachorra, que pertence à namorada neurótica do João?
3. a namorada do João, que, além de ser uma "cachorra", é uma neurótica?)

ANACOLUTO: ruptura da ordem lógica da frase. É um recurso muito utilizado nos diálogos, que procuram reproduzir na escrita a língua falada. Também permite a caracterização de estados de confusão mental.
Exemplo:
"Deixe-me ver... É necessário começar por... Não, não, o melhor é tentar novamente o que foi feito ontem."

ANÁFORA: repetição sistemática de termos ou de estruturas sintáticas no princípio de diferentes frases ou de membros da mesma frase. É um recurso de ênfase e coesão.
Exemplo:
Vi uma estrela tão alta,
Vi uma estrela tão fria!
Vi uma estrela luzindo
Na minha vida vazia.
(Manuel Bandeira)

ANTÍTESE: aproximação de palavras de sentidos opostos.
Exemplos:
Na ofuscante CLARIDADE daquela manhã, pensamentos SOMBRIOS o perturbavam.

ASSÍNDETO: é a coordenação de termos ou orações sem utilização de conectivo. Esse recurso costuma imprimir lentidão ao ritmo narrativo.
Exemplo:
"Foi apanhar gravetos, trouxe do chiqueiro das cabras uma braçada de madeira meio ruida pelo cupim, arrancou touceiras de macambira, arrumou tudo para a fogueira." (Graciliano Ramos)

CATACRESE: palavra que perdeu o sentido original.
Exemplos:
salário (= pagamento que era feito em sal)
secretária (= móvel em que se guardavam segredos)
azulejos (= ladrilhos azuis)

ELIPSE: omissão de um ou mais termos de uma oração, o qual se subentende, se presume.
Exemplos:
Ao redor, bons pastos, boa gente, terra boa para se plantar.
(Omissão do verbo HAVER)

Na memorável "Canto triste" (música de Edu Lobo e letra de Vinicius de Moraes), há um belo exemplo de elipse: "Onde a minha namorada? Vai e diz a ela as minhas penas e que eu peço, peço apenas que ela lembre as nossas horas de poesia...". No trecho "Onde a minha namorada?", está subentendido um verbo ("está", "anda" etc.). É bom lembrar que existe um caso específico de elipse, que alguns preferem chamar de **"zeugma".** Trata-se da omissão de termo já citado na frase. É o caso, por exemplo, de "Ele primeiro foi ao cinema, depois, ao teatro". Em "depois, ao teatro", não se repetiu a forma verbal "foi", expressa na primeira oração ("Ele primeiro foi ao cinema").

Há um caso específico de **zeugma,** que ocorre quando a palavra omitida tem flexão diferente da que se verifica no termo expresso anteriormente. É o caso, por exemplo, de "Eu trabalho com fatos; você, com boatos". Que palavra está subentendida? É a forma verbal "trabalha", flexionada na terceira pessoa do singular e deduzida de "trabalho", da primeira pessoa do singular do presente do indicativo de "trabalhar". Esse caso de **zeugma** é chamado por alguns de **"zeugma complexa"** (ou **"zeugma complexo",** já que, para alguns dicionários, a palavra **"zeugma"** é masculina, mas, para outros, feminina; há ainda os que a consideram palavra de dois gêneros, isto é, que pode ser usada indiferentemente no masculino ou no feminino).

EUFEMISMO: o Dicionário "Houaiss" diz que é "palavra, locução ou acepção mais agradável, de que se lança mão para suavizar ou minimizar (...) outra palavra, locução ou acepção menos agradável, mais grosseira...". O "Aurélio" diz que é "ato de suavizar a expressão duma idéia substituindo a palavra ou expressão própria por outra mais agradável, mais polida".

Exemplos:
Ontem, Osvaldo partiu dessa pra melhor (em vez de "morreu")
Este trabalho poderia ser melhor (em vez de "está ruim").

Às vezes, a suavização é feita de um jeito todo particular: pela negação do contrário. Para que não se diga, por exemplo, que determinado indivíduo é burro, diz-se que é pouco inteligente, ou simplesmente que não é inteligente. Esse caso, que contém forte dose de ironia, chama-se "litotes". É bom que se diga que com a litotes não necessariamente se suaviza. Para que se diga que uma pessoa é inteligente, pode-se dizer que não é burra: "Seu primo não é nada burro". Em suma, a litotes é "modo de afirmação por meio da negação do contrário", como define o "Aurélio".

HIPÉRBOLE: é bom observar que no extremo oposto do eufemismo está a "hipérbole". Se com aquele suavizamos, atenuamos, abrandamos, com esta aumentamos, enfatizamos, exageramos.

Exemplos:
Eu já disse um milhão de vezes que não fui eu quem fez isso!
Ela morreu de medo ao assistir aquele filme de suspense.
Hoje está um frio de rachar!
Aquela mãe derramou rios de lágrimas quando seu filho foi preso.
Não convide o João para sua festa, porque ele come até explodir!
Os atletas chegaram MORRENDO DE SEDE.

GALICISMO ou FRANCESISMO : palavra ou expressão francesa usada na língua portuguesa ou em outra língua qualquer.

Exemplos:
vitrine (por vitrina, espécie de caixa com tampa envidraçada, ou armário com vidraça móvel, onde se guardam objetos expostos à venda ou a serem vistos; fetiche (por feitiço); gauche (por desajeitado); ter lugar (por realizar-se); fazer um passeio (por dar um passeio).

GRADAÇÃO: consiste em encadear palavras cujos significados têm efeito cumulativo.

Exemplo:
Os grandes projetos de colonização resultaram em pilhas de papéis velhos, restos de obras inacabadas, hectares de floresta devastada, milhares de famílias abandonadas à própria sorte.

HIBRIDISMO: em língua portuguesa, significa palavras em cuja formação entram elementos de idiomas diferentes.

Exemplos:
"Biologia" - bio (vem do latim e significa vida) + logia (vem do grego e significa estudo ou ciência): ciência que estuda a vida. Em "automóvel", por exemplo, temos o elemento grego "auto" associado a "móvel", que vem do latim. Em "sociologia", temos "socio", do latim, e "logia", do grego.

Em "burocracia", temos "buro", do francês "bureau", que significa "escritório", "repartição", e "cracia", que vem do grego e significa "poder", "autoridade". A burocracia nada mais é do que o poder de quem mexe com papéis.

Repetindo: o processo pelo qual se formam palavras pela união de elementos de línguas diferentes chama-se "hibridismo". São também híbridas palavras como "televisão" (soma do grego "tele", que significa "longe", "distante", com "visão", que vem do latim); "abreugrafia" (que vem de "Abreu", sobrenome do médico brasileiro que criou determinado processo radioscópico, e "grafia", elemento grego, que significa "descrição", "escrita"); "pitangueira" (soma de "pitanga", que vem do tupi, com o sufixo latino "eiro/a"); "sambódromo", que reúne "samba", de origem africana, e "dromo", do grego ("lugar em que se corre"). Quando se pensa que "sambódromo" é formada por um elemento africano e outro grego, mas só faz sentido no português do Brasil, entende-se por que língua e cultura são elementos indissociáveis.

HIPÉRBATO: é a inversão da ordem natural das palavras.

Exemplo:
"De tudo, ao meu amor serei atento antes" (ordem indireta ou inversa)
Em vez de "Serei atento ao meu amor antes de tudo" (ordem direta)

IRONIA: consiste em, aproveitando-se do contexto, utilizar palavras que devem ser compreendidas no sentido oposto do que aparentam transmitir. É um poderoso instrumento para o sarcasmo.

Exemplo:
Muito competente aquele candidato! Construiu viadutos que ligam nenhum lugar a lugar algum.

METÁFORA: palavra empregada fora de seu sentido real, literal, denotativo.

Exemplos:
Eliana não SE DOBROU às desculpas do namorado que a deixou esperando por uma hora.
Ontem à noite choveu CANIVETES!

Na base de toda metáfora está um processo comparativo:
Senti a seda do seu rosto em meus dedos.
(Seda, na frase acima, é uma metáfora. Por trás do uso dessa palavra para indicar uma pele extremamente agradável ao tato, há várias operações de comparação: a pele descrita é tão agradável ao tato quanto a seda; a pele descrita é uma verdadeira seda; a pele descrita pode ser chamada seda.)

METONÍMIA: ocorre quando uma palavra é usada para designar alguma coisa com a qual mantém uma relação de proximidade ou posse.

Exemplo:
Meus olhos estão tristes por que você decidiu partir.
(Olhos, na frase acima, é uma metonímia. Na verdade, essa palavra, que indica uma parte do ser humano, esta sendo usada para designar o ser humano completo.)

ONOMATOPÉIA: emprego de palavras apropriadas na tentativa de se imitar o som de alguma coisa.

Exemplos:
Não conseguia dormir com o TIC-TAC do relógio da sala.

"Lá vem o vaqueiro pelos atalhos, tangendo as reses para os currais. Blem... blem... blem... cantam os chocalhos dos tristes bodes patriarcais. E os guizos finos das ovelhinhas ternas dím... dím... dím... E o sino da igreja velha: bão... bão... bão..." (Ascenso Ferreira)

PERÍFRASE: uso de um dos atributos de um ser ou coisa que servirá para indicá-lo.

Exemplos:
Na floresta, todos sabem quem é o REI DOS ANIMAIS. (REI DOS ANIMAIS = LEÃO)
A CIDADE MARAVILHOSA torce para um dia sediar os Jogos Olímpicos.
(CIDADE MARAVILHOSA = RIO DE JANEIRO)

PLEONASMO: repetição de um termo da oração para se dar ênfase a ele.

Exemplos:
A MIM só me restou a esperança de dias melhores.

Casos de pleonasmos considerados estilísticos:
Camões, em "Os Lusíadas", escreveu "De ambos os dous a fronte coroada". (Esta frase está na ordem inversa. Na ordem direta seria "A fronte de ambos os dous coroada." E "dous" é uma forma, hoje em desuso, equivalente a "dois".

Observação: A palavra "ambos" é da mesma família das palavras "ambivalente", "ambidestro", "ambívio" ("encruzilhada"), "ambígeno" ("proveniente de duas espécies diversas") etc.

"Ver com os próprios olhos". É óbvio que ninguém vê com as orelhas, nem vê com os olhos de outra pessoa. Mas essa combinação é aceita justamente por ser considerada expressiva, sobretudo pela palavra "próprios": "Vi com meus próprios olhos."

Um outro bom exemplo de pleonasmo consagrado é "abismo sem fundo". Pouquíssimas pessoas sabem que, na origem, a palavra "abismo" significa "sem fundo". Ao pé da letra, "abismo" é "lugar sem fundo".

Quando se perde a noção da origem de uma palavra, é natural que ocorram ligeiras mudanças em seu significado, o que justifica certos pleonasmos, como o de "abismo sem fundo". Afinal, hoje em dia, o sentido corrente de "abismo" não é de "lugar sem fundo" e sim de "lugar muito fundo".

Convém lembrar que existe a forma paralela "abisso", hoje pouco usada. É dela que se forma o adjetivo "abissal". Apesar de o substantivo "abisso" estar fora de moda, o adjetivo "abissal" é mais usado que "abismal": "A ignorância dele é abissal/abismal." Ambas as formas são corretas e equivalentes.

POLISSEMIA: é a propriedade que tem a mesma palavra de assumir significados diferentes.

Exemplos:
Lúcia bateu a porta. (fechou)
Roberto bateu o carro. (trombou)
Meu coração bate rápido. (pulsa)

Em uma propaganda da Bradesco Seguros de automóveis vemos, na foto, um pincel de barbeiro, usado para espalhar o creme de barbear no rosto do cliente, e a legenda: "Esta cidade está cheia de barbeiros" (alusão aos maus motoristas)

POLISSÍNDETO: é o uso repetido da conjunção (do conectivo), entre elementos coordenados. Esse recurso costuma acelerar o ritmo narrativo.

Exemplos:
"O amor que a exalta e a pede e a chama e a implora."
(Machado de Assis)
"No aconchego
Do claustro, na paciência e no sossego
Trabalhe, e teima, e lima, e sofre, e sua!"
(Olavo Bilac)

PROSOPOPÉIA ou PERSONIFICAÇÃO (ou ainda **METAGOGE**): consiste em atribuir características de seres animados a seres inanimados ou características humanas a seres não-humanos.

Exemplos:
"A floresta gesticulava nervosamente diante do lago que a devorava. O ipê acenava- lhe brandamente, chamando-o para casa."
As estrelas sorriem quando você também sorri.

SILEPSE: Figura pela qual a concordância das palavras se faz de acordo com o sentido, e não segundo as regras da sintaxe. A Silepse pode ser de pessoa, número ou gênero.

Exemplos:
"Os brasileiros somos roubados todos os dias." Quem diz ou escreve a frase dessa forma põe o verbo na primeira pessoa do plural para deixar claro que é brasileiro e é roubado. Nessa frase, por exemplo, a concordância não foi feita com "os brasileiros", mas com o sentido, com a idéia que se quer enfatizar. É claro que teria sido possível empregar a forma "são" ("Os brasileiros são roubados..."), no entanto, o enfoque mudaria completamente.

No exemplo anterior, ocorre silepse de pessoa, já que se trocou a terceira pessoa pela primeira. A de número ocorre quando se troca o singular pelo plural (ou vice-versa), como se vê neste exemplo: "A turma chegou cedo, mas, depois que foi dado o aviso de que o professor se atrasaria, desistiram de esperar e foram embora". Nessa frase, as formas verbais "desistiram" e "foram" se referem ao termo "turma", mas não concordam com a forma dessa palavra (singular), e sim com a idéia contida em seu significado ("alunos", no caso). A silepse de número é comum com o vocativo representado por coletivo, seguido de verbo no plural: "Turma, turma, venham". De novo, o verbo ("venham") não concorda com a palavra "turma", mas com sua idéia.

A silepse é de gênero quando se troca o masculino pelo feminino (ou vice-versa). Em "São Paulo está assustadíssima com a brutalidade", exemplo clássico, o adjetivo "assustadíssima", no feminino, não concorda com "São Paulo", nome de santo, masculino, mas com "cidade", palavra que não foi dita ou escrita. O mesmo processo se dá quando se diz "Porto Alegre é linda". "Porto" é palavra masculina, mas a concordância de "linda" também se dá com "cidade". Em certos casos, ocorrem, simultaneamente, a silepse de gênero e a de número, como se vê neste exemplo, transcrito do "Dicionário Houaiss": "Que será de nós, com a bandidagem podendo andar soltos por aí". Na frase, o adjetivo "soltos" não concorda com a forma singular e feminina da palavra "bandidagem", mas com sua idéia ("os bandidos").

Observação: É bom lembrar que a Silepse também é chamada de "concordância ideológica".

SINESTESIA: aproximação de sensações diferentes.

Exemplos:
Naquele momento, sentiu um CHEIRO VERMELHO de ódio.
(CHEIRO, olfato - VERMELHO, visão)

ZEUGMA: omissão de um ou mais elementos de uma oração, mas que já foram mencionados em outra. Ver **ELIPSE**.

VÍCIOS DE LINGUAGEM

BARBARISMO: é o emprego de vocábulos, expressões e construções alheias ao idioma. Os estrangeirismos que entram no idioma por um processo natural de assimilação de cultura assumem aspecto de sentimento político-patriótico que, aos olhos dos puristas extremados, trazem o selo da subserviência e da degradação do país. Esquecem-se de que a língua, como produto social, registra, em tais estrangeirismos, os contactos de povos. Este tipo de patriotismo lingüístico (Leo Spitzer lhe dava pejorativamente o nome de "patriotite") é antigo e revela reflexos de antigas dissensões históricas. Bréal lembra que os filólogos gregos que baniam os vocábulos turcos do léxico continuavam, à sua moda, a guerra da independência. Entre nós o repúdio ao francesismo ou galicismo nasceu da repulsa, aliás, justa, dos portugueses aos excessos dos soldados de Juno quando Napoleão ordenou a invasão de Portugal. O que se deve combater é o excesso de importação de línguas estrangeiras, mormente aquela desnecessária por se encontrarem no vernáculo vocábulos equivalentes.

CACÓFATO : palavra de origem grega que significa "mau som", RESULTANTE DA aproximação das sílabas finais de uma palavra com as iniciais de outra, formando uma terceira de "som desagradável".

Exemplos:
Durante a Olimpíada de Atlanta, um repórter afirmou com muita ênfase: "Até hoje, o atletismo era o esporte que havia dado mais medalhas para o Brasil."
Na transmissão do jogo Brasil x Coréia, ouviu-se: "Flávio Conceição pediu a bola e Cafu deu."

Cacófatos mais conhecidos:
"Uma prima minha...", "Na boca dela...", "Na vez passada...", "Eu vi ela...", "Teu time nunca ganha", entre outros.

Segundo o gramático e filólogo Napoleão Mendes de Almeida "Só haverá cacofonia quando a palavra produzida for torpe, obscena ou ridícula. É infundado o exagerado escrúpulo de quem diz haver cacófato em 'por cada', 'ela tinha' e 'só linha'." No mesmo caso podemos incluir "uma mão" e "já tinha".

No meio empresarial, corre uma história muito curiosa. Dizem que uma engenheira química, durante visita a uma indústria, recebeu a seguinte pergunta: "Que a senhora faria se este problema ocorresse em sua fábrica?" Ela respondeu secamente: "Eu mandaria um químico meu." A resposta causou constrangimento. Todos disfarçaram e continuaram a reunião. Lá pelas tantas, nova pergunta: "E neste caso?" Nova resposta: "Eu mandaria um outro químico meu." Foram tantos "químico meu" que um diretor mais preocupado perguntou: "Mas...foi a fábrica toda?" Ela deve ter voltado para casa sem saber o porquê de tanto sucesso.

REDUNDÂNCIA: palavra ou expressão desnecessária, por indicar idéia que já faz parte de outra passagem do texto.

Exemplos:
Você sabe o que significa "elo"? Além de sinônimo de argola, figurativamente elo pode significar "ligação, união". Então "elo de ligação" é outro belíssimo caso de redundância. Basta dizer que alguma coisa funciona como elo, e não que funciona como "elo de ligação".

O mesmo raciocínio se aplica em casos como o de "criar mil novos empregos". Pura redundância. Basta dizer "criar mil empregos".

Se é consenso, é geral. É redundante dizer "Há consenso geral em relação a isso". Basta dizer que há consenso.

Prefiro mais é errado. A força do prefixo (pre) dispensa o advérbio (mais). Diga sempre: prefiro sair sozinha; prefiro comer carne branca. Nada mais!

Outros exemplos de redundância:
"Acabamento final" (O acabamento vem no fim mesmo)
"Criar novas teorias" (O que se cria é necessariamente novo)
"Derradeira última esperança" (Derradeira é sinônimo de última)
"Ele vai escrever a sua própria autobiografia" (Autobiografia é a biografia de si mesmo)
"Houve contatos bilaterais entre as duas partes" (Basta: "bilaterais entre as partes")
"O nível escolar dos alunos está se degenerando para pior" (É impossível degenerar para melhor)
"O concurso foi antecipado para antes da data marcada" (Será que dá para antecipar para depois?)
"Ganhe inteiramente grátis" (Se ganhar só pode ser grátis, imagine inteiramente grátis. Parece que alguém pode ganhar alguma coisa parcialmente grátis)
"Por decisão unânime de toda a diretoria" (Boa foi a decisão unânime só da metade da diretoria!)
"O juiz deferiu favoravelmente" (Se não fosse favoravelmente, o juiz tinha indeferido)
"Não perca neste fim de ano, as previsões para o futuro" (Ainda estamos para ver as previsões para o passado!)

SOLECISMO: colocação inadequada de algum termo, contrariando as regras da norma culta em relação à sintaxe (parte da gramática que trata da disposição das palavras na frase e das frases no período).

Exemplos:
Me esqueci (em lugar de: Esqueci-me).
Não falou-me sobre o assunto (em lugar de: Não me falou sobre o assunto)
Eu lhe abracei (por: Eu o abracei)
A gente vamos (por: A gente vai)
Tu fostes (por: Tu foste)

ALGUMAS MANEIRAS DE FALAR OU ESCREVER ERRADO

A **TAUTOLOGIA** é um dos vícios de linguagem que consiste em dizer ou escrever a mesma coisa, por formas diversas, meio parecida com pleonasmo ou redundância.

É um artifício de linguagem que, raramente, até fica enfático no corpo do texto. Nos processos policiais, certidões e escrituras, além dos milhares de erros cometidos, é muito comum o vicio de repetir com outras palavras o que está fartamente explícito .

Observe a lista abaixo. Se vir alguma que já usou, procure não utilizar mais.

- Habitat natural;	- Criar novos empregos;
- Certeza absoluta;	- Retornar de novo;
- Número exato;	- Freqüentar constantemente;
- Quantia exata;	- Empréstimo temporário;
- Sugiro, conjecturalmente;	- Compartilhar conosco;
- Nos dias , e inclusive;	- Surpresa inesperada;
- Como prêmio extra;	- Completamente vazio;
- Juntamente com;	- Colocar algo em seu respectivo lugar;
- Em caráter esporádico;	- Escolha opcional;
- Expressamente proibido;	- Continua a permanecer;
- Terminantemente proibido;	- Passatempo passageiro;
- Em duas metades iguais;	- Atrás da retaguarda;
- Destaque excepcional;	- Planejar antecipadamente;
- Sintomas indicativos;	- Repetir outra vez / de novo;
- Há anos atrás;	- Sentido significativo;
- Vereador da cidade;	- Voltar atrás;
- Outra alternativa;	- Abertura inaugural;
- Detalhes minuciosos / pequenos detalhes;	- Pode possivelmente ocorrer;
- A razão é porque;	- A partir de agora;
- Interromper de uma vez;	- Última versão definitiva;
- Anexo (a) junto a carta;	- Obra-prima principal;
- De sua livre escolha;	- Gritar/ Bradar bem alto;
- Superávit positivo;	- Propriedade característica;
- Vandalismo criminoso;	- Comparecer em pessoa;
- Palavra de honra;	- Colaborar com uma ajuda / auxílio;
- Conviver junto;	- Matriz cambiante;
- Exultar de alegria;	- Com absoluta correção/ exatidão;
- Encarar de frente;	- Demasiadamente excessivo;
- Comprovadamente certo;	- Individualidade inigualável;
- Fato real;	- A seu critério pessoal;
- Multidão de pessoas;	- Abusar demais;
- Amanhecer o dia;	- Exceder em muito;
- Almirante da Marinha;	- Preconceito intolerante;
(Só existem almirantes na Marinha)	- Medidas extremas de último caso;
- Manter o mesmo time;	- De comum acordo;

- Labaredas de fogo; - Erário público; (Os dicionarios ensinam que erário é o tesouro público, por isso, basta dizer somente erário) - Despesas com gastos; - Monopólio exclusivo; - Ganhar grátis; - Países do mundo; - Viúva do falecido; - Expectativas, planos ou perspectivas para o futuro.	- Inovação recente; - Velha tradição; - Beco sem saída; - Discussão tensa; - Imprensa escrita; - Sua autobiografia; - Sorriso nos lábios; - Goteira no teto; - General do Exército; (Só existem generais no Exército) - Brigadeiro da Aeronáutica; (Só existem brigadeiros na Aeronáutica)

XI. FORMAÇÃO DO PLURAL

REGRAS BÁSICAS

Em substantivos simples, acrescenta-se a desinência **"-s"** aos substantivos terminados em vogal, ditongo oral ou ditongo nasal **"ãe":** casa/casas, peru/perus, pai/pais, lei/leis, herói/heróis, réu/réus, troféu/troféus, fogaréu/fogaréus, degrau/degraus, grau/graus, sarau/saraus, bacalhau/ bacalhaus, maçã/maçãs, mãe/mães...

Observação :

Atente para as formas "avôs" (o avô materno e o paterno) e "avós" (casal formado por avô e avó, ou plural de avó; também indica os antepassados de um modo geral).

A maioria dos substantivos terminados em **"-ão"** forma o plural substituindo essa terminação por **"-ões"** (incluem-se nesse grupo os aumentativos): balão/balões, eleição/eleições, leão/leões, sabichão/sabichões, coração/corações, vozeirão/vozeirões...

Os paroxítonos terminados em **"-ão"** e alguns poucos oxítonos e monossílabos formam o plural pelo simples acréscimo de **"s":** sótão/sótãos, cidadão/cidadãos, chão/chãos, bênção/bênçãos, cristão/cristãos, grão/grãos, órfão/órfãos, irmão/irmãos, mão/mãos...

Alguns substantivos terminados em **"-ão"** formam o plural substituindo essa terminação por **"-ães":** alemão/alemães, capitão/capitães, pão/pães, cão/cães, charlatão/charlatães, sacristão/sacristães, capelão/capelães, escrivão/escrivães, tabelião/tabeliães...

Em alguns casos, há mais do que uma forma aceitável para esses plurais. A tendência da língua portuguesa atual do Brasil é utilizar a forma de plural em **"-ões":**

guardião - guardiões, guardiães;
verão - verões, verãos;
anão - anões, anãos;
cirurgião - cirurgiões, cirurgiães;
corrimão - corrimões, corrimãos;
vilão - vilões, vilãos;
ancião - anciões, anciães, anciãos;
ermitão - ermitões, ermitães, ermitãos;
zangão (substantivo masculino de abelha) zangãos, zangões; que pode ser pronunciada também de duas maneiras: zangão ou zângão (acento colocado para mostrar a pronúncia).

Observação:

ARTESÃOS/ARTESÕES

Quando se refere ao indivíduo que tem por ofício as artes que dependem de habilidade manual, o feminino é "artesã", e o plural é "artesãos". No entanto, a palavra "artesão" também se usa em arquitetura, com o sentido de "adorno que se coloca entre molduras em abóbadas e tetos". Neste caso, o plural é "artesões". Disso se conclui que é possível dizer que "os artesões de determinada igreja foram produzidos por famosos artesãos".

Acrescenta-se a desinência **"-s"** aos substantivos terminados em **"-m".** Essa letra é substituída por **"-n"** na forma do plural: homem/homens, jardim/jardins, som/sons, atum/atuns...

Os substantivos terminados em **"-r"** e **"-z"** formam o plural com o acréscimo **de "-es":** mar/mares, açúcar/açúcares, hambúrguer/hambúrgueres, flor/flores, repórter/repórteres, revólver/revólveres; raiz/raízes, rapaz/rapazes, cruz/cruzes...

Observação:
No caso do plural das palavras "júnior", "sênior" e "caráter", além de acrescentar **"es",** devemos observar a mudança da posição da sílaba tônica: "juni ô res", "seni ô res", "carac té res" (devemos escrever essas palavras sem acento, mas pronunciar com a sílaba tônica nas vogais aqui acentuadas.).

Os substantivos terminados em **"-s"** formam o plural com acréscimo de **"-es";** quando paroxítonos ou proparoxítonos, são invariáveis - o que faz com que a indicação de número passe a depender de um artigo ou outro determinante: gás/gases, obus/obuses, um lápis/dois lápis, mês/meses, o atlas/os atlas, algum ônibus/vários ônibus, país/países, o pires/os pires, o vírus/os vírus...

Os substantivos terminados em **"-al, -el, -ol e -ul"** formam o plural pela transformação do **"-l"** dessas terminações em **"-is":** animal/animais, canal/canais, vogal/vogais, igual/iguais, anel/anéis, pastel/pastéis, álcool/álcoois, anzol/anzóis...

Observação:
O plural de "mal" (males) e de "cônsul" (cônsules) é uma exceção à regra das palavras terminadas em **"l".** Já "mel" admite dois plurais: "meles" ou "méis". Os dicionários e as gramáticas afirmam que "gol" também admite dois plurais: "gois" (com o **"o"** fechado, como o de bois) e "goles" (com o "o" também fechado); exemplo: Ronaldinho fez três goles (ou gois) numa só partida. No entanto, a forma irregular "gols" é a que tem predominado na imprensa em geral.

Os substantivos oxítonos terminados em **"-il"** trocam o **"-l"** pelo **"-s";** os paroxítonos trocam essa terminação por **"-eis":** barril/barris, ardil/ardis, funil/funis, fuzil/fuzis, fóssil/fósseis, projétil/projéteis, réptil/répteis...

Além das formas paroxítonas apresentadas acima, existem as formas oxítonas "projetil" e "reptil", que fazem os plurais "projetis" e "reptis", oxítonos.

Os substantivos terminados em **"-n"** formam o plural pelo acréscimo de **"-s"** ou **"-es":** abdômen/abdomens ou abdômenes, gérmen/germens ou gérmenes, hífen/hifens ou hífenes, líquen/liquens ou líquenes...

No português do Brasil, há acentuada tendência para o uso das formas obtidas pelo acréscimo de **"-s".** Observe que, quando paroxítonas, essas formas de plural não recebem acento gráfico.
Destaque-se cânon, cujo plural é a forma cânones.

Os substantivos terminados em **"-x"** são invariáveis; a indicação de número depende da concordância com algum determinante: o tórax/os tórax, um climax/alguns climax, uma (ou um) xerox/duas (ou dois) xerox...

Existem alguns substantivos terminados em **"-x"** que apresentam formas variantes terminadas em **"-ce";** nesses casos, deve-se utilizar a forma plural da variante: o cálix ou cálice/ os cálices, o códex ou códice/ os códices...

Os diminutivos com o sufixo **"-zinho"** (e mais raramente **"-zito")** fazem o plural da seguinte forma: o plural da palavra original sem o **"s"** + o plural do sufixo (-**zinhos** ou -**zitos).**

Exemplos:
botão + zinho (botõe + zinhos = botõezinhos)
balão + zinho (balõe + zinhos = balõezinhos)
pão + zinho (pãe + zinhos = pãezinhos)
papel + zinho (papei + zinhos = papeizinhos)
anzol + zinho (anzoi + zinhos = anzoizinhos)
colar + zinho (colare + zinhos = colarezinhos)
flor + zinha (flore + zinhas = florezinhas)

Observações:
No caso de diminutivos formados a partir de substantivos terminados em **"-r",** existe acentuada tendência na língua atual do Brasil para limitar-se o plural à terminação da forma derivada: colarzinho/colarzinhos, florzinha/florzinhas, mulherzinha/mulherzinhas. Essa forma de plural, no entanto, é repudiada pela norma culta.

No caso das palavras luzinha e cruzinha, o sufixo para o diminutivo é **"inho"** (a letra **"z"** pertence à raiz da palavra). Não se aplica, portanto, a regra acima. Basta pôr a desinência **"s":** luzinhas e cruzinhas.

METAFONIA

Existem muitos substantivos cuja formação do plural não se manifesta apenas por meio de modificações morfológicas, mas também implica alteração fonológica. Nesses casos, ocorre um fenômeno chamado metafonia, ou seja, a mudança de som entre uma forma e outra.

Trata-se da alternância do timbre da vogal, que é fechado na forma do singular e aberto na forma do plural. Observe os pares abaixo:

singular (ô)	- plural (ó)
aposto	apostos
caroço	caroços
corno	cornos
corpo	corpos
corvo	corvos
esforço	esforços
fogo	fogos
imposto	impostos
miolo	miolos
osso	ossos
poço	poços
porto	portos
povo	povos
socorro	socorros
forno	fornos
jogo	jogos
olho	olhos
ovo	ovos
porco	porcos
posto	postos
reforço	reforços
tijolo	tijolos

É importante que você atente na pronúncia culta desses plurais quando estiver utilizando a língua falada em situações formais.

PLURAL DE PALAVRAS COMPOSTAS

A formação do plural dos substantivos compostos depende da forma como são grafados, do tipo de palavras que formam o composto e da relação que estabelecem entre si. Aqueles que são grafados ligadamente (sem hífen) Comportam-se como os substantivos simples: aguardente/aguardentes, girassol/girassóis, pontapé/pontapés...

Nesse sentido, para fazer o plural de uma palavra composta, é preciso antes verificar em que classe gramatical ela se encaixa. Basicamente, uma palavra composta pode ser um substantivo ou um adjetivo. No caso de "pombo-correio", por exemplo, temos um substantivo composto. Afinal, "pombo-correio" é nome de algo. Se é nome, é substantivo.

O segundo passo é verificar a classe gramatical de cada elemento formador da palavra composta. No caso de "pombo-correio", tanto "pombo" quanto "correio" são substantivos. Dizem as gramáticas que, quando o segundo substantivo indica idéia de semelhança ou finalidade em relação ao primeiro, há duas possibilidades de plural: variam os dois ou varia só o primeiro. "Pombo-correio" se encaixa nesse caso. Um pombo-correio nada mais é do que "variedade de pombo que se utiliza para levar comunicações e correspondência", como

diz o próprio Aurélio. O segundo substantivo ("correio") indica finalidade em relação ao primeiro ("pombo"). Deduz-se, pois, que o plural de "pombo-correio" pode ser "pombos-correio" ou "pombos-correios".

Vejamos outros exemplos de substantivos compostos que se encaixam nesse caso: "carro-bomba", "homem-bomba", "público-alvo", "samba-enredo", "caminhão-tanque", "navio-escola", "couve-flor", "banana-maçã", "saia-balão" e tantos outros de estrutura semelhante (dois substantivos, com o segundo indicando semelhança ou finalidade em relação ao primeiro). Um carro-bomba, por exemplo, é um carro feito com a finalidade específica de explodir; assim como um homem-bomba é um indivíduo (normalmente um terrorista) que amarra explosivos em seu corpo com o mesmo fim. Um público-alvo é uma determinada parcela da população. Um samba-enredo é um samba feito para contar o enredo do desfile de uma escola. Uma couve-flor é uma couve semelhante a uma flor. A saia-balão é uma saia que lembra um balão. E por aí vai.

Sendo assim, o plural de cada um desses substantivos compostos apresenta-se desta maneira:

"carros-bomba" ou "carros-bombas", "homens-bomba" ou "homens-bombas", "públicos-alvo" ou "públicos-alvos", "sambas-enredo" ou "sambas-enredos", "caminhões-tanque" ou "caminhões-tanques", "navios-escola" ou "navios-escolas", "couves-flor" ou "couves-flores", "bananas-maçã" ou "bananas-maçãs", "saias-balão" ou "saias-balões".

Convém aproveitar a ocasião para lembrar que, quando o segundo substantivo não indica semelhança ou finalidade em relação ao primeiro, só há uma possibilidade de plural: flexionam-se os dois elementos. É o que ocorre com "cirurgião-dentista", "tio-avô", "tia-avó", "tenente-coronel", "bicho-papão", "rainha-mãe", "decreto-lei" e tantos outros. Vamos ao plural: "cirurgiões-dentistas" (ou "cirurgiães-dentistas"), "tios-avôs" (ou "tios-avós"), "tias-avós", "tenentes-coronéis", "bichos-papões", "rainhas-mães", "decretos-leis".

Vejamos agora o caso de "cavalo-marinho". Trata-se de substantivo composto formado por um substantivo ("cavalo") e um adjetivo ("marinho"). Aqui não há segredo: variam os dois elementos. O plural, então, só pode ser "cavalos-marinhos".

Esse princípio pode ser aplicado em relação a todos os substantivos compostos formados por duas palavras, das quais uma seja substantivo e a outra, um adjetivo ou numeral. Encaixam-se nesse caso muitas e muitas palavras. Veja algumas: obra-prima, primeira-dama, queixo-duro, primeiro-ministro, amor-perfeito, capitão-mor, cachorro-quente, boa-vida, curta-metragem, quarta-feira, sexta-feira, bóia-fria. O plural de todos esses compostos é feito com a flexão dos dois elementos: obras-primas, primeiras-damas, queixos-duros, primeiros-ministros, amores-perfeitos, capitães-mores, cachorros-quentes, boas-vidas, curtas-metragens, quartas-feiras, sextas-feiras, bóias-frias.

Tome cuidado com o caso de compostos em que entram "grão" e "grã", como "grão-duque", "grã-fina", "grã-fino", "grã-cruz". Só varia o segundo elemento: "grão-duques", "grã-finas", "grã-finos", "grã-cruzes". Merece destaque "terra-nova" (tipo de cão), que, segundo alguns

autores, faz plural excepcional: "terra-novas". Para outros, no entanto, também é possível o plural regular: "terras-novas".

Quando o substantivo composto é formado por três elementos, dos quais o segundo seja uma preposição, só se faz a flexão do primeiro. É esse o caso de mulas-sem-cabeça, pães-de-ló, quedas-d'água, pés-de-moleque, amigos-da-onça, bicos-de-papagaio, dores-de-cotovelo, estrelas-do-mar, generais-de-divisão, grãos-de-bico, joões-de-barro, pais-de-santo, pés-de-cabra, pores-do-sol...

Observação : os fora-da-lei , os fora-de-série ...são invariáveis .

Talvez esteja aí a explicação para o plural de "sem-terra" adotado por todos os órgãos da imprensa: "Sem-terra". Por quê? Porque se supõe que haja uma palavra implícita. Algo como "homem sem terra", que não é propriamente uma palavra composta, mas tem estrutura semelhante: dois substantivos ("homem" e "terra"), ligados por uma preposição ("sem"). O plural dessa expressão seria "homens sem terra", que acaba sendo reduzida para "sem-terra", com hífen, justamente porque nomeia uma categoria específica de pessoas.

O caso de "sem-vergonha" é semelhante. Algo como "pessoa sem vergonha" acaba se transformando em "sem-vergonha", com hífen. Segundo o dicionário "Aurélio" e muitos gramáticos, o plural é "sem-vergonha" mesmo. Alguns discordam e propõem "os sem-vergonhas" e "os sem-terras". O argumento é que se deve proceder com "sem-terra" como se procede com "contra-ataque", cujo plural é "contra-ataques". Ocorre que esse "contra" não é a preposição, mas o elemento de composição, ou prefixo, como o define Caldas Aulete. Os casos de "contra-ataque" e de "sem-terra", na verdade, são distintos.

Se a palavra composta for constituída de um verbo e um substantivo, somente o substantivo irá para o plural: arranha-céus, bate-papos, bate-bocas, bate-bolas, caça-talentos, guarda-chuvas, lança-perfumes, lava-pés, mata-borrões, pára-brisas, pára-choques, pára-lamas, porta-bandeiras, porta-vozes, quebra-cabeças, quebra-molas, salva-vidas, vira-latas...

Observação :
Em guarda-civil , guarda é substantivo e civil é adjetivo. Os dois vão para o plural: guardas-civis , guardas-noturnos, guardas-florestais...

Já em guarda-chuva , guarda é verbo e chuva é substantivo. Só o substantivo vai para o plural: guarda-chuvas , guarda-sóis, guarda-louças, guarda-roupas, guarda-costas...

Se a palavra composta for constituída de dois ou mais adjetivos, somente o último adjetivo irá para o plural: consultórios médico-cirúrgicos ; candidatos social-democratas ; atividades técnico-científicas ; problemas político-econômicos ; questões luso-brasileiras ; camisas rubro-negras ; cabelos castanho-escuros ; olhos verde-claros ...

Observação :
Os adjetivos compostos referentes a cores são invariáveis quando o segundo elemento é um substantivo: verde-garrafa, verde-mar, verde-musgo, verde-oliva, azul-céu, azul-piscina, amarelo-ouro, rosa-choque, vermelho-sangue...

Compare:
Olhos verde-claros = cor + adjetivo (claro ou escuro)
Calças verde-garrafa = cor + substantivo
Também são invariáveis: azul-celeste e azul-marinho .

Se o primeiro elemento for advérbio, preposição ou prefixo, somente o segundo elemento irá para o plural: abaixo-assinados, alto-falantes, ante-salas, anti-semitas, auto-retratos, bel-prazeres, contra-ataques, recém-nascidos, super-homens, todo-poderosos, vice-campeões...

Se a palavra composta for constituída por advérbio + pronome + verbo, somente o último elemento varia: bem-me-queres, bem-te-vis, não-me-toques...

Se a palavra composta for constituída pela repetição das palavras (onomatopéias = reprodução dos sons), o segundo elemento irá para o plural: bangue-bangues, pingue-pongues, reco-recos, teco-tecos, tique-taques, zigue-zagues...

Casos especiais:
Os arco-íris, as ave-marias, os banhos-maria, os joões-ninguém, os louva-a-deus, os lugar-tenentes, os mapas-múndi, os padre-nossos, as salve-rainhas, os surdos-mudos...

São invariáveis :
- compostos de verbo + palavra invariável: os bota-fora, os cola-tudo, os topa-tudo...
- compostos de verbos de sentido oposto: os entre-e-sai, os leva-e-traz, os perde-ganha, os sobe-e-desce, os vai-volta...
- expressões substantivadas: os bumba-meu-boi, os chove-não-molha, os disse-me-disse...

➔ Os estudiosos das coisas indígenas afirmam que os nomes das nações indígenas não apresentam plural na sua forma original. Deveríamos dizer os tupi, os goitacá, os pataxó, os caeté.

Há, entretanto, aqueles que defendem o aportuguesamento e conseqüente respeito às nossas regras gramaticais.

CASOS ESPECIAIS

EXTRA

A forma reduzida "extra" vem do adjetivo "extraordinário". Como "extra" significa "fora de", "extraordinário" significa "fora do ordinário", ou seja, fora do que é comum, normal, ordinário. Por ser grande, a palavra "extraordinário" não fugiu de um processo lingüístico implacável: a redução. Com isso, o prefixo passou a ter também o sentido do adjetivo. Nesse caso, sua flexão é normal, como a de um adjetivo qualquer: "hora extra", "horas extras".

Em tempo: quando usado como prefixo, nada de flexioná-lo. O plural de "extra-oficial" é "extra-oficiais"; o de "extra-sístole" é "extra-sístoles".

SIGLAS

Embora não existam regras rígidas para o plural de siglas, é usual e perfeitamente aceitável o uso do "s": CDs, CEPs, IPVAs, IPTUs, Ufirs...

Cuidado, porém, quanto ao mau uso do apóstrofo. O apóstrofo, em português, é para indicar a omissão de fonema/letra: copo de água = copo d'água; galinha de Angola = galinha d'angola. Não se justifica, portanto, o uso do apóstrofo para indicar o acréscimo da desinência "s" para indicar o plural.

REVÉS

"Reveses", com "s", é o plural de "revés", sinônimo de "insucesso", "derrota". Já "revezes" é a forma da segunda pessoa do singular do presente do subjuntivo do verbo "revezar", que se escreve com "z" porque é da mesma família de "vez". "Revezar" é produto de "re + vez + ar" e significa "substituir alternadamente": "Quero que tu te revezes com o Fernando na prova de natação."

AS CORES LILÁS E GRIS

Apesar da palavra "lilás" ser um substantivo (uma flor), ela empresta a tonalidade de sua cor para virar adjetivo que, pela regra geral, não iria para o plural, como em certos adjetivos compostos, onde o segundo elemento é um substantivo: "calças azul piscina", " vestidos amarelo- -limão". No entanto, muitos dicionários dão como plural de lilás a forma "lilases". O mais interessante é que lilás pode ser também o plural de "lilá". Assim, podemos ter as seguintes combinações: no singular, "camisa lilá", "camisa lilás"; e no plural, "camisas lilás" e "camisas lilases".

Assim também acontece com "gris" que, a princípio, é um animal (substantivo) que empresta a tonalidade da cor de seu pêlo (azul-acinzentado) para se tornar um adjetivo. Dessa forma, gris pode ser singular ou plural, tendo também a forma "grisses" como um segundo plural. Exemplo: "...e tudo nascerá mais belo, o verde faz do azul com o amarelo o elo com todas as cores para enfeitar amores gris (ou grises)" - verso da música NENHUM DIA, de Dijavan.

ESPÉCIMEN

Além do plural "espécimens", a palavra espécimen possui a forma "especímenes".

Cuidado, entretanto, com a pronúncia dessas palavras. São todas proparoxítonas (a sílaba tônica é a antepenúltima) e conseqüentemente acentuadas, o que certamente ajuda a pronunciá-las corretamente.

XII. ORAÇÕES SUBORDINADAS

Você já deve saber que período é uma frase organizada em orações. Já deve saber também que no período simples existe apenas uma oração, chamada "absoluta", e que no período composto existem duas ou mais orações. Essas orações podem se relacionar por meio de dois processos sintáticos diferentes: a subordinação e a coordenação . Na subordinação, um termo atua como determinante de um outro termo. Essa relação se verifica, por exemplo, entre um verbo e seus complementos: os complementos são determinantes do verbo, integrando sua significação. Conseqüentemente, o objeto direto e o objeto indireto são termos subordinados ao verbo, que é o termo subordinante. Outros termos subordinados da oração são os adjuntos adnominais (subordinados ao nome que caracterizam) e os adjuntos adverbiais (subordinados geralmente a um verbo). No período composto, considera-se subordinada a oração que desempenha função de termo de outra oração, o que equivale a dizer que existem orações que atuam como determinantes de outras orações. Observe o seguinte exemplo:

Percebeu que os homens se aproximavam.

Esse período composto é formado por duas orações: a primeira estruturada em torno da forma verbal "percebeu"; a segunda, em torno da forma verbal "aproximavam". A análise da primeira oração permite constatar de imediato que seu verbo é transitivo direto (perceber algo). O complemento desse verbo é, no caso, a oração "que os homens se aproximavam" . Nesse período, a segunda oração funciona como objeto direto do verbo da primeira. Na verdade, o objeto direto de percebeu é "que os homens se aproximavam".

A oração que cumpre papel de um termo sintático de outra é subordinada; a oração que tem um de seus termos na forma de oração subordinada é a principal. No caso do exemplo dado, a oração "Percebeu" é principal; "que os homens se aproximavam" é oração subordinada. Diz-se, então, que esse período é composto por subordinação.

Ocorre coordenação quando termos de mesma função sintática são relacionados entre si. Nesse caso, não se estabelece uma hierarquia entre esses termos, pois eles são sintaticamente equivalentes. Observe:

Brasileiros e portugueses devem agir como irmãos.

Nessa oração, o sujeito composto "brasileiros e portugueses", adjetivos substantivados, apresenta dois núcleos coordenados entre si: os dois substantivos desempenham um mesmo papel sintático na oração.

No período composto, a coordenação ocorre quando orações sintaticamente equivalentes se relacionam. Observe:

Comprei o livro, li os poemas e fiz o trabalho.

Nesse período, há três orações, organizadas a partir das formas verbais "comprei", "li" e "fiz". A análise dessas orações permite perceber que cada uma delas é sintaticamente independente das demais: na primeira, ocorre um verbo transitivo direto (comprar) acompanhado de seu respectivo objeto direto ("o livro"); na segunda, o verbo ler, também transitivo direto, com o objeto direto "os poemas"; na terceira, outro verbo transitivo direto, fazer, com o objeto direto "o trabalho". Nenhuma das três orações desempenha papel de termo de outra. São orações sintaticamente independentes entre si e, por isso, coordenadas. Nesse caso, o período é composto por coordenação. Note que a ordem das orações é fixada por uma questão semântica e não sintática (os fatos indicados pelas orações obedecem à ordem cronológica). Existem períodos compostos em que se verificam esses dois processos de organização sintática, ou seja, a subordinação e a coordenação. Observe:

Percebi que os homens se aproximavam e saí em desabalada carreira.

Nesse período, há três orações, organizadas respectivamente a partir das formas verbais "percebi", "aproximavam" e "saí". A oração organizada em torno de percebi tem como objeto direto a oração "que os homens se aproximavam" (perceber algo); "que os homens se aproximavam", portanto, é oração subordinada a percebi. Entre as orações organizadas em torno de percebi e saí, a relação é de coordenação, já que uma não desempenha papel de termo da outra. O período é composto por coordenação e subordinação.

As orações subordinadas se dividem em três grupos, de acordo com a função sintática que desempenham e a classe de palavras a que equivalem. Podem ser substantivas, adjetivas ou adverbiais. Mais uma vez, valem os conceitos morfossintáticos, que, como você já deve saber, combinam a morfologia e a sintaxe. Para notar as diferenças que existem entre esses três tipos de orações, tome como base a análise de um período simples:

Só depois disso percebi a profundidade das palavras dele.

Nessa oração, o sujeito é "eu", implícito na terminação verbal. "A profundidade das palavras dele" é objeto direto da forma verbal percebi. O núcleo do objeto direto é profundidade. Subordinam-se ao núcleo desse objeto os adjuntos adnominais "a" e "das palavras dele". No adjunto adnominal "das palavras dele", o núcleo é o substantivo palavras, ao qual se prendem os adjuntos adnominais "as" e "dele". "Só depois disso" é adjunto adverbial de tempo.

É possível transformar a expressão "a profundidade das palavras dele", objeto direto, em oração. Observe:

Só depois disso percebi que as palavras dele eram profundas.

Nesse período composto, o complemento da forma verbal percebi é a oração "que as palavras dele eram profundas". Ocorre aqui um período composto por subordinação, em que uma oração desempenha a função de objeto direto do verbo da outra. O objeto direto é uma função substantiva da oração, ou seja, é função desempenhada por substantivos e palavras

de valor substantivo. É natural, portanto, que a oração subordinada que desempenha esse papel seja chamada de oração subordinada substantiva.

Pode-se também modificar o período simples original transformando em oração o adjunto adnominal do núcleo do objeto direto, profundidade. Observe:

Só depois disso percebi a profundidade que as palavras dele continham.

Nesse período, o adjunto adnominal de profundidade passa a ser a oração "que as palavras dele continham". Você já sabe que o adjunto adnominal é uma função adjetiva da oração, ou seja, é função exercida por adjetivos, locuções adjetivas e outras palavras de valor adjetivo. É por isso que são chamadas de subordinadas adjetivas as orações que, nos períodos compostos por subordinação, atuam como adjuntos adnominais de termos das orações principais.

Outra modificação que podemos fazer no período simples original é a transformação do adjunto adverbial de tempo em uma oração. Observe:

Só quando cai em mim, percebi a profundidade das palavras dele.

Nesse período composto, "só quando caí em mim" é uma oração que atua como adjunto adverbial de tempo do verbo da outra oração. O adjunto adverbial é uma função adverbial da oração, ou seja, é função exercida por advérbios e locuções adverbiais. Portanto, são chamadas de subordinadas adverbiais as orações que, num período composto por subordinação, atuam como adjuntos adverbiais do verbo da oração principal.

É fácil perceber, assim, que a classificação das orações subordinadas decorre da combinação da função sintática que exercem com a classe de palavras que representam, ou seja, é a morfossintaxe que determina a classificação de cada oração subordinada. São subordinadas substantivas as que exercem funções substantivas (sujeito, objeto direto e indireto, complemento nominal, aposto, predicativo). São subordinadas adjetivas as que exercem funções adjetivas (atuam como adjuntos adnominais). São subordinadas adverbiais as que exercem funções adverbiais (atuam como adjuntos adverbiais, expressando as mais variadas circunstâncias).

Quanto à forma, as orações subordinadas podem ser desenvolvidas ou reduzidas. Observe:

1. Suponho que seja ela a mulher ideal.
2. Suponho ser ela a mulher ideal.

Nesses dois períodos compostos há orações subordinadas substantivas que atuam como objeto direto da forma verbal suponho. No primeiro período, a oração é "que seja ela a mulher ideal". Essa oração é introduzida por uma conjunção subordinativa (que) e apresenta uma forma verbal do presente do subjuntivo (seja). Trata-se de uma oração subordinada desenvolvida. Assim são chamadas as orações subordinadas que se organizam a partir de

uma forma verbal do modo indicativo ou do subjuntivo e que são introduzidas, na maior parte dos casos, por conjunção subordinativa ou pronome relativo.

No segundo período, a oração subordinada "ser ela a mulher ideal" apresenta o verbo numa de suas formas nominais (no caso, infinitivo) e não é introduzida por conjunção subordinativa ou pronome relativo. Justamente por apresentar uma peça a menos em sua estrutura, essa oração é chamada de reduzida. As orações reduzidas apresentam o verbo numa de suas formas nominais (infinitivo, gerúndio ou particípio) e não apresentam conjunção ou pronome relativo (em alguns casos, são encabeçadas por preposições).

Como você já viu, as orações subordinadas substantivas desempenham funções que no período simples normalmente são desempenhadas por substantivos. As orações substantivas podem atuar como sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, predicativo e aposto. Por isso são chamadas, respectivamente, de subjetivas, objetivas diretas, objetivas indiretas, completivas nominais, predicativas e apositivas. Essas orações podem ser desenvolvidas ou reduzidas. As desenvolvidas normalmente se ligam à oração principal por meio das conjunções subordinativas integrantes "que" e "se". As reduzidas apresentam verbo no infinitivo e podem ou não ser encabeçadas por preposição.

TIPOS DE ORAÇÕES SUBORDINADAS

SUBSTANTIVAS SUBJETIVAS

As orações subordinadas substantivas subjetivas atuam como sujeito do verbo da oração principal**.**

Exemplos:
1. É fundamental o seu comparecimento à reunião.
2. É fundamental que você compareça à reunião.
3. É fundamental você comparecer à reunião.

O primeiro período é simples. Nele, "o seu comparecimento à reunião" é sujeito da forma verbal é. Na ordem direta é mais fácil constatar isso: "O seu comparecimento à reunião é fundamental".

Nos outros dois períodos, que são compostos, a expressão "o seu comparecimento a reunião" foi transformada em oração ("que você compareça a reunião" e "você comparecer à reunião"). Nesses períodos, as orações destacadas são subjetivas, já que desempenham a função de sujeito da forma verbal "é". A oração "você comparecer à reunião", que não é introduzida por conjunção e tem o verbo no infinitivo, é reduzida.

Quando ocorre oração subordinada substantiva subjetiva, o verbo da oração principal sempre fica na terceira pessoa do singular. As estruturas típicas da oração principal nesse caso são:

a) verbo de ligação + predicativo - é bom..., é conveniente..., é melhor..., é claro..., está comprovado..., parece certo..., fica evidente..., etc.

Observe os exemplos:
É preciso que se adotem providências eficazes.
Parece estar provado que soluções mágicas não funcionam.

b) verbo na voz passiva sintética ou analítica - sabe-se..., soube-se..., comenta- se..., dir-se-ia..., foi anunciado..., foi dito..., etc.
Exemplos:
Sabe-se que o país carece de sistema de saúde digno.
Foi dito que tudo seria resolvido por ele.

c) verbos como convir, cumprir, acontecer, importar, ocorrer, suceder, parecer, constar, urgir, conjugados na terceira pessoa do singular.
Exemplos:
Convém que você fique.
Consta que ninguém se interessou pelo cargo.
Parece ser ela a pessoa indicada.

Muitos autores consideram que o relativo "quem" deve ser desdobrado em "aquele que". Tem-se, assim, um relativo (que), que introduz oração adjetiva. Outros autores preferem entender que "Quem usa drogas" é o efetivo sujeito de experimenta. Esta nos parece a melhor solução.

OBJETIVAS DIRETAS

As orações subordinadas substantivas objetivas diretas atuam como objeto direto do verbo da oração principal.
Exemplos:
Todos querem que você compareça.
Suponho ser o Brasil o país de pior distribuição de renda no mundo.

Nas frases interrogativas indiretas, as orações subordinadas substantivas objetivas diretas podem ser introduzidas pela conjunção subordinativa integrante "se" e por pronomes ou advérbios interrogativos.

Exemplos:
Ninguém sabe
/ se ela aceitará a proposta.
/ como a máquina funciona.
/ onde fica o teatro.
/ quanto custa o remédio.
/ quando entra em vigor a nova lei.
/ qual é o assunto da palestra.

Com os verbos "deixar, mandar, fazer" (chamados auxiliares causativos) e "ver, sentir, ouvir, perceber" (chamados auxiliares sensitivos) ocorre um tipo interessante de oração subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo.

Exemplos:
Deixe-ME REPOUSAR.
Mandei-OS SAIR.
Ouvi-O GRITAR.

Nesses casos, as orações destacadas são todas objetivas diretas reduzidas de infinitivo. E, o que é mais interessante, os pronomes oblíquos atuam todos como sujeitos dos infinitivos verbais. Essa é a única situação da língua portuguesa em que um pronome oblíquo pode atuar como sujeito. Para perceber melhor o que ocorre, convém transformar as orações reduzidas em orações desenvolvidas:
Deixe que eu repouse.
Mandei que eles saíssem.
Ouvi que ele gritava.

Nas orações desenvolvidas, os pronomes oblíquos foram substituídos pelas formas retas correspondentes. É fácil perceber agora que se trata, efetivamente, dos sujeitos das formas verbais das orações subordinadas.

OBJETIVAS INDIRETAS

As orações subordinadas substantivas objetivas indiretas atuam como objeto indireto do verbo da oração principal.

Exemplos:
Duvido de que esse prefeito dê prioridade às questões sociais.
Lembre-se de comprar todos os remédios.

COMPLETIVAS NOMINAIS

As orações subordinadas substantivas completivas nominais atuam como complemento de um nome da oração principal.

Exemplos:
Levo a leve impressão de que já vou tarde.
Tenho a impressão de estar sempre no mesmo lugar.

Observe que as objetivas indiretas integram o sentido de um verbo, enquanto as completivas nominais integram o sentido de um nome. Para distinguir uma da outra, é necessário levar em conta o termo complementado. Essa é, aliás, a diferença entre o objeto indireto e o complemento nominal: o primeiro complementa um verbo; o segundo, um nome. Nos exemplos dados acima, as orações subordinadas complementam o nome impressão.

PREDICATIVAS

As orações subordinadas substantivas predicativas atuam como predicativo do sujeito da oração principal.

Exemplos:
A verdade é que ele não passava de um impostor.
Nosso desejo era encontrares o teu caminho.

APOSITIVAS

As orações subordinadas substantivas apositivas atuam como aposto de um termo da oração principal.

Exemplos:
De você espero apenas uma coisa: que me deixe em paz.
Só resta uma alternativa: encontrar o remédio.

PONTUAÇÃO DAS SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS

A pontuação dos períodos compostos em que surgem orações subordinadas substantivas segue os mesmos princípios que se adotam no período simples para as funções sintáticas a que essas orações equivalem:

- A vírgula não deve separar da oração principal as orações subjetivas, objetivas diretas, objetivas indiretas, completivas nominais e predicativas - afinal, sujeitos, complementos verbais e nominais não são separados por vírgula dos termos a que se ligam. O mesmo critério se aplica para o predicativo nos predicados nominais.

- A oração subordinada substantiva apositiva deve ser separada da oração principal por vírgula ou dois-pontos, exatamente como ocorre com o aposto:
O boato, de que o presidente renunciaria, espalhou-se rapidamente.
Imponho-lhe apenas uma tarefa: que administre bem o dinheiro público.

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS

Uma oração adjetiva nada mais é do que um adjetivo em forma de oração. Assim como é possível dizer "redação bem-sucedida", em que o substantivo redação é caracterizado pelo adjetivo bem-sucedida, é possível dizer também "redação que fez sucesso", em que a oração "que fez sucesso" exerce exatamente o mesmo papel do adjetivo bem-sucedida, ou seja, caracteriza o substantivo redação.

Em termos sintáticos, essas orações exercem a função que normalmente cabe a um adjetivo, a de adjunto adnominal.

Exemplos:
Pessoa que mente é pessoa mentirosa. A classe gramatical da palavra "mentirosa" é a dos adjetivos. Qualifica o substantivo "pessoa".

Em vez de se dizer "pessoa mentirosa", é perfeitamente possível se dizer "pessoa que mente". Agora, quem é que qualifica "pessoa"? A oração "que mente", que tem valor de adjetivo e, por isso, é oração subordinada adjetiva.

Esse "que" que introduz a oração adjetiva "que mente" pode ser substituído por "a qual" (pessoa que mente = pessoa a qual mente). E, por fim, esse "que" se chama pronome relativo.

Agora, vamos relacionar tudo isso com o emprego da vírgula. Leia a seguinte passagem: "Não gosto de pessoas mentirosas". Você poria vírgula entre "pessoas" e "mentirosas"? Certamente não. E por quê? Porque o papel da palavra "mentirosas" é limitar o universo de pessoas. Afinal, não é de qualquer pessoa que eu não gosto. Só não gosto das pessoas mentirosas, ou seja, só não gosto das pessoas que mentem.

A oração "que mentem" exerce o mesmo papel do adjetivo "mentirosas", isto é, limita, restringe o universo de pessoas. Essa oração é chamada de "adjetiva restritiva" e, como você deve ter notado, também não é separada da anterior por vírgula.

Agora veja este outro caso: "Os cariocas, que adoram o mar, sempre estão de bem com a vida". A que cariocas se faz referência na frase? Será que a idéia é dividir os cariocas em dois blocos (os que adoram o mar e os que não adoram) e dizer que só os que adoram o mar estão sempre de bem com a vida? É claro que não. O que se quer é fazer uma afirmação de caráter genérico: os cariocas adoram o mar e sempre estão de bem com a vida.

O "que" dessa frase é pronome relativo ("Os cariocas, os quais adoram o mar...") e, por isso mesmo, como você já sabe, introduz oração subordinada adjetiva, que, no caso, não é restritiva. Não restringe, não limita. Generaliza. É chamada de explicativa.

A oração restritiva não é separada da anterior por vírgula, mas a explicativa é.

Agora preste muita atenção. Leia estas duas frases:

1) Ele telefonou para a irmã que mora na Itália;
2) Ele telefonou para a irmã, que mora na Itália.

Elas parecem iguais, mas não são. A vírgula faz a diferença. Em ambos os casos, o "que" pode ser substituído por "a qual". Em ambos os casos, o "que" é pronome relativo e, por isso, introduz oração adjetiva.
A diferença está na extensão do termo que vem antes do "que" ("irmã"). Sem a vírgula ("irmã que mora na Itália"), cria-se um limite. Certamente, ele tem mais de uma irmã. Pelo menos duas, uma das quais mora na Itália. Não fosse assim, não faria sentido a restrição imposta pela oração "que mora na Itália".

Com a vírgula, a oração "que mora na Itália" não restringe. Deixa de ser restritiva e passa a ser explicativa. Nosso amigo só tem uma irmã, e ela mora na Itália.

Veja outro caso: "A empresa tem cem funcionários que moram em Campinas". O que acontece quando se coloca vírgula depois de "funcionários"? Muda tudo. Sem a vírgula, a empresa tem mais de cem funcionários, dos quais cem moram em Campinas.

Com a vírgula depois de "funcionários", a empresa passa a ter exatamente cem funcionários, e todos moram em Campinas.

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS

Uma oração subordinada adverbial exerce a função de adjunto adverbial do verbo da oração principal.

Exemplos:
Naquele momento, senti uma das maiores emoções de minha vida.
Quando vi o mar, senti uma das maiores emoções de minha vida.

No primeiro período, "naquele momento" é um adjunto adverbial de tempo, que modifica a forma verbal senti. No segundo período, esse papel é exercido pela oração "Quando vi o mar", que é, portanto, uma oração subordinada adverbial temporal. Essa oração é desenvolvida, já que é introduzida por uma conjunção subordinativa (quando) e apresenta uma forma verbal do modo indicativo (vi, do pretérito perfeito do indicativo). Seria possível reduzi-la, obtendo algo como: Ao ver o mar, senti uma das maiores emoções de minha vida. "Ao ver o mar" é uma oração reduzida porque apresenta uma das formas nominais do verbo (ver é infinitivo) e não é introduzida por conjunção subordinativa, mas sim por uma preposição (a, combinada com o artigo o).

Se você já estudou os adjuntos adverbiais, você viu que sua classificação é feita com base nas circunstâncias que exprimem. Com as orações subordinadas adverbiais ocorre a mesma coisa. A diferença fica por conta da quantidade: há apenas nove tipos de orações subordinadas adverbiais, enquanto os adjuntos adverbiais são pelo menos quinze. As orações adverbiais adquirem grande importância para a articulação adequada de idéias e fatos e por isso são fundamentais num texto dissertativo. Você terá agora um estudo pormenorizado das circunstâncias expressas pelas orações subordinadas adverbiais. É importante compreender bem essas circunstâncias e observar atentamente as conjunções e locuções conjuntivas utilizadas em cada caso.

TIPOS DE ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS

CAUSA

A idéia de causa está diretamente ligada àquilo que provoca um determinado fato. As orações subordinadas adverbiais que exprimem causa são chamadas causais. A conjunção subordinativa mais utilizada para a expressão dessa circunstância é "porque". Outras conjunções e locuções conjuntivas muito utilizadas são "como" (sempre introduzindo oração adverbial causal anteposta à principal), "pois", "já que", "uma vez que", "visto que".

Exemplos:
As ruas ficaram alagadas porque a chuva foi muito forte.
Como ninguém se interessou pelo projeto, não houve outra alternativa a não ser cancelá-lo.
Já que você não vai, eu não vou.
Por ter muito conhecimento (= Porque/Como tem muito conhecimento), é sempre consultado. (reduzida de infinitivo)

CONSEQÜÊNCIA

A idéia de conseqüência está ligada àquilo que é provocado por um determinado fato. As orações subordinadas adverbiais consecutivas exprimem o efeito, a conseqüência daquilo que se declara na oração principal. Essa circunstância é normalmente introduzida pela conjunção "que", quase sempre precedida, na oração principal, de termos intensivos, como "tão, tal, tanto, tamanho".

Exemplos:
A chuva foi tão forte que em poucos minutos as ruas ficaram alagadas.
Tal era sua indignação que imediatamente se uniu aos manifestantes.
Sua fome era tanta que comeu com casca e tudo.

CONDIÇÃO

Condição é aquilo que se impõe como necessário para a realização ou não de um fato. As orações subordinadas adverbiais condicionais exprimem o que deve ou não ocorrer para que se realize ou deixe de se realizar o fato expresso na oração principal. A conjunção mais utilizada para introduzir essas orações é "se"; além dela, podem-se utilizar "caso, contanto que, desde que, salvo se, exceto se, a menos que, sem que, uma vez que" (seguida do verbo no subjuntivo).

Exemplos:
Uma vez que você aceite a proposta, assinaremos o contrato.
Caso você se case, convide-me para a festa.
Não saia sem que eu permita.
Se o regulamento do campeonato for bem elaborado, certamente o melhor time será o campeão.

CONCESSÃO

A idéia de concessão está diretamente ligada à idéia de contraste, de quebra de expectativa. De fato, quando se faz uma concessão, não se faz o que é esperado, o que é normal. As orações adverbiais que exprimem concessão são chamadas concessivas. A conjunção mais empregada para expressar essa relação é "embora"; além dela, podem ser usadas a conjunção "conquanto" e as locuções "ainda que, ainda quando, mesmo que, se bem que, apesar de que".

Exemplos:
Embora fizesse calor; levei agasalho.
Conquanto a economia tenha crescido, pelo menos metade da população continua à margem do mercado de consumo.
Foi aprovado sem estudar (= sem que estudasse / embora não estudasse). (reduzida de infinitivo)

COMPARAÇÃO

As orações subordinadas adverbiais comparativas contêm fato ou ser comparado a fato ou ser mencionado na oração principal. A conjunção mais empregada para expressar comparação é "como"; além dela, utilizam-se com muita freqüência as estruturas que formam o grau comparativo dos adjetivos e dos advérbios: "tão... como" (quanto), "mais (do) que", "menos (do) que".

Exemplos:
Ele dorme como um urso (dorme).
Sua sensibilidade é tão afinada quanto sua inteligência (é).
Como se pode perceber nos exemplos acima, é comum a omissão do verbo nas orações subordinadas adverbiais comparativas. Isso só não ocorre quando se comparam ações diferentes ("Ela fala mais do que faz." - nesse caso, compara-se o falar e o fazer).

CONFORMIDADE

As orações subordinadas adverbiais conformativas indicam idéia de conformidade, ou seja, exprimem uma regra, um caminho, um modelo adotado para a execução do que se declara na oração principal. A conjunção típica para exprimir essa circunstância é "conforme"; além dela, utilizam-se "como, consoante e segundo" (todas com o mesmo valor de conforme).

Exemplos:
Fiz o bolo conforme ensina a receita.
Consoante reza a Constituição, todos os cidadãos têm direitos iguais.
Segundo atesta recente relatório do Banco Mundial, o Brasil é o campeão mundial de má distribuição de renda.

FINALIDADE

As orações subordinadas adverbiais finais exprimem a intenção, a finalidade do que se declara na oração principal. Essa circunstância é normalmente expressa pela locução conjuntiva "a fim de que"; além dela, utilizam-se a locução "para que" e, mais raramente, as conjunções "que" e "porque" (= para que).

Exemplos:
Vim aqui a fim de que você me explicasse as questões.
Fez tudo porque eu não obtivesse bons resultados. (- para que eu não obtivesse...)
Suportou todo tipo de humilhação para obter o visto americano. (= para que obtivesse...) (reduzida de infinitivo)

PROPORÇÃO

As orações subordinadas adverbiais proporcionais estabelecem relação de proporção ou proporcionalidade entre o processo verbal nelas expresso e aquele declarado na oração principal. Essa circunstância normalmente é indicada pela locução conjuntiva "à proporção que"; além dela, utilizam-se "à medida que" e expressões como "quanto mais", "quanto menos", "tanto mais", "tanto menos".

Exemplos:
Quanto mais se aproxima o fim do mês, mais os bolsos ficam vazios.
Quanto mais te vejo, mais te desejo.
À medida que se aproxima o fim do campeonato, aumenta o interesse da torcida pela competição.
À proporção que se acumulam as dívidas, diminuem as possibilidades de que a empresa sobreviva.

TEMPO

As orações subordinadas adverbiais temporais indicam basicamente idéia de tempo. Exprimem fatos simultâneos, anteriores ou posteriores ao fato expresso na oração principal, marcando o tempo em que se realizam. As conjunções e locuções conjuntivas mais utilizadas são "quando, enquanto, assim que, logo que, mal, sempre que, antes que, depois que, desde que".

Exemplos:
"Quando você foi embora, fez-se noite em meu viver." (Milton Nascimento & Fernando Brant)
"Enquanto os homens exercem seus podres poderes, motos e fuscas avançam os sinais vermelhos e perdem os verdes: somos uns boçais (Caetano Veloso)
Mal você saiu, ela chegou.
Terminada a festa, todos se retiraram. (Quando terminou a festa) (reduzida de particípio)

Observação: Mais importante do que aprender a classificar as orações subordinadas adverbiais é interpretá-las adequadamente e utilizar as conjunções e locuções conjuntivas de maneira eficiente. Por isso, é desaconselhável que você faça o que muita gente costuma indicar como forma de "aprender as orações subordinadas adverbiais": "descabelar-se" para decorar listas de conjunções e, com isso, conseguir dar um rótulo as orações. Essa prática, além de fazer com que você se preocupe mais com nomenclaturas do que com o uso efetivo das estruturas lingüísticas, é inútil quando se consideram casos mais sutis de construção de frases. Observe, nas frases seguintes, o emprego da conjunção como em diversos contextos: em cada um deles, ocorre uma oração subordinada adverbial diferente. Como seria possível reconhecê-las se se partisse de uma lista de conjunções "decoradas"? É melhor procurar compreender o que efetivamente está sendo declarado.

Como dizia o poeta, "a vida é a arte do encontro".
(valor de conformidade)
Como não tenho dinheiro, não poderei participar da viagem.
(valor de causa)
"E cai como uma lágrima de amor." (Antônio Carlos Jobim & Vinicius de Moraes)
(valor de comparação)

Há até casos em que a classificação depende do contexto: "Como o jornal noticiou, o teatro ficou lotado". A oração subordinada adverbial pode ser causal ou conformativa, dependendo do contexto.

AS ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS E A PONTUAÇÃO

A pontuação dos períodos em que há orações subordinadas adverbiais obedece aos mesmos princípios observados em relação aos adjuntos adverbiais. Isso significa que a oração subordinada adverbial sempre pode ser separada por vírgulas da oração principal. Essa separação é optativa quando a oração subordinada está posposta à principal e é obrigatória quando a oração subordinada está intercalada ou anteposta.

Exemplos:
Tudo continuará como está se você não intervier;
ou Tudo continuará como está, se você não intervier.

Disse que, quando chegar, tomará todas as providências.
Quando chegar, tomará todas as providências.

XIV. ORTOEPIA E PROSÓDIA

Ortoepia trata da correta pronúncia das palavras.

Exemplo: "advogado", e não "adevogado" (o **d** é mudo).

Prosódia trata da correta acentuação tônica das palavras.

Exemplo: "rubrica" (palavra paroxítona), e não "rúbrica" (palavra proparoxítona).

Dessa forma, segue abaixo uma lista das principais palavras que normalmente apresentam dúvidas quanto à sua pronúncia e tonicidade corretas.

ACRÓBATA / ACROBATA: esta palavra, COMO MUITAS OUTRAS DE NOSSA LÍNGUA, admite as duas pronúncias: acróbata, com ênfase na sílaba "cró", ou acrobata, com força na sílaba "ba". Também é indiferente dizer Oceânia ou Oceania, transístor ou transistor (com força na sílaba "tor", com o "ô" fechado).

ALGOZ (carrasco): palavra oxítona, cuja pronúncia do "o" deve ser fechada (algôz, = arroz).

AUTÓPSIA / NECROPSIA: apesar de autópsia ter como vogal tônica o "ó", a forma necropsia, que possui o mesmo significado, deve ser pronunciada com ênfase no "i".

AZÁLEA / AZALÉIA: segundo os melhores dicionários, estas duas formas são aceitáveis;

AVARO (indivíduo muito apegado ao dinheiro): deve ser pronunciada como paroxítona (acento tônico na sílaba va), e por terminar em "o", não deve ser acentuada.

BIOTIPO: o Dicionário Novo Aurélio - Século XXI apresenta o termo "biótipo" (proparoxítono/acentuado), mas faz referência a "biotipo" (palavra paroxítona) por ser a pronúncia corrente no Brasil. Já o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa registra tanto a palavra biótipo quanto a palavra biotipo .

BOÊMIA: de origem francesa, relativa à cidade de Boéme, esta palavra tem sua sílaba forte no "ê", e não no "mi".

CARÁTER: paroxítona que apresenta o plural caracteres, tendo o acréscimo da letra c, e o deslocamento do acento tônico da sílaba ra para a sílaba te, sem o emprego de acento gráfico.

CATETER, MISTER e URETER: Todas possuindo sua acentuação tônica na última sílaba (tér), sendo assim oxítonas.

CHICLETE / CHOPE / CLIPE / DROPE: quando se referindo a uma só unidade de cada um destes produtos, deve-se falar "um chiclete, um chope, um clipe, um drope", e não "um chicletes, um chopes, um clipes, um dropes". Existe, ainda, a variante "chiclé" (um chiclé, dois chiclés).

CUPIDO e CÚPIDO: a primeira forma (paroxítona e sem acento) significa o deus alado do amor; a segunda (proparoxítona) tem o sentido de ávido de dinheiro, ambicioso, também pode ser usada como possuído de desejos amorosos.

EXTINGUIR: a sílaba "guir" desta palavra deve ser pronunciada como nas palavras "perseguir", "seguir", "conseguir". Isso também vale para "distinguir".

FLUIDO: pronuncia-se como a forma verbal "cuido", verbo cuidar (com força no u). Assim também GRATUITO, CIRCUITO, INTUITO, fortuito. No entanto, o partiçipio do verbo fluir é "fluído", acontecendo aqui um hiato, onde a vogal tônica agora passa a ser o "í".

IBERO: Pronuncia-se como paroxítona (ênfase na sílaba BE, IBÉRO).

INEXORÁVEL (= austero, rígido, inabalável...): esse "x" lê-se como os de exemplo, exame, exato, exercício, isto é, com o som de "z".

LÁTEX: tendo seu acento tônico na penúltima sílaba e terminando com a letra x, é uma palavra paroxítona, e como tal deve ser pronunciada e acentuada.

MAQUINARIA: o acento tônico deve recair na sílava "ri", e não sobre a sílaba "na".

NÉON: muitos dicionários apresentam esta palavra como paroxítona, sendo acentuada por terminar em "n"; no entanto, o dicionário Michaelis Melhoramentos, recentemente editado, traz as duas grafias: néon (paroxítona) e neon (oxítona).

NOVEL e NOBEL: palavras oxítonas que não devem ser acentuadas.

OBESO: palavra paroxítona que deve ser pronunciada com o "e" aberto (obéso). Também são abertos o "e" de outras paroxítonas como "coeso" (coéso), "obsoleto" (obsoléto), o "o" de "dolo" (dólo), o "e" de "extra" (éxtra) e o "e" de "blefe" (bléfe). Apresentam-se, porém, fechados o "e" de "nesga" (nêsga), o de "destro" (dêstro), e o "o" "torpe" (tôrpe).

OPTAR: ao se conjugar este verbo na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, deve-se pronunciar "ópto", e não "opito". Assim também em relação às formas verbais "capto, adapto, rapto" - todas com força na sílaba que vem antes do "p".

PROJÉTIL / PROJETIL: ambas as formas têm o mesmo significado, apesar de a primeira ser paroxítona e a segunda oxítona. Plurais: PROJÉTEIS / PROJETIS.

PUDICO (aquele que tem pudor, envergonhado): palavra paroxítona (ênfase na sílaba "di").

RECORDE: deve ser pronunciada como paroxítona (recórde).

RÉPTIL / REPTIL: mesmo caso da palavra PROJÉTIL. Plurais. RÉPTEIS / REPTIS.

RUBRICA: palavra paroxítona, e não proparoxítona como se costuma pensar (ênfase na sílaba "bri").

RUIM: palavra oxítona (ruím).

RUPIA / RÚPIA: a primeira forma se refere à moeda utilizada na Indonésia (força no "i") e a segunda é relativa a uma planta aquática (com ênfase no "ú").

SUBSÍDIOS: a pronúncia correta é com som de "ss", e não "z" (subssídios).

SUTIL e SÚTIL: a primeira forma, sendo oxítona, significa "tênue, delicado, hábil"; a segunda, paroxítona, significa "tudo aquilo que é composto de pedaços costurados".

TÓXICO: pronuncia-se com o som de "ks" = tóksico.

XV. PARÔNIMOS

Entre os sons das palavras e também entre as letras que os representam podem ocorrer, muitas vezes, coincidências que normalmente acarretam dificuldades tanto na pronúncia como na grafia de diversos vocábulos. Neste sentido, é bom saber da existência dos seguintes tipos de palavras:

1. **Palavras homônimas** _ apresentam a mesma grafia e a mesma pronúncia. Exemplos: luta (substantivo) e luta (forma do verbo lutar); vela (substantivo) e vela(forma do verbo velar).

2. **Palavras homógrafas** _ possuem a mesma grafia, mas pronúncia diferente. Exemplo: almoço (com o "ô", da sílaba mo, fechado=substantivo, nome de uma refeição) e almoço (com o "ó" aberto=forma do verbo almoçar).

3. **Palavras homófonas** _ possuem a mesma pronúncia, mas grafia diferente. Exemplo: cesta (substantivo) e sexta (numeral ordinal)

4. **Palavras parônimas** _ parecidas quanto à forma ou à pronúncia, mas diferentes quanto à significação.

Vejam a seguir uma relação dos principais homófonos e parônimos da Língua Portuguesa:

ACENDER: iluminar, por fogo em;
ASCENDER: subir, elevar (daí: ASCENSÃO, ASCENSORISTA, ASCENDENTE).

ACIDENTE: ocorrência casual grave;
INCIDENTE: episódio casual sem gravidade, sem importância.

ACESSÓRIO: aquilo que não é essencial;
ASSESSÓRIO: relativo ao assessor.

AFERIR: conferir, comparar ("Os fiscais vão aferir os preços de cinco supermercados.");
AUFERIR: colher, obter ("O rapaz não auferiu bons resultados no concurso para médico").

AMORAL: ausência de moral, que ignora um conjunto de princípios;
IMORAL: Que é contrário, que desobedece a um conjunto de princípios.

ANTE: preposição que significa ESTAR DIANTE, ESTAR NA PRESENÇA DE;
ANTI: prefixo que significa AÇÃO CONTRÁRIA.

ANTICÉ(P)TICO: oposto aos céticos;
ANTISSÉ(p)TICO: desinfetante.

ÁREA: dimensão, espaço;
ÁRIA: peça musical para uma só voz.

ARREAR: colocar arreios em;
ARRIAR: abaixar.

ASAR: guarnecer de asas;
AZAR: má sorte.

ASCETA: pessoa que vive em prática de devoção e penitência;
ASSETA: do verbo ASSETAR, ferir com seta.

ACÉTICO: relativo ao vinagre;
ASCÉTICO: relativo ao Ascetismo;
ASSÉPTICO: relativo à assepsia.

ATUADO: particípio do verbo atuar; exercer atividade, agir ("A seleção de futebol não tem atuado como o técnico quer.");
AUTUADO: particípio do verbo autuar = lavrar um auto contra alguém; reunir em forma de processo; processar. Ser autuado significa fazer parte dos autos - conjunto das peças de um processo ("O líder do movimento dos sem-terra foi preso e autuado em flagrante por desacato à autoridade.").

BOCAL: abertura de vaso, candeeiro, frasco, castiçal, etc;
BUCAL: relativo à boca.

BROCHA: prego curto, de cabeça larga e chata;
BROXA: tipo de pincel.

BUCHO: estômago de animais;
BUXO: arbusto ornamental.

CAÇAR: perseguir, capturar a caça;
CASSAR: anular.

CAICHÃO: borbotão, fervura;
CAIXÃO: caixa grande.

CAICHOLA: cabeça;
CAIXOLA: caixa pequena.

CALDA: doce, xarope;
CAUDA: rabo de animais.

CARTUCHO: canudo de papel, de plástico, ou de metal;
CARTUXO: pertencente à Cartuxa, ordem religiosa fundada por São Bruno.

CAVALEIRO: aquele que anda a cavalo;
CAVALHEIRO: homem de boas maneiras.

CEGAR: tirar a visão de;
SEGAR: ceifar, cortar.

CELA: aposento de religiosos ou de prisioneiros;
SELA: arreio de cavalo, 3ª p. s., pres. ind., v. selar.

CELEIRO: depósito de provisões;
SELEIRO: fabricante de selas.

CENÁRIO: decoração de teatro;
SENÁRIO: que consta de seis unidades.

CENSO: recensseamento;
SENSO: juízo claro.

CENSUAL: relativo ao censo;
SENSUAL: relativo aos sentidos.

CÉ(P)TICO: que ou quem duvida;
SÉ(P)TICO: que causa infecção.

CERRAÇÃO: nevoeiro espesso;
SERRAÇÃO: ato de serrar.

CERRAR: echar;
SERRAR: cortar.

CERVO: veado;
SERVO: servente, escravo.

CESSAÇÃO: ato de cessar (interromper);
SESSAÇÃO: ato de sessar (peneirar).

CESTA: utensílio geralmente de palha para se guardar coisas;
SESTA: hora de descanço, normalmente após o almoço;
SEXTA: ordinal feminino de seis.

CHÁCARA: quinta, sítio;
XÁCARA: narrativa popular em versos.

CHALÉ:	casa campestre de estilo suíço;
XALE;	cobertura para os ombros.
COCHA:	gamela;
COLCHA:	cobertura em tecido para cama;
COXA:	parte da perna.
CICLO:	período;
SICLO:	moeda judaica.
CILÍCIO:	cinto ou cordão de pêlo ou Lã áspera para penitências;
SILÍCIO:	elemento químico.
CINTO:	correia em couro para prender as calças à cintura;
SINTO:	1ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo sentir.
CÍRIO:	vela grande de cêra;
SÍRIO:	relativo à Síria.
COCHO:	vasilha feita com tronco de madeira escavada;
COXO:	pessoa que manca.
COMPRIDO:	longo;
CUMPRIDO:	particípio passado do verbo CUMPRIR.
COMPRIMENTO:	uma das medidas de extensão (+ largura e altura);
CUMPRIMENTO:	ato de cumprimentar alguém, saudação, ou de cumprir algo.
CONCELHO:	jurisdição administrativa, município;
CONSELHO:	opinião, parecer, reunião coletiva superior, tribunal.
CONCERTO:	apresentação ou obra musical, entrar em acordo (do verbo concertar*);
CONSERTO:	ato ou efeito de consertar, reparar algo que está danificado.
CORINGA:	tipo de vela que se coloca em algumas embarcações;
CURINGA:	carta que muda de valor segundo a combinação que o parceiro tem em mão.
CORÇO:	cabrito selvagem;
CORSO:	natural da Córsega, desfile de carros ou carruagens.
COSER:	costurar;
COZER:	cozinhar.

DECENTE: decoroso, limpo;
DESCENTE: que desce, vazante;

DISCENTE: relativo a alunos;
DOCENTE: relativo a professores.

DECERTAR: lutar, pelejar;
DISSERTAR: discorrer.

DEFERIMENTO: concessão, atendimento;
DIFERIMENTO: adiamento.
(Assim também: DEFERIR = CONCEDER; DIFERIR = ADIAR, DIVERGIR.)

DEGRADADO: que está aviltado, diminuído (degradação);
DEGREDADO: aquele que está no degredo, exilado.

DELATAR: denunciar (delação);
DILATAR: retardar, adiar (dilação).

DESCRIÇÃO: ato de descrever, tipo de redação, exposição;
DISCRIÇÃO: reserva ao falar, qualidade daquele que é discreto, prudência.

DESCRIMINAR: inocentar, absolver (DESCRIMINAÇÃO);
DISCRIMINAR: distinguir, diferenciar, separar (DISCRIMINAÇÃO).

DESMITIFICAR: fazer cessar a mitificação (A CONVERSÃO EM mito) existente a respeito de pessoa ou coisa;
DESMISTIFICAR: livrar ou tirar da mistificação (engano, burla, abuso da credulidade).

DESPENSA: compartimento para se guardar alimentos;
DISPENSA: demissão.

DESTRATAR: insultar;
DISTRATAR: romper um trato, desfazer um contrato.
(Obs. Quando um contrato é rompido, o documento que se assina chama-se DISTRATO.)
EMERGIR: vir à tona, subir;
IMERGIR: mergulhar, descer.

EMIGRANTE: pessoa que sai do próprio país (EMIGRAR, EMIGRAÇÃO);
IMIGRANTE: pessoa que entra num país estrangeiro (IMIGRAR, IMIGRAÇÃO).

EMINENTE: que se destaca, excelente, notável;
IMINENTE: que está prestes a ocorrer, pendente.
(Obs. Assim também: EMINÊNCIA = altura, excelência; IMINÊNCIA = proximidade de ocorrência.)

EMITIR: expedir, emanar, enunciar, lançar fora de si;
IMITIR: fazer entrar, investir.

EMPEÇO: empecilho, impedimento, obstáculo, estorvo;
IMPEÇO: primeira pessoa do singular do verbo IMPEDIR.

EMPOÇAR: formar poça;
EMPOSSAR: dar posse a alguém.

ENFESTAR: dobrar ao meio na sua largura, exagerar (entediado _ no sul);
INFESTAR: assolar, invadir, existir em grande quantidade em.

ENTENDER: compreender;
INTENDER: exercer vigilância, administrar.

ESOTÉRICO: diz-se do ensinamento que, em escolas filosóficas da antiguidade grega, era reservado aos discípulos completamente instruídos; todo ensinamento ministrado a círculo restrito e fechado de ouvintes; compreensível apenas por poucos, obscuro, hermético."
EXOTÉRICO: diz-se de ensinamento que, em escolas da antiguidade grega, era transmitido ao público sem restrição, dado o interesse generalizado que suscitava e a forma acessível em que podia ser exposto por se tratar de ensinamento dialético, provável, verossímil.

ESBAFORIDO: ofegante, com a respiração entrecortada pelo cansaço ou pela pressa;
ESPAVORIDO: cheio de pavor, apavorado;

ESPECTADOR: aquele que vê, que assiste a alguma coisa;
EXPECTADOR: o que está na expectativa de, à espera de algo.

ESPERTO: ardiloso, malicioso, sagaz;
EXPERTO: experiente, especialista, perito.

ESPIAR: espreitar, olhar;
EXPIAR: redimir-se, pagar uma culpa.

ESPIRAR: soprar, respirar, estar vivo;
EXPIRAR: expelir o ar, morrer.

ESPRIMIDO: particípio do verbo ESPREMER;
EXPRIMIDO: particípio do verbo EXPRIMIR (também EXPRESSO).

ESTADA: ato de estar, permanência, demora transitória de pessoas em algum lugar;
ESTADIA: prazo concedido de carga ou descarga de um navio em um porto. Também é o prazo que se dá a veículos em um estacionamento ou garagem.

ESTÂNCIA: lugar onde se está ou permanece, morada, paragem, estabelecimento rural, estação de águas minerais;
INSTÂNCIA: qualidade do que é instante, pedido urgente e repetido, jurisdição, série de atos de um processo, ordem ou grau da hierarquia judiciária.

ESTÁTICO: estar parado (como uma estátua);
EXTÁTICO: estar em estado de êxtase.

ESTERNO: osso do peito;
EXTERNO: exterior;
HESTERNO: relativo ao dia de ontem.

ESTRATO: tipo de nuvem, camada (estrato social; sociedade estratificada = dividida em camadas; estratosfera, etc.)
EXTRATO: o que foi extraído de algo (v. extrair), fragmento, resumo, sumo (extrato bancário, extrato de tomate), essência (= perfume).

FLAGRANTE: evidente, fato que se observa no momento em que ocorre;
FRAGRANTE: que exala cheiro agradável, aromático (fragrância).

FLUIR: correr (líquido), passar (tempo);
FRUIR: desfrutar, gozar.

FUZIL: arma de fogo;
FUZÍVEL: condutor elétrico.

INCERTO: relativo à incerteza, duvidoso;
INSERTO: inserido, incluído.

INCIPIENTE: iniciante, inexperiente;
INSIPIENTE: ignorante.

INDEFESO: sem defesa;
INDEFESSO: incansável;
INFENSO: adverso, contrário.

INFLAÇÃO: ato de inflar, aumento de preços;
INFRAÇÃO: desobediência, violação, transgressão.

INFLIGIR: aplicar ou determinar uma punição, um castigo;
INFRINGIR: desobedecer, violar, transgredir.

INQUERIR: apertar com cordas a carga de animais;
INQUIRIR: interrogar, investigar.

INTEMERATO: aquele que é casto, puro, incorruptível;
INTIMORATO: que é valente, destemido.

INTENÇÃO: propósito, finalidade;
INTENSÃO: intensidade, esforço.

INTERCESSÃO: ato de interceder, interferência, intervenção, súplica;
INTERSE(C)ÇÃO: ponto em que duas linhas se cruzam, parte comum a dois conjuntos.

LACTANTE: quem produz o leite, mulher que amamenta (a mãe);
LACTENTE: quem recebe o leite, ser que mama (a criança).

LAÇO: laçada;
LASSO: frouxo, cansado, "dissoluto".

LENIMENTO: suavizante;
LINIMENTO: medicamento para fricções.

LUCHAR: sujar;
LUXAR: deslocar, desconjuntar.

LUSTRE: brilho e, figuradamente, candelabro;
LUSTRO: espaço de 5 anos.

MAL: como um advérbio, isto é, modificando uma ação verbal, este termo deve ser grafado com L. Exemplo: Aquele cantor canta mal. (contrário de BEM) Também grafamos com L Quando esta palavra se apresenta como substantivo ou como conjunção ubordinativa temporal. Exemplos: "O mal da humanidade é o seu grande egoísmo." (sinônimo de doença, problema) "Mal ele entrou em casa, a luz apagou." (igual a "assim que, no momento em que")
MAU: sendo grafado com U, este termo é um adjetivo. Exemplo: Aquele menino era muito mau. (contrário de bom; feminino: má)

MANDADO: ordem emanada de autoridade judicial ou administrativa;
MANDATO: período de missão política.

MAS (conjunção): sinônimo de porém, tldavia, contudo. Exemplo: Ele é inteligente, mas desajeitado.

MAIS: pronome indefinido ou advérbio de intensidade (contrário de menos). Exemplos: Ana precisa ter mais confiança em si mesma. (sinônimo imperfeito de "muita confiança"; pronome modificando o substantivo) Pedro é mais inteligente que Paulo. (contrário de menos; advérbio modificando o adjetivo)

MAÇA: clava;
MASSA: pasta.

MAÇUDO: indigesto, monótono;
MASSUDO: volumoso.

MEAR: dividir ao meio;
MIAR: dar mios (voz dos gatos).

MECHA: pavio, estopim, tufo de cabelo, dreno;
MEXA: forma verbal de MEXER.

MOÇA: mulher jovem, virgem, fem. de moço;
MOSSA: vestígio de uma pancada ou pressão forte, entalho, abalo ou impressão moral.

NORMALIZAR: tornar normal, regularizar, padronizar, fazer voltar à normalidade, submeter à norma;

NORMATIZAR: estabelecer normas para, submeter a normas (neologismo já devidamente registrado).
Observações: Muitas empresas utilizam o verbo "normalizar" no sentido de "tornar normal" e de "estabelecer normas". A maioria, entretanto, prefere estabelecer a diferença acima.
Lembre-se de que existe o adjetivo "normativo", palavra de origem francesa, cujo significado é "que tem a qualidade ou força de norma".

PAÇO: palácio;
PASSO: passada.

PEÃO: trabalhador rural, peça do jogo de xadrez, amansador de cavalos, tocador de boiada (a palavra vem do latim e significa "pedestre", ou seja, aquele que anda a pé. Em Portugal, a palavra aparece em placas que advertem os motoristas, para que tomem cuidado com peões, ou seja, com os pedestres.;)

PIÃO: espécie de brinquedo.

POÇA (com a pronúncia fechada "pôça", substantivo): cova pouco profunda contendo água ou outro líquido qualquer;

POSSA (com a pronúncia aberta "póssa"): primeira e segunda pessoas do singular do Presente do Subjuntivo do verbo PODER.

POCEIRO: homem que cava poços;
POSSEIRO: aquele que se encontra na posse clandestina ou ilegítima de certa área de terras particulares ou devolutas, com a intenção de dono.

POÇO (com a pronúncia fechada "pôço", substantivo): cavidade no solo que contém água, cisterna;
POSSO (com a pronúncia aberta "pósso"): primeira pessoa do singular do presente do indicativo do verbo PODER.

PLEITO: disputa;
PREITO: homenagem.

PREEMINENTE: nobre, distinto, que ocupa lugar mais elevado;
PROEMINENTE: alto, saliente, que se alteia acima do que o circunda.

PRENUNCIAR: anunciar com antecedência;
PRONUNCIAR: exprimir verbalmente, articular.

PREFERIR: querer ou gostar mais, ter preferência por; (Particípio Passado = PREFERIDO)
PRETERIR: não dar importância a, omitir. (Particípio Passado = PRETERIDO)

PRESCREVER: receitar ou perder a validade ("O médico prescreveu este remédio"; "O prazo já prescreveu");
PROSCREVER: banir, expulsar ("Ele foi proscrito da cidade.").

PRESAR: prender, apreender;
PREZAR: ter em consideração.

QUERELA: discussão, pendência;
QUIRELA (ou QUIRERA): milho quebrado que se dá às aves, também em relação ao arroz ou outros cereais.

RATIFICAR: confirmar, corroborar;
RETIFICAR: alterar, corrigir.

REBOLIÇO: que tem forma de rebolo, que rebola;
REBULIÇO: bagunça, grande barulho, agitação, desordem, confusão.

REVEZAR: substituir alternadamente;
REVISAR: rever.

RINGUE: tablado onde se realizam lutas de boxe e outras;
RINQUE: pista de patinação.

RUÇO: grisalho, desbotado (gíria: "difícil");
RUSSO: relativo à Rússia.

SEÇÃO (ou SECÇÃO): parte, divisão, departamento, ato de seccionar;
SESSÃO: espaço de tempo, programa;
CESSÃO: doação, ato de ceder.

SOAR: emitir determinado som;
SUAR: transpirar.

SORTIR: abastecer, prover;
SURTIR: ter como conseqüência, produzir, alcançar efeito.

SUBENTENDER: perceber, entender o que não estava exposto ou bem explicado;
SUBTENDER: estender por baixo.

TACHA: pequeno prego; ou mancha, defeito moral; ou tacho grande;
TAXA: imposto, tributo financeiro.
(**OBs.** Taxativo = que taxa, que limita, restritivo, definitivo. No entanto, não há registro em nossos dicionários da palavra "tachativo".)
Exemplo: O presidente foi taxativo ao afirmar que não aprovaria aquele projeto de lei.

TACHAR*: censurar, acusar, botar defeito em ;
TAXAR: estabelecer um preço, um imposto, tributar.

TENÇÃO: propósito, rixa, má vontade;
TENSÃO: voltagem, rigidez do tecido muscular.

TRÁFEGO: movimento, trânsito de veículos ou de pedestres;
TRÁFICO: comércio ilegal, negócio indecoroso.

TRÁS: parte posterior;
TRAZ: forma do verbo TRAZER.

VENOSO: relativo a veias;
VINOSO: que produz vinho.

VÊS: segunda pessoa do singular do presente do indicativo do verbo VER;
VEZ: ocasião.

VESTIÁRIO: local para trocar de roupa em clubes, colégios, etc;
VESTUÁRIO: é o traje, a indumentária, as roupas que usamos.

VIAGEM (= substantivo): "Fiz uma viagem inesquecível", "Boa Viagem!";
VIAJEM (forma verbal): terceira pessoa do plural do presente do subjuntivo do verbo VIAJAR. Exemplo: "Por favor, viajem amanhã, hoje já está muito tarde."

VULTOSO: de grande vulto, nobre, volumoso;
VULTUOSO: atacado de vultuosidade (estado mórbido em que a face e os lábios se incham e avermelham muito).

USUÁRIO: o que desfruta o direito de usar alguma coisa;
USURÁRIO: o que pratica a usura ou agiotagem.

(*) NOTAS:
Em relação ao verbete "consertar", com "s", no dicionário Aurélio, entre vários sentidos, encontramos os seguintes: "Pôr em boa ordem; dar melhor disposição a; arrumar, arranjar"; com o exemplo: "Antes de entrar na sala, consertou a gravata e penteou o cabelo".

Já "concertar", com "c", significa "harmonizar, conciliar". Entretanto, no mesmo dicionário Aurélio, este verbete, entre vários sentidos, igual- mente apresenta os seguintes: "Pôr em boa ordem; dar melhor disposição a; compor, ajustar, endireitar." Em seguida, um exemplo, retirado de "Histórias românticas", de Machado de Assis: "Examinou as luvas, concertou a gravata."

No Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa, de Caldas Aulete, no Dicionário Universal da Língua Portuguesa, da Texto Editora, de Portugal, e no Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa, da Melhoramentos, entre outros, não se registra essa parcial equivalência entre "consertar" e "concertar". O fato é que, apesar dessa parcial igualdade que se vê entre consertar e concertar, quando se arruma algo que está quebrado, conserta-se, com "s". E, quando uma orquestra atua, ocorre um concerto, com "c".

Outra confusão pode ocorrer com "tachar", com "ch", e "taxar", com "x". Quando se diz que alguém foi considerado covarde, diz-se que esse alguém foi "tachado" de covarde, pois "Tachar", com "ch", é "pôr mancha, defeito, nódoa". O problema é que, se você procurar as duas palavras (tachar e taxar) nos dicionários - e, neste caso, não só no Aurélio, mas nos outros também - vai descobrir que ambas podem significar "qualifi- car", ou seja, "classificar, julgar".
Desta vez, Aurélio se encarrega de desfazer uma possível confusão. Como "tachar" significa "pôr mancha, defeito", só se pode empregá-lo para idéias pejorativas: "Tacharam de ridícula a proposta dele." Já o verbo "taxar", que significa "estipular o preço, o valor de algo", acaba, por analogia, significando também "avaliar, julgar". Pode, por isso, ser usado tanto para os atributos bons como para os ruins:
"Taxaram de exemplar seu comportamento"; "Taxaram de vulgar seu procedimento". Não faria sentido, portanto, dizer que "tacharam de exemplar seu procedimento".

XVI. PRINCIPAIS REGRAS DE ORTOGRAFIA.

"A competência para grafar corretamente as palavras está diretamente ligada ao contato íntimo com essas mesmas palavras. Isso significa que a freqüência do uso é que acaba trazendo a memorização da grafia correta. Além disso, deve-se criar o hábito de esclarecer as dúvidas com as necessárias consultas ao dicionário. Trata-se de um processo constante, que produz resultados a longo prazo."
(Pasquale Cipro Neto & Ulisses Infante, Gramática da Língua Portuguesa)

ORIENTAÇÕES GERAIS.

1) Devemos empregar **"ss"** em todos os substantivos derivados de verbos terminados em **"gredir", "mitir", "ceder"** e **"cutir".**

Exemplos:
AGREDIR / AGRESSÃO
PROGREDIR / PROGRESSÃO
REGREDIR / REGRESSÃO
TRANSGREDIR / TRANSGRESSÃO
ADMITIR / ADMISSÃO
DEMITIR / DEMISSÃO
OMITIR / OMISSÃO
PERMITIR / PERMISSÃO
TRANSMITIR / TRANSMISSÃO
ACEDER / ACESSO
CEDER / CESSÃO
CONCEDER / CONCESSÃO
EXCEDER / EXCESSO, EXCESSIVO
SUCEDER / SUCESSÃO
DISCUTIR / DISCUSSÃO

2) Devemos empregar **"s"** em todos os substantivos derivados de verbos terminados em **"ender", "verter" e "pelir".**

Exemplos:
APREENDER / APREENSÃO
ASCENDER / ASCENSÃO
COMPREENDER / COMPREENSÃO
DISTENDER / DISTENSÃO
ESTENDER / EXTENSÃO
PRETENDER / PRETENSÃO
SUSPENDER / SUSPENSÃO
TENDER / TENSÃO
VERTER / VERSÃO
REVERTER / REVERSÃO

CONVERTER / CONVERSÃO
SUBVERTER / SUBVERSÃO
EXPELIR / EXPULSÃO
REPELIR / REPULSÃO

3) Devemos empregar "ç" em todos os substantivos derivados dos verbos **"TER"** e **"TORCER",** mais seus derivados.

Exemplos:
ABSTER / ABSTENÇÃO
ATER / ATENÇÃO
DETER / DETENÇÃO
MANTER / MANUTENÇÃO
RETER / RETENÇÃO
TORCER / TORÇÃO
DISTORCER / DISTORÇÃO
CONTORCER / CONTORÇÃO

EMPREGO DO S OU DO Z.

1. Os sufixos **"ês"** e **"esa"** são empregados na formação de nomes que designam profissão, títulos honoríficos de posição social, assim como em palavras que indicam origem, nacionalidade.

Exemplos: burguês, camponês, marquês, português, japonês, francês, burguesa, camponesa, marquesa, princesa, portuguesa, japonesa, francesa etc.

2. São grafadas com o sufixo **"isa"** as palavras que indicam ocupações femininas: poetisa, profetisa, papisa, sacerdotisa, pitonisa.

3. Os sufixos **"ez"** e **"eza"** são empregados para formar nomes abstratos que derivam de adjetivos.

Exemplos:
ADJETIVOS / DERIVADOS
agudo / agudez
escasso / escassez
estúpido / estupidez
límpido / limpidez
gago / gaguez
honra / honradez
inválido / invalidez
intrépido / intrepidez
macio / maciez

rígido / rigidez
sensato / sensatez
sisudo / sisudez
surdo / surdez
avaro / avareza
belo / beleza
certo / certeza
duro / dureza
esperto / esperteza
justo / justeza
nobre / nobreza
pobre / pobreza
rico / riqueza
rijo / rijeza
singelo / singeleza

4. Com **"z",** normalmente, são grafadas palavras derivadas de outras em que já existe o **"z",** e verbos terminados pelo sufixo **"izar",** em cujos radicais das palavras que lhes deram origem possuam ou não a letra **z.**

Exemplos: balizado (baliza), arrazoado, razoável (razão), canalizar, finalizar, industrializar, organizar, utilizar, arborizar, dinamizar, regularizar, cicatrizar (cicatriz), envernizar (verniz), enraizar (raiz), deslizar (deslize) etc.

Observação: Os verbos terminados em **"isar",** com **"s",** têm apenas como sufixo as letras "ar", pois as letras "is", neste caso, fazem parte do radical da palavra que deu origem ao verbo.

Exemplos:
análise / analisar
aviso / avisar
improviso / improvisar
pesquisa / pesquisar

EXCEÇÃO: Apesar de originar-se da palavra "catequese", que possui um **"s"** em seu radical, o verbo catequizar deve ser grafado com **"z",** pois a sílaba átona final de catequese foi suprimida para se inserir o sufixo **"izar"** na formação do verbo.

5. Grafam-se com "z" as palavras derivadas com os **sufixos "zada, zal, zarrão, zeiro, zinho, zito, zona, zorra, zudo"**. O **"z",** neste caso, é um infixo.

Exemplos:
pazada, cafezal, canzarrão, açaizeiro, papelzinho, cãozito, mãezona, mãozorra, pezudo etc.

Observação: Em palavras como "asinha, risinho, risada, casinha, caseiro, casebre", o **"s"** pertence ao radical dos vocábulos de origem (asa, riso, casa).

6. Também grafa-se com **"s":**

Após os ditongos;
Exemplos: lousa, coisa, causa, Neusa, ausência, Eusébio, náusea.

Nas formas dos verbos "pôr" (e derivados) e "querer";
Exemplos: pus, pusera, pusesse, puséssemos; repus, repusera, repusesse, repuséssemos; quis, quisera, quisesse, quiséssemos.

EMPREGO DO C E DO QU.
Existem palavras que podemos escrever com **"c"** e também com **"qu".**
Exemplos: catorze / quatorze cociente / quociente cota / quota cotidiano / quotidiano cotizar / quotizar

Observação: As palavras a seguir, porém, possuem uma só grafia: "cinqüenta, cinqüentenário, cinqüentão, cinqüentona."

EMPREGO DO X E DO CH.
Deve-se empregar o **"x"** após os ditongos (encontros vocálicos = vogal + semi-vogal em uma mesma sílaba).
Exemplos: ameixa, feixe, caixa, trouxa, frouxo, gueixa, peixe, peixada, queixo, queixada, eixo, baixo, encaixar, paixão, rebaixar etc.

EXCEÇÃO: recauchutar (mais seus derivados) e caucho (espécie de árvore que produz o látex).

Emprega-se também o x:

➔ Após as sílabas **"en"** e **"me";**
Exemplos: enxada, enxurrada, enxame, enxaqueca, enxerido, enxovalho, enxugar, mexer, mexilhão, mexerico, mexerica, mexicano etc.

Observação: Palavras como "enchente, encharcar, enchiqueirar, enchapelar, enchumaçar", embora se iniciem pela sílaba "en", são grafadas com "ch", porque são palavras formadas por prefixação, ou seja, pelo prefixo en + o radical de palavras que tenham o ch (enchente, encher e seus derivados = prefixo en + radical de cheio; encharcar = en + radical de charco; enchiqueirar = en + radical de chiqueiro; enchapelar = en + radical de chapéu; enchu- maçar = en + radical de chumaço).

EXCEÇÃO: Em relação à regra da sílaba "me", uma exceção é O SUBSTANTIVO "mecha"; não confundir com a forma verbal "mexa" do verbo mexer que deve ser grafada com x.

➔ Nas palavras de origem indígena ou africana e nas palavras inglesas aportuguesadas. Exemplos: xavante, xingar, xique-xique, xará, xerife, xampu.

Outras palavras com X: bexiga, bruxa, caxumba, laxativo, laxante, maxixe, paxá, muxoxo, quixotesco, rixa, xarope, xícara, xucro, xereta, capixaba, faxina, lixo, graxa, praxe, puxar, relaxar, roxo, xaxim, xenofobia.

Outras palavras com CH: charque, chiste, chicória, chimarrão, ficha, cochicho, cochichar, estrebuchar, fantoche, flecha, inchar, pechincha, pechinchar, penacho, salsicha, broche, arrocho, apetrecho, bochecha, brecha, chuchu, cachimbo, comichão, chope, chute, debochar, fachada, fechar, linchar, mochila, piche, pichar, tchau.

Existem vários casos de **palavras homófonas**, isto é, palavras que possuem a mesma pronúncia, mas a grafia diferente. Nelas a grafia se distingue pelo contraste entre o **x** e o **ch**.

Exemplos:
- brocha (pequeno prego)
- broxa (pincel para caiação de paredes)
- chá (planta para preparo de bebida)
- xá (título do antigo soberano do Irã)
- chalé (casa campestre de estilo suíço)
- xale (cobertura para os ombros)
- chácara (propriedade rural)
- xácara (narrativa popular em versos)
- cheque (ordem de pagamento)
- xeque (jogada do xadrez)
- cocho (vasilha para alimentar animais)
- coxo (capenga, imperfeito)
- tacha (mancha, defeito; pequeno prego); daí "tachar": colocar defeito ou nódoa em alguém ou em algo.)
- taxa (imposto, tributo); daí "taxar": cobrar impostos.

[Veja mais palavras homófonas na seção **PARÔNIMOS**]

XVII. PONTUAÇÃO

É o conjunto de sinais gráficos que possui basicamente duas funções: representar, na língua escrita, as pausas e a entoação da língua falada, na tentativa de reconstituir o movimento vivo, recursos rítmicos e melódicos que a oralidade possui e dividir as partes do discurso que não têm entre si uma íntima relação sintática.

EMPREGO DOS SINAIS GRÁFICOS

VÍRGULA (,)

Emprega-se a vírgula nos seguintes casos:

1. para separar termos da mesma função sintática;

Exemplos:
Pedro, João, Mateus e Tiago eram alguns dos apóstolos de Jesus. (Pedro, João, Mateus e Tiago exercem a mesma função sintática nessa oração, ou seja, a de sujeito.)
Ana vendeu um sofá, duas poltronas, uma estante e uma mesinha. (sofá, poltronas, estante e mesinha funcionam, aqui, como objetos diretos da oração.)

Observações: Quando as conjunções **"e", "ou"** e **"nem"** vierem repetidas numa enumeração, dando ênfase ao que se diz, costuma-se separar os termos coordenados.
Exemplos:
Abrem-se lírios, e jasmins, e rosas, e cravos...
Ou você presta atenção à aula, ou você conversa, ou você sai da sala.
Nem eu, nem tu, nem qualquer outra pessoa resolverá este caso.

Quando se usa a conjunção **"ou"** para indicar equivalência entre dois termos, pode-se ou não empregar-se uma vírgula antes da conjunção e outra depois da palavra que indica equivalência.
Exemplos:
Cláudia, ou sua irmã, deverá ser a oradora da turma.
Cláudia ou sua irmã deverá ser a oradora da turma.

Torna-se necessária a vírgula antes da conjunção **"e"** quando servir para separar orações coordenadas que tenham sujeitos diferentes.
Exemplos:
A primavera despertava as flores, e os coqueiros balançavam preguiçosos ao vento. (Neste exemplo, o "e" não está ligando flores a coqueiros, pois este termo é sujeito da forma verbal balançavam, e flores é objeto direto de DESPERTAva que tem como sujeito a palavra primavera.)
Ele dizia muitas coisas, e sua esposa só ouvia.

2. para isolar o objeto direto anteposto ao verbo nas construções em que ele aparece também com sua forma pleonástica;

Exemplos:
A mesa, nós a empurraremos.
(A mesa = objeto direto / pronome a = objeto direto pleonástico)

O homem, fê-lo Deus à sua semelhança.
(O homem = objeto direto / lo = objeto direto pleonástico)

Os sapatos, João os comprou na C&A.
(Os sapatos = objeto direto / os = objeto direto pleonástico)

3. para isolar o aposto explicativo;

Exemplos:
Alice, a diretora, estava muito feliz. (aposto = a diretora)
Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, foi enforcado por lutar pela nossa Independência. (aposto = o Tiradentes)

4. para isolar o vocativo;

Exemplos:
Maria, porque não respondes? (vocativo = Maria)
Ajuda-me, Senhor, neste trabalho. (vocativo = Senhor)

5. para isolar o adjunto adverbial antecipado;

Exemplos:
No campo, a chuva é sempre bem-vinda. (adjunto adverbial = No campo)
Ama, com fé e orgulho, a terra em que nasceste. (adjunto adverbial = com fé e orgulho)
Pela manhã, fui ao sítio de meu avô. (adjunto adverbial = Pela manhã)

No entanto, quando o adjunto for constituído de apenas um advérbio, a vírgula será facultativa.

Exemplos:
Ali várias pessoas discutiam sobre futebol.
Ali, várias pessoas discutiam sobre futebol.
Hoje não comprei o jornal.
Hoje, não comprei o jornal.

6. para se separar a localidade da data, e nos endereços;

Exemplos:
Rio de Janeiro, 31 de julho de 1957.
Rua Barata Ribeiro, 200, ap. 101, Copacabana.

7. para marcar a supressão do verbo numa oração (zeugma);

Exemplos:
Eu fui de ônibus; ela, de avião.
Os valorosos levam as feridas; e os venturosos, os prêmios.

8. para separar orações coordenadas assindéticas, isto é, separar orações que não apresentam conjunções que as interliguem;

Exemplos:
Acendeu um cigarro, cruzou as pernas, estalou os dedos.
Vim, vi, venci.

9. para separar as orações coordenadas sindéticas adversativas, conclusivas e explicativas;

Exemplos:
Não me disseste nada, mas eu vi tudo.
Ana namorava Carlos, entretanto não o amava.
Tu és homem, logo és mortal.
Estou com o mapa no carro, portanto não errarei o caminho.
Venha, que já é tarde.
Não fumes aqui, porque é perigoso.
Volte amanhã, pois o diretor não o atenderá hoje.

10. para isolar certas expressões exemplificativas e de retificação;

Exemplos:
Além disso, por exemplo, isto é, ou seja, a saber, aliás, digo, minto, ou melhor, ou antes, outrossim, com efeito, a meu ver, por assim dizer, por outra, etc.

11. para isolar o predicativo deslocado;

Exemplos:
A mulher, desesperada, correu em socorro do filho.
Desesperada, a mulher correu em socorro do filho.
Cansados, os meninos dormiram mesmo no chão.
Os meninos, cansados, dormiram mesmo no chão.

12. para isolar certas conjunções deslocadas;

Exemplos:
Naquele dia, porém, não pude vir. (todavia, contudo, entretanto, No entanto, etc.)
Observação: Quando a conjunção "pois" for conclusiva, virá sempre depois do verbo da oração a que pertence e, portanto, isolada por vírgulas.
Exemplo: As jóias não eram, pois, tão valiosas assim.

13. para isolar as orações intercaladas;

Exemplos:
Amanhã mesmo vou embora, assegurou Rogério, batendo a porta da rua.
Ele sabia que, mesmo comprometendo a sua segurança, precisava fazer a denúncia.
Observação: Neste caso, também é possível substituir as vírgulas por travessões.

14. para isolar as orações subordinadas adjetivas explicativas;

Exemplos:
Léa, que tem manias estranhas, entrou na sala agora.
O homem, que se considera racional, muitas vezes age animalescamente.

15. para separar as orações subordinadas adverbiais, principalmente quando antepostas à principal (Exceção das comparativas).

Exemplos:
Quando se levantou, os seus olhos tinham uma imensa paz.
Se chover muito, não irei à casa de Paula.
Apesar de ter ido ao passeio, ela não se alegrou.
Ana é tão inteligente como a irmã.

Observações:
_ Pode-se separar as orações adjetivas restritivas quando muito extensas no período ou no encontro dos verbos;

Exemplos:
As famílias que se estabeleceram naquela favela de pequenas e sujas vielas, estão preocupadas com os bandidos.
O homem que falou, representou-me na reunião.

_ São também separadas por vírgulas as orações reduzidas de infinitivo, de gerúndio e de particípio que se antepõem à oração principal.

Exemplos:
Marchar mais e mais, insistia o sargento.
Sendo muitos os problemas, resolva-os sempre um por um.
Incentivado, viajou para Londres.

_ Quando houver um parêntese no período, no lugar em que já exista uma vírgula, esta se coloca depois do parêntese fechado, uma vez que este sempre esclarece o que ficou antes da vírgula, e não o que vem depois dela.

Exemplo:
Estava Mário em sua casa (nenhum prazer sentia fora dela), quando ouviu gritos na rua.

CASOS EM QUE NÃO SE DEVE EMPREGAR A VÍRGULA

A) Não se deve separar por vírgula o sujeito de seu predicado, os verbos de seus complementos e destes os adjuntos adverbiais se vierem na ordem direta.

Ordem direta ➔ SUJEITO + VERBO + COMPLEMENTOS + ADJUNTOS ADVERBIAIS

Exemplos:
Pedro, comprou um livro no sebo. (errado)
Pedro comprou, um livro no sebo. (errado)
Pedro comprou um livro, no sebo. (errado)
Pedro comprou um livro no sebo . (certo)

B) Segundo alguns gramáticos mais antigos, não se deve colocar vírgula antes de **"etc",** pois se trata de letras que abreviam a expressão latina "et cetera", que significa **"e outras coisas", "e o resto", "e assim por diante".** Nesse sentido, também é condenável o uso da conjunção **"e"** antes de ETC.

Exemplos:
Sandra comprou blusas, calças, meias e etc. (condenado)
Sandra comprou blusas, calças, meias etc. (aceito)

No entanto, o Acordo Ortográfico que está vigindo no Brasil determina que se use, obrigatoriamente, a vírgula antes de etc.

Exemplo:
Acordou, tomou café, tomou banho, etc.

Quando a frase termina com **"etc.",** basta colocar um ponto, que acaba tendo duplo papel: o de marcar a abreviatura da expressão e o de encerrar o período. É o que se vê nos dicionários e no "Formulário Ortográfico Oficial" em todos os casos em que se emprega essa abreviatura.

PONTO-E-VÍRGULA (;)

Este sinal serve de intermediário entre o ponto e a vírgula, aproximando-se ora mais de um ora mais de outro, segundo os valores pausais e melódicos que representa no texto. Apesar da imprecisão deste sinal, pode-se estabelecer alguns empregos para ele.

1. Serve para separar orações coordenadas com certa extensão e que possuam a mesma estrutura sintática, sobretudo, se possuem partes já divididas por vírgulas;

Exemplos:
Das graças que há no mundo, as mais sedutoras são as da beleza; as mais picantes, as do espírito; as mais comoventes, as do coração.
Nos dias de hoje, é preciso andar com cautela; antigamente, a vida era mais tranqüila.

2. Para separar orações coordenadas assindéticas de sentido contrário;

Exemplos:
Cláudio é ótimo filho; Júlio, ao contrário, preocupa constantemente seus pais.
Uns se esforçam, lutam, criam; outros vegetam, dormem, desistem.

3. Para separar orações coordenadas adversativas e conclusivas quando se deseja (com o alongamento da pausa) acentuar o sentido adversativo ou conclusivo dessas orações;

Exemplos:
Pode a virtude ser perseguida; mas nunca desprezada.
Estudei muito; não obtive, porém, resultados satisfatórios.
Ele anda muito ocupado; não tem, por isso, respondido às suas cartas.

Observação: Em certos casos, a ênfase dada a essas orações pode pedir o emprego do ponto em lugar do ponto-e-vírgula.
Exemplo:
O exame de física foi bastante difícil. Entretanto, o de português foi bem melhor.

4. Para separar os diversos itens de uma lei, decreto, portaria, regulamento, exposição de motivos, etc;

Exemplo:
Artigo 187
O processo será iniciado:
I - por auto de infração;
II - por petição do contribuinte interessado;

5. Para separar itens diferentes de uma enumeração;

Exemplo:
O Brasil produz café, milho, arroz; cachaça, cerveja, vinho. (Separando gêneros alimentícios de bebidas)

6. Para separar os itens de uma explicação.

Exemplo:
A introdução dos computadores pode acarretar duas conseqüências: uma, de natureza econômica, é a redução de custos; a outra, de implicações sociais, é a demissão de funcionários.

PONTO (.)

O ponto assinala a pausa máxima da voz. Serve para indicar o término de uma oração absoluta ou de um período composto. Quando os períodos simples e compostos mantêm entre si uma seqüência do pensamento, serão separados por um ponto chamado de "ponto simples"; e o período seguinte que expressa uma conseqüência ou uma continuação do período anterior será escrito na mesma linha. Porém, se houver um corte, uma interrupção na seqüência do pensamento, o período seguinte se iniciará na outra linha, sendo o ponto do período anterior chamado de "ponto parágrafo".

Finalmente, quando um ponto encerra um enunciado, dá-se o nome de "ponto final".

O ponto serve ainda para abreviar palavras.

Exemplo: V. S. = Vossa Senhoria; prof. = professor, etc.

DOIS PONTOS (:)

Serve para marcar uma sensível suspensão da voz na melodia de uma frase não concluída. Emprega-se nos seguintes casos:

1. Antes de uma citação;

Exemplos:
Como ele nada dissesse, o pai perguntou:
- Queres ou não queres ir?
Disse Machado de Assis: "A solidão é oficina de idéias."

2. Antes de uma enumeração;

Exemplo:
Tínhamos dezenas de amigos: Pedro, João, Carlos, Luís, mas nenhum deles entendeu nosso problema.

3. Antes de uma explicação, uma síntese ou uma conseqüência do que foi enunciado, ou ainda antes de uma complementação.

Exemplos:
A razão é clara: achava sua conversa menos interessante que a dos outros rapazes.
E a felicidade traduz-se por isto: criarem-se bons hábitos durante toda a vida.
No quartel, quem manda é o sargento: só nos cabe ouvir e obedecer.
Aquela mãe preocupava-se com uma coisa só: o futuro dos filhos.
"Não sou alegre nem sou triste: sou poeta." (C. Meireles)

Observação: Nos vocativos de cartas, ofícios, etc, usa-se vírgula, ponto, dois pontos ou nenhuma pontuação.
Exemplos:
Prezado Senhor,
Prezado Senhor.
Prezado Senhor:
Prezado Senhor

PONTO DE INTERROGAÇÃO (?)

É um sinal que indica uma pausa com entoação ascendente. Emprega-se nos seguintes casos:

1. Nas interrogações diretas;

Exemplos:
Quem vai ao teatro hoje?
Que é Deus?

2. Pode-se combinar o ponto de interrogação com o ponto de exclamação quando a pergunta também expressar uma surpresa;

Exemplo:
- Ana desmanchou o noivado de cinco anos.
- Por quê?!

3. Quando houver dúvida na pergunta, costuma-se colocar reticências após o ponto de interrogação.

Exemplos:
- Então?... Qual o caminho que devemos seguir?...
- E você também não sabe?...

PONTO DE EXCLAMAÇÃO (!)

Neste sinal, a pausa e a entoação não são uniformes, já que somente no contexto em que está inserida a frase exclamativa poderemos interpretar a intensão do escritor, pois são várias as possibilidades da inflexão exclamativa como, por exemplo, as frases que exprimem espanto, surpresa, alegria, entusiasmo, cólera, dor, súplica, etc.

Normalmente se emprega nos seguintes casos:

1. Depois de interjeições ou de termos equivalentes como os vocativos intensos, as apóstrofes;

Exemplos:
- Ai! Ui! - gritava o menino.
- Credo em cruz! - gemeu Raimundo.
- Adeus, Senhor!

"Ó Pátria amada, idolatrada,
Salve! Salve!"

2. Depois de um imperativo;

Exemplos:
- Não vai! Volta, meu filho!
- Direita, volver!

Não matarás!

Observação: Para acentuar a inflexão da voz e a duração das pausas pedidas por certas formas exclamativas, pode-se empregar os seguintes recursos:

A) Combinar-se o ponto de exclamação ao de interrogação quando a entoação numa frase interrogativa for sensivelmente mais exclamativa.

Exemplo:
Para que você veio me contar essas histórias a esta hora da noite!?

B) Emprega-se a combinação acima mais reticências para dar à frase mais um matiz: o da incerteza.

Exemplo:
- Coitado! Envolvido com drogas, quem poderá dizer como acabará!?...

C) Repete-se o ponto de exclamação para marcar um reforço especial na duração, na intensidade ou na altura da voz.

Exemplo:
- Canalhas!!! Não escaparão à Justiça Divina!!!

Observação: Deve-se evitar usar este recurso quando se enviar um texto para uma pessoa cega que utilize computador com ledores de tela (como o do Sistema DOSVOX), que interpretam estes pontos repetidos apenas como sinais de pontuação, não dando à palavra ou à frase antecedidas por eles nenhuma entoação especial. Torna-se, neste sentido, obviamente desnecessária e mesmo inútil o emprego repetitivo dos pontos de interrogação e exclamação, posto que isto causará somente um extremo incômodo aos ouvidos dos leitores/ouvintes cegos.

RETICÊNCIAS (. . .)

Serve para marcar a suspensão da melodia na frase. Emprega-se em casos muito variados como:

1. Para interromper uma idéia, um pensamento, a fim de se fazer ou não, logo após, uma consideração;

Exemplo:
- Quanto ao seu pai... às vezes penso... Mas asseguro-lhe que é verdade quase tudo que se contam por aí sobre homens que enriqueceram facilmente.

2. Para marcar suspensões provocadas por hesitação, surpresa, dúvida ou timidez de quem fala. E ainda, certas inflexões de alegria, tristeza, cólera, ironia, etc.

Exemplos:
- Rapaz, veja lá... pensa bem no que vai fazer... - alertou o amigo.
- Você... aí sozinha... não tem medo de ficar na rua a esta hora?
- Eu... eu... queria... um agasalho - respondeu soluçando o mendigo.
- Há quanto tempo não o via... lágrimas vieram-lhe aos olhos... foi um encontro inesquecível.

3. Para indicar que a idéia contida na frase deve ser completada pela imaginação do leitor;

Exemplos:
"Duas horas te esperei.
Duas mais te esperaria.
Se gostas de mim, não sei...
Algum dia há de ser dia."
(F. Pessoa)

4. Para indicar uma interrupção brusca da frase;

Exemplos:
(Um personagem corta a fala de outro)
- A senhora ia dizer que...
- Nada... Esquece tudo isto.

Observações:

A) Se a fala do personagem continua depois da interrupção, costuma-se colocar reticências no início da frase.

Exemplo:
- Eu pedi que fizesse a lição...
- Que lição? Não há lição alguma.
- ...a lição sobre a vida de Ghandi.

B) As reticências podem formar uma linha inteira de pontos para indicar a supressão de palavras ou de linhas omitidas na cópia ou tradução de uma obra. Podem ainda vir entre parênteses no início e no fim de um trecho selecionado.

PARÊNTESES ( )

São empregados para intercalar, num texto, qualquer indicação ou informação acessória de caráter secundário.

Exemplos em que se empregam os parênteses:

1. Numa explicação;
Beto (tinha esse apelido desde criança) não gostava de viajar.

2. Numa reflexão, num comentário à margem do que se afirma;
Jorge mais uma vez (tinha consciência disso) decidiu seu destino ao optar pela mudança de país.

3. Numa manifestação emocional expressa geralmente em forma exclamativa ou interrogativa;
"Havia escola, que era azul, e tinha um mestre mau, de assustador pigarro... (Meu Deus! Que isto? Que emoção a minha quando estas coisas tão singelas narro?)"

4. Nas referências a datas, indicações bibliográficas, etc;
Kardec revela-nos em "O Livro dos Espíritos" (1857) os mistérios do Mundo Invisível.

5. Numa citação na língua de origem;
Como disse alguém: "A natureza não dá saltos" (natura non saltit).

Observações:
A) Os parênteses podem ser usados também para isolar orações intercaladas, sendo mais freqüentes, no entanto, para este fim, as vírgulas e os travessões.
Exemplo:
Mais uma vez (contaram-me) a policia tinha conseguido deitar a mão naquele perigoso bandido.

B) Os parênteses muito longos devem ser evitados, pois prejudicam a clareza do período. Na leitura, a frase que vem entre parênteses deve ser pronunciada em tom mais baixo. Na escrita, a frase inicia-se por maiúscula somente quando constituir oração à parte, completa, contendo uma consideração ou pensamento independente. Neste caso, é comum se colocar os parênteses depois do ponto final.
Exemplo:
"Existem jovens, por exemplo, que só conseguem crescer se tiverem uma sogra tirana. (É bastante comum Afrodite "surgir" em sogras. A madrasta má é outro exemplo.)"

C) O asterisco entre parênteses chama a atenção do leitor para alguma observação ou nota final da página ou do texto.

ASPAS (“ “)

São empregadas nos seguintes casos:

1. No início e no fim de uma citação ou transcrição literária;

Exemplo:
Fernando Pessoa nos revela em um de seus poemas que Júlio César definiu bem toda a figura da ambição quando disse: "Antes o primeiro na aldeia do que o segundo em Roma".

2. Para fazer sobressair palavra ou expressões que, geralmente, não são comuns à linguagem normal (estrangeirismos, arcaísmos, neologismos, gírias, etc.).

Exemplos:
O Sistema DOSVOX é um "software" especial para cegos.
Os escravos chamavam meu bisavô de "sinhô" ou "nhonhô".
O diretor daquela escola pública, para todos os alunos, era considerado "sangue bom".

3. Para realçar o significado de qualquer palavra ou expressão, ou para marcar um sentido que não seja o usual;

Exemplos:
O vocábulo "que" pode ser analisado de várias maneiras.
Ela deu um "espetáculo" no saguão do prédio. (A palavra ESPETÁCULO aqui tem o sentido de ESCÂNDALO.)

Observação: As aspas também podem ser empregadas no lugar dos travessões em diálogos quando da mudança de interlocutor.

Exemplos:
"Vamos mudar de assunto", disse eu.
"OK, vamos então falar de amor?" replicou Clara.
"Boa idéia!" concordei, sorrindo-lhe.

4. Para fazer sobressair o título de uma obra literária, musical, etc.

Exemplos:
Adorei ler "Nosso Lar", de André Luiz.
Você gostou do disco "Sozinho", do Caetano Veloso?

Observação: Quando as aspas abrangem parte do período, o sinal de pontuação é colocado depois delas:

Na política, ainda são bastante numerosos os "partidários do Brizolismo".
Quando, porém, as aspas abrangem todo o período, o sinal de pontuação é colocado antes delas:
"Nem tudo que reluz é ouro."

Quando já existe aspas numa citação ou numa transcrição, devemos usar a "aspa simples" ('), ou negrito, ou ainda letras de outro tipo para destacar o termo ou expressão desejados:

Aquele crítico de arte declarou assim: "Todos admiravam o 'feeling' daquele artista".

TRAVESSÃO (_)

Emprega-se nos seguintes casos:

1. Para indicar, nos diálogos, a mudança de interlocutor;

Exemplo:
- Você tem religião?
- Sim, a do Amor.

2. Para isolar, num contexto, palavras ou orações intercaladas;

Exemplo:
O presidente declarou - e nem sabemos quanto lhe custou essa decisão - que estava renunciando.

3. Para dar mais realce a uma expressão ou oração, pode-se empregar o travessão em lugar dos dois pontos;

Exemplo:
Era mesmo o meu quarto - a roupa da escola no prego atrás da porta, o quadro da santa na parede...

4. Para substituir um termo já mencionado (uso comum nos dicionários).

Exemplo:
pé, s. m.: parte inferior do corpo humano; - de-moleque: doce feito de amendoim.

ASTERISCO (*)

Serve para chamar a atenção do leitor para alguma nota ao final da página ou do capítulo.

XVIII. REGÊNCIA NOMINAL.

REGÊNCIA NOMINAL é a relação existente entre um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio) e os termos regidos por esse nome. A Regência Nominal determina qual é a preposição que devemos usar. Observe que não há regras específicas, pois a regência de uma palavra é um caso particular. Cada palavra pede seu complemento e rege sua preposição.

Exemplos:
Ela fez referência (substantivo) a este evento (complemento nominal).
(Quem faz referência faz referência a alguma coisa)

Eles tem necessidade (substantivo) de dinheiro (complemento nominal).
(Quem tem necessidade tem necessidade de alguma coisa)

A seguir, você terá vários nomes acompanhados da preposição ou preposições que regem. Procure associar esses nomes entre si ou aos verbos de que derivam.

SUBSTANTIVOS:

admiração a, por; aversão a, para, por; atentado a, contra; bacharel em; capacidade de, para;	devoção a, para com, por; doutor em; dúvida acerca de, em, sobre; horror a; impaciência com;	medo a, de; obediência a; ojeriza a, por; proeminência sobre; respeito a, com, para com, por.

Observação: O substantivo medo rege também a preposição **"a",** mas surge mais freqüentemente acompanhado da preposição **"de".**

ADJETIVOS:

acessível a; contíguo a; generoso com; acostumado a, com; contrário a; grato a, por; afável com, para com; curioso de, por; hábil em; agradável a; descontente com; habituado a; alheio a, de;	desejoso de; idêntico a; análogo a; diferente de; impróprio para; ansioso de, para, por; entendido em; indeciso em; apto a, para; equivalente a; insensível a; ávido de; escasso de;	liberal com; benéfico a; essencial a, para; natural de; capaz de, para; fácil de; necessário a; compatível com; fanático por; nocivo a; contemporâneo a, de; favorável a; paralelo a; parco em, de;	propício a; semelhante a; passível de; próximo a, de; sensível a; preferível a; relacionado com; sito em; prejudicial a; relativo a; suspeito de; prestes a; satisfeito com, de,

ADVÉRBIOS:
longe de; perto de.
Os advérbios terminados em **"-mente"** tendem a seguir o regime dos adjetivos de que são formados:
paralela a, paralelamente a; relativa a, relativamente a.
Quando o complemento de um nome ou verbo tiver a forma de oração reduzida de infinitivo, não se deve fazer a contração da preposição com o eventual sujeito desse infinitivo. A preposição, afinal, introduz toda a oração, e não apenas o sujeito dela. É bom lembrar que o sujeito jamais é introduzido por preposição.

Exemplos:
Existe a possibilidade de eles participarem (e não "deles participarem") do festival de música.
É hora de as noções de civilização contaminarem as mentes e gestos dos brasileiros. (e não "das noções")

A questão consiste em os brasileiros adotarem medidas mais rigorosas contra as infrações de trânsito. (e não "consiste nos ")

XIX. REGÊNCIA VERBAL

REGÊNCIA é a relação necessária que se estabelece entre duas palavras, uma das quais servindo de complemento a outra (dependência gramatical).

TERMO REGENTE ➔ palavra principal a que outra se subordina.

TERMO REGIDO ➔ palavra dependente que serve de complemento e que se subordina ao TERMO REGENTE.

Assim, a relação entre o verbo (termo regente) e o seu complemento (termo regido) chama-se **REGÊNCIA VERBAL**, orientada pela transitividade dos verbos que podem se apresentar diretos ou indiretos, ou seja, exigindo um complemento na forma de objeto direto ou indireto.

Lembrando que o **OBJETO DIRETO** é o complemento do verbo que não possui preposição e que também pode ser representado pelos pronomes oblíquos "o, a, os, as". Já o **OBJETO INDIRETO** vem acrescido de preposição e igualmente pode ser representado pelos pronomes "lhe, lhes". Cuidado, porém, com alguns verbos, como **"ASSISTIR** e **ASPIRAR**", que não admitem o emprego desses pronomes.

Os pronomes **"me, te, se, nos** e **vos"** podem, entretanto, funcionar como objetos diretos ou indiretos.

ATENÇÃO: Muitas vezes alguns verbos podem apresentar diferentes regências sem que seus sentidos sejam alterados ou, ao contrário, acarretando diferentes significados e acepções.

REGÊNCIA DE ALGUNS VERBOS:

- ABRAÇAR.
Pede objeto direto.
Exemplos:
Abracei Michele carinhosamente em seu aniversário.
Pelo meu elogio, Pedro abraçou-me agradecido.

Observação: Este verbo pode aparecer com outras regências que não acarretam mudança no sentido, mas que introduzem matizes especiais de significação.
Exemplos:
Meio tonto, Lucas abraçou-se ao poste.
Para caminhar com mais apoio, Ana abraçou-se em mim.
Comemorando a vitória, Luís abraçava-se com o pai.

- ACONSELHAR.
Pede objeto direto e indireto no sentido de "dar e tomar conselhos, entrar em acordo".
Exemplos:
Aconselho você a não sair de casa hoje por causa da chuva.
Aconselhei à Isabel um bom caminho para ir à praia.
Aconselhamos João sobre os malefícios do fumo.
Aconselhei-me com o juiz sobre o meu processo.
Depois nos aconselharemos no que mais nos convier.
Aconselharam-se para me trair.

- AGRADAR.
Pede objeto direto no sentido de "acariciar, fazer agrados".
Exemplos:
O pai agradava o filho antes de sair para o trabalho.
Sempre agradei minhas namoradas com meus elogios. (agradá-las)

Pede objeto indireto no sentido de "ser agradável, contentar, satisfazer".
Exemplos:
A resposta não agradou ao professor.
Tenho certeza de que este livro não lhe agradará.
A piada não agradou à platéia.

- AGRADECER.
Pede objeto direto e indireto.
Exemplos: (AGRADECER ALGUMA COISA A ALGUÉM)
Agradeci A Deus a cura de minha mãe.
Agradeceu-me comovido o presente.

Observação: Agradecer a alguém "por alguma coisa" é incorrer em italianismo, forma perfeitamente dispensável.

- AJUDAR.
Pede objeto direto e indireto.
Exemplos:
Ajudo meu irmão em seu escritório.
Ajudei-o a resolver aqueles problemas.

- APOIAR-SE.
Pede objeto indireto.
Exemplos:
Para não cair, Carlos apoiou-se ao muro.
Ela apóia-se à mesa para escrever.
Apoiamo-nos em documentos para provar o que dissemos.
Apoiei-me sobre a perna direita ao descer do ônibus.

- ANTIPATIZAR / SIMPATIZAR
Pedem objeto indireto, iniciado pela preposição "com".
Exemplos:
Antipatizei com aquela secretária.
Simpatizo com as idéias daquele partido.

Observação: Esses verbos não são pronominais. Assim, não se deve dizer: "antipatizei-me com ela" ou "simpatizei-me com ela".

- ASPIRAR.
Pede objeto direto quando significa "respirar, sorver, absorver".
Exemplos:
Aspirei muita poeira, limpando aqueles livros velhos.
Ao abrir a janela, aspirei o ar puro da manhã.

Pede objeto indireto no sentido de "ambicionar, pretender, desejar".
Exemplos:
Ele sempre aspirou ao cargo de presidente da República.
Todos aspiram a uma vida melhor.

Observação: Neste caso, não se admite o pronome átono "lhe" que deve ser substituído pelas formas "a ele, a ela", etc.
Exemplo: Aquele aumento de salário?! Aspiro a ele desde o ano passado.

- ASSISTIR.
Pede objeto direto no sentido de "prestar assistência, ajudar, servir, acompanhar".
Exemplos:
O médico assiste a evolução daquele paciente todos os dias.
A Prefeitura assistiu os moradores daquela favela depois dos desabamentos.

Pede objeto indireto quando significa "prestar atenção, estar presente, presenciar".
Exemplos:
Assistimos ao jogo ontem à noite.
Aquele casal assistiu à queda do avião com indiferença.
Observação: Neste caso, também é exigida a forma "a ele/a ela", quando da substituição do complemento por uma forma pronominal.
Exemplo: Quanto ao julgamento, assistimos a ele preocupados.

Também pede objeto indireto no sentido de "pertencer, caber direito ou razão".
Exemplo: Não lhe assiste o direito de reclamar neste momento.
Observação: Nesta acepção, é aceito como objeto indireto o pronome oblíquo "lhe".

- ATENDER
Pede objeto direto com o significado de "servir, escutar e responder".
Exemplos:
O garçom atendia o freguês com simpatia.
Renato atendeu o telefone logo que ele tocou.

Observação: Com o sentido de "escutar e responder", a regência deste verbo pode apresentar a oposição luso-brasileira "atender algo / atender a algo".
Exemplos: Renato atendeu o telefone / Renato atendeu ao telefone

Pede objeto indireto no sentido de "deferir, cuidar de".
Exemplos:
O juiz atendeu ao requerimento do advogado.
Horácio e Vera atendiam às crianças de sua creche com muito carinho e dedicação.
Todo domingo, um grupo de jovens atendia aos mais necessitados de seu bairro com alimentos e roupas doados.

Pede objeto direto ou indireto, indiferentemente, quando significa "dar ou prestar atenção a, dar audiência a".
Exemplos:
O soldado não atendeu as (às) ordens do sargento.
Janete sempre atendia os (aos) conselhos de sua mãe.
O reitor atenderá a (à) comissão de alunos amanhã.

- ATINGIR
Pede objeto direto.
Exemplos:
A despesa atingiu 50 reais.
Atualmente a informática atinge um progresso espantoso.

- ATIRAR
Pede objeto direto quando significa "arremessar, lançar, arrojar".
Exemplos:
"AQUELE QUE ESTIVER SEM PECADO QUE ATIRE A PRIMEIRA PEDRA!"
Mário gosta de atirar pedras no telhado do vizinho.
Observação: Não se deve confundir objeto indireto com adjunto adverbial.

Pede objeto indireto no sentido de "disparar arma de fogo".
Exemplos:
O alvo a que os soldados atiravam ficava a 300 metros.
Atirem nos inimigos quando eu mandar!

- AUMENTAR
Pede objeto indireto com a preposição "em".
Exemplo: A dívida externa brasileira aumentou em tamanho.

- AVISAR (assim como **CERTIFICAR, INFORMAR, NOTIFICAR, PREVENIR**)
Pede objeto direto e indireto.
Exemplos:
(AVISAR ALGUÉM DE ALGUMA COISA - FORMA MAIS ACEITÁVEL)
Eu avisarei Pedro da sua chegada.
Eu o avisarei...
(AVISAR ALGUMA COISA A ALGUÉM)
Eu avisarei sua chegada a Pedro.
Eu lhe avisarei...

- BATER
Pede objeto direto, significando "bater alguma coisa".
Exemplos:
Ao sair, Marco bateu a porta com violência.
Ela machucou seu dedo, batendo pregos na parede.
Sílvio bateu o carro no poste violentamente.

Pede objeto indireto com o sentido de "bater a, na, pelas portas, bater em alguém, bater sobre".
Exemplos:
Alguém bateu à porta quando eu assistia à televisão.
Alguém bateu na porta da sala com uma bengala.
O mendigo batia pelas portas de várias casas a pedir só um prato de comida.
João foi preso ontem por bater em sua mulher.

- CARECER
Pede objeto indireto.
Exemplos:
(Com o sentido de "precisar, necessitar")
Careço de dinheiro para pagar minhas contas.
Careço do carinho de meus avós que já morreram.

- CARREGAR
Pede objeto direto ou indireto.
Exemplos:
Carreguei o menino no colo o dia todo.
Carreguei com o menino deste lugar perigoso.

- CERTIFICAR (Mesma regência de AVISAR)

- CHAMAR
Pede objeto direto ou indireto - com a preposição "por" como posvérbio - quando significa "fazer vir alguém, convocar, invocar, pedir auxílio".
Exemplos:
O presidente chamou os ministros para uma reunião urgente. (Chamou-os)
Em suas preces, Alzira chamou por todos os santos.
O rapaz chamava pelos colegas para empurrarem o carro.
Quando viu os ladrões, Noeli chamou pela polícia.
De longe, notei que alguém chamava por mim.

Ainda com este sentido, o verbo CHAMAR pode tornar-se intransitivo.
Exemplos:
- Chamou? Perguntou o policial.
- Chamei! Respondeu a moça.

Com o significado de "denominar, apelidar", pede objeto direto ou indireto e predicativo, com ou sem preposição.
Exemplos:
Chamavam Jânio, maluco. / Chamavam Jânio de maluco.
Chamavam a Jânio de maluco. / Chamavam a Jânio, maluco.

- CHEGAR
Pede o emprego da preposição "a"; contudo, já é bastante usual na linguagem coloquial brasileira o emprego da preposição "em".
Exemplos:
Ele chegou ao (no) colégio atrasado.
Bete chegou a (em) casa de madrugada.

Observação: Em "Cheguei na hora exata", a preposição "em" está empregada corretamente, porque indica tempo, e não lugar.

- CERTIFICAR (ver **AVISAR**)

- COMUNGAR
Pede objeto direto com o sentido de "dar comunhão.
Exemplo:
O padre comungou meus pais hoje. (Comungou-os)

Com o significado de "estar de acordo, participar", pode vir com preposição, como pósverbio.
Exemplos:
Eles comungavam às (das/nas/com as) mesmas idéias.
Gabeira voltou ao Brasil para comungar das (com as/nas) liberdades e dos direitos e deveres democráticos.

- CONFRATERNIZAR
Pede objeto indireto.
Exemplo:
Os jogadores confraternizaram com a torcida após a conquista do campeonato.

Observação: O verbo confraternizar já indica reciprocidade. Portanto, o pronome "se" é perfeitamente dispensável.

- CONHECER
Pede objeto direto.
Exemplos:
Eu conheço aquela menina de algum lugar. (Eu a conheço)

- CONSTITUIR (-SE)
O verbo constituir é transitivo direto.
Exemplo:
Esses capítulos constituem o núcleo do romance.

O verbo constituir-se rege a preposição "em": Esses capítulos constituem-se no núcleo do romance.

- CONTENTAR
Pede objeto direto quando significa "agradar, satisfazer".
Exemplos:
Fiz o possível para contentar meus filhos neste Natal.
Não consegui contentá-la com meu presente.

Com o sentido de "ficar contente", o verbo é pronominal, apresentando-se com as preposições "com, de, em".
Exemplos:
Contento-me com poucas coisas.
Contentou-se em/de viajar amanhã para a Europa.

- CONTRIBUIR
Quando se usar o verbo "contribuir", a preposição "com" deverá introduzir o meio utilizado para a contribuição (dinheiro, mão-de-obra, mantimentos, roupas, etc.); já a preposição "para" introduzirá o beneficiário da contribuição, ou seja, a quem será destinado o elemento material da contribuição. Deve-se dizer, pois, que alguém contribui com algo para alguém.
Exemplos:
Ele contribuiu com dinheiro para as vítimas das enchentes.
Pedro contribuirá com sua experiência de pedreiro para a reforma da escola.

- CONVIDAR
Pede objeto direto.
Exemplos:
Convidarei Bruna para sairmos hoje.
Cláudia não o convidou para a festa.

- CUSTAR
Pede objeto direto quando significa "valer, ter um preço".
Exemplos:
Este carro esporte custa cem mil dólares.
Quanto custou esse livro?

Quando significa "ser difícil", pede objeto indireto e vem sempre na terceira pessoa, tendo como sujeito uma oração, geralmente reduzida de infinitivo.
Exemplos:
Custa-me ir trabalhar de trem todos os dias.
Custam aos alunos esses exercícios de geometria (Custam-lhes)

Se o verbo vem seguido de um infinitivo, este pode vir ou não precedido da preposição "a".
Exemplos:
Custou-me (a) resolver esses problemas.
Ele há de custar (a) dar o primeiro passo.

Observação: Para valorizar a pessoa a quem um fato apresenta-se difícil, ou ainda tendo o sentido de "tardio, demorado", a linguagem coloquial põe-na como sujeito da oração.
Exemplos:
Custei (a) resolver esses problemas.
Custamos (a) acreditar que aquilo era verdade.

- DEPARAR
Pede objeto direto quando significa "fazer aparecer".
Exemplo:
Qual é o santo que depara as coisas perdidas?

Pede objeto indireto no sentido de "encontrar com alguém de repente".
Exemplo:
Ana deparou com seu pai na rua.

É pronominal, significando "vir, chegar, surgir inesperadamente".
Exemplo:
Deparou-se-lhe uma ótima chance de emprego.

- DESCULPAR
Pede objeto direto e indireto, possuindo os sentidos de "pedir desculpas, perdoar e justificar".
Exemplos:
(PERDOAR ALGUÉM DE OU POR ALGUMA COISA)
Desculpe-me de (por) ter gritado com você.
Ao chegar, Antônio desculpou-se da (pela=por+a) demora.
Desculpei meu irmão de (por) me ter ofendido. (Desculpei-o)
Toda mãe sempre desculpa os erros de seus filhos.

- DIGNAR-SE (pronominal, que no padrão culto rege a preposição "de")
Exemplos:
Ele não se dignou de dizer a verdade.
O deputado nem se dignou de nos responder.

Observações: É comum, em textos formais, encontrar esse verbo com a preposição "de" elíptica.
Ex.:
O Presidente se dignou ouvir nossas reivindicações.

Normalmente, esse verbo, na linguagem corrente, é usado com as preposições "em" ou "a", sendo esse uso inadequado, já que não é aprovado por gramáticos e dicionaristas.

- ENCONTRAR
Pede objeto direto quando significa "achar, avistar".
Exemplo:
Só hoje encontrei o livro que tanto procurava.

Pede objeto indireto no sentido de "deparar com alguém, ter ou marcar um encontro".
Exemplo:
Encontramos com João no cinema.

É pronominal quando significar "estar, achar-se em".
Exemplo:
A secretária disse que seu chefe encontrava-se em reunião.

- ENSINAR
Pede objeto direto e indireto.
Exemplo:
Ensinei português aos alunos a tarde toda.

- ENTRAR
Pede objeto indireto.
Exemplos:
Entrei na sala de aula.
Entrei de cantor no conjunto do colégio.
Entrei para o coro do teatro.

- ESPERAR
Pede objeto direto.
Exemplo:
Na festa, todos esperavam Pelé.

Observação: Pode-se empregar a preposição "por" como posvérbio, marcando interesse: "Todos esperavam por Pelé."

- ESQUECER
Dependendo do matiz de significação que se queira dar ao verbo, este poderá se apresentar transitivo direto ou indireto e pronominal, acompanhado dos pronomes me, te, se, etc.
Exemplos:
Esqueci o livro sobre a mesa.
Esqueci-me do livro...
Não esqueça as suas tarefas.
Não se esqueça das suas tarefas.
Já esqueci totalmente o latim.
Já me esqueci totalmente do latim.

Na língua do Brasil, no entanto, surgiu uma fusão dessas duas possibilidades: esquecer de algo ou de alguém. Essa forma é usadíssima na fala e encontra registro na escrita, sobretudo quando o complemento de "esquecer" é um infinitivo: "Ia esquecendo de fazer uma confidência importante" (Érico Veríssimo); "Ele esqueceu de ir ao banco"; "Não esqueço de você"; "Não esquecia da saúva" (Mário de Andrade).

Atenção: Se participar de um concurso público, de um vestibular, de uma prova tradicional, você deve considerar erradas as construções do parágrafo anterior, apesar de serem comuns na fala e na escrita brasileiras.

Há ainda a possibilidade de o sujeito do verbo "esquecer" não ser uma pessoa, um ser humano. O sujeito é uma coisa, um fato. Mas coisa No caso, "esquecer" passa a significar "cair no esquecimento". Em "Açores: Férias que nunca esquecem" (frase de um anúncio divulgado em Portugal), o sujeito do verbo "esquecer" é "férias". Elas, as férias, nunca caem no esquecimento.

Em Machado de Assis, encontram-se vários casos desse emprego de "esquecer": "Esqueceu-me apresentar-lhe minha mulher", onde o sujeito de "esqueceu-me" é a oração "apresentar-lhe minha mulher", ou seja, esse fato - o ato de apresentar-lhe minha mulher - caiu no meu esquecimento.

Essa mesma regência vale para "lembrar", isto é, há na língua o registro de frases como "Não me lembrou esperá-la", em que "lembrar" significa "vir à lembrança". O sujeito de "lembrou" é "esperá-la", ou seja, esse fato - o ato de esperá-la - não me veio à lembrança.

- ESTIMAR
Pede objeto direto quando significar "ter afeição ou amizade a, apreciar, avaliar, congratular-se por, ser de opinião, achar".
Exemplos:
Estimo meus sobrinhos como filhos.
Estimava bastante os filmes de Chaplin.
Estimo esse anel em mil dólares.
Estimamos suas melhoras.
Estimei o fim da obra para daqui a dez dias.

Com o sentido de "prezar-se", apresenta-se também como pronominal.
Exemplo:
Normalmente, estima-se todos aqueles que fazem o bem.

- FELICITAR
Pede objeto direto e indireto.
Exemplo:
Felicito-o por (de) ter passado no concurso.

- FUGIR (ESCAPAR)
Pede objeto indireto.
Exemplos:
Fugiu-lhe as forças.
Fugiram ao cerco da polícia.
Ele foge de qualquer briga.

- GOSTAR
Quando sinônimo de "apreciar", pede objeto indireto.
Exemplo:
Ele gostou do almoço que lhe servimos.

Quando significa "degustar, provar, experimentar, saborear",pede objeto direto.
Exemplo:
Ele gostou o vinho.

- IMPLICAR
Pede objeto direto quando significa "acarretar, produzir como conseqüência alguma coisa, pressupor".
Exemplos:
Tua atitude implica prejuízos ao colégio.
Acho que esses novos cálculos implicarão mudanças gerais nas obras.

Com o sentido de "envolver, comprometer", pede objeto direto e indireto.
Exemplos:
(IMPLICAR ALGUÉM EM ALGUMA COISA)
P. C. Farias implicou muita gente em suas falcatruas.

Com o sentido de "ter antipatia, irritação em relação a alguém ou a alguma coisa", pede objeto indireto.
Exemplos:
Dona Maria implicava com todas as crianças do bairro.
Paulo implica com sua irmã caçula o dia todo.

- IMPORTAR
Pede objeto direto com o significado de "fazer vir de país estrangeiro, acarretar".
Exemplos:
O Brasil importa muitos automóveis da Europa.
As guerras importam grandes calamidades.

Pede objeto indireto quando significa:
1. ATINGIR O TOTAL DE;
Exemplo: As despesas importaram em vinte mil dólares.

2. REPRESENTAR;
Exemplo: Só eliminei os erros do texto quando eles importavam em erros gramaticais.

3. DIZER RESPEITO, INTERESSAR;
Exemplo: Estas regras importam a todos que desejam escrever bem.

4. PREOCUPAR-SE, INCOMODAR-SE COM OU DE (pronominal);
Exemplos:
Toda mãe importa-se quando seus filhos saem à noite sozinhos.
Você se importa de ficar aqui hoje?

- INDAGAR
Pede objeto direto e indireto.
Exemplo:
Os alunos indagaram as suas notas baixas do professor.

- INFORMAR (ver **AVISAR**)

- INTERESSAR
Pede objeto direto e indireto quando significa "prender a atenção, despertar a curiosidade".
Exemplo:
Por meio desse novo método, consegui interessá-lo em matemática.

Pede objeto indireto e é pronominal com o sentido de "ser proveitoso, útil, empenhar-se".
Exemplos:
Em função do meu trabalho, interessava-me em residir fora do Rio de Janeiro.
Ele não se interessa nas aulas de física.

- IR
Pede objeto indireto ou complemento circunstancial de lugar.
Exemplos:
Vou a São Paulo.
Fui para a França.

- LEMBRAR
Significando "fazer vir à memória por analogia, sugerir", pede objeto direto.
Exemplo:
Depois da chuva, a estrada lembrava um rio.

Pede objeto direto e indireto quando significa "recomendar, advertir".
Exemplos:
este retrato é para lembrá-la a você.
Lembre seu pai de tomar os remédios na hora certa.

Com o sentido de "recordar, vir à memória, trazer à lembrança", é possível duas formas.
Exemplos:
Lembrei o acidente.
Lembrei-me do acidente.

Observação: Quando o objeto indireto vem expresso por uma oração desenvolvida, o uso da preposição "de" é facultativo. Exemplo: Lembrei-me (de) que devo estudar para a prova hoje.

- MEDITAR
Pede objeto indireto. No entanto,Possui duas regências sem mudança em seu significado.
Exemplos:
(MEDITAR SOBRE OU EM ALGUMA COISA)
À noite, sempre medito sobre (em) minha vida.

- MORAR (RESIDIR)
Em dicionários de regência, como os de Celso Luft e de Francisco Fernandes, vemos que o uso da preposição "a" com os verbos morar e residir é mais comum na linguagem burocrática, apesar de também aparecer em textos literários. Mas só há registros disso antes de rua, praça, avenida (palavras femininas). Não há registro, por exemplo, de "Mora ao Largo da Carioca", "Reside ao Beco do Mota", etc. Já a preposição "em" é inquestionavelmente correta em qualquer desses casos: "Mora na Rua Prudente de Morais", "Reside no Largo do Machado", etc.

- NAMORAR
Pede objeto direto em qualquer das acepções em que ele possa ser tomado.
Exemplos:
Marco namorou Denize por cinco anos.
Ele namorava os doces da vitrine.

Observação: É incorreto empregar a preposição "com" no sentido de "namorar com alguém".

- NOTIFICAR (ver **AVISAR**)

- OBEDECER (DESOBEDECER)
Pede objeto indireto.
Exemplos:
Os alunos obedecem ao professor e às leis do Colégio.
Ela sempre lhe obedece.
Muitos brasileiros ainda desobedecem aos sinais de trânsito.

Apesar de transitivos indiretos, estes verbos admitem a voz passiva analítica.
Exemplos:
Leis devem ser obedecidas.
Regras básicas de civilidade não podem ser desobedecidas.

Observação: Para substituir uma pessoa que apareça como complemento desses verbos, pode-se usar "lhe" ou "a ele / a ela": "Obedeço (desobedeço) ao mestre / Obedeço-lhe (desobedeço-lhe); Obedeço a ele (desobedeço a ele)". Para substituir o que não for pessoa, só se pode usar "a ele / a ela": "Obedeço (desobedeço) ao código / Obedeço (desobedeço) a ele".

- PAGAR
Pede objeto direto e indireto, que podem vir implícitos na frase.
Exemplos:
(PAGAR ALGUMA COISA A ALGUÉM)
Paulo pagou suas dívidas ao Banco.
João não paga aos seus fornecedores há dois meses.
Ele já pagou todo o material da obra.

- PERDOAR
Pede objeto direto de coisa perdoada - que pode estar implícita na frase - e indireto de pessoa a quem se perdoa.
Exemplos:
Perdoei-lhe a falta de educação.
"Perdoai-lhes (as ofensas), Pai! Eles não sabem o que fazem."
Deus perdoa aos pecadores.

- PERSUADIR
Quando significa "levar a crer, induzir a acreditar", pede objeto direto e indireto.
Exemplo:
É preciso persuadir João dessas verdades.

Também com o sentido de "instigar", pede objeto direto e indireto.
Exemplos:
Com esta mentira, persuadiu Lúcia à fugir.
Persuadi-os a deixar de fumar.

- PRESIDIR
Pede objeto indireto.
Exemplo:
O juiz presidiu ao tribunal com mão firme.

- PREFERIR
Pede objeto direto - para aquilo de que se gosta mais - e indireto - para aquilo de que menos se gosta. Junto ao seu objeto indireto, pede a preposição "a".
Exemplos:
(PREFERIR ALGUMA COISA A OUTRA COISA)
Prefiro feijoada a macarronada.
(Compare: "Prefiro a feijoada à macarronada." A presença do artigo "a" antes de feijoada exige que também se empregue outro artigo antes de macarronada, acarretando desse modo o surgimento do fenômeno da crase.)
Prefiro o cinema ao teatro.
Preferimos estudar a não fazer nada.

Observação: O uso da expressão "do que" no lugar da preposição "a" é incorreto. TAMBÉM NÃO SE DEVE EMPREGAR ESTE VERBO COM OS ADVÉRBIOS "mais" e "antes". Assim, é errado dizer: "Eu prefiro jogar bola do que estudar"; "Eu prefiro mais esta camisa que aquela"; "Eu prefiro antes tomar banho e depois jantar".

- PREVENIR (ver **AVISAR**)

- PROCEDER
Significando "iniciar, executar alguma coisa", pede objeto indireto com a preposição "a".
Exemplos:
O juiz procedeu ao julgamento.
Eles procederam à entrega dos prêmios.

Com o sentido de "vir, ter uma procedência", é intransitivo; geralmente acompanhado de um adjunto adverbial de lugar.
Exemplo:
Aquele avião procedia de São Paulo.

Significando "ter um determinado procedimento", também é intransitivo e, normalmente, pode vir acompanhado de um adjunto adverbial de modo.
Exemplo:
Naquele caso, o advogado procedeu corretamente.

Com o significado de "ter fundamento", é intransitivo.
Exemplo:
Esta sua denúncia não procede.

- PROPOR
Pede objeto direto e indireto.
Exemplos:
Eu proponho a vocês formarmos um grupo de debates permanente.
Nós lhe propomos um acordo irrecusável.

- QUERER
Pede objeto direto quando significa "ter intenção de, desejar, ordenar, fazer o favor de".
Exemplos:
Queremos fazer uma homenagem ao nosso professor.
Quero um livro que fale sobre esoterismo.
O sargento queria todos os soldados a postos.

Com o sentido de "ter afeição a alguém ou a alguma coisa", pede objeto indireto.
Exemplos:
Queremos muito a nosso país.
A mãe queria especialmente ao filho caçula.
Eu lhe quero muito bem.

- REPARAR
No sentido de observar, pede objeto indireto (reparar em).
Exemplo:
Fernando reparava nas roupas de Carolina sempre que ela entrava na sala de aula.

Quando o verbo reparar for usado no sentido de "consertar", é TRANSITIVO DIRETO, e seu complemento (objeto direto) não precisa de preposição.
Exemplo:
Carlos reparou o carro para ir a Teresópolis.

- RESIGNAR
Com o significado de "renunciar, desistir", pede objeto direto.
Exemplo:
Jorge resignou o cargo de diretor.

Significando "conformar-se", é pronominal.
Exemplos:
Por acreditar na Justiça Divina, resigno-me com minhas dores.
Resignou-se às tarefas que lhe foram dadas.

- RESPONDER
Pede objeto indireto de pessoa ou coisa a que se responde, e objeto direto do que se responde.
Exemplos:
Isabel respondeu sim ao pedido de casamento de Luiz.
Vou responder-lhe todas as cartas.
O acusado responderá a inquérito.

Observações:
1. Com o significado de "ser submetido a", o emprego do artigo definido é facultativo.
Exemplos:
Ele responderá a inquérito (a inquéritos)
Ele responderá ao inquérito (aos inquéritos)

2. Este verbo também admite voz passiva analítica, desde que o sujeito seja aquilo, e não aquele a que se responde. Ex.: "Todas as perguntas foram respondidas satisfatoriamente.

- SATISFAZER
Pede objeto indireto.
Exemplos:
Satisfaremos ao seu pedido.
Eu lhe satisfaço.

É pronominal no sentido de "contentar-se".
Exemplo:
Satisfez-se com os resultados das provas.

- SOCORRER
Significando "prestar socorro a alguém", pede objeto direto.
Exemplos:
Todos correram para socorrer o pedestre atropelado.
Todos correram para socorrê-lo.

No sentido de "valer-se de alguém, tirar proveito de alguma coisa", pede objeto indireto, iniciado pelas preposições "a" ou "de".
Exemplos:
Socorro-me dos amigos nas dificuldades.
Socorreu-se ao (do) empréstimo para comprar o carro.

- SUCEDER
Pede objeto indireto quando significar "substituir, ser o sucessor de".
Exemplos:
D. Pedro I sucedeu a D. João VI.
Eu lhe sucedi na presidência do grêmio estudantil.

É também pronominal no sentido de "acontecer depois, seguir-se".
Exemplo:
O que se sucedeu ao acidente, ninguém sabe.

Observação: Neste último sentido, o verbo apresenta-se defectivo, sendo conjugado apenas na terceira pessoa do singular e do plural.

- VISAR
Significando "mirar, fazer pontaria, pôr visto em, assinar", pede objeto direto.
Exemplos:
Ele visa o alvo.
Ana não visou o cheque ao fazer aquela compra.
O presidente visaria o documento somente depois que o lesse.

Pede objeto indireto quando significa "pretender, almejar".
Exemplo:
Aquele funcionário visava ao cargo de chefia.

Observação: Aqui também não é aceito o pronome "lhe" como complemento, empregando-se assim as formas "a ele" e "a ela".

SENTIDOS ESPECIAIS DE FRASES COM FORMAÇÕES DIFERENTES.

1. Ele esteve fora dois meses.
Ele esteve fora por dois meses. (idéia reforçada de ininterrupção)

2. Esperar alguém.
Esperar por alguém (idéia de ansiedade)

3. Olhar alguém.
Olhar por alguém. (idéia de zelar, interessar-se)

4. Não faças bobagens.
Não me faças bobagens. (Reforço de interesse)

XX. VERBO

1. EMPREGO DO INFINITIVO.

INFINITIVO IMPESSOAL (INVARIÁVEL).
O infinitivo não deve ser flexionado:

1. Quando apresenta uma idéia vaga, genérica, sem se referir a um sujeito determinado.

Exemplos:
VIVER é LUTAR.
QUERER é PODER.
FUMAR prejudica a saúde.
É proibido COLAR cartazes neste muro.
É preciso LUTAR contra as drogas.
Vale a pena TER fé e esperança sempre.

2. Quando tiver o valor de Imperativo.

Exemplos:
ESCREVER o nome três vezes! (= ESCREVA!)
DIREITA VOLVER! (= VOLVEI!)
SOLDADOS, MARCHAR! (= MARCHAI!)

3. Quando vier como complemento de adjetivo (complemento nominal).

Exemplos:
Esta fruta é fácil de DESCASCAR.
Este vinho é bom de BEBER.
Estamos desejosos de ALCANÇAR a vitória.
Conheci muitas pessoas ávidas por APRENDER.
Eram pessoas difíceis de CONTENTAR.
Aqueles remédios são ruins de TOMAR.
Os CDs que você me emprestou são agradáveis de OUVIR.

No entanto, na voz passiva dos verbos **CONTENTAR, TOMAR** e **OUVIR,** por exemplo, o Infinitivo (verbo auxiliar) deve ser flexionado.

Exemplos:
Eram pessoas difíceis de SEREM contentadas.
Aqueles remédios são ruins de SEREM tomados.
Os CDs que você me emprestou são agradáveis de SEREM ouvidos.

4. Nas locuções verbais.

Exemplos:
Queremos ACORDAR bem cedo amanhã.
Eles não podiam RECLAMAR do colégio.
Elas sabem DESENHAR muito bem.

5. Quando o sujeito do infinitivo é o mesmo do verbo da oração anterior.

Exemplos:
Os estudantes fizeram o possível para conseguir a saída do reitor.
Os ladrões usaram explosivos para abrir o cofre do banco.
Eles foram condenados a pagar pesadas multas.
Aquelas máquinas foram feitas para costurar calças de brim.
Trabalhemos em vez de RECLAMAR.
Devemos SORRIR ao invés de CHORAR.
Tenho ainda alguns livros por (para) PUBLICAR.
Existem muitas contas por (para) PAGAR.

Observação: Quando o infinitivo preposicionado, ou não, preceder ou estiver distante do verbo da oração principal (verbo regente), pode ser flexionado para melhor clareza do período e também para se enfatizar o sujeito (agente) da ação verbal.

Exemplos:
Para se aquecerem, os meninos dormiam juntinhos.
Na esperança de sermos atendidos, muito lhe agradecemos.
Foram dois amigos à casa de outro, em Minas Gerais, a fim de jogarem futebol.
Para ESTUDARMOS, estaremos sempre dispostos.
Antes de NASCEREM, já estão condenadas à fome muitas crianças.
Apesar de ESTARMOS com sede, não bebemos daquela água.
Depois de FICAREM em pé por mais de cinco horas, eles desistiram do show.
Além de INCOMODARES a todos, não ajudas a ninguém.

6. Quando o infinitivo é empregado numa oração reduzida que complementa um verbo auxiliar causativo (deixar, mandar, fazer e sinônimos) ou sensitivo (ver, sentir, ouvir, perceber e sinônimos) e tem como sujeito um pronome oblíquo.

Exemplos:
Deixei-os sair cedo hoje.
Deixaram-nos sair.
"Não nos deixeis cair em tentação."
Faça-os ficar.
Não os vi entrar.
Ouvi-as dizer que não iriam à festa.

Observação: A flexão do infinitivo é optativa quando a oração reduzida que complementa um auxiliar causativo ou sensitivo apresentar como sujeito um substantivo.

Exemplos:
Deixe os torcedores assistir (ou assistirem) ao treino.
"Deixai vir (ou virem) a mim as criancinhas!"
O sargento mandou os soldados sair (ou saírem) do pátio.
Mande os meninos entrar. (ou entrarem)
Ouvi os pássaros cantar. (ou cantarem)

Outras observações:

A) É inadequado o emprego da preposição **"para"** antes dos objetos diretos de verbos como **PEDIR, DIZER, FALAR** e sinônimos.

Exemplos:
Pediu para Carlos entrar (errado)
Pediu para que Carlos entrasse (errado)
Pediu que Carlos entrasse (correto)

B) Quando a preposição **"para"** estiver regendo um verbo como na oração "Este trabalho é PARA EU FAZER", pede-se o emprego do pronome pessoal **"eu",** que se revela, neste caso, como sujeito.

Outros exemplos:
Aquele exercício era para eu corrigir.
Esta salada é para eu comer?
Ela me deu um relógio para eu consertar.

C) Já na oração "Esta carta é PARA MIM!", a preposição está ligada somente ao pronome que deve se apresentar oblíquo tônico.

INFINITIVO PESSOAL (FLEXIONADO).
O infinitivo deve ser flexionado nos seguintes casos:

1. Quando o sujeito da oração estiver claramente expresso.

Exemplos:
Se tu não perceberes isto...
Convém vocês IREM primeiro.
O bom é sempre lembrarmos desta regra (sujeito desinencial, sujeito implícito = NÓS)

2. Quando tiver sujeito diferente daquele da oração principal.

Exemplos:
O professor deu um prazo de cinco dias para os alunos ESTUDAREM bastante para a prova.
Perdôo-te por me TRAIRES.
O estudante fez o possível para os professores perdoarem suas faltas.
O hotel preparou tudo para os turistas ficarem à vontade.
O guarda fez sinal para os motoristas pararem.
Conseguimos uma casa para eles passarem a lua-de-mel.
O hospital não oferecia condições para os pacientes ficarem internados por muito tempo.

3. Quando se quiser indeterminar o sujeito (utilizado na terceira pessoa do plural).

Exemplos:
Faço isso para não me ACHAREM inútil.
Temos de agir assim para nos PROMOVEREM.
Ela não sai sozinHa à noite a fim de não FALAREM mal da sua conduta.

4. Quando apresentar reciprocidade ou reflexibilidade de ação.

Exemplos:
Vi os alunos ABRAÇAREM-SE alegremente.
Fizemos os adversários SE CUMPRIMENTAREM com gentileza.
Mandei as meninas OLHAREM-SE no espelho.
Deixem os namorados BEIJAREM-SE como quiserem.

Nota: Como se pode observar, a escolha do Infinitivo Flexionado é feita sempre que se quer enfatizar o agente (sujeito) da ação expressa pelo verbo.

DICAS

- Se o infinitivo de um verbo for escrito com **"j",** esse **"j"** aparecerá em todas as outras formas.

Exemplos:
INFINITIVO / OUTRAS FORMAS
Enferrujar / enferrujou, enferrujaria, enferrujem, enferrujarão, enferrujassem, etc.
(Lembre, contudo, que o substantivo ferrugem é grafado com "g".)

Viajar / viajou, viajaria, viajem (3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo, não confundir com o substantivo VIAGEM) viajarão, viajasses, etc.

- Quando o verbo tem o infinitivo com **"g",** como em **"dirigir"** e **"agir"** este **"g"** deverá ser trocado por um **"j"** apenas na primeira pessoa do presente do indicativo.

Exemplos:
eu dirijo / eu ajo

2. EMPREGO DO PARTICÍPIO.

Emprega-se a forma regular do particípio (terminada em **ADO** ou **IDO**) na voz ativa, formando os tempos compostos com os auxiliares **TER** ou **HAVER**. Já a forma irregular (tendo diversas terminações) é utilizada na voz passiva, ao lado dos auxiliares **SER, ESTAR** ou **FICAR.**

Exemplos:
Corri atrás de Paulo, mas ele já TINHA PEGADO o ônibus.
O ladrão FOI PEGO em flagrante.
Ela me contou que HAVIA ENTREGADO minha carta em mãos.
O pacote FOI ENTREGUE na hora certa pelo Correio.

Observações:

1) No caso de um verbo possuir um só particípio, este poderá ser empregado com qualquer auxiliar.

Exemplos:

Tinha feito, havia feito, está feito, foi feito, tinha aberto, havia aberto, está aberto, foi aberto;

2) Na língua clássica, não há registro da forma "pego" como particípio do verbo **PEGAR**, encontrando-se apenas a forma "pegado", com qualquer auxiliar. No entanto, na chamada língua moderna, parece não haver problema no emprego da forma "pego", com os verbos **SER** e **ESTAR** como auxiliares.

Exemplos:

O ladrão foi pego/está pego.

3) Quanto aos particípios dos verbos **"ganhar"** (ganhado/ganho), **"gastar"** (gastado/gasto) e "**pagar"** (pagado/pago), existem duas opções PARA O SEU EMPREGO: ou você segue a regra acima, usando o particípio regular com **TER e HAVER** (tinha/havia ganhado, tinha/havia gastado, tinha/havia pagado), e o particípio irregular com **SER** e **ESTAR** (foi/está ganho, foi/está gasto, foi/está pago); ou, então, você se vale da Língua moderna para usar sempre o particípio irregular com qualquer auxiliar: tinha/havia ganho, tinha/havia gasto, tinha/havia pago.

LISTA DE ALGUNS VERBOS QUE TÊM DOIS PARTICÍPIOS:

Aceitar	(aceitado e aceito);
Eleger	(elegido e eleito);
Entregar	(entregado e entregue);
Expulsar	(expulsado e expulso);
Extinguir	(extinguido e extinto);
Prender	(prendido e preso);
Salvar	(salvado e salvo);
Soltar	(soltado e solto);
Suspender	(suspendido e suspenso).

ALGUNS VERBOS QUE POSSUEM APENAS UM PARTICÍPIO:

Abrir / aberto
Beber / bebido
Cancelar / cancelado
Chegar / chegado
Escrever / escrito
Esquecer / esquecido
Estudar / estudado
Fazer / feito
Permitir / permitido
Trazer / trazido

3. FLEXÃO VERBAL.

TEMPOS E MODOS.

PRESENTE DO INDICATIVO.

O **MODO INDICATIVO** serve para expressar ações definidas, reais. O **TEMPO PRESENTE**, normalmente, exprime as ações que acontecem no momento em que se fala. Entretanto, este tempo verbal pode ser também empregado em outras circunstâncias.

➔ **PRESENTE MOMENTÂNEO:**
"Não percamos de vista o ardente Sílvio que lá vai, que desce e sobe, escorrega e salta." - M. Assis. (Fato atual, que se dá no momento em que se fala; o narrador, aqui, está presenciando as ações do personagem)

➔ **PRESENTE DURATIVO:**
"A Igreja condena a pílula anticoncepcional e a Ciência a aprova." (Ações ou estados considerados permanentes)

➔ **PRESENTE HABITUAL ou FREQÜENTATIVO:**
"Aqueles jovens estudam na mesma escola."

➔ **PRESENTE HISTÓRICO ou NARRATIVO:**
"Procuram-se e acham-se. Enfim, Sílvio achou Sílvia; viram-se, caíram nos braços um do outro, ofegantes de canseira, mas remidos com a paga. Unem-se, entrelaçam os braços e regressam palpitando da inconsciência para a consciência." - M. Assis. (Verbos no presente para dar mais vivacidade às ações acontecidas no passado)

➔ **PRESENTE COM SENTIDO DE FUTURO MUITO PRÓXIMO:**
"Vou arrumar as malas e, amanhã, embarco para a Europa."
"Vou à Roma, depois sigo para Londres."
(Para se evitar qualquer tipo de ambigüidade, deve-se usar advérbios de tempo que exprimem futuro, junto ao verbo no presente)

IMPERATIVO.

Sendo por excelência o modo que exprime "ordens e mandamentos", o Imperativo também pode expressar outros sentimentos, intenções e interesses do ser humano.
Exemplos:
Saia daqui! (ordem)
Partamos antes que seja tarde. (conselho)
Não se preocupe com isso. (conselho expresso pelo Imperativo Negativo)
Venha a nossa casa hoje à noite. (convite)
Não deixem de comparecer à festa. (convite expresso pelo Imperativo Negativo)

Por favor, espere por mim!
"Perdoai as nossas ofensas..."
"Livrai-nos do mal." (súplicas)
"Não nos deixeis cair em tentação..." (súplica expressa pelo Imperativo Negativo)

O modo Imperativo Afirmativo é formado da seguinte maneira: tu e vós do Presente do Indicativo, sem o s final, e as demais pessoas (você/ele, nós, vocês/eles) do Presente do Subjuntivo. Já o imperativo negativo é formado com todas as pessoas deste tempo. Não se usa a primeira pessoa do singular em ambos os casos.

O sistema de conjugação dos imperativos vale para todos os verbos da língua portuguesa, com exceção do verbo ser. Este verbo só não segue a regra nas duas segundas pessoas do imperativo afirmativo: sê (tu) e sede (vós), esta lida com o primeiro "e" fechado, do mesmo jeito que se lê a palavra que significa vontade de beber.
Exemplo:
"Para ser grande, sê inteiro: nada teu exagera ou exclui. Sê todo em cada coisa. Põe quanto és no mínimo que fazes." (Fernando Pessoa, sob o heterônimo de Ricardo Reis)

MODO SUBJUNTIVO.

Modo que se caracteriza por expressar ações e fatos hipotéticos, isto é, tudo aquilo que está no campo de nossos desejos, de nossas aspirações. É o modo das orações subordinadas por excelência.

TEMPOS:

➔ **Presente.**
Este tempo pode expressar ações tanto no presente quanto no futuro.
Exemplos:
Duvido que ele SEJA rico. (ação presente)
É bom que você VOLTE amanhã. (ação futura)

Observação: A primeira pessoa do singular do presente do indicativo dá origem ao presente do subjuntivo.

Exemplos:
"Eu vejo" dá origem a "que eu veja"; "eu ouço" dá origem a "que eu ouça"; "eu digo" dá origem a "que eu diga". Se a primeira do singular do presente do indicativo é nula, como nos verbos defectivos, todo o presente do subjuntivo é nulo.

➔ **Imperfeito.**

Embora esta seja uma forma do tempo pretérito, pode também expressar fatos no presente e no futuro.

Exemplos:

Fosse verdade o que dizes, e todos estariam felizes. (a correlação com a forma verbal "dizes" dá à forma "fosse" um aspecto também de presente)

Chovesse ou fizesse sol, ele ia ao trabalho.

Pediu-lhe que voltasse na próxima semana. (a expressão adverbial "na próxima semana" traz um matiz de futuro à oração)

➔ **Pretérito.**

Forma verbal sempre no tempo composto, formado pelo auxiliar TER no presente do subjuntivo, acrescido do particípio passado do verbo principal.

Exemplos:

Acredito que ele TENHA PASSADO no exame. (fato passado, supostamente concluído)

Espero que ela TENHA ARRUMADO tudo antes de eu chegar. (fato passado, supostamente terminado antes de outro fato no futuro acontecer)

➔ **Pretérito mais-que-perfeito.**

Também um tempo composto, formado por um auxiliar no Imperfeito do subjuntivo e um verbo principal no particípio passado.

Exemplos:

Não esperava que ela TIVESSE CHEGADO aqui antes de mim. (ação concluída eventualmente antes de outra, ambas no passado)

TIVESSE CHEGADO antes, e o prêmio seria seu. (ação hipotética, ocorrida no passado)

➔ **Futuro (simples).**

Pode ser empregado nas orações adverbiais ou adjetivas.

Exemplos:

SE QUISER, irei vê-lo. (idéia de eventualidade no futuro)

Trarei presentes aos que me ENCOMENDAREM.

_

➔ **Futuro (composto).**

Formado do verbo auxiliar no futuro simples e o particípio passado do verbo principal.

Exemplos:

Quando TIVER ENCONTRADO a resposta, revelarei a todos. (fato futuro eventualmente terminado em relação a outro também no futuro)

4. FORMAÇÃO DO FUTURO DO SUBJUNTIVO.

O futuro do subjuntivo indica um futuro hipotético. É usado principalmente em orações condicionais **(se...)** e temporais **(quando...).** Deriva-se da terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo (troca-se a terminação **"ram"** por **"r").**

Fazer:	Eles fize(-ram) _ fize(+r)	= se eu fizer... / quando eu fizer...;
Trazer:	Eles trouxe(-ram) _ trouxe(+r)	= se eu trouxer... / quando eu trouxer...;
Querer:	Eles quise(-ram) _ quise(+r)	= se eu quiser... / quando eu quiser...;
Dizer:	Eles disse(-ram) _ disse(+r)	= se eu disser... / quando eu disser...;
Pôr:	Eles puse(-ram) _ puse(+r)	= se eu puser... / quando eu puser...;
Ser e Ir:	Eles fo(-ram) _ fo(+r)	= se eu for... / quando eu for...;
Vir:	Eles vie(-ram) _ vie(+r)	= se eu vier... / quando eu vier;
Ver:	Eles vi(-ram) _ vi(+r)	= se eu vir... / quando eu vir...

É por isso que o futuro do subjuntivo do verbo ver fica: "se eu vir o filme"; "quando você vir o resultado do teste"; "quando nos virmos novamente"; "se vocês virem a verdade"...

5. VERBOS ANÔMALOS.

São chamados de **anômalos** os verbos de grandes irregularidades nos seus radicais, que são formados a partir de diferentes verbos.

Verbo **SER** (originário das formas latinas "sedere" e "esse"): sou, és, é, somos, sois, são.

Verbo **IR** (originário das formas latinas "ire", "vadere" e "fugere"): vou, vais, vá... irei, irás, irá... fui, foste, foi...

Observação: Os verbos SER e IR são iguais nos pretéritos Perfeito e Mais-que-Perfeito do Indicativo; no Imperfeito e no Futuro do Subjuntivo.

6. VERBOS DEFECTIVOS.

VERBO DEFECTIVO é aquele de conjugação incompleta, ou seja, aquele que não tem todas as formas.
Exemplos:
➔ Verbo **ABOLIR.**
O presente do indicativo começa na segunda pessoa do singular:
tu aboles, ele abole, nós abolimos, vós abolis, eles abolem.

➔ Verbos **ADEQUAR, FALIR** e **REAVER.**
No presente do indicativo, só é conjugado em duas formas:

Nós adequamos / Nós falimos / Nós reavemos / Vós adequais / Vós falis / Vós reaveis.

Para a maioria dos estudiosos não existe a forma **"adeqúo".** A solução é substituir por um verbo sinônimo ou expressão equivalente: em vez de "eu me adeqúo à atual situação", poderia ser "eu já estou adequado à atual situação" ou "estou me adequando à atual situação".

Assim, também não existem as formas **"eu reavejo ou reavenho**". A solução, aqui, é **"eu estou reavendo"** ou substituir por um sinônimo: **"eu recupero".**

Como **"reaver"** é derivado do verbo **"haver",** lembre-se desta relação: ele houve / ele reouve; nós houvemos / nós reouvemos; eles houveram / eles reouveram; se eu houvesse / se eu reouvesse; quando ele houver / quando ele reouver.

➔ Verbo **VIGER** (estar em vigor, vigorar).
Só é conjugado nas formas que ao **"g"** segue-se **"e". Exemplos:** vige, vigem, vigendo, etc.
Outros verbos:
Carpir, explodir, feder, colorir, demolir, extorquir e banir.

➔ Verbo **PRECAVER.**
Como esse verbo normalmente é pronominal, as formas do presente do indicativo acabam sendo "nós nos precavemos, vós vos precaveis".

Assim, não existem as formas "**precavenho, precavejo, precavenha e precavenham**", como se costuma ouvir no dia-a-dia.

Os verbos defectivos não são incompletos nos pretéritos e nos futuros. Nesses tempos, portanto, o verbo precaver é conjugado em todas as formas: eu me precavi, ele se precaveu, eles se precaveram, se eu me precavesse, se ele se precavesse, se eles se precavessem, etc.

7. VERBOS TERMINADOS EM "EAR".

Os verbos terminados em **"ear"** apresentam, no presente do indicativo, as terminações: **eio, eias, eia, eamos, eais, eiam.**
Exemplo:
FREAR.
Eu freio, tu freias, ele freia, nós freamos, vós freais, eles freiam.

No presente do subjuntivo, as terminações dos verbos terminados em **"ear"** são: **eie, eies, eie, eemos, eeis, eiem.**
Exemplo:
PASSEAR.
É preciso que eu passeie, tu passeies, ele passeie, nós passeemos, vós passeeis, eles passeiem.

E no pretérito perfeito, as terminações são: eei, easte, eou, eamos, eastes, earam.
Exemplo:
PENTEAR.
Eu penteei, tu penteaste, ele penteou, nós penteamos, vós penteastes, eles pentearam.

8. VERBOS TERMINADOS EM "IAR".

Os verbos terminados em **"iar"** são (quase todos) regulares, ou seja, apresentam as terminações consideradas normais: **io, ias, ia, iamos, iais, iam.**
Exemplo:
ANUNCIAR (Presente do Indicativo).
Anuncio, anuncias, anuncia, anunciamos, anunciais, anunciam.

Desta mesma forma, conjugam-se os verbos denunciar, reverenciar, policiar, noticiar, adiar, premiar, variar, etc.; como também o verbo maquiar (originário da forma francesa "maquiller") que normalmente confunde muita gente.
Exemplo:
Eu me maquio, tu te maquias, ele (ela) se maquia, nós nos maquiamos, vós vos maquiais, eles (elas) se maquiam.

Observação: Este verbo possui a forma variante "maquilar", que no presente do indicativo se conjuga: maquilo, maquilas, maquila, maquilamos, maquilais, maquilam.

9. VERBOS IRREGULARES TERMINADOS EM "IAR".

São eles: **MEDIAR, ANSIAR, REMEDIAR, INCENDIAR, ODIAR** (guarde as iniciais de cada verbo que formam a palavra MARIO), além de **INTERMEDIAR**.

Para o presente do indicativo, as terminações são: **eio, eias, eia, iamos, iais, eiam**.
Exemplos:
Eu incendeio, tu incendeias, ele incendeia, nós incendiamos, vós incendiais, eles incendeiam.
Eu anseio, tu anseias, ele anseia, nós ansiamos, vós ansiais, eles anseiam.

No presente do subjuntivo, as terminações destes verbos são: **eie, eies, eie, iemos, ieis, eiem.**
Exemplos:
"Ela quer que eu incendeie tudo."
"Espero que você medeie a discussão."

"Faço questão de que eles remedeiem o mal causado."
"Será necessário que alguém intermedeie a negociação."

10. VERBOS UNIPESSOAIS.

São aqueles que só podem ser conjugados na terceira pessoa do singular ou do plural.
Exemplos:
Verbos **OCORRER, ACONTECER** e que **expressem vozes de animais** (CACAREJAR, MIAR, LATIR, etc.).
Ocorreu um acidente de carro em frente ao meu edifício.
Ocorreram tumultos na manifestação de ontem no centro da cidade.
Acontecerá uma festa no clube.
Coisas boas acontecem de repente.
Aquele gato preto miou a noite inteira.

Outros tipos de verbos unipessoais são os chamados **VERBOS IMPESSOAIS** que não possuem sujeito e, por isso, convencionou-se conjugá-los na terceira pessoa do singular.

Assim temos:

➔ **Verbos que expressam fenômenos da natureza.**
Exemplos:
Choveu muito ontem à noite, mas amanhecerá com sol, disse a Meteorologia.
Relampejou e trovejou durante duas horas.

➔ **Verbo FAZER, indicando temperatura ou tempo decorrido (horas, dias, meses, anos, etc.).**
Exemplos:
Fez muito calor no domingo.
Faz dois anos que não a vejo.

➔ **Verbo HAVER com sentido de EXISTIR ou OCORRER.**
Exemplos:
Houve momentos de muita emoção durante a viagem.
Havia muitas dúvidas com a nova lei.
Haverá muitos interessados em sua casa, caso a venda.
Nunca houve grandes desavenças entre mim e Clara.

Observação: É incorreto empregar-SE o verbo TER com o sentido de EXISTIR, sendo, neste caso, indicado utilizar-se o verbo HAVER.

Exemplos:
Não tem ninguém na sala de aula. (errado)
Não há ninguém na sala de aula. (certo)
Tinham muitos candidatos para aquele concurso. (errado)
Havia muitos candidatos para aquele concurso. (certo)

O verbo **HAVER** também pode ser usado como sinônimo de **FAZER**, na indicação de tempo transcorrido, de intervalo entre dois fatos. Neste caso, os dois se comportam do mesmo modo, isto é, sem variação.
Exemplos:
Moro aqui há dez anos; equivalente a "Moro aqui faz (e não 'fazem') dez anos.

Assim, quando se usa o verbo **HAVER** para indicar idéia de tempo transcorrido, isso quer dizer que o tempo já transcorreu, já passou. Desta feita, não é necessário empregar a palavra "atrás" em frases como "Eu estive em Paris há vinte anos atrás". Isto é redundante como "Entrei para dentro", ou "Saí para fora". Assim como basta dizer "Entrei", ou "Saí", basta dizer "Estive em Paris há vinte anos".

Vejamos alguns dos vários significados do verbo **HAVER.**

1. Como sinônimo de "comportar-se", "sair-se";
Exemplos:
Apesar de ter bebido muito, Miguel não se houve mal na festa.
Os alunos não se houveram bem na prova.

2. Com o significado de "obter", "conseguir";
Exemplos:
Apesar de tudo, elas não houveram o perdão do pai.
Só com muito trabalho eu haverei o sucesso.

3. Com o sentido de "julgar", "considerar";
Exemplo:
O juiz houve por bem anular o julgamento.

4. Com a significação de "entender-se".
Exemplo: Um dia ela terá que haver-se comigo.
Esse verbo pode, ainda, ser empregado como auxiliar na formação dos chamados tempos compostos.
Exemplos:
Haveríamos feito o trabalho se não fosse a chuva.
Ela havia procurado o médico por todo o hospital.

O verbo **HAVER** cabe ainda em expressões como "Hei de conseguir", "Você há de vencer", etc.

CURIOSIDADE:
Consultando os dicionários, poderemos constatar que o verbo **HAVER** traz ainda o significado de "possuir", o qual, no entanto, já caiu em desuso.
Exemplos:
Embora já houvesse (possuísse) numerosa família, ainda sustentava cinco cães e quatro gatos.
Eu hei (possuo) um belo automóvel.

Todavia, na formação de REAVER , o verbo HAVER conserva o sentido de "possuir", já que reaver é "haver de novo", "possuir outra vez".

11. CURIOSIDADES SOBRE ALGUNS VERBOS.

O verbo **"preterir",** que significa "deixar de parte, desprezar, rejeitar", é conjugado como tantos verbos portugueses que terminam em **"erir"** (ferir, conferir, preferir, aderir).
Exemplos:
Eu firo, eu confiro, eu prefiro, eu adiro, eu pretiro.
Lembre-se de que "preterir" é antônimo de "preferir". Se alguém deve escolher para morar entre o Rio de Janeiro e São Paulo e prefere o Rio, acaba preterindo a cidade de São Paulo.

Há ou Havia ?
Qual é a forma correta?
"Ela estava em cena Há mais de uma hora."
ou
"Ela estava em cena havia mais de uma hora."

Segundo o princípio da correspondência dos tempos verbais, devemos dizer que "ela estava em cena havia mais de uma hora", porque o verbo que acompanha a forma "havia" está no pretérito imperfeito (=estava, fazia, era). Assim também se daria se estivesse no pretérito mais-que-perfeito (=estivera, fizera, soubera, tinha estado, havia feito).

Em caso de dúvida, podemos usar o seguinte "macete": substituir o verbo " haver " pelo " fazer ". Se o resultado da troca for " fazia " (e não " faz "), use " havia " (e não " há ").
Exemplos:
" Estava sem comer havia (=fazia) três dias."
" Havia (=fazia) dez anos que o clube não era campeão."
"Ela estivera naquela cidade havia (=fazia) muito tempo."
É importante observar que a ação se encerrou. A forma há (=faz) indica que a ação verbal prossegue. Veja a diferença:

" Havia dez anos que o clube não era campeão."
(=o clube acabou de ganhar o campeonato);

" HÁ dez anos que o clube não é campeão."
(=o clube continua sem ganhar o campeonato).

COMO É CORRETO DIZER?
"Ele disse que chegaria cedo, mas chegou às 5h";
ou
"Ele tinha dito que chegaria cedo, mas chegou às 5h".

A diferença entre disse e tinha dito é o tempo verbal: disse está no pretérito perfeito e tinha dito, no pretérito mais-que-perfeito do indicativo.

O pretérito perfeito indica uma ação concluída no passado: "Ele disse, saiu, fez..."; o pretérito mais-que-perfeito indica uma ação anterior a outra ação que já está no passado: "Quando eu cheguei (pretérito perfeito = ação já passada), ele já tinha dito ou dissera ou havia dito, tinha saído ou saíra ou havia saído, tinha feito ou fizera ou havia feito (pretérito mais-que-perfeito = ação anterior à ação já passada)".

Assim sendo, a frase correta é: "Ele tinha dito que chegaria cedo, mas chegou às 5h". A ação de "dizer" é anterior a ação de "chegar". O pretérito mais-que-perfeito é o passado do passado.

O verbo **"argüir"** não é defectivo. A primeira pessoa do singular do presente do indicativo é "eu arguo". O detalhe é que não há acento agudo na vogal "u", embora a sílaba tônica seja a penúltima (="gu"). Devemos pronunciar e escrever "arguo".

O VERBO **SOER**
Você já ouviu alguém dizer "como sói acontecer"? "Ele chegou atrasado, como sói acontecer." A frase é erudita, e você precisa conhecê-la. "Sói" é a terceira pessoa do singular do presente do indicativo do verbo "soer". E o que significa "soer"? Vamos aos dicionários: "ser comum, freqüente; ocorrer geralmente; costumar". Então "sói" significa "é comum", "ocorre geralmente": "Ele chegou atrasado, como é comum acontecer."

Evanildo Bechara

Moderna Gramática Portuguesa

37ª edição atualizada pelo novo Acordo Ortográfico

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.club*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

MODERNA GRAMÁTICA PORTUGUESA

Evanildo Bechara

Professor Titular e Emérito da
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
e da Universidade Federal Fluminense (UFF)

Membro da Academia Brasileira de Letras
e da Academia Brasileira de Filologia

Representante brasileiro do
novo Acordo Ortográfico

MODERNA GRAMÁTICA PORTUGUESA

37.ª Edição
Revista, ampliada e atualizada
conforme o novo Acordo Ortográfico

EDITORA NOVA FRONTEIRA
EDITORA LUCERNA

Rio de Janeiro, 2009

Copyright © 2006 by Evanildo Bechara

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Editora Nova Fronteira Participações S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

Editora Nova Fronteira Participações S.A.
Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso – 21042-235
Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21) 3882-8212 / 8313
http://www.novafronteira.com.br
e-mail: sac@novafronteira.com.br

Conversão para ebook
Singular Digital | Mariana Mello e Souza

CIP-Brasil. Catalogação na fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livro, RJ

B354m Bechara, Evanildo, 1928-
Moderna gramática portuguesa / Evanildo Bechara. – 37. ed. rev., ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. – Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2009.

ISBN 978-85-209-3049-6

1. Língua portuguesa – Gramática. I. Título.

CDD 469.5
CDU 811.134.3'36

À memória de

M. Said Ali,
mestre e amigo

Aos mestres e amigos

Eugenio Coseriu
José G. Herculano de Carvalho
J. Mattoso Câmara Jr.
a cujas lições fui colher o que de
melhor existe nesta nova versão

Prefácio da 37.ª edição

Entregamos aos colegas de magistério, aos alunos e ao público estudioso de língua portuguesa esta edição, revista, ampliada e atualizada, levado que estamos pelos mesmos propósitos que nos fizeram, em 1961, trazer à luz a *Moderna Gramática Portuguesa*.

Amadurecido pela leitura atenta dos teóricos da linguagem, da produção acadêmica universitária, das críticas e sugestões gentilmente formuladas por companheiros da mesma seara e da leitura demorada de nossos melhores escritores, verá facilmente o leitor que se trata aqui de um novo livro.

Dificilmente haverá seção da *Moderna Gramática Portuguesa* que não tenha passado por uma consciente atualização e enriquecimento: atualização no plano teórico da descrição do idioma, e enriquecimento por trazer à discussão e à orientação normativa a maior soma possível de fatos gramaticais levantados pelos melhores estudiosos da língua portuguesa, dentro e fora do país, entre os quais cabe menção honrosa a Mário Barreto e Epifânio Dias.

É de toda justiça – e por isso esta edição é a eles dedicada – lembrar aqui, em primeiro lugar, nosso inesquecível mestre e amigo M. Said Ali, e, não menos presentes, este teórico profundo e admirável que é Eugenio Coseriu, ao lado de seu ilustre colega de reflexão linguística, que é J. G. Herculano de Carvalho, e do nosso primeiro linguista J. Mattoso Câmara Jr., guia seguro desde o lançamento inicial da *Moderna Gramática Portuguesa*.

O arcabouço teórico desta obra poderia bem orientar-se por outros modelos válidos, seguidos pelos nossos melhores linguistas em atuação nos centros universitários brasileiros. A orientação aqui adotada resulta da nossa convicção de que ela também pode oferecer elementos de efetiva operacionalização para uma proposta de reformulação da teoria gramatical entre nós, especialmente quando aplicada a uma obra da natureza desta *Moderna Gramática Portuguesa*, que alia a preocupação de uma científica descrição sincrônica a uma visão sadia da gramática normativa, libertada do ranço do antigo *magister dixit* e sem baralhar os objetivos das duas disciplinas.

Acreditamos que, neste sentido, os colegas de magistério e pesquisa encontrarão úteis sugestões ou temas de reflexão para uma proposta de melhoria da vigente nomenclatura gramatical em nossos compêndios escolares.

Estivemos também atentos à produção de textos gramaticais destinados a outras línguas, especialmente às românicas, e aí vale ressaltar o contributo dos espanhóis, dos franceses e dos italianos. Desejamos sintetizar nossa homenagem a esses colegas na figura excelsa de Emílio Alarcos Llorach, recentemente falecido.

Temos consciência de que ainda há muito que acrescentar e rever, e para tanto convocamos a ajuda dos colegas que neste sentido desejarem pronunciar-se.

Dar-nos-emos por bem pago se o leitor benévolo continuar encontrando nestas páginas os fundamentos que alicercem seu interesse e conhecimento reflexivo da língua portuguesa, traço que é da nacionalidade e elo fraterno da lusofonia.

Rio de Janeiro, 11 de março de 1999

Evanildo Bechara

Prefácio da 1.ª edição (1961)

Ao escrever esta *Moderna Gramática Portuguesa*, foi nosso intuito levar ao magistério brasileiro, num compêndio escolar escrito em estilo simples, o resultado dos progressos que os modernos estudos de linguagem alcançaram no estrangeiro e em nosso país. Não se rompe de vez com uma tradição secular: isto explica por que esta *Moderna Gramática* traz uma disposição da matéria mais ou menos conforme o modelo clássico. A nossa preocupação não residiu aí, mas na doutrina. Encontrarão os colegas de magistério, os alunos e quantos se interessam pelo ensino e aprendizado do idioma um tratamento novo para muitos assuntos importantes que não poderiam continuar a ser encarados pelos prismas por que a tradição os apresentava. Com a humildade necessária a tais empresas, sabemos que as pessoas competentes poderão facilmente verificar que fizemos uma revisão em quase todos os assuntos de que se compõe este livro, e muitos dos quais encontraram aqui um desenvolvimento ainda não conhecido em trabalho congênere. Por outro lado, a esta altura do progresso que a matéria tem tido, não poderíamos escrever esta *Moderna Gramática* sem umas noções, ainda que breves, sobre fonêmica e estilística. Isto nos permitiu, na última, tratar d a *análise literária*, que entre nós passa às vezes confundida com *análise estilística*; ressaltamos os objetivos desta e convidamos os nossos colegas de disciplina a que dela se sirvam num dos escopos supremos de sua missão: educar o sentimento estético do aluno. Na parte relativa à estruturação dos vocábulos e sua formação, pretendemos trazer para a gramática portuguesa os excelentes estudos que a linguística americana tem feito sobre tão importante capítulo. Seguimos a Nomenclatura Gramatical Brasileira. Os termos que aqui se encontrarem e lá faltam não se explicarão por discordância ou desrespeito; é que a NGB não tratou de todos os assuntos aqui ventilados.

A orientação científica por que se norteia esta nossa *Moderna Gramática* não seria possível sem a lição dos mestres (seria ocioso citá-los) que, dentro e fora do Brasil, tanto têm feito pelo desenvolvimento da disciplina. Devemos-lhe o que de melhor os leitores encontrarem neste livro, e a eles, em cada citação, prestamos sincera homenagem. Elegemos, entre eles, um dos mais ilustres para dedicar-lhe o nosso trabalho de hoje, aquele que para nós é tão caro pelo muito que contribuiu para nossa formação linguística: M. Said Ali. No ano em que seus discípulos e admiradores comemoram o 1.º centenário de seu nascimento,

não poderíamos deixar de levar ao mestre e amigo o testemunho de nossa profunda amizade e gratidão.

Evanildo Bechara

Introdução

Breve história externa da língua portuguesa

"As armas e padrões portugueses postos em África e em Ásia e em tantas mil ilhas fora da repartiçam das três partes da terra, materiaes sam, e pode-as o tempo gastar: peró nã gastará doutrina, costumes, linguagem, que os portugueses nestas terras leixarem."

(João de Barros, *Diálogo em Louvor da Nossa Linguagem*)

A língua portuguesa é a continuação ininterrupta, no tempo e no espaço, do latim levado à Península Ibérica pela expansão do império romano, no início do séc. III a.C., particularmente no processo de romanização dos povos do oeste e noroeste (lusitanos e galaicos), processo que encontrou tenaz resistência dos habitantes originários dessas regiões.

Depois do processo de romanização, sofreu a Península a invasão dos bárbaros germânicos, em diversos momentos e com diversidade de influências, que muito contribuíram para a fragmentação linguística da Hispânia: em 409 foi a vez dos alanos, vândalos e suevos; em 416, dos visigodos. Deste contacto encontramos como resultado a visível influência germânica, especialmente dos visigodos, no léxico e na onomástica.

No século VIII, em 711, voltou a Península a ser invadida pelos árabes, consumando a série de fatores externos que viriam a explicar a diferenciação linguística do português no mosaico dialetal que hoje conhecemos; apesar do largo contributo na cultura e na língua – especialmente no léxico –, a permanência muçulmana não teve força suficiente para apagar as indeléveis marcas de romanidade das línguas peninsulares.

O longo movimento de Reconquista anti-islâmico, começado já em 718, prolongou-se por séculos. Já no século X este processo tinha favorecido o nascimento de núcleos cristãos na parte norte e noroeste da Península, lançando os fundamentos de uma divisão linguística bem próxima da divisão administrativa: 1– Condado da Galiza (galego-português); 2– Reino de Leão e das Astúrias (ásturo-leonês); 3– Condado de Castela (castelhano); 4– Reino de Navarra (basco e navarro-aragonês); 5– Reino de Aragão e Condado de Barcelos (catalão).

Em 1095, Afonso VI concede autonomia à Província Portucalense, e, em 1139, Afonso Henriques se proclama o primeiro rei de Portugal.

Foi este falar comum à Galiza e ao território portucalense que o processo de Reconquista propagou em direção ao sul, sobrepondo-se aos dialetos moçárabes aí correntes. Já com a ajuda de cruzados ingleses, alemães, franceses e flamengos, e sob a bandeira portuguesa prossegue a reconquista de novas cidades do sul, tomadas aos muçulmanos: Santarém, em março de 1147 e Lisboa, em outubro do mesmo ano. Até o séc. XV, segundo Orlando Ribeiro, o Minho ainda não constituía limite linguístico entre o galego e o português.

O português, na sua feição originária galega, surgirá entre os séculos IX-XII, mas seus primeiros documentos datados só aparecerão no século XIII: o *Testamento de Afonso II* e a *Notícia de torto*. Curiosamente, a denominação "língua portuguesa" para substituir os antigos títulos "romance" ("romanço"), "linguagem", só passa a correr durante os escritores da Casa de Avis, com D. João I. Foi D. Dinis que oficializou o português como língua veicular dos documentos administrativos, substituindo o latim.

Entre os séculos XV e XVI, Portugal ocupa lugar de relevo no ciclo das grandes navegações, e a língua, "companheira do império", se espraia pelas regiões incógnitas, indo até o fim do mundo, e, na voz do Poeta, "se mais mundo houvera lá chegara" (*Os Lusíadas*, VII, 14).

Depois da expansão interna que, literária e culturalmente, exerce ação unificadora na diversidade dos falares regionais, mas que não elimina de todo essas diferenças refletidas nos dialetos, o português se arroja, na palavra de indômitos marinheiros, pelos mares nunca d'antes navegados, a fim de ser o porta-voz da fé e do império. São passos dessa gigantesca expansão colonial e religiosa, cujos efeitos, além da abertura dos mares, especialmente o Atlântico e o Índico, foram, segundo afirmação de Humboldt, uma duplicação do globo terrestre.

1415 – expedição a Ceuta sob o comando do próprio Rei
1425-1439 – Madeira e Açores
1444 – Cabo Verde, com início de povoamento em 1462
1446 – Guiné
1483-1486 – Angola (primeiros contatos) e colonização de S. Tomé e Príncipe
1498 – Vasco da Gama chega à Índia e passa por Moçambique
1500 – Brasil
1511 – Malaca e Malucas
1512 – Saião e Bornéu
1515 – Ormuz
1518 – Colombo
1536 – Damão
1547 – Macau
além das ilhas de Samatra, Java e Timor.

Tomado o séc. XIII como início da fase a que Leite de Vasconcelos chamou *português histórico*, isto é, documentado historicamente, podemos dividi-lo em períodos linguísticos, cujas delimitações não conseguem, entre os estudiosos, concordância unânime. A dificuldade de consenso advém de vários fatores: o terem as propostas fundamento em textos escritos que, como sabemos, mascaram a realidade e as mudanças linguísticas; o não terem os fenômenos sua data de nascimento e morte; e, finalmente, constitui elemento perturbador nesta ordem de estudos a influência de fatores estético-literários que, conforme sua orientação conservadora

ou progressista, atrasa ou acelera determinadas tendências linguísticas. Foi o que aconteceu com o chamado latim literário sob a influência grega; com o português europeu sob o influxo do Humanismo e Renascimento, e com o português do Brasil, sob a ação iconoclasta inicial do Modernismo.

Adotaremos aqui a seguinte proposta, incluindo na primeira fase a realidade galego-portuguesa:

a) *português arcaico*: séc. XIII ao final do XIV

b) *português arcaico médio*: 1.ª metade do séc. XV à 1.ª metade do séc. XVI

c) *português moderno*: 2.ª metade do séc. XVI ao final do XVII (podendo-se estender aos inícios do séc. XVIII)

d) *português contemporâneo*: séc. XVIII aos nossos dias

Ao primeiro período pertencem, além dos textos administrativos de leis, forais e ordenações, a poesia palaciana encerrada nos Cancioneiros medievais (Ajuda, Vaticana e Biblioteca Nacional, antigo Colocci Brancuti), as *Cantigas de Santa Maria*, algumas vidas de santos (Barlaão e Josafá, S. Aleixo, etc., traduções, em geral, de textos latinos, que chegaram até nós, quase sempre, em cópias mais modernas), o *Livro das Aves*, o *Fabulário de Esopo*, a *Demanda do Santo Graal*, *Corte Imperial*, entre muitas.

Ao segundo período pertencem o *Livro da Montaria*, de D. João I, *Leal Conselheiro* e *Livro da Ensinança de Bem Cavalgar toda Sela* de D. Duarte, as crônicas de Fernão Lopes (*D. João I*, *D. Pedro*, *D. Fernando*), de Zurara (*Crônica dos Feitos da Guiné*, *Crônica da Tomada de Ceuta*), a *Crônica dos Frades Menores*, as crônicas de Rui Pina, entre muitas outras obras.

Ao terceiro período pertencem as obras históricas de João de Barros, Diogo do Couto, Fernão Lopes de Castanheda, Damião de Góis, Gaspar Correia, o *Palmeirim de Inglaterra* de Francisco de Morais, a *Etiópia Oriental* de Frei João dos Santos, a obra literária de Sá de Miranda e o teatro clássico de Antônio Ferreira, a prosa mística da *Imagem da Vida Cristã* de Heitor Pinto, os *Diálogos* de Amador Arrais, os *Trabalhos de Jesus* de Tomé de Jesus e a *Consolação às Tribulações de Israel*, de Samuel Usque, a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, Pero Magalhães de Gandavo, mas a todos excede Luís de Camões que, não sendo "propriamente o criador do português moderno (...), libertou-o de alguns arcaísmos e foi um artista consumado e sem rival em burilar a frase portuguesa, descobrindo e aproveitando todos os recursos de que dispunha o idioma para representar as ideias de modo elegante, enérgico e expressivo. Reconhecida a superioridade da linguagem camoniana, a sua influência fez-se sentir na literatura de então em diante até os nossos dias" [SA.2, 4].

Com muita razão, concede Said Ali, do ponto de vista linguístico, um lugar à parte na literatura quinhentista às comédias, autos e farsas do chamado teatro de medida velha que tem em Gil Vicente seu principal representante, produções de grande importância para o conhecimento da variedade coloquial e popular da época. Pertencem a este gênero especial os *Autos* de Antônio Prestes, de Chiado, de Jerônimo Ribeiro, a *Eufrosina* e *Ulissipo* de Jorge Ferreira de Vasconcelos, sobrelevando-se a todos eles as obras deste genial pintor da

sociedade e dos costumes do séc. XVI em Portugal, que foi Gil Vicente.

No séc. XVII assistimos ao aperfeiçoamento da prosa artística com Frei Luís de Sousa, cuja linguagem representa uma fase de transição entre os dois momentos do português moderno. É o período em que ressaltam os *Sermões* do Padre Antônio Vieira, os *Apólogos Dialogais* de Francisco Manuel de Melo, a prosa religiosa do Padre Manuel Bernardes, os quadros bucólicos de *Corte na Aldeia* de Rodrigues Lobo, além dos representantes da historiografia de Alcobaça.

Fig. 1 – O Mundo da Lusofonia

O século XVIII não é só o século das academias literárias, mas de todo um esforço na renovação da cultura e da instrução pública, sob o influxo dos ideais do neoclassicismo francês, que culminou na reforma pombalina da Universidade, em 1772. Assiste-se a um reflorescimento da poesia com Pedro Antônio Correia Garção, Antônio Dinis da Cruz e Silva, Filinto Elísio, Tomás Antônio Gonzaga e os poetas árcades brasileiros, e Barbosa du Bocage.

Do ponto de vista linguístico, o português contemporâneo, fixado no decorrer do séc. XVIII, chega ao século seguinte sob o influxo de novas ideias estéticas, mas sem sofrer mudanças no sistema gramatical que lhe garantam, neste sentido, nova feição e nova fase histórica.

Os escritores dos séculos XIX e XX de todos os quadrantes da Lusofonia souberam garantir este patrimônio linguístico herdado de tanta tradição literária.

Em Portugal, no Brasil, em Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, a língua portuguesa, patrimônio cultural de todas estas nações, tem sido, e esperamos seja por muito tempo, expressão da sensibilidade e da razão, do sonho e das grandes realizações.

Patrimônio de todos e elo fraterno da Lusofonia de cerca de 200 milhões de falantes espalhados por todos os continentes, continuemos a formular os votos de Antônio Ferreira, no

séc. XVI:

Floresça, fale, cante, ouça-se e viva
A portuguesa língua, e já onde for,
Senhora vá de si, soberba e altiva!

Teoria Gramatical

A) Linguagem: suas dimensões universais

"dizer as coisas como são"
Platão

1 – Linguagem

Entende-se por *linguagem* qualquer sistema de signos simbólicos empregados na intercomunicação social para expressar e comunicar ideias e sentimentos, isto é, conteúdos da consciência.

A linguagem se realiza historicamente mediante sistemas de isoglossas comprovados numa comunidade de falantes, conhecidos com o nome de *línguas*, como veremos adiante.

Tal conceituação envolve as noções preliminares do que seja *sistema*, *signo*, *símbolo* e *intercomunicação social*.

Sistema é todo conjunto de unidades, concretas ou abstratas, reais ou imaginárias, que se encontram organizadas e que se ordenam para a realização de certa ou de certas finalidades [HCv.1, 264].

Entende-se por *signo* ou *sinal* a unidade, concreta ou abstrata, real ou imaginária, que, uma vez conhecida, leva ao conhecimento de algo diferente dele mesmo: as nuvens negras e densas no céu *manifestam* ou são o *sinal* de chuva iminente; o *-s* final em *livros* é o signo ou sinal de pluralizador, assim como em *cantas* é o signo de 2.ª pessoa do singular. Por isso mesmo se diz que tais unidades são *simbólicas*, já que se entende em geral por *símbolo* aquilo que, por convenção, manifesta ou leva ao conhecimento de outra coisa, a qual substitui. Assim, o cordeiro é o "símbolo" da mansidão; o macaco, da astúcia. No que toca estritamente à linguagem humana, pois só ela é a linguagem objeto da *Linguística*, os signos linguísticos diferem dos símbolos porque estes não constituem necessariamente sistema e podem sozinhos e sem nenhuma oposição "simbolizar". A oposição é um princípio fundamental para a determinação da existência dos signos linguísticos, como veremos adiante.

Por fim, *intercomunicação social*, porque a linguagem é sempre um estar no mundo com os outros, não como um indivíduo particular, mas como parte do todo social, de uma comunidade.

2 – Dimensões Universais da Linguagem

A linguagem, entendida como atividade humana de falar, apresenta cinco dimensões universais: *criatividade* (ou enérgeia), *materialidade*, *semanticidade*, *alteridade* e *historicidade*.

Criatividade, porque a linguagem, forma de cultura que é, se manifesta como atividade livre e criadora, ou "do espírito", isto é, como algo que vai mais além do aprendido, que não

simplesmente repete o que já foi produzido.

Materialidade, porque a linguagem é, primeiramente, uma atividade condicionada fisiológica e psiquicamente, pois implica, em relação ao falante, a capacidade de utilizar os órgãos de fonação, produzindo signos fonéticos articulados (fonemas, grafemas, quando representados na escrita, etc.) com que estabelece diferenças de significado (por exemplo, *P*ala, *V*ala, *M*ala, *T*ala, *R*ala, etc.); enquanto em relação ao ouvinte, implica a capacidade de perceber tais fonemas e interpretar o percebido como referência ao conteúdo configurado pelo falante mediante os signos fonéticos articulados. É o nível biológico da linguagem.

Semanticidade, porque a cada forma corresponde um conteúdo significativo, já que na linguagem tudo significa, tudo é semântico.

Alteridade, porque o significar é originariamente e sempre um "ser com outros", próprio da natureza político-social do homem, de indivíduos que são homens juntos a outros e, por exemplo, como falantes e ouvintes, são sempre cofalantes e coouvintes.

Historicidade, porque a linguagem se apresenta sempre sob a forma de *língua*, isto é, de tradição linguística de uma comunidade histórica. Não existe *língua* desacompanhada de sua referência histórica: só há *língua portuguesa*, *língua francesa*, *língua inglesa*, *língua espanhola*, *língua latina*, etc.

Geralmente se ouve que a língua é imposta ao homem, porque este é obrigado a dizer que determinado objeto conhecido por sua comunidade como livro é *livro*, e não *lápis* ou *mesa*. Tal fato não constitui uma limitação ou negação da liberdade do falante; é sim a dimensão histórica da linguagem, que coincide com a própria historicidade do homem. Trata-se de uma obrigação aceita livremente, e não de uma imposição. Este é o significado original da palavra latina *obligatio* [ECs.8, 216]. A língua não é "imposta" ao homem; este "dispõe" dela para manifestar sua liberdade expressiva. As atividades livres implicam um próprio "dever ser", isto é, uma série de normas intrínsecas.

Destas cinco dimensões, a criatividade e a materialidade são universais de todas as formas da cultura, pois são todas atividades criadoras que se realizam no mundo de forma material, sem o que não poderiam existir nem passar ao conhecimento dos outros membros da comunidade. A semanticidade é a "*differentia specifica*" da linguagem em relação às outras formas de cultura. A alteridade é o traço distintivo do significar linguístico em relação aos outros tipos de "conteúdo" das formas de expressão e é, por sua vez, fundamento da historicidade da linguagem [ECs.8, 15-16].

Por fim, há de se levar em conta, na capacidade geral de expressão, a execução de atividades que acompanham e às vezes até a substituem, já que não falamos só com as unidades linguísticas, com a língua concreta. Estas são formas de expressão extralinguísticas, tais como a mímica, a entonação, o ritmo, as pausas e silêncios, os gestos, os recursos gráficos e outros. O emprego da maiúscula serve para estabelecer antíteses entre o verdadeiro e bom e o menos bom e verdadeiro, quando dizemos:

Ele é um *Professor* com *P* maiúsculo, ou a referência à forma gráfica distingue homônimos, como em:

Chegamos na *hora h*.

Há momentos em que expressões só são inteligíveis se acompanhadas de determinado

gesto:

> "Um anjo, meu pateta, um anjo sem asas. Imagina uma moça assim, *desta altura*, viva como um azougue, e uns olhos..." [MA.1, 92].

À mímica corporal junte-se a vocal, a entoação especial com que se proferem certas palavras ou frases inteiras, que o escritor procura reavivar na escrita com a utilização de variados recursos gráficos:

> "Não vou daqui sem uma resposta definitiva, disse meu pai. *De-fi-ni-ti-va*! repetiu, batendo as sílabas com o dedo" [MA.1, 88].
> "Os dois garotos, porém, esperneiam com a mudança de mãe: – Mentira!... *Mentiiiira!... Mentiiiiiiiiiira!* – berra cada um para seu lado" [HC.1, 32].

3 – Atos Linguísticos

A linguagem humana articulada se realiza de maneira concreta por meio de formas específicas chamadas *atos linguísticos*, que se organizam em *sistemas de isoglossas* (*isos* = igual; *glossa* = língua) denominados tradicionalmente *línguas*. Embora o ato linguístico, por sua natureza, seja individual, está vinculado indissoluvelmente a outro indivíduo pela natureza finalística da linguagem, que é sempre um falar com os outros, consoante a dimensão *alteridade*, a que aludimos anteriormente.

Só de modo ideal se pensa em linguagem como um só sistema de signos; na realidade, há na linguagem diversos sistemas de signos – isto é, de línguas –, diversidade que varia entre países, entre comunidades sociais ou outros grupos de falantes.

A realidade concreta da linguagem, como dissemos, é o ato linguístico, quer dizer, é cada unidade de comunicação da linguagem humana, seja uma palavra ou uma frase. Os atos linguísticos não se realizam idênticos de falante para falante de uma mesma comunidade linguística, e até num só falante, em circunstâncias diferentes. Essa diversidade não se dá somente na forma material do ato linguístico, isto é, na sua *expressão*, mas também no seu significado, isto é, no seu *conteúdo*.

Para que se proceda a uma análise coerente e uniforme da linguagem humana, tem-se de considerar idealmente que os atos linguísticos são mais ou menos idênticos na expressão (forma material) e no conteúdo (significado), e é isto que realmente ocorre, porque, se não houvesse essa aparente identidade, não seria possível a comunicação entre os indivíduos, já que a comunicação é a finalidade fundamental da linguagem.

O conjunto sistêmico de atos linguísticos comuns considerados idênticos realizados numa comunidade linguística e por ela comprovada na consciência de seus falantes ("ele fala como eu", "o português dele é diferente do nosso") se acha delimitado por uma linha ideal, imaginária, *isoglossa*, de modo que se pode definir *língua*: *um sistema de isoglossas comprovado numa comunidade linguística.*

Esse sistema de isoglossas pode ser extensíssimo que abarque uma língua histórica de todos os falantes de uma larga comunidade, considerada no seu conjunto geográfico, social e individual (*língua portuguesa*, *língua espanhola*, *língua francesa*, *língua latina*, etc.); pode ser menos extensa, principalmente quando a língua histórica é falada por mais de um país (*língua portuguesa da modalidade europeia* – "português de Portugal" / *língua portuguesa*

da modalidade americana – "português do Brasil" bem como *língua portuguesa da África*; *língua inglesa da Inglaterra* / *língua inglesa dos Estados Unidos*; *francês da França* / *francês da Bélgica* / *francês do Canadá*); pode ser ainda menos extensa do ponto de vista espacial (*português do Rio de Janeiro* / *português de Lisboa*; *francês de Paris*; *alemão da Baviera*); pode ser ainda menos extensa espacial, social e estilisticamente (*português fluminense rural* / *português paulista familiar* / *português literário do Romantismo brasileiro*); pode abarcar um só falante (*português de Machado de Assis* / *português de Eça de Queirós*; *português de um analfabeto*).

Assim, o conceito de língua, considerada como um sistema de isoglossas, varia de acordo com o entendimento mais largo ou mais estreito que se atribui à extensão do conjunto de atos linguísticos comuns.

B) Planos e níveis da linguagem como atividade cultural

I – Planos e Níveis da Linguagem

A linguagem, como atividade humana universal do falar, que se realiza individualmente, mas sempre de acordo com tradições de comunidades históricas, pode diferenciar-se em três planos relativamente autônomos:

a) *Universal* ou do falar em geral, já que se apresenta como prática universalizada não determinada historicamente, isto é, todos os homens adultos e normais falam. É a referência ao plano do *falar em geral*, e a ele se alude, quando se diz que *esta criança ainda não fala* (note-se que não se quer dizer que ela ainda não fala português ou espanhol, por exemplo). Alude-se ainda a este plano quando se declara que *os animais não falam*. Aqui, como no exemplo anterior, não se refere a uma língua concreta, mas à capacidade de falar. O plano universal alude àquilo que faz parte de todo falar, não importa em que língua.

b) *Histórico* ou da língua concreta, já que, ao falar, o homem o faz mediante uma língua determinada: *falar português*, *falar espanhol*, etc. Como já se disse, não há *língua* sem adjetivo; só há *língua portuguesa*, *língua espanhola*, etc., onde o adjetivo pátrio aponta para uma tradição histórica determinada. Até as línguas inventadas, como o esperanto, se constroem e representam uma nova tradição do falar. Este é o plano de uma língua concreta determinada. O falante tem consciência desse saber ao afirmar, por exemplo, que alguém não fala bem o português.

c) *Individual*, já que é sempre um indivíduo que fala mediante uma língua determinada, e o faz, cada vez segundo uma circunstância determinada. A atividade de falar um indivíduo segundo a conveniência de uma circunstância determinada chama-se *discurso*. Não confundir *discurso*, nessa aplicação à atividade, com *texto*, que será entendido como produto dessa atividade, produto do discurso. O discurso – assim o texto como seu

produto – está determinado por quatro fatores: o *falante*, o *destinatário*, o *objeto* ou *tema* de que se fala e a *situação*.

Como toda atividade cultural, a atividade real de falar pode ser considerada sob três pontos de vista diferentes [ECs.8, 88]:

a) Como a própria *atividade*, como falar e entender, isto é, como atividade criadora que se serve de um saber já presente para dizer algo novo e com capacidade de criar um saber linguístico. É este o sentido próprio de *enérgeia*. Uma língua é "forma" e "potência" de uma *enérgeia*.

b) Como o *saber* que está subjacente à atividade, isto é, como a *competência* ou como o que Aristóteles chamava *dýnamis*.

c) Como o *produto* criado pela atividade do falar individual, isto é, como obra ou *érgon*: o *texto*.

Como toda atividade, o falar é uma atividade que revela um saber; assim a estes três níveis correspondem três planos ou tipos de saber linguístico:

a) Ao falar em geral mediante cada língua corresponde o *saber elocutivo*, ou *competência linguística geral*, que não é saber falar uma língua particular, mas, ao falar com qualquer língua, fazê-lo segundo os princípios da *congruência* em relação aos padrões universais do pensamento e ao conhecimento geral que o homem tem do "mundo", do mundo empírico. Na discutida frase "*A mesa quadrada é redonda*", não há propriamente desconhecimento de língua, e sim de formulação do pensamento por desconhecer a realidade do mundo empírico, uma vez que "ser quadrado" é diferente de "ser redondo".

b) Ao falar (em) uma língua particular corresponde o saber histórico denominado *saber idiomático*, ou *competência linguística particular*, que é falar (em) uma língua determinada de acordo com a tradição linguística historicamente determinada de uma comunidade.

c) Ao falar individual e relacionado com a maneira de elaborar textos segundo situações determinadas corresponde o chamado *saber expressivo* ou *competência textual*; é um saber técnico (gr. *téchnē*), isto é, um saber que se manifesta no próprio fazer, um saber fazer gramatical que se manifesta numa língua particular e que pode ir além do já criado nessa língua.

A linguagem se realiza, portanto, de acordo com um saber adquirido e se apresenta sob forma de fatos objetivos ou *produtos*. Mas, como bem caracterizou Humboldt em termos aristotélicos, a linguagem não é na essência *érgon* 'produto', 'coisa feita', mas *enérgeia*, 'atividade', atividade criadora, isto é, que vai além da técnica "aprendida", além do seu saber (*dýnamis*).

Assim, também do ponto de vista do produto se distinguem esses três planos:

a) o produto do falar em geral é a "totalidade de todas as manifestações", empiricamente infinita, *o* falado; não só a totalidade do que já foi dito, mas ainda a totalidade do que se

pode dizer, se considerada sempre como "coisa feita".

b) o produto do falar (em) uma língua particular é a língua particular *abstrata*, isto é, a língua deduzida do falar e concretizada em uma gramática e em um dicionário, ou, em outras palavras, o que no falar se reconhece como constante e que é objeto da linguística das línguas como descrição e como história.

c) o produto do falar individual é o *texto*, tal como pode ser anotado ou escrito.

2 – Juízos de Valor

Frequentemente se ouve um falante nativo dizer que "isso não é português" ou "isso não se diz assim em português" ou "seria melhor dizer assim em português", o que demonstra que os aspectos de juízos de valor devem merecer especial atenção do falante nativo, bem como do linguista e do gramático normativo. Infelizmente, em vista de confusões que Coseriu procurou deslindar, o assunto tem sido mal posto em discussão e, por isso, mal resolvido, de modo que as incoerências e os desencontros são responsáveis pela ideia muito difundida, mas errada, de que o tema não é científico, e fica sujeito ao capricho de pessoas despreparadas e intransigentes.

Distinguem-se três tipos de juízos de valor referentes às conformidades do falar com o respectivo saber linguístico:

a) Ao saber elocutivo corresponde a *norma da congruência*, isto é, os procedimentos em consonância com os princípios do pensar, autônomos ou independentes dos juízos que se referem à língua particular e ao texto. Neste plano do falar em geral temos não só a norma da congruência e da coerência, mas ainda a norma de conduta da tolerância, já que, muitas vezes, diante de frases "desconexas", a incongruência pode ser anulada pela tradição da língua particular e pela intenção do discurso. Assim, quando a canção diz que "*Tudo em volta está deserto, tudo certo / Tudo certo, como dois e dois são cinco*", não se interpreta como falar incongruente por conhecerem os falantes o procedimento da anulação metafórica: o que a canção quer dizer metaforicamente é que nada vai bem entre os tais namorados, como a soma de dois mais dois igual a cinco não está bem.

b) Ao saber idiomático corresponde a *norma da correção*, isto é, a conformidade de falar (em) uma língua particular segundo as normas de falar historicamente determinado e corrente na comunidade que a pratica. Sendo uma língua histórica (todo o português) um conjunto de várias línguas comunitárias, haverá mais de uma norma de correção (o português do Brasil, o português de Portugal, o português exemplar, o português comum, o português familiar, o português popular, etc.). Por falta das distinções até aqui estabelecidas, têm-se atribuído à língua particular ou ao saber idiomático qualidades e atributos que antes pertencem ao plano do falar em geral ou saber elocutivo ("coerência", "eficácia", "concisão", "clareza", "harmonia", etc.) ou ao plano individual ou saber expressivo ("adequado", "apropriado", "elegante", "expressivo", etc.). O juízo de valor concernente à *correção* é juízo de "suficiência" ou "conformidade" somente com o saber idiomático historicamente determinado para uma comunidade.

c) Ao saber expressivo corresponde a *norma de adequação* à constituição de textos

levando em conta o falante, o destinatário, o objeto ou a situação, critério mais complexo, e independente do critério de correção em relação à língua particular e do critério de congruência em relação ao falar em geral. A adequação ao discurso e à constituição de textos pode levar em conta o objeto representado ou o tema (e aí será considerada *adequada* ou *inadequada*), o destinatário (então será considerada *apropriada* ou *inapropriada*) ou a situação ou circunstâncias (e aí será considerada *oportuna* ou *inoportuna*).

A competência ou saber não se manifesta igualmente em todos os planos do linguístico. Na língua particular ele ocorre com mais frequência; nos outros planos – no saber elocutivo e principalmente no saber expressivo – o domínio da competência só se alcança depois de cuidada educação linguística. Muitas vezes se diz que "alguém escreve mal o português", quando, na realidade se quer fazer referência ao saber elocutivo ou ao expressivo, porque escreve sem congruência ou sem coerência, ou ainda com pouca clareza. Quando se diz que "o francês" é uma língua clara", a rigor, não se quer fazer referência a características da língua francesa, mas à capacidade de estruturar o pensamento, o discurso ou o texto com clareza e logicidade mais do que o normal, em virtude de uma larga tradição do falar nessa comunidade, tradição que começa no ensino escolar francês, e que deveríamos cultivar entre nós.

Cabe ainda lembrar o que foi aqui antes esboçado: conforme a intenção do falante, a adequação relativa a um discurso ou a um texto pode anular a incorreção idiomática, enquanto a adequação relativa à correção idiomática pode anular a incongruência ou incoerência do saber elocutivo.

3 – Três Tipos de Conteúdo Linguístico

Aos três planos linguísticos correspondem ainda três tipos diferentes de conteúdo linguístico:

a) Ao plano linguístico geral corresponde a *designação* (ou *referência*), isto é, a referência a uma "realidade" extralinguística, a um estado de coisas extralinguístico. Assim em *A porta está fechada* e *A porta não está aberta* faz-se referência à mesma realidade extralinguística. As orações não são *sinônimas*; são *equivalentes* na referência à designação.

b) Ao plano linguístico particular corresponde o *significado*, isto é, o conteúdo dado linguisticamente em uma língua particular, ou, em outras palavras, a especial configuração da designação numa língua particular.

c) Ao plano do discurso corresponde o *sentido*, que é o "dito" por meio do texto, isto é, o especial conteúdo linguístico que se expressa mediante a designação e o significado, sentido que, num discurso individual, vai além desses outros conteúdos e que corresponde às atitudes, intenções ou suposições do falante. Por exemplo, nas expressões *dar com os burros n'água* ou *torcer o nariz* o sentido é, respectivamente, "ter insucesso" e "rejeitar". Numa anedota, mediante a designação e o significado, atinge-se o *sentido* quando se "pega" o chamado "espírito da coisa". Uma visita de cerimônia ao dizer ao

dono da casa "Hoje está quente" pode ter a intenção de querer dizer "Por favor, abra a janela", que é o verdadeiro "sentido" da sua primeira frase. Quando dizemos a uma pessoa, pela manhã, "Bom dia!" não queremos dizer-lhe que o dia está agradável, mas tão somente cumprimentá-la; esse é o "sentido" da frase. Pode até o tempo estar chuvoso ou ameaçador; porém, é assim que tradicionalmente a nossa comunidade saúda alguém pela manhã. O sentido, portanto, se manifesta no plano individual do discurso.

Assim como o significado pode coincidir com a designação, como ocorre na linguagem técnica, onde tudo o que existe na tradição linguística concernente a ela é "nomenclatura", à medida que vai além do saber linguístico e implica um saber relativo às coisas mesmas, assim também o sentido pode coincidir com o significado, quando o texto é só informativo, e não artístico ou literário ("simbólico"). Mesmo em determinadas formas de "literatura", os fatos designados e significados são informativos, como ocorre na novela policial, que só muito excepcionalmente se alça à literatura artística [ECs.8, 291-292].

O quadro a seguir sintetiza tudo o que vimos até aqui:

	PONTOS DE VISTA				
PLANO	**ATIVIDADE** enérgeia	**SABER** (competência) dýnamis	**PRODUTO** (texto) érgon	**JUÍZO**	**CONTEÚDO**
UNIVERSAL: falar em geral; atividade humana universal	falar em geral	saber elocutivo	totalidade das manifestações	congruente / incongruente	designação (referência)
HISTÓRICO: língua concreta; tradições comunitárias	língua particular	saber idiomático	(língua particular abstrata)	correto / incorreto	significado
INDIVIDUAL: discurso; execução individual	discurso	saber expressivo	texto (obras)	adequado / inadequado	sentido

C) Língua histórica e língua funcional

1 – Língua Histórica

Quando nos referimos a *língua portuguesa*, *língua espanhola*, *língua alemã* ou *língua*

latina, fazemos alusão a uma língua como produto cultural histórico, constituída como unidade ideal, reconhecida pelos falantes nativos ou por falantes de outras línguas, e praticada por todas as comunidades integrantes desse domínio linguístico. Entendido assim, esse produto cultural recebe o nome de *língua histórica*. Esse amplo e diversificado espaço cultural, historicamente relacionado, está presente na frase de Fernando Pessoa: *Minha pátria é a língua portuguesa*.

Fácil é concluir que uma língua histórica encerra em si várias tradições linguísticas, de extensão e limite variáveis, em parte análogas e em parte divergentes, mas historicamente relacionadas. São analogias e divergências fonéticas, gramaticais e léxicas; por isso se diz que uma língua histórica nunca é um sistema único, mas um conjunto de sistemas.

Os sistemas que integram a língua histórica apresentam três aspectos, fundamentais de diferenças internas:

a) No espaço geográfico, constituindo os diferentes *dialetos*; Essa diversidade no espaço se diz *diatópica* (do grego *diá* 'através de', *tópos* 'lugar'), enquanto a relativa uniformidade no espaço se diz *sintópica* (do grego *sýn* 'reunião').

b) No nível sociocultural, constituindo os diferentes *níveis* de língua e estratos ou camadas socioculturais. Essa diferença no estrato sociocultural se diz *diastrática* (do latim *stratum* 'estrato', 'camada'), enquanto a relativa uniformidade correspondente se diz *sinestrática* ou *sinstrática*, também conhecida por *dialeto social*.

c) No estilo ou aspecto expressivo, isto é, em relação a diferentes situações do falar e estilos de língua. Essa diferença se diz *diafásica* (do grego *fásis* 'expressão'), enquanto a relativa uniformidade correspondente se diz *sinfásica* ou homogeneidade estilística.

As diferenças diatópicas ou os dialetos sempre mereceram as atenções dos estudiosos, o que nem sempre ocorreu com as diferenças de níveis (diastráticas) e de estilos de língua (diafásicas). Nem todas as línguas históricas têm muito marcadas as diferenças dialetais como ocorre, por exemplo, na Itália. No português essas diferenças são muito menos profundas, do que no italiano. Alguns linguistas chegam, no caso do português, a preferir *falares* a *dialetos*.

As diferenças diastráticas são mais marcadas em comunidades onde os estratos sociais se apresentam muito distanciados, como na antiga Índia, ou onde a rede escolar se encontra fragilizada ou inexistente entre as camadas populares. Nas comunidades modernas, existem diferenças diastráticas na distinção entre o nível popular (como ocorre no francês e inglês), bem afastado das formas "cultas" ou exemplares destas línguas, ou, com menos intensidade, no espanhol e no italiano populares. Menos intensa é ainda a distância entre o chamado português popular e o padrão ou culto.

As diferenças diafásicas se manifestam quando se comparam língua falada e língua escrita, língua usual e língua literária, língua corrente e língua burocrática ou oficial, etc. Nenhuma dessas variedades diafásicas se apresenta homogeneamente; até a língua literária acusa gradações, às vezes bem nítidas, como é o caso das divergências entre a prosa e a poesia (em verso), entre a poesia épica e a lírica, etc.

Incluem-se nas diferenças diafásicas as que ocorrem, num mesmo estrato sociocultural,

entre grupos "biológicos" (homens, mulheres, jovens, crianças) e profissionais.

Uma língua que apresenta só um estilo já não é uma língua viva; a que apresenta um ou poucos estilos é uma língua morta e funciona como veículo de comunicação para comunidades determinadas que têm sua própria língua, e se destina a finalidades culturais e profissionais, como tem sido o caso do latim na Igreja e, desde a Idade Média, na filosofia, na filologia, na medicina e outros domínios das ciências, e de especiais praxes acadêmicas universitárias (em cerimônias na outorga do título de doutor *honoris causa*, por exemplo a *laudatio*).

Há, contudo, uma realidade linguística idealmente homogênea e unitária, isto é, que se apresenta sintópica, sinstrática e sinfásica; em outras palavras, uma língua unitária quanto ao dialeto, ao nível e ao estilo: é a *língua funcional*, assim chamada porque é a modalidade que de maneira imediata e efetiva funciona nos discursos e textos.

2 – Língua Funcional

É bem verdade que num discurso e texto pode aparecer mais de uma língua funcional, principalmente se se mudam as circunstâncias e fatores (destinatário, objeto, situação). Todo falante de uma língua histórica é plurilíngue, porque domina ativa ou passivamente mais de uma língua funcional, embora não consiga nunca saber toda a extensão de uma língua histórica; e o sucesso da educação linguística é transformá-lo num "poliglota" dentro de sua própria língua nacional. Mas na constituição do discurso e do texto há sempre *uma* língua funcional que se sobrepõe às demais. Mesmo uma língua comum o mais possível unificada e codificada com muita rigidez, como ocorre com o francês "oficial", não corresponde exatamente a essa realidade de língua funcional, em face das diferenças estilísticas nele existentes.

Como por exigência metodológica e de coerência interna só se pode descrever uma realidade homogênea e unitária, é a língua funcional o objeto próprio da descrição estrutural e funcional. Uma gramática como produto desta descrição nunca é o espelho da língua histórica; é apenas a descrição de *uma* das suas línguas funcionais. Por isso não se há de exigir desta gramática o registro de fatos que pertençam a línguas funcionais diferentes: nisto consiste a diferença entre estrutura e arquitetura.

3 – Estrutura e Arquitetura

Estrutura é a descrição das oposições funcionais na expressão e no conteúdo de mesma técnica idiomática, isto é, a homogeneidade de uma língua funcional. *Arquitetura* é o registro da diversidade interna de uma língua histórica, onde coexistem para funções análogas formas distintas e vice-versa, isto é, diversidade de línguas funcionais. Por exemplo, a descrição do emprego dos pronomes *o* e *lhe* no português exemplar ou padrão é um fato de *estrutura*; a comparação do emprego de *o* no português padrão e do corresponde *ele* no português popular ou familiar ou do pronome *lhe* nessas modalidades é um fato de *arquitetura* do português do Brasil.

Para se chegar com coerência ao conceito de língua funcional e à essência do objeto próprio da descrição de uma técnica linguística é necessário fazer, além da distinção entre

estrutura e arquitetura, uma série de outras, quase sempre não levadas em consideração na gramática tradicional e em algumas linguísticas modernas: 1) conhecimento da língua e conhecimento das "coisas" (incluídos aí os seres vivos); 2) linguagem e metalinguagem; 3) sincronia e diacronia; 4) técnica livre e "discurso repetido"[ECs.8, 288].

4 – Conhecimento da Língua e Conhecimento das "coisas"

No plano do saber histórico não contamos somente com fatos linguísticos, mas também com outras tradições ligadas a "coisas" ou ao mundo extralinguístico. Assim, por exemplo, diante de frases do tipo "Macaco velho não mete a mão em cumbuca" ou de expressão como "macaco velho", não se pode dizer que *macaco* ou *macaco velho* evoca em português a ideia de 'prudência', 'sagacidade'. Relativamente à língua portuguesa, *macaco* está relacionado a outros animais, como *mico*, *chimpanzé*, etc.; pela evocação a 'prudência' não é responsável a língua portuguesa, até porque em muitas comunidades lusófonas o animal *macaco* não está relacionado com essa ideia. A evocação resulta exclusivamente do conhecimento que temos do animal, da sua participação em histórias, especialmente do folclore brasileiro.

5 – Linguagem e Metalinguagem

A metalinguagem é um uso linguístico cujo objeto é também uma linguagem; por exemplo quando se fala de palavras e seus componentes ou de orações: "*linguagem é uma palavra derivada de língua*", "*linguagem é um substantivo feminino em português e masculino em espanhol e francês*". "*-ção* é um sufixo formador de substantivo", "*Cadeira tem três sílabas*", etc. A metalinguagem não apresenta unidades estruturais nem pode ser estruturada no nível do saber idiomático; nem por isso seu estudo deixa de merecer o cuidado da ciência.

A linguagem, também chamada *linguagem primária*, não é uma linguagem que tem por objeto uma linguagem.

Esta distinção tem importância especial para a gramática. Por exemplo, qualquer palavra, grupo de palavras, parte de palavras, uma oração inteira, todo um texto tomado materialmente na metalinguagem pode ser considerado uma "palavra", um substantivo masculino por ser nome de algo: "*-mente* é um sufixo", "*lá* marca distância do falante", "Terrível palavra é um *não*", "*Não roubar* é um mandamento divino".

A metalinguagem pode manifestar uma técnica, um saber próprio em uma determinada tradição linguística. Por exemplo, na metalinguagem, em português, diz-se sem artigo "Homem é um dissílabo", enquanto na linguagem primária se diz com artigo "O homem trabalha".

6 – Sincronia e Diacronia

Outra distinção essencial, por sinal a primeira que se deve fazer no estudo das línguas, é a que se estabelece entre *sincronia* e *diacronia*. Por *sincronia* entende-se, em princípio, a referência à língua em um dado momento do seu percurso histórico, "sincronizada" sempre com seus falantes, e considerada no seu funcionamento no falar como descrição sistemática e

estrutural de um só sistema linguístico ("língua funcional"), enquanto por *diacronia* se entende a referência à língua através do tempo, isto é, no estudo histórico das estruturas de um sistema ("gramática histórica"), e como história da língua. Todavia, neste último aspecto, sincronia e diacronia não são correlativos, pois se se levar em conta o caráter parcialmente inovador de todo ato linguístico, toda língua viva está num perpétuo devenir, já que o aspecto sincrônico, para uma língua considerada na sua totalidade, metodologicamente imposto e necessário, é apenas uma abstração científica para estudar como a língua funciona e os traços que, entre dois momentos do seu desenvolvimento, se mostram constantes. Até para fins práticos necessitamos considerar a língua como algo estável e constante. Assim, a descrição sincrônica prescinde da história, no sentido de que não a abarca, mas a diacronia não pode prescindir das sincronias. Por fim, não se pode perder de vista que a descrição da língua num momento do seu desenvolvimento é uma parte da história dessa língua. Uma língua viva nunca está plenamente feita, mas se faz continuamente graças à atividade linguística.

À sincronia corresponde não só a descrição de sistemas unitários (isto é, a disciplina "gramática" em sua acepção mais ampla, abarcando ainda a fonologia e a semântica léxica estrutural ou lexemática), mas também a descrição dos três tipos de variedade já vistos feita por três outras disciplinas ("dialetos" → *dialetologia*, "níveis" → *sociolinguística* e "estilos" → *estilística da língua*).

7 – Estado da Língua Real e Sincronia

Convém distinguir entre *estado de língua real* e *sincronia*, considerada de modo absoluto. No estado de língua também está implícita uma dimensão diacrônica, já que os falantes, principalmente de comunidades com larga tradição de língua escrita, têm consciência de que certas formas são mais antigas que outras; que algumas já não se usam e que outras são recentes. Todavia essa "diacronia dos falantes" – que pode ser bem diferente da diacronia do historiador – não importa em relação ao funcionamento da língua, porque todo fato de "diacronia" subjetiva tem de ser descrito no seu funcionamento, isto é, na sua própria sincronia [ECs.8, 296].

À história da língua compete também referir-se ao aspecto sincrônico à medida que tem de socorrer-se dos vários "estados de língua" sucessivos, pois a "gramática histórica" é a comparação entre os vários sistemas estáticos compreendidos nos limites estabelecidos para estudo. No caso de uma língua românica como o português, pode-se começar pelos diversos sistemas do latim (clássico, vulgar, etc.) e continuar pelos sistemas sucessivos do português ou fases históricas (medieval, clássico, etc.), ou então partir do próprio português como língua já estabelecida e reconhecida pelos seus falantes e pelos falantes de outras comunidades linguísticas.

Pelo que vimos até aqui, e para evitar equívocos que elas implicam, seria melhor fugir às denominações *linguística sincrônica* e *linguística diacrônica* e, em vez delas, usar *descrição* e *história da língua*, porque ambas estão compreendidas no nível histórico da linguagem e constituem juntas a *linguística histórica*. Desligam-se, desta maneira, as noções de sincronia e diacronia da interpretação meramente temporal, como as entendia Saussure, em cuja lição

sincronia estava circunscrita a um só momento e diacronia a vários momentos [ECs.8, 281].

8 – Técnica Livre do Discurso e Discurso Repetido

Outra distinção necessária no estudo "sincrônico" de língua é a que se faz entre *técnica livre do discurso* e *discurso repetido*, porque as tradições linguísticas não só contêm técnica para falar, mas ainda linguagem já falada.

A técnica livre abarca os elementos constitutivos da língua e as regras "atuais" relativas à sua modificação e combinação, isto é, abarca as "palavras" e os instrumentos e procedimentos léxicos e gramaticais.

O discurso repetido abarca tudo aquilo que, no falar de uma comunidade, se repete mais ou menos uniformemente, como algo "já dito": algo já fixado num discurso e que pode ser repetido noutro discurso como "expressão", "giro", "modismo", frase ou locução cujos elementos constitutivos não são nem substituídos nem aceitam ser dispostos noutra ordem conforme permitem as regras de funcionamento da língua, ficando, assim, por não se submeterem a qualquer estruturação – pois só a técnica é estruturável –, fora do objeto da gramática e da lexicologia sincrônicas.

Assim, *bom professor* e *boa semana* pertencem à técnica livre do discurso, enquanto *bom samaritano* e *bom dia* (para a saudação matinal) são exemplos de discurso repetido.

D) Sistema, norma, fala e tipo linguístico

1 – Os Quatro Planos de Estruturação

Uma língua funcional apresenta diversos planos de estruturação. Distinguem-se quatro planos de estruturação: o *falar* (que é o plano da realização, isto é, uma técnica idiomática efetivamente realizada), e três planos de técnica ou de saber enquanto tal: a *norma*, o *sistema* e o *tipo linguístico*, que dizem respeito exclusivamente à estruturação de uma mesma técnica idiomática, em oposição à *arquitetura*, que, como já vimos, diz respeito à diversidade interna da língua histórica, com seu conjunto de línguas funcionais, em parte coincidentes e em parte diferentes umas das outras.

2 – A Norma

A *norma* contém tudo o que na língua não é funcional, mas que é tradicional, comum e constante, ou, em outras palavras, tudo o que se diz "assim, e não de outra maneira". É o plano de estruturação do saber idiomático que está mais próximo das realizações concretas. O sistema e a norma de uma língua funcional refletem a sua estrutura.

3 – O Sistema

O *sistema* contém apenas as oposições funcionais, isto é, contém unicamente os traços distintivos necessários e indispensáveis para que uma unidade da língua (quer no plano da expressão, quer no plano do conteúdo) não se confunda com outra unidade.

Assim, no sistema dos relativos em português, *que* e *o qual* se opõem ambos a *quem* e *cujo*, por exemplo; mas a norma usual da língua prefere unicamente *o qual*, e não *que*, depois de preposição com mais de duas sílabas:

> Os caminhos *de que* (*dos quais*) lhe falei...

mas:

> As razões *segundo as quais* (e não *segundo que*).

O sistema verbal português marca a 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo com o morfema -*o*: eu cant*o*, vend*o*, part*o*.

Crianças e adultos que usam incorretamente a forma verbal *seio* (por *sei*) são levados a fazê-lo por força do sistema, mas desconhecem a norma.

O sistema do português conta, além de outros, com o sufixo -*ção* para formar substantivos, em geral denotadores de ação, oriundos de verbos: *coroar* → *coroação*; *colocar* → *colocação*.

Todavia, a norma prefere *casamento* a *casação*, *livramento* a *livração*, *tomada* a *tomação* o u *tomamento*, etc. Outras vezes, a norma agasalha ambas as formas possibilitadas pelo sistema.

No domínio da sintaxe também se comprova a distinção entre norma e sistema. Os chamados complementos verbais quando constituídos por substantivos normalmente se dispõem na ordem *direto* + *indireto* (Dei *um livro ao primo*), mas quando aparece, numa dessas funções ou nas duas, pronome pessoal, a norma é vir primeiro o indireto: (Dei-*lhe um livro*) / Dei-*lho* (lhe + o).

O falante domina o sistema de uma língua quando está em condições de criar nela. Relativamente à norma, o seu domínio é muito mais complexo e exige do falante uma aprendizagem por toda a vida.

A norma pode coincidir com o sistema quando este oferece uma só possibilidade de realização.

O distanciamento entre sistema e norma de realização se manifesta quando a "novidade" criada à luz do sistema inexiste na norma, na tradição já realizada e, por isso mesmo, não se encontra registrada nos dicionários e nas gramáticas. Foi o caso, entre nós, de *imexível*, nascido com procedimentos do sistema do mesmo modo que *intocável*, *infalível*, etc., mas não ainda realizado na norma. Esqueceram-se os críticos de que uma língua viva não está feita, isto é, que não só estrutura seus atos por modelos precedentes, mas faz-se e refaz-se constantemente, encerra formas feitas e tem potencialidade para criar formas novas, e está sempre a serviço das necessidades expressivas de qualquer falante. É nisto que consiste a dimensão criatividade já aludida aqui anteriormente.

Como também pode conter traços não pertinentes do ponto de vista de oposição funcional, a norma, em certo sentido, tem maior amplitude que o sistema, já que este só contém traços distintivos necessários e indispensáveis para que uma unidade da língua se diferencie de outra

unidade. Por outro lado, o sistema é mais amplo do que a norma, porque propicia também possibilidades inéditas, não realizadas na norma da língua.

4 – O Tipo Linguístico

O *tipo linguístico* é o mais alto plano que se pode comprovar da técnica da língua. É o conjunto coerente de categorias funcionais e de tipos de procedimentos materiais que configuram um sistema ou diferentes sistemas: compreende as categorias de oposições de expressão e de conteúdo e os tipos de funções. Enquanto o sistema é sistema de possibilidades em relação à norma, o tipo é sistema de possibilidades em relação ao sistema.

No processo histórico, a norma pode modificar-se permanecendo inalterável o sistema, bem como o sistema pode modificar-se conservando no tipo seus princípios de configuração. As numerosas semelhanças que se podem apontar nas línguas românicas não se explicam somente pela origem comum e influências recíprocas, mas também porque, com exceção do francês, se configuraram em vários pontos por princípios funcionais análogos de tipo linguístico [ECs.14, 53-54].

Por fim, cabe esclarecer que a tipologia linguística está nos seus começos; alguns estudos que se têm realizado com seu nome nada mais são do que gramática contrastiva no nível dos sistemas e classificação de procedimentos idiomáticos.

No tocante às relações conceituais de fala, norma, sistema e tipo linguístico no quadro teórico de E. Coseriu e de F. de Saussure, fala corresponde mais ou menos à *parole*; a norma e o sistema da língua correspondem, no seu conjunto, mais ou menos à *langue*, enquanto o tipo linguístico não foi identificado como tal pelo linguista genebrino.

E) Propriedades dos estratos de estruturação gramatical 1

1 – Os Estratos Gramaticais

Em português, os estratos gramaticais possíveis são, pela ordem ascendente: o *elemento mínimo* (ou *monema*), a *palavra* gramatical, o *grupo de palavras*, a *cláusula*, a *oração* e o *texto*:

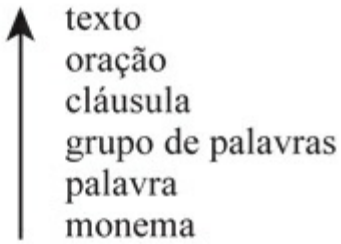

Do ponto de vista de sua função gramatical, *casa-* e *-s* são "monemas"; já *casas*, na oposição *casa* / *casas*, é uma "palavra gramatical" com sua função "plural", uma vez que *-s* é

o "pluralizador" e *casa*- o "pluralizado", e o sintagma inteiro *casas* é o "plural". Em português, a "explicação" e a "especificação" são funções do nível do grupo de palavras e se expressam mediante a posição do adjetivo. No grupo substantivo + adjetivo *o manso boi*, *o vasto oceano*, o adjetivo é explicativo (já que não separa classes menores dentro das classes "boi" e "oceano"; apenas expressa propriedades inerentes a estas classes); no entanto, em *o boi manso*, o adjetivo é "especificativo" (porque serve para opor um boi manso a outros bois não mansos). Como no exemplo anterior, *manso* é "explicador"e *boi* o termo "explicado", e o sintagma inteiro *o manso boi* é um "explicativo".

A oposição correspondente às funções "comentário" e "comentado" ocorre no estrato funcional a que Coseriu dá o nome convencional cláusula, que é o estrato que, no interior de uma só e mesma oração, estabelece a referida oposição. O chamado "advérbio de oração", que não passa de uma cláusula "comentário", ocorre nesse nível de estruturação. Em *Eu sei certo*, só temos uma oração, sem nenhum comentário, porque significa simplesmente 'eu sei com segurança', 'com certeza'. Já na oração em *Certamente, eu sei*, há duas cláusulas: a cláusula comentário *certamente* e a cláusula *eu sei*, e o conteúdo do enunciado oracional é equivalente a 'certamente, eu o sei', 'é certo que eu o sei', 'eu o sei, e este fato é certo'. Assim, *certamente* não determina o valor lexical de *eu sei*, mas assegura a realidade mesma do fato de saber.

O estrato gramatical da oração é caracterizado pela função "predicativa". Nela, o "sujeito" e o "predicado" são funções sintagmáticas e puramente relacionais: o predicado é o termo "referido", e o sujeito, o termo "referente", a função sintagmática é a de "referência", e a unidade resultante é a "predicação referida", que se opõe, neste nível, à "predicação não referida". Em *O aluno estuda* temos uma predicação referida; em *Chove*, *Faz calor*, uma predicação não referida. Registre-se aqui, de passagem, que a oração dita complexa não constitui um estrato superior da oração. O estrato superior da oração – simples ou complexa – é o texto.

No estrato do texto, como estrato gramatical idiomático, – e não como outras estruturas, por exemplo, o "soneto", a "crônica", a "novela"-, podemos ter casos como a oposição entre "pergunta não repetida" e "pergunta repetida". Se se pergunta *Você vai bem*?, no nível do texto, isto significa que se faz a pergunta pela primeira vez, ou pela qual não se manifesta se ela se diz pela primeira vez ou não. Mas já em *E você, como vai*? ou *E você vai bem*? ou *Que você vai bem*?, trata-se, sem dúvida, de uma pergunta repetida, ou porque, depois de uma primeira pergunta, agora se quer saber acerca do nosso interlocutor, ou então porque este não compreendeu a primeira pergunta sobre como passava de saúde ou de situação. Trata-se aqui de uma oposição no nível do discurso ou do texto, e não no nível da oração.

O número dos estratos gramaticais nem sempre é igual de língua para língua. Segundo Halliday, citado por Coseriu, só dois estratos são imprescindíveis, o do monema e o da oração.

2 – Propriedades dos Estratos de Estruturação Gramatical

São quatro estas propriedades: a *superordenação* (ou *hipertaxe*), a *subordinação* (ou

hipotaxe), a *coordenação* (ou *parataxe*) e a *substituição* (ou *antitaxe*).

Tais propriedades podem ser assim representadas graficamente:

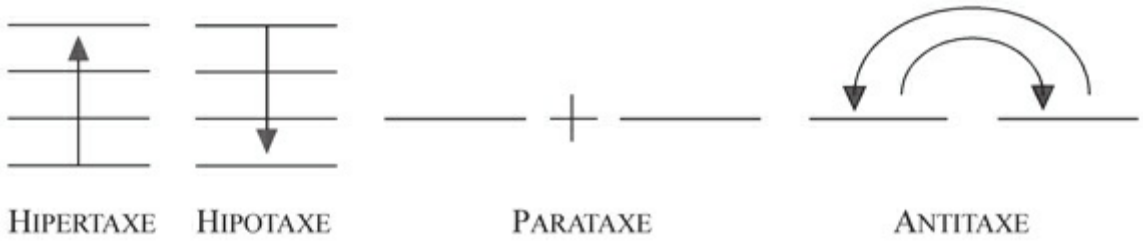

3 – Hipertaxe ou Superordenação

A hipertaxe é a propriedade pela qual uma unidade de um estrato inferior pode funcionar por si só – isto é, combinando-se com zero – em estratos superiores, podendo chegar até ao estrato do texto e aí opor-se a unidades próprias desse novo estrato. Assim, um monema pode, em princípio, funcionar como palavra; uma palavra como grupo de palavras, e assim sucessivamente.

Tomando o exemplo *casa – casas*, o elemento mínimo *casa* funciona como "singular" no nível da palavra gramatical, por oposição a *casas*, por estar "combinado" com zero. Em *casa – a casa*, a palavra *casa*, já determinada como "singular", funciona no nível do grupo de palavras como "virtual, inatual" – em oposição ao "atual" *a casa*. Em *Certamente*! *Claro*!, estamos diante de uma superordenação da palavra no nível da cláusula, e desta ao nível da oração e do texto.

As línguas conhecem restrições na manifestação dessa propriedade; por exemplo, a superordenação de palavras ou grupos de palavras no nível do texto é mais reduzida nas perguntas do que nas respostas. Uma resposta como *Isabel* é muito normal, diante da pergunta *Quem acabou de sair*? Por outro lado, uma pergunta como (*E*) *Isabel*? É certamente possível, mas exige um contexto especial. Salvo num caso de uma retomada de discurso anterior ou de emprego metalinguístico, as palavras morfemáticas, isto é, de significado puramente instrumental (artigos, preposições, conjunções), estão em geral impossibilitadas de se superordenar em nível de texto. Entretanto, nas retomadas de discurso anterior, e na metalinguagem, pode-se superordenar no nível da oração e do texto um monema, uma palavra morfemática ou até uma palavra, como, por exemplo, ocorre com *sem* na resposta à pergunta do tipo: *Viajarás com ou sem teus pais*? – *Sem*. Ou então o sufixo *-ção* na resposta diante da dúvida: *É condenação ou condenamento*? – *Ção*.

Na maioria dos casos reais da chamada *elipse* o que se tem, na verdade, é uma forma de superordenação (quase sempre combinada com uma substituição por retomada).

4 – Hipotaxe ou Subordinação

A hipotaxe é a propriedade oposta à hipertaxe: consiste na possibilidade de uma unidade correspondente a um estrato superior poder funcionar num estrato inferior, ou em estratos inferiores. É o caso de uma oração passar a funcionar como "membro" de outra oração, particularidade muito conhecida em gramática. O importante é, entretanto, verificar que este tipo de propriedade não fica só aqui, mas tem uma aplicação mais extensa. Em princípio, toda unidade superior ao estrato do monema pode ser subordinada. Um texto inteiro pode funcionar como uma oração num outro texto; uma oração como uma cláusula ou grupo de palavras; um grupo de palavras como uma palavra gramatical, e uma palavra como um elemento mínimo.

E m *Verdadeiramente ele disse isso*, a cláusula comentário (*verdadeiramente*), por hipertaxe, passa a oração (é verdade), enquanto temos hipotaxe da cláusula comentada (*ele disse isso*). As palavras compostas, do tipo de *planalto*, e as perífrases lexicais, como *pé de valsa* ('exímio dançarino') são, do ponto de vista gramatical, subordinações ou hipotaxes de grupos de palavras no nível da palavra; por outro lado, locuções do tipo *por meio de*, *por causa de* funcionam no nível de elementos mínimos (aproximadamente como *com*, *por*).

Vista pelo prisma da hipotaxe, percebe-se que a ideia de conceber as "conjunções subordinativas" como elementos que "unem" orações nasce do falso paralelismo entre subordinação (hipotaxe) e coordenação (parataxe). Na realidade, em línguas como o português, as conjunções subordinativas não são mais que morfemas de subordinação ou ainda preposições combinadas com esses morfemas. Em princípio, para subordinar orações ou cláusulas de estrutura oracional, temos necessidade de dois instrumentos: um para marcar a subordinação, isto é, para indicar que uma estrutura oracional de verbo flexionado funciona como membro de uma oração, e não como oração independente, e outro instrumento para indicar a função que esta estrutura exerce na oração complexa. No português essa marca de subordinação é *que*. Em se tratando de função sintagmática não marcada na oração ("sujeito", "complemento direto"), só se emprega esta marca *que*. Pode-se prescindir desta marca se o sintagma oracional subordinado já se acha indicado por um pronome, um advérbio interrogativo (ou exclamativo) ou pela conjunção *se* da interrogação geral: É preciso *que venhas.* Ela espera *que venhas.* Ela sabe *quem vem.* Os alunos não sabem *quando saem* os resultados. O professor não sabe *se haverá feriado nesta semana.*

Se se trata de função sintagmática introduzida (no caso de uma palavra ou de um grupo de palavras) por preposição, a chamada conjunção subordinada é normalmente constituída por essa preposição com *que*: *para acabar* / *para que acabe*; *antes da* (de a) *guerra começar* / *antes de que a guerra comece*, etc...

Pelos exemplos, vê-se que primeiro se subordina mediante o instrumento de subordinação (*que*) e depois se introduz o sintagma subordinado pela preposição correspondente à função sintagmática respectiva.

5 – Parataxe ou Coordenação

Consiste a parataxe na propriedade mediante a qual duas ou mais unidades de um mesmo estrato funcional podem combinar-se nesse mesmo nível para constituir, no mesmo estrato, uma nova unidade suscetível de contrair relações sintagmáticas próprias das unidades simples

deste estrato. Portanto, o que caracteriza a parataxe é a circunstância de que unidades combinadas são equivalentes do ponto de vista gramatical, isto é, uma não determina a outra, de modo que a unidade resultante da combinação é também gramaticalmente equivalente às unidades combinadas. Não sobem a estrato de estruturação superior. Assim, duas palavras combinadas persistem no nível da palavra e não constituem um "grupo de palavras", como se passassem ao nível imediatamente superior.

Podem-se coordenar orações que apresentam uma mesma função textual, palavras e grupos de palavras de mesmas funções (tais como sujeito, complemento, adjunto) e até preposições e conjunções do estrato de monemas, como *com* e *sem*, *e* e *ou*. A única condição a ser respeitada é que se trate de unidades pertencentes ao mesmo estrato ou transpostas ao mesmo estrato em virtude de hipertaxe ou de hipotaxe. Daí que estruturas do tipo [*ricos homens*] *e mulheres*/ [*ricos*] *homens e mulheres*, conforme a ordem de operações levadas a cabo na estruturação da expressão: constituição do grupo de palavras *ricos homens* e depois coordenação com *mulheres* ou, ao contrário, primeiro coordenação de *homens e mulheres*, no nível da palavra, por hipotaxe, e em seguida constituição do grupo de palavras por meio da determinação com *ricos*.

Pode-se, outrossim, coordenar uma palavra com uma oração que funciona como membro de outra oração desde que exerçam a mesma função, como em: Ele agora sabe *a verdade* e *que eu não lhe havia mentido*. Mas para isso foi necessário que a oração subordinada passasse ao estrato de grupo de palavras e de palavra gramatical, por meio da hipotaxe, para então ser possível a coordenação no mesmo nível da palavra.

Tem a parataxe sido vista apenas em relação à coordenação de orações, especialmente a parataxe aditiva com um só verbo flexionado, como se fosse o somatório com apagamento dos elementos idênticos nas orações coordenadas. Isto realmente ocorre em casos como *João e Maria leem*, que corresponde a *João lê* e *Maria lê*, mas já duvidosa em *João e Maria se casaram* e impossível, por absurda em *João e Maria se parecem*, que não vale por *João é parecido + Maria é parecida*. Na realidade, em todos estes casos se trata apenas da *ordem operacional* seguida na constituição da expressão, ordem que na interpretação deve ser refeita às avessas. Assim, tem-se inicialmente a coordenação *João e Maria* e depois a predicação constitutiva da oração.

Outro ponto que há de merecer a nossa atenção é o fato de que, partindo dos três tipos fundamentais e opositivos de coordenação em português (a aditiva, adversativa e a alternativa), estas construções podem ainda exprimir relações internas de "dependência", o que, à primeira vista, parece paradoxal, porque é o mesmo que dizer que "a parataxe inclui a hipotaxe" ou que "a parataxe também é hipotaxe". Na realidade, o que temos nesses casos é, a uma só vez, parataxe e hipotaxe, mas não no mesmo nível de estruturação gramatical. No nível da oração tais construções são paratáticas; mas exprimem ao mesmo tempo relações internas de dependência no que diz ao *sentido do discurso* e, por isso, manifestam funções sintagmáticas no nível do texto: os segundos elementos dessas construções se acham coordenados no nível da oração, mas são subordinados aos primeiros elementos enquanto *unidades textuais*. É o mesmo caso que ocorre com as orações introduzidas por *pois*, *porquanto*, *por isso*, *por conseguinte*, *logo*, a que a gramática tradicional e escolar chama

orações "conclusivas" e "causais-explicativas". Embora exprimindo estados de coisas comparáveis aos das orações subordinadas, são consideradas, não sem razão, orações "principais" ou "independentes". Na realidade, são independentes no nível da oração, mas são elementos subordinados do ponto de vista de unidades de conteúdo no nível superior do texto.

6 – Antitaxe ou Substituição

É a propriedade mediante a qual uma unidade de qualquer estrato gramatical já presente ou virtualmente presente ("prevista") na cadeia falada pode ser representada – retomada ou antecipada – por outra unidade de outro ponto da cadeia falada (quer no discurso individual, quer no diálogo), podendo a unidade que substitui ser parte da unidade substituída, com idêntica função ou mesmo zero. É o fenômeno muito conhecido no domínio dos pronomes que "substituem" (= "representam") lexemas (palavras ou grupos de palavras), inclusive lexemas inexistentes como tais na língua, como é o caso dos pronomes "neutros" (*isto*, *isso*, *aquilo*), que podem referir-se a um fato, a uma circunstância ou a uma situação.

O fenômeno da antitaxe, entretanto, é uma realidade de muito maior amplitude e diz respeito, em princípio, a todos os estratos gramaticais. Assim, a retomada mediante *sim*, *não*, diz respeito aos níveis da oração e do texto; e a não repetição (retomada por zero) de uma preposição na coordenação dos complementos ou do pronome sujeito na coordenação de dois ou mais verbos diz respeito ao estrato de elementos mínimos.

No interior da antitaxe, podemos distinguir, do ponto de vista constitucional (cf.) a antecipação e a retomada (ou "anáfora", "catáfora"), isto é, a representação "antes" e "depois", sendo esta válida até para a representação zero.

Do ponto de vista funcional, é preciso distinguir a antitaxe puramente material em que a unidade que substitui, além de representar a unidade substituída, tem também uma função particular, própria ao domínio da substituição. Assim, no português *clara e duramente*, temos uma antitaxe puramente material (o zero antecipador de *clara* tem exatamente a mesma função que *-mente* em *duramente*), enquanto na retomada por meio de *sim*, *não*, estamos diante de uma antitaxe funcional, já que tais unidades, além de representar o que foi dito pelo interlocutor (constituindo por isso "pro-orações" ou "pro-textos" e não meramente advérbios), exprimem também uma tomada de posição por parte do falante: a concordância ou a discordância com o conteúdo de consciência manifestado pelo interlocutor.

A rigor, a antitaxe é um fenômeno "transfrásico", um fenômeno do plano do "discurso" ou do "texto", uma parte porque concerne à constituição do discurso como tal, à estruturação material e funcional da cadeia falada, conforme as relações presentes na própria cadeia, e por outra parte, porque ela ignora as fronteiras entre as orações, funcionando independentemente dessas fronteiras tão bem numa só e mesma oração como em várias orações ao mesmo tempo e, quase sempre, além dos limites entre as orações. Daí este fenômeno pertencer ao domínio da linguística do texto. Entretanto, deve a antitaxe ser também estudada e descrita na gramática das línguas, mesmo numa "phrase-grammar", porque a expressão substituída apresenta procedimentos, materiais e funções que lhe são próprias e porque as línguas, como sistemas paradigmáticos, apresentam uma grande diversidade a este respeito.

F) Dialeto – Língua comum – Língua exemplar. Correção e exemplaridade. Gramáticas científicas e gramática normativa. Divisões da gramática e disciplinas afins. Linguística do texto

1 – Língua Comum e Dialeto

Já vimos que uma língua histórica, como o português, está constituída de várias "línguas" mais ou menos próximas entre si, mais ou menos diferenciadas, mas que não chegam a perder a configuração de que se trata "do português" (e não do galego, ou do espanhol, ou do francês, etc.), quer na convicção de seus falantes nativos, quer na convicção dos falantes de outros idiomas. Há uma *diversidade* na *unidade*, e uma *unidade* na *diversidade*.

Os falantes dessas diversidades, por motivações de ordem política e cultural, tendem a procurar, graças a um largo período histórico, um veículo comum de comunicação que manifeste a unidade que envolve e sedimenta as várias comunidades em questão. Geralmente, nessas condições, se eleva um dialeto – em geral o que apresenta melhores condições políticas e culturais – como veículo de expressão e comunicação que paire sobre as variedades regionais e se apresente como espelho da unidade que deseja refletir o bloco das comunidades irmanadas.

Esta unidade linguística ideal – que nem sempre cala o prestígio de outros dialetos nem afoga localismos linguísticos – chama-se *língua comum*.

No caso de Portugal, o dialeto falado na região Entre Douro e Minho (dialeto interamnense) – sede do governo e da instrução superior – alçou à condição de língua comum. Como a língua comum recebe, em geral, o nome da língua histórica (isto é, daquela que engloba as variedades dialetais de que vimos falando), em nosso caso particular a língua comum é denominada *língua portuguesa* ou, simplesmente, *português*. Isto ocorre por toda a parte; assim é que o dialeto de Paris (franciano) passou a denominar-se *francês*, o de Florença (toscano florentino) *italiano*, o de Castela *castelhano* ou *espanhol*. Por isso é que se diz que entre *língua* e *dialeto* não há diferença de natureza, e sim de prestígio político e cultural, além do fato da maior extensão geográfica da língua comum. Algumas vezes a língua comum desbanca os primitivos dialetos, como ocorreu com a *koiné* grega.

Por motivações de ordem cultural e para conter, na medida do possível e do razoável, a força diferenciadora, centrífuga, que caracteriza o perpétuo devenir das línguas, pode-se desenvolver dentro da língua comum um tipo de outra língua comum, mais disciplinada, normatizada idealmente, mediante a eleição de usos fonético-fonológicos, gramaticais e léxicos como padrões exemplares a toda a comunidade e a toda a nação, a serem praticados em determinadas situações sociais, culturais e administrativas do intercâmbio superior. É a modalidade a que Coseriu chama língua exemplar, mais relativamente uniforme do que a língua comum, porque está normatizada intencionalmente [ECs.8, 164-165]. Esta uniformidade relativa é mais frequente quando a língua comum é usada em países diferentes. É o que acontece entre nós, onde se registra uma exemplaridade do português do Brasil ao lado de uma exemplaridade do português de Portugal, em grande parte de delineação complexa, porque a

exemplaridade do português – e não fato exclusivo do nosso domínio – não está claramente fixada em suas formas, conteúdos e procedimentos [ECs.8, 35].

2 – O Exemplar e o Correto

Há de distinguir-se cuidadosamente o *exemplar* do *correto*, porque pertencem a planos conceituais diferentes. Quando se fala do exemplar, fala-se de uma forma eleita entre as várias formas de falar que constituem a língua histórica, razão por que o eleito não é nem correto nem incorreto.

Já quando se fala do correto, que é um juízo de valor, fala-se de uma conformidade com tal ou qual estrutura de uma língua funcional de qualquer variedade diatópica, diastrática ou diafásica. Por ele se deseja saber se tal fato está em conformidade com um modo de falar, isto é, com a língua funcional, com a tradição idiomática de uma comunidade, fato que pode ou não ser o modo exemplar de uma língua comunitária.

O modo exemplar pertence à arquitetura da língua histórica, enquanto o correto (ou incorreto) se situa no plano da estrutura da língua funcional. Cada língua funcional tem sua própria correção à medida que se trata de um modo de falar que existe historicamente.

3 – Gramática Descritiva e Gramática Normativa

Daí é fácil concluir que não devemos confundir dois tipos de gramática: a *descritiva* e a *normativa*.

A gramática descritiva é uma disciplina científica que registra e descreve (daí o ser *descritiva*, por isso não lhe cabe definir) um sistema linguístico em todos os seus aspectos (fonético-fonológico, morfossintático e léxico).

Cabe tão somente à gramática descritiva registrar como se diz numa língua funcional.

Por ser de natureza científica, não está preocupada em estabelecer o que é certo ou errado no nível do saber elocutivo, do saber idiomático e do saber expressivo.

A gramática descritiva se reveste de várias formas segundo o que examina mediante uma metodologia empregada, formas que não cabe aqui explicitar, mas tão somente enumerar: *estrutural*, *funcional*, *estrutural e funcional*, *constrastiva*, *distribucional*, *gerativa*, *transformacional*, *estratificacional*, *de dependências*, *de valências*, *de usos*, etc. A gramática estrutural funcional concebida por E. Coseriu aplica-se à depreensão e descrição dos paradigmas do significado gramatical, das estruturas gramaticais de uma língua particular.

Cabe à *gramática normativa*, que não é uma disciplina com finalidade científica e sim pedagógica, elencar os fatos recomendados como modelares da exemplaridade idiomática para serem utilizados em circunstâncias especiais do convívio social.

A gramática normativa recomenda como se deve falar e escrever segundo o uso e a autoridade dos escritores corretos e dos gramáticos e dicionaristas esclarecidos.

4 – Âmbitos de Estudo da Gramática

Como vimos, a gramática descritiva registra e descreve todos os aspectos de uma língua particular, homogênea e unitária. Por isso, aparece diversificada nos capítulos pelos quais costuma ser apresentada: *fonética* e *fonologia*, *morfologia* e *sintaxe* (melhor *morfossintaxe*), *semântica*, *estilística*.

4.1 – Fonética e Fonologia

A fonética e a fonologia estudam o aspecto físico-fisiológico, isto é, o aspecto fônico. A fonética se ocupa do aspecto acústico e fisiológico dos sons reais e concretos dos atos linguísticos: sua produção, articulação e variedades.

Já para a fonologia, a unidade básica não é o som, mas o *fonema*, visto como unidade acústica que desempenha função linguística distintiva de unidades linguísticas superiores dotadas de significado. Assim, em *tinta*, a fonética, levando em conta a realidade acústica na pronúncia carioca, distingue dois sons diferentes de *t*, enquanto a fonologia considera funcionalmente um só *t*, pois, apesar de articulado diferentemente nas várias realizações, o falante se considera diante de uma mesma palavra: *tinta*.

4.2 – Sistema gráfico

Nas línguas em que, ao lado da realidade *oral*, existe a representação escrita de um sistema convencional dessa oralidade chamado *sistema gráfico* ou *ortografia*, este sistema se regula, em geral, ora pela fonética, ora pela fonologia, o que conduz a uma primeira dificuldade para se chegar a um sistema ideal, que exigiria uma só unidade gráfica para um só valor fônico. Neste particular tornou-se necessário não se confundir *letra* com *som* da fala; letra é a representação gráfica com que se procura reproduzir na escrita o som, o que não significa identificá-los. O nosso sistema fonológico tem sete fonemas vocais orais tônicos para cuja representação temos apenas cinco letras (**a** – **e** – **i** – **o** – **u**). Costuma-se hoje chamar *grafema* à unidade gráfica (letra) da escrita.

Em se tratando de línguas modernas que adotaram um sistema gráfico aproveitando o alfabeto latino, como ocorre com a maioria dos idiomas modernos, três fatores contribuem para que não se alcance uma ortografia ideal, apesar de entrarem em seu socorro recursos de letras e sinais diacríticos não existentes em latim:

a) adoção de alfabeto estranho, como o latino, nem sempre capaz de atender à representação de fonemas das novas línguas;

b) mudança através do tempo de fonemas das novas línguas, depois de adotado o alfabeto latino;

c) permanente indecisão das convenções ortográficas entre a opção fonético-fonológica e a "etimológica" (este, pelo prestígio dos hábitos da escrita latina).

4.3 – Alfabeto fonético

Para fins científicos e pedagógicos (principalmente nas gramáticas e dicionários destinados a estrangeiros), usam-se *alfabetos fonéticos* que procuram na transcrição representar fielmente cada unidade fônica por meio de um sinal gráfico, escolhido entre as letras já existentes no alfabeto e mais sinais especiais criados para atingir a fidelidade acústica

desejada.

4.4 – Gramática e Estilística

A gramática pode estudar tanto o aspecto da pura comunicação (chamada linguagem enunciativa ou intelectiva) quanto o aspecto afetivo, de exteriorização psíquica e apelo (linguagem emotiva).

De modo geral, aplica-se a gramática propriamente dita aos aspectos da linguagem intelectiva, ficando a linguagem emotiva para tarefa de uma disciplina chamada *estilística*, de que falaremos mais adiante.

4.5 – Morfossintaxe

A parte central da gramática pura é a morfossintaxe, também com menos rigor estudada como dois domínios relativamente autônomos: a *morfologia* (estudo da palavra e suas "formas") e a *sintaxe* (estudo das combinações materiais ou funções sintáticas). Ocorre que, a rigor, tudo na língua se refere sempre a combinações de "formas", ainda que seja combinação com zero ou ausência de "forma"; assim, toda essa pura gramática é na realidade sintaxe, já que a própria oração não deixa de ser uma "forma"(na lição tradicional, ela não pertence ao domínio da morfologia). Melhor seria se adotássemos a proposta de Eugenio Coseriu que já estava presente numa lição de Gabelentz; a gramática se comporia de três seções: a) "constitucional" (que descreveria a configuração material da "forma" gramatical, abrangendo por forma também o grupo de palavras, a oração e o período); b) "funcional" (que investiga as funções dos diferentes estratos de estruturação gramatical, comprovando os paradigmas que funcionam em cada estrato); c) "relacional" (que estuda as relações entre os diferentes paradigmas pelos quais se expressam funções designativas análogas) [ECs.4, 262-263].

4.6 – Lexicologia

Outro domínio dos estudos gramaticais que, pela sua especificidade e extensão também constitui uma disciplina autônoma, é a *lexicologia*.

É tarefa da lexicologia o estudo dos *lexemas*, suas estruturas e variedades e suas relações com os significantes. Entende-se por lexema a unidade linguística dotada de *significado léxico*, isto é, aquele significado que aponta para o que se apreende do mundo extralinguístico mediante a linguagem. Assim, em *amor*, *amante*, *amar*, *amavelmente* o significado léxico é comum a todas as palavras da série.

Levando-se em conta o plano da expressão (significante) e o plano do conteúdo (significado), a lexicologia abarcará quatro disciplinas subsidiárias [ECs.12, 46-48]:

a) *lexicologia da expressão*: estudo das relações entre os vários significantes léxicos enquanto tais, por exemplo, *amar* ↔ *amante*, *falar* ↔ *falante* ao lado de *saltar* ↔ *saltador*.

b) *lexicologia do conteúdo*: estudo das relações entre os significados léxicos enquanto tais: *salário*, *ordenado*, *provento*, *honorário*, *soldo*, *mesada*; ou *sair* x *chegar*, etc. (sinônimos, antônimos)

c) *semasiologia*: estudo da relação entre os dois planos partindo da expressão para o conteúdo: o significante *hóspede* com os significados de 'aquele que dá a hospedagem' e

‘aquele que recebe a hospedagem’; *nora* ‘esposa de filho em relação aos pais dele’, e *nora* ‘aparelho para tirar água de poço, cisterna’.

Tradicionalmente é este estudo que se reconhece em geral como a disciplina semântica ou semântica lexical.

d) *onomasiologia*: estudo da relação dos dois planos, partindo do conteúdo: para o significado ‘dinheiro’ há os significantes *prata*, *massa*, *erva*, *caraminguá*, *arame*, *mango* (quase todos populares ou familiares).

Há disciplinas lexicológicas preocupadas com a origem dos palavras. Aí temos a *etimologia* (estudo da origem delas), a *onomástica* (estudo histórico dos nomes próprios, dividida em *antroponímia* – história dos nomes de pessoa – e *toponímia* – história dos nomes de lugares).

4.7 – Outra vez a Estilística

A seguir, temos a estilística, a qual, conforme dissemos anteriormente, é o estudo dos aspectos afetivos que envolvem e caracterizam a linguagem emotiva que perpassa todos os fatos de língua. Pode tanto aplicar-se àqueles usos da esfera afetiva e emotiva generalizados na língua, por exemplo, os diminutivos, os aumentativos, as hipérboles, etc. (a chamada *estilística da língua* de Charles Bally), ou então às criações estéticas originais e inéditas de um autor ou de uma obra (a chamada *estilística da fala* da escola idealista alemã de Karl Vossler, Leo Spitzer e seguidores).

4.8 – Outros tipos de Gramática

Além da gramática descritiva, são também gramáticas científicas, isto é, sem finalidade prescritiva ou normativa, e com objeto e metodologia próprios:

a) *gramática geral* (mais impropriamente chamada *gramática universal*): estudo dos fundamentos teóricos dos conceitos gramaticais (e por isso mesmo lhe cabe a definição desses conceitos), ou, noutro sentido, procura os fatos gramaticais comuns e gerais a vários sistemas linguísticos. Também é denominada *teoria gramatical*. Esta gramática investiga o plano universal da linguagem e, por isso, não tem como objeto uma língua particular, como as gramáticas seguintes, que investigam o plano histórico da linguagem, uma vez que estudam línguas históricas, isto é, técnicas (saberes) historicamente determinadas.

b) *gramática comparada*: estudo comparado de línguas pertencentes a um tronco ou “família” procedente de uma fonte comum primitiva, com vista a estabelecer os fatos manifestados pela relação de “parentesco”.

c) *gramática histórica* (considerada em sentido estrito): estudo diacrônico de um só sistema idealmente homogêneo.

d) *história interna da língua*: estudo diacrônico de uma língua histórica.

Citem-se mais as seguintes disciplinas linguísticas:

1) *dialetologia*: estudo das diferenças regionais de uma língua; sua aplicação, mediante método particular para cada uma, se faz com duas subdisciplinas: *geografia linguística* e *paleontologia linguística*.

2) *sociolinguística*: estudo da variedade e variação da linguagem em relação com a estrutura social das comunidades.

3) *etnolinguística*: estudo da variedade e variação da linguagem em relação com a civilização e a cultura [ECs.15, 29].

4) *psicolinguística*: estuda o aspecto psíquico da atividade linguística.

Até aqui, as gramáticas e disciplinas que investigam os fatos de uma língua ou de línguas particulares são disciplinas que se aplicam ao plano idiomático da linguagem.

Por fim, cabe aludir à *linguística do texto*, campo recente de estudo, que visa a examinar o sentido do texto considerado como entidade autônoma da linguagem. Investiga o plano individual da linguagem. É o estudo da hermenêutica do sentido. Para Coseriu, enquanto as disciplinas que estudam a língua se aplicam ao exame da estrutura do significante e à descrição da estrutura do significado, a pura linguística do texto se aplica à interpretação do significante e do significado da língua como expressão do sentido [ECs.3].

1 E. Coseriu [ECs.15, 22; ECs.4, 172].

I – Fonética e Fonologia

A) Produção dos sons e classificação dos fonemas

1 – Fonética Descritiva

Fonemas – Chamam-se fonemas os sons elementares e distintivos que o homem produz quando, pela voz, exprime seus pensamentos e emoções.

Fonemas não são letras – Desde logo uma distinção se impõe: não se há de confundir *fonema* com *letra*. *Fonema* é uma realidade acústica, realidade que nosso ouvido registra; enquanto *letra* é o sinal empregado para representar na escrita o sistema sonoro de uma língua. Não há identidade perfeita, muitas vezes, entre os fonemas e a maneira de representá-los na escrita, o que nos leva facilmente a perceber a impossibilidade de uma *ortografia* ideal. Temos, como veremos mais adiante, *sete* vogais orais tônicas, mas apenas *cinco* símbolos gráficos (letras): *a*, *e*, *i*, *o*, *u*. Quando queremos distinguir um *e* tônico aberto de um *e* tônico fechado – pois são dois fonemas distintos – geralmente utilizamos sinais subsidiários: o acento agudo (*fé*) ou o circunflexo (*vê*). Há letras que se escrevem por várias razões, mas que não se pronunciam, e portanto não representam a vestimenta gráfica do fonema; é o caso do *h* em *homem* ou *oh!* Por outro lado, há fonemas que se ouvem e que não se acham registrados na escrita; assim, no final de *cantavam*, ouvimos um ditongo em *-am* cuja semivogal não vem assinalada /amávãw/. A escrita, graças ao seu convencionalismo tradicional, nem sempre espelha a evolução fonética. Neste livro, diferençamos a letra do fonema, pondo este entre barras; dessarte, indicaremos o *e* aberto e *e* fechado da seguinte maneira: /*é*/, /*ê*/.

Fonética e Fonologia – Na atividade linguística, o importante para os falantes é o fonema, e não a série de movimentos articulatórios que o determina. Assim sendo, enquanto a análise fonética se preocupa tão-somente com a articulação, a fonêmica atenta apenas para o fonema que, reunindo um feixe de traços que o distingue de outro fonema, permite a comunicação linguística. A fonética pode reconhecer, e realmente o faz, diversas realizações para o /*t*/ da série *ta-te-ti-to-tu*; a fonêmica não leva em conta as *variações* (que se chamam *alofones*), porque delas não tomam conhecimento os falantes de língua portuguesa. Um fonema admite uma gama variada de realizações fonéticas que vai até a conservação da integridade do vocábulo: quando isto não ocorre, diz-se que houve mudança de fonema. O /*l*/ admite várias realizações no Brasil, de norte a sul (e estas variantes não interessam à análise fonêmica, análise que deveria ter primazia em nosso estudo de língua); mas haverá mudança de fonemas

quando se não puder fazer a oposição *mal* / *mau*. Como bem ensina Mattoso Câmara, "o fonema, entendido como um feixe de traços distintivos, individualiza-se e ganha realidade gramatical pelo seu contraste com outros feixes em idênticos ambientes fonéticos. Não é, pois, a diferença articulatória e acústica que distingue primariamente dois fonemas, senão a possibilidade de determinarem significações distintas numa mesma situação fonética. Compreende-se assim que um mesmo fonema possa variar amplamente na sua realização, conforme o ambiente fonético ou as peculiaridades do sujeito falante" [MC.7, 44-45].

Fonologia não se opõe a fonética: a primeira estuda o número de oposições utilizadas e suas relações mútuas, enquanto a fonética experimental determina a natureza física e fisiológica das distinções observadas [BM.1, 116]. Ambas disciplinas pertencem ao nível biológico do falar condicionado psicofisicamente.

Aparelho Fonador

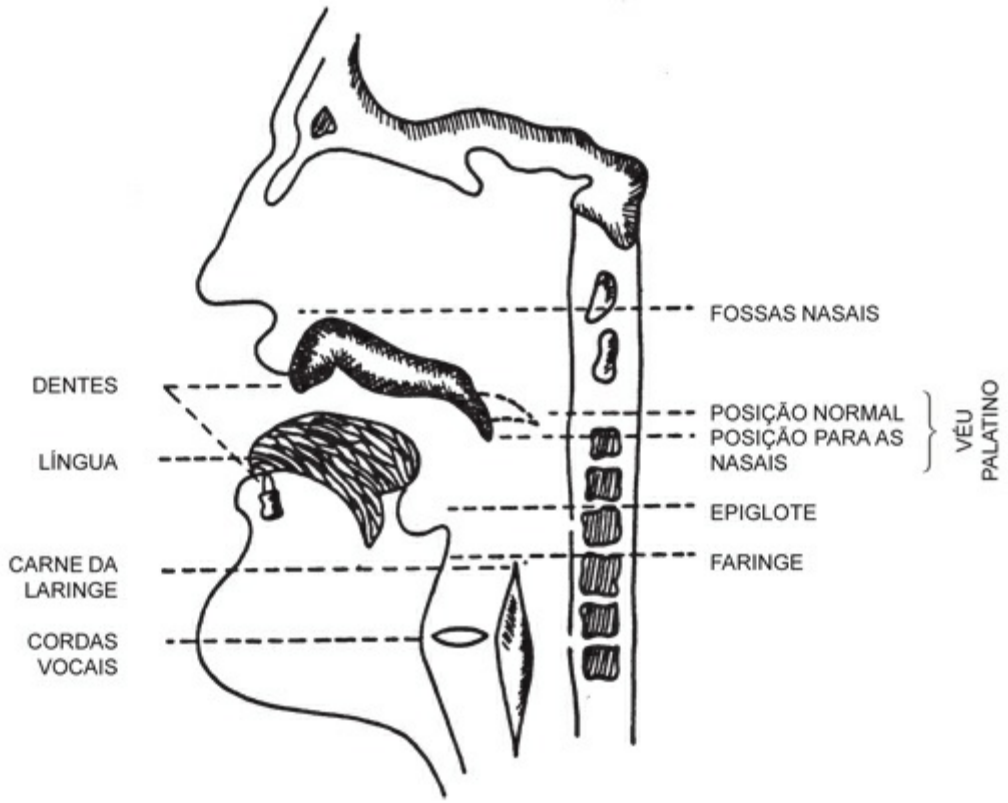

Aparelho fonador – Nós não temos um aparelho especial para a fala; produzimos os fonemas servindo-nos de órgão do aparelho respiratório e da parte superior do aparelho digestivo, que só secundariamente se adaptaram às exigências da comunicação, numa aquisição lenta do homem. A esses órgãos da fala, constitutivos do aparelho fonador, pertencem, além de músculos e nervos: os *brônquios*, a *traqueia*, a *laringe* (com as cordas vocais), a *faringe*, as *fossas nasais* e a *boca* com a *língua* (dividida em ápice, dorso e raiz), as *bochechas*, o *palato duro* (ou céu da boca), o *palato mole* (ou véu palatino) com a *úvula*

ou *campainha*, os *dentes* (mormente os anteriores) com os *alvéolos*, e os *lábios*.

Em português, como na maioria dos idiomas, os fonemas são produzidos graças à modificação que esses órgãos da fala impõem à *corrente de ar que sai dos pulmões*. Línguas há, entretanto, que se servem da corrente inspiratória (entrando o ar nos pulmões) para produzir fonemas, que são conhecidos pelo nome de *cliques*. Produzimos cliques quando fazemos os movimentos bucais, acompanhados da sucção de ar na boca, para o beijo, o muxoxo e certos estalidos como o que serve para animar a caminhada dos cavalos, mas não os utilizamos como sons da fala em português.

Como se produzem os fonemas – A corrente de ar que vem dos pulmões passa pela *traqueia* e chega à sua parte superior que se chama *laringe*, conhecida vulgarmente como *pomo de adão*. Na laringe, a parte mais valiosa e mais complexa do aparelho fonador, se acham, horizontalmente, duas membranas mucosas elásticas, à maneira de lábios: as *cordas vocais*, por cujo estreito intervalo, denominado *glote*, a corrente de ar tem de passar para ganhar a *faringe*, e daí, ou totalmente pela *boca* (*fonemas orais*), ou parte pela boca e parte pelas fossas nasais (*fonemas nasais*), chegar à atmosfera. É esta corrente expiratória que, modificada pelos órgãos da fala, é responsável pela produção dos fonemas.

As diferenças que se notam entre vozes diversas dos sexos, das idades e das pessoas, baseiam-se em geral nas dimensões da laringe.

Fonemas surdos e sonoros – Quando a corrente de ar se dirige à glote, esta pode encontrar-se aberta, fechada ou quase fechada. No primeiro caso, a corrente de ar passa livremente, sem provocar a vibração das cordas vocais. O fonema que, nestas circunstâncias, se produz é chamado *surdo*: /s/, /f/, /x/, /t/, /k/, etc. Se a glote está fechada ou quase fechada, a corrente de ar, ao forçar a passagem, provoca a vibração das cordas vocais, produzindo os fonemas sonoros. São sonoras todas as vogais e certas consoantes como /z/, /v/, /j/, /d/, /g/, etc.

Em muitos casos, podemos perceber a vibração das cordas vocais, pondo de leve a ponta do dedo no pomo de adão e proferindo um fonema sonoro, como /z/, /v/, /j/, tendo o cuidado de não acompanhá-lo de vogal. Sentimos nitidamente um tremular que denota a vibração das cordas vocais. Se proferimos um fonema surdo, como /s/, /f/, /x/, com o cuidado apontado acima, não sentimos o tremular. Podemos ainda repetir a experiência tapando os ouvidos. Só com os fonemas sonoros ouvimos um zumbido característico da vibração das cordas vocais.

Vogais e consoantes – A voz humana se compõe de *tons* (sons musicais) e *ruídos*, que o nosso ouvido distingue com perfeição. Caracterizam-se os tons, quanto às condições acústicas, por suas vibrações periódicas. Esta divisão corresponde, em suas linhas gerais, às vogais (= tons) e às consoantes (= ruídos). As consoantes podem ser ruídos puros, isto é, sem vibrações regulares (correspondem às consoantes surdas), ou ruídos combinados com um tom laríngeo (consoantes sonoras) [BM.1, 20].

Quanto às condições fisiológicas de produção, as vogais são fonemas durante cuja articulação a cavidade bucal se acha completamente livre para a passagem do ar. As consoantes são fonemas durante cuja produção a cavidade bucal está total ou parcialmente fechada, constituindo, assim, num ponto qualquer, um obstáculo à saída da corrente expiratória.

OBSERVAÇÃO: Só por suas condições acústicas e fisiológicas de produção é que se distinguem as vogais das consoantes. Por imitação dos gregos, os antigos gramáticos definiam a vogal pela sua função na sílaba: elemento necessário e suficiente para formar uma sílaba. E daí chegavam à conceituação deficiente de consoante: fonema sem existência independente, que só se profere com uma vogal. Sabemos de idiomas em que há sílabas constituídas apenas de consoantes e em que uma consoante pode fazer as vezes de vogal [LR.1, 75-75].

Na língua portuguesa a *base da sílaba* ou o *elemento silábico* é a vogal; os elementos *assilábicos* são a consoante e a semivogal, que estudaremos mais adiante.

Classificação das vogais – Classificam-se as vogais, segundo a *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, de acordo com quatro critérios:

a) quanto à zona de articulação;

b) quanto à intensidade;

c) quanto ao timbre;

d) quanto ao papel das cavidades bucal e nasal.

a) Quanto à ZONA DE ARTICULAÇÃO, as vogais podem ser *média*, *anteriores* e *posteriores*.

Com a boca ligeiramente aberta e a língua na posição quase de repouso, proferimos o fonema /a/, que é o que exige menor esforço e constitui a vogal *média*. Se daí passarmos à série /é/ – /ê/ – /i/, notaremos que a ponta da língua se eleva, avançando em direção ao palato duro, o que determina uma diminuição da abertura bucal e um aumento da abertura da faringe. A série /é/ – /ê/ – /i/ constitui as vogais *anteriores*. Se passarmos da vogal média /a/ para a série /ó/ – /ô/ – /u/, notaremos que o dorso da língua se eleva, recuando em direção ao véu do paladar, o que provoca uma diminuição da abertura bucal e um arredondamento progressivo dos lábios. A série /ó/ – /ô/ – /u/ forma as vogais *posteriores*.

VOGAIS ANTERIORES 2

POSIÇÃO DOS LÁBIOS POSIÇÃO DA LÍNGUA

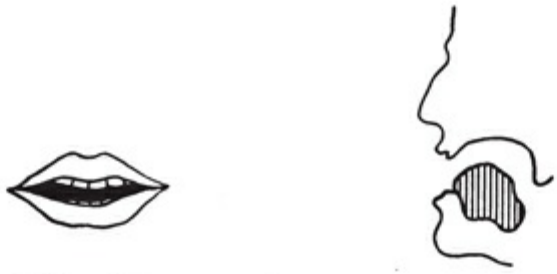

E (aberto) como em *é*

E (fechado) como em *dê*

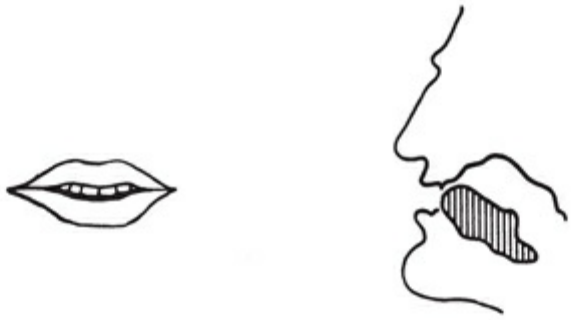

I como em *vi*

VOGAIS POSTERIORES 3

O (aberto) como em *pó*

O (fechado) como em *avô*

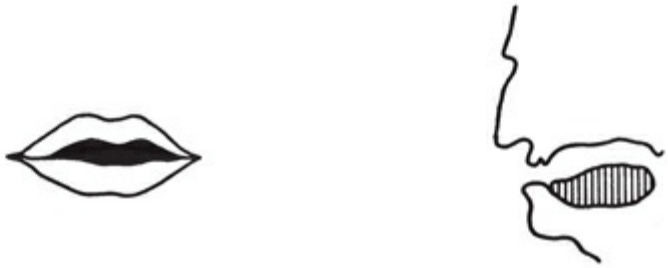

U como em *tu*

ZONAS DE ARTICULAÇÃO

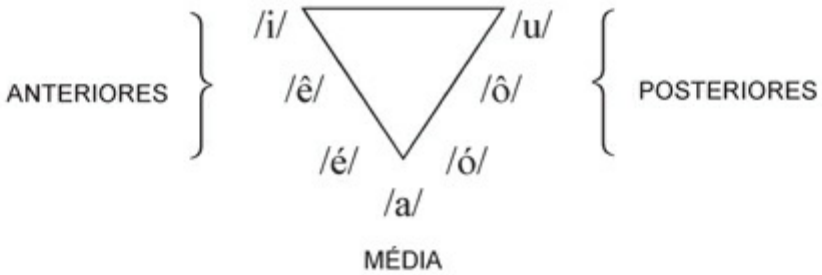

b) Quanto à INTENSIDADE, as vogais podem ser *tônicas* ou *átonas*. Vogal tônica é aquela em que recai o acento tônico da palavra: av*ó*, p*a*ga, t*í*mido.

Vogal átona é a inacentuada: *a*vó, pag*a*, tím*i*do. As vogais átonas podem estar antes da tônica (pretônicas): *a*vó, p*a*gar, ou depois (postônicas): tím*i*d*o*.

Nos vocábulos de maior extensão fonética, mormente nos derivados e nos verbos seguidos de pronome átono, pode aparecer, além da tônica, uma vogal de grande intensidade, a qual

recebe o nome de vogal *subtônica*: pol*i*damente, c*e*gamente, louv*a*r-te-ei.

c) quanto ao TIMBRE, as vogais podem ser *abertas*, *fechadas* e *reduzidas*. *Timbre* é o efeito acústico resultante da distância entre o dorso da língua e o véu do paladar, funcionando a cavidade bucal como caixa de ressonância. O timbre é o traço distintivo das vogais. Na vogal de timbre aberto, a língua se acha baixa: /a/, /é/, /ó/. Na vogal de timbre fechado, a língua se eleva: /ê/, /ô/, /i/, /u. A vogal de timbre reduzido é proferida debilitada, anulando-se a oposição entre aberta e fechada. A distinção entre abertas e fechadas só se dá nas vogais tônicas e subtônicas; nas átonas desaparece a diferença entre /ó/ e /ô/, /é/ e /ê/, e o /a/ reduzido é proferido com menos nitidez, como se pode depreender comparando-se os dois tipos em *casa*, em que o primeiro é aberto e o segundo, reduzido.

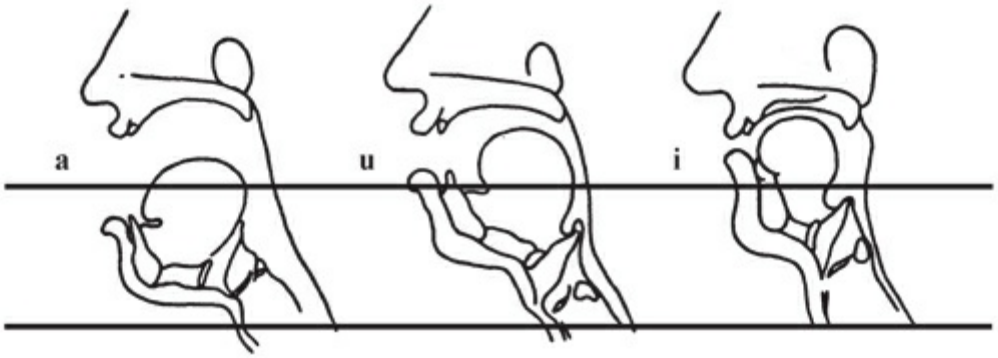

A gravura mostra a posição das vogais /a/, /u/ e /i/. Note-se o fechamento do canal bucal na articulação do /u/ e do /i/ com movimento da epiglote e elevação da língua em direção ao palato [ER.1, 15].

Quase sempre no fim das palavras, as vogais átonas *e* e *o* se enfraquecem e soam, respectivamente, /i/ e /u/ 4. Assim temos sete vogais tônicas orais (/a/, /é/, /ê/, /i/, /ó/, /ô/, /u/), cinco vogais átonas orais (/a/, /e/, /i/, /o/, /u/) e três vogais reduzidas orais (/a/, /i/, /u/). Também são reduzidas as vogais átonas nasais: *a*ntigo, s*e*ntar, l*i*mpeza, c*o*mbate, f*u*ndar.5

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Não temos no Brasil o *a* fechado oral tônico dos portugueses como em c*a*da, p*a*ra, m*a*s.

2.ª) Na pronúncia normal brasileira, as vogais nasais são fechadas ou reduzidas (estas quando átonas).

d) quanto ao papel das CAVIDADES BUCAL e NASAL, as vogais podem ser *orais* e *nasais*. São orais aquelas *cuja ressonância se produz na boca*. Há sete vogais orais tônicas (/á/, /é/, /ê/, /i/, /ó/, /ô/, /u/), cinco orais átonas, por não haver aqui distinção entre /é/ e /ê/, /ó/ e /ô/ (/a/, /e/, /i/, /o/, /u/) e três reduzidas (/a/, /i/, /u/). São nasais as vogais que, em sua produção, *ressoam nas fossas nasais*. Há cinco vogais nasais (/ã/, /ẽ/, /ĩ/, /õ/, /ũ/): l*ã*, c*a*nto, c*a*mpina, v*e*nto, v*e*ntania, l*í*mpido, viz*i*nhança, c*o*nde, c*o*ndessa, t*u*nda, pron*u*nciamos. É o fenômeno da ressonância, e não da saída do ar, o que opõe os fonemas orais aos nasais.

Quanto ao timbre, as nasais tônicas e subtônicas são fechadas e as átonas, reduzidas.

OBSERVAÇÃO: Na pronúncia normal brasileira soam quase sempre como nasais as vogais seguidas de *m*, *n* e principalmente *nh*: c*a*ma, c*a*na, b*a*nha, c*e*na, f*i*na, h*o*mem, Ant*ô*nio, *ú*mido, *u*nha. Assim não distinguimos as formas verbais terminadas em -*amos* e -*emos* do presente e do pretérito do indicativo: *agora cantamos*, *ontem cantamos*; *agora lemos*, *ontem lemos*.

ABERTAS	FECHADAS		REDUZIDAS	
orais	*orais*	*nasais*	*orais*	*nasais*
1) A: p*á*, c*a*veira, c*á*lido, pl*a*cidamente	—	rom*ã*, c*a*nto, l*â*mpada	cas*a*	ím*ã*, c*a*ntinho
2) E: f*é*, t*e*la, p*é*rola, caf*e*zal	v*ê*, n*e*gro, p*ê*ssego	l*e*mbro, v*e*nto	verd*e*	*e*ngolir
3) O: p*ó*, v*o*to, gl*ó*bulo, f*o*rtezinho	av*ô*, p*o*vo, l*ô*brego, gl*o*binho	p*o*nto, t*ô*mbola	globinh*o*	c*o*mprida, c*o*ntínua
4) I:	l*i*, v*i*da, l*í*rico	f*i*m, t*i*nta, l*í*mpido	láp*i*s, júr*i*	t*i*nteiro
5) U:	l*u*z, t*u*do, l*ú*gubre	f*u*ndo, c*u*mpro	vír*u*s	álb*u*m

Elevação da língua: quinto critério para classificação das vogais – A Nomenclatura Gramatical Brasileira não levou em conta a elevação gradual da língua, o que distingue as vogais em: 1 – vogal baixa: /a/; 2 – vogais médias com dois graus de elevação: /é/, /ó/ e /ê/, /ô/; 3 – vogais altas: /i/, /u/. Entre as nasais desaparecem os dois graus de elevação das vogais médias.

ORAIS 6

/ i /	/ u /	Altas
/ ê /	/ ô /	Médias
/ é /	/ ó /	Médias
/ a /		Baixa

NASAIS

/ ĩ /	/ ũ/	Altas
/ ẽ /	/ õ /	Médias
/ ã /		Baixa

Se não estabelecermos este quinto critério para a classificação das vogais, teremos de pôr num mesmo plano fonemas diferentes, como /õ/ e /ũ/, /ẽ/ e /ĩ/, o que não é correto.

QUADRO DA CLASSIFICAÇÃO DAS VOGAIS

VOGAIS	1) *quanto à zona de articulação*	anteriores: /é/, /ê/, /i/ média: /a/ posteriores: /ó/, /ô/, /u/
	2) *quanto ao timbre*	abertas: /a/, /é/, /ó/ fechadas: /ê/, /ô/, /i/, /u/ reduzidas: /a/, /i/, /u/
	3) *quanto ao papel das cavidades bucal e nasal*	orais: /a/, /é/, /ê/, /i/, /ó/, /ô/, /u/ nasais: /ã/, /ẽ/, /ĩ/, /õ/, /ũ/
	4) *quanto à intensidade*	tônicas átonas
	5) *quanto à elevação da língua*	baixa: /a/ médias: /é/, /ó/, /ê/, /ô/ altas: /i/, /u/

Semivogais. Encontros vocálicos: ditongos, tritongos e hiatos – Chamam-se *semivogais* as vogais *i* e *u* (orais ou nasais)7 quando assilábicas, as quais acompanham a vogal numa mesma sílaba. Os encontros vocálicos dão origem aos *ditongos*, *tritongos* e *hiatos*. Representamos as semivogais *i* (*e*) por /y/ e *u* (*o*) por /w/.

DITONGO é o encontro de uma vogal e de uma semivogal, ou vice-versa, na mesma silaba: p*ai*, m*ãe*, ág*ua*, cár*ie*, mág*oa*, r*ei*.

Sendo a vogal a base da sílaba ou o elemento silábico, é ela o som vocálico que, no ditongo, se ouve mais distintamente. Nos exemplos dados são vogais: pAi, mÃe, águA, cáriE, mágoA, rEi.

OBSERVAÇÃO: Os ditongos, como os demais encontros vocálicos, podem ocorrer no interior da palavra (dizem-se *intraverbais*: *pai*, *vaidade*) ou pela aproximação, por fonética sintática, de duas ou mais palavras (dizem-se *interverbais*: *certa* ‿ *idade*, *inculta* ‿ *e bela*).

Os ditongos podem ser:

a) crescentes e decrescentes

b) orais e nasais

Crescente é o ditongo em que a semivogal vem antes da vogal: ág*ua*, cár*ie*, mág*oa*.

Decrescente é o ditongo em que a vogal vem antes da semivogal: p*ai*, m*ãe*, r*ei*.

Como as vogais, os ditongos são *orais* (p*ai*, ág*ua*, cár*ie*, mág*oa*, r*ei*) ou *nasais* (m*ãe*).

Os ditongos nasais são sempre fechados, enquanto os orais podem ser *abertos* (p*ai*, c*éu*, r*ói*, id*ei*a) ou *fechados* (m*eu*, d*oi*do, v*ei*a).

Nos ditongos nasais, são nasais a vogal e a semivogal, mas só se coloca o til sobre a vogal: m*ãe*.

Principais ditongos crescentes:

Orais

1) /ya/: glór*ia*, pátr*ia*, d*ia*bo, ár*ea*, nív*ea*
2) /ye/: (= yi): cár*ie*, calvíc*ie*
3) /yé/: d*ie*ta
4) /yo/: vár*io*, méd*io*, áur*eo*, nív*eo*
5) /yó/: mand*io*ca
6) /yô/: p*io*lho
7) /yu/: m*iú*do
8) /wa/: ág*ua*, q*ua*se, d*ua*l, mág*oa*, nód*oa*
9) /wi/: ling*ui*ça, tên*ue*
10) /wó/: quiproq*uó*
11) /wô/: aq*uo*so
12) /wo/ (= *uu*): oblíq*uo*
13) /wê/: c*oe*lho
14) /wé/: eq*ue*stre, g*oe*la

OBSERVAÇÃO: Em muitos destes casos pode ser discutível a existência de ditongos crescentes "por ser indecisa e variável a sonoridade que se dá ao primeiro fonema. Certo é que tais ditongos se observam mais facilmente na hodierna pronúncia lusitana do que na brasileira, em que a vogal (= semivogal), embora fraca, costuma conservar sonoridade bastante sensível" [SA.2,17]. De qualquer maneira registre-se o descompasso entre a realidade fonética (ora hiato, ora ditongo) e a maneira invariável de grafar *miúdo* com acento agudo no *u*, quer seja proferido como dissílabo (e ditongo, portanto) ou como trissílabo (e hiato). Também palavras como *série*, *glória*, que podem ser proferidas como dissílabas (mais usual) ou trissílabas, não têm os encontros vocálicos separados na divisão silábica: *sé-rie*, *gló-ria*, em ambos os casos de pronúncia.

Nasais: 1) /yã/: cr*ia*nça
2) /wã/: q*ua*ndo
3) /wê/: freq*ue*nte, quinq*uê*nio, dep*oe*nte
4) /wĩ/: arg*ui*ndo, q*ui*nquênio, m*oi*nho

Os principais ditongos decrescentes são:

Orais: 1) /ay/: p*ai*, b*ai*xo, tr*ai*dor
2) /ay/ (*a* fechado e, às vezes, nasalado): f*ai*na, p*ai*na, and*ai*me
3) /aw/: p*au*, cac*au*s, *ao*
4) /éy/: r*éi*s, coron*éi*s
5) /êy/: l*ei*, j*ei*to, fiqu*ei*
6) /éw/: c*éu*, chap*éu*
7) /êw/: l*eu*, comet*eu*
8) /iw/: v*iu*, part*iu*
9) /óy/: her*ói*, anz*ói*s
10) /ôy/: b*oi*, f*oi*ce
11) /ow/: v*ou*, r*ou*bo, est*ou*ro
12) /uy/: f*ui*, az*ui*s

Nasais

1) /ãy/: alem*ãe*s, c*ãi*bra

2) /ãw/: p*ão*, amar*am* (= amárão)

3) /ẽy/: b*em* (= bẽi), ont*em* (= ontẽi)

4) /õy/: p*õe*, sen*õe*s

5) /ũy/: m*ui* (= mũi), m*ui*to (= mũito)

NOTA: Nos ditongos nasais decrescentes /*ẽy*/, /*ãy*/ e /*ãw*/ [cf. SS.3, 320, 18, onde *vãs* rima com *mães*], a semivogal pode não vir representada na escrita. Escrevemos a interjeição *hem!* ou *hein!*, sendo, a rigor, a primeira grafia mais recomendável.

TRITONGO é o encontro de uma vogal entre duas semivogais numa mesma sílaba. Os tritongos podem ser *orais* e *nasais*.

Orais

1) /way/: q*uais*, parag*uaio*

2) /wey/: enxag*uei*, averig*uei*s

3) /wiw/: delinq*uiu*

4) /wow/: apazig*uou*

Nasais

1) /wãw/: míng*uam*, sag*ião*, q*ião*

2) /wẽy/: delinq*uem*, enxág*uem*

3) /wõy/: sag*uõe*s

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Nos tritongos nasais /wãw/ e /wẽy/ a última semivogal pode não vir representada graficamente: mínguam, enxáguem.

2.ª) Entre portugueses, por não haver o maior relevo da primeira vogal – fato que se observa entre brasileiros –, o grupo de vogal seguida de um ditongo pode constituir-se num tritongo: f*iéi*s, p*oei*ra, p*ião*.

HIATO é o encontro de duas vogais em sílabas diferentes por guardarem sua individualidade fonética: s*aí*da, c*aa*tinga, m*oi*nho. Isto se dá porque a passagem da primeira para a segunda se faz mediante um movimento brusco, com interrupção da voz.8

Em português, como em muitas outras línguas, nota-se uma tendência para evitar o hiato, através da ditongação ou da crase.

OBSERVAÇÕES :

1.ª) Desenvolvem-se um /y/ semivogal (símbolo chamado em gramática *iode*) ou /w/ semivogal (símbolo chamado *uau*) nos encontros formados por ditongo decrescente seguido de vogal final ou ditongo átono: praia = prai-ia; cheia = chei-ia; tuxaua = tuxau-ua; goiaba = goi-ia-ba.

2.ª) "Nos hiatos cuja primeira vogal for *u* e cuja segunda vogal for final de vocábulo (seguida ou não de *s* gráfico), o desenvolvimento do *uau* variará de acordo com as necessidades expressionais ou as peculiaridades individuais" 9: nua = nu-a ou nu-ua; recue = re-cu-e ou re-cu-ue; amuo = amu-o ou amu-uo.

3.ª) "Os encontros *ia*, *ie*, *io*, *ua*, *ue*, *uo* finais, átonos, seguidos, ou não, de *s*, classificam-se quer como ditongos, quer como hiatos, uma vez que ambas as emissões existem no domínio da Língua Portuguesa: histó-ri-a e histó-ria; sé-ri-e e sé-rie; pá-ti-o e pá-tio; ár-du-a e ár-dua; tê-nu-e e tê-nue; vá-cu-o e vá-cuo".10

4.ª) Autores há que também consideram hiato quando se trata de uma vogal e uma semivogal, como no caso de *goiaba*, *joia*, etc. Outros consideram dois ditongos: *goi-ia-ba*, *joi-ia*.

Nos encontros vocálicos costumam ocorrer dois fenômenos: a *diérese* e a *sinérese*.

Chama-se DIÉRESE à passagem de semivogal a vogal, transformando, assim, o ditongo num hiato: *trai-ção* = *tra-i-ção*; *vai-da-de* = *va-i-da-de*; *cai* = *ca-i*.

Chama-se SINÉRESE à passagem de duas vogais de um hiato a um ditongo crescente:

su-a-ve = sua-ve; *pi-e-do-so = pie-do-so*; *lu-ar = luar*.

A sinérese é fenômeno bem mais frequente que a diérese. A poesia antiga dava preferência ao hiatismo, enquanto, a partir do século XVI, se nota acentuada predominância do ditonguismo (sinérese). É claro que os poetas modernos continuaram a usar a diérese, mormente como efeito estilístico-fônico para a ênfase, a ideia de grandeza, etc. O conhecido verso de Machado de Assis *auréola* com quatro sílabas acentua o tamanho descomunal ressaltado pela leitura lenta: "Pesa-me esta brilhante *auréola* de nume..."

Classificação das consoantes – De acordo com a *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, classificam-se as consoantes de acordo com quatro critérios:

a) quanto ao modo de articulação;

b) quanto à zona de articulação;

c) quanto ao papel das cordas vocais.

d) quanto ao papel das cavidades bucal e nasal.

a) quanto ao MODO DE ARTICULAÇÃO, as consoantes podem ser *oclusivas* e *constritivas*, e estas se subdividem em *fricativas*, *laterais*, *vibrantes* e *nasais*. O obstáculo que, na cavidade bucal, os órgãos impõem à corrente expiratória pode ser de dois tipos: ou os órgãos da boca estão dispostos de tal modo que impedem *completamente* a saída do ar, ou permitem *parcialmente* que a corrente expiratória chegue à atmosfera. No primeiro caso, dizemos que as consoantes são *oclusivas*; no segundo, *constritivas*. As constritivas são fricativas quando a corrente expiratória, passando por entre os órgãos que formam o obstáculo parcial, produz um atrito à maneira de fricção: /f/, /v/, /s/, /z/, /x/, /j/. São constritivas laterais quando a passagem da corrente expiratória, obstruída pela aproximação do ápice ou dorso da língua aos alvéolos da arcada dentária superior ou ao palato, escapa pelos lados da cavidade bucal: /l/, /lh/. São constritivas vibrantes quando o ápice da língua contra os alvéolos ou a raiz da língua contra o véu do paladar executa movimento vibratório rápido, abrindo e fechando a passagem à corrente expiratória: /r/ (simples) e /rr/ (múltipla). São constritivas nasais quando, pelo abaixamento do véu palatino e um abrimento do nasal, as consoantes ressoam nas fossas nasais. Temos três consoantes nasais: a bilabial /m/, a linguodental /n/ e a palatal /nh/.

b) quanto à ZONA DE ARTICULAÇÃO, as consoantes podem ser:

1) *bilabiais* (lábio contra lábio): /p/, /b/, /m/.

2) *labiodentais* (lábio inferior e arcada dentária superior): /f/, /v/.

3) *linguodentais* (língua contra arcada dentária superior): /t/, /d/, /n/.

4) *alveolares* (língua em direção ou contra os alvéolos): /s/, /z/, /l/, /r/, /rr/.

5) *palatais* (dorso da língua contra o céu da boca): /x/, /j/, /lh/, /nh/.

6) *velares* (raiz da língua contra o véu do paladar): /k/, /g/.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) O /l/ inicial da sílaba é nitidamente alveolar, enquanto o final é proferido relaxado, quase *velar*, mas tendo-se o cuidado de não fazê-lo igual a *u*. Nas ligações com a vogal inicial de outro vocábulo, soa como alveolar.

2.ª) O /rr/ *alveolar* pode ser proferido como *velar*, graças ao maior recuo da língua.

3.ª) As linguodentais /t/ e /d/ seguidas de *i* podem palatalizar-se: *tinta* e *digno* podem soar /txinta/ e /djigno/. Evite-se o exagero destas palatalizações.

c) quanto ao papel das CORDAS VOCAIS, as consoantes podem ser surdas e sonoras.

Surdas: /p/, /f/, /t/, /s/, /x/, /k/.

Sonoras: /b/, /v/, /d/, /z/, /j/, /g/, /m/, /n/, /nh/, /l/, /lh/, /r/, /rr/.

São sonoras as consoantes *vibrantes*, *nasais* e o /l/ lateral.

d) quanto ao papel das CAVIDADES BUCAL e NASAL, as consoantes podem ser *orais* e *nasais*. São nasais /m/, /n/, /nh/.

As outras são orais.

QUADRO DA CLASSIFICAÇÃO DAS CONSOANTES

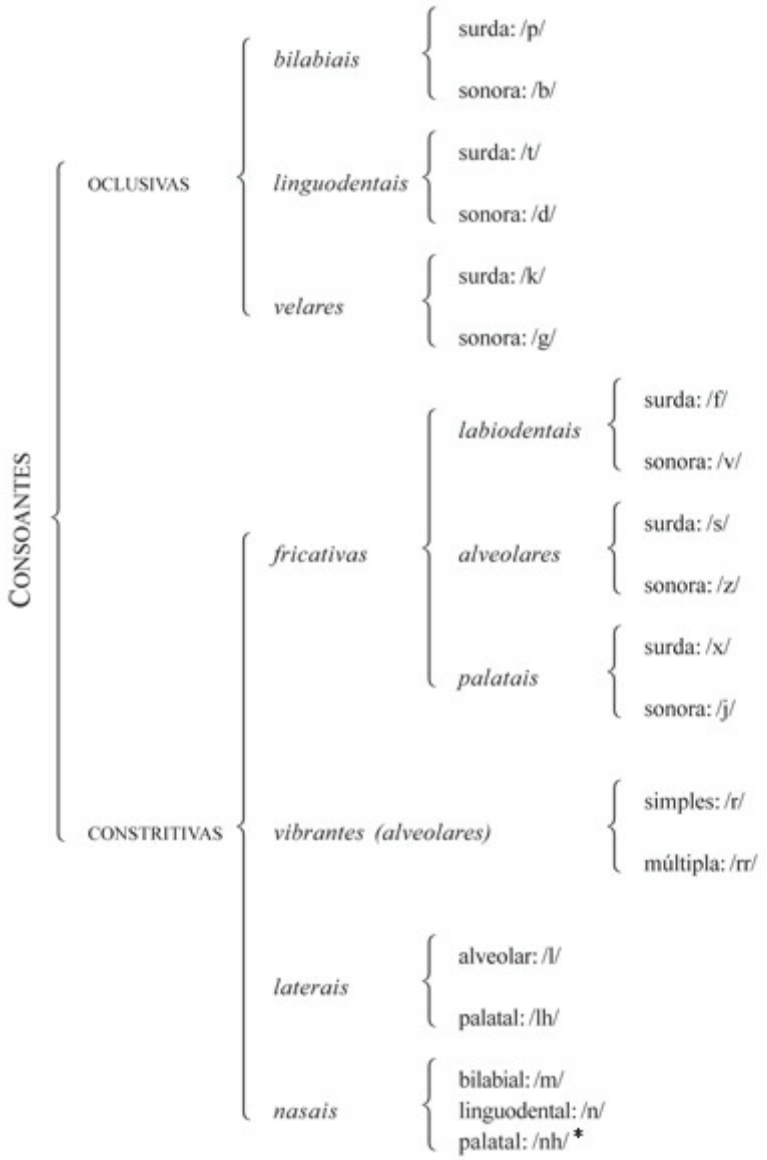

* Para fugir a uma oposição errônea *surda/sonora/nasal*, preferimos, ainda com a aquiescência da NGB, colocar as *nasais* entre as constritivas. Há autores que fazem das *nasais* uma classe à parte, ou as põem entre as oclusivas, critérios também defensáveis.

Encontro consonantal – Assim se chama o seguimento imediato de duas ou mais consoantes de um mesmo vocábulo. Há encontros consonânticos pertencentes a uma sílaba, ou a sílabas diferentes. Os primeiros terminam por *l* ou *r*: li-*vr*o; *bl*u-sa; *pr*o-sa; *cl*a-mor; ri*t-m*o; pa*c-t*o; a*f-t*a, a*d-m*i-tir.

O encontro consonantal /cs/ é representado graficamente pela letra *x*: anexo, fixo.

São mais raros em nossa língua os seguintes encontros consonânticos encontráveis em vocábulos eruditos. Estes encontros são separáveis, salvo os que aparecem no início de vocábulos:

bd: lamb-da	*ft*: af-ta
bs: ab-so-lu-to	*pn*: pneu, pneu-má-ti-co
cç: sec-ção	*ps*: psiu
dm: ad-mi-tir	*pt*: ap-to
gn: dig-no	*tm*: ist-mo
mn: mne-mô-ni-co	*tn*: ét-ni-co

Tais encontros merecem especial cuidado porque, na pronúncia despreocupada, tendem a constituir duas sílabas pela intercalação de uma vogal:

advogado	e não	*adivogado* ou *adevogado*
absoluto	e não	*abissoluto*
admirar	e não	*adimirar*
afta	e não	*áfita*
ritmo	e não	*rítimo*
pneu	e não	*pineu* / *peneu*
indigno	e não	*indíguino*

O desejo de corrigir o engano leva muitas vezes à omissão de vogal de certos vocábulos:

adivinhar	e não	*advinhar*
subentender	e não	*subtender*

Dígrafo – Não se há de confundir *dígrafo* ou *digrama* com encontro consonantal. *Dígrafo* é o emprego de duas letras para a representação gráfica de um só fonema: pa*ss*o (cf. paço), *ch*á (cf. xá), ma*nh*ã, pa*lh*a, *en*viar, m*an*dar.

Há dígrafos para representar consoantes e vogais nasais.11 Os dígrafos para consoantes são os seguintes, todos inseparáveis, com exceção de *rr* e *ss*, *sc*, *sç*, *xc*:

ch:	chá	*xs*:	exsudar 'transpirar'
lh:	malha	*rr*:	carro
nh:	banha	*ss*:	passo
sc:	nascer	*qu*:	quero
sç:	nasça	*gu*:	guerra
xc:	exceto		

Para as vogais nasais:

am ou *an*:	campo, canto
em ou *en*:	tempo, vento
im ou *in*:	limbo, lindo

om ou *on*: ombro, onda
um ou *un*: tumba, tunda

Letra diacrítica – É aquela que se junta a outra para lhe dar valor fonético especial e constituir um dígrafo. Em português as letras diacríticas são *h*, *r*, *s*, *c*, *ç*, *u* para os dígrafos consonantais e *m* e *n* para os dígrafos vocálicos: c*h*á, car*r*o, pas*s*o, q*u*ero, ca*m*po, o*n*da.

OBSERVAÇÃO: Daí se tiram as seguintes conclusões aplicáveis à análise fonética:

1.ª) Não há ditongo em q*u*ero;

2.ª) *M* e *n* não são aqui fonemas consonânticos nasais em caMpo, oNda, mas há autores que os classificam como consoantes, por não aceitarem a existência de vogais nasais (Mattoso Câmara).

3.ª) *Qu* e *gu* se classificam como /k/ e /g/, respectivamente.

2 – FONÉTICA EXPRESSIVA OU FONOESTILÍSTICA

Os fonemas com objetivos simbólicos – Muitas vezes utilizamos os fonemas para melhor evocar certas representações.

É deste emprego que surgem as *aliterações*, as *onomatopeias* e os *vocábulos expressivos*.

Aliteração – É a repetição de fonema, vocálico ou consonântico, igual ou parecido, para descrever ou sugerir acusticamente o que temos em mente e expressar, quer por meio de uma só palavra quer por unidades mais extensas.

O sossego do vento ou o barulho ensurdecedor do mar ganham maior vivacidade através da aliteração dos seguintes versos:

"As asas ao sereno e sossegado vento" (utilização do fonema fricativo alveolar sonoro e surdo).

"Bramindo o negro mar de longe brada" (utilização principal dos fonemas *b*, *r* e *d*).

A aliteração tanto pode servir ao estilo solene e culto, como nos exemplos referidos, como pode estar presente nas manifestações de espontânea expressividade popular, conforme se vê nos provérbios, nas frases feitas, nos modos de dizer populares: *são e salvo*, *cara ou coroa*, *de cabo a rabo*, etc. O que importa acentuar é que a aliteração mais ocorre na exteriorização psíquica e no apelo do *que* na comunicação intelectiva.

Onomatopeia – É o emprego de fonema em vocábulo para descrever acusticamente um objeto pela ação que exprime.

São frequentes as onomatopeias que traduzem as vozes dos animais e os sons das coisas:

O *tique-taque* do relógio, o *marulho* das ondas, o *zunzunar* da abelha, o *arrulhar* dos pombos.

Vocábulo expressivo – É o que não imita um ruído, mas sugere a ideia do ser que se quer designar com a ajuda do valor psicológico de seus fonemas: *romper*, *tagarelar*, *tremeluzir*, *jururu*, *ziriguidum*, *borogodó*.

Encontros de fonemas que produzem efeito desagradável ao ouvido – Muitas vezes, certos encontros de fonemas produzem efeito desagradável que repugna o ouvido e, por isso, cumpre evitar, sempre que possível. Esses defeitos são mais perceptíveis nos textos escritos porque a pessoa que os lê nem sempre faz as pausas e as entonações que o autor utilizou, com as quais diminui ou até anula os encontros de fonema que geram sons desagradáveis.

Entre os efeitos acústicos condenados estão: a *colisão*, o *eco*, o *hiato* e a *cacofonia*.

Colisão – É o encontro de consoantes que produz desagradável efeito acústico:

> "*Se eu tenho de morrer na flor dos anos,*
> *Meu Deus! não seja já*" [CA.1, 73].

Às vezes a omissão de um substantivo aproxima duas preposições de que resulta colisão, fato que os escritores não se esforçam por evitar:

> "Tenho ali na parede o retrato dela, ao lado *do do* marido, tais quais na outra casa" [MA.3, 21]
>
> "A voz da nova mestra era doce, não daquela doçura *da de* sua mãe, um canto de pássaro mais que uma voz humana" [JL.1, 13].

Também quase sempre não se evita a colisão do tipo de *no número*, *na nave*, *na noite*, *na nossa vida*, etc. Pode-se, sem ser obrigatório, fugir à colisão mediante substituição de *no*, *na*, *num*, etc. por *em o*, *em a*, *em um*, etc.: *em o* número, *em a* nave.

Eco – É a repetição, com pequeno intervalo, de palavras que terminam de modo idêntico:

> "Estas palavras subordinam frases em que se exprime condi*ção* necessária à realiza*ção* ou n*ão* realiza*ção* da a*ção* principal."

Hiato – O hiato de vogais tônicas torna-se desagradável principalmente quando formado pela sucessão de palavras:

> *Hoje há aula.*

Cacofonia ou **cacófato** – É o encontro de sílabas de duas ou mais palavras que forma um novo termo de sentido inconveniente ou ridículo em relação ao contexto:

> "Ora veja co*mo ela* está estendendo as mãozinhas inexperientes para a chama das velas..." [CBr.1, 102].
>
> herói *da nação*, no*sso hino*, bo*ca dela*, nun*ca que es*tuda

Deve-se evitar, tanto quanto possível, que uma palavra comece pela mesma sílaba com que a anterior acabe: *torre redonda*, *por razão*, *por respeito*, *pouca cautela*, *nunca casavam*, *ignora-se se se trata disso*.

Cuidado maior há de se ter se a junção lembra palavra pouco delicada: *o* Tiju*ca ga*nhou, o jogador mar*ca gol*, tão comuns na imprensa falada e escrita.

A leitura do texto em voz alta, antes de sua divulgação, surpreenderá muitos casos de cacófatos.

É oportuna a lição de Said Ali:

"Repara-se, hoje, com certo exagero, na cacofonia resultante da junção da sílaba terminal de um vocábulo com a palavra ou parte da palavra imediata. Não se liga, entretanto, maior importância à cacofonia quando esta se acha dentro de um mesmo vocábulo, sendo formada

por algumas das suas sílabas componentes. O mal aqui é irremediável, pois que expressões não se dispensam, nem se substituem. Muitas vezes, parece a cacofonia menos ridícula do que a vontade de percebê-la... O estudante evite, sempre que puder, semelhantes combinações de palavras, assim como quaisquer outras de onde possam nascer uns longes de cacofonia, e não se preocupe com descobri-los nos outros." [SA.1, 306-7]

B) Ortoépia ou Ortoepia

Ortoépia é a parte da gramática que trata da correta pronúncia dos fonemas.

Preocupa-se não apenas com o conhecimento exato dos valores fonéticos dos fonemas que entram na estrutura dos vocábulos, considerados isoladamente ou ligados na enunciação da oração, mas ainda com o ritmo, a entoação e expressão convenientes à boa elocução.

Vogais – Quanto à emissão das vogais, na pronúncia normal brasileira, observemos que:

a) São fechadas as vogais nasais; por isso não distinguimos as formas verbais terminadas em *-amos* e *-emos* do pres. e pret. perf. do indicativo da 1.ª e 2.ª conjugações: Ontem trabalh*amos* e agora trabalh*amos*.

b) Soam muitas vezes como nasais as vogais seguidas de *m*, *n* e principalmente *nh*: c*a*ma, c*a*na, b*a*nha, c*e*na, f*i*na, Ant*ô*nio, *u*nha;

OBSERVAÇÃO: Sem nasalidade proferem-se as vogais desses e de vários outros vocábulos: *emitir*, *emissário*, *eminente*, *energia*, *enaltecer*, *Enaldo*, etc.

c) Soam quase sempre como orais as vogais precedidas de *m*, *n* ou *nh*: m*a*ta, n*a*ta, c*o*mpanhia, m*i*lho. Assim, não tem razão linguística a pronúncia nasalada do *mas* /mãs/. Entretanto, *mui* e *muito* se proferem /mũi/, /mũito/.

d) Soam igualmente o *a* artigo, *a* preposição, *a* pronome e o *à* resultante da crase. Não se alonga o *à*, "salvo, muito excepcionalmente, se houver necessidade imperativa, para a inteligência da frase, caso em que o resultante da crase poderá ser pronunciado com certa tonicidade e ênfase" (*Normas*, 481).

e) São reduzidas as vogais *e* e *o* átonas finais, que soam /*i*/ e /*u*/, respectivamente: frent*e*, carr*o*.

f) São oscilantes /e/, /i/, /*ẽ*/, /ĩ/, /o/, /u/, /õ/, /ũ/, reduzidos pretônicos em numerosos vocábulos, oscilação que corresponde "a uma gradação de frequência de meio cultural, de nível social ou de tensão psíquica do indivíduo falante" (*Normas*, 482): pedir /pedir/ ou /pidir/; estudo /estudu/ ou /istudu/; sentir /sentir/ ou /sintir/; costura /costura/ ou /custura/; compadre /compadre/ ou /cumpadre/. Neste caso estão as preposições *com* e *por* que, salvo nas situações enfáticas, devem ser pronunciadas /kũ/ e /pur/. Fazem exceção muitos vocábulos eruditos e os compostos de *entre*: *embriogenia*, *hendíade*, *hexágono*, *entremeio* [AN.1, 14].

g) Em linguagem cuidada, evita-se a oscilação de que anteriormente se falou, quando tem valor opositivo, isto é, serve para distinguir palavras de significado diferente: eminente /

iminente; emigrar / imigrar; descrição / discrição.

h) u depois de *g* ou *q* ora é vogal ou semivogal (e aí se profere), ora é componente de dígrafo (e aí não se pronuncia).

Entre outras deve ser proferido nas seguintes palavras depois do *g*: *aguentar*, *ambiguidade*, *apaziguar*, *arguição*, *arguir*, *bilíngue*, *consanguíneo*, *contiguidade*, *ensanguentado*, *exiguidade*, *lingueta*, *linguista*, *redarguir*, *sagui* ou *saguim*, *unguento*, *unguiforme*.

Não se deve proferir o *u* depois do *g* em: *distinguir*, *exangue*, *extinguir*, *langue*, *pingue* (= gordo, fértil, rendoso).

É facultativo pronunciá-lo em: *antiguidade*; *sanguíneo*; *sanguinário*; *sanguinoso*.

Profere-se o *u* depois do *q* em: *aquícola*, *consequência*, *delinquência*, *delinquir*, *equestre*, *equevo*, *equidistante*, *equino* (= cavalar), *equitativo*, *equipolente* (também *equipolente*), *frequência*, *iniquidade*, *loquela*, *obliquidade*, *quercina*, *quingentésimo*, *quinquênio*, *quiproquó*, *sequência*, *Tarquínio*, *tranquilo*, *ubiquidade*.

Não se profere o *u* depois do *q* em: *adquirir*, *aniquilar*, *aqueduto*, *equilíbrio*, *equinócio*, *equipar*, *equiparar*, *equitação*, *equívoco*, *extorquir*, *inquérito*, *inquirir*, *sequioso*, *quérulo*, *questão*, *quibebe*.

É facultativo pronunciá-lo em: *antiquíssimo*, *equidade*, *equivalente*, *equivaler*, *liquidação*, *liquidar*, *líquido*, *liquidificador*, *retorquir*.

Diz-se *quatorze* ou *catorze*, sendo a primeira mais generalizada entre brasileiros.

i) Em muitos vocábulos há dúvidas quanto ao timbre das vogais. Recomendamos timbre aberto para o *e* em: *acerbo*, *Aulete*, *anelo*, *badejo*, *benesse*, *blefe*, *caterva*, *cedro*, *cerdo*, *cetro*, *cerne*, *cervo*, *coeso*, *coevo*, *coleta*, *cogumelo*, *confesso*, *corbelhe*, *duelo*, *espectro*, *equevo*, *flagelo*, *ileso* (também *ileso* com *e* fechado), *indefesso*, *besta* ('arma'), *doesto*, *lerdo*, *medievo*, *elmo*, *obsoleto*, *paredro*, *prelo*, *primevo*, *relho*, *septo*, *servo*, *Tejo*, *terso*.

É fechado em: *acervo* (também *acervo* com *e* aberto), *achega*, *adejo*, *adrede*, *alameda*, *amuleto*, *anacoreta*, *arabesco*, *aselha*, *bacelo*, *besta* ('animal de carga'), *bissexto*, *bofete*, *caminhoneta*, *cerebelo*, *cateto*, *cerda*, *destra*, *destro*, *devesa*, *defeso*, *dueto*, *entrevero*, *escaravelho*, *efebo*, *extra*, *fechar* (e suas formas *fecho*, *fechas*, *feche*, etc.), *ginete*, *grumete*, *indefeso*, *interesse* (s.), *ledo*, *lampejo*, *labareda*, *magneto*, *palimpsesto*, *panfleto*, *pez*, *quibebe*, *reses*, *retreta*, *Roquete*, *sobejo*, *veneta*, *vereda*, *vinheta*, *versalete*, *vespa*, *vedeta*, *verbete*, *xerez*, *xepa*. As autoridades recomendam o timbre fechado em *pese* (na expressão *em que pese a*), *centopeia* e *colmeia* (mas a pronúncia com timbre aberto é generalizada entre nós). Diz-se *topete* com *e* aberto ou fechado; *vedete* é mais proferido com *e* aberto no Brasil.

Tem timbre aberto o *o* tônico de: *amorfo*, *canoro*, (de) *envolta*, *dolo*, *forum*, *hissope*, *imoto*, *inodoro*, *manopla*, *meteoro*, *molho* ('feixe'), *noto* ('vento sul'), *opa* ('capa'), *piloro*, *probo*, *sinagoga*, *suor*, *troço* ('coisa'), *trombose*, *tropo*.

Tem timbre fechado o *o* tônico de: *aboio*, *alcova*, *apodo*, *alforje*, *algoz*, *boda*, *bodas*, *cochicholo*, *chope*, *cachopa*, *choldra*, *ciclope* (também aberto), *corça*, *desporto*, *filantropo*, *foro* ('jurisdição'), *loa*, *logro*, *lorpa*, *loto* ('jogo' também aberto), *Mausolo*, *malogro*, *mirolho*, *misantropo*, *molosso*, *odre*, *serôdio*, *teor*, *torpe*, *torso*, *torvo*, *transbordo*, *troço*

('parte'), *trolha*, *volvo*, *zarolho*, *zorro*.

j) Quanto aos ditongos, cumpre notar: *ai*, *ei* e *ou* devem guardar, na pronúncia cultivada, sua integridade, não se exagerando o valor do *i* ou *u*, nem os eliminando, como o faz a modalidade distensa: *caixa*, *queijo*, *ouro*.

Soa como ditongo nasal *ão* a sílaba átona final -*am*: *amam*.

Soam como ditongo nasal *ẽi* as sílabas -*em*, -*ém*, -*en*, -*ens* de muitos vocábulos: *bem*, *vem*; *vintém*, *ninguém*; *vens*, *homens*; *armazéns*, *parabéns*.

Normalmente ditongamos, pelo acréscimo de um *i*, as vogais tônicas finais seguidas de -*z* ou -*s*. Assim não fazemos a diferença entre *pás*, *paz* e *pais*; *más* e *mais*; *rapaz* e *jamais*; *vãs* e *mães*. Os poetas brasileiros nos dão bons exemplos destas ditongações.

Só por imitação dos poetas lusitanos (porque dizem *tãy*), entre os brasileiros, a rima *tem* e *mãe* aparece às vezes, como em Casimiro de Abreu:

> "*O país estrangeiro mais belezas*
> *Do que a pátria, não tem;*
> *E este mundo não val um só dos beijos*
> *Tão doces duma mãe*." [SS.4, 73]

Soam como ditongo, e não como hiato: *gratuito*, *fluido*, *fortuito*, *arraigar*, entre outros.

l) Quanto aos hiatos observemos que se desenvolve um *i* ou *u* semivogais nos encontros formados por ditongo decrescente seguido de vogal final ou ditongo átono: *praia prai-ia*; *tuxaua tuxau-ua*; *goiaba goi-iaba*; *boiem boi-iem* (cf. *Normas*, 486).

O mesmo desenvolvimento das referidas semivogais nos hiatos cuja primeira vogal seja *i* o u *u* tônicos e cuja segunda vogal seja final de vocábulo, "variará de acordo com as necessidades expressionais ou as peculiaridades individuais" (*Normas*, 485-6): via: *vi-a* ou *vi-ia*; lu-a: *lu-a* ou *lu-ua*.

Consoantes – Soam levemente as consoantes *b*, *c*, *d*, *f*, *g*, *s*, *t* quando finais de vocábulos: *sob*, *Moab*, *Isaac*, *Cid*, *Uf*, *Gog*, *fórceps*, *Garrett*, *Laet*.

Nos vocábulos eruditos as terminações átonas -*ar*, -*er*, -*en*, -*ex*, -*on* devem guardar sua integridade em pronúncia: *aljôfar*, *certâmen* (também *certame*) , *esfíncter*, *índex*, *cólon*, *númen* (também *nume*), *regímen* (também *regime*).

O *l* final de sílaba é proferido relaxado, quase velar, mas tendo-se o cuidado de não fazê-lo igual a *u*: *nacional*. Na língua literária dos românticos, mais em poesia, registra-se a troca do *l* por *r* nos grupos *bl*, *cl*, *fl*, *pl*, de algumas palavras: *neblina / nebrina*; *clina / crina*; *flauta / frauta*; *plantar / prantar*, etc.

Na palavra *sublinhar* e derivados o *l* deve ser pronunciado separadamente do *b*. Entre portugueses ouve-se como *sublime*.

O *r* múltiplo alveolar pode ser proferido como velar, graças ao maior recuo da língua, e até com articulação dorso-uvular (portanto mais carregado ainda), embora as *Normas* não a recomendem na pronúncia cuidada: *mar*, *avermelhar*. Nas palavras *abrupto*, *ab-rogar*, *ad-rogar*, *sub-rogar*, e derivados, o *r* deve ser pronunciado múltiplo e separado, isto é, sem fazer grupo com a consoante anterior.

O *m* final pode guardar sua integridade de pronúncia, não nasalizando o *e* anterior, no vocábulo *totem*, admitindo a grafia *tóteme*. Em *bem-amado* e *bem-aventurado*, nasaliza o *e* anterior, e não se liga ao *a* seguinte. Diz-se *infligir*, e não *inflingir*. Em *mancheia*, a sílaba inicial ouve-se /mã/; em *mão-cheia* ouve, naturalmente, /mãũ/. Em outros casos, temos facultativa a nasalização: *Roraima*, *Jaime*, *paina*.

As linguodentais *d* e *t*, seguidas de *i*, podem palatizar-se, evitando-se, entretanto, o exagero (articulação africada linguopalatal): *dia*, *tia*.

O *s* soa aproximadamente como se fora *j*, mas sem exagero, antes de *b*, *d*, *g*, *j*, *l*, *m*, *r* e *v*: *desjejum*, *deslizar*, *esmo*, *asno*, *esbarrar*, *esdrúxulo*, *engasgar*, *asno*, *desregrar*, *desvão*. Como bem acentua Antenor Nascentes [AN.1, 27], em outros pontos do país o *s*, nestes casos, soa aproximadamente como /z/.

Antes de *c*, *f*, *p*, *q*, *t*, *x* e ainda no fim de vocábulo que não se ligue ao seguinte, o *s* tem som próximo de /x/: *descampado*, *esfregar*, *respeito*, *esquivo*, *deste*, *desxadrezar*. Em outros pontos do país, segundo o autor anteriormente citado, o *s* nestas circunstâncias é sibilante, como na palavra *selva*.

Tem o som de /z/ entre vogais nos compostos do prefixo *trans* (*transatlântico*, *transação*, *transitivo*, etc.) e na palavra *obséquio* e derivados. Em *transe* (que se grafa também *trance*), *subsídio*, *subsidiar*, *subsistir*, *subsistência* e outros da mesma família, o *s* pode soar como sibilante (como em *selva*) ou como /z/. Se o elemento a que se prefixa *trans-* começa por *s*, não se duplica esta consoante que será proferida como sibilante: *Transilvânia* e derivados, *transiberiano*. Com o prefixo *ob* seguido a elemento começado por *s*, este soa como sibilante: *obsessão*, *obsidiar*, etc. No final *-simo* (de *vigésimo*, *trigésimo*, etc.) soa como /z/.

Escrevendo-se *aritmética* (com *t*), é mais usual proferir esta consoante. Pode-se ainda grafar *arimética*.

X tem quatro valores: 1) fricativo palatal como em *xarope*; 2) fricativo alveolar sonoro como em *exame*; 3) fricativo alveolar surdo (= ss) como em *auxílio*; 4) vale por /ks/ e /kz/ como em *anexo* e *hexâmetro*.

X soa /z/ nas palavras: *exação*, *exagero*, *exalar*, *exaltar*, *exame*, *exangue*, *exarar*, *exasperar*, *exato*, *exautorar*, *executar*, *êxedra*, *exegese*, *exegeta*, *exemplo*, *exéquias*, *exequível*, *exercer*, *exercício*, *exército*, *exaurir*, *exibir*, *exigir*, *exilar*, *exílio*, *exímio*, *existir*, *êxito*, *êxodo*, *exógeno*, *exonerar*, *exorar*, *exorbitar*, *exorcismo*, *exórdio*, *exornar*, *exótico*, *exuberar*, *exuberante*, *exultar*, *exumar*, *inexorável*.

Soa como /s/ em: *auxílio*, *máxima*, *Maximiliano*, *Maximino*, *máximo*, *próximo*, *sintaxe*, *trouxe*, *trouxera*, *trouxer*.

Soa como /ks/ ou /kz/, conforme o caso, em: *afluxo*, *anexo*, *axila*, *áxis*, *axiômetro*, *complexo*, *convexo*, *crucifixo*, *doxologia*, *fixo*, *flexão*, *fluxo*, *hexâmetro* (também soa como /z/), *hexaedro*, *hexágono* (também soa como /z/), *hexassílabo*, *índex*, *intoxicar*, *léxico*, *maxilar*, *nexo*, *máxime*, *ônix*, *ortodoxo*, *óxido*, *oximoro*, *prolixo*, *oxigênio*, *paradoxo*, *reflexo*, *sexagenário*, *sexagésimo*, *sexo*, *sílex*, *tórax*, *tóxico*.

É proferido indiferentemente como /ks/ ou /s/ em: *apoplexia*, *axioma* e *defluxo*.

Vale por /s/ no final de: *cálix*, *Félix*, *fênix* e na locução adverbial *a flux*.

O *z* em fim de palavra que não se ligue à seguinte, soa levemente chiado: *luz*, *conduz*.

Entre os casos particulares, são de notar:

– o *ch* em *Anchieta* e derivados soa chiado;

– o *cz* de *czar* (que também pode se escrever *tzar*) deve ser proferido como /ts/; o *lh* de *Alhambra* não constitui dígrafo como em *malha*; deve-se proferir o vocábulo como se não houvesse o *h*;

– o *w* do nome *Darwin* e dos derivados (*darwinismo*, *darwinista*, etc.) soa como /u/.

Sc e *xc* soam como /s/ em palavras como *nascer*, *descer*, *crescer*, *excelência*, *exceto*, *excelso*, *excídio*, *excisão*, *excita*.

Os encontros consonânticos devem ser pronunciados com valores fonéticos próprios, sem intercalação de *e* ou *i*: *pseudônimo*, *pneumático*, *mnemônico*, *apto*, *elipse*, *absoluto*, *admissão*, *adjetivo*, *ritmo*, *afta*, *indigno*, *recepção*, *advogado*, *accessível* (ao lado de *acessível*), *secção* (ao lado de *seção*), *samnita*, *sublinhar* (b-li), *subliminar* (b-li).

Ligação dos vocábulos – Cuidado especial merece a boa articulação dos fonemas, mormente finais e iniciais, na sequência dos vocábulos, desde que uma pausa não os separe.

a) *Vogais ou ditongos finais de vocábulo com vogais ou ditongos iniciais de vocábulo*

Quando a palavra termina por vogal tônica e o vocábulo seguinte começa com vogal ou ditongo tônicos, normalmente se respeita o hiato interverbal: *ali há*, *lá houve*, *li ontem*.

Se a vogal final é tônica e o vocábulo seguinte começa por vogal ou ditongo átonos, proferimos normalmente o hiato; mas pode ocorrer, muitas vezes, a ditongação se a vogal átona for *i* ou *e* ou *u* ou *o*:

segui aquela; *já ouvi*, *lá ironizei*, *vê umedecer*.

OBSERVAÇÃO: Evita-se a ditongação quando daí resultar uma sequência de sílabas tônicas: *boné usado*, *lá iremos*.

Se a vogal final é átona e o vocábulo seguinte começa por vogal tônica, normalmente se respeita o hiato: *essa hora*, *terreno árido*.

Neste caso pode ainda ocorrer a fusão (crase) das duas vogais se forem idênticas (essa fusão produz certo alongamento da vogal indicada aqui pelo mácron ¯), ou a ditongação, se a vogal átona final for *i*, *e* ou *u*, *o*:

terra árida: ter / ra / á / rida ou ter / rā / ri / da

esse ano: es / se / a / no ou es / sea / no.

OBSERVAÇÃO: Chama-se *crase* a fusão de dois ou mais sons iguais num só.

Se a vogal final e a inicial do vocábulo seguinte são átonas, pode ocorrer hiato, ditongo, crase ou elisão.

OBSERVAÇÃO: *Elisão* é o desaparecimento de uma vogal final átona em virtude do contato com a vogal inicial do vocábulo seguinte.

1) haverá hiato, fusão ou elisão se a vogal átona final for *a* e a inicial for *a* ou *ã*:

casa amarela
- *hiato*: ca / sa / a / ma / re / la
- *crase*: ca / sã / ma / re / la
- *elisão*: ca / sa / ma / re / la

casa anterior
- *hiato*: ca / sa / an / te / ri / or
- *crase*: ca / sãn / te / ri / or
- *elisão*: ca / san / te / ri / or

2) haverá hiato ou elisão se a vogal átona final for *a* e a vogal inicial *e*, *ẽ*, *o*, *õ*:

roda esportiva
- *hiato*: ro / da / es / por / ti / va
- *elisão*: ro / des / por / ti / va

porta entreaberta
- *hiato*: por / ta / en / trea / ber / ta
- *elisão*: por / ten / trea / ber / ta

3) haverá hiato, ditongo ou elisão se a vogal átona final for *a* e a inicial *i* (*e*), *ĩ* (*ẽ*), *u* (*o*), *ũ* (*õ*):

certa idade
- *ditongo*: cer / tai / da / de
- *hiato*: cer / ta / i / da / de
- *elisão*: cer / ti / da / de

certa indiferença
- *hiato*: cer / ta / in / di / fe / ren / ça
- *ditongo*: cer / tain / di / fe / ren / ça
- *elisão*: cer / tin / di / fe / ren / ça

4) haverá hiato ou ditongo se a vogal átona final for *i* (*e*) e a inicial qualquer uma, exceto *i* (*e*):

júri amigo
- *hiato*: ju / ri / a / mi / go
- *ditongo*: ju / ria / mi / go

livre arbítrio
- *hiato*: li / vre / ar / bí / trio
- *ditongo*: li / vriar / bí / trio

5) haverá hiato, crase ou elisão se a vogal átona final for *i* (*e*) e a inicial *i* (*e*) ou *ĩ* (*ẽ*):

livre imprensa
- *hiato*: li / vre / im / pren / sa
- *crase*: li / vrĩn / pren / sa
- *elisão*: li / vrin / pren / sa

6) haverá hiato, ditongo ou elisão se a vogal átona final for *u* (o u):

Santo Antônio
- *hiato*: san / to / An / tô / nio
- *ditongo*: san / toan / tô / nio
- *elisão*: san / tan / tô / nio

medo horrível
- *hiato*: mê / do / hor / rí / vel
- *ditongo*: me / duor / rí / vel

7) haverá hiato, crase ou elisão se a vogal final for *u* (*o*) e a inicial *u*:

velho humano
- *hiato*: ve / lho / hu / ma / no
- *crase*: ve / lhũ / ma / no
- *elisão*: ve / lhu / ma / no

aviso urgente
- *hiato*: a / vi / so / ur / gen / te
- *crase*: a / vi / sũr / gen / te
- *elisão*: a / vi / sur / gen / te

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Ocorrem os fenômenos acima apontados com os vocábulos iniciados por ditongos decrescentes, por iniciar por vogal. Em vez de ditongo, teremos tritongo:

jeito airoso (cf. 6)
- *hiato*: jei / to / ai / ro / so
- *tritongo*: jei / tuai / ro / so
- *elisão*: jei / tai / ro / so

2.ª) A preposição *para* pode reduzir-se a *pra* (e não p'ra), hoje usada até entre literatos. Esta forma, quando seguida do artigo *o*, *a*, *os*, *as* e com ele combinada, é grafada, respectivamente, *pro*, *pra* (para a), *pros*, *pras*.

3.ª) Pelo se reduz a *plo* (mais comum em Portugal), forma que, combinada com o artigo ou pronome *o*, *a*, *os*, *as*, é grafada *plo*, *pla*, *plos*, *plas*. Entre portugueses ouve-se ainda *pro* e *pros* com *o* aberto.

4.ª) A preposição *com* pode ter a nasalidade enfraquecida e combinar-se com *o*, *a*, *os*, *as*, dando origem às formas *co*, *ca*, *cos*, *cas*, empregadas mais com frequência na linguagem familiar e vulgar, de Portugal. É o que se chama *ectlipse*.

b) *Consoante final de vocábulo com fonema inicial de vocábulo*

A consoante final de uma palavra seguida de vogal inicial (ou semivogal), sem pausa intermediária, deve ser proferida como se fosse intervocálica, isto é, liga-se a uma vogal

obedecendo às normas já estabelecidas:

"*De um sentir*⋃*aventurado*"

"*É talvez*⋃*a voz mimosa*"

"*Gentil*⋃*infante, engraçado*"

"*Que dás*⋃*honra e valor*"

A consoante final *b* (em *sob*, por exemplo) seguida de outra consoante inicial deve ser proferida sem aparecimento de um *i* ou *e* intermédio:

Sob luzes d'esperança

Sob fúria

Se o vocábulo seguinte começa por vogal (ou semivogal), pode o *b* final ligar-se silabicamente a ela ou direta ou com apoio de *i* ou *e* (reduzido), o que é mais comum entre nós.

Sob os céus (so-bos-céus ou so-bios-céus).

Quando a consoante que termina o vocábulo é igual à que inicia o vocábulo seguinte (o que ocorre com *l* ou *r*), ouvem-se os dois fonemas:

Incrível lábia (in-cri-vel-lá-bia)

Temor repentino (te-mor-re-pen-ti-no).

O *s* final soa aproximadamente como se fora /j/, mas sem exagero, em ligação com vocábulo iniciado por *b*, *d*, *g*, *j*, *l*, *m*, *n*, *r*, *v* e *z*, ouvindo-se os dois fonemas:

Os braços, os dedos, as gengivas, dois jeitos, as luzes, os meninos, as nuvens, os ratos, os ventos, os zumbidos.

O *s* final soa aproximadamente como se fora /x/, mas sem exagero, em ligação com vocábulo iniciado por *c*, *f*, *p*, *q*, *s*, *t*, *x* e *ch*, ouvindo-se os dois fonemas:

três cadernos, os felizes, as pessoas, as queixas,
as secas, os tempos, os xaropes, os chás.

As consoantes *x* e *z* finais são tratadas como /s/ final, nas ligações:

faz medo (x = j), *faz calor* (z = x).

O *n* final de vocábulos, como *cânon*, *íon*, *cíclotron*, deve ser proferido sem nasalizar fortemente a vogal anterior, conforme vimos; nas ligações com outro vocábulo, guarda este valor quando é seguido de consoante: *cânon bíblico*.

Seguido de vogal (ou semivogal) liga-se silabicamente a esta, como se fosse inicial de sílaba; *cânon antigo*.

O *m* final de *bem-aventurado*, *bem-amado* e semelhantes nasaliza a vogal anterior, não se ligando à seguinte, como se fosse inicial de sílaba.

Quando o indefinido ou numeral *uma* é seguido de vocábulo começado por *m* não se deve proferir o *m*, soando, portanto, *ũa*, forma com que, às vezes, aparece grafado (evite-se a forma *u'a*):

uma mensagem, uma mão.

Ortografia e Ortoépia – Certos hábitos de grafia tendentes a preservar letras gregas e latinas que não constituem fonemas em português acabaram levando a que tais letras passassem a ser erradamente proferidas. Já vimos o caso do dígrafo *sc* de nascer, piscina, etc. É o que ocorre também com o latim *phlegma* que passou ao português *fleuma*, *fleima*. Por

motivo etimológico, persistem as grafias errôneas *fleugma*, *fleugmático*, onde o *g* não deve ser proferido, mas o é por influência da grafia.

Outras más soluções do sistema gráfico favorecem erros de pronúncia, como ocorre com *sublinhar* (b-li), *abrogar*, *abrupto*, que já se ouvem como se aí houvesse grupo consonantal: *su - bli - nhar*.

C) Prosódia

Prosódia é a parte da fonética que trata da correta acentuação e entonação dos fonemas.

A preocupação maior da prosódia é o conhecimento da sílaba *predominante*, chamada *tônica*.

Sílaba – É um fonema ou grupo de fonemas emitido num só impulso expiratório.

Em português, o elemento essencial da sílaba é a vogal.

Quanto à sua *constituição*, a sílaba pode ser *simples* ou *composta*, e esta última *aberta* (ou *livre*) ou *fechada* (ou *travada*).

Diz-se que a sílaba é *simples* quando é constituída apenas por uma vogal: *e*, *há*, *ah*!

Sílaba composta é a que encerra mais de um fonema: *ar* (vogal + consoante), *lei* (consoante + vogal + semivogal), *vi* (consoante + vogal), *ou* (vogal + semivogal), *mas* (consoante + vogal + consoante).

A sílaba composta é aberta (ou livre) se termina em vogal: *vi*; é fechada (ou travada) em caso contrário, incluindo-se a vogal nasal, porque a nasalidade vale por um travamento de sílaba: *ar*, *lei*, *ou*, *mas*, *um*.

Quanto ao número de sílabas, dividem-se os vocábulos em:

a) monossílabos (se têm uma sílaba): *é*, *há*, *mar*, *de*, *dê*;

b) dissílabos (se têm duas sílabas): *casa*, *amor*, *darás*, *você*;

c) trissílabos (se têm três sílabas): *cadeira*, *átomo*, *rápido*, *cômodo*;

d) polissílabos (se têm mais de três sílabas): *fonética*, *satisfeito*, *camaradagem*, *incovenientemente*.

Quanto à posição, a sílaba pode ser *inicial*, *medial* e *final*, conforme apareça no início, no interior ou no final do vocábulo:

fo	/	*né*	/	*ti*	/	*ca*
inicial		medial		medial		final

Quantidade – É a duração da vogal e da consoante. Distinguem-se as vogais e consoantes breves (se a pronúncia é rápida) das vogais e consoantes longas (se a pronúncia é demorada). Assinalamos a vogal breve com o sinal (˘) que se denomina *braquia* ou *bráquia*, e a vogal longa com o sinal (¯) chamado *mácron*: *ă* (*a* breve), *ā* (*a* longo).

Há língua em que a quantidade desempenha importante papel, para distinguir vocábulos e formas gramaticais, como em latim, em inglês ou alemão. Em latim, *rosă* (com *a breve*) não tem a mesma aplicação gramatical de *rosā* (com *a longo*), distinguindo-se, pela quantidade, o nominativo do ablativo, por exemplo. "Em inglês xĭp e xīp (que se escrevem *ship* e *sheep*) significam, respectivamente, *navio* e *carneiro*" [SA.2, 15]. Em latim, *ŏs* (com *o* breve) significa 'osso'; com *o* longo, *ōs* significa 'boca'.

Em português, a quantidade é pouco sentida e não exerce notável papel na caracterização e distinção dos vocábulos e formas gramaticais. Em geral, são mais rápidas as vogais seguidas de consoante surda (*lato / lado*) ou de *r* vibrante múltipla (*carro / caro*). Só excepcionalmente alongamos vogais e consoantes, como recursos estilísticos para imprimir ênfase, e constitui um dos grandes auxiliares da oratória:

> "Se pudéssemos, nós que temos experiência da vida, abrir os olhos dessas mariposinhas tontas ... Mas é inútil. Encasqueta-se-lhes na cabeça que o *amor*, o *amoor*, o *amooor* é tudo na vida, e adeus" [ML.1, 147].
>
> *BARbaridade*!

Acentuação – é o modo de proferir um som ou grupo de sons com mais relevo do que outros.

Este relevo se denomina *acento*. Diz-se que o acento é de *intensidade* (acento de força, acento dinâmico, acento expiratório ou icto), quando o relevo consiste no maior esforço expiratório. Diz-se que o acento é *musical* (acento de *altura* ou *tom*), quando o relevo consiste na elevação ou maior altura da voz.

O português e as demais línguas românicas, o inglês, o alemão, são línguas de *acento de intensidade*; o latim e o grego, por outro lado, possuem *acento musical*.

O acento de intensidade se manifesta no vocábulo considerado isoladamente (acento vocabular) ou ligado na enunciação da frase (acento frásico).

Acento de intensidade – Numa palavra nem todas as sílabas são proferidas com a mesma intensidade e clareza. Em *sólida*, *barro*, *poderoso*, *material*, há uma sílaba que se sobressai às demais por ser proferida com mais esforço muscular e mais nitidez e, por isso, se chama *tônica*: ***só***lida, ***ba***rro, pode***ro***so, materi***al***. As outras sílabas se dizem *átonas* e podem estar antes (pretônicas) ou depois (postônicas) da tônica:

po	–	*de*	–	*ro*	–	*so*
átona		átona		tônica		átona
pretônica		pretônica				postônica

Dizemos que nas sílabas fortes repousa o *acento tônico* do vocábulo (*acento da palavra* ou *acento vocabular*).

Existem ainda as sílabas semifortes chamadas *subtônicas* que, por questões rítmicas, compensam o seu afastamento da sílaba, tônica, fazendo que se desenvolva um acento de menor intensidade – *acento secundário*. Delas nos ocuparemos mais adiante.

Posição do acento tônico – Em português, quanto à posição do acento tônico, os vocábulos de duas ou mais sílabas podem ser:

a) *oxítonos*: o acento tônico recai na *última* sílaba: materi***al,*** princi***pal***, ca***fé***;

b) *paroxítonos*: o acento recai na *penúltima* sílaba: ***ba***rro, pode***ro***so, ***Pe***dro;

c) *proparoxítonos*: o acento tônico recai na *antepenúltima* sílaba: ***só***lida, feli***cí***ssimo.

OBSERVAÇÕES: Em *estudávamo-lo,* o acento tônico aparece na pré-antepenúltima sílaba, porque os monossílabos átonos formam um todo com o vocábulo a que se ligam foneticamente. É por isso que *fá-lo* é paroxítono e *admiras-te*, proparoxítono.

Em português, geralmente a sílaba tônica coincide com a sílaba tônica da palavra latina de que se origina.

Há vocábulos, como os que vimos até agora, que têm individualidade fonética e, portanto, acento próprio, ao lado de outros sem essa individualidade. Ao serem proferidos acostam-se ou ao vocábulo que vem antes ou ao que os segue. Por isso, são chamados *clíticos* (que se inclinam), e serão *proclíticos* se se inclinam para o vocábulo seguinte (*o* homem, *eu* sei, *vai* ver, *mar* alto, *não* viu) ou enclíticos, se para o vocábulo anterior (vejo-*me*, dou-*a*, fiz-*lhe*).

Os clíticos são geralmente monossilábicos que, por não terem acento próprio, também se dizem *átonos*. Os monossilábicos de individualidade fonética se chamam *tônicos*.

Alguns dissílabos podem ser também clíticos ou átonos: *para* (reduzido a *pra*) ver, *quero* crer, quero *porque* quero.

A tonicidade ou atonicidade de monossílabos e de alguns dissílabos *depende sempre do acento da frase*.

Acento de intensidade e significado da palavra – O acento de intensidade desempenha importante papel linguístico, decisivo para a significação da palavra. Assim, *sábia* é adjetivo sinônimo de *erudita*; *sabia* é forma do pretérito imperfeito do indicativo do verbo *saber*; *sabiá* é substantivo designativo de conhecido pássaro.

Acento principal e acento secundário – Em *rapidamente*, a sílaba *ra* possui um acento de intensidade menos forte que o da sílaba *men*, e se ouve mais distintamente do que as *átonas* existentes nas palavras. Dizemos que a sílaba *men* contém o *acento principal* e *ra* o *acento secundário* da palavra. A sílaba em que recai o acento secundário chama-se, como vimos, *subtônica*.

Geralmente ocorre o acento secundário na sílaba radical dos vocábulos polissilábicos derivados, cujos primitivos possuam acento principal: ***rá***pido – rapidamente. Há de se prestar atenção em certos enganos de pronúncia de vocábulos com acento secundário: por exemplo, respeita-se o hiato de *tardiamente*, e não se acentue fortemente a sílaba inicial: *tárdiamente*.

Acento de insistência e emocional – O português também faz emprego do acento de intensidade para obter, com o chamado acento de insistência, notáveis efeitos. Entra em jogo ainda a quantidade da vogal e da consoante, pois, quando se quer enfatizar uma palavra,

insiste-se mais demoradamente na sílaba tônica. Os escritores costumam indicar na grafia este alongamento enfático repetindo a vogal da sílaba tônica:

> "Os dois garotos, porém, esperneiam com a mudança de mãe:
> – *Mentira*!... *Mentiiiiira*!... *Mentiiiiiiiiira*! – berra cada um para seu lado" [HC.1, 32].
> "encasqueta-se-lhes na cabeça que o *amor*, o *amoor*, o *amooor* é tudo na vida e adeus" [ML.1, 147].

O acento de insistência pode cair noutra sílaba, diferente da tônica:

> ma***ra***vilhosa, ***for***midável, in***te***ligente, ***mi***serável.

Como bem acentua Roudet, a causa essencial do fenômeno do recuo do acento "parece ser a falta de sincronismo entre a emoção e sua expressão através da linguagem. A emoção se adianta à palavra e reforça a voz desde que as condições fonéticas o permitem" [LR.1, 252].

Este acento de insistência não tem apenas caráter emocional; adquire valor intelectual e ocorre ainda para ressaltar uma distinção, principalmente com palavras derivadas por prefixação ou expressões com preposições de sentidos opostos.

> São fatos ***sub***jetivos e não ***ob***jetivos.
> Os problemas de ***im***portação e de ***ex***portação.
> ***com*** dinheiro ou ***sem*** dinheiro.

Diz Bally que a entoação expressiva e a mímica são para quem fala um permanente comentário de suas palavras.

Acento de intensidade na frase – Isoladas, as palavras regulam sua sílaba tônica pela etimologia, isto é, pela sua origem; mas, na sucessão de vocábulos, deixa de prevalecer o acento da palavra para entrar em cena o acento da frase ou *frásico*, pertencente a cada *grupo de força*.

Chama-se *grupo de força* à sucessão de dois ou mais vocábulos que constituem um conjunto fonético subordinado a um acento tônico predominante: *A casa de Pedro / é muito grande*. Notamos aqui, naturalmente, dois grupos de força que se acham indicados por barra. No primeiro, as palavras *a* e *de* se incorporam a *casa* e *Pedro*, ficando o conjunto subordinado a um acento principal na sílaba inicial de *Pedro*, e um acento secundário na sílaba inicial de *casa*. No segundo grupo de força, as palavras *é* e *muito* se incorporam foneticamente a *grande*, ficando o conjunto subordinado a um acento principal na sílaba inicial de *grande* e outro secundário, mais fraco, na sílaba inicial de *muito*.

É quase sempre fácil determinar a sílaba tônica de cada grupo de força; o difícil é precisar, em certos casos, o ponto de divisão entre dois grupos sucessivos [NT.1, 29, n.1].

A distribuição dos grupos de força e a alternância de sílabas proferidas mais rápidas ou mais demoradas, mais fracas ou mais fortes, conforme o que temos em mente expressar, determinam certa cadência do contexto à qual chamamos *ritmo*. *Prosa* e *verso* possuem ritmo. No verso, o ritmo é essencial e específico; na prosa, apresenta-se livre, variando pela iniciativa de quem fala ou escreve12.

Vocábulos tônicos e átonos: os clíticos – Nestes grupos de força certos vocábulos perdem seu acento próprio para unir-se a outro que os segue ou que os precede. Dizemos que tais

vocábulos são *clíticos* (que se inclinam) ou *átonos* (porque se acham destituídos de seu acento vocabular). Aquele vocábulo que, no grupo de força, mantém sua individualidade fonética é chamado *tônico*. Ao conjunto se dá o nome de *vocábulo fonético*: *o rei* /urrey/; *deve estar* /devistar/.

Os clíticos se dizem *proclíticos* se precedem o vocábulo tônico a que se incorporam para constituir o grupo de força:

o∪rei // ele∪disse // bom∪livro // deve∪estar

Dizem enclíticos se vêm depois do vocábulo tônico:

disse-∪me // ei-∪lo // falar-∪lhe

Em português são geralmente átonas e proclíticas as seguintes classes de palavras:

1) artigos (definidos ou indefinidos, combinados ou não com preposição): *o homem // um homem // do livro.*
2) certos numerais: *um livro // três velas // cem homens*.
3) pronomes adjuntos antepostos (demonstrativos, possessivos, indefinidos, interrogativos): *este livro // meu livro // cada dia // que fazer?*
4) pronomes pessoais antepostos: *ele vem // eu disse.*
5) pronomes relativos;
6) verbos auxiliares;
7) certos advérbios: *já vi*, *não posso*, etc.
8) certas preposições: *a*, *de*, *em*, *com*, *por*, *sem*, *sob*, *para*
9) certas conjunções: *e*, *nem*, *ou*, *mas*, *que*, *se*, *como*, etc.

São enclíticas as formas pronominais *me*, *te*, *se*, *nos*, *vos*, *o*, *a*, *os*, *as*, *lhe*, *lhes*, quando pospostas ao vocábulo tônico.

Muitas vezes, uma palavra pode ser átona ou tônica, conforme sua posição no grupo de força a que pertence. Em *o arco desaparece*, o substantivo *arco* é tônico; em *o arco-íris*13, passou a átono proclítico.

Em *grande homem*, *alto mar*, os adjetivos são átonos; em *homem grande*, *mar alto*, já são os substantivos que se atonizam. Em *eu lhe disse*, os dois pronomes pessoais são átonos proclíticos; em *disse-lhe eu*, o pronome *eu* conserva seu acento próprio. Todo este conjunto de fatos são devidos a fenômenos de *fonética sintática*.

Consequência da próclise – Os vocábulos átonos proclíticos, perdendo seu acento próprio para se subordinarem ao do tônico, seguinte, resistem menos à pressa com que são proferidos, e acabam por sofrer reduções no seu volume fonético. Dentre os numerosos exemplos de próclise lembraremos aqui:

a) a passagem de hiato a ditongo, em virtude de uma vogal passar a semivogal (sinérese):

Tuas, normalmente dissilábico, tem de ser proferido com uma sílaba nos seguintes versos de Gonçalves Dias, graças à próclise:

> "E à noite, quando o céu é puro e limpo,
> Teu chão tinges de azul, – *tuas* ondas correm."

Boa (ou *boas*), em próclise, transforma a vogal *o* em semivogal, que chega, na língua popular, a desaparecer:

> "Outros suas terras em *boa* paz regeram
> Armando-as com *boas* leis, e bons preceitos." [AF.1]
> "*bas* noite nhozinho." [L. Cardoso] 14

b) o desaparecimento da vogal da primeira sílaba de um dissílabo; para > pra: Isto é *pra* mim.

c) o desaparecimento da sílaba final de um dissílabo:

1) *santo* > *são* (diante dos nomes começados por consoante): *São* Paulo, *São* Pedro;
2) *cento* > *cem*: *cem* páginas;
3) *grande* > *grã*, *grão*: *grã*-Bretanha, *grão*-vizir;
4) *tanto* > *tão*: *tão* grande;
5) *quanto* > *quão*: *quão* belo

d) outras reduções como *senhor* > *seu*: *seu* João.

Palavras que oferecem dúvidas quanto à posição da sílaba tônica – *Silabada* é o erro de prosódia que consiste na deslocação do acento tônico de uma palavra. Ignorar qual é a sílaba tônica de uma palavra, diz Gonçalves Viana, é ficar na impossibilidade de proferi-la.

Numerosas palavras existem que oferecem dúvidas quanto à posição da sílaba tônica.

São *oxítonas*:

aloés, cateter, Cister, harém, Gibraltar, Gulbenkian, masseter, faz-se mister (= necessário), Nobel, novel, recém, refém, ruim, sutil, ureter.

São *paroxítonas*:

acórdão, âmbar, ambrosia, avaro, aziago, barbaria, cânon, caracteres, cartomancia, ciclope, edito (lei, decreto), Epifania 15, exegese, filantropo, fluido (*ui* ditongo), fortuito (*ui* ditongo), gratuito (*ui* ditongo), ibero, impio (cruel), inaudito, látex, maquinaria, misantropo, necropsia, Normandia, onagro (tb. ônagro), oximoro (tb. oximóron), Pandora, Pólux, pudico, quiromancia, simulacro.

São *proparoxítonas* (incluindo-se os vocábulos terminados por ditongo crescente):

aeródromo, aerólito, álcali, álcool, alcoólatra, *alibi* (lat.), alvíssaras, âmago, amálgama, ambrósia, anátema, andrógino, antídoto, arquétipo, autóctone, barbárie, boêmia, brâmane, cáfila, condômino, crisântemo, década, díptero, écloga, édito (ordem judicial), Éfeso, êmbolo, epíteto, épsilon, escâncaras (às), êxodo, fac-símile, fíbula, idólatra, ímpio (sem fé), ímprobo, ínclito, iníquo, ínterim, máxime ou *maxime* (lat.), ômega, Pégaso, Péricles, Ésquilo, périplo, plêiade (-a), protótipo, Tâmisa, trânsfuga, vândalo.

Palavras que admitem dupla prosódia

acróbata ou acrobata; alópata ou alopata; ambrósia ou ambrosia; crisântemo ou crisantemo; hieróglifo ou hieroglifo; nefelíbata ou nefelibata; Oceânia ou Oceania; ortoépia ou ortoepia; projétil ou projetil; réptil ou reptil; reseda (ê) ou resedá; sóror ou soror; homília ou homilia; geodésia ou geodesia; zângão ou zangão.

D) Ortografia

I – Alfabeto

1) O alfabeto português consta fundamentalmente de vinte e seis letras: *a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v, w, x, y, z*.

II – K, W, Y

2) Empregam-se em abreviaturas e símbolos, bem como em palavras estrangeiras de uso internacional: *K* = potássio; *Kr* = criptônio; *kg* = quilograma; *km* = quilômetro; *kw* = quilowatt; *kwh* = quilowatt-hora; *W* = oeste ou wolfrâmio (tungstênio); *w* = watt; *ws* = watt-segundo; *Y* = ítrio; *yd* = jarda (*yard*, inglês), etc.

3) Os derivados portugueses de nomes próprios estrangeiros devem escrever-se de acordo com as formas primitivas: *frankliniano*, *kantismo*, *darwinismo*, *wagneriano*, *zwinglianista*, *byroniano*, *taylorista*, etc.

4) O *k* é substituído por *qu* antes de *e* e *i* e por *c* antes de outra qualquer letra: *breque*, *caqui*, *faquir*, *níquel*, *caulim*, etc.

5) O *w* substitui-se, em palavras portuguesas ou aportuguesadas, por *u* ou *v*, conforme o seu valor fonético: *sanduíche*, *talvegue*, *visigodo*, etc.

6) O *k* é uma consoante, tal como o *c* antes de *a*, *o*, *u* e o dígrafo *qu* de *quero*. O *w* é uma vogal ou semivogal pronunciado como /u/ em palavras de origem inglesa: *watt-hora*, *whisky*, *waffle*, *Wallace*, *show*. E é consoante como o nosso /v/ em palavras de origem alemã: *Walter*, *Wagner*, *wagneriano*. No nome do célebre naturalista inglês *Darwin* soa como /v/, pronúncia mais geral, ou como /u/. O *y* é um som vocálico pronunciado como /i/ com função de vogal ou semivogal: *yacht* (= certo tipo de embarcação), *yard* (= jarda), *yaki-mono* (= cerâmica japonesa), *yen* (= unidade monetária, e moeda, do Japão), *yenita* (= certo mineral).

III – H

7) Esta letra não é propriamente consoante, mas um símbolo que, em razão da etimologia e da tradição escrita do nosso idioma, se conserva no princípio de várias palavras no fim de algumas interjeições: *haver*, *hélice*, *hidrogênio*, *hóstia*, *humildade*; *hã!*, *hem?*, *puh!*, *ah!*, *ih!*, *oh!*, etc.

OBSERVAÇÃO: Não se escreve com *h* final a interjeição de chamamento ou apelo *ó*: *Ó José, vem aqui!*; *Ó Laura, pare com isso!*

8) No interior do vocábulo, só se emprega em dois casos: quando faz parte do *ch*, do *lh* e do *nh*, que representam fonemas palatais, e nos compostos em que o segundo elemento, com *h* inicial etimológico, se une ao primeiro por meio do hífen: *chave*, *malho*, *rebanho*, *anti-higiênico*, *contra-haste*, *pré-histórico*, *sobre-humano*, etc.

OBSERVAÇÕES: a) Nos compostos sem hífen, elimina-se o *h* do segundo elemento: *anarmônico*, *coabitar*, *coonestar*, *desarmonia*, *exausto*, *inabilitar*, *lobisomem*, *reaver*, etc. b) Nos casos em que não houver perda do som da vogal final do 1.º elemento, e o elemento seguinte começar com *h*, serão usadas as duas formas gráficas: *bi-hebdomadário* e *biebdomadário*; *carbo-hidrato* e *carboidrato*; *zoo-hematina* e *zooematina*; *geo-história* e *geoistória*. Já quando houver perda do som da vogal final do 1.º elemento, consideraremos que a grafia consagrada deve ser mantida: *cloridrato, cloridria, clorídrico, quinidrona, sulfidrila, xilarmônica, xilarmônico*. Devem ficar como estão as palavras que já são de uso consagrado, como *reidratar, reumanizar, reabituar, reabitar, reabilitar* e *reaver*.

9) No futuro do indicativo e no condicional, não se usa o *h* no último elemento, quando há pronome intercalado: *amá-lo-ei*, *dir-se-ia*, etc.

10) Quando a etimologia o não justifica, não se emprega: *arpejo* (substantivo), *ombro*,

ontem, etc. E mesmo que o justifique, não se escreve no fim de substantivos nem no começo de alguns vocábulos que o uso consagrou sem este símbolo, *andorinha*, *erva*, *felá*, *inverno*, etc.

11) Não se escreve *h* depois de *c* (salvo o disposto no n.º 8) nem depois de *p*, *r* e *t*: o *ph* é substituído por *f*, o *ch* (gutural) por *qu* antes de *e* ou *i* e por *c* antes de outra qualquer letra: *corografia*, *cristão*; *querubim*, *química*; *farmácia*, *fósforo*; *retórica*, *ruibarbo*; *teatro*, *turíbulo*, etc.

IV – Consoantes mudas

12) Não se escrevem as consoantes que se não proferem: *asma*, *assinatura*, *ciência*, *diretor*, *ginásio*, *inibir*, *inovação*, *ofício*, e não *asthma*, *assignatura*, *sciencia*, *director*, *gymnasio*, *inhibir*, *innovação*, *officio*. E conservam-se as consoantes nos casos em que são invariavelmente proferidas nas pronúncias cultas da língua: compacto, convicção, ficção; adepto, apto, etc.

OBSERVAÇÃO: Escreve-se, porém, o *s* em palavras como *descer*, *florescer*, *nascer*, etc., e o *x* em vocábulos como *exceto*, *excerto*, etc., apesar de nem sempre se pronunciarem essas consoantes.

13) Em sendo mudo o *p* no grupo *mpc* ou *mpt*, escreve-se *nc* ou *nt*: *assuncionista*, *assunto*, *presunção*, *prontificar*, etc.

14) Em vocábulos cujas consoantes facultativamente se pronunciam, escreve-se preferencialmente o de uso mais generalizado. Assim, serão consignados, além de outros, estes: *aspecto* e *aspeto*, *característico* e *caraterístico*, *circunspecto* e *circunspeto*, *contacto* e *contato*, *corrupção* e *corrução*, *corruptela* e *corrutela*, *dactilografia* e *datilografia*, *expectativa* e *expetativa*, *optimismo* e *otimismo*, *respectivo* e *respetivo*, *secção* e *seção*, *sinóptico* e *sinótico*, *sumptuoso* e *suntuoso*, *tacto* e *tato*. Escreve-se *Egito*, mas *egípcio*, por ser neste último pronuciado o *p*.

V – SC

15) Elimina-se o *s* do grupo inicial *sc*: *cena*, *cenografia*, *ciência*, etc.

16) Os compostos dessa classe de vocábulos, quando são formados em nossa língua, são escritos sem o *s* antes do *c*: *anticientífico*, *contracenar*, *encenação*, etc.; mas, quando vieram já formados para o vernáculo, conservam o *s*: *consciência*, *cônscio*, *imprescindível*, *prescindir*, *rescindir*, *rescisão*, etc.

VI – Letras dobradas

17) Escrevem-se *rr* e *ss* quando, entre vogais, representam os sons simples do *r* e *s* iniciais; e *cc* ou *cç* quando o primeiro soa distintamente do segundo: *carro*, *farra*, *massa*, *passo*; *convicção*, *occipital*, etc.

18) Duplicam-se o *r* e o *s* todas as vezes que a um elemento de composição terminado em vogal se segue, sem interposição do hífen, palavra começada por uma daquelas letras: *arritmia*, *corréu, prerrogativa*, *pressentir*, *ressentimento*, *sacrossanto*, etc.

VII – Vogais nasais

19) As vogais nasais são representadas no fim dos vocábulos por *ã* (*ãs*), *im* (*ins*), *om* (*ons*), *um* (*uns*): *afã*, *cãs*, *flautim*, *folhetins*, *semitom*, *tons*, *tutum*, *zum-zuns*, etc.

20) O *ã* pode figurar na sílaba tônica, pretônica ou átona: *ãatá*, *cristãmente*, *irmãmente*, *maçã*, *manhãzinha*, *órfã*, *romãzeira*, etc.

21) Quando aquelas vogais são iniciais ou mediais, a nasalidade é expressa por *m* antes do *b* e *p*, e por *n* antes de outra qualquer consoante: *ambos*, *campo*; *contudo*, *enfim*, *enquanto*, *homenzinho*, *nuvenzinha*, *vintenzinho*, etc.

VIII – Ditongos

22) Os ditongos orais escrevem-se com a subjuntiva *i* ou *u*: *aipo*, *cai*, *cauto*, *degraus*, *dei*, *fazeis*, *ideia*, *mausoléu*, *neurose*, *retorquiu*, *rói*, *sois*, *sou*, *souto*, *uivo*, *usufrui*, etc.

OBSERVAÇÃO: Escrevem-se com *i*, e não com *e*, a forma verbal *fui*, a 2.ª e 3.ª pess. do sing. do pres. do ind. e a 2.ª do sing. do imper. dos verbos terminados em *uir*: *aflui*, *fruis*, *retribuis*, etc.

23) O ditongo *ou* alterna, em numerosos vocábulos, com *oi*: *balouçar* e *baloiçar*, *calouro* e *caloiro*, *dourar* e *doirar*, etc. Escreve-se, preferencialmente, o de uso mais generalizado.

24) Escrevem-se assim os ditongos nasais: *ãe*, *ãi*, *ão*, *am*, *em*, *en*(*s*), *õe*, *ui* (proferido *ũi*): *mãe*, *pães*, *cãibra*, *acórdão*, *irmão*, *leãozinho*, *amam*, *bem*, *bens*, *devem*, *põe*, *repões*, *muito*, etc.

OBSERVAÇÕES:

a) Dispensa-se o til do ditongo nasal *ui* em *mui* e *muito*.

b) Com o ditongo nasal *ão* se escrevem os monossílabos, tônicos ou não, e os polissílabos oxítonos: *cão*, *dão*, *não*, *quão*; *então*, *irmão*, *viverão*, etc.

c) Também se escrevem com o ditongo *ão* os substantivos e adjetivos paroxítonos, acentuando-se, porém, a sílaba tônica: *órfão*, *órgão*, *sótão*, etc.

d) Nas formas verbais anoxítonas se escreve *am*: *amaram*, *deveram*, *partiram*, etc.

e) Com o ditongo nasal *ãe* se escrevem os vocábulos oxítonos e os seus derivados; e os anoxítonos primitivos grafam-se com o ditongo *ãi*: *capitães*, *mães*, *pãezinhos*; *cãibo*, *zãibo*, etc.

f) O ditongo nasal *e)i*(*s*) escreve-se *em* ou *en*(*s*) assim nos monossílabos como nos polissílabos de qualquer categoria gramatical: *bem*, *convém*, *convéns*, *virgem*, *virgens*, etc.

25) Os encontros vocálicos átonos e finais que podem ser pronunciados como ditongos crescentes escrevem-se da seguinte forma: *ea* (áurea), *eo* (cetáceo), *ia* (colônia), *ie* (espécie), *io* (exímio), *oa* (nódoa), *ua* (contínua), *ue* (tênue), *uo* (tríduo), etc.

IX – Hiatos

26) A 1.ª, 2.ª, 3.ª pess. do sing. do pres. do subj. e a 3.ª pess. do sing. do imper. dos verbos em *oar* escrevem-se com *oe* e não *oi*: *abençoe*, *amaldiçoes*, *perdoe*, etc.

27) As três pessoas do sing. do pres. do subj. e a 3.ª do sing. do imper. dos verbos em *uar* escrevem-se com *eu*, e não *ui*: *cultue*, *habitues*, etc.

X – Parônimos e vocábulos de grafia dupla

28) Deve-se fazer a mais rigorosa distinção entre os vocábulos parônimos e os de grafia dupla que se escrevem com *e* ou com *i*, com *o* ou com *u*, com *c* ou *q*, com *ch* ou *x*, com *g* ou *j*, com *s*, *ss* ou *c*, *ç*, com *s* ou *x*, com *s* ou *z*, e com os diversos valores do *x*:

1.°) com *i* ou com *e*: *acriano*, *camoniano*, *torriense* (em vez das antigas *acreano*, *camoneano*, *torreense*); *coreano*, *daomeano*, *guineense*.

2.°) com *o* ou com *u*: *frágua*, *lugar*, *mágoa*, *manuelino*, *polir*, *tribo*, *urdir*, *veio* (verbo ou substantivo), etc.

3.°) com *c* ou *q*: *quatorze* (seguido de *catorze*), *cinquenta*, *quociente* (seguido do *cociente*), etc.

4.°) com *ch* ou *x*: *anexim*, *bucha*, *charque*, *chimarrão*, *faxina*, *flecha*, *tachar* (= notar; censurar), *taxar* (= determinar a taxa; regular), etc.

5.°) com *g* ou *j*: *estrangeiro*, *jenipapo*, *genitivo*, *gíria*, *jeira*, *jeito*, *jiboia*, *jirau*, *laranjeira*, *lojista*, *majestade*, *viagem* (s.f.), *viajem* (do verbo *viajar*), etc.

6.°) com *s*, *ss* ou *c*, *ç*: *ânsia*, *anticéptico*, *boça* (= cabo de navio), *bossa* (= protuberância; aptidão), *bolçar* (= vomitar), *bolsar* (= fazer bolsos), *caçula*, *censual* (= relativo a censo), *sensual* (= lascivo), etc.

OBSERVAÇÃO: Não se emprega *ç* em início de palavras.

7.°) com *s* ou *x*: *espectador* (= testemunha), *expectador* (= pessoa tem esperança), *experto* (= perito; experimentado), *esperto* (= ativo; acordado), *esplêndido*, *esplendor*, *extremoso*, *flux* (= na locução *a flux*), *justafluvial*, *justapor*, *misto*, etc.

8.°) com *s* ou *z*: *alazão*, *alcaçuz* (= planta), *alisar* (= tornar liso), *alizar* (s.m.), *anestesiar*, *autorizar*, *bazar*, *coliseu*, *comezinho*, *cortês*, *dissensão*, *empresa*, *esfuziar*, *esvaziamento*, *frenesi* (seguido de *frenesim*), *guizo* (s.m.), *irisar* (= dar as cores do íris a), *irizar* (= atacar [o iriz] o cafezeiro), *narcisar-se*, *obséquio*, *prioresa*, *rizotônico*, *sacerdotisa*, *tapiz*, *trânsito*, *xadrez*, etc.

OBSERVAÇÕES:

a) É sonoro o *s* de *obséquio* e seus derivados, bem como o do prefixo *trans*, em se lhe seguindo vogal; quando, porém, a esse prefixo se segue palavra iniciada por *s*, só se escreve um, que se profere como se fora dobrado: *obsequiar* (ze), *transoceânico* (zo), *transecular* (se), *transubstanciação* (su); etc.

b) No final de sílaba átona, seja no interior, seja no fim do vocábulo, emprega-se o *s* em lugar do *z*: *asteca*, *endes*, *mesquita*, etc.

29) O *x* continua a escrever-se com os seus cinco valores, bem como nos casos em que pode ser mudo, como em *exceto*, *excerto*, etc. Tem, pois, o som de:

1.°) *ch*, no princípio e o no interior de muitas palavras: *xerife*, *xícara*, *ameixa*; *enxoval*, etc.

2.°) *cs*, no meio e no fim de várias palavras: *anexo*, *látex*, *tórax*, etc.

3.°) *z*, quando ocorre no prefixo *exo*, ou *ex* seguido de vogal: *exame*, *êxito*, *êxodo*, *exosmose*, *exotérmico*, etc.

4.°) *ss*: *aproximar*, *auxiliar*, *máximo*, *proximidade*, *sintaxe*, etc.

5.°) *s* final de sílaba: *contexto*, *fênix*, *pretextar*, *sexto*, *textual*, etc.

30) No final de sílabas iniciais e interiores se deve empregar o *s* em vez do *x*, quando não o precede a vogal *e*: *justafluvial*, *justaposição*, *misto*, *sistino*, etc.

31) Adotaremos a grafia que seja mais conforme à etimologia do vocábulo e à sua história, mas que esteja em harmonia com a prosódia geral dos brasileiros, nem sempre idêntica à lusitana. P.ex.: *judô* (no Br.) e *judo* (em Port.); *metrô* (no Br.) e *metro* (em Port.); *pônei* (no Br.) e *pónei* (em Port.).

XI – Nomes próprios

32) Os nomes próprios personativos, locativos e de qualquer natureza, sendo portugueses ou aportuguesados, estão sujeitos às mesmas regras estabelecidas para os nomes comuns.

33) Para salvaguardar direitos individuais, quem o quiser manterá em sua assinatura a forma consuetudinária. Poderá também ser mantida a grafia original de quaisquer firmas, sociedades, títulos e marcas que se achem inscritos em registro público.

OBSERVAÇÃO: Não sendo o próprio que assine o nome com a grafia e a acentuação do modo como foi registrado, a indicação do seu nome obedecerá às regras estabelecidas pelo sistema ortográfico vigente: *Fundação Casa de Rui Barbosa* (o notável jurista baiano assinava *Ruy*).

34) Os topônimos de origem estrangeira devem ser usados com as formas vernáculas de uso vulgar; e quando não têm formas vernáculas, transcrevem-se consoante as normas estatuídas pela Conferência de Geografia de 1926 que não contrariarem os princípios estabelecidos aqui.

35) Os topônimos de tradição histórica secular não sofrem alteração alguma na sua grafia, quando já esteja consagrada pelo consenso diuturno dos brasileiros. Sirva de exemplo o topônimo *Bahia*, que conservará esta forma quando se aplicar em referência ao Estado e à cidade que têm esse nome.

OBSERVAÇÃO: Os compostos e derivados desses topônimos obedecerão às normas gerais do vocabulário comum.

XII – Acentuação gráfica

Ver *Regras de acentuação*.

XIII – Apóstrofo

36) Limita-se o emprego do apóstrofo aos seguintes casos:

1.°) Indicar a supressão de uma letra ou letras no verso, por exigência da metrificação: *c'roa*, *esp'rança*, *of'recer*, *'star*, etc.

2.°) Reproduzir certas pronúncias populares: *'tá*, *'teve*, etc.

3.°) Indicar a supressão da vogal, já consagrada pelo uso, em certas palavras compostas ligadas pela preposição *de*: *copo-d'água* (= planta, lanche), *galinha-d'água*, *mãe-d'água*, *pau-d'água* (= árvore, ébrio), etc.

OBSERVAÇÃO: Restringindo-se o emprego do apóstrofo a esses casos, cumpre não se use dele em nenhuma outra hipótese. Assim, não será empregado:

a) nas contrações das preposições *de* e *em* com artigos, adjetivos ou pronomes demonstrativos, indefinidos, pessoais e com alguns advérbios: *dum*, *duma* (a par de *de um*, *de uma*), *num*, *numa* (a par de *em um*, *em uma*); *dalgum*, *dalguma* (a par de *de algum*, *de alguma*); *doutro*, *noutro* (a par de *de outro*, *em outro*); *dele*, *dela*, *nele*, *nela*; *deste*, *desta*, *neste*, *nesta*, *daquele*, *daquela*, *naquele*, *naquela*; *disto*, *nisto*, *daquilo*, *naquilo*; *daqui*, *daí*, *dacolá*, *donde*, *dantes*, *dentre*; etc.

b) nas combinações dos pronomes pessoais; *mo*, *ma*, *mos*, *mas*, *to*, *ta*, *tos*, *tas*, *lho*, *lha*, *lhos*, *lhas*, *no-lo*, *no-los*, *no-la*, *no-las*, *vo-lo*, *vo-la*, *vo-los*, *vo-las*.

c) nas expressões vocabulares que se tornaram unidades fonéticas e semânticas: *dessarte*, *destarte*, *homessa*, *tarrenego*, *tesconjuro*, *vivalma*, etc.

d) nas expressões de uso constante e geral na linguagem vulgar: *co*, *coa*, *ca*, *cos*, *cas*, *coas* (= com o, com a, com os, com as), *plo*, *pla*, *plos*, *plas* (= pelo, pela, pelos, pelas), *pra* (= para), *pro*, *pra*, *pros*, *pras* (= para o, para a, para os, para as), etc.

XIV – Hífen

37) Nos compostos

1.º) Emprega-se o hífen nos compostos sem elemento de ligação quando o 1.º termo, por extenso ou reduzido, está representado por forma substantiva, adjetiva, numeral ou verbal: *ano-luz*, *arco-íris*, *decreto-lei*, *és-sueste*, *joão-ninguém*, *médico-cirurgião*, *mesa-redonda*, *rainha-cláudia*, *tenente-coronel*, *tio-avô*, *zé-povinho*, *afro-asiático*, *afro-luso-brasileiro*, *azul-escuro*, *amor-perfeito*, *boa-fé*, *forma-piloto*, *uarda-noturno*, *luso-brasileiro*, *má-fé*, *mato-grossense*, *norte-americano*, *seu-vizinho* (dedo anelar), *social-democracia*, *sul-africano*, *verbo-nominal*, *primeiro-ministro*, *segunda-feira*, *conta-gotas*, *finca-pé*, *guarda-chuva*, *vaga-lume*, *porta-aviões*, *porta-retrato*.

OBSERVAÇÕES:

a) As formas empregadas adjetivamente do tipo *afro-, anglo-, euro-, franco-, indo-, luso-, sino-* e assemelhadas continuarão a ser grafadas **sem hífen** em empregos em que só há uma etnia: *afrodescendente, anglofalante, anglomania, eurocêntrico, eurodeputado, lusofonia, sinologia*, etc. Porém escreve-se com hífen quando houver mais de uma etnia: *afro-brasileiro, anglo-saxão, euro-asiático,* etc.

b) Com o passar do tempo, alguns compostos perderam a noção de composição, e passaram a se escrever aglutinadamente, como é o caso de: *girassol, madressilva, pontapé,* etc. Já se escrevem aglutinados: *paraquedas, paraquedistas* (e afins, *paraquedismo*, *paraquedístico*) e *mandachuva*.

Os outros compostos com a forma verbal *para-* seguirão sendo separados por hífen conforme a tradição lexicográfica: *para-brisa(s), para-choque, para-lama(s)*, etc.

Os outros compostos com a forma verbal *manda-* seguirão sendo separados por hífen conforme a tradição lexicográfica: *manda-lua*, *manda-tudo*.

A tradição ortográfica também usa o hífen em outras combinações vocabulares: *abaixo-assinado*, *assim-assim*, *ante-à-ré*, *ave-maria*, *salve-rainha*.

Os compostos formados com elementos repetidos, com ou sem alternância vocálica ou consonântica, por serem compostos representados por formas substantivas sem elemento de ligação, ficarão: *blá-blá-blá*, *lenga-lenga*, *reco-reco*, *tico-tico, zum-zum-zum*, *pingue-pongue*, *tique-taque, trouxe-mouxe, xique-xique* (= chocalho; cf. *xiquexique* = planta), *zás-trás, zigue-zague*, etc. Os derivados, entretanto, não serão hifenados: *lengalengar, ronronar, zunzunar*, etc. Não se separam por hífen as palavras com sílaba reduplicativa oriundas da linguagem infantil: *babá, titio, vovó, xixi,* etc.

Serão escritos **com hífen** os compostos entre cujos elementos há o emprego do apóstrofo: *cobra-d'água*, *mãe-d'água, mestre-d'armas, olho-d'água,* etc.

2.º) Emprega-se o hífen nos compostos sem elemento de ligação quando o 1.º elemento está representado pelas formas *além, aquém, recém, bem* e *sem*: *além-Atlântico, além-mar, aquém-Pireneus, recém-casado, recém-nascido, bem-estar, bem-humorado, bem-dito, bem-dizer, bem-vestido, bem-vindo, sem-cerimônia, sem-vergonha*, *sem-terra.*

OBSERVAÇÃO: Em muitos compostos o advérbio *bem* aparece aglutinado ao segundo elemento, quer este tenha ou não vida à parte quando o significado dos termos é alterado: *bendito* (=abençoado), *benfazejo*, *benfeito* [subst.] (=benefício); cf. *bem-feito* [adj.] = feito com capricho, harmonioso, e *bem-feito*! [interj.], *benfeitor, benquerença* e afins: *benfazer*, *benfeitoria, benquerer, benquisto, benquistar*.

3.º) Emprega-se o hífen nos compostos sem elemento de ligação quando o 1.º elemento está representado pela forma *mal* e o 2.º elemento começa por *vogal*, *h* ou *l*: *mal-afortunado, mal-entendido, mal-estar, mal-humorado, mal-informado, mal-limpo*. Porém: *malcriado, malgrado, malvisto*, etc.

OBSERVAÇÃO: *Mal* com o significado de 'doença' grafa-se com hífen: *mal-caduco* (= epilepsia), *mal-francês* (= sífilis), desde que não haja elemento de ligação. Se houver, não se usará hífen: *mal de Alzheimer*.

4.º) Emprega-se o hífen nos nomes geográficos compostos pelas formas *grã*, *grão*, ou por forma verbal ou, ainda, naqueles ligados por artigo: *Grã-Bretanha, Abre-Campo*, *Passa-Quatro*, *Quebra-Costas*, *Traga-Mouro*, *Baía de Todos-os-Santos*, *Entre-os-Rios*, *Montemor-o-Novo*, *Trás-os-Montes*.

OBSERVAÇÕES:

a) Os outros nomes geográficos compostos escrevem-se com os elementos separados, sem o hífen: *América do Sul, Belo Horizonte, Cabo Verde, Castelo Branco, Freixo de Espada à Cinta* , etc. Os topônimos *Guiné-Bissau* e *Timor-Leste* são, contudo, exceções consagradas.

b) Serão hifenizados os adjetivos gentílicos (ou seja, adjetivos que se referem ao lugar onde se nasce) derivados de nomes geográficos compostos que contenham ou não elementos de ligação: *belo-horizontino, mato-grossense-do-sul*, *juiz-forano, cruzeirense-do-sul, alto-rio-docense*.

c) Escreve-se com hífen *indo-chinês*, quando se referir à Índia e à China, ou aos indianos e chineses, diferentemente de *indochinês* (sem hífen), que se refere à Indochina.

5.º) Emprega-se o hífen nos compostos que designam espécies botânicas (planta e fruto) e zoológicas, estejam ou não ligadas por preposição ou qualquer outro elemento: *abóbora-menina*, *andorinha-do-mar*, *andorinha-grande*, *bem-me-quer* (mas *malmequer*), *bem-te-vi*, *bênção-de-deus*, *cobra-capelo*, *couve-flor*, *dente-de-cão*, *erva-doce*, *erva-do-chá*, *ervilha-de-cheiro*, *feijão-verde*, *formiga-branca*, *joão-de-barro*, *lesma-de-conchinha.*

OBSERVAÇÃO: Os compostos que designam espécies botânicas e zoológicas grafados com hífen pela norma acima não serão hifenizados quando tiverem aplicação diferente dessas espécies. Por exemplo: *bola-de-neve* (com hífen) com o significado de 'arbusto europeu', e *bola de neve* (sem hífen) significando 'aquilo que toma vulto rapidamente'; *bico-de-papagaio* (com hífen) referindo-se à planta e *bico de papagaio* (sem hífen) com o significado de 'nariz adunco'; *mata-cobra* (com hífen) referindo-se a inseto, e *mata cobra* (sem hífen) referindo-se a certo tipo de bastão; *não-me-toques* (com hífen) quando se refere a certas espécies de plantas, e *não me toques* (sem hífen) com o significado de 'melindres'.

38) Nas locuções:

Não se emprega o hífen nas locuções, sejam elas substantivas, adjetivas, pronominais, adverbiais, prepositivas ou conjuncionais, salvo algumas exceções já consagradas pelo uso (como é o caso de *água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao deus-dará, à queima-roupa*). Vale lembrar que, se na locução há algum elemento que já tenha hífen, será conservado este sinal: *à trouxe-mouxe, cara de mamão-macho, bem-te-vi de igreja*. Sirvam, pois, de exemplo de emprego **sem hífen** as seguintes locuções: a) Locuções substantivas: *cão de guarda, fim de semana, fim de século, sala de jantar*; b) Locuções adjetivas: *cor de açafrão, cor de café com leite, cor de vinho*; c) Locuções pronominais: *cada um, ele próprio, nós mesmos, quem quer que seja*; d) Locuções adverbiais: *à parte* (diferentemente do substantivo *aparte*), *à vontade, de mais* (locução que se contrapõe a *de menos*; escreve-se junto *demais* quando é advérbio ou pronome), *depois de*

amanhã, em cima, por isso; e) Locuções prepositivas: *abaixo de, acerca de, acima de, a fim de, a par de, à parte de, apesar de, aquando de, debaixo de, enquanto a, por baixo de, por cima de, quanto a*; f) Locuções conjuncionais: *a fim de que, ao passo que, contanto que, logo que, visto que*.

OBSERVAÇÕES:

a) Expressões com valor de substantivo, do tipo *deus nos acuda, salve-se quem puder, um faz de contas, um disse me disse*, *um maria vai com as outras*, *bumba meu boi, tomara que caia*, *aqui del rei*, devem ser grafadas sem hífen. Da mesma forma serão usadas sem hífen locuções como: *à toa* (adjetivo e advérbio), *dia a dia* (substantivo e advérbio), *arco e flecha*, *calcanhar de aquiles*, *comum de dois*, *general de divisão*, *tão somente*, *ponto e vírgula*.

b) Não se emprega o hífen nas locuções latinas usadas como tais, não substantivadas ou aportuguesadas: *ab initio, ab ovo, ad immortalitatem, ad hoc, data venia, de cujus, carpe diem, causa mortis, habeas corpus, in octavo, pari passu, ex libris*. Mas: o *ex-libris,* o *habeas-corpus, in-oitavo,* etc.

39) Nas sequências de palavras:

Emprega-se o hífen para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando não propriamente vocábulos, mas encadeamentos vocabulares, tipo: a divisa *Liberdade-Igualdade-Fraternidade*, a ponte *Rio-Niterói*, o percurso *Lisboa-Coimbra-Porto*, a ligação *Angola-Moçambique* e nas combinações históricas ou até mesmo ocasionais de topônimos, tipo: *Áustria-Hungria, Alsácia-Lorena, Angola-Brasil, Tóquio-Rio de Janeiro*, etc.

40) Nas formações com prefixos:

1.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por vogal igual à que inicia o 2.º elemento: *anti-infeccioso*, *anti-inflamatório*, *contra-almirante*, *eletro-ótica*, *entre-eixo*, *infra-axilar*, *micro-onda*, *neo-ortodoxo*, *semi-interno*, *sobre-elevar*, *sobre-estadia*, *supra-auricular*.

OBSERVAÇÕES:

a) Incluem-se neste princípio geral todos os prefixos terminados por vogal: *agro-* (= terra), *albi-, alfa-*, *ante-, anti-, ântero-, arqui-*, *áudio-*, *auto-, bi-, beta-, bio-, contra-, eletro-, euro-, ínfero-, infra-, íntero-, iso-, macro-, mega-, multi-, poli-, póstero-, pseudo-, súpero-, neuro-, orto-, sócio-,* etc.

Então, se o 1º elemento terminar por vogal diferente daquela que inicia o 2º elemento, escreve-se junto, sem hífen: *anteaurora*, *antiaéreo*, *aeroespacial*, *agroindustrial*, *autoajuda*, *autoaprendizagem*, *autoestrada*, *contraescritura*, *contraindicação*, *contraofensiva*, *extraescolar*, *extraoficial*, *extrauterino*, *hidroelétrico*, *infraestrutura*, *infraordem*, *intrauterino*, *neoafricano*, *neoimperialista*, *plurianual*, *protoariano*, *pseudoalucinação*, *pseudoepígrafe*, *retroalimentação*, *semiárido*, *sobreaquecer*, *socioeconômico*, *supraesofágico*, *supraocular*, *ultraelevado*.

b) O encontro de vogais diferentes tem facilitado a supressão da vogal final do 1.º elemento ou da vogal inicial do 2.º: *eletr**a**cústico*, ao lado de *eletr**oa**cústico*, e *arter**io**sclerose*. Recomendamos que se evitem essas supressões, a não ser nos casos já correntes ou dicionarizados.

c) O encontro de vogais iguais tem facilitado o aparecimento de formas reais ou potencialmente possíveis com a fusão dessas vogais, do tipo de *alfaglutinação*, ao lado de *alfa-aglutinação*; *ovadoblongo*, ao lado de *ovado-oblongo*. Para atender à regra geral de hifenizar o encontro de vogais iguais, é preferível evitar estas fusões no uso corrente, a não ser nos casos em que elas se mostram naturais, e não forçadas, como ocorre em *telespectador* (e não *tele-espectador*), *radiouvinte* (e não *rádio-ouvinte*).

d) Nas formações com os prefixos *co-*, *pro-, pre-* e *re-*, estes unem-se ao segundo elemento, mesmo quando iniciado por *o* ou *e*: *coabitar, coautor, coedição, coerdeiro, coobrigação, coocupante, coordenar, cooperação, cooperar, coemitente, coenzima, cofator, cogerente, cogestão, coirmão* ; *comandante*, *proativo, procônsul, propor, proembrião, proeminente* ; *preeleito* (ou *pré-eleito*), *preembrião* (ou *pré-embrião*), *preeminência, preenchido, preesclerose* (ou *pré-esclerose*), *preestabelecer, preexistir; reedição, reedificar, reeducação, reelaborar, reeleição, reenovelar, reentrar, reescrita, refazer, remarcar*.

2.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por consoante igual à que inicia o 2.º

elemento: *ad-digital*, *inter-racial*, *sub-base*, *super-revista*, etc.

OBSERVAÇÃO: Formas como *abbevilliano*, *addisoniano*, *addisonismo, addisonista* se prendem a nomes próprios estrangeiros: *Abbeville, Addison*.

3.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina acentuado graficamente, *pós-*, *pré-*, *pró-*: *pós-graduação, pós-tônico*; *pré-datado, pré-escolar, pré-história, pré-natal, pré-requisito*; *pró-africano, pró-europeu*.

OBSERVAÇÃO: Pode haver, em certos usos, alternância entre *pre-* e *pré-, pos-* e *pós-*; neste último caso, deve-se usar o hífen: *preesclerótico* ou *pré-esclerótico, postônico* ou *pós-tônico*.

4.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por *m* ou *n* e o 2.º elemento começa por *vogal*, *h*, *m* ou *n: circum-escolar*, *circum-hospitalar*, *circum-murado*, *circum-navegação*, *pan-africano*, *pan-americano*, *pan-harmônico*, *pan-hispânico*, *pan-mágico*, *pan-negritude.*

5.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento é um dos prefixos *ex-* (anterioridade ou cessação), *sota-*, *soto-*, *vice-*, *vizo-*: *ex-almirante*, *ex-diretor*, *ex-presidente*, *sota-almirante, sota-capitão*, *sota-vento*, *soto-almirante*, *soto-pôr* (mas *sobrepor*), *vice-presidente*, *vice-reitor*, *vizo-rei*.

OBSERVAÇÃO: Vimos que o verbo *pôr* não perde o acento gráfico (para se distinguir da preposição *por*). E mesmo em formas compostas como *soto-pôr*, ele continuará acentuado.

6.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por *vogal*, *r* ou *b* e o 2.º elemento se inicia por *h*: *adeno-hipófise*, *abdômino-histerotomia*, *anti-herói*, *anti-hemorrágico*, *arqui-hipérbole*, *auto-hipnose*, *beta-hemolítico*, *bi-hidroquinona*, *bio-histórico*, *contra-haste*, *di-hibridismo*, *entre-hostil*, *foto-heliografia*, *geo-história*, *giga-hertz*, *hétero-hemorragia*, *hiper-hidrose*, *infra-hepático*, *inter-hemisférico*, *poli-hídrico*, *semi-histórico*, *sobre-humano*, *sub-hepático*, *sub-humano*, *super-homem*, *tri-hídrico*.

OBSERVAÇÕES:

a) Nos casos em que não houver perda do som da vogal final do 1.º elemento, e o elemento seguinte começar com *h*, serão usadas as duas formas gráficas: *carbo-hidrato* e *carboidrato*; *zoo-hematina* e *zooematina*. Já quando houver perda do som da vogal final do 1.º elemento, consideraremos que a grafia consagrada deve ser mantida: *cloridrato, cloridria, clorídrico, quinidrona, sulfidrila, xilarmônica, xilarmônico*. Devem ficar como estão as palavras que, fugindo a este princípio, já são de uso consagrado, como *reidratar, reumanizar, reabituar, reabitar, reabilitar* e *reaver*.

b) Não se emprega o hífen com prefixos *des-* e *in-* quando o 2.º elemento perde o *h* inicial: *desumano, inábil, inumano, etc*.

c) Embora não tratado no Acordo, pode-se incluir neste caso o prefixo *an-* (p.ex.: *anistórico, anepático, anidrido*). Na sua forma reduzida *a-*, quando seguido de *h*, a tradição manda hifenizar e conservar o *h* (p.ex.: *a-histórico, a-historicidade*).

d) Não se emprega o hífen com as palavras *não* e *quase* com função prefixal: *não agressão, não beligerante, não fumante; quase delito, quase equilíbrio, quase domicílio,* etc.

e) Não há razão plausível que defenda a grafia *biidroquinona* ao lado de *bi-iodeto*, por este não ter *h* inicial. Foi o mesmo princípio que nos fez optar por *poli-hídrico* (em vez de *poliídrico*) e *poli-hidrite* (em vez de *poliidrite*).

7.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por *b* (*ab-, ob-, sob-, sub-*) ou *d* (*ad-*) e o 2.º elemento começa por *r*: *ab-rupto, ad-renal*, *ad-referendar, ob-rogar, sob-roda, sub-reitor, sub-reptício, sub-rogar*.

OBSERVAÇÃO: *Adrenalina*, *adrenalite* e afins já são exceções consagradas pelo uso. *Ab-rupto* é preferível a *abrupto*.

8.º) Quando o 1.º elemento termina por vogal e o 2.º elemento começa por *r* ou *s*, não se usa hífen, e estas consoantes devem duplicar-se, prática já adotada, também em palavras deste tipo pertencentes aos domínios científico e técnico: *antessala*, *antirreligioso*, *antissocial*, *autorregulamentação*, *biorritmo*, *biossatélite*, *contrarregra*, *contrassenha*, *cosseno*, *ele-*

trossiderurgia, *extrarregular*, *infrassom*, *macrorregião*, *microssistema*, *minissaia*, *multissegmentado*, *neorromano*, *protossatélite*, *pseudossigla*, *semirrígido*, *sobressaia*, *suprarrenal*, *ultrassonografia*.

41) Nas formações com sufixo

Emprega-se hífen apenas nas palavras terminadas por sufixos de origem tupi-guarani que representam formas adjetivas, como *-açu* (= grande), *-guaçu* (= grande), *-mirim* (= pequeno), quando o 1.º elemento termina por vogal acentuada graficamente ou quando a pronúncia exige a distinção gráfica dos dois elementos: *amoré-guaçu, anajá-mirim, andá-açu, capim-açu, Ceará-Mirim*.

42) O hífen nos casos de ênclise, mesóclise (tmese) e com o verbo haver

1.º) Emprega-se o hífen na ênclise e na mesóclise: *amá-lo, dá-se, deixa-o, partir-lhe; amá-lo-ei, enviar-lhe-emos*.

2.º) Não se emprega o hífen nas ligações da preposição *de* às formas monossilábicas do presente do indicativo do verbo *haver*: *hei de, hás de, hão de*, etc.

OBSERVAÇÕES:

a) Embora estejam consagradas pelo uso as formas verbais *quer* e *requer*, dos verbos *querer* e *requerer*, ao lado de *quere* e *requere*, estas últimas formas conservam-se, no entanto, nos casos de ênclise: *quere-o(s), requere-o(s)*.

Nestes contextos, as formas (legítimas, aliás) *qué-lo* e *requé-lo* são pouco usadas. *Quere* e *requere* são formas correntes entre portugueses; a primeira, a partir de 1904.

b) Usa-se também o hífen nas ligações de formas pronominais enclíticas ao advérbio *eis* (*eis-me, ei-lo*) e ainda nas combinações de formas pronominais do tipo *no-lo* (nos + o), *no-las* (nos + as), quando em próclise ao verbo (por exemplo: *Esperamos que no-lo comprem*).

XV – O trema

43) O trema não é usado em palavras portuguesas ou aportuguesadas, como: *aguentar, anguiforme, arguir, bilíngue, lingueta, linguista, linguístico, cinquenta, equestre, frequentar, tranquilo, ubiquidade*.

OBSERVAÇÕES:

a) O trema ocorre em palavras derivadas de nomes próprios estrangeiros que o possuem: *hübneriano*, de *Hübner*, *mülleriano*, de *Müller*, etc.

b) O trema poderá ser usado para indicar, quando for necessário, a pronúncia do *u* em vocabulários ortográficos e dicionários: *lingueta* (gü), *líquido* (qü ou qu), *linguiça* (gü), *equidistante* (qü ou qu).

c) Com o fim do trema em palavras portuguesas ou aportuguesadas, não houve modificação na pronúncia dessas palavras.

XVI – Acento grave

44) Emprega-se o acento grave nos casos de crase e aqueles indicados em **Emprego do à acentuado**.

1.º) Na contração da preposição *a* com as formas femininas do artigo *o* ou pronome demonstrativo *o*: *à* (de *a*+*a*), *às* (de *a*+*as*).

2.º) Na contração da preposição *a* com o *a* inicial dos demonstrativos *aquele*, *aquela*, *aqueles*, *aquelas*, e *aquilo* ou ainda da mesma preposição com compostos *aqueloutro* e suas flexões: *àquele*(*s*), *àquela*(*s*), *àquilo*, *àqueloutro*(*s*), *àqueloutras*(*s*).

3.º) Na contração da preposição *a* com os pronomes relativos *a qual*, *as quais*: *à qual*, *às*

quais.

XVII – Supressão dos acentos em palavras derivadas

45) Ocorre:

1.º) Nos advérbios em *-mente*, oriundos de adjetivos com acento agudo ou circunflexo: *avidamente* (de *ávido*), *debilmente* (de *débil*), *facilmente* (de *fácil*), *habilmente* (de *hábil*), *lucidamente* (de *lúcido*), *mamente* (de *má*), *somente* (de *só*); *candidamente* (de *cândido*), *cortesmente* (de *cortês*), *portuguesamente* (de *português*), *romanticamente* (de *romântico*).

2.º) Nas palavras que têm sufixos inciados por *z* e cujas formas de base apresentam vogal tônica com acento agudo ou circunflexo: *aneizinhos* (de *anéis*), *avozinha* (de *avó*), *bebezito* (de *bebê*), *cafezada* (de *café*), *chapeuzinho* (de *chapéu*), *mazinha* (de *má*), *orfãozinho* (de *órfão*); *avozinho* (de *avô*), *bençãozinha* (de *bênção*), *lampadazita* (de *lâmpada*), *pessegozito* (de *pêssego*).

XVIII – Divisão silábica

46) A divisão de qualquer vocábulo, assinalada pelo hífen, em regra se faz pela soletração, e não pelos seus elementos constitutivos segundo a etimologia.

47) Fundadas neste princípio geral, cumpre respeitar as seguintes normas:

1.º) A consoante inicial não seguida de vogal permanece na sílaba que a segue: *cni-do-se*, *dze-ta*, *gno-ma*, *mne-mô-ni-ca*, *pneu-má-ti-co*, etc.

2.º) No interior do vocábulo, sempre se conserva na sílaba que a precede a consoante não seguida de vogal: *ab-di-car*, *ac-ne*, *ét-ni-co*, *nup-ci-al*, *ob-fir-mar*, *op-ção*, *sig-ma-tis-mo*, *sub-por*, *sub-ju-gar*, etc.

3.º) Não se separam os elementos dos grupos consonânticos iniciais de sílabas nem os dos digramas *ch*, *lh*, *nh*: *a-blu-ção*, *a-bra-sar*, *a-che-gar*, *fi-lho*, *ma-nhã*, etc.

OBSERVAÇÃO: Nem sempre formam grupos articulados as consonâncias *bl* e *br*: nalguns casos o *l* e o *r* se pronunciam separadamente, e a isso se atenderá na partição do vocábulo; e as consoantes *dl*, a não ser no termo onomatopéico *dlim*, que exprime toque de campainha, proferem-se desligadamente, e na divisão silábica ficará o hífen entre essas duas letras. Ex.: *sub-lin-gual*, *sub-rogar*, *ad-le-ga-ção*, etc.

4.º) O *sc* no interior do vocábulo biparte-se, ficando o *s* numa sílaba, e o *c* na sílaba imediata: *a-do-les-cen-te*, *des-cer*, *pres-cin-dir*, *res-ci-são*, etc.

OBSERVAÇÃO: Forma sílaba com o prefixo antecedente o *s* que precede consoantes: *abs-tra-ir*, *ads-cre-ver*, *ins-cri-ção*, *ins-pe-tor*, *ins-tru-ir*, *in-ters-tí-cio*, *pers-pi-caz*, *subs-cre-ver*, *subs-ta-be-le-cer*, etc.

5.º) O *s* dos prefixos *bis*, *cis*, *des*, *dis*, *trans* e o *x* do prefixo *ex* não se separam quando a sílaba seguinte começa por consoante; mas, se principia por vogal, formam sílaba com esta e separam-se do elemento prefixal: *bis-ne-to*, *cis-pla-ti-no*, *des-li-gar*, *dis-tra-ção*, *trans-por-tar*, *ex-tra-ir*; *bi-sa-vô*, *ci-san-di-no*, *de-ses-pe-rar*, *di-sen-té-ri-co*, *tran-sa-tlân-ti-co*, *e-xér-ci-to*, etc.

6.º) As vogais idênticas e as letras *cc*, *cç*, *rr* e *ss* separam-se ficando uma na sílaba que as precede e outra na sílaba seguinte: *ca-a-tin-ga*, *co-or-de-nar*, *in-te-lec-ção*, *oc-ci-pi-tal*, *pror-ro-gar*, *res-sur-gir*, etc.

OBSERVAÇÃO: As vogais de hiatos, ainda que diferentes uma da outra, também se separam: *a-ta-ú-de*, *ca-í-eis*, *ca-ir*, *du-e-lo*, *fi-el*, *flu-iu*, *fru-ir*; *gra-ú-na*, *je-su-í-ta*, *le-al*, *mi-ú-do*, *po-ei-ra*, *ra-i-nha*, *sa-ú-de*, *vi-ví-eis*, *vo-ar*, etc.

7.º) Não se separam as vogais dos ditongos – crescentes e decrescentes – nem as dos tritongos: *ai-ro-so*, *a-ni-mais*, *au-ro-ra*, *a-ve-ri-gueis*, *ca-iu*, *cru-éis*, *en-jei-tar*, *fo-ga-réu*, *fu-giu*, *gló-ria*, *guai-ar*, *i-guais*, *ja-mais*, *joi-as*, *ó-dio*, *quais*, *sá-bio*, *sa-guão*, *sa-guões*, *su-bor-nou*, *ta-fuis*, *vá-rio*, etc.

OBSERVAÇÃO: Não se separa do *u* precedido de *g* ou *q* a vogal que o segue, acompanhada, ou não, de consoante: *am-bí-guo*, *e-qui-va-ler*, *guer-ra*, *u-bí-quo*, etc.

8.º) Na translineação (ou seja, na passagem para a linha seguinte quando se está escrevendo um texto) de uma palavra composta ou de uma combinação de palavras em que há um hífen, ou mais, se a partição coincide com o final de um dos elementos ou membros, por clareza gráfica, se deve repetir o hífen no início da linha seguinte: vice-almirante.

XIX – Emprego das iniciais maiúsculas

48) Emprega-se letra inicial maiúscula:

1.º) No começo do período, verso ou citação direta. Disse o Padre Antônio Vieira: "Estar com Cristo em qualquer lugar, ainda que seja no Inferno, é estar no Paraíso".

> "Auriverde pendão de minha terra
> que a brisa do Brasil beija e balança,
> Estandarte que à luz do sol encerra
> As promessas divinas da Esperança..." (Castro Alves)

OBSERVAÇÃO: Alguns poetas usam, à espanhola, a minúscula no princípio de cada verso, quando a pontuação o permite, como se vê em Castilho:

> "Aqui, sim, no meu cantinho,
> vendo rir-me o candeeiro,
> gozo o bem de estar sozinho
> e esquecer o mundo inteiro".

2.º) Nos substantivos próprios de qualquer espécie – antropônimos, topôninos, patronímicos, cognomes, alcunhas, tribos e castas, designações de comunidades religiosas e políticas, nomes sagrados e relativos a religiões, entidades mitológicas e astronômicas, etc.: *José*, *Maria*, *Macedo*, *Freitas*, *Brasil*, *Antoninos*, *Afonsinhos*, *Conquistador*, *Magnânimo*, *Coração de Leão*, *Sem Pavor*, *Deus*, *Jeová*, *Alá*, *Assunção*, *Ressureição*, *Júpiter*, *Baco*, *Cérbero*, *Via Láctea*, *Canopo*, *Vênus*, etc.

OBSERVAÇÕES:

a) As formas onomásticas que entram na formação de palavras do vocabulário comum escrevem-se com inicial minúscula quando se afastam de seu significado primitivo, excetuando-se os casos em que esse afastamento não ocorre: *água-de-colônia*, *joão-de-barro*, *erva-de-santa-maria*, *folha de flandres*; mas: *além-Brasil*, *aquém-Atlântico*, *doença de Chagas*, *mal de Alzheimer*, *sistema Didot*, *anel de Saturno*.

b) Os nomes de povos escrevem-se com inicial minúscula, não só quando designam habitantes ou naturais de um estado, província, cidade, vila ou distrito, ainda quando representam coletivamente uma nação: *amazonenses*, *baianos*, *estremenhos*, *fluminenses*, *paulistas*, *romenos*, *russos*, *suíços*, *uruguaios*, etc.

3.º) Nos nomes próprios de eras históricas e épocas notáveis: *Héjira*, *Idade Média*, *Quinhentos* (o século XVI), *Seiscentos* (o século XVII), etc.

OBSERVAÇÃO: Os nomes dos meses devem escrever-se com inicial minúscula: *janeiro*, *fevereiro*, *março*, *abril*, *maio*, *junho*, *julho*, *agosto*, *setembro*, *outubro*, *novembro*, *dezembro*.

4.º) Nos nomes de vias e lugares públicos: *Avenida de Rio Branco*, *Beco do Carmo*, *Largo da*

Carioca, *Praia do Flamengo*, *Praça da Bandeira*, *Travessa do Comércio*, *Túnel Noel Rosa*, etc.

5.º) Nos nomes que designam altos conceitos religiosos, políticos ou nacionalistas: *Igreja* (Católica, Apostólica, Romana), *Nação*, *Estado*, *Pátria*, *Raça*, etc.

OBSERVAÇÃO: Esses nomes se escrevem com inicial minúscula quando são empregados em sentido geral ou indeterminado.

6.º) Nos nomes que designam artes, ciências, ou disciplinas, bem como nos que sintetizam, em sentido elevado, as manifestações do engenho e do saber: *Agricultura*, *Arquitetura*, *Filologia Portuguesa*, *Direito*, *Medicina*, *Matemática*, *Pintura*, *Arte*, *Ciência*, *Cultura*, etc.

OBSERVAÇÃO: Os nomes *idioma*, *idioma pátrio*, *língua*, *língua portuguesa*, *vernáculo* e outros análogos escrevem-se com inicial maiúscula quando empregados com especial relevo.

7.º) Nos nomes que designam altos cargos, dignidades ou postos: *Papa*, *Cardeal*, *Arcebispo*, *Bispo*, *Patriarca*, *Vigário*, *Vigário-Geral*, *Presidente da República*, *Ministro da Educação*, *Governador do Estado*, *Embaixador*, *Almirantado*, *Secretário de Estado*, etc.

8.º) Nos nomes de repartições, corporações ou agremiações, edifícios e estabelecimentos públicos ou particulares: *Diretoria Geral do Ensino*, *Ministério das Relações Exteriores*, *Academia Paranaense de Letras*, *Círculo de Estudos "Bandeirantes"*, *Presidência da República*, *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*, *Tesouro do Estado*, *Departamento Administrativo do Serviço Público*, *Banco do Brasil*, *Imprensa Nacional*, *Teatro de São José*, *Tipografia Rolandiana*, *Museu de Arte Moderna*, etc.

9.º) Nos títulos de livros, jornais, revistas, produções artísticas, literárias e científicas: *Imitação de Cristo*, *Horas Marianas*, *Correio da Manhã*, *Revista Filológica*, *Transfiguração* (de Rafael), *Norma* (de Bellini), *O Guarani* (de Carlos Gomes), *O Espírito das Leis* (de Montesquieu), etc.

OBSERVAÇÕES: a) Não se escrevem com maiúscula inicial as partículas monossilábicas que se acham no interior de vocábulos compostos ou de locuções ou expressões que têm iniciais maiúsculas: *Queda do Império*, *O Crepúsculo dos Deuses*, *História sem Data*, *A Mão e a Luva*, *Festas e Tradições Populares do Brasil*, etc.

b) Nos bibliônimos, após o primeiro elemento, que é com maiúscula, os demais vocábulos podem ser escritos com minúscula, salvo nos nomes próprios nele contidos, tudo em grifo.

10.º) Nos nomes de fatos históricos e importantes, de atos solenes e de grandes empreendimentos públicos: *Centenário da Independência do Brasil*, *Descobrimento da América*, *Reforma Ortográfica*, *Acordo Luso-Brasileiro*, *Exposição Nacional*, *Festas das Mães*, *Dia do Município*, *Glorificação da Língua Portuguesa*, etc.

OBSERVAÇÃO: Os nomes de festas pagãs ou populares escrevem-se com inicial minúscula: *carnaval*, *entrudo*, *saturnais*, etc.

11.º) Nos nomes de escolas de qualquer espécie ou grau de ensino: *Faculdade de Filosofia*, *Escola Superior de Comércio*, *Colégio de Pedro II*, *Instituto de Educação*, etc.

12.º) Nos nomes comuns, quando personificados ou individuados, e de seres morais ou fictícios: *A Capital da República*, *a Transbrasiliana*, *moro na Capital*, *o Natal de Jesus*, *o Poeta* (Camões), *a ciência da Antiguidade*, os *habitantes da Península*, *a Bondade*, *o Amor*, *a Ira*, *o Lobo*, *o Cordeiro*, *a Cigarra*, *a Formiga*, etc.

OBSERVAÇÃO: Incluem-se nesta norma os nomes que designam atos das autoridades da República, quando empregados em correspondência ou documentos oficiais: *A Lei de 13 de maio*, *o Decreto-Lei n.º 292*, *o Decreto-Lei n.º 20.108*, *a Portaria de 15 de junho*, *o Regulamento n.º 737*, *o Acórdão de 3 de agosto*, etc.

13.º) Nos nomes dos pontos cardeais, quando designam regiões: *Os povos do Oriente*; *o falar*

do Norte é diferente do falar do Sul; *a guerra do Ocidente*, etc.

OBSERVAÇÃO: Os nomes dos pontos cardeais escrevem-se com iniciais minúsculas quando designam direções ou limites geográficos: *Percorri o país de norte a sul e de leste a oeste*.

14.º) Nos nomes, adjetivos, pronomes e expressões de tratamento ou reverência: *D*. (Dom ou Dona), *Sr*. (Senhor), *Sr.ª* (Senhora), *DD*. ou *Dig.mo* (Digníssimo), *MM*. ou *M.mo* (Meritíssimo), *Rev.mo* (Reverendíssimo), *V.Rev.ª* (Vossa Reverência), *S.E*. (Sua Eminência), *V.M*. (Vossa Majestade), *V.A*. (Vossa Alteza), *V.S.ª* (Vossa Senhoria), *V.Ex.ª* (Vossa Excelência), *V.Ex.ª Rev.ma* (Vossa Excelência Reverendíssima), *V.Ex.as* (Vossa Excelências), etc.

OBSERVAÇÃO: As formas que se acham ligadas a essas expressões de tratamento devem ser também escritas com iniciais maiúsculas: *D. Abade*, *Ex.ma Sr.ª Diretora*, *Sr. Almirante*, *Sr. Capitão-de-Mar-e-Guerra*, *MM. Juiz de Direito*, *Ex.mo e Rev.mo Sr. Arcebispo Primaz*, *Magnífico Reitor*, *Excelentíssimo Senhor Presidente da República*, *Eminentíssimo Senhor Cardeal*, *Sua Alteza Real*, etc.

15.º) Nas palavras que, no estilo epistolar, se dirigem a um amigo, a um colega, a uma pessoa respeitável, as quais, por deferência, consideração ou respeito, se queira realçar por esta maneira: *meu bom Amigo*, *caro Colega*, *meu prezado Mestre*, *estimado Professor*, *meu querido Pai*, *minha amorável Mãe*, *meu bom Padre*, *minha distinta Diretora*, *caro Dr.*, *prezado Capitão*, etc.

OBSERVAÇÃO: Para os itens 4.º, 6.º, 7.º e 14.º usa-se opcionalmente inicial minúscula (exceto para as formas abreviadas do item 14.º).

XX – Sinais de pontuação

Ver *Pontuação*.

Regras de acentuação

A – Monossílabos

Levam acento agudo ou circunflexo os monossílabos terminados em:

a) – a, – as: *já, lá, vás*;
b) – e, – es: *fé, lê, pés*;
c) – o, – os: *pó, dó, pós, sós*.

B – Vocábulos de mais de uma sílaba

1) OXÍTONOS (ou agudos)

Levam acento agudo ou circunflexo os oxítonos terminados em:

a) – a, – as: *cajás, vatapá, ananás, carajás*;
b) – e, – es: *você, café, pontapés;*
c) – o, – os: *cipó, jiló, avô, carijós*;
d) – em, – ens: *também, ninguém, vinténs, armazéns*.

Daí sem acento: *aqui, caqui, poti, caju, urubus*.

2) PAROXÍTONOS (ou graves)

Levam acento agudo ou circunflexo os paroxítonos terminados em:

a) – i, – is: *júri, cáqui, beribéri, lápis, tênis*;

b) – us: *vênus, vírus, bônus*.

OBSERVAÇÃO: Há poucos paroxítonos terminados em –*u*: um deles existente até há pouco era *tribu* que hoje se escreve com *o*: *tribo*, *tribos*.

c) – r: *caráter*, *revólver*, *éter*;

d) – l: *útil*, *amável*, *nível*, *têxtil* (não *téxtil*);

e) – x: *tórax*, *fênix*, *ônix*;

f) – n: *éden*, *hífen* (mas: *edens*, *hifens*, sem acento);

g) – um, – uns: *álbum*, *álbuns*, *médium*;

h) – ão, ãos: *órgão*, *órfão*, *órgãos*, *órfãos*;

i) – ã, – ãs: *órfã*, *ímã*, *órfãs*, *ímãs*;

j) – ps: *bíceps*, *fórceps*;

k) – on(s): *rádon, rádons*.

OBSERVAÇÃO: Devem ser acentuados os nomes técnicos terminados em -*om*: *iândom*, *rádom* (variante de *rádon*).

3) PROPAROXÍTONOS (ou esdrúxulos)

Levam acento agudo ou circunflexo todos os proparoxítonos: *cálido*, *tépido*, *cátedra*, *sólido*, *límpido*, *cômodo*.

4) CASOS ESPECIAIS

a) São sempre acentuadas as palavras oxítonas com os ditongos abertos grafados -*éis*, -*éu*(*s*) ou -*ói*(*s*) : *anéis, batéis, fiéis, papéis*; *céu(s)*, *chapéu(s)*, *ilhéu(s)*, *véu(s)*; *corrói(s)* (flexão de *corroer*), *herói(s)*, *remói(s)* (flexão de *remoer*), *sói(s)* (flexão de *soer*), *sóis* (pl. de *sol*).

b) Não são acentuadas as palavras paroxítonas com os ditongos abertos -*ei* e -*oi*, uma vez que existe oscilação em muitos casos entre a pronúncia aberta e fechada: *assembleia*, *boleia*, *ideia*, tal como *aldeia*, *baleia*, *cadeia*, *cheia*, *meia*; *coreico*, *epopeico*, *onomatopeico*, *proteico*; *alcaloide*, *apoio* (do verbo *apoiar*), tal como *apoio* (substantivo), *Azoia*, *boia*, *boina*, *comboio* (substantivo), tal como *comboio*, *comboias*, etc. (do verbo *comboiar*), *dezoito*, *estroina*, *heroico*, *introito*, *jiboia*, *moina*, *paranoico*, *zoina*.

OBSERVAÇÃO: Receberá acento gráfico a palavra que, mesmo incluída neste caso, se enquadrar em regra geral de acentuação, como ocorre com *blêizer, contêiner, destróier, gêiser, Méier*, etc., porque são paroxítonas terminadas em -*r*.

c) Não se acentuam os encontros vocálicos fechados: *pessoa*, *patroa*, *coroa*, *boa*, *canoa*; *teu*, *judeu*, *camafeu*; *voo*, *enjoo*, *perdoo*, *coroo*.

OBSERVAÇÃO: Será acentuada a palavra que, mesmo incluída neste caso, se enquadrar em regra geral de acentuação gráfica, como ocorre com *herôon* (Br.)/ *heróon* (Port.), paroxítona terminada em -*n*.

d) Não levam acento gráfico as palavras paroxítonas que, tendo respectivamente vogal tônica aberta ou fechada, são homógrafas de artigos, contrações, preposições e conjunções átonas. Assim, não se distinguem pelo acento gráfico: *para* (á) [flexão de *parar*], e *para* [preposição]; *pela(s)* (é) [substantivo e flexão de *pelar*] e *pela(s)* [combinação de *per* e *la(s)*]; *pelo* (é) [flexão de *pelar*] e *pelo(s)* (ê) [substantivo e combinação de *per* e *lo(s)*]; *pera* (ê) [substantivo] e *pera* (é) [preposição antiga]; *polo(s)* (ó) [substantivo] e *polo(s)* [combinação antiga e popular de *por* e *lo(s)*]; etc.

OBSERVAÇÃO: Seguindo esta regra, também perde o acento gráfico a forma *para* (do verbo *parar*) quando entra num composto separado por hífen: *para-balas, para-brisa(s)*, *para-choque(s)*, *para-lama(s)*, etc.

e) Levam acento agudo o *i* e *u*, quando representam a segunda vogal tônica de um hiato, desde que não formem sílaba com *r*, *l*, *m*, *n*, *z* ou não estejam seguidos de *nh*: *saúde*, *viúva*, *saída*, *caído*, *faísca*, *aí*, *Grajaú*; *raiz* (mas *raízes*), *paul*, *ruim*, *ruins*, *rainha*, *moinho*.

f) Não leva acento a vogal tônica dos ditongos *iu* e *ui*: *caiu*, *retribuiu*, *tafuis*, *pauis*.

g) Não serão acentuadas as vogais tônicas ***i*** e ***u*** das palavras **paroxítonas**, quando estas vogais estiverem precedidas de ditongo decrescente: *baiuca, bocaiuva, boiuno, cauila* (var. *cauira*), *cheiinho* (de *cheio*), *feiinho* (de *feio*), *feiura, feiudo, maoismo, maoista, saiinha* (de *saia*), *taoismo, tauismo*.

OBSERVAÇÕES:

1.º) Na palavra ***eoípo*** (= denominação dos primeiros ancestrais dos cavalos), a pronúncia normal assinala hiato (e-o), razão por que tem acento gráfico.

2.º) A palavra paroxítona *guaíba* não perde o acento agudo porque a vogal tônica *i* está precedida de ditongo crescente.

h) Serão acentuadas as vogais tônicas ***i*** e ***u*** das palavras **oxítonas**, quando mesmo precedidas de ditongo decrescente estão em posição final, sozinhas na sílaba, ou seguidas de *s*: *Piauí, teiú, teiús, tuiuiú, tuiuiús*.

OBSERVAÇÃO: Se, neste caso, a consoante final for diferente de *s*, tais vogais **não serão acentuadas**: *cauim, cauins*.

i) A 3.ª pessoa de alguns verbos se grafa da seguinte maneira:

1) quando termina em – *em* (monossílabos):

3.ª pess. sing.	3.ª pess. pl.
– em	– êm
ele tem	*eles têm*
ele vem	*eles vêm*

2) quando termina em – *ém*:

3.ª pess. sing.	3.ª pess. pl.
– ém	– êm
ele contém	*eles contêm*
ele convém	*eles convêm*

3) quando termina em – *ê* (*crê*, *dê*, *lê*, *vê* e derivados):

3.ª pess. sing.	3.ª pess. pl.
– ê	– eem
ele crê	*eles creem*
ele revê	*eles reveem*

j) Levam acento agudo ou circunflexo os vocábulos terminados por ditongo oral átono, quer decrescente ou crescente: *ágeis*, *devêreis*, *jóquei*, *túneis*, *área*, *espontâneo*, *ignorância*, *imundície*, *lírio*, *mágoa*, *régua*, *tênue*.

k) Leva acento agudo ou circunflexo a forma verbal terminada em *a*, *e*, *o* tônicos, seguida de *lo*, *la*, *los*, *las*: *fá-lo*, *fá-los*, *movê-lo-ia*, *sabê-lo-emos*, *trá-lo-ás*.

OBSERVAÇÃO: Pelo último exemplo, vemos que se o verbo estiver no futuro poderá haver dois acentos: *amá-lo-íeis*, *pô-lo-ás*, *fá-lo-íamos*.

l) Também leva acento agudo a vogal tônica *i* das formas verbais **oxítonas** terminadas em *-air* e *-uir*, quando seguidas de *-lo(s), -la(s)*, caso em que perdem o *r* final, como em: *atraí-lo(s)* [de *atrair-lo(s)*] ; *atraí-lo(s)-ia* [de *atrair-lo(s)-ia*] ; *possuí-la(s)* [de *possuir-la(s)*]; *possuí-la(s)-ia* [de *possuir-la(s)-ia*].

m) Não levam acento os prefixos paroxítonos terminados em *-r* e *-i*: *inter-helênico*, *super-homem*, *semi-histórico*.

n) Não leva trema o *u* dos grupos *gue*, *gui*, *que*, *qui*, mesmo quando for pronunciado e átono: *aguentar*, *arguição*, *eloquência*, *frequência*, *tranquilo*.

OBSERVAÇÕES:

1.º) Os verbos *ARGUIR* e *REDARGUIR* não levam acento agudo na vogal tônica *u* nas formas rizotônicas (aquelas cuja sílaba tônica está no radical): *arguo*, *arguis*, *argui*, *arguem*; *argua, arguas,* etc.

2.º) Os verbos do tipo de *AGUAR, APANIGUAR, APAZIGUAR, APROPINQUAR, AVERIGUAR, DESAGUAR, ENXAGUAR, OBLIQUAR, DELINQUIR* e afins podem ser conjugados de duas formas: ou têm as formas rizotônicas (cuja sílaba tônica recai no radical) com o *u* do radical tônico, mas sem acento agudo; ou têm as formas rizotônicas com *a* ou *i* do radical com acento agudo: averiguo (ou averíguo), averiguas (ou averíguas), averigua (ou averígua), etc.; averigue (ou averígue), averigues (ou averígues), etc.; delinquo (ou delínquo), delinques (ou delínques), etc.; delinqua (ou delínqua), delinquas (ou delínquas), etc.

3.º) O verbo *delinquir*, tradicionalmente dado como defectivo (ou seja, verbo que não é conjugado em todas as pessoas), é tratado como verbo que tem todas as suas formas. O Acordo também aceita duas possibilidades de pronúncia, quando a tradição padrão brasileira na gramática para este verbo só aceitava sua conjugação nas formas arrizotônicas.

4.º) Em conexão com os casos citados acima, é importante mencionar que os verbos em *-ingir* (*atingir*, *cingir*, *constringir*, *infringir*, *tingir*, etc.) e os verbos em *-inguir* sem a pronúncia do *u* (*distinguir*, *extinguir*, etc.) têm grafias absolutamente regulares (*atinjo*, *atinja*, *atinge*, *atingimos*, etc.; *distingo*, *distinga*, *distingue*, *distinguimos*, etc.)

o) Leva acento circunflexo diferencial a sílaba tônica da 3.ª pess. sing. do pret. perf. *pôde*, para distinguir-se de *pode*, forma da mesma pess. do pres. do ind.

p) Não se usa acento gráfico para distinguir as palavras oxítonas homógrafas (que possuem a mesma grafia), mas heterofônicas (pronunciadas de formas diferentes), do tipo de *cor* (ô) (substantivo) e *cor* (ó) (elemento da locução *de cor*) ; *colher* (ê) (verbo) e *colher* (é) (substantivo).

OBSERVAÇÃO: A forma verbal *pôr* continuará a ser grafada com acento circunflexo para se distinguir da preposição átona *por*.

q) Não é acentuada nem recebe apóstrofo a forma monossilábica *pra*, redução de *para*. Ou seja, são **incorretas** as grafias *prá* e *p'ra*.

r) Pode ser ou não acentuada a palavra *fôrma* (substantivo), distinta de *forma* (substantivo; 3.ª pess. do sing. do pres. do ind. ou 2.ª pess. do sing. do imper. do verbo *formar*). A grafia *fôrma (com acento gráfico) deve ser usada apenas nos casos em que houver ambiguidade, como nos versos do poema "Os sapos", de Manuel Bandeira: "Reduzi sem danos/ A fôrmas a forma."*

2 Extraído de *Elementos de Língua Pátria* de J. Mattoso Câmara Jr. [MC.5].

3 Extraído de *Elementos de Língua Pátria* de J. Mattoso Câmara Jr. [MC.5].

4 Daí ser possível uma mudança ortográfica do tipo *quasi* → *quase*, *tribu* → *tribo*. Mudou-se a letra, mas não o fonema.

5 Na realidade, as *reduzidas* não estão cientificamente formuladas pela NGB, e o melhor seria bani-las. Em muitos casos das chamadas reduzidas o que temos, na realidade, é mudança ou troca de fonema.

6 J. Mattoso Câmara Jr. [MC.5, II, 121].

7 Em lugar de *i* ou *u*, em certos casos, se pode grafar a semivogal *e* ou *o*, respectivamente, em observância às convenções do nosso sistema ortográfico vigente, segundo as quais a semivogal dos ditongos orais é representada pelo grafema *i* e a dos ditongos nasais pelo grafema *e*: *pai* / *mãe*, *distrai* / *distraem.*

8 Niedermann, *Phonétique Latine*, 37.

9 *Normas para a Língua Falada no Teatro*, 485-63.

10 *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, 16.

11 Destas últimas não cogita a NGB.

12 Na língua portuguesa moderna predomina a sequência progressiva, que consiste em apresentar, de preferência, a declaração no fim (o predicado), o determinado antes do determinante, o que se torna cômodo aos interesses de compreensão do interlocutor.

13 Por isso, nos compostos, para determinação da posição do acento tônico, leva-se em consideração a última palavra. Destarte, é oxítono *couve-flor* e paroxítono *arco-íris*.

14 Exemplos extraídos de [SS.2, 97-98].

15 Epifania - festa dos reis magos

II – Gramática descritiva e normativa

As Unidades no Enunciado

A) Formas e funções

Introdução

Classes de Palavras e Categorias Gramaticais

Os diversos significados – Quase sempre a gramática engloba numa mesma relação palavras que pertencem a grupos bem diferentes: *substantivo*, *adjetivo*, *artigo*, *numeral*, *pronome*, *verbo*, *advérbio*, *preposição*, *conjunção* e *interjeição*. Um exame atento facilmente nos mostrará que a relação junta palavras de natureza e funcionalidade bem diferentes com base em critérios categoriais, morfológicos e sintáticos misturados. E o elemento que as diferencia são os diversos significados que lhes são próprios. Para tanto, devemos distinguir os seguintes significados:16

a) SIGNIFICADO LEXICAL, que já conhecemos antes, é o significado que corresponde ao *quê* da apreensão do mundo extralinguístico, isto é, é o que corresponde à organização do mundo extralinguístico mediante as línguas. Como diz bem Coseriu, a linguagem *classifica* a realidade segundo interesses e atitudes humanas; por isso suas distinções *podem* coincidir com realidades e delimitações objetivas, mas isso não é necessário. A língua é um saber acerca de modelos e esquemas linguísticos, e não sobre os objetos, a respeito dos quais informam nossa experiência (o nosso saber do mundo) e as ciências não linguísticas; assim, que um vulcão se chame *Popocatepetl*, e só haja um com este nome, é um fato da geografia, e não um *fato de língua*.17 É o significado que é comum a cada uma das séries de palavras: *amor – amante – amar – amavelmente*; *verdor – verde – enverdar*, etc.

b) SIGNIFICADO CATEGORIAL é o que corresponde ao *como* da apreensão do mundo extralinguístico, a forma da intuição da realidade ou, ainda, o modo de ser das palavras no discurso, e não classes léxicas fixas: *amor* (quando empregado como substantivo), *amante* (quando empregado como adjetivo), *amar* (quando empregado como verbo), *amavelmente* (quando advérbio). Não cabe à gramática descritiva, mas sim à gramática geral, definir a categoria linguística "substantivo"; à gramática descritiva cabe tão somente comprovar se a língua objeto da descrição tem ou não substantivos, e, em caso afirmativo, quais são os meios materiais, isto é, os esquemas formais para expressar a categoria "substantivo". Assim, a

categoria "substantivo" expressa substantivos por meio de nomes como *homem, livro, saudade*, por meio de pronomes como *isto*, *isso*, *aquilo*, por sintagmas como *Rio Grande do Norte* ou orações (as chamadas subordinadas substantivas). As palavras lexemáticas e categoremáticas só estão categorialmente determinadas como substantivo, adjetivo, verbo e advérbio quando integradas na oração, atualizadas no discurso. No momento em que a gramática geral define o que é "adjetivo", essa definição, se correta, deverá servir a todas as línguas que tenham adjetivos. É equivocado o querer definir "o adjetivo em português". À gramática descritiva cabe descrevê-lo *numa* língua.

Constituem o substantivo, o adjetivo, o verbo e o advérbio as quatro únicas reais "categorias gramaticais" da língua, confusamente misturadas na gramática tradicional, e que aqui chamaremos "categorias verbais", porque são as únicas dotadas do significado categorial. Admitem, como já ensina a gramática tradicional, subdivisões, que serão estudadas no lugar próprio (substantivos próprios e comuns, etc.). Cabe lembrar que o significado categorial não caracteriza apenas os lexemas, mas ainda sintagmas e orações inteiras. Também o significado categorial está sempre implicado com certas funções específicas na estruturação gramatical; por isso, só o "substantivo" (representado por nome, pronome, sintagma nominal, oração nominalizada) pode ser o sujeito da oração, assim como o verbo exerce a função de predicado.18 Os significados categoriais são modos do conteúdo significativo. Todavia isto não serve de definição de substantivo; uma palavra não é substantivo porque funciona como sujeito, mas, ao contrário, pode ser sujeito porque é substantivo ou pode aparecer como tal.

c) SIGNIFICADO INSTRUMENTAL é o significado dos morfemas, isto é, dos elementos pertencentes ao universo da gramática, e podem apresentar-se como palavras morfemáticas (como os *artigos* e as *preposições*, por exemplo, ou como elementos de palavras: o *-s* de *livro-s* ou de *trabalha-s*, etc.); são os chamados englobadamente *instrumentos gramaticais*. O artigo *o* em *o livro* tem o significado "atualizador" e o *-s* em *livro-s* tem o significado "pluralizador". Incluem-se como dotados desse significado instrumental, isto é, como "morfemas", nas combinações gramaticais, os prefixos, os sufixos, as desinências, o acento, o ritmo, a entoação, a ordem das palavras, etc. Os significados instrumentais são modos da expressão material.

d) SIGNIFICADO ESTRUTURAL OU SINTÁTICO (este aqui tomado em sentido restrito) é o significado que resulta das combinações de unidades lexemáticas ou categoremáticas com unidades morfemáticas e morfemas, dentro da oração. São significados estruturais "singular", "plural", "atual", "virtual", "ativo", "passivo", "presente", "passado", "futuro", "indicativo", etc. Assim o *-s* de *livro-s* tem o significado instrumental" pluralizador" (e não "plural") ao lado do pluralizado *livro*; da combinação resulta o significado estrutural ou sintático "plural".

e) SIGNIFICADO ÔNTICO, que só se dá no plano da oração, é o que corresponde ao valor existencial que se comunica ao estado de coisas designado na oração: "afirmativo", "negativo", "interrogativo", "imperativo", etc.

Classe de palavra e classe verbal – Tem-se feito confusão entre *classe de palavra e categoria* ou classe *verbal*, confusão que pode ser desfeita com exemplos simples.[19] Assinalando com F a forma física, com L o significado léxico e com C o significado categorial, as palavras abstratas podem ser constituídas: a) como puras "formas" (F), por exemplo "amo" em português, e somente levando em conta sua forma, pode-se classificar apenas pelo seu lado material: é uma palavra dissílaba; é uma palavra paroxítona; é uma palavra com três fonemas, etc.; b) como "formas léxicas" ou "lexemas" (FL), por exemplo o português *verde*, independentemente dos diferentes significados categoriais, isto é, como adjetivo ou como substantivo; c) como "formas categoriais" ou "categoremas" (FC), por exemplo, *quadro, papel*, como substantivos, independentemente dos diferentes significados léxicos ("*quadro* de um pintor", "*quadro* de futebol", "folha de *papel*", "*papel* de um ator") e d) como palavras com significado léxico e categorial (FCL), por exemplo, em português *amo* 'senhor', substantivo, e *amo* 'quero bem', verbo. Somente as palavras abstratas dotadas com FC ou com FCL podem ser classificadas categorialmente graças ao elemento C; isto significa que uma mesma palavra FL poderá figurar em classes distintas se apresenta diferentes significados C, como foi o caso de *verde* (adjetivo: "folha *verde*", e substantivo: "o *verde* da folha") e *amo* (substantivo e verbo). Em suma: não podemos querer que a palavra *verde*, substantivo, pertença à classe da palavra *verde*, adjetivo, apenas porque tem o mesmo significado lexical, isto é, apelando para um traço que nada tem que ver com o critério com que está constituída a classe verbal.

Se tomarmos por critério FL, "verde" será uma só e mesma palavra, assim como "amo"; se as estabelecermos como FCL, "verde", adjetivo, e "verde", substantivo, serão duas palavras diferentes, assim como "amo" 'senhor' e "amo" 'quero bem', o que também valerá para o inglês (*the*) *fire* e (*to*) *fire*, isto é, substantivo e verbo.

Ao nos referirmos ao significado estrutural, aludimos, junto com as unidades lexemáticas (lexemas), às unidades categoremáticas, os pronomes, que são "formas sem substância", isto porque apresentam apenas, ou em primeiro lugar, um significado categorial, sem representar nenhuma matéria extralinguística. Por isso, os pronomes são substantivos, adjetivos, advérbios e – em algumas línguas que não o português – até verbos. Diferem dos lexemas porque não possuem significado lexical, ou, se o apresentam, têm um significado lexical genérico ("pessoa", "coisa", "lugar", "tempo", "modalidade", etc.), dado pela situação ou por outras palavras do contexto.[20]

Nas mesmas condições do pronome, pode-se incluir na classe das palavras categoremáticas o *numeral*.[21]

Por tudo o que vimos até aqui, os significados léxico, categorial e instrumental nos permitem dividir as palavras em lexemáticas (substantivo, adjetivo, verbo e advérbio), categoremáticas (pronome e numeral) e morfemáticas (artigo, preposição e conjunção).

Isto não impede que uma palavra categoremática possa também aparecer com significado instrumental, como é o caso de *meu lápis*, em que *meu* tem o significado categorial "adjetivo" e o significado instrumental em relação ao substantivo *lápis*, determinado como singular e do

gênero masculino. Vimos que as palavras lexemáticas, além do significado lexical, têm em português significado categorial, e podem funcionar também como instrumentos.

Da lista tradicional das classes de palavras só nos falta falar da *interjeição*, que, a rigor, nem é pura *palavra*, mas uma *palavra-oração*, que só por si pode valer por um conteúdo de pensamento da linguagem emocional.

Distinguidas assim as classes de palavras, podemos agora caracterizar uma a uma.

1 – Substantivo

Substantivo – é a classe de lexema que se caracteriza por significar o que convencionalmente chamamos *objetos substantivos*, isto é, em primeiro lugar, substâncias (*homem, casa, livro*) e, em segundo lugar, quaisquer outros objetos mentalmente apreendidos como substâncias, quais sejam qualidades (*bondade, brancura*), estados (*saúde, doença*), processos (*chegada, entrega, aceitação*).

Concretos e abstratos – Os substantivos se dividem em *concretos* e *abstratos*. Os concretos são *próprios* e *comuns*.

Substantivo concreto é o que designa ser de existência independente: *casa, mar, sol, automóvel, filho, mãe*.

Substantivo abstrato é o que designa ser de existência dependente: *prazer, beijo, trabalho, saída, beleza, cansaço.*

Os substantivos concretos nomeiam pessoas, lugares, animais, vegetais, minerais e coisas.

Os substantivos abstratos designam ações (*beijo, trabalho, saída, cansaço*), estado e qualidade (*prazer, beleza*), considerados fora dos seres, como se tivessem existência individual.

Próprios e comuns – Dividem-se os substantivos em *próprios* e *comuns*, divisão que pertence a planos diferentes.

Substantivo próprio é o que se aplica a um objeto ou a um conjunto de objetos, mas sempre individualmente. Isto significa que o substantivo próprio se aplica a esse objeto ou a esse conjunto de objetos, considerando-os como indivíduos. Assim, um nome como *João, Isabel* ou *Açores* só acidentalmente se aplicará a várias pessoas ou ilhas não porque estas apresentam características comuns que as identifiquem como membro de uma classe ou conjunto específico. Por isso cada *João*, cada *Isabel* e cada *Açores* é uma pessoa ou ilha considerada como indivíduo inconfundível para as demais pessoas. São materialmente idênticos, mas se aplicam a indivíduos diferentes. Se por *palavra* se entende significante (expressão) + significado (conteúdo), dois ou mais nomes *João* ou *Isabel* não representam a rigor uma só palavra.

Os substantivos próprios mais importantes são os *antropônimos* e os *topônimos*. Os primeiros se aplicam às pessoas que, em geral, têm *prenome* (nome próprio individual) e *sobrenome* ou *apelido* ("que situa melhor o indivíduo em função da sua proveniência geográfica [Frei Henrique de Coimbra], da sua profissão [*Caeiro*], da sua filiação (patronímico) [*Soares*, filho de Soeiro], de uma qualidade física ou moral [*Diogo Cão*], de uma circunstância de nascimento [*Neto*]").22

Os topônimos se aplicam a lugares e acidentes geográficos.

SUBSTANTIVO COMUM é o que se aplica a um ou mais objetos particulares que reúnem características inerentes a dada classe: *homem, mesa, livro, cachorro, lua, sol, fevereiro, segunda-feira, papa.*

Os cinco últimos exemplos patenteiam que há substantivos comuns que são nomes individualizados, não como os nomes próprios, mas pelo contexto extralinguístico e pelo nosso saber que nos diz que, no contexto "natural" nosso só há uma lua, um sol, um mês fevereiro, e um só dia da semana segunda-feira, e, no contexto "cultural", só há um papa. Se forem escritos com maiúscula, deve-se o fato à pura convenção ortográfica, e não porque são nomes próprios.

Nomes empregados no plural com referência a uma pluralidade de objetos que individualmente têm o mesmo nome (os *Antônios,* as *Marias*, as *Romas*), ou se aplicam ao conjunto de membros de uma mesma família ou nacionalidade (os *Azevedos,* os *Maias*) ou que significam "entes como..." (os *Tiradentes,* os *Ruis*, os *Pelés*, os *Eldorados*), ou, ainda, os objetos designados pelos nomes dos autores, fabricantes, produtores (os *Rembrandts*, os *Machados de Assis* e os *Fords*), são, na realidade, nomes da "classe" e, portanto, substantivos comuns.

Passagem de nomes próprios a comuns – Não nos prendemos apenas à pessoa ou coisa nomeada; observamos-lhes qualidades e defeitos que se podem transferir a um grupo mais numeroso de seres. Os personagens históricos, artísticos e literários pagam o tributo de sua fama com o desgaste do valor individualizante do seu nome próprio que, por isso, passa a comum. Por esta maneira é que aprendemos a ver no *Judas* não só o nome de um dos doze apóstolos, aquele que traiu Jesus; é também a encarnação mesma do *traidor*, *do amigo falso*, em expressões do tipo: *Fulano é um judas.*

Desta aplicação geral de um nome próprio temos vários outros exemplos: *dom-joão* (= homem formoso; galanteador; irresistível às mulheres), *tartufo* (= homem hipócrita; devoto falso), *cicerone* (guia de estrangeiros, dando-lhes informações que lhes interessam), *benjamim* (= filho predileto, geralmente o mais moço; o mais jovem membro de uma agremiação; prende-se ao personagem bíblico que foi o último e predileto filho de Jacó), *áfrica* (= façanha; proeza; revive as façanhas dos antigos portugueses nessas terras).

Passam a substantivos comuns os nomes próprios de fabricantes e de lugares onde se fazem ou se fabricam certos produtos: *estradivários* (= violino de Stradivárius), *guilhotina* (de J. Inácio Guilhotin), *macadame* (do engenheiro Mac Adam), *sanduíche* (do conde de Sandwich), *havana* (charuto; em Portugal *havano*) , *champanha* (da região francesa Champagne),

cambraia (da cidade francesa de Cambray).

Contáveis e não contáveis – Outra subclasse do substantivo repousa na variedade da sua extensão, que pode ser descontínua e discreta ou contínua. No primeiro caso, a classe é constituída por objetos que existem isolados como partes individualmente consideradas, e recebem o nome de *contáveis*: *homem, mulher, casa, livro,* etc.

No segundo caso, refere-se a classe a objetos contínuos, não separados em partes diversas, que podem ser massa ou matéria ou, ainda, uma ideia abstrata, e recebem o nome de *não contáveis*: *oceano, vinho, bondade, beleza*. Estes não contáveis constituem em geral os *singularia tantum*, isto é, habitualmente só se usam no singular.

À categoria dos não contáveis pertence o substantivo *coletivo*, que, na forma de singular, faz referência a uma coleção ou conjunto de objetos: *arvoredo, folhagem, casario.* Distingue-se o coletivo do plural de um substantivo contável, pois este alude a uma coleção de objetos considerados individualmente: *árvores, folhas, casas*.

Entre os coletivos há os *universais* (*povo, passarada, casario*) e os *particulares* (*caniçal, vinhedo, laranjal*). Os coletivos universais não são contáveis, e, por isso, só se pluralizam nas condições especiais à classe, enquanto os particulares se contam e podem ser pluralizados.

Não se confundem com os coletivos os chamados por Herculano de Carvalho *nomes de grupo* (*bando, rebanho, cardume,* etc.), embora assim o faça a gramática. Na realidade, são nomes de conjunto de objetos contáveis, que se aplicam habitualmente ou a uma espécie definida (*cardume, alcateia, enxame*) ou total ou parcialmente indefinida (*conjunto, grupo, bando*: *bando de pessoas, de aves, de alunos*). Ao contrário dos coletivos, os nomes de grupos, principalmente do 2.º grupo, requerem determinação explícita da espécie de objetos que compõem o conjunto: *um* ***bando*** *de pessoas, de adolescentes,* etc.; *um* ***cardume*** *de baleias, de sardinhas*, etc. Já não seria possível *um vinhedo de vinhos.*

São coletivos e nomes de grupo usuais:

a) CONJUNTO DE PESSOAS:

Alcateia, bando, caterva, corja, horda, farândula, malta, quadrilha, récova, súcia, turba: de ladrões, desordeiros, assassinos, malfeitores e vadios.

Associação, clube, comício, comissão, congresso, conselho, convenção, corporação, grêmio, sociedade: de pessoas, reunidas para fim comum.

Assistência, auditório, concorrência, aglomeração, roda: de assistentes, ouvintes ou espectadores.

Cabido: de cônegos de uma catedral.

Caravana: de viajantes.

Claque, torcida: de espectadores para aplaudir ou patear.

Clientela: de clientes, de advogados, de médicos, etc.

Comitiva, cortejo, séquito, acompanhamento: de pessoas que acompanham outra por dever ou cortesia.

Comunidade, confraria, congregação, irmandade: ordem de religiosos.
Concílio, conclave, consistório, sínodo, assembléia: de párocos ou de outros padres.
Coro: conjunto, bando de pessoas que cantam juntas.
Elenco: de artistas de uma companhia, peça ou filme.
Equipagem, marinhagem, companha, maruja, tripulação: de marinheiros.
Falange: de heróis, guerreiros, espíritos.
Junta: de credores, de médicos.
Pessoal: de uma fábrica, repartição pública ou escola, loja.
Plêiade ou *plêiada*: de poetas, artistas, talentos.
Ronda: de policiais que percorrem as ruas velando pela ordem pública.
Turma: de estudantes, trabalhadores, médicos.

b) Grupo de animais:
Alcateia: de lobos, panteras ou outros animais ferozes.
Bando, revoada: de aves, pardais.
Cáfila: de camelos.
Cardume, boana, corso (ô)*, manta*: de peixes.
Colmeia, enxame, cortiço: de abelhas.
Correição, cordão: de formigas.
Fato: rebanho de cabras.
Fauna: conjunto de animais próprios de uma região.
Gado: conjunto de animais criados nas fazendas.
Junta, obesana, cingel, jugo, jugada: de bois.
Lote: de burros, grupos de bestas de carga.
Malhada, oviário, rebanho: de ovelhas.
Manada: de cavalos, de porcos, éguas.
Matilha: de cães.
Ninhada: rodada de pintos.
Nuvem, miríade, onda, praga: de gafanhotos, marimbondos, percevejos.
Piara, vara: de porcos.
Récova, récua: de cavalgaduras.
Rebanho, armento, armentio, grei, maromba: de bois, ovelhas.

c) Grupo de coisas:
Acervo, chorrilho, enfiada: de asneiras, tolices. *Acervo* também se aplica aos bens materiais: É grande o *acervo* da Biblioteca Nacional.
Antologia, analecto, crestomatia, coletânea, florilégio, seleta: de trechos literários ou científicos.

Aparelho, baixela, serviço: de chá, café, jantar.
Armada, esquadra, frota: de navios de guerra.
Bateria, fileira: de peças de artilharia.
Braçada, braçado, buquê, ramo, ramalhete (ê), *festão*: de flores.
Cacho: de uvas, de bananas.
Cancioneiro: de canções. É erro empregar o vocábulo como sinônimo de cantor em expressões como *cancioneiros românticos*.
Carrada: de razões.
Chuva, chuveiro, granizo, saraiva, saraivada: de balas, pedras, setas.
Coleção: de selos, quadros, medalhas, moedas, livros.
Constelação: de estrelas.
Cordilheira, cadeia, série: de montes, montanhas.
Cordoalha, cordame, enxárcia: de cabos de um navio.
Feixe, lio, molho (ó): de lenha, capim.
Fila, fileira, linha: de cadeiras.
Flora: conjunto de plantas de uma determinada região.
Galeria: de quadros, estátuas.
Gavela ou *gabela, paveia*: feixe de espigas.
Herbário: coleção de plantas para exposição ou estudo.
Hinário: de hinos.
Instrumental: de instrumentos de orquestra, de qualquer ofício mecânico, de cirurgia.
Mobília, mobiliário: de móveis.
Monte, montão: de pedras, palha, lixo.
Penca: de bananas, laranjas, chaves.
Pilha, ruma: de livros, malas, tábuas.
Réstia: de cebolas, alhos.
Sequência: série de cartas do mesmo naipe.
Troféu: de bandeiras.

OBSERVAÇÃO: Para outros coletivos e nomes de grupos consulte-se o dicionário.

Estrutura interna do substantivo – A estrutura interna ou constitucional do substantivo (isto é, sua morfologia) consiste, nas línguas flexivas como o português, em geral, na combinação de um signo lexical expresso pelo radical com signos morfológicos expressos por desinências e alternâncias, ambos destituídos de existência própria fora dessa combinação. Entre as desinências que, na flexão, se combinam com o substantivo está a marca de *número* e, nas línguas que a possuem, a marca de *caso* (nominativo, acusativo, etc., como se dá, por exemplo, no grego, no latim, no alemão). O substantivo, fora da flexão, pode ser dotado da marca de gênero: *menino/menina, gato/gata.*[23]

Número – É uma categoria gramatical inerente primariamente ao substantivo, que se refere aos objetos substantivos considerando-os na sua unidade da classe a que pertencem (é o número *singular*) ou no seu conjunto de dois ou mais objetos da mesma classe (é o número *plural*). Quando o singular designa vários objetos de uma mesma classe considerados num todo, temos o *coletivo* (*professorado, alunado, caravana, cardume*, etc.).

A classe dos objetos substantivos pode conter unidades descontínuas e discretas: são os objetos *contáveis* (*homem, casa, cadeira*, etc.); a classe pode também ser constituída de objetos desprovidos de limites internos, como se fossem objetos únicos: são os *não contáveis*. Estes objetos únicos ou são massa ou matéria, ou concebidos como tal (*ouro, ferro, céu*, etc.), ou uma ideia abstrata (*amor, saudade, riqueza*, etc.).

Facilmente se pluralizam os substantivos que pertencem ao grupo dos contáveis (*homem - homens; casa - casas*); já os não contáveis, em geral, se usam no singular (*singularia tantum*). Em alguns desses nomes não contáveis, o plural alude a diferentes espécies ou à fragmentação: *vinhos* (o tinto, o branco, o rosé), *mares* e, por consequência, se apresentam com variação semântica. [HCv.1, 14, 364; SA.2, 69]

Em português, o significado gramatical plural é obtido com a presença da desinência pluralizadora *-s* fonologicamente constituída pela consoante sibilante pós-vocálica diante de pausa.24 O singular se caracteriza pela ausência desta desinência.

A flexão de número, em português, pelo mecanismo da concordância, se estende ao adjetivo (e demais adjuntos do substantivo) e ao verbo, quando este entra em concordância de número com a pessoa do sujeito.

A flexão de número dos substantivos

a) **Formação do plural com acréscimo de *-s***

Forma-se o plural dos substantivos com o acréscimo do morfema pluralizador (desinência do plural) *-s*, quando terminados explicitamente por:

1 – vogal ou ditongo oral: *livro → livros; lei → leis; cajá → cajás.*

2 – vogal nasal tônica ou átona: *ímã → ímãs*; *irmã → irmãs*; *dom → dons* (grafando-se *ns*); *álbum → álbuns; totem → totens* (para o plural *tótemes*).

3 – ditongos nasais *-ãe* (tônicos ou átonos) e *-ão* (átono): *mãe → mães; bênção → bênçãos*.

b) **Formação do plural com acréscimo de *-es***

Quando não está explícita a vogal temática suprimida no singular deverá ser restituída para constituir a forma teórica (*ás → *ase → ases*) e depois ser acrescida a desinência *-s*. Isto ocorre quando o singular termina por:

1 – *-s* (em sílaba tônica): *ás → ases*; *freguês → fregueses*

Cós serve para os dois números e ainda possui o plural reduplicativo *coses*.

2 – *-z* (em sílaba tônica): *luz → luzes*; *giz → gizes*; *cicatriz → cicatrizes*

3 – *-r*: *cor* → *cores*; *elixir* → *elixires*; *revólver* → *revólveres*

c) **Plural de nomes gregos em *-n***

Nos nomes de origem grega terminados em *-n*, pode-se obter o plural com o acréscimo da desinência *-s*, ou recorrer à forma teórica com a recuperação do *-e* (*abdômen* → **abdomene* → *abdômenes*). Melhor fora dar a estes substantivos feição mais de acordo com o sistema fonológico do português, eliminando o *-n* final ou substituindo-o por *-m* e procedendo-se à formação do plural com o só acréscimo do *-s* (*abdome* → *abdomes*; *pólen* → *polem* → *polens,* grafando *-ns*):

abdômen → abdomens ou abdômenes

certâmen → certamens ou certâmenes

dólmen (dolmem) → dolmens ou dólmenes

espécimen → espécimens ou especímenes

gérmen → germens ou gérmenes

hífen → hifens ou hífenes

pólen (polem) → polens ou pólenes

regímen → regimens ou regímenes

OBSERVAÇÕES:

1.ª) *éden* (melhor seria *edem*, que o *Vocabulário Ortográfico* não registra) faz *edens*.

2.ª) *Cânon,* melhor grafado *cânone*, faz *cânones*.

3.ª) Recorde-se que são acentuados os paroxítonos em *-n*, e não os em *-ens*. Daí *hífen*, mas *hifens* (sem acento gráfico).

d) **Plural dos nomes em *-ão* tônico**

Os nomes em *-ão* tônico a rigor pertencem à classe dos temas em *-o* ou em *-e*, conforme o plural respectivo: *irmãos* (= irmão + s), *pães* (= *pãe + s), *leões* (= *leõe + s). Para uma descrição coerente Mattoso propõe que se parta das formas teóricas do plural para se chegar ao tema, suplementadas pelas regras morfofonêmicas pertinentes, no processo de formação de plural.

Destacando-se a vogal temática (que passa a semivogal de ditongo em contacto com a vogal anterior), teremos o radical em *-õ* (*leõ*) e o radical em *-ã* (*irmã, pã*).

1) os substantivos em *-õ* com tema em *-e* fazem o plural com acréscimo da desinência *-s*:

leão (* leõ + e + s) → *leões*

coração (* coraçõ + e + s) → *corações*

Assim, temos os plurais: *questões, melões, razões,* etc.

Este grupo é o mais numeroso e, por isso mesmo, tende, no uso espontâneo, a assimilar outras formas de plural que a língua exemplar não adota. Neste grupo estão incluídos todos os substantivos abstratos formados com os sufixos *-ção, -são* e *-ão* e grande parte de substantivos concretos.

comoção → *comoções*; *adoração* → *adorações*

apreensão → *apreensões*; *compreensão* → *compreensões*

abusão → *abusões*; *visão* → *visões*

caminhão (*camião*) → *caminhões* (*camiões*); *barracão* → *barracões*

Este radical teórico em *-õ* aparece evidente em adjetivos e verbos da mesma família do substantivo, o que é sinal de que este faz o plural em *-ões*; por exemplo, *leonino* denuncia o plural correto de *leão*: *leões*.

2) os substantivos em *-ã* com tema em *-o* (*irmão*) fazem o plural com o acréscimo da desinência *-s*:

irmão (*irmã + o + s) → *irmãos*

cidadão (*cidadã + o + s) → *cidadãos*

Este radical teórico em *-ã* aparece evidente em adjetivos e verbos da mesma família dos substantivos *irmão* (irm*an*ar) e *cidadão* (cidad*an*ia).

3) os substantivos em *-ã* com vogal temática *-e* (*pã - e* de *pães*) fazem o plural com o acréscimo da desinência *-s*:

pão → (pã + e + s) → *pães*

capitão → (capitã + e + s) → *capitães*

Descrito o processo de flexão, cabe perguntar como, partindo da forma teórica do plural, se chega às formas do singular em *-ão*. Destacando-se a vogal temática, como já vimos, obtemos duas estruturas fonológicas para os radicais: em *-õ* (leõ) e em *ã* (irmã, pã). Os de tema em *-o* não sofrem alteração: *irmão*; os de tema em *-e* ou mudam a vogal para *-o* (*pão*) ou, se a vogal do radical for *-õ*, apresentam duas mudanças: a vogal temática passa de *-e* a *-o* e a vogal do radical passa de *õ* a *ã*: *leão*.

Dada a confluência das formas do singular num único final *-ão* (diferençadas no plural, como acabamos de ver), surgem muitas dúvidas no uso do plural, além de alterações que se deram através da história da língua, algumas das quais se mantêm regional ou popularmente, em geral a favor da forma plural *-ões*, por ser a que encerra maior número de representantes.

"O ensino escolar [comenta Mattoso] se esforça para manter os três tipos de plural, ora apoiando-se na origem latina, ora se inspirando no espanhol (onde há diferença no singular – *razón*: *razones*; *hermano*: *hermanos*; *pan*: *panes*), ora apelando para as preferências (se bem que às vezes inconsistentes) de determinados autores, na língua literária, considerados 'clássicos'[MC.8, 81-82].

Diante do exposto, oferecemos ao leitor relação minuciosa dos dois grupos de substantivos em *-ão* que não fazem o plural mais frequente em *-ões*:

1) plural em *-ães*:

cão → cães	escrivão → escrivães
capelão → capelães	tabelião → tabeliães
alemão → alemães	pão → pães
capitão → capitães	maçapão → maçapães
mata-cão → mata-cães	catalão → catalães

2) plural em *-ãos*:

chão → chãos

cidadão → cidadãos

cristão → cristãos

desvão → desvãos

grão → grãos

irmão → irmãos

mão → mãos

pagão → pagãos

e os paroxítonos apontados em **A flexão de número dos substantivos** - a) 3.

Muitos substantivos apresentam dois e até três plurais:

aldeão	aldeãos	aldeões	aldeães
ancião	anciãos	anciões	anciães
charlatão	—	charlatões	charlatães
corrimão	corrimãos	corrimões	—
cortesão	cortesãos	cortesões	—
deão	deãos	deões	deães
ermitão	ermitãos	ermitões	ermitães
fuão	fuãos	fuões	—
guardião	—	guardiões	guardiães
refrão	refrãos	—	refrães
sacristão	sacristãos	—	sacristães
truão	—	truões	truães
vilão	vilãos	vilões	vilães
vulcão	vulcãos	vulcões	—

e) **Plural dos nomes treminados em *-l***

1 – **Plural dos nomes terminados em *-al, -el, -ol, -ul***

Nos nomes em *-l*, temos de partir da forma teórica com restituição da vogal temática *-e*, acréscimo do pluralizador *-s*, posterior às regras morfofonêmicas: queda do *-l-* intermediário

e passagem da vogal temática a semivogal (grafada *-i*)

carnaval → *carnavale → carnavales → carnavaes → carnavais

papel → *papele → papeles → papees → papéis (tônico)

lençol → *lençole → lençoles → lençoes → lençóis

nível → *nivele → niveles → nívees → níveis (átono)25

paul → *paule → paules → paues → pauis

OBSERVAÇÕES:

1.ª) *cônsul* e *mal* fazem *cônsules* e *males*

2.ª) *cal* e *aval* fazem *cales* (= cano) e *cais*, *avales* (mais comum em Portugal) e *avais*

3.ª) *real* faz *réis* (moeda antiga) e *reais* (moeda nova)

2 – **Plural dos nomes terminados em *-il***

a) *-il* em vogal átona: ocorre a passagem do *i* a *e* e posteriormente o mesmo que o caso anterior:

fóssil → *fóssile → *fossele → fosseles → fossees → fósseis

b) *-il* com vogal tônica: ocorre o acréscimo do pluralizador *-s* e posterior supressão do *-l*, já que não é necessário recorrer à vogal temática, por não aparecer no plural:

*funil → *funils → funis*26

OBSERVAÇÃO: *mírtil* faz *mírtiles* e *mírteis*; *móbil* faz *móbiles* e *móbeis*.

Réptil e *projétil*, como paroxítonos, fazem *répteis* e *projéteis*; como oxítonos, *reptil* e *projetil* fazem *reptis* e *projetis*.

f) **Plural dos nomes terminados em -x (= ce)**

Os terminados em *-x* com o valor de *ce* (final com que podem também ser grafados) fazem o plural normalmente em *-ces*:

cálix (ou *cálice*), *cálices; apêndix* (ou *apêndice*), *apêndices*.

g) **Palavras que não possuem marca de número**

Há significantes terminados por *-s* em sílaba átona (como *lápis, pires*, ou monossílabos como *cais, xis*) que não possuem marca de número, quer no singular quer no plural, pois se mostram alheias à classe gramatical de número. Cremos ser a melhor lição a de Herculano de Carvalho, segundo a qual não se pode aceitar a doutrina corrente que vê nessas formas um singular que permanece invariável no plural. É um caso de sincretismo, e não de neutralização [HCv.3, 608-609 e 642]. A pluralidade é marcada pelos adjuntos (artigo, adjetivo, pronome, numeral): *o lápis, os lápis; um pires, dois pires; este xis, estes xis*.

Estão neste caso os terminados em:

1) *-s* (em sílaba átona; palavras sigmáticas):

o pires, os pires; o lápis, os lápis; a cútis, as cútis.

OBSERVAÇÃO: *Simples* faz *simpleces* ou, o que é mais comum, não varia. *Cós, lais* e *ferrabrás* são mais usados invariáveis, mas possuem o plural *coses, laises* e *ferrabrases*.

2) *-x* (com o valor de *cs*): *o tórax, os tórax; o ônix, os ônix.*

OBSERVAÇÃO: Alguns nomes com *x* = *cs* possuem a variante em *ce*: *índex* ou *índice, ápex* ou *ápice; códex* ou *códice*. Seus plurais são, respectivamente, *índices, códices, ápices.* Aliás, são preferíveis as grafias *índice, códice* e *ápice*, no singular.

h) **Plurais com alteração de *o* fechado para *o* aberto (metafonia)**[27]

Muitas palavras com *o* fechado tônico, quando passam ao plural, mudam esta vogal para *o* aberto:

miolo – miolos

Dentre as que apresentam esta mudança (chamada metafonia) na vogal tônica lembraremos aqui as mais usuais:

abrolho	fogo	porco
antolho	forno	porto
caroço	foro	posto
choco	fosso	povo
corcovo	imposto	reforço
coro	jogo	rogo
corpo	miolo	sobrolho
corvo	mirolho	socorro
despojo	olho	tijolo
destroço	osso	torto
escolho	ovo	troco
esforço	poço	troço

Esta alternância constitui a única marca do feminino em *avô* e formas com ela relacionadas, onde se acha suprimida a desinência *-a*: *avô – avó* (< *avoa* < lat. *aviola*). Nos casos de metafonia, o plural é marcado pelo morfema pluralizador *-s* e pelo morfema suprassegmental.

Continuam com *o* fechado no plural:

acordo	esboço	logro
adorno	esposo	morro
almoço	estorvo	repolho
alvoroço	ferrolho	rolo
arroto	fofo	sogro

boda	forro	soldo
bojo	gafanhoto	sopro
bolo	globo	soro
bolso	gorro	toco
cachorro	gosto	toldo
caolho	gozo	topo
coco	horto	torno
contorno	jorro	transtorno

OBSERVAÇÃO: Como no caso dos plurais em *-ão (-ões, -ães, -ãos)*, a inclusão da palavra no grupo dos metafônicos ou não metafônicos apresenta muitas indecisões. O esforço para dirimir dúvidas nestes casos se tem regulado pela origem do timbre da vogal tônica em latim e na forma paralela das correspondentes em espanhol, onde, como regra, do timbre fechado resulta uma vogal simples e do timbre aberto uma ditongação: *gozo* (esp.) – gozo (port.) – gozos (ô); *fuego* (esp.) – fogo (port.) – fogos (ó). Tanto a etimologia do latim quanto o paralelismo do espanhol nem sempre têm a boa resposta às dúvidas.

Não sofrem alteração os nomes próprios e os de família:

os *Diogos*, os *Mimosos*, os *Raposos*, os *Portos*.

i) **Plurais com deslocação do acento tônico** – Há palavras que, no plural, mudam de sílaba tônica:

caráter	–	caracteres
espécimen	–	especímenes
júnior	–	juniores
Júpiter	–	Jupíteres
Lúcifer	–	Lucíferes
sênior	–	seniores

O plural *sorores* é de *soror*, oxítono, o que se estende a *sóror*.

j) **Variações semânticas do significado entre o singular e o plural** – Normalmente, o plural guarda o mesmo significado do singular. Isto não acontece, porém, em alguns casos, principalmente se se trata de substantivos abstratos em sentidos contextuais:

bem (o que é bom) – *bens* (propriedades)

féria (produto do trabalho diário) – *férias* (dias de descanso)

"Onde não se preza a *honra* se desprezam as *honras*" [MM].

Em nomes abstratos como *injustiças, crueldades, gentilezas,* o plural denota atos repetidos, ora multiplicidade dos mesmos atos, com certa conotação aumentativa [FBr.1, 97].

Também em nomes concretos pode o plural acusar mudança de significado: *ferro* (metal) → *ferros* (algemas) [SA.2, 69].

Estão nestes casos os nomes que no plural indicam o casal:

os pais (pai e mãe), *os irmãos* (irmã e irmão), *os reis* (rei e rainha).

l) **Palavras só usadas no plural** (*pluralia tantum*) – Eis as principais:

ademanes	endoenças
afazeres	exéquias
alvíssaras	férias (= repouso)
anais	núpcias
arredores	trevas
avós (antepassados)	víveres
belas-artes, belas-letras	nomes de naipes: copas,
confins	ouros, espadas, paus

m) **Plural de nomes próprios** – Os nomes próprios usados no plural fazem o plural obedecendo às normas dos nomes comuns, e a língua padrão recomenda se ponham no plural, e não no singular:

"O fidalgo dos Vitos Alarcões tratou da cabeça na cama, uns quinze dias" [CBr.6, 144].

" (...) seria um garfo meritório do tronco dos *Parmas* d'Eça, ao qual ele Rui de Nelas se glorificava de ser estranho?" [CBr.6, 171].

Todavia, não é raro o uso do singular na língua literária:

"Os brasileiros do sul, os *Correia de Sá*, perdiam muito do encanto dessas obras (...)" [GA *apud* TS, 105].

n) **Plural dos nomes estrangeiros não assimilados** – Os nomes estrangeiros que se adaptaram ao sistema fonológico do português têm o seu plural consoante as normas vigentes: *clube → clubes; dólar → dólares; repórter → repórteres; abajur → abajures; ultimato → ultimatos; memorando → memorandos; confete → confetes.*

Os não assimilados ao nosso idioma tomam duas direções: a) terminam com *-s*, sem pretender coincidir com as regras do plural da língua originária, ou b) regulando-se pelas normas da língua estrangeira, o que, em geral, é o procedimento recomendado na língua padrão e nos textos científicos.

Do primeiro caso, temos:

films, leaders, ladys, dandys, lieds, blitzes.

Do segundo temos, entre os latinismos:

curriculum → curricula, memorandum → memoranda,

corpus → *corpora*, etc.,

que podem ser aportuguesados, no singular, em: *currículo, memorando, corpo* (raro).

campus → *campi (o campus, os campi)*

Entre os gregos cabe citar:

tópos → *tópoi*, *lógos* → *lógoi*, *ónoma* → *onómata.*

Entre os anglicismos:

lady → *ladies*; *penny* → *pennies* ou *pence*;

dandy → *dandies*; *sportman* → *sportmen.*

Entre os germanismos:

lied (/ *lid* /) → *lieder*; *leitmotiv* → *leitmotiven*; *blitz* → *blitzen.*

Também se erra usando-se *lieder* como singular.

Os escritores procuram, na medida do possível, acertar o passo; assim é que José Lins do Rego usou *lieds* nesta passagem de *Gordos e Magros* (1942): "Goethe ia ao povo para sentir a força dos *lieds*, a música que dorme na alma popular." Em *Poesia e Vida* (1945) já se pautava pela norma alemã: "Destruindo Mozart, uma grande Alemanha desapareceria; a Alemanha dos *lieder*, dos violinos gemendo por debaixo das macieiras em flor (...)".

Os nomes italianos em *-i* já estão no plural, quando flexionados (*o confetto* → *os confetti*), mas isto não impediu que um escritor correto como Latino Coelho fizesse o plural com acréscimo do *-s*: "Portugal não primou nas invenções admiráveis da ciência: não teve Newtons nem Platões. Não meneou com galhardo luzimento o escopro ou o pincel: não teve Rafaéis, nem Buonarottis." [*apud* SS.2, 70]. Também de *lápis-lazúli* temos o plural *lápis-lazúlis*. A prevalecer a norma da língua exemplar, pode-se dizer que se trata de um elemento funcional pertencente ao sistema português reservado aos plurais estrangeiros não assimilados (*Fremdwörter*) [ECs.1, 11 n.172].

o) **Plural dos nomes de letras** – Os nomes de letras vão normalmente ao plural, de acordo com as normas gerais.

Escreve com todos os *efes* e *erres*.

Coloquemos os pingos nos *is*.

N.B.: *Xis* serve para singular e plural.

Podemos ainda indicar o plural das letras com a sua duplicação: *ff, rr, ii.*

Este processo ocorre em muitas abreviaturas:

E.E.U.U. (Estados Unidos, também representado por EUA, Estados Unidos da América, ainda U.S.A.).

p) **Plural dos nomes com o sufixo *-zinho*** – Põem-se no plural os dois elementos e suprime-se o *s* do substantivo, consoante a regra ortográfica oficial:

animalzinho = animal + zinho
animaizinhos
coraçãozinho = coração + zinho
coraçõezinhos
florzinha = flor + zinha

florezinhas
papelzinho = papel + zinho
papeizinhos
pazinha = pá + zinha
pazinhas

mas

pazinha = paz + inha
pazezinhas

NOTA ORTOGRÁFICA: Os sufixos diminutivos *-inho* (*-ito,* etc.), *-zinho* (*-zito*, etc.) têm hoje uma distribuição regular, conforme o final da palavra básica:

a) se termina por vogal átona ou consoante (exceto *-s* e *-z*), a escolha é materialmente indiferente, apesar de aparecerem nuanças de sentido contextuais: corpo → *corpinho* (com queda da vogal temática) / *corpozinho* (a forma básica intacta); *flor* → *florinha / florzinha*; *mulher* → *mulherinha / mulherzinha*;

b) se termina por vogal tônica, nasal ou ditongo, é de emprego obrigatório *-zinho* (*-zito,* etc.); boné → bonezinho; siri → sirizinho; álbum → albunzinho; bem → benzinho; raio → raiozinho. Com *-zinho* evitam-se hiatos do tipo *irmãinha*, *raioito*, etc.;

c) se termina em *-s* ou *-z*, o emprego normal é com *-inho* (*-ito*, etc.), repudiando-se *-zinho* (*-zito*, etc.); ficando intacta a palavra básica: lapisinho (lápis + inho), cuscuzinho (cuscuz + inho), rapazinho (rapaz + inho), cartazinho (cartaz + inho), exatamente como escrevemos *lapiseira (lápis + eira), lapisar (lápis + ar), lapisada (lápis + ada)*, etc.

Estabelecem-se até oposições léxicas e fonológicas (já que se guardam os acentos das palavras básicas): *cartazinho* (= cartàz + inho), *cartazinha* (= càrta + zinha), *rapazinho* (= rapàz + inho); *rapazinho* (= ràpa + zinho); *masinho* (= mas + inho), *mazinha* (= mà + zinha) [veja-se o exemplo dado por Oiticica: *Você escreveu aí na pedra um masinho que ninguém percebe* (trata-se da conjunção *mas*)]. Às vezes há convergências gráficas: *pazinha* (*paz + inha*) e *pazinha* (*pá + zinha*), que o contexto dissolverá.

Se escrevemos oficialmente *lapisar, lapiseira,* por que o *Vocabulário* oficial preceitua *lapizinho*? Segundo já Epifânio Dias [ED.1, § 94] e José Oiticica, o coerente seria, já que a regra é flexionar as duas unidades: *açãozinha* (no singular) → *açõesinhas* (no plural, já a básica termina em *-s*). A regra que obriga o *-z* e que expusemos por ser a ortografia oficial, foi formulada por Gonçalves Viana (*Ortografia*, 123); Mário Barreto mostrou-se indeciso no pleito: "Da regra de Epifânio depreende-se que nos nomes em *-ão* os sufixos *-inho e -ito* se precedem de *z* (*açãozinha*, escreve o eruditíssimo gramático português) e que no plural perdem o *z*, tomando esta forma no tema e no sufixo: *ações-inhas*. Seja lá como for, o que está fora de dúvida é que o plural é *açõesinhas* ou *açõezinhas, coraçõesinhos* ou *coraçõezinhos*, e não *coraçãozinhos, açãozinhas*" [MBa.4, 226-227].

Oiticica [JO.3, 89] ainda acha que o normal seria *florinhas, florzinhas*, que a língua padrão evita, mas que têm adoções eventuais em bons escritores: "contam os seus amigos que, quando na mocidade frequentava noturnamente os *barzinhos* da Lapa..." [MB.1, II, 493].

A razão do emprego de formas plurais *barzinhos, colherzinhas* se prende ao fato de que com sufixos outros não ocorre o plural das duas unidades *florinha* → *florinhas*.

q) **Plural das palavras substantivadas** – Qualquer palavra, grupo de palavras, oração ou texto pode substantivar-se, isto é, passar a substantivo, que, tomadas materialmente, isto é, como designação de sua própria forma externa, valem por um substantivo masculino e singular:

o *sim,* o *não,* o *quê,* o *pró,* o *contra,* o *h, Peras* é feminino, *Os homens* é o sujeito da oração.

Tais palavras vão normalmente ao plural:

os *sins,* os *nãos,* os *quês,* os *prós,* os *contras,* os *hh* (agás)

Enquadram-se neste caso os nomes que exprimem número, quando aludem aos algarismos.

Na sua caderneta há três *setes* e dois *oitos*. Tire a prova dos *noves*. Há dois *quatros* a mais e três *onzes* a menos nessas parcelas.

Fazem exceção os terminados em *-s* (*dois, três, seis*), *-z* (*dez*) e *mil*, que são invariáveis.

Quatro *seis* e cinco *dez*.

r) **Plural cumulativo** – Alguns nomes possuem duas formas: uma, básica, singular e outra flexionada em plural que passa a valer como se singular fora:

ananá	ananás
eiró (iró)	eirós (irós)
filhó	filhós
ilhó	ilhós
lilá	lilás

o ananá, *os ananás*; *o lilá*, *os lilás*.

OBSERVAÇÃO: *Cós* fica invariável ou tem plural cumulativo *coses*.

Passando a forma plural a ser empregada como um singular (*o ananás, o lilás*, etc.), por semelhança de singulares em *-ós* (*retrós*, por exemplo), admite um novo plural, chamado cumulativo, por esquecimento da etapa de pluralização: *o ananás, os ananases; o eirós, os eiroses; o filhós, os filhoses; o ilhós, os ilhoses; o lilás, os lilases.*

s) **Plural nos etnônimos** – Etnônimo é o nome que se aplica à denominação dos povos, das tribos, das castas ou de agrupamentos outros em que prevalece o conceito de etnia. Estes nomes utilizados na língua comum admitem a forma plural, como todos os outros: *os brasileiros, os portugueses, os espanhóis, os botocudos, os tupis, os tamoios,* etc.

Por convenção internacional de etnólogos, está há anos acertado que, em trabalhos científicos, os etnônimos que não sejam de origem vernácula ou nos quais não haja elementos vernáculos não são alterados na forma plural, sendo a flexão indicada pelo artigo plural: *os tupi, os nambiquara, os caiuá, os tapirapé, os bântu, os somáli,* etc.

t) **Plural dos nomes compostos** – Merece especial atenção o plural dos nomes compostos, uma vez que as dúvidas e vacilações são frequentes. A questão envolve dificuldades de ordem

ortográfica (uso ou não do hífen) e de ordem gramatical. Torna-se imperiosa uma sistematização que venha pôr simplificação ou minorar as dúvidas ainda existentes, mesmo com as últimas propostas do Acordo Ortográfico. Sem pretendermos esgotar o assunto, apresentamos os seguintes critérios:

A – SOMENTE O ÚLTIMO ELEMENTO VARIA:

1) nos compostos grafados ligadamente:

fidalgo	fidalgos
girassol	girassóis
lenga-lenga	lenga-lengas
madressilva	madressilvas
pontapé	pontapés
vai-vem	vai-vens
zum-zum	zum-zuns

2) nos compostos com as formas adjetivas *grão, grã e bel:*

grão-prior	grão-priores
grã-cruz	grã-cruzes
bel-prazer	bel-prazeres

3) nos compostos de tema verbal ou palavra invariável seguida de substantivo ou adjetivo:

furta-cor	furta-cores
beija-flor	beija-flores
abaixo-assinado	abaixo-assinados
alto-falante	alto-falantes
vice-rei	vice-reis
ex-diretor	ex-diretores
ave-maria	ave-marias

4) nos compostos de três ou mais elementos, não sendo o 2.º elemento uma preposição:

bem-te-vi	bem-te-vis

5) nos compostos de emprego onomatopeico em que há repetição total ou parcial da primeira unidade:

reco-reco	reco-recos
tique-taque	tique-taques

B – SOMENTE O PRIMEIRO ELEMENTO VARIA:

1) nos compostos onde haja preposição, clara ou oculta:

cavalo-vapor (= de, a vapor)	cavalos-vapor
ferro de abrir lata	ferros de abrir lata
mula sem cabeça	mulas sem cabeça
pé de moleque	pés de moleque

2) nos compostos de dois substantivos, onde o segundo exprime a ideia de *fim, semelhança*, ou limita a significação do primeiro:

aço-liga	aços-liga
navio-escola	navios-escola (= para escola)
manga-rosa	mangas-rosa (= semelhante a rosa)
peixe-boi	peixes-boi
salário-família	salários-família

C – AMBOS OS ELEMENTOS VARIAM:

1) nos compostos de dois *substantivos*, de um *substantivo* e um *adjetivo* ou de um adjetivo e um *substantivo*:

amor-perfeito	amores-perfeitos
cabra-cega	cabras-cegas
carta-bilhete	cartas-bilhetes
decreto-lei	decretos-leis
gentil-homem	gentis-homens
guarda-civil	guardas-civis
guarda-mor	guardas-mores
lugar-comum	lugares-comuns
salário-mínimo	salários-mínimos
segunda-feira	segundas-feiras

OBSERVAÇÃO: *lugar-tenente* faz o plural *lugar-tenentes*.

2) nos compostos de temas verbais repetidos:

corre-corre	corres-corres
ruge-ruge	ruges-ruges

OBSERVAÇÃO: Os compostos incluídos neste caso também admitem a flexão adotada pelos nomes de *A*, 3): *corre-corres, ruge-ruges*.

D – FICAM INVARIÁVEIS:

1) as frases substantivas:

a estou-fraca (ave)	as estou-fraca
o não sei que diga	os não sei que diga
o disse me disse	os disse me disse
o bumba meu boi	os bumba meu boi

2) os compostos de tema verbal e palavra invariável:

o ganha-pouco	os ganha-pouco
o pisa-mansinho	os pisa-mansinho
o cola-tudo	os cola-tudo

3) nos compostos de dois temas verbais de significado oposto:

o leva e traz	os leva e traz
o vai-volta	os vai-volta

E – ADMITEM MAIS DE UM PLURAL, ENTRE OUTROS:

fruta-pão:	frutas-pão, fruta-pães
guarda-marinha:	guardas-marinha ou guardas-marinhas *
padre-nosso:	padres-nossos ou padre-nossos
ruge-ruge:	ruges-ruges ou ruge-ruges
salvo-conduto:	salvos-condutos ou salvo-condutos

* Rejeita-se, sem razão, o plural guarda-marinhas.

Gênero – A nossa língua conhece dois gêneros: o *masculino* e o *feminino*.

São masculinos os nomes a que se pode antepor o artigo **o**:

o *linho*, o *sol*, o *raio*, o *prazer*, o *filho*, o *beijo*

São femininos os nomes a que se pode antepor o artigo **a**:

a *flor*, a *casa*, a *mosca*, a *nuvem*, a *mãe*

Todo substantivo está dotado de gênero, que, no português, se distribui entre o grupo do *masculino* e o grupo do *feminino*. São masculinos os nomes a que se pode antepor o artigo *o* (*o linho*, *o sol*, *o clima*, *o poeta*, *o grama*, *o pente*, *o raio*, *o prazer*, *o filho*, *o beijo*) e são femininos os nomes a que se pode antepor o artigo *a* (*a linha*, *a lua*, *a grama*, *a ponte*, *a poetisa*, *a filha*, *a dor*). Só que esta determinação genérica não se manifesta no substantivo da mesma maneira que está representada no adjetivo ou no pronome, por exemplo, isto é, pelo processo da flexão. Apesar de haver substantivos em que aparentemente se manifeste a

distinção genérica pela flexão (*menino* / *menina*, *mestre* / *mestra*, *gato* / *gata*), a verdade é que a inclusão num ou noutro gênero depende direta e essencialmente da classe léxica dos substantivos e, como diz Herculano de Carvalho, "não é o fato de em português existirem duas palavras diferentes – *homem* / *mulher*, *pai* / *mãe*, *boi* / *vaca*, e ainda *filho* / *filha*, *lobo* / *loba* (das quais estas *não são* formas de uma flexão, mas palavras diferentes *tanto como* aquelas) – para significar o indivíduo macho e o indivíduo fêmea (duas espécies do mesmo "gênero", em sentido lógico) que permite afirmar a existência das classes do masculino e do feminino, mas, sim, o fato de o adjetivo, o artigo, o pronome, etc., se apresentarem sob duas formas diversas exigidas respectivamente por cada um dos termos de aqueles pares opositivos –, "est*e* homem velh*o*" / "est*a* mulher velh*a*", "*o* filho mais n*ó*v*o*" / "*a* filha mais n*ó*v*a*" –, formas que de fato constituem uma flexão" [HCv.1, v.9 s.v. *gênero*].

A aproximação da função cumulativa derivativa de -*a* como atualizador léxico e morfema categorial se manifesta tanto em *barca* de *barco*, *saca* de *saco*, *fruta* de *fruto*, *mata* de *mato*, *ribeira* de *ribeiro*, etc., quanto em *gata* de *gato*, porque dá "ao tema de que entra a fazer parte a capacidade de significar uma classe distinta de objetos, que em geral constituem uma espécie do gênero designado pelo tema primário" [HCv.3, 536 n.38; HCv.4, 21]. É pacífica, mesmo entre os que admitem o processo de flexão em *barco* → *barca* e *lobo* → *loba*, a informação de que a oposição masculino – feminino faz alusão a outros aspectos da realidade, diferentes da diversidade de sexo, e serve para distinguir os objetos substantivos por certas qualidades semânticas, pelas quais o masculino é uma forma geral, não marcada semanticamente, enquanto o feminino expressa uma especialização qualquer:

barco / *barca* (= barco grande)
jarro / *jarra* (um tipo especial de jarro)
lobo / *loba* (a fêmea do animal chamado lobo)

Esta aplicação semântica faz dos pares *barco* / *barca* e restantes da série acima não serem consideradas primariamente formas de uma flexão, mas palavras diferentes marcadas pelo processo de derivação. Esta função semântica está fora do domínio da flexão. A analogia material da flexão de gênero do adjetivo é que levou o gramático a pôr no mesmo plano *belo* / *bela* e *menino* / *menina*.

Este fato explica por que na manifestação do gênero no substantivo, entre outros processos, existe a indicação por meio de sufixo nominal: *conde* / *condessa*, *galo* / *galinha*, *ator* / *atriz*, *embaixador* / *embaixatriz*, etc.

Sem ser função precípua da morfologia do substantivo, a diferença do sexo nos seres animados pode manifestar-se ou não com diferenças formais neles. Esta manifestação se realiza ou pela mudança de sufixo (como em *menin**o*** / *menin**a***, *gat**o*** / *gat**a***) – é a *moção* –, ou pelo recurso a palavras diferentes que apontam para cada um dos sexos – é a *heteronímia* (*homem* / *mulher*, *boi* / *vaca*). Na primeira série de pares, como já vimos na lição de Herculano de Carvalho, não temos formas de uma flexão, mas, nelas, como na segunda série de pares, estamos diante de palavras diferentes.

Quando não ocorre nenhum destes dois tipos de manifestação formal, ou o substantivo, com o seu gênero gramatical, se mostra indiferente à designação do sexo (*a criança*, *a pessoa*, *o cônjuge*, *a formiga*, *o tatu*) ou, ainda indiferente pela forma, se acompanha de adjuntos

(artigos, adjetivos, pronomes, numerais) com moção de gênero para indicar o sexo (*o artista*, *a artista*, *bom estudante*, *boa estudante*).

Inconsistência do gênero gramatical – A distinção do gênero nos substantivos não tem fundamentos racionais, exceto a tradição fixada pelo uso e pela norma; nada justifica serem, em português, masculinos *lápis*, *papel*, *tinteiro* e femininos *caneta*, *folha* e *tinta*.

A inconsistência do gênero gramatical fica patente quando se compara a distribuição de gênero em duas ou mais línguas, e até no âmbito de uma mesma língua histórica na sua diversidade temporal, regional, social e estilística. Assim é que, para nós, o *sol* é masculino e, para os alemães, é feminino *die Sonne*, a *lua* é feminino, e, para eles, masculino *der Mond*; enquanto o português *mulher* é feminino, em alemão é neutro *das Weib*. *Sal* e *leite* são masculinos em português e femininos em espanhol: *la sal* e *la leche*. *Sangue* é masculino em português e francês e feminino em espanhol: *le sang* (fr.) e *la sangre* (esp.).

Mesmo nos seres animados, as formas do masculino ou do feminino podem não determinar a diversidade de sexo, como ocorre com os substantivos chamados *epicenos* (aplicados a animais irracionais), cuja função semântica é só apontar para a espécie: *a cobra*, *a lebre*, *a formiga* ou *o tatu*, *o colibri*, *o jacaré*, ou os substantivos aplicados a pessoas, denominados *comuns de dois*, distinguidos pela concordância: *o / a* ***estudante***, *este / esta* ***consorte***, *reconhecido / reconhecida* ***mártir***, ou ainda os substantivos de um só gênero denominados *sobrecomuns*, aplicados a pessoas, cuja referência a homem ou a mulher só se depreende pela referência anafórica do contexto: *o* ***algoz***, *o* ***carrasco***, *o* ***cônjuge***.

A mudança de gênero – Aproximações semânticas entre palavras (sinônimos, antônimos), a influência da terminação, o contexto léxico em que a palavra funciona e a própria fantasia que moldura o universo do falante, tudo isto representa alguns dos fatores que determinam a mudança do gênero gramatical dos substantivos. Na variedade temporal da língua, do português antigo ao contemporâneo, muitos substantivos passaram a ter gêneros diferentes, alguns sem deixar vestígios, outros como *mar*, hoje masculino, onde o antigo gênero continua presente em *preamar* (*prea = plena*, *cheia*) e *baixa-mar*.

Já foram femininos *fim*, *planeta*, *cometa*, *mapa*, *tigre*, *fantasma*, entre muitos outros; já foram usados como masculinos: *árvore*, *tribo*, *catástrofe*, *hipérbole*, *linguagem*, *linhagem* [SA.5, I, 65-70; PDo.1].

O gênero nas profissões femininas – A presença, cada vez mais justamente acentuada, da mulher nas atividades profissionais que até bem pouco eram exclusivas ou quase exclusivas do homem tem exigido que as línguas – não só o português – adaptem o seu sistema gramatical a estas novas realidades. Já correm vitoriosos faz muito tempo femininos como *mestra*, *professora*, *médica*, *advogada*, *engenheira*, *psicóloga*, *filóloga*, *juíza*, entre tantos outros.

As convenções sociais e hierárquicas criaram usos particulares que nem sempre são unanimemente adotados na língua comum. Todavia, já se aceita a distinção, por exemplo, entre

a *Cônsul* (= senhora que dirige um consulado) e a *Consulesa* (= esposa do Cônsul), a *Embaixadora* (= senhora que dirige uma Embaixada) e *Embaixatriz* (= esposa do Embaixador). Já para *senador* vigoram indiferentemente as formas de feminino *senadora* e *senatriz* para a mulher que exerce o cargo político ou para a esposa do senador, regra que também poucos gramáticos e lexicógrafos estendem a *consulesa* e *embaixatriz*.

Na hierarquia militar, a denominação para mulheres da profissão parece não haver uma regra generalizada. Correm com maior frequência os empregos28:

o cabo Ester Silva, *o sargento* Andreia.

Na linguagem jurídica, as petições iniciais vêm com o masculino com valor generalizante, dada a circunstância de não se saber quem examinará o processo, se juiz ou juíza.

Meritíssimo Senhor Juiz
Excelentíssimo Senhor Desembargador

Note-se, por fim, que algumas formas femininas podem não vingar por se revestirem de sentido pejorativo: *chefa*, *caba*, por exemplo.

Formação do feminino – Os substantivos que designam pessoas e animais manifestam o gênero e apresentam, quase sempre, duas formas diferentes: uma para indicar os seres do sexo masculino e outra para os seres do sexo feminino:

filho	–	filha
pai	–	mãe
rapaz	–	rapariga

Podemos distinguir, na manifestação do feminino, os seguintes processos:

a) com a mudança ou acréscimo ao radical, suprimindo a vogal temática: *filho* → filh(o) + a → *filha*:

1 – os terminados em -*o* mudam o -*o* em -*a*, por analogia com a flexão dos adjetivos biformes:

filho	–	filha	menino	–	menina
aluno	–	aluna	gato	–	gata

2 – os em -*e* uns há que ficam invariáveis, outros acrescentam -*a* depois de suprimir a vogal temática: *alfaiate* → alfaiat(e) + a → *alfaiata*.

Não variam de forma à semelhança dos adjetivos:

amante, *cliente*, *constituinte*, *doente*, *habitante*,
inocente, *ouvinte*, *servente*, etc.

Variam:

alfaiate – alfaiata
infante – infanta
governante – governanta
presidente – presidenta
parente – parenta
monge – monja

} também aparece invariável

3 – os em -*or* formam geralmente o feminino com acréscimo de *a*:

doutor – doutora
professor – professor

OBSERVAÇÃO: Outros, terminados em -*eira*: *arrumadeira*, *lavadeira*, *faladeira* (a par de *faladora*).

4 – os em vogal atemática (tônica), -*s*, -*l*, -*z* acrescentam *a*, sem qualquer alteração morfofonêmica:

freguês	–	freguesa	zagal	–	zagala
português	–	portuguesa	oficial	–	oficiala
juiz	–	juíza	guri	–	guria
peru	–	perua			

5 – os em -*ão* (dada a confluência no singular e permanência de formas diferençadas no plural, como já vimos, apresentam os seguintes casos:

a) quando este final pertence a nomes de tema em -*o* (transformado em semivogal do ditongo nasal), têm suprimida normalmente esta vogal e acrescida de -*a* e posterior fusão por crase:

irmão → irmã(o) + a → *irmãa* → *irmã* (por crase);
alemão → alemã(o) + a → *alemãa* → *alemã*. 29

b) quando -*ão* corresponde a forma teórica -*õ*, tal qual ocorre com o plural, há desnasalação da vogal temática e acréscimo de -*a*, que favorece o aparecimento de hiato:

bretão (radical teórico *bretõ*, cf. o plural *bretões*) → *breto*(m) + a → *bretoa*;
bom → bo(m) + a → *boa*.

c) quando -*ão* é sufixo derivacional aumentativo, a nasalidade desenvolve o fonema de transição /n/:

valentão (radical teórico *valentõ*, cf. pl. *valentões*) → *valento* + *n* + *a* → *valentona*.

6 – os que têm o sufixo derivacional –*eu* suprimem a vogal temática (aqui sob forma de semivogal do ditongo), acrescentam –*a* e, ao se obter o hiato *ea*, desenvolvem normalmente o ditongo /*ey*/ e conhecem posterior passagem do *e* fechado a aberto /*ey*/ (passagem que não se dá em todo o território onde se fala a língua, como, por exemplo, em Portugal): *europeu* → *europe*(u) + *a* → *europea* → *europeia* → *europeia*.

Assim procedem: *ateu*, *egeu*, *filisteu*, *giganteu*, *pigmeu*.

Fazem exceção: *judeu* → *judia*, *sandeu* → *sandia*.

7 – manifestam o feminino por meio dos sufixos derivacionais *-esa*, *-essa*, *-isa*, *-triz*, *-ez*:

abade – abadessa

alcaide – alcaidessa
(ou alcaidina)

barão – baronesa

bispo – episcopisa

conde – condessa

condastável – condastabelesa

cônego – canonisa

cônsul – consulesa

diácono – diaconisa

doge – dogesa, dogaresa,
dogaressa

druida – druidesa, druidisa
(ocorre em O. Bilac)

duque – duquesa

embaixador – embaixatriz
(embaixadora)

etíope – etiopisa

imperador – imperatriz

jogral – jogralesa

papa – papisa

píton – pitonisa

poeta – poetisa

príncipe – princesa

prior – priora, prioresa

profeta – profetisa

sacerdote – sacerdotisa

visconde – viscondessa

8 – não se enquadram nos casos precedentes:

ator – atriz

avô – avó

capiau – capioa

czar /pron. tçar/ - czarina *

dom – dona

felá – felaína

galo – galinha

grou – grua

herói – heroína

ilhéu – ilhoa

landgrave – landgravina

marajá – marani

mandarim – mandarina

maestro – maestrina
(também *maestra*)

pierrô – pierrete

raja ou rajá – râni ou rani

rapaz – rapariga

rei – rainha

réu – ré

silfo – sílfide

sultão – sultana

tabaréu – tabaroa

* Também grafado: tzar – tzarina.

b) com palavras diferentes para um e outro sexo (heterônimos):

1 – Nomes de pessoas:

cavaleiro – amazona

marido – mulher

cavalheiro – dama

confrade – confreira

compadre – comadre

frade – freira

frei – sóror, soror, sor

genro – nora

homem – mulher

padrasto – madrasta

padre – madre

padrinho – madrinha

pai – mãe

patriarca – matriarca

rico-homem – rica-dona

2 – Nomes de animais:

bode – cabra

boi – vaca

burro – besta

cão – cadela

carneiro – ovelha

cavalo – égua

veado – veada, cerva (é)

zangão, zângão – abelha

c) feminino com auxílio de outra palavra:

Há substantivos que têm uma só forma para os dois sexos:

estudante, consorte, mártir, amanuense, constituinte, escrevente, herege, intérprete, etíope, ouvinte, nigromante, servente, vidente, penitente

São por isso chamados comuns de (ou a) dois. Tais substantivos distinguem o sexo pela anteposição de *o* (para o masculino) e *a* (para o feminino):

o estudante – a estudante
o camarada – a camarada
o mártir – a mártir

Incluem-se neste grupo os nomes de família:

"(...) redarguiu colérica a *Pacheco* (...)" [CBr *apud* MB.2, 150].

Os nomes terminados em -*ista* e muitos terminados em -*e* são comuns de dois:

o capitalista – a capitalista; o doente – a doente

Também nomes próprios terminados em -*i* (antigamente ainda -*y*) são comuns tanto a homens como a mulheres:

Darci, Juraci

Enquadram-se neste grupo os nomes de animais para cuja distinção de sexo empregamos as palavras *macho* e *fêmea*:

cobra macho; jacaré fêmea

Podemos ainda servir-nos de outro torneio:

o macho da cobra; a fêmea do jacaré

Estes se chamam *epicenos*.

d) sobrecomuns

São nomes de um só gênero gramatical que se aplicam, indistintamente, a homens e mulheres: 30

o algoz, o carrasco, o cônjuge, a criatura, a criança, o ente, o indivíduo, a pessoa, o ser, a testemunha, o verdugo, a vítima.

Gênero estabelecido por palavra oculta – São masculinos os nomes de rios, mares, montes, ventos, lagos, pontos cardeais, meses, navios, por subentendermos estas denominações:

O (rio) *Amazonas*, *o* (oceano) *Atlântico*, *o* (vento) *bóreas*, *o* (lago) *Ládoga*, *o* (mês) *abril*, *o* (porta-avião) *Minas Gerais*

Por isso são normalmente femininos os nomes de cidade, ilhas:

A bela (cidade) *Petrópolis*. *A movimentada* (ilha) *Governador*.

Nas denominações de navios, depende do termo subentendido: *o* (transatlântico) *Argentina*, *a* (corveta) *Belmonte*, *a* (canhoneira) *Tijuca*, etc. De modo geral, os grandes transatlânticos são todos masculinos, em vista deste substantivo oculto, embora muitos tenham nomes femininos: "Embarcou *no Lusitânia* e foi para Lisboa" [MBa.5, 294].

Notem-se os seguintes gêneros:

O (vinho) *champanha* (e não *a champanha*!), *o* (vinho) *madeira*, *o* (charuto) *havana*, *o* (café) *moca*, *o* (gato) *angorá*, *o* (cão) *terra-nova*.

Mudança de sentido na mudança de gênero – Há substantivos que são masculinos ou femininos, conforme o sentido com que se achem empregados:

a apocalipse – *o apocalipse*
a cabeça (parte do corpo) – *o cabeça* (o chefe)
a capital (cidade principal) – *o capital* (dinheiro, bens)
a gênesis – *o gênesis*
a língua (órgão muscular; idioma) – *o língua* (o intérprete)
a lotação (capacidade de um carro, navio, sala, etc.) – *o lotação* (forma abreviada de autolotação)
a moral (parte da filosofia; moral de um fato; conclusão) – *o moral* (conjunto de nossas faculdades morais; ânimo)
a rádio (a estação) – *o rádio* (o aparelho)
a voga (moda; popularidade) – *o voga* (o remador)

Gênero de compostos – Os compostos são uma espécie de construção sintática abreviada, de modo que, se são constituídos por substantivos variáveis (biformes), o determinante (a 2.ª unidade) concorda com o gênero do determinado e é responsável pelo gênero do composto: a *batata-rainha* e não a *batata-rei*, a *ponta-seca* (instrumento de corte) [MAg.1, 160; MAg.3, 157].

Nos compostos de unidades uniformes, é evidente que não se dá a concordância do 2.º elemento, mas o gênero do composto continua se regulando pela 1.ª unidade: *a cobra-capelo*, *o pau-paraíba*, *a fruta-pão*.

Neste último caso, dá-se com frequência a perda da noção do composto (tratado como palavra base), o que facilita que o gênero do composto se regule pela 2.ª unidade: *o pontapé* e a indecisão entre o povo se é *a fruta-pão* (o normal), se *o fruta-pão* (com esquecimento do composto).

Se o composto está constituído de tema verbal e substantivo, a regra é o composto ter o gênero masculino singular: *o tira-teima*(s), *o arranca-rabo*, *o trava-língua*, *o trava-conta*(s).

Contrariamente ao gênero da língua e por imitação inglesa, passou-se a usar de compostos em que o determinante, invariável, ocupa o primeiro lugar, e o determinado o segundo, ficando o gênero do composto regulado por este último elemento: *a ferrovia*, *a aeromoça*. Segundo Martinz de Aguiar, por esta porta é que nos chegou o masculino de *o cólera-morbo* (*morbo*, latino, é masculino) e, na forma reduzida, *o cólera*, e não por influência francesa. A passagem ao hoje mais usual e aceito *a cólera-morbo*, *a cólera*, se deveu à analogia com o processo regular no português.

Gêneros que podem oferecer dúvida:

a) *São masculinos*:

Os nomes de letra de alfabeto, clã, champanha, dó, eclipse, formicida, grama (unidade de peso), jângal (jângala), lança-perfume, milhar, orbe, pijama, proclama, saca-rolhas, sanduíche, sósia, telefonema, soma (o organismo tomado como expressão material em oposição às funções psíquicas).

b) *São femininos*:

Aguardente, alface, alcunha, alcíone, análise, anacruse, bacanal, fácies, fama, cal, cataplasma, cólera, cólera-morbo, coma (cabeleira e vírgula), dinamite, eclipse, faringe, fênix, filoxera, fruta-pão, gesta (= façanha), libido, polé, preá, síndrome, tíbia, variante e os nomes terminados em *-gem* (exceção de *personagem* que pode ser masc. ou fem.).

c) *São indiferentemente masculinos ou femininos*:

Ágape, avestruz, caudal, componente (masc. no Br. e fem. em Portugal), crisma, diabete, gambá, hélice, íris, juriti, igarité, lama ou lhama, laringe (mais usado no fem.), ordenança, personagem, renque, sabiá, sentinela, soprano, suástica, suéter, tapa, trama (intriga), víspora.

Mais de um feminino – Além dos já apontados no decorrer do capítulo, lembraremos ainda os mais usuais:

aldeão – aldeã, aldeoa
deus – deusa, deia (poét.)
diabo – diaba, diabra, diáboa
elefante – elefanta, elefoa, aliá
javali – javalina, gironda
ladrão – ladra, ladrona, ladroa
melro – mélroa, melra
motor – motora, motriz (adj.)
pardal – pardoca, pardaloca, pardaleja
parvo – párvoa, parva
polonês – polonesa, polaca
varão – varoa, virago, matrona
vilão – vilã, viloa

OBSERVAÇÃO: As orações, os grupos de palavras, as palavras e suas partes tomadas materialmente são consideradas como do número singular e do gênero masculino: É bom *que estudes*; *o sim*; *o não*; *o re-*, etc.

Aumentativos e diminutivos – Os substantivos apresentam-se com a sua significação aumentada ou diminuída, auxiliados por sufixos derivacionais:

homem – homenzarrão – homenzinho

A NGB, confundindo flexão com derivação, estabelece dois graus de significação do substantivo:

a) aumentativo: *homenzarrão*
b) diminutivo 31: *homenzinho*

A derivação gradativa do substantivo se realiza por dois processos, numa prova evidente

de que estamos diante de um processo de derivação, e não de flexão:

a) *sintético* – consiste no acréscimo de um final especial chamado *sufixo derivacional aumentativo* ou *diminutivo*: homenzarrão, homenzinho;

b) *analítico* – consiste no emprego de uma palavra de aumento ou diminuição (grande, enorme, pequeno, etc.) junto ao substantivo: *homem grande*, *homem pequeno*.

A flexão se processa de modo sistemático, coerente e obrigatório em toda uma classe homogênea, fato que não ocorre na derivação, o que já levara o gramático e erudito romano Varrão a considerá-la uma *derivatio voluntaria*.

Aumentativos e diminutivos afetivos 32 – Fora da ideia de tamanho, as formas aumentativas e diminutivas podem traduzir o nosso desprezo, a nossa crítica, o nosso pouco caso para certos objetos e pessoas, sempre em função da significação lexical da base, auxiliados por uma entoação especial (eufórica, crítica, admirativa, lamentativa, etc.) e os entornos que envolvem falante e ouvinte:

poetastro, *politicalho*, *livreco*, *padreco*, *coisinha*, *issozinho*

Dizemos então que os substantivos estão em sentido pejorativo.

A ideia de pequenez se associa facilmente à de carinho que transparece nas formas diminutivas das seguintes bases léxicas:

paizinho, mãezinha, queridinha

Função sintática do substantivo – Quanto à função sintática, o substantivo exerce por excelência a função de sujeito (ou seu núcleo) da oração e, no domínio da constituição do predicado, as funções de objeto direto, complemento relativo, objeto indireto, predicativo, adjunto adnominal e adjunto adverbial. Em geral, na função de sujeito e de objeto direto dispensa o substantivo o concurso de qualquer outro elemento; nas outras, acompanha-se de índice funcional.

Toda palavra, parte da palavra ou toda unidade linguística de maior extensão – a oração e o texto inclusive – considerada materialmente, como "objetos substantivos" vale por um substantivo, na metalinguagem. Assim, em ***João** é oxítono, **re**-é um prefixo, o **hoje** e o **amanhã*** o que temos são elementos significantes da linguagem primária (isto é, a linguagem cujo objeto é a realidade não linguística) que se podem converter em nomes de si mesmos – e, portanto, em "substantivos" – no plano da metalinguagem do discurso (isto é, a linguagem cujo objeto é uma linguagem), vale dizer, no emprego metalinguístico da linguagem. Em *o **não*** ou *o **ai!*** não temos "substantivações" de advérbio ou de interjeição, mas substantivos metalexicalizados. Em *O **dlim-dlão** dos sinos acordou-me cedo,* não temos uma onomatopeia a funcionar como sujeito; no exemplo, *dlim-dlão* já não é uma onomatopeia (repare-se que só o substantivo ou equivalente funciona como sujeito), mas o seu nome expresso por substantivo designativo do som que o sino emite. É o que a escolástica chamava *suppositio materialis* [ECs.12, 107; HCv.2, 189].

Grafia dos nomes próprios estrangeiros – As ciências, as artes, a cultura, em geral, e o contato intenso entre nações fazem circular uma multiplicidade de nomes próprios estrangeiros, quer antropônimos, quer topônimos. A tradição literária – mais lusitana que brasileira – prefere, quando possível, aportuguesar, nos antropônimos, o prenome, deixando intacto o sobrenome: *Emílio Zola, Ernesto Renan, Renato Descartes, Antônio Meillet, Frederico Diez.* Todavia, também é possível a manutenção integral do nome estrangeiro: *Antoine Meillet*, *John Milton*, *Juan de Mena.*

Há outros que tradicionalmente são mantidos intactos: *William Shakespeare*, *Johann Wolfgang von Goethe*, *Giovanni Boccaccio*, *Wolfgang Amadeus Mozart*.

Particular atenção merecem os nomes latinos que, por imitação francesa, aparecem com a terminação *-us* do nominativo, quando deveriam ter *-o*: *Bruto* (e não *Brutus*), *Júnio* (e não *Junius*), *Quintílio* (e não *Quintilius*) [MBa.7, 252 - 253].

Maiores adeptos do aportuguesamento, especialmente em Portugal, angariam os topônimos, principalmente quando já correram entre escritores desde os séculos XV e XVI. Assim, é pacífica nos dois países (já que os países independentes de expressão oficial portuguesa acertam o passo com a lição e prática dos lusitanos) a aceitação de *Londres* (e não *London*), *Viena* (e não *Wien*), *Florença* (e não *Firenze*), *Colônia* (e não *Köln*), *Mogúncia* (e não *Mainz* ou *Mayence*), ao lado de outras de difícil aportuguesamento, como *Washington, Windsor, Civitàvecchia, St. Etienne.*

Para brasileiros soam estranhos aportuguesamentos como *Moscovo, Aquisgrano* (Aix-la-Chapelle ou Aachen), *Bona* (Bonn), *Vratislávia* (Breslau), *Cambrígia* (Cambridge), *Francoforte* (Frankfurt), *Glásgua* (Glasgow), entre outros, embora várias propostas tenham aceitação unânime: *Antuérpia* (para *Anvers*), *Avinhão* (*Avignon*), *Basileia* (*Bâle ou Basel*), *Berna* (*Berne*), *Cornualha* (*Cornwall*), *Cracóvia* (*Kraków*), *Leida* (*Leyden*), *Nimega* (*Nijmegen*), *Nova Iorque* (*New York*), *Zurique (Zurich*).

2 – ADJETIVO

Adjetivo – é a classe de lexema que se caracteriza por constituir a *delimitação*, isto é, por caracterizar as possibilidades designativas do substantivo, orientando delimitativamente a referência a uma *parte* ou a um *aspecto* do denotado.

O adjetivo pertence a um inventário aberto, sempre suscetível de ser aumentado. A estrutura interna ou constitucional do adjetivo consiste, nas línguas flexivas, na combinação de um signo lexical expresso pelo radical com signos morfológicos expressos por desinências e alternâncias, ambas destituídas de existência própria fora dessas combinações. No português, entre as desinências está a marca de gradação, isto é, o grau absoluto ou relativo da parte, ou aspecto ("qualidade") significado no radical, (*belo – belíssimo*), bem como afixos de gênero e de número. A relação gramatical instaurada entre o signo delimitador e o signo delimitado é geralmente expressa pela "concordância".

A delimitação apresenta distinções; pode ser *explicação*, *especialização* e *especificação*, expressas por instrumentos verbais correspondentes: os *explicadores*, os *especializadores* e

os *especificadores*. Os explicadores destacam e acentuam uma característica inerente do nomeado ou denotado. Os especializadores marcam os limites extensivos ou intensivos pelos quais se considera o determinado, sem isolá-lo nem opô-lo a outros determináveis capazes de caber na mesma denominação. Os especificadores restringem as possibilidades de referência de um signo, ajuntando-lhe notas que não são inerentes a seu significado.

Junto a virtuais, os especificadores delimitam dentro das classes correspondentes outras classes menos amplas (p. ex. *homem* / *homem branco*). Aplicados a atuais, apresentam os objetos denotados como pertencentes a classes que, por sua vez, se consideram incluídas em classes mais extensas (cf. um *menino louro* pertence à classe "menino louro", que é membro da classe "menino"). Este tipo de determinação Coseriu chama *especificação distintiva*.

Formalmente análoga à especificação distintiva, mas muito diferente no que toca ao funcional, é a *especificação informativa* ou *identificação*, que é um tipo autônomo de determinação, expresso pelos instrumentos *identificadores*. Consiste a identificação na especificação do significado de uma forma "multívoca" para garantir sua compreensão por parte do ouvinte atual ou eventual. Não é a identificação um processo que se realiza com *significados*, como a delimitação, mas com *formas*, e com vista à *atribuição do significado*, isto é, é um processo para que as formas se tornem *inequívocas* ao ouvinte.

Instrumentos gramaticais da determinação nominal – Os instrumentos verbais da determinação nominal são expressos por palavras dotadas de significado categorial e léxicos compreendidas pelos adjetivos, locuções adjetivas, orações adjetivas e nomes em aposição, que se aplicam tanto a nomes virtuais quanto a atuais.

São exemplos de:

a) *delimitadores explicadores*: ***o vasto*** *oceano*, ***as líquidas*** *lágrimas*

b) *delimitadores especializadores*: *a vida* ***inteira***, *o sol* ***matutino***, *o dia* ***no ocaso***, *o céu* ***austral***, *o homem* ***como sujeitos pensantes***, *Camões* ***como poeta***.

c) *delimitadores especificadores* (especificação distintiva): *castelo* ***medieval***, *menino* ***louro***, *aves* ***aquáticas***, *o presidente* ***da República***, *o médico* ***de família***.

São exemplos de determinação *identificadora*: *folha* ***de papel***, *folha* ***de zinco***, *quadro* ***de futebol***, *quadro* ***de parede***, *língua-**idioma***, *língua-**órgão,*** *o real* ***moeda***, *homem* ***homem*** (e não *homem* ser humano).

Os identificadores podem ser ocasionais (Caxias, *Maranhão*), usuais (São Lourenço *do Sul*), ou constantes (*Nova* York, Porto *Alegre*). Os identificadores usuais e constantes, como partes integrantes de um signo, constituem, com seus determinados, verdadeiros *nomes compostos*, embora normalmente dissociáveis, no caso dos identificadores usuais, em virtude de circunstâncias do falar a que Coseriu chama *entornos*.

Assim, se o falante estiver no Maranhão, escusará dizer *Caxias*, *Maranhão*, mas tão somente *Caxias*, como o habitante de *São Lourenço do Sul* usará apenas *São Lourenço*, dentro do mesmo entorno.

OBSERVAÇÃO: Outros instrumentos verbais podem, sozinhos ou acompanhados de adjetivo, exercer a função de delimitadores nominais. Entretanto, com os adjetivos propriamente ditos não se confundem, porque não possuem significação lexical (ou,

como vimos atrás, quando a apresentam, têm significado lexical genérico, o que ocorre com certos pronomes), e integram um inventário fechado: são pronomes adjuntos (a que a gramática tradicional chamava "adjetivos determinativos": *possessivos*, *demonstrativos*, *indefinidos*) e, intimamente relacionados com estes últimos, os *numerais*.

NOTA DE NOMENCLATURA: Os gramáticos antigos gregos e latinos reuniam substantivos e adjetivos numa só classe, a dos *nomes*, como ainda fazem alguns gramáticos de línguas estrangeiras (ingleses, por exemplo). Só na Idade Média se fez a distinção entre nomes substantivos e nomes adjetivos. Isto porque um mesmo objeto pode ser apreendido ou como objeto absoluto e independente (isto é, substância afetada por um acidente: *o forte* ***amor***), ou como objeto dependente (inerente a um sujeito: *o homem* ***amoroso***). Daí, com frequência, poder o mesmo significante ocorrer com um ou outro desses valores: ***alto*** *monte* – ***o alto*** *do monte*. Assim também expressões inteiras, inclusive orações, podem "substantivar-se", vale dizer, podem passar a exercer funções que os substantivos exercem; daí as chamadas orações subordinadas substantivas: *Desejo teu* ***progresso*** / *Desejo* ***que progridas*** [ECs.1, 291-308; HVc.1, 427-428]. Por outro lado, uma oração adjetiva não introduzida pelos conectores *cujo* e *o qual* pode voltar a substantivar-se mediante a anteposição do artigo, se se elide o substantivo antecedente: *Não sei* ***o que tem de verdade nisso***, onde a oração transposta de adjetivo passa a substantivo para exercer a função de objeto direto em relação ao predicado *não sei*. Chamar ao *o* (*a, os, as*) pronome demonstrativo é mascarar a substantivação.

Locução adjetiva – é a expressão formada de preposição + substantivo ou equivalente com função de adjetivo:

Homem de *coragem* = homem *corajoso*
Livro *sem capa* = livro *desencapado*
"Era uma noite medonha,
Sem estrelas, *sem luar*" [GD]
Homem *de cor*
Escritores *de hoje*

Note-se que nem sempre encontramos um adjetivo de significado perfeitamente idêntico ao de locução adjetiva:

Colega de turma

A língua poética é mais receptiva ao emprego do adjetivo que exprime matéria em lugar da locução adjetiva:

áureas *estátuas* – *estátuas* ***de ouro***
nuvens ***plúmbeas*** – *nuvens* ***de chumbo***
colunas ***marmóreas*** – *colunas* ***de mármore***

Substantivação do adjetivo – Certos adjetivos são empregados sem qualquer referência a nomes expressos como verdadeiros substantivos. A esta passagem de adjetivos a substantivos chama-se substantivação:

"A vida é combate
que os *fracos* abate,
que os *fortes*, os *bravos*,
só pode exaltar" [GD].

Nestas substantivações, o adjetivo prescinde do substantivo que o podia acompanhar, ou então é tomado em sentido muito geral e indeterminado, não marcado, caso em que se usa o masculino (à maneira do neutro latino, mas não do neutro em português, que não existe):[33]

O ***bom*** da história é que não houve fim.
O ***engraçado*** da anedota passou despercebido.
O ***triste*** do episódio está em que a vida é assim.

Flexões do adjetivo – O adjetivo se combina com certos signos gramaticais para manifestar o *número*, o *gênero* e o *grau*. O grau, entretanto, não constitui, no português, um processo gramatical e, assim, deve ser excluído da nossa descrição como tal, à semelhança do que já fazem gramáticas de outras línguas românicas. O grau, com estas reservas, figura aqui, por ter sido ainda contemplado pela NGB. A gradação em português, tanto no substantivo quanto no adjetivo, se manifesta por procedimentos sintáticos, e não morfológicos, como o era em latim, ou por sufixos derivacionais.

Número do adjetivo – O adjetivo acompanha o número do substantivo a que se refere: *aluno estudioso*, *alunos estudiosos*.

O adjetivo, portanto, conhece os dois números que vimos no substantivo: o *singular* e o *plural*.

Formação do plural dos adjetivos – Aos adjetivos se aplicam, na maioria dos casos, as mesmas regras de plural dos substantivos.

Alguns poucos adjetivos, como já ocorreu nos substantivos, se mostram indiferentes à marca de número, servindo indistintamente para a indicação do singular ou plural: *simples*, *isósceles*, assim:

critério *simples* / solução *simples*
caráter *assim* / coragem *assim*

Quanto aos adjetivos compostos, lembraremos que normalmente só o último varia, quando formados por dois adjetivos:

amizades luso-brasileiras, reuniões lítero-musicais
saias verde-escuras, folhas azul-claras

Variam ambos os elementos, entre outros exemplos, *surdo-mudo*: *surdos-mudos*.

Com exceção dos casos mais gerais, não tem havido unanimidade de uso no plural dos adjetivos compostos, quer na língua literária, quer na variedade espontânea da língua. A dificuldade fica ainda acrescida pelo fato de uma mesma forma poder ser empregada como adjetivo ou como substantivo, e a cada uma dessas funções são atribuídos plurais distintos, especialmente nos dicionários. As denominações de cores é que mais chamam a nossa atenção neste particular. Assim, para *verde-claro* como substantivo, se atribui o plural *verdes-claros* e, como adjetivo, *verde-claros*; já *verde-azul*, substantivo ou adjetivo, é assinalado com o plural *verde-azuis*.

Se o 2.º elemento é um substantivo (*verde-abacate*, *verde-água*), o composto admite dois plurais: *verdes-abacates* e *verdes-abacate*; *verdes-águas* e *verdes-água*.

O melhor, nestes casos, será apelar para as nossas tradicionais maneiras de adjetivar, com o auxílio da preposição *de* ou das locuções *de cor*, *de cor de* ou, simplesmente, *cor de* [SS.3, 74]: *olhos de verde-mar*, *ramagens de cor verde-garrafa*, *luvas de cor de pele*, *olhos cor de safira*, *olhos verdes da cor do mar*.

Mário Barreto, lembrando a possibilidade da elipse da preposição *de* ou da locução *cor de*, recomenda a invariabilidade do substantivo empregado adjetivamente, em *fitas creme*,

luvas café, isto é, fitas de cor de creme, e rejeita *fitas cremes*, *luvas cafés* [MBa.1, 375-377]. Ensina ainda que, sendo frequente o emprego do nome do objeto colorido para expressar a cor desse mesmo objeto: *o* ***lilá*** *pálido*, *um* ***violeta*** *escuro*, aplicando-se aos nomes *lilá*, *violeta* o gênero masculino na acepção da cor: "Prefiro o *rosa* ao *violeta*", em vez de "Prefiro *a* rosa à violeta", oração que pode ser entendida de maneira ambígua.

Gênero do adjetivo – O adjetivo concorda também em gênero com o substantivo a que se refere. Conhece, assim, os gêneros comuns ao substantivo: *masculino* e *feminino*. Todavia, esta distinção (em gênero e em número) tem diferente valor referencial no substantivo e no adjetivo; no substantivo, o gênero e o número modificam a referência, enquanto no adjetivo designam sempre a mesma qualidade e só se explicam como simples repercussão da relação sintática (concordância) que se instaura entre o determinado e o determinante, nada acrescentando semanticamente. Diferente de *menino* / *menina*, o adjetivo *estudioso* / *estudiosa* não assinala *menino* como da classe dos machos nem *menina* da classe das fêmeas.

Formação do feminino dos adjetivos – Os adjetivos *uniformes* são os que apresentam uma só forma para acompanhar substantivos masculinos e femininos. Geralmente estes uniformes terminam em *-a*, *-e*, *-l*, *-m*, *-r*, *-s* e *-z*:

povo *lusíada*	–	nação *lusíada*
breve exame	–	*breve* prova
trabalho *útil*	–	ação *útil*
objeto *ruim*	–	coisa *ruim*
estabelecimento *modelar*	–	escola *modelar*
homem *audaz*	–	mulher *audaz*
conto *simples*	–	história *simples*

Exceções principais: *andaluz*, *andaluza*; *bom*, *boa*; *chim*, *china*; *espanhol*, *espanhola*.

Quanto aos *biformes*, isto é, que têm uma forma para o masculino e outra para o feminino, os adjetivos seguem de perto as mesma regras que apontamos para os substantivos. Lembraremos aqui apenas os casos principais:

a) Os terminados em *–ês*, *-or*, e *–u* acrescentam no feminino um *a*, na maioria das vezes.

chinês, *chinesa*; *lutador*, *lutadora*; *cru*, *crua*.

EXCEÇÕES: 1) *cortês*, *descortês*, *montês* e *pedrês* são invariáveis; 2) *incolor*, *multicor*, *sensabor*, *maior*, *melhor*, *menor*, *pior* e outros são invariáveis. Outros em *-dor* ou *-tor* apresentam-se em *-triz*: *motor*, *motriz* (a par de *motora*, conforme vimos nos substantivos); outros terminam em *-eira*: *trabalhador*, *trabalhadeira* (a par de *trabalhadora*). *Superiora* (de convento) usa-se como substantivo. 3) *hindu* é invariável; *mau* faz *má*.

b) Os terminados em *-eu* passam, no feminino, a *-eia*:

europeu, *europeia*; *ateu*, *ateia*.

EXCEÇÕES: *judeu – judia*; *sandeu – sandia*
tabaréu – tabaroa; *réu – ré*.

c) Alguns adjetivos, como já ocorreu nos substantivos, apresentam uma forma teórica básica do feminino singular com vogal aberta que estará presente também no plural; no masculino esta vogal aberta passa a fechada:

laborioso (ô), *laboriosa* (ó); *disposto* (ô), *disposta* (ó).

Este procedimento de partir do timbre da vogal tônica aberta do feminino para o fechamento da vogal do masculino, e não o inverso, explica-se pelo fato de que há adjetivos em que a vogal tônica fechada do masculino se mantém fechada também no feminino: *encantada*, *encantadora*, *português*, *portuguesa*.

Gradação do adjetivo – Há três tipos de gradação na qualidade expressa pelo adjetivo: *positivo*, *comparativo* e *superlativo*, quando se procede a estabelecer relações entre o que são ou se mostram duas ou mais pessoas. Como já dissemos, a gradação em português se expressa por mecanismo sintático ou derivacional:

O POSITIVO, que não se constitui a rigor numa gradação, enuncia simplesmente a qualidade:

O rapaz é *cuidadoso*.

O COMPARATIVO compara qualidade entre dois ou mais seres, estabelecendo:

a) uma *igualdade*:

O rapaz é *tão cuidadoso quanto* (ou *como*) *os outros*.

b) uma *superioridade*:

O rapaz é *mais cuidadoso que* (ou *do que*) *os outros*.

c) uma *inferioridade*:

O rapaz é *menos cuidadoso que* (ou *do que*) *os outros*.

O SUPERLATIVO pode:

a) ressaltar, com vantagem ou desvantagem, a qualidade do ser em relação a outros seres:

O rapaz é *o mais cuidadoso dos* (ou *dentre os*) *pretendentes ao emprego*.

O rapaz é *o menos cuidadoso dos pretendentes*.

b) indicar que a qualidade do ser ultrapassa a noção comum que temos dessa mesma qualidade:

O rapaz é *muito cuidadoso*.

O rapaz é *cuidadosíssimo*.

No primeiro caso, a *qualidade* é ressaltada em relação ou comparação com os outros pretendentes. Diz-se que o *superlativo* é *relativo*.

Forma-se o *superlativo relativo* do mesmo modo que o comparativo de superioridade ou inferioridade antecedido sempre do artigo definido e seguido de sintagma preposicional iniciado por *de* (ou *dentre*): *o mais... de* (ou *dentre*), *o menos... de* (ou *dentre*).

No segundo caso, a superioridade é ressaltada sem nenhuma relação com outros seres. Diz-se que o *superlativo* é *absoluto* ou *intensivo*.

O superlativo absoluto pode ser *analítico* ou *sintético*.

Forma-se o analítico com a anteposição de palavra intensiva (*muito*, *extremamente*, *extraordinariamente*, etc.) ao adjetivo: *muito cuidadoso*. Na modalidade espontânea, mesmo

em literatura, pode-se obter a manifestação afetiva do superlativo mediante a repetição do adjetivo: *Ela é linda linda*. Ou do advérbio: *Ela é muito muito linda*.

O *sintético* é obtido por meio do sufixo derivacional *-íssimo* (ou outro de valor intensivo) acrescido ao adjetivo na forma positiva, com a supressão da vogal temática, quando o exigirem regras morfofonêmicas: *cuidadosíssimo*.

Quanto ao aspecto semântico, *cuidadosíssimo* diz mais, é mais *enfático* do que *muito cuidadoso*. O sufixo *-íssimo* é recente na longa história do português e se deve a um empréstimo do latim, durante o Renascimento, com o auxílio do italiano, responsável pela recuperação do sufixo. Na linguagem coloquial, se desejamos que o superlativo absoluto analítico seja mais enfático, costumamos repetir a palavra intensiva: *Ele é muito mais cuidadoso*, ou se buscam efeitos expressivos mediante a ajuda de criações sufixais imprevistas como *-ésimo*.

O meio termo entre estes dois superlativos (*muito cuidadoso – cuidadosíssimo*) é obtido com a fórmula: *mais do que cuidadoso*, *menos de*:

> "Estas e outras arguições, complicadas com os procedimentos *mais do que ásperos* da expulsão do coleitor Castracani em 1639, não concorreram pouco para alienar de todo o ânimo das populações..." [RS.2, IV, 75-6].
> "Tomou o estudante uma casa *menos de* modesta, fora de portas em Santo Antônio dos Olivais" [CBr.6, 107].

Alterações gráficas no superlativo absoluto – Ao receber o sufixo intensivo, o adjetivo pode sofrer certas modificações na sua forma:

a) os terminados em *-a*, *-e*, *-o* perdem essas vogais:

cuidadosa – cuidadosíssima
elegante – elegantíssimo
cuidadoso – cuidadosíssimo

b) os terminados em *-vel* mudam este final para *-bil*:

terrível – terribilíssimo
amável – amabilíssimo

c) os terminados em *-m* e *-ão* passam, respectivamente, a *-n* e *-an*:

comum – comuníssimo
são – saníssimo

d) os terminados em *-z* passam esta consoante a *-c*:

feroz – ferocíssimo
sagaz – sagacíssimo

Há adjetivos que não alteram sua forma, como é o caso dos terminados em *-u*, *-l* (exceto *-vel*), *-r*:

cru – cruíssimo; fácil – facílimo – facilíssimo; regular – regularíssimo

Afora estes casos, outros há onde os superlativos se prendem às formas latinas. Apontemos os mais frequentes:

acre – acérrimo
amargo – amaríssimo
amigo – amicíssimo
antigo – antiquíssimo
magnífico – magnificentíssimo
magro – macérrimo
malédico – maledicentíssimo
malévolo – malevolentíssimo

áspero – aspérrimo

benéfico – beneficentíssimo

benévolo – benevolentíssimo

célebre – celebérrimo

célere – celérrimo

cristão – cristianíssimo

cruel – crudelíssimo

difícil – dificílimo

doce – dulcíssimo

fiel – fidelíssimo

frio – frigidíssimo

geral – generalíssimo

honorífico – honorificentíssimo

humilde – humílimo

incrível – incredibilíssimo

inimigo – inimicíssimo

íntegro – integérrimo

livre – libérrimo

maléfico – maleficentíssimo

mísero – misérrimo

miúdo – minutíssimo

negro – nigérrimo

nobre – nobilíssimo

parco – parcíssimo

pessoal – personalíssimo

pobre – paupérrimo

pródigo – prodigalíssimo

público – publicíssimo

provável – probabilíssimo

sábio – sapientíssimo

sagrado – sacratíssimo

salubre – salubérrimo

soberbo – superbíssimo

simples – simplicíssimo

tétrico – tetérrimo

Ao lado do superlativo à base do termo latino, pode circular o que procede do adjetivo acrescido da terminação *–íssimo*:

agílimo – agilíssimo

antiquíssimo – antiguíssimo

crudelíssimo – cruelíssimo

dulcíssimo – docíssimo

facílimo – facilíssimo

humílimo – humildíssimo, humilíssimo

macérrimo – magríssimo

nigérrimo – negríssimo

parcíssimo – parquíssimo

paupérrimo – pobríssimo

OBSERVAÇÃO: Chamamos a atenção para as palavras terminadas em *-io* que, na forma sintética, apresentam dois *is*, por seguirem a regra geral da queda do *-o* final para receber o sufixo:

cheio → cheiíssimo, cheiinho
feio → feiíssimo, feiinho
frio → friíssimo, friinho
necessário → necessariíssimo
precário → precariíssimo
sério → seriíssimo, seriinho
sumário → sumariíssimo
vário → variíssimo

OBSERVAÇÃO: A tendência da língua à fuga ao hiato leva a que apareçam formas com fusão dos dois ii, embora num ou noutro

adjetivo a eufonia impede a mudança: **fríssimo*, **varíssimo*, por exemplo, embora Dias Gomes (séc. XVIII) escrevesse *propríssimo*. Ainda que escritores usem formas com um só *i* (*cheíssimo*, *cheinho*, *feíssimo*, *seríssimo*, etc.), a língua padrão insiste no atendimento à manutenção dos dois ii.34

Comparativos e superlativos irregulares – Afastam-se dos demais na sua formação de comparativo e superlativo os adjetivos seguintes:

	Comparativo de superioridade	*Superlativo*	
Positivo		*absoluto*	*relativo*
bom	melhor	ótimo	o melhor
mau	pior	péssimo	o pior
grande	maior	máximo	o maior
pequeno	menor	mínimo	o menor

Não se diz *mais bom* nem *mais grande* em vez de *melhor* e *maior*; mas podem ocorrer *mais pequeno*, *o mais pequeno*, *mais mau*, por *menor*, *o menor*, *pior*. Também se podem empregar *bom* e *grande* nas expressões *mais ou menos grande*, *mais ou menos bom*, pois que os tais adjetivos se regulam pela última palavra:

> "Os poemas completos do desterrado do Ponto, todas as literaturas europeias os ambicionavam, e os meteram em si, com *mais ou menos boa* mão" [AC *apud* MBa.1, 249].

Note-se o jogo de alternância de *mais pequeno* e *menor* em:

> "Em matéria de amor-próprio o *mais pequeno* inseto não o tem *menor* que a baleia ou o elefante" [MM.1, 151].

É ainda oportuno lembrar que às vezes *bom* e *mau* constituem com o substantivo seguinte uma só lexia, uma só unidade léxica, de modo que, nesta situação, podem ser modificados pelos advérbios *mais*, *menos*, *melhor*, *pior*, que passam a referir-se a toda a expressão: *homem de mais mau-caráter*, *pessoa de menos más intenções*, *palavras da melhor boa-fé*:

> "Pode ser que ele ainda venha para ti com o coração purificado, e o tributo da mocidade avaramente pago. *Mais bom marido* será então" [CBr *apud* MBa.5, 241-242].

Ao lado dos superlativos *o maior*, *o menor*, figuram ainda *o máximo* e *o mínimo* que se aplicam a ideias abstratas e aparecem ainda em expressões científicas, como *a temperatura máxima*, *a temperatura mínima*, *máximo divisor comum*, *mínimo múltiplo comum*, *nota máxima*, *nota mínima*.

Em lugar de *mais alto* e *mais baixo* usam-se os comparativos *superior* e *inferior*; por *o mais alto* e *o mais baixo*, podemos empregar os superlativos *o supremo* ou *o sumo*, e *o ínfimo*.

Comparando-se duas qualidades ou ações, empregam-se *mais bom*, *mais mau*, *mais grande* e *mais pequeno* em vez de *melhor*, *pior*, *maior*, *menor*:

> *É mais bom do que mau* (e não: *é melhor do que mau*).
> *A escola é mais grande do que pequena.*
> *Escreveu mais bem do que mal.*
> *Ele é mais bom do que inteligente.*

Por fim, assinalemos que, depois dos comparativos em *-or* (*superior*, *inferior*, *anterior*,

posterior, *ulterior*), se usa a preposição *a*:

*Superior **a** ti*, *inferior **ao** livro*, *anterior **a** nós*

Repetição de adjetivo com valor superlativo – Na linguagem coloquial, pode-se empregar, em vez do superlativo, a repetição do mesmo adjetivo:

O dia está *belo belo* (= belíssimo).

Ela era *linda linda* (= lindíssima).

Proferindo-se estas orações, dá-se-lhes um tom de voz especial para melhor traduzir a ideia superlativa expressa pela repetição do adjetivo. Geralmente consiste na pausa demorada na vogal da sílaba tônica.

Comparações em lugar do superlativo – Para expressarmos mais vivamente o elevado grau de uma qualidade do ser, empregamos ainda comparações que melhor traduzem a ideia superlativa:

Pobre como Jó (= paupérrimo), *feio como a necessidade* (feiíssimo), *claro como água*, *escuro como breu*, *esperto como ele só*, *malandro como ninguém.*

Usam-se ainda certas expressões não comparativas: *podre de rico*, *feio a mais não poder*, *grande a valer*.

Adjetivos diminutivos – As formas diminutivas de adjetivos podem (precedidas ou não de *muito*, *mais*, *tão*, *bem*) adquirir valor de superlativo:

Blusa amarelinha, *garoto bonitinho*; "É bem *feiozinho*, benza-o Deus, o tal teu amigo!" [AAz].

No estilo coloquial não é raro o reforço deste emprego do diminutivo mediante as locuções *da Silva*, *da Costa* (cf. BF, XVII, 1 – 2, 197).

3 – Artigo

Artigo – Chamam-se *artigo definido* ou simplesmente *artigo **o**, **a**, **os**, **as*** que se antepõem a substantivos, com reduzido valor semântico demonstrativo e com função precípua de adjunto desses substantivos.

A tradição gramatical tem aproximado este verdadeiro artigo de ***um***, ***uns***, ***uma***, ***umas***, chamados *artigos indefinidos*, que se assemelham a ***o***, ***a***, ***os***, ***as*** pela mera circunstância de também funcionarem como adjunto de substantivo, mas que do autêntico artigo diferem pela origem, tonicidade, comportamento no discurso, valor semântico e papéis gramaticais.

Pela origem, porque *o*, *a*, *os*, *as* se prendem a antigo demonstrativo latino (*illum*, *illa*) – o que lhes garante o valor de demonstrativo atenuado –, enquanto *um*, *uma*, *uns*, *umas* representam emprego especial de generalização do numeral *um*. Pela tonicidade, porque, sendo um vocábulo eminentemente átono, não pode funcionar sozinho na oração, como o faz o chamado artigo indefinido que, neste papel, só não se confunde com o pronome indefinido

pelo auxílio que lhe emprestam os entornos linguísticos. Do ponto de vista semântico e consequentes resultados nas funções gramaticais, está o primordial valor *atualizador* do artigo, de que decorrem os demais valores contextuais: 35 o artigo definido identifica o objeto designado pelo nome a que se liga, delimitando-o, extraindo-o de entre os objetos da mesma classe, como aquele que já foi (ou será imediatamente) conhecido do ouvinte – quer através do discurso (que dele faz menção), quer pela "dêixis" (que o mostra, ordenando-o espacial e temporalmente), quer pelo contexto idiomático, no qual a palavra é, quando não ulteriormente determinada, nome de conceito ou de toda uma classe de objetos (assim, "o homem é um animal racional" equivale a "aquilo que conhecemos pela palavra *homem*...") [HCv.1, 2, 1427].

Deste valor atualizador decorre o fato sintático de o artigo ser dispensado quando tal valor já vem expresso por outro identificador adnominal, seja demonstrativo (*este homem*), seja possessivo (*meu livro*), seja por equivalente a este valor, ou antes de um nome próprio, já por si atual e individual. No português, em que a presença do artigo junto ao possessivo adnominal tem sido marcado por um progressivo emprego da fase antiga à moderna, o uso do artigo em "***o** meu livro*" é redundante, e, poderíamos repetir a classificação de um velho filólogo lembrado por Pacheco Júnior: muleta gramatical [PJ.1, 141].

Outra função é a da substantivação: qualquer unidade linguística, do texto ao morfema, pode substantivar-se quando é nome de si mesma, tomada materialmente: "***o** o* é artigo", "***o** este* é dissílabo", "não sabe ***o** como me agradar*", "***o** per-* é um prefixo".

Este fato e a força identificadora contribuem para a possibilidade de calar o nome já antes anunciado ou, se não antes anunciado no discurso, conhecido e identificado pelo falante e pelo ouvinte: "***o** livro de Edu* e ***o** teu*", "***a** blusa* branca e ***a*** azul", "***a** blusa* branca e ***aquela** azul*", etc. Tal possibilidade criou a diferença, na nomenclatura gramatical, entre *o* "artigo" e *o* "pronome demonstrativo", baseada em dois fatos: o segundo *o* vale semanticamente por *isto*, *isso*, *aquilo*, e por usarem outras línguas, nesta situação, um pronome (*ce* em francês, *quello* em italiano), e não o artigo. Gili Gaya [GG.1] já mostrou que línguas há que preferem, nesta situação, o artigo, enquanto outras preferem formas de demonstrativo.

Ora, isto nos leva a acompanhar os autores (Alarcos Llorach, mais recentemente) que veem como substantivações de orações previamente transpostas a subordinadas adjetivas ("Não sei *o que fazes*", objeto direto de *não sei*) ou adverbiais ("Gostou do *quando o filho se defendeu*", complemento relativo de *gostar*).

Esta omissão do antecedente do relativo é análoga à que se dá em subordinadas de *quem* absoluto ("*Quem tudo quer* tudo perde", e nas interrogativas indiretas ("Não sei *quem virá*", "Não sei *quando virá*"), já classificadas como de valor substantivo desde Epifânio Dias, no final do século passado, e adotadas depois, entre outros, por Said Ali e Mário Pereira de Sousa Lima.

Por fim, cumpre acrescentar que se uma operação determinativa passa a supérflua ou se realiza implicitamente, graças à presença de outros determinadores ou pelo contexto, as unidades específicas empregadas na operação podem servir para outras funções [ECs.3, 292-293]. Coseriu lembra que o artigo empregado junto com um quantificado tem função individuadora (*os dois homens*) e, aplicado a um nome próprio – já atual e individual –, pode

exercer função estilística (*Maria* ao lado de *a Maria*).

Junto de nome não marcado por gênero e número, pode o artigo ser responsável pela indicação dessas categorias gramaticais: ***o*** *artista*, ***a*** artista; ***o*** *lápis*, ***os*** *lápis*.

Emprego do Artigo Definido

Emprego do artigo definido – De largo uso no idioma, o artigo assume sentidos especialíssimos, graças aos contornos verbais e extraverbais:

a) Junto dos nomes próprios denota nossa familiaridade (neste mesmo caso pode o artigo ser também omitido):

O Cleto talvez falte hoje. O Antônio comunicou-se com o João.

Observação: O uso mais frequente, na linguagem culta, tendo em vista o valor já de si individualizante, dispensa o artigo junto a nomes próprios de pessoas, com exceção dos que se acham no plural. É tradição ainda só antepor artigo a apelidos: *o* Camões, *o* Tasso, *o* Vieira. Modernamente tem-se estendido a presença do artigo antes dos nomes de escritores, artistas e personagens célebres, principalmente quando usado em sentido figurado: *o* Dante, *o* Torquato, *o* Rafael (= o quadro de Rafael). Dizemos, indiferentemente, *Cristo* ou *o Cristo* (ou ainda *o Cristo Jesus*).

b) Costuma aparecer ao lado de certos nomes próprios geográficos, principalmente os que denotam países, oceanos, rios, montanhas, ilhas:

a Suécia, *o* Atlântico, *o* Amazonas, *os* Andes, *a* Groenlândia

Entre nós, dispensam artigo os nomes dos seguintes Estados: *Alagoas*, *Goiás*, *Mato Grosso*, *Minas Gerais*, *Santa Catarina*, *São Paulo*, *Pernambuco* e *Sergipe*.

Nota: Não se acompanham de artigo as denominações geográficas formadas com nomes ou adjetivos: *São Paulo*, *Belo Horizonte*.

Quanto às cidades, geralmente prescindem de artigo. Há, contudo, exceções devidas à influência de seu primitivo valor de substantivo comum: *a* Bahia, *o* Rio de Janeiro, *o* Porto, etc. Continuando a prática de outros idiomas que, por sua vez, se inspiram no árabe *el-Kahira* (a Vitoriosa), dizemos com artigo *o Cairo*.

Recife sempre se disse acompanhado de artigo: *o Recife*. Modernamente, pode dispensá-lo. *Aracaju*, capital de Sergipe, conhece a mesma liberdade.

c) Entra em numerosas alcunhas e cognomes: Isabel, *a Redentora*; D. Manuel, *o Venturoso*; *mas*: *Frederico Barba-roxa*.

d) Aparecem em certos títulos: *o* professor João Ribeiro, *o* historiador Tito Lívio, *o* doutor Sousa.

Observação: É omitido antes dos ordinais pospostos aos títulos: Pedro I, Henrique VIII, João VI.

e) São omitidos nos títulos de *Vossa Alteza*, *Vossa Majestade*, *Vossa Senhoria* e outras denominações, além das formas abreviadas *dom*, *frei*, *são* e as de origem estrangeira, como *Lord*, *Madame*, *Sir* e o latinismo *sóror* ou *soror* (oxítono): *Vossa Alteza passeia*. *Frei Joaquim do Amor Divino Caneca nasceu em Pernambuco*. *Soror* (ou *Sor*) *Mariana Alcoforado foi célebre escritora portuguesa*.

OBSERVAÇÃO: Ensina-nos JOÃO RIBEIRO: "É um galicismo a intercalação do artigo nas fórmulas: *Sua Excelência* ***o*** *deputado*, *Sua Alteza* ***o*** *príncipe*, *Sua Santidade* ***o*** *Papa*. Estes galicismos foram adotados geralmente na língua para evitar fórmulas menos elegantes, como: *a* excelência do Sr. Deputado, *a* alteza do príncipe, como mandaria dizer a vernaculidade" [JR.1, 266-7]. E, em nota, transcreve exemplos que lhe foram apontados pelo colaborador FIRMINIO COSTA, dos quais lembramos:

"... comunicou a coisa à Alteza de el-rei Dom João o III".

f) Dizem-se com artigo os nomes de trabalhos literários e artísticos (se o artigo pertence ao título, há de ser escrito obrigatoriamente com maiúscula):

a Eneida, *a* Jerusalém Libertada, *Os* Lusíadas, *A* Tempestade.

Mesmo quando precedido de preposição fora do título, deve-se modernamente (a tradição não procedia assim) preservar a integridade do artigo incluído na denominação:

No caso de ***Os Lusíadas****...*

Passando os olhos por ***As Cidades e as Serras****.*

Estampou-se ontem em ***O Globo*** *a notícia...*

Às vezes, aparentemente, se juntam dois artigos porque o primeiro tem subentendida a espécie da publicação: "Um artigo meu publicado ***na*** [revista] *A Águia*" [FP *apud* MAg.1, 21]. "***O*** [livro] *A Padaria Espiritual* está sendo caprichosamente confeccionado..." [LM *apud* MAg.1].

A má interpretação deste fato causou o emprego errôneo e pleonástico do artigo em construções do tipo: *A notícia saiu* ***pelas*** *As Grandes Novidades*.

g) São omitidos antes da palavra *casa*, designando residência ou família, nas expressões do tipo: *fui a casa*, *estou em casa*, *venho de casa*, *passei por casa*, *todos de casa*.

OBSERVAÇÃO: Seguido de nome do possuidor ou de um adjetivo ou expressão adjetiva, pode o vocábulo *casa* acompanhar-se de artigo: *Da* (ou *de*) casa de meus pais.

h) Omite-se ainda o artigo junto ao vocábulo *terra*, em oposição a *bordo* (que também dispensa artigo):

Iam de bordo *a* terra.

i) Costuma-se omitir o artigo com a palavra *palácio*, quando desacompanhada de modificador:

"Perguntou o mestre-escola afoitamente à sentinela do paço se o representante nacional, morgado da Agra, estava *em palácio*" [CBr.1, 144].

j) Aparece junto ao termo denotador da unidade quando se expressa o valor das coisas (aqui o artigo assume o valor de *cada*):

Maçãs de poucos cruzeiros *o* quilo.

k) Aparecem nas designações de tempo com os nomes das estações do ano:

Na primavera há flores em abundância. "Em uma tarde do *estio*, à hora incerta e saudosa..." [AH.2, 154].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Se o nome de estação vier precedido de *de*, significando *próprio de*, o artigo é dispensado: Numa manhã *de primavera*.

2.ª) Se a expressão temporal contiver nome de mês, dispensa ainda o artigo: Meu irmão faz anos *em março*.

l) Nas indicações de tempo com a expressão *uma hora*, significando *uma* a *primeira hora*, o emprego do artigo é facultativo:

Era perto *da* uma hora ou Era perto *de* uma hora.

A primeira construção parece ser mais dos portugueses; a segunda dos brasileiros. Por ser mais antiga na língua, fixou-se o emprego do *a* acentuado em expressões como *à uma hora*, etc.

m) É, na maioria dos casos, de emprego facultativo junto a possessivos em referência a nome expresso:

Meu livro ou *o* meu livro

OBSERVAÇÃO: É obrigatório o artigo, quando o possessivo é usado sem substantivo, em sentido próprio ou translato: Bonita casa era *a minha*. Fazer *das suas*. "Vês, peralta? É assim que um moço deve zelar o nome *dos seus*? Pensas que eu e meus avós ganhamos o dinheiro em casa de jogo ou a vadiar pelas ruas?" [MA.1, 57].

Mas sem artigo dizemos várias expressões, como *de meu*, *de seu natural*, linguagens com que traduzimos "os bens próprios de alguém" – a primeira – e "qualidades naturais" – a última:

Nunca tive *de meu*, outro bem maior.

"Bernardes era como estas formosas *de seu natural* que se não cansam com alindamentos, a quem tudo fica bem" [AC].

Dispensa ainda artigo o possessivo que entra em expressões com o valor de *alguns*:

Os Lusíadas têm *suas* dificuldades de interpretação.

Finalmente, na expressão de um ato usual, que se pratica com frequência, o possessivo vem normalmente sem artigo:

Às oito toma *seu* café.

n) Não se repete o artigo em frases como:

O homem mais virtuoso do lugar.

Estaria errado: *O* homem *o* mais virtuoso do lugar.

NOTA – É preciso distinguirmos cuidadosamente este feio erro de uma expressão tradicional e corretíssima que consiste em acrescentar, depois do substantivo determinado por adjetivo, o conjunto *o mais*, que introduzirá uma explicação, um adendo, uma restrição. Às vezes, exprimem-se tais ideias com ênfase, caso em que costumam aparecer, antes de *o mais*, elementos de valor concessivo como *ainda*, *mesmo*, *até*, *posto que*.

A má pontuação (deveria haver vírgula antes do conjunto iniciado por *o mais*) aproxima os dois tipos de expressão e uma análise menos cuidadosa tem feito que se evitem construções corretíssimas.

MARTINZ DE AGUIAR [MAg.1, 309-324] estudou com muita perspicácia os dois modos e assim concluiu a sua lição:

"Para que haja pureza de linguagem, é necessário, é imprescindível, que o substantivo, sem o acréscimo de *o mais*, combine com os outros termos da proposição num sentido cabal, de tal maneira, que possa repetir-se. Sem isso, estamos, iniludivelmente, à vista de um estrangeirismo de sintaxe ou de uma construção anti-idiomática, quer se trate de *o – o*, quer de *um – o*. Não é, pois, correta, esta construção de Gonçalves de Magalhães:

Seu rosto de leite e rosas,
De um contorno o mais perfeito.

Rosto de um contorno perfeito é tudo, *rosto de um contorno* não é nada" [MAg.1, 324].

Assim, estão corretas as seguintes passagens, notando-se, apenas, a ausência de vírgula antes de *o mais* (exemplos extraídos da série apresentada por AGUIAR):

"A inveja te assaltou, e a quem perdoa
Este monstro o maior do escuro Inferno?" [Pe. AGOSTINHO DE MACEDO].

"O método, que *as ciências as mais exatas* seguem nas suas operações" [JERÔNIMO BARBOSA].

"O *a*, este som o mais claro de todos" [CASTILHO ANTÔNIO].

Note-se que nos exemplos apontados poderíamos colocar vírgula, o que não acontece com os que se seguem:

"Tens mil águas cristalinas,
As frutas as mais divinas,
Uma esposa de invejar,
Que mais podes desejar?" [PA]
"Desde a quadra *a mais antiga*
De que rezam os pergaminhos" [FV]

Os poetas quiseram apenas dizer *as frutas mais divinas*, *a quadra mais antiga*.

O tipo "zero determinação" antes do substantivo seguido de *o mais* é menos enfático (*homem o mais alto*), e se valoriza através de uma inversão (*o mais alto homem*)". [Cf. MAg.1, 319-320].

o) Junto às designações de partes do corpo e nomes de parentesco, os artigos denotam a posse:

Traz *a cabeça* embranquiçada pelas preocupações.
Tem *o rosto* sereno, mas as mãos trêmulas
D. Laura (falando à irmã):
"Pois não! quem me podia aconselhar prudência
a não ser a senhora, a filha singular,
que ousa dispor de si dentro do pátrio lar,
sem ouvir *pai* nem *mãe*. Cuida que a sua escolha
basta, sem que primeiro *a* mãe e *o* pai a acolha?" [AC.3, 17].

p) A palavra *todo*, no singular, pode vir ou não seguida de artigo, com os significados de *inteiro*, *total* e *cada*, *qualquer*.

A presença ou ausência do artigo depende de que o substantivo exija ou repudie a antecipação de *o*, *a*, *os*, *as*.

Na língua moderna, *todo o* corre mais no sentido de totalidade, inteireza, ênfase (aqui principalmente com os termos que denotam sentimento: *de todo o coração*, *com todo o gosto*, *com todo o amor*, *com todo o carinho*, etc.):

Toda a família estava no recinto (= a família toda, inteira).

Entretanto, como traço do seu valor semântico indiferenciado ('qualquer' ou 'inteiro'), ainda pode aparecer nos autores modernos *todo o* ao lado de *todo* sem artigo, para expressar a ideia de 'qualquer':

O coração de *todo o* ser humano
Foi concebido para ter piedade [CS.2].

Não costuma dispensar artigo, entre bons escritores, o adjetivo substantivado modificado por *todo*, ainda sendo este último empregado com o sentido de *qualquer*:

Todo o próximo tem direito natural.

Às vezes, aparecem na escrita incertezas no emprego de *todo o* / *todo*, *toda a* / *toda*, em virtude do fenômeno de fonética sintática que funde o -*o*, -*a* finais com *o*, *a* artigo.

Com as designações geográficas, o emprego de *todo o* e *todo* depende de o nome exigir ou não a presença do artigo:

Todo o Brasil. Todo Portugal.

Usam-se, modernamente, com o artigo numerosas expressões em que entra a palavra *todo*:

todo o gênero, todo o mundo, a toda a parte, em toda a parte, por toda a parte, a toda a brida, a todo o galope, a toda a pressa, em todo o caso, a toda a hora, a todo o instante, a todo o momento, a todo o transe, a todo o custo, etc.

No plural, *todos* não dispensa artigo (salvo se vier acompanhado de palavra que exclua este determinante):

Todas as famílias têm bons e maus componentes.

Todas as famílias estavam no recinto.

Todas estas pessoas são nossas conhecidas.

Se exprimimos a totalidade numérica por numeral precedido do elemento reforçativo *todos*, aparecerá artigo se o substantivo vier expresso:

Todos os dois romances são dignos de leitura.

Todas as seis respostas estavam certas.

Se omitirmos o substantivo, não haverá lugar para o artigo:

Fizeram-me seis perguntas. Respondi, acertadamente, *a todas seis*.

q) Aparece o artigo nas enumerações onde há *contraste* ou *ênfase*:

Ficou entre *a vida* e *a morte*.

"As virtudes civis e, sobretudo, o amor da pátria tinham nascido para os godos que, fixando o seu domicílio nas Espanhas, possuíram de pais a filhos *o* campo agricultado, *o* lar doméstico, *o* templo da oração e *o* cemité rio do repouso e da saudade" [AH.1, 5].

"Notaram todos que *a tarde* e *a noite* daquele dia foram as mais tristes horas de Casimiro na sua prisão de dois meses" [CBr.6, 191].

r) Dispensa-se o artigo nos vocativos, na maioria das exclamações e nas datas que apomos aos escritos:

"*Velhice – Amigo*, diz-me um amigo,

Sabe que a boa idade é a última idade" [AO].

Rio, *10 de maio* de 1956.

s) Costuma-se dispensar o artigo depois de *cheirar a*, *saber a* (= ter o gosto de) e expressões sinônimas:

Isto *cheira a* jasmim. Isto *sabe a* vinho.

t) Em frases feitas, aparece o artigo definido na sua antiga forma *lo*, *la*.

"Tenho ouvido os quinhentistas a la moda, e os galiparlas" [CBr.1, 61].

Assim encontramos: *a la fé*, *a la par*, *a la mar*, etc.

Aparece ainda a forma antiga na expressão *el-rei*, que se deve usar sem a anteposição de o, apesar de alguns raros exemplos em contrário, em páginas de autores mais afastados de nós.

Vestígio provável da época em que tinha o artigo a força dêitica de pronome demonstrativo é o seu emprego junto a *que* em construções cristalizadas como *pelo que*, *no que diz respeito*, etc.

Emprego do artigo indefinido – O artigo indefinido pode assumir matizes variadíssimos de sentido: registraremos as seguintes considerações:

a) Usa-se o indefinido para aclarar melhor as características de um substantivo enunciado

anteriormente com artigo definido:

Estampava no rosto o sorriso, *um* sorriso de criança.

b) Procedente de sua função classificadora, *um* pode adquirir significação enfática, chegando até a vir acompanhado de oração com *que* de valor consecutivo, como se no contexto houvesse *um tal*:

O instrumento é de *uma* precisão admirável.

Ele é *um* herói! (compare com: Ele é herói!)

Falou de *uma* maneira, que pôs medo nos corações.

c) Antes de numeral denota aproximação:

Esperou *uma* meia hora (aproximadamente).

Terá *uns* vinte anos de idade.

d) Antes de pronome de sentido indefinido (*certo*, *tal*, *outro*, etc.), dispensa-se o artigo indefinido, salvo quando o exigir a ênfase:

Depois de *certa* hora não o encontramos em casa (e não *uma certa hora*).

Devia, pois, ser melancólico além do exprimível o que aí se passou nessa grade; triste, e desgraçado direi, a julgá-lo pelas consequências, que se vão descrever, com *um certo* pesar em que esperamos tomem os leitores o seu quinhão de pena, se não todos, ao menos aqueles que não dão nada pela felicidade da terra, quando ela implica ofensa ao Senhor do céu" [CBr.4, 223].

Esta dispensa pode ocorrer também antes do advérbio *tão* e certas locuções adverbiais (*com voz surda*), antes do substantivo que funciona como predicativo do verbo *ser* (*Você é homem* de bem).

Modernamente, cremos que mais por valorização estilística do indefinido que por simples e servil imitação do francês36, *um* aparece em casos que se não podem explicar por ênfase. Nestas circunstâncias, tais casos são censurados pela gramática tradicional.

e) *Um* ocorre como correlativo de *outro* em sentido distributivo:

Um irmão ia ao teatro e o *outro*, ao cinema.

OBSERVAÇÃO: Calando-se o substantivo também junto de *um*, ainda dispensamos a anteposição do artigo definido, ao contrário do que fazia o português antigo e do que fazem, por exemplo, o francês e o espanhol:

Um ia ao teatro e *o outro* ao cinema (*o um ... o outro*, no português antigo, *l'un ... l'autre*, *el uno ... el otro*).

f) Note-se a expressão *um como*, empregada no sentido de "uma coisa como", "um ser como", "uma espécie de", onde *um* concorda com o substantivo seguinte:

Fez *um como* discurso. Proferiu *uma como* prática.

A respeito de *uma* pronunciado *ũa*, veja-se o capítulo de ortoepia.

O artigo partitivo – A língua portuguesa de outros tempos empregava *do*, *dos*, *da*, *das*, junto a nomes concretos para indicar que os mesmos nomes eram apenas considerados nas suas partes ou numa quantidade ou valor indeterminado, indefinido:

Não digas *desta* água não beberei.

É o que a gramática denomina *artigo partitivo*. Modernamente, o partitivo não ocorre com a frequência de outrora e, pode-se dizer, quase se acha banido do uso geral, salvo pouquíssimas expressões em que ele se manteve, mormente nas ideias de *comer* e *beber*.

4 – PRONOME

Pronome – é a classe de palavras categoremáticas que reúne unidades em número limitado e que se refere a um significado léxico pela situação ou por outras palavras do contexto.

De modo geral, esta referência é feita a um objeto substantivo considerando-o apenas como pessoa localizada do discurso.

Pessoas do discurso – São duas as pessoas determinadas do discurso: 1.ª *eu* (a pessoa correspondente ao falante) e 2.ª *tu* (correspondente ao ouvinte).37 A 3.ª pessoa, indeterminada, aponta para outra pessoa em relação aos participantes da relação comunicativa.

Do ponto de vista semântico, os pronomes estão caracterizados porque indicam *dêixis* ("o apontar para"), isto é, estão habilitados, como verdadeiros gestos verbais, como indicadores, determinados ou indeterminados, ou de uma dêixis contextual a um elemento inserido no contexto, como é o caso, por exemplo, dos pronomes relativos, ou de uma dêixis *ad oculos*, que aponta ou indica um elemento presente ao falante. A dêixis será *anafórica* se aponta para um elemento já enunciado ou concebido, ou *catafórica*, se o elemento ainda não foi enunciado ou não está presente no discurso.38

A dêixis também envolve, como vimos, o lugar da 3.ª pessoa no discurso, só que de maneira negativa, em relação a *eu* e *tu*, que tem localização definida. Por isso é que línguas há, como o português, que podem fazer, quando isto se impõe, a distinção entre *localização indeterminada* e *localização determinada* ou *imediatamente determinável* ("objeto que se encontra à vista dos falantes": *aquele* / *aquele ali*, *aquela lá*). Acrescenta Coseriu, de quem tomamos a lição, que é por este caráter relativamente indeterminado da 3.ª pessoa que a situação possessiva que lhe corresponde às vezes pode necessitar de ulteriores esclarecimentos: *seu* / *seu mesmo*, *seu próprio*, *seu dele* [ECs.1, 301 n.37].

A localização positiva de *ele* ou *aquele* pode ainda dar-se pelos entornos extralinguísticos ou pelo gesto, que indica a *direção* em que o objeto pode achar-se.39

Os pronomes podem apresentar-se como *absolutos* – capazes de funcionar como núcleo de sintagma nominal, à maneira dos substantivos – ou como *adjuntos* do núcleo, à maneira dos adjetivos, dos artigos e dos numerais, como veremos abaixo.

Classificação dos pronomes – Os pronomes podem ser: *pessoais*, *possessivos*, *demonstrativos* (abarcando o artigo definido), *indefinidos* (abarcando o artigo indefinido), interrogativos e relativos.

PRONOME SUBSTANTIVO E PRONOME ADJETIVO – O pronome pode aparecer em referência a substantivo claro ou oculto:

> *Meu* livro é melhor que o *teu*.

Meu e *teu* são pronomes porque dão ideia de posse em relação à pessoa do discurso: *meu* (1.ª pessoa, a que fala), *teu* (2.ª pessoa, a com que se fala). Ambos os pronomes estão em

referência ao substantivo *livro* que vem expresso no início, mas se cala no fim por estar perfeitamente claro ao falante e ouvinte. Esta referência a substantivo caracteriza a função *adjetiva* ou de *adjunto* de certos pronomes. Muitas vezes, sem que tenha vindo expresso anteriormente, dispensa-se o substantivo, como em: Quero o *meu* e não o *seu* livro (onde ambos os pronomes possessivos são adjetivos).

Já em: *Isto é melhor que aquilo*, os pronomes *isto* e *aquilo* não se referem a nenhum substantivo determinado, mas fazem as vezes dele. São, por isso, pronomes *absolutos* ou *substantivos*.

Há pronomes que são apenas absolutos ou adjuntos, enquanto outros podem aparecer nas duas funções.

Pronomes pessoais – Os pronomes pessoais designam as duas pessoas do discurso e a não pessoa (não *eu*, não *tu*), considerada, pela tradição, a 3.ª pessoa:

1.ª pessoa: *eu* (singular), *nós* (plural),

2.ª pessoa: *tu* (singular), *vós* (plural) e

3.ª pessoa: *ele*, *ela* (singular), *eles*, *elas* (plural).

O plural *nós* indica *eu* mais outra ou outras pessoas, e não *eu* + *eu*. 40

As formas *eu*, *tu*, *ele*, *ela*, *nós*, *vós*, *eles*, *elas*, que funcionam como sujeito, se dizem *retas*. A cada um destes pronomes pessoais retos corresponde um pronome pessoal oblíquo que funciona como complemento e pode apresentar-se em forma átona ou forma tônica. Ao contrário das formas átonas, *as tônicas vêm sempre presas a preposição*:

PRONOMES PESSOAIS RETOS		PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS	
		átonos (sem prep.)	tônicos (c/prep.)
Singular:	1.ª pessoa: *eu*	*me*	*mim*
	2.ª pessoa: *tu*	*te*	*ti*
	3.ª pessoa: *ele*, *ela*	*lhe*, *o*, *a*, *se*	*ele*, *ela*, *si*
Plural:	1.ª pessoa: *nós*	*nos*	*nós*
	2.ª pessoa: *vós*	*vos*	*vós*
	3.ª pessoa: *eles*, *elas*	*lhes*, *os*, *as*, *se*	*eles*, *elas*, *si*

Exemplos de pronomes oblíquos átonos:

"Queixamo-*nos* da fortuna (destino) para desculpar a nossa preguiça" [MM].

"A melhor companhia acha-*se* em uma escolhida livraria" [MM].

Exemplos de pronomes oblíquos tônicos:

"Os nossos maiores inimigos existem dentro *de nós* mesmos: são os nossos erros, vícios e paixões" [MM].

"As virtudes se harmonizam, os vícios discordam *entre si*" [MM].

Se a preposição é *com*, dizemos *comigo*, *contigo*, *consigo*, *conosco*, *convosco*, e não: *com*

mi, *com ti*, *com si*, *com nós*, *com vós*. Empregam-se, entretanto, *com nós* e *com vós*, ao lado de *conosco* e *convosco*, quando estes pronomes tônicos vêm seguidos ou precedidos de *mesmos*, *próprios*, *todos*, *outros*, *ambos*, numeral ou oração adjetiva, a fim de evidenciar o antecedente:

"Há um céu para *nós outros* na imortalidade das nossas obras terrenas" [JR.2, 185].

Com vós todos ou *com todos vós*.

Com vós ambos ou *com ambos vós*.

Pronome oblíquo reflexivo – É o pronome oblíquo da mesma pessoa do pronome reto, significando *a mim mesmo*, *a ti mesmo*, etc.:

Eu *me* vesti rapidamente.

Nós *nos* vestimos.

Eles *se* vestiram.

Pronome oblíquo recíproco – É representado pelos pronomes *nos*, *vos*, *se* quando traduzem a ideia de *um ao outro*, *reciprocamente*:

Nós *nos* cumprimentamos (um ao outro).

Eles *se* abraçaram (um ao outro).

Formas de tratamento – Existem ainda formas substantivas de tratamento indireto de 2.ª pessoa que levam o verbo para a 3.ª pessoa. São as chamadas *formas substantivas de tratamento* ou *formas pronominais de tratamento*: 41

você, vocês (no tratamento familiar)

o Senhor, a Senhora (no tratamento cerimonioso)

A estes pronomes de tratamento pertencem as formas de reverência que consistem em nos dirigirmos às pessoas pelos seus atributos ou qualidades que ocupam:

Vossa Alteza (V. A., para príncipes, duques)

Vossa Eminência (V. Em.ª, para cardeais)

Vossa Excelência (V. Ex.ª, para altas patentes militares, ministros, Presidente da República, pessoas de alta categoria, bispos e arcebispos)

Vossa Magnificência (para reitores de universidade)

Vossa Majestade (V. M., para reis, imperadores)

Vossa Mercê (V. M.cê, para as pessoas de tratamento cerimonioso)

Vossa Onipotência (para Deus – não se usa abreviadamente)

Vossa Reverendíssima (V. Rev.ma, para os sacerdotes)

Vossa Senhoria (V. S.ª, para oficiais até coronel, funcionários graduados, pessoas de cerimônia)

Observações:

1.ª) Emprega-se *Vossa Alteza* (e demais) quando 2.ª pessoa, isto é, em relação a quem falamos; emprega-se *Sua Alteza* (e demais) quando 3.ª pessoa, isto é, em relação à de quem falamos.

2.ª) Usa-se de *Dom*, abreviadamente *D.*, junto ao nome próprio: D. Afonso, D. Henrique, D. Eugênio; às vezes aparece em autores junto a nome de família, mas esta prática deve ser evitada por contrariar a tradição da língua. Usa-se ainda *D.* junto a outro título: D. Prior, D. Abade, etc.

3.ª) *Você*, hoje usado familiarmente, é a redução da forma de reverência *Vossa Mercê*. Caindo o pronome *vós* em desuso, só usado nas orações e estilo solene, emprega-se *vocês* como o plural de *tu*.

4.ª) O substantivo *gente*, precedido do artigo *a* e em referência a um grupo de pessoas em que se inclui a que fala, ou a esta sozinha, passa a pronome e se emprega fora da linguagem cerimoniosa. Em ambos os casos o verbo fica na 3.ª pessoa do singular:

"É verdade que *a gente*, às vezes, *tem* cá as suas birras" [AH.4, II, 158].

5.ª) Ainda continuam vivos em Portugal *vós*, *vosso*.

Pronomes possessivos – São os que indicam a posse em referência às três pessoas do discurso:

SINGULAR:	1.ª pessoa:	*meu*	*minha*	*meus*	*minhas*
	2.ª pessoa:	*teu*	*tua*	*teus*	*tuas*
	3.ª pessoa:	*seu*	*sua*	*seus*	*suas*
PLURAL:	1.ª pessoa:	*nosso*	*nossa*	*nossos*	*nossas*
	2.ª pessoa:	*vosso*	*vossa*	*vossos*	*vossas*
	3.ª pessoa:	*seu*	*sua*	*seus*	*suas*

Pronomes demonstrativos – São os que indicam a posição dos seres em relação às três pessoas do discurso.

Esta localização pode ser no *tempo*, no *espaço* ou no *discurso*:

1.ª pessoa: este, esta, isto 42
2.ª pessoa: esse, essa, isso
3.ª pessoa: aquele, aquela, aquilo

Este livro é o livro que está perto da pessoa que fala; *esse livro* é o que está longe da pessoa que fala ou perto da pessoa com quem se fala; *aquele livro* é o que se acha distante da 1.ª e da 2.ª pessoa.

Nem sempre se usam com este rigor gramatical os pronomes demonstrativos; muitas vezes interferem situações especiais que escapam à disciplina da gramática.

São ainda pronomes demonstrativos *o*, *mesmo*, *próprio*, *semelhante* e *tal*.

Considera-se *o* pronome demonstrativo, de emprego absoluto, invariável no masculino e singular quando funciona com o valor "grosso modo" de *isto*, *isso*, *aquilo* ou *tal*:

Não *o* consentirei jamais.

"Arquiteto do mosteiro de S. Maria, já *o* não sou" [AH *apud* FB.1, 195].

"Se os olhos corporais estavam mortos, não *o* estavam os do espírito" [AH.4, I, 226].

"(...) residia uma viúva, que *o* era de um fidalgo da casa de Azevedo" [CBr *apud* MBa.3, 343].

Pode aludir a extensos enunciados:

Prometeu-me que sairia comigo nas próximas férias, mas não *o* fez.

O pronome *o*, perdido o seu valor essencialmente demonstrativo e posto antes de substantivo claro ou subentendido, expressão substantivada inclusive oração –, como adjunto, recebe o nome de artigo definido. Assim é que, no exemplo seguinte, consideramos o primeiro *os* e o segundo *o* artigo definido:

"*Os* homens de extraordinários talentos são ordinariamente *os* de menor juízo" [MM].

Mesmo, *próprio*, *semelhante* e *tal* têm valor demonstrativo quando denotam identidades ou se referem a seres e ideias já expressas anteriormente, e valem por *esse*, *essa*, *aquele*, *isso*,

aquilo:

"Depois, como Pádua falasse ao sacristão baixinho, aproximou-se deles; eu fiz a *mesma* coisa" [MA.4, 87].

"Não paguei uns nem outros, mas saindo de almas cândidas e verdadeiras *tais* promessas são como a moeda fiduciária..." [MA.4, 202].

É proibido dizeres *semelhantes* coisas.

Alguns estudiosos, por mera escolha pessoal, têm-se insurgido contra o emprego anafórico do demonstrativo *mesmo*, substantivado pelo artigo, precedido ou não de preposição, para referir-se a palavra ou declaração expressa anteriormente. Não apresentam, entretanto, as razões da crítica:

"Os diretores presos tiveram *habeas corpus*. Apareceu um relatório contra *os mesmos*, e contra outros..." [MA *apud* MMc.1, 274].

"Costuma-se escrever dentro dos livros, na folha de guarda, palavras alusivas *aos mesmos*" [E. Frieiro *apud* MMc.1].

Para estes críticos, *o mesmo*, etc., deve ser substituído por *ele*, etc. Talvez por isso E. Frieiro, na 2.ª edição, alterou seu texto para: "Costuma-se escrever dentro dos livros, na folha de guarda, palavras *a eles* alusivas".

Mesmo e *próprio* aparecem ainda reforçando pronomes pessoais:

Ela *mesma* quis ver o problema.

Nós *próprios* o dissemos.

"Tal faço eu, à medida que me vai lembrando e convindo à construção ou reconstrução de mim *mesmo*" [MA.4, 203].

Pronomes indefinidos – São os que se aplicam à 3.ª pessoa quando têm sentido vago ou exprimem quantidade indeterminada.

Funcionam como pronomes indefinidos substantivos, todos invariáveis: *alguém*, *ninguém*, *tudo*, *nada*, *algo*, *outrem*.

"*Ninguém* mais a voz sentida
Do Trovador escutou!" [GD].

São pronomes indefinidos adjetivos, todos variáveis com exceção de *cada*: *nenhum*, *outro* (também isolado), *um* (também isolado), *certo*, *qualquer* (só variável em número: *quaisquer*), *algum*, *cada*:

"As tiras saem-lhe das mãos, animadas e polidas. *Algumas* trazem poucas emendas ou *nenhumas*" [MA.2, 274].

"A vida a *uns*, a morte confere celebridades a *outros*" [MM].

Aplicam-se a quantidades indeterminadas os indefinidos, todos variáveis, com exceção de *mais* e *menos*: *muito*, *mais*, *menos*, *pouco*, *todo*, *algum*, *tanto*, *quanto*, *vário*, *diverso*:

Mais amores e *menos* confiança. (nunca *menas*!)

Com *pouco* dinheiro compraram *diversos* presentes.

Isto é o *menos* que se pode exigir.

Muito lhe devo.

Erraste por *pouco*.

Quantos não erraram neste caso!

OBSERVAÇÕES:

1.ª) O pronome indefinido *um* pode ser usado como substantivo, principalmente nas locuções do tipo *cada um*, *qualquer um*. Como adjunto, recebe o nome de *artigo indefinido*.

2.ª) Também os pronomes indefinidos *mais* e *menos* podem substantivar-se em expressões do tipo *o mais dos homens*, *o mais das vezes*, *o mais deles*, *o menos*. Por atração, *o mais* pode aparecer num giro derivado da construção original e concordar com o gênero e número do substantivo ou pronome pessoal que entra na expressão: *o mais dos homens* ou *os mais dos homens*; *o mais das vezes* ou *as mais das vezes*; *o mais deles* ou *os mais deles*, etc.

As duplas *quem... quem*, *qual... qual*, *este... este*, *um... outro* com sentido distributivo também são pronomes indefinidos:

"*Qual* se abisma nas lôbregas tristezas,
Qual em suaves júbilos discorre,
Com esperanças mil nas ideias acesas" [BBo].

Isto é: *um* se abisma... *outro* discorre.

OBSERVAÇÃO: Sobre o uso de *um e outro*, *um do outro* em referência a pessoas de sexos diferentes.

Muitas vezes a posição da palavra altera seu sentido e sua classificação:

Certas pessoas (pron. indef.) não chegam na hora *certa* (adjetivo), mas em *certas* horas (pron. indef.).
Algum livro (= certo livro). Livro *algum* (= nenhum livro).

Em outras épocas, *algum* podia ter sentido afirmativo ou negativo independente de sua posição:

"Desta gente refresco *algum* tomamos" [LC.1, V, 69].
Refresco algum = algum refresco
"Vós a quem não somente *algum* perigo
Estorva conquistar o povo imundo" [LC.1, VII, 2].
Algum perigo = nenhum perigo

LOCUÇÃO PRONOMINAL INDEFINIDA – É o grupo de palavras que vale por um pronome indefinido. Eis as principais locuções: *cada um*, *cada qual*, *alguma coisa*, *qualquer um*, *quem quer*, *quem quer que*, *o que quer que*, *seja quem for*, *seja qual for*, *quanto quer que*, *o mais* (hoje menos frequente que *a maior parte*, *a maioria*):

"As verdades não parecem as mesmas a todos, *cada um* as vê em ponto diverso de perspectiva" [MM].

Pronomes interrogativos – São os pronomes indefinidos *quem*, *que*, *qual* e *quanto* que se empregam nas perguntas, diretas ou indiretas:

Quem veio aqui?
Que cabeça, senhora?
Que compraste?
Qual autor desconhece?
Qual consideras melhor?
Quantos vieram?
Quantos anos tens?

Em lugar de *que* pode-se usar a forma enfática *o que*:

"Agora por isso, *o que* será feito de frei Timóteo?! Era naquele tempo um frade guapo e alentado! *O que* será feito dele?" [AH.4, II, 135].

Quem refere-se a pessoas, e é pronome substantivo. *Que* refere-se a pessoas ou coisas, e é pronome substantivo (com o valor de *que coisa?*) ou pronome adjetivo (com o valor de *que espécie?*).43 *Qual* e também *que*, indicadores de seleção, normalmente são pronomes adjetivos:

Em *qual* livraria compraremos o presente?
Em *que* livraria compraremos o presente?

Ressalta-se ainda a seleção antepondo ao substantivo no plural a expressão *qual dos*, *qual das*:

Em *qual dos* livros encontraste o exemplo?

OBSERVAÇÃO: Estes interrogativos saem normalmente dos pronomes indefinidos e por isso costumam ser chamados

indefinidos interrogativos. Aparecem ainda nas exclamações, e neste caso o *que* adquire sentido francamente intensivo:

Que susto levei! (Compare-se com: *que* cabeça, senhora!).

Diz-se *interrogação direta* a pergunta que termina por ponto de interrogação e se caracteriza pela entoação ascendente:

Quem veio aqui?

Interrogação indireta é a pergunta que: *a*) se faz indiretamente e para a qual não se pede resposta imediata; *b*) é proferida com entoação normal descendente; *c*) não termina por ponto de interrogação; *d*) vem depois de verbo que exprime interrogação ou incerteza (*perguntar*, *indagar*, *não saber*, *ignorar*, etc.):

Quero saber quem veio aqui.

Eis outros exemplos de interrogação indireta começados pelos pronomes interrogativos já citados:

Ignoro *que* cabeça, senhora.
Indagaram-me *que* compraste.
Perguntei-te por *que* vieste aqui.
Não sei *qual* autor desconhece.
Desconheço *qual* consideras melhor.
Indagaram *quantos* vieram.

Pronomes relativos – São os que normalmente se referem a um termo anterior chamado antecedente:

Eu sou o freguês *que* por último compra o jornal.
O *que* se refere à palavra *freguês*.

O pronome relativo *que* desempenha dois papéis gramaticais: além de sua referência ao antecedente como pronome, funciona também como transpositor de oração originariamente independente a adjetivo e aí exercer função de adjunto adnominal deste mesmo antecedente. No exemplo, a oração *O freguês compra por último o jornal* é degrada a função de adjunto adnominal na oração complexa: Eu sou o *freguês* [*que* por último compra o jornal].

O transpositor pronome relativo *que* difere do transpositor conjunção integrante porque este não exerce função sintática na oração em que está inserido, enquanto o relativo exerce sempre função sintática.

Os pronomes relativos são: *qual*, *o qual* (*a qual*, *os quais*, *as quais*) , *cujo* (*cuja*, *cujos*, *cujas*), *que*, *quanto* (*quanta*, *quantos*, *quantas*), *onde*.

Quem se refere a pessoas ou coisas personificadas e sempre aparece precedido de preposição. *Que* e *o qual* se referem a pessoas ou coisas. *Que* e *quem* funcionam como pronomes substantivos. *O qual* aparece como substantivo ou adjetivo:

As pessoas de *quem* falas não vieram.
O ônibus *que* esperamos está atrasado.
Não são poucas as alunas *que* faltaram.
Este é o assunto sobre *o qual* falará o professor.
Não vi o menino, *o qual* menino os colegas procuram.
A casa *onde* moro é espaçosa.

Cujo, sempre com função adjetiva, reclama, em geral, antecedente e consequente expressos

e exprime que o antecedente é possuidor do ser indicado pelo substantivo a que se refere:

Ali vai o *homem* ***cuja*** *casa* comprei

anteced. conseq.

(a casa do homem)

OBSERVAÇÃO: Em autores modernos de gosto arcaizante, de vez em quando ocorre *cujo* sem consequente, como em: "(...) a obra *cujo* comentador eu sou", em lugar de: "de que sou comentador" ou "cujo comentador sou".

Quanto tem por antecedente um pronome indefinido (*tudo*, *todo*, *todos*, *todas*, *tanto*):

Esqueça-se de tudo *quanto* lhe disse.

PRONOMES RELATIVOS SEM ANTECEDENTE – Os pronomes relativos *quem* e *onde* podem aparecer com emprego absoluto, sem referência a antecedentes:

Quem tudo quer tudo perde.

Dize-me com *quem* andas e eu te direi *quem* és.

Moro *onde* mais me agrada.

Quem, assim empregado, é considerado como do gênero masculino e do número singular:

Quem com ferro fere com ferro será ferido.

OBSERVAÇÃO: Os relativos sem antecedentes também se dizem *relativos indefinidos*. Muitos autores preferem, neste caso, subentender um antecedente adaptável ao contexto. Interpretando *quem* como *a pessoa que*, *onde* como *o lugar em que* assim substituem:

Quem tudo quer tudo perde = *a pessoa que* tudo quer tudo perde

Este duplo modo de encarar o problema tem repercussões diferentes na classificação das orações subordinadas, conforme veremos em **Orações subordinadas resultantes de substantivação: as interrogativas e exclamativas**.

EMPREGO DOS PRONOMES

Pronome pessoal

Pronome e termos oracionais – A rigor, o pronome pessoal reto funciona como sujeito e predicativo, enquanto o oblíquo como complemento:

Eu *saio.* ***Eu*** *não sou* ***ele****.* *Eu* ***o*** *vi.* *Não* ***lhe*** *respondemos.*

Entre os oblíquos, a forma átona vem desprovida de preposição, enquanto a tônica exige, no português moderno, esta partícula:

Eu ***o*** *vi.* *Referiu-se* ***a ti****.*

Casos há, entretanto, em que esta norma pode ser contrariada. Assim é que pode ocorrer a forma reta pela oblíqua:

a) quando o verbo e o seu complemento nominal estiverem distanciados, separados por pausa:

Subiu! E viu com seus olhos.

Ela a rir-se que dançava [GD].

b) nas enumerações e aposições, também com distanciamento do verbo e complemento:

Depois de muita delonga o diretor escolheu: *eu*, o Henrique e o Paulinho.

c) precedido de *todo*, *só* e mais alguns adjuntos, pode aparecer *ele* (e flexões) por *o* (e flexões); cf. adiante.

d) quando dotado de acentuação enfática, no fim de grupo de força:

Olha *ele*! [EQ].

e) em coordenações de pronomes ou com um substantivo introduzidos pela preposição *entre*:

entre *eu* e *tu* (por entre *mim* e *ti*); entre *eu* e o aluno, entre José e *eu*.

Já há concessões de alguns gramáticos quando o pronome *eu* ou *tu* vem em segundo lugar:

Entre *ele* e *eu*. Entre o José e *eu*.

A língua exemplar insiste na lição do rigor gramatical, recomendando, nestes casos, o uso dos pronomes oblíquos tônicos:

Entre *mim* e *ti*. Entre *ele* e *mim*.

Um exemplo como *Entre José e mim* dificilmente sairia hoje da pena de um escritor moderno.

Este desvio da norma encontra paralelo em outras línguas românicas, como o espanhol e o italiano [MLk.1, III, 76 e 80].

Também depois de expressões comparativas e exceptivas, a língua denuncia certa vacilação no emprego do pronome pessoal, havendo aqui forte divórcio entre a língua literária e a coloquial, escrita ou falada:

Não tenho outro amigo senão *tu*. Não sou como *tu*.
Não tenho outro amigo senão *a ti*. Não sou como *a ti*.

Emprego de pronome tônico pelo átono – Os pronomes tônicos preposicionados *a ele*, *a ela*, *a mim*, *a ti*, *a nós*, *a vós* podem aparecer, na língua exemplar, nos seguintes casos, em vez das formas átonas (*lhe*, *me*, *te*, *nos*, *vos*):

a) quanto anteposto ao verbo:

A ele cumpria encher as guias.

b) quando composto:

Remeti livros *a ele* e ao tio.

c) quando reforçado:

O dinheiro foi entregue *a ele mesmo*.
Darei as joias *só a ela*.

d) quando pleonástico:

Devolvi-*lhe a ele* as máquinas.

e) quando complemento relativo:

Atirou-se *a ele*. Gosto *dela*.

f) quando objeto direto preposicionado:

Nem ele entende *a nós* nem nós *a ele* [JO.3, 345].

Em geral, o português omite o pronome sujeito quando constituído por *eu*, *tu*, *nós* e *vós*:

"Não me lembra o que lhe disse" [MA.1, 65].

O aparecimento do pronome sujeito de regra se dá quando há ênfase ou oposição de pessoas gramaticais:

"*Eu* é que furo o pano, vou adiante, puxando por você, que vem atrás, obedecendo ao que *eu* faço e mando..." [MA.2, 230].
"Há entre nós um abismo: *tu* o abriste; *eu* precipitei-me nele" [AH.1, 295].

Estando perfeitamente conhecido pela situação linguística, pode-se calar o pronome complemento do verbo; esta linguagem é correta, apesar da censura que lhe faziam os gramáticos de outrora. Muitas vezes deve-se o fenômeno ao que o estilista alemão Leo Spitzer chamou "linguagem-eco", constituída de repetição de uma parte da oração, destinada a

reforçar a própria declaração, como no seguinte trecho de A. Herculano:

"Disse já que tinha de fazer uma explicação ao leitor. *Tenho*; e é indispensável" [AH.4, II, 261].

Em casos de ênfase costuma-se repetir:

a) o pronome átono pela sua respectiva forma tônica, precedida de preposição:

"Mas qual será a tua sorte quando na hora fatal os algozes, buscando a sua vítima, só *te* encontrarem *a ti*?" [AH.3, 277].

b) o complemento expresso por um nome pelo pronome átono conveniente ou vice-versa:

Ao *avarento* nada *lhe* peço.

"Ainda hoje estão em pé, mas ninguém *as* habita, *essas* choupanas execrandas..." [CBr.8, 43].

Usa-se o pronome *o* (*os*) em referência a nomes de gêneros diferentes, por neutralização:

"*A generosidade*, *o esforço* e *o amor*, ensinaste-*os* tu em toda a sua sublimidade" [AH.1, 35].

***Ele* como objeto direto** – O pronome *ele*, no português moderno, só aparece como objeto direto quando precedido de *todo* ou *só* (adjetivo) ou se dotado de acentuação enfática, em prosa ou verso:

"No latim eram quatro os pronomes demonstrativos. *Todos eles* conserva o português" [PL.1, 398].

"Subiu! – e viu com seus olhos/ *Ela* a rir-se que dançava..."
[GD *apud* SS].

"Olha *ele*!" [EQ *apud* SS].

Ordem dos pronomes pessoais – Na sequência dos pronomes pessoais sujeitos, o português normalmente apresenta ordem facultativa deles: *eu e tu*, *tu e eu*; *eu e ele*, *ele e eu*; *eu e o senhor*, *o senhor e eu*, etc.:

– Porque nós vamos lá jantar na segunda-feira.

– Nós... Nós, quem?

– Nós. *Eu e tu*, *tu e eu*. A condessa convidou-me no comboio [EQ.3, 382].

É evidente que nas circunstâncias em que há necessidade de superpor à expressão linguística traços de polidez, urbanidade ou, no polo oposto do convívio social, modéstia, pode o falante ou escritor inverter a ordem, dando a primazia da primeira referência ao seu interlocutor, quer manifestado por pronome, quer por substantivo. Esta é, por exemplo, a prática da cortesia entre franceses e espanhóis.

É o que se percebe, por exemplo, na seguinte preferência de Camilo, no início do romance *O Senhor do Paço de Ninães*:

Estamos no Minho, *o leitor e eu*.

O passo da cortesia linguística não para na ordem dos pronomes; invade o domínio da concordância, como a realizou Rui Barbosa neste conhecido trecho de uma carta:

"(...) e S. Exc.ª respondera, declarando aceitaria, sob a condição de anuírem *o Barão do Rio Branco e eu*".

A concordância gramatical, pela presença de pronome de 1.ª pessoa, exigiria o verbo flexionado na 1.ª do plural: *anuirmos*. Todavia, em razão da urbanidade, a polidez se reflete não só na ordem dos pronomes, mas ainda na flexão verbal.

O pronome *se* na construção reflexa 44 – Eis aqui um bom exemplo pelo qual se

patenteia que um significado gramatical unitário, significado de língua, se pode desdobrar em outras acepções, conforme as unidades linguísticas com que se acha combinado e o entorno situacional.

A reflexividade consiste, na essência, na "inversão (ou negação) da transitividade da ação verbal". Em outras palavras, significa que a ação denotada pelo verbo não passa a outra pessoa, mas reverte-se à pessoa do próprio sujeito (ele é, ao mesmo tempo, agente e paciente):

1.a) *João se banha*

A nossa experiência do mundo admite a hipótese de João banhar a si mesmo ou banhar uma outra pessoa: *João banha o filho pela manhã*.

Só que, na reflexividade "própria", ocorre a primeira hipótese:

João se banha. **A** Reflexivo "próprio"

Já na oração

1.b) *João e Maria se amam*,

o significado do verbo *amar* e a nossa experiência do mundo que, em geral, tratando de duas pessoas, supõem o amor de alguém A dirigido a outro alguém B, permitem-nos dar outra acepção, contextual, ao originário significado unitário de "reflexividade"; acreditamos que a oração quer expressar que "João ama Maria" e que "Maria ama ao João". Então, não mais se trata de "reflexividade pura", mas de "reflexividade recíproca":

João e Maria se amam. **A** **B** Reflexo recíproco

A interpretação de reflexivo recíproco não mudará se se tratar de verbo transitivo que se constrói com objeto indireto ou complemento relativo:

João e Maria se escrevem. (um escreve ao outro)

João e Maria se gostam. (um gosta do outro)

As unidades léxicas comprometidas na construção determinam a interpretação. Se dizemos *João e Maria se miram*, a interpretação mais natural seria a de um reflexivo recíproco; mas se acrescentarmos *João e Maria se miram no espelho*, mais natural nos parecerá a interpretação de reflexivo "próprio". Portanto, são interpretações contextuais, e não valores de língua.

Mudando as unidades linguísticas que se combinam com o pronome *se*, poderemos ter:

2) *O banco só se abre às dez horas*.

No presente exemplo, *banco* é um sujeito constituído por substantivo que, por inanimado, não pode ser agente da ação verbal; por isso, a construção é interpretada como "passiva": é o que a gramática chama voz "média" ou "passiva com *se*":

O banco só se abre às dez horas. A ◄ "média" ou "passiva com *se*"

Repare-se que a interpretação da "passiva com *se*" depende só do léxico, isto é, do significado lexical do verbo. A prova disto é que esta interpretação prevalece ainda nas orações cujo sujeito não é inanimado, portanto, passível de executar a ação verbal. Só que há certos verbos que denotam ações que a nossa experiência sabe que não são praticadas pelo termo que lhe serve de sujeito, como ocorre nos verbos *chamar* (= ter nome):

Ele ***se*** *chama João*.

A última acepção a que poderemos chegar nas construções do pronome *se* é a da oração:

3) *Abre-se às dez*.

Temos aqui um *se* na construção em que não aparece substantivo, claro ou subentendido, que funcione como sujeito do conteúdo predicativo. Interpreta-se a construção como *impessoal*.

Diante desta exposição, podemos dizer que o *se* nas construções estudadas e assemelhadas exerce as seguintes funções sintáticas em face das unidades léxicas que com o pronome concorrem:

1) Objeto direto:

Ele se feriu.
Eles se cumprimentaram.

2) Objeto indireto:

Ela se arroga essa liberdade.

3) Complemento relativo:

Eles se gostam.

4) Índice de indeterminação do sujeito:

Vive-se bem.
Lê-se pouco entre nós.
Precisa-se de empregados.
É-se feliz.

OBSERVAÇÕES FINAIS: Pelos exemplos acima, o *se* como índice de indeterminação de sujeito – primitivamente exclusivo em combinação com verbos não acompanhados de objeto direto –, estendeu seu papel aos transitivos diretos (onde a interpretação passiva passa a ter uma interpretação impessoal: *Vendem-se casas* = 'alguém tem casa para vender') e de ligação (*É-se feliz*). A passagem deste emprego da passiva à indeterminação levou o falante a não mais fazer concordância, pois o que era sujeito passou a ser entendido como objeto direto, função que não leva a exigir o acordo do verbo:

Vendem-se casas (= 'casas são vendidas') → *Vendem-se casas* (= 'alguém tem casa para vender') → *Vende-se casas*.

"*Vende-se casas* e *frita-se ovos* são frases de emprego ainda antiliterário, apesar da já multiplicidade de exemplos. A genuína linguagem literária requere *vendem-se*, *fritam-se*. Mas ambas as sintaxes são corretas, e a primeira não é absolutamente, como fica demonstrado, modificação da segunda. São apenas dois estágios diferentes de evolução. Fica também provado o falso testemunho que levantaram à sintaxe francesa, que em verdade nenhuma influência neste particular exerceu em nós..." [MAg.2, 181-183].

Pode ainda o pronome *se* juntar-se a verbos que indicam:

1) sentimento: *indignar-se*, *ufanar-se*, *atrever-se*, *admirar-se*, *lembrar-se*, *esquecer-se*, *orgulhar-se*, *arrepender-se*, *queixar-se*.

2) movimento ou atitudes da pessoa em relação ao seu próprio corpo: *ir-se*, *partir-se*, *sentar-se*, *sorrir-se*.

No primeiro caso, não se percebendo mais o sentido reflexivo da construção, considera-se o *se* como parte integrante do verbo, sem classificação especial.

No segundo, costumam os autores chamar ao *se pronome de realce* ou *expletivo*.

Concorrência de *si* e *ele* na reflexividade – A partir do português contemporâneo (séc. XVIII para cá), nasceu a possibilidade de o pronome tônico *si*, nas construções reflexas, ter a concorrência do pronome *ele*, também preposicionado, em orações do tipo:

> "(...) perguntou Glenda, sentindo que a pergunta não era dirigida apenas a Pablo, mas também *a ela própria*" [RBn.2, 23].
>
> "[a amante] viu *diante dela* o meu eugênico amigo" [MB *apud* RBn.2]. 45

A construção não encontra respaldo nas nossas melhores gramáticas, apesar do emprego largo na literatura moderna brasileira a partir, segundo Barbadinho, de José de Alencar. Nos exemplos acima, a norma gramatical pediria: *a si própria*, *diante de si*, como rezam as passagens onde o pronome se refere ao sujeito do verbo:

> "Simeão *por si mesmo* escolheu o deserto que lhe convinha (...)."
> [JR.2, 35]
>
> "O espetáculo da beleza é bastante *por si mesmo*." [JR.2, 199]
>
> "Depois mudava-se o teatro, e via-se *a si mesmo* (...)." [JR.2, 299]

Note-se a curiosa concorrência das duas sintaxes neste exemplo de Guimarães Rosa, citado por Barbadinho:

> "E o Menino estava muito *dentro dele mesmo*, em algum cantinho *de si*."

Esta novidade de sintaxe tem contra si o fato de às vezes fazer perigar a interpretação da oração, que só se resolve pela ajuda do contexto:

> João levou o livro *para ele*.

Combinação de pronomes átonos – Ocorrem em português as seguintes combinações de pronomes átonos, notando-se que o que funciona como objeto direto vem em segundo lugar: As formas *o*, *a*, *os*, *as* procedem das antigas *lo*, *la*, *los*, *las*:

mo = me + o; *ma* = me + a; *mos* = me + os; *mas* = me + as;

to = te + o; *ta* = te + a; *tos* = te + os; *tas* = te + as;

lho = lhe + o; *lha* = lhe + a; *lhos* = lhe + os; *lhas* = lhe + as;

no-lo = nos + (l)o; *no-la* = nos + (l)a; *no-los* = nos + (l)os; *no-las* = nos + (l)as;

vo-lo = vos + (l)o; *vo-la* = vos + (l)a; *vo-los* = vos + (l)os; *vo-las* = vos + (l)as;

lho = lhe(s) + o; *lha* = lhe(s) + a; *lhos* = lhe(s) + os; *lhas* = lhe(s) + as.

se me	-se-me	se nos	-se-nos
se te	-se-te	se vos	-se-vos
se lhe	-se-lhe	se lhes	-se-lhes

> "Se dizeis isso pela que me destes, tirai-*ma*: que não *vo-la* pedi eu."
> [AH.4, I, 267]
>
> "E como, a pouco e pouco, se foram exaurindo os cascalhos e afundando os veleiros, o banditismo franco impôs-*se-lhes* como derivativo à vida desmandada" [EC.1, 218].

Observações:

1.ª) A rigor, na combinação só entra a forma *lhe*, que, na língua antiga, servia tanto ao singular como ao plural.

2.ª) Nas demais combinações, o português moderno prefere substituir o pronome átono objetivo indireto pela forma tônica equivalente, precedida da preposição *a*. Enquanto dizemos hoje *a mim te mostras* ou *te mostras a mim*, a língua de outros tempos consentia em tais dizeres:

> "Porque assi *te me* mostras odiosa?" [JCR.1 *apud* SS.1, § 271].

3.ª) A língua padrão rejeita a combinação *se o* (e flexões), apesar de uns poucos exemplos na pena de literatos:

> "Parece um rio quando *se o* vê escorrer mansamente por entre as terras próximas..." [LB.2, 49 *apud* SS.6, n.º 198, 268].

Foge-se ao erro de três maneiras diferentes:

a) cala-se o pronome objetivo direto: *Não se quer*.

b) substitui-se o pronome *o* (e flexões) pelo sujeito *ele* (e flexões): *Não se quer ele*.

> Inveja-se a riqueza, mas não o trabalho com que ela se granjeia [MM].

c) se já existe na oração o pronome pessoal de objeto direto (*o*, *a*, *os*, *as*), usa-se o pronome de objeto indireto na forma tônica precedida da preposição *a* ou *para*:

> "É Vieira sem contradição mestre guapíssimo de nossa língua, e o mesmo Bernardes assim o conceituava; que porém *a si o* propusesse como exemplar, nem o indica, nem consta, nem se pode com indução plausível suspeitar" [AC *apud* MBa.5, 54].

Apesar disto, ocorre em bons escritores construção em que se junta o pronome *o* (e diretos) a verbo na voz reflexiva:

> "Temo que *se me* argua de comparações extraordinárias, mas o abismo de Pascal é o que mais prontamente vem ao bico da pena"
> [MA.9, 29 *apud* SS.1].
>
> "Não se dá baixa ao soldado quando já não pode com a milícia? Não *se lha* dá até em tempo de guerra?" [AC.10, II, 106 *apud* SS.1].

4.ª) A língua padrão admite *pode-se compô-lo* ou *pode-se compor*, quando não há locução verbal:

> *Pode-se* de algum modo *ligá-lo* a Schopenhauer... [JR.3, 19]
>
> Júlio Moreira [JM.1, II, 30-31] diz que em Portugal é menos comum do que no Brasil a primeira construção.

5.ª) Em construções do tipo *fi-lo sentar-se* (e também com os verbos *deixar*, *mandar*, *ver*, *ouvir* e sinônimos), isto é, em que depois destes verbos com pronome objetivo se segue o infinitivo de verbo reflexivo, pode-se deixar claro este último pronome ou omiti-lo: *fi-lo sentar*.

Função do pronome átono em *Dou-me ao trabalho* – Em geral, o pronome átono da forma verbal reflexiva portuguesa funciona como objeto direto: *dou-me* (obj. direto) *ao trabalho* (obj. indireto) *de fazer*.

Em francês e espanhol, esse pronome aparece como objeto indireto: *je me donne la peine de le faire*; *me doy el trabajo de hacerlo*.

Pronome pessoal átono e adjunto adverbial – Pode ocorrer a possibilidade de substituírem os pronomes pessoais átonos, na forma de objeto indireto, *me*, *te*, *se*, *nos*, *vos*, *lhe*, *lhes*, termos que na oração funcionam como adjuntos adverbiais [MBa.4, 273-276]:

Pôs-se *diante dele*	–	Pôs-se-*lhe* diante
Ficava *detrás dele*	–	Ficava-*lhe* detrás
Deu um abraço *no pai*	–	Deu-*lhe* um abraço
Bateu *nele*	–	Bateu-*lhe*
Ralhar *com ele*	–	Ralhou-*lhe*
Fugir *de mim*	–	Fugiu-*me*
Tudo girou *em volta dele*	–	Tudo *lhe* girou em volta

> "Ela tinha, porém, no semblante um ar de majestosa bondade que dificilmente esqueceria quem alguma vez se *lhe*

houvesse aproximado" [CL.1, I, 278].

Nestas substituições, o pronome átono faz referência à pessoa e a ideia da circunstância fica por conta do advérbio (ou substantivo adverbializado), quando se trata de locução prepositiva:

Fugia de mim – fugiu-me (não há locução prepositiva)

Tudo girou ***em volta dele*** – *Tudo lhe girou* ***em volta*** (há locução prepositiva)

Pronome possessivo

***Seu* e *dele* para evitar confusão** – Em algumas ocasiões, o possessivo *seu* pode dar lugar a dúvidas a respeito do possuidor. Remedeia-se o mal com a substituição de *seu*, *sua*, *seus*, *suas*, pelas formas *dele*, *dela*, *deles*, *delas*, *de você*, *do senhor*, etc., conforme convier.

Em

José, Pedro levou o seu chapéu,

o vocábulo *seu* não esclarece quem realmente possui o chapéu, se Pedro ou José.

É verdade que a disposição dos termos nos leva a considerar José o dono do chapéu; mas a referência a Pedro também é possível. Assim sendo, serve-se o falante do substituto *dele*, se o possessivo pertence a Pedro:

José, Pedro levou o chapéu *dele*.

"Com efeito, Margarida gostava imenso da presença do rapaz, mas não parecia dar-lhe uma importância que lisonjeasse o coração *dele*". [MA.6, 24]

Se o autor usasse o possessivo *seu*, o coração poderia ser tanto de Margarida quanto do rapaz.

Pode-se, para maior força de expressão, juntar *dele* a *seu*:

José, Pedro levou o *seu* chapéu *dele*.

"Se Adelaide o amava como e quanto Calisto já podia duvidar, *sua* honra *dele* era pôr peito à defesa do opressa..." [CBr.1, 109]

Menos usual, porém correta, é a união dos dois possessivos como no seguinte exemplo da citada obra de Camilo:

"É certo, Sr. Presidente, que a femina toca o requinte da depravação, e chega a efeituar horrores cuja narração é de si para gelar ardências do sangue, para infundir pavor em peitos equânimos; porém, o móbil dos crimes *seus delas* é outro" [CBr.1, 86].

Os pronomes pessoais átonos *me*, *te*, *se*, *nos*, *vos*, *lhe*, *lhes*, podem ser usados com sentido possessivo, mormente em estilo literário, tomando-se o cuidado de evitar o abuso.46

Tomou-*me* o chapéu = Tomou o meu chapéu.

Ainda neste caso, é possível ocorrer a repetição enfática *lhe ... dele*:

"D. Adelaide ficou embaraçada. Seria agravar as meninas de dezoito anos, e educadas como a filha do desembargador, e amantes como elas de um comprometido esposo, estar eu aqui a definir a entranhada zanga que *lhe* fez no espírito *dela* o despropósito de Calisto" [CBr.1, 104].

Foge-se ainda à confusão empregando-se *próprio*:

"Andrade contentou-se com o *seu próprio* sufrágio" [MA.6, 19].

Posição do pronome possessivo – De modo geral, o possessivo vem anteposto ao nome a que se refere:

O *meu* livro. *Tuas* preocupações. *Nossos* deveres.

A posposição ocorre no estilo solene, em prosa ou verso, e, em nome de pessoas ou de graus de parentesco, pode denotar carinho:

Deus meu, ajudai-me!

A ênfase permite também a posposição, principalmente se o substantivo vem desacompanhado do artigo definido:

Conselho *meu* ela não tem. Filho *meu* não faria tal.

Em certas situações, há notável diferença de sentido com a posposição do possessivo.47

Minhas saudades são saudades que sinto de alguém. *Saudades minhas* são saudades que alguém sente de mim.

"Parece que Miss Dólar ficou com boas *recordações suas*, disse D. Antônia" [MA.6, 2, 17].

Notamos o mesmo em *suas cartas* e *cartas suas*.

Recebi suas cartas (i. é, cartas que me mandaram ou que pertencem à pessoa a quem me dirijo).

Recebi cartas suas (i. é, enviadas a mim pela pessoa).

Invariavelmente, usamos de *notícias suas*, como no seguinte exemplo:

"Peço-lhe que me mande *notícias suas*" [EC].

Fora destas construções, a língua moderna evita tal emprego objetivo:

"Mova-te a piedade *sua* e *minha*" [LC.1, III, 127]. Entenda-se: *a piedade delas* (das criancinhas) *e de mim.*

Possessivo para indicar ideia de aproximação – Junto a números o possessivo pode denotar uma quantidade aproximada:

Nessa época, tinha *meus* quinze anos (aproximadamente).

Era já homem de *seus* quarenta anos.

OBSERVAÇÃO: Valorizamos também uma noção quantitativa por meio do adjetivo *bom*:

"O maior Vilela observava um rigoroso regímen que lhe ia entretendo a vida. Tinha uns *bons sessenta anos*" [MA.6, 53].

Valores afetivos do possessivo – O possessivo, como temos visto, não se limita a exprimir apenas a ideia de posse. Adquire variados matizes contextuais de sentido, muitas vezes de difícil delimitação.

Assim, o possessivo pode apenas indicar a coisa que nos interessa, por nos estarmos referindo, com ele, a causa que nos diz respeito, ou por que temos simpatia:

O *nosso* herói (falando-se de um personagem de histórias) não soube que fazer. Trabalho todo dia *minhas* oito horas [cf. JR.4, 206].

Além de exprimir a nossa simpatia, serve também o possessivo para traduzir nosso afeto, cortesia, deferência, submissão, ou ironia:

Meu prezado amigo. *Minha* senhora, esta é a mercadoria que lhe serve.

Meus senhores e *minhas* senhoras! *Meu* presidente, todos o esperam.

Meu coronel, os soldados estão prontos! *Meu* tolo, não vês que estou brincando?

Notemos, porém, que em expressões do tipo:

"Qual cansadas, *seu* Antoninho!" [LB],

"Ande, *seu* diplomático, continue" [MA],

seu não é, como parece a alguns estudiosos, a forma possessiva de 3.ª pessoa do singular. Trata-se aqui de uma redução familiar do tratamento *senhor*.

Difere a forma *seu* (admite ainda as variantes *seo*, *sô*) do termo nobre, *senhor*, por traduzir nossa familiaridade ou depreciação.

Ocorrendo isoladamente, prevalece a forma plena *senhor*, conforme nos mostra o seguinte exemplo:

> "Depressa, depressa, que a filha do Lemos vai cantar; e depois é o *senhor*. Está ouvindo, *seu* Ricardo" [LB.1, 115].

Um fingido respeito ou cortesia – bem entendidos, aliás, pelos presentes – pode determinar a presença da forma plena:

> "Diga, *senhora* mosca-morta?" [AH.4, II, 251].

Pela forma abreviada *seu* modelou-se o feminino *sua*:

> "E ri-se você, *sua* atrevida?! – exclamou o moleiro, voltando-se para Perpétua Rosa" [AH.4, 252].

Emprego do pessoal pelo possessivo – Embora de pouca frequência, pode aparecer o possessivo por uma forma de pronome pessoal precedido da preposição *de*. Neste caso está a expressão *ao pé de* + pronome pessoal.

> "Vós os que não credes em bruxas, nem em almas penadas, nem nas tropelias de Satanás, assentai-vos aqui ao lar bem juntos ao *pé de mim*, e contar-vos-ei a história de D. Diogo Lopes, senhor de Biscaia" [AH.4, II, 7].

> "Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baronesa, que tinha a modista ao *pé de si*, para não andar atrás dela" [MA.2, 31].

Possessivo expresso por uma locução – Expressa-se o possessivo ainda por meio de uma perífrase em que entra o verbo *ter*, *haver* ou sinônimo:

> Oxalá os problemas *que temos* durem pouco (os nossos problemas).

O possessivo em referência a um possuidor de sentido indefinido – Se o possessivo faz referência a pessoa de sentido indefinido, expresso ou sugerido pelo significado da oração, emprega-se o pronome de 3.ª pessoa:

> "É verdade que *a gente*, às vezes, tem cá as *suas* birras – disse ele, com certo ar que queria ser fino e saía parvo" [AH.4, II, 158].

Se o falante se inclui no termo ou expressão indefinida, usar-se-á o possessivo de 1.ª pessoa do plural:

> *A gente* compreende como estas cousas acontecem em *nossas* vidas [cf. CBr.1].

Repetição do possessivo – Numa série de substantivos, pode-se usar o possessivo (como qualquer outro determinante do nome) apenas junto ao primeiro nome, se não for nosso propósito enfatizar cada elemento da série:

> "A prova da *sua perspicácia* e *diligência* estava em ter já no caminho da forca os desgraçados cuja sentença vinha trazer à confirmação real" [AH.4, I, 187].

Note-se a ênfase e a oposição entre os possuidores (*eu* e *tu*):

> "O *teu* amor era como o íris do céu: era a *minha* paz, a *minha* alegria, a *minha* esperança" [AH.4, I, 190].

Se o termo vem acompanhado de modificador, não se costuma omitir o possessivo da série:

> "Foi a *tua* dignidade real, a *tua* justiça, o *teu* nome que eu quis salvar da *tua própria* brandura" [AH.4, I, 191].

Omite-se o possessivo na série sem ênfase, ainda que os substantivos sejam de gênero ou número (ou ambas as coisas) diferente. A repetição que nada acrescenta em ênfase à expressão é considerada, por muitos estudiosos, como imitação da sintaxe francesa [MBa.1, 412-413].

"... entendera (Calisto Elói) que a prudência o mandava viver em Lisboa consoante os costumes de Lisboa, e na província, segundo o *seu gênio* e *hábitos* aldeãos" [CBr.1, 107].

Se se trata de substantivo sinônimo, dispensa-se a repetição do possessivo:

Teu filho, de quinze anos apenas, é *teu* orgulho e ufania.

Se os substantivos forem de significação oposta, o possessivo em regra não é dispensado:

Teu perdão e *teu* ódio não conhecem o equilíbrio necessário à vida.

Substituição do possessivo pelo artigo definido – Sem ser norma de rigor absoluto, pode-se substituir o possessivo pelo artigo definido, quando a ideia de posse se patenteia pelo contexto ou pelo sentido total da oração, ou ainda pela aplicação reflexiva, isto é, quando se faz referência à própria pessoa que fala ou de quem se fala. Este fato ocorre principalmente junto dos nomes de partes do corpo, das peças do vestuário, faculdades do espírito e certas frases feitas:

"D. Fernando afastou-a suavemente de si: ela alevantou *o rosto* celeste orvalhado de pranto... D. Leonor ergueu *as mãos* suplicantes, com um gesto de profunda angústia" [AH.4, I, 190].

"... aqui parou (Calisto Elói), e cruzando *os braços*, se esteve largo espaço quedo, e fito nas janelas" [CBr.1, 110].

"E o vento assobiava no vigamento da casa, e nas orelhas de Calisto, o qual, levado do instinto da conservação, levantou a gola *do capote* à altura *das bossas parietais*..." [CBr.1].

Ele perdeu *o juízo*. Tem *a vida* por um fio. Recuperou *a memória*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Aparece o possessivo no caso de ênfase, quando se deseja insistir na pertença do indivíduo:

"(...) se *as suas* faces eram gordas, *as suas* mãos continuavam magras com longos dedos fusiformes e ágeis" [LB.1, 96].

"E cada lavrador enxugava *os seus* olhos" [CBr.6, 118].

2.ª) Dispensa-se o artigo definido nas expressões *Nosso Senhor*, *Nossa Senhora*, assim como nas fórmulas de tratamento onde entra um possessivo, do tipo: *vossa excelência*, *vossa reverendíssima*, *sua majestade*, etc.

O possessivo e as expressões de tratamento do tipo *Vossa Excelência* – Empregando-se as expressões de tratamento do tipo de *vossa excelência*, *vossa reverendíssima*, *vossa majestade*, *vossa senhoria*, onde aparece a forma possessiva de 2.ª pessoa do plural, a referência ao possuidor se faz hoje em dia com os termos *seu*, *sua*, isto é, com possessivo de 3.ª pessoa do singular:

Vossa Excelência conseguiu realizar todos os *seus* propósitos (e não: todos os *vossos* propósitos).

Tais tipos de títulos honoríficos começaram a aparecer no português entre os séculos XIV e XV e aí havia realmente uma possibilidade de alternância de *seu*, *sua*, *vosso*, *vossa*. A luta durou até aproximadamente o século XVII, quando as formas de 3.ª pessoa saíram vitoriosas. Assim sendo, modernamente só deve aparecer o possessivo conforme o exemplo dado. Raras exceções em escritores do séc. XVIII para cá são devidas a imitações literárias, justamente repudiadas como arcaicas, ou então porque o autor, em romance ou novela histórica, para não cair em anacronismo, faz seus personagens falar a linguagem da época.

Entre os escritores a cuja autoridade se abrigam os defensores do arcaísmo aqui citado, se acha Alexandre Herculano. Ávido leitor e constante hóspede dos monumentos históricos, o autor da *História de Portugal*, tratando do período de D. João I (1385-1433), no *Monge de Cister* (pronuncie-se este último nome como oxítono), teve oportunidade de mostrar o quanto

sabia da evolução de sua língua, conhecimento que o faz o melhor prosador ou um dos melhores que as letras portuguesas tiveram. Assim, pensamos que tal situação especialíssima do probo e perspicaz historiador não abre a porta para a prática da velha construção.

Pronome demonstrativo

A posição indicada pelo demonstrativo pode referir-se ao espaço, ao tempo (demonstrativos dêicticos espaciais e temporais) 48 ou ao discurso (demonstrativo anafórico).

Demonstrativos referidos à noção de espaço – *Este* (e flexões) aplica-se aos seres que pertencem ou estão perto da 1.ª pessoa, isto é, daquela que fala:

> *Este livro* é o livro que possuo ou tenho entre mãos.
> *Esta casa* é a casa onde me encontro.

Esse (e flexões) aplica-se aos seres que pertencem ou estão perto da 2.ª pessoa, isto é, daquela com quem se fala:

> *Esse livro* é o livro que nosso interlocutor traz.
> *Essa casa* é a casa onde se encontra a pessoa a quem me dirijo.

Na correspondência, *este* se refere ao lugar donde se escreve, e *esse* denota o lugar para onde a carta se destina. A referência à missiva que escrevemos se faz com *este*, *esta*:

> "Manaus, 13-1-1905
> Meu bom amigo Dr. José Veríssimo, – escrevo-lhe dissentindo abertamente de sua opinião sobre *este* singularíssimo clima da Amazônia..." [EC].
> Escrevo *estas* linhas para dar-te notícia *desta* nossa cidade e pedir-te as novas *dessa* região aonde foste descansar.

Quando se quer apenas indicar que o objeto se acha afastado da pessoa que fala, sem nenhuma referência à 2.ª pessoa, usa-se de *esse*:

> "Quero ver *esse* céu da minha terra
> Tão lindo e tão azul!" [CA].

Na linguagem animada, o interesse do falante pode favorecer uma aproximação figurada, imaginária, de pessoa ou coisa que realmente se acham afastadas dos que falam. Esta situação exige *este*:

> "Dói-me a certeza de que estou morrendo desde o primeiro dia da tua união com *este* homem... a certeza de que o hás de amar sempre, ainda que ele te despreze como já te desprezou" [CBr.1, 152].

Tal circunstância deve ter contribuído para o emprego de *este* como indicador de personagens que o escritor traz à baila.

> "*Este* Lopo, bacharel em direito, homem de trinta e tantos anos, e sagaz até a protérvia, vivia na companhia do irmão morgado..." [CBr.1, 149].

Por outro lado, cabe a *esse* a missão de afastar de nós pessoa ou coisa que na realidade se acham ou se poderiam achar próximas:

> "Vês África, dos bens do mundo avara,
> .....
> Olha *essa* terra toda, que se habita
> *Dessa* gente sem lei, quase infinita" [LC.1, X, 92 *apud* SA].

Estas expressões não se separam por linhas rigorosas de demarcação; por isso exemplos há de bons escritores que contrariam os princípios aqui examinados e não faltam mesmo certas

orientações momentâneas do escritor que fogem às perscrutações do gramático.

Demonstrativos referidos à noção de tempo – Na designação de tempo, o demonstrativo que denota um período mais ou menos extenso, no qual se inclui o momento em que se fala, é *este* (e flexões):

Neste dia (= no dia de hoje) celebramos a nossa independência.

Este mês (= no mês corrente) não houve novidades.

Aplicado a tempo já passado, o demonstrativo usual é *esse* (e flexões):

Nessa época atravessávamos uma fase difícil.

Se o tempo passado ou vindouro está relativamente próximo do momento em que se fala, pode-se fazer uso de *este*, em algumas expressões:

Esta noite (= a noite passada) tive um sonho belíssimo.

Porém, com a mesma linguagem *esta noite* poderíamos indicar a noite vindoura. Outro exemplo:

"Meu caro Barbosa:

Deves ter admirado o meu silêncio *destes quinze dias*, silêncio para ti, e silêncio para o jornal" [CBr.7, 56].

A indicação temporal de *este* e *esse* dispensa outra expressão adverbial, se a circunstância de tempo não se apresenta ao falante como elemento principal do conjunto:

"Para o jogo bastava *esse* movimento de peão". [ML]

Esse movimento vale por: *o movimento que se fez naquele momento*.

Demonstrativos referidos a nossas próprias palavras – No discurso, quando o falante deseja fazer menção ao que ele acabou de narrar (anáfora) ou ao que vai narrar (catáfora), emprega *este* (e flexões):

"Entrou Calisto na sala um pouco mais tarde que o costume, porque fora vestir-se de calça mais cordata em cor e feitio. Não me acoimem de arquivista de insignificâncias. *Este* pormenor (isto é: o pormenor a que fiz referência) das calças prende mui intimamente com o cataclismo que passa no coração de Barbuda" [CBr.1, 93].

"Se não existisse Ifigênia... acudiu Calisto. Já *este* nome (i.é.: o nome que proferi) me soava docemente quando, na minha mocidade pela angústia da filha de Argamenão, cujo sacrifício o oráculo de Áulida desmandava.

– Ah, também eu conheço *essas* angústias (i.é.: aquelas a que se refere) da tragédia de Racine" [CBr.1, 135].

– "... não há linguagem que não soe divinamente falada por minha prima.

– *Essas* lisonjas – volveu ela sorrindo – aprendeu-as nos seus livros velhos, primo Calisto?" [CBr.1, 136].

Por este último exemplo, podemos verificar que se a referência é feita às palavras da pessoa com quem se fala, o demonstrativo empregado é *esse* (e flexões). No trecho, *essas lisonjas* são as que faz Calisto à sua prima.

Há situações embaraçosas para o emprego do demonstrativo anafórico, isto é, aquele que se refere a palavras ditas ou que se vão dizer dentro do próprio discurso (catáfora). Ocorre o caso, por exemplo, nas referências a enunciados anteriores que envolvem afastamento da 1.ª pessoa ou ao tempo em que se fala. Nestes casos, geralmente, prevalece a preferência para nossas próprias palavras, aparecendo, assim, o anafórico *este* (e flexões) em lugar do dêictico *esse* (e flexões):

– "Então que te disse ele?...

– Que tinhas lá outra... e que te viu passear com ela.

– Viu-me a passear com uma nossa parenta, viúva de um general. Quem disse ao javardo que *esta* (a que me refiro) *senhora* era minha amante" [CBr.1, 157].

Expresso um nome a que, na construção do discurso, se quer juntar uma explicação, comparação, ou se lhe quer apontar característica saliente, costuma-se repetir este nome (ou o que lhe serve de explicação, comparação, ou característica) acompanhado do demonstrativo *esse* (e flexões):

"O olhar da opinião, *esse* olhar agudo e judicial, perde a virtude, logo que pisamos o território da morte" [MA.1, 81 *apud* SS].

"Creio que por então é que começou a desabotoar em mim a hipocondria, *essa* flor amarela, solitária, de um cheiro inebriante e sutil" [MA.1, 83 *apud* SS.1, 307].

Por meio do pronome invariável *o* repetimos pleonasticamente a oração objetiva que se antecipa de sua posição normal, ou, em sentido inverso, antecipa a oração objetiva do texto:

*Que todos iam sair cedo, eu **o** disse ontem.*

*Eu **o** disse ontem, que todos iam sair cedo.*

Reforços de demonstrativos – A necessidade de avivar a situação dos objetos e pessoas tratados pelo falante o leva a reforçar os demonstrativos com os advérbios dêiticos *aqui*, *aí*, *ali*, *acolá*: *este aqui*, *esse aí*, *aquele ali* ou *acolá*.

Eu *cá* tenho minhas dúvidas. Ele *lá* diz o que pensa.

Também desempenham o papel de reforço enfático *mesmo* e *próprio* (e flexões) presos a substantivos ou pronomes, com o valor de *em pessoa* (em sentido próprio ou figurado):

Eu *próprio* assisti à desagradável cena. Ela *mesma* foi verificar o fato.

Neste sentido de identidade, *mesmo* e *próprio* entram no rol dos demonstrativos.

No seguinte trecho de M. de Assis aparece *muito*:

"Você ignora que quem os cose sou eu, e *muito* eu" [MA.2, 230].

Há construções fixas que nem sempre se regulam pelas normas precedentes; entre estas, estão:

a) isto é (e nunca *isso é*) com o valor de 'quer dizer' ou 'significa', para introduzir esclarecimentos;

b) por isso, *nem por isso*, *além disso* são mais frequentes que *por isto*, *nem por isto*, *além disto*, como a introduzir uma conclusão ou aduzir um argumento;

c) isto de (e não *isso de*) com o valor de 'no que toca', 'no que diz respeito a'. [SA.2, 264]

Outros demonstrativos e seus empregos – Já vimos que *mesmo* e *próprio* denotando identidades e com o valor de "em pessoa" são classificados como demonstrativos:

"Tal faço eu, à medida que me vai lembrando e convindo à construção ou reconstrução de mim *mesmo*" [MA.4, 203].

"De resto, naquele *mesmo* tempo senti tal ou qual necessidade de contar a alguém o que se passava entre mim e Capitu" [MA.4, 225].

"Veja os algarismos: não há dois que façam o *mesmo* ofício" [MA.4, 267].

Pode ainda o demonstrativo *mesmo* assumir o valor de *próprio*, *até*:

"Estes e outros semelhantes preceitos não há dúvida que não são pesados e dificultosos; e por tais os estimou o *mesmo* Senhor, quando lhes chamou Cruz nossa" [AV. 1, XI, 150].

"Os *mesmos* animais de carga, se lhe deitam toda a uma parte, caem com ela" [AV *apud* ED.2, § 86, a].

Mesmo, *semelhante* e *tal* têm valor de demonstrativo anafórico, isto é, fazem referência a pensamentos expressos anteriormente:

"Depois, como Pádua falasse ao sacristão, baixinho, aproximou-se deles; eu fiz a *mesma* cousa" [MA.4, 87].

"Não paguei uns nem outros, mas saindo de almas cândidas e verdadeiras *tais* promessas são como a moeda fiduciária, – ainda que o devedor as não pague, valem a soma que dizem" [MA.4, 202; FT.1, 56].

Falaste em dois bons estudantes, mas não encontrei *semelhantes* prendas na sala de aula.

Tal (sozinho ou repetido) e *outro* são demonstrativos de sentido indefinido. O primeiro aparece junto à designação de um dia, lugar ou circunstâncias reais, que não queremos ou não podemos precisar:

"Ele combinou com o assassino assaltarem a casa em *tal* dia, a *tal* hora, por *tais* e *tais* meios" [JO.1, 40].

Outro se emprega com o valor de *um segundo*, *mais um* (no sentido de *diferente*, como *mesmo* no de *igual*, é adjetivo):

Ele me tratou mal e eu fiz *outro* tanto (*tanto*, veremos mais tarde, é pronome indefinido).

Tais acepções imprecisas levam alguns estudiosos a classificar *tal* e *outro* como indefinidos.

Como elemento reforçador dos que foram tratados anteriormente, aparece *mesmo* junto aos advérbios pronominais: *agora mesmo*, *aí mesmo*, *aqui mesmo*, *já mesmo*, etc.

OBSERVAÇÃO: Sobre o emprego tido como errôneo de *mesmo* como advérbio, veja-se, mais adiante.

Um pode ter, em certas expressões, o valor de *mesmo*:

"Oh cousa para espantar
Que ambos a ferida tem
Dum tamanho, em *um* lugar" [LC *apud* JM].

(i. é: do mesmo tamanho e no mesmo lugar)

Honra e proveito não cabem *num* saco.

No estilo familiar e animado, emprega-se o demonstrativo com o valor de artigo definido:

Esse João é das arábias! *Aquela* Maria tem cada ideia! [MA.1, 36].

Registre-se ainda o emprego substantivo de *aquilo* em construções como:

"e apenas, como uma das extravagâncias que mais requerem anotação, citarei *aquilo* da p. 14" [CL.1, I, 245].

Posição dos demonstrativos – Em situações normais, em que não impere a ênfase, o demonstrativo vem anteposto ao nome. Em caso contrário, pode o adjetivo vir posposto, principalmente se o demonstrativo se referir ao pensamento já expresso.

"Logo depois, senti-me transformado na *Summa Theologica* de S. Tomás, impressa num volume, e encadernada em marroquim, com fechos de prata e estampas; ideia *esta* que me deu ao corpo a mais completa imobilidade..." [MA *apud*. SS.1, 306].

"... Os seus olhos serenos, como o céu, que imitavam na cor, tomaram a terrível expressão que ele costumava dar-lhes no revolver dos combates, olhar *esse* que, só por si, fazia recuar os inimigos" [AH *apud* SS].

Nas orações exclamativas ocorre também a posposição: Que dia *este*!

Mesmo pode corresponder a dois vocábulos latinos: *idem* e *ipse*. No primeiro caso, denota identidade e reclama a presença do artigo ou de outro demonstrativo:

Disse as *mesmas* coisas. Referiu-se ao *mesmo* casal. Falou a este *mesmo* homem.

Idêntico a *ipse*, emprega-se junto a substantivo ou pronome e equivale a *próprio*, *em pessoa* (em sentido próprio ou figurado)49:

Ela *mesma* se condenou.

Em ambos os sentidos, *mesmo* pode aparecer antes ou depois do substantivo. Nota-se

apenas, na língua moderna, certa preferência para a anteposição, quando o demonstrativo assume o valor de *idem*, isto é, indica identidade.

É costume calar-se a preposição na oração subordinada que se refere a substantivo antecedente que tem *mesmo* como adjunto:

> Encontrei-o na *mesma situação* (***em***) ***que*** estava no ano passado.
>
> Saiu do trabalho no *mesmo dia* (***em***) ***que*** fora promovido.
>
> "Querias, porventura, ensiná-la a desprezar-me pela *mesma razão* (***por***) ***que*** tu me desprezas" [CBr *apud* MBa.2, 310].

Pronome indefinido

Nem sempre se pode estabelecer claramente a diferença entre simples indefinidos tratados neste lugar dos quantitativos indefinidos; isto porque certos indefinidos aparecem aplicados à quantidade incerta.

Empregos e particularidades dos principais indefinidos – O indefinido pode estender a sua significação a todos os indivíduos de uma classe:

> *Todos* os homens são bons. *Cada* livro deve estar no lugar próprio. *Qualquer* falta merece ser punida.
>
> Livro *algum* será retirado sem autorização. *Nenhum* erro foi cometido.

A significação do indefinido se pode estender apenas a um ou a alguns indivíduos de uma classe:

> *Certas* folhas ficaram em branco.
>
> Daí surgirão *outros* enganos.

Sobre os principais pronomes indefinidos acrescentaremos:

a) Algum

Anteposto ao substantivo tem valor positivo: Recebeu *algum* recado importante.

Posposto ao nome, assume significação negativa, podendo ser substituído pelo indefinido negativo *nenhum*: Resultado *algum* saiu do inquérito.

Ocorre com maior frequência este emprego em frases onde já existem expressões negativas (*não*, *nada*, *sem*, *nem*), em interrogações oratórias ou depois de substantivo precedido da preposição *sem*: "Era pessoa *sem* escrúpulo *algum*" [ED.2, § 106].

b) Algo

Está hoje praticamente desbancado pela locução sinônima *alguma coisa*: 50

> Terás *algo* para contar-me?
>
> Há *algo* novo no ar.

É mais frequente seu emprego como advérbio, em construções do tipo:

> A situação está ***algo*** *perigosa*.
>
> Ali se passaram os momentos ***algo*** *inesquecíveis*.

O mesmo emprego adverbial conhece o seu equivalente *alguma coisa*:

> A leitura deixou-lhe impressão ***alguma coisa*** *agradável*.

Algumas vezes o significado quantitativo de *algo* e *alguma coisa* favorece o aparecimento da preposição *de* com valor partitivo:

Não há ***algo de*** novo.

Ficou-lhe do encontro ***alguma coisa de*** arrependimento.

Alguma coisa de novo deve acontecer hoje.

A presença da preposição junto ao adjetivo o transpõe à classe do substantivo e, por atração, este pode concordar em gênero e número com o nome sujeito do verbo:

Apresento-lhe *estas desculpas* que têm ***algo de*** *engraçadas*.

De repente saíram *umas ideias* ***alguma coisa de*** *ridículas*.

Sem razão, alguns autores consideram galicismo a presença da preposição *de* nestas construções com pronomes indefinidos, todos de valor nitidamente quantitativo [MBa.5, 43].

c) Cada

Junta-se a substantivo singular, a numeral coletivo e expressões formadas por numeral seguido de substantivo no plural:

"Uma ilusão gemia em *cada* canto,

Chorava em *cada* canto uma saudade". [LG]

Cada século possui seus homens importantes.

Faz prova em *cada* trinta dias.

Usa-se combinado a *cada um* e *cada qual*.

É condenado o emprego de *cada* sem substantivo em lugar de *cada um* nas referências a nomes expressos anteriormente, considerado imitação da linguagem comercial francesa, o que pomos em dúvida.

Os livros custam trinta cruzeiros *cada* (por *cada um*).

Cada não sofre variação, mas a concordância do verbo com o sujeito se processa normalmente:

"Convém notar o tríduo das Lemúrias

Não corre a flux: ***cada*** *dois dias levam*

entre si um profano intercalado" [AC.1, III, 57 *apud* FC.1, 53].

OBSERVAÇÃO: Com exagero, já se condenou por mal soante a expressão *por cada*, que, segundo a crítica, lembraria *porcada* (vara de porcos). Rui Barbosa [RB.1, 126] defendeu brilhantemente o falso cacófato (mau som).

Lembra Sousa da Silveira o valor intensivo de *cada*, como no seguinte exemplo (está claro que proferido com entonação expressiva):

"Então é *cada* temporal, que até parece que os montes estremecem" [EQ.1, 288 *apud* SS.1, § 388].

Conta *cada* história!

d) Certo

É exclusivamente na língua moderna pronome indefinido quando antecede ao substantivo:

"A vida celibata podia ter *certas* vantagens próprias, mas seriam tênues, e compradas a troco da solidão" [MA.1, 306].

Havendo ênfase, poderá aparecer *um certo*, expressão que tem sido, com algum exagero, recriminada pelos gramáticos. Alexandre Herculano, notável escritor português, talvez influenciado pelas teorias gramaticais reinantes, aboliu, em redações posteriores, o artigo indefinido (junto ou não a palavras indefinidas), tirando, muita vez, o colorido enfático do trecho primitivo. De *um certo* usou ele nos seguintes passos:

"Forçoso é que um poeta creia no pensamento, que o agita, e no ideal, aonde tem de ir buscar *um certo* número d'existência..." [AH.2, 162].

"Passado todo este tempo os escravos de *um certo* Adócio, que herdara o domínio daquela montanha..." [AH.2, 215].

"O gesto brando com que, uma vez posta, começou a mover as asas, tinha *um certo* ar escarninho, que me aborreceu

muito" [MA.1, 99].

Posposto ao substantivo, *certo* fixou o seu emprego de adjetivo, com o sentido de "acertado", "ajustado", "exato", "verdadeiro". Ambos os sentidos, indefinido e qualificativo, são aproveitados nos seguintes jogos de palavras:

Tenho *certos amigos* que não são *amigos certos*.

Note-se, com o *Dicionário Contemporâneo*, que *certo* atenua o que na significação do substantivo haja de demasiadamente absoluto, quando este indefinido vem anteposto a nome que exprime qualidade, propriedade ou modo de ser:

Goza de *certa* reputação de talento.

A ópera tem uma *certa* novidade.

Nesta significação atenuativa, *certo*, equivalente a *algum* (e flexões), se aproxima dos quantitativos indefinidos.

NOTA: No português de outras épocas, a função de adjetivo ocorria, ou podia ocorrer, ainda anteposto ao nome:

"Deveis de ter sabido claramente
Como é dos fados grandes *certo* intento" (isto é: intento certo)
[LC.1, I, 24].

"Esta ilha pequena que habitamos
É em toda esta terra *certa* escala (isto é: escala certa)
De todos os que as ondas navegamos"
[LC.1, I, 54].

"Atento estava o rei na segurança
Com que provava o Gama o que dizia;
Concebe dele *certa* confiança, (isto é: confiança segura)
Crédito firme em quanto proferia"
[LC.1, VIII, 76].

e) Nenhum

Reforça a negativa *não*, podendo ser substituído pelo indefinido *algum*:

Não tínhamos *nenhuma* dívida até aquele momento.

Sem ênfase, *nenhum* vem geralmente anteposto ao substantivo; havendo desejo de avivar a negação, o indefinido aparece posposto:

"Que é lá? redargui; não cedi *cousa nenhuma*, nem cedo" [MA.1, 134].

Referindo-se o nome no plural, *nenhum* se flexiona:

"Mas se anda nisto mistério, como quer o condestável, espero que não serão *nenhuns feitiços*..." [RS.1, 195].

Em certas frases de forma afirmativa, *nenhum* pode adquirir valor afirmativo, como sinônimo de *qualquer*:

Mais do que *nenhum* homem, ele trabalhava para a tranquilidade.

Enquanto *nenhum* é um termo que generaliza a negação, *nem um* se refere à unidade:

Não tenho *nenhum* livro.

Não tenho *nem um livro*, quanto mais dois.

f) Todo – Tudo 51

Concorda em gênero e número com o substantivo ou pronome a que serve de adjunto adnominal.

Quando no singular está anteposto a substantivo ou adjetivo substantivado, vale por "cada", "qualquer" ou "inteiro", "total", podendo vir ou não acompanhado de artigo. Isto significa que, no singular, *todo* pode referir-se tanto à totalidade distributivamente de um conjunto

plural (*Todo o homem* é mortal = "todos e cada um dos homens") – e neste sentido equivale ao latim *omnis* –, como à totalidade, integralidade, de um indivíduo, de um singular (***Todo** o homem* ou *O homem **todo** é pecado e miséria*; *Trabalhar **todo** o dia* ou *o dia **todo***) – e já neste sentido vale pelo latim *totus* [HCv.3, III, 33 n.4].

Ainda que *todo* possa significar "qualquer", eles podem concorrer juntos na expressão *todo* (*toda*) *e qualquer*:

"Introdução de *todo e qualquer* gênero de produto" [RB *apud* FC.1, 295].
A *toda* falta deve corresponder um castigo adequado (*toda* = "cada").
A *toda a* falta... (*toda* = "cada").
Todo ser merece consideração (*todo* = "qualquer").
Todo o ser merece... (*todo* = "qualquer").
O incêndio destruiu *toda* casa (*toda* = "inteira", "total").
O incêndio destruiu *toda a* casa (*toda* = "inteira", "total")
Todo pobre receberá esmola.
Todo o pobre receberá esmola.

Enquanto em Portugal não se faz a distinção formal entre "*cada*"/ "*qualquer*" e "*inteiro*"/ "*total*", usando-se quase sempre *todo* seguido de artigo (*Todo o homem é mortal*), no Brasil, para o primeiro sentido, modernamente, dispensa-se o artigo (*Todo homem é mortal*) e, para o segundo, o artigo é obrigatório (*Toda a casa pegou fogo*).

Está claro que a presença ou ausência do artigo está inicialmente presa ao fato de o substantivo núcleo do sintagma exigir ou não artigo, independentemente da variedade semântica apontada. Assim, como se diz, nos nomes dos países, com artigo, *o Brasil*, dir-se-á *todo o Brasil*; em contraposição, só se diz, sem artigo, *Portugal*, logo se dirá *todo Portugal*.

A distinção entre "cada"/ "qualquer" e "inteiro"/ "total" fica prejudicada em virtude da ocorrência da fonética sintática que facilita, na pronúncia (com reflexo natural na escrita), a fusão por crase da vogal final de *todo*, *toda* com o artigo singular *o*/ *a*: *todo o* = *todo*; *toda a* = *toda*. Daí, muitas vezes a indecisão que sentem as pessoas na hora de usar *todo* e *todo o*, *toda* e *toda a*.

Assim, diz-se, entre brasileiros, sem distinção de sentido, *todo o mundo*, *toda a vida*, *todo o tempo*, *toda a hora*, *toda a parte*, etc., ao lado de *todo mundo*, *toda vida*, *todo tempo*, *toda hora*, *toda parte*, etc., vacilação que se nota no português europeu literário de épocas passadas, em Camões, por exemplo. Em *todo o mundo*, *toda a gente*, percebe-se, na própria significação dos substantivos, o valor coletivo da expressão.

Todo indica a totalidade numérica, isto é, qualquer indivíduo da classe, quando seguido de oração adjetiva substantivada pelo *o* ou do pronome *aquele* (*todo aquele que*):

"(...) *Todo o que* sofre,
Todo o que espera e crê, *todo o* que almeja
Perscrutar o futuro, se coloca
Ao lado do Senhor" [FV *apud* SS.1, § 366].

Desaparece, naturalmente, a vacilação quando, em vez do artigo definido, aparecer o indefinido *um*, pois aí *todo um* denota "inteiro", "total": *todo um dia*, *toda uma cidade*, construção, aliás, sem razão, rejeitada por puristas intransigentes.

Todo no singular e posposto ao substantivo entra sempre na expressão da totalidade: *o*

homem todo, *a casa toda*, *o país todo*, *a semana toda*, *o tempo todo*, *a fortuna toda*, *o mundo todo*, *uma cidade toda*.

Nas expressões de reforço enfático ou de valor superlativo do tipo de *todo o resto*, *toda a soma*, *todo o mais* (substantivado), *a toda a pressa*, *a toda a brida*, *a todo o galope*, o artigo é de presença obrigatória entre brasileiros.

No plural, *todos*, *todas*, antepostos ou pospostos, exigem sempre a presença do artigo, desde que o substantivo não esteja precedido de adjunto que o exclua:

Todos os alunos entregaram as provas antes do tempo.

Todas as revisões são passíveis de enganos.

Os alunos todos disseram sim.

Todos estes casos foram examinados.

Todas elas responderam às cartas

Estando a totalidade numérica definida por um numeral referido a substantivo explícito ou subentendido, *todos* pode ser ou não acompanhado de artigo (*todo um*, *todos dois* ou *todos os dois*, *todos três* ou *todos os três*, etc.):

"Era belo de verem-se *todos cinco* em redor da criança, como se para outro fim se não reunissem!" [CBr.6, 131].

Todas as quatro razões foram discutidas.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) É mais comum a presença do artigo quando o substantivo está expresso.

2.ª) Em *todas estas quatro razões*, a presença de um adjunto (*estas*) que exclui o artigo explica a sua ausência.

Graças à significação de certos verbos em determinados contextos, *todos* pode ser interpretado em sentido distributivo, com valor aproximado de "cada", como no exemplo:

"Dizia um Secretário de Estado meu amigo que, para se repartir com igualdade o melhoramento das ruas por toda a Lisboa, deviam ser obrigados os ministros a mudar de rua e bairro *todos os três meses*" [AGa.4, 33].

(isto é: a cada três meses, de três em três meses, como interpreta ED.2, § 61, a)

Todo pode ser empregado adverbialmente, com valor de "inteiramente", "em todas as suas partes":

"Desculpe-me, que eu estou *todo* absorvido pela minha mágoa!"

[CBr.6, 93].

"Longe de mim a triste ideia de me intrometer nessa questão *todo* particular"

[CL.1, I, 211].

Suas origens pronominais facultam-lhe a possibilidade de poder, por atração, concordar com a palavra a que se refere:

O professor é ***todo*** *ouvidos.* *Ela é* ***toda*** *ouvidos.*

Ele está ***todo*** *preocupado.* *Ela está* ***toda*** *preocupada.*

Acabamos de ver as crianças ***todas*** *chorosas.*[52]

Todo entra ainda na construção de locuções adverbiais: *em todo*, *de todo*, *de todo em todo*, etc.

Tudo – Refere-se às coisas consideradas em sua totalidade ou conjunto e, normalmente, se apresenta como termo absoluto, desacompanhado de determinado:

Nem *tudo* está perdido.

Põe a esperança em *tudo*.

O seu emprego absoluto apresenta duas exceções: quando se combina com os demonstrativos *isto*, *isso*, *aquilo* ou quando é seguido de oração adjetiva substantivada pelo

artigo:

Tudo isso é impossível. *Isso tudo* é impossível.

Onde você comprou *tudo aquilo*?

Desconhecemos *tudo o que eles disseram.*

Em tais construções, o demonstrativo funciona como núcleo do sintagma nominal e o indefinido como seu adjunto, bem como da oração adjetiva substantivada.

Pronome relativo

Usa-se *o qual* (e flexões) em lugar de *que*, principalmente quando o relativo se acha afastado do seu antecedente e o uso deste último possa dar margem a mais de uma interpretação:

O guia da turma, *o qual* nos veio visitar hoje, prometeu-nos voltar depois (com o emprego de *que* o sentido ficaria ambíguo).

Pode-se ainda recorrer à repetição do termo:

"Arrastaram o saco para o *paiol* e o *paiol* ficou a deitar fora" [CN.1, 12].

Dá-se ainda o afastamento do relativo em relação ao seu antecedente em exemplos como o seguinte:

"No fundo de um triste vale dos Abruges, terra angustiada e sáfara, um pobre eremita vivia *que* deixara as abominações do século pela soledade do deserto" [JR.2, 2, 219].

Hoje é mais comum construir:

"eremita que deixara... vivia" ou "vivia um pobre eremita que deixara...".

Deve-se evitar com cuidado o grande distanciamento entre o antecedente e o correspondente relativo, principalmente se este estiver precedido de dois nomes que possam assumir esta referência. Mário Barreto [MBa.5, 303] cita o trecho de Camilo em que o escritor explicita entre parêntese o real antecedente:

"Eu de mim, se não estivesse amortalhada no sobretudo do meu marido, *que* vou escovar (o sobretudo), era dele, como a borboleta é da chama (...)".

"Lúcia descera com a moça bonita, de calças curtas, *que* guiava o carro" [JL.2, 133].

Muitas vezes a pontuação salva a boa interpretação do texto; a vírgula posta entre um substantivo (ou pronome) e o relativo serve para indicar que este não se está referindo àquele, e sim ao mais afastado:

"mas ele tinha necessidade da sanção de alguns, *que* (isto é, a "sanção", e não "alguns") lhe confirmasse o aplauso dos outros" [MA.1, 138].

Em geral substitui-se *que* por *o* (*a*) *qual* depois de preposição ou locução prepositiva de mais de duas sílabas. Empregamos *sem que* ou *sem o qual*, *a que* ou *ao qual*, *de que* ou *do qual*, mas dizemos com mais frequência *apesar do qual*, *conforme o qual*, *perante o qual*, etc.53 O movimento rítmico da frase e a necessidade expressiva exigem, nestes casos, um vocábulo tônico (como *o qual*) em lugar de um átono (como *que*).

Com frequência, a preposição que deveria acompanhar o relativo emigra para o antecedente deste relativo:

"A barra é perigosa, como dissemos: porém a enseada fechada é ancoradouro seguro, *pelo que* (o porque, razão por que) tem sido sempre couto dos corsários de Berbéria" [AH.2, 69].

"... até o induzirem a mandá-lo sair da corte, *ao que* (o a que) D. Pedro atalhou com retirar-se antes que lhe ordenassem" [AH.2, 91].

"... não tardou a ser atravessado, pelo coração, com uma seta do que (o de que) imediatamente acabou" [AH.2, 97].

A construção regular, sem migração da preposição, é pouco usada e se nos apresenta como artificial:

"Assim me perdoem, também, *os a quem* tenho agravado, *os com quem* houver sido injusto, violento, intolerante..." [RB.2, 23].

No seguinte exemplo de Rui Barbosa a preposição aparece antecipada e depois no lugar devido:

"É *no em* que essa justificação se resume" [RB.1, 519].

Outras vezes omite-se a preposição que pertence a rigor ao relativo, em virtude de já ter o seu antecedente a mesma preposição:

Você só gosta *das coisas que* não deve (por: *das coisas de que não deve*).

Ele falou *do que* não podia falar (por: *de que não podia falar*).

Relativo universal – Na linguagem coloquial e na popular pode aparecer o pronome relativo despido de qualquer função sintática, como simples transpositor oracional. A função que deveria ser desempenhada pelo relativo vem mais adiante expressa por um substantivo ou pronome precedido de preposição. É o chamado *relativo universal* que, desfazendo uma complicada contextura gramatical, se torna um "elemento linguístico extremamente prático" [KN.1, V, 330]:

Ali vai o homem *que* eu falei com *ele*.

por

Ali vai o homem *com quem* eu falei.

Anacoluto no relativo – Costuma-se empregar ainda *que* ou *quem* seguido de pronome pessoal oblíquo (*que* ou *quem... lhe*) onde o rigor gramatical estaria a pedir este relativo precedido de preposição. É prática antiga que ainda persiste no colóquio moderno:

"Agora sim, disse então aquela cotovia astuta, agora sim, irmão, levantemos o voo e mudemos a casa, que vem *quem lhe* dói a fazenda"

(= aquele a quem dói a fazenda) [MBe *apud* AC.8, I, 70].

Quem ama o feio bonito *lhe* parece (= quem ama o feio parece bonito).

Quem cospe para o céu, na cara *lhe* cai.

Pode ocorrer ainda que, em vez do pronome *lhe*, apareça substantivo ou pronome com a preposição que deveria preceder o relativo.

Outras vezes o relativo não se refere propriamente ao seu antecedente, mas a um termo a ele relacionado:

"Bem vês as *lusitânicas* fadigas

Que eu já de muito longe favoreço" [LC.1, II, 171].

O pronome relativo se refere a *lusitanos*, ideia contida no adjetivo *lusitânicas*.

"Isto que parece absurdo ou desgracioso é perfeitamente racional e belo – belo à *nossa* maneira, *que* não andamos a ouvir na rua os rapsodos recitando os seus versos, nem os oradores os seus discursos, nem os filósofos, as suas filosofias" [MA *apud* SS.5, I, 28]. Aqui o relativo se refere ao pronome pessoal *nós* que se depreende do pronome possessivo *nossa*.

Não pertence à boa norma da língua repetir sob forma pronominal a função sintática já desempenhada pelo relativo. São escassos os exemplos como os seguintes:

"(nome) *que to* dissesse a brisa perfumada

Lasciva perpassando pelas flores" [CA.1, ed. SS, § 29].

"... o homem que se destina, ou *que o* destinou seu nascimento, a uma vocação pública, não pode sem vergonha ignorar as belas-letras e os clássicos" [AGa *apud* SS.5].

É preciso distinguir cuidadosamente este caso de outro aparentemente igual, em que não se trata de *que* pronome relativo, mas *que* conjunção causal ou consecutiva (com elipse do intensivo *tão*, *tal*):

"O português hodierno não é nem a língua de sábios nem de filósofos e pensadores *que* não *os* há..." [JR.6, 152].

"Tenho os pés *que os* não sinto, dizia ele ao seu vizinho" [AFg.1, 117].

(isto é: tenho os pés *de tal maneira, que*...)

Já vimos que *cujo*, como pronome relativo, traduz a ideia de posse, com o valor de *dele* (*dela*), *do qual* (*da qual*):

O livro *cujas* páginas... (= as páginas *do qual*, as páginas *dele*, as *suas* páginas).

Conforme a função do núcleo do sintagma nominal, do qual este pronome serve de adjunto, *cujo* pode vir precedido de preposição:

O proprietário *cuja casa* aluguei (a casa *do qual* aluguei).

Os pais *a cujos filhos* damos aula... (aos filhos *dos quais*).

Os pais *de cujos filhos* somos professores... (dos filhos *dos quais*).

O clube *em cujas dependências* faço ginástica (nas dependências *do qual*).

A cidade *por cujas ruas*, na infância, arrastou seus sonhos (pelas ruas da qual).

A prova *com cujas questões* me atrapalhei (com as questões *da qual*).

Para o emprego correto de *cujo*, além do que já dissemos antes, convém atentar para as três seguintes construções viciosas:

a) em vez de *cujo*, empregar um relativo (*que*, *quem*) precedido da preposição *de* para referir-se à ideia de posse:

Não posso trabalhar com uma pessoa *de quem* discordo dos métodos.

Dever-se-á construir:

Não posso trabalhar com uma pessoa *de cujos* métodos discordo (do método *dela*, do método *da qual*).

b) também não é para imitar o emprego de *cujo* (e flexões) significando *o qual* (e flexões). Os exemplos que dele se nos deparam na pena de um bom conhecedor do idioma, como Filinto Elísio, se devem explicar como uma iniciativa do idioleto do escritor, mas que não ganhou foros de cidade:

O livro *cujo* eu comprei ontem é excelente.

c) empregar artigo definido depois de *cujo*:

O pai *cujos os* filhos estudam aqui.

5 – Numeral

Numeral – é a palavra de função quantificadora que denota valor definido:

"A vida tem *uma* só entrada: a saída é por *cem* portas" [MM].

Os numerais propriamente ditos são os *cardinais*: *um*, *dois*, *três*, *quatro*, etc., e respondem às perguntas *quantos?*, *quantas?*.

Observações:

1.ª)Não são quantificadores numerais, ainda que tenham o mesmo significante, os substantivos que designam os algarismos e os números inteiros positivos. São substantivos e, como tais, admitem gênero e podem ir ao plural: *o um*, *os uns*; *o dois*, *os dois*; *o*

quatro, *os quatros*; prova dos *noves*. O gênero masculino se explica pela referência à palavra *número*, que se subentende. [AL.1, 120].

2.ª)Entre brasileiros, principalmente em referência a números de telefone, usa-se *meia dúzia* ou *meia* para o número *seis*. Não vale como numeral.

A tradição gramatical, levando em conta mais a significação de certas palavras denotadoras da quantidade e da ordem definidas, tem incluído entre os numerais próprios – os cardinais – ainda os seguintes: os *ordinais*, os *multiplicativos* e os *fracionários*. Tais palavras não exprimem uma quantidade direta do ponto de vista semântico, e, do ponto de vista sintático, se comportam, em geral, como adjetivos que funcionam como adjuntos e, portanto, passíveis de deslocamentos dentro do sintagma nominal:

Ele era o *segundo* irmão entre os homens.

Ele era o irmão *segundo* entre os homens.

Podem combinar-se coordenativamente com outros adjetivos:

Choveu muito nos *primeiros e gelados* dias deste inverno.

Podem até estar quantificados pelo numeral próprio:

Os *três primeiros* meses foram de muito calor.

Os *dois sêxtuplos* nasceram na mesma cidade, em anos diferentes.

De modo que seria mais coerente incluir os ordinais, multiplicativos e fracionários, conforme se apresentem no discurso, no grupo dos substantivos (*dobro*, *metade*, etc.) ou dos adjetivos (*duplo*, *primeiro*, etc.), como já fizemos com *último*, *penúltimo*, *anterior*, *posterior*, *derradeiro*, *simples*, *múltiplo*, etc., que denotam ordenação ou posição dos seres numa série, sem imediata ou mediata relação com a quantidade. Em nome da tradição e para comodidade de consulta do leitor, incluiremos nesta seção tais palavras, sem considerá-las como numerais.

Também a tradição gramatical tem posto *ambos* como numeral *dual*, como subcategoria de número (singular/plural), por sempre aludir a dois seres concretos já mencionados no discurso. Mas não temos, como alguns dialetos gregos, entre outras línguas, unidades linguísticas para a ideia da dualidade nos nomes e nos verbos [BD.1, II, 2.ª parte, 195; JV.1, 152]. Conforme as informações do contexto, podemos indicá-la por *dois*, *ambos*, pelo plural (*as abotoaduras*) ou possessivo (*suas abotoaduras*, *seus pulsos*), pelo reflexivo (*se amam*), etc. Nem o latim conhecia o dual [ECs.1, 198; HCv.3, III, 34]. Portanto, fica para *ambos* uma das duas classificações mais correntes: ou um *numeral* plural ao lado de *dois*, mas dele diferente por só se referir a seres já previamente indicados ou conhecidos, ou um *pronome*, justamente levando em conta essa referência de dêixis anafórica. *Ambos* admite posição anteposta ou posposta ao nome que modifica, nome (menos o pronome, naturalmente) que pode vir ou não precedido de preposição e pode ser substituído por *um e outro*:

Ambos os filhos ou os filhos *ambos*

Ambos os livros ou os livros *ambos*

Ambas (as) razões – *Uma e outra* razão

OBSERVAÇÃO: *Ambos* podia combinar-se com *dois* em construções enfáticas em que estivesse anteposto ou posposto ao substantivo: João e Maria eram irmãos; os *dois ambos* são engenheiros. Hoje, só no estilo solene, ocorre a construção.

Do ponto de vista material, existem em português os numerais simples (*um*, *dois*, *três*, *vinte*, *trinta*, *cem* [próclise de *cento*]), os compostos, que indicam adição, ligados pela conjunção *e* (*vinte e um*, *dezesseis*, *dezessete*, *cento e dois*, *mil e noventa*, etc.) e os justapostos que indicam multiplicação, quando a primeira unidade, multiplicadora, é menor

que a segunda: *quatrocentos* (4 x *cem*), *setecentos*, *oitocentos* e *novecentos*, *dois mil*, *cinco mil*, etc.54

Na designação dos números, usa-se a conjunção *e* entre as centenas, dezenas e unidades (*duzentos e vinte e seis*). Entre os milhares e as centenas, emprega-se o *e* se as centenas não forem seguidas de outro número (*dois mil e duzentos*); em caso contrário, omite-se a conjunção (*dois mil duzentos e vinte e seis*). Põe-se o *e* entre os milhares e as dezenas como também entre os milhares e as unidades (*dois mil e vinte e seis*; *dois mil e seis*). [SL.1, 164]

Nos números muito extensos, omite-se a conjunção entre as classes, isto é, entre os grupos de três algarismos: 324.312.090.215 – *trezentos e vinte e quatro bilhões trezentos e doze milhões noventa mil duzentos e quinze.*

Têm emprego como substantivos e, entre estes, guardam analogia com os coletivos – mas deles diferem pela indicação de quantidade definida: *dezena*, *década*, *dúzia*, *centena*, *centenar*, *cento*, *milhar*, *milheiro*, *milhão*, *bilhão*, *trilhão*, etc. [SA.2, 88].

Como ainda os coletivos, podem ter adjuntos introduzidos por preposição para indicar a espécie: uma *dúzia de laranjas*, duas *décadas de vida*, três *centos de bananas*, um *milhão de pessoas*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Em lugar de *milhão* pode ocorrer *conto*, na aplicação a dinheiro, em *conto de réis* ou, simplesmente, *conto*.

2.ª) Podem ser grafados com *lh* ou *li*: *bilhão* / *bilião*, *trilhão* / *trilião*, *quatrilião*, *quintilião*, *sextilião*, *setilião*, *octilião*. As formas com *lh* são mais usuais.

Os cardinais funcionam como adjuntos, à maneira dos adjetivos e pronomes adjetivos, e podem substantivar-se, se os seres forem consabidos, precedidos de artigo ou outro determinativo:

> *Os dois* acabaram chegando cedo.
>
> *Estes três* estão à sua espera.

Podem juntar-se a substantivo acompanhado ou não de adjetivos, antepostos ou pospostos ao numeral:

> Os *dois* bons momentos da vida.
>
> Os maravilhosos *três* dias passados na fazenda.

No que toca à flexão de gênero, os numerais são invariáveis, exceção de *um* (*uma*), *dois* (*duas*) e *ambos* (*ambas*), os formados com *um* (*vinte e um*/*vinte e uma*) e as centenas acima de *cem* (*duzentos*/*duzentas*, *trezentos*/*trezentas*, *novecentos*/*novecentas*).

Cumpre lembrar que se o sujeito da oração tiver por núcleo o substantivo *milhões*, acompanhado de adjunto preposicionado no plural, cujo núcleo é um feminino, o particípio ou o adjetivo pode concordar no masculino com seu núcleo, ou no feminino, com o substantivo preposicionado do adjunto:

> *Dois milhões de pessoas* foram aposentados (ou aposentadas) neste ano.

Os adjuntos de *milhar*, masculino, devem também ficar no masculino:

> *Alguns milhares* de pessoas se expõem perigosamente ao sol do meio-dia.
>
> *Os milhares* de pessoas que estudam línguas estrangeira não devem esquecer a materna.

Evite-se o erro, hoje comum: ***algumas*** *milhares de pessoas*, ***as milhares*** *de pessoas*.

Depois dos numerais compostos com *um* pode deixar-se o substantivo no plural: *trinta e um* ***dias***, contrução mais comum.

Na expressão alusiva a um número não conhecido ou que não se queira explicitar (*o número tanto*), pode-se também usar o plural: *o número tantos*, *a folhas tantas*, *a páginas tantas*.

Cabe ainda lembrar que o numeral cardinal pode às vezes ser empregado para indicar número indeterminado:

Peço-lhe *um* minuto de sua atenção (= *alguns poucos minutos*).

Contou-lhe o fato em *duas* palavras (= *poucas palavras*).

F. tem *mil e um* defeitos (por: *muitos defeitos*).

Ela anda com *mil* perguntas (por: *muitas perguntas*).

Como vimos no emprego de *todo*, às vezes expressões como *todos os dois dias*, *todas as três semanas*, etc. podem ser empregadas com o valor de "dois em dois dias" ou "a cada dois dias", "de três em três semanas" ou "a cada três semanas".

A relação entre os nomes numerais, como diz Mattoso Câmara [MC.4, 178], e a arte de contar leva a que, na língua escrita, se usem os algarismos em vez das palavras correspondentes, prática válida para os ordinais: 26 de fevereiro; reunião às 3 horas; rua X, 204; reinou 12 anos; capítulo 4; seção 32.ª; 14.º lugar, etc.

"Assim, os numerais passam a ser indicados na língua escrita por ideogramas" [MC.4, 178].

Ordinais – São as palavras que denotam o número de ordem dos seres numa série:

primeiro, *segundo*, *terceiro*, *quarto*, *quinto*, etc.

OBSERVAÇÃO: *Último*, *penúltimo*, *antepenúltimo*, *anterior*, *posterior*, *derradeiro*, *anteroposterior* e outros tais, ainda que exprimam posição do ser, não têm correspondência entre os numerais e por isso devem ser considerados meros adjetivos. 55

Ordinais e cardinais – Os ordinais têm pouca frequência na língua comum, exceto os casos consagrados pela tradição e, em geral, até o número *dez*:

4.º andar, 2.º pavimento, 3.ª seção, 5.º lugar, 100.º aniversário de fundação.

Todavia, no estilo administrativo e em outras variedades de estilo oficial, correm com mais frequência os ordinais. Os casos mais comuns são os seguintes: até décimo, quando se usam também os algarismos romanos (estes vão além de décimo). A partir de décimo, os cardinais substituem os ordinais correspondentes:

a) na seriação dos monarcas e papas de mesmo nome:

Pedro I, Pedro II, D. João VI, Pio X, Leão XIII, João XXIII

b) na cronologia dos séculos:

século I, século VI, século X, século XXI

c) na indicação dos capítulos de livros:

capítulo I, capítulo III, capítulo IX, capítulo XXXII

O cardinal substitui o ordinal na indicação de horas e em expressões designativas da idade de alguém; neste caso, se o substantivo estiver no plural, o número também irá ao plural:

É *uma hora* (= é a primeira hora).

É *uma hora e meia*.

São *duas horas* (= é a segunda hora).

Castro Alves faleceu aos 24 anos (= no vigésimo quarto ano de vida).

Também o cardinal substitui o ordinal na designação dos dias do mês; se mencionado o

substantivo *dia* antes do algarismo, fica no singular:

No dia 2 de dezembro nasceu Pedro II (por: no segundo dia de dezembro).

Se vier posposto ao algarismo, linguagem usada em documentos oficiais, o substantivo *dia* será usado no plural:

Aos *treze dias* do mês de janeiro nasceu o primogênito.

Aos *26 dias* de agosto de 1944 foi fundada a Academia Brasileira de Filologia.

Para referir-se ao dia que inicia cada mês podemos usar tanto o cardinal quanto o ordinal:

No dia *um* de janeiro nasceu-lhe o segundo filho.

No dia *primeiro* de janeiro nasceu-lhe o segundo filho.

Na referência a páginas ou capítulos de livro, usam-se as preposições *em* ou *a*. Com *em* emprega-se a palavra *página*, *folha* ou *capítulo* no singular seguida do cardinal, se for superior a dez, podendo até aí usar-se o ordinal, anteposto ou posposto:

Na página 32 há um erro de revisão / *na folha 32* / *no capítulo 32*

Na página dois faltou uma vírgula / *na folha 2* / *no capítulo dois*

Na página segunda ou *na segunda página* / *na folha segunda* / *no capítulo segundo*

Com a preposição *a*, usa-se o substantivo no plural:

A páginas 12 *A folhas 12*

Note-se que se pode dizer *à página dois*, *a páginas duas*, *a páginas vinte e uma*, *a páginas tantas*, *na página dois*, *na página vinte e um*, *na página vigésima primeira*. Em resumo: com *página*, no singular, o cardinal fica invariável; com *páginas*, no plural, o cardinal se flexiona em gênero. O ordinal se flexiona sempre: *página primeira*, *páginas vigésima primeira*.

Multiplicativos – São as palavras que exprimem a multiplicidade dos seres. Os mais usados são:

duplo ou *dobro*, *triplo* ou *tríplice*, *quádruplo*, *quíntuplo*, *sêxtuplo*, *séptuplo*, *óctuplo*, *nônuplo*, *décuplo*, *cêntuplo*.

Fracionários – São as palavras que indicam frações dos seres:

meio, *terço*, *quarto*, *quinto*, *sexto*, *sétimo*, *oitavo*, *nono*, *décimo*, *vigésimo*, *centésimo*, *milésimo*, *milionésimo*, empregados como equivalentes de *metade*, *terça parte*, *quarta parte*, etc.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) O fracionário *meio*, funcionando como adjunto, concorda com seu núcleo, explícito ou não: meio-dia e *meia* [hora]; duas e *meia* [hora].

2.ª) Em lugar de *um milhão* (*dois milhões*, etc.) *e meio* pode-se, mais raramente, empregar *um e meio milhão*, *dois e meio milhões*:

> "Para aquilatar a importância dos tropeiros, basta lembrar que o Brasil tem cerca de *oito e meio milhões* de quilômetros quadrados de superfície (...)" [AAr *apud* SS.3, 106].

Para muitos fracionários empregamos o cardinal seguido da palavra *avos*, extraído de *oitavo*, como se fora sufixo. Por hipertaxe passa a funcionar como uma palavra: onze avos, treze avos, quinze avos, etc.

Lista dos principais ordinais com o cardinal correspondente:

primeiro	–	um
segundo	–	dois

terceiro	–	três
quarto	–	quatro
quinto	–	cinco
sexto	–	seis
sétimo	–	sete
oitavo	–	oito
nono	–	nove
décimo	–	dez
undécimo ou décimo primeiro	–	onze
duodécimo ou décimo segundo	–	doze (e não douze!)
décimo terceiro	–	treze
décimo quarto	–	quatorze, catorze
vigésimo	–	vinte
vigésimo primeiro	–	vinte e um
trigésimo	–	trinta
quadragésimo	–	quarenta
quinquagésimo	–	cinquenta
sexagésimo	–	sessenta
septuagésimo ou setuagésimo	–	setenta
octogésimo	–	oitenta
nonagésimo	–	noventa
centésimo	–	cem
ducentésimo	–	duzentos
trecentésimo ou tricentésimo	–	trezentos
quadringentésimo	–	quatrocentos
quingentésimo	–	quinhentos
seiscentésimo, sexcentésimo	–	seiscentos
septingentésimo, setingentésimo	–	setecentos
octingentésimo	–	oitocentos
nongentésimo, noningentésimo	–	novecentos
milésimo	–	mil

dez milésimos	–	dez mil
cem milésimos	–	cem mil
milionésimo	–	um milhão
bilionésimo	–	um bilhão

OBSERVAÇÃO: A tradição da língua estabelece que, se o ordinal é de 2.000 em diante, o primeiro numeral usado é cardinal: 2345.ª – duas milésima trecentésima quadragésima quinta. A língua moderna, entretanto, parece preferir o primeiro numeral como ordinal, se o número é redondo: décimo milésimo aniversário.

6 – VERBO

Considerações gerais – Entende-se por verbo a unidade de significado categorial que se caracteriza por ser um molde pelo qual organiza o falar seu significado lexical.

A – ***A distinção de verbos nocionais e relacionais***

A tradicional distinção de duas subclasses em verbos *nocionais* e verbos *relacionais*, que está na base da distinção de *predicado verbal* e *predicado nominal*, tem sido posta em questionamento por notáveis linguistas modernos. Esta distinção é válida sob certo aspecto semântico, mas não no que se refere à sintaxe; o núcleo da oração é sempre o verbo, ainda que se trate de um verbo de significado léxico muito amplo e vago (costuma-se dizer "vazio", o que justifica a denominação tradicional de "cópula" – marca gramatical de identidade – e a classificação "relacional" de Said Ali). O verbo *ser* e o reduzido grupo de verbos que integram a constituição do chamado predicado nominal em nada diferem dos outros verbos: todos possuem "os morfemas de pessoa e número que com o sujeito gramatical dão fundamento à oração" [AL.1, 1994, 302]. Diz com muita justeza Benveniste que uma oração de verbo *ser* "é uma oração verbal, paralela a todas as orações verbais" [EBv.1, 169].

B – ***Categorias verbais segundo Roman Jakobson***

Para esta organização, além de ser pensado como significado verbal, o verbo se combina, entre outros, com instrumentos gramaticais (morfemas) de tempo, de modo, de pessoa, de número.

Assim, *trabalhar* e o *trabalho* são palavras que têm o mesmo significado lexical, mas diferentes moldes, diferentes significados categoriais, embora se deva ter presente que este não é o simples produto da combinação do significado lexical com o significado instrumental. Por isso, como ensina Coseriu, um lexema não é verbo *porque* se combina, por exemplo, com um morfema de tempo e pessoa, mas, ao contrário, combina-se com esses morfemas *para* ser verbo, e porque está pensado com significação verbal [ECs.7, 70].

Um estudo coerente do verbo requer o estabelecimento do sistema de *categorias verbais*, isto é, tipos ou funções da forma léxicas mediante as quais se estabelecem as oposições funcionais numa língua.

Quando se usam em português as formas:

canto – cantas – canta

vejo – vês – vê
parto – partes – parte

estabelecem-se oposições da mesma espécie que afetam o conceito de "pessoa".

Quando se usam as formas:

canto – cantamos,

estamos diante de uma mesma pessoa ("primeira pessoa") e a oposição afeta outro conceito, o de "número".

E quando se usam as formas:

canto – cante

temos a mesma pessoa e o mesmo número, mas não a mesma categoria de "modo".

As oposições podem ser *simples*, como as dos exemplos até aqui, isto é, quando, em cada caso, só ocorre uma só categoria, um só critério de diferença de conteúdo, ou *complexas*, como:

canto – canteis

em que a diferenciação de conteúdo se dá em três categorias: "pessoa" (1.ª e 2.ª), "número" (singular e plural) e "modo" (indicativo e subjuntivo).

No verbo português, há categorias que sempre estão ligadas: não se separa a "pessoa" do "número" nem o "tempo" do "modo"; isto ocorre em grande parte, senão totalmente, com o "tempo" e o "aspecto", como veremos depois.

O linguista Roman Jakobson elaborou um sistema geral das categorias verbais que é considerado o mais coerente e claro até agora apresentado. Será aqui tomado em consideração, ainda que nem sempre se mostre adequado para a análise do sistema verbal românico, em especial para o português que, para Coseriu, é o mais rico e complexo em comparação com as línguas da mesma família.

Tomando em consideração os atos de fala relacionados com as funções verbais, distingue Jakobson:

a) o ato de fala em si mesmo (F)

b) o conteúdo do ato de fala, isto é, o comunicado (C)

c) o acontecimento, isto é, tanto o ato de fala quanto o comunicado (A)

d) os participantes neste acontecimento (P)

Desta relação se extraem quatro conceitos fundamentais:

a) um acontecimento comunicado (AC)

b) o próprio acontecimento do falar (AF)

c) os participantes no acontecimento comunicado (PC)

d) os participantes no acontecimento da fala (PF)

As categorias verbais podem afetar um só dos elementos b) e c) ou referir-se a mais de um elemento; no primeiro caso dizem-se *caracterizadores* ("*designadores*" na nomenclatura de Jakobson), e no segundo *determinantes de relação* ("*conectores*", para Jakobson).

Assim, a categoria de número é caracterizadora, porque afeta exclusivamente o número de participantes no acontecimento comunicado; já o passivo é determinante de uma relação, porque enquadra uma relação entre o acontecimento comunicado e os participantes: *sou*

escutado encerra a relação entre minha pessoa e o acontecimento de *escutar*.

Por outro lado, as categorias caracterizadoras podem sê-lo por *qualificação* ou por *quantificação* dos elementos; a de gênero é *qualificadora*, e a de número, *quantificadora*.

Vistas por outro prisma, as categorias podem estar *determinadas linguisticamente* ou ser *determinadas pelo discurso*. Assim, o plural, que é uma categoria determinada pela língua, pode ser definido sem nenhuma relação com um ato momentâneo da fala, enquanto não podemos definir do mesmo modo o "eu", porque "eu" é sempre a pessoa que fala, uma categoria "definida pelo discurso".

Com base nestas informações, podemos aproveitar o seguinte quadro sinótico das categorias gerais do sistema verbal, apresentado por Coseriu:

		Que afetam os participantes		Que não afetam os participantes	
		caracte-rizadora	determinante de relação	caracte-rizadora	determinante de relação
deter-minadas linguis-ticamente	qualificadora	GÊNERO		ESTADO	
	quantificadora	NÚMERO		ASPECTO	
			VOZ		TAXIS
deter-minadas pelo discurso		PESSOA		TEMPO	
			MODO		EVIDÊNCIA

Explicação das categorias verbais

Gênero (PC) – Refere-se aos participantes no acontecimento comunicado e daí adquire capacidade qualificadora. Em geral, não necessita marca especial. No português, aparece apenas na voz passiva (*o livro foi escrito* / *a novela foi escrita*). Já no latim, é um morfema típico do particípio; também se manifestava em construções com objeto direto no português até entre os séculos XVII e XVIII, quando desapareceu definitivamente ("[Inês de Castro] *tem pisada a areia ardente*, Camões). Vigora ainda hoje no francês e no italiano (*je l'ai écrite* [*la lettre*], *l'ho scritta*).

Número (PC) – Refere-se aos participantes no acontecimento comunicado e daí adquire capacidade quantificadora. No português e demais línguas românicas, está sempre ligada à pessoa no verbo flexionado ou finito e, em parte, também na forma verbal infinita (port. *o dizê-lo eu*, esp. *el decirlo yo* – "o fato de que eu o diga"). Aparece sem pessoa apenas em uma forma infinita, novamente o particípio (*visto – vistos*).

Pessoa (PC/PF) – Determina a relação dos participantes no acontecimento comunicado com os participantes no ato de fala. Primeira pessoa: coincidência do participante no acontecimento comunicado (PC) com o falante (só em parte também, quando se trata do

plural); segunda pessoa: coincidência PC com o ouvinte; terceira pessoa: PC não coincide com nenhuma das duas pessoas.

Estado (AC) – Afeta a qualidade lógica do sucesso comunicado (*afirmativo*, *negativo*, *interrogativo*, *negativo-interrogativo*). No português e demais línguas românicas, o estado é mais uma qualidade da oração; mas, às vezes, exige também uma forma verbal especial no âmbito da sintaxe (inversão), ou também no âmbito da morfologia (imperativo – imperativo negado: *canta*/*não cantar*, *canta*/*não cantes*; gerúndio – gerúndio negado; particípio – particípio negado).

Aspecto (AC) – Segundo Jakobson, assinala a ação levada até o fim, isto é, como conclusa (perfeita) ou inconclusa (imperfeita). Certas espécies de ação, como *durativa*, *incoativa* (*ingressiva*), *terminativa*, *iterativa*, etc., são apenas subdivisões desta categoria.

Tempo ou **nível temporal** (AC/AF) – Assinala a relação temporal do acontecimento comunicado com o momento do ato de fala; o presente encerra este momento, o passado é anterior, e o futuro ocorrerá depois deste momento:

Voz ou **diátese** (PC/AC) – Determina a relação entre o acontecimento comunicado e seus participantes. O primeiro participante lógico, o sujeito, pode ser agente do acontecimento (*voz ativa*) ou objeto do acontecer (*voz passiva*), ou agente e objeto ao mesmo tempo (*voz média*, incluído o *reflexivo*):

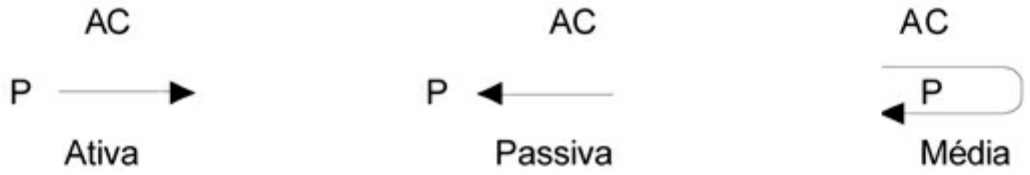

Modo (PC/AC/PF) – Assinala a posição do falante com respeito à relação entre a ação verbal e seu agente ou fim, isto é, o que o falante pensa dessa relação. O falante pode considerar a ação como algo feito, como verossímil – como um fato incerto –, como condicionada, como desejada pelo agente, como um ato que se exige do agente, etc., e assim se originam os modos: indicativo, subjuntivo, condicional, optativo, imperativo.

Taxis (AC/AC) – Assinala a posição de um acontecimento em relação com outro sem consideração do ato de fala. Nas línguas românicas é encontrada em certas construções impessoais com o gerúndio, com o infinitivo ou com o particípio (*comer cantando*, *comer depois de ter cantado*, etc.). Não se trata aqui de níveis temporais, mas de simples série de ações, já que o infinitivo não encerra relação com o ato de fala.

Evidência (AC/ACF/AF) – Assinala que o falante se refere a outro ato de fala – a uma informação indireta – por meio do qual ele experimenta o acontecimento como não vivido por ele mesmo (*Pedro deve ter falado com João*). No português e demais línguas românicas, é muito empregado nestes casos o *modus conditionalis* (*teria partido* = eu não o asseguro, ouvi de outra pessoa) e às vezes o futuro (*serão duas horas*).

C – ***Tempo e aspecto segundo Eugenio Coseriu***

Como assinalamos atrás, as categorias de "tempo" e "aspecto" costumam andar geralmente ligadas no português e nas demais línguas românicas, quer se trate de formas simples, quer de formas perifrásticas, também chamadas locuções verbais. A pura definição temporal e o *tempo* aludem à posição da ação verbal no percurso; a determinação aspectual alude à maneira de considerar a ação verbal no tempo. Coseriu apresenta uma clara e coerente proposta para a interpretação do verbo românico em relação com as categorias de tempo e aspecto com fundamento no sistema das subcategorias verbais.

Para tanto, distingue as seguintes subcategorias:

1) *Nível de tempo* ou simplesmente *nível* – Há uma estrutura temporal dupla no verbo românico: um plano que coincide com a linha do tempo mediante o presente (nível *atual*) e outra paralela onde se situam as ações que não dizem respeito com essa linha do tempo e que representam outra ação (nível *inatual*). O centro do nível atual é o *presente* e do nível inatual é o *imperfeito*:

Presente	nível atual
Imperfeito	nível inatual

Vale lembrar que nem sempre, como geralmente se supõe, o inatual com relação ao presente é interpretado como pertencente ao passado, ou que o imperfeito se enquadra como algo inseguro, condicionado, como algo distante da ação atual, como nas expressões de polidez e em orações principais presas a condicionais:

Eu queria pedir-lhe um favor.
Se soubesse, te dava a resposta.

2) *Perspectiva primária* – Enquadra a posição do falante em relação com a ação verbal. O falante pode ter a ação verbal como "paralela" a si mesmo, antes deste ponto ou depois dele. Por isso, a perspectiva primária pode ser *paralela*, *retrospectiva* ou *prospectiva*, segundo os *espaços de tempo*:

	Passado retrospectiva	Presente paralela	Futuro prospectiva
atual	*fiz*	*faço*	*farei*
inatual	*fizera*	*fazia*	*faria*

Esta estrutura está confirmada pelas possíveis neutralizações: *faço* pode substituir as formas *fiz* e *farei*; *fazia*, as formas *fizera* e *faria*.

De uma só vez a perspectiva primária define dois aspectos que emergem suplementarmente como função anexa da perspectiva:

a) na paralela tem-se uma ação em curso: *cursiva*.

b) na não paralela (retrospectiva ou prospectiva), uma ação como um todo, fora de curso: *complexiva*.

Daí se conclui que o presente e o imperfeito são cursivos e que as outras formas são complexivas.

Como o curso admite certa duração, os verbos pontuais (isto é, aqueles que se caracterizam pela ausência da duração no desenvolvimento do processo) como *encontrar*, *chegar*, etc.), aparecem no presente como formas de neutralização do passado ou do futuro ou, então, significam uma ação repetida (*eu encontro*, *ele chega amanhã*).

3) *Perspectiva secundária* – Consiste no fato de que cada espaço temporal delimitado pela perspectiva primária pode ser disposto outra vez segundo o mesmo princípio:

Presente:

tenho feito	FAÇO	*vou fazer*
tinha feito	FAZIA	*ia fazer*

Passado:

tive feito	FIZ	*fui fazer*
tivera feito	FIZERA	*fora fazer*

Futuro:

terei feito	FAREI	*irei fazer*
teria feito	FARIA	*iria fazer*

4) *Duração* – Esta categoria afeta o lapso em que se dá a ação verbal. A ação pode ser *durativa*, *momentânea* ou *intermitente* (mistura de ambas, isto é, uma ação formada por atos breves):

———	•	- - - - - - - - -
durativa	pontual	iterativa
olhar	*chegar*	*saltitar* (*dar saltos*)

Em português e nas demais línguas românicas, não tem esta categoria uma forma de expressão própria; está determinada lexicalmente ou aparece como categoria anexa à perspectiva.

5) *Repetição* – Impõe-se distinguir a categoria da repetição da de duração: a ação pode ser única (semelfáctiva ÷) ou ação repetida (frequentativa ÷ ÷ ÷ ÷ ...): singular ou repetição indeterminada. É em português uma categoria sem forma de expressão própria. Só a repetição única (÷ ÷) dispõe de perífrases, como *volto a dizer*, ou procedimentos de formação de palavras, como *redizer*.

6) *Conclusão* – Uma ação pode ser considerada *conclusa*, *inconclusa* ou *sem traço de conclusão*. O português não tem neste terreno, como também suas irmãs românicas, nenhum aspecto como categoria. Todavia, noutro sentido, a conclusão pode ser *subjetiva* ou *objetiva*,

na dependência de ter o sujeito levado a ação a um final objetivo ou não. Coseriu chama *terminativa* a conclusão subjetiva, e *completiva* a objetiva.

terminativa: ——————————|
escrevi muito (subjetiva; agora não escrevo)
completiva: ——————————O
escrevi o livro (objetiva; o que devia fazer, levei-o a cabo)

No português, só a conclusão subjetiva é expressa por formas verbais; a objetiva fica assinalada pelo contexto e às vezes pode ser expressa junto à voz verbal.

7) *Resultado* – Uma ação pode ser assinalada como "com resultado" (*resultativa*) ou como "sem resultado" (*não resultativa*). O resultado pode ser *subjetivo* (se afeta o sujeito [agente] e representa uma *reação efetiva*) ou *objetivo* (se afeta o objeto e representa um produto, *produtiva*).

No português, o resultado efetivo se expressa mediante *estar* + particípio: *está escrito*; o resultado produtivo, por *ter* + particípio em concordância com o objeto, porque se aplica na perspectiva secundária [*perfeito composto*]: *tenho escritos dois livros*.

8) *Visão* – É a categoria segundo a qual o falante pode considerar a ação verbal em seu todo ou parcialmente, em fragmentos, entre dois pontos de seu curso.

Na visão parcializante, podem-se diferençar diversas possibilidades:

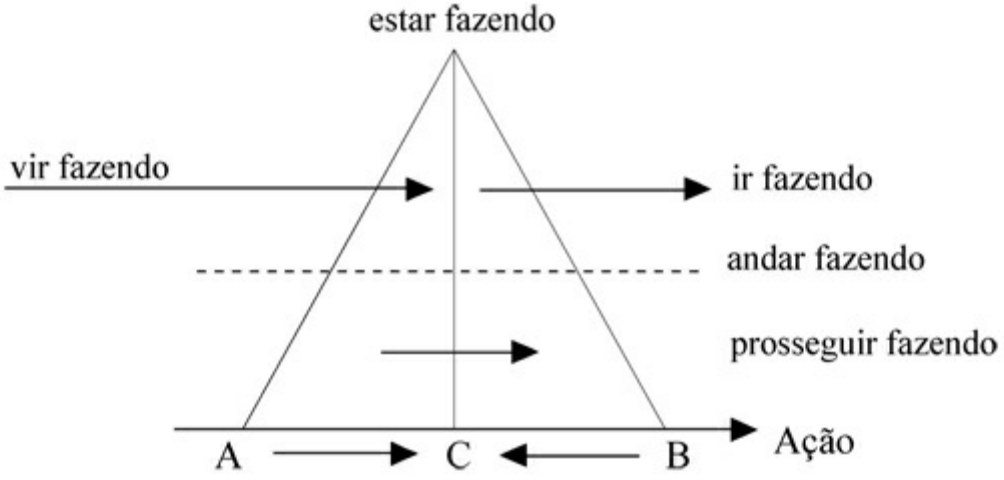

Explicitando esta *visão angular*

Pelo esquema, vê-se a ação entre dois pontos (A,B); ambos podem coincidir em um (C), isto é, podem ser pontos de começo e término de ação, o que não se expressa na forma do verbo e deve ser dito complementariamente: *estive lendo o dia todo*. Explicita-se em português com *estar* + gerúndio (*estou fazendo*) ou *estar a* + infinitivo (*estou a fazer*).

Visão comitativa – Trata-se do acompanhamento da ação verbal em diversos momentos de

seu curso entre A e B, e se expressa em português por *andar* + gerúndio (*ando fazendo*) ou *andar a* + infinitivo (*ando a fazer*).

A expressão pode ser ainda assinalada com o auxílio do adjetivo e particípio, como em *andar enfermo*, *andar desesperado*.

Visão prospectiva – Aqui se vê a ação entre o ponto C e um ponto distante, indefinido; em português há uma forma própria de expressão: *ir* + gerúndio (*vou fazendo*).

Visão retrospectiva – Aqui se vê a ação a partir do ponto indefinido anteriormente mencionado em direção ao ponto C, que coincide com o momento de observação da ação. Também aqui a ação é progressiva, e se expressa em português mediante *vir* + gerúndio (*venho fazendo*).

Visão continuativa – Trata-se de uma combinação de visão retrospectiva e prospectiva, que se expressa em português pelas perífrases: *seguir* + gerúndio (*sigo fazendo*) ou *continuar* + gerúndio (*continuo fazendo*).

Visão global – Aqui se acentua o conjunto da ação e a assinala expressamente como parcializante. A rigor, tal função poderia ser dispensada, já que pode ser desempenhada por membros neutros da oposição. Daí funcionarem as formas simples como membros neutrais:

estou lendo	*leio*
parcializante	neutral (não global parcializante)

Todavia, há expressões para acentuar o global, embora menos frequentes que as parcializantes. Estão representadas por perífrases aditivas com *tomar*, *pegar*, *agarrar*: *pego e escrevo*, *agarro e escrevo*, *tomo e escrevo*.

Para acentuar a globalidade, acompanha-se de todas as significações "enfáticas" do modo de falar, como "de fato", "com efeito", "rápido", "inesperado", "surpreendente", "decidido", "terminantemente", pois pode ocorrer a determinação expressa como "não cursiva" ou ainda como "não parcializante", como "redundante".

De forma esquemática, temos:

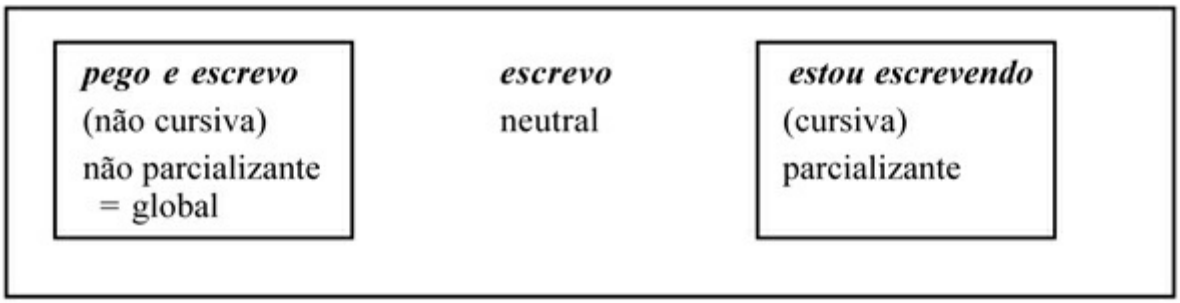

9) *Fase* – Trata-se aqui da relação entre o momento da observação e o grau de desenvolvimento da ação verbal observada.

Em princípio, podem-se distinguir as seguintes "fases":

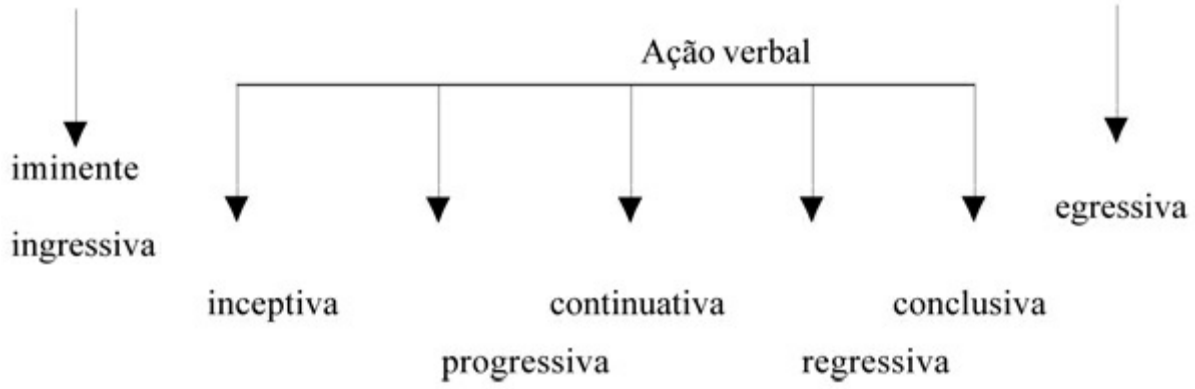

Fase iminente (*ingressiva*) – Trata-se da ação no seu começo. Indica-se com perífrases verbais, em geral, com o verbo *estar*: *estar para* (*por*) + infinitivo: *estou para* (*por*) *escrever*.

Fase inceptiva – Marca o ponto inicial da ação. Além da combinação léxica pura *começar a*, indica-se por várias perífrases verbais pondo ênfase ora na velocidade, ora no repentino da ação:

pôr-se a + infinitivo: *ponho-me a escrever*
meter-se a + infinitivo: *meto-me a escrever*
pegar a (*de*) + infinitivo: *pego a* (*de*) *escrever*
sair + gerúndio: *saio dizendo*

E também com construções aditivas: *ele agarrou e foi-se embora*.

Esta fase é a mais rica em formas e matizes.

Fase progressiva – Considera a ação em seu desenvolvimento; expressa-se mediante *ir* + gerúndio (*vou dizendo*).

Fase continuativa – Considera a ação na zona medial de seu desenvolvimento; expressa-se por *seguir* + gerúndio ou por combinações léxicas (*sigo escrevendo*, *continuo a*) ou conjuntamente com a visão (*estou dizendo*).

Fase regressiva e conclusiva – Considera a ação no seu término ou em sua fase final. Expressa-se exclusivamente com perífrases verbais, sem nenhum procedimento gramatical especial: *terminar de* + infinitivo (*termino de escrever*).

Fase egressiva – Considera a ação após seu término; expressa-se por *acabar de* + infinitivo (*acabo de escrever*).

Sincretismo: visão e fase – Pode ocorrer sincretismo de "visão" e "fase" na fase progressiva, quando o progressivo aparece como determinação secundária da visão: correlaciona-se com a visão comitativa, o que vale dizer dinâmica (*ando fazendo*), um progressivo retrospectivo (*venho fazendo* – de algum tempo até agora), um progressivo prospectivo (*vou fazendo* – desde agora para o futuro), e um progressivo tanto retrospectivo quanto prospectivo, isto é, uma continuativa (*sigo fazendo*).

Conclusão

Concluindo, para Coseriu são as seguintes as subcategorias que devem ser consideradas no exame do tempo e do aspecto do sistema verbal português e românico, levando-se ainda em conta que, entre estas categorias, há diferenças formais que aparecem em oposições funcionais:

• o nível temporal

• a perspectiva primária e secundária

• a visão

• a fase

• o resultado (parcial)

Em relação com outras categorias de sentido conexo, aparecem:

• a duração

• a repetição

• a conclusão (que não são mais do que significações laterais de perspectiva, da visão ou da fase, além de poderem ser constantes, como no caso da conclusão na perspectiva secundária).

Destas categorias, o *nível do tempo* e a *perspectiva primária* devem ser expressas e não podem faltar em cada forma verbal portuguesa. Já as outras categorias podem faltar ou não serem expressas; ficam, assim, "indeterminadas", "neutrais" as formas verbais em relação a essas categorias, ou podem juntar-se até duas. É o que ocorre com *estive fazendo*, que expressa, além do nível do tempo e da perspectiva primária, também a visão. *Tenho estado fazendo* expressa nível temporal, perspectiva primária, perspectiva secundária e visão. Já *tenho estado vindo fazendo*, *tinha-se estado pondo a fazer*, embora teoricamente possíveis, não são correntes. A última forma expressaria formalmente cinco categorias: nível temporal (inatual), perspectiva primária paralela (por causa da forma *tinha*), perspectiva secundária retrospectiva (por causa de *ter* + particípio), visão parcial (por *estar* + gerúndio) e fase inceptiva (por *pôr-se a* + infinitivo).

Exemplo para a descrição funcional – Para a descrição funcional de uma forma verbal

que leve em conta sua posição no sistema a que pertence, temos de enquadrá-la em todas estas categorias. Assim, em relação à forma do português ***fiz*** poderíamos dizer dela:

1) *Nível de tempo*: atual
2) *Perspectiva*: primária, retrospectiva, aspecto complexivo
3) *Visão*: global (neutral)
4) *Fase*: neutral
5) *Resultado*: não resultativa (neutral)
6) *Conclusão*: indefinida

Já de ***tinha estado fazendo***:

1) *Nível de tempo*: inatual
2) *Perspectiva*: primária, paralela, aspecto cursivo;
secundária, retrospectiva, aspecto complexivo
3) *Visão*: parcial
4) *Fase*: continuativa
5) *Resultado*: não resultativa
6) *Conclusão*: não terminativa

Pelo visto, pode-se concluir que o sistema verbal do português – e românico – representa um edifício de três "andares", que se ligam entre si, porque, é importante frisar, cada forma verbal que aparece inserida numa definição vale para todas as outras oposições como membro sem marca (neutral, extensivo).

Estes três "andares" apresentam:

a) no primeiro, temos um sistema fundamental que alude à configuração dos espaços de tempo: às categorias de *nível de tempo* e de *perspectiva primária*. Formalmente correspondem a este sistema fundamental as formas simples de tempo.

b) no segundo, um sistema secundário que alude à determinação do ponto temporal dentro dos espaços de tempo: à categoria da *perspectiva secundária*. A este sistema correspondem formalmente as formas perifrásticas de *ter* (*haver*) + particípio e verbo auxiliar (de preferência com *ir*) + infinitivo.

c) no terceiro, um sistema terciário que alude à definição de valores aspectivos especiais para cada ponto de tempo: às categorias de *visão*, *fase* e, em parte, *resultado*. Formalmente, este sistema coincide com outras diversas locuções verbais.

Cantaremos é uma forma verbal, porque exprime uma ação ou processo (a de cantar), exercida (referência à voz) pela 1.ª pessoa (referência à pessoa) do plural (referência ao número), do presente (referência ao tempo) do indicativo (referência ao modo).

As pessoas do verbo – Geralmente as formas verbais indicam as três pessoas do discurso, para o singular e o plural:

1.ª pessoa do singular: *eu canto*

2.ª pessoa do singular: *tu cantas*
3.ª pessoa do singular: *ele canta*
1.ª pessoa do plural: *nós cantamos*
2.ª pessoa do plural: *vós cantais*
3.ª pessoa do plural: *eles cantam*

Os tempos do verbo – São:

a) PRESENTE – em referência a fatos que se passam ou se estendem ao momento em que falamos: *eu canto*;

b) PRETÉRITO – em referência a fatos anteriores ao momento em que falamos e subdividido em *imperfeito*, *perfeito* e *mais-que-perfeito*:
cantava (imperfeito), *cantei* (perfeito) e *cantara* (mais-que-perfeito);

c) FUTURO – em referência a fatos ainda não realizados e subdividido em *futuro do presente* e *futuro do pretérito*:
cantarei (futuro do presente), *cantaria* (futuro do pretérito),
que implica também a modalidade condicional (cf. abaixo).

Os modos do verbo – São, conforme a posição do falante em face da relação entre a ação verbal e seu agente:

a) INDICATIVO – em referência a fatos como verossímeis ou tidos como tais: *canto*, *cantei*, *cantava*, *cantarei*

b) SUBJUNTIVO (CONJUNTIVO) – em referência a fatos incertos: talvez *cante*, se *cantasse*

c) CONDICIONAL – em referência a fatos dependentes de certa condição: *cantaria*

d) OPTATIVO – em relação a ação como desejada pelo agente:
E viva eu cá na terra sempre triste.

e) IMPERATIVO – em relação a um ato que se exige do agente:
cantai

As vozes do verbo – São:

a) ATIVA: forma em que o verbo se apresenta para normalmente indicar que a pessoa a que se refere é o *agente* da ação. A pessoa diz-se, neste caso, *agente* da ação verbal:

Eu *escrevo* a carta,
Tu *visitaste* o primo,
Nós *plantaremos* a árvore.

b) PASSIVA: forma verbal que indica que a pessoa é o *objeto* da ação verbal. A pessoa, neste caso, diz-se *paciente* da ação verbal:

A carta *é escrita* por mim,
O primo *foi visitado* por ti,
A árvore *será plantada* por nós.

A passiva é formada com um dos verbos *ser*, *estar*, *ficar* seguido de *particípio*.

Voz passiva e passividade – É preciso não confundir voz passiva e passividade. *Voz* é a forma especial em que se apresenta o verbo para indicar que a pessoa recebe a ação:

Ele *foi visitado* pelos amigos.

Alugam-se bicicletas.

Passividade é o fato de a pessoa receber a ação verbal. A passividade pode traduzir-se, além da voz passiva, pela ativa, se o verbo tiver sentido passivo:

Os criminosos recebem o merecido castigo.

Portanto, nem sempre a passividade corresponde à voz passiva56.

c) REFLEXIVA: forma verbal que indica que a ação verbal não passa a outro ser (negação da transitividade), podendo reverter-se ao próprio agente (sentido reflexivo propriamente dito), atuar reciprocamente entre mais de um agente (reflexivo recíproco), sentido de "passividade com se" e sentido de impessoalidade, conforme as interpretações favorecidas pelo contexto, formada de verbo seguido do pronome oblíquo de pessoa igual à que o verbo se refere:

eu *me visto*, tu *te feriste*, ele *se enfeita*.

O verbo empregado na forma reflexiva propriamente dita diz-se *pronominal*.

A voz passiva difere da reflexiva de sentido passivo em dois aspectos:

1) pode apresentar o verbo em qualquer pessoa, enquanto a reflexiva só se constrói na 3.ª pessoa com o pronome *se* (conhecido também pela denominação de "apassivador"):

Eu *fui visitado* pelos meus parentes.

Nós *fomos visitados* pelos parentes.

2) pode seguir-se de uma expressão que denota o agente da passiva, enquanto a reflexiva, no português contemporâneo, dispensa:

Eu *fui visitado* pelos parentes.

Aluga-*se* a casa (não se diz: aluga-se a casa pelo proprietário)

Todavia, há casos em que se explicita o agente, como no seguinte exemplo de Drummond:

Não sei se devemos exaltar Pelé por haver conseguido tanto, ou se nosso louvor deve antes ser dirigido ao gol em si, *que se deixou fazer por Pelé*, recusando-se a tantos outros [CDa.1, 130].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Em construções do tipo *batizei-me*, *chamas-te José*, há professores que veem passiva pronominal com pronomes oblíquos de 1.ª e 2.ª pessoas. Outros, porém, não pensam assim, e interpretam o fato como um emprego da voz reflexiva, indicando "uma atitude de aceitação consciente do nome dado ou do batismo recebido" [MC.4, 36].

2.ª) Em geral, o pronome átono que acompanha a voz reflexiva propriamente dita funciona como objeto direto, embora raras vezes possa exercer a função de indireto.

3.ª) Com verbos como *atrever-se*, *indignar-se*, *queixar-se*, *ufanar-se*, *admirar-se*, não se percebe mais a ação rigorosamente reflexa, mas a indicação de que a pessoa a que o verbo se refere está vivamente afetada. Com os verbos de movimento ou atitudes da pessoa "em relação ao seu próprio corpo" como *ir-se*, *partir-se*, e outros como *servir-se*, onde o pronome oblíquo empresta maior expressividade à oração, também não se expressa a ação reflexa. Alguns gramáticos chamam ao pronome oblíquo, nestas últimas circunstâncias, *pronome de realce*.

4.ª) Muitos verbos normalmente não pronominais se acompanham de pronome átono para exprimirem aspectos estilísticos, como a mudança lenta do estado ou de processo lento:

agonizar-se, *delirar-se*, *desmaiar-se*, *estalar-se, envelhecer-se*, *palpitar-se*, *peregrinar-se*, *repousar-se*, *tresnoitar-se*. [APa.1, 54-57]

5.ª) Inversamente, elimina-se o pronome de muitos verbos que o exigem na língua padrão:

aquecer, *chamar* (ter nome), *mudar* (transferir-se), *gripar*, *machucar*, *formar* (*Eu formei em Medicina*), *classificar* (*Ele classificou em 3.º lugar*), etc. (Obs.).

Formas nominais do verbo – Assim se chamam o *infinitivo*, o *particípio* e o *gerúndio*, porque, ao lado do seu valor verbal, podem desempenhar função de nomes. O infinitivo pode ter função de substantivo (*recordar é viver* = a recordação é vida); o particípio pode valer por um adjetivo (*homem sabido*), e o gerúndio por um advérbio ou adjetivo (*amanhecendo*, *sairemos* = logo pela manhã sairemos; *água fervendo* = água fervente). Nesta função adjetiva, o gerúndio tem sido apontado como galicismo; porém, é antigo na língua este emprego, quando ocupou o lugar vago deixado pelo particípio presente, que desapareceu do quadro verbal português para ingressar no quadro nominal.

As formas nominais do verbo, com exceção do infinitivo, não definem as pessoas do discurso e, por isso, são ainda conhecidas por *formas infinitas*. Possuem, quando possíveis, desinências nominais idênticas às que caracterizam a flexão dos nomes (gênero e número):

O infinitivo português, ao lado da forma infinita, isto é, sem manifestação explícita das pessoas do discurso, possui outra flexionada:

Infinito sem flexão	*Infinito flexionado*
Cantar	Cantar eu
	Cantares tu
	Cantar ele
	Cantarmos nós
	Cantardes vós
	Cantarem eles

As formas nominais do verbo se derivam do tema (radical + vogal temática) acrescido das desinências:

a) -*r*: para o infinitivo: canta-*r*, vende-*r*, parti-*r*

b) -*do* (ou -*to*, -*so*) para o particípio: canta-*do*, vendi-*do*, parti-*do*, acei-*to,* revol-*to*

c) -*ndo*: para o gerúndio: canta-*ndo*, vende-*ndo*, parti-*ndo*

OBSERVAÇÃO: O verbo *vir* (e derivados) forma também o seu particípio com a desinência -*do*; mas, pelo desaparecimento da vogal temática *i*, apresenta-se igual ao gerúndio: *vindo* (por vin-i-*do*) e *vindo* (vi-*ndo*).

Conjugar um verbo – É dizê-lo, de acordo com um sistema determinado, um paradigma, em todas as suas formas nas diversas pessoas, números, tempos, modos e vozes.

Em português temos três conjugações caracterizadas pela vogal temática:

1.ª conjugação – vogal temática ***a***: am***a***r, fal***a***r, tir***a***r.

2.ª conjugação – vogal temática ***e***: tem***e***r, vend***e***r, varr***e***r.

3.ª conjugação – vogal temática ***i***: part***i***r, fer***i***r, serv***i***r.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Não existe a 4.ª conjugação; *pôr* é um verbo da 2.ª conjugação cuja vogal temática desapareceu no infinitivo, mas permanece em outras formas do verbo. Veja-se a correspondência: *vend-e-s / põ-e-s*.

2.ª) Na história da língua, verbos há que mudaram de conjugação, mas deixaram vestígios em outras formas não verbais: *cair* (antigo *caer)*, com vestígio no adjetivo *cadente* (e não *cadinte*, como *ouvinte*). Alencar usa *rangir* por *ranger*, e hoje *viger* (cf. *vigente*) tem o concorrente *vigir* que, apesar de muito usado, não é aceito na norma exemplar: *A lei deve vigir* (por

viger).

Verbos regulares, irregulares e anômalos – Diz-se que um verbo é regular quando se apresenta de acordo com o modelo de sua conjugação: *cantar*, *vender*, *partir*. No verbo regular também o radical não varia. Tem-se o radical de um verbo privando-o, no infinito sem flexão, das terminações *-ar*, *-er*, *-ir*:

am-ar, fal-ar, tir-ar, tem-er, vend-er, varr-er, part-ir, fer-ir, serv-ir.

Irregular é o verbo que, em algumas formas, apresenta modificação no radical ou na flexão, afastando-se do modelo da conjugação a que pertence:

a) variação no radical em comparação com o infinitivo:

ouvir – ouço; *dizer* – digo; *perder* – perco;

b) variação na flexão, em relação ao modelo: *est**ou*** (veja-se *cant**o***), *est**ás*** (veja-se *cant**as***, um tônico e outro átono).

Os irregulares se dividem em *fracos* e *fortes*. Fracos são aqueles cujo radical do infinitivo não se modifica no pretérito: *sentir-senti*; *perder-perdi*.

Fortes são aqueles cujo radical do infinitivo se modifica no pretérito perfeito: *caber – coube*; *fazer – fiz*.

Os irregulares fracos apresentam formas iguais no infinitivo flexionado e futuro do subjuntivo:

Infinitivo	*Futuro do Subjuntivo*
Sentir	Sentir
Sentires	Sentires
Sentir	Sentir
Sentirmos	Sentirmos
Sentirdes	Sentirdes
Sentirem	Sentirem

Os irregulares fortes não apresentam identidade de formas entre o infinitivo flexionado e o futuro do subjuntivo:

Infinitivo flexionado	*Futuro do Subjuntivo*
Caber	Couber
Caberes	Couberes
Caber, etc.	Couber, etc.

OBSERVAÇÃO: Não entram no rol dos verbos irregulares aqueles que, para conservar a pronúncia, têm de sofrer variação de grafia:

carre***g***ar – carre***gu***e – carre***gu***ei – carre***gu***es

fi***c***ar – fi***c***o – fi***qu***ei – fi***que***

Não há portanto os *irregulares gráficos*.

Anômalo é o verbo irregular que apresenta, na sua conjugação, radicais primários diferentes: *ser* (reúne o concurso de dois radicais, os verbos latinos *sedēre* e *ĕsse*) e *ir* (reúne o concurso de três radicais, os verbos latinos *ire*, *vadēre* e *ĕsse*).

Outros autores consideram anômalo o verbo cujo radical sofre alterações que o não podem enquadrar em classificação alguma: *dar*, *estar*, *ter*, *haver*, *ser*, *poder*, *ir*, *vir*, *ver*, *caber*, *dizer*, *saber*, *pôr*, etc.

Verbos defectivos e abundantes – DEFECTIVO é o verbo que, na sua conjugação, não apresenta todas as formas: *colorir*, *precaver-se*, *reaver*, etc. É preciso não confundi-lo com os verbos chamados impessoais e unipessoais, que, como veremos, só se usam nas terceiras pessoas.

A defectividade verbal é devida a várias razões, entre as quais a eufonia e a significação. Entretanto, a defectividade de certos verbos não se assenta em bases morfológicas, mas em razões do uso e da norma vigentes em certos momentos da história da língua. Daí certa disparidade que por vezes se encontra na relação das gramáticas. Se a tradição da língua dispensa, por dissonante, a 1.ª pessoa do singular do verbo *colorir* (*coloro*), não se mostra igualmente exigente com a 1.ª pessoa do singular do verbo *colorar*. Por outro lado, o critério de eufonia pode variar com o tempo e com o gosto dos escritores; daí aparecer de vez em quando uma forma verbal que a gramática diz não ser usada. É na 3.ª conj. que se encontra a maioria dos verbos defectivos.

Quase sempre faltam as formas rizotônicas dos verbos defectivos. Suprimos, *quando necessário*, as lacunas de um defectivo empregando um sinônimo (derivado ou não do defectivo): Eu *recupero* (para *reaver*); eu *redimo* (para *remir*).

Há os seguintes grupos de verbos defectivos, em português:

a) os que não se conjugam nas pessoas em que depois do radical aparecem *a* ou *o*:

banir, *brandir*, *carpir*, *colorir*, *delir*, *explodir*, *fremer* (ou *fremir*), *haurir*, *ruir*, *exaurir*, *abolir*, *demolir*, *puir*, *delinquir*, *fulgir*, *feder*, *aturdir*, *bramir*, *jungir*, *esculpir*, *extorquir*, *impingir*, *puir*, *retorquir*, *soer*, *espargir*.

Tais verbos também não se empregam no pres. do subjuntivo, imperativo negativo, e no imperativo afirmativo só apresentam as segundas pessoas do singular e plural.

b) os que se usam unicamente nas formas em que depois do radical vem *i*:

adir, *aguerrir*, *emolir*, *empedernir*, *esbaforir*, *espavorir*, *exinanir*, *falir*, *fornir*, *remir*, *ressequir*, *revelir*, *vagir*, *florir*, *renhir*, *garrir*, *inanir*, *ressarcir*, *transir*, *combalir*.[57]

c) oferecem particularidades especiais:

1 – *precaver*(*-se*) e *reaver*. No pres. ind. só têm as duas primeiras pessoas do plural: *precavemos*, *precaveis*; *reavemos*, *reaveis*.

Imperativo: *precavei*, *reavei*.

Faltam-lhes o imperat. neg. e pres. do subj. No restante, conjugam-se normalmente.

2 – *adequar*, *antiquar*: cabem-lhes as mesmas observações feitas ao grupo anterior.

3 – *grassar* e *rever* (= destilar): só se usam nas terceiras pessoas.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Muitos verbos apontados outrora como defectivos são hoje conjugados integralmente: *agir*, *advir*, *compelir*, *desmedir-se*,

discernir, *embair*, *emergir*, *imergir*, *fruir*, *polir*, *prazer*, *submergir*. *Ressarcir* (cf. b) e *refulgir* (que alguns gramáticos só mandam conjugar nas formas em que o radical é seguido de *e* ou *i*) tendem a ser empregados como verbos completos.

2.ª) Os verbos que designam vozes de animais geralmente só aparecem nas terceiras pess. do sing. e pl., em virtude de sua significação, e são indevidamente arrolados como defectivos. Melhor chamá-los, quando no seu significado próprio, *unipessoais*.

3.ª) Também são indevidamente considerados defectivos os verbos *impessoais* (pois não se referem a sujeito), que só são empregados na terceira pess. sing.: *Chove* muito. *Relampeja*. Quando em sentido figurado, os verbos desta observação, como os da anterior, conjugam-se em quaisquer pessoas: *Chovam as bênçãos do céu*.

ABUNDANTE é o verbo que apresenta duas ou três formas de igual valor e função: *havemos* e *hemos*; *constrói* e *construi*; *pagado* e *pago*; *nascido*, *nato*, *nado* (pouco usado).

Normalmente esta abundância de forma ocorre no particípio.

Os principais verbos que gozam deste privilégio, no português moderno, são:

a) *comprazer* e *descomprazer*:

Pret. perf. ind.: comprazi, comprazeste, comprazeu, etc. ou comprouve, comprouveste, comprouve, etc.

M.-q-perf. ind.: comprazera, comprazeras, comprazera, etc. ou comprouvera, comprouveras, comprouvera, etc.

Imperf. subj.: comprazesse, comprazesses, comprazesse, etc. ou comprouvesse, comprouvesses, comprouvesse, etc.

Fut. subj.: comprazer, comprazeres, comprazer, etc. ou comprouver, comprouveres, comprouver, etc.

b) *construir* e seu grupo:

Pres. ind.: construo, construis (ou constróis), construi (ou constrói), construímos, construís, construem (ou constroem).

Imper. afirm.: construi tu (ou constrói tu).

Assim se conjugam *desconstruir*, *destruir*, *estruir*, *reconstruir*.

c) *entupir* e *desentupir*:

Pres. ind.: entupo, entupes (ou entopes), entupe (ou entope), entupimos, entupis, entupem (ou entopem).

Imper. afirm.: entupe (ou entope), entupi.

OBSERVAÇÃO: O *o* das formas abundantes é de timbre aberto.

d) *haver*:

Pres. ind.: hei, hás, há, havemos (ou hemos), haveis (ou heis), hão.

Imper. afirm.: há, havei.

e) *ir*:

Pres. ind.: vou, vais, vai, vamos (ou imos), ides (is é forma antiga), vão.

f) *querer* e *requerer*:

Pres. ind.: quero, queres, quer (ou quere), queremos, quereis, querem.

requeiro, requeres, requer (ou requere), requeremos, requereis, requerem.

Quere e *requere* são formas que só têm curso em Portugal; *quere* é criação recente (séc. XIX-XX, sem adoção geral) e *requere* é forma já antiga na língua, sendo *requer* de data recente.

g) *valer*:

Pres. ind.: valho, vales, vale (ou val), valemos, valeis, valem.

Val é forma antiga e ainda hoje corrente, máxime em Portugal.

h) imperativo dos verbos em *-zer*, *-zir*.

Podem perder o *-e* na 2.ª pess. sing.: faze tu (ou faz); traduze tu (ou traduz). São frequentíssimos os exemplos literários com os verbos *dizer*, *fazer*, *trazer* e *traduzir*.

i) particípio de numerosos verbos.

Existe grande número de verbos que admitem dois (e uns poucos até três) particípios: um *regular*, terminado em *-ado* (1.ª conjugação) ou *-ido* (2.ª e 3.ª conjugações), e outro *irregular*, proveniente do latim ou de nome que passou a ter aplicação como verbo, terminado em *-to*, *-so* ou criado por analogia com modelo preexistente. Eis uma relação dessas formas duplas de particípio, indicando-se entre parênteses se ocorrem com a voz ativa ou passiva, ou com ambas:

Infinitivo	*Particípio regular*	*Particípio irregular*
aceitar	aceitado (a., p.)	aceito (p.), aceite (p.)
assentar	assentado (a., p.)	assento (p.), assente (p.)
entregar	entregado (a., p.)	entregue (p.)
enxugar	enxugado (a., p.)	enxuto (p.)
expressar	expressado (a., p.)	expresso (p.)
expulsar	expulsado (a., p.)	expulso (p.)
fartar	fartado (a., p.)	farto (p.)
findar	findado (a., p.)	findo (p.)
ganhar	ganhado (a., p.)	ganho (a., p.)
gastar	gastado (a.)	gasto (a., p.)
isentar	isentado (a.)	isento (p.)
juntar	juntado (a., p.)	junto (a., p.)
limpar	limpado (a., p.)	limpo (a., p.)
matar	matado (a.)	morto (a., p.)
pagar	pagado (a.)	pago (a., p.)
pasmar	pasmado (a., p.)	pasmo (a.)
pegar	pegado (a., p.)	pego (é ou ê)
salvar	salvado (a., p)	salvo (a., p.)
acender	acendido (a., p.)	aceso (p.)
arrepender	arrependido (a., p.)	repeso por arrepeso (a., p.)
desenvolver	desenvolvido (a., p.)	desenvolto (a., p.)
eleger	elegido (a.)	eleito (a., p.)
envolver	envolvido (a., p.)	envolto (a., p.)
prender	prendido (a., p.)	preso (p.)
revolver	revolvido (a., p.)	revolto (a.)

suspender	suspendido (a., p.)	suspenso (p.)
desabrir	desabrido	desaberto
erigir	erigido (a., p.)	erecto (p.)
exprimir	exprimido (a., p.)	expresso (a., p.)
extinguir	extinguido (a., p.)	extinto (p.)
frigir	frigido (a.)	frito (a., p.)
imprimir	imprimido (a., p.)	impresso (a., p.)
inserir	inserido (a., p.)	inserto (a., p.)
tingir	tingido (a., p.)	tinto (p.)

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Em geral emprega-se a forma regular, que fica invariável com os auxiliares *ter* e *haver*, na voz ativa, e a forma irregular, que se flexiona em gênero e número, com os auxiliares *ser*, *estar* e *ficar*, na voz passiva.

Nós temos *aceitado* os documentos.

Os documentos têm sido *aceitos* por nós.

Há outros particípios, regulares ou irregulares, que se usam indiferentemente na voz ativa (auxiliares *ter* ou *haver*) ou passiva (auxiliares *ser, estar ficar*), conforme se assinalou entre parênteses.

2.ª) Há uns poucos particípios irregulares terminados em -*e*, em geral de introdução recente no idioma: *entregue* (o mais antigo), *aceite*, *assente*, *empregue* (em Portugal).

Locução verbal. Verbos auxiliares – Chama-se *locução verbal* a combinação das diversas formas de um verbo auxiliar com o infinitivo, gerúndio ou particípio de outro verbo que se chama *principal*: *hei de estudar*, *estou estudando*, *tenho estudado*. Muitas vezes o auxiliar empresta um matiz semântico ao verbo principal, dando origem aos chamados *aspectos do verbo*.

Entre o auxiliar e o verbo principal no infinitivo pode aparecer ou não uma preposição (*de*, *em*, *por*, *a*, *para*). Na locução verbal, é somente o auxiliar que recebe as flexões de pessoa, número, tempo e modo: *haveremos de fazer*, *estavam por sair*, *iam trabalhando*, *tinham visto*. Da arbitrariedade do uso é que depende o empregar-se em alguns casos a preposição e em outros omiti-la. Também pode ocorrer, em vários casos, a alternância da preposição (*começar a / de fazer*).

Várias são as aplicações dos verbos auxiliares da língua portuguesa:

1 – *ter*, *haver* (raramente) e *ser* (mais raramente) se combinam com o particípio do verbo principal para constituírem novos tempos, chamados *compostos*, que, unidos aos simples, formam o quadro completo da conjugação da voz ativa. Estas combinações exprimem que a ação verbal está concluída.

Temos nove formas compostas:

Indicativo

a) *pretérito perfeito composto*: tenho ou hei cantado, vendido, partido;

b) *pretérito mais-que-perfeito*: tinha ou havia cantado, vendido, partido;

c) *futuro do presente composto*: terei ou haverei cantado, vendido, partido;

d) *futuro do pretérito composto*: teria ou haveria cantado, vendido, partido;

OBSERVAÇÃO: A língua moderna pôs de lado a forma *tive cantado*, corrente no Português antigo.

Subjuntivo

a) *pretérito perfeito*: tenha ou haja cantado, vendido, partido;

b) *pretérito mais-que-perfeito*: tivesse ou houvesse cantado, vendido, partido;

c) *futuro composto*: tiver ou houver cantado, vendido, partido;

Formas nominais

a) *infinitivo composto*: ter ou haver cantado, vendido, partido;

b) *gerúndio composto*: tendo ou havendo cantado, vendido, partido.

O verbo *ser* só aparece em combinações que lembram os depoentes latinos, sobretudo com verbos que denotam movimento: "Os cavaleiros *eram partidos* caminho de Zamora" [AC.2, I, 101]. *Era chegada* a ocasião da fuga. *São passados* três meses.

2 – *ser*, *estar*, *ficar* se combinam com o particípio (variável em gênero e número) do verbo principal para constituir a voz passiva (de ação, de estado e mudança de estado): *é amado*, *está prejudicada*, *ficaram rodeados*.

3 – os auxiliares *acurativos* se combinam com o infinitivo ou gerúndio do verbo principal para determinar com mais rigor os aspectos do momento da ação verbal que não se acham bem definidos na divisão geral de tempo presente, passado e futuro:

a) início de ação: *começar a escrever, pôr-se a escrever*, etc.;

b) iminência de ação: *estar para* (*por*) *escrever*, *pegar a* (*de*) *escrever*, etc.;

c) continuidade da ação: *continua escrevendo*, *continua a escrever*, sendo a primeira forma a que é mais antiga no idioma;

d) desenvolvimento gradual da ação; duração: *estar a escrever*, *andar escrevendo*, *vir escrevendo*, *ir escrevendo*, etc.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) No Brasil prefere-se a construção com gerúndio (*estar escrevendo*), enquanto em Portugal é mais comum o infinitivo (*estar a escrever*), não sendo, entretanto, a única forma.

2.ª) Está mais de acordo com o gênio da nossa língua o uso do gerúndio com auxiliar *estar* ou infinitivo com *a* para traduzir atos que se realizam paulatinamente, em vez do uso de forma simples do verbo, como faz o francês (*Jeanne nous regarde* / Joana está-nos olhando ou *a nos olhar apud* MBa.4, 233).

e) repetição de ação: *tornar a escrever*, *costumar escrever* (repetição habitual), etc.;

f) término de ação: *acabar de escrever*, *cessar de escrever*, *deixar de escrever*, *parar de escrever*, *vir de escrever*, etc.

Vir de + infinitivo é construção antiga no idioma e valia por *voltar de* (ou *chegar*) + infinitivo: "De amor dos lusitanos encendidas/ Que *vêm de descobrir* o novo mundo" [LC.1, IX, 40]. Depois passou a significar *acabar de* + infinitivo e, porque em francês ocorre emprego semelhante, passou a ser, neste sentido, condenado como galicismo pelos gramáticos: "eu, aos doze anos, *vinha de perder* meu pai"[CBr *apud* HG.1, 462].

4 – os auxiliares *modais* se combinam com o infinitivo ou gerúndio do verbo principal para determinar com mais rigor o modo como se realiza ou se deixa de realizar a ação verbal:

a) necessidade, obrigação, dever: *haver de escrever*, *ter de escrever*, *dever escrever*,

precisar (*de*) *escrever*, etc.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Em vez de *ter* ou *haver de* + infinitivo, usa-se ainda, mais modernamente, *ter* ou *haver que* + infinitivo: *tenho que estudar*. Neste caso, *que*, como índice de complemento de natureza nominal, funciona como verdadeira preposição. Não se confunda este *que preposição* com o *que pron. relativo* em construções do tipo: *nada tinha que dizer*, *tenho muito que fazer*, etc.

2.ª) Muitas vezes no Português contemporâneo não é indiferente o sentido da expressão com preposição ou sem ela: *Deve resultar* exprime certa precisão de resultado; *deve de resultar* traduz a probabilidade do resultado.

b) possibilidade ou capacidade: *poder escrever*, etc.

c) vontade ou desejo: *querer escrever*, *desejar escrever*, *odiar escrever*, *abominar escrever*, etc.

d) tentativa ou esforço; às vezes com o sentido secundário depreendido pelo contexto, de que a tentativa acabou em decepção (*foi buscar lã e saiu tosquiado*): *buscar escrever*, *pretender escrever*, *tentar escrever*, *ousar escrever*, *atrever-se a escrever*, etc.

e) consecução: *conseguir escrever*, *lograr escrever*, etc.

f) aparência, dúvida: *parecer escrever*, etc.

g) movimento para realizar um intento futuro (próximo ou remoto): *ir escrever*, etc.

h) resultado: *vir a escrever*, *chegar a escrever*, etc.

Vir a + infinitivo de certos verbos tem quase o mesmo sentido do verbo principal empregado sozinho: *Isto vem a traduzir a mesma ideia* (= isto por fim traduz a mesma ideia). *Vir a ser* pode ainda ser sinônimo de *tornar-se*: *Ele veio a ser famoso*.

NOTA FINAL – Nem sempre a aproximação de dois ou mais verbos constitui uma locução verbal; a intenção da pessoa que fala ou escreve é que determinará a existência ou inexistência da locução. "Por exemplo, na frase: *queríamos colher rosas*, os verbos *queríamos colher* constituirão expressão verbal se pretendo dizer que queríamos colher *rosas* e não outra flor, sendo *rosas* o objeto da declaração. Se, porém, pretendo dizer que o que nós queríamos era *colher rosas* e não fazer outra cousa, o objeto da declaração é *colher rosas* e a declaração principal se contém incompletamente em *queríamos*" [JO.1, 202-203].

Auxiliares causativos e sensitivos – Assim se chamam os verbos *deixar*, *mandar*, *fazer* e sinônimos (causativos) e *ver*, *ouvir*, *olhar*, *sentir* e sinônimos (sensitivos) que, juntando-se a infinitivo ou gerúndio, não formam locução verbal, mas, muitas vezes, se comportam sintaticamente como tal, isto é, segundo as relações internas que se estabelecem dentro do grupo entre o infinitivo e os termos que o acompanham, como veremos no lugar próprio.

Elementos estruturais do verbo: desinências e sufixos verbais – Ao radical do verbo, que é o elemento que encerra o seu significado lexical, se juntam as formas mínimas chamadas *desinências* para constituir as flexões do verbo, indicadoras da *pessoa* e *número*, do *tempo* e *modo*. Segundo Mattoso, a constituição da forma verbal portuguesa é: T (R+VT) + D (DMT+DNP), em que T = tema; R = radical; VT = vogal temática; D = desinência; DMT = desinência modo-temporal e DNP = desinência número-pessoal

Chama-se *vogal temática* aquela classificadora da conjugação:

1.ª conjugação – *a*: cant-*a*-r

2.ª conjugação – *e*: vend-*e*-r

3.ª conjugação – *i*: part-*i*-r

A vogal temática presa ao radical constitui o *tema*:

canta-r , *vende*-r, *parti*-r.

Nem todas as formas verbais possuem a vogal temática, como, por exemplo, a 1.ª pessoa singular do presente do indicativo e do subjuntivo. As vogais ***e*** e ***a*** em cant-***e***, vend-***a***, part-***a*** são desinências temporais (veja abaixo). Outras vezes a vogal temática sofre variação: o ***a*** passa a ***e*** no pret.perf. do ind. da 1.ª conj. em contato com *i*, e passa a ***o*** em contato com *u*: cant-***a***-r, cant-***e***-i, cant-***o***-u; o ***e*** passa a ***i*** no pret. imperf. do ind. e particípio da 2.ª conjugação: vend-***e***-r, vend-***i***-a, vend-***i***-do. A vogal temática ***i*** da 3.ª conjugação passa a ***e*** quando átono, no pres. ind. (2.ª e 3.ª sing. e 3.ª pl.) e imper. (2.ª sing.): part-***e***-s, part-***e*** , part-***e***-m, part-***e***; se é tônico, nos mesmos casos, funde-se com o ***i*** da desinência ***is*** da 2.ª pessoa do plural: *part**is*** por *part-**i-is***.

O *tema* é a parte da palavra pronta para receber o sufixo ou a desinência.

Sufixo verbal é o que entra na formação dos verbos derivados: salt-it-ar, real-iz-ar, etc. (cf. **Afixos: prefixos e sufixos. Interfixos**).

As desinências modo-temporais são:

1) Para o *Indicativo*:

a) Ø no presente

b) -*va*- (-*ve*-) caracteriza o pretérito imperfeito da 1.ª conjugação: *canta-va*; 58

c) -*ia*- (-*ie*-), caracteriza o pretérito imperfeito da 2.ª e 3.ª conjugações: *dev-ia*, *part-ia*;59

d) Ø para o pretérito perfeito (até a 2.ª pess. do pl. e -*ra*- para a 3.ª pess. pl.): *cante-i*, *canta-ra-m*

e) -*ra*- (*re*) átono caracteriza o pretérito mais-que-perfeito: *canta-ra*, *vende-ra*, *parti-ra*; *cantá-re-is*;

f) -*ra*- (-*re*-) tônico caracteriza o futuro: *canta-re-i*, *canta-rá-s*, *canta-rã-o*, *deve-re-i*, *parti-re-i*;

g) -*ria*- (-*rie*-) caracteriza o futuro do pretérito: *canta-ria*, *deve-ria*, *parti-ria*;

2) Para o *Subjuntivo*:

a) -*e*- caracteriza o presente da 1.ª conjugação: *cant-e*;

b) -*a*- caracteriza o presente da 2.ª e 3.ª conjug.: *vend-a*, *part-a*;

c) -*sse*- caracteriza o pretérito imperfeito: *canta-sse*, *vende-sse*, *parti-sse*;

d) -*r*- (-*re*-) caracteriza o futuro: *cant-a-r*, *vend-e-r*, *part-i-r*;

3) Para as *Formas Nominais*:

a) -*ndo* caracteriza o gerúndio: *canta-ndo*, *vende-ndo*, *parti-ndo*;

b) -*do* caracteriza o particípio: *canta-do*, *vendi-do*, *parti-do*;

c) -*r* caracteriza o infinitivo: *canta-r*, *vende-r*, *parti-r*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Nem todas as formas verbais se apresentam com desinências e vogal temática.

2.ª) As características temporais terminadas em -*a* (imperf., m.-q.-perf. do ind. e futuro apresentam esta vogal alterada em *e* na 2.ª pessoa do plural, graças ao contato com a desinência pessoal -*is* que provoca a ditongação *eis*: eu *cantava*, vós *cantáveis*; eu *devia*, vós *devíeis*; eu *partia*, vós *partíeis*; eu *cantara*, vós *cantáreis*; eu *cantaria*, vós *cantaríeis*). O mesmo ocorre com a 1.ª pess. do fut. do presente: *cant-a-re-i*.

3.ª) As desinências pessoais (cf. abaixo) do pretérito perfeito servem, por acumulação, para caracterizar o tempo e modo do verbo.

As desinências número-pessoais são:

SINGULAR	1.ª pessoa: Ø, -*o* (só no pres. ind.), -*i* (só no pret. perf. do ind. e futuro do presente)[1]
	2.ª pessoa: -*s*, -*ste*[2] (só no pret. perf. do ind.) e Ø no imperativo
	3.ª pessoa: Ø, -*u* (só no pret. perf. do ind.)
PLURAL	1.ª pessoa: -*mos*
	2.ª pessoa: -*is*, -*des* (só no fut. do subj., inf. flex. e pres. do ind. de alguns verbos irregulares), -*stes* (só no pret. perfeito do ind.), -*i*(*s*) (no imperativo).
	3.ª pessoa: -*m* (indica que a vogal precedente é nasal).

1. O travessão indica ausência de desinência.

2. Cuidado especial hão de merecer estas desinências (-*ste*, singular, e -*stes*, plural) para que, por falsa analogia, não passem a -*stes* (singular) e -*steis* (plural): tu *comestes* por *comeste*), vós *comesteis* (por *comestes*).

Observações sobre as desinências número-pessoais.

1.ª pessoa do singular: geralmente falta a desinência de 1.ª pessoa do singular, exceto no presente do indicativo, onde aparece a desinência -*o*:

cant-*o*,	vend-*o*,	part-*o*

No pretérito perfeito do indicativo e futuro do presente aparece a desinência -*i*:

cante-*i*,	vend-*i*,	part-*i*
canta-re-*i*,	vende-re-*i*,	parti-re-*i*

2.ª pessoa do singular: a desinência geral é -*s*; no pretérito perfeito do indicativo -*ste;* Ø no imperativo:

canta-*s*,	canta-re-*s*,	canta-*ste*,	canta tu.
vende-*s*,	vende-re-*s*,	vende-*ste*,	vende tu.
parte-*s*,	parti-re-*s*,	parti-*ste*,	parte tu.

3.ª pessoa do singular: geralmente falta a desinência de 3.ª pess. do singular; só o pretérito perfeito do indicativo é que apresenta -*u*:

canto-*u*,	vende-*u*,	parti-*u*

1.ª pessoa do plural: a desinência é sempre -*mos*:

canta-*mos*,	vende-*mos*,	parti-*mos*

2.ª pessoa do plural: a desinência é -*is*; aparece -*des* no futuro do subjuntivo, infinitivo flex. e no presente do indicativo de alguns verbos irregulares (ter, vir, pôr, ver, rir, ir); o pret. perfeito do indicativo apresenta -*stes*, e o imperativo -*i* (na 3.ª conj. há crase com a vogal temática):

canta-*is*,	vende-*is*,	part-*is*
canta-r-*des*,	vende-r-*des*,	parti-r-*des*
canta-*stes*,	vende-*stes*,	parti-*stes*
canta-*i*,	vende-*i*,	part-*i*.

3.ª pessoa do plural: a desinência é -*m*, que nasaliza a vogal precedente:

canta-*m*,	vende-*m*,	parte-*m*
canta-re-*m*,	vende-re-*m*,	parti-re-*m*
canta-ra-*m*,	vende-ra-*m*,	parti-ra-*m*

OBSERVAÇÃO: No futuro do presente, dá-se uma ditongação; a nasalidade é indicada por til e se sobrepõe à característica temporal:

canta-*rão*,	vende-*rão*,	parti-*rão*

Tempos primitivos e derivados – No estudo dos verbos, principalmente dos irregulares, torna-se vantajoso o conhecimento das formas verbais que se derivam de outras chamadas *primitivas*.

1 – Praticamente do radical da 1.ª pessoa do presente do indicativo sai todo o presente do subjuntivo, bastando que se substitua a vogal final por *e*, nos verbos da 1.ª conjugação, e por *a* nos verbos da 2.ª e 3.ª conjugações:

	Presente do indicativo	*Presente do subjuntivo*
cantar	canto	cante
vender	vendo	venda
partir	parto	parta

Exceções:

ser	sou	seja
dar	dou	dê
estar	estou	esteja
haver	hei	haja

ir	vou	vá
querer	quero	queira
saber	sei	saiba

2 – Praticamente da 2.ª pessoa do singular e plural do presente do indicativo saem as 2.as pessoas do singular e plural do imperativo, bastando suprir o *s* final:

cantar	cantas,	cantais	canta,	cantai
vender	vendes,	vendeis	vende,	vendei
partir	partes,	partis	parte,	parti

Exceção: ser: *sê* (tu), *sede* (vós).

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Os verbos em *-zer* ou *-zir* podem ainda perder, na 2.ª pessoa do singular, o *e* final, quando o *z* não é precedido de consoante: *faze* (ou *faz*) tu, *traduze* (ou *traduz*) tu; mas *cirze* tu (cf. **Verbos defectivos e abundantes**, h).

2.ª) Para evitar os inconvenientes da homonímia que, pela identidade de formas, pode provocar ambiguidade com outras formas verbais, escritores portugueses se servem, às vezes, nos verbos da 3.ª conjungação, da antiga desinência *-ide* por *-i*:

Novas tenho e grandes novas, / Amigo, para vos dar: / Tomai esta chave e *abride* [AGa.1]

Ouvide-a e fazei o que Ela vos disser! [CBr *apud* MBa.3, 64-65].

O imperativo em português só tem formas próprias para as segundas pessoas; as pessoas que faltam são supridas pelos correspondentes do presente do subjuntivo. Não se usa o imperativo de 1.ª pessoa do singular como tal, mas com valor optativo. Por isto, estará assinalada nos paradigmas das formas imperativas. As terceiras pessoas do imperativo se referem a *você(s)*, e não a *ele(s)*. Também não se usa o imperativo nas orações negativas; neste caso empregam-se as formas correspondentes do presente do subjuntivo:

Imperativo afirmativo	*Imperativo negativo*
— eu	— eu
canta tu	não cantes tu
cante você, o senhor	não cante você, o senhor
cantemos nós	não cantemos nós
cantai vós	não canteis vós
cantem vocês, os senhores	não cantem vocês, os senhores.

3 – Do tema do pretérito perfeito do indicativo (que praticamente se acha suprimindo a desinência pessoal da 1.ª pessoa do plural ou 2.ª do singular) saem:

a) o mais-que-perfeito do indicativo, com o acréscimo de *-ra* (*-re*):

-ra, *-ra-s*, *-ra*, *-ra-mos*; *-re-is*; *-ra-m*;

b) o imperfeito do subjuntivo, com o acréscimo de *-sse*:

-sse, *-sse-s*, *-sse*; *-sse-mos*; *-sse-m*;

c) o futuro do subjuntivo, com o acréscimo de *-r* (*-re*):

-r, *-re-s*, *-r*, *-r-mos*; *-r-des*; *-re-m*.

Tema do pret. perf.	*M. q. perf. ind.*	*Imperf. subj.*	*Fut. subj.*
vi (-mos)	vira	visse	vir
vie (-mos)	viera	viesse	vier
coube (-mos)	coubera	coubesse	couber
puse (-mos)	pusera	pusesse	puser
fo (-mos)	fora	fosse	for

4 – Do infinitivo não flexionado se formam:

a) futuro do presente, com o acréscimo ao tema de *-ra* (*re*) tônico:

-re-i, *-rá-s*, *-rá*, *-re-mos*, *-re-is*, *-rã-o*.

b) futuro do pretérito, com o acréscimo de *-ria* (*rie*):

-ria, *-ria-s*, *-ria*, *-ría-mos*, *-ríe-is*, *-ria-m*.

Infinitivo	*Futuro do presente*	*Futuro do pretérito*
cantar	cantarei	cantaria
	cantarás	cantarias
	cantará	cantaria
	cantaremos	cantaríamos
	cantareis	cantaríeis
	cantarão	cantariam

Exceções: *dizer*, *fazer*, *trazer*, que fazem *direi*, *farei*, *trarei*, *diria*, *faria*, *traria*.

c) imperfeito do indicativo, com o acréscimo de *-va* (*ve*), na 1.ª conjugação, e *-ia* (*-ie*), na 2.ª e 3.ª:

cant-a-va, cant-a-va-s, cant-a-va, cant-á-va-mos, cant-á-ve-is, cant-a-va-m
vend-ia, vend-ia-s, vend-ia, vend-ía-mos, vend-íe-is, vend-ia-m
part-ia, part-ia-s, part-ia, part-ía-mos, part-íe-is, part-ia-m.

À parte, temos:

a) *ser* (era, eras, etc.)
b) *ter* (tinha, tinhas, etc)
c) *vir* (vinha, vinhas, etc.)
d) *pôr* (punha, punhas, etc.)

A sílaba tônica nos verbos: formas rizotônicas e arrizotônicas – RIZOTÔNICA é a forma verbal cuja sílaba tônica se acha numa das sílabas do radical:

quero, canto, canta, vendem, feito

ARRIZOTÔNICA é a forma verbal cuja sílaba tônica se acha fora do radical:

queremos, cantais, direi, vendido

A língua portuguesa é mais rica de formas rizotônicas.

São normalmente rizotônicas: *a*) as três pessoas do singular e a 3.ª do plural do presente do indicativo e do subjuntivo, e as correspondentes do imperativo; *b*) os particípios irregulares; *c*) a 1.ª pessoa e 3.ª do singular do pretérito perfeito dos verbos irregulares fortes: *coube*, *fiz*, *fez*.

Nos verbos defectivos, em geral, faltam as formas rizotônicas.

Em vista do exposto, as três pessoas do singular e a 3.ª do plural do pres. do indic. e subjuntivo têm sempre acentuada a penúltima sílaba: *frutifico*, *vociferas, sentencia*, *trafegam*.

Exceções:

a) *resfolegar* e *tresfolegar* fazem *resfólego*, *resfólegas*, *resfólega*, *resfólegam*, etc. Existem ainda as formas reduzidas *resfolgar* e *tresfolgar*, de acentuação regular: *resfolgo*, *tresfolgo*, etc.

b) *mobiliar* faz *mobílio*, *mobílias*, *mobília*, *mobiliamos*, *mobiliais*, *mobíliam*; *mobílie*, *mobílies*, *mobílie*, etc. Existem ainda as formas *mobilar* 60 e *mobilhar*, que se conjugam de acordo com a regra geral: *mobilo*, *mobilas*; *mobilho*, *mobilhas*, etc.

Mobilar é forma de pouca aceitação entre brasileiros: "Eu vivia encantonada na sala da frente, que ia de oitão a outro, com várias sacadas para o largo, mobiliada (atenção revisor: não ponha "mobilada", que é palavra que eu detesto) com uma cama de vento, uma cadeira e um lavatório de ferro" [MB.1, 459-460].

Alternância vocálica ou metafonia – Assim se chama a mudança de timbre que sofre a vogal do radical de um vocábulo na forma rizotônica. Muitos verbos da língua portuguesa apresentam este fenômeno:

ferver: fervo, ferves, ferve, fervemos, ferveis, fervem (o *e* tônico é fechado na 1.ª pessoa do sing. e na 1.ª e 2.ª pessoa do plural; nas outras, é de timbre aberto).

Na 1.ª conjugação:

a) a vogal *a*, não seguida de *m*, *n* ou *nh*, passa a ser proferida bem aberta:

falar: falo, falas, fala, falamos, falais, falam

chamar: chamo, chamas, chama, chamamos, chamais, chamam

b) ao *e* fechado corresponde *e* aberto, exceto quando não vem seguido de *m*, *n*, *nh*, *j*, *x*, *ch*, *lh*:

levar: levo, levas, leva, levamos, levais, levam

remar: remo, remas, rema, remamos, remais, remam

alvejar: alvejo, alvejas, alveja, alvejamos, alvejais, alvejam

pretextar: pretexto, pretextas, pretexta, pretextamos, pretextais, pretextam

fechar: fecho, fechas, fecha, fechamos, fechais, fecham

aparelhar: aparelho, aparelhas, aparelha, aparelhamos, aparelhais, aparelham

Exceções: *invejar* (tem *e* aberto); *chegar*, *ensebar* não sofrem metafonia.

Pesar, no sentido de *causar tristeza*, *desprezar*, é arrolado também como exceção; porém, no Brasil, o uso mais corrente é conjugá-lo como *levar*. Os gramáticos recomendam-no com *e*

fechado: *pesa*, *pesam*; *pese*, *pesem*, etc. (é verbo defectivo, só usado nas terceiras pessoas).

c) a vogal *o* passa a *o* aberto quando não seguida de *m*, *n*, *nh* ou o verbo não termina por -*oar*:

tocar: toco, tocas, toca, tocamos, tocais, tocam

sonhar: sonho, sonhas, sonha, sonhamos, sonhais, sonham

perdoar: perdoo, perdoas, perdoa, perdoamos, perdoais, perdoam.

Na 2.ª conjugação:

a) as vogais tônicas *e* e *o* soam com timbre aberto na 2.ª e 3.ª pessoa do singular e na 3.ª do plural do pres. do ind. e na 2.ª pess. sing. do imperativo afirmativo, salvo se vierem seguidas de *m*, *n* ou *nh*:

dever: devo (ê), deves (é), deve (é), devemos, deveis, devem (é)

roer: rói, roei (ô)

volver: volvo (ô), volves (ó), volve (ó), volvemos, volveis, volvem (ó)

temer: temo (ê), temes (ê), teme (ê), tememos, temeis, temem

comer: como (ô), comes (ô), come (ô), etc.

Exceções: *querer* e *poder* têm a vogal tônica aberta na 1.ª pess. do sing.

Na 3.ª conjugação:

a) a vogal *e*, última do radical, sofre alternâncias diversas quando nela recai o acento tônico:

1 – Passa a *i* na 1.ª pess. do sing. do indic. e em todo o presente do subj. e *e* aberto na 2.ª e 3.ª pess. sing. e 3.ª do plural do pres. do indic. e 2.ª pess. sing. do imperativo nos verbos:

aderir, advertir, aferir, assentir, auferir, compelir, competir, concernir, conferir, conseguir, consentir, convergir, deferir, desferir, desmentir, despir, desservir, diferir, digerir, discernir, dissentir, divergir, divertir, expelir, ferir, impelir, ingerir, mentir, preferir, pressentir, preterir, proferir, prosseguir, referir, refletir, repelir, repetir, seguir, servir, sugerir, transferir, vestir:

vestir: visto, vestes, veste, etc.

OBSERVAÇÃO: Se o *e* for nasal mantém-se inalterável, exceto na 1.ª pess. singular do pres. do ind. e em todo o pres. do subj., onde passa a *i*: sentir: *sinto*, *sentes*, *sente*, etc.

2 – Passa a *i* nas três pessoas do singular e 3.ª do plural do presente do indicativo, em todo o pres. do subj. e imperativo, salvo, neste, a 2.ª pessoa do plural:

agredir, cerzir, denegrir, prevenir, progredir, regredir, transgredir, e remir (este defectivo, cf. **Verbos defectivos e abundantes**).

Pres. ind.: agrido, agrides, agride, agredimos, agredis, agridem

Pres. subj.: agrida, agridas, agrida, etc.

Imper. afirm.: agride, agrida, agridamos, agredi, agridam

3 – os verbos *medir*, *pedir*, *despedir*, *impedir* e (derivados) têm *e* aberto nas formas rizotônicas, isto é, nas três pessoas do singular e 3.ª do plural do presente do indicativo e subjuntivo, e no imperativo afirmativo, exceto, neste, na 2.ª pessoa do plural:

medir – pres. ind.: meço, medes, mede, medimos, medis, medem
pres. subj.: meça, meças, meça, etc.
imper. afirm.: mede, meça, meçamos, medi, meçam

4 – Os verbos *aspergir*, *emergir*, *imergir* e *submergir* têm *e* tônico fechado na 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo (e formas que daí se derivam); têm *e* aberto na 2.ª e 3.ª do singular e 3.ª do plural do presente do indicativo (e formas que daí se derivam):

aspergir: asperjo (ê), asperges (é), asperge (é), aspergimos, aspergis, aspergem (é).

b) a vogal *o* sofre também alternâncias diferentes, quando nela recai o acento tônico:

1 – Passa a *u* na 1.ª pessoa sing. do pres. ind., em todo o pres. do subj. e no imperativo, salvo, neste, a 2.ª pess. do singular e plural; e passa a *o* aberto na 2.ª e 3.ª sing. e 3.ª do plural do pres. ind. e 2.ª do singular do imperativo:

dormir – pres. ind.: durmo, dormes, dorme, dormimos, dormis, dormem
pres. subj.: durma, durmas, durma, etc.
imper. afirm.: dorme, durma, durmamos, dormi, durmam

Assim se conjugam *cobrir*, *descobrir*, *encobrir*, *recobrir*, *tossir*. *Dormir* e *tossir* são regulares no particípio: *dormido*, *tossido*.

Para a conjugação de *engolir* e *desengolir* que, a rigor, deveriam seguir este modelo, veja-se o que se diz mais adiante.

2 – Passa a *u* nas três pessoas do sing. e 3.ª do plural do presente do indicativo, em todo o pres. do subjuntivo e no imperativo afirmativo, exceto, neste, a 2.ª pessoa do plural:

sortir – pres. ind.: surto, surtes, surte, sortimos, sortis, surtem
pres. subj.: surta, surtas, surta, etc.
imperat. afirma.: surte, surta, surtamos, sorti, surtam

Por este modelo se conjugam *despolir* e *polir* (cf. **Verbos defectivos e abundantes**). Antigamente seguiam este paradigma *cortir* e *ordir*, hoje grafados *curtir* e *urdir* e de conjugação regular.

c) a vogal *u* da penúltima sílaba do radical passa a *o* aberto na 2.ª e 3.ª pess. do singular e 3.ª do plural do presente do indicativo e na 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo:

acudir – pres. ind.: acudo, acodes (ó), acode (ó), acudimos, acudis, acodem (ó)
pres. subj.: acuda, acudas, acuda, etc.
imper. afirm.: acode (ó), acuda, acudamos, acudi, acudam

Assim se conjugam *bulir*, *cuspir*, *escapulir*, *fugir*, *sacudir*. *Consumir* e *sumir* têm o *o* fechado por estar seguido de *m*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) *Assumir*, *presumir*, *reassumir*, *resumir* são regulares: Pres. ind.: assumo, assumes, assumimos, assumis, assumem.

2.ª) os verbos em *-uir* não apresentam alternâncias vocálicas no radical; a 2.ª e 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo têm *is* e *i* em lugar de *es* e *e*, por haver ditongo oral:

constituir: pres. ind.: constituo, constituis, constitui, constituímos, constituís, constituem.

Assim se conjugam *anuir*, *arguir*, *atribuir*, *constituir*, *destituir*, *diluir*, *diminuir*, *estatuir*, *imbuir*, *influir*, *instituir*, *instruir*, *puir* (defectivo), *restituir*, *redarguir*, *ruir*.

3.ª) *Construir*, *desentupir*, *destruir*, *entupir* (e cognatos) seguem este modelo ou ainda admitem alternância do *u* em *o* aberto na 2.ª e 3.ª pessoa do sing. e 3.ª do plural do presente do indicativo e na 2.ª pessoa do sing. do imperativo afirmativo. *Entupir* e *desentupir* só se afastam do grupo porque apresentam *es* e *e* na 2.ª e 3.ª pessoa do sing. do pres. ind.: *entupo, entupes* (ou *entopes*), *entupe* (ou *entope*), *entupimos, entupis, entupem* (ou *entopem*).

construo, construis (ou *constróis*), *construi* (ou *constrói*), *construímos, construís, construem* (ou *constroem*).

Estes verbos são portanto abundantes. *Obstruir* é, entretanto, conjugado apenas como *constituir*. Cf. obs. 2.ª.

4.ª) *Engolir*, ainda que se escreva com *o*, segue o paradigma de *acudir*; para o Vocabulário de nossa Academia: *engulo, engoles, engole, engulimos, engulis, engolem.* Melhor fora, porém, conjugá-lo com *o* nas duas primeiras pessoas do plural do pres. do indicativo, desfazendo-se a incoerência.

d) a vogal *i* do radical do verbo *frigir* passa a *e* aberto na 2.ª e 3.ª pess. sing. e na 3.ª do plural do pres. do indicativo e na 2.ª pess. sing. do imperativo afirmativo:

Pres. ind.: frijo, freges, frege, frigimos, frigis, fregem

Imper. afirm.: frege, frija, frijamos, frigi, frijam

Não há metafonia, isto é, a vogal é proferida fechada, nos seguintes casos [SA.2, 113]:

1) quando a vogal tônica se acha no fim do radical:
crê, crês; *lê, lês*

2) quando integra os ditongos *ou, ei*:
douro, douras; *cheiro, cheiras*

3) no ditongo *oi* seguido de consoante:
pernoito, pernoitas

4) quando a vogal é seguida de consoante nasal:
como, comes

5) nos verbos terminados em *-ear*, *-elhar*, *-ejar* (exceto *invejar*) e *-oar*:
receio, receias; *aparelho, aparelhas*; *desejo, desejas*; *coroo, coroas*

6) nos verbos *chegar* e *ensebar*:
chego, chegas; *ensebo, ensebas*

Verbos notáveis quanto à pronúncia ou flexão

a) *aguar, desaguar, apaziguar, enxaguar, apropinquar, averiguar,* e afins podem ser conjugados de duas formas:

Pres. ind.: águo, águas, água, aguamos, aguais, águam / aguo, aguas, agua, aguamos, aguais, aguam

Pres. subj.: águe, águes, águe, aguemos, agueis, águem / ague, agues, ague, aguemos, aguis, aguem

b) *arguir* e *redarguir* não levam acento agudo na vogal tônica *u* nas formas rizotônicas:

Pres. ind.: arguo (ú), arguis (ú), argui (ú), arguímos, arguís, arguem (ú)

Pres. subj.: argua (ú), arguas (ú), argua (ú), arguamos, arguais, arguam (ú)

c) *Magoar*, conjuga-se:

Pres. ind.: magoo, magoas, magoa, magoamos, magoais, magoam

Pres. subj.: magoe, magoes, magoe, magoemos, magoeis, magoem

d) *Mobiliar*, conjuga-se:

Pres. ind.: mobílio, mobílias, mobília, mobiliamos, mobiliais, mobíliam

Pres. subj.: mobílie, mobílies, mobílie, mobiliemos, mobilieis, mobíliem

Observação: A variante *mobilar* apresenta-se regularmente: mobilo, mobilas, mobila, etc.

e) *Resfolegar* conjuga-se:

Pres. ind.: resfólego, resfólegas, resfólega, resfolegamos, resfolegais, resfólegam

Pres. subj.: resfólegue, resfólegues, resfólegue, resfoleguemos, resfolegueis, resfóleguem.

Observações:

1.ª) A forma contrata de *resfolegar* é *resfolgar*, que se apresenta regularmente: resfolgo, resfolgas, resfolga, etc.

2.ª) O substantivo é *resfôlego*, proparoxítono, com *o* tônico fechado.

f) *Dignar-se, indignar-se, obstar, optar, adaptar, pugnar, impugnar, ritmar, raptar,* conjugam-se:

Presente do indicativo

indigno-me (dí)	obsto (ó)	opto (ó)	impugno (ú)	ritmo (í)
indignas-te (dí)	obstas (ó)	optas (ó)	impugnas (ú)	ritmas (í)

indigna-se (dí)	obsta (ó)	opta (ó)	impugna (ú)	ritma (í)
indignamo-nos	obstamos	optamos	impugnamos	ritmamos
indignais-vos	obstais	optais	impugnais	ritmais
indignam-se (dí)	obstam (ó)	optam (ó)	impugnam (ú)	ritmam (í)

rapto (rá), *raptas* (rá), *rapta* (rá), *raptamos*, *raptais*, *raptam* (rá)

g) *Obviar* conjuga-se:

Pres. ind.: obvio (í), obvias (í), obvia (í), obviamos, obviais, obviam (í)

h) *Apiedar* e *moscar* conjugam-se:

apiedar – pres. ind.: apiedo, apiedas, apieda, apiedamos, apiedais, apiedam

A lição antiga de alguns gramáticos e ortógrafos confundia o arcaico *apiadar* e *apiedar* numa só conjugação, o que não aconselhamos:

Pres. ind.: apiado, apiadas, apiada, apiedamos, apiedais, apiadam (isto é, *a* nas formas rizotônicas e *e* nas arrizotônicas).

A mesma confusão existia com *moscar* e *muscar* (sumir-se):

Pres. ind.: musco, muscas, musca, moscamos, moscais, muscam (isto é, *u* nas formas rizotônicas e *o* nas arrizotônicas).

Mais certo será conjugarmos regularmente *moscar*:

Pres. ind.: mosco, moscas, mosca, moscamos, moscais, moscam; e *muscar*:

Pres. ind.: musco, muscas, musca, muscamos, muscais, muscam.

A correção, porém, talvez seja mais difícil, por serem muito pouco usados *moscar* e *muscar*.

i) Verbos com os ditongos fechados *ou* e *ei*: *roubar* e *inteirar*.

Conjugam-se não se reduzindo a vogais abertas *o* e *e*, respectivamente:

Roubar	*Inteirar*
roubo (e não *róbo*, etc.)	inteiro (e não *intéro*, etc.)
roubas	inteiras
rouba	inteira
roubamos	inteiramos
roubais	inteirais
roubam	inteiram

j) Verbos com os ditongos fechados *eu* e *oi*: tipos *endeusar* e *noivar*. Conjugam-se mantendo o ditongo sem que o *e* ou o *o* passem a timbre aberto: *endeuso, endeusas, endeusa,* etc.; *noivo, noivas, noiva,* etc.

OBSERVAÇÃO: O verbo *apoiar* tinha primitivamente fechado o ditongo; hoje é mais corrente proferi-lo aberto: *apoio*, *apoias*, etc.

k) Verbos com o hiato *au*, *ai* e *iu*: tipos *saudar*, *embainhar* e *amiudar*. Conjugam-se mantendo o hiato:

saudar	*embainhar*	*amiudar*
saúdo	embainho	amiúdo
saúdas	embainhas	amiúdas
saúda	embainha	amiúda
saudamos	embainhamos	amiudamos
saudais	embainhais	amiudais
saúdam	embainham	amiúdam

OBSERVAÇÃO: *Arraigar* (com hiato) passou desde cedo a *arraigar* (com ditongo, *ar-rai-gar*) e daí a *arreigar*. As formas com ditongo são mais frequentes, embora modernamente se tenha restabelecido *arraigar* com hiato. *Saudar* proferido com ditongo (*saudo, saudas,* etc.) ocorre aqui e ali nos poetas e se fixa no falar coloquial e popular.

Verbos terminados em -*zer*, -*zir*: tipos *fazer* e *traduzir* – Perdem o *e* final na 3.ª pess. sing. do presente do indicativo e na 2.ª pess. sing. do imperativo afirmativo (este caso não é obrigatório e até, com exagero, vem condenado pelos gramáticos), quando o *z* não é precedido de consoante:

fazer: faço, fazes, faz, etc. Imp. afirm.: faze (ou faz) tu
traduzir: traduzo, traduzes, traduz, etc. Imp. afirm.: traduze (ou traduz) tu
Mas, *cerzir*: cirzo, cirzes, cirze, etc.

Variações gráficas na conjugação – Muitas vezes altera-se a maneira de representar na escrita a última consoante do radical para conservar o mesmo som:

1 – os verbos terminados em -*car* e -*gar* mudam o *c* ou *g* em *qu* ou *gu*, quando tais consoantes são seguidas de *e*:

pecar: peco, peques; *cegar*: cego, cegues

2 – os verbos terminados em -*cer* ou -*cir* têm *c* cedilhado antes de *a* ou *o*:

conhecer – conheço, conheces, conhece; *ressarcir* – ressarço, ressarces

3 – os verbos terminados em -*çar* perdem a cedilha antes do *e*:

começar – começo, comeces

4 – os verbos terminados em -*ger* ou -*gir* mudam o *g* em *j* antes de *a* ou *o*:

eleger – elejo, eleges; *fugir* – fujo, foges

5 – os verbos terminados em -*guer* ou -*guir* perdem o *u* antes de *a* ou *o*:

erguer – ergo, ergues, erga
conseguir – consigo, consegues, consiga

A vogal *e* passa a ser grafada *i* quando entra num ditongo *oral* (verbos em -*uir*): atribuo, atribu*is*, atribu*i*.

Estas variações gráficas não constituem irregularidades de conjugação, não havendo, por isso, verbos irregulares gráficos.

Verbos em -*ear* e -*iar* – Os verbos em -*ear* trocam o *e* por *ei* nas formas rizotônicas:

Nomear – pres. ind.: nom*ei*o, nom*ei*as, nom*ei*a, nom*e*amos, nom*e*ais, nom*ei*am.
pres. subj.: nom*ei*e, nom*ei*es, nom*ei*e, nom*e*emos, nom*e*eis, nom*ei*em.
imp. afirm.: nom*ei*a, nom*ei*e, nom*e*emos, nom*e*ai, nom*ei*em.

Os verbos em -*iar* são conjugados regularmente:

Premiar – pres. ind.: premio, premias, premia, premiamos, premiais, premiam.
pres. subj.: premie, premies, premie, etc.
imp. afirm.: premia, premie, premiemos, premiai, premiem.

Cinco verbos em -*iar* se conjugam, nas formas rizotônicas, como se terminassem em -*ear* (MARIO é o anagrama que deles se pode formar):

mediar: med*ei*o, med*ei*as, med*ei*a, mediamos, mediais, med*ei*am

ansiar: ans*ei*o, ans*ei*as, ans*ei*a, ansiamos, ansiais, ans*ei*am

remediar: remed*ei*o, remed*ei*as, remed*ei*a, remediamos, remediais, remed*ei*am

incendiar: incend*ei*o, incend*ei*as, incend*ei*a, incendiamos, incendiais, incend*ei*am

odiar: od*ei*o, od*ei*as, od*ei*a, odiamos, odiais, od*ei*am

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Enquanto no Brasil já vamos conjugando os verbos em -*ear* e -*iar* pelo que acabamos de expor, entre os portugueses ainda se notam vacilações em muitos que, grafados com -*iar*, deveriam seguir o modelo de *premiar*, mas se acostam ao de *nomear*, dada a homofonia dos dois finais na fala corrente: além do próprio *premiar*, *agenciar*, *comerciar*, *licenciar*, *negociar*, *penitenciar*, *obsequiar*, *presenciar*, *providenciar*, *reverenciar*, *sentenciar*, *vangloriar*, *vitoriar*, *evidenciar*, *glorificar*, *diligenciar* e outros.

2.ª) Hoje não fazemos distinção entre *crear* (tirar do nada, dar existência) e *criar* (educar, cultivar, promover o desenvolvimento), usando apenas *criar* para ambos os casos, que se conjuga como *premiar*. Entre escritores modernos, porém, podem ocorrer exemplos de *crear*, conjugado como *nomear*.

3.ª) A diferença de conjugação torna-se imperiosa nos parônimos: *afear* e *afiar*; *arrear* e *arriar*; *estrear* e *estriar*; *vadear* e *vadiar*, etc.

Quando grafar -*ear* ou -*iar* – Grafam-se com -*ear* os verbos que possuem formas substantivas ou adjetivas cognatas terminadas em:

a) -*é*, -*eio*, -*eia*, -*éia*:

pé – apear ceia – cear
passeio – passear ideia – idear
Exceção: fé – fiar

b) consoante ou pelas vogais átonas -*a*, -*e*, -*o* precedidas de consoante:

mar – marear pente – pentear
casa – casear branco – branquear
Exceções: amplo – ampliar lume – alumiar
breve – abreviar sede – sediar
finança – financiar êxtase – extasiar
graça – agraciar

Incluem-se entre os verbos em -*ear*: *atear*, *bambolear*, *bruxulear*, *cecear*, *derrear*, *favonear*, *pavonear*, *semear*, *vadear*.

Grafam-se com -*iar* os verbos que possuem formas substantivas cognatas terminadas em:

a) -*io*, -*ia*:

alívio – aliviar delícia – deliciar
sócio – associar polícia – policiar
óbvio – obviar assovio – assoviar

b) -*ânsia*, -*ência*, -*ença*:

distância – distanciar presença – presenciar
diligência – diligenciar sentença – sentenciar

Incluem-se no rol dos verbos em *-iar*: *anuviar*, *apreciar*, *depreciar*, *saciar*.

OBSERVAÇÃO: Muitas vezes o final *-ear* ou *-iar* se pode alternar com o simples *-ar*: *azular* ou *azulear*; *bajar* ou *bagear* (produzir vagens); *diferenciar* ou *diferençar*; *balançar* ou *balancear*, *homicidar* ou *homicidiar*, etc.

Erros frequentes na conjugação de alguns verbos

a) *Vir* e seus derivados

No presente do indicativo temos: *venho, vens, vem, vimos* (e não *viemos*), *vindes, vêm*.

No pretérito perfeito do indicativo: *vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.*

O gerúndio é igual ao particípio, porque neste desapareceu a vogal temática: *vindo* (vi-ndo) e *vindo* (vin-i-do).

Notem-se estes enganos comuns nos derivados de *vir*, no pret. perf. ind.:

Os guardas *interviram* na discussão (em lugar de *intervieram*).

A professora *interviu* no caso (em lugar de *interveio*).

O futuro do subjuntivo é *vier*: Quando eu *vier*... (e não *vir*):

E, incapazes de negar a beleza (...) assaltaram a ave de Juno (...) *intervieram* para impor silêncio o leão e o tigre [JR.2, 200].

O Senhor Araña y Araña *conveio* em que o panorama era magnificente (...) [JR.2, 189].

b) *Ver* e seus derivados

Prover não se conjuga como *ver* no:

pret. perf. ind.: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram
m.-q.-perf. ind.: provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram
imperf. subj.: provesse, provesses, provesse, provêssemos, provêsseis, provessem
fut. subj.: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem
particípio: provido

Rever é conjugado como *ver*; por isso está errada a flexão em:

A aluna *reveu* (em vez de *reviu*) a prova.

Antever é conjugado como *ver* e, por isso, enganou-se o nosso Casimiro de Abreu ao escrever:

"Quem *antevera* (com *e*) que dum povo a ruína
Pelo seu próprio rei cavada fosse?" [SS.4, 34].

O futuro do subjuntivo é *vir*:

Quando eu vier à cidade e *vir* oportunidade de comprá-lo, então o farei (e não ver!).

c) Precaver-se.

É verbo defectivo que nada tem com *ver* ou *vir*; por isso evite-se dizer

Eu me *precavejo* ou Eu me *precavenho*.

Precavejam-se ou *Precavenham-se*.

Para sua conjugação, veja-se **Verbos defectivos e abundantes**.

d) *Reaver*.

É verbo defectivo, derivado de *haver*, que só se conjuga nas formas em que este possui *-v-*. Não se deve dizer: Eu *reavejo* ou Eu *reavenho*

Cuidado especial merece também o pret. perf.: *reouve*, *reouveste*, *reouve*, *reouvemos*,

reouvestes, *reouveram*.

Por isso evitem-se empregos como: *eu reavi*, *ele reaveu*, etc. Cf. **Verbos defectivos e abundantes**.

e) *Ter* e seus derivados

Deter, derivado de *ter*, conjuga-se como este. Logo está errada a frase:

O policial *deteu* (por *deteve*!) o criminoso.

Sirva de exemplo o caso que vou referir, segundo o texto autorizado de um doutor que (...) *entreteve* um diálogo com um dos últimos gregos [JR.2, 183].

f) *Pôr* e seus derivados.

Opor é derivado de *pôr* e por ele se modela na conjugação. Assim enganou-se o poeta Porto-Alegre nestes versos, usando *opor* em vez de *opuser*:

"Se aos paternos errores de contraste,
E à minha influição *opor* virtudes" [PA.1, II, 154 *apud* SS.4, 34].

g) *Estar* e seus derivados.

Sobrestar é derivado de *estar* e por ele se conjuga; porém, costuma-se ver modelado pelo verbo *ter*, como se fosse *sobrester*. Assim não está certo o seguinte exemplo de Alberto de Oliveira:

"Deixando a enferma, *sobrestenho* o passo" [AO.2 *apud* SS.4].

h) *Haver-se* e *avir-se*.

Estes verbos têm empregos diferentes. *Haver-se* (com alguém) significa:

1) *proceder*, *portar-se*:

"Ele, porém, *houve-se* com a maior delicadeza" [MA.1, 364].

2) *ser chamado a ordem*, *entrar em disputa com alguém*, *conciliar*, e aparece nas ameaças:

Ele tem de *se haver* comigo.

"Aquele que sobre ti lançar vistas de amor ou de cobiça, comigo *se haverá*" [MP.1, 139 *apud* SS.1, 361].

3) *conciliar*

Avir-se é sinônimo de *haver-se*, no sentido 3), isto é, significa *entrar em acordo com*, *conciliar*:

"Lá *se avenham* os sorveteiros com Boileau" [FE.2, V, 46 *apud* RB.1, 391 nota].

Desavir-se é o contrário de *avir-se*:

Os amigos *se desavieram* (e não *se desouveram*!) por muito pouco.

Erra-se frequentes vezes empregando-se, nas ameaças, *avir-se* por *haver-se*: Ele tem de *se avir* comigo (em lugar de *se haver*).

Paradigma dos verbos regulares

Com destaque dos elementos estruturais

1 – Conjugação simples

1.ª – ***Cant-a-r*** 2.ª – ***Vend-e-r*** 3.ª – ***Part-i-r***

MODO INDICATIVO

Presente

Cant-o	Vend-o	Part-o
Cant-a-s	Vend-e-s	Part-e-s
Cant-a	Vend-e	Part-e
Cant-a-mos	Vend-e-mos	Part-i-mos
Cant-a-is	Vend-e-is	Part-is
Cant-a-m	Vend-e-m	Part-e-m

Pretérito imperfeito

Cant-a-va	Vend-ia	Part-ia
Cant-a-va-s	Vend-ia-s	Part-ia-s
Cant-a-va	Vend-ia	Part-ia
Cant-á-va-mos	Vend-ía-mos	Part-ía-mos
Cant-á-ve-is	Vend-íe-is	Part-íe-is
Cant-a-va-m	Vend-ia-m	Part-ia-m

Pretérito perfeito

Cant-e-i	Vend-i	Part-i
Cant-a-ste	Vend-e-ste	Part-i-ste
Cant-o-u	Vend-e-u	Part-i-u
Cant-a-mos	Vend-e-mos	Part-i-mos
Cant-a-stes	Vend-e-stes	Part-i-stes
Cant-a-ra-m	Vend-e-ra-m	Part-i-ra-m

Pretérito mais-que-perfeito

Cant-a-ra	Vend-e-ra	Part-i-ra
Cant-a-ra-s	Vend-e-ras	Part-i-ra-s
Cant-a-ra	Vend-e-ra	Part-i-ra
Cant-á-ra-mos	Vend-ê-ra-mos	Part-í-ra-mos
Cant-á-re-is	Vend-ê-re-is	Part-í-re-is
Cant-a-ra-m	Vend-e-ra-m	Part-i-ra-m

Futuro do presente

Cant-a-re-i	Vend-e-re-i	Part-i-re-i
Cant-a-rá-s	Vend-e-rá-s	Part-i-rá-s
Cant-a-rá	Vend-e-rá	Part-i-rá

Cant-a-re-mos	Vend-e-re-mos	Part-i-re-mos
Cant-a-re-is	Vend-e-re-is	Part-i-re-is
Cant-a-rã-o	Vend-e-rã-o	Part-i-rã-o

Futuro do pretérito

Cant-a-ria	Vend-e-ria	Part-i-ria
Cant-a-ria-s	Vend-e-ria-s	Part-i-ria-s
Cant-a-ria	Vend-e-ria	Part-i-ria
Cant-a-ría-mos	Vend-e-ría-mos	Part-i-ría-mos
Cant-a-ríe-is	Vend-e-ríe-is	Part-i-ríe-is
Cant-a-ria-m	Vend-e-ria-m	Part-i-ria-m

MODO SUBJUNTIVO

Presente

Cant-e	Vend-a	Part-a
Cant-e-s	Vend-a-s	Part-a-s
Cant-e	Vend-a	Part-a
Cant-e-mos	Vend-a-mos	Part-a-mos
Cant-e-is	Vend-a-is	Part-a-is
Cant-e-m	Vend-a-m	Part-a-m

Pretérito Imperfeito

Cant-a-sse	Vend-e-sse	Part-i-sse
Cant-a-sse-s	Vend-e-sse-s	Part-i-sse-s
Cant-a-sse	Vend-e-sse	Part-i-sse
Cant-á-sse-mos	Vend-ê-sse-mos	Part-í-sse-mos
Cant-á-sse-is	Vend-ê-sse-is	Part-í-sse-is
Cant-a-sse-m	Vend-e-sse-m	Part-i-sse-m

Futuro

Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r
Cant-a-re-s	Vend-e-re-s	Part-i-re-s
Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r
Cant-a-r-mos	Vend-e-r-mos	Part-i-r-mos
Cant-a-r-des	Vend-e-r-des	Part-i-r-des
Cant-a-re-m	Vend-e-re-m	Part-i-re-m

MODO IMPERATIVO

Afirmativo

Cant-a tu	Vend-e tu	Part-e tu
Cant-e você	Vend-a você	Part-a você
Cant-e-mos nós	Vend-a-mos nós	Part-a-mos nós
Cant-a-i vós	Vend-e-i vós	Part-i vós
Cant-e-m vocês	Vend-a-m vocês	Part-a-m vocês

Negativo

Não cant-e-s tu	Não vend-a-s tu	Não part-a-s tu
Não cant-e você	Não vend-a você	Não part-a você
Não cant-e-mos nós	Não vend-a-mos nós	Não part-a-mos nós
Não cant-e-is vós	Não vend-a-is vós	Não part-a-is vós
Não cant-e-m vocês	Não vend-a-m vocês	Não part-a-m vocês

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo

Não flexionado

Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r

Flexionado

Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r
Cant-a-re-s	Vend-e-re-s	Part-i-re-s
Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r
Cant-a-r-mos	Vend-e-r-mos	Part-i-r-mos
Cant-a-r-des	Vend-e-r-des	Part-i-r-des
Cant-a-re-m	Vend-e-re-m	Part-i-re-m

Gerúndio

Cant-a-ndo	Vend-e-ndo	Part-i-ndo

Particípio

Cant-a-do	Vend-i-do	Part-i-do

MODO INDICATIVO

Pretérito perfeito composto

Tenho cantado	Tenho vendido	Tenho partido
Tens cantado	Tens vendido	Tens partido
Tem cantado	Tem vendido	Tem partido
Temos cantado	Temos vendido	Temos partido
Tendes cantado	Tendes vendido	Tendes partido
Têm cantado	Têm vendido	Têm partido

Pretérito mais-que-perfeito composto

Tinha cantado	Tinha vendido	Tinha partido
Tinhas cantado	Tinhas vendido	Tinhas partido
Tinha cantado	Tinha vendido	Tinha partido
Tínhamos cantado	Tínhamos vendido	Tínhamos partido
Tínheis cantado	Tínheis vendido	Tínheis partido
Tinham cantado	Tinham vendido	Tinham partido

Futuro do presente composto

Terei cantado	Terei vendido	Terei partido
Terás cantado	Terás vendido	Terás partido
Terá cantado	Terá vendido	Terá partido
Teremos cantado	Teremos vendido	Teremos partido
Tereis cantado	Tereis vendido	Tereis partido
Terão cantado	Terão vendido	Terão partido

Futuro do pretérito composto

Teria cantado	Teria vendido	Teria partido
Terias cantado	Terias vendido	Terias partido
Teria cantado	Teria vendido	Teria partido
Teríamos cantado	Teríamos vendido	Teríamos partido
Teríeis cantado	Teríeis vendido	Teríeis partido
Teriam cantado	Teriam vendido	Teriam partido

MODO SUBJUNTIVO

Pretérito perfeito

Tenha cantado	Tenha vendido	Tenha partido
Tenhas cantado	Tenhas vendido	Tenhas partido
Tenha cantado	Tenha vendido	Tenha partido
Tenhamos cantado	Tenhamos vendido	Tenhamos partido
Tenhais cantado	Tenhais vendido	Tenhais partido
Tenham cantado	Tenham vendido	Tenham partido

Pretérito mais-que-perfeito

Tivesse cantado	Tivesse vendido	Tivesse partido
Tivesses cantado	Tivesses vendido	Tivesses partido
Tivesse cantado	Tivesse vendido	Tivesse partido
Tivéssemos cantado	Tivéssemos vendido	Tivéssemos partido
Tivésseis cantado	Tivésseis vendido	Tivésseis partido
Tivessem cantado	Tivessem vendido	Tivessem partido

Futuro composto

Tiver cantado	Tiver vendido	Tiver partido
Tiveres cantado	Tiveres vendido	Tiveres partido
Tiver cantado	Tiver vendido	Tiver partido
Tivermos cantado	Tivermos vendido	Tivermos partido
Tiverdes cantado	Tiverdes vendido	Tiverdes partido
Tiverem cantado	Tiverem vendido	Tiverem partido

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo

Não flexionado composto

Ter cantado	Ter vendido	Ter partido

Flexionado composto

Ter cantado	Ter vendido	Ter partido
Teres cantado	Teres vendido	Teres partido
Ter cantado	Ter vendido	Ter partido
Termos cantado	Termos vendido	Termos partido
Terdes cantado	Terdes vendido	Terdes partido
Terem cantado	Terem vendido	Terem partido

Gerúndio composto

Tendo cantado	Tendo vendido	Tendo partido

Conjugação de verbos auxiliares mais comuns

1 – Conjugação simples

Ser	***Estar***	***Ter***	***Haver***
		MODO INDICATIVO	
		Presente	
Sou	Estou	Tenho	Hei
És	Estás	Tens	Hás
É	Está	Tem	Há
Somos	Estamos	Temos	Havemos
Sois	Estais	Tendes	Haveis
São	Estão	Têm [1]	Hão
		Pretérito Imperfeito	
Era	Estava	Tinha	Havia
Eras	Estavas	Tinhas	Havias
Era	Estava	Tinha	Havia
Éramos	Estávamos	Tínhamos	Havíamos
Éreis	Estáveis	Tínheis	Havíeis
Eram	Estavam	Tinham	Haviam
		Pretérito perfeito	
Fui	Estive	Tive	Houve
Foste	Estiveste	Tiveste	Houveste
Foi	Esteve	Teve	Houve
Fomos	Estivemos	Tivemos	Houvemos
Fostes	Estivestes	Tivestes	Houvestes
Foram	Estiveram	Tiveram	Houveram
		Pretérito mais-que-perfeito	
Fora	Estivera	Tivera	Houvera
Foras	Estiveras	Tiveras	Houveras

Fora	Estivera	Tivera	Houvera
Fôramos	Estivéramos	Tivéramos	Houvéramos
Fôreis	Estivéreis	Tivéreis	Houvéreis
Foram	Estiveram	Tiveram	Houveram

Futuro do presente

Serei	Estarei	Terei	Haverei
Serás	Estarás	Terás	Haverás
Será	Estará	Terá	Haverá
Seremos	Estaremos	Teremos	Haveremos
Sereis	Estareis	Tereis	Havereis
Serão	Estarão	Terão	Haverão

Futuro do pretérito

Seria	Estaria	Teria	Haveria
Serias	Estarias	Terias	Haverias
Seria	Estaria	Teria	Haveria
Seríamos	Estaríamos	Teríamos	Haveríamos
Seríeis	Estaríeis	Teríeis	Haveríeis
Seriam	Estariam	Teriam	Haveriam

MODO SUBJUNTIVO

Presente

Seja	Esteja	Tenha	Haja
Sejas	Estejas	Tenhas	Hajas
Seja	Esteja	Tenha	Haja
Sejamos	Estejamos	Tenhamos	Hajamos
Sejais	Estejais	Tenhais	Hajais
Sejam	Estejam	Tenham	Hajam

Pretérito imperfeito

Fosse	Estivesse	Tivesse	Houvesse
Fosses	Estivesses	Tivesses	Houvesses
Fosse	Estivesse	Tivesse	Houvesse
Fôssemos	Estivéssemos	Tivéssemos	Houvéssemos
Fôsseis	Estivésseis	Tivésseis	Houvésseis

Fossem	Estivessem	Tivessem	Houvessem

Futuro

For	Estiver	Tiver	Houver
Fores	Estiveres	Tiveres	Houveres
For	Estiver	Tiver	Houver
Formos	Estivermos	Tivermos	Houvermos
Fordes	Estiverdes	Tiverdes	Houverdes
Forem	Estiverem	Tiverem	Houverem

MODO IMPERATIVO

Afirmativo

Sê tu	Está tu	Tem tu[2]	Há tu
Seja você	Esteja você	Tenha você	Haja você
Sejamos nós	Estejamos nós	Tenhamos nós	Hajamos nós
Sede vós	Estai vós	Tende vós	Havei vós
Sejam vocês	Estejam vocês	Tenham vocês	Hajam vocês

Negativo

Não sejas tu	Não estejas tu	Não tenhas tu	Não hajas tu
Não seja você	Não esteja você	Não tenha você	Não haja você
Não sejamos nós	Não estejamos nós	Não tenhamos nós	Não hajamos nós
Não sejais vós	Não estejais vós	Não tenhais vós	Não hajais vós
Não sejam vocês	Não estejam vocês	Não tenham vocês	Não hajam vocês

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado

Ser	Estar	Ter	Haver

Infinitivo flexionado

Ser	Estar	Ter	Haver
Seres	Estares	Teres	Haveres
Ser	Estar	Ter	Haver
Sermos	Estarmos	Termos	Havermos
Serdes	Estardes	Terdes	Haverdes
Serem	Estarem	Terem	Haverem

Gerúndio

Sendo	Estando	Tendo	Havendo

Particípio

Sido	Estado	Tido	Havido

1. O *Vocabulário Oficial* só adota esta forma; porém, nos poetas pode ocorrer a pronúncia como dissílabo – *te-em-*, como dizem *creem*, *deem*, *leem*, *veem*. Ocorre o mesmo com *vêm* (de *vir*). Note-se, de passagem, que os dissílabos *creem*, *deem*, *leem*, *veem*, são pronúncias relativamente modernas. As formas antigas eram: *crem*, *dem*, *lem*, *vem*.

2. Com *m* final, e não com *n*.

2 – Conjugação composta

MODO INDICATIVO

Pretérito perfeito composto

Tenho	(ou hei)	sido, estado, tido, havido
Tens	(ou hás)	
Tem	(ou há)	
Temos	(ou havemos)	
Tendes	(ou haveis)	
Têm	(ou hão)	

Pretérito mais-que-perfeito composto

Tinha	(ou havia)	sido, estado, tido, havido
Tinhas	(ou havias)	
Tinha	(ou havia)	
Tínhamos	(ou havíamos)	
Tínheis	(ou havíeis)	
Tinham	(ou haviam)	

Futuro do presente composto

Terei	(ou haverei)	sido, estado, tido, havido
Terás	(ou haverás)	
Terá	(ou haverá)	
Teremos	(ou haveremos)	
Tereis	(ou havereis)	
Terão	(ou haverão)	

Futuro do Pretérito composto

Teria	(ou haveria)	sido, estado, tido, havido
Terias	(ou haverias)	
Teria	(ou haveria)	
Teríamos	(ou haveríamos)	
Teríeis	(ou haveríeis)	
Teriam	(ou haveriam)	

MODO SUBJUNTIVO

Pretérito perfeito

Tenha	(ou haja)	sido, estado, tido, havido
Tenhas	(ou hajas)	
Tenha	(ou haja)	
Tenhamos	(ou hajamos)	
Tenhais	(ou hajais)	
Tenham	(ou hajam)	

Pretérito mais-que-perfeito

Tivesse	(ou houvesse)	sido, estado, tido, havido
Tivesses	(ou houvesses)	
Tivesse	(ou houvesse)	
Tivéssemos	(ou houvéssemos)	
Tivésseis	(ou houvésseis)	
Tivessem	(ou houvessem)	

Futuro composto

Tiver	(ou houver)	sido, estado, tido, havido
Tiveres	(ou houveres)	
Tiver	(ou houver)	
Tivermos	(ou houvermos)	
Tiverdes	(ou houverdes)	
Tiverem	(ou houverem)	

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado composto

Ter	(ou haver)	sido, estado, tido, havido

Infinitivo flexionado composto

Ter	(ou haver)	sido, estado, tido, havido
Teres	(ou haveres)	
Ter	(ou haver)	
Termos	(ou havermos)	
Terdes	(ou haverdes)	
Terem	(ou haverem)	

Gerúndio

Tendo (ou havendo) sido, estado, tido, havido

Conjugação do verbo *pôr*

1 – Conjugação simples

MODO INDICATIVO

Presente	Pretérito imperfeito	Pretérito perfeito
Ponho	Punha	Pus
Pões	Punhas	Puseste
Põe	Punha	Pôs
Pomos	Púnhamos	Pusemos
Pondes	Púnheis	Pusestes
Põem	Punham	Puseram

Pretérito mais-que-perf.	Futuro do pretérito	Futuro do presente
Pusera	Poria	Porei
Puseras	Porias	Porás
Pusera	Poria	Porá
Puséramos	Poríamos	Poremos
Puséreis	Poríeis	Poreis
Puseram	Poriam	Porão

MODO SUBJUNTIVO

Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
Ponha	Pusesse	Puser
Ponhas	Pusesses	Puseres
Ponha	Pusesse	Puser
Ponhamos	Puséssemos	Pusermos
Ponhais	Puséssеis	Puserdes

Ponham	Pusessem	Puserem

MODO IMPERATIVO

Afirmativo	Negativo
Põe tu	Não ponhas tu
Ponha você	Não ponha você
Ponhamos nós	Não ponhamos nós
Ponde vós	Não ponhais vós
Ponham vocês	Não ponham vocês

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado	Infinitivo flexionado
Pôr	Pôr
	Pores
	Pôr
	Pormos
	Pordes
	Porem

Gerúndio	Particípio
Pondo	Posto

2 - Conjugação composta

MODO INDICATIVO

Pretérito perfeito composto		Pretérito mais-que-perfeito composto	
Tenho	posto	Tinha	posto
Tens	posto	Tinhas	posto
Tem	posto	Tinha	posto
Temos	posto	Tínhamos	posto
Tendes	posto	Tínheis	posto
Têm	posto	Tinham	posto

Futuro do presente composto		Futuro do pretérito composto	
Terei	posto	Teria	posto
Terás	posto	Terias	posto
Terá	posto	Teria	posto

Teremos	posto	Teríamos	posto
Tereis	posto	Teríeis	posto
Terão	posto	Teriam	posto

MODO SUBJUNTIVO

Pretérito perfeito		Pretérito mais-que-perf.		Futuro	
Tenha	posto	Tivesse	posto	Tiver	posto
Tenhas	posto	Tivesses	posto	Tiveres	posto
Tenha	posto	Tivesse	posto	Tiver	posto
Tenhamos	posto	Tivéssemos	posto	Tivermos	posto
Tenhais	posto	Tivésseis	posto	Tiverdes	posto
Tenham	posto	Tivessem	posto	Tiverem	posto

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado		Infinitivo flexionado	
Ter	posto	Ter	posto
		Teres	posto
		Ter	posto
		Termos	posto
		Terdes	posto
		Terem	posto

Gerúndio composto	
Tendo	posto

Conjugação de um verbo composto na voz passiva: *ser amado*

MODO INDICATIVO

Presente		Pretérito imperfeito		Pretérito perf. simples	
Sou	amado	Era	amado	Fui	amado
És	amado	Eras	amado	Foste	amado
É	amado	Era	amado	Foi	amado
Somos	amados	Éramos	amados	Fomos	amados
Sois	amados	Éreis	amados	Fostes	amados

São	amados	Eram	amados	Foram	amados

Pretérito perfeito composto

Tenho	sido amado
Tens	sido amado
Tem	sido amado
Temos	sido amados
Tendes	sido amados
Têm	sido amados

Pretérito mais-que-perfeito simples

Fora	amado
Foras	amado
Fora	amado
Fôramos	amados
Fôreis	amados
Foram	amados

Pret. mais-que-perfeito composto

Tinha	sido amado
Tinhas	sido amado
Tinha	sido amado
Tínhamos	sido amados
Tínheis	sido amados
Tinham	sido amados

Futuro do presente simples

Serei	amado
Serás	amado
Será	amado
Seremos	amados
Sereis	amados
Serão	amados

Futuro do presente composto

Terei	sido amado
Terás	sido amado
Terá	sido amado
Teremos	sido amados
Tereis	sido amados
Terão	sido amados

Futuro do pretérito simples

Seria	amado
Serias	amado
Seria	amado
Seríamos	amados
Seríeis	amados
Seriam	amados

Futuro do pretérito composto

Teria	sido amado
Terias	sido amado
Teria	sido amado
Teríamos	sido amados
Teríeis	sido amados
Teriam	sido amados

MODO SUBJUNTIVO

Presente

Seja	amado

Pretérito imperfeito

Fosse	amado

Pretérito perfeito

Tenha	sido amado

Sejas	amado	Fosses	amado	Tenhas	sido amado
Seja	amado	Fosse	amado	Tenha	sido amado
Sejamos	amados	Fôssemos	amados	Tenhamos	sido amados
Sejais	amados	Fôsseis	amados	Tenhais	sido amados
Sejam	amados	Fossem	amados	Tenham	sido amados

Pretérito mais-que-perfeito		Futuro		Futuro composto	
Tivesse	sido amado	For	amado	Tiver	sido amado
Tivesses	sido amado	Fores	amado	Tiveres	sido amado
Tivesse	sido amado	For	amado	Tiver	sido amado
Tivéssemos	sido amados	Formos	amados	Tivermos	sido amados
Tivésseis	sido amados	Fordes	amados	Tiverdes	sido amados
Tivessem	sido amados	Forem	amados	Tiverem	sido amados

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado		Infinitivo não flexionado composto	
Ser	amado	Ter	sido amado

Infinitivo flexionado composto		Infinitivo flexionado	
Ser	amado	Ter	sido amado
Seres	amado	Teres	sido amado
Ser	amado	Ter	sido amado
Sermos	amados	Termos	sido amados
Serdes	amados	Terdes	sido amados
Serem	amados	Terem	sido amados

Gerúndio	Gerúndio composto	
Sendo amado	Tendo	sido amado

OBSERVAÇÕES sobre a voz passiva:

1.ª) O particípio neste caso aparece na forma feminina se a referência é feita a ser do gênero feminino:

Ele é *amado*. Ela é *amada*.

2.ª) Também nas três pessoas do plural o particípio vai ao plural:

Voz ativa – Ela tem *estudado*. Elas têm *estudado*.

Voz passiva – Ela é *amada*. Elas são *amadas*.

3.ª) Na voz passiva não se usa o imperativo.

Conjugação de um verbo *pronominal*: *apiedar-se* – Já vimos que o verbo se diz

pronominal quando o pronome oblíquo se refere ao pronome reto:

Eu *me* visto. Nós *nos* arrependemos. Eles *se* foram.

O pronome átono pode vir antes, no meio ou depois do verbo ou verbos (se for uma conjugação composta), de acordo com certos princípios que serão futuramente estudados:

a) *próclise*: se o vocábulo átono vem antes: Ele se feriu (pronome átono proclítico);

b) mesóclise: se o vocábulo átono vem no meio (dos futuros, do presente e do pretérito): Vestir-se-á se puder. Vestir-nos-íamos se pudéssemos (pronome átono mesoclítico);

c) *ênclise*: se o vocábulo átono vem depois: Queixamo-nos ao diretor (pronome átono enclítico).

NOTA IMPORTANTE – Se o pronome for enclítico, nestes casos, só haverá uma alteração no verbo a que pertencer o pronome: perderá o *s* final da 1.ª pessoa do plural:

queixo-me
queixas-te
queixa-se
queixamo-nos
queixais-vos
queixam-se

Nas outras posições, o verbo ficará intacto:

Nós nos queixamos. Queixar-nos-emos.

Atente-se para o seguinte modelo e para as observações feitas sobre a impossibilidade da posposição em algumas formas:

Apiedar-se

MODO INDICATIVO

Presente	Pretérito imperfeito	Pretérito perfeito
apiedo-me	apiedava-me	apiedei-me
apiedas-te	apiedavas-te	apiedaste-te
apieda-se	apiedava-se	apiedou-se
apiedamo-nos	*apiedávamo-nos*	*apiedamo-nos*
apiedais-vos	apiedáveis-vos	apiedastes-vos
apiedam-se	apiedavam-se	apiedaram-se

Pretérito perfeito composto		Pretérito mais-que-perfeito
tenho-me	apiedado [1]	apiedara-me
tens-te	apiedado	apiedaras-te
tem-se	apiedado	apiedara-se
temo-nos	*apiedado*	*apiedáramo-nos*
tendes-vos	apiedado	apiedáreis-vos
têm-se	apiedado	apiedaram-se

Pretérito mais-que-perfeito composto

tinha-me	apiedado
tinhas-te	apiedado
tinha-se	apiedado
tínhamo-nos	*apiedado*
tínheis-vos	apiedado
tinham-se	apiedado

Futuro do presente

apiedar-me-ei [2]
apiedar-te-ás
apiedar-se-á
apiedar-nos-emos
apiedar-vos-eis
apiedar-se-ão

Futuro do presente composto

ter-me-ei	apiedado
ter-te-ás	apiedado
ter-se-á	apiedado
ter-nos-emos	apiedado
ter-vos-eis	apiedado
ter-se-ão	apiedado

Futuro do pretérito

apiedar-me-ia
apiedar-te-ias
apiedar-se-ia
apiedar-nos-íamos
apiedar-vos-íeis
apiedar-se-iam

Futuro do pretérito composto

ter-me-ia	apiedado
ter-se-ias	apiedado
ter-se-ia	apiedado
ter-nos-íamos	apiedado
ter-vos-íeis	apiedado
ter-se-iam	apiedado

1 Nunca se use pronome átono posposto a particípio.

2 Nunca se use pronome átono posposto aos futuros do presente e do pretérito; usar-se-á a anteposição ou a interposição, como veremos depois.

MODO SUBJUNTIVO

NOTA: Raramente aparece pronome posposto a verbo neste modo, por aparecer, em geral, em oração subordinada.

Presente	**Pretérito imperfeito**	**Pretérito perfeito**
apiede-me	apiedasse-me	Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!
apiedes-te	apiedasses-te	
apiede-se	apiedasse-se	
apiedemo-nos	*apiedássemo-nos*	
apiedeis-vos	apiedásseis-vos	
apiedem-se	apiedassem-se	

Pretérito mais-que-perfeito		**Futuro composto**
tivesse-me	apiedado	
tivesses-te	apiedado	

tivesse-se	apiedado	Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!
tivéssemo-nos	*apiedado*	
tivésseis-vos	apiedado	
tivessem-se	apiedado	

MODO IMPERATIVO

Afirmativo	**Negativo**
apieda-te tu	
apiede-se você	
apiedemo-nos nós	Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!
apiedai-vos vós	
apiedem-se vocês	

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado simples	**Infinitivo não flexionado composto**	
apiedar-me	ter-me	apiedado
apiedar-te	ter-te	apiedado
apiedar-se	ter-se	apiedado
apiedar-nos	ter-nos	apiedado
apiedar-vos	ter-vos	apiedado
apiedar-se	ter-se	apiedado
Infinito flexionado simples	**Infinito flexionado composto**	
apiedar-me	ter-me	apiedado
apiedares-te	teres-te	apiedado
apiedar-se	ter-se	apiedado
apiedarmo-nos	*termo-nos*	*apiedado*
apiedardes-vos	terdes-vos	apiedado
apiedarem-se	terem-se	apiedado
Gerúndio simples	**Gerúndio composto**	
apiedando-me	tendo-me	apiedado
apiedando-te	tendo-te	apiedado
apiedando-se	tendo-se	apiedado
apiedando-nos	tendo-nos	apiedado
apiedando-vos	tendo-vos	apiedado
apiedando-se	tendo-se	apiedado

Particípio

Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!

Conjugação de um verbo com pronome oblíquo átono (sem ser pronominal): tipo ***pô-lo*** – O verbo pode acompanhar-se de um pronome oblíquo átono que não se refira ao pronome reto, isto é, ao sujeito:

Eu *o* vi. Nós *te* admiramos. Ela *o* chama.

Quando os pronomes oblíquos átonos *o*, *a*, *os*, *as* estiverem depois do verbo ou no meio modificam-se de acordo com o final a que se acham pospostos:

a) se o verbo terminar por vogal ou semivogal oral, os pronomes aparecem inalterados: ponho-*o*, ponho-*a*, ponho-*os*, ponho-*as*;

b) se o verbo terminar por *r*, *s* ou *z*, desaparecem estas consoantes e os pronomes aparecem nas antigas formas *lo*, *la*, *los*, *las*:

pôr lo = pô-lo; pões lo = põe-lo; diz lo = di-lo; deixar lo ia = deixá-lo-ia

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Recorde-se a acentuação dos oxítonos estudada em **Regras de acentuação**.

2.ª) Se o verbo termina por *ns*, o *n* passará a *m*: *tens lo = tem-lo*.

c) se o verbo terminar por som nasal (*m* ou sílaba com til), os pronomes assumem as formas *no*, *na*, *nos, nas*:

põe + o = põe-no; viram + a = viram-na.

NOTA: Se os pronomes vêm antes do verbo, não há nenhuma alteração nos pronomes e no verbo: Ele *o põe* ali. Eu *o fiz*.

OBSERVAÇÃO: Alguns autores chamam *pronominais reflexos* aos verbos na voz reflexiva e pronominais irreflexivos (ou não reflexos) aos verbos deste parágrafo. 62

Atente-se para o seguinte modelo e para as observações feitas sobre a impossibilidade da posposição em algumas formas:

Pô-lo

(só a conjugação simples)

MODO INDICATIVO

Presente	**Pretérito imperfeito**	**Pretérito perfeito**
ponho-o	punha-o	pu-lo
põe-lo	punha-lo	puseste-o
põe-no	punha-o	pô-lo
pomo-lo	púnhamo-lo	pusemo-lo
ponde-lo	púnhei-lo	puseste-lo
põem-no	punham-no	puseram-no
Pret. Mais-que-perf.	**futuro do presente**	**Futuro do pretérito**
Pusera-o	pô-lo-ei [1]	pô-lo-ia
pusera-lo	pô-lo-ás	pô-lo-ias
pusera-o	pô-lo-á	pô-lo-ia
puséramo-lo	pô-lo-emos	pô-lo-íamos
pusérei-lo	pô-lo-eis	pô-lo-íeis
puseram-no	pô-lo-ão	pô-lo-iam

1 Note-se que nos futuros do presente e do pretérito há formas verbais com dois acentos gráficos.

MODO SUBJUNTIVO

NOTA: raramente aparece pronome posposto a verbo neste modo.

Presente	**Pretérito imperfeito**	**Futuro**
ponha-o	pusesse-o	Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!
ponha-lo	pusesse-lo	
ponha-o	pusesse-o	
ponhamo-lo	puséssemo-lo	
ponhai-lo	puséssei-lo	

ponham-no	pusessem-no

MODO IMPERATIVO

Afirmativo	**Negativo**
põe-no tu [2]	Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!
ponha-o você	
ponhamo-lo nós	
ponde-o vós [2]	
ponham-no vocês	

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo	**Gerúndio**	**Particípio**
pô-lo	pondo-o	Não se usa com pronome posposto.

2 Recorde-se que o s final do presente do indicativo desaparece no imperativo afirmativo.

Conjugação dos verbos irregulares – Na seguinte relação de verbos, apresentamos, além das formas irregulares, algumas regulares em que frequentemente se erra. As formas que aqui faltam e se empregam são todas regulares.

1.ª CONJUGAÇÃO:

Dar

Pres. ind.: dou, dás, dá, damos, dais, dão.
Pret. perf. ind.: dei, deste, deu, demos, destes, deram.
M.-que-Perf. ind.: dera, deras, dera, déramos, déreis, deram.
Pres. subj.: dê, dês, dê, demos, deis, deem.
Pret. imperf. subj.: desse, desses, desse, déssemos, désseis, dessem.
Fut. subj.: der, deres, der, dermos, derdes, derem.

Por este modelo conjuga-se *desdar; circundar* é, porém, regular.

Estar

Ver a lista dos verbos auxiliares.

Por este conjugam-se: *sobestar* e *sobrestar*. São regulares os seus derivados *constar, prestar, obstar, instar, distar, restar,* etc.

2.ª CONJUGAÇÃO

Caber

Pres. ind.: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem.

Pret. perf. ind.: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam.
M.-q.-perf. ind.: coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam.
Pres. subj.: caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam.
Pret. imp. subj.: coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem.
Fut. subj.: coube*r,* couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem.

Comprazer

Ver *prazer*.

Crer

Pres. ind.: creio, crês, crê, cremos, credes, creem.
Pret. perf. ind.: cri, creste, creu, cremos, crestes, creram.
Pres. subj.: creia, creias, creia, creiamos, creiais, creiam.
Pret. impa. subj.: cresse, cresses, cresse, crêssemos, crêsseis, cressem.
Fut. subj.: crer, creres, crer, crermos, crerdes, crerem.
Imperativo: crê, crede.
Part.: crido.

Com este conjuga-se *descrer*.

Dizer

Pres. ind.: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem.
Pret. Perf. ind.: disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram.
M.-q.-perf. ind.: dissera, disseras, dissera, disséramos, disséreis, disseram.
Fut. pres.: direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão.
Fut. pret.: diria, dirias, diria, diríamos, diríeis diriam.
Pres. subj.: diga, digas, diga, digamos, digais, digam.
Pret. imperf. subj.: dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem.
Fut. subj.: disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem,
Imperativo: dize, dizei.
Part.: dito.

Por este se conjugam *bendizer*, *condizer*, *contradizer*, *desdizer*, *maldizer*, *predizer*.

Fazer

Pres. ind.: faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem.
Pret. perf. ind.: fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram.
M.-q.-perf. ind.: fizera, fizeras, fizera, fizéramos, fizéreis, fizeram.
Fut. pres.: farei, farás, fará, faremos, fareis, farão.
Fut. pret.: faria, farias, faria, faríamos, faríeis, fariam.
Pres. subj.: faça, faças, faça, façamos, façais, façam.
Pret. imp. subj.: fizesse, fizesses, fizesse fizéssemos, fizésseis, fizessem.
Fut. subj.: fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem.
Imperativo: faz(e), fazei.
Part. : feito.

Por este se conjugam *afazer*, *contrafazer*, *desfazer*, *liquefazer*, *perfazer*, *refazer*, *rarefazer*, *satisfazer*.

Haver

Ver a conjugação dos verbos auxiliares.

Jazer

Pret. ind.: jazo, jazes, jaz, jazemos, jazeis, jazem.
Pret. Perf. ind.: jazi, jazeste, jazeu, jazemos, jazestes, jazeram.

As outras formas – pois é totalmente conjugado – são regulares.

Por este se modela *adjazer*.

Ler

Pres. ind.: leio, lês, lê, lemos, ledes, leem.

Pret. perf. ind.: li, leste, leu, lemos, lestes, leram.

M.-q.-perf. ind.: lera, leras, lera, lêramos, lêreis, leram.

Pres. subj.: leia, leias, leia, leiamos, leiais, leiam.

Pret. imp. subj.: lesse, lesses, lesse, lêssemos, lêsseis, lessem.

Fut. subj.: ler, leres, ler, lermos, lerdes, lerem.

Por este se conjugam *reler* e *tresler*.

Perder

Pres. ind.: perco (ê), perdes, perde, perdemos, perdeis, perdem.

Pres. subj.: perca (ê), percas (ê), perca (ê), percamos (ê), percais (ê), percam (ê).

Poder

Pres. ind.: posso, podes, pode, podemos, podeis, podem.

Pret. perf. ind.: pude, pudeste, pôde, pudemos, pudestes, puderam.

M.-q.-perf. ind.: pudera, puderas, pudera, pudéramos, pudéreis, puderam.

Pres. subj.: possa, possas, possa, possamos, possais, possam.

Pret. imp.: pudesse, pudesses, pudesse, pudéssemos, pudésseis, pudessem.

Fut. subj.: puder, puderes, puder, pudermos, puderdes, puderem.

Desusado modernamente no imperativo.

Prazer

(Pouco usado na 1.ª e 2.ª pessoa)

Pres. ind.: praz, prazem.

Pret. perf. ind.: prouve, prouveram.

M.-q.-perf. ind.: prouvera, prouveram.

Pret. imp. subj.: prouvesse, prouvessem.

Fut. subj.: prouver, prouverem.

Por este se conjugam *aprazer, desprazer, desaprazer,* verbos que se apresentam em todas as pessoas. *Comprazer* e *descomprazer são* verbos completos e se modelam por *prazer;* no pret. perfeito e m.-q.-perfeito do indicativo, pret. imperfeito e futuro do subjuntivo podem ainda ser conjugados regularmente.

> (...) o poeta (...) não *aprazia* a uma companhia ortodoxa [JR.2, 195].

Querer

Pres. ind.: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem.

Pret. Perf. ind.: quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram.

M.-q.-perf. ind.: quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram.

Pres. subj.: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram.

Pret. imp. subj.: quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem.

Fut. subj.: quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem.

Part.: querido (a forma quisto só se usa em *benquisto* e *malquisto).*

A moderna forma *quere*, 3.ª pessoa do singular, em lugar de *quer,* só é usada pelos portugueses. Normalmente não se usa o verbo *querer* no imperativo; há exemplos de *querei* nos *Sermões* do Pe. Antônio Vieira. Quando se usa pronome átono (*o*, *a*, *os*, *as*) posposto à 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo, emprega-se *qué-lo* ou *quere-o:* "Qué-lo o teu povo" [AH.4, 1, 79].

Desusado modernamente no imperativo; aparece no optativo que traduz um desejo de realização de um fato expresso pelo infinitivo seguinte: *Queira aceitar meus cumprimentos.*

Requerer

Pres. ind.: requeiro, requeres, requer (ou requere), requeremos, requereis, requerem.
Pret. Perf. ind.: requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram.
M.-q.-perf. ind.: requerera, requereras, requerera, requerêramos, requerêreis, requereram.
Pres. subj.: requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram.
Pret. imp. subj.: requeresse, requeresses, requeresse, requerêssemos, requerêsseis, requeressem.
Fut. subj.: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.
Imperativo: requer(e), requerei.
Part.: requerido.

A 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo *requer* é modernamente mais usada que *requere*, esta mais lusitana.

Saber

Pres. ind.: sei, sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem.
Pret. perf. ind.: soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, souberam.
M.-q.-perf. ind.: soubera, souberas, soubera, soubéramos, soubéreis, souberam.
Pres. subj.: saiba, saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam.
Pret. imp. subj.: soubesse, soubesses, soubesse, soubéssemos, soubésseis, soubessem.
Fut. subj.: souber, souberes, souber, soubermos, souberdes, souberem.

Ser

Veja a conjugação dos verbos auxiliares.

Ter

Veja a conjugação dos verbos auxiliares.

Trazer

Pres. ind.: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem.
Pret. perf. ind.: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram.
M.-q.-perf. ind.: trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram.
Futuro do pres.: trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão.
Fut. do pret.: traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam.
Pres. subj.: traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam.
Pret. imp. subj.: trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem.
Imperativo: traz(e), trazei.

Valer

Pres. ind.: valho, vales, vale (ou val), valemos, valeis, valem.
Pres. subj.: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham.

Val, por *vale*, é forma corrente entre os portugueses.

Como *valer* conjugam-se *desvaler* e *equivaler*.

Ver

Pres. ind.: vejo, vês, vê, vemos, vedes veem.
Pret. imp. ind.: via, vias, via, víamos, víeis, viam.
Pret. perf. ind.: vi, viste, viu, vimos, vistes, viram.
M.-q.-perf. ind.: vira, viras, vira, víramos, víreis, viram.
Pres. subj.: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam.
Pret. imp. subj.: visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem.
Fut. subj.: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.
Part.: visto.

Assim se conjugam *antever*, *entrever*, *prever* e *rever*. *Prover* e *desprover* modelam-se por *ver*, exceto no pretérito

perfeito do indicativo e derivados, e particípio, quando se conjugam regularmente.

Pret. Perf. ind.: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram.

M.-q.-perf. ind.: provera, proveras, provera, provéramos, provêreis, proveram.

Fut. subj.: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.

Part.: provido.

3.ª Conjugação:

Acudir

Pres. ind.: acudo, acodes, acode, acudimos, acudis, acodem.

Pret. Perf. ind.: acudi, acudiste, acudiu, acudimos, acudistes, acudirem.

Pres. subi.: acuda, acudas, acuda, acudamos, acudais, acudam.

Pret. imp. subj.: acudisse, acudisses, acudisse, acudíssemos, acudísseis, acudissem.

Imperativo: acode, acudi.

Assim se conjugam *bulir, construir, cuspir, destruir, engolir* 63, *entupir*64, *escapulir, fugir* 65, *sacudir, subir, sumir* 66.

Construir, destruir e *entupir,* como verbos abundantes, apresentam como formas menos usadas, *construis, construi, destrui, entupes, entupe.*

Os demais verbos em *udir* (*aludir*, *eludir*, *iludir*) são regulares.

Cair

Pres. ind.: caio, cais, cai, caímos, caís, caem.

Pret. imp. ind.: caía, caías, caía, caíamos, caíeis, caíam.

Pret. perf. ind.: caiu, caíste, caiu, caímos, caístes, caíram.

M.-q.-perf. ind.: caíra, caíras, caíra, caíramos, caíreis, caíram.

Fut. pres.: cairei, cairás, cairá, cairemos, caireis, cairão.

Fut. pret.: cairia, cairias, cairia, cairíamos, cairíeis, cairiam.

Pres. subj.: caia, caias, caia, caiamos, caiais, caiam.

Pret. imp. subj.: caísse, caísses, caísse, caíssemos, caísseis, caíssem.

Fut. subj.: cair, caíres, cair, cairmos, cairdes, caírem.

Por este se conjugam *atrair, contrair, distrair, esvair, retrair, sair, subtrair, trair, embair*.

Para a boa acentuação deste tipo de verbos, recorde-se o que se disse em **Regras de acentuação**.

Cobrir

Pres. ind.: cubro, cobres, cobre, cobrimos, cobris, cobrem.

Pret. Perf. ind.: cobri, cobriste, cobriu, cobrimos, cobristes, cobriram.

Pres. subj.: cubra, cubras, cubra, cubramos, cubrais, cubram.

Imperativo: cobre tu, cubra você, cubramos nós, cobri vós, cubram vocês.

Por este se conjugam *descobrir, dormir* (regular no part.: dormido), *encobrir, recobrir e tossir* (regular no part.: *tossido).*

Frigir

Pres. ind.: frijo, freges, frege, frigimos, frigis, fregem.

Pres. subj.: frija, frijas, frija, frijamos, frijais, frijam.

Imperativo: frege, frija, frijamos, frigi, frijam.

Part.: frigido e frito.

Atente-se para a troca de *g por j antes* de *a* e *o*.

Ir

Pres. ind.: vou, vais, vai, vamos (ou imos), ides, vão.

Pret. imp. ind.: ia, ias, ia, íamos, íeis, iam.
Pret. Perf.: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.
m.-q.-perf. ind.: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.
Fut. pres.: irei, irás, irá, iremos, ireis, irão.
Fut. Pret.: iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam.
Pres. subj.: vá, vás, vá, vamos, vades, vão.
Pret. imp. subj.: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.
Fut. subj.: for, fores, for, formos, fordes, forem.
Imperativo: vai, vá, vamos, ide, vão.
Gerúndio: indo.
Part.: ido.

Medir

Pres. ind.: meço, medes, mede, medimos, medis, medem.
Pres. subj.: meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam.
Assim se conjugam *desmedir e pedir*.

Mentir

Pres. ind.: minto, mentes, mente, mentimos, mentis, mentem.
Pres. subj.: minta, mintas, minta, mintamos, mintais, mintam.
Por este verbo se conjugam *consentir, desmentir, persentir* (sentir profundamente), *pressentir* (prever), *ressentir, sentir*.

Ouvir

Pres. ind.: ouço, ouves, ouve, ouvimos, ouvis, ouvem.
Pres. subj.: ouça, ouças, ouça, ouçamos, ouçais, ouçam.
Entre portugueses ocorre a variante *oiço,* ao lado de *ouço*. Também no presente do subjuntivo: *oiça, oiças, oiça, oiçamos, oiçais, oiçam.*

Pedir

Pres. ind.: peço, pedes, pede, etc.
Pres. subj.: peça, peças, peça, etc.
Pedir serve hoje de modelo para *desimpedir, despedir, expedir* e *impedir* (que não são derivados de *pedir*).

Parir

Polir (= *lustrar*, *civilizar*)

Pres. ind.: pulo, pules, pule, polimos, polis, pulem.
Pret. perf.: poli, poliste, poliu, polimos, polistes, poliram.
Pres. subj.: pula, pulas, pula, pulamos, pulais, pulam.
Imperativo: pule, pula, pulamos, poli, pulam.
Por este verbo se conjugam *despolir* e *sortir* (= abastecer, prover, misturar, combinar). *Surtir* (com *u*) é regular: *surto, surtes, surte, surtimos, surtis, surtem*[67].

> "...enquanto o progresso das ciências e das artes pule e melhora exteriormente o gênero humano, destruiria o intolerável egoísmo que destrói ou afeia o formoso edifício da moderna civilização". [AH.2, 142].

Progredir

Pres. ind.: progrido, progrides, progride, progredimos, progredis, progridem.
Pret. imp. ind.: progredia, progredias, progredia, progredíamos, progredíeis, progrediam.
Pret. perf. ind.: progredi, progrediste, progrediu, progredimos, progredistes, progrediram.
Pres. subj.: progrida, progridas, progrida, progridamos, progridais, progridam.
Por este verbo se conjugam *agredir, cerzir, denegrir, prevenir, regredir, transgredir. Remir,* hoje mais usado como defectivo (cf. **Verbos defectivos e abundantes**), seguia outrora o modelo de *progredir:* rimo, rimes, rime, remimos, remis,

rimem.

"Por 20 libras anuais a aldeia de Favaios rime todos os tributos e obtém o privilégio de nomear o seu juiz" [AH.2, 149].

Rir

Pres. ind.: rio, ris, ri, rimos, rides, riem.

Pret. imperf. ind. : ria, rias, ria, ríamos, ríeis, riam.

Pret. perf. ind.: ri, riste, riu, rimos, ristes, riram.

Part. : rido.

Segue este modelo o verbo *sorrir*.

Servir

Pres. ind.: sirvo, serves, serve, servimos, servis, servem.

Pres. subj.: sirva, sirvas, sirva, sirvamos, sirvais, sirvam.

Imperativo: serve, sirva, sirvamos, servi, sirvam.

Por este verbo se conjugam aderir, advertir, aferir, compelir, competir, concernir, conferir, conseguir, convergir, deferir, despir, digerir, divertir, expelir, impelir, inserir, perseguir, preferir, preterir, repelir, seguir, sugerir, vestir.

Submergir

Pres. ind.: submerjo (ê), submerges (é), submerge (é), submergimos, submergis, submergem (é).

Pres. subj.: submerja (ê), submerjas (ê), submerja (ê), submerjamos, submerjais, submerjam (ê).

Imperativo: submerge (é), submerja (ê), submerjamos, submergi, submerjam (ê).

Seguem este modelo *aspergir, emergir, imergir*.

Vir

Pres. ind.: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm.

Pret. imperf. ind.: vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham.

Pret. Perf. ind.: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.

Fut. pres.: virei, virás, virá, viremos, vireis virão.

Fut. pret.: viria, virias, viria, viríamos, viríeis, viriam.

Pres. subj.: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham.

Fut. subj.: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.

Imperativo: vem, venha, venhamos, vinde, venham.

Gerúndio: vindo.

Part.: vindo.

Por este modelo se conjugam advir, avir-se, convir, desavir, intervir, provir, sobrevir.

EMPREGO DO VERBO

Emprego de tempos e modos

1) **Indicativo** – É o modo que normalmente aparece nas orações independentes, e nas dependentes que encerram um fato real ou tido como tal.

Presente – Para bem entender os diversos empregos por que se desdobra o presente no sistema de oposições em que se insere, temos de considerar a lição de Coseriu, que propõe o seguinte esquema [ECs.5, 139]:

<table>
<tr><td></td><td>Presente</td><td colspan="2">Passado</td><td></td></tr>
<tr><td rowspan="2">Não futuro</td><td rowspan="2">canto</td><td>cantava</td><td>cantei</td><td>Presente</td></tr>
<tr><td colspan="2">cantara</td><td rowspan="2">Passado</td></tr>
<tr><td>Futuro</td><td>cantarei</td><td colspan="2">cantaria</td></tr>
</table>

Ainda teríamos de, no interior do passado, admitir outra vez a oposição presente/passado, isto é, uma oposição entre um "presente do passado" (*cantava – cantei*) e um "passado do passado" (*cantara*).

Isto significa que o presente, a rigor, se caracteriza pelo traço "negativo" ou "neutral" em relação ao pretérito (passado) e ao futuro, que são termos "positivos", isto é, aplicados ao ocorrido, o que lhe permite, ao presente, empregar-se, em determinados contextos, "em lugar" do passado e do futuro [ECs.1, 234]. Não ocorrendo a neutralização, tais substituições ficam impedidas: em *agora estarei muito cansado*, se entendermos "agora mesmo", e não "em seguida", depois do momento em que falo" (quando a construção será perfeitamente possível), não se empregará o futuro pelo presente.

O presente denota uma declaração:

a) que se verifica ou que se prolonga até o momento em que se fala:

"Ocorre-me uma reflexão imoral, que é ao mesmo tempo uma correção de estilo" [MA.1, 56].

b) que acontece habitualmente:

A Terra gira em torno do Sol.

c) que representa uma verdade universal (o "presente eterno"):

"O interesse adota e defende opiniões que a consciência reprova" [MM].

Emprega-se o presente:

a) pelo *pretérito*, em narrações animadas e seguidas (presente histórico), como para dar a fatos passados o sabor de novidade das coisas atuais:

"Pela manhã, *bates*-lhe à porta, chamando-o. Como ninguém responda, *procuras* entrar. Um peso imprevisto *detém* o esforço do teu braço. *Insistes*. *Entras*. E *recuas*, os olhos escancarados, o rosto transfigurado pela dor e pelo assombro, o coração parado no peito" [HC.1, 16-17]. 68

b) pelo *futuro do indicativo* para indicar com ênfase uma decisão:

Amanhã eu *vou* à cidade.

c) pelo *pretérito imperfeito* do subjuntivo:

Se *respondo* mal, ele se zangaria.

d) pelo *futuro do subjuntivo*:

Se *queres* a paz, prepara-te para a guerra.

OBSERVAÇÃO: Para exprimir ação começada emprega-se, em geral, o verbo *estar* seguido de gerúndio ou de infinitivo precedido de *a* preposição.

Estava { falando / a falar { sobre tal assunto

Pretérito imperfeito – O imperfeito, como ensina Coseriu [ECs.5, 165], é um membro não marcado, extensivo, de uma oposição que encerra três membros, dois dos quais são marcados e intensivos: o mais-que-perfeito e o chamado condicional presente, na forma simples.

Nesta oposição, o mais-que-perfeito significa um "anterior", enquanto o condicional presente (futuro do pretérito) um "depois". Daí o imperfeito não significar nem "antes" nem "depois" e, por isso, pode ocupar todo o espaço da oposição. Isto implica que não se pode, a rigor, atribuir ao imperfeito a pura e simples significação de passado, a não ser que ele seja considerado um "presente" do passado. Como um segundo "presente" pode – como ocorre com o presente próprio, que tem seu pretérito representado pelo perfeito simples, e o seu futuro representado pelo futuro simples – ter seu próprio passado (o mais-que-perfeito) e seu próprio futuro (o condicional presente). Por isso, o presente pode substituir o pretérito perfeito simples e o futuro, mas o imperfeito não.

Pode-se, neste gráfico, representar o presente e o imperfeito no sistema dos tempos em português; o imperfeito, sendo um termo neutro do plano "inatual", pode ser empregado "em lugar" do seu pretérito (passado) e de seu futuro:

Passado		Atualidade		Futuro
Perfeito simples	←	Presente	→	Futuro
Mais-que-perfeito	←	Imperfeito	→	Condicional presente (Fut. do pret.)

Daí a variedade e ambivalências destes dois tempos na atividade do discurso; geralmente uma forma verbal não está por outra ou em lugar de outra, mas sim no lugar de *outra significação* [ECs.5, 150].

Emprega-se o pret. imperfeito quando nos transportamos mentalmente a uma época passada e descrevemos o que então era presente:

"Eugênia *coxeava* um pouco, tão pouco, que eu cheguei a perguntar-lhe se machucara o pé" [MA.1, 193].

Nos pedidos e solicitações ou denota que duvidamos da realização do fato ou exprime um desejo feito com modéstia ou com o simples propósito:

"*Queria* viver para o seu filho – é como ele explicava o desejo da vida" [CBr.9, 22].

Sr. Manuel, eu *desejava* telefonar.

Pode substituir, principalmente na conversação, o futuro do pretérito, quando se quer exprimir fato categórico ou a segurança do falante:

"Se me desprezasses, morreria, *matava*-me" [CBr.9, 19].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Emprega-se o pretérito imperfeito do verbo *dever* (fazer uma coisa) em lugar do pretérito perfeito:

Ele *devia* (e não *deveu*) ser (ou *ter sido*) ontem mais atencioso para contigo [ED.1, § 207, a, obs].

2.ª) Aparece em lugar do futuro do pretérito para denotar um fato certo como consequência de outro que não se deu:

Eu, se tivesse crédito na praça, *pedia* outro empréstimo.

3.ª) Ainda na referência ao futuro, entra o imperfeito chamado "prelúdico" ou imperfeito dos jogos: *então* [neste jogo que

vamos começar a jogar] eu *era* o rei e tu *eras* a rainha [ECS.1, 207]. "Agora eu era o herói e o meu cavalo só falava inglês" (*João e Maria*, de Chico Buarque e Sivuca).

Pretérito perfeito – "O pretérito imperfeito é o tempo da ação prolongada ou repetida com limites imprecisos; ou não nos esclarece sobre a ocasião em que a ação terminaria ou nada nos informa quanto ao momento do início. O pretérito perfeito, pelo contrário, fixa e enquadra a ação dentro de um espaço de tempo determinado" [SA.5, II, 103]:

> "Marcela *teve* primeiro um silêncio indignado; depois *fez* um gesto magnífico: *tentou* atirar o colar à rua. Eu *retive*-lhe o braço; *pedi*-lhe muito que não me fizesse tal desfeita, que ficasse com a joia. *Sorriu* e *ficou*" [MA.1, 55].

Não se pode dizer, comenta Coseriu 69, que o perfeito simples e o imperfeito se contrapõem por uma simples oposição. Na essência, o imperfeito em português e no românico visualiza as ações como num pano de fundo, como se completando num nível secundário.

O pretérito composto (*tenho trabalhado*) exprime:

a) repetição ou prolongação de um fato até o momento em que se fala, ou fato habitual:

> "Não me *tens dito* nada das tuas ocupações nessa casa" [CBr.3, II, 133].

b) fato consumado:

> *Tenho dito* (no fim dos discursos).

Pretérito mais-que-perfeito (simples e composto) – Denota uma ação anterior a outra já passada:

> "No dia seguinte, antes de me recitar nada, explicou-me o capitão que só por motivos graves *abraçara* a profissão marítima..." [MA.1, 66-67].

OBSERVAÇÃO: Em certas orações temporais, aparece o pretérito perfeito onde se esperaria o mais-que-perfeito:

> "Logo que se *retirou* o inimigo, mandou D. João Mascarenhas enterrar os mortos" [ED.1, § 208].
>
> "Ao revés encontra-se em orações subordinadas o mais-que-perfeito correspondendo a um presente da oração subordinada, quando este presente tem o sentido de um pretérito, v.g. Os antiquários dizem (= deixaram escrito) que ele *vivera* neste reinado" [ED.1].

Emprega-se ainda o mais-que-perfeito simples em lugar do futuro do pretérito do indicativo e do pretérito do subjuntivo, o que serve hoje como traço estilístico de linguagem solene:

> "dizendo: Mais *servira* (= serviria), se não *fora* (= fosse) para tão longo amor tão curta a vida" [LC.2, 147].
>
> "Que *fora* (= seria) a vida, se nela não *houvera* (= houvesse) lágrimas?" [AH.1, 32].

Futuro – O futuro do presente e o do pretérito denotam uma ação que ainda se vai realizar:

> "Os homens nos *parecerão* sempre injustos enquanto o forem as pretensões do nosso amor-próprio" [MM].
>
> "Sem a crença em uma vida futura, a presente *seria* inexplicável" [MM].

O futuro do presente pode ainda exprimir:

a) em lugar do *presente*, incerteza ou ideia aproximada, simples possibilidade ou asseveração modesta:

> "O mal não *será* a especiaria do bem?" [MM].
>
> Ele *terá* seus vinte anos.

No caso de ser empregado, em linguagem polida, nas interrogações, o futuro "não obriga o interlocutor a responder, como quando se emprega o verbo no presente ou no pretérito" [SA.2, 225].

b) em lugar do *imperativo*, uma ordem ou recomendação, principalmente nas prescrições e recomendações morais:

> *Defenderás* os teus direitos.
>
> Não *furtarás*.

"Nas orações condicionais de *se*, nas temporais de *quando* e *enquanto*, nas conformativas (de *segundo* e *conforme*, etc.), nas adjetivas que denotam simples concepção", o futuro do indicativo é substituído pelo futuro conjuntivo (subjuntivo) – o qual só nestas orações se usa (ou também em certos casos pelo presente conjuntivo); assim diz-se: *se vejo*, *se vi*, mas: *se vir*; *quando vejo*, *quando vi*, mas: *quando vir*; *aquele que vê*, *aquele que viu*, mas: *aquele que vir*" [ED.1, § 209, a, obs.].

O futuro do pretérito se emprega ainda para denotar:

a) que um fato se dará, agora ou no futuro, dependendo de certa condição:

"A vida humana *seria* incomportável sem as ilusões e prestígios que a circundam" [MM].

"Se pudéssemos chegar a um certo grau de sabedoria, *morreríamos* tísicos de amor e admiração por Deus" [MM].

b) asseveração modesta em relação ao passado, admiração por um fato se ter realizado:

Eu *teria* ficado satisfeito com as tuas cartas [RV].

Nós *pretenderíamos* saber a verdade.

Seria isso verdadeiro?

c) incerteza:

Haveria na festa umas doze pessoas.

Emprega-se o auxiliar *tivera* (ou *houvera*) na oração condicional, em lugar do mais-que-perfeito, em relação a um futuro do pretérito posto na oração principal:

Estudaria (ou *teria estudado*), se *tivera* (= *tivesse*) *sabido* da prova.

2) **Subjuntivo** – O modo subjuntivo ocorre normalmente nas orações independentes optativas, nas imperativas negativas e afirmativas (nestas últimas com exceção da 2.ª pessoa do singular e plural), nas dubitativas com o advérbio *talvez* e nas subordinadas em que o fato é considerado como incerto, duvidoso ou impossível de se realizar:

Bons ventos o *levem.*

"Não *emprestes*, não *disputes*, não *maldigas* e não terás de arrepender-te" [MM].

"Não *desenganemos* os tolos se não queremos ter inumeráveis inimigos" [MM].

"*Louvemos* a quem nos louva para abonarmos o seu testemunho" [MM].

"Talvez a estas horas *desejem* dizer-te *pecavi*! Talvez *chorem* com lágrimas de sangue" [AH.5, I, 58].

"Faltam-nos memórias e documentos coevos em que *possamos* estribar-nos para relatar tais sucessos" [AH.6, I, 451].

OBSERVAÇÃO: Às vezes ocorre o indicativo com *talvez*: "Magistrado ou guerreiro de justo ou generoso se gaba: – e as turbas talvez o *aplaudem* e *celebram* seu nome" [AH.2, 180]. Parece que o indicativo deixa antever melhor a certeza de que o de que se duvida se pode bem realizar.

Nas orações subordinadas substantivas, ocorre o subjuntivo nos seguintes principais casos:

a) depois de expressões (verbos, nomes ou locuções equivalentes) que denotam ordem, vontade, consentimento, aprovação, proibição, receio, admiração, surpresa, contentamento:

"Prouvera a Deus, venerável Crimilde – tornou o quingentário – que nos *fosse* lícito desamparar estes muros" [AH.1, 146].

"Proibi-te que o *revelasses*" [AH.5, I, 294].

Espero que *estudes* e que *sejas* feliz.

b) depois de expressões (verbos ou locuções formadas por *ser*, *estar*, *ficar* + substantivo ou adjetivo) que denotam desejo, probabilidade, vulgaridade, justiça, necessidade, utilidade:

Cumpre que *venhas* cedo.

Convém que não nos *demoremos*.

É bom que *compreenda* logo o problema.

c) depois dos verbos *duvidar*, *suspeitar*, *desconfiar* e nomes cognatos (dúvida, duvidoso, suspeita, desconfiança, etc.) quando empregados afirmativamente, isto é, quando se trata de dúvida, suspeita ou desconfiança reais:

"... me vinham à mente *suspeitas* de que ela *fosse* um anjo transviado do céu..." [AH.5, II, 321].

"A luz... que *suspeitávamos procedesse* de lâmpada esquecida por sonolento moço de reposte..." [AH.5, 333].

Se o falante tem a suspeita como coisa certa, ou nela acredita, o normal é aparecer o indicativo:

"*Suspeitava*-se que era a alma da velha Brites que andava ali penada" [AH.5, 364].

Usa-se o subjuntivo nas orações adjetivas que exprimem:

a) fim:

"Ando à cata de um criado que *seja* econômico e fiel" [RB].

b) consequência (o relativo vem precedido de preposição, geralmente, *com*):

"Daqui levarás tudo tão sobejo
Com que faças (= que com isso) o fim a teu desejo" [LC.1, II, 4].

c) uma conjectura e não uma realidade:

Compare-se:

O cidadão que *ama* sua pátria engrandece-a. (realidade)

O cidadão que *ame* sua pátria engrandece-a. (conjectura)

d) depois de um predicado negativo, ou de uma interrogação de sentido negativo quando enunciam uma qualidade que determine e restrinja a ideia expressa por esse predicado ou interrogação:

"Não há homem algum que *possa* gabar-se de ser completamente feliz.
Quem há aí que *seja* completamente feliz?" [RV.1, 274-5]

Nas orações adverbiais usa-se o subjuntivo:

a) nas causais de *não porque*, *não* (ou *nem*), quando se quer dizer que a razão aludida não é verdadeira:

"Deitei-me ontem mais cedo, não porque *tivesse* sono, mas porque precisava de me levantar hoje de madrugada" [RV.1, 274].

b) nas concessivas de *ainda que*, *embora*, *conquanto*, *posto que*, *se bem que*, *por muito que*, *por pouco que* (e semelhantes), não havendo, entretanto, completo rigor a respeito:

"Ainda que *perdoemos* aos maus, a ordem moral não lhes perdoa, e castiga a nossa indulgência" [MM].

"Por mais sagaz que *seja* o nosso amor próprio, a lisonja quase sempre o engana" [MM].

Entram neste rol as alternativas de sentido concessivo (ou... ou, quer... quer) e as concessivas justapostas do tipo de *fosse ele o culpado*, *ainda assim lhe perdoaria*.

c) nas condições de *se*, *contanto que*, *sem que*, *a não ser que*, *suposto que*, *caso*, *dado que*, para exprimir hipótese, e não uma realidade. Entra ainda neste grupo a comparativa hipotética *como se*:

"Se as viagens simplesmente *instruíssem* os homens, os marinheiros seriam os mais instruídos" [MM].

"E moviam os lábios, como se *tentassem* falar" [AH.1, 26].

Se se tratar de coisa real ou tida como tal, geralmente aparece o indicativo:

"Não há momento que perder, se *queremos* salvar-nos" [AH.1, 253].

d) nas consecutivas quando se exprime uma simples concepção e não um fato real:

"Devemos regular a nossa vida de modo que *possamos* esperar e não recear depois de nossa morte" [MM].

"Não subais tão alto que a queda *seja* mortal" [MM].

e) nas finais:

"Os maus são exaltados para serem felizes, para que *caiam* do mais alto e *sejam* esmagados" [MM].

f) nas temporais de *antes que*, *assim que*, *até que*, *enquanto*, *depois que*, *logo que*, quando ocorrem nas negações ou nas indicações de simples concepção, e não uma realidade (caso em que aparece o indicativo):

"Cumprirei o que ordenas, porque jurei obedecer-te cegamente enquanto não *salvássemos* a irmã de Pelágio" [AH.1, 215].

Casos particulares:

1) A oração substantiva que completa a exclamação de surpresa *quem diria* constrói-se com indicativo ou subjuntivo:

Quem diria que ele *era* capaz disso.

Quem diria que ele *fosse* capaz disso.

2) Com os indefinidos do tipo *o que quer que* é mais comum o emprego do subjuntivo:

Saiu com o que quer que *fosse*.

Alexandre Herculano vacilou entre o emprego de *fosse* (ed. de 1876) e *era* (ed. de 1864) no seguinte passo:

"Com um olhar de simpatia e compaixão, misturada do que quer que *era* de admiração e de terror involuntário" [AH.1, 265 ed. 1864].

3) Também têm o verbo no subjuntivo as orações introduzidas por *que*, quando restringem a generalidade de um asserto:

"Não há, que eu *saiba*, expressão mais suave" [ED.1, 128].

3) **Imperativo** – Cumpre apenas acrescentar ao que disse anteriormente:

a) que o infinitivo pode substituir o imperativo nas ordens instantes:

"Todos se chegavam para o ferir, sem que a D. Álvaro se ouvissem outras palavras, senão estas: *Fartar*, rapazes" [AH.2, 98].

b) que se usa o imperativo do verbo *querer* (ao lado do subjuntivo presente) seguido de infinitivo para suavizar uma ordem:

Queira aceitar meus cumprimentos.

OBSERVAÇÃO: Os casos aqui lembrados estão longe de enquadrar a trama complexa do emprego de tempos e modos em português. São várias as situações que podem, ferindo os princípios aqui expostos, levar o falante ou escritor a buscar novos meios expressivos. São questões que fogem ao âmbito da Gramática e constituem preocupação da Estilística.

Emprego das formas nominais – A respeito das formas nominais, cumpre acrescentar ao que se disse nas páginas anteriores:

A – **Infinitivo histórico** – Entende-se por *infinitivo histórico* ou *de narração* aquele que, numa narração animada, considera a ação como já passada, e não no seu desenvolvimento:

"E os médicos a *insistirem* que saísse de Lisboa" [J. Dinis].

"Ela a *voltar* as costas, e o reitor a pôr o chapéu na cabeça" [J. Dinis].

"E ele a *rir*-se, ele a *regalar*-se" [EQ] 70

B – **Emprego do infinitivo** (flexionado e sem flexão):

1) *Infinitivo pertencente a uma locução verbal*:

Não se flexiona normalmente o infinitivo que faz parte de uma locução verbal:

"E o seu gesto era tão desgracioso, coitadinho, que todos, à exceção de Santa, *puseram*-se *a rir*" [AAz *apud* FB.1, 138].

"Pois, se *ousais levar* a cabo vosso desenho, eu ordeno que o façais" [AH *apud* FB.1, 196].

"Depois mostraram-lhe, um a um, os instrumentos das execuções, e explicaram-lhe por miúdo como *haviam de morrer* seu marido, seus filhos e o marido de sua filha" [CBr *apud* FB.1, 221].

Encontram-se exemplos que se afastam deste critério quando ocorrem os seguintes casos:

a) o verbo principal se acha afastado do auxiliar e se deseja avivar a pessoa a quem a ação se refere:

"*Possas* tu, descendente maldito
De uma tribo de nobres guerreiros,
Implorando cruéis forasteiros,
Seres presa de vis Aimorés" [GD.4, II, 31].

"... dentro dos mesmos limites atuais *podem* as cristandades *nascerem* ou *anularem*-se, *crescerem* ou *diminuírem* em certos pontos desses vastos territórios" [AH.2, 173].

b) o verbo auxiliar, expresso anteriormente, cala-se depois:

"*Queres ser* mau filho, *deixares* uma nódoa d'infância na tua linhagem" [AH.2, 174].

2) *Infinitivo dependente dos verbos causativos e sensitivos*:

Com os causativos *deixar*, *mandar*, *fazer* (e sinônimos), a norma é aparecer o infinitivo sem flexão, qualquer que seja o seu agente:

"Sancho II deu-lhe depois por válida a carta e *mandou*-lhes *erguer* de novo os marcos onde eles os haviam posto" [AH.2, 64].

"*Fazei*-os *parar*" [AH.2, 75].

"*Deixai vir* a mim as criancinhas".

Mas flexionado em:

"e *deixou fugirem*-lhe duas lágrimas pelas faces" [AH.2, 155]. 71

"Não são poucas as doenças para as quais, por desídia, vamos *deixando perderem*-se os nomes velhos que têm em português" [MBa.5, 211].

Com os sensitivos *ver*, *ouvir*, *olhar*, *sentir* (e sinônimos), o normal é empregar-se o infinitivo sem flexão, embora aqui o critério não seja tão rígido:

"Olhou para o céu, viu estrelas... escutou, *ouviu ramalhar* as árvores" [AH.2, 101].

"... o terror fazia-lhes crer que já *sentiam ranger* e *estalar* as vigas dos simples..." [AH.2, 172].

Os seguintes exemplos atestam o emprego do infinitivo flexionado:

"Em Alcoentre os ginetes e corredores do exército real vieram escaramuçar com os do infante, e ele próprio os *ouvia chamarem*-lhe traidor e hipócrita" [AH.2, 96].

"Creio que comi: *senti renovarem*-se-me as forças" [AH.2, 172].

Observações:

1.ª) Com os causativos e sensitivos pode aparecer ou não o pronome átono que pertence ao infinitivo (obs. 5.ª):

"*Deixei*-o *embrenhar* (por *embrenhar-se*) e transpus o rio após ele" [AH.2, 77].

"O faquir *deixou*-o *afastar* (por *afastar-se*)" [AH.2].

"Enconstando-se outra vez na sua dura jazida, Egas *sentiu alongar*-se a estrupiada dos cavalheiros..." [AH.3, 265-6].

"E o eremita *viu*-a, ave pernalta e branca, *bambolear*-se em voo, ir chegando, *passar*-se para cima do leito, *aconchegar*-se

ao pobre homem...” [JR.2, 327].

Por isso não cabe razão a Mário Barreto [MBa.4, 51] quando condena, nestes casos, o aparecimento do pronome átono.

2.ª) Aqui também o infinitivo pode aparecer flexionado, por se calar o auxiliar:

“*viu alvejar* os turbantes, e, depois *surgirem* rostos tostados, e, depois, *reluzirem* armas” [AH.1, 257].

3) *Infinitivo fora da locução verbal*:

Fora da locução verbal, “a escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos somente da ação ou do intuito ou necessidade de pormos em evidência o agente do verbo” [SA.2, 246].

O infinitivo sem flexão revela que a nossa atenção se volta com especial atenção para a ação verbal; o flexionamento serve de insistir na pessoa do sujeito:

Estudamos { para *vencer* na vida
para *vencermos* na vida

“As crianças são acalentadas por *dormirem*, e os homens enganados para *sossegarem*” [MM].

Ocorre o infinitivo flexionado nos seguintes casos principais:

1.º) “sempre que o infinitivo estiver acompanhado de um nominativo sujeito, nome ou pronome (quer igual ao de outro verbo, quer diferente);

2.º) sempre que se tornar necessário destacar o agente, e referir a ação especialmente a um sujeito, seja para evitar confusão, seja para tornar mais claro o pensamento. O infinitivo concordará com o sujeito que temos em mente;

3.º) quando o autor intencionalmente põe em relevo a pessoa a que o verbo se refere” [SA.1, 72]:

Estudamos para nós *vencermos* na vida.

“Beijo-vos as mãos, senhor rei, por vos *lembrardes* ainda de um velho homem de armas que para nada presta hoje” [AH *apud* FB.1, 195].

“É permitido aos versistas *poetarem* em prosa” [CBr.1, 60].

APÊNDICE

PASSAGEM DA VOZ ATIVA À PASSIVA E VICE-VERSA

Em geral, só pode ser construído na voz passiva verbo que pede objeto direto, acompanhado ou não de outro complemento. Daí a língua padrão lutar contra linguagens do tipo:

A missa foi assistida por todos,

uma vez que o verbo *assistir*, nesta acepção, só se constrói com complemento relativo:

Todos assistiram à missa.

À força do uso já se fazem concessões aos verbos:

apelar: A sentença não foi *apelada*.
aludir: Todas as faltas foram *aludidas*.
obedecer: Os regulamentos não são *obedecidos*.
pagar: As pensionistas foram *pagas* ontem.
perdoar: Os pecadores devem ser *perdoados*.

responder: Os bilhetes seriam *respondidos* hoje.

Na passagem da ativa para a passiva segue-se o esquema:

1.º) o sujeito da ativa, se houver, passa a agente da passiva;

2.º) o objeto direto da ativa, se houver, passa a sujeito da passiva;

3.º) o verbo da voz ativa passa para a voz passiva, conservando-se o mesmo tempo e modo;

4.º) não sofrem alteração os outros termos oracionais que apareçam.

Exemplo 1:

Ativa	*Passiva*
Eu li o livro	O livro foi lido por mim

Exemplo 2 (com pronome oblíquo):

Ativa	*Passiva*
Nós o ajudamos ontem	Ele, ontem, foi ajudado por nós

Exemplo 3 (com sujeito indeterminado):

Ativa	*Passiva*
Enganar-me-ão	Eu serei enganado

Exemplo 4 (com tempo composto):

Ativa	*Passiva*
Eles têm cometido erros	Erros têm sido cometidos por eles

Exemplo 5 (com sujeito indeterminado de verbo que aparecerá na passiva pronominal):

Ativa	*Passiva*
Vendem casas	Vendem-se casas
Vendem esta casa	Vende-se esta casa

7 – Advérbio

Advérbio – É a expressão modificadora que por si só denota uma circunstância (de lugar, de tempo, modo, intensidade, condição, etc.) e desempenha na oração a função de adjunto adverbial:

Aqui tudo vai *bem* (lugar e modo).

Hoje não irei *lá* (tempo, negação, lugar).

O aluno *talvez não* tenha redigido *muito bem* (dúvida, negação, intensidade, modo).

O *advérbio* é constituído por palavra de natureza nominal ou pronominal e se refere geralmente ao verbo, ou ainda, dentro de um grupo nominal unitário, a um adjetivo e a um advérbio (como intensificador), ou a uma declaração inteira:

José escreve *bem* (advérbio em referência ao verbo).

José é *muito* bom escritor (advérbio em referência ao adjetivo *bom*).

José escreve *muito* bem (advérbio em referência ao advérbio *bem*).

Felizmente José chegou (advérbio em referência a toda a declaração: José chegou; o advérbio deste tipo geralmente exprime um juízo pessoal de quem fala e constitui a cláusula comentário.

Fundamentalmente, distribuem-se os advérbios em assinalar a posição temporal (os de tempo) ou espacial do falante (os de lugar), ou ainda o modo pelo qual se visualiza o "estado de coisas" designado na oração.

Certos advérbios são assinalados em função de modificador de substantivo, principalmente

quando este é entendido não tanto enquanto substância, mas enquanto qualidade que esta substância apresenta: *Gonçalves Dias é verdadeiramente poeta* [PL *apud* por EBm.1, 8].

Pessoas ***assim*** não merecem nossa atenção.

Também certos advérbios funcionam como predicativo, à maneira dos adjetivos:

A vida é ***assim***.

Como bem diz Mattoso Câmara [MC.8, 122], perturba a descrição e a demarcação classificatória "a extrema mobilidade semântica e funcional que caracteriza os advérbios".

Combinações com advérbios – Advérbios há de *tempo* e *lugar* que marcam melhor sua função ou designação mediante o emprego de uma preposição [AL.1, §188]:

Por agora, estão encerrados os trabalhos.

Até então os telefones não funcionavam.

Desde cedo já havia compradores de ingresso.

De longe já se viam as chamas.

Por aqui se pode entrar na cidade.

As crianças *de hoje* contam com mais divertimentos.

Eles sempre se apresentam com as promessas *de sempre*.

Alguns advérbios – como as preposições que veremos ao seu tempo – precedem o transpositor ***que*** para marcar a circunstância, formando o que a gramática tradicional chama de *locuções conjuntivas* adverbiais. A rigor, trata-se de um grupo de palavras que, por hipotaxe, funciona como conjunção:

Agora que tudo serenou, podemos retornar.

Sabíamos que ele estava errado *sempre que* gaguejava.

Ainda que estude, terá de aperfeiçoar-se *depois que* se gradue.

Já que não me responde, sinto-me desobrigado de convidá-lo.

Assim que chegou, começou a trabalhar.

No capítulo de conjunção, teremos oportunidade de fazer referência a certos advérbios que, graças à sua mobilidade posicional, se colocam – quase sempre no início – de maneira tal, que têm levado alguns gramáticos a classificá-los como conjunção coordenativa explicativa (causal), conclusiva, etc. É o caso de advérbios como *pois*, *logo*, *entretanto*, *contudo*, *por conseguinte*, em construções do tipo [MMa.1, 153]:

Ela saiu cedo, *por conseguinte* encontrou facilidade de condução.

Tudo estava preparado, *logo* se poderia começar a reunião.

Advérbio e preposição – Já vimos que alguns advérbios se constituem pela união de preposição a substantivos, adjetivos ou a próprio advérbio, apresentando-se, conforme a ortografia vigente, ora escritos numa só palavra, ora separadamente. Unido o grupo a preposições, teremos um conjunto que, por hipotaxe, funciona como simples preposição a introduzir um adjunto adverbial: *apenas*, *em frente*, *em cima*, *depressa*, *debaixo*, *em baixo* (*embaixo*), *detrás*, etc.

Os livros ficam *debaixo da* mesa. (*sob* a mesa)

O carro estacionou *em frente da* casa.

A jarra repousa *em cima da* mesa. (*sobre* a mesa)

Construções como:

O vizinho escreveu *contra* o argumento,

permitem a passagem da preposição a advérbio pela redução da unidade introduzida pela preposição, construção breve, mas sem circulação frequente no idioma:

"Toda a minha vida colegial se desenha no espírito com tão vivas cores, que parecem frescas de ontem, e todavia mais de trinta anos já lhes pairaram *sobre*" [JA.4, 102].

O vizinho escreveu *contra*.

Já falei *a respeito*.

O advérbio estabelece a transição dos vocábulos variáveis para os invariáveis; a rigor não tem flexão propriamente dita, mas há uns tantos advérbios que admitem graus de qualidade como os nomes [RV.1, 71].

Locução adverbial – é o grupo geralmente constituído de preposição + substantivo (claro ou subentendido) que tem o valor e o emprego de advérbio. A preposição, funcionando como transpositor, prepara o substantivo para exercer uma função que primariamente não lhe é própria:

com efeito, *de graça*, *às vezes*, *em silêncio*, *por prazer*, *sem dúvida*, etc.

Na constituição das locuções adverbiais, o substantivo que nelas entra pode estar no masculino ou no feminino e no singular ou no plural, segundo as normas fixadas pela tradição.

Outras vezes o substantivo vem com acompanhante e pode ocorrer até a omissão do substantivo, em expressões fixas:

na verdade, *de nenhum modo*, *em breve* (subentende-se *tempo*), *à direita* (ao lado de *à mão direita*), *à francesa* (subentende-se *à moda*), etc.

Frequentemente se cala a preposição nas locuções adverbiais de tempo e modo:

Esta semana (por *nesta semana*) teremos prova.

Espingarda ao ombro (por *de espingarda ao ombro*), juntou-se ao grupo de pessoas.

Circunstâncias adverbiais – Constituindo o advérbio uma classe de palavra muito heterogênea, torna-se difícil atribuir-lhe uma classificação uniforme e coerente. Em geral, seu papel na oração se prende não apenas a um núcleo (verbo), mas se amplia na extensão em que se espraia o conteúdo manifestado no predicado. Isto lhe permite, em primeiro lugar, certa flexibilidade de posição não só no espaço em que se prolonga o predicado (com seu núcleo verbal), mas se estende aos domínios do sujeito, podendo antecedê-lo ou vir-lhe posposto. Este papel singular do advérbio lhe dá também certa autonomia fonológica, de contorno entonacional muito variado, a serviço do intuito comunicativo do falante.

Assim, há advérbios de papel semântico-sintático mais *internamente* ligados ao núcleo verbal (e estes não gozam das flexibilidades de posição e entoação atrás referidas), e há os advérbios mais externamente ligados ao núcleo verbal. Daí escapar ao analista uma classificação unitária que abarque todos os casos possíveis. É bom caminho, parece-nos, adotar a proposta de Alarcos Llorach no sentido de ater-se o analista "às relações que cada advérbio contrai dentro do enunciado, quer no seu papel primário de adjacente circunstancial,

quer por sua combinação com outras unidades no interior de um grupo nominal unitário" [AL.1, § 178].

Na classificação do advérbio, ora se pauta pelos valores léxicos (semânticos) das unidades que o constituem, ora por critérios funcionais. No primeiro caso, são os advérbios classificados como denotadores de *tempo* (*agora*, *antes*, *tarde*, etc.), de *lugar* (*aqui*, *fora*, etc.), de *quantidade* (*tanto*, *muito*, *bastante*, etc.), etc. Pelo segundo critério, teremos os *demonstrativos* (*aqui*, *então*, *agora*, *aí*, etc.), os *relativos* (*onde*, *como*, *quando*, etc.) e *interrogativos* (*quando*?, *onde*?, *como*?).

As principais circunstâncias expressas por advérbio ou locução adverbial são:

1) *assunto*: Conversar sobre música.

2) *causa*: Morrer de fome.

3) *companhia*: Sair com os amigos.

4) *concessão*: Voltaram apesar do escuro.

5) *condição*: Só entrará com autorização. Não sairá sem licença.

6) *conformidade*: Fez a casa conforme a planta.

7) *dúvida*: Talvez melhore o tempo. Acaso encontrou o livro.

8) *fim*: Preparou-se para o baile.

9) *instrumento*: Escrever com lápis.

10) *intensidade*: Andou mais depressa.

11) *lugar*: Estuda aqui. Foi lá. Passou pela cidade. Veio dali.

12) *modo*: Falou assim. Anda mal. Saiu às pressas.

13) *referência*: "O que nos sobra *em glória* de ousados e venturosos navegantes, míngua-nos *em fama* de enérgicos e previdentes colonizadores" [LCo *apud* FB.1, 218].

14) *tempo*: Visitaram-nos hoje. Então não havia recursos. Sempre nos cumprimentaram. Jamais mentiu.

15) *negação*: Não lerá sem óculos.

OBSERVAÇÃO: A Nomenclatura Gramatical Brasileira põe os denotadores de *inclusão*, *exclusão*, *situação*, *retificação*, *designação*, *realce*, etc. à parte, sem a rigor incluí-los entre os advérbios, mas constituindo uma classe ou grupo heterogêneo chamado *denotadores*, que coincide, em parte, com a proposta de José Oiticica das *palavras denotativas*, muitas das quais têm papel transfrástico e melhor atendem a fatores de função textual estranhos às relações semântico-sintáticas inerentes às orações em que se acham inseridas:

1 – *inclusão*: também, até, mesmo, etc.:

Até o professor riu-se.

Ninguém veio, *mesmo* o irmão.

2 – *exclusão*: só, somente, salvo, senão, apenas, etc.:

Só Deus é imortal.

Apenas o livro foi vendido.

3 – *situação*:

Mas que felicidade.

Então duvida que se falasse latim?

Pois não é que ele veio.

4 – *retificação*: aliás, melhor, isto é, ou antes, etc.:

Comprei cinco, *aliás*, seis livros.

Correu, *isto é*, voou até nossa casa.

5 – *designação*:

Eis o homem.

6 – *realce*:

Nós *é que* somos brasileiros.

7 – *expletivo*: lá, só, ora, que:

Eu sei *lá*!

Vejam *só* que coisa!

Oh! *Que* saudade *que* tenho!

Ora decidamos logo o negócio.

8 – *explicação*: a saber, por exemplo, isto é, etc.:

Eram três irmãos, *a saber*: Pedro, Antônio e Gilberto.

O plano "transfrástico" e os advérbios – No estudo de certas unidades torna-se de capital importância não deixar de lado as diversas camadas ou estratos de estruturação gramatical. No que toca particularmente a certos advérbios, merece atenção a camada da *antitaxe*, que diz respeito à retomada ou substituição de uma unidade de um plano gramatical qualquer, já presente ou virtualmente presente ou previsto no discurso, poder ser retomada ou antecipada por outra unidade, num ponto do discurso individual ou dialogado [ECs.2, 38]. A substituição ou retomada já vinha sendo posta em evidência pela gramática tradicional no caso dos pronomes; mas a ação da antitaxe é mais ampla e vai desembocar no papel textual de alguns advérbios, como veremos a seguir.

Assim, não são advérbios mas substitutos de oração (pro-orações ou pro-textos) *sim*, *não*, *talvez*, *também*, quando retomam, como respostas, enunciados textuais:

Você vai ao cinema? – *Sim.*

Ela fez os exercícios? – *Não*.

Tu não foste escolhido? *Também.*

Estão no mesmo caso as unidades de valor circunstancial (advérbios) que aparecem em orações do tipo seguinte, mas que retomam "estados de coisas" designados ou intuídos anteriormente, que exprimem relações ligadas ao sentido do discurso:

De fato nós saímos cedo.

Isto, *sem dúvida*, está errado.

Estes casos de antitaxe (retomada ou substituição) se combinam com outra camada de estruturação gramatical que é a *hipertaxe* ou *superordenação*, fenômeno pelo qual uma unidade de camada inferior pode funcionar sozinha em camadas superiores. É o caso de advérbios em *-mente* quando saem da camada no nível da palavra para funcionar no nível da cláusula e daí no nível da oração ou do texto, em exemplos como:

Certamente!

Naturalmente!

ambos no nível da oração e do texto, ou em:

Certamente ela não virá hoje.

Todos saíram ilesos, *felizmente*.

Naturalmente ele negará o que disse ontem.

todos no nível da cláusula comentário.

Portanto, a tais advérbios não se há de querer aplicar a série de características canônicas do advérbio que se acha exclusivamente preso às referências do núcleo verbal.

Também merecem referência especial os advérbios que estão no papel de diferençar as orações pelo seu "significado ôntico", isto é, o valor de existência que se atribui ao "estado de coisas" designado pela oração (existência certa, negada, duvidosa, desejada, etc.) 72. É o caso dos advérbios de *negação* e de *dúvida*:

Ele veio / Ele *não* veio

Ela chega / Ela *talvez* chegue

Advérbios de base nominal e pronominal – O advérbio, pela sua origem e significação, se prende a nomes ou pronomes, havendo, por isso, advérbios nominais e pronominais.

Entre os *nominais* se acham aqueles formados de adjetivos acrescidos do "sufixo" *-mente*: *rapidamente* (= de modo rápido), *pessimamente*. Na realidade, ficam a meio caminho, fonológica e morfologicamente, da derivação e da composição (locução).

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Se o nome tem forma para masculino e feminino, junta-se o sufixo ao feminino. Fazem exceção alguns adjetivos terminados em *ês* e *or*, que no português antigo só apresentavam uma forma para ambos os gêneros. Daí dizer-se *portuguesmente* (e não *portuguesamente*); *superiormente* (e não *superioramente*), *melhormente*.

2.ª) Estes advérbios em *-mente* se caracterizam por conservar o acento vocabular de cada elemento constitutivo, ainda que mais atenuado, o que lhes permite, numa série de advérbios, em geral só apresentar a forma em *-mente* no fim: Estuda *atenta* e *resolutamente*. Havendo ênfase, pode-se repetir o advérbio na forma plena:

"Depois, ainda falou *gravemente* e *longamente* sobre a promessa que fizera" [MA *apud* SS.1, § 480].

Entre os *pronominais*, temos:

a) *demonstrativos*: aqui, aí, acolá, lá, cá.

b) *relativos*: onde (em que), quando (em que), como (por que).

c) *indefinidos*: algures, alhures, muito, pouco, que.

d) *interrogativos*: onde?, quando?, como?, por que? (por quê?).

Os advérbios relativos, como os pronomes relativos, servem para referir-se a unidades que estão postas na oração anterior. Nas ideias de lugar empregamos *onde*, em vez de *em que*, *no qual* (e flexões):

A casa *onde* mora é excelente.

Precedido das preposições *a* ou *de*, grafa-se *aonde* e *donde*:

O sítio *aonde* vais é pequeno.

É bom o colégio *donde* saímos.

Ainda como os pronomes relativos, os advérbios relativos podem empregar-se de modo absoluto, isto é, sem referência a antecedente:

Moro onde mais me agrada.

Os advérbios interrogativos de base pronominal se empregam nas perguntas diretas e indiretas em referência ao lugar, tempo, modo ou causa:

Onde está estudando o primo? Ignoro onde estuda.

Quando irão os rapazes? Não sei quando irão os rapazes.

Como fizeram o trabalho? 73. Perguntei-lhes como fizeram o trabalho.

Por que chegaram tarde? Dir-me-ás por que chegaram tarde.

OBSERVAÇÃO: O *Vocabulário Oficial* preceitua que se escreva em duas palavras o advérbio interrogativo *por que*, por estar preocupado em indicar a origem pronominal do advérbio, distinguindo-o de *porque* conjunção, que, na essência, se prende também a uma combinação de *por* + *que*. Melhor seria, seguindo a tradição do idioma, grafar todo *porque* num só vocábulo. Quanto à origem, *por que* e *porque* se identificam: *porque* (e o mesmo vale para *quando* e *como*) não se enquadra apenas como conjunção; *porque*, *quando* e *como* são, em verdade, "expressões adverbiais conjuntivas, isto é, expressões que, sem perderem a sua função adverbial, têm concomitantemente função conjuntiva" [MAg.1, 197].

Adverbialização de adjetivos – Muitos adjetivos, permanecendo imóveis na sua flexão de gênero e número, podem passar a funcionar como advérbio:

Fala *claro* na hora da sua defesa.

Compraram *caro* a fazenda.

Agora estão vivendo *melhor*.

O critério formal de diferenciação das duas classes de modificador (adjetivo: modificador nominal; advérbio: modificador verbal) é a variabilidade do primeiro e a invariabilidade do segundo74:

Eles vendem muito *cara* a fruta. (adjetivo)

Eles vendem *caro* a fruta. (advérbio)

A concordância atrativa e intenções estilísticas e rítmicas podem desfazer as fronteiras acima apontadas.

Intensificação gradual dos advérbios – Há certos advérbios, principalmente os de modo, que podem manifestar uma relação intensificadora gradual, empregando-se, no comparativo e superlativo, de acordo com as regras que se aplicam aos adjetivos:

1 – COMPARATIVO DE
- a) *inferioridade*: Falou *menos* alto *que* (ou *do que*) o irmão.
- b) *igualdade*: Falou *tão* alto *quanto* (ou *como*) o irmão.
- c) *superioridade*:
  - 1) *analítico*: Falou *mais* alto *que* (ou *do que*) o irmão.
  - 2) *sintético*: Falou *melhor* (ou *pior*) *que* (ou *do que*) o irmão.

2 – SUPERLATIVO ABSOLUTO
- a) *sintético*: Falou *pessimamente*, *altíssimo*, *baixíssimo*, *dificílimo*.
- b) *analítico*: Falou *muito* ruim, *muito* alto, *extremamente* baixo, *consideravelmente* difícil, *o mais* depressa possível (indica o limite da possibilidade).

Na realidade, tais intensificações ou gradações do advérbio – como do adjetivo – se expressam por estruturas sintáticas que devem merecer atenção no estudo dos padrões frasais

do português.

3 – Diminutivo com valor de superlativo – Em linguagem familiar pode-se expressar o valor superlativo do advérbio pela sua forma diminutiva, combinada com o valor lexical das unidades que com ele concorrem:

Andar *devagarzinho* (muito devagar, um tanto devagar).

Acordava *cedinho* e só voltava à noitinha.

Saiu *agorinha*.

O diminutivo das fórmulas de recomendação não indica mais lentidão ou ligeireza da realização do fato, mas serve de expressar ou acentuar a recomendação:

Vá *depressinha* apanhar o meu chapéu.

É bom que estudes *devagarinho*.

Observação: Em lugar de *mais bem* e *mais mal* empregam-se *melhor* e *pior*:

"Ninguém conhece *melhor* os interesses do que o homem virtuoso; promovendo a felicidade dos outros assegura também a própria" [MM].

Usa-se, entretanto, de *mais bem* e *mais mal* junto a adjetivos:

"Os esquadrões *mais bem* encavalgados foram despedidos logo em seguimento dos fugitivos" [AH.1, 224].

"Com a maça jogada às mãos ambas abalava e rompia as armas *mais bem* temperadas..." [AH.1, 108].

8 – Preposição

Preposição – Chama-se preposição a uma unidade linguística desprovida de independência – isto é, não aparece sozinha no discurso, salvo por hipertaxe – e, em geral, átona, que se junta a substantivos, adjetivos, verbos e advérbios para marcar as relações gramaticais que elas desempenham no discurso, quer nos grupos unitários nominais, quer nas orações.

Não exerce nenhum outro papel que não seja ser índice da função gramatical de termo que ela introduz.

Em:

Aldenora gosta de Belo Horizonte

a preposição *de* une a forma verbal *gosta* ao seu termo complementar *Belo Horizonte* para ser o índice da função gramatical preposicionada *complemento relativo*.

Já em:

homem de coragem,

a mesma preposição *de* vai permitir que o substantivo *coragem* exerça o papel de *adjunto adnominal* do substantivo *homem* – função normalmente desempenhada por adjetivo. Daí dizer-se que, nestes casos, a preposição é um *transpositor*, isto é, elemento gramatical que habilita uma determinada unidade linguística a exercer papel gramatical diferente daquele que normalmente exerce. Ora, o substantivo normalmente não tem por missão ser palavra modificadora de outro substantivo, razão por que não é comum dizer-se *homem coragem*; para que *coragem* esteja habilitado a assumir o papel gramatical do adjetivo *corajoso* (homem corajoso), faz-se necessário o concurso do transpositor *de*: homem *de coragem*.

Neste papel, o termo anterior à preposição chama-se *antecedente* ou subordinante, e o posterior chama-se *consequente* ou subordinado. O subordinante pode ser substantivo, adjetivo, pronome, verbo, advérbio ou interjeição:

livro de história
útil a todos
alguns de vocês
necessito de ajuda
referentemente ao assunto
ai de mim!

O subordinado é constituído por substantivo, adjetivo, verbo (no infinitivo ou gerúndio) ou advérbio:

casa de *Pedro*
pulou de *contente*
gosta de *estudar*
em chegando
ficou por *aqui*

No exemplo:

De noite todos os gatos são pardos,

o grupo unitário *de noite* exerce na oração o papel de adjunto adverbial; mas o que temos como núcleo é outro substantivo, cujo significado lexical está incluído no amplo campo semântico das designações temporais das partes do dia: *noite*. Impõe-se a presença do transpositor *de* para que o substantivo fique habilitado ou constituindo uma locução adverbial temporal (*de noite*) e assim possa exercer a função de adjunto adverbial na oração acima.

No exemplo primeiro:

Aldenora gosta de Belo Horizonte,

diz-se que a preposição aparece por *servidão gramatical*, isto é, ela é mero índice de função sintática, sem correspondência com uma noção ou categoria gramatical, exigida pela noção léxica do grupo verbal e que, exterior ao falante, impõe a este o uso exclusivo de uma unidade linguística [GGh.1, 99]. É o que ocorre, por exemplo, com "a regência obrigatória de determinada preposição para os objetos que são alvo direto do processo verbal (*tratar de alguma coisa*, etc.)" [MC.4, 217].

Preposição e significado – Já vimos que tudo na língua é semântico, isto é, tudo tem um significado, que varia conforme o papel léxico ou puramente gramatical que as unidades linguísticas desempenham nos grupos nominais unitários e nas orações. As preposições não fazem exceção a isto:

Nós trabalhamos *com* ele, e não *contra* ele.

Contextos deste tipo ressaltam bem o significado de unidades como *com ele* e *contra ele*, auxiliados por diferentes preposições. Todavia, devemos lembrar aqui a noção de *significado unitário* (que não quer dizer significado *único*), exposta nas páginas de introdução.

Ora, cada preposição tem o seu significado unitário, fundamental, primário, que se desdobra em outros significados contextuais (sentido), em acepções particulares que emergem do nosso saber sobre as coisas e da nossa experiência de mundo.

Coseriu lembra, para tanto, o caso da preposição *com*, à qual as gramáticas atribuem englobadamente os significados de "companhia" (*dancei com Marlit*), "modo" (*estudei com prazer*), "instrumento" (*cortei o pão com a faca*), "causa" (*fugiu com medo do ladrão*),

“oposição” (*lutou com o ladrão*), entre outras.

A língua portuguesa só atribui a *com* o significado de “copresença”; o que, na língua, mediante o seu sistema semântico, se procura expressar com esta preposição é que, na fórmula *com* + *x*, *x* está sempre presente no “estado de coisas” designado. Os significados ou sentidos contextuais, analisados pela nossa experiência de mundo e saber sobre as coisas (inclusive as coisas da língua, que constitui a nossa competência linguística) nos permitem dar um passo a mais na interpretação e depreender uma acepção secundária.

Assim, em *cortar o pão com faca*, pelo que sabemos o que é “cortar”, “pão”, “faca”, entendemos que a *faca* não só esteve presente ao ato de “cortar o pão”, mas foi o “instrumento” utilizado para a realização desta ação.

Já em *dancei com Marlit*, emerge, depois da noção da “copresença”, o sentido de “companhia”, pois que em geral não se pratica a dança sozinho.

Em *estudei com prazer*, o *prazer* não só esteve “presente”, mas representou o “modo” de como a ação foi levada a termo.

Mas que a preposição *com* por si não significa “instrumento”, prova-o que esta interpretação não se ajusta a:

Everaldo cortou o pão *com* a Rosa,

pois que, assim como sabíamos o que significa *faca*, sabemos o que é *Rosa*: não se trata de nenhum instrumento cortante, capaz de fatiar o *pão*; teríamos, neste exemplo, uma acepção contextual (sentido) de “ajuda”, ou “companhia”, por esta ou aquela circunstância em que o *pão* se achava e que só o entorno ou situação poderia explicar o conteúdo da oração.

Assim, não se deve perder de vista que, na relação dos “significados” das preposições, há sempre um significado unitário de língua, que se desdobra em sentidos contextuais a que se chega pelo contexto e pela situação.

O sistema preposicional do português, do ponto de vista semântico, está dividido em dois campos centrais: um que se caracteriza pelo traço “dinamicidade” (física ou figurada) e outro em que os traços de noções “estáticas” e “dinâmicas” são indiferentemente marcados ambos, tanto em referência ao espaço quanto ao tempo.[75]

Ao primeiro campo pertencem: *a*, *contra*, *até*, *para*, *por*, *de* e *desde*; ao segundo: *ante*, *trás*, *sob*, *sobre*, *com*, *sem*, *em* e *entre*.

O primeiro grupo admite divisão em dois subgrupos: *a*) movimento de aproximação ao ponto de chegada (*a*, *contra*, *até*, *para*) ; *b*) movimento de afastamento (*de*, *desde*). A preposição *por* se mostra compatível com as duas noções aqui apontadas.

O primeiro subgrupo ainda se pode dividir em duas outras noções suplementares: *a*) “chegada ao limite” (*a*, *até*, *contra*, sendo que a *contra* se adiciona a noção de “limite como obstáculo” ou “confrontamento”); *b*) “mera direção” (*para*).

O segundo subgrupo também admite divisão em duas outras noções de afastamento: *a*) “origem” (*de*); *b*) “mero afastamento” (*desde*).

O segundo grupo admite divisão em dois subgrupos: *a*) situação definida e concreta (*ante*, *trás*, *sob*, *sobre*); *b*) situação mais imprecisa (*com*, *sem*, *em*, *entre*).

O primeiro subgrupo acima ainda se pode dividir em duas outras noções suplementares: *a*)

“situação horizontal” (*ante*, *trás*); *b*) “situação vertical” (*sob*, *sobre*).

O segundo subgrupo também admite divisão em duas outras noções suplementares: *a*) “copresença”, distribuída em “positiva” (*com*) e “negativa” (*sem*) ; *b*) em que a noção de “limite”, dentro da imprecisão que caracteriza o par, marca a preposição *entre*.

Veja adiante o quadro resumo do sistema preposicional do português do ponto de vista semântico.

Unidades convertidas em preposições – No sentido inverso à criação de advérbios ou locuções adverbiais mediante o emprego de preposições combinadas com substantivos (*à noite*, *de tarde*, *com prazer*, etc.), certos advérbios ou outras palavras transpostas à classe de advérbio, e certos adjetivos imobilizados no masculino podem converter-se em preposição:

Fora os alunos, ninguém mais pôde entrar no salão.

Após a chuva, vieram os prejuízos.

Os negociantes foram soltos *mediante* fiança.

Durante o jogo, a torcida cantava o hino do clube.

Também podem converter-se em preposição adjetivos como *exceto*, *salvo*, *visto*, *conforme*, *segundo*, *consoante*, *mediante* e os quantificadores indefinidos *mais* e *menos* quando estão empregados para exprimir não a quantidade, mas a soma e a subtração (***mais*** *estes reais*, ***menos*** *estes reais*; *ele* ***mais*** *o pai*).

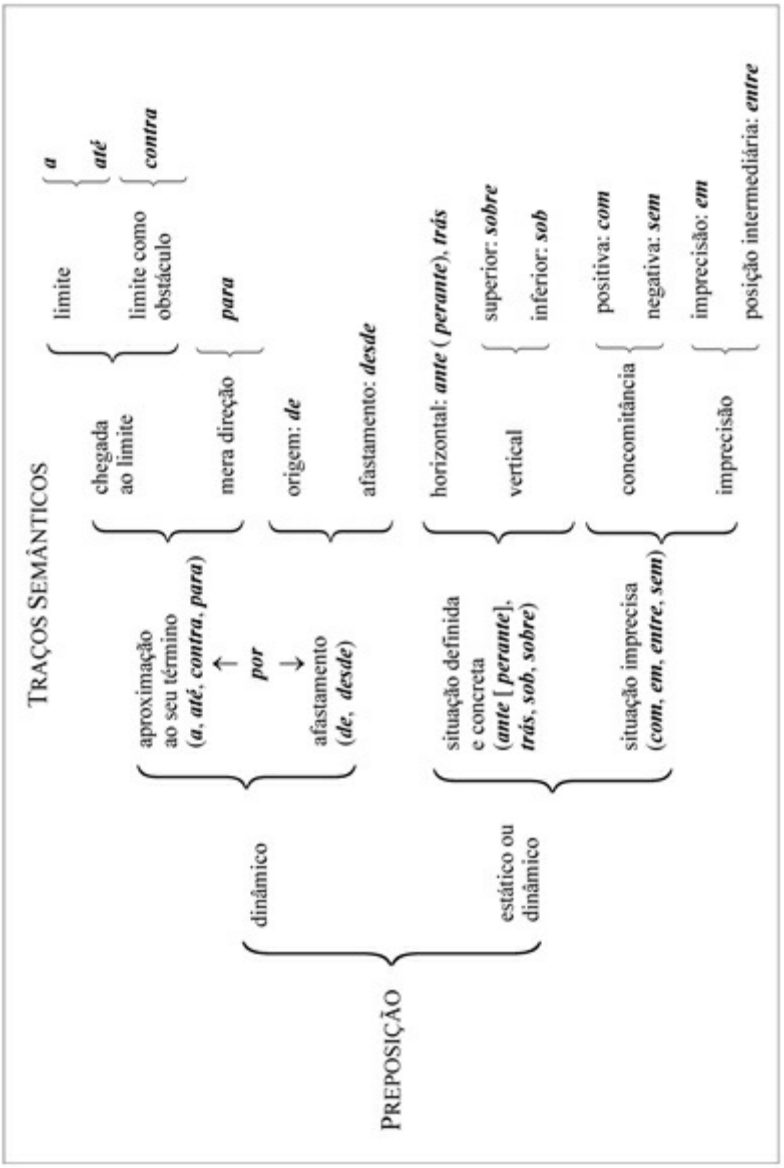

Locução prepositiva – é o grupo de palavras com valor e emprego de uma preposição. Em geral a locução prepositiva é constituída de advérbio ou locução adverbial seguida da preposição *de*, *a* ou *com*:

O garoto escondeu-se *atrás do* móvel.

Não saímos *por causa da* chuva.

O colégio ficava *em frente a* casa.

O ofício foi redigido *de acordo com* o modelo.

Às vezes a locução prepositiva se forma de duas preposições, como: *de per* (na locução *de per si*), *até a* e *para com*.

Foi *até ao* colégio.

Mostrava-se bom *para com* todos.

OBSERVAÇÃO: O substantivo que às vezes entra para formar estas locuções em geral está no singular; mas o plural também é possível: *Viver à custa do pai* (ou *às custas do pai*), *O negócio está em via de solução* (ou *em vias de solução*).

Preposições essenciais e acidentais – Há palavras que só aparecem na língua como preposições e, por isso, se dizem *preposições essenciais*: *a*, *ante*, *até*, *com*, *contra*, *de*,

desde, *em*, *entre*, *para*, *perante*, *por*, *sem*, *sob*, *sobre*, *trás*.

São ACIDENTAIS as palavras que, perdendo seu valor e emprego primitivos, passaram a funcionar como preposições: *durante*, *como*, *conforme*, *feito*, *exceto*, *salvo*, *visto*, *segundo*, *mediante*, *tirante*, *fora*, *afora*, etc.

Só as preposições *essenciais* se acompanham de formas tônicas dos pronomes oblíquos:

Sem *mim* não fariam isso.

Exceto *eu*, todos foram contemplados.

Acúmulo de preposições – Não raro duas preposições se juntam para dar maior efeito expressivo às ideias, guardando cada uma seu sentido primitivo:

Andou *por sobre* o mar.

Estes acúmulos de preposições não constituem uma locução prepositiva porque valem por duas preposições distintas. Combinam-se com mais frequência as preposições: *de*, *para* e *por* com *entre*, *sob* e *sobre*.

"De uma vez olhou *por entre* duas portadas mal fechadas para o interior de outra sala..." [CBr.1, 175].

"Os deputados oposicionistas conjuravam-no a não levantar mão *de sobre* os projetos depredadores" [CBr.1].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Pode ocorrer depois de algumas preposições acidentais (*exceto*, *salvo*, *tirante*, *inclusive*, etc. de sentido exceptivo ou inclusivo) outra preposição requerida pelo verbo, sendo que esta última preposição não é obrigatoriamente explicitada:

Gosto de todos daqui, exceto *ela* (ou *dela*).

Sem razão, alguns autores condenam, nestes casos, a explicitação da segunda preposição (*dela*, no exemplo acima).

Senhoreou-se de tudo, *exceto dos* dois sacos de prata [CBr *apud* MBa.3, 326].

2.ª) Na coordenação, não é necessário repetir as preposições, salvo quando assim o exigirem a ênfase, a clareza ou a eufonia:

Quase não falaram *com* o diretor e repórteres.

Quase não falaram *com* o diretor e *com* os repórteres.

A repetição é mais frequente antes dos pronomes pessoais tônicos e do reflexivo:

Então desde o Nilo ao Ganges / Cem povos armados vi / erguendo torvas falanges / *contra mim* e *contra ti* [Passos *apud* ED.2, § 223, a].

A norma se estende às locuções prepositivas, quando é mais comum a repetição do último elemento da locução:

Antes *do* bem e *do* mal estamos nós.

Quando a preposição se encontra combinada com artigo, deve ser repetida se repetido está o artigo:

"Opor-se *aos* projetos e *aos* desígnios d'alguns" [ED.2]

3.ª) Uma expressão preposicionada indicativa de lugar ou tempo pode ser acompanhada de uma segunda de significado local ou temporal:

Levou-o *para ao* pé da cruz.

Desde pela manhã, esperava novas notícias.

"Nós não fazemos senão andar atrás delas, *desde pela* manhã até a noite, desde a noite *até pela* manhã" [Mesquita *apud* MBa.2, 70].

Trata-se aqui de expressões petrificadas que valem por uma unidade léxica (*ao pé de*, *pela manhã*, etc.) e como tais podem depois ser precedidas de preposição.

Combinação e contração com outras palavras – Diz-se que há *combinação* quando a preposição, ligando-se a outra palavra, não sofre redução. A preposição *a* combina-se com o artigo definido masculino: *a+o = ao; a+os = aos*.

Diz-se que há *contração* quando, na ligação com outra palavra, a preposição sofre redução. As preposições que se contraem são: 76

A

1) com o artigo definido ou pronome demonstrativo feminino:

a + a = à; a + as = às (esta fusão recebe o nome de *crase*)

2) com o pronome demonstrativo:

a + aquele = àquele; a + aqueles = àqueles (crase)
a + aquela = àquela; a + aquelas = àquelas (crase)
a + aquilo = àquilo (crase)

Observações:

1.ª) Muitas vezes a ligação ou não da preposição à palavra seguinte depende da necessidade de garantir a clareza da mensagem, amparada por entoação especial:

> "Para Saussure a "ciência" dos signos era para ser um ramo da psicologia social, e a linguística uma subespécie deste ramo *apesar de a* mais importante" [JDe.1, 20].

M. Bandeira sentiu necessidade de não proceder à crase em *a aquela*, no exemplo:

> "Para tudo isso, porém, existe a adesão em massa. É o maior medo de Oswald de Andrade. De fato nada resiste *a aquela* estratégia paradoxal" [MB.2, 248].

2.ª) Não se combina o artigo quando este é parte integrante do sintagma nominal, como no seguinte exemplo:

> Há quem conheça o que se decidiu chamar *de o espírito carioca*.

É pela mesma razão de conservar a integridade que se deve evitar fazer a combinação da preposição com a palavra inicial dos títulos de livros, jornais e demais periódicos:

> *de* Os Lusíadas; *em* Os Sertões.

Também é preferível não se usar apóstrofo (*d'Os Lusíadas*), nem a repetição do artigo (*dos Os Lusíadas*).

> A prática dos escritores se mostra muito indecisa neste particular [AK.2, 55].

De

1) com o artigo definido masculino e feminino:

de + o = do; de + a = da; de + os = dos; de + as = das

2) com o artigo indefinido (menos frequente):

de + um = dum; de + uns = duns
de + uma = duma; de + umas = dumas

3) com o pronome demonstrativo:

de + aquele = daquele; de + aqueles = daqueles
de + aquela = daquela; de + aquelas = daquelas
de + aquilo = daquilo
de + esse = desse; de + esses = desses; de + este = deste; de + estes = destes
de + essa = dessa; de + essas = dessas; de + esta = desta; de + estas = destas
de + isso = disso; de + isto = disto

4) com o pronome pessoal:

de + ele = dele; de + eles = deles
de + ela = dela; de + elas = delas

5) com o pronome indefinido:

de + outro = doutro; de + outros = doutros
de + outra = doutra; de + outras = doutras

6) com advérbio:

de + aqui = daqui; de + aí = daí; de + ali = dali, etc.

Em

1) com o artigo definido, graças à ressonância da nasal:

em + o = no; em + os = nos; em + a = na; em + as = nas

2) com o artigo indefinido:

em + um = num; em + uns = nuns
em + uma = numa; em + umas = numas

3) com o pronome demonstrativo:

em + aquele = naquele; em + aqueles = naqueles
em + aquela = naquela; em + aquelas = naquelas
em + aquilo = naquilo
em + esse = nesse; em + esses = nesses; em + este = neste; em + estes = nestes
em + essa = nessa; em + essas = nessas; em + esta = nesta; em + estas = nestas
em + isso = nisso; em + isto = nisto

4) com o pronome pessoal:

em + ele = nele; em + eles = neles
em + ela = nela; em + elas = nelas

Per – com as formas antigas do artigo definido:

per + lo = pelo; per + los = pelos; per + la = pela; per + las = pelas

Para (*pra*) – com o artigo definido:

para (pra) + o = pro; para (pra) + os = pros; para (pra) + a = pra; para (pra) + as = pras

***Co*(*m*)** – com artigo definido, graças à supressão da ressonância nasal (ectlipse):

co(m) + o = co; co(m) + os = cos; co(m) + a = coa; co(m) + as = coas

A preposição e sua posição – Em vez de vir entre o termo subordinante e o subordinado, a preposição, graças à possibilidade de outra disposição das palavras, pode vir aparentemente sem o primeiro:

Por lá *todos* ***passaram***.
(subordinado) (subordinante)
Os primos ***estudaram com José***.
(subordinante) (subordinado)
Com José *os primos* ***estudaram***.
(subordinado) (subordinante)
"*Quem há de resistir*?
Resistir quem há de?" [LG]

Principais preposições e locuções prepositivas

a	de	exceto
abaixo de	de acordo com	fora de
acerca de, cerca de	debaixo de	junto a
acima de	de cima de	junto de

a fim de
à frente de
ante
antes de
ao lado de
ao longo de
ao redor de
a par com
apesar de
após
após de
a respeito de
à roda de
até
até a
atrás de
através de
com
como
conforme
consoante
contra
de conformidade com
defronte de
dentre
dentro
dentro de
dentro em
desde, dês
detrás de
diante de
durante
em
embaixo de
em cima de
em favor de
em frente de
em lugar de
em prol de
em razão de
em troco de
em vez de
entre
mediante
na conta de
não obstante
para
para com
per
por
por baixo de
por cima de
por defronte de
por dentro de
por detrás de
por diante de
por meio de
quanto a, enquanto a
segundo
sem
sem embargo de
sob
sobre
trás

Emprego da preposição

1) ***A***

Esta preposição aparece nos seguintes principais empregos:

a) Introduz complementos verbais (objetos indiretos) e nominais representados por nomes ou

pronomes oblíquos tônicos:

"Perdoamos mais vezes *aos nossos inimigos* por fraqueza, que por virtude" [MM].

"O nosso amor próprio é muitas vezes contrário *aos nossos interesses*".

"A força é hostil *a si própria*, quando a inteligência a não dirige" [MM].

b) Introduz objetos diretos:

"O mundo intelectual deleita *a poucos*, o material agrada *a todos*" [MM].

"O homem que não é indulgente com os outros, ainda se não conhece *a si próprio*" [MM].

c) Prende infinitivos a certos verbos que o uso ensinará:

"Os homens, dizendo em certos casos que vão falar com franqueza, parecem *dar a entender* que o fazem por exceção de regra" [MM].

Geralmente tais verbos indicam a causa, o início, a duração, a continuação ou o termo de movimento ou extensão da ideia contida no verbo principal. Os principais são: abalançar-se, acostumar-se, animar-se, anuir, aparelhar-se, aprender, apressar-se, arrojar-se, aspirar, atender, atrever-se, autorizar, aventurar-se, chegar, começar (também com *de* e *por*), concorrer, condenar, continuar, costumar, convidar (também com *para*), decidir-se, entrar, estimular, excitar-se, expor-se, habilitar-se, habituar-se, meter-se, obrigar, pôr-se, principiar, resolver-se, vir.

d) Prende infinitivos a certos verbos, formando locuções equivalentes e gerúndios de sentido progressivo:

"*Anda visitando* os defuntos? disse-lhe eu. Ora defuntos! respondeu Virgília com um muxoxo. E depois de me apertar as mãos: – *Ando a ver* se ponho os vadios para a rua" [MA *apud* SS.1, 309].

e) Introduz infinitivo designando condição, hipótese, concessão, exceção:

A ser verdade o que dizes, prefiro não colaborar.

"A filha estava com quatorze anos; mas era muito fraquinha, e não fazia nada, *a não ser* namorar os capadócios que lhe rondavam a rótula" [MA.1, 201].

f) Introduz ou pode introduzir o infinitivo da oração substantiva subjetiva do verbo *custar*:

"Custou-lhe muito *a aceitar* a casa" [MA.1, 194].

g) Introduz numerosas circunstâncias, tais como:

1) termo de movimento ou extensão:

"Nesse mesmo dia levei-os *ao Banco do Brasil*" [MA.1, 151].

OBSERVAÇÃO: Com os advérbios *aqui*, *lá*, *cá* e semelhantes não se emprega preposição:

"Vem *cá*, Eugênia, disse ela..." [MA.1, 96].

2) tempo em que uma coisa sucede:

"Indaguei do guarda; disse-me que efetivamente "esse sujeito" ia por ali às vezes. – *A* que horas?" [MA.1, 172].

3) fim ou destino:

"... apresentaram-se *a* falar ao imperador" [RP *apud* FB.1, 145].

Tocar *à* missa (= para assistir à missa).

Tocar o sino *a* ave-marias [EQ.5, 217].

4) meio, instrumento e modo:

matar à fome, fechar à chave, vender a dinheiro, falar aos gritos, escrever a lápis, viver a frutas, andar a cavalo.

Com os verbos *limpar*, *enxugar*, *assoar* indicamos de preferência o instrumento com *em*, e os portugueses com *a*: "limpar as lágrimas *no lenço*", "limpar as lágrimas *ao lenço*".

5) lugar, aproximação, contiguidade, exposição a um agente físico:

"Vejo-a a assomar *à porta* da alcova..." [MA.1, 14].

Estar *à janela*, ficar *à mesa*, *ao portão*, *ao sol*, falar *ao telefone*

6) semelhança, conformidade:

"Não sai *a nós*, que gostamos da paz..." [MA *apud* SS.1, 310].

"Desta vez falou *ao modo bíblico*" [MA *apud* SS.1].

Quem puxa *aos seus* não degenera.

7) distribuição proporcional, gradação:

um *a* um, mês *a* mês, pouco *a* pouco

OBSERVAÇÃO: Diz-se *pouco a pouco*, *pouco e pouco*, *a pouco e pouco*.

"*Pouco a pouco* muitas graves matronas... se tinham alongado da corte para suas honras e solares" [AH.3, 21].

8) preço:

A como estão as maçãs? *A* um real o quilo.

9) posse:

Tomou o pulso *ao* doente (= do doente).

10) forma numerosas locuções adverbiais:

à pressa, às pressas, às claras, às ocultas, às cegas, a granel, a rodo, etc.

Emprego do *à* acentuado – Emprega-se o acento grave no *a* para indicar que soa como vogal aberta nos seguintes dois casos:

1.º) quando representa a construção da preposição *a* com o artigo *a* ou o início de *aquele*(*s*), *aquela*(*s*), *aquilo*, fenômeno que em gramática se chama crase:

Fui *à* cidade.

O verbo *ir* pede a preposição *a*; o substantivo *cidade* pede o artigo feminino *a*: Fui *a a* cidade.

2.º) quando representa a *pura preposição a* que rege um substantivo feminino singular, formando uma locução adverbial que, por motivo de clareza, vem assinalada com acento diferencial:

à força, à míngua, à bala, à faca, à espada, à fome, à sede, à pressa, à noite, à tarde, etc. [SA.4, 11-23; CR.2, 233; ED.2, §§ 58 e 156; SL.1, 224].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) *Crase* é um fenômeno fonético que se estende a toda fusão de vogais iguais, e não só ao *a* acentuado.

2.ª) Não há razão para condenar-se o verbo *crasear* para significar "pôr o acento grave indicativo da crase". O que se não deve é chamar *crase* ao acento grave:

"Alencar *craseava* a preposição simples *a*" [JO.3, 27].

Ocorre a crase nos seguintes casos principais:

a) diante de palavra feminina, clara ou oculta, que não repele artigo:

Fui *à* cidade.

Dirigia-se *à* Bahia e depois *a* Paris.

Para sabermos se um substantivo feminino não repele artigo, basta construí-lo em orações em que apareçam regidos das preposições *de*, *em*, *por*. Se tivermos puras preposições, o nome dispensa artigo; se tivermos necessidade de usar, respectivamente *da*, *na*, *pela*, o artigo será obrigatório:

Fui *à* Gávea { Venho *da* Gávea / Moro *na* Gávea / Passo *pela* Gávea

Fui *a* Copacabana { Venho *de* Copacabana / Moro *em* Copacabana / Passo *por* Copacabana

Observações:

1.ª) O nome que sozinho dispensa artigo, pode tê-lo quando acompanhado de adjetivo ou locução adjetiva:

Fui *à* Copacabana de minha infância { Venho *da* Copacabana de minha infância. / Moro *na* Copacabana de minha infância. / Passo *pela* Copacabana de minha infância.

Assim se diz: Irei *à* casa paterna.

2.ª) Se for facultativo, nas condições acima, o emprego de *de* ou *da*, *em* ou *na*, *por* ou *pela*, será também facultativo o emprego do *a* acentuado:

Fui { *à* / *a* } França { Venho { *da* / *de* } França / Moro { *na* / *em* } França / Passo { *pela* / *por* } França

b) diante do artigo *a* e dos demonstrativos *aquele*, *aquela*, *aquilo*:

Referiu-se { à / *àquele* / *àquela* / *àquilo* } { que estava do seu lado

c) diante de possessivo em referência a substantivo oculto:

Dirigiu-se àquela casa e não *à* sua.

d) diante de locuções adverbiais constituídas de substantivo feminino plural:

às vezes, às claras, às ocultas, às escondidas, às três da manhã.

Não ocorre a crase nos seguintes casos principais:

a) diante de palavra de sentido indefinido:

Falou a { uma / certa / qualquer / cada / toda } pessoa

OBSERVAÇÃO: Há acento antes do numeral *uma*: Irei vê-la à uma hora.

b) diante dos pronomes relativos *que* (quando o *a* anterior for uma preposição), *quem*, *cuja*:

Está aí a pessoa *a* que fizeste alusão.
O autor *a* cuja obra a crítica se referiu é muito pouco conhecido.
Ali vai a criança *a* quem disseste a notícia.

c) diante de verbo no infinitivo:

Ficou *a* ver navios.
Livro *a* sair em breve.

d) diante de pronome pessoal e expressões de tratamento como V. Ex.ª, V.S.ª, V. M., etc.:

Não disseram *a* ela e *a* você toda a verdade.
Requeiro *a* V. Ex.ª com razão.

e) nas expressões formadas com a repetição de mesmo termo (ainda que seja um nome feminino), por se tratar de pura preposição:

frente *a* frente, cara *a* cara, face *a* face, gota *a* gota

f) diante da palavra *casa* quando desacompanhada de adjunto:

Irei *a* casa logo mais (cf. Entrei *em* casa; Saí *de* casa).

A crase é facultativa nos seguintes casos principais:

a) antes de pronome possessivo com substantivo feminino claro:

Dirigiu-se { *à* / *a* } minha casa, e não à sua

No português moderno dá-se preferência ao emprego do possessivo com artigo e, neste caso, ao *a* acentuado.

b) antes de nome próprio feminino:

As alusões eram feitas { *à* / *a* } Ângela

c) antes da palavra *casa* quando acompanhada de expressão que denota o dono ou morador, ou qualquer qualificação:

Irei { *à* / *a* } casa de meus pais

OBSERVAÇÕES:

1.ª) É preciso não identificar *crase* e *craseado* com acento e acentuado. Em tempos passados, principalmente entre os românticos, a preposição pura *a* era em geral acentuada, ainda diante de masculino, sem que isso quisesse indicar *a* craseado. Daí os falsos erros que se apontam em escritores dessa época, mormente em J. de Alencar.

2.ª) Deve-se usar *dormir a sesta*, e não *dormir à sesta*; *levá-lo a breca*, e não *levá-lo à breca*; *tudo está indo a breca*; *ele teria levado a breca*.

2) *Até*

Esta preposição indica o limite, o termo de movimento, e, acompanhando substantivo com artigo (definido ou indefinido) pode vir ou não seguida da preposição *a*:

Caminharam *até* { a / à } escola

"Ouvido isto, o desembargador comoveu-se *até às* lágrimas, e disse com mui entranhado afeto" [CBr.1, 67].

"... e prometem ser-lhe amparo *até ao* fim" [CBr.1, 77].

"Albernaz saiu fora da roda dos amigos e foi *até a* um canto da sala..." [LB *apud* SS.1, § 496].

É preciso distinguir a preposição da palavra de inclusão *até* que se usa para reforçar uma declaração com o sentido de "inclusive", "também", "mesmo", "ainda". A preposição pede pronome pessoal oblíquo tônico e a palavra de inclusão pede pronome pessoal reto:

Ele chegou *até mim* e disse toda a verdade.

Até eu recebi o castigo.

3) *Com*

Aparece nas circunstâncias de companhia, ajuntamento, simultaneidade, modo, maneira, meio, instrumento, causa, concessão (principalmente seguida de infinitivo), oposição:

"Quando os bons capitulam *com* os maus sancionam a própria ruína" [MM].

"Nunca agradecemos *com* tanto fervor como quando esperamos um novo favor" [MM].

"A economia *com* o trabalho é uma preciosa mina de ouro" [MM].

"Somos atletas na vida; lutamos *com* as paixões dos outros homens e *com* as nossas" [MM].

"Queremos governos perfeitos *com* homens imperfeitos: disparate" [MM].

"O silêncio *com* ser mudo não deixa de ser por vezes um grande impostor" [MM].

"A sociedade política nasceu da família; mas a família não acabou *com* (= temporal) a existência da sociedade" [AH.2, 144].

Inicia o complemento de muitos verbos e nomes (complemento relativo e complemento nominal):

"O lisonjeiro conta sempre *com* a abonação do nosso amor-próprio" [MM].

"O homem que não é indulgente *com* os outros, ainda se não conhece a si próprio" [MM].

4) *Contra*

Denota oposição, direção contrária, hostilidade:

Lutava *contra* tudo e *contra* todos.

Remar *contra* a maré

Votar *contra* alguém

Condenam bons mestres como galicismo o emprego desta preposição depois do verbo *apertar*, *estreitar* (e sinônimos), apesar dos exemplos de escritores corretos, uso que se vai generalizando:

"*Apertei contra* o coração o punho da espada" [AH.5, I, 37].

"E Dulce caiu nos braços do guerreiro trovador, que desta vez a *estreitou contra* o peito..." [AH.3, 144].

Também se considera como galicismo *contra* no sentido de "em troca de", bem como no sentido de "junto a", "ao lado de":

Dar a mercadoria *contra* recibo (por *mediante recibo*).

Encostar o móvel *contra* a parede (por *junto à parede*).

5) ***De***

a) Introduz complemento de verbos (complemento relativo) e nomes (complemento nominal) que o uso ensinará:

"Os sábios vivem ordinariamente solitários: receiam-se *dos velhacos*, e não podem tolerar os tolos" [MM].

"O temor *da morte* é a sentinela da vida" [MM].

b) Indica a circunstância de lugar donde, origem, ponto de partida dum movimento ou extensão (no tempo e no espaço), a pessoa ou coisa de que outra provém ou depende, em sentido próprio ou figurado e o agente da passiva (por ser o ponto de partida da ação), principalmente com os verbos que exprimem sentimento e manifestação de sentimentos:

"A maior parte dos erros em que laboramos neste mundo provém *da falsa definição*, ou *das noções falazes* que temos do bem e do mal" [MM].

"A doçura e beleza *das mulheres* parecem inculcar que são anjos e serafins que desceram *dos céus* e se humanaram na terra" [MM].

"Sancionada a virtude só pela opinião pública, ela desaparece *da* vida doméstica e *de* todos aqueles lugares não vistos *da multidão*" [AH.2, 143].

OBSERVAÇÃO: Modernamente o agente da passiva se rege mais de *por*.

c) Indica a pessoa, coisa, grupo ou série a que pertence ou de que se salienta, por qualquer razão, o nome precedido de preposição:

"A credulidade e confiança *de* muitos tolos faz o triunfo *de* poucos velhacos" [MM].

d) Indica a matéria de que uma coisa é feita:

"... ela só lhe aceitava sem relutância os mimos *de* escasso preço, como a cruz *de* ouro, que lhe deu, uma vez, de festas" [MA.1, 54].

e) Indica a razão ou a causa por que uma coisa sucede:

"O luxo, como o fogo, devora tudo e perece *de* faminto" [MM].

Cantar de alegria, morrer *de* medo.

f) Indica o assunto ou o objeto de que se trata:

"Dizer-se *de* um homem que tem juízo é o maior elogio que se lhe pode fazer" [MM].

g) Indica o meio, o instrumento ou modo, em sentido próprio ou figurado:

"O espírito vive *de* ficções, como o corpo se nutre *de* alimentos" [MM].

h) Indica a comparação, hoje principalmente na expressão *do que*:

São mais *de* três horas.

i) Indica a posição, o lugar:

"Sucede frequentes vezes admirarmos *de* longe o que *de* perto desprezamos" [MM].

j) Indica medida:

Copo *de* leite (= o leite na medida do copo), copo *d*'água, garrafa *de* vinho

OBSERVAÇÃO: Pode-se dizer também: *copo com leite*, *com água*, mas aí não se visa à medida, mas ao conteúdo.

l) Indica o fim, principalmente com infinitivo:

Dá-me *de* beber um copo d'água.

m) Indica o tempo:

De noite todos os gatos são pardos.

n) Ligando dois substantivos, imediatamente ou por intermédio de certos verbos, serve para caracterizar e definir uma pessoa ou coisa:

"O homem *de* juízo aproveita, o tolo desaproveita a experiência própria" [MM].

Rua *do* Ouvidor.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Nas denominações de ruas, escolas, teatros, monumentos, edifícios, festas religiosas e casas comerciais, e em circunstâncias que tais, se costuma omitir a preposição sem que haja regra fixa para tal critério: Avenida Rio Branco, Colégio Pedro II (mas Rua *do* Ouvidor, Praça *da* República).

2.ª) Usa-se a preposição *de* nas datas: 26 *de* fevereiro. Não é praxe da língua omiti-la nestas circunstâncias. Do mesmo modo, diz-se *o ano de 1928*, embora aqui se possa também empregar *o ano 1928*.

o) Indica o todo depois de palavras que significam parte:

A maioria *dos* homens, um terço *dos* soldados, um punhado *de* bravos; um pouco (ou uma pouca) *de* água.

OBSERVAÇÃO: Depois dos comparativos *maior*, *menor*, etc. pode ser substituído por *entre*: O maior *de* todos (= *entre* todos).

p) Indica modo de ser, semelhança, e normalmente vem precedendo predicativo:

"Muitos figuram *de* Diógenes, para se consolarem de não poderem ser Alexandres" [MM].

q) Liga adjetivo étnico ou gentílico aos substantivos *nação*, *nascimento*, *origem*:

brasileiro *de* nascimento, alemão *de* origem

r) Pode equivaler a *desde*:

Havia meio século *da* (= *desde a*) descoberta.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Note-se a fórmula *é de* com o sentido de *é próprio de*: "*É da* natureza humana que muitos homens trabalhem para manter os poucos que se ocupam em pensar para eles, instruí-los e governá-los" [MM].

2.ª) Em construção do tipo *acusar de negligente*, *presumir de formosa*, "explicam-se geralmente pela omissão de um verbo atributivo (*ser*, *estar*, etc.) ou pela fusão da construção do adjetivo com a de substantivo no mesmo lugar" [MBa.5, 297]. *Acusar de negligente* = *acusar de ser negligente*, *acusar de sua negligência*.

Não ocorre esta preposição nos seguintes principais casos:

a) em construções de tipo:

A primeira coisa que fiz foi vir a Madri (e não *foi de vir*).

b) "com os verbos e adjetivos que significam afastamento ou diferença, e com os que envolvem a ideia de aumento ou diminuição, superioridade ou inferioridade, a designação da medida que não tem preposição" [ED.1, § 125; JM.1, II, 46-47]:

Aumentar um centímetro (e não *aumentar de um*).

Este número excede aquele duas dezenas (e não *excede de duas dezenas*).

Mais novo alguns meses (e não *mais novo de alguns meses*).

c) depois do verbo *consistir*:

A prova consiste em duas páginas mimeografadas (e *não consiste de duas*).

NOTA: Os puristas, sem maiores exames, têm tachado de galicismo a expressão *de resto* (= quanto ao mais). Além de usada por grandes escritores, tem raízes no latim *de reliquo*.

6) *Em*

Denota:

a) lugar onde, situação, em sentido próprio ou figurado:

"Formam-se mais tempestades *em* nós mesmos que *no* ar, *na* terra e *nos* mares" [MM].

OBSERVAÇÃO: Com alguns verbos, para se exprimir esta circunstância, se emprega um pronome oblíquo átono em lugar da expressão introduzida por *em*:

"Pulsa-*lhe* (= nele) aquele afeto verdadeiro" [MA].

Não *me* toque. Bateu-*nos*. Mexeu-*lhe*.

b) tempo, duração, prazo:

"Os homens *em* todos os tempos, sobre o que não compreenderam, fabularam" [MM].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Precedendo um gerúndio, a preposição *em* aparece nas circunstâncias de tempo, condição ou hipótese:

"Ninguém, desde que entrou, *em* lhe *chegando* o turno, se conseguirá evadir à saída" [RB].

2.ª) Para denotar o espaço ou decurso de tempo usa-se a preposição *em* em concorrência a *dentro de* ou *daqui a*, emprego que alguns estudiosos, com exagero, veem como abuso ou imitação do francês [MBa.5, 75]:

Em cinco minutos irei atendê-lo.

c) modo, meio:

Foi *em pessoa* receber os convidados.

Pagava *em cheque* tudo o que comprava.

d) a nova natureza ou forma em que uma pessoa ou coisa se converte, disfarça, desfaz ou divide:

"O homem de juízo converte a desgraça *em* ventura, o tolo muda a fortuna *em* miséria" [MM].

Dar *em* doido.

e) preço, avaliação:

A casa foi avaliada *em* milhares de reais.

f) fim, destinação:

Vir *em* auxílio. Tomar *em* penhor. Pedir *em* casamento.

g) estado, qualidade ou matéria:

General *em* chefe. Ferro *em* brasa. Imagem *em* barro. Gravura *em* aço.

OBSERVAÇÃO: Tem-se, sem maior exame, condenado este emprego da preposição *em* como galicismo. Tem-se também querido evitar a expressão *em questão*, por se ter inspirado em modo de falar francês; mas é linguagem hoje comuníssima e corrente nas principais línguas literárias modernas.

h) causa, motivo (geralmente antes do infinitivo):

"Há povos que são felizes *em* não ter mais que um só tirano" [MM].

i) lugar para onde se dirige um movimento, sucessão, em sentido próprio ou figurado:

Saltar *em* terra. Entrar *em* casa. De grão *em* grão.

OBSERVAÇÃO: A língua padrão não agasalha este emprego com os verbos *vir*, *chegar*, preferindo a preposição *a*: Ir *à* cidade; chegar *ao* colégio.

j) forma, semelhança, significação de um gesto ou ação:

"Resoluta estendeu os braços, juntando as mãos *em* talhadeira e arrojou-se d'alto, mergulhando..." [CN *apud* SS.1, § 506, 7].

7) ***Entre***

Denota posição intermediária no espaço ou no tempo, em sentido próprio ou figurado:

"*Entre* o queijo e o café, demonstrou-me Quincas Borba que o sistema era a destruição da dor" [MA.1, 301].

Como as outras preposições, rege pronome oblíquo tônico, de modo que se diz *entre mim e ti*, *entre ele e mim*, *entre você e mim*, etc.

"Por que vens, pois, pedir-me adorações quando *entre mim e ti* está a cruz ensaguentada do Calvário...?" [AH.1, 46-47].

A língua exemplar evita exemplos como *entre eu e tu*, *entre eu e eles*, *entre eles e eu* e semelhantes. Deste último caso, em que o pronome reto não vem junto da preposição *entre* ocorrem alguns exemplos literários que a tradição do idioma evita:

"Odeio toda a gente / com tantas veras d'almas e tão profundamente /, que me ufano de ouvir que *entre eles e eu* existe / separação formal" [AC.4, 11-12].

8) ***Para***

Denota:

a) a pessoa ou coisa em proveito ou prejuízo de quem uma ação é praticada (objeto indireto, complemento relativo ou complemento nominal):

"Aborrecemos o absolutismo nos outros, porque o cobiçamos *para* nós mesmos" [MM].

"A preguiça nos maus é salutar *para* os bons" [MM].

b) a pessoa a que se atribui uma opinião (dativo livre):

"O pedir *para* quem não tem vergonha é menos penoso que trabalhar" [MM].

c) fim, destinação:

"A filha deu-me recomendações *para* Capitu e *para* minha mãe" [MA *apud* SS.1, 509, b].

d) fim:

"O ambicioso, *para* ser muito, afeta algumas vezes não valer nada" [MM].

e) termo de movimento, direção para um lugar com a ideia acessória de demora ou destino:

Foi *para* Europa.

OBSERVAÇÃO: Denota apenas "o lugar onde" em construções do tipo: Ele está agora *para* o Norte.

f) tempo a que se destina um objeto ou ação, ou para quando alguma coisa se reserva:

"Faz *para* as matanças seis anos que você justou comigo uma porca por 4 moedas..." [CBr *apud* JM.1, II, 49].

Vou aí *para* as seis horas.

9) ***Por*** (e ***per***)

Denota:

a) lugar por onde, em sentido próprio ou figurado:

"Tais eram as reflexões que eu vinha fazendo, *por* aquele Valongo fora, logo depois de ver e ajustar a casa" [MA.1,

190].

b) meio:

Puxar *pelo* paletó, rezar *pelo* livro, segurar *pelos* cabelos, levar *pela* mão, ler *pelo* rascunho, contar *pelos* dedos, enviar *pelo* correio.

c) modo:

Repetir *por* ordem, estudar *por* vontade.

"Louvamos *por* grosso, mas censuramos *por* miúdo" [MM].

d) distribuição:

Várias vezes *por* dia.

e) divisão, indicando a pessoa ou coisa que recebe o quinhão:

Distribuir *pelos* pobres, repartir *pelos* amigos, dividir *por* três a herança.

f) substituição, troca, valor igual, preço:

Comer gato *por* lebre.

"O barão dizia ontem, no seu camarote, que uma só italiana vale *por* cinco brasileiras" [MA.1, 183].

g) causa, motivo:

"O amor criou o Universo que *pelo* amor se perpetua" [MM].

"Muitos se abstêm *por* acanhados do que outros fogem *por* virtuosos" [MM].

h) nos juramentos e petições, designando a pessoa ou coisa invocada para firmar o juramento e para interceder:

jurar *pela* sua honra, pedir *pela* saúde de alguém [ED.1, § 163, b].

i) em favor de, em prol de:

Morrer *pela* pátria, lutar *pela* liberdade.

j) tempo, duração:

"Qual é aquele que, assentado, *por* noite de luar e serena sobre uma fraga marinha, não sente irem-se-lhe os olhos...?" [AH.2, 159].

l) agente da passiva:

"As mulheres são melhor dirigidas *pelo* seu coração do que os homens *pela* razão" [MM].

m) depois dos nomes que exprimem disposição ou manifestação de disposição de ânimo para com alguma coisa:

"A paixão *pelo* jogo pressupõe ordinariamente pouco amor *pelas* letras" [MM].

OBSERVAÇÃO: Não procede mais o ter-se como errônea a construção com *por*, nestes casos, porque, no português contemporâneo, o uso de *de* se especializou no sentido de genitivo objetivo. No português de outros tempos, *amor de Deus* era tanto o que consagramos a ele (genitivo objetivo) ou o que ele tem, o que nos consagra (genitivo subjetivo). Em lugar de *amor pelas letras* diz-se também corretamente *amor às letras*. Quando nos casos de genitivo objetivo pode ocorrer ambiguidade com o emprego da preposição *de*, costuma-se substituir esta preposição por *contra* (se o nome designa sentimento hostil) ou *para com* (se o sentimento é benévolo): Guerra *contra* os inimigos e respeito *para com* todos.

n) fim (em vez de *para*):

"Forcejava *por* obter-lhe a benevolência, depois a confiança" [MA.1, 194].

o) introduzindo o predicativo do objeto direto, denota qualidade, estado ou conceito em que se tem uma pessoa ou coisa:

Ter alguém *por* sábio. Enviar alguém *por* embaixador. Tenho *por* certo que ele virá.

OBSERVAÇÃO: Neste emprego pode ser substituída pela preposição *como*, apesar da crítica injusta dos puristas.77

9 – CONJUNÇÃO

Conector e transpositor – A língua possui unidades que têm por missão reunir orações num mesmo enunciado.

Estas unidades são tradicionalmente chamadas conjunções, que se repartem em dois tipos: *coordenadas* e *subordinadas*.

As conjunções coordenadas reúnem orações que pertencem ao mesmo nível sintático: dizem-se *independentes* umas das outras e, por isso mesmo, podem aparecer em enunciados separados.

Pedro fez concurso para medicina, *e* Maria se prepara para a mesma profissão.

Podíamos dizer desta maneira, em dois enunciados independentes:

Pedro fez concurso para medicina.
Maria se prepara para mesma profissão.

Daí ser a conjunção coordenativa um *conector*.

Como sua missão é reunir unidades independentes, pode também "conectar" duas unidades menores que a oração, desde que do mesmo valor funcional dentro de mesmo enunciado. Assim:

Pedro *e* Maria (dois substantivos)
Ele *e* ela (dois pronomes)
Ele *e* Maria (um pronome e um substantivo)
rico *e* inteligente (dois adjetivos)
ontem *e* hoje (dois advérbios)
saiu *e* voltou (dois verbos)
com *e* sem dinheiro (duas preposições)

Bem diferente é, entretanto, o papel da conjunção subordinada. No enunciado:

Soubemos que vai chover,

a missão da conjunção subordinada é assinalar que a oração que poderia ser sozinha um enunciado:

Vai chover

se insere num enunciado complexo em que ela (*vai chover*) perde a característica de enunciado independente, de oração, para exercer, num nível inferior da estruturação gramatical, a função de *palavra*, já que *vai chover* é agora objeto direto do núcleo verbal *soubemos*.

Assim, a conjunção subordinativa é um *transpositor* de um enunciado que passa a uma função de palavra, portanto de nível inferior dentro das camadas de estruturação gramatical. Diz-se, por isso, que *que vai chover* é uma oração "degradada" ao nível da palavra, e isto se deveu ao fenômeno de *hipotaxe* ou *subordinação*.

A oração degradada ou subordinada passa a exercer uma das funções sintáticas próprias do substantivo, do adjetivo e do advérbio, como veremos mais adiante.

Podemos aproximar o papel do transpositor *que* ao pronome relativo – que é um transpositor de oração degradada ao nível do adjetivo – e das preposições que, como vimos, transpõem uma unidade a exercer papel de outra unidade. Na oração *Ninguém é de ferro*, a preposição *de* transpõe o substantivo *ferro* à função de predicativo por ter *de ferro* passado a equivalente de adjetivo [AL.1, 229].

Conectores ou conjunções coordenativas – Os conectores ou conjunções coordenativas são de três tipos, conforme o significado com que envolvem a relação das unidades que unem: *aditivas*, *alternativas* e *adversativas*.

Conjunções aditivas – A aditiva apenas indica que as unidades que une (palavras, grupos de palavras e orações) estão marcadas por uma relação de adição. Temos dois conectores aditivos: *e* (para a adição das unidades positivas) e *nem* (para as unidades negativas). Vejam-se os exemplos extraídos do Marquês de Maricá:

O velho teme o futuro *e* se abriga no passado.

Uma velhice alegre *e* vigorosa é de ordinário a recompensa da mocidade virtuosa.

A pobreza *e* a preguiça andam sempre em companhia.

Não emprestes o vosso *nem* o alheio, não tereis cuidados *nem* receio.

Muitas vezes, graças ao significado dos lexemas envolvidos na adição, o grupo das orações coordenadas permite-nos extrair um conteúdo suplementar de "causa", "consequência", "oposição", etc. Estes sentidos contextuais, importantes na mensagem global, não interessam nem modificam a relação aditiva das unidades envolvidas: *Rico* ***e*** *inteligente* e *rico* ***e*** *desonesto*, ambas se unem por uma relação gramatical de adição, embora a oposição semântica existente entre *rico* e *desonesto* apresente um sentido suplementar, como se estivesse enunciado *rico* ***mas*** *desonesto*. O mesmo se dá se uma unidade for afirmativa e outra negativa: *rico e não honesto*.

Em lugar de *nem* usa-se *e não*, se a primeira unidade for positiva e a segunda negativa: rico *e não* honesto (compare com: ele *não* é rico *nem* honesto).

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Evite-se (embora não constitua erro) o emprego de *e nem* quando não houver necessidade de ênfase:

"Nunca vira uma boneca *e nem sequer* o nome desse brinquedo" [ML.2, 9].

"(...) mas o primo Nicolau está a dormir até tarde *e nem* à missa vai" [CBr.15].

2.ª) Algumas vezes *e* aparece depois de pausa, introduzindo grupos unitários e orações; são unidades enfáticas com função textual que extrapolam as relações internas da oração e constituem unidades textuais de situação:

"*E* repito: não é meu" [MA.1, 314].

3.ª) A expressão enfática da conjunção aditiva *e* pode ser expressa pela série *não só... mas também* e equivalentes.

Não só o estudo *mas também* a sorte são decisivos na vida.

Conjunções alternativas – Como o nome indica, enlaçam as unidades coordenadas matizando-as de um valor alternativo, quer para exprimir a incompatibilidade dos conceitos envolvidos, quer para exprimir a equivalência deles. A conjunção alternativa por excelência é *ou*, sozinha ou duplicada junto a cada unidade:

"Quando a cólera *ou* o amor nos visita, a razão se despede" [MM].

A enumeração distributiva que matiza a ideia de alternância leva a que se empreguem neste significado advérbios como *já*, *bem*, *ora* (repetidos ou não) ou formas verbais imobilizadas como *quer... quer*, *seja... seja*. Tais unidades não são conectores e, por isso, as orações enlaçadas se devem considerar justapostas.

OBSERVAÇÃO: "Cumpre lembrar que o par *seja... seja* não está de todo gramaticalizado, tanto que, em certas construções, aparece flexionado. *Sempre discordam de tudo,* ***sejam*** *as discordâncias ligeiras,* ***sejam*** *de peso*. S*empre discordavam de*

*tudo, **fossem** as discordâncias ligeiras, **fossem** as de peso*" [AK.1, 68].

Conjunções adversativas – Enlaçam unidades apontando uma oposição entre elas. As adversativas por excelência são *mas*, *porém* e *senão*.

Ao contrário das aditivas e alternativas, que podem enlaçar duas ou mais unidades, as adversativas se restringem a duas. *Mas* e *porém* acentuam a oposição; *senão* marca a incompatibilidade:

"Acabou-se o tempo das ressurreições, *mas* continua o das insurreições" [MM].

Unidades adverbiais que não são conjunções coordenativas – Levada pelo aspecto de certa proximidade de equivalência semântica, a tradição gramatical tem incluído entre as conjunções coordenativas certos advérbios que estabelecem relações interoracionais ou intertextuais. É o caso de *pois*, *logo*, *portanto*, *entretanto*, *contudo*, *todavia*, *não obstante*. Assim, além das conjunções coordenativas já assinaladas, teríamos as *explicativas* (*pois*, *porquanto*, etc.) e *conclusivas* (*pois* [posposto], *logo*, *portanto*, *então*, *assim*, *por conseguinte*, etc.), sem contar *contudo*, *entretanto*, *todavia* que se alinham junto com as adversativas. Não incluir tais palavras entre as conjunções coordenativas já era lição antiga na gramaticografia de língua portuguesa; vemo-la em Epifânio Dias [ED.1] e, entre brasileiros, em Maximino Maciel, nas últimas versões de sua *Gramática* [MMa.1]. Perceberam que tais advérbios marcam relações textuais e não desempenham o papel conector das conjunções coordenativas78, apesar de alguns manterem com elas certas aproximações ou mesmo identidades semânticas.

Que esses advérbios não são conjunções coordenativas e desempenham funções diversas prova-o o fato de poderem se compatibilizar, em exemplos como:

Não foram ao mesmo cinema *e*, *portanto*, não se poderiam encontrar.

Ele *e*, *portanto*, seu filho são responsáveis pela denúncia.

"Não queremos pensar na morte, *e por isso* nos ocupamos tanto da vida" [MM].

Cabe ao *e*, como conjunção, reunir num mesmo grupo oracional as duas orações independentes do enunciado, enquanto *portanto*, como advérbio, marca uma relação semântica com o que já foi dito. Poder-se-ia eliminar a conjunção *e* e, então, teríamos uma coordenação assindética, caso em que haveria uma pausa para marcar a fronteira das duas orações (marcada por vírgula ou ponto e vírgula):

Não foram ao mesmo cinema; *portanto* não se poderiam encontrar.

Poder-se-ia também eliminar o advérbio:

Não foram ao mesmo cinema *e* não se poderiam encontrar.

Não sendo próprio do advérbio exercer o papel de conector, ele poderia aparecer até numa oração subordinada, para marcar essa relação semântica entre os dois enunciados:

"Nunca perdemos de vista o nosso interesse, *ainda mesmo quando* nos inculcamos desinteressados" [MM].

Outra diferença entre as conjunções coordenativas e os advérbios (a que poderíamos chamar textuais ou discursivos) é que só as primeiras efetivam a coordenação entre subordinadas equifuncionais, isto é, do mesmo valor (substantiva, adjetiva ou adverbial) e com a mesma função sintática:

Espero que estudes *e* que sejas feliz.

Como advérbios, que guardam com o núcleo verbal uma relação, em geral, mais frouxa, esses advérbios podem vir em princípio em qualquer posição dentro da oração em que se inserem:

Eles não chegaram *nem todavia* deram certeza da presença.

Eles não chegaram *nem* deram, *todavia*, certeza da presença.

Eles não chegaram *nem* deram certeza da presença, *todavia*.

Também os advérbios não participam da particularidade das conjunções coordenativas de constituírem um bloco unitário de enunciados coordenados por sua vez coordenado a outro anterior [CA.1]:

Luís é vegetariano, *mas* [não come abóbora nem bebe chá].

Remetemos dois convites ao Paulo, *mas* [ou ele se mudou ou está doente].

Transpositores ou conjunções subordinativas – Já dissemos que o transpositor ou conjunção subordinativa transpõe oração degradada ou subordinada ao nível de equivalência de um substantivo capaz de exercer na *oração complexa* uma das funções sintáticas que têm por núcleo o substantivo.

Falamos em *oração complexa* e chegou o momento de diferençá-la em relação ao *grupo oracional*. Oração complexa é aquela que tem um ou mais dos seus termos sintáticos sob forma de uma oração subordinada.

Esperamos [*que todos venham ao baile*],

em que a oração transposta pelo *que* exerce uma das funções comuns ao substantivo: objeto direto do núcleo verbal *esperamos*.

Já no *grupo oracional* temos orações coordenadas, independentes, e que, por isso mesmo, podem ser usadas separadamente umas das outras:

Chegamos tarde e não assistimos a todo o filme, mas vimos o mais interessante dele.

Chegamos tarde. Não assistimos a todo o filme. Vimos o mais interessante dele.

As conjunções *e* e *mas* não modificam o valor sintático das orações reunidas; apenas indicam o tipo de relação semântica: *adição* (*e*) e *contraste* (*mas*).

Além do *que* transpositor de oração ao nível de substantivo, chamado *conjunção integrante*, e do *que* pronome relativo, que transpõe oração ao nível de adjetivo, a língua portuguesa conta com poucos outros transpositores:

a) *Se* que transpõe oração originariamente interrogativa total, isto é, desprovida de unidade interrogativa, ao nível de substantivo, conhecida, por isso mesmo, como conjunção integrante, a exemplo do *que* anterior:

Ela não sabe [*se terá sido aprovada*].

Aqui a oração interrogativa *Terá ela sido aprovada*? se transpõe, mediante o *se*, ao nível de substantivo e como tal está habilitada a exercer a função de objeto direto do núcleo verbal *não sabe*, sem o primitivo contorno melódico interrogativo.

b) *Se* que transpõe oração ao nível de advérbio, e como tal está habilitada a exercer a função de adjunto adverbial, com valor de circunstância de condição e é, por isso mesmo, chamado *conjunção condicional*.

***Que* e locuções: as chamadas locuções conjuntivas** – A oração transposta a substantivo pela conjunção *que*, de acordo com a função sintática que exerce em relação ao núcleo verbal da oração chamada "principal", pode receber um índice funcional representado por uma preposição. Se exerce função de sujeito, objeto direto, predicativo, não precisará deste índice funcional:

Parece [*que vai chover*].
Esperamos [*que cheguem cedo*].
A verdade é [*que todos se saíram bem*].

Se a função é de complemento relativo ou de objeto indireto, ou complemento nominal, a conjunção *que* vem precedida da conveniente preposição:

Estavam precisando [*de que os ajudassem*].
Ela dedicava seu cuidado [*a que o filho tivesse boa educação*].
Eram poucas as esperanças [*de que tudo acabasse bem*].

Como todo substantivo transposto, a oração subordinada substantiva pode exercer a função de adjunto adverbial; neste caso, o *que* também terá a companhia de uma preposição adequada, que marcará a relação semântica da circunstância:

Tudo sairá bem [*desde que as providências sejam tomadas a tempo*].
[*Sem que estivesse tudo acertado*], não iria viajar.
Trabalhou afincadamente [*para que tivesse uma velhice tranquila*].
Ela só dizia tudo aquilo *porque* [= *por que gostava da verdade*].

Pelo que podemos observar, tais combinações de preposição e conjunção *que* não constituem outros tipos especiais de locuções; são, na realidade, o concurso de um *que*, transpositor de oração a substantivo e de uma preposição que o acompanha como índice de sua função sintática em relação ao núcleo verbal, função, aliás, exercida pela oração inteira.

Nisto, o *que* conjunção difere do *que* pronome relativo, pois aqui a preposição é índice da função sintática que o relativo exerce na oração em que está inserido:

O homem *de que falavas* era pouco conhecido na cidade,

em que o transpositor *que*, precedido de preposição, funciona como complemento relativo do núcleo verbal *falavas*, enquanto a oração transposta a adjetivo *de que falavas* funciona como adjunto adnominal do substantivo *homem*.

Também se formam "locuções" aparentemente especiais quando temos segmentos do tipo *logo que*, *sempre que*, *ainda que*, etc., em que aparecem advérbios (que sozinhos podem funcionar como adjunto adverbial) seguidos do transpositor relativo *que*, já que esse relativo é um "repetidor" de advérbio, papel análogo ao que desempenha como "repetidor" (isto é, referente) de substantivo ou pronome. Assim, se na oração independente *Logo saiu de casa*, o advérbio *logo* funciona como adjunto adverbial; quando a oração se transpõe a subordinada:

[*Logo que saía de casa*], encontrou o amigo,

exercerá também a função de adjunto adverbial. O *que* degrada a oração *saía de casa* a subordinada e lhe confere o papel de termo adjunto do advérbio *logo*. Formalmente, esse relativo será equivalente a *quando*: ***Quando saía de casa**, encontrou o amigo* [AL.1, 236].

Este papel repetidor do relativo *que* parece estar presente em construções do tipo *há* (*faz*)

dias (*meses*, *anos*, *tempo*, etc.), em que já não temos um advérbio, mas substantivo cujo significado léxico aponta para o campo das expressões denotadoras de espaço ou percurso de tempo:

Há *dias que* não o vejo,

em que também, pelo sentido, o relativo equivale a *quando*.

Cabe lembrar, por fim, que, em algumas construções, se pode alterar o significado originário do advérbio, motivado pelos significados dos lexemas que entram na oração e por uma interpretação suplementar, contextual, do falante, calcada na sua experiência de mundo. Assim, *já*, que tem valor originário temporal, ao unir-se ao *que* na fórmula *já que*, passa a uma interpretação causal ou condicional:

Já que todos saíram, desisto do negócio.

Da mesma sorte, *ainda*, nitidamente temporal, ao unir-se ao *que* na locução *ainda que*, altera seu significado para valor concessivo, equivalente a *embora*:

Nada conseguiu da justiça, *ainda que* juntasse todas as provas em sua defesa.

Da mesma sorte que não são conjunções coordenativas os advérbios *contudo*, *entretanto*, *pois*, etc., equivalentes pelo sentido a unidades introdutoras de enunciados adversativos, explicativos e conclusivos, assim também não são conjunções subordinativas certos advérbios de significado causal, concessivo, temporal, consecutivo, etc.

Damos a seguir uma lista das principais conjunções e "locuções conjuntivas" subordinativas, relacionando-as pelo matiz semântico, reunindo, ainda, as que se formam com o concurso do transpositor *que* conjunção e do transpositor relativo *que*, examinados anteriormente, bem como das comparativas e consecutivas que têm outro tratamento. Estudo complementar delas veremos ao tratar das orações subordinadas:

1) CAUSAIS: quando iniciam oração que exprime a causa, o motivo, a razão do pensamento da oração principal: *que* (= *porque*) , *porque*, *como* (= *porque*, sempre anteposta a sua principal, no português moderno), *visto que*, *visto como*, *já que*, *uma vez que* (com verbo no indicativo), *desde que* (com o verbo no indicativo), etc.:

"A memória dos velhos é menos pronta *porque* o seu arquivo é muito extenso" [MM].

"*Como* ia de olhos fechados, não via o caminho" [MA.1, 19].

"*Desde que* se fala, indeterminadamente, e no plural, em direitos adquiridos e atos jurídicos perfeitos, razão era que no plural e indeterminadamente se aludisse a casos julgados" [RB.4, 25].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Já se condenou injustamente o emprego de *desde que* em sentido causal, só o aceitando com ideia temporal (*assim que*) ou condicional.

2.ª) Evite-se o emprego de *de vez que* por não ser locução legítima.

2) COMPARATIVAS: quando iniciam oração que exprime o outro termo da comparação. A comparação pode ser *assimilativa* ou *quantitativa*. É assimilativa "quando consiste em assimilar uma coisa, pessoa, qualidade ou fato a outra mais impressionante, ou mais conhecida" [MC.3, II, 48]. As unidades comparativas assimilativas são *como* ou *qual*, podendo estar em correlação com *assim* ou *tal* postos na oração principal, ou ainda aparecer *assim como*:

"O medo é a arma dos fracos, *como* a bravura a dos fortes" [MM].

"A ignorância, *qual* outro Faetonte, ousa muito e se precipita *como* ele" [MM].

"O jogo, *assim como* o fogo, consome em poucas horas o trabalho de muitos anos" [MM].

A comparação *quantitativa* "consiste em comparar, na sua quantidade ou intensidade, coisas, pessoas, qualidades ou fatos" [MC.3]. Há três tipos de comparação quantitativa:

a) *Igualdade* – introduzida por *como* ou *quanto* em correlação com o advérbio *tanto* ou *tão* da oração principal:

"Nenhum homem é *tão* bom *como* o seu partido o apregoa, nem *tão* mau *como* o contrário o representa" [MM].

"Nada incomoda *tanto* aos homens maus *como* a luz, a consciência e a razão" [MM].

b) *Superioridade* – introduzida por *que* ou *do que* em correlação com o advérbio *mais* da oração principal:

"O orgulho do saber é talvez *mais* odioso *que* o do poder" [MM].

"O homem bom espera *mais do que* teme, o mau receia *mais do que* espera" [MM].

c) *Inferioridade* – introduzida por *que* ou *do que* em correlação com o advérbio *menos* da oração principal:

"Tempos há em que é *menos* perigoso mentir *que* dizer verdades" [MM].

3) Concessivas: quando iniciam oração que exprime que um obstáculo – real ou suposto – não impedirá ou modificará a declaração da oração principal: *ainda que*, *embora*, *posto que*, *se bem que*, *apesar de que*, etc.:

"*Ainda que* perdoemos aos maus, a ordem moral não lhes perdoa, e castiga a nossa indulgência" [MM].

4) Condicionais (e *hipotéticas*): quando iniciam oração que em geral exprime:

a) uma condição necessária para que se realize ou se deixe de realizar o que se declara na oração principal;

b) um fato – real ou suposto – em contradição com o que se exprime na principal.

Este modo de dizer é frequente nas argumentações. As principais conjunções condicionais (e hipotéticas) são: *se*, *caso*, *sem que*, *uma vez que* (com o verbo no subjuntivo), *desde que* (com o verbo no subjuntivo), *dado que*, *contanto que*, etc:

"*Se* os homens não tivessem alguma coisa de loucos, seriam incapazes de heroísmo" [MM].

"*Se* as viagens simplesmente instruíssem os homens, os marinheiros seriam os mais instruídos" [MM].

5) Conformativas: quando iniciam oração que exprime um fato em conformidade com outro expresso na oração principal: *como*, *conforme*, *segundo*, *consoante*:

"Tranquilizei-a *como* pude" [MA.1, 174].

Fez os exercícios *conforme* o professor determinou.

6) Consecutivas: quando iniciam oração que exprime o efeito ou consequência do fato expresso na oração principal. A unidade consecutiva é *que*, que se prende a uma expressão de natureza intensiva como *tal*, *tanto*, *tão*, *tamanho*, posta na oração principal. Estes termos intensivos podem facilmente calar-se:

"Os povos exigem *tanto* dos seus validos, *que* estes em breve tempo se enfadam e os atraiçoam" [MM].

"Os vícios são *tão* feios *que*, ainda enfeitados, não podem inteiramente dissimilar a sua fealdade" [MM].

"Vive de maneira *que* ao morrer não te lastimes de haver vivido" [MM].

isto é: *vive de tal maneira que* (que em consequência...).

7) FINAIS: quando iniciam oração que exprime a intenção, o objetivo, a finalidade da declaração expressa na oração principal: *para que*, *a fim de que*, *que* (*para que*), *porque* (*para que*):

"Levamos ao Japão o nosso nome, *para que* outros mais felizes implantassem naquela terra singular os primeiros rudimentos da civilização ocidental" [LCo *apud* FB.1, 219].

8) MODAIS: quando iniciam oração que exprime o modo pelo qual se executou o fato expresso na oração principal: *sem que*:

Fez o trabalho *sem que* cometesse erros graves.

OBSERVAÇÃO: A Nomenclatura Gramatical Brasileira não agasalhou as conjunções modais e, assim, as orações modais, apesar de pôr o modo entre as circunstâncias adverbiais.

9) PROPORCIONAIS: quando iniciam oração que exprime um fato que ocorre, aumenta ou diminui na mesma proporção daquilo que se declara na oração principal: *à medida que*, *à proporção que*, *ao passo que*, (*tanto mais*)... *quanto mais*, (*tanto mais*)... *quanto menos*, (*tanto menos*)... *quanto mais*, (*tanto mais*)... *menos*, etc.:

"O anão *quanto mais* alto sobe, *mais* pequeno se afigura" [MM].

Progredia *à medida que* se dedicava aos estudos sérios.

10) TEMPORAIS: quando iniciam oração que exprime o tempo da realização do fato expresso na oração principal. As principais conjunções e "locuções temporais" são:

a) para o tempo anterior: *antes que*, *primeiro que*:

"Ninguém, senhores meus, que empreenda uma jornada extraordinária, *primeiro que* meta o pé na estrada, se esquecerá de entrar em conta com suas forças..." [RB *apud* FB.1, 126].

b) para o tempo posterior (de modo indeterminado): *depois que*, *quando*:

Quando disse isso, ninguém acreditou.

c) para o tempo posterior imediato: *logo que*, *tanto que* (hoje raro), *assim que*, *desde que*, *eis que*, (*eis*) *senão quando*, *eis senão que*:

Logo que saíram, o ambiente melhorou.

d) para o tempo frequentativo (repetido): *quando* (com o verbo no presente), *todas as vezes que*, (*de*) *cada vez que*, *sempre que*:

"Quando o povo não acredita na probidade, a imoralidade é geral" [MM].

OBSERVAÇÃO: Evite-se o erro de preceder com *em* o *que* da locução *todas as vezes que* (dizendo: *todas as vezes em que*).

e) para o tempo concomitante: *enquanto*, (*no*) *entretanto que* (hoje raro):

Dormiu *enquanto* estava no cinema.

OBSERVAÇÃO: *Entretanto* ou *no entretanto* são advérbios de tempo, com o sentido de *nesse ínterim*, *nesse tempo*, *nesse intervalo*:

"O aperto dos sitiados aumentava *entretanto* de dia para dia" [RS.2, IV, 208].

Mais modernamente *entretanto* passou a ter sentido adversativo, e, por influência do advérbio, tem sido empregado precedido da combinação *no* (*no entretanto*). Muitos puristas condenam tal acréscimo.

f) para o tempo terminal: *até que*:

Passeou *até que* se sentisse esgotado.

O relativo *que* entra em expressões de tempo: *agora que*, *hoje que*, *a primeira vez que*,

etc.

Agora, *que* tudo acabou, posso pensar mais tranquilamente.

Se o conjunto é proferido sem pausa, estabelece-se uma unidade de sentido à semelhança de *depois que*, *já que*, etc., e se passa a considerar o todo como locução conjuntiva temporal:

Agora que tudo acabou, posso pensar mais tranquilamente.

***Que* excessivo** – Sob o modelo das "locuções" conjuntivas finalizadas por *que*, desenvolveu-se o costume de acrescentar este transpositor junto a advérbio que só por si funciona como adjunto adverbial: *enquanto que*, *apenas que*, *embora que*, *mal que*, etc., construções que os puristas não têm visto com bons olhos, apesar dos exemplos de escritores corretos:

"... porque a ciência é mais lenta e a imaginação mais vaga, *enquanto que* o que eu ali via era a condensação viva de todos os tempos" [MA.1, 24].

Aparece ainda o *que* excessivo depois de expressões de sentido temporal como:

Desde aquele dia *que* o procuro.

Conjunções e expressões enfáticas – As conjunções coordenativas podem aparecer enfatizadas. Para esta ênfase o idioma se serve de vários recursos. Assim, a adição pode vir encarecida das expressões do tipo:

não só... mas (*também*)
não só... mas (*ainda*)
não só... senão (*também*)
não só... que também, etc.

Não só se aplica ao português *mas ainda* ao latim.

A alternativa pode ser enfatizada pela repetição:

Ou estudas *ou* brincas.
Já dizes sim *já* dizes não.
Ora vem aqui, *ora* vai ali.

A série *nem... nem* adquire sentido aditivo negativo.

Nem estudou *nem* tirou boas notas (não estudou e não tirou...)

Quer... quer e *ou... ou*, com o verbo no subjuntivo e tom de voz descendente, podem adquirir um sentido suplementar de concessão quando a possibilidade de ações opostas não impede a declaração contida na oração principal:

Quer estudes *quer* não, aprenderás facilmente a lição.

Nas subordinadas e principais, a correlação de uma expressão com o conectivo ou outro termo da oração a que se prende, para mostrar relação semântica em que essas orações se acham com a circunstância ou fato já expresso, é outro meio de enfatizar a interdependência oracional. Esta expressão memorativa é constituída por advérbio ou equivalente:

"Como os sábios não adulam os povos, *também* estes os não promovem" [MM].
"Quando os homens se desigualam, *então* se harmonizam" [MM].
Embora não me digam a verdade, *ainda assim* perguntarei mais vezes.
"Acabemos, *pois*, de despertar deste mortal letargo" [ED.1, 119].

"Estudemos *portanto*, e não nos deixemos dominar pela preguiça" [RV.1, 251].

10 – Interjeição

Interjeição – É a expressão com que traduzimos os nossos estados emotivos. Têm elas existência autônoma e, a rigor, constituem por si verdadeiras orações. Em certas situações, algumas podem estabelecer relações com outras unidades e com elas constituir unidades complexas. Acompanham-se de um contorno melódico exclamativo. Podem, entretanto, assumir papel de unidades interrogativo-exclamativas e de certas unidades próprias do chamamento, chamadas vocativo, e ainda por unidades verbais, como é o caso do imperativo [AL.1, 240; MC.4, 147].

As interjeições se repartem por quatro tipos:

a) certos sons vocálicos que na escrita se representam de maneira convencional: *ah!*, *oh!*, *hui!*, *hum*; o *h* no final pode marcar uma aspiração, alheia ao sistema do português;

b) palavras já correntes na língua, como *olá!*, *puxa!*, *bolas!*, *bravo!*, *homem!*, *valha!* (com contorno melódico exclamativo);

c) palavras que procuram reproduzir ruídos de animais ou de objetos, ou de outra origem, como: *clic* (*clique*), *tic-tac* (*tique-taque*), *pum!*.

d) locuções interjetivas: *ai de mim!*, *cruz credo!*, *valha-me Deus!*, *aqui d'el-rei!*.

Eis uma relação das interjeições mais comuns da língua, conforme a situação em que se apresentam:

1) de exclamação: *viva!*

2) de admiração: *ah!*, *oh!*

3) de alívio: *ah!*, *eh!*

4) de animação: *coragem!*, *eia!*, *sus!*

5) de apelo ou chamamento: *ó!*, *olá!*, *alô!*, *psit!*, *psiu!*

6) de aplauso: *bem!*, *bravo!*

7) de desejo ou ansiedade: *oh!*, *oxalá!*, *tomara!*

8) de dor física: *ai!*, *ui!*

9) de dor moral: *oh!*

10) de dúvida, suspeita, admiração: *hum!*, *hem!* (também *hein*)

11) de impaciência: *arre!*, *irra!*, *apre!*, *puxa!* (melhor será, não registrado oficialmente, *pucha*)

12) de imposição de silêncio: *caluda!*, *psiu!* (demorado)

13) de repetição: *bis!*

14) de satisfação: *upa!*, *oba!*, *opa!*

15) de zombaria: *fiau!*

Locução interjetiva – é um grupo de palavras com valor de interjeição: *ai de mim*, *ora*

bolas, com todos os diabos.

As interjeições são proferidas em tom de voz especial, ascendente ou descendente, conforme as diversas circunstâncias dos nossos estados emotivos.

Quando estão combinadas com uma frase maior exclamativa, podem-se separar da frase por meio de uma vírgula, ou por meio do ponto de exclamação, ao qual se deve seguir, entretanto, letra minúscula:

> "*Oh!* que doce harmonia traz-me a brisa" [CAv *apud* MC.3, I, 65].

B) Estrutura das unidades: análise mórfica

I – Estrutura das palavras

Palavra e morfema

Palavra e vocábulo: conceito – O termo *palavra* se nos apresenta com aplicações diferentes, que devem ser distinguidas e, portanto, classificadas de maneira diversa. Podemos ver a palavra *habilidade* sob três prismas diferentes: a) o seu aspecto *material, fônico*, como *significante* ou *expressão*; b) a sua *significação gramatical* como uma classe de palavra que se apresenta sob forma de um substantivo feminino singular; c) a sua *significação lexical*, isto é, o que significa a palavra *habilidade* em relação, por exemplo, a *caridade* ou *amabilidade*.

Como expressão material, quanto ao seu aspecto fônico, como "simples" palavra, de formas, não tem nenhum significado e só pode ser classificada pelas suas características físicas: *habilidade* pode ser classificada, por exemplo, pelo seu número de sílabas (polissílabo), ou pela posição da sílaba tônica (paroxítono). Consideradas como puras palavras, há uma só forma *"amo"* (*amo*, 'quero bem' e *amo* 'senhor') e uma só forma "casa" ("a *casa* de meu amigo" e "Maria se *casa* amanhã") [ECs.7, 54]. Nesta acepção, em vez de palavra, se pode usar o termo *vocábulo*, do latim *vox*, que significa 'a voz'.

Aqui temos de relembrar que a fronteira do vocábulo difere se se trata de língua oral ou de língua escrita. Na língua oral, na fala, predomina o ritmo acentual, o que resulta em que as sílabas átonas se agrupam em torno da sílaba tônica, de modo que são as pausas que marcam os limites ou fronteiras dos grupos fônicos, também chamadas *grupos de força*. Assim é que, na língua oral, há um só grupo fônico e, portanto, um só vocábulo, em *aluga-se*, em que a sílaba átona *se* se agrupa em torno da sílaba tônica (*lu*). Por isso, se dá, como reflexo na escrita, a grafia errônea *alugasse* (ou *alugase*). O vocábulo, portanto, nem sempre coincide com a palavra; no exemplo, temos um vocábulo e duas palavras significativas (*aluga* e *se*).

Como já vimos, as sílabas átonas que se agrupam em torno da sílaba tônica podem, segundo a posição, ser *proclíticas* | *syaluga* | – se vêm antes – ou *enclíticas* | *alugase* | – se vêm depois.

Na língua escrita, as fronteiras são demarcadas pelos espaços em branco: *se aluga* ou

aluga-se.

Quando, além da parte fônica (significante), se considera a parte significativa (significado), também há diferenças que devem ser levadas em conta. A questão se põe quando se pergunta quantas palavras existem no conhecido verso de Bilac: *Cheguei. Chegaste. Vinhas fatigada.*

Responderemos que há quatro ou três palavras conforme o conceito por que tomemos o termo *palavra*. Serão quatro se entendermos *cheguei, chegaste* como palavras de significação gramatical diferentes, já que expressam uma o pretérito perfeito do indicativo na 1.ª pessoa do singular (*eu cheguei*) e a outra o pretérito perfeito do indicativo na 2.ª pessoa do singular (*tu chegaste*). Tais significações se dizem "gramaticais" porque decorrem de classificações estabelecidas na gramática da língua portuguesa. Assim, *cheguei* e *chegaste* são contadas como duas *palavras gramaticais*.

Diremos que só há no referido verso três palavras se entendermos *cheguei, chegaste* como palavras de uma só significação lexical, já que ambas têm em comum o significado lexical 'atingir o final de movimento de ida ou vinda', um significado dado pela língua, mas que se situa fora da gramática, pois se trata de uma realidade do mundo em que vivemos. Assim, *cheguei* e *chegaste* são duas formas, duas "flexões" de uma mesma *palavra léxica*, o verbo *"chegar"*.

É neste sentido de *palavra léxica* que dizemos que *boa* é o feminino da "palavra *bom*", que *meninos* é o "substantivo *menino* no plural"[HCv.1, II, 594-595].

Repare-se que nos nossos dicionários o normal é iniciar o verbete com a *palavra léxica* básica: verbo no infinitivo, substantivo no gênero gramatical usual (*livro, vela, pente, ponte*) e adjetivo no masculino singular. Explica-se o procedimento porque o infinitivo, o masculino e o singular representam as formas não marcadas respectivamente do verbo, do substantivo e do adjetivo.

OBSERVAÇÃO: Na literatura linguística e gramatical, costumam os autores distinguir convencionalmente a maneira de indicar o vocábulo e a palavra. Coseriu, por exemplo, usa *itálico* para a palavra como signo, isto é, como expressão (significante) + conteúdo (significado): *chegar* = a palavra portuguesa *chegar* concomitantemente como expressão e conteúdo; itálico e aspas normais (duplas) para a expressão: "*chegar*" = o significante de *chegar* / xegar/; só aspas duplas para o conteúdo: "chegar" = o significado de *chegar*; só aspas simples para os traços distintivos de conteúdo: 'chegar' = traço distintivo que se encontra no conteúdo de *chegar, chegada, chegança, aconchego* e demais componentes da família.

Palavra e morfema – Do que foi exposto acima, conclui-se que em nossa língua, como se repete nas chamadas línguas flexionais, a palavra está constituída indissoluvelmente (a separação só se faz para efeito de análise e estudo) de uma base fônica e de duas formas semânticas, a gramatical e a lexical, conhecidas pelo nome técnico *morfema*.

Chama-se morfema a unidade mínima significativa ou dotada de significado que integra a palavra.

A depreensão do morfema ou dos morfemas que integram a palavra nem sempre constitui uma operação fácil e sujeita a uma única solução. Se tomarmos

falávamos
falava

facilmente depreendemos o elemento comum *falava*, e *mos* como distintivo. A unidade *-mos* indica estar a primeira forma verbal referida à 1.ª pessoa do plural (*nós*), e assim, portadora

de um conteúdo gramatical, é um morfema.

Se agora compararmos

falava
fala,

destacamos o morfema -*va*- que indica que a ação verbal se dá num passado que se prolonga (pret. imperfeito do indicativo). É, assim, outro morfema.

Se agora compararmos

falava
falara

se poderia chegar à conclusão que o elemento ou unidade distintiva das duas formas verbais fosse o -*v*- para a primeira ou o -*r*- para a segunda. A comparação com outras formas (*falava / fala; falara / falasse*, etc.) nos mostraria que as unidades a serem consideradas serão -*va*- e -*ra*-, que marcam o pret. imperf. e o mais-que-perf. do indicativo. Portanto, a depreensão de um morfema não é uma operação puramente material; há de se levar em consideração o seu conteúdo ou significado.

Também, como são unidades que se acham em concorrência com outras unidades, estão passíveis de mudanças na sua estrutura material, devidas a regras morfofonêmicas; no português, são frequentes a elisão e a crase: *porta* + *eiro* → port (*a*) *eiro* → *porteiro* (elisão); *porta* + *aria* → *portaria* (crase). Outras vezes, trata-se de alteração fônica: *fala*VA / *fala*VE*is* (por influência do *i* de *is*); outras vezes, de haplologia: *idade* + *oso* → *idoso* (por *idadoso*).

Tipos de morfema na estrutura das palavras – Na estrutura das palavras, os morfemas derivativos e flexionais se distribuem, quanto ao aspecto formal, pelos seguintes tipos, conforme ocorram por acréscimo (*aditivos*), por subtração (*subtrativos*) e por alternância (*modificativos*).

Há ainda relações gramaticais que se estabelecem no plano sintagmático, como a *concordância*, a *regência* e a "*consecutio temporum*", e também pela posição dos termos no sintagma, conhecida na gramática tradicional pelo rótulo "*ordem das palavras*". Destes tipos falaremos mais adiante.

Em nossa língua, são mais produtivos os morfemas aditivos, ao lado das formações com compostos; são raros os subtrativos, e os modificativos ocorrem com frequência nos casos de flexão nominal e verbal, conforme veremos no lugar competente.

Morfemas aditivos – Representados por:

1) *prefixos*: anteposição à base lexical: *pôr* → *repor; quieto* → *inquieto*
2) *sufixos, interfixos* e *desinências*: posposição à base lexical
3) *infixos:* intercalação no interior da estrutura da base
4) *circunfixos*: anteposição e posposição simultaneamente à base (parassintéticos)
5) *discontínuos*: fragmentação pela intercalação de outro morfema
6) *reduplicativos*: repetição da parte inicial da base

Morfemas subtrativos – Representados por:

1) *subtrativos*: subtração de fonema do radical para exprimir uma indicação gramatical

2) *supressivos*:

a) supressão de um segmento medial pertencente a qualquer das bases;

b) supressão do segmento final

c) supressão de elemento medial por cruzamento de bases

3) *abreviativos*: redução da extensão da palavra, que passa a valer pelo todo

Morfemas modificativos – Representados por:

1) *apofonia*: substituição de fonema vocálico de um radical de um mesmo paradigma flexional ou derivacional por mudança de timbre para indicação de significado gramatical

2) *metátese*: por mudança da sílaba tônica

Os morfemas podem ser classificados ainda como *livres* e *presos*, conforme apareçam independente ou dependentemente no discurso. Os morfemas apresentam: a) uma significação *externa*, referente a noções do nosso mundo (ações, estados, qualidades, ofícios, seres em geral, etc.), b) uma significação *interna* (puramente da esfera das noções gramaticais). A depreensão de um morfema depende de dois requisitos: a) a *significação* e b) a *forma fônica*. É importante observarmos que uma só forma fônica pode representar mais de um morfema: assim *-s* é marca pluralizadora em *as casas* e a 2.ª pessoa do singular em *cantas*. Por outro lado, um só morfema pode ter realizações fônicas diferentes em virtude do contexto fonético em que se acha; por exemplo, o morfema que corresponde à letra *-s* para indicar o plural em português se realiza como / x / diante de consoante surda (os cães), como / j / diante de consoante sonora (os gatos) e como / z / diante de vogal (os homens).79

Os elementos mórficos – Em português, as palavras se podem apresentar sob formas de estrutura diferentes:

a) *mar, sol, ar, é, hoje, lápis;*

b) *aluno, alunas, trabalhávamos;*

c) *casarão, livrinho, cantor, casamento, folhagem, alemão, fertilizar, chuviscar;*

d) *reter, conter, deter;*

e) *guarda-chuva, lanígero, agrícola, planalto, fidalgo.*

Em a) as palavras não se podem dividir em formas menores significativas porque só possuem um elemento mórfico chamado *radical*. *Radical* é o núcleo onde repousa a significação externa da palavra, isto é, relacionada com o mundo em que vivemos.

Já no grupo b) segue-se ao radical (de significação externa) um ou mais elementos de significação interna ou puramente gramatical. *Aluno* pode desmembrar-se em *alun-* e *-o*. O

primeiro elemento (radical) encerra a significação da palavra, cabendo ao final *-o* primeiramente atualizá-la para funcionar como palavra, integrando-a no léxico e secundariamente relacioná-la à marca de gênero, no caso de *-o* e *-a* (este de modo não geral, como acontece com *mapa*, *nauta*, masculinos). Em *alunas* o radical é *alun-*, e *as* encerra dois elementos de significação interna: 1) *-a* (indicador do significado gramatical gênero feminino) e 2) *-s* (indicador do significado gramatical número plural). Em *trabalhávamos* o radical é *trabalh-* e os elementos mórficos de significação interna são: 1) *-va* (que caracteriza o pret. imperf. do indicativo dos verbos da 1.ª conjugação) e 2) *-mos* (que caracteriza a 1.ª pessoa do plural).

Os elementos mórficos de significação interna, indicadores das flexões gramaticais, chamam-se *desinências* e se dividem em *nominais* e *verbais*.

As desinências nos nomes e em certos pronomes marcam as flexões de *gênero* e *número*; nos verbos: *número, pessoa, tempo* e *modo.*

Muitas vezes o radical não pode funcionar imediatamente como palavra; completa-o uma vogal para constituir o *tema* da palavra e por isso se chama *vogal temática* ou atualizador léxico, isto é, atualiza-o para funcionar concretamente no discurso [HCv.4, 7-26].

Tema é, portanto, o radical acrescido da *vogal temática* e que constitui a parte da palavra pronta para funcionar no discurso e para receber a desinência ou sufixo. São exemplos de temas: *livro-, trabalha-*. A vogal temática pode ocorrer num tema simples (*livr- o*) ou derivado (*livr- eir- o*).

Nos nomes as vogais temáticas estão representadas na escrita pelos grafemas *-a*, *-o* e *-e* e nos verbos por *-a*, *-e* e *-i*.

Nos nomes, a vogal temática (*a, o*) cumulativa e secundariamente funciona como a desinência de gênero. A vogal temática *o* ou *e* se acha representada, às vezes, por uma semivogal de um ditongo: *pã*O*, pã*ES. A vogal temática pode passar à variante *u* como ocorre com *afeto* → *afetuoso,* o que se dá, sem ser automático, quando se junta ao *-o* desinência ou sufixo iniciado por vogal [VK.2, 35]. Não têm vogal temática os nomes terminados em vogal tônica, e por isso se dizem *atemáticos*: *fé*. Neste caso, o tema coincide com o radical. Os nomes terminados em consoante (*mar, paz, mal*) apresentam a vogal temática *e*, latente no singular, mas patente no plural (*mares, pazes, males*). Uma característica desses atemáticos terminados em vogal tônica é que esta não é elidida quando seguida de sufixo: *café* → *cafezal, cafeeiro*.

OBSERVAÇÃO: Em geral a vogal tônica final (á, é, ó, ê, ô) resulta da crase da vogal do radical com a temática: *fé* < *fee* < *fide*(*m*). Em análise mórfica fora do plano histórico não cabe desfazer esta fusão.

Afixos: prefixos e sufixos. Interfixos – Nas palavras do grupo c) junta-se ao final da base um elemento mórfico chamado *sufixo* que não tem curso independente na língua (e por isso se chama *forma presa*) para formar uma palavra nova, emprestando-lhe uma ideia acessória e marcando-lhe a categoria (substantivo, adjetivo, etc.) a que pertence. O sufixo assume uma função morfológica, pois, em geral, altera a categoria gramatical do radical de que sai o

derivado (*real* adj. → *realidade* s., embora também possa não lhe alternar a categoria, como *feio* adj. → *feioso* adj.), e relaciona a palavra a que se agrega aos nomes aumentativos ou diminutivos, aos nomes de agente, de ação, de instrumento, aos coletivos, aos pátrios, etc.: *casarão* (aumento), *livrinho* (diminuição), *cantor, lavrador, sapateiro* (nomes de agente ou ofício), *punição, casamento, aprendizagem* (nomes de ação ou seu resultado), *folhagem, lodaçal, cardume, boiada* (nomes coletivos), *alemão, sergipano, cearense, português, minhoto, brasileiro* (nomes pátrios), *fertilizar* (ação), *chuviscar* (ação de pouca intensidade), *alvorecer* (início de ação), *mercadejar* (repetição de ação), *suavemente* (modo). Daí se distribuírem os sufixos em *nominais* (formadores de substantivos e adjetivos), *verbais* (do verbo) e o único adverbial, que é *-mente*, que se prende a adjetivos uniformes ou, quando biformes, à forma feminina: *cômoda* → *comodamente*.80

Nas palavras do grupo d) acrescenta-se ao início da base um elemento mórfico chamado *prefixo*, que empresta ao radical uma nova significação e que se relaciona semanticamente com as preposições. Os prefixos, em geral, se agregam a verbos, como nos exemplos do grupo d), ou a adjetivos: *in- feliz*, *des- leal, sub- terrâneo*. São menos frequentes os derivados em que os prefixos se agregam a substantivos; os que mais ocorrem são, na realidade, deverbais, como em *des- empate.* Ao contrário dos sufixos, que assumem valor morfológico, os prefixos têm mais força significativa, podem aparecer como formas livres (isto é, ter existência independente na língua) e não servem, como aqueles, para determinar uma nova categoria gramatical. Nem sempre existe em português a preposição que corresponde ao prefixo empregado: *intermédio* (cf. preposição *entre*), *combater* (cf. preposição *com*), *depenar* (cf. preposição *de*), *avocar* (cf. prep. *a* = ao lado, para perto de), *sobraçar* (cf. prep. *sob*), *sobrepor* (cf. prep. *sobre*), *embainhar* (cf. prep. *em* = movimento para dentro), mas *abusar* (*ab* = afastamento, privação), *progresso* (*pro* = movimento para diante, favorecimento), *refazer* (*re* = repetição).

Do ponto de vista formal, há ainda para notar que os sufixos derivativos são em geral mais longos que as desinências gramaticais, além de serem estas quase sempre átonas, enquanto aqueles são normalmente tônicos; outra distinção consiste em que os sufixos vêm imediatamente após o núcleo, e as desinências após os sufixos [cf. HCv.2, II, 530 n.35].

Prefixos e sufixos recebem o nome de *afixos*; são prefixos os afixos que se antepõem ao radical, e sufixos os que se lhe pospõem. Há ainda os *infixos* próprios, pois o que se costuma apontar como tal (representado por uma nasal) é de responsabilidade do latim (por exemplo, para distinguir o presente de alguns verbos, como *rumpo* e *findo* dos perfeitos *rupi*, *fidi* e do particípio passado *ruptus, fissus*, e, excepcionalmente, em certas formações nominais)81 e não interessa à gramática descritiva portuguesa. É preciso não confundir esta noção de *infixo* com as vogais e consoantes desprovidas de significado que, na formação de nossa palavras e das que importamos de línguas estrangeiras, principalmente quando o radical termina por vogal tônica, se intercalam para facilitar a pronúncia ou para evitar hiatos, e que, por isso, se chamam *vogais* e *consoantes de ligação*: cha-*l*-eira, pau-*l*-ada, cafe-*t*-eira, lan-*í*-gero, come-*z*-aina, pa-*z*-ada, chapeu-*z*-inho, pedre-*g*-ulho, pedre-*g*-oso.82 A rigor, há em português duas vogais de ligação: *i* e *o*. A vogal *i* na composição de elementos latinos e *o* de elementos gregos: dent*i*frício, gas*ô*metro83.

Temos ainda de considerar o caso dos *interfixos* (denominação adotada por Y. Malkiel), que são elementos átonos sem função gramatical e significativa que servem de ligação entre a base léxica e o sufixo, como ocorre em *glorificar* e *fumarada*, *fogaréu*, *solaréu*, em que os elementos *-ific*, *-ar* se interpõem entre as bases *glória* e o sufixo verbal *-ar* ou *fogo*, *sol* e o sufixo nominal *-éu*. A noção de interfixo não é ponto pacífico entre os estudiosos; muitas vezes se pode entendê-lo como integrante de um conglomerado de sufixos; nos exemplos acima, os conglomerados sufixais seriam *-ificar* e *-aréu*. Outras vezes, muito próxima desta noção, é ver o interfixo como resultado de um alongamento de sufixo, como se pode interpretá-lo na formação *ridículo* → *ridicularizar* (em vez de *ridiculizar*).

Nas palavras do grupo e) temos uma reunião de dois radicais, isto é, ao lado de um radical mais fundamental acrescenta-se outro (e até outros) para dar um significado especial ao conjunto. Dizemos então que as palavras são *compostas*. Estes radicais podem ser *livres*, isto é, usados independentemente na língua (como *guarda-chuva*) ou *presos*, isto é, não são usados isoladamente (como *agrícola* = agr + i + cola, *lanígero* = lan + i + gero).

Nas palavras compostas com radicais livres, do tipo *guarda-chuva*, persiste, como é fácil de observar, a individualidade de seus componentes. Esta individualidade se traduz: a) na escrita, pela mera justaposição de um radical a outro, normalmente separados por hífen; b) na pronúncia, pelo fato de ter cada radical seu acento tônico, sendo o último o mais forte e o que nos orienta na classificação da posição do acento nas palavras compostas (por isso que *couve-flor* é oxítono e *guarda-chuva* é paroxítono). Em tais casos dizemos que as palavras são compostas por *justaposição*.

Chamamos *aglutinação* o processo de formar palavras compostas pela fusão ou maior integração dos dois radicais: *planalto, fidalgo, lanígero, agrícola*. Esta maior integração traduz-se pela perda da delimitação vocabular decorrente: 1) da existência de um único acento tônico; 2) da troca ou perda de fonema; 3) da modificação da ordem mórfica [MC.4, 30].

"A adaptação da primeira palavra pode ser de quatro espécies: 1) mudança da parte final em relação à mesma palavra quando isolada; ex.: *lobis* – (comparar – *lobo*, em *lobisomem*); 2) redução da palavra ao seu elemento radical; ex.: *planalto*, onde *plan-* é o radical de *plano* (o composto indica um solo plano e alto numa montanha); 3) elemento radical alterado em relação à palavra quando isolada; ex.: *vinicultura* (*vin-,* mas *vinh-* em *vinha* 'árvore da uva'); 4) elemento radical que não aparece em português em palavra isolada; ex.: agricultura (a *agr* corresponde, em palavra isolada, *campo*)" [MC.2, 95].

A segunda palavra pode ocorrer com as seguintes alterações: "1) com mudança na parte final; ex.: *monocórdio* (instrumento de uma só corda); 2) com o elemento radical alterado; ex.: *vinagre* (um vinho que é acre); 3) com um elemento radical diverso do que a correspondente palavra isolada; ex.: *agrícola* (ao elemento de composição *cola* corresponde a ideia de *habitar* ou *cultivar*)"[MC.2, 95].

Na língua literária e técnica prefere-se empregar o radical de forma latina a utilizar o de forma vernácula, principalmente quando este já sofreu a evolução fonética. Emprega-se preferencialmente *silvicultura* (e não *selvicultura*), *viticultura* (e não *vidicultura*). Assim ocorre com *áureo, capilar, auricular, ocular, digital,* etc. [Cf. MBa.1, 429-430].

Diferença entre flexão e derivação – A flexão consiste fundamentalmente no morfema aditivo sufixal acrescido ao radical, enquanto a derivação consiste no acréscimo ao radical de um sufixo lexical ou derivacional: *casa + s: casas* (flexão de plural); *casa + inha*: *casinha* (derivação).

A flexão dos nomes e dos verbos apresenta muito frequentemente uma alternância complementar interna que recai na vogal tônica básica: *avô → avó, novo → nova; novo → novos; fiz → fez* (1.ª pessoa → 3.ª pessoa).

Quando falta o morfema aditivo à flexão, e só há alternância, a forma diz-se *forte: avô → avó* ou, mais restritamente se aplica, na gramática portuguesa, às 1.ª e 3.ª pessoas do singular do pret. perfeito do indicativo quando rizotônicas e atemáticas: *ter → tive, teve* (*i/e*), em oposição a *dizer → disse* (eu/ele); *poder → pude, pôde* (*u/o*), em oposição a *haver → houve* (eu/ele).

No plano sintagmático, a flexão provoca o fenômeno da concordância: *móvel novo → móveis novos* em oposição a *a casa nova → a casinha nova.*

Conceito de raiz ou radical primário – Chama-se *raiz*, em gramática descritiva, ao radical primário ou irredutível a que se chega dentro da língua portuguesa e comum a todas as palavras de uma mesma família.

Se tomarmos um vocábulo como *desregularizar* 84, facilmente podemos surpreender diversos graus de radical: o primeiro, destacando-se-lhe a vogal temática e a desinência de infinitivo, é *desregulariz-* (que aparece em *desregularização*); este radical pode ser reduzido, por destaques sucessivos, a: *regulariz* (sem o prefixo) > *regular* (sem o sufixo) > *regul* (cf. o latim *regu(la)* > *reg* (que aparece em *reger, régua*). Este último radical que constitui o elemento irredutível e comum a todas as palavras do grupo chama-se *primário* e coincide, em relação à língua atual, com a *raiz*. *Regul-* é um radical secundário (ou do 2.º grau), como *regular-* um radical terciário (ou do 3.º grau), e assim por diante.

OBSERVAÇÃO: Não interessa à gramática descritiva o conceito de raiz do ponto de vista histórico, que só é válido para a gramática histórica. Há frequentes divergências entre o estabelecimento de uma raiz dentro dos dois tipos de gramática; assim é que, enquanto para a histórica há raiz *ed-* em *comer* (do latim *comedere*, de *edere* = comer), a descritiva a esta reconhece em *com-* (cf. *com-ida, com-ilão, com-ilança*).

A raiz ou radical primário pode apresentar variante ou variantes; assim, a raiz *reg-* se altera em *regr-* (em *regra, regrar, desregrar*).

Base lexical real e base lexical teórica – Na análise mórfica (constitucional), torna-se importante acentuar, como já deixamos claro anteriormente, que nem sempre a unidade léxica que entra na constituição de uma forma derivada ou flexionada é a que se apresenta como básica. Muitas vezes, temos de nos socorrer de uma forma básica teórica, possível no sistema mas não vigente na norma. Assim é que nos plurais dos nomes terminados em consoante, socorremo-nos de uma forma teórica integrada pela vogal temática *-e-* para depois lhe acrescentar o pluralizador *-s*: *mar → *mare* → pl.: *mares.*

Palavras cognatas – Chamam-se cognatas as palavras que pertencem a uma família de raiz e significação comuns: *corpo, corporal, incorporar, corporação, corpúsculo, corpanzil; fugir* (em *foges,* temos a raiz alterada), *fugaz, refúgio, subterfúgio, trânsfuga.* Uma só família de palavras pode ter dois radicais, um de forma erudita, outro de forma popular: *digital* e *dedal, parietal* e *parede*, *capilar* e *cabelo, auricular* e *orelha, acutíssimo* e *agudíssimo*, *paupérrimo* e *pobríssimo, sacratíssimo* e *sagradíssimo*, etc.

Constituintes imediatos – Em análise mórfica, é importante ter em conta o princípio dos constituintes imediatos para que não se façam confusões no plano descritivo da classificação morfológica (vale o mesmo para as relações sintáticas) e se estabeleçam as possíveis gradações de estrutura. Assim é que diante de uma forma como *descobrimento*, não iremos enquadrá-la no grupo das palavras chamadas *parassintéticas* (considerando *des* + *cobri* + *mento*); trata-se de um derivado secundário cujos constituintes imediatos são o radical secundário *descobri-* e o sufixo *ment* (*o*). Em *arduamente* desprezaremos a desinência de feminino *-a-* (válida no vocábulo *árdua*) e analisaremos os constituintes imediatos: *ardua* + *mente*, sendo *ardua-* o radical secundário. Também em *desrespeitosamente* os constituintes imediatos são *desrespeitosa* (por destaques sucessivos > *respeitosa* > *respeit* > *speit,* este último radical primário ou raiz). Em *cantorezinhos* temos os constituintes imediatos *cantor* (*es*) e *zinho* (*s*), depois *cantor* e finalmente *cant-or*. Nessa gradação de elementos componentes de uma estrutura morfológica, nota-se que há certa ordem em sua distribuição; destacam-se primeiro, como nos constituintes imediatos, os elementos externos característicos da flexão, seguidos de elementos internos característicos do processo de transformação das palavras. Em nosso último exemplo, os externos de natureza flexional são representados pelas desinências de plural: *cantor(es),* e *zinho(s)*, enquanto os elementos internos são indicados pelos sufixos diminutivos de *cantor-zinho* (derivação sufixal) e pela desinência de nome de agente em *cant-or* (derivação sufixal).

A parassíntese ou circunfixação – Intimamente ligado à noção dos constituintes imediatos está o conceito de *parassíntese*, conceito não de todo assente entre os estudiosos. Para uns, para haver parassíntese basta a presença de prefixo e sufixo no derivado; é o caso de *descobrimento*, maneira de ver que rejeitamos, por não levar em conta a noção dos constituintes imediatos. Para outros, o processo consiste na entrada *simultânea* de prefixo e sufixo, de tal modo que não existirá na língua a forma ou só com prefixo ou só com sufixo; é o caso de *claro* para formar *aclarar*, em cujo processo entram concomitantemente o prefixo *a-* e o final *-ar*, elemento de flexão verbal que funciona, por acumulação, como sufixo. Como lembra Mattoso Câmara, pode dar-se ainda na parassíntese a adjunção de um sufixo de valor iterativo ou incoativo, o que ocorre em *entardecer* (*en* + *tard(e)* + *ec* + *er*) e *amanhecer* (*a* + *manh(ã)* + *ec* + *er*). Pode-se ainda entender que, a rigor, não existe parassíntese, se partirmos do fato de que, numa cadeia de novas formações, não poucas vezes ocorre o pulo de etapa do

processo, de modo que só virtualmente no sistema exista a forma primitiva. Assim, para se chegar a *farmacolando*, parte-se de um virtual **farmacolar* (à semelhança de *doutorar* em relação com *doutorando*), ou, para *prefeitável*, de um virtual **prefeitar* (como de *amar* para *amável*, ou de um *pagar* para *pagável*). Deste modo, em *aclarar, entardecer, amanhecer* se poderá pensar em partir dos virtuais **clarar, *tardecer, *manhecer* ou **aclaro, *entarde* e **amanhã*. Esta última explicação do fenômeno nos parece ser a melhor solução, abolindo a parassíntese como processo especial de formação de palavras, além de não contrariar o princípio geral da linearidade do signo linguístico.

As formações parassintéticas mais comuns no português ocorrem com o concurso dos prefixos *es -, a-, en-,* e os sufixos *-ear, -ejar, -ecer, -izar: esverdear, esclarecer, apodrecer, anoitecer, enraivecer, entardecer, encolerizar, aterrorizar.*

Haplologia na formação de palavras – A fim de evitar reduplicações de sílabas que pertencem à palavra primitiva e ao sufixo, é comum ocorrer *haplologia* ou *braquilogia*, como em: *caridad(e) + oso → caridoso* (por *caridadoso*) , *bondad(e) + oso → bondoso* (por *bondadoso*), *idad(e) + oso → idoso*. Estas simplificações também ocorrem em produtos por composição: *trágico + cômico → tragicômico*. Podem ocorrer também na língua as formas plenas: *caridadoso, bondadoso*.

Variantes dos elementos mórficos – É comum a variante de determinado elemento mórfico. Assim, altera-se a raiz em *reger* (reg-) e *regra* (regr-) ou *fazer* (faz-) e *fiz*; a desinência modo-temporal do pretérito imperfeito *-va-* (na 1.ª conjugação) ou *-ia-* (na 2.ª e 3.ª conjugações) passe a *-ve-* ou *-ie-*, respectivamente, na 2.ª pessoa do plural, pelo contato do *i* d e *is* da desinência pessoal (*amavas, amáveis, vendias, vendíeis, partias, partíeis*); a desinência de plural dos nomes é sempre *-s-*, mas diante de um plural como *mares*, temos, como já vimos em, de admitir uma forma teórica latente, no singular, não existente na norma, mas prevista no sistema, **mare*, que, servirá de forma básica para o plural *mares*. Ter-se-á de recorrer a essa forma teórica quando o pluralizador *-s* tiver de anexar-se a nome terminado em consoante: *sol → *sole + s > sols > soes → sóis; gás → *gase → gases,* etc. Quando temos formas variantes, aquela que ocorre isoladamente é a que se há de considerar a forma básica; assim é que temos as formas *chapéu* e *chapel* (em *chapelaria, chapeleiro*), mas a básica é *chapéu*, pois a outra só aparece nos derivados [VK.2, 20 n.2].

A forma livre *caber* (em *descaber*) apresenta, por exemplo, uma variante mórfica presa *-ceber* (em *receber, perceber*, etc.).

Tais variantes se chamam, à semelhança dos alofones, *alomorfes*. Destes alomorfes precisam ser distinguidos novos elementos mórficos oriundos de uma análise subjetiva do falante; não conhecendo a etimologia, muitas vezes o falante separa elementos que essa mesma etimologia não consigna. Por este processo, nasceram vocábulos como *sarampo* (do espanhol *sarampión*, e este do latim *sirimpionem*, por se pensar que *sarampão* fosse formado com o sufixo *-ão*), e *rosmano* (tirado de *rosmaninho*, do latim *rosmarinum*, também imaginado um

derivado com o sufixo de grau -*inho*).

Neutralização e sincretismo – A neutralização representa uma restrição no funcionamento das oposições distintivas existentes numa língua, quer no plano da fonologia, quer no plano gramatical (morfologia e sintaxe), quer no plano léxico.

Entende-se por neutralização a suspensão de uma oposição distintiva. Assim, o português estabelece oposição entre *e* aberto e *e* fechado, o que permite distinguir, por exemplo, *sede* (de um governo) e *sede* (sinto sede). Todavia, esta posição distintiva só funciona em posição tônica; se a vogal estiver em sílaba átona, só aparecerá o *e* fechado, na pronúncia normal brasileira, podendo fechar-se ainda mais a um *i*: *pedir/pidir*, sem que se altere o significado.

No plano do conteúdo gramatical, a oposição masculino/feminino fica suspensa com frequência no plural, apresentando-se apenas o masculino. Assim, *a menina e a prima estudiosas* no feminino, mas *a menina e o primo estudiosos*, em que o plural masculino se refere aos substantivos de gêneros diferentes.

Também o singular masculino pode, em certos contextos, assumir valor genérico e, assim, referir-se englobadamente a pessoas do sexo masculino e feminino: *O homem é mortal* (i.é, o homem e a mulher).

Ocorre o mesmo no léxico: *meus tios* pode fazer alusão a meus tios Benedito e Henrique, ou a meu tio Benedito e minha tia Noêmia. *Noite* e *dia* se dizem de partes distintas das "24 horas", mas *dia* pode englobar as duas partes quando empregado em contextos do tipo *Passei dois dias em Maceió*. Assim, o plural como termo marcado apresenta um traço diferencial positivo (com o valor "mais de um"), enquanto o singular, como termo não marcado apresenta dois valores: o contrário do outro (já que o singular é "unidade") e o valor genérico ("pluralidade"). Deste modo se explica por que o termo não marcado pode funcionar "em lugar" do marcado em certos contextos, não podendo haver o fenômeno contrário, isto é, o marcado aparecer "em lugar" do não marcado.

Em todos estes exemplos de neutralização, o termo que abrange toda a extensão da oposição se chamará *neutro*, *não marcado* ou *negativo*, e englobará o termo *positivo* ou *marcado*; assim, os masculinos *menino* e *dia* são termos neutros, e os femininos *menina* e *noite*, termos positivos ou marcados. Também, no sistema verbal, o presente se caracteriza pelo traço neutro, pois que, por isso, pode ser empregado "em lugar" do futuro (*Vou amanhã / Irei amanhã*) e do pretérito (*Pedro I proclama* nossa independência em 7 de setembro de 1822 / Pedro I *proclamou...*). Como ensina Coseriu, o presente, como termo neutro, pode ser empregado "em lugar" de qualquer outro tempo, e até em sentido "atemporal", ou em contextos de valor genérico ou em referência ao "presente eterno": *A terra gira em torno do sol*.

Não se há de confundir *neutralização* ou *sincretismo*. A neutralização, como vimos, é a suspensão, em determinado contexto, de uma oposição funcional que existe na língua em *um* dos seus dois planos: o da expressão ou o do conteúdo.

O sincretismo, por seu turno, é a ausência de manifestação material, numa seção de um paradigma ou em um paradigma, de uma distinção de conteúdo que, em outras seções do

mesmo paradigma ou em outros paradigmas análogos, se manifesta também materialmente. Assim, no paradigma verbal do português, a 1.ª e a 3.ª pessoas, que se distinguem em outros casos (*canto/canta; cantei/cantou*, etc.), não se distinguem, por exemplo, no imperfeito (*cantava*/*cantava*; *saía*/*saía*, etc.). Assim também haverá sincretismo, e não neutralização, em *falaram* como forma da 3.ª pessoa do plural do pret. perf. e do pret. mais-que-perfeito do indicativo, oposição recuperada na forma de 3.ª pessoa do singular (*falou/falara*) e ainda pelo contexto. Repare-se em que não se distinguem *na expressão* (na forma material, no significante), mas a diferença de conteúdo (de significado) persiste.

A diferença é que no sincretismo não há suspensão da oposição, nem há um termo de valor neutro que represente a soma "1.ª pessoa" + "3.ª pessoa". Pode haver sincretismos sintáticos, como, por exemplo, em *sábio alemão*, que admite duas interpretações exclusivas, conforme se entenda *sábio* como substantivo e *alemão* como adjetivo ou vice-versa.

Também em *amor de mãe* temos um sincretismo sintático, pois não se faz nenhuma distinção material se se trata do amor que a mãe tem ou nutre (pelos filhos, por exemplo) ou do amor que os filhos nutrem pela mãe; é o caso análogo ao genitivo "subjetivo" ou "objetivo" em latim. Mas os falantes fazem a distinção de conteúdo e não consideram a mãe como sujeito e objeto ao mesmo tempo.

O sincretismo pode ocorrer, principalmente, por *homonímia*, ou por *alomorfia* e desaparecimento do elemento mórfico, devidos a regras morfofonêmicas. Exemplos de homonímia: a) a vogal temática da 2.ª conjugação é *e*; esta vogal entretanto, passa a *i* no pret. imperf.; na 1.ª pessoa do singular do pret. perf. do indicativo e no particípio, suspendendo a oposição material distintiva com a 3.ª conjugação: vend + i + ia (com crase dos dois *ii*) → *vendia*; *vend + i + i → vendi; vend + i + do → vendido;* b) por outro lado, a vogal temática da 3.ª conjugação (*i*) passa a *e* quando átona, isto é, 2.ª e 3.ª pessoa do singular e 3.ª pessoa do plural do presente do indicativo e a 2.ª pessoa do singular do imperativo, suspendendo a oposição material entre a 2.ª e 3.ª conjugações: *vendes, partes; vende, parte; vendem, partem; vende tu, parte tu.* Também em *falaram*, a análise mórfica auxiliada pelo contexto dirá existir a 3.ª pessoa do plural do pret. perf. do indicativo (*fal-a-ra-m*) ou do pret. mais-que-perfeito (*fal-a-ra-m*).

Exemplos de desaparecimento: a) pela queda da vogal temática *i* do verbo *vir*, suspende-se a oposição, material entre o gerúndio e o particípio: *vindo* (gerúndio), *vindo* (particípio); b) pela queda da vogal temática *e* no infinitivo de *pôr*, este verbo ficou aparentemente afastado da 2.ª conjugação, chegando, durante muito tempo, a constituir razão para uma falsa 4.ª conjugação em português.

Graus de coesão de morfemas – A adição de morfemas nas constituições das palavras apresenta uma combinatória que cabe aqui ser referida. A adição aponta para uma combinatória rígida de modo que a ordem das unidades mórficas se mostra bem determinada. Assim, na estrutura do verbo em português – tomamos o verbo por exemplificação por ser, nas línguas flexivas como a nossa, aquela palavra de elementos estruturais mais rica – temos:

T (radical + vogal temática) + *D* (DMT + DNP)

am-a + re-mos

Em *recompor*, o prefixo *com* se acha mais integrado à significação do verbo *pôr* do que o prefixo *re-*. Também numa construção em que dois adjetivos modificam um mesmo substantivo, o adjetivo mais distante do substantivo é o menos coeso a ele, o que lhe permite normalmente permutar de posição: *céu azul maravilhoso / maravilhoso céu azul*, mas não *azul céu maravilhoso*. Entre prefixos isto não se dá: *recompor* (e nunca **comrepor*) [VK.2, 41].

Subtração nos elementos mórficos – Já vimos que os elementos mórficos podem ocorrer num processo de subtração, ao contrário do que ocorre com o processo por adição. A supressão de morfema é menos comum em português que o processo por adição.

Em português, um exemplo de morfema subtrativo é o que ocorre com os femininos de *anã, irmã, órfã*, obtidos pela eliminação do *-o* do masculino: 85

anão / anã
irmão / irmã
órfão / órfã

Temos ainda formação de palavras por procedimentos supressivos:

a) supressão do segmento medial pertencente a qualquer das bases: *petrodólares, apart-hotel, cineclube, credifone, tragicômico*

b) supressão do segmento final: *narcótico* → *narcotizar; prioridade* → *priorizar; maldade* → *maldoso*.

c) supressão do elemento final por cruzamento de bases: *motel* (motor + hotel), *brasiguaio* (brasileiro + uruguaio), *malular* (malufar + Lula), *sofressora* (sofrer + professora), *criança* (criança + onça), *aborrescente* (aborrecer + adolescente), *chafé* (chá + café). Este procedimento tem sido usado por bons escritores modernos (Guimarães Rosa, Mia Couto).

A subtração pode ocorrer por um processo de abreviação, em que a parte vale pelo todo: *foto* (grafia), *pneu* (mático), *metrô* (politano).

Morfema zero – Diferente do morfema subtrativo é o morfema zero (Ø). Consiste o morfema zero na ausência de uma marca de oposição gramatical em referência a outro termo marcado. Só haverá morfema zero se a noção por ele expressa for inerente à classe gramatical em que ele ocorra.

Assim, no par *alto/alta*, a oposição de gênero aparece marcada nos dois termos mediante *-o* e *-a*, já no par *alto/altos*, a noção de número plural, inerente à classe dos nomes, se acha marcada pelo pluralizador *-s*, enquanto a noção de singular está marcada pela ausência de uma marca. É esta ausência que tem o significado do valor do singular, e assim podemos considerá-la um verdadeiro morfema, a que chamaremos morfema zero (Ø).

Também em *amo, amas, ama*, as duas primeiras formas verbais apresentam marca de 1.ª e 2.ª pessoas do singular; a última (*ama*), pela falta de marca em relação às outras do mesmo

paradigma apresenta morfema zero para significado da 3.ª pessoa do singular.

OBSERVAÇÃO: Têm-se apresentado substantivos do tipo *pires, lápis, alferes*, adjetivos do tipo *simples, triste, feliz, capaz* como exemplos de morfema zero, por terem a mesma forma para o singular e o plural (nos substantivos) e para o masculino e feminino (nos adjetivos). Concordamos com a lição de Herculano de Carvalho, que não vê nestes casos morfema zero; trata-se de palavras que se mostram excepcionalmente alheias às classes gramaticais de número e gênero [HCv.2, II, 608-609]. Desta forma, *pires* não é um singular que permanece invariável no plural, pois não é em si nem singular nem plural, como *simples* não é nem masculino nem feminino.

Acumulação nos elementos mórficos – Entende-se, em geral, por *morfema cumulativo* aquele que reúne em si várias funções gramaticais. Assim, vê-se no *-o* final das formas verbais da 1.ª pessoa do presente do indicativo (*estudo, vendo, parto*) exemplo de morfema cumulativo, já que significa, simultaneamente, a pessoa (1.ª), o número (singular), o tempo (presente ou não passado) e o modo (indicativo).

Também entram na exemplificação de morfema cumulativo as desinências pessoais do pret. perfeito (*-i, -ste, -u, -stes*) porque eventualmente acumulam as funções de desinências modo-temporais que, nestas formas, é zero.

Todavia, esta descrição não é unanimemente aceita. Segundo alguns autores, entretanto, a condição para se considerar que estamos diante de um morfema cumulativo é o fato de duas ou mais significações gramaticais *nunca* serem marcadas por morfemas diferentes: é o que ocorre com as categorias de número e caso em algumas línguas indo-européias mais antigas ou conservadoras.86 Não é o caso, a rigor, do nosso *-o* final de *estud-o, vend-o, part-o*. Como ensina Matthews, tal caso não se ajusta a um modelo regular, pois a desinência costuma permanecer constante nos diferentes tempos e modos verbais. É bem verdade que o tempo e o modo estão sem morfemas aditivos, mas é um caso meramente especial de morfema sobreposto (cumulação acidental, para Sílvio Elia), como lhe chama o linguista citado, em relação com a totalidade do paradigma.

Em relação às desinências número-pessoais do pret. perf. do indicativo, lembremos que o verbo em português separa as desinências número-pessoais das modo-temporais. Assim, parece-nos que a melhor análise é considerar que no pret. perfeito do indicativo a desinência modo-temporal é zero, tal como se dá no presente do indicativo e no presente do subjuntivo. Não passa a sua função gramatical para a desinência número-pessoal.87

Muitas vezes um elemento mórfico utilizado para certa noção pode, por acumulação acidental, servir também para determinar outra noção desprovida de elemento característico (*elemento mórfico subtrativo*). As desinências de pessoa especiais para o pret. perfeito (*-i, ste, -u, -stes*), acumulam as funções de desinência modo-temporal por não existirem elas nestas formas verbais. Assim é que, embora haja elemento mórfico subtrativo, sabemos que *cantei, vendi* e *parti*, por exemplo, estão na 1ª pessoa do singular (função essencial da desinência *i*) do pret. perfeito do indicativo (função acumulativa da referida desinência), como ocorre com *-o* final de *estud-o*, *vend-o*, *part-o*, formas que estão na 1.ª pess. do sing. do pres. do indicativo.

Fusão nos elementos mórficos – Os elementos mórficos podem combinar-se por

justaposição ou por *fusão*. Em *livros* juntou-se ao radical primário a desinência pluralizadora *-s*, justaposta. No plural *canais* (*canale + s) ou *funis* (*funile + s) a integração do radical e desinência é mais íntima, não permitindo a análise dos dois elementos fundidos. No primeiro exemplo (*canais*), a fusão deu origem a um ditongo enquanto no segundo (*funis*) favoreceu uma crase (**funile + s = funi(l)es > funiis> funis*). Na 1.ª pessoa do singular do pretérito perfeito e na 2.ª pessoa do plural do pres. do indicativo da 3.ª conjugação há crase resultante da fusão da vogal temática com a desinência pessoal: *parti* (< partii), *partis* (< partiis) [Cf. VK.2, 20 n.2].

A aglutinação é um caso de fusão e, às vezes, pode ser tão íntima que o sentimento de linguagem moderno não perceba os dois elementos justapostos que a análise histórica patenteia. Dessarte, a gramática descritiva vê em *relógio* uma palavra simples, cujo radical é *relog-*; a histórica remonta aos dois radicais *hora lógio* (isto é, máquina que "diz a hora") [MC.2, 95].

O sufixo adverbial *-mente* foi primitivamente um substantivo de forma livre que se juntava aos femininos de adjetivos: *boa mente, clara mente*; depois houve maior integração dos dois elementos porque a forma livre passou a ser usada como afixo (forma presa) formador de advérbios. Foi desta aplicação de uma palavra como forma presa (afixo) que se originaram, para o português, o futuro do presente (*trabalharei*) e do pretérito (*trabalharia*), pois se uniram ao infinitivo (*trabalhar*) o presente e o pretérito imperfeito do verbo *haver* (*dar hei, dar hia* por *havia*). São casos de *hipotaxe* ou subordinação.

Passando as formas do verbo *haver* a constituir parte da desinência modo-temporal (*trabalharei* desdobra-se em *trabalh-a-re-i, trabalharia* em *trabalh-a-ria*, a gramática descritiva considera as nossas duas formas de futuro como formas simples.

Suplementação nos elementos mórficos – O ponto alto de uma irregularidade em relação ao paradigma da forma regular de determinado elemento mórfico é o processo chamado suplementação (ou *alternância supletiva*), que consiste em suprir uma forma com outra oriunda de radical diferente. O nosso verbo *ser* é anômalo porque, nas suas flexões, pede o concurso de dois verbos: *esse* e *sedēre*, também *ir* está neste caso, pois, além de suas formas próprias, possui as dos verbos *vadĕre* e *esse.*

A intensidade, a quantidade, o timbre e os elementos mórficos – Muitas vezes, em lugar de uma forma linguística, a intensidade, a quantidade e o timbre servem para ressaltar uma noção gramatical. Já vimos como o acento intensivo se mostra decisivo para distinguir o adjetivo, o verbo e o substantivo em *sábia, sabia* e *sabiá*.

A maior demora numa sílaba em regra traduz uma ênfase no significado da palavra:

> "Idiota! Trezentos e sessenta contos não se entregam nem à mão de Deus Padre! Idiota! Idioota!... Idiooooota..." [ML.1, 219].

A desinência do mais-que-perfeito do indicativo *-ra-* (variante *re-*) difere da semelhante que ocorre no futuro do presente, porque aquela é átona e esta é tônica: *cantara* (cant-a-ra) e *cantará* (cant-a-rá), *cantaras* (cant-a-ra-s) e *cantarás* (cant-a-rá-s).

A mudança de timbre (metafonia) concorre com a desinência da palavra para caracterizar o gênero, o número ou a pessoa do verbo: *caroço* (singular com *o* tônico fechado) → *caroços* (plural com *o* tônico aberto); *esse/essa, fez/fiz,* etc.

Há três grupos de alternância de timbre da vogal tônica com funções de indicações gramaticais:

a) | ê | → | é |; |ô | → | ó |

Em alguns nomes e pronomes, marca a oposição entre masculino e feminino ou singular e plural: *esse/essa; novo/nova*; *ovo/ovos.*

Em verbos da 2.ª conjugação marca, no presente do indicativo, a oposição entre a 1.ª pessoa do singular e as outras formas rizotônicas: *devo/deves, deve, devem; torço/torces, torce, torcem.*

b) | ê | → | i |; | ô | → | u |

Em pronomes, marca a oposição entre a referência de masculinos adjuntos e absolutos: *este, esse/isso; aquele/aquilo; todo/tudo.*

Em verbos fortes, marca a oposição entre 1.ª e 3.ª pessoas: *fez/fiz; pôs/pus.*

c) | i | → | ê |; | u | → | ô |; | i | → | é |; | u | → | ó |

Em verbos da 3.ª conjugação, marca, no presente do indicativo, a oposição entre a 1.ª pessoa e as outras rizotônicas: *minto/mentes, sinto/sentes*; *sumo/somes*; *firo/feres*; *durmo/dormes* [VK.2, 43-44].

Em Portugal, em geral, é o timbre aberto ou fechado da vogal tônica que distingue a 1.ª pessoa do plural do presente do indicativo e do pret. perfeito dos verbos da 1.ª e 2.ª conjugações: *lavamos* (â) (presente), *lavamos* (á) (pretérito), *devemos* (ê) (presente), *devemos* (é) (pretérito). No Brasil não fazemos em regra esta distinção, que fica, em geral, a cargo do advérbio adequado: *Hoje falamos disso. Ontem falamos disso.*88

2 – Formação de Palavras do Ponto de Vista Constitucional

Renovação do léxico: criação de palavras – As múltiplas atividades dos falantes no comércio da vida em sociedade favorecem a criação de palavras para atender às necessidades culturais, científicas e da comunicação de um modo geral. As palavras que vêm ao encontro dessas necessidades renovadoras chamam-se *neologismos*, que têm, do lado oposto ao movimento criador, os *arcaísmos*, representados por palavras e expressões que, por diversas razões, saem de uso e acabam esquecidas por uma comunidade linguística, embora permaneçam em comunidades mais conservadoras, ou lembrados em formações deles originados. De tudo isto trataremos no lugar próprio.

Os neologismos ou criações novas penetram na língua por diversos caminhos. O primeiro deles é mediante utilização da prata da casa, isto é, dos elementos (palavras, prefixos, sufixos) já existentes no idioma, quer no significado usual, quer por mudança do significado, o que já é um modo de revitalizar o léxico da língua.

Entre os procedimentos formais temos, assim, a *composição* e a *derivação* (*prefixal* e *sufixal*).

Outra fonte de revitalização lexical são os *empréstimos* e *calcos linguísticos*, isto é, palavras e elementos gramaticais (prefixos, preposições, ordem de palavras) tomados (empréstimos) ou traduzidos (calcos linguísticos) ou de outra comunidade linguística dentro da mesma língua histórica (regionalismos, nomenclaturas técnicas e gírias) ou de outras línguas estrangeiras – inclusive grego e latim –, que são incorporados ao léxico da língua comum e exemplar.

Uma fonte muito produtiva do neologismo vem da criação de certos produtos ou novidades que recebem o nome de seus inventores ou fabricantes, como *macadame, gilete*, etc. Muito próxima a esta via são os nomes criados levando em conta os sons naturais (fonossimbolismo) produzidos por seres e objetos: *Kodak, pipilar,* etc., são as onomatopéias e palavras expressivas.

De todos esses procedimentos de revitalização do léxico, merecem atenção especial para a gramática a composição e a derivação, tendo em vista a regularidade e sistematicidade com que operam na criação de novas palavras.

Conceito de composição e de lexia 89 – Já está assentada a distinção entre *composição* e *lexia*; por composição entende-se a junção de dois elementos identificáveis pelo falante numa unidade nova de significado único e constante: *papel-moeda, boquiaberto, planalto*. Há os compostos com elementos eruditos, geralmente de origem grega e latina, que só ocorrem na língua nessas novas unidades, isto é, que não aparecem independentes no discurso, e há os compostos com elementos vernáculos, de existência independente na língua (*papel-moeda*) ou com leves alterações formais (*planalto: plan*[*o*]*alto, boquiaberto: boqu*[*i*]*aberto*).

Por seu turno, a *lexia* complexa (termo cunhado pelo linguista francês Bernardo Pottier), também dita *sinapsia* (termo de outro linguista francês Emílio Benveniste – em grego ‘junção’, ‘conexão’, ‘coleção de coisas juntas’), é formada de sintagmas complexos que podem ser constituídos de mais de dois elementos: *negócio da China* (‘transação comercial vantajosa’), *pé de chinelo* (‘diz-se da pessoa de poucos recursos’), etc.

Alguns autores incluem a sinapsia no rol dos tipos de compostos, mas Benveniste – e cremos que com razão – prefere distingui-la. São características da sinapsia, segundo este autor:

a) a natureza sintática (não morfológica) da ligação dos elementos, o que muitas vezes torna difícil verificar se houve ou não lexicalização do conjunto;

b) o emprego de transpositores (preposições);

c) a ordem fixa *determinado* + *determinante*;

d) sua forma lexical plena, e a livre escolha de qualquer substantivo ou adjetivo;

e) a ausência de artigo antes do determinante, pois a presença do artigo romperia a unidade do conjunto, como se pode ver em *ar de família / ar da família; casa de pensão / casa da pensão;*

f) a possibilidade de expansão tanto do determinado quanto do determinante, *pouco ar de família / ar de boa família,* pois seu significado, apesar da expansão, é único e constante;

g) o caráter único e constante do significado.

Vê-se que algumas das características apontadas são também comuns aos compostos, o que explica, muitas vezes, a dificuldade de se traçarem limites rígidos entre os dois processos, já que, na língua, é tênue o limite entre o que é livre e o que está fixado.

A sinapsia, cujo resultado é sempre um substantivo ou adjetivo, tem grande vitalidade, especialmente na linguagem científica e técnica e, por isso mesmo, cria problemas na dicionarização dessas unidades lexicalizadas, já que dicionários e gramáticas, no seu levantamento, se guiam com maior atenção pela ortografia.

A relação sintática nas formações sinápticas é marcada normalmente mediante a preposição *de*, aparecendo ainda a preposição *em* ou *a*, esta última por influência estrangeira, em especial quando a unidade designa um artefato, em que o determinante indica o agente motor; *barco à vela, motor à explosão, fogão a gás*, ou uma característica distintiva *televisão a cores / televisão em cores.*

Há compostos em que a lexicalização se apresenta mais evidente que na sinapsia, é o caso dos compostos por *disjunção* e por *contraposição*.

Nos compostos por disjunção nem sempre os dois elementos se juntam graficamente por mais que seja evidente a lexicalização:

opinião pública guerra civil

mas

bicho-carpinteiro peixe-espada

Nestes compostos, o primeiro elemento é a denominação, enquanto o segundo é a sua especificação; assim *peixe-espada* é um *peixe* "que se assemelha a uma espada" e *opinião pública* é uma *opinião* "que é pública". A relação se diz de disjunção porque, embora o segundo seja uma especificação do primeiro, *espada* não é uma subclasse de *peixe* nem *pública* o é de *opinião*, como se os dois elementos pertencessem a classes diferentes.

Os compostos por disjunção são muito empregados nas denominações de plantas e animais, e menos frequentes na linguagem comum.

Os compostos por *contraposição* quando se constituem por dois substantivos, o segundo exerce uma função predicativa que designa a finalidade do primeiro, e há entre eles uma relação sintática de coordenação:

escola-modelo navio-escola
carro-leito carro-bomba

Em *acordo luso-brasileiro* é um acordo que envolve *portugueses* e *brasileiros*.

Nesses compostos com adjetivos étnicos, em geral são preferidas as formas reduzidas às plenas no primeiro elemento: luso-brasileiro (e não lusitano-brasileiro), aliança nipo-russa (e não japonês-russa).

A composição é uma transformação sintática em expressão nominal – Já vimos que compostos como *papel-moeda* se prendem a uma oração de base do tipo de "papel que é

moeda" o que aponta para o fato de tais unidades léxicas serem transformações de construções sintáticas simples ou complexas. Benveniste dá-nos sobre isto lição magistral:

> Os compostos "representam a transformação de certas orações típicas, simples ou complexas, em signos nominais. Não se pode, portanto, explicar a criação dos compostos pela simples junção imediata de dois signos anteriores. Se a composição nominal fosse, como é sempre apresentada, um processo de natureza morfológica, não se compreenderia por que ela parece se realizar em toda a parte, nem como puderam surgir essas classes formais em número limitado, tão parecidos entre as línguas mais diversas. É que o impulso que produziu os compostos não veio da morfologia, onde nenhuma necessidade os solicitaria; ele provém das construções sintáticas com suas variedades de predicação. É o modelo sintático que cria a possibilidade do composto morfológico e que o produz por transformação. A oração, com seus diferentes tipos, emerge assim na zona nominal. Consequentemente, é preciso reconhecer nos compostos uma situação particular. Em geral, eles são arrolados, com os derivados, na "formação dos nomes". Seria preciso, de preferência, fazê-los entrar em um capítulo novo da teoria das formas, consagrado ao fenômeno que poderia se chamar "*metamorfismo*"; entendemos por isso o processo de transformação de certas classes em outras (...). No momento em que a oração é transformada em composto e que os termos da oração se tornam membros do composto, a predicação é colocada em suspenso, e o enunciado atual torna-se virtual. É esta a consequência do processo de transformação.
>
> Assim se define então a função do composto: transferir para o virtual a relação atual de predicação enunciada pela oração de base. É justamente a essa função que correspondem também as características formais dos compostos. Tudo o que pode remeter a uma situação atual é apagado: a predicação verbal está apenas implícita; o primeiro membro, desprovido de qualquer índice de caso, de número, de gênero, é reduzido a um semantema; o segundo termo, sobre o qual repousa a relação sintagmática, toma uma forma e um final novos, índices do estatuto de adjetivo que o composto recebe (...). Ao passar assim para o quadro formal do nome, a oração livre sofre uma inevitável redução de suas latitudes de expressão. Seria seguramente impossível conter os dois termos do composto a multiplicidade de relações sintáticas a que é suscetível a oração livre. Todavia o composto é capaz de maior diversidade do que parece, e suas numerosas variedades recenseadas pelas gramáticas correspondem justamente a tipos diversos de orações (...).
>
> Mas esse relativo empobrecimento da expressão sintática transformada em expressão nominal é compensado pela variedade das combinações que o composto oferece à língua. Ele dá o poder de manejar como adjetivos ou nomes orações inteiras e de fazê-las entrar revestidas nessas novas espécies em outras orações. Assim se constitui particularmente um vasto repertório, sempre aberto, de compostos descritivos, instrumentos da classificação e da nomenclatura, aptos a se tornarem denominações científicas ou epítetos poéticos, e que, além do enriquecimento que proporcionam, mantêm essa atividade metamórfica, talvez o trabalho mais singular da língua" [EBv, 2, 163-164].

Palavras indivisíveis e divisíveis – INDIVISÍVEL é a palavra que só possui como elemento mórfico o radical: *mar, sol, ar, é, hoje, lápis, luz.*

DIVISÍVEL é a palavra que, ao lado do radical, pode desmembrar-se em outros elementos mórficos:

> mares (mar-e-s), alunas (alun-a-s), trabalhávamos (trabalh-á-va-mos).

Palavras divisíveis simples e compostas – Diz-se SIMPLES a palavra divisível que só possui um radical. Os outros elementos mórficos que a compõem ou são de significação puramente gramatical ou acrescentam ao radical a ideia subsidiária que denotam os afixos (prefixos ou sufixos).

Por causa desta nova aplicação de significado que os afixos comunicam ao radical, as palavras simples se dividem em *primitivas* e *derivadas*.

PRIMITIVA é a palavra simples que não resulta de outra dentro da língua portuguesa: *livro, belo, barco*

DERIVADA é a palavra simples que resulta de outra fundamental: *livraria, embelezar, barquinho.*

COMPOSTA é a palavra que possui mais de um radical: guarda-chuva, lanígero, planalto

Tanto as palavras simples (primitivas ou derivadas) como as compostas podem ser acrescidas de desinências que servem para exprimir uma categoria gramatical (flexão) que,

nos nomes e pronomes, traduz as noções de *gênero* e *número* e, nos verbos, *número, pessoa, tempo* e *modo*:

a) primitivas flexionadas: *livros, meninas*

b) derivadas flexionadas: *livrarias, meninadas*

c) compostas flexionadas: *couves-flores, guarda-livros, planaltos*

Quando a palavra é constituída de vários elementos mórficos, cabe, antes de mais nada, estabelecer o princípio dos constituintes imediatos. Analisando, por exemplo, *fidalgotes,* estabeleceremos que a palavra é primeiramente constituída de *fidalgote* + desinência de pluralizador *s*, através de *fidalg(o)* + diminutivo *-ote*.

Processos de formação de palavras – Dois são os principais processos de formação de palavras em português do ponto de vista da expressão ou da sua constituição material:

a) *composição*

b) *derivação*

A COMPOSIÇÃO consiste na criação de uma palavra nova de significado único e constante, sempre e somente por meio de dois radicais relacionados entre si. Isto não impede que um dos elementos do composto seja ele mesmo já um composto, contado como um termo único, pelo princípio dos constituintes imediatos.

1) Substantivo + substantivo:

a) Coordenação – quando há sequência de coordenação de elemento: 1– o determinante precede: *mãe-pátria, papel-moeda;* 2– o determinante vem depois: *peixe-espada, carro-dormitório, couve-flor*;

OBSERVAÇÃO: Os compostos com o determinado antes do determinante são os tipicamente portugueses. Nos compostos coordenativos um dos substantivos funciona como aposto do outro, em geral, o segundo: *peixe-espada* (peixe que se parece com uma espada). Compostos deste tipo em que o determinante vem antes do determinado, como em *mãe-pátria*, são mais raros. "Os realistas e os simbolistas são, porém, os que fazem mais vasto emprego artístico do substantivo por aposição, e cumpre confessar que, pela sua brevidade e viveza, têm estas formações alto poder estético: "A *nau-fantasma*, cortada a amarra, bamboleia nas ondas, prestes a largar" [G. Junqueiro *apud* MBa.2, 116-117]. Quando os elementos são constituídos por substantivos que apresentam formas para os dois gêneros, o determinante vai para o gênero do determinado, por ser este o principal: *batata-rainha*. As exceções explicam-se por analogia. Se não há distinção genérica, não se dará, naturalmente, a concordância: *a cobra-cascavel, a cobra-capelo, o pau-maçã, a fruta-pão, a cólera-morbo*. Quando fica obliterada ou esmaecida a natureza da composição, mais parecendo tratar-se de palavra simples, pode predominar o gênero do último, como ocorre com *o pontapé* [cf. MAg.3, 151-152].

b) Subordinação – quando há subordinação de um elemento, isto é, de um determinante a outro determinado: *arco-íris, estrada de ferro, pão de ló.*

OBSERVAÇÃO: Nesse tipo de subordinação, os elementos se unem por uma relação de complemento de substantivo, do adjetivo ou do verbo [cf. VK.3, 42 n. 5]. É muito natural no português a omissão da preposição *de*, como acontece com *arco-íris* (por *arco da íris, Íris* é nome mitológico). Assim, *porco-espinho* (= porco de espinho), *beira-mar* (= beira do mar), *pontapé* (= ponta do pé), etc. Observe-se que quando o gênero ou o número do 2.º elemento diverge do do 1.º, dá-se muitas vezes a concordância por influência deste: *pedra-raia* (por pedra de raio), *bolo-rei* (por bolo de Reis [Magos]), *sete-estrelo* (por sete estrelas) [cf. LV.2, 1, 441-442].

2) Substantivo + adjetivo (ou vice-versa):

aguardente, obra-prima, fogo-fátuo, belas-artes, baixa-mar, boquiaberto.

3) Adjetivo + adjetivo:

surdo-mudo, luso-brasileiro, auriverde.

4) Pronome + substantivo:

Nosso Senhor, Sua Excelência.

5) Numeral (inclusive latino) + substantivo:

onze-letras (alcoviteira), segunda-feira, bisneto, trigêmeo, sesquicentenário (sesqui = um e meio).

6) Advérbio (*bem, mal, sempre*) + substantivo, adjetivo ou verbo:

benquerença, benquisto, benquerer, malcriação (inutilmente corrigido para má-criação), malcriado, sempre-viva.

7) Verbo + substantivo:

lança-perfume, porta-voz, busca-pé, passatempo.

8) Verbo + verbo ou verbo + conjunção + verbo:

vai-vém, leva e traz, corre-corre.

9) Verbo + advérbio:

pisa-mansinho, ganha-pouco.

10) Um grupo de palavras ou uma oração inteira pode passar, pelo processo da hipotaxe ao nível de palavra:

um *Deus nos acuda*, mais vale um *toma* que dois *te darei*, os *disse me disse*.

Como já vimos, a associação dos componentes das palavras compostas se pode dar por:

a) *justaposição*: guarda-roupa, mãe-pátria, vai-vém.

b) *aglutinação*: planalto, auriverde, fidalgo.

OBSERVAÇÃO: Incluem-se no processo da aglutinação os casos, raros nas línguas românticas, de *incorporação nominal*, mediante os quais se incorpora ao verbo o seu complemento, nome ou pronome, que exerce a função semântica de paciente, locativo ou instrumental: *pesa-me - pêsame,* esp. *rabiatar* (= *atar el rabo*), etc.

"Na análise mórfica de um composto por justaposição, separam-se primeiramente as duas palavras, e, depois procede-se à separação de cada uma delas, se são divisíveis" [MC.2, 94].

Derivação – Derivação consiste em formar palavras de outra primitiva por meio de afixos. De modo geral, especialmente na língua literária e técnica, os derivados se formam dos radicais de tipo latino em vez dos de tipo português quando este sofreu a evolução própria da história da língua: *áureo* (e não *ouro*), *capilar* (e não *cabelo*), *aurícula* (e não *orelha*), etc. [MBa.1, 429-430].

Os afixos se dividem, em português, em *prefixos* (se vêm antes do radical) ou *sufixos* (se vêm depois). Daí a divisão em *derivação prefixal* e *sufixal*.

DERIVAÇÃO SUFIXAL: *livraria, livrinho, livresco.*

DERIVAÇÃO PREFIXAL: *reter, deter, conter.*

OBSERVAÇÃO: Como vimos em **Afixos: prefixos e sufixos. Interfixos**, os prefixos assumem valor semântico que empresta ao radical um novo significado, patenteando, assim, a sua natureza de elemento mórfico de significação externa subsidiária.

Baseados nisto, a gramática antiga e vários autores modernos fazem da prefixação um

processo de composição de palavras.

Sufixos – Os sufixos dificilmente aparecem com uma só aplicação; em regra, revestem-se de múltiplas acepções e empregá-los com exatidão, adequando-os às situações variadas, requer e revela completo conhecimento do idioma. Ao lado dos valores sistêmicos, associam-se aos sufixos valores ilocutórios intimamente ligados aos valores semânticos das bases a que se agregam, dos quais não se dissociam.90 A noção de aumento corre muitas vezes paralela à de coisa grotesca e se aplica às ideias pejorativas: *poetastro, mulheraça.* Os sufixos que formam nomes diminutivos traduzem ainda carinho: *mãezinha, paizinho, maninho.* Outras vezes, alguns sufixos assumem valores especiais (por exemplo *florão* não se aplica em geral a flor grande, mas a uma espécie de ornato de arquitetura), enquanto outros perdem o seu primitivo significado, como *carreta, camisola*. Por fim, cabe assinalar que temos sufixos de várias procedências, sendo os latinos e gregos os mais comuns nas formações eruditas.

Nas formações eruditas greco-latinas serão considerados nesta gramática elementos sufixais formas como - *ífic* -, - *ífer* -, - *duct* - e quejandos, em unidades como *sudorífico, frutífero, aqueduto*, assim como são elementos prefixais formas como *anfi-, extra-, inter-, mono-, multi-, poli-,* em *anfiteatro, extrafino, monovalente, multicolor, polianteia,* etc.

I – *Principais sufixos formadores de substantivos*:

1) Para a formação de nomes de agente, e ainda instrumento, lugar: 91

-tor, -dor, -sor, -or: narrador, genitor, ascensor, cantor, metralhadora, corredor (= lugar por onde se anda)

-nte, estudante, requerente, ouvinte

-ista: dentista, jornalista

-eira, -eiro: lavadeira, padeiro, vendeiro, derradeiro

-ária, -ário: bibliotecária, secretário

2) Para formação de nomes de ação ou resultado de ação, estado, qualidade, semelhança, composição, instrumento, lugar:

a) Derivados de verbo:

-ame: gravame

-ção, -são: coroação, perdição, compreensão, ascensão

OBSERVAÇÃO: Há de se atentar para a correta grafia de *-ção* e *-são*.

-mento: casamento, descobrimento

-ura, -dura, -tura: feitura, mordedura, formatura

-ança (-ancia), -ença (-encia): mudança, esperança, parecença, abundância, convalescença, (ou convalescência)

-ata: passeata

-ada: estada (estadia na norma de Portugal)

-ida (verbos da 2.ª e 3.ª conjugações): acolhida, partida

-agem: vadiagem

-ário: lapidário

b) Derivados de substantivo:

-ada: laçada, braçada, pousada

-ura: cintura

-astro: poetastro

-*estre*: silvestre, campestre
-*ato*: orfanato
-*aço, -aça*: vidraça
-*cínio*: patrocínio (não confundir com o radical -*cinio*, de *canĕre* 'cantar': galicínio 'o canto do galo')

c) Derivados de adjetivos:

-*ismo*: charlatanismo, civismo
-*tude*, -*dão:* amplitude, amplidão, solidão
-*ura*: doçura, brancura (concorrente vitorioso sobre -*or*: *verdor*, *amargor*)
-*eza, -ez*: beleza, viuvez
-*ácia*: audácia, falácia
-*dade*: dignidade
-*mônia*: acrimônia

3) Para significar lugar, meio, instrumento:

-*douro, -doura*: bebedouro, manjedoura
-*tério*: necrotério
-*tório*: dormitório
-*aria, -eria*: livraria, tesouraria, sorveteria
-*edo*: arvoredo
-*bulo*: turíbulo
-*or*: corredor
-*il*: covil (relacionado a nomes de animal, para indicar onde se recolhem)
-*anco*: barranco
-*cro*: simulacro, ambulacro

4) Para significar abundância, aglomeração, coleção:

-*aria, -ário, -eria*: cavalaria, infantaria (ou infanteria), casario
-*al:* laranjal, cipoal
-*edo*: arvoredo
-*eira*: doenceira, desgraceira
-*io*: mulherio
-*ama, -ame, -ume, -um*: mourama, velame, ervum, mulherum, homum, negrume
-*agem*: folhagem
-*ada*: boiada
-*aço*: chumaço
-*alha*: parentalha
-*ardo*: moscardo
-*ana, -aina* (por alongamento): andana, andaina

5) Para significar causa produtora, lugar onde se encontra ou se faz a coisa denotada pela palavra primitiva:

-*ário*: relicário, herbanário
-*eiro, -eira*: açucareiro, chocolateira
-*aria*: livraria, mercearia

6) Para formar nomes de naturalidade:

-*aco*: austríaco
-*ano,-ão*: pernambucano, coimbrão
-*ense, -ês*: cearense, português
-*enho*: estremenho (da Estremadura, Portugal)
-*eno*: madrileno, chileno

-*eu, -éu*: caldeu, hebreu, ilhéu (fem. *ilhoa*)

-*engo*: *flamengo*

-*ico*: brasílico

OBSERVAÇÃO: Em *algarvio* não há sufixo -*io*.

-*ista*: paulista

-*ol*: espanhol

-*oto*: minhoto (ô)

-*ato*: maiato (natural de Maia)

-*ino*: platino, bragantino

-*eiro*: brasileiro

-*eta*: lisboeta

-*aico*: hebraico, caldaico

7) Para formar nomes que indicam maneira de pensar; doutrina que alguém segue; seitas; ocupação relacionada com a coisa expressa pela palavra primitiva:

-*ismo*: cristianismo, classicismo

-*ista*: socialista, espiritista

-*ano*: maometano, anglicano

8) Para formar outros nomes técnicos usados nas ciências [AN.1, 123-124]:

-*ite* (emprega-se para as inflamações): pleurite, rinite, bronquite

-*ema* (é utilizado nos modernos estudos de linguagem com o sentido de "mínima unidade distintiva"): fonema (menor unidade de som); morfema (menor unidade significativa de forma), lexema, semema, estilema, etc.

-*oso* e -*ico* (distinguem óxidos, anídridos, ácidos e sais, reservando-se o último para os compostos que encerrem maior proporção do metaloide empregado): cloreto mercuroso, cloreto mercúrico

-*ato, -eto, -ito* (formam nomes de sais: clorato, cloreto, clorito): clorato de potássio, cloreto de sódio. Para os sais de enxofre usa-se o radical *sulf*: sulfeto, sulfito, e não *sulfur*, que é forma latina: sulfato de quinino, hipossulfito de sódio. Para os de fósforo usa-se o radical *fosf*, para os de flúor *flu*: fosfato, fluato. Para os de carbônio, o uso vulgar aceitou as formas *carbonato*, bem derivada, e *carbureto* (em vez de *carboneto*), que denota influência francesa: bicarbonato de sódio, carbureto de cálcio.

-*ênio* (caracteriza carbonetos de hidrogênio): acetilênio, etilênio, metilênio, etc.

-*ilio* (aparece em certos compostos chamados radicais químicos): amílio, metílio.

-*ina* (aparece em alcaloides e álcalis artificiais): *atropina*, alcaloide da beladona; *cafeína*, do café; *cocaína*, da coca; *codeína*, do ópio; *conicina,* da cicuta; *estricnina*, da noz-vômica; *morfina*, da papoula; *nicotina*, do fumo; *quinina*, da quina; *teína*, da árvore do chá, etc.; anilina, alizarina, etc.

-*io* (aparece em corpos simples): silício, telúrio, selênio, sódio, potássio, etc.

-*ol* (se encontra em derivados de hidrocarbonetos): fenol, naftol, etc.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) A Mineralogia e a Geologia têm também sufixos tomados em sentidos particulares:

-*ita* (para espécies minerais): pirita

-*ito* (para as rochas): granito

-*ite* (para fósseis): amonite

2.ª) Na indústria moderna os produtos novos são marcados com finais -*ax, -ex, -ix, -ox, -ux*, que passaram a ser entendidos como verdadeiros sufixos: ajax, tenax, paredex, pirex, atrix, inox, matox, rodox. Em *xerox* (ou etimológico *xérox*) não temos esse final, pois se prende a um adjetivo grego, que significa *enxuto*.

II – *Principais sufixos de nomes aumentativos e diminutivos, muitas vezes tomados pejorativa ou afetivamente*:

1) Aumentativos:

-*ão, -zão*: cadeirão, homenzão

-*anço*: falhanço, copianço

-arro, -arrão, -zarrão, arraz (arro + az): naviarra, bebarro, santarrão, coparrão, homenzarrão, pratarraz

-eirão: vozeirão

-aço, -aça: ricaço, barcaça, copaço

-astro: poetastro, politicastro, padrasto, madrasta (nos dois últimos houve dissimilação)

-alho, -alha, -alhão: politicalho, muralha, grandalhão

-ama: ourama, poeirama

-anzil: corpanzil

-ázio: copázio

-uça: dentuça

-eima: guleima, guloseima, boleima

-anca: bicanca

-asco: penhasco

-az: fatacaz, famanaz, famaraz

-ola: beiçola

-orra: cabeçorra

-eirão: chapeirão, toleirão

-ento: farturento

2) Diminutivos:

-inho, -zinho, -im, zim: livrinho, livrozinho, dormindinho, florzinha, espadim, bodim, valzim 92

Observação: Nem sempre é indiferente a opção por *-inho* ou *-zinho*. Não toleram *-inho* (e *-ito*) mas *-zinho* (e *-zito*) os nomes terminados em nasal, ditongo e vogal tônica: *cãozinho, cãozito, irmãzinha, albunzinho, raiozinho, bonezinho, urubuzinho*. Também se incluem os terminados em *-r*, embora aí haja alguns em *-inho*, facultativamente: *serzinho, cadaverzinho, caraterzinho; colher* admite *colherinha*, ao lado de *colherzinha*. Os terminados em *-s* e *-z* só toleram *-inho* (*-ito*): *tenisinho, lapisinho, rapazinho*.

-ito, -zito: copito, amorzito, passeandito

-ico: namorico, veranico

-isco: chuvisco, petisco

-eta, -ete, -eto: saleta, diabrete, livreto, saberete

-eco: livreco, padreco

-ota, -ote, -oto: ilhota, caixote, perdigoto

-ejo: lugarejo, animalejo

-acho: riacho, fogacho

-el, -ela, -elo (ora com *e* aberto ora fechado): cabedelo, magricela, donzela, donzel

-iola: arteríola

-ola: camisola (também tem sentido aumentativo quando designa a camisa longa de dormir); rapazola (cf. *-iola*)

-ucho: gorducho, pepelucho

-ebre: casebre

-ula, -ulo, -cula, -culo: nótula, glóbulo, radícula, corpúsculo

-alho, -elho, -ilho, -olho, -ulha: ramalho, rapazelho, pesadilho, ferrolho, bagulho

-aça, -aço, -iça, -iço: fumaça, caniço, nabiça

-el: cordel

III – *Principais sufixos para formar adjetivos*:

-(d)io, -(d)iço: fugidio, movediço (todos tirados do tema do particípio)

-vel, -bil: notável, crível, solúvel, flébil, ignóbil

-ento, -(l)ento: cruento, corpulento

-oso, -uoso: bondoso, primoroso, fastoso (ou fastuoso), untuoso, espirituoso

-onho: medonho, risonho

-az: mordaz, voraz

-udo: barrigudo, cabeçudo
-ício, -iço: acomodatício, enfermiço
-ário, -eiro: diário, ordinário, verdadeiro, costumeiro
-ano: humano
-asco: pardavasco
-esco, -isco: dantesco, principesco, mourisco
-ático: problemático, aromático
-eno: terreno
-áceo: rosáceo, galináceo
-acho: verdacho
-aco: demoníaco
-ado: barbado
-ardo: felizardo
-al: vital, *boçal*
-âneo, -anho: sucedâneo, estranho
-átil: portátil, volátil
-ino, -im: bailarino, paladino, paladim (a apócope de *-ino* a *-im* ocorre mais entre substantivos: *latino* [adj.], *latim* [s.])
-bundo: furibundo
-undo, -ondo: fecundo, redondo
-eo: róseo
-timo: marítimo
-urno: diurno
-iano: canoniano, virgiliano

OBSERVAÇÃO: Dos nomes próprios formam-se adjetivos em *-iano* e não *-eano*: comoniano, machadiano, saussuriano, wagneriano, como já era em latim. [cf. JMa.1, § 189, 2).

-ico: público
-engo, *-lengo*: mulherengo, avoengo, verdoengo (verdolengo)
-al, -ar: anual, escolar
-aico: prosaico
-estre: campestre
-este: celeste
-douro: vindouro, imorredouro
-tório: expiatório, satisfatório
-ivo: afirmativo, lucrativo
-ácea, -áceo (em família de plantas): liliáceas, papilonáceos
-ndo (equivalente ao particípio futuro passivo latino): graduando ('que vai ser graduado'), vitando ('que deve ser evitado'), venerando ('digno de ser venerado'), despiciendo ('digno de ser desprezado', 'desprezível'). Tem tido larga aceitação na nomenclatura de profissões universitárias, nem sempre bem visto pelos puristas: doutorando, farmacolando, engenheirando, etc.

IV – *Principais sufixos para formar verbos*:

1) Para indicar ação que deve ser praticada ou dar certa qualidade a uma coisa (verbo causativo):

-ant(*ar*): quebrantar
-it(*ar*): periclitar, debilitar
-iz(*ar*): civilizar, humanizar, realizar

2) Para indicar ação repetida (verbos frequentativos):

-aç(*ar*): espicaçar, adelgaçar

-*ej*(*ar*): mercadejar, voejar

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Nem sempre indicam repetição da ação; muitas vezes servem para exprimir a mesma noção, apenas por meio de forma entendida por mais sonora.

2.ª) Sobre -*ear* / -*ejar* [cf.MBa.5, 128].

3) Para indicar ação pouco intensa (verbos diminutivos):

-*it(ar*): saltitar, dormitar

OBSERVAÇÃO: Muitos verbos exprimem esta ideia por se formarem de nomes diminutivos: petisco + ar = petiscar; chuvisco + ar = chuviscar; cuspinho + ar = cuspinhar, namorico + ar = namoricar

4) Para indicar início de ação ou passagem para um novo estado ou qualidade (verbos incoativos):

-*ec*(*er*): alvorecer, anoitecer, apodrecer, endurecer, enfurecer

-*esc*(*er*): florescer

OBSERVAÇÃO: A grafia -*escer* é própria das palavras importadas que já chegaram à língua com -*sc-,* ou devidas à analogia.

V – *Sufixo para formar advérbio:*

-*mente* (junta-se a adjetivo na forma feminina, quando houver):

claramente, sinceramente, sossegadamente, simplesmente, horrivelmente, enormemente, primeiramente.

Por extensão, pode ainda muito expressivamente combinar-se com substantivos.

OBSERVAÇÃO: Os nomes terminados em -*ês* e alguns terminados em -*or*, porque no português antigo só tinham uma forma para os dois gêneros, não se apresentam no feminino: portuguesmente, superiormente.

Os advérbios em -*mente* podem ser distribuídos em três classes, conforme o sentido do adjetivo de que se formam [NE.1, 17-18]:

1) exprimem uma ideia de qualidade: *claramente*, *sinceramente*, *simplesmente*, *horrivelmente*;
2) exprimem uma ideia de quantidade ou medida: *copiosamente*, *imensamente*, *enormemente*;
3) exprimem uma ideia de relação de dois seres independente um do outro; entre as idéias de relação citamos as de *tempo* e *lugar*: *primeiramente*, *anteriormente*, *atualmente*.

Prefixos – Os principais prefixos que ocorrem em português são de procedência latina ou grega, sendo que muitos dos primeiros correspondem a preposições portuguesas. Ainda que os prefixos latinos tenham o mesmo significado de seus correspondentes gregos, formando assim palavras sinônimas, estas em regra não se podem substituir mutuamente, porque têm esferas semânticas diferentes.

Assim é que *transformação* e *metamorfose, circunferência* e *periferia, composição* e *síntese* são equivalentes, a rigor, mas não se aplicam indistintamente: *transformação*, por exemplo, é de emprego mais amplo que *metamorfose*.

Algumas vezes há duplicidade da noção expressa pelo prefixo e pela preposição que se segue à palavra derivada prefixalmente: *concorrer com, incorrer em, apor-se a,* etc.93 Outras vezes, o reforço se dá mediante o prefixo e o significado mesmo da palavra base; repare-se a repetição da ideia de *função, aproximidade* do prefixo *com-* e da base *vizinho* neste trecho de Euclides da Cunha: "Esta solidariedade de esforços evidencia-se melhor na vaquejada,

trabalho consistindo essencialmente no reunir, e discriminar depois, os gados de diferentes fazendas *convizinhas*...” [EC.1, 125].

Prefixos e elementos latinos

ab, abs (afastamento, separação): abstrair, abuso

ad, a (movimento para aproximação; adicionamento; passagem para outro estado; às vezes não tem significação própria): adjunto, apor

OBSERVAÇÃO: Não confundir com o *a* sem significação de certas palavras como *alevantar, assentar, atambor*.

ante (anteriormente, procedência – no tempo ou no espaço): antessala, antelóquio, antegozar, antevéspera

ambi (duplicidade): ambiguidade, ambidestro

bene, bem, ben (bem, excelência de um fato ou ação): bendizer, benfazejo

bis, bi, bin (dois, duplicidade): bisneto, biciclo, binóculo

centum, cento: centuplicar, centopeia

circum, circu (em roda de): circunferência, circulação

cis (posição aquém): cisalpino, cisatlântico, cisandino, cisplatino

OBSERVAÇÃO: Ocorre como antônimo de *trans*: transatlântico – cisatlântico.

cum, com, con-, co-, cor (companhia, sociedade, concomitância): cumplicidade, compadre, companheiro, condutor, colaborar, corroborar

contra (oposição, situação fronteira; o *a* final pode passar a *o* diante de certas derivações do verbo): contramarchar, contrapor, contramuro, controverter. Em *contradança* não ocorre o prefixo *contra*; o vocábulo nos veio do francês *contredanse*, do inglês *country-dance* (dança rústica), por etimologia popular, talvez devida ao fato de os pares se defrontarem, uns com os outros (daí o francês *contre*).

decem, deci, decu, dec (dez): decenviro, decilitro, décuplo

de- (movimento para baixo, separação, intensidade, negação): depenar, decompor. Às vezes alterna com *des-: decair — descair*.

de(s), di(s) (negação, ação contrária, cessação de um ato ou estado, ablação, intensidade): desventura, discordância, difícil (dis + fácil), desinfeliz, desfear (= fazer muito feio), desmudar (= mudar muito)

dis(s) (duplicidade, separação, diversidade de partes): dissecar (‘cortar em dois’), disjungir (‘separar duas coisas que estavam juntas’), dispor

ex-, es-, e- (movimento para fora, mudança de estado, esforço): esvaziar, evadir, expatriar, expectorar, emigrar, esforçar

OBSERVAÇÃO: Às vezes alterna-se com *des-, dis:* escampado – descampado; extenso – distenso; esguedelhar – desguedelhar; esmaiar – desmaiar; estripar e destripar; desapropriar e espropriar; desfiar e esfiar; desencarcerar e excarcerar; deserdar e exerdar [MBa.4, 211].

em-, en-, e-, in- (movimento para dentro, passagem para um estado ou forma, guarnecimento, revestimento): embeber, enterrar, enevoar, ingerir

OBSERVAÇÃO: Às vezes alterna-se a forma prefixada com o seu prefixo: *couraçar* e *encouraçar*, *cavalgar* e *encavalgar, trajar* e *entrajar, viuvar* e *enviuvar, bainhar* e *embainhar* [MBa.4, 206].

extra- (fora de, além de; superioridade; o *a* final passa, às vezes, a *o*): extradição, extralegal, extrafino, extroverter

in-, im-, i- (sentido contrário, negação, privação): impenitente, incorrigível, ilegal, ignorância

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Às vezes parece atribuir ao derivado o mesmo valor semântico da forma de base: *incruento, incrueldade*.

2.ª) Algumas vezes indica no que alguma coisa se transforma, isto é, mudança de estado: *incinerar* (‘reduzir a cinzas’), *inflamável* (‘que se transforma em chama’, ‘que se transforma em fogo’), etc.

3.ª) “Os prefixos negativos mais comuns são *in* e *des* ou *de*. São poucas as palavras verdadeiramente antigas formadas com o prefixo *in*, que só se tornam frequentes por imitação literária do latim, dos quinhentistas para cá; a derivação popular é sempre feita com o prefixo *des* ou *de*: *desfazer, descoser, desandar, desamor, desigual,* etc. Alguns tiveram a forma *in*, como *injustiça*, mas ainda em tal caso sempre (antigamente) se preferiu dizer a *sem-justiça* e dizer cousa *sem-nome* a cousa *inominada* ou quejandas expressões” [JR.5, n. 124].

infra- (abaixo): infra-assinado

inter-, entre (posição no meio, reciprocidade): entreter, interpor, intercâmbio

intro- (dentro): introduzir

intra- (posição interior, movimento para dentro; o *a* final passa, às vezes, a *o*): intramuscular, introverter, introduzir

ob-, o- (posição em frente): obstar, opor

per- (através de, coisa ou ação completa, intensidade): percorrer, perfazer, perdurar, persentir (sentir profundamente)

pluri- (muito): pluricelular

pos-, post- (posição posterior, no tempo e no espaço): postônico, pós-escrito

praeter (preter): preterir

primu (primeiro): primogênito

pre-, prae- (anteriormente, antecedência, superioridade): prefácio, prever, predomínio

pro- (movimento para frente, em lugar de, em proveito de): progredir, projeção

re- (movimento para trás, repetição, reciprocidade, intensidade): regredir, refazer, ressaudar (saudar mutuamente), ressaltar, rescaldar (escaldar muito)

retro- (para trás): retroceder, retroagir

satis (suficiente): satisfazer

semi- (metade de, quase, que faz as vezes de): semicírculo, semibárbaro, semivogal

so-, sob-, sub-, sus- (em baixo de, imediatamente abaixo num cargo ou função; inferioridade, ação pouco intensa): soterrar, sobestar, submarino, sustentar, supor

sobre- (nas formações vernáculas), *super-, supra-* (nas formações eruditas) (posição superior, saliência, parte final de um ato ou fenômeno; em seguida; excesso): sobrestar, superfície, supracitado, superlotado

soto-, sota- (posição inferior, inferioridade; logo após): soto-pôr, soto-mestre, sota-voga

trans-, tras-, tres-, tra-, tre- (além de, através de, passar de um lugar a outro, intensidade): transportar, traduzir, transladar, tresloucar, tresmalhar, tresnoitar, trespassar, tresler, tresgastar[94]

Observações:

1.ª) Não se há de confundir *três* (numeral) com *tres* (de *trans*): tresdobrar (triplicar);

2.ª) Às vezes *trans* é empregado como antônimo de *cis*: *transalpino* e *transandino*, por exemplo, opõem-se a *cisalpino* e *cisandino*;

3.ª) Também em certas palavras se podem alternar as variantes deste prefixo: transpassar, traspassar, trespassar; transmontar, tramontar

tris, tri, tres, tre (três): trissílabo, triciclo

ultra- (além de, excesso, passar além de): ultrapassar, ultrafino

un, uni (unidade): uniforme

vice-, vis- (em lugar de, imediatamente abaixo num cargo ou função): vice-presidente, visconde[95]

Prefixos e elementos gregos

a, an, este último antes de vogal (privação, negação, insuficiência, carência, contradição): afônico, anemia, anônimo, anoxia, amoral

aná (inversão, mudança, reduplicação): anabatista, anacrônico, analogia, anatomia, anáfora

anfí (duplicidade, ao redor, dos dois lados): anfíbio, anfibologia, anfiteatro

antí (oposição, ação contrária): antídoto, antártico, antípodas, antiaéreo

apó (afastamento): apologia, apocalipse

arqui, arce (superioridade hierárquica, primazia, excesso): arquiduque, arquimilionário, arcediago

catá (movimento para baixo): catacumba, catarata, católico

di (duplicidade, intensidade): dilema, dissílabo, ditongo

diá, di (através de): diálogo, diagrama

Observação: Pensando-se que *diálogo* é conversa de dois, tem-se empregado erradamente *triálogo* para conversa de três.

dis (dificuldade): dispepsia, disenteria

ec-, ex-, exo-, ecto (exterioridade, movimento para fora, separação): eczema, exegese, êxodo, exógeno, ectoderma

en-, em-, e- (interioridade): encômio, encíclica, enciclopédia, emblema, elipse

endo (movimento em direção para dentro): endocarpo, endovenosa

ento (interior): entófito (planta que vive dentro de outra)
epí (sobre, em cima de): epiderme, epitáfio
eu (excelência, perfeição, bondade): eufonia, euforia, eufemismo
hemi (metade, divisão de duas partes): hemiciclo, hemisfério
hipér (excesso): hipérbolo, hipérbato
hipó (posição inferior): hipocrisia, hipótese, hipoteca
metá (mudança, sucessão): metamorfose, metáfora, metonímia
pará (proximidade, semelhança, defeito, vício, intensidade): parábola, paradigma, paralela, paramnésia
perí (em torno de): perímetro, período, periscópio
pró (anterioridade): prólogo, prognóstico, profeta
prós (adjunção, em adição a): prosélito, prosódia
proto- (início, começo, anterioridade): protótipo, proto-história, proto-mártir
polí- (multiplicidade): polissílabo, politeísmo
sýn-, sým-, sý- (conjunto, simultaneidade): sinagoga, sinopse, simpatia, silogeu
tele- (distância, afastamento, controle feito à distância): telégrafo, telepatia, teleguiado

Correspondência entre prefixos e elementos latinos e gregos

Latinos	Gregos
des, in [1]: desleal, infeliz	*a, an*: amoral, anemia
contra: contrapor	*antí*: antipatia
ambi: ambiguidade	*anfi*: anfibologia
ab: abuso	*apó*: apogeu
bi(s): bilabial	*di*: dissílabo
trans: transparente, transformação	*diá, metá*: diáfano, metamorfose
in: ingressar	*en*: encéfalo
intra: intramuscular	*endo*: endovenoso
ex: exportar	*ec, ex:* êxodo
super, supra: superfície, supralingual, superlotar	*epí, hipér*: epiderme, hipertrofia
bene: benefício	*eu*: eufonia
semi: semicírculo	*hemi*: hemisfério
sub: subterrâneo	*hipó*: hipótese
ad: adjetivo	*pará*: paralelo
circum: circunferência	*perí*: periferia
de: depenar	*catá*: catarata
cum: composição	*sýn*: síntese

1. O prefixo *in* literário e erudito, ao contrário de *des-* popular, ganhou por isso certa cortesia e polidez, e constitui em neologismos, um recurso de eufemismos que cada vez mais se generaliza: *inverdade* (por *mentira*), *inexato, indelicado, indonto, impolido, inverídico, imerecido, inativo.*

OBSERVAÇÃO: Há também sinônimos ou equivalentes semânticos greco-latinos ou *doublets* bilíngues. Vejam-se os lembrados por [MBa.5, 103, n.18].

Latinos	Gregos
abecedário	*alfabeto*
florilégio	*antologia*
sudorífico	*diaforético*
unicórnio	*monoceronte*
rouxinol	*filomela*
península	*quersoneso*
novilúnio	*neomênio*
avareza	*filargiria*
favânio	*zéfiro*

Outros processos de formação de palavras – Além dos processos gerais típicos de formação de palavras, possui o português mais os seguintes: *formação regressiva, abreviação, reduplicação, conversão* e *combinação*.

Intimamente relacionada com a derivação temos a formação regressiva ou deverbal, que consiste em criar palavras por analogia, pela subtração de algum sufixo, dando a falsa impressão de serem vocábulos derivantes: de *atrasar* tiramos *atraso*, de *embarcar, embarque*; de *pescar, pesca*; de *gritar, grito*. Assim também os vocábulos *rosmaninho* e *sarampão* foram tomados, respectivamente como diminutivo e aumentativo, marcados, portanto, com sufixos de grau, e daí se tiraram as formas regressivas *rosmano* e *sarampo*, como falsos primitivos.

Tais derivados regressivos procedem da primeira ou da terceira pessoa do singular do presente do indicativo, o que explica sua distribuição em substantivos de tema em *-o* (se provindos da 1.ª pessoa) ou de tema em *-a* ou *-e* (se provindos da 3.ª pessoa), sem que se possa prever a opção da norma para a escolha da vogal temática. Os de tema em *-o* têm maior vitalidade no português moderno, especialmente na variedade informal: *o amasso, o agito, o chego, o sufoco, o apago* [VK.3, 23-24].

O Prof. Said Ali distribui-os em quatro grupos, levando em conta seu gênero gramatical:

"1.º) Masculino em *-o*: atraso, assento, emprego, voo, esforço, choro, degelo, remo, mergulho, suspiro, mando, confronto, rodeio, galanteio, festejo, gargarejo, etc.

2.º) Masculino em *-e*: embarque, desembarque, combate, corte, toque, etc.

3.º) Feminino em *-a*: amarra, pesca, sobra, suplica, leva, engorda, desova, renúncia, rega, esfrega, entrega, escolha, etc.

4.º) Masculinos e femininos: pago, paga, custo, custa, troco, troca, achego, achega, grito, grita, ameaço, ameaça" [SA.2, 163]

Neste processo, os substantivos tirados de verbos denotam ação, enquanto os substantivos que dão origem a verbos denotam, em geral, objeto ou substância, como *arquivo* → *arquivar, timbre* → *timbrar, apelido* → *apelidar*, e assim por diante. A vitalidade lhes garante formação de derivados: de *apago* se formou *apagão* nos blecautes, momentâneos ou demorados, das grandes cidades.

A ABREVIAÇÃO consiste no emprego de uma parte da palavra pelo todo. É comum não só no falar coloquial, mas ainda na linguagem cuidada, por brevidade de expressão: *extra* por *extraordinário* ou *extrafino*.

A forma abreviada passa realmente a constituir uma nova palavra e, nos dicionários, tem tratamento à parte, quando sofre variação de sentido ou adquire matriz especial em relação àquela donde procede. *Fotografia* e *foto* são *sinônimos* porque designam a mesma coisa, embora a sinonímia não seja absoluta. *Foto*, além de ser de emprego mais corrente, ainda serve para títulos de casas do gênero, o que não se dá com o termo *fotografia*.

Pode-se incluir como caso especial da abreviação o processo de se criarem palavras, com vitalidade no léxico, mediante a leitura (isoladas ou não) das letras que compõem siglas, como, por exemplo:

ONU (Organização das Nações Unidas)

PUC (Pontifícia Universidade Católica)

UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

USP (Universidade de São Paulo)

PT (Partido dos Trabalhadores)

Destas abreviaturas se derivam, mediante sufixos: *puquiano*, *uergiano*, *uspiano*, *petista*, etc.

A REDUPLICAÇÃO, também chamada *duplicação silábica*, consiste na repetição de vogal ou consoante, acompanhada quase sempre de alternância vocálica, para formar uma palavra imitativa:

> *tique-taque, reco-reco, pingue-pongue* (que provavelmente representa o chinês *ping-pang*, através do inglês *ping-pong*, segundo Sapir [ES.1, 82].

Este é o processo geralmente usado para formar as onomatopeias (Ú 74).

A CONVERSÃO consiste no emprego de uma palavra fora de sua classe normal:

> *Terrível palavra é um* ***não****. Não consegui descobrir o* ***porquê*** *da questão.*
>
> *Ele é o* ***benjamim*** *da família.*

Entre os casos de conversão podemos incluir a passagem, por hipertaxe, um grupo de vocábulos (geralmente o final) a palavra isolada: *Ele tem certas* ***fobias*** *(fobia* é a parte de um grupo de palavras que designam aversão a uma coisa: *fotofobia, xenofobia, hidrofobia,* etc). Estamos no século dos *ismos* e das *logias*.

OBSERVAÇÃO: Os casos de conversão recebiam o nome de *derivação imprópria*. Como a conversão não repercute na estrutura do significante de base, muitos estudiosos, com razão, não a incluem como processo especial de formaçao de palavras, como demonstra a hipertaxe.

A COMBINAÇÃO é um caso especial de composição em que a nova unidade resulta da combinação de parte de cada um dos dois termos que entram, na formação: *português + espanhol → portunhol; Bahia + Vitória → Bavi.* São comuns na linguagem jocosa: *sofrer +*

professor → sofressor; *aborrecer + adolescente → aborrecente.*

A INTENSIFICAÇÃO é um caso especial de intensificação ou expressividade semântica de uma palavra já existente mediante o alargamento de sufixos, quase sempre -*izar*, ou às vezes por modelos franceses ou ingleses: *agilizar* por *agir*, *veiculizar* por *veicular*, *obstaculizar* por *obstar*, *protocolizar* por *protocolar*, *culpabilizar* por *culpar*, *depauperizar* por *depauperar.*

Hibridismo – Chama-se hibridismo à formação de palavras com elementos de idiomas diferentes. São mais comuns os hibridismos constituídos da combinação de elemento grego com outro latino ou românico: *sociologia* (latino e grego), *autossugestão* (grego e português), *televisão* (grego e português), *burocracia* (francês *bureau* e grego), *automóvel* (grego e português), *decímetro* (latino e grego).

A nossa língua forma com facilidade hibridismos com elementos estrangeiros que se acham perfeitamente assimilados ao idioma, que passam como elementos nativos. Assim é que *fobia*, *mania, filo, tele, macro, micro, neo, pseudo, auto* e sufixos como *ismo, ista, ico* se juntam a elementos de qualquer procedência: *germanófilo, russófilo, germanofobia, russofobia, retratomania, teleguiado, micro-ônibus, neovencedor, pseudovencedor, autocrítica, autorretrato, caiporismo, governista.*[96]

Radicais gregos mais usados em português – Grande é o número de radicais gregos que encontramos no vocabulário português. Muitos deles nos chegaram através do latim e são antiquíssimos; lembremo-nos de que nos sécs. XVI a XVIII o latim era o veículo das obras de ciência e de filosofia em que abundavam os empréstimos de palavras gregas. Na adaptação dos termos gregos para o latim, geralmente se procedia da seguinte maneira: *k, ai, ei, oi, ou, u, r* (aspirado) gregos eram transliterados para latim, respectivamente em *c, ae, i, oe, u, y* e *rh*, e esta prática prevalecia para o português e demais línguas modernas. Esta norma nem sempre é hoje obedecida quando se trata de novos termos científicos. Assim é que se prefere *calidoscópio* a *caleidoscópio* (ei > i), apesar de, na linguagem técnica, dizer-se *dêictico* e não *díctico*. Aberta a porta para a introdução de palavras ou elementos de empréstimo numa língua, esta pode utilizá-los como bem lhe aprouver, criando distinções até então desconhecidas na língua de origem; assim é que, em português, distinguimos *amoral* 'que não é nem contrário nem conforme a moral' e *imoral* 'contrário a moral'.

Nessas criações com elementos eruditos, como bem diz Benveniste, o criador pensa na sua língua e escolhe o termo greco-latino, cujo significado originário nem sempre é o pretendido; o citado linguista estuda o termo *micróbio* criado por Sédillot (1804-1882) e mostra que, além da palavra não existir no grego, jamais seria criada para significar 'vida curta', pois *mikrós* não se ligaria a *bíos*, como em português não se apõe *breve* a *vista*, mas *vista curta.* Por outro lado, em regra não vamos ao grego para formar palavras novas; elas nos vêm do estrangeiro, mormente de França, e agora dos países de língua inglesa, através da nomenclatura científica

comum à maioria das nações cultas. E os erros que lá fora se cometem na formação dos neologismos não são por nós corrigidos. Aceitamos, e não há como corrigi-las, formas errôneas, como *quilômetro* (por *quiliômetro*), *hectômetro* (por *hecatômetro*).

Outras vezes não se leva em conta o significado rigoroso do termo grego. Assim se aplica *álgos* à dor física em vez da moral e se diz *cefalalgia* (dor de cabeça), *odontalgia* (dor de dente), *nevralgia* (dor de um nervo); também empregando-se *geo* para indicar *terra* como elemento, em vez de *argila* (uma vez que o primeiro só se poderia aplicar ao globo terrestre), se diz *geófago* (= comedor de terra) por *argilófago*. Ainda nos cabe dizer que muitos dos nomes técnicos, principalmente gregos, trazem na sua etimologia uma noção que o progresso científico considera errônea ou imperfeita. Destarte, *átomo*, que significa *indivisível*, *o que não se pode mais dividir*, não pode ser hoje tomado ao pé da letra; *oxigênio* quer dizer *gerador de ácidos*, como se todos os ácidos contivessem este corpo. Como são termos cuja etimologia não é inquirida, podem continuar a ser empregados sem inconveniência. Por fim, lembramos os casos de *esquecimento etimológico* em que o sentimento moderno não dá conta do significado de elemento constitutivo da palavra, dizendo, por exemplo, *ortografia correta* (orthós = correta), *caligrafia bonita* (calós = belo). Os bem falantes reagem contra muitos esquecimentos como *hemorragia de sangue, decapitar a cabeça, exultar de alegria*, estes dois últimos latinos.

Os principais radicais gregos usados em português são:

aér, aér-os (ar, vapor): aeronauta, aerostato, aéreo
ángel-os, aggel-os (enviado, mensageiro): anjo, evangelho
ág-o, agog-ós (conduzir, condutor): demagogo, pedagogo
ag-ón, ôn-os (combate, luta): agonia, antagonista
agr-ós (campo): agronomia
aithér (céu): etéreo
âthlon (certame): atleta
eti-a, aití-a (causa): etiologia
ácr-on, ákr-on (alto, extremidade): acrópole, acrobata, acróstico
álg-os (sofrimento, dor): nevralgia, nostalgia
állos (outro): alopatia
alpha (a = 1.ª letra do alfabeto): alfabeto
ánem-os (vento, sopro): anemoscópio, anêmona
ânt-os, ânth-os (flor): antologia
antrop-os, ánthrop-os (homem): filantropo, misantropo, antropófago
arc-aîos, arch-aîos (antigo): arcaico, arqueologia
arc, arkh-é (governo): anarquia, monarquia
arc, arch-ós (chefe que comanda): monarca
aritm-ós, arithm-ós (número): aritmética, logaritmo
árct-os (urso): ártico, antártico ("o nome *ártico* refere-se às constelações Grande Urso e Pequena Ursa, em uma das quais se acha a Estrela Polar", [SA.2, 167].
astér, ast(é)r-os (estrela): asteróide, astronomia
atmós (vapor): atmosfera
aut-ós (si mesmo): autógrafo, autonomia
bál-o, báll-o (projetar, lançar): balística, problema, símbolo
bor-is, bor-ýs, bár-os (pesado, grave): barítono, barômetro
bibl-íon (livro): bibliófilo, biblioteca

bí-os (vida): biografia, anfíbio
cené, skené (tenda): cenografia
cianos, *kýanos* (azul): cinanídrico
cir, *quir-ós*, *cheír*, *cheir-ós* (mão): quiróptero, cirurgia, quiromancia
cion, *kýon* (cão): cinegética
col-é, *khol-é* (bílis): melancolia
cor-os, *corea*, *chor-ós* (coro): coreía, (dança em coro), coreografia
clorós, klorós (verde): clorofila
cron-os, *chrón-os* (tempo): crônico, cronologia, isócrono, anacronismo
cópto, *kópto* (bato, corto): síncope
crom-a, *khrôm-a* (cor): cromolitografia
chíliai, *chília* (mil): quilômetro, quilograma
cris-ós – chrys-ós (ouro): crisóstomo, crisália, crisântemo
crátos, *krátos* (força): democracia
crípto, *krípto* (escondo): criptônimo, criptografia
quil-ós – chylós (suco): quilífero
dáctil-os – dáktyl-os (dedo): datilografia ou dactilografia
déca, *déka* (dez): decassílabo, decálogo
dêm-os (povo) democracia, epidemia
dérm-a (pele): epiderme, paquiderme
dís, di (dois): dissílabo, ditongo
dis, *dys* (mal, difícil): digestão
dô-ron (dom, presente): dose, antídoto, Pandora
dóx-a (opinião): ortodoxo, paradoxo
drâ-ma — atos (ação, drama): drama, dramático, melodrama
dróm-os (corrida, curso): hipódromo, pródromo
dínam-is — dýnam-*is* (força): dinâmica, dinamômetro
édr-a (base, lado): pentaedro, poliedro
id-os, *eîd-os* (forma), donde procede *óide* (que se assemelha a): elipsoide
ic-ón — eik-ón — ón-os (imagem): ícono, iconoclasta
électra — élektr-on (âmbar, eletricidade): elétrico, eletrômetro
estoma, *stóma* (boca): estômago, estomatite
érg-on (obra, trabalho), daí os sufixos — urgo, — urgia: metalurgia, dramaturgo, energia
escafe, scáphe (barco): escafandro
énter-a (entranhas, intestino): enterite, disenteria
estásis, *stásis* (ação de estar): hipóstaxe
étn-os — éthn-os (raça, nação): étnico, etnografia
étimos, *étymos* (verdadeiro): etimologia
gám-os (casamento), daí *gamo* (o que se casa): polígamo, bígamo, criptógamo
gastér, *gast(é)-ros* (ventre, estômago): gastrônomo, gastralgia
gê, *geo* (terra): geografia, geologia
génes-is (ação de gerar): gênese, hidrogênio
gén-os (gênero, espécie): homogêneo, heterogêneo
giné, *gyné* (mulher): ginecologia
giminós, *gyminós* (nu): ginástica
glôss-a ou *glôtt-a* (língua): glossário, glotologia, epiglote
gon-ía (ângulo): polígono, diagonal
gon-ós (formação, geração): cosmogonia, teogonia
gráf-o, gráph-o (escrever), e daí *graph-ía* (descrição), *gráph-o* (que escreve), *grámm-a* (o que está escrito):

geografia, telégrafo, telegrama
hágios (sagrado): hagiologia
hem-a — haêm-a — atos (sangue): anemia, hemorragia
here-o — hairé-o (tomar, escolher): heresia, herético
hélios (sol): helioscópio, heliotrópio
hemér-a (dia): efêmero, efemérides
hemí (metade): hemiciclo
héter-os (outro): heterodoxo, heterogêneo
heptá (sete): heptassílabo
héx (seis): hexágono
hier-ós (sagrado): hierarquia, hieróglifo
híp-os — hípp-os (cavalo): hipódromo, hipófago
hól-os (entregue de todo, inteiramente): ológrafo, holocausto
hom-ós, *homeo* (semelhante, o mesmo): homogêneo, homônimo, homeopatia
hór-a (hora): horóscopo
horáo (vejo), *hórama* (visão): panorama
hid-or — hýd-or (água), daí *hidro, hydro,* como elemento de composição: hidrogênio, hidrografia
ict-io — icht-ýo — ýos (peixe): ictiologia, ictiófago
ídios (próprio, particular): idioma, idiotismo
ísos (igual): isócrono, isotérmico
cac-ós — kak-ós (mau): cacofonia, cacografia
cal-ós — káll-os (belo), *kallos* (beleza): caligrafia
card-ía — kard-ía (coração): cardíaco, pericárdio
carp-ós — karp-ós (fruto): pericarpo, endocarpo
cefal-é — kephal-é (cabeça): cefalgia, encéfalo
clíno, klíno (inclino): ênclise, próclise
cósm-os — kósm-os (mundo): cosmografia, cosmopolita
coinós, *koinós* (em comum): cenobita
crát-os — krát-os (poder): democrático, aristocrático
cicl-os — kykl-os (círculo): hemicídio, bicicleta
lég-o (dizer, escolher): prolegômeno, ecletismo
lepís, *lepídeos* (escama): lepidóptero
lambán-o (tomar, daí *lêps-is* (ação de tomar), *lémma* (coisa tomada): eplepsia, lema, dilema
lítos, líthos (pedra): monólito, litografia
lóg-os (discurso, tratado, ciência): diálogo, arqueologia, bacteriologia, epílogo
máqu-e — mách-e (combate): logomaquia
macr-ós — makr-ós (comprido, longo): macróbio
man-ía (mania, loucura, gosto apaixonado por): bibliomania, monomania
manci-a — manteí-a (adivinhação, profecia): cartomancia, quiromancia
mártys — mártyros (testemunha): mártir, martirólogo
mazós (mama, seio): mastodonte
mégas, megále (grande): megalomania, megalócito
mélas, *mélan* (negro): melancolia, melanésia
mélos (música, canto): melodia, melodrama
méros (parte): pentâmero
mésos (meio): Mesopotâmia
méter, metrós (mãe): metrópole
métron (medida): barômetro, termômetro
micrós, mikrós (pequeno): micróbio, microscópio

mîmos (que imita): mimetismo, mímica
mis, mŷs, myós (músculo): miocárdio
mîsos (ódio): misantropo
mnéme (memória): amnésia, mnemotécnica
mónos (só): monólogo, monólio
morfé — morphé (forma): morfologia
mitos — mŷthos (fábula, mito): mitologia
miria — myria plural de *myrías* (dez mil): miriápode
naûs (nau): navio, náutica
necros — nekrós (morto, cadáver): necrópole, necrologia
né-os (novo): neologismo, neófito
nês-os (ilha): micronésia, melanésia
neûron (nervo): nevralgia, neurastenia
nóm-os (lei, administração, porção): astronomia, autonomia
octó (oito): octossílabo
od-é (canto): paródia
ad-os, hodós (caminho, via): êxodo, método, período
odus, odóntos (dente): odontologia
ónima, ónom-a, onyma (nome): pseudônimo, sinônimo
ófis, ofid — ophis, ophidos (serpente): ofídio
oftalmós — ophthlmós (olho, vista): oftalmia, oftalmoscópio
oîcos, oîkos (casa): economia, paróquia
óps, opós (vista): *ópsis* (ação de ver)
optikós (que se refere a visão): miopia, autópsia
hóram-a (vista): cosmorama, panorama
órnis, órnitos, órnithos (pássaro): ornitologia
óros (montanha): orografia
ortós — orthós (direito, reto): ortodoxo, ortografia, ortopedia
ostéon (osso): osteologia, periósteo, osteoporose
osmós (impulso): osmose
óxis — óxys (ácido, agudo): oxigênio, paroxismo
paideía, pedia (educação): pedagogo, enciclopédia
pente (cinco): pentágono
pes, pedos — paîs, paidós (criança, menino): pedagogia
paleos — palaiós (antigo): paleontologia, paleografia
pân, pantós (todos): panorama, panóplia, panteísmo, pantógrafo
patos — páthos (afecção, doença): patologia, simpatia
fag-o, phágo, phageîn (comer): antropófago, hipófago
fan-o, fen-o, phaíno (fazer aparecer, brilhar): diáfano, fenômeno
femi — phemí (eu digo, falo): eufemismo, profeta
fero, foros — phéro (levar, trazer):, *phor-ós* (que leva): fósforo, semáforo
filon, *phŷllon* (folha): clorofila
fílos — phílos (amigo): filarmonia, filantropo
físis, phýsis (natureza): fisionomia
fobeo, fóbos — phobe-os (temer, fazer fugir), daí *phob-os*: hidrófobo, anglófobo, russófobo
fôs, fotós — phos, photós (luz): fósforo, fotografia
frasis, phrásis (ato de dizer): perífrase
plut-os — ploût-os (riqueza): plutocracia
fon-é — phon-é (voz articulada): cacofonia

poléo (vendo): monopólio
pólis (cidade): acrópole, metrópole, necrópole
pépsis (cozimento): dispepsia
polis — polýs (muito): poligamia, polígono, policromia, polinésia, policlínica
pús, podós — poús, pod-ós (pé): antípoda, miriápode
pétalon (pétala): minopétalo
prôtos (primário, primeiro): protagonista, protocolo, protozoário, protoplasma
plésso (bato, firo): apoplexia
pseûdos (falsidade, mentira): pseudônimo
pleurá, *pleurón* (lado, flanco): pleurite
psiqué — psyché (alma): psicologia, metempsicose
pnêuma, *pnêumatos* (que respira, sopra): pneumático, dispneia
pterón (asa): quiróptero, coleóptero
ptôma (cadáver): ptomaína, ptomofagia
pir, pir-os — pŷr, pyr-ós (fogo, febre): pirotécnico, antipirina
poiéo (eu faço): onomatopeia
pénte (cinco): pentassílabo
potamós (rio): hipopótamo
pile, *pŷle* (porta): piloro
ptissis, ptýsis (escarro): hemoptise
sárx (carne): sarcoma, sarcófago
semion, *semeîon* (sinal): semiologia, semântica
sépo (apodreço): antissético, antisséptico
síderos (ferro): siderurgia, siderita, siderografia
spérma (semente): esperma, espermatozoide
stéllo (envio): epístola
sticos, *stíkhos* (verso): hemistíquio, dístico
re-o – rhé-o (correr, fluir): catarro, diarreia
sism-os – seism-ós, daí *sism* (estremecimento): sismologia, sísmico
scope-o – skopéo (examinar, daí *scópio* (que faz ver): telescópio, microscópio, osciloscópio
sofós – sophós (sábio): filósofo
estatós – statós (que se mantém): aeróstato, hidrostática
esfera, *sphaîra* (esfera): atmosfera
estilo, *stŷlos* (coluna): peristilo
estere-o – stere-o (sólido): estereótipo, estereomia
estratos, *stratós* (exército): estratégia
estref-o – stréph-o (virar, voltar): apóstrofe, catástrofe
tafos – taphos (túmulo): epitáfio, cenotáfio
témno (divido): anatomia
tautó por *tò autó* (o mesmo): tautologia
táxis (arranjo, ordem): sintaxe
taumatos, *thaumatós* (prodígio, milagre): taumaturgo
técne — téchne (arte): politécnico
téras, *tératos* (prodígio, fenômeno, monstro): teratologia
tema, *théma* (ato de colocar): anátema
têle (longe): telégrafo, telefone, telescópio
tétara, *tetra* (quatro): tetraedro
te-os — the-ós (deus): teologia, teocracia, politeísmo
termós — thermós (calor): termômetro

tésis — *thésis* (ação de por, ter): antítese, síntese
trefo, *trépho* (alimento): atrofia
tomé (cortadura, seção): tomo, átomo, estereotomia
trépo (envolto, mudo): heliotrópico
tópos (lugar): tópico, topografia, atopia
triás, *tríados*, *trees*, *tria* (três): trinômico, tríade
traûm-a – atos (ferimentos): traumático
tip-os – týp-os (tipo caráter): tipografia, arquétipo
zôi-on (animal, ser vivo): zoologia, zoófito

Famílias etimológicas de radical latino – Chama-se *família etimológica* a uma série de palavras cognatas. Cabem aqui as judiciosas observações do Prof. Said Ali: "parece cousa extremamente fácil distinguir palavras derivadas de palavras primitivas quando se trata de exemplo como *pedreiro, pedraria, pedregulho* ou *fechamento, laranjal, bananeira*, que não requerem especial cultivo da inteligência para alguém saber que se filiam respectivamente a *pedra, fechar, laranja, banana*. São entretanto numerosos os casos em que transparece menos lúcida a relação entre o termo derivado e o derivante, sendo necessário algum estudo para perceber a filiação. Outras vezes tem havido tal exclusão de forma e sentido, que surge um curioso conflito entre o sentimento geral do vulgo e o fato encarado à luz da pesquisa científica"[SA.2, II, 3].

Nesta matéria cabe distinguir cuidadosamente uma forma *livre* de uma forma *presa* (cf. **Afixos: prefixos e sufixos. Interfixos**). *Receber*, por exemplo, é considerada como derivada prefixal, embora *-ceber* não tenha curso independente na língua, porque é uma forma presa de *caber*, que aparece numa série de palavras portuguesas 97:

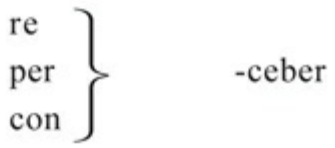

O mesmo ocorre com *resistir* e *iludir* cujas formas presas *-ludir* e *-sistir* são elemento comum a uma série:

Já o mesmo critério não se aplica a outras palavras como *esquecer* e *inteligência*, que passaram a funcionar, para o sentimento dos que falam português, como palavras primitivas.

Tenha-se presente ainda que, muitas vezes, se usam em português dois radicais oriundos de duas formas flexivas de uma mesma palavra: *câncer* e *cancro*.

Eis uma pequena lista de cognatos com radical latino:

aequus, a, um (direito, justo): adequar, equação, equidade, igual, iníquo.

ager, agri (campo): agrário, agricultor, agrícola, peregrino

ago, agis, egi, actum, agere (impelir, fazer): ágil, ator, coagir, exigir, indagar, pródigo

alter, a, um (outro): alterar, alternância, altruísmo, outro

ango, angis, anxi, ângere (apertar): angina, ângulo, angústia, ânsia, angusto

audio, audis, audivi, auditum, audire (ouvir): auditório, audiência

bellum, i (pugna, combate): belonave

bos, bovis (boi): bovino

cado, cadis, cécidi, casum, cadere (cair): acidente, cadente, incidir, ocaso

caedo, caedis, cecidi, caesum, caedere (cortar): cesariana, cesura, conciso, incisão, precisar

Há numerosos derivados em *cida, cidio*, cuja significação é "matar":

fratricida, homicida, infanticida, matricida, patricida, regicida, uxoricida, suicida, fratricídio, homicídio, suicídio, etc.

candeo, candes, candui, candere (embranquecer): cândido, candura, incandescer

cano, canis, cecini, cantum, canere (cantar): celebrar, predizer (este na língua religiosa): canoro, cântico, cantilena, acento. Há numerosos derivados em *-cínio*: vaticínio ('canto do vate', no significado de *profeta*), galicínio ('canto do galo'), tirocínio

capio, capis, cepi, captum, capere (tomar): antecipar, cativo, emancipar, incipiente, mancebo

caput, capitis (cabeça): cabeça, capitão, capital, decapitar, precipício

caveo, caves, cavi, cautum, cavere (ter cuidado): cautela, incauto, precaver-se

cedo, cedis, cessi, cessum, cedere (ceder): cessão, concessão, conceder

cerno, cernis, crevi, cretum, cernere (núcleo): discernir, cerne, concernir

clamo, clamas, clamavi, clamatum, clamare (chamar): proclamar, clamador

clarus, clara, clarum (claro): claridade, clareza

colo, colis, colui, cultum, colere (habitar, cultivar): agrícola, colônia, culto, íncola, inquilino, cultura (*agri-, avi-, hort-, pisci-, triti-, vini-,* etc.)

cor, cordis (coração): acordo, discórdia, misericórdia, recordar

dico, dicis, dixi, dictum, dicere (dizer): abdicar, bendito, dicionário, ditador, fatídico, maledicência

do, das, dedi, datum, dare (dar): data, doação, editar, perdoar, recôndito

doceo, doces, docui, doctum, docere (ensinar): docente, documento, doutor, doutrina, indócil

duo, duae, duo (dois): dobro, dual, duelo, duplicata, dúvida

duco, ducis, duxi, ductum, decere (levar, dirigir): conduto, duque, educação, dútil, produzir, tradução, viaduto

Deste radical há numerosos derivados em *duzir* (*a-, con-, de-, intro-, pro-, re-, se-, tra-,* etc.).

edo, edes, edi, esum, edere (comer): comer, comida, comestível (*cum* + *edo*)

eo, is, ivi, itum, ire (ir): comício, circuito, itinerário, transitivo, subir

facio, facis, feci, factum, facere (fazer): afeto, difícil, edificar, facínora, infecto, malefício, perfeito, suficiente

Há numerosos derivados em *ficar* (*clari-, falsi-, grati-, puri-,* etc.)...

fero, fers, tuli, latum, ferre (levar, conter): ablativo, aferir, conferência, fértil, oferecer, prelado, relação98

frango, frangis, fregi, fractum, frangere (quebrar): fração, frágil, infringir, naufrágio, refratário

fundo, fundis, fudi, fusum, fundere (derreter): fútil, funil, refutar, fundir (*con-, di-, in-, re-*), confuso, difuso, profuso

gero, geris, gessi, gestum, genere (gerar): beligerância, exagero, famigerado, gerúndio, registro

gigno, gignis, genui, genitum, gignere (produzir): genitor, genital

iaceo, iaces, iacui [part. fut. *iaciturus*], *iacere* (jazer): jazigo, jacente, adjacente, subjacente

gradior, graderis, gressus sum, gradi (avançar andando): egresso, ingressar

iacio, iacis, ieci, iactum, iacere (lançar): abjecto, jato, jeito, injeção, sujeito

lac, lactis (leite): lácteo, lactante, lactente, leiteria, laticínio

lateo, lates, latui, latum, latere (estar escondido): latente

lego, legis, legi, lectum, legere (ler): florilégio, legível, leitura, lente
loquor, loqueris, locutus sum, loqui (falar): colóquio, eloquência, locução, prolóquio
ludo, ludes, lusi, lusum, ludere (jogar): ludopédio, lúdico
misceo, misces, miscui, mistum (e *mixtum*) *miscere* (misturar): mexer, misturar, miscível
mitto, mittis, misi, missum, mittere (mandar): demitir, emissão, missionário, remeter, promessa
moneo, mones, monui, monitum, monere (advertir, fazer lembrar): admoestar, admonitor
mentior, mentiris, mentitus sum, mentiri (mentir): mentir, mentira
moveo, moves, movi, motum, movere (mover): motorista, motriz, comoção, móvel
nascor, nasceris, natus sum, nasci (nascer): natal, nativo, nascituro, renascimento
nosco, noscis, novi, notum, noscere (conhecer): incógnita, noção, notável
opus, operis (obra): obra, cooperar, operário, opereta, opúsculo
os, oris (boca): oral, oralidade
patior, pateris, passus sum, pati (sofrer): compatível, paciente, paixão, passional, passivo
pendeo, pendis, pependi, pensum, pendere (pender): suspenso
pes, pedis (pé): pedal, pé
plico, plicas, plicavi ou *plicui*, *plicatum* ou *plictum*, *plicare* (fazer pregas): dobrar, aplicar, chegar, cúmplice, explicar, implícito, réplica
pono, ponis, posui, positum, ponere (colocar): aposto, dispositivo, disponível, posição, posto
quaero, quaeris, quaesivi ou *quaesii, quaesitum, quaerere* (procurar): adquirir, inquirir, quesito, questão, questor
rapio, rapis, rapui, raptum, rapere (roubar): rapto, raptar
rego, regis, rexi, rectum, regere (dirigir): correto, reitor, regência, regime, reto
rumpo, rumpis, rupi, ruptum, rumpere (romper): corrupção, corruptela, roto, ruptura, erupção
scribo, scribes, scripsi, scriptum, scribere (escrever): escritor, escritura
seco, secas, secui, sectum, secare (cortar): bissetriz, inseto, secante, seção, segador, segmento
sedeo, sedes, sedi, sessum, sedere (estar sentado): sedestre
solvo, solvis, solvi, solutum, solvere (desunir): absolver, dissoluto, resolver, solução, solúvel
specio, specis, spexi, spectum, specere (ver): aspecto, espetáculo, perspectiva, prospecto, respeito, suspeito
sto, stas, steti, statum, stare (estar): estado, distância, estante, obstáculo, substância
sterno, sternis, stravi, stratum, sternere (estender por cima): consternar, estrada, estratificar, prostrar
sumo, sumis, sumpsi, sumptum, sumere (tomar, apoderar-se): assumir, consumir, sumidade, sumário
tango, tangis, tetige, tactum, tangere (tocar): contagioso, contingência, tato, contato, atingir
tendo, tendis, tetendi, tensum ou *tentum, tendere* (estender): atender, distenso, contente, extenso, pretensão
teneo, tenes, tenui, tentum, tenere (ter): contentar, abstinência, tenaz, sustentar, tenor, detento
trado, tradis, tradidi, traditum, tradere (trazer): tradição, extraditar
tribuo, tribuis, tribui, tributum, tribuere (repartir): atribuir, retribuir
torqueo, torques, torsi, tortum, torquere (torcer): extorsão, tortura, extorquir, tortuoso, distorção
verto, vertis, verti, versum, vertere (tornar, voltar): verter, versão
video, vides, vidi, visum, videre (ver): evidência, próvido, vidente, visionário, previdência
venio, venis, veni, ventum, venire (vir): vir, vinda
vivo, vivis, vixi, victurus, vivere (viver): vida, viver
volvo, volvis, volvi, volutum, volvere (envolver): devolver, envolto, revolução

3 – Estudo Estrutural do Léxico: A Lexemática

Entende-se por *lexemática* ou *semântica estrutural* o estudo da estrutura do conteúdo ("significado") léxico.

Para evitar confusões que perturbam tal estudo, convém distinguir as *relações de significação* das *relações de designação*. As relações de significação são relações entre significados dos signos linguísticos, enquanto as relações de designação são relações entre signos linguísticos inteiros e os "objetos", isto é, as realidades extralinguísticas por eles designados e representados no discurso. Só as relações de significação são estruturáveis. Um exemplo para clarear a distinção: a designação de dois signos pode ser a mesma sem que seus significados sejam idênticos. Coseriu exemplifica com os termos gregos *brotós* e *ánthropos*, que designam a mesma classe de objetos (os homens), mas não têm o mesmo significado, isto é, não significam "o mesmo": *brotós* significa "homem como não deus" e *ánthropos* significa "homem como não animal".

Outras disciplinas *semânticas* – É justamente o estudo da estruturação das relações de significação que separa a lexemática de outras disciplinas, todas importantes, que, chamadas ou não "estruturais", estudam a "semântica", no sentido amplo do termo. Todo problema que lide com a significação é, em certo sentido, "semântico"; todavia nem todo problema "semântico" é *lexemático*, pois este só diz respeito às relações estruturais, paradigmáticas e sintagmáticas, dos significados léxicos num mesmo sistema linguístico, isto é, numa *língua funcional*.

O objeto ideal das disciplinas lexicológicas 99 – a lexemática inclusive –, como de qualquer descrição estrutural, deve ser a língua funcional, como já vimos.

Destarte, a lexemática, entendida como estrutura do significado, tem propósito diferente da *onomasiologia* (partindo do significado, a disciplina estuda as relações entre este significado e os diferentes significantes que o expressam, como, por exemplo, as denominações do corpo humano "interidiomaticamente" estudadas, quer nas várias línguas funcionais de uma mesma "língua histórica" (o português, por exemplo) ou em "línguas históricas" diferentes (o português e o francês, por exemplo), da *semasiologia* (partindo do significante, a disciplina estuda as relações que unem este significante aos diferentes significados que pode expressar) como, por exemplo, os diferentes significados que idiomaticamente podem ser expressos pelo significante "*ponto*" (*ponto* para a geometria, para a linguagem escolar, para o teatro, para a costureira, para o funcionário, etc.) 100, dos *campos associativos* (estudam as associações de um signo com outros signos estabelecidos por similitude ou por contiguidade, tanto dos significantes quanto dos significados, associações motivadas por ideias, crenças e atitudes relativas às "coisas" (como *boi* associado não só a *vaca*, *touro*, *bezerro*, *chifre*, mas também a *trabalho*, *força*, *vigor*, *paciência*, *mansidão*). São configurações associativas, como diz Coseriu, que têm interesse para a psicolinguística, para a linguística do falar e para a do texto, mas não constituem objeto da descrição estrutural das línguas [ECs.1, 165].

A lexemática e as palavras lexemáticas – Se cabe à lexemática o estudo das relações de significação, só lhe interessam, em princípio, as palavras lexemáticas, que manifestam a configuração semântica do léxico.

Por isso estão fora da consideração da lexemática as palavras que constituem

“equivalências de orações”(interjeições, partículas de afirmação e de negação, como *sim*, *não*), as palavras morfemáticas (artigos, preposições, conjunções) e as palavras categoremáticas (dêiticos ou pronomes, como *eu*, *meu*, *agora*, *aqui*), bem como os nomes próprios e os numerais, porque não são estruturáveis, embora participem da maioria dos fenômenos léxicos (como a modificação, o desenvolvimento, a composição) [ECs.2, 88].

Estruturas paradigmáticas – As estruturas lexemáticas que podem ser identificadas no léxico ou são paradigmáticas ou sintagmáticas.

Chamam-se estruturas paradigmáticas no léxico as estruturas constituídas por unidades léxicas que se encontram em oposição no eixo da seleção. Assim, “bom-mau”, “casa – casinha”, “morrer – mortal” são oposições que manifestam estruturas paradigmáticas.

Diz-se *estrutura primária* se seus termos se implicam reciprocamente, sem que um deles seja primário em relação aos outros; “jovem” implica “velho” e “velho” implica “jovem”, mas nenhum deles é primário em relação ao outro.

Diz-se *estrutura secundária* se a implicação entre seus termos é de “direção única”. Assim “casa” - “casinha”, “morrer” - “mortal”, “trabalhar” - “trabalhador” são estruturas secundárias, porque o primeiro termo de cada par está implicado pelo segundo, mas não o inverso, pois a definição do conteúdo “casa” é independente do conteúdo “casinha”, mas a definição do conteúdo “casinha” inclui necessariamente o conteúdo “casa”.

Os dois tipos de estruturas primárias – Há dois tipos de estruturas paradigmáticas primárias: o *campo léxico* e a *classe léxica*.

Um *campo léxico* é uma estrutura paradigmática constituída por unidades léxicas que se repartem numa zona de significação comum e que se encontram em oposição imediata umas com as outras.

Por exemplo, podemos preencher a lacuna em:

Estive três _____ *em Fortaleza*;

selecionando um dos seguintes lexemas do paradigma: *segundo*, *minuto*, *hora*, *dia*, *semana*, *mês*, *ano*, etc., ficando excluídos termos como: *árvore*, *casa*, *rio*, *cadeira*, etc.

Em *O muro é verde*, *verde* exclui imediatamente *azul*, *branco*, *cinza*, etc., que pertencem ao mesmo campo léxico (o das cores), mas não termos como *muito*, *pouco*, *bastante*, *menos*, etc., que pertencem a outros campos.

Cada unidade de conteúdo léxico expresso no sistema linguístico é um *lexema*. Nos exemplos acima, *segundo*, *minuto*, *hora*, etc. são lexemas.

Uma unidade cujo conteúdo é idêntico ao conteúdo comum de duas ou mais unidades de um campo é um *arquilexema*. Os traços distintivos que caracterizam os lexemas chamam-se *semas*, como emprega o linguista B. Pottier.

Tomemos, para simples exemplo, o campo lexical de “assento”, estudado pelo citado Pottier, em que “assento” é o arquilexema desse campo, que tem como lexemas, em português, entre outros que deixaremos de lado: *cadeira*, *poltrona*, *sofá*, *canapé*, *banco* e *divã* [BP.1;

MV.1, 80-81].

Como traços distintivos dos lexemas, proporemos os seguintes *semas*:

s1: ‘objeto construído para a gente se sentar’

s2: ‘com encosto’

s3: ‘para uma pessoa’

s4: ‘com braços’

s5: ‘com pés’

s6: ‘feito de material rijo’

Levando-se em conta que a presença do sema será indicado por + e, sua ausência por – , teremos:

	s1	s2	s3	s4	s5	s6
banco	+	–	–	–	+	+
cadeira	+	+	+	–	+	+
poltrona	+	+	+	+	+	–
sofá	+	+	–	+	+	–
divã	+	–	+	–	+	–
canapé	+	+	–	+	+	+

Pelo exposto, vê-se que não basta dizer, por exemplo, que “*banco* é um objeto construído para a gente se sentar”, pois tal definição se aplicaria indistintamente a todos os lexemas incluídos no campo léxico. Com base nos semas, isto é, nos traços distintivos que separam os lexemas arrolados no exemplo, diremos que “banco é um objeto construído para a gente se sentar, com material rijo (madeira, ferro, cimento), dotado de pés”.

Se se tratasse de *cadeira*, definiríamos “objeto construído para a gente se sentar, com encosto, para uma pessoa, dotado de pés e feito de material rijo”.

Um lexema pode funcionar em vários campos; é o caso do adjetivo *fresco* que funciona no campo dos adjetivos como *novo*, *velho*, etc. (cf. *queijo fresco*, *fruta fresca*), ou no campo dos adjetivos *frio*, *quente*, *morno*, etc. (*manhã fresca*, *brisa fresca*).

Sobre *neutralizações* e *sincretismos* no léxico.

Classe léxica – Chama-se *classe léxica* a uma classe de lexemas determinados por um *classema*. *Classema* é um traço distintivo comum que define uma classe, independentemente dos campos léxicos. Assim, *jovem*, *inteligente*, *gago* pertencem a campos léxicos distintos,

mas podem estar incluídos na mesma classe pelo classema "ser humano", já que podemos dizer de uma pessoa que ela é *jovem*, ou *inteligente* ou, finalmente, *gago* [MV.1, 1979, 70 e ECs.2, 176].

Para os substantivos, podem-se estabelecer, por exemplo, classes como: "seres vivos", "coisas" e, dentro da classe "seres vivos", por exemplo, "seres humanos", "seres não humanos", etc.

Para os adjetivos, pode haver classes como "positivo", "negativo" que justificam coordenações aditivas do tipo "*bom* e *inteligente*", ou coordenações adversativas do tipo "*bom* mas *brigão*".

Para os verbos podem-se também constituir várias classes, como as já conhecidas "transitivo e intransitivo" (com possibilidades de subtipos, como "transitivos que não admitem voz passiva e transitivos que a admitem), ou ainda, com base no classema "direção" (em relação ao agente da ação), os verbos "adlativos", isto é, em direção de aproximação do agente (do tipo de *comprar*, *ganhar*, *receber*, *recolher*, etc.) e os "ablativos", isto é, em direção de afastamento do agente (do tipo de *vender*, *dar*, *entregar*, *soltar*, *devolver*, etc.).

Há lexemas que se apresentam na intersecção de duas classes quanto ao seu significante, mostrando-se insensível à diferença classemática, cujo significado em uso só se pode depreender no contexto.

É o que ocorre com substantivos como *hóspede* ("aquele que dá ou recebe hospedagem"), com verbos como *alugar* ("aquele que dá ou recebe de aluguel"), em orações do tipo: *Enildo é meu hóspede*; *Zélia alugou o apartamento*.

Entram neste rol palavras como *saudoso* ("que sente ou causa saudade"), *temeroso* ("que sente ou causa temor"), *arrendar* ("que dá ou toma de renda"), *esmolar* ("que dá ou pede esmola") [MBa.3, 290 e MBa.5, 151].

É o caso também de substantivos e adjetivos que podem ser tomados à boa e à má parte, como *sucesso*, *fortuna* (= destino), *êxito*, *ventura*, e que foram depois especializados no bom sentido; quando se empregam hoje diferentemente, requerem um adjetivo da classe "negativo": *mau sucesso*, *triste fortuna*, *mau êxito*, *pobre ventura*, etc. [MBa.3, 282].

Às vezes, a língua desfaz a duplicidade de conteúdo com o recurso a novas palavras; assim *hóspede* se especializa ou pode-se especializar em "aquele que recebe a hospedagem", e se cria a palavra *hospedeiro* para o que dá hospedagem. Outras vezes, com a especialização da classe, como ocorre com *hóspede* (especializado modernamente para aquele que recebe hospedagem), o que não ocorre, entretanto, com o verbo *hospedar* (= dar ou receber hospedagem; neste último significado, aparece como pronominal: *Eu me hospedei num hotel barato*).

Estruturas secundárias – As estruturas paradigmáticas secundárias correspondem ao domínio da formação de palavras e podem manifestar-se por estruturas de *modificação*, de *desenvolvimento* e de *composição*, que implicam sempre a transformação irreversível de um termo primário existente como lexema de conteúdo (significado) e de expressão (significante) na língua. Consumada a transformação, o termo – agora secundário – pode receber

determinações gramaticais explícitas próprias dos termos primários, como a pluralização: *casa* → *casas*; *casa* → *casinha* → *casinhas*.

Dada a extensão que merece o estudo dos três tipos de estruturas secundárias, trataremos dele na parte mais adiante em que se estudam os procedimentos de formação de palavras do ponto de vista das relações de significação.

Estruturas sintagmáticas: as solidariedades – As estruturas sintagmáticas são solidariedades, isto é, relação entre dois lexemas pertencentes a campos diferentes dos quais um está compreendido, em parte ou totalmente, no outro, como traço distintivo (sema), que limita sua combinação.

Distinguem-se três tipos de solidariedade: *afinidade*, *seleção* e *implicação*.

Na AFINIDADE, o classema do primeiro lexema funciona como traço distintivo no segundo. Assim, *pé* e *pata* têm como traços distintivos ao conteúdo 'membro de sustentação do corpo' a classe 'pessoa' (*pé*: "membro de sustentação de pessoa") e 'animal' (*pata*: "pé de animal"). O mesmo com *grávida* e *prenhe*; os traços distintivos do conteúdo "fecundação" são a classe 'pessoa' (*grávida*: "fecundada em relação a pessoas"), e 'animal' (*prenhe*: "fecundada em relação a animal") [ECs.2, 141; MV.1, 77].

Na SELEÇÃO, é o arquilexema do primeiro lexema que funciona como traço distintivo no segundo. Os lexemas *pelo* e *pena*, quanto ao conteúdo 'sistema piloso' incluem como traço distintivo o arquilexema *mamífero* e *ave*: *pelo* ("sistema piloso dito de mamíferos") e *pena* ("sistema piloso dito de aves").

Na IMPLICAÇÃO é todo o primeiro lexema que funciona como traço distintivo no segundo. Por exemplo, a cor *baio* tem como traço distintivo o lexema "cavalo", pois *baio* só se diz dos cavalos. Outro bom exemplo de implicação são as chamadas vozes dos animais, pois os lexemas *relinchar*, *mugir*, *zurrar*, *balir*, *grunhir*, *ladrar*, *miar*, *cacarejar*, *regougar* são o grito relativo, respectivamente, a "cavalo", "vaca", "burro", "cabra", "porco", "cão", "gato", "galinha", "raposa".

É preciso distinguir as solidariedades semânticas vistas aqui, propriamente linguísticas, dos "clichês léxicos", ou sintagmas estereotipados e das solidariedades frequentes, determinadas pelo nosso conhecimento das "coisas"; assim, *branco* aplicado às *gaivotas* não é exemplo de solidariedade semântica, porque a combinação não é um fato de língua, mas apenas assinala a frequência de gaivotas brancas na realidade extralinguística, sem que se despreze a possibilidade de gaivotas de outra cor. Pelo contrário, em *cavalo alazão* temos um fato de língua, porque *alazão* implica o traço distintivo "próprio do cavalo", razão por que no discurso se pode usar só de *alazão*, sem que seja necessário explicitar o lexema *cavalo*. Esta operação não se estende a *branco* em relação a *gaivota*.

4 – Formação de Palavras do Ponto de Vista do Conteúdo

Já vimos na lição de Benveniste que o problema de procedimentos de formação de

palavras ultrapassa os limites da morfologia, em que, tradicionalmente, parece enquadrada, na tradição linguística.

Por outro lado, como assinala Coseriu 101, um estudo coerente da formação das palavras que se atenha estrita e exclusivamente ao ponto de vista da expressão – como o vimos até aqui – é possível; mas para o aspecto funcional e, portanto, para a compreensão e descrição de uma língua, tal estudo é pouco proveitoso, já que os procedimentos materiais (prefixação, sufixação, etc.) e os funcionais não guardam entre si nenhum paralelismo, uma vez que procedimentos materiais diferentes podem corresponder ao mesmo tipo funcional e vice-versa. A não consideração do aspecto de significado é a causa de muita discussão e incertezas em incluir no domínio da formação de palavras as combinações casuais do tipo *um salve-se quem puder*, *bom dia*, *manu tenere* > *manter*, que não constituem propriamente *procedimentos* da formação de palavras, entre outros casos.

Ainda com apoio na lição de Coseriu, um estudo de formação de palavras do ponto de vista do conteúdo, isto é, fundado no significado, está mais ajustado a seu objeto. Partindo deste ponto de vista, a formação de palavras corresponde a uma particular *gramaticalização* do léxico "primário". Tomemos a este linguista o seguinte exemplo para mostrar que as relações, digamos assim, gramaticais, que se dão nos produtos da formação de palavras são consequências das equivalências semânticas entre esses produtos e as construções que lhes correspondem do ponto de vista do conteúdo. Em *beldade* como equivalente a "o fato de ser belo/bela", o termo "fato" não é a palavra *fato* da linguagem primária e que em seguida seria determinada por "ser belo / bela", mas sim um *nome* para a substantivação efetuada nesta formação; do mesmo modo, "ser" é nome da 'predicatividade de ser', isto é, da predicação atribuída, e "belo / bela" é nome da unidade de *belo*(s) + *bela*(s) na linguagem primária, ou seja, um *belo* sem gênero e sem número. Em outros termos, seria o mesmo que dizer, abstratamente, acerca de nossa fórmula: "*belo*(s) / *bela*(s) gramaticalizado por predicação atributiva e com posterior substantivação". Isto significa que os produtos de formação de palavras dizem sempre mais do que suas respectivas bases léxicas.

Por tudo isto, conclui Coseriu que a formação de palavras é um domínio autônomo das línguas, que abarca fatos "paragramaticais" e fatos puramente léxicos, e seu estudo é um ramo autônomo da semântica funcional, que deve começar pelas funções "paragramaticais" dos procedimentos de formação e chegar até as fixações na designação.

Dissemos "paragramaticais" porque, na realidade, a formação de palavras encerra uma "gramática do léxico", mas essa gramática não deve ser confundida com a gramática que conhecemos, já que, na formação de palavras, estamos diante de funções gramaticais distintas daquelas que ocorrem na morfossintaxe. Por isso, não falamos aqui em funções gramaticais e sim em funções paragramaticais. Uns exemplos podem esclarecer o que dizemos: a formação de "coletivos" (*arvoredo*, *laranjal*, *casario*, etc.) implica, por certo, uma pluralização, mas aqui não se trata de um simples "plural", (*árvores*), sim de uma "pluralização" que se dá e se considera como unidade.

Assim também, *chegada* implica um verbo predicativo mas não implica nem modo, nem tempo, nem número, nem pessoa; *beleza* implica um nome predicativo, mas não implica nem número nem gênero. É exatamente por isso, continua Coseriu a sua lição, que tais formações

não remontam a orações concretas como *João chega* e *Maria é bela* (ou *João é belo*), mas tão somente a uma função predicativa genérica de *chegar* e *belo*(*s*), *bela*(*s*).

Assim também em *papeleira* está implicada uma "função preposicional", mas não uma determinada preposição (p.ex. "*para*"*papéis*), e *despertador* implica um elemento pronominal genérico "alguém ou algo" que, de outro modo, não tem realização em português. 102

Os três tipos fundamentais de formação de palavras – Do ponto de vista do conteúdo podem-se distinguir três tipos (ou quatro se considerarmos a composição como dois) fundamentais de formação de palavras, consoante dois critérios que se entrecruzam e dizem respeito à determinação gramatical do termo primário:

a) a gramaticalização implícita afeta um só elemento ou os dois na base da formação;

b) a gramaticalização corresponde a uma função "inatual" (i. é, "não semelhante a uma função oracional") ou a uma função "atual" (i. é, "semelhante a uma função oracional").

Pelo primeiro critério, teremos, de um lado, a *modificação* e o *desenvolvimento* (em que a gramaticalização afeta um só termo) e do outro a *composição*.

Pelo segundo critério, a função gramatical implicada na modificação é "inatual" (do tipo do "gênero" ou do "número"), enquanto no desenvolvimento a função implicada é "atual" (do tipo das funções "sujeito", "predicado", "complemento verbal"). Na composição, a função pode ser inatual ou atual (por exemplo, em português *alvinegro* e *leitor*).

Na modificação, a categoria verbal dos produtos é sempre a mesma das respectivas bases, isto é, os substantivos produzem substantivos, os adjetivos adjetivos e assim por diante, porque a função gramatical implicada é "inatual", isto é, função que afeta os lexemas modificando-os enquanto tais (e não como membros de oração ou de sintagmas). Trata-se das formações diminutivas, dos coletivos, dos verbos formados com prefixos:

cavalo → cavalinho, forte → fortão, beijar → beijocar, ver → prever

No desenvolvimento – que sempre parte de lexemas com funções de membros de oração ou de sintagma – a categoria verbal dos produtos formados é distinta da categoria da base correspondente, vale dizer, o desenvolvimento implica sempre mudança da categoria verbal do termo primário desenvolvido, isto é, substantivo produz adjetivo, substantivo produz verbo, adjetivo produz substantivo, etc., advertindo-se, na oportunidade, que pode ainda tratar-se de base não realizada como tal na norma da língua. Em:

prefeito → [verbo] → *prefeitável*,

não existe na norma do português o verbo **prefeitar*, implicado no desenvolvimento citado.

Exemplos de desenvolvimentos são também *terra* → *terreno*, *céu* → *celeste*; *roda* → *rodar*, *voo* → *voar*; *útil* → *utilidade*; *rico* → *riqueza*.

Tais formações devem ser explicadas desta maneira: *belo* + função predicativa → *beleza* ("o fato de ser belo"); *chegar* + função predicativa → *chegada* ("o fato de chegar"); *branco* + função de epíteto → o *branco*; *em barco* + função predicativa → *embarcar*; *com o martelo* + função predicativa → *martelar*.

A composição implica sempre a presença de dois elementos básicos unidos por uma

relação gramatical, quase sempre por uma relação de recção. Pode ser de dois tipos:

a) *prolexemática*: se um dos dois elementos da base é um "prolexema", isto é, um elemento de natureza pronominal, não identificável com um lexema existente na língua,[103] como ocorre em "elemento substantivo-pronominal" [do tipo "alguém" ou "algo"] + *ler* → *leitor*; o mesmo elemento + *despertar* → *despertador*. Em lugar desse tipo genérico "alguém ou algo", pode ser um arquilexema de ordem muito geral [por exemplo, *agente* + *ler* → *leitor*] ou também um arquilexema (ou um lexema) de um campo particular [por exemplo, "árvore", "comerciante": "*árvore*" + *limão* → *limoeiro*; "comerciante" + *leite* → *leiteiro*].

b) *lexemática*: em que os dois elementos implicados são lexemas e a categoria verbal dos compostos é sempre a dos elementos "determinados" na composição; são exemplos de compostos lexemáticos: *tira-teima*, *guarda-chuva*.

O primeiro tipo corresponde ao que tradicionalmente se chama "derivação" (como podemos ver, tal denominação também abarca o processo de *modificação* e *desenvolvimento* agora expostos); o segundo tipo corresponde ao que tradicionalmente se chama composição, com exceção da prefixação verbal, a qual, nesta nova concepção de processos de formação de palavras entra como um tipo de modificação.

Combinações dos procedimentos formativos – Os procedimentos de formação de palavras podem combinar-se uma ou mais vezes, sendo decisiva a ordem das combinações para o significado do produto final, não se perdendo de vista o fato de que nessa sequência podem ocorrer combinações "prévias" cujos produtos não se realizam como fatos autônomos na norma da língua, como já aconteceu com o implicado *prefeitar* (< *prefeito*) no desenvolvimento *prefeitável*; *guarda-sol* é uma combinação de composição prolexemática e lexemática: composição prolexemática *guardar* → guarda [equivalente a *guardador*, 'o que guarda', com morfema zero] e uma composição lexemática, o composto *guarda-sol*. Deste podemos ter um novo composto prolexemático: elemento substantivo-pronominal do tipo "alguém" [ou, como também vimos, o lexema "comerciante"; "fabricante"] + *guarda-sol* → *guarda-soleiro* 'comerciante ou fabricante de guarda-sol'.

O termo *desembarcar* resulta da combinação do desenvolvimento *em* + *barco* (→ embarcar) e modificação (→ *des-embarcar*).

Um termo formado por desenvolvimento pode dar origem a nova forma desenvolvida (produto de desenvolvimento), e pode assim estender-se por uma série, perfeitamente identificáveis como constituintes imediatos, quando há paralelismo entre a expressão e o conteúdo:

rico → *enriquecer* → *enriquecimento*

nação → *nacional* → *nacionalizar* → *nacionalização*

Está neste rol de combinação dos tipos fundamentais de formação de palavras o discutidíssimo tipo de compostos como *tira-teima*, *guarda-roupa* em que entra um tema verbal puro seguido em geral de substantivo, mas não necessariamente, pois pode aparecer outra classe, como um advérbio (*ganha-pouco*, *pisa-mansinho*), um numeral (*mata-sete*). Quanto à função oracional implícita nesse segundo elemento, temos em geral um objeto direto,

mas podemos ter um predicativo (*espanta-coió*), um circunstancial (*pisa-mansinho*, *ganha-pouco*, *saltinvão*).

Há também particularidades formais na constituição desses compostos: na fase da composição lexemáticas o composto prolexemático se reduz pela supressão de possíveis sufixos, ou pelas preposições que normalmente seriam empregadas na construção de um composto prolexemático substantivo com outro substantivo; dá-se a supressão regularmente quando o segundo elemento corresponde a uma função oracional com a qual o verbo implicado na composição prolexemática se constrói sem preposição, do tipo de *girassol*, que se parafraseia aproximadamente com "algo que gira na direção do sol". Em outros casos, como vimos em *saltinvão*, mantém-se a preposição.

Entendem-se tais compostos como "alguma coisa que tira teima", "alguém ou alguma coisa que guarda roupa", isto é, paráfrases de uma composição prolexemática como *tirador* (ou *tiradora*), *guardador* (*guardadora*), a que se acrescentam o lexema *teima* ou *roupa*. Trata-se, portanto, da combinação de uma composição prolexemática com uma composição lexemática ("tirador, tiradora") + *teima* → *tira-teima*.

Em face desta análise semântica, chega-se à conclusão de que o chamado "elemento verbal" deste tipo de composição não é nem um imperativo nem nenhuma outra forma verbal conjugada; trata-se de uma derivação regressiva, que, do ponto de vista funcional, é um substantivo ou, então, semanticamente, um particípio substantivado. Este "particípio" pode ser um particípio ativo transitivo (como em *guarda-roupa*), um particípio causativo (como em *passatempo*: "qualquer coisa que faz passar o tempo").

Esta análise é confirmada pelo fato de, quando não há na língua um composto deste tipo, se utilizarem compostos prolexemáticos em construção preposicional com um segundo elemento: *medidor de gás*, *espalhador de cera*, *prendedor de gravata*, etc.

Subtipos dos procedimentos de formação de palavra – Dentro dos procedimentos vistos até aqui podem ocorrer subtipos, de acordo com os subtipos de funções "paragramaticais" implicadas.

Assim, na modificação podemos ter, entre outros:

a) uma mudança do gênero "natural" (sexo): *rei* → *rainha*; *galo* → *galinha*;

b) uma quantificação: 1) para diminutivos (*carro* → *carrinho*; *doente* → *doentinho*; *beber* → *bebericar*); com a variante "apreciação aproximativa" (*velho* → *velhusco*; 2) para aumentativos (*casa* → *casarão*; *grande* → *grandalhão*); 3) para coletivos (*casa* → *casario*); 4) para intensificação (*feio* → *feinho*);

c) repetição: *fazer* → *refazer*;

d) negação: *leal* → *desleal*; *útil* → *inútil*.

No desenvolvimento podemos ter, segundo a função oracional implícita de sua base:

a) predicação: *chegar* → *chegada*; *belo* → *beleza*;

b) atributivo: *de inverno* ("pertencente ao inverno") → *invernal*.

Generalização do significado no desenvolvimento – O desenvolvimento implica, em cada fase de produção, uma desconcentração ou generalização do significado da base. Assim, *de inverno* significa "pertencente ao inverno" (cf. *jogos de inverno*); já o termo desenvolvido *invernal* significa tanto "pertencente ao inverno" quanto "semelhante ao que pertence ao inverno" (cf. *jogos invernais*). Trata-se de um valor único de língua, que se "amplia" quando comparado com a base do desenvolvimento.

Homofonias em desenvolvimento – Desenvolvimentos formados de bases diferentes podem resultar homofonias totalmente distintas das homofonias casuais dos termos simples ou primários. Assim, em português existem duas séries homófonas *mortal-mortalidade*; a primeira desenvolvida a partir do conteúdo "morrer" ("o homem é mortal" – "a mortalidade do homem"), e a segunda a partir do conteúdo "matar" ("o golpe, o remédio foi mortal" – "a mortalidade do golpe, do remédio"). *Mortandade* é variante de *mortalidade*, e só se aplica ao conteúdo de "morrer" (= grande número de mortes por pestes, em batalha").

Cabe ainda observar que, já que o desenvolvimento implica sempre um emprego determinado do termo primário ou de base, pode haver desenvolvimentos diferentes, conforme o significado implicado nesse termo e nos elementos formativos:

terra → *terrestre*, *terreal*, *terral*, *terreiro*, *terreno*.

esperar → *espera* (de *esperar* "aguardar") e *esperança* (de *esperar* "confiar").

5 – Alterações Semânticas

A se*mântica estrutural diacrônica* é o estudo funcional das mudanças semânticas no léxico. É uma disciplina ainda muito recente, e dada a natureza desta gramática dela não nos ocuparemos aqui. Nosso intento é tão somente chamar a atenção para alterações semânticas no léxico. Como disse muito bem Pagliaro "Também as palavras são uma espécie de conchas, às quais temos de encostar o ouvido com humilde atenção, se quisermos apreender a voz que dentro delas ressoa" [APg.1, 210].

No decorrer de sua história nem sempre a palavra guarda seu significado etimológico, isto é, originário. Por motivos variadíssimos, ultrapassa os limites de sua primitiva "esfera semântica" e assume valores novos.

"A língua – disse Moritz Regula –, expressão consciente de impressões exteriores e interiores, está sujeita a uma perpétua transformação. As palavras mudam de significado ou porque as coisas se modificam ou porque a "constelação psíquica" sob cuja influência nasce o sentido do objeto, se altera graças a causas diversas" [MR.1, 26].

A significação das palavras está intimamente relacionada com o mundo das ideias e dos sentimentos; "entre as ideias, entre os pensamentos não há separação absoluta por isso que as associações se estabelecem, sem cessar, de uns para outros. Vendo uma substância ou um objeto muito achatado, muito delgado e pouco resistente, por exemplo de estanho ou de ouro finamente laminado, alguém foi levado a compará-lo a uma folha de árvore; pôde-se assim

dizer com propriedade e clareza: *uma folha de estanho*, *de ouro*, *de papel*, etc. Outra associação, posterior à precedente, deu à palavra *folha* o significado bem elástico de jornal: *uma folha diária*. É que se imprimem as notícias de cada dia em folhas de papel. A palavra *coração* serviu para exprimir tanto a parte interior de um legume ou fruta: *coração da melancia*, ou a essência de um assunto: *está no coração da questão*, como ainda os sentimentos cuja sede parece estar no fundo de nosso ser: *este homem não tem coração*, etc. Todas as associações deste gênero dão origem ao que se chama, em literatura, *imagem*; as imagens da linguagem corrente não diferem muito, pela sua natureza, das que brotam da imaginação dos poetas e dos escritores em geral" [AGr.1, 93-94 – com leves adaptações para o português].

Entre as causas que motivam a mudança de significação das palavras, as principais são:

a) Metáfora – translação de significado motivada pelo emprego em solidariedades, em que os termos implicados pertencem a classes diferentes mas pela combinação se percebem também como assimilados:

*cabelos de **neve**, **pesar** as razões, **negros** pressentimentos, **doces** sonhos, passos **religiosos*** [AR.1, 17 – nos queria ressaltar a religiosidade de sua personagem], ***boca** do estômago*, ***dentes** do garfo*, ***costas** da cadeira*, ***braços** do sofá*, ***pés** da mesa*, ***gastar rios** de dinheiro*, ***vale** de lágrimas*, *o **sol** da liberdad*e, *os dias **correm***, *a noite **caiu***.

OBSERVAÇÃO: Assim, a metáfora não resulta – como tradicionalmente se diz – de uma comparação abreviada; ao contrário, a comparação é que é uma metáfora explicitada. Importa, outrossim, distinguir a metáfora *linguística* (linguisticamente motivada pelo descompasso dos termos implicados nas solidariedades) da metáfora *motivada extralinguisticamente* pelo nosso saber sobre as coisas, como ocorre em expressões metafóricas do tipo de *não ponha a carroça diante dos bois* para expressar a inversão incorreta de uma ação ou de um juízo. As metáforas têm largo emprego na língua espontânea e na literária, e nesta teve grande difusão entre os poetas simbolistas. Cf. [ECs.1, 291], [ECs.2, 207], [ECs.3, 293 n. 22] e [HM.1, 109]: "A literatura moderna tem uma preferência para a metáfora oposta à comparação explícita. É a fusão imediata do mundo pessoal e do objetivo, do espiritual e do concreto, que levam a uma identificação direta, sem elos de ligação que intermedeiem a passagem dum plano para outro".

b) Metonímia – translação de significado pela proximidade de ideias:

1 – causa pelo efeito ou vice-versa ou o produtor pelo objeto produzido:

*um **Rafael*** (por um *quadro de Rafael), as **pálidas** doenças* (por *doenças que produzem palidez*), ***ganhar** a vida* (por *meios que permitam viver), ler **Machado de Assis*** (i.é, *um livro escrito por M. de Assis)*.

2 – o tempo ou o lugar pelos seres que se acham no tempo ou lugar:

*a **posteridade*** (i.é, *as pessoas do futuro*), *a **nação*** (i.é, *os componentes da nação*).

3 – o continente pelo conteúdo ou vice-versa:

*passe-me a **farinha*** (i.é, a farinheira), *comi **dois pratos*** (i.é, *a porção da comida que dois pratos continham*).

4 – o todo pela parte ou vice-versa:

*diz a **Escritura*** (i.é, *um versículo da Escritura*), *encontrar um **teto amigo*** (i.é, *uma casa*).

5 – a matéria pelo objeto:

*um **níquel*** (i.é, *moeda de níquel*), *uma **prata*** (i.é, *moeda de prata*)

6 – o lugar pelo produto ou características ou vice-versa:

jérsei (= *tecido da cidade Jersey*), ***gaza*** (= *tecido da cidade de Gaza*), ***havana*** (= *charutos da cidade de Havana*); ***greve*** (*as reuniões feitas na Place de la Grève*).

7 – o abstrato pelo concreto:

*A **virtude** vence o **crime*** (isto é, *as pessoas virtuosas vencem os criminosos*); *praticar a **caridade*** (= *atos de caridade*).

8 – o sinal pela coisa significada ou vice-versa:

o ***trono*** (= *o rei*), *o* ***rei*** (= *a realeza*)

c) Catacrese – translação do significado por esquecimento do significado original:

panaceia universal (*panaceia* '*remédio* para todos os males' já tem no elemento *pan-* a ideia de universalidade, generalidade), *etimologia verdadeira, abismo sem fundo, anedota inédita, correta ortografia, bela caligrafia, caldo quente, homicida do vizinho, hecatombe de almas, embarcar no trem, calçar as luvas.* [MBa.3, 311-317]

Produtos correntes da translação de significado, as catacreses são fatos normais que só devem ser evitados quando a noção primitiva ainda estiver patente para o falante.

d) Braquilogia ou abreviação – as diversas acepções de uma palavra devidas à elipse do determinante ou vice-versa:

dou-lhe a minha ***palavra*** (i.é, *palavra de honra*), *vamos à* ***cidade*** (i.é, *ao centro da cidad*e), *um* ***possesso*** (i.é, *pessoa possuída do demônio*), *aproveitar a* ***ocasião*** (= *a boa ocasião*), *a festa da* ***Ascensão*** (= da *Ascensão de Jesus Cristo*).

e) Eufemismo – translação de sentido pela suavização da ideia:

1 – para a morte:

finar-se, falecer, entregar a alma a Deus, dar o último suspiro (literários), passar desta a *melhor, ir para a cidade dos pés juntos, dizer adeus ao mundo, esticar as canelas, desocupar o beco, bater as botas, etc.* (*estes* populares).

2 – para a bebida:

abrideira, *água que gato* (*passarinho*) *não bebe*, *januária*.

O tabu linguístico pode favorecer o aparecimento de expressões eufemísticas. O medo de proferir palavras como *diabo*, *demônio*, *satanás* nos leva a usar desfigurações voluntárias como *diacho*, *diogo*, *demo*, *satã*. [MG.1, 76 e ss.]

f) Alterações semânticas por influência de um fato de civilização:

tonto (= *louco*) particípio do verbo *tondere*, por *tonso*, lembra-nos o tempo em que se rapava a cabeça aos loucos.104

pagão (= *indivíduo que não foi batizado*) se prende à época inicial do Cristianismo, pois a Igreja fez uso especial do termo que tinha curso na linguagem militar: *paganus*, o civil, em oposição ao soldado (castrensis) passou a ser o oposto a *christianus* [cf. EG.1, 134; RH.1, 132].

cor (*saber guardar*, *ter de* – = *de memória*) relembra-nos a época em que a anatomia antiga fazia do coração a sede dos sentimentos, da inteligência, da memória.

judiar (= *zombar*, *atormentar*) lembra-nos a época dos tormentos praticados ou sofridos pelos judeus. A palavra ***judas*** (= *homem mal trajado*) é uma aplicação do nome próprio *Judas* a quem o povo atribui qualidades negativas.

calabrear (= *misturar*; *confundir*; *mudar para pior*; *alterar vinhos*): documenta a má fama em que eram tidos os calabreses, acrescida pela lenda popular de que Judas era natural da Calábria, no sul da Itália. Cf. artigo de L. Spitzer, *Boletim de Filologia* (Lisboa), V, 3-4, pág. 376.

A maneira aristocrática de ver as coisas é responsável pela mudança de significado de algumas palavras:

vilão (saído do latim *villa* = quinta, aldeia), de "*camponês*" passou a designar "homem grosseiro", "perverso", "infame".

De vez em quando, surgem pessoas que querem ver expurgadas dos dicionários certas palavras depreciativas de povo ou localidade (como *judiar*, *baianada* e outros). É excesso de sentimento a que a História não se curva, nem o povo leva em conta, porque, no uso do termo,

não entra nas minúcias históricas do pesquisador, nem procura, usando a palavra, fazer juízo específico a respeito do povo ou da localidade.

g) Etimologia popular ou associativa

É a tendência que o falante – culto ou inculto – revela em aproximar uma palavra a um determinado significado, com o qual verdadeiramente não se relaciona.105

Às vezes a palavra recebe novo matiz semântico sem que altere sua forma. *Famigerado*, por exemplo, que significa "célebre", "notável",106 influenciado pela ideia e semelhança morfológica de faminto, passa, na linguagem popular, a este último significado. *Intemerato* (= sem mancha, puro), graças a *temer*, é considerado como sinônimo de *intimorato*; *inconteste* (= *s*em testemunho) passa a sinônimo de *incontestável*; *falaz* (= falso, enganador) é aproximado de *falador*.

Espécies de alteração semântica

A) Extensão do significado;

B) Enobrecimento do significado;

C) Enfraquecimento do significado.

A – ***Extensão do significado***

prédio (= propriedade rústica ou urbana inamovível) passou a designar qualquer edifício sem referência ao solo.

espraiar (= jogar algo à praia) alargou o significado como sinônimo de "estender-se por larga área".

embarcar (= entrar na barca) significa hoje "entrar em qualquer condução".

aliviar (= tornar mais leve uma carga) se diz hoje como igual a "minorar", "diminuir", "abrandar", uma culpa, um mal, o tempo (a chuva aliviou).

1 – **Restrição ou especialização do significado**

a) *fortuna* (destino bom ou mau) especializa seu sentido na direção positiva.

sucesso (acontecimento bom ou mau) passa a exprimir só o lado bom.

carta (= epístola) tinha em latim o sentido de qualquer livro, papel, escrito.

britar (significava "quebrar qualquer coisa") restringiu hoje o seu significado para "quebrar pedras".

b) *abreviação ou condensação: um havana* (= charuto de Havana); o champanha (= o vinho de Champagne); um (a) jato (= avião a jato).

2 – **Plenitude do significado**

Um milhão de reais já é uma *quantia*; José mostrou-se um *homem.*

B – ***Enobrecimento do significado***

emérito (aplicado ao funcionário que se aposentava) significa hoje *distinguido*, *ilustre*.

marechal (= criado do cavalo) passou a indicar o posto mais elevado do Exército.

pedagogo (era o escravo que conduzia as crianças à escola); significou depois o professor ou profissional em educação.

3 – **Degradação do significado (Pejorativos)**

vilão.

libertino (= escravo liberto) passou a indicar o indivíduo devasso, sem pudor.

libidinoso (= que segue seu capricho) significa hoje o dissoluto.
valetudinário (= de boa ou má saúde ou compleição) significa hoje só à má parte

C – ***Enfraquecimento do significado***

O emprego contínuo de uma palavra provoca a diminuição de sua energia semântica, mormente nas expressões afetivas. *Bajular* era "levar alguém às costas", o que enfatiza a ideia de servidão que tinha a palavra no início do seu emprego em expressões como "bajular o chefe".

Pequena nomenclatura de outros aspectos semânticos

1) **Polissemia** – É o fato de haver uma só forma (significante) com mais de um significado unitário pertencentes a campos semânticos diferentes. Ou, em outras palavras, a polissemia é um conjunto de significados, cada um unitário, relacionados com uma mesma forma. Portanto, não se pode ver a polissemia como "significados imprecisos e indeterminados", porque cada um desses significados é preciso e determinado:

pregar (um sermão) – *pregar* (= preguear uma bainha da roupa) – *pregar* (um prego)

manga (de camisa ou de candeeiro) – *manga* (fruto) – *manga* (= bando, ajuntamento) – *manga* (parede)

cabo (cabeça, extremidade, posto na hierarquia militar) – *cabo* (= parte de instrumento por onde esse se impunha ou utiliza: *cabo* da faca)

A polissemia é, portanto, um fato de língua.

É preciso não confundir a polissemia léxica ou *homofonia*107 com variação semântica ou polivalência no falar (fato de fala), que consiste na diversidade de acepções (sentidos) de um mesmo significado da língua segundo os valores contextuais, ou pela designação, isto é, graças ao conhecimento dos "estados de coisas" extralinguísticos:

pensar { um assunto / um ferimento

ponto {
- em geometria: um ponto no espaço
- em gramática: sinal de pontuação
- em teatro: auxiliar de atores
- em táxi: ponto de táxi
- em gíria escolar: o professor deu *ponto* novo ("matéria") / o aluno precisa de dois *pontos* (= grau)

Como lembra Coseriu, "antes de optar pela homofonia, dever-se-á perguntar se não se trata de variação (semântica): em todos os casos em que as homofonias ou polissemias não sejam evidentes (por exemplo, por se tratar de formas que pertencem a paradigmas diversos) (...), há de se buscar primeiro aquilo que caracteriza as línguas, isto é, invariantes de significado ou "significado unitário". E só quando se mostre absolutamente impossível "reduzir" todas as

acepções de uma forma a um valor unitário de língua, será lícito admitir homofonia (...)" [ECs.1, 206; AV.1, 101-102].

NOTA DE NOMENCLATURA: A tradição gramatical e os linguistas divergem na conceituação de *polissemia* e *homonímia*, criada ao tempo da linguística diacrônica. Por polissemia entende a tradição a "propriedade da significação linguística de abarcar toda uma gama de significações, que se definem e precisam dentro de seu contexto" [MC.4]. Exemplifica com a preposição *a* (significação gramatical) e a palavra *andar* (significação lexical): *ir a Lisboa*, *andar a* pé, *falar a Pedro*; *andar a largos passos*, *andar de automóvel*, *andar doente.*

2) **Homonímia** – Já por *homonímia* entende a tradição: "propriedade de duas ou mais formas, inteiramente distintas pela significação ou função, terem a mesma estrutura fonológica, os mesmos fonemas, dispostos na mesma ordem e subordinados ao mesmo tipo de acentuação; como exemplo: um homem *são*; *São* Jorge; *são* várias as circunstâncias (...)

Ela é possível sem prejuízo da comunicação em virtude do papel do contexto na significação de uma forma, como sucede com *são* nos exemplos dados [MC.4, s.v.].

Dentro da homonímia, alude-se, em relação à língua escrita, aos *homófonos* distinguidos por ter cada qual um grafema diferente, de acordo com o sistema ortográfico: *coser* 'costurar'; *cozer* 'cozinhar'; *expiar* 'sofrer'; *espiar* 'olhar sorrateiramente'; *sessão* 'ato de assistir'; *cessão* 'ato de ceder'; *cela* 'quarto para enclausuramento'; *sela* 'peça de arreio'[MC.4, s.v.].

O mesmo linguista aponta o artificialismo do conceito de *homógrafos*, "formas que se escrevem com as mesmas letras mas correspondendo elas a fonemas distintos, pois já não se trata evidentemente de homônimos da língua, cuja essência são as formas orais" [MC.4, s.v.].

Todos apontam a dificuldade de nem sempre se poder distinguir a polissemia da homonímia. Têm sido propostos alguns critérios para aclarar se se trata de uma mesma palavra com dois ou mais significados diferentes (polissemia) ou de duas palavras distintas com idênticos fonemas (homonímia):

a) critério histórico-etimológico – é o que fazem, em geral, os nossos dicionários;

b) a consciência linguística do falante;

c) critério das relações associativas;

d) critério dos campos léxicos.

Todos estes critérios estão sujeitos a críticas, como resenhou exaustivamente Geckeler [HG.1, 146-158].

Em erudito artigo, Coseriu chega, cremos, à correta interpretação da *polissemia*, na análise que faz do ensinamento de Aristóteles e resumo crítico desse artigo em AV.1, 92-107.

3) **Sinonímia** – É o fato de haver mais de uma palavra com semelhante significação, podendo uma estar em lugar da outra em determinado contexto, apesar dos diferentes matizes de sentido ou de carga estilística.

casa, *lar*, *morada*, *residência*, *mansão*

Um exame detido nos mostrará que a identidade dos sinônimos é muito relativa; no uso (quer literário, quer popular), eles assumem sentidos "ocasionais" que no contexto um não pode ser empregado pelo outro sem que se quebre um pouco o matiz da expressão. Uma série sinonímica apresenta-se-nos com pequenas gradações semânticas quanto a diversos domínios:

o sentido abstrato ou concreto; o valor literário ou popular (*fenecer* / *morrer*); a maior ou menor intensidade de significação (*chamar* / *clamar* / *bradar* / *berrar*); o aspecto cultural (*escutar*/*auscultar*) e tantas outras.

4) **Antonímia** – É o fato de haver palavras que entre si estabelecem uma oposição *contraditória* (*vida*; *morte*), *contrária* (*chegar*; *partir*) ou *correlativa* (*irmão*; *irmã*) [JK.1 *apud* HGe.1, 288 n.23].

Já Lyons [JLy.1 *apud* HGe.1, 291] entende que se podem distinguir três subconceitos do que se há de compreender por antonímia em sentido amplo:

a) *complementaridade* (a negação de uma implica a afirmação da outra e vice-versa: *João não está casado* implica que *João é solteiro*; *João está casado* implica que *João não é solteiro*);

b) *antonímia* (opostos por excelência: *grande* : *pequeno*);

c) *correlação* (*comprar* : *vender*; *marido* : *mulher*).

Quanto à sua manifestação constitucional, Mattoso cita os três aspectos diferentes:

a) mediante palavras de radicais diferentes: *bom* : *mau*;

b) com auxílio de um prefixo negativo em palavras do mesmo radical: *feliz* : *infeliz*; *legal* : *ilegal*; *político* : *apolítico*;

c) palavras que têm prefixos de significação contrária: *excluir* : *incluir*; *progredir* : *regredir*; *superpor* : *soto-pôr*.

Às vezes, a negação serve para atenuar a oração afirmativa: *Pedro não está bem* : *Pedro está mal*.

Às vezes ocorre a antonímia porque a palavra apresenta valor ativo e passivo:

alugar { a) dar de aluguel / b) receber de aluguel

emprestar { a) dar de empréstimo / b) receber de empréstimo

hóspede { a) quem recebe a hospedagem / b) quem dá a hospedagem (hoje hospedeiro)

esmolar { a) dar esmolas / b) receber esmolas

5) **Paronímia** – É o fato de haver palavras parecidas na forma e diferentes no significado:

Os parônimos dão margem a frequentes erros de impropriedade lexicais:

proscrever: proibir
prescrever: aconselhar

tráfego: trânsito
tráfico: comércio

ratificar: confirmar
retificar: corrigir

infringir: transgredir, violentar
infligir: aplicar pena, castigo

descrição: ato de descrever
discrição: qualidade de quem é discreto

intimorato: destemido, intrépido
intemerato: puro, imaculado

iminente: pendente, próximo para acontecer
eminente: ilustre

C) Estrutura do enunciado ou período. A oração e a frase

I – A Oração e as Funções Oracionais

Enunciado ou período – Toda a manifestação da linguagem com vistas à comunicação com nossos semelhantes se constrói com uma sequência de unidades delimitadas por um silêncio que precede o início dessa atividade e o que se lhe segue, acompanhada de contorno melódico, também chamado curva de entoação e normalmente marcada, na escrita, pelos sinais de pontuação e pelo emprego da maiúscula inicial:

O galo-da-campina ergue a poupa escarlate fora do ninho.

A esta unidade linguística que faz referência a uma experiência comunicada e que deve ser aceita e depreendida cabalmente pelo nosso interlocutor se dá o nome de *enunciado* ou *período*.

Há enunciados relativamente curtos, como o do nosso exemplo, ou ainda mais curtos, como *Sim* ou *Vou*, e há os que se dilatam por muito maior extensão:

O galo-da-campina ergue a poupa escarlate fora do ninho e seu límpido trinado anuncia a aproximação do dia.

Conforme a realidade designada, os enunciados se apresentam com formas variadas:

1. Os homens desejam a paz.
2. Ela não trabalha aos sábados.
3. Muitas crianças viram os pássaros.
4. Bebel gosta do colégio.
5. O chefe dará oportunidades aos jovens.
6. O sol é um astro luminoso.
7. Chove muito no verão.

8. Relampeja.
9. Que achou você da festa?
10. Eles ainda não chegaram?!
11. Vivam os campeões!
12. Que calor!
13. Depressa!

Apesar de tão variadas formas por que se apresentam os enunciados, há traços comuns que devem ser ressaltados [AL.1, 256]:

a) são mensagens completas e de acordo com a situação em que se acham falante e ouvinte;

b) são unidades sequenciais delimitadas por um silêncio precedente a ele e uma pausa final;

c) são proferidos com um contorno melódico particular.

Esta curva de entonação é o significante ou expressão material que evoca a modalidade de intenção comunicativa do enunciado (significado ôntico) que o falante quer transmitir ao seu interlocutor:

a) ou para lhe expor, afirmando ou negando, certos fatos (*Pedro estuda. Pedro não estuda*.);

b) ou para indagar sobre algo (*Pedro estuda*? *Pedro não estuda*? *Quem chegou*?);

c) ou para apelar-lhe, em geral, atuando sobre ele (*Dê-me o livro. Não me dê o livro. Volte cedo*.);

d) ou para chamar-lhe a atenção (*Ó Pedro.*);

e) ou para traduzir-lhe os próprios pontos de vista ou sentimentos (*Que prazer*! *Como está frio*!).

Assim, quanto à significação fundamental do enunciado, temos cinco tipos ou classes essenciais deles: *declarativo* ou *enunciativo*, *interrogativo*, *imperativo-exortativo*, *vocativo* e *exclamativo*, dos quais o primeiro corresponde à função representativa – informativa da linguagem, os três seguintes à função apelativa e o último à função expressiva [HC.1, s. v. Frase].

Entre o primeiro e o segundo tipos há maior afinidade do que entre o primeiro e os restantes. Talvez porque o primeiro encerre o aspecto ou papel fundamental da intenção comunicativa da linguagem, é considerado o enunciado típico – base do impulso inicial da especulação gramatical pela lógica grega –, do qual os outros tipos são considerados derivados ou ao qual todos os outros tipos se podem reduzir. Por isso é que a unidade linguística, dentro desta concepção original, recebe o nome de *enunciado*; na tradição gramatical brasileira, *período.*

Oração e frase – Entre os tipos de enunciados há um conhecido pelo nome de *oração* que, pela sua estrutura, representa o objeto mais propício à análise gramatical, por melhor revelar as relações que seus componentes mantêm entre si, sem apelar fundamentalmente para o entorno (situação e outros elementos extralinguísticos) em que se acha inserido. É neste tipo de enunciado chamado *oração* que se alicerça, portanto, a gramática, e será especificamente dela que trataremos a seguir.

Mas antes devemos adiantar que o enunciado também aparece sob forma de *frase*, cuja estrutura interna difere da oração porque não apresenta relação predicativa. São às vezes simples palavras, outras vezes uma reunião delas, que são transpostas à função do enunciado. Em nosso exemplário anterior, constituem *frases* os seguintes enunciados:

Depressa!
Que calor!

Mais adiante trataremos desse tipo de enunciado com mais atenção.

A oração se caracteriza por ter uma palavra fundamental que é o *verbo* (ou sintagma verbal) que reúne, na maioria das vezes, duas unidades significativas entre as quais se estabelece a *relação predicativa* – o *sujeito* e o *predicado*:

Sujeito	*Predicado*
Pedro	estuda.
Pedro	não estuda.

Comparemos agora as seguintes possibilidades:

Eu estudo português às segundas-feiras no horário da manhã.
Eu estudo português às segundas-feiras.
Eu estudo português.
Eu estudo.
Estudo.

Nas possibilidades acima, o único constituinte indispensável foi o verbo *estudo*, o que o faz *núcleo* da oração, enquanto os outros constituintes são adjacentes ao núcleo. Esta adjacência não guarda a mesma relação entre os diversos constituintes da oração, pois a relação entre o sujeito *eu* é mais estreita com o verbo *estudo* que os demais. Mas a relação predicativa pode ser *referida* a um sujeito, como em *Eu estudo*, ou *não referida*, como *Chove*. Por isso, nem mesmo o sujeito é um constituinte imprescindível da oração e, por conseguinte, da relação predicativa, embora a sua presença ao lado do verbo pessoal constitua o tipo mais frequente – diríamos até a estrutura favorita – de oração em português.

Em *Chove*, o verbo flexionado na 3.ª pessoa – marca o sujeito gramatical, isto é, assinalado apenas gramaticalmente, mas temos uma relação predicativa não referida, pois não admite sujeito explícito. Diz-se que o verbo é *impessoal* e a oração é *sem sujeito explícito*. A chamada 3.ª pessoa é a não pessoa, é a não eu nem meu interlocutor, e assim é a forma utilizada para indicar a relação predicativa não referida, isto é, as orações sem sujeito explícito.

Sujeito e predicado – O primeiro grupo natural corretamente identificado exerce uma função sintático-semântica chamada SUJEITO, e o segundo grupo exerce outra função sintático-semântica chamada PREDICADO.

Sujeito	*Predicado*
Os homens	desejam a paz.
Eu	trabalho como professor.
Muitas crianças	viram os pássaros
O bom filho	compreende o esforço dos pais
O sol	é um astro luminoso.

Conhecendo melhor o sujeito: núcleo e determinantes 108 – Chama-se sujeito à unidade ou sintagma nominal que estabelece uma relação predicativa com o núcleo verbal para constituir uma oração. É, na realidade, uma *explicitação léxica* do sujeito gramatical que o núcleo verbal da oração normalmente inclui como morfema número-pessoal. Em:

Eu estudo no colégio e eu e dois irmãos brincamos no clube,

os núcleos verbais das duas orações *estudo* e *brincamos* incluem os morfemas *–o* (*estud-o*) e *–mos* (*brinca-mos*), que indicam os sujeitos gramaticais "1.ª pessoa do singular" e "1.ª pessoa do plural", respectivamente. Estes sujeitos gramaticais, quando necessários ao melhor conhecimento da mensagem veiculada no texto, podem ser explicitados por *formas léxicas* que guardam com os sujeitos gramaticais a relação gramatical de concordância em número e pessoa. Assim é que em *Eu estudo*, *eu*, pronome de 1.ª pessoa do singular, se acomoda à indicação do morfema *–o*, indicador, nos verbos, da 1.ª pessoa do singular no presente do indicativo:

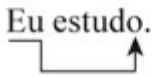

Já em *brincamos*, o sujeito gramatical "1.ª pessoa do plural" está indicado pelo morfema *–mos*. Este sujeito inclui necessariamente a pessoa que fala (eu), mas abre um amplo leque de pessoas que com ela participam do processo indicado pelo lexema *brincar*:

Eu e meu vizinho
Eu e minha colega
Eu e os primos, etc.

Por isso, sente o falante a necessidade de explicitar, de indicar claramente a que pessoas ele quer referir-se:

Eu e dois irmãos brincamos no clube.

Vê-se, então, que não se pode falar, a rigor, de elipse do sujeito, quando aparece apenas o núcleo verbal da oração (*Estudo*, *Brincamos*), já que ele aparece sempre presente na forma verbal flexionada no morfema que representa o sujeito gramatical (1.ª, 2.ª e 3.ª pessoas, do singular ou plural). Trata-se, pelo contrário, da sua expansão ou não, mediante o sujeito explícito, fato que não está mais na exigência da gramática (quando há, é claro, relação predicativa referida, mas do texto, para a transmissão efetiva e clara da mensagem).

Sujeito é uma noção gramatical, e não semântica, isto é, uma referência à realidade designada, como ocorre com as noções de *agente* e *paciente*. Assim, o sujeito não é necessariamente o agente do processo designado pelo núcleo verbal, como se patenteia em:

Machado de Assis escreveu extraordinários romances.

O sujeito pode representar o paciente desse processo:

Extraordinários romances foram escritos por Machado de Assis.

O sujeito, quando explicitado ou claro na oração, está representado – e só pode sê-lo – por uma expressão substantiva exercida por um *substantivo* (*homem*, *criança*, *sol*) ou pronome (*eu*) ou equivalente. Diz-se, portanto, que o núcleo do sujeito é um substantivo ou equivalente. Uma palavra não é substantivo porque pode exercer a função de sujeito; ao contrário, só pode ser sujeito porque é um substantivo ou equivalente.

A característica fundamental do sujeito explícito é estar em consonância com o sujeito gramatical do verbo do predicado, isto é, se adapte (isto é, *concorde*) a seu número, pessoa e gênero (neste caso quando há particípio no predicado):

Eu nasci. *Nós nascemos*. Elas não *eram nascidas*.

O reconhecimento seguinte do sujeito se faz pela sua posição normal à esquerda do predicado, bem como por responder às perguntas *quem*? (aplicado a seres animados), *que*? *o quê*? (aplicado a coisas), feitas antes do verbo.

José escreveu uma bela redação.

Quem escreveu uma bela redação? – *José*

O livro caiu.

Que caiu? – *O livro*.

Muitas vezes a expressão substantiva núcleo do sujeito – ou de qualquer função que tem por núcleo uma expressão substantiva – se faz acompanhar de determinantes que têm por papel expressivo *dizer algo acerca de algo com signos da língua*, isto é, com instrumentos verbais da língua. Assim, para ficarmos só nos limites do grupo natural representado pelo sujeito de enunciados, os determinantes dos núcleos substantivos são: *os* (homens), *muitas* (crianças), *o* e *bom* (filho), *o* (sol).

1) Determinantes, pré-determinantes e pós-determinantes

O exemplo da oração:

O bom filho compreende o esforço dos pais

nos põe diante da possibilidade de estar o núcleo substantivo que funciona como sujeito explícito acompanhado de mais de um determinante (*o* e *bom*). Nestes casos, a língua portuguesa conhece determinantes que podem figurar antes de outro determinante (os pré-determinantes) e os que podem figurar depois de outro determinante (os pós-determinantes).

Os determinantes estão, em geral, representados pelas seguintes classes de palavras: *adjetivo*, *artigo* e *pronome demonstrativo* ou equivalentes de adjetivos (estes veremos mais adiante):

Noites *claras* prenunciam bom tempo.

O livro está esgotado.

Esta manhã prometia chuva.

Na sequência de determinantes, aparecem como pré-determinantes, à esquerda do determinante, as palavras que podem receber globalmente o nome de *Quantificador* (*algum*, *certo*, *vários*, *todo*, *todos*, *qualquer*, *alguns* (*de*), *vários* (*de*), etc.:

Alguns bons momentos são inesquecíveis.

Todos os alunos saíram.

Alguns de nós não foram à festa.

Aparecem como pós-determinantes, isto é, as palavras que ocorrem à direita do determinante e do pré-determinante, o *pronome possessivo* e o *numeral*:

Os *seus* livros não estavam na estante.

Aqueles *dois* erros eram graves.

Vários de *meus* sobrinhos são engenheiros.

Aqueles *dois seus* vizinhos trabalham no comércio.

Antes de passarmos à descrição dos termos sintáticos integrantes da oração em português, precisamos falar de algumas noções que se fazem necessárias a que tal tarefa se realize o mais adequadamente possível. Estas noções dizem respeito *a termos nucleares* e *marginais* e *termos argumentais* e *não argumentais*, *termos opcionais* e *não opcionais*, e, finalmente, *termos integráveis* e *não integráveis*.

2) Termos nucleares e marginais

Numa oração como:

Graciliano falou de temas universais em seus romances,

além de *Graciliano* e *falou*, que são núcleos do sujeito e do predicado, temos os termos *de temas universais* e *em seus romances*, que se dizem *nucleares*, do ponto de vista sintático-semântico, porque estão intimamente referidos à relação predicativa, já que *de temas universais* explicita aquilo de que falam os romances de Graciliano Ramos, enquanto *em seus romances* faz alusão ao tipo de escritos nos quais o autor fala desses temas.

Já em:

Certamente, Graciliano viveu experiências amargas, durante sua vida,

muitas experiências amargas e *durante sua vida* são *nucleares*, porque também estão intimamente ligados, pelas relações sintáticas e semânticas, à função predicativa da oração, que tem por núcleo o verbo *viveu*. Tal não ocorre, porém, com o termo *certamente*, que não está referido nem somente ao sujeito nem somente ao predicado, mas a toda a oração. Esta independência sintática e semântica lhe permite deslocar-se livremente nos limites da oração:

Certamente, Graciliano viveu experiências amargas durante sua vida.
Graciliano, certamente, viveu experiências amargas, durante sua vida.
Graciliano viveu, certamente, experiências amargas durante a sua vida.
Graciliano viveu experiências amargas, certamente, durante a sua vida.
Graciliano viveu experiências amargas durante a sua vida, certamente.

Este termo *certamente*, verdadeiro comentário à parte do narrador, se considera um termo *marginal* da frase, de que nos ocuparemos mais adiante.

3) Termos argumentais e não argumentais – Se os termos nucleares se referem sintática e semanticamente à relação predicativa da oração, eles nem sempre o são no mesmo grau de coesão e de dependência ou subordinação. Assim, na oração:

Graciliano conheceu experiências amargas durante sua vida,

experiências amargas e *durante sua vida*, já o dissemos, são termos nucleares, mas o primeiro (*experiências amargas*) está mais estreitamente ligado ao conteúdo do pensamento designado pelo verbo *conhecer* do que o termo *durante sua vida*. Dizemos, então, que o termo nuclear *experiências amargas* é também um termo *argumental* ou é um *argumento*, porque aparece solicitado ou regido pelo significado lexical referido pelo verbo *conheceu*. Já o termo *durante sua vida* não está condicionado pelas relações sintáticas e semânticas do mesmo verbo; por isso pode não aparecer na referida oração, sem que esta se prejudique na sua estruturação sintático-semântica:

Graciliano conheceu experiências amargas,

o que não se daria, se eliminássemos o termo argumental *experiências amargas*:

* Graciliano conheceu durante sua vida.

Assim, *durante sua vida* é um termo *não argumental*. *Argumental* e *não argumental* distinguem as mesmas características sintáticas e semânticas que a gramática tradicional utiliza para separar os *complementos* ou termos *regidos* ou ainda *integrantes* dos *adjuntos* ou termos *acessórios*.

Além da capacidade de poder ser eliminado da oração, o termo não argumental, pela sua coesão fraca e independência sintático-semântica em relação ao predicado, goza de maior liberdade de colocação na *oração*, marcado com pausa adequada, assinalada quase sempre por sinais de pontuação:

Graciliano conheceu experiências amargas durante sua vida.
Durante sua vida, Graciliano conheceu experiências amargas.
Graciliano conheceu, durante sua vida, experiências amargas.

Esta liberdade, já o vimos, conheceu também o termo marginal *certamente*, do exemplo anterior; só que *durante sua vida* é termo nuclear, e não marginal, porque está referido ao predicado das orações acima. Esta liberdade se deve às características sintáticas e semânticas do verbo *conheceu*.

É oportuno lembrar também que um termo argumental o é por motivação das características sintáticas e semânticas da relação predicativa, e não apenas pelo conteúdo designado. Assim, uma noção de lugar como *no Brasil* pode funcionar como argumental ou complemento na oração (1), e como não argumental na oração (2):

(1) Ele mora *no Brasil.*
(2) Ele trabalha *no Brasil.*

Na oração (1), em condições normais, não se pode prescindir de *no Brasil*:

* Ele mora.

Já na oração (2), o apagamento de *no Brasil* é perfeitamente normal:

Ele trabalha.

4) Termos opcionais e não opcionais – É preciso não confundir termo argumental e não-argumental com termo não-opcional e opcional, respectivamente.

Muitas vezes um termo argumental, isto é, condicionado pelas características sintáticas e semânticas de recção ou regência do termo regente, pode ser dispensado, apagado ou eliminado da oração pelo falante ou porque já foi referido anteriormente e, por isso, é facilmente subentendido pelo ouvinte, ou porque, graças ao conhecimento que temos das coisas e do mundo, a nossa experiência também facilmente entende aquilo de que estamos falando.

Assim é que não se precisa repetir o sujeito *Antônio* junto ao segundo verbo do grupo de orações:

Antônio saiu cedo, mas não gostou da ideia,

que seria

Antônio saiu cedo, mas Antônio não gostou da ideia.

Também em razão do nosso saber sobre as coisas do mundo extralinguístico é que podemos fazer o chamado "emprego absoluto" de vários verbos, desacompanhados de seus argumentos ou complementos, implícitos na ação designada pelo verbo, mas que a nossa experiência recupera. Podemos ser entendidos e a oração "fazer sentido" com enunciados do tipo:

Hoje não *escrevi* [sabe-se que se trata de um texto qualquer]

Enchi o copo [sabe-se que se trata de um líquido, água, suco, etc.]

Não se fazem tais apagamentos se se trata de uma declaração que contrarie a nossa experiência:

Enchi o copo *de areia*.

5) Termos integráveis e não integráveis – Cabe, por fim, distinguir termos *integráveis* e termos *não integráveis*. Chamam-se integráveis aquelas funções sintáticas que podem ser substituídas por pronome pessoal adverbal átono, também chamado *clítico* (do grego *klísis* 'inclinação') pela possibilidade de integrar-se no mesmo grupo acentual da palavra a que se inclina na pronunciação, na curva melódica.

No português, são integráveis os complementos direto e indireto, como veremos ao seu tempo. Bastem-nos estes exemplos:

Li *o livro* – Li-*o*.

Viu *as crianças* – Viu-*as*.

Dei o livro *a Pedro* – Dei-*lhe* o livro.

Escreveram carta *aos primos* – Escreveram-*lhes* cartas.

Termos argumentais podem não ser integráveis: é o que acontece com o complemento relativo. Neste caso, a expressão que substitui esta função está representada por um sintagma prepositivo que repete a mesma preposição seguida dos pronomes *ele*, *ela*, *eles*, *elas* ou *isso*:

Não pensava *nos amigos* / Não pensava *neles*.

Assistimos *ao jogo* / Assistimos *a ele*.

Por outro lado, termos não argumentais podem ser integráveis, como ocorre com o chamado dativo de interesse, que estudaremos mais adiante:

Não *me* mexam nesses papéis!

Conhecendo melhor o predicado: núcleo e determinantes – Já vimos que sujeito e predicado organizam a relação predicativa, relação que constitui oração favorita e normal da língua portuguesa, organização que se traduz por marcas formais, como a concordância de número e pessoa, que estudaremos mais adiante.

O núcleo do predicado está constituído por uma classe de palavra chamada *verbo*; assim é que as orações ditas favoritas não dispensam o verbo, explícito, ou oculto pelas possibilidades da referência discursiva.

O predicado de uma oração pode ser *simples* ou *complexo*, conforme o conteúdo léxico do verbo que lhe serve de núcleo. Há verbos cujo conteúdo léxico é de grande extensão semântica; de modo que, se desejamos expressar determinada realidade, temos de delimitar essa extensão semântica mediante o auxílio de outros signos léxicos adequados à realidade concreta. Estes outros signos léxicos que nos socorrem nessa delimitação da extensão

semântica do verbo, verdadeiros delimitadores semânticos verbais, se chamam *argumentos* ou *complementos verbais*.

Os verbos que necessitam dessa delimitação semântica recebem o nome de *transitivos*:

O porteiro *viu o automóvel.*

Eles *precisam de socorro*.

Os verbos que apresentam significado lexical referente a realidades bem concretas não necessitam de outros signos léxicos, como fazem os que integram predicados complexos. Dizemos, então, que o predicado é *simples*. A tradição gramatical chama *intransitivos* a tais verbos:

Ela não *trabalha*.

José *acordou* cedo.

As crianças *cresceram* rapidamente.

Um mesmo verbo pode ser usado transitiva ou intransitivamente, principalmente quando o processo verbal tem aplicação muito vaga:

Eles *comeram* maçãs (transitivo).

Eles não *comeram* (intransitivo).

Esta particularidade só é possível quando a extensão significativa do verbo aponta para um termo geral (arquilexema) que englobe a natureza de todos os signos léxicos que naturalmente apareceriam à direita do verbo:

Eles *bebem* pouco (algo líquido: *água*, *refrigerante*, *suco*, etc.).

O aluno não *escreveu* (um texto: *bilhete*, *carta*, *oração*, etc.).

E é justamente por isso que não se podem usar intransitivamente, a não ser que os entornos venham em socorro da perfeita compreensão da mensagem, predicados do tipo:

Ele ofereceu

Nós reparamos,

já que o signo lexical do complemento não pode ser preenchido por um signo léxico abrangente, um arquilexema, como ocorreu nos exemplos anteriores.

Certos verbos normalmente transitivos, quando empregados intransitivamente, podem adquirir especial matiz semântico:

Ele não *vê* / 'não enxerga', 'é cego'

Já não *bebe* / 'abandonou o alcoolismo'

Ainda não *lê* / 'é analfabeto'

Por tudo isto, conclui-se que a oposição entre transitivo e intransitivo não é absoluta, e mais pertence ao léxico do que à gramática.

1) Os tipos de argumentos determinantes do predicado complexo

a) O complemento direto ou objeto direto – O predicado complexo acompanha-se de tipos diferentes de argumentos, conhecidos por *complementos verbais*.

O primeiro deles é o *complemento direto*, também chamado *objeto direto*, representado por um signo léxico de natureza substantiva (substantivo ou pronome) não introduzido por preposição necessária:

Os vizinhos não viram *o incêndio*.

Não encontramos *os responsáveis*.

O pai comprou *nova casa*.

Constituído, como o sujeito, por expressão substantiva não marcado por um índice funcional (a preposição, neste caso), o complemento direto se distingue do sujeito por vir à direita do verbo (o sujeito vem normalmente à esquerda) e não influir na flexão deste. Assim, a troca de posição destes dois termos na oração está circunscrita aos casos em que dela não resulte ambiguidade ou ruído de comunicação, principalmente no texto escrito. No texto oral, são as pausas e a entonação elementos decisivos para que a oração respeite a intenção comunicativa do falante, sem deixar de haver também, é evidente, a contribuição dos entornos:

José viu o irmão não é a mesma coisa que *O irmão viu José*. Mas já em *José viu os irmãos* e *Os irmãos viu José*, a flexão do verbo no singular patenteia que o sujeito, nas duas orações, só pode ser *José*.

A identificação deste tipo de complemento se faz, além da não presença de preposição necessária, mediante as seguintes estratégias:

a) a comutação do complemento direto pelos pronomes pessoais *o*, *a*, *os*, *as*, marcados formalmente com o gênero e o número do termo comutado:

Os vizinhos não viram *o incêndio* / ... não *o* viram
Não encontramos *os responsáveis* / ... não *os* encontramos
O pai comprou *nova casa* / ... *a* comprou

b) a passagem da oração na chamada voz ativa para a oração de voz passiva, mediante a qual o sujeito da ativa se transforma em agente da passiva introduzido pela preposição *por* (na combinação *per*), enquanto o complemento direto da ativa passa a sujeito da passiva:

Os vizinhos não viram *o incêndio* / *O incêndio* não foi visto *pelos vizinhos*.
Não encontramos *os responsáveis* / *Os responsáveis* não foram encontrados *por nós*.
O pai comprou *nova casa* / *Nova casa* foi comprada *pelo pai*.

c) a substituição do complemento direto pelos pronomes interrogativos *quem?* [é que] (para pessoas) e [o] *que* [é que]*?* antes da sequência sujeito + verbo, ou antes dos verbos *fazer* ou *acontecer*:

O caçador viu *o companheiro*.
Quem é que o caçador viu? – *o companheiro* (complemento direto)
O caçador viu *o lobo*.
Que é que o caçador viu? – *o lobo* (complemento direto)

d) finalmente, a transposição (topicalização) do complemento direto para a esquerda do verbo, operação que permite a presença de um pronome pessoal objetivo no local vizinho ao verbo onde deveria estar o complemento direto:

O caçador viu *o lobo* / *O lobo*, o caçador *o* viu

Nenhuma dessas estratégias por si só é operação infalível na identificação do complemento

direto; devemos, portanto, utilizar mais de uma estratégia, porque:

a) nem todo predicado complexo de oração de voz ativa admite a passagem à oração de voz passiva; ocorre o fato com certos verbos, como os seguintes [AB.1]:

*Eu quis o livro → *O livro foi querido por mim.*
*Cremos isso → *Isso é crido por nós.*
*O aluno tem o livro → *O livro é tido pelo aluno.*
*Os refugiados perderam tudo → *Tudo foi perdido pelos refugiados.*
*O atleta pesava 60 quilos → *60 quilos eram pesados pelo atleta.*

b) por outro lado, certos predicados complexos delimitados por signo léxico não constituído com complemento direto também admitem a transformação de oração de voz ativa em oração de voz passiva:

Assistimos à missa → A missa foi assistida por nós.
O proprietário pagou aos operários → Os operários foram pagos pelo proprietário.
O diretor perdoará aos alunos → Os alunos serão perdoados pelo diretor.
Os cidadãos obedecem à lei → A lei é obedecida pelos cidadãos.
Todos responderam ao anúncio → O anúncio foi respondido por todos.
Apelaram da sentença → A sentença foi apelada.
Não aludiram a essas razões → Essas razões não foram aludidas.

c) não são naturais, embora gramaticalmente possíveis, as perguntas com *quem*?, *que*? nas frases cujos predicados complexos contêm verbos que significam medida, peso, preço e tempo:

O corredor mede cinco metros.
O atleta pesa sessenta quilos.
O novo carro custou trinta mil reais.
O filme durou três horas.

d) também não são frequentes, embora gramaticalmente possíveis, as pronominalizações com os verbos da natureza semântica referida no item anterior:

O corredor mede-os.
O atleta pesa-os.
O novo carro custou-os.
O filme durou-as.

b) Objeto direto preposicionado – Não raro o objeto aparece iniciado por preposição:

Amar a Deus sobre todas as coisas.

A preposição quase sempre aparece para evidenciar o contraste entre o sujeito e o complemento, não se confundindo com o caso do posvérbio, porque este repercute na significação do verbo. Ocorre o objeto direto preposicionado nos seguintes casos principais:

a) quando se trata de pronome oblíquo tônico (uso hoje obrigatório):

"Nem ele entende *a nós*, nem nós *a ele"* [LC.1, V, 28].

b) quando, principalmente nos verbos que exprimem sentimentos ou manifestações de sentimento, se deseja encarecer a pessoa ou ser personificado a quem a ação verbal se

dirige ou favorece:

Amar *a Deus* sobre todas as coisas.

Consolou *aos amigos*.

c) quando se deseja evitar confusão de sentido, principalmente quando ocorre:

1) *inversão* (o objeto direto vem antes do sujeito):

A Abel matou Caim.

2) *comparação*:

"Isto causou estranheza e cuidados ao amorável Sarmento, que prezava Calisto como *a filho*" [CBr.1, 80].

OBSERVAÇÃO: Sem preposição poder-se-ia interpretar *filho* como sujeito: *como filho preza*; todavia, o uso da preposição neste caso não é gramaticalmente obrigatório.

d) na expressão de reciprocidade: *um ao outro*, *uns aos outros*:

Conhecem-se *uns aos outros*.

e) com o pronome relativo *quem*:

Conheci a pessoa *a quem* admiras.

f) nas construções paralelas com pronomes oblíquos (átonos ou tônicos) do tipo:

"Mas engana-se contando com os falsos que nos cercam. Conheço-os, e *aos leais*" [AH.3, 102].

g) nas construções de objeto direto pleonástico, sem que constitua norma obrigatória:

"Ao ingrato, ou não o sirvo, porque (para que) me não magoe" [RLb.2, 278].

c) A preposição como posvérbio – Muitas vezes aparece depois de certos verbos uma preposição que mais serve para lhes acrescentar um novo matiz de sentido do que reger o complemento desses mesmos verbos:

Arrancar a espada.

Arrancar da espada (acentua a ideia de uso do objeto e a retirada total da bainha ou cinta).

Cumprir o dever.

Cumprir com o dever (acentua a ideia de zelo ou boa vontade para executar algo).

Fiz que ele visse.

Fiz com que ele visse (acentua a ideia do esforço ou dedicação empregada).

A preposição que se emprega nestes casos deu-lhe o Prof. Antenor Nascentes o nome de *posvérbio* [AN.2, 17].

d) O complemento relativo – O predicado complexo também pode conter verbo cujo conteúdo léxico é de grande extensão semântica, que exige outro tipo de signo léxico que delimite e especifique a experiência comunicada, à semelhança do que vimos com o complemento direto. A diferença é que neste segundo caso o determinante do predicado complexo vem introduzido por preposição; a tal termo preposicionado chamamos *complemento relativo* [RL.1, 251]:

Todos nós *gostamos de cinema*.

O marido não *concordou com a mulher*.

Poucos *assistiram ao concerto*.

O comerciante não *confiou no empregado*.

A preposição que introduz o complemento relativo constitui uma extensão do signo léxico verbal como parece indicar o fato de que cada verbo se acompanha de sua própria preposição, por servidão gramatical.

A escolha de qual preposição deva introduzir este complemento relativo depende da norma estabelecida pela tradição, tradição que pode permitir, às vezes, o emprego variado e indiferente de mais de uma preposição:

Ela se parece *ao* pai Ela se parece *com* o pai.

Há, todavia, certos usos gramaticalmente previsíveis, como a frequente identidade do prefixo e da preposição (*depender de*, *concorrer com*, *agregar a*, por exemplo), ou a preferência relativa da preposição *de* depois de verbos pronominais (*arrepender-se de*, *queixar-se de*, *lembrar-se de*, *condoer-se de*, por exemplo), o que não deixa de ser aspectos da historicidade da norma.

A identidade, como termos funcionais argumentais do predicado complexo, entre o complemento direto e o complemento relativo justifica a quase nula frequência de coexistirem os dois termos no mesmo predicado, e nenhuma na coordenação deles:

O vizinho disse *mentiras do primo*.

O comerciante encheu *o copo de vinho*.

A jovem pôs *os livros na estante*.

Por outro lado, essa identidade funcional explica a possibilidade de, para muitos verbos, alternar a construção do complemento direto com o complemento relativo e até a norma admite indiferentemente qualquer dos dois complementos:

Ajudar a missa	*Ajudar à missa*
Atender o telefone	*Atender ao telefone*
Assistir os carentes	*Assistir aos carentes*
Chamar românicas essas línguas	*Chamar românicas a essas línguas*
Presidir a sessão	*Presidir à sessão*
Satisfazer o pedido	*Satisfazer ao pedido*

No decurso do tempo e nas variedades linguísticas (diatópicas, diastráticas e diafásicas é muito documentada essa mudança entre o complemento direto e o complemento relativo; assim, já se usaram como complemento relativo (o que hoje se fixou como complemento direto) os verbos *socorrer*, *contentar* e muitos outros.

O signo léxico que representa o complemento relativo é comutável pelos pronomes pessoais tônicos *ele*, *ela*, *eles*, *elas*, introduzidos pela respectiva preposição, marcando o gênero e o número da expressão substantiva comutada:

Todos gostam *do ator*. Todos gostam *dele*.

Os turistas assistiram *à opera*. Os turistas assistiram *a ela*.

O comerciante não confiou *nos empregados*. O negociante não confiou *neles*.

Porque delimitam a extensão semântica do signo léxico do predicado complexo, incluem-se como complemento relativo os argumentos dos verbos ditos locativos, situativos e direcionais, o que permite sua comutação com advérbios de equivalência semântica:

Seus parentes moram *no Rio*. / Seus parentes moram *aqui*.

O artista já não vive *em São Paulo*. / O artista já não vive *lá*.

Iremos *a Petrópolis*. / Iremos *aí* (*ali*).

Ela chegou *do Ceará*. / Ela chegou *de lá*.

OBSERVAÇÃO: Não há unanimidade entre os estudiosos em considerar tais argumentos do predicado complexo como complementos relativos. Levando em conta exclusivamente o aspecto semântico, muitos preferem considerar tais termos como adjuntos circunstanciais ou adverbiais, que estudaremos mais adiante. Pelas mesmas razões, também não é unânime a identificação como objeto direto argumentos do predicado complexo que têm por núcleo verbos que significam medida, peso, preço e tempo. A verdade é que significados gramaticais ["agente", "paciente", "locativo", "direção", etc.] se manifestam mediante esquemas sintáticos muito variados. Repare-se que, numa oração como *O policial acompanhou o idoso ao banco na hora do tumulto*, o termo indicativo do lugar (*ao banco*) é inerente ao predicado, e, portanto, não pode ser dispensado, como ocorre com *na hora do tumulto* [E. Paiva, 71 e ss.]

e) O complemento objeto indireto – Integrada a delimitação da amplitude semântica do predicado complexo mediante um signo léxico (*complemento direto* ou *complemento relativo*), pode aparecer um outro signo léxico, subsidiário desse conjunto da função predicativa, que denota geralmente relação a um ser animado, introduzido pela preposição *a* e que se refere à pessoa destinada ou beneficiada pela experiência comunicada no primeiro momento da intenção comunicativa do predicado complexo (verbo + argumento):

O diretor *escreveu cartas AOS PAIS*.

Os vizinhos *se queixaram* do *barulho À POLÍCIA*.

Este novo argumento do predicado complexo se chama *complemento* ou *objeto indireto* [HB.1, 261] e apresenta as seguintes características formais e semânticas: a) é introduzido apenas pela preposição *a* (raramento *para*); b) o signo léxico denota um ser animado ou concebido como tal; c) expressa o significado gramatical "beneficiário", "destinatário"; d) é comutável pelo pronome pessoal objetivo *lhe* / *lhes*, que leva a marca de número do signo léxico referido, mas não a de gênero, como ocorre no caso dos pronomes pessoais que comutam o signo léxico correspondente ao complemento direto (*o*, *a*, *os*, *as*) ou ao complemento relativo (prep. + *ele*, *ela*, *eles*, *elas*).

Enviaram o presente *à aniversariante*. / Enviaram-*lhe* o presente.

O diretor escreveu cartas *aos pais*. / O diretor escreveu-*lhes* cartas.

Acrescente-se ainda a possibilidade de poder esse pronome duplicar o complemento indireto na mesma oração, sem que este termo esteja obrigado a topicalizar-se, isto é, a aparecer antecipado na oração:

Sempre *lhe* dei *ao aluno* muita atenção.

Ao aluno sempre *lhe* dei muita atenção.

Assim, o complemento indireto é um termo que se distancia mais da delimitação semântica do predicado complexo e parece melhor um elemento adicional da intenção comunicativa que fica, no esquema sintático, a meio caminho entre os verdadeiros complementos verbais e os adjuntos circunstanciais.

Os estudiosos têm encontrado dificuldade em estabelecer um rigoroso critério de identificação do complemento indireto, preferindo servir-se concomitantemente de critérios

léxicos, formais e sintáticos.

A integração da relação predicativa se faz *imediatamente* com o complemento direto e relativo, e só *mediatamente* com o complemento indireto. Tanto é assim que em condições normais (isto é, quando não se trate de evidente elipse ou de auxílio de entorno, não se pode eliminar o complemento direto ou complemento relativo, mas é possível não anunciar o complemento indireto:

Vi o acidente	*Vi
Preciso do auxílio	*Preciso

mas:

Escrevi cartas aos pais	Escrevi cartas
Queixou-se da turma ao diretor	Queixou-se da turma

Embora o complemento ou objeto indireto integre o conjunto *verbo + complemento direto* ou *complemento relativo*, as circunstâncias do discurso (os entornos, a referência anterior ou seguinte no discurso) permitem que se omita o complemento direto ou complemento relativo, permanecendo na oração apenas o indireto, ou se pode omiti-lo, deixando apenas um daqueles complementos:

O diretor escreveu *aos pais*. O diretor escreveu *cartas*.

Os vizinhos se queixaram *à polícia*. Os vizinhos se queixaram *do barulho*.

f) Objeto indireto e adjuntos com *para* – Cabe insistir que a preposição que introduz o complemento indireto é *a*; muitas vezes, parece que, nesta função, se acha a preposição *para*, já que *a* e *para* se alternam em muitos esquemas sintáticos, mas não quando se trata do complemento indireto, o que só raramente acontece:

Alguns alunos compraram flores *para a professora*.

Se prestarmos atenção, *para a professora* do exemplo não introduz o termo que funcionaria como complemento indireto, e a prova disto está na possibilidade, na referida oração, de aparecer um complemento indireto:

Alguns alunos compraram flores *ao florista* para a professora.

Note-se que se *ao florista* e *para a professora* exercessem a mesma função de complemento indireto, deveriam aparecer coordenados mediante a conjunção *e*, como ocorre com todos os termos de igual valor gramatical. Não seria possível construir a seguinte oração:

Alguns alunos compraram flores *ao florista e para a professora*.

Diante de uma oração como a nossa

Alguns alunos compraram flores *ao florista para a professora*,

a pronominalização só pode ser comutada com o objeto indireto *ao florista*:

Alguns alunos compraram-lhe flores para a professora.

mas não:

*Alguns alunos compraram-lhe ao florista.

g) Construção especial com objeto indireto – Um pequeno número de verbos contraria o princípio geral que aqui adotamos, segundo o qual o objeto indireto integra a função predicativa exercida por *verbo* + *argumento* (objeto direto ou complemento relativo).

A notícia não agradou *ao povo*.

A notícia não *lhe* agradou.

Ocorre esta construção com verbos como *agradar*, *desagradar*, *pertencer*, *ocorrer*, *acontecer*, *saber* (= sentir sabor), *cheirar* (= sentir o cheiro), *interessar*, *aparecer*, *sorrir* (= aparecer favoravelmente).

O imóvel pertence *aos herdeiros* (pertence-*lhes*).

Esses fatos *lhe* aconteceram repentinamente.

Isto não *lhe* sabe bem.

O café *lhe* cheira bem.

Apareceram-lhe uns ruídos estranhos.

A sorte *lhe* sorriu nesta semana.

h) Os chamados "dativos livres" – Os objetos indiretos vistos nesta seção são argumentos sintático-semânticos extensivos da função predicativa do conteúdo comunicado nas respectivas orações.

Todavia, remanescentes de construções, algumas das quais da sintaxe latina, aparecem sob forma de objeto indireto, nominal ou pronominal, alguns termos que não estão direta ou indiretamente ligados à esfera do predicado: são os chamados *dativos livres*, representados pelos seguintes tipos:

a) *dativo de interesse* (*dativus commodi et incommodi*) – é aquele mediante o qual se indica de maneira secundária a quem aproveita ou prejudica a ação verbal:

Ele só trabalha *para os seus*.

Ele ligou-*me* amavelmente a luz [MV.2, 123].

Este dativo fica muito próximo da circunstância de fim ou proveito (beneficiário).

b) *dativo ético* – é uma variedade do anterior, muito comum da linguagem da conversação, e representa aquele pelo qual o falante tenta captar a benevolência do seu interlocutor na execução de um desejo:

Não *me* reprovem estas ideias!

Não *me* mexam nos papéis!

Ele sempre *te* saiu um grande mentiroso.

Não *me* enviem cartões a essas pessoas.

Repare-se que, neste último exemplo, o verbo se acompanha de complemento direto (*cartões*) e indireto (*a essas pessoas*), enquanto o pronome *me*, fora da esfera da transitividade verbal, denuncia o meu interesse de que a tais pessoas não sejam enviados cartões.

c) *dativo de posse* – exprimem o possuidor:

O médico tomou o pulso *ao* doente (tomou-*lhe* o pulso).

Doem-*me* as costas.

O vaso partiu-se-*me* [MV].

d) *dativo de opinião* – exprime a opinião de uma pessoa:

Para ele a vida deve ser intensamente vivida.

Para nós ela é a culpada.

A alguns destes dativos o velho e grande filólogo venezuelano Andres Bello chamava *dativos supérfluos*.

Isto evidencia que os pronomes adverbiais átonos, especialmente o caso do *lhe* como símbolo formal do objeto indireto, cobrem outras funções além daquela de complementação verbal.

i) O complemento predicativo – Um grupo reduzido de verbos integra o predicado complexo acompanhado de outro tipo de argumento verbal conhecido pelo nome de *complemento predicativo* ou tão somente *predicativo*. Estes verbos se caracterizam por uma referência tão vaga à realidade comunicada, que fazem do predicativo um argumento, pelo aspecto semântico, muito mais intrinsecamente relacionado com o verbo do que os demais integrantes do predicado complexo (os complementos direto, relativo e indireto) e portador de referência a traços essenciais do sujeito.

Esta pequena lista de verbos inclui *ser*, *estar*, *ficar*, *permanecer*, *parecer* e poucos outros, que aparecem matizados semanticamente pelo signo léxico que funciona como predicativo:

O trabalho *é* proveitoso.

Janete *é* minha irmã.

As alegrias *eram* passageiras.

O céu *está* azulado.

Os argumentos *permaneceram* incompletos.

A situação *parecia* resolvida.

Esses livros não *são* seus.

Se atentarmos para o aspecto formal, tirante o fenômeno da concordância do predicativo com o sujeito, verificaremos que há pontos de contato entre este predicativo e o complemento direto: a) ambos matizam a extensão semântica do verbo, funcionando como seu delimitante; b) aparecem normal e imediatamente (sem preposição) à direita do verbo; c) são comutados por pronome átono, ainda que de maneira diferente, quando o verbo é *ser*, *estar*, *ficar*, *parecer*; d) e, finalmente, porque muitas das construções oracionais com predicativo são equivalentes na designação, isto é, na referência à realidade comunicada, são equivalentes a orações com verbos que exprimem ação e processo, especialmente se o verbo está no presente: *Pedro é cantor* / *Pedro canta*; *O colega está irritado* / *O colega irrita-se.*

Tais aproximações levaram alguns estudiosos a considerar que, em orações do tipo, *Ele é meu irmão*, *meu irmão* poderia identificar-se com o *complemento direto*; outros, adotando a distinção, insistiam em juntar essas duas como variantes funcionais duma só função.

A primeira particularidade formal que distingue o predicativo dos demais argumentos verbais é a concordância (quando representada por adjetivo e alguns pronomes) em gênero e número com o sujeito da oração, conforme demonstram os exemplos acima.

A segunda particularidade é a possibilidade de comutação do predicativo pelo pronome invariável *o*, qualquer que seja o gênero e o número do núcleo do predicativo que substitui, quando o verbo é *ser*, *estar*, *ficar* e *parecer*:[109]

O trabalho é *proveitoso*. → O trabalho *o* é.

As alegrias eram *passageiras*. → As alegrias *o* eram.

Janete é *minha irmã* → Janete *o* é.

Mas:

A professora continua *doente* → * A professora *o* continua.

A terceira particularidade é a impossibilidade de ser a oração com tais verbos construída na voz passiva, como ocorre com a que tem complemento direto.

A quarta particularidade é a incompatibilidade de aparecer com o seu representante invariável *o* na mesma oração:

Filipe é *simpático*. Filipe *o* é. *Filipe *o* é *simpático*

2) Vale a pena distinguir predicado verbal e predicado nominal? – Tal esvaziamento do signo léxico representado por esses verbos, esvaziamento que se supre com o auxílio de um nome (substantivo ou adjetivo), e a particularidade de concordar o predicativo em gênero e número com o sujeito levaram a uma distinção entre predicado *verbal* (*Pedro canta*) e predicado *nominal* (*Pedro é cantor*, *Maria é professora*), o que implicava retirar de tais verbos o *status* de verbo, – pois sua missão gramatical se restringiria a "ligar" (daí os nomes de *copulativos*, *de ligação* ou *relacionais* que se lhes atribuíam) o predicativo ao sujeito. A realidade comunicada residiria no nome predicativo e o verbo seria apenas o marcador do tempo, modo e aspecto da oração. Ora, do ponto de vista funcional e formal, tais verbos apresentam todas as condições necessárias à classe dos verbos, incluindo-se aí os morfemas de gênero, número, pessoa, tempo e modo; daí acompanharmos neste livro os linguistas e gramáticos que defendem a não distinção entre o *predicado verbal* e o *predicado nominal*, incluindo também a desnecessidade de distinguir o *predicado verbo-nominal* [EBv.1, cap. 13 e 16]. Toda relação predicativa que se estabelece na oração tem por núcleo um verbo.

Como o signo linguístico que aparece na função de predicativo costuma ser um nome – substantivo ou adjetivo –, a tradição gramatical passou a designar *nominal* a esse tipo de predicado complexo, para diferi-lo dos outros chamados *verbais*. Além da sem razão dessa diferença, conforme acabamos de ver, cabe lembrar que funcionam como predicativo outras classes de palavras, inclusive advérbios.

João é meu *irmão*.
O sol está *quente*.
Os argumentos continuam os *mesmos*.
Ela mais parece uma *Maria vai com as outras*.
Os vizinhos estão *bem*.
Os jovens são *assim*.
O primo é *dos nossos*.
A mesa parece *de madeira*.
Nós somos *do Norte*.
As provas parecem *de boas fontes*.
Está *tarde*.
O compromisso está *de pé*.
Ela estava *que estava*.

Observações:

1.ª) Levada pela equivalência do conteúdo do pensamento designado com orações declarativas que têm por núcleo os verbos *ser*, *estar* ou outro adequado à intenção comunicativa, a tradição tem considerado que há elipse de um de tais verbos em

enunciados como os seguintes, comuns em provérbios, refrãos, clichês do discurso repetido, isto é, de fórmulas fossilizadas da língua ou a elas assimiladas:

Tal pai, tal filho.

Casa de ferreiro, espeto de pau.

Povo educado povo limpo.

Na realidade, trata-se de exemplos de frases de estrutura bimembre, de que falaremos mais adiante, em que não há necessidade de se apelar para elipse.

2.ª) Conforme já vimos, um mesmo verbo pode ser usado de maneira diferente, conforme a realidade comunicada; vejamos, por exemplo, o verbo *virar*:

O tempo virou (usado num predicado simples, intransitivamente).

O vento virou o barco (usado num predicado complexo, com o argumento complemento direto *o barco*).

O vizinho virou fera (usado num predicado complexo, com o argumento predicativo *fera*).

3) A posição do predicativo – A construção básica da oração apresenta o predicativo à direita do verbo: *Meu amigo é inteligente*. Mas pode apresentar uma construção derivada em que o predicativo se antecipa e aparece antes do sujeito. Se o predicativo é representado por adjetivo, não há dificuldade em identificá-lo como tal: *Inteligente é meu amigo*, em que inteligente, apesar de colocar-se antes do sujeito *meu amigo* continua a exercer a função de predicativo. Todavia, a dificuldade pode surgir, se o sujeito e o predicativo estão representados por dois substantivos ou um substantivo e um pronome:

O meu amigo é o padrinho. / O padrinho é o meu amigo.

Eu sou o padrinho. / O padrinho sou eu.

João é o padrinho. / O padrinho é João.

Pelo expediente da comutação podemos com facilidade assinalar a correta classificação, já que vimos que o predicativo é, nesses casos, comutável com o pronome invariável *o*; quando não se trata do verdadeiro predicativo, a comutação não se mostra natural:

O meu amigo é o padrinho → O meu amigo o é.

*O padrinho é o meu amigo → *O padrinho o é.*

Eu sou o padrinho → Eu o sou.

*O padrinho sou eu → *O padrinho o sou.*

João é o padrinho → João o é.

*O padrinho é João → *O padrinho o é.*

É justamente pela comutação que no exemplo *Seu orgulho eram os velhinhos* ficamos sabendo que houve apenas inversão do predicativo: Os velhinhos *o* eram / *Seu orgulho *o* era.

Tiramos, assim, duas conclusões importantes para a sintaxe:

a) *Seu orgulho eram os velhinhos* é uma construção derivada da construção básica *Os velhinhos eram seu orgulho*;

b) em *Seu orgulho eram os velhinhos* o verbo concorda com seu verdadeiro *sujeito* (*os velhinhos*), e não com o predicativo (*seu orgulho*) [VK.1, 438].

Ainda a comutação vem pôr luz a um falso problema de classificação sintática de *dez horas* na oração de função predicativa não referida (a oração não tem sujeito): *São dez horas*.

A classificação corrente é atribuir a *dez horas* a função de predicativo. Como o verbo é impessoal e está, por concordância atrativa, no plural, tem-se-lhe proposto a função de sujeito. Ora, a comutação nos mostra ser a classificação como predicativo a única possível:

*São dez horas? – São-**no**.*

Jamais o sentimento linguístico do falante aceitaria como normal:

São dez horas? – ***Elas** são*,

como seria, se o sujeito fosse *dez horas*.

4) Outro tipo de predicativo: *anexo predicativo* – Esse determinante predicativo não se restringe à referência ao sujeito, em orações com o concurso de verbos como *ser*, *estar*, *ficar*, etc. Pode aparecer em predicados simples e complexos, com o concurso de verbos outros de ação ou processo, referidos ao sujeito, ao complemento direto, ao complemento relativo e ao complemento indireto (talvez restrito ao verbo *chamar* 'dar nome'):

Ele estudou *atento*. Ela estudou *atenta* (predicativo do sujeito).

Os trens chegaram *atrasados* (predicativo do sujeito).

O auditório ouviu os conferencistas *atento* (predicativo do sujeito).

A polícia encontrou a porta *arrombada* (predicativo do complemento direto).

Definiu-se o caso como *impossível* (predicativo do sujeito) [ABo.1, 71].

Tratou-se da questão como *insolúvel*. (predicativo do complemento relativo).

Nós lhe chamávamos *doutor* (predicativo do complemento indireto).

Não é raro vir o predicativo precedido de preposição ou palavra equivalente:

Tachou-o *de louco*.

A maioria tinha o réu *por* (ou *como*) *inocente*.

"Jesus, pareces desenterrado! exclamou assustadíssima a pobre mulher, vendo-o *pálido e de olheiras* cavadas e negras" (AFg, 118).

Com o verbo *chamar* podemos dizer:

Chamaram-no *tolo* / *de tolo*.

Chamaram-lhe *tolo* / *de tolo*.

Acompanham-se de predicativo do complemento direto os verbos:

a) que significam 'chamar' e 'ter na conta de': *chamar*, *considerar*, *reputar*, *julgar*, *supor*, *declarar*, *intitular*, *crer*, *estimar*, *ter* e *haver por*, *dar* e *tomar por*, etc.;

b) *deixar*, *ver*, *ouvir*, *encontrar*, em construções do tipo:

Viu-o *vivo e forte*.

Deixei-o *de cama* e encontrei-o *sarado*.

Pode o predicativo que exprime resultado ou consequência do processo verbal, indicar a situação anterior e a que resulta da mudança:

O secretário passou José *de auxiliar a chefe*.

À semelhança do predicativo em predicado complexo com *ser*, *estar*, etc., esse argumento concorda em gênero e número com o núcleo referido, e por isso tem merecido em muitos autores a classificação de *predicativo*; todavia há entre os dois predicativos diferenças:

a) é normalmente representado por um adjetivo, enquanto o outro tipo de predicativo pode vir expresso por adjetivo, substantivo, pronome, advérbio, etc.;

b) este último determinante apresenta-se numa relação semântica intermédia, entre a realidade comunicada pelo verbo e uma qualificação ao signo lexical núcleo do sujeito ou do complemento verbal;

c) por essa maior frouxidão relacional com o verbo, pode ser suprimido sem provocar uma construção agramatical:

Ele é estudioso / **Ele é*; *Ele estudou atento* / *Ele estudou*; *O auditório ouviu os conferencistas atento* / *O auditório ouviu os conferencistas*;

d) ao contrário dos outros predicativos, esse determinante não pode ser comutado pelo pronome invariável *o*, mas por um advérbio como *assim*:

Ele estudou atento / Ele estudou *assim.* / Ela estudou *assim.*

A polícia encontrou a porta arrombada. / A polícia encontrou a porta *assim.*

e) essa relação com uma palavra de natureza adverbial (*assim*), permite a substituição do adjetivo por advérbio, resultando daí orações equivalentes na designação:

Ele estudou atento / Ele estudou atentamente; O auditório ouviu os conferencistas atento / O auditório ouviu os conferencistas atentamente.

Tais diferenças levaram alguns autores a dar outra classificação a predicativos dessa natureza; Said Ali chamou-lhes *anexo predicativo*, e cremos que, se houver necessidade de dar nomes diferentes a tais predicativos, a expressão pode ser utilizada. As propostas *predicativo atributivo* ou *atributo predicativo* também correm em bons autores [AK.1, 83; SL.1, 46-47].

Pode-se variar a construção em que entra esse segundo tipo de predicativo transpondo-o para junto do termo referido, caso em que se profere com breve pausa ou com pausa mais longa; neste último caso, usa-se vírgula na língua escrita:

Os rios corriam sonorosos.

Os rios sonorosos corriam.

Sonorosos corriam os rios.

Os rios, sonorosos, corriam.

OBSERVAÇÃO: No exemplo *Os rios sonorosos corriam* podemos ver em *sonorosos* tanto um adjunto adnominal de *rios* como um predicativo do sujeito. A intenção comunicativa do falante ou escritor, quando possível, dependerá do sentido textual que será resgatado mediante a gramática do texto ou análise gramatical. Para o responsável pelo conteúdo do pensamento designado não há essa ambiguidade, porque, como diz Coseriu, "os falantes intuem e conhecem determinadas relações entre paradigmas diversos de sua língua" [ECs.1, 254].

Dentro desta função do predicativo podemos incluir o determinante que denota o "tempo, hipótese, concessão, causa, comparação, ou debaixo de que respeito é considerada a pessoa ou cousa", na época referida pela relação predicativa [ED.2, 45,b]:

'Stamos em pleno mar... Doudo no espaço.

Brinca o luar – *dourada borboleta* [CAv.1, 92].

(isto é, "como dourada borboleta)

"*Rainha* esquece o que sofreu *vassala*" [BBo].

(isto é, "como rainha esquece o que sofreu quando vassala")

Também esses predicativos podem vir introduzidos por preposição ou advérbio, ou palavras em função equivalente:

Em rapaz dizia verdades que *quando velho* silenciou.

Audaz D. *Quixote* ele entrou na discussão.

Quando Presidente esqueceu-se das promessas *como candidato*.

Os exemplos acima podem ser reescritos sem os instrumentos verbais introdutórios, quando esses predicativos à moda latina emprestam ao enunciado certa energia e elegância. Neste caso são marcados por pausa, ainda que breve; no exemplo acima de Castro Alves, a pausa é indicada graficamente pelo travessão, enquanto no de Bocage não há sinal de pontuação, ainda que a pausa exista para que *rainha* não seja proferido com a linha melódica igual à que o marcaria como sujeito de *esquece*. O seguinte exemplo de Eça de Queirós é bom testemunho

desse tipo de predicativo marcado por pausa, para distingui-lo do adjetivo com função de adjunto adnominal; observe que a pausa, marcada por vírgula, é decisiva para tal distinção:

> Mas os meses passaram, naquela vida de uma regularidade triste de pêndulo, entre a casa e a farmácia e o grosso livro encadernado, onde ele devia copiar os *Esmaltes e Jóias*, permanecia ainda quase todo branco. Lá estavam os três poemas que o *Pensamento* acolhera: *Ofélia, A ti* – que era a Aninhas Serrana, *amada* – e *Mulher de Mármore* – que era a Aninhas Serrana, *odiada*! [EQ.1, 53-54]

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Levados pela equivalência designativa, alguns autores preferem considerar como se fossem orações abreviadas sem verbo explícito os predicativos introduzidos por *como*, *quando*, *porque*, por considerá-los, nestes casos, conjunções subordinativas:

Quando Presidente → Quando era Presidente...

2.ª)Exemplos como o já citado

Os rios, sonorosos, corriam,

aproximam formalmente este tipo de anexo predicativo.

5) O infinitivo e o gerúndio como predicativo 110 – Já tivemos oportunidade de ver que o infinitivo, como forma nominal do verbo, funciona também como substantivo: *Querer é poder*. *Escrever é um ato de cultura*.

Em *Convém prestar atenção aos conselhos*, *prestar atenção aos conselhos* (em que o infinitivo é núcleo de um predicado complexo, com objeto direto [*atenção*] e indireto [*aos conselhos*]) funciona unitariamente como sujeito explícito do núcleo *convém*.

Em *Vejo abrir a porta*, o infinitivo com seu objeto direto (*abrir a porta*) funciona unitariamente como objeto direto do núcleo *vejo*: *vejo-o*.

Mas em enunciados do tipo *Ouço soprar o vento* ou *Vejo crescer as árvores*, apesar de serem aparentemente análogos aos anteriores, temos outras construções em que entram como núcleo verbos que significam atos mentais de percepção, embora os conjuntos *soprar o vento* ou *crescer as árvores* possam ser comutados por pronomes adverbais átonos (Ouço-*o* e Vejo-*as*). Os substantivos *vento* e *árvores* não funcionam como objeto direto do infinitivo, mas sim dos núcleos *ouço* e *vejo*, razão por que são comutados por pronomes adverbais átonos: *Ouço-o* (= o vento) *soprar* e *vejo-as* (= as árvores) *crescer*, em cujo procedimento não se incluem os infinitivos *soprar* e *crescer*.

Agora, se compararmos as construções estudadas antes:

Encontrou a porta arrombada,

em que *arrombada* funciona como predicativo do objeto direto *porta* e em que, comutando este objeto direto por pronome adverbal átono, teremos:

Encontrei-a arrombada,

onde o predicativo *arrombada* não fica incluído na função de *a*.

Analogamente, nos nossos exemplos

Ouço-o soprar
Vejo-as crescer

os infinitivos funcionam como modificadores dos respectivos pronomes adverbais e funcionam como seus predicativos.

Desta maneira, não cabe falar aqui de "sujeito" de infinitivo exercido por *vento* e *árvores* nas construções:

Ouço soprar o vento / Ouço o vento soprar

Vejo crescer as árvores / Vejo as árvores crescer

A analogia se deve ao fato de *vento* e *árvores* serem, na análise do conteúdo semântico, *agente* da ação da atividade percebida, como em *O vento sopra* e *As árvores crescem*, o que não quer dizer que, naqueles exemplos, exerçam a função sintática de sujeito. Por isso, em *Ouço soprar o vento* e *Vejo crescer as árvores*, o normal é que não se precise flexionar o infinitivo, já que *vento* e *árvores* não funcionam como sujeito de *soprar* e *crescer*.

Repare-se que, ao comutar o objeto direto do núcleo *ouço* ou *vejo*, se tem de deixar à parte o infinitivo, que, como vimos, funciona como predicativo do objeto direto *vento* ou *árvores*:

Ouço o vento soprar → Ouço-o soprar.
Vejo as árvores crescer → Vejo-as crescer.

Tal como ocorreu com:

Encontrou a porta arrombada → Encontrou-a arrombada.

Se, como vimos, não se pode falar nestes casos de "sujeito" de infinitivo, também é impróprio afirmar que tais substantivos são "objeto direto" do núcleo *ouço* ou *vejo* e ao mesmo tempo "sujeito" do infinitivo.

A concordância que pode aparecer em

Ouço soprarem os ventos / Ouço os ventos soprarem.
Vejo crescerem as árvores / Vejo as árvores crescerem.

se deve à análise do conteúdo semântico da equivalência na designação, isto é, na referência à realidade percebida, com:

Ouço que os ventos sopram.
Vejo que as árvores crescem.

em que *ventos* e *árvores* são agentes e agora também sujeitos.

A diferença entre o *agente* da análise semântica e o sujeito da análise gramatical (da estrutura sintática) é comparável à que ocorre entre o *paciente* da análise semântica e o *sujeito* da construção sintática reflexiva em (só que aqui a língua padrão ainda não agasalhou o resultado do procedimento):

Alugam-se casas / Aluga-se casas.

Pelo mesmo efeito da equivalência na designação é que aparece o primeiro verbo no singular quando se combina com o pronome reflexivo se, procedimento que, na análise gramatical, passa os antigos objetos diretos (*ouço os ventos* / *vejo as árvores*) a sujeito do sentido passivo da nova construção:

Ouve-se soprar os ventos / Ouve-se os ventos soprar.
Vê-se crescer as árvores / Vê-se as árvores crescer.

Trata-se aqui de concordâncias tão irregulares à luz da análise gramatical e da tradição da língua exemplar, quanto as que ocorrem em:

Aluga-se casas.
Vende-se apartamentos.

Em lugar do infinitivo em função de predicativo, pode aparecer o *gerúndio*, quando é representado por signo léxico que denote atividade:

Ouço o vento soprando.
Vejo as árvores crescendo.
"No entanto ouvia [eu] as negras falando da morte dele com pavor" [JL.3, 37].

À semelhança da construção com infinitivo, a de gerúndio, na referência à realidade

percebida, pode ser substituída pela de relativo:

> Ouço o vento que sopra.
> Vejo as árvores que crescem.
> "Subitamente a chuva fustigou as vidraças; o primeiro bofar do vento fez ramalhar as árvores meias calvas; e *senti-o que se abismava* debaixo das arcarias de pedra" [AH.7, I, 139].

A mesma particularidade se repete com *eis*, que rigorosamente se acompanha de objeto direto:

> "... apenas os primeiros raios de sol faziam reluzir as armas,semelhantes no brilho trêmulo ao alvejar da geada, *ei-las* que pareciam rolar-se pelas encostas..." [AH.7, I, 172].

6) O complemento agente ("agente da passiva") – Um tipo de termo argumental não obrigatório é o que a gramática tradicional chama *agente da passiva*; caracteriza-se por ser um termo preposicionado marcado pela preposição *por* e, mais raramente por *de*, com verbos empregados como transitivos diretos na chamada voz ou construção passiva:

> Os exercícios foram feitos *por José*.
> O réu é condenado *pelo júri*.

Tal complemento de agente pode ser opcional, pois são construções gramaticalmente corretas:

> Os exercícios foram feitos.
> O réu é condenado.

A gramática tradicional tem posto este agente entre os complementos verbais em vista de seu relacionamento com o sujeito e com o complemento direto. Com o sujeito, porque, na transformação da estrutura passiva à estrutura ativa, o complemento agente passa a sujeito:

> Os exercícios foram feitos *por José* / *José* fez os exercícios.

Com o complemento direto, porque, enquanto este vem exigido pela característica gramatical da construção ativa, o agente o é da construção passiva.

Em geral, o complemento de agente apresenta o traço semântico *animado*, como revelam, nos exemplos acima, *José* (*por José*) e *júri* (*pelo júri*).

Quando não há o traço *animado*, pode apresentar o traço *potente*, representado lexicalmente por nome de coisa, mas capaz de praticar ou fazer desenvolver uma ação, como nos exemplos seguintes [PD.1, 46]:

> O menino foi atropelado *pelo ônibus escolar*.
> Os alpinistas foram surpreendidos *pelo vendaval*.

Dissemos que o complemento de agente pode vir introduzido pela preposição *de*, construção mais comum em outros tempos da história do português, e ainda usado literariamente; no português contemporâneo, *de* está praticamente restrito a unidades léxicas que exprimem sentimentos ou manifestações de sentimentos:

> Ela é estimada *de todos*.
> O professor não foi esquecido *dos alunos*.

Nem todo termo introduzido pela preposição *por* funciona como complemento de agente, principalmente se apresenta o traço *não animado*, referente a uma coisa, quando deve ser classificado como adjunto circunstancial de causa ou meio. Neste caso, *por* é comutável por outra preposição (p. ex., *com*) ou por locuções prepositivas do tipo *por causa de*, *por meio*

de, *em virtude de* e equivalentes:

O artista foi elogiado *pela sua técnica.*

Ficaram aborrecidos *pelas falsas promessas.*

Os ladrões foram encontrados *pela denúncia anônima.*

Em tais exemplos, a experiência comunicada em *pelas falsas promessas* e *pela denúncia anônima* pode ser expressa mediante outra construção:

Ficaram aborrecidos *com* (*por causa de*) *as falsas promessas.*

Os ladrões foram encontrados *em virtude de* (*graças a*) *denúncia anônima.*

Não é, portanto, a relação sintática, mas o contexto em que se enquadra a experiência comunicada, que irá resolver se se trata de um complemento de agente ou de adjunto circunstancial ou adverbial.

A construção dita "passiva pronominal" ou "passiva reflexa" (denominações melhores que "passiva sintética") não se acompanha, no português contemporâneo, do complemento de agente, como acontece na chamada construção passiva com auxiliar + particípio, vista até aqui.

Vendem-se casas.

O complemento de agente pode aparecer junto a substantivo ou adjetivo constituído por um signo léxico referido a um processo ou ação, como *assalto*, *vitória*, *derrota*, etc.

O assalto *pelo primeiro batalhão* foi decisivo.

O derrotado *pelo concorrente* achou justa a classificação.

7) Construção passiva e o predicativo – Partindo do fato de que a realidade comunicada nas orações *A casa está espaçosa* e *A casa está pintada* aponta ao sujeito *a casa* um atributo, muitos estudiosos não veem razão de estruturação sintática para distinguir o adjetivo *espaçosa* como predicativo do sujeito, e o signo léxico *pintada* como verbo na forma de particípio. Ora, já sabemos que um particípio verbal pode funcionar como adjetivo. A dificuldade desta distinção fica ainda mais notável, quando comparamos *A equipe é vencedora* e *A equipe é vencida*, em que, não havendo nenhuma diferença na estrutura sintática das duas orações, (um sujeito *a equipe*, um núcleo verbal e um termo que, à maneira dos predicativos, concorda em número com o núcleo da oração (o verbo) e em gênero e número com o sujeito explícito), a distinção repousa apenas no traço semântico 'ativo' do lexema *vencedora* em oposição ao traço semântico 'passivo' do lexema *vencido*.

Poder-se-ia objetar contra tal identificação dos dois termos o fato de poder levar o particípio *vencido*, ao contrário do predicativo como *vencedora*, uma expansão preposicionada "que se refere na realidade ao agente da atividade designada pelo signo léxico do particípio" [AL.1, 303], apesar do paralelismo da estrutura sintática.

Um argumento forte em favor de considerar o particípio como adjetivo e, assim, na função de predicativo, na construção dita "voz passiva", é a possibilidade de comutação do particípio pelo pronome invariável *o* – como ocorre com o signo léxico na função de predicativo:

A equipe é *vencedora.* A equipe *o* é.

A equipe é *vencida*. A equipe *o* é.
A equipe é *vencida* pelo adversário. A equipe *o* é pelo adversário.

Ocorre o mesmo se se trata de adjunto adverbial de causa ou meio, e não de complemento de agente.

A pressão é *controlada* com remédios. A pressão *o* é com remédios.
O artista foi *elogiado* pela sua técnica. O artista *o* foi pela sua técnica.

Fica, assim, ao analista optar por uma das duas maneiras, apesar dos fortes argumentos em favor da solução como predicativo. Neste livro, por motivação didática, seguimos a análise como passiva.

Os determinantes circunstanciais ou adverbiais

Se atentarmos para as frases:

A criança caiu da cama durante a noite
Os carregadores puseram o móvel na sala logo pela manhã
O marido acompanhou a esposa ao hospital na ambulância,

facilmente verificaremos que os termos *da cama* e *durante a noite* – para só ficarmos por enquanto no primeiro exemplo – denotam uma circunstância de lugar donde (*da cama*) e de tempo (*durante a noite*). Levada exclusivamente pelo aspecto semântico, a gramática tradicional igualou estes termos também sintaticamente, considerando-os ambos *adjuntos adverbiais*, isto é, como termos não argumentais, vale dizer, fora do âmbito da regência do verbo da oração, isto é, não pedidos por ele.

Ora, basta aplicarmos o *teste da redução* para verificarmos que o termo *da cama* é termo obrigatório, argumental, pois pertence à regência do verbo *cair*; assim, torna-se incompleta do ponto de vista sintático (e semântico, naturalmente) a oração sem este complemento relativo:

A criança caiu durante a noite.

Já não se dá o mesmo com a redução ou supressão do termo *durante a noite*:

A criança caiu da cama.

OBSERVAÇÃO: Para distinguir a identidade designativa de circunstância, presente em *da cama* e *durante a noite* da função sintática diferente dos dois termos, talvez fosse conveniente encontrar outra denominação para o *adjunto circunstancial* que evitasse a alusão à natureza de "circunstância".

Se *da cama* é o complemento relativo de *cair*, *durante a noite*, mero acréscimo à informação, à realidade comunicada, receberá a classificação de *adjunto circunstancial*. Os adjuntos adverbiais são semântica e sintaticamente opcionais. Respondem às clássicas perguntas *como?*, *quando?*, *onde?*, *por quê?*, enquanto o complemento relativo responde à pergunta *que? quem?*, precedidos da preposição que acompanha tradicionalmente o verbo:

Pedro fala sempre *de negócios* (fala de quê?: compl. relativo).
Pedro fala sempre *de memória* (como fala?: adjunto adverbial).

Se recorrermos ao teste de clivagem ou relevo mediante o usual instrumento *é ... que*/*quem*, verificaremos a diferença de resultado entre o complemento relativo e o adjunto adverbial:

É de negócios *de que* sempre fala o José.
É de memória *como* sempre fala o José [AL.1, 323].

Semanticamente, o papel desses adjuntos adverbiais é matizar o processo designado na relação predicativa, acrescentando à mensagem informações que o falante julga

indispensáveis ao conhecimento do seu interlocutor.

Entretanto, se o conteúdo semântico desses adjuntos adverbiais não oferece maiores problemas, seu comportamento sintático na oração é heterogêneo e requer maior atenção de quem procura descrever esse termo. Assim, a coesão dele ora é maior com o verbo ou com o sintagma verbal, ora faz referência a toda a oração, sem que com isso deixe de formar parte dela, à maneira dos termos marginais. São aspectos muitas vezes que fogem ao âmbito dos esquemas idiomáticos e entram no domínio da gramática do texto. É o caso, por exemplo, do termo *em casa* nas orações:

(1) *Em minha casa* grito eu.

(2) Eu grito *em casa*.

Enquanto na segunda, *em casa* afeta exclusivamente o verbo *grito*, na primeira *em minha casa* modifica a oração como um todo, a combinação *sujeito* + *predicado*, e esta coesão tênue com o verbo permite a possibilidade de pausa que normalmente aparece ao ser proferida a oração [PD.1, 18].

Tais variedades de coesão gramatical motivadas por objetivos pragmáticos, discursivos e entonacionais, têm levado estudiosos a enveredar por indagações de graus ou níveis de hierarquização de adjuntos adverbiais, tema que extrapola a natureza deste livro; por isso, consideraremos aqui todos estes casos uniformemente como adjuntos adverbiais.

Falam, assim, dos adjuntos adverbiais na condição de adjuntos de substantivos e adjetivos:

O inverno *em Campos do Jordão* é rigoroso.

Os conflitos *em praça pública* nem sempre são prenúncios de direitos feridos.

As brincadeiras *nas praias* são sempre ruidosas.

Retornando aos outros exemplos do início, notaremos que os termos *na sala* e *ao hospital*, apesar de semanticamente denotarem circunstâncias, funcionam como complemento relativo dos verbos *puseram* e *acompanhou*, respectivamente:

Os carregadores puseram o móvel logo pela manhã.
(sintaticamente incompleta)

Os carregadores *puseram* o móvel *na sala*.

O marido acompanhou a esposa na ambulância. (sintaticamente incompleta)

O marido *acompanhou* a esposa *ao hospital*.

Um termo preposicionado designativo da mesma circunstância (aqui "de lugar") pode exercer na oração diferentes funções sintáticas dependendo do conteúdo de pensamento designado, isto é, das circunstâncias concretas do discurso; por exemplo, *de Minas* é um complemento relativo em:

O escritor saiu jovem *de Minas*

é um complemento predicativo em:

O escritor é *de Minas*.

é um adjunto adverbial em:

O escritor telegrafou *de Minas*

é um adjunto adnominal em:

Os escritores *de Minas* gozam de muita aceitação

é um complemento nominal (de substantivo ou adjetivo):

Sua permanência *em Minas* foi breve.

Necessária na vida toda, a educação começa na infância.

Que não se trata de termos sintaticamente equivalentes mostra o fato de não poderem coordenar-se. Não é possível uma construção do tipo:

A criança caiu *da cama e durante a noite*,

como seria possível em:

As crianças caem *do balanço e do escorrega* durante o recreio.

Outra particularidade a ser observada entre as diferenças que separam o complemento relativo do adjunto adverbial é o caráter semântico bastante tênue (e às vezes até vazio) da preposição que introduz a primeira dessas funções que faz o papel de marca de função sintática, em oposição ao valor semântico da preposição que encabeça o adjunto adverbial. A preposição que marca o complemento relativo está determinada pela tradição do idioma, razão por que só muito raramente admite a substituição por outra preposição, salvo nos casos em que a mesma tradição o permite:

Preciso *do* livro.

*Preciso *ao* livro.

*Preciso *no* livro, etc.

Já a preposição que encabeça o adjunto adverbial conhece quase sempre a possibilidade dessa substituição:

Fez a horta *sob* as árvores.

Fez a horta *debaixo das* árvores.

Com frequência esses adjuntos adverbiais de conteúdo posicional ou temporal se combinam com uma ideia secundária de direção ou extensão, o que leva ao emprego concomitante de duas preposições:

Fez a horta *por debaixo das* árvores.

A janela estava aberta *desde pela* manhã.

A neve escorregou *de sobre* o telhado.

Enquanto no âmbito dos termos argumentais só pode existir no domínio da relação predicativa um só complemento direto ou indireto (salvo aqui os chamados dativos livres), predicativo ou complemento relativo – excluindo o caso de termos coordenados –, os adjuntos adverbiais não conhecem esta restrição, podendo aparecer quantos forem necessários à experiência comunicada:

De noite, o jovem trabalhava *em casa em companhia dos irmãos.*

Também ao contrário dos termos argumentais, se for elidido, o adjunto adverbial não exige preenchimento da casa vazia:

O jovem trabalhava em casa, em companhia dos irmãos.

O jovem trabalhava em companhia dos irmãos.

O jovem trabalhava.

1) Os principais tipos de adjuntos adverbiais – O adjunto adverbial constitui uma classe muito heterogênea – à semelhança do advérbio que normalmente desempenha o papel de seu núcleo – não só do ponto de vista formal como ainda do ponto de vista de valor semântico. Tal fato leva a que constantemente esteja a não delimitar com nitidez as fronteiras com outras funções sintáticas – conforme aqui mesmo já assinalamos – e com conteúdos de pensamento

designado vizinhos. Diante de tão vasta amplitude, fixar-nos-emos nos principais adjuntos adverbiais, detendo-nos aos aspectos mais interessantes à descrição gramatical e aos esquemas com que se representam tais funções nas circunstâncias concretas do discurso [PD.1, 30].

a) Adjuntos adverbiais de lugar – A característica de tais adjuntos é responder à pergunta *onde*?, precedido este advérbio ou não de preposição que marca a designação circunstancial (*donde?*, *por onde?*, *aonde, até onde*, etc.), em relação à ideia expressa pelo verbo, pelo sintagma, verbal ou ao conteúdo de uma oração dita principal.

Pedro trabalhava *em Petrópolis*. (onde?)
Pedro trabalhava *aí*. (onde?)
O professor tem parentes no *Recife*. (onde?)
Contemplamos *da janela* o cair da tarde. (donde?)
Procuraram-no *por toda a cidade*. (por onde?)
O atleta correu *até a chegada*. (até onde?)
"*Onde me espetam* fico". [M. de Assis]

Distinguimos, assim, vários matizes da ideia locativa: *lugar onde* ou *de situação*, *direção*, *origem* e *ponto de partida*, *lugar por onde*, *proximidade*, *distância*, *orientação*, *extensão*, etc., tanto numa perspectiva horizontal quanto na vertical.

Algumas expressões preposicionadas que funcionam como adjunto adverbial compartilham tanto do valor locativo quanto do temporal modal ou instrumental, como ocorre nas seguintes orações:

Ela me foi apresentada *na festa* (onde? ou quando?).
O primo não viaja *em avião* (onde? ou por que transporte?).

O advérbio núcleo do adjunto de lugar pode vir anteposto de um substantivo, e o conjunto precedido ou não de preposição, como ocorre nos exemplos:

O barco navegava *rio acima*.
O capitão anda *mundo fora*. (ou *afora*)
O sonâmbulo andava *casa dentro* (ou *pela casa dentro*).

b) Adjuntos adverbiais temporais – Respondem às perguntas *quando?*, *desde quando?*, *até quando?*, *durante quanto tempo?* e podem referir-se ao verbo, ao sintagma verbal ou a toda a oração:

A natureza *resplandece na primavera*. (referida ao verbo)
O fazendeiro *colhe frutas pela manhã*. (referido ao sintagma verbal *colhe frutas*)
De noite todos os gatos são pardos (referido a toda a oração).

Podem vir representados por advérbio, por sintagmas preposicionados ou por oração dita subordinada :

Augusto *não* trabalha *hoje*.
Estuda-se melhor *pela manhã*.
Ele saiu *quando o professor chegou*.

Também entre os adjuntos adverbiais de tempo distinguimos vários matizes temporais: o tempo propriamente dito, a duração, a quantificação temporal, a repetição, etc.:

Pedro não trabalha *hoje*.

Pedro trabalhou *das três às cinco*.

Pedro trabalhou *duas horas*.

Pedro trabalha *todos os dias*.

Os diversos tipos de adjuntos adverbiais de tempo podem vir ou não introduzidos por preposição ou locução prepositiva; estas matizam o valor temporal:

Não se trabalha *domingo* / *no domingo*.

Pedro não trabalha *hoje* / *por hoje*.

O vizinho viu televisão *até as três da madrugada*.

O baile terminou *depois das quatro*.

O aniversário será *daqui a cinco dias*.

OBSERVAÇÃO: Não se há de confundir o emprego da preposição *a* para indicar tempo vindouro com a expressão em que entra o verbo *haver* (há) para indicar tempo passado: Sairá *daqui a três horas* // Saiu *há três horas*.

Para a análise da oração em que, nestes casos, entra o verbo *haver*, veja-se o capítulo da oração complexa.

Em circunstâncias do tipo de

Pedro trabalha muitas horas,

o adjunto adverbial *muitas horas*, do ponto de vista semântico, se situa entre a ideia temporal e a quantitativa, zona limítrofe que explica como resultado, por exemplo, o uso indistinto do advérbio *já*, nitidamente temporal, e do advérbio *mais*, nitidamente quantitativo, em orações negativas do tipo:

Já não chove / Não chove *mais*.

No início, deve ter havido perfeita distinção; a ideia temporal existia em *Já não quero*, *Já não o tem*, *Já não serve*, onde o advérbio *já*, como lembra Morais (1813), se refere a "cousas que agora se acham em situação diversa da em que estavam antes" e a quantitativa em *Não quero mais*, *Não tem mais*. Sem levar em conta o trânsito semântico, alguns puristas consideram injustamente como galicismo o emprego temporal de *não mais* pelo *já não*, imitação servil, dizem, do francês *plus*. Ocorre que, nas orações citadas no início, poder-se-ia usar o *plus* francês como equivalente do *mais* (quantitativo) e do *já* (temporal): *Não quero mais* (*je n'en veux plus*), *Já não quero* (*je ne veux plus*) [PS.1, 603].

No Brasil, é mais geral o emprego de *não mais* em ambos os valores semânticos; em Portugal, como ensina Gladstone Chaves de Melo, *já não* é mais comumente usado "quando o que se focaliza é um trânsito de passado para presente", enquanto *não mais* se usa quando se quer "significar o futuro em relação ao tempo indicado pelo verbo" [GM.1, 111].

Também não têm razão os puristas na condenação da negativa enfática *já não...mais* em construções do tipo *Já não se faz mais musical como antigamente*. Ênfase nas orações negativas é fato corriqueiro nas línguas [OJ.1, 62-80; HS.1, 19-91].

Também apresentam pontos de contacto com a circunstância modal os advérbios de tempo do tipo de *rapidamente*, *de imediato*, *logo*, *num instante* e locuções equivalentes como *abrir e fechar de olhos*, *num piscar de olhos*, etc., que integram os adjuntos adverbiais de orações iguais a:

Saiu rapidamente.

Chegou de imediato.

Respondeu num piscar de olhos.

Essa ideia subsidiária de modo aproxima tais adjuntos adverbiais de outra função sintática já vista aqui, o anexo predicativo; basta que se use adjetivo (flexionado, para formalmente estabelecer a diferença de marca de função sintática):

Eles saíram rápidos.
Elas saíram rápidas.

Se se empregar *Ele saiu rápido*, *rápido* pode ser tanto considerado advérbio (=adjunto adverbial, igual a *rapidamente*), quanto adjetivo (=anexo predicativo). Já em *Ela saiu rápido*, *rápido* só pode ser classificado, graças à sua invariabilidade em gênero, como *advérbio* [HM.1, 55-56].

Como os locativos, o advérbio de tempo se deixa antepor de substantivo, conjunto que pode ou não vir introduzido por preposição:

Ela trabalhava *semana adentro*.
O fato ocorreu *dias atrás*.

c) Adjuntos adverbiais modais – Respondem à pergunta *como? de que modo ou maneira?* e se reportam ao verbo ou ao sintagma verbal da oração, para qualificar ou descrever como o processo verbal se realiza:

O aluno está escrevendo *bem*.
O fogo propagou-se *imperceptivelmente*.
Os vizinhos falaram do incêndio *com tristeza*.
Entraram no estádio *aos empurrões*.
Os ladrões fugiram *sem que fossem percebidos*.

Como vimos, podem tais adjuntos adverbiais estar integrados por advérbios, palavras ou sintagmas prepositivos com valor adverbial e orações inteiras; destas falaremos no capítulo sobre a oração complexa.

Muitas vezes a experiência que se comunica aproxima o valor modal de adjuntos adverbiais ao sentido modal ou qualitativo que se atribui ao sujeito e ao complemento direto por meio de um anexo predicativo.

Ela me cumprimentou muito educadamente / Ela me cumprimentou muito *educada*.

Esta aproximação semântica também ocorre quando a expressão encerra um sintagma preposicionado introduzido por *com* ou *sem* em construções alusivas à posse ou carência do sujeito ou de complemento direto; a melhor classificação parece ser como anexo predicativo [PD.1, 39].

O garoto chegou a casa *com a calça rasgada*.
Ele foi deitar-se *sem pijama*.

d) Adjuntos adverbiais de fim, de causa, de instrumento e de companhia – Característica comum a essas quatro circunstâncias adverbiais é que não podem ser representadas por meros advérbios, mas sim por sintagmas preposicionados ou, com exceção da de companhia, por uma oração subordinada, fato que estudaremos no capítulo da oração complexa:

Ele estudou *para médico* (fim).
Tremiam *de frio* (causa).
Fechou a porta *com a chave* (instrumento).

Saiu *com Maria* (companhia).

A realidade designada por meio desses adjuntos adverbiais pode ser equivalente àquela expressa por meio de complementos relativos:

O vizinho casou-se *com a prima*.

O garçom encheu o copo *de vinho*.

No que toca ao adjunto adverbial de fim, cabe não confundi-lo com o chamado dativo de interesse; este se refere sempre a pessoa e às vezes integrável pelo pronome *lhe*, e alude ao beneficiário ou prejudicado pelo processo verbal:

Mário trabalha *para a família*.

Comprou as flores [ao florista] *para a noiva*.

Como o complemento de agente da passiva é introduzido pelas preposições *por* e *de*, pode haver dificuldade em distingui-lo do adjunto adverbial de causa. Todavia, o agente da passiva está sempre representado por ser animado ou então capaz de praticar a ação verbal, além de, na transformação para a ativa, passar a sujeito; por seu turno, o adjunto adverbial de causa pode ter a preposição substituída pelas locuções *por causa de*, *devido a*, o que não se dá com o agente da passiva. Assim, estamos diante de agente da passiva em orações como:

A atriz foi bafejada *pela sorte* / *A sorte* bafejou a atriz.

A exposição era admirada *por todos* / *Todos* admiraram a exposição.

Já nas orações abaixo a expressão introduzida pela preposição *por* funciona como adjunto adverbial de causa:

O pintor foi admirado *pelos seus quadros*.

O jogador é expulso *pela falta desleal*.

Não é natural a transformação em ativa.

* Os quadros admiraram o pintor.

* A falta desleal expulsa o jogador.

Por outro lado, podemos substituir *por* pela locução *por causa de*:

O pintor foi admirado *por causa de seus quadros*.

O adjunto adverbial de causa, além das preposições *por*, *com* e *de*, pode vir introduzido por locuções prepositivas, como *por causa de*, *em virtude de*, *em razão de*, *devido a*, *graças a*, etc.:

Não saiu cedo *por causa da chuva*.

Houve faltas *devido à greve de ônibus*.

OBSERVAÇÃO: Não se usa neste emprego *devido* sem a preposição *a*: *Devido ao mau tempo* (e não *Devido o mau tempo*).

Em vez de um substantivo (ou pronome), pode vir um adjetivo usado neutralmente, para expressar a ideia de causa, aproximando o adjunto adverbial do anexo predicativo:

Os marginais fugiram *de medrosos*.

Por teimoso não viajou conosco.

Dentro da denominação de instrumento incluem-se circunstâncias afins, como o meio, a intermediação, a matéria, o domínio, o utensílio, e, por extensão, os contextos matemáticos do tipo de *multiplicar por*, *dividir por*:

Os amigos nunca viajaram *de avião*.

Mediu o quarto *com o metro*.

Escrever *à máquina*.

O jogador fez gol *com a proteção do juiz*.

Prenderam o ladrão *com a arma*.

O índice epidêmico foi multiplicado *por dois*.

A partida foi ganha *pela estratégia do técnico*.

Este último exemplo evidencia a possibilidade de aproximação designativa da circunstância de instrumento ao agente da passiva introduzido também pela preposição *por*. Um modo de distinguí-los, além da análise da experiência comunicada, é substituir a preposição *por* do instrumental por *com* ou *mediante*:

A partida foi ganha *com* (*mediante*) a estratégia do técnico.

Os adjuntos adverbiais de companhia repartem-se em dois grupos: os associativos, ou participativos e os que não o são. Os primeiros participam ou ajudam, ao lado do sujeito, ou, no caso de complemento verbal, são afetados pelo estado de coisas designado no predicado, como nos exemplos:

O capitão *com seus soldados* desbaratou o inimigo.

O professor *com seus colegas* dirigiu a exposição.

A diretora expulsou da sala o aluno *com os colegas de arruaça*.

Como exemplos de não participativos temos:

O colega trouxe *consigo* o livro pedido.

Minha irmã foi ao baile *com o vestido novo*.

O pai gostava dos filhos *com os avós*.

Pelos últimos exemplos, vê-se que a noção de companhia abarca o que é levado ou possuído pelo sujeito ou pelo complemento verbal.

O adjunto adverbial pode, por meio da preposição *sem*, assinalar a ausência ou a carência:

A garota já vai à escola *sem a mãe*.

Em muitos contextos, alguns desses adjuntos de companhia se aproximam dos de valor modal.

Com a presença do adjunto de companhia participativo pode o verbo da oração ir ao plural, como se se tratasse de um sujeito composto:

O capitão com seus soldados *desbaratou* o inimigo.

O capitão com seus soldados *desbarataram* o inimigo.

Em tais condições, a estrutura *sujeito + adjunto adverbial* pode alternar com a estrutura de sujeito composto:

O capitão e os seus soldados desbarataram o inimigo.

Se a estrutura gramatical permite esta alternância, do ponto de vista de estado de coisas comunicado, não é indiferente o emprego de um modo por outro; com o adjunto adverbial, a ênfase do processo verbal recai na pessoa do sujeito, enquanto na construção com sujeito composto desaparece essa ênfase especial.

e) Adjuntos adverbiais de quantidade – Tais adjuntos adverbiais respondem a perguntas do tipo *quanto?*, *até quanto?*, *em que medida?* e se repartem em intensivos ou gradativos, de medida e de preço, conforme a realidade designada:

Nesta região chove *mais* no verão.

Maria trabalha *muito* aos domingos.

Andaram *bastante* em busca de emprego.

A assistência ria *às bandeiras despregadas*.

O clube ganhou a partida *por dois a zero*.

O cavalo perdeu a corrida *por pescoço*.

Ela deixou de comprar o carro *por bom preço*.

Unidades léxicas designativas de unidades de tempo, peso, medida, preço, duração e quantidade que acompanham verbos (*durar*, *passar*, *percorrer*, *correr*, *medir*, *pesar*, etc.) empregados transitivamente, têm merecido classificações diferentes; há autores que as consideram adjuntos adverbiais:

O filme durou *uma hora*.

O atleta percorreu *dez quilômetros*.

A criança já pesa *vinte quilos*.

O viaduto mede *duzentos metros*.

Outros autores, levando em conta traços semânticos e sintáticos que caracterizam o complemento direto (além do valor de termo argumental, quase sempre estas unidades léxicas atendem aos testes da passiva, da integração, com a pergunta *que?*, etc.) preferem vê-los como verdadeiros objetos. Tome-se por exemplo, a oração:

O atleta percorreu *dez quilômetros*,

verifica-se que a expressão constitui um termo argumental, isto é, exigido pelas características semânticas do verbo, já que estaria imperfeita a construção:

*O atleta percorreu.

Por outro lado, a oração admite a transformação em passiva:

Dez quilômetros foram percorridos pelo atleta.

E também a passagem a termo integrável, por meio do pronome átono *os*, referido a *dez quilômetros*:

O atleta percorreu-*os*.

Pode-se ainda incluir neste problema classificatório o caso de unidades léxicas de significado intensivo do tipo de *muito*, *pouco*, *demasiado*, *bastante*, que não se referem diretamente a substantivos, mas à sua quantidade. Com verbos usados transitivamente assumem papel de termo argumental, isto é, necessário à integração sintático-semântica da oração, em textos do tipo:

Sabia *muito* para ser aprovado (*muito* = muitas coisas).

Vimos *pouco* por causa do nevoeiro (*pouco* = pouca coisa).

Não disse *bastante* em sua defesa.

Em favor de classificar estas unidades léxicas como termo argumental, leva-se em conta o fato de poderem vir referidas na oração adjetiva por meio de pronome relativo, como em orações do tipo:

Tenho muito *que* pedir-lhe.

Sabe pouco *que* dizer-me.

Também fala em favor desta classificação a possibilidade de virem tais unidades léxicas precedidas de artigo definido:

Você sabe *o muito* que lhe devo.

Elas não fizeram *o bastante* para vencer.

OBSERVAÇÃO: Sobre o falso erro no emprego de *o quanto* em construções do tipo: *Não soube o quanto se enganara*, veja-se o ensinamento de Epifânio Dias:

"Às orações interrogativas indiretas de *como*, *porque* e *quão* pode antepor-se o artigo definido" [ED.2, § 362]. Vale a pena a leitura da nota 138 de R. J. Cuervo à *Gramática* de A. Bello.

Tratar-se-á sem dúvida de adjunto adverbial se o verbo for usado intransitivamente ou se, transitivo, já vier acompanhado de complemento verbal:

Comprou a casa por cem mil reais.
O pedreiro mediu o aposento com linha.
Ela já sabia muito matemática.

f) Adjuntos adverbial de distribuição

Os jogadores ganham prêmio extra *por partida vencida*.

g) Adjunto adverbial de inclinação e oposição 111 – São os adjuntos que expressam a relação de "favor", "ajuda" ou "disposição favorável", muito próximo ao valor benefactivo do dativo, bem como as relações contrárias, de "oposição", "disposição desfavorável".

Trabalhou sempre *pelos amigos*.

Para a primeira relação, introduz-se o adjunto adverbial por meio da preposição *por* ou de locuções prepositivas equivalentes, do tipo de *a favor de*, *em benefício de*, *em prol de*, *em auxílio de*, etc.

Para a segunda relação, usa-se a preposição *contra* ou locuções do tipo:

Esforçava-se *por lutar contra os maus pensamentos*.

h) Adjunto adverbial de substituição, troca ou equivalência – Assim se chama o adjunto adverbial que expressa a relação de "substituição", "troca" de algo por outro no processo designado no predicado, seja pessoa, coisa, circunstância ou processo verbal. Tal adjunto vem introduzido pela preposição *por* ou pelas locuções prepositivas *em vez de*, *em lugar de*.

O guarda-costa se passou *pelo presidente*.
A colega fez a redação *pelo namorado*.
Na época de exames, trocava o dia *pela noite*.
Iremos amanhã *em vez de hoje*.
Durante o recreio jogava *em vez de alimentar-se*.
Comeu gato *por lebre*.
João trabalha *por dois*.
Ana trocou a merenda *por uma revista*.

Entra no âmbito deste adjunto adverbial a circunstância de delegação, pela qual uma pessoa representa outra na execução do processo expresso no predicado. Aparece para introduzi-lo a preposição *de* ou, então, as locuções prepositivas *da parte de*, *na representação de*:

Retribua-lhe o favor *de minha parte*.

Esta circunstância adverbial deixa estes adjuntos muito próximos do valor de "preço", em orações do tipo:

Deu vinte mil reais *pela motocicleta* (preço).
Deu a motocicleta *por vinte mil reais* (troca).

i) Adjunto adverbial de campo ou aspecto – É o adjunto adverbial que exprime o campo ou o aspecto da realidade referida:

O primo formou-se *em medicina*.
Deixaram de examinar a questão *por esse prisma*.

Nos exemplos abaixo, a circunstância se aproxima à de lugar virtual:

Cometeu-se grave erro *nesse tipo de explicação*.
A decisão do júri surpreendeu a todos *sob o ponto de vista ético*.

j) Adjunto adverbial de assunto ou matéria tratada – Introduz-se tal adjunto adverbial por meio das preposições *de*, *em* ou *sobre*, ou das locuções prepositivas *acerca de*, *a respeito de*, *em torno de* e equivalentes:

Hoje o professor falou pouco
- *de história.*
- *em moral.*
- *sobre tais fatos.*
- *acerca do caso.*
- *a respeito de crase.*

José de Alencar escreveu romances *sobre os brasileiros de várias regiões do país.*

É muito frequente aparecer o assunto ou a matéria tratada expressos como termo argumental exigido pelo significado léxico do verbo, em predicados em que entram unidades léxicos do tipo de *tratar*, *versar*, *falar* e equivalentes, como nas orações abaixo:

O orador tratou *de fatos literários.*
A dissertação versou *sobre história.*
Na aula o professor falou *de regência verbal.*

Outras vezes aparece como adjunto adnominal de substantivo:

O vizinho escreveu um livro *de histórias infantis.*

k) Adjunto adverbial de adição ou inclusão, exclusão e concessão – Os adjuntos adverbiais que expressam adição vêm introduzidos pela preposição *sobre*, por palavras de valor inclusivo (*mesmo*, *inclusive*, etc.), mais frequentemente, pelas locuções prepositivas *além de*, *a mais de*, *ademais de*:

Sobre desemprego, havia doença.
Além das notas ruins, faltava muito às aulas.
Ademais dos parentes, vinham os convidados.
Todos ficaram, *mesmo Ana*.
Os visitantes já se foram, *Daniel inclusive.*

Os que expressam exclusão vêm introduzidos por *menos*, *salvo*, *exceto*, *fora*, *exclusive*, e pelas locuções prepositivas ou não (*com*) *a exceção de*, *a não ser* e equivalentes:

Todos saíram, *menos o culpado*.
Eles foram a todos os bairros, *salvo Casa Amarela*.

Os que expressam concessão vêm introduzidos por *malgrado*, pela locução prepositiva *apesar de*:

Malgrado a chuva, fomos ao passeio.

Diva ganhou o concurso, *apesar da resistência da colega*.

Ainda uma vez os determinantes nominais

1) Adjunto adnominal – Depois de conhecidas as funções sintáticas até aqui enumeradas, estamos em condições de prosseguir no aprofundamento dos determinantes nominais, também chamados *adjuntos adnominais* que começamos a ver quando falamos da expansão do núcleo do sujeito em **Conhecendo melhor o sujeito: núcleo e determinantes**.

Toda expressão nominal, qualquer que seja a função exercida pelo seu núcleo, pode ser expandida por determinantes que têm por missão acrescer ideia acidental complementar ao significado desse substantivo nuclear. O resultado dessa expansão é um grupo unitário sintagmático nominal. Estas expansões não alteram a relação gramatical do núcleo, mas tão somente aludem a aspectos diferentes da realidade do conteúdo significativo do substantivo ou da expressão nominal a ele equivalente. Daí o resultado de a expansão exercer na oração a mesma função do núcleo despojado do(s) seu(s) determinante(s):

Sujeito	*Núcleo do Predicado*	*Objeto direto*	*Compl. relativo*	*Compl indireto*	*Adj. Adv.*
José	estuda.				
O meu primo José	estuda.				
Ela	comprou	livros.			
Ela	comprou	muitos livros de literatura.			
Nós	demos	presentes		a parentes.	
Nós	demos	muitos presentes		a todos os parentes distantes.	
Os professores	gostam		de alunos.		
Os professores	gostam		de alunos estudiosos.		
Meus pais	trabalham				em casa.
Meus pais	trabalham				em casa de campo.

O grupo sintagmático nominal pode constituir-se de vários tipos:

1– Os que podem ocorrer à esquerda ou à direita do *subtantivo* + *adjetivo*

Passei *belos dias* em *cidades agradáveis*.

Os determinantes estão, em geral, representados pelas seguintes classes de palavras: *adjetivo*, *artigo* e *pronome demonstrativo* ou equivalentes de adjetivos (estes veremos

adiante):

Noites *claras* prenunciam bom tempo.

O livro está esgotado.

Esta manhã prometia chuva.

Na sequência de determinantes, aparecem como pré-determinantes, à esquerda do determinante, as palavras que podem receber globalmente o nome de *Quantificador* (*algum*, *certo*, *vários*, *todo*, *todos*, *qualquer*, *alguns* (de), *vários* (de), etc.):

Alguns bons momentos são inesquecíveis.

Todos os alunos saíram.

Alguns de nós não foram à festa.

Aparecem como pós-determinantes, isto é, as palavras que ocorrem à direita do determinante, e do pré-determinante, o *pronome possessivo* e o *numeral*:

Os *seus* livros não estavam na estante.

Aqueles *dois* erros eram graves.

Vários de *meus* sobrinhos são engenheiros.

Aqueles *dois seus* vizinhos trabalham no comércio.

2 – Os que normalmente só ocorrem à esquerda do *substantivo* + *determinantes*, que incluem as seguintes classes de palavras:

a) artigo e os pronomes demonstrativos

Os bons filmes entrarão em cartaz *esta semana*.

b) substantivo + pré-determinantes (que incluem as seguintes classes de palavras: *pronome possessivo* e o *numeral*):

Os *seus livros* não estavam na estante.

Aqueles *dois erros* eram graves.

c) substantivo + pós-determinantes (que incluem os quantificadores, representados pelos pronomes indefinidos)

Todos os três meus bons amigos chegam hoje.

Os do tipo 1 (*substantivo* + *adjetivo*) podem ter estruturas diferentes:

a) um adjetivo:

belos dias em cidades *agradáveis*

b) um grupo preposicionado equivalente a adjetivo, que pode ou não ter um correspondente signo léxico na língua. Neste caso, quando o substantivo entra num grupo adjetivado, não concorda em gênero e número com o substantivo núcleo, e, se aparece no plural, não o faz pelo fenômeno da concordância, mas em atenção à realidade comunicada: *copo com defeito* / *copos com defeito*; mas *copo com defeito* / *copo com defeitos* (por se querer referir a mais de um defeito existente no *copo*).

homem *de coragem* (corajoso)

pão *com manteiga* (amanteigado)

copo *com defeito* (defeituoso)

casa *de Pedro*

cama *de solteiro*

c) uma oração transposta à função adjetiva:

O homem *que tem coragem* (corajoso)

A casa *que Pedro possui*

2) Complemento nominal – Uma tradição gramatical mais recente, atentando para o aspecto da realidade comunicada, e de certas relações gramaticais nela existentes, tem procurado distinguir os diversos sentidos em que se interpretam as expansões de substantivo como as seguintes, sem esgotar a exemplificação:

a resolução *do diretor*
a prisão *do criminoso pela polícia*
a remessa *dos livros*
a resposta *ao crítico*
o assalto *pelo batalhão*
a ida *a Petrópolis*

Assim é que essa tradição, partindo do conteúdo de *resolução do diretor* equivalente a *o diretor resolveu*, classifica *do diretor* como "*complemento* (e não *adjunto*) nominal subjetivo". Já em *prisão do criminoso*, equivalente a *o criminoso foi preso*, teremos um "complemento nominal subjetivo passivo". Em *a remessa dos livros*, equivalente a *alguém remeteu os livros*, *dos livros* se classificará como "complemento nominal objetivo". Como "complemento nominal objetivo indireto ou terminativo" será *ao crítico* do grupo sintagmático nominal *a resposta ao crítico*. Em *o assalto pelo batalhão*, a expressão preposicionada será classificada como "complemento de agente ou de causa eficiente". Já em *ida a Petrópolis*, teremos um "complemento nominal circunstancial" [JO.1, 223-227].

À primeira vista, em relação aos termos primários da relação predicativa (sujeito-predicado), não há razão para um tratamento sintático diferente do adjunto adnominal, tendo em vista que também com o complemento nominal a expansão do grupo sintagmático não modifica a relação gramatical do núcleo:

Sujeito	*Predicado*
A casa de Pedro	é espaçosa
A resolução do diretor	surpreendeu a todos
A prisão do criminoso pela polícia	mereceu elogio da imprensa

Assim também qualquer variação tanto no núcleo do adjunto adnominal quanto no do complemento nominal não alterará a relação com o núcleo verbal:

A casa *do vizinho* / A casa *dos vizinhos* } é espaçosa

A resolução *do diretor* / A resolução *dos diretores* } surpreendeu a todos

Poderíamos apontar outros aspectos gramaticais em que os dois termos apresentam traços comuns, como: a) a posição à direita do núcleo; b) a inexistência de pausa; c) a introdução por preposição, obrigatória no complemento nominal e muito frequente no adjunto.

Todavia, o complemento nominal está semanticamente mais coeso ao núcleo, por representar uma construção derivada mediante a nominalização, fenômeno que não ocorre no adjunto adnominal:

O diretor resolveu → A resolução do diretor

A polícia prendeu o criminoso → A prisão do criminoso pela polícia

Esta relação semântico-sintática provoca a impossibilidade – se não estiver já assinalado ou conhecido no contexto – de apagamento do complemento nominal, *sem que isto estabeleça a razão primordial para distinguir o complemento do adjunto*, uma vez que há adjuntos imprescindíveis:

**A resolução* surpreendeu a todos

**A prisão pela polícia* mereceu elogio

Estando a nominalização presente quer no complemento nominal de função primária subjetiva (*a resolução do diretor ← o diretor resolveu*), quer no de função primária objetiva (*a descoberta da imprensa ← Gutenberg descobriu a imprensa*), não cabe classificar no exemplo *a resolução do diretor*, *do diretor* como adjunto adnominal, enquanto no exemplo *a descoberta da imprensa*, *da imprensa* como complemento nominal [VK.4].

Ambos os termos participam das mesmas características próprias ao complemento nominal; além da nominalização, não admitem apagamento:

a resolução do diretor → *a resolução

a descoberta da imprensa → *a descoberta

Impõe-se, desta maneira, incluir o complemento nominal como termo argumental.

OBSERVAÇÃO: Cabe não confundir casos de impossibilidade de apagamento com outros em que o nosso saber sobre as coisas do mundo impede, por incoerentes, construções do tipo *Conheci um homem de pernas*, *João tem uma voz*, uma vez que a nossa experiência concebe todo homem com pernas, ou com voz. Todavia, anula-se a incoerência se tais substantivos vêm acompanhados de adjetivos: *Conheci um homem de pernas longuíssimas*, *João tem uma voz roufenha*, já que nem todos os homens têm pernas longuíssimas nem voz fanhosa. Portanto, nestes casos não se trata de um saber idiomático, mas de um saber elocutivo.

Há evidente paralelismo entre a estrutura interna do complemento nominal e das orações. Este tratamento especial do complemento nominal serve para explicar fatos gramaticais que ficam mais evidentes à luz desta distinção.

Por exemplo, o termo nominalizado (substantivo, adjetivo ou advérbio de base nominal) pode contrair as mesmas relações sintáticas da construção básica; se o núcleo verbal é complexo e se acompanha de complementos, a construção derivada apresenta estes termos:

A mãe ama o filho → O amor *de mãe ao filho*

A polícia prendeu o ladrão → A prisão *do ladrão pela polícia*

Jesus ama as criancinhas → o amor *de Jesus às criancinhas*

O carteiro entregou a carta de José ao Mário → A entrega *da carta de José ao Mário pelo carteiro*

A seleção da preposição que introduz o complemento nominal quase sempre está determinada pela preposição que acompanha o complemento verbal:

Foi *à cidade* → A ida *à cidade*

Penetrou *na floresta* → A penetração *na floresta*

Inclinou-se *à música* → A inclinação *à música*

De modo geral, a gramática tradicional tem apontado complementos nominais restritos a processos de nominalizações que envolvem substantivos (***desejo** de vitória ↔ desejar a vitória*), a adjetivos (***desejoso** de vitória ↔ desejar a vitória*), ou a advérbios (***referentemente** ao assunto ↔ referente* [adjetivo] *ao assunto ↔ referência* [substantivo] *ao assunto*). Mas há outros que devem sua presença a traços semânticos do núcleo nominal, independentes de nominalizações. Vejamos alguns desses tipos.

Como núcleo do sintagma nominal, teremos, de início, substantivos formalmente relacionados a verbos que assumem relações muito semelhantes às que ocorrem nas orações, conforme já vimos nos exemplos:

a saída do trem / *o trem saiu*

a entrega da carta / (alguém) *entregou a carta* ou *a carta foi entregue*

O substantivo formado de adjetivo também goza da estrutura argumental que lhe é própria:

a *cultura* do professor / o professor *culto*

Todavia, como a estrutura argumental depende do significado léxico de cada palavra, substantivos há que, não se relacionando morfológica ou materialmente a verbos e adjetivos, selecionam termos argumentais, inerentes ao conteúdo de pensamento designado. Tais termos atendem às duas condições básicas do estatuto dos argumentos: a) o núcleo os seleciona semântica e categorialmente; b) o núcleo lhes impõe uma interpretação determinada [EV.1, 32].

Estão neste caso de argumentos inerentes:

a) Os substantivos relacionais, isto é, aqueles que não fazem referência a indivíduos, mas expressam relações entre indivíduos. É o caso dos termos de parentesco, do tipo de *pai*, *mãe*, *filho*, *irmão*:

o pai *de Eduardo*

a tia *do Daniel*

o irmão *da Bebel*

Incluem-se neste rol, naturalmente, substantivos como *amigo*, *colega*, *companheiro*:

o amigo *de Cleto*

a colega *de Georgete*

Cabe lembrar que substantivos referidos à mesma entidade podem incluir-se ou não no grupo dos relacionais. Por exemplo, *pátria* e *país*; o primeiro é relacional, se significa o lugar de nascimento, porque é pátria sempre relacionado a alguém, enquanto *país* ('nação', 'região') não faz necessariamente referência a um indivíduo. O exemplo apresentado por Escandell Vidal *mascote* e *cão* é mais evidente, porque a mascote pressupõe sê-lo de alguém, o que não se dá com o substantivo *cão*.

Os nomes de partes do corpo e aqueles que aludem a partes constitutivas de uma entidade, física ou abstratamente considerada:

os *braços* da *dançarina*

o *rosto* da *criança*

a *face* do *problema*

o *galho* da *árvore*

o *cérebro* da *equipe*

o *x* da *questão*

b) Os substantivos icônicos, isto é, que designam representação, tais como *retrato*, *quadro*, *fotografia*, *filme*, *película*, quando referidos a entidades retratadas, pintadas, fotografadas, etc.

Note-se a diferença entre:

(1) *O retrato de Machado de Assis*

(2) *O retrato da galeria*

Em (1), o significado de *retrato* seleciona o termo argumental *Machado de Assis*, interpretado o sintagma nominal como 'o retrato em que aparece M. de Assis'.

Em (2), já *retrato* se acha acompanhado de um adjunto adnominal, sendo 'o retrato da galeria' interpretado como 'o retrato exposto na galeria'.

Também pode, no caso (1), o termo argumental referir-se não à entidade retratada, mas ao próprio autor do retrato ou quadro:

O quadro de Vitor Meireles

As referências à entidade retratada e ao seu autor podem concorrer no sintagma nominal mediante os dois termos argumentais:

O quadro da Proclamação da Independência de Vitor Meireles (i. é, o quadro que retrata a Proclamação da Independência de autoria de Vitor Meireles).

Pode até juntar-se a esses dois termos argumentais o adjunto adnominal:

O quadro do Grito do Ipiranga de Vitor Meireles do Museu de Belas Artes

Incluem-se entre os substantivos que designam representação os que se aplicam a produtos da atividade intelectual, como *livro*, *artigo*, etc.:

O livro de Graciliano Ramos intitula-se Vidas Secas

Assim como o adjunto adnominal pode ser representado por uma expansão mais complexa do núcleo nominal, isto é, por uma oração subordinada adjetiva:

A casa *comprada* está perto da cidade
A casa *que comprei* está perto da cidade,

assim também o complemento nominal pode ser representado por uma oração subordinada (originalmente substantiva) completiva nominal:

O desejo *de tua vitória* é constante
O desejo *de que venças* é constante

3) O aposto – Outro componente do grupo sintagmático nominal é o chamado *aposto*, cujo limite de distinção com o adjunto adnominal propriamente dito é muitas vezes difícil de traçar. Aparece em construções do tipo:

O rio *Amazonas* deságua no Atlântico.
O professor *Machado* honrou o magistério.
Sousa *cabeleireiro* me conhece bem.
Meu *primo* José morou na Itália.
"E com ele [programa] tem vindo pela vida, satisfazendo a portugueses e brasileiros, que o consideramos *uns e outros*, soldado do seu grupo." [MC.2, 206]
Clarice, *a primeira neta da família*, cursa Direito.
Sousa, nosso cabeleireiro, não trabalha hoje.
Pedro II, *imperador do Brasil*, protegia jovens talentosos.
Eu *Anibal* peço a paz [MMa].
Amanhã, *sábado*, não sairei [AK].

Chama-se *aposto* a um substantivo ou expressão equivalente que modifica um núcleo nominal (ou pronominal ou palavra de natureza substantiva como *amanhã*, *hoje*, etc.), também conhecido pela denominação *fundamental*, sem precisar de outro instrumento gramatical que marque esta função adnominal.

Há diferença de conteúdo semântico entre uma construção do tipo *O rio Amazonas* e *Pedro*

II, imperador do Brasil; na primeira, o substantivo que funciona como aposto se aplica diretamente ao nome núcleo e restringe seu conteúdo semântico de valor genérico, tal como faz um adjetivo, enquanto na segunda a sua missão é tão somente explicar o conceito do termo fundamental, razão pela qual é em geral marcado por pausa, indicada por vírgula ou por sinal equivalente (travessão e parêntese). Daí a aposição do primeiro tipo se chamar *específica* ou *especificativa* e a do segundo, *explicativa*.

O aposto explicativo pode apresentar valores secundários que merecem descrição especial, como ocorre com os seguintes:

a) Enumerativo, quando a explicação consiste em desdobrar o fundamental representado por um dos pronomes (ou locução) *tudo*, *nada*, *ninguém*, *cada um*, *um e outro*, etc., ou por substantivo:

Tudo – *alegrias, tristezas, preocupações* – ficava estampado logo no seu rosto.

Duas coisas o encorajavam, *a fé na religião e a confiança em si.*

"Duas cousas se não perdoam entre os partidos políticos: *a neutralidade e a apostasia*" [MM].

Às vezes esse tipo de aposto precede o fundamental:

A matemática, *a história*, *a língua portuguesa*, nada tinha segredos para ele.

Em todos estes exemplos, o fundamental (*tudo*, *duas coisas*, *nada*) funciona como sujeito das orações e, por isso, se estabelece a concordância entre ele e o verbo.

Este aposto pode vir precedido das locuções explicativas *isto é*, *por exemplo*, *a saber*, *verbi gratia* (abreviatura [v. g.]):

Duas coisas o incomodavam, *a saber*, *o barulho da rua e o frio intenso*.

b) *Distributivo*:

Machado de Assis e Gonçalves Dias são os meus escritores preferidos, *aquele na prosa e este na poesia*.

Um no automobilismo, *outro* no futebol, Senna e Pelé marcaram um período de ouro no esporte brasileiro.

c) *Circunstancial* (comparação, tempo, causa, etc., precedido ou não de palavra que marca esta relação a mais, já que o aposto explicativo acrescenta um dado a mais acerca do fundamental):

"As estrelas, *grandes olhos curiosos*, espreitavam através da folhagem". [EQ.2, 8 *apud* AK.1].

"*Artista* – corta o mármor de Carrara;

Poetisa – tange os hinos de Ferrara" [CAv.1, II: 142]

Este tipo de aposto pode ser introduzido por *como*, *na qualidade de*:

As estrelas, *como grandes olhos curiosos*, espreitavam através da folhagem.

A ti, *como general*, compete o comandar.

D. João de Castro, *vice-rei da Índia*, empenhou os cabelos da barba.

Este tipo de aposto pode ser introduzido por *quando*:

D. João de Castro, quando *vice-rei da Índia*, empenhou os cabelos da barba [Epifânio Dias].

Paulinho, *amigo*, tirou-o da dificuldade.

Paulinho, *porque amigo*, tirou-o da dificuldade.

4) Aposição com *de* x Adjunto adnominal – Algumas vezes, o aposto especificativo vem introduzido pela preposição *de*, especialmente se se trata de denominações de instituições, de

logradouros, de acidentes geográficos:

Colégio *de Santa Rita*
Praça *da República*
Ilha *de Marajó*
Cidade *do Recife*

Tal construção, materialmente falando, aproxima o aposto do adjunto adnominal preposicionado, que vimos antes; todavia, do ponto de vista semântico, há diferença entre *Ilha de Marajó* e *casa de Pedro*. Em *casa de Pedro*, *casa* e *Pedro* são duas realidades distintas, enquanto em *ilha* e *Marajó* se trata de uma só realidade, já que ambos querem referir-se a um só conteúdo de pensamento designado112 . Quanto ao emprego da preposição *de* nas construções deste último tipo, como bem ensina Epifânio Dias, "da arbitrariedade do uso é que depende o empregar-se em uns casos *de* definitivo, em outros a aposição. Diz-se, por exemplo: *o nome de Augusto*, mas *a palavra Augusto*; *a cidade de Lisboa*, mas *o rio Tejo*".

Às vezes podem as construções com *de* provocar casos de sincretismo sintático, com consequente efeito de ambiguidade, não diferençando o título da ideia de posse ou pertença. Por isso, para os títulos, no desejo de evitar a ambiguidade, vai-se generalizando o não emprego da preposição *de*: *Rua Santa Teresa*, *Praça Paris*, etc. Esta construção é antiga na língua e paralela ao uso latino (*Urbs Roma*, *Garumna flumen*). Mas a presença da justaposição no francês e inglês tem feito que tal prática seja condenada sem sucesso por estrangeirismo. A justaposição vai-se impondo em *bomba relógio*, *mandato tampão*, *homem bala*, *traje passeio*, em que o procedimento morfológico de formação de compostos se sobrepõe ao processo sintático. A prática, nestes casos, vacila entre o emprego ou não do hífen.

De qualquer maneira, o aposto e o adjunto adnominal são ambos expansões sintáticas do núcleo nominal.

5) As construções *uma joia de pessoa* e *o pobre do rapaz* – Em vez de *uma pessoa joia* e *o pobre rapaz*, em que o núcleo nominal (*pessoa*, *rapaz*) se acha acompanhado de um adjunto adnominal (*joia*, *pobre*), aparecem, numa forma carregada de afetividade, as expressões *uma joia de pessoa* e *o pobre do rapaz*, em que o primitivo adjunto passa formalmente a núcleo e o antigo núcleo passa a adjunto, mediante a presença da preposição *de*. Tem-se muito discutido como se formaram estas expressões derivadas, sem que tenhamos uma solução cabal; mas se pode filiá-las a frases exclamativas sem verbo do tipo de *ai de mim!*, *pobre de mim!*, etc. [FDz.1, III:131].

Ao lado da carga afetiva positiva em construções do tipo *o bom do pároco* pode ocorrer a carga negativa *o burro do cliente*, *a droga do cliente*; neste último caso cria-se uma ambiguidade entre as equivalências "o cliente é uma droga" e "o cliente tem uma droga".

Substantivo + adjetivo = Adjetivo + substantivo

Pode ocorrer sincretismo sintático em grupos nominais do tipo *sábio alemão*, em que se pode corretamente entender, de um lado, a existência de um *sábio* (substantivo) de

nacionalidade alemã (adjetivo), ou, de outro, um *alemão* (substantivo) que é *sábio* (adjetivo). Há aqui, portanto, uma coincidência material de combinação de formas linguísticas, mediante a qual substantivo + adjetivo = adjetivo + substantivo [ECs.4, 246].

A interpretação mais natural ou, pelo menos, mais imediata, é considerar o segundo termo como adjetivo, isto é, como adjunto adnominal. É a lição de M. Barreto, em grupos nominais do tipo *menino rei / rei menino*, *filósofo rei / rei filósofo* [MBa.7, 326]. Assim entendeu Machado de Assis ao definir que as *Memórias Póstumas de Brás Cubas* eram as de um *defunto autor* (= que escreve) e não de um *autor defunto* (= que morreu).

6) Graus de coesão nos grupos nominais – Às vezes, o núcleo nominal já expandido por um adjunto adnominal constituído por adjetivo vem acrescido de outro adjetivo, como

os competentes atletas mineiros,

em que ao grupo inicial *os competentes atletas* se junta o adjunto adnominal *mineiros*, que não se refere tão somente ao substantivo *atletas*, mas ao conjunto *competentes atletas*. Assim, *competentes* guarda maior grau de coesão em relação a *atletas* do que o adjetivo *mineiros*. Temos aqui um exemplo de hipotaxe estudada em, em que o grupo de palavras *competentes atletas* passa a funcionar no estrato de palavra e, assim, pode receber o adjunto adnominal *mineiros*.

Podem estar juntos os dois adjetivos, sem que se altere o grau de coesão:

a situação política atual [VK.1, 161]

O adjetivo menos coeso (*atual*) em relação ao nome (*situação*) pode mudar de posição, diferentemente do mais coeso (*política*):

a atual situação política

mas não:

**a política situação atual*

Também o menos coeso não pode intercalar-se entre o núcleo e o mais coeso:

* *a situação atual política*

7) O aposto com expressões do tipo *pôr nome* – Depois do substantivo das expressões *pôr nome*, *ter nome* e equivalentes, com o significado de "chamar(-se)", "dar nome", pode aparecer um aposto:

Quem o seu cão quer matar, *raiva* lhe põe nome [MBa.4, 64].

8) Aposto referido a uma oração – O aposto não só se refere a qualquer núcleo nominal em qualquer função da oração; pode referir-se ao conteúdo de pensamento expresso numa oração inteira:

Depois da prova, Filipe estava radiante, *sinal de seu sucesso*.

Como aposto de uma oração inteira costuma aparecer um substantivo como *coisa*, *razão*, *motivo*, *fato* e equivalente, sempre acompanhado de um adjunto adnominal, ou de uma oração subordinada adjetiva substantivada pelo artigo *o*:

O desastre provocou muitas vítimas, *coisa lastimável*.

Os convidados não foram à festa, *o que deixou o aniversariante frustrado*.

OBSERVAÇÃO: A tradição gramatical entre nós tem considerado neste último caso como pronome demonstrativo (= aquele, aquilo, isto) usado neutralmente, o *o* que precede o *que*, modificado por uma oração adjetiva, em vez de considerar essa mesma oração adjetiva substantivada pelo artigo *o*, como fizemos aqui. Discutimos o assunto mais adiante.

9) Vocativo: uma unidade à parte – Desligado da estrutura argumental da oração e desta separado por curva de entoação exclamativa, o vocativo cumpre uma função apelativa de 2.ª pessoa, pois, por seu intermédio, chamamos ou pomos em evidência a pessoa ou coisa a que nos dirigimos:

José, vem cá!

Tu, *meu irmão*, precisas estudar!

Felicidade, onde te escondes?

Algumas vezes vem precedido de *ó*, que a tradição gramatical inclui entre as interjeições, pela sua correspondência material, mas que, na realidade, pode ser considerado um morfema de vocativo, dada a característica entonacional que a diferencia das interjeições propriamente ditas [HCv.2, 197 n.47].

"*Deus*, *ó Deus*, onde estás que não respondes?" [CAv.1, 141]

Estes exemplos nos põem diante de algumas particularidades que envolvem o vocativo. Pelo desligamento da estrutura argumental da oração, constitui, por si só, a rigor, uma frase exclamativa à parte ou um fragmento de oração, à semelhança das interjeições. Por outro lado, como no caso de *Tu, meu irmão, precisas estudar!*, às vezes, se aproxima do aposto explicativo, pela razão que vai constituir a particularidade seguinte. Por fim, o vocativo, na função apelativa, está ligado ao imperativo ou conteúdo volitivo da forma verbal, já que, em se tratando de ordem ou manifestação de desejo endereçada à pessoa com quem falamos ou a quem nos dirigimos, presente quase sempre, não há necessidade de marcar gramaticalmente o sujeito. Quando surge a necessidade de explicitá-lo, por algum motivo, aludimos a esse sujeito em forma de vocativo [RLz.1, 66].

Assim é que em:

"Deixa-me! Deixa-me a vagar perdida...

Tu! - parte! volve para os lares teus". [CAv.1, 191],

tu não é o sujeito de *parte*, e sim vocativo, "espécie de aposição à ideia do sujeito, contida no imperativo" [HCv.2, 197 n.47]. Ocorre o mesmo com o substantivo *poeta* em:

Vai, *Poeta*... (*Id*., *ibid*.: 116)

Pelos exemplos aduzidos até aqui, vê-se que o vocativo pode ser representado por substantivo ou pronome, podendo admitir a presença de expansões (p. ex., de adjuntos adnominais, de orações adjetivas):

Desce do espaço imenso, *ó águia do oceano*!

"*Senhor Deus*, *que após a noite*

Mandas a luz do arrebol,

Que vestes a esfarrapada

Com o manto rico do sol". [CAv.1, 88]

Na correspondência epistolar, o vocativo vem separado do resto do enunciado por vírgula, enquanto em textos de outra natureza costuma aparecer o emprego dos dois pontos (:) ou do ponto de exclamação (!).

2 – Orações Complexas e Grupos Oracionais: a Subordinação e a Coordenação. A Justaposição

Subordinação: oração complexa – Uma oração independente do ponto de vista sintático, que sozinha, considerada como unidade material, constitui um texto, se este nela se resumir, como em

A noite chegou,

pode, pelo fenômeno de estruturação das camadas gramaticais conhecido por *hipotaxe* ou *subordinação*, passar a uma camada inferior e aí funcionar como pertença, como membro sintático de outra unidade;

O caçador percebeu que *a noite chegou*.

A primitiva oração independente *a noite chegou* transportou-se do nível sintático de independência para exercer a função de complemento ou objeto direto da relação predicativa da oração a que pertence o núcleo verbal *percebeu*: *o caçador percebeu.*

Dizemos, então, que a unidade sintática *que a noite chegou* é uma oração *subordinada*. A gramática tradicional chama à unidade *o caçador percebeu* oração principal. Gramaticalmente, a unidade oracional *O caçador percebeu que a noite chegou* é uma unidade sintática igual a *O caçador percebeu a chegada da noite*, onde *a chegada da noite* integra indissoluvelmente a relação predicativa que tem por núcleo e verbo *percebeu*, na função de complemento ou objeto direto.

Assim, levando em conta os constituintes imediatos, há um primeiro momento em que se analisa por inteiro a unidade sintática *O caçador percebeu que a noite chegou*, para depois se analisar o termo sintático que se apresenta sob forma oracional:

Sujeito: *o caçador*

Predicado: *percebeu que a noite chegou*

Objeto direto: *que a noite chegou*.

Como o objeto direto está constituído por uma oração subordinada, são passíveis de análise suas unidades sintáticas constitutivas:

Sujeito: *a noite*

Predicado: *chegou*

Oração complexa e grupos oracionais – A rigor, o conjunto complexo *que a noite chegou* não passa de um termo sintático na oração complexa *O caçador percebeu que a noite chegou*, que funciona como objeto direto do núcleo verbal *percebeu*. Estas unidades transpostas exercem função própria de meros substantivos, adjetivos e advérbios, razão por que são assim classificadas na oração complexa. Todavia, a presença de um núcleo verbal (que a noite *chegou*) leva a tradição a ver aí também uma unidade de caráter oracional, ao lado da unidade oracional (porque também tem verbo) a que se prende, embora, isoladamente, nenhuma das duas satisfaça as demais condições que caracterizam uma oração, além da presença do verbo integrando uma relação predicativa:

a) a delimitação entre duas pausas e o contorno melódico;

b) existência de um ato completo de comunicação em cada situação de fala concreta.

Assim, apesar destas considerações, esta gramática respeitará o peso da tradição e verá, num primeiro momento de análise em constituintes imediatos, uma oração complexa (a que também alguns gramáticos nossos chamavam *oração geral*, como, por exemplo, José Oiticica), para depois analisar como oração subordinada o complexo unitário correspondente a uma função sintática exercida por substantivo, adjetivo ou advérbio.

Diferente deste caso será o *grupo oracional* integrado por orações sintaticamente independentes, que, por isso, poderiam aparecer em separado:

O caçador chegou à cidade e procurou um hotel.

ou

O caçador chegou à cidade. Procurou um hotel.

Temos aqui um grupo de enunciados da mesma camada gramatical, isto é, como *orações*, o que caracteriza uma das propriedades de estruturação das camadas gramaticais conhecida por *parataxe* ou *coordenação*.

Daí só podermos, a rigor, falar em *orações compostas*, *grupos oracionais* ou *período composto* quando estivermos diante de orações coordenadas.

Não causará estranheza, se atentarmos para o princípio dos constituintes imediatos, que haja coordenação entre qualquer unidade da mesma camada gramatical: *homem e mulher,* (dois substantivos) *estudioso e inteligente* (dois adjetivos), *ontem e hoje* (dois advérbios), *leio e compreendo* (dois verbos), *com e sem* (duas preposições), um substantivo e oração substantiva (*desejo a vitória e que tenhas sucesso*), um adjetivo e oração adjetiva (*inteligente e que tem bom coração*), advérbio e oração adverbial (*agora e quando estiveres pronto*), duas orações da mesma função sintática (*desejo que venças e que sejas feliz*), etc.

Por hipertaxe ou hipotaxe, uma unidade pode passar, respectivamente, a camadas gramaticais superiores ou inferiores, e depois ocorrer a coordenação.

***Que*: marca de subordinação oracional** – No exemplo *O caçador percebeu que a noite chegou*, a marca de que a oração independente passou pelo processo da subordinação, a funcionar como membro de uma outra oração, é o *que*, conhecido tradicionalmente como "conjunção" integrante.

Na realidade esse *que* não tem por missão precípua "juntar" duas orações – como fazem as conjunções coordenativas – , mas tão somente marcar o processo por que se transpôs uma unidade de camada superior (uma oração independente) para funcionar, numa camada inferior, como membro de outra oração.

Daí não corresponder à nova realidade material da unidade sintática subordinada a denominação tradicional de *orações compostas* ou *período composto.* Temos sim orações *complexas*, isto é, orações que têm termos determinantes ou argumentais complexos, representados sob forma de outra oração. Só haverá orações ou períodos *compostos* quando houver *coordenação*. Dizemos que esse *que* é um *transpositor*.

Orações complexas de transposição substantiva – A oração transposta, inserida na oração complexa, é classificada conforme a categoria a que corresponde e pela qual pode ser substituída no desempenho da mesma função. Daí ser a oração transposta classificada como *substantiva*, *adjetiva* ou *adverbial*, segundo a tradição gramatical, pois desempenha função sintática normalmente constituída por substantivo, adjetivo ou advérbio. Assim, em nosso exemplo, *O caçador percebeu que a noite chegou*, a oração transposta inserida na oração complexa (que) *a noite chegou* será substituída pelo substantivo *a chegada da noite* (*O caçador percebeu a chegada da noite*), e a oração transposta pelo processo da subordinação funcionará também como objeto direto da relação predicativa que tem como núcleo verbal *percebeu*.

A oração subordinada transposta substantiva aparece inserida na oração complexa exercendo funções próprias do substantivo, ressaltando-se que a conjunção *que* pode vir precedida de preposição conforme exerça função que necessite desse índice funcional:

a) Sujeito: *Convém que tu estudes / Convém o teu estudo.*

b) Objeto direto: *O pai viu que a filha saíra / O pai viu a saída da filha.*

c) Complemento relativo: *Todos gostam de que sejam premiados / Todos gostam de prêmio.*

d) Predicativo: *A verdade é que todos foram aprovados / A verdade é a aprovação de todos.*

e) Objeto indireto: *Enildo dedica sua atenção a que os filhos se eduquem / Enildo dedica sua atenção à educação dos filhos.*

f) Aposto: *Uma coisa lhe posso adiantar, que as crianças são a alegria dos adultos. Uma coisa lhe posso adiantar, a alegria das crianças aos adultos.*

OBSERVAÇÃO: Para as funções de complemento nominal e agente da passiva.

5 – Orações subordinadas resultantes de substantivação: as interrogativas e exclamativas – Sem precisar do transpositor *que*, as orações interrogativas e exclamativas, desprovidas do particular contorno melódico e iniciadas por uma unidade desses valores semânticos, podem-se substantivar e exercer função própria de substantivo na oração complexa:

Ainda não sei *que vou fazer hoje* (cf. *Que vou fazer hoje?*)

Os comerciantes desconhecem *que a mercadoria terá mais saída no próximo verão*.

O professor pergunta *qual é o motivo da algazarra*.

Ainda não descobrimos *por que ele saiu cedo*.

A vizinha descobriu *quem lhe telefonou de madrugada*.

O treinador decidiu *como o time conterá o adversário*.

O calouro ainda não sabe *para que especialidade médica se dirigirá*.

Não adivinhava *quanta alegria causou em nós*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Opondo-se ao transpositor *que,* que não exerce função sintática, as unidades interrogativas e exclamativas (pronomes e advérbios) têm função sintática na oração subordinada a que pertencem.

2.ª) Na língua popular e regional – reminiscência de antigo uso –, pode aparecer o transpositor *que* antes da unidade interrogativa: Não sei *que por que só chega tarde.* Perguntavam-me *que por onde havia fugido*.

Também aparece desprovida do *que* a oração subordinada de valor semântico de incerteza ou dúvida, que primitivamente era uma interrogativa geral, passando a conjunção *se* a transpositora: Não sei *se a prima virá cedo.* Perguntavas *se o jogo seria hoje.*

Orações complexas de transposição adjetiva

1) Orações adjetivas ou de relativo

Tomemos a seguinte oração

O aluno estudioso vence na vida,

em que o adjunto adnominal representado pelo adjetivo *estudioso* pode também ser representado por uma oração que, pela equivalência semântica e sintática com *estudioso*, se chama *adjetiva*:

O aluno	que estuda	vence na vida.
O aluno	estudioso	vence na vida.

Repare que a oração independente

O aluno estuda,

mediante o transpositor *que*, representado pelo pronome relativo, transpõe a oração independente a funcionar, num nível inferior, como adjunto adnominal do substantivo *aluno,* tal qual fazia o adjetivo *estudioso* da oração básica *O aluno estudioso vence na vida.* Daí dizer-se que a oração transposta *que estuda* é *subordinada adjetiva.*

O transpositor relativo que, na oração subordinada reintroduz o antecedente a que se refere, acumula também uma função de acordo com a estrutura sintática da oração transposta.

No exemplo acima:

O aluno que estuda vence na vida,

a oração *que estuda* vale por *o aluno estuda*, já que o pronome relativo é aí o representante do antecedente *aluno.* Analisando *o aluno estuda,* o sujeito explícito é *o aluno*, o que nos leva a verificar que o pronome em *que estuda* funciona como sujeito explícito do núcleo verbal *estuda*.

2) O relativo marcado por índice preposicional

Já em

O livro de que gostas está esgotado,

o relativo *que* reintroduz também o antecedente *livro*, de modo que a oração subordinada *de que gostas* vale por *gostas do livro*, em que *do livro* é complemento relativo do núcleo verbal *gostas.* Se assim é, na oração subordinada *de que gostas* o pronome relativo funciona como complemento relativo. E como o complemento relativo é um termo argumental marcado por um índice preposicional e como o verbo *gostar* se acompanha da preposição *de*, é imprescindível que este índice esteja introduzindo o relativo *que*:

O livro *de que gostas* está esgotado.

Em

A cidade a que nos dirigimos ainda está longe,

o relativo *que* reintroduz na oração subordinada adjetiva *a que nos dirigimos* o substantivo

cidade, e vale por *nos dirigimos à cidade*, em que o núcleo verbal *dirigimos* requer um termo argumental marcado pelo índice preposicional *a*, preposição que, portanto, não deve faltar anteposta ao relativo, que funciona como complemento relativo do núcleo verbal *nos dirigimos*:

A cidade *a que* nos dirigimos ainda está longe.

Orações adjetivas explicativas e restritivas – Já vimos que o adjetivo pode antepor-se ou pospor-se ao substantivo e que, segundo sua posição o adjetivo pode variar de valor. Em geral, o adjetivo anteposto (também chamado *epíteto*) traduz, por parte da perspectiva do falante, valor *explicativo* ou *descritivo*: *a triste vida*. Aqui o adjetivo não designa nenhum tipo de *vida* que se oponha a outro que não seja *triste*; apenas se descreve como a *vida* é, e, como diz Alarcos Llorach, quase vale por "a vida com sua tristeza" [AL.1, 82]. Agora, se disséssemos, *a vida triste*, nos estaríamos restringindo a uma realidade que se opõe a outras, como *vida alegre, vida boêmia,* etc. Neste caso, o adjetivo se diz *restritivo.*

A oração adjetiva também conhece esses dois valores; a adjetiva explicativa alude a uma particularidade que não modifica a referência do antecedente e que, por ser mero apêndice, pode ser dispensada sem prejuízo total da mensagem. Na língua falada, aparece marcada por pausa em relação ao antecedente e, na escrita, é assinalada por adequado sinal de pontuação, em geral, entre vírgulas:

O homem, que vinha a cavalo, parou defronte da igreja.

Repare-se em que a oração adjetiva *que vinha a cavalo* denuncia que, na narração, só havia um homem, de modo que a declaração *que vinha a cavalo* pode ser dispensada:

O homem parou defronte da igreja

Já em

O homem que vinha a cavalo parou defronte da igreja,

a oração adjetiva, proferida sem pausa e não indicada na escrita por sinal de pontuação a separá-la do antecedente, demonstra que na narração havia mais de um homem, mas só o "que vinha a cavalo" *parou defronte* da igreja. A esta subordinada adjetiva se chama *restritiva.*

À semelhança do que se fez com a oração complexa em cuja estrutura há uma oração subordinada substantiva, num primeiro momento da análise, levando em conta o princípio dos constituintes imediatos, analisar-se-á por inteiro a unidade sintática *O aluno que estuda vence na vida*, para depois se analisar o termo sintático que se apresenta sob forma oracional:

Sujeito: *O aluno que estuda*
Predicado: *vence na vida*
Adjunto adverbial: *na vida*

Como o adjunto adnominal está constituído por uma oração subordinada adjetiva, são passíveis de análise suas unidades sintáticas constitutivas:

Sujeito: *que* (= o aluno)
Predicado: *estuda*

Adjetivação de oração originariamente substantiva – A unidade complexa *homem corajoso* pode ser substituída por *homem de coragem*, em que o substantivo *coragem* transposto por uma preposição ao papel de adjetivo funciona também como adjunto do núcleo nominal.

Esta mesma possibilidade de transposição a adjetivo modificador de um grupo nominal mediante o concurso de preposição conhece a oração originariamente substantiva. Este grupo nominal pode ter como núcleo um substantivo, um adjetivo.

Núcleo substantivo:

O desejo *de que se apurem os fatos* é a maior preocupação dos diretores.

A crença *em que a crise se espalhe* atormenta todos nós.

A desconfiança *de se devemos ir avante* é logo desfeita.

Núcleo adjetivo:

Estávamos todos desejosos *de que o concurso saísse logo*.

O negociante estava cônscio *de que sua responsabilidade era grande*.

OBSERVAÇÃO: Sendo as expressões preposicionadas de *desejo de glória*, *ânsia de liberdade*, *desejoso da glória*, *ansioso de liberdade* modificadores dos núcleos nominais (e por isso mesmo chamados *complementos nominais*) e funcionalmente partícipes da natureza dos adjetivos, manda a coerência que as orações que funcionam como complemento nominal sejam incluídas entre as adjetivas – como fizemos aqui – e não entre as substantivas, como faz a tradição entre nós. Como vimos, elas são primitivamente substantivas, mas que, num segundo momento de estruturação, para funcionarem como modificadoras de substantivos e adjetivos, são transpostas a adjetivas mediante o concurso da preposição.

Ocorre o mesmo com as orações que funcionam como agente da passiva que, primitivamente substantivas, são transpostas a adverbiais mediante a preposição *por*.

Substantivação de orações originariamente adjetivas – Em *O homem sábio é guia seguro,* o adjetivo *sábio* pode ocupar o papel da unidade complexa mediante sua substantivação: *O sábio é guia seguro,* onde se deu o apagamento do substantivo *homem* e se marcou o novo caráter substantivo de *sábio* com a anteposição do artigo *o*.

Também conhece esse expediente de substantivação a oração transposta adjetiva mediante o apagamento do antecedente dos relativos *quem* e *que* e a presença do artigo, se o antecedente, pela situação do discurso, é conhecido dos interlocutores ou se lhe quer dar certo ar de generalização:

O homem que cala e ouve não *dissipa o que sabe*, e aprende *o que ignora* [MM].

Os que mais blasonam de honra e probidade, são como os poltrões que se inculcam de valentes [MM].

Os elogios de maior crédito são *os que os nossos próprios inimigos nos tributam* [MM].

Para quem não tem juízo os maiores bens da vida se convertem em gravíssimos males [MM].

OBSERVAÇÃO: Alguns autores preferem desdobrar o *quem* em *aquele(s) que, aquela(s) que* e considerar a unidade *o, a, os , as* como pronomes demonstrativos representados na oração adjetiva pelo pronome relativo *que,* de modo que, não aceitando a substantivação nesses casos, analisam a subordinada como adjetiva: *Não conheço quem chegou = Não conheço aquele que chegou. Não conheço os que chegaram = Não conheço aqueles que chegaram.* São possíveis as duas maneiras de analisar tais construções.

Ocorre o mesmo com outros pronomes e advérbios relativos destituídos de antecedente:

quanto
por que

Não sabemos	como quando onde que qual	comprou

NOTA: A oração substantiva funciona, nestes exemplos, como objeto direto do verbo saber.

Desconheço QUE admiráveis presentes ganhaste.

Ignorava QUAIS os alunos que haviam perturbado as aulas.

QUEM *tudo quer* tudo perde (oração *subjetiva*).113

Falava a QUEM *lhe pedia conselhos* (oração *objetiva indireta*).

Fizeram QUANTO *lhes pedi* (oração *objetiva direta*).

Reconheço QUÃO *enganados nos achávamos a seu respeito* (oração *objetiva direta*).

Peço que anote QUAIS *foram os responsáveis* (oração *objetiva direta*).

A polícia descobriu QUANDO *foi o roubo* (oração *objetiva direta*).

Os jornais explicaram COMO *os ladrões conseguiram fugir* (oração *objetiva direta*).

Os garotos não descobriram ONDE *os pais tinham posto os presentes* (oração *objetiva direta*).

Os vizinhos não entenderam POR QUE *o fogo foi violento* (oração *objetiva direta*).

Ele é QUEM *os avisa* (oração *predicativa*).

Não sabia *por* QUEM *tinha sido enganado* (oração *objetiva direta*).

Assim, substituem *quem* por *a pessoa que, aquele que; quanto* por *o tanto que; quando* por *o momento em que; como* por *o modo pelo qual; onde* por *o lugar em que; por que* por *o motivo pelo qual*.

Analisam *Quem tudo quer tudo perde* desta maneira:

A pessoa | que tudo quer | tudo perde.

1.ª oração: – principal: *a pessoa tudo perde.*

2.ª oração: – subordinada adjetiva: *que tudo quer.*

A análise que adotamos tem a vantagem de encarar uma realidade da língua, e não uma substituição que a ela realmente nem sempre equivale.114

Não se transportam a substantivas as orações adjetivas introduzidas pelos relativos *cujo* e *o qual*.

Transposta a substantiva, a oração de relativo sem antecedente expresso pode exercer as funções próprias das substantivas originais. Assim, nos exemplos acima, *o que sabe* e *o que ignora* fazem o papel de objeto direto dos núcleos verbais *dissipa* e *aprende,* do primeiro. No segundo, *os que mais blasonam de honra e probidade* é o sujeito de *são*; no terceiro, *os que os nossos próprios nos tributam* é predicativo de *são*. No quarto exemplo, *a quem não tem juízo* funciona como objeto indireto da unidade verbal complexa *dar liberdade.*

Para marcar a natureza substantiva da oração transposta costuma-se anteceder de artigo a interrogativa indireta, prática às vezes injustamente condenada [ED.2, § 362]:

Não sei *o* quanto lhe devo nessa ajuda.

Mais uma construção de oração já transposta – A oração relativa sem antecedente transposta a substantiva pode ser de novo transposta a adjetiva com o concurso de preposição – geralmente *de* – e funcionar como modificador de substantivo.

Repare-se nas construções derivadas da construção básica *o homem sábio → o sábio → o trabalho do sábio,* em que, nesta última fase, o adjetivo substantivado *sábio* recebe o concurso da preposição *de* para desempenhar o papel de modificador ou adjunto do núcleo *trabalho*. Assim também em:

O maior trabalho dos que governam é tolerar os importunos [MM],

a oração relativa substantivada *os que governam*, mediante a preposição em *dos que governam*, passa a exercer função própria de adjetivo como modificador do substantivo *trabalho.*

Também a oração de relativo transposta a substantiva pode, com o curso de preposição, passar a exercer papel de advérbio e, assim, funcionar como adjunto circunstancial.

Nenhum senhorio é tão absoluto *como o que conferem os povos aos tiranos de sua escolha* [MM] (comparativa).

O tempo voa *para quem goza,* e se arrasta *para quem padece* [MM] (inclinação).

O livro foi escrito *por quem não se esperava* (agente da passiva).

Orações complexas de transposição adverbial – Refletindo a classe heterogênea dos advérbios, também as orações transpostas que exercem funções da natureza do advérbio se repartem por dois grupos:

a) as subordinadas adverbiais propriamente ditas, porque exercem função própria de advérbio ou locução adverbial e podem ser substituídas por um destes (advérbio ou locução adverbial): estão neste caso as que exprimem as noções de *tempo, lugar, modo* (substituíveis por advérbio), *causa, concessão, condição* e *fim* (substituíveis por locuções adverbiais formadas por substantivo e grupos nominais equivalentes introduzidos pelas respectivas preposições);

b) as subordinadas *comparativas* e *consecutivas.*

As subordinadas adverbiais propriamente ditas – As adverbiais do 1.º grupo exercem função própria de advérbio, que é, como vimos, um adjunto ou determinante circunstancial não argumental do núcleo verbal. Do ponto de vista constitucional, estão representados por advérbios (os de *tempo*, *lugar* e *modo*) ou pelas chamadas locuções adverbiais, constituídas por substantivos ou grupos nominais equivalentes introduzidos pelas respectivas preposições (as circunstâncias anteriores e, especialmente, as que denotam causa, concessão, condição e fim).

Daí tais orações adverbiais, do ponto de vista constitucional, se assemelharem às substantivas, já que se identificam com estas em funções adverbiais, como ocorre com o substantivo transposto ao papel de advérbio mediante o concurso de preposição:

Saiu *de noite.*

Estudamos *com prazer.*

Trabalhas *na fábrica.*

Passeamos *pela cidade.*

Destarte, quando as orações mediante o transpositor *que* se transpõem a subordinadas substantivas e passam a funcionar como adverbiais, são marcadas pela respectiva preposição, constituindo assim as impropriamente chamadas *locuções conjuntivas*: *sem que, para que, desde que, porque* (= *por* + *que*), *que*, etc. Impropriamente locuções conjuntivas, porque não se trata de uma unidade complexa, mas de dois elementos com papéis diferentes: a preposição assinala a noção circunstancial de que semanticamente se reveste a oração transposta ou subordinada; o *que* marca o novo papel da oração independente originária que passa a funcionar, num plano inferior, como termo sintático dentro da oração complexa:

Os alunos estudam muito *para que possam preparar-se para as exigências da vida.*

Os convidados saíram *sem que fossem notados.*

O advogado não o defendeu *porque o réu só mentiu no depoimento.*

Outras particularidades nos transpositores das orações adverbiais – Além do *que* precedido da conveniente preposição como vimos até aqui, devemos assinalar as seguintes outras particularidades:

a) Quando usados sem referência a antecedente, os advérbios relativos *onde, quando, como* e *quanto* (este com preposição) transpõem a oração a que pertencem, que passa a exercer papel de adjunto adverbial:

Onde me espetam fico.

Saíste *quando a festa melhorava.*

O prédio foi construído *como estava planejado.*

Só trabalhava *por quanto dinheiro ganhase para a viagem.*

b) Outros advérbios ou unidades de valor adverbial, próximos aos advérbios relativos, também transpõem orações para exercer papel adverbial, como ocorre com *se* (hipotético), *conforme, apenas, caso, enquanto:*

Se o emprego é nessas condições, ele não me interessa.

Seus sonhos se realizaram *conforme ela planejara.*

c) Também os pronomes relativos sem referência a antecedente ou precedidos de artigo transpõem oração subordinada a substantivo, podendo esta oração subordinada substantiva passar a exercer função adverbial se vem acompanhada da conveniente preposição:

Ela só saía *com quem lhe merecia confiança*

O vizinho errou quando depositou suas economias *no que era bastante precário.*

d) A oração transposta de *que* pode funcionar como determinante de um advérbio, de modo que às vezes o conjunto advérbio + *que* passa a funcionar como um transpositor unitário (*ainda que, ainda quando, já que, sempre que, logo que, assim que,* etc), em que o significado originário do advérbio fica modificado [AL.1, 355]:

Sempre que corríamos à janela, assistíamos ao espetáculo da natureza.

Logo que tudo fique resolvido, o vizinho se mudará.

OBSERVAÇÃO: Primitivamente o advérbio era um elemento da oração deslocado, que devia modificar um núcleo verbal daquela a que a rigor pertencia, e que passou a integrar outra oração.

e) Pelo fenômeno da subordinação ou hipotaxe, palavras ou grupos de palavras (advérbio ou substantivo adverbializado) passam a um estrato inferior e exercem papel próprio de

morfema, aqui de preposição, pela qual podem ser substituídos:

em virtude de doença = *por* doença
em cima da mesa = *sobre* a mesa
graças à ajuda = *com* a ajuda
debaixo da escada = *sob* a escada
dentro de pouco = *por* pouco

Neste caso, introduzindo uma oração transposta mediante *que*, esta exercerá papel adverbial:

Em virtude de que era o mais saudável, dispôs-se a trabalhar pelo grupo.

f) Alguns particípios fixos no masculino singular se unem a orações transpostas mediante *que* dando origem a transpositores complexos de orações adverbiais, do tipo de *dado que, posto que, visto que, suposto que, salvo que, exceto que, não obstante que*:

Nada resolveu o problema, *visto que não houve entendimento prévio das partes em litígio.*
Os turistas desistiram da visita *dado que chovia torrencialmente.*

OBSERVAÇÃO: Primitivamente o *que* introduzia oração que funcionava como sujeito do particípio, o que explica estar este no masculino singular, pois uma oração definida materialmente é considerada do gênero masculino e do número singular.

As subordinadas adverbiais comparativas e consecutivas – As subordinadas adverbiais do 2.º grupo, integradas pelas comparativas e consecutivas, guardam certa analogia com as adjetivas porque dependem de um antecedente, de natureza quantificadora ou de unidade quantificada (adjetivo ou advérbio) e só mantêm relação direta com o núcleo verbal da oração junto com seu antecedente. Assim é que em

Janete estuda mais que trabalha,

a oração subordinada *que trabalha* está presa ao advérbio *mais*, e o conjunto *mais que trabalha,* que manifesta uma comparação com o fato anterior, funciona como adjunto adverbial do núcleo verbal *estuda*.

O mesmo ocorre em

Janete é tão aplicada aos estudos que não lhe sobra tempo para o trabalho.

Aqui a oração subordinada *que não lhe sobra tempo para o trabalho*, que manifesta a consequência ou encarecimento do fato anterior, também está presa ao quantificador *tão* que funciona como adjunto adverbial de *aplicada*, e o conjunto *tão aplicada aos estudos que não lhe sobra tempo para o trabalho,* valendo por um adjetivo a modificar o substantivo *Janete*, funciona como predicativo do verbo *é.*

O caráter do adjunto, portanto de termo não argumental, tanto da oração subordinada comparativa quanto da consecutiva, se manifesta pelo fato de se poder eliminar, em cada caso, a oração subordinada, e continuar perfeita a oração anterior:

Janete estuda mais.
Janete é tão aplicada aos estudos.

Os diversos tipos de comparativas – Como já vimos, a comparação pode manifestar-se estabelecendo uma igualdade (*tanto... quanto*), uma superioridade (*mais...que* ou *do que*), uma inferioridade (*menos...que* ou *do que*) entre duas realidades ou conceitos.

A alternância de *que* e *do que* nasceu, em época relativamente recente, da construção primitiva em que a oração transposta que modificava *mais* ou *menos* era uma substantivada

iniciada por *o que...*, precedida de preposição *de*: *mais* (*menos*) *do que* = *mais* (*menos*) *daquilo que* [ED.2, 171; TM.1, 205].

Dos quantificadores, também já dissemos que só aparece flexionado em gênero e número o *tanto* adnominal, em conformidade com o substantivo ou pronome que modifique. *Tanto* é invariável quando se apresenta como advérbio. Vale ainda lembrar que os quantificadores *mais* e *menos* podem ser reforçados por advérbio: *muito mais, pouco mais, muito menos, pouco menos,* etc.

Outras unidades comparativas – Além dos quantificadores referidos, podem em seu lugar aparecer:

a) as formas adjetivas *maior, menor, melhor, pior:*

As qualidades devem ser *maiores que os vícios.*

b) unidades multiplicativas, indefinidas (como *outro, mesmo, igual*) e advérbios de valor seletivo (como *antes*):

A nota conseguida é o *dobro que o candidato merecia.*

Não pensava em *outra coisa que tirar proveito dos amigos.*

Tudo nele era o *mesmo que se vira antes.*

O roubo antes denigre o ladrão *que lhe aumenta os haveres.*

As orações subordinadas consecutivas – Como vimos, a oração transposta consecutiva também se aproxima da adjetiva relativa por estar o transpositor *que* relacionado com uma unidade quantificadora da oração anterior:

Janete é tão aplicada aos estudos *que não lhe sobra tempo para o trabalho.*

Pelo exemplo acima percebe-se que a oração subordinada manifesta uma consequência; mas o valor semântico primordial é assinalar que o quantificador encarece o conteúdo de pensamento designado.

No exemplo:

Ela sentia tal medo que a deixava paralisada,

se eliminarmos o encarecedor, o quantificador *tal*, a oração subordinada poderá confundir-se com a adjetiva relativa se não for proferida com o contorno melódico que em geral marca a consecutiva, o que a faz poder ser assinalada por vírgula:

Ela sentia medo que a deixava paralisada.

OBSERVAÇÃO: Esta aproximação da adverbial consecutiva desprovida de quantificador com a adjetiva relativa tem levado alguns escritores a repetir a função sintática desempenhada pelo *que* relativo mediante o pronome adverbal *o* (*a, os, as*), construção que a norma padrão desaconselha: "o homem que se destina, ou *que o* destinou seu nascimento, a uma vocação pública, não pode, sem vergonha, ignorar as belas letras e os clássicos" [AGa.4, 29].

Tal como ocorreu nas orações subordinadas comparativas, em *Ela sentia tal medo que a deixava paralisada,* constitui uma unidade complexa o conjunto *tal medo que a deixava paralisada*, que, na oração complexa, funciona como objeto direto do núcleo verbal *sentia.*

Outras unidades consecutivas – Os quantificadores a que se prendem as orações

consecutivas podem ser substituídos por outras unidades, naturalmente sem que deixem de ser marcadas pelo contorno melódico que manifesta o encarecimento do conteúdo do pensamento designado:

a) O indefinido *cada:*

Ele diz *cada* mentira *que já está desacreditado no grupo.*

b) O indefinido *um* (*uma, uns, umas*):

De repente caiu *uma ventania que afugentou do estádio todos os espectadores.*

c) As unidades *de modo, de maneira, assim*:

O mágico falava *de modo que impressionava a plateia.*

O escritor escrevia *de maneira que compunha um livro por mês.*

O atleta era *assim forte que punha nos concorrentes a certeza da derrota.*

OBSERVAÇÃO: Acerca da substituição de *de modo que, de maneira que* + verbo flexionado por *de modo a, de maneira a* + infinitivo (*de modo a fazer,* etc.) cf. link.

d) Pode faltar a unidade quantificadora, garantida pelo contorno melódico e pelo contexto:

É feio *que mete medo.*

Grupos oracionais: a coordenação – Já vimos que as orações coordenadas são orações sintaticamente independentes entre si e que se podem combinar para formar *grupos oracionais* ou *períodos compostos:*

Mário lê muitos livros e aumenta sua cultura.

Mário lê muitos livros e aprende pouco.

É fácil observar que as duas orações do primeiro exemplo são sintaticamente independentes, porque, ao analisar a primeira (*Mário lê muitos livros*), verificamos que possui todos os termos sintáticos previstos na relação predicativa, ao contrário da oração complexa, conforme vimos:

Sujeito: *Mário*

Predicado: *lê muitos livros*

Objeto direto: *muitos livros*

Entretanto, é também fácil verificarmos que a segunda oração *e aumenta sua cultura* manifesta o resultado, uma consequência do fato de Mário ler muito. Esta interpretação, aliás correta, não interfere na relação sintática que as duas orações mantêm entre si no grupo oracional. Esta interpretação adicional não resulta da relação sintática existente nas duas orações, mas sim da nossa experiência do mundo, porque sabemos que a leitura é uma das nossas fontes de cultura. E muito menos a manifestação nasce do emprego da conjunção *e* que, por ser mero conector das orações, tem por missão semântica apenas adicionar um conteúdo de pensamento a outro. Por isso, é denominada *conjunção* (= conector) *aditiva.*

Prova evidente do que estamos falando é o segundo exemplo:

Mário lê muitos livros e aprende pouco.

Do ponto de vista sintático, já vimos que aqui também estamos diante de orações independentes e que podem figurar isoladamente:

Mário lê muitos livros. Ele aprende pouco.

É partindo desse nosso saber sobre as coisas do mundo e dos significados dos lexemas utilizados que interpretamos a 2.ª oração como o contrário do que estávamos esperando pelo

fato de Mário ler muitos livros.

Como no exemplo anterior, essa interpretação adicional não tira da 2.ª oração o caráter de *coordenada aditiva* nem permite que se classifique o *e* diferentemente de uma conjunção aditiva. É o texto, com suas unidades léxicas, e não a gramática, que manifesta o sentido adversativo que claramente expressa a 2.ª oração em face do conteúdo que se enunciou na 1.ª. São, assim, unidades textuais, o que vale dizer, são unidades que manifestam funções sintagmáticas no nível do texto. Trata-se de exemplos de coordenação no nível da oração e de subordinação no nível do texto.

Cabe também assinalar que as orações conectadas por *e* não manifestam nenhum sentido textual subsidiário, além da adição; a ordem das orações é, em geral, livre, salvo quando o significado dos lexemas estabelece uma disposição natural dos conteúdos de pensamento designados. São, neste último caso, questões relativas ao nosso saber elocutivo, e não ao saber idiomático, exclusivamente:

Trabalhava de dia e estudava de noite.
Estudava de noite e trabalhava de dia.

Mas há ordem fixa em:

Ficou noivo em fevereiro e casou-se em junho.
Cursava a Faculdade de Direito e formou-se em advocacia.

Em sentido inverso, muitas orações subordinadas – especialmente as reduzidas, em vista da amplitude semântica em que podem ser envolvidas pela influência das unidades léxicas empregadas e do nosso saber e experiências do mundo – podem admitir um sentido "aditivo", como nos seguintes casos:

a) as orações reduzidas de gerúndio, quando equivalente a uma oração coordenada iniciada pela conjunção *e*:

Compreendeu bem a lição, *fazendo* depois corretamente os exercícios (= e fez depois...)

b) as reduzidas de infinitivo precedida da preposição *sobre* e da locução prepositiva *além de*:

"Além de que a fumarada do charuto, *sobre ser* purificante ou antipútrida, dava aos alvéolos solidez, e consistência aos dentes" [CBr.1, 108] (*sobre ser* = além de ser purificante... a fumarada do charuto dava...).

Apesar destas interpretações "aditivas", estas reduzidas, quanto à sua estruturação gramatical, pertencem ao quadro das orações subordinadas.

Os tipos de orações coordenadas e seus conectores – As orações coordenadas estão ligadas por conectores chamados conjunções coordenativas, que apenas marcam o tipo de relação semântica que o falante manifesta entre os conteúdos de pensamento designado em cada uma das orações sintaticamente independentes.

São três as relações semânticas marcadas pelas conjunções coordenativas ou conectores:

1) *Aditiva*: adiciona ou entrelaça duas ou mais orações, sem nenhuma ideia subsidiária.

As conjunções aditivas são *e* e *nem* (esta para os conteúdos negativos, e pode vir na 2.ª oração ou em ambas).

Pedro estuda *e* Maria trabalha.
Pedro não estuda *nem* trabalha.
Nem Pedro estuda *nem* Maria trabalha.

2) *Adversativa*: contrapõe o conteúdo de uma oração ao de outra expressa anteriormente:

João veio visitar o primo, *mas* não o encontrou.

As conjunções adversativas são *mas, porém, senão* (depois de conteúdo negativo).

Não saía senão com os primos.

3) *Alternativa*: contrapõe o conteúdo de uma oração ao de outra e manifesta exclusão de um deles, isto é, se um se realizar, o outro não se cumprirá:

Estudas *ou* brincas.

Enlaces adverbiais em grupos de orações – Certas unidades de natureza adverbial e que manifestam valores de concessão, conclusão, continuação, explicação, causa, que fazem referência anafórica ao que anteriormente se expressou, podem aparecer como aparentes conectores de orações em grupos oracionais: *logo, pois, portanto, por conseguinte, entretanto, contudo, todavia, por isso, por isto, também, daí, então, pelo contrário,* etc:

Será a primeira vez que copiará estes quadros, *pois* não há oito dias que os comprei [JA.3, 257].

O amor, como eu sonho e espero, há de ser a minha vida inteira; *portanto* parece-me que tenho o direito e até o dever de conhecê-lo antes (...) [JA.3, 379].

O que a protegia na confusão não era tanto o rápido olhar, como um sétimo sentido, que só ela possuía: uma espécie de previsão dos objetos que se aproximavam.

Contudo, eu sofria muito vendo Emília assim esquecida de mim e engolfada nos prazeres (...) [JA.3, 380].

Partindo desses valores semânticos, a gramática tradicional estabeleceu, entre os conectores coordenativos, as conjunções *conclusivas* e *causais-explicativas*. Realmente, nestes casos se trata de unidades que manifestam esses valores de dependência interna, semelhantes às orações subordinadas, mas no nível do sentido do texto. São unidades transfrásticas, já que ultrapassam os limites de fronteira das orações.

OBSERVAÇÃO: A inexistência, a rigor, das conjunções conclusivas e causais – explicativas, orientação que também é seguida em gramáticas de outras línguas, já tinha sido defendida entre nós por Maximino Maciel (1865-1923) na última revisão de sua *Gramática Descritiva*, em que as considerava advérbios, dada a facilidade com que se deslocavam nas orações, aparecendo em várias posições, o que lhes tirava o caráter de conectores.

Justaposição ou assindetismo – Ao lado da presença de transpositores e conectores vistos até aqui, as orações podem encadear-se, como ocorre com os termos sintáticos dentro da oração, sem que venham entrelaçadas por unidades especiais; basta-lhes apenas a sequência, em geral proferidas com contorno melódico descendente e com pausa demarcadora, assinalada quase sempre na escrita por vírgulas, ponto e vírgula e ainda por dois pontos:

O moço que dizia Simíles costumava zombar de mim com barulho. *Qualquer dito nem o excitava: mordia os beiços, avermelhava-se como um peru, lacrimejava, enfim não se continha, caía num riso convulso, rolava sobre o balcão, meio sufocado.* [GrR.1, 197].

Este procedimento de enlace chama-se *justaposição.*

Sob o ponto de vista sintático e semântico, tais justaposições se aproximam, pela independência sintática e estreito relacionamento semântico, da parataxe ou coordenação. Seu efeito para o discurso é variado, ora apontando para um estilo cortado com grande dose impressionista, ora para um estilo que focaliza quadros rápidos e movimentos ascendentes, especialmente se está constituído por sequência de verbos. Já a sequência de substantivos

manifesta lentidão.

Aproximam-se as orações justapostas das coordenadas, e com elas às vezes se alternam, por permitirem, no nível da camada superior do texto, um sentido subsidiário de causa-explicação, concessão, consequência, oposição, tempo, levando-se em conta o conteúdo de pensamento nelas designado:

> Uma vez por dia o grito severo me chamava à lição. Levantava-me, com um baque por dentro, dirigia-me à sala, gelado. *E emburrava: a língua fugia dos dentes, engrolava ruídos confusos* [GrR.1, 102].
>
> Não me ajeitava a esse trabalho: a mão segurava mal a caneta, ia e vinha em sacudidelas, *a pena caprichosa fugia da linha, evitava as curvas, rasgava o papel, andava à toa como uma barata* doida, semeando borrões [GrR.1, 114].

A chamada " coordenação distributiva" – Podem-se incluir nas orações justapostas aquelas que a gramática tradicional arrola sob o rótulo de coordenadas distributivas, caracterizadas por virem enlaçadas pelas unidades que manifestam uma reiteração anafórica do tipo de *ora...ora, já...já, quer...quer, um...outro, este...aquele, parte...parte, seja...seja,* e que assumem valores distributivos alternativos, e subsidiariamente concessivos, temporais, condicionais.

Do ponto de vista constitucional, essas unidades são integradas por várias classes de palavras: substantivo, pronome, advérbio e verbo, e do ponto de vista funcional não se incluem entre os conectores que congregam orações coordenadas:

> *Ora* eram eles capazes de atos de vandalismo, *ora* eram capazes de atos de ajuda ao próximo.
>
> *Já* não se mostravam como pessoas educadas, *já* se revelavam como se fossem inocentes crianças.
>
> *Uns* estavam sempre satisfeitos, *outros* só viviam reclamando da vida.

Orações intercaladas – Também se incluem nos grupos oracionais como orações justapostas as intercaladas, também caracterizadas por estarem separadas do conjunto por pausa e por contorno melódico particular. Na escrita, aparecem marcadas por vírgula, travessão ou parêntese. Do ponto de vista de conteúdo de pensamento designado, dividem-se em:115

1) *citação*: onde se acrescenta a pessoa que proferiu a oração anterior:

> Dê-me água, *me pediu o rapaz.*116
>
> Quem é ele? – *interrompeu a jovem.*

2) *advertência*: esclarece um ponto que o falante julga necessário:

> Em 1945 – *isto aconteceu no dia de meu aniversário* –, conheci um dos meus melhores amigos.

3) *opinião*: em que o falante aproveita a ocasião para opinar:

> D. Benta (*malvada é que era*) dizia que a sua doença impedia a brincadeira da garotada.
>
> "Comíamos, *é verdade*, mas era um comer virgulado de palavrinhas doces" [MA.1, 198].

4) *desejo*: em que o falante aproveita a ocasião para exprimir um desejo, bom ou mau:

> José – *Deus o conserve assim!* – conquistou o primeiro lugar da classe.
>
> "É bem feiozinho, *benza-o Deus,* o tal teu amigo!" (Aluísio Azevedo)
>
> O teu primo – *raios que o partam!* – pôs-me de cabelos brancos.

5) *escusa*: em que o falante se desculpa:

> "Pouco depois retirou-se: eu fui vê-la descer as escadas, e não sei por que fenômenos de ventriloquismo cerebral (*perdoem-me os filósofos essa frase bárbara*) murmurei comigo..." [MA.1, 325].

6) *permissão*: em que solicita algo:

"Meu espírito (*permita-me aqui uma comparação de criança*), meu espírito era naquela ocasião uma espécie de peteca" [MA.1, 282].

7) *ressalva*: em que faz uma limitação à generalidade de um enunciado:

"Daqui a um crime distava apenas um breve espaço e ela transpôs, *ao que parece*" [AH.2, 123].

Ele, *que eu saiba,* nunca veio aqui.117

"Cobiça de cátedras e borlas que, *diga-se de passagem,* Jesus Cristo repreendeu severamente aos fariseus" [CBr.2, 300].

Os livros, *pode-se bem dizer*, são o alimento do espírito.

Aparentes orações complexas – Entram, assim, neste caso as intercaladas de citação que, em estilo direto, reproduzem o que no estilo indireto funcionaria como objeto direto do núcleo verbal, claro ou subentendido: *Dê-me água, me pediu o rapaz*, equivalente no conteúdo a *O rapaz pediu que lhe desse água; Quem é ele? – interrompeu o jovem*, equivalente no conteúdo a *O jovem interrompeu* [*perguntando*] *quem é ele.*

Atendendo às equivalências do conteúdo, mas em contradição com a estrutura sintática e textual, alguns autores analisam tais orações justapostas como complexas. Só poderíamos proceder dessa maneira e considerá-las orações complexas se viessem introduzidas pelo transpositor, como ocorreu nas equivalências apontadas.

Como bem ensina A. da Gama Kury, devemos "considerar essas orações interferentes como períodos à parte, intercalados ou justapostos, que se analisarão lado a lado com aquele em que se inserem" [AK.1, 70].

3 – Discurso direto, indireto e indireto livre

O português, como outras línguas, apresenta normas textuais para nos referirmos no enunciado às palavras ou aos pensamentos de responsabilidade do nosso interlocutor, mediante os chamados *discurso direto, discurso indireto* e *discurso indireto livre.*

No DISCURSO DIRETO reproduzimos ou supomos reproduzir fiel e textualmente as nossas palavras e as do nosso interlocutor, em diálogo, conforme vimos nos exemplos das orações ou períodos intercalados de citação, com a ajuda explícita ou não de verbos como *disse, respondeu, perguntou, retrucou* ou sinônimos (os chamados verbos *dicendi*). Às vezes, usam-se outros verbos de intenção mais descritiva, como *gaguejar* (do nosso exemplo), *balbuciar, berrar,* etc. São os *sentiendi*, que exprimem reação psicológica do personagem.118 No diálogo, a sucessão da fala dos personagens é indicada por travessão (outras vezes, pelos nomes dos intervenientes):

Uma vez em que me extenuava na desgraçada tarefa percebi um murmúrio:

— *Lavou as orelhas hoje?*

— Lavei o rosto, *gaguejei* atarantado.

— Perguntei se lavou as orelhas.

— Então? Se lavei o rosto, devo ter lavado as orelhas [GrR, 114].

No DISCURSO INDIRETO os verbos *dicendi* se inserem na oração principal de uma oração complexa tendo por subordinada as porções do enunciado que reproduzem as palavras próprias ou do nosso interlocutor. Introduzem-se pelo transpositor *que,* pela dubitativa *se* e

pelos pronomes e advérbios de natureza pronominal *quem, qual, onde, como, por que, quando,* etc., já vistos antes:

Perguntei *se lavou as orelhas.*

O discurso direto em:

José Dias recusou, dizendo: *É justo levar a saúde à casa de sapé do pobre*

passa a discurso indireto, em que se transpõe o presente *é* do discurso direto para o pretérito imperfeito do indireto:

José Dias recusou, dizendo *que era justo levar a saúde à casa de sapé do pobre* [MA.4, 14].

O DISCURSO INDIRETO LIVRE consiste em, conservando os enunciados próprios do nosso interlocutor, não fazer-lhe referência direta. Como ensina Mattoso Câmara, mediante o estilo indireto livre reproduz-se a fala dos personagens – inclusive o narrador – sem "qualquer elo subordinativo com um verbo introdutor *dicendi*" [MC.4, 28]. Se tomássemos o exemplo acima d e *Dom Casmurro*, bastaria suprimir a forma verbal *dizendo* e construir dois períodos independentes com as duas partes restantes:

José Dias recusou. *Era justo levar a saúde à casa de sapé do pobre.*

Uma particularidade do estilo indireto livre é a permanência das interrogações e exclamações da forma oracional originária, ao contrário do caráter declarativo do estilo indireto. Mattoso Câmara cita um trecho de *Dom Casmurro* em que D. Glória tenta demover Pádua da ideia de suicídio por lhe ter mudado a vida financeira de repente, mediante um enunciado em estilo indireto livre a partir do segundo período:

> Minha mãe foi achá-lo à beira do poço, e intimou-lhe que vivesse. Que maluquice era aquela de parecer que ia ficar desgraçado, por causa de uma gratificação menos, e perder um emprego interino? Não, senhor, devia ser homem, pai de família, imitar a mulher e a filha... (p. 48)

Em suma, o discurso indireto livre "estabelece um elo psíquico entre o narrador e o personagem que fala (...) o narrador associa-se ao seu personagem, transpõe-se para junto dele e fala em uníssono com ele" [MC.4, 30-31].

Particularidades outras das orações transpostas substantivas – O transpositor da oração substantiva junto à oração principal se diz *conjunção integrante: que* (nas declarações de certeza) e *se* (nas declarações de incerteza):

Sei *que* virá hoje.

Não sei *se* virá hoje.

Conforme vimos, pode a conjunção integrante vir ou não precedida de preposição necessária. O quadro seguinte resumirá as orações substantivas, levando-se em conta a preposição necessária:

- Subordinadas Substantivas
  - a) sem preposição necessária
    - 1) *subjetiva*
    - 2) *objetiva direta*
    - 3) *predicativa*
    - 4) *apositiva*
  - b) com preposição necessária
    - 1) *completiva relativa* (complemento de verbo)
    - 2) *objetiva indireta* (complemento de verbo + objeto direto ou complemento relativo)

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Continuamos a insistir no termo *necessária (preposição necessária),* porque ela pode aparecer, esporadicamente, em lugares que a não exigem, como omitir-se onde seria esperada. Assim, pode-se prescindir da preposição que inicia uma oração objetiva indireta ou completiva nominal:

> "Em Coimbra recebeu o infante esta triste nova por uma carta da rainha sua filha, em que o avisava que *em conselho se decidira que o fossem cercar...*" [AH.2, 94],

isto é: em que o avisava que está por *em que o avisava* ***de que***.

2.ª) Pode ocorrer a omissão tanto da preposição quanto do transpositor:

> Quis defendê-la, mas Capitu não me deixou, continuou a chamar-lhe beata e carola, em voz tão alta que tive medo *fosse* ouvida os pais [MA *apud* MBa.3, 80],
>
> isto é: tive medo *de que* fosse ouvida.

Também se pode preceder de preposição uma oração subjetiva ou objetiva direta. Assim, por influência da construção *fazer com alguém* (= conseguir deste alguém) *que viesse* passamos a empregar *fazer com que* ao lado de *fazer que* em orações objetivas diretas do tipo:

> "...fizeram (os cortesãos) *com que se retirasse para Sintra...*" [AH.2, 93],
>
> onde *fazer* significa "diligenciar e conseguir que uma coisa aconteça".

Ou subjetiva, como:

> "Desaire real seria *de a deixar sem prêmio*" [AGa].

Registrem-se ainda as construções *dizer de sim, dizer de não,* em lugar de *dizer que sim, dizer que não:* "Eu me abalanço a lhes dizer e redizer *de não* [RB.5, 225]".

Características da oração subjetiva e predicativa – A oração substantiva subjetiva apresenta as seguintes características:

Estar o verbo da oração principal na 3.ª pessoa do singular e num destes quatro casos:

a) verbo na voz reflexiva de sentido passivo:

> Sabe-se que tudo vai bem.

b) verbo na voz passiva (*ser, estar, ficar*) seguidos de particípio:

> Ficou provado *que estava inocente.*

c) verbos *ser, estar, ficar* seguidos de substantivo ou adjetivo:

> É verdade que *sairemos cedo*.
>
> Foi bom *que fugissem.*

Está claro *que consentirei.*

Ficou certo *que me telefonariam.*

d) verbo do tipo *parece, consta, ocorre, corre, urge, importa, convém, dói, punge, acontece:*

Parece *que vai chover.*

Urge *que estudem.*

Cumpre *que façamos com cuidado todos os exercícios.*

Acontece *que todos já foram punidos.*

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Não se pautam pela tradição literária as construções em que se personaliza o verbo *pesar* significando arrependimento ou dor, do tipo de:

Pesam-me os dissabores que lhe causei.

A boa construção é dar-lhe objeto indireto de pessoa e complemento relativo de coisa introduzida pela preposição *de*, e na forma de 3.ª pessoa do singular:

Pesa-me dos dissabores que lhe causei.

2.ª) O Prof. Sousa Lima [SL.1, § 530] acha que só se poderá considerar *predicativa* a oração que contiver o verbo *parecer* concordando "com outro sujeito que não seja a proposição: *Tu pareces ser estrangeiro* ", outro exemplo, "Nunca nos esquecemos de nós, ainda quando *parecemos* que mais nos ocupamos dos outros" [MM].

A oração substantiva predicativa introduzida pela conjunção complementa, na maioria das vezes, o verbo *ser*:

A verdade *é que não ficaremos aqui.*

Omissão da conjunção integrante – Se o enunciado encerra mais de um *que,* podemos, com elegância, omitir a conjunção integrante, principalmente nas orações subjetivas e objetivas presas a núcleos verbais que exprimem vontade ou temor:

"Devia, pois, ser melancólico, além do exprimível o que aí se passou nessa grade: triste, e desgraçado direi, a julgá-lo pelas consequências *que* se vão descrever, com um certo pesar em *que esperamos tomem* os leitores o seu quinhão de pena..." [CBr.4, 223].

Esperamos tomem está por e*speramos que tomem.*

Ainda que não haja acúmulo de *quês*, constitui leveza a omissão da conjunção integrante, que ocorre principalmente no estilo administrativo:

"Frequentes vezes me *disse esperava* lhe anulassem no supremo tribunal o processo" [CBr.10, 51].

Requeiro *seja enviado o Processo a outra instância.*

Evitou-se, no primeiro exemplo, o emprego de duas conjunções integrantes: "...me disse *que esperava que* lhe anulassem o processo".

"Posto que, dizia ele, muito desejasse ver levar o negócio a cabo, *aconselhava-o não tentasse* nada de leve..."[AH.6, 262, *apud* AH.2, 149].

Aconselhava-o não tentasse está por *aconselhava-o a que não tentasse.*

Também se dá a omissão da integrante *que* depois do transpositor na comparação com *que* ou *do que*, como se observa no seguinte exemplo:

É melhor *que* lhe deem uma oportunidade *do que estejam* a retê-lo na prisão,

isto é: *é melhor que lhe deem...do que que estejam...*

Pode-se ainda fugir à repetição pondo-se o verbo no infinitivo:

do que *estar* a retê-lo na prisão.

Pleonasmos da conjunção integrante

Quando a oração substantiva não segue imediatamente o verbo de que serve de integração, pode ocorrer, mormente no falar coloquial, o pleonasmo da conjunção integrante, como o provam os seguintes exemplos:

"e disse *que*, se lhe não queríamos mais nada, *que* podíamos ir à nossa vida" [CBr, 45].

"O meu amor me disse ontem
Que eu *que* andava coradinha" [AO.1] 119

A verdade é *que* desde que anunciei ao rapaz a volta de sua mãe, *que* observei nele uma bizarra mudança de atitude [LCa.1].

Particularidades sobre as *orações transpostas adjetivas*

Funções sintáticas do relativo das orações adjetivas – As orações adjetivas iniciam-se por pronome relativo que, além de marcar a subordinação, *exerce uma função sintática da oração a que pertence.* Em:

"Há enganos *que* nos deleitam, como desenganos *que* nos afligem" [MM],

os dois *quês* exercem funções sintáticas na oração subordinada que iniciam. O primeiro é sujeito de *deleitam* (que nos deleita? – *enganos*, representado na oração subordinada pelo *que*); o segundo é sujeito de *afligem* (que nos aflige? – *desenganos*, representado na oração subordinada pelo *que*).

É importante assinalar que *a função sintática do pronome relativo nada tem a ver com a função do seu antecedente; ela é indicada pelo papel que desempenha na oração subordinada a que pertence.*

Desta maneira, no exemplo dado, *enganos* e *desenganos* são *objetos diretos* (a oração não tem sujeito, porque o verbo *haver* = *existir* é impessoal) e os *quês* são sujeitos.

a) *Que* – não precedido de preposição necessária – pode exercer as funções de *sujeito, objeto direto* ou *predicativo*:

O menino *que* estuda aprende (*sujeito*).

O livro *que* lemos é instrutivo (*objeto direto*).

Somos o *que* somos (*predicativo*).

b) *Que* – precedido de preposição necessária – pode exercer as funções de *objeto indireto, complemento relativo, adjunto adverbial* ou *agente da passiva*:

A pessoa *a que* entreguei o livro deixou-o no táxi (*objeto indireto*).

Os filmes *de que* gostamos são muitos (*complemento relativo*).

A cidade *a que* te diriges tem bom clima (*complemento relativo*).

A pena *com que* escrevo não está boa (*adjunto adverbial de meio*).

Este é o escritor *por que* foi escrito o livro (*agente da passiva*).

OBSERVAÇÃO: Constitui impropriedade o emprego do pronome relativo precedido de preposição *de* como adjunto adnominal, em lugar de *cujo*. Assim se evita dizer "o escritor *de que* todos conhecemos o livro", "as pessoas *de quem* reconheceis os privilégios". Em boa linguagem diremos "o escritor *cujo* livro todos conhecemos", "as pessoas *cujos* privilégios reconheceis". Todavia não são raros os exemplos em bons escritores: O anarquista maldiz de todos os governos *de que* não compartilha as vantagens [MM]. Para certa classe de gente, a consciência é uma gaveta fechada *de que* se perdeu a chave [AR.2, 168], isto é, *de cujas vantagens não compartilha; gaveta cuja chave se perdeu.*

c) *Quem* – sempre em referência a pessoas ou coisas personificadas – só se emprega precedido de preposição, e exerce as seguintes funções sintáticas:

Ali vai o professor *a quem* ofereci o livro (*objeto indireto*).

Apresento-te o amigo *a quem* hospedei no verão passado (*objeto direto*).

Não conheci o professor *a quem* te referes (*complemento relativo*).

As companhias *com quem* andas são péssimas (*adjunto adverbial*).

O amigo *por quem* fomos enganados desapareceu (*agente da passiva*).

d) *Cujo(s), cuja(s)* – precedidos ou não de preposição – valem sempre *do qual, da qual, dos quais, das quais* (caso em que a preposição *de* tem sentido de posse) e funcionam como *adjunto adnominal* do substantivo seguinte com o qual concordam em gênero e número. O sintagma a que *cujo* pertence exercerá a função que determinar sua relação com o núcleo verbal. Assim, *cuja casa* é objeto direto de *comprei* e *sobre cuja matéria* é complemento relativo de *discutíamos*:

O homem *cuja* casa comprei embarcou ontem (= a casa do qual).

Terminei o livro *sobre cuja* matéria tanto discutíamos (= sobre a matéria do qual).

OBSERVAÇÃO: *Erros no emprego de* CUJO.

Constitui erro empregar *cujo*:

a) como sinônimo de *o qual, a qual, os quais, as quais:*

Aqui está o livro *cujo* livro compramos (= o qual);

b) precedido ou seguido de artigo:

Este é o autor *à cuja* obra te referiste (Não há acento indicativo da crase).

Compramos os livros de *cujos os* autores nos esquecemos.

Emprego de relativos – Em lugar de *em que, de que, a que,* nas referências a lugar, empregam-se, respectivamente, *onde, donde, aonde* (que funcionam como adjunto adverbial ou complemento relativo):

O colégio *onde* estudas é excelente.

A cidade *donde* vens tem fama de ter bom clima.

A praia *aonde* te diriges parece perigosa.

Modernamente, os gramáticos têm tentado evitar o uso indiscriminado de *onde* e *aonde*, reservando o primeiro para a ideia de repouso e o segundo para a de movimento:

O lugar *onde* estudas...

O lugar *aonde* vais...

Esta lição da gramática tende a ser cada vez mais respeitada na língua escrita contemporânea, embora não sejam poucos os exemplos em contrário, entre escritores brasileiros e portugueses.

e) *O qual* – e flexões que concordam em gênero e número com o antecedente – substitui *que* e dá à expressão mais ênfase. Para maior vigor ou clareza pode-se até repetir o antecedente depois de *o qual*:

"O primeiro senhor de Ormuz de que temos notícia foi Male-Caez, *o qual*, habitando na ilha de Caez, dominava todas as ilhas daquele estreito" [AH.2, 54].

Ao livro ninguém fez referência, *o qual* livro merece a maior consideração, no meu entender.

Às vezes o antecedente se acha apenas esboçado, como no seguinte exemplo, onde se percebe claramente o termo *cidade*.

> "Logo, porém, que este prazo expirou, o rei de Leão fez uma estrada até Talavera, perto *da qual cidade* destroçou as tropas que intentaram opor-se-lhe" [AH.6, 94].

É mais comum a substituição de *que* por *o qual* depois de preposição, principalmente depois de preposição ou locução prepositiva de duas ou mais sílabas. Dizemos indiferentemente *de que*, ou *do qual*, *com que* ou *com o qual*, *a que* ou *ao qual*, *sem que* ou *sem o qual,* mas só ocorrem *apesar do qual, conforme o qual, segundo o qual, entre o qual, fora dos quais, perante os quais,* etc. A razão se deve ao movimento rítmico da oração e a uma necessidade expressiva que exigem um vocábulo tônico (como o *qual*), e não átono (como *que*).

Posição do relativo – Normalmente o *que* vem junto do seu antecedente; quando isto não se dá e o sentido da oração periga, desfaz-se a dúvida com o emprego de *o qual*, de *e este* ou se repete o antecedente, ou se põe vírgula para mostrar que o relativo não se refere ao antecedente mais próximo:

> "Mas ele tinha necessidade da sanção de alguns, que [isto é, *sanção* e não *alguns*] lhe confirmassem o aplauso dos outros" [MA.1, 138].
> "Arrastaram o saco para o paiol e o *paiol* ficou a deitar fora" [CN.1, 12].

Poderia também dizer o autor:

> Arrastaram o saco para o paiol *que* ficou a deitar fora.
> Arrastaram o saco para o paiol *o qual* ficou...
> Arrastaram o saco para o paiol *e este* ficou...

Note-se como Camilo evita o equívoco nesta passagem:

> "Eu de mim, se não estivesse amortalhada no sobretudo do meu marido, *que* vou escovar (o sobretudo), era dele, como a borboleta é da chama..." [CBr.12, 18 *apud* MBa.5, 303].

Não é impossível, entretanto, mormente nos autores mais antigos e naqueles que, embora contemporâneos, primam por escrever como os clássicos, vir o pronome relativo afastado do seu antecedente, como neste trecho de João Ribeiro, depois do verbo da oração principal [MLk.2, §637; ECs.4, 257-258]:

> "No fundo de um triste vale dos Abruzos, terra angustiada e sáfara, um pobre eremita vivia *que deixara as abominações do século pela soledade do deserto*" [JR.2, 219].

Era comum nos clássicos:

> "...àquele haveis de dar vosso voto para governar, *que* entre todos tiver mais saber" [HP, 178-9].

Por fim, cumpre assinalar que ocorre ainda a inversão de um termo da oração adjetiva para antes do relativo, como no exemplo de Vieira:

> "O padre Francisco Gonçalves, *provincial* que acabou de ser [em lugar de: *que acabou de ser provincial*] da província do Brasil..." [AV *apud* FB, 289].

Pronome relativo sem função na oração em que se encontra

Em expressões do tipo:

> Ali está o homem que eu pensei que tivesse desaparecido.
> Não faças a outrem o que não queres que te façam,

o pronome relativo *que* inicia as orações *que eu pensei*, *que não queres*, dando-lhes o caráter

de adjetivas, mas não exerce nelas função sintática; pertence, isto sim, às orações substantivas *que tivesse desaparecido* ou *que te façam*, das quais é o sujeito (na 1.ª) e objeto direto (na 2.ª). Cuidado especial há de ter-se no que toca à concordância, pois o escritor inexperiente logo opta por flexionar o verbo: ...distinção adiada *sine die* por motivos que não *vem* (e não *vêm* no plural) a pelo declarar [CL.1, 66].

Esta construção é correta e coerente, e resiste a um enquadramento nos processos normais de análise sintática.120

Pode-se evitar a repetição dos *quês* substituindo-se o verbo da oração substantiva por um infinitivo:

> Ali está o homem que eu pensei ter desaparecido.

"No português moderno, esta construção só tem lugar, em geral, quando a oração subordinada é substantiva; fora deste caso só se emprega, de ordinário, com o pronome *o qual*, e então coloca-se este pronome depois da expressão por ele determinada: *É problema, para resolver o qual são necessárias duas condições:* "O jugo da obediência, para lhes impor *o qual* muitas vezes faltava a força" [AH.6, 244]. Todavia, evita-se esta construção quanto possível, e diz por exemplo: *É problema para cuja resolução são necessárias* duas condições" [ED.2, § 367].

O QUE, A QUE, OS QUE, AS QUE

No exemplo:

> "De ordinário os que reclamam mais liberdade são os que menos a merecem" [MM],

as orações adjetivas substantivadas *das que reclamam mais liberdade* e *os que menos a merecem* não têm seus antecedentes explícitos.

Analisando a oração complexa constitutiva do enunciado, teremos uma cláusula do comentário *de ordinário* e uma comentada, assim analisada:

> Sujeito: *os que reclamam mais liberdade*
> Predicado: *são os que menos a merecem*
> Predicativo: *os que menos a merecem*

Análise do sujeito oracional:

> Sujeito: *os que*
> Predicado: *reclamam mais liberdade*
> Obj. direto: *mais liberdade*

Análise do predicativo oracional:

> Sujeito: *os que*
> Predicado: *menos a merecem*
> Obj. direto: *a*

Em

> José partiu, o que deixou a casa triste.

a oração adjetiva transposta a substantivo *o que...triste* é aposto da oração *José partiu*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Foge do plano de interpretação sintática o entender-se *o que* = *e isto*, como querem alguns gramáticos. Veja-se [CP.1, § 510].

2.ª) Em lugar de *o que* também pode ocorrer apenas *que*, construção que vai caindo em desuso: "... depois a 17 de agosto de 1710 acabou de expirar *que* (= o que) foi, como bem podemos presumir, voar do cárcere carregado com as palmas de

confessor e mártir para a pátria onde os frutos se colhem do que na terra se cultivou"[AC.8, 278 *apud* MBa.4, 139. Cf. ainda MBa.5, 234].

Com *o que, a que, os que, as que,* pode ocorrer uma preposição regendo toda a oração substantivada, o relativo ou ambos:

a) Gostei *do que disseste.*

b) O professor dissertou *sobre o de que* ontem conversávamos.

Com frequência, a preposição que deveria acompanhar o relativo emigra para o artigo que introduz a oração substantivada:

Não sei *no que* pensas (por *o em que*).

"Agora já sabe a fidalga *no que* ele estraga dinheiro" [CBr.1, 148].

Estas migrações de preposição para a unidade anterior ao relativo tornam a construção mais harmoniosa e espontânea. Os seguintes exemplos de Rui Barbosa, embora gramaticalmente corretos, trazem o selo do artificialismo:

"Assim me perdoem, também, *os a quem* tenho agravado, *os com quem* houver sido injusto, violento, intolerante..." [RB.2, 23].

"e daí, com estupenda mudança, começa a deixar ver *o a que* era destinada..." [RB.2, 36].

"Os meus serão *os a que* me julgo obrigado..." [RB.2, 61].

O DE que mais gosto é DE

É frequente ver-se a preposição que acompanha o relativo repetida junto ao termo ou oração que faz o papel de predicativo:

"do que [= de que] duvido é *de* que comecemos, se por el-rei houvermos de esperar" [AH.4, 222].

"No que [= o em que] em grande parte discordo de Schlegel é *no* severo conceito que forma do estilo de Addison" [AGa.4, 35; cf. MBa.4, 239-40].

Emprego de À em À QUE, ÀS QUE

As linguagens *a que, as que,* sendo o *a* artigo, podem vir regidas da preposição *a*, caso em que se usam as unidades complexas acentuadas *à que, às que:*

Não se referiu *à que* estava ao nosso lado (*à que* equivalente a *àquela que*).

Os prêmios foram entregues *às que* discursaram (*às que* equivalente a *àquelas que*).

É claro que se o *a* antes de *que* for apenas preposição não levará acento grave indicativo de crase, e não mais se tratará de adjetiva substantivada, mas tão somente adjetiva:

A pessoa *a que* te referes não veio hoje.

Relativo universal

Frequentes vezes a linguagem coloquial e a popular despem o relativo de qualquer função sintática, tomando-o por simples elemento transpositor oracional. A função que deveria ser exercida pelo relativo vem mais adiante expressa por substantivo ou pronome. A este relativo chamamos *universal*:

O homem QUE eu falei COM ELE

em vez de :

O homem COM QUEM (ou COM QUE) eu falei.

A amizade é coisa QUE nem sempre sabemos SEU SIGNIFICADO

em vez de:

A amizade é coisa CUJO SIGNIFICADO nem sempre sabemos.

Embora a língua padrão recomende o correto emprego dos relativos, o relativo universal se torna, no falar despreocupado, um "elemento linguístico extremamente prático" [KN.1, 330].

Observações finais:

1.ª) É frequente aparecer, na linguagem de outrora e ainda ocorre no colóquio moderno, *que* ou *quem* seguido de pronome pessoal oblíquo (*que* ou *quem... lhe*) onde o rigor gramatical exigiria aqueles pronomes precedidos de preposição:

"Agora sim, disse então aquela cotovia astuta, agora sim, irmãs, levantemos o voo e mudemos a casa, que vem *quem lhe* dói a fazenda" [MBe.1, I, 70].

Quem lhe dói a fazenda = a quem dói a fazenda.

"A Natureza, negando-lhe a ordinária ração de outros gostos, sente-o, e amua-se como menino, *que lhe tiram a merenda*" [*Vários Tratados*, II, 354 *apud* MBa.1, 254].

Tais construções não se enquadram nos processos rigorosos da análise.

2.ª) Às vezes o relativo não se refere à *forma* do seu antecedente, mas à *ideia* que ele traduz:

"Bem vês as *lusitânicas* fadigas

Que eu já de muito longe favoreço" [LC, IX, 38].

O relativo *que* se refere a *lusitanos*, ideia que, ensina-nos bem Epifânio Dias, está contida no adjetivo *lusitânicas* [LC, II, 171].121

Outras vezes o relativo se refere ao pronome pessoal que se depreende do pronome possessivo usado:

"Isto que parece absurdo ou desgracioso é perfeitamente racional e belo – belo à *nossa* maneira, *que* não andamos a ouvir na rua os rapsodos recitando os seus versos, nem os oradores os seus discursos, nem os filósofos as suas filosofias" [MA *apud* SS.5, I, 28],

que diz: "Quando leio este trecho, sinto como antecedente do *que* sublinhado a ideia de *nós*, encerrada no adjetivo *nossa.* Esse *que* não se me afigura conjunção causal". Julgo perfeitamente cabível a interpretação do mestre e constitui prática de linguagem corrente no latim: "*Vestra, qui cum summa integritate vixistis, hoc maxime interest*" [Cícero pro Sall, 28 *apud* JMa.1, § 317, a].

Outras particularidades das orações adverbiais

Tipos de oração subordinada adverbial – A oração subordinada adverbial funciona como adjunto adverbial da sua oração principal:

Toca sempre a sineta, *quando terminam as aulas*

(subordinada adverbial temporal).

As orações subordinadas adverbiais iniciam-se pelo transpositor *que*, acompanhado de preposição ou advérbios ou de outras unidades adverbiais:

1 – CAUSAIS: quando a subordinada exprime a causa, o motivo, a razão do pensamento

expresso na oração principal — *que* (= porque), *porque, como* (= porque), *visto que, visto como, já que, uma vez que* (com o verbo no indicativo), *desde que* (com o verbo no indicativo), etc.:

Saiu cedo *porque precisou ir à cidade.*

Como está chovendo, transferiremos o passeio.

Desde que assim quiseram, vão arrepender-se.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Evite-se na língua padrão o emprego de *de vez que* e *eis que* por não serem locuções legítimas.

2.ª) A língua moderna só usa *como* causal quando vier antes da principal.

2 – COMPARATIVAS: quando a subordinada exprime o ser com que se compara outro ser da oração principal. A comparação é *assimilativa*, quando "consiste em assimilar uma coisa, pessoa, qualidade ou fato a outra mais impressionante, ou mais conhecida" [MC.3, II, 48].

É introduzida a oração subordinada comparativa desta espécie por *como* ou *qual*, podendo ainda estarem em correlação com *assim* ou *tal* postos na oração principal:

"Os importunos são *como as moscas* que, enxotadas, revertem logo" [MM].

A comparação pode ainda ser *quantitativa*, quando "consiste em comparar, na sua quantidade ou intensidade, coisas, pessoas, qualidades ou fatos" [MC.3, II, 48].

Há três tipos de comparação quantitativa:

a) *igualdade,* introduzida por *como* ou *quanto* em correlação com *tanto* ou *tão* da oração principal, ou o *mesmo que:*

"Nada conserva e resguarda *tanto* a vida *como a virtude*" [MM].

Isto é o *mesmo que* nadar em ouro.

b) *superioridade*, introduzida por *que* ou *do que* em correlação com *mais* da oração principal:

"Um homem pode saber *mais do que muitos*, porém nunca tanto como todos" [MM].

c) *inferioridade,* introduzida por *que* ou *do que* em correlação com *menos* da oração principal:

"O governo dos loucos dura pouco, o dos tolos ainda *menos que o dos velhacos*" (*id.*).

As orações subordinadas comparativas, geralmente, não repetem certos termos que, já existentes na sua principal, são facilmente subentendidos:

Os importunos são como as moscas *são*...

Nada conserva e resguarda tanto a vida como a virtude *conserva e resguarda*...

Um homem pode saber mais do que muitos *sabem*...

O governo dos loucos dura pouco, o dos tolos ainda *dura menos* que *dura* o dos velhacos... (note-se que o primeiro *dura* omitido não está em oração comparativa).

Ocorre a presença do verbo em:

"Não tens inimigo mais poderoso, mais astuto, mais emperrado e mais doméstico *do que é teu* amor-próprio" [MBe.2, 213].

"O ar como que *era* cortado de relâmpagos sensuais, sentiam-se passar lufadas de tépida volúpia" [JRi.1,70].

Em lugar de *mais bom, mais grande, mais mau, mais pequeno, mais bem* e *mais mal* dizemos normalmente *melhor, maior, pior, menor* (*melhor* e *pior* se aplicam tanto para os adjetivos como para os advérbios).

"Os velhacos têm de ordinário mais talento, porém *menor* juízo do que os homens probos" [MM].

"Não há escravidão *pior* do que a dos vícios e paixões" [MM].

"Não há *maior* nem *pior* tirania que a dos maus hábitos inveterados" [MM].

"Dão-se os conselhos com *melhor* vontade do que geralmente se aceitam" [MM].

"Ninguém conhece *melhor* (advérbio) os seus interesses do que o homem virtuoso; promovendo a felicidade dos outros assegura também a própria" [MM].

Entretanto, se compararmos duas qualidades, usaremos os comparativos analíticos (*mais bom, mais grande,* etc.), em vez dos sintéticos (*melhor, maior,* etc.):

Ele é mais grande do que pequeno e não *Ele é maior do que menor.*

Para evitar confusões no sentido, usam-se as comparativas *como, que, do que* junto ao sujeito e, seguidas de preposição, *como a, que a, do que a* junto de objeto direto (o *a* é preposição).

Estimo-o *como* um pai (= como pai estima).

Estimo-o *como a* um pai (= como se estima a um pai).

Se o contexto não admitir esta dupla interpretação, pode-se dispensar o auxílio da preposição:

"Meu pai encarregou-a do governo doméstico e nós habituamo-nos a tê-la em conta de segunda mãe; também ela nos amava *como filhos*" [AH *apud* MBa.7, 172].

Para realçar-se a semelhança, a aparência, em vez de simples *como* pode-se usar *como que* quando se lhe segue o verbo:

"A luz do dia, ao desaparecer, *como que* se dobrava para afagar e beijar o desgraçado, que talvez não a tornaria a ver" [AH.3, 225]. Entenda-se: a luz do dia *parecia dobrar* para afagar...

"Entretanto, ainda no espírito me passa *como que* a visão profética do futuro concílio..." [AH.8, I, 19].

NOTA – *Como que*, neste último caso, não inicia oração subordinada comparativa.

Quando depois do termo de comparação vem um substantivo, denota-se ainda a aparência, a semelhança, por meio da expressão *um como*, caso em que *um* concorda em gênero e número com o substantivo seguinte:

Refrescou-o *um como orvalho* do céu.

Aproximou-se dele *uma como visão* fantástica.

NOTA — Também aqui não se tem oração comparativa.

Através de *como se* indicamos que o termo de comparação é hipotético:

"O velho fidalgo estremeceu *como se* acordasse sobressaltado" [RS.1, 174]. Entenda-se: ele não acordou sobressaltado, mas, se acordasse, estremeceria daquele jeito.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) A maioria dos gramáticos de língua portuguesa prefere desdobrar o *como se* em duas orações, sendo a primeira *comparativa* e a segunda *condicional*:

O velho fidalgo estremeceu como estremeceria se acordasse sobressaltado.

2.ª) Pode-se obter a mesma expressão por meio de *como a* + infinitivo:

"(...) outro ia no céu *como a decifrar* o enigma da sensação nunca experimentada" [CBr.6, 50].

3.ª) Atente-se para a concordância dos termos correlatos *tal qual*, que devem concordar com o substantivo ou pronome a que se referem:

Ele era *tal quais* os colegas.

Elas eram *tais qual* o irmão.

Nós somos *tais quais* os pais.

4.ª) Deve-se preferir *mais... (do) que* a *mais... a* + infinitivo em construções comparativas do tipo: Talvez seja *mais* interessante ao país gastar na educação *do que investir* na construção de presídios (e não: *a investir*).

Em vez de *como*, *do mesmo modo que*, *tanto como,* empregamos com frequência *que nem*:

É forte *que nem* um touro.

O verbo *preferir* sugere uma ideia implícita de comparação, à semelhança de *querer mais*, *querer antes*, mas exige complemento regido da preposição *a*:

Prefiro a praia *ao campo*.

Preferia estudar *a não fazer nada*.

A aproximação de *preferir* a *querer mais* e *querer antes* (embora não sejam perfeitamente sinônimos) tem gerado duas construções tidas como errôneas pelos nossos gramáticos:

a) a adjunção dos advérbios *mais* ou *antes* ao verbo *preferir*:

Antes prefiro... ou *Prefiro mais...*

b) iniciar o complemento do verbo *preferir* pelos transpositores comparativos *que* ou *do que*:

Prefiro a praia *do que o campo*.

Preferia estudar *do que não fazer nada*.

Preferiam *mais* mentir *do que dizer a verdade*.

Aluísio Azevedo poderia ter dado outro torneio à construção para evitar o desvio no seguinte trecho de *O Coruja:*

"E que, no caso de erro, *é preferível* sempre nos enganarmos, contra, *do que* a favor de quem quer que seja..." (cap. VI).

Note-se que a simples substituição de *do que* por *a* não seria ideal pela aproximação dos dois *aa*.

OBSERVAÇÃO: Distinga-se a construção errada de *preferir* da sequência *antes preferir* do seguinte exemplo do Marquês de Maricá, em que leve pausa aparece depois de *antes* [MM.1]:

"Ninguém quer passar por tolo, *antes prefere* parecer velhaco" [MM].

3 – CONCESSIVAS: quando a subordinada exprime que um obstáculo – real ou suposto – não impedirá ou modificará de modo algum a declaração da oração principal – *ainda que*, *embora, posto que, se bem que, conquanto,* etc.:

Embora chova, sairei.

Isto é, a chuva não será obstáculo tal, que me impedirá de sair.

"*Ainda que* perdoemos aos maus, a ordem moral não lhes perdoa, e castiga a nossa indulgência" [MM].

Ao lado destas concessivas comuns, empregam-se ainda as concessivas *intensivas* quando é nosso intuito assinalar qualidade ou modalidade qualquer, "consideradas em grau intensivo e sem limites" [SA]:

Por inteligente que seja, encontrará dificuldades em entender o problema.

Por mais que estude, ainda tem muito que aprender.

As concessivas intensivas caracterizam-se pelas expressões *por mais... que, por menos... que, por muito... que,* onde se pode dar ainda a eliminação do advérbio *mais, menos, muito.*

Em vez de *ainda que, ainda quando*, pode-se empregar simplesmente *que* e *quando* em construções que, proferidas com tom de voz descendente e com verbo no subjuntivo, exprimem a ideia concessiva:

Os obstáculos, *que fossem muitos*, não tiravam aos rapazes a certeza da vitória.

E, *quando as palavras não o digam*, aí estão os fatos, para comprovar que só enunciei verdades.

Nestes casos, empregando *que*, dá-se preferência à inversão de termos, passando a iniciar a oração concessiva a expressão que funciona como predicativo, ou complemento do verbo:

Os rapazes, *pobres que sejam,* merecem a nossa consideração.

Aqueles livros, *difíceis que fossem*, sempre nos serviram para elucidação de muitas dúvidas.

Mil desculpas que me desse, eu continuaria achando que procedeu mal comigo.

Não raro a oração principal contém uma expressão adverbial (*contudo, todavia, ainda assim, não obstante,* ou equivalente) que, no nível do texto, serve como resumo do pensamento anterior, avivando ao ouvinte a ideia concessiva da subordinada:

Ainda que todos saiam, *todavia* ficarei.

Embora não me queiram acompanhar, *ainda assim* não deixarei de ir à festa.

Conteúdos de valor concessivo podem vir, justapostos, iniciados por unidades alternativas (neste caso o verbo está no subjuntivo), quando denotam que a possibilidade de ações opostas ou diferentes não impede a declaração principal:

Quer estudes, quer não, aprenderás facilmente a lição.

Ou estudemos medicina, ou sejamos advogados, conquistaremos na sociedade um lugar de relevo.

4 – CONDICIONAIS: quando a oração subordinada exprime uma condição necessária para que se realize ou deixe de se realizar o que se declara na principal: *se, caso, sem que, uma vez que* (com o verbo no subjuntivo), *desde que* (verbo no subjuntivo), *dado que, contanto que, com a condição que*, etc.

A oração condicional exprime um fato que não se realizou ou, com toda a certeza, não se realizará:

a) falando-se do presente:

Se eu fosse aplicado, obteria o prêmio.

b) falando-se do passado:

Se eu fosse aplicado, obteria o prêmio.

ou

Se eu tivesse sido aplicado, teria obtido o prêmio.

No primeiro caso, usam-se na oração condicional o pretérito imperfeito do subjuntivo (*fosse*), e, na principal, o futuro do pretérito (*teria*).

No segundo caso, ou se repete o verbo nas formas apontadas para o caso anterior, ou usam-se na condicional o pretérito mais-que-perfeito (*tivesse sido*) e, na principal, o futuro do pretérito composto (*teria obtido*).

Pode ainda a oração condicional exprimir um fato cuja realização esperamos como provável:

Se eu estudar, obterei o prêmio.

Nestas circunstâncias, empregam-se o futuro do subjuntivo na condicional, e, na principal, o futuro do presente (*obterei*).

OBSERVAÇÃO: Cumpre notar que no caso a), estudado acima, em lugar de *Se eu fosse aplicado, obteria o prêmio,* a linguagem coloquial realça a ideia do presente usando no presente indicativo os verbos das duas orações: *Se eu sou aplicado, obtenho o prêmio.*

As orações condicionais não só exprimem condição, mas ainda podem encerrar as ideias d e *hipótese, eventualidade, concessão, tempo,* sem que muitas vezes se possam traçar demarcações entre esses vários campos do pensamento. Esta é a razão por que *sem que* admite mais de uma interpretação textual. O *que não* (= sem que) flutua entre a condição e o tempo frequentativo (repetido) em *Não lê que não cometa vários enganos;* o *quer... quer* (*ou... ou,* etc.) é um misto de concessão e condição (cf. por exemplo de [JO.1, 64-66]), e tantos outros casos que fogem à alçada de uma descrição gramatical por pertencerem ao plano textual.

5 – CONFORMATIVAS: quando a subordinada exprime um fato apresentado em conformidade com a declaração da principal: *como, conforme, segundo, consoante:*

Conseguiu fazer o trabalho *como lhe ensinaram.*

Todos procederam *conforme a ocasião* ensejava.

6 – CONSECUTIVAS: quando a subordinada exprime o efeito ou consequência do fato expresso na principal.

A oração consecutiva é introduzida pelo transpositor *que* a que se prende, na principal, uma expressão de natureza intensiva como *tal, tanto, tão, tamanho,* termos que também se podem facilmente subentender:

Alongou-se tanto no passeio, *que chegou tarde.*

Executou a obra com tal perfeição, *que foi premiada.*

É feio *que mete medo* (= *É tão* feio...).

A oração consecutiva não só exprime a consequência devida à ação ou ao estado indicado na principal, mas pode denotar que se deve a consequência ao modo pelo qual é praticada a ação da principal. Para este último caso, servimo-nos, *na oração principal,* das unidades complexas *de tal maneira, de tal sorte, de tal forma, de tal modo*:

Convenceu-se *de tal maneira* que surpreendeu a todos.122

Estando completo o conteúdo da primeira oração, empregam-se as expressões (destituídas

d e *tal*) *de maneira que, de sorte que, de forma que, de modo que,* como "locuções" conjuntivas, sem pausa entre o substantivo e o *que*, para introduzir uma consecutiva atenuada em orações justapostas:

Você estudou bem, *de modo que pôde tirar boa* colocação.

O livro estava rasgado, *de modo que muitas páginas tiveram sua leitura prejudicada.*

A independência sintática das duas orações, neste caso, pode vir indicada por uma pausa maior, isto é, por ponto e vírgula ou por ponto, valendo assim a unidade por um advérbio de oração para avivar ao ouvinte o pensamento anterior, com o sentido aproximado de *por conseguinte, consequentemente, daí:*

As alegrias da vida quase sempre são rápidas e fugidias, ainda que disto não tomemos conhecimento. *De modo que* elas devem ser aproveitadas inteligentemente.

Por tudo isto se vê que nem sempre podemos delimitar, no nível do texto, os campos dos valores consecutivo e conclusivo, acrescentando-se ainda que há vizinhanças destes valores com outros, como, por exemplo, a ideia de finalidade, o que estudaremos mais adiante.

Cumpre evitar um erro frequente com a expressão do pensamento consecutivo (e conclusivo): pôr no plural o substantivo nas locuções *de maneira que, de modo que,* etc., dizendo-se incorretamente:

Saiu rapidamente *de maneiras que* não pude vê-lo.

Estudou *de formas que* conseguiu aprender.

As unidades *de maneira que, de modo que*, etc., seguidas de verbo na forma finita, só modernamente aparecem substituídas por *de maneira a, de modo a,* etc., seguidas de infinitivo:

Estudou *de forma a conseguir* aprender (em lugar de: *de forma que conseguiu aprender*).

"(...) arredar o biombo da sua estreiteza natural, *de modo a deixar* entrar ar fresco" [AR.3, 170].

Aquilo que se apresenta na oração consecutiva como efeito ou resultado pode representar uma consequência intencional, de modo que se associa ao conteúdo consecutivo uma noção subsidiária de finalidade. Neste caso o verbo se acha normalmente no subjuntivo:

Chegou cedo ao serviço *de maneira que pudesse ser* elogiado pelo patrão.

Correu *de sorte que os inimigos não o pudessem alcançar.*

Daí resultam certos cruzamentos consecutivo-finais na construção do enunciado, cruzamentos que nem sempre são vistos com bons olhos pelos gramáticos (porque tais fatos não estão de acordo com a tradição do idioma e se repetem no francês), embora uns datem de longo tempo. Entre os tipos condenados está a construção acima referida *de modo a, de maneira a + infinitivo.* Com tais fórmulas, realmente se procura traduzir uma consecutiva intencional. Ao lado de: *Estudou de modo a poder passar*, usa-se: *Estudou de modo (a) que passasse.*

Presa ao mesmo caso parece estar a construção que emprega depois de *demais, demasiado, muito* (= *assaz, bastante, demasiado*) uma oração final de *para que* ou *para a + infinitivo,* para indicar a noção de proporção ou desproporção:

"*É demasiado esperto para que caia em tal,* equivalente a: não é tão pouco esperto que caia em tal" [ED.2, § 395].

"(...) os tempos não são mais de *bastante* fé ou desprendimento *para que* os ricos católicos façam doações (...)" [MB.1, II, 144].

"Entretanto a igrejinha tem tanto caráter (...), que ela só e mais uma meia dúzia de palmeiras bastam *a guardar* a fisionomia (...)" [MB.1, II, 149].

OBSERVAÇÃO: O ilustre sintaticista português Epifânio Dias aponta o fato como imitação do francês; cremos, entretanto, que o problema exige revisão.

7 – FINAIS: quando a oração subordinada indica a intenção, o objetivo, a finalidade do pensamento expresso na principal: *para que, a fim de, porque* (= para que),123 *que* (= para que):

Saíram *para que pudessem ver o incêndio.*

Reclamou *a fim de que o nomeassem.*

Trabalhou *porque fosse promovido.*

Falta pouco *que isto suceda.*

Abreviadamente usa-se de *não* + *subjuntivo* com o valor de *para que não, de modo que não,* quando se quer expressar a cautela, cuidado, restrição:

"Senhor, que estás nos céus, e vês as almas,
Que cuidam, que propõem, que determinam,
Alumia minha alma, *não se cegue*
No perigo, em que está" [AF.2, vv. 770-773 *apud* SS.1, § 485-a].

OBSERVAÇÃO: Os antigos, e hoje mais raramente, se serviam de *por se* em que *por* é o vestígio de uma ideia final: "Deixai-o amaldiçoar (lhes disse), *por se acaso* se compadece Deus, por essa causa, da minha aflição..." [MBe.2, III, 51 *apud* MBa.4, 227].

Por se acaso compadece = *para ver se acaso* compadece.

8 – LOCATIVAS: (iniciadas por *onde, quem, quanto* sem referência a antecedentes):

"Os meninos sobejam *onde estão* e faltam *onde não se acham"* [MM].

"Não pode haver reflexão *onde tudo é distração*" [MM].

"*Onde o luxo vence* a probidade afraca e desfalece" [MM].

9 – MODAIS:

"*De um relance* leu na fisionomia do mancebo, sem que suas pupilas estáticas se movessem nas órbitas" [JA.1, 157].

Se a oração principal estiver na negativa, usar-se-á de *que não* + subjuntivo:

Não emite um parecer *que não se aconselhe com o diretor.*

10 – PROPORCIONAIS: quando a subordinada exprime um fato que aumenta ou diminui na mesma proporção do fato que se declara na principal – *à medida que, à proporção que, ao passo que, tanto mais... quanto mais, tanto mais... quanto menos, tanto menos... quanto mais,* etc.:

À medida que a idade chega, a nossa experiência aumenta.

Aprendia *à proporção que* lia o livro.

Aumentava o seu vocabulário *ao passo que* consultava os mestres da língua.

OBSERVAÇÃO: A unidade *ao passo que* pode ser empregada sem ideia proporcional, para indicar que um fato não se deu ou não tem as características de outro já enunciado: "A surdez habitual, dada a multiplicação das obras e dos cuidados do indivíduo, tenderia a embotar os sentidos e a retardar os sexos, *ao passo que* o vestuário, negaceando a natureza, aguça e atrai as vontades, ativa-as, reprodu-las e conseguintemente faz andar a civilização" [MA.1, 260].

Ele foi ao cinema, *ao passo que* eu resolvi ir à praia.

11 – TEMPORAIS: quando a oração subordinada denota o tempo da realização do fato expresso na principal.

As principais chamadas conjunções e "locuções" conjuntivas e temporais são :

a) para o tempo anterior: *antes que, primeiro que* (raro):

Saiu *antes que* eu lhe desse o recado.

"Ninguém, senhores meus, que empreenda uma jornada extraordinária, *primeiro que* meta o pé na estrada, se esquecerá de entrar em conta com as suas forças..." [RB].

b) para o tempo posterior (de modo vago): *depois que, quando:*

Saiu *depois que* ele chegou.

c) para o tempo posterior imediato: *logo que, tanto que* (raro), *assim que, desde que, apenas, mal, eis que, (eis) senão quando, eis senão que:*

Saiu *logo que* ele chegou.

"*Eis senão quando* entra o patrão..." [AAr.1, 183].

d) para o tempo frequentativo (repetido): *quando* (estando o verbo no presente), *todas as vezes que, (de) cada vez que, sempre que:*

Todas as vezes que saio de casa, encontro-o à esquina.

Quando o vejo, lembro-me do que me pediu.

OBSERVAÇÃO: Evite-se o erro de se preceder da preposição *em* o *que*, dizendo-se: *todas as vezes em que*.

e) para o tempo concomitante: *enquanto, (no) entretanto que* (hoje raro):

Dormia *enquanto* o professor dissertava.

"... e se aposentou (S. Caetano) junto à Igreja de S. Jorge, e perto do Hospital maior, para *no entretanto* que regulava as dependências da renúncia se entreter no exercício da caridade" (Contador de Argote, *Vida de S. Caetano,* 1722, 90).

OBSERVAÇÕES:

1.ª) *Entretanto* ou *no entretanto* são advérbios de tempo, com o sentido de *neste ínterim, neste intervalo de tempo, neste meio tempo*. Mais modernamente, *entretanto* passou a valer por uma unidade de valor adversativa e, por influência do advérbio, tem sido empregado precedido da combinação *no* (*no entretanto*). Muitos puristas não aprovam esta última construção.

2.ª) A rigor, as "conjunções" proporcionais também indicam tempo concomitante; por isso, uns autores não distinguem as *temporais* das *concomitantes*, fazendo destas classes à parte das *temporais*. A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* não fala em *concomitante*.

3.ª) Evite-se o emprego *mais (menos)... mais (menos)* em lugar de *quanto mais (menos)... tanto mais (menos)* em construções do tipo: *Quanto mais* estudamos, *tanto mais* aumentam nossas possibilidades de vitória (e não: *Mais* estudamos e *mais* vencemos).

Pode-se omitir o *tanto* no segundo termo: *Quanto mai*s estudamos, *mais*...

f) para o tempo limite terminal: *até que:*

Brincou *até que fosse* repreendido.

Assume valor temporal o *que* relativo repetidor de advérbio e expressões que designam "desde que época um fato acontece": *agora que, hoje que, então que, a primeira vez que, a última vez que,* etc.:

Agora que consegui aprender a lição, passarei adiante.

Esta foi *a última vez que* o vi.

Não se fazendo pausa entre o advérbio e o transpositor (*agora que, então que,* etc.), estabelece-se uma unidade de valor semelhante ao que existe em *depois que,* etc., e se pode passar a considerar o todo como "locução conjuntiva":

Agora que tudo está certo vou embora.

Sob o modelo de tais linguagens, desenvolveu-se o costume de se acrescentar o transpositor *que* depois de expressões que denotam "desde que tempo uma coisa acontece", reduzida a simples palavra de realce temporal:

Desde aquele dia *que* o procuro.

Analisando, dispensa-se o *que*.

Depois dos verbos *haver* e *fazer* com sentido temporal (*há dias que, faz dias que*) o transpositor *que* (parece ter sido, neste caso, primitivamente integrante)124 adquiriu, por contato, a ideia de tempo, com valor aproximado de *desde que*:

Há quatro dias *que* não o vejo.

Fazia quatro meses *que* estivera doente.

Em tais orações, a análise se torna difícil pelo fato de a construção ter-se fixado apesar de alterado o sentimento linguístico. Há um visível descompasso entre a sua estrutura de superfície e a profunda. Considerar o *que* com valor temporal e, portanto, temporal a respectiva oração, é classificar como principal justamente a oração que expressa a circunstância de tempo:

1.ª oração — *principal*: Há quatro dias

2.ª oração — *subordinada adverbial temporal*: que não o vejo.125

Poder-se-á analisar como substantiva subjetiva a oração de *que*, depois de *fazer*, como fazem os autores patrícios lembrados na nota anterior.

Cremos, também, ser possível considerar que o *que* não serve de introduzir uma oração subordinada adverbial temporal, mas, *reduzido a simples palavra memorativa,* relembra, na oração principal, a partir de que fato se faz alusão ao tempo na subordinada anterior. Esta subordinada, não se ligando à principal por transpositor, será considerada justaposta:

1.ª oração — *subordinada adverbial temporal:* Há quatro dias

2.ª oração — *principal:* (que) não o vejo.126

Entretanto, não misturando o plano gramatical com o conteúdo designado, a orientação mais seguida é classificar a oração de *que* como adverbial temporal.

Tais orações temporais admitem mais de uma construção:

Há muito tempo que não o vejo.
Há muito tempo não o vejo.
Não o vejo há muito.
De há muito não o vejo.
Desde há muito não o vejo.
Até há pouco eu o vi por aqui.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Advérbios e unidades adverbializadas (*ontem, hoje, há muito*, *há pouco, há tantos anos,* etc.), precedidos da preposição *de,* são transpostos a adjetivos (adjuntos adnominais):

As notícias *de hoje*.

As lembranças *de ontem.*

Um testamento *de há cem anos.*

Modas *de há trinta anos.*

Meninos *de há pouco*. [ED.2, §423; MBa.3, 158]

2.ª) A preposição junto ao verbo *haver* em *De há muito não o vejo, desde há muito, até há pouco,* assinala melhor a ideia temporal. Adolfo Coelho considera sem razão, viciosa e linguagem *de há muito* que explica desta maneira: "Influência semelhante (fala da influência por analogia) se nota na expressão frequente, mas viciosa, *de há muito* por *há muito*. *Há muito* fixa-se como a indicação dum tempo passado; *há* não é apercebido como verbo, mas antes como preposição (*a*); daí o anterpor-se-lhe a preposição *de* por analogia de expressões como *de então* (*para cá*, *até hoje*), *de ontem, de muito"* [ACo.2, I, 82].

3.ª) Em lugar de *quando foi a vez dele* diz-se também *quando foi da vez dele* ou, abreviadamente, *quando da vez dele*. Estas duas últimas construções são modernas e Epifânio Dias as considera incorretas, devidas à má tradução do francês *lors de* [ED.2, § 182]. Júlio Moreira [JM.1, II, 68] e com ele Mário Barreto [MBa.3, 230] explicam o fenômeno por cruzamento sintático das duas expressões; *quando foi a vez dele* e *da vez dele,* de que resultou uma terceira mista: *quando foi da vez dele*. Ocorre ainda *a quando de* (*a quando da vez dele*), onde Epifânio Dias vê ainda influência do *a* do francês *alors*, "com requinte de barbarismo" (*ibid*.). Preferimos a explicação de Julio Moreira por não vermos na correspondente francesa a vitalidade suficiente para tal repercussão no português.

4.ª) Em muitos dizeres de sentido temporal, "há tendência, bem notória hoje em dia, para confundir *que* conjunção com *que* pronome relativo, e para afirmar este caráter pronominal em certos casos, hoje se prefere *em que* ao simples *que* da linguagem antiga" [SA.2, 197]. Dá-se com frequência esta alternância de *que* e *em que* quando o substantivo que se considera antecedente do pronome relativo vem precedido da preposição *em.* Prefere-se dizer *ao mesmo tempo que*, *a tempo que, ao tempo que,* mas *no tempo que* (ou *em que*), *no dia que* (ou *em que*), etc. Tem-se estendido sem razão nem tradição no idioma o emprego de *em que* em construções onde só deve figurar o *que*, como *todas as vezes em que.* Prefira-se *todas as vezes que* ou *em todas as vezes em que* (ou simplesmente *que*).

5.ª) O verbo *haver* (*HÁ*) *e a preposição A em sentido temporal.* Atente-se no emprego correto destas duas formas. *Há,* verbo, refere-se a tempo decorrido e *a,* preposição, a tempo futuro:

Há três dias não o vejo.

Já devia ter-lhe escrito *há* mais tempo.

Daqui *a* a três dias o verei.

Este produto é famoso *há* mais de meio século.

Usa-se ainda a preposição *a* nas indicações da distância de lugar:

Estamos *a* cinco quilômetros do sítio.

Cuidado especial hão de merecer também as expressões *a cerca de* e *há cerca de,* onde a locução *cerca de* (= aproximadamente, perto de, mais ou menos) vem precedida da preposição *a* ou da forma verbal *há*:

Ele falou *a cerca de* mil ouvintes (= para cerca de mil ouvintes).

Há cerca de trinta dias foi feita esta proposta.

Temos ainda a locução *acerca de* que significa *sobre, a respeito de, em relação a:*

O professor dissertou *acerca dos* progressos científicos.

Por outro lado, podem-se suprimir as palavras *atrás* ou *passado(s)* que aparecem com o verbo *haver*, uma vez que este já indica tempo decorrido:

Há três dias atrás ou *Há três dias.*

Há três dias passados ou *Há três dias.*

6.ª) Nas orações adverbiais precedidas de principal que encerra advérbio de valor temporal (*apenas, mal*), devemos empregar *quando* e não *que*:

Apenas tinha terminado a questão, *quando o professor recolheu a prova.*

Mal saía da escola, *quando se lembrou da pasta.*

Pode-se também suprimir o *quando*:

Apenas Pelágio transpôs o escuro portal da gruta, Eurico levantou-se [AH *apud* MBa.5, 20].

Análise de SEM QUE

De modo geral, tem-se enquadrado a locução *sem que* no grupo das chamadas "conjunções condicionais". A verdade é que a locução assume variados sentidos contextuais, entre os quais lembraremos:

1) *condição* (subordinada condicional):

Sem que estude, não passará.

2) nega uma *consequência* (subordinada consecutiva):

Estudou *sem que conseguisse aprovação.*

3) exprime uma *consequência* esperada (depois de negativa):

Não brinca *sem que acabe chorando* (todas as vezes que brinca acaba chorando).

4) exprime uma *concessão* (subordinada concessiva):

Ele é responsável, *sem que o saiba,* por todas essas coisas erradas.

5) nega uma *causa*, chegando quase a exprimir *concessão* (subordinada causal ou concessiva):

Estudou *sem que seus pais lho pedissem* (nega-se a causa ou uma das causas do estudo: o pedido dos pais, e vale quase por: *estudou ainda que seus pais não lho* pedissem).

6) denota simplesmente que tal ou qual circunstância não se deu, aproximando-se da ideia de *modo* (subordinada modal):

Entrou em casa *sem que tomasse nenhum alimento.*
Retirou-se *sem que chamasse seus colegas.*

A *Nomenclatura Gramatical Brasileira,* entretanto, desprezou as orações modais.

Em lugar de *sem que* pode-se usar também de *sem + infinitivo:*

Saiu *sem ser* percebido.

Estes foram os melhores teatrólogos, *sem falar* em Machado de Assis e Franklin Távora, mais ilustres no romance e no conto.

Em lugar de *sem que*, depois de uma principal de valor negativo, usa-se também *que não*, para indicar que a consequência se dá a todo o transe, se repete sempre que ocorrer o fato expresso na principal (o verbo da subordinada está no subjuntivo):

Não brinca *sem que acabe chorando.*

Não brinca *que não acabe chorando.*

"Eu não posso abrir um livro de história *que não me ria*" [AGa.5, 255].

OBSERVAÇÃO: Alguns autores dão à construção *não... que não* valor condicional. Cf. [AGo, 420] e [MBa.7, 48-9].

QUE depois de advérbio

Muitas vezes emprega-se *que* depois de advérbio onde a rigor poderia ser dispensado. São comuns as linguagens *talvez que, apenas que, felizmente que, oxalá que, quase que, enquanto que, embora que:*

"Assim, sem mais preâmbulos,
e *apenas que* te vejo,
venço o nativo pejo,
meu belo sedutor" [AC, 96 *apud* MBa.1, 176].

"Mas eu creio que Capitu olhava para dentro de si *enquanto que* eu fitava deveras o chão..." [MA.4, 130 *apud* MBa.1, 177].

Puristas têm condenado tais modos de dizer.

Orações justapostas de valor contextual adverbial

A justaposição pode, no nível do texto, apresentar as seguintes interpretações:

a) *concessivas:* tendo o verbo no subjuntivo anteposto ao sujeito ou caracterizadas por expressões do tipo *digam o que quiserem, custe o que custar, dê onde der, seja o que for, aconteça o que acontecer, venha donde vier, seja como for,* etc.:

Tivesse ele dito a verdade, ainda assim não lhe perdoaríamos.

Sairemos, *aconteça o que acontecer.*

Não é o subjuntivo que de per si denota a concessão, mas sim o contexto e a entoação descendente.

b) *condicionais*: tendo o verbo no tempo passado (mais-que-perfeito do indicativo ou imperfeito do subjuntivo) anteposto ao sujeito:

Tivesse eu dinheiro, conheceria o mundo.

Não *fora* a escuridão, veria o perigo.

"*Eu quisesse*, à força, hoje mesmo a Ritinha vinha comigo" [GR, 97].

Em tais casos, a segunda oração pode começar pela conjunção *e*:

Vencesse eu, *e não* me dariam o prêmio.

Vissem-na, *e* ninguém a reconheceria.

c) *temporais:*

Há dias não o encontro.

Chegaram àquela cidade *havia pouco.*

Não lhe escrevia *fazia meses.*

d) *finais:*

"Cala-te já, minha filha, *ninguém te oiça mais falar"* [AGa.1, II, 83].

"Mudemos, porém, de tecla, *não vá* alguém julgar-me candidato a revisor de gralhas" [CF *apud* MB.2, 321].

Composição do enunciado

O enunciado ou período pode encerrar, ao mesmo tempo, orações independentes (coordenadas e justapostas) e dependentes (subordinadas). Daremos exemplos de análise depois de serem apontadas as orações complexas e os enunciados justapostos:

a) *coordenada* e *subordinada*:

"Todos se tinham posto em pé quando el-rei erguera e esperavam ansiosos o que diria o velho" (Alexandre Herculano).

1.ª oração – *principal de 1.ª categoria:*

Todos se tinham posto em pé + subordinada temporal

2.ª oração – *subordinada adverbial temporal:*

quando el-rei se erguera,

3.ª oração – *coordenada à principal e principal de 2.ª categoria:*

e esperavam ansiosos + subordinada substantiva

4.ª oração – *subordinada substantivada (de primitiva adjetiva) objetiva direta:*

o que diria o velho.

OBSERVAÇÃO: Não é novidade o achar-se mais de uma oração principal num período. Se conceituarmos com rigor tal tipo de oração, seremos levados a esta necessidade. Com efeito, no exemplo dado, temos duas orações que apresentam um dos seus termos sob forma oracional; a subordinada *quando el-rei se erguera* denota o tempo da primeira principal, e a subordinada *o que diria o velho* funciona como objeto direto da segunda principal que, por sua vez, se acha coordenada à primeira principal. As expressões *principal de 1.ª categoria, de 2.ª categoria,* etc., já se acham nas excelentes noções elementares de análise sintática que abrem, desde 1887, a hoje tradicional *Antologia Nacional,* devidas a Fausto Barreto (o título primitivo era *Seleção Literária*, de parceria com Vicente de Sousa). Outra maneira de ver a principal, diferente desta (como, por exemplo, na excelente *Gramática* de Celso Cunha – Lindley Cintra), atenta mais para estruturação textual do que a gramatical, objeto da análise sintática.

b) *justaposição* e *subordinação:*

"Lembrai-vos", cavaleiro – disse ele – de que falais com D. João I" (Alexandre Herculano).

1.ª oração do 1.º período – *principal*:

lembrai-vos, cavaleiro + oração subordinada

2.ª oração do 1.º período – *subordinada substantiva completiva relativa:*

de que falais com D. João I.

1.ª oração do 2.º período – *justaposta de citação*:

disse ele

c) *coordenação* e *justaposição*:

"El-rei manda nos vivos e eu vou morrer! – atalhou o ancião em voz áspera, mas sumida" (Rebelo da Silva).

1.ª oração do 1.º período – *coordenada* (ou *coordenante*):

El-rei manda nos vivos

2.ª oração do 1.º período – *coordenada aditiva*:

e eu vou morrer!

1.ª oração do 2.º período – *justaposta de citação*:

atalhou o ancião em voz áspera, mas sumida.

d) *coordenação*, *justaposição* e *subordinação*:

"Agora sim, disse então aquela cotovia astuta, agora sim, irmãs, levantemos o voo e mudemos a casa, que vem quem lhe dói a fazenda" (Pe. Manuel Bernardes).

1.ª oração do 1.º período – *coordenada* (ou *coordenante*):

Agora sim, agora sim, irmãs, levantemos o voo

2.ª oração do 1.º período – *coordenada aditiva* e *principal* da 3.ª:

e mudemos a casa

3.ª oração do 1.º período – *subordinada causal* e *principal* da 4.ª:

que vem

4.ª oração do 1.º período – *subordinada substantiva subjetiva justaposta*:

quem lhe dói a fazenda.

1.ª oração do 2.º período – *justaposta de citação*:

disse então aquela cotovia astuta

OBSERVAÇÃO: Quando o período encerra mais de um tipo de oração, dá-se-lhe comumente o nome de *misto*, denominação que a *Nomenclatura Gramatical Brasileira* não agasalha. Todos os exemplos acima analisados são de períodos ou enunciados mistos.

Decorrência de subordinadas

A oração principal é aquela que tem um dos seus termos sob forma de outra oração. Ora, no período, mais de uma oração – qualquer que seja o seu valor sintático – pode acompanhar-se de oração subordinada:

Não sei se José disse que viria hoje.

A 1.ª principal pede a oração subordinada objetiva direta *se José disse*, que, por sua vez, pede a terceira *que viria hoje*. Assim sendo, a 2.ª oração se nos apresenta sob duplo aspecto sintático: subordinada em relação à 1.ª e principal em relação à 3.ª.

Não sei
se José disse
que viria hoje.

Havendo mais de uma oração principal, designá-las-emos, respectivamente, por *principal de 1.ª categoria, de 2.ª categoria, de 3.ª categoria,* etc.:

1.ª oração – *principal de 1.ª categoria:*

Não sei + subordinada

2.ª oração – *subordinada substantiva objetiva direta* (em relação à anterior) e *principal de 2.ª categoria* (em relação à seguinte):

se José disse + subordinada

3.ª oração – *subordinada substantiva objetiva direta:*

que viria hoje.

Neste ponto, precisamos assentar algumas noções importantes:

a) *no período pode haver mais de uma oração principal;*

b) *a oração ou orações principais podem ter o seu verbo no indicativo ou subjuntivo:*

Espero que vá embora (indicativo).
Espero que me *diga* se vai embora (indicativo e subjuntivo).

c) *a oração ou orações principais podem vir iniciadas por conectivos coordenativos ou transpositores:*

"Rubião passa muitas horas fora de casa, mas não o trata mal, e consente que vá acima..." [MA].

A oração coordenada aditiva *e consente* é também principal da subordinada *que vá acima*, pois esta lhe serve de objeto direto.

Concorrência de subordinadas: equipolência interoracional

Assim como uma oração pode depender de outra subordinada, assim também duas ou mais orações subordinadas podem servir à mesma principal:

Espero que estudes e que sejas feliz.

Isto é:

Espero { que estudes (*objetiva direta*)
e
que sejas feliz (*objetiva direta*) }

Como a concorrência de subordinadas só é possível se *as orações exercem a mesma função,* elas estarão coordenadas entre si, porque a *coordenação se dá com expressões do mesmo valor* e na mesma camada de estruturação gramatical.

No exemplo dado, a 3.ª oração se nos apresenta sob duplo aspecto sintático: *é coordenada* em relação à 2.ª (porque são do mesmo valor) e *subordinada* em relação à principal (*espero*), comum às duas subordinadas. Em vez desta classificação um tanto longa (*coordenada à anterior e subordinada à principal*), dizemos apenas que a 3.ª oração é *equipolente* à 2.ª oração. Infelizmente, esta denominação cômoda não encontrou agasalho na *Nomenclatura Gramatical Brasileira.*

A equipolente pode ser:

a) *substantiva:*

Espero que estudes *e que sejas feliz.*

b) *adjetiva:*

O livro que li *e que lhe devolvi* é ótimo.

c) *adverbial:*

Quando chegou *e quando me disse o ocorrido,* não acreditei.

Costuma-se, com elegância, omitir o transpositor subordinativo da oração equipolente (quando se tratar de pronome relativo, este exerce a mesma função sintática do pronome relativo anterior):

Espero que estudes *e sejas feliz.*

O livro que li *e lhe devolvi* é ótimo.

Quando chegou *e me disse o ocorrido,* não acreditei.

Venho *porque se trata de instrução e tenho embocadura para o magistério* [GrR.2, 59].

Se os pronomes relativos exercem funções diferentes, o normal é repetir cada pronome, sendo raros os exemplos como o seguinte:

"Pois vão também essas que aí deixei, e mais a figura de Tristão, *a que* cuidei dar meia dúzia de linhas e levou a maior parte delas" [MA.12, 37 *apud* MBa.2, 102. Cf. ainda ED.2, § 375 c].

Em construção do tipo "magistrado a cujo cargo estavam as obras públicas e *cuidava* do reparo dos templos da cidade de Roma" há vício de sintaxe, pois que antes de *cuidava* há de se subentender *que*, e não o anterior *a cujo*. [Cf. MBa.1, 387].

No português moderno cumpre evitar a prática de se lembrar na oração ou orações equipolentes uma unidade adverbial simples (geralmente *quando* e *como*) por meio de um simples *que:*[127]

Quando chegou e *que* me disse o ocorrido, não acreditei.

Ou se repete a unidade anterior, ou se omite: *quando* chegou e (*quando*) me disse:

Se se trata, porém, de "locução conjuntiva", é possível, na boa linguagem, repetir-se simplesmente o *que*:

Logo que chegou e me disse o ocorrido...

ou

Logo que chegou e *que* me disse o ocorrido...

Pode-se também omitir a conjunção coordenativa numa série de equipolentes:

> "Rubião passa muitas horas fora de casa, mas não o trata mal, e consente que vá acima, *que assista ao almoço ou ao jantar, que o acompanhe à sala ou ao gabinete*" [MA].

1.ª oração – *coordenada* (ou *coordenante*):

> Rubião passa muitas horas fora de casa,

2.ª oração – *coordenada adversativa:*

> mas não o trata mal,

3.ª oração – *coordenada aditiva e principal:*

> e consente + subordinada

4.ª oração – *subordinada substantiva objetiva direta:*

> que vá acima,

5.ª oração – *equipolente à 4.ª:*

> que assista ao almoço ou ao jantar,

6.ª oração – *equipolente à 5.ª:*

> que o acompanhe à sala ou ao gabinete.

Concorrência de termo + oração subordinada

Às vezes a concorrência não se dá entre duas orações da mesma função sintática, mas entre um termo da oração e outra oração:

> "conheci a violência das suas paixões e que a do ciúme devia ser terrível naquele coração" [AH.3, 119].

O verbo *conhecer* tem dois objetos diretos: o substantivo *violência* e a oração substantiva *que a do ciúme devia ser terrível naquele coração*, que se acham coordenados entre si.

No seguinte exemplo de Machado de Assis [MA.1, 242]:

> "Virgília tragou raivosa esse malogro, e disse-mo com certa cautela, não pela cousa em si, senão porque entendia com o filho"

temos dois adjuntos adverbiais de causa: a expressão *pela cousa em si* e a oração subordinada adverbial *porque entendia com o filho*, que se acham conectadas pela série *não... senão.*

3 – As chamadas Orações Reduzidas

Que é oração reduzida

Em

> *Estuda* agora, porque, quando o verão *chegar*, *entraremos* de férias.

as três orações se dizem *desenvolvidas*, porque seus verbos estão no imperativo (*estuda*), no subjuntivo (*chegar*)128 e no indicativo (*entraremos*).

Podemos, entretanto, alterar a maneira de expressar a subordinada *quando o verão chegar* sem nos utilizarmos dos três modos verbais acima apontados:

> quando o verão chegar = ao chegar o verão
>
> quando o verão chegar = chegando o verão
>
> quando o verão chegar = chegado o verão

Dizemos então que as subordinadas *ao chegar o verão, chegando o verão* e *chegado o*

verão são orações *reduzidas*, porque apresentam o seu verbo (principal ou auxiliar, este último nas locuções verbais), respectivamente, no *infinitivo, gerúndio e particípio* (reduzidas infinitivas, gerundiais e participiais).

Nota sobre o conceito de oração reduzida – Dentro e fora da gramática portuguesa tem sido muito diversificado o conceito de oração reduzida. A opinião mais generalizada, partindo da ideia de que o que caracteriza a relação predicativa é a presença de verbo na forma finita, é que a construção com verbo nas formas nominais (infinitivo, gerúndio e particípio) não constitui oração, e, neste caso, é uma subunidade da oração, um termo dela, quase sempre como um adjunto adnominal ou adverbial. Esta maneira de ver se estende até àquelas construções em que vem acompanhada a forma nominal de unidades que, se estivessem numa oração com verbo finito, funcionariam como termo argumental ou não argumental (no caso de papel de adjunto adverbial).

Outros autores, nestas últimas construções, dão estatuto de orações à parte (nem sempre usando a nomenclatura "reduzida") apenas àquelas que encerram infinitivo e gerúndio independentes, considerando as de particípio meros termos oracionais.

Em português, que possui o infinitivo flexionado, fica ainda mais difícil não aproximar *É necessário que estudes a lição* a *É necessário estudares a lição*, ainda que se trate de um idiotismo da língua.

Neste livro, optamos por dar estatuto à parte às reduzidas de qualquer forma nominal do verbo desde que apresentem autonomia sintática dentro do enunciado e possam estar estruturadas analogamente às orações com verbo de forma finita, as desenvolvidas.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Havendo locução verbal é o auxiliar que indica o tipo de reduzida. Assim são exemplos de reduzidas de gerúndio: "estando amanhecendo", "tendo de partir", "tendo partido"; são exemplos de reduzidas de infinitivo: "ter de partir", "depois de ter partido"; é exemplo de reduzida de particípio: "acabado de fazer". Se, por outro lado, o auxiliar da locução estiver na forma finita, não haverá oração reduzida: *Quanta gente havia de chorar.*

2.ª) Nem toda oração desprovida de transpositor é reduzida, uma vez que este transpositor pode estar oculto: *Espero que sejas feliz* ou *Espero sejas feliz.* Em ambos os exemplos a subordinada *que sejas feliz* ou *sejas feliz* é desenvolvida. *O que caracteriza a reduzida é a forma infinita ou nominal do verbo (principal ou auxiliar): infinitivo, gerúndio e particípio.*

3.ª) A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* desprezou a denominação *infinito* para designar as *formas nominais* do verbo, desfazendo uma incômoda sinonímia antiga entre *infinito* = *infinitivo*, que, em muitos casos, levava os leitores de gramática a confusões. *Infinita* é uma forma verbal normalmente sem flexão, enquanto *infinitivo* é uma das chamadas formas nominais do verbo; assim, se fala em emprego do *infinitivo*, e não em emprego do *infinito*.

O desdobramento das orações reduzidas

As orações reduzidas são subordinadas e quase sempre se podem desdobrar em orações desenvolvidas.129 O emprego de reduzidas por desenvolvidas e vice-versa, quando feito com arte e bom gosto, permite ao escritor variados modos de tornar o estilo conciso, não acumulado de quês e outros transpositores, enfim, elegante.130

Vejamos os seguintes exemplos:

a) Declarei *estar ocupado* = declarei *que estava ocupado.*

b) *Para estudarmos* precisamos de sossego = *para que estudemos*, precisamos de sossego.

c) *Chovendo* não sairei = *se chover*, não sairei.

d) *Acabada a festa,* retirou-se = *quando acabou a festa,* retirou-se.

Estes desdobramentos são meros artifícios de equivalências textuais, que nos ajudam a classificar as orações reduzidas, uma vez que poderemos proceder da seguinte maneira:

a) Declarei *estar ocupado* = declarei *que estava ocupado.*

que estava ocupado: *subordinada substantiva objetiva direta.*

Logo:

estar ocupado: *subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo* (ou *reduzida infinitiva*).

b) *Chovendo* não sairei = *se chover*, não sairei.

se chover: *subordinada adverbial condicional.*

Logo:

chovendo: *subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio* (ou *reduzida gerundial*).

c) *Acabada a festa,* retirou-se = *quando acabou a festa,* retirou-se.

quando acabou a festa: *subordinada adverbial temporal.*

Logo:

acabada a festa: *subordinada adverbial temporal reduzida de particípio* (ou *reduzida participal*).

Orações substantivas reduzidas

Normalmente as orações substantivas reduzidas têm o verbo, principal ou auxiliar, no infinitivo:

a) *subjetiva:*

"Agora mesmo, custava-me *responder* alguma coisa, mas enfim contei-lhe o motivo da minha ausência" [MA.1, 208].

b) *objetiva direta:*

"... como se estivesse ainda no vigor da mocidade e contasse como certo *vir a gastar frutos desta planta"* [LCo *apud* FB.1, 38].

c) *objetiva indireta:*

"Tudo, pois, aconselhava o rei de Portugal *a tentar uma expedição para aquele lado*" [AH.2, 148].

d) *completiva relativa:*

"Um povo que se embevecesse na História, que cultivasse a tradição, que amasse o passado, folgaria *de relembrar esses feitos*..." [CL.1, I, 123].

e) *predicativa* (do sujeito ou do objeto):

"O primeiro ímpeto de Luísa foi *atirar-se-lhe aos braços,* mas não se atreveu" [MLe *apud* FB.1, 31].

"... o averbara *de não possuir atributos de administrador".*

"O resultado foi eu *arrumar* uns cocotes na Germana e esfaquear João Fagundes" [GrR.2, 13].

f) *apositiva:*

"Dois meios havia em seguir esta empresa: *ou atacar com a armada por mar, ou marchar o exército por terra e sitiar aquela cidade*" [AH.2, 69].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Não é raro vir precedido de preposição o infinitivo das orações reduzidas subjetivas e objetivas:

"Desaire real seria *de a deixar sem prêmio*" [AGa.3, 122, da 5.ª ed.].

"mas não era assaz difícil *de reconhecer um cadáver coberto de feridas*..." [AH.2, 72].

"Custou-lhe muito *a aceitar a casa*" [MA.1, 194].

"Mostrou-se pesarosa de não o encontrar, e prometeu *de voltar hoje às três horas*" [CBr.1, 118].

"Senhor Luís de Melo, eu tenho por princípio *de me não intrometer*..." [AGa.6, 173 *apud* MBa.3, 212, da 2ª ed.].

2.ª) Não raro também a oração substantiva reduzida de infinitivo vem precedida de artigo (mormente se a oração funciona como sujeito ou objeto direto):

"*o haver de marchar* em um país inimigo, ocupado por gente belicosa, era considerado muito grave..." [AH.2, 69].

"Daí nasce *o trabalharem* os mais notáveis escritores da Europa por vivificarem o espírito religioso" [AH.2, 145].

"Aumentando (o rei) as fortificações da ilha, tornou impossível aos portugueses *o reconquistá-la*" [AH.2, 62].

Orações adjetivas reduzidas

As orações adjetivas reduzidas têm o verbo, principal ou auxiliar, no:

a) *infinitivo:*

"O orador ílhavo não era homem *de se dar assim por derrotado*" [AGa.5, 14 *apud* ED.2, § 308].

Está marcada a festa *a realizar-se na próxima semana*.

"mas nem um momento duvidamos de que a sua convicção íntima seja a necessidade *de restituir o antigo lustre e preço à filosofia do Evangelho*" [AH.2, 145].

Observações:

1.ª) "Ligar qualificativamente a substantivos o infinitivo precedido de *a* (*v. g.*: *livros a consultar*) em vez de uma oração relativa (*v. g.*: *livros que se hão de consultar*), ou de um infinitivo precedido de *para* (*v. g.*: *roupa para consertar*), é imitação moderna da sintaxe francesa, imitação que só por descuido se encontra nos que melhor falam a língua pátria.

"Qual é a relação a deduzir destas considerações e destes fatos?" [AH.8, IV, 177]. [ED.2, § 304]. [Cf. MBa.1, 490, 515].

2.ª) Condenam também algumas autoridades o emprego do infinitivo precedido da preposição *a* depois de adjetivos como *único, último, derradeiro,* além dos ordinais (*primeiro,* etc.). Para tais mestres o melhor é o emprego da preposição *em*, nesses casos, ou de uma oração iniciada por pronome relativo: *o primeiro em fazer* ou *o primeiro que fez*, e não *o primeiro a fazer.* Epifânio Dias, excelente conhecedor do português e francês, aceita a expressão condenada [Cf. ED.2, § 299], no que concordamos com ele.

b) *gerúndio, indicando de um substantivo ou pronome:*

1) uma atividade passageira:

"cujos brados selvagens de guerra começavam a soar ao longe como um trovão *ribombando no vale*" [AH.3, 218, ed. de 1878].

"Realmente, não sei como lhes diga que não me senti mal, ao pé da moça, *trajando* garridamente um vestido fino..." [MA.1, 260].

Em todos estes exemplos o gerúndio figura com a ideia de tempo transitório muito acentuada, servindo de atribuir um modo de ser, uma qualidade, uma atividade a um nome ou pronome, mas apenas dentro de certo período e em determinada situação. Assim, *água fervendo* é água *que naquele momento fervia* ou *fervia dentro de certo espaço de tempo.* Vale o gerúndio, nestas circunstâncias, por uma expressão formada de preposição *a* + *infinitivo: água a ferver*:

"Também algumas vezes foram dar com ela *a abraçar* a cadelinha" [MLe *apud* JR.5, 32].

2) uma atividade permanente, qualidade essencial, inerente aos seres, própria das coisas:

"O livro V, *compreendendo* as leis penais, aquele que, após os progressos efetuados na legislação e na humanidade, mais carecia de pronta reformação" [LCo.1, I, 288].

"Decreto de 14 de fevereiro de 1786, *proibindo* a entrada das meias de seda que não fossem pretas, e decreto de 2 de

agosto de 1786, *suscitando* a observância e *ampliando* o cap. II...” [LCo.1, I, 298].

“Algumas comédias havia com este nome *contendo* argumentos mais sólidos” [FF *apud* SA.2, 249].

Estes e muitíssimos outros exemplos atestam que tal emprego do gerúndio131 ocorre vitorioso na língua culta portuguesa, desde longos anos, dando-nos a impressão de se tratar de uma evolução normal, comum a mais de uma língua românica, e não de uma simples influência francesa. Entretanto, notáveis mestres condenam este uso como galicismo: Epifânio Dias, Júlio Moreira, Leite de Vasconcelos, Mário Barreto, entre outros. Defendem-no Otoniel Mota, Said Ali, Eduardo Carlos Pereira, Cláudio Brandão, entre outros.

Para os que têm a expressão como francesa, deve-se substituir o gerúndio por uma oração adjetiva iniciada por pronome relativo, ou por uma preposição conveniente:

Livro *contendo* gravuras

passaria a

Livro *que contém* gravuras

ou

Livro *com* (ou *de*) gravuras.

Aceitar o gerúndio como construção vernácula não implica adotá-lo a todo momento, acumulando-o numa série de mau gosto. Em muitos casos, como bem pondera Rodrigues Lapa [RLp.1, 227], “não há dúvida que o uso do gerúndio é preferível à oração relativa, sobretudo quando não temos o recurso acertado, expressivo das preposições. Não abusemos dele, mas não hesitemos em empregá-lo, sempre que o reconheçamos superior a outros modos de escrever”.

c) *particípio:*

“Os anais ensanguentados da humanidade estão cheios de facínoras, *empuxados* (= que foram empuxados) ao crime pela ingratidão injuriosa de mulheres muito amadas, e perversíssimas” [CBr.1, 120].

Orações adverbiais reduzidas

Têm o verbo, principal ou auxiliar, no:

A) *infinitivo:* caso em que, normalmente, se emprega o verbo regido de preposição adequada. Para o desdobramento da reduzida em desenvolvida basta substituir a preposição ou locução prepositiva por uma conjunção ou locução conjuntiva do mesmo valor e pôr o verbo na forma finita. É de toda conveniência conhecermos as principais preposições que correspondem a “conjunções” subordinativas adverbiais, porque isso melhor nos adestra na plástica da sintaxe portuguesa:

1) para as *causais* temos:

a) *com*:

“Porém, deixando o coração cativo,/ *com fazer-te* a meus rogos sempre humano,/ fugiste-me traidor...” [RD.1, c. VI].

Com fazer-te = porque te fizeste sempre humano.

b) *em*:

“Em verdade, bem louco deve ser este homem *em estar a plantar* agora esta nogueira, como se estivesse ainda no vigor da mocidade” [LCo *apud* JR.5, 38].

em estar a plantar = porque está a plantar;

c) *por*:

"... é tão desairoso falar um homem a sua língua mal, sob o pretexto de que ela é difícil, como tirar as botas num salão *por lhe doerem os calos*" [SR.1].

d) *visto*:

Visto sair de manhã bem cedo, não é muito conhecido pelos vizinhos.132

e) locuções prepositivas: *à força de, em virtude de, em vista de, por causa de, por motivo de, devido a,* etc.:

"*À força de se tornar trivial,* esta verdade eterna, que resume todo o espírito do cristianismo, deixou de ser para muitos" [AH.2, 159].

2) para as *concessivas:*

a) *com*:

Com fazer todas as obrigações corretamente, não conseguiu livrar-se da falência.

com fazer = embora fizesse;

b) *sem*, negando a causa e a consequência, pode exprimir a *concessão*:

"Este era funestamente o sistema colonial adotado pelas nações que copiavam *sem o entender* nem fecundar, como os romanos, o governo discricionário das províncias avassaladoras" [LCo *apud* FB.1, 215].

c) *malgrado*:

Estudou *malgrado ter perdido o caderno*.

d) *não obstante*:

Saíram *não obstante terem ouvido os conselhos do pai.*

e) locuções prepositivas: *apesar de, sem embargo de*:

"*Apesar, porém, da casa ser tida* como imagem dos perigos e privações da guerra, *e do duque haver adquirido* com ela grande disposição e robustez, observou-se depois que as armas o atraíam pouco" [RS.2, IV, 96].

3) para as *condicionais (e hipotéticas):*

a) *a*:

"... houve quem visse, ou fingisse ver, um notável reflexo que *a ser verdadeiro* devia nascer das muitas luzes que provavelmente estariam acesas" [AH.2, 83].133

No seguinte trecho vale por uma comparativa hipotética do tipo de *como se* ou modal:

"... depois veio a mim, que estava sentado, deu-me pancadinhas na testa, com um só dedo, *a repetir*: – Isto, isto – e eu não tive remédio senão rir também, e tudo acabou em galhofa" [MA.1, 209].134

OBSERVAÇÃO: *como* a + infinitivo

b) *sem*:

Não sairá *sem apresentar os exercícios.*

4) para a *consecutiva: de*:

É feio *de meter medo*.

5) para as *finais*:

a) *a*:

"Muitos personagens eminentes do Império e diversas famílias, ligadas por aproximação de afeto à família imperial, apresentaram-se *a falar ao imperador...*" [RP *apud* FB.1, 145].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) O infinitivo das orações finais pode aparecer sem preposição: "Diz-se que ele era um dos doze que foram a Inglaterra *pelejar* (= para pelejar) em desagravo das damas inglesas, fato assaz duvidoso..." [AH.2, 92].

Construções deste tipo, aproximando-se o infinitivo do verbo principal anterior (*foram pelejar*), permitiriam um início de locução verbal, onde o 1.º verbo passaria a ser sentido como auxiliar modal denotador de movimento para realizar um intento futuro. Este histórico importa para a explicação do emprego antigo da preposição *a*, suplantado depois, entre brasileiros principalmente, pela preposição *em*, no termo adverbial de lugar. Em *O rio Amazonas vai desaguar ao Atlântico,* temos ainda vestígio da fase em que o sentimento linguístico levava em consideração o verbo de movimento, *vai desaguar* (= para desaguar). Perdida esta noção de movimento, *vai ao Atlântico desaguar* passou a ser interpretado como um todo, prevalecendo a regência que competia ao verbo *desaguar*: *vai desaguar no Atlântico*.

Ambas as construções são corretas, tendo sido esta última, sem razão, recriminada por certos gramáticos:

"*Veio embarcar-se* (D. João) *a Aldeia Galega,* aonde o guardavam muitos fidalgos e eclesiásticos" [RS.2, IV, 171];

"Do outro lado da povoação corre o pequeno rio... que *vem desaguar no Lucus*" [AH.2, 70];

"... enquanto a frota *se ia colocar na boca do rio* a que deu nome aquela povoação" [AH.2. 70].

2.ª) Sobre a construção *questão a resolver*.

b) *de*:

Dava aos pobres algo *de comer pela manhã*.

OBSERVAÇÃO: Estas expressões alternam com as de preposição *a*: Dava aos pobres algo *a comer pela manhã*. Entretanto, parece entrever aqui uma imitação do francês: "A preposição *à* entre *donner* e infinitivo equivale a *de: donner à boire et à manger, dar de comer e beber; donner à diner à quelqu'um, dar de jantar; elle lui donna à souper, deu-lhe de cear.* Nessas construções *dar de comer, dar de almoçar, dar de mamar, pedir de beber, pedir de almoçar, ganhar de comer,* o complemento formado por *de* e um infinitivo é, na sua origem, de caráter adjetivo. *Dê-me algo, alguma coisa, qualquer coisa de comer,* é como se disséramos *algo comível* ou *comestível.* Omitido o substantivo, significa por si só as coisas sobre que se exerce a ação do infinitivo: *dê-me de comer* = dê-me coisa que comer" [MBa.3, 129]. Apesar do voto do ilustre mestre, julgamos ser irreprovável a linguagem *dar a comer*. Epifânio Dias [ED.2, § 293, a, 1] não vê galicismo na construção: *dar a alguém algo a beber.*135

c) *para*:

"Tudo isto diz o quadro a quem tiver olhos *para ver*, coração *para sentir,* entendimento *para perceber*" [AH.2, 165].

d) *por*, hoje mais rara, fixada em *por assim dizer* e semelhantes:

"Recomendava el-rei D. Manuel, por suas cartas, a Afonso de Albuquerque que trabalhasse *por haver às mãos* a cidade de Adém" [AH.2, 105].

e) *em*:

"e por isso posto que a Inglaterra não precisasse dela, para este fim, *trabalhou em possuí-la* para que os holandeses não se aproveitassem das vantagens que a sua situação oferecia" [AH.2, 102-3].

"Dois meios havia *em seguir esta empresa*" [AH.2, 69].

f) locuções prepositivas: *a fim de, com o fim de,* etc.:

"Da sua parte, os alunos não devem dar de mão à gramática elementar *a fim de se* exercitarem nos verbos e adquirirem outras noções básicas e, como tais, indispensáveis..." [SR.1].

6) para iniciar orações *locativas* reduzidas (correspondem a orações justapostas): *em*:

"Filha, *no muito possuir* não é ainda posta a felicidade, mas sim *no esperar e amar muito*" [AC *apud* JR.5, I, 37].136

7) para as ideias de *meio* e *instrumento*:

a) *com*:

"... até o (D. Afonso) induzirem a mandá-lo (D. Pedro) sair da corte, ao que D. Pedro atalhou *com retirar-se* antes que lho ordenassem" [AH.2, 91].

b) *de*:

"Eu não sou, minha Nise, pegureiro,
Que viva *de guardar alheio gado*" [TG.1, 15].

8) para as *temporais*:

a) tempo anterior: *antes de*:

"E, se ambos, morrermos *antes de estarem em idade* que se possam por si manter, terão por pai aquele que mora nos céus" [AC *apud* JR.5, 35].

b) tempo concomitante: *a* (neste caso o infinitivo pode vir ou não precedido de artigo):

"Tais eram as minhas reflexões *ao afastar-me* do pobre..." [AH.2, 190].

"E o moço, *a falar* de sua mãe, chorava..." [CBr.6, 59].

c) tempo posterior: *depois de, após*:

"A borboleta, *depois de esvoaçar* muito em torno de mim, pousou-me na testa" [MA.1, 99].137

d) tempo futuro próximo: *perto de, prestes a*:

"... e só abandona (o comandante) o posto quando voa em socorro da Parnaíba ou do Belmonte, *prestes a soçobar*" [Ouro Preto *apud* FB.l, 84].

e) duração de prazo: *até*:

"... o Sália... arrancava os penedos, aluía as raízes das árvores seculares, carreava as terras e rebramia com som medonho, *até chegar às planícies*..." [AH.1, 236].

OBSERVAÇÃO FINAL: É importante não confundirmos (e às vezes se não podem traçar limites rigorosos neste assunto (por serem razões extraídas dos elementos fornecidos pelo texto e não pela gramática) em certas expressões, o conjunto preposicional com um substantivo seguido de seu complemento nominal reduzido de infinitivo. Como bem ensina José Oiticica, "em certas locuções como *por causa de, por motivo de, em virtude de, em vista de,* etc., a oração de infinitivo não deve ser tida por *complementar*. *Exemplo:* "Em vista de lhe haverem furtado a chave, não pôde abrir o depósito". Esta oração de infinitivo seria *complementar* se o substantivo *vista* conservasse seu valor semântico; porém, na locução, desapareceu tal valor, e vigora num todo meramente prepositivo".138 E mais adiante continua: "Com locuções: *no intuito de, no propósito de, com intenção de,* etc., as orações são *complementares*, porque os substantivos mantêm seu valor (semântico) normal". Destarte, é de valor adjetiva completiva nominal reduzida grifada do seguinte período:

"Mandou então el-rei por seus arautos apregoar à roda do arraial de D. Pedro que, sob pena *de serem havidos em conta de traidores*, todos os que seguiam o Duque de Coimbra o abandonassem" [AH.2, 96}.

B) *gerúndio* e aí equivalente a:

1) uma oração *causal*:

"Vendo este os seus maltratados, mandou disparar algumas bombardas contra os espingardeiros" [AH.2, 97].

vendo = porque visse;

2) uma oração *consecutiva*:

"Isto acendeu por tal modo os ânimos dos soldados, que sem mandado, nem ordem de peleja, deram no arraial do infante, *rompendo-o por muitas partes*" [AH.2, 97].

rompendo-o = e como consequência o romperam;

3) uma oração *concessiva*:

Tendo mais do que imaginavam não socorreu os irmãos.

tendo = embora tivesse;

4) uma oração *condicional*:

Tendo livres as mãos, poderia fugir do cativeiro.

tendo *livre as mãos = tivesse livres as mãos.*

5) uma oração que denota *modo, meio, instrumento*:

"Um homem agigantado e de fera catadura saiu da choupana *murmurando sons* mal-articulados" [AH.1 *apud* ED.2, § 316, b, 1].

"E não os (destinos) podia realizar senão *ceifando cidades em lugar de farragiais, e enfeixando com mão robusta povos*" [AC.1 *apud* ED.2, 2].

6) uma oração *temporal:*

"El-rei, quando o mancebo o cumprimentou pela última vez, sorriu-se e disse *voltando-se:* Por que virá o conde quase de luto à festa?" [RS *apud* FB.5, 205].

voltando-se = enquanto se voltava;

No seguinte exemplo se acha reforçado por um advérbio de tempo:

"*Desviando* depois a mão que o suspendia baixou mais dois degraus" [RS *apud* FB.5, 209].

desviando = depois que desviou, no momento em que desviou.

Observação: O gerúndio pode aparecer precedido de preposição *em* quando indica tempo, condição ou hipótese. Neste caso, o português moderno exige que o verbo da oração principal denote acontecimento futuro ou ação que costuma acontecer:

"Ninguém, desde que entrou, *em lhe chegando* o turno, se conseguirá evadir à saída" [RB *apud* FB.1, 126].

Aqui o gerúndio indica tempo, e o verbo da principal exprime ação futura (*conseguirá*).

"Em Vieira morava o gênio: em Bernardes o amor, que, *em sendo verdadeiro,* é também gênio" [AC *apud* FB.1, 186].

Nesta passagem, o gerúndio exprime condição ou hipótese, e o verbo da oração *que é também gênio* (subordinante da condicional) denota um acontecimento que costuma ocorrer.

C) *particípio* e aí equivale a:

1) uma oração *causal*:

"*Irado* o infante com as injúrias que lhe tinham dito, mandou enforcar uns e degolar outros..." [AH.2, 96].

2) uma oração *condicional*:

Entramos em uma batalha, onde, *vencidos* os inimigos, honraremos nosso país.

vencidos = se forem vencidos.

3) uma oração *temporal*:

"E neste sentido, *mudados* os nomes, fez uma comunicação à sociedade cientista dos avicultores da imperial cidade da Mogúncia" [JR.2, 42].

Observações:

1.ª) Nestes empregos do particípio, observam-se as regras de concordância, estudadas no capítulo da Concordância, entre o verbo e o seu sujeito.

2.ª) Alguns particípios passaram a ter emprego equivalente a preposições e advérbios: *exceto, salvo, mediante, não obstante, tirante,* etc., e, como tais, normalmente devem aparecer invariáveis. Entretanto, não se perdeu totalmente a consciência de seu antigo valor, e muitos escritores de nota procedem à concordância necessária:

"Os tribunais, *salvas* exceções honrosas, reproduziam, povoados de criaturas do valido, todos os defeitos do sistema" [RS.2, IV, 67].

"A razão desta diferença é que a mulher (*salva* a hipótese do capítulo CI e outras) entrega-se por amor..." [MA.1, 327}.

Utilizar estas maneiras de dizer, devidas ao "amor excessivo da exatidão" é, como bem pondera Epifânio, expressar-se na verdade com correção gramatical, mas de modo desusado [ED.2, § 220, a].

3.ª) Elegantemente podemos empregar, para a ideia de tempo, o particípio seguido de *que* e duma forma adequada do verbo

ser:

Acabado que foi o prazo destinado à revisão, os candidatos continuaram insatisfeitos.

Há discordância entre os autores quanto à natureza deste *que* posposto ao particípio. Para Maximino Maciel (*Gramática Descritiva,* 368), é conjunção, segundo este trecho: "Também *elegantemente* se conjuncionalizam as reduzidas de particípio passado, interpondo entre o particípio e o substantivo sujeito a conjunção *que* a uma forma do verbo *ser*, adaptável ao tempo, exemplo: 'A ideia republicana e democrática se acabaria em toda a Europa, eclipsado *que* fosse o esplêndido luzeiro que até então lhe serviu de fanal'" (Latino Coelho, *República e Monarquia*).

Para Epifânio, o *que* é pronome relativo, e julgamos que com ele está a razão (cf. *Sintaxe Histórica Portuguesa,* § 91,c): "Na qualidade de nome predicativo ou aposto, pode (o pronome relativo) referir-se a adjetivos (ou particípios), servindo de realçar a qualidade ou estado: *acabada que esteja a obra*" (Cf. ainda a *Gramática Francesa,* § 282, 2, Obs. 1.ª).139

Orações reduzidas fixas

A nossa língua possui certo número de orações reduzidas que normalmente não aparecem sob forma desenvolvida. Neste grupo se acham:

a) as orações subjetivas que se seguem a certos verbos, como *caber, valer, impedir,* em construções do tipo de:

Coube-nos *ornamentar o salão* (e não: *que ornamentássemos*).

Valeu-nos *estarem perto alguns amigos* (e não: *que estivessem perto*).

Impediu-nos a viagem *ter vindo ordem* de voltarmos (e não: *que veio*).140

b) as orações objetivas diretas que se seguem a verbos como *agradecer, perdoar* e o impessoal *haver* na expressão *não há valer-lhe* (e equivalentes) em construções do tipo:

"Perdoou-lhes o *haverem-nos ofendido*" [ED.1, § 226, b].

"E lá se vão: não há mais *contê-los ou alcançá-los*" [EC, 128].

c) as de sentido aditivo enfático do tipo (verbo no infinitivo):

"Além de que a fumarada do charuto, *sobre ser purificante e antipútrida,* dava aos alvéolos solidez, e consistência aos dentes" [CBr.1, 108].

d) as que denotam pensamentos para cuja expressão não existem conjunções subordinativas, como as que indicam:

1) *exclusão* (verbo no infinitivo):

"*Em vez* (diziam) *dos nossos navios carregarem as mercadorias daqueles portos para o de Lisboa...* são embarcações estranhas as que hoje demandam as ilhas..." [RS.2, IV, 533].

Longe de desanimar com os obstáculos, reanima-se para vencê-los.

2) *exceção* (verbo no infinitivo):

"A filha estava com quatorze anos; mas era muito fraquinha, e não fazia nada, *a não ser* namorar os capadócios..." [MA.1, 201].

3) *meio* ou *instrumento* (verbo no infinitivo ou gerúndio) e *modo* (verbo no gerúndio, embora aqui haja conjunção correspondente):

"Salvou-o o senado, *segurando-lhe a pessoa* até poder sair a bordo de uma nau holandesa a 21 de maio" [RS.2, IV, 244].

Desmoralizou-o *com desmenti-lo em público*.

"Procurou este logo estorvar-lhe (a missão) por todos os ombros, *prendendo-o* ou *matando-o*." [RS.2, 244].

Enfrenta a vida *sorrindo dos perigos*.141

Quando o infinitivo não constitui oração reduzida

A presença do infinitivo não caracteriza oração reduzida nos seguintes principais casos, podendo, contudo, constituir, em alguns exemplos, oração (não reduzida):

a) quando, sem referência a nenhum sujeito, denota a ação de modo vago, à maneira de um substantivo:

Recordar é viver.

b) quando faz parte de uma oração verbal:

Tinham de chegar cedo ao trabalho.

c) quando, precedido de preposição e em referência a substantivo, o infinitivo tem sentido qualificativo, o que ocorre:

1) quando exprime a destinação:

sala de jantar, ferro de engomar, tábua de passar, criado de servir.

2) quando equivale a um adjetivo terminado em *-vel*:

É *de esperar* que todos se saiam bem (esperável).

Pareciam menos *de louvar* (louvável).

Foi caso muito *de recear* (receável).

d) quando, precedido de preposição e depois de certos adjetivos (*difícil, fácil, duro, bom,* etc.), o infinitivo tem sentido limitativo (com certa interpretação passiva ou ativa):

Osso duro *de roer* (*de ser roído* ou *de alguém roer*).

Poesia fácil *de decorar* (*de ser decorada* ou *de alguém decorar*).

e) quando, equivalente a imperativo, exprime o infinitivo ordem, recomendação:

"Todos se chegavam para a ferir, sem que a D. Álvaro se ouvissem outras palavras senão estas: *Fartar*, rapazes!" [AH.2, 98].

f) quando, nas exclamações, o infinitivo exprime estranheza pela realização de um acontecimento:

"*Pôr-me* a mim lá fora?! – bradou Teodora" [CBr.1, 175].

"Tu, Hermengarda, *recordas-te?!*" [AH.1, 47].

g) quando entra em orações interrogativas (diretas ou indiretas):

*Que fazer?*142

Não sei *que fazer.*

Nada tinha *que dizer*.

h) quando se trata de um infinitivo de narração, isto é, aquele que, numa narração animada, considera a ação como já passada, e não no seu desenvolvimento.143

"E os médicos *a insistirem que saísse* de Lisboa [Júlio Dinis]

"Ela *a voltar as costas*, e o *reitor a pôr* o chapéu na cabeça" [*id.*]

"E ele *a rir-se*, ele a *regalar-se*" [EQ]

"O senhor *a dizer-lhe* uma palavra, e eu *a provar-lhe* que..." [ED.2, §309,3].

NOTA: Não estão acordes os autores quanto à origem do infinitivo de narração: a hipótese mais cômoda, mas nem por isso

mais convincente, é a da elipse. Assim pensavam Quintiliano, para o latim, e Burguy, Littré, Kastner, Plattner, Lubker, entre outros para o francês. É a opinião que expende M. Barreto para o português: "Na frase: – *Eu falo, e eles a rir* (isto é, põem-se a rir, estão a rir-se, começam a rir) – temos o que se chama *infinitivo histórico*, que assim se diz o que na proposição tem valor de voz verbal de modo finito. A proposição que tem por predicado perifrástico, um elemento do qual está subentendido" (*Últimos Estudos*, 241). Contra esta maneira de explicar estão Diez, Schulze, Darmesteter, Strohmeyer e Brøndal. A segunda hipótese é a que o deriva do infinitivo de ordem ou infinitivo imperativo (opinião de Wackernagel, para o latim e Marcou, Spitzer e Lerch, para o francês). Para Lombard (*Op. cit.* 212) o infinitivo de narração é originariamente uma oração nominal. O problema se acha exaustivamente tratado nas páginas 186-243 do citado livro do romancista sueco.

OBSERVAÇÃO: Foge a uma análise rigorosa a série de expressões do tipo *temer, não teme,* com que, na linguagem afetiva, enunciamos réplicas e objeções. Epifânio (*Sintaxe História Portuguesa*, § 309, 3, Obs.) e Bello-Cuervo (*Gramática Castelhana*, § 926 e *Notas*, p. 63) supõem que se trata de uma construção elíptica, subentendendo-se, antes do infinitivo, a expressão *quanto a*, Meyer-Lübke crê que se trata de um *infinitivo de intensidade* e explica assim o nascimento do torneio de frase: "Nous devons prendre comme point de départ la question et la réponse prononcés sous l'empire de l'émotion. Ainsi, pour nous en tenir au premier exemple, on raconte quelque chose qui, de l'avis du conteur, pourrait provoquer de la crainte chez un des auditeurs ou chez tous. Un d'entre eux repousse cette pensée en demandant avec indignation: "Craindre?! Je ne crains pas". En conséquence, à l'origine il devait y avoir une pause entre l'infinitif et le verbe personnel. Plus tard, naturellement, la formule finit par devenir, comme expression de l'intensité d'une action, plus fixe et par conséquent plus générale" (*Grammaire*, III, § 135). Levando-se em conta que se devem algumas alterações de linguagem a esta atenção que o falante dá a um público, real ou imaginário, a hipótese do romanista é assaz sugestiva, apesar de Epifânio achar "improvável que o infinitivo, sendo rigorosamente interrogativo, viesse a deixar de o ser" (*ibid.*). Cremos que o problema estaria melhor resolvido se levássemos em conta os níveis da oração e do texto, conforme nos ensina Coseriu, já esboçado, aliás, na explicação de Meyer-Lübke. Em *temer, não teme* estamos diante de um enunciado que, no nível do texto (e não da oração), pressupõe uma declaração repetida em relação ao que proferiu nosso interlocutor e a que nos referimos agora mediante o *temer*, e que só no nível do texto deve encontrar cabal explicação.

O gerúndio e o particípio não constituem oração reduzida

a) quando fazem parte de uma locução verbal:

Estão saindo todos os alunos.

As lições *foram aprendidas* sem esforço.

b) quando aparecem como simples função qualificadora, à maneira dos adjetivos:

Livro *encadernado*.

Construções particulares com o infinitivo

São dignas de atenção certas construções em que o infinitivo precedido de verbos que exprimem percepção física (*ver, ouvir, olhar, sentir*) ou atuação e ordenação (*deixar, mandar, fazer*). Já tivemos oportunidade de nos referir ao caso, quando examinamos a função sintática do infinitivo e gerúndio que entram nestas construções.

Praticamente, estas construções de infinitivo se repartem em dois grupos:

a) um, em que o infinitivo tem o mesmo agente e sujeito do primeiro verbo (regente):

Preferimos *estudar* pela manhã.

b) outro, mais complexo, em que o infinitivo, depois dos verbos regentes acima aludidos, tem diferente agente:

Vejo *abrir* a porta.

Ouço *soprar* o vento.

Eu a vi *sair* de casa.

Ouvimos a sineta *chamar* os alunos.

No primeiro grupo, o infinitivo integra uma oração reduzida que exerce o papel de objeto direto do verbo regente *preferimos*, e por isso, pode ser comutado pelo pronome adverbal

átono *o*:

Preferimos *estudar* pela manhã → Nós *o* preferimos → Preferimo-*lo*.

O segundo grupo se subdivide em dois tipos: o infinitivo sozinho ou acompanhado de complementos:

1) o infinitivo integra uma oração subordinada objetiva direta:

Vejo *abrir* a porta.

Ouço *soprar* o vento.

em que *abrir a porta* e *soprar o vento* podem ser comutados pelo pronome adverbal átono *o*:

Vejo-*o*. Ouço-*o*.

Vês abrir a porta? Vejo-*o*.

Ouves sobrar o vento? Ouço-*o*.

2) o verbo regente exprime percepção física e o infinitivo exerce o papel de predicativo do objeto direto:

Eu *a* vi *sair* de casa.

Ouvimos *a sineta chamar* os alunos.

Aqui os verbos regentes que exprimem percepção física (*vi* e *ouvimos*) se acompanham do objeto direto (*a* e *a* sineta) que se acham modificados pelos infinitivos que exercem a função de seus predicativos (*sair* e *chamar*).

Por mais que equivalham no plano do conteúdo de pensamento designado, *Eu a vi sair de casa* a *Eu vi que ela saía de casa*, do ponto de vista gramatical as construções são diferentes. O pronome *a* (Eu *a* vi sair) e *ela* (Eu vi que *ela* saía de casa) são ambos *agentes* do processo *sair de casa*, mas *a* é *objeto direto* e *ela* é *sujeito*. Pela análise do conteúdo, a gramática tradicional tem atribuído a esse pronome *a* dupla função sintática: objeto direto do verbo regente (*vi*) e sujeito do infinitivo (*sair*).

Também os verbos que exprimem atuação ou ordenação (*deixar, mandar, fazer*) apresentam a mesma construção dos verbos de percepção física:

O policial fez calar o assaltante / O policial fê-lo calar.

O professor mandou o aluno saltar / O professor mandou-o saltar.

Até aqui o infinitivo não se acompanha de objeto direto próprio, mas ele pode aparecer, como ocorre em:

O professor mandou o aluno fazer o exercício,

quando os complementos do verbo regente *mandou* (*o aluno*) e do infinitivo *fazer* (*os exercícios*) podem ser teoricamente comutados pelos pronomes adverbais átonos *o*:

O professor mandou-o fazê-lo.

ou ainda:

O professor mandou-*o o* fazer,

o que daria uma contiguidade incômoda e artificial de dois *o... o*, onde a clareza do texto poderia ser prejudicada. Veja-se este exemplo de A. Herculano:

"(...) a tia Domingas ouviu-*o* chamá-*la* de novo mansamente" [AH.2, 76].

A tradição literária contornou o problema adotando duas normas seguintes:

a) Expressar o complemento do verbo regente sob forma de objeto direto se constituído por

substantivo:

O professor mandou *o aluno* fazê-lo.

b) Expressar o complemento do verbo regente sob forma de objeto indireto se constituído por pronome adverbal átono:

O professor mandou-*lhe* fazer os exercícios.

O professor mandou-*lhe* fazê-lo.

O professor *lhe* ouviu dizer que melhoraria seu comportamento.

A colega *lhe* deixou ver suas bonecas.144

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Pela possibilidade de poder o complemento do infinitivo se aproximar do verbo regente, pode ocorrer a junção do pronome adverbal átono *lhe* (ou outro indireto) com o pronome *o*, como no seguinte exemplo:

"... posto que Afonso I se houvesse apoderado de vários lugares... a desgraça de Badajoz *lhos* fizera perder..." [AH.2, 76], isto é: a desgraça *lhe* fizera perdê-los.

2.ª) É raro o emprego de *lhe* por *o* quando o verbo no infinitivo não se acompanha de objeto direto: "A vista só da vaca... nem *lhes* deixa pensar em soutos e pastios" [AC.9, 181].

A prática se estenderia a se empregar sob forma de objeto indireto o complemento do verbo regente, mesmo se constituído por substantivo:

O professor mandou *ao menino* fazer o exercício.

O professor ouviu *ao aluno* dizer que melhoraria o comportamento.

O namoro fez *ao jovem* perder a cabeça.

Por fim, cumpre assinalar que normalmente se usa *o*, e não *lhe*, quando o infinitivo é pronominal.

"o Sália... rebramia com som medonho, até chegar às planícies, onde o solo não comprimia e *o deixou espraiar-se* pelos pauis e juncais..." [AH.2, 76-77].

OBSERVAÇÃO: O infinitivo que se segue a *deixar, mandar e fazer* pode ser tomado em sentido passivo, e neste caso o agente da ação do infinitivo é regido pelas preposições *por* ou *de:*

"D. João de Castro, sem *deixar-se vencer do amor do filho,* nem *dos medos do tempo,* resolveu enviar o socorro" [FF *apud* ED.2, 289, a), Obs. 2.ª].

A omissão do pronome átono em EU OS VI AFASTAR DAQUI em vez de AFASTAR-SE DAQUI

Não é rara a omissão do pronome átono que devia acompanhar um infinitivo pronominal, quando este mesmo infinitivo tem por agente um pronome átono:

"*Deixei-o embrenhar* e transpus o rio após ele" [AH.2, 77].

"O faqui *deixou-o afastar*" [AH.2, 77].

Os seguintes exemplos mostram-nos que a presença do pronome também é correta:

"*Sentiu-o* para aqui um pouco e depois *encaminhar-se* ao longo do corredor" [AH.2, 76].

"E o eremita *viu-a*, ave pernalta e branca, *bambolear-se* em voo, ir chegando, *passar-se* para cima do leito, *aconchegar-se* ao pobre homem..." [JR.2, 227].145

A construção PEDIR PARA

Em

"Eu retive-a, *pedi-lhe* que ficasse, que esquecesse" [MA.1, 271]

o verbo *pedir* exige dois objetos: o indireto *lhe* e o direto oracional composto *que ficasse, que esquecesse*.

Normalmente, em tais casos, não se usa o objeto direto oracional sob forma reduzida. Evita-se dizer: *Pedi-lhe ficar, pedi-lhe esquecer.*

Em:

> "Dito isto, *peço licença para ir* um dia destes expor-lhe um trabalho..." [MA.1, 245]

o verbo *pedir* vem acompanhado apenas do objeto direto *licença*; a oração reduzida de infinitivo *para ir um dia destes expor-lhe um trabalho* é adverbial de fim.

Pode-se omitir o objeto direto e construir o verbo *pedir*, assim: *peço-lhe para ir um dia destes expor-lhe um trabalho*.

Como estão próximas as ideias de *pedir que algo aconteça* e *trabalhar para que algo aconteça*, passou-se a usar a preposição *para* no início da oração que seria objeto direto do verbo *pedir*, tendo-se em mira indicar a finalidade da coisa pedida:

> *Pediu para que* Pedro *saísse*

ou

> *Pediu para* Pedro *sair.*

Os gramáticos não aceitaram a operação mental e ainda hoje esta maneira condensada de dizer é repudiada, apesar da insistência com que penetra na linguagem das pessoas cultas. Para as autoridades de nossa língua, só está certo o emprego do verbo *pedir* quando se tem para objeto direto o substantivo *licença* (claro ou subentendido) e a oração de *para que* ou *para* + infinitivo é sentida como adverbial de fim, *com sujeito igual ao da oração principal*.146 Assim, em:

> O aluno pedia-lhe para sair,

o *aluno* pedia licença para ele mesmo sair.

A confusão dos dois empregos do verbo *pedir* traz ao enunciado incontestavelmente duplicidade de sentido, pois que em:

> *Ele pedia-lhe para sair*

ficamos em dúvida sobre a pessoa que sairá. Para o gramático só pode ser a que fez o pedido, e, na realidade, todos, ou quase todos, os exemplos abonados dos bons escritores têm o mesmo sujeito para a oração de *pedir* e para a oração iniciada pela preposição *para*.

A construção DIZER PARA

Semelhantemente ao que ocorre com o verbo *pedir*, a linguagem coloquial despreocupada constrói o verbo *dizer* (*falar* e sinônimos) seguido da preposição *para* junto ao que normalmente seria o seu objeto direto:

> *Disse para que ele fosse embora*

ou

> *Disse para ele ir embora.*

São expressões condenadas que os gramáticos recomendam se evitem no falar correto.

A construção PARA EU FAZER

Em

> O exercício é para eu fazer

a preposição *para* rege o verbo *fazer*, cujo sujeito é o pronome pessoal *eu*. Evite-se a construção errônea *o exercício é para mim fazer*, devida ao fato de se supor que a preposição se prende ao pronome, como: *este presente é para mim.*

Diz-se corretamente *o presente é para mim*, porque a preposição sempre rege pronome oblíquo tônico.

Distinga-se claramente este uso errôneo do correto, em que há antecipação do objeto indireto livre de opinião; o ritmo oracional marca a diferença:

> Para mim (pausa) fazer isso é sempre agradável.

A posição do sujeito nas orações reduzidas

No português contemporâneo, o sujeito das orações reduzidas de gerúndio e particípio vem normalmente depois do verbo (nas locuções verbais pode aparecer depois do auxiliar):

> "A guerra diplomática andava acesa em Roma, *lidando o enviado português* por contrariar com energia os meneios e dilações do Cardeal Torregiani" [LCo.1, I, 44].
>
> *Não me havendo chegado notícia das viagens de Gulliver*, penso que a minha gente liliputiana teve origem nas baratas e nas aranhas [GrR.1, 94].
>
> *Findo o susto*, considerava-me isolado, continuava nas infrações sem nenhuma vergonha [GrR.1, 180].
>
> *Acabada a festa*, foram ao cinema.

Estariam erradas as construções se colocássemos o sujeito antes do verbo: *o enviado português lidando, o susto findo, a festa acabada*.

Nas reduzidas de gerúndio é preciso distinguir cuidadosamente essas linguagens imperfeitas daquelas que, por falta de pontuação adequada, nos fazem supor que se trata de anteposições do sujeito. Nos seguintes exemplos só houve falta da vírgula para separar a principal da subordinada:

> "*O cristianismo elevando o culto* da mulher inspirou a cavalaria e a poesia cavaleiresca, nobilitando pelo amor e pelo sacrifício o sexo que era também o de Maria Santíssima" [JR.2, 51].
>
> "Então *Gonçalo Mendes fazendo* recuar o capuz que cobria a cabeça do suposto mensageiro olhou para ele alguns instantes" [AH.3, 116].147

Entre as reduzidas de gerúndio, fazem exceção ao princípio exposto aquelas que, precedidas da preposição *em*, denotam circunstâncias de tempo, hipótese ou condição, quando o sujeito pode vir antes ou depois desta forma verbal:

> "Ninguém, desde que entrou, *em lhe chegando o turno*, se conseguirá evadir à saída" [RB *apud* FB.1, 126].
>
> "A semelhança entre as filhas de Felipe da Gama reduzia-se a isto: mas era tão grande, que *em as duas conversando* a fala confundia-se, e o ouvinte mais não era capaz de distinguir" [RS.3, 2, 122 *apud* ED.2, §316,b,2,obs].

No tocante às reduzidas de particípio, podem ter o sujeito anteposto ou posposto ao verbo, quando constituído pelos pronomes *isto, isso, aquilo* e *o que*:

> *Isto posto*, resolvemos voltar

ou

> *Posto isto*, resolvemos voltar.

A construção É DA GENTE RIR

A antecipação do sujeito ao verbo, nas orações reduzidas de infinitivo preposicionado, possibilita a combinação da preposição com o sujeito ou um adjunto do sujeito:

> Já era tempo *de* saírem *os alunos* de férias.

pode passar facilmente a *Já era tempo* ***de os alunos*** *saírem de férias* e daí à combinação *Já era tempo* ***dos alunos*** *saírem de férias.*

A preposição pode-se combinar com o núcleo do sujeito. Assim, diremos:

É tempo DE ELE sair

ou

É tempo DELE sair.

Alguns gramáticos não aceitam a combinação apontada sob o pretexto de que o sujeito "não pode vir regido de preposição"; *não se trata aqui, entretanto, de regência preposicional de sujeito, mas do contato de duas palavras que, por hábito e por eufonia, costumam ser incorporadas na pronúncia.* Se tais combinações parecem contrariar a lógica da gramática, cumpre observar que não repugnam a tradição do idioma com o testemunho de seus melhores escritores, antigos e modernos. O que a lição dos fatos nos permite ensinar é que ambas as construções são corretas, segundo nos atestam as seguintes passagens que não se podem dar como errôneas ou descuidos de revisão.148 Trata-se de um problema de estilística fônica, pelo qual a não combinação encarece o papel do sujeito do infinitivo. Do ponto de vista meramente gramatical são válidas ambas construções:

"só voltou *depois do infante estar* proclamado regedor" [AH.2*,* 44].

"Os que no serviço militar perdiam o cavalo tiravam o valor deste dos despojos *antes destes* (*d'estes*, no original) se repartirem" [AH.2].

"*Apesar da sua ação ser...* superior à autoridade dos bispos..." [AH.2].

"... a unidade que resulta da síntese do ideal, *antes deste ser* revelado pela expressão material" [AH.2, 162].

"sabia-o, senhor, *antes do caso suceder*" [AH.4, I, 267].149

"... mesmo *depois dos descobrimentos dos portugueses haverem* transformado as condições do comércio geral do mundo" [RS.2*,* IV, 16].

"*Apesar*, porém, da *caça ser tida* como imagem dos perigos e privações da guerra..." [RS.2, 96].

"Notou, igualmente, a vantagem dos *confederados repartirem* de antemão os postos entre si..." [RS.2, 139].

"... e *a despeito do dia estar* chuvoso" [RS.2, 171-2].

"Nos dias pequenos o sino de recolher soava muito antes *dos mercadores terem* acabado a ceia nas hospedarias..." [RS.2, 527]

"*Depois do Garrett escrever* erradamente no seu *Camões...*" [AC, "Anotações à 6.ª edição do Dicionário de Morais", in *Arquivos Literários* de Delfim Guimarães, V *apud* P. A. Pinto, revista *Colaboração,* nº 5, p. 20].

"... se, por exemplo me concederem um monopólio do plantar couves, *apesar das couves serem* uma das muitas espécies de legumes" [RB *apud* P. A. Pinto, *ibid*.].

"Pelo fato *do verbo* restituir, numa de suas acepções, e entregar, em certos casos, *terem*, como diz o Dr. Rui, o mesmo sentido..." [CR.2 *apud* P. A. Pinto].

"... no caso do *infinitivo trazer compl. direto*" [ED.2, 226).150

Terminamos esta pequena lista com um fato que não deixa dúvidas de que os exemplos aduzidos não se explicam por descuidos. Na página 87 do vol. IV da sua excelentemente escrita *História de Portugal*, contrariando a sintaxe que lhe vem natural e frequente, Rebelo da Silva não faz a combinação:

"Nem o rei, nem o ministro apreciaram o perigo, senão *depois de ele declarado e irremediável*".

Mas, para surpresa de muitos gramáticos, no final do volume, na página destinada a erratas, declara textualmente:

"Onde se lê: *depois de ele* leia-se *depois dele* (*d'elle* no original). 151

Tem-se estendido o exagero da condenação aos casos em que a preposição precede um advérbio, quando, na realidade, o que decide a existência ou não existência da combinação é a menor ou a maior pausa no proferir as duas palavras, ou ainda a eufonia e, como vimos, o realce. No seguinte exemplo de Alexandre Herculano, a pausa maior entre a preposição e o advérbio evita a combinação:

"A afirmativa *de ali* se ajuntarem e agasalharem 20.000 pessoas é naturalmente impossível" [AH.2, 44].

É forçoso reconhecer que a facilidade da combinação da preposição *de* não se estendeu, com a mesma frequência, a outras preposições, nas circunstâncias aqui estudadas. Dá prova disto o seguinte trecho de Rebelo da Silva, tão afeito às construções combinadas:

"*No caso do reino se constituir* em república, que partido seguiria D. João, o do país, ou o dos castelhanos?" "Em qualquer acontecimento, redarguiu o duque, hei de acostar-me ao que seguir o comum do reino". "Então, continuou o secretário, está dada a resposta. Mais vale arriscar tudo para reinar, do que arriscar tudo ainda e ficar vassalo. A ocasião é chegada, e parece que Deus a trouxe. A maior dificuldade consistia *em os outros proporem* a empresa..." [RS.2, IV, 134].

Por fim, cabe-nos assinalar que, neste assunto de combinações de preposição, o português moderno desprezou certos giros que – embora também contrários à lógica da gramática – foram estimados dos antigos e ainda hoje puristas aplaudem. Interessa-nos agora aquela em que se combinava a preposição *por* (antigo *per*) com os pronomes *o, a, os, as,* em função de objeto direto:

Esforcei-me pelo convencer.

hoje desbancado por:

Esforcei-me por convencê-lo (ou *para convencê-lo*) ou *por o convencer* (mais raro entre os brasileiros).

Apesar de exemplos de autores modernos (Rui Barbosa entre eles) e do voto de Mário Barreto [MBa.1, cap. VII, 111-25], concordo com o parecer de Said Ali [SA.6, 4, 160]:

"A construção de *por* e antigo *per* com as formas pronominais *o, a, os, as,* pertence ao número das formas arcaicas, de que se encontram ainda restos, na linguagem popular de Portugal. É imprópria da linguagem culta de hoje, e se ocorre – o que é muitíssimo raro – em algum escritor moderno, deixa-nos logo a impressão de um estilo afetado. Não provam exemplos dessa espécie o uso geral, nem podem servir de norma para o falar correto".152

É elucidativo este passo de Rebelo da Silva, onde ocorrem os dois casos aqui estudados:

"... em que o tribunal proferiu a sentença, mandando entregar as fazendas a Adão Bans e sócios sob fiança *de as* restituírem *no caso dos portugueses* dentro de seis meses *pagarem a quantia*..." [RS.2, 515].

Reduzidas decorrentes e concorrentes

Como as desenvolvidas, as orações reduzidas podem ser:

a) *decorrentes:*

"O Conde de Avranches saiu a eles com quase toda a gente do arraial e *fazendo-os fugir* tomou alguns prisioneiros" [AH.2, 96].

A oração de *fazendo* é reduzida gerundial de tempo e se acompanha da oração também reduzida *fugir* (reduzida de infinitivo), modificadora do objeto direto *os*.

b) *concorrentes:*

"Irado o infante com as injúrias que lhe tinham dito, mandou *enforcar uns e degolar outros*, e o conde perseguiu o resto até Portugal" [AH.2, 96].

As orações reduzidas de infinitivo *enforcar uns* e *degolar outros* são subordinadas equipolentes; por isso se acham coordenadas entre si.

Não raro aparece, entre as orações equipolentes, uma reduzida coordenada à outra desenvolvida ou vice-versa [MBa.1, 168, nota].

> "*Para provar-lhe* que não falto à menor condição estipulada, *e para que a minha consciência fique pura de escrúpulos*, vou dar-lhe a gratificação prometida" [CBr.14, drama, ato II, cena IX].
>
> "Na província de Alentejo o recrutamento fazia-se para exclusiva defesa dela, cabendo um terço de cada comarca, *se era grande*, ou a duas unidas, *sendo pequenas*" [RS.2, 227].

4 – As Frases: Enunciados sem Núcleo Verbal

Oração e frase – Já tínhamos antecipado que a unidade sintática chamada *oração* constitui o centro da atenção da gramática por se tratar de uma unidade em que se relacionam sintaticamente seus termos constituintes e se manifestam as relações de ordem e recção que partem do núcleo verbal e das quais se ocupa a descrição gramatical.

Isto não impede a presença de enunciados destituídos desse núcleo verbal conhecidos pelo nome de *frases*:

> Bom dia!
> Saúde!
> Depressa!
> Que calor!
> Casa de ferreiro, espeto de pau.

Estas frases diferem da oração porque são proferidas, quase sempre, em situações especiais, fora as quais o enunciado não se manifesta em toda sua plenitude.

Em geral seus elementos constituintes são de natureza nominal (substantivos, adjetivos ou advérbios), e a ausência do núcleo verbal, donde dimanam as relações sintático-semânticas, impede que se identifiquem entre seus constituintes as funções que se manifestam na oração. Por outro lado, a frase aponta para asserção de uma verdade geral, já que exclui a forma verbal responsável por uma particularização da expressão [EBv.2, 181]. Entretanto, como são enunciados reais, apela-se para a interpretação mais ou menos próxima dos possíveis equivalentes expressos sob forma de oração. Assim, "entende-se" que um enunciado como *Bom dia!* equivale a *Desejo bom dia* ou *Espero que tenha bom dia!*, ou *Casa de ferreiro, espeto de pau* valeria aproximadamente a *Casa de ferreiro usa espeto de pau* ou *Quando a casa é de ferreiro, o espeto é de pau* ou, ainda, *Em casa de ferreiro não se usa espeto de ferro, mas de pau*.

A simples verificação das várias possibilidades de paráfrases mostra bem como são tênues as relações gramaticais que os termos existentes mantêm entre si dentro da frase. Por isso a descrição da frase não se fará pelos mesmos critérios empregados na oração, mas segundo sua constituição interna. Inicialmente, podemos dividir as frases em *unimembres* e *bimembres*.

Frases unimembres: interjeição – O tipo mais simples de frase é o constituído por

interjeição. Já é antiga em gramática a ideia de a interjeição não ser, a rigor, uma "palavra", mas que equivale a um enunciado independente ou a uma oração inteira:

Oh! Psiu!

Pode ainda aparecer combinada com outras unidades para constituir frases mais complexas:

Ai de mim!
Oh pátria minha!

Já vimos que outras classes de palavras e grupos nominais se podem transpor ao papel de interjeição, empregados em função apelativa, endereçada ao interlocutor, ou como manifestação da atitude do falante [AL.1, 385]:

Socorro!
Depressa!
Meu pai!
Que horror!
Viva!

Podem aparecer unidades mais longas resultantes de respostas ou comentários a diálogos reais ou imaginários com o interlocutor. São frases elípticas, quase sempre de valor nominal, resíduos de orações sintaticamente incompletas ou truncadas, que devem ser tratadas no rol dos enunciados independentes sem núcleo verbal, ao largo de qualquer restituição corretiva do ponto de vista sintático:

"— Está bem, deixe-me ficar algum tempo mais, estou na pista de
um mistério
— *Que mistério*?" [MA.1, 28].
"— Raposo, vou sair; há alguma cousa?
— *Nada, Capitão Viveiros*" [LB.3, 91].
"Fez-me sentar ao pé de si, na varanda, entre muitas exclamações
de contentamento:
— *Ora, o Brasinho*! *Um homem*! Quem diria, há anos... *Um homenzarrão*! *E bonito*! *Qual*! Você não se lembra de mim... [MA.1, 94-95]
— Qual é a sua profissão?
— *Estudante*." [LB.3, 91]

Entre essas verdadeiras *pro-orações* estão as palavras *sim*, *não*, *talvez*, *tampouco* e assemelhadas (sozinhas ou combinadas) que de primitivos advérbios passam por transposição hipertáxica ao papel de frases:

— Já deste a notícia?
— *Ainda não* [LB.3, 165].

Algumas vezes nestes casos um dos interlocutores ou o autor num monólogo faz uso de uma frase exclamativa complexa que vale, unitariamente, por transposição hipotáxica, por uma interjeição:

Eugênia sentou-se a concertar uma das tranças. *Que dissimulação graciosa*! *Que arte infinita e delicada*! *Que tartufice profunda*! [MA.1, 107]

Etiquetas e rótulos – Diferente contexto linguístico ocorre com frases que entram na indicação de etiquetas, letreiros e rótulos situados em circunstâncias tais que, com ajuda de

tais entornos, são suficientes para constituir informações precisas. Deste rol fazem parte a sinalização verbal das indicações de trânsito (*Entrada*, *Saída*, *Retorno*, etc.), de estabelecimentos bancários e comerciais (*Clientes de Conta Ouro*, *Fila Única*, *Padaria*, *Carnes*, *Laticínios*, *Limpeza*, *Estacionamento*, *Entrada proibida*, *Entrada só permitida a funcionários*, etc.)

Frases assertivas bimembres – Embora frases assertivas bimembres possam ser facilmente parafraseadas a orações de estrutura regular e com estas, muitas vezes, se alternar no discurso, não devem ser "reconstituídas" e "emendadas" com auxílio de elipses e outros recursos, para depois serem descritas como orações. A expressividade decorre da leveza e espontaneidade com que se caracterizam.

Incluem-se, portanto, no rol de frases assertivas bimembres (dotadas também de entoação ou contorno melódico assertivos) os seguintes exemplos:

Casa de ferreiro, espeto de pau

Tal pai, tal filho

A vivacidade e leveza que tais frases emprestam ao discurso explicam o seu largo emprego nas máximas e provérbios.

5 – Concordância

Considerações gerais – Em português a *concordância* consiste em se adaptar a palavra determinante ao gênero, número e pessoa da palavra determinada.

A concordância pode ser *nominal* ou *verbal* – Diz-se *concordância nominal* a que se verifica em gênero e número entre o adjetivo e o pronome (adjetivo), o artigo, o numeral ou o particípio (palavras determinantes) e o substantivo ou pronome (palavras determinadas) a que se referem:

"O capitão rosnou *alguma* cousa, deu *dous* passos, meteu *a* mão no bolso, sacou *um* pedaço de papel, muito *amarrotado*; depois *à* luz de *uma* lanterna, leu *uma* ode *horaciana* sobre *a* liberdade *da* vida *marítima*" [MA.1, 65].

Diz-se *concordância verbal* a que se verifica em número e pessoa entre o sujeito (e às vezes o *predicativo*) e o verbo da oração:

"Os outros não sabendo o que *era*, *falavam*, *olhavam*, *gesticulavam*, ao tempo que ela *olhava* só, ora fixa, ora móvel, levando a astúcia ao ponto de olhar às vezes para dentro de si, porque *deixava cair* as pálpebras" [MA.1, 183]

"Chegando à rua, *arrependi*-me de ter saído" [MA.1]

"*Eram* 2 de novembro de 1952" [AH.2, 124].

A concordância pode ser estabelecida de *palavra* para *palavra* ou de *palavra* para *sentido*. A concordância de *palavra* para *palavra* será *total* ou *parcial* (também chamada *atrativa*), conforme se leve em conta a totalidade ou o mais próximo das palavras determinadas numa série de coordenação:

"Repeli-a, porque se me *ofereciam* vida e honra a troco de perpétua infâmia" [AH.1, 147].

O verbo *ofereciam* concorda com a totalidade do sujeito composto: *vida* e *honra*.

"porque entre ele e Suintila... *está* o céu e o inferno" [AH.1, 143].

O verbo *está* concorda, atrativamente, com o sujeito mais próximo (o céu) da série coordenada o *céu* e o *inferno*.

"... *via*-se em todas as faces *pintado* o espantoso e o terror" [AH.2, 124].

O verbo *via* e o adjetivo *pintado* concordam, por atração, com o sujeito mais próximo da série *o espantoso* e *o terror*.

"Quando a educação, os livros, e o sentir daqueles que nos odeiam *apagou* em nossa alma o selo da cruz" [AH.2, 143].

O verbo *apagou* concorda, por atração, com o sujeito mais próximo (*o sentir daqueles*) do sujeito composto, ainda que este venha anteposto ao verbo.

A concordância de *palavra* para *sentido* se diz ainda *concordância* "*ad sensum*" ou *silepse*:

"A plebe *vociferava* as mais afrontosas injúrias contra D. Leonor: e se *chegassem* a entrar no paço, ela sem dúvida seria feita pedaços pelo tropel furioso" [AH.2, 41].

O verbo *vociferava* concorda com o sujeito *plebe* que, sendo um coletivo, pôde, pelo seu conteúdo semântico de pluralidade, levar ao plural o verbo *chegassem*, mais afastado dele.

"Era gente colectícia, *muitos*, acaso, sem pátria da guerra, e por isso pouco *habituados* a resignar-se com as várias e tediosas fases de um assédio" [AH.2, 51].

O termo *gente*, de valor coletivo, é o responsável pela flexão masculina de *muitos* e *habituados*, por se levar em conta a ideia de *soldados* contida na palavra *gente*.

É preciso estar atento a que a liberdade de concordância que a língua portuguesa muitas vezes oferece deve ser cuidadosamente aproveitada para não prejudicar a clareza da mensagem e a harmonia do estilo.

Na língua oral, em que o fluxo do pensamento corre mais rápido que a formulação e estruturação da oração, é muito comum enunciar primeiro o verbo – elemento fulcral da atividade comunicativa – para depois se seguirem os outros termos oracionais. Nestas circunstâncias, o falante costuma enunciar o verbo no singular, porque ainda não pensou no sujeito a quem atribuirá a função predicativa contida no verbo; se o sujeito, neste momento, for pensado como pluralidade, os casos de discordância serão aí frequentes. O mesmo ocorre com a concordância nominal, do particípio.

A língua escrita, formalmente mais elaborada, tem meios de evitar estas discordâncias.

Concordância nominal

A – Concordância de palavra para palavra

1) *Há uma só palavra determinada.*

A palavra determinante irá para o gênero e número da palavra determinada:

"Aflige-nos a glória *alheia contestada* com a *nossa* insignificância" [MM].

"*Os bons* exemplos *dos* pais são *as melhores* lições e a *melhor* herança para *os* filhos" [MM].

"Eu amo *a* noite *solitária* e *muda*" [GD.3, I, 314].

Eu estou *quite*. Nós estamos *quites*.

OBSERVAÇÃO: Os nomes femininos como *sentinela*, *guarda*, *guia* e assemelhados, quando aplicados a pessoas do sexo masculino, mantêm o gênero feminino, e levam para este gênero os determinantes a eles referidos: *a sentinela avançada*; "Depois desta digressão que acabais de fazer pelo mundo, com tão *má guia* como eu, voltemos a ouvir de novo as vossas pedras" [Agostinho de Campos *apud* MBa.2, 212].

2) *Há mais de uma palavra determinada.*

Observar-se-ão os seguintes casos:

1.º) Se as palavras determinadas forem do mesmo gênero, a palavra determinante irá para o plural e para o gênero comum, ou poderá concordar, principalmente se vier anteposta, em gênero e número com a mais próxima:

A língua e (a) literatura *portuguesas* ou A língua e (a) literatura *portuguesa*.

"Amava no estribeiro-mor as virtudes e a lealdade nunca *desmentidas*"

[RS.1, 124].

"O tom e gesto *caricioso*, com que ela dizia isto, não moveu medianamente o esposo" [CBr.1, 158].

"*e os nossos* Basílio e Durão, bem assim o Sr. Magalhães..." [OM, 72].153

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Se as palavras determinadas se referirem a uma só pessoa ou coisa, impõe-se o singular do determinante:

seu fiel amigo e servidor

2.ª) É injusta a crítica do gramático E. Carlos Pereira [CP.1, § 427, 3, nota] aos seguintes exemplos: "... a mão esquerda, entre *cujos* índice e polegar pendia o pergaminho..." [AH.5, II, 24] e "... pelas exigências cada vez maiores destas *devoradoras* e *insaciáveis* fome e sede de leitura" [AC.1, 315].

3.ª) Precedendo um substantivo (título ou prenome), ocorre o plural: Os *irmãos* Pedro e Paulo. Os *apóstolos* Barnabé e Paulo.

4.ª) Um determinante (adjetivo) no plural pode estar aposto a um sujeito do singular que venha colocado depois, quando este sujeito é algum dos pronomes *cada um*, *cada qual*, *ninguém*, *nenhum*, referidos a pessoas ou coisas já mencionadas:

sobressaltados com esta vista, procurava *cada um* pôr-se a salvo [ED].

2.º) Se as palavras determinadas forem de gêneros diferentes, a palavra determinante irá para o plural masculino ou concordará em gênero e número com a mais próxima:

"Vinha todo coberto de negro: *negros* o elmo, a couraça e o saio"

[AH.1, 107].

"como se um grande incêndio devorasse as brenhas e os carvalhais *antigos*" [AH.1, 86].

"*Calada* a natureza, a terra e os homens" [GD.3, I, 315].

com *boa* coragem e zelo, com coragem e zelo *bom* (ou *bons*), com *bons* coragem e zelo

toda sua luta e sacrifícios.

todos seus sacrifícios e luta.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Por uma questão de agrado auditivo (eufonia), prefere-se que numa série de palavras determinadas de gêneros diferentes seguida de palavra determinante no masculino plural, venha a determinada masculina em último lugar.

2.ª) Se, neste caso, se tratar de pronome possessivo posposto, a concordância deste se fará com o último substantivo:

"Este velho desterrado por *gosto* e *eleição sua*..." [RS.1, 16].

3.ª) Quando há ideia de reciprocidade, torna-se obrigatório o emprego do plural: "Ele entrou prazenteiro... e encontrou padrinho e afilhada *empenhados* em uma discussão sobre autoridade" [LBa *apud* SS.1, § 257 obs.].

3) *Há uma só palavra determinada e mais de uma determinante.*

A palavra determinada irá para o plural ou ficará no singular, sendo, neste último caso,

facultativa a repetição do artigo. Em geral, isto ocorre com adjetivos de nacionalidade: *As literaturas* brasileira e portuguesa ou *A literatura* brasileira e portuguesa (maneira de dizer menos frequente e, com exagero de lógica gramatical, considerada errônea por muitos autores) ou *A literatura* brasileira e *a* portuguesa.

"e os *cronistas tudense e toledano* fazem a luta dos dous reis depois daquele consórcio" [AH.6, III, 86].

"Li um anúncio, convidando mestra de *línguas inglesa* e *francesa* para o colégio" [CBr.1, 128].

"O pequeno reino sucessivamente perlustrou *as costas ocidental e oriental* da África..." (C. de Laet, I, 211).

as séries quarta e quinta

a quarta e quinta série (ou *séries*)

B – Concordância de palavra para sentido

A palavra determinante pode deixar de concordar em gênero e número com a *forma* da palavra determinada para levar em consideração, apenas, o *sentido* em que esta se aplica: *o* (vinho) *champanha*, *o* (rio) *Amazonas*.

Entre os diversos casos desta concordância pelo sentido aparecem os seguintes:

1) As expressões de tratamento do tipo de V. Ex.ª, V. S.ª, etc.:

V.Ex.ª é { *atencioso* (referindo-se a homem)
atenciosa (referindo-se a mulher)

OBSERVAÇÃO: Quando se junta um adjetivo a tais formas de tratamento, tal adjetivo fica no gênero da forma de tratamento:

Sua Majestade *fidelíssima* foi contrariado pelos representantes diplomáticos.

2) A expressão *a gente* aplicada a uma ou mais pessoas com inclusão da que fala:

"Pergunta a gente a si *próprio* (refere-se a pessoa do sexo masculino) quanto levaria o solicitador ao seu cliente por ter sonhado com o seu negócio" [PC *apud* MBa.2, 413]154.

3) O termo determinado é um coletivo seguido de determinante em gênero ou número (ou ambos) diferentes:

"*Acocorada* em torno, *nus*, a negralhada *miúda*, de dois a oito anos" [HC.2, 84].

Note-se que *acocorada* e *miúda* concordam com a forma gramatical de *negralhada*, enquanto *nus* o faz levando em conta o seu sentido (= grupo de negrinhos de dois a oito anos).

4) A palavra determinada aparece no singular e mais adiante o determinante no plural em virtude de se subentender aquela no plural:

"Não compres *livro* somente pelo título: ainda que pareçam bons, são muitas vezes péssimos" [JR.1, 321].

"Mas não nos constou em que *ano* começou nem *quantos* esteve com ele" [LS *apud* JR.1]155.

C – Outros casos de concordância nominal

1) ***Um e outro, nem um nem outro*** – Com *um e outro*, põe-se no singular o determinado (substantivo), e no singular ou no plural o verbo da oração, quando estas expressões aparecem

como sujeito:

"Alceu Amoroso Lima (...) teve a boa ideia de caracterizar e diferençar o ensaio e a crônica, dizendo que *um e outro* gênero se afirmam pelo estilo".

"Parou um momento e, olhando para *um e outro lado*, endireitou a carreira..." [AH.1, 107].

"Mas *uma e outra cousa duraram* apenas rápido instante" [AH.1, 218].

Com *nem um nem outro* é de rigor o singular para o substantivo e verbo:

Nem um nem outro livro merece ser lido.

Com *um ou outro* o substantivo também fica no singular e invariavelmente no singular aparece o verbo de que a expressão serve de sujeito:

"*Um ou outro* soldado, indisciplinadamente, *revidava*, disparando à toa, a arma para os ares" [EC, 2.ª ed., 428].

Se as expressões *um e outro*, *nem um nem outro* se aplicarem a nomes de gêneros diferentes, é mais comum o emprego das formas masculinas:

"Tornou a vê-la, foi visto por ela, e acabaram namorados *um do outro*" [MA.12, 1.ª ed., 39].

"Ali teve el-rei escondido algum tempo, e lá começaram os seus amores com a rainha, que tão fatais foram para *um e outro*" [AH.2, 35].

"Repousavam bem perto *um do outro* a matéria e o espírito" [AH.1, 44].

Não raro pode aparecer a concordância com o termo referido:

"... vivia o casal venturoso de um certo Izraim persa letrado e da sua esposa Proftásia que *um e outra* cultivavam para deleite do espírito a filosofia grega" [JR.2, 15].

2) ***Mesmo, próprio, só*** – Concordam com a palavra determinada em gênero e número:

Ele *mesmo* disse a verdade. Ela *mesma* disse a verdade.

Elas *próprias* foram ao local.

Nós não estamos *sós*.

"Eles *sós* se encaminham para essa parte..." [AH.1, 153].

Em língua literária ocorre o adjetivo *só* variável onde no colóquio se prefere usar do advérbio *só*, portanto invariável:

"Com *sós* 27 anos de idade... já a palidez da morte se via lutar no seu rosto com as rosas da mocidade [AC.10].

Mesmo, além de se empregar na ideia de identidade (= em pessoa), aparece ainda como sinônimo de *próprio*, *até*:

"ao *mesmo* demônio se deve fazer justiça, quando ele a tiver" [AV *apud* ED.2, § 86, a].

Este último sentido e mais o emprego adverbial junto de *aqui*, *já*, *agora* (aqui mesmo, já mesmo, agora mesmo) facilitaram o aparecimento moderno da palavra como advérbio, modo de dizer que os puristas condenam, mas que vem ganhando a simpatia geral:

"... vaidosos de seus apelidos, mas inofensivos, e virtuosos *mesmo* por vaidade de imitarem seus avoengos" [CBr.6, 219].156

3) ***Menos* e *somenos*** – É preciso atenção para não fazer a concordância de *menos* com o substantivo seguinte:

Mais amores e *menos* confiança (e não *menas*!).

Vale a mesma observação para *somenos* (= de menor valor):

"Há neles coisas boas e coisas más ou *somenos*" [MB.2, 239].

4) ***Leso*** – É adjetivo, e não forma do verbo *lesar*, em construções de tipo: crime de lesa-pátria, crime de leso-patriotismo. Por isso há de concordar com o seu determinado em gênero e número:

"Como se a substância não fosse já um crime de *leso-gosto* e *lesa-seriedade*, ainda por cima as pernas saíam sobre as botas" [CBr.1, 83].

5) ***Anexo***, ***apenso*** e ***incluso*** – *Anexo*, *apenso* e *incluso*, como adjetivo, concordam com a palavra determinada em gênero e número:

Correm *anexos* (*inclusos, apensos*) aos processos vários documentos.

Vai *anexa* (*inclusa, apensa*) a declaração solicitada.

OBSERVAÇÃO: Usa-se invariável *em anexo*, *em apenso*: Vai *em anexo* (*em apenso*) a declaração. Vão *em anexo* (*em apenso*) as declarações.

6) ***Dado*** e ***visto*** – Usados adjetivamente, concordam em gênero e número com o substantivo determinado:

Dado (*Visto*) o problema que se nos apresentou, resolvemos desistir do contrato.

Dadas (*Vistas*) as circunstâncias, foram-se embora.

7) ***Meio*** – Com o valor de "metade", usado adjetivamente, concorda em gênero e número com o termo determinado, claro ou oculto:

"Para aquilatar a importância do tropeiro, basta lembrar que o Brasil tem cerca de oito e *meio* milhões de quilômetros quadrados de superfície..." [AAr.2, 102].

Era *meio-dia e meia* (i.é: e *meia hora*).

8) ***Pseudo*** e ***todo*** – Usados em termos compostos ficam invariáveis.

A *pseudo-sabedoria* dos tolos é bem grande.

A *fé todo-poderosa* que nos guia é nossa salvação.

9) ***Tal*** e ***qual*** – *Tal*, como todo determinante, concorda em gênero e número com o determinado:

Tal opinião é absurda.

Tais razões não me movem.

Em correlação, *tal qual* também procedem à mesma concordância:

Ele não era *tal quais* seus primos.

Os filhos são *tais qual* o pai.

Os boatos são *tais quais* as notícias.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Em lugar de *tal qual*, podem aparecer: *tal e qual*, *tal ou qual*.

2.ª) Não confundir *tal qual* flexionáveis com *tal qual*, *tal qual como* invariáveis que valem "como":

"Descerra uns sorrisos discretos, sem mostrar os dentes, *tal qual como* as inglesas de primeiro sangue" [CBr *apud* CJ.1, 32].

1 0) ***Possível*** – Com *o mais possível*, *o menos possível*, *o melhor possível*, *o pior*

possível, *quanto possível*, o adjetivo *possível* fica invariável, ainda que se afaste da palavra *mais*:

Paisagens o mais *possível* belas
Paisagens o mais belas *possível*
Paisagens quanto *possível* belas

Com o plural *os mais*, *os menos*, *os piores*, *os melhores*, o adjetivo *possível* vai ao plural:

Paisagens as mais belas *possíveis*.

Estão erradas concordâncias como:

Paisagens as mais belas ***possível.***

Fora destes giros, a concordância de *possível* se processa normalmente:

"As alturas e o abismo são as fronteiras dele: no meio estão todos os universos *possíveis*" [AH.2, 160].
Sob todos os pontos de vista *possíveis*.

11) ***A olhos vistos*** – É tradicional o emprego da expressão *a olhos vistos* no sentido de *claramente*, *visivelmente*, em referência a nomes femininos ou masculinos:

"... padecia calada e definhava *a olhos vistos*" [MA.5, 13 *apud Tradições Clássicas*, 370].

Mais rara, porém correta, é a concordância de *visto* com a pessoa ou coisa que se vê:

"As minhas forças medravam *a olhos vistas* de dia para dia"
[AC *apud* CR.1, 554].
"O barão desmedrara *a olhos visto*" [CBr *apud* PDo.2, 32].

12) ***É necessário paciência*** – Com as expressões do tipo *é necessário*, *é bom*, *é preciso*, significando 'é necessário', o adjetivo pode ficar invariável, qualquer que seja o gênero e o número do termo determinado, quando se deseja fazer uma referência de modo vago ou geral. Poder-se-á também fazer normalmente a concordância:

É *necessário* paciência.
É *necessária* muita paciência.
"O fato de ter sido *precisa* a explicação (...)" [AP.1, 424 n.º 25].
"Eram *precisos* outros três homens" [AM.1 *apud* RBa.1, 33].

É possível ainda, em tais casos, aparecer no singular o próprio verbo da oração:

"É doce ao velho
Sons d'argentina voz" [GD *apud* SS.1, 254]

Como acentua Barbadinho, a flexão de *necessária*(*s*) é mais frequente que a de *precisa.*

13) **Adjetivo composto** – Nos adjetivos compostos de dois ou mais elementos referidos a nacionalidades, a concordância em gênero e número com o determinado só ocorrerá no último adjetivo do composto:

Acordo *luso-brasileiro*
Amizade *luso-brasileira*
Lideranças *luso-brasileiras*

14) ***Alguma coisa boa*** **ou** ***alguma coisa de bom*** – Em *alguma coisa boa* o adjetivo

concorda com o termo determinado:

"Quem tivesse reparado em Fr. Vasco perceberia facilmente que na sua alma se passava também *alguma cousa extraordinária*" [AH *apud* MBa.7, 144].

Em *alguma coisa de bom*, o adjetivo não concorda com *coisa*, sendo empregado neutralmente (como *algo de novo*, *nada de extraordinário*, *nada de trágico,* etc.).

Por atração pode-se fazer a concordância do adjetivo com o termo determinado que funciona como sujeito da oração:

"Que tinha pois, Ricardina, de *sedutora*!" [CBr *apud* MBa.7, 146].

"Amor próprio do vilão; que a infâmia nada tinha de *engenhosa*" [*Id*., *ibid*.].

Se os homens não tivessem alguma coisa de *loucos* seriam incapazes de heroísmo [MM].

A vida nada tem de *trágica*.

15) ***Um pouco de luz* e *uma pouca de luz*** – Ao lado da construção normal *um pouco de luz* pode ocorrer a concordância atrativa *uma pouca de luz*, por se haverem fundido numa só expressão as duas seguintes maneiras de dizer: *pouco de luz* + *pouca luz* 157:

"e aos pés deles os fiéis que obtinham para última jazida *uma pouca de terra*..." [AH.1, 154].

16) **Concordância do pronome** – O pronome, como palavra determinante, concorda em gênero e número com a palavra determinada.

Emprega-se o pronome oblíquo *os* em referência a nomes de diferentes gêneros:

"A generosidade, o esforço e o amor ensinaste-*os* tu em toda a sua sublimidade" [AH.1, 35].

17) ***Nós* por *eu*, *vós* por *tu*** – Empregando-se *vós* em referência a uma só pessoa, põe-se no singular o adjetivo:

"Sois *injusto* comigo" [AH *apud* ED.2, §14, b].

Ao se empregar, em idênticas condições, o pronome *nós*, o adjetivo pode ficar no singular ou ir ao plural:

Antes sejamos *breve* que *prolixo*.

"Entre o desejo de alimentar a curiosidade do leitor e o receio de faltar à exação histórica, hesitávamos perplexos" [AH *apud* ED.2, §14, b].

18) **Alternância entre adjetivo e advérbio** – Há casos em que a língua permite usar ora o advérbio (invariável) ora o adjetivo (variável):

"Vamos a falar *sérios*" [CBr *apud* MBa.1, 265].

Vamos a falar *sério*.

"Os momentos custam *caros* [RS *apud* MBa.1, 265].

Os momentos custam *caro*.

A vida custa tão *cara* aos velhos quanto é *barata* para os moços [MM].

"Era esta a herança dos miseráveis, que ele sabia não escassearem na quase solitária e *meia* arruinada Carteia" [AH.1, 12].

A voz sumiu-se-lhe, *toda* trêmula [EQ.3, 647].

A distinção entre adjetivos e advérbios só se dá claramente quando a palavra determinada está no feminino ou no plural, caso em que a flexão nos leva a melhor interpretar o termo

como adjetivo. Na língua padrão atual, a tendência é para nestes casos proceder dentro da estrita regra da gramática e usar tais termos sem flexão, adverbialmente.

Entram nesta possibilidade de flexão as construções de *tanto mais*, *quanto menos*, *pouco mais*, *muito mais*, em que o primeiro elemento pode concordar ou não com o substantivo:

Com *quanto* mais *razão*, *muito* mais honra.

Com *quanta* mais *razão*, *muita* mais honra.

Poucas mais *palavras* trocamos [CBr *apud* MBa.4, 21].

Notemos, por fim, que *alerta* é rigorosamente um advérbio e, assim, não aparece flexionado:

Estamos todos *alerta*.

Há uma tendência para se usar desta palavra como adjetivo, mas a língua padrão recomenda se evite tal prática. Junto de substantivo *alerta* adquire significado e função de adjetivo:

"A moça aguardava com inteligência curta, os sentidos *alertas*" [CLi *apud* RBa.2, 14].

Em sentido contrário, aparece o engano de não se flexionar o adjetivo *quite*. Deve-se dizer:

Estou *quite*.

Estamos *quites*.

19) **Particípios que passaram a preposição e advérbios** – Alguns particípios passaram a ter emprego equivalente a preposição e advérbio (por exemplo: *exceto*, *salvo*, *mediante*, *não obstante*, *tirante*, etc.) e, como tais, normalmente devem aparecer invariáveis. Entretanto, não se perdeu de todo a consciência de seu antigo valor, e muitos escritores procedem à concordância necessária:

"Os tribunais, *salvas* exceções honrosas, reproduziam... todos os defeitos do sistema" [RS.2, IV, 67].

"A razão desta diferença é que a mulher (*salva* a hipótese do cap. CI e outras) entrega-se por amor..." [MA.1, 327].

Como bem pondera Epifânio Dias, flexionar tais termos "é expressar-se na verdade com correção gramatical, mas de modo desusado" [ED.2, §220, a].

Deste modo, a língua moderna dá preferência a dizer "*salvo* exceções", "*salvo* a hipótese".

20) **A concordância com numerais** – Quando se empregam os cardinais pelos ordinais, não ocorre a flexão:

Página *um*. Figura *vinte e um*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Na linguagem jurídica diz-se: A folhas *vinte e uma*. A folhas *quarenta e duas*.

2.ª) Embora se tenha usado o substantivo no singular precedido de numeral combinado com *um*, *uma*, a preferência atual é pô-lo no plural: *vinte e um dias*, *as mil e uma noites*, etc.

3.ª) *Milhar* é masculino e portanto não admite seus adjuntos postos no feminino a concordar com o núcleo substantivo feminino: *Os milhares de pessoas* (e não *as milhares* de pessoas).

21) **A concordância com os adjetivos designativos de nomes de cores** – Surgem as incertezas quando o nome de cor é constituído de dois adjetivos. Neste caso, a prática mais comum é deixar o primeiro invariável na forma do masculino e fazer a concordância do

segundo com o substantivo determinado, embora não deixem de aparecer exemplos em bons autores em que estejam flexionados os dois adjetivos:

olhos verde-claros, *ondas verde-azuladas*.

Concordância verbal

A – Concordância de palavra para palavra

1) Há um só sujeito:

a) Se o sujeito for simples e singular, o verbo irá para o singular, ainda que seja um coletivo:

"A vida *tem* uma só entrada: a saída *é* por cem portas" [MM].

"Povo sem lealdade não *alcança* estabilidade" [MM].

b) Se o sujeito for simples e plural, o verbo irá para o plural:

"Os bons conselhos desprezados *são* com dor comemorados" [MM].

"A virtude aromatiza e purifica o ar, os vícios o *corrompem*" [MM].

2) Há mais de um sujeito:

Se o sujeito for composto, o verbo irá, normalmente, para o plural, qualquer que seja a sua posição em relação ao verbo:

"... os ódios civis, as ambições, a ousadia dos bandos e a corrupção dos costumes *haviam* feito incríveis progressos" [AH.1, 21].

"Repeti-as, porque se me *ofereciam* vida e honras a troco de perpétua infâmia" [AH.1, 144].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Pode dar-se a concordância com o núcleo mais próximo, *principalmente se o sujeito vem depois do verbo*:

"O romeiro é livre como a ave do céu: *respeitam*-no o besteiro e o homem d'armas; dá-lhe abrigo o vilão sobre o seu colmo, o abade no seu mosteiro, o nobre no seu castelo" [AH.3, 145].

2.ª) Quando o núcleo é singular e seguido de dois ou mais adjuntos, pode ocorrer o verbo no plural, como se tratasse na realidade de sujeito composto:

"ainda quando *a autoridade paterna e materna fossem delegada*s..." [AGa.2, 25].

A concordância do verbo no singular é a mais corrente na língua padrão.

3.ª) Nas obras com mais de um autor adota-se modernamente o hábito alemão de se indicar a autoria com os nomes separados por hífen, caso em que o verbo da oração vai ao plural ou ao singular (levando-se, neste caso, apenas em conta a obra em si): Meillet-Ernout *dizem* (ou *diz*) no seu *Dictionnaire Étymologique* – que a origem é duvidosa.

4.ª) Pode ocorrer o verbo no singular ainda nos casos seguintes:

a) se a sucessão dos substantivos indicar gradação de um mesmo fato:

A censura, a autoridade, o poder público, inexorável, frio, grave, calculado, lá *estava* [AH.7, VII, 113].

b) se se tratar de substantivos sinônimos ou assim considerados:

O ódio e a guerra que declaramos aos outros nos *gasta* e *consome* a nós mesmos [MM].

c) se o segundo substantivo exprimir o resultado ou a consequência do primeiro:

A doença e a morte de Filipe II (...) *foi* como a imagem (...) [RS.2, IV, 6].

d) se os substantivos formam juntos uma noção única:

O fluxo e refluxo das ondas nos *encanta*.

5.ª) Quando o verbo se põe entre os núcleos do sujeito, como acontece às vezes em poesia e no estilo solene, a concordância pode ser feita com o núcleo mais próximo ou gramaticalmente com a totalidade do sujeito [RC.1, 251].

B – Concordância de palavra para sentido

Quando o sujeito simples é constituído de nome ou pronome que se aplica a uma coleção ou grupo, pode o verbo ir ao plural. A língua moderna impõe apenas a condição estética, uma vez que soa geralmente desagradável ao ouvido construção do tipo:

O povo trabalham ou A gente vamos.

Se houver, entretanto, distância suficiente entre o sujeito e o verbo e se quiser acentuar a ideia de plural do coletivo, não repugnam à sensibilidade do escritor exemplos como os seguintes:

> "Começou então *o povo* a alborotar-se, e pegando do desgraçado cético o *arrastaram* até o meio do rossio e ali o *assassinaram*, e *queimaram*, com incrível presteza" [AH.2, 83].
>
> "Faça como eu: lamente as misérias dos homens, e viva com eles, sem participar-lhe dos defeitos; porque, meu nobre amigo, se *a gente* vai a rejeitar as relações das famílias, justa ou injustamente abocanhadas pela maledicência, a poucos passos não *temos* quem nos receba" [CBr.1, 64].

C – Outros casos de concordância verbal

1) **Sujeito constituído por pronomes pessoais**

Se o sujeito composto é constituído por diferentes pronomes pessoais em que entra *eu* ou *nós*, o verbo irá para a 1.ª pessoa do plural:

> "*Vínhamos* da missa ela, o pai e eu" [MA.1, 309].

Se na série entra *tu* ou *vós* e nenhum pronome de 1.ª pessoa, o verbo irá normalmente para a 2.ª pessoa do plural:

> "E, assim, te repito, Carlota, que Francisco Salter voltará, será teu marido, e tereis (i.é, *tu* e *ele*) larga remuneração dos sofrimentos que oferecerdes a Deus..." [CBr.4, 79].

OBSERVAÇÃO: Ou porque avulta como ideia principal o último sujeito ou porque, na língua contemporânea, vai desaparecendo o tratamento *vós*, nestes casos, a norma consagrou o verbo na 3.ª pessoa do plural:

> "quando *tu e os outros velhacos* da tua laia lhe *estorroaram* na cara lixo e terra..." [AH.5, I, 152 *apud* SA.5, II, 69].

Para a concordância com expressões de tratamento.

2) **Sujeito ligado por série aditiva enfática**

Se o sujeito composto tem os seus núcleos ligados por série aditiva enfática (não só... mas, tanto... quanto, não só... como, etc.), o verbo concorda com o mais próximo ou vai ao plural (o que é mais comum quando o verbo vem depois do sujeito):

> "Tanto o lidador como o abade *haviam* seguido para o sítio que ele parecia buscar com toda a precaução" [AH.3, 184].

3) **Sujeito ligado por *com***

Se o sujeito no singular é seguido imediatamente de outro no singular ou no plural mediante a preposição *com*, ou locução equivalente, pode o verbo ficar no singular, ou ir ao plural *para realçar a participação simultânea na ação*:

> "El-rei, com toda a corte e toda a nobreza, *estava* fora da cidade, por causa da peste em que então Lisboa ardia" [AH.2, 84].
>
> "Estas explicações não evitaram que o desembargador, com os seus velhos amigos, *prognosticassem* o derrancamento do morgado da Agra..." [CBr.1, 108].
>
> "Nesta conjuntura, um deputado dileto da rainha, por nome Antônio José da Silva Peixoto, *coadjuvado pelo foliculário José Acúrsio das Neves, levantaram-se e prorromperam* em 'vivas'..." [CBr *apud* MBa.1, 206].

4) **Sujeito ligado por *nem... nem***

O sujeito composto ligado pela série aditiva negativa *nem... nem* leva o verbo normalmente ao plural e, às vezes, ao singular:

"É a nobre dama recém-chegada, à qual *nem* o cansaço de trabalhosa jornada, *nem* o hábito dos cômodos do mundo *puderam impedir*..." [AH.1, 136].

"... *nem* Deus, *nem* o mundo lhes *dará* a mínima recompensa" [AH.2, 16].

Constituído o sujeito pela série *nem um... nem outro*, fica o verbo no singular:

Nem um nem outro *compareceu* ao exame.

5) **Sujeito ligado por *ou***

O verbo concordará com o sujeito mais próximo se a conjunção indicar:

a) *exclusão*:

"a quem a doença *ou* a idade *impossibilitou* de ganharem o sustento..." [AH.2, 16].

Se João Fernandes (*ou* Platzhoff) os *dá* como entes sem afeições (...) [CL.1, II, 304]

b) *retificação de número gramatical*:

"Cantares é o nome que o autor *ou* autores do Cancioneiro chamado do Colégio dos Nobres *dão* a cada um dos poemetos..." [AH.3, 131].

Sei que algures existe a alma ou as almas, às quais eu me dirijo [ACt.1, 23].

c) *identidade* ou *equivalência*:

O professor ou o nosso segundo pai *merece* o respeito da pátria.

Se a ideia expressa pelo predicado puder referir-se a toda a série do sujeito composto, o verbo irá para o plural mais frequentemente, porém pode ocorrer o singular:

"A nulidade *ou* a validade do contrato... *eram* assunto de direito civil"

[AH.2, 20].

"A ignorância *ou* errada compreensão da lei não *eximem* de pena (...)" [Código Civil].

"Mas aí, como se o destino *ou* o acaso, *ou* o que quer que fosse *se lembrasse* de dar algum pastos aos meus arrombos possessórios" [MA.1, 146].

6) **Sujeito representado por expressão como *a maioria dos homens***

Se o sujeito é representado por expressões do tipo de *a maioria de*, *a maior parte de*, *grande parte de*, *parte de* e um nome no plural, o verbo irá para o singular ou plural:

"a maior parte deles *recusou* segui-lo com temor do poder da regente" [AH.2, 38].

"e a maior parte dos esquadrões *seguiram-nos*" [AH.1, 111].

7) **Sujeito representado por *cada um de* + plural**

Neste caso, o verbo fica no singular:

Cada um dos concorrentes *deve* preencher corretamente as fichas de inscrição (e não *devem* preencher!).

8) **Concordância do verbo *ser***

Como se dá com a relação sintática de qualquer verbo e o sujeito da oração, o normal é que sujeito e verbo *ser* concordem em número:

José era um aluno aplicado.

Os dias de inverno são menores que os de verão.

Todavia, em alguns casos, o verbo *ser* se acomoda à flexão do predicativo, especialmente quando se acha no plural. São os seguintes os casos em que se dá esta concordância:

a) quando um dos pronomes *isto*, *isso*, *aquilo*, *tudo*, *ninguém*, *nenhum* ou expressão de

valor coletivo do tipo de *o resto*, *o mais* é sujeito do verbo *ser*:

Tudo *eram alegrias* e *cânticos* [RS.1, 5].

A concordância normal com o sujeito ocorre, apesar de mais rara:

Tudo é alegrias.

b) quando o sujeito é constituído pelos pronomes interrogativos *quem*, *que*, *o que*:

O que são comédias? [CBr.1, 40].

Quem eram os convidados?

Não sei *quem são os vencedores*.

c) quando o verbo *ser* está empregado na acepção de "ser constituído por":

A provisão *eram alguns quilos de arroz*.

d) quando o verbo *ser* é empregado impessoalmente, isto é, sem sujeito, nas designações de horas, datas, distâncias:

São dez horas? Ainda não *o são*.

Hoje *são 15* de agosto.

Da estação à fazenda *são três léguas* a cavalo [M. Said Ali].

OBSERVAÇÃO: Precedido o predicativo plural da expressão *perto de* é ainda possível vir o verbo *ser* no singular:

Era perto de duas horas quando saiu da janela [MA.3 *apud* SS].

Eram perto de oito horas [MA.3, *apud* SS].

e) quando o verbo *ser* aparece nas expressões *é muito*, *é pouco*, *é mais de*, *é tanto* e o sujeito é representado por termo no plural que denota preço, medida ou quantidade:

Sessenta mil homens *muita gente é* para casa tão pequena [RS.1, 1873, 172].

Dez reais *é pouco*.

Nas orações ditas equativas em que com *ser* se exprime a definição ou a identidade, o verbo, posto entre dois substantivos de números diferentes, concorda em geral com aquele que estiver no plural. Às vezes, um dos termos é um pronome:

A pátria não *é* ninguém: *são* todos [RB.3, 11].

Mas:

Justiça é tudo, justiça *é as virtudes todas* [AGa.2, 45].

Às vezes em vez de *ser* aparece o verbo *parecer*:

Essa imensa papelada

- - - - - - - - - - - - - - -

Parecem indiscrições [GD.3, II, 445].158

Se o sujeito está representado por pronome pessoal, o verbo *ser* concorda com o sujeito, qualquer que seja o número do termo que funciona como predicativo:

Ela *era* as preocupações do pai.

Na expressão, que introduz narrações, do tipo de *era uma princesa*, o verbo *ser* é intransitivo, com o significado de *existir*, funcionando como sujeito o substantivo seguinte, com o qual concorda:

Era uma princesa muito formosa que vivia num castelo de cristal.

Eram quatro irmãs tatibitates e a mãe delas tinha muito desgosto com esse defeito [CC.1, 292].

Com a expressão *era uma vez uma princesa*, continua o verbo *ser* como intransitivo e o substantivo seguinte como sujeito; todavia, como diz A.G. Kury, "a atração fortíssima que exerce o numeral *uma* da locução *uma vez*", leva a que o verbo fique no singular ainda quando o sujeito seja um plural:

Disse que *era uma vez* dois (...) compadres, um rico e outro pobre [CC.1, 31].

Era uma vez três moças muito bonitas e trabalhadeiras [CC.1, 120].

A verdade é que muitos idiomas, em textos de níveis distensos, apresentam essas irregularidades que se afastam do uso normal e padrão, principalmente quando o verbo é anunciado antes do sujeito, com alguma distância, como se o falante ao começar a oração pelo verbo ainda não tivesse decidido como iria apresentar formalmente a expressão do sujeito.

A moderna expressão *é que*, de valor reforçativo de qualquer termo oracional, aparece em geral com o verbo *ser* invariável em número:

*Nós é que s*omos brasileiros / Nós somos brasileiros.

Esses livros é que não compraremos agora.

Afastado do *que* e junto do termo no plural, aparece às vezes o verbo *ser* no plural:

São de homens assim *que* depende o futuro da pátria / De homens assim *é que* depende o futuro da pátria.

Foram nesses livros *que* estavam as respostas / Nesses livros *foi que* estavam as respostas.

Nas expressões que denotam operação aritmética do tipo *um e um*, *um mais um*, *um com um*, que funcionam como sujeito do verbo *ser* (*fazer*, *somar*, etc.), o verbo vai ao plural concordando normalmente com o sujeito:

— Sempre ouvi dizer que duas semanas são quinze dias.

— Eu também tenho ouvido, confessou o Dr. Magalhães. Mas é um engano. Uma semana tem sete dias. *Sete e sete não são* catorze? E então? [GR.2, 3.ª ed., 75].

9) **A concordância com *mais de um***

Depois de *mais de um* o verbo é em geral empregado no singular, sendo raro o aparecimento de verbo no plural:

"... *mais de um* poeta *tem* derramado..." [AH.2, 155].

"*Mais de um* coração de guerreiro *batia* apressado..." [AH.2, 169].

"Sei que há *mais de um* que não se *envergonham* dela" [AH.2, 169].

10) **A concordância com *que de***

Com *que de* (= que quantidade de, quanta) seguido de substantivo sujeito no plural o verbo vai ao plural:

Que de forças *existem* no coração feminino!

11) **A concordância com *quais de vós***.

Se o sujeito for constituído de um pronome plural de sentido partitivo (*quais, quantos, algumas, nenhuns, muitos, poucos,* etc.), o verbo concorda com a expressão partitiva introduzida por *de* ou *dentre*:

"*Quais dentre vós... sois* neste mundo sós e não tendes quem na morte regue com lágrima a terra que vos cobrir? *Quais de vós sois*, como eu, desterrados no meio do gênero humano?" [AH.1, 188-9].

Pode ainda ocorrer o verbo na 3.ª pessoa de plural:

"*quantos dentre vós estudam* conscienciosamente o passado?" [JA *apud* SS.1, § 456].

12) **A concordância com os pronomes relativos**

a) Se o sujeito da oração é o pronome relativo *que*, o verbo concorda com o antecedente, desde que este não funcione como predicativo de outra oração:

"Não gastava ele as horas *que* lhe *sobejavam* do exercício do seu laborioso ministério numa obra do senhor?" [AH.1, 18].

"Ó tu, *que tens* de humano o gesto e o peito" [LC.1, III, 127].

b) Se o antecedente do sujeito *que* for um pronome demonstrativo, o verbo da oração adjetiva vai para a 3.ª pessoa:

Aquele que trabalha acredita num futuro melhor.

Aqueles que trabalham acreditam num futuro melhor.

OBSERVAÇÃO:

Entra neste princípio a oração adjetiva que se substantiva mediante *o*, *a*, *os*, *as*:

Os que prometem fazer felizes os povos *são* ordinariamente os que pretendem sê-lo à custa deles. [MM].

Quando, por silepse, se quer incluir a pessoa que fala ou a que se dirige, pode-se pôr o verbo da oração adjetiva na 1.ª ou 2.ª pessoa do plural:

Por que a verdade é que somos nós *os que fabricamos* os próprios aspectos da natureza (...) [JR.2, 191].

Porque voltastes sem vo-lo eu ordenar, *vós os que tínheis* jurado obedecer-me em tudo? [AH.1, 223].

(...) *vós a que não tendes* nenhum préstamo de minhas mãos! [AH.3, 174, ed. 1878].

c) Se o antecedente do pronome relativo funciona como predicativo, o verbo da oração adjetiva pode concordar com o sujeito de sua principal ou ir para a 3.ª pessoa (se não se quer insistir na íntima relação entre o predicativo e o sujeito):

"Sou eu o primeiro que não *sei* classificar este livro" [AH.1, 311].

Fui o primeiro que *conseguiu* sair.

"Éramos dois sócios, que *entravam* no comércio da vida com diferente capital"[MA *apud* SS.1, § 461].

d) É de rigor a concordância do verbo com o sujeito de *ser* nas expressões de tipo *sou eu que*, *és tu que*, *foste tu que*, etc. (neste caso, era prática da língua até fins do séc. XVIII usar o artigo como antecedente do relativo: *sou eu o que*, etc.):

"Não fui eu que o *assassinei*" [AH *apud* SA.5, II, 75].

"Foste *tu que* me *buscaste*" [AH *apud* SA.5, II, 75].

e) Se ocorrer o pronome *quem*, o verbo da oração subordinada vai para a 3.ª pessoa do singular, qualquer que seja o antecedente do relativo, ou concorda com este antecedente:159

"Eram as paixões, os vícios, os afetos personalizados *quem fazia* o serviço dos seus poemas" [AH *apud* SA.5, 77].

"*És tu quem me dás* rumor à quieta noite,

És tu quem me dás frescor à mansa brisa,

Quem dás fulgor ao raio, asas ao vento,

Quem na voz do trovão longe *rouquejas*" [GD *apud* SA.5, 77].

f) Em linguagem do tipo *um dos... que*, o verbo da oração adjetiva pode ficar no singular

(concordando com o seletivo *um*)160 ou no plural (concordando com o termo sujeito no plural), prática, aliás, mais frequente, se o dito verbo se aplicar não só ao relativo mas ainda ao seletivo *um*:

"Este era *um dos que* mais se *doíam* do procedimento de D. Leonor"

[AH.2, 37].

"*Um dos* nossos escritores modernos *que* mais *abusou* do talento, e que mais portentos auferiu do sistema..." [AH.2, 46].

"Demais, *um dos que* hoje *deviam* estar tristes, eras tu" [CL.1, I, 190].

O singular é de regra quando o verbo da oração só se aplica ao seletivo *um*. Assim nos dizeres "foi um dos teus filhos que jantou ontem comigo", "é uma das tragédias de Racine que se representará hoje no teatro", será incorreto o emprego do número plural; o singular impõe-se imperiosamente pelo sentido do discurso" [Cr.2, 763].

13) **A concordância com os verbos impessoais**

Nas orações sem sujeito o verbo assume a forma de 3.ª pessoa do singular:

Há vários nomes aqui.

Deve haver cinco premiados.

Não o vejo *há* três meses.

Não o vejo *faz* três meses.

OBSERVAÇÃO: Os exemplos literários que se encontram de tais verbos no plural não ganharam foros de cidade: "Houveram alguns que aluminados da graça do Espírito Santo abraçaram o culto e a fé de Cristo" [FE.1, I, 20].

"*Houveram* coisas terríveis" [CBr *apud* JC, I, 98].

14) **A concordância com *dar* (e sinônimos) aplicado a horas**

Se aparece o sujeito *relógio*, com ele concorda o verbo da oração:

O *relógio deu* duas horas.

Não havendo o sujeito *relógio*, o verbo concorda com o sujeito expresso pela expressão numérica:

No *relógio deram* duas horas.

15) **A concordância com o verbo na passiva pronominal**

A língua padrão pede que o verbo concorde com o termo que a gramática aponta como sujeito:

Alugam-se casas.

Vendem-se apartamentos.

Fazem-se chaves.

Não *se perdem cinco contos*, como se perde um lenço de tabaco. *Cinco contos levam-se* com trinta mil sentidos, *apalpam-se* a miúdo, não *se* lhes *tiram* os olhos de cima, nem as mãos, nem o pensamento, e para *se perderem* assim totalmente, numa praia, é necessário que... [MA.1, 151].

OBSERVAÇÃO: Se o verbo estiver no infinitivo com sujeito explícito, o normal é usar o infinitivo flexionado como no exemplo acima de M. de Assis:

"e para *se perderem* assim..."

Todavia, aqui e ali, bons escritores deixam escapar exemplos com o infinitivo sem flexão:

Basta ver o que este bom povo é para *se avaliar* as excelências de quem assim o educou [CBr.6, 53].

16) **A concordância na locução verbal**

Havendo locução verbal cabe ao verbo auxiliar concordar com o sujeito:

"Bem sei que me *podem vir* com duas objeções que geralmente se *costumam fazer*" [AC.11 *apud* MBa.1, 215].

Se se considera *costumar fazer* como dois verbos principais sem que haja locução verbal, o *costumar* terá como sujeito a 2.ª oração que, considerada materialmente, vale como substantivo do número singular:

"Não *se costuma punir* os erros dos súditos sobre a efígie venerável dos monarcas" [RS *apud* MBa.1, 215]

Assim se poderá dizer:

As estrelas { *parecem brilhar* (loc. verbal)
parece brilharem (= parece brilharem as estrelas)

Em *as estrelas parecem brilharem* temos a contaminação sintática das duas construções, prática que deve ser evitada como norma.

Com *poder* e *dever* seguidos de infinitivo, a prática mais generalizada é considerar a presença de uma locução verbal, isto é, fazendo-se que o *poder* e *dever* concordem com o sujeito plural:

Podem-se dizer essas coisas.

Devem-se fazer esses serviços.

Todavia aparece o singular, corretamente:

Não é como a embriaguez que se *deve celebrar os sucessos* felizes (...) (M. Maricá, 3326).

São ambas construções corretas e correntes que se distinguem por apresentar diferentemente a ênfase sobre o sujeito da oração.

Quando, porém, o sentido determinar exatamente o sujeito verdadeiro, a concordância não pode ser arbitrária. Ex.: "*Quer-se inverter as leis*, e nunca *querem-se inverter as leis*. Neste caso, é evidente que o único sujeito possível é *inverter*" [JR.1, 322].

17) **A concordância com a expressão *não* (*nunca*)... *senão***

O verbo concorda com o sujeito que se interpõe na expressão exceptiva *não… senão* (ou *mais que*):

"Ao aparecer o dia, por quanto os olhos podiam alcançar, não se *viam* senão cadáveres" [AH.2, 117].

O mesmo ocorre com *não* (*nunca*)... *mais que* (*do que*):

Não se *viam* mais do que cadáveres.

Quando a exceção recai na 1.ª ou 2.ª pessoa, tem-se de dar outro torneio à oração, como, por exemplo:

Ninguém votou contra o projeto *senão nós três* [SA.2, 215].

Não haveria outro culpado *senão tu*.

OBSERVAÇÃO: Em vez de *não… mais que* pode-se usar *mais não… que*: "O som que vos fere os ouvidos *mais não é que* um rude eco da voz íntima" [*apud* MBa.4, 181]. Deve-se evitar o emprego de *que* em lugar de *senão*, por ser imitação do francês: "Isto não é *que* uma insolência" por "Isto não é *senão* uma insolência" [FF *apud* MBa.4].

Construção vernácula é o emprego de *que* por *senão* precedido de *outro*: *outro*, *outra coisa*, etc.: "Quando deu por ele, quis expeli-lo, para que entre ele e Fortunato não houvesse *outro laço que* o da amizade; mas não pôde" [MA.2 *apud* MBa.4]. "(...) sem obter *outra coisa que* a atenção cortês o acaso numa palavra sem valor" [MA.8 *apud* MBa.4].

18) **A concordância com títulos no plural**

Geralmente se usa o verbo no plural:

"Por isso, as *Cartas Persas anunciam* o Espírito das Leis" [MBa.6, XII].

Com o verbo *ser* e predicativo no singular pode ocorrer o singular:

"as *Cartas Persas é* um livro genial..." [MBa.6, XII].

Dos seus livros didáticos *é* o mais importante as *Lições de História do Brasil* professadas no antigo Colégio de Pedro II [JR.4, 76 da 15.ª ed.].

19) **A concordância no aposto**

Quando a um sujeito composto se seguem, como apostos, expressões de valor distributivo como *cada um*, *cada qual*, o verbo, posposto a tais expressões, concorda com elas:

Pai e filho *cada um seguia* por seu caminho [ED.2, 28].

Se o verbo vem anteposto a essas expressões, dá-se normalmente a concordância no plural com o sujeito composto ou no plural: "(...) não era possível que os aventureiros *tivessem cada um* o seu cubículo [JA *apud* SS.1, §465, obs.].

Eles *saíram cada um* com sua bicicleta.

20) **A concordância com *Haja vista***

A construção mais natural e frequente da expressão *haja vista*, com o valor de *veja*, é ter invariável o verbo, qualquer que seja o número do substantivo seguinte:

Haja vista os exemplos disso em Castilho [RB.1, 572].

Pode-se construir com o verbo no singular e substantivo seguinte à expressão precedido das preposições *a* ou *de*:

Haja vista às tangas [CBr.16, 61].

Haja vista dos elos que eles representam (...) [CBr *apud* CR.1, 624].

21) **A concordância do verbo com sujeito oracional**

Fica no singular o verbo que tem por sujeito uma oração, que, tomada materialmente, vale por um substantivo do número singular e do gênero masculino:

Parece que tudo vai bem.

Cá não se *usa* as noivas andarem a namoriscar à surdina [CBr *apud* MBa.1, 2.ª ed., 207].

É bom que compreendas estas razões.

Permanece no singular o verbo que tem como sujeito duas ou mais orações coordenadas entre si:

Que Sócrates nada escreveu e que Platão expôs as doutrinas de Sócrates *é sabido* [JR.1, 318].

22) **Concordância nas expressões de porcentagem**

Nas linguagens modernas em que entram expressões numéricas de porcentagem, a tendência

é fazer concordar o verbo com o termo preposicionado que especifica a referência numérica:

Trinta por cento *do Brasil assistiu* à transmissão dos jogos da Copa.

Trinta por cento *dos brasileiros assistiram* aos jogos da Copa.

Dois por cento *da assistência detestou* o filme.

Dois por cento *dos espectadores detestaram* o filme.

6 – Regência

Ao que dissemos no capítulo sobre complementos verbais e nominais e emprego de preposição, cumpre acrescentar os seguintes principais casos:

A preposição que serve a dois termos coordenados pode vir repetida ou calada junto ao segundo (e aos mais termos), conforme haja ou não desejo de enfatizar o valor semântico da preposição:

> As alegrias *de* infância e *de* juventude / As alegrias *de* infância e juventude.
>
> Precisava da ajuda *dos* pais e *dos* parentes / Precisava da ajuda *dos* pais e parentes.
>
> (...) mas as argolas do caixão foram seguras *pelos* cinco familiares e *o* Benjamim [MA *apud* MBa.4, 250].

A omissão da preposição parece ser mais natural quando não se combina com artigo, talvez porque em português (ao contrário, por exemplo, do francês e do espanhol) a presença de ambos leva-os a combinarem-se, como supõe Mário Barreto.

1) ***Isto é para eu fazer*** – Se a preposição seguida de pronome não serve de introduzir este pronome (que funciona como sujeito), mas um infinitivo, usam-se as formas retas *eu* e *tu*, e não *mim* e *ti*:

> Isto é para *mim* (a preposição rege o pronome).
>
> Isto é para *eu* fazer (a preposição rege o infinitivo: isto é, para que *eu* faça).

2) ***Pedir para*** – O verbo *pedir* pede objeto direto de coisa e indireto de pessoa a quem se pede:

> Pedi-lhe (obj. indireto) um favor (obj. direto).

Se o objeto direto é *licença* (ou equivalente), pode-se acrescentar uma oração adverbial de fim que indique o objetivo do pedido:

> Pediu-lhe *licença para sair* (ou *para que saísse*).

Este objeto direto *licença* pode calar-se, mas o sujeito de *pedir* terá de ser entendido como o mesmo do verbo da subordinada, para ter sanção tranquila na norma exemplar:

> O Antônio pediu-lhe para sair (i. é: o Antônio é quem sairá).
>
> Pediu para ajudar a vestir sua filha, mas não o obteve [CBr *apud* MBa.3, 2.ª ed. pág. 287 n.].

A linguagem coloquial aproximou as ideias de *pedir que algo aconteça* (oração objetiva direta) e *trabalhar para que algo aconteça* (oração adverbial final), passando a usar a preposição *para* a introduzir a oração que seria objeto direto do verbo *pedir*.

> *Pediu para que Antônio saísse*

em lugar de

Pediu que Antônio saísse.

Os gramáticos ainda não aceitaram a operação mental, apesar da insistência com que penetra na linguagem das pessoas cultas. O novo modo de expressão traz também uma ambiguidade, porque se fica sem saber qual é, na realidade, o sujeito da oração subordinada. Em:

Antônio pediu a José para sair,

custa-nos a dizer de pronto se quem sai é o mesmo Antônio ou José. O gramático só considera a expressão correta se o sujeito for Antônio, mas a linguagem coloquial constrói o período como se o sujeito fosse José, pois interpreta a oração subordinada como objetiva direta: *Antônio pediu que José saísse*.

Sob a alegação de que o objeto direto oracional não pode vir introduzido por preposição (argumento, aliás, fraco) é que gramáticos repudiam tal linguagem. Pode-se ver na construção o *para* como posvérbio iniciando a oração objetiva direta para denotar o interesse ou a insistência do pedido, como *cumprir o dever* ao lado de *cumprir com o dever*.

3) ***Está na hora da onça beber água*** – A possibilidade de se pôr o sujeito de infinitivo antes ou depois desta forma verbal nos permite dizer:

Está na hora de beber a onça água (posição rara)
Está na hora de a onça beber água (posição mais frequente).

Este último meio de expressão aproxima dois vocábulos (a preposição *de* e o artigo *a*) que a tradição do idioma contrai em *da*, surgindo assim um terceiro modo de dizer:

Está na hora da onça beber água,

construção normal que não tem repugnado os ouvidos dos que melhor conhecem e escrevem a língua portuguesa. Alguns gramáticos viram aí, entretanto, um solecismo, pelo fato de *se reger de preposição um sujeito*. Na realidade, não se trata de regência preposicional do sujeito, mas do contato de dois vocábulos que, por hábito e por eufonia, costumam vir incorporados na pronúncia. A lição dos bons autores nos manda aceitar ambas as construções, *de a onça beber água* e *da onça beber água*. Que a contração é possível mostram-nos os seguintes exemplos:

"... só voltou *depois do infante* estar proclamado regedor" [AH.2, 44]; "Sabia-o, senhor, *antes do caso* suceder" [AH.4, 267]; "se, por exemplo, me concederem um monopólio do plantar couves, *apesar das couves* serem uma das espécies de legumes" [RB *apud* PP]; "*Pelo fato do verbo restituir*, numa das suas acepções, e *entregar*, em certos casos, terem..." [CR.2, 579]; "*no caso do infinitivo* trazer compl. direto" [ED.2, § 289, b].

O problema que, do ponto de vista puramente gramatical, a rigor, termina nessa dupla possibilidade de emprego; já não se mostra indiferente do ponto de vista da necessidade de proferir o sujeito enunciando-o com maior ou menor realce. Deixa-se o domínio da gramática para se entrar no domínio da estilística, da expressividade. A não combinação da preposição com o sujeito garante o valor expressivo da preposição e a ênfase posta no sujeito: *É tempo de o povo querer melhores escolas*, diferente, sob o aspecto de expressividade, de *É tempo do povo querer melhores escolas*. A simples – e contrária à dupla possibilidade que a tradição literária registra – solução gramatical de rejeitar uma forma com privilégio de outra empobrece os recursos estilísticos da língua.

Pode-se evitar a combinação pondo o infinitivo entre a preposição e o sujeito, como fez Manuel Bandeira nesta passagem: E o Prefeito recordou que uma semana *antes de ser o*

grande romancista hospitalizado (...) [MB.1, II, 601].

4) **Migrações de preposição** – Com muita frequência vê-se migrar a preposição que deveria aparecer com o relativo para junto do antecedente deste pronome:

Não sei no que pensar por
Não sei o em que pensas

Ou:

Lisboa e Porto, *das quais cidades venho agora* por
Lisboa e Porto, *cidades das quais venho agora*
[LV.1, 312].

Destas migrações resultam giros mais agradáveis ao ouvido e que nos afastam de certas durezas de estilo artificial a que nos poderia levar a construção rigorosamente gramatical, como se depreende dos seguintes trechos de Rui Barbosa:

"Assim me perdoem, também, *os a quem* tenho agravado, *os com quem* houver sido injusto, violento, intolerante..." [RB.2, 23];
"e daí, com estupenda mudança, começa a deixar ver *o a que* era destinada..." [RB.2, 36].

Estas migrações correm na língua literária apadrinhadas pelos seus melhores representantes. Alexandre Herculano e Carlos de Laet nos dão testemunho do fato:

"A barra é perigosa, como dissemos; porém a enseada fechada é ancoradouro seguro, *pelo que* (= o por que) tem sido sempre couto dos corsários de Berbéria" [AH.2, 69];
"... até o induzirem a mandá-lo sair da corte, *ao que* (= o a que) D. Pedro atalhou com retirar-se antes que lhe ordenassem" [AH.2, 91].
"Eis para *o que* (= o para que) esperas utilizar o domínio dos ares" [CL in SS.3, 180].

É interessante a posição da preposição *de* a introduzir o predicativo quando se esperava antes do relativo:

"O que precisamos é *de* braços valorosos e de peitos resolutos"
[RS.2, IV, 184].

Note-se de passagem que, em construções como a do último exemplo, é possível haver o pleonasmo da preposição, a qual aparece antes do termo a que rigorosamente se prende e antes de *de braços*:

"O *de que* me não penitencio, é *do* esmero, bem ou malsucedido, que pus em dar os cuidados que dei à forma, com que nos veio da câmara o projeto" [RB.1, *apud* MBa.4, 3.ª ed., 235 e ss.].

5) **Repetição de prefixo e preposição** – Sem atentar para a tradição do idioma e de suas raízes latinas, alguns autores (p. ex., Cândido Figueiredo) condenam a concorrência de prefixo com preposição em usos como *con*correr *com*, *de*duzir *de*, *de*pender *de*, *in*cluir *em*, *a*derir *a*, *con*cordar *com*, *co*incidir *com*, etc. Daí repudiarem, por exemplo, a construção *consentâneo com*, recomendando se diga *duas coisas consentâneas* em vez de *uma coisa consentânea com outra*. Também substituem *uma coisa coincide com outra* por *uma coisa incide na outra*. São lições que, pela concorrência de prefixo e preposição, devem ser rejeitadas [VB.1].

6) **Complementos de termos de regências diferentes** – O rigor gramatical exige que não se dê complemento comum a termos de regência de natureza diferente. Assim não podemos dizer,

consoante este preceito:

Entrei e saí de casa

em lugar de

Entrei em casa e dela saí (ou equivalente),

porque *entrar* pede a preposição *em* e *sair* a preposição *de*.

Ao gênio de nossa língua, porém, não repugnam tais fórmulas abreviadas de dizer, principalmente quando vêm dar à expressão uma agradável concisão que o giro gramaticalmente correto nem sempre conhece:

"Tenho-o visto *entrar e sair do Colégio de S. Paulo*" [AH.5, I, 154];

"... que se deduz daí *a favor* ou *contra o direito* de propriedade literária?" [AH.7, II, 60].

Estendem certos autores a proibição aos dizeres em que duas ou mais preposições de sentido diferente, e até contrário, se referem a um só termo:

Com ou sem vantagens sairei

Antes e depois da luta

Para tais autores devemos dizer: *com vantagens ou sem elas*, *antes da luta e depois dela*, ou repetindo-se o substantivo como fez M. de Assis em:

"Os gritos da vítima, *antes da luta e durante a luta*, continuavam a repercutir dentro de mim" [*apud* MBa.3, 103].

Salvo as situações de ênfase e de encarecimento semântico de cada preposição, como a que se depreende do trecho acima, a língua dá preferência às construções abreviadas que a gramática insiste em condenar, sem, contudo, obter grandes vitórias.

7) **Termos preposicionados e pronomes átonos** – Tanto se pode dizer *não fujas* ***de mim*** como *não* ***me*** *fujas*:

O corajoso major tem afrontado teu irmão (...) mas Simão teme-o e *foge-lhe* com o pretexto de desafiar primeiro quem primeiro o ofendeu [CBr *apud* MBa.4, 273, de onde se colhem os exemplos abaixo].

Assim em vez de *pôs-se diante dele* se pode dizer *pôs-se-lhe diante*; em vez de *aparecer diante dele*, *aparecer-lhe diante*.

Nunca *me* tornaria a pôr a vista *em cima*.

Pretendem cair-*nos em cima*.

Tudo *lhe* girou *em volta*.

Sentaram-se-*lhe* em frente dois guardas.

Assim também em equivalência com a preposição *em*:

Deu um beijo *em* Nelina / Deu-*lhe* um beijo

Deu um abraço *em* Dolores / Deu-*lhe* um abraço

A mesma possibilidade se dá com verbos que se constroem com *de* ou *a* (*avizinhar-se*, *aproximar-se*, *acercar-se de*, entre outras) e *com* (*ralhar*, por exemplo):

Avizinhou-se *dela* / Avizinhou-se-*lhe*

Aproximar-se *dela* (ou *a ela*) / Aproximou-se-*lhe*

Ralhar *com o filho* / Ralhar-*lhe*

Vale lembrar aqui de passagem – pois não se trata de regência –, pois estamos falando de simplificações formais, que o mesmo processo se repete com alguns prefixos:

(...) o apalpá-la nas costelas *sobre* e *subjacentes* ao coração [CBr *apud* MBa.3, 113 n.].

(...) algumas faíscas de amor profano tinham entrado *ob* e *sub-repticiamente* (*Id.*, *ibid.*)

Esperemos, e oxalá não esperemos em vão, que chegue o dia longínquo em que todos os escritores *cis* e *transatlânticos* aprendam a sua língua (...) [MBa.3, 127n.].

Também nas expressões comparativas podem-se encontrar simplificações ou braquilogias, como nos seguintes exemplos muito comuns *tanto* (*tão*) *mais que*, *tanto* (*tão*) *ou menos que* (por *tanto* ou *quanto* e *mais que*, etc.):

A gota, o reumatismo, a ciática impacientavam-no *tanto ou menos que* o desmancho das coisas políticas [CBr.6, 55].

8) **Emprego de relativos precedidos de preposição** – O pronome relativo exerce função sintática na oração a que pertence:

a) *Sujeito*: O livro *que* está em cima da mesa é meu.

b) *Objeto direto*: O livro *que* eu li encerra uma bonita história.

c) *Predicativo*: Dividimos o pão como bons amigos *que* éramos.

d) *Complemento relativo*: O livro de *que* precisamos esgotou-se.

e) *Objeto indireto*: Este é o aluno *a que* dei o livro.

f) *Adjunto adverbial*: O livro *por que* aprendeste a ler é antigo. A casa *em que* moro é espaçosa.

g) *Agente da passiva*: Este é o autor *por que* a novela foi escrita.

As três primeiras funções sintáticas dispensam preposição enquanto as quatro últimas a exigem. Deve-se evitar, em língua literária, o emprego do relativo universal.

9) **Relação de regências de alguns verbos e nomes**161:

A

Abalançar-se a
aborrecer-se com
abrigado de
absolver– de
abster-se de
abundar em
abusar de
acabar– com
acautelar-se com
aceder a
acessível a
aceito a
acercar-se de
acomodar-se a
acontecer a, com
aconselhar– a
acordar com
acreditar– em
acudir a
acusar– de

adaptar– a
adequado a
aderir– a
admirar-se de, com, por
afastar– de
afável com, para com
afixar– a
agradar a
agradável a
agradecer a
agregar-se a
ajudar– a
ajuntar– a, -se com
alertar– de, sobre, contra
alhear-se de
alheio a
alimentar– com, de
almejar– por
aludir a
amante de
ameaçar– com, de
amercear-se de
amigo de
amofinar-se com
amoroso com, para com
análogo a
anelar por
ansiar– por, (trans. direto)
ansioso de, por
antecipar-se a
antepor– a
anterior a
apaixonar-se por, de
aparentado com
apartar– de
apear-se de
apegar-se a
apelar para, de
aperceber-se de
apetrechar-se com
apiedar-se de
aplicar-se a
apoderar-se de
apoiar-se em
aportar– a
aprender–
apressar-se a, em, por, para
aproveitar-se de
apto para, a

arguir– de
arrancar– de
aproximar-se a, de
arrepender-se de
arribar a
arrimar-se a
arriscar-se a
arrostar-se com
aspirar a (= desejar);
trans. direto (= inspirar)
assemelhar-se a, com
assenhorear-se de
assentir a
assinalar– com
assistir a (= presenciar)
assistir– (= ajudar)
assustar-se com
atapetar-se de, em
atemorizar-se com
atender– a
atestar contra, por
atento a, em
ater-se a
atinar com
atingir (sem *a*!)
atrair– a
atrever-se a, em
atribuir– a
aumentar
ausentar-se de
autorizar– a
avaliar– em
avaro de
averiguar– de
avesso a
avezar (-se) a
aviar-se de
ávido de
avir-se com
avisar– de
avizinhar-se de, a
avocar– a

B

bacharel em
bandear-se para
baixar– a
bastante a, para

bastar a
batalhar com
benéfico a
bater a, em
bem (fazer) em, de
blasfemar contra
blasonar de
bom para, para com
brigar com
brindar– com

C

cair em, sobre
calcar– a
capaz de, para
capitular– com
carecer de
caritativo com, para com
caro a
casar-se com
ceder– a
cego a
chamar 162
chegar (-se) a (não *em* junto
à expressão de lugar)
cheio de
cheirar a
cheiro a, de
chorar por
cingir– de, (-se) a
circunscrever-se a
circunvizinho de
clamar por
cobiçoso de
cobrar– de
cobrir– de
coetâneo de
coevo de, a
coexistir– com
coincidir– com
coligar-se com
combater– contra, por
combinar– com
começar a, por
comedir-se com, em
cometer– a
compadecer-se de
comparar– a, com

comparecer a
compatível com
compelir– a
competir com, a
compor-se de
comprazer– a, (-se) em, com
compreensível a
comprometer-se a
comprovar– com
comum a, de
comungar com
comunicar– a
comutar– em
concentrar– em
concordar com, em
conforme a, com
concorrer a, com
condenar– a
condescender com
condoer-se de
confabular com
confederar-se com
conferenciar com
confessar– a
confiar em, a
confinar com
conformar-se com, a
conforme com, a
confrontar– com
confundir-se com
congraçar-se com
congratular-se com
consagrar a
consentir em, tr. direto
considerar como
consistir em (e não *de*!)
consolar-se com
conspirar a, contra, para
constante em
constar de
constituir-se em
contagiar-se com
contaminar-se de, com
contemporizar com
contemporâneo de
contender com, de, sobre
contentar-se com, de, em
conter-se em
contíguo a

continuar em, com
contrapor a
contrário a
contribuir para, com
convalescer de
conversar– com 163
convencer-se de
converter– em, a
convidar– a, para
convir a, com, em
convocar– a, para
cooperar com, para
coroar– de, com
corresponder a, (-se) com
corrigir-se de
cotejar– com
crer– em, a
cristalizar– em
cruel com, para com
cuidadoso com
cuidar de, em (tr. direto)
culpar de
cúmplice em
cumprir com, a 164
curar-se de
curioso de
curtir-se em

D

dar a, em, com, por
dar-se (pressa) a, em
decair de
decidir sobre
declarar-se contra
declinar– de
dedicar– a
dedignar-se de
deduzir– de
deitar-se a, em, sobre
deleitar-se com, em, de
denotar– a, em
deparar– com
depender de
dependurar – de
depressivo de
derivar– de
desafiar– para
desagradar a

desagradável a
desalojar– de
desapegar-se de
desapossar– de
desapropriar– de
desatar– de, em
desatento a
desavir-se com
descansar– de
descansar com
descartar-se de
descender de
descer de, a
desconfiar de
descontar– de
descontente com
descuidar-se de
desculpar-se de, com
descurar-se de (não *por*)
desdizer-se de
desejoso de
desembaraçar-se de
desempenhar-se de
desenganar-se de
desertar– de
desesperar– de
desfavorável a
desfazer-se de
desgostar-se de, com
designar-se de
desistir de
desleal a
desobedecer a
despedir-se de
despenhar de
despojar– de
desprender– de
desquitar-se de
declinar a, para
destituir– de
deter-se em, com
determinar-se a
dever– de 165
devoto de
diferenciar– de
diferente de
difícil de
dignar-se de, a
digno de

diligente em, para
discordar de
discrepar em
disfarçar– em
dispensar– de, a
dispor– de, -se a, para
disposto a
disputar com
dissemelhante de
dissentir de
dissuadir– de
distar de
distinguir– de
distrair-se com
distribuir– a, por com, entre
ditoso com
diverso de
divertir-se com
divorciar-se de
dizer– de
doce a
dócil a, para com
doente de
doer-se de
dotado de
dotar– com, em
doutor em
duro de
duvidar de

E

eleger– por, em, como
embaraçar-se com
embeber– de, em
embelezar-se com
embevecer-se em, com
emboscar-se em
embriagar-se de, com
embutir– em
emendar-se de
empapar– de, em, com
empenhar-se por, em, com
emular com
empregar-se com
êmulo de
encarar– com
encarregar– de
encarniçar-se com, contra

encharcar-se em
encher– de
encomendar– a
encostar– a
encontrar-se com
enfadar-se com
enfastiar-se de, com
enfatuar-se com
enfeitar-se com
enfermar– de
enfurecer-se com, contra
engalanar-se com
enganar-se com, em
engenhar-se a
engolfar-se em
enlaçar-se em
enlear-se em
enraivecer-se contra
enredar-se em
ensaiar-se em, para
ensinar– a
entender de
entendido em
entregar-se a
entreter-se com, em
entristecer-se com, de
envaidar-se com, por
envelhecer– (sem *de*!)
equiparar a, com
equivalente a
equivaler– a
eriçado de
erigir (-se) em
erudito em
escapar a, de
escapulir de
escarmentado de, com
escarnecer de
escasso de
escolher– entre
escrupulizar em
escusar-se de
esforçar-se em, por, para
esmaltar– de
esmerar-se em
espantar-se com, de
especular– com, em
esperar– de, em
espraiar-se em

esquecer-se de
esquivar– de
esquivar-se a
essencial para
estabelecer-se com
estender-se em, a, por
estéril de
estimular– a, com
estranho a
estreito de, para
estribar-se em
estropiado de
exato em
exceder–, a, em, de
excetuar de
excitar– a
excluir– de
exercitar-se em
exortar– a
expor– a
extrair– de
exigir– de, a
eximir– de
exonerar– de
extorquir– a, de

F

fácil de
falar de, em, com, a, sobre
faltar com, a
falto de
fartar– com, de
farto em
fatigar-se de, com
favorável a
favorecer– com, de
fechar (-se) a
fecundo em
feder a
felicitar– por, de
fértil de, em
fiar-se em, de
fiel a
fincar-se em
firme em
florescer em
folgar de, em
formar-se em

forrar– de, com
forte de, em
fraco de, em
franco para com, de, em
franquear– de, a
frouxo de
fugir– de, a
fundar-se em
furioso com, de
furtar– a, de

G

gabar-se de
galardoar– com
ganhar– de, a
generoso com
glorificar-se de
gordo de
gostar de
gostoso a
gozar de
graduar-se em
grande de
grato a
gravar– com
gravoso a
grosso de
guardar-se de
guarnecer com
guerra a
guindar-se a

H

hábil em
habilitar– com, para
habituar-se a
habituado a
haver-se com
herdar– de
hesitar em, sobre
horror a
hostil a
humilhar-se a

I

ida a
idêntico a

idôneo para, a
imbuir-se de, em
imediato a
impaciente com
impedir– de, a
impelir– a
impenetrável a
impetrar– de, a
implicar com 166
impor– a
importar a (impessoal),
de (país), em (quantia) 167
inconsequente com
impossibilitar– para, a
impossibilidade de
impossível de
impotente contra, para
impróprio para
imputar– a
inábil para
inabilitar– para
inacessível a
incansável em
incapaz de, para
incerto de, em
incessante em
incidir em
incitar– a
inclinar– a, para
incluir– em
incompatível com
incompreensível a
inconsequente com
inconstante em
incorporar– a, em
incorrer em
incrível a, para
inculcar– em
incumbir– de
indébito a
indeciso em
indenizar– de
independente de, em
indiferente a
indignar-se com
indigno de
indispor– contra, (-se) com
indócil a
indulgente para, para com

indultar– de
induzir– a, em
inerente a
inexorável a
infatigável em
infeccionar– em
inferior a
inferior de
infestar– de
infiel a
inflamar-se de
inflexível a
influir em, para, sobre
informar– sobre, de,
(-se) de
ingerir– em
ingrato com, para com
inibir– de
iniciar– em, a
inimigo de
inimizar-se com
injuriar com
inocente de
inquietar-se de, com
insaciável de
insensível a
inseparável de
inserir– em
insinuar– em
insípido a
insistir sobre, em
instar– por, a
instruir– de, em, sobre
inteirar-se de
intercalar entre
interceder por
interessar-se por
interesse em, por
intermédio a
internar-se em
interpolar– entre, com
interpor– entre
interrogar a
intervir em
intolerante com, para com
inundar– de, em
intrometer-se em
inútil para, a
investir contra, com

irmanar– com
isentar– de

J

jactar-se de
jubilar– em
juncar– de
juntar– a, com
justificar– de, a; (-se)

L

lamentar-se de
lançar– em (-se) sobre
lastimar-se de
leal a, com, para com
lembrar-se de
lento em
levar– em, a, por
liberal com
libertar– de
lidar com
ligar– a, com
ligeiro de
limitar-se a, com
limitado de
limpar– em, a (-se), de, em
limpo de
lisonjear-se de
litigiar com, contra
livrar– de
livre de
lograr (-se) de
longe de
longínquo de
louco de, com
lutar com, contra

M

maior de, entre
maldizer– de
maliciar– de
malquistar-se com
manco de
mancomunar-se com
manso de
manter-se com
maquinar– contra

maravilhar-se com, de
matizar– de
mau com, para,
para com
mediano de, em
mediar entre
medir (-se) com, por
meditar em, sobre
medrar– em
melhorar de
menor de
merecer de
mergulhar– em
mesclar– em
meter-se– a, em juiz
mimosear– com
ministrar– a
misericordioso com, para com
moderar-se em
mofar– de, com
molestar– com
molesto a
morador em168
moroso de, em
morrer de, por
mortificar-se com
motejar– de
mudar– de; mudar-se para
murmurar– de

N

namorar 169
namorar-se de, namorar
(tr. direto), com
natural de
necessário a
necessitar de
negligente em
negar-se a
negociar– em, com
nivelar-se a, com
nobre de, em, por
nocivo a
nutrir-se de, com

O

obedecer a

obediente a
oblíquo a
obrigar– a
obrigação de
obsequioso com
obstar– a
obstinar-se em
obviar– a
ocupar-se com, em, de
ódio a, de, contra,
para com
odioso a, para
ofender– com, por
ombrear-se a, com
oneroso a
opinar sobre, de
opor (-se) a
oposto a
oprimir– com
optar por, entre
orar por
orgulhoso com, para
com, de

P

pactuar com
padecer de
pagar– a, de, em 170
pálido de
parco em, de
parecer com, a, de
parecido a, com
paralelo a
participar– de, em, a
pasmar de
passar de, com, em
passível de
peculiar a
pegar de, em
pender– de, a
pendurar– de, a
penetrado de
pensar em
perdoar– a
perfumar– com
perguntar a, por
perito em
permutar– com, por

pernicioso a
perpendicular a
persistir em
perseverar em
persuadir– de
pertencer a, pertencer
para (= ser próprio de)
pertinaz em
pesado a
pesar de (impessoal), a
piedade de
pleitear– com, contra
pobre de
poderoso para, em
porfiar em, por
pospor– a
possível de
possuído de
posterior a
povoar– de
prático em
precaver-se contra, de
preceder– em
precisar de
proeminência sobre, de
preferir– a 171
prejudicial a
preocupar-se com
preparar-se para
preponderar sobre
prescindir de
presentear– com
preservar– de
presidir– a, em
prestes a, para
presto a, para
presumir de
prevalecer– sobre
prevenir– de, para, contra
prezar-se de
primeiro de, dentre, a, em 172
privar– de, com
proceder a, com
processar– por
pródigo de, em
professar– em
proibir– a
promover– a
pronto para, em

propender para
propício a
propínquo de
próprio para, de
proporcionado a, com
prorromper em
prosseguir– em
prestar por
protestar contra
provar– de, a
proveitoso a
prever– a, de
provocar– a, contra
próximo a, de
pugnar por, contra
purgar-se de
purificar-se de
puxar– de, por

Q

quadrar– com
qualificar– de
queixar-se a, de
querelar contra
querer– a173
quebrado
querido de, por
quebrantar-se com

R

radicar-se em
ralhar com
rebaixar– de, -se a
rebelde a
rebentar de
recair em, sobre
reclamar– contra
reclinar-se sobre
recolher-se a
recomendar– a
recompensar com
reconciliar-se com
reconvir sobre
recorrer a
recostar-se sobre, em
recrear-se com
recusar– a

redundar em
reduzir– a (não *em*)
referir-se a
refletir em, sobre
refugiar-se em
regalar-se com
regar– de
regozijar-se de, com
regular-se por
reincidir em
reintegrar– em
rejubilar com
relaxar-se em
remontar– a
remover– de
renascer a
render-se a
renegar de
rente com, a, de
renunciar a
repartir entre, com, por
representar– contra
reptar para
requerer– a
resguardar-se de, contra
residir em
resignar-se a, com
resistir a
resolver-se a
respeito a, de, por
responsável por
ressentir-se de
restabelecer-se de
resultar de
retirar-se de, a
retrair-se a
retratar-se de
retroceder– a, para
revestir– de, com
rico de, em
rígido de
rijo de
rir-se de
rivalizar– com
roçar-se com
rodear-se de, com
rogar– por
romper– com

S

saber a (ter gosto), de
sábio em
sacar– de
saciar– de, a
sacrificar– a, (-se) por
sacudir– de
safar-se de
sair de, (-se) com
salpicar– de
salvar– de
sanar de
são de
sarar– de
satisfazer– a, (-se) com
seco de
sedento de, por
seguro de, em
segregar– de, a
semelhante a
semelhar– a
sensível a
sentir-se de
separar– de
serviço em
servir– a, (-se), de, para
severo com, para com, em
sindicar de
singularizar-se por
sito em174
soberbo com, de
sobrar a
sobreviver a
sobrevir a
sobrepujar– em
sobressair em, por
sobressaltar-se com
sóbrio de, em
socorrer– (-se) de, com, a
sofrido em
solicitar– de
solícito com
solto de
sonhar com
sortir de
submeter– a
subordinar– a
sub-rogar em

subsistir com
substabelecer em
substituir– por, a
subtrair– de, (-se) a
suceder a
sujar-se com
sujeitar-se a
sujo de
sumir-se em
superior a
suplicar– a
surdo a, de
surpreender-se com
suspeitar de
suspeito a, de
suspender– de
sustentar-se de, com
suster– com
suster-se de

T

tachar– de
tapar– com
tapizar de
tardar em
tardo a, em
tauxiado de
teimar em
temer de, por
temeroso de
temível a
terçar– com
terminar em, por
terno de
timbrar em, de
tingir– de
tirar– de
tiritar de
topar com
tornar a
trabalhar de, por, para, em
traduzir– em, para, de
traficar– com, em
traidor a, de
transbordar– de
transferir– a
transfigurar-se em
transformar– em

transido de
transitar por
transplantar– de, para
transportar-se de
trasladar– a, em, de
tratar– de
travar-se de
tremer de
tresandar a
trespassado de
tributar– a
triste de, com
triunfar de
trocar– por, de

U

ufanar-se de, com
último em, de, a
ultrajar– com
ungir– com
único em
uniformizar– com
unir– a, com
untar– de, com
usar– de
útil a, para
utilizar-se de

V

vacilar em
valer-se de, valer–, a
vangloriar-se de, por
variar– de, em
vazar– em
vazio de
vedar– a
velar– por, em,
versado em
verter– de, para, em
vestir-se com, de
viciar-se com ,em
vincular– a
vingar-se de, em
visar– (= pretender) a,
visar– (= dar o visto)
visível a
vizinho a, de

voltar de, a

Z

zangar-se com
zombar de
zelar por

7 – Colocação

Sintaxe de colocação* ou *de ordem – é aquela que trata da maneira de dispor os termos dentro da oração e as orações dentro do período.

A *colocação*, dentro de um idioma, obedece a tendências variadas, quer de ordem estritamente gramatical, quer de ordem rítmica, psicológica e estilística, que se coordenam e completam. O maior responsável pela ordem favorita numa língua ou grupo de línguas parece ser a entonação oracional. Entre os casos de colocação usual ou normal em português sobressaem os seguintes:

a) a colocação do adjunto preposicionado depois do seu substantivo:
a casa *de Vera*

b) a colocação do adjunto adjetivo depois do seu substantivo:
homem *rico*

c) a colocação do adjunto não representado por adjetivo (artigo, pronome adjunto, quantificadores) antes do substantivo:
o homem bom
meu tio rico
sete pecados capitais
muitos livros raros

d) a colocação do verbo depois do sujeito, não havendo passiva com o pronome *se* ou quando não se trata de interrogação parcial com pronome não sujeito ou advérbio interrogativo:
Dudu mudou de colégio.
Mas: Aluga-se *esta casa*. Por que cometeu *ele* essa falta?

e) a colocação do complemento verbal depois do verbo:
Compramos *maçãs*.
Assistiram *ao filme*.
Bebel é *estudiosa*.

f) a colocação do objeto direto antes do indireto, quando constituídos por substantivos:
Escreveram *cartas ao sócio prejudicado*.

g) a colocação do objeto indireto antes do direto, quando constituídos por pronomes (ou o direto por substantivos):
Escreveram-*lhe cartas*.
Escreveram-*lhas*. (*lhe* + *as*)
"O português pertence ao número daquelas que se caracterizam pelo ritmo ascendente, em que se anuncia o termo

menos importante e depois, com acentuação mais forte, a informação nova e de relevância para o ouvinte" [SA.2, 270].

Isto nos leva a uma ordem considerada *direta*, *usual* ou *habitual*, que consiste em enunciar, no rosto da oração, o sujeito, depois o verbo e, em seguida, os seus complementos, como vimos antes.

A ordem que saia do esquema SVC (sujeito – verbo – complemento) se diz *inversa* ou *ocasional*.

Chama-se *anástrofe* a ordem inversa que colide com a norma geral da colocação:

De teus olhos a cor vejo eu agora

Quando a colocação chega a prejudicar a clareza da mensagem, pela disposição violenta dos termos, diz-se que há um *hipérbato*:

a grita se levanta ao céu da gente por

a grita da gente se levanta ao céu [MC.4, s.v. Ambiguidade].

Diziam os retóritos que o hipérbato era a forma de expressões da paixão. Quando a deslocação cria a ambiguidade ou mais de uma interpretação do texto, alguns autores dão à forma o nome *sínquise*.

Quase sempre essa deslocação violenta dos termos oracionais, fonte de ambiguidades, exige, para o perfeito entendimento da mensagem, nosso conhecimento sobre as coisas e de ordem cultural:

Abel matou Caim

Pela lição bíblica não se há de entender que Abel praticou a ação e Caim a sofreu, mas sim ao contrário.

Sendo a ordem direta um padrão sintático, a ordem inversa, como afastamento da norma, pode adquirir valor estilístico. E realmente se lança mão da ordem inversa para enfatizar esse ou aquele termo oracional.

Posto no rosto da oração um termo sobre o qual queremos chamar a atenção do nosso ouvinte, quebra-se a norma sintática e consegue-se o efeito estilístico desejado. Por um jogo natural de oposição, a ordem direta também pode assumir valor estilístico para traduzir situações do campo da novidade. O estilo descritivo ama a ordem direta; José de Alencar tirou dela notáveis efeitos no seguinte trecho:

"A tarde ia morrendo. O sol declinava no horizonte e deitava-se sobre as grandes florestas, que iluminava com os seus últimos raios. A luz frouxa e suave do acaso, deslizando pela verde alcatifa, enrolava-se como ondas de ouro e de púrpura sobre a folhagem das árvores. Os espinheiros silvestres desatavam as flores alvas e delicadas; e o ouricuri abria as suas palmas mais novas, para receber no seu cálice o orvalho da noite. Os animais retardados procuravam a pousada; enquanto a juriti, chamando a companheira, soltava os arrulhos doces e saudosos com que se despede o dia. Um concerto de notas graves saudava o pôr do sol, e confundia o rumo da cascata, que parecia quebrar a aspereza de sua queda, e ceder à doce influência da tarde. Era Ave-Maria" [JA.2, 37].

O ritmo ascendente predominante no português, dispondo os termos de acentuação mais fraca e menos significativos antes dos termos mais fortes, estabelece as seguintes normas válidas para as situações em que não predomine a linguagem emocional, algumas delas já enunciadas anteriormente e agora completadas:

a) os artigos, os pronomes (adjuntos), os quantificadores (com exceção dos cardinais com valor de ordinais) se antepõem:

O livro, *um* livro, *este* livro, *meu* livro, *cada* livro, *três* livros;

b) a preposição vem antes de um termo nominal ou pronominal:

de noite, *a* ele;

c) o advérbio *não* precede o verbo:

não quero;

d) o verbo auxiliar precede seu verbo principal:

hei de ver, *quero* dizer, *costuma* falar

e) o adjetivo monossilábico modificador precede o nome de maior extensão fonética:

bom dia, *má* hora, etc.

f) o adjetivo que exprime forma ou cor vem depois do substantivo, especificando seu conceito e o opondo a outros da espécie:

rua larga, *blusa verde*;

g) vem antes o adjetivo empregado não para designar o seu sentido próprio, mas para atribuir uma significação figurada:

grande homem / homem grande

"... eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor" [MA.1, 1].

h) Numa sequência de dois adjetivos e um substantivo, aqueles aparecem em geral juntos: *Bons e estimados livros* ou *Livros bons e estimados*. A quebra desta disposição, pondo o substantivo no meio, é recurso comum na poesia, mas também não ausente na prosa artística: *Bons livros e estimados*. No seguinte passo João Ribeiro afastou ainda mais os dois adjetivos:

E quando foi noite, a donzela *transida* de terror e *lagrimosa* buscou o eremita [JR.2, 97].

i) Na sequência dos pronomes sujeitos *eu* e *tu*, *eu* e *ele* ou entre *eu* + pronome de tratamento ou substantivo, em geral a série começa com *eu*:

Eu e ele saímos juntos.

Todavia a inversão é possível (apesar de já ter sido apontada como francesismo), especialmente quando, por delicadeza e educação, se quer dar precedência ao interlocutor:

Estamos no Minho, o leitor e eu [CBr.12, 1].

E assim galgamos ele e eu o rochedo [JR.2, 194].

Colocação dos termos na oração e das orações no período – A norma sintática do português registra os seguintes casos:

1.º) Põe-se de ordinário o sujeito representado por substantivo depois do verbo na passiva pronominal:

Alugam-se casas.

Outra posição pode mudar a análise da oração, desde que entre um termo a que nossa tendência anímica atribua a realização da oração. Note-se a diferença contextual entre *Abriu-*

se a porta (voz passiva) e *A porta abriu-se* (voz ativa).

A norma já não é imperiosa se o sujeito está representado por um pronome:

Aquilo nunca se vira por ali [JL.1, 74].

2.º) Nas orações reduzidas de gerúndio e particípio, o sujeito vem depois do verbo:

Terminando o discurso, dirigiu-se ao hotel.

Terminado o discurso, dirigiu-se ao hotel.

3.º) O verbo vem no início das orações que indicam existência (*ser*, *existir*, *haver*, *fazer*), tempo, peso, medida:

Era uma vez um príncipe

Existiam várias razões

Houve discussão

Faz três anos que não o vejo

São várias horas de distância

Faltam dois dias para a festa

4.º) O verbo no início das subordinadas condicionais e concessivas sem transpositor:

Tivesse-me ele dito a verdade, tudo acabaria bem.

Acabasse falando comigo, mesmo assim não lhe perdoaria.

5.º) Nas orações intercaladas de citação, o sujeito vem de ordinário depois do verbo:

Suma-se – ordenou *o policial*.

6º) Nas interrogações introduzidas por pronomes e advérbios (*quem*, *que*, *o que*, *quanto*, *qual*, *como*, *quando*, *onde*, *por que*), o verbo vem em geral antes do sujeito, desde que este não seja o pronome interrogativo:

Quem veio aqui? (*quem* sujeito)

De quem falava você quando chegamos?

Como foi ele passar nessa encrenca?

Usa-se ainda, neste caso, sujeito antes do verbo ou a palavra interrogativa no fim da oração:

De quem você falava?

Ele comprou o quê?

OBSERVAÇÃO: Na pergunta retórica costuma-se pôr o sujeito antes do verbo em construção do tipo: *O médico aconselhou esta dieta, e você seguiu?*

7.º) Nas orações exclamativas, de sentido optativo ou não, é frequente o sujeito vir depois do verbo:

Como era verde o meu vale!

Viva o rei! (construção fixa)

8.º) A oração subordinada subjetiva vem normalmente depois do verbo regente:

Consta que o trem atrasou.

Ficou patente que o progresso começara.

É aconselhável que não se retirem agora.

9.º) A oração subordinada adverbial causal iniciada por *como* vem em geral no início do enunciador de sua principal:

Como o tempo melhorou, sairemos agora.

10.º) Numa sequência de pronomes átonos, vem em primeiro lugar o que funciona como objeto indireto seguido do objeto direto:

Eu vo-lo darei

Nunca *lho* dissemos

OBSERVAÇÃO: Nas ocorrências com o pronome *se* + *me*, *te*, *lhe*, *nos*, *vos*, o *se* vem sempre em primeiro lugar:

Não *se me* afiguram boas as soluções.

Pouco *se nos* dá esse tipo de solução.

11.º) Diante de negação, o pronome átono pode vir antes ou depois do advérbio *não*:

Ele *não me* disse. Ele *me não* disse (rara entre brasileiros)

12.º) Não raro se intercala uma ou mais palavras entre o pronome átono em próclise e o verbo:

Eram grandes raids, entradas, como se então dizia" [AAr.2, 128].

13.º) Nas orações em que entra verbo intransitivo parece haver preferência da posposição do sujeito, como indica esta passagem de Garrett:

"Assim passaram *meses*, assim correu *o inverno* quase todo, e já as amendoeiras se toucavam de suas alvíssimas flores de esperança, já uma depois de outras iam renascendo *as plantas*, iam abrolhando *as árvores*; logo vieram *as aves* trinando seus amores pelos ramos... insensivelmente era chegando *o mês* de abril, estávamos em plena e bela primavera" [AGa *apud* GM.1, 365].

14.º) Por elegância e ênfase de expressão, pode-se deslocar para antes do pronome relativo o predicativo da oração adjetiva:

Daniel, *professor* que foi daquela escola, nunca se dispôs a mudar de cidade.

Colocação e clareza – Levadas em conta as construções fundamentais de que a linguagem natural e espontânea não costuma afastar-se, é certo que para a estrutura oracional temos em português bastante liberdade. Esta, porém, é maior no verso, em que ocorrem certas transformações complementares estranhas não só ao falar comum, mas ainda ao discurso limado. Alguns escritores abusaram da liberdade poética, a ponto de tornarem a linguagem obscura e quase ininteligível:

"Ama a vivenda dos contrários ao fogo undosos rios" (Castilho)

"A do rei potente mimosa filha

Dos sem conto que há passado maléficos portentos" [AC *apud* SA.2, 276].

Colocação dos pronomes pessoais átonos e do demonstrativo *o* é questão de fonética sintática – Durante muito tempo viu-se o problema apenas pelo aspecto sintático, criando-se a falsa teoria da "atração" vocabular do *não*, do *quê*, de certas conjunções e tantos outros vocábulos. Graças a notáveis pesquisadores, e principalmente a Said Ali, passou-se a considerar o assunto pelo aspecto fonético-sintático. Abriram-se com isso os horizontes,

estudou-se a questão dos vocábulos átonos e tônicos, e chegou-se à conclusão de que muitas das regras estabelecidas pelos puristas ou estavam erradas, ou se aplicavam em especial atenção ao falar lusitano. A Gramática, alicerçada na tradição literária, ainda não se dispôs a fazer concessões a algumas tendências do falar de brasileiros cultos, e não leva em conta as possibilidades estilísticas que os escritores conseguem extrair da colocação de pronomes átonos. Daremos aqui apenas aquelas normas que, sem exagero, são observadas na linguagem escrita e falada das pessoas cultas. Não se infringindo os critérios expostos, o problema é questão pessoal de escolha, atendendo-se às exigências da eufonia. É urgente afastar a ideia de que a colocação brasileira é inferior à que os portugueses observam, porque:

> "*a pronúncia brasileira diversifica da lusitana; daí resulta que a colocação pronominal em nosso falar espontâneo não coincide perfeitamente com a do falar dos portugueses*" [SA.2, 279].

O pronome átono pode assumir três posições em relação ao vocábulo tônico, donde a *ênclise*, *próclise* e *mesóclise*.

Ênclise é a posposição do pronome átono (vocábulo átono) ao vocábulo tônico a que se liga:

> Deu-*me* a notícia.

Próclise é a anteposição ao vocábulo tônico:

> Não *me* deu a notícia.

Mesóclise é a interposição ao vocábulo tônico:

> Dar-*me*-ás a notícia.

Critérios para a colocação dos pronomes pessoais átonos e do demonstrativo *o*.

A – Em relação a um só verbo

1.º) Não se inicia período por pronome átono:

> "Sentei-*me*, enquanto Virgília, calada, fazia estalar as unhas" [MA.1, 125].
>
> "Não! *vos* digo eu!" [AH *apud* FB.1, 197].
>
> "Querendo parecer originais, *nos* tornamos ridículos ou extravagantes" [MM].

Observações:

1.ª) Ainda que não vitoriosa na língua exemplar, mormente na sua modalidade escrita, este princípio é, em nosso falar espontâneo, desrespeitado, e, como diz Sousa da Silveira, em alguns exemplos literários, a próclise comunica "à expressão encantadora suavidade e beleza" [SS.1, § 523, a, obs.]. Alguns modernistas, com Mário de Andrade à frente, tentaram estender essa próclise inicial de enunciado a todos os pronomes átonos, exagerando, porque isto não ocorre com *o*, *a*, *os*, *as*: *O vi.* Depois, só Mário persistiu no uso, apesar das ponderações de Manuel Bandeira.

2.ª) Preso a critério de *oração* (e não *período*, como aqui fizemos), Rui Barbosa [RB.1] tem por errônea a colocação em: "Se a simulação for absoluta, sem que tenha havido intenção de prejudicar a terceiros, ou de violar disposições de lei, e for assim provado a requerimento de algum dos contratantes, – *se julgará o ato inexistente*". Os que adotarem o critério de *oração*, só aceitam a posição inicial do pronome átono na intercalada de citação, como ocorre no exemplo de Herculano acima transcrito.

3.ª) Em expressões cristalizadas de cunho popular aparece o pronome no início do período: "*T'esconjuro*!... *sai*, *diabo!...*" [MA.1, 97].

2.º) Não se pospõe, em geral, pronome átono a verbo flexionado em oração subordinada:

"Confesso que tudo aquilo *me* pareceu obscuro " [MA.1, 79].

"Se *a* visse, iria logo pedi-la ao pai" [MA.1, 87].

"Tu que *me* lês, Virgília amada, não reparas na diferença entre a linguagem de hoje...?" [MA.1, 91].

OBSERVAÇÃO: Quando se trata de orações subordinadas coordenadas entre si, às vezes ocorre a ênclise do pronome átono na segunda oração subordinada. Também quando na subordinada se intercalam palavras ou oração, exigindo uma pausa antes do verbo, o pronome átono pode vir enclítico: "Mas a primeira parte se trocou por intervenção do tio Cosme, que, ao ver a criança, *disse-lhe* entre outros carinhos..." [MA *apud* MBa.2, 197]. Em todos estes e outros casos que se poderiam lembrar, a ação dos gramáticos se tem dirigido para a obediência ao critério exposto, considerando esporádicos e não dignos de imitação os exemplos que dele se afastam.

3.º) Não se pospõe pronome átono a verbo modificado diretamente por advérbio (isto é, sem pausa entre os dois, indicada ou não por vírgula) ou precedido de palavra de sentido negativo:

"Não *me* parece; acho os versos perfeitos" [MA.1, 69].

Sempre *me* recebiam bem.

Ninguém *lhe* disse a verdade.

Se houver pausa, o pronome pode vir antes ou depois do verbo:

"Ele esteve alguns instantes de pé, a olhar para mim; depois estendeu-*me* a mão com um gesto comovido" [MA.1, 86].

OBSERVAÇÃO: Como já foi indicado antes, o pronome átono, não inicial, pode vir antes da palavra negativa:

(...) descia eu para Nápoles a busca de sol que *o não* havia nas terras do norte [JR.2, 187].

4.º) Não se pospõe pronome átono a verbo no futuro do presente e futuro do pretérito (condicional). Se não forem contrariados os princípios anteriores, ou se coloca o pronome átono proclítico ou mesoclítico ao verbo:

"Teodomiro *recordar-se-á* ainda de qual foi o desfecho do amor de Eurico..." [AH.1, 60].

"Os infiéis... *contentar-se-ão*, talvez, com as riquezas..." [AH.1, 146].

5.º) Não se pospõe ou intercala pronome átono a verbo flexionado em oração iniciada por palavra interrogativa ou exclamativa:

"Quantos *lhe* dá?" [MA.1, 97].

"Quem *me* explicará a razão dessa diferença?" [MA.1, 158].

Como *te* perseguem!

B – EM RELAÇÃO A UMA LOCUÇÃO VERBAL

Temos de considerar dois casos:

a) Auxiliar + { infinitivo: ***quero falar*** / ou / gerúndio: ***estou falando*** }

Se os princípios já expostos não forem contrariados, o pronome átono poderá aparecer:

1) Proclítico ao auxiliar:

Eu *lhe* quero falar.

Eu *lhe* estou falando.

2) Enclítico ao auxiliar (ligado por hífen).

Eu quero-*lhe* falar.

Eu estou-*lhe* falando

(...) e a conversação de Adrião *foi-a* lentamente acostumado à sua presença [EQ.4, 56].

3) Enclítico ao verbo principal (ligado por hífen):

Eu quero falar-*lhe*

Eu estou falando-*lhe* (mais raro)

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Com mais frequência ocorre entre brasileiros, na linguagem falada ou escrita, o pronome átono proclítico ao verbo principal, sem hífen:

Eu quero *lhe* falar

Eu estou *lhe* falando

A Gramática clássica, com certo exagero, ainda não aceitou tal maneira de colocar o pronome átono, salvo se o infinitivo está precedido de preposição: *Começou a lhe falar* ou *a falar-lhe*.

2.ª) Com o infinitivo podem-se contrariar os princípios 2.º e 3.º anteriormente formulados:

Eu não quero falar-*lhe*

Espero que não queira falar-*lhe*

3.ª) Nas construções com o verbo *haver* do tipo *há-se de + infinitivo* ou *há de se + infinitivo*, esta última é mais corrente e a primeira, mais comum em Portugal, aparece apenas como reminiscência literária:

"(...) e *hão-me* ainda a face

De encobrir ervançais, para não *ver-te*" [AO *apud* SS.1, § 524, 3, obs.].

b) Auxiliar + particípio: ***tenho falado***...

Não contrariando os princípios iniciais, o pronome átono pode vir:

1) Proclítico ao auxiliar:

Eu *lhe* tenho falado.

2) Enclítico ao auxiliar (ligado por hífen):

Eu tenho-*lhe* falado

Jamais se pospõe pronome átono a particípio. Entre brasileiros também ocorre a próclise ao particípio:

Eu tenho *lhe* falado.

Posições fixas – A tradição fixou a próclise ainda nos seguintes casos:

1) com o gerúndio precedido da preposição *em*:

"Ninguém, desde que entrou, *em* lhe chegando o turno, se conseguirá evadir à saída" [RB.2, 30].

2) nas orações exclamativas e optativas, com o verbo no subjuntivo e sujeito anteposto ao verbo:

Bons ventos *o* levem!

Deus *te* ajude!

Explicação da colocação dos pronomes átonos no Brasil – Nos princípios anteriormente comentados, vimos certas tendências brasileiras que nem sempre a Gramática agasalha como dignas de imitação, presa que está a um critério de autoridade que a linguística moderna pede seja revisto.

Sobre o assunto, em lúcido resumo, comenta o Prof. Martinz de Aguiar:

"A colocação de pronomes complementos em português não se rege pela fonética, nem é o ritmo, o mesmo binário-ternário, em ambas as modalidades, brasileira e lusitana, que impõe uma colocação aqui, outra ali, não. Ela obedece a um complexo de fatores, fonético (rítmico), lógico, psicológico (estilístico), estético, histórico, que às vezes se entreajudam e às vezes se contrapõem. Numa frase como *ele vem-me ver*, geral em Portugal, literária no Brasil, o fator lógico deslocou o pronome *me* do verbo *vem*, para adjudicá-lo ao verbo *ver*, por ser ele determinante, objeto direto, do segundo, e não do primeiro. Isto é: deixou a língua falada no Brasil de dizer *vem-me ver* (fator histórico, por ser mera continuação do esquema geral português), para dizer *vem me-ver* (escrito sem hífen), que também vigia na língua, ligando-se o pronome ao verbo que o rege (fator lógico). Esta colocação de tal maneira se estabilizou, que pouco se diz *vem ver-me* e trouxe consequências imprevistas:

1.ª) Pôde-se juntar o pronome ao particípio, procliticamente:

Aqueles *haviam se-corrompido* (escrito sem hífen aqui e nos iguais exemplos).

2.ª) Pôde-se pôr o pronome depois dos futuros (do presente e do pretérito):

Poderá se-reduzir, *poderia se-reduzir*. Deixando de ligar-se aos futuros, para unir-se ao infinitivo, deixou igualmente de interpor-se-lhe aos elementos constitutivos.

3.ª) Em frases como *vamos nos-encontrar*, deixando o pronome de pospor-se à forma verbal pura, para antepor-se à nominal, deixou igualmente de determinar a dissimilação das sílabas parafônicas, podendo-se então dizer *vamo-nos encontrar*" [MAg.1, 408-409].

Pelas mesmas razões variadíssimas é que no Brasil, na linguagem coloquial, o pronome átono pode assumir posição inicial de período.

APÊNDICE

1 – Figuras de Sintaxe

Fenômenos de sintaxe mais importantes

1) **Elipse** – Chama-se *elipse* a omissão de um termo facilmente subentendido por faltar onde normalmente aparece, ou por ter sido anteriormente enunciado ou sugerido, ou ainda por ser depreendido pela situação, ou contexto. É o que ocorre quando, diante de um quadro, uma pessoa dá sua opinião:

É belo! [MC.4, s.v.].

São barulhentos, mas eu admiro *meus alunos*.

Assim, não se há de considerar elipse a omissão do sujeito léxico já que ele está indicado na desinência verbal, o sujeito gramatical. A necessidade de explicitação do sujeito gramatical mediante um sujeito explícito é ditada pelo texto; a rigor, portanto, não se trata da "elipse" do sujeito, mas do "acréscimo" de expressão que identifique ou explicite a que se refere o sujeito gramatical indicado na desinência do verbo finito ou flexionado. Em português, salvo nos casos de ênfase ou contraste, não se explicita o sujeito gramatical mediante os pronomes sujeitos de 1.ª e 2.ª pessoas do singular e do plural:

Sairei depois do almoço (desnecessário: *Eu* sairei...)

Foste contemplado na crítica (desnecessário: *Tu* foste...)

Mas:

Eu sairei, e *tu* ficarás.

Entre as elipses que ocorrem com mais frequência estão:

a) a da preposição em algumas circunstâncias adverbiais depreendidas pelo contexto:

As visitas, *pés sujos*, entraram no salão.

O tecido custava dez reais *o metro*.

Domingo irás à festa.

Conhecem-no *uma légua* em redondo.

OBSERVAÇÃO: Também ocorre a elipse de preposição em séries coordenadas:

eu disse a seu pai que a sustentação *de sua filha e marido*... [CBr.6, 104].

"Deus não dá *para ócios ou desperdícios*" [CBr.6].

Geralmente é mais rara a elipse quando a preposição vem com artigo:

Estou farto das afrontas *dos nobres e dos plebeus* [CBr.6, 110].

Ou quando há ênfase:

(...) (duas almas) recolhidas *em si e em Deus* [CBr.6].

Também é mais comum repetir-se a preposição antes dos pronomes pessoais monossilábicos e do pronome reflexivo:

Não se lembrou *de mim e de ti*.

Nas locuções prepositivas também é comum esta praxe; entretanto, só se costuma repetir o último componente da locução:

Através da história e *da* lenda, o fato chegou até nós.

Antes de mim e *de* ti há a justiça.

b) a da preposição antes do conectivo que introduz as orações de complemento relativo e completivas nominais:

Preciso (*de*) que venhas aqui.

Estou necessitado (*de*) que venhas aqui.

OBSERVAÇÃO: Pode ocorrer a elipse não só da preposição, mas também da conjunção integrantes:

Quis defendê-la, mas Capitu não me deixou, continuou a chamar-lhe beata e carola, em voz tão alta que *tive medo fosse* ouvida dos pais [MA *apud* MBa.3, 80].

c) a da conjugação integrante, mormente como transpositor das subordinadas subjetivas e objetivas diretas:

É necessário (*que*) se faça tudo rapidamente.

Espero (*que*) sejam felizes.

OBSERVAÇÃO: Às vezes dois verbos seguidos vêm desacompanhados das respectivas conjunções integrantes:

Frequentes vezes me *disse esperava* lhe arrumarem o processo [CBr.10, I, 51].

d) a do verbo *dizer* (e semelhante) nos diálogos:

E ela: — Você está zangado comigo?

e) a do objeto direto representado por pronome átono para aludir ao substantivo anteriormente expresso:

Você recebeu *o convite*? *Recebi* sim (por Recebi-*o* sim)

Cuidas que não tem cura lançar sangue? *Tem*, meu filho, *tem* [CBr. *apud* MBa.5, 172].

Alguns autores condenaram sem razão este tipo de elipse, tipo de antífrase.

f) a da preposição *de* em construções do tipo *vestido cor de rosa* por vestido *de cor de rosa*; pode-se também omitir toda a expressão *de cor de*: *vestido rosa*.

g) note-se a construção *para* + *particípio* para exprimir a ideia de "que há de ser", "digno de ser", à semelhança do particípio futuro passivo latino:

Não é *para dito* o que ali aconteceu [MBa.5, 218].

h) a elipse de rigor da conjunção integrante *que* depois de *que* ou *do que* comparativo:

A um animal atacado de raiva é melhor que o matem do que esteja a penar (por *do que que esteja a penar*).

i) a elipse do primeiro elemento (preposição ou advérbio) que integra a chamada locução conjuntiva (*posto que*, *dado que*, etc.) na oração subordinada coordenada à anterior:

Nada houve contra ela, *se bem que* uma voz rouca se levantou no tribunal e *que* (por: *se bem que*) dois ou três presentes a acompanharam com certo entusiasmo.

OBSERVAÇÃO: Evite-se a simples lembrança da conjunção subordinada da 1.ª oração por um *que* na 2.ª subordinada, coordenada à anterior:

Quando ele me viu e *que* disse isso, acreditei na sua versão do fato.

Ou se repete o *quando* (*Quando... e quando*) ou só se usa a conjunção coordenativa (*Quando... e disse*).

2) **Pleonasmo** – É a repetição de um termo já expresso ou de uma ideia já sugerida, para fins de clareza ou ênfase:

Vi-*o a ele* (pleonasmo do objeto direto).

Ao pobre não *lhe* devo (pleonasmo do objeto indireto).

(...) o conde atirava à mísera cantora alguns soldos que ainda *lhe* reforçavam *a ela* as cordas vocais [JR.2, 188] (pleonasmo do dativo de posse).

Subir para cima.

O grande juiz entre os pleonasmos de valor expressivo e os de valor negativo (por isso considerado erro de gramática) é o *uso*, e não a *lógica*. Se não dizemos, em geral, fora de situação especial de ênfase: *Subir para cima* ou *Descer para baixo*, não nos repugnam construções com *O leite está saindo por fora* ou *Palavra de rei não volta atrás*.

Eis alguns casos comuns de pleonasmo:

a) a série possessiva *seu... dele*, *sua... dela* para fugir à ambiguidade:

Mas não esmoreceu o Sr. Conde de Laet. Ninguém melhor do que ele fez então a psicologia da maior parte dos nossos movimentos revolucionários. Não só mostrou que quase sempre a *sua* causa *deles*, "é um segredo" (...) [JF *apud* CL.1, II, 333].

b) o emprego de dois termos de significado negativo para afirmar (*não indouto* = douto; *não sem razão* = *com razão*; *nada anormal* = *muito normal*; *sem desconhecer* = *conhecendo*; *indesculpável* = *culpável*) [MBa.3, 54 e MBa.4, 64].

c) a repetição da conjunção integrante em construções do tipo:

"e disse *que*, se lhe não queríamos mais nada, *que* podíamos ir à nossa vida" [CBr.1, 45].

É frequente na variedade coloquial falada acompanhando transpositores de oração subordinada:

Quero saber *como que* você fez isso.

Ainda não marcamos *quando que* iremos nos casar.

Finalmente, há de se ter presente para não usá-lo sempre que possível o pleonasmo léxico que resulta do esquecimento do verdadeiro significado de certas expressões portuguesas ou estrangeiras: *decapitar* (por *decepar*, já que *decapitar* só pode referir-se à *cabeça*) *a cabeça*, *exultar de alegria*, *panaceia universal*, *esquecimento involuntário*, *desde ab aeterno* (*ab aeterno* é expressão latina que já indica *desde a eternidade*) , *desde ab initio*, *tornar a*

repetir, *prever de antemão*, *antídoto contra* e tantos outros. Alguns, usados pelos melhores escritores, já correm com alguma despreocupação diante da crítica mais severa, como é o caso de *suicidar-se*. Já está incorporada a repetição do prefixo e preposição de mesmo significado, como: *in*corporar *em*, *co*abitar *com*, *co*incidir *com*, *con*formar-se *com*, etc.

3) **Anacoluto** – É a quebra da estruturação lógica da oração:

> "Eu que era branca e linda, *eis*-me medonha e escura"
> [MB *apud* SS.1, § 536].

"Resulta esta anomalia em geral do fato de não poder a linguagem acompanhar o pensamento em que as ideias se sucedem rápidas e tumultuárias. É a precipitação de começar a dizer alguma cousa sem calcular que pelo rumo escolhido não se chega diretamente a concluir o pensamento. Em meio do caminho dá-se pelo descuido, faz-se pausa, e, não convindo tornar atrás, procura-se saída em outra direção" [SA.4, 38].

O anacoluto, fora de certas situações especiais, é evitado pelas pessoas que timbram em falar e escrever corretamente a língua.

Coloca-se entre as construções anacolúticas o começar o enunciado por um termo não preposicionado e depois recuperá-lo na sua função própria, como que desprezando o inicial:

> *A pessoa* que não sabe viver em sociedade, *contra ela* se põe a lei.
> A construção gramatical seria: *Contra a pessoa* que... se põe a lei.

Um anacoluto muito comum é: *Eu parece-me* que tudo vai bem.

4) **Antecipação** – É a colocação de uma expressão fora do lugar que logicamente lhe compete:

> *O tempo parece que vai piorar*

por

> *Parece que o tempo vai piorar*.

As antecipações são ditadas por ênfase e muitas vezes geram anacolutos, mas destes diferem porque não quebram a estrutura gramatical do enunciado. Assim há apenas antecipação do termo *irapuru* (que deve ficar na oração de *quando*), e não anacoluto, nos conhecidos versos de Humberto Campos:

> Dizem que o irapuru quando desata
> A voz – Orfeu do seringal tranquilo –
> O passaredo, rápido a segui-lo
> Em derredor agrupa-se na mata,

isto é: dizem que, *quando o irapuru* desata a voz (...) o passaredo (...) agrupa-se na mata.

5) **Braquilogia** – É o emprego de uma expressão mais curta equivalente a outra mais ampla ou de estruturação mais complexa:

> *Estudou como estudaria se fosse passar*

por

> *Estudou como se fosse passar*

Incluem-se nos casos de braquilogia deste tipo construções como *Entrei e saí de casa*,

derivada de *Entrei em casa e daí saí* (ou *donde saí*).

É o que também ocorre naquelas em que entram graus de comparação, como: *Eles são melhores ou tão bons como nós* por *Eles são melhores do que nós ou tão bons como nós*.

Ainda há braquilogia quando se coordenam dois verbos de complementos diferentes e se simplifica a expressão dando-se a ambos o regime do verbo mais próximo: *Eu vi e gostei do filme* (por *Eu vi o filme e gostei dele*).

6) **Haplologia sintática** – É a omissão de uma palavra por estar em contato com outra (ou final de outra palavra) foneticamente igual ou parecida:

> Iracema *antes quer que* o sangue de Caubi tinja sua mão *que* a tua [JA.4, 223]. Isto é: *antes quer que... que quer que* a tua.

7) **Contaminação sintática** – "É a fusão irregular de duas construções que, em separado, são regulares" [ED.2, § 482].

Fiz com que Pedro viesse
(fusão de *Fiz com Pedro que viesse* e *Fiz que Pedro viesse*)

Caminhar por entre mares
(fusão de *caminhar por mares* e *caminhar entre mares*)

As estrelas pareciam brilharem
(fusão de *as estrelas pareciam brilhar* com *parecia que as estrelas brilhavam*).

Fazer de conta
(fusão de *fazer conta* = *imaginar*, *supor*, com expressões em que *fazer* é seguido de *de*: *fez de tolo*, *de sonso*, etc).

Estas contaminações são frequentes e ocorrem nos bons escritores quando o verbo admite uma construção com complemento direto de pessoa e preposicionado de coisa e outra com preposicionado de pessoa e direto de coisa. É o caso, entre muitos outros, de *persuadir* (*persuadir alguém a fazer* ou *persuadir a alguém que faça*), *fazer* (*fazer que alguém* e *fazer com alguém que*), que admitem fusões do tipo:

> O fato *lhe* persuadiu *a* deixar o trabalho.
> *Fizemos com que Pedro* chegasse logo.

Também resultam de contaminações sintáticas acumulações de preposições como:

> Andar *por entre* espinhos (*andar por espinhos* + *andar entre espinhos*).

8) **Expressão expletiva ou de realce** – É a que não exerce função gramatical:

> Nós *é que* sabemos viver
> Aqui *é onde a* ilusão se acaba.
> Oh! Que saudades *que* tenho!
> Quanto *que* é a conta?

É frequente o aparecimento de um *que* expletivo depois de conjunções, advérbios e expressões adverbiais:

> Eu não sei *quando que* ele vem.
> *Enquanto que* isso acontecia, não vinha nenhum socorro.
> *Desde cedo que* esperavam por elas.

Havia *muito que* não o via.

Verdadeiramente que ficamos amedrontados.

Quase que o incidente se transforma num caso de polícia.

OBSERVAÇÃO: Quando há circunstâncias de lugar, tempo, o *que* é substituído, respectivamente por *onde* e *quando*.

No Recife *é onde* fez o primário.

Durante a chuva *é quando* ocorrem mais acidentes de trânsito.

É preciso distinguir o *é que* expletivo do *é que* que indica:

a) *é* + *que* (conj. integrante):

A verdade *é que* saíram.

b) *é* (verbo vicário) + *que* (conj. integrante):

"Que quer dizer este nome? *É que* as almas..." [MBe *apud* JO.1]. (*É que* = *quer dizer que*)

c) *é* (vicário) + *que* (conj. causal):

Por que veio? *É que* teve medo (*é que* = *veio porque*)

d) *é que* = *é o que*

Este livro *é que* lemos ontem (= *é o que* lemos ontem)

e) há um *é que* que difere dos demais pela forte pausa que separa os dois termos, dando a impressão de se tratar de um resquício de oração seguido de conj. integrante que introduz seu antigo sujeito (= *é verdade*, *é certo que*):

"Ou *é que* o digesto não vale para os que o estudaram?" [AH.5, II, 35].

Modernamente se usa muito desta linguagem em *será que*:

Ou *será que* eu estou errado!

2 – Vícios e Anomalias de Linguagem

Entre os vícios de linguagem cabe menção aos seguintes:

1) **Solecismo** – É o erro de sintaxe (que abrange a concordância, a regência, a colocação e a má estruturação dos termos da oração) que a torna incompreensível ou imprecisa, ou a inadequação de se levar para uma variedade de língua a norma de outra variedade; em geral, da norma coloquial ou popular para a norma exemplar:

Eu *lhe* abracei (por *o*)

A gente *vamos* (por *vai*)

Tu *fostes* (por *foste*)

Aluga-se casas (por *alugam-se*)

Vendas *à* prazo (por *a*)

Queremos *fazermos* tudo certo (por *queremos fazer*)

Como acertadamente frisa Mattoso Câmara, "não constituem solecismos os desvios das normas sintáticas feitas com intenção estilística, em que a afetividade predomina sobre a análise intelectiva, como na silepse, na atração, no anacoluto" [MC.4, 227].

2) **Barbarismo** – É o erro no emprego de uma palavra, em oposição ao solecismo, que o é em referência à construção ou combinação de palavra. Inclui o erro de pronúncia (ortoepia), de

prosódia, de ortografia, de flexões, de significado, de palavras inexistentes na língua, de formação irregular de palavras:

contricto	por	*contrito*
gratuíto	por	*gratuito*
rúbrica	por	*rubrica*
proesa	por	*proeza*
cidadões	por	*cidadãos*
fosteis	por	*fostes*
a telefonema	por	*o telefonema*
areonáutica	por	*aeronáutica*
intemerato (= sem temor)	por	*intimorato*

Também já se empregou o termo *barbarismo* para referir-se aos erros cometidos pelos estrangeiros ao adaptar ao seu idioma palavras e expressões de outra língua.

3) **Estrangeirismo** – É o emprego de palavras, expressões e construções alheias ao idioma que a ele chegam por empréstimos tomados de outra língua. Os estrangeirismos léxicos que entram no idioma, por um processo natural de assimilação de cultura ou de contiguidade geográfica, assumem aspecto de sentimento político-patriótico que, aos olhos dos puristas extremados, trazem o selo da subserviência e da degradação do país. Esquecem-se de que a língua, como produto social, registra, em tais estrangeirismos, os contatos de povos. Este tipo de patriotismo linguístico (Leo Spitzer lhe dava pejorativamente o nome de *patriotite*) é antigo e revela reflexos de antigas dissensões históricas. Bréal lembra que os filólogos gregos que baniam os vocábulos turcos do léxico continuavam, à sua moda, a guerra da independência [MBr.1, 226]. Entre nós, o repúdio ao francesismo ou galicismo nasceu da repulsa, aliás, justa, dos portugueses aos excessos dos soldados de Junot quando Napoleão ordenou a invasão de Portugal. O que se deve combater é o excesso de importação de línguas estrangeiras, mormente aquela desnecessária por se encontrarem no vernáculo palavras e giros equivalentes. A introdução de uma palavra estrangeira para substituir uma vernácula em geral se explica pela debilidade funcional da palavra ameaçada de substituição.

Modernamente no mundo globalizado em que vivemos, onde os contactos de nações e de cultura são propiciados por mil modos, os estrangeirismos interpenetram-se com muita facilidade e rapidez. Para nós, brasileiros, os estrangeirismos de maior frequência são os *francesismos* ou *galicismos* (de língua francesa), *anglicismos* (de língua inglesa), *espanholismos* ou *castelhanismos* (de língua espanhola), *italianismos* (de língua italiana).

De modo geral, os estrangeirismos léxicos se repartem em dois grupos: os que se assimilam de tal maneira à língua que os recebe, que só são identificados como empréstimos pelas pessoas que lhes conhecem a história (*guerra*, *detalhe*, etc. – a esses os alemães chamam *Lehnwörter*, "empréstimos"); mas há os que facilmente mostram não ser prata da

casa, e se apresentam na vestimenta estrangeira (*maillot*, *ballet*, *feedback*, *footing*, etc.) ou se mascaram de vernáculos, como *maiô*, *abajur*, *tíquete*, etc. (são os, em alemão, *Fremdwörter*, "estrangeirismos"). O termo *empréstimo* abarca estas duas noções e se aplica tanto aos estrangeirismos léxicos quanto aos sintáticos e semânticos.

Os empréstimos lexicais durante muito tempo sofreram as críticas dos puristas, mas hoje vão sendo aceitos com mais facilidade, exceto aqueles comprovadamente desnecessários e sem muita repercussão em outros idiomas de cultura do mundo.

Entretanto, os de sintaxe e os de semântica continuam merecendo o reparo dos guardiães da vernaculidade, aliás de meritória atividade quando não se mostram extremados. Por isto, relacionaremos aqui um pequeno rol desses dois tipos de empréstimos. Começaremos pelos galicismos: 175

1) Certos empregos da preposição *a* em vez de *de*:

incumbido a dizer
moinho a vento
combinação a dois
equação a duas incógnitas

2) Certos empregos da preposição *contra*:

pagar contra recibo	por	*pagar com, mediante recibo*
encostar a mesa contra a parede	por	*encostar a mesa à parede*
remete-se contra reembolso	por	*remete-se a reembolso* (ou *a cobrança*)

3) Certos empregos da preposição *de*:

envelhecer de dez anos	por	*envelhecer dez anos*
aumentar de vinte reais	por	*aumentar vinte reais*
aposento largo de três metros	por	*aposento de* (ou *com*) *três metros de largura*

4) Certo empregos da preposição *em*:

barco em madeira	por	*barco de madeira*
relógio em ouro	por	*relógio de ouro*
chão em mármore	por	*chão de mármore*
capa em azul	por	*capa azul*
tingir em azul	por	*tingir de azul*

5) Expressões como:

estar ao fato de	por	*estar ciente de*
declarar a guerra	por	*declarar guerra*

pôr o acento nesse problema	por	*enfatizar esse problema*
pessoa de alguns vinte anos	por	*pessoa dos seus vinte anos*

6) Emprego do *que* nas orações negativas de exclusão:

a mãe nada viu que seu filho	por	*a mãe só viu o filho*
o egoísta não procura que o seu bem	por	*o egoísta não procura senão o seu bem*

7) Emprego, na coordenação de orações subordinadas adverbiais, do *que* para evitar a repetição da conjunção da subordinada anterior, quando não constituída pelas chamadas locuções conjuntivas:

Quando me viu e que me falou por *Quando me viu e me falou*

Mas já é vernácula a substituição pelo simples *que* em:

Logo que me viu e que me falou...

8) Anteposição do sujeito de orações com verbo no gerúndio e particípio:

O dia amanhecendo	por	*Amanhecendo o dia*
A aula terminada	por	*Terminada a aula*

9) Não flexão dos nomes e sobrenomes pluralizados pelo artigo:

Os Almeida	por	*Os Almeidas*
Os irmãos Paiva	por	*Os irmãos Paivas*
Os Pereira de Abreu	por	*Os Pereiras de Abreu*

Quanto aos *anglicismos*, vale chamar a atenção para o fato de que o inglês vai constantemente ao grego e ao latim buscar-lhes os tesouros, mas os usa com tal liberdade, que muitas vezes deturpa o emprego ou o significado original. Daí, não basta acalmar os ânimos com a alegação de que se trata não imediata, mas mediatamente, da boa cepa clássica. Alguns nos chegaram pela porta da França.

São exemplos de *anglicismos*:

1) Léxicos:

admitir (= julgar possível, dar como provável, acreditar, crer). Quando o significado vernáculo é ‘receber’, ‘deixar entrar’, ‘concordar’.

assumir por *supor*, *acreditar*

básico (inglês, francês, etc.)

contactar por *entrar em contacto com*

diferente por *melhor* (um produto diferente)

doméstico (voo) por *nacional*

leasing

marketing

politicamente correto
praticamente por *virtualmente*, *faltando pouco* (o tanque está praticamente cheio)
relax

2) Sintáticos [MC.4, s.v.]:

a) a anteposição do adjetivo ao seu substantivo, com valor meramente descritivo, como nos nomes de hotéis e estabelecimentos comerciais: *Majestoso Hotel*.

b) o emprego de um substantivo com função de adjetivo por vir anteposto: *Rio Hotel*.

c) o emprego da preposição *com* isolada do nome que deveria reger ou da preposição *contra* no fim da oração: *capa com e sem forro*; *eu sou pelo povo e tu és contra*.

São exemplos de *castelhanismos* (léxicos):
aficionado
bolero: jaqueta
charla
contestar (= responder, replicar). É vernáculo no significado de *refutar*, *negar direitos*.
ensimesmar-se
entretenimento
frente a (= ante)
muchacho (= garoto, rapazinho)
piso (= andar, pavimento)
quefazer (es) (= ocupações)
recuerdo (= lembrança)
redatar (= redigir)
resultar (tornar-se, ficar). É vernáculo *provir*, *proceder*
suelto (= artiguinho, nota crítica de jornal)

São exemplos de *italianismos* léxicos (muito frequentes em termos de arte, música)
adágio (= andamento musical vagaroso)
allegro (= movimento alegre)
andante (= andamento moderado)
aquarela
bambino
belvedere
bel-canto
cicerone
condottiere
confete (confetti, plural)

corso (= cortejo, desfile)
diletante
dueto
furbesco (= velhaco)
imbroglio (= confusão, enredo, atrapalhada)
influenza (= doença catarral, *gripe*, fr.)
intermezzo (entreato)
libreto
Madonna (= Nossa Senhora)
maestro (= regente de orquestra)
nitrido (= relincho)
nitrir (= relinchar)
piano (= com suavidade)
primadona (= cantora principal de ópera)
raconto (= conto, história)
sonata
soprano
espaguete
estúdio (= galeria de arte, sala de trabalho)
tarantela
terracota
trombone
vendeta (= vingança)
virtuose (= músico de talento)

Anomalias de Linguagem

Idiotismo ou expressão idiomática é toda a maneira de dizer que, não podendo ser analisada ou estando em choque com os princípios gerais da Gramática, é aceita no falar culto.

São idiotismos de nossa língua a expressão *é que*, o *infinitivo flexionado*, a preposição em *o bom do pároco*, etc.

Sobre o conceito de idiotismo nunca é demais relembrar a lição de Said Ali: "Não devemos definir o idiotismo, segundo alguns gramáticos, como construção particular de *uma* língua, estranha, portanto, às outras línguas, porque ninguém conhece todos os outros idiomas em todos os seus segredos e modos especiais de falar" [SA.2, 310].

Assim, o infinitivo flexionado é um idiotismo não porque só exista em português (na realidade outras línguas o conhecem, como alguns dialetos do sul da Itália, e outras o conhecem com aplicação diferente da que tem em português, como em húngaro), mas porque a

sua flexão contraria o conceito de forma infinita (i.é, não flexionada).

16 E. Coseriu [ECs.7, 136 - 138; ECs.15, 20 - 21].

17 E. Coseriu [ECs.12, 104; ECs.1, 265].

18 E. Coseriu [ECs.15, 21-22].

19 E. Coseriu [ECs.7, 59].

20 E. Coseriu [ECs.15, 20].

21 E. Coseriu [ECs.7, 60 n. 13].

22 Mattoso [MC.4, s.v.].

23 "Quanto a este ponto, a afirmação generalizada de que o substantivo tem flexão de gênero, aparentemente justificada pela existência de pares masculinos/femininos, tais como *irmão/irmã, noivo/noiva, gato/gata*, que significam, respectivamente, o macho e a fêmea de uma dada espécie de ser animado (sexuado). Com efeito, é propriedade essencial da flexão o fato de que por esse processo mórfico variem as significações gramaticais de 2.º grau (isto é, de gênero, número, tempo-aspecto, modo, pessoa, etc.) somadas, alternadamente, ao tema por meio dos morfemas próprios, sem que se altere a significação inerente da palavra semântica, que permanece a mesma em cada um dos membros do paradigma flexional. É isso que se dá com a variação de número *casa/casas* e, no adjetivo (pronome, etc.) com a de gênero: na variação *alto/alta* não se altera a significação inerente do adjetivo, presente no seu tema *alt-*. Ora, o que se passa com *lobo/loba* é precisamente o contrário, porque o termo masculino e o termo feminino manifestam significações inerentes diversas, a saber, respectivamente, a de espécie macho e a de espécie fêmea do gênero (lógico) *lupus* (significado este também pelo masculino, na sua qualidade de termo não marcado da oposição). Quer dizer que se trata aqui, não de flexão, mas antes de derivação, como a que se observa em *barco/barca*, *saco/saca*, etc." [HCv.2, 745-746].

24 "Por morfofonêmica, a sibilante da desinência é surda diante de pausa ou de consoante surda (ex.: *livros pretos /* livrus petrus) e sonora diante de vogal ou consoante sonora, sendo que diante de vogal passa a funcionar como pré-vocálica dessa vogal (ex.: *livros brancos* / livruz brankus / *livros alvos* / livruz álvus/)" [MC.4, 179].

25 *Mel* e *fel* fazem *meles* ou *méis, feles* ou *féis*, respectivamente, sendo as segundas formas mais frequentes por conformes no processo regular.

26 Mattoso assinala que, tendo em vista a pronúncia distensa da pronúncia brasileira do *-l* como | w |, passam a ser outras as regras morfofonêmicas: no caso de *carnaval*, por exemplo, temos a alternância | w | - | y |: | carnavau | - | carnavays |, e em *funil* temos a supressão do | w |: | funiu | - | funis |

27 Obs.: Continuamos a relacionar o singular como a forma básica em relação ao plural, nestes casos. A gramática histórica, entretanto, nos dá outra versão do fato linguístico.

28 Uma Lei federal (2.749 de 2 de abril de 1956) pretendeu disciplinar os gêneros dos nomes designativos das funções públicas no âmbito federal, que dispõe: "O gênero gramatical desse nome, em seu natural acolhimento ao sexo do funcionário a quem se refira, tem que obedecer aos tradicionais preceitos pertinentes ao assunto e consagrados na lexicologia do idioma. Devem, portanto, acompanhá-lo neste particular, se forem genericamente variáveis, assumindo, conforme o caso, feição masculina ou feminina, quaisquer adjetivos ou expressões pronominais sintaticamente relacionadas com o dito nome".

29 Mattoso prefere ver aqui um exemplo de morfema subtrativo, dizendo que ocorre a supressão da vogal temática sem adjunção de desinência: *irmão* → *irmã*(*o*) → *irmã*. Dada a raridade de ocorrência de morfema subtrativo em português, e, pelo contrário, a frequência da regra morfofonêmica de crase, optamos pela lição acima.

30 Embora esta seja a norma exemplar, o idioma não está fechado a feminizações expressivas, especialmente em nível coloquial e popular, com reflexos em estilizações literárias: *a carrasca*, *a verduga*, *a pássara*, etc. cf. [MBa5, 328-329].

31 Evite-se cuidadosamente o erro *diminuitivo* (com i).

32 Rio-Torto, *Sistêmica*, 203 – 227, onde tece importantes comentários contra a antiga concepção afixocêntrica da produção lexical.

33 [MBa.3, 282], preso ao critério diacrônico, vê no emprego dessas formas um neutro.

34 " O epíteto *benéfico*, assim como os antecedentes são *propríssimos* do sujeito Estrela" [DG.1, 362].

"A falsa notícia do falecimento de Gonçalves Dias teve a boa consequência de mover o Governo a aliviar-lhe a situação material, que era precaríssima" [MB.1, 778].

35 É válido o comentário de Coseriu: "(...) o artigo de per si não individua. Nos casos em que isto parece ocorrer (p. ex. "Leram *o livro*? Estou vendo *o* mapa"), a individuação está dada, na realidade, pelos contornos verbais e extraverbais" [ECs.1, 300 n.36].

36 Tem-se desprezado, nestes casos, a influência do inglês em nosso idioma.

37 “A definição da segunda pessoa como sendo a pessoa à qual a primeira se dirige convém sem dúvida ao seu emprego mais ordinário. Ordinário, porém, não quer dizer único e constante. Pode utilizar-se a segunda pessoa fora da alocução e fazê-la entrar numa variedade de “impessoal”. Por exemplo, *vous* funciona em francês como anafórico de “*on*” (ex: *on* ne peut *se* promener sans que quelqu’un *vous* aborde, port. “não *se* pode passear sem que alguém aborde *você*”) [EBv.1, 254]. Este fato, como a tradução revela, ocorre também em português, tanto na língua escrita como na falada. É um *você* ou *tu* que se referem ao próprio falante, mesmo que o ouvinte esteja presente:

“Daniel, a situação comigo está difícil. Chega um momento que *você* (= “eu”, “a gente”, impessoalizador) não sabe o que fazer”. “*Você* já vinha conhecendo que o tempo passava danadamente rápido por causa de uns indícios sutis. Por exemplo: quando um desconhecido fala a seu respeito não diz mais “aquela moça”, e sim “aquela senhora” (...) Sem falar nos que morreram, porque morrem muitos à medida que *a gente* fica mais velha” [RQ.1, 108].

Não levando em conta o jogo psicológico envolvido na situação, o giro tem sido injustamente condenado por alguns gramáticos que não atentam para o respaldo da língua escrita nem o testemunho de outras línguas. No português, nesta aplicação se usa de *você* ou *tu* (ou expressões substantivas como *a pessoa*, *o indivíduo*, *o cristão*, etc.).

38 Desde K. Brugmann (1904) foram estabelecidos quatro tipos de dêixis em relação à posição do falante: “*este*-dêixis”, “*eu*-dêixis”, “*tu*-dêixis” e “*aquele*-dêixis”. K. Buhler acrescenta uma dêixis especial: “dêixis em fantasma”, que se produz “quando um narrador transporta o ouvinte ao reino do ausente recordável ou ao reino da fantasia construtiva e lhe põe à disposição ali de todos os mesmos indicadores para que veja e ouça o que há ali para ver e ouvir (e tocar, se o desejar), e, quem sabe, cheirar e degustar” [*apud* LCr.1, s.v.]. Para o linguista são válidas as considerações de Herculano de Carvalho: “É evidente que esta espécie de mostração [em fantasma] assume real interesse para o psicólogo (que era Buhler) e para o estudioso da criação poética, mas não para o linguista, para quem ela se identifica com a mostração “ad oculos”, embora (...) ela possa estar implicada na anafórica” [HCv.3, 662].

39 [ECs.1, 301 n. 37]. Já o nosso João Ribeiro [JR.1, 88] lembrara a lição de A. Darmesteter, que considerava os pronomes, pelo seu ofício de indicar a posição da pessoa ou coisa no discurso, “gestos falados”.

40 “O simples fato de que palavras diferentes sejam muito geralmente empregadas para “eu” e “nós” (e também para “tu” e “vós”) é suficiente para excetuar os pronomes dos processos ordinários de pluralização (...). Na grande maioria das línguas, o plural pronominal não coincide com o plural nominal, pelo menos tal como se representa ordinariamente. Está claro, de fato, que a unidade e a subjetividade inerente a “eu” contradizem a possibilidade de uma pluralização. Se não pode haver vários “eus” concebidos pelo próprio “eu” que fala, é porque “nós” não é uma multiplicação de objetos idênticos, mas uma *junção* entre o “eu” e o “não eu”, seja qual for o conteúdo desse “não eu”. Essa junção forma uma totalidade nova e de um tipo totalmente particular, no qual os componentes não se equivalem: em “nós” é sempre “eu” que predomina, uma vez que só há “nós” a partir de “eu” e esse “eu” sujeita o elemento “não eu” pela sua qualidade transcendente. A presença do “eu” é constitutiva de “nós” [EBv.I, 256].

O plural de “eu” como “mera palavra” ou como substantivo para significar ‘a personalidade de quem fala’ tem normalmente o plural “eus”:

“Não poderiam mostrar, num dado instante e numa atmosfera única, todos os *eus* sucessivos que guardam dentro de si (...) [RCo.1, 164].

41 Para a discussão de considerar “o senhor”, “a senhora”, etc. formas substantivas de tratamento ou pronome de tratamento, vejam-se os estudos de HM, *Anrede*; LCi, *Formas*; EW, *Pronomes*. No fundo, trata-se de um falso problema, pela natureza categoremática do pronome.

42 Tradicionalmente a série *isto*, *isso*, *aquilo* e *o* (invariável) é dada como remanescente do neutro latino. Já o nosso primeiro gramático Fernão de Oliveira (1536) tinha desvinculado tais pronomes do neutro latino. Epifânio Dias considera-os como masculinos (*isto*, *isso*, *aquilo*), e o erudito artigo de Herculano de Carvalho sobre o gênero nos pronomes [HCv.4, 30-48] mostra que só lhes cabe o gênero masculino. É assim que os trataremos aqui, inclusive ao *o* invariável em gênero e número.

43 *Que é lá?*, aplicado a indagar sobre pessoas, talvez seja o resultado de desnasalação do *quem* por fonética sintática: “E começava a despir-se, quando ouviu passos no negro corredor, passos muito lentos, muito pesados, que se adiantavam (...) Assustado, gritou “*Que é lá*?” [EQ.3, 663].

44 Coseriu [ECs.4, 211-212].

45 No excelente livro de Barbadinho, há boa messe de exemplos. O fato sintático está a exigir investigação, pois parece ter raízes mais longínquas na família românica. A bibliografia aí já é extensa: [FDz.1, III, 56]; [MLk.1, III, § 67]; [WZ.1, § 709]; [FH.1, § 512], e o livro de G. Brandt sobre a concorrência de *soi* e *lui*, *eux*, *elle*(*s*) em francês.

46 Deve-se evitar o emprego do pronome pessoal pelo possessivo quando na oração já estiver um objeto indireto ou complemento relativo. Assim, Carneiro Ribeiro não aceitou, com razão, a emenda proposta por Rui Barbosa à redação de um artigo do Código Civil. Este rezava: “*A fortuna do pai passa* ***a seu filho***, emendada para: “A fortuna do pai passa-lhe ao filho”. Para Carneiro Ribeiro a emenda torna “o pensamento menos preciso e a frase forçada e desenxabida” [CR.2, 586].

47 Diz-se que o possessivo tem *sentido objetivo* quando designa o ser que é alvo de uma ação ou sentimento qualquer. Fora deste caso, tem *sentido subjetivo*. É muitas vezes difícil distinguirmos os dois casos.

48 Sabemos que o termo *dêictico*, se viesse no caudal das palavras hereditárias, não representaria a boa forma portuguesa de adaptação do vocabulário grego, conforme mostrou o Prof. Cândido Jucá (filho) [CJ.1, 35 e ss.]. Adotamo-lo por ser empréstimo científico disseminado, introduzido na língua técnica da gramática portuguesa por M. Said Ali.

49 A respeito do *ipse* latino faz Blatt um comentário que se pode aplicar ao nosso *mesmo*: "Pour des raisons historiques, on a l'habitude de ranger ipse... parmi les pronoms démonstratifs, bien que, si l'on tient au sens, on puisse plus légitimement le qualifier d'intensif" [FBl.1, § 186].

50 "*Algo* é obsolescente, usado praticamente só no estilo refletido, e mesmo aí não com muita frequência. O que é realmente de lamentar, visto o seu substituto *alguma coisa*, apesar do elevado grau de abstração aí alcançado pelo substantivo *coisa*, não ser facilmente separável da significação de "algo" concreto e até material" [HCv.3, 656 n. 93].

51 [SA.1, 105; SA.2, 266 – cf. Pág. 333, a]

52 É por causa de construções semelhantes que Epifânio Dias [ED.2, § 104, b] diz que a posposição de *todo* pode dar ocasião a ambiguidades, como neste exemplo em que a intenção do escritor foi usar *todo* como advérbio, e não como pronome. Poder-se-ia, é claro, não fazer a flexão, evitando a ambiguidade.

53 A tradição tem evitado o emprego de *sem quem*, substituindo-o por *sem o qual*, *sem a qual*, *sem os quais*, *sem as quais*, para evitar o eco.

54 As formas *duzentos*, *trezentos*, *quinhentos* e *seiscentos* representam diretamente numerais latinos.

55 "O quadro dos numerais ordinais é muito complexo e apresenta compostos e locuções rebarbativas, para cuja utilização o saber e a habilidade do homem do povo depressa se esgotam; daí se usarem como ordinais os próprios cardinais (...) Tal emprego dos cardinais se justifica logicamente, de um ponto de vista novo, segundo o qual o número passa a ser como que uma qualidade intrínseca daquela hora, daquela página, etc., desprendidas em nosso espírito, das horas, das páginas anteriores e assim por diante" [MC.4, 178].

56 Assim sendo, não se pode falar em voz passiva diante de linguagens do tipo *osso duro de roer*. Houve aqui, se interpretarmos *roer = de ser roído*, apenas passividade, com verbo na voz ativa. Sobre o sentido ativo ou passivo de infinitivo, veja o link.

57 Moderna e normalmente o verbo parir está incluído neste grupo: Pres. *parimos* e *paris*. Mas também, apesar de, por tabu linguístico, ser desusado na linguagem de sociedade, pode ser conjugado integralmente, com irregularidade apenas na 1.ª pess. do ind. e em todo o pres. do subj.: *pairo*, *pares*, *pare*, *parimos*, *paris*, *parem.* Pres. subj.: *paira*, *pairas*, *paira*, *pairamos*, *pairais*, *pairam.*

58 Pomos entre parênteses a variante do morfema ou alomorfe (cf. **Variantes dos elementos mórficos**).

59 Aceitamos as ponderações de Mattoso: "SMT é *-ia*, opondo-se a *-a*, do subjuntivo presente: *temia*, *partia*: *tema, parta*. Seria uma análise falsa considerar *-i* a vogal do tema e SMT a vogal *-a*, porque os dois tempos passariam a se distinguir não pelo seu SMT, mas pela presença ou ausência da vogal do tema" [MC.8, 148 n.27]. A solução com *-a* não seria de todo falsa, porque a vogal temática poderia acumular a função modo-temporal, mas a análise apresentada é mais coerente com a descrição e o papel normal da vogal temática.

60 No Brasil só por imitação literária aparece este verbo. Dele nos diz Manuel Bandeira: "Esse lusitanismo está sendo introduzido por certos revisores à revelia dos autores; já me enxertaram a antipática palavra numa tradução minha, mas eu juro que não a escrevi, nem jamais a escreverei: escreverei sempre "mobiliada" [MB.1, 441].

61 Sobre o emprego dos auxiliares *ter* e *haver* na conjugação composta veja-se **Conjugação de verbos auxiliares mais comuns**, 2.

62 Acompanhado de outro pronome que não esteja nos dois casos até aqui apontados, nenhuma alteração ocorre no verbo e no pronome posposto: *conhecemos-te*, *chamamos-lhe*, *requeremos-lhe*, etc. Evitem-se, portanto, *enviamo-lhe*, *informamo-lhe*!

63 Para seguir este modelo, melhor seria escrever *engulir* (com *u*). A forma *engolir* (com *o*) nos leva, naturalmente, à seguinte conjugação que o *Vocabulário Oficial* não registra: *engulo, engoles, engole, engolimos* (com *o*), *engolis* (com *o*), *engolem.*

64 O verbo *entupir* pode também ser conjugado sem sofrer a metafonia que ocorre no grupo: *entupo, entupes, entupe, entupimos, entupis, entupem.*

65 Leve-se em consideração a mudança de *g* para *j* antes de *o* e *a*: *fujo, foges foge,* etc.

66 Conjugam-se, porém, regularmente *assumir, presumir, reassumir, resumir.*

67 Significa *originar, produzir efeito*. Como *surtir* são também regulares *curtir* (pouco usado na 1.ª pessoa do singular e em todo o presente do subjuntivo) e *urdir*.

68 Algumas vezes os escritores, numa oração subordinada a um presente histórico, usam o pretérito imperfeito em vez do

presente, como se na oração subordinante estivesse um pretérito perfeito: "O mestre da nau em que navegava Jonas... examinou todo o navio, até o lastro, onde ia dormindo o Profeta. *Desperta*-o a gritos e *repreende*-lhe o sono em ocasião que o baixel *estava* em perigo de se ir a pique" [AV *apud* MBa.2, 117].

69 Coseriu [ECs.5, 143] que cita Togeby: "Le plus souvent les parfaits et les imparfaits alternent, en formant dans le texte, pour ainsi dire, deux plans. Les parfaits constituent le premier plan, les événements, les actions qui sont accomplies et qui font avancer le récit, tandis que les imparfaits composent le second plan, tantôt le décor, tantôt les raisons ou les conséquences, tantôt le contenu de déclarations ou de pensées".

70 [ALb.1, 8-10 e 98], donde extraímos os exemplos.

71 A flexão se apresenta geralmente quando o infinitivo vem acompanhado de um pronome pessoal oblíquo átono.

72 [EBm.1], onde se encontra o levantamento de alguns destes casos.

73 Aparece ainda em exclamações diretas e indiretas:

*Como chove! Veja como chov*e.

74 [HM.1, 55], em que as fronteiras entre o advérbio e o adjetivo são estudadas com muita erudição e acuidade estilística.

75 [AL.1, § 289], cuja proposta retocada adotamos; [MMa.1, 149]; [MPz.1], onde se faz exaustivo estudo do sistema preposicional do espanhol [VBr.1].

76 Pode-se também considerar *contração* apenas o caso de crase; nos outros, diremos que houve *combinação*. A NGB não tomou posição neste ponto. Na realidade, o termo *combinação* é muito amplo para ficar assim restringido. A nomenclatura tradicional, por exemplo, só emprega *combinação de pronomes*.

77 Que o português procedeu como as demais línguas românicas prova o trabalho de V. Väänämen, *Il est venu comme ambassadeur, il agit en soldat*, Helsinquia, 1951.

78 "(...) sem todavia influírem na ordenação das orações" [ED.1, § 195, obs.].

79 O estudo das diversas realizações fônicas de um dado morfema, como é o caso do nosso índice de plural, recebe, em linguística descritiva, o nome de *morfofonêmica* ou *morfonêmica*.

80 Parecem, à primeira vista, constituir exceção, formas como *portuguesmente, superiormente,* mas o fato se explica porque tais adjetivos em *-ês* e *-or* eram uniformes no português antigo, à época dessas derivações adverbiais.

81 Mesmo aí, integrando o indo-europeu, a aceitação desse infixo nasal é discutível. Vejam-se os comentários em Meillet-Vendryès, GC, §§ 237-238.

82 M. Barreto [MBa.1, 408-410; MBa.3, 347; MBa.5, 138] condena formações do tipo de *labiodental, labionasal, linguodental,* etc., em vez de *labidental, labinasal, linguidental,* etc., por aparecer a vogal *o* em vez de *i*, por serem latinas e não gregas. Aceita, embora as considere bárbaras, as formações *novo-latino, dento-labial, anglo-russo, hispano-americano,* etc., onde também aparece o *o* grego em lugar do *i* latino, como em *plenilúnio* (p.207)*, alvinitente, altíssono, lanígero, flamífero*. A questão é muito complexa (já o era no próprio grego e no latim), porque se trata de formações nascidas em épocas diversas e em domínios culturais diferentes, além de procedimentos que se repartem pela composição e pela justaposição, com ou sem braquilogias e reduções. O português, como as línguas românicas (algumas das quais nos serviram de modelo), sofreu o impacto dessas diferentes portas de entrada de tais neologismos eruditos, e até de reflexo popular, como *gaticídio, burricida,* etc. É um domínio que está, no português, a exigir estudos mais aprofundados. Cf. A.G. Hatcher *Modern English Word-Formation and Neo-Latin* (Baltimore, 1951), B. Migliorini *Saggi sulla lingua del novecento* (Firenze, 1963, p. 9-60) e FM, 1973, 1, 68-72.

83 A rigor, em *geografia* e *bibliófilo* não temos a vogal de ligação *o* (ge-o), porque não existe formação em que apareça o radical *ge*, ou *bibli*, como em *chá, pau, café* e *lã*. O radical grego é *ge*, mas em português é *geo*, como o é *biblio*, já que aí, como em outros casos, não se pode isolar a vogal *o*, tal qual fazemos em *gás + o + metro*. [VK.2, 37-38].

84 Cf. J. Mattoso Câmara Jr. *Dicionário de Filologia e Gramática*, 293. Para estudos mais adiantados veja-se Saussure, *Cours de Linguistique Générale*, 253 e E. Nida, *Morphology* (cap. de introdução).

85 Kehdi, *Morfologia*, 42, Rio-Torto, *FLP*, 2, 45-46; Sandmann, *Formação*, 145-152.

86 Matthews, *Morphology*, 1982, 146-147, *Inflectional Morphology,* 1972, 72.

87 Sílvio Elia, *Confluência* (2), 1991, 87.

88 Para Sten (*Particularités*, 24-25), citado por Nascentes (*Linguajar*, 96), a não diferenciação do português dialetal e do Brasil na pronúncia de *amamos* e *amámos* se deve à analogia, num processo de uniformização, com a 2.ª e 3.ª conjugações, e não à fonologia. Todavia, cumpre lembrar que a precedência de nasal é um fator de fechamento do timbre.

89 [EBv.2, 147] e [AE.1, 22 e ss.].

90 Rio-Torto, *Sistêmica,* 203 e ss.

91 É constantemente contrariada pela realidade da língua a hipótese de se estabelecer uma distribuição complementar entre tais construções agentivas calcada nos critérios 'grau prestígio social', 'formalidade' e 'grau de especialidade'. Não se podem

deixar de lado os valores semânticos dos elementos que integram os constituintes e seus reflexos não só nos produtos derivacionais mas também as motivações do contexto. A concepção afixocêntrica na produção lexical está sendo revista, para pôr em evidência o papel que desempenham as bases e os mecanismos derivacionais na criação lexical.

92 Se a palavra é masculino e termina em *-a*, este *a* reaparece quando se lhe acrescenta o sufixo *-inho*. O mesmo acontece se é feminino em *-o* ou singular em *-s*: *Jarbas* → *Jarbinhas; Carmo* (João do) → *Carminha; o Maia* → *o Mainha*. (Nota que me foi fornecida por Martinz de Aguiar). Note-se ainda que os diminutivos *-inho, -zinho* podem assumir valor patronímico, quando pais e filhos têm o mesmo nome: *Pacheco* (o pai), *Pachequinho* (o filho), *Diva* (a mãe), *Divinha* (a filha).

93 Cf. [VB.1].

94 *Tresler* é ler além do que está escrito, podendo, portanto, significar 'ler mal', 'ler sem entender': "Assim, em um artigo de seis páginas, João Fernandes diz, rediz, a si próprio se contradiz, anda para trás e para diante, e de tudo só deixa apurar que leu, releu, mas só *treslia* ao tomar da pena" [CL.1, II, 305].

95 "Do emprego de *vice* houve até abuso: *vice-deus* "grande santo", por distinguir de *semi-deuses*, que eram do paganismo. Vieira chamou a ausência de *vice-morte*. Filinto Elísio criou o verbo *vice-reinar*" [JR.5].

96 O ar vernáculo é tal, que a rigor não se poderia falar de hibridismo em muitas dessas inovações lexicais. Só aos olhos de quem conhece a história desses elementos é que fica patente sua origem estrangeira.

97 esta uma forma livre: *re(meter), re(fazer)*, etc. Este critério de negar a *receber* uma derivação prefixal colide com a aceitação de formas presas em compostos do tipo *agrimensor, aqueduto*, etc., nos quais o falante tem a mesma dificuldade em depreender o significado de um ou dos dois elementos da unidade criada. Preferimos ficar com a lição de Mattoso Câmara, que era também a de Nida: "A depreensão dos prefixos é uma técnica de análise descritiva. Para isso há a considerar três casos: 1) quando o radical a que se acrescenta constitui uma forma livre na língua (ex.: *predizer* = *pre* + *dizer*, *desconsolo* + *des* + *consolo*); 2) quando esse radical é forma livre numa estrutura variante (ex.: *permitir*, cf. *meter*); 3) quando esse radical só é forma presa, mas constitui a base de duas palavras, pelo menos, com prefixos distintos (ex.: *colisão, elisão*)" [MC.4, s.v. Prefixo]. Nossa questão se quadra neste último caso.

98 *Fero* é defectivo, apresentando forma do radical de *tollo* (tulli, latum); assim, não são cognatos *aferir* e *ablativo*. Ao primeiro se associam *conferência, fértil, oferecer*; ao segundo, *prelado* e *relaxado*. Esta observação se estende a qualquer forma latina que apresentar semelhante defectividade.

99 Para L. Weisgerber: *Lexicologia da expressão* (al. *Wortformenlehre*), *lexicologia do conteúdo* (al. *Wortinhaltslehre*), *semasiologia* (al. *Semasiologie*) e *onomasiologia* (al. *Onomasiologie*). A lexemática corresponde ao nível estrutural sistemático da *lexicologia do conteúdo*, a qual abarca também a *lexicologia semântica associativa*, e, em outros níveis estruturais, a *lexicologia semântica da norma* e a *lexicologia semântica do discurso* (compreendendo o estudo das preferências e "constâncias" semânticas dos escritores). Cf. [ECs.2, 46-50].

100 Um especial enfoque semasiológico está representado pela "semântica estrutural" dos linguistas americanos J. J. Katz e J. A. Fodor que, na realidade, trata da estrutura da interpretação, e não da estrutura do significado, pois que parte de um significante léxico para chegar à identificação do seu significado, resolvendo o problema de *desambiguização* dos signos. Cf. [ECs.2, 165-168].

101 Este fato já foi de há muito assinalado. Coseriu lembra a antecipação possivelmente no gramático romano Varrão, em nosso primeiro gramático Fernão de Oliveira (1536), em Chr. Wolff (1730) e, mais recentemente, em Gabelentz (1901).

102 Esta aplicação do termo paragramatical vai ser importante para entendermos o fato e a explicação em compostos do tipo *corta-papel*.

103 Estes dois elementos combinados pertencem normalmente a campos diferentes, um dos quais (o que está representado no significante) determina (recção) o outro (que está representado no significante por um sufixo derivacional ou por zero (este último caso é o de compostos como *tira-teima*, de que falaremos mais adiante).

104 Recente etimologia proposta pelo sueco Gunnar Tilander. Cf. nossa nota em Revista Brasileira de Filologia, vol. 6, tomo I, junho de 1961, 142-144. A etimologia não goza de aceitação unânime.

105 "A etimologia popular (...) não difere, na essência, de sua irmã erudita, a etimologia dos filólogos. Mais vivaz, mais 'operativa' que esta última, realiza instintivamente, intuitivamente e de pronto o que a outra faz intencionalmente, graças a um sem-número de alfarrábios e fichas" [J. Orr *apud* SU.1, 104].

106 A palavra *famigerado* pode aplicar-se à pessoa notável pelos seus dotes positivos ou negativos; todavia, no uso mais geral, a palavra se aplica às qualidades negativas.

107 Pode haver homofonia em um mesmo paradigma ("sincretismo"), como em *cantava*, 1.ª e 3.ª pess. do imperfeito, ou *-s* morfema pluralizador nos nomes e de 2.ª pess. sing. nos verbos.

108 Usamos aqui determinantes numa aplicação muito abrangente, que inclui as noções de adjunto e complemento, funções de que falaremos mais adiante.

109 Este emprego invariável do *o* parece dever-se à confluência de alguns fatos, entre os quais se destaca o de só haver

obrigatoriedade de concordância do predicativo com o sujeito quando é representado por adjetivo ou alguns pronomes e pela referência de dêixis e de valor neutral do pronome *o*.

110 [BC.1, §1100; AL.1, 311, AL.2, 182].

111 [PD.1, 51].

112 Esta diferença de conteúdo de pensamento designado em *Ilha de Marajó* se reflete bem no exemplo da maiúscula.

113 Estas orações de *quem* apresentam certa liberdade de colocação em relação à sua principal, e aparecem frequentemente no início do período.

114 Ensina-nos SAID ALI: "Em proposições como *quem porfia mata a caça, quem espera sempre alcança,* servimo-nos de um pronome visivelmente destituído de antecedente. Mas como o vocábulo *quem* aí sugere a noção de "homem (ou mulher) que", "alguém que", sentimo-nos propensos a ladear a questão linguística, analisando não já o pronome tal qual em tais frases se apresenta, mas sim o seu equivalente semântico. Esse método condenável, de conciliação forçada, não satisfaz todavia ao espírito quando aplicado a *quem quer que,* expressão ampliativa do mesmo pronome *quem* nestas proposições: *quem quer que o disse: não faças mal a quem quer que te ofenda.* SWEET propõe para o pronome nas condições dos dois primeiros como dos dois últimos exemplos a denominação de relativo *condensado* "por desempenhar o próprio relativo também funções de antecedente". Qualificativo cômodo, sem dúvida, mas não ditado pelo critério histórico-comparativo. Estudos mais rigorosos (DELBRÜCK e BRUGMANN) permitem presumir que o pronome em questão deve a sua origem a uma causa dupla: ao interrogativo *quem* nas interrogativas indiretas e ao indefinido *quem*" [SA.5, 114-5].

115 A que chamamos intercalada de *desejo* José Oiticica denominava de *exclamação*.

116 Professores há que preferem, havendo na intercalada um verbo transitivo direto, considerar este tipo de oração com principal. Assim, analisam:

Oração principal: *me pediu o rapaz*.

Oração subordinada, substantiva objetiva direta, justaposta: *dê-me água*.

Se a intercalada não encerra verbo transitivo direto, acham-no por elipse.

117 Com seus alunos deve apenas o professor insistir na conceituação de oração intercalada, desprezando minúcias de classificação. Nem sempre se traçam linhas rigorosas de demarcação entre o sentido de muitas dessas intercaladas.

118 Cf. [OG.1, 123], onde se encontra excelente e larga exposição sobre o emprego dos verbos *dicendi* e *sentiendi*, bem como as alterações que podem ter os tempos e modos verbais e os pronomes demonstrativos e possessivos na passagem do discurso direto a indireto, a pontuação e a colocação desses verbos. O assunto extrapola, na sua análise mais profunda, o âmbito da gramática para inserir-se na linguística do texto.

119 Para estes e outros exemplos ver [MBa.1, 181-3].

120 O fato ocorre também em francês, alemão e línguas escandinavas, conforme observa NYROP, *Grammaire Historique*, VI, §377 e *REMARQUE: Les confidences que je ne doutais pas qu'elle eût reçues de ma soeur. This man who I thought was my friend. "Ferner will ich deinem Vater sagen, was ich glaube, dass du wünschest*"(LESSING).

121 O fato se repete no latim: "Vejens bellum ortum est, *quibus* Sabini arma conjunxerant" [Tito Lívio, 2, 53 *apud* JMa.1, § 317, d) Obs. 1.ª)]. Cf. ainda [MBa.4, 25].

122 Pode ainda aqui faltar *o tal*:

Falaste *de modo* que desistiram do pedido.

Há acentuada pausa entre o substantivo e o *que*.

123 Hoje raro.

124 Cf. Lôfstedt, *Philologischer Kommentar zur Peregrinatio Aetheria*e, 56 e ss.; Norberg, *Syntaktische Forschungen auf dem Gebiete des Spätlaeins und des frühen Mittellateins*, 239; *Svennung, Untersuchngen zu Palladius und zur lateinischen Fach — und Volkssprache*, 505, nº 4. Maximino Maciel, *Lições Elementares de Língua Portuguesa*, 120: Mário Barreto, *Estudos da Língua Portuguesa*, 93 e ss. Martinz de Aguiar (em carta particular), Cândido Jucá (filho), *O Fator Psicológico na Evolução Sintática*, 91 consideram a oração de *fazer* como *subjetiva*.

125 Assim fazem os mestres Said Ali e Epifânio Dias.

126 Outros autores supõem que as orações do tipo de "há quatro dias", "faz quatro dias", sofreram um processo de *gramaticalização*, passando a ser consideradas como simples adjuntos adverbiais de tempo. Distinguindo — a meu ver sem razão — a sintaxe de *fazer* e *haver* nestas expressões, diz Maximino Maciel a respeito deste último verbo: "Procurar conferir ao verbo *haver* nestes casos a função proposicional é complicar a análise sem proveito na prática; e, além disso, nestas frases equivale praticamente à preposição *desde*" (*Lições Elementares*, 122, nº 1). Cf. *Gramática Descritiva* do autor, p. 343 e 395.

127 Este emprego do *que* é comum no francês e, por isso, se tem a construção como galicismo.

128 Deve-se distinguir cuidadosamente o infinitivo do futuro do subjuntivo: este aparece na oração não integrante. Assim as formas verbais do seguinte exemplo estão no futuro do subjuntivo, e não no infinitivo (a oração é adverbial condicional

introduzida por *se*): "Se do céu, onde estais, *abaterdes* os olhos e os *puserdes* em Amarante..." [AV.1, 7, VII, 294 *apud* FB.1]. O texto foi eliminado das edições modernas.

129 Com razão insiste Adolfo Coelho [ACo.1, 121, nota]: "Não *deve* nunca confundir-se o que é simplesmente equivalente com que é idêntico na forma, conquanto haja vantagem em fazer ver aos alunos que o mesmo pensamento se exprime de diversos modos".

130 Leia-se a respeito [MBa.1, cap. XI].

131 Cf. [CBd.1, 62; SA.5, II, 151 e ss; LSp.2]

132 Falando-se com rigor, funcionava originariamente como sujeito de um particípio absoluto o infinitivo que se junta a *não obstante*, *visto*, *posto*, etc. [Cf. ED.2, § 288 a)] e [EB.1, 35].

133 Melhor fora pontuar: *que*, a ser verdadeiro, devia...

134 Presos a um critério semântico, e não sintático, alguns professores ensinam que este *a* é conjunção condicional, lição que deve ser cuidadosamente evitada. Cf. a crítica de E. Carneiro Ribeiro [CR.1, 454], embora não seja convincente a solução que apresenta, socorrendo-se ao cômodo, mas enganador, recurso da elipse.

135 Temos dúvidas em apontar como galicismos vários empregos da preposição *a* em sentido final, pois é modo que as línguas românicas herdaram do latim. Para as condenações ver Mário Barreto [MBa.1, 515] e Epifânio Dias [ED.2, § 325, a) obs]. Para fontes de estudos remetemos o leitor a Meyer-Lübke [MLk.1, III, §§ 331 e 505] e Dag Norberg [DN.1, 211].

136 Pode-se enquadrar este tipo no caso dos infinitivos substantivados, sem formar oração à parte.

137 Carlos de Laet já condenou a Camilo o emprego pronominal do verbo *esvoaçar-se*, e o notável escritor lusitano defendeu-se com exemplo de Castilho (Cf. *Ecos Humorísticos do Minho*, n.º 2, p. 11). Rui Barbosa comenta [RB.1, 159]: "Teve-se por erro a Camilo haver pronominado o verbo *esvoaçar*. Não havia razão: várias vezes lhe dera Castilho Antônio essa categoria... e Vieira usara de *voar-se*". Cf. ainda [JC.1, 16, n.º 3]. Em [CBr.1, 56] colhemos *volitar-se*: "... a pomba que *se volita da arca*...".

138 Curso dado no INEP, 1949. Súmula 14.ª, p. 2. Vale a pena lembrar que aqui estamos diante de um exemplo do fenômeno de hipotaxe ou subordinação: são palavras (lexemas) ou grupos de palavras que experimentam o procedimento da subordinação no nível dos elementos mínimos da camada de estruturação gramatical e passaram a funcionar, na condição de unidades deste nível, como preposições.

139 F. Brunot dá o *que* também como pronome relativo em expressões francesas do tipo: *Arrivé que fut ledict conte* [cf. FBr.1, 767]. Também Meyer-Lübke [MLk.1, III, § 633] e A. Llorach [AL.1, § 208].

140 Exemplos de José Oiticica, *Curso do INEP*.

141 "Às vezes procura-se desdobrar este tipo de orações em explícitas [= desenvolvidas] temporais iniciadas por *quando* ou *enquanto*. É mero expediente, pois a noção de tempo não é equivalente à de modo ou meio de fazer alguma coisa" [SA.2, 183].

142 Baseados nesta construção, muitos romanistas explicam a construção *não sei que fazer* pelo emprego do infinitivo numa interrogação indireta por influência do infinitivo da interrogação direta *que fazer?* Estudos mais recentes nos ensinam que o infinitivo, nestes casos, se explica por contaminação sintática de uma oração de infinitivo (no latim *nihil habeo dicere*) com uma oração de relativo (no latim *nihil habeo quod dicam*). A discussão do problema se acha no artigo de Dag Norberg, *Zum Infinitiv in lat. Frage – und Relativsätzen* (na revista alemã *Glotta*, 1939, XXVII, 3-4, p. 261-70) e no livro do mesmo autor *Syntaktische Forschungen*, 259 e ss., onde se encontra extensa bibliografia.

Esta singular inexatidão de expressão (para usar as palavras de Meyer-Lübke, *Grammaire*, III, § 676), porque contraria o conceito de orações desenvolvidas e reduzidas, se explica, para Epifânio Dias (*Gramática Portuguesa Elementar*, § 244 e *Sintaxe Histórica*, §§ 274, a, Obs. 2ª e 307), por uma elipse de *poder*, *dever* ou *haver*, no presente ou pret. imperfeito: Não há um momento que (*possamos*) perder. Não sabia que (*havia de*) fazer.

Não nos foi possível fixar a opinião definitiva de Mário Barreto, pois que, através de sua extensa obra, encontramos as duas explicações. Nos *Últimos Estudos*, pp. 277-279, em artigo de 1929, pensa como Epifânio Dias e lhe cita a *Gramática Portuguesa Elementar*. Na 2ª edição dos *Novíssimos Estudos*, p. 132, nota, anterior, portanto ao artigo antes citado, contraria a Epifânio Dias, visivelmente influenciado que estava pelo § 133, b) dos excelentes *Élements de Linguistique Romane*, de E. Bourciez, embora não lhe faça referência, e nos dá uma lição digna de repetida:

"Quando se trata de interrogação indireta, feita por meio de um pronome ou de um advérbio interrogativo, o emprego do infinitivo na frase subordinada (com condição que o sujeito dela seja o mesmo que o da principal) é efeito de um cruzamento sintático. Uma frase como *nescio quid dicam*, aproximada no nosso espírito *de nescio dicere*, dá lugar a *nescio quid dicere* no latim falado. Contaminam-se duas construções: *Não sabe que diga + não sabe dizer nada = não sabe que dizer*. Idêntica combinação ou fusão de duas frases sinônimas de estrutura normal acharemos em: *Não sei como diga isso + não sei dizer isso = não sei como dizer*. — Buscou aquele lugar onde fizesse penitência + buscou aquele lugar para fazer penitência = buscou aquele lugar onde fazer penitência. — Eis aqui três exemplos da construção com infinitivo, construção que, neste caso,

o latim clássico não admitia, mas sim a do verbo finito em subjuntivo, a qual também admite o idioma português: "Dinheiro não acitavam de esmola, porque não achavam *que comprar* com ele" (Sousa, *Anais de El-rei D. João Terceiro*, publicados por A. Herculano, Lisboa, 1844, p. 44); "Não sei *que fazer* ao teu coração" (Camilo, *Memórias de Guilherme do Amaral*, 3ª ed., p. 171): "Não sabia escrever, não tinha ninguém *a quem pedir* a esmola de uma carta" (Id., *Maria Moisés*, 1ª parte, p. 40, ed. de 1876). Mas isto faz-se quando o agente da oração subordinante é o mesmo que o da proposição subordinada. Quando cada uma tem o seu nominativo, não tem cabimento usar o infinitivo. — Indaga-me tu *que* poderá ela ter. — Pergunta-lhe *que* tem. — Não sei *que* notou. Não é aceitável a explicação que do infinitivo dão alguns autores (e entre eles o ilustre filólogo Sr. Epifânio Dias na sua excelente *Gramática Portuguesa Elementar*, § 244), supondo a elipse dos verbos *poder*, *dever* no presente ou pretérito imperfeito do conjuntivo. Figure-se este exemplo: *Não lhe ocorreu que poder replicar-me*. Não é possível subentender-se o mesmo verbo num modo pessoal. O mesmo se dirá destoutro exemplo, só com diferença que em vez da frase interrogativa se trata da relativa: "Não tinha o governador baixelas, nem diamantes, *de que poder valer-se*; assim recorreu a outros penhores, a que a fidelidade deu valia, a Natureza não" (Jacinto Freire, *Vida de D. João de Castro*, liv. III, número 29). Antes de pôr fim a esta nota, lembra-nos a seguinte passagem do livro divino de Frei Luís de Sousa, na qual se emprega em orações relativas o infinitivo como equivalente do subjuntivo latino: "Estava o arcebispo só, não tinha homem *de quem se valer*; lançou os olhos pela casa, não viu coisa *que dar*, e viu-se obrigado a acudir"(*Vida de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires*, liv. I, cap. 21).

143 Cf. [ALb.1, 9-10 e 98 e ss.], donde extraímos os exemplos.

144 Cf. [SA.5, 194-196]. Para o latim [DN.1, 48].

145 Julgamos injusta a condenação de Mário Barreto [MBa.4, 51 da 3ª ed.]:

"É um dos instintos mais naturais do nosso falar: mas, em muitos textos escritos, uma preocupação pedantesca das mais descabidas põe de novo o pronome: é um indício singular de deformação artificial". Nos *Últimos Estudos* se mostra menos rigoroso: "Os verbos reflexivos no infinitivo depois dos verbos *fazer*, *deixar*, *ouvir*, *ver*, perdem em geral o seu pronome complemento" [MBa.2, 206].

146 Tem-se dito que Epifânio Dias (*Sintaxe Histórica*, § 347, 6, Obs. 1ª) admite a construção censurada pelos gramáticos (veja-se entre outros, A. C. Pires de Lima na sua resenha in *Revista Lusitana*, XXX, p. 205, nº 4): mas a redação do ilustre sintaticista não nos autoriza a pensar assim. Tratando dos verbos que pedem oração objetiva direta, diz em observação: "Alguns dos verbos de que trata este § também têm outra sintaxe. v. g.: 1) *pedir* também se constrói intransitivamente seguido de *para que*, ou *para* (com infinitivo)". E acrescenta: "Também em latim a oração de *ut* que se junta ao verbo *peto* é originariamente uma oração final". Pondo de lado a argumentação do latim, creio não encontrarmos fundamento de que a construção censurada tenha o beneplácito de Epifânio. Aquele *intransitivamente* nos leva a interpretar assim a lição (note-se que, na nomenclatura gramatical do sintaticista português, *Intransitivo* é o verbo que não pede complemento ou que pede complemento indireto): Epifânio defendia o emprego do verbo *pedir* sem o objeto direto *licença*, modo de dizer que Cândido de Figueiredo e outros tinham por errôneo, conforme se vê da defesa de Rui Barbosa, *Réplica*, 136 da 1.ª ed. nota 3 do n.º 95.

Somos de opinião que no caso do verbo *pedir* houve contágio da noção de objeto direto com a de adverbial de fim, que a expressão linguística traduz por formas condensadas, dando ocasião, muitas vezes, ao aparecimento da preposição como posvérbio (cf. o capítulo dos complementos verbais). Tais formas condensadas são frequentes: *atirar o livro* e *atirar com o livro* (condensação da noção de objeto direto com a de adverbial de instrumento), *olhar os campos* e *olhar para os campos* (do objeto direto e adjunto adverbial de direção, de lugar), *puxar a espada* e *puxar da espada* (do objeto direto e adjunto adverbial de lugar donde, origem), *pegar a pena* e *pegar na pena* (do objeto direto e do adjunto adverbial de lugar), etc., onde o pensamento não considera apenas o objeto, mas encarece uma circunstância concomitante na realização do processo indicado pelo verbo.

Entretanto, Carlos Góis, pensando que o *para* rege a oração objetiva direta, explica o fato por cruzamento sintático: "Do cruzamento da primeira forma (com o objeto direto expresso: *um soldado pediu-lhe licença para sair*) com a segunda (com o objeto direto indeterminado: *um soldado pediu-lhe para sair*) resultou uma terceira – a do verbo *pedir* seguida da preposição *para* regendo esta, não mais o adjunto adverbial de fim (note-se bem), mas o próprio objeto direto!" (*Sintaxe de Regência*, 124).

147 Por isso é injusta a crítica feita por A. Feliciano de Castilho – e a crítica foi acolhida pelo nosso ilustre gramático. E. Carlos Pereira (*Gramática Expositiva*, § 496 in Galicismos Fraseológicos) ao seguinte trecho do Padre Bernardes (e note-se que está com a respectiva vírgula!): "Nos casos chamados nas escolas absolutos ou ablativos absolutos dos romanos, antepõe (Bernardes) alguma vez o substantivo ao adjetivo, o que mais soa a francês que a português genuíno, e se deve evitar com grande escrúpulo: "Frei Domingos, vindo de Tortosa para Valença, com outros companheiros, que tinham ido tomar ordens, se lhe ajuntou ao caminho um moço mui confiado, etc." Havia de dizer: "Vindo Frei Domingos, etc."(Livraria Clássica, Padre Manuel Bernardes, II, 304-5). Pondo de lado a lição de gramática de um amador, ainda que ilustre, adiantamos que o pretenso erro não é de Bernardes, mas do crítico, uma vez que se lê o seguinte na *Nova Floresta*: "Vindo o servo de Deus de tortosa para Valença..." (III, 492).

148 Sem razão, Leite de Vasconcelos (*Lições de Filologia*, 382) condena como galicismo, a palavra *passagem*, no sentido aqui empregado, mandando substituí-la por *passo*. Os melhores escritores da língua usam *passagem* nesta acepção, e o clássico *Dicionário de Morais* (1813) a registra sem nenhuma crítica.

149 Assim escreveu Alexandre Herculano e não como aparece na edição moderna da *Antologia Nacional* de Fausto Barreto e Carlos de Laet (p. 196): *antes de o caso suceder*. Com a responsabilidade dos antigos editores da *A. Nacional* corria a combinação tida por correta. Aliás, Laet praticava a combinação: Entre as duas opiniões antinômicas e inconciliáveis do João Fernandes, esta *do cara* ser exótico (...) e aquela de ser indígena (...) (*Obras Seletas*, II, 261).

150 Para maiores exemplos, veja-se o prestimoso livro do Padre Pedro Adrião, *Tradições Clássicas da Língua Portuguesa*, § 691, p. 259).

151 Tal preceito gramatical se torna ainda mais difícil de se conciliar com a prática, quando se está diante de construções como: *O fato é devido AO* (por *a o*) *avião se ter atrasado* (ou, noutra ordem: *é devido a se ter o avião atrasado*); *PRO menino* (por *para o menino*) *ver*. Sentimos discordar da lição de Rebelo Gonçalves no seu *Tratado de Ortografia* (p. 286, Obs. 2.ª) cujos exemplos não vão em sua defesa. Cf. Diez, *Grammaire*, III, 425 e Meyer-Lübke, *Grammaire*, III, § 744).

152 Cf. ainda do mesmo autor *Dificuldades da Língua Portuguesa*, 30-1, e Solidônio Leite, *Clássicos Esquecidos*, 211 e ss. Também consideram arcaica a combinação Epifânio Dias 1933: 457, Obs. 3ª e Cláudio Brandão 1963: 354.

153 Comenta com razão Sousa da Silveira (*Trechos Seletos*, 251 da 4.a ed.): "O possesivo no plural, determinando dois substantivos do singular, e evitando assim o impreciso de "o nosso Basílio e Durão" e o pesado de "o nosso Basílio e nosso Durão. Cf.: "Os mesmos Pitt e Napoleão, apesar de precoces, não foram tudo aos vinte e um anos" (M. de Assis, *Papéis Avulsos*, 88).

154 Está correto neste caso também o emprego da concordância com a forma gramatical da palavra determinada: "Com estes leitores assim previstos, o mais acertado e modesto é *a gente ser sincera*" [CBr. *apud* MBa.2, 411].

155 Pode ocorrer a aparente discordância entre um nome e um pronome: "Luís escreveu uma *ode* admirável como sabia escrevê-*las* (João Ribeiro).

156 O mesmo Camilo reprovou a um amigo tal prática de linguagem: "Se fizeres terceira edição deves purificá-la das palavras *mesmo* como advérbio, posto que tenhas um exemplo em Camões e outros em D. Francisco Manuel de Melo" [CBr.3, II, 167].

157 Dá-se ao fenômeno o nome de contaminação ou cruzamento sintático. Cf. **Contaminação sintática**.

158 Elemento decisivo aqui é o ritmo com que se profere a oração, que determina a concordância com o sujeito ou com o predicativo. São oportunas as considerações de Rodrigues Lapa neste sentido, na sua *Estilística*.

159 Sobre esta última possibilidade comenta Said Ali: "A força de combater-se uma concordância que não é mais do que o corolário de um fenômeno de sintaxe histórica portuguesa fundada em sintaxe latina, tem desaparecido da linguagem literária o emprego de *quem* com verbo em 1.a e 2.a pessoa, vigorando todavia a antiga concordância desde que se empregue *que* em lugar de *quem*" (*op. laud.*).

160 Pode dar-se a omissão de *um*: "Foi dos últimos que *usaram* presilhas, rodaque e gravata de moda" (M. de Assis, D. Casmurro).

161 A presente lista não dispensa a consulta ao dicionário, o de regência, uma vez que o emprego do verbo como transitivo (com ou sem preposição) ou intransitivo depende de sua significação.

Quando ao verbo se segue um travessão (–), isto significa que ele pode ser também usado transitivamente. Por exemplo: *atender– a*: *atender o cliente*, *o cliente foi atendido*, *atendê-lo*, *atender ao cliente*. Umas vezes a variedade não implica mudança de significado; outras vezes sim. Daí a necessidade de consulta aos dicionários para se ter uma lição mais completa e adequada. O principal objetivo da relação é oferecer ao leitor a preposição que acompanha o verbo, quer no complemento quer no adjunto adverbial.

162 "No sentido de *mandar vir* é transitivo direto; no de *dar nome* é transitivo indireto. Já é muito corrente no Brasil a construção *chamar de* com obj. dir., contaminada de outras, como *acusar*, *arguir de*" [AN.1, 38].

163 Usa-se também transitivo em Portugal, com o sentido de "namorar", tratar intimamente.

164 Ou cumprir simplesmente.

165 Sem a preposição exprime obrigação; com *de*, probabilidade. Ex: *Você deve ter capricho*. *Ela deve de ter quinze anos*.

166 No significado de *resultar* é transitivo direto: *Isto implica erro*.

167 No significado de *produzir*, *acarretar* é transitivo direto.

168 *Morador na rua tal*, *no largo tal* (e não *à rua tal*).

169 É coloquial o uso da preposição *com*, influenciado talvez pela regência de *casar*.

170 Não pode aceitar obj. direto de pessoa: Paguei *o médico*, mas sim de coisa paga: Pagu*ei a conta* ao garção.

171 É errôneo o emprego do advérbio *antes* ou *mais* com este verbo porque a noção de preferência ou excelência já está contida no prefixo. É também errôneo o uso da conjunção comparativa *que* (ou *do que*). Deve dizer-se *prefiro isto àquilo*,

prefiro o teatro ao cinema.

172 O uso de *a* é considerado errado com exagero, por francesismo.

173 No sentido de *estimar*, *querer bem.*

174 *Sito na rua tal*, *no largo tal* e não *à rua*.

175 Seleção de fatos apresentados por F. J. Martins Sequeira em *Rol de Estrangeirismos*.

III – Pontuação

Os diversos tipos de sinais de pontuação – Com Nina Catach, entendemos por pontuação um "sistema de reforço da escrita, constituído de sinais sintáticos, destinados a organizar as relações e a proporção das partes do discurso e das pausas orais e escritas. Estes sinais também participam de todas as funções da sintaxe, gramaticais, entonacionais e semânticas" [NC.1, 7].

Os sinais de pontuação datam de época relativamente recente na história da escrita, embora se possa afirmar uma continuidade de alguns sinais desde os gregos, latinos e alta Idade Média; constituem hoje peça fundamental da comunicação e se impõem como objeto de estudo e aprendizado. Ao lado dos grafemas que "vestem" os fonemas, os morfemas e as unidades superiores, esses sinais extra-alfabéticos, como assinala Catach, são essencialmente unidades sintáticas, "sinais de orações" e "sinais de palavras", podendo comutar com tais unidades alfabéticas, substituí-las e tomar de empréstimo seu valor. Assim, um apóstrofo indica a supressão de um grafema, uma vírgula uma unidade de coordenação ou de subordinação. Na essência, os sinais de pontuação constituem um tipo especial de grafemas.

Pode-se entender a pontuação de duas maneiras: numa acepção larga e noutra restrita. A primeira abarca não só os sinais de pontuação propriamente ditos, mas de realce e valorização do texto: títulos, rubricas, margens, escolha de espaços e de caracteres e, indo mais além, a disposição dos capítulos e o modo de confecção do livro.

Segundo a concepção restrita, a pontuação é constituída por uns tantos sinais gráficos assim distribuídos: os essencialmente *separadores* (vírgula [,], ponto e vírgula [;], ponto final [.], ponto de exclamação [!], reticências [...]), e os sinais de comunicação ou "mensagem" (dois pontos [:], aspas simples [‘ ’], aspas duplas [“ ”], o travessão simples [–], o travessão duplo [—], os parênteses [( )], os colchetes ou parênteses retos [[ ]], a chave aberta [{], a chave fechada [}]. Alguns destes dois tipos de sinais admitem ainda uma subdivisão em sinais de *pausa conclusa* (fundamentalmente o ponto, e depois ponto e vírgula, o ponto de interrogação, o ponto de exclamação, as reticências, quando em função conclusa) e d e *pausa inconclusa* (fundamentalmente pela vírgula, mas também por dois pontos, parênteses, travessão, colchetes, quando em função inconclusa, i. é, quando as orações estão articuladas entre si).

A primeira palavra depois de um sinal de pausa conclusa é escrita com letra inicial maiúscula; se a oração seguinte constitui novo conjunto de ideias, ou mudança de interlocutor de diálogo, será escrito na outra linha e terá o seu final marcado pelo ponto parágrafo.

Estes sinais não se aplicam igualmente a todas as atividades linguísticas, razão por que podem ser distribuídos em três domínios de função da pontuação:

a) *a pontuação de palavras* (espaços em branco; maiúsculas iniciais; ponto abreviativo; traço de união, hífen ou traço de separação; apóstrofo; sublinhado; itálico).

b) *a pontuação sintática e comunicativa* (a pontuação propriamente dita e objeto deste capítulo).

c) *a pontuação do texto.*

Os dois primeiros, assinala ainda Catach, têm uma série de características que os distinguem do terceiro tipo: são *interiores* ao texto, aparecem de maneira linear, são comuns ao manuscrito e ao texto impresso e, em princípio, fazem parte da mensagem linguística. Apesar de poderem sofrer interferência de outra pessoa, é bem provável que pertençam à iniciativa e decisão do autor no seu desejo de levar ao texto algo mais de expressividade, de contorno melódico, rítmico e entonacional, além das palavras e construções utilizadas. Todavia, há de se levar em conta que os editores e preparadores de textos antigos (quando nem sempre se pode pensar em critérios inexistentes ou caóticos) a modernos têm muito interferido na pontuação original do autor de tal maneira, que é muito precária a certeza de que os sinais – e principalmente a falta deles – revelem as funções sintáticas, comunicativas expressivas que o escritor pretendera passar às palavras e orações empregadas no texto.

Ao contrário, no que toca ao terceiro tipo de pontuação, dela participam todos os que exercem atividade nesse âmbito, com funções específicas: calígrafos, secretários, tipógrafos, digitadores, revisores, editores.

Levando em conta tais distinções, podemos definir o conjunto dos dois primeiros tipos de pontuação que constituem essencialmente o objeto deste capítulo, como o fez Catach:

> "Conjunto de sinais visuais de organização e apresentação que acompanham o texto, *interiores* ao texto e *comuns* tanto ao manuscrito quanto ao impresso; abrange a pontuação várias classes de sinais gráficos discretos e constitutivos de um sistema, complementando ou suplementando a informação escrita".

Já o terceiro tipo é assim definido pela mesma autora:

> "Conjunto de técnicas visuais de organização e de apresentação do objeto livro, que vão do espaço entre palavras aos espaços de páginas, passando por todos os procedimentos interiores e exteriores ao texto, com vista ao seu arranjo e sua valoração".

A pontuação e o entendimento do texto – O enunciado não se constrói com um amontoado de palavras e orações. Elas se organizam segundo princípios gerais de dependência e independência sintática e semântica, recobertos por unidades melódicas e rítmicas que sedimentam estes princípios. Proferidas as palavras e orações sem tais aspectos melódicos e rítmicos, o enunciado estaria prejudicado na sua função comunicativa. Os sinais de pontuação, que já vêm sendo empregados desde muito tempo, procuram garantir no texto escrito esta solidariedade sintática e semântica. Por isso, uma pontuação errônea produz efeitos tão desastrosos à comunicação quanto o desconhecimento dessa solidariedade a que nos referimos.

Várias situações incômodas já foram criadas pelo mau emprego dos sinais de pontuação. Notem-se as diferenças entre as seguintes ordens de comando:

> Não podem atirar!
> Não, podem atirar!

Há numerosos jogos, bem mais divertidos e inocentes do que as situações de ordem anterior, cuja integridade comunicativa depende do bem emprego desses sinais.

Vejamos um exemplo:

Levar uma pedra para Europa uma andorinha não faz verão.

Ou

Um fazendeiro tinha um bezerro e a mãe do fazendeiro era também o pai do bezerro.

Para integridade da mensagem, basta colocar vírgula ou ponto e vírgula depois de *mãe*, no último exemplo. No primeiro, basta uma vírgula depois de *faz*, sendo *verão* a forma de futuro do verbo *ver*.

Ponto – O ponto simples final, que é dos sinais o que denota maior pausa, serve para encerrar períodos que terminem por qualquer tipo de oração que não seja a interrogativa direta, a exclamativa e as reticências.

É empregado ainda, sem ter relação com a pausa oracional, para acompanhar muitas palavras abreviadas: *p.*, *2.ª*, etc.

Quando o período, oração ou frase termina por abreviatura, não se coloca o ponto final adiante do ponto abreviativo, pois este, quando coincide com aquele, tem dupla serventia. Ex.: "O ponto abreviativo põe-se depois das palavras indicadas abreviadamente por suas iniciais ou por algumas das letras com que se representam, *v.g.* ; *V. S.ª* ; *Il.mo* ; *Ex.ª* ; etc." (Dr. Ernesto Carneiro Ribeiro)

Com frequência, aproxima-se das funções do ponto e vírgula e do travessão, que às vezes aparecem em seu lugar.

Ponto parágrafo – Um grupo de períodos cujas orações se prendem pelo mesmo centro de interesse é separado por ponto. Quando se passa de um para outro centro de interesse, impõe-se-nos o emprego do ponto parágrafo iniciando-se a escrever, na outra linha, com a mesma distância da margem com que começamos o escrito.

Na linguagem oficial dos artigos de lei, o parágrafo é indicado por um sinal especial (§).

Ponto de interrogação – Põe-se no fim da oração enunciada com entonação interrogativa ou de incerteza, real ou fingida, também chamada retórica.

Enquanto a interrogação conclusa de final de enunciado requer maiúscula inicial da palavra seguinte, a interrogação interna, quase sempre fictícia, não exige essa inicial maiúscula da palavra seguinte:

Pensas que eu e meus avós ganhamos o dinheiro em casas de jogos ou a vadiar pelas ruas? Pelintra! [MA.1, 72].

— Nhonhô, diga a estes senhores como é que se chama seu padrinho?

— Meu padrinho? É o Excelentíssimo Senhor coronel Paulo Vaz Lobo Cesar de Andrade e Sousa Rodrigues de Matos [MA.1, 32].

O ponto de interrogação, à semelhança dos outros sinais, não pede que a oração termine por ponto final, exceto, naturalmente, se for interna.

— "Esqueceu alguma cousa? perguntou Marcela de pé, no patamar" [MA.1, 50].

A interrogação indireta, não sendo enunciada em entonação especial, dispensa ponto de interrogação. O nosso sistema gráfico não distingue o ponto de interrogação da pergunta de sim ou não da pergunta total.

No diálogo pode aparecer sozinho ou acompanhado do de exclamação para indicar o

estado de dúvida do personagem diante do fato:

— "Esteve cá o homem da casa e disse que do próximo mês em diante são mais cinquenta...
— ? !..." [ML.1, 226].176

Ponto de exclamação – Põe-se no fim da oração enunciada com entonação exclamativa:

"Que gentil que estava a espanhola!" [MA.1, 50].
"Mas, na morte, que diferença! Que liberdade!" [MA.1, 81].

Põe-se o ponto de exclamação depois de uma interjeição:

Olé! exclamei. [MA.1, 74].
Ah! brejeiro! [MA.1, 93].

Aplicam-se ao ponto de exclamação as mesmas observações feitas ao ponto de interrogação, no que se refere ao emprego do ponto final e ao uso da maiúscula ou minúscula inicial da palavra seguinte.

Há escritores que denotam a gradação da surpresa através da narração com aumento progressivo do ponto de exclamação ou de interrogação:

"E será assim até que um senhor Darwin surja e prove a verdadeira origem do *Homo sapiens*...
— ? !
— Sim. Eles nomear-se-ão *Homo sapiens* apesar do teu sorriso, Gabriel, e ter-se-ão como feitos por mim de um barro especial e à minha imagem e semelhança.
— ? ! !" [ML.1, 204].

Reticências – Denotam interrupção ou incompletude do pensamento (ou porque se quer deixar em suspenso, ou porque os fatos se dão com breve espaço de tempo intervalar, ou porque o nosso interlocutor nos toma a palavra), ou hesitação em enunciá-lo:

"Ao proferir estas palavras havia um tremor de alegria na voz de Marcela: e no rosto como que se lhe espraiou uma onda de ventura..." [MA.1, 121].
"Não imagina o que ela é lá em casa: fala na senhora a todos os instantes, e aqui aparece uma pamonha. Ainda ontem... Digo, Maricota?" [MA.1, 120].
— "Moro na rua...
— Não quero saber onde mora, atalhou Quincas Borba" [MA.1, 169].

Postas no fim do enunciado, as reticências dispensam o ponto final, como se pode ver nos exemplos acima.

Se as reticências servem para indicar uma enumeração inconclusa, podem ser substituídas por *etc*.

Na transcrição de um diálogo, as reticências indicam a não resposta do interlocutor.

Numa citação, as reticências podem ser colocadas no início, no meio o no fim, para indicar supressão no texto transcrito, em cada uma dessas partes. Quando há supressão de um trecho de certa extensão, costuma-se usar uma linha pontilhada. Depois de um ponto de interrogação ou exclamação podem aparecer as reticências.

Vírgula – Emprega-se a vírgula:

a) para separar termos coordenados, ainda quando ligados por conjunção (no caso de haver pausa).

"Sim, eu era esse garção bonito, airoso, abastado" [MA.1, 48].
— "Ah! brejeiro! Contanto que não te deixes ficar aí inútil, obscuro, e triste" [MA.1, 93].

Observação: Na série de sujeitos seguidos imediatamente de verbo, o último sujeito da série não é separado do verbo por

vírgula:

Carlos Gomes, Vítor Meireles, Pedro Américo, José de Alencar tinham-nas começado [CL.1, I, 102].

b) para separar orações coordenadas aditivas ainda que sejam iniciadas pela conjunção e, proferidas com pausa.

"Gostava muito das nossas antigas dobras de ouro, e eu levava-lhe quanta podia obter" [CL.1, I, 53].

"No fim da meia hora, ninguém diria que ele não era o mais afortunado dos homens; conversava, chasqueava, e ria, e riam todos" [CL.1, I, 163].

c) para separar orações coordenadas alternativas (*ou*, *quer*, etc), quando proferidas com pausa:

Ele sairá daqui logo, *ou eu me desligarei do grupo*.

OBSERVAÇÃO: Vigora esta norma quando *ou* exprimir retificação:

Teve duas fases a nossa paixão, *ou* ligação, *ou* qualquer outro nome, que eu de nome não curo [MA.1, 52].

Se denota equivalência, não se separa por vírgula o *ou* posto entre dois termos: Solteiro *ou* solitário se prende ao mesmo termo latino.

d) nas aposições, exceto no especificativo:

"ora enfim de uma casa que ele meditava construir, para residência própria, casa de feitio moderno..." [MA.1, 238].

e) para separar, em geral, os pleonasmos, e as repetições (quando não têm efeito superlativamente).

"Nunca, nunca, meu amor!" [MA.1, 55].

A casa é linda, linda.

f) para separar ou intercalar vocativos; nas cartas a pontuação é vária (em geral, vírgula), e na redação oficial usam-se dois pontos.

g) para separar as orações adjetivas de valor explicativo:

"perguntava a mim mesmo por que não seria melhor deputado e melhor marquês do que o lobo Neves, – eu, *que valia mais*, muito mais do que ele, – ..." [MA.1, 137].

h) para separar, quase sempre, as orações adjetivas restritivas de certa extensão, principalmente quando os verbos de duas orações diferentes se juntam:

"No meio da confusão que produzira por toda a parte este acontecimento inesperado e cujo motivo e circunstâncias inteiramente se ignoravam, ninguém reparou nos dois cavaleiros..." [AH.1, 210].

OBSERVAÇÃO: Esta pontuação pode ocorrer ainda que separe por vírgula o sujeito expandido pela oração adjetiva:

Os que falam em matérias que não entendem, parecem fazer gala da sua própria ignorância [MM].

i) para separar as orações intercaladas:

"Não lhe posso dizer com certeza, respondi eu" [MA.1, 183].

j) para separar, em geral, adjuntos adverbiais que precedem o verbo e as orações adverbiais que vêm antes ou no meio da sua principal:

"Eu mesmo, até então, tinha-vos em má conta..." [MA.1, 185].

"mas, como as pestanas eram rótulas, o olhar continuava o seu ofício..." [MA.1, 183].

k) para separar, nas datas, o nome do lugar:

Rio de Janeiro, 8 de agosto de 1961.

l) para separar as partículas e expressões de explicação, correção, continuação, conclusão, concessão:

"e, *não obstante*, havia certa lógica, certa dedução" [MA.1, 89].

Sairá amanhã, *aliás*, depois de amanhã.

m) para separar as conjunções e advérbios adversativos (*porém*, *todavia*, *contudo*, *entretanto*), principalmente quando pospostos:

"A proposta, *porém*, desdizia tanto das minhas sensações últimas..."

[MA.1, 87].

n) para indicar, às vezes, a elipse do verbo:

Ele sai agora: eu, logo mais.

o) para assinalar a interrupção de um seguimento natural das ideias e se intercala um juízo de valor ou uma reflexão subsidiária.

p) para desfazer possível má interpretação resultante da distribuição irregular dos termos da oração, separa-se por vírgula a expressão deslocada:

De todas as revoluções, para o homem, a morte é a maior e a derradeira [MM].

Dois pontos – Usam-se dois pontos na:

1) enumeração, explicação, notícia subsidiária:177

Comprou dois presentes: um livro e uma caneta.

"que (Viegas) padecia de um reumatismo teimoso, de uma asma não menos teimosa e de uma lesão de coração: era um hospital concentrado"

[MA.1, 184].

"Queremos governos perfeitos com homens imperfeitos: disparate"

[M. de Maricá].

2) nas expressões que se seguem aos verbos *dizer*, *retrucar*, *responder* (e semelhantes) e que encerram a declaração textual, ou que assim julgamos, de outra pessoa:

"Não me quis dizer o que era: mas, como eu instasse muito:

— Creio que o Damião desconfia alguma coisa" [MA.1, 174].

Às vezes, para caracterizar textualmente o discurso do interlocutor, vem acompanhada de aspas a transcrição, e raras vezes de travessão:

"Ao cabo de alguns anos de peregrinação, atendi às suplicas de meu pai:

— Vem, dizia ele na última carta; se não vieres depressa acharás tua mãe morta!" [MA.1, 75].

3) nas expressões que, enunciadas com entonação especial, sugerem, pelo contexto, causa, explicação ou consequência:

"Explico-me: o diploma era uma carta de alforria" [MA.1, 71].

4) nas expressões que apresentam uma quebra da sequência das ideias:

Sacudiu o vestido, ainda molhado, e caminhou.

"Não! bradei eu; não hás de entrar... não quero... Ia a lançar-lhe as mãos: era tarde; ela entrara e fechara-se" [MA.1, 59].

Ponto e vírgula – Representa uma pausa mais forte que a vírgula e menos que o ponto, e é empregado:

a) num trecho longo, onde já existam vírgulas, para enunciar pausa mais forte:

"Enfim, cheguei-me a Virgília, que estava sentada, e travei-lhe da mão; D. Plácida foi à janela" [MA.1, 211].

b) separa as adversativas em que se quer ressaltar o contraste:

"Não se disse mais nada; mas de noite Lobo Neves insistiu no projeto" [MA.1, 210].

c) na redação oficial separa os diversos itens de um considerando, lei ou outro documento.

Travessão – Não confundir o travessão com o traço de união ou hífen e com o traço de divisão empregado na partição de sílabas (*ab-so-lu-ta-men-te*) e de palavras no fim de linha. O travessão pode substituir vírgulas, parênteses, colchetes, para assinalar uma expressão intercalada:

"... e eu falava-lhe de mil cousas diferentes – do último baile, da discussão das câmaras, berlindas e cavalos, de tudo, menos dos seus versos ou prosas" [MA.1, 138-9].

Usa-se simples se a intercalação termina o texto; em caso contrário, usa-se o travessão duplo:

"Duas, três vezes por semana, havia de lhe deixar na algibeira das calças – uma largas calças de enfiar –, ou na gaveta da mesa, ou ao pé do tinteiro, uma barata morta" [MA.1, 46].

OBSERVAÇÃO: Como se vê pelo exemplo, pode haver vírgula depois de travessão.

Pode denotar uma pausa mais forte:

"... e se estabelece uma cousa que poderemos chamar – solidariedade do aborrecimento humano" [MA.1, 126].

Pode indicar ainda a mudança de interlocutor, na transcrição de um diálogo, com ou sem aspas:

– Ah! respirou Lobo Neves, sentando-se preguiçosamente no sofá.
– Cansado? perguntei eu.
– Muito; aturei duas maçadas de primeira ordem (...) [MA.1, 177].

Neste caso, pode, ou não, combinar-se com as aspas.

Parênteses e colchetes – Os parênteses assinalam um isolamento sintático e semântico mais completo dentro do enunciado, além de estabelecer maior intimidade entre o autor e o seu leitor. Em geral, a inserção do parêntese é assinalada por uma entonação especial.

Quando uma pausa coincide com o início da construção parentética, o respectivo sinal de pontuação deve ficar depois dos parênteses, mas, estando a proposição ou a frase inteira encerrada pelos parênteses, dentro deles se põe a competente notação:

"Não, filhos meus (deixai-me experimentar, uma vez que seja, convosco, este suavíssimo nome); não: o coração não é tão frívolo, tão exterior, tão carnal, quanto se cuida" [RB]

"A imprensa (quem o contesta?) é o mais poderoso meio que se tem inventado para a divulgação do pensamento". (Carta inserta nos Anais da Biblioteca Nacional, vol. I) [CARLOS DE LAET]

Intimamente ligados aos parênteses pela sua função discursiva, os colchetes são utilizados quando já se acham empregados os parênteses, para introduzirem uma nova inserção.

Também se usam para preencher lacunas de textos ou ainda para introduzir, principalmente em citações, adendos ou explicações que facilitam o entendimento do texto. Nos dicionários e gramáticas, explicitam informações como a ortoépia, a prosódia etc., no que também podem

ser usados os parênteses.

Aspas – De modo geral, usamos como aspas o sinal [“ ”]; mas pode haver, para empregos diferentes as aspas simples [‘ ’], ou invertidas (simples ou duplas) [‘ ’], [“ ”]. Nos trabalhos científicos sobre línguas, as aspas simples referem-se a significados ou sentidos: *amare*, lat.‘*amar*’ port. Às vezes, usa-se nesta aplicação o sublinhado (cada vez menos frequente no texto impresso) ou o itálico. As aspas também são empregadas para dar a certa expressão sentido particular (na linguagem falada é em geral proferida com entoação especial) para ressaltar uma expressão dentro do contexto ou para apontar uma palavra como estrangeirismo ou gíria:

OBSERVAÇÃO: Escrevendo, ressaltamos a expressão também com o sublinhado, o que, nos textos impressos, corresponde ao emprego de tipo diferente:

— “Sim, mas percebo-o agora, porque só agora nos surgiu a ocasião de enriquecer. Foi uma sorte grande que Deus nos mandou.

— “Deus”...

— Deus, sim, e você o ofendeu afastando-a com o pé” [ML.1, 223].

“Você já reparou Miloca, na “ganja” da Sinhazinha? Disse uma sirigaita de “beleza” na testa” [ML.1, 102].

Quando uma pausa coincide com o final da expressão ou sentença que se acha entre aspas, coloca-se o competente sinal de pontuação depois delas, se encerram apenas uma parte da proposição; quando, porém, as aspas abrangem todo o período, sentença, frase ou expressão, a respectiva notação fica abrangida por elas:

“Aí temos a lei”, dizia o Florentino. “Mas quem as há de segurar? Ninguém.” [RB]

“Mísera, tivesse eu aquela enorme, aquela
Claridade imortal, que toda a luz resume!”

“Por que não nasce eu um simples vaga-lume?” [MA]

Alínea – Tem a mesma função do parágrafo, pois denota diversos centros de assuntos e, como este, exige mudança de linha. Geralmente vem indicada por número ou letra seguida de um traço curvo, semelhante ao que fecha parêntese para assinalar subdivisão da matéria tratada:

Os substantivos podem ser:

a) *próprios*

b) *comuns*

Chave – A chave [{ }] tem aplicação maior em obras de caráter científico, como pode exemplificar sua utilização neste livro.

Apêndice

Asterisco 178 – O asterisco (*) é colocado depois e em cima de uma palavra do trecho para se fazer uma citação ou comentário qualquer sobre o termo ou o que é tratado no trecho (neste caso o asterisco se põe no fim do período).

Nas obras sobre linguagem, o asterisco colocado antes e em cima da palavra o apresenta como forma reconstituída ou hipotética, isto é, de provável existência mas até então não documentada. Deve-se ao linguista alemão Augusto Schleicher (1821-1868) esta aplicação do sinal.

Emprega-se ainda um ou mais asteriscos depois de uma inicial para indicar uma pessoa cujo nome não se quer ou não se pode declinar: o *Dr.* *, *B.* **, *L.* ***

176 Em português, em geral se despreza o cômodo expediente do espanhol de indicar a interrogação no início da oração, com o sinal invertido: ¿O José chegou? Alguns escritores nossos fizeram uso deste expediente.

177 A imprensa moderna usa e abusa dos dois pontos para resumir, às vezes numa síntese de pensamento difícil de ser acompanhada, certas notícias. *Verão*: *cidade desprotegida das chuvas.*

178 Costuma-se ouvir este vocábulo deturpado para *asterístico*. *Asterisco* quer dizer *estrelinha*, nome devido à sua forma.

IV – Noções elementares de Estilística

Estilística – A *Estilística* é a parte dos estudos da linguagem que se preocupa com o *estilo.*

Que é estilo nesta conceituação – Entende-se por *estilo* o conjunto de processos que fazem da língua representativa um meio de exteriorização psíquica e apelo.

"O estilo, que é a solução para se fazer a língua da representação intelectiva servir às funções não intelectivas da manifestação psíquica e do apelo, é naturalmente levado a "deformar" os fatos gramaticais quando por eles aquelas funções não poderiam figurar".179

Estilística e Gramática – A compreensão deste conceito de *estilo* se fundamenta na lição de Charles Bally, segundo a qual o que caracteriza o estilo não é a oposição entre o *individual* e o *coletivo,* mas o contraste entre o *emocional* e o *intelectivo.* É neste sentido que diferem *Estilística* (que estuda a língua afetiva) e *Gramática* (que trabalha no campo da língua intelectiva). Baralhá-las, de modo que a Estilística se "dissolva" na Gramática, é pôr em perigo duas importantes disciplinas por confundir os seus objetos de estudo.

Uma não é a negação da outra, nem uma tem por missão destruir o que a outra, com orientação científica, tem podido construir. Ambas se completam no estudo dos processos do material de que o gênero humano se utiliza na exteriorização das ideias e sentimentos ou do conteúdo do pensamento designado.

Estilística e a Retórica – Tem-se apresentado a Estilística também como – a negação da antiga Retórica que predomina ainda na crítica tradicional do estilo com suas múltiplas indagações literárias, históricas, sociais, filosóficas e tantos outros domínios que na obra se espalham através do temperamento e atitude do escritor. Cabe aqui recordar as justas considerações de Amado Alonso:180 " ... a estilística não pretende petulantemente declarar caduca a crítica tradicional; reconhece seu alto valor e aprende nela; sabe que na análise de obras de arte nem tudo termina com o prazer estético e que há valores culturais, sociais, ideológicos, morais, enfim, valores históricos que não pode nem quer desprezar. E com a mesma se vê o que pretende e o seu valor: completar os estudos da crítica tradicional fazendo agora entrar um aspecto que estava menosprezado. E não apenas mais um aspecto, senão o aspecto básico e específico da obra de arte, o que dá valor a todos os outros. Por isso a estilística, sobre estudar temas novos, continua estudando com igual amor todos os velhos, apenas o faz do seu ponto de vista. Por exemplo, sempre se estudaram as fontes de um autor ou de uma obra, ou – o que vale o mesmo – a origem das ideias dominantes em um período literário. Porém realizou-se isso por interesse histórico, para fixar procedências. Este é o

ponto de chegada da crítica tradicional. Para a estilística é o ponto de partida, e a si pergunta: que fez meu autor ou minha época com estas fontes? Para usar a velha comparação: estudando o mel, a crítica tradicional estabelece em que flores e de que campos extraiu a abelha; a estilística se pergunta: como resultou este produto heterogêneo com todas as suas procedências, qual é a alquimia, que originais e triunfantes intenções lhe insuflaram vida nova? Ou voltando à comparação da estátua: a crítica tradicional estuda as canteiras donde procede o mármore; a estilística, que é que o artista fez com ele''.

Análise literária e análise estilística – Da lição de Amado Alonso se patenteia que não se há de confundir *análise literária* com *análise estilística*, pois que, trabalhando num mesmo trecho, tem preocupações diferentes e utilizam ferramentas também diversas. Em que pese à autoridade de nossos programas oficiais para ensino de Língua Portuguesa, o que deve ser, primordialmente, objeto da tarefa do professor de língua é a *análise estilística* (ainda que *elementar,* como reza a letra deste mesmo programa), e não a *análise literária,* que é da alçada do professor de Literatura. Ensinando-se a *língua* portuguesa, nada mais natural do que, num texto literário ou não, ressaltar o *sistema expressivo e sua eficácia estética* no idioma ou nas particularidades idiomáticas de um autor literário ou de um simples falante. Para a estilística, interessa tanto a depreensão dos traços estilísticos da língua oral como da escrita, do falante comum e do literato. Com razão disse Vossler que na linguagem de um mendigo vagabundo há gotinhas estilísticas da mesma natureza que todo o mundo expressional de um Shakespeare.

Traços estilísticos – O conjunto de particularidades do sistema expressivo para eficácia estética recebe o nome de *traços estilísticos.* São numerosos os traços estilísticos – e há um avultado número deles cujo valor ainda está para ser analisado – em todos os compartimentos de um idioma.

Cabe-nos agora indagar quando uma *particularidade linguística* se nos apresenta como traço estilístico. "Já sabemos – ensina-nos J. Mattoso Câmara Jr.181 – que o traço estilístico não se trata de uma maneira de dizer necessariamente pessoal; nem pelo fato de ser pessoal se tem necessariamente um traço estilístico. Esta dupla consideração é tão importante que hão de me relevar insistir um pouco mais. Para isso, peço desculpas de me citar a mim mesmo e me reportar a um pequeno artigo que publiquei há tempos na *Revista do Livro* sobre "A Coroa do Rubião": diz-nos Machado de Assis, no *Quincas Borba,* que Rubião, demente, julgando-se "imperador dos franceses" no momento da agonia, cingiu a "coroa", que não era sequer uma bacia, "onde se pudesse palpar a ilusão", "ele pegou nada, ergueu nada e cingiu nada". O emprego de *nada* depois do verbo sem se completar com um *não* antes do verbo, é uma maneira anômala de expressar a negação verbal em português. E é um traço estilístico: não porque seja exclusivamente pessoal de Machado de Assis (quem nos garante que outrem já não tinha feito isto? – nem o escritor faz isto sistematicamente), mas porque nesse dado contexto o emprego de *nada* nessas condições tem um valor "estético", fazendo-nos ver dolorosamente o gesto do pobre louco, mercê do tratamento de *nada*, não como mera partícula

negativa, mas como um substantivo negativo – o oposto de *alguma coisa*: a emoção do escritor e o seu apelo à nossa simpatia se comunicam através desse emprego de *nada*, que é, pois, um emprego estilístico. Ao contrário, quando José de Alencar acentuava a preposição simples *a,* exibia um uso *pessoal* da língua literária (que era um erro do ponto de vista de norma social vigente), mas não um traço estilístico, pois se circunscrevia ao domínio intelectivo (o escritor achava que assim devia escrever por um raciocínio gramatical em falso); seria, ao contrário, um traço estilístico se uma ou outra vez, apenas, aparecesse em seus textos como recurso para insistir na preposição, dando-lhe uma tonicidade excepcional.

Daí o erro dos que, pensando escrever bem, enxameiam suas páginas das chamadas figuras de linguagem (pleonasmos, hipérboles, anacolutos, metáforas, etc.). Essas figuras não se impõem "à outrance" às circunstâncias; estas é que favorecem o aparecimento daquelas para fins estéticos. Terá falhado na pesquisa estilística quem se contentar em dizer que há anacoluto no derradeiro terceto desta conhecida joia de Machado de Assis, que é o soneto à Carolina:

> "que eu, se tenho nos olhos malferidos
> pensamentos de vida formulados,
> são pensamentos idos e vividos".

O anacoluto ultrapassa os limites de uma simples figura, para ser um eficaz recurso estético que põe diante de nossos olhos a profunda dor do esposo que, pensando na companheira que se foi, não tem a paz interior necessária para estruturar racionalmente, intelectivamente, todo o tumulto de ideias que lhe vai n'alma.

Em suma, a Estilística é o passo mais decisivo, no estudo de uma língua, para a educação do sentimento estético e manifestação da competência expressiva.

Traço estilístico e erro gramatical – Não se há de entender que o estilo seja sempre uma deformação da norma linguística. Isto nos leva à distinção entre *traço estilístico* e *erro gramatical*.

O traço estilístico pode ser um desvio ocasional de norma gramatical vigente, mas se impõe pela sua intenção estético-expressiva.

O erro gramatical é o desvio sem intenção estética.

Campo da Estilística – O estudo da Estilística abarca, semelhante à Gramática, todos os domínios do idioma. Lembremos a lição de Bally: "Todos os fenômenos linguísticos, desde os sons até as combinações sintáticas mais complexas, podem revelar algum caráter fundamental da língua estudada. Todos os fatos linguísticos, sejam quais forem, podem manifestar alguma parcela da ida do espírito e algum movimento da sensibilidade. A estilística não é o estudo de uma parte da linguagem, mas o é da linguagem inteira, observada de um ângulo particular. Nunca pretendi (isto é para responder a umas críticas que me fizeram) que a linguagem afetiva existe independentemente da linguagem intelectual, nem que a estilística deva estudar a primeira excluindo a segunda; o que faz é estudá-las ambas em suas relações recíprocas, e examinar em que proporção se aliam para compor este ou aquele tipo de expressão".[182]

Teremos assim os seguintes campos da Estilística:

Estilística
- 1) fônica
- 2) morfológica
- 3) sintática
- 4) semântica

A Estilística Fônica procura indagar o emprego do valor expressivo dos sons: a harmonia imitativa, no amplo sentido do termo. É a *fonética expressiva* de que falamos na parte inicial deste livro.

A Estilística Morfológica sonda o uso expressivo das formas gramaticais. Entre os usos expressivos deste campo lembraremos:

1) *o plural de convite*: põe-se o verbo no plural como que se quisesse incentivar uma pessoa a praticar uma ação trabalhosa ou desagradável. É o caso da mãe que diz à filhinha que insiste em não tomar o remédio:

Olha, filhinha, *vamos* tomar o remedinho.

2) *o plural de modéstia*: o autor, falando de si mesmo, poderá dizer:

Nós, ao escrevermos este livro, tivemos em mira dar novos horizontes ao ensino do idioma.

3) *o emprego expressivo dos sufixos* (mormente os de gradação):

paizinho, mãezinha, poetastro, padreco, politicalha

4) *o emprego de tempos e modos verbais,* como, por exemplo:

a) o presente pelo futuro para indicar desejo firme, fato categórico:

Amanhã eu *vou* ao cinema.

b) o imperfeito para traduzir pedido:

Eu *queria* um quilo de queijo (em vez do categórico e, às vezes, ameaçador *quero*).

c) o presente pelo pretérito para emprestar à narração o ar de novidade e poder comover o ouvinte:

Aí César *invade* a Gália.

5) a *mudança de tratamento*, de um período para outro, para indicar mudança da situação psicológica entre falante e ouvinte, ou entre escritor e leitor. No soneto *Última Folha,* Casimiro de Abreu chama a Deus por *Meu Pai* e ora o trata por *tu,* ora por *vós*. É que em *Meu Pai* o poeta vê Deus como seu íntimo, ligado a ele tão intimamente que lhe cabe o tratamento *tu*. Mas ao poeta Deus se apresentava também como o criador de todas as coisas, o poder supremo a quem só podia caber a fórmula respeitosa e cerimoniosa assumida por *vós*.

A Estilística Sintática procura explicar o valor expressivo das construções:

1) na regência, como, por exemplo, o emprego do posvérbio;
2) na concordância, como, por exemplo, na *atração*, na *silepse*, no infinitivo flexionado para realce da pessoa sobre a ação mesma;
3) na colocação dos termos na oração, na colocação de pronomes, etc.
4) no emprego expressivo das chamadas *figuras de sintaxe.*

A Estilística Semântica pesquisa:

1) a significação ocasional e expressiva de certas palavras:
   Você é um *abacaxi.*
   Aquele aluno é um *monstro.*
   Ele tem uns *bons* sessenta anos.
2) no emprego expressivo das chamadas figuras de palavras ou *tropos* (metáfora, metonímia, etc.) e figuras de pensamento e sentimento (antítese, eufemismo, hipérbole, etc.).

Apêndice

DOIS EXEMPLOS DE ANÁLISE ESTILÍSTICA

A título de meras sugestões aos leitores ainda não familiarizados com as técnicas da análise estilística, temos a satisfação de transcrever aqui dois excertos assinados, um por excelente mestre brasileiro, J. Mattoso Câmara Jr., e outro pelo não menos distinto estudioso português, Jacinto do Prado Coelho. Outras interessantes amostras pode o leitor curioso ver nos estudos de Augusto Meyer, Othon Moacyr Garcia e uma plêiade de patrícios onde está indicada farta bibliografia especializada.

1) *Um soneto de Antônio Nobre*

O comentário de poemas será ainda, em grande parte, criação, inventiva, uma série de desdobramentos psicológicos, evocações, associações de imagens, que mostram a personalidade do leitor a colaborar com simpatia na obra do comentário. A visão de conjunto originária iluminará todo o comentário. A linguagem será encarada, segundo quer Spitzer, como floração da substância espiritual do poema. A divisão metodológica em comentário ideológico e comentário de forma não me parece justa. O poema deve ser olhado como um todo. A consideração das formas linguísticas conduzirá ao psicológico, e acompanhará o comentário da substância do princípio ao fim. O que se pretende, em primeiro lugar, é que o *eu* do leitor comungue no eu do poeta (e Berdiaeff mostrou muito bem a impossibilidade desta comunicação por meios que não sejam de natureza afetiva; pensar é objetivar, é separar). É claro que sem objetivação não há crítica. Mas no comentário de poemas a crítica aos pormenores deve incluir-se num estado de adesão que permaneça durante o comentário.

Tudo isto, eu sei, é muito difícil; nunca consegui realizá-lo satisfatoriamente. Dou, todavia, com exemplo, o comentário dum soneto que tentei fazer segundo a orientação exposta. Começo pela introdução à leitura:

"Antônio Nobre, não só pela concepção que teve da poesia, como pela estranha riqueza da

sua personalidade, é verdadeiramente um poeta moderno. Se ainda vivesse, teria setenta e cinco anos. Talvez a sua presença nos impedisse o convívio estreito com esse rapaz triste que escreveu o *Só*, o livro mais triste que há em Portugal. A sua presença física torná-lo-ia, porventura, mais distante. Assim, porque morreu aos trinta e dois anos, ficou sempre rapaz na nossa lembrança, de olhos doces, pálido, feições finas, embrulhado numa capa de estudante, absorto como é sina dos poetas.

Quando ouvimos o tom lastimoso da sua voz, quando o sentimos tão perto, os nossos braços procuram estender-se através da bruma que separa as almas, para lhe darem finalmente, com piedade fraterna, o carinho que pediu sem receber. Continua vivo a nosso lado, continua conversando, obriga-nos, pelo tom das suas palavras, a ver o mundo como ele via, sentir como ele sentia.

Mas não era assim, pela vida subjetiva, que Nobre queria viver. Nobre foi um homem de desejo. Emigrou para um país diferente, recolheu-se no sonho da infância, chegou a bem-dizer a velha, a senhora Morte, apenas pela força do seu destino.

Antônio Nobre queria viver a nossa vida, queria ser como os outros saudável e contente. Ambicionava uma purinha de cabelo negro e boca vermelha. Confessou-nos o seu "ideal de parisiense": casa defronte do mar, sardinha ao lume, economias no mealheiro, sendo possível, e mulher e filhos. Nobre fora feito para este mundo, e só a doença o afastou dele. O seu desespero dissolveu-se numa resignação de menino suave e obediente, que se entretém com brinquedos de luxo. O seu brinquedo foi a arte. Mas não somente um brinquedo: um meio de confissão, de transmissão da sua humanidade confrangida. Por isso (pensando que ele queria viver, e que morreu tão novo, tão triste, tão só) ouviremos sempre com piedade a voz do seu lamento, e choro de quem já não espera nada, nem mesmo o ópio do regresso, pela memória, aos tempos de criança:

Tombou da haste a flor da minha infância alada,
Murchou na jarra de oiro o pudico jasmim:
Voou aos altos céus a pomba enamorada
Que dantes estendia as asas sobre mim.

Julguei que fosse eterna a luz dessa alvorada,
E que era sempre dia, e nunca tinha fim
Essa visão de luar que vivia encantada
Num castelo ideal com torres de marfim!

Mas hoje as pombas de oiro, aves da minha infância,
Que me enchiam de lua o coração, outrora,
Partiram e no céu evoam-se a distância!

Debalde clamo e choro, erguendo aos céus meus ais:
Voltam na asa do vento os ais que a alma chora,
Elas, porém, Senhor! elas não voltam mais...

De leitura deste soneto fica-nos o travo da desilusão, a amargura de perder o que nunca mais se recupera. As metáforas, cuja finura e cuja riqueza nos impressionam, vêm transmitir uma visão encantada dos anos da meninice. Segundo o poeta, a infância é alada, tem asas, talvez porque o pensamento infantil voa a cada instante para o reino da fantasia, talvez porque a criança é um anjo, pela sua pureza, ainda visível da sua divisa.

Nobre escolheu uma flor, “um pudico jasmim”, para simbolizar essa candura perdida. O jasmim é branco, de perfume penetrante, mas suave. Também as crianças têm a graça, o perfume, a brancura da alma. O adjetivo “pudico” estabeleceu, no espírito do poeta, a ligação entre a flor e a criança: ambos possuem a pudicícia, a castidade, a inocência.

Vejam em tudo isto a delicadeza da arte de Antônio Nobre. Ele pôs de lado os processos declamatórios, a eloquência romântica, os meios diretos e demasiado conhecidos. Para nos dizer que terminou o sonho da sua meninice, a alegria da visão imaculada, Nobre fala-nos da flor que também tombou da haste, do jasmim que murchou num vaso de oiro, da pomba enamorada que se sumiu no azul e nunca mais voltou (lembramos aqui as lindas asas brancas de Garrett, que ele batia para voar ao céu).

Todo o soneto é construído sobre estas metáforas brilhantes, desde as pombas de oiro às torres de marfim. Somos levados a aludir ao simbolismo de Antônio Nobre, à preferência pela magia das insinuações indiretas. Na verdade o simbolismo não passou, a princípio, duma reação contra o processo parnasiano de mostrar as coisas, francamente, inteiramente, dando-as pelo nome próprio, sem rodeio nem véu. Isso tirava ao leitor o prazer de participar na criação.

“Nomear um objeto – escrevia Mallarmé em 1891 – é suprimir três quartos do gozo do poema, que consiste na delícia de adivinhar pouco a pouco; o sonho é sugerir o objeto. O uso perfeito deste mistério constitui o símbolo: evocar lentamente um objeto para mostrar um estado de alma, ou, inversamente, escolher um objeto e tirar dele um estado de alma por uma série de decifrações”. Estas palavras de Mallarmé (que foi o maior dos poetas simbolistas franceses) quadra à poesia de Antônio Nobre; notamos, porém, que, no soneto que hoje comentamos, não há imagens tão ousadas ou alucinantes que revoltem o senso comum; pelo contrário, é bem compreensível que se represente a candura da infância por uma flor branca, o mundo fantástico e hermético das crianças por um castelo de marfim.

O que parece estranho é não ser uma dor humana, dilacerante como a de Antônio Nobre, transmitida sem rodeios, no seu ímpeto de expansão, desalinhada e convulsiva. Não há dúvida de que Nobre foi sempre sincero. Desde pequeno, começou a meditar na morte, porque a esperava. Os prenúncios da tuberculose vieram pouco depois dos vinte anos. E ele, que já em criança pedia que, depois de morto, o embrulhassem num cobertor, “porque tinha medo do frio do jazigo”, depois começou a ver em todas as coisas o riso macabro da morte:

> Em tudo via a Velha, em tudo via a Morte;
> Um berço que dormia era um caixão pr‘a cova:
> Via a Foice no Céu quando era Lua Nova...

Antônio Nobre foi, portanto, um poeta espontâneo. Escreveu com o sangue das suas veias. Mas não foi apenas um homem que sofreu, porque fez dos pedaços da sua dor filigranas de beleza e harmonia. Ele próprio disse uma vez: “A dor que dura sempre produz o prazer que não dura mais que um momento”. Esse momento de que fala Nobre é, sem dúvida, o momento da criação poética, o momento da graça. O poeta depôs no altar da Arte a sua humanidade passageira, que sangrava. Contempla-se na própria imagem, acriançado e um pouco *dândi*, saboreando as palavras, procurando ritmos.

É notar como a palavra “lua” tem na sua poesia um halo especial de associações de imagens. As palavras recebem das outras mais próximas uma incidência de estímulos

psicológicos que muitas vezes transfiguram.

Por isso "lua", nos versos de Nobre ("...aves na minha infância que me enchiam de lua o coração outrora") sugere-nos o mundo saudoso e feminino do poeta, com as graças pálidas e os seus fantasmas adormecidos.

No último terceto, Nobre lança uma queixa dolorida e todavia humilde e resignada:

Debalde clamo e choro, erguendo aos céus meu ais:
Voltam na asa do vento os ais que a alma chora.
Elas, porém, Senhor! elas não voltam mais...

Nobre não renega o Senhor, embora tenha clamado antes de chorar. A rapidez saltitante do segundo verso, composto por palavras todas muito curtas, parece trazer o eco dos ais do poeta, vindos nas asas do vento. Voltam os ais que redobram a sua dor, mas não voltam as pombas de oiro da sua infância alada. O último verso, mais de que a chave racional do soneto, à maneira clássica, é uma frase sentimental: a primeira parte, ascendente, é um grito de alma ("elas, porém, Senhor!"); a segunda parte, descendente, é um suspiro de aceitação ("elas não voltam mais").

Antônio Nobre conformou-se, acabou por amar a sua cruz. Conseguiu tornar-se criança meiga e obediente, de olhos muito abertos, de sorriso tão triste. O sorriso de quem fala de ir viajar, sequinho, para o sol-posto; o sorriso de quem pede que componham com jeito o travesseiro, de modo que lhe faça bom encosto no caixão:

De modo que me faça bom encosto,
O travesseiro comporá com jeito,
E eu, tão feliz! Por não estar afeito,

Talvez este sorriso derive duma atitude premeditada, um último "coquetismo" de moribundo que compõe o lençol, manda abrir a janela e diz qualquer coisa infantil para distrair os outros da sua desgraça. Talvez seja a última defesa de quem teve de entregar-se todo, esfarrapado e sangrando, aos olhos da multidão compadecida".

Jacinto do Prado Coelho (*A Educação do Sentimento Poético*, pág. 65-71).

2) *Um soneto de Machado de Assis*:

A Carolina

...O estilo tem um cunho nitidamente quinhentista.

Sugere-o a formulação global, linguística e rítmica, e sublinham-no certos dados concretos, como, por exemplo, o qualificativo "malferidos", aconselhado por Mário Barreto justamente por se casar ao seu ideal de restauração da linguagem clássica183, a já citada locução de "pensamentos idos e vividos", e a pobreza das rimas dos tercetos em *-ados* e *-idos*, onde se alinham fácil e espontâneamente particípios da 1.ª conjugação e da 2.ª e 3.ª:

Trago-te flores, – restos arrancados
Da terra que nos viu passar unidos
E ora mortos nos deixa e separados
Que eu, se tenho nos olhos malferidos

Pensamentos de vida formulados,
São pensamentos idos e vividos.

O que, entretanto, mais aí nos deve interessar é a "forma interna", isto é, o plano formal imanente no desdobramento das frases.

Para o soneto, a forma interna, assim concebida, se processa pela concatenação de ideias, ascendentes em amplitude e intensidade, até o coroamento de uma larga e culminante expressão final. É o que naturalmente estava prefigurando no microcosmo da copla esparsa, de que vimos provavelmente ter evoluído o soneto.

Em Bocage, esta estruturação chega muitas vezes ao uso de um único período, que só na parte final apresenta as suas orações capitais. Um bom exemplo é o soneto sobre a existência de Deus184 onde vão-se anunciando os fatos da natureza comprobatórios, até se chegar à afirmação dessa existência na base desses fatos –

tudo que há a confessar me obriga

– acrescentando-se o conceito de que tal existência se impõe à Razão, e não apenas à Fé, pela evidência física e pela necessidade no plano moral, o que tinha de ser o capital argumento para o iluminismo oitocentista:

E para crer num braço autor de tudo,
Que recompensa os bons, que os maus castiga,
Não só da Fé mas da Razão me ajudo.

Esse plano formal interno pode, é verdade, oferecer a variante do chamado "soneto elisabetano" (que praticou Shakespeare)185 onde a três estrofes de quatro versos, independentes entre si quanto à rima, se adjunge um dístico final, que resume o pensamento anteriormente desenvolvido. Neste particular, Antônio Nobre nos ilustra uma forma interna de soneto elisabetano moldado na forma externa italiana, quando disjunge pela ideia os dois versos finais do último terceto, neles resumindo todo o teor da poesia, cujo pensamento se concluíra no décimo segundo verso:

Ó virgem que passais ao sol poente,
Pelas estradas ermas a cantar,
Eu quero ouvir uma canção ardente
Que me transporte ao meu perdido lar.
Cantai-me nessa voz onipotente
O sol que venha aureolando o mar,
A fartura da seara reluzente,
O vinho, a graça, a formosura, o luar.
Cantai, cantai, as límpidas cantigas
Do fundo do meu lar desaterrai
Todas aquelas ilusões antigas,
Que eu vi morrer num sonho como um ai!...
Ó suaves e frescas raparigas,
Adormecei-me nessa voz... Cantai! 186

Voltando, entretanto, a "A Carolina" de Machado de Assis, examinemos-lhe a forma interna na base das considerações acima feitas.

Não temos aí, em verdade, um desdobramento de ideias cada vez mais amplas e intensas até um clímax de versos finais.

O poeta combina pensamentos cognatos e paralelos: um nos quartetos, outro no primeiro terceto, enquanto um terceiro pensamento, que é a essência do pequeno poema, se

consubstancia finalmente no último terceto.

Recitemos a produção, comparando-a com o esquema assim depreendido:

A) Visita à sepultura com as ideias que acompanham esse gesto de saudade e carinho: a evocação da felicidade e a afirmação de uma lembrança e um afeto que não mais se apaga ou sequer desfalece:

> Querida, ao pé do leito derradeiro
> Em que descansas dessa longa vida,
> Aqui venho e virei, pobre querida,
> Trazer-te o coração de companheiro.
> Pulsa-lhe aquele afeto verdadeiro
> Que, a despeito de toda a humana lida,
> Fez a nossa existência apetecida
> E num recanto pôs o mundo inteiro.

B) Oferta de flores, como símbolo dessa saudade, que assim se concretiza num gesto ritual:

> Trago-te flores, restos arrancados
> Da terra que nos viu passar unidos
> E ora mortos nos deixa e separados.

C) Finalmente, o conceito de que o poeta está morto para o mundo, e a sua vida física se prolonga automaticamente pelo impulso adquirido de uma força vital que desapareceu:

> Que, se eu tenho nos olhos malferidos
> Pensamentos de vida formulados,
> São pensamentos idos e vividos.

Mas não é tudo. Não se resume nesta análise o plano complexo do soneto.

O poeta articulou sutilmente a parte C com a parte B, tirando-a da expressão, aparentemente secundária, de que ele está tão morto quanto a sua Carolina.

Digo "aparentemente secundária", porque o termo está colocado em meio de frase e como primeiro elemento de um conjugado copulativo, em que predomina formalmente, portanto, o segundo qualificativo *separados*.

Há a intenção de provocar a perplexidade *a posteriori* do leitor, cuja atenção desliza até *separados* e, *depois* de aceitar essa ideia *self-evident*, há de retornar, sem querer, para o paradoxal adjetivo *mortos*, que o antecede. "Mortos, por quê?" Assim concentrado num novo conceito, que obviamente tem de intrigá-lo, está ele preparado para receber o impacto de pensamento final, introduzido ao último terceto por um *que* de valor causal.

Temos, assim, – não um desdobramento que regularmente vai ascendendo para uma ideia ápice –, mas um primeiro pensamento concluso (a evocação da felicidade perdida e a lembrança perene da mulher amada), um segundo que o ilustra numa concretização simbólica, e, saindo de um elemento aí lançado quase ao acaso, um pensamento final, que transfigura o poema e lhe dá a substância definitiva.

É nesta forma interna e no seu contraste com o plano natural de um soneto, que me parece estar, estilisticamente, a significação da pequena joia poética que acabamos de rapidamente apreciar.

Joaquim Mattoso Câmara Jr. (*Revista do Livro*, no. 5, p. 71-73)

179 J. Mattoso Câmara Jr., “Noções de Estilística” in *Littera*, n.º 2, 91.
180 Matéria y Forma en Poesia, 103-104.
181 No artigo citado.
182 *Le Langage et la Vie*, 100.
183 Mário Barreto, *Novos Estudos da Língua Portuguesa*. Rio, 1921; p. 364.
184 *Obras Poéticas de Bocage*, ed. Tavares Cardoso e Irmão. Lisboa 1902, vol. I, 234.
185 Sobre o soneto na literatura inglesa, consultar Enid Hammer, *The Meters of English Poetry*, London, 1954; p. 186 ss.
186 Antônio Nobre, *Só*, 3.a. ed. (Aillaud e Bertrand)., 1913, p. 120.

V – Noções Elementares de Versificação

"La métrique est une science, mais c'est aussi un art.
Le métricien doit connaître la technique du vers, mais
il doit aussi être un homme de bon sens, avoir de la finesse
et du goût" (G. Millardet, *Romania*, 43, 1914, p. 260).

Poesia e prosa – Em sentido formal, chama-se **poesia** à forma de expressão ordenada segundo certas regras e dividida em unidades rítmicas.

Prosa é a forma de expressão continuada. Embora a prosa também possa ter ritmo, aqui ele é menos rigoroso que na poesia.

Verso é o conjunto de palavras que formam, dentro de qualquer número de sílabas, uma unidade fônica sujeita a um determinado ritmo.

Ritmo é a divisão do tempo em período uniformes mediante os apoios sucessivos da intensidade.

Metro é o verso que, além de atender ao ritmo, se apresenta dentro de uma norma regular de medida silábica.

O ritmo, comum ao verso e ao metro, não se manifesta de maneira uniforme; por isso produz efeitos diferentes conforme a disposição das cláusulas silábicas que constituem o período rítmico do verso.

Por sua vez, um mesmo metro pode apresentar-se sob várias modalidades rítmicas.

Pode-se mudar de ritmo sem alterar o metro ou o verso, como se pode mudar de metro ou verso sem alterar o ritmo.

Como ensina Navarro Tomás, o ritmo nasce da disposição acentual, o verso depende da ação do ritmo, e o metro obedece justamente ao ritmo e à medida silábica.

Além do ritmo acentual, outros recursos suplementares contribuem para dar ao verso as qualidades de sua fisionomia e de colorido; são recursos fônicos, morfológicos e semânticos. Além da rima e da estrofe, figuram, entre outros, a harmonia vocálica, a aliteração de consoantes, o paralelismo, a anáfora, a ordem das palavras ou a valorização semântica de uma palavra ou expressão.

Por melhor que seja o verso, perderá muito de seu valor se proferido por um leitor – e até mesmo pelo seu autor - que não saiba pôr em evidência as características de sua estrutura rítmica, métrica e de seus apoios fônicos.

Pausa final. Cavalgamento – Na leitura de um poema, marca-se o final de cada verso ou final de cada unidade de verso composto (*hemistíquio*) com uma pausa, a chamada *pausa métrica*. Esta pausa métrica não passa de uma pequena interrupção, que não chega a confundir com a pausa mais demorada, resultante da entoação da oração, marcada em geral por vírgula ou outro sinal de pontuação.

Não levar na devida conta a pausa métrica, além de atentar contra o ritmo, pode converter o verso em falsa prosa.

A pausa métrica é transferida para a primeira sílaba tônica do verso seguinte, quando a unidade sintática excede o limite de um verso e, para completar-se, "cavalga" ou "monta" no verso a seguir, patenteando, assim, um desacordo entre a unidade sintática e a unidade métrica. Este fenômeno é conhecido pela denominação francesa *enjambement*, que se pode traduzir, como fez Said Ali, por *cavalgamento*. Também se usa o termo *encavalgamento*:

> "Sonho profundo, ó Sonho doloroso,
> Doloroso e profundo Sentimento!
> *Vai, vai nas harpas trêmulas do vento*
> *Chorar o teu mistério tenebroso*" [CS.1, II, 63].

Versificação – é a técnica de fazer versos ou de estudar-lhes os expedientes rítmicos de que se constituem.

"Não se há de confundir *versificação* com *poesia*. A poesia é um *dom*: nasce-se poeta. A versificação é uma arte: torna-se um versejador. Grandes poetas, como Vigny, foram medíocres versejadores. Hábeis versejadores, como Teodoro de Banville, não podem jamais ser chamados poetas" [BH.1, 431].

O **ritmo poético**, que na essência não difere das outras modalidades de ritmo, se caracteriza pela repetição. O ritmo consiste na divisão perceptível do tempo e do espaço em intervalos iguais. Quando a poesia se constitui de unidades rítmicas iguais, diz-se que a versificação é *regular;* quando isto não ocorre, a versificação é *irregular* ou *livre*.

O ritmo poético utiliza recursos que nem sempre são coincidentes de idioma para idioma.

Entre nós, por exemplo, não figura a quantidade que é o alicerce da versificação latina ou grega. A rima, por outro lado, que hoje nos é tão familiar e querida, não constituía peça essencial da poesia até a Idade Média latina.

Em português o ritmo poético é assegurado pela utilização dos seguintes expedientes que se podem combinar de maneira variadíssima:

1) número fixo de sílabas;

2) distribuição das sílabas fortes (ou tônicas) e fracas (ou átonas);

3) cesura;

4) rima;

5) aliteração;

6) encadeamento;
7) paralelismo.

O número fixo de sílabas coordenado com a distribuição das sílabas fortes e fracas constitui um *metro poético* e o seu estudo recebe o nome de *métrica*.

I – Número Fixo de Sílabas

Como se contam as sílabas de um verso – Na recitação a contagem das sílabas se processa diferentemente da análise gramatical; nesta se atenta para a sua representação na escrita enquanto naquela se busca a realidade auditiva. No verso:

"É toda um hino: – esperança!" [CA.1, 97]

Há sete sílabas para o poeta (este só conta até a última tônica) e dez sílabas para o gramático; aquele não profere o *a* final de *toda*, liga a consoante *d* a *um*, omite o *o* final de *hino* e junta o *n* à sílaba inicial de *esperança*:

É / to / d(a)um / hi / n(o): – es / pe / ran / ça
1 2 3 4 5 6 7

Só se conta até a última sílaba tônica: verso agudos, graves e esdrúxulos – Uma das orientações que distinguem a contagem das sílabas entre o poeta e o gramático, é que o primeiro, de acordo com orientação revivida (foi iniciada por Couto Guerreiro, no século XVIII) 187 por Antônio Feliciano de Castilho, no século XIX, só leva em conta até a última sílaba tônica, desprezando a átona ou as átonas finais. Daí a divisão dos versos em *agudos*, *graves* ou *esdrúxulos*, conforme terminarem, respectivamente, por vocábulos oxítonos, paroxítonos, ou proparoxítonos, como nos seguintes versos, todos de dez sílabas:

"O padre não falou – mostrou-lhe o céu!" [CA.1, 137] **Agudo**
"Eu vi-a lacrimosa sobre as *pedras*." [CA.1, 106] **Grave**
"Estátua da aflição aos pés dum túmulo!" [CA.1, 106] **Esdrúxulo**

Neste livro indicaremos a sílaba métrica pelo símbolo ∪ ; quando for tônica poremos nele um acento tônico: ∪.188

Fenômenos fonéticos correntes na leitura dos versos – Na leitura dos versos, proferimos as palavras com as junções e as pausas que o falar de todos os momentos conhece; por exagero, entretanto, tais fenômenos fonéticos costumam ser explicados como "exigência da técnica versificatória".

Estes fenômenos são: 1) sinérese; 2) diérese; 3) elisão; 4) crase; 5) ectlipse; e podem ocorrer uns dentro do mesmo vocábulo (*intraverbais* ou *internos*) e outros pela junção de dois vocábulos (*interverbais* ou *externos*).

Sinérese ou ditongação é a junção de vogais contínuas numa só sílaba em virtude de uma das vogais passar a semivogal, no interior da palavra.

Na língua portuguesa moderna, especialmente no Brasil, é normal a sinérese interna: "a) nos grupos vocálicos átonos não finais, de segunda vogal, alta, correspondente em vocábulo derivado ou composto à vogal tônica do primitivo (ex.: *traidor*, de *trair*) ou à vogal inicial de uma das formas mínimas componentes (ex.: *vaidade*, rad. *va-*, suf. *-idade*), sendo que, fora dessas duas condições, se tem aí um ditongo sistemático (ex.: *lei-tu-ra*, *cau-te-la*, etc.); b) nos grupos vocálicos átonos não finais, de primeira vogal alta (ex.: *piedade*, *suavidade*); c) nos grupos vocálicos átonos finais, de primeira vogal átona (ex.: *glória*, *áscua*, *série*, *tênue*), sendo que não há primeira vogal média nesses grupos (cf. *níveo*/*níviu*/*mágoa*/*mágua*). A intenção estilística ou a métrica, no verso, criam frequentemente diérese nos dois primeiros casos" [MC.4, 221].

DIÉRESE é a dissolução de um ditongo em hiato no interior da palavra.

A diérese, que é sempre interna, é fenômeno hoje raro em poesia, geralmente usado apenas para certos fins expressivos ou como expediente para dar ao verso o número de sílabas exigidas:

"Pe / sa / -me es / ta / bri / lhan / te au / ré / o / la / de / nu / me..." [MA].

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12

O movimento lento, proferindo *auréola* (*au-ré-o-la*) como vocábulo de quatro sílabas, parece emprestar à situação o colosso do tamanho que tem o sol, em relação à simplicidade do vaga-lume.

Às vezes costuma-se indicar a diérese pondo-se trema no *i* ou *u*: *vaïdade* (*va-i-da-de*), *saudade* (*sa-u-da-de*).189

SINALEFA, é a perda de autonomia de uma vogal para tornar-se semivogal e, assim, constituir um ditongo com a vogal seguinte:

E triste e triste e fatigado eu‿vinha (lido como tritongo: /wew/).

ELISÃO é o desaparecimento de uma vogal quando pronunciada junto de outra vogal diferente:

e fatigad(o)‿eu vinha (lido: /ew/) [CCh.1, 667].

A pronúncia rápida dos portugueses leva mais frequentemente à realização de elisões do que a pronúncia mais lenta dos brasileiros. Nem sempre, como no exemplo acima, a elisão é indicada graficamente:

Mas se forçoso *t'é* deixar a pátria [CA.1, 125].

Note-se também que a elisão pode abarcar mais de duas vogais.

CRASE é a fusão de dois ou mais sons iguais num só:

"Teu pensamento, como‿o sol que morre,
Há de cismando mergulhar-se‿em mágoas" [CA.1, 125].
"Durante a noite quando‿o orvalho desce" [CA.1, 144].

ECTLIPSE é a supressão da ressonância nasal de uma vogal final de vocábulo para facilitar a sinérese ou a crase com a vogal contígua.190

Ocorre com mais frequência a ectlipse no final *-em* e na preposição *com*. Neste último caso, é comum ser indicada por apóstrofo, porque, a rigor, a ectlipse não passa de uma elisão considerada a palavra no seu sentido mais geral (o Vocabulário Oficial recomenda não usar apóstrofo: coa, coas, co, cos):

"Co'as tranças presas na fita,
Co'as flores no samburá" [CA.1, 116].

É preciso insistir, mais uma vez, que os fenômenos fonéticos aqui estudados só na mão do versejador são frios recursos de aumento ou diminuição de sílabas para atender às exigências da técnica versificatória; na mão do verdadeiro poeta constituem intencionais e vigorosos elementos do quadro que o artista deseja pôr diante de nossos olhos. O ritmo que devemos imprimir ao verso, acelerado aqui, com pausas acolá, é uma como harmonia imitativa das ideias que o poeta nos quer transmitir.

O ritmo e a pontuação do verso – Já acentuamos que nem sempre a unidade de sentido do poema coincide com os limites de sua linha, o que nos mostra o erro daqueles que leem verso fazendo longa pausa no fim de cada um deles.191 Esta longa pausa só é lícita quando a unidade sintática o exigir ou permitir:

"Meus Amigos, Adeus – Verei fulgindo
A lua em campo azul, e o sol no ocaso
Tingir de fogo a implacidez das águas;
Verei hórridas trevas lento e lento
Descerem, como um crepe funerário
Em negro esquife, onde repoisa a morte" [GD.3, I, 213].

Às vezes se podem ligar fonemas de palavras separadas por algum sinal de pontuação ou, ao contrário, pode haver uma pausa sem que seja indicada por sinal gráfico adequado, como nestes versos de dez sílabas:

"E eu, fitando-a, abençoava a vida" [CA.1, 279], lido:
E / eu / fi / tan / do-a a / ben / ço / a / va a / vi / da
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
"Ama-se a vida – a mocidade é crença" [CA.1, 144].

Expedientes mais raros na contagem das sílabas – Ao lado dos casos até aqui apontados, há outros de menos incidência, mas que merecem nossa atenção. Lembraremos os três seguintes:

a) o movimento rítmico de um verso pode estar sob a influência do verso anterior ou do seguinte, fazendo com que a vogal ou sílaba inicial de um verso fique incorporada no verso precedente; isto vem explicar a exatidão métrica de alguns versos aparentemente errados por se apresentarem mais curtos do que deviam:

"Chorar a virgem formosa
Morta na flor dos anos" [CA.1, 83], que será lido:
Cho / rar / a / vir / gem / for / mo /
1 2 3 4 5 6 7
sa / mor / ta na / flor / dos / a / nos
1 2 3 4 5 6 7

b) o silêncio ou pausa mais forte valendo como sílaba:

"Às vezes, oh, sim, / derramam tão fraco" [GD.3, I, 68].
"O céu era azul, / tão meigo e tão brando" [GD.3, I, 45].

são versos de onze sílabas aos quais a pausa intencional do poeta (indicada aqui por /) vale por uma sílaba métrica.

c) a dissolução de um encontro consonântico pela intercalação de uma vogal (/ *i* / ou / *e* /), não indicada na escrita, fazendo da primeira consoante uma sílaba à parte, o que revela uma tendência da pronúncia brasileira corrente:

"Ninguém mais *observa* o tratado" [GD.2] – *observa* deve ser lido com quatro sílabas.
"Contudo os olhos *d'ignóbil* pranto" [GD.1] – *ignóbil* deve ser lido também com quatro sílabas.

2 – Número Fixo de Sílabas e Pausas

O número fixo de sílabas e pausas é o principal dos apoios rítmicos do verso. O poeta tem a liberdade de não ficar, em todo o poema, preso ao mesmo metro. No poema de Gonçalves Dias, intitulado *Minha Vida e Meus Amores*, ocorre uma mudança de metro muito interessante. O poeta vinha versejando em decassílabos acentuados na sexta sílaba ou na quarta e oitava:

Outra vez que lá fui, que a vi, que a medo
Terna voz lhe escutei: – sonhei contigo! –
Inefável prazer banhou meu peito,
Senti delícias; mas a sós comigo
Pensei – talvez! – e já não pude crê-lo.

De súbito, nos versos 67 e 68 faz cair as pausas na quarta e sétima sílaba, aproximando o ritmo decassílabo do ritmo de onze sílabas, que vai aparecer nos versos 70 e 71:

Ela tão meiga e tão cheia de encantos,
Ela tão nova, tão pura e tão bela...
Amar-me! – Eu que sou?
Meus olhos enxergam, enquanto duvida
Minh'alma sem crença, de força exaurida,
Já farta da vida,
Que amor não doirou. [MB.1, II, 127].

Na poesia *A Tempestade*, Gonçalves Dias varia a medida de estrofe; a estrofe começando por duas sílabas até chegar a onze, quando retorna num movimento decrescente até voltar ao

de duas sílabas. Com isto o poeta quis-nos indicar mais vivamente "a aproximação gradativa da tempestade, cuja maior fúria estoura na décima estrofe, para depois afastar-se pouco a pouco" [Manuel Bandeira, editor das Obras de Gonçalves Dias, II, 235].

Os versos em português variam, em geral, de uma a doze sílabas, sendo raros os que ultrapassam este número. Para sua designação empregam-se os nomes gregos denotativos de número prefixados ao elemento -*sílabo*: *mono*- (um só), *dis*- (dois), *tri*- (três), *tetra*- (quatro), *penta*- (cinco), *hexa*- (seis), *hepta*- (sete), *octo*- (oito), *enea*- (nove), *deca*- (dez), *hendeca*- (onze), *dodeca*- (doze): *monossílabo*, *dissílabo*, *trissílabo*, *tetrassílabo* (também chamado *quadrissílabo*) , *pentassílabo* (também dito *redondilha menor*) , *hexassílabo*, *heptassílabo* (também dito *redondilha maior* ou só *redondilha*) , *octossílabo*, *eneassílabo*, *decassílabo* (também chamado *heróico*) , *hendecassílabo* (também chamado de *arte maior*) e *dodecassílabo* (ou também *alexandrino*), nome tirado das numerosas composições medievais que cantavam os feitos do guerreiro Alexandre, mormente o *Poema de Alexandre*, composto no século XII, por Alexandre de Bernay e Lambert Licor.

Cesura – Os versos longos, de ordinário a partir dos de dez sílabas, apresentam uma pausa interna, chamada *cesura*, para ressaltar o movimento rítmico, dividindo o verso em duas partes, nem sempre iguais, conhecidas pelo nome de *hemistíquios*. A *cesura* pode ser uma pausa menor (não indicada por sinal de pontuação), ou mais acentuada (indicada na escrita por sinal de pontuação).

Como assinala Navarro Tomás, "em qualquer ponto do verso pode ocorrer uma interrupção requerida pela sintaxe ou pela necessidade de destacar o significado de uma palavra. Estas paradas ocasionais não têm a função métrica da cesura ou da pausa" [NT.1, 28].

Versos de uma a doze sílabas – Os versos de uma, duas e três sílabas só têm uma sílaba forte:

a) Monossílabos (raríssimos):

"quebra
queima
reina
dança
sangue
gosma..." [MAn *apud* MB.3, 3242].

b) Dissílabos:

"Um raio
Fulgura
No espaço
Esparso
De luz" [GD.4, 229].

c) Trissílabos:

"Vem a aurora
Pressurosa,
Cor-de-rosa,

Que se cora
De carmim" [GD.4, 229].

d) Tetrassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ↺ ∪ ↺
"O sol desponta" [GD.4, 230].

2 – ∪ ∪ ∪ ↺
"Que entre verdores" [GD.4, 230].

3 – ↺ ∪ ∪ ↺
"Lá no horizonte" [GD.4, 230].

4 – ∪∪↺ ↺
"Salomé vinha" [*apud* MB.3, VI, 3242].

e) Pentassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ↺ ∪ ∪ ∪ ↺
"Gados que pasceis" [LC *apud* SA.3, 30].

2 – ∪ ↺ ∪ ∪↺
"Um ponto aparece" [GD *apud* SA.3].

3 – ∪ ∪ ↺ ∪ ↺
"Não sou eu tão tola" [JD *apud* SA.3].

f) Hexassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ↺ ∪ ↺ ∪↺
"Não solta a voz canora" [GD, *ibid.*].

2 – ∪ ↺∪ ∪ ∪↺
"Que um canto d'inspirado" [*Id.*, *ibid.*].

3 – ∪ ∪ ↺ ∪ ∪↺
"Como é fundo o sentir" [CA *apud* SA.3, 33].

4 – ↺ ∪↺ ∪ ∪ ↺
"Pois permite e consente" [LC *apud* SA.3, 32].

5 – ↺ ∪ ∪↺∪ ↺
"Tu já mataste a sede,
Mate-me a sede a mim" [JD *apud* SA.3].

6 – ∪ ∪ ∪ ↺ ∪↺
"E à luz do luar incerto" [AG *apud* MC.3, II, 149].

g) Heptassílabos – são os versos mais usados e populares em português e apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ◡ ◡ ◡ ◡ ◡◡◡
"Cresce a chuva, os rios crescem" [GD, *ibid.*].

2 – ◡´◡ ◡ ◡◡◡ ◡ ◡
"Fogem do vento que ruge" [*Id.*, *ibid.*].

3 – ◡ ◡◡ ◡ ◡◡◡ ◡
"Ardendo na usada sanha" [*Id.*, *ibid.*].

4 – ◡ ◡ ◡◡ ◡◡◡◡◡
"Como ovelhas assustadas" [*Id.*, *ibid.*].

5 – ◡ ◡ ◡◡ ◡ ◡◡ ◡ ◡
"Que da praia arreda o mar" [*Id.*, *ibid.*].

6 – ◡ ◡◡◡ ◡◡◡ ◡◡◡
"É já torrente bravia" [*Id.*, *ibid.*].

7 – ◡ ◡ ◡◡ ◡ ◡◡◡◡
"Grossos troncos a boiar"

8 – ◡ ◡◡ ◡ ◡ ◡ ◡ ◡◡
"Aqui nestas redondezas" [V. de Carvalho *apud* MC.3, 148].

h) Octossílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ◡ ◡◡ ◡ ◡◡ ◡ ◡◡ ◡ ◡◡
"Demônios mil, que, ouvindo-as, digam" [RC *apud* SA.3, 39].

2 – ◡◡ ◡◡ ◡ ◡◡◡◡ ◡◡
"Sabes tu de um poeta enorme" [MA *apud* SA.3, 40].

3 – ◡◡ ◡ ◡◡ ◡◡◡◡ ◡◡
"Roxas, brancas, rajadas, pretas" [*Id.*, *ibid.*].

4 – ◡ ◡◡ ◡ ◡ ◡◡◡◡ ◡◡◡
"Deixando a palhoça singela" [*Id.*, *ibid.*].

5 – ◡ ◡ ◡◡◡ ◡ ◡◡◡◡
"São Bom Jesus de Matozinhos" [AG *apud* MC.3, 150].

6 – ◡ ◡ ◡◡ ◡ ◡ ◡ ◡◡◡
"Querem vê-lo no seu altar" [*Id.*, *ibid.*].

7 – ◡◡◡◡ ◡◡ ◡ ◡ ◡◡
"Para ficar perto dos ninhos" [*Id.*, *ibid.*].

8 – ◡◡ ◡◡◡ ◡ ◡◡◡◡
"Alto, porém, tão alto soa" [RC *apud* SA.3, 40].

i) Eneassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ∪ ↺∪ ∪↺∪ ∪ ↺
"E no túrgido ocaso se avista" [GD, *op. laud.*]

2 – ∪∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ∪∪ ↺
"Além, nos mares tremulamente" [RC *apud* MC.3].

3 – ∪ ↺ ∪ ∪ ∪↺∪ ∪ ↺
"Da cor de uma menina sem vida" [AG *apud* MC.3, 152].

4 – ↺ ∪ ∪ ↺ ∪ ↺ ∪ ∪↺
"Pobres de pobres são pobrezinhos" [G. Junqueira *apud* SA.3, 42].

5 – ↺ ∪ ∪↺∪ ∪ ↺ ∪ ↺
"Dei-me ao relento, num mar de lua" [R. Correia *apud* SA.3].

6 – ∪ ↺ ∪↺∪ ∪ ↺ ∪ ↺
"Também outrora num mar de lua" [*Id.*, *ibid.*].

7 – ↺ ∪∪∪↺∪ ∪ ∪ ↺
"Pobre lua nova, tão pequena" [A. Guimarães *apud* MC.3].

j) Decassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ∪↺ ∪ ↺
"Um som longínquo cavernoso e ouco" [GD, *ibid.*].

2 – ∪ ∪ ∪ ∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ∪ ↺
"Eis outro inda mais perto, inda mais rouco" [*Id.*, *ibid.*].

3 – ∪↺ ∪ ↺ ∪ ↺ ∪ ∪ ∪ ↺
"Troveja, estoura, atroa; e dentro em pouco" [*Id.*, *ibid.*].

4 – ↺ ∪ ∪ ∪ ∪ ↺∪ ∪∪↺
"Rasga-se o negro bojo carregado" [*Id.*, *ibid.*].

5 – ∪ ↺ ∪ ∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ∪↺
"E enquanto a luz do raio o sol roxeia" [*Id.*, *ibid.*].

6 – ∪ ∪↺∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ∪ ↺
"Das ruínas completas o grande estrago" [*Id.*, *ibid.*].

7 – ∪∪ ∪ ∪ ↺ ∪ ↺ ∪ ∪ ↺
"O sonho passou. Traz magoado o rim" [MB.3, 3243].

8 – ∪ ∪ ∪ ∪↺ ∪ ↺ ∪ ∪↺
"Magoada a cabeça exposta à umidade" [*Id.*, *ibid.*].

9 – ∪∪ ∪ ↺∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ↺
"Doce repouso de minha lembrança" [LC *apud* MB.3].

k) Hendecassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ↺∪∪ ↺ ∪ ∪ ↺ ∪∪ ↺
"Nos últimos cimos dos montes erguidos"

2 – ↺ ∪ ∪ ∪↺ ∪ ∪ ↺ ∪∪ ↺
"Ai! há quantos anos que eu parti chorando" [GJ.1, 117].

3 – ∪∪ ∪ ∪ ↺∪ ∪∪∪∪ ↺
"Deste meu saudoso, carinhoso lar!..." (*Id.*, *ibid.*).

4 – ∪ ∪ ↺ ∪ ↺∪ ∪ ∪ ↺∪ ↺
"Foi há vinte?... há trinta?... Nem eu sei já quando!..." [*Id.*, *ibid.*].

l) Dodecassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ∪ ↺∪∪↺ / ∪∪↺∪ ∪ ↺
"Já não fala Tupã no ulular da procela" [OB *apud* SA.3, 56].

2 – ∪ ↺ ∪ ↺∪↺/ ∪ ↺∪↺∪↺
"E espalham tanto brilho as asas infinitas" [*Id.*, *ibid.*].

3 – ∪ ∪ ↺∪∪ ↺ / ∪ ↺ ∪ ↺ ∪↺
"Como a faixa de luz que o povo hebreu guiava" [*Id.*, *ibid.*].

4 – ∪ ↺ ∪ ↺ ∪ ↺ / ∪∪↺ ∪∪↺
"Teu pé também deixou um sinal neste solo" [*Id.*, *ibid.*].

5 – ↺∪ ∪↺ ∪ ↺ / ↺ ∪ ∪ ↺ ∪↺
"Ruge soturno o mar; turva-se hediondo o dia" [*Id.*, *ibid.*].

6 – ↺∪ ∪ ↺ ∪ ↺/ ∪ ↺∪ ↺∪ ↺
"Súbito a nota extrema anseia, treme, rola" [CAv.1, I, 115].

7 – ↺ ∪ ∪ ↺ ∪ ↺/ ∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ↺
"Noiva que espera o noivo e suspira em segredo" [OB *apud* SA.3].

8 – ∪ ↺ ∪ ↺∪ ↺/ ↺ ∪ ∪↺ ∪ ↺
"Em torno a cada ninho anda bailando uma asa" [*Id.*, *ibid.*].

9 – ∪ ∪ ↺∪ ∪ ↺ / ↺∪ ∪ ↺ ∪ ↺
"Vês com olhos do céu cousas que são do mundo" [MA, *ibid.*].

10 – ↺∪ ↺∪ ∪ ↺ / ↺∪ ↺ ∪ ∪↺
"Essa que ora nos céus anjos chamam Lenora" [*Id.*, *ibid.*].

11 – ↺∪ ↺∪ ∪↺ / ↺∪ ∪ ↺ ∪ ↺
"Casa, rico jardim, servas de toda a parte" (*Id.*, *ibid.*).

12 – ↺ ∪ ↺ ∪ ∪ ↺/∪ ↺ ∪ ↺ ∪↺
"Berço em que se emplumou o meu primeiro idílio" [OB, *ibid.*].

13 – ↺ ∪ ↺∪ ∪ ↺/∪∪↺ ∪ ∪ ↺
"Passa um velho judeu, avarento e mesquinho" (G. Junqueira, *ibid.*).

"A lei orgânica do alexandrino pode ser expressa em dois artigos: 1.º) quando a última palavra do primeiro verso de seis sílabas é grave (1.º hemistíquio), a primeira palavra do segundo deve começar por uma vogal ou por um *h*; 2.º) a última palavra do primeiro verso nunca pode ser esdrúxula. Claro está que, quando a última palavra do primeiro verso é aguda,

a primeira do segundo pode indiferentemente começar por qualquer letra, vogal ou consoante.

Alguns poetas modernos, desprezando essa regra essencial, têm abolido a tirania da censura. Mas o alexandrino clássico, o verdadeiro, o legítimo, é o que obedece a esses preceitos".192

3 – Rima: Perfeita e Imperfeita 193

Chama-se *rima* a igualdade ou semelhança de sons pertencentes ao fim das palavras, a partir da sua última vogal tônica.

As palavras em rima podem estar no fim (*rima final*, a mais usual) ou no interior do verso (*rima interna*), podendo, neste último caso, uma das palavras ocupar a posição final.

Interna é a rima que se faz com a última palavra de um verso e uma palavra no interior do verso seguinte. Em *Aventura Meridiana* (*Os Amores* de P. Ovídio Nasão, 63 e ss.), A. F. de Castilho, compondo quartetos de versos alternados, de 12 e 6 sílabas, rima o 1.º verso com a 2.ª sílaba do 2.º; o 2.º com o 4.º; o 3.º com a 2.ª sílaba do 4.º; finalmente variando o verso ora grave, ora agudo:

"Era na estiva quadra! Intenso meio-dia
Pedia um respirar;
No meio do meu peito
Me deito a descansar.

Janela entreaberta, esquiva ao sol fogoso,
Repouso ali mantém;
Luz como a de espessura
Escura ao quarto vem".

A rima pode ser *perfeita* (ou com *homofonia*) ou *imperfeita* (ou com *semi-homofonia*). Diz-se *perfeita* quando é completa a identidade dos fonemas finais, a partir da última vogal tônica:

"És engraçada e formosa
Como a rosa,
Como a rosa em mês d'abril;
És como a nuvem doirada
Deslizada,
Deslizada em céus d'anil" (G. Dias, *Obras*, 59).

Na rima perfeita, pode haver ainda identidade da(s) consoante(s) anterior(es) à vogal tônica. Para os versos inglês e alemão o fato constitui falta grave.

Diz-se *imperfeita* aquela em que a identidade de fonemas finais não é completa, insistindo-se apenas naqueles fonemas que se diferenciam fundamentalmente dos demais [CCh.2, 200]. Ocorre a rima imperfeita quando:

a) se rima uma vogal de timbre semiaberto com outra de timbre semifechado:

"Bailando no ar, gemia inquieto vaga-lume:
– "Quem me dera que fosse aquela loura *estrela*,
Que arde no eterno azul, como eterna *vela*!"
Mas a estrela, fitando a lua, com ciúme." (M. de Assis).

b) um dos finais tem um som que o outro não tem:

"Nessa *vertigem*
Amara a *virgem*" (C. de Abreu, *Obras*, 194).

Muitas vezes, a perfeição ou imperfeição da rima é relativa, conforme a pronúncia padrão. No Brasil, por exemplo, constituem rimas perfeitas as que se fazem entre certas vogais e ditongos (*desejos* com *beijos*; *luz* com *azuis*; *atroz* com *heróis*; *vãs* com *mães*; *espirais* com *Satanás*; *bondoso* com *repouso*). Em Portugal é perfeita a rima entre *mãe* e *também* (ou *tem*, etc.), prática que, por imitação literária, ocorre entre alguns de nossos poetas românticos.

c) se rima uma vogal oral com uma vogal nasal:

De que ele, o sol, inunda
O mar, quando se *põe*,
Imagem moribunda
De um coração que *foi* [JD *apud* CCh.1, 694].

d) se rimam vocábulos com só identidade das vogais tônicas (rima *toante* ou *assonante*).

Rimas consoantes e toantes – A rima se diz *consoante* quando é perfeita, isto é, tem os mesmos fonemas a partir da última vogal tônica do verso: *vaga-lume* / *ciúme*.

Toante (também *assonante*, de *assonância*) é a rima imperfeita, em que há apenas identidade nas vogais tônicas:

calma / *cada*; *terra* / *pedra*.

Disposição das rimas – Quanto à maneira por que se dispõem nos versos, as rimas podem ser *emparelhadas*, *alternadas* (ou *cruzadas*), *opostas* (ou *entrelaçadas* ou *enlaçadas*), *interpoladas* e *misturadas*.

Cada rima de uma estrofe é designada por uma letra maiúscula ou minúscula do alfabeto, de modo que a sucessão de letras indica a sucessão das rimas. Assim no exemplo:

"Moços, quero, entre vós, falar à nossa terra...
Somos sua esperança e o seu último amparo;
Em nosso corpo e em nosso espírito se encerra
O que ela agora tem de mais certo e mais caro" [JO.2, 159].

A distribuição das rimas é representada pelo esquema *abab* (ou ABAB) onde *a* indica a rima -*erra* (terra / encerra) e *b* a rima -*aro* (amparo / caro).

EMPARELHADAS são as que se sucedem duas a duas (o esquema é *aabbcc*, etc.):

"Numa vida anterior, fui um xeque macilento
E pobre... Eu galopava, o albornoz solto ao vento,
Na soalheira candente; e, herói de vida obscura,
Possuía tudo: o espaço, um cavalo, e a bravura" [OB.1].

ALTERNADAS (ou *cruzadas*) são as que, num grupo de quatro versos, se alteram, fazendo que o 1.º verso rime com o 3.º (e os demais ímpares) e o 2.º com o 4.º (e os demais pares).

Correspondem ao esquema *abab*:

"Ora (direis) ouvir estrelas! Certo
Perdeste o senso!" E eu vos direi, no entanto,
Que, para ouvi-las, muita vez desperto
E abro as janelas, pálido de espanto..." [OB.1].

OPOSTAS (ou *entrelaças* ou *enlaçadas*) são as que se verificam em dois versos entre os quais medeiam dois outros também rimados.

Correspondem ao esquema *abba*:

"Vai-se a primeira pomba despertada.
Vai-se outra mais... Mais outra... E enfim dezenas
De pombas vão-se dos pombais apenas
Raia, sanguínea e fresca, a madrugada" [R. Correia].

INTERPOLADAS são aquelas em que, num grupo de seis versos, o terceiro rima com o sexto, enquanto o primeiro rima com o segundo, e o quarto com o quinto. Correspondem ao esquema *aabccb*:

Eu nasci além dos mares
Os meus lares,
Meus amores ficam lá!
– Onde canta nos retiros
Seus suspiros,
Seus suspiros o sabiá! (C. de Abreu).

MISTURADAS são aquelas em que a distribuição é livre. As rimas misturadas, para lograrem êxito, requerem constância, vivacidade e sonoridade:

"É meia-noite... e rugindo
Passa triste a ventania,
Como um verbo da desgraça,
Como um grito de agonia.
E eu digo ao vento que passa
Por meus cabelos fugaz:
"Vento frio do deserto,
Onde ela está? Longe ou perto?
Mas, como um hálito incerto,
Responde-me o eco ao longe.
"Oh! Minh'amante, onde estás?..." [C. Alves].

4 – ALITERAÇÃO

Aliteração – É o apoio rítmico que consiste em repetir fonemas em palavras simetricamente dispostas. A aliteração nasce, em geral, de desejo de harmonia imitativa.

"A juruti suspira sobre as folhas secas" [C. de Abreu].
"É a perda dura dum futuro inteiro" [*Id.*].
"Vozes veladas, veludosas vozes,
Volúpias dos violões, vozes veladas,
Vagam nos velhos vórtices velozes

Dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas" [Cruz e Sousa].

5 – Encadeamento

Encadeamento – Consiste na repetição simetricamente disposta de fonemas, palavras, expressões ou um verso inteiro.

Foi recurso rítmico muitíssimo usado na poesia medieval e é frequente na poesia moderna em versos livres. Exemplos colhidos em Augusto Frederico Schmidt:

"No entanto este *motivo escolhido existe*.
Não *vejo*, esta *tristeza*, da saudade da que é *sempr*e a *Ausente*
Nem da sua graça desaparecida..." (repetição de fonema)
"*Pensei* em mortos que morreram entre indiferentes.
Pensei nas velhas mulheres..." (repetição de palavra)
"No princípio foi um balanço contínuo e vagaroso,
Depois foi descendo uma sombra indistinta,
Um grande leito surgiu e lençóis brancos como espuma
.....
No princípio foi um balanço contínuo e vagaroso" (repetição de verso).

6 – Paralelismo

Paralelismo – É a repetição de ideias mediante expressões aproximadas:

"O monstrengo que está no fim do mar
Na noite de breu ergueu-se a voar;
À roda da nau voou três vezes,
Voou três vezes a chiar,
E disse: *Quem é que ousou entrar*
Nas minhas cavernas que não desvendo,
Meus tetos negros do fim do mundo?
E o homem do leme disse, tremendo:
"El-Rei Dom João Segundo!"

"*De quem são as velas onde me roço?*
De quem as quilhas que vejo e ouço?"
Disse o monstrengo, e rodou três vezes,
Três vezes rodou imundo e grosso:
"*Quem vem poder o que eu só posso*,
Que moro onde nunca ninguém me visse
E escorro os medos do mar sem fundo?"
E o homem do leme tremeu, e disse:
"El-Rei Dom João Segundo!" (F. Pessoa).

7 – Estrofação

O poema pode conter dois ou mais versos os quais se agrupam para formar uma *estrofe*.

O costume tradicional é iniciar cada verso com letra maiúscula, qualquer que seja a sua relação sintática. Pode-se, entretanto, pôr, no início, letra minúscula, conforme a sua relação sintática com o verso precedente.

As estrofes podem ser *simples*, *compostas* e *livres*.

SIMPLES são as estrofes formadas de versos com a mesma medida.

COMPOSTAS são as que encerram versos de diferentes medidas.

LIVRES são as que admitem versos de qualquer medida.

As estrofes de dois, três, quatro, cinco, seis, oito e dez versos recebem, respectivamente, os seguintes nomes especiais: *dísticos*, *tercetos*, *quadras* (ou *quartetos*) , *quintilhas*, *sextilhas*, *oitavas* e *décimas*. As estrofes de *sete* e *nove* versos não têm nome especial.

8 – VERSO DE RITMO LIVRE

"O que chamamos impropriamente *versos livres* é uma série irregular de versos que tomados em separado são regulares" [BH.1, 427].

O verso de ritmo livre não tem número regular de sílabas, versos e estrofes, nem são uniformes e coincidentes o número e a distribuição das sílabas átonas e tônicas responsáveis pelo movimento rítmico.

O verso de ritmo livre exige do poeta uma realização tão completa quanto o verso regular. "À primeira vista, parece mais fácil de fazer do que o verso metrificado. Mas é engano. Basta dizer que no verso livre o poeta tem de criar o seu ritmo sem auxílio de fora. É como o sujeito que solto no recesso da floresta deva achar o seu caminho e sem bússola, sem vozes que de longe o orientem, sem os grãozinhos de feijão da história de João e Maria. Sem dúvida não custa nada escrever um trecho de prosa e depois distribuí-lo em linhas irregulares, obedecendo tão somente às pausas do pensamento. Mas isso nunca foi verso livre... O modernismo teve isso de catastrófico: trazendo para a nossa língua o verso livre, deu a todo o mundo a ilusão de que uma série de linhas desiguais é poema" [MB.1, II, 1282].

9 – RECITAÇÃO

"A recitação do verso, além dos requisitos exigidos para a da prosa, exige uma gesticulação adequada, sem exageros, um jogo fisionômico apropriado e que o recitalista não faça sentir demais a rima nem a cesura. No caso dos versos livres modernos é preciso descobrir o ritmo e a intenção que o poeta lhes quis dar" [AN.1, V, 108].

187 É interessante observar que Guerreiro optou pela contagem do verso até a última sílaba tônica por amor à brevidade, como declara, para evitar a "frequente repetição de *agudo*, *grave* e *esdrúxulo*, já que a última sílaba tônica basta para o verso ser

constante" (*Tratado de Versificação Portuguesa*, Lisboa, 1784, p. 6). À semelhança dos italianos e espanhóis, a contagem antiga dos versos portugueses levava sempre em conta a existência de sílaba átona depois da última tônica (a base era o verso grave).

188 O emprego antigo e ainda corrente do *mácron* (¯) para as tônicas e da *braquia* (˘) para as átonas pode confundir os conceitos de quantidade e intensidade.

189 O novo sistema ortográfico proposto não agasalha este emprego do trema.

190 "Sem isso, a sinérese, ou a crase, é anômala, porque a ressonância nasal corresponde a um travamento da sílaba e só as sílabas terminadas por vogal são propriamente *livres* e se prestam à crase ou sinérese" [MC.4, 103].

191 "(...) na leitura da poesia em que (pondo de parte o encavalgamento) o final de verso correspondente a uma cláusula (e, significativamente, a um sintagma), não é muitas vezes marcado por um silêncio, mas por algo como a combinação de uma descida de tom com um nítido prolongamento da última sílaba tônica" [HCv.2, II, 464 n. 33].

192 O. Bilac - G. Passos, Tratado de Versificação, 68-69.

193 Os versos que não rimam chamam-se *soltos* ou *brancos*.

Abreviatura de Autores e Obras Citadas

[AA] Amado Alonso

[AA.1] *Materia y Forma en Poesía*. Madrid, Gredos, 1952.

[AAr] Afonso Arinos

[AAr.1] *Pelo Sertão*. Rio de Janeiro, Garnier, 1915.

[AAr.2] *História e Paisagens*. Rio de Janeiro, Garnier, 1921.

[AAz] Aluísio Azevedo

[AB] Andreas Blinkenberg

[AB.1] *L'Ordre des Mots en Français Moderne*, 2 vols. Copenhague, Hørst, 1928.

[ABo] Amini Boainain Hauy

[ABo.1] *Da Necessidade de uma Gramática-Padrão da Língua Portuguesa*. São Paulo, Ática, 1983.

[AC] Antônio Feliciano de Castilho

[AC.1] *Tradução dos Fastos de Ovidio*, 3 vols. Lisboa, 1862.

[AC.2] *Quadros Históricos*. Lisboa, 1864.

[AC.3] *As Sabichonas – Trad. do Teatro de Molière*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1928.

[AC.4] *Misantropo – Trad. do Teatro de Molière*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1924.

[AC.5] *Tratado de Metrificação Portuguesa*, 3.ª ed. Lisboa, 1889.

[AC.6] *Sonho de uma Noite de S. João*. Porto, 1874.

[AC.7] *Rev. Lisbonense* nº 24.

[AC.8] *Livraria Clássica – Padre Manuel Bernardes*, 2 vols. Lisboa, 1865.

[AC.9] *As Geórgicas de Vergílio* , 2.ª ed. anotada por Otoniel Mota. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1938.

[AC.10] *Felicidade pela Agricultura*. Ponta Delgada, 1849.

[AC.11] *Colóquios Aldeãos*, 2.ª ed. Lisboa, 1872.

[ACo] Adolfo Coelho

[ACo.1] *Noções Elementares de Gramática Portuguesa*. Porto, Lemos Editora, 1891.

[ACo.2] *A Língua Portuguesa*, 3.ª ed. Porto, Magalhães-Moniz Editora, 1896.

[ACt] Armando Cortesão

[ACt.1] *Cartas à Mocidade.* Lisboa, 1954.

[AE] M. Alvar Ezquerra

[AE.1] *La Formación de Palabras en Español*. Madrid, Arcos Libros, 1996.

[AF] Antônio Ferreira

[AF.1] *Poemas Lusitanos*. Lisboa, Sá da Costa.

[AF.2] *A Castro*, ed. Sousa da Silveira. In *Textos Quinhentistas*.

[AFg] Antero de Figueiredo

[AFg.1] *O Último Olhar de N. Senhora*. Lisboa, Bertrand, 1944.

[AG] A. Guimarães

[AGa] Almeida Garrett

[AGa.1] *Romanceiro*. In *Obras Completas*. Ed. Teófilo Braga. 2 vols. Lisboa, 1904.

[AGa.2] *Da Educação*. In *Obras Completas*.

[AGa.3] *Camões*, 3.ª ed. Lisboa, Imprensa Nacional, 1944.

[AGa.4] *Viagens na minha Terra*, ed. Estanco Louro. Lisboa, F. Franco, 1934.

[AGa.5] *Tio Simplício* in *Obras Completas*.

[AGo] Alfredo Gomes

[AGo.1] *Gramática Portuguesa*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1930.

[AGr] Antoine Grégoire

[AGr.1] *Petit Traité de Linguistique*. Paris, Delagrave, 1923.

[AH] Alexandre Herculano

[AH.1] *Eurico*. Lisboa, 1876.

[AH.2] *Fragmentos Literários*, ed. de A. Leite. Rio de Janeiro, Sauer, 1921.

[AH.3] *O Bobo*. Lisboa, 1878

[AH.4] *Lendas e Narrativas*, 2 vols. Lisboa, 1876.

[AH.5] *O Monge de Cister*, ed. dirigida por David Lopes. Lisboa, Aillaud, s/d.

[AH.6] *História de Portugal*, ed. dirigida por David Lopes. Lisboa, Aillaud, 1914.

[AH.7] *Opúsculos*, ed. dirigida por David Lopes, 1878.

[AK] Adriano da Gama Kury

[AK.1] *Novas Lições de Análise Sintática*, 6.ª ed. São Paulo, Ática, 1993.

[AK.2] *Elaboração e Editoração de Trabalhos de Nível Universitário*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1987.

[AK.3] Normas de Editoração. Vide [AK.2].

[AL] Emilio Alarcos Llorach

[AL.1] *Gramatica de la Lengua Española*, 4.ª ed. Madrid, Espasa Calpe, 1994.

[AL.2] *Estudios de Gramática Funcional del Español*, 3.ª ed. Madrid, Gredos, 1976.

[ALb] Alf Lombard

[ALb.1] *L'Infinitif de Narration dans les Langues Romanes*. Upsala-Leipzig, 1911.

[AM] Aníbal Machado

[AM.1] *Vida Feliz*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1944.

[AN] Antenor Nascentes

[AN.1] *O Idioma Nacional*, 5 vols. Rio, 1919. 3.ª ed. S.Paulo, Ed. Nacional, 1957.

[AN.2] *O Problema da Regência*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1960.

[AN.3] *Dificuldades de Análise Sintática*. Rio de Janeiro, 1959.

[AN.4] *O Linguajar Carioca*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1963.

[ANb] Antônio Nobre

[ANb.1] *Só*, ed. Vitório Nemésio. Lisboa, Bertrand, 1947.

[AO] Alberto de Oliveira

[AO.1] *Mil Trovas*. Lisboa, Livraria Clássica Ed., 1945.

[AOl] Alberto de Oliveira

[AOl.2] *Poesias*, 4 séries. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1912.

[AP] Afonso Pena Jr.

[AP.1] *A Arte de Furtar e o seu Autor*. 2 vols. Rio de Janeiro, José Olympio Ed.,1946.

[APa] Antônio de Pádua

[APa.1] *Notas de Estilística*. Rio de Janeiro, Org. Simões, s/d.

[APg] Antonino Pagliaro

[APg.1] *A Vida do Sinal*, trad. Aníbal Pinto de Castro. Lisboa, Fund. Calouste Gulbenkian, 1965.

[AR] Aquilino Ribeiro

[AR.1] *Jardim de Tormenta*. Lisboa, Ailland (??), 1919.

[AS] Antônio Sandmann

[AS.1] *Formação de Palavras no Português Brasileiro Contemporâneo*. Curitiba, Scientia et Labor/ Ícone, 1989.

[AV] Pe. Antônio Vieira

[AV.1] *Sermões*, ed. fac-similada. São Paulo, Anchieta, 1945.

[AVi] Antonio Vilarnovo Caamaño

[AVi.1] *Lógica y Lenguaje en Eugenio Coseriu*. Madrid, Gredos, 1997.

[BBo] José M. Barbosa du Bocage

[BBo.1] *Poesias*. 5 vols., ed. Rebelo da Silva. Lisboa, A. Lopes, 1853.

[BC] Andrés Bello-Rufino J. Cuervo

[BC.1] *Gramática de la Lengua Castelhana*. Paris, Roger-Chervoviz, 1903.

[BD] Karl Brugmann-Berthold Delbruck

[BD.1] *Grundriss der vergleichenden Grammatik der indogermanischen Sprachen*. L. Aufl.

[BH] Ch. Bruneau-M. Heulluy

[BH.1] *Grammaire Pratique de la Langue Française*. Paris, Delagrave, 1937.

[BM] Bertil Malmberg

[BM.1] *La Phonétique*. Paris, PUF, 1962.

[BP] Bernard Pottier

[BP.1] *Linguística General. Teoría y Descripción*, trad. esp. Madrid, Gredos, 1977.

[CA] Casimiro de Abreu

[CA.1] *Obras de Casimiro de Abreu*, 2.ª ed. anotada por S. da Silveira. Rio de Janeiro, MEC-Casa de Rui Barbosa, 1955.

[CAl] Cesar H. Alonso

[CAl.1] *Gramática Funcional del Español*, 2.ª ed. Madrid, Gredos, 1986.

[CAv] Castro Alves

[CAv.1] *Obras Completas*, 2 vols., ed. Afrânio Peixoto. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1921.

[CAz] José Carlos Azeredo

[CAz] Revendo Análises: A descrição sintática e seu ensino In *Língua e Linguagem em Questão*. Org. Maria Teresa G. Pereira. Rio de Janeiro, EDUERJ, 1997.

[CB] Charles Bally

[CB.1] *Le Langage et la Vie*, 3.ª ed. Paris, Payot.

[CB.2] *Linguistique Générale et Linguistique Française*, 3.ª ed. Framke, Berne, 1954.

[CBd] Cláudio Brandão

[CBd.1] *O Particípio Presente e o Gerúndio em Português*. Belo Horizonte, 1933.

[CBd.2] *Sintaxe Clássica Portuguesa*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1961.

[CBr] Camilo Castelo Branco

[CBr.1] *A Queda de um Anjo*, ed. de P. A. Pinto. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1953.

[CBr.2] *Bohemia do Espírito*, 1.ª ed. Porto, Livr. Civilização, 1886.

[CBr.3] *Correspondência Epistolar*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.4] *Carlota Ângela*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.5] *A Bruxa de Monte Córdova*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.6] *O Bem e o Mal*, ed. M. Casassanta. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1955.

[CBr.7] *Cem Cartas*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa.

[CBr.8] *A Morgada de Romariz*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.9] *A Neta do Arcediago*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.10] *Memórias do Cárcere*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d

[CBr.11] *Os Brilhantes do Brasileiro*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.12] *O Senhor do Paço dos Ninhães*, ed. Júlio Nogueira. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1955.

[CBr.13] *O Vinho do Porto*, 1.ª ed. Porto, Livr. Civilização, 1844.

[CBr.14] *Justiça*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa.

[CC] Luís da Câmara Cascudo

[CC.1] *Contos Tradicionais do Brasil*. Rio de Janeiro, Americ. Edit., 1942.

[CCh] Celso Cunha - Lindley Cintra

[CCh.1] *Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa, João Sá da Costa, 1984.

[CCh.2] *Estudos de Poética Trovadoresca*. Rio de Janeiro, INL.

[CDa] Carlos Drummond de Andrade

[CDa.1] *O Poder*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1973.

[CF] Cândido de Figueiredo

[CF.1] *Combate sem Sangue*. Lisboa, 1923.

[CG] Carlos Góis

[CG.1] *Sintaxe de Regência*, 4.ª ed. Rio de Janeiro, 1924.

[CJ] Cândido Jucá (filho)

[CJ.1] *As Categorias Gramaticais*. Rio de Janeiro, 1957.

[CL] Carlos de Laet

[CL.1] *Obras Seletas*, 3 vols. Rio de Janeiro, Fund. Casa de Rui Barbosa, 1983.

[CLu] Celso Pedro Luft

[CLu.1] *Dicionário Prático de Regência Verbal*. São Paulo, Ática, 1996.

[CN] Coelho Neto

[CN.1] *Apólogos.* Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1945.

[CP] Eduardo Carlos Pereira

[CP.1] *Gramática Expositiva* (curso superior), 81.ª ed. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1951.

[CR] Ernesto Carneiro Ribeiro

[CR.1] *Serões Gramaticais*, 2.ªed. Bahia, 1902.

[CR.2] *Redação do Projeto do Código Civil* [Tréplica]. Bahia, Of. Dois Mundos,1905

[CS] Cruz e Sousa

[CS.1] *Obras Completas*, 2 vols., ed. de Nestor Vítor, R. Janeiro, Anuário do Brasil.

[CS.2] *Últimos Sonetos*, ed. e notas de A. da Gama Kury. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa.

[DG] Francisco Dias Gomes

[DG.1] *Obras Poéticas*. Lisboa, ed. da Academia. 1779.

[DN] Dag Norberg

[DN.1] *Syntaktische Forschungen auf dem Gebiete des Spätlateins und des fruhen Mittellateins*. Upsala, 1943.

[EB] Evanildo Bechara

[EB.1] *Estudos sobre os Meios de Expressão do Pensamento Concessivo em Português*. Rio de Janeiro, 1954.

[EBc] Edouard Bourciez

[EBe.1] *Éléments de Linguistique Romane*, 4.ª ed. Paris, 1946.

[EBm] Eneida Bonfim

[EBm.1] *Advérbios*. São Paulo, Ática, 1988.

[EBv] Emile Benveniste

[EBv.1] *Problemas de Linguística Geral* (trad. bras.). São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1976.

[EBv.2] *Problemas de Linguística Geral* (trad. bras.). São Paulo, Pontes, 1989.

[EC] Euclides da Cunha

[EC.1] *Os Sertões*, 2ª ed. Rio de Janeiro, Laemmert, 1903.

[ECs] Eugenio Coseriu

[ECs.1] *Teoría del Lenguaje y Linguística General*. Madrid, Gredos, 1973.

[ECs.2] *Sincronía, Diacronía e Historia* (El Problema del Cambio Linguístico). Madrid, Gredos, 1973.

[ECs.3] *Linguística Testuale*. Roma, Boringhiere, 1997.
[ECs.4] *Lecciones de Linguística General*. Madrid, Gredos, 1981.

[ECs.5] *Principes de Syntaxe Fonctionnelle*. Strabourg-Nancy, Klincksieck, 1989.

[ECs.6] *Introducción a la Linguística*. Madrid, Gredos, 1986.

[ECs.7] *Gramática, Semántica, Universales*. Madrid, Gredos, 1978.

[ECs.8] *Competencia Linguística*. Madrid, Gredos, 1992.

[ECs.9] *El Sistema Verbal Románico*. México, Siglo Veinteuno, 1996. Versão em parte reduzida de *Das romanische Verbalsystem*. Tubingen, Verlag Gunter Narr, 1976.

[ECs.10] *Tradición y Novedad en la Ciencia del Lenguaje*. Madrid, Gredos, 1977.

[ECs.11] *Estudios de Linguística Románica*. Madrid, Gredos, 1977.

[ECs.12] *Principios de Semántica Estrutural*. Madrid, Gredos, 1977.

[ECs.13] "O Meu Saussure". In *Confluência*, 14: 33-36, 1997.

[ECs.14] *El Hombre y su Lenguaje*. Madrid, Gredos, 1977.

[ECs.15] "Fundamentos e Tarefas da Sócio e Etnolinguística". In *Atas do 1º Congresso de Sócio e Etnolinguística*, João Pessoa, UFParaíba, 1990.

[ED] Epifânio Dias

[ED.1] *Gramática Portuguesa Elementar*, 12.ª ed. Lisboa, A.F. Machado Editor, 1905.

[ED.2] *Sintaxe Histórica Portuguesa*, 5.ª ed. Livraria Clássica Editora, 1970.

[EG] Ernst Gamillscheg

[EG.1] *Französische Bedeutungslehre.* Tubingen, Niemeyer, 1951.

[EM] Alfred Ernout-Antoine Meillet

[EM.1] *Dictionnaire Etymologique de la Langue Latine*, 4.ª ed. Paris.

[EN] Eugene Nida

[EN.1] *Morphology*, 2.ª ed. Baltimore, Ann Arbor, 1961.

[EQ] Eça de Queirós

[EQ.1] *A Cidade e as Serras*. Porto, Chardron, 1921.

[EQ.2] *Primo Basílio*. Porto, Chardron, 1909.

[EQ.3] *Os Maias*, 2.ª ed. Porto, Chardron, 1921.

[EQ.4] *Contos*. Porto, Chardron, 1920.

[EQ.5] *A Correspondência de Fradique Mendes*. Porto, Chardron, 1900.

[ER] Elise Richter

[ER.1] *Wie wir sprechen*. Leipzig, Teubner, 1912.

[ES] Eduard Sapir

[ES.1] *A Linguagem*, trad. J. Mattoso Câmara Jr., Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica.

[EV] Mª Victoria Escandell Vidal

[EV.1] *Los Complementos del Nombre*. Madrid, Arcos Libros, 1995.

[EVm] Érico Veríssimo

[FB] Fausto Barreto

[FB.1] *Antologia Nacional*, 7.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1915.

[FBl] Franz Blatt

[FBl.1] *Précis de Syntaxe Latine*, Paris, Ed. IAC, 1952.

[FBr] Ferdinand Brunot

[FBr.1] *La Pensée et la Langue*, 3.ª ed. Paris, Nasson, 1953.

[FC] Firmino Costa

[FC.1] *Léxico Gramatical*. São Paulo, Melhoramentos, s/d.

[FDz] Friederic Diez

[FDz.1] *Grammaire des Langues Romanes*, 3 vols., 3.ª ed. Paris, Viewew, 1874-76.

[FE] Filinto Elísio

[FE.1] *Vidas e Feitos d'El-Rei D. Manuel*, 2 vols. Porto, 1946.

[FE.2] *Obras Completas*, 11 vols., ed. Paris, Of. A. Bobée, 1817-1819.

[FF] Francisco José Freire

[FH] Frederico Hanssen

[FH.1] *Gramática Histórica de la Lengua Castelhana*. Halle, Niemeyer, 1913.

[FP] Fernando Pessoa

[FP.1] *Mensagem*, ed. Ivo Castro.

[FT] Franklin Távaro

[FT.1] *O Cabeleira*, 2.ª ed., Rio de Janeiro, Tip. Nacional, 1876.

[FV] Fagundes Varela

[GD] Gonçalves Dias

[GD.1] *Juca Pirama* in *Obras Poéticas*.

[GD.2] *Tabira* in *Obras Poéticas*.

[GD.3] *Obras Poéticas*, ed. M. Bandeira, 2 vols. São Paulo, Cia. Editora Nacional.

[GG] Samuel Gili Gaya

[GG.1] *Curso Superior de Sintáxis Española*, 2.ª ed. Barcelona, 1948.

[GGh] Georges Gougenheim

[GGh.1] *Système Gramatical de la Langue Française*. Paris, D'Artrey-D'Artrey, 1939.

[GJ] Guerra Junqueira

[GJ.1] *Os Simples*. Lisboa, 1920.

[GM] Gladstone Chaves de Melo

[GM.1] *Gramática Fundamental da Língua Portuguesa*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Livraria Padrão, 1970.

[GM.2] *Excelências Vernáculas de Gonçalves Dias*. Rio de Janeiro, Livraria Padrão, 1986.

[GR] J. Guimarães Rosa

[GR.1] *Sagarana*, 10.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1968.

[GrR] Graciliano Ramos

[GrR.1] *Infância*, 5.ª ed.. São Paulo, Martins Editora, 1961.

[GrR.2] *São Bernardo*, 3ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora.

[HB] Mª Lluísa Hernanz-José Mª Brucart

[HB.1] *La Sintáxis. Principios Teóricos. La oración simple*. Barcelona, Editora Crítica, 1987.

[HC] Humberto de Campos

[HC.1] *Sombras que Sofrem*. São Paulo, Editora Jackson, 1945.

[HC.2] *Memórias*, 2 vols. São Paulo, Editora Jackson, 1945.

[HCv] J. G. Herculano de Carvalho

[HCv.1] *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa, Editora Verbo.

[HCv.2] *Teoria da Linguagem*, 6.ª ed., I. Coimbra, Coimbra Editora, 1983.

[HCv.3] *Teoria da Linguagem*, 4.ª reimpr., II. Coimbra, Coimbra Editora, 1984.

[HCv.4] *Estudos Linguísticos*, vol. III. Coimbra, Coimbra Editora, 1984.

[HG] Heráclito Graça

[HG.1] *Factos da Linguagem*. Rio de Janeiro, Viúva Azevedo, 1904.

[HGe] Hørst Geckeler

[HGe.1] *Semántica Estrutural y Teoría del Campo Léxico*. Madrid, Gredos, 1987.

[HM] Harri Meier

[HM.1] *Ensaios de Filologia Românica*. Lisboa, Rev. de Portugal, 1948.

[HR] Horácio Rolim de Freitas

[HR.1] *Princípios de Morfologia*, 4.ª ed. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1997.

[HS] Holger Stein

[HS.1] *Les Particularités de la Langue Portugaise*. Copenhague, 1944.

[JA] José de Alencar

[JA.1] *Sertanejo*. In *Obra Completa*, 2.ª ed., 5 vols., Rio de Janeiro, Aguilar, 1965.

[JA.2] *O Guarani*. In *Obra Completa*.

[JA.3] *Iracema*. In *Obra Completa.*

[JCo] Jacinto de Prado Coelho

[JCo.1] *A Educação do Sentimento Poético*, *Coimbra*, Coimbra Edit., 1944.

[JCR] Jacinto Corte-Real

[JCR.1] *Naufrágio de Sepúlveda*. Lisboa, Tip. Rolandiana, 1842.

[JD] João de Deus

[JDe] J. Deely

[JDe.1] *Semiótica Básica*. São Paulo, Ática, 1994.

[JF] Jackson de Figueiredo

[JL] José Lins do Rego

[JL.1] *Riacho Doce*, 1.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1939.

[JL.2] *Água Mãe*, 1.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1941.

[JL.3] *Bangue*, 6.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1966.

[JLy] John Lyons

[JLy] *Introdução à Linguística Teórica*, trad. bras. de Rosa Virgínia M. e Silva e Helio Pimentel, revista por Isaac Salum. São Paulo, 1979.

[JM] Júlio Moreira

[JM.1] *Estudos da Língua Portuguesa*, 2 vols. Lisboa, 1907-1913.

[JMa] Johan Nicolau Madvig

[JMa.1] *Grammatica Latina*, trad. de A. Epifânio Dias. Porto, Tip. M. Pereira, 1872.

[JO] José Oiticica

[JO.1] *Manual de Análise Léxica e Sintática*, 6.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1942.

[JO.2] *Sonetos*, 1911.

[JO.3] in *Rev. Filológica*, n.º 29, Rio de Janeiro.

[JO.4] in *Revista Filológica*, n.º 16, Rio de Janeiro.

[JR] João Ribeiro

[JR.1] *Gramática Portuguesa*, 21.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1921.

[JR.2] *Floresta de Exemplos*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1959.

[JR.3] *Fabordão*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1964.

[JR.4] *Autores Contemporâneos*, 15.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1926.

[JR.5] *Seleta Clássica*, 4.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves.

[JR.6] *Cartas Devolvidas*. Lisboa.

[JV] Jules Vendryes

[JV.1] *Le Langage*, 2.ª ed. Paris, Albin, 1925.

[KB] Karl Brugmann

[KB.1] *Abregé de Grammaire Comparée des Langues Indo-Européennes*. Paris, 1905.

[KN] Kristofer Nyrop

[KN.1] *Grammaire Historique de la Langue Française*, V, 6 vols. Copenhague, 1935.

[LB] Lima Barreto

[LB.1] *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, 1.ª ed. Rio de Janeiro, 1915.

[LB.2] *Vida e Morte de Gonzaga de Sá*, 1.ª ed. Rio de Janeiro, 1919.

[LB.3] *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, 2.ª ed. Rio de Janeiro.

[LBl] Leonard Bloomfield

[LBl.1] *Language*, New York, Henry Holt, 1941.

[LC] Luís de Camões

[LC.1] *Os Lusíadas*, 2.ª ed. anotada por A. Epifânio Dias.

[LC.2] *Rimas*, ed. anotada por A. da Costa Pimpão.

[LCa] Lúcio Cardoso

[LCa.1] *Crônica da Casa Assassinada*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Edit. Letras e Artes, 1963.

[LCi] Luís Felipe Lindley Cintra

[LCi.1] *Formas de Tratamento na Língua Portuguesa*. Lisboa, 1972.

[LCo] Latino Coelho

[LCo.1] *História Política e Militar de Portugal*. Lisboa.

[LCo.2] *República e Monarquia*. Lisboa.

[LCr] F. Lázaro Carreter

[LCr.1] *Diccionario de Términos Filológicos*, 3.ª ed. Madrid, Gredos, 1968.

[LG] Luís Guimarães Jr.

[LM] Leonardo Mota

[LR] Léonce Roudet

[LR.1] *Éléments de Phonétique Générale*. Paris, H. Walter, 1911.

[LS] Frei Luís de Sousa

[LS.1] *A Vida de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires*, 2 vol., Lisboa, 1818.

[LSp] Leo Spitzer

[LSp.1] "Le Langage-éco". In *Boletim de Filologia*, V. Lisboa.

[LSp.2] *Attributives Gerundium* in *Zfr. Sprache und Literatur*, vol. L.

[LV] José Leite de Vasconcelos

[LV.1] *Lições de Filologia Portuguesa*, 2.ª ed. Lisboa, 1926.

[LV.2] *Opúsculos*, 7 vols. Lisboa, Imprensa da Universidade.

[MA] Machado de Assis

[MA.1] *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, 4.ª ed., Garnier, 1899.

[MA.2] *Várias Histórias*, 2.ª ed., Garnier, 1896.

[MA.3] *Quincas Borba*, Editora Garnier, 1909.

[MA.4] *D. Casmurro*, Editora Garnier, 1899.

[MA.5] *Papéis Avulsos*, Editora Garnier, 1882.

[MA.6] *Contos Fluminenses*, Editora Garnier, 1899.

[MA.7] *Memorial de Aires*, Editora Garnier, 1908.

[MA.8] *Esaú e Jacó*, Editora Garnier, 1904.

[MA.9] *Histórias sem Data*, Editora Garnier, 1884.

[MAg] Martinz de Aguiar

[MAg.1] *Notas de Português de Filinto e Odorico*. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1953.

[MAg.2] *Notas e Estudos de Português*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Fund. Getúlio Vargas.

[MAg.3] *Repasse Crítico da Gramática Portuguesa*, 2.ª ed. Fortaleza, Casa José de Alencar – Univ. do Ceará, 1996.

[MAn] Mário de Andrade

[MB] Manuel Bandeira

[MB.1] *Poesia e Prosa*, 2 vols. Rio de Janeiro, Aguilar, 1958.

[MB.2] *Andorinha, Andorinha*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1966.

[MB.3] Versificação Portuguesa. In *Enciclopédia Delta-Larousse*.
[MBa] Mário Barreto

[MBa.1] *Novos Estudos da Língua Portuguesa*, 3.ª ed., Rio de Janeiro, Presença, 1980.

[MBa.2] *Últimos Estudos da Língua Portuguesa*, 2.ª ed.. Rio de Janeiro, Presença, 1986.

[MBa.3] *Novíssimos Estudos da Língua Portuguesa*, 3.ª ed., 1980.

[MBa.4] *Através do Dicionário e da Gramática*, 3.ª ed., 1986.

[MBa.5] *De Gramática e de Linguagem*, 3.ª ed., 1982.

[MBa.6] *Cartas Persas de Montesquieu*, trad. de MBa, Editora Garnier, 1923.

[MBa.7] *Factos da Língua Portuguesa*, 3.ª ed., 1982.

[MBe] Pe. Manuel Bernardes

[MBe.1] *Nova Floresta*, ed. fac-similada da 1.ª. São Paulo, Anchieta, 1945.

[MBe.2] *Luz e Calor*, ed. fac-similada da 1.ª. São Paulo, Anchieta, 1945.

[MBr] Michel Bréal

[MBr.1] *Essai de Sémantique*, 3.ª ed. Paris, Hachette, 1903.

[MBs] Margarida Basílio

[MBs.1] *Teoria Lexical*. São Paulo, Ática, 1987.

[MC] J. Mattoso Câmara Jr.

[MC.1] *Princípios de Linguística Geral*, 4.ª ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica.

[MC.2] *Teoria da Análise Léxica*. Rio de Janeiro, Aquarone, 1956.

[MC.3] *Gramática*, 3.ª e 4.ª séries, R. Janeiro, Briguiet, 1956.

[MC.4] *Dicionário de Linguística e Gramática*. Petrópolis, Vozes, 1977.

[MC.5] *Elementos da Língua Pátria*, 2.ª ed., 4 vols. Rio de Janeiro, Briguiet, 1938.

[MC.6] Noções de Estilística. In *Littera*, Rio de Janeiro, Grifo.

[MC.7] *Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa*, 2.ª ed, R. Janeiro, Padrão, 1977.

[MC.8] *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Padrão.

[MG] R. F. Mansur Guérios

[MG.1] *Tabus Linguísticos*. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1979.

[ML] Monteiro Lobato

[ML.1] *Cidades Mortas*. São Paulo, Editora Brasileira.

[MLe] Mendes Leal

[MLk] W. Meyer Lubke

[MLk.1] *Grammaire des Langues Romanes*, 4 vols., trad. fr. de Doutrefont e Rabiet. New York, Stechert, 1923.

[MM] Marquês de Maricá

[MM.1] *Máximas do Marquês de Maricá*, ed. anotada por Sousa da Silveira. Rio de Janeiro, MEC/Casa de Rui Barbosa, 1958.

[MMa] Maximino Maciel

[MMa.1] *Gramática Descritiva*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1923.

[MMa.2] *Lições Elementares de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1923.

[MMc] Aires da Mata Machado Filho

[MMc.1] *Nos Domínios do Vocabulário*. São Paulo, Boa Leitura Ed., s/d.

[MMe] Francisco Manuel de Mello

[MMe.1] *Feira de Anexins*, ed. Inocêncio, Lisboa, 1876.

[MP] Martins Pena

[MP.1] *Teatro*, ed. Darcy Damasceno.

[MPz] Marcial Morera Perez

[MPz.1] *Semántica del Sistema Preposicional del Español Moderno y sus Campos de Uso*. Puerto del Rosário, 1988.

[MR] Moritz Regula

[MR.1] *Grammaire Française Explicative*. Berne, Francke Verlag, 1952.

[MV] Mário Vilela

[MV.1] *Estruturas Léxicas do Português*. Coimbra, Almedina, 1979.

[MV.2] *Gramática de Valências: teoria e aplicação*. Coimbra, Almedina, 1992.

[NC] Nina Catach

[NC.1] *La Pontuaction*. Paris, PUF, 1994.

[NE] Hans Nilsson-Ehle

[NE.1] *Les Adverbes en -ment Compléments d'un Verbe*. Lund-Leipzig, 1941.

[NT] T. Navarro Tomás

[NT.1] *Manual de Pronunciación Española*, 4.ª ed. Madrid, Hernando, 1933.

[NT.2] *Arte del Verso*, 5.ª ed. México, Málaga Editora, 1971.

[OB] Olavo Bilac

[OB.1] Avatar. In *Poesias*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1902.

[OG] Othon Moacir Garcia

[OG.1] *Comunicação em Prosa Moderna*. Rio de Janeiro, Fund. Getúlio Vargas, 1967.

[OJ] Otto Jespersen

[OJ.1] *Negation in English and other Languages*. Copenhague, Bianco Lunos, 1917.

[OM] Manuel Odorico Mendes

[OM.1] *Eneida Brasileira*. Paris, Tip. de Rignouse, 1854.

[PA] Manuel de Araújo Porto-Alegre

[PA.1] *Colombo*. Rio de Janeiro, 1892.

[PAd] Pedro Adrião

[PAd.1] *Tradições Clássicas da Língua Portuguesa*. Porto Alegre, 1945.

[PC] Pinheiro Chagas

[PD] Porto Dapena

[PD.1] *Complementos Argumentales del Verbo: directo, indirecto, suplemento y agente* . Madrid, Arcos Libros, 1992.

[PDo] Conde Pinheiro Domingues

[PDo.1] "Variação de Gênero em Português". In *Revista de Cultura*. Petrópolis, 1932.

[PDo.2] João Curioso [pseudônimo] *Camilo e a Caturrice dos Puristas*, I. Rio de Janeiro, 1924.

[PL] Pacheco da Silva Jr. e Lameira de Andrade

[PL] *Gramática da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, 1887.

[PJ] Pacheco da Silva Júnior

[PJ.1] *Noções de Semântica*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1903.

[PP] Pedro Augusto Pinto

[PR] Ernesto de Paiva Raposo

[PR.1] *Introdução à Gramática Generativa. Sintaxe do Português*, 2.ª ed. Lisboa, Moraes Editora, 1983.

[PS] Paulino de Sousa

[PS.1] *Grammaire Portugaise*. Paris, Garnier, 1896.

[RB] Rui Barbosa

[RB.1] *Réplica*, 1.ª ed., Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1904.

[RB.2] *Oração aos Moços*, ed. de Rocha Lima.

[RB.3] *Discurso no Colégio Anchieta*, ed. Casa de Rui Barbosa.

[RB.4] *Parecer*, I, ed. Casa de Rui Barbosa, 1990.

[RBa] Raimundo Barbadinho Neto

[RBa.1] *Em Busca da Verdade da Língua*: Dois Estudos

[RBa.2] *Sobre a Norma Literária do Modernismo*. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1977.

[RC] Raimundo Correia

[RC.1] *Poesias*. Lisboa.

[RCo] Ribeiro Couto

[RCo.1] *Conversa Inocente*. Rio de Janeiro, 1946.

[RD] Santa Rita Durão

[RD.1] *Caramuru*, ed. Academia Brasileira de Letras.

[RG] F. Rebelo Gonçalves

[RG.1] *Tratado de Ortografia da Língua Portuguesa*. Coimbra, Atlântida, 1947.

[RL] C. Henrique da Rocha Lima

[RL.1] *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, 37.ª ed., José Olympio Editora, 1992.

[RLb] Rodrigues Lobo

[RLb.1] *O Pastor Peregrino*. Lisboa, 1906.

[RLp] Manuel Rodrigues Lapa

[RLp.1] *Estilística da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica.

[RLz] Rodolfo Lenz

[RLz.1] *La Oración y sus Partes*, 3.ª ed. Madrid, Centro de Estudios Históricos, 1935.

[RP] Raul Pompéia

[RQ] Rachel de Queiroz

[RQ.1] *O Brasileiro Perplexo*. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1963.

[RS] Augusto Rebelo da Silva

[RS.1] *Contos e Lendas*. Lisboa, 1873

[RS.2] *História de Portugal*, 1.ª ed., 5 vols.

[RS.3] *A Mocidade de D. João V*, 3.ª ed., 3 vols. Lisboa.

[RT] Graça Maria Rio-Torto

[RT.1] Sistêmica e Pragmática dos Sufixos Avaliativos. In *Rev. Portuguesa de Filologia*, vol. 21. Coimbra, 1996-7, 203-228.

[RT.2] Operações e Paradigmas Genolexicais do Português. In *Filologia e Linguística* n.º 2, 39-60. São Paulo, Humanitas/USP, 1998.

[RV] A. G. Ribeiro de Vasconcelos

[RV.1] *Gramática Portuguesa*. Lisboa-Rio de Janeiro, s/d.

[SA] Manuel Said Ali

[SA.1] *Dificuldades da Língua Portuguesa*, 5.ª ed. preparada por Maximiano de Carvalho e Silva. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1957.

[SA.2] *Gramática Secundária da Língua Portuguesa*, 4.ª ed. São Paulo, Melhoramentos.

[SA.3] *Versificação Portuguesa*. Rio de Janeiro, INL, 1949.

[SA.4] *Meios de Expressão e Alterações Semânticas*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1930.

[SA.5] *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, 2.ª ed. São Paulo, Melhoramentos, s/d [1931].

[SA.6] Colocação de Pronomes. In *Revista Americana*, II.

[SL] Mário Pereira de Sousa Lima

[SL.1] *Gramática Portuguesa*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1945.

[SR] Silva Ramos

[SR.1] artigo in *Revista de Cultura* nº22.

[SS] Álvaro F. de Sousa da Silveira

[SS.1] *Lições de Português*, 6.ª ed. preparada por Maximiano de Carvalho e Silva.

[SS.2] *Fonética Sintática*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Fund. Getúlio Vargas, 1971.

[SS.3] *Trechos Seletos*, 7.ª ed. Rio de Janeiro, Briguiet, 1963.

[SS.4] *Obras de Casimiro de Abreu*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, MEC/Casa de Rui Barbosa, 1955.

[SS.5] Um Verso Obscuro dos Lusíadas. In *Revista de Philosofia e de História*, tomo II. Rio de Janeiro, 1934, 374-377.

[SS.6] Notas sobre os Pronomes Se e Ele. In *Revista de Cultura*, ano 17, jun. 1943, 265-268.

[SU] S. Ulmann

[SU.1] *Semántica*, trad. port., Lisboa, Fund. Calouste Gulbenkian, 1977.

[TG] Tomás Antônio Gonzaga

[TG.1] *Poesias*, ed. M. Rodrigues Lapa.

[TM] Theodoro Henrique Maurer

[TM.1] *Dois Problemas da Língua Portuguesa*. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1954.

[VB] Vittório E. Bergo

[VB.1] *Concorrência Pleonástica da Preposição com o Prefixo*. Tese de Concurso, 1945.

[VBr] Viggo Brøndal

[VBr.1] *Théorie des Prépositions*. Copenhague, Munksgaard, 1950.

[VC] Vicente de Carvalho

[VK] Valter Kehdi

[VK.1] *A Construção do Verbo Ser*. São Paulo, GEL, 1985.

[VK.2] *Morfemas do Português*. São Paulo, Ática, 1989.

[VK.3] *Formação de Palavras em Português*. São Paulo, Ática, 1990.

[VK.4] Complemento Nominal: Problemas de Caracterização. In *Confluência*, 5/1993, 60-65.

[VV] Verkko Väänänen

[VV.1] *Il est venu comme ambassadeur, il agit en soldat*. Helsinke, 1951.

[WZ] Walther von Wartburg-Paul Zumptor

[WZ.1] *Précis de Syntaxe du Français Contemporain*. Berne, Francke, 1973.

[YM] Yakob Malquiel

[YM.1] Los Interfijos Hispánicos. In *Miscelanea Martinet*, II, Canárias, 1958.

DO MESMO AUTOR

A nova ortografia

Evanildo Bechara

O livro que responde a todas as suas dúvidas, com comentários, histórico dos acordos, além de uma Nota Explicativa da Comissão responsável pelo Acordo Ortográfico.

O que muda com o novo Acordo Ortográfico

Evanildo Bechara

Guia prático e completo das mudanças estabelecidas pelo novo Acordo Ortográfico, elaborado de forma clara e didática pelo grande gramático e lexicógrafo da língua portuguesa. Um manual fácil de ser consultado, que vai esclarecer todas as suas dúvidas relacionadas à nova ortografia.

Gramática Escolar da Língua Portuguesa

Evanildo Bechara

Com exercícios ao final de cada capítulo. Inclui capítulo especial sobre compreensão e interpretação de textos. Índice de assuntos, para auxiliar a consulta dos leitores.

Anexo encarte com as respostas aos exercícios propostos. Indicada para o ensino médio e preparatórios para concursos.

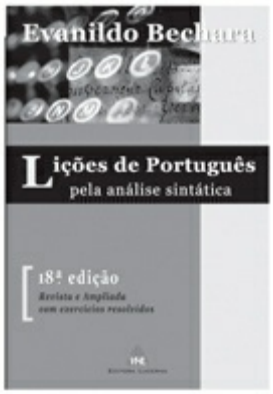

Lições de Português pela Análise Sintática

Evanildo Bechara

Inclui rica seleção de exercícios rigorosamente ordenados, partindo dos fatos idiomáticos mais simples para os mais complexos. Nesta nova edição, esses exercícios vêm resolvidos, para permitir ao leitor constante e proveitoso diálogo com o autor.

Produção editorial
Daniele Cajueiro
Shahira Mahmud
Janaína Senna

Revisão
Glória Braga Onelley
Mariana Elia

Conversão para ebook
Singular Digital | Mariana Mello e Souza

Este livro foi impresso no Rio de Janeiro, em novembro de 2009,
pela Ediouro Gráfica, para a Editora Nova Fronteira.
A fonte usada no miolo é Times New Roman, corpo 11/12.
O papel do miolo é offset 75g/m^2, e o da capa é cartão 250g/m^2.

Visite nosso site: www.novafronteira.com.br

Ernani Pimentel

Gramática pela Prática

15ª edição

SEGUNDO A NOVA ORTOGRAFIA

Vestcon

Gramática pela Prática

Ernani Pimentel

Gramática pela Prática

Escritor, gramático e professor com formação em Língua Portuguesa, Latim, Linguística, Análise de Texto, Teoria e Análise Literária. Ernani Pimentel é pesquisador de Língua Portuguesa há quarenta e oito anos, autor de mais de 10 mil páginas didáticas e de livros que são *best-sellers* nessa área. Já teve mais de quinhentos e cinquenta mil alunos presenciais nos estados de Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, Goiás, Tocantins e Distrito Federal. Hoje leciona para milhares de alunos na internet, via www.vestcon.com.br.

Contempla antiga e nova ortografias. Ambas em vigor até 31 de dezembro de 2012.

15ª edição
Revista e Ampliada
Adota a Nova Ortografia

Vestcon

Brasília
2012

© 2012 Vestcon Editora Ltda.

Todos os direitos autorais desta obra são reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/2/1998. Proibida a reprodução de qualquer parte deste livro, sem autorização prévia expressa por escrito do autor e da editora, por quaisquer meios empregados, sejam eletrônicos, mecânicos, videográficos, fonográficos, reprográficos, microfílmicos, fotográficos, gráficos ou outros. Essas proibições aplicam-se também à editoração da obra, bem como às suas características gráficas.

Pimentel, Ernani.
Gramática pela prática / Ernani Pimentel. – 15. ed. – Brasília : Vestcon, 2012.
442 p. : il. ; 21 cm.

ISBN 978-85-381-0671-5

1. Língua portuguesa – gramática. I. Título.

CDU 81'36

DIRETORIA EXECUTIVA
Norma Suely A. P. Pimentel

PRODUÇÃO EDITORIAL
Fabrícia de Oliveira Gouveia

EDIÇÃO DE TEXTO
Isabel Cristina Aires Lopes
Cláudia Freires

ASSISTENTE EDITORIAL
Gabriela Tayná Moura de Abreu

AUXILIAR DE PRODUÇÃO
Geane Rodrigues Rocha

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA
Marcos Aurélio Pereira

REVISÃO
Fábio Marques Rezende
Liv Chamma
Naiane B. Francischetto

CAPA
Agnelo Pacheco
Bertoni Design

EDITORA FILIADA

Vestcon

SEPN 509 Ed. Contag 3° andar CEP 70750-502 Brasília/DF
SAC: (61) 3034 9588 Tel.: (61) 3034 9576 Fax: (61) 3347 4399

www.vestcon.com.br

Atualizado até 4/2011
Publicado em 4/2012
(LLP14)

Situe-se

Este livro faz parte do **Curso de Língua Portuguesa do Professor Ernani Pimentel**, constituído por uma trilogia:

1. GRAMÁTICA PELA PRÁTICA
2. ANÁLISE SINTÁTICA VISUAL
3. INTELECÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

GRAMÁTICA PELA PRÁTICA (LIVRO E CURSO *ONLINE*)
Desenvolvimento racional e fixação pela prática dos conceitos de Fonologia, Morfologia, Estrutura e Formação de Palavras, Ortografia, Regência Verbal e Nominal, Crase, Concordância Verbal e Nominal, Colocação Pronominal, Pontuação e Semântica, com o intuito de proporcionar ao interessado uma visão objetiva, clara e segura da Língua Portuguesa, que o tornará, em pouco tempo, apto a entender e escrever corretamente, inclusive para prestar exames e concursos, sem a necessidade de conhecer profundamente Análise Sintática.

ANÁLISE SINTÁTICA VISUAL (LIVRO E CURSO *ONLINE*)
Apresentação e treino, de maneira profunda, sintética e fácil, dos fundamentos da Análise Sintática para os que pretendem conquistar um conhecimento mais consistente da nossa estrutura linguística, ou que querem passar em provas e concursos que exigem essa matéria.

INTELECÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS (LIVRO E CURSO *ONLINE*)
Exposição e treinamento, em linguagem clara e sucinta, de conceitos como Linguagem, Língua, Fala, Tipos de Signo, Elementos da Comunicação, Funções da Linguagem, Prosa, Poema, Poesia, Sincronia, Diacronia, Narração, Descrição, Dissertação, Níveis de Fala, Tipos de Norma, Tipos de Discurso, Tipos de Narrador, Figuras de Linguagem, Qualidades e Vícios de Linguagem, Coesão e Coerência... ferramentas necessárias a uma abordagem consciente e racional de textos informativos e literários, cujo conhecimento, direta ou indiretamente, é cobrado nas provas de intelecção e interpretação de textos. Mais de 480 exercícios propostos, corrigidos e/ou comentados, findos os quais o estudioso se sentirá competente e capaz no que se refere à construção e leitura de qualquer tipo de texto.

Apresentação Rápida

Destinação
Professores, universitários, concursandos, vestibulandos, profissionais liberais, comunicadores e você que, de vez em quando, tem dúvida.

Assunto
Fonologia, Ortografia, Morfologia, Estrutura e Formação de Palavras, Concordância, Regência, Colocação, Crase, Pontuação e princípio estrutural das frases. Tudo de que se necessita para escrever e falar corretamente o Português de hoje, no Brasil, e para passar em concursos de nível médio e superior, vestibulares, ENEM, PAS, OAB...
Cuidado prévio: foram estudados, comparados e coligidos os autores nacionais mais respeitados pelas universidades brasileiras e pelos mais avançados órgãos elaboradores de concursos.

Diferencial
A prática como caminho da teoria. O interessado pratica, entende, conclui e fixa a estrutura das frases e seus significados. Absorve o uso da Norma Culta, ou Padrão, do idioma pelo raciocínio conduzido passo a passo e pela repetição das fórmulas consagradas e oficializadas.

Motivação
Eliminação do mito de que é preciso saber muita teoria além de toda a Análise Sintática para escrever e falar bem. Demonstração de que se pode saber Sintaxe com apenas uns mínimos rudimentos de Análise Sintática.

Técnica de Abordagem
Variável de acordo com o assunto, de forma a facilitar o aprendizado. As técnicas escolhidas foram consagradas ao longo de mais de trinta e cinco mil horas-aula e mais de quinhentos e cinquenta mil alunos. A teoria, exposta com um mínimo de palavras em relação às gramáticas tradicionais, transmite-se de maneira prática, direta e consistente.

Orientação de Uso
O interessado deve fazer a lápis os exercícios de cada comando, conferir com o gabarito e refazer os errados. Assim que os exercícios estiverem corretos, ir adiante. Terminado um capítulo, voltar ao início do livro e ler, no sumário, os assuntos estudados, para mais tarde saber localizar onde esclarecer suas dúvidas. Pronto? Passar ao capítulo seguinte.

Recurso Extra
Videoaulas com o autor na internet.
Visite o *site* **www.vestcon.com.br** e assista às aulas ministradas pelo próprio autor, com direito a desconto pela aquisição deste livro.

Palavras do Autor

Caro estudioso,

Este livro é resultado de muitos anos de carinho e dedicação à tarefa de simplificar o estudo da Língua Portuguesa, sob o enfoque da profundidade e da abrangência.

Separe de duas a três horas por dia – você consegue – e dois ou três meses bastam para mudar e ampliar, de uma vez, sua visão e conhecimento a respeito da Língua Portuguesa.

Ao término desse tempo, você terá conquistado confiança em sua própria capacidade de escrever bem, além de poder sair-se vitorioso em provas e concursos de nível médio e superior, vestibulares, PAS, ENEM, OAB...

Antecipadamente, agradeço, de coração, as sugestões que queira enviar, ou dúvidas e questões que constituam desafio para alunos e professores.

Ernani Pimentel
linguaportuguesa@vestcon.com.br

Sumário

1 FONOLOGIA, DIVISÃO SILÁBICA E TRANSLINEAÇÃO

Estudo dos fonemas ____ 25
Sílaba ____ 25
Fonema ____ 25
Fonema ≠ Grafema ____ 26
Tipos de fonemas ____ 26
Vogal ____ 26
Semivogal ____ 27
Consoante ____ 28
Encontros Vocálicos ____ 29
Ditongo crescente ____ 29
Ditongo decrescente ____ 29
Tritongo ____ 29
Hiato ____ 29
Encontros Consonantais ____ 30
Descontínuos ou separáveis ____ 30
Contínuos, reais ou inseparáveis ____ 30
Dífono ____ 30
Dígrafo ____ 30
Divisão Silábica ____ 30
Translineação ____ 31

2 ESTRUTURA E FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Palavra, Fonema, Morfema, Semantema, Unidade Mórfica ____ 37
Palavra Primitiva, Derivada, Cognata, Família de Palavras ____ 38
Palavra Primitiva ____ 38
Palavra Derivada ____ 38
Palavra Cognata ____ 39
Família de Palavra ____ 39
Radical, Prefixo, Sufixo ____ 39
Raiz ≠ Radical ____ 40
Raiz ____ 40
Radical ____ 40
Tema, Vogal Temática, Afixo (prefixo e sufixo) e Desinência ____ 41
Tema ____ 41
Vogal Temática ____ 41
Desinência ____ 42
Afixo ____ 42
Prefixo ____ 42
Sufixo ____ 42
Vogal e Consoante de Ligação ____ 43
Formação de Palavras: Derivação, Composição, Hibridismo ____ 44
Derivação ____ 45
Derivação Prefixal ____ 45
Derivação Sufixal ____ 45
Derivação Prefixal e Sufixal ____ 45

Derivação Parassintética ou Circunfixal 45
Derivação Regressiva 45
Derivação Imprópria ou Conversão 46
Derivação por Abreviação ou Redução 46
Derivação por Reduplicação 46
Derivação por Combinação 46
Derivação por Intensificação 47
Composição 47
Composição por Justaposição 47
Composição por Aglutinação 47
Hibridismo 47

3 ORTOGRAFIA

Alfabeto 52
Uso de K, W, Y 52
Uso do H, h 53
Uso das Letras 54
Uso do Hífen (norma antiga) 59
Uso do Hífen (norma nova) 66
Não se Usa Hífen 74
Hífen Repetido 76
Uso dos Porquês 77
Mal ≠ Mau 79
Onde ≠ Aonde 80
Abreviaturas, Siglas, Símbolos 80
Acentuação Gráfica (norma antiga) 81
Acentuação Gráfica (norma nova) 89

4 SUBSTANTIVO

Definição 97
Locução substantiva 97
Classificação 97
Concreto 97
Abstrato 97
Próprio 98
Comum 98
Coletivo 98
Flexão 98
Flexão de gênero 99
Masculino 99
Feminino 99
Comum de dois 99
Sobrecomum 99
Epiceno 99
Formação do feminino 100
Femininos especiais 102
Flexão de número 104
Singular 104
Plural 104
Pluralia tantum 104

Formação do plural 104
Plural com metafonia 109
Plural dos compostos ligados por hífen 112
Flexão de grau 116
Aumentativo 116
Diminutivo 116
Sentidos afetivo e pejorativo 116

5 ARTIGO

Definição 121
Classificação 121
Definido 121
Indefinido 121
Uso do Artigo 121

6 ADJETIVO

Definição 125
Adjetivo Restritivo 125
Adjetivo Explicativo 126
Adjetivo Antes ou Depois de Substantivo 126
Locução Adjetiva 126
Flexão 127
Flexão de gênero 127
Adjetivo biforme 127
Adjetivo uniforme 127
Flexão de número 128
Flexão de grau 129
Grau comparativo 129
Grau superlativo 130
Como diferençar adjetivo de substantivo 133

7 PRONOME

Definição 135
Papel dos Pronomes 135
Pronome substantivo 135
Pronome adjetivo 135
Classificação e Emprego dos Pronomes 136
Pronomes pessoais 136
Pronomes de tratamento 141
Pronomes demonstrativos 143
Pronomes relativos 146
Pronomes relativos e ambiguidade 149
Pronomes interrogativos 149
Pronomes possessivos 150
Pronomes indefinidos 151
Locução Pronominal Indefinida 151

8 NUMERAL

Definição e Classificação 157
Papel dos Numerais 157

Numeral substantivo 157
Numeral adjetivo 157
Emprego dos Numerais 158
O e UM: artigo, pronome, ou numeral? 164

9 VERBO

Definição Provisória 165
Estrutura dos Verbos – Conjugações (1ª, 2ª e 3ª) 165
Números e Pessoas Verbais – Desinências 166
Quadro de desinências número-pessoais 167
Modos Verbais 167
Indicativo, subjuntivo, imperativo 167
Subjuntivo não subordinado 168
Tempos Verbais 168
Presente, pretérito e futuro 168
Presente e pretérito (passado) do indicativo 169
Presente e futuro do presente do modo indicativo 169
Correlação de Tempos ou *Consecutio Temporum* 170
Quadro de Desinências Modo-temporais e Número-pessoais 171
Vozes Verbais 172
Voz ativa 174
Voz passiva 174
Voz passiva e passividade 174
Voz passiva analítica 175
Voz passiva sintética 175
Voz reflexiva 175
Voz reflexiva recíproca 175
Mudança de voz 176
Passagem da ativa para a passiva analítica 176
Passagem da ativa para a passiva sintética 177
Aspectos Verbais 178
Paradigmas das Três Conjugações Regulares – Tempos Simples: **amar**, **vender**, **partir** 179
Infinitivo impessoal 179
Modo indicativo 179
Presente 179
Pretérito perfeito 180
Pretérito imperfeito 180
Pretérito mais-que-perfeito 181
Futuro do presente 181
Futuro do pretérito 182
Modo subjuntivo 182
Presente 182
Pretérito imperfeito 183
Futuro 183
Modo imperativo 184
Imperativo afirmativo 184
Imperativo negativo 184
Formas nominais do verbo 185
Infinitivo: impessoal e pessoal 186

Gerúndio 186
Particípio 186
Conjugação dos Verbos **ter**, **haver**, **ser** e **estar** 187
Uso de **ter**, **haver**, **ser** e **estar** como auxiliares 190
Paradigmas das Três Conjugações Regulares – Tempos Compostos: **ter amado**, **ter vendido**, **ter partido** 191
Paradigma da Voz Passiva 192
Formas Rizotônicas e Arrizotônicas 195
Definição Abrangente de Verbo 196
Locução Verbal 196
Verbo auxiliar e verbo principal 196
Formação de Tempos e Modos 197
Derivado do presente do indicativo 197
Presente do subjuntivo 197
Derivados dos presentes do indicativo e subjuntivo 198
Imperativos afirmativo e negativo 198
Derivados do pretérito perfeito 199
Mais-que-perfeito do indicativo 199
Futuro do subjuntivo 199
Imperfeito do subjuntivo 199
Derivados do infinitivo impessoal 201
Imperfeito do indicativo 201
Futuro do presente 201
Futuro do pretérito 201
Particípio 201
Gerúndio 201
Infinitivo pessoal 201
Classificação do Verbo quanto ao Modelo de Conjugação 202
Verbo regular 202
Verbo irregular 202
Irregularidade e variação gráfica 202
Metafonia ou alteração de timbre vocálico 203
Como saber se um verbo é regular 203
Verbo anômalo 203
Verbo defectivo 203
Verbo unipessoal 204
Verbo impessoal 204
A respeito de defectivos, unipessoais e impessoais 204
Verbo abundante 205
A respeito de abundantes 205
Relação de verbos abundantes no particípio 205
Verbo Pronominal e Voz Reflexiva 208
Paradigma de Conjugação Pronominal e Reflexiva 209
Classificação do Verbo quanto à Função 214
Verbo principal 214
Verbo auxiliar 214
Uso dos Particípios: Regular e Irregular 215
Conjugação de Verbos Regulares, Irregulares, Defectivos, Anômalos e Abundantes que Requerem Atenção 215

1ª Conjugação

Abalroar 220
Abençoar 220
Abotoar 220
Abreviar 218
Acarear 217
Acariciar 218
Aceitar 205
Adequar(-se) 221
Adiar 218
Afiar 218
Afoguear 217
Agoniar 218
Agraciar 218
Aguar 221
Alardear 217
Aliar 218
Aliviar 218
Amaciar 218
Ampliar 218
Amuar 221
Anexar 206
Angariar 218
Ansiar 219
Antiquar 221
Anunciar 218
Apaniguar 221
Apaziguar 221
Apear 217
Aperrear 217
Apiadar(-se) 220
Apiedar(-se) 220
Apreciar 218
Apropinquar(-se) 221
Arear 217
Arrear 217
Arrepiar 218
Assediar 218
Assentar 206
Assoar 220
Assobiar 218
Associar 218
Assoviar 218
Ataviar 218
Atear 217
Atuar 221
Autuar 221
Avaliar 218
Averiguar 221
Aviar 218
Balbuciar 218
Baquear 217
Beneficiar 218
Bloquear 217
Caçoar 220
Caluniar 218
Cambalear 217
Capitanear 217
Cear 217
Chiar 218
Circundar 216
Clarear 217
Coar 220
Confiar 218
Consignar 223
Constar 216
Continuar 221
Contrariar 218
Coxear 217
Criar 218
Cultuar 221
Dar 216
Deliciar 218
Delinqüir/delinquir 221
Desaguar 221
Desdar 216
Desfiar 218
Desnortear 217
Despertar 206
Dignar(-se) 223
Dispersar 206
Doar 220
Eclipsar 223
Encruar 221
Enfiar 218
Ensaboar 220
Entregar 206
Enunciar 218
Enviar 218
Enxaguar 221
Enxugar 206
Esfriar 218
Espiar 218
Estagnar 223
Estar 187
Estrear 218
Evidenciar 218
Expiar 218
Expressar 206
Expulsar 206
Extasiar 218
Falsear 217
Fartar 206
Fiar 218
Findar 206
Folhear 217
Frear 217
Galantear 217
Ganhar 206
Gastar 206
Golpear 217
Graduar 221
Granjear 217
Grassar 216
Guerrear 217
Habituar 221
Hastear 217
Historiar 218
Idear 218
Impugnar 223
Incendiar 219
Indignar(-se) 223
Injuriar 218
Insertar 206
Isentar 206
Jejuar 221
Juntar 206
Limpar 206
Magoar 220
Matar 206
Mediar 219
Menear 217
Miar 218
Minguar 221
Mobilar 219
Mobilhar 219
Mobiliar 219
Negociar 218/219
Nomear 217
Nortear 217
Obliquar(-se) 221
Obstar 223
Obviar 220
Odiar 219
Oficiar 218
Optar 223
Pagar 206
Palmear 217

Passear 217
Patentear 217
Pegar 206
Pentear 217
Persignar(-se) 223
Piar 218
Planear 217
Porfiar 218
Precatar(-se) 217
Premiar 218/219
Prenunciar 218
Prestar 216
Principiar 218
Procriar 218
Pronunciar 218
Propugnar 223
Pugnar 223
Raptar 223
Reboar 220
Recear 217
Recrear 217
Recriar 218
Refrear 217
Regatear 217
Relampaguear 217
Relampear 217
Relampejar 216
Remediar 219
Renunciar 218
Repugnar 223
Resfolegar 222
Resfolgar 223
Resignar(-se) 223
Restar 216
Ritmar 223
Rodear 217
Saborear 217
Saciar 218
Salvar 206
Saquear 217
Sediar 218
Semear 217
Sepultar 206
Serpear 217
Serpentear 217
Soar 220
Sobestar 216
Sobrestar 216
Soltar 207
Suar 221
Sustar 216
Tosquiar 218
Tracejar 216
Vadiar 218
Vangloriar(-se) 218
Variar 218
Voar 220

2ª Conjugação

Absolver 205
Abster(-se) 224
Acender 205
Adjazer 225
Adscrever 228
Afazer 224
Antepor 231
Antever 234
Apor 231
Aprazer 226
Ater(-se) 224
Bem-fazer 224
Bendizer 228
Benquerer 233
Benzer 206
Caber 227
Circumpor 231
Circunjazer 225
Circunscrever 228
Compor 231
Comprazer 225
Condizer 227
Condoer-se 230
Conter 224
Contradizer 228
Contrafazer 224
Contrapor 231
Corroer 230
Crer 227
Decompor 231
Depor 231
Desafazer 224
Desaprazer 226
Descaber 227
Descompor 231
Descomprazer 225
Descrer 227
Descrever 228
Desdizer 228
Desfazer 224
Desprazer 226
Desprover 232
Desquerer 233
Desvaler 234
Deter 224
Dispor 231
Dizer 228
Doer(-se) 230
Eleger 206
Entredizer 228
Entrepor 231
Entreter 224
Entrever 234
Envolver 206
Equivaler 234
Escrever 228
Esfazer 224
Esmoer 230
Estupefazer 224
Expor 231
Fazer 224
Feder 228
Haver(-se) 229
Impor 231
Incorrer 206
Indispor 231
Inscrever 228
Interdizer 228
Interpor 231
Jazer 225
Justapor 231
Ler 227
Liqüefazer/Liquefazer 224
Maldispor 231
Maldizer 228
Malfazer 224
Malquerer 233
Manter 224
Moer 230
Morrer 206
Nascer 206
Obter 224
Opor 231
Perder 230

Perfazer 224
Poder 231
Pôr 231
Pospor 231
Prazer 226
Precatar(-se) 217
Precaver(-se) 232
Predispor 231
Predizer 228
Prender 206
Prepor 231
Prescrever 228
Pressupor 231
Prever 234
Propor 231
Proscrever 228
Prover 232
Putrefazer 224
Querer 233
Rarefazer 224
Reaver 229
Recompor 231
Redizer 228
Reescrever 228
Refazer 224
Reler 227
Remoer 230
Repor 231
Requerer 233
Reter 224
Rever 1 234
Rever 2 234
Roer 230
Romper 202
Saber 233
Satisfazer 224
Sobrepor 231
Sobrescrever 228
Soer 230
Sotopor 231
Subjazer 205
Subscrever 228
Superpor 231
Supor 231
Surpreender 207
Suspender 207
Suster 224
Ter 224
Torrefazer 224
Transcrever 228
Transfazer 224
Transpor 231
Trazer 226
Tresler 227
Tumefazer 224
Valer 234
Ver 234
Viger 235

3ª Conjugação

Abolir 235
Abrir 238
Abstrair 236
Acudir 239
Aderir 242
Adir 241
Advertir 242
Advir 246
Aferir 242
Agredir 236
Aguerrir 241
Anuir 237
Argüir/Arguir 237
Aspergir 242
Assumir 239
Atingir 245
Atrair 236
Aturdir 243
Auferir 242
Avir(-se) 246
Banir 235
Bramir 235
Brandir 235
Brunir 243
Bulir 239
Cair 236
Carpir 235
Cerzir 239
Cingir 245
Cobrir 240
Colorir 235
Combalir 241
Comedir 235
Compelir 242
Competir 242
Concernir 242
Concluir 237
Conduzir 241
Conseguir 242
Consentir 243
Constituir 237
Constringir 245
Construir 236
Consumir 239
Contrair 236
Contundir 206
Convergir 242
Convir 246
Cuspir 239
Decair 236
Deferir 242
Defluir 237
Delinqüir/delinquir 238
Delir 235
Demolir 235
Denegrir 236
Desabrir 238
Desavir(-se) 246
Descair 236
Descobrir 240
Desconstruir 236
Desentupir 239
Desimpedir 244
Desmentir 243
Despedir 244
Despir 242
Despolir 245
Desservir 242
Destingir 245
Destituir 237
Destruir 236
Detrair 236
Diferir 242
Digerir 242
Discernir 243
Distinguir 245
Distrair 236
Divergir 242
Divertir 242
Dormir 240
Embair 241

Emergir 242
Emolir 235
Empedernir 241
Encobrir 240
Engolir 240
Entreabrir 238
Entupir 239
Erigir 206
Esbaforir-se 241
Escapulir 239
Esculpir 241
Espargir 243
Espavorir 241
Estruir 237
Esvair 236
Exaurir 243
Exinanir 241
Expedir 244
Expelir 241
Explodir 241
Exprimir 206
Extinguir 245
Extorquir 235
Extrair 236
Falir 241
Ferir 242
Florir 241
Foragir-se 243
Fornir 241
Fremir 235
Frigir 243
Fruir 237
Fugir 239
Fulgir 243
Garrir 241
Gerir 242
Haurir 243
Imergir 242
Impedir 244
Impelir 242
Impingir 243
Imprimir 206
Inanir 241
Incluir 206
Induzir 241
Influir 237
Infringir 245
Ingerir 242
Inserir 241
Instruir 237
Intervir 246
Ir 244
Jungir 243
Luzir 241
Medir 244
Mentir 243
Obstruir 237
Omitir 206
Ouvir 244
Pedir 244
Perseguir 242
Polir 245
Possuir 237
Pressentir 243
Presumir 239
Preterir 242
Prevenir 236
Progredir 236
Prosseguir 242
Protrair 236
Provir 246
Pruir 238
Puir 238
Reabrir 238
Reassumir 239
Recair 236
Reconstruir 236
Redargüir/redarguir 237
Reduzir 241
Refletir 242
Refluir 237
Regredir 236
Reluzir 241
Remir 241
Renhir 241
Repelir 242
Repetir 242
Ressair 236
Ressarcir 241
Ressentir 243
Ressequir 241
Restituir 237
Resumir 239
Retorquir 235
Retrair 236
Retribuir 237
Retrotrair 236
Revelir 241
Revestir 242
Rir 245
Ruir 238
Sacudir 239
Seduzir 241
Sair 236
Seguir 242
Sentir 243
Servir 242
Sobressair 236
Sobrevir 246
Sorrir 245
Sortir 245
Subir 239
Submergir 242
Subtrair 236
Sugerir 242
Sumir 239
Suprimir 207
Surtir 245
Tingir 245
Tinir 245
Tossir 240
Trair 236
Transgredir 236
Transir 241
Ungir 243
Vagir 235/245
Vestir 242
Vir 246
Zunir 239

10 ADVÉRBIO

Definição 259
Circunstâncias Expressas 261
Locução Adverbial 262

11 PREPOSIÇÃO
Definição 267
Preposições Essenciais 267
Locuções Prepositivas 268
Preposições Acidentais 268

12 CONJUNÇÃO
Definição 271
Locução Conjuntiva (exercícios 16 a 18) 272
Classificação 272
Conjunções coordenativas 272
Aditivas 272
Adversativas 272
Alternativas 273
Conclusivas 273
Explicativas 273
Conjunções subordinativas adverbiais 273
Causais 273
Concessivas 274
Condicionais 274
Conformativas 274
Finais 274
Consecutivas 274
Temporais 274
Comparativas 274
Proporcionais 275
Conjunções subordinativas substantivas 275
Integrantes 275

13 INTERJEIÇÃO
Classificação 279
Definição 279
Locução Interjetiva 279

14 SEMÂNTICA
Definição 281
Denotação 281
Conotação 281
Homonímia 281
Sinonímia 281
Antonímia 281
Paronímia 282
Hiperonímia 284
Hiponímia 285

15 CONCORDÂNCIA NOMINAL
Do Adjunto com o Núcleo Substantivo 289
Do Predicativo com o Núcleo Substantivo 291

Anexo, Bastante, Incluso, Junto, Leso, Meio, Muito, Nenhum,
Pouco, Próprio, Só, Dado, Visto, Obrigado, Quite ____ 292
Adjuntos de Antropônimos (Nomes de Pessoas) ____ 293
Dois ou Mais Adjetivos para um Mesmo Substantivo ____ 294
Um ou outro, Um e outro, Nem um nem outro ____ 294
Tal ... qual, Tais ... quais ____ 294
Menos, Pseudo, Monstro, Alerta ____ 295
O mais ... possível, O melhor possível ____ 295
É bom... É proibido... É necessário... ____ 296
A olhos vistos, A olhos vistas ____ 297
Nós = Eu, Vós = Tu ____ 297
Santo e São ____ 298
Concordância Sintática e Concordância Semântica ____ 298

16 CONCORDÂNCIA VERBAL

Definição ____ 301
Concordância Sintática e Concordância Semântica ____ 301
Com Sujeito Simples ____ 301
Com Sujeito Composto Anteposto ____ 302
Com Sujeito com Pessoas Diferentes ____ 302
Com Sujeito Composto Posposto ____ 303
Com Sujeito com Aposto Resumitivo ____ 303
Com Sujeito com Núcleos Sinônimos ou Quase ____ 304
Com Sujeito com Núcleos em Gradação ____ 304
Com Sujeito com *Ou* ____ 305
Com Sujeito com *Nem* ____ 306
Com Sujeito com *Com* ou *Como* ____ 307
Com Sujeito com *Não Só ... mas também, Tanto ... quanto* ____ 307
Com Sujeito com *Mais de um ... Mais de dois... Mais de três...* ____ 308
Com Sujeito com *Um e outro, Nem um nem outro* ____ 308
Um ou outro ____ 309
Com Sujeito *Que* ____ 309
Com Sujeito *Quem* ____ 310
Com Sujeito *Um dos que* ____ 310
Com Sujeito *Quais de vós, Quantos de nós* ____ 310
Com Sujeito *Qual de nós, Nenhum de nós* ____ 311
Com Sujeito com *A maioria de... Grande parte de... Um enxame de...* ____ 311
Com Sujeito com *Cada, Nenhum, Qualquer* ____ 312
Com Sujeito com *Um por cento, Vinte por cento* ____ 312
Com Sujeito com *Cerca de... Perto de... Obra de...* + Numeral ____ 313
Com Sujeito Plural Aparente ____ 313
De Haja vista ou Hajam vista ____ 314
De Aluga-se casa, Alugam-se casas ____ 314
De Gosta-se de fruta, Gosta-se de frutas ____ 315
Com Vossa Senhoria está... Vossas Senhorias estão... ____ 316
Com Sujeito de Dar, Bater, Soar ____ 316
Com Sujeito Composto com Ideia Única ____ 317
Com Sujeito Oracional ____ 317
Com Parecem sorrir ou Parece sorrirem ____ 318
Com Infinitivo ____ 318

Infinitivo invariável 318
Infinitivo variável ou flexionado 319
Infinitivo como complemento de verbos permissivos, causativos e sensitivos 320
Dos Verbos só de 3ª Pessoa 320
Do Verbo Ser nas Interrogações 321
Do Verbo Ser com *Isto, Isso, Aquilo...* 321
Do Verbo Ser com Pronome Reto 322
Do Verbo Ser com Medida ou Quantidade 322
Do Verbo Ser com Distância, Data ou Hora 323
Do Verbo Ser entre Dois Substantivos Comuns, de Números Diferentes 323
Do Verbo Ser com Gente 324
Do Verbo Ser na Expressão *É que* 324
Do Verbo Ser em *Era uma vez ... Eram dois caminheiros* 325

17 REGÊNCIA

Definição 335
Regência Verbal 335
Regência dos verbos mais frequentes 335
- Agradar 336
- Ansiar 336
- Aspirar 337
- Assistir 337
- Atender 337
- Chamar 338
- Chegar 338
- Custar 338
- Esquecer 339
- Implicar 339
- Ir/vir 340
- Lembrar, avisar, prevenir 340
- Morar, residir, situar-se, estabelecer-se 341
- Namorar 341
- Obedecer, desobedecer, suceder e obstar 341
- Pagar 342
- Perdoar 342
- Preferir 342
- Presidir 342
- Querer 343
- Responder 343
- Visar 343

Isto é para eu fazer. Isto é para mim 344
Está na hora de a onça beber água 344
Pedir para ~~que~~ 344
Não disse o em que acreditava/Não disse no que acreditava 345
Ter de ≠ ter que 345
Onde ≠ Aonde 345
Sintaxe do verbo haver 346

Uso de *o* ou *lhe* 346
Complementos de regências diferentes 347
Pronome relativo – complemento verbal 348
Regência Nominal 348
Um mesmo regido para mais de um regente 349
Um mesmo regente para mais de um regido 349
Regência dos substantivos e adjetivos mais frequentes 350

18 COLOCAÇÃO OU TOPOLOGIA PRONOMINAL

Próclise, Mesóclise, Ênclise 355
Com Um só Verbo 355
Com Infinitivo 360
Com Locução Verbal 361

19 CRASE

Conceituação 367
Método Prático 368
Casos Especiais 369
Em locuções 369
Em lugares 370
Com distância 370
Com horas 371
Paralelismo e quebra do paralelismo 371
Com pronomes relativos 372
Com *casa* 372
Com *terra* 373
Com *até* ou *até a* 373
Com pronomes possessivos 374
Com antropônimos femininos 374
Em *à moda de* 375
Não há Crase 375
Uso do Paralelismo 378
Há ≠ A 379

20 PONTUAÇÃO

Visão Geral 383
Visão Detalhada 383
Uso da Vírgula 383
Dentro de uma oração 383
Entre orações 387
Vírgulas permutáveis por parênteses ou travessões 386
Dois-pontos 389
Ponto e vírgula 389
Reticências 390
Travessão, Aspas Duplas e Simples 391

21 GABARITO 401

Fonologia, Divisão Silábica e Translineação

ESTUDO DOS FONEMAS

Uma frase é uma linha melódica composta de palavra(s), que, por sua vez, compõe(m)-se de **sílaba(s)**.

Sílaba

Quando falamos, produzimos "arrancos sonoros".

Eu que ri a sa ber se vo cê me en ten deu.

Cada um desses "arrancos" chama-se **sílaba**.

Quais sílabas há na seguinte frase?

A conquista do sucesso é questão de vontade.

Resposta: (Escreva como você pronuncia cada sílaba.)

1 ___ 2 ___ 3 ___ 4 ___ 5 ___ 6 ___ 7 ___ 8 ___ 9 ___ 10 ___ 11 ___ 12 ___ 13 ___ 14 ___ 15 ___

Você notou que as sílabas são conjuntos de sons mínimos? Esses sons mínimos são os **fonemas**.

Fonema

Chama-se **fonema** o som mínimo usado na língua para distinguir o significado de uma palavra do significado de outras.

/r/ato /m/ato /p/ato /f/ato	r/a/to r/e/to r/i/to r/o/to	ra/t/o ra/l/o ra/r/o ra/b/o
/r/-/m/-/p/-/f/ são fonemas	/a/-/e/-/i/-/o/ são fonemas	/t/-/l/-/r/-/b/ são fonemas

Observação:

Fonema não é letra, é som. Letra ou grafema é desenho que representa o som. Fala-se e ouve-se o fonema. Escreve-se e enxerga-se o grafema ou letra.

Tipos de Fonemas

Vogal

A vogal é o fonema em que a sílaba se apoia.
A vogal é o apoio da sílaba.

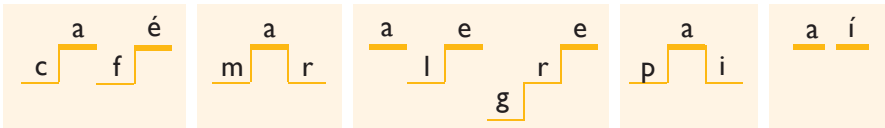

Observe que toda sílaba tem uma vogal que a apoia e que só há um ponto de apoio em cada sílaba.
Portanto, **só há uma vogal em cada sílaba**.

Prática

■ Distribua os fonemas nos gráficos. Ouça como você os pronuncia para não errar.

1. mãe
2. pão
3. mão
4. pau
5. pais
6. país

■ Compare agora as palavras **pais** e **país** e marque **C** ou **E** nos parênteses.

7. ( ) Nas duas o **i** é o apoio da sílaba.
8. ( ) Só em **pais** o **i** é o apoio da sílaba.
9. ( ) Só em **país** o **i** é apoio de sílaba.
10. ( ) Só em **país** o **i** é vogal, porque vogal é apoio da sílaba.

■ Compare **mãe** e **pai**, **pão** e **pau**. Agora marque **C** ou **E** nos parênteses.

11. ( ) Em **mãe** e **pai**, as letras **e** e **i** representam o mesmo som ou fonema: **i**.
12. ( ) Em **pão** e **pau**, as letras **o** e **u** representam o mesmo fonema: **u**.
13. ( ) Em **mãe** e **pai**, o fonema **i** é o apoio da sílaba.
14. ( ) Em **pão** e **pau**, os fonemas **o** e **u** são vogais.
15. ( ) Em **pão** e **pau**, as vogais são **ã** e **a**.
16. ( ) Em **mãe** e **pai**, as vogais são **ã** e **a**.
17. ( ) Em **país**, o **i** é vogal (apoio de sílaba) como o **a**.

Importante:

Na escrita, as cinco **letras** a, e, i, o, u representam doze vogais da língua falada:
- **sete vogais orais**: a, é, ê, i, ó, ô, u;
- **cinco vogais nasais**: ã, ẽ, ĩ, õ, ũ.

A vogal nasal pode ser escrita de três maneiras diferentes:
- **com til**: m**ã**o, p**õ**e, c**ã**s, ím**ã**, maç**ã**;
- **com m**: **âm**bar, **sem**pre, **tim**bre, **com**pra, **Jum**bo;
- **com n**: **an**tes, **en**te, **cin**to, **con**to, **jun**ta.

Prática

- Reescreva as vogais que distinguem os significados dos seguintes pares:

18. Ele havia **lido** um **lindo** artigo. _____
19. Ela não foi **boba**, percebeu que era uma **bomba**._____
20. **Vede** como ele **vende** bem._____
21. Ele vive **mudo** num **mundo** loquaz._____
22. **Lá** se fabrica **lã** de primeira._____
23. Já **leste** as notícias do **leste** europeu?_____
24. Ontem ele não **pôde**, mas hoje **pode** falar. _____

Semivogal

Semivogal são os fonemas **i** e **u**, quando apoiados em uma vogal. Como você já viu, as semivogais **i** e **u** podem também ser representadas pelas letras **e** e **o** (mã**e**, pã**o**).

Prática

- Distribua nos gráficos.

25. cai
26. caí
27. louro
28. lua

- Agora julgue as afirmações e coloque **C** ou **E** nos parênteses.

29. ( ) Em **cai**, o **i** é semivogal.
30. ( ) Em **caí**, o **a** é vogal.
31. ( ) Em **caí**, o **i** é vogal.
32. ( ) Em **louro**, o **u** é vogal.
33. ( ) Em **lua**, o **u** é vogal.
34. ( ) Em **lua**, há duas vogais.
35. ( ) Em **cai**, há duas vogais.

Consoante

Consoante é qualquer fonema que se apoie em vogal e que não seja semivogal.

Prática

■ Distribua nos gráficos os fonemas.

36. bonde

37. ombro

38. Marte

39. norte

■ Agora, julgue as afirmações.

40. ( ) Em **bonde** e **norte**, o **n** é consoante.
41. ( ) Em **norte**, o **n** é consoante.
42. ( ) Em **Marte** e **ombro**, o **m** é consoante.
43. ( ) Em **Marte**, o **M** é consoante.
44. ( ) Em **ombro**, **om** é uma vogal nasal.
45. ( ) Em **bonde**, **on** é uma vogal nasal.

Importante:

Você sabia que as semivogais **i** e **u** podem ser representadas pela letra **m**? Veja:

iam

bem 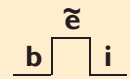

Em ambos os casos, a letra **m** serviu para nasalar as vogais (ã, ẽ) e representar as semivogais (u, i).

Prática

■ Distribua nos gráficos a frase.

46. Ela passou bem o vestido.

■ Assinale **C** ou **E** nos parênteses.

47. ( ) O **ss** representa um som só, por isso é um só fonema, consoante.
48. ( ) Em **bem**, o **m** é consoante.
49. ( ) Em **bem**, o **m** é semivogal (i) e marca a nasalização da vogal (ẽ).

50. ( ) Há dez vogais na frase apresentada.
51. ( ) Há duas semivogais na frase citada.
52. ( ) Há nove consoantes.
53. ( ) Há oito consoantes.
54. ( ) Há nove vogais.
55. ( ) Se há nove vogais, há nove sílabas.

ENCONTROS VOCÁLICOS (orais ou nasais)

Ditongo crescente

Semivogal + vogal, na mesma sílaba.

série: r i e / sv v

quanto: k u ã / sv v

sério: r i u / sv v

Ditongo decrescente

Vogal + semivogal, na mesma sílaba.

mau: m a u / v sv

botão: t ã u / v sv

bem: b ẽ i / v sv

Tritongo

Semivogal + vogal + semivogal, na mesma sílaba.

quão: k u ã u / sv v sv

quais: k u a i s / sv v sv

Hiato

Vogal + vogal.

saída: s a í / v v

caaba: c a a / v v

baús: b a ú s / v v

ENCONTROS CONSONANTAIS

Descontínuos ou separáveis

Cada consoante numa sílaba.

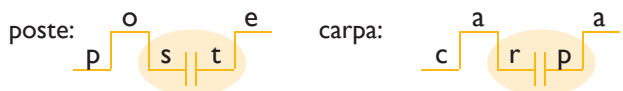

Contínuos, reais ou inseparáveis

Consoantes juntas na mesma sílaba.

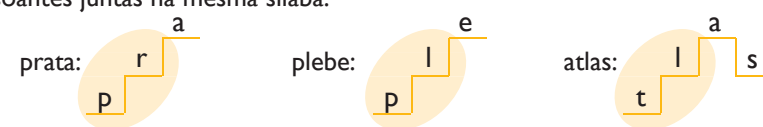

blusa, **br**aço, **cl**aro, **cr**uz, **dr**ama, **fl**auta, **fr**aco, **gl**úten, **gr**osa, **pr**ana, a**tl**ântico, **tr**ena, la**vr**a...

Dífono

Uma letra = dois fonemas.

táxi	x = ks	/t/á/k/s/i/.
ônix	x = ks	/ô/n/i/k/s/.

DÍGRAFO

Duas letras = um só fonema.

onde (= õ), **ch**apéu (= x).

ja**rr**a, ca**lh**a, u**nh**a, **lon**ge, **gen**te, cre**sc**er, cre**sç**a, e**xc**itar, pa**ss**ar, **ch**ave, **gu**iso, **qu**ilo, n**im**bo, m**an**ga, **jum**bo...

DIVISÃO SILÁBICA

A separação de uma palavra em sílabas depende da pronúncia.
Observe as seguintes regras:

Não se separam

Ditongos e tritongos

m**ai**s m**ai**-ô q**ua**-se sa-g**uão** q**uai**s

Os dígrafos lh – nh – ch – gu – qu – am – an – em – en – im – in – om – on – um – un

a-**lh**o bu-**ch**a **gu**ei-xa **lim**-po
ni-**nh**o **qu**e-ro **sem**-pre **con**-to

Encontros consonantais no início das palavras

gno-mo **ps**i-co-lo-gi-a **gn**o-se **pn**eu

Separam-se

As vogais do hiato

r**e**-**u**-ni-do c**o**-**o**-pe-rar p**o**-**é**-ti-co r**u**-**a** b**i**-**o**-lo-g**i**-**a**

As letras dos dígrafos rr – ss – sc – sç – xc

ga**r**-**r**o-te a**s**-**s**e**s**-**s**or su**s**-**c**i-tar cre**s**-**ç**a e**x**-**c**e-ção

Os encontros consonantais descontínuos (antes da última consoante)

o**c**-**c**i-pi-tal su**bs**-**t**an-ti-vo pa**c**-**t**o fel**ds**-**p**a-to

Os encontros que contêm s separam-se após o s

a**bs**-**tr**a-to pe**rs**-**p**i-caz su**bs**-**cr**e-ver

Atenção:

Em sílaba átona final, hiato pode ser lido como ditongo ou vice-versa.
his-tó-r**i**-**a** ou his-tó-r**ia**; sé-r**i**-**e** ou sé-r**ie**.
Mas, na escrita, não se separam: his-tó-ria, sé-rie.

TRANSLINEAÇÃO

bi-	giras-		fac-
savô	sol		ção

Translineação é a divisão de palavras no final de uma linha e começo de outra. Normalmente, obedece à divisão silábica.

1. Evite escrever uma letra isolada no fim ou início de uma linha.

o-
ceano

Capara-
ó

2. Evite separar as sílabas de nomes próprios personativos.

Joa-
quim

Angé-
lica

3. Evite deixar em uma das linhas parte de palavra que possa ser lida como chula, de calão ou grosseira.

ocu-
pado

após-
tolo

vaga-
bunda

4. Evite separar o hiato em final de palavra.

vali-
as

ja-
ós

5. Quando a translineação acontece onde há hífen, este se repete:

disse-
-lhe

auto-
-observação

pré-
-histórico

Prática Geral

56. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Indique a alternativa em que há **erro(s)** de divisão silábica.
a) res-sur-gir / a-ve-ri-gueis / vo-o / po-e-ta / quais-quer.
b) ca-í-ram / co-o-pe-ra-ção / pig-meu / op-ção / cons-ti-tu-in-tes.
c) tu-a / ai-ro-so / e-gí-pcio / su-bs-tan-ti-vo / pneu-má-ti-co.
d) ab-di-ca-ção / o-ci-den-tal / sor-rin-do / sou-bes-te / mne-mô-ni-ca.
e) a-do-les-cen-te / mai-o-res / sub-ju-gar / me-lan-co-li-a / cir-cui-to.

57. (PRF/N.M./ANP) A divisão silábica **não** está correta em:
a) car-rei-ra. b) des-i-lu-são. c) nas-cer. d) rá-dio.

58. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa que apresenta divisão silábica **incorreta**.
a) mne-mô-ni-ca / ét-ni-co / op-ção / ab-di-car.
b) fi-lho / ma-nhã / cons-ci-en-te / des-cer.
c) per-ce-pção / a-ni-mais / sa-ú-de / in-ter-stí-cio.
d) pres-cin-dir / res-ci-são / e-xér-ci-to / guer-ra.

59. Assinale a opção em que **todas** as palavras estão corretamente separadas em sílabas.
a) pa-pe-lei-ro / te-rre-no / re-co-lhe-dor.
b) ter-ri-tó-ri-o / in-dis-pen-sá-ve-is / pro-me-ssas.
c) con-qu-is-tou / au-xí-lios / com-pa-nh-ei-ra.
d) des-gre-nha-da / in-sis-ten-te / en-som-bra-do.
e) ar-mis-tí-cio / es-cas-sos / e-xclu-si-vi-da-de.

60. As palavras **carrossel** e **corrupção** têm as sílabas corretamente divididas em:
a) car-ros-sel / cor-rup-ção.
b) ca-rro-ssel / co-rru-pção.
c) ca-rro-ssel / co-rru-p-ção.
d) car-ro-ssel / cor-rup-ção.
e) ca-rros-sel / co-rrup-ção.

61. Assinale a alternativa que apresenta as duas palavras com as sílabas **corretamente** divididas.
a) poe-ta / a-bso-lu-to.
b) bo-lin-ha / pa-cto.
c) de-sci-da / mi-lha.
d) ri-t-mo / a-d-je-ti-vo.
e) Pa-ra-guai / Pi-au-í.

62. A alternativa que apresenta a divisão silábica **correta** de todas as palavras é:
a) as-pec-to / fic-ção / pês-se-go / sal-si-cha.
b) ri-tmo / ass-eio / di-scu-ssão / as-sar.
c) de-zes-seis / admis-ão / ma-chu-car / ca-rro.
d) chei-a / sub-stan-ti-vo / i-deal / fas-ci-na-ção.
e) ma-cio / ba-i-xo / dis-ten-são / guer-ra.

63. Entre as palavras abaixo, há uma que apresenta **semivogal**. Assinale-a.
a) tapioca. b) saúde. c) hiato. d) goleada. e) feito.

64. A palavra cuja separação de sílabas está **incorreta** é:
a) co-or-de-nar.
b) sub-ju-gar.
c) sub-trair.
d) pneu-má-ti-co.
e) e-qui-va-len-te.

65. Marque a opção em que todas as palavras são **substantivos** separados corretamente em sílabas.
a) in-dig-na-ção / a-do-le-scen-te / ad-mi-nis-trar.
b) rea-gir / tra-bal-ho / in-di-gna-da.

c) a-tro-pe-la-men-to / coi-bir / res-sar-ci-men-to.
d) con-ces-são / ab-di-ca-ção / ir-res-pon-sa-bi-li-da-de.
e) ma-dri-nha / con-ti-nu-ar / atro-pe-la-men-to.

66. No vocábulo **brasileiríssimo**, há
a) 13 fonemas; nenhum encontro consonantal; 1 hiato; 2 dígrafos; 7 vogais; nenhuma semivogal.
b) 14 fonemas; 1 encontro consonantal; 1 ditongo decrescente oral; 1 dígrafo; 7 vogais; nenhuma semivogal.
c) 14 fonemas; 1 encontro consonantal; 1 ditongo decrescente oral; 1 dígrafo; 6 vogais; 1 semivogal.
d) 15 fonemas; 1 encontro consonantal; 1 ditongo crescente oral; 1 dígrafo; 3 vogais; 4 semivogais.

67. Apresentam o **mesmo** fonema inicial os vocábulos:
a) cheguei / certos / cima.
b) ciência / sossego / canção.
c) quem / cultivar / cravei.
d) geologia / grandeza / gente.

68. Assinale a alternativa em que há **erro** na divisão silábica das palavras.
a) tran-so-ce-â-ni-co / o-blí-quo / pneu-má-ti-co.
b) a-ve-ri-guou / pe-rí-o-do / bi-sa-vô.
c) subs-cri-tar / u-ru-gu-ai-o / su-bli-nhar.
d) es-pé-cie / a-poi-o / trans-por-te.

69. Assinale a palavra cuja separação de sílabas está **errada**.
a) ma-tri-cu-lou.
b) re-ssen-ti-men-to.
c) hu-mi-lha-ção.
d) ver-go-nha.
e) sim-ples-men-te.

70. Indique a opção em que o fonema /s/ se realiza em todas as palavras da série que está em **ordem alfabética**.
a) intercessor / intervencionismo / introspecção / introversão.
b) ociosidade / reposição / rescisão / repressão.
c) ferocíssimo / litisconsórcio / hortaliça / insucesso.
d) homologação / isenção / ficção / fossilização.
e) cansaço / forçoso / formoso / fosforescência.

71. Marque a opção em que todas as palavras são **adjetivos** e estão separadas, corretamente, em sílabas.
a) as-sis-tên-cia / dig-no / hu-mi-lha-ção.
b) con-stran-gi-do / a-rro-gan-tes / re-a-lis-ta.
c) in-te-lec-tual / e-fe-ti-vo / cor-ru-pto.
d) ad-mi-ra-dís-si-mo / res-pei-tá-veis / i-nin-ter-rup-to.
e) a-dmi-ti-mos / sub-me-ti-dos / con-vin-ha.

72. Em qual alternativa se encontra uma palavra **errada** quanto à separação de sílabas?
   a) poe-ti-sa.
   b) co-lhe-res.
   c) ra-í-zes.
   d) fe-ro-zes.
   e) seis-cen-tos.

■ Assinale **C** ou **E**.

73. ( ) Joia, apoio, joio, Irineia são exemplos de tritongos.
74. ( ) Separam-se as sílabas assim: jo-ia, a-po-io, jo-io, I-ri-ne-ia.
75. ( ) A divisão silábica correta é: joi-a, a-poi-o, joi-o, I-ri-nei-a.
76. ( ) Essa mesma divisão silábica pode ser usada para translineação.

■ Assinale **C** ou **E** considerando a separação silábica para **translineação**.

77. ( ) separa-ção / se-paração.
78. ( ) coi-va-ra / dis-puta.
79. ( ) Jo-sé / Eustá-quio.
80. ( ) a-notar / i-lação.

Estrutura e Formação de Palavras

PALAVRA, FONEMA, MORFEMA, SEMANTEMA, UNIDADE MÓRFICA

Prática

■ Leia o texto, relacionando-o ao quadro abaixo, e responda **C** ou **E**:

	Coluna A	Coluna B	Coluna C	Coluna D	Coluna E
1	palavra	m e n i n i n h a s			
2	fonema	/m/ /e/ /n/ /in/	/in/ /nh/	/a/	/s/
3	morfema	menin	inh	a	s
4	semantema	filhote humano	pequeno	fêmea	mais de um
5	unidade mórfica	radical	sufixo	desinên. gênero	desinên. número

Uma palavra, como "menininhas", observada sua morfologia (morfo = forma, logia = estudo), é constituída por **unidades de som** mínimas, capazes de alterar significado, ou seja, constrói-se com **fonemas** (Capítulo 1, Fonologia). Pode também ser analisada quanto aos seus menores **componentes dotados de significado**, que se chamam **morfemas**. Um morfema pode ser estudado sob o ponto de vista do significante (conjunto de sons e letras) ou do significado (imagem mental que se desperta no cérebro do falante/ouvinte – IIT, Capítulo 2, Signo Linguístico).

Semântica é o estudo dos significados, e o morfema, visto por esse prisma, recebe também o nome de **semantema**.

O **semantema** pode trazer um significado relacionado à vida real, ao mundo extralinguístico – **pão**, **chuva**, **horizonte**... – e recebe o nome de morfema ou semantema **lexical**, **extralinguístico** ou **exofórico**, como os radicais das palavras.

Por outro lado, o semantema pode referir-se a um significado pertencente não ao mundo externo, mas ao mundo interno da língua – como os morfemas **ão** e **ázio** que significam aumentativo; **inho** e **ico**, diminutivo; **isa** e **esa**, feminino; **o** e **or**, masculino; ausência e presença de **s**, denotando singular ou plural –, sendo chamados de morfemas ou semantemas **gramaticais**, **intralinguísticos** ou **endofóricos,** representados por prefixos, sufixos, desinências etc.

1. ( ) Uma palavra pode decompor-se em várias partes e sob visões diferentes.
2. ( ) Fonema é uma unidade de significado.
3. ( ) Fonema é uma unidade mínima de som, distintiva de significado.
4. ( ) Morfema é, na palavra, uma unidade mínima dotada de significado.
5. ( ) Semantema é uma unidade de significado que compõe uma palavra.
6. ( ) Semantema pode expressar um significado puramente gramatical ou intralinguístico, como gênero, número, grau (morfemas gramaticais), ou pode despertar um significado extralinguístico, como fé, mar, céu... (morfemas lexicais ou referentes ao mundo real).
7. ( ) Unidade mórfica é unidade de significado.
8. ( ) Mórfico é um adjetivo derivado do radical "morfos" que em grego significa "forma".
9. ( ) No morfema radical **menin**, as letras **i** e **n** representam o fonema **i nasal**.
10. ( ) No morfema sufixo diminutivo **inh**, fonologicamente a letra **n** tem duas funções: marca a nasalidade do **i** que a antecede e forma dígrafo com o **h** que a sucede, por isso está repetida na Coluna C do quadro supra, representando fonema.
11. ( ) Sufixo é o significado-base de uma palavra.
12. ( ) O radical contém o significado-base de uma palavra.
13. ( ) Sufixo é elemento caracterizador de gênero e número.
14. ( ) Sufixo é morfema que propicia derivar-se uma palavra de outra: bel**eza**, bon**dade**, cord**ão**.
15. ( ) Desinência é morfema que define flexão de gênero e número no substantivo; e número e pessoa, no verbo: canta**mos** (1ª pessoa do plural).

PALAVRA PRIMITIVA, DERIVADA, COGNATA, FAMÍLIA DE PALAVRAS

Há palavras constituídas apenas de radical (mar, ar, pó) e outras que se formam a partir dele (**mar**esia, **mar**ítmo, **aér**eo, **ar**ejado, **po**eira, em**po**ar). Em função disso, tem-se a seguinte distinção:

Palavra Primitiva

É a que dá origem a outra(s):

café, cipó, Amazonas.

Palavra Derivada

É a que se origina de outra:

cafezal, cipoal, Amazonense.

Palavra Cognata [co(m) = em companhia + gnata = nascida]

É a palavra nascida em companhia de outra, irmã de outra, pertencente à mesma família de outra. **Cruz**ada, **cruc**ificar, **cruz**eiro... são palavras cognatas porque nasceram da palavra **cruz**.

Família de Palavra

É o conjunto das palavras que têm o mesmo radical primário, ou seja, a mesma raiz.

RADICAL, PREFIXO, SUFIXO

Prática

■ Associe o quadro à leitura e responda **C** ou **E**.

Palavra	d e s c a p i t a l i z a r		
morfemas	des	capital	izar
extralinguístico		radical	
intralinguísticos	prefixo		sufixo

Observando-se a palavra "descapitalizar" e comparando-a com outras da mesma família (capitalizar, recapitalizar, capitalização, descapitalizado, capitalismo, capitalista...), é fácil perceber que o morfema permanente, em torno do qual se criaram essas palavras, é **capital**. Essa constatação permite dizer que esse morfema é o **radical** da palavra, porque tem relação com a raiz dela. Então, **radical** é, da palavra, a parte que mantém o **significado-base** e que **aponta para a raiz**.

16. ( ) Radical significa que tem relação com raiz.
17. ( ) O radical concentra a base da significação da palavra.
18. ( ) O radical classifica-se como morfema endofórico, ou de significado intralinguístico.
19. ( ) Prefixo é morfema de significado extralinguístico, ou exofórico.
20. ( ) Radical é componente formal da palavra, da qual constitui a base de significação externa, podendo seu significado ter referente extralinguístico (cavalo, capim) ou linguístico (vírgula, til).
21. ( ) O morfema **capital** classifica-se como lexical e não como gramatical.
22. ( ) O prefixo **des** traz à palavra um significado de ausência ou negação.
23. ( ) Ele existe só no mundo extralinguístico.
24. ( ) O sufixo **izar** é formador de verbo e sua existência se limita ao universo gramatical.
25. ( ) Prefixos e sufixos são morfemas gramaticais, por não terem referente extralinguístico.

RAIZ ≠ RADICAL

Raiz

É um substantivo que significa origem, início mais profundo. Há quem a chame de radical primário.

Radical

É palavra originariamente adjetiva que significa aquilo **que tem relação com RAIZ.**

Achar a **raiz** não é tão fácil. Leia as frases:

> "O capataz da fazenda perdeu a cabeça e fez um movimento tão brusco que traumatizou o bíceps do capitão, tendo este sido levado urgentemente para a capital".

Perceba que o conjunto fonêmico **capital** (cidade principal) tem um significado muito diferente do que o que se encontra em des**capital**izar, embora sejam iguais na forma. Engano, porque tanto o **capital** (dinheiro) quanto a **capital** (cidade) são oriundos da mesma raiz latina *"cáput, cápitis"*, que significa **cabeça**, **parte superior**, **parte mais importante**, **bico**, **ponta**. A partir daí, vejam-se, na frase dada, as outras palavras pertencentes a uma mesma família, porque apresentam a mesma raiz, embora modificada pelo uso e pelo tempo: **cap**ataz (chefe, o cabeça dos trabalhadores), **cab**eça (parte mais alta), bí**ceps** (que tem bi = duas + ceps = cabeças), **cap**itão (chefe, o cabeça de um grupo militar), a **cap**ital (cidade principal), o **cap**ital (o principal do dinheiro, excluídos os juros). Querendo-se ir adiante com o mesmo radical, há **cap**itel, **cap**ítulo, **cab**edal, **cap**itólio, **cap**otar, pre**cip**ício, per **cap**ita.

Contudo, a dificuldade de se achar a raiz da palavra não se deve apenas à metamorfose que ela sofre ao longo do tempo (cap, cab, cep, cip), mas às transformações que outras raízes de outras palavras também experimentam e com ela se confundem. Por exemplo, raízes que se confundem com **cap**, **cab**, **cep**, **cip**, de *"caput"*:

1. A palavra *"cappa"*, do latim tardio, que significava "certo tipo de casaco com capuz, capa", originou o diminutivo "cappella" e as palavras portuguesas **cap**a, **cap**ela (esta, no século VII, designava o local onde se venerava a capa de são Martinho, e daí se estendeu o significado para "oratório"), **cap**elo, **cap**ote, **chap**éu, **cap**ucho, **cap**uz, de**cap**ar, de**cap**ê, **quep**e...

2. A palavra *"cápus"*, do latim clássico, que significava "galo castrado", gerou em Português **cap**ar, **cap**ão, **cap**ado...

3. O verbo latino *"cápìo,is, cépi, cáptum, cápere"*, que era extremamente plurissignificativo, derivou na Língua Portuguesa **cab**o, **cab**az, **cab**ear, **cab**er, **cap**acidade, **cap**acitor, **cap**az, **capc**iosidade, **capc**ioso, **capt**ação, **capt**ar, **capt**ura, **cat**ador, **cat**ar, **cat**ivar, **cat**iveiro, a**cep**ção, a**cep**tar, a**cei**tar, con**ceb**er, con**cei**ção, con**cep**ção, ex**cep**to, ex**ce**to, ex**cip**iente, ex**cep**cional, en**ce**tar, o**cup**ar.

Achar a **raiz** é, portanto, bem mais difícil do que encontrar o radical de uma palavra. Por quê? Porque exige uma observação bem mais profunda, mais afastada, mais distante no tempo, o qual, com o seu passar e com as alterações das circunstâncias sociais e históricas, modificou o significante e o significado, a forma e o conteúdo, a grafia e a ideia da **raiz**, de várias maneiras.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, com base no texto acima.

26. ( ) É mais fácil encontrar o radical que a raiz, numa família de palavras.
27. ( ) A raiz e o radical se apresentam sempre com a mesma forma gráfica.
28. ( ) A raiz e o radical podem mostrar alterações, quer tenham origem culta, quer popular, como acontece com cátedra/cadeira, concepção/conceição, regular/regrar, sacratíssimo, sagradíssimo.
29. ( ) São cognatos: capitão, capote, capacidade, capado.
30. ( ) Uma maneira de ajudar a distinguir radicais é atentar para o significado.
31. ( ) Capa, capela, capelo, capote, capuz, capucho, chapéu e quepe são cognatos.

TEMA, VOGAL TEMÁTICA, AFIXO (prefixo e sufixo) E DESINÊNCIA

Tema

É o radical ou raiz acrescido da vogal temática, pronto, portanto, para receber a(s) desinência(s): cab + o = **cabo**, têmper + a = **têmpera**.

Vogal Temática

É a vogal que prepara o radical ou raiz, tanto para se tornar uma palavra independente, como para receber a(s) desinência(s) ou o(s) sufixo(s): cab + **o**, têmper + **a**.

Desinência

É elemento mórfico, ou componente formal, que se pospõe à raiz, ao radical ou ao tema de verbos, substantivos, adjetivos ou pronomes para marcar flexão nominal (de gênero, número, grau) e verbal (de modo, tempo, número, pessoa). Por isso, também são conhecidos por **morfemas flexionais**: cabo + **s**, têmpera + **s**, tempera + **r**.

Afixo

É elemento mórfico que se junta ao radical para criação de nova palavra, que se chamará **derivada**. Por esse motivo os afixos também se chamam **morfemas derivacionais**.

Prefixo

É afixo que **se antepõe ao radical** somando-lhe um novo significado, ligado ao de uma preposição: **des**temor, **contra**por, **sobre**ssair, **a**moral, **i**rregular...

Sufixo

É afixo que **se pospõe ao radical**, acrescentando-lhe nova ideia e definindo-lhe a categoria gramatical como adjetivo (amor**oso**, embeleza**do**), substantivo (utili**dade**, armazen**agem**), advérbio (feliz**mente**, grata**mente**)... ou somando-lhe sentido de agente ou profissão (cant**or**, livr**eiro**, dent**ista**, estud**ante**, secret**ário**), ação (cumpri**mento**, doa**ção**, toler**ância**, nivel**ar**, folh**ear**), aumentativo (fog**aréu**, barc**aça**, canec**ão**, grand**alhão**), diminutivo (papel**ucho**, sal**eta**, chuv**isco**, part**ícula**), coletivo (boi**ada**, dinheir**ama**, pluma**gem**), origem ou nacionalidade (brasil**eiro**, paulist**ano**, brasili**ense**)...

Prática

■ Tendo como ponto de partida o quadro a seguir e o texto recém-lido, responda **C** ou **E**:

	Prefixo	Radical	Vogal temática	Sufixo	Desinência mod./temp.	Desinência núm./pes.	Desinência gên./núm.	
1	des	temper	a		va	s		
2	re	corr	ê		ra	mos		
3	com	part	i		r	eis		
4	a	noit	e	ece	r			
6	a	clar	a		r			
7	in	util		mente				
8	des	temper	a	mento				s
8	sub	nutr	i		d		o	s
9		am	a	dor			a	s

32. ( ) Os elementos linguísticos presentes nas oito colunas verticais chamam-se morfemas.
33. ( ) Todos eles são morfemas gramaticais.
34. ( ) Radical e raiz são os únicos morfemas lexicais ou de significação externa à língua.
35. ( ) Prefixo, sufixo , vogal temática e desinência são morfemas gramaticais ou de significação interna à língua.
36. ( ) Prefixos são morfemas flexionais.
37. ( ) Morfemas flexionais são as desinências que, nos nomes, indicam flexão de gênero e número; e, nos verbos, número, pessoa, modo, tempo e gênero.
38. ( ) Até a linha 6, só há desinências verbais (modo-temporais e número-pessoais).
39. ( ) Na linha 4, há um sufixo verbal, formador de verbo; na 7, adverbial, formador de advérbio; na 8, nominal, formador de substantivo; e na 9, nominal, formador de adjetivo.
40. ( ) As vogais temáticas, na terceira coluna, juntam-se aos radicais, para que estes possam receber os sufixos ou as desinências.
41. ( ) Os sufixos sempre antecedem as desinências, assim como os prefixos em relação aos radicais.

VOGAL E CONSOANTE DE LIGAÇÃO

Observe-se a formação das seguintes palavras: pá + ada = pa**z**ada, cha + eira = cha**l**eira, gás + metro = gas**ô**metro, limão + inho = limão**z**inho, em que apareceram automaticamente os elementos mórficos **z**, **l**, **ô**, **z**, respectivamente, sem qualquer contribuição no significado e sem outra função que não seja a de facilitar a pronúncia. Às vogais e consoantes que se intercalam entre dois morfemas com a finalidade única de facilitar a prolação (pronúncia) da palavra dá-se o nome de vogais e consoantes de ligação.

Prática

- Olhando o parágrafo anterior e o quadro a seguir, pense e responda **C** ou **E**:

	Radical	Letra de ligação	Sufixo/ radical	Vogal temática	Desin. gên.		Desin. núm.	
					Masc.	Fem.	Sing.	Pl.
1	feliz		mente		/	/	/	/
2	carr			o	/	/	∅	s
3	carroç			a	/	/	∅	s
4	menin			o	o	a	∅	s
5	trist			e	/	/	∅	s
6	lápis				/	/	/	/
7	gas	o	duto		/	/	∅	s
8	pau	l	ada		/	/	∅	s
9	café	t	eira		/	/	∅	s
10	lan	i	fer	o	o	a	∅	s

42. ( ) Na linha 1, a palavra é formada apenas de radical e sufixo; sem qualquer desinência, porque advérbio é invariável.
43. ( ) Nas linhas 2, 3 e 5, não há desinência de gênero porque as desinências só existem quando justificadas pelo par opositivo (menin**o**/**a**). Carr**o**, carroç**a**, trist**e** não apresentam morfemas (nem masculinos nem femininos), só porque inexistem os opostos carr**a**, carroç**o**, trist**o** ou trist**a**. Na morfologia dos nomes (substantivos, adjetivos, certos pronomes), só existem três vogais temáticas e todas estão aqui representadas: e, o, a.
44. ( ) Nas linhas 4 e 10, o **o** é vogal temática, porque prepara o radical para ser uma palavra independente (menin**o**, lanífer**o**) e acumula a função de desinência de gênero, por causa da oposição (menin**o**/menin**a**, lanífer**o**/lanífer**a**).
45. ( ) Em **chute**, **cavalo**, **cavaleiro**, **bomba**, o fonema final é uma vogal temática, mas em **cipó**, **rapé**, **pá**, não há vogal temática, porque ela nunca é tônica. Como se vê, há nomes que não têm vogal temática, por isso não podem ter tema, mas têm apenas radical ou raiz, sendo, então, chamados de **atemáticos**.
46. ( ) O **o** e o **a** no final de certos substantivos não marcam masculino ou feminino (vo**o**, telefonem**a**, dram**a**, carr**o**, carroç**a**), o que lhes aponta o gênero são os seus determinantes: **o** voo, noss**o** telefonema, carroça conhecid**a**.
47. ( ) Em "Ele comeu o bol**o** e chutou a bol**a**", os elementos sublinhados e negritados são desinências de gênero.
48. ( ) Na linha 6, não há desinência de gênero, nem de número, porque o **s** final de palavras como **lápis**, **oásis**, **ônibus** não é marca de plural. O plural de tais palavras se mostra por um determinante: o**s** ônibus, lápis amarelo**s**, meus óculo**s**.
49. ( ) **Nos nomes**, o que marca singular não é a presença de uma letra, mas sua ausência, ou seja, a ausência do marcador de plural **s** é que indica estar a palavra no singular. Essa ausência do morfema plural **s** é o que se chama **morfema zero**. Por isso, no quadro, só há **desinência zero**, de número singular, quando a palavra tem plural formado por **s**.
50. ( ) "duto" (l.7) e "fero" (l.10) são sufixos latinos originários de verbos com significado de **conduzir**.
51. ( ) "duto" (l.7) e "fero" (l.10) são radicais latinos originários de verbos com significado de **conduzir**, enquanto "ada" e "eira" (l.8 e 9) são sufixos formadores de substantivos.
52. ( ) Nas linhas 7, 8, 9 e 10, há **vogais e consoantes de ligação**, que não contribuem para o significado, e existem apenas para facilitar a pronúncia.

FORMAÇÃO DE PALAVRAS: DERIVAÇÃO, COMPOSIÇÃO, HIBRIDISMO

Em Português, formam-se palavras por dois processos básicos: derivação e composição.

Derivação

É o processo pelo qual se formam palavras a partir de um radical, ao qual se acrescentam afixos.

Derivação Prefixal

Uso de prefixo como em **des**crença, **intro**versão, **super**feliz, **con**ter.

Derivação Sufixal

Uso de sufixo como em arroz**al**, arroz**eiro**, barc**aça**, barqu**inho**, fam**oso**.

Derivação Prefixal e Sufixal

É o acréscimo de outro afixo (prefixo ou sufixo) a uma palavra já constituída de radical e afixo. Com a eliminação de um dos afixos, a palavra continua existindo.

inutil**mente**, pois existe tanto **in**útil quanto util**mente**;
descumpri**mento**, pois existe tanto **des**cumprir como cumpri**mento**;
incomunicá**vel**, pois existe tanto **in**comunicar como comunicá**vel**.

Derivação Parassintética ou Circunfixal

Uso de prefixo e sufixo simultaneamente, ou seja, ambos se juntam ao radical no momento exato da criação da palavra, o que se prova pela tentativa inútil de se retirar o prefixo, porque a palavra sem ele inexiste, como em

embarc**ar**, pois não existe barcar;
anoit**ecer**, pois não existe noitecer;
repatri**ar**, pois não existe patriar.

Derivação Regressiva

É formada pela perda de elemento fônico da palavra primitiva, de tal maneira que a derivada fica menor em tamanho que a primitiva. Chama-se também derivação deverbal, porque a derivada é um substantivo que provém de um verbo como em:

pescar > a pesca	afagar > o afago	atacar > o ataque
perder > a perda	apelar > o apelo	enlaçar > o enlace
censurar > a censura	chorar > o choro	debater > o debate

Dica:

Como saber se **âncora** é primitiva ou derivada em relação a **ancorar**? E **venda** em relação a **vender**? O **substantivo deverbal contém em si a noção de ação** que herdou

do verbo, por isso observe não o verbo, mas o substantivo. Âncora, por não ter ideia de ação, não proveio de ancorar; então, âncora é primitiva e ancorar derivada.
Já o substantivo venda significa ação de vender e, por trazer ideia de ação, originou-se de um verbo, o que permite concluir que venda é derivada e vender é primitiva.

Derivação Imprópria ou Conversão

É a criação de uma palavra pela alteração de sua categoria gramatical:

Ele era um estudante **caxias**.	(antropônimo virando adjetivo)
Não li essa **circular**.	(adjetivo virando substantivo)
Deixa de ser **borboleta**, menina.	(substantivo virando adjetivo)
Que teremos para o **jantar**?	(verbo virando substantivo)
Pudera! **Bravo**!	(verbo e adjetivo virando interjeição)
Analisando **prós** e **contras**...	(advérbio e preposição virando substantivo)

Derivação por Abreviação ou Redução

Encurtamento da palavra primitiva:

motocicleta > moto	automóvel > auto
fotografia > foto	quilograma > quilo
logomarca > logo	Teresópolis > Terê
pneumático > pneu	Flamengo > Mengo

Cabem aqui as **Siglas**:

Organização dos Estados Americanos	>	OEA
Organização das Nações Unidas	>	ONU
Academia Brasileira de Letras	>	ABL
Transportes Aéreos Portugueses	>	TAP

PT, PMDM, DEM, PSB, PCB, PDT, PSOL, PSC,TCU, TJDFT...

Derivação por Reduplicação

Formação de palavra por repetição silábica, havendo ou não alteração sonora:

pingue-pongue	to-tó	lambe-lambe
tique-taque	reco-reco	bate-bate

Derivação por Combinação

A palavra derivada combina elementos de duas ou mais outras:

português + espanhol	>	portunhol
brasileiro + uruguaio	>	brasiguaio
Flamengo + Fluminense	>	Fla-Flu

Derivação por Intensificação

Alargamento ou alongamento do sufixo de uma palavra, quase sempre usando-se o **izar**, em substituição a um mais curto já existente:

digitar	>	digitalizar
agir	>	agilizar
protocolar	>	protocolizar
culpar	>	culpabilizar

Composição

É a criação de uma nova palavra pela aproximação de dois ou mais radicais. As palavras compostas podem classificar-se como justapostas ou como aglutinadas.

Composição por Justaposição

Os radicais mantêm sua integridade sonora intocável, sem alteração sequer de um fonema, podendo ou não haver uso de hífen:

guarda-chuva	mand**ac**huva
finca-pé	pont**ap**é
couve-flor	min**iss**aia
mal-aventurado	ma**ln**ascido
super-regular	extr**arr**egular

Composição por Aglutinação

Na junção dos radicais acontece a queda ou alteração de fonema(s):

filho de algo	>	fidalgo	perna alta	>	pernalta
em boa hora	>	embora	água ardente	>	aguardente
grande eloquência	>	grandiloquência	vinho acre	>	vinagre

Hibridismo

É a junção de componentes mórficos, oriundos de línguas diferentes, na mesma palavra, não importando se ela foi formada por composição ou por derivação, ou seja, se tem dois ou mais radicais, ou se apenas um radical mais afixo(s):

*auto*móvel	(*grego* + latim)	bi*cicleta*	(latim + *grego*)
*endo*venoso	(*grego* + latim)	bi*gamia*	(latim + *grego*)
socio*logia*	(latim + *grego*)	oleo*grafia*	(vern. + *grego*)

Prática

■ Leia atentamente e responda **C** ou **E**:

53. ( ) pôr, transpor, posto, posição, imposição, impostor, postura, posicionado... pertencem à mesma família de palavras.
54. ( ) vida, viver, vivaz, vivacidade, vital, vitalidade, vitalício, vitaliciedade, pós-vida, vivo, vivenciar... são cognatos.
55. ( ) A palavra neologismo é um bom exemplo de hibridismo.
56. ( ) Neologismo significa palavra nova. É um vocábulo derivado com dois radicais de origem grega.
57. ( ) A palavra neologismo é composta por dois radicais (neo + logos), ambos de origem grega, que significam respectivamente novo e palavra.
58. ( ) Ambidestro, bicombustível, dicotomia, anfíbio, bienal, bíblico: todas essas palavras têm em sua constituição um morfema com significado ligado a **dois**.
59. ( ) Todas as palavras do item anterior são formadas por derivação prefixal, exceto a última, que é derivada por sufixação.
60. ( ) Superfície, suprarrenal, superlotar, epiderme, epígrafe, hipermercado: todos esses vocábulos são derivados por prefixação e seus prefixos latinos (super, supra) e gregos (epi, hiper) apresentam entre si correspondência semântica.
61. ( ) Todas as palavras a seguir exemplificam derivação sufixal: amoroso, barrigudo, latino, diário, enfermiço, medonho, róseo, datilografia.
62. ( ) Do exercício anterior, a última palavra não é derivada, mas composta por dois radicais gregos que significam respectivamente dedo e escrita.
63. ( ) São exemplos de derivação regressiva ou deverbal os seguintes substantivos: desembarque, festejo, grita, renúncia, entrega, chute, agito, esfrega, troca, arquivo, barco, apelido.
64. ( ) Do exercício anterior, arquivo, barco e apelido não são derivados regressivos ou deverbais porque semanticamente não trazem ideia de ação, mas denotam objeto ou substância.
65. ( ) Exemplificam a derivação parassintética os seguintes vocábulos: abotoar, amanhecer, anoitecer, aterrorizar, embainhar, embrutecer, envelhecer, escurecer, esvaziar, esburacar, introduzir.
66. ( ) Do exercício anterior, introduzir é, em Português, palavra primitiva. No latim, constitui derivação prefixal (intro + dúcere = para dentro + levar).
67. ( ) Em gasômetro e geografia constata-se a existência de vogal de ligação.
68. ( ) A aglutinação pode ser encontrada em: lobisomem (lobo e homem), vinicultura (cultura da vinha), agridoce (acre e doce), monocórdio (uma corda), silvícola ou selvícola (morador da selva).
69. ( ) São exemplos de derivação por conversão, ou derivação imprópria, substantivos comuns transformados em nomes próprios: Pereira, Coelho, Pimenta, Vargem Grande.

70. ( ) "Analise o protótipo, avalie prós e contras, e me dê urgentemente uma resposta". Nessa frase, pela ordem, encontra-se uma composição de palavra, duas derivações impróprias, uma sufixação adverbial e uma derivação prefixal.
71. ( ) Na questão anterior, só há um erro: a última palavra, que é **resposta**, formou-se por derivação regressiva e não prefixal.
72. ( ) "Os anjolescentes obstaculizavam a portaria onde o donjuan passaria". Há, nessa frase, pela ordem em que aparecem, exemplos de composição por combinação, derivação intensificada, derivação sufixal, derivação imprópria.
73. ( ) Na frase "Que teremos para jantar?" há uma derivação imprópria, ou conversão.
74. ( ) Em "A CBF resolveu promover treinos no Rio", há duas palavras formadas por abreviação, duas por prefixação e uma por regressão. Todas compostas.
75. ( ) Na questão anterior, só o último período apresenta informação errada.
76. ( ) Nas palavras **ambi**destro, **bi**combustível, **bí**blico, **di**cotomia, **anfí**bio, e **bi**enal, os prefixos em negrito trazem significado ligado ao número dois.

Ortografia

Uso das Letras

Uso do Hífen

Uso dos Porquês

Mal e Mau

Onde e Aonde

Acentuação Gráfica

Do grego (**orto** = certo, correto + **grafia** = escrita), ortografia significa escrita correta.

É capítulo que, indiscutivelmente, ainda precisa de conscientização e reparos por parte das comunidades linguísticas e educacionais, tarefa que já abraçamos.

Em setembro de 2008, a Presidência da República do Brasil promulgou o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, assinado em Lisboa, em dezembro de 1990, por oito países lusófonos (*vide* Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, Vestcon Editora).

O Decreto de promulgação implementou as novas regras ortográficas a partir de 1° de janeiro de 2009, devendo valer tanto a antiga quanto a nova ortografia até 31 de dezembro de 2012, a partir de quando passará a viger apenas a última regulamentação.

Para atender a esse período de transição, este capítulo usa as seguintes cores:

verde:	indica novas regras;
laranja:	indica o que não sofreu alteração;
azul:	indica regras antigas.

Ajustes estão sendo esperados durante um período de adaptação e observação e, à medida que necessários, serão divulgados no site **www.vestcon.com.br**.

É oportuno pedir ao leitor que conheça o movimento **www.acordarmelhor.com.br** e que o ajude com seu apoio, para a racionalização e simplificação das regras ortográficas, visando inclusive, à eliminação de exceções.

ALFABETO (norma nova)

O alfabeto português, com a introdução de K, k (cá ou capa); W, w (dáblio) e Y, y (ípsilon), passou a ter 26 letras ou grafemas:

A a	B b	C c	D d	E e	F f
G g	H h	I i	J j	**K k (cá)**	L l
M m	N n	O o	P p	Q q	R r
S s	T t	U u	V v	**W w (dáblio)**	X x
Y y (ípsilon)	Z z				

USO DE K, W, Y

Essas três novas letras ou grafemas são destinadas ao seguinte uso:

1	Em antropônimos (nomes de pessoas) originários de outras línguas e seus derivados: *Byron, byroniano; Darwin, darwinismo; Franklin, frankliniano; Kant, kantista, kantismo; Kardec, kardecista, kardecismo...*
2	Em topônimos (nomes de lugares) de outras línguas e seus derivados: *Kwuanza, kwanzaniano; Kuwait, kuwaitiano; Malawi, malawiano...*
3	Em siglas internacionais (TWA, KLM) e em símbolos internacionais (K de potássio, *kalium* em latim; W de oeste, *West* em inglês; kg de quilograma; km de quilômetro; kW de quilowatt; kV de quilovolt; yd de jarda, *yard* em inglês...).

Observações:

a) Antropônimos estrangeiros e seus derivados: respeita-se a grafia, inclusive das demais letras e do trema: Garrett, garrettiano; Müller, mülleriano; Shakespeare, shakespeariano... Muitos têm mais de uma grafia: Baruch, Baruc; Loth, Lot; Ziph, Zif; Joseph, José; Nazareth, Nazaré; Judith, Judite; Jacob, Jacó; Isaac, Isac; David, Davi; Josafat, Josafá; Madrid, Madri; Calecut, Calicut, Calcutá, Cid...

b) Topônimos estrangeiros e seus derivados: vernaculizam-se, ou seja, devem ser adaptados, aportuguesados, sempre que possível: Calicut > Calcutá; Cherbourg > Cherburgo; Finland > Finlândia; Torino > Turim; Zürich > Zurique...

USO DO *H, h*

USA-SE H INICIAL	
1	Por respeito à etimologia (origem das palavras): haver, hélice, hera, hoje, hora, homem, humor...
2	Por convenção: hã?, hem?, hum!

Observações:

a) Várias palavras já se modernizaram (**e**rva, **e**rvaçal, **e**rvanário, **e**rvoso...) e convivem com formas eruditas, mais tradicionais (herbáceo, herbanário, herboso...).
b) Quando deixa de ser inicial, o h pode desaparecer (hebdomadário > biebdomadário; harmônico > desarmônico; homem > lobisomem...) ou ser antecedido por hífen (anti-horário, pré-história, sobre-humano).

USA-SE O H FINAL
Em interjeições: Ah! Oh! Ih! Uh!

Observação:

Não se usa o h final na interjeição de vocativo: "Ó jardineira, por que estás tão triste?..."; Ó menino, venha cá.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

1. ( ) No Brasil, preferem-se as formas Calcutá, Cid, Davi, Josafá, Jó, Jacó, Madri, Nazaré.
2. ( ) Continuam existindo **ç** (c cedilhado) e os dígrafos **rr**, **ss**, **ch**, **lh**, **nh**, **gu**, **qu**...
3. ( ) Corretas as grafias Malawi, malawiano, Müller, mülleriano, shakespeariano, Kubitschek.
4. ( ) Preferem-se as grafias: uísque, drinque, vodca, vermute e não whisky, whiskey, drink, vodka, vermouth...
5. ( ) Preferem-se as grafias Garona, Jutlândia, Milão, Munique, Turim, Zurique e não Garonne, Jutland, Milano, München, Torino, Zürich...
6. ( ) Em haver, hélice, hera, hoje, hora, homem, humor... o **h** (agá) se mantém com base na etimologia.
7. ( ) O mesmo acontece com herbáceo, herbanário, herbicida, herbícola, herbático, herbívoro, que se originam, por via culta, da palavra latina **herba**.
8. ( ) Porém erva, ervaçal, ervoso, ervica, ervicida escrevem-se **sem h** (agá) porque essa grafia já foi consagrada pelo uso.
9. ( ) Usa-se **h** (agá) final em interjeições: Oh! Ah!
10. ( ) O **h** (agá) permanece no interior de palavras ligado por hífen (anti-higiênico, pré-história, sobre-humano, contra-haste), mas desaparece quando antecedido de **in**, **an**, **des** ou do **som "z"** (inábil < in+hábil; desumano < des+humano; exaurir < ex+haurir).

USO DAS LETRAS

Em cada item, siga o modelo e pratique.

Observe:

monte – mont**ês**; Escócia – esco**cês**; Portugal – portugu**ês**...

Adjetivos derivados de substantivos escrevem-se com **s**: **(ês, esa)**.

Prática

11. França: francê__
12. Japão: japone__a
13. corte: cortê__
14. burgo: burguê__
15. montanha: montanhê__
16. campo: campone__a

Observe:

prior – prior**esa**; duque – duqu**esa**; sacerdote – sacerdot**isa**...

Os sufixos **-esa** e **-isa**, formadores de feminino, escrevem-se com **s**.

Prática

17. barão: barone__a
18. príncipe: prince__a
19. cônsul: consule__a
20. papa: papi__a
21. poeta: poeti__a
22. profeta: profeti__a

Observe:

metást**ase**, anáf**ase**; diur**ese**, gên**ese**, sínt**ese**; diál**ise**, anál**ise**; diagn**ose**, metamorf**ose**, hipn**ose**...

Grafam-se com **s** as terminações **-ase**, **-ese**, **-ise**, **-ose**.

Prática

23. cateque__e
24. anáfa__e
25. hemopti__e
26. meio__e
27. hidróli__e
28. simbio__e
29. neuro__e
30. psico__e
31. sínte__e

Observe:

pre**s**o – apre**s**ar; va**z**io – esva**z**iar; rai**z** – enrai**z**ar, catáli**s**e – catali**s**ar...

Radicais com **z** originam palavras com **z**. Radicais com **s** originam palavras com **s**.

Prática

32. baliza: bali__ar
33. vez: reve__ar
34. trás: atra__o
35. vaso: enva__ar

Observe:

moral – moral**izar**; rubor – rubor**izar**; tranquilo – tranquil**izar**...

Verbos de radicais não terminados em **s** ou **z** recebem o sufixo **-izar**, com **z**.

Prática

36. profeta: profeti__ar
37. civil: civili__ar
38. concreto: concreti__ar
39. anarquia: anarqui__ar
40. drama: dramati__ar
41. banal: banali__ar

Atenção:

sífilis – sifil(i)-izar

Observe:

pôr – pu**s**; querer – qui**s**er; relu**z**ir – relu**z**...

As formas dos verbos **pôr** e **querer** (e seus derivados) escrevem-se com **s**. As formas dos verbos que já têm **z** escrevem-se com **z**.

Prática

42. querer: qui__, qui__esse
43. pôr: pô__, pu__esse, pu__er
44. trazer: tra__
45. dizer: di__
46. fazer: fi__, fi__esse, fi__er
47. cozer: co__i

Observe:

l**ous**a; N**eus**a; p**aus**a...

Depois de **ditongo**, escreve-se **s**, e não z.

Prática

48. cau__a
49. gêi__er
50. mai__ena
51. náu__ea
52. Sou__a
53. pou__ar

Observe:

compree**nd**er – compreen**s**ão; subme**rg**ir – submer**s**o, subme**rs**ão; conver**rt**er – conver**s**ão...

Palavras derivadas de radicais com **nd**, **rg**, **rt** grafam-se com **s** (**ns, rs**).

Prática

54. apreender: apreen__ão
55. pretender: preten__ão
56. aspergir: asper__ão
57. imergir: imer__ão
58. inverter: inver__ão
59. divertir: diver__ão

Observe:

puro – pur**eza**; honrado – honrad**ez**; nu – nud**ez**...

Substantivos derivados de adjetivo escrevem-se com **z** (**ez, eza**).

Prática

60. árido: aride__
61. áspero: aspere__a
62. avaro: avare__a
63. claro: clare__a
64. cúpido: cupide__
65. estúpido: estupide__

Observe:

pro**ceder** – proce**ss**o; a**gredir** – agre**ss**ão; re**primir** – repre**ss**ão; ad**mitir** – admi**ss**ão...

Palavras derivadas dos radicais **-ceder**, **-gredir**, **-primir**, **-mitir** escrevem-se com **ss**.

Prática

66. ceder: ce__ão
67. aceder: ace__o
68. exceder: exce__o
69. progredir: progre__o
70. regredir: regre__o
71. imprimir: impre__ão
72. oprimir: opre__ão
73. deprimir: depre__ão
74. omitir: omi__ão
75. demitir: demi__ão
76. permitir: permi__ão

Observe:

sindética – a**ss**indética; **s**afra – entre**ss**afra...

Palavras iniciadas por **s** escrevem-se com **ss** quando recebem prefixos terminados em vogal.

Prática

77. sílaba: a__ilábico
78. sossego: a__ossegar
79. surgir: re__urgir
80. supor: pre__upor
81. sair: sobre__air
82. semelhante: de__emelhante

Observe:

jun**to** – jun**ç**ão; perfei**to** – perfei**ç**ão...

Radicais terminados em **to** geram **c**, **ç**.

Prática

83. atento: aten__ioso
84. projeto: proje__ão
85. exceto: exce__ão
86. isento: isen__ão
87. distinto: distin__ão
88. ereto: ere__ão

Observe:

f**oic**e; Conc**ei**ção; t**ouc**eira...

Depois de **ditongo**, escrevem-se as letras **c** ou **ç**, e não ss.

Prática

89. cau__ão
90. lou__a
91. bei__o
92. arcabou__o
93. coi__e
94. fei__ão

Observe:

mu**ç**ulmano, alfa**c**e; Igua**ç**u; mu**ç**um...

Escrevem-se com **c** ou **ç** palavras de origem árabe, indígena ou africana.

Prática

95. a__afrão
96. a__ucena
97. alma__o
98. pa__oca
99. ca__anje
100. a__aí

Observe:

s**eix**o; c**aix**a; fr**oux**o...

Depois de **ditongo**, usa-se **x**, e não ch.

Prática

101. fai__a
102. amei__a
103. madei__a
104. trou__a
105. bai__o
106. pei__e

Exceções:

c**auch**o, c**auch**al, rec**auch**utagem.

Observe:

mexer; **Méx**ico; **enx**ada; **enx**ó...

Usa-se **x** após os grupos iniciais **me-** e **en-**.

Exceções:

charco – **ench**arcar
cheio – **ench**er
chumaço – **ench**umaçar
an**ch**ova ou **ench**ova

Prática

107. me__icano
108. me__ilhão
109. me__erico
110. en__aguar
111. en__ergão
112. en__erido
113. en__urrada
114. en__uto

Observe:

xá; ara**x**á, **X**angô...

Escrevem-se com **x** palavras de origem árabe, indígena ou africana.

Prática

115. almo__arife
116. o__alá
117. __adrez
118. ca__ambu
119. mu__o__o
120. __avante

Observe:

vadio – vadi**agem**; lã – lan**ugem**; vert**igem**...

Escreve-se a letra **g** nas terminações **-agem**, **-igem**, **-ugem**.

Prática

121. ara__em
122. fuli__em
123. malandra__em
124. ferru__em
125. selva__em
126. penu__em

Exceção:

a vi**agem**; que eles vi**ajem**

Observe:
ágio; privil**égio**; prest**ígio**...

Escreve-se a letra **g** nas terminações **-ágio**, **-égio**, **-ígio**, **-ógio**, **-úgio**.

Prática
127. adá__io
128. está__io
129. plá__io
130. egré__io
131. reló__io
132. refú__io

Observe:
pa**j**é; alfan**j**e; acara**j**é...

Grafam-se com **j** palavras de origem indígena, árabe ou africana.

Prática
133. __ê
134. __enipapo
135. __erimum
136. __irau
137. alfor__e
138. caçan__e

Exceções:
álgebra, algema, algeroz

USO DO HÍFEN (norma antiga)

O hífen, ou traço-de-união, é um sinal (-) com várias funções na escrita.

Hífen usado na composição de palavras novas por justaposição

Têm sentidos diferentes:

amor perfeito	≠	amor-perfeito
copo de leite	≠	copo-de-leite
segunda feira	≠	segunda-feira
sem vergonha	≠	sem-vergonha
sempre viva	≠	sempre-viva

Atenção:
Nem toda palavra composta por justaposição é ligada por hífen:
girassol, madressilva, mandachuva, pontapé, rodapé, vaivém...

Prática

■ Escreva nos parênteses os significados.

139. copo de leite (_____)
140. sempre viva (_____)
141. sócio econômico (_____)
142. copo-de-leite (_____)
143. sempre-viva (_____)
144. socioeconômico (_____)

Hífen nos compostos sem elemento de ligação

luso-brasileiro
histórico-geográfico
médico-cirúrgico
sino-japonês

Prática

■ Reescreva **corretamente**.

145. luso africano _____
146. nipoamericano _____
147. anglo americano _____
148. sinosoviético _____
149. greco romano _____
150. afro brasileiro _____

Hífen usado para separar elementos sufixados

-mor — sempre
-açu
-guaçu
-mirim
— só após vogal tônica, inclusive nasal

altar-mor
guarda-mor
maracanã-guaçu
ingá-açu
socó-mirim

Exceções:

O nome das cidades de Manhuaçu, Manhumirim, Mojiguaçu e Mojimirim está registrado sem hífen.

Prática

■ Reescreva **corretamente**.

151. capitão mor _____
152. ingá açu _____
153. Manhu-açu _____
154. Moji guaçu _____
155. altar mor _____
156. capim mirim _____
157. Manhu-mirim _____
158. Moji mirim _____

Hífen usado para separar elementos prefixados

O hífen separa dos radicais os seguintes prefixos tônicos:

aquém- além- recém-	pró- pré- pós-	sem- bem-	sota-, soto- vice-, vizo-	nuper- ex- co- pára-	grão- grã- bel-

além-mar	bem-amado	co-autor
recém-casado	soto-ministro	pára-choque
pré-escola	vice-reitor	grão-duque
pós-graduação	vizo-rei	bel-prazer
sem-vergonha	ex-aluno	

Exceção:

Sr. Benvindo (antropônimo), seja bem-vindo!

Prática

■ Reescreva **corretamente**.

159. aquém fronteiras _____
160. aquém mar _____
161. além túmulo _____
162. além mar _____
163. recém vindo _____
164. pró leite _____
165. pro-por _____
166. pró educação _____
167. pro rogar _____
168. pré natal _____
169. pré escola _____
170. pre tender _____
171. pós operatório _____
172. pos por _____
173. senvergonha _____
174. sem terra _____
175. bem querer _____
176. bem educado _____
177. bem falante _____
178. sotogovernador _____
179. vice governador _____
180. vizo governador _____
181. nuper vindo _____
182. examante _____
183. co seno _____
184. co autor _____
185. pára lama _____
186. pára choque _____
187. grão vizir _____
188. grã cruz _____
189. bel prazer _____

■ Leia e compare.
José é um sem-terra. Os vasos estão sem terra.
O bem-educado e o mal-educado comportam-se diferente.
Ele é um sem-vergonha. Sorria sem vergonha e sem medo.
Sorria, sem-vergonha. Ele chorava sem vergonha.

O hífen separa os prefixos dos seus radicais quando ocorrem os casos discriminados a seguir

auto- contra- extra- infra- intra- neo- prot(o)- pseud(o)- semi- supra- ultra-	diante de	vogal H R S	usam o hífen.

Exceção:

extraordinário.

Prática

■ Reescreva **corretamente**.

190. auto confiante _____
191. auto defesa _____
192. auto avaliação _____
193. auto reconhecimento _____
194. contra dizer _____
195. contra indicar _____
196. contra regra _____
197. extra regimental _____
198. extra-ordinário _____
199. intra hepático _____
200. infra vermelho _____
201. infra som _____
202. neo clássico _____
203. neo simbólico _____
204. proto histórico _____
205. pseudo etimologia _____
206. pseudo sábio _____
207. pseudo ciência _____
208. semi árido _____
209. semi desértico _____
210. supra renal _____
211. supra-partidário _____
212. ultra humano _____
213. ultra correto _____

ante- sobre- ant(i)- arqui-	diante de	H R S	usam o hífen.

Exceções:

antissepsia; antisséptico; sobressair; sobressaltar; sobressalto; sobressaltear; sobressalente; sobresselente; sobressaliente, embora o VOLP registre, também, que deve ser: anti-sepsia; anti-séptico; sobre-sair; sobre-saltar...

Prática

■ Reescreva **corretamente**.

214. ante diluviano _____
215. ante rosto _____
216. ante sala _____
217. anti herói _____
218. anti democrata _____
219. anti social _____
220. arqui milionário _____
221. arqui secular _____
222. sobre humano _____
223. sobre salente _____
224. sobre sair _____
225. sobre saltar _____
226. sobre saltear _____

Pare aqui! Antes de seguir, refaça num papel à parte o que já foi feito deste capítulo.

inter- super- hiper-	diante de	H R	usam o hífen.

Exceções:

interregno, hiperepatia.

Prática

■ Se já refez todos os exercícios de hífen, continue.

227. super homem _____
228. super humano _____
229. super resistente _____
230. inter resistente _____
231. super ativo _____
232. super dotado _____
233. hiper hedônico _____ *
234. hiper hidrose _____ *
235. hiper rugoso _____
236. hiper rancoroso _____

* O VOLP registra também: hiperedônico, hiperidrose.

pan- circum- mal-	diante de	H vogal	usam o hífen.

Prática

■ Reescreva.

237. circum ambiente _____
238. circum hospitalar _____
239. circum navegar _____
240. pan hispânico _____
241. pan americano _____
242. mal humorado _____
243. malagradecido _____
244. mal ajambrado _____ *
245. pan harmônico _____ *
246. pan africano _____

* Registram-se também: malajambrado e panarmônico.

ad-	diante de	R ou D	usa(m) o hífen.
sub-	diante de	R ou B	
ab- ob- sob-	diante de	R	

Exceções:

ab-rupto ou abrupto, sob-bosque ou sobosque, sub-bosque ou subosque, subumano ou sub-humano, subepático ou sub-hepático.

Prática

■ Continue.

247. ad referendar _____
248. ad digital _____
249. ad rogar _____
250. sub raça _____
251. sub região _____
252. sub rogar _____
253. sub base _____
254. sub borato _____
255. sub entender _____
256. sub secretário _____
257. sub hepático _____ *
258. sub área _____ **
259. sub humano _____ *
260. sub oficial _____ **

* Existem oficialmente: subepático e subumano.

** Fogem à pronúncia geral, mas são as formas oficiais.

Curioso...

1. Existem subaluguel e subaluguer.
2. Prefixo **sub-** seguido de palavra iniciada por l: escrevem-se juntos, lêem-se separados:
   - **escrita**: subliminar, sublingual, subliterato;
   - **pronúncia**: sub liminar, sub lingual, sub literato.
3. O VOLP admite dupla pronúncia para: sublevar e sublinhar.

■ Mais um pouco.

261. ab reação _____
262. ab rogar _____
263. ob rogar _____
264. ob reptício _____
265. sob roda _____
266. sob rojar _____
267. ab rupção _____ *
268. ab rupto _____ *
269. ab ruptela _____ *
270. ab ruptipenado _____ *

* O VOLP registra também com hífen: ab-rupção, ab-rupto, ab-ruptela, ab-ruptipenado. Devem-se pronunciar separadamente o **b** e o **r**, mesmo nas formas escritas sem hífen.

Prefixos ou radicais que não usam hífen

aero	cis	etno	hipo	mega	neuro	socio
agri	cromo	filo	homo	meta	odonto	tele
ambi	crono	fisio	in	micro	oni	termo
anfi	des	geo	iso	midi	orto	trans
audio	dis	hemi	justa	mini	pluri	tri
auri	ego	hetero	linguo	mono	poli	uni
bi	endo	hexa	macro	moto	quilo	video
bio	epi	hidro	maxi	multi	retro	

Prática

■ Agora, termine.

271. agri doce _____
272. ambi destro _____
273. audio visual _____
274. auri verde _____
275. bi sexual _____
276. homo sexual _____
277. hetero sexual _____
278. orto molecular _____
279. mini mercado _____
280. mono fásico _____
281. odonto pediatra _____
282. pluri anual _____
283. poli esportivo _____
284. iso térmico _____
285. neuro cirurgião _____
286. tele vendas _____
287. mono motorizado _____

USO DO HÍFEN (norma nova)

Hífen nos compostos sem elemento de ligação

Observe:

afro-brasileiro ≠ afrodisíaco, afrogenia, afrofilia...
anglo-brasileiro ≠ anglofalante, anglomaníaco, anglofilia...
euro-asiático ≠ eurorresidente, eurodescendente, euromania...
franco-germânico ≠ francofilia, francófilo, francodescendente...

Conclusão:

Compostos formados por mais de um radical pátrio (afro, anglo, euro, franco, indo, luso, sino...), locativo ou gentílico, grafam-se com hífen.

Prática

■ Reescreva corretamente:

288. luso americano _____ 289. afro descendente _____
290. teuto mania _____ 291. teuto germânico _____
292. euro canal _____ 293. euro asiático _____
294. luso fonia _____ 295. luso moçambiquense _____
296. franco angolano _____ 297. franco maçonaria _____

Observe:

A nova ortografia apresenta, como exceções do uso do hífen, girassol, madressilva, mandachuva, pontapé, paraquedas, paraquedista, paraquedismo, entre outras.

Conclusão e prática

■ Complete:

298. Os demais compostos iniciados pelas formas verbais **para** e **manda** _____

_____

Prática

■ Reescreva corretamente:

299. gira mundo _____ 300. gira discos _____
301. gira sol _____ 302. para brisa _____
303. para lama _____ 304. para-choque _____
305. manda tudo _____ 306. manda brasa _____
307. busca pé _____ 308. ponta pé _____
309. manda chuva _____ 310. guarda chuva _____
311. madre pérola _____ 312. madre caprina _____

Hífen nos topônimos e gentílicos

Observe:

Grã-Bretanha, Grão-Pará ≠ Belo Horizonte
Passa-Quatro, Quebra-Costas ≠ Boa Vista
Albergaria-a-Velha ≠ América do Sul

Conclusão:

Topônimos compostos usam hífen quando iniciados por Grã, Grão, por forma verbal e quando tenham internamente um artigo. Exceções: Guiné-Bissau e Timor-Leste.

Prática

■ Reescreva corretamente:

313. Abre Campo _____
314. Rio de Janeiro _____
315. Quebra Frasco _____
316. Todos os Santos _____
317. Três Rios _____
318. Entre os Rios _____
319. Trás os Montes _____
320. Trinca Fortes _____
321. Pendura Saia _____
322. Timor Leste _____
323. Santa Cruz _____
324. Guiné Bissau _____
325. América do Sul _____
326. Nova Guiné _____

Observe:

África do Sul ≠ sul-africano, africano-do-sul
Rio Grande do Norte ≠ norte-rio-grandense, rio-grandense-do-norte

Conclusão:

Mesmo que os topônimos compostos sejam escritos sem hífen, os seus gentílicos são hifenizados.

Prática

■ Escreva os gentílicos correspondentes aos topônimos.

327. Rio Grande do Sul _____
328. América do Norte _____
329. Porto Alegre _____
330. Belo Horizonte _____
331. Cruzeiro do Sul _____
332. da Índia e da China _____
333. da Indochina _____
334. do centro da África _____
335. da República Centroafricana _____

■ Assinale **C** ou **E**:

336. ( ) Topônimos e gentílicos se escrevem com inicial maiúscula.
337. ( ) Topônimos e antropônimos se escrevem com inicial maiúscula.
338. ( ) Gentílicos escrevem-se com inicial minúscula, a não ser que comecem a frase.

Observe:

mula-sem-cabeça > mula sem cabeça pé-de-moleque > pé de moleque

Conclusão:

Os compostos com elemento de ligação, na nova ortografia, perderam o hífen.

Prática

■ Reescreva convenientemente.

339. pé-de-pato _____
340. baba-de-moça (doce) _____
341. papo-de-anjo (doce) _____
342. ponta-de-lança (futebol) _____

Hífen nos encadeamentos vocabulares

Observe:

O lema de Liberdade, Igualdade e Fraternidade ≠ o lema Liberdade-Igualdade-Fraternidade.
O percurso de Rio para Brasília ≠ o percurso Rio-Brasília.

Conclusão:

Encadear palavras é um recurso econômico propiciado pelo uso do hífen.

Prática

■ Crie encadeamento, se possível.

343. Foi de Florianópolis a Brasília, passando por Curitiba e Uberlândia.
Fez o percurso _____.
344. Estava na divisa entre Brasil, Argentina e Paraguai.
Estava na divisa _____.

Hífen nas espécies botânicas e zoológicas

Observe:

abóbora-menina, banana-menina, banana-d'água, couve-flor;
andorinha-do-mar, formiga-branca, bem-te-vi, joão-de-barro;
azeite-de-dendê, água-de-coco, bálsamo-do-Canadá.

Conclusão:

Nomes de espécies botânicas e zoológicas, produtos afins e derivados escrevem-se com hífen, tendo ou não elemento de ligação. Exceção: girassol, madressilva, malmequer (*vide* a regra de mal).

Prática

■ Corrija, se preciso.

345. bálsamo coral _____
346. bálsamo de cheiro _____
347. bico de papagaio (planta) _____
348. bico de papagaio (nariz adunco, problema de coluna) _____
349. bem me quer _____
350. mal me quer _____
351. mata pasto (planta) _____
352. mata borrão _____
353. não me toques (planta) _____
354. não me toques (melindres) _____
355. bola de neve (planta) _____
356. bola de neve (situação que cresce) _____
357. Colheu o copo de leite _____
358. Bebeu um copo de leite _____

Hífen antes de h

Observe:

anti-higiênico, circum-hospitalar, contra-harmônico...
arqui-hipérbole, eletro-higrômetro, semi-histeria...
reaver, coerdeiro, deserdado, inumano, anistórico...

Conclusão:

Prefixos e falsos prefixos usam hífen antes de h, exceto **re**, **co**, **des**, **in**, **an**.

Prática

■ Corrija, se necessário.

359. coherdeiro _____
360. desherdar _____
361. antihumano _____
362. préhistória _____
363. contraharmônico _____
364. inharmônico _____
365. desharmonia _____
366. superharmonia _____
367. cohabitar _____
368. deshabitar _____
369. anhistórico _____
370. anhepático _____

371. ahistórico _____ 372. anhidro _____
373. eletrohigrometria _____ 374. geohistória _____
375. inhabilidoso _____ 376. ultrahabilidoso _____
377. cohabilidade _____ 378. arquihipérbole _____
379. rehaver _____ 380. rehouvera _____
381. rehumanizar _____ 382. rehidratar _____

■ Preencha:
383. Usa-se hífen antes de h, exceto quando precedido de ____, ____, ____, ____, ____.

Atenção:

bi-hebdomadário e biebdomadário, carbo-hidrato e carboidrato, porque o primeiro elemento não perdeu fonema vocálico (justaposição). Porém **cloridrato**, **clorídrico**, por ter o primeiro elemento perdido fonema vocálico (aglutinação).

Observe:

contra-almirante, infra-axilar, semi-interno, semi-irado, auto-observação, auto-olhar...
coopositor, reeducar, preencher, proótico.

Conclusão:

Quando prefixo ou falso prefixo terminam com a mesma letra vogal que inicia o segundo elemento, usa-se hífen (exceto ree, pree, coo, proo).

Prática

■ Corrija, se necessário.
384. supraauricular _____ 385. contraatestar _____
386. reeducar _____ 387. cooperação _____
388. antiibérico _____ 389. arquiirmão _____
390. preexistir _____ 391. autoobservação _____
392. microonda _____ 393. semiinconstante _____

■ Preencha:
394. Usa-se hífen para separar letras vogais iguais em palavra composta, exceto nos encontros ____, ____, ____, ____.

Observe:

Circum-ambiente, pan-amazônico, circum-murar, pan-mestiço, circum-nadar, pan-negro, pan-paulista, pan-britânico, circum-habitar...
Circuncisão, panteísmo...

Conclusão:

Circum e **pan** recebem hífen antes de **vogal**, **m**, **n**.

Prática

■ Corrija, se necessário.

395. circum navegar _____
396. pan hemisférico _____
397. circum adjacência _____
398. Circum vagar _____
399. pan mágico _____
400. Pan americano _____
401. pan psiquismo _____
402. Pan nigeriano _____
403. pan brasileiro _____
404. Circum volução _____
405. circum lóquio _____
406. Pan harmônico _____

■ Preencha:

407. Pan e circum recebem hífen antes de _____, _____, _____.

Observe:

Inte**r-r**esistente, su**b-b**ase, a**d-d**igital, su**b-r**esistente, a**d-r**ogar.

Conclusão:

Separam-se com hífen r-r, b-b, d-d, b-r, d-r.

Prática

■ Corrija, se necessário.

408. hiperrequinte _____
409. superrevista _____
410. subbloco _____
411. sub-bosque _____
412. subreitor _____
413. addsoniano _____
414. abrupto _____
415. adrenalina _____
416. adrenalite _____
417. adrenal _____
418. subrogar _____
419. subresfriar _____

■ Preencha:

420. São exceções: _____, _____, _____, _____.

Observe:

Além-Atlântico, além-fronteira, aquém-montanha, recém-vindo, sem-fim, bem-vindo.

Conclusão:

Recebem hífen os compostos iniciados por **além**, **aquém**, **recém**, **sem**, **bem**.

Prática

■ Corrija, se necessário.

421. além mar _____ 422. aquém divisa _____
423. além pireneus _____ 424. recém casado _____
425. recém nascido _____ 426. o sem cerimônia _____
427. um sem vergonha _____ 428. um sem número _____
429. bem aventurado _____ 430. bem criado _____

■ Preencha:

431. São exceções: _____, _____, _____, _____, _____, _____.

Observe:

ex-ator, ex-professor, soto-capitão, sota-capitão, vice-rei, vizo-rei.

Conclusão:

ex (cessamento), **soto**/**sota** (= sub), **vice**/**vizo** antecedem hífen.

Prática

■ Corrija, se necessário.

432. ex padre _____ 433. ex portar _____
434. ex presidente _____ 435. ex patriar _____
436. soto piloto _____ 437. sota pitoto _____
438. vizo monarca _____ 439. vice presidente _____

Observe:

pós-graduação, pré-átono, pró-africano.

Conclusão:

pós, **pré**, **pró** (abertos e tônicos) antecedem hífen.

Prática

■ Corrija, se necessário.

440. pré natal _____ 441. pós parto _____
442. pos por _____ 443. pós textual _____
444. postergar _____ 445. pró europeu _____
446. propor _____ 447. pró soviético _____
448. pré gravação _____ 449. pré embrião _____

450. pré eleger _____ 451. pré esclerose _____
452. pré esclerótico _____ 453. pre existir _____
454. pré eleição _____ 455. Pré eleito _____
456. pré eleitoral _____ 457. Pré embrionário _____

■ Preencha:
458. São anormais: _____, _____.

Observe:

Mal-aventurado, mal-educado, mal-humorado, malditoso, malfalante.

Conclusão:

Mal (advérbio) tem hífen antes de **vogal** e **h**.

Prática

■ Corrija, se necessário.
459. mal criado _____ 460. Mal falante _____
461. mal amado _____ 462. Mal afamado _____
463. mal ajambrado _____ 464. Mal entendido _____
465. mal olhado _____ 466. Mal visto _____

Observe:

Mal-americano (sífilis) mal-germânico (sífilis) mal-napolitano (sífilis)

Conclusão:

Mal (substantivo, significando doença), sem elemento de ligação, usa hífen.

Prática

■ Corrija, se necessário.
467. mal-bruto (hanseníase) _____ 468. mal-caduco (epilepsia) _____
469. mal-céltico (sífilis) _____ 470. mal-canadense (sífilis) _____
471. mal-morfético (hanseníase) _____ 472. mal-francês (sífilis) _____
473. mal da nuca _____ 474. mal de Alzheimer _____
475. mal de Parkinson _____

Atenção!

São anormais: mal-andança (infortúnio), mal-assombro (fantasma), malconceito (má fama), malcriação, porque, apesar de registrado no VOLP, o **mal** está indevidamente usado como adjetivo. Deveria ser má-andança, mau-assombro, mau-conceito, má-criação.

Observe:

andá-açu, amoré-guaçu, anajá-mirim, Manhuaçu, Mojimirim.

Conclusão:

Sufixos tupis **açu** (grande), **guaçu** (grande), **mirim** (pequeno) ligam-se por hífen quando antecedidos de vogal acentuada graficamente, ou para preservar a pronúncia.

Prática

■ Corrija, se necessário.

476. Manhu mirim _____ 477. Moji guaçu _____
478. Ceará mirim _____ 479. capim açu _____
480. socó açu _____ 481. tatu açu _____
482. cupim açu _____ 483. tuim açu _____

NÃO SE USA HÍFEN

Observe:

Locuções substantivas: *cão de guarda, sala de estar, água de cheiro...*
Locuções adjetivas: *cor de café, cor de bonina, cor de abacate, à toa...*
Locuções pronominais: *cada um, qualquer um, quem quer que...*
Locuções adverbiais: *à toa, depois de amanhã, à vontade, em cima, por isso...*
Locuções prepositivas: *abaixo de, em cima de, junto a, quanto a...*
Locuções conjuntivas: *logo que, uma vez que, ao passo que...*
Frases nominalizadas: Era um *deus nos acuda*. Foi um *salve-se quem puder*. Era a *casa da mãe Joana*. É um *Maria vai com as outras...*

Conclusão:

Locuções e frases nominalizadas não usam hífen.

Prática

■ Corrija, se necessário.

O *arco-da-velha* (484) que vivera *ao-deus-dará* (485) era *água-de-colônia* (486) lançada *à-queima-roupa* (487) no *pé-de-meia* (488) *cor-de-rosa* (489) preso ao caule do *dois-por-dois* (490), conhecida palmeira da Região Norte. Vivera está no *mais-que-perfeito* (491).

_____
_____
_____

Observe:

não proliferação... não violência... quase perfeito... quase mordida...

Conclusão:

Não e **quase**, mesmo usados como prefixos, não usam hífen.

Prática

■ Corrija, se necessário.

Houve um *quase-entendimento* (492) naquele tratado de *não-agressão* (493) e *não-vingança* (494).

_____

Observe:

agridoce, auriverde, contradizer, contrafação, contralateral, ortomolecular...

Conclusão:

Em palavras cujo primeiro elemento (prefixo ou radical interno) termina em vogal e o segundo começa com consoante que não permite alteração fonética, unem-se os dois sem hífen.

Prática

■ Corrija, se necessário.

495. agro negócio _____ 496. agro mania _____
497. auri céfalo _____ 498. auro ferrífero _____
499. contra vento _____ 500. contra verdade _____
501. contra fluxo _____ 502. orto fotografia _____
503. orto morfismo _____ 504. retro carregar _____
505. proto plama _____ 506. proto vértebra _____

Observe:

anti**aé**reo, c**oe**educar, estr**ae**scolar, aut**oa**prendiz, agr**oi**ndustrial, supr**ai**nventivo.

Conclusão:

Na união de vogais com letras diferentes, não se usa hífen.

Prática

■ Corrija, se necessário.

507. aero espacial _____ 508. supra inventivo _____

509. auto investigação _____ 510. termo elétrica _____
511. endo estesia _____ 512. hidro avião _____

Observe:

Anti**rr**eligioso, contr**arr**egra, ant**iss**emita, c**oss**eno.

Conclusão:

r ou **s**, antecedidos de vogal, transformam-se em **rr** e **ss**, para preservar o som original.

Prática

■ Corrija, se necessário.

513. extra regular _____ 514. infra som _____
515. mini saia _____ 516. bio ritmo _____
517. bio satélite _____ 518. bi secular _____
519. micro sistema _____ 520. micro radiografia _____

HÍFEN REPETIDO

Observe:

recém-	bem-
-nascido	-mandado

Conclusão:

Repete-se o hífen quando a translineação acontece exatamente onde ele está.

Prática

■ Corrija, se necessário.

521. ... circum-
navegar

522. ... super-
rádio

523. ... vice-
prefeito

524. ... soto-
mestre

525. ... bem-
humorado

526. ... pós-
graduado

Observação final:

Expressões latinas e de outras línguas não se alteram, quando não aportuguesadas: *Ad augusta per angusta. Ab ovo. Carpe diem. Ad valorem. Verbi gratia. Ad immortalitatem. To be or not to be.*

USO DOS PORQUÊS

Observe:

Queremos saber **por que** (motivo) não nos convocaram.
A razão **por que** (pela qual) estão agindo assim não foi esclarecida.

POR QUE	1. Quando se subentende a palavra **motivo**. Pode ocorrer nas interrogações diretas ou indiretas. 2. Quando substituível pelo pronome relativo preposicionado **pelo qual** e suas flexões, **pela qual**, **pelos quais**, **pelas quais**.

Prática

527. _____ não são tomadas providências concretas?
528. Muito se falou, mas ninguém explicou _____ as mudanças foram adiadas.
529. São justos os ideais _____ lutamos.
530. Desconhecemos o motivo _____ ele não compareceu.

Observe:

São perceptíveis mudanças no clima, **por quê** (motivo)?

POR QUÊ	Quando se subentende a palavra **motivo** e está **seguido de pausa**. As pausas são marcadas por: **, ; : . ? ! – ...**

Prática

531. Acentua-se o conflito na fronteira, resta saber _____ .
532. Foram feitas críticas a esse modelo econômico, _____?
533. Houve nova desvalorização da moeda _____?
534. Não sabia _____ , mas estava confiante.
535. Ela saiu e você imagina _____...

Observe:

O **porquê** de tanto esforço só você pode entender.

PORQUÊ	Emprega-se quando for um **substantivo**.

Prática

536. Explique-nos o _____ dessa atitude precipitada.
537. Desconhecemos _____ e consequências da ausência de tantos condôminos.
538. Resta-lhes explicar pelo menos um _____ dessa desvalorização da moeda.
539. _____ interessantes nos esperam.

Observe:

Ele voltou para a mulher **porque** detestava silêncio.

PORQUE	1. Conjunção causal. 2. Conjunção explicativa. → Resposta a perguntas. 3. Conjunção final (= para que). 4. Pergunta com resposta implícita.

Prática

540. Os servidores fizeram cursos de aperfeiçoamento _____ a chefia os obrigou.
541. Os jovens são os melhores empreendedores, até _____ aceitam riscos que os mais velhos não assumiriam.
542. Gritava a plenos pulmões _____ fosse de longe ouvido.
543. Você está feliz. Não será _____ o namorado chegou?

■ Preencha conscientemente em relação ao uso dos porquês.

544. _____ você está rindo?
545. Estou rindo _____ fui bem na prova. Eis _____ estou rindo.
546. Você continua rindo! _____?
547. Não lhe posso dizer o _____.
548. Então ria de lábios fechados, _____ seus dentes estão sujos.

■ Continue.

549. _____ você errou?
550. Errei _____ não estudei.
551. Não estudou _____?
552. Vou-lhe dizer _____ não estudei. Mas _____ você quer saber o _____ de eu não ter estudado? Só _____ você é curioso?
553. Não. É _____ eu quero ajudá-lo.

■ Continue.

554. Qual o motivo _____ ela me ama? Talvez _____ tenha mostrado a ela os sentimentos _____ fui envolvido.
555. Os _____ do coração humano são indecifráveis.

MAU ≠ MAL

MAU	É **adjetivo**. Fala de um substantivo. Pode ir para o plural e para o feminino.

Josias era um **mau jogador**, passou por **maus momentos**,
adjet. subst. adjet. subst.

porém não tinha **más intenções**.
adjet. subst.

MAL	Pode ser **substantivo**: Conheça o bem e **o mal**. art. subst.
	Pode ser **advérbio**: Ela **falava mal**. José era **mal educado**. verbo adv. adv. adjet.
	Pode ser **conjunção temporal**: **Mal** chegou, sorriu. (mal = quando)

Prática

Use **mal** se no seu lugar couber **bem**.
Use **mau** (má, maus, más) no lugar de **bom** (boa, bons, boas).

■ Reveja os exemplos e reescreva.

556. bom jogador: _____ jogador
557. bons momentos: _____ momentos
558. boas intenções: _____ intenções
559. o bem: o _____
560. falava bem: falava _____
561. bem educado: _____ educado

ONDE ≠ AONDE

Veja Capítulo 17, Regência, p. 345.

ABREVIATURAS, SIGLAS, SÍMBOLOS

Abreviatura

Abreviatura é a grafia reduzida de palavra(s), terminada com um ponto: Dra. (Doutora), Dr. (Doutor), Sra. (Senhora), Sr. (Senhor), a.C. ou A.C. (antes de Cristo), a.D. ou A.D. (*Anno Domini*, ou no ano do Senhor), P.S. (*Post Scriptum*), abrev. (abreviatura).

Sigla

Sigla é a união das letras iniciais das palavras que nomeiam instituições, associações, órgãos, empresas etc. A sigla difere da abreviatura porque não apresenta ponto final: OMC (Organização Mundial do Comércio), ONU (Organização das Nações Unidas), FMI (Fundo Monetário Internacional), AGU (Advocacia Geral da União).

Sigla pronunciável letra a letra deve ter todas as letras em formato maiúsculo: BB, TCU, INSS, IGPM, BNDES.

Sigla com até três letras grafa-se com todas maiúsculas:
a) quer pronunciável letra a letra: CBF (cê bê efe), STF (esse tê efe), AGU (a, gê, u).
b) quer pronunciável como palavra: ONU (ônu), PIS (pis), PAS (pas).

Sigla com mais de três letras, pronunciável como uma palavra, deve ter a primeira letra maiúscula e as seguintes, minúsculas: Alerj, Bacen, Petrobras, Enem.

Símbolo

Símbolo é um tipo de abreviação convencionado e padronizado no âmbito de determinado campo de conhecimento. Não termina por ponto, nem tem plural: **g**, grama(s); **h**, hora(s); **m**, metro(s) ou minuto(s); **l**, litro(s); **kl**, quilolitro(s); **km**, quilômetro(s); **min**, minuto(s); **K**, potássio; **Au**, *aurum*, nome latino do ouro; **Ag**, *argentum*, nome latino da prata; **Cu**, *cuprum*, nome latino do cobre.

Prática

■ Assinale C (certo) ou E (errado) nos parênteses, para as seguintes afirmações.

562. ( ) Abreviatura não usa ponto.

563. ( ) Sigla usa ponto.
564. ( ) Símbolo e sigla não usam ponto.
565. ( ) Abreviatura usa ponto.
566. ( ) Redução de uma palavra com as letras iniciais, terminadas com ponto, chama-se abreviatura.
567. ( ) Infere-se dos exemplos dados na definição de abreviatura que o uso de inicial maiúscula é sempre obrigatório.
568. ( ) Redução de várias palavras com a letra inicial de cada uma, sem uso de ponto ao final, chama-se sigla.
569. ( ) Dos exemplos apresentados na definição de sigla, deduz-se que elas sempre começam com letra maiúscula.
570. ( ) Pelos exemplos dados na definição de símbolo, conclui-se que os símbolos químicos apresentam inicial maiúscula.

571. Corrija, dentre as seguintes, as três siglas mal grafadas:
ABI (Associação Brasileira de Imprensa), AGU (Advocacia-Geral da União), ANPAC (Associação Nacional de Proteção e Apoio aos Concursos), CBF (Confederação Brasileira de Futebol), FMI (Fundo Monetário Internacional), OAB (Ordem dos Advogados do Brasil), Onu (Organização das Nações Unidas), Pis (Programa de Integração Social), STF (Supremo Tribunal Federal).

572. Preencha os parênteses com a sigla de cada Estado brasileiro.
Acre ( ), Alagoas ( ), Amapá ( ), Amazonas ( ), Bahia ( ), Ceará ( ), Distrito Federal ( ), Espírito Santo ( ), Goiás ( ), Maranhão ( ), Mato Grosso ( ), Mato Grosso do Sul ( ), Minas Gerais ( ), Pará ( ), Paraíba ( ), Paraná ( ), Pernambuco ( ), Piauí ( ), Rio de Janeiro ( ), Rio Grande do Norte ( ), Rio Grande do Sul ( ), Rondônia ( ), Roraima ( ), Santa Catarina ( ), São Paulo ( ), Sergipe ( ), Tocantins ( )

573. Corrija, se necessário:
Em 2h. e 20min., ele percorreu 250 kms.

ACENTUAÇÃO GRÁFICA (norma antiga)

Casos específicos

Monossílabos tônicos: acentuam-se os terminados em:

a(s), **e(s)**, **o(s)**: pá(s), pé(s), vê(s), tê-lo, nó(s), pô-lo.

Prática

■ Acentue, se necessário, as palavras dos grupos abaixo.

574.

no (subst.)	po (subst.)	vos (pron. reto)	mas (adj.)	vi
le-lo	nos (subst.)	cos	voz	nu
ri	fi-lo	noz	cor	ma
cru	fa-lo	po-lo	vez	ves

Oxítonos: acentuam-se os terminados em:

a(s), **e(s)**, **o(s)**, **em**, **ens**: está(s), prevê(s), café(s), cipó(s), robô(s), (ele) retém, (eles) retêm, reféns.

Prática

■ Acentue, se necessário, as palavras dos grupos abaixo.

575.

atras	atraves	contem (pl.)	marca-lo	decidi-lo
maio	apos (verbo)	camelo	dete-lo	recem
buriti	voce	cara	impo-lo	porem

Paroxítonos: acentuam-se os terminados em:

i(s), **us**: júri(s), vírus;
um, **uns**: álbum, álbuns;
on, **ons**: íon(s), próton(s);
ôo, **ôos**: vôo(s), enjôo(s);
r, **x**, **n**, **l** (RouXiNoL): éter, ônix, éden, sêmen, amável;
ditongo: água, mágoa, série, ciência, órgão;
ps, **ã(s)**: bíceps, órfã(s).

Prática

576. Por que éden, hífen, sêmen (**com acento**) e edens, hifens, semens (**sem acento**)?
Resp.: _____

■ Acentue, se necessário.

577.

caqui (cor)	pensil	hifen	faceis	ciencia
item	polen	hifens	orfão	imã
itens	tenis	triceps	policia (subst.)	neutron

Proparoxítonos: acentuam-se todos.

Prática

■ Acentue as seguintes proparoxítonas:

578.

camara	eramos	interim	edito
calculo	medico	veiculo	umido
falassemos	transito	fotografo	abobada

Observação:

Não há padronização quanto às palavras que mantêm a forma latina. No *Aurélio*, paroxítonos como *quantum*, *primum*, *princeps* não estão acentuados, embora apareçam com acento: *quórum*, *déficit*, *superávit*, *fórum*.

Casos gerais

Acentuam-se os ditongos **éi, ói, éu**, abertos e tônicos.

Prática

579.

roi	paranoia	aldeia	seu
doi	sequoia	apoio	reuzinho
moi	geleia	chapeu	assembleia

Observação:

Pasteizinhos, aneizinhos, anzoizinhos, chapeuzinhos não são acentuados porque os ditongos **éu**, **éi** e **ói** saíram da sílaba tônica.

Acentuam-se

i / u	tônicos e 2ª diferente vogal de hiato e sozinhos na sílaba ou com **s** e não seguidos de **nh**	caído, caíste, Emaús, reúne
		Mas: sucuuba, caindo, Saul rainha, xiita

Prática

■ Acentue as palavras dos grupos abaixo, optando por hiato.

580.

cai	cair	juiz	Raul	conclui
caido	caindo	alaude	reune	construi-lo
caiste	juizo	balaustre	tainha	proibe
gratuito	fluido	distribui	rainha	ateismo

G > U < E Q > U < I	**u** pronunciado átono = **ü**: ag**ü**entar
	u pronunciado tônico = **ú**: arg**ú**is

Usa-se o trema no **U** dos encontros **GU** e **QU** quando seguidos de **E** ou **I**, se o **U** for átono. Se o **U** for tônico, recebe acento agudo.

Prática

■ Use corretamente o trema.

581. aguentas, enxaguei, arguem, apaziguei, tranquilo, argui, oblique, cinquenta, averigue, equino, linguiças, sequestro, delinquir, frequentemente, arguimos, apazigue

Verbos com plural especial

		crer	dar	ler e ver		(com ou sem prefixo)
êem	(ele)	crê	dê	lê	vê	(regra dos monossílabos tônicos, p. 81 e 89)
	(eles)	crêem	dêem	lêem	vêem	ESPECIAL
	(ele)	descrê	desdê	relê	revê	(regra dos oxítonos, p. 82 e 89)
	(eles)	descrêem	desdêem	relêem	revêem	ESPECIAL

		ter e vir		(sem prefixo)
êm	(ele)	tem	vem	(regra dos monossílabos tônicos, p. 81 e 89)
	(eles)	têm	vêm	ESPECIAL

		ter e vir (com prefixo)				
ém/êm	(ele)	retém	contém	provém	advém	(regra dos oxítonos, p. 82 e 89)
	(eles)	retêm	contêm	provêm	advêm	ESPECIAL

Prática

■ Corrija, se necessário.

582. Ele provem do sul, mas seus pais provem do leste.
583. Cada qual diz as coisas que lhe convem.
584. Ele faz aquilo que lhe convem.
585. O que contem estas caixas?
586. Os teóricos, agora, revem os conceitos.
587. Eles proveem a despensa do necessário para uma semana.
588. Eles não descreem sistematicamente.

Acentos diferenciais de intensidade

côa(s) – verbo coar
pára – verbo parar
pélo, péla(s) – verbo pelar; péla (bola, jogo)
pêlo(s) – cabelo
pêra – (substantivo)
péra (pedra) – em péra-fita
póla(s) – pancadaria
pôla(s) – rebento, broto de árvore
pólo(s) – extremidade, jogo
pôlo(s) – gavião ou falcãozinho
pôr – verbo
pôde – perfeito do indicativo

Prática

■ Acentue.

589 Ele para a todo instante para olhar o mapa.
590. Veja se você para para pensar.
591. Por ordem médica, ela vai por um marca-passo por mês.
592. Passava a mão pelo pelo do animal.
593. Ele se pela de medo pela amiga.

Prática Geral

594. (PRF/N.M./ANP) Assinale o vocábulo escrito **incorretamente**.
a) colisão.
b) necessidade.
c) estranjeiro.
d) experiência.

595. (PRF/N.M./ANP) Assinale a opção em que há **erro** no emprego de **mau** ou **mal**:
a) Saiu-se mal na prova.
b) Não faça mau a ninguém.
c) Ele mal adivinha o que o espera.
d) Ele sempre foi mau aluno.

596. (ITA/VEST.) Assinale a opção em que todas as palavras estejam **corretamente** grafadas.
a) homilia, tepidez, revezar, reveses, paisinho.
b) pôr, pêlo, véns, provejai, averigüem.
c) sequer, assimetria, descensão, suscinto, avidês.
d) caístes, amá-la-íeis, bemdisseram, prazeiroso, coalizão.
e) requesitar, rivalizar, fascínora, emurchecer, extravazar.

597. (BRB/N.M./IDR) Indique a alternativa em que todas as palavras estão grafadas **corretamente**.
a) "Cheque pré-datado não existe", irrita-se o advogado. "É um crime de extorção indireta, um convite ao descomprimento de normas vingentes".
b) Aqueles que se sentirem prejudicados devem procurar as instituições financeiras que domissiliavam sua conta, apresentando os documentos comprovatórios dos acrécimos indevidos.
c) Se ele cochilasse, o ajiota não exitaria em dobrar os juros acertados previamente.
d) Antigamente os brasileiros enfileiravam-se para comprar feijão na entressafra; mais recentemente, encontram empecilhos para pegar guia de atendimento no INSS.

598. (ALCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **incorreta**.
a) Maria se indigna por que não obteve a classificação?
b) Por que haveria de se ocupar daquele assunto, se não era sua a obrigação?
c) O princípio de que o réu é inocente até prova em contrário é uma conquista da civilização; daí por que não tem ele que se preocupar.
d) Depois de suas explicações foi fácil entender por que tomara aquela decisão.

599. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **correta**.
a) Mecanismos de contrôle do Orçamento do DF – o projeto de lei orgânica estabelece uma prestação de conta trimestral, por parte do Executivo, à Câmara Legislativa.
b) Atrelado à idéia de independência política das cidades-satélite, o dispositivo também deverá causar polêmica, pois entra em choque novamente com princípios constitucionais, de caracterizar a divizibilidade do DF.
c) Autonomia financeira para as Administrações Regionais – O artigo 153 do capítulo II do Orçamento destina verbas a serem administradas com autonomia pelas administrações regionais.
d) Este dispositivo deverá ser combatido pelo GDF, através de sua bancada na casa, uma vez que já existem mecanismos de contrôle através da programação de envestimento, estipulada no Orçamento anual, somados à Lei de Diretrizes Orçamentárias e ao Plano Plurianual.

600. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **incorreta**.
a) Existe ainda uma série de outros pontos de menor importância que sucitam controvérsias.
b) Tais pontos deverão exigir dos deputados muita discussão quanto à interpretação da constitucionalidade.
c) É o caso da participação de servidores na diretoria de empresas públicas e autarquias; permissão para reunião em local de trabalho; a participação popular na elaboração da lei orçamentária anual, bem como vários pontos do capítulo da Comunicação Social, do Transporte, da Segurança, da Saúde e da Educação.

d) Muitos dispositivos são considerados de competência exclusiva da União e deverão ser retirados do projeto de lei orgânica.

601. Assinale a seqüência que completa **corretamente** as lacunas do texto seguinte.
Não sabemos _____ greves e mais greves se sucedem na área educacional. Aliás, ninguém parece saber o _____ disso tudo. A situação é muito grave, principalmente _____ está associada ao crescente descrédito em relação à escola pública.
a) porquê / por que / por quê.
b) por quê / porquê / por que.
c) por que / porquê / porque.
d) porque / por quê / por que.

602. (ATCL-DF/N.S./IDR) Quanto ao emprego das iniciais maiúsculas e minúsculas, é **incorreto** afirmar que
a) os nomes dos meses, dias, semanas e estações do ano devem ser escritos com inicial maiúscula.
b) os nomes dos pontos cardeais escrevem-se com inicial minúscula quando designam direções ou limites geográficos.
c) as iniciais maiúsculas são usadas nos nomes de fatos históricos e importantes, de atos solenes e de grandes eventos públicos.
d) os nomes que designam altos cargos, dignidades ou postos devem ser escritos com iniciais maiúsculas quando acompanhados do nome ou quando o cargo o substituir.

603. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a seqüência em que todas as palavras estão **corretamente** grafadas.
a) admissão / admirar / adivinhar / adiminículo.
b) privilégio / táboa / monje / óbolo.
c) choviscar / estripolia / extasiar / inexorável.
d) majestade / herege / adstringente / inexaurível.

604. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a seqüência que apresenta **erro** de grafia.
a) ascensão / expenças / extensivo / ressuscitar.
b) batizar / repisar / extenso / exceção.
c) quisesse / enviesar / envernizar / cortês.
d) paralisar / turquesa / revés / desazado.

605. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a seqüência que preenche **corretamente** as lacunas.
Todos os cidadãos devem saber_____ o Poder Legislativo está assim. Estamos instalando novos computadores, é um momento de transição, eis o _____.
a) por que / porquê.
b) porque / por quê.
c) porquê / por que.
d) por que / porque.

606. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **correta** quanto à ortografia.
a) A cultura não prezume, não pode almejar, nem à uniformisação, nem à unidade sem diversidade.
b) A linguagem administrativa e legal, em qualquer sociedade organizada, apresenta um hiato em relação aos usos correntes da língua.
c) O fenômeno da inteleção da linguagem jurídica apresenta uma série de problemas ao cidadão leigo.
d) É necessário consiliar a tecnisidade dos textos legais com a comunicação do povo, que é o principal destinatário da lei.

607. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **correta** quanto à ortografia.
a) A rescisão do contrato depende do acordo entre empregador e empregado.
b) O parecer legislativo deve ser suscinto, claro e conciso.
c) A campanha publicitária pode sucitar falsas expectativas junto ao público menos consciente.
d) Não se pode precindir das ordenações sociais formuladas em conjunto e consolidadas em forma de lei.

608. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **correta** quanto à ortografia.
a) As leis precisam ser ezeqüíveis para que possam aperfeiçoar objetivamente a sociedade.
b) A pespicácia em relação às aspirações da sociedade é essencial para um político.
c) Os subcídios ainda são insuficientes para fundamentar o voto do ilustre Deputado.
d) O interstício entre uma votação e outra deve corresponder ao que preceitua o regimento.

609. (Ag. Adm./TRT/N.M./ACCESS) Só está **correta** a grafia da palavra destacada em:
a) Talvez ele não **esteje** à altura do cargo.
b) O povo **reinvindicou** seus direitos.
c) Os **empecilhos** da privatização ainda não foram superados.
d) Ele expôs com clareza a sua **pretenção**.
e) Não consigo **advinhar** a causa da sua tristeza.

ACENTUAÇÃO GRÁFICA (norma nova)

Monossílabos tônicos	
a(s), e(s), o(s)	Continuam-se acentuando os monossílabos tônicos terminados em a(s), e(s), o(s): pá(s), pé(s), vê(s), pó(s), Jô, Jó, pôs (verbo), dá-lo, vê-lo, pô-lo, fá-lo-ás, trá-las-iam (trariam+as), trá-lo-á (trará+o), trá-las-á (trará+as)...
	^ ou **´**, conforme pronúncia brasileira ou portuguesa: rô/ró (letra grega).
ter/vir/pôr	Ele tem, eles **têm**; ele vem, eles **vêm**; **pôr** (verbo), por (preposição).

Oxítonos	
a(s), e(s), o(s), em, ens	Continuam-se acentuando os oxítonos terminados em a(s), e(s), o(s), ém, éns: cajá(s), café(s), dendê(s), avó(s), avô(s), adorá-lo, entrevê-los, sobrepô-las, detê-lo, repô-la...
	^ ou **´**, conforme pronúncia brasileira ou portuguesa: bebê/bebé, bidê/bidé, caratê/caraté, crochê/croché, guichê/guiché... ou metrô/metro, judô/judo...
ter e vir	Continuam exatamente iguais: **ele** tem, retém, mantém, vem, advém, convém...; **tu** tens, reténs, manténs...; **eles** têm, retêm, mantêm, vêm, advêm, convêm...

Monossílabos tônicos e oxítonos		
éi(s), ói(s), éu(s), abertos	Eram acentuados todos: réis, sóis, anéis, chapéu(s)...	– **éi**(s), **ói**(s), **éu**(s), **em final de palavra**, continuam acentuados: réis, anéis, dói, corrói(s), chapéu(s), véu(s)...
	idéia, jibóia, paranóico...	– **Não finais, perdem o acento**: id**ei**a, jib**oi**a, paran**oi**co, prot**ei**co... (ver nos paroxítonos: Méier, destróier...).

Paroxítonos		
Não terminados em: a(s), e(s), o(s), em, ens	Continuam-se acentuando os paroxítonos terminados em **i**(s), **u** – júri(s), oásis, vírus, húmus; em **om**, **on**, **ons** – iândom, rádom, rádon(s), fóton(s), herôon(s); em **um**, **uns** – álbum, álbuns, fórum, fóruns; em **r**, **x**, **n**, **l** – éter, âmbar, Méier, destróier, blêizer, gêiser; ônix, Fênix, bórax; éden(s); amável, útil; em **ditongo** – jóquei(s), pódio(s); em **ps** – bíceps, fórceps; em **ã** – ímã(s), órfã(s).	
	^ ou **´**, conforme pronúncia brasileira ou portuguesa: pênis/pénis, tênis/ténis, bônus/bónus, Vênus/Vénus; fêmur/fémur; sêmen/sémen; fêmea/fémea...	
oo, eem	Eram acentuados: vôo(s), crêem, dêem...	**Não mais se acentuam**: voo(s), creem/descreem, deem, desdeem, leem, releem, veem, reveem...
i/u, tônico	Pós-ditongo, acentua-vam-se nos paroxítonos: b**ai**úca, b**oi**úno, f**ei**úra...	– **Perderam o acento nos paroxítonos**: baiuca, boiuno, cauila, feiura, bocaiuva (coco-de-catarro), cheiinho, feiinho, maoismo, maoista, taoismo, taoista... – **nos oxítonos, acentuam-se**: teiú(s), tuiuiú(s), bocaiú(s)...
	Continuam sendo acentuados i/u, segunda diferente vogal tônica de hiato, sozinha na sílaba ou com s, não seguida de nh: aí, arguí(s), arguía(s), arguíste(s), arguímos, arguíra(m), baú(s), Alaíde, alaúde, faísca, juízes, sanduíche... Porém: juiz, paul, ruim, ainda, triunfo, rainha, arguiu, fuinha...	

e/o/a em homografia	Acentuavam-se: pêlo, pêra, pôlo, pólo, pára, pôr, pôde...	Agora, obrigatório só: **pôr** e **pôde** (verbo). Facultativos: – **subjuntivo**: que nós **dêmos**. – **pretérito: amamos**, **louvamos**... – **pronúncia fechada**: **forma**.

Proparoxítonos	
	Continuam-se acentuando todos os proparoxítonos: árabe, cáustico, Cleópatra...
	^ ou ´, conforme pronúncia brasileira ou portuguesa: acadêmico/académico, anatômico/anatómico, cênico/cénico, gênero/género.

Trema		
	gue/gui, que/qui tinham acento agudo ou trema: argúi(s), seqüestro...	gue, gui, que, qui não têm mais trema nem acento agudo: águem, delinquir, ele argui, tu arguis, sequestro, aquífero, frequente, linguiça, aguentas...
	Atenção: 1. palavras estrangeiras: Hübner(iano), Müller(iano)... 2. arguí (veja oxítonos da regra "i/u, tônico").	

Prática

■ Corrija pela nova ortografia.

Ele tem (610) o direito, mas elas não o tem (611). O juiz (612) e a juiza (613) tambem (614) consideraram paranoica (615) a atitude de empafia (616) do sequestrador (617). Eles arguem (618) hoje exatamente o que argui (619) ontem e Ataide (620) argui (621) agora. O voo (622) frequente (623) do tuiuiu (624) entretem (625) os turistas proximos (626) ao agueiro (627). Ela poderia ama-los (628), prende-los (629)... e fa-lo-a (630) assim que a geleia (631) os tornar doceis (632). Vou por (633) por (634) perto da claraboia (635) os chapeus (636) dos herois (637). No passado ela nunca pode (638) instrui-lo (639) porem (640) agora pode (641). Qual a forma (642) da ultima (643) forma (644)?

O plural de foton (645) é fotons (646), de iandom (647) é iandons (648), de radom (649) ou radon (650) é radons (651), de heroon (652) é heroons (653), de destroier (654), geiser (655) e bleizer (656) é destroieres (657), geiseres (658) e bleizeres (659). Enquanto o taoismo (660), para os taoistas (661), é uma doutrina filosófica e transcendental, o maoismo (662) é, para os maoistas (663), uma teoria política, diferente do hinduismo (664).

Prática

665. (TFC-RJ/N.S.) Indique a opção em que **não** há **erro** de grafia.

a) Porque chegou atrazado perdeu grande parte do explêndido espetáculo.
b) Pediu-lhe que ascendesse a luz, pois a claridade não era impecilho a seu repouso.
c) Ele não é uma exceção, também é muito ambicioso.

d) Quizera eu que todas as espécies animais estivessem livres da estinsão.
e) Não poderia advinhar que sua música viesse a ter tanto hêsito.

666. (TFC-RJ/N.S.) Identifique o segmento inteiramente **correto** quanto à grafia.
a) Há intensão de se alcançar um consenso para evitar as divergências entre os parlamentares.
b) É preciso cessarem as disensões para se obter a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação.
c) Um aquário pode ser tido como um ecossistema, no qual os escrementos dos peixes, depois de decompostos, fornecerão elementos essenciais à vida das plantas.
d) O Sol é o responsável pela emissão de luz, indispensável para a fotossíntese, processo pelo qual as plantas produzem o alimento orgânico primário assim como praticamente todo o oxigênio disponível na atmosfera.
e) Pesquizas recentes têm atribuído a choques meteóricos a súbita extinção dos dinossauros da face da Terra.

667. (AFRE-SP/N.S.) Assinale a seqüência que preenche **corretamente** as lacunas.
Era um homem _____, daí seu _____ comportamento.
a) frustado / extranho.
b) frustado / estranho.
c) frustrado / estranho.
d) frustrado / extranho.

668. (AFRE-SP/N.S.) Assinale a seqüência que preenche **corretamente** a lacuna.
Essa foi a _____.
a) estensão dos prejuisos.
b) extensão dos prejuízos.
c) extensão dos prejuizos.
d) estenção dos prejuísos.

669. (Sold. Pol. Milit.) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da frase a seguir.
____ muito tempo, ele vivia ____ juntar papéis velhos, ____ não tinha outra ocupação.
a) A / a / porque.
b) À / à / por que.
c) Há / a / porque.
d) Há / à / por quê.
e) A / há / porquê.

670. Assinale a opção em que todas as palavras estão escritas **corretamente**.
a) O principal refugio do sujeito era uma muntueira de papéis.
b) A Polícia, às vezes, se faz de cega frente ao problema da mendicância.
c) A opreção deixa muitos individuos à margem da sociedade.
d) O papeleiro não adimitia discursão na defesa do seu território.
e) Baixinha era um apilido, porque ela era baichinha.

671. Assinale a opção em que as palavras completam **corretamente** a frase seguinte.
Na _____ da última quinta-feira, a Prefeitura planejou a _____ do terreno baldio em duas partes, para fazer a _____ de uma delas aos catadores de lixo.
a) sessão / secção / cessão.
b) secção / cessão / sessão.
c) cessão / sessão / secção.
d) sessão / cessão / secção.
e) cessão / secção / sessão.

672. Assinale a alternativa em que as palavras estão escritas **incorretamente**.
a) presente / caule / lenços.
b) enrijando / miúdas / adeus.
c) cheirosa / transparente / cajus.
d) rezina / treis / flôres.
e) pequenino / lembranças / agitado.

673. A alternativa em que **as duas palavras** devem ser escritas com "g" é
a) gor___eta / in___eção.
b) cere___eira / berin___ela.
c) ti___ela / mar___em.
d) ___iló / la___e.
e) sar___eta / ultra___e.

674. As palavras estão **corretamente** escritas na alternativa
a) xuxu e moscila.
b) sessenta e seiscentos.
c) braza e ofenza.
d) querozene e gasolina.
e) crusado e cruseiro.

675. Há **erro** de ortografia na alternativa:
a) velocidade.
b) capaz.
c) compreensão.
d) inesplicável.
e) atração.

676. A frase: "Eis a razão _____ a maçã caiu" completa-se com a palavra:
a) porque. b) porquê. c) por que. d) por quê. e) com que.

677. As palavras que são escritas com **ss** encontram-se na alternativa:
a) a___istir, pa___ivo, promi___ória.
b) a___ enção, di___iplina, sei___entos.
c) desgra___a, corrup___ão, promo___ão.
d) esque___er, aten___ioso, finan___eiro.
e) man___o, remor___o, fal___idade.

678. Escolha a alternativa que preencha adequadamente os espaços.
Iniciada a _____ parlamentar, foi discutida a _____ das terras aos índios.
a) seção / cessão.
b) seção / sessão.
c) cessão / seção.
d) sessão / seção.
e) sessão / cessão.

679. Escolha a alternativa que preencha adequadamente os espaços.
Eu _____ o que você _____, portanto não _____ triste.
a) fiz / quis / fiques.
b) fis / quiz / fique.
c) fiz / quis / fique.
d) fiz / quiz / fiques.
e) fiz / quiz / fique.

680. Assinale a opção em que o fonema **/z/** é representado pela letra **x** em todas as palavras.
a) e__oneração / e__orbitante / e__igüidade.
b) e__ecutante / de__erção / apra__ível.
c) resci__ão / ra__oável / ane__ação.
d) e__igibilidade / e__tintivo / cláu__ula.
e) má__imo / e__clusão / pre__unção.

681. Assinale a alternativa **incorreta** quanto à ortografia.
a) gasolina.
b) estrangeiro.
c) atrazado.
d) atualizar.
e) chuvoso.

682. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Em todas as alternativas, as palavras foram acentuadas corretamente, **exceto** em:
a) Eles têm muita coisa a dizer.
b) Estude os dois primeiros ítens do programa.
c) Afinal, o que contém este embrulho?
d) Foi agradável ouvir aquele orador.
e) Por favor, dêem-lhe uma nova chance!

683. (PRF/N.M./ANP) Assinale o vocábulo **indevidamente** acentuado.
a) lápis.
b) inquérito.
c) pessôa.
d) notícia.

684. (BRB/N.M./IDR) Assinale a alternativa em que todos os vocábulos devam ser acentuados e, respectivamente, pelas mesmas regras que **hipócrita**, **ingênuo**, **ninguém**, **café** e **faísca**.
a) compulsorio / textil / tambem sera / aneis.
b) debentures / desperdicio / parabens / voce / atraido.
c) rubrica / exito / recem / guiche / juizo.
d) apolices / bonus / itens / mes / saida.

685. (ALCL-DF/N.S./IDR). Assinale a alternativa **correta**.
a) O júri foi ágil e determinou que, em tempo hábil, o Estado amparasse os órfãos da cátastrofe.
b) A nova legislação pôs em destaque as vantagens a que os aposentados faziam jús há muitos anos.

c) A consciência tranqüila é uma bênção que os políticos devem alcançar por meio de um contínuo exercício de caráter.
d) A linha tenue que divide a justiça da injustiça é uma espécie de cristal que se pode estilhaçar com o vento.

686. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **incorreta** quanto à acentuação gráfica.
a) destroem / vêem / instruí-lo / partí-los-ão.
b) tórax / hinduísmo / tênis / jabuti.
c) itens / psíquico / fúteis / geléia.
d) caíram / vírus / éter / acórdãos.

687. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a seqüência em que todas as palavras são acentuadas em obediência à **mesma regra**.
a) alguém / afável / açúcar / também.
b) chapéu / heróico / último / próximo.
c) egoísta / faísca / cafeína / viúvo.
d) estréia / família / imóvel / espontâneo.

688. (ATCL-DF/N.S./IDR) Marque a alternativa **correta** quanto à acentuação gráfica.
a) Os polos agrícolas do sul são ferteis e prosperos.
b) O parlamentar pôde participar da assembléia anterior e vai emitir agora um juízo sobre o tema.
c) Louvaríamos a iniciativa se tivessemos participado democraticamente de sua formulação.
d) O país tem muitos contribuíntes e, portanto, muita renda, mas é preciso distribuí-la.

689. (Ag. Adm./TRT/N.M./ACCESS) Algumas palavras não seguem as regras gerais de acentuação. Foi mantido, de um certo modo, um **acento diferencial**. Estão nesse caso as palavras da seguinte alternativa:
a) alguém, parabéns, convém.
b) pólo, pára, pôde.
c) açúcar, hífen, cânon.
d) ágeis, jóquei, faríeis.
e) paranóico, rouxinóis, jibóia.

690. (Ag. Adm./TRT/N.M./ACCESS) Há um **erro** na grafia do plural do verbo na alternativa:
a) ele detém / eles detêm.
b) (que) ele dê / (que) eles dêem.
c) (que) ele conte / (que) eles contem.
d) ele tem / eles têm.
e) ele vê / eles vêm.

691. Assinale a alternativa em que as palavras estão acentuadas **incorretamente**.
a) constituínte / embóra / senadôr.
b) flexível / receberás / pântano.
c) porém / miúdas / até.
d) ofício / São Luís / ninguém.
e) ignorância / fácil / avô.

692. Em qual alternativa as palavras são **paroxítonas**?
a) ótimo / maiúsculas.
b) condução / período.
c) freguês / cômodo.
d) bênção / repórter.
e) André / parabéns.

693. Assinale a alternativa em que **todas** as palavras podem ser acentuadas.
a) vigia / proa.
b) governo / caju.
c) aqui / fusil.
d) taxi / revolver.
e) juiz / nuvem.

694. Assinale a alternativa que está de acordo com a regra "Todas as **proparoxítonas** são acentuadas."
a) saída / faísca.
b) melancólico / ridículo.
c) rês / mês.
d) caberá / poderá.
e) Suíça / cuíca.

695. Em qual alternativa encontra-se a **única** palavra que deve ser graficamente acentuada?
a) corpos. b) força. c) vezes. d) planeta. e) saisse.

696. Assinale a alternativa constituída de palavras **oxítonas**.
a) laje / saco / água / subúrbio.
b) fotografia / pilha / ruído / noite.
c) história / fácil / açúcar / lápis.
d) urubu / reféns / aqui / atrás.
e) idéia / ódio / vida / saída.

697. Assinale a alternativa em que as palavras obedecem à **mesma regra** de acentuação.
a) egoísmo / dívida.
b) será / freqüência.
c) vírus / belíssimo.
d) mês / baú.
e) açúcar / agradável.

698. Assinale a **única** alternativa em que todas as palavras estão corretamente acentuadas.
a) chuchú / querê-lo / Luís / rubi.
b) bíceps / Afrânio / dá-la / café.
c) César / partí-la / ítem / tabú.
d) bau / atrás / túnel / urubú.
e) rapé / também / água / viuva.

699. Nas frases seguintes, a que apresenta **erro(s)** quanto à acentuação gráfica é:
a) Vocês tem que colocar sua rúbrica aqui.
b) Ele fez o cálculo da alíquota.
c) Os países limítrofes participaram da conferência.
d) A nova alfândega será construída proximamente.
e) É considerável este ônus financeiro.

700. A palavra que obedece à mesma regra de acentuação que **corroído** é:
a) ataúde. b) sapé. c) corróis. d) láurea. e) crédulo.

701. De acordo com a acentuação de palavras, marque a série **errada**.
a) pedagio / trânsito / véiculos.
b) incêndio / câmbio / óleo.
c) ré / faróis / pára-brisa.
d) mecânicos / distância / alguém.
e) automóveis / painéis / triângulo.

702. Acentua-se a forma destacada em "**pô-la** na cadeia" porque se trata de
a) forma tônica em hiato.
b) paroxítona terminada em **o** fechado.
c) forma verbal em que, depois de **o**, assimilou-se o **r** ao **l** do pronome.
d) homografia com a preposição **por**.
e) acento distintivo de timbre.

703. A **única** palavra que deve ser acentuada é:
a) abacaxi. b) abacate. c) caju. d) morango. e) maracuja.

Substantivo

DEFINIÇÃO

Substantivo é a palavra com que se nomeiam seres e conceitos.

Exemplos: Maria, cavalo, peroba, Brasil, aragem, beleza, chuva.

Locução substantiva é um conjunto de palavras, com elemento de ligação, equivalentes a um substantivo.

Exemplos: mula sem cabeça, pé de pato (nadadeira), sala de aula, quarto de dormir...

CLASSIFICAÇÃO

Classificam-se os substantivos em:

Concreto

É o que nomeia seres com existência autônoma, independente, ou que são assim imaginados:

pessoas: José, Júlia;
ocupantes de cargos: tesoureiro, professor;
animais: tigre, lesma;
vegetais: árvore, bambu;
minerais: água, ouro;
fenômenos: chuva, relâmpago;
lugares: continente, Piauí;
objetos: caneta, livro;
imaginados: saci, fada, Deus.

Abstrato

É o que nomeia seres ou conceitos que só existem dependentes de outros seres; não existem por si sós:

ações: o chute, a entrega;
sentimentos: amor, compreensão;
qualidades: dureza, feiura;
estado: desonra, glória.

Só existem em função de outros seres.

Próprio

É o que nomeia um ser específico dentro de um grupo:

José, Brasil, Vestcon.

Comum

É o que nomeia um ser como pertencente a uma classe:

homem, país, editora.

Coletivo

É o substantivo comum que nomeia um conjunto de seres:

cardume, esquadra, time.

Coletivos numéricos são os que definem a quantidade de seres ou conceitos: par, dezena, dúzia, centena, grosa, milheiro, biênio, triênio, quadriênio, lustro, década, século, milênio...

Prática

■ Marque as classificações correspondentes a cada substantivo.

		a) Concreto	b) Abstrato	c) Próprio	d) Comum	e) Coletivo
1	inteligência					
2	vento					
3	Juraci					
4	arquipélago					
5	alcateia					
6	rouxinol					
7	Dumbo					
8	saudade					

FLEXÃO

Chama-se flexão a mudança que se pode fazer numa palavra sem alterar seu significado essencial. Exemplificando: **livro** e **livros** apresentam uma diferença, que indica quantidade, mas o objeto que nomeiam é o mesmo.

Os substantivos flexionam-se em gênero, número e grau.

Flexão de gênero

Quanto ao **gênero**, pode o substantivo ser classificado como:

Masculino

O que aceita apenas o artigo masculino:

o cinzeiro, o profeta, o enigma.

Feminino

O que aceita apenas o artigo feminino:

a harpa, a profetisa, a profecia.

Comum de dois

O que aceita tanto o artigo masculino como o feminino, sem mudança de forma:

o amante	**a** amante
o colega	**a** colega
o pianista	**a** pianista

Sobrecomum

Só aceita um artigo (masculino ou feminino), embora se refira a seres de qualquer dos sexos:

o algoz = para homem ou mulher;
o cônjuge = para homem ou mulher;
a vítima = para homem ou mulher;
a testemunha = para homem ou mulher.

Epiceno

Só se refere a animais e só aceita um artigo (masculino ou feminino). Quando se quer definir-lhe o sexo, usa-se a palavra macho ou fêmea:

a águia macho ou o macho da águia;
o jacaré fêmea ou a fêmea do jacaré.

Observação 1:

Como as palavras macho e fêmea são adjetivos biformes, também é correto:

a águia macha – o jacaré fêmeo

Observação 2:

Alguns substantivos mudam o significado quando mudam de gênero:

o cabeça (chefe)	a cabeça (parte do corpo)
o cabra (homem corajoso)	a cabra (animal)
o caixa (trabalhador)	a caixa (objeto)
o cisma (separação)	a cisma (desconfiança)
o crisma (óleo)	a crisma (sacramento)
o grama (unidade de medida)	a grama (vegetal)
o guarda (soldado)	a guarda (vigilância)
o guia (cicerone)	a guia (documento)
o lente (professor)	a lente (vidro de aumento)
o moral (ânimo)	a moral (código de conduta)

Formação do feminino

O **feminino** de um substantivo se faz de quatro maneiras:

a) por substituição ou acréscimo na terminação da palavra, isto é, na desinência:
gat**o**, gat**a**; pintor, pintor**a**; rapaz, rapa**riga**;

b) pela mudança no gênero do artigo:
o colega, **a** colega; **o** jovem, **a** jovem; **o** cliente, **a** cliente;

c) pela mudança completa do radical:
homem, mulher; bode, cabra; pai, mãe;

d) pelo acréscimo de "**macho**" ou "**fêmea**":
a pulga macho, a pulga fêmea.

Prática

■ Ponha nos parênteses **a**, **b**, **c** ou **d**, conforme a norma vista acima.

9. ( ) cavalo / cavalheiro / marido.
10. ( ) rouxinol / besouro / tatu.
11. ( ) artista / imigrante / selvagem.
12. ( ) barão / pombo / ladrão.

■ Assinale certo ou errado. Se estiver errado, indique a correção.

13. ( ) Substantivo uniforme só tem uma forma, que tanto serve para o masculino como para o feminino.
Correção: _____

14. ( ) As letras **a** e **b** do quadro anterior são exemplos de uniformes.
Correção: _____

15. ( ) Os exemplos das letras **a** e **c** do quadro anterior correspondem a substantivos biformes.
Correção: _____

■ Estabeleça a correta correspondência para os seguintes substantivos uniformes.

a) Epicenos b) Sobrecomuns c) Comuns de dois gêneros

16. ( ) dentista / colegial / camarada / pianista / intérprete.
17. ( ) albatroz / besouro / tartaruga / badejo / condor.
18. ( ) apóstolo / indivíduo / testemunha / pessoa / verdugo.

Os substantivos terminados em **-or** fazem o feminino com acréscimo das desinências **-a**, **-eira**, **-triz**.

Prática

■ Realize seus femininos optando pelas desinências **-a**, **-eira**, **-triz** ou outras.

19. leitor _____
20. pintor _____
21. ator _____
22. governador _____
23. imperador _____
24. cerzidor _____
25. remador _____
26. aviador _____

■ Continue.

27. cantador _____ ou _____
28. cantor _____, _____ ou _____
29. embaixador _____ ou _____

O feminino dos **títulos eclesiásticos** ou **de previlégio social** se faz com **-esa**, **-essa** ou **-isa**.

Prática

■ Realize os femininos dos títulos eclesiásticos ou de privilegiados socialmente optando por **-esa**, **-essa** ou **-isa**.

30. abade _____
31. diácono _____
32. sacerdote _____
33. bispo _____
34. papa _____
35. profeta _____
36. píton _____
37. cônego _____
38. druida _____
39. barão _____
40. conde _____
41. duque _____
42. cônsul _____
43. oficial _____

44. alcaide _____ ou _____
45. prior _____ ou _____

Femininos especiais

Prática

■ Realize os **femininos**.

46. bacharel _____
47. cachorro _____
48. cão _____
49. general _____
50. gigante _____
51. hóspede _____
52. elefante _____
53. pardal _____
54. rapaz _____
55. monge _____
56. raja ou rajá _____
57. doge _____
58. silfo _____
59. marajá _____
60. varão _____
61. sandeu _____
62. tabaréu _____

■ Aponte os masculinos de **radicais** diferentes.

63. cabra _____
64. ovelha _____
65. arará _____
66. gironda _____
67. amazona _____
68. dama _____
69. cerva _____
70. besta _____
71. abelha _____
72. abada _____

■ Escreva os **femininos** de:

73. infante _____
74. governante _____
75. presidente _____
76. parente _____
77. doente _____

Os substantivos terminados em **-ão** fazem o feminino em **-ã**, **-oa**, **-ona** e outras terminações.

Prática

■ Escreva os femininos nas colunas corretas.

	MASCULINO	Ã	OA	ONA	OUTRAS
78.	aldeão				
79.	alemão				

	MASCULINO	Ã	OA	ONA	OUTRAS
80.	anfitrião				
81.	beirão				
82.	bretão				
83.	ermitão				
84.	figurão				
85.	lebrão				
86.	maganão				
87.	perdigão				
88.	respondão				
89.	sultão				
90.	tecelão				
91.	valentão				
92.	vilão				

93. Qual das terminações de feminino é usada para **aumentativos** e **adjetivos substantivados**?
a) -ã. b) -oa. c) -ona. d) outra.

■ Assinale **C** ou **E**.

94. ( ) leoa / patroa / pavoa / tabelioa / leitoa.
95. ( ) anciã / coimbrã / faisã / peã / catalã.
96. ( ) **ladra** tem também as variantes **ladroa** e **ladrona**.
97. ( ) **alfaiata** é feminino de **alfaiate**.

Flexão de número

Quanto ao **número**, os substantivos flexionam-se em **singular** e **plural**, normalmente:

o boi	os bois
a manada	as manadas

Alguns só existem no plural (*pluralia tantum*)

afazeres	óculos
alvíssaras	pêsames
anais	parênteses
arredores	víveres
condolências	

Outros mudam de sentido ao mudar de número

dama (senhora)	damas (jogo)
ouro (metal)	ouros (naipe do baralho)
pau (madeira)	paus (naipe do baralho)
honra (probidade)	honras (homenagens)
bem (virtude)	bens (riquezas)
féria (ganho financeiro ou repouso)	férias (repouso)

Formação do plural

Para pluralizar os substantivos, usa-se a desinência **s** quando terminam em **ditongo** ou **vogal** (oral ou nasal).

Prática

■ Pluralize corretamente.

98. mesa _____
99. café _____
100. degrau _____
101. refém _____
102. álbum _____
103. jasmim _____

Aos terminados em **-r** ou **-z**, acrescenta-se **-es**.

Prática

■ Pluralize corretamente.

104. mar _____
105. colher _____
106. gestor _____
107. xadrez _____
108. raiz _____
109. cruz _____

Atenção:

caráter – caracteres

Os terminados em **-il**, se oxítonos, trocam o **l** por **s**.

Prática

■ Pluralize corretamente.

110. ardil _____
111. barril _____

Os terminados em **-il**, se paroxítonos, trocam o **il** por **eis**.

Prática

■ Pluralize corretamente.

112. fóssil _____
113. míssil _____

Atenção:

projetil – projetis
reptil – reptis
projétil – projéteis
réptil – répteis

Os terminados em **-al**, **-el**, **-ol**, **-ul** trocam o **l** por **is**.

Prática

■ Pluralize corretamente.

114. animal _____
115. sol _____
116. papel _____
117. paul _____

Atenção:

mal – males	real – reais ou réis
aval – avales	cônsul – cônsules (e seus derivados)

Os terminados em **-ão**, quase sempre, flexionam-se em **-ãos**, **-ões**, **-ães**.

Prática

■ Pluralize corretamente.

118. cidadão _____
119. irmão _____
120. cristão _____
121. coração _____
122. fração _____
123. balão _____
124. pão _____
125. capelão _____
126. cão _____

Os aumentativos têm sempre o plural em **-ões**.

Prática

■ Pluralize corretamente.

127. bolão _____
128. filhão _____
129. verdão _____

Os paroxítonos têm o plural em **-ãos**.

Prática

■ Pluralize corretamente.

130. órfão _____
131. sótão _____
132. órgão _____

Observação:

Há substantivos que admitem mais de um plural correto.

Prática

■ Escreva nas colunas certas os plurais certos.

		ões	ãos	ães
133.	alão (cão de fila)			
134.	alazão			
135.	alcorão			
136.	aldeão			
137.	anão			
138.	ancião			
139.	bastião (baluarte)			
140.	bênção			
141.	capelão			
142.	capitão			
143.	castelão			
144.	charlatão			
145.	cidadão			
146.	corrimão			
147.	deão (decano)			
148.	ermitão			
149.	escrivão			
150.	feijão			
151.	fuão (fulano)			
152.	guardião			
153.	hortelão			
154.	mão			
155.	opinião			
156.	órgão			
157.	pagão			
158.	peão			
159.	pião			
160.	questão			
161.	rufião			
162.	sacristão			
163.	sultão			
164.	tabelião			
165.	verão			
166.	vilão			
167.	vulcão			

Prática

168. Das três terminações de plural (ões, ãos, ães), qual a mais frequente?
Resp.: _____

■ Assinale **C** ou **E** para certo ou errado.

169. ( ) Os substantivos concretos terminados em **-ão** são masculinos. Exs.: o agrião, o balcão, o algodão.

170. ( ) Os substantivos abstratos terminados em **-ão** são femininos. Exs.: a emoção, a opinião, a aceitação.

171. ( ) O vocábulo **mão** foge às regras anteriores por ser concreto e feminino.

Os oxítonos terminados em **-s** recebem **-es**.

Prática

■ Pluralize corretamente.

172. ananás _____
173. inglês _____
174. ilhós _____

Os paroxítonos e proparoxítonos terminados em **-s** são invariáveis.

Prática

■ Pluralize corretamente.

175. o lápis _____
176. o oásis _____
177. o ônibus _____

Substantivos formados de **radical** + **zinho** ou **zito**: pluralizam-se os dois componentes separadamente.

cãe**s**+zitos papéi**s**+zinhos

Para uni-los, retira-se o **s** intermediário.

cãe zitos papei zinhos

↓ ↓

cãezitos papeizinhos

Prática

■ Pluralize corretamente, seguindo os passos certos.

	colarzinho	➔	colares + zinhos	➔	colarezinhos
178.	peãozinho	➔	+	➔	
179.	papelzinho	➔	+	➔	
180.	cãozito	➔	+	➔	
181.	balãozinho	➔	+	➔	

Plural com metafonia

Quando passam do singular para o plural, alguns substantivos com a vogal tônica "o" fechada trocam essa vogal por "o" aberto. Essa alteração de timbre chama-se **metafonia**.

(ô)	(ó)
aposto	apostos
corpo	corpos
esforço	esforços
fogo	fogos

Quando há metafonia no feminino, há também no plural, com exceção de **sogra** (´) e **tolda** (´), sogros (^) e toldos (^).

Prática

■ Ponha nos parênteses ´ ou ^ para indicar timbre aberto ou fechado.

	masculino	feminino	plural
182.	aposto (^)	aposta ( )	apostos ( )
183.	porco (^)	porca ( )	porcos ( )
184.	sogro (^)	sogra ( )	sogros ( )

Os substantivos **femininos** apresentam o mesmo timbre no singular e no plural.

Prática

■ Ponha nos parênteses ´ ou ^ para indicar timbre aberto ou fechado.

185.	sogra (´)	sogras ( )
186.	bolha (^)	bolhas ( )
187.	roda (´)	rodas ( )

■ Escreva na coluna adequada o plural dos substantivos.

SINGULAR		PLURAL	
		(^)	(´)
188.	abrolho (^)		
189.	adorno (^)		
190.	almoço (^)		
191.	arroba (^)		
192.	bolha (^)		
193.	bolso (^)		
194.	cachorro (^)		
195.	caroço (^)		
196.	cebola (^)		
197.	choco (^)		
198.	coco (^)		
199.	consolo (^)		
200.	contorno (^)		
201.	corno (^)		
202.	coro (^)		
203.	corpo (^)		
204.	corvo (^)		
205.	cota (´)		
206.	dorso (^)		
207.	esforço (^)		
208.	esposa (^)		
209.	esposo (^)		
210.	estorvo (^)		
211.	fogo (^)		

SINGULAR		PLURAL	
		(^)	(´)
212.	folha (^)		
213.	forno (^)		
214.	foro (^)		
215.	fosso (^)		
216.	globo (^)		
217.	imposto (^)		
218.	jogo (^)		
219.	miolo (^)		
220.	moda (´)		
221.	molho (´) (de chaves)		
222.	molho (^) (de tomate)		
223.	morro (^)		
224.	namoro (^)		
225.	olho (^)		
226.	osso (^)		
227.	ovo (^)		
228.	peroba (´)		
229.	pescoço (^)		
230.	piloto (^)		
231.	piolho (^)		
232.	poço (^)		
233.	polvo (^)		
234.	porto (^)		
235.	potro (^)		
236.	povo (^)		

	SINGULAR	PLURAL	
		(^)	(´)
237.	reboco (^)		
238.	reforço (^)		
239.	repolho (^)		
240.	roda (´)		
241.	rogo (^)		
242.	rolha (^)		
243.	rolo (^)		
244.	rosto (^)		
245.	senhora (´)		
246.	socorro (^)		
247.	sogra (´)		
248.	sogro (^)		
249.	sopa (^)		
250.	sopro (^)		
251.	sova (´)		
252.	suborno (^)		
253.	tijolo (^)		
254.	toco (^)		
255.	toldo (^)		
256.	topo (^)		
257.	tremoço (^)		
258.	troco (^)		

Plural dos substantivos compostos ligados por hífen

Substantivo composto por **verbo** + **substantivo** ou **verbo** + **adjetivo**: somente o **segundo elemento varia**.

Veja: guarda-roupa – guarda-roupas
beija-flor – beija-flores
porta-estandarte – porta-estandartes
abaixo-assinado – abaixo-assinados

Prática

■ Complete as lacunas com o plural correspondente.

259. furta-cor _____
260. quebra-mar _____
261. porta-bandeira _____
262. pára-choque (nova ortografia: para-choque) _____
263. guarda-chuva _____

Em substantivos compostos formados por:

substantivo + substantivo | **adjetivo + substantivo**
substantivo + adjetivo | **numeral + substantivo**

ambos variam

Veja: redator-chefe – redatores-chefes
baixo-relevo – baixos-relevos
meio-termo – meios-termos

Prática

■ Pluralize corretamente.

264. cirurgião-dentista _____
265. tenente-coronel _____
266. couve-flor _____
267. amor-perfeito _____
268. cabra-cega _____
269. guarda-civil _____
270. guarda-noturno _____
271. segunda-feira _____
272. terça-feira _____
273. meio-fio _____

Substantivo composto por dois substantivos em que o segundo indica **tipo**, **limitação**, **semelhança** ou **finalidade** do primeiro: somente o **primeiro varia**.

Veja: manga-espada – mangas-espada
navio-tanque – navios-tanque
decreto-lei – decretos-lei

Prática

■ Pluralize corretamente.

274. banana-maçã _____
275. caneta-tinteiro _____
276. navio-escola _____
277. peixe-boi _____
278. manga-rosa _____

Substantivo composto **ligado por preposição** clara ou oculta: somente o **primeiro vocábulo varia**.

Veja: ama-de-leite – amas-de-leite (nova ortografia: ama de leite – amas de leite)
limão-de-cheiro – limões-de-cheiro (nova ortografia: limão de cheio – limões de cheiro)
mula-sem-cabeça – mulas-sem-cabeça (nova ortografia: mula sem cabeça – mulas sem cabeça)
cavalo-vapor (= de, a vapor) – cavalos-vapor

Prática

279. pão-de-ló (nova ortografia: pão de ló) _____
280. estrela-do-mar _____
281. papo-de-anjo _____
282. baba-de-moça (nova ortografia: baba de moça) _____
283. grão-de-bico _____

Substantivo composto em que o primeiro vocábulo é uma palavra **invariável**: somente o **segundo varia**.

Veja: grão-vizir – grão-vizires
auto-escola – auto-escolas (nova ortografia: autoescola – autoescolas)
vice-rei – vice-reis

Prática

■ Pluralize corretamente.

284. vice-presidente _____
285. ex-diretor _____

286. ave-maria _____
287. grão-duque _____
288. sempre-viva _____
289. abaixo-assinado _____

Substantivo composto formado por **onomatopeia** (imitação de som) ou por **palavras repetidas**: somente o **segundo vocábulo varia**. Se houver verbos **repetidos**, também é correto **variarem os dois**.

Veja: pingue-pongue – pingue-pongues
treme-treme – treme-tremes ou tremes-tremes

Prática

■ Pluralize corretamente.

290. tico-tico _____
291. tique-taque _____
292. reco-reco _____
293. corre-corre _____ ou _____
294. pisca-pisca _____ ou _____
295. pega-pega _____ ou _____

■ Estes substantivos compostos admitem mais de uma forma no plural:

296. fruta-pão _____ ou _____
297. guarda-marinha _____ ou _____
298. padre-nosso _____ ou _____
299. salvo-conduto _____ ou _____
300. ruge-ruge_____ ou _____

São invariáveis as expressões **substantivadas** e os **substantivos compostos** por verbos antônimos.

Veja: a maria-vai-com-as-outras – as maria-vai-com-as-outras

Prática

■ Pluralize corretamente.

301. o bota-fora _____
302. o louva-a-Deus _____
303. o disse-me-disse (nova ortografia: o disse me disse) _____
304. o leva-e-traz (nova ortografia: o leva e traz) _____
305. o pisa-mansinho _____

Flexão de grau

Os substantivos flexionam-se em grau: **aumentativo** e **diminutivo**.

normal	**aumentativo**	**diminutivo**
barco	barcaça	barquinho
boca	bocarra	boquinha
copo	copázio	copinho
homem	homenzarrão	homenzinho
fogo	fogaréu	fogacho
corpo	corpanzil	corpúsculo
rapaz	rapagão	rapazote

Conforme o uso, os sufixos de grau podem acrescentar uma ideia **afetiva** ou **pejorativa** às palavras:

amigão, sabichão, gentalha, homenzinho, povinho, gentinha, livreco...

Há palavras que aparentam ter sufixo de grau, mas têm significado distinto de sua primitiva:

cartão, calção, casebre...

Prática Geral

306. (PRF/N.M./ANP) Assinale a palavra com gênero **errado**.
a) a vítima.
b) o testemunha.
c) a jovem.
d) o agente.

307. (PRF/N.M./ANP) A forma de plural **errada** é
a) papel / papéis.
b) difícil / difíceis.
c) chapéu / chapéus.
d) cidadão / cidadões.

308. (PRF/N.M./ANP) Assinale a opção em que a significação do nome varia com a mudança de **gênero**.
a) o dentista / a dentista.
b) o turista / a turista.
c) o atendente / a atendente.
d) o capital / a capital.

309. Na frase: "Há **duas** vagas debaixo da **ponte**", as palavras destacadas classificam-se como
a) numeral e substantivo.
b) numeral e adjetivo.
c) artigo e substantivo.
d) artigo e advérbio.
e) numeral e verbo.

310. Os plurais de **escrivão** e **pagão** são
a) escrivões e pagões.
b) escrivões e pagães.
c) escrivãos e pagãos.
d) escrivães e pagões.
e) escrivães e pagãos.

311. A alternativa que contém o emprego correto do feminino das palavras **cidadão** e **ancião** é
a) cidadona e anciã.
b) cidadã e ancioa.
c) cidadona e ancioa.
d) cidadã e anciã.
e) cidadoa e ancioa.

312. Na frase "Então **o** homem descobriu o Bem e o **Mal**", as palavras destacadas são, respectivamente,
a) pronome demonstrativo e advérbio.
b) pronome oblíquo e adjetivo.
c) pronome relativo e numeral.
d) preposição e verbo.
e) artigo definido e substantivo.

313. A palavra **talão** forma o plural da mesma maneira que:
a) alemão.
b) cidadão.
c) ação.
d) capital.
e) órgão.

314. O plural de **sexta-feira** e **abaixo-assinado** é
a) sextas-feiras e abaixo-assinados.
b) sextas-feiras e abaixos-assinados.
c) sexta-feiras e abaixo-assinados.
d) sextas-feira e abaixos-assinados.
e) sextas-feira e abaixos-assinado.

315. Marque a alternativa que aparece com o plural **errado**.
a) para-lama / para-lamas.
b) sinal / sinais.
c) herói / heróis.
d) veículo / veículos.
e) farol / farols.

316. A frase em que há um **substantivo próprio** é:
   a) No fim da rua Monte Alegre estava a escola pública.
   b) Lá fiz todo o curso primário.
   c) Minha família era pobre.
   d) Eu gosto de banana.
   e) Comi um sanduíche gostoso.

■ Assinale **C** ou **E** para certo ou errado, respectivamente.

317. ( ) Substantivos como **anais**, **arredores**, **condolências**, **esponsais** e **óculos** só se usam no plural e são chamados de *pluralia tantum* (pronuncia-se plurália tântum).
318. ( ) O plural **avôs** refere-se a mais de um avô (masc.).
319. ( ) O plural **avós** tanto se refere a mais de uma avó, quanto ao conjunto de avô e avó.
320. ( ) Havia dois **oitos**, três **noves** e dois **agás** na sua camisa.
321. ( ) **cais** é invariável, mas **cós** pode ficar invariável ou fazer o plural **coses**.
322. ( ) Os substantivos paroxítonos terminados em **s** são invariáveis: o pires, os pires; o oásis, os oásis.
323. ( ) Também o são os terminados em **x**: o tórax, os tórax; a fênix, as fênix; o ônix, os ônix.
324. ( ) **Os projéteis atingiram os répteis**. **Os projetis atingiram os reptis**. O singular das duas frases é exatamente o mesmo.
325. ( ) **flautim** e **atum** terminam em vogal nasal; **bem** e **som**, em ditongo nasal. Por isso, fazem plural com um simples acréscimo de **s**, como os vocábulos **boné** e **boi**.

■ Identifique os coletivos.

326. alavão _____
327. alcateia _____
328. cardume _____
329. cáfila _____
330. cacho _____
331. concílio _____
332. congregação _____
333. corja _____
334. esquadra _____
335. fato _____
336. banda _____
337. bandeira _____
338. boana _____
339. choldra (ô) _____
340. clero _____
341. conclave _____
342. consistório _____
343. elenco _____
344. esquadrilha _____
345. legião _____

■ Nos seguintes sobrecomuns, marque **F** para feminino e **M** para masculino.

346. ( ) algoz
347. ( ) membro
348. ( ) criança
349. ( ) ídolo
350. ( ) vítima
351. ( ) testemunha

■ Ponha nos parênteses **o** ou **a** para masculino ou feminino.

352. ( ) clã
353. ( ) dó
354. ( ) formicida
355. ( ) libido
356. ( ) sósia
357. ( ) preá
358. ( ) trema
359. ( ) axioma
360. ( ) cal
361. ( ) cataplasma
362. ( ) dinamite
363. ( ) elipse
364. ( ) telefonema
365. ( ) diadema
366. ( ) dilema
367. ( ) cólera
368. ( ) champanha
369. ( ) eclipse
370. ( ) jângal
371. ( ) proclama
372. ( ) estratagema
373. ( ) edema
374. ( ) coma (estado de)
375. ( ) coma (vírgula, cabeleira)

Fixe com atenção:

o cólera morbo	a cólera morbo
o personagem	a personagem
o crisma	a crisma
o íris	a íris
o lama ou lhama (monge)	a lama (lodo), a lhama (animal dos Andes)
o tapa (palmada)	a tapa (palmada)
o víspora (loto)	a víspora (loto)

Aconselha-se a usar no masculino:

o ágape	o antílope	o caudal	o contralto
o soprano	o diabete(s)	o praça (soldado)	o sabiá

Recomenda-se o feminino para:

a abusão (abuso, engano)	a alcíone (ave)	o alcíon (ave)
a aluvião (depósito da erosão)	a áspide (réptil)	a ordenança
a sentinela	a omoplata	a sucuri
a jaçanã (ave)		

376. Aponte três femininos para **diabo**.
Resp.: _____

377. Aponte três femininos para **deus**.
Resp.: _____

Artigo

DEFINIÇÃO

Artigo são as palavras variáveis **o** e **um** que antecedem o substantivo, servindo para definir ou indefinir seu sentido.

o dentista – **a** dentista	**um** livro	**umas** fitas
o lápis – **os** lápis	**uns** óculos	**as** fitas

CLASSIFICAÇÃO

Em Português só existem um artigo definido – **o** – e um artigo indefinido – **um**. Ambos são variáveis em gênero e número: **a**, **os**, **as**; **uma**, **uns**, **umas**.

O artigo definido serve para:
a) indicar um ser definido entre os demais;
b) indicar toda a espécie ou conjunto de seres.

O artigo indefinido serve para:
c) indicar um ser indefinido entre os demais;
d) indicar um subconjunto indefinido de seres;
e) indicar reforço de uma ideia.

Ocorre, portanto, mudança de sentido se o substantivo vem acompanhado pelo artigo definido – **o** (**a**, **os**, **as**) – ou pelo artigo indefinido – **um** (**uma**, **uns**, **umas**).

Prática

■ Nos parênteses das frases, coloque **a**, **b**, **c**, **d** ou **e**, relacionados no quadro anterior, conforme o sentido que o artigo sublinhado propõe.

1. Uma professora de Português indicou esse livro. ( )
2. A professora de Português indicou esse livro. ( )
3. O professor precisa sempre estar atualizado. ( )
4. Um rapaz comprou o apartamento dela. ( )
5. Umas bactérias desenvolveram resistência a certas substâncias. ( )
6. Estava com uma fome! ( )

Observações:

1. Quando se quer generalizar uma ideia, é possível suprimir-se o artigo.

   Exemplos: Mudanças são necessárias para o aperfeiçoamento do trabalho. (genérico)
   As mudanças (já sabidas) devem ser implantadas. (específico)
   Festas não me atraem. (genérico)
   As festas que ela promove não me atraem. (específico)
   Especializou-se em várias áreas de política. (genérico)
   Especializou-se n**as** várias áreas d**a** política. (específico)

2. Quando se usa nome próprio de personagem histórica ou pessoa célebre, suprime-se o artigo.

   Exemplos: Rui Barbosa lutou por seus ideais. (personagem histórica)
   O Rui parecia alheio à discussão. (pessoa íntima ou conhecida)

3. Antes de pronomes de tratamento iniciados por pronome possessivo, omite-se o artigo.

   Exemplo: Vossa Senhoria não me entendeu.

4. Ordinariamente, não se usa artigo com a palavra "casa" quando designa "própria morada", nem com a palavra "terra" na acepção de "terra firme", em oposição ao sentido "a bordo".

   Exemplos: Em casa, não se discute às refeições.
   Agora estou vindo de casa.
   Os viajantes abandonaram o barco e seguiram por terra.

5. Qualquer tipo de palavra transforma-se num substantivo se se lhe antepõe um artigo.

   Exemplos: O bom e o justo; o querer e o poder.
   O hoje, o ontem e o amanhã; o aqui e o agora.
   O tudo e o nada...Viver é um sem-fim!

Prática Geral

7. A frase que apresenta um artigo indefinido destacado é:
   a) Ele só tem **um** filho.
   b) **Ninguém** imagina minha alegria.
   c) Este fato **me** impressionou.
   d) **Os** garotos olhavam a banana.
   e) **Um** lindo sanduíche surgiu do embrulho.

■ Assinale **C** ou **E** conforme a afirmação seja certa ou errada, com relação à seguinte frase.

O aqui e o agora são os parâmetros do realista.

8. ( ) Só há três artigos.
9. ( ) Existem quatro artigos.
10. ( ) Por isso, há também quatro substantivos.
11. ( ) **aqui** e **agora**, que noutros contextos são advérbios, nessa frase são substantivos, por força do artigo.
12. ( ) **realista**, que noutras frases é **adjetivo**, tornou-se também substantivo, pela antecipação do artigo.
13. ( ) O artigo, definido ou indefinido, substantiva a palavra a que se refere.
14. ( ) Em **do** há uma contração da preposição **de** com o artigo definido **o**.

■ Estabeleça a correta correspondência sobre o uso do artigo.

a) Assinala o gênero do substantivo.
b) Indica o número do substantivo.
c) Indica que o substantivo é conhecido entre outros da espécie, tanto pelo emissor quanto pelo receptor.
d) Indica que o substantivo é um ser qualquer de sua espécie; nem o ouvinte nem o leitor saberão precisar quem seja.
e) Não há artigo na frase. Há numeral.

15. ( ) ( ) O Presidente virá visitar-nos.
16. ( ) ( ) O colega e a colega chegaram.
17. ( ) Uma administradora virá falar conosco.
18. ( ) Ele comprou duas canetas e só um estojo.
19. ( ) ( ) ( ) O oásis, os oásis.
20. ( ) Ele falou de uns índios que aqui estiveram.

Adjetivo

DEFINIÇÃO

Palavra que qualifica o substantivo.

Os seres nomeados por um substantivo apresentam diferenças entre si.
Essas diferenças são explicitadas pelos **adjetivos** – os qualificadores dos substantivos.

ADJETIVO RESTRITIVO E ADJETIVO EXPLICATIVO

O adjetivo, ao se referir a um substantivo, pode ser classificado de dois modos:

Adjetivo restritivo

Exprime atributo que distingue um substantivo dos outros da mesma espécie:

O homem inteligente. (nem todo homem é inteligente)

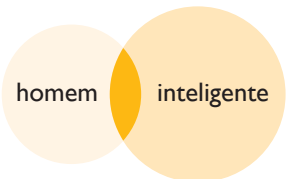

- Os círculos representam o campo de significado (ou campo semântico) do substantivo **homem** e do adjetivo **inteligente**.
- O adjetivo tem um campo semântico maior que o do substantivo, o que está representado pelo círculo maior.
- Isso, porque pode abranger outros seres (macaco, cão, elefante, golfinho...) além de todos os homens.
- No desenho, o **inteligente** abrange apenas uma parte dos homens, representada pela interseção, de cor mais escura.
- Por isso, o adjetivo está limitando, restringindo o campo semântico do substantivo e se chama "adjetivo restritivo".
- Entre o adjetivo restritivo e seu substantivo não há vírgula.

Adjetivo explicativo

Exprime uma **qualidade inerente** ao substantivo; exprime **uma característica própria** do substantivo:

O homem , mortal. (todo homem é mortal)

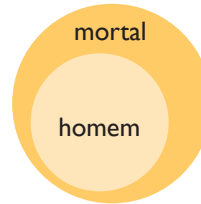

- A vírgula, colocada entre o adjetivo e o substantivo, determina uma pausa na leitura.
- Essa pausa introduz uma entonação explicativa, ou seja, considera que **(todo) homem** está inserido no conjunto **mortal**.
- O adjetivo explicativo mantém inalterado o campo semântico do substantivo, isto é, não o restringe.
- Lembre-se, então: entre adjetivo e substantivo há vírgula; vírgula é pausa, pausa é explicação.

O **adjetivo explicativo** vem separado do substantivo a que se refere por uma vírgula, para representar a mudança do tom de voz que a explicação requer:

O leite , branco , agrada a vista. O homem , mortal , é diferente do mineral.
subst. adj. expl. subst. adj. expl.

ADJETIVO ANTES OU DEPOIS DE SUBSTANTIVO

O adjetivo posposto ao substantivo tem uma carga semântica mais objetiva: Homem **pobre**, mulher **boa**.

Anteposto ao substantivo, o adjetivo traz uma carga semântica mais subjetiva: **Pobre** homem, **boa** mulher.

LOCUÇÃO ADJETIVA

homem de ontem árvore sem folhas

Quando a qualidade é expressa por mais de uma palavra, tem-se **locução adjetiva**, que sempre começa com preposição.

Observação:

É importante lembrar que o adjetivo existe para **qualificar o substantivo**; caso não se refira a um substantivo, **não** é adjetivo ou locução adjetiva.

Prática

■ Observe o **feio** nestas frases e classifique-o, relacionando as colunas.

1. ( ) Cometeu um erro *feio*. a) advérbio
2. ( ) Quem ama o *feio*, bonito lhe parece. b) substantivo
3. ( ) O carro derrapou *feio* na curva. c) adjetivo

FLEXÃO

Os adjetivos podem variar em gênero e número para acompanhar os substantivos a que se referem.

Flexão de gênero

Veja: documento **incluso** nota **inclusa**
caso **estranho** casa **estranha**
homem **certo** mulher **certa**

Os adjetivos que mudam a terminação, do masculino para o feminino, dependendo do gênero do substantivo, são os **adjetivos biformes** ou variáveis.

Prática

■ Flexione corretamente.

4. ofício *anexo* – carta _____
5. trabalho *publicado* – obra _____
6. ingresso *proibido* – entrada _____

Veja: homem **elegante** mulher **elegante**
trabalho **notável** obra **notável**
diretor **capaz** diretora **capaz**

Os adjetivos que não mudam de forma, quer o substantivo seja masculino ou feminino, são os **adjetivos uniformes** ou invariáveis.

Prática

■ Flexione corretamente.

7. candidato *quite* – pessoa _____
8. relatório *final* – palavra _____
9. problema *grave* – ameaça _____

Flexão de número

Veja:	gráfico **anexo**	gráficos **anexos**
	revista **nova**	revistas **novas**
	cirurgia **complexa**	cirurgias **complexas**

Os **adjetivos simples** (de uma só palavra) variam do singular para o plural para combinar com os substantivos a que se referem.

Prática

■ Flexione corretamente.

10. ofício *penoso* – ofícios _____
11. candidato *quite* – candidatos _____
12. carnê *quitado* – carnês _____
13. *velho* amigo – _____ amigos

Veja:	roupa **azul-escura**	roupas **azul-escuras**
	guerra **sino-japonesa**	guerras **sino-japonesas**
	instrumento **médico-cirúrgico**	instrumentos **médico-cirúrgicos**

Adjetivo composto, formado por **adjetivo** + **adjetivo**: só o último se pluraliza.

Prática

■ Flexione corretamente.

14. tratado *luso-brasileiro* – tratados _____
15. produção *hispano-americana* – produções _____
16. reunião *lítero-musical* (nova ortografia: *literomusicais)* – reuniões _____
17. saia *verde-clara* – saias _____
18. olho *castanho-claro* – olhos _____

Exceções:

São invariáveis os adjetivos compostos **azul-marinho** e **azul-celeste**.
O adjetivo composto **surdo-mudo** sofre variação nas duas palavras: surdos-mudos, surdas-mudas.

Veja:	gravata azul-topázio	gravatas azul-topázio ou azuis-topázios
	tecido amarelo-ouro	tecidos amarelo-ouro ou amarelos-ouros
	laço vermelho-sangue	laços vermelho-sangue ou vermelhos-sangues

Adjetivo composto, com segundo elemento substantivo, nenhum se pluraliza ou ambos se pluralizam.

Prática

■ Flexione corretamente.

19. camiseta *azul-piscina* – camisetas _____
20. gravata *grafite-fosca* – gravatas _____
21. lenço *cinza-pérola* – lenços _____
22. olho *verde-mar* – olhos _____

Flexão de grau

Grau comparativo

Pode-se comparar a qualidade de dois ou mais seres:

A **cadeira** é mais alta que o **banco**.

Ou qualidades de um mesmo ser:

Ela é mais simpática que bonita.

Para fazer isso, a Língua Portuguesa utiliza o grau comparativo dos adjetivos.

Prática

Leia os exemplos e relacione as colunas.

a) Grau comparativo de igualdade
b) Grau comparativo de inferioridade
c) Grau comparativo de superioridade

23. ( ) O problema daquele senhor parecia MAIS *complicado* QUE o meu.
24. ( ) Percebi que este navio parecia TÃO *luxuoso* QUANTO aquele.
25. ( ) A atual situação econômica do país é MENOS *caótica* QUE a anterior.

Observação:

GRAU COMPARATIVO DE SUPERIORIDADE	
ANALÍTICO	**SINTÉTICO**
Mais BOM	Ele é MELHOR que ela.
Mais MAU	Ele é PIOR que ela.
Mais GRANDE	Ele é MAIOR que ela.
Mais PEQUENO	Ele é MENOR que ela.

Usa-se o comparativo sintético para comparação entre dois seres.
Ele é melhor que ela.
Ela dança melhor que ele.

Usa- se o comparativo analítico:

1. Para comparar duas qualidades de um mesmo ser:
   Ele é **mais bom** que **mau**.
   Ele é **mais grande** que **pequeno**.

2. Para comparar maneiras de um mesmo sujeito praticar ações:
   Ele fala **mais bem** que **mal**.
3. Antes de particípio:
   Ele passou a ser **mais bem ouvido**.
4. Quando bem e mal pertencem a adjetivo composto:
   Ela era **mais bem-educada**, e ele, **mais mal-informado**.

Grau superlativo

Usa-se o superlativo para enfatizar ou exagerar uma qualidade de um substantivo:

Jovem **muito estudioso**. Jovem **estudiosíssimo**.

Chama-se **superlativo sintético** o formado pelo acréscimo de sufixo ao adjetivo: notabilíssimo, paupérrimo, humílimo.

Chama-se **superlativo analítico** o formado por acréscimo de um advérbio ou locução adverbial ao adjetivo:

Jovem **muito esperto**.
adv. adj.

Jovem **esperto demais**.
adj. adv.

...era um garoto **feio à beça**.
adj. loc. advl.

...era uma guria **bonita pra chuchu**.
adj. loc. adverbial

Leia os exemplos e escreva: a) para o superlativo que se refere a um único substantivo;
b) para o superlativo que se refere a um ser entre os demais.

26. ( ) O conflito entre sérvios e bósnios é *gravíssimo*.
27. ( ) A explosão da bomba atômica foi considerada a atitude *MAIS insensata* entre todas tomadas por aquele presidente.
28. ( ) O professor mantinha os alunos *ocupadíssimos*.
29. ( ) O processo será examinado pelo juiz *MAIS rigoroso* do Tribunal.

É possível enfatizar ou exagerar uma qualidade considerando o ser sozinho (**superlativo absoluto**), ou um ser entre os demais de sua classe (**superlativo relativo**).

Prática

■ Responda **C** ou **E**.

30. ( ) Superlativo absoluto é o que está nas frases 26 e 28.
31. ( ) Superlativo relativo está nas frases 27 e 29.

Prática Geral

32. (PRF/N.M./ANP) Assinale a forma **errada** de superlativo erudito.
    a) feliz / felicíssimo.
    b) geral / generalíssimo.
    c) simples / simplicíssimo.
    d) amigo / amiguíssimo.

33. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa que completa **corretamente** as lacunas da frase "Os _____ vestiam casacos _____."
a) grão-duques / verde-garrafa.
b) grãos-duques / verde-garrafa.
c) grão-duques / verde-garrafas.
d) grão-duques / verdes-garrafa.

34. (Ag. Adm./TRT/N.M./ACCESS) Nas alternativas abaixo, a que contém **erro** no emprego do plural é:
a) O governo está estudando novas medidas econômico-financeiras.
b) Ao dar prioridade à educação, teremos cidadãos mais conscientes.
c) Havia provas bastantes do crime.
d) Quaisquer soluções seriam bem recebidas.
e) A reunião iria examinar os pró e os contra da questão.

35. Marque o adjetivo que equivale à expressão destacada na frase. Era um amor **de irmãos** que os unia.
a) paterno.
b) materno.
c) filial.
d) fraterno.
e) puro.

■ Assinale **C** ou **E**, consultando a observação da página 129.
36. ( ) Joaquina é mais má que o irmão.
37. ( ) João é mais bom que Flávio.
38. ( ) Teresa é mais tímida que Paula.
39. ( ) E Paula é mais boa que ruim.
40. ( ) Antonio é mais mau que bom.
41. ( ) Antônio é mais mau que Flávio.
42. ( ) Ela é mais grande que ele.
43. ( ) Ela é mais grande que gorda.

■ Estabeleça a correspondência correta.
a) comparativo de **superioridade**
b) comparativo de **inferioridade**
c) comparativo de **igualdade**
d) superlativo absoluto **sintético**
e) superlativo absoluto **analítico**

44. ( ) Todos achavam que ele era paupérrimo, mas
45. ( ) era dotado de incredibilíssima sensibilidade;
46. ( ) além disso, era muito próspero,
47. ( ) porém era menos vaidoso que o irmão,
48. ( ) menor que a própria mãe,
49. ( ) pior que o pai
50. ( ) e tão educado quanto o tio.

■ Escreva os superlativos **absolutos sintéticos** (eruditos, não populares) de:

51. agudo _____
52. amargo _____
55. célebre _____
56. cruel _____
57. doce _____
58. dócil _____
59. fiel _____
60. frio _____
61. incrível _____
62. íntegro _____
53. antigo _____
54. áspero _____
63. livre _____
64. miúdo _____
65. negro _____
66. nobre _____
67. pródigo _____
68. público _____
69. soberbo _____
70. tetro _____

■ Substitua as locuções adjetivas por adjetivos de origem erudita.

71. nariz **de águia** _____
72. torre **de marfim** _____
73. físico **de gafanhoto** _____
74. amor **de fogo** _____
75. lábios **de lebre** _____
76. golpe **de morte** _____
77. comportamento **de bode** _____
78. tratamento **de cabelo** _____
79. armas **de guerra** _____
80. agilidade **de rato** _____
81. comportamento **da alma** _____
82. arrulhar **de pombo** _____
83. sensibilidade **de pele** _____
84. corpo **de professores** _____
85. grupo **de alunos** _____
86. energia **do vento** _____
87. águas **da chuva** _____
88. águas **dos rios** _____
89. morada **do bispo** _____
90. frio **de gelo** _____
91. dor **de estômago** e **de rins** _____
92. brilho **de ouro** e **de prata** _____
93. influência **do sul** _____
94. vento **do norte** _____

■ Escreva os adjetivos **gentílicos** ou **pátrios** referentes a:

95. Bahia e Salvador _____
96. Jerusalém _____
97. China _____
98. Judeia _____
99. Egito _____

ADJETIVO ≠ SUBSTANTIVO
(dica prática)

Para quem está começando e para quem acha que aprender português é difícil, basta prestar atenção a pequenos detalhes básicos. Temos percebido que grande parte dos jovens e adultos estudantes da língua não sabe diferenciar no texto um adjetivo de um substantivo, dúvida que, não sendo imediatamente sanada, impede a compreensão de tudo o que a isso se segue. Por exemplo, responda você agora, em voz alta: beleza é adjetivo ou substantivo? Em voz alta, sim, para se conscientizar de sua resposta. Beleza é adjetivo ou substantivo? Se tem alguma dúvida, continue lendo para eliminá-la de uma vez por todas.

1 Substantivo representa uma ideia-base, nomeia seres (homem, pedra, água, rio, comida...) e características ou qualidades de seres, vistas como ideia-base (utilidade, amabilidade, largura, beleza, feiúra, amizade).

2 Adjetivo representa uma ideia acompanhante, caracteriza o substantivo e com ele concorda em gênero e número, com exceção dos adjetivos uniformes (útil, amável), que só concordam em número.

3 Como saber se as palavras "altura", "largura", "beleza", que designam características de seres, são substantivos ou adjetivos?

4 Sabendo você que as palavras "homem" e "mulher" são substantivos, tome-as no plural "homens" e "mulheres" e veja se "altura" concorda com elas: "homens altura, mulheres altura". Como "altura" não concorda com os substantivos "homens" e "mulheres", sabe-se que "altura" é também substantivo, **porque substantivo não casa** (não concorda) **com substantivo**. Qual, então, o adjetivo correspondente ao substantivo "altura"? Pode ser "alto"? Vejamos, "homens altos"," mulheres altas", isso mesmo! "alto" **casa com o substantivo, portanto é adjetivo**.

5 Veja agora se "largura" e "beleza" são substantivos ou adjetivos: "homens larguras", "mulheres larguras", "homens belezas", "mulheres belezas". A conclusão é que "largura" e "beleza" não podem concordar com o substantivo, por isso são também substantivos, **porque substantivo não casa** (não concorda) **com substantivo**. Quais os adjetivos correspondentes a largura e beleza? Faça você o teste e responda, em voz alta, antes de continuar esta leitura.

Se você disse "homens largos", "mulheres largas", "homens belos", "mulheres belas" e concluiu que os adjetivos procurados são "largo" e "belo", acertou.

6 Conclusão, em gramática não há casamento homo, substantivo não casa com substantivo, só casamento hetero, machista e tradicional: sem ferir o respeito devido, assim diz o antigo testamento gramatical: **o adjetivo foi feito da costela do substantivo, para com ele casar e concordar**.

7 Teste agora com: fidelidade, fiel; harmonia, harmonioso; gentileza, gentil; equilíbrio, equilibrado; consciência, consciente; amor, amoroso; crença, crente.

Resposta do item 7:
substantivos: fidelidade, harmonia, gentileza, equilíbrio, consciência, amor, crença; **adjetivos:** fiel, harmonioso, gentil, equilibrado, consciente, amoroso, crente.

Pronome

DEFINIÇÃO

Observe:

Para os diretores, a situação parecia sob controle. Para resolvê-**la** definitivamente, seria necessário que **eles** tivessem uma atuação mais enérgica.

eles — **substitui "diretores"**

la — **substitui "situação"**

Este **livro** não é **aquele** premiado.
subst.

Este — **acompanha** o subst. **livro**

aquele — **substitui** o subst. **livro**

Aquele **menino** de que você falou não é **este**.
subst.

Aquele — **acompanha o substantivo**

este — **substitui o substantivo**

Essas palavras são pronomes.

Pronomes são palavras que substituem ou podem substituir o substantivo.

PAPEL DOS PRONOMES

Pronomes substantivos e pronomes adjetivos

Quando o pronome é usado com o papel de substituir o substantivo, é denominado **pronome substantivo**:

A casa não é **minha**.

Quando o pronome é usado com o papel de acompanhante de um substantivo, é denominado **pronome adjetivo**:

Sua casa não é minha.

O país **cujas** crianças não têm escola não tem futuro.

Prática

■ Escreva dentro dos parênteses relativamente aos pronomes em negrito: PA = pronome adjetivo; PS = pronome substantivo.

1. **Nossas** intenções não são **as** que **você** entendeu.
   ( ) ( ) ( )
2. **Estas** são as **minhas** palavras.
   ( ) ( )
3. As **mesmas** perguntas foram feitas por **aquela** menina e por **esta**.
   ( ) ( ) ( )

CLASSIFICAÇÃO E EMPREGO DOS PRONOMES

Pronomes pessoais

Referem-se às pessoas do discurso, ou seja, às pessoas que participam de uma conversa. O **falante** é a primeira pessoa; o **ouvinte** é a segunda pessoa; e o **assunto** é a terceira pessoa.

Conforme seu uso na frase, os pronomes pessoais classificam-se como retos ou oblíquos.

Nº	Pessoa do discurso	Pron. reto	Pronome oblíquo	
		tônico	átono	tônico
Singular	primeira segunda terceira	eu tu ele, ela	me* te* se, lhe, o*, a*	mim, comigo ti, contigo si, consigo, ele, ela
Plural	primeira segunda terceira	nós vós eles, elas	nos* vos* se, lhes, os*, as*	nós, conosco vós, convosco si, consigo, eles, elas
		PARA SUJEITO	**PARA OUTRAS FUNÇÕES**	

Prática

■ Escreva dentro dos parênteses **R** ou **O**, se o pronome em negrito for **reto** ou **oblíquo**.

4. **Ela** disse a **ele** que iria sair sem **mim**.
   ( ) ( ) ( )

* Esses pronomes podem exercer função de sujeito. *Vide*, em *Análise Sintática Visual*, Período: Análise de períodos com verbos permissivos, causativos e sensitivos em que o pronome oblíquo funciona como sujeito.

5. **Eu** disse a **mim** que iria sem **ela**.
( ) ( ) ( )
6. **Ele** disse a **nós** que iria sem **ti**.
( ) ( ) ( )
7. **Tu me** disseste que irias sem **eles**.
( )( ) ( )
8. **Tu te** maltratas demais, sem **nós**.
( )( ) ( )
9. **Eu** disse que **ela** iria sem **vós**.
( ) ( ) ( )

Conclusão:
Os pronomes **eu** e **tu** são retos. **Nós**, **vós**, **ele(s)** serão retos ou oblíquos, dependendo de seu emprego na frase.

Pronomes oblíquos

Observe:
pagar a dívida **aos credores** = pagar-**lhes** a dívida
avisar algo **aos amigos** = avisar-**lhes** algo
ser útil **a alguém** = ser-**lhe** útil
pagar **a conta** ao garçom = pagá-**la** ao garçom
ver **os amigos** = vê-**los**

O pronome **lhe (lhes)** completa verbos ou nomes que exigem preposição **a** e refere-se a seres animados; o pronome **o** (**a**, **os**, **as**) completa verbos que não pedem preposição.

Prática
■ Preencha as lacunas com um dos pronomes que estão dentro dos parênteses.
10. Os pais da moça deram-_____ seu apoio, por isso ela ____ admirava muito. (**na/lhe**) (**lhes/os**)
11. Quando o presidente estava saindo, alguém _____ avisou de que precisava voltar. (**o/lhe**)
12. Fui visitar minha amiga, porém não pude vê-_____. (**lhe/la/a**)
13. Sou responsável pelos alunos; mantenho-_____ informados. (**os/lhes**)
14. Fomos os primeiros a encontrar a diretora e informamos-_____ o acidente. (**ela/lhe/a**)

Observe:

entregar **a ti**	ajudar-**te**
avisar **a nós**	auxiliar-**nos**
lutar **por ela**	conhecê-**la**
gostar **de mim**	amar-**me**

Os pronomes oblíquos tônicos são usados após preposição; os oblíquos átonos ocupam as posições que não vierem precedidas de preposição.

Prática

■ Preencha as lacunas com um dos pronomes que estão dentro dos parênteses.

15. Eu resolvi que sem _____ você não sai. (**eu/mim**)
16. Tu sabes que quero muito bem a _____, por isso _____ apoiarei. (**tu/te/ti**)
17. O ator tinha excelente opinião de _____ mesmo, ele _____ julgava ótimo. (**si/se/ele**)
18. Nós resolvemos investigar o caso; contra _____ você não pode lutar; cedo vai descobrir que não _____ engana. (**nós, nos**)

Observe:

amar + o	➜	ama(r)-lo	➜	amá-lo
fiz + o	➜	fi(z)-lo	➜	fi-lo
nos + o	➜	no(s)-lo	➜	no-lo

As letras **r**, **s** ou **z** que antecedem o oblíquo **o** (**a**, **os**, **as**) transformam-se em **l** e mudam de sílaba.

Prática

19. Amas **o menino**. Am_____-_____.
20. Fez **os trabalhos**. F_____-_____.
21. Ela quer **o livro**. Ela qué-_____.

Observe:

As respostas, ela **mas** deu ontem à tarde. (mas = me + as)
As respostas, ela **no-las** deu ontem à tarde. (no-las = nos + as)

Os pronomes oblíquos **se combinam entre si**.

Prática

■ Estabeleça as combinações conforme o modelo.

Modelo: me + (o, a, os, as) = mo (ma, mos, mas)

22. te + o (a, os, as) = _____
23. lhe + o (a, os, as) = _____
24. lhes + o (a, os, as) = _____
25. nos + o (a, os, as) = _____
26. vos + o (a, os, as) = _____

Observe:

Dão + o = Dão-**no**. Dizem + as = Dizem-**nas**. Põe + os = Põe-**nos**.

O pronome oblíquo **o** (**a**, **os**, **as**), depois de uma terminação nasal, transforma-se em **no** (**na**, **nos**, **nas**).

Prática

27. Dizem **a verdade**. Dizem-_____.
28. Cumprem **as promessas**. Cumprem-_____.
29. Põe **o casaco**. Põe-_____.
30. Põem **os casacos**. Põem-_____.

Observe:

O professor indicou um livro **para eu** ler.
Ele pensava **em eu** representá-lo.
Existe a possibilidade **de tu** resolveres.

Mesmo após preposição, a função de sujeito do infinitivo é ocupada por pronome pessoal reto.

Prática

■ Preencha as lacunas com um dos pronomes que estão dentro dos parênteses.

31. Fiquei com a casa para _____ vender em troca da comissão. (eu/mim)
32. Eu sei que o trabalho foi trazido para _____ corrigir. (eu/mim)
33. Eu já lhe avisei que sem ____ aprovar, a campanha não irá ao ar. (mim/eu)
34. Sem _____ permitir, ninguém sairá. (eu/mim)

Observação:

Há orações em que o pronome parece ser sujeito, mas não é:
Será benéfico **para mim** deixar de fumar. = Deixar de fumar será benéfico **para mim**.
Nesse caso, houve inversão da ordem dos termos da oração.

Observe:

Ele pensava **consigo** se haveria motivo para tanta confusão.
Carregue (você) **consigo** seus documentos.
Ele falava de **si**.

Os pronomes **si** e **consigo** só podem ser usados quando se referem à mesma pessoa do sujeito, ou seja, quando são reflexivos.

Prática

■ Preencha as lacunas com um dos pronomes que estão dentro dos parênteses.

35. Meu amigo, venha a minha casa e traga _____ seus filhos. (consigo, contigo)
36. Ele parece carregar _____ toda a tristeza do mundo. (consigo, com nós)
37. Amigo, gostaria de falar _____ sobre um importante assunto. (com você, consigo)
38. Meu pai, você pode falar de _____. (ti, si)

Observe:

Tu estavas falando ~~**consigo**~~. **Tu** estavas falando **contigo**.
2ª 3ª 2ª 2ª

Digo a **você** que ~~**estás**~~ bonita. Digo a **você** que **está** bonita.
3ª 2ª 3ª 3ª

Referindo-se a um mesmo ser, não se misturam os pronomes **tu** e **você**. Use o **tu** apenas, ou o **você** apenas.

Prática

■ Marque **C** para certo, **E** para errado.

39. ( ) Quero (eu) falar comigo.
40. ( ) Queres (tu) falar comigo?
41. ( ) Quer (você/ele) falar comigo?
42. ( ) Quero (eu) falar contigo.
43. ( ) Queres (tu) falar contigo.
44. ( ) Quer (ele) falar contigo.
45. ( ) Quer (você) falar contigo.
46. ( ) Quero (eu) falar consigo.
47. ( ) Queres (tu) falar consigo.
48. ( ) Quer (você/ele) falar consigo.
49. ( ) Queremos falar contigo.
50. ( ) Queremos falar consigo.
51. ( ) Queremos falar conosco.
52. ( ) Queremos falar convosco.

53. ( ) Quereis falar comigo?
54. ( ) Quereis falar consigo?
55. ( ) Elas querem falar comigo.
56. ( ) Elas querem falar contigo.
57. ( ) Elas querem falar consigo mesmas.

Observe:

Ela falou ~~**conosco**~~ **mesmos**. Ela falou **com nós mesmos**.

Eu contava ~~**convosco**~~ **todos**. Eu contava **com vós todos**.

Não se usam **conosco** e **convosco** acompanhados de determinantes.

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

58. ( ) Ela falou conosco.
59. ( ) Ela falou convosco mesmos.
60. ( ) Contava conosco todos.
61. ( ) Ela falou com nós três.
62. ( ) Ela falou com vós mesmos.
63. ( ) Contava com nós todos.

Pronomes de tratamento

Os pronomes de tratamento correspondem ao modo como se tratam as pessoas, formal (cerimoniosamente) ou informalmente (intimamente). Substituem os pronomes pessoais retos de 1ª, 2ª e 3ª pessoas, mas levam o verbo e o possessivo sempre para a 3ª.

Substituindo a primeira pessoa: eu, nós:

A gente briga, diz tanta coisa.

Substituindo a segunda pessoa: tu, vós:

Você está louco! **Vossa Excelência** agiu certo.

Substituindo a terceira pessoa: ele, eles:

Sua Excelência agiu certo. **Sua Alteza** virá.

Os mais usados são:

Pronomes de tratamento	Abreviatura		Usados para:
	singular	plural	
Você	v.	vv.	Pessoas familiares, íntimas.
Senhor, Senhora	Sr., Sr^{a}.	Srs., Sras.	Pessoas com as quais se mantém um certo distanciamento respeitoso.
Vossa Senhoria	V. S^{a}.	V. S^{as}.	Pessoas de cerimônia, principalmente em textos escritos, como: correspondências comerciais, ofícios, requerimentos etc.
Vossa Excelência	V. Exª.	V. Ex^{as}.	Altas autoridades: presidente da República e vice, ministros, governadores e vice, secretários estaduais, prefeitos, membros dos tribunais regionais, dos tribunais de justiça, juízes, desembargadores, senadores, deputados, embaixadores etc.
Vossa Magnificência	V. Mag^{a}.	V. Mag^{as}.	Reitores de universidades.
Vossa Reverendíssima	V. Revm^{a}.	V. Revm^{as}.	Sacerdotes e religiosos em geral.
Vossa Excelência Reverendíssima	V. Exª. Revm^{a}.	V. Ex^{as}. Revm^{as}.	Arcebispos e bispos.
Vossa Paternidade	V. P.	VV. PP.	Superiores de ordens religiosas.
Vossa Eminência	V. Em^{a}.	V. Em^{as}.	Cardeais.
Vossa Santidade	V. S.	—	Papa.
Vossa Alteza	V. A.	VV. AA.	Príncipes e duques.
Vossa Majestade	V. M.	VV. MM.	Reis e rainhas.

Observações:

Vossa Eminência: os pronomes de tratamento iniciados por "Vossa" substituem a pessoa com quem se fala.
Sua Excelência: os pronomes de tratamento iniciados por "Sua" substituem a pessoa de quem se fala.
Nas altas esferas, as abreviaturas dos pronomes de tratamento estão sendo desaconselhadas.

Prática

■ Indique o pronome de tratamento usado para se dirigir a:

64. amigo _____
65. diretor de escola _____
66. senador _____
67. bispo _____
68. reitor de universidade _____

■ Indique o pronome de tratamento usado para se falar de:

69. diretor de escola _____
70. padre _____
71. reitor de universidade _____
72. bispo _____
73. presidente da República _____

■ Corrija os erros.

Vossa Senhoria entendeis bem nossos problemas.
74. _____
Vossa Excelência tens todos os vossos argumentos válidos.
75. _____

Pronomes demonstrativos

Os pronomes demonstrativos são os que indicam o lugar que o substantivo ocupa no espaço ou no tempo, em relação às três pessoas do discurso.

Observe os quadros:

Pronomes demonstrativos		
Pessoa	**Variáveis**	**Invariáveis**
1ª	este (esta, estes, estas)	isto
2ª	esse (essa, esses, essas)	isso
3ª	aquele (aquela, aqueles, aquelas)	aquilo

Eles demonstram:

	ESPAÇO	TEMPO	TEXTO	REFERÊNCIA AO JÁ DITO
este/isto	próximo à 1ª pessoa	presente	palavras ou ideias que serão citadas	refere-se à palavra mais próxima
esse/isso	próximo à 2ª pessoa	futuro ou passado próximos	palavras ou ideias que já foram citadas	refere-se à palavra intermediária
aquele/aquilo	distante da 1ª e da 2ª pessoa	futuro ou passado distantes	—	refere-se à palavra mais distante

Prática

NO ESPAÇO

Preencha adequadamente as lacunas com os pronomes demonstrativos, prestando atenção no significado dos advérbios e pronomes possessivos em negrito.

76. _____ livro que está **aqui** nas **minhas** mãos...
77. _____ livro que está **aí** nas **tuas** mãos...
78. _____ livro que está **aí** nas **suas** mãos...
79. _____ livro que está **lá** nas **mãos** dele...

NO TEMPO

Preencha as lacunas com os pronomes demonstrativos adequados, obedecendo às indicações de tempo.

80. Referindo-se a um passado distante:
_____ anos foram ótimos para a lavoura.

81. Referindo-se a um passado recente.
_____ ano que passou vai deixar saudade.

82. Referindo-se ao presente.
_____ ano está sendo melhor que os anteriores.

Lembre-se **disto**: "Quem espera muito, cansa".

"Quem espera muito, cansa". Lembre-se **disso**.

Prática

NO TEXTO

83. Quando se quer indicar o que se vai dizer, usa-se o demonstrativo _____, ou as variações _____, _____, _____, _____.

84. Quando se quer indicar algo que já foi dito, usa-se o demonstrativo _____ ou as variações _____, _____, _____, _____.

_____ _____ ... este ... aquele
1 2

Prática

REFERÊNCIA AO JÁ DITO

As montanhas e o céu, no horizonte, se destacavam. **Este**, azul e rosa; **aquelas**, verde cinza.

85. **Este** se refere a _____ e **aquelas** a_____.

Com três elementos

_____, _____, _____ ... este ... esse ... aquele

Prática

"As árvores, a piscina e o alpendre incluem-se no cenário que estamos visitando. **As árvores**(1), verdes, fortes, viçosas; **a piscina**(2), azul, límpida, transparente; **o alpendre**(3), ensolarado e florido..."

86. Substitua os termos numerados pelos demonstrativos compatíveis. A sequência correta é:

_____ _____ _____
1 2 3

São também usados como pronomes demonstrativos:

mesmo*	O delegado deve chamar a **mesma** testemunha.
próprio	O **próprio** partido escolherá os candidatos.
tal	Não admitirei **tal** comportamento.
semelhante	Não aceito **semelhante** resposta.
o, **a**, **os**, **as** (quando significam aquele, aquela, aquilo)	Entre todos os brinquedos, ela escolheu **o** mais caro. (**aquele** mais caro) Vi as candidatas e falei com **a** que chegou primeiro. (**aquela** que chegou primeiro) **Os** que não estudam têm mais dificuldade. (**Aqueles** que não estudam...)

***Mesmo**: para alguns gramáticos, só deve ser usado para acompanhar o substantivo,

A mesma **pessoa**... (subst.) O **assunto** mesmo... (subst.)

e não para substituir o substantivo, como em:

Encontrei a **chave**. A ~~mesma~~ estava enferrujada. Limei a ~~mesma~~.

Pronomes relativos

São os pronomes que substituem os nomes que os antecedem na frase, evitando que seja repetida uma palavra da oração anterior.

Observe os modelos:

– Comprei o livro. Você recomendou **o livro**.
  Comprei o livro **que** você recomendou.

– Voltei à cidade. Nasci **nessa cidade**.
  Voltei à cidade **onde** nasci.

– O escritor escondeu-se. A obra **desse escritor** foi condenada.
  O escritor **cuja** obra foi condenada escondeu-se.

Considere o quadro abaixo para o uso correto dos pronomes relativos.

COISA	PESSOA	LUGAR	POSSE	QUANTIDADE
que o qual	que quem o qual	onde em que	cujo	quanto

Prática

■ Construa períodos compostos com o uso dos pronomes relativos adequados.

87. Desta vez serei eu. Eu decidirei meu futuro.

_____

88. O crítico elogiou o filme. Paulo Autran participou do filme.

_____

89. O autor vive na clandestinidade. A obra desse autor foi condenada.

_____

90. Passaram as férias na praia. Eles se conheceram nessa praia.

_____

91. As tribos foram dizimadas por doenças. As tribos tiveram contato com a civilização.

_____

Observe as construções.

A menina **que** chegou primeiro foi premiada.
(a menina)

A menina de **quem** eu gosto foi premiada.
de (a menina)

A menina com **quem** eu falei foi premiada.
com (a menina)

A menina contra **a qual** eu lutei foi premiada.

contra (a menina)

A **menina** **cujo** filho esteve aqui foi premiada.

de (a menina)

Prática

O rapaz **ORAÇÃO 2** sagrou-se campeão.

■ Escreva, no lugar da oração 2, as seguintes ideias, usando adequadamente os pronomes relativos **que**, **quem** ou **cujo**.

92. Eu vi o rapaz.
O rapaz _____ sagrou-se campeão.

93. Eu falei do rapaz.
O rapaz _____ sagrou-se campeão.

94. Eu procurava pelo rapaz.
O rapaz _____ sagrou-se campeão.

95. Eu pensava no rapaz.
O rapaz _____ sagrou-se campeão.

96. Eu conheço o filho do rapaz.
O rapaz _____ sagrou-se campeão.

Pronomes Relativos e Ambiguidade

Observe:

Chegou a mãe do rapaz **a quem** devemos agradecer.
– A quem devemos agradecer? Ao rapaz ou à mãe dele?

Os primos da Ester, **de quem** Paulo nos falou, acabaram de telefonar.
– Paulo nos falou de quem? Da Ester ou dos primos dela?

Prática:

■ Reescreva, a seguir, duas vezes cada frase ambígua, uma para cada sentido, substituindo os relativos **que** e **quem** por **o qual** e suas variantes (a qual, os quais, as quais).

Chegou a mãe do rapaz que encontramos no cinema.

97. Chegou a mãe do rapaz _____ encontramos no cinema.
98. Chegou a mãe do rapaz _____ encontramos no cinema.

Este é o quarto da casa com que Julieta sonha.

99. Este é o quarto da casa _____.
100. Este é o quarto da casa _____.

A filha de Paulo, que fugiu ontem, está sem paradeiro definido.

101. A filha de Paulo, _____, está sem paradeiro definido.
102. A filha de Paulo, _____, está sem paradeiro definido.

Pronomes interrogativos

Os pronomes interrogativos aparecem nas orações interrogativas diretas e indiretas. São eles: **que**, **quem**, **qual**, **quanto**.

Prática

Interrogativa indireta: Quero saber **quem** viu o acidente.
Interrogativa direta: Quem viu o acidente?

103. Interrogativa indireta: Você não me disse **qual** o seu nome.
Interrogativa direta: _____

104. Interrogativa indireta: Indagaram **quem** os apoiaria.
Interrogativa direta: _____

105. Interrogativa indireta: A cozinheira quer saber **quantos** virão para o jantar.
Interrogativa direta: _____

106. Interrogativa indireta: Pergunto o **que** procuras aqui.
Interrogativa direta: _____

Pronomes possessivos

Pronomes possessivos referem-se às pessoas do discurso, indicando-as como possuidoras, responsáveis ou autoras de algo.

Prática

■ Faça a correspondência, segundo a ideia da palavra destacada.

107. ( ) **Minha** casa é grande.
108. ( ) Já devolveram **teus** livros?
109. ( ) Essa é a **sua** opinião.
110. ( ) Preparamos o **nosso** futuro.

(a) o possuidor é a 1ª pessoa do singular
(b) o possuidor é a 1ª pessoa do plural
(c) o possuidor ou autor é a 2ª pessoa do singular
(d) o possuidor ou responsável é a 3ª pessoa do singular

Observe os casos abaixo.
A moça pisou o **meu** pé. = pisou-**me** o pé.
Eu penteava os **seus** cabelos. = penteava-**lhe** os cabelos.
Eu deveria puxar as **tuas** orelhas. = puxar-**te** as orelhas.

O papel de pronome possessivo pode ser exercido pelos **pronomes oblíquos átonos**.

Prática

■ Ele beijou a **minha** mão. / Ele beijou-**me** a mão.

111. Rasgaram a **minha** roupa. / _____

112. Confiscaram os **seus** bens. / _____

113. Isso roubou a **nossa** vontade. / _____

■ Os possessivos podem ter outros significados. Estabeleça a correspondência adequada.

114. ( ) Manuela beirava **seus** setenta anos.
115. ( ) Ela está num dos **seus** dias. Deixe-a quieta.
116. ( ) Ele não podia envergonhar **os seus**, nem eu podia trair **os meus**.

a) Parentes, companheiros, compatriotas
b) Cálculo aproximado
c) Situação habitual

117. ( ) **Meu** caro Antônio.
118. ( ) Pode falar, **meu** general.

d) Deferência, respeito, polidez
e) Intimidade

Pronomes indefinidos

Pronomes indefinidos referem-se à terceira pessoa do discurso, de modo vago, impreciso.

Exemplos: Alguém testemunhou o acidente.

Empregados no lugar de um nome que não se pode, ou não se quer definir.

A criança quer algo.

São **pronomes indefinidos**:

INVARIÁVEIS	VARIÁVEIS	
quem	algum(a)(s)	nenhum(a)(s)
alguém	muito(a)(s)	pouco(a)(s)
ninguém	outro(a)(s)	vário(a)(s)
algo	certo(a)(s)	tanto(a)(s)
tudo	quanto(a)(s)	todo(a)(s)
nada	qualquer (quaisquer)	
cada		
outrem		

■ Sublinhe os pronomes indefinidos.

119. Quem tudo quer, tudo perde.
120. Alguns alunos acertaram várias questões.
121. Muitas crianças comem pouco.
122. Certas pessoas não falam certo.
123. Cada pessoa sabe de quanto precisa.

Locução Pronominal Indefinida

Locução pronominal indefinida é o conjunto com mais de uma palavra, funcionando como um pronome indefinido.

Prática

■ Sublinhe, a seguir, as locuções pronominais indefinidas:

124. Cada qual com seu rival.
125. Quem quer que faça isso, merecerá o apoio de cada um.
126. Pedirei desculpas a seja quem for.
127. A gente fala tanto sem pensar, que todo mundo ri antes de a gente terminar.

Prática Geral

128. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) O pronome pessoal está empregado **incorretamente** em
   a) Não consegui entendê-lo naquela confusão.
   b) É para mim fiscalizar aqueles volumes.
   c) Tudo ficou esclarecido entre mim e ti.
   d) Por favor, mande-o entrar e sentar-se.
   e) Fizeram-no esperar demais hoje.

129. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Com relação aos pronomes destacados em "ao prestar-**nos** as informações" e "ficando responsabilizado pelo que **nos** adiantar", é **incorreto** afirmar que
   a) ambos são pronomes pessoais subjetivos.
   b) ambos são formas pronominais átonas.
   c) ambos desempenham a função sintática de objeto indireto.
   d) ambos podem ser substituídos, sem alterar semanticamente a frase, por "a nós".
   e) ambos estão vinculados à mesma pessoa do discurso.

130. (PRF/N.M./ANP) A forma destacada que deve ser **evitada** é
   a) Conversou muito **com nós**.
   b) Jogaram bola **comigo**.
   c) Pensamos muito **em ti**.
   d) Meu irmão já sabe cuidar **de si**.

131. (ITA/Vest.) Qual das opções substitui corretamente as palavras destacadas?
   1. Foi-lhes fácil **fazer os exercícios**.
   2. Não obstante seja parco de recursos, **mantém as aparências**.
   3. **Expões as ideias** com lucidez.
   4. **Faz os deveres** rapidamente.
   5. Se não pretendes gastar, **põe o dinheiro** na poupança.

   a) fazerem-nos / mantenha-os / Expô-las / Fá-los-á / ponha-o.
   b) fazerem-nos / mantém-as / Expõe-nas / Faze-os / põe-lo.
   c) fazê-los / mantém-las / Expõe-as / Faça-os / põe-no.
   d) fazê-los / mantém-nas / Expõe-las / Fá-los / põe-no.
   e) fazer-los / mantém-nas / Expõe-nas / Faze-os / põe-lo.

132. (BRB/N.M./IDR) Assinale a alternativa em que os pronomes pessoais estão **corretamente** empregados.
a) Tentou, mais uma vez, remetendo o documento para mim, acabar com o clima hostil entre nós.
b) O rapaz confirmou que entregou para tu o comprovante de depósito.
c) Mandei ele aguardar até que o gerente chegasse para atendê-lhe.
d) Hoje à tarde vou encontrar ela para fecharmos o negócio.

133. (BRB/N.M./IDR) Indique a sentença em que todas as formas pronominais estão **corretas**.
a) Vossa Senhoria tem justos motivos para preocupar-se com os débitos de vossa esposa.
b) Sua Excelência sinta-se à vontade para propor-nos os termos do contrato.
c) Vossa Excelência pode viajar tranquilo, que cuidaremos de seus investimentos.
d) O chefe mandou você avisar ao assessor do Sr. Ministro que a bagagem de Vossa Excelência já foi despachada.

134. (ALCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **correta**.
a) Refiro-me ao estudo de cujo o autor não se conhece a nacionalidade.
b) Dessas questões não se tratou, as quais merecem exame acurado.
c) Esse é o escritor de que todos admiramos as obras que foram feitas as melhores referências.
d) Apenas as pessoas que concernem essas palavras devem sentir o peso de tanta indignação.

135. (ATCL-DF/N.S./IDR) De acordo com a práxis consagrada do uso dos pronomes de tratamento, assinale a alternativa **correta**.
a) Pela presente, enviamos a V. Sª a relação de seus débitos e solicitamos-lhe a gentileza de saldá-los com urgência. (correspondência comercial)
b) Vossa Alteza Real, o Príncipe de Gales, virá ao Brasil para participar da ECO-92. (nota de jornal)
c) Sua Santidade pode ter a certeza de que sua presença entre nós é motivo de júbilo e de místico fervor. (discurso pronunciado em recepcão diplomática ao Sumo Pontífice)
d) Solicito a V. Exª dignar-vos aceitar as homenagens devidas, por justiça, a quem tanto engrandeceu a pátria. (ofício dirigido a Ministro do Supremo Tribunal)

136. (ATCL-DF/N.S./IDR) Marque a opção em que houve substituição **incorreta** do termo destacado.
a) Daria **a eles** uma resposta adequada.
Dar-lhes-ia uma resposta adequada.
b) Enviamos o presente **a nossos amigos**.
Enviamos-lhes o presente.
c) Mandamos **as crianças** saírem.
Mandamos-as saírem.
d) Não pediria **isso a você** em hipótese alguma.
Não lho pediria em hipótese alguma.

137. (ATCL-DF/N.S./IDR) Se, em "... milhares de jovens e adultos que precisam frequentar, movidos pela sobrevivência, **um posto de trabalho** ou que estão impossibilitados de abandonar **suas comunidades**...", tivéssemos que substituir os segmentos destacados por pronomes, o fragmento ficaria assim redigido:
a) ... milhares de jovens e adultos que, movidos pela sobrevivência, precisam frequentá-la ou que estão impossibilitados de abandoná-las...
b) ... milhares de jovens e adultos que, movidos pela sobrevivência, precisam frequentá-lo ou que estão impossibilitados de abandoná-las...
c) ... milhares de jovens e adultos que, movidos pela sobrevivência, precisam frequentá-lo ou que estão impossibilitados de abandoná-la....
d) ... milhares de jovens e adultos que, movidos pela sobrevivência, precisam frequentá-la ou que estão impossibilitados de abandoná-la...

138. (Ag. Adm./TRT/N.M./ACCESS) Ela conhecera o poeta, _____ versos gostava e _____ estava apaixonada, na cidade _____ nascera.
As lacunas da frase acima são completadas, respectivamente, por:
a) dos quais / por quem / que.
b) de quem / por que / onde.
c) por cujos / com quem / em que.
d) de cujos / por quem / onde.
e) os quais / pelo qual / em que.

139. (AFRE-SP/N.S./92) Todos _____, Senhor Diretor, que Vossa Senhoria _____ bastante _____.
a) crêem / será / compreensivo.
b) creem / sereis / compreensiva.
c) crêm / sereis / compreensiva.
d) creem / será / compreensivo.

140. Assinale a frase que apresenta pronome pessoal oblíquo no **feminino plural**.
a) Ela apodrece ao contato com a terra.
b) Algumas gralhas morrem, outras esquecem onde enterraram os pinhões.
c) Hoje se sabe que é obra de um pássaro.
d) Durante muito tempo, não se soube explicar o fato.
e) As espingardas explodem quando eles as apontam para as gralhas azuis.

141. As formas de tratamento usadas para **cardeais** e **príncipes** são, respectivamente,
a) Alteza e Excelência.
b) Majestade e Eminência.
c) Eminência e Alteza.
d) Senhoria e Excelência.
e) Santidade e Senhoria.

142. Assinale a alternativa cuja palavra destacada é **pronome de tratamento**.
a) Oficialmente não é lugar onde **se** more.
b) A ponte é de **todos**.
c) **V. Sª** não come carne?
d) Vinha trazer-**lhe** carne.
e) **Esta** carne não está boa.

143. Na frase: "Ninguém **a** jogou ao solo", a palavra destacada é
a) substantivo.
b) pronome pessoal oblíquo.
c) preposição.
d) artigo definido.
e) pronome demonstrativo.

144. Há **erro** no emprego do pronome demonstrativo na frase:
a) Esta mesa não é nova.
b) Esse livro, aí, é muito interessante.
c) Esse papel, aqui, não serve para isso.
d) Vi aquele filme tão comentado.
e) Ouça isto: fortes chuvas deverão cair nesta tarde.

145. Assinale a alternativa que apresenta o emprego **correto** do pronome de tratamento.
a) Senhor Ministro, apresento a V. Sª a relação dos aprovados.
b) Ilustríssimo Senhor Diretor, solicitamos a V. Exª o empréstimo de microfones.
c) Sua Excelência, o chefe da seção, autorizou minha liberação.
d) Sua Alteza, a rainha da Inglaterra, compareceu à cerimônia.
e) Senhor Coordenador, é do conhecimento de V. Sª a reivindicação do pessoal.

146. Assinale a frase que se completaria com o pronome **eu**.
a) O mestre deixou os desenhos para ___ fazer.
b) ___ poderá ensaiar o desenho total da figura humana.
c) O mestre ficou entre ___ e o modelo.
d) Entre ___ e ele, você deverá escolher com quem fará o trabalho.
e) Você será atendido depois de ___.

147. A palavra **que**, no período "Os truques, que desempenham papel fundamental na realização rítmica, são de três espécies (...)" é
a) conjunção.
b) preposição.
c) pronome relativo.
d) interjeição.
e) pronome indefinido.

148. Complete as lacunas do texto abaixo e, em seguida, assinale a alternativa correspondente.
"Tenho a honra de apresentar a V. Sª a servidora MARESIA FLUTUANTE, _____ Departamento, que, em atenção ao seu ofício nº 302, de 18 de maio corrente, foi colocada à disposição _____ órgão, sem prejuízo de _____ vencimento".
a) desse / deste / teu.
b) deste / desse / seu.
c) do / deste / vosso.
d) daquele / do / teu.
e) desse / deste / meu.

149. Na frase "S. S. visitou vários países", o pronome de tratamento refere-se
a) a um sacerdote.
b) a um rei.
c) a um príncipe.
d) ao papa.
e) a um governante.

■ Use os **pronomes demonstrativos** adequados a cada caso.

150. Ser indicado para o prêmio Nobel. Por _____ ele não esperava.
151. Por _____ ele não esperava: ser indicado para o prêmio Nobel.
152. O mundo se moderniza. Num tempo como _____, é preciso estar preparado.
153. _____ livros são muito pesados. Vou largá-los aqui mesmo.
154. Brasília e Goiânia foram cidades planejadas. No entanto _____ cidades apresentam os mesmos problemas de outras capitais.
155. O problema parece ser _____: a certeza da impunidade.
156. Não houve acordo entre patrões e empregados; _____ não estavam dispostos a pagar o que _____ exigiam.
157. Deixe-me ver _____ livro que você está lendo.

■ Preencha as lacunas com os demonstrativos adequados (**este**, **esse**, **aquele** e suas variáveis).

158. Graciliano Ramos e Gilberto Gil representam épocas distintas. _____ se enquadra no regionalismo nordestino dos anos trinta, _____ pertence à atualidade.
159. As Guerras Púnicas e a Guerra das Malvinas chamaram a atenção do mundo. _____ recentemente; _____ antigamente.
160. Há três anéis. Um na minha mão, outro na sua, Maria; o terceiro está na mão da Daniela. _____ (o da Daniela) é de ouro; _____ (meu) é de prata; _____ (o que está na sua mão) é de platina.
161. Júlia e Ernesto foram ao cinema. _____ (Ernesto) saiu desiludido, enquanto _____ (Júlia) ficou maravilhada.

■ Assinale **C** ou **E**.

162. ( ) Olha, José. Preciso falar consigo.
163. ( ) Atenção, meu amigo. Tenho que conversar consigo.
164. ( ) Olha, José. Quero falar contigo.
165. ( ) Olhe, José. Quero falar contigo.
166. ( ) Olhe, José. Quero falar com você.
167. ( ) Venha, meu caro. Quero abraçar-te.
168. ( ) Venha, meu caro. Quero abraçá-lo.
169. ( ) Vem, meu caro. Quero abraçar-te.

■ Ofício de uma escola para a Secretaria de Fazenda – Use o demonstrativo **correto**.

170. Informamos que _____ Secretaria foi avisada do que ocorreu _____ escola, em fax da semana passada.

Numeral

DEFINIÇÃO E CLASSIFICAÇÃO

Prática

Assinale **C** ou **E**.

1. ( ) Numeral, palavra que tem como referente um número.
2. ( ) Numeral cardinal denota quantidade: um, dez, cem...
3. ( ) Numeral ordinal denota quantidade.
4. ( ) Numeral ordinal denota ordem, posição numa sequência: primeiro, décimo...
5. ( ) Numeral multiplicativo indica multiplicação: dobro, quíntuplo...
6. ( ) Numeral fracionário indica parte ou fração: meio, terço, onze avos...

Conclusão:

Numeral é a palavra que se refere a número.
Classificam-se os numerais em: cardinais, ordinais, multiplicativos e fracionários.

PAPEL DOS NUMERAIS

Numeral substantivo e *numeral adjetivo*

Quando o numeral é usado com o **papel de substituir o substantivo**, chama-se **numeral substantivo**.

Havia muitas camisas. Comprei **cinco** (camisas).

Quando o numeral é usado com o **papel de acompanhar o substantivo**, chama-se **numeral adjetivo**.

Escolhi **dois** sapatos.

EMPREGO DOS NUMERAIS

Escreva na coluna adequada os ordinais, multiplicativos e fracionários.

	Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
7.	um		_____	_____
8.	dois			
9.	três			
10.	quatro			
11.	cinco			
12.	seis			
13.	sete			
14.	oito			
15.	nove			
16.	dez			
17.	onze			
18.	doze			
19.	treze		_____	
20.	catorze		_____	
21.	quinze		_____	
22.	dezesseis		_____	
23.	dezessete		_____	
24.	dezoito		_____	
25.	dezenove		_____	
26.	vinte		_____	*
27.	trinta		_____	*
28.	quarenta		_____	*
29.	cinquenta		_____	*
30.	sessenta		_____	*
31.	setenta		_____	*
32.	oitenta		_____	*
33.	noventa		_____	*
34.	cem			*
35.	duzentos		_____	*
36.	trezentos		_____	*
37.	quatrocentos		_____	*
38.	quinhentos		_____	*
39.	seiscentos		_____	*
40.	setecentos		_____	*
41.	oitocentos		_____	*
42.	novecentos		_____	*
43.	mil		_____	*
44.	milhão		_____	*
45.	bilhão		_____	*
46.	trilhão		_____	*

Observação:

Os fracionários que no quadro da página anterior têm asterisco (*) devem usar a forma igual à dos ordinais quando são múltiplos exatos de 10 ou 100: **vigésimo**, **trigésimo**, **centésimo**, **quingentésimo**...
Se não são múltiplos exatos de 10 ou 100, usam a forma igual à dos cardinais seguida da expressão **avos**: **vinte e três avos**, **cento e cinco avos**, **quinhentos e quatro avos**...

Prática

■ Assinale **C** ou **E** para os ordinais correspondentes aos seguintes números:

47. ( ) 1886 – Ele chegou no milésimo octingentésimo octagésimo sexto lugar.
48. ( ) 999 – Ela ocupava a noningentésima nonagésima nona cadeira.
49. ( ) 777 – Ele foi o setingentésimo setuagésimo sétimo a entrar.
50. ( ) 444 – Ela comprou o quatringentésimo quadragésimo quarto bilhete.

■ Assinale **C** ou **E**.

51. ( ) Octagésimo é variante de octogésimo.
52. ( ) Quatorze é variante de catorze.
53. ( ) Quatorzeno e terzeno são variantes pouco usadas de décimo quarto e décimo terceiro.
54. ( ) Novena, dezena, década, dúzia, trezena, quinzena, vintena, centena, cento, lustro, milhar, milheiro, par,... funcionam como substantivos coletivos, mas, por denotarem quantidade exata de seres, são também chamados de numerais coletivos.
55. ( ) Os numerais coletivos são invariáveis.

Para responder às questões de 56 a 59, observe este quadro:

3		3	.	2		2		4	.	1		2		3
														três
												vinte	**e**	três
										cento	**e**	vinte	**e**	três
								quatro mil	,	cento	**e**	vinte	**e**	três
						vinte	**e**	quatro mil	,	cento	**e**	vinte	**e**	três
				duzentos	**e**	vinte	**e**	quatro mil	,	cento	**e**	vinte	**e**	três
trinta	**e**	três milhões	,	duzentos	**e**	vinte	**e**	quatro mil	,	cento	**e**	vinte	**e**	três
dezena de milhão		unidade de milhão		centena de milhar		dezena de milhar		unidade de milhar		centena		dezena		unidade

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

56. ( ) Centenas, dezenas e unidades separam-se com **e**.
57. ( ) Milhares, milhões, bilhões separam-se com vírgula.
58. ( ) Ponto no número transforma-se em vírgula no numeral.
59. ( ) Usa-se a conjunção **e** para separar as centenas das dezenas; as dezenas das unidades; as unidades dos decimais...

■ Escreva por extenso.

60. 24.132.436 _____
_____

61. 22.333.432.123 _____
_____
_____

Atenção:

1.001 mil **e** um
1.200 mil **e** duzentos
8.096 oito mil **e** noventa e seis.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

62. ( ) Quando a última centena começa com zero, a vírgula que se seguiria ao milhar é substituída por **e**.
63. ( ) Quando a última centena termina com dois zeros, a vírgula que se seguiria ao milhar é substituída por **e**.

■ Escreva os numerais correspondentes aos seguintes algarismos.

64. 9.056 _____
65. 9.006 _____
66. 9.156 _____
67. 9.320 _____
68. 9.300 _____

■ Escreva nos espaços os fracionários dos algarismos que estão entre parênteses.

69. Ela comprou (1/3) _____ da fazenda.
70. Ela comprou (2/3) _____ da fazenda.
71. Ela comprou (5/8) _____ da fazenda.
72. Ela comprou (1/8) _____ da fazenda.
73. Ela comprou (3/11) _____ da fazenda.

74. Ela comprou (1/20) _____ da fazenda.
75. Ela comprou (7/30) _____ da fazenda.
76. Ela comprou (4/33) _____ da fazenda.
77. Ela comprou (11/200) _____ da fazenda.
78. Ela comprou (13/220) _____ da fazenda.

■ Quanto à flexão dos numerais, assinale **C** ou **E**.

79. ( ) Variam em gênero: **um**, **dois**, **três**.
80. ( ) Variam em gênero: **um**, **dois** e as centenas de duzentos em diante.
81. ( ) Variam em gênero as dezenas.
82. ( ) Os ordinais variam em gênero e número, normalmente.
83. ( ) **terçã** e **quartã** (formas em desuso) só variam em número (singular e plural).
84. ( ) Os ordinais variam em gênero e número.
85. ( ) Os cardinais terminados em **-lhão** admitem plural.
86. ( ) **bilhão** tem como variante **bilião**.
87. ( ) **milhão** tem como variante **milião**.
88. ( ) **trilhão** tem como variante **trilião**.
89. ( ) Em abril, chuvas **mil**. A expressão em destaque deixa de ser numeral para ser indefinida.

Atenção:

No *Manual de Redação da Presidência da República*, há as seguintes recomendações:

– "Os numerais devem ser escritos por extenso quando constituírem uma única palavra ('quinze'; 'trezentos'; 'mil' etc.); quando constituírem mais de uma, devem ser grafados em algarismos ('25', '142' etc.)";

– "Os numerais que indiquem porcentagem seguem a mesma regra: a expressão 'por cento' será grafada por extenso se o numeral constituir uma única palavra ('**quinze** por cento', '**cem** por cento'), e na forma numérica seguida do símbolo '%' se o numeral constituir mais de uma palavra ('142%', '57%' etc.)";

– "Valores monetários devem ser expressos em algarismos seguidos da indicação, por extenso, entre parênteses: R$1.000.000,00 (um milhão de reais). Se o valor a ser mencionado estiver localizado no final de uma linha, não o separe; coloque o cifrão em uma linha e os algarismos na seguinte"; (texto adaptado)

– "Nas datas, o mês deve ser grafado por extenso, e o dia, sem o algarismo **0** à esquerda: '3 de setembro de 2006' e não '03 de setembro de 2006' ". (texto adaptado)

Designando papas, soberanos, séculos, partes de uma obra, usam-se os **ordinais** até **décimo**; daí em diante, **os cardinais**. Porém, se o numeral antecede o substantivo, emprega-se o ordinal: **vigésimo** século, **décimo sexto** capítulo, **décimo primeiro** canto.

Prática

■ Escreva como devem ser lidos os numerais correspondentes aos algarismos romanos.

90. Pio XI _____
91. Pedro II _____
92. Canto VI _____
93. Século XX _____
94. Século X _____
95. Capítulo X _____
96. Capítulo XI _____
97. Pio X _____
98. Canto XI _____

Na numeração de artigos de leis, decretos e portarias, usa-se o **ordinal** até **nono**; daí em diante, os **cardinais**.

Prática

■ Continue.

99. Art. (1) _____
100. Art. (9) _____
101. Art. (10) _____
102. Art. (25) _____

Na referência aos dias do mês, usam-se os cardinais, exceto para o **primeiro**.

Prática

■ Continue.

103. ...no dia (1) _____ de maio...
104. ...no dia (2) _____ de fevereiro...
105. ...no dia (25) _____ de junho...
106. ...no dia (31) _____ de janeiro...

Com referência a páginas e folhas, a apartamentos, quartos de hotelaria, cabines de navio, poltronas de casas de espetáculo, veículos de transporte... usam-se os cardinais. Porém, se o numeral vier anteposto, usa-se o ordinal: terceira poltrona, oitava cabine, vigésima folha.

Prática

■ Continue.

107. Casa (1) _____
108. Folha (1) _____
109. Quarto (1) _____
110. Apartamento (1) _____
111. Cabine (1) _____
112. Folha (2) _____
113. Cabine (9) _____
114. Casa (22) _____
115. Quarto (10) _____

■ Continue.

116. Ela hoje completa o (1757) _____ _____ ano de existência.
117. Eu cheguei em (486) _____ _____ lugar.
118. R$ 8.723.846.123,35 (_____ _____)
119. Comprei (5/200) _____ daquela área.
120. Ele vendeu (18%) _____ de suas ações.

■ Assinale **C** ou **E**.

121. ( ) O novo sócio adquiriu mil trezentos e vinte e duas cotas.
122. ( ) Gênova, 05 de outubro de 1999.
123. ( ) Nem um de vocês conseguiu alcançar a meta?
124. ( ) Nenhum de vocês conseguiu alcançar a meta?
125. ( ) Comprei um dez avos da boiada.
126. ( ) Ocorria isso por volta do século dez depois de Cristo.
127. ( ) Para que andar o senhor vai? — Para o dezoito andar.
128. ( ) Estamos aqui na quarenta e dois DP.
129. ( ) Aos dezenove dias do mês de fevereiro do ano de mil novecentos e quarenta e dois...

■ Responda.

130. Se as frases 123 e 124 estão certas, há diferença de sentido entre elas?
Resp.: _____

O e UM: artigo, pronome, ou numeral?

Artigos só existem dois: o definido **o** (a, os, as) e o indefinido **um** (uma, uns, umas).

O (artigo definido, ou pronome)

Como o artigo só existe antes de um substantivo, toda vez que **o** (a, os, as) não anteceder um substantivo, será pronome.

Exemplos de artigo definido, com os seus substantivos sublinhados:
O bom menino sonhava com ***a*** muitas vezes amada Julieta...
Os quatro irmãos analisavam ***as*** oportunidades...

Exemplos de pronomes:
Chamei-***o(s)***, mas não sei ***o*** que queres com eles.
As moças vieram, exceto ***as*** que não foram convidadas.

UM (artigo indefinido, ou pronome indefinido, ou numeral)

Toda vez que o indefinido **um** (uma, uns, umas) não anteceder um substantivo, será pronome:

Exemplos de artigo indefinido, com os seus substantivos sublinhados:
Era ***uma*** vez ***um*** calmo estudante que achou ***umas*** pérolas barrocas e ***uns*** interessantes gravetos.

Exemplos de pronome indefinido:
Ei! meninos, quero ***um*** que me ajude...
Havia ***várias*** meninas, ***umas*** alegres, ***outras*** tristes...
Uns acreditam, ***outros***, não.

Quando **um** (uma, uns, umas) não for indefinido, dará ideia de número preciso, então não pode ser artigo ou pronome indefinido, mas numeral.

Exemplos de numeral:
Quero só ***um*** exemplo.
Das três moças, ***uma*** se retirou.

Atenção:

O numeral **um** não tem plural. Sempre **uns** é indefinido.

Verbo

DEFINIÇÃO PROVISÓRIA

Observe as palavras em negrito:

Nós **confiamos** no presente.
Ele **chegou** à fazenda de madrugada.
Elas **estão** felizes.
Choverá muito à noite.

Prática

Assinale **C** ou **E** para as afirmações acerca das palavras em negrito.

1. ( ) São variáveis em **tempo**.
2. ( ) São **invariáveis**.
3. ( ) Variam em **gênero** (masculino/feminino).
4. ( ) Variam em **número** (singular/plural).
5. ( ) Variam em **pessoa** (1ª/2ª/3ª).
6. ( ) **Chegou** traduz ideia de ação.
7. ( ) **Estão** indica fenômeno da natureza.
8. ( ) **Estão** traduz ação.
9. ( ) **Choverá** traduz fenômeno da natureza.
10. ( ) **Estão** traduz ideia de estado.

Verbo é a palavra, variável em tempo, que exprime **ideia de ação**, **estado ou fenômeno**.

ESTRUTURA DOS VERBOS – CONJUGAÇÕES

	TEMA		
	RADICAL	VOGAL TEMÁTICA	DESINÊNCIA
1ª conj.	am	a	r
2ª conj.	vend	e	r
3ª conj.	part	i	r

Prática

■ Assinale **C** ou **E** para certo ou errado.

11. ( ) O **radical** contém a base da significação.
12. ( ) A vogal temática determina a **conjugação** (1ª, 2ª, 3ª).
13. ( ) Para achar-se o radical, tira-se **-ar**, **-er**, **-ir** do infinitivo dos verbos regulares.
14. ( ) Radical + vogal temática = **tema**.
15. ( ) Nos verbos regulares, tirando-se o **r** do infinitivo obtém-se o tema.
16. ( ) O verbo **pôr** pertence à quarta conjugação.
17. ( ) O verbo **pôr** é uma anomalia da segunda conjugação. Antigamente era **poer**, por isso a existência de palavras como **poedeira**, **poente**.

NÚMEROS E PESSOAS VERBAIS – DESINÊNCIAS

PESSOA	NÚMERO	
	SINGULAR	PLURAL
1ª	eu FAL**O**	nós FALA**MOS**
2ª	tu FALA**S**	vós FALA**IS**
3ª	ele FALA Ø	eles FALA**M**

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

18. ( ) A parte do verbo assinalada em **negrito** indica se o verbo está no singular ou plural (**número**).
19. ( ) Indica também se o verbo está conjugado na 1ª, 2ª ou 3ª **pessoa**.
20. ( ) Por isso se chama **desinência número-pessoal**.
21. ( ) Na terceira pessoa do singular, nesse tempo, a desinência número-pessoal é Ø.

O verbo varia em número (singular e plural) e pessoa (primeira, segunda, terceira). O que indica essas variações são as desinências.

Quadro de desinências número-pessoais

		INDICATIVO		
número	pessoa	presente	pretérito perfeito	futuro do presente
singular	1ª	o	i	ei
	2ª	s	ste	ás
	3ª	∅	u	á
plural	1ª	mos	mos	-emos
	2ª	is/des	stes	-eis
	3ª	m	ram	ão

■ Observe o quadro acima e responda **C** ou **E**.

22. ( ) Esse quadro se refere a três tempos do modo indicativo: presente, pretérito perfeito e futuro do presente.
23. ( ) Tais desinências se chamam número-pessoais, porque indicam a pessoa verbal e informam seu número (singular ou plural).
24. ( ) As desinências verbais **s** e **ás** (amas, amarás) indicam 2ª pessoa do plural.
25. ( ) As desinências verbais **s**, **ste** e **ás** indicam 2ª pessoa do singular.
26. ( ) As formas verbais terminadas em **m** e **ão** indicam 3ª pessoa do plural.

MODOS VERBAIS

Indicativo, subjuntivo, imperativo

Prática

■ Observe os sentidos dos verbos destacados e responda **C** ou **E**.

a) Juliana **chega** hoje à noite.
b) Espero que Juliana **chegue** hoje à noite.
c) **Chegue** cedo, Juliana!

27. ( ) Em *a*, o sentido é de afirmação, certeza, convicção.
28. ( ) Em *b*, o sentido é de possibilidade, dúvida.
29. ( ) O modo verbal que denota convicção, certeza, chama-se **indicativo**.
30. ( ) O modo verbal que denota dúvida, possibilidade, chama-se **imperativo**.
31. ( ) O modo verbal que denota possibilidade, dúvida, chama-se **subjuntivo**.
32. ( ) **Subjuntivo** (que se junta sob) permite concluir que normalmente se encontra em orações subordinadas.

33. ( ) Em *c*, dependendo da entonação, o verbo pode expressar um pedido, uma súplica ou uma ordem.
34. ( ) Em *c*, o verbo está no modo **imperativo**.

35. Correlacione corretamente as colunas quanto a sentido e modo verbais.

a) certeza	( ) indicativo
b) dúvida	( ) imperativo
c) ordem ou pedido	( ) subjuntivo

Subjuntivo não subordinado

O subjuntivo pode ser usado sozinho sem depender de outra oração.

Prática

36. Correlacione as colunas adequadamente.

a) subjuntivo em frase optativa*	( ) Talvez não se chegue a esse ponto.
b) subjuntivo expressando dúvida	( ) Deus a abençoe, minha filha.
	( ) Que a felicidade seja sempre sua companheira.

O verbo é variável também em modo. São três os modos verbais:
Modo Indicativo: exprime certeza, convicção;
Modo Subjuntivo: usado para orações subordinadas, para frases optativas, ou para expressar dúvida;
Modo Imperativo: denota pedido, súplica, ou imposição.

TEMPOS VERBAIS

Presente, pretérito e futuro

Antes			Agora	Depois
Pretérito	←		**Presente**	→ Futuro
perfeito amei			amo estou amando	amarei vou amar
imperfeito ...amava... ...estava amando...				
mais-que-perf.	←	→	fut. do pret.	
amara	←	→	amaria...	
tinha amado	←	→	ia amar...	

* *Vide*, em *Análise Sintática Visual*, Frase, Oração, Período: Frase quanto ao sentido.

Presente e pretérito (passado) do indicativo

Prática

a) Hoje me **sinto** bem neste local.
b) Quando me **mudei** para cá, **vim** a convite de minha tia, que **morava** aqui e **chegara** três anos antes.
c) Nem eu nem ela **sabíamos** que a minha vinda transformaria por completo a aparência do lugar em menos de um ano.

■ Assinale **C** ou **E**.

37. ( ) Em *a*, o verbo refere-se ao tempo presente, isto é, a ação acontece enquanto o emissor fala.
38. ( ) Em *b* e *c*, os verbos fazem referência ao tempo pretérito (passado), ou seja, as ações aconteceram antes do momento em que o emissor fala.
39. ( ) **morava** e **sabíamos** indicam que essas ações estavam em andamento dentro do passado (pretérito).
40. ( ) **mudei** e **vim** referem-se a ações passadas e concluídas.
41. ( ) *Perfectus*, em latim, significa "terminado", "concluído", "acabado".
42. ( ) Por isso, **mudei** e **vim** situam-se no **pretérito perfeito**.
43. ( ) Se "perfeito" significa "terminado", "concluído", "imperfeito" significa "em andamento", "não terminado".
44. ( ) **morava** e **sabíamos** situam-se, então, no **pretérito imperfeito**.

■ Atente agora para o verbo **chegara** em relação a **mudei** e **vim**.

45. ( ) **chegara** faz referência a uma ação já pretérita em relação a outro pretérito (**mudei** e **vim**).
46. ( ) Trata-se, então, de um pretérito anterior a um pretérito perfeito.
47. ( ) Por isso, **chegara** exemplifica o tempo verbal que se chama **pretérito mais-que--perfeito**, pois indica uma ação concluída antes de outra também já concluída.

■ Observe, ainda, **transformaria** em relação a **sabíamos**.

48. ( ) Nem um dos dois se encontra no pretérito.
49. ( ) Ambos situam-se no pretérito.
50. ( ) **transformaria** refere-se a um futuro dentro do pretérito.
51. ( ) A indicação de tempo de **transformaria** é exemplo do que se chama **futuro do pretérito**, porque denota uma ação futura dentro do passado.

Presente e futuro do presente do modo indicativo

Prática

a) Judite **gosta** de Gustavo e **quererá** ir com ele ao teatro.
b) Judite **está gostando** de Gustavo e **vai querer** ir com ele ao teatro.
c) Judite **gosta** de estudar.

■ Assinale **C** ou **E**.

52. ( ) Em *a*, **gosta** é um verbo flexionado no **presente**, porque denota um sentimento que acontece no **momento em que se fala**.
53. ( ) Em *a*, **quererá** é um verbo articulado no **futuro**, porque denota um sentimento, uma vontade que só vai acontecer **depois do momento em que se fala**.
54. ( ) Em *b*, **está gostando** é uma locução verbal no presente do indicativo, enquanto **vai querer** é uma locução verbal no futuro.
55. ( ) O presente do indicativo em **gosta**, **está gostando** transmite também uma ideia de ação contínua.

O verbo ainda varia em tempo:
Tempo presente: acontece quando se fala. Pode denotar ação momentânea ou contínua;
Tempo pretérito: aconteceu antes do momento em que se fala. Subdivide-se em **Pretérito perfeito**, **pretérito imperfeito**, **pretérito mais-que-perfeito** e **futuro do pretérito**;
Tempo futuro: acontecerá depois do momento em que se fala.

CORRELAÇÃO DE TEMPOS OU *CONSECUTIO TEMPORUM*

Atenção:

Futuro do pretérito pertence ao pretérito, como o nome sugere, por isso, relaciona-se bem com a oração subordinada no **pretérito** imperfeito do subjuntivo: **iria, se pudesse**.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, conforme convenha.

56. ( ) Se nós podemos, compraríamos.
57. ( ) Se vocês podem, comprarão.
58. ( ) Se eles quisessem, compraríam.

Já, o futuro do presente adéqua-se bem com o futuro do subjuntivo: **irei, se puder**.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, conforme convenha.

59. ( ) Se eles poderão, comprarão.
60. ( ) Quando eles podem, comprarão.
61. ( ) Quando eles puderem, comprarão.

A *consecutio temporum* (pronúncia: consecúcio têmporum), ou *correlação de tempos* da norma culta da Língua Portuguesa, acontece em outros tempos e modos.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, conforme convenha.

62. ( ) Todos ficamos absolutamente tranquilos porque eles tivessem chegado bem cedo.
63. ( ) Ninguém podia comentar, sequer em voz baixa, pois os outros podiam estar ouvindo.
64. ( ) Todos resolveram combinar a compra dos ingressos com antecedência, porque deveria esgotar-se logo a venda.
65. ( ) É muito possível, na opinião da maioria dos presentes, que Maria, embora sem convite, chega mais cedo.
66. ( ) Ela estaria certíssima se estivesse falado antes com o irmão.
67. ( ) Se me ouvisses, como todos te aconselharam, chegarias primeiro.
68. ( ) Se me ouves, não tenho a menor dúvida, chegas primeiro.
69. ( ) Se me tivesses ouvido, terias chegado primeiro.
70. ( ) Se me tivesses ouvido, chegaste primeiro.
71. ( ) Por me teres ouvido, chegaste primeiro.

■ Corrija a correlação de tempos, se necessário.

72. O pai aconselhou que o menino saía de casa.

_____

73. No dia em que não me sinta mais feliz, vou mudar de vida.

_____

74. No dia em que não me sentir mais feliz, vou mudar de vida.

_____

75. Todos os dias, chova ou faça sol, eu ia à cachoeira mais perto de casa.

_____

76. Pena era que os meninos estejam tão mal vestidos quando eu os visitei.

_____

77. Pena será se os meninos estejam mal vestidos quando eu os visitar.

_____

QUADRO DE DESINÊNCIAS MODO-TEMPORAIS E NÚMERO-PESSOAIS

Infinitivo impessoal	Gerúndio	Particípio
r	ndo	do/to/so

Número	Pessoa	Infinitivo Pessoal	Imperfeito do Indicativo	Imperfeito do Subjuntivo	Mais-q.-perf. do Indicativo	Futuro do Pretérito	Futuro do Subjuntivo
SING.	1ª	r	va ia	sse	ra	ia	r
	2ª	r es	va ia s	sse s	ra s	ia s	r es
	3ª	r	va ia	sse	ra	ia	r
PLUR.	1ª	r mos	va ia mos	sse mos	ra mos	ía mos	r mos
	2ª	r des	ve ie is	sse is	re is	íe is	r des
	3ª	r em	va ia m	sse m	ra m	ia m	r em

Prática

■ Observe as desinências no quadro anterior e responda **C** ou **E**.

78. ( ) **amado**, **coberto** e **aceso** são exemplos de particípio.
79. ( ) O particípio é variável em gênero (amada, coberta, acesa) e número (amados, cobertos, acesas).
80. ( ) A desinência **s**, no particípio, marca plural, como nos adjetivos: **belos**, **ricos**.
81. ( ) A terminação **s** sempre marca plural, tanto nos verbos, como nos nomes (substantivo, adjetivo...)
82. ( ) O gerúndio é variável em número e pessoa, porque é uma forma verbal.
83. ( ) O gerúndio é invariável em número e pessoa.
84. ( ) Existe um infinitivo variável em número e pessoa, e outro infinitivo invariável.
85. ( ) **Quando eu amar**... tem o verbo no infinitivo.
86. ( ) As formas verbais **amar**, **amardes** podem indicar infinitivo pessoal ou futuro do subjuntivo.
87. ( ) As formas verbais **quiser**, **quiserdes** podem indicar também infinitivo pessoal ou futuro do subjuntivo.
88. ( ) **Querer**, **quererdes** estão no infinitivo, assim como **quiser**, **quiserem** estão no futuro.
89. ( ) As desinências fixas **-r**, **-ndo**, **-va**, **-ia**, **-sse**, **-ra** indicam número (singular e plural) e pessoa (1ª, 2ª, 3ª).
90. ( ) As desinências fixas **-r**, **-ndo**, **-va**, **-ia**, **-sse**, **-ra** são modo-temporais, pois indicam modo e/ou tempo.
91. ( ) A desinência modo-temporal do imperfeito do indicativo pode ser **-va** (amá**va**mos) ou **-ia** (faz**ia**m).
92. ( ) Na 2ª pessoa do plural, o **-a** das desinências modo-temporais, por ser átono, transforma-se em **e** ao se juntar ao **i** da desinência número-pessoal **is**.
93. ( ) Amá**va**mos, amá**ve**is; puder**as**, pudé**re**is; pod**ia**m, pod**íe**is são exemplos que justificam a afirmação anterior.

VOZES VERBAIS

Veja esta cena:

Qualquer observador pode comunicar a ação que nela se passa. Se, inconscientemente, ele enfatiza a planta, possivelmente dirá:

— A **planta** está sendo regada pelo homem.

Se, contudo, ressalta o ser humano, provavelmente dirá:

— O **homem** está regando a planta.

O falante coloca como sujeito o que lhe parece ser mais importante, extrai-se daí que sujeito é posição de destaque psicológico. Quando se escolhe para sujeito o agente da ação, usa-se a **voz ativa** do verbo. Quando se emprega como sujeito o alvo ou paciente da ação, tem-se a **voz passiva**.

Prática

■ Compare estas cenas e responda:

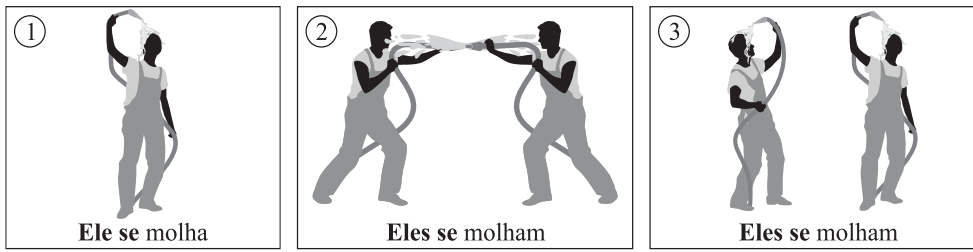

94. Em que cena(s) os pronomes **ele(s)** e **se** têm o mesmo referente, isto é, se referem ao mesmo indivíduo? Resp.: _____.
95. Em que cena(s) os pronomes **ele(s)** e **se** representam reciprocidade de ações, troca de ações? Resp.: _____.
96. Você classifica como **voz reflexiva recíproca** o verbo que se encontra na frase da cena número: _____.
97. Você denomina simplesmente **voz reflexiva** a do(s) verbo(s) que se encontra(m) na(s) cena(s) número: _____.
98. As frases 2 e 3 são iguais e ambíguas. Se dissermos "José e João se molham", ocorrerá novamente ambiguidade. Qual é o duplo sentido? Resp.: _____ _____.
99. Como se deve fazer para evitar ambiguidade com uso do verbo na voz reflexiva? Resp.: _____.

Observe os gráficos e assinale **C** ou **E** nos parênteses das afirmações a seguir.

Voz ativa

Sujeito só pratica a ação.

Voz passiva

Sujeito só recebe a ação.

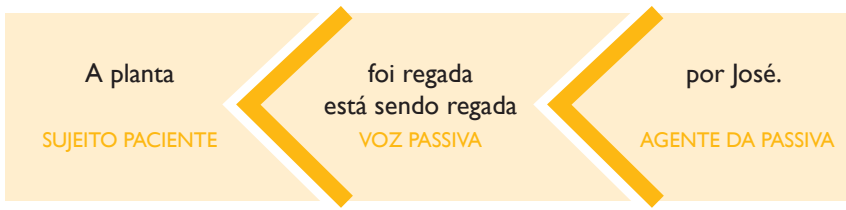

100. ( ) Voz ativa e passiva dizem exatamente a mesma coisa.
101. ( ) Voz ativa e passiva são visões diferentes de um mesmo fato.
102. ( ) Na voz ativa, o sujeito é agente da ação verbal.
103. ( ) Na voz passiva, o sujeito é paciente.
104. ( ) O verbo **ser** é usado como auxiliar da voz passiva.
105. ( ) Na passiva, o verbo **ser** assume o tempo e o modo do verbo principal da ativa.
106. ( ) O verbo principal da ativa, na passiva, vai para o particípio.

Voz passiva e passividade

Prática

■ Observe os exemplos de verbos destacados e responda **C** ou **E**.

Quando se fala em passividade, fala-se que o sujeito recebe e não pratica a ação verbal. Há, porém, verbos que denotam passividade mesmo na voz ativa:

I – Ele **recebeu** um presente.
II – Ele **doou** um presente.
III – Um presente **foi recebido** por ele.
IV – Um presente **foi doado** por ele.

107. ( ) Em I, o verbo denota passividade do sujeito.
108. ( ) Em II, o verbo denota atividade do sujeito.
109. ( ) Em III e IV, os sujeitos são pacientes e não agentes da ação verbal.
110. ( ) Os verbos de I, III e IV estão, portanto, na voz passiva.
111. ( ) Voz passiva não é a ideia de passividade, mas uma **forma** que o verbo assume.
112. ( ) O verbo assume a forma de voz passiva com a partícula apassivadora **se** ou com o auxiliar **ser**. (Alguns gramáticos aceitam também o verbo **estar** como auxiliar de voz passiva.)
113. ( ) Os verbos dos exemplos I e II estão na voz ativa, enquanto os das frases III e IV estão na voz passiva.

Voz passiva é uma **forma** verbal. Passividade é ideia. "Ele **recebeu** um presente" tem o verbo na forma ativa, embora traga ideia de passividade.

Voz passiva analítica

v. auxiliar + v. principal
ser no particípio

A casa **foi derrubada**.
ser + particípio

Voz passiva sintética

verbo + se *(apassivador)* **+ sujeito paciente**

Derrubou-se a casa.
sujeito paciente
apassivador

Voz reflexiva

Sujeito agente e objeto paciente representam a mesma pessoa.

José	feriu	-se.
SUJEITO AGENTE	VOZ REFLEXIVA	OBJETO PACIENTE

se representa José.

Voz reflexiva recíproca ou apenas recíproca

O sujeito representa dois ou mais seres que trocam ação entre si, por isso o verbo tem de estar no plural.

José e Daniela se beijaram.
Eles se beijaram.

O verbo tem capacidade de variar em voz:
Voz Ativa: o sujeito pratica a ação verbal;
Voz Passiva: o sujeito sofre a ação verbal;
Voz Reflexiva: o sujeito e o alvo da ação são o mesmo ser;
Voz Recíproca: há troca de ação entre dois ou mais seres.

Mudança de voz

Na mudança de voz, só se alteram o sujeito, o verbo e o objeto direto. Sublinhe-os e trabalhe só com eles. Todos os outros termos permanecem inalterados.

Passagem da ativa para a passiva analítica

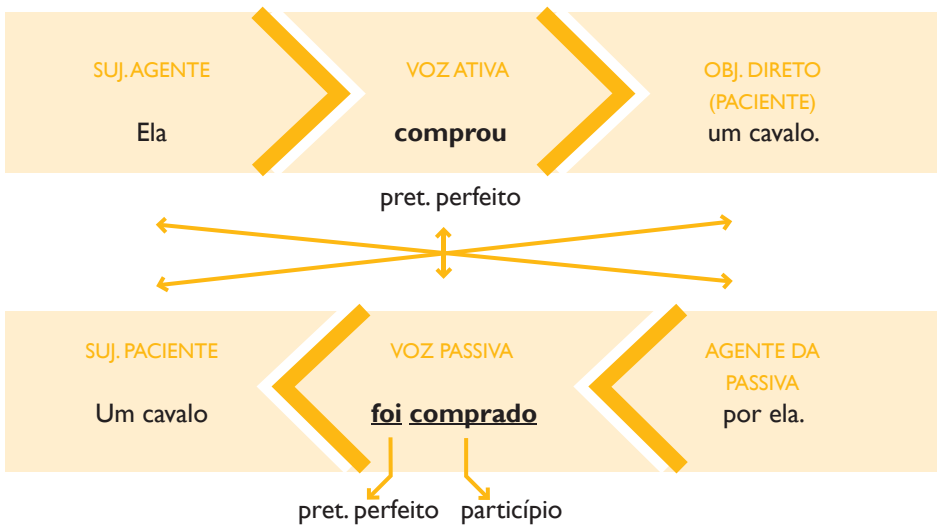

Prática

■ Julgue **C** ou **E**.

114. ( ) O objeto direto paciente da **ativa** (sem preposição) vira sujeito da **passiva**.
115. ( ) O sujeito agente (sem preposição) recebe a preposição **por** e vira agente da passiva.
116. ( ) O verbo da ativa vai para o **particípio** (comprado) tendo como auxiliar o verbo **ser**. O verbo **ser** acompanha o tempo do verbo da ativa (comprou = foi).

■ Transforme em **passiva analítica**.

117. Ele traz um presente. _____

118. Ela trará soluções. _____
119. Ela trazia perfume _____
120. Ela traria perfumes. _____

■ Siga o modelo.
Ela está trazendo um perfume.
Um presente está sendo trazido por ela.
121. Ela esteve trazendo uns presentes.
_____
122. Ela estará trazendo um presente.
_____
123. Ela estaria trazendo uns presentes.
_____
124. Ela deverá estar trazendo um presente.
_____

Conclusão:

Quando a locução verbal ativa termina em **gerúndio**, na passiva esse gerúndio vira particípio antecedido pelo gerúndio do verbo ser.

Passagem da ativa para a passiva sintética

SUJ. INDET.	VOZ ATIVA	OBJ. DIRETO (PACIENTE)
?	**Compraram**	um cavalo.

SUJ. PACIENTE	VOZ PASSIVA	AGENTE INDETERMINADO
Um cavalo	**comprou-se**	?

■ Observe e continue.

OBJ. DIRETO PACIENTE	→	**SUJEITO PACIENTE**
Trouxeram **um presente**.	→	Trouxe **um presente**.

125. Procuravam solução. → _____
126. Pediram um favor. → _____
127. Fabricarão barco aqui. → _____

OBJ. DIRETO PACIENTE	→	SUJEITO PACIENTE
Trouxeram **dois presentes**.	→	Trouxeram-se **dois presentes**.

128. Procuravam soluções. → _____
129. Pediriam uns presentes. → _____
130. Fabricarão barcos aqui. → _____

■ Observe e responda **C** ou **E**.

a. Falaram **de** você.
b. Alugam **por** centavos.
c. Pensam **em** reformas.
d. Falou-se **de** você.
e. Aluga-se **por** centavos.
f. Pensa-se **em** reformas.

131. ( ) No esquema anterior, só admite **voz passiva** a frase que na ativa tem objeto (direto) paciente.
132. ( ) Só existe **voz passiva** se existe sujeito paciente.
133. ( ) Os exemplos **c**, **d** e **e** estão na **voz passiva**.
134. ( ) Sujeito não começa por **preposição**.
135. ( ) Os exemplos **a**, **b** e **c** estão na **voz passiva**.
136. ( ) **a**, **b** e **c** não podem estar na voz passiva porque não têm **sujeito paciente**.
137. ( ) "**de** você", "**por** centavos", "**em** reformas" não podem ser objeto direto nem sujeito por causa das preposições.
138. ( ) Todas as frases, de **a** a **f**, têm, portanto, **sujeito indeterminado** e não têm voz passiva.

■ Quais as frases que estão na **voz passiva**? Se houver erro, corrija-o, fazendo o verbo concordar com o sujeito paciente.

139. Procura-se por líderes.
140. Procura-se líderes.
141. Não se falava em verdades.
142. Não se falava verdades.
143. Sacou-se da caneta.
144. Sacou-se a caneta.
145. Focou-se dois tatus.
146. Focou-se ao leão.

ASPECTOS VERBAIS

Incoativo, **inceptivo**: aspecto verbal que acrescenta ao significado do verbo a ideia de "início de ação".
... amanhecer, **entardecer...**

Frequentativo: acrescenta ao significado verbal a ideia de repetitividade.
Ela **costuma** vir aqui.
Saltitar.
Chorava **volta e meia**.

Atenção:

O aspecto frequentativo pode ser indicado por uma locução adverbial.

Causativos: verbos que denotam causa ou motivo da existência das orações que o seguem.
Deixava que o acariciassem.
Mandei-o sair.
Pedi que ela viesse.
Fizemos que ele concordasse.

Sensitivos: referem-se a um dos sentidos humanos (visão, audição...).
Eu a **vi** chorando.
Ouvimos a menina rezar.
Sentimos seu coração bater.

PARADIGMAS DAS TRÊS CONJUGAÇÕES REGULARES – TEMPOS SIMPLES

Infinitivo impessoal

1ª Amar 2ª Vender 3ª Partir

Modo indicativo

Presente do indicativo								
am		**o**	vend		**o**	part		**o**
am	**a**	**s**	vend	**e**	**s**	part	**e**	**s**
am	**a**		vend	**e**		part	**e**	
am	**a**	**mos**	vend	**e**	**mos**	part	**i**	**mos**
am	**a**	**is**	vend	**e**	**is**	part	**i**	**s**
am	**a**	**m**	vend	**e**	**m**	part	**e**	**m**

Prática

■ Leia três vezes em voz alta o quadro acima, observe-o atentamente e responda **C** ou **E**.

147. ( ) No presente do indicativo, a terminação da 1ª pessoa do singular é igual nas três conjugações.

148. ( ) Na 1ª e 2ª conjugação, as vogais temáticas se mantêm **a** e **e**, respectivamente, exceto na 1ª pessoa do singular.

149. ( ) Na terceira conjugação, a vogal temática, tirando-se a primeira pessoa do singular, aparece em forma de **e** ou **i**.

Pretérito perfeito do indicativo

am	**e**	**i**	vend		**i**	part		**i**
am	**a**	**ste**	vend	**e**	**ste**	part	**i**	**ste**
am	**o**	**u**	vend	**e**	**u**	part	**i**	**u**
am	(´) **á**	**mos**	vend	**e**	**mos**	part	**i**	**mos**
am	**a**	**stes**	vend	**e**	**stes**	part	**i**	**stes**
am	**a**	**ram**	vend	**e**	**ram**	part	**i**	**ram**

Prática

■ Leia três vezes em voz alta o quadro acima, observe-o atentamente e responda **C** ou **E**.

150. ( ) No pretérito perfeito do indicativo, as desinências pessoais são iguais nas três conjugações: **i**, **ste**, **u**, **mos**, **stes**, **ram**.

151. ( ) A vogal temática da 1ª conjugação, **a**, aparece alterada para **e** e **o** na 1ª e na 3ª pessoa do singular, respectivamente.

152. ( ) Na 2ª e na 3ª conjugação, as vogais temáticas **e** e **i**, na primeira pessoa do singular, desaparecem, pela proximidade da desinência **i**.

153. ( ) Nas outras pessoas da 2ª e da 3ª conjugação, as vogais temáticas se mantêm inalteradas.

154. ( ) Amamos ou amámos, no pretérito perfeito, são grafias e pronúncias corretas.

Pretérito imperfeito do indicativo

ama	**va**		vend	**ia**		part	**ia**	
ama	**va**	**s**	vend	**ia**	**s**	part	**ia**	**s**
ama	**va**		vend	**ia**		part	**ia**	
amá	**va**	**mos**	vend	**ía**	**mos**	part	**ía**	**mos**
amá	**ve**	**is**	vend	**íe**	**is**	part	**íe**	**is**
ama	**va**	**m**	vend	**ia**	**m**	part	**ia**	**m**

Prática

■ Leia três vezes em voz alta o quadro acima, observe-o atentamente e responda **C** ou **E**.

155. ( ) No pretérito imperfeito do indicativo, as desinências pessoais são iguais nas três conjugações: ∅, **s**, ∅, **mos**, **is**, **m**.

156. ( ) As desinências temporais são **va** para 1ª conjugação e **ia** para 2ª e 3ª conjugações.

157. ( ) As desinências temporais se mantêm inalteradas.
158. ( ) As desinências temporais antes de **i** trocam o **a** por **e**.
159. ( ) A desinência temporal **va** indica ação concluída no passado.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

ama	**ra**		vende	**ra**		parti	**ra**	
ama	**ra**	**s**	vende	**ra**	**s**	parti	**ra**	**s**
ama	**ra**		vende	**ra**		parti	**ra**	
amá	**ra**	**mos**	vendê	**ra**	**mos**	partí	**ra**	**mos**
amá	**re**	**is**	vendê	**re**	**is**	partí	**re**	**is**
ama	**ra**	**m**	vende	**ra**	**m**	parti	**ra**	**m**

Prática

■ Leia três vezes em voz alta o quadro acima, observe-o atentamente e responda **C** ou **E**.

160. ( ) No pretérito mais-que-perfeito do indicativo, as desinências pessoais são iguais nas três conjugações: ∅, **s**, ∅, **mos**, **is**, **m**.
161. ( ) As desinências temporais são as mesmas nas três conjugações (**ra**), e trocam o **a** por **e** apenas antes de **i**.
162. ( ) A desinência temporal **ra** indica que a ação foi praticada antes de outra ação praticada no passado.
163. ( ) O pretérito mais-que-perfeito se forma tirando-se o **m** final da 3ª pessoa do plural do pretérito perfeito (amara~~m~~, vendera~~m~~, partira~~m~~).

Futuro do presente do indicativo

amar	**ei**	vender	**ei**	partir	**ei**
amar	**ás**	vender	**ás**	partir	**ás**
amar	**á**	vender	**á**	partir	**á**
amar	**emos**	vender	**emos**	partir	**emos**
amar	**eis**	vender	**eis**	partir	**eis**
amar	**ão**	vender	**ão**	partir	**ão**

Prática

■ Leia três vezes em voz alta o quadro acima, observe-o atentamente e responda **C** ou **E**.

164. ( ) No futuro do presente do indicativo, as terminações são exatamente iguais nas três conjugações: **ei**, **ás**, **á**, **emos**, **eis**, **ão**.
165. ( ) Antigamente conjugava-se o verbo haver assim: **hei**, **hás**, **há**, **hemos**, **heis**, **hão**.
166. ( ) Pode-se perceber que o futuro do presente é infinitivo seguido do verbo haver no presente: **amar+hei**, **amar+hás**, **amar+há**, ... **amar+hão**, não se escrevendo o **h** porque não é pronunciado.

167. ( ) Também hoje se constrói o futuro com o presente do verbo haver + o infinitivo de outro verbo: **hei de amar**, **hás de amar**, **há de amar**...

168. ( ) O verbo **ir** também auxilia na formação de futuro: **vou** amar, **vais** amar, **vai** amar...

Futuro do pretérito do indicativo								
amar	**ia**		vender	**ia**		partir	**ia**	
amar	**ia**	**s**	vender	**ia**	**s**	partir	**ia**	**s**
amar	**ia**		vender	**ia**		partir	**ia**	
amar	**ía**	**mos**	vender	**ía**	**mos**	partir	**ía**	**mos**
amar	**íe**	**is**	vender	**íe**	**is**	partir	**íe**	**is**
amar	**ia**	**m**	vender	**ia**	**m**	partir	**ia**	**m**

Prática

■ Leia três vezes em voz alta o quadro acima, observe-o atentamente e responda **C** ou **E**.

169. ( ) No futuro do pretérito, após o **r** do infinitivo, as terminações são exatamente iguais nas três conjugações: **ia**, **ias**, **ia**, **íamos**, **íeis**, **iam**.

170. ( ) Só antes de **i** é que o **a** das terminações se transforma em **e**.

171. ( ) As terminações do futuro do pretérito se confundem com o imperfeito do verbo ir: **ia**, **ias**, **ia**, **íamos**, **íeis**, **iam**.

172. ( ) Pode-se fazer o futuro do pretérito com o imperfeito do verbo ir, antes do infinitivo: ia amar, ias amar, ia amar... (= amaria, amarias, amaria...).

O modo indicativo tem seis tempos:

Pretérito Perfeito	Presente	Futuro do Presente
Pretérito Imperfeito		
Pretérito Mais-que-perfeito		
Futuro do Pretérito		

Modo subjuntivo

Presente do subjuntivo (que eu...)								
am	**e**		vend	**a**		part	**a**	
am	**e**	**s**	vend	**a**	**s**	part	**a**	**s**
am	**e**		vend	**a**		part	**a**	
am	**e**	**mos**	vend	**a**	**mos**	part	**a**	**mos**
am	**e**	**is**	vend	**a**	**is**	part	**a**	**is**
am	**e**	**m**	vend	**a**	**m**	part	**a**	**m**

Prática

■ Sobre o presente do subjuntivo, assinale **C** ou **E**.

173. ( ) Na primeira conjugação, forma-se o presente do subjuntivo trocando-se o **o** da primeira pessoa do singular do presente do indicativo (am-**o**) por **e** (am**e**), que se repete em todas as pessoas.

174. ( ) Na segunda e na terceira conjugações, o presente do subjuntivo se forma trocando-se o **o** da primeira pessoa do presente do indicativo (vend**o**, part**o**) por **a**, (vend**a**, part**a**), que se mantém em todas as demais pessoas.

175. ( ) Nas três conjugações, as desinências pessoais são as mesmas (∅, **s**, ∅, **mos**, **is**, **m**).

176. ( ) O fato de a conjugação do presente do subjuntivo começar com **que eu...** significa que é usado como ideia secundária ou subordinada.

Pretérito imperfeito do subjuntivo (se eu...)		
ama **sse**	vende **sse**	parti **sse**
ama **sse s**	vende **sse s**	parti **sse s**
ama **sse**	vende **sse**	parti **sse**
amá **sse mos**	vendê **sse mos**	partí **sse mos**
amá **sse is**	vendê **sse is**	partí **sse is**
ama **sse m**	vende **sse m**	parti **sse m**

Prática

■ Relativamente ao pretérito imperfeito do subjuntivo, assinale **C** ou **E**.

177. ( ) Indica ação concluída do passado.

178. ( ) Nas três conjugações, é representado pela desinência temporal **sse**, que se mantém em todas as pessoas.

179. ( ) Nas três conjugações, as desinências pessoais são as mesmas (∅, **s**, ∅, **mos**, **is**, **m**).

180. ( ) É derivado da 3ª pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo, trocando-se o **ram** por **sse** (amar~~am~~ + sse; vender~~am~~ + sse; partir~~am~~ + sse).

181. ( ) O fato de começar com um **se** (se eu amasse...) pressupõe pertencer a uma oração subordinada.

Futuro do subjuntivo (quando eu...)		
ama **r**	vende **r**	parti **r**
ama **r es**	vende **r es**	parti **r es**
ama **r**	vende **r**	parti **r**
ama **r mos**	vende **r mos**	parti **r mos**
ama **r des**	vende **r des**	parti **r des**
ama **r em**	vende **r em**	parti **r em**

Prática

■ Em relação ao futuro do subjuntivo, assinale **C** ou **E**.

182. ( ) É também derivado da 3ª pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo, de que se tira a terminação **am** (amar~~am~~, vender~~am~~, partir~~am~~).

183. ( ) Nas três conjugações, usam-se as mesmas desinências pessoais (∅, **s**, ∅, **mos**, **des**, **em**).

184. ( ) Sua conjugação começa com um **quando** (quando eu chegar...), o que indica pertencer a uma ideia subordinada, e não principal.

185. ( ) É sempre igual ao infinitivo (**amar**: quando eu amar; **vender**: quando eu vender; **partir**: quando eu partir).

Modo imperativo

Afirmativo											
am	**a**		(tu)	vend	**e**		(tu)	part	**e**		(tu)
am	**e**		(você)	vend	**a**		(você)	part	**a**		(você)
am	**e**	**mos**	(nós)	vend	**a**	**mos**	(nós)	part	**a**	**mos**	(nós)
am	**a**	**i**	(vós)	vend	**e**	**i**	(vós)	part	**i**		(vós)
am	**e**	**m**	(vocês)	vend	**a**	**m**	(vocês)	part	**a**	**m**	(vocês)

Negativo											
não ame	**s**		(tu)	não venda	**s**		(tu)	não parta	**s**		(tu)
não ame			(você)	não venda			(você)	não parta			(você)
não ame	**mos**		(nós)	não venda	**mos**		(nós)	não parta	**mos**		(nós)
não ame	**is**		(vós)	não venda	**is**		(vós)	não parta	**is**		(vós)
não ame	**m**		(vocês)	não venda	**m**		(vocês)	não parta	**m**		(vocês)

Prática

■ Em referência ao imperativo, assinale **C** ou **E**.

186. ( ) Não possui 1ª pessoa do singular.

187. ( ) No quadro anterior, os sujeitos aparecem entre parênteses, porque, na verdade, não são pronunciados. Estão normalmente subentendidos.

188. ( ) Os sujeitos são sempre receptores.

189. ( ) O sujeito de **amemos** é o emissor.

Os sujeitos de **estudemos** nas frases seguintes referem-se a diferentes pessoas do discurso.

I – Ela quer que estudemos.

II – Estudemos, para saber.

■ Assinale **C** ou **E**.

190. ( ) Em I, o verbo está no presente do subjuntivo e refere-se a emissor (eu) e receptor (tu, vós, você...), podendo até incluir o referente (ela).
191. ( ) Em II, o verbo está no imperativo e coloca o emissor (eu) junto com o receptor (tu, vós, você...), mas não inclui o referente (ele, ela...)
192. ( ) No imperativo, o sujeito é sempre o receptor (a pessoa com quem se fala), pois, mesmo quando se usa o **nós**, é para convencer o receptor a tomar alguma atitude: "Estudemos para saber."

FORMAS NOMINAIS DO VERBO

Observe o quadro, leia as frases a seguir e responda **C** ou **E**.

INFINITIVO Funciona como substantivo	**IMPESSOAL** (sem sujeito)	**Viver** é **lutar**.
	PESSOAL (com sujeito)	Flexionado: É bom **estudares** (tu). Não flexionado: Estudamos para **vencer** (nós).
GERÚNDIO Funciona como adjetivo ou advérbio		Usava um pano **cobrindo** o rosto. ↳ que cobria... (oração adjetiva) **Lutando**, conseguiremos. ↳ se lutarmos (oração adverbial)
PARTICÍPIO Funciona como adjetivo ou forma tempo composto como verbo principal		O rapaz, **apaixonado**, confessou ↳ adjetivo que **tinha escrito** a poesia. ↳ particípio do verbo principal (tempo composto)

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

193. ( ) **Infinitivo**, **gerúndio** e **particípio** são formas nominais dos verbos.
194. ( ) **Indicativo**, **subjuntivo** e **imperativo**, consequentemente, são formas verbais.
195. ( ) As formas nominais do verbo são assim chamadas porque podem funcionar como **nomes** (substantivo, adjetivo, advérbio).
196. ( ) O **particípio** é usado na formação dos tempos compostos.
197. ( ) "Ela foi **escolhida**". A palavra destacada é um adjetivo.
198. ( ) A palavra destacada no item anterior é um **particípio** formando uma voz passiva com o verbo auxiliar **ser**.

Prática

■ Leia em voz alta três vezes o quadro a seguir, para treinar o ouvido, e assinale **C** ou **E** nas afirmações seguintes.

Formas nominais

Infinitivo impessoal					
ama	**r**	vende	**r**	parti	**r**

Infinitivo pessoal					
ama	**r**	vende	**r**	parti	**r**
ama	**r es**	vende	**r es**	parti	**r es**
ama	**r**	vende	**r**	parti	**r**
ama	**r mos**	vende	**r mos**	parti	**r mos**
ama	**r des**	vende	**r des**	parti	**r des**
ama	**r em**	vende	**r em**	parti	**r em**

Gerúndio					
ama	**ndo**	vende	**ndo**	parti	**ndo**

Particípio					
ama	**do**	vendi	**do**	parti	**do**

"**Amar**, **vender** e **partir** é sempre bom."

199. ( ) Os verbos em negrito da frase acima estão no infinitivo impessoal.
200. ( ) O infinitivo sugere ações desvinculadas da ideia de tempo (presente, pretérito, futuro), isto é, as ações são postas na atemporalidade.
201. ( ) Quando se diz que o infinitivo é impessoal, é porque não indica o sujeito da ação.

"**Partires** é bom."

202. ( ) O verbo em negrito da frase acima está no infinitivo pessoal.
203. ( ) Infinitivo, porque não delimita a ação no tempo.
204. ( ) **Pessoal**, porque indica o sujeito (tu).

205. ( ) No infinitivo pessoal, nas três conjugações, as desinências pessoais são as mesmas.
206. ( ) A desinência que marca o infinitivo, nas três conjugações, é **r**, em todos os verbos, regulares e irregulares.

"Ele encontrou os rapazes **chorando**."

207. ( ) O verbo em negrito está no gerúndio.
208. ( ) O gerúndio indica um tempo definido e estático.
209. ( ) O gerúndio, como o infinitivo, indica tempo em desenvolvimento, em andamento.
210. ( ) A desinência que marca o gerúndio é **ndo**, para as três conjugações, em todos os verbos, regulares ou irregulares.

"Ele encontrou os inimigos **reunidos**."

211. ( ) O verbo negritado está no particípio.
212. ( ) A desinência indicadora de particípio, nos verbos regulares, é **do**.
213. ( ) O particípio funciona como adjetivo e varia em gênero e número.
214. ( ) Trata-se da única forma do verbo que varia em gênero.

CONJUGAÇÃO DOS VERBOS TER, HAVER, SER E ESTAR

Antes de estudar os tempos compostos, é importantíssimo saber a conjugação de quatro verbos que costumam aparecer como auxiliares: **ter**, **haver**, **ser** e **estar**. Conjugue-os em voz alta três vezes para educar o ouvido.

Modo indicativo

Presente do indicativo			
tenho	hei	sou	estou
tens	hás	és	estás
tem	há	é	está
temos	havemos	somos	estamos
tendes	haveis	sois	estais
têm	hão	são	estão

Pretérito imperfeito do indicativo			
tinha	havia	era	estava
tinhas	havias	eras	estavas
tinha	havia	era	estava
tínhamos	havíamos	éramos	estávamos
tínheis	havíeis	éreis	estáveis
tinham	haviam	eram	estavam

Pretérito perfeito do indicativo			
tive	houve	fui	estive
tiveste	houveste	foste	estiveste
teve	houve	foi	esteve
tivemos	houvemos	fomos	estivemos
tivestes	houvestes	fostes	estivestes
tiveram	houveram	foram	estiveram

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo			
tivera	houvera	fora	estivera
tiveras	houveras	foras	estiveras
tivera	houvera	fora	estivera
tivéramos	houvéramos	fôramos	estivéramos
tivéreis	houvéreis	fôreis	estivéreis
tiveram	houveram	foram	estiveram

Futuro do pretérito do indicativo			
teria	haveria	seria	estaria
terias	haverias	serias	estarias
teria	haveria	seria	estaria
teríamos	haveríamos	seríamos	estaríamos
teríeis	haveríeis	seríeis	estaríeis
teriam	haveriam	seriam	estariam

Futuro do presente do indicativo			
terei	haverei	serei	estarei
terás	haverás	serás	estarás
terá	haverá	será	estará
teremos	haveremos	seremos	estaremos
tereis	havereis	sereis	estareis
terão	haverão	serão	estarão

Modo subjuntivo

Presente do subjuntivo			
tenha	haja	seja	esteja
tenhas	hajas	sejas	estejas
tenha	haja	seja	esteja
tenhamos	hajamos	sejamos	estejamos
tenhais	hajais	sejais	estejais
tenham	hajam	sejam	estejam

Pretérito imperfeito do subjuntivo			
tivesse	houvesse	fosse	estivesse
tivesses	houvesses	fosses	estivesses
tivesse	houvesse	fosse	estivesse
tivéssemos	houvéssemos	fôssemos	estivéssemos
tivésseis	houvésseis	fôsseis	estivéssseis
tivessem	houvessem	fossem	estivessem

Futuro do subjuntivo			
tiver	houver	for	estiver
tiveres	houveres	fores	estiveres
tiver	houver	for	estiver
tivermos	houvermos	formos	estivermos
tiverdes	houverdes	fordes	estiverdes
tiverem	houverem	forem	estiverem

Modo imperativo

Afirmativo			
tem (tu)	(desusado)	sê (tu)	está (tu)
tenha (você)	haja (você)	seja (você)	esteja (você)
tenhamos (nós)	hajamos (nós)	sejamos (nós)	estejamos (nós)
tende (vós)	havei (vós)	sede (vós)	estai (vós)
tenham (vocês)	hajam (vocês)	sejam (vocês)	estejam (vocês)

Negativo	
não tenhas (tu)	não sejas (tu)
não tenha (você)	não seja (você)
não tenhamos (nós)	não sejamos (nós)
não tenhais (vós)	não sejais (vós)
não tenham (vocês)	não sejam (vocês)
não hajas (tu)	não estejas (tu)
não haja (você)	não esteja (você)
não hajamos (nós)	não estejamos (nós)
não hajais (vós)	não estejais (vós)
não hajam (vocês)	não estejam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal			
ter	haver	ser	estar

Infinitivo pessoal			
ter	haver	ser	estar
teres	haveres	seres	estares
ter	haver	ser	estar
termos	havermos	sermos	estarmos
terdes	haverdes	serdes	estardes
terem	haverem	serem	estarem

Gerúndio			
tendo	havendo	sendo	estando

Particípio			
tido	havido	sido	estado

Uso de ter, haver, ser e estar como auxiliares

Prática

■ Observe as frases e responda **C** ou **E**.

I – Ele havia adquirido um belo relógio.
II – Ele tem escrito belos poemas.
III – Ela foi cercada pelos colegas.
IV – Ela estava cercada pelos colegas.

215. ( ) Em I e II, os auxiliares **haver** e **ter** são formadores de voz passiva, porque os sujeitos recebem a ação verbal.
216. ( ) Em III e IV, os auxiliares **ser** e **estar** formam voz passiva.
217. ( ) **ter** e **haver** são auxiliares de voz ativa; **ser** auxilia na formação de voz passiva.
218. ( ) O auxiliar **estar** não forma voz passiva, mas pode conferir à frase noção de passividade: **Ela estava cercada**.

Ter e **haver** auxiliam a formação de tempos compostos de voz ativa. **Ser** é o verbo escolhido para auxiliar a formação da voz passiva. O verbo **estar**, quando auxiliar, introduz noção de passividade na frase.

PARADIGMA DAS TRÊS CONJUGAÇÕES REGULARES – TEMPOS COMPOSTOS

Modelos: **ter amado; ter vendido; ter partido**.

Modo indicativo

Perfeito *(pres. + particípio)*		
tenho amado	tenho vendido	tenho partido

Mais-que-perfeito *(imperf. + particípio)*		
tinha amado	tinha vendido	tinha partido

Futuro do presente *(fut. + particípio)*		
terei amado	terei vendido	terei partido

Futuro do pretérito *(fut. pret. + particípio)*		
teria amado	teria vendido	teria partido

Modo subjuntivo

Mais-que-perfeito *(imperf. + particípio)*		
tivesse amado	tivesse vendido	tivesse partido

Futuro *(fut. + particípio)*		
tiver amado	tiver vendido	tiver partido

Prática

■ Observe os dois quadros anteriores e responda **C** ou **E**.

219. ( ) Os tempos compostos de voz ativa constroem-se com o verbo auxiliar **ter** seguido do particípio do verbo principal.

220. ( ) **Tenho vendido** é exemplo de pretérito perfeito composto, mas sugere uma ação que se repete até o presente.

221. ( ) "Quando cheguei, você **tinha saído**." "Quando eu cheguei, você **saíra**." Os dois verbos destacados estão no mais-que-perfeito.
222. ( ) O mais-que-perfeito composto se constrói com o auxiliar no imperfeito.
223. ( ) **Tinha saído** é hoje muito mais usado que **saíra**.
224. ( ) Os futuros compostos têm o auxiliar no futuro: o futuro do presente apresenta auxiliar no futuro do presente; o futuro do pretérito usa o auxiliar no futuro do pretérito.

PARADIGMA DA VOZ PASSIVA

Modelo: **ser amado**

Modo Indicativo

Presente	Pretérito imperfeito
sou amado(a)	era amado(a)
és amado(a)	eras amado(a)
é amado(a)	era amado(a)
somos amados(as)	éramos amados(as)
sois amados(as)	éreis amados(as)
são amados(as)	eram amados(as)

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

225. ( ) A voz passiva se faz com o verbo auxiliar **ser** e o particípio do verbo principal.
226. ( ) Os tempos da voz passiva, quando formados com mais de um verbo, são tempos compostos.
227. ( ) Na voz passiva, define-se o tempo pelo verbo auxiliar.
228. ( ) Na voz passiva, o particípio varia em gênero e número (amado/a/s) para concordar com o sujeito.

Continue a observar a formação dos tempos na voz passiva, que podem ter o verbo auxiliar em tempo simples ou composto.

Modo Indicativo

Pretérito perfeito (auxiliar simples)	Pretérito perfeito (auxiliar composto)
fui amado(a)	tenho sido amado(a)
foste amado(a)	tens sido amado(a)
foi amado(a)	tem sido amado(a)
fomos amados(as)	temos sido amados(as)
fostes amados(as)	tendes sido amados(as)
foram amados(as)	têm sido amados(as)

Pretérito mais-que-perfeito (auxiliar simples)	Pretérito mais-que-perfeito (auxiliar composto)
fora amado(a)	tinha sido amado(a)
foras amado(a)	tinhas sido amado(a)
fora amado(a)	tinha sido amado(a)
fôramos amados(as)	tínhamos sido amados(as)
fôreis amados(as)	tínheis sido amados(as)
foram amados(as)	tinham sido amados(as)

Futuro do pretérito (auxiliar simples)	Futuro do pretérito (auxiliar composto)
seria amado(a)	teria sido amado(a)
serias amado(a)	terias sido amado(a)
seria amado(a)	teria sido amado(a)
seríamos amados(as)	teríamos sido amados(as)
seríeis amados(as)	teríeis sido amados(as)
seriam amados(as)	teriam sido amados(as)

Futuro do presente (auxiliar simples)	Futuro do presente (auxiliar composto)
serei amado(a)	terei sido amado(a)
serás amado(a)	terás sido amado(a)
será amado(a)	terá sido amado(a)
seremos amados(as)	teremos sido amados(as)
sereis amados(as)	tereis sido amados(as)
serão amados(as)	terão sido amados(as)

Modo Subjuntivo

Presente	Pretérito imperfeito
seja amado(a)	fosse amado(a)
sejas amado(a)	fosses amado(a)
seja amado(a)	fosse amado(a)
sejamos amados(as)	fôssemos amados(as)
sejais amados(as)	fôsseis amados(as)
sejam amados(as)	fossem amados(as)

Pretérito perfeito	Pretérito mais-que-perfeito
tenha sido amado(a)	tivesse sido amado(a)
tenhas sido amado(a)	tivesses sido amado(a)
tenha sido amado(a)	tivesse sido amado(a)
tenhamos sido amados(as)	tivéssemos sido amados(as)
tenhais sido amados(as)	tivésseis sido amados(as)
tenham sido amados(as)	tivessem sido amados(as)

Futuro (auxiliar simples)	Futuro (auxiliar composto)
for amado(a)	tiver sido amado(a)
fores amado(a)	tiveres sido amado(a)
for amado(a)	tiver sido amado(a)
formos amados(as)	tivermos sido amados(as)
fordes amados(as)	tiverdes sido amados(as)
forem amados(as)	tiverem sido amados(as)

Formas nominais

Infinitivo impessoal presente	Infinitivo impessoal pretérito
ser amado(a)	ter sido amado(a)

Infinitivo pessoal presente	Infinitivo pessoal pretérito
ser amado(a)	ter sido amado(a)
seres amado(a)	teres sido amado(a)
ser amado(a)	ter sido amado(a)
sermos amados(as)	termos sido amados(as)
serdes amados(as)	terdes sido amados(as)
serem amados(as)	terem sido amados(as)

Gerúndio presente	Gerúndio pretérito
sendo amado(a)(os)(as)	tendo sido amado(a)(os)(as)

Particípio
amado(a)(os)(as)

Prática

■ Observando o paradigma visto de conjugação da voz passiva, responda **C** ou **E**.

229. ( ) A única forma simples da voz passiva analítica é o particípio.
230. ( ) Em todas as demais formas, a voz passiva analítica é composta por dois ou mais verbos.

■ Compare as duas formas seguintes e responda **C** ou **E**.

I – É melhor **ser amado** que **estar sendo amado**.
II – Eu não **estou sendo amado**, eu **sou amado**.

231. ( ) Em todas as formas, o verbo **ser** é responsável pela formação da voz passiva.
232. ( ) Em II, as ações estão sendo consideradas no presente.
233. ( ) Em II, **estou sendo** e **sou** têm o mesmo sentido.
234. ( ) **Sou amado** traz noção de continuidade, enquanto **estou sendo amado** conota transitoriedade.
235. ( ) Em I, acontece a mesma ideia. O verbo **estar** contribui com a noção de transitoriedade, momentaneidade, e o **ser** transmite continuidade, permanência.

FORMAS RIZOTÔNICAS E ARRIZOTÔNICAS

Prática

■ Compare os quadros e assinale **C** ou **E**.

RADICAL	DESINÊNCIA	RADICAL	DESINÊNCIA
est**u**d	o	estud	**a**mos
est**u**d	as	estud	**a**is
est**u**d	a/am		
RIZOTÔNICAS		ARRIZOTÔNICAS	

236. ( ) **riz(o)** significa **raiz**, **radical**.
237. ( ) **Radical**, ou **raiz**, é onde reside o significado-base da palavra.
238. ( ) **Tônico** significa **forte**.
239. ( ) **Rizotônica** significa que a **vogal tônica está dentro do radical**.
240. ( ) **Arrizotônica** é a forma que tem a **vogal tônica fora do radical**.

Formas rizotônicas são as que apresentam vogal tônica no radical (**a**m-o, **a**m-as). Formas arrizotônicas são as que têm a vogal tônica fora do radical (am-**e**i, am-**a**mos).

DEFINIÇÃO ABRANGENTE DE VERBO

Verbo é a palavra que apresenta o maior número de variações (pessoa, número, tempo, modo, voz) e exprime ideia de ação, estado ou fenômeno.

LOCUÇÃO VERBAL

Verbos auxiliares e verbo principal

VERBOS AUXILIARES	+	VERBO PRINCIPAL	
Vou		amando	gerúndio
Estarei		chegando	
Vais		entender	infinitivo
Teria	de	aprender	
Fiquei	a	observar	
Deverei ter		passado	particípio
Podemos ter sido		aprovados	

Prática

Assinale **C** ou **E** em relação ao quadro anterior.

241. ( ) "Vou amando", "Teria de aprender", "Podemos ter sido aprovados": cada um desses conjuntos de dois ou mais verbos funciona como se fosse um verbo só.
242. ( ) Cada locução verbal apresenta uma só palavra (verbo) como principal.
243. ( ) Na locução verbal, pode haver um ou mais verbo(s) auxiliar(es).
244. ( ) As locuções verbais podem ter ou não a presença de preposição.
245. ( ) Em locução verbal, o verbo principal estará no gerúndio, no infinitivo ou no particípio.
246. ( ) Em "Podemos ter **sido** aprovados", o verbo em negrito é o verbo principal.
247. ( ) O verbo **ser** na locução verbal é indicador de voz passiva.
248. ( ) São locuções verbais: começou a chorar, andou falando, deixou de falar, acabou-se convencendo, voltou a incomodar, podia supor, pôs-se a cantar, tornou a sorrir, vai começar a amar.

Locução verbal: dois ou mais verbos com ideia de um só verbo.

FORMAÇÃO DOS TEMPOS E MODOS

Derivado do presente do indicativo

Presente do subjuntivo

TEMPO PRIMITIVO	→	TEMPO DERIVADO
PRESENTE DO INDICATIVO		PRESENTE DO SUBJUNTIVO

1ª pessoa do singular			
~~o~~	→	**e** 1ª conj.	**a** 2ª e 3ª conj.

Prática

■ Preencha as lacunas.

		am**ar**	**ler**	fug**ir**
		eu amo	eu leio	eu fujo
249.	que eu	am _____	lei _____	fuj _____
250.	que tu	am _____	lei _____	fuj _____
251.	que ele	am _____	lei _____	fuj _____
252.	que nós	am _____	lei _____	fuj _____
253.	que vós	am _____	lei _____	fuj _____
254.	que eles	am _____	lei _____	fuj _____

O presente do subjuntivo se forma do presente do indicativo. Na primeira conjugação, o **o** do presente do indicativo se transforma em **e** (cont**o** → cont**e**); na segunda e na terceira conjugação, o **o** do indicativo vira **a** (tenh**o** → tenh**a**; sai**o** → sai**a**).

Derivados dos presentes do indicativo e do subjuntivo

Imperativos afirmativo e negativo

	Primitivo	Modo derivado		Primitivo
		Imperativo		
	Presente do indicativo	Afirmativo	Negativo	Presente do subjuntivo
1ª	eu amo	———	———	ame
2ª	tu amas (~~s~~)	ama (tu)	não ames (tu)	ames
3ª	ele ama	ame (você)	não ame (você)	ame
1ª	nós amamos	amemos (nós)	não amemos (nós)	amemos
2ª	vós amais (~~s~~)	amai (vós)	não ameis (vós)	ameis
3ª	eles amam	amem (vocês)	não amem (vocês)	amem

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, em relação ao quadro anterior.

255. ( ) O **imperativo afirmativo** deriva do presente do indicativo e do presente do subjuntivo.
256. ( ) No **imperativo**, não há 1ª pessoa.
257. ( ) No **imperativo**, não há 1ª pessoa do singular, porque ninguém dá ordem a si mesmo.
258. ( ) No imperativo, o **nós** representa o(s) receptor(es) e inclui o emissor. "Comecemos por aqui".
259. ( ) No imperativo, **não existe sujeito ele(s)**, porque não se dá ordem diretamente à pessoa de quem se fala.
260. ( ) Os sujeitos do imperativo são sempre **receptores**.
261. ( ) O **imperativo negativo** deriva do presente do indicativo e do presente do subjuntivo.
262. ( ) **Tu** e **vós** do **imperativo afirmativo** se originam de **tu** e **vós** do presente do indicativo, eliminado-se o **s** final.
263. ( ) As demais pessoas do **imperativo afirmativo** (**você**, **nós**, **vocês**) são iguais ao **presente do subjuntivo**.
264. ( ) Todo o **imperativo negativo** é igualzinho ao presente do subjuntivo.

No imperativo, não há primeira pessoa do singular.
No **imperativo afirmativo**, **tu** e **vós** são iguais ao tu e vós do presente do indicativo, sem os **s** finais: amas~~s~~ → ama; amais~~s~~ → amai.
No **imperativo negativo**, todas as pessoas são iguais às do presente do subjuntivo.

■ Forme o imperativo do verbo.

	correr			
265. (tu)	_____	não	_____	(tu)
266. (você)	_____	não	_____	(você)
267. (nós)	_____	não	_____	(nós)
268. (vós)	_____	não	_____	(vós)
269. (vocês)	_____	não	_____	(vocês)

270. Passe para a **3ª do singular**.
Namora, vibra, corre, pula, diverte-te à vontade.
Resp.: _____

271. Passe a frase anterior para o **negativo** (2ª pessoa do singular).
Resp.: _____

272. Passe para a 2ª do **plural**.
Divirta-se, mas não se esgote.
Resp.: _____

Derivados do pretérito perfeito

Mais-que-perfeito do indicativo, futuro e imperfeito do subjuntivo

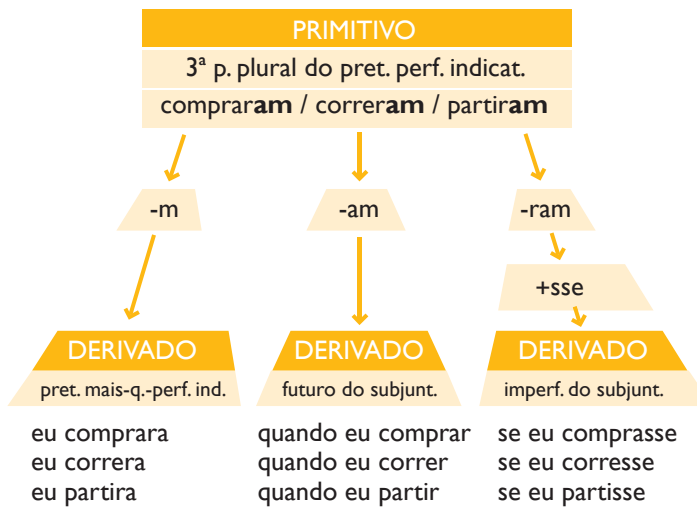

Prática

■ Observe o quadro anterior e conjugue o verbo **poder** nos seguintes tempos e modos.

	Pret. mais-que-perf. ind.	Futuro do subjuntivo	Imperf. do subjuntivo
273. eu	_____	_____	_____
274. tu	_____	_____	_____
275. ele	_____	_____	_____
276. nós	_____	_____	_____
277. vós	_____	_____	_____
278. eles	_____	_____	_____

■ Conjugue os verbos relacionados na **primeira pessoa do singular**.

	Pret. mais-que-perf. ind.	Futuro do subjuntivo	Imperf. do subjuntivo
279. querer	_____	_____	_____
280. ver	_____	_____	_____
281. vir	_____	_____	_____
282. haver	_____	_____	_____
283. caber	_____	_____	_____

Tempos derivados da 3ª pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo:
Mais-que-perfeito do indicativo: forma-se com a queda do **m** da 3ª p. plural (amaram ➜ amara);
Futuro do subjuntivo: forma-se com a queda do **am** da 3ª p. plural (amaram ➜ quando eu amar);
Imperfeito do subjuntivo: forma-se trocando o **ram** da 3ª p. plural por **-sse** (amaram ➜ ama**sse**).

Derivados do infinitivo impessoal

PRIMITIVO	Processo de derivação			DERIVADOS
INFINITIVO IMPESSOAL comprar/correr/partir	**RADICAL**			IMPERF. (indicativo)
	compr	+ ava	=	1ª conj. compr**ava**
	corr part	+ ia	=	2ª conj. corr**ia** 3ª conj. part**ia**
	+ ei	=		FUT. DO PRESENTE (indicativo) compraré**i** / correre**i** / partire**i**
	+ ia	=		FUT. DO PRETÉRITO (indicativo) compra**ria** / corre**ria** / parti**ria**
	RADICAL			PARTICÍPIO
	compr	+ ado	=	1ª conj. compr**ado**
	corr part	+ ido	=	2ª conj. corr**ido** 3ª conj. part**ido**
	TEMA			GERÚNDIO
	compra corre parti	+ ndo	=	compra**ndo** corre**ndo** parti**ndo**
	+ Desinência número-pessoal		=	INFINITIVO PESSOAL comprar (eu) compra**res** (tu) comprar (ele) compra**rmos** (nós) compra**rdes** (vós) compra**rem** (eles)

Prática

■ Conjugue em voz alta os verbos **estudar**, **entender** e **suprir** nos tempos:

1) PRET. IMPERFEITO DO INDICATIVO	4) PARTICÍPIO
2) FUTURO DO PRESENTE DO INDICATIVO	5) GERÚNDIO
3) FUTURO DO PRETÉRITO	6) INFINITIVO PESSOAL

CLASSIFICAÇÃO DO VERBO QUANTO AO MODELO DE CONJUGAÇÃO

Verbo regular

Segue o modelo ou paradigma de sua conjugação: **amar**, **vender**, **partir**.

Verbo irregular

Foge ao modelo de sua conjugação: **ouvir**: ou**ço**; **estar**: est**ou**; **ir**: **vou**.

Irregularidade e variação gráfica

Prática

■ Observe e responda **C** ou **E**.

Fiquei sem poder ficar.
Cheguei sem poder chegar.
Extingo sem poder extiguir.

284. ( ) No verbo **ficar**, o **c** se transforma em **qu** antes de **e**, para mostrar que a pronúncia não muda.
285. ( ) No verbo **chegar**, o **g** se transforma em **gu** antes de **e**, para representar a mesma pronúncia.
286. ( ) No verbo **extinguir**, o **gu** se transforma em **g** antes de **o** ou **a**, porque a pronúncia não se altera.
287. ( ) Nos casos vistos, a variação gráfica serve para confirmar a regularidade da pronúncia de verbos regulares.
288. ( ) É o mesmo que acontece com **atiçar**, que perde a cedilha em **aticemos**.

Na 1ª conjugação, radicais terminados em **c**, **ç** e **g** transformam essas letras em **qu**, **c** e **gu** antes de **e**.
Na 2ª e na 3ª conjugação, radicais terminados em **c**, **g** e **qu** trocam essas letras por **qu**, **gu** e **c** antes de **a** e **o**.
Tais variações gráficas existem para comprovar a regularidade desses verbos.

Metafonia ou alteração de timbre vocálico

Prática

■ Observe a pronúncia das vogais destacadas e responda **C** ou **E**.
l**e**vo, l**e**vais;
f**e**rvo, f**e**rves.

289. ( ) Em **levo** e **fervo**, as vogais do radical são abertas.
290. ( ) Em **levo** e **ferves**, as vogais dos radicais são abertas.
291. ( ) Em **levais** e **levo**, a vogal **e** do radical altera timbre fechado com timbre aberto.
292. ( ) Não há alteração de timbre vocálico entre as formas **fervo** e **ferves**.
293. ( ) **levas**, **levo**, **fervo**, **ferves** são formas rizotônicas.
294. ( ) Nas formas rizotônicas, a variação de timbre vocálico é comum em Português e se chama **metafonia**.
295. ( ) A metafonia não é considerada irregularidade verbal.

Metafonia é alternância de timbre vocálico que ocorre nas formas rizotônicas: t**o**car: t**o**co; d**e**ver: d**e**ves; qu**e**rer: qu**e**ro.

Como saber se um verbo é regular

Para saber se um verbo é regular, basta conjugá-lo na 1ª pessoa do singular do presente e do pretérito perfeito do indicativo. Se nessas pessoas ele seguir o paradigma da sua conjugação, é um verbo regular.

Verbo anômalo

Apresenta mais de um radical: **ser**: sou, fui, era; **ir**: vou, fui, ia.

Há autores que consideram anômalos qualquer verbo que apresente fortes mudanças em seu radical. Por exemplo:

dar: **de**i, **dav**a, **dar**ei, **dad**o
ter: **tenh**o, **tiv**e, **ter**ei, **tid**o
haver: **he**i, **hav**ia, **hou**ve
poder: **poss**o, **pod**ia, **pud**e
vir: **venh**o, **vir**ei, **vi**er
ver: **vej**o, **v**i, verei, **vis**to
caber: **caib**o, **coub**e, **cab**ia
dizer: **dig**o, **diss**e, **diz**ia, **dit**o
saber: **sab**ia, **soub**e, saiba
pôr: **ponh**o, **pus**er, **por**ei

Verbo defectivo

Não tem todas as formas: **reaver**, **colorir**, **precaver-se**, **abolir**...

Verbo unipessoal

Só se conjuga na 3ª pessoa (singular e plural), como no caso das **vozes de animais: coaxa(m), crocita(m)**.

Verbo impessoal

Só se conjuga na 3ª pessoa, mas não tem sujeito:
Fenômenos naturais: **chove**, **amanhece**.
Haver com ideia de **existir**: **Há** soluções para tudo.
Alguns verbos relacionados a tempo: **Faz** dezoito anos que...

A respeito de defectivos, unipessoais e impessoais

Defectivos

São verbos em cuja conjugação faltam formas, por várias razões, entre as quais, cacofonia, modismo, significação. As listas desses verbos variam entre os autores, em função da época em que se constituíram os registros falados, do nível sociocultural e até econômico dos falantes, inclusive da visão política do gramático. Costumam ser divididos em cinco grupos:

1. **os que não aceitam o ou a após o radical**, por isso não têm a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, não têm todo o presente do subjuntivo, não têm a(s) pessoa(s) **você(s)** do imperativo afirmativo, não têm todo o imperativo negativo (*vide* **abolir**, **carpir**, **demolir**);

2. **os arrizotônicos da 3ª conjugação**, que só se conjugam nas formas em que ao radical se segue a letra **i**. Por isso, no presente do indicativo só têm as pessoas **nós** e **vós**; não têm todo o presente do subjuntivo; não têm imperativo negativo; do imperativo afirmativo, só têm a pessoa **vós** (*vide* **falir**, **florir**, **adir)**;

3. os que, pelo significado, **não podem ter imperativo** (*vide* **acontecer**, **caber**, **poder**);

4. os que, pelo significado, **só se conjugam na voz recíproca**, tendo, portanto, só as pessoas do plural: **entreolhamo-nos**, **entreolhais-vos**, **entreolham-se**;

5. **os que têm particularidades especiais** (*vide* **adequar**, **precaver-se**, **reaver**, **grassar**).

Unipessoais

São verbos conjugáveis só nas 3as pessoas, como as onomatopeias referentes às vozes dos animais, porque normalmente os animais são **referentes**, isto é, **seres de que se fala**.

Impessoais

São verbos que, conforme o prefixo **im** sugere, não têm pessoa, ou seja, não se referem a um sujeito. *Vide Análise Sintática Visual*, Quadro das Orações sem Sujeito.

As fronteiras entre esses três tipos de classificação são instáveis e polêmicas, o que evidencia certa postura subjetiva. A verdade é que a gramática, mesmo a normativa, deve estar atenta para não limitar ou tentar cercear a linguagem figurada, a licença poética, a criatividade de expressão, que podem reverter ou modificar a situação do verbo e até conjugá-lo em todos os tempos e modos:

O menino **choveu** na cama.
Eu **miei** de medo.
Caiba você nos nossos moldes, ou será demitido.

Verbo abundante

Tem, pelo menos, duas formas equivalentes:
aceitar: aceitado, aceito, aceite.
haver: havemos, hemos.
construir: constrói, construi.

A respeito de abundantes

1. A abundância acontece com mais frequência no particípio, com vários verbos apresentando um particípio regular (terminado em ado/ido) e um ou mais irregulares.
2. O particípio regular é invariável (**ele** tinha aceit**ado**; **elas** haviam aceit**ado**).
3. O particípio irregular varia em gênero e número: **ele** foi aceit**o**; **elas** foram aceit**as**.
4. O particípio irregular funciona como adjetivo também: regra **aceita**.
5. Quanto ao uso do particípio regular e do irregular, *vide* pág. 215.
6. Autores modernos têm dado preferência ao uso do particípio irregular, por ser mais sucinto, e têm-no usado indiferentemente para voz passiva ou ativa.

Relação de verbos abundantes no particípio

Não há unanimidade em relação às formas entre parênteses, que são vistas por alguns gramáticos como **adjetivos**.

absolver _____ absolvido, (absolto)
aceitar _____ aceitado, aceito, aceite
acender _____ acendido, aceso

anexar _____ anexado, (anexo)
assentar _____ assentado, assento, assente
benzer _____ benzido, bento
concluir _____ concluído, concluso
contundir _____ contundido, (contuso)
despertar _____ despertado, desperto
dispersar _____ dispersado, disperso
eleger _____ elegido, eleito
emergir _____ emergido, emerso
entregar _____ entregado, entregue
envolver _____ envolvido, envolto
enxugar _____ enxugado, enxuto
erigir _____ erigido, (ereto)
expelir _____ expelido, (expulso)
expressar _____ expressado, expresso
exprimir _____ exprimido, expresso
expulsar _____ expulsado, (expulso)
extinguir _____ extinguido, extinto
fartar _____ fartado, farto
findar _____ findado, findo
frigir _____ frigido, frito
ganhar _____ ganhado, ganho
gastar _____ gastado, gasto
imergir _____ imergido, imerso
imprimir _____ imprimido, impresso
incluir _____ incluído, (incluso)
incorrer _____ incorrido, (incurso)
inserir _____ inserido, inserto
insertar _____ insertado, (inserto)
isentar _____ isentado, isento
juntar _____ juntado, junto
limpar _____ limpado, limpo
matar _____ matado, morto
morrer _____ morrido, morto
nascer _____ nascido, (nado), (nato)
omitir _____ omitido, omisso
pagar _____ pagado, pago
pegar _____ pegado, pego (ê)
prender _____ prendido, preso
romper _____ rompido, (roto)
salvar _____ salvado, salvo
sepultar _____ sepultado, (sepulto)

soltar _____ soltado, solto
submergir _____ submergido, submerso
suprimir _____ suprimido, (supresso)
surpreender _____ surpreendido, surpreso
suspender _____ suspendido, suspenso
tingir _____ tingido, (tinto)

Prática

■ Qual a **1ª pessoa do singular** dos seguintes tempos dos verbos numerados? Na última coluna, ponha R, se for regular, e I, se irregular. Se o verbo for anômalo, considere-o irregular.

	INDICATIVO			
	Presente	Pretérito perfeito	Futuro do pretérito	R/I
296. agir				
297. caber				
298. crer				
299. enxaguar				
300. ir				
301. fazer				
302. mobiliar				
303. polir				
304. pular				
305. possuir				
306. poder				
307. querer				
308. requerer				
309. ser				
310. sumir				

Prática

■ Compare.

	PRES. INDICAT.	PRET. PERF. INDICAT.
1ª conj.	amo ≠ esto**u**	amei ≠ est**ive**
2ª conj.	corro ≠ tra**go**	corri ≠ tr**ouxe**
3ª conj.	parto ≠ pe**ço**	parti = pedi

■ Assinale **C** ou **E**, com base no quadro anterior.

311. ( ) **amar**, **correr** e **partir** são paradigmas das 1ª, 2ª e 3ª conjugações, respectivamente.
312. ( ) **estar** foge do paradigma, no presente e no perfeito do indicativo, por isso é irregular.
313. ( ) A irregularidade do verbo **estar**, no presente e no perfeito do indicativo, aparece no radical.
314. ( ) Em **estou** e **estive**, as desinências fogem do paradigma am**o**, am**ei**, e elas é que acusam a irregularidade.
315. ( ) Em **trazer**, **trago**, a mudança **z/g** mostra irregularidade no radical.
316. ( ) Em **trouxe**, há irregularidade no radical e na desinência. Se o verbo fosse regular, seria **trazi**.
317. ( ) **trarei** é forma regular.
318. ( ) **pedir** é irregular no pretérito perfeito.
319. ( ) **pedir** é irregular no futuro do presente.
320. ( ) Para saber se um verbo é **regular** ou **irregular**, não se precisa conjugá-lo todo. Basta conjugar, no indicativo, a 1ª do singular do presente e do pretérito perfeito.
321. ( ) **ser** e **ir** são anômalos porque têm mais de um radical primário ou raiz.
322. ( ) Alguns gramáticos consideram anômalos também verbos como **haver**, **vir** porque apresentam fortes mudanças nos seus radicais.
323. ( ) **Defectivo** é o verbo a que falta(m) forma(s).
324. ( ) **Abundante** é o verbo a que sobra(m) forma(s).
325. ( ) Nos tempos **compostos** ou **locuções verbais**, há dois ou mais verbos com valor de um só.
326. ( ) O verbo que, nas locuções verbais ou nos tempos compostos, mantém o seu significado-base chama-se **verbo principal**.

VERBO PRONOMINAL E VOZ REFLEXIVA

Prática

■ Compare os dois verbos e marque **C** ou **E**.

1. Eu me arrependi.
2. Eu me molhei.
3. Eu arrependi você.
4. Eu molhei você.

327. ( ) Em 1 e 2, as formas verbais parecem estar na voz reflexiva.
328. ( ) Em 2, o sujeito **eu** e o alvo **me** representam casualmente o mesmo ser; já em 4, o mesmo verbo molhar tem o sujeito **eu** e o alvo **você** representando seres diferentes.
329. ( ) O verbo **molhar** pode ser conjugado com pronome oblíquo átono, como em 2; mas também pode ser conjugado sem o oblíquo átono, como em 3.

330. ( ) O verbo **molhar**, em 2, está na voz reflexiva; em 4, na voz ativa.
331. ( ) O exemplo 3 foge à norma culta da Língua Portuguesa, porque o verbo **arrepender-se** só pode ser conjugado com o pronome oblíquo átono.
332. ( ) Deduz-se, dos exemplos 3 e 4, que **arrepender-se** é um verbo pronominal por essência, enquanto o **molhar** só tem a aparência de pronominal quando está conjugado na voz reflexiva ou recíproca (ex. 2).

■ Compare agora os exemplos e marque **C** ou **E**.

Eu **molho** a flor – Voz Ativa
Eu **sou molhado** por alguém – Voz Passiva
Eu **me molho** – Voz Reflexiva
Eu **arrependo** – Não existe
Eu **sou arrependido** por alguém – Não existe
Eu **me arrependo**.

333. ( ) Em **Eu me molho**, o verbo está na **voz reflexiva**, porque ele tem também as vozes **ativa** e **passiva**; e uma voz se define por oposição a outra.
334. ( ) Em **Eu me arrependo**, o verbo está numa forma única, que não pressupõe voz ativa, passiva ou reflexiva, por isso é um verbo pronominal.

Verbo Pronominal é o que **só** se conjuga acompanhado dos pronomes oblíquos átonos, na mesma pessoa do seu sujeito: **arrepender-se**, **ater-se**, **suicidar-se**.
Não confunda verbo pronominal com **voz reflexiva** de qualquer verbo: **cortar**, **ver**, **ferir**...

PARADIGMA DE CONJUGAÇÃO PRONOMINAL E REFLEXIVA

Modo indicativo

Presente do indicativo		
lavo-me	arrependo-me	saio-me
lavas-te	arrependes-te	sais-te
lava-se	arrepende-se	sai-se
lavamo-nos	arrependemo-nos	saímo-nos
lavais-vos	arrependeis-vos	saís-vos
lavam-se	arrependem-se	saem-se

Pretérito perfeito do indicativo

lavei-me	arrependi-me	saí-me
lavaste-te	arrependeste-te	saíste-te
lavou-se	arrependeu-se	saiu-se
lavamo-nos	arrependemo-nos	saímo-nos
lavastes-vos	arrependeis-vos	saístes-vos
lavaram-se	arrependem-se	saíram-se

tenho-me
tens-te
tem-se
temo-nos
tendes-vos
têm-se

lavado, arrependido, saído...

Pretérito imperfeito do indicativo

lavava-me	arrependia-me	saía-me
lavavas-te	arrependias-te	saías-te
lavava-se	arrependia-se	saía-se
lavávamo-nos	arrependíamo-nos	saíamo-nos
laváveis-vos	arrependíeis-vos	saíeis-vos
lavavam-se	arrependiam-se	saíam-se

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

lavara-me	arrependera-me	saíra-me
lavaras-te	arrependeras-te	saíras-te
lavara-se	arrependera-se	saíra-se
laváramo-nos	arrependêramo-nos	saíramo-nos
laváreis-vos	arrependêreis-vos	saíreis-vos
lavaram-se	arrependeram-se	saíram-se

tinha-me
tinhas-te
tinha-se
tínhamo-nos
tínheis-vos
tinham-se

lavado, arrependido, saído...

Futuro do pretérito do indicativo

lavar-me-ia	arrepender-me-ia	sair-me-ia
lavar-te-ias	arrepender-te-ias	sair-te-ias
lavar-se-ia	arrepender-se-ia	sair-se-ia
lavar-nos-íamos	arrepender-nos-íamos	sair-nos-íamos
lavar-vos-íeis	arrepender-vos-íeis	sair-vos-íeis
lavar-se-iam	arrepender-se-iam	sair-se-iam

ter-me-ia
ter-te-ias
ter-se-ia
ter-nos-íamos
ter-vos-íeis
ter-se-iam

lavado, arrependido, saído...

Futuro do presente do indicativo

lavar-me-ei	arrepender-me-ei	sair-me-ei
lavar-te-ás	arrepender-te-ás	sair-te-ás
lavar-se-á	arrepender-se-á	sair-se-á
lavar-nos-emos	arrepender-nos-emos	sair-nos-emos
lavar-vos-eis	arrepender-vos-eis	sair-vos-eis
lavar-se-ão	arrepender-se-ão	sair-se-ão

ter-me-ei
ter-te-ás
ter-se-á
ter-nos-emos
ter-vos-eis
ter-se-ão

lavado, arrependido, saído...

Prática

■ Observando a conjugação pronominal e reflexiva do indicativo, assinale **C** ou **E**.

335. ( ) A desinência **mos**, da 1ª pessoa do plural, perde o **s** ao receber o oblíquo átono **nos**.
336. ( ) O verbo **lavar** não é um verbo pronominal, mas assume a conjugação pronominal para fazer a voz reflexiva.
337. ( ) O verbo **sair** não é pronominal: **Ela sai cedo**.
338. ( ) O verbo **sair-se** é pronominal no sentido de obter resultado (**sair-se bem ou mal**) e no sentido de desvencilhar-se.

339. ( ) Não é possível construir-se a forma **havia-me lavado**.
340. ( ) Os tempos compostos da voz ativa podem ser construídos com o auxiliar **ter** ou **haver**: **tinha-me** ou **havia-me lavado**; **ter-me-ei** ou **haver-me-ei lavado**.
341. ( ) Atualmente, o auxiliar **haver** está em desuso, o que traz um tom de arcaísmo à frase. Ainda é usado para evitar a repetição do **ter** ou para obtenção de efeito estilístico.

Modo subjuntivo

Presente do subjuntivo

...que eu me lave	...me arrependa	...me saia
...que tu te laves	...te arrependas	...te saias
...que ele se lave	...se arrependa	...se saia
...que nós nos lavemos	...nos arrependamos	...nos saiamos
...que vós vos laveis	...vos arrependais	...vos saiais
...que eles se lavem	...se arrependam	...se saiam

Pretérito imperfeito do subjuntivo

se eu me lavasse	...me arrependesse	...me saísse
se tu te lavasses	...te arrependesses	...te saísses
se ele se lavasse	...se arrependesse	...se saísse
se nós nos lavássemos	...nos arrependêssemos	...nos saíssemos
se vós vos lavásseis	...vos arrependêsseis	...vos saísseis
se eles se lavassem	...se arrependessem	...se saíssem

se eu me tivesse
se tu te tivesses
se ele se tivesse
se nós nos tivéssemos
se vós vos tivésseis
se eles se tivessem

> lavado, arrependido, saído...

Futuro do subjuntivo

quando eu me lavar	...me arrepender	...me sair
quando tu te lavares	...te arrependeres	...te saíres
quando ele se lavar	...se arrepender	...se sair
quando nós nos lavarmos	...nos arrependermos	...nos sairmos
quando vós vos lavardes	...vos arrependerdes	...vos sairdes
quando eles se lavarem	...se arrependerem	...se saírem

quando eu me tiver
quando tu te tiveres
quando ele se tiver
quando nós nos tivermos
quando vós vos tiverdes
quando eles se tiverem

lavado, arrependido, saído...

Prática

■ Observando a conjugação pronominal e reflexiva do subjuntivo, assinale **C** ou **E**.

342. ( ) Os pronomes oblíquos átonos são colocados antes do verbo porque são atraídos pelas conjunções subordinativas **que**, **se**, **quando**...

343. ( ) Na frase "Lave-me a culpa a Sua misericórdia", a forma verbal é igual à do subjuntivo (**lave**), e o pronome átono **me** vem depois do verbo porque este não está precedido de conjunção subordinativa.

344. ( ) Em "Lave-me a culpa", tem-se exemplo de oração optativa, constituída de forma verbal igual à do subjuntivo, mas com ênclise obrigatória.

Modo imperativo

Afirmativo		
lava-te	arrepende-te	sai-te
lave-se (você)	arrependa-se (você)	saia-se (você)
lavemo-nos	arrependamo-nos	saiamo-nos
lavai-vos	arrependei-vos	saí-vos
lavem-se (vocês)	arrependam-se (vocês)	saiam-se (vocês)

Negativo		
Não te laves	Não te arrependas	Não te saias
Não se lave (você)	Não se arrependa (você)	Não se saia (você)
Não nos lavemos	Não nos arrependamos	Não nos saiamos
Não vos laveis	Não vos arrependais	Não vos saiais
Não se lavem (vocês)	Não se arrependam (vocês)	Não se saiam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal		
lavar-se	arrepender-se	sair-se

Infinitivo pessoal		
lavar-me	arrepender-me	sair-me
lavares-te	arrependeres-te	saíres-te
lavar-se	arrepender-se	sair-se
lavarmo-nos	arrependermo-nos	sairmo-nos
lavardes-vos	arrependerdes-vos	sairdes-vos
lavarem-se	arrependerem-se	saírem-se

Gerúndio		
lavando-se	arrependendo-se	saindo-se

Particípio		
lavado	arrependido	saído

Prática

■ Observe as formas nominais da conjugação pronominal e reflexiva e responda **C** ou **E**.

345. ( ) O quadro apresenta erro porque o particípio deveria ser **lavado-se**, **arrependido-se**, **saído-se**.

346. ( ) O quadro está correto. O particípio não aceita pronome átono.

347. ( ) Em todo o quadro, só há três formas acentuadas graficamente: **saíres-te**, **saírem-se**, **saído**.

348. ( ) Em **saíres-te**, **saírem-se**, **saído**, o **i** é acentuado graficamente por ser 2ª vogal de hiato e estar sozinho na sílaba.

CLASSIFICAÇÃO DO VERBO QUANTO À FUNÇÃO

Verbo principal

Mantém o significado próprio:
Tenho **estudado**. Estou sendo **amado**.
Vou **amar**.

Verbo auxiliar

Perde seu significado próprio para ajudar a conjugar o principal:
Tenho sido amado. **Estou** amando.
Vou amar.

USO DOS PARTICÍPIOS: REGULAR E IRREGULAR

Observe:

I – Ele **havia matado** o inimigo.
II – O inimigo **foi morto**.
III – Ele **tinha matado** o inimigo.
IV – O inimigo **está morto**.
V – Inimigo bom é inimigo **morto**.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

349. ( ) I e III estão na **voz ativa** (auxiliares: haver e ter).
350. ( ) II e IV estão na **voz passiva** (auxiliares: ser e estar).
351. ( ) "matado" é particípio regular; "morto", irregular.
352. ( ) Na frase V, "morto" é **adjetivo**.

Os **particípios regulares** (**ado**, **ido**) são usados com os auxiliares **ter** e **haver** e formam a voz ativa.
Os **particípios irregulares** são usados para função de adjetivo e para fazer a voz passiva, com os auxiliares **ser** e **estar**.

■ Assinale **C** ou **E**.

353. ( ) Esse livro foi imprimido no Brasil.
354. ( ) A editora tinha impresso esse livro no Brasil.
355. ( ) Esse livro foi impresso no Brasil.
356. ( ) A editora tinha imprimido esse livro no Brasil.
357. ( ) Foi impressa enorme velocidade ao carro.
358. ( ) **imprimir**, na acepção de "produzir movimento", "infundir", tem apenas o particípio regular (imprimido).
359. ( ) Foi imprimida enorme velocidade ao carro.

CONJUGAÇÃO DE VERBOS REGULARES, IRREGULARES, DEFECTIVOS, ANÔMALOS E ABUNDANTES QUE REQUEREM ATENÇÃO

As formas verbais a seguir relacionadas são dignas de nota. Todas as não relacionadas são regulares. Destacamos, por serem primitivas e gerarem outras: o **infinitivo**, no título do verbo; e, do indicativo, o **presente** e o **pretérito perfeito**, conjugados em todas as pessoas. Para esclarecer dúvidas, apresentamos as pessoas do **presente do subjuntivo** e o **imperativo afirmativo**. O imperativo negativo tem as pessoas iguais ao presente do subjuntivo, por isso não as relacionamos. Sob a denominação **outras**, registramos a

1ª pessoa do singular dos seguintes tempos, sempre na mesma ordem: do indicativo, o **imperfeito**, o **futuro do presente**, o **futuro do pretérito** e o **mais-que-perfeito**; do subjuntivo, o **imperfeito** e o **futuro**; além desses, o **gerúndio** e o **particípio**. Quando se define um verbo como regular, ele segue o paradigma da sua conjugação (*vide* página 179). Em alguns casos, negritamos as sílabas ou vogais tônicas para evitar dúvidas quanto à pronúncia.

1ª conjugação

circundar, relampejar, tracejar (Regulares.)
Conjugam-se como **amar**.

constar, prestar, restar, sustar (Regulares.)
Não seguem **estar**. Conjugam-se como **amar**.

Ind. pres.:	consto, constas, consta, constamos, constais, constam.
Pret. perf.:	constei, constaste, constou, constamos, constastes, constaram.
Subj. pres.:	conste, constes, conste, constemos, consteis, constem.
Imperat. afirm.:	consta, conste, constemos, constai, constem.
Outras:	constava, constarei, constaria, constara, constasse, constar, constando, constado.

dar, desdar (Irregulares.)

Ind. pres.:	dou, dás, dá, damos, dais, dão.
Pret. perf.:	dei, deste, deu, demos, destes, deram.
Subj. pres.:	dê, dês, dê, demos, deis, dêem (nova ortografia: deem).
Imperat. afirm.:	dá, dê, demos, dai, dêem (nova ortografia: deem).
Outras:	dava, darei, daria, dera, desse, der, dando, dado.

sobestar, sobrestar (Irregulares.)
Conjugam-se como **estar**. *Vide* pág. 187.

grassar (Defectivo, unipessoal.)

Ind. pres.:	–, –, grassa, –, –, grassam.
Pret. perf.:	–, –, grassou, –, –, grassaram.
Subj. pres.:	–, –, grasse, –, –, grassem.
Imperat. afirm.:	–, grasse, –, – grassem.
Outras:	grassava(m), grassará(ão), grassaria(m), grassara(m), grassasse(m), grassar(em), grassando, grassado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** a respeito de **grassar**.

360. ( ) **grassar** significa **espalhar-se**.
361. ( ) Só se conjuga nas 3as pessoas. Por só dispor de uma pessoa, a terceira, é chamado de unipessoal.
362. ( ) Há autores que consideram o **unipessoal** como uma espécie de **defectivo**.
363. ( ) Consideram-se também unipessoais os verbos que designam vozes de animais: **uivar**, **crocitar**.

Terminados em ear

acarear, afoguear, alardear, apear, aperrear, arear, arrear, atear, baquear, bloquear, cambalear, capitanear, cear, clarear, coxear, desnortear, falsear, folhear, frear, galantear, golpear, granjear, guerrear, hastear, menear, nomear, nortear, palmear, passear, patentear, planear, recear, recrear, refrear, regatear, relampaguear, relampear, rodear, saborear, saquear, semear, serpear, serpentear... (Irregulares; seguem o modelo de **pentear**.)

Ind. pres.:	penteio, penteias, penteia, penteamos, penteais, penteiam.
Pret. perf.:	penteei, penteaste, penteou, penteamos, penteastes, pentearam.
Imperat. afirm.:	penteia, penteie, penteemos, penteai, penteiem.
Subj. pres.:	penteie, penteies, penteie, penteemos, penteeis, penteiem.
Outras:	penteava, pentearei, pentearia, penteara, penteasse, pentear, penteando, penteado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos em **ear**.

364. ( ) Nas formas rizotônicas, aparece um **i** depois do **e**: pente**i**o, pente**i**e, pente**i**am.
365. ( ) Nas formas arrizotônicas, são conjugados normalmente: penteamos, penteemos, penteei, penteaste, penteastes, pentearam.
366. ( ) A 1ª pessoa do plural do presente e a do pretérito perfeito do indicativo são iguais, como em muitos outros verbos.
367. ( ) **relampaguear** tem outras duas variantes corretas: **relampear** e **relampejar**; esta última, regular.

precatar(-se) (Regular.)

Ind. pres.:	precato, precatas, precata, precatamos, precatais, precatam.
Pret. perf.:	precatei, precataste, precatou, precatamos, precatastes, precataram.
Subj. pres.:	precate, precates, precate, precatemos, precateis, precatem.
Imperat. afirm.:	precata, precate, precatemos, precatai, precatem.
Outras:	precatava, precatarei, precataria, precatara, precatasse, precatar, precatando, precatado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

368. ( ) **precatar(-se)** significa **acautelar(-se)**, **prevenir(-se)**, **precaver(-se)**.
369. ( ) São verbos característicos do registro popular.
370. ( ) A norma culta os aconselha para suprir as pessoas que faltam ao defectivo **precaver-se**.

idear, estrear (Irregulares.)

Ind. pres.:	idéio, idéias, idéia, ideamos, ideais, idéiam. (nova ortografia: ideio, ideias, ideia, ideamos, ideais, ideiam)
Pret. perf.:	ideei, ideaste, ideou, ideamos, ideastes, idearam.
Subj. pres.:	idéie, idéies, idéie, ideemos, ideeis, idéiem. (nova ortografia: ideie, ideies, ideie, ideemos, ideeis, ideiem)
Imperat. afirm.:	idéia, idéie, ideemos, ideai, idéiem. (nova ortografia: ideia, ideie, ideemos, ideai, ideiem)
Outras:	ideava, idearei, idearia, ideara, ideasse, idear, ideando, ideado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos acima.

371. ( ) Após o **e**, aparece o **i** nas formas rizotônicas, como acontece com os outros verbos terminados em **ear**.
372. ( ) São também, por isso, irregulares.
373. ( ) Diferentemente dos outros terminados em **ear**, apresentam o ditongo aberto **éi** no presente do indicativo e no presente do subjuntivo, só nas formas rizotônicas.
374. ( ) Nos imperativos afirmativo e negativo, que derivam dos presentes do indicativo e do subjuntivo, as formas arrizotônicas devem também ter o ditongo aberto **éi**.
375. ( ) Explica-se o ditongo aberto nos verbos **idear**, **estrear**, pela existência de seus substantivos cognatos **idéia** e **estréia**.

Terminados em iar

acariciar, adiar, afiar, agoniar, agraciar, aliar, aliviar, amaciar, ampliar, angariar, ansiar, anunciar, apreciar, arrepiar, assediar, assobiar, associar, assoviar, ataviar, avaliar, aviar, balbuciar, beneficiar, caluniar, chiar, confiar, contrariar, criar, deliciar, desfiar, enfiar, enunciar, enviar, esfriar, espiar, evidenciar, expiar, extasiar, fiar, historiar, incendiar, injuriar, mediar, miar, negociar, odiar, oficiar, piar, porfiar, premiar, prenunciar, principiar, procriar, pronunciar, recriar, remediar, renunciar, saciar, sediar, tosquiar, vadiar, vangloriar, variar...
(Regulares; seguem o modelo de **abreviar**, com exceções, no próximo quadro.)

Ind. pres.:	abrevio, abrevias, abrevia, abreviamos, abreviais, abreviam.
Pret. perf.:	abreviei, abreviaste, abreviou, abreviamos, abreviastes, abreviaram.
Subj. pres.:	abrevie, abrevies, abrevie, abreviemos, abrevieis, abreviem.
Imperat. afirm.:	abrevia, abrevie, abreviemos, abreviai, abreviem.
Outras:	abreviava, abreviarei, abreviaria, abreviara, abreviasse, abreviar, abreviando, abreviado.

ansiar, incendiar, mediar, odiar, remediar (Irregulares.) **premiar, negociar** (Regulares ou iregulares.)

Ind. pres.:	anseio, anseias, anseia, ansiamos, ansiais, anseiam.
Pret. perf.:	ansiei, ansiaste, ansiou, ansiamos, ansiastes, ansiaram.
Subj. pres.:	anseie, anseies, anseie, ansiemos, ansieis, anseiem.
Imperat. afirm.:	anseia, anseie, ansiemos, ansiai, anseiem.
Outras:	ansiava, ansiarei, ansiaria, ansiara, ansiasse, ansiar, ansiando, ansiado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos em **iar**.

376. ( ) Os verbos terminados em **iar** são todos regulares.

377. ( ) Os regulares seguem a conjugação de **amar** e são a grande maioria.

378. ( ) Há, pelo menos, cinco verbos terminados em **iar**, irregulares, que se conjugam com um **e**, nas formas rizotônicas: **mediar**, **ansiar**, **remediar**, **incendiar** e **odiar**, como se terminassem em **ear**: **medeio**, **anseio**...

379. ( ) No Brasil se fala "eu negocio", "eu premio"; em Portugal e outros países, também se fala "eu negoceio", "eu premeio".

Observação:

Para lembrar esses cinco verbos irregulares terminados em **iar**, que se conjugam como os terminados em **ear**, lembre-se da palavra MÁRIO:

Mediar, **A**nsiar, **R**emediar, **I**ncendiar, **O**diar.

mobiliar, mobilar, mobilhar (Regulares.)

Ind. pres.:	– mo**bí**lio, mo**bí**lias, mo**bí**lia, mobili**a**mos, mobili**ais**, mo**bí**liam.
	– mo**bi**lo, mo**bi**las, mo**bi**la, mobi**la**mos, mobi**lais**, mo**bi**lam.
	– mo**bi**lho, mo**bi**lhas, mo**bi**lha, mobi**lha**mos, mobi**lhais**, mo**bi**lham.
Pret. perf.:	– mobili**ei**, mobili**as**te, mobili**ou**, mobili**a**mos, mobili**as**tes, mobili**a**ram.
	– mobil**ei**, mobil**as**te, mobil**ou**, mobil**a**mos, mobil**as**tes, mobil**a**ram.
	– mobilh**ei**, mobilh**as**te, mobilh**ou**, mobilh**a**mos, mobilh**as**tes, mobilh**a**ram.
Subj. pres.:	– mo**bí**lie, mo**bí**lies, mo**bí**lie, mobili**e**mos, mobili**eis**, mo**bí**liem.
	– mo**bi**le, mo**bi**les, mo**bi**le, mobil**e**mos, mobil**eis**, mo**bi**lem.
	– mo**bi**lhe, mo**bi**lhes, mo**bi**lhe, mobilh**e**mos, mobilh**eis**, mo**bi**lhem.

Imperat. afirm.: – mo**bí**lia, mo**bí**lie, mobili**e**mos, mobili**ai**, mo**bí**liem.
– mo**bi**la, mo**bi**le, mobil**e**mos, mobil**ai**, mo**bi**lem.
– mo**bi**lha, mo**bi**lhe, mobilh**e**mos, mobilh**ai**, mo**bi**lhem.

Outras: – mobili**a**va, mobiliar**e**i, mobiliar**i**a, mobili**a**ra, mobili**a**sse, mobili**a**r, mobili**an**do, mobili**a**do.
– mobil**a**va, mobilar**e**i, mobilar**i**a, mobil**a**ra, mobil**a**sse, mobil**a**r, mobil**an**do, mobil**a**do.
– mobilh**a**ra, mobilhar**e**i, mobilhar**i**a, mobilh**a**ra, mobilh**a**sse, mobilh**a**r, mobilh**an**do, mobilh**a**do.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

380. ( ) A variante **mobilar** é lusitanismo.
381. ( ) Na variante **mobiliar**, a sílaba **bi** passa a ter acento agudo nas formas arrizotônicas.
382. ( ) Toda paroxítona terminada em ditongo deve ser acentuada graficamente. É por isso que em **mobiliar**, as formas rizotônicas recebem o acento agudo.
383. ( ) No subjuntivo presente, estão certas as formas: mobíle, mobílhes, mobílhem, mobílem...
384. ( ) No subjuntivo presente, estão certas as formas: mobile, mobilhes, mobilhem, mobilem...

apiedar-se, apiadar-se (Regulares.)

eu me apiedo	eu me apiado
tu te apiedas	tu te apiadas
ele se apieda	ele se apiada
nós nos apiedamos	nós nos apiadamos
vós vos apiedais	vós vos apiadais
eles se apiedam	eles se apiadam

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

385. ( ) Em Portugal, **piedade** e **piadade**, na pronúncia, confundem-se.
386. ( ) A forma **apiadar-se** relaciona-se com **piadade** e é considerada arcaísmo.
387. ( ) Ambos os verbos são pronominais e regulares.

Terminados em <u>oar</u>

abençoar, abalroar, abotoar, assoar, caçoar, coar, doar, ensaboar, magoar, reboar, soar, voar... (Regulares; seguem o modelo de **voar**.)

Ind. pres.: vôo (nova ortografia: voo), voas, voa, voamos, voais, voam.
Pret. perf.: voei, voaste, voou, voamos, voastes, voaram.
Subj. pres.: voe, voes, voe, voemos, voeis, voem.

Imperat. afirm.:	voa, voe, voemos, voai, voem.
Outras:	voava, voarei, voaria, voara, voasse, voar, voando, voado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos em **oar**.

388. ( ) **ensabôo**, **abotôo**, **magôo**, **vôo** eram acentuadas, mas deixaram de sê-lo pela nova ortografia.
389. ( ) **abalrôas**, **abotôas**, **caçôas** não são acentuadas, nem pela antiga, nem pela nova ortografia.
390. ( ) **côa**, **côas** eram acentuadas para diferençar de **coa**, **coas**, contração de **com** + **a**(**s**), mas perderam o acento pela nova ortografia.
391. ( ) Os grupos **oo**, **oa**, **oe**, pela nova ortografia, não se acentuam, exceto em **côa**, **côas**.

Terminados em uar

amuar, atuar, autuar, continuar, cultuar, encruar, graduar, habituar, jejuar... (Regulares; seguem o modelo de **suar**.)

Ind. pres.:	suo, suas, sua, suamos, suais, suam.
Pret. perf.:	suei, suaste, suou, suamos, suastes, suaram.
Subj. pres.:	sue, sues, sue, suemos, sueis, suem.
Imperat. afirm.:	sua, sue, suemos, suai, suem.
Outras:	suava, suarei, suaria, suara, suasse, suar, suando, suado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

392. ( ) **soar** e **suar** são regulares, e é comum confundi-los.
393. ( ) Soamos muito no calor.
394. ( ) Naquele ambiente úmido e fechado, o tambor soava e suava.
395. ( ) O bolo encroou.

Terminados em guar, quar, quir

aguar, apaniguar, apaziguar, apropinquar, adequar(-se), antiquar, averiguar, desaguar, enxaguar, minguar, obliquar, delinqüir/delinquir (nova ortografia)**...** (Regulares.)

Ind. pres.:	1 – **á**guo, **á**guas, **á**gua, agu**a**mos, agu**a**is, **á**guam.
	2 – ag**u**o, ag**u**as, ag**u**a, agu**a**mos, agu**a**is, ag**u**am.
Pret. perf.:	agüei (nova ortografia: agu**e**i), agu**a**ste, agu**o**u, agu**a**mos, agu**a**stes, agu**a**ram.
Subj. pres.:	1 – **á**güe, **á**gües, **á**güe, agü**e**mos, agü**e**is, **á**güem (nova ortografia: **á**gue, **á**gues, **á**gue, agu**e**mos, agu**e**is, **á**guem).
	2 – ag**u**e, ag**u**es, ag**u**e, agu**e**mos, agu**e**is, ag**u**em.

Imperat. afirm.: 1 – água, ágüe, agüemos, aguai, ágüem (nova ortografia: água, águe, aguemos, aguai, águem).
2 – ag**u**a, ag**ue**, agu**e**mos, agu**a**i, ag**u**em.
Outras: aguava, aguarei, aguaria, aguara, aguasse, aguar, aguando, aguado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos acima.

396. ( ) As formas rizotônicas recebem acento agudo porque são paroxítonas terminadas em ditongo.
397. ( ) Na antiga ortografia, o **u** recebe trema antes de **e** por ser pronunciado e átono. Nas novas regras ortográficas, o **u** perdeu o trema.
398. ( ) Observando-se as letras em negrito que marcam a vogal tônica, constata-se que há duas pronúncias possíveis.
399. ( ) Nos presentes do indicativo e do subjuntivo, há duas pronúncias e grafias consagradas.
400. ( ) Por isso, nos imperativos afirmativo e negativo, há também duas pronúncias e grafias consagradas.
401. ( ) O **u** é sempre pronunciado tônico.
402. ( ) O **u** é sempre pronunciado. Na antiga ortografia, quando átono, tem trema; quando tônico, tem acento agudo.
403. ( ) Agora, pela nova ortografia, devem-se eliminar todos os tremas.
404. ( ) O **u** é sempre pronunciado tônico nas formas rizotônicas. Nas arrizotônicas, é pronunciado átono.
405. ( ) O dicionário Houaiss classifica todos esses verbos como regulares.
406. ( ) As formas rizotônicas apresentam acento agudo por serem proparoxítonas.
407. ( ) As formas rizotônicas apresentam acento agudo por serem paroxítonas terminadas em ditongo.
408. ( ) **Apropinguar(-se)** é muito usado, mas a forma pronominal não o é.
409. ( ) Esse verbo, que significa **aproximar**, **aproximar-se**, é de uso raro.

resfolegar (Regular.)

Ind. pres.: resfólego, resfólegas, resfólega, resfolegamos, resfolegais, resfólegam.
Pret. perf.: resfoleguei, resfolegaste, resfolegou, resfolegamos, resfolegastes, resfolegaram.
Subj. pres.: resfólegue, resfólegues, resfólegue, resfoleguemos, resfolegueis, resfóleguem.
Imperat.: afirm.: resfólega, resfólegue, resfoleguemos, resfolegai, resfóleguem.
Outras: resfolegava, resfolegarei, resfolegaria, resfolegara, resfolegasse, resfolegar, resfolegando, resfolegado.

resfolgar (Regular.)

Ind. pres.:	resfolgo, resfolgas, resfolga, resfolgamos, resfolgais, resfolgam.
Pret. perf.:	resfolguei, resfolgaste, resfolgou, resfolgamos, resfolgastes, resfolgaram.
Subj. pres.:	resfolgue, resfolgues, resfolgue, resfolguemos, resfolgueis, resfolguem.
Imperat. afirm.:	resfolga, resfolgue, resfolguemos, resfolgai, resfolguem.
Outras:	resfolgava, resfolgarei, resfolgaria, resfolgara, resfolgasse, resfolgar, resfolgando, resfolgado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os quadros anteriores.

"No intervalo, os jogadores resfolgavam (ou resfolegavam) no vestiário."

410. ( ) **resfolegar** ou **resfolgar** significa **recuperar o fôlego**, **descansar**.
411. ( ) **resfolgar** é derivado de **resfolegar** pela síncope do **e** (queda do **e**).
412. ( ) **resfolegar** e **resfolgar** são, pois, sinônimos.
413. ( ) **resfolegar** conjuga-se regularmente nas formas arrizotônicas.

Terminados em gnar, bstar, psar, ptar e tmar

dignar-se, indignar-se, consignar, estagnar, persignar-se, resignar-se, impugnar, propugnar, repugnar, obstar, eclipsar, optar, raptar, ritmar... (Regulares; conjugam-se como **pugnar**.)

Ind. pres.:	p**u**gno, p**u**gnas, p**u**gna, pugn**a**mos, pugn**a**is, p**u**gnam.
Pret. perf.:	pugn**e**i, pugn**a**ste, pugn**o**u, pugn**a**mos, pugn**a**stes, pugn**a**ram.
Subj. pres.:	p**u**gne, p**u**gnes, p**u**gne, pugn**e**mos, pugn**e**is, p**u**gnem.
Imperat. afirm.:	p**u**gna, p**u**gne, pugn**e**mos, pugn**a**i, p**u**gnem.
Outras:	pugn**a**va, pugnar**e**i, pugnar**i**a, pugn**a**ra, pugn**a**sse, pugn**a**r, pugn**a**ndo, pugn**a**do.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre o quadro anterior.

414. ( ) Na pronúncia, o encontro consonantal **gn** é inseparável.
415. ( ) O **g** se apoia na vogal que lhe vem antes; o **n**, na que se lhe segue (p**u**g-n**o**).
416. ( ) O mesmo acontece com **o**bs-t**o**, **o**bs-t**a**s, **o**p-t**o**, **o**p-t**a**s, r**a**p-t**o**, r**a**p-t**a**s, r**i**t-m**o**, r**i**t-m**a**s...
417. ( ) No presente do indicativo, do subjuntivo e no imperativo é que aparecem formas rizotônicas, excetuando-se **nós** e **vós**.
418. Sublinhe as letras que representam as vogais tônicas, pronunciando as palavras, em voz alta, para educar o ouvido.
indigno-me, indigna-se, indignam-se, indignamo-nos, indignai-vos, indignas-te.

obviar (Regular.)

Ind. pres.:	obv**i**o, obv**i**as, obv**i**a, obv**i**amos, obv**i**ais, obv**i**am.
Pret. perf.:	obv**i**ei, obv**i**aste, obv**i**ou, obv**i**amos, obv**i**astes, obv**i**aram.
Subj. pres.:	obv**i**e, obv**i**es, obv**i**e, obv**i**emos, obv**i**eis, obv**i**em.
Imperat. afirm.:	obv**i**a, obv**i**e, obv**i**emos, obv**i**ai, obv**i**em.
Outras:	obv**i**ava, obviar**á**, obviar**i**a, obv**i**ara, obv**i**asse, obv**i**ar, obv**i**ando, obv**i**ado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre o quadro visto.

419. ( ) O encontro consonantal **bv** é separável, ficando cada consoante numa sílaba.
420. ( ) Nenhuma de suas formas apresenta acento gráfico no **i** ou **e**.
421. ( ) **obviar** conjuga-se com a mesma pronúncia de **optar**.
422. ( ) Em **obviar**, a tônica está sempre depois do encontro consonantal, o que não acontece com **optar**.

2ª conjugação

abster-se, ater-se, conter, deter, entreter, manter, obter, reter, suster... (Irregulares; conjugam-se como **ter**.) *Vide* pág. 187.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** em relação ao presente do indicativo do verbo **ter**.

423. ( ) A 3ª pessoa do plural tem circunflexo para não ser confundida com a 3ª pessoa do singular (eles têm ≠ ele tem).
424. ( ) Nos derivados, isso também acontece: eles detêm, mantêm, obtêm...
425. ( ) Nos derivados, a 3ª pessoa do singular também segue a grafia de **ter**: ele tem, detem, mantem, se abstem...
426. ( ) A 3ª pessoa do singular de **ter** escreve-se sem acento, mas a de seus derivados, por ter mais de uma sílaba, segue a regra de acentuação das oxítonas e recebem acento agudo: tem ≠ retém, detém, abstém-se, ou se abstém, entretém...

Terminados em azer*

afazer, bem-fazer, contrafazer, desafazer, desfazer, esfazer, estupefazer, liqüefazer ou liquefazer, malfazer, perfazer, putrefazer, rarefazer, refazer, satisfazer, torrefazer, transfazer, tumefazer... (Irregulares e abundantes; conjugam-se como **fazer**.)

Ind. pres.:	faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem.

Pret. perf.:	fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram.
Subj. pres.:	faça, faças, faça, façamos, façais, façam.
Imperat. afirm.:	faz(e), faça, façamos, fazei, façam.
Outras:	fazia, farei, faria, fizera, fizesse, fizer, fazendo, feito.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

427. ( ) **faz-**, **faç-**, **fiz-**, **fez-**, **far-**, **fei-** ... tantos radicais num mesmo verbo levam gramáticos a classificarem-no como anômalo.
428. ( ) **faço**, **faz**, **fiz**, **faça** são formas irregulares.
429. ( ) **farei**, **faria**, **feito** são formas regulares.
430. ( ) No imperativo afirmativo, **faz** (tu) ou **faze** (tu) são formas abundantes.

jazer, adjazer, circunjazer, subjazer (Irregulares e abundantes.)

Ind. pres.:	subjazo, subjazes, subjaz, subjazemos, subjazeis, subjazem.
Pret. perf.:	subjazi, subjazeste, subjazeu, subjazemos, subjazestes, subjazeram.
Subj. pres.:	subjaza, subjazas, subjaza, subjazamos, subjazais, subjazam.
Imperat. afirm.:	subjaz(e), subjaza, subjazamos, subjazei, subjazam.
Outras:	subjazia, subjazerei, subjazeria, subjazera, subjazesse, subjazer, subjazendo, subjazido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

431. ( ) A irregularidade desses verbos acontece só na 3ª pessoa do singular: **jaz**, **subjaz**, **adjaz**, **circunjaz**.
432. ( ) No imperativo afirmativo, são abundantes: **jaze** (tu) ou **jaz** (tu)...

comprazer, descomprazer (Irregulares e abundantes.)

Ind. pres.:	comprazo, comprazes, compraz, comprazemos, comprazeis, comprazem.
Pret. perf.:	comprazi, comprazeste, comprazeu, comprazemos, comprazestes, comprazeram (moderno). comprouve, comprouveste, comprouve, comprouvemos, comprouvestes, comprouveram (antigo).
Subj. pres.:	compraza, comprazas, compraza, comprazamos, comprazais, comprazam.
Imperat. afirm.:	compraz(e), compraza, comprazamos, comprazei, comprazam.
Outras:	comprazia, comprazerá, comprazeria, comprazera, comprazesse ou comprouvesse, comprazer ou comprouver, comprazendo, comprazido.

**Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*

prazer, aprazer, desaprazer, desprazer (Irregulares, defectivos e abundantes.)

Ind. pres.:	–, –, praz, –, –, prazem.
Pret. perf.:	–, –, prouve, –, –, prouveram.
Subj. pres.:	–, –, praza, –, –, prazam.
Imperat. afirm.:	–, praza, –, prazam.
Outras:	prazia(am), prazerá(ão), prazeria(am), prouvera(am), prouvesse(em), prouver(em), prazendo, prazido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

433. ( ) Esses verbos são irregulares na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo: **praz**, **compraz**...

434. ( ) Alguns gramáticos já consideram o verbo **prazer** com conjugação completa, como a de **comprazer**.

435. ( ) **comprazer** e **descomprazer** conjugam-se em todas as pessoas e tempos.

436. ( ) **aprazer**, **desaprazer**, **desprazer** normalmente só são usados nas 3as pessoas, porém **aprazer-se**, **desaprazer-se**, **desprazer-se** conjugam-se em todas as pessoas e tempos.

437. ( ) No pretérito perfeito do indicativo, convive a forma moderna regular **prazi**, **prazeste**, **prazeu**... **prazeram** com a antiga **prouve**, **prouveste, prouve, prouveram**.

438. ( ) Trata-se, portanto, de verbo abundante nas formas: aprazeu/aprouve, aprazesse/aprouvesse, aprazer/aprouver...

439. ( ) Algumas pessoas de **aprazer**, fora do contexto da frase, podem confundir-se com pessoas de **aprazar**.

trazer e derivados (Irregulares e abundantes.)

Ind. pres.:	trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem.
Pret. perf.:	trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram.
Subj. pres.:	traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam.
Imperat. afirm.:	traz(e), traga, tragamos, trazei, tragam.
Outras:	trazia, trarei, traria, trouxera, trouxesse, trouxer, trazendo, trazido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

440. ( ) **traz**, **trago**, **trazemos**, **trazia** são formas irregulares.

441. ( ) **trago**, **traz**, **trarei**, **traria**, **trouxe**, **trouxera**, **trouxesse**, **trouxer** são formas irregulares.

442. ( ) A forma **traz**, irregular, resulta do mesmo processo que aconteceu com **faz**, **diz** e **traduz**.
443. ( ) **trazer** e derivados são abundantes no imperativo afirmativo: traze ou traz (tu).

caber, descaber (Irregulares.)

Ind. pres.:	caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem.
Pret. perf.:	coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam.
Subj. pres.:	caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam.
Imperat. afirm.:	cabe, caiba, caibamos, cabei, caibam.
Outras:	cabia, caberei, caberia, coubera, coubesse, couber, cabendo, cabido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

444. ( ) As formas **cabia**, **caberei**, **caberia**, **cabendo** e **cabido** são irregulares.
445. ( ) As formas **caibo**, **caibamos**, **coube**, **coubesse**, **couber** são irregulares.
446. ( ) Pelo seu sentido, dizem alguns gramáticos, o imperativo não se coaduna com o verbo caber, e o consideram defectivo no imperativo.
447. ( ) Para alguns gramáticos, o verbo **descaber** só é usado no infinitivo e no particípio, por isso, também é considerado defectivo.

crer, ler, descrer, reler, tresler (Irregulares.)

Ind. pres.:	creio, crês, crê, cremos, credes, crêem (nova ortografia: creem).
Pret. perf.:	cri, creste, creu, cremos, crestes, creram.
Subj. pres.:	creia, creias, creia, creiamos, creiais, creiam.
Imperat. afirm.:	crê, creia, creiamos, crede, creiam.
Outras:	cria, crerei, creria, crera, cresse, crer, crendo, crido.

Ind. pres.:	leio, lês, lê, lemos, ledes, lêem (nova ortografia: leem).
Pret. perf.:	li, leste, leu, lemos, lestes, leram.
Subj. pres.:	leia, leias, leia, leiamos, leiais, leiam.
Imperat. afirm.:	lê, leia, leiamos, lede, leiam.
Outras:	lia, lerei, leria, lera, lesse, ler, lendo, lido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

448. ( ) São formas irregulares: creio, creia, cri, leio, li, creste, leste.
449. ( ) São formas irregulares: creio, leio, creia, leia.
450. ( ) Creem, leem, descreem e releem, no recente Acordo Ortográfico, perderam o circunflexo, assim como deem, veem e derivados.

dizer, bendizer, condizer, contradizer, desdizer, entredizer, interdizer, maldizer, predizer, redizer (Irregulares e abundantes.)

Ind. pres.:	digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem.
Pret. perf.:	disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram.
Subj. pres.:	diga, digas, diga, digamos, digais, digam.
Imperat. afirm.:	diz(e), diga, digamos, dizei, digam.
Outras:	dizia, direi, diria, dissera, dissesse, disser, dizendo, dito.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

451. ( ) São formas regulares: dizes, diz, dizemos.

452. ( ) Constituem-se como formas irregulares: diz, disse, dissemos, digo, digas, direi, diremos, diria, dissera, dito.

453. ( ) Diz e dize: formas abundantes do imperativo afirmativo.

escrever, circunscrever, adscrever, descrever, inscrever, prescrever, proscrever, reescrever, sobrescrever, subscrever, transcrever... (Irregulares.)

Ind. pres.:	escrevo, escreves, escreve, escrevemos, escreveis, escrevem.
Pret. perf.:	escrevi, escreveste, escreveu, escrevemos, escrevestes, escreveram.
Subj. pres.:	escreva, escrevas, escreva, escrevamos, escrevais, escrevam.
Imperat. afirm.:	escreve, escreva, escrevamos, escrevei, escrevam.
Outras:	escrevia, escreverei, escreveria, escrevera, escrevesse, escrever, escrevendo, escrito.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

454. ( ) A única irregularidade de **escrever** e de seus derivados acontece no particípio: escrito, adscrito, subscrito, circunscrito, transcrito...

feder (Regular, ex-defectivo.)

Ind. pres.:	(fedo), fedes, fede, fedemos, fedeis, fedem.
Pret. perf.:	fedi, fedeste, fedeu, fedemos, fedestes, federam.
Subj. pres.:	(feda), (fedas), (feda), fedamos, fedais, fedam.
Imperat. afirm.:	fede, (feda), (fedamos), fedei, fedam.
Outras:	fedia, federei, federia, federa, fedesse, feder, fedendo, fedido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre o quadro anterior.

455. ( ) Usado predominantemente na linguagem popular.

456. ( ) Tradicionalmente era classificado como defectivo, não tendo conjugação de todas as formas que estão entre parênteses.
457. ( ) É característico da norma culta.
458. ( ) Atualmente é considerado regular, conjugável em todas as formas.

haver(-se) (Irregular e abundante.)

Ind. pres.:	hei, has, há, havemos (ou hemos), haveis (ou heis), hão.
Pret. perf.:	houve, houveste, houve, houvemos, houvestes, houveram.
Subj. pres.:	haja, hajas, haja, hajamos, hajais, hajam.
Imperat. afirm.:	há, haja, hajamos, havei, hajam.
Outras:	havia, haverei, haveria, houvera, houvesse, houver, havendo, havido.

Obs.: veja toda sua conjugação a partir da pág. 187.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

459. ( ) No presente do indicativo, o verbo **haver** é abundante na 1ª e 2ª pessoa do plural.
460. ( ) As formas **hemos** e **heis** não são hoje usadas.
461. ( ) O verbo **haver**, na linguagem moderna, vem sendo substituído pelo verbo ter.

1. haja(s) ≠ aja(s)
2. havia(s) ≠ avia(s)
3. heis ≠ eis
4. houve ≠ ouve

462. ( ) Os pares de homônimos acima comparam formas do verbo **haver** com outras dos verbos **agir**, **aviar**, **ouvir** e com a palavra **eis**.
463. ( ) Ele se houve bem na prova. Nessa frase, empregou-se o verbo **haver-se**, que significa **sair-se**.

reaver (Irregular e defectivo.)

Ind. pres.:	–, –, –, reavemos, reaveis, –.
Pret. perf.:	reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram.
Subj. pres.:	–, –, –, –, –, –.
Imperat. afirm.:	–, –, –, reavei, –.
Outras:	reavia, reaverei, reaveria, reouvera, reouvesse, reouver, reavendo, reavido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

464. ( ) **reouve**, **reouvera** e **reouver** são formas irregulares.
465. ( ) **reaver** conjuga-se pelo verbo **haver**, mas só se conjuga nas formas em que aparece a letra **v**.
466. ( ) **reaver** é defectivo nas formas em que **haver** não tem a letra **v**.

Terminados em oer

condoer-se, corroer, doer(-se), esmoer, remoer, roer (Irregulares; conjugam-se como **moer**.)

Ind. pres.:	môo (nova ortografia: moo), móis, mói, moemos, moeis, moem.
Pret. perf.:	moí, moeste, moeu, moemos, moestes, moeram.
Subj. pres.:	moa, moas, moa, moamos, moais, moam.
Imperat. afirm.:	mói, moa, moamos, moei, moam.
Outras:	moía, moerei, moeria, moera, moesse, moer, moendo, moído.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

467. ( ) **ôo** é terminação dos verbos em **oar** e **oer**, na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo.
468. ( ) **móis**, **mói** têm acento agudo pela presença do ditongo aberto **ói**.
469. ( ) **moí**, **moía**, **moíamos**, **moído** têm o **i** acentuado por ser tônico e segunda vogal de hiato.
470. ( ) **móis** e **mói** são formas irregulares.

soer (Irregular e defectivo.)

Ind. pres.:	–, sóis, sói, soemos, soeis, soem.
Pret. perf.:	soí, soeste, soeu, soemos, soestes, soeram.
Subj. pres.:	–, –, –, –, –, –.
Imperat. afirm.:	sói –, –, soei, –.
Outras:	soía, soerei, soeria, soera, soesse, soer, soendo, soído.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre **soer**.

471. ( ) É defectivo na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo.
472. ( ) Por isso, é também defectivo no presente do subjuntivo e nas pessoas do imperativo negativo.
473. ( ) Tem todas as pessoas do imperativo afirmativo.
474. ( ) No imperativo afirmativo só se conjuga nas pessoas **tu** e **vós**, porque são derivadas do presente do indicativo. Nas outras, é defectivo.
475. ( ) É irregular nas formas **sóis**, **sói**.

perder (Irregular.)

Ind. pres.:	perco, perdes, perde, perdemos, perdeis, perdem.
Pret. perf.:	perdi, perdeste, perdeu, perdemos, perdestes, perderam.
Subj. pres.:	perca, percas, perca, percamos, percais, percam.
Imperat. afirm.:	perde, perca, percamos, perdei, percam.
Outras:	perdia, perderei, perderia, perdera, perdesse, perder, perdendo, perdido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

476. ( ) **perco**, **perca**, **percamos** são formas irregulares.
477. ( ) Se a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo é irregular, também o serão suas formas derivadas, como o presente do subjuntivo e, consequentemente, todo o imperativo negativo e as pessoas **você**, **nós** e **vocês** do imperativo afirmativo.
478. ( ) As formas escritas com **c** apresentam o **e** aberto.
479. ( ) As formas escritas com **c** têm o **e** fechado.

poder (Irregular.)

Ind. pres.:	posso, podes, pode, podemos, podeis, podem.
Pret. perf.:	pude, pudeste, pôde, pudemos, pudestes, puderam.
Subj. pres.:	possa, possas, possa, possamos, possais, possam.
Imperat. afirm.:	pode, possa, possamos, podei, possam.
Outras:	podia, poderei, poderia, pudera, pudesse, puder, podendo, podido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

480. ( ) São irregulares todas as formas do verbo **poder** que apresentam **ss** e **pu**: posso, possamos, puder, pudesse...
481. ( ) **pôde** é pretérito perfeito, **pode** é presente.
482. ( ) Há gramáticos que consideram este verbo defectivo no imperativo, alegando que **não se manda alguém poder**.
483. ( ) Mas cabe usá-lo no imperativo quando se quer incutir ênfase: Você só não pode se não quiser tentar, então **queira**-o e **possa**.

pôr, antepor, apor, circumpor, compor, contrapor, decompor, depor, descompor, dispor, entrepor, expor, impor, indispor, interpor, justapor, maldispor, opor, pospor, predispor, prepor, pressupor, propor, recompor, repor, sobrepor, sotopor, superpor, supor, transpor (Irregulares ou anômalos.)

Ind. pres.:	ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem.
Pret. perf.:	pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram.
Subj. pres.:	ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham.
Imperat. afirm.:	põe, ponha, ponhamos, ponde, ponham.
Outras:	punha, porei, poria, pusera, pusesse, puser, pondo, posto.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos anteriores.

484. ( ) São os únicos que apresentam irregularidade no infinitivo.
485. ( ) Esse acontecimento faz alguns gramáticos considerarem-nos anômalos (mais que irregulares).

486. ( ) Alguns, inclusive, sugerem classificá-los como representantes de uma quarta conjugação: a dos verbos com infinitivo em **or**.
487. ( ) Normalmente, por sua derivação a partir do verbo **poer**, é considerado como irregularidade ou anomalia da 2ª conjugação.

precaver(-se) (Regular e defectivo.)

Ind. pres.:	–, –, –, precavemos, precaveis, –.
Pret. perf.:	precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram.
Subj. pres.:	–, –, –, –, –, –.
Imperat. afirm.:	–, –, –, precavei, –.
Outras:	precavia, precaverei, precaveria, precavera, precavesse, precaver, precavendo, precavido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre **precaver** e **precaver-se**.

488. ( ) São defectivos em algumas pessoas do presente do indicativo, do imperativo afirmativo e em todas do presente do subjuntivo e do imperativo negativo.
489. ( ) Esses verbos só se conjugam nas formas arrizotônicas.
490. ( ) Hoje só se usa a forma pronominal.
491. ( ) **precavejo**, **precaveem**, **precaviste**, **precaviu**... são formas que não existem porque são referentes a verbos que não são derivados de **ver**.
492. ( ) **precavenho**, **precavéns**, **precavenha**, **precavim** são também inexistentes na norma culta, porque não derivam os verbos **precaver** e **precaver-se** de **vir**.
493. ( ) Como são defectivos, suas formas inexistentes podem-se suprir pelas dos verbos **prevenir(-se)**, **precatar-se** ou **cuidar-se**.

prover, desprover (Irregulares.)

Ind. pres.:	provejo, provês, provê, provemos, provedes, provêem (nova ortografia: proveem).
Pret. perf.:	provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram.
Subj. pres.:	proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam.
Imperat. afirm.:	provê, proveja, provejamos, provede, provejam.
Outras:	provia, proverei, proveria, provera, provesse, prover, provendo, provido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

494. ( ) Derivado de **ver**, **prover** ora se conjuga como **ver**, ora não.
495. Todas as formas a seguir são corretas. Sublinhe as que fogem à conjugação de **ver**.
provê, provia, proviam, provi, proveste, proveu, provera, proveras, provesse, provesses, proverei, proveria, provejamos, provido.

querer, benquerer, desquerer, malquerer (Irregulares e abundantes.)

Ind. pres.:	quero, queres, quer(e), queremos, quereis, querem.
Pret. perf.:	quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram.
Subj. pres.:	queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram.
Imperat. afirm.:	quer(e), queira, queiramos, querei, queiram.
Outras:	queria, quererei, quereria, quisera, quisesse, quiser, querendo, querido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

496. ( ) No presente do indicativo, a forma **quere** é só usada em Portugal; no Brasil, só se usa a irregular **quer**.
497. ( ) **benquerer** e **malquerer** são abundantes em particípio: benquerido, malquerido, benquisto, malquisto.
498. ( ) **quis**, **queira**, **quisesse**, **quiser** são formas irregulares.
499. ( ) **Quer/quere**: formas abundantes no presente do indicativo e no imperativo afirmativo.

requerer (Irregular e abundante.)

Ind. pres.:	requeiro, requeres, requer(e), requeremos, requereis, requerem.
Pret. perf.:	requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram.
Subj. pres.:	requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram.
Imperat. afirm.:	requer(e), requeira, requeiramos, requerei, requeiram.
Outras:	requeria, requererei, requereria, requerera, requeresse, requerer, requerendo, requerido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

500. ( ) A forma regular **requere** é usada ainda em Portugal, e no Brasil, prefere-se a irregular **requer**.
501. ( ) **requere** e **requer** são formas abundantes desse verbo.
502. ( ) O **i** de **requeiro** caracteriza irregularidade que se repetirá no presente do subjuntivo, no imperativo negativo e em algumas pessoas do imperativo afirmativo.
503. ( ) A conjugação de **requerer** foge, portanto, à do verbo **querer**.

saber (Irregular.)

Ind. pres.:	sei, sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem.
Pret. perf.:	soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, souberam.
Subj. pres.:	saiba, saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam.
Imperat. afirm.:	sabe, saiba, saibamos, sabei, saibam.
Outras:	sabia, saberei, saberia, soubera, soubesse, souber, sabendo, sabido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** a respeito do verbo **saber**.

504. ( ) No presente do indicativo, só a 1ª pessoa do singular é irregular.
505. ( ) O pretérito perfeito e o subjuntivo presente apresentam todas as pessoas irregulares.
506. ( ) São regulares: sabia, saberei, saberia, sabendo, sabido.
507. ( ) São irregulares: souber, soubesse, saiba, sei, soube.

valer, desvaler, equivaler (Irregulares.)

Ind. pres.:	valho, vales, vale, valemos, valeis, valem.
Pret. perf.:	vali, valeste, valeu, valemos, valestes, valeram.
Subj. pres.:	valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham.
Imperat. afirm.:	vale, valha, valhamos, valei, valham.
Outras:	valia, valerei, valeria, valera, valesse, valer, valendo, valido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

508. ( ) São irregulares: valho, valha, valhamos, valham.
509. ( ) São regulares: vali, valia, valerei, valeria, valesse.

antever, entrever, prever, rever* (Irregulares; conjugam-se como **ver****.)

Ind. pres.:	vejo, vês, vê, vemos, vedes, vêem (nova ortografia: veem).
Pret. perf.:	vi, viste, viu, vimos, vistes, viram.
Subj. pres.:	veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam.
Imperat. afirm.:	vê, veja, vejamos, vede, vejam.
Outras:	via, verei, veria, vira, visse, vir, vendo, visto.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

510. ( ) Vemos hoje o que vimos ontem.
511. ( ) Quando você ver o que nós víramos...
512. ( ) Eu me entretive pensando que se ele previsse ou antevisse, não reveria o trato.
513. ( ) Viste bem do que proveste a nossa despensa.
514. ( ) Tenho visto que você não tem provido os cargos abertos.
515. ( ) O Acordo Ortográfico aboliu o circunflexo de veem, reveem...

* Rever: existe, derivado do latim *repere*, um outro verbo **rever**, que significa "transudar", 'verter', 'deixar transpirar', mas que também se conjuga como o verbo **ver**: O suor **revê** de seus poros. Sua fala ao telefone **revia** descontrole.

** O verbo **prover** foge à conjugação de **ver**. Estude-o na página 232.

viger (Regular.)

Ind. pres.:	(vijo), viges, vige, vigemos, vigeis, vigem.
Pret. perf.:	vigi, vigeste, vigeu, vigemos, vigestes, vigeram.
Subj. pres.:	(vija), (vijas), (vija), (vijamos), (vijais), (vijam).
Imperat. afirm.:	vige, (vija), (vijamos), vigei, (vijam).
Outras:	vigia, vigerei, vigeria, vigera, vigesse, viger, vigendo, vigido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre o verbo **viger**.

516. ( ) Significa "ter vigor", "estar em vigor", "vigorar".
517. ( ) Alguns gramáticos ainda o consideram defectivo na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo.
518. ( ) Portanto, não há, para esses autores, todo o presente do subjuntivo e, consequentemente, o imperativo negativo e as pessoas **você(s)** e **nós** do imperativo afirmativo.
519. ( ) Modernamente vem sendo conjugado em todas as pessoas, como verbo regular.
520. ( ) Antes de **o** e **a**, o **g** vira **j**, para não se perder a pronúncia regular.

3ª conjugação

abolir, banir, bramir, brandir, carpir, colorir, comedir, delir, demolir, emolir, extorquir, fremir, retorquir, vagir... (Regulares e defectivos.)

Ind. pres.:	–, aboles, abole, abolimos, abolis, abolem.
Pret. perf.:	aboli, aboliste, abolui, abolimos, abolistes, aboliram.
Subj. pres.:	–, –, –, –, –, –.
Imperat. afirm.:	abole, –, –, aboli, –.
Outras:	abolia, abolirei, aboliria, abolira, abolisse, abolir, abolindo, abolido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

521. ( ) São defectivos na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, portanto não têm o presente do subjuntivo e, consequentemente, o imperativo negativo e as pessoas **você**(**s**) e **nós** do imperativo afirmativo.
522. ( ) Trocam o **i** por **e** nas formas rizotônicas.
523. ( ) Eu coloro com as cores do céu.
524. ( ) O **coloro** da frase anterior pertence ao verbo **colorar**, sinônimo de "colorir" e pronuncia-se com a vogal tônica aberta como **demoro**.

agredir, denegrir, prevenir, progredir, regredir, transgredir (Irregulares.)

Ind. pres.:	agrido, agrides, agride, agredimos, agredis, agridem.
Pret. perf.:	agredi, agrediste, agrediu, agredimos, agredistes, agrediram.
Subj. pres.:	agrida, agridas, agrida, agridamos, agridais, agridam.
Imperat. afirm.:	agride, agrida, agridamos, agredi, agridam.
Outras:	agredia, agredirei, agrediria, agredira, agredisse, agredir, agredindo, agredido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro anterior.

525. ( ) Trocam o **gre** por **gri** nas formas rizotônicas do presente do indicativo, inclusive na 1ª pessoa do singular.

526. ( ) Por isso, o presente do subjuntivo e as formas do imperativo dele derivadas também trocam o **gre** por **gri**.

527. ( ) Para progredirdes mais facilmente, não agridais nem transgridais as normas do bom convívio.

Terminados em air

abstrair, atrair, cair, contrair, decair, descair, detrair, distrair, esvair, extrair, protrair, recair, ressair, retrair, retrotrair, sobressair, subtrair, trair... (Regulares; conjugam-se como **sair**.)

Ind. pres.:	saio, sais, sai, saímos, saís, saem.
Pret. perf.:	saí, saíste, saiu, saímos, saístes, saíram.
Subj. pres.:	saia, saias, saia, saiamos, saiais, saiam.
Imperat. afirm.:	sai, saia, saiamos, saí, saiam.
Outras:	saía, sairei, sairia, saíra, saísse, sair, saindo, saído.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro anterior.

528. ( ) Todos esses verbos resumem-se em **esvair**, **cair**, **trair**, **sair** e derivados.

529. ( ) Abstrai-te e não te retraias para sobressaíres.

530. ( ) Não destraias, nem traiais vossos eleitores, para não cairdes em descrédito.

Terminados em uir

construir, desconstruir, destruir, reconstruir (Irregulares e abundantes.)

Ind. pres.:	construo, constróis/truis, constrói/trui, construímos, construís, constroem/truem.
Pret. perf.:	construí, construíste, construiu, construímos, construístes, construíram.
Subj. pres.:	construa, construas, construa, construamos, construais, construam.
Imperat. afirm.:	constrói/trui, construa, construamos, construí, construam.
Outras:	construía, construirei, construiria, construíra, construísse, construir, construindo, construído.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

531. ( ) As formas tu **construis**, ele **construi** e eles **construem** são usadas em Portugal e em outros países lusófonos.

532. ( ) As formas tu **constróis**, ele **constrói** e eles **constroem** são usadas no Brasil, embora também aceitas em Portugal e em outros países lusófonos.

533. ( ) São verbos abundantes no presente do indicativo e imperativo afirmativo.

anuir, concluir, constituir, defluir, destituir, estruir, fruir, influir, instruir, obstruir, possuir, refluir, restituir, retribuir (Regulares.)

Ind. pres.:	influo, influis, influi, influímos, influís, influem.
Pret. perf.:	influí, influíste, influiu, influímos, influístes, influíram.
Subj. pres.:	influa, influas, influa, influamos, influais, influam.
Imperat. afirm.:	influi, influa, influamos, influí, influam.
Outras:	influía, influirei, influiria, influíra, influísse, influir, influindo, influído.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

534. ( ) No presente do indicativo, **influis** e **influi** graficamente têm **ui** e não **ue**, porque se trata de ditongo.

535. ( ) Trata-se de pronúncia regular, portanto de verbo regular.

argüir, redargüir/arguir, redarguir (nova ortografia) (Regulares.)

Ind. pres.:	arg**u**o, argúis, argúi, argü**i**mos, argü**i**s, argúem (nova ortografia: arg**u**o, arg**u**is, arg**u**i, arguímos, arguís, arg**u**em).
Pret. perf.:	argü**i**, argü**i**ste, argü**i**u, argü**i**mos, argü**i**stes, argü**i**ram (nova ortografia: arguí, arguíste, argu**i**u, arguímos, arguístes, arguíram).
Subj. pres.:	arg**u**a, arg**u**as, arg**u**a, arg**u**amos, arg**u**ais, arg**u**am.
Imperat. afirm.:	argúi (nova ortografia: arg**u**i), arg**u**a, arg**u**amos, argü**i** (nova ortografia: arguí), arg**u**am.
Outras:	argüia, argüirei, argüiria, argüira, argüisse, argüir, argüindo, argüido. (nova ortografia: arguía, arguirei, arguiria, arguíra, arguísse, arguir, arguindo, arguído.)

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

536. ( ) O uso do trema, pela nova ortografia, foi abolido em todos os tempos, modos e pessoas.

537. ( ) Pela nova ortografia, na sílaba **gui**, o **u** não se acentua, acentua-se o **i** quando tônico, sozinho na sílaba ou com **s**: arguí, arguís, arguímos, arguístes, arguía, arguíra, arguísse, arguído.

delinqüir/delinquir (nova ortografia) (Regular ou irregular ou defectivo.)

Ind. pres.:	1 – (delínquo), delínqües, delínqüe, delinqüimos, delinqüis, delínqüem.
	2 – delinq**u**o, delinq**u**es, delinq**u**e, delinqüimos, delinqüis, delinquem.
Pret. perf.:	delinqüi, delinqüiste, delinqüiu, delinqüimos, delinqüistes, delinqüiram.
Subj. Pres.:	1 – (delínqua), (delínquas), (delínqua), (delinquamos), (delinquais), (delínquam).
	2 – delinq**u**a, delinq**u**as, delinq**u**a, delinquamos, delinquais, delinq**u**am.
Imperat. afirm.:	1 – delínqüe, (delínqua), (delinquamos), delinqüi, (delínquam).
	2 – delinq**ú**e, delinq**u**a, delinqu**a**mos, delinqü**i**, delinq**u**am.
Outras:	delinqüia, delinqüirei, delinqüiria, delinqüira, delinqüisse, delinqüir, delinqüindo, delinqüido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

538. ( ) Nos presentes do indicativo, do subjuntivo e no imperativo, há duas conjugações diferentes.

539. ( ) Pela nova ortografia, o trema e o acento agudo no **u** foram abolidos, sem prejuízo das pronúncias.

540. ( ) Conjugam-se igualmente os verbos terminados em -guar, -quar, -quir, terminações de infinitivo em que o **u** é pronunciado átono.

541. ( ) Pela nova ortografia, tais verbos, por oferecerem dois paradigmas, ou têm o **u** como vogal tônica, mas sem acento gráfico [enxag**u**a(s), delinq**u**e(s)], ou são paroxítonos terminados em ditongo, tendo acento gráfico [enxágue(s), delínque(s)].

puir, pruir, ruir (Regulares e defectivos.)

Ind. pres.:	–, p**u**is, p**u**i, puímos, puís, p**u**em.
Pret. perf.:	puí, puíste, pu**i**u, puímos, puístes, puíram.
Subj. pres.:	–, –, –, –, –, –.
Imperat. afirm.:	p**u**i, –, –, puí, –.
Outras:	puía, puirei, puiria, puíra, puísse, puir, puindo, puído.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro anterior.

542. ( ) São defectivos nas formas em que o **u** seria seguido de **o** ou **a**.

543. ( ) São regulares nas outras formas.

abrir, desabrir, entreabrir, reabrir (Irregulares.)

Ind. pres.:	abro, abres, abre, abrimos, abris, abrem.
Pret. perf.:	abri, abriste, abriu, abrimos, abristes, abriram.
Subj. pres.:	abra, abras, abra, abramos, abrais, abram.
Imperat. afirm.:	abre, abra, abramos, abri, abram.
Outras:	abria, abrirei, abriria, abrira, abrisse, abrir, abrindo, aberto.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

544. ( ) **abro**, **abri**, **abra** são formas irregulares.
545. ( ) A única irregularidade está no particípio: aberto, desaberto, entreaberto, reaberto.

acudir, bulir, consumir, cuspir, desentupir, entupir, escapulir, fugir, sacudir, subir, sumir, zunir (Irregulares.)

Ind. pres.:	acudo, acodes, acode, acudimos, acudis, acodem.
Pret. perf.:	acudi, acudiste, acudiu, acudimos, acudistes, acudiram.
Subj. pres.:	acuda, acudas, acuda, acudamos, acudais, acudam.
Imperat. afirm.:	acode, acuda, acudamos, acudi, acudam.
Outras:	acudia, acudirei, acudiria, acudira, acudisse, acudir, acudindo, acudido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos anteriores.

546. ( ) A irregularidade se baseia na mudança do **u** por **o**.
547. ( ) Só existem quatro pessoas irregulares: **tu**, **ele**, **eles** do presente do indicativo e **tu** do imperativo afirmativo.
548. ( ) f**ug**o, f**oge**s, f**oge**, fu**gi**mos, fu**gi**s, fo**ge**m.
549. ( ) f**uga**, f**uga**s, f**uga**, fu**ga**mos, f**uga**is, f**uga**m.
550. ( ) f**ujo**, f**uja**, fu**jam**os, f**uja**is, f**uja**m, f**uja**s.
551. ( ) Antes de **o** e **a**, trocam o **g** por **j** para manter a pronúncia. Esse fato não caracteriza irregularidade.
552. ( ) **entupir** e **desentupir**, dessa lista, são os únicos abundantes no presente do indicativo (entupe(s) ou entope(s), entupem ou entopem) e no imperativo afirmativo (entupe ou entope).

assumir, presumir, reassumir, resumir (Regulares.)

Ind. pres.:	assumo, assumes, assume, assumimos, assumis, assumem.
Pret. perf.:	assumi, assumiste, assumiu, assumimos, assumistes, assumiram.
Subj. pres.:	assuma, assumas, assuma, assumamos, assumais, assumam.
Imperat. afirm.:	assume, assuma, assumamos, assumi, assumam.
Outras:	assumia, assumirei, assumiria, assumira, assumisse, assumir, assumindo, assumido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

553. ( ) Como regulares, mantêm o **u** em todas as pessoas: resumo, resumes, resume, resumimos, resumis, resumem, resumi, resumia, resumirei, resumiria, resumindo...

cerzir (Irregular e abundante.)

Ind. pres.:	cirzo, cirzes/cerzes, cirze/cerze, cerzimos, cerzis, cirzem/cerzem.

Pret. perf.:	cerzi, cerziste, cerziu, cerzimos, cerzistes, cerziram.
Subj. pres.:	cirza, cirzas, cirza, cirzamos, cirzais, cirzam.
Imperat. afirm.:	cirze/cerze, cirza, cirzamos, cerzi, cirzam.
Outras:	cerzia, cerzirei, cerziria, cerzira, cerzisse, cerzir, cerzindo, cerzido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre o verbo **cerzir**.

554. ( ) É irregular na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, portanto, também no subjuntivo presente e, consequentemente, no imperativo negativo e nas pessoas **você(s)** e **nós** do imperativo afirmativo.

555. ( ) No presente do indicativo (tu e ele) e no imperativo afirmativo (tu), coexistem no uso as formas regulares e irregulares.

556. ( ) Pela afirmação anterior, conclui-se ser verbo abundante.

cobrir, encobrir, descobrir (Irregulares.)

Ind. pres.:	cubro, cobres, cobre, cobrimos, cobris, cobrem.
Pret. perf.:	cobri, cobriste, cobriu, cobrimos, cobristes, cobriram.
Subj. pres.:	cubra, cubras, cubra, cubramos, cubrais, cubram.
Imperat. afirm.:	cobre, cubra, cubramos, cobri, cubram.
Outras:	cobria, cobrirei, cobriria, cobrira, cobrisse, cobrir, cobrindo, coberto.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

557. ( ) Todas as pessoas em que o **o** se troca por **u** são irregulares.

558. ( ) O particípio é também irregular.

559. ( ) Todas as outras formas são regulares.

dormir, engolir, tossir (Irregulares.)

Ind. pres.:	durmo, dormes, dorme, dormimos, dormis, dormem.
Pret. perf.:	dormi, dormiste, dormiu, dormimos, dormistes, dormiram.
Subj. pres.:	durma, durmas, durma, durmamos, durmais, durmam.
Imperat. afirm.:	dorme, durma, durmamos, dormi, durmam.
Outras:	dormia, dormirei, dormiria, dormira, dormisse, dormir, dormindo, dormido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

560. ( ) Conjugam-se inteiramente como os verbos **cobrir** e derivados.

561. ( ) Conjugam-se como **cobrir** e derivados, com uma única diferença: o particípio é regular: **dormido**, **engolido**, **tossido**.

Terminados em uzir

conduzir, induzir, luzir, reduzir, seduzir, reluzir (Irregulares e abundantes.)

Ind. pres.:	conduzo, conduzes, conduz, conduzimos, conduzis, conduzem.
Pret. perf.:	conduzi, conduziste, conduziu, conduzimos, conduzistes, conduziram.
Subj. pres.:	conduza, conduzas, conduza, conduzamos, conduzais, conduzam.
Imperat. afirm.:	conduz(e), conduza, conduzamos, conduzi, conduzam.
Outras:	conduzia, conduzirei, conduziria, conduzira, conduzisse, conduzir, conduzindo, conduzido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro anterior.

562. ( ) São inteiramente irregulares.
563. ( ) No presente do indicativo, **conduz** é uma forma irregular. A regular deveria ter um **e** final.
564. ( ) No imperativo afirmativo, **conduze** ou **conduz** (tu) são formas abundantes.
565. ( ) Todas as outras formas são perfeitamente regulares.

esculpir, explodir (Regulares; *vide* **partir**, pág. 179.)

expelir, inserir (Irregulares e abundantes.)

Ind. pres.:	expilo, expeles, expele, expelimos, expelis, expelem.
Pret. perf.:	expeli, expeliste, expeliu, expelimos, expelistes, expeliram.
Subj. pres.:	expila, expilas, expila, expilamos, expilais, expilam.
Imperat. afirm.:	expele, expila, expilamos, expeli, expilam.
Outras.:	expelia, expelirei, expeliria, expelira, expelisse, expelir, expelindo, expelido/expulso.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

566. ( ) Irregulares na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, pela troca do **e** por **i** (exp**e**lir ➜ exp**i**lo).

adir, aguerrir, combalir, embair, empedernir, esbaforir-se, espavorir, exinanir, florir, fornir, garrir, inanir, remir, renhir, ressarcir, ressequir, revelir, transir (Regulares e defectivos; seguem o modelo de **falir**.)

Ind. pres.:	–, –, –, falimos, falis, –.
Pret. perf.:	fali, faliste, faliu, falimos, falistes, faliram.
Subj. pres.:	–, –, –, –, –, –.
Imperat. afirm.:	–, –, –, fali, –.
Outras:	falia, falirei, faliria, falira, falisse, falir, falindo, falido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro anterior.

567. ( ) São conjugados só nas formas rizotônicas.
568. ( ) Somente têm as formas arrizotônicas, e nessas são regulares.
569. ( ) **revelir** e **ressarcir** já são considerados regulares, sendo conjugados em todas as formas.

Terminados em eguir, elir, erir, etir, ergir, ertir, ervir, espir, estir

aderir, advertir, aferir, aspergir, auferir, compelir, competir, conseguir, convergir, deferir, despir, desservir, diferir, digerir, divergir, divertir, ferir, gerir, impelir, ingerir, perseguir, preterir, prosseguir, refletir, repelir, repetir, revestir, seguir, servir, sugerir, vestir (Irregulares.)

Ind. pres.:	adiro, aderes, adere, aderimos, aderis, aderem.
Pret. perf.:	aderi, aderiste, aderiu, aderimos, aderistes, aderiram.
Subj. pres.:	adira, adiras, adira, adiramos, adirais, adiram.
Imperat. afirm.:	adere, adira, adiramos, aderi, adiram.
Outras:	aderia, aderirei, aderiria, aderira, aderisse, aderir, aderindo, aderido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

570. ( ) Na primeira pessoa do singular do presente do indicativo, sua irregularidade consiste na troca do **e** por **i**: aderir > ad**i**ro.
571. ( ) Essa irregularidade afeta, portanto, o presente do subjuntivo e os imperativos afirmativo e negativo.
572. ( ) Todas as outras formas são regulares.

emergir, imergir, submergir (Regulares e abundantes.)

Ind. pres.:	emerjo, emerges, emerge, emergimos, emergis, emergem.
Pret. perf.:	emergi, emergiste, emergiu, emergimos, emergistes, emergiram.
Subj. pres.:	emerja, emerjas, emerja, emerjamos, emerjais, emerjam.
Imperat. afirm.:	emerge, emerja, emerjamos, emergi, emerjam.
Outras:	emergia, emergirei, emergiria, emergira, emergisse, emergindo, emergido/imerso.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

573. ( ) A pronúncia da vogal tônica é: emerjo(ê), emerges(é), emergem(é).
574. ( ) A permuta do **g** por **j** só ocorre antes de **o** e **a**, para manter a pronúncia original, por isso não constitui irregularidade.

concernir

Para uns autores, conjuga-se como **aderir**; para outros, só se conjuga nas 3as pessoas: concerne(m), concernia(m)...

discernir
Para uns autores, conjuga-se como **aderir**; para outros, conjuga-se como **aderir**, porém, só nas formas arrizotônicas:

Ind. pres.:	–, –, –, discernimos, discernis, –.
Pret. perf.:	discerni, discerniste, discerniu, discernimos, discernistes, discerniram.
Subj. pres.:	–, –, –, –, –, –.
Imperat. afirm.:	–, –, –, discerni, –.
Outras:	discernia, discernirei, discerniria, discernira, discernisse, discernir, discernindo, discernido.

aturdir, brunir, espargir, exaurir, foragir-se, fulgir, impingir, jungir, ungir (Regulares, ex-defectivos; seguem o modelo de **haurir**.)

Ind. pres.:	(hauro), haures, haure, haurimos, hauris, haurem.
Pret. perf.:	hauri, hauriste, hauriu, haurimos, hauristes, hauriram.
Subj. pres.:	(haura), (hauras), (haura), (hauramos), (haurais), (hauram).
Imperat. afirm.:	haure, (haura), (hauramos), hauri, (hauram).
Outras:	hauria, haurirei, hauriria, haurira, haurisse, haurir, haurindo, haurido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

575. ( ) Para alguns, conjugam-se como **abolir**, defectivos na primeira pessoa do singular do presente do indicativo e, portanto, também não conjugáveis no presente do subjuntivo, no imperativo negativo e nas pessoas **você(s)** e **nós** do imperativo afirmativo – as formas entre parênteses.

576. ( ) Para autores mais modernos, trata-se de verbos regulares, dotados de todas as pessoas, tempos e modos.

Terminados em entir

consentir, desmentir, mentir, pressentir, ressentir, sentir (Irregulares.)

Ind. pres.:	sinto, sentes, sente, sentimos, sentis, sentem.
Pret. perf.:	senti, sentiste, sentiu, sentimos, sentistes, sentiram.
Subj. pres.:	sinta, sintas, sinta, sintamos, sintais, sintam.
Imperat. afirm.:	sente, sinta, sintamos, senti, sintam.
Outras:	sentia, sentirei, sentiria, sentira, sentisse, sentir, sentindo, sentido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

577. ( ) Sua irregularidade aparece na troca do **en** por **in**: **sen**tir, **sin**to.

578. ( ) Todos os verbos terminados em **entir** conjugam-se como **sentir**.

frigir (Irregular e abundante.)

Ind. pres.:	frijo, freges, frege, frigimos, frigis, fregem.

Pret. perf.:	frigi, frigiste, frigiu, frigimos, frigistes, frigiram.
Subj. pres.:	frija, frijas, frija, frijamos, frijais, frijam.
Imperat. afirm.:	frege, frija, frijamos, frigi, frija.
Outras:	frigia, frigirei, frigiria, frigira, frigisse, frigir, frigindo, frigido/frito.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre o verbo **frigir**.

579. ( ) A irregularidade se mostra na troca de **fri** por **fre**.
580. ( ) Outra irregularidade está na troca do **g** por **j**.
581. ( ) Permuta-se o **g** por **j** antes de **o** e **a**, para manter-se a regularidade da prosódia, isto é, da pronúncia.
582. ( ) A abundância ocorre no particípio, com duas formas: **frigido** e **frito**.

ir (Anômalo.)

Ind. pres.:	vou, vais, vai, vamos, ides, vão.
Pret. perf.:	fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.
Subj. pres.:	vá, vás, vá, vamos, vades, vão.
Imperat. afirm.:	vai, vá, vamos, ide, vão.
Outras:	ia, irei, iria, fora, fosse, ir, indo, ido.

Prática

■ Assinale **C** o **E** sobre o verbo **ir**.

583. ( ) Sua conjugação incorpora radicais de três verbos latinos: *ire*, *esse* e *vadere*.
584. ( ) A presença de vários radicais (vai, foi, ia) justifica sua classificação como anômalo.
585. ( ) Anômalo é um irregular mais forte.
586. ( ) **ia**, **irei**, **iria**, **indo**, **ido**: nessas formas, sua conjugação é regular, mantendo o mesmo radical do infinitivo.

desimpedir, despedir, expedir, impedir, ouvir, pedir (Irregulares; seguem o modelo de **medir.**)

Ind. pres.:	meço, medes, mede, medimos, medis, medem.
Pret. perf.:	medi, mediste, mediu, medimos, medistes, mediram.
Subj. pres.:	meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam.
Imperat. afirm.:	mede, meça, meçamos, medi, meçam.
Outras:	media, medirei, mediria, medira, medisse, medindo, medido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

587. ( ) Na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e nos tempos e pessoas dela derivados, aparece um **ç** no radical (pe**ç**, ou**ç**, me**ç**).
588. ( ) Nas outras formas, são regulares.

rir, sorrir (Irregulares.)

Ind. pres.:	rio, ris, ri, rimos, rides, riem.
Pret. perf.:	ri, riste, riu, rimos, ristes, riram.
Subj. pres.:	ria, rias, ria, riamos, riais, riam.
Imperat. afirm.:	ri, ria, riamos, ride, riam.
Outras:	ria, rirei, riria, rira, risse, rir, rindo, rido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

589. ( ) **ríamos** é imperfeito do indicativo e **riamos** é subjuntivo presente.

590. ( ) O verbo **sorrir**, para alguns gramáticos, na 2ª pessoa do plural do presente do indicativo, conjuga-se **vós sorris**; para outros, segue o **rir**: **vós sorrides**.

polir, sortir, despolir (Irregulares.)

Ind. pres.:	pulo, pules, pule, polimos, polis, pulem.
Pret. perf.:	poli, poliste, poliu, polimos, polistes, poliram.
Subj. pres.:	pula, pulas, pula, pulamos, pulais, pulam.
Imperat. afirm.:	pule, pula, pulamos, poli, pulam.
Outras:	polia, polirei, poliria, polira, polisse, polir, polindo, polido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** a respeito de **polir**, **sortir**, **despolir**.

591. ( ) São irregulares nas formas rizotônicas, em que trocam o **o** por **u**.

592. ( ) **sortir** significa **abastecer**, **fazer sortimento**.

surtir (Regular).

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

593. ( ) **surtir** significa **originar** e é regular: surto, surtes, surte, surtimos, surtis, surtem, surtia, surtirei, surtiria, surtira, surtisse, surtindo, surtido.

atingir, cingir, constringir, destingir, destinguir, extinguir, infringir, tingir, tinir e outros terminados em **-ingir** e **inguir** (Regulares, *vide* **partir**, pág. 179.)

vagir (Defectivo.)

Ind. pres.:	–, (vages), (vage), vagimos, vagis, (vagem).
Pret. perf.:	vagi, vagiste, vagiu, vagimos, vagistes, vagiram.
Subj. pres.:	–, –, –, –, –, –.
Imperat. afirm.:	–, (vage), –, –, vagi, –.
Outras:	vagia, vagirei, vagiria, vagira, vagisse, vagir, vagindo, vagido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre **vagir**.

594. ( ) Para uns gramáticos, só se conjuga nas formas em que o radical vem seguido da letra **i**; portanto, para eles, as formas entre parênteses não existem.

595. ( ) Para outros, não se conjugam apenas as formas em que ao radical se seguiriam as letras **a** e **o**.

596. ( ) Ou seja, para uns, pertence o verbo **vagir** a um grupo de defectivos; para outros, continua sendo defectivo, porém pertencente a outro grupo. (*Vide* pág. 235.)

advir, avir(-se), convir, desavir(-se), intervir, provir, sobrevir (Irregulares; seguem o modelo de **vir**.)

Ind. pres.:	venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm.
Pret. perf.:	vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.
Subj. pres.:	venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham.
Imperat. afirm.:	vem, venha, venhamos, vinde, venham.
Outras:	vinha, virei, viria, viera, viesse, vindo, vindo.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

597. ( ) Os derivados de **vir**, por terem mais de uma sílaba, têm acentos gráficos diferentes de **vir**: **vens**, **vem** / **advéns**, **advém**.

598. ( ) O particípio e o gerúndio têm a mesma forma.

599. ( ) **desavindo**, além de particípio, é adjetivo: pares **desavindos**.

Prática Geral

■ Passe para a **2ª pessoa do singular** e **2ª pessoa do plural**.

Vão com Deus, sejam felizes e, quando saírem, fechem a porta.

600. _____

_____

_____

_____

■ Use o verbo **reaver** nas formas indicadas ou, se impossível, use um sinônimo.

601. Eu _____ (pres. indicat.) o tempo perdido e já _____ (pret. perf.) o que me tiraram.

602. Nós _____ (pret. perf.) nossos créditos. Ela não _____ (pres. indicat.) os dela.

■ Escreva os **particípios** dos seguintes verbos:

603. expressar _____ – exprimir _____
604. extinguir _____ – suspender _____
605. frigir _____ – abrir _____

606. Dos verbos dos três últimos exercícios, só não é abundante o _____.

■ **Corrija**, se for preciso.

607. Se eu o ver, dizerei que te procure.

_____

608. Ele interviu logo, porque não quiz fazer o que eu propora.

_____

609. É bom que você averigüe como eu mobilio os pavimentos.

_____

610. Quando ele vir de férias, se poder, vou esperá-lo.

_____

611. O vice sobestá ao prefeito.

_____

■ (UFPR – adaptado). Preencha as lacunas com os verbos **ver** ou **vir**.

612. Quando _____ a Brasília, traga sua mãe.
613. Se _____ o Pedro, avise-o da minha chegada.
614. Ontem nós _____ um peixe enorme no lago.
615. Se tu _____ com mentiras, verás o que é bom!
616. Entregue-lhe isto, se o _____ amanhã.
617. Quando _____ o lago e o sol _____ nascendo...
618. Nós sempre _____ aqui pelo mesmo caminho.
619. Se _____ à escola, terá uma surpresa.
620. Peça-lhe para _____ aqui quando puder.
621. Se _____ à escola, terás uma surpresa.
622. Se _____ à escola, tereis uma surpresa.
623. Se você e Tiago os _____, nada comentem com eles.
624. Se você e Renan _____, vou buscá-los no aeroporto.

■ Nas frases de 625 a 635, assinale nos parênteses as letras correspondentes ao **indicativo**.

a) presente
b) pretérito perfeito
c) pretérito imperfeito
d) pretérito mais-que-perfeito
e) futuro do presente
f) futuro do pretérito

625. ( ) "A cantiga que eu **cantava**,
626. ( ) por ser cantada **morreu**.
627. ( ) Nunca **hei de dizer** o nome
628. ( ) daquilo que **há de ser** meu."
(Cecília Meireles)

"**Gostaríamos** de ser retos em nossos julgamentos, mas não **queremos** fazer sofrer os nossos semelhantes. Então **abrimos** mão de toda justiça e **sofremos** nós mesmos com as fraudes de nossa balança." (Carlos Drummond de Andrade)

629. ( ) gostaríamos.
630. ( ) queremos.
631. ( ) abrimos.
632. ( ) sofremos.

"Foi com esta impressão profunda que **cheguei** ao hospital onde Marcela **entrara** na véspera, e onde a **vi** expirar meia hora depois, feia, magra, decrépita..." (Machado de Assis)

633. ( ) cheguei.
634. ( ) entrara.
635. ( ) vi.

■ Classifique as **formas verbais** do seguinte texto de Carlos Drummond de Andrade (com adaptação).

"De sua poltrona, o moço **reclamava**:
– **Botem** esse ventilador para **funcionar**! Não aguento mais de calor.
Como ninguém **providenciasse**, ele **insistia**, **declarando** o fato uma falta de consideração com os passageiros. Mas nós não nos **sentimos** pessoalmente desconsiderados.
O rapaz insistia sempre, até que **apareceu** o chefe do trem e lançou um plebiscito.
– O motor está fraco. Se **quiserem** que o ventilador **funcione**, **ficarão** sem luz. Que preferem os senhores: ar ou claridade?
Olhamos com reprovação o reclamante, e ele emudeceu."

636. reclamava: _____
637. botem: _____
638. funcionar: _____

639. providenciasse: _____
640. insistia: _____
641. declarando: _____
642. sentimos: _____
643. apareceu: _____
644. quiserem: _____
645. funcione: _____
646. ficarão: _____
647. olhamos: _____

A – Ela **dorme** cedo.
B – **Durma** logo, menino.
C – Talvez ela **durma** logo.
D – Quero que você **dorme** logo.
E – Talvez ela **dorme** logo.

■ Assinale **C** ou **E**, para quer se trate de afirmação certa ou errada.

648. ( ) Em A, o verbo está no **imperativo**.
649. ( ) Em A, o verbo está no **indicativo**.
650. ( ) Em B, o verbo está no **subjuntivo**.
651. ( ) Em B, o verbo está no **imperativo**.
652. ( ) Em C, o verbo está no **subjuntivo**.
653. ( ) Em D, o verbo em negrito deveria estar no **subjuntivo** (durma).
654. ( ) Em E, o verbo está errado porque a dúvida requer **subjuntivo** (durma).
655. ( ) O nome **subjuntivo** vem de **sub + juntar** (que se junta por baixo) devido a ser o modo das orações subordinadas.

■ (FEMPAR) Que frases terão suas lacunas corretamente preenchidas pelas formas colocadas entre parênteses? Marque-as com um **C**.

656. Para não acentuar a discórdia, não _____ na discussão. (intervim)
657. O tempo todo _____ -me em silêncio. (manti)
658. Seria oportuno que ele se _____. (contesse)
659. Apesar da insistência, não _____ seus pertences. (reaveu)
660. Da minha janela, _____ tudo o que se passa na rua. (presencio)
661. Olho ao redor e _____ que todos os amigos se foram. (averiguo)

■ (U.E.MARINGÁ-PR) Assinale com **C** toda vez que os verbos do imperativo, em cada dupla, se referirem à mesma pessoa.

662. a) **Enxágua** a louça, mana.
b) Filha, **seja** mais otimista!

663. a) **Crede** sempre no bem!
b) Não **digais** tudo o que vem à mente.

664. a) **Sigamos** nosso caminho.
b) **Criemos** nosso destino!

665. a) Papai, **descola** uma grana aí.
b) Psiu, **vem** mais perto, vem.

■ Preencha as lacunas corretamente seguindo o modelo.
Vir, talvez eu venha. Se eu não vier...
666. Valer, talvez eu _____. Se eu não _____...
667. Poder, talvez eu _____. Se eu não _____...
668. Querer, talvez eu _____. Se eu não _____...
669. Requerer, talvez eu _____. Se eu não _____...
670. Pôr, talvez eu _____. Se eu não _____...
671. Ver, talvez eu _____. Se eu não _____...
672. Caber, talvez eu _____. Se eu não _____...
673. Ter, talvez eu _____. Se eu não _____...
674. Tragar, talvez eu _____. Se eu não _____...
675. Trazer, talvez eu _____. Se eu não _____...
676. Saber, talvez eu _____. Se eu não _____...
677. Remediar, talvez eu _____. Se eu não _____...

■ Corrija as frases.
678. Quando irmos, encontraremos os que se oporam.

_____

679. Enquanto não verdes a placa, não dobre à direita.

_____

680. Quando vires ao Brasil, mostra-me os presentes que trouxes.

_____

681. Quando ele propor, quero que você não interveja na conversa.

_____

682. Se eles reverem o texto e manterem o erro...

_____

683. Ela interviu porque eles não se comporam.

_____

684. Vá em frente e serás recompensado.

_____

685. Eles se desaviram, mas pode ser que ainda se avenham.

_____

686. (FUVEST-SP) "Se ele _____ (ver) o nosso trabalho _____ (fazer) um elogio."
Assinale a alternativa em que as formas dos verbos **ver** e **fazer** preenchem corretamente as lacunas da frase acima:
a) ver / fará.
b) visse / fará.
c) ver / fazerá.
d) vir / fará.
e) vir / faria.

687. (FESP-SP) Assinale a alternativa em que todas as formas estejam na **segunda pessoa do plural do imperativo afirmativo**.
a) ouvi / vinde / ide / traze.
b) ouvi / vinde / ide / trazei.
c) ouvi / venhas / ide / trazei.
d) ouça / vinde / vá / tragais.
e) ouça / venhas / vás / tragais.

688. (VUNESP-SP) Observe a frase abaixo.
"A grosseria de Deus me feria e insultava-me."
Transcreva-a no:
a) pretérito perfeito do indicativo:

_____

b) pretérito mais-que-perfeito do indicativo:

_____

689. (FUVEST-SP) Preencha os claros da frase transformada com as formas adequadas dos verbos assinalados na frase original.
Original:
Para você **vir** à Cidade Universitária, é preciso **virar** à direita ao **ver** a ponte da Alvarenga.
Para tu _____ à Cidade Universitária, é preciso que _____ à direita quando _____ a ponte da Alvarenga.

690. (UM-SP) Indique a oração em que há um **erro** quanto à flexão verbal.
a) A mãe previu no filho aquela personalidade marcante.
b) O próprio garoto precaviu-se contra aquele mal.
c) Missão sublime o detivera aqui neste universo humano.
d) O mestre não interveio a tempo na solução daquele problema.
e) Mesmo com a mente iludida, o jovem reouve a consciência da trágica situação.

691. (UNIMEP-SP) "Não fales! Não bebas! Não fujas!"
Passando tudo para a forma **afirmativa**, teremos:

a) Fala! Bebe! Foge!
b) Fala! Bebe! Fuja!
c) Fala! Beba! Fuja!
d) Fale! Beba! Fuja!
e) Fale! Bebe! Foge!

692. (F. C. Chagas-PR) Mesmo que você lhe _____ um acordo amigável, ele não _____.
a) proponha / aceitará.
b) propor / aceitava.
c) proporia / aceitaria.
d) proporá / aceitará.
e) propôs / aceitava.

693. (ITA-SP) Vi, mas não _____; o policial viu, e também não _____; dois agentes secretos viram, e não _____. Se todos nós _____, talvez _____ tantas mortes.
a) intervim / interviu / interviram / tivéssemos intervido / teríamos evitado.
b) me precavi / se precaveio / se precaveram / nos precavíssemos / não teria havido.
c) me contive / se conteve / contiveram / houvéssemos contido / tivéssemos impedido.
d) me precavi / se precaveu / precaviram / precavêssemo-nos / não houvesse.
e) intervim / interveio / intervieram / tivéssemos intervindo / houvéssemos evitado.

694. (F. C. Chagas) Se você _____ chegado a tempo _____ visto o que _____.
a) tem / tenha / acontece.
b) tiver / terá / acontecesse.
c) teria / tinha / aconteça.
d) tivesse / teria / aconteceu.
e) tinha / tem / acontecia.

695. (F. C. Chagas) Transpondo para a voz **ativa** a frase: "O filme ia ser dirigido por um cineasta ainda desconhecido", obtém-se a forma verbal:
a) dirigirá.
b) dirigir-se-á.
c) vai dirigir.
d) será dirigido.
e) ia dirigir.

696. (UF Londrina) Transpondo para a voz **ativa** a frase: "Os livros seriam postos em um líquido desinfetante", obtém-se a forma verbal:
a) vão pôr.
b) íamos pôr.
c) põem-se.
d) vão ser postos.
e) poriam.

697. (UNESP) Explicou que *aprendera aquilo de ouvido*.
Transpondo a oração em destaque para a **voz passiva**, temos a seguinte forma verbal:
a) tinha sido aprendido.
b) era aprendido.
c) fora aprendido.
d) tinha aprendido.
e) aprenderia.

698. (UM-SP) Assinale a alternativa em que há **erro** na forma verbal ou no pronome enclítico.
a) tem + o = tem-no.
b) faz + o = fá-lo.
c) fez + o = fê-lo.
d) tens + o = ten-lo.
e) pões + o = põe-lo.

699. (FCMSCSP) Transpondo para a **voz ativa** a frase: "Solicita-se a atenção de V. Sª. para um dado importante", obtém-se a forma verbal:
a) é solicitado.
b) solicitam.
c) foi solicitada.
d) solicitaram.
e) solicitou-se.

700. (FCMSCSP) Transpondo para a **voz passiva** a frase: "Os mutuários devem continuar a seguir essa orientação", obtém-se a forma verbal:
a) deve continuar a ser seguida.
b) deve ser continuada a seguir.
c) deve ser continuada a ser seguida.
d) é devida continuar a seguir.
e) é devida ser continuada a seguir.

701. (FCMSCSP) Caso você _____ viajar no sábado, com certeza _____ necessário reservar as passagens.
a) quer / fosse.
b) quisesse / seja.
c) queira / será.
d) queria / é.
e) quiser / fosse.

702. (UF Londrina) Transpondo para a **voz passiva** a frase: "Os cavalinhos de pau despertavam a fantasia das crianças", obtém-se a forma verbal:
a) fora despertada.
b) despertou-se.
c) ia sendo despertada.
d) foi despertada.
e) era despertada.

703. (FCMSCSP) Mesmo que a direção o _____ para o lugar e ele _____ nomeado, duvido que _____ a exercer o cargo.
a) indicar / for / chega.
b) indicaria / seja / chega.
c) indique / for / chega.
d) indique / seja / chegue.
e) indicar / ser / chegue.

704. (FIUbe) Transpondo para a **voz passiva** a oração: "A pedidos, a orquestra tocaria fado e modinha", obtém-se a forma verbal:
a) se tocaria.
b) será tocado.
c) seriam tocados.
d) serão tocados.
e) iam ser tocados.

705. (FIUbe) Caso eu não _____ mais aqui e não nos _____ outra vez, telefone-me.
a) vier / vermos.
b) venho / virmos.
c) virei / veremos.
d) venha / vejamos.
e) viesse / vimos.

706. (EEM-SP) Siga o modelo.
Provo que tenho direito. Se tens direito, prova-o.
a) Juro que não comprei a máquina.

_____

b) Digo que compus um poema.

_____

707. (ITA-SP) Dadas as afirmações de que os verbos:
a. requerer b. prover c. aprazer
têm, respectivamente, como primeira pessoa do singular do presente do indicativo:
1. requero 2. provejo 3. aprazo
constatamos que está (estão) **correta(s)**:
a) apenas a afirmação nº 1.
b) apenas a afirmação nº 2.
c) apenas a afirmação nº 3.
d) todas as afirmações.
e) n.d.a.

708. (FUVEST-SP) _____ em ti, mas nem sempre _____ dos outros.
a) Creias / duvides.
b) Crê / duvidas.
c) Creias / duvidas.
d) Creia / duvide.
e) Crê / duvides.

709. (FUVEST-SP) Ele _____ a seca e _____ a casa de mantimentos.
a) preveu / proveu.
b) prevera / provira.
c) previra / proviera.
d) preveu / provera.
e) previu / proveu.

710. (FUVEST-SP) Passe o texto para a forma **negativa**.
"Sai daqui! Foge! Abandona o que é teu e esquece-me."

_____

_____

711. (FUVEST-SP) Escreva as formas dos verbos indicados que preencham **corretamente** as lacunas.
a) Quando eu _____ os livros, nunca mais os emprestarei. (reaver)
b) Quando ele _____ uma canção de paz, poderá descansar. (compor)

712. (F. C. Chagas) Não _____ diante de nenhum sacrifício que você de mim _____.
a) recuei / exija.
b) recuo / exigisse.
c) recuo / exija.
d) recuara / exigiu.
e) recuei / exigir.

713. (F. C. Chagas) Para que você _____ isso, precisa ser ambicioso; quem _____ sem que _____, certamente é ambicioso.
a) deseja / deseja / estima.
b) deseje / deseja / estime.
c) deseje / deseja / estima.
d) deseja / deseje / estime.
e) deseje / deseje / estima.

714. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Assinale a alternativa que apresenta um verbo **incorretamente** flexionado.
a) O enxoval conviria às noivas dos bairros mais pobres.
b) Não despeças os carregadores antes do desembarque.
c) Os policiais interviram nos protestos dos grevistas.
d) A noiva precaveu-se contra os prejuízos da mudança.

715. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Assinale o trecho que **não** contém oração na voz passiva.
a) Lamentamos que o pouco tempo disponível venha a prejudicar o processo que foi iniciado de forma tão incorreta.
b) No quarto, já tinham sido espalhados vários colchões pelo chão, para acomodar os parentes que vinham de longe.
c) À distância, viam-se pequenos pontos de luz, a denunciar a presença de casas por ali.
d) Assim que começou a cursar medicina, sentiu-se atraído para a área de neurologia.
e) A lembrança de sua convivência conosco ia sendo afastada à medida que os afazeres da rotina iam nos absorvendo.

716. (PRF/N.M./ANP) Assinale a opção em que o tempo do verbo está empregado **erradamente**.
a) Quem terminar pode entregar a prova.
b) Eu começarei de novo, se fosse preciso.
c) Quando ela passou, todos aplaudiram.
d) Até ontem eles não tinham chegado.

717. (ITA/VEST) Assinale a opção que preenche corretamente os espaços.
"Mesmo que _____ outros imprevistos, haja vista que já _____ alguns, _____ todas as necessidades se _____ tranquilos."
a) haja / ocorreram / proviremos / nos mantermos.
b) advenham / sobrevieram / proveremos a / nos mantivermos.

c) advissem / sobreviram / proviríamos / mantivéssemo-nos.
d) adviessem / têm sobrevindo / proviremos / mantermo-nos.
e) advierem / têm havido / supriremos a / mantivermo-nos.

718. (BRB/N.M./IDR) Assinale a alternativa **correta**.
a) Só irei festejar o prêmio, quando eu vir a cor do dinheiro, e, nesse momento, você, com certeza, quererá ficar comigo para sempre.
b) A Constituição proibi as discriminações, mas parece que alguns bancos ignoram isso ao manterem caixas à disposição exclusiva de clientes de muitas estrelas.
c) Se ele repor a quantia retirada ontem, não será necessário que o gerente intervenha a seu favor.
d) Só ficará calmo quando perfazer todos os pontos exigidos para a sua ascensão funcional.

719. (BRB/N.M./IDR) Assinale a alternativa **correta**.
a) Quando o líder propor mudanças na lei, certamente os demais encontrarão no documento pontos que transgridam a lei.
b) Será necessário que as empresas falham para que os juros baixassem? E quantas ainda precisarão anunciar falência?
c) Se o presidente muda sua rotina, busca-se imediatamente explicação. Se as informações conflitam, especula-se.
d) Se o computador caber naquela mesa, cancele a encomenda feita ontem. Afinal, é hora de conter despesas.

720. (ALCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **correta**.
a) Se você não requerer logo, é possível que lhe digam amanhã que o documento não valhe nada.
b) Se o vir, diga-lhe que eu me precavejo contra possíveis aborrecimentos.
c) Se eles se mantiverem irredutíveis e não se proporem a conversar nada se resolverá.
d) Quando ele obtiver aquilo por que tanto anseia, será tarde demais.

721. (ALCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa que corresponde, na **voz passiva**, ao período abaixo.
"Os deputados estavam sempre discutindo a mesma questão."
a) A mesma questão vinha sempre sendo discutida pelos deputados.
b) A mesma questão estava sempre sendo discutida pelos deputados.
c) A mesma questão ia sendo sempre discutida pelos deputados.
d) A mesma questão era sempre discutida pelos deputados.

722. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale o período **incorreto** quanto à conjugação verbal.
a) Ao propordes tal solução, não vos esqueçais de que vos tornareis responsáveis pelo sucesso ou fracasso da empreitada.

b) Ele reaveu todos os documentos desaparecidos; para obtê-los novamente ateve-se a publicar um anúncio no jornal.
c) Esperando que se contradissessem, propuseram questões sutis, e, enquanto lhes aprouve, mantiveram o interrogatório.
d) Caberem todos não é difícil; o problema é manterem-se quietos para não comprometer a estabilidade do barco.

723. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale o período **incorreto** quanto à conjugação verbal.
a) Ninguém creu no que disseste: tua imagem não é das melhores.
b) Após a queda, por longo tempo jazeram ali, exânimes, quase mortos.
c) Não tinham prazido aos credores as garantias que lhes tinham sido oferecidas.
d) Muitas empresas já faliram este ano. Espero, contudo, que a nossa não falha.

724. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale o período que corresponde, na **voz passiva**, ao período abaixo.
"A construtora deverá demolir, em breve, todas as casas, e, em seu lugar, os operários vão erguer um edifício."
a) Em breve, todas as casas serão demolidas pela construtora, e, em seu lugar, um edifício será erguido pelos operários.
b) Em breve, a construtora terá demolido todas as casas, e, em seu lugar, um edifício deverá ser erguido pelos operários.
c) Em breve, todas as casas deverão ser demolidas pela construtora, e, em seu lugar, um edifício vai ser erguido pelos operários.
d) Em breve, todas as casas deverão ser demolidas pela construtora, e, em seu lugar, um edifício será erguido pelos operários.

725. (TFC-RJ/N.S.) A forma passiva correspondente ao enunciado "Vi, no claro azul do céu, um papagaio de papel, alto e largo", é:
a) O garoto viu, no claro azul do céu, um papagaio de papel, alto e largo.
b) Um papagaio de papel, alto e largo, estava sendo visto pelo menino, no claro azul do céu.
c) No claro azul do céu, era visto um papagaio de papel, alto e largo, por mim.
d) Alto e largo, um papagaio de papel foi visto por mim no claro azul do céu.
e) Foi visto pelo menino, no claro azul do céu, um papagaio de papel.

726. (TFC-RJ/N.S.) Assinale a opção cujo período apresenta **erro** na sintaxe ou morfologia das formas verbais.
a) É necessário que se intermedeiem os conflitos étnicos para que a paz seja preservada.
b) Segundo pressupuseram especialistas, novas bactérias, de extraordinária resistência, estão surgindo nos hospitais.

c) Ao não se aterem aos limites previstos para a pesquisa, correram o risco de falsear os resultados.
d) Sem que se transgridam os modelos convencionais, os prejuízos jamais poderão ser reavidos.
e) Se não sobrevirem novos problemas, serão satisfeitas todas as exigências do contrato assinado.

727. (TFC-RJ/N.S.) Assinale a opção cujo período apresenta **erro** na sintaxe ou morfologia das formas verbais.
a) Se não provessem os estoques do governo com a necessária antecedência, dificuldades maiores adviriam na entressafra.
b) Se eles interporem um novo recurso contra a decisão do diretor, é possível que seja aceita a argumentação que apresentaram.
c) Exige-se que as amostras não difiram significativamente do padrão oficial e que se expeça o respectivo laudo de fiscalização.
d) Por não se preverem as consequências do novo decreto, deixaram de ser tomadas medidas que contivessem o aumento de custos.
e) O governo não interveio nem pretende intervir no mercado, embora as informações de alguns empresários se contradissessem.

728. (TFC-RJ/N.S.) Assinale a opção cujo período apresenta **erro** na sintaxe ou morfologia das formas verbais.
a) Havia, entre os meses de outubro e dezembro, ocorrido pancadas de chuva tão violentas que as estradas estavam em péssimas condições.
b) Se houver desistências, as vagas não poderão ser preenchidas por candidatos sem habilitação legal.
c) Embora muitas dificuldades houvessem surgido, os trabalhos foram concluídos em tempo hábil.
d) Todas as opiniões que houvesse entre os participantes do encontro seriam debatidas democraticamente.
e) Ninguém sabe se vão haver ou não novas inscrições para o concurso anunciado há duas semanas.

729. Avalie a correlação dos tempos verbais e assinale C ou E no parêntese.
( ) Em "Quando se **somam** salários, retiradas e outras remunerações, alguns setores **apresentaram** diferenças não justificadas".

Advérbio

DEFINIÇÃO

Advérbio é uma palavra invariável que se refere a um adjetivo, advérbio ou verbo, atribuindo-lhes uma circunstância.

Observe:

O menino alto cantava alto.
subst. adj. verbo adv.

Prática

1. Passe a frase acima para o **feminino**.

_____

2. Passe a frase acima para o **plural**.

_____

Conclusão:

O **alto** que se refere a um substantivo é um **adjetivo** e varia em gênero e número.
O **alto** que se refere a um verbo é um **advérbio**, por isso é invariável.

Observe:

Era muito problema ...
adj. subst.

Era problema muito fácil.
subst. adv. adj.

Prática

■ Passe as frases acima para o **plural**.

3. _____
4. _____

Conclusão:

O **muito** que se refere a um substantivo é **pronome indefinido** e varia em gênero e número.
O **muito** que se refere a um adjetivo é **advérbio**, por isso é invariável.

Observe:

Júlio tinha muito (adv.) pouco (adj.) conhecimento (subst.) e era muito (adv.) pouco (adv.) admirado (adj.).

Prática

■ Preencha as lacunas.

5. Júlia tinha _____ _____ prática e era _____ _____ _____.

Conclusão:

Os adjetivos são variáveis para concordar com os substantivos a que se referem.
Os advérbios também podem se referir a adjetivos ou a outros advérbios, mas são sempre invariáveis.
Os advérbios nunca se referem a substantivos.

Prática

A. Ela estava mal.
B. Ela estava bem.
C. Ela estava bem mal.
D. Felizmente, agora não há barreiras entre nós.

■ Assinale **C** ou **E**.

6. ( ) Em A, **mal** é adjetivo.
7. ( ) Em A, **mal** não é adjetivo, porque é invariável: Elas estavam mal.
8. ( ) Em A, **mal** é advérbio de modo, referindo-se ao verbo **estava**.
9. ( ) Em B, **bem** é adjetivo.
10. ( ) Em B, **bem** é advérbio, porque é invariável.
11. ( ) Em B, **bem** é advérbio de modo, referindo-se ao verbo.
12. ( ) Em C, **mal** é adjetivo.
13. ( ) Em C, **bem** é advérbio de modo, referindo-se ao advérbio **mal**.
14. ( ) Em C, **bem** é advérbio de intensidade, referindo-se a outro advérbio.
15. ( ) Um advérbio se refere a outro advérbio, estabelecendo sentido de intensidade e se chama advérbio de intensidade.
16. ( ) Em D, **Felizmente** é advérbio e se refere a toda uma oração.
17. ( ) Quando o advérbio se refere a toda uma oração, normalmente vem separado desta por vírgula.
18. ( ) O advérbio serve para atribuir qualidade aos seres.
19. ( ) **Advérbio** é palavra invariável que se refere a um adjetivo, verbo ou outro advérbio, exprimindo uma circunstância.

CIRCUNSTÂNCIAS EXPRESSAS PELO ADVÉRBIO

Prática

■ Estabeleça a correlação adequada.

a) afirmação c) dúvida e) tempo g) intensidade
b) negação d) lugar f) modo

20. ( ) não.
21. ( ) jamais, nunca, logo, hoje, já, cedo, antes, depois, agora, outrora...
22. ( ) efetivamente, sim, realmente, certamente...
23. ( ) bastante, muito, pouco, bem, mais, demais, menos...
24. ( ) assim, bem, mal, depressa, devagar, debalde, melhor...
25. ( ) geralmente os terminados em -mente: fielmente, facilmente, ricamente...
26. ( ) acaso, porventura, talvez, provavelmente.
27. ( ) aqui, aí, ali, além, abaixo, acima, adiante, além, aquém, fora...

■ Continue correlacionando os **advérbios interrogativos**.

a) de causa b) de tempo c) de modo d) de lugar

28. ( ) Quando você chegou?
29. ( ) Como conseguiste chegar?
30. ( ) Onde você guardou minha cenoura?
31. ( ) Por que não veio mais cedo?
32. ( ) Quero saber como você aprendeu o caminho.
33. ( ) Não sei onde você se esconde.
34. ( ) Diga-me quando você chegou.

Observe:

E. Como você cresceu? F. Como você cresceu!
G. Ela usa bastante batom. H. Ele nunca voltou.

■ Responda **C** ou **E**.

35. ( ) Em E e F, existe **advérbio interrogativo**.
36. ( ) Em E e F, existe **advérbio de modo**.
37. ( ) Em E, **como** é **advérbio interrogativo de modo**.
38. ( ) Em F, **como** é **advérbio de intensidade**.
39. ( ) Em G, há um **advérbio de intensidade**.
40. ( ) Em G, **bastante** não é advérbio, porque se refere ao substantivo **batom**.
41. ( ) Em G, **bastante** é pronome indefinido, como **muito** e **pouco** quando se referem a substantivo.
42. ( ) Em H, **nunca** é advérbio de tempo e negação.

LOCUÇÃO ADVERBIAL

Prática

Observe:

I. Ela sorriu **novamente**.
J. Ela sorriu **de novo**.
K. Ele **não** se comprometeu.
L. **De modo nenhum** ele se comprometeu.
M. Ele virá, **sim**.
N. Ele virá, **com certeza**.
O. – Onde está o Ivan? – Não sei. **Com certeza** está numa dessas exposições que frequenta.
P. Renato cortava legumes **com Teresa**.
Q. Teresa se cortou **com o canivete** de Renato.

■ Assinale **C** ou **E**.

43. ( ) **novamente** e **de novo** são circunstâncias do verbo sorrir.
44. ( ) **novamente** é um advérbio que atribui ao verbo sorrir uma circunstância de **repetitividade**.
45. ( ) **não** e **De modo nenhum** atribuem circunstância de negação ao verbo comprometer-se.
46. ( ) Em J, L e N, vê-se que duas ou mais palavras podem fazer as vezes de um advérbio.
47. ( ) Duas ou mais palavras que funcionam no lugar de um advérbio chamam-se **locução adverbial**.
48. ( ) Em N e O, encontram-se locuções adverbiais de **afirmação**.
49. ( ) Em N, **Com certeza** é uma locução adverbial de **afirmação**.
50. ( ) Em O, **Com certeza** é uma locução adverbial de **dúvida**.
51. ( ) Em P, há uma locução adverbial de **companhia**.
52. ( ) Em Q, há uma locução adverbial de **instrumento** ou **meio**.

Observe:

R. Ela estava **perto**.
advérbio

S. Ela estava **por perto**.
prep. + adv.
locução adverbial

T. Ela estava **em casa**.
prep. + subst.
locução adverbial

U. Ela estava **com você**.
prep. + pron.
locução adverbial

■ Assinale **C** ou **E**.

53. ( ) Em R, **perto** é advérbio de lugar.
54. ( ) Em S, **por perto** é locução adverbial de lugar, constituída de preposição e advérbio juntos.
55. ( ) Em T, **em casa** é advérbio de **lugar**.
56. ( ) Em T, **em casa** é locução adverbial de **lugar**, formada por uma preposição e um substantivo.
57. ( ) Em U, **com você** é uma locução adverbial de **companhia**.

Observe:

V. Ela estava (**locução adverbial**: **com** (prep.) + **você**. (pron.))

W. Ela estava (**locução adverbial**: **perto de** (**adv. + prep.** loc. prepositiva) **você**. (pron.))

X. Ela estava (**locução adverbial**: **em** (prep.) **casa**. (subst.))

Y. Ela estava (**locução adverbial**: **em cima de** (**prep.+ adv.+ prep.** locução prepositiva) **sua casa**. (subst.))

A **locução adverbial** pode ter a seguinte estrutura: preposição + advérbio; preposição + substantivo; preposição + pronome. A preposição vem sempre antes.
Advérbio + preposição = **locução prepositiva**.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

58. ( ) Observando V e W, conclui-se que a locução prepositiva equivale na frase a uma **preposição**.
59. ( ) Observando W e Y, conclui-se que, na construção da frase, a locução prepositiva pode ter duas ou mais palavras.
60. ( ) A locução adverbial sempre começa com preposição, ou locução prepositiva.
61. ( ) A locução adverbial nunca termina com preposição.
62. ( ) O núcleo da locução adverbial é a preposição.
63. ( ) A locução prepositiva sempre termina com preposição.
64. ( ) Toda locução que termina em preposição é locução prepositiva.
65. ( ) A locução prepositiva pode ter preposição no início e no fim (**em** cima **de**).

Observe:

Ela está meio / menos / mais / muito / pouco **tonta**. adjet.

advérbio de intensidade

Ela está **tonta** adjet. de verdade. / à beça. / p'ra chuchu.

locução adverbial de intensidade

Ela está mais / menos / meio / muito / pouco / bastante **perto**. adv.

advérbio de intensidade

Ela está **perto** adv. de verdade. / p'ra chuchu. / à beça.

locução adverbial de intensidade

O **advérbio** ou **locução adverbial** que se referem a adjetivo ou a advérbio são, quase sempre, de intensidade.

Prática

Naquela época, com rara felicidade, as famílias conversavam em volta da mesa, em tom normal, após o sono dos menores.

■ Assinale **C** ou **E**.

66. ( ) **Naquela época** é locução adverbial de **tempo**.
67. ( ) Na oração há cinco locuções adverbiais.
68. ( ) Todas começam com preposição.
69. ( ) **em volta de** é uma locução prepositiva.
70. ( ) Há duas locuções adverbiais de **tempo**.
71. ( ) Há só duas ocorrências da preposição **em** no texto.

■ Sublinhe e classifique os **advérbios** ou **locuções adverbiais**.

72. Nunca vi olhos tão meigos.
73. Quanta alegria havia lá!
74. Por que vieste tão cedo?
75. Não me disseste onde ou como eles estão.
76. Talvez não saibam quando chegaremos.
77. Chegou da Espanha o jovem do Brasil.
78. Muitos homens e muitas mulheres pensam muito pouco.
79. Bastantes estudiosos nos ajudam bastante.
80. Ele era de meias-palavras. Meio calado.

Preposição

DEFINIÇÃO

Observe:

Preposição é a **palavra** que liga **dois termos**, subordinando o segundo ao primeiro e estabelecendo uma relação semântica (relação de significado) com o subordinado ou regido.

A preposição é escolhida pelo termo regente e pertence sintaticamente ao termo regido.

Prática

■ Estabeleça a carga semântica da preposição.

Regente	Prep.	Regido	Núcleo	
1.	em	casa.	( )	a) companhia
2.	com	ela.	( )	b) posição superior
3.	de	cama.	( )	c) posição inferior
4.	sob	a mesa.	( )	d) lugar
5.	sobre	o fogão.	( )	e) estado

São **preposições essenciais**, isto é, funcionam sempre como preposições:

a, ante, até, após,
com, contra,

de, desde,
em, entre,
para, por, perante,
sem, sob, sobre,
trás.

Locuções prepositivas: são constituídas por duas ou mais palavras, sendo a última sempre uma preposição:

além de, antes de, até a, apesar de, acerca de, em vez de, dentro de, depois de, devido a, fora de, junto a, junto de, junto com...

Isoladas, as preposições não têm sentido, mas podem adquirir diversos significados dependendo do contexto.

Exemplos: O orador olhava **à** frente (direção).
Todos os anos, a família vai **a** Paris (lugar).
A amazona saiu **a** galope (modo).
O desenho era todo feito **a** lápis (instrumento).

Prática

■ Faça a correlação entre a forma destacada e o significado que ela cria.

6. ( ) estar **ante** o portão
7. ( ) parar **após** o obstáculo
8. ( ) beber **com** os amigos
9. ( ) pagar **com** cheque
10. ( ) lutar **contra** o vício
11. ( ) trabalhar **para** a sobrevivência
12. ( ) provir **de** Uruguaiana
13. ( ) cadeira **de** vime
14. ( ) morrer **de** frio
15. ( ) doce **com** leite
16. ( ) doce **sem** leite

(a) finalidade
(b) oposição
(c) instrumento
(d) companhia
(e) causa
(f) matéria
(g) origem
(h) posterioridade
(i) anterioridade
(j) inclusão
(k) exclusão

São **preposições acidentais** aquelas que podem ligar termos de uma oração ou ter outras funções:

conforme, consoante, durante, exceto, fora, mediante, menos, salvo, segundo...

Prática

■ Faça a correlação, considerando a preposição destacada.

(a) liga termos de uma oração (é preposição)
(b) liga orações com verbo flexionado (é conjunção)
(c) acompanha verbo, adjetivo ou advérbio (é advérbio)

17. ( ) Montou o aparelho **conforme** as especificações.
18. ( ) O trabalho será feito **conforme** você pediu.
19. ( ) As pessoas agem **segundo** seus impulsos.
20. ( ) O aparelho será montado amanhã, **segundo** disseram os técnicos.
21. ( ) Irá toda minha família **menos** eu.
22. ( ) Os inquilinos estavam **menos** preocupados após a reunião.

As preposições **a**, **em**, **por**, **de** podem combinar-se ou contrair-se com os artigos definidos ou com os pronomes demonstrativos.

por + o, a, os, as	➜	pelo, pela, pelos, pelas
de + o, a, os, as	➜	do, da, dos, das
em + o, a, os, as	➜	no, na, nos, nas
a + o, a, os, as	➜	ao, à, aos, às
de + este, aquele	➜	deste, daquele
em + esta, aquilo	➜	nesta, naquilo
a + aquela, aquele, aquilo	➜	àquela, àquele, àquilo
em + um, uma uns, uma	➜	num, numa, nuns, numa

Prática

■ Complete as lacunas com a forma preposicional adequada.

23. Ele voltou _____ o caminho mais difícil.
24. Saiu _____ a porta _____ a cabeça erguida.
25. Acreditamos _____ o valor da vida humana.
26. Os moradores precisam _____ essa segurança.
27. O ex-presidente referia-se _____ aquelas sobras de campanha.

Observação:

As preposições podem substituir as conjunções, quando a oração subordinada for reduzida:
Ele voltou **para** trabalhar.

Prática

■ Substitua adequadamente a conjunção por uma **preposição**.

28. O poeta trouxe o livro **para que** eu o lesse e corrigisse.
_____ eu ler e corrigir.

29. As crianças não poderão sair, **se** o pai não der sua autorização.
_____ o pai dar sua autorização.

30. O médico ficou chateado **porque** causou muita preocupação a todos.
_____ causar muita preocupação a todos.

31. (PRF/N.M./ANP) Assinale a frase em que a preposição está empregada **indevidamente**.
a) Era rigoroso com as infrações na estrada.
b) Severas responsabilidades lhe pesavam sobre os ombros.
c) Já leu algo sob este assunto?
d) Espero ter o prazer de apertar-lhe a mão.

32. (PRF/N.M./ANP) Assinale a opção em que a ideia da preposição destacada **não** está indicada corretamente entre parênteses.
a) Moro **em** Copacabana há muitos anos. (lugar)
b) Viajou **de** São Paulo a Recife. (procedência)
c) Saíram **em** um dia chuvoso. (tempo)
d) Tiritavam **de** frio pelas ruas da capital. (modo)

Conjunção

DEFINIÇÃO

Observe:

COORDENADO	CONJUNÇÃO COORDENATIVA	COORDENADO
Paulo TERMO	e	Cristina TERMO
Ele chegou ORAÇÃO	e	ela saiu ORAÇÃO

SUBORDINANTE		
Ele chegou ORAÇÃO	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA	
		SUBORDINADO
	quando	
		ela saiu ORAÇÃO

Prática

■ Observe o gráfico e responda **C** ou **E**.

1. ( ) A conjunção pode ligar dois termos.
2. ( ) A conjunção pode ligar duas orações.
3. ( ) A conjunção pode coordenar dois termos.
4. ( ) A conjunção pode coordenar duas orações.
5. ( ) A conjunção pode subordinar um termo a outro.
6. ( ) A conjunção pode subordinar uma oração a outra.
7. ( ) A conjunção pode ser, então, classificada como coordenativa ou como subordinativa.
8. ( ) Se a conjunção liga dois termos de uma oração, necessariamente tem papel coordenativo.
9. ( ) Se a conjunção liga duas orações, pode assumir um papel coordenativo ou subordinativo.

Agora veja a definição de Evanildo Bechara:

> "**Conjunção** é a expressão que liga orações, ou, dentro da mesma oração, palavras que tenham o mesmo valor ou função."

Prática

■ Leia as frases seguintes e responda **C** ou **E**.

A) **Visto que** estava com medo, calou-se.
B) **Porque** estava com medo, calou-se.
C) **Quando** estava com medo, calou-se.

10. ( ) Em A, a primeira oração determina a causa do fato expresso na segunda.
11. ( ) Em B, a primeira oração determina a causa do fato expresso na segunda.
12. ( ) Em C, a primeira oração determina a causa do fato expresso na segunda.
13. ( ) Em C, a primeira oração explicita uma circunstância de tempo relacionada ao fato expresso na segunda.
14. ( ) Em A, B e C, as circunstâncias de causa ou tempo são declaradas pelas expressões **Visto que**, **Porque** e **Quando**, respectivamente.
15. ( ) **Porque** e **Quando** são, portanto, conjunções, por ligarem orações.
16. ( ) **Visto que** também funciona como conjunção, por ligar orações.
17. ( ) Duas ou mais palavras com valor de uma recebem o nome de locução.
18. ( ) **Visto que** é, por isso, uma locução conjuntiva, isto é, duas palavras que funcionam como uma conjunção.

CLASSIFICAÇÃO

Leia com atenção o quadro dos cinco tipos de conjunções coordenativas.

	CONJUNÇÕES COORDENATIVAS
1	**ADITIVAS**: somam informações de natureza semelhante. positiva + positiva: Ela estudou **e** aprendeu. negativa + negativa: Ela não estudou **e** não aprendeu. Ela não estudou **nem** aprendeu.
	São elas: **e**, **nem (= e não)**, **não só... mas também**, **não só... mas até** etc.
2	**ADVERSATIVAS**: opõem informações, aproximam informações contrárias. positiva + negativa: Estudou, **mas** não aprendeu. Estudou, **e** não aprendeu. negativa + positiva: Não estudou, **porém** aprendeu. Não estudou, **contudo** aprendeu.
	São elas: **e**, **mas**, **porém**, **todavia**, **contudo**, **no entanto**, **entretanto** etc.

3	**ALTERNATIVAS**: interligam orações cujas ideias se excluem, que não acontecem juntas. Estudava, **ou** se divertia. **Ora** estudava, **ora** se divertia.
	São elas: **ou**, **ou ... ou**, **já ... já**, **ora ... ora**, **quer ... quer**, **seja ... seja** etc.
4	**CONCLUSIVAS**: interligam duas ideias, fazendo da segunda uma conclusão da primeira. Teu combustível está no fim; **portanto**, não conseguirás chegar. Está na hora da decolagem; deves, **pois**, apressar-te.
	São elas: **logo**, **portanto**, **por isso**, **por conseguinte**, **consequentemente**, **então**, **pois** (quando não começa frase) etc.
5	**EXPLICATIVAS**: interligam orações fazendo, numa, justificativa ou explicação do que se disse noutra. Venha logo, **porque** já é tarde. Sorria, **pois** a vida é bela.
	São elas: **pois** (começando oração), **porque**, **que**, **porquanto** etc.

Prática

■ Nas orações a seguir, sublinhe as conjunções e classifique-as conforme a ideia que introduzem.
a) aditiva b) adversativa c) alternativa d) conclusiva e) explicativa.

19. ( ) A lua está nascendo, ou se pondo?
20. ( ) A lua está nascendo, mas o dia está claro ainda.
21. ( ) O sol se põe cedo, porque estamos no inverno.
22. ( ) P'ra frente, que atrás vem gente.
23. ( ) Não só tremia, mas também chorava.
24. ( ) Doía, e ele não chorava.
25. ( ) Ora chorava, ora sorria.
26. ( ) Penso; portanto, insisto.

Estude agora o quadro dos dez tipos de conjunções subordinativas.

CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS	
	ADVERBIAIS
1	**CAUSAIS**: introduzem oração, com uma ideia de causa. **Como** não choveu, o poço secou. Ele caiu **porque** tropeçou.
	São elas: **que**, **porque**, **porquanto**, **como**, **já que**, **desde que**, **pois que**, **visto que**, **visto como**, **uma vez que...**

2	**CONCESSIVAS**: introduzem oração, com ideia contrária à da oração principal. **Embora** tentasse, não conseguiu esconder. Trabalhava, **por mais que** a perna doesse.
	São elas: **embora**, **conquanto**, **ainda que**, **mesmo que**, **posto que**, **se bem que**, **por mais que**, **por menos que**, **apesar de que**, **nem que**, **que**, **de todo modo...** Todas essas conjunções levam o verbo para o subjuntivo.
3	**CONDICIONAIS**: introduzem oração, com ideia de hipótese ou condição. **Se** quiser, eu vou. Ela seria feliz, **caso** o destino quisesse.
	São elas: **se**, **caso**, **contanto que**, **salvo se**, **sem que (= se não)**, **dado que**, **desde que**, **a menos que**, **a não ser que** etc.
4	**CONFORMATIVAS**: introduzem oração, exprimindo a conformidade de uma ideia com a da oração principal. **Conforme** eu previra, ela mentiu. Vai chover, **segundo** anunciou a meteorologia.
	São elas: **como**, **conforme**, **segundo**, **consoante** etc.
5	**FINAIS**: introduzem oração, com ideia de finalidade. Gritava **para que** todos o ouvissem. Chorou, **a fim de que** eu me comovesse.
	São elas: **para que**, **a fim de que**, **que (= para que)**, **porque (= para que)** etc.
6	**CONSECUTIVAS**: introduzem oração, com ideia de consequência. Falava tanto, **que** o marido fugiu. Era de tal beleza **que** nos ofuscava.
	Conjunções: **que** associado a **tal**, **tanto**, **tão**, **tamanho** (expressos ou subentendidos na oração anterior); de forma **que**, de maneira **que**, de modo **que**, de sorte **que** etc.
7	**TEMPORAIS**: introduzem oração, com ideia de tempo. **Logo que** me viu, sorriu. **Desde que** chegou, todos a cercam.
	São elas: **quando**, **antes que**, **depois que**, **logo que**, **assim que**, **desde que** etc.
8	**COMPARATIVAS**: introduzem oração, comparando ações. Normalmente têm o verbo subentendido. Igualdade: Ela dança tanto **quanto** Carlos (dança). Inferioridade: Ela dança menos (do) **que** Júlia (dança). Superioridade: Ela dança mais (do) **que** Renata (dança).
	São elas: **(do) que** (relacionado a mais, menos, melhor, pior, maior, menor), **tal ... qual**, **tanto ... quanto**, **como**, **assim como**, **bem como** etc.

9	**PROPORCIONAIS**: introduzem oração, com ideia de proporcionalidade. Indiretamente: **Quanto** mais gritava, menos era entendido. Diretamente: la aprendendo, **à medida que** convivia com ela.
	São elas: **à proporção que**, **ao passo que**, **quanto mais**, **quanto menos** etc.

SUBSTANTIVAS

10	**INTEGRANTES**: introduzem orações permutáveis pelo pronome substantivo ISSO. Quero **que** venhas. (Quero **isso**.) Gostaria de **que** me entendessem. (Gostaria **disso**.) A verdade é **que** ele saiu. (A verdade é **isso**.) Veja **se** ele concorda. (Veja **isso**.)
	São elas: **que** e **se**. Podem vir elípticas: gostaria me entendessem.

Prática

■ Classifique as conjunções destacadas e numere-as de 1 a 10, de acordo com o quadro que acabou de estudar.

27. **Se** ( ) ela quiser, eu vou; mas não sei **se** ( ) ela quer.
28. Trouxe-lhe uma rosa **para que** ( ) ela não brigasse com ele.
29. **Como** ( ) não queria ser visto, ficou a um canto **como** ( ) vassoura esquecida.
30. **Embora** ( ) tentasse, não conseguia fazer melhor **que** ( ) o irmão.
31. Dance **como** ( ) o ritmo pede, **porque** ( ) todos a aplaudam.
32. Tanto fez **que** ( ) conseguiu **que** ( ) o vizinho lhe vendesse o terreno.
33. **Assim que** ( ) chegou, começou a gesticular **para que** ( ) a vissem.
34. **Quanto** ( ) mais gesticulava, mais cansada ficava.

A. Ele ensinou **para que** todos aprendessem.
B. Ele ensinou **para** todos aprenderem.

■ Assinale **C** ou **E**.

35. ( ) Em A, a segunda oração é introduzida pela locução conjuntiva **para que**.
36. ( ) A locução conjuntiva, no caso, é formada por duas conjunções.
37. ( ) A locução conjuntiva, no caso, é formada por uma preposição (para) e uma conjunção (que).
38. ( ) Em A, a oração subordinada acrescenta à principal uma ideia de finalidade.
39. ( ) Em B, a segunda oração é introduzida só pela preposição (para) e também acrescenta à principal uma ideia de finalidade.
40. ( ) Pode-se concluir que a ideia de finalidade nasce da conjunção.
41. ( ) Pode-se concluir que a ideia de finalidade nasce da preposição.

Observe:

Constroem-se sem conjunção as orações reduzidas.*

Antes de discutido o assunto, ninguém o entendia.

locução prepositiva — verbo no particípio

Para evoluir, todos estudamos.

preposição — verbo no infinitivo

Em se falando de negócios...

preposição — verbo no gerúndio

RESUMO FINAL

CONJUNÇÕES

- COORDENATIVAS
  - a) aditivas
  - b) adversativas
  - c) alternativas
  - d) conclusivas
  - e) explicativas
- SUBORDINATIVAS
  - f) causais
  - g) concessivas
  - h) condicionais
  - i) conformativas
  - j) finais
  - k) consecutivas
  - l) temporais
  - m) comparativas
  - n) proporcionais
  - o) integrantes

Prática

■ Use as letras que precedem, no resumo final, a classificação das conjunções, para preencher os parênteses relacionados às conjunções ou preposições dos exercícios seguintes.

42. **Segundo** Schopenhawer, as ideias encurtam à medida **que** crescem os cabelos.
( ) ( )

* *Vide*, em *Análise Sintática Visual*, Período: Orações reduzidas de infinitivo, de gerúndio, de particípio.

43. Logo **que** ele nasceu, pareceu-me mais feio **que** um sapo.
( ) ( )

44. Não sei **se** vou **ou** **se** fico.
( ) ( ) ( )

45. Ela disse **que** viria, **mas** não falou **se** viria só.
( ) ( ) ( )

46. O ruído atingiu tal intensidade **que** quase nos ensurdeceu.
( )

47. **Se** Júlia concordasse **e** nos ajudasse, **como** você havia previsto, seria fácil para nós
( ) ( ) ( )
convencer aos restantes.

48. **Apesar de** nada ter dito, **porque** foi ameaçada, a testemunha despertou a atenção
( ) ( )
dos jurados.

49. Vá logo, **que** estão esperando. Fale pouco **para** não ser mal entendido.
( ) ( )

50. És inteligente. **Por isso**, não te deves preocupar **quando** tentarem confundir-te.
( ) ( )

Interjeição

CLASSIFICAÇÃO

Prática

■ Estabeleça a correspondência entre as expressões da segunda coluna e o que se pede na primeira.

1. Dor física	( )	a) Psit! Psiu! (rápido)
2. Surpresa	( )	b) Ai! Ui!
3. Silêncio	( )	c) Ora!...
4. Incredulidade	( )	d) Nossa! Puxa! Oh!
5. Animação	( )	e) Psiu! (demorado)
6. Aplauso	( )	f) Bravo!
7. Chamamento	( )	g) Eia!
8. Desejo	( )	h) Tomara! Oxalá!
9. Repetição	( )	i) Oh! Ah!
10. Dor moral	( )	j) Bis!

■ Assinale **C** ou **E** sobre as interjeições.

11. ( ) Exprimem racionalidade.
12. ( ) Exprimem emoção.
13. ( ) Elementos afetivos da linguagem.
14. ( ) Valem por frases inteiras.
15. ( ) São instrumentos de comunicação precisa e indiscutível.
16. ( ) Seu sentido pode variar conforme a entonação e o contexto.
17. ( ) **Ai de mim! Ora bolas!** são locuções interjetivas.
18. ( ) São uma espécie de grito, com que traduzimos estados emotivos.
19. ( ) Normalmente vêm acompanhadas de ponto de exclamação.
20. ( ) Após o ponto exclamativo da interjeição, usa-se sempre letra maiúscula.

DEFINIÇÃO

Interjeição é uma espécie de grito que exprime emotividade, de maneira não racional: Puxa!

Locução interjetiva: duas ou mais palavras com valor de uma interjeição: Nossa senhora! Puxa vida!

Semântica

DEFINIÇÃO

Semântica é o estudo do significado das palavras.

DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO

O sentido usual das palavras, descrito nos dicionários, é o que se denomina **denotativo**.
O sentido figurado, que as palavras adquirem na dependência do contexto em que são usadas, é o que se denomina **conotativo**.

Prática

■ Utilize o código **d** para o sentido denotativo das palavras em negrito e **c** para o sentido conotativo.

1. ( ) Li com cuidado **página** por **página**.
2. ( ) "És **página** virada, descartada do meu folhetim." (C.B.)
3. ( ) Surgiu uma **onda** de boatos.
4. ( ) As **ondas** do mar nos encantam.
5. ( ) Os preços ficarão **congelados** durante um certo período.
6. ( ) Comida **congelada** é uma opção prática.

HOMONÍMIA, SINONÍMIA, ANTONÍMIA

Homônimos são palavras iguais.
Homônimos homófonos são palavras iguais no som.
Homônimos homógrafos são palavras iguais na escrita.
Sinônimos são palavras diferentes com sentidos semelhantes.
Antônimos são palavras diferentes com sentidos opostos.

Prática

■ Faça a correspondência.

a) pronúncia igual / escrita igual / sentido diferente
b) pronúncia igual / escrita diferente / sentido diferente
c) pronúncia diferente / escrita igual / sentido diferente
d) pronúncia diferente / escrita diferente / sentido semelhante
e) pronúncia diferente / escrita diferente / sentido oposto

7. ( ) renda **líquida** / substância **líquida**.
8. ( ) **acento** gráfico / **assento** confortável.
9. ( ) **olho** azul / eu **olho** as fotos.
10. ( ) fazer **cara** de mau / ter **rosto** de anjo.
11. ( ) peso **bruto** / homem **bruto**.
12. ( ) **quarto** arrumado / **dormitório** grande.
13. ( ) **sede** de viver / **sede** da empresa.
14. ( ) **concerto** sinfônico / **conserto** do carro.
15. ( ) pessoa **calma** / homem **nervoso**.
16. ( ) calcular as **perdas** / comemorar os **ganhos**.

■ Estabeleça a correta correspondência.
a) Homônimos perfeitos (homógrafo e homófono)
b) Homônimos homógrafos
c) Homônimos homófonos
d) Parônimos
e) Sinônimos
f) Antônimos

17. ( ) renda **líquida** / substância **líquida**.
18. ( ) Eu **conserto** para não mais se falar em **conserto**.
19. ( ) Ela era um misto de **intimorata** e **intemerata**.
20. ( ) A **sessão** sobre a **cessão** de terras vai começar.
21. ( ) Não se exceda em **silêncio** ou **gritarias**.
22. ( ) É melhor **morrer** que **perder a vida**.

PARONÍMIA

Parônimas são palavras **parecidas**, ou seja, não são iguais, mas guardam alguma semelhança de forma.

Alguns casos de parônimos:
desapercebido (desprevenido) _____ despercebido (não notado)
descrição (ato de descrever) _____ discrição (ser discreto)
descriminar (retirar o crime) _____ discriminar (diferençar)
infringir (transgredir) _____ infligir (aplicar penalidade)
iminente (próximo) _____ eminente (ilustre)
intimorato (destemido) _____ intemerato (puro)
prever (antever) _____ prover (abastecer)
ratificar (confirmar) _____ retificar (corrigir)
vultuoso (inchado) _____ vultoso (de grande vulto)

Prática

■ Preencha as lacunas com as palavras dos parênteses.

23. O _____ conferencista previu o perigo _____. (iminente/eminente)
24. Esse detalhe passou _____. (desapercebido/despercebido)
25. Sua maior qualidade é a _____. (descrição/discrição)
26. O médico _____ a medicação que lhe parecia adequada. (proscreveu, prescreveu)
27. O Ministério da Saúde _____ os remédios que tinham horríveis efeitos colaterais. (proscreveu/prescreveu)
28. O _____ de caminhões aumentou naquela rodovia. (tráfego/tráfico)

■ Classifique os pares de acordo com o código.

1) Sinônimos
2) Antônimos
3) Homógrafos heterófonos
4) Homófonos heterógrafos
5) Homônimos perfeitos
6) Parônimos

29. ( ) cumprimentar / saudar.
30. ( ) ( ) emergir / imergir.
31. ( ) proeminente / preeminente.
32. ( ) ( ) proeminente / prominente.
33. ( ) comprido / curto.
34. ( ) manga (fruta) / manga (da blusa).
35. ( ) lima (fruta) / lima (ferramenta).
36. ( ) despercebido / desapercebido.
37. ( ) comedido / imoderado.
38. ( ) açodadamente / apressadamente.

■ Indique o número, entre parênteses, que completa corretamente a lacuna.

39. O requerimento do pai ainda não foi _____.
    (1) deferido (2) diferido
40. O herói chega sempre no momento _____.
    (1) azado (2) asado
41. O excesso de carga de energia elétrica fez com que o _____ se interrompesse.
    (1) fúsil (2) fusível (3) fuzil
42. Os alunos precisavam de _____ junto ao corpo de professores.
    (1) intercessão (2) intersecção
43. Tenho certeza de que haveremos de encontrar uma _____ entre nossos interesses.
    (1) intercessão (2) intersecção

44. Principiante é _____, enquanto desconhecedor é _____.
(1) insipiente (2) incipiente
45. Dos meus ancestrais, sou _____; ao passo que dos meus filhos, sou _____.
(1) descendente (2) ascendente
46. Em _____ solene, decidiu-se pela _____ dos lotes aos moradores.
(1) secção (2) cessão (3) sessão
47. Um círculo pode representar uma _____ de uma esfera.
(1) cessão (2) secção
48. Aos monges se associa _____; aos cavalos, _____.
(1) sela (2) cela
49. Destemido é _____; imaculo é _____.
(1) intemerato (2) intimorato
50. Ele _____ ao céu e _____ em nós a esperança.
(1) acendeu (2) ascendeu
51. Um rosto carrancudo é um rosto _____, enquanto um fato de grande importância é um fato _____.
(1) vultoso (2) vultuoso
52. Apesar de ele ter feito uma _____ exagerada da cena, todos se portaram com _____.
(1) descrição (2) discrição
53. Era _____ a confirmação da chegada do _____ visitante.
(1) eminente (2) iminente
54. O que aconteceu na véspera é um fato _____.
(1) esterno (2) externo (3) hesterno
55. Osso situado na parte vertebral do tórax chama-se _____.
(1) esterno (2) externo (3) hesterno
56. Um fator de fora é um fato _____.
(1) esterno (2) externo (3) hesterno
57. Relativo a assessor é _____, mas o que se junta ao principal é o _____.
(1) acessório (2) assessório
58. Depois da quinta vem _____. Hora de repouso é hora de _____. Balaio é _____.
(1) cesta (2) sesta (3) sexta

HIPERONÍMIA

Hiperônimas são palavras cujo significado abrange o de outra(s).
Árvore é hiperônimo de **mangueira**, **cajueiro**, **ipê**...

HIPONÍMIA

Hipônimas são palavras cujo significado é abrangido pelo de outra(s).
Amendoeira é hipônimo de **árvore** e de **vegetal**.

Prática Geral

59. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Assinale a alternativa que apresenta palavras antônimas.
a) inédito / original.
b) incauto / precavido.
c) intrépido / resoluto.
d) inexorável / rigoroso.
e) incisivo / categórico.

60. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Assinale a alternativa que substitui, **sem alteração de sentido**, a expressão destacada no seguinte trecho:
"Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus. Tempo de **absoluta depuração**."
a) inteira corrupção.
b) relativa perversão.
c) irrestrita purificação.
d) ilimitada depravação.
e) condicional apuração.

61. (Aux. Jud/TRF/N.M./Esaf) Marque a alternativa cujas palavras preenchem **corretamente** as respectivas lacunas, na frase seguinte:
"Necessitando _____ o número do cartão do PIS, _____ a data de meu nascimento."
a) ratificar / proscrevi.
b) prescrever / discriminei.
c) descriminar / retifiquei.
d) proscrever / prescrevi.
e) retificar / ratifiquei.

62. (PRF/N.M./ANP) Assinale a frase que **não** pode ser completada com a palavra entre parênteses.
a) Os funcionários impetraram _____ de segurança. (mandado)
b) Ameaçava-os um perigo _____. (eminente)
c) Anualmente chegam muitos _____ nordestinos a São Paulo. (imigrantes)
d) O policial fez minuciosa _____ do acidente. (descrição)

63. (ALCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **incorreta**.
"Os riscos envolvidos no **afazer** (1) legislativo exigem peculiar cautela de todos aqueles que se ocupam do difícil processo de elaboração normativa. Eles estão obrigados a colher variada gama de informações sobre a matéria que deve ser regulada, pesqui-

sa esta que não pode ficar limitada a aspectos estritamente jurídicos. É certo que se faz mister realizar **minuciosa** (2) investigação no âmbito legislativo, doutrinário e jurisprudencial. **Imprescindível** (3) revela-se, igualmente, a análise da **repercussão** (4) econômica, social e política do ato legislativo."

(Adaptação do *Manual de Redação da Presidência da República*)

a) 1. b) 2. c) 3. d) 4.

64. (ATCLDF/N.S./IDR) Assinale a alternativa em que a palavra destacada deve ser substituída pela que aparece entre parênteses para dar sentido lógico à frase.
a) Eles pararam **incontinente**. (incontinênti)
b) O governo gastou **vultosa** soma na construção do metrô. (vultuosa)
c) Ele **distratou** o que havia combinado. (destratou)
d) O bombardeio **infligiu** graves danos à cidade. (infringiu)

65. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a sequência que preenche **corretamente** as lacunas.
Era ___ a ___ do conflito, pois as partes ___ nos erros já cometidos.
a) iminente / defraglação / reincidiram.
b) eminente / confraglação / incidiram.
c) inevitável / defraglação / reicindiam.
d) iminente / deflagração / reincidiram.

66. (TFC-RJ/N.S.) Assinale o segmento que pode substituir, sem prejuízo da significação original, o trecho: "**Ardia por andar lá fora**".
a) Queimava de raiva por estar preso.
b) Ansiava por estar lá fora.
c) Fervia-me para caminhar pelas ruas.
d) Recapitulava para saltar para a rua.
e) Almejava dirigir-me para o refeitório.

67. (TFC-RJ/N.S.) Indique a letra na qual as palavras completam, **corretamente**, os espaços das frases abaixo.
1) Quem possui deficiência auditiva não consegue _____ os sons com nitidez.
2) Hoje são muitos os governos que passaram a combater o _____ de entorpecentes com rigor.
3) O Diretor do presídio _____ pesado castigo aos prisioneiros revoltosos.

a) discriminar / tráfico / infligiu.
b) discriminar / tráfico / infringiu.
c) descriminar / tráfego / infringiu.
d) descriminar / tráfego / infligiu.
e) descriminar / tráfico / infringiu.

68. (AFRE-SP/N.S.) Assinale a alternativa **correta**.
_____, recorreu a_____ jurisconsulto.
a) Autuado em flagrante / eminente.
b) Atuado em flagrante / iminente.
c) Autuado em flaglante / iminente.
d) Atuado em flagrante / eminente.

69. Em "tarefas sórdidas", o adjetivo significa
a) ocupações.
b) fedorentas.
c) labores.
d) mórbidas.
e) imundas.

70. Indique o item em que há palavra(s) empregada(s) em sentido **figurado**.
a) "Uma semana depois, o professor mandou que nós todos escrevêssemos sobre a Bandeira Nacional."
b) "Não me lembro do resto, mas era divino."
c) "Tremi de emoção ao ver essas palavras impressas."
d) "O professor de Português passara uma composição: 'A lágrima'."
e) "Quando a alma vibra, atormentada, às pulsações de um coração amargurado, pelo peso da desgraça."

71. Marque a alternativa que apresenta palavras em sentido **figurado**.
a) "Ouro Preto é a cidade que não mudou."
b) "A criança tem dentro da alma seu sino de ouro."
c) No sertão de Goiás há um sino de ouro.
d) Os homens procuram ouro em Serra Pelada.
e) "... de ouro catado e fundido na própria terra."

72. O sinônimo que substitui a palavra destacada na frase:
"Não **apreciava** o canto de pássaros" é
a) estimava.
b) detestava.
c) julgava.
d) avaliava.
e) depreciava.

73. O antônimo da palavra destacada na frase: "... o capitão ficou mais **exigente**" é
a) incontestável.
b) tolerante.
c) intransigente.
d) impertinente.
e) intolerável.

74. O contrário de "trabalho bruto" é trabalho
a) inteligente.
b) rude.
c) grosseiro.
d) delicado.
e) duro.

75. Na frase "A luta contra a poluição vem ganhando muitos **adeptos**", a palavra destacada significa
a) reprovados.
b) materiais bélicos.
c) condionadores.
d) partidários.
e) discursos.

Na Amazônia, as águas se manifestam sob forma de rios, igarapés, igapós, neblina e vapor. O açaí, o tucumã, o buriti, o murici são vegetais onipresentes na floresta, bem como os papagaios, maritacas, araras e uma centena de outros pássaros em convívio diuturno com antas, capivaras, quatis, e um sem número de animais terrestres, aquáticos e anfíbios.

■ Assinale **C** ou **E**.

76. ( ) No primeiro período, **águas** é hiperônimo de **rios**, **igarapés**, **igapós**, **neblina** e **vapor**.
77. ( ) No segundo período, **açaí**, **tucumã** e **vegetais** são, entre si, hipônimos.
78. ( ) **florestas** e **vegetais** constituem hiperônimos em relação a **açaí**, **murici**, **buriti**...
79. ( ) **capivaras** e **quatis** são hipônimos em relação a **animais**.

80. O grande hiperônimo do texto, o que abrange todos os demais significados é _____ _____.

Concordância Nominal

Observe:

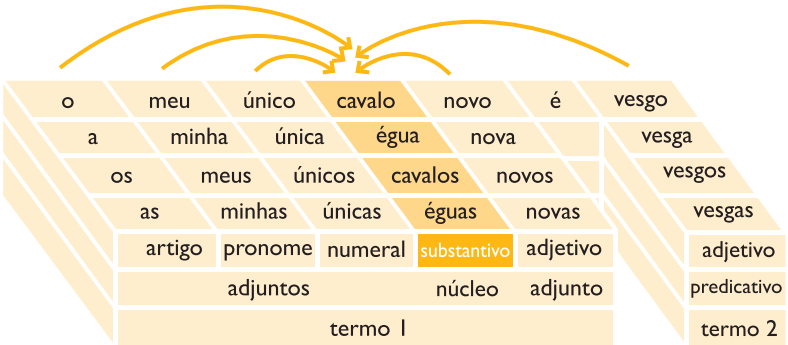

Conclusão:

Artigo, pronome, numeral e adjetivo concordam em gênero e número com o substantivo a que se referem.

Prática

Assinale **C** ou **E**.

1. ( ) Artigo, pronome, numeral e adjetivo funcionam como adjuntos de um **substantivo**.
2. ( ) O adjunto está junto de um substantivo fazendo com ele parte de **um só termo**.
3. ( ) Adjunto é um tipo de **satélite de um núcleo**.
4. ( ) Os adjuntos de um substantivo concordam com ele em **gênero e número**.
5. ( ) Predicativo e adjunto são a **mesma coisa**.
6. ( ) O predicativo é diferente do adjunto, porque o predicativo é um termo **separado** do núcleo a que se refere.
7. ( ) O predicativo é **invariável**.
8. ( ) O predicativo também **concorda** em gênero e número com o núcleo substantivo.
9. ( ) Artigo, pronome, numeral e adjetivo são **invariáveis**.

Observe:

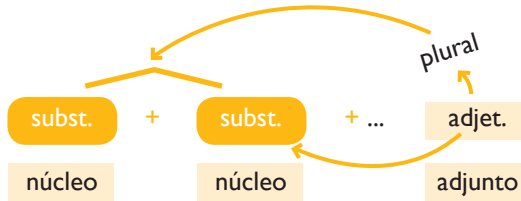

Conclusão:

Adjetivo (adjunto) posposto a mais de um núcleo substantivo concorda com todos, indo para o plural no gênero predominante*, ou concorda só com o núcleo mais próximo.

* Gênero predominante: se houver pelo menos um núcleo masculino, este predomina.

Prática

■ Com base no esquema acima, estabeleça a concordância correta.

10. ...cachorro e gato amig_____/_____
11. ...pato, gata e sapa amig_____/_____
12. ...gata e pata amig_____/_____
13. ...cachorro e gatos amig_____/_____
14. ...gatas e gatos amig_____/_____
15. ...cachorro ou gato amig_____/_____

Observe:

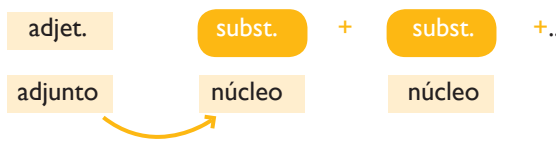

Conclusão:

Adjetivo (adjunto) anteposto a mais de um núcleo substantivo concorda com o núcleo mais próximo.

Prática

■ Com base no esquema acima, estabeleça a concordância correta.

16. ...cheiros_____ cravo e rosa...
17. ...cheiros_____ rosa e cravo...

18. ...cheiros_____ rosas e cravo...
19. ...cheiros_____ cravos e rosa...

Observe:

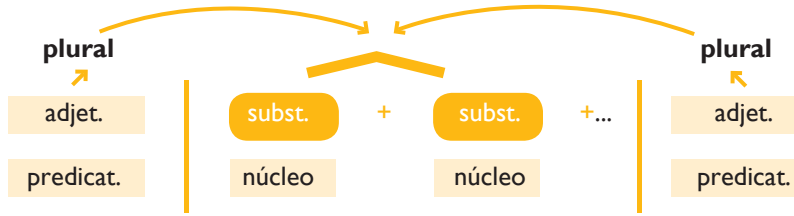

Conclusão:

Adjetivo (predicativo), quando se refere a mais de um núcleo substantivo, concorda com todos, indo para o plural, no gênero predominante.

Prática

■ Com base no esquema acima, estabeleça a concordância correta.

20. O rapaz e a menina estavam aces_____.
21. Os rapazes e a menina estavam aces_____.
22. O rapaz e as meninas estavam aces_____.
23. Encontrei aces_____ a menina e o rapaz.
24. Encontrei aces_____ o rapaz e as meninas.
25. Encontrei aces_____ as meninas e o rapaz.
26. Encontrei aces_____ a menina e a filha.

Observe:

Conclusão:

O núcleo substantivo pode ser substituído por um pronome que continua havendo a concordância.

Prática

■ Com base no esquema anterior, estabeleça a concordância correta.

27. Encontrei o artista, alegre. — Encontrei-__, alegre. (o, a, os, as)
28. Os convidados chegaram sós. — ____ chegaram sós. (Estes, Estas)
29. As possibilidades são muitas. — ____ são muitas. (Ela, Elas)

Observe:

Ele mesm**o**

Elas mesm**as**

núcleo subst.

anexo, **bastante**, **incluso**, **junto**, **leso**, **meio**, **muito**, **nenhum**, **pouco**, **próprio**, **só**, **dado**, **visto**, **obrigado**, **quite** e qualquer outro particípio.

Conclusão:

As expressões em destaque concordam com o núcleo substantivo a que se referem. Pronome substantivo é também núcleo substantivo.

Prática

- Estamos encaminhando anex_____ (30) as correspondências, com bastant_____ (31) informações inclus_____ (32) e nenhum_____ (33) críticas.
- O estudante e o atleta foram vist_____ (34), junt_____ (35) e s_____ (36).
- Elas mesm_____ (37) compraram coisas pouc_____ (38) com muit_____ (39) precauções porque o dinheiro sairia de suas própri_____ (40) contas.
- Dad_____ (41) essas circunstâncias, vist_____ (42) estes últimos argumentos e qua_____ (43) quer outros já aprovad_____ (44), só nos resta concordar.

Observe:

A. Eles mesmos saíram.

B. Elas estavam meio tristes.

C. Eles saíram mesmo.

D. Era pessoa de meias palavras.

E. Elas choraram, só.

F. Elas choraram, sós.

G. As notas vinham anexas.

H. As notas vinham em anexo.

Conclusão:

Advérbios e locuções adverbiais são invariáveis. Adjuntos variáveis, só os que se referem a um núcleo substantivo.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, para afirmação certa ou errada.

45. ( ) Em A, a palavra **mesmo** é pronome; em C, ela é advérbio.
46. ( ) Em B, a palavra **meio** é numeral; em D, ela é advérbio.
47. ( ) Em B, a palavra **meio** é advérbio; em D, ela é numeral.
48. ( ) Em E, **só** é advérbio e significa **somente**.
49. ( ) Em F, **sós** é adjetivo e significa **sozinhas**.
50. ( ) Em G, **anexas** é advérbio.
51. ( ) Em H, **em anexo** é locução adverbial.

Observe:

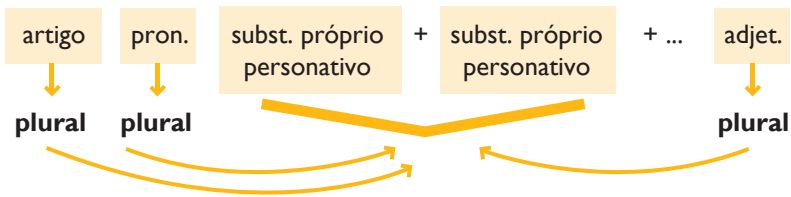

Conclusão:

Dois ou mais antropônimos (nomes de pessoas) levam seus adjuntos para o plural.

Prática

■ Com base no esquema acima, estabeleça a concordância correta.

52. O_____ mesm_____ Paulo e Jurandir corintian_____...
53. A_____ própri_____ Judite e Esther bíblic_____...
54. O_____ lépid_____ José e Antônia...

Observe:

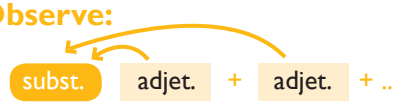

as línguas nova e velha...
a língua nova e velha...
a língua nova e a velha...

Conclusão:

Quando dois ou mais adjetivos se referem a um mesmo substantivo, este pode ficar no plural ou no singular. Se ficar no singular, pode-se repetir o **o** (**a**, **os**, **as**).

Prática

■ Com base no esquema anterior, estabeleça a concordância correta.

55. Os estandartes austríac_____ e suíç_____.
56. O estandarte austríac_____ e suíç_____.
57. O estandarte austríac_____ e o suíç_____.

Observe:

um ou outro um e outro nem um nem outro	+	subst. ↓ **singular**	+	adjet. ↓ **plural**

Conclusão:

As expressões **um ou outro**, **um e outro**, **nem um nem outro**, seguidas de substantivo acompanhado de adjetivo, deixam o substantivo no singular, mas levam o adjetivo para o plural.

Prática

■ Com base no esquema acima, estabeleça a concordância correta.

58. Discorria sobre um e outro problema___.
59. Falava sobre um___ e outr___ estratégia___.
60. Discorria sobre um e outro problema___ sério___.
61. Falava sobre um___ e outr___ estratégia___ combinad___.

Observe:

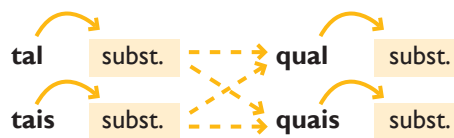

Conclusão:

tal e **qual** se referem a substantivos e com eles concordam.

Prática

■ Com base no esquema anterior, estabeleça a concordância correta.

62. Ta_____ pai, ta_____ filho.
63. Ta_____ pai, ta_____ filhos.
64. Ta_____ pergunta, qua_____ respostas.
65. Os frutos eram ta_____ qua_____ as árvores.
66. Os frutos são ta_____ qua_____ a árvore.

Observe:

men**os** → filho, filha, filhos, filhas

pseud**o-** → homem, mulher, homens, mulheres

comício, festa, comícios, festas ← monstr**o**

homem, mulher, homens, mulheres ← alert**a**

Conclusão:

menos, **pseudo** e **alerta** são invariáveis. **Monstro** e qualquer outro substantivo usado como adjetivo também ficam invariáveis.

Prática

■ Com base no esquema acima, estabeleça a concordância correta.

67. Aqui há men_____ medo que coragem.
68. Havia men_____ moças que rapazes.
69. A pseud_____ mulher e os pseud_____ meninos não se entendiam.
70. Organizou-se uma carreata-monstr_____.
71. Eles se mantiveram alert_____ como eu sempre estou alert_____.

Observe:

o	mais	**possível**
o	menos	
o	pior	
o	melhor	

os	mais	**possíveis**
os	menos	
as	piores	
as	melhores	

Conclusão:

possível fica no singular ou plural, concordando com o **o** (**a**, **os**, **as**) que o antecede.

Prática

■ Com base no esquema anterior, estabeleça a concordância correta.

72. Eram pessoas o mais educadas possív_____.
73. Eram pessoas as mais educadas possív_____.
74. Trata-se de pinturas o mais possív_____ amenas.
75. Trata-se de pinturas o mais belas possív_____.
76. Encontrei amigas as mais simpáticas possív_____.
77. Eles eram o pior possív_____ lutadores.
78. Eles eram os piores lutadores possív_____.
79. Eles eram os piores possív_____ lutadores.

Observe:

A. Est**a** cerveja é bo**a**.

B. Cerveja é bom.

C. É proibid**a** **a** entrada.

D. É proibido entrada.

E. É necessári**a** **a** bondade.

F. É necessário bondade.

Conclusão:

As expressões **é bom...**, **é proibido...**, **é necessário...** ficam invariáveis se o substantivo a que se referem não vier antecedido de artigo ou pronome, sendo usado em sentido vago, geral.
Concordam com o substantivo a que se referem quando este vem antecedido de artigo, demonstrativo ou outro indicador de sentido específico e não genérico.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

80. ( ) Em A, C e E, os adjetivos (boa, proibida, necessária) concordam com os substantivos a que se referem (cerveja, entrada e bondade).
81. ( ) Em B, D e F, os adjetivos (bom, proibido, necessário) ficaram invariáveis, não concordando com os substantivos femininos a que se referem (cerveja, entrada, bondade).
82. ( ) Nos exemplos em que houve a concordância (A, C, E), os três substantivos (cerveja, entrada, bondade) estão antecedidos de artigo feminino (a) ou de pronome.
83. ( ) Nos exemplos em que não houve concordância, os substantivos estão sem artigo ou pronome.

84. ( ) Em A, C e E, os substantivos estão usados em sentido vago, distante, enquanto em B, D e F, em sentido determinado, próximo.
85. ( ) Em A, C e E, os substantivos estão usados em sentido determinado, próximo; em B, D e F, em sentido vago, geral.

Observe:

A menina progredia **a olhos vistos**. (expressão fixa)
A menin**a** progredia a olhos **vist**a. (particípio variável)

As meninas progrediam **a olhos vistos**. (expressão fixa)
As menin**as** progrediam a olhos **vist**as. (particípio variável)

Conclusão:

A expressão **a olhos vistos** pode ser considerada expressão fixa ou pode ter o particípio variável (visto/a/os/as), concordando com o núcleo substantivo a que se refere.

Prática

■ Com base no esquema acima, estabeleça a concordância correta.

86. José foi-se recuperando a olhos _____.
87. Paula está se transformando a olhos _____.
88. José e Paula estão mudando a olhos _____.
89. Elas estão mudando a olhos _____.

Observe:

NÓS = EU

nós pode ser usado no lugar de **eu**. Chama-se plural majestático ou plural de modéstia. Nesse caso, o adjetivo que se refere ao pronome pode ficar no singular ou no plural.

Esta**mos** (eu) fe**liz** ou feli**zes**.

VÓS = TU

vós pode ser usado no lugar de **tu**, referindo-se a uma só pessoa. Chama-se plural de respeito. Nesse caso, o adjetivo a que se refere o pronome fica no singular.

Percebo que **sois** razoá**vel**.

SANTO e SÃO

Usa-se **Santo** antes de vogal: Santo Antônio
Usa-se **São** antes de consoante: São José

Obs.: Jó, Tirso e Tomás aceitam ambas as formas.

CONCORDÂNCIA SINTÁTICA E CONCORDÂNCIA SEMÂNTICA

Sintaxe é estudo das funções dos termos ou das frases. Semântica é a visão do significado.

Na frase "As amazonas eram guerreiras", o artigo "as" e o adjetivo "guerreiras" estão no feminino plural para concordar com o núcleo substantivo "amazonas", que é feminino plural. Essa **concordância de palavra para palavra** é o que se chama **concordância sintática**.

Na frase "O Amazonas é profundo e largo", o artigo "o" e os adjetivos "profundo" e "largo", no masculino singular, deixam de concordar com a palavra feminina plural "Amazonas", para fazê-lo com a **ideia** subentendida de "rio". Essa **concordância com a ideia**, em detrimento da concordância sintática, é o que se denomina **concordância semântica**, ou ideológica, ou figurada, ou irregular, ou siléptica (veja Silepse, em *Intelecção e Interpretação de Textos*, Figuras de Linguagem).

Prática Geral

(Se necessário, consulte o plural dos adjetivos no Capítulo 6)

■ Nas frases a seguir, use as palavras entre parênteses para estabelecer a(s) concordância(s) correta(s).

- Os olhos de Renata são _____ (azul); os meus, _____ (cinza).
  90 91
- Ruth tem olhos _____ (azul-claro).
  92
- Na sala havia tecidos _____ (azul-marinho), _____ (verde-mar), _____ (verde-garrafa), _____ (cor de safira) e _____ (azul-celeste).
  93 94 95 96 97

98. Sentaram-se em bancos e cadeiras _____. (novo)
99. Era um desfile do exército e marinha _____. (brasileiro)
100. Procurava uma saída e um recuo _____. (tático)
101. Eram mulheres e rapazes _____. (honesto)
102. Comiam apenas alface e carne _____. (bovino)
103. Muito _____ a aurora e o crepúsculo. (belo)
104. Pimenta em dose certa é _____ para o paladar. (bom)
105. É _____ gritaria. (proibido)
106. É _____ a saída, dez minutos antes. (permitido)
107. Todos acharam a secretária e o embaixador muito _____. (claro)
108. Considero _____ do crime o jardineiro e o guarda. (autor)
109. Compreensão com o próximo é _____. (necessário)
110. Comprei um terno e um chapéu _____. (ovalado)
111. Era meio-dia e _____. (meio)
112. Falava por _____ palavras. (meio)
113. Estava _____ tonta. (meio)
114. Vão _____ os protocolos requisitados. (anexo)
115. Vossa Excelência, governadora, é _____ de nossos agradecimentos. (merecedor)
116. As duas caminhavam esquecidas de si _____. (mesmo)
117. As duas caminhavam esquecidas _____ de si. (mesmo)
118. As duas caminhavam esquecidas de si, _____. (mesmo)
119. Eles viveram _____ e morreram também sozinhos. (só)
120. Eles estavam _____ olhando. (só)
121. Estou _____ com você, mas você não pode dizer que estamos _____. (quite)
122. Não era apenas um crime de _____-patrimônio, mas um verdadeiro crime de _____-pátria. (leso)
123. Os netos são _____ o avô. (tal qual)
124. Todos fomos _____ ao passeio, mas as crianças só puderam sair do ônibus _____ com o professor. (junto)
125. As fichas foram _____ ao relatório. (anexo)
126. Todos ficamos _____. (alerta)
127. Mais amor e _____ confiança. (menos)

128. Todos vieram, _____ vocês. (menos)
129. Todos vieram, _____ elas. (salvo)
130. Todos foram _____. (salvo)
131. Os _____ utópicos é que defendem a _____ utopia. (pseudo)
132. As casas eram _____. Foram vendidas _____. (barato)
133. As lanchas eram _____. Foram vendidas _____. (caro)
134. Elas procuraram os argumentos mais claros _____. (possível)
135. Ele relacionou argumentos o mais _____ _____. (claro possível)
136. Um e outro _____ foram premiados. (funcionário competente)
137. Ela disse alguma coisa _____. (maravilhoso)
138. Ela disse algo de _____. (maravilhoso)
139. O menino crescia a olhos _____. (visto)
140. Percorri _____ terras. Fui _____ demais. (longe)
141. E, na qualidade de responsável, sempre fomos _____. (cauteloso)
142. E, na qualidade de mestres, sempre fomos _____. (cauteloso)
143. Sempre será _____ a humildade. (necessário)
144. Aquela _____ afirmação deixou Rosa _____ decepcionada. (meio)
145. Julieta parecia _____ simpática. Possuía _____ virtudes. (bastante)
146. Vocês precisam ficar _____. (alerta)
147. Aquela menina é _____ _____ os tios. (tal qual)
148. Tinha fé em _____ Elesbão. (São)

Concordância Verbal

DEFINIÇÃO

Concordância verbal é a que se processa entre o verbo e o núcleo do sujeito, ou entre o verbo e a expressão que o comanda.

CONCORDÂNCIA SINTÁTICA E CONCORDÂNCIA SEMÂNTICA

Sintaxe é estudo das funções dos termos ou das frases. Semântica é a visão do significado.

Na frase "Quais de nós chegarão?", o sujeito é "Quais de nós" e o seu núcleo é "Quais" (veja *Análise Sintática Visual*). O verbo está na 3ª pessoa do plural, "chegarão", concordando com o núcleo do sujeito "Quais chegarão?". A concordância do verbo com o núcleo do sujeito é o que se chama **concordância sintática**.

Na frase "Quais de nós chegaremos?", o verbo deixou de concordar com o núcleo do sujeito, preferindo fazê-lo com o "nós", enfatizando **a ideia** de o falante incluir-se na ação. O "nós", então, que é apenas um satélite sintático do núcleo do sujeito, pois está subordinado pela preposição "de" que o antecede, passou a ser o núcleo semântico do sujeito, também chamado de sujeito semântico. A **concordância semântica**, ou ideológica, ou figurada, ou irregular, ou siléptica, em outras palavras, é a **concordância com a ideia** e não com o núcleo sintático (veja Silepse, em *Intelecção e Interpretação de Textos*, Figuras de Linguagem).

SUJEITO SIMPLES

VERBO → concorda com SUJEITO

em → número
e
pessoa

Conclusão:

O verbo concorda com o sujeito simples em número e pessoa.

Prática

■ Complete as lacunas.

1. Nós cant_____ enquanto vocês danç_____.
2. Tu cant_____ enquanto eu danç_____.
3. Vós cant_____ enquanto ele danç_____.

SUJEITO COMPOSTO ANTEPOSTO

Paulo e Tereza	chegar**am**
suj. composto antes do verbo	verbo: plural

Conclusão:

Sujeito composto anteposto: o verbo vai para o plural.

Prática

■ Complete as lacunas.

4. Júlia e Cláudia fal_____ a verdade.
5. O livro e a caneta sumir_____.

SUJEITO COM PESSOAS DIFERENTES

Ele, tu e **eu** **Tu** e **ele**	chega**mos** chega**stes/aram**
SUJEITO COMPOSTO DE PESSOAS DIFERENTES	VERBO NO PLURAL NA PESSOA PREFERENCIAL
3ª + 2ª + 1ª = ... 3ª + 2ª = ...	... 1ª do plural ... 2ª ou 3ª do plural

Conclusão:

Se houver 1ª pessoa, o verbo vai para a 1ª do plural (nós).
Se houver 2ª e 3ª pessoas apenas, é preferível o verbo na 2ª do plural (vós). Aceita-se, contudo, a 3ª do plural, como se o sujeito fosse "vocês".

Prática

■ Complete as lacunas.

6. Eu e tu ir_____ amanhã.
7. Ela e eu ir_____ amanhã.
8. Ela e tu ir_____ amanhã.
9. Ela e ele ir_____ amanhã.

SUJEITO COMPOSTO POSPOSTO

Chegar**am** Cheg**ou**	**Paulo** e **Teresa** **Paulo** e Teresa
VERBO NO PLURAL OU CONCORDA C/ O MAIS PRÓXIMO	SUJEITO COMPOSTO DEPOIS DO VERBO

Conclusão:

Sujeito composto posposto: o verbo vai para o plural ou concorda com o mais próximo, para enfatizá-lo.

Prática

■ Complete as lacunas.

10. Chorav_____ a menina e o irmão. (a/am)
11. Miav_____ a gata e o gato. (a/am)
12. Viajav_____ os estudantes e o carteiro. (a/am)

SUJEITO COM APOSTO RESUMITIVO

Festas, flores,	tudo nada ninguém	atraí**a** a menina.
SUJEITO	APOSTO RESUMITIVO	VERBO

Conclusão:

Quando os núcleos do sujeito são resumidos por expressões como **tudo**, **nada**, **ninguém**..., o verbo concorda com a expressão resumitiva.

Prática

■ Complete as lacunas.

13. Alegrias, tristezas, saudade, nada o far_____ chorar. (á/ão)
14. Júlia, José, Adão, ninguém o convencer_____. (á/ão)

SUJEITO COM NÚCLEOS SINÔNIMOS OU QUASE

A **paz** e a **tranquilidade** > comoveu / comoveram o visitante.

Conclusão:

Quando os núcleos do sujeito são sinônimos ou quase sinônimos, o verbo vai para o plural ou pode ficar no singular.

Prática

■ Complete as lacunas.

15. A música e a sonoridade envolvi_____ os presentes. (a/am)
16. Aquele desejo carnal e aquela febre os uni_____. (a/am)

SUJEITO COM NÚCLEOS EM GRADAÇÃO

Um **gesto**, um **sussurro**, uma **palavra** > pod**ia** / pod**iam** despertá-lo.

Conclusão:

Quando o sujeito é composto por núcleos em gradação, o verbo concorda com todos, ou com o mais próximo.

Prática

■ Complete as lacunas.

17. A mesma coisa, o mesmo ato, a mesma palavra provocav_____ risadas. (a/am)
18. A saúde, a força, a vitalidade fazi_____ bem a mim. (a/am)

SUJEITO COM NÚCLEOS LIGADOS POR OU

Observe:

O **calor** extremo ou o **frio** excessivo prejudicar**am**-no.
adição — PLURAL

Seus **sucessores** ou o próprio **São Pedro** disser**am**...
PLURAL — SINGULAR — PLURAL

Conclusão:

Se o **ou** trouxer ideia de **adição/inclusão**, ou se um dos núcleos do sujeito estiver no plural, o verbo vai para o plural.

Prática

■ Complete as lacunas.

19. A alegria ou a tristeza _____ parte da vida. (faz/em)
20. As festas ou o funeral _____ a todos. (impressionou/aram)

Observe:

O **poder** ou **poderes** do homem er**am**...
retificação

Nenhum vestígio deix**ou** o **autor** ou **autores** do crime.
retificação

Conclusão:

Se o **ou** trouxer ideia de **retificação**, o verbo concorda com o núcleo mais próximo.

Prática

■ Complete as lacunas.

21. O candidato, ou melhor, os candidatos _____. (aproxime-se/em-se)
22. _____-me depois o réu ou réus para esclarecimentos. (Procure/m)

Observe:

Ele pensava que **Júlia** ou **Teresa** estive**sse** morta.

exclusão

Um **jogador** ou **técnico** preci**sa** respeitar as regras.

equivalência

Conclusão:

Se o **ou** trouxer ideia de **exclusão** ou **equivalência** entre dois ou mais núcleos no singular, o verbo fica no singular, concordando com apenas um dos núcleos.

Prática

■ Complete as lacunas.

23. Sei que Ana ou Cláudia se _____ com Flávio. (casará/ão)
24. Um presidente ou ministro, na qualidade de cidadão, _____ responsável. (é/são)

SUJEITO COM NÚCLEOS LIGADOS POR NEM

Nem a **virtude**, nem a **preguiça** o abandonar**am**.

Nem o **elogio**, nem a **crítica**, nem a **recomendação** bast**ou** para...

sucessividade, em momentos diferentes, cada um de per si.

Conclusão:

Sujeitos ligados por **nem**: o verbo vai normalmente para o plural. Só fica no singular quando se quer informar que as ações acontecem de per si, em momentos diferentes, sucessivos.

Prática

■ Complete as lacunas.

25. Concomitantemente:
    Nem o grito, nem o palavrão, nem o tiro o _____. (amedrontou/aram)
26. Sucessivamente:
    Nem o grito, nem o palavrão, nem o tiro o _____. (amedrontou/aram)

SUJEITO COM NÚCLEOS LIGADOS POR COM / COMO

O **capitão** com o **sargento** organizar**am** o grupo.

O **capitão** **,** **com o sargento**, organiz**ou**.
adj. adverbial

Conclusão:

Quando os núcleos estão ligados por **com** ou **como** sem vírgula, o verbo vai para o plural, porque se trata de sujeito composto.
Se antes do **com** ou **como** há vírgula, o verbo fica no singular, porque o sujeito é simples seguido de uma expressão adverbial de companhia ou comparação.

Prática

■ Complete as lacunas.

27. O mestre com o boleeiro _____ a emenda. (J. L. Rego) (fez/fizeram)
28. Eu com os outros _____ bem cedo. (vim/emos)
29. O mestre, com o boleeiro, _____ a emenda. (fez/fizeram)
30. Eu, com os outros, _____ bem cedo. (vim/emos)

NÃO SÓ... MAS TAMBÉM, TANTO... QUANTO...

Não só o **grande**, mas também o **pequeno** compreend**em.**
compreend**e**

Tanto **José** como **Antônio** sabi**am** a verdade.
sabi**a**

Conclusão:

Sujeitos ligados por expressões correlativas, do tipo **não só** ... **mas também**, **não só** ... **mas ainda**, **tanto** ... **como** permitem o verbo no plural, ou concordando com o mais próximo.

Prática

■ Complete as lacunas.

31. Não só Eduardo mas até Roberta _____. (acertou/aram)
32. Tanto força quanto amor nos _____. (atinge/em)

MAIS DE UM, MAIS DE DOIS, MAIS DE TRÊS

Mais de um ... chegou
Mais de dois ... chegaram

Quando o sujeito se constrói com as expressões **mais de um**, **mais de dois**..., o verbo concorda com o numeral.

Prática

■ Complete as lacunas.

33. Mais de um correspondente _____. (noticiou/aram)
34. Mais de cinco pessoas _____. (pediu/ram)

Observações:

Sempre que houver reciprocidade, o verbo irá para o plural:
Mais de um amigo se abraçaram.
Se **mais de um** vier repetido, o verbo irá para o plural:
Mais de um soldado, **mais de um** general foram mortos.

UM E OUTRO, NEM UM NEM OUTRO

Um e **outro** falav**am**. falav**a**

Nem um nem outro ajudante saí**ram**. sai**u**

Um e **outro** prêmio const**am** da lista. const**a**

Conclusão:

As expressões **um e outro**, **nem um nem outro**, seguidas ou não de substantivo, permitem o verbo no singular ou no plural. Mas o substantivo sempre estará no singular. *Vide* Sujeito com núcleos ligados por nem, pág. 306.

Prática

■ Complete as lacunas.

35. Uma e outra menina _____. (sorria/am)
36. Uma e outra se _____. (calou/aram)
37. Nem um nem outro vizinho _____. (entendeu/eram)

UM OU OUTRO

Um ou outro ajudante reclam**ou**.
reclam**aram**

Conclusão:

Um ou outro normalmente leva o verbo para o singular, pois, geralmente, o **ou** tem ideia de exclusão. Porém, quando o **ou** trouxer ideia de inclusão, terá o verbo no plural.

Prática

■ Complete as lacunas.

38. Um ou outro se casar_____ amanhã com Ernestina. (casará/ão)
39. Um ou outro aluno reclam_____ de sua decisão. (reclamou/aram)

SUJEITO QUE

Ele foi o **candidato** (ANTECEDENTE) | **que** (PRONOME RELATIVO SUJEITO) | pass**ou**.

Eis as **candidatas** (ANTECEDENTE) | **que** (PRONOME RELATIVO SUJEITO) | passar**am**.

Conclusão:

Quando o sujeito é o pronome relativo **que**, o verbo concorda com o antecedente.

Prática

■ Complete as lacunas.

40. Encontramos os concorrentes que _____. (venceu/ram)
41. Fomos nós que _____. (venceu/emos)
42. Fostes vós que _____. (venceu/estes)

Observação:

Veja expressão **é que** na página 324.

SUJEITO QUEM

Foram eles quem **disse**.
disser**am**

Conclusão:

Quando o sujeito é o pronome relativo **quem**, o verbo, de preferência, fica na 3ª pessoa do singular. Contudo, há quem aceite sua concordância com o antecedente.

Prática

■ Complete as lacunas.

43. Fui eu quem te _____. (chamou/ei)
44. Foste tu quem me _____. (chamou/aste)
45. Fomos nós quem te _____. (chamou/amos)
46. Fostes vós quem nos _____. (chamou/astes)

SUJEITO UM DOS QUE

Ele era **um** d**os** candidatos **que** sabi**a**.
sabi**am**

Conclusão:

Quando o verbo se refere à expressão **um dos ... que**, pode concordar com **um**, no singular, ou com **os** do **dos**, no plural.

Prática

■ Complete as lacunas.

47. Eu sou um dos que te _____. (convidou/ei/aram)
48. Tu és uma das que _____. (cantou/aste/aram)

SUJEITO QUAIS DE VÓS, QUANTOS DE NÓS

Quais **Quantos** **Muitos** **Poucos** **Vários**... PLURAL	de dentre	**nós** **vós**	vencere**mos**/vencer**ão**. vencer**eis**/vencer**ão**.

Conclusão:

Com as expressões **quais de nós**, **quais de vós**..., se o primeiro pronome está no plural, o verbo concorda com ele. Mas também pode concordar com o pessoal (nós, vós).

Prática

■ Complete as lacunas.

49. Muitos dentre vós _____ felizes. (sairá/ão/eis)
50. Poucos de nós _____ o caso. (compreende/emos/em)

SUJEITO QUAL DE NÓS, NENHUM DE NÓS

Qual
Quem
Nenhum
Ninguém...
SINGULAR

de
dentre

nós
vós

chegar**á**.

Conclusão:

Se o primeiro elemento dessas locuções pronominais está no singular, o verbo obrigatoriamente concorda com ele.

Prática

■ Complete as lacunas.

51. Qual dentre vós _____ a oferta? (fará/eis)
52. Ninguém de nós _____ a oferta. (fará/eis)

A MAIORIA DE... GRANDE PARTE DE... UM ENXAME DE...

A maior parte dos **interessados** compareceu.
QUANTITATIVA PLURAL comparecer**am**

Conclusão:

Sujeito constituído por expressões quantitativas, seguidas de um nome no plural, admite o verbo no singular ou no plural.

Prática

■ Complete as lacunas.

53. Grande parte dos homens _____ o sigilo. (quebrou/aram)
54. Um monte de soldados _____ do outro lado. (surgiu/iram)

CADA... NENHUM... QUALQUER...

Cada verme, **cada** molusco, **cada** ameba com**põe** este universo.
SING.

Conclusão:

Sujeito com indefinidos (cada, nenhum, qualquer...) repetidos deixa o verbo no singular, a não ser que os indefinidos estejam no plural.

Prática

■ Complete as lacunas.

55. Qualquer homem, qualquer senhora _____ observar. (pode/em)
56. Nenhum inimigo, nenhum amigo _____. (duvida/am)
57. Nenhuns inimigos, nenhuns amigos _____. (duvida/am)

UM POR CENTO... VINTE POR CENTO...

Um por cento **das vítimas** chegou / chegaram ao abrigo.

Vinte por cento **da sala** estudaram. / estudou

Conclusão:

Sujeito constituído de percentual seguido de substantivo determinante: o verbo concorda com o numeral ou com o determinante.

Prática

■ Complete as lacunas.

58. Quinze por cento dos alunos _____. (passou/aram)
59. Um por cento da turma _____. (estudou/aram)
60. Treze por cento do time _____ bem. (atuou/aram)

Observação:

Se o numeral vem antecedido de artigo ou pronome adjetivo, o verbo só concorda com o numeral.

Os quinze por cento do grupo que for**am** chamados...

Aqueles três por cento da turma for**am** aplaudidos.

CERCA DE... PERTO DE... OBRA DE... + NUMERAL

Cerca de **vinte** pessoas gritav**am**.

Obra de **quatro mil** soldados ocupar**am** o porto.

Conclusão:

Expressão aproximativa seguida de numeral: o verbo concorda com o numeral.

Prática

■ Complete as lacunas.

61. _____ no cinema perto de duzentos convidados. (Entrou/aram)
62. Perto de sete séculos se _____. (passou/aram)

SUJEITO PLURAL APARENTE

Memórias de Agapito Goiaba foi pouco lido.

As **Memórias de Agapito Goiaba** for**am** pouco lidas.

Conclusão:

Nomes plurais de lugares e obras artísticas são tratados como singular se não vêm antecedidos por artigo. Se lhes antecede artigo, o verbo acompanha o artigo.

Prática

■ Complete as lacunas.

63. Campos _____ por sua economia. (surpreende/em)
64. As Minas Gerais que nos _____. (enfeitiça/am)
65. Minas Gerais que nos _____. (enfeitiça/am)
66. O Amazonas _____ a região Norte. (atravessa/am)

HAJA VISTA OU HAJAM VISTA

Haja vist**a** seus méritos...

Hajam vist**a** seus méri**tos**...

Haja vist**a** **a** seus méritos...
prep.

Haja em vist**a** seus méritos...
prep.

Conclusão:

Na expressão **haja vista**, o verbo pode ficar invariável ou concordar com o substantivo que se lhe segue. Havendo preposição antes ou depois da palavra **vista**, o verbo fica no singular.

Prática

■ Complete as lacunas.

67. Ele é bom batedor, _____ vista seus chutes. (haja/am)
68. Ele é bom batedor, _____ vista seu chute. (haja/am)
69. Ele é bom batedor, _____ em vista seus chutes. (haja/am)

ALUGA-SE CASA, ALUGAM-SE CASAS

Alu**ga**	-se	ca**sa**
VERBO	+ SE	SUBSTANTIVO SEM PREP.

Alug**am**	-se	cas**as**
VERBO	+ SE	SUBSTANTIVO SEM PREP.

Conclusão:

Quando um verbo seguido de **se** se refere a um núcleo substantivo não preposicionado, concorda com ele.

Prática

■ Complete as lacunas.

70. _____-se gravatas. (Conserta/am)
71. _____-se botões. (Cobre/em)
72. _____-se faca. (Afia/am)

GOSTA-SE DE FRUTA, GOSTA-SE DE FRUTAS

Gosta	-se	de fruta.
VERBO	+ SE	+ PREP. + SUBSTANT.

→ 3ª DO SINGULAR

Gosta	-se	de frutas.
VERBO	+ SE	+ PREP. + SUBSTANT.

→ 3ª DO SINGULAR

Vive	-se	bem.
VERBO	+ SE	+ ADV.

→ 3ª DO SINGULAR

Conclusão:

Verbo + **se** referindo-se a núcleo substantivo preposicionado, ou a advérbio, fica sempre no singular.
Verbo + **se** só vai para o plural quando se refere a núcleo substantivo plural, sem preposição (*Vide* item anterior).

Prática

■ Complete as lacunas.

73. _____-se em mudanças. (Fala/m)
74. _____-se por ajudantes. (Procurava/m)
75. _____-se muito aqui. (Discute/m)
76. _____-se feliz e não se _____. (Era/m; sabia/m)

Observação:

Observação: Já há teóricos que sugerem aceitar-se como portadoras de sujeito indeterminado frases como: *Aluga-se casa. Aluga-se casas. Conserta-se pneu. Conserta-se pneus.* E justificam com o argumento de que, na atualidade, tais construções perderam o significado passivo.

VOSSA SENHORIA ESTÁ... VOSSAS SENHORIAS ESTÃO...

Vossa Excelência ficou embaraçada, governadora.
3ª p. 3ª p.

Sua Santidade virá ao Brasil.
3ª p. 3ª p.

Conclusão:

Os pronomes de tratamento levam o verbo para a terceira pessoa (singular ou plural).

Prática

■ Complete as lacunas.

77. Vossa Alteza _____. (chegou/astes)
78. Vossas Reverendíssimas _____ . (entenderam/eis)
79. Sua Excelência _____. (virá/eis)

DAR, BATER, SOAR...

A torre da igreja SUJEITO SINGULAR	d**eu** bat**eu** so**ou**	**duas horas**. OBJETO DIRETO
Na torre da igreja ADJUNTO ADVERBIAL	der**am** bater**am** soar**am**	**duas horas**. SUJEITO PLURAL

Conclusão:

Os verbos **dar**, **bater**, **soar**, **repicar** e sinônimos concordam com o sujeito (a torre, o relógio, o sino...). Se não houver essas palavras como sujeito, as horas se transformam em sujeito.

Prática

■ Complete as lacunas.

80. Nos campanários _____ uma hora. (soou/aram)

81. O relógio _____ cinco horas. (batia/m)
82. Ao lado, devagar _____ dez horas, solenemente, o sino da matriz. (deu/deram)

SUJEITO COMPOSTO COM IDEIA ÚNICA

O presente e o passado esta**va** ali, na sua frente.

1

Conclusão:

Quando os sujeitos formam um todo indivisível, uma ideia única, o verbo fica no singular.

SUJEITO ORACIONAL

É ótimo [que todos saibam a verdade].

[Diminuir os privilégios], [equilibrar as finanças] **deve** ser o objetivo da política.
SING.

[Que ela estava feliz] e [que Joaquim não o percebia] **era** sabido de todos.
SING.

[Amar] e [correr] **faz** bem à saúde.
SING.

Conclusão:

Fica na 3ª pessoa do singular o verbo que tem como sujeito uma ou mais orações.

Atenção:

Se os infinitivos sujeitos vêm precedidos de artigo, ou são antônimos, o verbo vai para o plural, normalmente:

O amar e **o correr** faz**em** bem à saúde.
PLURAL

[**Amar**] e [**odiar**] faz**em** parte da vida.
PLURAL
Antônimos

PARECEM SORRIR OU PARECE SORRIREM

Ambos estão certos.

Os homens pareciam chorar. **Os homens** parecia **chorarem**.

Conclusão:

Varia só um dos dois: ou o verbo **auxiliar** ou o **infinitivo**.

ERRADO VARIAREM OS DOIS:

~~Os homens pareciam sorrirem.~~

Prática

■ Assinale **C** ou **E** para as concordâncias.

83. ( ) Futuro, passado e presente é uma só coisa, uma só realidade.
84. ( ) Deveria ser muito bom comer, dormir e amar à vontade.
85. ( ) Amar o próximo e ajudá-lo competem a nós.
86. ( ) Construir e destruir resume a vida humana.
87. ( ) Construir e destruir resumem a vida humana.
88. ( ) As nuvens parece desenharem infinitamente.
89. ( ) As nuvens parecem desenharem infinitamente.
90. ( ) As nuvens parecem desenhar infinitamente.

CONCORDÂNCIA DO INFINITIVO

Infinitivo Invariável

Viver é lutar.	Verbo impessoal, com ideia de sujeito indefinida ou muito vaga.
"Preparar. Apostar. Atinar." (EFP)	Função de imperativo.
Estava **a sonhar**.	Com preposição **a**, tem valor de gerúndio (Estava **sonhando**).
Fácil **de entender**.	Preposicionado, como complemento nominal de adjetivo. Há gramáticos que nele veem uma forma de voz passiva (Fácil de **ser entendido**).
Va**mos cantar**, dev**es dizer**...	Como verbo principal de locução verbal, é seu auxiliar que concorda com o sujeito.

Prática

■ Estabeleça a devida correspondência:

a) Verbo impessoal, com ideia de sujeito indefinida ou muito vaga.
b) Função de imperativo.
c) Com preposição **a**, tem valor de gerúndio.
d) Preposicionado, como complemento nominal de adjetivo. Há gramáticos que nele veem uma forma de voz passiva.
e) Como verbo principal de locução verbal, é seu auxiliar que concorda com o sujeito.

91. ( ) Os pais, as crianças, todos se puseram a rir.
92. ( ) Pessoal, todos agora. Mergulhar.
93. ( ) Estávamos juntos na sala, a conversar, a sorrir, a pilheriar.
94. ( ) Trata-se de uma situação fácil de solucionar.
95. ( ) Atingir a velhice pode ser superar a maturidade.

Infinitivo Variável ou Flexionado

Convém (**tu**) esta**res** atento.	Quando o sujeito do infinivo (expresso ou elíptico) é diferente do verbo da oração principal.
Será ótimo (**nós**) participa**rmos**.	
Poderão os brasileiros, em conjunto e em harmonia, organiza**rem**-se e leva**rem** adiante esse projeto?	Quando, em locução verbal, o infinitivo se encontra distante do verbo auxilar... ou quando se quer enfatizar, realçar a pessoa a quem se refere a ação.

Prática

Observe as frases-modelo e julgue Certa ou Errada cada declaração seguinte:

1. Devemos estarmos juntos para que nos possam verem melhor.
2. Convém estarmos juntos, a fim de que elas possam ver-nos melhor.

96. ( ) "Devemos estar" e "possam ver" constroem melhor a frase 1, porque em locução verbal, normalmente, o infinitivo é invariável.
97. ( ) Em 2, "estarmos" está corretamente flexionado para mostrar que tem um sujeito diferente do de "Convém".
98. ( ) Em 2, ficaria melhor a construção com "verem-nos".
99. ( ) Em 2, o verbo **ver** está bem usado porque, como é o verbo principal de uma locução (possam ver), o papel de concordar com o sujeito é exercido pelo seu auxiliar (possam).

Infinitivo como Complemento de Verbos Permissivos, Causativos e Sensitivos (veja Análise Sintática Visual)

INVARIÁVEL ou NÃO FLEXIONADO	VARIÁVEL ou FLEXIONADO
Não ***deixes*** cresc**er** as dúvidas.	Não ***deixes*** cresce**rem** as dúvidas.
Mandou os meninos entr**ar**.	***Mandou*** os meninos entra**rem**.
Senti-os sussurr**ar** no escuro.	***Senti***-os sussurra**rem** no escuro.
Ouvi fal**ar** bem de você	***Ouvi*** fala**rem** bem de você.

Prática

Observe as frases-modelo e julgue Certa ou Errada cada afirmação seguinte:

1. Vi nascer os primeiros raios. 2. Vi nascerem os primeiros raios.

100. ( ) A concordância do verbo **nascer** está errada em 1.
101. ( ) O verbo **ver** é um verbo sensitivo e o infinitivo que o complementa pode flexionar-se ou não, por isso estão corretas ambas as frases.
102. ( ) Em 2, a flexão do infinitivo ressalta, põe em destaque "os primeiros raios".

VERBOS DE 3ª PESSOA

Observe:

ESTAR **FAZER** **HAVER** **IR**	com ideia de TEMPO	CRONOLÓGICO OU METEOROLÓGICO	FICAM SEMPRE NA 3ª PESSOA DO SINGULAR
FENÔMENOS NATURAIS **HAVER com ideia de EXISTIR** **CHEGA DE... BASTA DE...**			

Prática

■ Complete as lacunas.

103. _____ de problemas. (Basta/m)
104. _____ trinta anos que se namoram. (Faz/em)
105. Com certeza, _____ soluções melhores. (haverá/ão)
106. _____ de haver ideias mais simples. (Há/hão)
107. _____ de sorrir com ela os arcanjos. (Há/hão)
108. _____ fazer três dias que ela se foi. (Vai/vão)
109. _____ para três meses que voltou. (Vai/vão)
110. _____ muitos torcedores lá. (Havia/m)
111. _____ muitas mulheres também. (Existia/m)
112. _____ existir muitas saídas. (Deve/m)
113. _____ haver muitas saídas. (Deve/m)
114. _____ muito nas férias. (Chovia/m)
115. _____ flores no casamento. (Chovia/m)

CONCORDÂNCIA DO VERBO SER

Observe:

Que Quem O que	**é** **são**	protozoár**io**? protozoár**ios**?

Conclusão:

Nas orações interrogativas iniciadas por **quem**, **que**, **o que**, o verbo **ser** concorda com o termo que lhe vem após.

Prática

116. Que _____ célula? (é/são)
117. Quem _____ os protagonistas? (é/são)
118. Quero saber o que _____ precatórios. (é/são)

Observe:

SUJEITO		PREDICATIVO
Isto, **isso**, **aquilo** **o** (= aquilo) **tudo**	**são** **é**	flor**es**
		substant. plural

Conclusão:

Quando o sujeito for um dos pronomes **isto**, **isso**, **aquilo**, **o** e **tudo**, e o predicativo for um substantivo plural, o verbo **ser** concorda preferencialmente com o predicativo plural, mas também pode concordar no singular com o sujeito.

Prática

■ Complete as lacunas.

119. Tudo aquilo _____ ameaças apenas. (era/eram)
120. O que ele quer _____ cuidados especiais. (é/são)

Observe:

Nós fomos campeões. Campeão **fui eu**.

Conclusão:

Se em qualquer dos lados há um **pronome pessoal reto**, o verbo com este concorda.

Prática

■ Complete as lacunas.

121. O interessado _____ tu. (era/eras)
122. Vós _____ os escolhidos. (sereis/serão)

Observe:

peso preço medida quantidade	**é**	**muito** **pouco** **tanto** **mais** **algo**

Conclusão:

Expressões indefinidas relacionadas a ideias de **medida** ou **quantidade** mantêm o verbo **ser** no singular.

Prática

123. Vinte anos _____ muito. (é/são)
124. Quarenta reais _____ pouco. (será/ão)
125. Cinco quilômetros não _____ tanto. (é/são)
126. Noventa quilos _____ muito pouco. (era/m)

Observe:

Daqui até lá **é** **um** quilômetro. Daqui até lá **são** **cinco** quilômetros.

Hoje **é** **dia** cinco. Hoje **é** **primeiro** de março.

Hoje **são** **cinco**. Agora **é** **uma** hora. **São** **duas** horas.

Conclusão:

Relacionado a **distância**, **data** e **hora**, o verbo **ser** concorda com o numeral. Nas datas, se aparecer a palavra **dia**, é com ela que o verbo concorda.

Prática

■ Complete as lacunas.

127. _____ meio-dia. (É/São)
128. _____ 20 de outubro. (Será/ão)
129. _____ quatro horas. (Era/m)
130. _____ dois metros. (É/São)

Observe:

Substantivo		Substantivo
O mundo	**é** / **são**	ilusões.
singular		plural

Substantivo		Substantivo
Os mundos	**é** / **são**	ilusão.
plural		singular

Conclusão:

O verbo **ser** entre dois substantivos comuns, de **números diferentes**, concorda com o que se quer realçar.

Prática

■ Complete as lacunas.

131. Justiça _____ as forças do bem. (é/são)
132. Telhas soltas _____ um perigo. (era/m)

Observe:

Irene / **gente** **era os devaneios** do namorado.

Os devaneios do namorado **era** a noiva. / **gente**

O verbo **ser** prefere concordar com o núcleo que se refere a **gente**.

Prática

■ Complete as lacunas.

133. Julieta sempre _____ as alegrias da família. (foi/foram)
134. Os seus sonhos _____ Carmelita. (era/eram)

Observação:

Pode haver concordância com o plural, quando este denota partes do corpo da pessoa nomeada.
Renato eram só aquelas mãos enormes.

Observe:

Sou **eu** que **saí**.
És **tu** que saí**ste**.
Fomos **nós** que saí**mos**.
Foram **eles** que saí**ram**.
Seremos **nós** que lutare**mos**.

Suj.		Verbo
Eu	é que	saí.
Tu	é que	saíste.
Nós	é que	saímos.
Eles	é que	saíram.

A expressão **é que** fica invariável em tempo, número e pessoa quando aparece unida, separando sujeito e verbo, porque expletivo, porque de realce.

Prática

■ Distribua as expressões: foi que, será que, é que, serão que.

135. Romero _____ venceu, mas _____ João _____ foi premiado.
136. Júlia _____ viajará, mas _____ Antônia _____ lucrará.
137. Nós _____ compraremos, mas _____ vocês _____ pagarão.

Observe:

Er**a** **uma vez** um rei e uma rainha, que...

Er**am** um **rei** e uma **rainha**, que...

Er**a** uma **rainha** que... Er**am** dois caminheir**os**...

Conclusão:

Se não houver a expressão **uma vez**, o verbo **ser** concorda com o substantivo ou substantivos que o seguir(em).

Prática

138. Assinale a que **não** está correta.
   a) Aqui faz verões quentíssimos.
   b) Chegou agora o pessoal da festa.
   c) Deu cinco horas agora.
   d) Chegaram a lutadora e o adversário.

139. a) Faltava uma hora, agora só faltam vinte minutos.
   b) Faltaram quinhentos e vinte e três pessoas.
   c) Receba Vossa Majestade nossas congratulações.
   d) Fazia duas semanas que estava mudo.

■ Escolha a opção ou opções corretas.

140. Após o baile _____ confetes e serpentinas. (sobrou/aram)
141. Cada um de vocês, cada um de nós _____ um prêmio. (ganha/em/amos)
142. _____ poucos metros para que _____ vítimas. (Faltou/aram; houvesse/em)
143. _____ mais cedo meus pais e eu. (voltaram/amos)
144. O presidente com o ministro _____ manifestar-se (resolveu/ram)
145. O prefeito, com o vereador, _____ os presentes. (convenceu/ram)
146. Nem ele, nem você _____ comigo. (concordou/aram)
147. Ele ou você _____ o vencedor. (será/ão)
148. Ele ou você _____ os vencedores. (será/ão)
149. Tu ou ele _____ os vencedores. (serão/eis)
150. Júlia, tu e eu _____ fora. (almoçarão/emos/eis)
151. Todos, exceto eu, _____ com o juiz. (concordaram/amos)
152. Qual de vós _____ com isso? (concorda/ais)

153. Quantos dentre vós _____ com isso? (concordam/ais)
154. Mais de um lutador _____ -se. (embolou/aram)
155. _____ vários erros no relatório. (Havia/m)
156. _____ sido cometidos vários erros no relatório. (Havia/m)
157. Não _____ ali erros graves. (existia/m)
158. Àquela hora, um menino e uma menina _____. (nascia/m)
159. Um grupo de inocentes _____ . (deporá/ão)
160. Por isso, _____ embora o cansaço e a fraqueza. (foi/ram)
161. _____ por aqui Cláudio e Teresa. (Passou/aram)
162. Vós e vossos amigos _____ sorte. (tiveram/stes)
163. Só o Brasil ou a Itália _____ ser o futuro campeão. (poderá/ão)
164. Você, ela, eu, ninguém, naquele momento, _____ . (acreditei/ou/amos)
165. Afeto e ternura _____ a gente. (comove/m)
166. O interesse, a gratidão, o dever _____ impotente... (fica/m)
167. A pobreza ou a falta de higiene _____ o ser humano. (prejudica/m)
168. A tia ou a sobrinha _____ isto. (fez/fizeram)
169. A verdade, ou verdades _____ ser alcançadas. (pode/m)
170. A verdade, ou verdades, _____ ser alcançada. (pode/m)
171. Nem o medo, nem o frio o _____ . (demoveu/ram)
172. Júlia com Joaquim _____ a festa. (preparou/aram)
173. Júlia, com Joaquim, _____ a festa. (preparou/aram)
174. Nem um nem outro _____.(chegou/aram)
175. Um ou outro _____. (saiu/ram)
176. Um e outro _____. (cantava/m)
177. Um e outro competidor _____. (convence/m)
178. Uma e outra vizinha _____ aqui. (está/ão)
179. Um e outro competidor _____-se. (cumprimenta/m)
180. Nem um nem outro se _____. (entende/m)
181. Encontrei os anéis que _____. (sumira/m)
182. Somos nós que_____. (vencerá/emos)
183. Seriam elas que _____. (venceria/m)
184. Elas _____ venceriam. (é que/seriam que)
185. Vós _____ vencereis. (é que/sereis que)
186. Seriam elas quem _____. (venceria/m)
187. Fomos nós quem _____. (venceu/emos)
188. Tu foste um dos que _____. (concordou/aste/aram)
189. Quantos de nós _____ lá? (chegarão/emos)
190. Vários de vós _____ lá. (chegarão/eis)
191. Quem de nós _____? (falou/aram)
192. Grande parte dos jogadores _____ cedo. (levantou/aram)
193. Oito por cento _____ ali. (está/ão)

194. Oito por cento do grupo _____ ali. (está/ão)
195. Os oito por cento do grupo _____ ali. (está/ão)
196. Perto de cinquenta pessoas _____. (gritava/m)
197. Os Estados Unidos _____ uma proposta. (apresentou/aram)
198. Minas Gerais _____ agindo. (continua/m)
199. As Minas Gerais _____ produzindo. (continua/m)
200. Estamos todos felizes, _____ vista nossos sorrisos. (haja/m)
201. Estamos todos felizes, _____ em vista nossos sorrisos. (haja/m)
202. _____-se por líderes. (Procurava/m)
203. _____-se líderes. (Procurava/m)
204. Ali se _____ em treinamentos intensivos. (pensava/m)
205. Aqui se _____ treinamentos intensivos. (faz/em)
206. Duas horas _____, na noite úmida, o sino recém-instalado. (bateu/eram)
207. Pensar e refletir _____ para a evolução. (ajuda/m)
208. Os animais _____ pensar. (parecia/m)
209. Os animais _____ pensarem. (parecia/m)
210. Hoje _____ de janeiro. (são um/é um/é primeiro)
211. Amanhã _____ dois. Ontem _____ dia 31 de dezembro. (será/ão; foi/ram)

Prática Geral

212. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Levando em consideração as regras de concordância nominal, escreva (1) para as frases corretas e (2) para as incorretas.
( ) Quando a senhora terminou de abrir as malas, já era meio-dia e meia.
( ) A própria sogra presenciou a abertura das malas; sim, ela mesmo.
( ) Anexo àquela carta destinada ao pai da moça, foram remetidas as jóias.
( ) Ao final da tarde, a senhora mostrava-se meio apreensiva.
( ) Naquelas bagagens havia jóias muito preciosas.
A sequência correta é
a) 1, 1, 2, 2, 1.
b) 2, 1, 1, 2, 2.
c) 1, 2, 1, 2, 1.
d) 2, 2, 1, 1, 2.
e) 1, 2, 2, 1, 1.

213. (PRF/N.M./ANP) Há **erro** de concordância em:
a) aluna e alunos estudiosos.
b) nome e situação conhecida.
c) exercícios e dieta recomendados.
d) estradas e parques mal conservadas.

214. Assinale a alternativa **correta**.
a) Foram cobrados as taxas e as multas recentes, mas perdoados os débitos anteriores.
b) Ao gerente não passou despercebido a arrogância do cliente.
c) A caneta custou cara, mas não se arrependeu da compra.
d) Foi dispensado do trabalho porque os dedos indicador e médio estavam feridos.

215. Assinale a alternativa **correta**.
a) Remetemos anexa uma fotocópia do recibo.
b) Era ela mesmo que, sempre ao meio-dia e meio, conferia o dinheiro arrecadado.
c) Considerou inútil as medidas para conter a corrida da população aos bancos.
d) É proibido a entrega de declarações de imposto de renda, nas agências bancárias, após o prazo estabelecido pela Fazenda.

216. (ALCL-DF/N.S./IDR) Marque a alternativa na qual **só uma** das concordâncias nominais é **correta**.
a) Uma e outra questão examinadas.
Uma e outra questão examinada.
b) Vossa Excelência é esperada, Sra. Ministra.
Vossa Excelência é esperado, Sr. Ministro.
c) A primeira e a segunda sessão.
A primeira e a segunda sessões.
d) Proposta e projeto aceitos.
Proposta e projeto aceito.

217. (ALCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa em que **somente um** dos itens é **correto**.
a) Segue anexa a documentação exigida.
Segue anexo a documentação exigida.
b) É vedado às empresas praticar atos desse teor.
É vedado as empresas praticarem atos desse teor.
c) Ela nada tem de sedutor.
Ela nada tem de sedutora.
d) Eles parecem estar contentes.
Eles parece estarem contentes.

218. (Ag. Adm./TRT/N.M./ACCESS) A concordância nominal das **duas** frases está **correta** em:
a) Devemos analisar os defeitos e as virtudes **verdadeiras**.
Devemos analisar os defeitos **verdadeiros** e as virtudes **verdadeiras**.
b) O pivete não tem ação e julgamento **éticos**.
O pivete não tem julgamento e ação **éticas**.

c) Eram **doentias**, o crime e a brutalidade.
O crime e a brutalidade eram **doentios**.
d) A senhora e o adolescente eram **violentos**.
A senhora e a adolescente eram **violentos**.
e) Ele pesquisa o comércio e as finanças **brasileiros**.
Ele pesquisa as finanças e o comércio **brasileiras**.

219. (TFC-RJ/N.S.) Assinale a opção em que **não** há **erro**.
a) Seguem anexo os formulários pedidos.
b) Não vou comprar esta camisa. Ela está muito caro!
c) Estas questões são bastantes difíceis.
d) Eu lhes peço que as deixem sós.
e) Estando pronto os preparativos para o início da corrida, foi dada a largada.

220. (AFRE-SP/N.S.) Assinale a alternativa **correta**.
É _____ prudência na interpretação dos resultados, _____ seguem _____ algumas normas.
a) necessária / porisso / inclusas.
b) necessário / por isso / inclusa.
c) necessária / porisso / incluso.
d) necessário / por isso / inclusas.

221. Indique a alternativa **correta** em relação à concordância nominal.
a) Não é permitida a presença de menores neste recinto.
b) Segue incluso no envelope a procuração e o requerimento.
c) Infelizmente temos motivos bastante para duvidar de você.
d) Limonada é muito boa para refrescar.
e) Todos acharam a moça e o rapaz muito simpática.

222. Há **erro** de concordância na frase:
a) Encontrei a ficha anexa.
b) Muito obrigado, disse-me ela sorrindo.
c) Voltarei ao meio dia e meia.
d) Depois ela ficou meio desconfiada.
e) Ela própria confirmou o que disse.

223. A concordância nominal apresenta-se **correta** na alternativa:
a) Havia no baú pentes e rendinhas barato.
b) Assustadas a cidade e os coronéis viram o desastre.
c) Na bagagem, muitos relógios foram encontrado.
d) Enviamos anexos os relatórios sobre os assaltos.
e) Apreenderam pacotes de cigarros americano.

224. A concordância nominal está **correta** em:
a) A mãe avisou que seria temerário, mesmo sendo período de férias, a ida do menino à escola.
b) Os atos indisciplinados do menino custaram caros a seu pai e mãe zelosa.
c) Já se acreditou que palmatória era bom para manter a ordem na escola.
d) Depois de retribuir à professora, o menino estava certo de que ficou quites com ela.

225. Assinale a opção que contenha **silepse** (discordância da palavra, concordância com a ideia).
a) "No Ocidente desenvolvido é de rigor tirar férias até para quem não faz nada."
b) "Os presidentes herdaram-lhe o hábito e, enquanto a capital ficou no Rio de Janeiro, costumavam passar temporadas de refresco na mesma Petrópolis, no Palácio Rio Negro."
c) "(...) e portanto não pode haver nem índices de inflação nem artigos de economistas da PUC-Rio."
d) "Como escreveu o articulista da revista *Time* James Collins, são ocasiões que oferecem aos presidentes um poderoso segundo contexto (...)."
e) "Da serra gaúcha ao litoral nordestino, há muitos lugares aprazíveis no Brasil, inclusive, sem humor negro, a reserva ianomâmi (...)."

226. Assinale a opção que se apresenta **correta** quanto à concordância nominal.
a) Além de valioso para a compreensão das características dos povos em cujas estruturas mentais não entra o conceito de férias, as reflexões do articulista não perdem a força de argumento a favor das férias para presidentes.
b) O articulista refere-se aos hábitos de Dom Pedro II de uma maneira familiar, como se o tivesse presenciado; faz, ainda, comentários sobre o de outros presidentes do passado.
c) O texto apresenta vários aspectos que, por si só, explicam as diferenças entre os povos que têm direito a férias e os que não o tem.
d) Na semana passada, de forma inusitada, os agentes de segurança procuraram ficar o mais afastados possível do presidente, alegando que a tática visava a uma maior liberdade para o chefe de Estado.
e) O articulista qualificou de danoso à nação – dadas as circunstâncias do evento – a viagem do presidente Collor a Angra dos Reis e a Araxá.

■ Estabeleça a devida correspondência com relação ao uso do infinitivo:
a) Verbo impessoal, com ideia de sujeito indefinida ou muito vaga.
b) Função de imperativo.
c) Com preposição **a**, tem valor de gerúndio.
d) Preposicionado, como complemento nominal de adjetivo. Há gramáticos que nele veem uma forma de voz passiva.
e) Como verbo principal de locução verbal, é seu auxiliar que concorda com o sujeito.

227. ( ) Todos os presentes devemos parar para refletir e rir.
228. ( ) Avançar.
229. ( ) Entrou no salão, a sorrir e a distribuir abraços.
230. ( ) Osso duro de roer, água boa p'ra beber.
231. ( ) Viver bem é participar e construir.

■ Observe as frases e julgue Certa ou Errada cada afirmação seguinte:
1. Ouvia farfalhar as folhas da palmeira.
2. Ouvia farfalharem as folhas da palmeira.

232. ( ) Em 1, a concordância do verbo **farfalhar** se faz com **as folhas da palmeira**.
233. ( ) Em 2, a concordância do verbo **farfalhar** se faz com **as folhas da palmeira**.
234. ( ) O verbo **farfalhar** é um verbo sensitivo, e o infinitivo que o complementa pode flexionar-se ou não, por isso estão corretas ambas as frases.
235. ( ) As duas frases têm exatamente o mesmo significado.
236. ( ) Em 2, a flexão do infinitivo ressalta, põe em destaque "as folhas da palmeira".

■ Observe as frases e julgue Certa ou Errada cada declaração seguinte:
1. Estuda para passar.
2. Estuda para passares.

237. ( ) Em cada uma das duas frases, os dois verbos se referem a pessoas distintas.
238. ( ) A construção 1 é preferível à 2, porque os dois verbos se referem a uma mesma pessoa, ou indivíduo.

3. É bom saírem logo, para poderem ver a lua.

239. ( ) **É bom saírem** é uma locução verbal, e os dois verbos, "É" e "saírem", referem-se à mesma pessoa.
240. ( ) **É** e **saírem** estão em pessoas diferentes, porque têm sujeitos diferentes.
241. ( ) **poderem ver** é uma locução verbal e os dois verbos se referem à mesma pessoa.
242. ( ) Na locução verbal, o verbo auxiliar (poderem) estabelece a concordância, enquanto o verbo principal no infinitivo (ver) fica invariável.

■ Assinale **C** ou **E**, conforme a frase esteja de acordo ou em desacordo com a concordância verbal.
243. ( ) Mandou calar-se todos os que cochichavam.
244. ( ) Tu devias, com certeza, fazeres o que te pedem.
245. ( ) Mandou calarem-se todos os que cochichavam.
246. ( ) Tu devias, com certeza, fazer o que te pedem.

247. ( ) No seguinte exemplo de Alexandre Herculano "**Queres ser** mau filho, mau amigo, **deixares** uma nódoa d'infâmia na tua linhagem?", apresentado por Rocha Lima, ocorre simultaneamente o infinitivo invariável e o variável.

248. ( ) Na seguinte estrofe de Gonçalves Dias "**Possas** tu, descendente maldito / De uma tribo de nobres guerreiros, / Implorando cruéis forasteiros, / **Seres** presa de vis Aimorés!", **possas** e **seres**, verbos respectivamente auxiliar e principal, estão variando, em função de estarem distantes um do outro. Se estivessem juntos, só o auxiliar concordaria com o sujeito elíptico **tu**: **possas ser**. Como estão afastados, a flexão do infinitivo reforça a ideia de o sujeito ser **tu**.

249. ( ) Em "A maré, calma e serena, fazia **acalmarem as sensações** dentro de mim" e "A maré, calma e serena, fazia **acalmar as sensações** dentro de mim", as duas construções exemplificam infinitivo complemento de verbo causativo e ambas estão corretas.

250. ( ) **Ve**r, **ouvir** são verbos sensitivos, **deixar** é permissivo, **fazer** e **mandar** são causativos. Com eles, o infinitivo pode apresentar-se flexionado ou não.

251. (Cespe) Se para a elite social o trabalho infantil era uma medida de prevenção, para os pobres era uma maneira de sobreviver.

( ) A forma verbal "era" foi empregada na primeira pessoa do singular para concordar com a expressão "a elite social".

252. (Cespe) Mesmo que não possamos olhar de um curso único para história, os projetos humanos têm um assentamento inicial que já permite abrir o presente para a construção de futuros possíveis.

( ) Preservam-se as relações argumentativas, a noção de pluralidade e a correção gramatical da oração ao se empregar a expressão **cada projeto humano** em lugar de "os projetos humanos".

253. (Cespe – adaptado) Desde a chegada dos portugueses até as últimas décadas do século XIX, foi aberta uma infinidade de caminhos terrestres e rotas fluviais de circulação, em um esforço verdadeiramente titânico de apropriação.

( ) Diminuindo-se a ênfase, o desenvolvimento das ideias no texto e sua estrutura linguística permitem substituir o termo "uma infinidade" por **inúmeros**.

254. (Cespe) As carruagens tinham eixos desse tamanho para caber nos sulcos escavados ao longo do tempo nas estradas da Grã-Bretanha. As estradas da Grã-Bretanha tinham sido construídas pelos romanos, e os sulcos foram escavados por carruagens romanas.

( ) Devido ao valor de mais-que-perfeito das duas formas verbais, preservam-se a coerência textual e a correção gramatical ao se substituir "tinham sido" por **havia sido**.

255. (Cespe) A velocidade, símbolo do desenvolvimento tecnológico e de um modo de produção e consumo cada vez mais vorazes, criou um sentimento de urgência que poucos conseguem administrar. Se é que conseguem mesmo.
( ) A inserção de **administrarem** depois de "mesmo" tornaria explícita uma ideia subentendida do texto e preservaria sua correção gramatical.

256. (Cespe) Tudo indica que mais de 70% do trabalho no futuro vão requerer a combinação de uma sólida educação geral com conhecimentos específicos.
( ) O emprego da flexão de plural em "vão" respeita as regras de concordância com "mais de 70% do trabalho".

257. (Cespe) O estudo do engenheiro militar Eduardo José de Moraes, apresentado ao governo imperial em 1869, continha ambicioso projeto de aproveitamento de vários rios brasileiros.
( ) "Continha" está na 3ª pessoa do singular para concordar com Eduardo José de Moraes.

258. (Funrio)
Rio, podem dizer o que quiser,
Mas o xodó do povo é o Rio.
Casa do samba e do amor, do Redentor,
Louvado seja o Rio.

Sobre os versos iniciais da canção "Delírio dos Mortais", de Djavan, é correto afirmar que a concordância verbal do trecho "podem dizer o que quiser" é
a) facultativa: pode-se considerar que o sujeito desses verbos está oculto.
b) ideológica: prevalece a ideia genérica e não identificada do sujeito.
c) rígida: admite-se que o sujeito indeterminado leve o verbo à 3ª pessoa.
d) estilística: integra o individual no coletivo com a mistura de tratamento.
e) viciosa: deveria ser corrigida para "podem dizer o que quiserem".

259. (FCC) Há um **deslize** na concordância verbal da seguinte frase:
a) Aos golpes mais duros da vida responde uma amizade verdadeira com palavras e gestos de solidariedade.
b) Nunca haverão de nos faltar, quando contamos com amigos verdadeiros, a força justa das palavras certas.
c) Assim como ninguém vive sem o préstimo da água, não se superam os infortúnios sem o apoio de um amigo verdadeiro.
d) Os sofrimentos que pesam sobre alguém haverão de ser mais leves com a companhia solidária de um amigo leal.
e) Importa, acima de todas as coisas, poder contar com a lealdade e os bons préstimos que nos oferece a amizade verdadeira.

260. (FCC) Estão plenamente respeitadas as normas de concordância verbal na frase:

a) É muito difícil que se cumpra os propósitos que, invariavelmente, se formula a cada início de ano.
b) Enredam-se nas tramas das próprias memórias todo aquele que não busca abrir, para si mesmo, novos tempos e novas experiências.
c) A cada vez que dá impulso a uma nova cadeia de acontecimentos, os homens se tornam autores de seu próprio destino.
d) Não deveriam caber às pessoas tomar suas próprias iniciativas, em vez de se submeterem à força do acaso?
e) Aos que não submete a força imperiosa das experiências passadas estende-se a possibilidade de abrir novos tempos.

Regência

DEFINIÇÃO

REGÊNCIA		REGENTE (VERBO OU NOME)	REGÊNCIA (PREPOSIÇÃO)	REGIDO
REGÊNCIA	VERBAL	vencer	∅	o obstáculo
		gostar	de	alguém
		agradecer	a	alguém
	NOMINAL	ansioso	por	justiça
		necessidade	de	algo
		referentemente	a	o processo

Prática

■ Observando o esquema acima, julgue se são certas ou erradas as seguintes afirmações e ponha nos parênteses **C** ou **E**.

1. ( ) Regência é um fenômeno que ocorre entre um termo regente e um regido.
2. ( ) O termo regente é subordinante; o regido, subordinado.
3. ( ) Se o regente é um verbo, trata-se de regência verbal.
4. ( ) Se o regente for uma preposição, trata-se de regência nominal.
5. ( ) Os verbos podem reger com ou sem preposição.
6. ( ) A regência nominal é sempre preposicionada.
7. ( ) Os nomes que podem ser regentes são: adjetivo, substantivo e advérbio.

Conclusão:

Regência é a relação existente entre um termo subordinante e um ou mais subordinados.

REGÊNCIA VERBAL

Observe:

A: lutar contra (= brigar); lutar por (= esforçar-se); lutar judô (praticar).
B: chamar alguém; chamar por alguém.
C: avisar alguém de algo; avisar algo a alguém.

Prática

■ Agora assinale **C** para certo e **E** para errado.

8. ( ) De A, conclui-se haver verbos que, mudando a regência, mudam a base de significado.
9. ( ) De B, conclui-se que, às vezes, a mudança de regência quase nada ou pouco influi no significado.
10. ( ) De C, conclui-se que um verbo pode ter um termo regido com preposição e um sem preposição.

Regência dos verbos mais frequentes

Agradar

Agradar	∅	alguém	= acarinhar
Agradar	a	alguém	= cair no seu agrado

Prática

■ Complete as lacunas.

11. Parecia que a proposta dos patrões não agradara _____ trabalhadores. (aos/os)
12. O gesto impensado do rapaz não deve ter agradado _____ namorada. (a/à)
13. Com mãos suaves, ela agradava _____ criança que caíra. (a/à)
14. Agradava _____ o gesto de amor. (o/a ele)

Ansiar

Ansiar	∅	alguém	= provocar angústia em alguém
Ansiar	por	algo	= almejar

Prática

■ Complete as lacunas.

15. Em virtude da fadiga, ansiava _____ uma ilha. (∅/por)
16. Aquelas palavras ansiavam _____. (-no/por ele)

Aspirar

Aspirar	∅	algo	= sorver, respirar
Aspirar	a	algo	= desejar, almejar *

* Neste sentido, não aceita **lhe(s)**, apenas **a ele(s)**, **a ela(s)**.

Prática

■ Complete as lacunas.

17. Trancado no apartamento, o escritor aspirava _____ ar do campo. (ao/o)
18. Cavalgando na fazenda, ele aspirava _____ ar puro, sem saudade da poluição. (o/ao)
19. Após tantos anos, a professora aspirava _____ aposentadoria. (a/à)
20. Àquele cargo? Sim, aspiro _____. (ele/a ele)

Assistir

Assistir	a	algo	= presenciar *
Assistir	∅/a	alguém	= dar assistência (v.t.d.)
Assistir	a	alguém	= caber direito
Assistir	em	algum lugar	= morar

* Neste sentido, não aceita **lhe(s)**, apenas **a ele(s)**, **a ela(s)**.

Prática

■ Complete as lacunas.

21. Tenho minha própria casa e _____ assisto. (a ela/nela)
22. Assiste _____ cidadão o direito de escolher seus representantes. (ao/o)
23. Foi muito bom o filme _____ que assistimos. (a/∅)
24. Assistir _____ doentes deve ser prioridade na ação governamental. (aos/os)
25. Esta cena, já assistimos _____. (lhe/a ela)

Atender

Atender	∅	Não faz nada. Atende.	= Espera
Atender	o	O ministro atendeu o requerente	= ouviu
Atender	a	Atender às súplicas... Atendeu à conversação.	= dar atenção a
Atender	em	Se atendermos nas provações...	= correspondermos
Atender	para	Basta atender para essas infecções.	= atentar para

Chamar

Chamar	∅	alguém	= convocar
Chamar	por	alguém	= invocar
Chamar	∅/a	alguém de	= atribuir qualidade ou nomear

Prática

■ Complete as lacunas.

26. O diretor chamou _____ professores para uma reunião. (aos/os)
27. No caso das aposentadorias, a própria imprensa chamou _____ jornalistas de espertalhões. (aqueles/àqueles)
28. É comum chamar ignorantes _____ pessoas que não pensam como nós. (as/às)
29. Nas horas difíceis, chamava _____ Deus. (a/por)

Atenção:

Todas certas:

Chamei-o valente.	Chamei-lhe valente.
Chamei-o de valente.	Chamei-lhe de valente.

Chegar

Chegar	a/de	um lugar
Chegar	em/de	meio de transporte

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

30. ( ) Ele chegou em Paris.
31. ( ) Chegou no último trem.
32. ( ) Ele chegou a Paris.
33. ( ) Chegou de trem.

Custar

Custar	∅	tanto	= atribuir valor
Custar	a	alguém	= ser custoso, ser difícil

Prática

■ Complete as lacunas.

34. Pagou com sacrifício os cem mil reais ____ que custou a casa. (∅/a)
35. Parece custar _____ pessoas mudar suas opiniões. (as/às)
36. Não custa _____ alunos manter a sala limpa. (os/aos)

Atenção:

ACEITÁVEL	TRADICIONALMENTE CERTO	ACEITÁVEL
Eu ~~custo~~ a crer.	Custa-me crer.	Custa-me a crer.
Tu ~~custas~~ a crer.	Custa-te crer.	Custa-te a crer.
Ele ~~custa~~ a crer.	Custa-lhe crer.	Custa-lhe a crer.
Nós ~~custamos~~ a crer.	Custa-nos crer.	Custa-nos a crer.
Vós ~~custais~~ a crer.	Custa-vos crer.	Custa-vos a crer.
Eles ~~custam~~ a crer.	Custa-lhes crer.	Custa-lhes a crer.

Esquecer

Esquecer	∅	algo/alguém
Esquecer-se	de	algo/alguém
Esquecer-se	(de)	que...

Algo esquece a alguém (foge da memória).

Prática

■ Complete as lacunas.

37. Você não poderá esquecer-se _____ nossa amizade. (a/da)
38. Recordo os dias tristes _____ que você já esqueceu. (de/∅)
39. Esqueceram _____ soldado as angústias da guerra. (ao/o)
40. Esqueceu-lhe _____ assunto. Esqueceram-se _____ assunto. (o/do)
41. Esqueci-me _____ que você viria. (∅/de)

Implicar

Implicar	com	algo	= ter implicância
Implicar-se	em	algo	= envolver-se
Implicar	∅	algo	= acarretar

Prática

■ Complete as lacunas, de 42 a 44. Reescreva, corrigindo, de 45 a 47.

42. Devem ser profundamente analisadas as conseqüências _____ que essas medidas implicarão. (∅/em)
43. O ex-presidente implicou-se _____ tráfico de influência. (em/com)
44. Uma coisa implica _____ outra. (em/∅)

45. Esta medida não implica em aumento de custo.

_____

46. Ela, sem saber, implicava de mim.

_____

47. A nova lei implicou na mudança das taxas.

_____

Ir, vir

Ir	a	um lugar (temporariamente)
Vir	para	um lugar (definitivamente)
	de/por	um lugar
	em/de	meio de transporte

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

48. ( ) Ele foi de ônibus.
49. ( ) Ele foi na carroça do amigo.
50. ( ) Ele veio de Recife.
51. ( ) Veio no velho carro.
52. ( ) Veio por Recife.
53. ( ) Veio a Brasília.
54. ( ) Fui em Petrópolis.
55. ( ) Fui a Rondônia.

Lembrar, avisar, prevenir

Lembrar	∅	algo	a alguém
Lembrar	∅	alguém	de algo
Lembrar	∅	algo	
Lembrar-se	de		algo/alguém
Lembrar-se	(de)		que...

Algo **lembra** a alguém (vem à memória).

Prática

■ Complete as lacunas.

56. Todos lembravam _____ gentileza com que nos recebera. (a/da)
57. Era uma moça simpática _____ cujo nome não me lembro. (de/∅)
58. Os dias felizes do passado lembravam _____ todos nós. (a/∅)
59. Lembrou-lhe____ ocorrido. Lembraram-se_____ ocorrido. (o/do)
60. Lembrou-me _____ infância. (a/da)

Morar, residir, situar-se, estabelecer-se

Morar Residir	em	uma casa, rua, praça, cidade, país	
morador em	residente em	sito em	estabelecido em

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

61. ( ) Ele mora à rua do Cais.
62. ( ) ...dono do estabelecimento, sito à Avenida Paulista, nº...
63. ( ) João morava em Recife, na rua...

Namorar

Namorar Namorar	∅ com	alguém alguém (em companhia de)

Prática

■ Complete as lacunas.

64. Não é inteligente a moça _____ que ele namora. (∅/com)
65. Esta moça _____ cuja irmã eu namoro é médica. (∅/com)
66. _____ quem ela está namorando? (∅/com)

Obedecer, desobedecer, suceder, obstar

Obedecer Desobedecer Suceder Obstar	a	algo / alguém

Prática

■ Complete as lacunas.

67. Às vezes se deve obedecer _____ ditames do coração. (aos/os)
68. A pessoa _____ que ele sucederia já fora avisada. (∅/a)
69. Alguns fatores externos poderiam obstar _____ que fizesse um bom planejamento. (∅/a)
70. Não se pode, impunemente, desobedecer _____ leis. (as/às)

Pagar

Pagar	algo	ao credor

Prática

■ Complete as lacunas.

71. Tivemos dificuldade para pagar _____ empréstimo. (o/ao)
72. Já podemos pagar _____ Banco agora que recebemos. (o/ao)
73. A seguradora _____ pagamos o seguro do carro não nos atendeu quando precisamos. (a que/que)

Perdoar

Perdoar	algo	a alguém

Prática

■ Complete as lacunas.

74. Não podem perdoar sempre _____ erros que você comete. (os/aos)
75. Desta vez, perdoo _____ você. (a/∅)
76. Perdoar _____ que nos fazem mal é preceito bíblico. (os/aos)

Preferir

Preferir	isto	a aquilo

Prática

■ Complete as lacunas.

77. Ela demonstrara preferir _____ ficar em casa _____ sair. (mais...do que/antes...que/∅...a)
78. O diretor preferiu _____ acatar aquelas ordens _____ exonerar-se. (a...∅/mais...que/antes...a)
79. Prefiro _____ ler _____ ver televisão. (mais...que/∅...a)

Presidir

Presidir	∅ a	uma reunião uma reunião

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

80. ( ) Na reunião em que ele presidiu...
81. ( ) Na reunião que ele presidiu...
82. ( ) Na reunião a que ele presidiu...

Querer

Querer	∅	algo/alguém (= desejar)
Querer	a	alguém (= gostar)

Prática

■ Complete as lacunas.

83. Queremos _____ seu bem. (o/ao)
84. Quero _____ que me querem bem. (os/aos)
85. São poucas as pessoas _____ quero perto de mim. (a que/que)

Responder

Responder	∅	algo (= dar como resposta)
Responder	a	algo/alguém (= dar uma resposta a...)

Prática

■ Complete as lacunas.

86. O convidado de honra respondeu _____ viria. (que/a que)
87. Ninguém respondeu _____ questionário. (o/ao)
88. Não conheço a carta _____ ele respondeu tão prontamente. (que/a que)

Visar

Visar	a/∅	algo	= ter em vista, almejar *
Visar	∅	algo	= pôr visto
Visar	∅	algo	= mirar

* Neste sentido, não aceita **lhe(s)**, apenas **a ele(s)**, **a ela(s)**.

Prática

■ Complete as lacunas.

89. Era necessário visar _____ cada página do contrato. (a/∅)
90. O alvo _____ que ele visava encontrava-se a uma grande distância. (∅/a)
91. Cada candidato deve visar _____ primeiro lugar no concurso. (ao/o)

Isto é para eu fazer *isto é para mim*

SUJ. INFINITIVO NÃO SUJ.

Usam-se os pronomes retos **eu** e **tu** para sujeito de infinitivo. Os oblíquos **mim** e **ti** para outras funções.

Prática

■ Complete as lacunas.

92. Aquilo era para _____ fazeres. Aquilo era para _____. (tu/ti)
93. A peça era para _____ escrever. A peça era para _____. (mim/eu)
94. A peça era para _____ e _____ escrevermos. (mim e ti/eu e tu)

Está na hora de	*a onça*	*beber*	*água*
Está na hora	*da onça*	*beber*	*água*
	SUJEITO	INFINITIVO	

A maioria dos gramáticos prefere a primeira construção, apontando na segunda frase um erro: o sujeito preposicionado **da onça**.

Prática

■ Assinale as melhores alternativas.

95. Está na hora de o José sair.
96. Isto é difícil dela entender.
97. Está na hora do José sair.
98. Isto é difícil de ela entender.

Pedir ~~para que~~

Pedir	a alguém (lhe)	algo
Pedir	a alguém (lhe)	que faça algo
Pedir	(licença, permissão, vênia...)	para fazer algo

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

99. ( ) O presidente da mesa pediu para que José saísse.
100. ( ) O presidente da mesa pediu que José saísse.
101. ( ) Ele pedia a José para sair.
102. ( ) Pediu-lhe que saísse.

Não disse o em que acreditava
Não disse no que acreditava

Embora a primeira construção seja a mais erudita, a segunda também já é aceita.

Prática

■ Transforme as seguintes construções em sua forma erudita.

103. Não perguntou do que falávamos. _____
104. Não sei no que pensar. _____

Ter de ≠ ter que...

Tenho de fazer = obrigatoriedade, necessidade, firme propósito (construção castiça).

Tenho que fazer (**que** com valor de preposição, uso moderno).

Hei de fazer = promessa, intenção.

Tenho **muito que** fazer. Tenho **o que** fazer. (**que** = pron. relativo com antecedente).

Onde ≠ Aonde

Onde é advérbio ou pronome relativo. **Aonde** é a mesma palavra antecipada da preposição **a**.

É a regência do verbo que define a preposição que vai anteceder o **onde**.

Moro em... > Moro onde... > Onde moro?

Vou **a**... > Vou **a**onde... > **A**onde vou?

Venho **de**... > Venho **de** onde... > **De** onde venho?

Venho **por**... > Venho **por** onde... > **Por** onde venho?

Venho **para**... > Venho **para** onde... > **Para** onde venho?

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre o uso de "onde".

105. ( ) A palavra **onde** pode ser ou não antecedida por uma preposição.
106. ( ) A única preposição que se junta numa só palavra com o **onde** é "a".
107. ( ) Podem fazer uma só palavra com **onde** as preposições "de" e "a": Não sabemos normalmente **donde** viemos nem **aonde** vamos.
108. ( ) É mais comum, no português do Brasil, usar-se **de onde**, do que **donde**.
109. ( ) Só se sabe se o **onde** deve ser antecedido de preposição, e que preposição é essa, vendo a regência do verbo ao qual está subordinado.

Sintaxe do verbo haver

	CONSTRUÇÃO	FUNÇÃO	SENTIDO
1	**Há** pensado, **havia** dito.	auxiliar	(= ter)
2	Como você **houve** tanto dinheiro?	principal	(= conseguir)
3	Como você **se houve** na festa?	principal	(= comportar-se)
4	Você vai **haver-se com** ela.	principal	(= ajustar contas)
5	**Hei** admiração por você. (arcaico)	principal	(= ter)
6	Ele **havia por** correta aquela fala.	principal	(= considerar)
7	Ele **houve por bem** concordar.	locução	(= dignar-se)

Prática

■ Passe as construções vistas de 1 a 7 para as pessoas que se pedem.

110. 1, para a 1ª do plural: _____ .
111. 2, para a 3ª do plural: _____ .
112. 3, para a 1ª do singular: _____ .
113. 4, para a 2ª do singular: _____ .
114. 5, para a 1ª do plural: _____ .
115. 6, para a 2ª do plural: _____ .
116. 7, para a 2ª do plural: _____ .

Observação:

Quando um pronome pessoal átono de terceira pessoa for complemento de verbo, usar-se-á o pronome **o (a, os, as)** para os verbos que não exigem preposição; usar-se-á o pronome **lhe (lhes)** para os verbos que exigem preposição "a", sendo que **lhe** só é usado para pessoas. Para **coisas**, usa-se **a ele (a ela, a eles, a elas)**.

Auxiliei **meus amigos** quando precisaram.
Auxiliei-**os** quando precisaram.

Lembrei **aos amigos** o compromisso.
Lembrei-**lhes** o compromisso.

Prática

■ Substitua os nomes destacados pelos pronomes átonos **lhe**, **lhes**, **o**, **a**, **os**, **as**.

117. Chamei **as crianças** para almoçar.
Chamei-_____ insistentemente.

118. O funcionário apenas obedeceu **ao supervisor**.
Obedeceu-_____sem pensar.

119. Nada devo **a você**.
Nada_____ devo, com certeza.

120. Só poderei pagar **essa dívida** quando receber o salário.
Agora não _____ posso pagar.

121. Só poderei pagar **ao credor** quando receber o salário.
Logo _____ pagarei.

122. Não assisti **ao filme** quando passou naquele cinema.
Assisti _____ depois.

123. Como você, aspiro à gloria.
Aspiro _____ e conseguirei.

Complemento de regências diferentes

Não se usa um mesmo complemento para verbos que têm regências diferentes.

Errado

Precisava e encontrei **o material** de acampamento.
Assisti, mas não gostei **do filme**.

Usa-se um complemento para cada verbo:

Correto

Precisava **do material** de acampamento e encontrei-**o**.
Assisti **ao filme**, mas não gostei **dele**.

■ Corrija, se necessário, as orações abaixo.

124. Aceito, mas não concordo com seu protesto.
_____ .

125. Amo e lutarei por meus filhos.
_____ .

126. Recebemos e já encaminhamos sua solicitação.

_____ .

127. Conheço e obedeço às leis.

_____ .

Observação:

Quando o complemento de um verbo for um **pronome relativo**, a regência deve ser corretamente seguida antes do pronome.

Conheço a pessoa **de** que falaste. (falar **de**)

Este é o lugar **em** que vivi. (viver **em**)*

REGÊNCIA NOMINAL

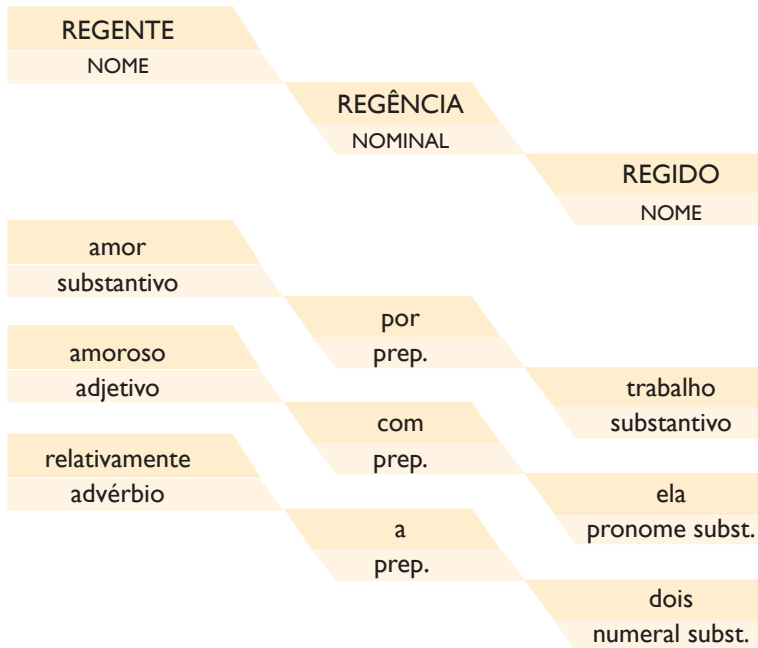

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, observando o gráfico acima.

128. ( ) Quando o regente é um nome, a regência é nominal.

* *Vide*, em *Análise Sintática Visual*, Período: Orações subordinadas adjetivas.

129. ( ) Regência nominal é a relação que existe entre o nome regente e o seu termo regido, *por intermédio de uma preposição*.

130. ( ) Como se pode dizer "*amor às* artes" e "*amor pelas* artes", conclui-se que a regência de um mesmo nome pode também se dar por intermédio de diferentes preposições.

131. ( ) Todo advérbio é nome.

132. ( ) O termo regido é de natureza substantiva.

133. ( ) Pode um advérbio se formar pelo acréscimo da terminação ***mente*** a um adjetivo: relativo + mente = relativamente.

134. ( ) Nesse caso (advérbio com base nominal), o advérbio herda a regência do adjetivo: relativo a → relativamente a.

135. ( ) É essa uma das explicações para a regência do advérbio chamar-se regência nominal.

Um mesmo regido para mais de um regente

Observação:

Um mesmo termo pode ser regido por dois ou mais nomes apenas quando esses nomes aceitam a mesma preposição.

Estou louco e atraído **por ela**. (louco por, atraído por)

Prática

■ Corrija a frase, desdobrando o termo regido.

Ele é contrário e impaciente com mentiras.

136. _____

■ Escolha a preposição adequada à lacuna.

137. Isso diz respeito somente _____ interessados. (aos/com os)

138. Demonstrava um grande respeito _____ suas opiniões. (por/de)

139. Não tentou ajudar aquela pessoa _____ quem sentia desprezo. (de/por)

140. Identificaram-se as substâncias _____ que era constituída a mistura. (para/de)

141. É um caso difícil _____ encontrar. (a/de)

Um mesmo regente para mais de um regido

Um mesmo termo regente, quer seja nome ou verbo, pode ter mais de um regido. Observe as frases a seguir e assinale C ou E nas afirmações que as seguem.

a) Ela sempre gostou *de conquistar, de sobressair, de dominar*...

b) Na época, demonstrava interesse *por sapatos, por luvas* e *por chapéus*.

c) Fazia jus *a ser criticada*, porém não *a sofrer discriminação*.

142. ( ) Em "a", as expressões em itálico são regidas pelo mesmo verbo **gostar**.
143. ( ) Em "b", os termos em itálico estão sob a regência do verbo **demonstrar**.
144. ( ) Em "b", os termos em itálico estão sob a regência do substantivo **interesse**.
145. ( ) Em "c", as orações em itálico estão regidas pelo substantivo **jus**.

Regência dos substantivos e adjetivos mais frequentes

adequado a
afável com, para com
alheio a
amoroso com, para com
análogo a
ansioso de, por
anterior a
aparentado com
apto a, para
atento a, em
avaro de
aversão a, em, para, por
avesso a, de, em
ávido de
bacharel em
benéfico a
bom para
capaz de, para
cego a
certo de
cheiro a, de
cobiçoso de
coetâneo de
coevo a, de
comum a, de
conforme a, com
constante em
contente com, de, em, por
contemporânea a, de
contíguo a
contrário a
cruel com, para com
cuidadoso com
cúmplice de, em
curioso a, de, para
desatento a
descontente com
desejoso de
desfavorável a
desleal a
devoto a, de
devoção a, com, para com, por
diferente de
difícil de
digno de
diligente em, para
dessemelhante de
ditoso com
diverso de
doce a
dócil a
dotado de
doutor em
duro de
dúvida acerca de, com, de, em, sobre
empenho de, em, por
entendido em
erudito em
escasso de
essencial a, para
estranho a
exato em
fácil a, de, para
favorável a
falho de, em
feliz com, de, em, para, por
fértil de, em
fiel a
firme em
forte de, em
fraco com, de, em, para, por
furioso com, de
grato a
hábil em

habituado a, com, em
horror a
hostil a, contra, para com
ida a
idêntico a
imediato a
impaciente com
imune a, de
impotente contra, para
impróprio para
inábil para
inacessível a, para
incapaz de, para
incompatível com
incompreensível para
inconsequente com
inconstante em
incrível a, para
indébito a
indeciso em
indiferente a
indigno de
indulgente para, para com
inerente a
ingrato com, para com
insaciável de
insensível a
intolerante com, para com
leal a
lento em
liberal com
maior de
mau com, para com
menor de
morada em
natural de
necessário a
nobre de, em, por
nocivo a
obediente a
obsequioso com
orgulhoso com, de, para com
parco de, em
parecido a, com
possível de
peculiar a
perito em
pernicioso a
pertinaz em
piedade de
pobre de
poderoso em, para
possível de
posterior a
prático em
presto a, para
pródigo de, em
propício a
propínquo de
próprio para, de
proveitoso a
próximo a, de
querido de, por
rente a, com, de
respeito a, com, de, por
rico de, em
sábio em, para
sedento de, por
seguro de, em
sensível a
sito em (e não "a")
situado em, entre
soberbo com
solícito com
sujo de
suspeito a, de
temeroso de
temível a
transido de
triste com, de
último a, de, em
união a, com, entre
único a, em, entre
útil a, para
vazio de
visível a
vizinho a, de

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, para certo ou errado.

146. ( ) Éramos em cinco na festa.
147. ( ) Éramos cinco na festa.
148. ( ) São excelentes pessoas, cuja colaboração estamos desejosos.
149. ( ) São excelentes pessoas, de cuja colaboração estamos desejosos.
150. ( ) É preferível perder a vida do que morrer.
151. ( ) É preferível perder a vida a morrer.
152. ( ) Ele é especialista e obediente às leis.
153. ( ) Ele é especialista em leis e obediente a elas.
154. ( ) Ela está desejosa e ansiosa por vencer.
155. ( ) Ela está desejosa e ansiosa de vencer.
156. ( ) Ela tem um sítio vizinho ao meu.
157. ( ) Compraste uma casa vizinha do meu terreno.
158. ( ) Com raiva ela bateu a porta.
159. ( ) Ela bateu à porta. Em seguida bateu na porta.
160. ( ) É dono de um terreno sito à Rua Alvorada.
161. ( ) Minha casa, sita na rua do Cais, nunca foi alagada.
162. ( ) Estamos situados no meio do problema.
163. ( ) Ele é avesso por ajuda de estranhos.
164. ( ) Júlia estava cobiçosa por ajuda.
165. ( ) Ele é devoto a Júpiter; ela é devota de Santa Teresa.

Observação:

Quando o regido for uma oração subordinada, é comum na norma popular e na linguagem coloquial deixar subentendida a preposição. (elipse da preposição)

Tenho necessidade ↓ que te protejam.

(de) elíptico

Porém, na norma culta, dá-se preferência à preposição expressa, e não elíptica.

Prática

■ De acordo com a norma culta, ou padrão, da Língua Portuguesa, assinale **C** ou **E**, para certo ou errado, referentemente à regência.

166. ( ) O delegado tinha certeza que tudo fora explicado.
167. ( ) O delegado tinha certeza de que tudo fora explicado.
168. ( ) Eu preciso que a encontrem.
169. ( ) Eu preciso de que a encontrem.
170. ( ) Estava receoso que tudo desse errado.
171. ( ) Estava receoso de que tudo desse errado.
172. ( ) Tinha confiança que tudo sairia certo.
173. ( ) Tinha confiança em que tudo sairia certo.

Prática Geral

174. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Observe as palavras destacadas e indique a frase que apresenta regência nominal **correta**.
a) Por ser muito estudioso, ele tinha grande **amor** a seus livros.
b) Havia muitos anos que não via o filho, por isso estava **ansioso** em vê-lo.
c) **Alheio** para com o julgamento, o réu permanecia calado.
d) Coitado! Foi preso porque era **suspeito** por um crime que não cometeu.
e) Tínhamos o **propósito** em dizer toda a verdade, mas nos impediram de fazê-lo.

175. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) A frase que apresenta **erro** de regência do verbo **assistir** é:
a) Não fui ver o filme, embora quisesse assistir-lhe.
b) Não lhe assiste o direito de humilhar ninguém.
c) Ele assiste às aulas sempre com muita seriedade.
d) Aqueles médicos assistem os doentes com dedicação.
e) Assistiu aos jogos da Seleção sem nenhum entusiasmo.

176. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Observe, nos períodos abaixo, a regência dos verbos e dos nomes.
I – As constantes faltas ao trabalho implicaram a sua demissão.
II – Procederemos à abertura do inquérito.
III – O cargo a que aspiramos é disputado por todos.
IV – Prefiro mais estudar do que trabalhar.
V – Sua atitude é incompatível ao ambiente.
Assinale a sequência que corresponde aos períodos **corretos**:
a) I, II, IV.
b) II, III, IV.
c) II, IV, V.
d) I, II, III.
e) I, III, IV.

177. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Marque a alternativa cujas palavras preenchem **corretamente** as respectivas lacunas, na frase seguinte:
"Necessitando _____ o número do cartão do PIS, _____ a data de meu nascimento." (Revendo Semântica)
a) ratificar / proscrevi.
b) prescrever / discriminei.
c) descriminar / retifiquei.
d) proscrever / prescrevi.
e) retificar / ratifiquei.

178. (ITA/Vest.) Assinale a opção **correta** quanto à regência.
Paradoxalmente, a redução das Forças Armadas iraquianas_____ proporções inferiores _____ necessárias _____ preservação do equilíbrio _____ nações vizinhas não é desejável, sobretudo _____

luz dos acontecimentos recentes, que atestam quanto é pequena a resistência desses países _____ tentações criadas _____ vácuo militar.

a) a / às / na / ante às / à / pelas / no.
b) a / às / à / com as / à / às / pelo.
c) em / àquelas / pela / nas / pela / em / pelo.
d) à / das / à / das / a / com as / do.
e) às / às / para a / ante as / com a / às / por.

179. (AFRESP/N.S.) Assinale a alternativa **correta**.
_____, por algum tempo, os elementos detidos.

a) Preveni-o que retesse.
b) Preveni-lhe que retesse.
c) Preveni-o de que retivesse.
d) Preveni-lhe de que retivesse.

180. (AFRESP/N.S.) Assinale a alternativa **correta**.
_____ crer que você tenha sido capaz de _____ a aceitar o cargo.

a) Custa-me / persuadi-lo.
b) Custo a / persuadir-lhe.
c) Custa-me / persuadir-lhe.
d) Custo a / persuadi-lo.

181. Assinale a opção em que a regência verbal, de acordo com as normas gramaticais, está **incorreta**.

a) O papeleiro custou muito a se esquecer da Baixinha.
b) Os vizinhos assistiam o papeleiro com sobras de comidas.
c) O dono da carrocinha pagou ao ajuntador de papéis a importância devida.
d) O personagem preferia a cachaça ao café.
e) O homem já não se lembrava mais do que era um bom banho.

182. Assinale a frase com **erro** de regência.

a) Aspiro ao cargo de chefe do departamento de Desenho Artístico.
b) Assisti aos debates dos estudiosos da arte.
c) Obedeça aos mestres das épocas passadas.
d) Abracei-lhe dizendo que era um ótimo artista e desenhista.
e) João, vim aqui para ajudá-lo.

183. Analise as construções abaixo.
I – A lei permite que o sujeito fique livre.
II – A lei permite-lhe ficar livre.

Assinale a opção **correta**.

a) Em II, o pronome pessoal não exerce função de complemento verbal.
b) Os dois períodos têm sentido equivalente, embora apresentem regências diferentes.
c) A regência não está correta em I.
d) Em I, o conectivo **que** tem, também, a função de objeto direto.
e) Os dois períodos apresentam a mesma regência e o mesmo sentido.

Colocação ou Topologia Pronominal

Existem três posições para os pronomes oblíquos átonos – me, te, se, nos, vos, o(s), a(s), lhe(s) – em relação ao verbo:

PRÓCLISE **VER** MESÓCLISE **BO** ÊNCLISE

A colocação pronominal (ou topologia pronominal) deve ser estudada considerando a relação dos pronomes oblíquos átonos com:

I – um só verbo;

II – o infinitivo;

III – as locuções verbais.

COM UM SÓ VERBO

PRÓCLISE **VERBO**

São fatores de próclise obrigatória

Os fatores obrigatórios que atraem o pronome para **antes** do verbo são:

Palavra negativa ou advérbio (não seguidos de pausa)

Prática

■ Escolha a letra que corresponde à lacuna a ser preenchida corretamente com o pronome entre parênteses.

1. Ele escreveu de uma maneira que **não** _____ (a) limita _____ (b) a apresentar os fatos. (se)
2. Ele é gente boa, **nunca** _____ (a) meteu _____ (b) em confusão. (se)
3. **Nunca**; _____ (a) partiu _____ (b), assim mesmo, o coração. (me)
4. Mesmo doente, **jamais** _____ (a) isolei _____ (b) dentro de casa. (me)

5. **Jamais,** _____ afirmo _____ de novo. (lhe)
   a b
6. O psiquiatra apoiou-o e **hoje** _____ considera _____ curado. (se)
   a b
7. **Amanhã** _____ tornar- _____-ás um líder. (te)
   a b
8. **Amanhã,** _____ tornar- _____-ás um líder. (te)
   a b
9. Nós **sempre** ____ sentimos ____ bem durante os longos voos. (nos)
   a b
10. Na mesma noite, recebeu a notícia de que **talvez** _____ tivessem _____ levado. (o)
    a b

Pronome relativo

Prática

■ Escolha a lacuna adequada à colocação pronominal.

11. Não criticava os meios de comunicação, **que** _____ davam _____ espaço. (lhe)
    a b
12. Não faltaram barracas, **onde** _____ abrigamos _____. (nos)
    a b
13. A injustiça foi maior pelo modo **como** _____ trataram____. (te)
    a b

Pronome indefinido ou numeral <u>ambos</u> (não seguidos de substantivo)

Prática

■ Escolha a lacuna adequada.

14. Agora, **tudo** _____ serve _____ como desculpa. (lhe)
    a b
15. **Muitos** _____ valerão _____ do seu apoio incondicional. (se)
    a b
16. Esse episódio revelava que **ninguém** _____ apoiaria _____. (a)
    a b
17. A verdade é que **ambos** _____ desentenderam _____. (se)
    a b

Pronome demonstrativo (não seguido de substantivo)

Prática

■ Escolha a lacuna.

18. Não era a primeira vez que **isso** _____ acontecia _____. (lhe)
    a b
19. **Aquele** _____ realizou _____ com o objetivo de discutir um assunto polêmico. (se)
    a b

Conjunção subordinativa (mesmo subentendida)

Prática

■ Escolha a lacuna.

20. Se _____ (a) sentia _____ (b) mal no trânsito, parava. (me)
21. Tratar sem medicamento, como _____ (a) vê _____ (b), é possível. (se)
22. Caso _____ (a) encontre- _____ (b), diga-lhe que ____ (c) esperamos ____ (d). (o, o)
23. Peço _____ (a) faças _____ (b) um favor. (me)

Oração exclamativa

Prática

■ Complete as lacunas certas.

24. Como _____ (a) custou _____ (b) caro a liberdade! (nos)
25. Quanto tempo _____ (a) perde ____ (b) com coisas inúteis! (se)

Oração interrogativa (com verbo flexionado)

Prática

■ Complete as lacunas certas.

26. Ele me perguntou por que _____ (a) apoiei _____ (b). (te)
27. Quem _____ (a) habilita _____ (b) a investir num setor falido? (se)

Oração optativa (exprime desejo, sem verbo que o exprima, e tem entonação exclamativa)

Prática

■ Complete as lacunas certas.

28. Bons ventos _____ (a) levem _____ (b). (o)
29. Deus _____ (a) acompanhe _____ (b). (te)
30. Que a terra _____ (a) seja _____ (b) leve. (lhe)

Em + verbo no gerúndio

Prática

■ Complete as lacunas certas.

31. Em _____ (a) tratando _____ (b) de política, ele se abstém de opinar. (se)

32. Em _____ falando _____ de filosofia, é impossível ignorar os gregos. (se)
a b

Sujeito expresso por pronome reto ou de tratamento (anteposto ao verbo)

Prática

■ Complete as lacunas certas.

33. Eu _____ lembro _____. (me)
a b

34. Tu _____ lembras _____. (te)
a b

35. Ele _____ lembra _____. (se)
a b

36. Você _____ lembra _____. (se)
a b

37. Nós _____ lembramos _____. (nos)
a b

Observação:

Fator Facultativo da Próclise

Sujeito expresso por substantivo anteposto ao verbo

Exemplo: As grandes estrelas / se escondem / em suas mansões.
As grandes estrelas / escondem-se / em suas mansões.

VER - MESÓCLISE - BO

A mesóclise ocorre somente com verbos no futuro do presente ou no futuro do pretérito (o verbo é dividido após a última letra "r").

Encontrar-**se**-ão novas maneiras de resolver esses problemas.

Esse material ser-**nos**-ia muito útil.

Havendo um fator de próclise obrigatória, não use mesóclise.
Não se encontrarão novas maneiras de resolver esses problemas.
Qualquer um nos seria útil agora.

Admite-se, optativamente, a próclise com verbos no futuro do presente ou do pretérito, quando o sujeito da oração está expresso, anteposto ao verbo.
A cidade curvar-**se**-ia aos seus encantos.
A cidade **se** curvaria aos seus encantos.

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

38. ( ) Farei-me poeta.
39. ( ) Fazer-me-ei poeta.
40. ( ) Far-me-ei poeta.
41. ( ) Faria-me poeta.
42. ( ) Fazer-me-ia poeta.
43. ( ) Far-me-ia poeta.
44. ( ) A sirene despertar-me-á.
45. ( ) A sirene me despertará.

VERBO ■ ÊNCLISE

Normalmente os pronomes oblíquos átonos são usados como objeto direto ou objeto indireto. Nesse caso, a posição **preferencial**, segundo a norma culta, ou padrão, é a **ênclise**, porque, na ordem direta, os objetos vêm após o verbo.

Casos de ênclise

Orações iniciadas por verbo (que não esteja no futuro do presente ou do pretérito): ênclise obrigatória.

Prática

■ Faça a colocação pronominal correta.

46. ____ (a) Evidencia-____ (b) uma certa má vontade em sua atitude. (se)
47. ____ (a) Contou-____ (b) essa história um antigo morador do lugar. (me)
48. ____ (a) Uni-____ (b) para vencer. (vos)

Verbo no imperativo afirmativo: ênclise obrigatória, inexistindo termo atrativo.

Prática

■ Faça a colocação pronominal correta.

49. Pegue qualquer um dos livros. ____ (a) Leia-____ (b). (o)
50. Aqui estão as cartas: ____ (a) remeta-____ (b). (as)
51. Tome uma decisão e ____ (a) firme-____ (b) nela. (se)

Atenção:

Em provas, quando você tiver dúvida, e não houver fator obrigatório de próclise, opte pela mesóclise ou ênclise, que são as tradicionalmente preferidas pela norma culta, ou padrão.

Prática

■ Opte pela preferência da norma erudita.

52. Mas as pessoas ____ (a) sentem ____ (b) capazes de ajudar. (se)
53. As meninas ____ (a) arrepender-____ (b)-iam, anos mais tarde. (se)

COM INFINITIVO

1. A ênclise ao infinitivo estará sempre correta.

   Ver bem é enxergar-se.
   Bastou olharem-se e...

2. Quando o infinitivo vier preposicionado, mesmo havendo fator de atração, pode-se construir com **próclise** ou **ênclise**.

   Veio-lhe o impulso **para não me** chamar.
   Veio-lhe o impulso **para não** chamar-**me**.

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

54. ( ) Ela estava ali para te ver.
55. ( ) Ela estava ali para ver-te.
56. ( ) Tinha intenção de não te ofender.
57. ( ) Tinha intenção de não ofender-te.

Atenção:

Se o infinitivo vier precedido da preposição **a**, não se pode juntá-la ao oblíquo o (a, os, as), e a próclise é proibida.

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

58. ( ) Estava decidido a a convidar.
59. ( ) Estava decidido a convidá-la.
60. ( ) Estava propenso a o perdoar.

61. ( ) Estava propenso a perdoá-lo.
62. ( ) Estava decidido a te convidar.
63. ( ) Estava decidido a convidar-te.

COM LOCUÇÃO VERBAL

As locuções verbais se formam com **verbo auxiliar** e **verbo principal**, podendo o principal estar no **infinitivo**, no **gerúndio** ou no **particípio**.

V. AUXILIAR	+	INFINITIVO
vou		amar

V. AUXILIAR	+	GERÚNDIO
estou		amando

V. AUXILIAR	+	PARTICÍPIO
tenho		amado

FORMA 1		FORMA 2
Vou-te amar	ou	Vou te amar?
Estou-te amando	ou	Estou te amando?
Tenho-te amado	ou	Tenho te amado?

64. Você prefere a forma 1 ou 2? _____
65. A norma culta, ou padrão, prefere qual das duas? _____

!! Atenção: COM LOCUÇÃO VERBAL

1. O particípio **nunca** aceita a ênclise.

   Tenho amado-~~te~~.

2. O particípio não aceita oblíquo átono, somente tônico (preposicionado).

   Tenho amado **a ti**.

3. O infinitivo e o gerúndio **sempre** aceitam **ênclise**.

   Estou amando-**te**.

Não estou amando-**te**.
Vou beijar-**te**.
Não vou beijar-**te**.

4. Os auxiliares aceitam próclise, ênclise ou mesóclise como se fossem um verbo só, segundo as regras já vistas.

Vou-**te** amar.
Não **te** vou amar.

5. O pronome átono pode vir solto entre verbos se estiver preposicionado:

Começou **a lhe** dizer.
Gostava **de me** agradar.

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

66. ( ) Eu me devo calar.
67. ( ) Eu devo me calar.
68. ( ) Eu devo-me calar.
69. ( ) Eu devo calar-me.
70. ( ) Ele vai arrastando-se.
71. ( ) Ele se vai arrastando.
72. ( ) Ele vai se arrastando.
73. ( ) Ele vai-se arrastando.
74. ( ) Eles haviam-me avisado.
75. ( ) Eles me haviam avisado.
76. ( ) Tu não te deverias calar.
77. ( ) Tu não dever-te-ias calar.
78. ( ) Tu não deverias te calar.
79. ( ) Tu não deverias calar-te.
80. ( ) Deverias-te calar.
81. ( ) Deverias calar-te.
82. ( ) Dever-te-ias calar.
83. ( ) Deverias te calar.
84. ( ) Eles haviam me avisado.
85. ( ) Eles haviam avisado-me.

86. Se, numa questão, um examinador pede a forma **incorreta** e você percebe que todas as alternativas estão certas, mas uma delas apresenta um oblíquo átono solto entre dois verbos, é essa que você deve escolher. Quais os números do exercício anterior que podem ser considerados **errados**, segundo as visões mais tradicionais?
Resp.: _____

Prática Geral

87. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Assinale a frase em que o pronome oblíquo átono está colocado **incorretamente**.
a) O guarda chamou-nos a atenção para os pivetes.
b) Quantas lágrimas se derramaram pelo jovem casal!
c) Ninguém nos convencerá de que esta notícia seja verdadeira.
d) As pessoas afastaram-se daquele pacote suspeito.
e) O vizinho cumprimentou o casal, se retirando imediatamente.

88. (BRB/N.M./IDR) Assinale a sentença em que foram respeitadas as regras de colocação dos **pronomes oblíquos átonos**.
    a) Em se tratando de denúncias contra funcionários do alto escalão, nada o impedia de divulgar informações esclarecedoras.
    b) Jamais entregar-lhe-ei a fita gravada a que se referiu o delegado durante o inquérito, lhe disse o acusado em alto e bom som.
    c) Lhe contou tudo que sabia, pouco importando-se com o fato inevitável de todos voltarem-se contra ele.
    d) Restringirei-me a mencionar fatos que relacionam-se diretamente à matéria tratada neste relatório.

89. (ATCL-DF/N.S./IDR) Indique o período **correto** quanto à colocação do pronome pessoal oblíquo átono.
    a) Se o considerasse incapaz, jamais dar-lhe-ia tal incumbência.
    b) Meu pai trouxe-o de Londres e pediu-lhes que não deixassem-no estragar.
    c) Não o aceitariam, em hipótese alguma, nem deixar-se-iam enganar.
    d) Não se esqueça de consertá-lo e de devolvê-lo o quanto antes.

90. Assinale a frase **incorreta** quanto à colocação de pronomes átonos.
    a) O que lhe contei é a pura verdade.
    b) Nunca repita-me tal coisa.
    c) Já se pôs o Sol no horizonte.
    d) Alguém me disse para ficar aqui.
    e) Sempre me lembro dela com carinho.

91. Assinale o item que apresenta pronome átono colocado **corretamente**.
    a) Nesta loja, se compram os mais variados artigos.
    b) Dizia-se que ele enlouquecera.
    c) Fui eu quem falou-te daquela vez.
    d) A estátua que dedicaram-lhe é de pedra.
    e) Quem obrigou-te a assinar aquele documento?

92. De acordo com a norma culta, assinale a construção **incorreta**.
    a) As crianças também se tinham esquecido.
    b) Passada a surpresa, ainda se sentiu mais borocochô.
    c) Engasgado, não confessou-lhe toda a verdade.
    d) Os quinze minutos atropelaram-se.
    e) Sua mulher, seus filhinhos e a secretária já o esperavam cantando "Parabéns para você".

■ Coloque os pronomes oblíquos nos locais adequados.

93. Fiquei duas horas a _____ (1) esperar _____ (2). (o)

94. De repente veio o grito: _____ (1) prepara _____ (2) para a luta. (te)

95. Ensina-se o bem, _____ (1) fazendo _____ (2). (o)

96. _____ (1) junta _____ (2) aos bons e serás um deles. (te)

97. Não _____ (1) preocupar _____ (2) emos com isso. (nos)

98. _____ (1) deite _____ (2), gritou a irmã. (se)

99. Quantas alegrias _____ (1) conquistaram _____ (2) nas Olimpíadas! (se)

100. Quem _____ (1) matriculou _____ (2) primeiro? (se)

101. Deus _____ (1) guarde _____ (2) meu filho! (te)

102. Em _____ (1) tratando _____ (2) de opções, temos três. (se)

103. Ninguém _____ (1) ajudou _____ (2) a _____ (3) convencer _____ (4). (nos/o)

104. Há pessoas que _____ (1) admiram _____ (2). (nos)

105. Estarei aí, se _____ (1) convidarem _____ (2). (me)

106. Alguém _____ (1) viu _____ (2) quando _____ (3) abriu _____ (4) aquela porta. (nos/se)

107. Depois, _____ (1) chamaram _____ (2) para dentro. (nos)

■ Nas frases seguintes, pode haver mais de uma opção.

108. _____ (1) sentir _____ (2) ei _____ (3) tranquilo (me), porque o amigo _____ (4) convidou _____ (5). (me)

109. Voltei para _____ (1) convidar _____ (2). (vos)

110. Eu _____ (1) voltar _____ (2) ei _____ (3) para teus assuntos. (me)

111. O Carlos _____ (1) contou _____ (2) a verdade. (lhe)

112. O Carlos _____ (1) contou _____ (2) a verdade? (lhe)

113. Esta _____ (1) dar _____ (2) ia _____ (3) muito prazer. (nos)

■ Continue na prática.

114. Jamais _____ (1) disse _____ (2) o que acho de você. (lhe)

115. Falarei com quem _____ convidou _____. (a)
1 2

116. Viajo hoje mesmo, embora _____ desagrade _____. (te)
1 2

117. À noite, sempre, _____ fecham _____ as portas das casas. (se)
1 2

118. Que a experiência _____ sirva _____ de lição. (nos)
1 2

119. Tudo _____ acalmar _____ á _____. (se)
1 2 3

120. _____ acalmar _____ á _____ tudo. (se)
1 2 3

121. Sempre _____ considerar _____ ei _____ um bom exemplo. (te)
1 2 3

122. Como _____ enganas _____, meu amigo! (te)
1 2

123. _____ dá _____ um abraço bem apertado. (me)
1 2

■ Elimine a primeira palavra e reescreva a frase.

124. Isto me será bastante fácil.

_____

125. Não a beijarei mais.

_____

126. Jamais te perdoarei.

_____

127. Não me trarás resposta.

_____

128. Você o fará bem.

_____

129. Nós nos poremos a seu dispor.

_____

130. (F. C. Chagas) Quanto _____ se _____ no ponto que _____ _____.

a) alegrar-nos-íamos / atendêsseis-nos / solicitamos-vos.
b) alegraríamo-nos / atendêsseis-nos / solicitamos-vos.
c) alegrar-nos-íamos / atendêsseis-nos / solicitamos-vos.
d) nos alegraríamos / atendêsseis-nos / vos solicitamos.
e) nos alegraríamos / nos atendêsseis / vos solicitamos.

131. (F. C. Chagas) Nem sequer _____ das coisas que _____ quando _____ .

a) se lembra / disse-me / procurei-o.
b) se lembra / me disse / procurei-o.

c) lembra-se / disse-me / o procurei.
d) se lembra / me disse / o procurei.
e) lembra-se / me disse / procurei-o.

132. Com relação à colocação pronominal, assinale a descrição gramatical **incorreta**.
a) Em "não tem permitido que se explique", ocorre próclise pronominal porque a forma verbal no particípio rejeita a posição de ênclise.
b) Em "onde menos se imagina", a próclise é obrigatória por tratar-se de estrutura sintática de oração subordinada desenvolvida.
c) Em "Os cargos executivos monopolizam as atenções", a substituição do objeto direto por um pronome pessoal oblíquo resultaria em: **Os cargos executivos monopolizam-nas**.
d) Em "É do prefeito a iniciativa, cabendo aos vereadores acatá-la ou recusá-la", é gramaticalmente inaceitável a colocação pronominal de próclise às formas dos verbos **acatar** e **recusar**.
e) Em "fica difícil fazer o mesmo", a substituição do objeto direto por um pronome pessoal oblíquo resultaria em: **fica difícil fazê-lo**.

Crase

CONCEITUAÇÃO

Observe:

regência

Ela pensa em o irmão.

termo subordinante — prep. — termo subordinado

regência

Ela gosta de o tio.

termo regente — prep. — termo regido

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

1. ( ) A preposição coordena termos.
2. ( ) A preposição une dois termos subordinando o segundo ao primeiro.
3. ( ) É o termo subordinado que determina qual a preposição a ser usada.
4. ( ) A escolha da preposição a ser usada pertence ao termo subordinante e se chama regência.
5. ( ) O termo subordinante é o termo regente.
6. ( ) O termo subordinado é o termo regido.

Prática

7. Ela gosta **de** + **o** José = Ela gosta _____ José.
8. Ela foi **a** + **o** teatro = Ela foi _____ teatro.
9. Ele gostou **de** + **aquele** filme = Ele gostou _____ filme.

Observe:

As preposições contraem-se ou combinam-se com **artigos** e **pronomes** do termo regido.

	preposição		artigo		
Ela foi	a	+	o(s)	teatro(s)	→ a + o(s) = ao(s) teatro(s)
Ela foi	a	+	a(s)	igreja(s)	→ a + a(s) = à(s) igreja(s)

CRASE

	preposição		pronome demonstrativo		
Refiro-me	a	+	o(s)	que ama(m)	[a + o(s) = ao(s) que ama(m)]
Refiro-me	a	+	a(s)	que ama(m)	[a + a(s) = à(s) que ama(m)]

CRASE

	preposição		pronome demonstrativo		
Refiro-me	a	+	aquela(s)	menina(s)	[a + aquela(s) = à quela(s)]
Refiro-me	a	+	aquele(s)	menino(s)	[a + aquele(s) = à quele(s)]
Refiro-me	a	+	aquilo		[a + aquilo = à quilo]

CRASE

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

10. ( ) Crase é fusão de dois "**as**".
11. ( ) O primeiro **a** da crase é uma preposição.
12. ( ) O segundo **a** da crase é uma preposição.
13. ( ) O segundo **a** é um artigo, um pronome demonstrativo ou a vogal inicial do demonstrativo **aquele**, **aquela**, **aquilo**.
14. ( ) **à** ou **às** (com acento grave) indica existência de crase, isto é, fusão de dois **as**.
15. ( ) **à** ou **às** indica existência de substantivo feminino.
16. ( ) O masculino de **à** ou **às** é **ao** ou **aos**.
17. ( ) Para haver crase, é necessário um termo regendo a preposição **a**.
18. ( ) Para haver crase, é necessário que o termo regido seja feminino.
19. ( ) Sempre que houver preposição **a** + **aquela**, **aquele**, **aquilo**, haverá crase.
20. ( ) Sempre que no masculino se escrever **ao** ou **aos**, no feminino haverá crase.

MÉTODO PRÁTICO

Troque a palavra feminina por outra que seja masculina.
Se no masculino aparecer obrigatoriamente **ao** ou **aos**, no feminino haverá crase.
Se no masculino for facultativo **a** ou **ao(s)**, a crase poderá ser usada ou não.

Prática

■ Leve para o feminino.

21. Refiro-me a menino. ➜ Refiro-me _____ menina.
22. Refiro-me ao menino. ➜ Refiro-me _____ menina.
23. Refiro-me a meninos. ➜ Refiro-me _____ meninas.
24. Refiro-me aos meninos. ➜ Refiro-me _____ meninas.

■ Assinale **C** ou **E**.

25. ( ) Entre as práticas 21 e 22 só há diferença na escrita. Semanticamente (= no sentido) são iguais.
26. ( ) Nas práticas 21 e 23, a falta do artigo deixa o substantivo com uma ideia vaga, genérica, indefinida.
27. ( ) Nas práticas 22 e 24, a presença do artigo define, determina o substantivo **menino**. Não se trata mais de qualquer menino, mas de alguém que falante e ouvinte conhecem.

CASOS ESPECIAIS

Crase em locuções

Locuções prepositivas com palavras femininas

à cata de, à moda de, à custa de, à força de, à procura de, à guisa de, à beira de...

Observação:

As locuções prepositivas sempre terminam em **preposição**.

Locuções conjuntivas com palavras femininas

à medida que, à proporção que...

Observação:

Quase todas as locuções conjuntivas terminam em **que**.

Locuções adverbiais com palavras femininas

às vezes, às claras, às ocultas, às pressas, à toa, às fartas, às escondidas, à noite, à tarde, à vista, à direita, à esquerda, à socapa, às terças-feiras.

Prática

■ Corrija, se necessário.

28. Pedro estava a procura de uma desculpa. A medida que ia comendo e a proporção que o dia clareava, também clareavam seus pensamentos. Aquela hora, corria ainda vinho e champanha a farta. Uns bebiam as claras, outros as escondidas, outros as pressas, porém todos a larga.

Crase em lugares

Há topônimos que repelem artigo feminino, portanto não aceitam crase. Teste-os assim: **Venho + de + tôponimo** e use o bom senso.

Se venho **de** Paris, vou **a** Paris.	(só preposição: sem crase)
Se venho **de** Fortaleza, vou **a** Fortaleza.	(só preposição: sem crase)

Mas,

Se venho **da** Bahia, vou **à** Bahia.	(prep. + artigo = crase)
Se venho **da** Itália, vou **à** Itália.	(prep. + artigo = crase)

Faça uso deste processo mnemônico:
Se vou **a** e venho **da**, crase há;
Se vou **a** e venho **de**, crase p'ra quê?

Prática

■ Corrija, quando necessário.

29. Júlia foi a padaria, a manicura, a modista e voltou a repartição antes de viajar. Por pouco não chegava a estação a tempo de tomar o trem que a levaria a Recife. De Recife viajará a Portugal, a Espanha, a França, a Inglaterra, a Holanda e a Israel. É a primeira vez que visitará a Europa. No próximo ano pretende ir a África.

Observação:

No final do século XIX, era chique usar sem artigo topônimos como França, Inglaterra, Espanha, Holanda, África, Ásia..., motivo pelo qual está correto dizer:

Venho de França / Vou a França
Venho de Inglaterra / Vou a Inglaterra

Hoje, porém, tais construções denotam **pedantismo**.

Crase com distância

Distância não definida	O disco foi lançado a distância. Ele estava a distância do grupo.
Distância determinada	Foi lançado **à** distância **de 60 metros**.

Prática

■ Acentue, se for preciso.

30. Ele parou a distância de um quarteirão.
31. Ela chegou a pequena distância da casa.

Crase com horas

Hora exata de relógio	A aula começa **às** oito horas. Ele saiu **às** sete e quinze. Cheguei **à** uma hora da tarde.
Hora aproximada	Vou lanchar daqui **a** uma hora. Vou lanchar daqui **a** três horas.

Atenção para o paralelismo:

O filme vai **de** oito **a** dez e meia.
prep. prep.

O filme vai **das** oito **às** dez e meia.
prep. + artigo prep. + artigo

Prática

■ Preencha adequadamente as lacunas.

32. É bom chegares ___ duas horas.
33. ___ três horas que gastou no trabalho foram recompensadas.
34. Estudo de duas ___ quatro horas por dia.
35. Trabalho das oito ___ dezoito.

Atenção:

A quebra do paralelismo na crase torna mais evidente e próximo o sentido do termo antecedido pelo artigo.

O filme vai de oito às dez e meia em ponto.
Refiro-me a Tereza e à Júlia.

Crase com pronomes relativos

a) Conheço o homem **cujo** filho passou em primeiro lugar, e **cuja** irmã chegou da Índia.	Nunca há crase antes de **cuja(s)** porque este pronome não aceita artigo.
b) Eis o rapaz **ao** qual me referi. Eis a moça **à** qual me referi. Eis as moças **às** quais me referi.	Usa-se **à qual**, **às quais**, com crase, quando se opõem a **ao qual**, **aos quais**.
c) Refiro-me **ao** que usa bigode. Refiro-me **à** que usa luvas. Refiro-me **aos** que usam bigode. Refiro-me **às** que usam batom. Eis o rapaz **a** que me referi. Eis a moça **a** que me referi.	Usa-se **à que**, **às que**, com crase, quando se opõem a **ao que**, **aos que**. Neste caso, é CRASE da preposição **a** com o **pronome demonstrativo a(s)**, que é igual a **aquele(a)**.

Prática

■ Corrija.

36. Ela se dirigiu aquele que estava a meu lado e a que se mantinha em pé.
37. Este é o senhor a cuja filha me aliei.
38. Não me presto aquilo que vocês querem.
39. Admiro aquela deputada, a que te uniste.

Crase com casa

a) Cheguei **de** casa hoje. Estou **em** casa agora. Voltei **a** casa ontem.	**Casa** significando **própria morada** não aceita artigo, portanto não há crase.
b) Cheguei d**a** casa **de José**. Estou n**a** casa **nova**. Regressou **à** casa **materna**. Voltou **à antiga** casa. Referiu-se **à** casa **de Orleans**.	Quando a palavra **casa** aparece acompanhada de um determinante, justifica-se a presença do artigo e se justifica a crase, mas não é obrigatório.

Prática

■ Qual a diferença de sentido?

40. Referia-se a belas casas.	Referia-se às belas casas.
41. Estou em casa de José.	Estou na casa de José.
42. Vou a casa de José.	Vou à casa de José.

Crase com terra

a) Os astronautas voltaram **à** Terra. Voltou **à** terra em que estudou. O lavrador se apega **à** terra que cultiva. Do céu **à** terra, o infinito.	Normalmente a palavra **terra** aceita artigo e, portanto, CRASE.
b) Estamos a bordo mas vamos **a** terra. Chegado o navio, os marujos desceram **a** terra.	Em linguagem náutica, **terra** opõe-se a **bordo** e não usa artigo. Portanto, SEM CRASE.
c) Os marujos desceram **à** terra **dos Vikings**.	Uso de determinante justifica o artigo e a crase.

Crase com até ou até a

Prática

■ Use **até**

43. Caminharam _____ o portão.
44. Ele foi _____ a divisa.
45. Ele chegou _____ aquele morro.

Use **até a**

Caminharam _____ o portão.
Ele foi _____ a divisa.
Ele chegou _____ aquele morro.

Como não se sabe se foi usada a preposição **até** ou a locução prepositiva **até a**, a crase é facultativa.

Crase com pronomes possessivos

Refiro-me **a(o)**	teu	irmão	e não **ao**	meu	∅
preposição / artigo (facultativo)	PRON. POSSESS.	SUBSTAN-TIVO	preposição / pronome demonstrativo (obrigatório)	PRON. POSSESS.	∅

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

46. ( ) O possessivo pode vir seguido de substantivo.
47. ( ) O possessivo pode vir sozinho, isto é, não seguido de substantivo.
48. ( ) O possessivo seguido de substantivo pode ou não usar artigo: meu filho/o meu filho.
49. ( ) O possessivo sozinho, isto é, sem substantivo, usa artigo.
50. ( ) O possessivo sozinho vem antecedido de pronome demonstrativo obrigatório.
51. ( ) Quando o possessivo feminino vem acompanhado de substantivo, a crase é facultativa.
52. ( ) A crase antes de possessivo feminino só é obrigatória quando o possessivo não vem acompanhado de substantivo.
53. ( ) Refiro-me a tua irmã e não a minha.
54. ( ) Refiro-me à tua irmã e não à minha.
55. ( ) Refiro-me a tua irmã e não à minha.
56. ( ) Refiro-me a tuas irmãs.
57. ( ) Refiro-me as tuas irmãs.

Crase com antropônimos femininos (nomes de mulheres)

– Cláudia chegou. **A** Cláudia chegou. – José partiu. **O** José partiu.	Antropônimos têm artigo facultativamente, portanto a crase também é facultativa.

Prática

58. Qual a diferença semântica entre os pares de enunciados?
    a) Fiz referência a Ester. Fiz referência à Ester.
    b) Apresentou elogios a Marlene. Apresentou elogios à Marlene.
    c) Referia-se a Ernesto. Referia-se ao Ernesto.

Resp.: _____

_____

59. Se o antropônimo vier determinado por adjunto, o que acontece com o artigo? Opte por uma ou duas das respostas.
    a) É facultativo: "Refiro-me a Ernesto careca."
    b) Passa a ser usado: "Refiro-me ao Ernesto careca."
    c) Passa a ser usado: "Refiro-me à Teresa caolha."

Observação:

O antropônimo pode ficar sem artigo quando só tem predicativo:
Refiro-me a Ernesto, careca.

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

60. ( ) Quando o antropônimo se refere a amigo, parente ou pessoa muito próxima, o artigo aparece.
61. ( ) Fiz um elogio à Gabriela, minha sobrinha.

Crase em à moda (de)

Observe: Servia-se **à** francesa. Cantava **à** Caetano Veloso.
Bebia **à** siciliana. Usava roupas **à** Luis XIV.

Usa-se o acento grave, indicativo de crase, mesmo antes de masculino, quando se tem subentendida a expressão "**à moda (de)**".

Prática

■ Complete as lacunas.

62. Ele se portava ____ Napoleão.
63. Alimentava-se ____ mineira.

NÃO HÁ CRASE

Antes de substantivos masculinos, não há crase.

Refiro-me a Antônio. Vou ao Rio. Pinto a óleo.

64. Por quê? Resp.: _____

_____

Atenção:

Há sinal grave, indicativo de crase, mesmo antes de masculino quando se tem subentendida a expressão "à moda de".

Cantava à Caetano Veloso. Usava roupas à Luís XIV.

Antes de verbos, não há crase.

Estava a pensar. Estou disposto a vencer.

65. Por quê? Resp.: _____

_____

Antes de pronomes pessoais, não há crase.

Dirigi-me **a** ela, **a** ti, **a** elas.

66. Por quê? Resp.: _____

_____

Antes de pronomes de tratamento, não há crase. (Exceções: Madame, Senhora, Senhorita, Dona)

Refiro-me **a** Vossa Excelência, que faz críticas **a** Sua Santidade.

67. Por quê? Resp.: _____

_____

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

68. ( ) Refiro-me a Senhor Joaquim.
69. ( ) Refiro-me ao Senhor Joaquim.
70. ( ) Refiro-me a rapaz Joaquim.

71. ( ) Refiro-me ao rapaz Joaquim.
72. ( ) Refiro-me a cavalheiro Joaquim.
73. ( ) Refiro-me ao cavalheiro Joaquim.
74. ( ) Refiro-me a Dom Joaquim.
75. ( ) Refiro-me ao Dom Joaquim.

■ Conclua.
Havendo antecedência de preposição **a**, a crase,
76. antes de **Madame**, é _____: Dirijo-me _____ **Madame** (Fernanda).
77. antes de **Senhora**, é _____: Dirijo-me ___ **Senhora** (Josefa).
78. antes de **Senhorita**, é _____: Dirijo-me ___ **Senhorita** (Andreia).
79. antes de **Dona**, é _____: Dirijo-me ___ **Dona** Júlia.

Antes de artigos indefinidos e pronomes indefinidos, não há crase.

Prática

Referia-me a uma valsa.
Referia-me a certa valsa.
Referia-me a nenhuma valsa.
Referia-me a cada valsa.
Referia-me a nada, a qualquer, a toda, a ninguém, a alguém...

80. Por quê? Resp.: _____
_____

Expressões constituídas de substantivos repetidos normalmente não usam artigo, por isso não ocorre crase.

Prática

81. Houve receptividade de parte _____ parte.
82. Bebeu gota _____ gota o que lhe deram.
83. Estudou o livro de ponta _____ ponta.
84. Montava sua resposta de palavra _____ palavra.

Antes de pronomes demonstrativos, não se tem crase. (Exceções: aquela(s), aquele(s), aquilo)

Prática

Refiro-me a esta, a essa...

85. Por quê? Resp.: _____

_____

Se existe um **a** sem **s**, antes de plural, ele é só uma preposição. Não pode haver crase.

Prática

Refiro-me a pessoas, a mulheres, a crianças...

86. Por quê? Resp.: _____

_____

Cuidado com o **paralelismo**. Termos de mesma função têm, normalmente, mesmo tratamento.

Prática

87. Refiro-me ao Apolo e ___ Afrodite.
88. Refiro-me a Apolo e ___ Afrodite.

A expressão "**cheirar a**" normalmente não gera crase.

Prática

■ Preencha com a / ao / à.

89. Isto me cheira ___ peixe.
90. ___ sua fala cheira ___ antiguidade.

Observação final:

O acento grave, indicativo de crase, deve ser usado para evitar ambiguidade (duplo sentido).

Ela cheira à pinga (tem cheiro de pinga).
Ela cheira a pinga (sente o cheiro da pinga).

HÁ ≠ A

HÁ	➜ Verbo **haver**: **Há** sempre soluções melhores. ➜ Tempo passado: Estudo **há** três anos. ➜ Permutável por **faz**: **Há** três noites que eu não durmo...
A	➜ Tempo futuro: Voltarei daqui **a** três meses. ➜ Artigo definido: **A** vitória sempre chega. ➜ Preposição: Voltei **a** casa cedo. ➜ Pronome oblíquo: Deus **a** proteja, minha filha. ➜ Pronome demonstrativo: Guardei **a** que você me deu.

Prática

■ Preencha as lacunas com **a**, **à**, **as**, **às**.

91. Ela foi ___ feira, depois ___ modista.
92. Debatemos ___ respeito da matéria e chegamos ___ conclusão final ainda ___ tempo.
93. Ele é insensível ___ dor e propõe-se ___ assistir ___ filmes de guerra e ___ mutilações neles contidas.
94. Isto me cheira ___ velhice e ___ asneira.
95. Erigiram-se templos ___ Júpiter e ___ Minerva.
96. Não costumava ir ___ todas as festas.

■ Use o sinal indicativo de crase, conforme as regras vistas.

97. Ele ficou a conjecturar por que não bateram palmas a porta.
98. Não retornou a casa sem antes telefonar a sua mãe.
99. Não me referi a que chorava, mas a que ria.
100. Não me dirigi a este, mas aquele menino.
101. Referia-me a tua irmã e não a dele, nem a minha.
102. Voltou o filho a casa dos pais.
103. Voltou o filho a casa.
104. Ele fala a nordestina, se veste a mineira, come a baiana e canta a Gilberto Gil.
105. Eles ficaram cara a cara, frente a frente com o monstro, face a face com o perigo.
106. Aludi a minha prima e a Marília bela.
107. Escrevo a lápis e não a caneta.
108. Assistiu a aulas de violino, a tarde.
109. Voltarei a Argentina, a Itália e a Portugal.
110. As onze horas, havia ainda bebida a farta.
111. Solicito a Vossa Excelência que se mova a procura de uma solução adequada a esta situação.

112. A medida que ele se unia a Dona Inês, unia-se também a Senhorita Cláudia e a Madame Cristine.
113. Ele estava submetido a enorme depressão quando retornou a Brasília para dedicar-se a pessoas desconhecidas e as irmãs de seu pai.
114. Referia-me a Faculdade de Economia da USP, não a de Arquitetura nem a de Filosofia.

■ Preencha as lacunas com **a**, **à**, **as**, **às**, conforme necessário.

115. A sessão será das 8h _____ 10h.
116. Voltaremos _____ meia-noite.
117. O voo parte pontualmente _____ onze horas.
118. O almoço será servido de treze _____ quinze horas.
119. Só posso recebê-lo daqui _____ uma hora.

Prática Geral

120. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Assinale a frase em que o acento indicativo de crase foi empregado **incorretamente**.
    a) Ao voltar das férias, devolverei tudo à V. Sª.
    b) O candidato falou às classes trabalhadoras.
    c) Fique à espera de meus amigos.
    d) Sua maneira de falar é semelhante à de Paulo.
    e) Você só poderá ser atendido às 9 horas.

121. (PRF/N.M./ANP) Assinale a opção em que **falta** o acento de crase.
    a) O ônibus vai chegar as cinco horas.
    b) Os policiais chegarão a qualquer momento.
    c) Não sei como responder a essa pergunta.
    d) Não cheguei a nenhuma conclusão.

122. (ALCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **correta**.
    a) O ministro não se prendia à nenhuma dificuldade burocrática.
    b) O Presidente ia a pé, mas a guarda oficial ia à cavalo.
    c) Ouviu-se uma voz igual à que nos chamara anteriormente.
    d) Solicito à V. Exa. que reconheça os obstáculos que estamos enfrentando.

123. (ATCL-DF/N.S./IDR) Marque a alternativa **correta** quanto ao acento indicativo da crase.
    a) A cidade à que me refiro situa-se em plena floresta, a algumas horas de Manaus.
    b) De hoje à duas semanas estaremos longe, a muitos quilômetros daqui, a gozar nossas merecidas férias.
    c) As amostras que servirão de base a nossa pesquisa estão há muito tempo à disposição de todos.
    d) À qualquer distância percebia-se que, à falta de cuidados, a lavoura amarelecia e murchava.

124. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa que apresenta emprego **incorreto** do sinal indicativo de crase.
a) Trata-se de uma tradição há muito inserida nas práticas legislativas do País e que não deve estar condicionada à deliberação do plenário.
b) A publicação no *Diário Oficial* constitui a forma pela qual se dá ciência da promulgação da lei à sociedade.
c) O Presidente vai à sala de reuniões às oito horas dar as informações sobre o problema à todos que estiverem a espera.
d) Com respeito às questões operacionais colocadas pela necessidade de divulgação das leis, é preciso avaliar os custos de implantação de novos parques gráficos.

125. (Ag. Adm./TRT/N.M./ACCESS) O poeta aspirava ___ felicidade, mas sem ___ volta da amada ele não ___ obteria.
A alternativa que completa **corretamente** as lacunas da frase acima é:
a) à / à / a.
b) à / a / a.
c) a / à / a.
d) à / a / à.
e) à / à / à.

126. (TFC-RJ/N.S.) Marque o item que se completa de forma correta com a sequência seguinte: **Há/às**.
a) _____ algum tempo, a tecnologia revoluciona em áreas que vão da cirurgia plástica _____ armas nucleares.
b) O raio laser se revela _____ altura de um bisturi de alta precisão _____ anos.
c) _____ quem afirme que _____ áreas da medicina em que o uso do raio laser é imprescindível.
d) _____ novidade surgiu na França onde o laser está sendo usado na restauração da Catedral de Amiens, recuperando vestígios das cores aplicadas _____ sete séculos.
e) Debaixo da fuligem que conferiu um tom acinzentado _____ igreja, o laser revelou uma gama de dourados, azuis e vermelhos existentes _____ épocas da feitura de obras góticas.

(Adap. de *Veja*, 10/3/1993).

127. (AFRE-SP/N.S.) Assinale a alternativa **correta**.
Chegou _____ tempo de presenciar _____ pequena discussão entre _____ e o encarregado da limpeza.
a) à / uma / eu.
b) a / uma / mim.
c) há / a uma / mim.
d) a / a uma / eu.

128. **Não** se usa o acento grave, indicador da crase, em:
a) Fomos a Bahia no ano passado.
b) Voltamos a casa de Pedro, mas não o encontramos.
c) As vezes, meus filhos chegam tarde do colégio.
d) Todos aqui gostam de bife a milanesa.
e) Os documentos serão entregues a Vossa Excelência, em tempo hábil.

129. Usa-se acento indicativo de crase em:
   a) As frutas caem a terra quando maduras.
   b) Ele também é capaz de exercer a força de atração.
   c) A queda da maçã provocou a curiosidade de Newton.
   d) Foi o único homem a perceber a lei da gravitação universal.
   e) A não ser que alguém a passasse para outra pessoa.

130. A crase **não** é admissível em:
   a) Comprou **a** crédito.
   b) Vou **a** casa de Maria.
   c) Fui **a** Bahia.
   d) Cheguei **as** doze horas.
   e) A sentença foi favorável **a** ré.

131. Indique a alternativa em que o acento grave, indicador da crase, **não** foi empregado corretamente.
   a) Às ameaças que tantas vezes proferiu não demos a menor importância.
   b) Às vésperas da revolução, convocou às armas várias classes.
   c) Às vezes vou à repartição.
   d) A festa à que assisti ontem jamais sairá do meu pensamento.
   e) A roupa que você está usando é semelhante à que comprei.

132. Quanto ao emprego do acento grave, indicativo de crase, assinale a opção **incorreta**.
   a) Em "alusão à data", emprega-se o acento grave para indicar a fusão da preposição **a**, que rege um substantivo feminino singular, com o artigo definido, formando uma locução adverbial.
   b) Em "havia flores à sua espera sobre a mesa", o emprego do acento grave é facultativo, porque é dispensável o uso do artigo antes do pronome prossessivo com substantivo.
   c) Reescreve-se o enunciado "Engasgado, confessou-lhe que em parte nenhuma" da seguinte maneira: **Engasgado, confessou à secretária que em parte nenhuma**.
   d) Em "iria rodar por aí à noite", emprega-se o acento grave diante da locução adverbial constituída de substantivo feminino.
   e) Substitui-se o enunciado "Foram ao drinque" por **Foram às bebidas**.

Pontuação

VISÃO GERAL

Ordem direta da frase.

1	2	3		4
sujeito	verbo	objeto/predicativo		adj. adverbial
Os turistas	estavam	felizes	(,)	no metrô
Os turistas	compraram	presentes	(,)	em Brasília

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, para as declarações a seguir, com base no quadro acima e em sua experiência linguística.

1. ( ) Entre os termos das colunas 1, 2 e 3 não se usa vírgula.
2. ( ) Entre eles, podem-se usar duas ou mais vírgulas para intercalar outros termos.
3. ( ) Entre os termos das colunas 3 e 4, o uso da vírgula é facultativo.
4. ( ) Usar-se ou não a vírgula, nesse caso, não altera o sentido.
5. ( ) O uso da vírgula, nesse caso, enfatiza, ressalta a ideia expressa no termo 4.
6. ( ) O termo 4 pode colocar-se entre 1 e 2, porém entre vírgulas.
7. ( ) O termo 4 pode colocar-se entre 2 e 3, porém entre vírgulas.
8. ( ) As declarações de 1 a 7 correspondem aos parâmetros da norma culta.
9. ( ) Os jornais e a imprensa escrita, de um modo geral, seguem rigidamente tais normas.
10. ( ) A imprensa escrita, de um modo geral, economiza os sinais de pontuação que considera desnecessários ao sentido básico do texto.

VISÃO DETALHADA

USO DA VÍRGULA

Dentro de uma oração

Observe:

– Escolheram um garoto-propaganda **feio**, **atrapalhado**, **desajeitado**, **carente**.
– Meu pai era **respeitoso**, **presente** em casa, **alegre**.

Conclusão:

A vírgula separa termos de mesma função.

Prática

■ Use a vírgula onde for necessário.

11. É necessário lealdade honestidade coragem desprendimento.
12. Nós o encontramos alegre bem disposto e descansado.
13. Toda criança precisa de carinho de atenção de educação.

Observe:

– O professor, **nervoso**, chamou os alunos para uma conversa.
– **Preocupado**, o diretor convocou uma reunião.

Conclusão:

A vírgula separa os predicativos dos núcleos a que se referem.

Prática

■ Coloque as vírgulas necessárias.

14. Consciente de sua responsabilidade o advogado pediu tempo para estudar.
15. A empresa premida pelas dificuldades quase fechou as portas.
16. O ministro ainda doente voltou a despachar em seu gabinete.

Observe:

– **Na virada do século**, a operária Luíza trabalhava na fábrica têxtil Bangu.
– **Hoje**, **nos Estados Unidos**, mais da metade das mulheres trabalha.

Conclusão:

A vírgula separa o adjunto adverbial deslocado do seu lugar normal.

Prática

■ Use as vírgulas adequadamente.

17. No Primeiro Mundo boicotes costumam dar resultados.
18. A televisão na noite de sexta-feira revelou as causas do acidente.
19. Os técnicos tentaram apesar dos empecilhos explicar o raro fenômeno.

Observe:

Brasília, 23 de março de 2009.

Conclusão:

A vírgula separa, nas datas, o topônimo (nome de lugar).

Observe:

– **A mim**, tudo **me** parecia absurdo.
– **Esse dinheiro**, não voltaremos a vê-**lo**.

Conclusão:

Quando se coloca o objeto no início da oração para repeti-lo, usa-se vírgula.

Prática

■ Use corretamente as vírgulas.

20. Um caso assim é preciso estudá-lo cuidadosamente.
21. Aos turistas não lhes importa como chegarão até lá.
22. O contrato convém assiná-lo o quanto antes.

Observe:

– O caso exigia providência urgente; ela, **porém**, parecia não se importar.
– Já foi decidido o seu afastamento; não há, **portanto**, o que reclamar.

Conclusão:

Quando se desloca, do início da oração, a conjunção adversativa ou conclusiva, usam-se vírgulas.

Prática

■ Use adequadamente a vírgula.

23. O mesmo estudo porém mostra que a situação pode melhorar.
24. Essa não é contudo a prática na companhia.
25. Já vai longe o tempo da censura; direi o que quiser pois.

Observe:

– Plínio, **o filho do primeiro casamento**, decidiu que moraria com o pai.
– A verdade, **senhores eleitores**, é que a responsabilidade é sua.

Conclusão:

A vírgula separa o aposto e o vocativo do resto da oração.

Prática

■ Empregue adequada pontuação.

26. Rafael médico-gerente de laboratório criou um manual para emergências.
27. Esse empresário era casado com Heloísa uma ex-bailarina.
28. Na dúvida senhores jurados o réu deve ser favorecido.

Observe:

– Dizem que os homens decidem com o cérebro; as mulheres, com o coração.
– Alguns casos são encaminhados para os hospitais centrais; outros, para os centros de saúde.

Conclusão:

A vírgula substitui um verbo subentendido.

Prática

■ Virgule adequadamente.

29. Jaime estava feliz; Zeca tranquilo.
30. Vera compreendeu tudo; Cláudio quase tudo.
31. Sandra estava radiante; Rosa eufórica.

Observe:

– Esse caso, **por exemplo**, pode ser resolvido rapidamente.
– **Em suma**, sua função era visitar as sucursais.

Conclusão:

A vírgula separa termos ou expressões intercaladas que servem para resumir, incluir, excluir, retificar, exemplificar...

Prática

■ Virgule adequadamente.

32. Esses países inclusive o Sudão são governados por fundamentalistas.
33. Exceto você todos já sabiam das mudanças.
34. Em compensação o país tem batido recordes de crescimento econômico.

Observação:

Vírgulas para intercalação são permutáveis por parênteses ou travessões.

Preste atenção às seguintes frases, os parênteses estão substituídos por travessões (curtinhos por conta da intenção de síntese) e por vírgulas.

1ª O casal era confuso ***(ela mais do que ele), mas*** *fingia naturalidade.*
2ª O casal era confuso ***– ela mais do que ele –, mas*** *fingia naturalidade.*
*3ª O casal estava confuso****, ela mais do que ele, mas*** *fingia naturalidade.*

Atente que, nos dois primeiros exemplos, os parênteses e os travessões estão seguidos de vírgula, porque antecedem a conjunção coordenativa **mas**. No terceiro, não poderia haver duas vírgulas juntas.

Entre orações

Observe:

– Minha mãe faz curso de teatro, ouve palestras, atualiza-se.
– Houve algumas resistências, mas as colônias serão devolvidas.

Conclusão:

A vírgula separa orações coordenadas (exceto as iniciadas por *e*).

Prática

■ Virgule adequadamente.

35. Os lábios tentaram abrir-se num sorriso mas desistiram e fecharam-se.
36. Acordava tomava café lia o jornal e ia para o aeroporto.
37. Ele era metódico portanto não deixaria de telefonar.

Atenção:

Vírgula antes do e

, e

a) Quando se enfatiza o que se segue, seja termo ou oração:

Estava feliz, radiante, **e** agradecida

Ele disse com muita firmeza, **e** a convenceu.

b) Quando o **e** tem sentido de "mas":

Não estudou, **e** sabia tudo.

c) Se se repetir a conjunção **e** (polissíndeto).

Falou, **e** repetiu, **e** gritou, **e** chorou.

d) Para alguns gramáticos, se o sujeito da oração iniciada pelo **e** for diferente do da outra oração.

Ela chegou, **e** Renato fingiu não vê-la.

Vírgula antes do etc.

~~e~~ etc

"etc." é abreviatura de *et cetera*, que, em latim, significa "e o restante", expressão que começa com "e". Como não se enquadra em nenhuma das situações em que se usa vírgula antes do "e", o melhor é não usá-la.

Observe:

– Ronaldo, **que hoje tem 34 anos**, mudou muito.
– Os homens, **que são mortais**, julgam-se imortais.

Conclusão:

A vírgula separa da principal as orações subordinadas adjetivas explicativas.*

Prática

■ Use corretamente a vírgula.

38. O leite que contém cálcio é excelente alimento para as crianças que são desnutridas.
39. Meu pai que falava quatro línguas julgava-se superior às pessoas que só sabiam a língua materna.
40. Os empresários que vieram querem erguer grandes hotéis que atrairão turistas.

Atenção:

A vírgula nunca pode iniciar uma oração adjetiva restritiva (a que está sublinhada no exemplo seguinte), mas pode separar essa oração da que lhe vem após, mesmo quando separa o sujeito (As) do seu verbo (acabam percebendo).

1. As <u>que deixam de respeitar seus semelhantes por quaisquer supostas razões</u>, acabam percebendo que não o deveriam ter feito.
2. Os participantes <u>que ontem à noite nos procuraram</u>, voltaram hoje.

Explica-se essa possibilidade nos exemplos 1 e 2 quer pela extensão da restritiva quer pela opção por uma pausa respiratória. No exemplo 2, alega-se também a separação dos dois verbos vizinhos, pertencentes cada um a uma oração distinta.

Observe:

– **<u>Se</u> não houver empenho de todos**, não se encontrará uma solução.
– **<u>Quando</u> a editora estiver publicando tais trabalhos**, eu aplaudirei.

Conclusão:

A vírgula separa orações subordinadas adverbiais que antecedem a oração principal.

Prática

■ Virgule corretamente.

41. Para usufruir de todas as vantagens os turistas se dispõem a pagar mais.
42. Examinando-se a disputa atual nas capitais a proposta parece vir a calhar.
43. Confirmadas as informações divulgadas pelos jornalistas o jogador teve de desdizer-se.

* *Vide*, em *Análise Sintática Visual*, Período: Orações subordinadas adjetivas.

Observe:

– A democracia, **embora ainda seja imperfeita**, é o melhor sistema de governo.
– A mulher, **se for preciso**, dobra sua jornada de trabalho.

Conclusão:

A vírgula separa orações intercaladas.

Prática

■ Use adequadamente a vírgula.

44. O projeto apesar de merecer alguns reparos parece melhorar a vida do contribuinte.
45. Qualquer pessoa conforme se divulgou na imprensa terá acesso às informações sobre andamento de processos.
46. Nós para garantir nossos direitos contamos com a Justiça.

DOIS-PONTOS

(Pausa pouco maior que a vírgula, indicando frase inconclusa)

Usam-se dois-pontos para:

a. **introduzir uma fala, uma citação:**

A manchete estampava (:) "A mosca morreu!"

b. **anunciar uma enumeração**:

São três os suspeitos (:) o papagaio, a minhoca e o sapo.

c. **anunciar um esclarecimento ou explicação**:

Ele é impaciente (:) não sabe ouvir.

d. **introduzir exemplo(s)**:

...um monossílabo tônico (:) pé.

Prática

■ Com base nas ideias do quadro, assinale **a**, **b**, **c** ou **d** para as afirmações seguintes.

47. ( ) As palavras de origem grega, terminadas em **ma**, são masculinas: o teorema, o drama, o anátema...
48. ( ) De vez em quando, vinha-nos um pressentimento: o velho carpinteiro não estava morto, escondera-se de nós.
49. ( ) Compareceram todos: seu Lucas, padre Abílio, mestre Caetano...
50. ( ) O *maitre* recomendou: "Sirvam gelado".

PONTO E VÍRGULA

Usa-se ponto e vírgula para:

a. **separar orações que tenham vírgula(s) em seu interior**:

Ela agia correto ; ele, errado.

b. **separar itens de uma enumeração**:

O numeral pode:
indicar uma quantidade ;
denotar posição numa sequência ;
determinar número de vezes ;
indicar parte(s) de unidade.

c. **para enfatizar ideias adversativas ou conclusivas**:

Sofreu, mas não chorou. Estudou, portanto mereceu.
Sofreu ; mas não chorou. Estudou ; portanto mereceu.

Prática

■ Com base nas informações do quadro, assinale **a**, **b** ou **c** para as frases seguintes.

51. ( ) Ficamos atentos, esperando que ele viesse; mas ninguém veio.
52. ( ) Os erros eram pequenos, escassos; poderiam, portanto, ser relevados.
53. ( ) A cidade adormecia; a lua suave passeava lentamente; os grilos a festejavam; os sapos cadenciavam seus ritmos...

RETICÊNCIAS

São usadas as reticências para:

a. **indicar suspensão de uma ideia**:

"Ele e eu estávamos indo ... Mas, me diga primeiro, como você chegou até aqui?"

b. **denotar interrupção ou interrupções de fala para conotar hesitação, timidez**:

"É verdade que ... que estava ... estava lá, sim."

c. **denotar interferência da fala de um personagem na de outro**:

"– Mariana me disse ...
– Deixa isso p'ra lá!"

d. **realçar a expressão que se lhe segue**:

"Ela é uma grande ... cilada!"

e. **suprimir trechos de uma citação**:

"Ouviram do Ipiranga ... retumbante."

Nesse caso, usam-se também as reticências entre parênteses:

"Ouviram do Ipiranga (...) retumbante."

Prática

■ Com base no quadro das reticências, assinale a letra que mais se aproxima dos exemplos seguintes.

54. ( ) "As armas e os barões... espalharei por toda a parte." (Camões)
55. ( ) Eu quero... que você... que você se case comigo.
56. ( ) Teresa disse que ... Deixa p'ra lá: não interessa o que ela tenha dito.
57. ( ) Eu acho que você ficou... maluquinha por ele.
58. ( ) É... – adivinhe! – a sua melhor amiga.
59. ( ) – Você gosta dela ou...
– Gosto, com certeza.

TRAVESSÃO, ASPAS DUPLAS E ASPAS SIMPLES

Com base nos exemplos I, II e III, responda **C** ou **E** para as afirmações seguintes:

I – "Eu sofria já o começo de velhice – esta vida era só o demoramento." (J. Guimarães Rosa)

II – "Achei especial o jeito de João Concliz vir, ansiado cauteloso. Ação em que qualquer um anda – nessas semelhantes ocasiões – só encostado nas paredes – 'Você fica aqui, mais você, e você... Você dessa banda... Você ali, você aí acolá...' – arrumação ele ordenava." (J. Guimarães Rosa)

III – "Seu peito, ela recordava,
era branco, firme, polido – um marfim." (Cecília Meireles)

60. ( ) Em I, o travessão está usado em lugar de uma vírgula e introduz uma explicação.
61. ( ) Em II, o primeiro travessão serve para introduzir fala de personagem.
62. ( ) Em II, os dois primeiros travessões servem para destacar a expressão "nessas semelhantes ocasiões".
63. ( ) Em II, o terceiro travessão serve para introduzir fala de personagem.
64. ( ) Em II, ocorre o uso de aspas duplas e simples.
65. ( ) É indiferente o uso de aspas duplas ou simples. Podem-se usar umas ou outras indiferentemente.
66. ( ) Em II, as aspas duplas são usadas, como em I e III, para reproduzir fala de personagens.
67. ( ) Em II, usam-se as aspas simples para reproduzir a fala de um personagem.
68. ( ) Em II, se não houvesse as aspas duplas no início e no fim do texto, não se usariam as aspas simples.
69. ( ) Conclusão: aspas simples se usam dentro de aspas duplas.
70. ( ) Em III, o travessão está introduzindo um resumo das ideias anteriores.
71. ( ) Esse travessão poderia, sem mudança de significado, ser substituído por reticências.
72. ( ) Esse travessão poderia ser substituído por dois-pontos ou reticências.

Prática Geral

Instruções para as questões de números 73 a 76.

Os períodos abaixo apresentam diferenças de pontuação. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta.

73. a) Mas a raiva voltou, e ele teve vontade de devolver o incômodo presente.
    b) Mas, a raiva voltou e ele, teve vontade de devolver o incômodo presente.
    c) Mas a raiva voltou e, ele teve vontade de devolver o incômodo presente.
    d) Mas a raiva, voltou e ele teve, vontade de devolver o incômodo presente.
    e) Mas, a raiva voltou, e ele teve vontade, de devolver o incômodo presente.

74. a) Não sei do que você, está falando, deixe-me pois em paz.
    b) Não sei do que, você está falando: deixe-me, pois em paz.
    c) Não sei do que, você está falando; deixe-me pois, em paz.
    d) Não sei do que você está falando; deixe-me, pois, em paz.
    e) Não sei, do que você está falando, deixe-me pois, em paz.

75. a) As dúvidas, porém, permaneciam as mesmas, por mais que se tentasse esclarecê-las.
    b) As dúvidas porém, permaneciam as mesmas por mais que se tentasse esclarecê-las.

c) As dúvidas, porém permaneciam as mesmas por mais, que se tentasse esclarecê-las.
d) As dúvidas porém permaneciam, as mesmas, por mais que se tentasse esclarecê-las.
e) As dúvidas porém permaneciam as mesmas por mais que se tentasse esclarecê-las.

76. a) O velho professor vivia à parte com ar tristonho sempre, de livro na mão imerso na leitura.
b) O velho professor vivia, à parte com ar tristonho sempre, de livro, na mão, imerso na leitura.
c) O velho professor vivia à parte, com ar tristonho, sempre de livro na mão, imerso na leitura.
d) O velho professor vivia à parte com ar tristonho sempre de livro, na mão, imerso na leitura.
e) O velho, professor, vivia, à parte com ar tristonho, sempre de livro na mão imerso, na leitura.

77. Qual das sequências abaixo jamais admitirá, de acordo com as nossas gramáticas, o emprego de duas vírgulas?
a) O irmão meu que estava doente não chegou na hora.
b) Mesmo que tu chegues atrasado José não deixes de trazer as revistas que te emprestei sábado último.
c) A mulher se divide em quatro partes cabeça tronco membros e espelho.
d) Jamais lhe poderei dizer que isto se passou na casa de uma das mais tradicionais famílias da região os Mesquitas.
e) A muito custo após algumas horas disseram que não haviam chegado os impressos para formalizar a petição.

78. Dadas as afirmações:
I – Em "José, por não concordar com as ordens do chefe, retirou-se.", a supressão de uma das vírgulas constituirá erro, pois virá quebrar a concatenação da oração, por separar o sujeito do predicado.
II – Em "Disse ele muitas coisas e mais coisas teria dito se não fosse a carência de tempo.", é necessária a vírgula antes da conjunção aditiva para separar complementos de verbos diferentes.
III – Usa-se o ponto e vírgula para separar as partes principais de uma frase, sobretudo se longas, nas quais já existam elementos virgulados.
deduzimos que, de acordo com as normas de pontuação, pode(m) estar correta(s)
a) todas.
b) apenas a I.
c) apenas a II.
d) apenas a III.
e) apenas a I e III.

79. Assinale a opção cujos sinais, indicados entre parênteses, não permitem pontuação correta para as frases abaixo.
a) Se a felicidade é proporcional à renda é irrespondível a causa das máquinas se não a questão toda precisa ser examinada. (2 vírgulas e 1 ponto e vírgula)
b) "O mau médico encarece a enfermidade e não lhe dá remédio o mau conselheiro exagera os inconvenientes e não dá meio com que os melhorar." (3 vírgulas e 1 ponto e vírgula)
c) "O beijo das mulheres sérias é frio faz a gente espirrar o das mulheres ardentes gasta-nos os lábios... e o dinheiro." (1 dois-pontos e 1 ponto e vírgula)
d) Chamava-se Isolina a amiga que a consolava Piedade. (1 vírgula e 1 ponto e vírgula)
e) "Depois dos pais que recebem o nosso primeiro grito o solo pátrio recebe os nossos primeiros passos é um duplo receber que é duplo dar." (3 vírgulas e 1 dois-pontos)

80. Observe as frases abaixo quanto à pontuação. Quais as certas?
I – Muito estimado, como pássaro de gaiola dá o pintassilgo, quando cruzado, com o canário-do-reino, um híbrido chamado pintagol.
II – Muito estimado como pássaro de gaiola, dá o pintassilgo, quando cruzado com o canário-do-reino, um híbrido chamado pintagol.
III – Nas minas, no final do século XVIII, viviam-se momentos de insatisfação – a lembrança de um passado perdido –, que propiciaram novas atitudes e novos laços de solidariedade entre os homens.
IV – Nas minas – no final do século XVIII – viviam-se momentos de insatisfação: a lembrança de um passado perdido, que propiciaram novas atitudes e novos laços de solidariedade entre os homens.
V – Pênalti, ou penalidade máxima no futebol, é a falta máxima, dentro da grande área cometida por jogador que defende, que é punida, com um tiro direto – sem barreira, a onze metros do gol.
a) I, IV, V.
b) II, III.
c) II, IV, V.
d) I, III, V.
e) II, IV.

81. Dadas as sentenças:
I – O álbum que comprei contém mais de mil ilustrações.
II – Meu irmão comprou: uma casa, uma geladeira, uma televisão em cores e um gravador; por isso, está com dívidas.
III – É fácil destruir, difícil é construir mesmo que, para isso, tenhamos que nos sacrificar.
verificamos que está (estão) devidamente pontuada(s)
a) apenas a sentença I.
b) apenas a sentença II.
c) apenas a sentença III.
d) apenas as sentenças I e II.
e) todas as sentenças.

82. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Assinale a frase **correta** quanto à pontuação.
a) O parágrafo único do artigo 37, também trata da isenção do imposto em caso semelhante ao estudado.
b) A mãe do soldado implorara piedade, confidenciou-me o tenente; o general porém, mandou executar a sentença.
c) Eu para não ser indiscreto, retirei-me calmamente da sala, quando percebi que o assunto era confidencial.
d) Embora o doente não corresse mais perigo, os médicos resolveram mantê-lo em observação durante doze horas.
e) É alentador, o que os indicadores econômicos demonstram: uma retomada do desenvolvimento em São Paulo, o maior parque industrial brasileiro.

83. (ITA/Vest.) Assinale a opção em que, retirando-se a vírgula ou mudando-se a sua posição, **não** se obtém alteração de sentido.
a) Isso também pesa aos brasileiros, que têm carro a álcool.
b) Pediu que contemplássemos a bela visão, da ampla janela.
c) Mariana foi, logo Mário não pôde ir.
d) Como precisava de ajuda, procurou Maria, sua melhor amiga.
e) Obtivemos, em julho, os passaportes; só em dezembro, porém, é que viajamos.

84. (BRB/N.M./IDR) O cronista desprezou algumas prescrições sobre pontuação da norma culta da língua. Assinale a alternativa em que o trecho reescrito atende a tais regras.
a) Estou certo de que no futuro dentro de uns 500 anos, quando os atuais países desaparecerem do mapa, os universitários estudando civilizações pré-históricas, do século XX, ao serem chamados a falar, sobre o povo brasileiro perguntarão:
b) Estou certo de que, no futuro, dentro de uns 500 anos, quando os atuais países desaparecerem do mapa; os universitários, estudando civilizações pré-históricas do século XX, ao serem chamados a falar sobre o povo brasileiro perguntarão:
c) Estou certo de que, no futuro, dentro de uns 500 anos, quando os atuais países desaparecerem do mapa, os universitários, estudando civilizações pré-históricas do século XX, ao serem chamados a falar sobre o povo brasileiro, perguntarão:
d) Estou certo, de que no futuro – dentro de uns 500 anos – quando os atuais países desaparecerem do mapa, os universitários estudando civilizações pré-históricas do século XX, ao serem chamados a falar sobre o povo brasileiro, perguntarão:

85. (ALCL-DF/N.S./IDR) Marque o período no qual a supressão das vírgulas **não** acarreta modificação de sentido.
a) As discussões prolongaram-se por dias, para que todos pudessem dar sua opinião.
b) A emenda de alteração da Constituição, combatida pelos presidencialistas, ainda não foi a voto.
c) Os entendimentos desenrolaram-se bem, como se previa.
d) A convenção ocorre num momento particularmente difícil para os partidos, que entraram em crise existencial.

O texto abaixo foi transcrito com algum erro. Leia-o atentamente.

A universidade aberta pode ser implantada paulatinamente sem grandes investimentos fixos e já com capacidade para atender grandes públicos, simultaneamente no Distrito Federal e Entorno. Ao mesmo tempo, volta-se para atender a um público fundamental que, ao longo da história foi excluído dos níveis superiores de ensino – os trabalhadores e as camadas populares.

O projeto que ora apresentamos à Câmara Legislativa não tem a intensão de definir a estrutura da universidade. Entendemos que cabe ao GDF criar uma comissão de especialistas, com representantes de todos os segmentos da sociedade, para formular a proposta de estrutura e o programa-piloto da Instituição, no prazo de 120 dias após a publicação da lei. O GDF é quem reúne as melhores condições técnicas para coordenar a implantação de um projeto de tão grande envergadura.

(Deputado Carlos Alberto)

86. (ATCL-DF/N.S./IDR) Quanto às regras de pontuação, existe **erro** na linha
a) 3. b) 4. c) 9. d) 11.

87. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale o período **correto** quanto à pontuação.
a) O Poder Legislativo, na fase atual do processo democrático em marcha no País tende a se firmar, cada vez mais, na consciência da sociedade brasileira, segundo o presidente da Câmara Legislativa do DF.
b) O Poder Legislativo, na fase atual do processo democrático em marcha no País, tende a se firmar, cada vez mais, na consciência da sociedade brasileira, segundo o presidente da Câmara Legislativa do DF.
c) O Poder Legislativo na fase atual do processo democrático em marcha no País, tende a se firmar cada vez mais na consciência da sociedade brasileira, segundo o presidente da Câmara Legislativa do DF.
d) O Poder Legislativo, na fase atual do processo democrático em marcha no País, tende a se firmar, cada vez mais, na consciência da sociedade brasileira, segundo, o presidente da Câmara Legislativa do DF.

88. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale o período **correto** quanto à pontuação.
a) Nenhum brasileiro será extraditado, salvo o naturalizado, em caso de crime comum, praticado antes da naturalização, ou de comprovado envolvimento em tráfico ilícito de entorpecentes e drogas afins, na forma da lei.
b) Todos têm direito de receber dos órgãos públicos informações de seu interesse particular, ou de interesse coletivo ou geral, que serão prestadas no prazo da lei, sob pena de responsabilidade, ressalvadas aquelas, cujo sigilo, seja imprescindível à segurança da sociedade e do Estado.
c) São direitos sociais; a educação, a saúde, o trabalho, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados.

d) Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e estrangeiros residentes no País, a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade.

89. (ATCL-DF/N.S./IDR) A eliminação da vírgula em três das frases abaixo é possível, mas acarretaria alteração de seu sentido.
Assinale a alternativa em que essa eliminação **não** é possível, por tornar ilógica a frase.
a) A mesa, que está no meio da sala, é vermelha.
b) Dedico este livro aos estudantes de minha terra, que não se contentam com superficialidades.
c) Sorte foi ter-se quebrado meu braço esquerdo, que menos falta me faz que o direito.
d) O governador mandou suspender o pagamento dos funcionários, que estavam em greve desde maio.

90. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale o período **incorreto** quanto à pontuação.
a) O tempo de serviço público federal, estadual ou municipal será computado integralmente para os efeitos de aposentadoria e disponibilidade.
b) O tempo de serviço público federal, estadual ou municipal, será computado integralmente para os efeitos de aposentadoria e disponibilidade.
c) O tempo de serviço público federal, estadual ou municipal será computado, integralmente, para os efeitos de aposentadoria e disponibilidade.
d) O tempo de serviço público federal, estadual ou municipal será computado integralmente, para os efeitos de aposentadoria e disponibilidade.

91. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa em que a pontuação está **correta**.
a) Não se justifica que o ilustre Autor, querendo valorizar a nobre missão de ensinar, atribua aos professores um salário mínimo profissional de tão pouca expressão.
b) Não se justifica, que o ilustre Autor, querendo valorizar a nobre missão de ensinar; atribua aos professores um salário mínimo profissional, de tão pouca expressão.
c) Não se justifica que, o ilustre Autor, querendo valorizar: a nobre missão de ensinar, atribua aos professores um salário mínimo profissional de tão pouca expressão.
d) Não se justifica que o ilustre Autor querendo, valorizar a nobre missão de ensinar atribua, aos professores, um salário mínimo profissional, de tão pouca expressão.

92. (TFC-RJ/N.S.) Assinale a opção cujo período apresenta pontuação **correta**.
a) O Vice-Presidente da República, além de outras atribuições que lhe forem conferidas por lei complementar, auxiliará o Presidente sempre que, por ele convocado, para missões especiais.
b) O Vice-Presidente da República, além de outras atribuições, que lhe forem conferidas, por lei complementar, auxiliará o Presidente sempre que por ele convocado para missões especiais.

c) O Vice-Presidente da República, além de outras atribuições que lhe forem conferidas, por lei complementar auxiliará o Presidente, sempre que por ele convocado, para missões especiais.
d) O Vice-Presidente da República, além de outras atribuições, que lhe forem conferidas por lei complementar, auxiliará o Presidente sempre que, por ele convocado, para missões especiais.
e) O Vice-Presidente da República, além de outras atribuições que lhe forem conferidas por lei complementar, auxiliará o Presidente, sempre que por ele convocado para missões especiais.

93. (TFC-RJ/N.S.) Assinale o período **corretamente** pontuado.
a) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis, que, num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.
b) Os carros modernos, são feitos com chapas bastante flexíveis que, num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.
c) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis, que num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.
d) Os carros modernos são feitos, com chapas bastante flexíveis, que, num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.
e) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis que num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.

94. (Ag. Fc. Rend.-SP/N.S.) Assinale a letra correspondente ao período de pontuação **certa**.
a) Acredito que ele não venha; se, entretanto, vier, não o insulte.
b) Acredito que ele não venha; se, entretanto vier não o insulte.
c) Acredito que, ele não venha se, entretanto, vier não o insulte.
d) Acredito que ele não venha, se entretanto, vier não o insulte.

95. (AFRE-SP/N.S.) Assinale a letra correspondente ao período de pontuação **certa**.
a) Ao ser testada a nova rotina revelou-se, inócua, para provocar o desejado aumento, de produtividade.
b) Ao ser testada, a nova rotina, revelou-se inócua para provocar, o desejado aumento de produtividade.
c) Ao ser testada a nova rotina, revelou-se inócua para provocar, o desejado aumento de produtividade.
d) Ao ser testada, a nova rotina revelou-se inócua para provocar o desejado aumento de produtividade.

96. Assinale a frase **errada** quanto à pontuação.
a) A cigarra morre de frio e de fome no inverno.
b) César, chegou, viu e venceu.

c) A cigarra, símbolo da ociosidade, morre de frio e de fome no inverno.
d) Estudamos Português, Francês e Inglês.
e) Mocidade ociosa, velhice vergonhosa.

97. Assinale a opção em que o emprego da vírgula se justifica pela mesma regra que se aplica a "**Era dia de seu aniversário, e a esposa nem sequer o abraçara (...)**"
a) "Passada a surpresa, sentiu-se ainda mais borocochô: (...)"
b) "(...) tinha palavras amáveis, e o ditado da correspondência foi entremeado de suaves brincadeiras da parte dela."
c) "Engasgado, confessou-lhe que em parte nenhuma."
d) "Conteve-se, no prazer ansioso da espera."
e) "Saiu bem mais jovem do bar, e pegou-lhe do braço."

98. (FGV) "Mas a correlação de forças não lhes permite ir mais longe, e essa paralisia favorece o retorno dos acordos bilaterais ou regionais."
No trecho acima, utilizou-se corretamente a vírgula antes do E. Assinale a alternativa em que isso **não** tenha ocorrido.
a) A sentença foi prolatada, e as partes foram intimadas.
b) Os manifestantes desejavam falar com o juiz; chegaram à porta do tribunal e não entraram.
c) Fiz, e faria novamente tudo igual para ser aprovado no concurso.
d) Leio, e releio, e estudo, e me concentro: todos os esforços são poucos.
e) O procurador assinou o documento, e o advogado ficou satisfeito.

99. (Cespe – adaptado) Não se podendo repetir a relação sujeito-objeto, é forçoso afirmar que seria impossível a reprodução exata de qualquer situação de pesquisa, o que ressalta a importância da descrição do fenômeno e o caráter vivo dos postulados teóricos.
Com referência ao texto acima, julgue o item subsequente.
( ) Logo após "pesquisa", estaria gramaticalmente correto e coerente com o desenvolvimento das ideias do texto o emprego do travessão simples no lugar da vírgula.

100. (Cesgranrio) Qual o trecho cuja pontuação está correta?
a) Os monitores mais antigos contêm várias substâncias, como chumbo, bório e fósforo que podem provocar doenças.
b) Os monitores mais antigos contêm várias substâncias; como: chumbo, bório e fósforo, que podem provocar doenças.
c) Os monitores mais antigos contêm várias substâncias (como chumbo, bório e fósforo) que podem provocar doenças.
d) Os monitores mais antigos contêm várias substâncias, como chumbo, bório e fósforo; que podem provocar doenças.
e) Os monitores mais antigos, contêm várias substâncias – como chumbo, bório e fósforo – que podem provocar doenças.

Gabarito

Em verde: ortografia nova; em azul: ortografia antiga; em laranja: não houve alteração

I FONOLOGIA, DIVISÃO SILÁBICA E TRANSLINEAÇÃO

A	kõ	kis	ta	do	su	se	so	é	kes	tão	di	võ	ta	di
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15

1. m ã i
2. P ã u
3. m ã u
4. P a u
5. P a i s
6. P a i s
7. E
8. E
9. C
10. C
11. C
12. C
13. E
14. E
15. C
16. C
17. C
18. i – ĩ
19. ô – õ
20. ê – ẽ
21. u – ũ
22. a – ã
23. ê – é
24. ô – ó
25. c a i
26. c a i
27. l o u r o
28. l u a
29. C
30. C
31. C
32. E
33. C
34. C
35. E
36. b õ d e
37. b õ r o
38. M a r t e
39. n o r t e
40. E
41. C
42. E
43. C
44. C
45. C
46. E l a p a ss o u b ã i o v e s t i d o
47. C
48. E
49. C
50. E
51. C
52. E
53. C
54. C
55. C
56. c – e-gíp-cio, subs-tan-ti-vo
57. b – de-si-lu-são
58. c – per-cep-ção, in-ters-tí-cio
59. d
60. a
61. e
62. a
63. e
64. c – sub-tra-ir
65. d
66. c
67. c
68. c – u-ru-guai-o, sub-li-nhar ou su-bli-nhar
69. b
70. a
71. d
72. a – po-e-ti-sa

73. E
74. E
75. C
76. E – porque não se deve deixar vogal isolada sozinha numa linha; e não se devem separar os nomes próprios personativos.
77. C
78. E (puta)
79. E (nomes de pessoas)
80. E (vogal isolada)

2 ESTRUTURA E FORMAÇÃO DE PALAVRAS

1. C
2. E
3. C
4. C
5. C
6. C
7. E
8. C
9. C
10. C
11. E
12. C
13. E
14. C
15. C
16. C
17. C
18. E
19. E
20. C
21. C
22. C
23. E
24. C
25. C
26. C
27. E
28. C
29. E
30. C
31. C
32. C
33. E
34. C
35. C
36. E
37. E
38. C
39. C
40. C
41. C
42. C
43. C
44. C
45. C
46. C
47. E
48. C
49. C
50. E
51. C
52. C
53. C
54. C
55. E
56. E
57. C
58. E
59. C
60. C
61. E
62. C
63. E
64. C
65. E
66. C
67. E
68. C
69. C
70. E
71. C
72. C
73. E
74. E
75. C
76. E (*bíblion* = livro)

3 ORTOGRAFIA

Alfabeto (norma nova)

1. C
2. C
3. C
4. C
5. C
6. C
7. C
8. C
9. C
10. C

Uso das Letras

11. francês
12. japonesa
13. cortês
14. burguês
15. montanhês
16. camponesa
17. baronesa
18. princesa
19. consulesa
20. papisa
21. poetisa

22. profetisa
23. catequese
24. anáfase
25. hemoptise
26. meiose
27. hidrólise
28. simbiose
29. neurose
30. psicose
31. síntese
32. balizar
33. revezar
34. atraso
35. envasar
36. profetizar
37. civilizar
38. concretizar
39. anarquizar
40. dramatizar
41. banalizar
42. quis, quisesse
43. pôs, pusesse, puser
44. traz
45. diz
46. fiz, fizesse, fizer
47. cozi
48. causa
49. gêiser
50. maisena
51. náusea
52. Sousa
53. pousar
54. apreensão
55. pretensão
56. aspersão
57. imersão
58. inversão
59. diversão
60. aridez
61. aspereza
62. avareza
63. clareza
64. cupidez
65. estupidez
66. cessão
67. acesso
68. excesso
69. progresso
70. regresso
71. impressão
72. opressão
73. depressão
74. omissão
75. demissão
76. permissão
77. assilábico
78. assossegar
79. ressurgir
80. pressupor
81. sobressair
82. dessemelhante
83. atencioso
84. projeção
85. exceção
86. isenção
87. distinção
88. ereção
89. caução
90. louça
91. beiço
92. arcabouço
93. coice
94. feição
95. açafrão
96. açucena
97. almaço
98. paçoca
99. caçanje
100. açaí
101. faixa
102. ameixa
103. madeixa
104. trouxa
105. baixo
106. peixe
107. mexicano
108. mexilhão
109. mexerico
110. enxaguar
111. enxergão
112. enxerido
113. enxurrada
114. enxuto
115. almoxarife
116. oxalá
117. xadrez
118. caxambu
119. muxoxo
120. xavante
121. aragem
122. fuligem
123. malandragem
124. ferrugem
125. selvagem
126. penugem
127. adágio
128. estágio
129. plágio
130. egrégio
131. relógio
132. refúgio
133. Jê
134. jenipapo
135. jerimum
136. jirau
137. alforje
138. caçanje

Uso do Hífen *(norma antiga)*

139. bebida
140. nunca morta
141. sócio que não gasta
142. flor
143. flor
144. social e econômico
145 a 150. com hífen
151 e 152. com hífen
153. Manhuaçu
154. Mojiguaçu

155. altar-mor
156. capim-mirim
157. Manhumirim
158. Mojimirim
159. aquém-fronteiras
160. aquém-mar
161. além-túmulo
162. além-mar
163. recém-vindo
164. pró-leite
165. propor
166. pró-educação
167. prorrogar
168. pré-natal
169. pré-escola
170. pretender
171. pós-operatório
172. pospor
173. sem-vergonha
174. sem-terra
175. bem-querer/benquerer
176. bem-educado
177. bem-falante
178. soto-governador
179. vice-governador
180. vizo-governador
181. nuper-vindo
182. ex-amante
183. co-seno/cosseno
184. co-autor
185. pára-lama
186. pára-choque
187. grão-vizir
188. grã-cruz
189. bel-prazer
190. autoconfiante
191. autodefesa
192. auto-avaliação
193. auto-reconhecimento
194. contradizer
195. contra-indicar
196. contra-regra
197. extra-regimental
198. extraordinário
199. intra-hepático
200. infravermelho
201. infra-som
202. neoclássico
203. neo-simbólico
204. proto-histórico
205. pseudo-etimologia
206. pseudo-sábio
207. pseudociência
208. semi-árido
209. semidesértico
210. supra-renal
211. suprapartidário
212. ultra-humano
213. ultracorreto
214. antediluviano
215. ante-rosto
216. ante-sala
217. anti-herói
218. antidemocrata
219. anti-social
220. arquimilionário
221. arqui-secular
222. sobre-humano
223. sobressalente
224. sobressair ou sobre-sair (VOLP)
225. sobressaltar ou sobre-saltar (VOLP)
226. sobressaltear ou sobre-saltear
227. super-homem
228. super-humano
229. super-resistente
230. inter-resistente
231. superativo
232. superdotado
233. hiper-hedônico
234. hiper-hidrose
235. hiper-rugoso
236. hiper-rancoroso
237. circum-ambiente
238. circum-hospitalar
239. circunavegar
240. pan-hispânico
241. pan-americano
242. mal-humorado
243. mal-agradecido
244. mal-ajambrado/ malajambrado
245. pan-harmônico/ panarmônico
246. pan-africano
247. ad-referendar
248. ad-digital
249. ad-rogar
250. sub-raça
251. sub-região
252. sub-rogar
253. sub-base
254. sub-borato
255. subentender
256. subsecretário
257. sub-hepático/subepático
258. subárea
259. sub-humano/subumano
260. suboficial
261. ab-reação
262. ab-rogar
263. ob-rogar
264. ob-reptício
265. sob-roda
266. sob-rojar
267. abrupção/ab-rupcão
268. abrupto/ab-rupto
269. abruptela/ab-ruptela/
270. abruptipenado/ ab-ruptipenado
271. agridoce
272. ambidestro
273. audiovisual
274. auriverde
275. bissexual
276. homossexual
277. heterossexual
278. ortomolecular
279. minimercado
280. monofásico

281. odontopediatra
282. plurianual
283. poliesportivo
284. isotérmico
285. neurocirurgião
286. televendas
287. monomotorizado

Uso do hífen *(norma nova)*

288. luso-americano
289. afrodescendente
290. teutomania
291. teuto-germânico
292. eurocanal
293. euro-asiático
294. lusofonia
295. luso-moçambiquense
296. franco-angolano
297. francomaçonaria
298. ...devem ter hífen (segundo Evanildo Bechara, *Nova Ortografia*, pág. 91) e, por analogia, os iniciados por **gira**.
299. gira-mundo
300. gira-discos
301. girassol
302. para-brisa(s)
303. para-lama(s)
304. para-choque(s)
305. manda-tudo
306. manda-brasa
307. busca-pé
308. pontapé
309. mandachuva
310. guarda-chuva
311. madrepérola
312. madre-caprina
313. Abre-Campo
314. Rio de Janeiro
315. Quebra-Frasco
316. Todos-os-Santos
317. Três Rios
318. Entre-os-Rios
319. Trás-os-Montes
320. Trinca-Fortes
321. Pendura-Saia
322. Timor-Leste
323. Santa Cruz
324. Guiné-Bissau
325. América do Sul
326. Nova Guiné
327. sul-rio-grandense, rio-grandense-do-sul
328. norte-americano, americano-do-norte
329. porto-alegrense
330. belo-horizontino
331. cruzeirense-do-sul, sul-cruzeirense
332. indo-chinês
333. indochinês
334. centro-africano
335. centroafricano
336. E
337. C
338. C
339. pé de pato
340. baba de moça
341. papo de anjo
342. ponta de lança
343. Florianópolis-Curitiba-Uberlândia-Brasília
344. Brasil-Argentina-Paraguai
345. bálsamo-coral
346. bálsamo-de-cheiro
347. bico-de-papagaio
348. correto
349. bem-me-quer
350. malmequer
351. mata-pasto
352. mata-borrão
353. não-me-toques
354. correto
355. bola-de-neve
356. correto
357. copo-de-leite
358. correto
359. coerdeiro
360. deserdar
361. anti-humano
362. pré-história
363. contra-harmônico
364. inarmônico
365. desarmonia
366. super-harmonia
367. coabitar
368. desabitar
369. anistórico
370. anepático
371. a-histórico
372. anidro
373. eletro-higrometria
374. geo-história
375. inabilidoso
376. ultra-habilidoso
377. coabilidade
378. arqui-hipérbole
379. reaver
380. reouvera
381. reumanizar
382. reidratar
383. re, co, des, in, an
384. supra-auricular
385. contra-atestar
386. reeducação
387. cooperação
388. anti-ibérico
389. arqui-irmão
390. preexistir
391. auto-observação
392. micro-onda
393. semi-inconstante
394. ree, pree, coo, proo
395. circum-navegar
396. pan-hemisférico
397. circum-adjacência
398. circunvagar
399. pan-mágico
400. pan-americano
401. pampsiquismo

402. pan-nigeriano
403. pambrasileiro
404. circunvolução
405. circunlóquio
406. pan-harmônico
407. vogal, m, n
408. hiper-requinte
409. super-revista
410. sub-bloco
411. sub-bosque
412. sub-reitor
413. addsoniano (de addson)
414. pref. ab-rupto
415. adrenalina
416. adrenalite
417. adrenal, ad-renal
418. sub-rogar
419. sub-resfriar
420. abrupto (ou ab-rupto), adrenal (ou ad-renal), adrenalina, adrenalite
421. além-mar
422. aquém-divisa
423. além-pireneus
424. recém-casado
425. recém-nascido
426. sem-cerimônia
427. sem-vergonha
428. sem-número
429. bem-aventurado
430. bem-criado
431. benquerer, benfazer e derivados: benquisto, benquerença, benfeito, benfeitor; topônimos e derivados: Benfica, benfiquense, Bembom, bembonense, Bemposto, bempostano...
432. ex-padre
433. exportar
434. ex-presidente
435. expatriar
436. soto-piloto
437. sota-piloto
438. vizo-monarca
439. vice-presidente
440. pré-natal
441. pós-parto
442. pospor
443. pós-textual
444. postergar
445. pró-europeu
446. propor
447. pró-soviético
448. pré-gravação
449. pré-embrião ou preembrião
450. preeleger
451. pré-esclerose
452. preesclerótico/pré-esclerótico
453. preexistir
454. pré-eleição/preeleição
455. pré-eleito/preeleito
456. pré-eleitoral
457. pré-embrionário
458. pré-embrião/preembrião, mas só pré-embrionário; só pré-esclerose, mas pré-esclerótico/preesclerótico; só preeleger, mas pré-eleito/preeleito, pré-eleição/preeleição...
459. malcriado
460. malfalante
461. mal-amado
462. mal-afamado
463. mal-ajambrado
464. mal-entendido
465. mal-olhado ≠ mau-olhado
466. malvisto
467. correto
468. correto
469. correto
470. correto
471. correto
472. correto
473. correto
474. correto
475. correto
476. Manhumirim
477. Mogiguaçu
478. Ceará-Mirim
479. capim-açu
480. socó-açu
481. tatuaçu
482. cupim-açu
483. tuim-açu

(484) *arco-da-velha*, (485) *ao-deus-dará*, (486) *água-de-colônia*, (487) *à-queima-roupa*, (488) *pé-de-meia*, (489) *cor-de-rosa* e (490) *mais-que-perfeito* são exceções indicadas no Acordo Ortográfico, mas o VOLP também registra (491) *dois-por-dois*. (492) quase entendimento, (493) não agressão, (494) não vingança.

495. agronegócio
496. agromania
497. auricéfalo
498. auroferrífero
499. contravento
500. contraverdade
501. contrafluxo
502. ortofotografia
503. ortomorfismo
504. retrocarregar
505. protoplasma
506. protovértebra
507. aeroespacial
508. suprainventivo
509. autoinvestigação
510. termoelétrica
511. endoestesia
512. hidroavião
513. extrarregular
514. infrassom
515. minissaia
516. biorritmo
517. biossatélite
518. bissecular
519. microssistema
520. microrradiografia
521. circum- -navegar
522. super- -rádio

523. vice- -prefeito
524. soto- -mestre
525. bem- -humorado
526. pós- -graduado

Uso dos Porquês

527 e 528. por que (= por que motivo)
529. por que (... os ideais pelos quais lutamos)
530. por que (... o motivo pelo qual ele não compareceu)
531 a 535. por quê (motivo)
536. porquê
537. porquês
538. porquê
539. Porquês
540. porque (conj. causal)
541. porque (conj. explicativa)
542. porque (conj. final = para que)
543. porque (pergunta com resposta implícita)
544. Por que
545. porque, por que
546. Por quê?
547. porquê
548. porque
549. Por que
550. porque
551. por quê?
552. por que, por que, porquê, porque
553. porque
554. por que (pelo qual), porque (conj. explicativa = resposta)
por que (pelos quais)
555. porquês

Mau ≠ Mal

556. mau
557. maus
558. más
559. mal
560. mal
561. mal
562. E
563. E
564. C
565. C
566. C
567. E
568. C
569. C
570. C
571. Anpac, ONU, PIS
572. AC, AL, AP, AM, BA, CE, DF, ES, GO, MA, MT, MS, MG, PA, PB, PR, PE, PI, RJ, RN, RS, RO, RR, SC, SP, SE, TO
573. Em 2h e 20min, ele percorreu 250 km.
O ponto após km não é do símbolo, mas, como ponto final, apenas termina a frase.

Acentuação Gráfica (norma antiga)

574. nó – lê-lo – ri – cru – pó – nós – fi-lo – fá-lo – vós – cós – noz – pô-lo – mas – voz – cor – vez – vi – nu – má – vês
575. atrás – maio – buriti – através – apôs – você – contêm – camelo – cara – marcá-lo – detê-lo – impô-lo – decidi-lo – recém – porém
576. Porque os terminados em **ens**, para serem acentuados, devem ser oxítonos.
577. cáqui – item – itens – pênsil – pólem – tênis – hífen – hifens – tríceps – fáceis – órfão – polícia – ciência – ímã – nêutron
Obs.: Pelo Formulário Ortográfico, as palavras terminadas em ditongo crescente átono (cárie, água, polícia...) incluem-se na regra das proparoxítonas.
578. câmara – cálculo – falássemos – éramos – médico – trânsito – ínterim – veículo – fotógrafo – édito – úmido – abóbada
579. rói – dói – mói – paranóia – sequóia – geléia – aldeia – apóio ou apoio – chapéu – seu – reuzinho – assembléia
580. caí – caído – caíste – gratuito – cair – caindo – juízo – fluído – juiz – alaúde – balaústre – distribuí – Raul – reú-ne – tainha – rainha – concluí – construí-lo – proíbe – ateísmo
581. agüentas – enxagüei – argúem – apazigüei – tranqüilo – argúi ou argüi – obliqúe – cinqüenta – averigúe – eqüino ou equino – lingüiças – seqüestro – delinqüir – freqüentemente – argüimos – apazigúe
582. Ele provém do sul, mas seus pais provêm do leste.
583. Cada qual diz as coisas que lhe convêm.
584. Ele faz aquilo que lhe convém.
585. O que contêm estas caixas?
586. Os teóricos, agora, revêem os conceitos.

587. Eles provêem a despensa do necessário para uma semana.
588. Eles não descrêem sistematicamente.
589. Ele pára a todo instante para olhar o mapa.
590. Veja se você pára para pensar.
591. Por ordem médica, ela vai pôr um marcapasso por mês.
592. Passava a mão pelo pêlo do animal.
593. Ele se péla de medo pela amiga.

Prática Geral

594. c
595. b
596. a
597. d
598. a
599. c
600. a
601. c
602. a
603. d
604. a
605. a
606. b
607. a
608. d
609. c

Acentuação gráfica *(norma nova)*

610. tem
611. têm
612. juiz
613. juíza
614. também
615. paranoica
616. empáfia
617. sequestrador
618. arguem
619. arguí
620. Ataíde
621. argui
622. voo
623. frequente
624. tuiuiú
625. entretém
626. próximos
627. agueiro
628. amá-los
629. prendê-los
630. fá-lo-á
631. geleia
632. dóceis
633. pôr
634. por
635. claraboia
636. chapéus
637. heróis
638. pôde
639. instruí-lo
640. porém
641. pode
642. forma
643. última
644. fôrma
642. fôrma
643. última
644. forma
645. fóton
646. fótons
647. iândom
648. iândons
649. rádom
650. rádon
651. rádons
652. herôon
653. herôons
654. destróier
655. gêiser
656. blêizer
657. destróieres
658. gêizeres
659. blêizeres
660. taoismo
661. taoista
662. maoismo
663. maoista
664. hinduísmo

Prática

665. c
666. d
667. c
668. b
669. c
670. b
671. a
672. d
673. c
674. b
675. d
676. c
677. a
678. e
679. c
680. a
681. c
682. b
683. c
684. b
685. c
686. a
687. c
688. b
689. b
690. e
691. a
692. d
693. d
694. b
695. e
696. d
697. e
698. b
699. a
700. a
701. a
702. c
703. e

4 SUBSTANTIVO

1. b, d
2. a, d
3. a, c
4. a, d, e
5. a, d, e
6. a, d
7. a, c
8. b, d
9. c
10. d
11. b
12. a
13. C
14. E
15. C
16. c
17. a
18. b
19. leitora
20. pintora
21. atriz
22. governadora
23. imperatriz
24. cerzideira
25. remadora
26. aviadora
27. cantadora ou cantatriz
28. cantora, cantorina ou cantarina
29. embaixatriz (esposa) ou embaixadora (ocupante do cargo)
30. abadessa
31. diaconisa
32. sacerdotisa
33. episcopisa
34. papisa
35. profetisa
36. pitonisa
37. canonisa
38. druidesa, druidisa
39. baronesa
40. condessa
41. duquesa
42. consulesa
43. oficiala
44. alcaidessa ou alcaidina
45. prioresa ou priora
46. bacharela
47. cachorra
48. cadela
49. generala
50. giganta
51. hóspeda
52. elefanta (**aliá** para alguns; **elefoa** já em desuso)
53. pardoca, pardaloca, pardaleja
54. rapariga, moça
55. monja
56. râni ou rani
57. dogesa, dogaresa ou dogaressa
58. sílfide
59. marani
60. varoa, matrona, virago ou mulher
61. sandia
62. tabaroa
63. bode
64. carneiro
65. cupim
66. (ou javalina) javali
67. cavaleiro
68. cavalheiro
69. (ou veada) veado
70. burro
71. zangão ou zângão
72. rinoceronte
73. infanta (pode também ficar invariável)
74. governanta (também invariável)
75. presidenta (também invariável)
76. parenta (também invariável)
77. invariável

	MASCULINO	Ã	OA	ONA	OUTRAS
78.	aldeão	aldeã			
79.	alemão	alemã			
80.	anfitrião	anfitriã	anfitrioa		
81.	beirão		beiroa		
82.	bretão	bretã	bretoa		
83.	ermitão	ermitã	ermitoa		
84.	figurão			figurona	

	MASCULINO	Ã	OA	ONA	OUTRAS
85.	lebrão				lebre
86.	maganão				magana
87.	perdigão				perdiz
88.	respondão			respondona	
89.	sultão				sultana
90.	tecelão	tecelã	teceloa		
91.	valentão			valentona	
92.	vilão	vilã	viloa		

93. a
94. C
95. C
96. C
97. C
98. mesas
99. cafés
100. degraus
101. reféns
102. álbuns
103. jasmins
104. mares
105. colheres
106. gestores
107. xadrezes
108. raízes
109. cruzes
110. ardis
111. barris
112. fósseis
113. mísseis
114. animais
115. sóis
116. papéis
117. pauis
118. cidadãos
119. irmãos
120. cristãos
121. corações
122. frações
123. balões
124. pães
125. capelães
126. cães
127. bolões
128. filhões
129. verdões
130. órfãos
131. sótãos
132. órgãos

		ões	**ãos**	**ães**
133.	alão (cão de fila)	alões	alãos	alães
134.	alazão	alazões	—	alazães
135.	alcorão	alcorões	—	alcorães
136.	aldeão	aldeões	aldeãos	aldeães
137.	anão	anões	anãos	—
138.	ancião	anciões	anciãos	anciães
139.	bastião (baluarte)	bastiões	—	bastiães
140.	bênção	—	bênçãos	—
141.	capelão	—	—	capelães
142.	capitão	—	—	capitães

		ões	ãos	ães
143.	castelão	castelões	castelãos	castelães
144.	charlatão	charlatões	—	charlatães
145.	cidadão	—	cidadãos	—
146.	corrimão	corrimões	corrimãos	—
147.	deão (decano)	deões	deãos	deães
148.	ermitão	ermitões	ermitãos	ermitães
149.	escrivão	—	—	escrivães
150.	feijão	feijões	—	—
151.	fuão (fulano)	fuões	fuãos	—
152.	guardião	guardiões	—	guardiães
153.	hortelão	hortelões	hortelãos	—
154.	mão	—	mãos	—
155.	opinião	opiniões	—	—
156.	órgão	—	órgãos	—
157.	pagão	—	pagãos	—
158.	peão	peões	peãos	peães
159.	pião	piões	piãos	piães
160.	questão	questões	—	—
161.	rufião	rufiões	—	rufiães
162.	sacristão	—	sacristãos	sacristães
163.	sultão	sultões	sultãos	sultães
164.	tabelião	—	—	tabeliães
165.	verão	verões	verãos	—
166.	vilão	vilões	vilãos	—
167.	vulcão	vulcões	vulcãos	vulcães

168. ões
169. C
170. C
171. C
172. ananases
173. ingleses
174. ilhoses
175. os lápis
176. os oásis
177. os ônibus
178. peões + zinhos – peõezinhos
peãos + zinhos – peãozinhos
peães + zinhos – peãezinhos
179. papéis + zinhos – papeizinhos
180. cães + zitos – cãezitos
181. balões + zinhos – balõezinhos
182. aposta (′) – apostos (′)
183. porca (′) – porcos (′)
184. sogra (′) – sogros (^)
185. sogras (′)
186. bolhas (^)
187. rodas (′)

	SINGULAR	PLURAL	
		(^)	(′)
188.	abrolho (^)		abrolhos
189.	adorno (^)	adornos	
190.	almoço (^)	almoços	
191.	arroba (^)	arrobas	
192.	bolha (^)	bolhas	
193.	bolso (^)	bolsos	
194.	cachorro (^)	cachorros	
195.	caroço (^)		caroços
196.	cebola (^)	cebolas	
197.	choco (^)		chocos
198.	coco (^)	cocos	
199.	consolo (^)	consolos	
200.	contorno (^)		contornos
201.	corno (^)		cornos
202.	coro (^)		coros
203.	corpo (^)		corpos
204.	corvo (^)		corvos
205.	cota (′)		cotas
206.	dorso (^)	dorsos	
207.	esforço (^)		esforços
208.	esposa (^)	esposas	
209.	esposo (^)	esposos	
210.	estorvo (^)	estorvos	estorvos
211.	fogo (^)		fogos
212.	folha (^)	folhas	
213.	forno (^)		fornos
214.	foro (^)		foros
215.	fosso (^)		fossos
216.	globo (^)	globos	
217.	imposto (^)		impostos
218.	jogo (^)		jogos
219.	miolo (^)		miolos
220.	moda (′)		modas
221.	molho (′) (de chaves)		molhos

	SINGULAR	PLURAL	
		(^)	(′)
222.	molho (^) (de tomate)	molhos	
223.	morro (^)	morros	
224.	namoro (^)	namoros	
225.	olho (^)		olhos
226.	osso (^)		ossos
227.	ovo (^)		ovos
228.	peroba (′)		perobas
229.	pescoço (^)	pescoços	
230.	piloto (^)	pilotos	
231.	piolho (^)	piolhos	
232.	poço (^)	poços	poços
233.	polvo (^)	polvos	
234.	porto (^)		portos
235.	potro (^)	potros	
236.	povo (^)		povos
237.	reboco (^)	rebocos	
238.	reforço (^)		reforços
239.	repolho (^)	repolhos	
240.	roda (′)		rodas
241.	rogo (^)		rogos
242.	rolha (^)	rolhas	
243.	rolo (^)	rolos	
244.	rosto (^)	rostos	
245.	senhora (′)		senhoras
246.	socorro (^)		socorros
247.	sogra (′)		sogras
248.	sogro (^)	sogros	
249.	sopa (^)	sopas	
250.	sopro (^)	sopros	
251.	sova (′)		sovas
252.	suborno (^)	subornos	
253.	tijolo (^)		tijolos
254.	toco (^)	tocos	tocos
255.	toldo (^)	toldos	
256.	topo (^)	topos	
257.	tremoço (^)		tremoços
258.	troco (^)	trocos	trocos

259. furta-cores
260. quebra-mares
261. porta-bandeiras
262. pára-choques (nova ortografia: para-choques)
263. guarda-chuvas
264. cirurgiões-dentistas
265. tenentes-coronéis
266. couves-flores
267. amores-perfeitos
268. cabras-cegas
269. guardas-civis
270. guardas-noturnos
271. segundas-feiras
272. terças-feiras
273. meios-fios
274. bananas-maçã
275. canetas-tinteiro
276. navios-escola
277. peixes-boi
278. mangas-rosa
279. pães-de-ló (nova ortografia: pães de ló)
280. estrelas-do-mar
281. papos-de-anjo
282. babas-de-moça (nova ortografia: babas de moça)
283. grãos-de-bico
284. vice-presidentes
285. ex-diretores
286. ave-marias
287. grão-duques
288. sempre-vivas
289. abaixo-assinados
290. tico-ticos
291. tique-taques
292. reco-recos
293. corre-corres ou corres-corres
294. pisca-piscas ou piscas-piscas
295. pega-pegas ou pegas-pegas
296. frutas-pão ou frutas-pães
297. guardas-marinha ou guardas-marinhas
298. padres-nossos ou padre-nossos
299. salvos-condutos ou salvo-condutos
300. ruges-ruges ou ruge-ruges
301. os bota-fora
302. os louva-a-Deus
303. os disse-me-disse (nova ortografia: os disse me disse)
304. os leva-e-traz (nova ortografia: os leva e traz)
305. os pisa-mansinho
306. b
307. d
308. d
309. a
310. e
311. d
312. e
313. c
314. a
315. e
316. a
317. C
318. C
319. C
320. C
321. C
322. C
323. C
324. E
325. E
326. ovelhas leiteiras
327. lobos
328. peixes
329. camelos
330. uvas, bananas
331. bispos
332. professores, religiosos
333. vadios
334. navios de guerra
335. cabras
336. músicos
337. garimpeiros
338. peixes pequeninos
339. assassinos, malfeitores
340. sacerdotes
341. cardeais p/ escolher o Papa
342. cardeias com o Papa
343. atores
344. aviões
345. soldados, demônios
346. M
347. M
348. F
349. M
350. F
351. F
352. o
353. o
354. o
355. a
356. o
357. o/a
358. o
359. o
360. a
361. o/a
362. a
363. a
364. o
365. o
366. o
367. o/a
368. o
369. o
370. o
371. o

372. o
373. o
374. o
375. a
376. diaba, diabra, diáboa
377. deusa, deia, diva

5 ARTIGO

1. c
2. a
3. b
4. c
5. d
6. e
7. e
8. E
9. C
10. C
11. C
12. C
13. C
14. C
15. a, c
16. a, c
17. d
18. e
19. a, b, c
20. d

6 ADJETIVO

1. c
2. b
3. a
4. anexa
5. publicada
6. proibida
7. quite
8. final
9. grave
10. penosos
11. quites
12. quitados
13. velhos
14. luso-brasileiros
15. hispano-americanas
16. lítero-musicais (nova ortografia: literomusicais)
17. verde-claras
18. castanho-claros
19. azul-piscina
20. grafite-fosca
21. cinza-pérola
22. verde-mar
23. c
24. a
25. b
26. a
27. b
28. a
29. b
30. C
31. C
32. d (amicíssimo é o certo)
33. a
34. e (os prós e os contras)
35. d
36. E
37. E
38. C
39. C
40. C
41. E
42. E
43. C
44. d
45. d
46. e
47. b
48. a (**menor** é superioridade na qualidade de pequeno; é **mais** pequeno e não menos grande)
49. a (pior é **mais** mau e não menos bom)
50. c
51. acutíssimo
52. amaríssimo
53. antiquíssimo
54. aspérrimo
55. celebérrimo
56. crudelíssimo
57. dulcíssimo
58. docílimo
59. fidelíssimo
60. frigidíssimo
61. incredibilíssimo
62. integérrimo
63. libérrimo
64. minutíssimo
65. nigérrimo
66. nobilíssimo
67. prodigalíssimo
68. publicíssimo
69. superbíssimo
70. tetérimo
71. aquilino
72. ebúrnea
73. acrídeo
74. ígneo
75. leporinos
76. letal
77. hircino
78. capilar
79. bélicas

80. murina
81. anímico
82. columbino
83. cutânea
84. docente
85. discente
86. eólia
87. pluvial
88. fluvial
89. episcopal
90. glacial
91. gástrica e renal
92. áureo e argênteo
93. austral ou meridional
94. boreal ou setentrional
95. baiano e soteropolitano ou salvadorense
96. hierosolimitano
97. chinês, chim ou chino
98. judeu, judaico, judengo, judio
99. egípcio, egipcíaco, egipciano, egiptano

7 PRONOME

1. PA, PS, PS
2. PS, PA
3. PA, PA, PS
4 a 8. R, O, O
9. R, R, O
10. lhe, os
11. o
12. la
13. os
14. lhe
15. mim
16. ti, te
17. si, se
18. nós, nos
19. Ama-lo
20. Fê-los
21. qué-lo
22. to, ta, tos, tas
23. lho, lha, lhos, lhas
24. lho, lha, lhos, lhas
25. no-lo, no-la, no-los, no-las
26. vo-lo, vo-la, vo-los, vo-las
27. Dizem-na
28. Cumprem-nas
29. Põe-no
30. Põem-nos
31. eu
32. eu
33. eu
34. eu
35. consigo
36. consigo
37. com você
38. si
39. C
40. C
41. C
42. C
43. C
44. C
45. E
46. E
47. E
48. C
49. C
50. E
51. C
52. C
53. C
54. E
55. C
56. C
57. C
58. C
59. E
60. E
61. C
62. C
63. C
64. Você
65. Vossa Senhoria
66. Vossa Excelência
67. Vossa Excelência Reverendíssima
68. Vossa Magnificência
69. Sua Senhoria
70. Sua Reverendíssima
71. Sua Magnificência
72. Sua Excelência Reverendíssima
73. Sua Excelência
74. Vossa Senhoria **entende**...
75. Vossa Excelência **tem** todos os **seus** argumentos...
76. Este
77. Esse
78. Esse
79. Aquele
80. Aqueles
81. Esse
82. Este
83. isto, este, esta, estes, estas
84. isso, esse, essa, esses, essas
85. céu, montanhas
86. (1 aquelas; 2 essa; 3 este)
87. Desta vez serei eu que decidirei meu futuro.
88. O crítico elogiou o filme de que (do qual) Paulo Autran participou.
89. O autor cuja obra foi condenada vive na clandestinidade.

90. Passaram as férias na praia onde (em que/na qual) se conheceram.
91. As tribos, que tiveram contato com a civilização, foram dizimadas por doenças.
92. que (eu) vi
93. de quem (eu) falei
94. por quem (eu) procurava
95. em quem (eu) pensava
96. cujo filho (eu) conheço
97. Chegou a mãe do rapaz a qual encontramos no cinema.
98. Chegou a mãe do rapaz o qual encontramos no cinema.
99. Este é o quarto da casa com o qual Julieta sonha.
100. Este é o quarto da casa com a qual Julieta sonha.
101. A filha de Paulo, a qual fugiu ontem, está sem paradeiro definido.
102. A filha de Paulo, o qual fugiu ontem, está sem paradeiro definido.
103. Qual o seu nome?
104. Quem os apoiaria?
105. Quantos virão para o jantar?
106. O que procuras aqui?
107. a
108. c
109. d
110. b
111. Rasgaram-me a roupa.
112. Confiscaram-lhe(s) os bens.
113. Isso nos roubou a vontade.
114. b
115. c
116. a
117. e
118. d
119. Quem, tudo, tudo
120. Alguns, várias
121. Muitas, pouco
122. Certas
123. Cada, quanto
124. Cada qual
125. Quem quer que, cada um
126. seja quem for
127. A gente, todo mundo, a gente
128. b
129. a
130. a
131. d
132. a
133. A resposta que o examinador esperava era a letra c. Entretanto, a letra b também pode ser respondida, desde que se considere o período como optativo (Tomara que Sua Excelência se sinta à vontade...)
134. b
135. a
136. c
137. b
138. d
139. a/d (até 21/12/2012)
140. e
141. c
142. c
143. b
144. c
145. e
146. a
147. c
148. b
149. d
150. isso
151. isto
152. este
153. Estes
154. essas
155. este
156. aqueles, estes
157. esse
158. Aquele, este
159. Esta, aquelas
160. Aquele, este, esse
161. Este, aquela
162. E
163. E
164. C
165. E
166. C
167. E
168. C
169. C
170. essa, nesta

8 NUMERAL

1. C
2. C
3. E
4. C
5. C
6. C

	Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
7.	um	primeiro, primário, primo	———	———
8.	dois	segundo, secundário	dobro, duplo, dúplice	meio, metade
9.	três	terceiro, terciário	triplo, tríplice, trino	terço
10.	quatro	quarto, quarternário	quádruplo	quarto
11.	cinco	quinto	quíntuplo	quinto
12.	seis	sexto	sêxtuplo	sexto
13.	sete	sétimo, setenário	sétuplo	sétimo
14.	oito	oitavo	óctuplo	oitavo
15.	nove	nono	nônuplo	nono
16.	dez	décimo	décuplo	décimo
17.	onze	undécimo, décimo primeiro	undécuplo	onze avos
18.	doze	duodécimo, décimo segundo	duodécuplo	doze avos
19.	treze	décimo terceiro	———	treze avos
20.	catorze	décimo quarto	———	catorze avos
21.	quinze	décimo quinto	———	quinze avos
22.	dezesseis	décimo sexto	———	dezesseis avos
23.	dezessete	décimo sétimo	———	dezessete avos
24.	dezoito	décimo oitavo	———	dezoito avos
25.	dezenove	décimo nono	———	dezenove avos
26.	vinte	vigésimo	———	vigésimo / vinte e ... avos
27.	trinta	trigésimo	———	trigésimo / trinta e... avos
28.	quarenta	quadragésimo	———	quadragésimo / quarenta e...avos
29.	cinquenta	quinquagésimo	———	quinquagésimo / cinquenta e...avos
30.	sessenta	sexagésimo	———	sexagésimo / sessenta e...avos
31.	setenta	se(p)tuagésimo	———	se(p)tuagésimo / setenta e...avos
32.	oitenta	octogésimo	———	octogésimo / oitenta e... avos
33.	noventa	nonagésimo	———	nonagésimo / noventa e ...avos
34.	cem	centésimo	cêntuplo	centésimo / cento e... avos
35.	duzentos	ducentésimo	———	ducentésimo / duzentos e... avos
36.	trezentos	tricentésimo, trecentésimo	———	tricentésimo, trecentésimo / trezentos e... avos
37.	quatrocentos	quadringentésimo	———	quadringentésimo / quatrocentos e... avos
38.	quinhentos	quingentésimo	———	quingentésimo / quinhentos e... avos
39.	seiscentos	seiscentésimo, sexcentésimo	———	seiscentésimo/sexcentésimo / seiscentos e... avos
40.	setecentos	se(p)tingentésimo	———	se(p)tingentésimo / setecentos e... avos
41.	oitocentos	octingentésimo	———	octingentésimo / oitocentos e... avos
42.	novecentos	nongentésimo, noningentésimo	———	nongentésimo, noningentésimo / novecentos e... avos
43.	mil	milésimo	———	milésimo
44.	milhão	milionésimo	———	milionésimo
45.	bilhão	bilionésimo	———	bilionésimo
46.	trilhão	trilionésimo	———	trilionésimo

47. E
48. C – noningentésimo(a) é forma variável de nongentésimo(a).
49. C
50. E
51. E
52. C
53. C
54. C
55. E (Variam em número: duas década(s) mi-lhar(es))
56. C
57. C
58. C
59. C
60. vinte e quatro milhões, cento e trinta e dois mil, quatrocentos e trinta e seis
61. vinte e dois bilhões, trezentos e trinta e três milhões, quatrocentos e trinta e dois mil, cento e vinte e três
62. C
63. C
64. nove mil e cinquenta e seis
65. nove mil e seis
66. nove mil, cento e cinquenta e seis
67. nove mil, trezentos e vinte
68. nove mil e trezentos
69. um terço
70. dois terços
71. cinco oitavos
72. um oitavo
73. três onze avos
74. um vigésimo
75. sete trigésimos
76. quatro trinta e três avos
77. onze ducentésimos
78. treze duzentos e vinte avos
79. E
80. C
81. E
82. C
83. C
84. C
85. C
86. C
87. E
88. C
89. C
90. onze
91. segundo
92. sexto
93. vinte
94. décimo
95. décimo
96. onze
97. décimo
98. onze
99. primeiro
100. nono
101. dez
102. vinte e cinco
103. primeiro
104. dois
105. vinte e cinco
106. trinta e um
107. um
108. um
109. um
110. um
111. um
112. dois
113. nove
114. vinte e dois
115. dez
116. milésimo se(p)tingentésimo quinquagésimo sétimo
117. quadringentésimo octogésimo sexto
118. oito bilhões, setecentos e vinte e três milhões, oitocentos e quarenta e seis mil, cento e vinte e três reais e trinta e cinco centavos
119. cinco ducentésimos
120. dezoito por cento
121. E (trezentas)
122. E (5 de outubro)
123. C
124. C
125. E (um décimo)
126. E (décimo)
127. E (décimo oitavo)
128. E (quadragésima segunda)
129. C (forma cartorial)
130. Sim, a expressão "nem um" é mais enfática, tem mais energia que "nenhum".

9 VERBO

1. C
2. E
3. E
4. C
5. C
6. C

7. E
8. E
9. C
10. C
11. C
12. C
13. C
14. C
15. C
16. E
17. C
18. C
19. C
20. C
21. C
22. C
23. C
24. E
25. C
26. C
27. C
28. C
29. C
30. E
31. C
32. C
33. C
34. C
35. a, c, b
36. b, a, a
37. C
38. C
39. C
40. C
41. C
42. C
43. C
44. C
45. C
46. C
47. C
48. E
49. C
50. C
51. C
52. C
53. C
54. C
55. C
56. E (compramos)
57. E (compram)
58. C
59. E (puderem)
60. E (compram)
61. C
62. E (chegaram)
63. C
64. C
65. E (chegue)
66. E (tivesse)
67. C
68. C
69. C
70. E (terias chegado)
71. C
72. E (saísse)
73. C
74. C
75. E (chovesse ou fizesse)
76. E (estivessem)
77. E (estiverem)
78. C
79. C
80. C
81. E
82. E
83. C
84. C
85. E
86. C
87. E
88. C
89. E
90. C
91. C
92. C
93. C
94. 1 e 3
95. 2
96. 2
97. 1 e 3
98. Pode entender-se que cada um se molha, ou que um molha o outro e por ele é também molhado, isto é, pode haver só ação reflexiva ou só ação recíproca.
99. Quando se quer expressar reciprocidade, usa-se um advérbio esclarecedor: Eles se molham **mutuamente** (ou **reciprocamente**, ou **um ao outro**...).
100. E
101. C
102. C
103. C
104. C
105. C
106. C
107. C
108. C
109. C
110. E
111. C
112. C
113. C
114. C
115. C
116. C
117. Um presente é trazido por ela.
118. Soluções serão trazidas por ela.
119. Perfume era trazido por ela.
120. Perfumes seriam trazidos por ela.
121. Uns presentes estiveram sendo trazidos por ela.

122. Um presente estará sendo trazido por ela.
123. Uns presentes estariam sendo trazidos por ela.
124. Um presente deverá estar sendo trazido por ela.
125. Procurava-se solução.
126. Pedir-se-ia um favor.
127. Fabricar-se-ão barco aqui.
128. Procuravam-se soluções.
129. Pedir-se-iam uns favores.
130. Fabricar-se-ão barcos aqui.
131. C
132. C
133. E
134. C
135. E
136. C
137. C
138. C
139. Voz ativa
140. Voz passiva. Procuram-se líderes
141. Voz ativa
142. Voz passiva. Não se falavam verdades
143. Voz ativa
144. Voz passiva. Sacou-se a caneta
145. Voz passiva. Focaram-se dois tatus
146. Voz ativa
147. C
148. C
149. C
150. C
151. C
152. C
153. C
154. C
155. C
156. C
157. E
158. C
159. E
160. C
161. C
162. C
163. C
164. C
165. C
166. C
167. C
168. C
169. C
170. C
171. C
172. C
173. C
174. C
175. C
176. C
177. E
178. C
179. C
180. C
181. C
182. C
183. C
184. C
185. E
186. C
187. C
188. C
189. E
190. C
191. C
192. C
193. C
194. C
195. C
196. C
197. E
198. C
199. C
200. C
201. C
202. C
203. C
204. C
205. C
206. C
207. C
208. E
209. C
210. C
211. C
212. C
213. C
214. C
215. E
216. E
217. C
218. C
219. C
220. C
221. C
222. C
223. C
224. C
225. C
226. C
227. C
228. C
229. C
230. C
231. C
232. C
233. E
234. C
235. C
236. C
237. C
238. C
239. C
240. C
241. C
242. C
243. C
244. C

245. C
246. E
247. C
248. C
249. ame, leia, fuja
250. ames, leias, fujas
251. ame, leia, fuja
252. amemos, leiamos, fujamos
253. ameis, leiais, fujais
254. amem, leiam, fujam
255. C
256. E
257. C
258. C
259. C
260. C
261. E
262. C
263. C
264. C
265. corre – corras
266. corra – corra
267. corramos – corramos
268. correi – corrais
269. corram – corram
270. Namore, vibre, corra, pule, divirta-se à vontade.
271. Não namores, não vibres, não corras, não pules, não te divirtas à vontade.
272. Diverti-vos, mas não vos esgoteis.
273. pudera – quando puder – se eu pudesse
274. puderas – puderes – pudesses
275. pudera – puder – pudesse
276. pudéramos – pudermos – pudéssemos
277. pudéreis – puderdes – pudésseis
278. puderam – puderem – pudessem
279. quisera – quiser – quisesse
280. vira – vir – visse
281. viera – vier – viesse
282. houvera – houver – houvesse
283. coubera – couber – coubesse
284. C
285. C
286. C
287. C
288. C
289. E
290. C
291. C
292. E
293. C
294. C
295. C
296. ajo – agi – agiria – R
297. caibo – coube – caberia – I
298. creio – cri – creria – I
299. enxáguo – enxaguei – enxaguaria – R
300. vou – fui – iria – I
301. faço – fiz – faria – I
302. mobílio – mobiliei – mobiliaria – R
Obs.: também existem:
Mobilar: mobilo, mobilei, mobilaria – R
Mobilhar: mobilho, mobilhei, mobilharia – R
303. pulo – poli – poliria – I
304. pulo – pulei – pularia – R
305. possuo – possuí – possuiria – R
306. posso – pude – poderia – I
307. quero – quis – quereria – I
308. requeiro – requeri – requereria – I
309. sou – fui – seria – I
310. sumo – sumi – sumiria – R
311. C
312. C
313. E
314. C
315. C
316. C
317. E
318. E
319. E
320. C
321. C
322. C
323. C
324. C
325. C
326. C
327. C
328. C
329. C
330. C
331. C
332. C
333. C
334. C
335. C
336. C
337. C
338. C
339. E
340. C
341. C
342. C
343. C
344. C
345. E
346. C
347. C
348. C
349. C
350. E – O verbo "estar" não forma voz passiva.
351. C

352. C
353. E
354. E
355. C
356. C
357. E
358. C
359. C
360. C
361. C
362. C
363. C
364. C
365. C
366. C
367. C
368. C
369. E
370. C
371. C
372. C
373. C
374. E
375. C
376. E
377. C
378. C
379. C
380. C
381. E
382. C
383. E
384. C
385. C
386. C
387. C
388. C
389. C
390. C
391. E
392. C
393. E
394. C
395. E
396. C
397. C
398. C
399. C
400. C
401. E
402. C
403. C
404. C
405. C
406. C
407. C
408. E
409. C
410. C
411. C
412. C
413. C
414. E
415. C
416. C
417. C
418. i, i, i, a, a, i
419. C
420. C
421. E
422. C
423. C
424. C
425. E
426. C
427. C
428. C
429. E
430. C
431. C
432. C
433. C
434. C
435. C
436. C
437. C
438. C
439. C
440. E
441. C
442. C
443. C
444. E
445. C
446. C
447. C
448. E
449. C
450. C
451. E
452. C
453. C
454. C
455. C
456. C
457. E
458. C
459. C
460. C
461. C
462. C
463. C
464. C
465. C
466. C
467. C
468. C
469. C
470. C
471. C
472. C
473. E
474. C
475. C
476. C
477. C
478. E
479. C
480. C
481. C
482. C
483. C
484. C
485. C
486. C

487. C
488. C
489. C
490. C
491. C
492. C
493. C
494. C
495. proveste, proveu, provera, proveras, provesse, provesses, provido.
496. C
497. C
498. C
499. C
500. C
501. C
502. C
503. C
504. C
505. C
506. C
507. C
508. C
509. C
510. C
511. E
512. C
513. C
514. C
515. C
516. C
517. C
518. C
519. C
520. C
521. C
522. C
523. C
524. C
525. C
526. C
527. C
528. C
529. C
530. E
531. C
532. C
533. C
534. C
535. C
536. C
537. C
538. C
539. C
540. C
541. C
542. C
543. C
544. E
545. C
546. C
547. C
548. E
549. E
550. C
551. C
552. C
553. C
554. C
555. C
556. C
557. C
558. C
559. C
560. E
561. C
562. E
563. C
564. C
565. C
566. C
567. E
568. C
569. C
570. C
571. C
572. C
573. C
574. C
575. C
576. C
577. C
578. C
579. C
580. E
581. C
582. C
583. C
584. C
585. C
586. C
587. C
588. C
589. C
590. C
591. C
592. C
593. C
594. C
595. C
596. C
597. C
598. C
599. C
600. Vai com Deus, sê feliz e, quando saíres, fecha a porta.
Ide com Deus, sede felizes e, quando sairdes, fechai a porta.
601. recupero – reouve
602. reouvemos – recupera
603. expressado/expresso – exprimido/expresso
604. extinguido/extinto – suspendido/suspenso
605. frigido/frito – aberto
606. abrir
607. vir/direi
608. interveio/quis/propusera
609. averigúe/mobílio
Obs.: existe também: mobilar e mobilhar regulares

610. vier/puder
611. frase correta
612. vier
613. vir/vier (verbo ver e vir)
614. vimos
615. vieres
616. vir
617. vires/vier
618. vimos/viemos
619. vier
620. vir
621. vieres
622. vierdes
623. virem
624. vierem
625. c
626. b
627. e
628. e
629. f
630. a
631. a
632. a
633. b
634. d
635. b
636. pret. imperf. indicativo
637. imperativo afirmativo
638. infinitivo
639. pret. imperf. do subjuntivo
640. pret. imperf. do indicativo
641. gerúndio
642. pret. perf. do indicativo
643. pret. perf. do indicativo
644. futuro do subjuntivo
645. pres. do subjuntivo
646. futuro do presente
647. pret. perfeito do indicativo
648. E
649. C
650. E
651. C
652. C
653. C
654. C
655. C
656. C
657. mantive-me
658. contivesse
659. reouve
660. C
661. C
662. (tu / você)
663. C
664. C
665. C
666. valha/valer
667. possa/puder
668. queira/quiser
669. requeira/requerer
670. ponha/puser
671. veja/vir
672. caiba/couber
673. tenha/tiver
674. trague/tragar
675. traga/trouxer
676. saiba/souber
677. remedeie/remediar
678. formos/opuseram
679. virdes/dobreis
680. vieres/trouxeste
681. propuser/intervenha
682. revirem/mantiverem
683. interveio/compuseram
684. será
685. desavieram
686. d
687. b
688. a) A grosseria de Deus me feriu e insultou-me.
b) A grosseria de Deus me ferira e insultara-me.
689. vires / vires / vires
690. b
691. a
692. a
693. e
694. d
695. e
696. e
697. c
698. d
699. b
700. a
701. c
702. e
703. d
704. c
705. d
706. a) Se compraste a máquina, jura-o.
b) Se compuseste um poema, dize-o (ou di-lo).
707. b
708. e
709. e
710. Não saias daqui! Não fujas! Não abandones o que é teu e não me esqueças.
711. a) reouver;
b) compuser
712. c
713. b
714. c
715. d
716. b
717. b
718. a
719. c
720. d
721. b
722. b
723. d
724. c
725. d
726. e
727. b
728. e
729. E (somam > apresentam; somaram > apresentaram)

10 ADVÉRBIO

1. A menina alta cantava alto.
2. As meninas altas cantavam alto.
3. Eram muitos problemas.
4. Eram problemas muito fáceis.
5. muito pouca – muito pouco admirada
6. E
7. C
8. C
9. E
10. C
11. C
12. E
13. E
14. C
15. C
16. C
17. C
18. E
19. C
20. b
21. e
22. a
23. g
24. f
25. f
26. c
27. d
28. b
29. c
30. d
31. a
32. c
33. d
34. b
35. E
36. E
37. C
38. C
39. E
40. C
41. C
42. C
43. C
44. C
45. C
46. C
47. C
48. E
49. C
50. C
51. C
52. C
53. C
54. C
55. E
56. C
57. C
58. C
59. C
60. C
61. C
62. E
63. C
64. C
65. C
66. C
67. C
68. C
69. C
70. C
71. E

	Adv.	Classif.	Loc.Adv.	Classif.
72.	nunca tão	tempo e negação intensidade		
73.	lá	lugar		
74.	tão cedo	intensidade tempo	Por que	causa
75.	Não onde como	negação lugar modo		
76.	Talvez não quando	dúvida negação tempo		
77.			da Espanha	lugar
78.	muito pouco	intensidade intensidade		
79.	bastante	intensidade		
80.	Meio	intensidade		

11 PREPOSIÇÃO

1. d
2. a
3. e
4. c
5. b
6. i
7. h
8. d
9. c
10. b
11. a
12. g
13. f
14. e
15. j
16. k
17. a
18. b
19. a
20. b
21. b (está subentendido o verbo: *"menos eu (vou)."*
22. c
23. ao/pelo
24. à/pela – com
25. no
26. dessa
27. àquelas
28. para
29. sem
30. por
31. c (ler, falar **sobre** um assunto)
32. d (a ideia é de causa: tiritavam por causa do frio)

12 CONJUNÇÃO

1. C
2. C
3. C
4. C
5. E
6. C
7. C
8. C
9. C
10. C
11. C
12. E
13. C
14. C
15. C
16. C
17. C
18. C
19. c
20. b
21. e
22. e
23. a
24. b
25. c
26. d
27. 3 – 10
28. 5
29. 1 – 8
30. 2 – 8
31. 4 – 5
32. 6 – 10
33. 7 – 5
34. 9
35. C
36. E
37. C
38. C
39. C
40. E
41. C
42. i – n
43. l – m
44. o – c – o
45. o – b – o
46. k
47. h – a – i
48. g – f
49. e – j
50. d – l

13 INTERJEIÇÃO

1. b
2. d
3. e
4. c
5. g
6. f
7. a
8. h
9. j
10. i
11. E
12. C
13. C
14. C
15. E
16. C
17. C
18. C
19. C
20. E "Oh! não me chames assim."

14 SEMÂNTICA

1. d
2. c
3. c
4. d
5. c
6. d
7. a
8. b
9. c
10. d
11. a
12. d
13. c
14. b
15. e
16. e
17. a
18. b
19. d
20. c
21. f
22. e
23. eminente – iminente
24. despercebido
25. discrição
26. prescreveu
27. proscreveu
28. tráfego
29. 1
30. 6, 2
31. 6
32. 6, 1
33. 2
34. 5
35. 5
36. 6
37. 2
38. 1
39. 1
40. 1
41. 2
42. 1
43. 2
44. 2, 1
45. 1, 2
46. 3, 2
47. 2
48. 2, 1
49. 2, 1
50. 2, 1
51. 2, 1
52. 1, 2
53. 2, 1
54. 3
55. 1
56. 2
57. 2, 1
58. 3, 2, 1
59. b
60. c
61. e
62. b
63. a
64. a
65. d
66. b
67. a
68. a
69. e
70. e
71. b
72. a
73. b
74. d
75. d
76. C
77. E
78. C
79. C
80. Amazônia

15 CONCORDÂNCIA NOMINAL

1. C
2. C
3. C
4. C
5. E
6. C
7. E
8. C
9. E
10. os / o
11. os / a
12. as / a
13. os / os
14. os / os
15. os / o
16. o
17. a
18. as
19. os
20. os
21. os
22. os
23. os
24. os
25. os
26. as
27. o

28. Estes
29. Elas
30. as
31. es
32. as
33. as
34. os
35. os
36. sós/só
37. as
38. as
39. as
40. as
41. as
42. os
43. quaisquer
44. os
45. C
46. E
47. C
48. C
49. C
50. E
51. C
52. s – os – os
53. s – as – as
54. s – os
55. o – o
56. o – o
57. o – o
58. ∅
59. a – a – ∅
60. ∅ – s
61. a – a – ∅ – as
62. l – l
63. l – is
64. l – is
65. is – is
66. is – l
67. os
68. os
69. o – o
70. o
71. a – a
72. el
73. eis
74. el
75. el
76. eis
77. el
78. eis
79. eis
80. C
81. C
82. C
83. C
84. E
85. C
86. vistos/visto
87. vistos/vista
88. vistos/vistos
89. vistos/vistas
90. azuis
91. cinza
92. azul-claros
93. azul-marinho
94. verde-mar
95. verde-garrafa
96. cor de safira
97. azul-celeste
98. novos/as
99. brasileiros/a
100. táticos/o
101. honestos
102. bovina
103. belos
104. bom
105. proibido
106. permitida
107. claros
108. autores
109. necessário
110. ovalado
111. meia (hora)
112. meias
113. meio
114. anexos
115. merecedora
116. mesmas
117. mesmo
118. mesmo
119. sós
120. só
121. quite – quites
122. leso – lesa
123. tais qual
124. juntos – junto
125. anexas
126. alerta
127. menos
128. menos
129. salvo
130. salvos
131. pseudo – pseudo
132. baratas – barato
133. caras – caro
134. possíveis
135. claros possível
136. funcionário competentes
137. maravilhosa
138. maravilhoso
139. vistos/o
140. longes – longe
141. cauteloso
142. cautelosos
143. necessária
144. meia – meio
145. bastante – bastantes
146. alerta
147. tal quais
148. Santo

16 CONCORDÂNCIA VERBAL

1. amos – am
2. as – o
3. ais – a
4. am
5. am
6. emos
7. emos
8. eis (ou ão)
9. ão
10. am/a
11. am/a
12. am
13. á
14. á
15. a/am
16. a/am
17. a/am
18. a/am
19. fazem
20. impressionaram
21. aproximem-se
22. Procure
23. casará
24. é
25. amedrontaram
26. amedrontou
27. fizeram
28. viemos
29. fez
30. vim
31. acertaram/ou
32. atingem/e
33. noticiou
34. pediram
35. sorria/m
36. calou/aram
37. entendeu/eram
38. casará
39. reclamou/aram
40. venceram
41. vencemos
42. vencestes
43. chamou/ei
44. chamou/aste
45. chamou/amos
46. chamou/astes
47. convidou/aram
48. cantou/aram
49. sairão/eis
50. compreendem/emos
51. fará
52. fará
53. quebrou/aram
54. surgiu/iram
55. pode
56. duvida
57. duvidam
58. passaram
59. estudou
60. atuaram/ou
61. Entraram
62. passaram
63. surpreende
64. enfeitiçam
65. enfeitiça
66. atravessa
67. haja/m
68. haja
69. haja
70. consertam
71. cobrem
72. Afia
73. Fala
74. Procurava
75. Discute
76. Era – sabia
77. chegou
78. entenderam
79. virá
80. soou
81. batia
82. deu
83. C
84. C
85. E
86. E
87. C
88. C
89. E
90. C
91. e
92. b
93. c
94. d
95. a
96. C
97. C
98. E
99. C
100. E
101. C
102. C
103. Basta
104. Faz
105. haverá
106. Há
107. Hão
108. Vai
109. Vai
110. Havia
111. Existiam
112. Devem
113. Deve
114. Chovia
115. Choviam
116. é
117. são
118. são
119. era/m
120. é/são
121. eras
122. sereis
123. é
124. será
125. é
126. era

127. É
128. Serão
129. Eram
130. São
131. é/são
132. era/m
133. foi
134. era
135. é que – foi – que
136. é que – será – que
137. é que – serão – que
138. c
139. b (quinhentas)
140. sobraram
141. ganha/mos
142. Faltaram – houvesse
143. Voltamos/aram
144. resolveram
145. convenceu
146. concordou/aram
147. será
148. serão
149. sereis/ão
150. almoçaremos
151. concordaram
152. concorda
153. concordam/ais
154. embolaram
155. Havia
156. Haviam
157. existiam
158. nasciam
159. deporá/ão
160. foi/foram
161. Passou/aram
162. tivestes/tiveram
163. poderá
164. acreditou
165. comovem/e
166. fica/m impotente/s
167. prejudica/m
168. fez/fizeram
169. podem
170. pode
171. demoveu/ram
172. prepararam
173. preparou
174. chegou/aram
175. saiu/ram
176. cantava/m
177. convence/m
178. está/ão
179. cumprimentam
180. entende/m
181. sumiram
182. venceremos
183. venceriam
184. é que
185. é que
186. venceria/m
187. venceu/emos
188. concordou/aram
189. chegarão/emos
190. chegarão/eis
191. falou
192. levantou/aram
193. estão
194. estão/está
195. estão
196. gritavam
197. apresentaram
198. continua
199. continuam
200. haja/m
201. haja
202. Procurava
203. Procuravam
204. pensava
205. fazem
206. bateu
207. ajuda
208. pareciam
209. parecia
210. é primeiro
211. serão – foi
212. e
213. d
214. d
215. a
216. a
217. a
218. a
219. d
220. d
221. a
222. b
223. d
224. c
225. b (mesma Petrópolis)
226. d
227. e
228. b
229. c
230. d
231. a
232. E
233. C
234. C
235. E
236. C
237. E
238. C
239. E
240. C
241. C
242. C
243. E
244. E
245. C
246. C
247. C
248. C
249. C
250. C
251. E
252. E
253. E
254. E
255. E
256. C
257. E
258. e
259. b
260. e

17 REGÊNCIA

1. C
2. C
3. C
4. E
5. C
6. C
7. C

Regência Verbal

8. C
9. C
10. C
11. aos
12. à
13. a
14. a ele
15. por
16. -no
17. ao
18. o
19. à
20. a ele
21. nela
22. ao
23. a
24. aos/os
25. a ela
26. os
27. aqueles/àqueles
28. as/às
29. por
30. E
31. C
32. C
33. C
34. ∅
35. às
36. aos
37. da
38. ∅
39. ao
40. o – do
41. de – ∅
42. ∅
43. em
44. ∅
45. Esta medida não implica aumento de custo.
46. ... implicava comigo.
47. ... implicou a mudança...
48. C
49. C
50. C
51. C
52. C
53. C
54. E
55. C
56. a
57. de
58. a
59. o – do
60. a/da
61. E
62. E
63. C
64. ∅*
65. ∅*
66. ∅*
67. aos
68. a
69. a
70. às
71. o
72. ao
73. a que
74. os
75. a
76. aos
77. ∅ – a
78. ∅ – a
79. ∅ – a
80. E
81. C
82. C
83. o
84. aos
85. que
86. que
87. ao
88. a que
89. ∅
90. ∅
91. ao – ∅ (a primeira é mais aceita)
92. tu – ti
93. eu – mim
94. eu – tu

As construções consideradas melhores são 95 e 98.

99. E
100. C
101. C Ele pedia (permissão) a José para sair.
102. C
103. Não perguntou o de que falávamos.
104. Não sei o em que pensar.
105. C
106. E
107. C
108. C
109. C
110. Havemos ou hemos pensado, havíamos dito.

* Normalmente a resposta é sem preposição, a não ser que o texto dê a entender que o sujeito namore uma pessoa, ao lado ou em companhia de outra.

111. Como vocês houveram tanto dinheiro?
112. Como eu me houve na festa?
113. Tu vais haver-te com ela. Tu te vais haver com ela.
114. Hemos ou havemos admiração por você.
115. Vós havíeis por correta aquela fala.
116. Vós houvestes por bem concordar.
117. as
118. lhe
119. lhe
120. a
121. lhe
122. a ele
123. a ela, a
124. Aceito seu protesto, mas não concordo com ele.
125. Amo meus filhos e lutarei por eles.
126. Oração correta.
127. Conheço as leis e obedeço a elas.

Regência Nominal

128. C
129. C
130. C
131. E
132. C
133. C
134. C
135. C
136. Ele é contrário a metiras e impaciente com elas.
137. aos
138. por
139. por
140. de
141. de
142. C
143. E
144. C
145. C
146. E
147. C
148. E
149. C
150. E
151. C
152. E
153. C
154. E
155. C
156. C
157. C
158. C
159. C
160. E
161. C
162. C
163. E
164. E
165. C
166. E
167. C
168. E
169. C
170. E
171. C
172. E
173. C
174. a
175. a (~~lhe~~, a ele)
176. d
177. e
178. b
179. c
180. a
181. a
182. d
183. b

18 COLOCAÇÃO OU TOPOLOGIA PRONOMINAL

1. a
2. a
3. b
4. a
5. b
6. a
7. a
8. b
9. a
10. a
11. a
12. a
13. a
14. a
15. a
16. a
17. a
18. a
19. a
20. a
21. a
22. a, c
23. a
24. a
25. a
26. a
27. a
28. a
29. a
30. a
31. a
32. a
33. a

34. a
35. a
36. a
37. a
38. E
39. E
40. C
41. E
42. E
43. C
44. C
45. C
46. b
47. b
48. b
49. b
50. b
51. b
52. b
53. b
54. C
55. C
56. C
57. C
58. E
59. C
60. E
61. C
62. C
63. C
64. Resposta pessoal
65. A forma 1
66. C
67. E (pronome reto)
68. E (pronome reto)
69. C
70. C
71. C
72. E (pronome reto)
73. E (pronome reto)
74. E (pronome reto)
75. C
76. C
77. E
78. E
79. C
80. E
81. C
82. C
83. E
84. C
85. E
86. 67, 72, 78, 83, 84
87. e
88. a
89. d
90. b
91. b
92. c
93. 2
94. 2
95. 2
96. 2
97. 1
98. 2
99. 1
100. 1
101. 1
102. 1
103. 1, 4
104. 1
105. 1
106. 1, 3
107. 2
108. 2, 4/5
109. 1/2
110. 1
111. 1/2
112. 1
113. 1
114. 1
115. 1
116. 1
117. 2
118. 1
119. 1
120. 2
121. 1
122. 1
123. 2
124. Ser-me-á bastante fácil.
125. Beijá-la-ei mais.
126. Perdoar-te-ei.
127. Trar-me-ás resposta.
128. Fá-lo-á bem.
129. Por-nos-emos a seu dispor.
130. e
131. d
132. a

19 CRASE

1. E
2. C
3. E
4. C
5. C
6. C
7. do
8. ao
9. daquele
10. C
11. C
12. E
13. C
14. C
15. E

16. C
17. C
18. E (**aquele** e **aquilo** não são femininos e podem ter crase)
19. C
20. C
21. a
22. à
23. a
24. às
25. E
26. C
27. C
28. ...à procura de ... À medida que ... à proporção que ...
Àquela hora ... à farta ... às claras ... às escondidas ... às pressas ... à larga.
29. ... à padaria, à manicura, à modista ... à repartição ... à estação a tempo ... a levaria a Recife ... a Portugal ... à (ou a) Espanha, à (ou a) França, à (ou a) Inglaterra, à (ou a) Holanda e a Israel ... a primeira vez, a Europa ... à (ou a) África.
30. à
31. a
32. às
33. As
34. a
35. às
36. àquele ... à que
37. a cuja
38. àquilo
39. aquela ... a que
40. a belas casas = casas vagas, indefinidas, generalizadas.
às belas casas = casas definidas na cabeça do emissor e do receptor.

41 e 42. As segundas frases, pela presença do artigo definido, dão ideia de maior concretude, maior proximidade real, maior intimidade com o que se nomeia (a casa).

43. até, até ao
44. até, até à
45. até, até àquele
46. C
47. C
48. C
49. E
50. C
51. C
52. C
53. E
54. C
55. C
56. C
57. E
58. Quando se usa o artigo definido, o campo semântico do substantivo fica definido, especificado, bem conhecido de emissor e receptor. É o caso das segundas frases: **à** Ester, **à** Marlene, **ao** Ernesto. Nas primeiras frases, Ester, Marlene e Ernesto, por **não** terem artigo definido, têm um sentido vago, mais distante, menos íntimo.
59. b, c
60. C
61. C
62. à
63. à
64. A crase é da **preposição a** com o **artigo feminino a**. Antes de masculino, não se usa artigo feminino.
65. Antes de verbo não se usa artigo feminino.
66. Antes de pronomes pessoais não se usa artigo.
67. Antes de pronomes de tratamento não se usa artigo, exceto Madame, Senhora, Senhorita e Dona.
68. E
69. C
70. E
71. C
72. E
73. C
74. C
75. C
76. obrigatória: à (compare com o exercício 69)
77. obrigatória: à (compare com o exercício 69)
78. obrigatória: à (compare com os exercícios 71 e 73)
79. facultativa: a/à (compare com os exercícios 74 e 75)
80. Porque não pode haver artigo definido antes de artigos ou pronomes indefinidos.
81. a
82. a
83. a
84. a
85. Porque não pode haver artigo definido antes de pronome demonstrativo.

86. Porque não há artigo. Se antes de plural houvesse artigo, teria o artigo que estar no plural: Refiro-me **às** pessoas.
87. à
88. a
89. a
90. A, a
91. à, à
92. a, à, a
93. a/à, a, a, às/a
94. a, a
95. a, a (Se for **ao** Júpiter, será, por paralelismo, **à** Minerva. Mas pode-se quebrar o paralelismo. *Vide* página 371).
96. a
97. à porta
98. a casa, à/a sua mãe
99. à, à
100. a este, àquele
101. à/a, à, à
102. à casa dos pais
103. a
104. à, à, à, à
105. a, a, a
106. à/a, à
107. a, a
108. a, à
109. à, à, a
110. Às, à
111. a, à, a
112. À medida que ... à/a Dona ... à Senhorita ... à Madame.
113. a enorme depressão ... a Brasília ... a pessoas ... às irmãs de seu pai.
114. à, à, à
115. às
116. à
117. às
118. a
119. a
120. a
121. a
122. c
123. c
124. c
125. b
126. a
127. b
128. e
129. a
130. a
131. d
132. a

20 PONTUAÇÃO

1. C
2. C
3. C
4. E
5. C
6. C
7. C
8. C
9. E
10. C
11. É necessário lealdade, honestidade, coragem, desprendimento.
12. Nós o encontramos alegre, bem disposto e descansado.
13. Toda criança precisa de carinho, de atenção, de educação.
14. Consciente de sua responsabilidade, o advogado pediu tempo para estudar.
15. A empresa, premida pelas dificuldades, quase fechou as portas.
16. O ministro, ainda doente, voltou a despachar em seu gabinete.
17. No Primeiro Mundo, boicotes costumam dar resultados.
18. A televisão, na noite de sexta-feira, revelou as causas do acidente.
19. Os técnicos tentaram, apesar dos empecilhos, explicar o raro fenômeno.
20. Um caso assim, é preciso estudá-lo cuidadosamente.
21. Aos turistas, não lhes importa como chegarão até lá.
22. O contrato, convém assiná-lo o quanto antes.
23. O mesmo estudo, porém, mostra que a situação pode melhorar.
24. Essa não é, contudo, a prática na companhia.
25. Já vai longe o tempo da censura; direi o que quiser, pois.
26. Rafael, médico-gerente de laboratório, criou um manual para emergências.

27. Esse empresário era casado com Heloísa, uma ex-bailarina.
28. Na dúvida, senhores jurados, o réu deve ser favorecido.
29. Jaime estava feliz; Zeca, tranquilo.
30. Vera compreendeu tudo; Cláudio, quase tudo.
31. Sandra estava radiante; Rosa, eufórica.
32. Esses países, inclusive o Sudão, são governados por fundamentalistas.
33. Exceto você, todos já sabiam das mudanças.
34. Em compensação, o país tem batido recordes de crescimento econômico.
35. Os lábios tentaram abrir-se num sorriso, mas desistiram e fecharam-se.
36. Acordava, tomava café, lia o jornal e ia para o aeroporto.
37. Ele era metódico, portanto não deixaria de telefonar.
38. O leite, que contém cálcio, é excelente alimento para as crianças que são desnutridas.
39. Meu pai, que falava quatro línguas, julgava-se superior às pessoas que só sabiam a língua materna.
40. Os empresários que vieram querem erguer grandes hotéis, que atrairão turistas.
41. Para usufruir de todas as vantagens, os turistas se dispõem a pagar mais.
42. Examinando-se a disputa atual nas capitais, a proposta parece vir a calhar.
43. Confirmadas as informações divulgadas pelos jornalistas, o jogador teve de desdizer-se.
44. O projeto, apesar de merecer alguns reparos, parece melhorar a vida do contribuinte.
45. Qualquer pessoa, conforme se divulgou na imprensa, terá acesso às informações sobre andamento de processos.
46. Nós, para garantir nossos direitos, contamos com a Justiça.
47. d
48. c
49. b
50. a
51. a/c
52. a/c
53. b
54. e
55. b
56. a
57. d/b
58. d
59. c
60. C
61. E
62. C
63. C
64. C
65. E
66. C
67. C
68. C
69. C
70. C
71. E
72. C
73. a
74. d
75. a
76. c
77. d
78. e
79. b
80. b
81. d
82. d
83. e
84. c
85. a
86. b
87. b
88. a
89. c
90. b
91. a
92. e
93. a
94. a
95. d
96. b
97. b (orações de sujeitos diferentes ligadas por **e**)
98. (a) e (e) C, sujeitos diferentes
(b) E, oração adversativa
(c) C, ênfase
(d) C, polissíndeto
99. C
100. c

Bibliografia

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa**. São Paulo: Global, 2009.

ALMEIDA, N. M. de. **Gramática Metódica de Língua Portuguesa**. 40. ed. São Paulo: Saraiva, 1995.

BECHARA, E. **A Nova Ortografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. rev. e ampl. 14. reimpressão. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BRASIL, Presidência da República. **Manual de Redação da Presidência da República**. Gilmar Ferreira Mendes [*et al.*]. Brasília: Presidência da República, 1991.

CAMARA JR., J. M. **Manual de Expressão Oral e Escrita**. Petrópolis: Vozes, 1986.

———. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

CEGALLA, D. P. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. 41. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1998.

CRUZ, J. M. da. **Português Prático: Gramática**. 29. ed. São Paulo: Melhoramentos, s/d.

CUNHA, C. F. da. **Gramática da Língua Portuguesa**. 11. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1985.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DORNELLES, J. A. F. **A Gramática do Concursando**. 2. ed. Brasília: Vestcon, 1996.

FERNANDES, F. **Dicionário de Regimes de Substantivos e Adjetivos**. 23. ed. São Paulo: Globo. 1995.

———. **Dicionário de Verbos e Regimes**. 40. ed. São Paulo: Globo, 1995.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.

FERREIRA, A. B. de H.; PEREIRA, M. da C. **Novo Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1961.

GARCIA, O. M. **Comunicação em Prosa Moderna**. 12. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1985.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KURY, A. da G. **Ortografia, Pontuação, Crase**. 2. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1986.

LIMA, R. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 15. ed. refundida. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1972.

LUFT, C. P. **Dicionário Prático de Regência Nominal**. São Paulo: Ática, 1992.

———. **Dicionário Prático de Regência Verbal**. São Paulo: Ática, 1993.

———. **Gramática Resumida**. 8. ed. Porto Alegre: Globo, 1978.

———. **Grande Manual de Ortografia Globo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1989.

———. **Novo Guia Ortográfico**. 18. ed. Porto Alegre – Rio de Janeiro: Globo, 1986.

MELO, G. C. de. **Gramática Fundamental da Língua Portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.

MESQUITA, R. M.; MARTOS, C. R. **Gramática Pedagógica**. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1980.

OITICICA, J. **Manual de Análise**. 2. ed. 1923.

REIS, O. **Breviário da Conjugação de Verbos**. 38. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1978.

RIBEIRO, M. P. **Gramática Aplicada da Língua Portuguesa**. 20. ed. Rio de Janeiro: Metáfora, 2011.

Formato
17,5 x 21,5cm

Mancha
13 x 17,5cm

Papel
Pólen soft

Gramatura
80 g/m^2

Número de páginas
442

Impressão e acabamento

Vestcon

SEPN 509 Ed. Contag 3º andar CEP 70750-502 Brasília/DF
SAC: (61) 3034 9588 Tel.: (61) 3034 9576 Fax: (61) 3347 4399
www.vestcon.com.br

Ernani Pimentel

Objetivo Conquistado
Simplifica o ensino da Língua Portuguesa, fazendo o estudioso entender, com profundidade e clareza, suas construções e significados.

Finalidade
Preparação para a vida toda e para qualquer tipo de concurso de nível médio e superior, vestibular, PAS, OAB, ENEM...

Método
A prática é o caminho para o bom uso e entendimento das estruturas linguísticas. O estudante é levado constantemente a interagir com o autor e assume, de maneira ímpar, uma postura claramente ativa no processo ensino-aprendizagem que se baseia em mais de 3.400 exercícios resolvidos de concursos e outras provas de âmbito nacional, estadual, distrital e municipal, realizadas até o ano em curso.

Recursos
O leitor é constantemente desafiado a considerar certas ou erradas as afirmações agrupadas. Com isso, constrói seu raciocínio, organizado e claro, sobre Fonologia, Morfologia, Concordância, Regência, Colocação, Crase, Pontuação e Princípios Estruturais das Frases, tudo o de que precisa para expressar-se bem, sem a necessidade de conhecer com profundidade Análise Sintática.

Recurso Extra
Videoaulas com o autor na internet.
Visite o *site* www.vestcon.com.br e assista às aulas ministradas pelo próprio autor, com direito a desconto pela aquisição deste livro.

Por tudo isso, você não precisa descascar a laranja, tirar-lhe a pele, separar os caroços. Nós lhe oferecemos o suco pronto. Saboreie-o.

LLP14

ISBN 978-85-381-0671-5

9 788538 106715

www.Vestcon.com.br

Ernani Pimentel

Gramática pela Prática

15ª edição

SEGUNDO A NOVA ORTOGRAFIA

Vestcon

Gramática pela Prática

Ernani Pimentel

Gramática pela Prática

Escritor, gramático e professor com formação em Língua Portuguesa, Latim, Linguística, Análise de Texto, Teoria e Análise Literária. Ernani Pimentel é pesquisador de Língua Portuguesa há quarenta e oito anos, autor de mais de 10 mil páginas didáticas e de livros que são *best-sellers* nessa área. Já teve mais de quinhentos e cinquenta mil alunos presenciais nos estados de Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, Goiás, Tocantins e Distrito Federal. Hoje leciona para milhares de alunos na internet, via www.vestcon.com.br.

Contempla antiga e nova ortografias. Ambas em vigor até 31 de dezembro de 2012.

15ª edição
Revista e Ampliada
Adota a Nova Ortografia

Vestcon

Brasília
2012

© 2012 Vestcon Editora Ltda.

Todos os direitos autorais desta obra são reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/2/1998. Proibida a reprodução de qualquer parte deste livro, sem autorização prévia expressa por escrito do autor e da editora, por quaisquer meios empregados, sejam eletrônicos, mecânicos, videográficos, fonográficos, reprográficos, microfílmicos, fotográficos, gráficos ou outros. Essas proibições aplicam-se também à editoração da obra, bem como às suas características gráficas.

Pimentel, Ernani.
Gramática pela prática / Ernani Pimentel. – 15. ed. – Brasília : Vestcon, 2012.
442 p. : il. ; 21 cm.

ISBN 978-85-381-0671-5

1. Língua portuguesa – gramática. I. Título.

CDU 81'36

DIRETORIA EXECUTIVA
Norma Suely A. P. Pimentel

PRODUÇÃO EDITORIAL
Fabrícia de Oliveira Gouveia

EDIÇÃO DE TEXTO
Isabel Cristina Aires Lopes
Cláudia Freires

ASSISTENTE EDITORIAL
Gabriela Tayná Moura de Abreu

AUXILIAR DE PRODUÇÃO
Geane Rodrigues Rocha

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA
Marcos Aurélio Pereira

REVISÃO
Fábio Marques Rezende
Liv Chamma
Naiane B. Francischetto

CAPA
Agnelo Pacheco
Bertoni Design

EDITORA FILIADA

Vestcon

SEPN 509 Ed. Contag 3° andar CEP 70750-502 Brasília/DF
SAC: (61) 3034 9588 Tel.: (61) 3034 9576 Fax: (61) 3347 4399

www.vestcon.com.br

Atualizado até 4/2011
Publicado em 4/2012
(LLP14)

Situe-se

Este livro faz parte do **Curso de Língua Portuguesa do Professor Ernani Pimentel**, constituído por uma trilogia:

1. GRAMÁTICA PELA PRÁTICA
2. ANÁLISE SINTÁTICA VISUAL
3. INTELECÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

GRAMÁTICA PELA PRÁTICA (LIVRO E CURSO *ONLINE*)
Desenvolvimento racional e fixação pela prática dos conceitos de Fonologia, Morfologia, Estrutura e Formação de Palavras, Ortografia, Regência Verbal e Nominal, Crase, Concordância Verbal e Nominal, Colocação Pronominal, Pontuação e Semântica, com o intuito de proporcionar ao interessado uma visão objetiva, clara e segura da Língua Portuguesa, que o tornará, em pouco tempo, apto a entender e escrever corretamente, inclusive para prestar exames e concursos, sem a necessidade de conhecer profundamente Análise Sintática.

ANÁLISE SINTÁTICA VISUAL (LIVRO E CURSO *ONLINE*)
Apresentação e treino, de maneira profunda, sintética e fácil, dos fundamentos da Análise Sintática para os que pretendem conquistar um conhecimento mais consistente da nossa estrutura linguística, ou que querem passar em provas e concursos que exigem essa matéria.

INTELECÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS (LIVRO E CURSO *ONLINE*)
Exposição e treinamento, em linguagem clara e sucinta, de conceitos como Linguagem, Língua, Fala, Tipos de Signo, Elementos da Comunicação, Funções da Linguagem, Prosa, Poema, Poesia, Sincronia, Diacronia, Narração, Descrição, Dissertação, Níveis de Fala, Tipos de Norma, Tipos de Discurso, Tipos de Narrador, Figuras de Linguagem, Qualidades e Vícios de Linguagem, Coesão e Coerência... ferramentas necessárias a uma abordagem consciente e racional de textos informativos e literários, cujo conhecimento, direta ou indiretamente, é cobrado nas provas de intelecção e interpretação de textos. Mais de 480 exercícios propostos, corrigidos e/ou comentados, findos os quais o estudioso se sentirá competente e capaz no que se refere à construção e leitura de qualquer tipo de texto.

Apresentação Rápida

Destinação
Professores, universitários, concursandos, vestibulandos, profissionais liberais, comunicadores e você que, de vez em quando, tem dúvida.

Assunto
Fonologia, Ortografia, Morfologia, Estrutura e Formação de Palavras, Concordância, Regência, Colocação, Crase, Pontuação e princípio estrutural das frases. Tudo de que se necessita para escrever e falar corretamente o Português de hoje, no Brasil, e para passar em concursos de nível médio e superior, vestibulares, ENEM, PAS, OAB...
Cuidado prévio: foram estudados, comparados e coligidos os autores nacionais mais respeitados pelas universidades brasileiras e pelos mais avançados órgãos elaboradores de concursos.

Diferencial
A prática como caminho da teoria. O interessado pratica, entende, conclui e fixa a estrutura das frases e seus significados. Absorve o uso da Norma Culta, ou Padrão, do idioma pelo raciocínio conduzido passo a passo e pela repetição das fórmulas consagradas e oficializadas.

Motivação
Eliminação do mito de que é preciso saber muita teoria além de toda a Análise Sintática para escrever e falar bem. Demonstração de que se pode saber Sintaxe com apenas uns mínimos rudimentos de Análise Sintática.

Técnica de Abordagem
Variável de acordo com o assunto, de forma a facilitar o aprendizado. As técnicas escolhidas foram consagradas ao longo de mais de trinta e cinco mil horas-aula e mais de quinhentos e cinquenta mil alunos. A teoria, exposta com um mínimo de palavras em relação às gramáticas tradicionais, transmite-se de maneira prática, direta e consistente.

Orientação de Uso
O interessado deve fazer a lápis os exercícios de cada comando, conferir com o gabarito e refazer os errados. Assim que os exercícios estiverem corretos, ir adiante. Terminado um capítulo, voltar ao início do livro e ler, no sumário, os assuntos estudados, para mais tarde saber localizar onde esclarecer suas dúvidas. Pronto? Passar ao capítulo seguinte.

Recurso Extra
Videoaulas com o autor na internet.
Visite o *site* **www.vestcon.com.br** e assista às aulas ministradas pelo próprio autor, com direito a desconto pela aquisição deste livro.

Palavras do Autor

Caro estudioso,

Este livro é resultado de muitos anos de carinho e dedicação à tarefa de simplificar o estudo da Língua Portuguesa, sob o enfoque da profundidade e da abrangência.

Separe de duas a três horas por dia – você consegue – e dois ou três meses bastam para mudar e ampliar, de uma vez, sua visão e conhecimento a respeito da Língua Portuguesa.

Ao término desse tempo, você terá conquistado confiança em sua própria capacidade de escrever bem, além de poder sair-se vitorioso em provas e concursos de nível médio e superior, vestibulares, PAS, ENEM, OAB...

Antecipadamente, agradeço, de coração, as sugestões que queira enviar, ou dúvidas e questões que constituam desafio para alunos e professores.

Ernani Pimentel
linguaportuguesa@vestcon.com.br

Sumário

1 FONOLOGIA, DIVISÃO SILÁBICA E TRANSLINEAÇÃO

Estudo dos fonemas ____ 25
Sílaba ____ 25
Fonema ____ 25
Fonema ≠ Grafema ____ 26
Tipos de fonemas ____ 26
Vogal ____ 26
Semivogal ____ 27
Consoante ____ 28
Encontros Vocálicos ____ 29
Ditongo crescente ____ 29
Ditongo decrescente ____ 29
Tritongo ____ 29
Hiato ____ 29
Encontros Consonantais ____ 30
Descontínuos ou separáveis ____ 30
Contínuos, reais ou inseparáveis ____ 30
Dífono ____ 30
Dígrafo ____ 30
Divisão Silábica ____ 30
Translineação ____ 31

2 ESTRUTURA E FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Palavra, Fonema, Morfema, Semantema, Unidade Mórfica ____ 37
Palavra Primitiva, Derivada, Cognata, Família de Palavras ____ 38
Palavra Primitiva ____ 38
Palavra Derivada ____ 38
Palavra Cognata ____ 39
Família de Palavra ____ 39
Radical, Prefixo, Sufixo ____ 39
Raiz ≠ Radical ____ 40
Raiz ____ 40
Radical ____ 40
Tema, Vogal Temática, Afixo (prefixo e sufixo) e Desinência ____ 41
Tema ____ 41
Vogal Temática ____ 41
Desinência ____ 42
Afixo ____ 42
Prefixo ____ 42
Sufixo ____ 42
Vogal e Consoante de Ligação ____ 43
Formação de Palavras: Derivação, Composição, Hibridismo ____ 44
Derivação ____ 45
Derivação Prefixal ____ 45
Derivação Sufixal ____ 45
Derivação Prefixal e Sufixal ____ 45

Derivação Parassintética ou Circunfixal 45
Derivação Regressiva 45
Derivação Imprópria ou Conversão 46
Derivação por Abreviação ou Redução 46
Derivação por Reduplicação 46
Derivação por Combinação 46
Derivação por Intensificação 47
Composição 47
Composição por Justaposição 47
Composição por Aglutinação 47
Hibridismo 47

3 ORTOGRAFIA

Alfabeto 52
Uso de K, W, Y 52
Uso do H, h 53
Uso das Letras 54
Uso do Hífen (norma antiga) 59
Uso do Hífen (norma nova) 66
Não se Usa Hífen 74
Hífen Repetido 76
Uso dos Porquês 77
Mal ≠ Mau 79
Onde ≠ Aonde 80
Abreviaturas, Siglas, Símbolos 80
Acentuação Gráfica (norma antiga) 81
Acentuação Gráfica (norma nova) 89

4 SUBSTANTIVO

Definição 97
Locução substantiva 97
Classificação 97
Concreto 97
Abstrato 97
Próprio 98
Comum 98
Coletivo 98
Flexão 98
Flexão de gênero 99
Masculino 99
Feminino 99
Comum de dois 99
Sobrecomum 99
Epiceno 99
Formação do feminino 100
Femininos especiais 102
Flexão de número 104
Singular 104
Plural 104
Pluralia tantum 104

Formação do plural 104
Plural com metafonia 109
Plural dos compostos ligados por hífen 112
Flexão de grau 116
Aumentativo 116
Diminutivo 116
Sentidos afetivo e pejorativo 116

5 ARTIGO

Definição 121
Classificação 121
Definido 121
Indefinido 121
Uso do Artigo 121

6 ADJETIVO

Definição 125
Adjetivo Restritivo 125
Adjetivo Explicativo 126
Adjetivo Antes ou Depois de Substantivo 126
Locução Adjetiva 126
Flexão 127
Flexão de gênero 127
Adjetivo biforme 127
Adjetivo uniforme 127
Flexão de número 128
Flexão de grau 129
Grau comparativo 129
Grau superlativo 130
Como diferençar adjetivo de substantivo 133

7 PRONOME

Definição 135
Papel dos Pronomes 135
Pronome substantivo 135
Pronome adjetivo 135
Classificação e Emprego dos Pronomes 136
Pronomes pessoais 136
Pronomes de tratamento 141
Pronomes demonstrativos 143
Pronomes relativos 146
Pronomes relativos e ambiguidade 149
Pronomes interrogativos 149
Pronomes possessivos 150
Pronomes indefinidos 151
Locução Pronominal Indefinida 151

8 NUMERAL

Definição e Classificação 157
Papel dos Numerais 157

Numeral substantivo 157
Numeral adjetivo 157
Emprego dos Numerais 158
O e UM: artigo, pronome, ou numeral? 164

9 VERBO

Definição Provisória 165
Estrutura dos Verbos – Conjugações (1ª, 2ª e 3ª) 165
Números e Pessoas Verbais – Desinências 166
Quadro de desinências número-pessoais 167
Modos Verbais 167
Indicativo, subjuntivo, imperativo 167
Subjuntivo não subordinado 168
Tempos Verbais 168
Presente, pretérito e futuro 168
Presente e pretérito (passado) do indicativo 169
Presente e futuro do presente do modo indicativo 169
Correlação de Tempos ou *Consecutio Temporum* 170
Quadro de Desinências Modo-temporais e Número-pessoais 171
Vozes Verbais 172
Voz ativa 174
Voz passiva 174
Voz passiva e passividade 174
Voz passiva analítica 175
Voz passiva sintética 175
Voz reflexiva 175
Voz reflexiva recíproca 175
Mudança de voz 176
Passagem da ativa para a passiva analítica 176
Passagem da ativa para a passiva sintética 177
Aspectos Verbais 178
Paradigmas das Três Conjugações Regulares – Tempos Simples: **amar**, **vender**, **partir** 179
Infinitivo impessoal 179
Modo indicativo 179
Presente 179
Pretérito perfeito 180
Pretérito imperfeito 180
Pretérito mais-que-perfeito 181
Futuro do presente 181
Futuro do pretérito 182
Modo subjuntivo 182
Presente 182
Pretérito imperfeito 183
Futuro 183
Modo imperativo 184
Imperativo afirmativo 184
Imperativo negativo 184
Formas nominais do verbo 185
Infinitivo: impessoal e pessoal 186

Gerúndio 186
Particípio 186
Conjugação dos Verbos **ter**, **haver**, **ser** e **estar** 187
Uso de **ter**, **haver**, **ser** e **estar** como auxiliares 190
Paradigmas das Três Conjugações Regulares – Tempos Compostos: **ter amado**, **ter vendido**, **ter partido** 191
Paradigma da Voz Passiva 192
Formas Rizotônicas e Arrizotônicas 195
Definição Abrangente de Verbo 196
Locução Verbal 196
Verbo auxiliar e verbo principal 196
Formação de Tempos e Modos 197
Derivado do presente do indicativo 197
Presente do subjuntivo 197
Derivados dos presentes do indicativo e subjuntivo 198
Imperativos afirmativo e negativo 198
Derivados do pretérito perfeito 199
Mais-que-perfeito do indicativo 199
Futuro do subjuntivo 199
Imperfeito do subjuntivo 199
Derivados do infinitivo impessoal 201
Imperfeito do indicativo 201
Futuro do presente 201
Futuro do pretérito 201
Particípio 201
Gerúndio 201
Infinitivo pessoal 201
Classificação do Verbo quanto ao Modelo de Conjugação 202
Verbo regular 202
Verbo irregular 202
Irregularidade e variação gráfica 202
Metafonia ou alteração de timbre vocálico 203
Como saber se um verbo é regular 203
Verbo anômalo 203
Verbo defectivo 203
Verbo unipessoal 204
Verbo impessoal 204
A respeito de defectivos, unipessoais e impessoais 204
Verbo abundante 205
A respeito de abundantes 205
Relação de verbos abundantes no particípio 205
Verbo Pronominal e Voz Reflexiva 208
Paradigma de Conjugação Pronominal e Reflexiva 209
Classificação do Verbo quanto à Função 214
Verbo principal 214
Verbo auxiliar 214
Uso dos Particípios: Regular e Irregular 215
Conjugação de Verbos Regulares, Irregulares, Defectivos, Anômalos e Abundantes que Requerem Atenção 215

1ª Conjugação

Abalroar 220
Abençoar 220
Abotoar 220
Abreviar 218
Acarear 217
Acariciar 218
Aceitar 205
Adequar(-se) 221
Adiar 218
Afiar 218
Afoguear 217
Agoniar 218
Agraciar 218
Aguar 221
Alardear 217
Aliar 218
Aliviar 218
Amaciar 218
Ampliar 218
Amuar 221
Anexar 206
Angariar 218
Ansiar 219
Antiquar 221
Anunciar 218
Apaniguar 221
Apaziguar 221
Apear 217
Aperrear 217
Apiadar(-se) 220
Apiedar(-se) 220
Apreciar 218
Apropinquar(-se) 221
Arear 217
Arrear 217
Arrepiar 218
Assediar 218
Assentar 206
Assoar 220
Assobiar 218
Associar 218
Assoviar 218
Ataviar 218
Atear 217
Atuar 221
Autuar 221
Avaliar 218
Averiguar 221
Aviar 218
Balbuciar 218
Baquear 217
Beneficiar 218
Bloquear 217
Caçoar 220
Caluniar 218
Cambalear 217
Capitanear 217
Cear 217
Chiar 218
Circundar 216
Clarear 217
Coar 220
Confiar 218
Consignar 223
Constar 216
Continuar 221
Contrariar 218
Coxear 217
Criar 218
Cultuar 221
Dar 216
Deliciar 218
Delinqüir/delinquir 221
Desaguar 221
Desdar 216
Desfiar 218
Desnortear 217
Despertar 206
Dignar(-se) 223
Dispersar 206
Doar 220
Eclipsar 223
Encruar 221
Enfiar 218
Ensaboar 220
Entregar 206
Enunciar 218
Enviar 218
Enxaguar 221
Enxugar 206
Esfriar 218
Espiar 218
Estagnar 223
Estar 187
Estrear 218
Evidenciar 218
Expiar 218
Expressar 206
Expulsar 206
Extasiar 218
Falsear 217
Fartar 206
Fiar 218
Findar 206
Folhear 217
Frear 217
Galantear 217
Ganhar 206
Gastar 206
Golpear 217
Graduar 221
Granjear 217
Grassar 216
Guerrear 217
Habituar 221
Hastear 217
Historiar 218
Idear 218
Impugnar 223
Incendiar 219
Indignar(-se) 223
Injuriar 218
Insertar 206
Isentar 206
Jejuar 221
Juntar 206
Limpar 206
Magoar 220
Matar 206
Mediar 219
Menear 217
Miar 218
Minguar 221
Mobilar 219
Mobilhar 219
Mobiliar 219
Negociar 218/219
Nomear 217
Nortear 217
Obliquar(-se) 221
Obstar 223
Obviar 220
Odiar 219
Oficiar 218
Optar 223
Pagar 206
Palmear 217

Passear 217
Patentear 217
Pegar 206
Pentear 217
Persignar(-se) 223
Piar 218
Planear 217
Porfiar 218
Precatar(-se) 217
Premiar 218/219
Prenunciar 218
Prestar 216
Principiar 218
Procriar 218
Pronunciar 218
Propugnar 223
Pugnar 223
Raptar 223
Reboar 220
Recear 217
Recrear 217
Recriar 218
Refrear 217
Regatear 217
Relampaguear 217
Relampear 217
Relampejar 216
Remediar 219
Renunciar 218
Repugnar 223
Resfolegar 222
Resfolgar 223
Resignar(-se) 223
Restar 216
Ritmar 223
Rodear 217
Saborear 217
Saciar 218
Salvar 206
Saquear 217
Sediar 218
Semear 217
Sepultar 206
Serpear 217
Serpentear 217
Soar 220
Sobestar 216
Sobrestar 216
Soltar 207
Suar 221
Sustar 216
Tosquiar 218
Tracejar 216
Vadiar 218
Vangloriar(-se) 218
Variar 218
Voar 220

2ª Conjugação

Absolver 205
Abster(-se) 224
Acender 205
Adjazer 225
Adscrever 228
Afazer 224
Antepor 231
Antever 234
Apor 231
Aprazer 226
Ater(-se) 224
Bem-fazer 224
Bendizer 228
Benquerer 233
Benzer 206
Caber 227
Circumpor 231
Circunjazer 225
Circunscrever 228
Compor 231
Comprazer 225
Condizer 227
Condoer-se 230
Conter 224
Contradizer 228
Contrafazer 224
Contrapor 231
Corroer 230
Crer 227
Decompor 231
Depor 231
Desafazer 224
Desaprazer 226
Descaber 227
Descompor 231
Descomprazer 225
Descrer 227
Descrever 228
Desdizer 228
Desfazer 224
Desprazer 226
Desprover 232
Desquerer 233
Desvaler 234
Deter 224
Dispor 231
Dizer 228
Doer(-se) 230
Eleger 206
Entredizer 228
Entrepor 231
Entreter 224
Entrever 234
Envolver 206
Equivaler 234
Escrever 228
Esfazer 224
Esmoer 230
Estupefazer 224
Expor 231
Fazer 224
Feder 228
Haver(-se) 229
Impor 231
Incorrer 206
Indispor 231
Inscrever 228
Interdizer 228
Interpor 231
Jazer 225
Justapor 231
Ler 227
Liqüefazer/Liquefazer 224
Maldispor 231
Maldizer 228
Malfazer 224
Malquerer 233
Manter 224
Moer 230
Morrer 206
Nascer 206
Obter 224
Opor 231
Perder 230

Perfazer 224
Poder 231
Pôr 231
Pospor 231
Prazer 226
Precatar(-se) 217
Precaver(-se) 232
Predispor 231
Predizer 228
Prender 206
Prepor 231
Prescrever 228
Pressupor 231
Prever 234
Propor 231
Proscrever 228
Prover 232
Putrefazer 224
Querer 233
Rarefazer 224
Reaver 229
Recompor 231
Redizer 228
Reescrever 228
Refazer 224
Reler 227
Remoer 230
Repor 231
Requerer 233
Reter 224
Rever 1 234
Rever 2 234
Roer 230
Romper 202
Saber 233
Satisfazer 224
Sobrepor 231
Sobrescrever 228
Soer 230
Sotopor 231
Subjazer 205
Subscrever 228
Superpor 231
Supor 231
Surpreender 207
Suspender 207
Suster 224
Ter 224
Torrefazer 224
Transcrever 228
Transfazer 224
Transpor 231
Trazer 226
Tresler 227
Tumefazer 224
Valer 234
Ver 234
Viger 235

3ª Conjugação

Abolir 235
Abrir 238
Abstrair 236
Acudir 239
Aderir 242
Adir 241
Advertir 242
Advir 246
Aferir 242
Agredir 236
Aguerrir 241
Anuir 237
Argüir/Arguir 237
Aspergir 242
Assumir 239
Atingir 245
Atrair 236
Aturdir 243
Auferir 242
Avir(-se) 246
Banir 235
Bramir 235
Brandir 235
Brunir 243
Bulir 239
Cair 236
Carpir 235
Cerzir 239
Cingir 245
Cobrir 240
Colorir 235
Combalir 241
Comedir 235
Compelir 242
Competir 242
Concernir 242
Concluir 237
Conduzir 241
Conseguir 242
Consentir 243
Constituir 237
Constringir 245
Construir 236
Consumir 239
Contrair 236
Contundir 206
Convergir 242
Convir 246
Cuspir 239
Decair 236
Deferir 242
Defluir 237
Delinqüir/delinquir 238
Delir 235
Demolir 235
Denegrir 236
Desabrir 238
Desavir(-se) 246
Descair 236
Descobrir 240
Desconstruir 236
Desentupir 239
Desimpedir 244
Desmentir 243
Despedir 244
Despir 242
Despolir 245
Desservir 242
Destingir 245
Destituir 237
Destruir 236
Detrair 236
Diferir 242
Digerir 242
Discernir 243
Distinguir 245
Distrair 236
Divergir 242
Divertir 242
Dormir 240
Embair 241

Emergir 242
Emolir 235
Empedernir 241
Encobrir 240
Engolir 240
Entreabrir 238
Entupir 239
Erigir 206
Esbaforir-se 241
Escapulir 239
Esculpir 241
Espargir 243
Espavorir 241
Estruir 237
Esvair 236
Exaurir 243
Exinanir 241
Expedir 244
Expelir 241
Explodir 241
Exprimir 206
Extinguir 245
Extorquir 235
Extrair 236
Falir 241
Ferir 242
Florir 241
Foragir-se 243
Fornir 241
Fremir 235
Frigir 243
Fruir 237
Fugir 239
Fulgir 243
Garrir 241
Gerir 242
Haurir 243
Imergir 242
Impedir 244
Impelir 242
Impingir 243
Imprimir 206
Inanir 241
Incluir 206
Induzir 241
Influir 237
Infringir 245
Ingerir 242
Inserir 241
Instruir 237
Intervir 246
Ir 244
Jungir 243
Luzir 241
Medir 244
Mentir 243
Obstruir 237
Omitir 206
Ouvir 244
Pedir 244
Perseguir 242
Polir 245
Possuir 237
Pressentir 243
Presumir 239
Preterir 242
Prevenir 236
Progredir 236
Prosseguir 242
Protrair 236
Provir 246
Pruir 238
Puir 238
Reabrir 238
Reassumir 239
Recair 236
Reconstruir 236
Redargüir/redarguir 237
Reduzir 241
Refletir 242
Refluir 237
Regredir 236
Reluzir 241
Remir 241
Renhir 241
Repelir 242
Repetir 242
Ressair 236
Ressarcir 241
Ressentir 243
Ressequir 241
Restituir 237
Resumir 239
Retorquir 235
Retrair 236
Retribuir 237
Retrotrair 236
Revelir 241
Revestir 242
Rir 245
Ruir 238
Sacudir 239
Seduzir 241
Sair 236
Seguir 242
Sentir 243
Servir 242
Sobressair 236
Sobrevir 246
Sorrir 245
Sortir 245
Subir 239
Submergir 242
Subtrair 236
Sugerir 242
Sumir 239
Suprimir 207
Surtir 245
Tingir 245
Tinir 245
Tossir 240
Trair 236
Transgredir 236
Transir 241
Ungir 243
Vagir 235/245
Vestir 242
Vir 246
Zunir 239

10 ADVÉRBIO

Definição 259
Circunstâncias Expressas 261
Locução Adverbial 262

11 PREPOSIÇÃO
Definição 267
Preposições Essenciais 267
Locuções Prepositivas 268
Preposições Acidentais 268

12 CONJUNÇÃO
Definição 271
Locução Conjuntiva (exercícios 16 a 18) 272
Classificação 272
Conjunções coordenativas 272
Aditivas 272
Adversativas 272
Alternativas 273
Conclusivas 273
Explicativas 273
Conjunções subordinativas adverbiais 273
Causais 273
Concessivas 274
Condicionais 274
Conformativas 274
Finais 274
Consecutivas 274
Temporais 274
Comparativas 274
Proporcionais 275
Conjunções subordinativas substantivas 275
Integrantes 275

13 INTERJEIÇÃO
Classificação 279
Defini